CPAD

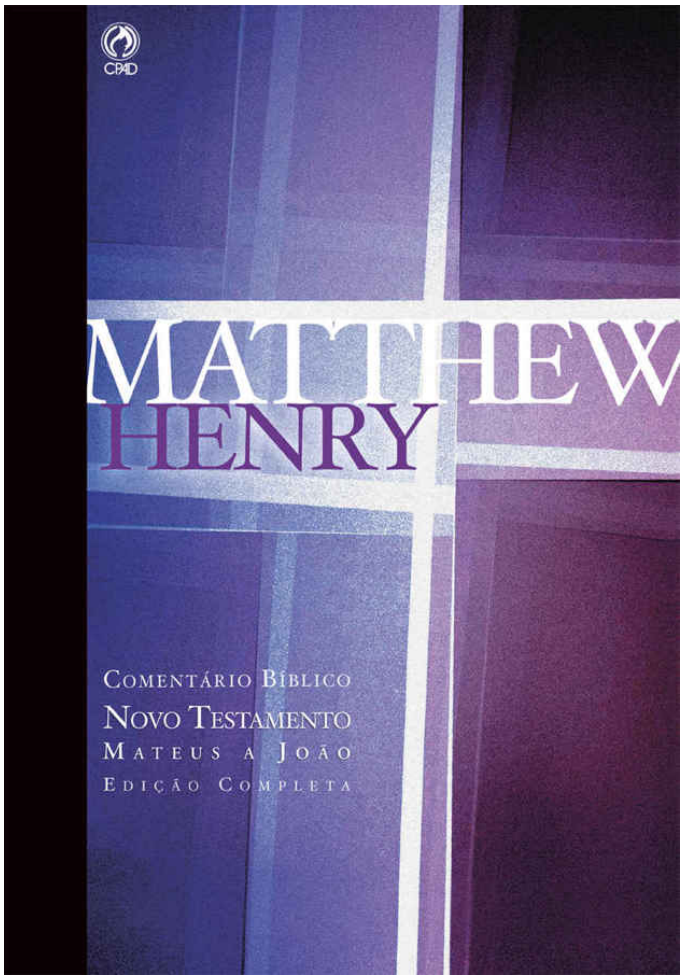
MATTHEW HENRY

Comentário Bíblico

Novo Testamento

Mateus a João

Edição Completa


CPAD
MATTHEW
HENRY
Comentário Bíblico
Novo Testamento
Mateus a João
Edição Completa

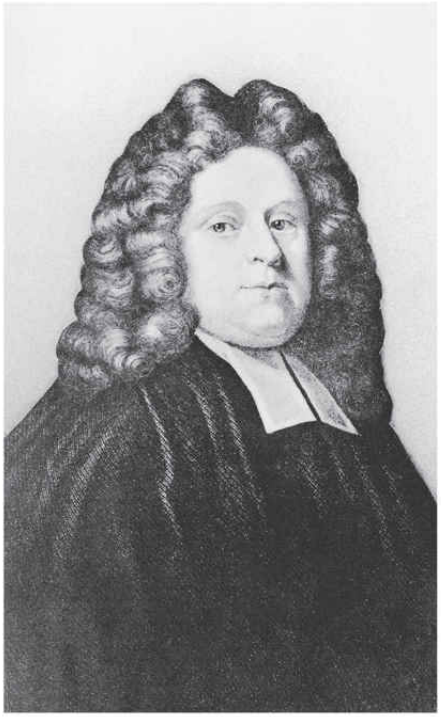
MATTHEW

HENRY

Comentário Bíblico

Novo Testamento

MATEUS A JOÃO



Matthew Henry

MATTHEW HENRY

Comentário Bíblico

Novo Testamento

MATEUS A JOÃO

1ª Edição

Tradução
Degmar Ribas Júnior

CPAD

Rio de Janeiro
2008

Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Matthew Henry's Commentary on the whole Bible – Volume V – Matthew to John. Domínio público.

Tradução deste volume: Degmar Ribas Júnior
Preparação de originais e revisão: Anderson Grangeão da Costa, Miriam Anna Liborio e Reginaldo de Souza
Capa: Rafael Paixão
Projeto gráfico: Joede Bezerra
Editoração: Joede Bezerra e Alexandre Soares
Conversão para e-Pub: Cumbuca Studio

CDD: 220 – Comentário bíblico
ISBN: 978-85-263-0906-7
eISBN: 978-85-263-1362-0

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373
Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição/2008

EDIÇÃO BRASILEIRA

Direção-Geral

Ronaldo Rodrigues de Souza

Diretor-Executivo da CPAD

Supervisão editorial

Claudionor de Andrade

Gerente de Publicações

Coordenação editorial

Isael de Araujo

Chefe do Setor de Bíblias e Obras Especiais

PREFÁCIO À EDIÇÃO COMPLETA DO COMENTÁRIO BÍBLICO DE MATTHEW HENRY

A Casa Publicadora das Assembléias de Deus vem a público consagrar ao Senhor Jesus e dedicar aos estudiosos da Bíblia a edição completa do *Comentário Bíblico de Mathew Henry.* Sem dúvida, um dos maiores clássicos das letras evangélicas.

Inicialmente, lançamos uma edição compacta da referida obra, que logo se esgotou. Tendo em vista o interesse de nossos leitores, vimo-nos constrangidos a editar a obra completa; primeiro, os volumes referentes ao Novo Testamento; em seguida, os referentes ao Antigo.

Como levar adiante uma obra tão vultosa? A tradução de Mathew Henry representou um de nossos maiores desafios, não somente pela copiosidade do texto como também pela linguagem utilizada pelo autor – um inglês classicamente shakespeareano. Até mesmo um inglês ver-se-ia em dificuldades para ler uma linguagem que, posto que bela, já não é utilizada. Nossa equipe, contudo, porfiou por apresentar uma linguagem clara e facilmente assimilável para os falantes do português, sendo sempre fiel ao pensamento e ao estilo do autor. Afinal, como ressaltava Buffon, o estilo é o homem; se não preservarmos o estilo do autor, como este será admirado por seus leitores.

Em seu monumental comentário das Sagradas Escrituras, mostra o irmão Henry uma erudição singular; aprofundando-se no texto bíblico, logra trazer à tona os mais preciosos tesouros dos profetas e apóstolos de Nosso Senhor. Longe dele, porém, a erudição pela erudição; nele, a erudição revela-se na piedade de uma vida integralmente santificada ao serviço do Mestre.

Matthew Henry nasceu na Inglaterra, em 18 de outubro de 1662. Sendo seu pai um ministro do evangelho, infere-se haja Matthew entrado em contato com as Sagradas Escrituras ainda bastante tenro. Não precisamos discorrer acerca da austeridade do lar em que ele foi educado, nem sobre as regras que os meninos britânicos eram constrangidos a observar. Isso, porém, não o traumatizou; induziu-o a uma vida de disciplina, correção e zelo.

Já separado para o ministério pastoral, o irmão Henry jamais descurou de suas obrigações. Insuspeitos depoimentos descrevem-no como um obreiro zeloso, santo, irrepreensível. É lembrado pelos contemporâneos como um pastor extremamente afetuoso.

Em 1704, põe-se a escrever o seu comentário das Sagradas Escrituras. Nesta tarefa, consagra os últimos dez anos de sua vida. Ainda não vira a sua obra publicada quando, em 1714, aprouve a Deus recolher o seu servo às mansões celestes.

Desde então, Matthew Henry tornou-se uma referência obrigatória no campo do comentário bíblico. Muitos são os eruditos que se debruçam sobre o exaustivo trabalho de Matthew Henry. Esta obra, porém, não se destina apenas ao especialista nas Sagradas Escrituras. Matthew Henry destina-se a todo o povo de Deus.

Nossa sincera oração é que Deus faça surgir, através desta obra, um compromisso maior com a sua Palavra.

Os editores

VIDA E OBRAS DE MATTHEW HENRY

Mattew Henry foi o segundo filho de Philip Henry, nascido prematuramente em 18 de outubro de 1662, em Broad Oak, na região da capela de Iscoyd, Flintshire, no País de Gales, Reino Unido. Quando criança, Henry era muito doente, porém um tanto precoce na aprendizagem. Seu primeiro tutor foi William Turner, mas muito de sua educação na infância ele recebeu de seu pai Philip. Este havia sido banido pela Lei Britânica da Igualdade, em 1662. Como a maioria de seus colegas de sofrimento, Philip possuía poucos recursos, mas o suficiente para dar ao seu filho Henry uma boa educação. Em 21 de julho de 1680, o jovem Henry ingressou na academia de Thomas Doolittle, na época em Islington, e permaneceu ali até 1682. Em 30 de outubro de 1683, logo após atingir a maioridade, Henry se mudou para a propriedade rural em Bronington, Flintshire, herdada de Daniel Matthews, seu avô materno. Aconselhado por Rowland Hunt, de Boreatton, Shropshire, começou a estudar Direito e foi aprovado na Gray's Inn, em 6 de maio de 1685. Logo desistiu dos estudos das leis, para se dedicar à Teologia, como integrante dos não-conformistas*.

Em junho de 1686, começou a pregar para os moradores da região em que seu pai vivia. Por causa de algumas questões de negócios, Henry foi para Chester, em janeiro de 1687. Enquanto permaneceu ali, pregou em casas particulares e solicitaram que ele se tornasse o pastor dos fiéis daquela região. Henry concordou por algum tempo e depois voltou para Gray's Inn.

Em 9 de maio de 1687, Henry foi reservadamente ordenado ministro presbiteriano em Londres por seis pastores, na casa de Richard Steel. Começou seu ministério em Chester, no dia 2 de junho de 1687. Em poucos anos, a quantidade de seus ouvintes chegou a 250. Em setembro de 1687, o rei Tiago II visitou Chester, quando os não-conformistas fizeram um discurso de agradecimento "pela tranqüilidade e liberdade que eles gozavam sob sua proteção". Uma nova constituição foi garantida à cidade (a antiga havia sido anulada em 1684), dando poder à coroa para substituir e nomear magistrados. Por volta de agosto de 1688, emissários do rei solicitaram-no que nomeasse magistrados. Ele não concordou com isso. A nova constituição foi substituída por outra, na qual os nomes de todos os

não-conformistas de renome foram impostos à administração da cidade. Estes, no entanto, se recusaram a trabalhar e exigiram o retorno da constituição anterior, cujo restabelecimento demorou bastante.

Um templo foi erguido por Henry em Crook Lane (atual Crook Street). A construção foi iniciada em setembro de 1699, e a inauguração aconteceu em 8 de agosto de 1700. Em 1706, foi construída uma galeria para acomodar uma outra congregação que se havia unido a Henry. Sua audiência agora aumentara para 350 pessoas. Além das atividades congregacionais (incluindo uma palestra semanal), ele realizava cultos mensais em cinco vilas nas redondezas da cidade, e regularmente pregava aos prisioneiros num castelo. Henry foi um membro ativo da união de ministros de Cheshire, fundada em Macclesfeld, em março de 1691, sob as bases da "happy union" de Londres. Achou tempo também para labutar como comentarista da Bíblia, o que deu origem ao seu sistema de pregação expositiva. Estudava num quiosque de dois andares nos fundos de sua residência em Bolland Court, White Friars, Chester.

Henry recusou as propostas para pastorear igrejas em Hackney e Salters' Hall, em 1699 e 1702 respectivamente; também, não aceitou as de Manchester (1705) e Silver Street e Old Jewry, Londres (1708). Em 1710, foi novamente convidado pela igreja de Hackney, e concordou em se mudar, embora não imediatamente. Em 3 de junho de 1711, estava ele em Londres e era a primeira ceia em que ficara ausente de Chester em 24 anos. Daniel Williams, D.D., cuja escolha é datada de 26 de junho de 1711, nomeou-o como um dos primeiros administradores de suas instituições educacionais, mas Henry morreu antes de assumir o cargo.

O último sermão de Henry foi pregado em Chester, no dia 11 de maio de 1712. Seu ministério em Mare Street, Hackney, começou em 18 de maio de 1712. Em maio de 1714, ele visitou novamente Cheshire.

Henry se casou primeiro, em 19 de julho de 1687, com Katherine, filha única de Samuel Hardware, de Bromborough, Cheshire; ela morreu em 14 de fevereiro de 1689, aos 25 anos, durante o parto de sua filha Katherine. Depois, Henry contraiu segundo casamento, em 8 de julho de 1690, com Mary, filha de Robert Warburton, de Hefferstone Grange. Com Mary, ele teve um filho, Philip (nascido em 1700, que tomou o sobrenome Warburton, foi membro do Parlamento representando Chester, a partir de 1742, e morreu solteiro, em 16 de agosto de 1760). Nasceram-lhe ainda oito filhas,

três das quais morreram na infância. Sua filha, Esther (nascida em 1694), foi a mãe de Charles Bulkley.

Em novembro de 1704, Henry começou a escrever a *Exposição do Antigo e Novo Testamentos*, que corresponde a este famoso comentário em seis volumes, o qual não tem sido superado até hoje. O primeiro volume foi publicado em 1708; este e quatro outros volumes trouxeram o seu comentário até o fim dos Evangelhos, publicados numa edição uniforme em 1710. Antes de sua morte, ele concluiu o comentário de Atos para o sexto volume, não publicado. Após sua morte, trinta pastores não-conformistas prepararam os comentários das Epístolas e de Apocalipse. Os nomes desses não-conformistas foram citados por John Evans (1767-1827) na *Protestant Dissenters' Magazine*, em 1797, p. 472, extraídos de um memorando de Isaac Watts. A edição completa de 1811, com quatro tomos, seis volumes, editados por George Burder e John Hughes, tem assuntos adicionais extraídos de manuscritos de Henry.

O comentário de Henry é prático e devocional, mais que uma obra de crítica textual, mantendo um correto bom senso, apresentando um pensamento incomum, alto tom moral, simplicidade e aplicação prática, combinados com uma sólida fluência do estilo inglês. Seus comentários são fundamentalmente exegéticos, tratando o texto bíblico como ele está apresentado. O primeiro objetivo de Henry era a explicação, e não a tradução ou a pesquisa textual. Tudo isto fez de seu comentário uma obra monumental. Até hoje, é consultado por estudantes e pregadores, e é citado em centenas de outros comentários bíblicos.

Suas outras obras, excluindo sermões, são:

1. *A Brief Inquiry into... Schism (1689)*;
2. *Memoirs of… Philip Henry* (1696);
3. *A Scripture Catechism* (1702);
4. *Family Hymns* (1702);
5. *A Plain Catechism* (1702);
6. *The Communicant's Companion* (1704);
7. *Four Discourses* (1705);
8. *A Method for Prayer* (1710);
9. *Directions for Daily Communion* (1712);
10. *A Short Account of the Life… of Lieutenant Illidge* (1714).

Em 1726, foi publicada uma coletânea sob o título *Works*, e, em 1809, surgiu a *Miscellaneous Writings*, editada por Samuel Palmer, e reeditada em 1830 por Sir J. B. Williams, contendo sermões adicionais extraídos dos manuscritos de Henry.

Henry morreu de apoplexia, em Nantwich, na casa do pastor não-conformista Joseph Mottershead, em 22 de junho de 1714, durante uma viagem de Chester para Londres. Foi sepultado na capela da Trinity Church, em Chester. Seu funeral teve a assistência de oito pastores da cidade. Os sermões da cerimônia fúnebre foram pregados, em Chester, por Peter Withington e John Gardner; em Londres, por Daniel Williams, William Tong, Isaac Bates e John Reynolds; os últimos quatro foram publicados. Após a sua morte, a igreja em Hackney se dividiu em duas.

Seu retrato está na biblioteca do Dr. William, em Gordon Square, Londres, e foi pintado por J. Jenkins (1828); a estampa de Vertue é de um croqui desenhado a bico de pena e feito numa época em que Henry estava muito corpulento.

Acima de tudo, Matthew Henry é lembrado como um pastor afetuoso, amante apaixonado da Palavra de Deus e homem de grande integridade pessoal que tem deixado a sua marca nos corações de inúmeros cristãos que anelam compreender mais profundamente as riquezas das Escrituras.

SUMÁRIO

Prefácio à edição completa do comentário bíblico de Matthew Henry

Vida e obras de Matthew Henry

Prefácio

Mateus

Marcos

Lucas

João

PREFÁCIO

Com o auxílio da graça de Deus, concluímos metade do nosso empreendimento sobre o Novo Testamento* e apresentamos o resultado ao leitor. Espero, operando o Senhor através desse trabalho, que o estudante das Escrituras possa ser de algum modo ajudado a entender e aproveitar a história sagrada de Cristo e seus apóstolos, e a torná-la, como certamente é, a melhor exposição do nosso credo, na qual esses escritores inspirados são recapitulados e intimados pelo evangelista que chama o seu evangelho de "a narração dos fatos que entre nós se cumpriram" (Lc 1.1). E, embora não haja uma parte das Escrituras cuja crença supere as que são trazidas pelas demais passagens, há passagens que são mais comentadas que outras. Nosso dever é, portanto, por meio de esforços constantes em meditação e oração, chegar a um conhecimento profundo do intento e significado verdadeiros dessas narrativas, de qual é o nosso interesse por elas, e o que devemos desenvolver sobre elas e delas extrair; que possamos não descansar em tal conhecimento assim como não deixamos de estudar após a nossa infância, quando fomos ensinados a ler o nosso idioma a partir da tradução, e o grego a partir dos originais desses livros. Devemos conhecê-las como o médico conhece os seus remédios, o advogado os seus livros de leis, e o marinheiro a sua carta e a sua bússola; isto é, saber como fazer uso delas no que aplicamos a nós mesmos como à nossa tarefa neste mundo, que é servir a Deus aqui e desfrutar a presença dele doravante, e também de Cristo, o Mediador.

Os maiores propósitos das instituições cristãs (das quais esses livros são as fontes e fundamentos) sempre foram levar os filhos dos homens ao temor e ao amor a Deus, como o princípio dominante de sua observância dele, e obediência a Ele, para lhes mostrar o caminho de sua reconciliação e aceitação diante dele, e trazê-los sob obrigações a Jesus Cristo como Mediador, e desse modo envolvê-los em todas as instâncias de devoção a Deus, e justiça, e caridade a todos os homens, em conformidade com o exemplo de Cristo, em obediência à sua lei, de acordo com os seus grandes propósitos. O que, portanto, tentei aqui com esta visão foi tornar esses escritos aproveitáveis para a fé, a santidade e o consolo dos bons cristãos.

Agora que esses escritos – assim utilizados para servir aos grandes e nobres propósitos – podem ter a sua devida influência sobre nós, é importante que estejamos bem estabelecidos em nossa crença da sua origem divina. E aqui precisamos enfocar dois tipos de pessoas. Alguns abraçam o Antigo Testamento, mas o colocam em oposição ao Novo, alegando que, se um está certo, o outro está errado; e estes são os judeus. Outros, embora vivam em uma nação cristã (e pelo batismo usem o nome de cristãos), sob o pretexto de liberdade de pensamento, desprezam o cristianismo, e conseqüentemente rejeitam o Novo Testamento, e portanto, o Antigo, naturalmente. Confesso que é estranho que qualquer que agora receba o Antigo Testamento deva rejeitar o Novo, uma vez que, além de todas as provas específicas da autoridade divina do Novo Testamento, haja uma admirável harmonia entre ambos. O Novo Testamento concorda com o Antigo em todas as principais intenções, refere-se a ele, se desenvolve sobre ele, mostra a realização de seus tipos e profecias, e desse modo é a sua perfeição e coroa. E ainda, se ele não for verdadeiro, o Antigo Testamento deve ser falso, como também todas as promessas gloriosas que brilham tão intensamente nele, e a performance da qual esteve limitado dentro de certos períodos de tempo, devem ser uma grande desilusão – da qual estamos certos de que não são. Por isso, devemos abraçar o Novo Testamento para apoiar a reputação do Antigo.

Os fatos no Antigo Testamento que o Novo Testamento deixa de lado são as peculiaridades da nação judaica e as observâncias da lei cerimonial, ambas certamente uma indicação divina; e mesmo assim o Novo Testamento não entra em conflito com o Antigo por quê:

1. Elas sempre foram designadas para serem colocadas de lado na plenitude dos tempos. Nada mais deve ser esperado além do desaparecimento da estrela da manhã após o nascimento do sol; e as partes finais do Antigo Testamento freqüentemente falam de colocar de lado aquelas coisas, e da chamada dos gentios.

2. Elas eram muito dignas, porém deveriam ser colocadas de lado, e trocadas pelo que era mais nobre e excelente, mais divino e celestial. A igreja judaica foi absorvida pela cristã, e o ritual mosaico pelas instituições evangélicas. O Novo Testamento não é a anulação do Antigo, da mesma forma que o envio de um jovem para a universidade não é a anulação de sua educação no ensino fundamental.

3. A Providência logo determinou esta controvérsia (que é a única coisa que parecia uma controvérsia entre o Antigo e o Novo Testamento) pela destruição de Jerusalém, pelas profanações do Templo, pela dissolução do serviço do Templo, e pela completa dispersão de todo o remanescente da nação judaica, com uma derrota judicial de todas as tentativas de incorporá-lo novamente, agora por mais de 1.600 anos; e isto de acordo com as expressas predições de Cristo, um pouco antes de sua morte. Também é importante destacar que a doutrina de que Cristo é o Messias não foi excessivamente enfatizada até que a grande prova conclusiva dela fosse expressa pela sua ressurreição dentre os mortos; assim, a revogação da lei cerimonial, como para os judeus, não foi muito enfatizada, mas a manutenção da observação dela foi conveniente, até que a grande prova conclusiva de sua revogação foi dada pela destruição de Jerusalém, que tornou a sua observação impraticável para sempre. E os sinais manifestos da ira divina a que os judeus – considerados como um povo, mesmo apesar da prosperidade de certas pessoas em particular entre eles – continuam submetidos até este dia, são uma prova, não só da verdade das predições de Cristo a respeito deles, mas de que eles jazem sob uma culpa maior que a da idolatria (pela qual eles jazeram sob uma desolação de 70 anos), e isto não pode ser outra coisa senão a crucificação de Cristo, e a rejeição do seu Evangelho.

Assim, fica evidente que, em nossa exposição do Novo Testamento, não estamos anulando o que fizemos ao expor o Antigo; tão longe disso que podemos apelar para a lei e os profetas para a confirmação da grande verdade que os evangelhos escritos servem para provar: que o nosso Senhor Jesus é o Messias prometido aos pais, que deveria vir, e que não devemos procurar nenhum outro. Porque embora o seu aparecimento não tenha correspondido à expectativa dos judeus carnais, que procuravam um Messias em pompa e poder exteriores, ele correspondia exatamente a todos os tipos, profecias e promessas do Antigo Testamento, e todos tiveram o seu cumprimento nele. E até mesmo os seus sofrimentos degradantes, que são a maior pedra de tropeço para os judeus, foram preditos a respeito do Messias; de forma que, se Ele não tivesse se sujeitado a eles, teríamos falhado em nossa prova, e seríamos enfraquecidos por eles. *A Demonstração do Messias dos Cristãos*, do bispo Kidder, tem exposto esta verdade de forma ampla, e respondido aos sofismas dos judeus (pois é o

que eles são, em vez de argumentos) mais que tudo em nosso próprio idioma.

Vivemos uma era em que o cristianismo e o Novo Testamento são mais violenta e audaciosamente atacados por alguns de dentro de suas próprias entranhas do que por aqueles que estão às suas margens. Nunca Moisés e seus escritos foram tão censurados e ridicularizados por qualquer judeu, ou Maomé e seu Alcorão por qualquer mulçumano, como Cristo e seu Evangelho têm sido por homens que são batizados e chamados de cristãos; e isto, não sob o aspecto de qualquer outra revelação divina, mas em desprezo e provocação a toda revelação divina; e não por meio de algum embate que eles travem com algo que choque a sua fé, e que, através de sua própria fraqueza, não consigam superar. Eles não desejam ser instruídos e ajudados no entendimento e na sua reconciliação com a verdade que receberam, mas fazem uma oposição resoluta, como se olhassem para a revelação divina como seu inimigo, tendo resolvido por todos os meios possíveis ser a ruína dele, embora não possam dizer que mal ela tenha feito ao mundo ou a eles. Se os pretextos ou as falsas alegações transportaram a muitos da igreja de Roma para tais corrupções de adoração e crueldades de governo – que certamente são o escândalo da natureza humana – em vez de serem tão preconceituosos contra o cristianismo puro, deveriam, antes, se dedicar mais vigorosamente à defesa dele, ao verem uma instituição tão excelente como esta abusada e mal representada. Eles fingem ter uma liberdade de pensamento em sua oposição ao cristianismo, e gostariam de ser distinguidos pelo nome de livres-pensadores. Não irei aqui me ocupar na produção de argumentos que, para todos aqueles que não são intencionalmente ignorantes e preconceituosos contra a verdade, devem suficientemente provar a origem e a autoridade divina da doutrina de Cristo. O homem culto encontra muita satisfação ao ler as apologias dos antigos à religião cristã na luta contra o politeísmo e a idolatria dos gentios. Justino Mártir e Tertuliano, Lactâncio e Minúcio Félix, escreveram coisas admiráveis em defesa do cristianismo, que foi posteriormente selado pelo sangue dos mártires. Mas os seus patronos e advogados nos dias atuais possuem outros tipos de inimigos com os quais têm de lidar. A antiguidade da teologia pagã, a sua prevalência universal, os decretos dos príncipes, e as tradições e usos da nação, não se opõem agora ao cristianismo; mas eu não sei que liberdade imaginária de pensamento e que privilégio desconhecido

da natureza humana são presumidos, para não estarem ligados por nenhuma revelação divina. Agora é fácil compreender:

1. Que aqueles que pensam que assim manteriam a liberdade de pensamento como um dos privilégios da natureza humana, e na defesa daqueles que estavam dispostos a pegar em armas contra o próprio Deus, não pensam livremente, nem dão aos outros licença para fazê-lo. Em alguns deles, uma indulgência resoluta voltada a si mesmos naqueles círculos viciosos, em que eles conhecem o Evangelho – se o admitirem – os perturbará muito; e uma hostilidade secreta a uma mente e a uma vida celestiais santas os proíbem de todo pensamento livre; porque um preconceito muito forte lançou as suas luxúrias e paixões contra as leis de Cristo, e eles se sentem fortemente compelidos a lutar contra elas. *Perit judicium, quando res transit in affectumae – O julgamento estará superado, quando a decisão estiver voltada às emoções*. Certo ou errado, as ligaduras de Cristo devem ser quebradas, e as suas cordas tiradas deles; por mais evidentes que sejam as premissas, a conclusão deve ser negada, se ela tender a apertar esses laços e cordas sobre eles; e então onde está a liberdade de pensamento? Embora prometam a liberdade a si mesmos, eles são os servos da corrupção; porque o homem se torna servo daquele que o vence. Em outros deles, um orgulho reinante e uma afetação de singularidade, e um espírito de contradição – aquelas luxúrias da mente que são tão impetuosas e imperiosas quanto qualquer das paixões da carne e do mundo – proíbem a liberdade de pensamento, e escravizam a alma em todas as suas indagações sobre a religião. Assim como ninguém pode pensar por seus vizinhos, estes não podem mais pensar livremente que são capazes de decidir em que irão pensar. Eles também não têm a capacidade de dar aos outros a liberdade de pensar livremente; porque não é pela razão e pelo argumento que eles se ocuparão de tentar nos convencer, mas por zombarias e brincadeiras, tentando expor o cristianismo e os seus sérios ensinadores ao desprezo. Agora, considerando quão natural é para a maioria dos homens ter ciúmes de sua reputação, esta é uma imposição muito grande. A irracionalidade é imposta prejudicando o livre pensamento, pelo medo que os homens sentem de serem ridicularizados no clube daqueles que fazem os seus próprios oráculos e argumentos. Eles sentem o medo de serem amaldiçoados, excomungados, e anatemizados, pelo conselho daqueles que pretendem ser os líderes da religião. E então, onde está a liberdade de

pensamento?

2. Que aqueles que se permitirem uma verdadeira liberdade de pensamento, e que pensarem seriamente, só poderão abraçar todas as palavras de Cristo como fiéis e dignas de toda aceitação. Deixe que os preconceitos corruptos do coração carnal em relação ao mundo, à carne, e ao ego (o ídolo mais arrogante dos três) sejam removidos, e que a doutrina de Cristo seja proposta primeiro em suas cores verdadeiras, como Cristo e seus apóstolos nos deram, e em sua luz verdadeira, com toda a sua evidência própria, intrínseca e extrínseca. E então, que a alma capaz use livremente os seus poderes e faculdades racionais, e pela operação do Espírito da graça – que é o único que opera a fé e o pensamento elevado em todos os que crêem – quando se tornar um pensamento livre, liberto da servidão do pecado e da corrupção, se torne, por um poder agradável e feliz, cativo, e levado à obediência a Cristo. E quando o Espírito, desse modo, o libertar, ele será realmente liberto. Qualquer um que dê a si mesmo a licença para pensar imparcialmente, e se esforce para pensar intimamente, deve ler o livro do Sr. Richard Baxter, *Razões para a Religião Cristã*, e assim descobrirá a profundidade deste assunto, e que o Espírito é quem coloca o alicerce de forma profunda e firme. É Ele quem também estabelece a pedra fundamental no relacionamento de um crente com Deus em Cristo, para a satisfação de qualquer pessoa que esteja verdadeiramente preocupada com a sua alma e com o mundo por vir. As provas das verdades do Evangelho têm sido – de maneira excelente – colocadas em forma de métodos, e reforçadas da mesma forma pelo bispo Stillingfleet, em seu livro *Origines Sacrae*; por Grotius, em seu livro *A Veracidade da Religião Cristã*; pelo Dr. Whitby, no Prefácio Geral do seu *Comentário sobre o Novo Testamento*; e, por fim, pelo Sr. Ditton, de forma muito argumentativa, em seu discurso a respeito da *Ressurreição de Jesus Cristo*; e muitos outros também o fizeram dignamente. E eu não acredito que nenhum homem que rejeite o Novo Testamento e a religião cristã tenha pensado livremente sobre o assunto, e que também tenha, com humildade, seriedade, e oração a Deus por direção, lido de modo deliberado estes ou outros livros similares, que, certamente, foram escritos tanto com liberdade como com clareza de pensamento.

Da minha própria parte, se os meus pensamentos forem dignos de que alguém os note, eu declaro que tenho pensado nesta grande preocupação

com toda a liberdade que uma alma razoável pode desejar; e o resultado é que quanto mais penso, e quanto mais livremente penso, mais plenamente me sinto satisfeito pelo fato de a religião cristã ser a verdadeira religião, e que, se eu submeter a minha alma sinceramente a ela, posso fazê-lo confiantemente. Porque quando eu penso livremente:

1. Só posso pensar que o Deus que fez o homem como uma criatura razoável por seu poder, tem o direito de guiá-lo por sua lei, e obrigá-lo a manter as suas faculdades inferiores de apetites e paixões juntamente com as capacidades de pensamento e fala, em devida sujeição aos poderes superiores da razão e da consciência. E, quando olho para o meu próprio coração, só posso pensar que foi isto o que o meu Criador planejou na ordem e na estrutura da minha alma, e que aqui ele pretendia apoiar o seu próprio domínio em relação a mim.

2. Só posso pensar que a minha felicidade está inseparavelmente ligada ao favor de Deus, e que o seu favor será ou não direcionado a mim, de acordo com a minha disposição de cumprir ou não as leis e as finalidades da minha criação, da qual sou responsável para com este Deus tão precioso; e que dele procede o meu julgamento, não só no que se refere a este mundo, mas também ao meu estado eterno.

3. Só posso pensar que a minha natureza é muito diferente do que era a natureza do homem quando saiu das mãos do Criador; ela foi degenerada em termos de sua pureza e retidão. Encontro em mim mesmo uma aversão natural à minha obrigação, e aos exercícios espirituais e divinos, e uma propensão ao que é maligno, tal como uma inclinação ao mundo e à carne, o que equivale a uma propensão a me apostatar do Deus vivo.

4. Só posso pensar que estou, portanto, por natureza, afastado do favor de Deus; porque embora eu entenda que Ele é um Deus bondoso e misericordioso, também sei que Ele é um Deus justo e santo, e que me torno, pelo pecado, tanto odioso à sua santidade como ofensivo à sua justiça. Se eu pensasse de outra forma, não estaria pensando livremente, porém muito parcialmente. Acho que sou culpado diante de Deus, tenho pecado, e sido deficiente em glorificá-lo, e assim não sou digno de ser glorificado com Ele.

5. Só posso pensar que, sem alguma descoberta especial da vontade de Deus em relação a mim, e da sua boa vontade para comigo, não posso recuperar o seu favor, ser reconciliado com Ele, e ser restaurado à minha

justiça inicial em termos de ser capaz de servir ao meu Criador, e corresponder à finalidade da minha criação, tornando-me adequado para um outro mundo; porque a generosidade da Providência para comigo, como também para com as criaturas inferiores, não pode servir como uma garantia de que Deus está reconciliado comigo ou que pretende me reconciliar consigo.

6. Só posso pensar que o caminho da salvação, tanto da culpa como do poder do pecado, através de Jesus Cristo e de sua mediação entre Deus e o homem – como é revelado pelo Novo Testamento – é uma vontade admiravelmente adequada para todas as exigências do meu caso, para me restaurar tanto ao favor de Deus como ao meu próprio governo e satisfação. Aqui vejo o método correto para a remoção da culpa do pecado (para que eu não morra pela sentença da lei) pelo mérito auto-suficiente e pela justiça do Filho de Deus em nossa natureza, e pela quebra do poder do pecado (para que eu não venha a morrer pela minha própria enfermidade), pela influência completa e suficiente, e pela operação do Espírito de Deus sobre a nossa natureza. Toda enfermidade tem aqui o seu remédio, toda tristeza termina aqui, de um modo que exalta a honra de todos os atributos divinos, e é perfeitamente adequado à natureza humana.

7. Só posso pensar que aquilo que encontro em mim mesmo, e que faz parte da religiosidade natural, evidentemente dá testemunho da religião cristã; porque toda esta verdade que me é revelada pela luz da natureza é confirmada e mais claramente revelada pelo Evangelho; naquilo em que a luz da natureza me dá uma visão confusa (como a visão dos homens como árvores que andam), o Novo Testamento me dá uma visão clara e distinta. Todo este bem que vem sobre mim pela lei da natureza me é mais plenamente revelado, e eu me encontro muito mais fortemente ligado a ele pelo Evangelho de Cristo. Também recebo todas as exigências bem como as palavras de ânimo e auxílio que ele coloca em relação ao meu dever. E tudo isto serve para confirmar para mim que ali, e somente ali, é que esta luz natural me deixa perplexo. A insatisfação me diz que até agora ela pôde me carregar, mas não poderá mais fazê-lo; logo o Evangelho me toma, me ajuda, e me dá toda a satisfação que eu posso desejar, e que está especialmente relacionada à grande questão de satisfazer a justiça de Deus pelo pecado do homem. A minha própria consciência pergunta: Por meio de que ou de quem eu venho até à presença do Senhor, e me inclino diante do

Altíssimo? “Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros?” Mas ainda estou perplexo; não posso formular uma justiça a partir de qualquer coisa que eu mesmo seja, ou tenha, ou de qualquer coisa que eu possa fazer para Deus ou apresentar a Deus, através da qual eu ouse comparecer diante dele; mas o Evangelho se apresenta, e me diz que Jesus Cristo fez de sua alma uma oferta pelo pecado, e Deus se declarou satisfeito com todos os crentes que estão nele; e isto me deixa tranqüilo.

8. Só posso pensar que as provas pelas quais Deus atestou a verdade do Evangelho são as mais adequadas que poderiam ser dadas em um caso dessa natureza; que o poder e a autoridade do Redentor no reino da graça devem ser exemplificados ao mundo, não pelo grau mais elevado da pompa e da autoridade dos reis da terra, como os judeus esperavam, mas pelas evidências de seu domínio no reino da natureza, que é uma dignidade e uma autoridade muito maior do que qualquer dos reis da terra jamais simulou, e é nada menos que divino. E seus milagres sendo geralmente operados sobre os homens, não só sobre os seus corpos, como foram em sua maioria quando Cristo esteve aqui na terra, mas, algo ainda superior – sobre as suas mentes, como foram em sua maioria após o derramamento do Espírito com o dom de línguas e outros dons sobrenaturais, que eram as confirmações mais adequadas possíveis da verdade do Evangelho, que foi criado por Deus para tornar os homens santos e felizes.

9. Só posso pensar que os métodos usados para a propagação desse Evangelho, e o maravilhoso sucesso destes métodos, que são puramente espirituais e celestiais e destituídos de todas as vantagens e apoios seculares, mostram claramente que o Evangelho era de Deus, porque Deus estava com ele; e ele jamais poderia ter sido anunciado como o foi, diante de tanta oposição, se não tivesse estado acompanhado pelo poder do alto. E a preservação do cristianismo no mundo até este dia, apesar das dificuldades que ele enfrenta, é para mim um milagre permanente que serve como prova da sua veracidade.

10. Só posso pensar que o Evangelho de Cristo teve alguma influência sobre a minha alma, teve domínio sobre mim, e foi um conforto para mim, como uma demonstração a mim mesmo – embora não possa ser assim com outra pessoa – de que ele é de Deus. Tenho provado que o Senhor é misericordioso; e o polemista mais sutil não pode convencer a ninguém que tenha provado mel que ele não é doce.

E agora eu recorro àquele que conhece os pensamentos e intentos do coração, para que em tudo isso eu possa pensar livremente (se for possível para um homem saber que pensa assim), e não sob o poder de qualquer preconceito. Se tivermos razão de pensar que aqueles que, sem qualquer razão aparente, não só usurpam, mas monopolizam o caráter de livres-pensadores, fazem assim, deixemos que aqueles que julgam observem facilmente que eles não falam sinceramente, mas engenhosamente escondem as suas noções. E um exemplo que não posso deixar de notar é o seu procedimento injusto para com os seus leitores – que, procurando diminuir a autoridade do Novo Testamento, embora eles exortem os vários leitores do original, e citem um reconhecimento pelo Sr. Gregory, da Igreja de Cristo, em seu prefácio às suas obras: “Que nenhum autor profano, qualquer que seja...” etc., contudo suprimem o texto que vem imediatamente a seguir, alterando o sentido pretendido por aquele homem erudito sobre este assunto: “Que este é um argumento invencível pela parte das Escrituras...” etc. (palavras que afirmam a fidedignidade das Escrituras).

Nós, então, recebemos os livros do Novo Testamento como nossos oráculos; porque é evidente que aquela noção excelente do Dr. Henry More’s é verdadeira, de que “eles têm uma tendência imediata para tomar-nos da vida animal e trazer-nos para a vida divina.

Mas enquanto estamos, assim, mantendo a origem e autoridade divinas do Novo Testamento, como foram recebidas ao longo de todas as eras da igreja, achamos a nossa causa não só atacada pelos inimigos de que falamos, mas com efeito traída por aquele que torna o nosso Novo Testamento quase o dobro daquilo que realmente é*, acrescentando a ele as *Constituições dos Apóstolos*, coletadas por Clemente, juntamente com os *Cânones Apostólicos*, e tornando estes de igual autoridade com os escritos dos evangelistas, e preferíveis às Epístolas. Aumentando as linhas de defesa, portanto, sem causa ou precedente, ele dá grande vantagem aos invasores. Aquelas *Constituições dos Apóstolos* têm muitas coisas boas, e podem ser úteis, como outras composições humanas; mas pretender que elas tenham sido compostas, como professam, pelos doze apóstolos reunidos em Jerusalém, “Eu, Pedro, dizendo isso; Eu, André, dizendo aquilo” etc., é a maior imposição que pode ser praticada sobre a credulidade dos símplices.

1. É certo que havia muitos escritos espúrios que, nos dias da igreja primitiva, se fizeram passar sob os nomes dos apóstolos e homens apostólicos; desta forma, sempre ficou claro que era impossível descobrir quaisquer escritos deles além do cânon das Escrituras. Somente este cânon poderia com segurança ser atribuído a eles. O próprio Baronius reconhece isso: *Cum apostolorum nomine tam facta quam dicta reperiantur esse supposititia; nec sic quid de illis à veris sincerisque spriptoribus narratum sit integrum et incorruptum remanserit, in desperationem planè quandam animum dejicunt posse unquam assequi quod verum certumque subsistat – Uma vez que muitos dos atos e palavras atribuídos aos apóstolos são espúrios, e até mesmo as narrativas de escritores fiéis com relação a eles não estão livres de corrupção, devemos perder a esperança de alguma vez sermos capazes de chegar a qualquer certeza absoluta sobre eles. Ad An. Christ.* 44, seç. 42 etc. Houve Atos sob os nomes de André, o apóstolo, Felipe, Pedro, e Tomé; evangelhos sob os nomes de Tadeu, um outro Barnabé, e um outro Bartolomeu; um livro sobre a infância do nosso Salvador, um outro sobre a sua natividade, e muitos semelhantes, os quais todos nós rejeitamos como falsificações.

2. Essas *Constituições* e *Cânones*, entre os demais, foram condenados na igreja primitiva como apócrifos, e, portanto, justamente rejeitados. Porque, mesmo que fossem bons, eles fingiam ser o que realmente não eram: ditados pelos próprios doze apóstolos, como se tivessem sido recebidos de Cristo. Se Jesus Cristo lhes deu tais instruções, e eles as deram de uma maneira solene para a igreja, como foi simulado, é inexplicável que não haja o menor aviso sobre qualquer coisa desse tipo nos Evangelhos, nos Atos, ou em qualquer uma das Epístolas.

Aqueles que julgaram os mais auspiciosos desses *Cânones* e *Constituições* concluíram que eles foram compilados por algumas pessoas não oficiais sob o nome de Clemente, no final do segundo século, mais de 150 anos depois da ascensão de Cristo, fora da prática comum das igrejas; isto é, aquilo com que os compiladores estavam mais familiarizados, ou pelo que tinham respeito. Ao mesmo tempo, temos razões para pensar que o grande número de igrejas cristãs que na época foram implantadas tinha as suas próprias Constituições, que, se tivessem tido a felicidade de ser transmitidas à posteridade, teriam se recomendado a si mesmas como estas, ou ainda de uma forma muito melhor. Mas, à medida que os legisladores

antigos atribuíram uma reputação às suas leis, fingindo tê-las recebido de uma ou outra divindade, os líderes da igreja estudaram a situação e concluíram que poderiam trazer uma boa reputação aos seus pensamentos colocando algum homem apostólico ou outro no alto de sua lista de bispos (veja o *Irenicum*, do bispo Stillingfleet, p. 302). Eles entenderam que poderiam trazer uma importante reputação aos seus Cânones e Constituições atribuindo a sua autoria aos apóstolos. Mas, como alguém pode imaginar que os apóstolos deveriam estar todos juntos em Jerusalém, para compor este livro de *Cânones* com tanta solenidade, quando sabemos que eles receberam a incumbência de divulgar a mensagem do Evangelho a todo o mundo, pregando-o a toda criatura? Conseqüentemente, Eusébio nos diz que Tomé foi para Pártia, André para Cítia, João para a Ásia Menor; e temos motivo para pensar que após a sua dispersão eles nunca mais se reuniram, assim como aconteceu com aqueles que implantaram as nações depois que o Altíssimo separou os filhos de Adão.

Penso que qualquer pessoa que comparar essas *Constituições* com os escritos de que temos a certeza que foram dados pela inspiração de Deus, discernirá facilmente uma vasta diferença de estilo e espírito. O que é a palha para o trigo? “Onde estão os ministros, no estilo dos verdadeiros apóstolos, chamados de sacerdotes, e sumos sacerdotes? Onde encontramos na era apostólica – aquela era de sofrimento – o estabelecimento de bispos em seus tronos? Ou de leitores, cantores, e porteiros na igreja?”*

Receio que o coletor e compilador dessas *Constituições*, sob o nome de Clemente, estivesse ciente de sua honestidade, e que ele não as teria publicado, antes de tudo, por causa dos mistérios contidos nelas; elas não eram conhecidas e nem foram publicadas até a metade do quarto século, quando a falsificação não poderia ser tão bem refutada. Não consigo ver nelas quaisquer mistérios que devessem ser ocultados, se tivessem sido genuínos; mas tenho a certeza de que Cristo ordena que os seus apóstolos publiquem os mistérios do Reino de Deus sobre os telhados. E o apóstolo Paulo, que revela em suas epístolas mistérios muito mais sublimes do que qualquer dessas *Constituições*, afirma que eles deveriam ser lidos para todos os santos irmãos. E não é somente isto: essas *Constituições* são tão completas em termos de preceitos morais, ou regras de práticas para a igreja, que se tivessem sido o que fingem ser serviriam em muito para ser

publicadas antes de mais nada. E embora o Apocalipse seja tão repleto de mistérios, uma bênção é pronunciada sobre os leitores e ouvintes da profecia. Devemos, portanto, concluir que a despeito de quando quer que tenham sido escritos, enfraqueceram a luz que eles mesmos gostariam de ter, e reconheceram que eram apócrifos; isto é, eram escritos que estavam escondidos ou ocultos. Eles não ousaram se misturar com o que foi dado pela inspiração divina; mas poderiam até fazer alguma alusão ao que foi dito pelos ministros (At 5.13). No demais, nenhum homem ouse juntar-se aos apóstolos, pois o povo os exaltou. E assim, a própria confissão deles mostra que os seus escritos não foram entregues às igrejas com os outros escritos, quando o cânon do Novo Testamento foi solenemente selado com aquela terrível sentença que sobrevirá àqueles que lhe acrescentarem algo.

E quando foram feitas tentativas posteriores para provar a pureza e a suficiência do nosso Novo Testamento, por acréscimos a ele, tivemos da mesma forma – de um outro lugar – um grande desprezo colocado sobre ele, pelo poder papal. A ocasião era essa: Um padre Quesnel, um papista francês, mas um jansenista, alguns anos atrás, publicou *o Novo Testamento* em francês, em vários volumes pequenos, *com Reflexões Morais* sobre cada versículo, para traduzir a leitura dele de maneira mais proveitosa, facilitando a sua meditação. Esta tradução foi muito estimada na França, por causa da piedade e devoção que se via nele. E assim, muitos exemplares foram impressos. Os jesuítas ficaram muito insatisfeitos, e solicitaram ao papa a condenação dele, embora o seu autor fosse um papista, e muitas coisas nele dessem apoio a superstições papais. Depois de muita luta com relação a isso na corte de Roma, uma bula papal foi finalmente obtida, a pedido do rei francês, do papa da época, Clemente XI, datada de 8 de setembro de 1713, na qual o livro citado, com qualquer que fosse o título ou o idioma impresso, foi proibido e condenado. O próprio Novo Testamento deveria ser evitado por causa de muitas coisas provenientes do latim vulgar, como as Anotações, que continham diversas proposições (mais de uma centena está enumerada) que foram consideradas escandalosas e perniciosas, injuriosas para a igreja e seus costumes, ímpias, blasfemas, com paladar de heresia. Algumas proposições são as seguintes: “Que a graça do nosso Senhor Jesus Cristo é o princípio eficaz de toda a forma de bem, e é necessária para cada boa ação; porque sem isso nada é feito, e sem isso nada pode ser feito. Esta é uma graça soberana, e é uma operação da

mão poderosa de Deus. Que quando Deus acompanha a sua Palavra com o poder interior de sua graça, esta opera na alma a obediência que é exigida. Esta fé é a primeira graça, e a fonte de todas as outras. Que é em vão para nós chamarmos a Deus de nosso Pai, se não clamarmos a Ele com um espírito de amor. Que não há Deus, e nem religião, onde não há caridade. Que a igreja católica compreende os anjos e todos os homens eleitos e justos da terra de todas as épocas. Que ela tinha a Palavra encarnada por sua cabeça, e todos os santos como seus membros. Que é proveitoso e necessário em todas as épocas, em todos os lugares, e para todos os tipos de pessoas, conhecer as sagradas Escrituras. Que a santa obscuridade da palavra de Deus não é motivo para que os leigos não a leiam. Que o dia do Senhor deve ser santificado lendo-se livros piedosos, especialmente as sagradas Escrituras". E "que proibir os cristãos de ler as Escrituras é proibir o uso da luz aos filhos da luz". Muitas posições como estas, em que o espírito de cada bom cristão só pode sentir prazer como em algo verdadeiro e bom, são condenadas pela bula do papa como ímpias e blasfemas. E esta bula papal, embora sofrendo uma severa oposição por parte de um grande número de bispos na França, que foram bem influenciados pelas noções do padre Quesnel, foi recebida e confirmada pelas cartas patentes do rei francês, datando de 14 de fevereiro de 1714, em Versalhes, que proíbe todos os tipos de pessoas, sob pena de punição exemplar, de guardar qualquer desses livros em suas casas. A partir daquele momento, qualquer que escrevesse em defesa das proposições condenadas pelo papa como perturbadoras da paz, seria condenado. Isto foi registrado no dia seguinte, 15 de fevereiro, pelo Parlamento de Paris, mas com diversas condições e limitações.

Por meio disso, parece que o papado ainda é a mesma coisa que sempre foi – um inimigo do conhecimento das Escrituras, e da honra da graça divina. Temos motivo para bendizer a Deus por termos a liberdade de ler as Escrituras, e de termos materiais auxiliares que nos ajudam a entendê-las e a aplicá-las, e devemos ter a preocupação de fazer um uso diligente e bom de tudo, para que não provoquemos a Deus de forma a nos entregar nas mãos dos poderes que usariam todas as coisas de um modo indigno.

Espero que aqueles para quem a leitura da *Exposição do Antigo Testamento* foi agradável acharão este novo trabalho ainda mais agradável; pois esta é a parte da Escritura que testifica mais claramente de Cristo, e na

qual esta graça do Evangelho que aparece em todos os homens, trazendo salvação, brilha mais claramente. Este é o leite do Novo Testamento para bebês – o restante é carne forte para homens fortes. Por estes, portanto, sejamos alimentados e fortalecidos para que possamos prosseguir vigorosamente em direção à perfeição; e que, tendo colocado o alicerce na história da vida, morte e ressurreição do nosso bendito Salvador, e a primeira pregação de seu Evangelho, possamos edificar sobre ele pelo conhecimento dos mistérios da piedade, à qual seremos apresentados posteriormente nas Epístolas.

Desejo que os meus escritos sejam lidos com um olhar sincero, e não crítico. Eu procuro não gratificar os curiosos. O alvo da minha ambição é auxiliar aqueles que verdadeira e seriamente buscam as Escrituras diariamente. Tenho certeza de que esta obra foi criada – e espero que também seja calculada – para promover a piedade em relação a Deus e a caridade em relação aos nossos irmãos; e que não haja nela apenas algo que possa edificar, mas que não haja nada que possa ofender, com justiça, a qualquer bom cristão.

Se qualquer pessoa receber um benefício espiritual através dos meus fracos esforços, isto será um conforto para mim; mas dê a Deus toda a glória, e o louve pela sua graça, por ter usado alguém totalmente indigno de tal honra, e capacitado até aqui alguém totalmente insuficiente para tal serviço.

Tendo obtido a ajuda de Deus, e continuando assim até agora, humildemente dependo da mesma boa mão do meu Deus para me conduzir naquilo que permanece, para cingir os meus lombos com a força necessária e para aperfeiçoar o meu caminho; e para isso eu desejo humildemente as orações dos meus amigos. Mais um volume, eu espero, incluirá o que ainda está por ser feito; e eu tanto irei empreendê-lo, como prosseguir com ele, enquanto Deus me capacitar, com toda a velocidade conveniente; mas este volume conterá aquela parte das Escrituras que, de todas as outras, requer o maior cuidado e sofrimentos ao expor. Mas eu confio que assim como o dia, virá também a força.

M. H.
1721

* Whis ton.

MATEUS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

emos agora diante de nós:

I O Novo Testamento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Esta segunda parte da Bíblia Sagrada é assim intitulada: *A Nova Aliança*; assim deve ser traduzido; a palavra significa ambos. Mas, quando ela é (como aqui) mencionada como ato e ação de Cristo, ela é traduzida mais corretamente como Testamento, porque Ele é o testador, e este Testamento ganha força pela sua morte (Hb 9.16,17); aqui não há, como em alianças, um tratado anterior entre as partes, mas o que é concedido, embora como uma propriedade condicionada, se deve ao testamento, ao livre-arbítrio, à boa vontade, do Testador. Toda a graça contida neste livro é devida a Jesus Cristo como o nosso Senhor e Salvador; e, a menos que consintamos que Ele seja o nosso Senhor, não podemos aceitar qualquer benefício dele como o nosso Salvador. Isto é chamado de um *novo* testamento, para distingui-lo daquele que foi dado a Moisés, mostrando que ele não é antiquado; e para significar que ele deveria ser sempre novo, e nunca deveria envelhecer e ficar ultrapassado. Estes livros contêm não só uma descoberta completa dessa graça que apareceu a todos os homens, trazendo salvação, mas um instrumento legal pelo qual ela é transmitida, e estabelecida, a todos os crentes. Com que cuidado preservamos, e com que atenção e prazer lemos a última vontade e o testamento de um amigo, que a esse respeito nos deixou uma boa propriedade, e, com ela, altas expressões de seu amor por nós! Quão precioso, então, deve ser este testamento do nosso bendito Salvador a nós, que nos assegura todas as suas riquezas insondáveis! É o seu testamento; embora, como é usual, tenha sido escrito por outros (não temos nada registrado que tenha sido escrito pelo próprio

Cristo). Contudo, Ele o ditou. E na noite anterior à sua morte, na instituição de sua ceia, Ele o assinou, selou e publicou na presença das doze testemunhas. E embora estes livros só tenham sido escritos alguns anos depois, para benefício da posteridade, *in perpetuam rei memoriam – como um memorial perpétuo*, o Novo Testamento de nosso Senhor Jesus foi estabelecido, confirmado e declarado, desde a hora de sua morte, como um testamento nuncupativo, com o qual estes registros concordam exatamente. Os fatos que Lucas escreveu eram fatos em que todos criam, sendo, portanto, bem conhecidos, antes que ele os registrasse; mas, quando eles foram escritos, a tradição oral foi substituída e deixada de lado, e estes escritos foram o repositório daquele Novo Testamento. Isso está sugerido pelo título que é prefixado em muitas cópias gregas: *Tes kaines Diathekes Hapantae – A totalidade do Novo Testamento*, ou todas as coisas dele. Nele está declarado todo o conselho de Deus a respeito da nossa salvação (At 20.27). Como a lei do Senhor é perfeita, o Evangelho de Cristo também o é, e nada deve ser acrescentado a ele. Nós temos tudo, e não devemos procurar mais nada.

II Temos diante de nós os Quatro Evangelhos. Evangelho significa boas novas, ou notícias felizes; e esta história da vinda de Cristo ao mundo para salvar os pecadores é, sem dúvida alguma, a melhor notícia que já veio do céu à terra; o anjo lhe deu este título (Lc 2.10), *euangelizomai hymin – trago-vos boas novas; trago-vos o Evangelho*. E o profeta predisse isso (Is 52.7; 61.1). Foi predito que nos dias do Messias, boas novas deveriam ser pregadas. Evangelho é uma antiga palavra grega; ela está relacionada a Deus; e Deus é assim chamado porque Ele é muito bom, *Deus optimus – o Deus mais excelente*; portanto, esta é, sem dúvida, uma boa palavra. Se considerarmos que este termo também significa encanto, ou fascinação (*carmen*), e o tomarmos em um bom sentido, para o que está se movendo e afetando, que é adequado *lenire doloremae – para acalmar os espíritos*, ou exaltá-los em admiração e amor. Quando algo é muito amável, nós o chamamos de encantador; e isto é absolutamente aplicável ao Evangelho, porque nele o encantador é perito em encantar, embora os seus ouvintes geralmente se comportem como víboras surdas (Sl 58.4,5). E nem (alguém poderia pensar) podem quaisquer encantos ser tão poderosos quanto aqueles da beleza e do amor do nosso Redentor. Todo o Novo Testamento é o

Evangelho. O apóstolo Paulo o chama de seu evangelho, porque ele era um dos seus pregadores. Que cada um de nós possa chamá-lo de seu, pela nossa cordial aceitação e sujeição a ele! Mas comumente chamamos os quatro livros que contêm a história do Redentor de os Quatro Evangelhos, e chamamos os seus escritores inspirados de evangelistas ou escritores dos Evangelhos. Porém, isto não é totalmente correto, porque este título pertence a uma ordem específica de ministros, que eram auxiliares dos apóstolos (Ef 4.11): “E ele mesmo deu uns para apóstolos... outros para evangelistas”. Era necessário que a doutrina de Cristo fosse entrelaçada e fundada sobre a narrativa de seu nascimento, vida, milagres, morte e ressurreição; pois então ela aparece em sua luz mais clara e mais intensa. Como em natureza, assim em graça, as descobertas mais felizes são aquelas que surgem de certas representações de fatos. A história natural é a melhor filosofia; como também a história sagrada, tanto do Antigo como do Novo Testamento, o veículo mais adequado e grato da verdade sagrada. Esses quatro Evangelhos foram recebidos inicial e constantemente pela igreja primitiva, e lidos em assembléias cristãs, como consta nos escritos de Justino Mártir e Irineu, que viveram pouco mais de cem anos depois da ascensão de Cristo; eles declararam que nem mais nem menos de quatro Evangelhos foram recebidos pela igreja. Uma Harmonia desses quatro evangelistas foi composta por Taciano sobre aquela época, que ele chamou: *To dia tessaron – O Evangelho de quatro*. Nos séculos III e IV, houve evangelhos falsificados por diversas seitas, e publicados, um sob o nome de Pedro, outro de Tomé, outro de Felipe etc. Mas estes nunca foram reconhecidos pela igreja, nem jamais receberam qualquer crédito, como mostra o erudito Dr. Whitby. E ele dá uma boa razão do por que devemos aderir a estes registros escritos; porque, qualquer que possa ser o pretexto da tradição, não é suficiente preservar algo de que não se tenha completa certeza, como alguns costumam fazer. Pois, embora Cristo tenha dito e feito muitas coisas memoráveis que não foram escritas (Jo 20.30; 21.25), a tradição não preservou nenhuma delas para nós, mas tudo se perdeu, exceto o que foi escrito. É, portanto, a isso que devemos nos ater; e, abençoados por Deus, nos ater à palavra segura da história.

III Temos diante de nós o Evangelho Segundo Mateus. O escritor era judeu de nascimento, publicano por vocação, até que Cristo solicitou a sua

presença, e então ele deixou a coletoria de impostos para segui-lo, e fez parte daqueles que acompanharam o Senhor em todo o tempo que Ele entrou e saiu, começando desde o batismo de João até o dia em que o Senhor foi “recebido em cima” (At 1.21,22). Mateus foi, portanto, uma testemunha competente daquilo que ele registrou aqui. Somos informados de que ele escreveu esta história cerca de oito anos após a ascensão de Cristo. Muitos dos antigos dizem que ele escreveu no idioma hebraico ou siríaco; mas a tradição é suficientemente refutada pelo Dr. Whitby. Sem dúvida alguma, seu Evangelho foi escrito em grego, como foram as outras partes do Novo Testamento; não naquele idioma que era peculiar aos judeus, cuja igreja e estado estiveram familiarizados por um período, mas no que era comum ao mundo, no qual o conhecimento de Cristo seria transmitido com mais eficiência às nações da terra. Contudo, é provável que houvesse uma edição dele em hebraico, publicada pelo próprio Mateus, ao mesmo tempo em que escreveu em grego – um para os judeus, e o outro para os gentios – quando ele deixou a Judéia, para pregar entre os gentios. Bendigamos a Deus pelo Evangelho de Mateus, e por tê-lo em um idioma que entendemos.

CAPÍTULO 1

Este evangelista começa com a descrição do nascimento e ascendência de Cristo, os ancestrais de quem Ele descendia, e a forma de sua entrada no mundo, indicando que Ele era realmente o Messias prometido, pois fora profetizado que Ele deveria ser o filho de Davi, e deveria nascer de uma virgem; e aqui está claramente demonstrado que Ele cumpriu tudo isso. Pois o texto diz: I. Sua linhagem de Abraão em quarenta e duas gerações, três períodos de quatorze (vv. 1-17). II. Um relato das circunstâncias de seu nascimento, pois era um requisito mostrar que Ele nasceu de uma virgem (vv. 18-25). Dessa forma, a vida de nosso bendito Salvador é metodicamente escrita, como todas as vidas deveriam ser escritas, para que o propósito do exemplo delas seja o mais claro possível.

A Genealogia de Cristo

vv. 1-17

Com respeito a essa genealogia de nosso Salvador, observe:

I Seu título. É o livro (ou o relato, de acordo com o significado dado, às vezes, à palavra hebraica *sepher*, um livro) da genealogia de Jesus Cristo, de seus ancestrais conforme a carne; ou a narrativa de seu nascimento. É o *Biblos Geneseos – um livro do Gênesis*. O Antigo Testamento começa com o livro da criação do mundo, e é a sua glória que seja assim; mas a glória do Novo Testamento, exaltada neste documento, é começar com a genealogia daquele que criou o mundo. Como Deus, suas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade (Mq 5.2), e ninguém pode explicar aquela criação; mas, como homem, Ele foi enviado na plenitude dos tempos, nasceu de uma mulher, e é esta criação que é proclamada aqui.

II A principal intenção dela. Não é uma genealogia sem fim ou desnecessária; não é presunçosa como são geralmente as dos grandes homens. *Stemmata, quid faciunt? – Qual a utilidade das antigas genealogias?* Deviam ser usadas como evidência, para comprovar um título e apoiar uma alegação; o objetivo aqui é provar que o nosso Senhor Jesus Cristo é o filho de Davi e o filho de Abraão, e, portanto, daquela nação e daquela família através da qual o Messias estava para surgir. Abraão e Davi eram, em seus dias, os grandes depositários da promessa relativa ao Messias. A promessa da bênção foi feita a Abraão e à sua semente, e a do poder, a Davi e à sua semente; e aqueles que teriam um envolvimento com Cristo, como o filho de Abraão, em quem serão abençoadas todas as famílias da terra, deveriam ser fiéis e leais súditos dele como o filho de Davi, por quem serão governadas todas as famílias da terra. Foi prometido a Abraão e a Davi que Cristo descenderia deles (Gn 12.3; 22.18; 2 Sm 7.12; Sl 89.3ss.; 132.11); conseqüentemente, a menos que possa ser provado que Jesus é um filho de Davi, e um filho de Abraão, não podemos aceitar que Ele seja o Messias. Agora isso está provado aqui através dos registros autênticos do ofício da aristocracia. Os judeus eram muito precisos em manter a sua genealogia, e havia prudência nisso, pois assim podiam

esclarecer a linhagem do Messias a partir dos patriarcas; e desde a sua vinda essa nação está tão dispersa e confusa que existe uma questão sobre se qualquer pessoa no mundo pode legalmente provar que é um filho de Abraão. De qualquer maneira, é certo que ninguém pode provar que é um filho de Abraão ou de Davi; desse modo, o ofício de sacerdote e de rei deve ser abandonado, como perdido para sempre, ou ser colocado nas mãos de nosso Senhor Jesus. Cristo é aqui, pela primeira vez, chamado de filho de Davi, porque sob esse título, ele era freqüentemente comentado e esperado entre os judeus. Aqueles que reconheciam ser ele o Cristo, chamavam-no de filho de Davi (cap. 15.22; 20.31; 21.15). Desse modo, portanto, o evangelista tem a tarefa de comprovar que Ele não é apenas um filho de Davi, mas aquele filho de Davi sobre cujos ombros deveria estar o governo; não apenas um filho de Abraão, mas aquele filho de Abraão que seria o pai de muitas nações.

Ao chamar Cristo de filho de Davi, e filho de Abraão, ele mostra que Deus é fiel à sua promessa, e cumprirá tudo o que disse: 1. Embora o cumprimento fosse adiado por um longo período. Quando Deus prometeu a Abraão um filho, que deveria ser a grande bênção do mundo, talvez ele esperasse que este fosse seu filho imediato; mas ficou comprovado que se tratava de um descendente que estava a quarenta e duas gerações de distância, cerca de 2.000 anos. Deus pode profetizar com muita antecedência aquilo que deve ser feito e, às vezes, muito tempo depois cumprir o que foi prometido. Observe que embora a demora em conceder as misericórdias prometidas exercite a nossa paciência, ela não enfraquece a promessa de Deus. 2. Embora alguém comece a perder a esperança. Esse filho de Davi e de Abraão, que deveria ser a glória da casa de seu Pai, nasceu quando a semente de Abraão era um povo menosprezado, que recentemente se tornara tributário do jugo romano, e quando a casa de Davi havia mergulhado na obscuridade. Pois Cristo seria uma raiz arrancada de solo seco. Note que o tempo de Deus para o cumprimento de suas promessas geralmente é aquele em que as condições se mostram mais desfavoráveis.

III Uma seqüência particular, descrita em linha reta diretamente a partir de Abraão, de acordo com as genealogias registradas no início dos livros de Crônicas (até onde elas vão), e cuja utilidade vemos aqui.

Algumas peculiaridades que podemos observar na genealogia:

1. Entre os ancestrais de Cristo que eram irmãos, geralmente Ele descendia do irmão mais novo; assim foi com o próprio Abraão, Jacó, Judá, Davi, Natã e Resa; para mostrar que a superioridade de Cristo vinha, não como no caso dos príncipes terrenos, da primogenitura de seus ancestrais, mas da vontade de Deus, que, conforme o método de sua providência, exalta os menores depositando uma honra mais abundante sobre a parte que menos tinha.

2. Entre os filhos de Jacó, além de Judá, de quem veio Siló, a atenção é dada aqui a seus irmãos: Judá e seus irmãos. Não é feita menção a Ismael, filho de Abraão, ou a Esaú, o filho de Isaque, porque eles foram impedidos de entrar na congregação. Todos os filhos de Jacó foram recebidos, embora não fossem os pais de Cristo; mas mesmo assim foram patriarcas da igreja (At 7.8), e por isso são mencionados na genealogia, para o encorajamento das doze tribos que foram espalhadas pelo mundo, insinuando a estas que elas têm um envolvimento com Cristo, e que permanecem relacionadas tanto a Ele como a Judá.

3. Perez e Zerá, filhos gêmeos de Judá, são igualmente mencionados, embora somente Perez fosse ancestral de Cristo, pela mesma razão que os irmãos de Judá são mencionados; e alguns pensam que seja porque o nascimento de Perez e Zerá contenha uma espécie de alegoria. Zerá colocou sua mão para fora primeiro, como se fosse o primogênito, mas quando a recolheu, Perez ficou com o direito da primogenitura. A igreja judaica, como Zerá, alcançou antes o direito de primogenitura, mas pela sua descrença, ao retrair a mão, a igreja gentílica, como Perez, adiantou-se e conquistou o direito de primogenitura; e assim em parte a cegueira atinge a Israel, até que os gentios atinjam a plenitude e, então, Zerá nascerá e todo Israel será salvo (Rm 11.25,26).

4. Há quatro mulheres, e somente quatro, listadas nesta genealogia; duas delas originariamente não pertencentes à comunidade de Israel. Raabe, uma cananéia e, além disso, prostituta, e Rute, a moabita; pois em Jesus Cristo não há nem grego nem judeu; os forasteiros e os estrangeiros são, em Cristo, bem-vindos como concidadãos dos santos. As duas outras eram adúlteras, Tamar e Bate-Seba; o que foi uma marca a mais de humilhação colocada sobre nosso Senhor Jesus. É particularmente observado em sua genealogia que Ele era um descendente delas, e nenhum véu é posto sobre

este fato. Ele tomou sobre si a semelhança da carne pecaminosa (Rm 8.3), e aceita até mesmo os maiores pecadores – após eles se arrependerem – em seu círculo de relações mais próximas. Note que não devemos criticar as pessoas pelos escândalos de seus ancestrais; é algo que elas não podem controlar, e isto ocorre até mesmo com as melhores pessoas; ocorreu até mesmo com o nosso próprio Mestre. O fato de Davi ter gerado Salomão através daquela que havia sido a esposa de Urias é mencionado (diz o Dr. Whitby) para mostrar que o crime de Davi, devido ao arrependimento, estava muito longe de impedir o cumprimento da promessa que lhe fora feita. O cumprimento da promessa agradava tanto a Deus, que Ele tolerou que fosse cumprida através daquela mulher.

5. Embora diversos reis sejam aqui citados, nenhum é chamado de rei, exceto Davi (v. 6). Davi, o rei; porque com ele foi feito o pacto da realeza, e a ele foi feita a promessa do reino do Messias, sobre quem é dito que herdará o trono de seu pai Davi (Lc 1.32).

6. Na linhagem dos reis de Judá, entre Jorão e Uzias (v. 8), existem três que não são citados, especificamente Acazias, Joás e Amazias; e conseqüentemente quando é dito que Jorão gerou a Uzias, isto significa, de acordo com o uso da língua hebraica, que Uzias era um descendente dele em linha reta, assim como é dito a Ezequias que os filhos que haveria de gerar seriam levados para a Babilônia, levando em conta que várias gerações se passaram até que ocorresse a referida remoção. Provavelmente não foi por engano ou esquecimento que estes três foram omitidos nas tabelas genealógicas que o evangelista consultou. Mesmo assim, elas são consideradas como autênticas. Alguns dão a seguinte razão para isso: sendo desejo de Mateus, para facilitar a memorização, reduzir o número de ancestrais de Cristo a três períodos de quatorze gerações, foi preciso que, nesse período, três fossem excluídos, e ninguém era mais adequado do que aqueles que eram descendentes diretos da amaldiçoada Atalia, que introduziu a idolatria de Acabe na casa de Davi, motivo pelo qual este estigma foi colocado sobre a família, e a iniqüidade atingiu até a terceira e a quarta geração. Dois desses três eram apóstatas; e dessa maneira Deus geralmente coloca uma marca de desagrado sobre este mundo: os três foram levados ao túmulo com sangue.

7. Alguns observam que havia uma mistura de bons e maus na sucessão desses reis; como, por exemplo (vv. 7, 8), o mau Roboão gerou ao mau

Abias; o mau Abias gerou ao bom Asa; o bom Asa gerou ao bom Josafá; o bom Josafá gerou ao mau Jorão. Nem a graça nem o pecado correm no sangue. A graça de Deus pertence a Ele, e Ele a dá ou retira conforme lhe agrada.

8. O cativeiro da Babilônia é mencionado como um período singular nessa lista (vv. 11,12). Levando tudo em conta, foi um milagre que os judeus não tenham se perdido nesse cativeiro, como aconteceu com outras nações. Mas isso sugere a razão pela qual as multidões desse povo se mantiveram puras ao atravessar aquele mar morto: pois deles, segundo a carne, surgiria o Cristo. “Não o destrua, pois há bênção nele”, até mesmo a bênção das bênçãos, o próprio Cristo (Is 65.8,9). Foi com vistas a Ele que eles foram retomados, e sobre o santuário assolado o Senhor fez resplandecer o seu santo rosto (Dn 9.17).

9. É dito que Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos (v. 11); Jeconias quer dizer, aqui, Joaquim, que foi o primogênito de Josias; mas, quando se diz (v. 12) que Jeconias gerou a Salatiel, esse Jeconias era o filho daquele Joaquim que foi levado para a Babilônia e lá gerou a Salatiel (como mostra o Dr. Whitby), e, quando Jeconias é descrito como não tendo filhos (Jr 22.30), isso é explicado da seguinte forma: nenhum dos homens de sua semente prosperaria. Aqui é dito que Salatiel gerou a Zorobabel, enquanto que Salatiel gerou a Pedaías, e este gerou a Zorobabel (1 Cr 3.19); mas, como anteriormente, o neto é geralmente chamado de filho. É provável que Pedaías tenha morrido enquanto seu pai era vivo, e assim seu filho Zorobabel era chamado de filho de Salatiel.

10. A linhagem não vai até Maria, a mãe de nosso Senhor, mas até José, o marido de Maria (v. 16); pois os judeus sempre consideravam as suas genealogias pelo lado dos homens. Além disso, Maria era da mesma tribo e da mesma família de José, de modo que, tanto por sua mãe como por seu suposto pai, Ele era da casa de Davi; todavia a sua relação com essa nobreza deriva de José, com quem, segundo a carne, ele não tinha nenhuma relação, para mostrar que o reinado do Messias não é baseado em uma linhagem natural de Davi.

11. O centro em quem todas essas linhagens se encontram é Jesus, que é chamado de Cristo (v. 16). Este é aquele que era tão ansiosamente desejado, tão impacientemente aguardado, e a quem os patriarcas tinham em vista quando desejavam tanto ter filhos para que pudessem ter a honra de fazer

parte da linhagem sagrada. Bendito seja Deus, por não estarmos agora em uma condição tão sombria e turva de expectativa como eles então estavam, mas podermos ver claramente aquilo que esses profetas e reis viram através de um vidro escuro. E nós podemos ter, a não ser por nossa própria culpa, uma honra maior do que aquela que eles tanto ambicionavam, pois aqueles que fazem a vontade de Deus estão em uma posição mais honrada em relação a Cristo do que aqueles que eram seus parentes segundo a carne (cap. 12.50). Jesus é chamado de o Cristo, ou seja, o Ungido, o mesmo que a palavra hebraica Messias. Ele é chamado de Messias, o Príncipe (Dn 9.25), e freqüentemente de o Ungido de Deus (Sl 2.2). Nessa condição, Ele era esperado: "És tu o Cristo, o ungido?" O rei Davi foi ungido (1 Sm 16.13); Arão, o sacerdote, também o foi (Lv 8.12); e também Eliseu, o profeta (1 Rs 19.16), e Isaías, o profeta (Is 61.1). Cristo, sendo designado e qualificado para todas essas posições, é por essa razão chamado de o Ungido, ungido com óleo de alegria, mais do que a seus companheiros; e por causa do seu nome, que é como uma unção que flui com abundância, todos os seus seguidores são chamados de cristãos, pois eles também recebem a sua unção.

Por último temos o resumo geral de toda essa genealogia (v. 17), onde ela é totalizada em três períodos de quatorze gerações, identificados por períodos extraordinários. No primeiro período de quatorze anos, temos a família de Davi em ascensão promissora como uma manhã. No segundo, nós a vemos prosperando até atingir o seu brilho máximo. No terceiro, ela entra em declínio, crescendo cada vez menos, diminuindo até chegar à família de um pobre carpinteiro, e então Cristo surge dela, resplandecendo; Ele é a glória de seu povo, Israel.

O Nascimento de Cristo

vv. 18-25

O mistério da encarnação de Cristo deve ser venerado, e não visto com curiosidade. Se não conhecemos o caminho do Espírito na formação das pessoas comuns, nem como os ossos são formados no útero daquela que está grávida (Ec 11.5), muito menos sabemos como o bendito Jesus foi formado no ventre da virgem bendita. Quando Davi se admira de como ele

próprio foi feito em segredo e curiosamente formado (Sl 139.13-16), parece que ele está falando no espírito da encarnação de Cristo. Algumas circunstâncias presentes no nascimento de Cristo, que encontramos aqui, não constam na versão de Lucas, embora o evento seja mais amplamente descrito por este evangelista. Aqui temos:

I O casamento de Maria com José. Maria, a mãe de nosso Senhor, desposou José. Ela não estava completamente casada, mas já havia celebrado um contrato de casamento. Este contrato era uma proposta de casamento solenemente manifestada com as palavras no futuro, e a promessa de realizá-lo se Deus o permitisse. Lemos sobre um homem que desposou uma mulher e não a recebeu (Dt 20.7). Cristo nasceu de uma virgem, mas uma virgem compromissada: 1. Para dar respeito ao casamento e para defendê-lo como algo honrado para todos, contra aquela doutrina do diabo que proíbe o casamento e identifica a perfeição na condição de solteiro. Quem foi mais favorecido do que Maria o foi em seu matrimônio? 2. Para salvar a reputação da bendita virgem, que de outra forma teria sido exposta. Era adequado que a sua concepção fosse protegida por um casamento, e assim justificada aos olhos do mundo. Um dos antigos diz: Seria melhor que perguntassem se este não era ”o filho do carpinteiro”, do que: Não é este o filho da meretriz? 3. Para que a bendita virgem pudesse ter alguém para ser o guia da sua juventude, o companheiro em sua solidão e viagens, um parceiro em suas preocupações e uma ajuda adequada em todos os momentos. Alguns pensam que José era então viúvo, e aqueles que são chamados de irmãos de Cristo (cap. 13.55), eram filhos de José com uma esposa anterior. Esta é uma conjectura de muitos dos antigos. José era um homem justo, ela, uma mulher virtuosa. Aqueles que são crentes não devem se juntar de forma desigual com os não-crentes. Mas que se permita aos que são religiosos escolherem se casar com aqueles que também o são, já que eles esperam o conforto de tal relacionamento e, neste, a bênção de Deus sobre eles. Nós também podemos aprender, com este exemplo, que é bom passar à condição de casado com ponderação, e não antecipar as núpcias com precipitação, através de um contrato. É melhor dedicar tempo para pensar antes, do que se arrepender depois.

Sua gestação da semente prometida; antes de se juntarem como um casal,

II Maria ficou grávida, e esta gravidez foi gerada pelo Espírito Santo. O casamento foi postergado para tanto tempo depois do contrato, que ela ficou grávida antes de chegar o momento da celebração do casamento, embora o contrato já tivesse sido celebrado antes de ela conceber. Provavelmente, foi depois do retorno de Maria da casa de sua prima Isabel, com quem permaneceu três meses (Lc 1.56), que José percebeu que ela estava grávida, e ela não negou isso. Observe que as outras pessoas notam aqueles em quem Cristo é formado: a obra de Deus na vida de cada pessoa se torna patente. Assim sendo, nós bem podemos imaginar que perplexidade isto podia legitimamente causar à bendita virgem. Ela mesma conhecia o divino progenitor dessa concepção; mas como ela podia provar isso? Ela seria tratada como uma prostituta. Note que depois de grandes avanços, a fim de não ficarmos orgulhosos, podemos esperar que alguma situação ou pessoa nos humilhe, ou que soframos alguma repreensão, como um espinho na carne. E não apenas isto, mas às vezes essas situações são como uma espada nos ossos. Jamais alguma filha de Eva foi tão dignificada quanto a virgem Maria, e mesmo assim ainda correu o risco de cair sob a imputação de um dos piores crimes. Porém, observe que nós não a vemos se atormentando por causa disso; mas, consciente de sua própria inocência, ela se manteve calma e tranqüila, e comprometida com a causa daquele que julga com justiça. Note que aqueles que se preocupam em manter a consciência limpa podem alegremente confiar que Deus manterá os seus bons nomes, e têm motivos para esperar que Ele limpe não apenas a sua integridade, mas também a sua honra, de uma forma tão clara como o sol ao meio-dia.

III A perplexidade de José, e sua preocupação sobre o que fazer nesse caso.

Nós podemos imaginar que grande problema e desapontamento foi para José descobrir que alguém sobre quem ele tinha tal opinião e consideração, ficasse sob a suspeita de um crime tão odioso. Essa é Maria? Ele começou a pensar: “Como podemos ser ludibriados por aqueles sobre quem pensamos o melhor! Como podemos nos desapontar com aqueles de quem mais esperamos!” Ele reluta em acreditar em algo tão ruim vindo de uma mulher que ele acreditava ser tão boa; e o caso em si, sendo ruim demais para ser perdoado, é também claro demais para ser negado. Que luta provocou este

acontecimento em seu peito, entre aquele ciúme que é a ira do homem, cruel como uma sepultura, por um lado, e a afeição que ele sentia por Maria, por outro!

Considere: 1. “O extremismo que ele pensou evitar”. Ele não estava disposto a torná-la um exemplo público. Ele podia ter feito isso; pois, pela lei, uma virgem comprometida, se procedesse como prostituta, seria apedrejada até a morte (Dt 22.23,24). Mas ele não desejava usar a lei contra ela; se ela fosse culpada, o que até agora não se sabia, não seria conhecido através dele. Quão diferente era o ânimo mostrado por José em relação ao de Judá, que em um caso semelhante, apressadamente proferiu aquela sentença severa: “Tirai-a fora para que seja queimada!” (Gn 38.24). Que bom é pensar sobre as coisas como José fez aqui! Haveria mais ponderação em nossas críticas e julgamentos, haveria mais misericórdia e moderação neles. Castigá-la é aqui o chamado a fazer dela um exemplo; o que mostra que a finalidade a ser alcançada com a punição é passar um aviso para os outros: é através do terror que, em todo lugar, se ouve e se teme. “Fira o escarnecedor”, e os símplices se acautelarão.

Algumas pessoas de temperamento severo culpariam José por sua clemência, mas aqui este fato é mencionado como um elogio; pois ele era um homem justo, portanto não queria expô-la. Ele era um homem religioso e bom; e, portanto, inclinado a ser misericordioso como Deus é, e perdoar como alguém que foi perdoado. No caso da donzela prometida, se ela fosse desonrada no campo, a lei caridosamente suporia que ela havia gritado (Dt 22.26), e ela não deveria ser punida. Talvez José tenha dado esta ou alguma outra interpretação caridosa a esse assunto; neste contexto, ele é um homem justo, cuidando do nome daquela que nunca antes havia feito qualquer coisa para manchá-lo. Note que cabe a nós, em muitos casos, sermos gentis com aqueles que estão sob suspeita de haver transgredido a lei, esperar o melhor no tocante a eles, e extrair o melhor daquilo que, a princípio, parece ruim, na esperança de que o melhor aconteça. *Summum just, summa injuriae – O rigor da lei é* (às vezes) *a medida da injustiça.* O tribunal da consciência restringe o rigor da lei ao que nós chamamos de um tribunal justo. Aqueles que são considerados delituosos foram talvez surpreendidos no erro, e devem ser reabilitados com o espírito de brandura; e a intimidação, mesmo quando justa, deve ser moderada.

2. “A oportunidade que ele encontrou para evitar este extremo”. Ele tinha em mente abandoná-la em segredo, ou seja, dar-lhe em mãos uma carta de divórcio diante de duas testemunhas, e assim manter o assunto somente entre eles. Sendo um homem justo, ou seja, um estrito observador da lei, ele não daria andamento ao seu casamento com Maria, mas resolveu afastar-se dela; mesmo assim, em um gesto de carinho para com ela, decidiu fazer isso tão secretamente quanto possível. Note que as críticas àqueles que transgrediram a lei devem ser conduzidas sem estardalhaço. As palavras dos sábios são ouvidas com discrição. O próprio Cristo não discutiria nem gritaria. O amor cristão e a prudência cristã encobrirão uma grande quantidade de pecados, alguns deles graves, até o ponto em que isso não signifique solidarizar-se com eles.

IV A libertação de José dessa perplexidade por um mensageiro enviado do céu (vv. 20,21). Enquanto ele pensava nessas coisas e não sabia o que decidir, Deus graciosamente indicou-lhe o que fazer, facilitando-lhe as coisas. Note que aqueles que costumam receber a orientação de Deus devem pensar a respeito dela e consultar a si mesmos a este respeito. Deus guiará aquele que reflete, e não o irracional. Quando José estava confuso, e havia pensado sobre o assunto tanto quanto conseguia, então Deus se manifestou com uma recomendação. Note que a hora de Deus em que Ele se manifesta com uma orientação para o seu povo, é aquela em que eles estão confusos e indecisos. O conforto de Deus deleita a alma em meio à profusão de seus pensamentos e de sua perplexidade. A mensagem foi enviada a José através de um anjo do Senhor, provavelmente, o mesmo anjo que levou à Maria a notícia da concepção, o anjo Gabriel. Agora a comunicação com o céu, através de anjos, com a qual os patriarcas haviam sido dignificados, mas que há muito tinha sido interrompida, começa a ser reativada; pois, quando o Primogênito fosse trazido a este mundo, os anjos seriam instruídos a acompanhar os seus movimentos. Quanto pode Deus agora, de um modo invisível, fazer uso do auxílio dos anjos para livrar o seu povo das suas dificuldades, não podemos dizer; mas disto nós temos certeza: todos eles são espíritos que atuam para o bem dele. Este anjo apareceu a José em um sonho quando ele estava dormindo, da maneira como Deus algumas vezes falou aos patriarcas. Quando estamos quietos e tranqüilos, estamos no melhor estado de espírito para receber as notícias da

vontade divina. O Espírito se move em águas calmas. Este sonho, sem dúvida, carregava em si a evidência de que se originava de Deus, e não de uma presunçosa imaginação. Agora:

1. José é orientado aqui a prosseguir com o seu casamento. O anjo o chama: “José, filho de Davi”; ele o lembra de sua relação com Davi, para que possa estar preparado para receber esta surpreendente capacidade de entendimento de sua relação com o Messias, que, todos sabiam, seria um descendente de Davi. Às vezes, quando grandes honras recaem sobre aqueles que têm poucas posses, eles não se preocupam em aceitá-las, querendo desistir delas; era, portanto, necessário colocar na mente desse pobre carpinteiro o valor desse nascimento: “Valoriza a ti mesmo, José, tu és aquele filho de Davi através de quem a linhagem do Messias está para ser traçada”. Podemos então dizer a cada verdadeiro crente: “Não temas, tu, filho de Abraão, tu, filho de Deus; não esqueças a dignidade do teu nascimento, do teu novo nascimento”. “Não temas receber a Maria, tua mulher”; assim isso pode ser entendido. José, suspeitando que ela estava grávida devido à prostituição, temia aceitá-la, com receio de que colocasse sobre si mesmo a culpa ou a acusação. Não, diz Deus, não temas; a questão não é essa. Talvez Maria tivesse lhe dito que havia engravidado pelo Espírito Santo, e talvez ele tenha ouvido o que Isabel disse a ela (Lc 1.43), quando a chamou de a mãe do seu Senhor; e, se este foi o caso, talvez ele temesse ser presunçoso ao se casar com alguém tão superior a ele. Mas, qualquer que fosse a causa do aparecimento de seus medos, estes foram todos silenciados com estas palavras: “Não temas receber a Maria, tua mulher”. Note que é uma grande bênção sermos libertados de nossos medos, e termos as nossas dúvidas solucionadas, para que assim possamos prosseguir em nossos afazeres com satisfação.

2. Aqui ele é informado sobre aquele *ser sagrado,* que a sua esposa tinha em seu ventre. Aquele que foi concebido nela tem origem divina. Ele está tão longe do risco de compartilhar a impureza ao casar-se com ela, que com isso compartilhará a maior honra possível. Duas coisas lhe são ditas:

(1) Que ela tinha concebido ”pelo poder do Espírito Santo”; e não pela força da natureza. O Espírito Santo, que criou o mundo, gerou nela agora o Salvador do mundo, e preparou para Ele um corpo como lhe fora prometido, quando Ele disse: “Corpo me preparaste” (Hb 10.5). Desse modo, é dito que Ele nasceu de uma mulher (Gl 4.4), e, além disso, que Ele

é o segundo Adão, que é o Senhor do céu (1 Co 15.47). Ele é o Filho de Deus, e mesmo assim compartilha a essência de sua mãe ao ser chamado de fruto do ventre (Lc 1.42). Era necessário que a sua concepção fosse diferente da normal, para que assim Ele compartilhasse da natureza humana, e mesmo assim pudesse escapar da corrupção, e da contaminação desta, e não ser concebido e formado na iniqüidade. Histórias nos contam sobre algumas mulheres que em vão fingiram ter concebido por um poder divino, como a mãe de Alexandre; mas nenhuma realmente o fez, exceto a mãe de nosso Senhor. Seu nome, por isso, como em outras situações, é Maravilhoso. Nós não lemos que a própria virgem Maria tenha proclamado a honra que recebeu; mas ela ocultou isso em seu coração, e por isso Deus enviou um anjo para testificar. Aqueles que não procuram a sua própria glória terão a honra que vem de Deus; ela é reservada para os humildes.

(2) Que ela daria à luz ao Salvador do mundo (v. 21). Ela daria à luz um filho; e que ele seria foi declarado:

[1] Pelo nome que deveria ser dado ao seu Filho: “lhe porás o nome de Jesus”, o Salvador. O nome é o mesmo que Josué, apenas com a terminação sendo mudada para adequar-se ao grego. Na Septuaginta, Josué é chamado de Jesus (At 7.45; Hb 4.8). Havia dois homens com esse nome no Antigo Testamento, e eram ambos reconhecidos tipos de Cristo. Josué, o comandante de Israel em seu primeiro assentamento em Canaã, e Josué, o sumo sacerdote em seu segundo assentamento após o cativeiro (Zc 6.11,12). Cristo é o nosso Josué; tanto o Comandante da nossa salvação, como o Sumo Sacerdote da nossa profissão de fé. E, em ambos os casos, Ele é o nosso Salvador, um Josué que vem no lugar de Moisés, e faz por nós aquilo que a lei não pode fazer, naquilo em que ela era fraca. Josué havia sido chamado de Oséias, mas Moisés prefixou a primeira sílaba do nome Jeová, e assim tornou-o Josué (Nm 13.16), para indicar que o Messias, que teria esse nome, deveria ser Jeová; Ele é, portanto, o maior salvador, e em nenhum outro há salvação.

[2] Na razão desse nome: “Porque ele salvará o seu povo dos seus pecados”; não apenas a nação dos judeus (Ele veio para eles e eles não o receberam), mas todos que foram dados a Ele pela escolha do Pai, e todos que se deram a Ele por si mesmos. Ele é um rei que protege seus súditos, e, como os antigos juízes de Israel, lhes traz a salvação. Note que aqueles que Cristo salva, Ele os salva dos pecados que praticaram; da culpa do pecado,

em virtude da sua morte, e do domínio do pecado, pelo Espírito da sua graça. Ao salvá-los do pecado, Ele os salva da ira e da maldição, e de todo sofrimento aqui e na vida futura. Cristo veio para salvar o seu povo, não em seus pecados, mas dos seus pecados; para comprar para ele não a liberdade para pecar, mas a libertação do pecado, para redimi-lo de toda iniqüidade (Tt 2.14); e assim redimi-lo de entre os homens (Ap 14.4) para si mesmo, pois está separado dos pecadores. Para que aqueles que deixarem os seus pecados, e se entregarem a Cristo como seu povo, estejam envolvidos com o Salvador, e na grande salvação que Ele planejou (Rm 11.26).

VO cumprimento das Escrituras em tudo isso. Este evangelista, escrevendo entre os judeus, observa mais freqüentemente isto do que qualquer outro evangelista. Aqui as profecias do Antigo Testamento tiveram a sua consumação em nosso Senhor Jesus, através do qual fica claro que este era aquele que deveria vir, e que nós não devemos procurar por nenhum outro; porque este é aquele sobre o qual todos os profetas deram testemunho. Agora a Escritura que foi cumprida no nascimento de Cristo foi a da promessa de um sinal que Deus fez para o rei Acaz (Is 7.14): “Eis que uma virgem conceberá”. Aqui o profeta, encorajando o povo de Deus a esperar pela prometida libertação da invasão de Senaqueribe, o instrui a aguardar ansiosamente pelo Messias, que viria do povo dos judeus e da casa de Davi. Daí era fácil inferir que – embora aquele povo e aquela casa estivessem angustiados – nem um nem o outro poderiam ser abandonados à ruína, enquanto Deus tivesse tal honra e tal bênção reservadas para eles. Os livramentos que Deus concedeu à igreja do Antigo Testamento eram símbolos e figuras da grande salvação através de Cristo; e, se Deus consegue fazer aquilo que é maior, Ele não falhará em fazer aquilo que é menor.

A profecia aqui citada é devidamente introduzida com as palavras: “em sonho, lhe apareceu”, que indicam tanto atenção como admiração; pois aqui temos o mistério da graça, que é, sem controvérsia, notável, de que Deus se manifestou em carne.

1. O sinal dado era que o Messias deveria nascer de uma virgem. “Uma virgem conceberá”, e, por ela, Ele será manifestado na carne. A palavra *Almah* significa uma virgem no sentido mais exato, tal como Maria declara ser (Lc 1.34): “Não conheço varão”. Este não seria um sinal tão

maravilhoso como se pretendia que fosse, se tivesse sido de outra forma. Foi anunciado desde o princípio que o Messias deveria nascer de uma virgem, quando foi dito que Ele deveria vir da semente da mulher. Podemos entender que a expressão “semente da mulher” não poderia ser o mesmo que “a semente de qualquer homem”. Cristo nasceu de uma virgem não apenas porque seu nascimento tinha que ser sobrenatural e completamente extraordinário, mas porque deveria ser imaculado, e puro, e sem qualquer mancha de pecado. Cristo nasceria, não de uma imperatriz ou rainha, porque Ele não veio em pompa ou esplendor externos, mas de uma virgem, para nos ensinar a pureza espiritual, a morte para todos os deleites dos sentidos, e assim nos mantermos sem a mácula do mundo e da carne, para que possamos ser apresentados a Cristo como virgens castas.

2. A verdade demonstrada por esses sinais é que Ele é o Filho de Deus, e o Mediador entre Deus e os homens: porque eles o chamarão ”pelo nome de Emanuel”; isto é, Ele será o Emanuel; e a expressão “Ele será chamado” significa que Ele será o Senhor, Justiça Nossa. Emanuel significa Deus conosco; um nome misterioso, mas muito precioso; Deus encarnado entre nós, e assim Deus reconciliado conosco, em paz conosco, nos conduzindo ao pacto e à comunhão consigo. Os judeus tiveram Deus consigo, em símbolos e sombras, morando entre os querubins; mas nunca do modo como quando a Palavra se tornou carne – que era o bendito *Shekinah*. Que passo feliz é dado no sentido de estabelecer a paz e a harmonia entre Deus e o homem, reunindo as duas naturezas na pessoa do Mediador! Por isso Ele se tornou um árbitro irrepreensível, com plenas condições de colocar as suas mãos sobre ambos, uma vez que ele compartilha a natureza de ambos. Veja, nisto, o mistério mais profundo, e a misericórdia mais rica que jamais existiu. Pela luz da natureza, vemos Deus como um Deus acima de nós; pela luz da lei, o vemos como um Deus contra nós; mas pela luz do Evangelho, nós o vemos como Emanuel, Deus conosco, em nossa própria natureza – e (o que é ainda melhor) a nosso favor. Aqui o Redentor glorificou o seu amor. Com o nome de Cristo, Emanuel, nós podemos comparar o nome dado à igreja do Novo Testamento (Ez 48.35). *Jeová-Samá – O Senhor está ali*; o Senhor dos exércitos está conosco.

Nem é impróprio dizer que a profecia que expressou que Ele deveria ser chamado Emanuel foi cumprida, com o desígnio e a intenção que possuía, quando Ele foi chamado de Jesus; pois se Ele não tivesse sido Emanuel,

Deus conosco, Ele não poderia ter sido Jesus, o Salvador. E nisso consiste a salvação que Ele preparou, ao reunir Deus e o homem em um só corpo; isso foi o que Ele planejou, trazer Deus para estar conosco, que é a nossa grande felicidade, e trazer-nos para estar com Deus, que é o nosso grande dever.

VI A obediência de José ao divino preceito (v. 24). Tendo despertado pela impressão que o sono deixou em si, José fez como o anjo do Senhor ordenou, muito embora isso fosse contrário aos seus sentimentos e intenções anteriores; ele tomou para si a sua esposa; ele fez isso rapidamente, sem demora, e alegremente, sem discutir; ele não foi desobediente à visão divina. No presente, não esperamos por uma orientação extraordinária como essa; mas Deus ainda tem meios de tornar a sua vontade conhecida em casos ambíguos através de indícios da providência, de debates de consciência, e de conselhos de amigos confiáveis. Em cada um desses meios, aplicando as regras gerais da Palavra escrita, nós devemos, portanto, em todos os passos de nossa vida, particularmente nas grandes mudanças, como esta de José, receber a orientação de Deus, e perceber quão seguro e confortável é agir como Ele nos ordena.

VII A consumação da promessa divina (v. 25). Ela deu à luz a seu primogênito. As circunstâncias disso são mais amplamente relatadas em Lucas 2.1ss. Note que aquilo que é concebido pelo Espírito Santo nunca fracassa, mas certamente será trazido à luz em seu devido tempo. O que é da vontade da carne e da vontade do homem, freqüentemente fracassa; mas, se Cristo estiver consolidado na alma, o próprio Deus inicia a boa obra que Ele realizará; o que é concebido na graça, sem dúvida nascerá em glória.

Observa-se aqui, além disso: 1. Que José, embora tivesse celebrado o contrato de casamento com Maria, a quem desposara, manteve-se afastado dela enquanto ela estava grávida, tendo em seu ventre o ser sagrado; ele não a conheceu até que ela tivesse dado à luz. Muito tem sido dito no tocante à virgindade perpétua da mãe de nosso Senhor; Jerônimo ficou muito irritado com Helvídio por negá-la. É certo que isso não pode ser provado a partir das Escrituras. O Dr. Whitby inclina-se a pensar que quando se diz que José não a conheceu até que ela deu à luz seu primogênito está implícito que, depois disso, cessado o motivo, ele viveu com ela de acordo com a lei (Êx

21.10). 2. Que Cristo era o primogênito; e assim Ele deveria ser chamado – mesmo que a sua mãe nunca mais tivesse outro filho depois dele – de acordo com a linguagem das Escrituras. Também não é sem mistério que Cristo é chamado de seu primogênito, pois Ele é o primogênito de toda criatura, ou seja, o Herdeiro de todas as coisas; e Ele é o primogênito entre muitos irmãos, para que em todas as coisas possa ter a preeminência. 3. Que José deu-lhe o nome de Jesus, conforme a orientação que lhe foi dada. Tendo-o Deus designado para ser o Salvador – o que está implícito ao lhe dar o nome de Jesus – devemos aceitar que Ele seja o nosso Salvador, e, em concordância com essa designação, devemos chamá-lo de Jesus, nosso Salvador.

CAPÍTULO 2

Esse capítulo descreve a história da infância do nosso Salvador, em que descobrimos como seu sofrimento se iniciou muito cedo e como em sua pessoa a expressão da justiça se tornou uma realidade, antes mesmo de começar a praticá-la em toda sua extensão. Temos então: I. Os magos perguntando ansiosamente por Cristo (vv. 1-8). II. O piedoso tratamento que dedicaram a Ele, ao descobrir onde se encontrava (vv. 9-12). III. A fuga de Cristo para o Egito, a fim de fugir à crueldade de Herodes (vv. 13-15). IV. O bárbaro assassinato dos infantes de Belém (vv. 16-18). V. Seu retorno do Egito para a terra de Israel (vv. 19-23).

Os Magos do Oriente

vv. 1-8

Foi um sinal da humilhação imposta ao Senhor Jesus o fato de, embora ser o Desejado de todas as nações, sua vinda ao mundo ter sido pouco comentada, passando quase despercebida, e que seu nascimento tenha sido ignorado e desconsiderado. Ele havia se tornado um ser anônimo e desconhecido. Se o Filho de Deus devia vir ao mundo, poderíamos, com toda razão, esperar que fosse recebido com o maior cerimonial possível, que coroas e cetros se colocassem imediatamente aos seus pés e que os soberanos e os poderosos príncipes do mundo se tornassem seus humildes

servos; um Messias assim era o que os judeus esperavam, mas não foi isso que aconteceu. Ele veio ao mundo e o mundo não o conheceu, isto é, Ele veio para o seu povo, mas o seu povo não o recebeu. Por ter se incumbido de satisfazer a justiça do Pai pelas ofensas e pela desonra contra Ele praticadas através dos pecados do homem, Ele assim o fez anulando-se e privando-se de todas as honras que, sem dúvida, deveriam ser concedidas a uma Divindade encarnada. No entanto, por ocasião do seu nascimento, assim como sucedeu mais tarde, raios de glória brilharam nos momentos mais importantes da sua humilhação. Embora seu poder se mantivesse oculto, raios brilhantes saíam das suas mãos (Hc 3.4), suficientes para condenar o mundo, especialmente os judeus, pela estupidez que demonstraram.

Depois do seu nascimento, os primeiros a tomar conhecimento de Cristo foram os pastores (Lc 2.15ss.) que viram e ouviram coisas gloriosas a seu respeito e as transmitiram a todo mundo, para a admiração de todos os ouvintes (vv. 17,18). Em seguida, Simeão e Ana falam sobre Ele, pela inspiração do Espírito, a todos que estavam dispostos a prestar atenção às suas palavras (Lc 2). No entanto, alguém poderia pensar que estas mensagens deveriam ter sido atendidas pelos homens da Judéia e pelos habitantes de Jerusalém que, com braços abertos, receberiam o tão longamente esperado Messias. Porém, por mais estranho que pareça, durante quase dois anos Ele permaneceu em Belém sem receber qualquer atenção até a chegada dos magos. Na verdade, nada iria despertar aqueles que estavam resolvidos a ser indiferentes. Ó, que incrível estupidez a desses judeus! E também dos muitos que ostentam o nome de cristãos! Observe:

I Quando foi realizada esta pesquisa a respeito de Cristo. Foi nos dias do rei Herodes. Esse rei Herodes era um idumeu, nomeado rei da Judéia por Augusto e Antônio, os principais chefes do estado romano daquela época. Era um homem falso e cruel e, no entanto, havia sido agraciado com o título de Herodes, o Grande. Cristo nasceu no 35.º ano do seu reinado e isto foi registrado para mostrar que o cetro havia se apartado de Judá e o legislador dentre seus pés. Portanto, havia chegada a hora da vinda de Siló e para ele se congregariam todos os povos. Observe esses magos em Gênesis 49.10.

Quem e o que eram esses magos; aqui eles são chamados de “magos”.

II Alguns consideravam o nome no bom sentido; entre os persas, os magos representavam seus filósofos e seus sacerdotes. O povo não aceitaria ninguém para ser rei se não tivesse antes estudado entre os magos; mas outros pensavam que eles lidavam com artes espúrias. No original, esta palavra (mago) foi usada para Simão, o mágico (At 8.9,11), e também para Elimas, o feiticeiro (At 13.6,8). Também, nas Escritura, ela é empregada com um outro sentido, como um primeiro exemplo e presságio da vitória de Cristo sobre o diabo, quando aqueles que haviam sido seus adeptos se tornaram adoradores do menino Jesus, logo que os troféus da sua vitória sobre os poderes das trevas foram erguidos. Bem, quaisquer coisas que tenham sido antes, agora os magos se tornaram verdadeiros sábios quando decidiram indagar sobre Cristo.

De uma coisa temos certeza 1. De que eram gentios e não pertenciam à nação de Israel. Os judeus não se importavam com Cristo, porém esses gentios decidiram perguntar por Ele. Muitas vezes aqueles que estão mais próximos aos meios estão mais longe do fim (veja cap. 8.11,12). A homenagem prestada a Cristo por esses gentios representava um feliz presságio e também um exemplo daquilo que iria acontecer quando Cristo trouxesse para perto de si aqueles que estavam distantes. 2. De que eram sábios. Eles lidavam com artes; artes curiosas. Os bons sábios devem ser bons cristãos que completam seu aprendizado quando aprendem sobre Cristo. 3. De que eram homens do Oriente, notáveis por suas profecias (Is 2.6). A Arábia é chamada de terra do Oriente, ou oriental (Gn 25.6), e os árabes são chamados de homens do Oriente (Jz 6.3). Os presentes que trouxeram eram produtos do seu país. Os árabes haviam prestado homenagem a Davi e Salomão como exemplos de Cristo. Jetro e Jó eram desse país. Tudo que podemos dizer sobre eles é que as tradições da igreja romana são de pouco valor, ao afirmarem que eles eram em número de três (embora um dos antigos diga que eram quatorze), que eram reis e que se encontram enterrados em Colen, daí a razão de serem chamados de os três reis de Colen. Não desejamos ir além do que está escrito.

III O que os levou a fazer essa pesquisa. Quando ainda estavam no seu país oriental, eles viram uma estrela extraordinária, como nunca haviam visto antes, que entenderam ser a indicação de que uma pessoa

extraordinária havia nascido na Judéia, sobre cujas terras ela parecia pairar, como se tivesse a natureza de um cometa, ou melhor, de um meteoro, nas regiões mais baixas da atmosfera. Isso era tão diferente de qualquer outra coisa habitual, que foram levados a concluir que ela também devia significar uma coisa incomum. Veja que as extraordinárias aparições de Deus às criaturas devem nos levar a indagar sobre o seu espírito e a sua intenção. Cristo era a antecipação dos sinais celestiais. Seu nascimento foi comunicado aos pastores judeus através de um anjo, e aos filósofos gentios, por uma estrela; e a ambos Deus falou na sua própria língua e da forma que eles estavam mais familiarizados. Alguns pensam que a luz que os pastores viram brilhando em volta de si, na noite seguinte ao nascimento de Cristo, foi a mesma vista pelos magos, que viviam num lugar distante, com a aparência de uma estrela. Mas isso não pode ser facilmente admitido porque a estrela que viram no Oriente foi a mesma que tornaram a ver muito depois, e que os levou até a casa onde Cristo se encontrava deitado na manjedoura. Tratava-se de uma luz colocada no céu com o propósito de os guiar até Cristo. Os idólatras adoravam as estrelas como sendo os exércitos dos céus, especialmente as nações do Oriente, onde os planetas tinham o nome dos seus deuses e ídolos. Sabemos de uma estrela que era particularmente venerada (Am 5.26). Desse modo, as estrelas que antes haviam sido mal usadas passaram a ter uma correta finalidade, guiar os homens a Cristo; os deuses dos pagãos haviam se tornado seus servos. Alguns pensam que essa estrela os levou a pensar na profecia de Balaão, isto é, que uma estrela procederia de Jacó, indicando um cetro que iria se levantar de Israel (veja Nm 24.17). Balaão tinha vindo das montanhas do Oriente e era um dos seus sábios. Outros atribuem a pesquisa deles à expectativa geral acolhida naquela época, nessas regiões, de que algum grande príncipe iria aparecer. Tácito, na sua história (liv. 5), observa isso. *Pluribus persuasio inerat, antiquis sacerdotum literis contineri, eo ipso tempore fore, ut valesceret oriens, profectique Judaea rerum potirentur – Existia, na mente de todos, uma convicção de que alguns escritos antigos dos sacerdotes continham uma profecia de que mais ou menos nessa época um poder do Oriente iria prevalecer e que as pessoas provenientes da Judéia iriam alcançar o domínio.* Também Suetônio, na vida de Vespasiano, fala sobre isso. De forma que esse extraordinário fenômeno foi interpretado como a indicação desse rei. Podemos imaginar a divina

impressão que se estabeleceu em suas mentes, permitindo-lhes interpretar essa estrela como um sinal enviado pelos céus sobre o nascimento de Cristo.

IV Como deram seguimento a essa pesquisa. Eles haviam vindo do Oriente até Jerusalém para aprofundar suas indagações sobre esse príncipe. Onde iriam pesquisar sobre o Rei dos Judeus a não ser em Jerusalém, a cidade-mãe, para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor? Eles poderiam ter respondido: “Se tal príncipe viesse a nascer, logo ficaríamos sabendo no nosso próprio país e haveria tempo suficiente para lhe prestar homenagens”. Mas estavam tão ansiosos por conhecê-lo melhor que deram início à uma longa viagem com o propósito de fazer a sua pesquisa. Veja bem, aqueles que verdadeiramente desejam conhecer a Cristo, e encontrá-lo, não se importarão com as dores e os perigos que terão de enfrentar em sua jornada. Logo o conheceremos plenamente, se continuarmos a buscá-lo.

Sua pergunta era: “Onde está aquele que é nascido Rei dos Judeus?” Eles não perguntaram: Será que Ele nasceu? (tinham certeza disso e falavam com segurança, tão forte estava essa crença entranhada nos seus corações). Mas, onde tinha nascido? Observe que aqueles que conhecem alguma coisa sobre Cristo sempre querem conhecer ainda mais sobre Ele. Eles chamam Cristo de o Rei dos Judeus, pois era isso que o Messias deveria ser, o Protetor e o Líder do Israel espiritual; Ele nasceu como Rei.

Eles não tinham dúvida sobre essa questão, mas queriam uma resposta imediata, encontrar toda Jerusalém adorando aos pés desse novo rei. Iam de porta em porta fazendo essa pergunta, mas ninguém podia lhes dar qualquer informação. Existe mais ignorância no mundo, e também na igreja, do que podemos imaginar. Muitos daqueles que julgamos poder nos levar diretamente a Cristo, o desconhecem. Eles perguntam, como faz a noiva às filhas de Jerusalém: “Vistes aquele a quem ama a minha alma?” Mas ninguém nunca sabia responder. Entretanto, assim como a noiva, eles continuam com sua indagação. “Onde está aquele que é nascido Rei dos Judeus?” E as pessoas queriam saber: “Por que fazem essa pergunta?”. É porque vimos a sua estrela no Oriente. Então os outros continuam: “Que negócios vocês têm com ele? O que os homens do Oriente querem com o Rei dos Judeus?” Os magos têm uma resposta pronta: “Viemos adorá-lo”. Sabem que, com o passar do tempo, Ele se tornará o seu rei, portanto

desejam ser agradáveis a Ele e aos que o cercam. Note que aqueles em cujo coração nasceu a estrela da manhã, para dar-lhes algum conhecimento sobre Cristo, devem se dedicar a adorá-lo. Será que nós também vimos a estrela de Cristo? Vamos estudar para lhe prestar todas as honras.

Como essa pesquisa foi tratada em Jerusalém? Por fim, notícias sobre ela haviam chegado até a corte e, ao tomar conhecimento desse fato, Herodes ficou muito perturbado (v. 3). Ele não podia desconhecer as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias e do seu reino, e da época fixada para a sua aparição através das semanas de Daniel. Mas tendo reinado durante tanto tempo e com tanto sucesso, ele começou a esperar que tais promessas não se realizariam e que seu reino seria estabelecido e se perpetuaria, a despeito delas. Que desânimo, portanto, deve ter se abatido sobre ele ao ouvir falar que esse Rei havia nascido e que o momento da sua aparição havia chegado! Observe que aquilo que o coração dos iníquos mais teme é o cumprimento das Escrituras.

Porém, embora Herodes, o idumeu, tivesse ficado perturbado, poderíamos supor que o povo de Jerusalém fosse ficar extremamente feliz ao saber que o Messias tinha chegado. No entanto, parece que, com exceção daqueles que aguardavam pela consolação de Israel, as pessoas ficaram tão perturbadas quanto Herodes e apreensivas por desconhecer as conseqüências do nascimento desse novo rei, que poderia envolvê-las numa guerra ou refrear sua luxúria. Por seu lado, eles não queriam outro rei a não ser Herodes, nem mesmo o próprio Messias. Veja que a escravidão do pecado é mais insensatamente preferida à gloriosa liberdade dos filhos de Deus, somente porque esta apresenta algumas dificuldades que exigem uma revolução necessária, cujo objetivo é o controle da alma. Herodes e Jerusalém ficaram ambos perturbados por causa da errônea noção de que o reino do Messias iria interferir e se chocar contra os poderes seculares, embora a estrela, que o havia proclamado rei, houvesse claramente anunciado que seu reino era celestial, e não desse mundo inferior. Veja que as razões que levam os reis da terra e as pessoas em geral a se oporem ao reino de Cristo não se devem ao fato de desconhecê-lo, mas estarem enganados a seu respeito.

Que ajuda estes magos receberam dos escribas e dos sacerdotes em sua pesquisa (vv. 4-6). Ninguém tinha a pretensão de informar onde estava o Rei dos Judeus, mas Herodes desejava saber onde esperavam que ele fosse nascer. As pessoas que ele consultou eram os principais sacerdotes, que tinham o ofício de mestres, e os escribas, que tinham como profissão estudar as leis. Eles deviam conhecê-las e era a eles que as pessoas deviam perguntar a esse respeito (Ml 2.7). Era do conhecimento comum que Cristo deveria nascer em Belém (Jo 7.42), mas Herodes queria ter a opinião dos conselheiros sobre o assunto, portanto convocou as pessoas adequadas e, para poder ser melhor atendido, também os principais sacerdotes e escribas, exigindo que informassem qual era o lugar, de acordo com as Escrituras do Antigo Testamento, onde Cristo iria nascer. Muitas perguntas inocentes são feitas com maus propósitos, e foi isso que aconteceu com Herodes.

VI

Os sacerdotes e os escribas não precisaram de muito tempo para dar sua resposta, nem suas opiniões se revelaram diferentes, pois todos concordaram que o Messias devia nascer em Belém, cidade de Davi, agora chamada de Belém da Judéia, para distingui-la de outra cidade do mesmo nome nas terras de Zebulom (Js 19.15). Belém significa ”casa de pão”, o lugar mais adequado para o nascimento daquele que é o verdadeiro maná, o pão vivo que desceu do céu, que foi dado pela vida do mundo. A prova que apresentaram está em Miquéias 5.2, onde está previsto que, embora Belém fosse pequena entre milhares de cidades de Judá (como consta em Miquéias), e um lugar de pequena população, ainda assim não seria considerada a última entre as principais de Judá (como está aqui), pois a honra de Belém não está, como acontece com as outras cidades, na quantidade de habitantes, mas na magnificência dos príncipes que produz. Embora, em alguns relatos, Belém fosse uma pequena cidade, ela ainda mantinha uma proeminência sobre as demais cidades de Israel, que o Senhor iria considerar ao determinar às pessoas que esse homem, Cristo Jesus, ali iria nascer (Sl 87.6). Dela viria um Governador, o Rei dos Judeus. Observe que Cristo será um Salvador somente para aqueles que estão dispostos a considerá-lo como seu Rei. Belém era a cidade de Davi, e Davi era a glória de Belém. Portanto, era lá que o filho e sucessor de Davi devia nascer. Havia uma famosa cisterna, perto da porta de Belém, da qual Davi teve vontade de beber (2 Sm 23). Através de Cristo, recebemos não só o pão suficiente para comer (que chega até a sobrar), como também a

liberdade de tomar livremente da água da vida. Observe aqui como os judeus e os gentios comparam seus conhecimentos sobre Jesus Cristo. Os gentios ficaram conhecendo o momento do seu nascimento através de uma estrela, enquanto os judeus conheciam o lugar desse nascimento através das Escrituras, dessa forma eles eram capazes de trocar informações. Note que muito iria contribuir para aumentar nosso conhecimento se mutuamente comunicássemos o que sabemos. Os homens ficam ricos no comércio e nas trocas, portanto se tivermos conhecimentos para comunicar aos outros, eles também estarão prontos para se comunicar conosco. Muitos iriam fazer discursos, correr de uma para outra parte, e a ciência se multiplicaria.

VII O projeto e a intenção sanguinária de Herodes nasceu dessa pesquisa (vv. 7, 8). Nessa ocasião, Herodes já era um homem velho, que havia reinado durante trinta e cinco anos, enquanto esse outro rei havia acabado de nascer. Provavelmente, ele não iria dar início a qualquer considerável empreendimento por muitos anos, mas ainda assim ele despertou o ciúme de Herodes. Cabeças coroadas não conseguem suportar a idéia de ter sucessores, e muito menos rivais. Portanto, somente o sangue desse rei infante iria satisfazê-lo. Além disso, Herodes não poderia se permitir a liberdade de pensar que, se esse infante fosse realmente o Messias, poderia se opor a ele, ou preparar-lhe algum atentado. Nesse caso, ele acabaria tendo de lutar contra Deus e nada seria mais inútil ou perigoso. As paixões são capazes de dominar a razão e a consciência.

Assim: 1. Veja como Herodes foi esperto ao elaborar o seu projeto (vv. 7, 8). Convocou particularmente os magos para com eles conversar sobre esse assunto. Não iria demonstrar publicamente o seu ciúme e temores, seria sua desgraça deixar que fossem percebidos e um perigo se as pessoas ficassem sabendo sobre eles. Muitas vezes, os pecadores são atormentados pelos medos secretos que guardam dentro de si. Por intermédio dos magos, Herodes ficou sabendo sobre a data do aparecimento da estrela e assim pôde tomar as medidas apropriadas. Depois, usou-os para aumentar seus conhecimentos e os convidou a lhe trazer informações. Tudo isso poderia parecer suspeito se não tivesse sido coberto por uma exibição de piedade, isto é, para que ele também pudesse ir visitar e adorar o Messias. Observe que, muitas vezes, a maior iniqüidade se esconde atrás de uma máscara de piedade. Absalão revestiu seu projeto de rebelião com uma promessa.

2. Veja como, estranhamente enganado e apaixonado por esse projeto, ele o confiou aos magos e não procurou a orientação de outros que teriam sido mais fiéis aos seus interesses. Estavam a apenas sete milhas de distância de Jerusalém; teria sido muito fácil enviar espiões para vigiar esses magos, e poderiam logo destruir essa criança enquanto eles a adoravam! Não se esqueça de que Deus pode esconder dos olhos dos inimigos da igreja aqueles métodos que poderiam facilmente destrui-la. Quando o seu propósito é afastar os príncipes ímpios, o seu método consiste em tornar os juízes néscios.

Os Magos Adoram a Cristo

vv. 9-12

Vemos aqui a humilde visita feita por essa comitiva ao recém-nascido Rei dos Judeus, e as honras que lhe foram prestadas. Eles foram de Jerusalém para Belém, resolvidos a procurar até encontrar. Mas é muito estranho o fato de terem ido sozinhos, de não terem sido acompanhados por alguma pessoa da corte, da sinagoga, ou da cidade, mesmo que não agissem desta forma pela sua consciência, mas como prova de sua amabilidade para com eles. Ou mesmo poderiam estar tomados pela curiosidade de conhecer esse novo príncipe. Como a rainha do Sul, também esses magos do Oriente irão se levantar para julgar os homens dessa geração e condená-los, pois tinham vindo de um país distante para adorar a Cristo, enquanto os judeus, seus conterrâneos não deram sequer um passo e não foram até à cidade próxima para lhe dar boas-vindas. Os magos devem ter ficado desanimados ao encontrar aquele a quem procuravam, ao vê-lo tão negligenciado em sua própria terra natal. Será que deviam ir tão longe para honrar o Rei dos Judeus, provocando os próprios judeus a lançar seu desprezo sobre Ele e sobre nós? Mas eles mantiveram sua decisão. Observe que devemos continuar a servir a Cristo, mesmo se estivermos sozinhos; a despeito do que os outros façam, devemos servir ao Senhor. Se eles não forem para o céu conosco, não devemos ir para o inferno com eles. Agora:

I Veja como eles encontraram Cristo através da mesma estrela que haviam visto no seu próprio país (vv. 9,10). Observe: 1. Como foram

bondosamente guiados por Deus. Na primeira aparição da estrela, ficaram sabendo onde poderiam indagar sobre esse Rei, mas ela então desapareceu, e a eles restou apenas adotar os métodos habituais para levar adiante a sua procura. Observe que não se deve esperar receber qualquer ajuda extraordinária quando temos à mão os meios habituais. Bem, eles haviam perseguido esse objetivo até onde podiam, haviam feito a viagem a Belém, mas Belém é uma cidade populosa. Onde iriam encontrá-lo, quando lá chegassem? Agora estavam perdidos, não sabiam mais o que fazer, mas sua fé não tinha acabado, acreditavam que Deus, que os havia levado até lá com sua palavra, não os abandonaria, e isso Ele não fez. Observe que a estrela que haviam visto no Oriente estava à sua frente. Não esqueça, se formos até o máximo que pudermos no caminho do dever, Deus irá nos dirigir e nos capacitar a fazer aquilo que sozinhos não podemos fazer. Continue a praticar e o Senhor estará contigo. *Vigilantibus, non dormientibus, succurit lex – A lei oferece segurança, não aos indolentes, mas aos ativos.* A estrela os havia abandonado por muito tempo, mas agora havia retornado. Aqueles que seguem a Deus no escuro verão que a luz foi semeada e está reservada para eles. Israel havia sido guiado por uma coluna de fogo até à terra prometida, e os magos, por uma estrela até à Semente prometida, pois ela é a própria luz, a brilhante Estrela da Manhã (Ap 22.16). Deus preferiu criar uma coisa nova a deixar que aqueles que o buscam com fé e diligência se percam. Essa estrela era um sinal da presença de Deus ao seu lado, porque Ele é a luz que caminha à frente do seu povo como um Guia. Veja bem, se com fé conseguirmos ver Deus em todos os nossos caminhos, estaremos seguindo sob sua direção; Ele nos guiará com seus olhos (Sl 32.8). Ele disse aos magos: Essa é a estrada, caminhem por ela. Há uma estrela da alva que aparece no coração daqueles que perguntam por Cristo (2 Pe 1.19). 2. Observe com que alegria eles seguiram a direção de Deus (v. 10). Ao ver a estrela, eles ficaram tomados de indizível alegria. Agora podiam ver que não haviam se enganado e não tinham feito essa viagem em vão. A realização da vontade é uma árvore de vida. Tinham agora certeza de que Deus estava ao seu lado; os sinais da sua presença e do seu favor enchem de indizível alegria a alma daqueles que sabem como lhe dar o devido valor. Agora podiam rir dos judeus de Jerusalém que, provavelmente, haviam rido deles por causa da sua insensata viagem. Os guardas não podem dar à esposa notícias do seu amado, no entanto não faz muito que ele passou por

eles, e logo irá encontrá-lo (Ct 3.3). Não podemos esperar muito do homem, nem pouco de Deus. Que grande alegria tomou conta desses magos quando avistaram a estrela. Ninguém conhece melhor que aqueles que, depois de uma longa e melancólica noite de tentação e abandono, sob o poder do espírito da servidão, recebem, por fim, o espírito da adoção, testemunhando que são filhos de Deus. Esta é a luz que nasce em meio às trevas; é a vida que surge entre os mortos. Agora tinham razão para esperar por uma rápida visão do Cristo, do Sol da Justiça, pois haviam visto a Estrela da Manhã. Devemos nos alegrar com todas as coisas que nos mostram o caminho para Cristo. Essa estrela foi enviada para receber os magos e conduzi-los à câmara do Rei; foram apresentados pelo seu mestre de cerimônias para receber sua audiência. Deus cumpre a sua promessa de ir ao encontro daqueles que estão dispostos a se alegrar e a praticar a justiça (Is 64.5), e que cumprem os seus preceitos. Alegre-se o coração daqueles que buscam ao Senhor (Sl 105.3). Note que, às vezes, Deus se compraz em favorecer os novos convertidos com sinais do seu amor, para encorajá-los, devido às dificuldades que encontram quando estão procurando andar nos seus caminhos.

II Veja como se dirigiram a Ele ao encontrá-lo (v. 11). Podemos bem imaginar a expectativa de encontrar esse infante real que, embora desprezado pela nação, havia sido reverenciado em casa. E como ficaram desapontados ao descobrir que uma choupana era o seu palácio, e que sua pobre mãe era todo o séqüito que possuía! Seria esse o Salvador do mundo? Seria esse o Rei dos Judeus, o Príncipe dos reis da terra? Sim, era Ele mesmo, aquele que embora fosse rico, em nosso nome havia se tornado pobre. Entretanto, esses magos eram bastante sábios e puderam ver através desse véu e perceber nesse desprezado infante a glória do Filho Unigênito do Pai. Portanto, não se sentiram decepcionados ou enganados na sua pesquisa e, tendo encontrado o Rei que procuravam, lhe ofertaram primeiro a sua pessoa, e depois as suas dádivas.

1. Eles se apresentaram a Ele; prostraram-se e o adoraram. Não ficamos sabendo se dedicaram tantas honras a Herodes, embora ele estivesse ocupando o apogeu da grandeza real. Porém, a esse infante foram dadas todas essas honras, não só como rei (nesse caso, teriam feito o mesmo a Herodes), mas como um Deus. Observe que todos que encontram Cristo se

prostram perante Ele, o adoram e se submetem a Ele. Ele é o nosso Senhor e devemos adorá-lo. Essa é a sabedoria dos mais sábios dos homens. Com isso, mostram seu conhecimento de Cristo, o conhecimento de si mesmos e seus verdadeiros interesses, se forem fiéis e humildes adoradores do Senhor Jesus.

2. Eles apresentaram a Ele as suas ofertas. Nas nações orientais, as pessoas oferecem presentes quando prestam homenagem aos seus reis; essa é a mencionada submissão dos reis de Sabá a Cristo (Sl 72.10). Eles trarão presentes e oferecerão dádivas (veja Is 60.6). Veja que, em relação a nós mesmos, devemos oferecer tudo que temos a Jesus Cristo e, se formos sinceros ao nos submetermos a Ele, estaremos dispostos a nos separar daquilo que nos é mais caro e mais valioso para oferecer a Ele e por Ele. As nossas dádivas nem seriam aceitas, se primeiro não oferecêssemos a nós mesmos como sacrifícios vivos. Deus respeitou Abel e as suas ofertas. As dádivas que os magos ofereceram eram ouro, incenso e mirra; ofertas que poderiam ser transformadas em dinheiro. A Providência havia enviado esse oportuno alívio para José e Maria em sua presente condição de pobreza. Essas dádivas eram produtos do seu próprio país. Devemos honrar a Deus com as dádivas que dele recebemos. Alguns acreditam que havia algum significado nesses presentes. Eles ofereceram ouro, reconhecendo que o infante era um rei e assim era digno de receber tributos: a ”César as coisas que são de César”. O incenso, reconhecendo-o como Deus, pois eles honravam a Deus com a fumaça do incenso. E a mirra porque era um homem, e como tal deveria morrer; pois a mirra era usada para embalsamar os corpos mortos.

III Veja como o deixaram depois de terem prestado suas homenagens (v. 12). Herodes havia recomendado que trouxessem notícias das descobertas que fizessem e é provável que assim acontecesse, caso não tivessem recebido ordens ao contrário, pois não suspeitavam ser usados como ferramentas de um iníquo desígnio. Aqueles que se comportam bem e com sinceridade são facilmente levados a acreditar que os outros também o são e ignoram a verdadeira maldade do mundo; mas o Senhor sabe como libertar os justos da tentação. Não sabemos se os magos haviam prometido voltar para Herodes e, caso tivessem, isso deve ser visto com a devida ressalva, isto é, se Deus permitisse. Mas Deus não lhes permitiu, impedindo

a maldade que Herodes havia destinado ao menino Jesus e a aflição que os magos teriam sentido pelo fato de terem sido um involuntário acessório dessa maldade. Eles foram prevenidos por Deus, por intermédio de ”divina revelação”. Alguns acreditam que haviam pedido uma orientação a Deus, e que esta foi a resposta. Veja que, se pedirem conselhos a Deus, aqueles que agem cautelosamente e têm medo do pecado e das suas ciladas, serão levados para o caminho do bem. Os magos foram aconselhados a não voltar para Herodes, nem para Jerusalém. Aquele povo seria indigno de ter notícias a respeito de Cristo, pois tiveram a oportunidade de vê-lo com os seus próprios olhos, e não o quiseram. Assim, os magos partiram para o seu próprio país, percorrendo caminhos diferentes a fim de levar as notícias aos seus irmãos. No entanto, é estranho que nunca mais ouvimos falar deles, e que nem eles ou os seus tenham depois visitado o infante no Templo, aquele que haviam adorado no berço. Entretanto, a orientação que receberam de Deus para o seu retorno seria uma confirmação adicional da sua fé nessa criança, como sendo o Senhor do céu.

A Fuga para o Egito

vv. 13-15

Temos aqui a fuga de Cristo para o Egito, a fim de escapar da crueldade de Herodes, resultado das indagações dos magos a seu respeito. Antes disso, a obscuridade em que se encontrava havia sido a sua proteção. Foi apenas uma pequena homenagem (comparada à que deveria ter sido oferecida) aquela que foi prestada a Cristo na sua infância; mas, mesmo assim, ao invés de ser reverenciado pelo seu povo, tal homenagem serviu, antes, para expô-lo.

Agora observe:

I A ordem dada a José em relação a essa fuga (v. 13). José não conhecia os perigos aos quais a criança estava exposta, nem como fugir. Mas, através de um anjo, Deus explicou num sonho o que ele devia fazer, da mesma maneira como havia feito anteriormente, no capítulo 1, versículo 20. José, antes de seu comprometimento com Cristo, não tinha tido tanta vontade de conversar com os anjos como agora. Note que aqueles que estão

espiritualmente relacionados com Cristo pela fé têm uma comunhão e um relacionamento com o céu – algo que, anteriormente, lhes era totalmente estranho.

1. Aqui José é informado sobre a natureza do seu perigo: Herodes iria procurar os infantes para destrui-los. Note bem, Deus conhece todos os propósitos e projetos cruéis dos inimigos da sua Igreja. “Conheço... o teu furor contra mim”, disse Deus a Senaqueribe (Is 37.28). Jesus era ainda muito jovem quando foi envolvido pelo sofrimento! Geralmente, mesmo aqueles cuja maturidade é perturbada por perigos e fadigas tiveram uma infância tranqüila e agradável. Mas não foi isso que aconteceu com nosso bendito Jesus: sua infância e seus sofrimentos começaram ao mesmo tempo. Ele nasceu como um homem seriamente esforçado, assim como Jeremias (Jr 15.10), que foi santificado antes de sair do ventre (Jr 1.5). Tanto Cristo, que é a cabeça, como a Igreja, que é o seu corpo, estão de acordo em dizer: “Muitas vezes eles me afligiram, desde a minha juventude”. A crueldade do Faraó impõe-se sobre os filhos dos hebreus, e um grande dragão vermelho está pronto para devorar o menino assim que nascer (Ap 12.4).

2. Ele foi informado sobre o que devia fazer para escapar ao perigo. Tomar o pequeno infante e fugir para o Egito. Assim, muito cedo Cristo nos dá um exemplo das suas próprias leis (cap. 10.23). “Quando for perseguido numa cidade, fuja para outra”. Aquele que veio para morrer por nós, embora sua hora ainda não tivesse chegado, fugiu para salvar sua vida. A preservação da vida, por ser um ramo da lei da natureza, é parte eminente da lei de Deus. Fugir, mas por que o Egito? O Egito era conhecido pela sua infamante idolatria, tirania e inimizade com o povo de Deus: havia sido o berço da escravidão de Israel e particularmente cruel para com seus filhos. No Egito, assim como em Ramá, Raquel havia chorado pelos seus filhos; no entanto, essa nação havia sido indicada para ser um lugar de refúgio e apoio do menino Jesus. Veja que Deus, quando assim deseja, pode fazer com que o pior lugar do mundo possa servir aos melhores propósitos, pois a terra pertence ao Senhor e Ele faz com ela o que bem entende. Às vezes, a terra ajuda a mulher (Ap 12.16). Deus, que fez de Moabe o refúgio dos seus proscritos, transformou o Egito num refúgio para o seu Filho. Podemos considerar isso:

(1) Como prova de fé para José e Maria. Eles poderiam ser tentados a pensar: “Se essa criança é o Filho de Deus, como nos foi dito, será que não

teria outra forma de se proteger contra um homem que é um verme, a não ser através de uma fuga inglória e ignóbil como essa? Será que não poderia convocar legiões de anjos para serem seus guarda-costas, ou de querubins com espadas flamejantes, a fim de conservar sua árvore da vida? Não poderia atingir mortalmente a Herodes, ou secar a mão que se estende contra ele, e assim nos poupar o trabalho dessa viagem?" Havia pouco tinham sido informados de que seu filho seria a glória do povo de Israel; a terra de Israel iria tão cedo se tornar demasiado perigosa para Ele? Mas sabemos que eles não fizeram nenhuma dessas objeções; quando sua fé foi testada, ela se mostrou firme. Eles acreditavam que esse era o Filho de Deus e, embora não vissem nenhum milagre previamente forjado para a preservação da sua vida, foram levados a empregar os meios mais comuns para alcançá-la. José havia recebido a grande honra de ser o marido da abençoada virgem, mas essa honra exigia muita atenção, assim como acontece com todas as honras desse mundo. José precisava tomar o pequeno infante e carregá-lo para o Egito. Agora percebemos as providências de Deus para com essa criança e sua mãe ao nomear José para ser seu parente próximo. Agora o ouro que os magos haviam trazido iria ser de grande utilidade para o sustento deles. Deus prevê as dificuldades do seu povo e, de antemão, procura atendê-las. Deus anunciou que seus cuidados e sua orientação iriam continuar quando disse: "Foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga". Dessa forma, Ele manterá o seu povo numa permanente dependência dele.

(2) Como um exemplo da humilhação do nosso Senhor Jesus. Assim como não havia lugar na hospedaria de Belém, também não havia para Ele nenhum lugar tranqüilo na terra da Judéia. Dessa forma, Ele foi banido da terra de Canaã para que nós, que pelo pecado fomos banidos da Canaã celestial, pudéssemos a ela retornar. Se nós, e nossos filhos, nos encontrarmos alguma vez em dificuldades, devemos nos lembrar das dificuldades enfrentadas por Cristo na sua infância, e assim enfrentarmos as nossas.

(3) Como sinal do desagrado de Deus para com os judeus, que pouco se importaram com Ele. É justo que Deus abandone aqueles que o desprezam. Temos aqui também a realidade dos seus favores para com os gentios, a quem os apóstolos iriam levar o Evangelho depois de as boas novas terem sido rejeitadas pelos judeus. Se o Egito recebeu Jesus quando foi forçado a

fugir da Judéia, não vai levar muito tempo para que seja dito: “Bendito seja o Egito, meu povo” (Is 19.25).

II A obediência de José a essa ordem (v. 14). A viagem iria ser cheia de perigos e dificuldades, tanto para o pequenino ser como para sua mãe: tinham poucos recursos e provavelmente iriam enfrentar uma fria acolhida no Egito. No entanto, José não desobedeceu à visão celestial, não fez qualquer objeção nem prolongou sua desobediência. Assim que recebeu a ordem, levantou-se imediatamente e partiu durante a noite, segundo parece, ainda naquela mesma noite. Observe que aqueles que desejam provar sua obediência devem fazê-lo rapidamente. José partiu, da mesma maneira que seu pai Abraão, debaixo de uma implícita dependência de Deus, sem saber para onde ia (Hb 11.8). José e sua esposa, mesmo dispondo de muito pouco, nada tinham com que se preocupar durante a jornada. Toda abundância dificulta qualquer fuga. Se as pessoas ricas têm uma vantagem em relação aos pobres por causa das suas riquezas, os pobres têm vantagem sobre os ricos quando são chamados a se separar daquilo que possuem.

José “tomou o menino e sua mãe”. Alguns observam que o nome da criança é mencionado antes, como sendo a pessoa principal, e Maria é chamada não de esposa de José, mas, com grande dignidade, de mãe daquela criança. Esse não foi o primeiro José a ser levado de Canaã para o Egito à procura de um abrigo contra a ira dos seus irmãos; esse José deveria ter uma boa acolhida nessa nação, em nome do José que o precedeu.

Se pudermos dar crédito à tradição, de terem ido a um templo quando da sua entrada no Egito, todas as imagens dos seus deuses foram derrubadas por um poder invisível e caíram ao chão, como Dagom perante a arca, de acordo com essa profecia: “Eis que o Senhor… virá ao Egito; e os ídolos do Egito serão movidos perante a sua face” (Is 19.1). Eles permaneceram no Egito até a morte de Herodes, que, segundo alguns, levou sete anos, segundo outros, menos ainda. Lá eles se mantiveram longe do Templo, dos seus serviços e estavam no meio dos idólatras. Mas Deus os havia enviado a esse lugar, e mostraria misericórdia a esse sacrifício. Embora estivessem longe do Templo do Senhor, tinham ao seu lado o Senhor do Templo. Pode ser que os justos sejam forçados a suspender rituais ordenados pelas leis de Deus, estando entre iníquos; porém jamais devem se entregar ao pecado. Uma situação como essa não pode ser outra coisa senão uma causa de

tristeza para os justos.

III O cumprimento das Escrituras como está em Oséias 11.1: “Do Egito chamei o meu filho”. De todos os evangelistas, Mateus é o que mais se preocupou com o cumprimento das Escrituras na pessoa de Cristo. Seu Evangelho foi publicado primeiramente entre os judeus e isso iria lhe acrescentar muito mais força e importância. Essas palavras do profeta provavelmente se referiam à libertação de Israel do Egito, como propriedade e primogênito de Deus (Êx 4.22). Mas aqui, o Egito foi aplicado como uma analogia a Cristo, a Cabeça da Igreja. Observe que nas Escrituras existem copiosas realizações, muito bem ordenadas em todas as coisas. Deus está, diariamente, cumprindo as Escrituras. Elas não devem ter uma interpretação particular, mas receber um entendimento amplo. “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho”. Aquele que lê essas palavras deve, nos seus pensamentos, não só olhar para trás, mas também para o futuro. “O *que foi, isso é o que há de ser”* (Ec 1.9). Isto nos é anunciado apenas pela forma da expressão, pois não está dito: Eu o chamei, mas: Chamei meu filho do Egito. Veja bem, não era nenhuma novidade que os filhos de Deus estivessem no Egito, uma terra estranha, numa casa de escravidão, mas de lá eles seriam resgatados. Eles poderiam se esconder no Egito, mas lá eles não ficariam. Todos os eleitos de Deus, sendo por natureza filhos da ira, nascem num Egito espiritual e, na sua conversão, são efetivamente resgatados. Alguém poderia objetar contra Cristo, que Ele esteve no Egito. O Sol da Justiça deverá se levantar da terra das trevas! Isso não está nos mostrando uma coisa estranha; Israel foi resgatado do Egito, para ser levado às mais elevadas honras. E a mesma coisa volta a ocorrer de novo.

A Matança dos Inocentes

vv. 16-18

Vemos aqui:

I O ressentimento de Herodes pela partida dos magos. Ele havia esperado longamente pelo retorno deles; achava que, embora fossem demorar, não

o decepcionariam e que iria esmagar o seu rival na sua primeira aparição. Mas ficou sabendo que eles haviam partido por outros caminhos e isso aumentou o seu ciúme e o levou a suspeitar que estavam agindo segundo os interesses desse novo Rei. Isso o deixou excessivamente irado, e também desesperado e insultado por acreditar que havia sido enganado. Observe que a inveterada corrupção se avoluma nos poderosos pelas obstruções que encontram ao seu pecaminoso empreendimento.

II Apesar do acontecido, seu artifício político era eliminar aquele que nascera como Rei dos judeus. Se não tinha condições de alcançá-lo através de uma execução particular, ele não tinha dúvidas de envolvê-lo num golpe generalizado que, como a espada da guerra, iria devorar uns e outros. Essa seria uma obra decisiva; desse modo, aqueles que tinham o propósito de destruir a sua própria iniqüidade deveriam não deixar de destruir todas as suas iniqüidades. Herodes era um idumeu e dentro dele havia nascido e se desenvolvido uma inimizade contra Israel. Doegue era um edomita que, por causa de Davi, tinha sacrificado todos os sacerdotes do Senhor. Era estranho que Herodes pudesse encontrar pessoas tão desumanas e capazes de serem usadas para realizar um trabalho tão sangrento e bárbaro. Mas às mãos iníquas nunca faltam ferramentas iníquas com as quais possam trabalhar. Os infantes sempre haviam gozado de uma proteção especial, não só das leis humanas, como também da própria natureza humana. No entanto, foram sacrificados à ira desse tirano, sob o qual, assim como também sob Nero, a inocência nada representava quando se tratava de sua segurança. Herodes havia sido, durante todo o seu reinado, um homem sanguinário. Não fazia muito tempo que ele mandara destruir todo o Sinédrio, isto é, o grupo de juízes judeus. Mas o sangue, para o sanguinário, é como a bebida para o beberrão: “Quanto mais bebem, mais sedentos ficam”. Herodes tinha cerca de setenta anos de idade, de modo que essa criança, com menos de dois anos de vida, provavelmente nunca iria lhe causar qualquer perturbação. Ele também não era muito apegado aos próprios filhos, ou tinha preferência por eles, pois havia anteriormente mandado matar dois deles, Alexandre e Aristóbulo, e depois a seu filho Antípatre, apenas cinco dias antes de morrer. Ele fez isso apenas para satisfazer à sua cruel ambição e orgulho. “Tudo que caía em sua rede era peixe”.

Observe as grandes medidas que ele tomou: 1. Quanto à idade, mandou matar todos que tivessem dois anos ou menos. É provável que nessa época o bendito Jesus tivesse menos de um ano, no entanto Herodes incluiu todos que tivessem até dois anos para ter a certeza de que a sua presa não escaparia. Esse tirano não se preocupava com quantas cabeças pudessem rolar, mesmo de inocentes, desde que não escapasse aquele que ele cria ser o culpado. 2. Quanto ao lugar, mandou matar todos os meninos, não só em Belém, mas também os que viviam nos arredores, e em todas as comunidades daquela região. Isto era ser ”demasiadamente ímpio” (Ec 7.17). O ódio, quando nasce de uma ira descontrolada, e é armado de um poder ilegítimo, transporta muitas vezes o homem aos mais absurdos e injustos estágios da crueldade. Deus não estava sendo injusto quando permitiu que isso acontecesse; toda vida está penhorada à sua justiça desde que começa. Quando o pecado foi introduzido pela desobediência do homem, a morte veio com ele. Nada devemos supor além dessa culpa geral; não devemos supor que essas crianças fossem sofrer tais coisas por serem os maiores pecadores que existiam em Israel. Os julgamentos de Deus são profundos. A enfermidade e a morte das crianças são reflexos do pecado de Adão e Eva. No entanto, devemos considerar a morte desses infantes sob um outro aspecto; ela representou o seu martírio. Como começou cedo a perseguição contra Cristo e o seu reino! Você pensa que Ele veio para trazer paz à terra? Não, mas uma espada, uma espada igual a essa (cap. 10.34,35). Aqui foi introduzido um testemunho passivo do Senhor Jesus. Da mesma forma que, quando ainda no ventre materno, Ele foi reconhecido pelo salto de alegria de outra criança em um outro ventre, quando dele se aproximou, também agora, quando tinha apenas dois anos, Ele teve outras testemunhas contemporâneas, com idade próxima à sua. Elas derramaram seu sangue por Ele e, mais tarde, Ele mesmo derramou seu sangue por elas. Essa era a infantaria do nobre exército dos mártires. Se essas crianças foram então batizadas com sangue, embora o delas próprias, dentro da Igreja triunfante, poderíamos dizer que com o que receberam no céu elas foram plenamente recompensadas pelo que perderam na terra. Da boca desses infantes, Deus recebe o perfeito louvor; doutro modo, o Supremo não permitiria tal aflição.

A tradição da igreja grega diz que o número de crianças mortas chegou a 14.000, mas isso é um grande absurdo. Acredito que mesmo nas cidades mais populosas do mundo, se tivesse sido registrado semanalmente o

número de crianças nascidas do sexo masculino, não encontraríamos muitas com menos de dois anos, quanto mais numa cidade que nem chegava a ser a quarta parte disso. Mas este é um exemplo da vaidade da tradição. É estranho que esta história não tenha sido incluída nos relatos de Josefo, que escreveu algum tempo depois de Mateus. É provável que Josefo não tenha registrado algumas informações para não favorecer ou reforçar a história do cristianismo, pois ele era um judeu muito zeloso. De qualquer modo, se esse fato não tivesse sido verdadeiro e muito bem documentado, ele o teria contestado. Macróbio, um outro escritor pagão, nos diz que César Augusto, ao saber que entre as crianças menores de dois anos assassinadas por ordem de Herodes estava o seu próprio filho, escarneceu dele dizendo que era melhor ser o porco de Herodes do que seu filho. A tradição do país proibia que alguém matasse um porco, mas nada impedia que matasse seu próprio filho. Alguns acreditam que ele tinha um filho pequeno num berçário em Belém; outros pensam que, por engano, os dois acontecimentos foram confundidos, o assassinato dos infantes e o do seu filho Antípatre. Mas o fato de a igreja de Roma colocar os Santos Inocentes, como são chamados, no seu calendário e consagrar a eles um dia em sua memória, é fazer como seus predecessores que construíram as tumbas dos profetas, pois essa igreja muitas vezes justificou os seus bárbaros massacres, às vezes até mesmo sobrepujando aquele que foi cometido por Herodes.

Alguns chegam a observar um outro desígnio da Providência no assassinato das crianças. Parece que em todas as profecias do Antigo Testamento, Belém era o lugar e esse era o tempo do nascimento do Messias. Portanto, se todas as crianças de Belém nascidas nessa época foram assassinadas, com exceção de Jesus, que escapou, somente Ele podia reivindicar ser o Messias. Herodes acreditava ter frustrado todas as profecias do Antigo Testamento, e derrotado as indicações da estrela e a piedade dos magos, livrando o país desse novo Rei. Tendo queimado a colméia, concluiu que havia matado a abelha rainha. Mas do céu Deus o ridicularizou e menosprezou. Quaisquer que sejam os ardilosos e cruéis artifícios do coração dos homens, os desígnios do Senhor permanecem imutáveis.

III O cumprimento das Escrituras (vv. 17,18). Então a profecia se cumpriu (Jr 31.15) e uma voz foi ouvida em Ramá. Observe e adore a plenitude

das Escrituras! Essa profecia havia se cumprido na época de Jeremias, quando Nebuzaradã, depois de ter destruído Jerusalém, levou todos os prisioneiros para Ramá (Jr 40.1), onde fez com eles o que bem entendeu, com a espada ou o cativeiro. Então, o apelo de Ramá foi ouvido até Belém (pois essas duas cidades, uma na região de Judá e a outra na de Benjamim, não eram distantes); agora a profecia cumpriu-se novamente na grande tristeza pela morte desses infantes. A Escritura havia se cumprido:

1. No lugar da lamentação. O pranto foi ouvido desde Belém até Ramá, pois a crueldade de Herodes havia se estendido desde toda a costa de Belém até a região de Benjamim, e entre os filhos de Raquel. Alguns acreditam que as terras em volta de Belém eram chamadas de Raquel, por ter sido o lugar onde ela morreu e foi sepultada. O sepulcro de Raquel estava junto a Belém (Gn 35.16,19). Compare com 1 Samuel 10.2. O coração de Raquel estava sobre os seus filhos, como estava sobre o seu filho naquele trabalho de parto que a levou à morte e a quem ela deu o nome de Benoni, que significa filho do meu sofrimento. Essas mães eram como Raquel, moravam perto do seu túmulo e muitas delas eram suas descendentes. Portanto, seus lamentos foram elegantemente representados no pranto de Raquel.

2. Na intensidade dessa manhã. Aconteceu uma lamentação e um pranto, um grande pranto; porém, este era demasiadamente pequeno para refletir o sentimento causado por essa exacerbada calamidade. Houve um grande clamor no Egito, quando os primogênitos foram mortos, e o mesmo aconteceu aqui, quando novamente os primogênitos foram mortos, por quem sentimos uma particular ternura. Ali teve lugar uma representação do mundo em que vivemos. Podemos ouvi-la nos lamentos, no pranto e na tristeza, vemos nas lágrimas dos oprimidos, alguns por uma razão, outros por outra. Nossos caminhos atravessam um vale de lágrimas. Essa dor era tão grande que as pessoas não queriam ser confortadas. Elas se endureceram em meio a tamanha dor, e desejavam se lamentar profundamente. Bendito seja Deus, não existe nenhum motivo para tristeza nesse mundo – não, nem aquela provocada pelo próprio pecado – que justifique a atitude de recusarmos o conforto! Eles não queriam ser consolados porque as crianças não estavam mais na terra dos vivos, não estavam mais nos braços de suas mães. Como realmente não estavam mais ali, haveria alguma desculpa pela tristeza, porém não poderiam perder as esperanças; pois sabemos que não estavam perdidas – tinham apenas

partido precocemente. Se nos esquecermos disso, perderemos o fundamento do nosso conforto (1 Ts 4.13). Alguns entendem essa dor dos belemitas como um castigo por terem desdenhado a Cristo. Aqueles que não se regozijaram com o nascimento do Filho de Deus foram justamente levados a chorar a morte dos seus próprios filhos, pois haviam apenas se admirado pelas notícias trazidas pelos pastores, mas não as receberam de boa vontade.

A citação dessa profecia pode servir para eliminar a objeção que alguns poderiam fazer contra Cristo, em razão dessa triste providência. “Pode o Messias, que deve ser o Consolo de Israel, ser apresentado com toda essa lamentação?” Sim, pois assim havia sido profetizado, e as Escrituras devem ser cumpridas. Além disso, se examinarmos melhor essa profecia, iremos descobrir que esse amargo lamento em Ramá representava apenas o prólogo de uma grande alegria, pois está escrito: “Teu trabalho será recompensado e existe esperança no fim”. Ou seja, quanto piores forem as coisas, mais rapidamente elas serão reparadas. Para eles, havia nascido uma criança, plenamente suficiente para reparar as perdas que sofreram.

A Volta do Egito

vv. 19-23

Cristo retorna do Egito para a terra de Israel. O Egito poderia servir, por algum tempo, como um lugar de breve residência, ou de abrigo, mas não para uma longa permanência. Cristo havia sido enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel, portanto para elas Ele devia retornar. Observe:

I O que abriu caminho para seu retorno foi a morte de Herodes, que aconteceu pouco depois do assassinato dos infantes. Segundo alguns, ainda não havia se passado mais que três meses. Tal expedito acontecimento fora obra da vingança divina! Observe que Herodes devia morrer. O dia dos tiranos orgulhosos, terrores dos poderosos e opressores dos justos na terra dos vivos, deve chegar e no abismo devem ser lançados. “Quem pois és tu, para que temas o homem, que é mortal” (Is 51.12,13), considerando especialmente que na morte não só sua inveja como seu ódio irão perecer (Ec 9.6) e que irão cessar de perturbar (Jó 3.17) e serão punidos. De todos os pecados, a culpa pelo sangue dos inocentes é a que mais rapidamente irá

saturar a medida. É um terrível relato aquele feito por Josefo sobre a morte desse mesmo Herodes (*Antiq*. *Jud*., liv. 17, caps. 6 e 7), dizendo que ele foi tomado por uma doença que o queimava por dentro com uma inexprimível tortura; que tinha uma insaciável avidez pela carne, apresentando cólicas, gota e inchaço. Sua doença era acompanhada por um intolerável mau cheiro, a ponto de ninguém poder se aproximar dele. Tão irascível e impaciente estava que se tornara um tormento para si mesmo e um terror para todos os que o atendiam. Sua inata crueldade, estando assim exacerbada, o tornava mais bárbaro que nunca, tendo ordenado a morte do seu próprio filho. Ele mandou prender muitos nobres e pessoas de boa família e ordenou que fossem executados logo depois da sua morte. Mas essa ordem não foi cumprida. Observe que espécie de homens eram os inimigos e perseguidores de Cristo e dos seus seguidores! Aqueles poucos que se opuseram ao cristianismo haviam primeiramente renunciado à própria humanidade, como Nero e Domiciano.

II As ordens emanadas dos céus relativas ao seu retorno, e a obediência de José (vv. 19-21). Deus havia enviado José ao Egito e lá ele permaneceu até que aquele que o havia levado ordenasse a sua volta. Observe que em todos os nossos movimentos será bom que o nosso caminho seja claro, e que Deus esteja caminhando à nossa frente. Não devemos seguir um caminho ou outro sem receber ordens. Essas ordens foram enviadas a José por um anjo. Observe que se mantivermos a nossa comunhão com Deus, ela também será mantida por parte dele em qualquer lugar que possamos estar. Nenhum lugar pode impedir as bondosas visitas de Deus. Os anjos vieram a José no Egito, a Ezequiel na Babilônia e a João em Patmos. Portanto: 1. O anjo informou sobre a morte de Herodes e dos seus cúmplices: “Já estão mortos os que procuravam a morte do menino”. Eles haviam morrido, mas o pequenino estava vivo. Os santos que são perseguidos muitas vezes vivem tempo suficiente para pisar sobre o túmulo dos seus perseguidores. Foi assim que o Rei da Igreja venceu a tempestade, e é assim que muitos na igreja têm resistido. “Já estão mortos”, isto é, Herodes e seu filho Antípatre. Embora entre eles houvesse um sentimento mútuo de ciúme, provavelmente estavam de acordo em procurar a destruição desse novo Rei. Se primeiramente Herodes mandou matar Antípatre e depois ele mesmo encontrou a morte, as coisas naquela região ficaram limpas; o Senhor é

conhecido pelos castigos que aplica quando um iníquo instrumento é empregado para a ruína dos outros. 2. O Senhor ordenou a José o que devia fazer. Devia voltar para a terra de Israel, e sem demora. Sem pleitear a tolerável e boa situação que gozava no Egito, nem alegando os inconvenientes da jornada, especialmente se, como se supõe, estavam no início do inverno – ocasião em que Herodes havia morrido –, a obediência veio em primeiro lugar. O povo de Deus segue as suas ordens em qualquer direção que Ele os possa levar, ou abrigar. Se olharmos para o mundo apenas como o nosso Egito, lugar da nossa escravidão e exílio, e para o céu apenas como a nossa Canaã, nosso lar e nosso repouso, deveremos prontamente levantar e partir quando formos chamados, como fez José quando saiu do Egito.

III As novas ordens que recebeu de Deus, qual caminho devia seguir e onde se fixar na terra de Israel (vv. 22,23). Deus poderia ter-lhe dado essas instruções junto com aquelas que recebera anteriormente, mas Ele revela gradualmente seu pensamento ao povo, para mantê-lo sempre esperando por Ele, aguardando receber mais notícias. José recebeu essas ordens num sonho, provavelmente da mesma maneira como havia recebido as ordens anteriores, através da intervenção de um anjo. Deus poderia ter revelado a sua vontade a José através do menino Jesus, mas a nossa opinião é que Ele não tomaria conhecimento desses movimentos, nem daria um sinal sobre qualquer coisa que ocorresse, certamente porque em todas as coisas seria conveniente agir como os seus irmãos; sendo uma criança, Ele agiu e se comportou como uma criança, colocando um véu sobre o seu infinito conhecimento e poder. Entendemos que, como uma criança, Ele tenha crescido em sabedoria.

Portanto, as ordens transmitidas a essa santa e real família foram: 1. De que não deveria se estabelecer na Judéia (v. 22). José poderia pensar que Jesus, tendo nascido em Belém, deveria ser criado lá; no entanto, estava prudentemente temeroso pela pequena criança, pois ficara sabendo que Arquelau reinava no lugar de Herodes, não sobre todo o reino, como seu pai, mas somente sobre a Judéia, sendo que as outras províncias estavam em outras mãos. Observe que sucessão de inimigos havia para lutar contra Cristo e a sua Igreja! Se um deles se retirasse do contexto, outro surgiria imediatamente para dar continuidade à inimizade que vinha desde a

antiguidade. Portanto, por essa razão, José não devia levar o pequeno infante para a Judéia. Observe que Deus não lança os seus filhos aos limites do perigo, exceto se tal atitude for para a própria glória do Senhor ou para provação deles; pois são preciosas à vista do Senhor a vida e a morte dos seus santos; para Ele, o sangue deles é precioso.

2. Que deviam se estabelecer na Galiléia (vv. 22). Nessa ocasião, reinava na Galiléia um homem tranqüilo e brando chamado Filipe. A providência de Deus geralmente assim ordena, que ao seu povo não falte um abrigo tranqüilo do tumulto e da tempestade; quando um clima se torna demasiadamente quente e abrasador, um outro se mantém fresco e temperado. A Galiléia estava localizada mais ao norte, e Samaria, entre ela e a Judéia. Para lá foram enviados, isto é, para Nazaré, cidade situada sobre uma colina, no centro da região de Zebulom. Lá vivia a mãe do nosso Senhor quando concebeu o ser santo e provavelmente era também a residência de José (Lc 1.26,27). Lá tinham muitos conhecidos e estariam entre parentes. Era o lugar mais apropriado para ficar. Lá eles continuaram a viver e lá nosso Salvador foi chamado Jesus de Nazaré, nome que para os judeus representava um obstáculo, pois, diziam eles, poderia ”vir alguma coisa boa de Nazaré?”

Nisso, dizem que se cumpriu o que havia sido dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno”. O que podemos considerar é: (1) Que era um homem de honra e dignidade, embora esse nome significasse primeiramente apenas alguém de Nazaré. Existe uma alusão ou mistério ao falar disso, pois significa falar o que Cristo seria: [1] O Homem, o Rebento, mencionado em Isaías 11.1. A palavra aqui é *Netzar*, que significa rebento, ou a cidade de Nazaré. Ao receber o mesmo nome da cidade, Ele é declarado como sendo esse Rebento. [2] Menciona que Ele seria o grande nazireu; os nazireus legais formavam um tipo e uma figura (especialmente Sansão, Juízes 8.5). José é chamado de nazireu entre os seus irmãos (Gn 49.26) e há uma referência àquilo que tinha sido prescrito em relação aos nazireus em Números 6.2, e em outras passagens. Não que Cristo fosse, estritamente falando, um nazireu, pois bebia vinho e tocava no corpo daqueles que haviam morrido. Mas era eminentemente assim, singularmente santo. Por solene indicação e designação, havia sido escolhido para honrar a Deus Pai na obra da nossa redenção, da mesma maneira que Sansão havia sido escolhido para salvar Israel. Trata-se de um nome que nos dá todo motivo

para conhecê-lo e nos alegrarmos. Ou: (2) Que era um nome digno de reprovação e desprezo. Ser chamado de Nazareno era o mesmo que ser chamado de um ser desprezível, de um homem do qual nada de bom alguém poderia esperar e que não merecia nenhum respeito. O diabo primeiro ligou este nome a Cristo, para torná-lo desprezível e criar no povo um preconceito contra Ele. E esse nome ficou como um apelido para Ele e seus seguidores. Porém, embora isso não tivesse sido particularmente previsto por nenhum profeta, era geralmente comentado por eles que Cristo seria desprezado e rejeitado pelos homens (Is 53.2,3). Seria um verme, não um homem (Sl 22), e seria um estranho para os seus irmãos (Sl 69.7,8). Não deixemos que, em nome da religião, qualquer nome possa parecer suficientemente vergonhoso para nós, tendo em vista que o nosso próprio Mestre foi chamado de Nazareno.

CAPÍTULO 3

No início deste capítulo, ao tratar do batismo de João, tem início o Evangelho (Mc 1.1); o que é apresentado antes é apenas o prefácio ou a introdução; este é o "Princípio do evangelho de Jesus Cristo". E Pedro observa a mesma data (At 1.22), começando no batismo de João, que foi quando Cristo se manifestou pela primeira vez a João, e depois se manifestou a Pedro, e por meio de Pedro, a todo o mundo. Aqui estão: I. A gloriosa subida da estrela da manhã (que aparece antes do sol), João Batista (v. 1). 1. A doutrina que ele pregava (v. 2). 2. Em João Batista, o cumprimento das Escrituras (v. 3). 3. A sua maneira de viver (v. 4). 4. As multidões que iam vê-lo, e a submissão delas ao seu batismo (vv. 5,6). 5. O seu sermão, que pregou aos fariseus e aos saduceus, empenhando-se para levá-los ao arrependimento (vv. 7-10), e, conseqüentemente, levá-los a Cristo (vv. 11,12). II. O brilho ainda mais glorioso do Sol da justiça, imediatamente depois, onde temos: 1. A honra que Ele conferiu ao batismo de João (vv. 13-15). 2. A honra que Ele recebeu, com a descida do Espírito sobre Ele, e uma voz vinda do céu (vv. 16,17).

João Batista

vv. 1-6

Aqui temos um relato da pregação e do batismo de João, que foram o amanhecer do dia do Evangelho. Observe:

I A ocasião em que ele apareceu. “Naqueles dias” (v. 1), ou depois daqueles dias, muito tempo depois do que foi registrado no capítulo anterior, que deixou o menino Jesus na sua infância. “Naqueles dias”, na ocasião indicada pelo Pai para o início do Evangelho, quando a plenitude dos tempos era chegada, um período que era freqüentemente mencionado dessa maneira no Antigo Testamento. Naqueles dias. Agora, tinha se iniciado a última das semanas de Daniel, ou melhor, a última metade da semana, quando o Messias iria confirmar o concerto com muitos (Dn 9.27). As manifestações de Cristo ocorrem todas no seu devido tempo. Coisas gloriosas tinham sido ditas, tanto sobre João Batista como sobre Jesus, por ocasião dos seus nascimentos, e antes deles, o que teria dado oportunidade para se esperar algumas extraordinárias manifestações da presença e do poder divino com eles, quando eram ainda muito jovens; mas as coisas aconteceram de maneira muito diferente. Com exceção do debate entre Cristo e os doutores, quando tinha doze anos de idade, nada parece notável a respeito de nenhum deles, até completarem aproximadamente trinta anos. Nada é registrado sobre a infância e a juventude deles, mas a maior parte das suas vidas é envolta em trevas e obscuridade: estas crianças pouco diferem, na sua aparência, de outras crianças, da mesma maneira como o herdeiro, enquanto ainda é pequeno, não é nada diferente de um servo, embora ele seja senhor de tudo. E isto queria dizer que: 1. Mesmo quando Deus está agindo como o Deus de Israel, o Salvador, Ele é verdadeiramente um Deus que se oculta (Is 45.15). “O Senhor está neste lugar, e eu não o sabia” (Gn 28.16). “O meu amado... está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas” (Ct 2.9). 2. A nossa fé deve principalmente ter Cristo em vista, o seu ministério e as suas obras, pois existe uma demonstração do seu poder; mas na sua pessoa está o esconderijo do seu poder. Todo o tempo, Cristo foi Deus-homem; mas nós não sabemos o que Ele fez ou disse, até Ele aparecer como um profeta, e então o ouvimos. 3. Os jovens, embora bastante qualificados, não devem se sentir entusiasmados a se apresentar no ministério público, mas devem ser humildes e modestos, rápidos para ouvir e lentos para falar.

Mateus não nos fala nada sobre a concepção e o nascimento de João Batista, que é relatado com detalhes por Lucas. Mateus encontra João Batista já adulto, como se tivesse caído das nuvens para pregar no deserto. Pois durante mais de trezentos anos Israel ficou sem profetas; aquelas luzes havia muito tempo se apagaram, para que ele pudesse ser o mais desejado, aquele que seria o maior profeta. Depois de Malaquias não houve profeta, nem algum pretendente ao cargo, até João Batista, a quem, portanto, o profeta Malaquias aponta mais diretamente do que qualquer dos profetas do Antigo Testamento tinha feito (Ml 3.1): “Eis que eu envio o meu anjo”.

II O lugar onde Ele se manifestou pela primeira vez: “*No deserto da Judéia”*. Não se tratava de um deserto inabitado, mas de uma parte do país não tão povoada, nem tão próxima a campos e a vinhedos, como eram outras partes; era um deserto que continha seis cidades e suas aldeias, com seus nomes (Js 15.61,62). Nessas cidades e aldeias, João pregou, pois naquelas redondezas ele tinha vivido até então, tendo nascido em Hebrom; as cenas da sua atividade têm início ali, onde ele tinha passado muito tempo em contemplação, e mesmo quando se apresentou a Israel, ele mostrou o quanto gostava do isolamento, até o ponto em que isto estivesse de acordo com o seu ministério. A palavra do Senhor encontrou João ali, em um deserto. Observe que nenhum lugar é tão remoto a ponto de nos impossibilitar as visitas da graça divina; não, normalmente a relação mais doce que os santos têm com o Céu acontece quando eles se afastam dos ruídos deste mundo. Foi nesse deserto de Judá que Davi escreveu o Salmo 63, que tanto fala da doce comunhão que ele tinha com Deus (Os 2.14). Foi num deserto que a lei foi entregue ao povo; e assim como o do Antigo Testamento, também o Israel do Novo Testamento foi fundado primeiramente no deserto, e ali Deus o orientou e instruiu (Dt 32.10). João Batista era um sacerdote da ordem de Arão, mas nós o encontramos pregando em um deserto, e nunca servindo no Templo; porém Cristo, que não era um filho de Arão, é freqüentemente encontrado no templo, e sentado ali como uma pessoa de autoridade; assim foi predito (Ml 3.1): “Virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais”, e não o mensageiro que devia preparar o seu caminho. Isto sugere que o sacerdócio de Cristo devia substituir o de Arão, e conduzi-lo ao deserto.

O início do Evangelho em um deserto traz consolo aos desertos do mundo gentio. Agora as profecias devem ser cumpridas: “Plantarei no deserto o cedro” (Is 41.18,19). “O deserto se tornará em campo fértil” (Is 32.15). “O deserto e os lugares secos se alegrarão com isso” (Is 35.1,2). A Septuaginta fala dos “desertos do Jordão”, o mesmo deserto onde João pregava. Na igreja romana, existem aqueles que se denominam eremitas, e fingem seguir a Jesus, mas “se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais” (cap. 24.26). Havia “aquele… que fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil” (At 21.38).

III A sua pregação. Este foi o seu trabalho. Ele não veio lutando, nem disputando, mas pregando (v. 1). Pois por meio da aparente insensatez é que o reino de Cristo deve ser estabelecido.

1. A doutrina que ele pregava era a do arrependimento (v. 2): “Arrependei-vos”. Ele pregava isto na Judéia, entre aqueles que eram chamados de judeus, e fez uma declaração de fé, pois até mesmo eles precisavam de arrependimento. Ele pregava o arrependimento, não em Jerusalém, mas no deserto da Judéia, entre as pessoas simples; pois mesmo aqueles que se julgam livres da tentação, e portanto das vaidades e dos vícios da cidade, não podem lavar as suas mãos na inocência, mas devem fazê-lo em arrependimento. O trabalho de João Batista era chamar os homens para que se arrependessem dos seus pecados: “Admitam uma segunda idéia, para corrigir os erros da primeira, como uma reflexão posterior. Ponderem sobre os seus métodos, mudem o modo de pensar; vocês pensaram de maneira errada; pensem novamente, e pensem certo”. Observe que os verdadeiros penitentes têm outros pensamentos sobre Deus e Cristo, sobre o pecado e a santidade, e sobre este mundo e o outro, pensamentos que são diferentes dos que tinham antes, e são influenciados por eles. A mudança de modo de pensar produz uma mudança de caminho. Aqueles que realmente lamentam o que fizeram mal, terão o cuidado de não fazê-lo novamente. Este arrependimento é uma obrigação necessária, em obediência ao mandamento de Deus (At 17.30); e uma preparação e qualificação necessárias para os consolos do Evangelho de Cristo. Se o coração do homem tivesse continuado justo e incólume, as consolações divinas poderiam ter sido recebidas sem esta dolorosa operação anterior; mas, como o coração era pecaminoso, ele primeiramente precisava sofrer

aflições antes de poder ter tranqüilidade, precisava trabalhar antes de poder descansar. A dor deve ser procurada, caso contrário, não poderá ser curada. “Eu firo e eu saro”.

2. O argumento que ele usava para reforçar o seu chamado era: “porque é chegado o Reino dos céus”. Os profetas do Antigo Testamento chamavam as pessoas ao arrependimento, para obter e garantir as misericórdias temporais sobre a nação, e para evitar e remover o julgamento temporal sobre a nação. Mas agora, embora o dever recomendado seja o mesmo, o motivo é novo, e puramente evangélico. Agora os homens são considerados na sua capacidade pessoal, e não tanto como naquela época, de uma maneira social e política. Arrependam-se agora, “pois é chegado o Reino dos céus”: a revelação que o Evangelho faz do concerto da graça, da abertura do Reino dos céus a todos os crentes, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo. É um reino no qual Cristo é o Soberano, e nós devemos ser os súditos leais e dispostos deste reino. É um reino dos céus, e não deste mundo, um reino espiritual; a sua origem é o céu, o seu destino é o céu. João pregava que este reino era chegado; naquele tempo, estava à porta; para nós, já chegou, pelo derramamento do Espírito e pela plena exposição das riquezas do Evangelho da graça. Assim sendo: (1) Este é um grande incentivo para que nós nos arrependamos. Não há nada como a consideração da divina graça para partir o coração, tanto por meio do pecado como por causa dele. Isto é o arrependimento evangélico, que flui a partir de uma visão de Cristo, de uma sensação do seu amor, e das esperanças de perdão por meio dele. A bondade é conquistar; a bondade ofendida ou maltratada traz a humilhação e a comoção. Que infeliz eu era, por pecar contra tal graça, contra a lei e o amor de um reino como este! (2) É um grande incentivo para nos arrependermos. “Arrependam-se, pois os seus pecados serão perdoados depois do seu arrependimento. Voltem-se a Deus em obediência, e Ele, por meio de Cristo, trará cada um de vocês ao caminho da misericórdia”. A proclamação do perdão descobre e atrai o malfeitor que antes fugia e se esquivava. Dessa maneira, somos atraídos com as cordas do homem e com os laços de amor.

IV A profecia que se cumpriu nele (v. 3). Era dele que se falava no início daquela passagem da profecia de Isaías, que é principalmente evangélica, e que aponta para a época e a graça do Evangelho (veja Is

40.3,4). Aqui, se fala de João Batista como:

1. A voz daquele que clama no deserto. João era esta voz (Jo 1.23): “Eu sou a voz do que clama no deserto”, e isto é tudo, Deus é quem fala, quem dá a conhecer o que está em sua mente por meio de João, assim como um homem o faz com a sua própria voz. A palavra de Deus deve ser recebida como tal (1 Ts 2.13); o que é Paulo, e o que é Apolo, a não ser a voz! João é chamado de “a voz” daquele que está gritando, que está assustando e despertando. Cristo é chamado de “a Palavra”, que, sendo distinta e eloqüente, é mais instrutiva. João, sendo a voz, despertava os homens, e então Cristo, sendo a Palavra, os ensinava. Como vemos em Apocalipse 14.2,3: “A voz de muitas águas e como a voz de um grande trovão; e uma voz de harpistas, que tocavam com a sua harpa. E cantavam um como cântico novo”. Alguns observam que, embora a mãe de Sansão não devesse beber nada forte, ainda assim ele foi designado para ser um homem forte; da mesma maneira, o pai de João Batista ficou mudo, e João Batista foi designado para ser a voz do que clama. Quando a voz do que clama é gerada por um pai mudo, isto mostra a excelência do poder de Deus, e não dos homens.

2. Como alguém cujo trabalho era preparar o caminho do Senhor, e endireitar as veredas para Ele; isto foi dito dele antes de seu nascimento, que ele deixaria um povo preparado para o Senhor (Lc 1.17), trabalhando como o arauto e o precursor de Cristo. Ele era alguém íntimo com a natureza do reino de Cristo, pois ele não veio com as roupas ostentosas de um arauto em armadura, mas com a roupa simples de um eremita. Soldados eram enviados à frente dos grandes homens, para limpar a passagem; assim, João Batista preparou o caminho do Senhor. (1) Ele fez isto pessoalmente entre os homens daquela geração. Na nação judaica, naquela época, tudo estava seguindo um rumo errado; havia uma enorme falta de religiosidade, os órgãos vitais da religião estavam corrompidos e eram devorados pelas tradições e imposições dos anciãos. Os escribas e os fariseus, isto é, os maiores hipócritas do mundo, tinham as chaves do conhecimento e a chave do governo no seu cinturão. Em geral, as pessoas eram extremamente orgulhosas dos seus privilégios, confiantes da sua justificação pela sua própria justiça, insensíveis ao pecado; e, embora agora sob as mais humildes circunstâncias, tendo sido transformados em uma província do Império Romano, ainda assim não eram humildes; eles tinham o mesmo

temperamento que tinham na época de Malaquias, eram insolentes e arrogantes e estavam sempre prontos para contradizer a Palavra de Deus; assim, João foi enviado para nivelar estas montanhas, para derrubar a alta opinião que eles tinham de si mesmos, e para mostrar a eles os seus pecados, para que a doutrina de Cristo pudesse ser mais aceitável e eficaz. (2) A sua doutrina de arrependimento e humilhação é ainda tão necessária quanto era naquela ocasião, para preparar o caminho do Senhor. Observe, há muita coisa a ser feita para abrir caminho para Cristo em uma alma, para curvar o coração para a recepção do Filho de Davi (2 Sm 19.14); e nada é mais necessário, para isto, que a descoberta do pecado, e uma convicção da insuficiência da sua própria justiça. O que não convém permanecerá, até que seja tirado do caminho. Os preconceitos precisam ser removidos; a atitude de pensar em si mesmo com excessiva importância precisa ser rompida, e assim os pensamentos serão levados cativos à obediência de Cristo. Portões de bronze precisam ser rompidos, e barras de ferro precisam ser separadas, antes que as portas eternas se abram para que o Rei da glória possa entrar. O caminho do pecado e de Satanás é um caminho deformado; para preparar um caminho para Cristo, as veredas precisam ser endireitadas (Hb 12.13).

V A roupa com a qual ele aparecia, a sua imagem, e o seu modo de vida (v. 4). Os judeus, que esperavam o Messias como um príncipe temporal, pensavam que o seu precursor viria com grande pompa e esplendor, que os seus acompanhantes seriam impressionantes e joviais; mas foi exatamente o contrário. Ele será grande aos olhos do Senhor, mas insignificante aos olhos do mundo; e, como o próprio Cristo, sem aparência ou formosura; para declarar em breve que a glória do reino de Cristo deveria ser espiritual. Os súditos deste reino seriam comumente pobres e desprezados (em sua condição natural, ou teriam se tornado assim por causa do reino). Eles obtêm as suas honras, os seus prazeres, e as suas riquezas de um outro mundo.

1. As suas roupas eram simples. Este mesmo João tinha a sua roupa feita de pêlos de camelo, e um cinto de couro ao redor de seus lombos; ele não se vestia com roupas compridas, como os escribas, nem macias, como os fariseus, mas com as roupas de um homem do campo; pois ele vivia no campo, e adaptava os seus hábitos ao lugar onde morava. Observe que é

bom que nos acomodemos ao lugar e às condições nos quais Deus, na sua providência, nos colocou. João apareceu com estas roupas: (1) Para mostrar que, como Jacó, ele era um homem simples, mortificado para este mundo, para os prazeres e as satisfações que este propiciava. Vejam um verdadeiro israelita! Aqueles que são humildes de coração o mostram com uma negligência e uma indiferença santas na sua aparência; e não vestem roupas que os enfeitem, nem avaliam os demais pelas suas vestes. (2) Para mostrar que ele era um profeta, pois os profetas usavam roupas ásperas, como homens mortificados (Zc 13.4); e, especialmente, para mostrar que ele era o Elias prometido; pois observações especiais são feitas sobre Elias, de que ele era um homem vestido de pêlos (alguns julgam que isto se refere às roupas de pêlos que ele usava) e com os lombos cingidos de um cinto de couro (2 Rs 1.8). João Batista em nada parece inferior a ele, em sua mortificação; portanto, este era aquele Elias que havia de vir. (3) Para mostrar que ele era um homem determinado; seu cinto não era elegante, como os que se usavam na época, mas era resistente, era um cinto de couro; e bem-aventurado é este servo, pois o seu Senhor, quando vier, encontrará cingidos os seus lombos (Lc 12.35; 1 Pe 1.13).

2. A sua dieta era simples; a sua refeição consistia de gafanhotos e mel silvestre; não como se ele nunca comesse qualquer outra coisa; mas isto era o que ele comia freqüentemente, e assim fazia muitas refeições, quando se retirava para lugares solitários, e continuava ali por muito tempo, para meditar. Os gafanhotos eram um tipo de inseto voador, muito bom como alimento, e permitido, por ser puro (Lv 11.22); eles não precisavam de muito tempero, e eram de digestão leve e fácil. Por isto, quando se fala das enfermidades e da velhice (com a sua conseqüente falta de forças), costuma-se utilizar a expressão “quando o gafanhoto for um peso” (Ec 12.5). O mel silvestre era aquele mel abundante em Canaã (1 Sm 14.26). Ele era colhido imediatamente, quando caía sobre o orvalho, ou era encontrado em cavidades de árvores e rochas, onde as abelhas os fabricavam em colméias sob o cuidado e a inspeção dos homens. Isto indica que João comia com moderação, e, na realidade, podemos concluir que ele comia pouco: um homem teria que passar muito tempo comendo para saciar a fome com gafanhotos e mel silvestre. João Batista veio sem comer e sem beber (cap. 11.18), e estava desprovido da curiosidade, da formalidade, e da familiaridade com que as outras pessoas o faziam. Ele estava tão

completamente absorvido pelas coisas espirituais, que mal podia encontrar tempo para fazer uma refeição. Agora: (1) Isto estava de acordo com a doutrina do arrependimento que ele pregava, e com os frutos do arrependimento que ele mencionava. Observe que aqueles que conclamam outros a se lamentarem pelo pecado, e a mortificá-lo, devem viver uma vida sóbria, uma vida de contrição, de mortificação e lamento pela situação do mundo. Assim, João Batista demonstrava quão profundamente sentia a maldade do tempo e do local onde vivia, o que tornava a pregação do arrependimento extremamente necessária; cada dia era, para ele, um dia de jejum. (2) Este comportamento estava de acordo com o seu ofício como precursor de Cristo. Através dessa prática, João demonstrava que conhecia o Reino dos céus, e que experimentava o seu poder. Observe que aqueles que conhecem os prazeres espirituais divinos não podem ter outra atitude a não ser olhar para os deleites e ornamentos dos sentidos com uma santa indiferença – pois eles conhecem algo muito melhor. Exemplificando esta atitude para as outras pessoas, ele estava preparando o caminho para Cristo. Observe que a convicção da vaidade do mundo e de todas as coisas que nele há é o melhor preparativo para a recepção do Reino de Deus no coração. Bem-aventurados são os pobres de espírito.

VI As pessoas que o procuravam e o seguiam em grandes grupos (v. 5): “Ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia”. Grandes multidões vinham ter com ele, provenientes da cidade, e de todas as partes do país; de todos os tipos, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, fariseus e publicanos; eles o procuravam, assim que ficavam sabendo da sua pregação do Reino dos céus, para poderem ouvir aquilo de que tanto falavam. Agora: 1. Era uma grande honra para João o fato de que tantas pessoas o procurassem, e com tanto respeito. Observe que freqüentemente aqueles que mais são honrados são os que menos se importam com a honra. Aqueles que vivem uma vida de mortificação, que são humildes e que se autonegam, e que morrem para o mundo, motivam respeito; e os homens têm uma consideração e uma reverência secretas por eles, mais do que eles poderiam vir a imaginar. 2. Isto dava a João uma excelente oportunidade de fazer o bem, e era uma evidência de que Deus estava com ele. Agora as pessoas começavam a se agrupar e a “empregar força para entrar” no Reino dos céus (Lc 16.16); e que visão maravilhosa era esta (“como vindo do

próprio seio da alva, será o orvalho da tua mocidade"; Sl 110.3), ver a rede lançada onde havia tantos peixes. 3. Isto era uma prova de que esta era uma época de grandes expectativas; geralmente se pensava que "logo se havia de manifestar o Reino de Deus" (Lc 19.11) e, portanto, quando João se apresentasse a Israel, vivesse e pregasse à sua maneira, tão completamente diferente dos escribas e dos fariseus, eles estariam prontos para dizer que ele seria o Cristo (Lc 3.15); e isto provocava esta confluência de pessoas para junto dele. 4. Aqueles que se beneficiassem do ministério de João precisariam ir com ele ao deserto, e compartilhar a sua reprovação. Observe aqueles que realmente desejam o leite verdadeiro da Palavra: se este não lhes for trazido, irão à sua procura. E aqueles que aprendessem a doutrina do arrependimento precisariam sair da confusão deste mundo e se aquietar. 5. Aparentemente, dos muitos que vinham ao batismo de João, apenas uns poucos aderiam a ele; observe a fria recepção que Cristo teve na Judéia e nas redondezas de Jerusalém. Observe que pode haver uma multidão de ouvintes entusiasmados, mesmo onde haja apenas alguns poucos crentes verdadeiros. A curiosidade e a aparente novidade e variedade podem levar muitos a comparecerem à boa pregação e serem influenciados por ela durante algum tempo, sem, no entanto, se sujeitarem ao poder dela (Ez 33.31,32).

VII O rito, ou a cerimônia, com que ele aceitava discípulos (v. 6). Aqueles que recebiam a sua doutrina, e se sujeitavam à sua disciplina, eram batizados por ele no Jordão, desta forma professando o seu arrependimento e a sua fé de que era chegado o reino do Messias. 1. Eles davam testemunho do seu arrependimento, ao confessar os seus pecados; uma confissão geral, é provável, que faziam a João de que eram pecadores, de que estavam contaminados pelos seus pecados, e de que precisavam de purificação. Mas a Deus, eles faziam uma confissão de seus pecados particulares, pois Ele é a parte ofendida. Os judeus eram ensinados a se justificarem; mas João os ensina a se acusarem, e a não se limitarem, como costumavam fazer, na confissão feita por todo o Israel, uma vez por ano, no dia da expiação, mas a fazerem, cada um, um reconhecimento particular do mal em seu próprio coração. Observe que uma confissão penitente do pecado é necessária para obter a paz e o perdão; e somente quem a faz estará preparado para receber a Jesus Cristo como sua Justiça – estes são trazidos à sua própria culpa com

tristeza e vergonha (1 Jo 1.9). 2. Os benefícios do Reino dos céus, que agora estão disponíveis, eram concedidos a eles pelo batismo. João Batista os lavava com água, como um símbolo de que Deus os estava limpando de todas as suas iniqüidades. Era usual, entre os judeus, batizar aqueles que eles aceitavam como prosélitos à sua religião, especialmente aqueles que eram somente prosélitos de porta, que não eram circuncidados, como eram os prosélitos da justiça. Alguns acreditam que é provável que pessoas eminentes do judaísmo, que eram os líderes, admitissem alunos e discípulos por meio do batismo. A pergunta de Cristo, a respeito do batismo de João Batista: "O batismo de João era do céu ou dos homens?", dava a entender que existiam os batismos dos homens, que não eram uma missão divina, e com este uso João Batista estava de acordo, mas o seu batismo era do céu, e pelas suas características era diferente de todos os outros. Este era o batismo do arrependimento (At 19.4). Todo Israel foi batizado em Moisés (1 Co 10.2). A lei cerimonial consistia de submergir na água, ou batizar-se (Hb 9.10), mas o batismo de João se refere à lei corretiva, a lei do arrependimento e da fé. Ele batizava as pessoas no Jordão, aquele rio que ficou famoso pela passagem de Israel por ele, e pela cura de Naamã; mas é provável que João não batizasse neste rio no início, mas que depois, quando as pessoas que vinham ao seu batismo eram em maior número, ele tenha passado a usar este rio. Por meio do batismo, ele os exortava a levar uma vida santa, de acordo com a profissão de fé que estavam assumindo. Observe que a confissão dos pecados sempre deve estar acompanhada de determinações santas, com a força da divina graça, para nunca mais retornar ao pecado.

A Pregação de João Batista

vv. 7-12

A doutrina que João pregava era a do arrependimento, considerando que era chegado o Reino dos céus; aqui nós temos o uso desta doutrina. A sua aplicação é uma vida de pregação, e esta era a pregação de João.

Observe: 1. A quem ele a aplicava; aos fariseus e aos saduceus que vinham ao seu batismo (v. 7). Aos outros, ele pensava que era suficiente dizer: "Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus"; mas quando

ele viu estes fariseus e saduceus se aproximando, achou que era necessário explicar-se, e ser mais específico. Estas eram duas das três seitas destacadas entre os judeus daquela época, a terceira era a dos essênios, sobre os quais nada lemos nos Evangelhos, pois eles se afastavam e evitavam se envolver em questões públicas. Os fariseus eram zelosos pelas cerimônias, pelo poder da sinagoga e pelas tradições dos anciãos; os saduceus estavam no extremo oposto, e eram ligeiramente melhores que os deístas, negando a existência de espíritos e de um estado futuro. É estranho que eles viessem ao batismo de João, mas a sua curiosidade os trouxe para ouvir; e alguns deles, provavelmente, se submeteram ao batismo, mas certamente a maioria deles não o fez, pois Cristo diz (Lc 7.29,30) que "todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele". Observe que muitos vinham para os rituais e não eram influenciados por eles. Para estes, aqui João se dirige com toda a devoção, e o que ele disse a eles, o disse à multidão (Lc 3.7), pois o que ele dissesse seria aplicável a todos eles. 2. Qual era a aplicação. Era clara e familiar, e dirigida às suas consciências. Ele fala como alguém que vem não para pregar diante deles, mas para pregar a eles. Embora a sua educação fosse reservada, ele não era acanhado quando aparecia em público, nem temia a presença dos homens, pois estava cheio do Espírito Santo e de poder.

I Aqui está uma mensagem de condenação e de despertamento. Ele começa de maneira áspera, não os chama de rabinos, não se dirige a eles por seus títulos, e tampouco lhes dedica os aplausos aos quais eles estão acostumados. 1. O título que lhes atribui é "raça de víboras". Cristo lhes atribuiu o mesmo título (12.34; 23.33). Eles eram como víboras; embora de aparência enganosa, eram venenosos, e cheios de maldade e inimizade a tudo o que fosse bom; era uma raça de víboras, a semente e a descendência de outros que tinham tido o mesmo espírito; isto já nascia com eles. Eles se vangloriavam disso, de serem a descendência de Abraão; mas João Batista mostrou-lhes que eles eram a semente da serpente (compare Gn 3.15); a semente do pai deles, o diabo (Jo 8.44). Constituíam um grupo mau, todos semelhantes; embora inimigos entre si, ainda se uniam em maldades. Observe que uma geração malvada é uma geração de víboras, e eles

precisavam saber disso; é necessário que os ministros de Cristo sejam ousados ao mostrar aos pecadores o verdadeiro caráter deles. 2. O alerta que João dá é o seguinte: “Quem vos ensinou a fugir da ira futura?” Isto dá a entender que eles estavam se arriscando à ira futura; e o caso deles era quase tão desesperado, e seus corações estavam tão endurecidos pelo pecado (os fariseus, pela sua exibição de religião, e os saduceus, pelos seus argumentos contra a religião), que era necessário algo muito próximo a um milagre para realizar alguma coisa que trouxesse esperança entre eles. “O que os traz aqui? Quem iria imaginar vê-los aqui? Que medo incutiram em vocês, para que vocês procurem o Reino dos céus?” Observe: (1) Existe uma ira futura; além da ira presente, cujos pequenos frascos são derramados agora. Existe a ira futura, o que está acumulado para o futuro. (2) É do maior interesse de cada um de nós fugir dessa ira. (3) É pela misericórdia divina que nós somos advertidos claramente para fugir dessa ira. Pense: Quem nos advertiu? Deus nos advertiu, Ele que não se alegra com a nossa ruína. Ele nos adverte pela palavra escrita, pelos ministros, pela consciência. (4) Estas advertências, às vezes, assustam aqueles que parecem ter estado muito endurecidos na sua segurança e boa opinião sobre si mesmos.

II Aqui há uma mensagem de exortação e orientação (v. 8). “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento”. Portanto, como vocês foram advertidos a fugir da ira futura, deixem que o temor ao Senhor vos conduza a uma vida santa. Ou, portanto, como vocês professaram arrependimento, e ouviram a doutrina, e passaram pelo batismo do arrependimento, mostrem que são verdadeiros penitentes. O arrependimento nasce no coração. Ele está ali, como uma raiz; mas em vão fingiremos possuí-la, se não produzirmos os frutos dele, em uma transformação universal, abandonando todo o pecado e nos apegando ao que é bom. Estes são frutos dignos do arrependimento. Observe que aquele que afirma que lamenta os seus pecados, mas continua persistindo neles, não é digno de ser chamado de penitente, nem de ter os privilégios dos penitentes. Aquele que professa arrependimento, como o fazem todos os que são batizados, deve agir como um ser penitente e nunca fazer qualquer coisa imprópria a um pecador penitente. É conveniente que os penitentes sejam humildes aos seus próprios olhos, que sejam gratos à menor graça, pacientes sob as maiores

dificuldades, que estejam alertas contra todas as manifestações do pecado e às suas investidas, que sejam abundantes no cumprimento de todos os seus deveres, e que sejam caridosos ao julgar os outros.

III Aqui há uma mensagem de recomendação para que não confiem nos seus privilégios externos, pois esta atitude pode retardar estes chamados ao arrependimento (v. 9). “Não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão”. Observe que há muita coisa que os corações carnais são aptos a dizer a si mesmos, deixando de lado o poder persuasivo da Palavra de Deus (que é repleta de autoridade). Os ministros devem procurar prever estas atitudes, para que possam tratá-las no tempo certo; os pensamentos vãos que se alojam naqueles que são chamados a lavar os seus corações (Jr 4.14). “Não finjam, não sejam presunçosos, dizendo estas coisas dentro de si mesmos. Não pensem que isto poderá salvá-los; o refúgio não está na arrogância”. Alguns interpretam esta passagem da seguinte maneira: “Não sintam prazer dizendo isto; não se embalem para dormir com isto, nem se elogiem no paraíso de um tolo”. Observe que Deus percebe aquilo que nós dizemos dentro de nós, o que não ousamos proferir em voz alta, e conhece todos os falsos descansos da alma e as falácias com as quais ela se engana. Mas ela não os revelará, para que o engano não seja apontado. Muitos escondem a mentira que os destrói na sua mão direita, e a ocultam sob a língua, porque têm vergonha de possuí-la. Estas pessoas trabalham para satisfazer os interesses do diabo, sob a orientação do diabo. Agora, João lhes mostra:

1. Qual era a sua desculpa: “Temos por pai a Abraão”; nós não somos pecadores gentios; é adequado, realmente, que os gentios sejam chamados a arrepender-se, mas nós somos judeus, uma nação santa, um povo especial, o que representa isto para nós? Observe que a mensagem não traz nenhum benefício, se nós não a assumirmos como dirigida e pertencente a nós. Portanto, não pensem que por serem filhos de Abraão: (1) Vocês não precisam se arrepender; vocês não têm nada de que se arrepender. A sua relação com Abraão e o seu interesse no concerto feito com ele é o que os denomina de santos, a ponto de não haver oportunidade de que vocês mudem de idéia ou de rumo. (2) Que vocês estão suficientemente bem, embora não se arrependam. Não pensem que isto irá evitar o seu julgamento e protegê-los da ira futura. Que Deus irá tolerar a sua impenitência, porque

vocês são a semente de Abraão. Observe que é presunção vã pensar que as nossas boas relações irão nos salvar, embora nós mesmos não sejamos bons. Embora sejamos descendentes de antepassados religiosos, tenhamos sido abençoados com uma educação religiosa, tenhamos uma família na qual o temor a Deus é absoluto e tenhamos bons amigos que nos aconselham e oram por nós, de que maneira tudo isto poderá nos beneficiar, se não nos arrependermos e vivermos uma vida de arrependimento? Nós temos Abraão como nosso pai, e, portanto, temos direito aos privilégios do concerto realizado com ele sendo sua semente, nós somos filhos da igreja, o templo do Senhor (Jr 7.4). Observe que muitos, repousando nas honras e nas vantagens da sua filiação visível à igreja, não conseguem alcançar o céu.

2. Como era tola e infundada esta desculpa; eles pensavam que, sendo semente de Abraão, eram o único povo que Deus tinha no mundo e, portanto, se eles fossem rejeitados, Deus não teria uma igreja; mas João lhes mostra a tolice desta arrogância: “Eu vos digo (não importa o que dizeis em si mesmos) que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Ele estava batizando no Jordão, em Betânia (Jo 1.28), o lugar da passagem, onde os filhos de Israel atravessaram o rio; e ali estavam as doze pedras, uma para cada tribo, que Josué erigiu como um memorial (Js 4.20). Não é improvável que ele apontasse para estas pedras, que Deus poderia fazer com que fossem mais do que uma representação das doze tribos de Israel. Ou talvez ele estivesse se referindo a Isaías 51.1, onde Abraão é chamado de rocha da qual todos tinham sido cortados. Aquele Deus, que trouxe Isaque daquela rocha, pode, se necessário, fazer a mesma coisa em um outro contexto, pois para Ele nada é impossível. Alguns opinam que ele apontou para os soldados pagãos que estavam presentes, dizendo aos judeus que Deus iria erigir uma igreja para si mesmo em meio aos gentios, e conceder a bênção de Abraão sobre ela. Assim, quando os nossos primeiros pais caíram, Deus poderia tê-los deixado perecer, e das pedras teria criado outro Adão e outra Eva. Ou podemos interpretar da seguinte maneira: “As próprias pedras serão consideradas semente de Abraão, em lugar de pecadores endurecidos, secos, e infrutíferos como vocês”. Observe que da mesma maneira como isto está diminuindo a confiança dos filhos de Sião, também está incentivando as esperanças dos filhos de Sião de que, aconteça o que acontecer com a geração atual, Deus nunca ficará sem uma igreja neste mundo; se os judeus forem arrancados, os gentios serão enxertados

(cap. 21.43; Rm 11.12 etc.).

IV Existe uma mensagem de terror para os fariseus, os saduceus e outros judeus descuidados e seguros, que não conhecem os sinais dos tempos, nem o dia da sua visitação (v. 10). “Agora olhem à sua volta, agora que o Reino de Deus está prestes a se manifestar, a ponto de podermos senti-lo”.

1. “Como é rígido e curto o seu julgamento. ‘Agora, está posto o machado’ diante de vocês, está junto ‘à raiz das árvores’, e agora vocês dependem do seu bom comportamento, e estarão assim por um curto período de tempo; agora vocês estão marcados para a ruína, e não podem evitar isto, a não ser por meio de um arrependimento rápido e sincero. Agora vocês precisam esperar que Deus faça com vocês um trabalho mais rápido, pelos seus julgamentos, do que fez antes, e isto terá início na casa de Deus. onde Deus dá mais meios, Ele concede menos tempo”. “Eis que venho sem demora”. Naquele momento, eles estavam diante do seu último julgamento: era agora ou nunca.

2. “Como será doloroso o seu destino, se vocês não melhorarem”. Então, vem a declaração – com o machado junto à raiz – para mostrar que Deus é sincero na declaração de que toda árvore, ainda que alta em dons e honras, mas verde nas profissões de fé e nos desempenhos externos, se não der bons frutos – os frutos obtidos pelo arrependimento – será cortada, repudiada como uma árvore na vinha de Deus que é indigna de ter o seu espaço ali, e será lançada no fogo da ira de Deus, que é o melhor lugar para as árvores infrutíferas. Para que mais elas servem? Se não servem para dar frutos, servem como combustível. Provavelmente, isto se refere à destruição de Jerusalém pelos romanos, o que não foi, como o foram outros julgamentos, como o podar dos galhos ou o derrubar de uma árvore, deixando a raiz para brotar novamente, mas seria a extirpação completa final e irrevogável destas pessoas, na qual pereceriam todos os que continuassem impenitentes. Agora Deus traria o desfecho final, e a ira que cairia sobre eles seria completa.

V Uma mensagem de orientação a respeito de Jesus Cristo, em quem toda a pregação de João Batista estava centrada. Os ministros de Cristo pregam, não a si mesmos, mas a Ele. Aqui temos:

1. A dignidade e a superioridade de Cristo acima de João. Veja de que maneira humilde ele fala de si mesmo para poder engrandecer a Cristo (v. 11): “Eu, em verdade, vos batizo com água”, e isto é o máximo que eu posso fazer. Observe que os sacramentos não obtêm a sua eficácia de quem os administra; estas pessoas somente podem aplicar o sinal; é prerrogativa de Cristo dar significado às coisas (1 Co 3.6; 2 Rs 4.31). “Mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu”. Embora João tivesse muito poder, pois ele veio no espírito e poder de Elias, Cristo tinha mais; embora João fosse verdadeiramente grande, grande aos olhos do Senhor (nenhuma pessoa nascida de uma mulher o superou), ainda assim ele se julga indigno de estar no mero lugar de auxiliar de Cristo: “Não sou digno de levar as suas sandálias”. Ele vê: (1) O quão poderoso Cristo é, em comparação consigo mesmo. Observe que é um grande consolo para os ministros fiéis pensar que Jesus Cristo é mais poderoso do que eles, que Ele pode fazer as coisas para eles, e por eles, o que eles não podem fazer; a sua força se aperfeiçoa na fraqueza dos ministros. (2) Quão inferior ele é, em comparação com Cristo, sentindo-se indigno de levar as suas sandálias! Observe que aqueles que Deus honra são, por esta razão, muito humildes e inferiores aos seus próprios olhos; desejam ser humilhados para que Cristo possa ser enaltecido; desejam ser qualquer coisa, ou nada, para que Cristo possa ser tudo.

2. O modo e a intenção da manifestação de Cristo, que eles agora deviam esperar. Quando foi profetizado que João seria enviado como o precursor de Cristo (Ml 3.1,2), imediatamente a seguir está escrito que “virá o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto... e assentar-se-á... e purificará” (v. 3). E depois da vinda de Elias, “aquele dia vem ardendo como forno” (Ml 4.1), que é ao que João Batista parece referir-se aqui. Cristo virá para fazer uma distinção:

(1) Pela obra poderosa da sua graça: “Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”. Observe: [1] É prerrogativa de Cristo batizar com o Espírito Santo. Isto Ele fez concedendo os dons extraordinários do Espírito, desde os dias dos apóstolos, aos quais o próprio Cristo aplica estas palavras de João (At 1.5). Isto Ele faz na graça e no consolo do Espírito, concedendo-os àqueles que lhe pedem (Lc 11.13; Jo 7.38,39; veja At 11.16). [2] Aqueles que são batizados com o Espírito Santo, são batizados como que com o fogo. Os sete espíritos de Deus aparecem como sete

lâmpadas de fogo (Ap 4.5). O fogo ilumina? Também o Espírito é um Espírito que ilumina. O fogo aquece? E os corações não queimam dentro deles? O fogo consome? E o Espírito de julgamento, como um Espírito que arde, não consome as impurezas das corrupções dos pecadores? O fogo torna tudo o que alcança semelhante a si? E se move para o alto? Também o Espírito torna a alma santa como Ele mesmo o é, e tende a se dirigir para o céu. Cristo diz: “Vim lançar fogo na terra” (Lc 12.49).

(2) Pela determinação final do seu julgamento (v. 12): “Em sua mão tem a pá”. A sua capacidade de distinguir, pela sabedoria eterna do Pai, que vê tudo como verdadeiramente é, e a sua autoridade de distinguir, como a Pessoa à qual todos os julgamentos se submetem, é a pá que está na sua mão (Jr 15.7). Agora, Ele se assenta e purifica. Observe aqui: [1] A igreja visível é a eira de Cristo: “Ah! Malhada minha, e trigo da minha eira!” (Is 21.10). O Templo, um tipo da igreja, foi construído sobre uma eira. [2] Nesta eira, há uma mistura de trigo e palha. Os verdadeiros crentes são como o trigo, importantes, úteis e valiosos; os hipócritas são como a palha, leves e vazios, inúteis e sem valor, e levados pelos ventos; agora, eles estão misturados, os bons e os maus, sob a mesma profissão exterior de fé, e na mesma comunhão visível. [3] Virá, porém, o dia em que a eira será purificada, e o trigo e a palha serão separados. Alguma coisa desse tipo sempre é feita neste mundo, quando Deus chama o seu povo da Babilônia (Ap 18.4). Mas é o dia do Juízo Final que será o grande dia da colheita, da distinção, que de maneira inequívoca irá determinar o resultado das doutrinas, das obras (1 Co 3.13), e das atitudes das pessoas (cap. 25.32,33). Os santos e os pecadores serão separados para sempre. [4] O céu é o celeiro onde Jesus Cristo em breve irá reunir todo o seu trigo, e nem um grão sequer dele será perdido; Ele o reunirá como os frutos da colheita. A ceifadeira da morte será usada para reuni-los ao seu povo. No céu, os santos serão reunidos, e não mais ficarão espalhados; estarão seguros, e não mais expostos; separados dos vizinhos corruptos e dos desejos corruptos interiores, e não haverá mais palha entre eles. Eles não somente são reunidos no celeiro (cap. 13.30), mas no silo, onde são completamente purificados. [5] O inferno é o fogo inextinguível, que irá queimar a palha, o que certamente será a punição eterna dos hipócritas e descrentes. Dessa forma, aqui estão a vida e a morte, o bem e o mal, dispostos diante de nós; de acordo com a maneira que estivermos no campo, estaremos então na

eira.

O Batismo de Jesus

vv. 13-17

O nosso Senhor Jesus, desde a sua infância até agora, quando estava com quase trinta anos de idade, tinha estado escondido na Galiléia, como se estivesse enterrado vivo. Mas agora, depois de uma longa e escura noite, eis que o Sol da justiça se levanta em glória. A plenitude dos tempos era chegada para que Cristo pudesse assumir o seu trabalho profético, e Ele decide fazê-lo, não em Jerusalém (embora seja provável que Ele tivesse estado ali nas três festas anuais, como todas as outras pessoas), mas ali, onde João estava batizando; pois Ele procurou aqueles que esperavam o consolo de Israel, os únicos para os quais Ele seria bem-vindo. João Batista era seis meses mais velho que o nosso Salvador, e supõe-se que tenha começado a pregar e batizar cerca de seis meses antes da manifestação de Cristo; até então ele se dedicava a preparar o caminho do Senhor, na região próxima ao rio Jordão. E muito mais se fez para isto nesses seis meses do que tinha sido feito em muitos séculos antes. A vinda de Cristo, da Galiléia ao Jordão, para ser batizado, nos ensina a não nos escondermos da dor e do trabalho árduo, para podermos ter a oportunidade de nos aproximarmos de Deus, ao seu serviço. Devemos estar dispostos a nos excedermos na comunhão com Deus, e não a sentirmos falta dela. Para encontrar, é preciso procurar.

Na história do batismo de Cristo, podemos observar:

I Com que dificuldade João foi persuadido a fazê-lo (vv. 14,15). Foi um exemplo da grande humildade de Cristo o fato de Ele se oferecer para ser batizado por João; que aquele que não conheceu pecado se submetesse ao batismo do arrependimento. Observe que assim que Cristo começou a pregar, Ele pregou humildade, pregou-a segundo o seu exemplo, pregou-a a todos, especialmente aos jovens ministros. Cristo estava destinado às maiores honras, mas no seu primeiro passo Ele se humilha desta maneira. Observe que aqueles que se destinam a subir mais alto, devem começar mais baixo. “Diante da honra vai a humildade”. Esta era uma grande

demonstração de respeito por João, pois Cristo veio até ele; e foi uma retribuição pelo serviço que ele tinha prestado ao Senhor, avisando da sua chegada. Observe que Deus honrará aqueles que o honram. Aqui, temos:

1. A objeção que João fez contra batizar Jesus (v. 14). João objetou, da mesma maneira como Pedro o fez, quando Cristo foi lavar seus pés (Jo 13.6,8). Note que a condescendência graciosa de Cristo é tão surpreendente, que parece inacreditável, à primeira vista, para os crentes mais vigorosos; tão profunda e misteriosa, que mesmo aqueles que conhecem bem o seu modo de pensar não conseguem descobrir o significado dela, mas, por razões de falta de esclarecimento, colocam objeções contra a vontade de Cristo. A modéstia de João o leva a pensar que esta é uma honra excessivamente elevada para ele receber, e ele assim se expressa ao Senhor, da mesma maneira como a sua mãe tinha feito com a mãe de Cristo (Lc 1.43): “Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?” João tinha conquistado um nome, e era nacionalmente respeitado; ainda assim, veja como ele ainda é humilde! Observe que Deus tem grandes honras reservadas para aqueles cujo espírito continua humilde quando a sua reputação cresce.

(1) João acha que é necessário que ele seja batizado por Cristo. “Eu careço de ser batizado por ti”, com o Espírito Santo e com fogo, pois este era o batismo de Cristo (v. 11). [1] Embora João estivesse cheio do Espírito Santo desde o útero (Lc 1.15), ainda assim ele reconhece que tem a necessidade de ser batizado com aquele batismo. Note que aqueles que têm uma grande comunhão com o Espírito de Deus, ainda assim, neste estado imperfeito, percebem que precisam de mais; e para que tenham mais precisam pedir a Cristo. [2] João tem a necessidade de ser batizado, embora ele fosse o maior homem já nascido de uma mulher; mas, tendo nascido de uma mulher, ele está contaminado, como os outros da semente de Adão estão, e sabe que precisa de purificação. Observe que as almas mais puras são mais sensíveis à sua própria impureza residual, e procuram ansiosamente a purificação espiritual. [3] Ele sente necessidade de ser batizado por Cristo, aquele que pode fazer por nós o que ninguém mais pode; aquilo que deve ser feito para nós, caso contrário seremos arruinados. Observe que os melhores e mais santos homens têm necessidade de Cristo, e quanto melhores eles são, mais percebem esta necessidade. [4] Isto foi dito diante da multidão, que tinha uma grande veneração por João, e que

estava pronta a aceitá-lo como o Messias; mas ele publicamente reconhece que tinha necessidade de ser batizado por Cristo. Note que não é nenhum menosprezo, aos maiores homens, reconhecer que estão perdidos, sem Cristo e a sua graça. [5] João era o precursor de Cristo, e ainda assim reconhece que tinha a necessidade de ser batizado por Ele. Observe que mesmo aqueles que nasceram antes de Cristo neste mundo dependem dele, recebem dele e têm os olhos nele. [6] Embora João estivesse tratando das almas dos outros, observe com quanto sentimento ele fala do caso da sua própria alma: "Eu careço de ser batizado por ti". Note que os ministros, que pregam aos outros e que batizam os outros, se preocupam em pregar para si mesmos, e serem, eles mesmos, batizados com o Espírito Santo. "Tem cuidado de ti mesmo e... te salvarás" (1 Tm 4.16).

(2) Portanto, ele acha que é completamente absurdo e ilógico que Cristo seja batizado por ele. "Vens tu a mim?" O santo Jesus, que está separado dos pecadores, vem para ser batizado por um pecador, como um pecador, e entre os pecadores? Como isto é possível? Como podemos descrever isto? Lembre-se que a vinda de Cristo até nós pode ser também espantosa.

2. A rejeição dessa objeção (v. 15). Jesus disse: "Deixa por agora". Cristo aceitou a sua humildade, mas não a sua recusa; Ele queria fazer isso; e é adequado que Cristo siga o seu método, embora não possamos compreendê-lo, nem apresentar uma razão para ele. Observe:

(1) Como Cristo insistiu nisto. "Isto deve ser assim, por ora". Ele não nega que João tivesse necessidade de ser batizado por Ele, mas ainda assim Ele será agora batizado por João. Que seja assim, por agora. Observe que tudo está bem, na sua ocasião. Mas por que agora? Por que já? [1] Cristo estava naquele momento em um estado de humilhação; Ele estava vazio, e não tinha uma reputação. Ele não apenas era encontrado como homem, mas à semelhança da carne pecadora, e, portanto, "agora", Ele deveria ser batizado por João. Como se Ele precisasse ser lavado, embora fosse perfeitamente puro; e assim Ele se fez pecado por nós, embora não conhecesse o pecado. [2] O batismo de João agora adquire reputação, é aquele pelo qual Deus está agora realizando o seu trabalho; esta é a presente revelação, e, portanto, Jesus será agora batizado com água, mas o seu batismo com o Espírito Santo está reservado para mais tarde, não muito depois destes dias (At 1.5). O batismo de João tem o seu dia, e, portanto, deve ser honrado, e aqueles que o procuram devem ser incentivados.

Aqueles que são os maiores destinatários de dons e graças devem, ainda, por sua vez, dar o seu testemunho aos rituais instituídos, comparecendo humilde e diligentemente a eles, para poderem dar um bom exemplo aos demais. Nós precisamos receber o que vemos que pertence a Deus, e enquanto vemos que Ele o está concedendo. João agora estava crescendo, e, portanto, isto deveria ser assim naquele momento; dentro de pouco tempo, ele irá decair, e então as coisas serão diferentes. [3] Isto deve ser assim agora, porque agora é o momento da manifestação de Cristo em público, e esta é uma boa oportunidade para isto (veja Jo 1.31,34). Assim Ele foi manifestado a Israel, e houve maravilhas do céu como sinais, naquele seu ato, que era de completa condescendência e humilhação pessoal.

(2) A razão que Ele dá para isso: "Assim nos convém cumprir toda a justiça". Observe: [1] Havia uma adequação em tudo o que Cristo fez por nós. Havia graça (Hb 2.10; 7.26); e nós devemos estudar para fazer não somente aquilo que nos é conveniente, mas também aquilo que é digno de nós; não somente aquilo que é indispensavelmente necessário, mas aquilo que é agradável e bom. [2] O nosso Senhor Jesus viu isto como algo perfeitamente digno dele, para cumprir toda a justiça, isto é (como o Dr. Whitby o explica), para possuir toda a instituição divina, e para mostrar a sua disposição em estar de acordo com todos os preceitos da justiça de Deus. Assim, Ele justifica a Deus Pai, aprovando a sua sabedoria, ao enviar João para preparar o seu caminho, por meio do batismo do arrependimento. Desse modo, é digno estimularmos e incentivarmos tudo o que for bom, tanto por padrão como por preceito. Cristo freqüentemente mencionou João e o seu batismo com honra; e o que é melhor, Ele mesmo foi batizado. Assim, Jesus começou primeiro a agir, e depois a ensinar; e os seus ministros devem seguir o mesmo método. Portanto, Cristo cumpriu a justiça da lei cerimonial, que consistia de várias lavagens. Dessa forma, Ele recomendou, no Evangelho, a ordenança do batismo para a sua igreja, honrou este batismo, e mostrou que virtude Ele lhe destinava. Foi conveniente a Cristo submeter-se à lavagem com água de João, porque isto era um mandamento divino; mas foi conveniente a Ele opor-se à lavagem com água dos fariseus, porque isto era uma invenção e imposição humanas; e Ele justificou os seus discípulos que se recusavam a realizá-la.

Com a vontade de Cristo, e a sua razão para isto, João ficou completamente satisfeito, e então ele fez o que devia. A mesma modéstia

que o fez, a princípio, declinar da honra que Cristo lhe oferecia, agora o levou a realizar o serviço que Cristo lhe impunha. Observe que nenhuma desculpa de humildade deve fazer-nos recusar qualquer dever.

II Com que solenidade o Céu se alegrou em honrar o batismo de Cristo com uma exibição especial de glória (vv. 16,17). “Sendo Jesus batizado, saiu logo da água”. Os outros que eram batizados permaneciam para confessar os pecados (v. 6), mas Cristo, não tendo nenhum pecado a confessar, saiu imediatamente da água; é isto o que lemos, mas não exatamente; pois é *apo tou hydatos – da água*, da margem do rio, ao qual ele desceu para lavar-se na água, isto é, para lavar a sua cabeça ou o seu rosto (Jo 13.9); pois não há menção de Cristo tirando ou recolocando as suas roupas, o que não teria sido omitido, se Ele tivesse sido batizado nu. Ele se levantou imediatamente, como alguém que inicia o seu trabalho com a determinação e a alegria mais completas. Ele não podia perder tempo. Ele se endireitou e se levantou assim que o batismo foi realizado!

Quando Ele estava saindo da água, e todo o grupo colocou os olhos sobre Ele:

1. Os céus se abriram sobre Ele, como para descobrir alguma coisa acima e além do firmamento estrelado, pelo menos para Ele. Isto aconteceu: (1) Para incentivá-lo a prosseguir em sua empreitada, com a perspectiva da glória e da alegria que se apresentava diante dele. O céu estará aberto para recebê-lo, quando Ele tiver concluído a obra que agora está começando. (2) Para nos incentivar a recebê-lo, e a nos sujeitar a Ele. Observe que em Jesus Cristo, e por meio dele, os céus estão abertos para os filhos dos homens. O pecado trancou o céu, interrompeu todas as relações amistosas entre Deus e o homem; mas agora Cristo abriu o Reino dos céus a todos os crentes. A luz e o amor divinos são derramados sobre os filhos dos homens, e nós temos a ousadia de entrar no Santo dos Santos. Nós temos recibos da misericórdia de Deus, nós retribuímos com nosso dever a Deus e tudo por meio de Jesus Cristo, que é a escada que tem o pé na terra e o topo no céu. Somente através dele é que podemos ter um relacionamento confortável com Deus, ou qualquer esperança de chegar, por fim, ao céu. Os céus se abriram quando Cristo foi batizado, para nos ensinar que quando comparecemos, como devemos fazer, aos rituais de Deus, nós podemos esperar a comunhão com Ele e a comunicação por parte dele.

2. Ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre Ele, ou pousando sobre Ele. Cristo viu (Mc 1.10) e João viu (Jo 1.33,34), e é provável que todos os presentes também tenham visto, pois esta devia ser a sua primeira manifestação pública. Observe:

(1) Ele viu o Espírito de Deus, que desceu e pousou sobre Ele. No início do mundo, o Espírito Santo se movia sobre a face das águas (Gn 1.2), flutuando como uma ave sobre o ninho. Aqui, no começo deste novo mundo, Cristo, como Deus, não precisava receber o Espírito Santo, mas tinha sido previsto que o Espírito do Senhor repousaria sobre Ele (Is 11.2; 61.1), e aconteceu isto aqui; pois: [1] Ele devia ser um Profeta, e os profetas sempre falavam pelo Espírito de Deus, que descia sobre eles. Cristo devia realizar a obra profética, não pela sua natureza divina (diz o Dr. Whitby), mas pela inspiração do Espírito Santo. [2] Ele devia ser a Cabeça da igreja; e o Espírito desceu sobre Ele, para ser, por seu intermédio, transmitido a todos os crentes, com os seus dons, as suas graças, e o seu consolo. A unção sobre a cabeça desceu até às bordas das vestes; Cristo recebeu dons para os homens, para que Ele os pudesse dar aos homens.

(2) O Espírito desceu sobre Ele como uma pomba; se esta era uma pomba real, e viva, ou, como era normal em visões, a representação ou a semelhança de uma pomba, não se sabe. Se é necessária uma forma corpórea (Lc 3.22), não poderia ser a de um homem, pois o ser visto como homem era peculiar à Segunda Pessoa: nenhuma forma, portanto, era mais adequada do que a forma de uma das aves do céu (que agora estava aberto), e entre todas as aves, nenhuma era tão significativa quanto a pomba. [1] O Espírito de Cristo é um Espírito que pode ser tipificado por uma pomba; não como uma pomba enganada, sem entendimento (Os 7.11), mas como uma pomba inocente, sem amargura e sem ódio. O Espírito desceu, não sob a forma de uma águia, que, embora seja uma ave real, é uma ave predatória, mas sob a forma de uma pomba, que é a mais inofensiva das criaturas. Assim é o Espírito de Cristo: Ele não luta nem grita; assim os cristãos devem ser, inofensivos como pombas. A pomba é notável por seus olhos; nós descobrimos que tanto os olhos de Cristo (Ct 5.12) como os olhos da igreja (Ct 1.15; 4.1) são comparados aos olhos das pombas, pois têm o mesmo espírito. A pomba geme muito (Is 38.14). Cristo chorava; e as almas penitentes são comparadas às pombas dos vales. [2] A pomba era a única ave que era oferecida em sacrifício (Lv 1.14), e Cristo, pelo Espírito, o

Espírito eterno, se ofereceu, imaculado, a Deus. [3] As notícias do fim do dilúvio de Noé foram trazidas por uma pomba, que tinha um ramo de oliveira no bico; na ocasião adequada, portanto, as alegres notícias da paz feita com Deus são trazidas pelo Espírito, como uma pomba. Isto fala da boa vontade de Deus em relação aos homens; que os seus pensamentos sobre nós são pensamentos de bem, e não de mal. Através da expressão: "a voz da rola ouve-se em nossa terra" (Ct 2.12), a paráfrase em aramaico dá a entender que esta é a voz do Espírito Santo. O fato de que Deus está em Cristo, reconciliando consigo o mundo, é uma mensagem de alegria, que chega até nós sobre as asas de uma pomba.

3. Para explicar e completar esta solenidade, veio uma voz do céu, que, temos razões para pensar, foi ouvida por todos os que estavam presentes. O Espírito Santo se manifestou à semelhança de uma pomba, mas Deus, o Pai, por uma voz; pois quando a lei foi entregue, não se viu semelhança, somente se ouviu uma voz (Dt 4.12). E este Evangelho veio assim, e realmente é um Evangelho, a melhor boa-nova que já veio do céu à terra; pois ela fala clara e plenamente sobre a graça de Deus para com Cristo, e também para conosco nele.

(1) Veja como o nosso Senhor Jesus pertence a Deus: "Este é o meu Filho amado". Observe: [1] A relação que Eles tinham; Ele é o meu Filho. Jesus Cristo é o Filho de Deus, por geração eterna, como foi gerado do Pai antes de toda a criação, ou seja, "dos mundos" (Cl 1.15; Hb 1.3), e por concepção sobrenatural; portanto, Ele foi chamado de Filho de Deus, porque foi concebido pelo poder do Espírito Santo (Lc 1.35). Mas isto não é tudo. Ele é o Filho de Deus por designação especial para o trabalho de Redentor do mundo. Ele foi santificado, selado, e enviado a esta missão, e sempre esteve de pleno acordo com o Pai para o desempenho dela (Pv 8.30), indicado para ela. "Lhe darei o lugar de primogênito" (Sl 89.27). [2] O afeto que o Pai sentia por Ele: "Este é o meu Filho amado"; o seu Filho amado, o Filho do seu amor (Cl 1.13). Ele tinha estado no seu seio por toda a eternidade (Jo 1.18), sempre tinha sido a sua alegria (Pv 8.30), mas particularmente como mediador, e ao assumir a obra da salvação do homem, Ele era o seu Filho amado. "Ele é o meu Eleito, em quem se compraz a minha alma" (veja Is 42.1). Por ter consentido no concerto da redenção, e se alegrado por realizar esta vontade de Deus, o Pai o amou (Jo 10.17; 3.35). Observem, então, observem e maravilhem-se, que tipo de amor o Pai nos concedeu, para nos

entregar aquele que era o Filho do seu amor para sofrer e morrer por aqueles que eram a geração da sua ira; portanto, Deus Pai o amou, porque Ele deu a sua vida pelas ovelhas! Agora nós sabemos que Deus Pai nos amou, porque Ele não poupou o seu próprio Filho, o seu único Filho, o Isaque que Ele amava, mas, ao invés disso, o entregou para ser um sacrifício pelos nossos pecados.

(2) Veja aqui como Ele está disposto a nos tornar pertencentes a Ele, em Cristo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". Ele se compraz com todos os que estão nele, e estão unidos a Ele pela fé. Até agora, Deus tinha estado descontente com os filhos dos homens, mas agora a sua ira foi afastada e Ele nos fez agradáveis a si no Amado (Ef 1.6). Que todo o mundo saiba que este é o Pacificador, o Ancião de dias, que colocou a sua mão sobre nós, e que não há como ir a Deus Pai senão por Ele, como Mediador (Jo 14.6). Nele, nossos sacrifícios espirituais são aceitáveis, pois é dele o altar que santifica todas as ofertas (1 Pe 2.5). Sem Cristo, Deus é um fogo consumidor; mas, em Cristo, Ele é um Pai reconciliado. Este é o resumo de todo o Evangelho; é uma mensagem fiel e merecedora de toda a aceitação, a de que Deus declarou, por meio de uma voz do céu, que Jesus Cristo é o seu Filho amado, em quem Ele se compraz, com o que nós devemos, pela fé, alegremente estar de acordo e dizer que Ele é o nosso amado Salvador, em quem nos comprazemos.

CAPÍTULO 4

João Batista disse a respeito de Cristo: É necessário que ele cresça e que eu diminua; e isto se fez. Pois depois que João batizou Jesus, e deu seu testemunho a respeito dele, pouco ouvimos falar sobre o seu ministério. Ele havia feito o que tinha vindo fazer, e a partir de então começou-se a falar muito mais de Jesus do que se tinha falado de João. À medida que o Sol da manhã cresce, a estrela da manhã desaparece. A respeito de Jesus Cristo, temos, neste capítulo: I. A tentação que Ele sofreu, o ataque triplo que o tentador fez contra Ele, e a rejeição que Ele demonstrou a cada ataque (vv. 1-11). II. O trabalho de ensinamento que Ele assumiu, os lugares onde Ele pregava (vv. 12-16) e o assunto que Ele pregava (v. 17). III. O seu chamado aos discípulos, Pedro e André, Tiago e João (vv. 18-22). IV. A cura das enfermidades que Ele realizava em benefício das

pessoas (vv. 23,24) e as grandes multidões que o procuravam, tanto para serem ensinadas como para serem curadas.

A Tentação de Jesus

vv. 1-11

Aqui temos a história do famoso embate, corpo a corpo, entre Miguel e o dragão, a Semente da mulher e a semente da serpente, ou melhor, a própria serpente. Embate no qual a semente da mulher sofre, ao ser tentada, e assim tem o seu calcanhar ferido; mas a serpente é rapidamente frustrada nas suas tentações, e tem a sua cabeça esmagada. Então, o nosso Senhor Jesus emerge como um Conquistador, e desta forma garante não apenas consolo, mas a conquista, por fim, de todos os seus fiéis seguidores. A respeito da tentação de Jesus, observe:

I A ocasião em que isto aconteceu: “Então”, existe uma ênfase nesta palavra. Imediatamente depois que os céus se abriram para Ele, e o Espírito desceu sobre Ele, e Ele foi declarado como sendo o Filho de Deus e Salvador do mundo. As notícias seguintes que ouvimos sobre ele são as de que Ele está sendo tentado; pois então Ele está mais capacitado para combater a tentação. Note que: 1. Grandes privilégios e sinais especiais da graça divina não nos impedem de ser tentados. Na verdade: 2. Depois que grandes honras nos são concedidas, devemos esperar algo que seja humilhante. Veja como Paulo teve um mensageiro de Satanás enviado para esbofeteá-lo, depois de ter estado no terceiro céu. 3. Normalmente, Deus prepara o seu povo para as tentações antes que elas cheguem. Ele dá forças, de acordo com a época, e, antes de uma tentação difícil, dá um consolo maior do que o usual. 4. A garantia da nossa filiação é a melhor preparação contra a tentação. Se o precioso e bom Espírito dá testemunho da nossa adoção, isto nos dota de uma resposta a todas as sugestões do espírito maligno, cujo objetivo é nos corromper ou inquietar.

Então, recém-saído de um ritual solene, ao ser batizado, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado. Observe que depois de sermos admitidos à comunhão com Deus, devemos esperar ser assediados por Satanás. A alma enriquecida precisa dobrar a sua vigilância. Quando

tiver comido e estiver satisfeito, esteja atento. Então, quando Ele começou a apresentar-se publicamente a Israel, foi quando Ele foi tentado, como nunca tinha sido quando vivia em privacidade. Lembre-se, o diabo tem um ódio particular das pessoas úteis, que não são somente boas, mas inclinadas a fazer o bem, especialmente quando iniciam estas boas atividades. É o conselho do Filho de Siraque (Eclesiástico 2.1): “Meu filho, se tu te apresentares para servir o Senhor, prepara-te para a tentação”. Os jovens ministros devem saber o que esperar, e agir de modo adequado.

II O lugar onde isto aconteceu; no deserto, provavelmente no grande deserto do Sinai, onde Moisés e Elias jejuaram durante quarenta dias, pois nenhuma parte do deserto da Judéia estava tão abandonada aos animais selvagens como se diz que esta área estava (Mc 1.13). Quando Cristo foi batizado, Ele não foi a Jerusalém, para tornar públicas as glórias que tinham sido depositadas sobre Ele, mas retirou-se para o deserto. Depois da comunhão com Deus, é bom ficar sozinho algum tempo, para não perdermos o que recebemos, em meio à agitação das coisas do mundo. Cristo se retirou para o deserto: 1. Para seu próprio benefício. O afastamento dá uma oportunidade de meditação e comunhão com Deus; mesmo aqueles que são chamados a uma vida mais ativa precisam ter momentos de meditação, e precisam, primeiro, dedicar freqüentemente um tempo a sós com Deus. As pessoas que não conversaram sobre estas coisas secretamente, consigo mesmas, antes de mais nada, não são adequadas para falar sobre as coisas de Deus aos outros, em público. Quando Cristo aparecesse como um Mestre, vindo de Deus, não seria dito sobre Ele: “Ele acaba de chegar de viagem, Ele esteve no exterior e conheceu o mundo”, mas: “Ele acaba de sair do deserto, Ele esteve sozinho conversando com Deus e com o seu próprio coração”. 2. Para dar uma ajuda ao tentador, para que ele pudesse ter um acesso mais fácil a Ele, do que teria em meio a muita gente. Embora a solidão seja uma amiga do bom coração, ainda assim Satanás sabe como usá-la contra nós. Ai daquele que está sozinho. Aqueles que, com a desculpa de santidade e devoção, se isolam em cavernas e desertos, percebem que não estão fora do alcance dos seus inimigos espirituais, e que ali eles precisam do benefício da comunhão com os santos. Cristo se isolou: (1) Para tornar a sua vitória ainda mais exemplar. Ele permitiu que o inimigo tivesse o sol e o vento do seu lado, e ainda o

frustrou. Ele pode ter dado vantagem ao diabo, pois o príncipe deste mundo não tem nada nele; mas ele tem em nós, seres humanos pecadores, e por isto devemos orar para não sermos levados à tentação, e precisamos ficar longe do caminho do mal. (2) Para ter uma oportunidade de fazer o melhor de si para poder ser exaltado em sua própria força; pois está escrito: “Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo”. Cristo entrou na luta sem companhia.

III Os preparativos para a tentação foram dois:

1. Ele foi levado ao combate. Ele não se envolveu deliberadamente nele, mas foi levado pelo Espírito para ser tentado pelo diabo. O Espírito, que desceu como uma pomba sobre Ele, traz mansidão, mas também traz coragem. Note que a nossa preocupação deve ser a de não cair em tentação; mas se Deus, pela sua providência, permitir que passemos por circunstâncias de tentação para o nosso aperfeiçoamento, não devemos julgar isto estranho, mas dobrar a nossa vigilância. Seja forte no Senhor, resista com firmeza na fé, e tudo estará bem. Se confiarmos na nossa própria força, e tentarmos o diabo a nos tentar, estaremos provocando a Deus para nos deixar sozinhos; mas, aonde quer que Deus nos leve, podemos ter esperança de que Ele irá conosco, e nos fará mais que vencedores.

Cristo foi levado a ser tentado pelo diabo, e somente por ele. “Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência” (Tg 1.14). O diabo assume o controle e trabalha com sua vítima, mas o nosso Senhor Jesus não possui uma natureza corrompida, e, portanto, foi levado com segurança, sem nenhum temor ou vacilação, como um campeão no campo de batalha, para ser tentado puramente pelo diabo.

A tentação de Cristo é: (1) Um exemplo da sua própria condescendência e humilhação. As tentações são dardos inflamados, espinhos na carne, bofetadas, provações, lutas, combates, tudo o que caracteriza dificuldades e sofrimentos; portanto, Cristo se submeteu a isto, porque Ele se humilhou em todos os sentidos para ser feito como seus irmãos; assim, Ele deu as costas aos que o feriam. (2) Uma oportunidade para a confusão de Satanás. Não existe uma conquista ou uma vitória sem um combate. Cristo foi tentado para poder vencer o tentador. Satanás tentou o primeiro Adão, e triunfou sobre ele; mas ele não irá triunfar sempre, o segundo Adão irá

derrotá-lo e levar cativo o cativeiro. (3) Uma questão de consolo para todos os santos. Na tentação de Cristo, percebe-se que o nosso inimigo é sutil, malévolo e muito ousado em suas tentações. Mas apesar disso, percebe-se que ele não é invencível. Embora ele seja um homem fortemente armado, ainda assim o Capitão da nossa salvação é mais forte do que ele. É um consolo para nós pensarmos que Cristo sofreu, sendo tentado; pois assim nos parece que as nossas tentações, se não cedermos a elas, não são pecados, são somente sofrimentos, e, como tais, podem ser vencidas. E nós temos um Sumo Sacerdote que sabe, por experiência, o que é ser tentado, e que, portanto, é Ele que se compadece carinhosamente dos nossos sentimentos de fraqueza nos momentos de tentação (Hb 2.18; 4.15). Mas é um consolo muito maior pensar que Cristo venceu, mesmo sendo tentado, e venceu por nós; o inimigo que enfrentamos não é somente um inimigo derrotado, frustrado e desarmado – nós temos interesse na vitória de Cristo sobre ele, porque é por meio de Cristo que somos mais que vencedores.

2. Cristo adotou uma dieta para o combate, como os que lutam, que de tudo se abstêm (1 Co 9.25). Mas Ele superou a todos, pois jejuou por quarenta dias e quarenta noites, em conformidade com o modelo e o exemplo de Moisés, o grande legislador, e de Elias, o grande reformista, no Antigo Testamento. João Batista veio como Elias, no que diz respeito à moral, mas não nos milagres (Jo 10.41); esta honra estava reservada para Cristo. Cristo não precisava jejuar para mortificação (Ele não tinha desejos corruptos para serem controlados). Ainda assim, Ele jejuou: (1) Para que assim Ele pudesse se humilhar, e pudesse parecer alguém abandonado, alguém a quem ninguém procura. (2) Para poder dar a Satanás tanto a oportunidade quanto a vantagem sobre Ele, e desta forma tornar a sua vitória ainda mais exemplar. (3) Para poder santificar e recomendar o jejum a nós, quando Deus, na sua providência, o exigir, ou quando nós estivermos em situações difíceis, privados do alimento diário, ou quando o jejum for um requisito para a conservação do corpo, ou para o avivamento da oração. Estes são excelentes preparativos para enfrentarmos a tentação. Se as pessoas boas são humilhadas, se precisam dos amigos e de ajuda, isto pode consolá-los: o fato de que o próprio Messias sofreu da mesma maneira. Um homem pode precisar de pão, e ainda assim ser um favorito do céu e estar sob a liderança do Espírito. Quando jejuou os quarenta dias, Ele nunca teve fome; a conversa com o céu substituía a comida e a bebida para Ele, mas,

depois, Ele sentiu fome, para mostrar que Ele era verdadeiramente homem; e Ele assumiu as nossas fraquezas naturais, para poder fazer a expiação por nós. O primeiro homem caiu por causa da comida, e desta maneira freqüentemente pecamos; por esta razão, Cristo teve fome.

IV As tentações. O que Satanás desejava, com todas as suas tentações, era levar Cristo a pecar contra Deus, e dessa maneira torná-lo eternamente incapaz de ser um Sacrifício pelos nossos pecados. Mas, qualquer que fosse a distorção, o que ele realmente desejava era levar Cristo: (1) A perder a esperança na bondade do seu Pai. (2) A suspeitar do poder do seu Pai. (3) A alienar a honra do seu Pai, entregando-a a Satanás. As duas primeiras tentações pareceram inocentes e nelas se percebe a sutileza do tentador; a última tentação pode parecer até mesmo aceitável. As duas primeiras são tentações ardilosas, e para discerni-las era necessária uma grande sabedoria. A última foi uma tentação forte, e para resistir a ela era necessária uma grande determinação; ainda assim, o diabo foi frustrado em todas elas.

1. Ele tentou Cristo com a intenção de levá-lo a perder a esperança na bondade do seu Pai, e a não confiar no cuidado que o seu Pai tinha por Ele.

(1) Veja como aconteceu a tentação (v. 3). O tentador chegou-se a Ele. Observe que o diabo é o tentador, e, portanto, ele é Satanás, um adversário; pois os nossos piores inimigos são os que nos levam a pecar, e são agentes de Satanás, realizando o seu trabalho e executando os seus desejos. Ele é chamado enfaticamente de tentador, porque isto é o que ele foi aos nossos primeiros pais, e ainda o é, e todos os outros tentadores estão trabalhando para ele. O tentador chegou-se a Cristo numa aparência visível, nem terrível nem amedrontadora, como mais tarde, na sua agonia no jardim. Se alguma vez o diabo se transformou num anjo de luz, ele o fez nesta oportunidade, e fingiu ser um anjo bom, um anjo guardião.

Observe a sutileza do tentador, ao unir a sua primeira tentação com o que houve antes, para torná-la mais forte. [1] Cristo começou a sentir fome, e, portanto, pareceu muito apropriada a proposta de transformar pedras em pão, para o seu necessário sustento. Observe que um dos truques de Satanás é aproveitar-se da nossa condição externa, para instalar o ataque das suas tentações. Ele é um adversário tão vigilante quanto malévolo; e quanto mais inventivo ele é para se aproveitar de nós, mas engenhosos devemos ser para não permitir que ele vença. Quando Jesus começou a sentir fome, no

deserto, quando não havia nada para comer, foi quando o diabo o atacou. Note que a necessidade e a pobreza são uma grande tentação para o descontentamento e para a descrença, e para o uso de meios ilegais para o nosso alívio, com a desculpa de que a necessidade não obedece à lei, e com isto se desculpa que a fome rompa paredes de pedra, o que não é desculpa, pois a lei de Deus deve ser mais forte em nós do que as paredes de pedra. Agur ora contra a pobreza, não porque ela seja um sofrimento e um problema, mas porque ela é uma tentação: "ou que, empobrecendo, venha a furtar". Portanto, aqueles que estão em dificuldades precisam dobrar a vigilância. É melhor morrer de fome do que viver e prosperar pelo pecado. [2] Cristo tinha sido recentemente declarado e reconhecido como o Filho de Deus, e aqui o diabo o tenta a duvidar desta realidade: "Se tu és o Filho de Deus". Se o diabo não soubesse que o Filho de Deus viria a este mundo, ele não teria dito isto; e se ele não suspeitasse de que este era Ele, não teria dito isto a Ele, nem se atreveria a dizer isto, se Cristo não tivesse ocultado a sua glória com um véu, e se o diabo não tivesse adotado uma atitude insolente.

Em primeiro lugar: "Agora você tem uma oportunidade de questionar se é ou não o Filho de Deus; pois será possível que o Filho de Deus, que é herdeiro de todas as coisas, esteja passando por tais sofrimentos? Se Deus fosse o seu Pai, Ele não lhe deixaria passar fome, pois todos os animais do campo pertencem a Ele (Sl 50.10,12). É verdade que houve uma voz vinda do céu: 'Este é o Meu Filho amado', mas certamente isto foi um engano que foi imposto a você, pois ou Deus não é o seu Pai, ou Ele é um Pai muito pouco amável". Note que: 1. O maior resultado que Satanás deseja, ao tentar as pessoas boas, é acabar com o relacionamento que elas têm com Deus como Pai, e desta forma eliminar a dependência que elas têm dele, a obrigação que têm para com Ele e a sua comunhão com Ele. O Espírito bom, como o Consolador dos irmãos, dá testemunho de que eles são filhos de Deus. O espírito mau, como o acusador dos irmãos, faz tudo o que pode para abalar este testemunho. 2. Aflições, necessidades e problemas externos são os maiores argumentos que Satanás usa para levar o povo de Deus a questionar sua filiação. Como se os sofrimentos não pudessem estar de acordo com o amor paterno de Deus, quando realmente provêm do seu amor paterno. Aqueles que podem dizer, como o justo Jó, sabem como responder a esta tentação: "Ainda que ele me mate, nele esperarei; contudo, os meus caminhos defenderei diante dele. Também isto será a minha

salvação, porque o ímpio não virá perante ele" (cap. 13.15). 3. O objetivo do diabo é abalar a fé que temos na Palavra de Deus, e nos levar a questionar a verdade que há nela. Foi assim que ele começou com os nossos primeiros pais: "É verdade, Deus disse isto e aquilo? Claro que não. Deus lhe disse que você é o seu Filho amado? Certamente Ele não disse isto, ou, se disse, não é verdade". Então nós abrimos passagem para o diabo, quando questionamos a verdade de qualquer palavra que Deus tenha dito; pois o seu objetivo, como o pai da mentira, é opor-se às palavras verdadeiras de Deus. 4. O diabo realiza os seus desígnios, em grande parte, infiltrando nas pessoas pensamentos maus sobre Deus, como se Ele fosse cruel ou infiel, e tivesse abandonado ou esquecido aqueles que se entregaram completamente a Ele. Ele se esforçou para produzir nos nossos primeiros pais a noção de que Deus lhes tinha proibido a árvore da ciência porque Ele não queria lhes dar os seus benefícios; e, da mesma maneira, ele aqui insinua ao nosso Salvador que o seu Pai o tinha abandonado e deixado vagar por si mesmo. Mas veja como esta idéia era irracional, e com que facilidade ela é respondida. Se Cristo parecia ser agora um mero homem, porque sentia fome, por que Ele não confessou ser mais do que um homem, e até mesmo ser o Filho de Deus, se durante quarenta dias Ele tinha jejuado, sem sentir fome?

Em segundo lugar: "Agora você tem uma oportunidade de mostrar que é o Filho de Deus. 'Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras' (provavelmente havia uma pilha delas diante dele) 'se tornem em pães' (v. 3). João Batista tinha dito recentemente que mesmo das pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão; um poder divino pode, portanto, sem dúvida, das pedras produzir alimento para estes filhos. "Se você tem este poder, exerça-o agora, nesta hora de necessidade, para si mesmo". Ele não disse: "Ore ao teu Pai para que Ele as transforme em pão", mas ordena que isto se faça. "O teu Pai te abandonou, organiza-te tu mesmo e não dependas dele". O diabo não é a favor de nada que seja humilhante, mas de tudo o que é arrogante; e ele consegue o que quer, se conseguir apenas retirar os homens da dependência que têm de Deus, e dotá-los de uma opinião de sua auto-suficiência.

(2) Veja a maneira como esta tentação foi resistida e vencida.

[1] Cristo se recusou a acatá-la. Ele não ordenou que as pedras se transformassem em pão. Não porque não pudesse fazê-lo. O seu poder,

pouco tempo depois disto, realizaria algo que era equivalente a transformar pedras em pão, mas Ele não o fez agora. E por que não o fez? À primeira vista, a coisa parece ser suficientemente justificável, e a verdade é que, quanto mais plausível uma tentação seja, e quanto mais aparência do bem exista nela, mais perigosa ela será. Esta questão trazia uma disputa, mas Cristo estava ciente da "serpente que havia na relva", e não fez nada, em primeiro lugar, que parecesse questionar a verdade da voz que Ele tinha ouvido do céu, ou que o colocasse numa nova tentação que já estava definida. Em segundo lugar, Ele não fez nada que parecesse falta de confiança nos cuidados do seu Pai para com Ele, ou que o limitasse a uma maneira particular de cuidar dele. Em terceiro lugar, Ele não fez nada que parecesse que estava cuidando de si mesmo e sendo o seu próprio provedor. Nem, em quarto lugar, que parecesse agradar a Satanás, fazendo algo de acordo com a sua sugestão. Alguns teriam dito que dar ao diabo o que lhe compete é um bom conselho; mas para aqueles que confiam em Deus, considerar o que o diabo diz é mais do que lhe compete; é como consultar o deus de Ecrom, quando existe um Deus em Israel.

[2] Ele estava preparado para responder à tentação (v. 4). Ele respondeu, dizendo: "está escrito". Deve-se observar que Cristo respondeu e frustrou todas as tentações de Satanás com este "Está escrito". Ele mesmo é a Palavra eterna, e poderia ter realizado a vontade de Deus sem ter de recorrer aos escritos de Moisés; mas Ele honrou as Escrituras, e, para nos dar um exemplo, apelou ao que estava escrito na lei, e diz isto a Satanás, supondo que ele sabe suficientemente bem o que está ali escrito. É possível que aqueles que são filhos do diabo possam saber muito bem o que está escrito no livro de Deus. Os demônios crêem e estremecem. Devemos adotar este método quando, em qualquer ocasião, formos tentados a pecar; devemos resistir e rejeitar a tentação com "está escrito". A Palavra de Deus é a espada do Espírito, a única arma ofensiva de todo o arsenal cristão (Ef 6.17); e em nossos conflitos espirituais, podemos dizer sobre ela como Davi falou sobre a espada de Golias: "Não existe espada melhor do que essa" (1 Sm 21.9, versão NTLH).

Esta resposta, como as outras, é extraída do livro de Deuteronômio, que significa a segunda lei, e na qual há muito pouco cerimonial. Os sacrifícios e as purificações dos levitas não puderam afastar Satanás, embora fossem de instituição divina, e muito menos a água benta e o sinal da cruz, que são

de invenção humana; mas os preceitos morais e as promessas evangélicas, mesclados com a fé, estes são poderosos, em Deus, para a derrota de Satanás. Aqui há uma citação de Deuteronômio 8.3, onde a razão pela qual Deus alimentava os israelitas com maná é o fato de que Ele os ensinava que o homem não pode viver somente de pão. Isto Cristo aplica ao seu próprio caso. Israel era o filho de Deus, que Ele libertou do Egito (Os 11.1), e também Cristo era Filho de Deus (cap. 2.15). Israel estava, na ocasião, em um deserto. Cristo também estava em um deserto agora, talvez fosse o mesmo deserto. Agora, em primeiro lugar, o diabo teria feito Cristo questionar a sua filiação, porque estava em dificuldades. Não, diz Ele, Israel era filho de Deus, e um filho a quem Ele muito amava e cujos hábitos Ele tolerava (At 13.18); e apesar disto, Ele os conduziu às dificuldades, e então (Dt 8.5), "como um homem castiga a seu filho, assim te castiga o Senhor, teu Deus". Cristo, sendo o Filho, aprendeu a obediência. Em segundo lugar, o diabo o teria feito deixar de confiar no amor e nos cuidados do seu Pai. "Não", diz Ele, "isto seria fazer o que Israel fez, quando estava em necessidade, ou seja, questionar: 'Está o Senhor no meio de nós', e: 'Poderá Deus… preparar-nos uma mesa no deserto? Ele poderá dar-nos pão?'" Em terceiro lugar, o diabo teria levado Cristo, quando começou a sentir fome, a imediatamente procurar alimento; ao passo que Deus, com seus objetivos sábios e santos, fez Israel sofrer a fome antes de lhes dar alimento. Ele os humilhou e os colocou à prova. Deus quer que os seus filhos, quando em necessidade, não apenas confiem nele, mas que esperem nele. Em quarto lugar, o diabo teria feito Cristo se alimentar com pão. "Não", diz Cristo, "que necessidade há disso? Já ficou determinado há muito tempo, e foi provado incontestavelmente, que o homem pode viver sem pão, pois Israel, no deserto, viveu quarenta anos somente com o maná". É verdade, Deus, em sua providência, pode normalmente sustentar os homens com o pão produzido na terra (Jó 28.5); mas Ele pode, se assim o desejar, fazer uso de outros meios para conservar vivos os homens. Qualquer palavra saída da boca de Deus, qualquer coisa que Deus ordene e indique para este fim, será um sustento para o homem, tão bom quanto o pão, e irá sustentá-lo também. Pois podemos ter pão e não ser alimentados, se Deus nos negar a sua bênção (Ag 1.6,9; Mq 6.14); pois embora o pão seja a base da vida, a bênção de Deus é a base do pão, de modo que podemos precisar de pão e, ainda assim sermos alimentados de alguma outra maneira. Deus sustentou

Moisés e Elias sem pão, e ao próprio Cristo, durante quarenta dias. Ele sustentou Israel com o pão do céu, o alimento dos anjos. Elias, com o pão milagrosamente enviado por corvos, e em outra ocasião, com a refeição da viúva, milagrosamente multiplicada. Portanto, Cristo não precisava transformar pedras em pães, mas sim confiar que Deus o manteria vivo de alguma outra maneira, agora que Ele sentia fome, da mesma maneira como Ele o tinha feito durante quarenta dias, antes que Ele sentisse fome. Assim como na nossa grande abundância não devemos pensar que vivemos sem Deus, da mesma maneira, nas nossas grandes dificuldades, nós devemos aprender a confiar em Deus. E quando a figueira não der frutos, e os campos não produzirem alimento, quando todos os meios normais de auxílio e ajuda deixarem de existir, ainda assim devemos nos alegrar no Senhor. Então, não devemos pensar em fazer o que quisermos, contrariamente às suas ordens, mas humildemente orar pelo que Ele considera adequado nos dar, e sermos gratos pelo pão do nosso sustento, ainda que seja pouco. Devemos aprender, com Cristo aqui, a confiar em Deus, e não em nós mesmos, e a não enveredarmos por nenhum caminho irregular para o nosso sustento, quando as nossas necessidades forem extremamente urgentes (Sl 37.3). De uma maneira ou de outra, o Senhor proverá. É melhor viver modestamente, com os frutos da bondade de Deus, do que viver com abundância dos produtos do nosso próprio pecado.

2. O diabo tentou Jesus a presumir sobre o poder e a proteção do seu Pai. Veja que adversário incansável é o diabo! Se ele fracassa em um ataque, ele tenta outro.

Neste segundo ataque, podemos observar:

(1) Qual foi a tentação, e como foi conduzida. Em geral, encontrando Cristo tão confiante no cuidado que o seu Pai tem com Ele, em termos de nutrição, o diabo tenta levá-lo a confiar nestes cuidados em termos de segurança. Observe que nós corremos o risco de perder o nosso rumo, tanto à direita como à esquerda, e, portanto, precisamos prestar atenção para que, quando evitarmos um extremo, não sejamos levados, pelos truques de Satanás, a correr para o outro; para que, superando a nossa abundância, não caiamos na cobiça. Nenhum extremo é mais perigoso do que os do desespero e da arrogância, especialmente nas questões das nossas almas. Alguns que obtiveram uma convicção de que Cristo é capaz de salvá-los de seus pecados, e está disposto a fazer isto, são tentados a confiar que Ele os

salvará dos seus pecados. Assim, quando as pessoas começam a se tornar zelosas pela religião, Satanás as leva ao fanatismo e a atitudes desenfreadas.

Nesta tentação, podemos observar:

[1] Como ele abriu caminho para ela. Ele levou a Cristo, não pela força, contra a sua vontade, mas o levou a Jerusalém, indo com Ele. Se Cristo foi pelo chão, e depois subiu as escadas até o topo do Templo, ou se foi pelo ar, não se sabe; mas Ele foi colocado sobre um pináculo, ou torre espiral. Sobre o santuário (dizem alguns), sobre as ameias ou seteiras (dizem outros), sobre as asas do Templo. Agora, observe, em primeiro lugar, o quão submisso Cristo estava ao plano de Deus Pai, sujeitando-se a ser levado assim, para permitir que Satanás realizasse o seu trabalho procurando derrotá-lo. A paciência de Cristo aqui, como também posteriormente, nos seus sofrimentos e na sua morte, é mais maravilhosa que o poder de Satanás ou os seus truques; pois nem ele nem seus truques poderiam ter qualquer poder sobre Cristo, exceto o que lhe tinha sido concedido do céu. Como é consolador que Cristo, ao permitir que este poder de Satanás lutasse contra si mesmo, não o permita, de igual maneira, sobre nós, mas o restrinja, pois Ele conhece a nossa estrutura! Em segundo lugar, o quão sutil estava o diabo, na escolha da ocasião para as suas tentações. Pretendendo solicitar a Cristo uma ostentação do seu próprio poder, e uma atitude inútil de vanglória sobre a providência divina, ele o coloca no alto de um lugar público em Jerusalém, uma cidade muito habitada, e a alegria da terra inteira; no Templo, uma das maravilhas do mundo, continuamente olhada com admiração por muitos. Ali, Jesus poderia se fazer admirável, e ser notado por todos, e provar ser o Filho de Deus; não como Ele tinha sido convidado na tentação anterior, na obscuridade de um deserto, mas diante de multidões, no alto do lugar mais eminente.

Observe: 1. Que Jerusalém aqui é chamada de Cidade Santa; pois ela o era, em nome e em profissão de fé, e havia nela uma semente sagrada, que era o seu conteúdo. Observe que não há no mundo uma cidade tão santa para nos isentar e nos proteger do diabo e de suas tentações. O primeiro Adão foi tentado no jardim sagrado, o segundo, na Cidade Santa. Portanto, não devemos, em nenhum lugar, aliviar a nossa vigilância. Não, a Cidade Santa é o lugar onde o diabo, com grande vantagem e êxito, tenta os homens ao orgulho e à arrogância; mas, bendito seja Deus, na Jerusalém celestial, naquela cidade santa, nenhuma impureza entrará. Ali estaremos,

para sempre, livres da tentação. 2. Que ele o colocou sobre o pináculo do Templo, que (conforme Josefo descreve em *Antiq*., liv. 15, cap. 14*)* era tão alto que poderia produzir vertigens à cabeça de um homem que do seu cume olhasse para baixo. Note que os pináculos dos templos são lugares de tentação. Quer dizer: (1) Os lugares altos o são; eles são lugares instáveis; o progresso no mundo torna o homem um alvo fácil para onde Satanás dirige os seus dardos. Deus traz os homens ao chão, para que eles possam se erguer; o diabo os leva para o alto, para poder lançá-los ao chão. Portanto, aqueles que prestam atenção à queda, devem prestar atenção à subida. (2) Os lugares altos na igreja são, de uma maneira especial, perigosos. Aqueles que se sobressaem em dons, que estão em posições eminentes, que conquistaram grande reputação, precisam se conservar humildes, pois Satanás com certeza os fará seus alvos, os encherá de orgulho para que possam cair na condenação do diabo. Aqueles que estão no alto devem se preocupar em perseverar, e permanecer firmes.

[2] A maneira como ele fez a motivação: "'Se tu és o Filho de Deus', prove isto perante o mundo, e prove a si mesmo, 'lança-te daqui abaixo'". "Então", em primeiro lugar, "você será admirado, como se estivesse sob a proteção especial do céu. Quando eles virem que você não se feriu numa queda de uma altura como esta, eles dirão" (como os bárbaros disseram sobre Paulo) "que você é um Deus". Diz a tradição que Simão Magno quis provar desta mesma maneira que era um deus, mas as suas pretensões não foram provadas, pois ele caiu e se feriu terrivelmente. "Não", em segundo lugar, "você será recebido como tendo vindo com uma missão especial do céu. Toda Jerusalém irá ver e reconhecer não somente que você é mais do que um homem, mas que você é aquele Mensageiro, aquele Anjo da Aliança, que de repente viria ao Templo (Ml 3.1) e dele desceria às ruas da cidade santa; e assim o trabalho de convencer os judeus seria reduzido e realizado em pouco tempo".

Note que o diabo disse: "Lança-te daqui abaixo". O diabo não podia lançá-lo, embora não fosse necessário muito para fazê-lo, do topo de uma torre espiral. Observe que o poder de Satanás é um poder limitado; conseqüentemente, ele fará as suas investidas, mas não poderá fazer tudo o que quiser. Ainda assim, se o diabo o tivesse lançado do topo da torre, não teria conseguido o seu intento; poderia haver até mesmo sofrimento, apenas, e não pecado. Lembre-se, qualquer prejuízo ou dano real que seja

feito a nós, será nossa própria obra; o diabo somente pode nos persuadir, ele não pode nos obrigar. Ele somente pode dizer: “Lança-te daqui abaixo”. Ele não pode nos lançar. “Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência”, e não forçado, mas atraído. Portanto, não firamos a nós mesmos, e, bendito seja Deus, ninguém mais conseguirá nos ferir (Pv 9.12).

[3] A maneira como ele fundamentou o seu convite com uma passagem das Escrituras. “Porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito”. Mas Saul também está incluído entre os profetas? É Satanás tão conhecedor das Escrituras, a ponto de ser capaz de citá-las tão prontamente? Aparentemente, sim. Observe que é possível que um homem tenha a sua cabeça cheia de noções das Escrituras, e a sua boca cheia de expressões das Escrituras, ao passo que o seu coração está cheio de inimizade reinante contra Deus e toda a divindade. O conhecimento que os demônios têm das Escrituras aumenta tanto a sua disposição para a maldade como para o tormento. O diabo jamais falou com mais vexame e irritação sobre si mesmo do que quando disse a Cristo: “Bem sei quem és”. O diabo iria persuadir Cristo a lançar-se para baixo, esperando que Ele pudesse ser o seu próprio assassino, e este seria o final dele e da sua missão – que Satanás via com olhos invejosos. Para incentivá-lo a fazer isto, ele lhe diz que não haveria perigo, que os bons anjos o protegeriam, pois esta era a promessa (Sl 91.11): “aos seus anjos dará ordem a teu respeito”. Nesta citação:

Em primeiro lugar, havia uma coisa correta. É verdade, existe esta promessa de ministério dos anjos, para a proteção dos santos. O diabo sabe disto por experiência, pois ele descobre que os seus esforços contra os santos são infrutíferos, e ele se irrita com isto, como fez no caso de Jó, de quem ele fala com tanta sensatez (Jó 1.10). Ele também estava certo ao aplicar isto a Cristo, pois a Ele pertencem, básica e eminentemente, todas as promessas de proteção dos santos, e a estes, por meio dele. Aquela promessa, de que nenhum dos seus ossos se quebraria (Sl 34.20), se cumpriu em Cristo (Jo 19.36). Os anjos guardam os santos por amor a Cristo (Ap 7.5,11).

Em segundo lugar, havia muita coisa errada. E talvez o diabo tivesse um ódio particular contra esta promessa, e a tivesse distorcido, porque ela freqüentemente o atrapalhava, e frustrava os seus ardilosos desígnios contra os santos. Veja aqui: 1. A maneira como ele a citou mal, e isto foi ruim. A

promessa é: “Eles te guardarão”; mas como? “Em todos os teus caminhos”; de nenhuma outra maneira; se sairmos do nosso caminho, do caminho do nosso dever, perdemos a promessa e nos colocamos fora da proteção de Deus. Estas palavras eram contrárias ao tentador, e por isto ele, ardilosamente, a excluiu da sua citação. Se Cristo se lançasse para baixo, Ele teria saído do seu caminho, pois Ele não tinha ordens de se expor desta maneira. É bom que nós, em todas as ocasiões, consultemos as próprias Escrituras, e não confiemos nas sugestões, para que elas não nos sejam impostas por aqueles que mutilam e deformam a Palavra de Deus. Nós devemos fazer como os nobres de Beréia, que liam diariamente as Escrituras. 2. A maneira como ele aplicou mal a citação, e isto foi pior. As Escrituras são mal usadas quando a questão é ser condescendente com o pecado, e quando os homens, conseqüentemente, a corrompem no caso da sua própria tentação, eles o fazem para a sua própria destruição (2 Pe 3.16). Esta promessa é firme, e é boa; mas o diabo fez um mau uso dela, quando a usou como um incentivo para confiar nos cuidados divinos. Observe que não é novidade que alguns tentem transformar a graça de Deus em brincadeira, nem que os homens se incentivem a pecar depois que descobrem a boa vontade de Deus com relação aos pecadores. Mas nós “permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante”? Vamos nos lançar para baixo, para que os anjos possam nos segurar? De maneira nenhuma.

(2) A maneira como Cristo venceu esta tentação. Ele resistiu a ela, e a venceu, assim como tinha feito com a primeira, com a expressão “está escrito”. O mau uso que o diabo faz das Escrituras não impediu que Cristo as usasse bem, mas Ele aqui insiste (Dt 6.16): “Não tentareis o Senhor, vosso Deus”. O significado disto não é: “Portanto, vocês não devem me tentar”, mas sim: “Portanto, Eu não devo tentar o meu Pai’. Na passagem citada, a referência está no plural: “Não tentarás”. Aqui, está no singular: “Não tentareis”. Observe que somos suscetíveis a conseguir o bem pela Palavra de Deus, quando ouvimos e recebemos promessas gerais como dirigidas a nós em particular. Satanás disse: “Está escrito”; Cristo diz: “Está escrito”. Isto não significa que uma passagem das Escrituras contradiga a outra. Deus é um, e a sua palavra é única, e Ele é uma única mente, mas aquela é uma promessa, isto é, um preceito, e, portanto, há que se explicar e aplicar estas coisas; pois as Escrituras são os melhores intérpretes das

próprias Escrituras; e aqueles que profetizam, que expõem as Escrituras, devem fazê-lo de acordo com a proporção da sua fé (Rm 12.6), e de modo coerente com a santidade prática.

Se Cristo se lançasse para baixo, isto seria tentar a Deus: [1] Pois estaria exigindo uma confirmação daquilo que já tinha sido bem confirmado. Cristo estava bastante satisfeito com o fato de Deus ser o seu Pai, e cuidar dele, e dar aos seus anjos uma missão a respeito dele. Portanto, fazer uma nova experiência seria tentá-lo, como os fariseus tentaram a Cristo, quando, tendo tantos sinais na terra, exigiram um sinal do céu. Isto seria limitar o Santo de Israel. [2] Pois estaria exigindo uma proteção especial para Ele, ao fazer algo que Ele não tinha sido chamado para fazer. Se nós esperarmos que, por Deus ter prometido não nos abandonar, Ele deve nos acompanhar mesmo se sairmos da nossa obrigação; se esperarmos que, por ter prometido satisfazer as nossas necessidades, por isto Ele deve nos mimar e nos conceder os nossos caprichos; se esperarmos que, por ter Ele prometido nos proteger, nós podemos voluntariamente nos expor aos perigos e esperar o fim desejado, sem o uso dos fins indicados, isto é arrogância, isto é tentar a Deus. E o fato de Ele ser o Senhor nosso Deus agrava o pecado; é um abuso do privilégio que desfrutamos, de tê-lo como nosso Deus. Ele já nos incentivou a confiar nele, mas seremos extremamente ingratos, se o tentarmos; isto é contrário ao nosso dever para com Ele, como nosso Deus. Isto é afrontar aquele a quem nós devemos honrar. Observe que não devemos prometer a nós mesmos nada além daquilo que Deus nos prometeu.

3. O diabo tentou Jesus à mais obscura e horrenda idolatria, com a oferta dos reinos do mundo e a sua glória. E aqui podemos observar:

(1) A maneira como o diabo dá este incentivo ao nosso Salvador (vv. 8,9). A pior tentação ficou reservada para o final. Observe que algumas vezes o último encontro dos santos é com os filhos de Anaque, e o último ataque é o mais amargo. Portanto, qualquer que seja a tentação que nos sobrevenha, ainda assim devemos nos preparar para o pior, devemos estar armados para todos os ataques com a armadura da justiça na mão direita e na esquerda.

Nesta tentação, podemos observar:

[1] O que ele mostrou a Cristo – “todos os reinos do mundo”. Para fazer isto, ele o levou a um monte muito alto. Esperando ser o vencedor, como Balaque com Balaão, ele mudou o seu território. O pináculo do Templo não

é suficientemente alto; o príncipe das potestades do ar deve levá-lo ainda mais alto nos seus territórios. Alguns pensam que este alto monte estava do outro lado do Jordão, porque é ali que encontramos Cristo pouco depois da tentação (Jo 1.28,29). Talvez fosse o monte Pisga, onde Moisés, em comunhão com Deus, contemplou todos os reinos de Canaã. Até aqui, o bendito Jesus teve ao seu lado uma grande esperança, como se o diabo pudesse lhe mostrar mais sobre o mundo do que Ele já conhecia, Ele que o tinha criado e o governava. Daquele lugar, Ele poderia contemplar a localização de alguns dos reinos próximos à Judéia, embora não a glória destes reinos; mas sem dúvida havia uma trapaça e uma ilusão de Satanás nisto. É provável que aquilo que ele mostrou a Cristo não passasse de uma paisagem, de uma representação em uma nuvem, do modo como o grande enganador podia facilmente juntar, apresentar, em cores adequadas e vivas, as glórias e as magníficas aparências dos príncipes, suas roupas e coroas, seus séqüitos, sua bagagem e seus guarda-costas; a pompa dos tronos, e das cortes, e dos palácios luxuosos, os suntuosos edifícios nas cidades, os jardins e os campos próximos, com vários exemplos de riqueza, prazer e satisfação, que pudessem despertar a imaginação e excitar a admiração e o afeto. Assim foi esta exibição, e o fato de levá-lo até um monte alto tinha o único objetivo de ajudar e disfarçar o engano, ao qual o bendito Jesus não se deixou submeter, mas enxergou a realidade que estava por trás da trapaça, só permitindo que Satanás o fizesse à sua maneira para que a sua vitória sobre o maligno pudesse ser ainda mais exemplar. Conseqüentemente, observe, a respeito das tentações de Satanás, que, em primeiro lugar, elas vêm aos olhos, que estão cegos às coisas que deviam ver, e maravilhados pelas tolices de que deveriam se afastar. O primeiro pecado começou através dos olhos (Gn 3.6). Portanto, precisamos fazer um concerto com os nossos olhos, e orar para que Deus os afaste da contemplação às tolices. Em segundo lugar, as tentações normalmente nascem no mundo, e nas coisas que nele há. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida são os pontos de onde o demônio produz a maioria dos seus argumentos. Em terceiro lugar, isto é um grande engano que o diabo coloca sobre as nossas pobres almas, nas suas tentações. Ele engana, e assim, destrói. Ele impõe sobre os homens as sombras e as cores rápidas; mostra o mundo e a sua glória, e esconde dos olhos dos homens o pecado, a tristeza e a morte que mancham o orgulho de

toda esta glória, as preocupações e as calamidades que aparecem com as grandes posses, e os espinhos com que as próprias coroas são adornadas. Em quarto lugar, a glória do mundo é a tentação mais sedutora para os inconscientes e imprudentes, e aquela infligida com mais freqüência aos homens. Os filhos de Labão se ressentem da glória de Jacó; o orgulho pela vida é a cilada mais perigosa.

[2] O que ele disse a Cristo (v. 9): “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. Veja:

Em primeiro lugar, como foi vã esta promessa. “Tudo isto te darei”. O diabo parece ter certeza de que nas tentações anteriores ele tinha, parcialmente, atingido o seu objetivo, e provado que Cristo não era o Filho de Deus, porque Ele não tinha lhe dado as evidências que ele exigia; assim, aqui ele considera Cristo como um mero homem. Em outras palavras, “Venha”, diz ele, “parece que Deus, cujo Filho você pensava ser, está lhe abandonando, e priva você de alimento como um sinal de que Ele não é o seu Pai. Mas se você for governado por mim, eu vou cuidar melhor de você; considere-me como o seu pai, e peça a minha bênção, e tudo isto eu lhe darei”. Satanás faz dos homens presas fáceis, quando consegue persuadi-los a pensar que foram abandonados por Deus. A falácia desta promessa está em: “Tudo isto te darei”. E o que é ”tudo isto”? Não era nada além de um mapa, um quadro, uma mera fantasia, que não tinha nada de real ou sólido, e isto ele daria a Cristo: um prêmio considerável! Mas assim são as ofertas de Satanás. Multidões deixam de ver o que é real, vendo o que não é. As iscas do diabo são todas simulações, elas são espetáculos e sombras com os quais ele engana as pessoas, ou melhor, elas se enganam. As nações da terra tinham sido, há muito tempo, prometidas ao Messias; se Ele era o Filho de Deus, elas pertenciam a Ele. Satanás agora finge ser um bom anjo, provavelmente um daqueles que tinham sido colocados sobre os reinos, e finge ter recebido a missão de entregar posses a Jesus, de acordo com uma promessa. Lembre-se, nós devemos tomar cuidado para não receber até mesmo o que Deus prometeu, pelas mãos do diabo; nós fazemos isto quando precipitamos o cumprimento das promessas, agarrando-nos a elas de uma maneira pecaminosa.

Em segundo lugar, como era vil esta condição: “Se, prostrado, me adorares”. Toda a adoração que os pagãos faziam aos seus deuses se dirigia ao diabo (Dt 32.17), que, portanto, é chamado de deus deste século (2 Co

4.4; 1 Co 10.20). E, satisfeito, ele atrairia Cristo aos seus interesses, e o persuadiria, estabelecendo um Professor, para pregar a idolatria dos gentios e para introduzi-la outra vez no meio dos judeus, e então as nações da terra correriam para ele. Que tentação seria mais abominável, mais obscura? Observe que o melhor dos santos pode ser tentado ao pior dos pecados, especialmente quando está sob o poder da melancolia; como, por exemplo, ser atraído ao ateísmo, à blasfêmia, ao assassinato, à autodestruição e a outras coisas. Esta é a sua aflição. Mas enquanto não houver consentimento, nem aprovação, não há pecado por parte dele; Cristo foi tentado a adorar Satanás, mas resistiu.

(2) Veja como Cristo evitou o golpe, frustrou o ataque e emergiu como um vencedor. Ele rejeitou a proposta:

[1] Com repulsa e ódio: "Vai-te, Satanás". As duas tentações anteriores tinham alguma coisa atraente, algo que admitiria uma consideração, mas esta era tão grosseira a ponto de não admitir negociação. Ela parece abominável à primeira vista, e, portanto, é imediatamente rejeitada. Se o melhor amigo que tivermos no mundo nos sugerir alguma coisa como esta: "Vamos e sirvamos a outros deuses", ele não deve ser ouvido com piedade (Dt 13.6,8). Algumas tentações têm a sua maldade escrita na testa, são conhecidas de antemão; não devemos sequer discutir sobre elas, mas rejeitá-las imediatamente. "Vai-te, Satanás". Em outras palavras: "Leve isto embora daqui, eu não suporto pensar nisso!". Enquanto Satanás tentou a Cristo para que causasse mal a si mesmo, lançando-se para baixo, embora Ele não cedesse, Ele ouviu a proposta; mas agora, que a tentação se impõe claramente a Deus, Ele não consegue suportá-la. "Vai-te, Satanás". Observe que esta é uma indignação justa, que se ergue contra a proposta de qualquer coisa que se sobreponha à honra de Deus, e atinja a sua majestade. Não, não importa qual seja a coisa abominável que saibamos com certeza que o Senhor odeia, nós devemos abominá-la. Que Deus não permita que tenhamos alguma coisa a ver com ela. Observe que é bom ser categórico ao resistir à tentação, e fechar os ouvidos aos encantos e enganos de Satanás.

[2] Com um argumento extraído das Escrituras. Observe que, para fortalecer as nossas resoluções contra o pecado, é bom vermos quantas razões existem para estas resoluções. O argumento é muito adequado e exato ao propósito, extraído de Deuteronômio 6.13 e 10.20. "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás". Cristo não discute se ele, o diabo, era

um anjo de luz, como ele fingia ser, ou não; mas mesmo que fosse, ainda assim não devia ser adorado, pois esta é uma honra devida somente a Deus. Observe que é bom darmos à tentação respostas tão completas e tão breves quanto possível, para não deixar lugar para objeções. O nosso Salvador, neste caso, tem o auxílio da lei fundamental, o que é indispensável e universalmente obrigatório. A adoração religiosa é devida somente a Deus, e não deve ser oferecida a nenhuma outra criatura. É uma flor na coroa que não pode ser separada, um ramo da glória de Deus que Ele não dará a outrem. Se o seu próprio Filho não fosse Deus, igual a Ele e um só com Ele, Ele não exigiria que todos os homens honrassem ao Filho, como honram ao Pai. Cristo cita esta lei a respeito da adoração religiosa, e o faz aplicando-a a si mesmo. Em primeiro lugar, para mostrar que no seu estado de humilhação Ele mesmo estava sujeito a esta lei: embora, como Deus, fosse adorado, ainda assim, como Homem, Ele adorava a Deus Pai, tanto publicamente como em particular. Ele nos obriga a nada além do que Ele primeiramente se obrigou a fazer. Assim, lhe convinha cumprir toda a justiça. Em segundo lugar, para mostrar que a lei da adoração religiosa é de obrigação eterna: embora Ele anulasse e alterasse muitas instituições da adoração, ainda assim Ele veio ratificar e confirmar e fazer vigorar sobre nós a lei fundamental da natureza, de que somente Deus deve ser adorado.

VTemos aqui o desfecho e o resultado deste combate (v. 11). Embora os filhos de Deus possam passar por muitas e grandes tentações, ainda assim Deus não irá submetê-los a ser tentados acima das forças que cada um deles tem, ou que Ele lhe dará (1 Co 10.13). Eles só estarão em dificuldades durante uma época, em meio aos tipos mais variados de tentação.

Agora, o resultado foi glorioso, e para a honra de Cristo; pois:

1. O diabo ficou frustrado e abandonou o campo de batalha; “então, o diabo o deixou”, forçado a fazer isto pelo poder que acompanhava aquelas palavras de ordem: “Vai-te, Satanás”. Ele fez uma retirada vergonhosa e desonrosa, e retirou-se em desgraça; e quanto mais ousadas tinham sido as suas tentativas, mas mortificante foi a frustração que recebeu. No entanto, a tentativa na qual ele fracassou foi ousada. Quando ele tinha feito a pior tentativa, tinha tentado a Cristo com todos os reinos do mundo e a sua glória, e descobriu que Ele não se deixava influenciar por aquela isca, que

ele não venceria com aquela tentação, com a qual tinha derrubado tantos milhares de filhos dos homens, então ele deixa o Senhor; é quando ele o considera como mais do que um homem. Como isto não influenciou Jesus, ele desiste de influenciá-lo e começa a concluir que Ele é o Filho de Deus, e que é inútil continuar a tentá-lo. Se resistirmos ao diabo, ele se afastará de nós; ele desistirá, se nós conservarmos os nossos fundamentos. Quando o diabo deixou o nosso Salvador, ele tinha sido justamente derrotado; a sua cabeça estava rompida pelo esforço que tinha feito para ferir o calcanhar de Cristo. Ele o deixou porque ele não tinha nada nele, nada a que agarrar-se; ele viu que não tinha sentido e desistiu. O diabo, embora seja um inimigo de todos os santos, é um inimigo derrotado. O Capitão da nossa salvação já o derrotou e desarmou; nós não temos nada a fazer, exceto possuir e manter a vitória.

2. Os santos anjos vieram e serviram ao nosso vitorioso Redentor: “Eis que chegaram os anjos e o serviram”. Eles vieram sob uma aparência visível, como o diabo tinha feito nas tentações. Enquanto o diabo estava desferindo seus ataques sobre o nosso Salvador, os anjos mantiveram-se à distância, e foram suspensos o seu auxílio e o seu serviço imediatos, para que ficasse aparente que Jesus tinha derrotado a Satanás com suas próprias forças, e para que a sua vitória fosse ainda mais exemplar. Também para que posteriormente, quando Miguel fizer uso dos seus anjos para lutar contra o dragão e seus anjos, fique aparente que não é porque Jesus precise deles, ou porque não conseguiria realizar o seu trabalho sem eles, mas porque Ele se alegra em honrá-los, tanto quanto em usá-los. Um dos anjos poderia ter lhe trazido comida, mas havia muitos que o serviam, para dar testemunho do respeito que tinham por Ele, e da disposição e prontidão deles para receber as suas ordens. Note isto! É importante observar que: (1) Assim como existe um mundo de espíritos malignos e mal-intencionados que lutam contra Cristo e a sua igreja – contra todos os crentes fiéis –, também existe um mundo de anjos santos e benditos, engajados e usados a favor dos cristãos. A respeito da nossa luta contra os demônios, podemos ter uma abundância de consolo devido aos anjos que pelejam contra estes. (2) As vitórias de Cristo são os triunfos dos anjos. Os anjos vieram comemorar com Cristo o seu sucesso, alegrar-se com Ele e dar a Ele a glória que deve ser dada ao seu nome; pois isto foi cantado com voz alta no céu, quando o grande dragão foi expulso (Ap 12.9,10): “Agora chegada está

a salvação, e a força". (3) Os anjos ministraram ao Senhor Jesus não apenas alimento, mas qualquer coisa de que Ele necessitou depois deste esforço tão grande. Veja como os exemplos da condescendência e da humilhação de Cristo estão equilibrados com os sinais da sua glória. Como quando Ele foi crucificado em fraqueza, e ainda assim viveu pelo poder de Deus; como quando em fraqueza Ele foi tentado, passou fome e cansaço, e ainda assim pelo seu poder divino Ele ordenou o serviço dos anjos. Assim, o Filho do Homem comeu o alimento trazido pelos anjos e, como Elias, foi alimentado por um anjo no deserto (1 Rs 19.4,7). Observe que embora Deus possa permitir que o seu povo passe necessidades e dificuldades, ainda assim Ele tomará cuidados efetivos para o seu sustento, preferirá enviar anjos para alimentá-los a vê-los perecer. "Confia no Senhor e... verdadeiramente, serás alimentado" (Sl 37.3).

Cristo foi auxiliado depois da tentação: [1] Para que tivesse a coragem de prosseguir em sua missão, para que pudesse ver os poderes do céu ao seu lado quando visse os poderes do inferno contra Ele. [2] Para nosso incentivo, a fim de confiarmos nele; pois Ele soube, por experiência, o que é sofrer sendo tentado, e como esta situação é difícil. Assim, Ele soube o que é ser ajudado, depois de ser tentado, e como isto é reconfortante. Portanto, podemos esperar não apenas que Ele se solidarize com o seu povo, quando tentado, mas que Ele ofereça um alívio razoável a cada um, como o nosso grande Melquisedeque, que saiu ao encontro de Abraão quando este retornava da batalha, e como os anjos ministraram a ele ali.

Finalmente, Cristo, tendo sido, desta maneira, distinguido e feito grande no mundo invisível, por meio da voz do Pai, da descida do Espírito, da sua vitória sobre os demônios, e do seu domínio sobre os anjos, foi inquestionavelmente qualificado para aparecer no mundo visível como o Mediador entre Deus e o homem. "Considerai, pois, quão grande era este"!

O Início do Ministério de Cristo

vv. 12-17

Aqui nós temos um relato da pregação de Cristo nas sinagogas da Galiléia, pois Ele veio ao mundo para ser um pregador. Ele mesmo começou a anunciar a grande salvação que Ele proporcionou (Hb 2.3), para

mostrar o quanto o seu coração estava nisto, e o quanto o nosso também deveria estar.

Diversas passagens nos outros Evangelhos, especialmente no de João, supostamente, na ordem da história da vida de Cristo, acontecem entre a sua tentação e a sua pregação na Galiléia. A sua primeira aparição, depois da tentação, foi quando João Batista apontou para Ele, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1.29). Depois disto, Ele subiu até Jerusalém, para a Páscoa (Jo 2), conversou com Nicodemos (Jo 3), com a mulher samaritana (Jo 4), e então retornou à Galiléia, e ali pregou. Mas Mateus, por ter sua residência na Galiléia, começa a sua história do ministério público de Cristo com a sua pregação ali, da qual aqui temos um relato. Observe:

I O tempo. Quando Jesus ouviu que João foi lançado na prisão, ele foi para a Galiléia (v. 12). Perceba que os gritos de sofrimento dos santos chegam aos ouvidos de Jesus. Se João está preso, Jesus ouve isto, toma conhecimento disto, e altera o seu curso de acordo com isto. Ele se lembra dos laços e das aflições que sobrevêm ao seu povo. Observe: 1. Cristo não entrou nesta região até ficar sabendo da prisão de João Batista, pois João precisava ter o tempo que lhe tinha sido dado para preparar o caminho do Senhor, antes que o próprio Senhor aparecesse. A Providência sabiamente ordenou que João fosse eclipsado antes que Cristo aparecesse; de outra maneira, a mente das pessoas ficaria dividida entre os dois; umas teriam dito: “eu sigo a João”, e outras: “eu sigo a Jesus”. João deveria ser o precursor de Cristo, e não o seu rival. A lua e as estrelas já não são vistas quando nasce o sol. João tinha realizado o seu trabalho, pelo batismo do arrependimento, e depois já não poderia mais estar em evidência. As testemunhas foram mortas quando terminaram o seu testemunho, e não antes (Ap 11.7). 2. Ele foi até a região imediatamente depois de saber da prisão de João; não apenas para cuidar da sua própria segurança, sabendo que os fariseus da Judéia eram tão inimigos seus quanto Herodes era inimigo de João, mas para atender às necessidades de João Batista, e para edificar sobre a boa fundação que João tinha lançado. Observe que Deus não fica sem as suas testemunhas, e a sua igreja não fica sem os seus líderes. Quando Ele remove um instrumento útil, Ele pode levantar outro, pois tudo está sob o controle do seu Espírito. E se houver um trabalho a realizar, Ele o fará. Moisés, meu servo, está morto, João está na prisão. Agora, portanto, levante-se, Josué; levante-se, Jesus.

II O lugar onde Ele pregou. Na Galiléia, uma parte afastada do país, que era a mais distante de Jerusalém, considerada com desprezo como sendo rude. Os habitantes daquela região eram homens reconhecidamente robustos e vigorosos, bons para serem soldados, mas não eram homens educados, bons para serem alunos. Para lá Cristo se dirigiu, ali Ele estabeleceu o padrão do seu Evangelho; e nisto, como em outras coisas, Ele se humilhou. Observe:

1. A cidade em particular que Ele escolhe para a sua residência; não foi Nazaré, onde tinha sido criado; não, Ele deixou Nazaré. Há uma menção especial a isto (v. 13). E com bons motivos Ele deixou Nazaré, pois os homens daquela cidade o expulsaram do seu meio (Lc 4.29). Ele lhes fez a sua primeira oferta dos seus serviços, uma oferta muito justa, mas eles o rejeitaram, e também à sua doutrina, e se encheram de indignação com Ele e com a doutrina; portanto, Ele deixou Nazaré e sacudiu a poeira dos seus pés, como um testemunho contra aqueles que não o quiseram ensinando-lhes. Nazaré foi o primeiro lugar que rejeitou a Cristo, e por isto foi rejeitada por Ele. Observe é justo que Deus remova o Evangelho e os meios da graça do meio daqueles que os desprezam, e que abandone estas pessoas. Cristo não irá permanecer muito tempo onde não for bem-vindo. Infeliz Nazaré! “Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos”.

Mas Ele foi habitar em Cafarnaum, que era uma cidade da Galiléia, mas muitos quilômetros distante de Nazaré, que era uma cidade grande e de muitos meios. Diz-se aqui que ela é uma cidade marítima, na costa do mar, não do grande mar, mas do mar de Tiberíades, um corpo de água interior, também chamado de lago de Genesaré. Próxima à foz do Jordão no mar, ficava Cafarnaum, na tribo de Naftali, e vizinha a Zebulom. Para ali Cristo veio, e ali Ele residiu. Alguns pensam que o seu pai José tinha uma casa ali, outros pensam que Ele conseguiu uma casa, ou pelo menos alojamento, e outros pensam que era mais provável que Ele residisse na casa de Simão Pedro; no entanto, aqui Ele não ficava constantemente, pois Ele viajava fazendo o bem. Mas aqui foi, por algum tempo, o seu quartel-general: o pouco descanso que Ele tinha, era aqui; aqui Ele tinha um lugar, embora não fosse um lugar seu, para reclinar a cabeça. E em Cafarnaum, ao que parece, Ele era bem-vindo, e encontrava melhor acolhida do que em Nazaré. Se alguns rejeitam a Cristo, outros o receberão, e lhe darão boas-vindas. Cafarnaum está contente com aquilo que sobrou de Nazaré. Mesmo que os

próprios compatriotas de Cristo não se reunissem, ainda assim Ele seria glorioso. Em outras palavras: “E tu, Cafarnaum, aproveita. Agora estás sendo elevada aos céus; sê prudente e reconhece a ocasião da tua visitação”.

2. A profecia que se cumpriu com isto (vv. 14-16). É uma citação de Isaías 9.1,2, mas com alguma variação. Naquela passagem o profeta está predizendo uma grande escuridão de aflição e sofrimento que cairia sobre aqueles que desprezaram o Emanuel, e que se abateu sobre as regiões ali mencionadas, quer no seu primeiro cativeiro, sob Ben-Hadade, que foi tudo, exceto luz (1 Rs 15.20), ou no seu segundo cativeiro, sob os assírios, que foi muito pior (2 Rs 15.29). A punição da nação dos judeus por rejeitar o Evangelho seria mais amarga do que qualquer um dos dois cativeiros (veja Is 8.21,22), pois aqueles que foram aprisionados se revigoraram, de alguma maneira, na sua escravidão, e viram novamente uma grande luz (Is 9.2). Este é o sentido no livro de Isaías. Mas as Escrituras se cumprem de muitas maneiras, e o evangelista aqui somente assume a última frase, que fala do retorno da luz da liberdade e prosperidade àquelas regiões que tinham estado nas trevas do cativeiro, e a aplica à chegada do Evangelho entre eles.

Os lugares são mencionados no versículo 15. A terra de Zebulom, acertadamente, é tida como estando na costa marítima, pois Zebulom tinha um porto marítimo, e se alegrava com esta saída para o mar (Gn 49.13; Dt 33.18). De Naftali, foi dito que ela proferiria palavras formosas (Gn 49.21), e seria grandemente abençoada (Dt 33.23), pois dali começou o Evangelho. Palavras realmente formosas que trazem à alma a graça de Deus que satisfaz. A região além do Jordão é mencionada da mesma maneira, pois ali, às vezes, encontramos Cristo pregando, como também na Galiléia dos gentios (das nações), a Galiléia superior, à qual os gentios recorriam para o comércio e onde se mesclaram com os judeus; o que dá a entender uma bondade reservada aos pobres gentios. Quando Cristo veio a Cafarnaum, o Evangelho chegou a todos estes lugares próximos; estas influências difusoras fizeram o Sol da Justiça se projetar.

Agora, a respeito dos habitantes desses lugares, observe: (1) A situação em que estavam antes que o Evangelho viesse até eles (v. 16): eles estavam nas trevas. Aqueles que estão sem Cristo, estão nas trevas, melhor dizendo, eles são as trevas propriamente ditas; como as trevas que havia sobre a face do abismo. Não, eles estavam na região e sombra da morte, o que dá a entender não apenas uma grande escuridão, pois o túmulo é uma região de escuridão,

mas também grande perigo. Um homem que está desesperadamente doente, e que é provável que não se recupere, está no vale da sombra da morte, embora ainda não esteja morto; assim, estas pobres pessoas estavam às margens da destruição, embora ainda não destruídas. E, o que é pior de tudo, estavam acomodadas nesta situação. Assentados, numa atitude constante. Quando nos sentamos, temos a intenção de permanecer; eles estavam nas trevas, e provavelmente continuariam assim, desesperando-se para encontrar a saída. E esta é uma atitude satisfeita; eles estavam nas trevas, e adoravam as trevas. Eles preferiram as trevas à luz; eles eram voluntariamente ignorantes. A sua situação era triste. E esta ainda é a condição de muitas nações grandes e poderosas, que devem ser consideradas dignas de compaixão, e que devem receber as nossas compassivas orações. Mas a condição delas é ainda mais triste, pois elas estão nas trevas em meio à luz do Evangelho. Aquele que está no escuro porque é noite, pode ter certeza de que o sol em breve nascerá; mas aquele que está no escuro porque é cego, não terá seus olhos abertos tão cedo. Nós temos a luz, mas de que isto nos ajudará, se nós não formos luz no Senhor? (2) O privilégio que eles tiveram, quando Cristo e seu Evangelho vieram até eles, foi um reavivamento tão grande como uma luz eterna pode ser a um viajante surpreendido pela noite. Quando o Evangelho chega, chega a luz; quando ele chega a qualquer lugar, quando ele chega a qualquer alma, ali se faz dia (Jo 3.19; Lc 1.78,79). A luz é descobrimento, é orientação; o Evangelho também é assim.

É uma luz grandiosa, significando a clareza e a evidência das revelações do Evangelho; não é como a luz de uma vela, mas como a luz do sol quando está pleno no seu vigor. Grandiosa, em comparação com a luz da lei, cujas sombras agora estão extintas. É uma luz grandiosa, pois revela grandes coisas e tem uma grande conseqüência; ela durará muito tempo e se espalhará por uma grande extensão. E é uma luz crescente, o que está implícito na expressão “a luz raiou”. Era apenas o nascer do dia, com eles; agora o dia amanheceu, e irá brilhar cada vez mais. O reino do Evangelho, como um grão de mostarda ou a luz da manhã, era pequeno no seu início, foi gradual no seu crescimento, mas é grandioso em sua perfeição.

Observe que a luz raiou para eles. Eles não foram procurá-la, mas foram surpreendidos pelas bênçãos desta graça, desta bondade. Ela veio a eles antes que eles estivessem conscientes, na ocasião determinada, pela vontade daquele que dá ordens à madrugada, e faz com que a alva conheça o seu

lugar, até às extremidades da terra (Jó 38.12,13).

III O texto sobre o qual Ele pregava (v. 17): “Desde então”, isto é, a partir da sua chegada à Galiléia, à terra de Zebulom e Naftali; a partir de então, Jesus começou a pregar. Ele tinha pregado, antes disto, na Judéia, e tinha feito muitos discípulos, e os tinha batizado (Jo 4.1); mas a sua pregação não era tão pública e constante como agora tinha começado a ser. A obra do ministério é tão grandiosa e maravilhosa, que é conveniente que seja apresentada em etapas e avanços graduais.

A questão com a qual Cristo lidava agora, na sua pregação (e foi realmente o resumo e o conteúdo de toda a sua pregação), era a mesma que João tinha pregado (cap. 3.2): “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. Pois o Evangelho tem o mesmo conteúdo, mesmo sob as várias dispensações; os mandamentos são os mesmos, e as razões para observá-los são as mesmas. Um anjo vindo do céu não ousa pregar nenhum outro Evangelho (Gl 1.8), e irá pregar este, pois este é o Evangelho eterno. “Temei a Deus e dai-lhe glória”, pelo arrependimento (Ap 14.6,7). Cristo demonstrou um grande respeito pelo ministério de João, quando pregou sobre o mesmo tema que João havia pregado antes dele. Através desta atitude, Ele mostrou que João era seu mensageiro e seu embaixador, pois quando Ele mesmo veio desempenhar a missão, ela era a mesma que Ele tinha dado a João. Assim, Deus confirmou a palavra do seu mensageiro (Is 44.26). O Filho veio com a mesma missão que os servos tinham vindo (cap. 21.37), procurar frutos, os frutos adequados para o arrependimento. Cristo tinha estado no seio do Pai e poderia ter pregado noções sublimes de coisas divinas e celestiais, que teriam alarmado e divertido o mundo instruído, mas Ele retoma este texto simples e antigo: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. [1] Isto foi o que Ele começou a pregar; esta foi a sua mensagem inicial. Os ministros não devem ter a ambição de apresentar novas opiniões, novos planos, ou cunhar novas expressões, mas devem se contentar com as coisas simples e práticas, com as mensagens que estão próximas de nós, até mesmo na nossa boca ou nosso coração. Assim como João preparou o caminho para Cristo, também Cristo preparou o seu próprio, e abriu caminho para as descobertas posteriores que Ele planejava, com a doutrina do arrependimento. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo”

(Jo 7.17). [2] Isto Ele pregava constantemente. Aonde quer que Ele fosse, este era o seu assunto, e nem Ele nem seus seguidores jamais reconheceram que isto fosse ultrapassado, como teriam feito os que têm ouvidos inquietos e que gostam de novidades e variedade mais do que daquilo que é verdadeiramente edificante. Observe que aquilo que foi pregado e ouvido antes pode ainda, com grandes benefícios, ser pregado e ouvido outra vez; mas então, deve ser pregado e ouvido melhor, e com carinho renovado. O que Paulo tinha dito antes, ele disse novamente, chorando (Fp 3.1,18). [3] Isto Ele pregava como sendo a mensagem do Evangelho. Em outras palavras: "Arrependam-se, revejam os seus caminhos, e voltem-se para si mesmos". Observe que a doutrina do arrependimento é uma doutrina fundamental do Evangelho. Não somente o austero João Batista, que era considerado um homem melancólico e triste, mas também o doce e gracioso Jesus, cujos lábios eram como um favo de mel, pregavam o arrependimento; pois é um privilégio indescritível que haja espaço para o arrependimento. [4] A razão ainda é a mesma. "É chegado o Reino dos céus"; pois ainda não se reconheceria que o reino já tivesse chegado, até o derramamento do Espírito Santo, depois da ascensão de Cristo. João vinha pregando que o Reino dos céus era chegado há mais de um ano antes desta ocasião; mas agora a ênfase era muito mais forte, agora a salvação estava muito mais próxima (Rm 13.11). Nós devemos ser mais diligentes no nosso dever, à medida que percebemos que aquele dia vai se aproximando (Hb 10.25).

Cristo Chama Pedro, André, Tiago e João

vv. 18-22

Quando Cristo começou a pregar, Ele começou a reunir discípulos, que seriam agora ouvintes, e depois pregadores, da sua doutrina. Eles seriam agora testemunhas dos seus milagres, e no futuro os realizariam. Nestes versículos, temos um relato dos primeiros discípulos que Ele chamou para a sua comunhão.

E este foi um exemplo: 1. De uma chamada eficaz a Cristo. Em toda a sua pregação, Ele fez um chamado geral a toda a nação, mas aqui Ele fez um chamado especial e particular àqueles que lhe foram dados pelo Pai. Devemos observar e admirar o poder da graça de Cristo, possuir a sua

Palavra como a vara da sua força, e esperar dele as poderosas influências que são necessárias para a eficácia do chamado do Evangelho. Toda a nação foi chamada, mas estes foram escolhidos, foram resgatados entre todos eles. Cristo se manifestou a eles de uma maneira que Ele não se manifestou ao mundo. 2. Foi um exemplo de ordenação e de indicação ao trabalho do ministério. Quando Cristo, como um professor, estabeleceu a sua grande escola, um dos seus primeiros trabalhos foi indicar auxiliares que seriam empregados no trabalho de instrução. Agora, Ele começava a dar dons aos homens, a colocar o tesouro em vasos terrenos. Este foi um dos primeiros exemplos do seu cuidado pela igreja.

Aqui podemos observar:

I O lugar onde eles foram chamados: Junto ao mar da Galiléia, onde Jesus estava caminhando, pois Cafarnaum se situava próxima àquele mar. A respeito deste mar de Tiberíades, os judeus têm um dito: De todos os sete mares que Deus criou, Ele não escolheu outro que não o mar de Genesaré. Isto se aplica à escolha que Cristo fez dele, para honrá-lo, como Ele freqüentemente fazia, com a sua presença e com os seus milagres. Aqui, à margem do mar, Cristo estava caminhando em meditação, como Isaque no campo. Ele foi até ali para chamar os seus discípulos; não foi até a corte de Herodes (pois são poucos os poderosos e nobres que são chamados), nem a Jerusalém, em meio aos principais dos sacerdotes e aos anciãos, mas foi até o mar da Galiléia. Certamente Cristo vê o que os homens não vêem. Caso contrário, aquele mesmo poder que convocou Pedro e André teria convocado Anás e Caifás, pois para Deus nada é impossível. Mas, como em outros aspectos, no seu discurso e na sua presença, Ele se humilhou e mostrou que Deus tinha escolhido os pobres deste mundo. A Galiléia era uma parte remota da nação, os habitantes eram menos educados e refinados, a sua própria linguagem era grosseira para os curiosos, o seu modo de falar mostrava de onde eram. Aqueles que foram escolhidos junto ao mar da Galiléia não tinham as vantagens nem o aprimoramento dos galileus mais refinados, mas, ainda assim, para lá Cristo foi, para chamar os seus discípulos, que seriam os primeiros-ministros do estado no seu reino, pois Ele escolhe “as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias”.

Quem eles eram. Nós temos o relato do chamado de dois pares de irmãos nestes versículos: Pedro e André, e Tiago e João. Os dois primeiros e, provavelmente, os dois últimos também, tinham conhecido a Cristo anteriormente (Jo 1.40,41), mas até agora não tinham sido chamados a um relacionamento mais íntimo e freqüente com Ele. Observe que Cristo traz as pobres almas gradualmente à comunhão com Ele. Eles tinham sido discípulos de João, e assim eram os mais inclinados a seguir a Cristo. Aqueles que se submeteram à disciplina do arrependimento, darão as boas-vindas às alegrias da fé. Podemos observar, a respeito deles:

II

1. Que eram irmãos. É uma bênção quando aqueles que são parentes segundo a carne (como o apóstolo fala, Romanos 9.3) são unidos em uma aliança espiritual a Jesus Cristo. É a honra e o consolo para uma casa quando aqueles que são de uma mesma família, são também da família de Deus.

2. Que eles eram pescadores. Sendo pescadores: (1) Eram homens pobres; se tivessem tido propriedades ou qualquer mercadoria considerável para o comércio, eles não teriam sido pescadores, embora pudessem ter feito da pesca a sua recreação. Cristo não despreza os pobres, e, portanto, nós também não devemos fazê-lo; os pobres são evangelizados, e a Fonte de honra algumas vezes dá uma honra mais abundante àquele grupo que quase não a tem. (2) Eram homens iletrados, não criados com livros e literatura, como foi Moisés, que era versado “em toda a ciência dos egípcios”. Às vezes, Cristo decide conceder os dons da graça àqueles que têm menos dons naturais a exibir. Ainda assim, isto não justifica a invasão de homens ignorantes e não qualificados na obra do ministério: não se deve esperar dons extraordinários de conhecimento e expressão, mas algumas habilidades essenciais devem ser obtidas de uma maneira normal, e sem uma quantidade razoável destas, ninguém deve ser admitido a este trabalho. (3) Eram homens de negócios, que tinham sido criados para trabalhar. Observe que a diligência a uma vocação honesta agrada a Cristo, e não representa obstáculo a uma vida santa. Moisés apascentava rebanhos, e Davi cuidava de ovelhas, quando foram chamados a atividades eminentes. As pessoas ociosas estão mais abertas às tentações de Satanás do que aos chamados de Deus. (4) Eram homens acostumados às dificuldades e aos perigos; o ramo da pesca, mais do que qualquer outro, é trabalhoso e perigoso; os pescadores freqüentemente estão molhados e com frio; devem ser vigilantes, e esperar, e

trabalhar arduamente, e freqüentemente estar em perigo nas águas. Aqueles que aprenderam a suportar dificuldades e a correr riscos, são os mais bem preparados para a comunhão e o discipulado de Jesus Cristo. Os bons soldados de Cristo precisam suportar as dificuldades.

III O que eles estavam fazendo. Pedro e André estavam, então, lançando suas redes, estavam pescando; e Tiago e João estavam consertando as suas redes, o que era um exemplo da sua atividade e da sua boa administração. Eles não foram pedir ao seu pai dinheiro para comprar novas redes, mas se esforçaram para consertar as velhas. É elogiável fazer com que aquilo que temos dure o máximo possível. Tiago e João estavam com o seu pai, Zebedeu, prontos para ajudá-lo e tornar o negócio mais fácil para ele. É um presságio feliz e esperançoso ver filhos que cuidam dos seus pais, e que lhes são obedientes. Observe: 1. Todos eles estavam empregados, todos muito ocupados, nenhum deles ocioso. Quando Cristo chega, é bom a pessoa ser encontrada ocupada. “Eu estou em Cristo?” É uma pergunta muito importante que devemos fazer a nós mesmos, e, em seguida: “Estou agindo conforme a minha chamada?”. 2. Eles estavam fazendo coisas diferentes. Dois deles estavam pescando, e dois outros estavam consertando suas redes. Os ministros devem estar sempre trabalhando, seja no ensino ou no estudo; eles podem sempre encontrar alguma coisa para fazer, caso contrário será sua própria falha; e consertar as redes é, na hora certa, um trabalho tão necessário quanto pescar.

IV Qual foi o chamado (v. 19): “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”. Eles tinham seguido a Cristo antes, como discípulos normais (Jo 1.37), mas podiam seguir a Cristo e também à sua chamada. Portanto, eles foram chamados a um relacionamento mais íntimo e freqüente, e precisaram deixar a sua profissão. Mesmo aqueles que foram chamados para seguir a Cristo, têm necessidade de serem chamados para segui-lo mais de perto, especialmente quando são designados para a obra do ministério. Observe:

1. O que Cristo designava para eles: “Eu vos farei pescadores de homens”; isto faz alusão à sua profissão anterior. Que eles não se orgulhem da nova honra que lhes é designada, pois ainda são apenas pescadores; que eles não tenham medo da nova tarefa que lhes foi designada, pois estão acostumados

a pescar e continuam sendo pescadores. Era usual que Cristo falasse de coisas espirituais e celestiais com tais alusões, e com tais expressões, que nasciam das coisas comuns que se ofereciam à sua vista. Davi foi chamado de alimentar ovelhas para alimentar o Israel de Deus; e quando ele se torna rei, trabalha como um pastor do povo. Observe: (1) Os ministros são pescadores de homens, não para destruí-los, mas para salvá-los, para levá-los a outro fundamento. Eles devem pescar, não por raiva, por riqueza, por honra ou por uma promoção, não para ganhar algo ou alguém para si mesmos, mas devem lutar pelas almas, para ganhá-las para Cristo. Eles velam por nossa alma (Hb 13.17), e não buscam o que é nosso, mas, sim, a nós (2 Co 12.14,16). (2) É Jesus Cristo quem os faz assim: "Eu vos farei pescadores de homens". É Ele quem qualifica os homens para este trabalho, quem lhes dá a vocação, quem os autoriza a realizá-lo, lhes dá a missão de pescar almas, e lhes dá a sabedoria para conquistar as pessoas. Estes ministros terão conforto no seu trabalho, se estiverem na direção de Jesus Cristo.

2. O que eles devem fazer para conseguir isto: "Vinde após mim". Eles precisam se dedicar a uma comunhão assídua com Ele, estar continuamente na presença dele e ser uma humilde imitação dele. Devem segui-lo como seu líder. Observe: (1) Aqueles a quem Cristo emprega em qualquer serviço para si, primeiramente devem ser adequados e estar qualificados para isto. (2) Aqueles que pregam a Cristo, primeiramente devem conhecer a Cristo, e aprender com Ele. Como podemos esperar levar o conhecimento de Cristo aos outros, se nós mesmos não o conhecermos bem? (3) Aqueles que conhecem a Cristo devem ser diligentes e constantes na sua comunhão com Ele, precisam estar constantemente na presença dele. Os apóstolos estavam preparados para o seu trabalho, por acompanharem a Cristo "todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre" eles (At 1.21). Não existe um aprendizado comparável àquele que se consegue seguindo a Cristo. Ao servir a Moisés, Josué se tornou o homem adequado para ser o seu sucessor. (4) Aqueles que querem ser pescadores de homens devem, neste sentido, seguir a Cristo, e fazer o que Ele fazia com diligência, fé e carinho. Cristo é o grande padrão dos pregadores; assim, estes devem procurar ser trabalhadores semelhantes a Ele, e que trabalhem junto com Ele.

Qual foi o resultado deste chamado. Pedro e André deixaram imediatamente suas redes (v. 20); e Tiago e João imediatamente deixaram o barco e o seu pai (v. 22); e todos eles o seguiram. Aqueles que desejam seguir a Cristo imediatamente, devem deixar tudo para segui-lo. Cada cristão deve abandonar todas as coisas a que é apegado, amando a Cristo mais do que ao pai ou à mãe (Lc 14.26, versão NTLH), estar preparado para se separar dos seus interesses por amor a Ele, e não do seu interesse por Jesus Cristo; mas aqueles que se dedicam à obra do ministério devem estar, de uma maneira especial, preocupados com a sua separação dos assuntos desta vida para que possam se dedicar integralmente àquela obra, que exige o homem por completo. Agora:

1. Este exemplo do poder do Senhor Jesus nos dá um bom incentivo para confiarmos na suficiência da sua graça. Como é forte e eficaz a sua palavra! Ele fala, e tudo acontece conforme a sua vontade. O mesmo poder acompanha estas palavras de Cristo: “Vinde após mim”, e acompanha as palavras: “Lázaro, vem para fora”; um poder que desperta a vontade (Sl 110.3).

2. Este exemplo de docilidade dos discípulos nos dá um bom exemplo de obediência ao comando de Cristo. Note que é uma boa qualidade de todos os servos fiéis de Cristo vir quando são chamados e seguir o seu Messias para onde Ele os levar. Eles não levantaram objeções sobre os seus empregos atuais, suas responsabilidades com suas famílias, as dificuldades do trabalho para o qual eram chamados nem a sua própria inadequação para ele; mas, ao serem chamados, obedeceram, e, como Abraão, saíram sem saber para onde iam, mas sabendo muito bem a quem estavam seguindo. Tiago e João deixaram seu pai: não é dito o que aconteceu com ele; a sua mãe, Salomé, era uma seguidora assídua de Cristo; sem dúvida, o seu pai, Zebedeu, era um crente, mas o chamado para seguir a Cristo foi direcionado aos jovens. A juventude é a idade do aprendizado e do trabalho. Os sacerdotes ministram no auge da sua vida.

Cristo Prega na Galiléia

vv. 23-25

Observe aqui:

I Que pregador habilidoso Cristo era. Ele passou por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas e pregando o Evangelho do reino. Entenda: 1. O que Cristo falava sobre o Evangelho do reino. O Reino dos céus, isto é, o reino de graça e glória, é enfaticamente o reino, o reino que estava chegando; o reino que iria sobreviver, que superaria todos os reinos da terra. O Evangelho compreende os estatutos deste reino, contendo o juramento de coroação do Rei, pelo qual Ele se obriga graciosamente a perdoar, proteger e salvar os súditos daquele reino e a procurar a sua honra. Este é o Evangelho do reino; dele, o próprio Cristo foi o pregador, para que a nossa fé no reino possa ser confirmada. 2. Onde Ele pregava. Nas sinagogas. Não apenas ali, mas ali principalmente, porque estes eram os lugares onde a multidão se reunia, onde a sabedoria erguia a sua voz (Pv 1.21); porque eram os lugares onde o povo se reunia para a adoração religiosa e ali, esperava-se, a mente do povo estaria preparada para receber o Evangelho; e ali as Escrituras do Antigo Testamento eram lidas, e a sua exposição poderia facilmente introduzir o Evangelho do reino. 3. O empenho que Ele tinha em pregar. Ele passou por toda a Galiléia, ensinando. Ele podia ter publicado uma proclamação, convocando todas as pessoas para que viessem até Ele; mas para mostrar a sua humildade, e a condescendência da sua graça, Ele vai até eles; pois Ele espera ser gracioso e vir para buscar e salvar. Josefo disse que havia aproximadamente duzentas cidades e vilas na Galiléia, e Cristo visitou todas elas, ou a sua maioria. Ele viajava fazendo o bem. Nunca houve um pregador itinerante assim, tão infatigável, como era Cristo. Ele ia de cidade em cidade, para pedir aos pobres pecadores que se reconciliassem com Deus. Este é um exemplo para os ministros, para que se dediquem a fazer o bem, e para que sejam insistentes e constantes, a tempo e fora de tempo, em pregar a palavra.

II Que médico poderoso era Cristo! Ele viajava, não se limitando a ensinar, mas também curava. Ele ensinava e curava através da sua palavra, e a exaltava até mesmo acima de seu nome. Ele lhes dava a sua palavra e os curava. Note:

1. Que Ele curou todas as doenças, sem exceção. Ele curou todos os tipos de enfermidades, e todos os tipos de doenças. Existem doenças que são a vergonha dos médicos, sendo obstinadas a todos os métodos que eles podem prescrever. Mas mesmo aquelas foram a glória deste médico, pois Ele curou

todas, por mais crônicas que fossem. A sua palavra era um verdadeiro remédio para todos os males.

Três palavras são aqui usadas para dar a entender isto. Ele curava todas as doenças, *noson*, como cegueira, deficiências físicas, febre, acúmulos de líquidos; todas as enfermidades, ou debilitações, *malakian*, como fluxos e fraquezas; e todos os tipos de aflições, *basanous*, como gota, cálculos, convulsões e outras perturbações semelhantes; fosse a doença aguda ou crônica, fosse uma enfermidade aguda ou enfraquecedora, nenhuma delas era terrível demais, nenhuma delas era difícil demais para Ele. Cristo curava a todos proferindo a sua palavra.

Três moléstias, em particular, são especificadas: a paralisia (os paralíticos), que é o maior enfraquecimento do corpo; a loucura (os lunáticos), que é o maior mal da mente; e a possessão demoníaca (os endemoninhados), que é a maior infelicidade e calamidade para o corpo e para a mente; e Cristo as curava, a todas; pois Ele é o Médico soberano, tanto do corpo como da alma, e tem poder sobre todas as doenças.

2. Os pacientes que Ele tinha. Um médico com acesso tão fácil, com um êxito tão garantido, que curava imediatamente, sem sequer um suspense doloroso, ou uma expectativa, ou aqueles remédios dolorosos que são piores que a doença; que curava gratuitamente, e não aceitava pagamentos, não podia evitar ter uma abundância de pacientes. Veja aqui, como as pessoas o procuravam. De todas as partes; grandes multidões vinham, não somente da Galiléia e das regiões vizinhas, mas até mesmo de Jerusalém e da Judéia, que ficavam distantes; pois a sua fama percorreu toda a Síria, não somente entre os judeus, mas entre as nações vizinhas, que, pelas notícias que agora se espalhavam por todas as partes a seu respeito, estariam preparadas para receber o seu Evangelho, quando, posteriormente, ele fosse levado a elas. Entende-se que esta era a razão pela qual estas multidões vinham até Ele, porque a sua fama se espalhava de maneira tão abrangente. Observe que o que nós ouvimos sobre Cristo, pelos outros, deve nos convidar a ir até Ele. A rainha de Sabá foi induzida, pela fama de Salomão, a visitá-lo. A voz da fama diz: “Venha e veja”. Cristo ensinava e também curava. Aqueles que vinham procurando a cura encontravam instrução a respeito das coisas que tinham a ver com a sua paz. É bom que alguma coisa atraia as pessoas a Cristo; e aqueles que vêm até Ele encontrarão mais nele do que esperavam. Muitos sírios, como Naamã, vieram para ser curados das suas moléstias, e

muitos deles se converteram (2 Rs 5.15,17). Eles procuravam a cura para o corpo, e obtiveram a salvação da alma; como Saul, que procurava jumentas e encontrou o reino. Porém, parecia que muitos daqueles que encontravam em Cristo alguém que curava, se esqueciam de que Ele sempre será o maior professor.

Agora, com respeito às curas que Cristo realizou, vamos, de uma vez por todas, observar o milagre, a misericórdia e o mistério que nelas havia.

(1) O milagre que havia nelas. As curas eram realizadas de uma maneira que mostrava claramente que se tratavam do resultado imediato de um poder divino e sobrenatural, e eram o selo de Deus sobre a tarefa que receberam. A natureza não podia realizar estas coisas, mas sim o Deus da natureza; as curas eram muitas. As pessoas eram curadas de doenças incuráveis pelo talento de um médico. As pessoas curadas eram estranhas, de todas as idades e condições; as curas se realizavam abertamente, diante de muitas testemunhas, em companhia de variadas pessoas que teriam negado o fato, se tivessem tido qualquer interesse em fazê-lo. Nenhuma cura deixou de ocorrer, ou foi posteriormente questionada; elas eram realizadas prontamente e não (como as curas por causas naturais) gradualmente; eram curas perfeitas e realizadas com o proferir de uma palavra. Tudo isto prova que Ele era um mestre vindo de Deus, pois, se não fosse assim, ninguém poderia ter feito as coisas que Ele fazia (Jo 3.2). A isto, Jesus apela como suas credenciais (cap. 9.4,5; Jo 5.36). Era esperado que o Messias realizasse milagres (Jo 7.31); milagres desta natureza (Is 35.5,6); e nós temos a prova indiscutível de que Ele era o Messias; nunca houve qualquer outro homem que fizesse isto; e desta maneira a cura e a pregação, em geral, andavam juntas, pois a primeira confirmava a segunda. Assim, aqui Ele começou a curar e a ensinar (At 1.1).

(2) A misericórdia que havia nelas. Os milagres que Moisés realizou para provar a sua missão eram, na sua maioria, pragas e julgamentos, para dar a entender o terror daquela revelação, embora fosse de Deus; mas os milagres que Cristo realizou eram, na sua maioria, curas, e todos eles (exceto a maldição da figueira estéril) foram bênçãos e graças; pois a revelação do Evangelho está baseada e edificada sobre o amor, a graça, e a doçura; e o cuidado não está voltado a amedrontar, mas sim a nos levar à obediência. Cristo quis – por meio das curas que realizou – conquistar as pessoas e apresentar a si mesmo e a sua doutrina, entrando em suas mentes, atraindo-

as, desta forma, com cordas de amor (Os 11.4). O milagre que havia nelas provava que a sua doutrina era uma declaração fiel, e influenciava o julgamento dos homens. A misericórdia que havia nelas provava que elas eram dignas de toda a aceitação, e eram realizadas sobre os seus sofrimentos. Não eram apenas grandes milagres, mas bons milagres, que Ele lhes mostrava como vindos do seu Pai (Jo 10.32). E esta bondade pretendia levar os homens ao arrependimento (Rm 2.4), como também mostrar que a bondade e a caridade, e fazer o bem a todos, até o máximo da nossa capacidade e oportunidade, são ramos essenciais da religião santa que Cristo veio estabelecer neste mundo.

(3) O mistério que havia nelas. Cristo, ao curar as doenças do corpo, pretendia mostrar que a sua grande missão no mundo era curar as enfermidades espirituais. Ele é o Sol da Justiça, que se levanta com esta cura sob suas asas. Sendo o Transformador dos pecadores, Ele é o Médico das almas, e nos ensinou a chamá-lo assim (cap. 9.12,13). O pecado é a doença, a enfermidade e o tormento da alma; Cristo veio para tirar o pecado, e para curar os pecadores. E as histórias, em particular, das curas que Cristo realizou podem não somente ser aplicadas espiritualmente, como alusões e exemplos, mas, creio eu, têm a intenção de revelar-nos coisas espirituais e de nos mostrar o caminho e o método que Cristo usa para lidar com as almas, na sua conversão e santificação. E estas curas foram registradas, pois seriam mais significativas e instrutivas desta maneira; e devem, portanto, ser explicadas e compreendidas para a honra e o louvor daquele glorioso Redentor, que perdoa todos os nossos pecados e que cura todas as nossas enfermidades.

CAPÍTULO 5

Este capítulo, e os dois seguintes, compreendem um sermão; um sermão famoso, o Sermão do Monte. É o mais longo e completo sermão ininterrupto do nosso Salvador que temos registrado em todos os Evangelhos. É um sermão prático; não contém muito da doutrina do cristianismo sobre as coisas em que se deve crer, mas se dedica completamente ao que deve ser feito; aquilo com que Cristo começou a sua pregação, pois se qualquer homem fizer a sua vontade, saberá da doutrina, se ela é de Deus. Explicadas as condições do sermão (vv. 1,2),

segue-se o sermão propriamente dito, cujo escopo é: não encher as nossas cabeças com conceitos, mas orientar e regulamentar os nossos procedimentos. I. Ele propõe as bem-aventuranças como um fim, e nos define o caráter dos que são dignos da bem-aventurança (muito diferente dos sentimentos de um mundo vaidoso) em oito beatitudes, que podem, com justiça, ser chamadas de paradoxos (vv. 3-12). II. Ele descreve o dever como o caminho e nos dá regras notáveis para este dever. Ele orienta os seus discípulos: 1. A compreender que eles são o sal da terra, e a luz do mundo (vv. 13-16). 2) A compreender o que devem fazer, se quiserem ser regidos pela lei moral. Aqui há: (1) Uma ratificação geral da lei, e uma recomendação dela a nós, como nossa lei (vv. 17-20). (2) Uma retificação particular de diversos enganos, ou melhor, uma modificação de várias corrupções voluntárias e grosseiras, que os escribas e os fariseus tinham introduzido na sua exposição da lei; e uma explicação autêntica de diversos ramos, que verdadeiramente precisavam ser esclarecidos e defendidos (v. 20). Particularmente, aqui há uma explicação: [1] Do sexto mandamento, que proíbe o assassinato (vv. 21-26); [2] Do sétimo mandamento, contra o adultério (vv. 27-32). [3] Do terceiro mandamento (vv. 33-37); [4] Da lei da retaliação (vv. 38-42). [5] Da lei do amor fraternal (vv. 43-48). E o escopo do conjunto é mostrar que a lei é espiritual.

O Sermão da Montanha

vv. 1,2

Aqui temos uma apresentação geral do sermão.

I O pregador foi nosso Senhor Jesus, o Príncipe dos pregadores, o grande Profeta da sua igreja, que veio a este mundo para ser a Luz do mundo. Os profetas e João tinham trabalhado vigorosamente na pregação, mas Cristo os superou a todos. Ele é a Sabedoria eterna, que esteve no seio do Pai antes de todos os séculos, e que conhecia perfeitamente a sua vontade (Jo 1.18); e Ele é a Palavra eterna, que nestes últimos dias falou a nós. As várias curas milagrosas realizadas por Cristo na Galiléia, que lemos no capítulo anterior, tiveram a intenção de abrir caminho para este sermão, e deixar as pessoas

predispostas a receber instruções de alguém em quem se manifestavam tanto poder divino e tanta bondade, e, provavelmente, este sermão foi o resumo, ou a repetição, do que Ele tinha pregado nas sinagogas da Galiléia. As suas palavras eram: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”. Este é um sermão sobre a primeira parte deste texto, mostrando do que devemos nos arrepender; ele deve modificar tanto o julgamento quanto o procedimento, e aqui o Senhor nos diz de que maneira isto deve ocorrer, em resposta à pergunta (Ml 3.7) “Em que havemos de tornar?”. Posteriormente, Jesus pregou sobre a segunda parte do texto, quando, em diversas parábolas, Ele mostrou como era o Reino dos céus (cap. 13).

II O lugar foi uma montanha na Galiléia. Como em outros aspectos, também neste, o nosso Senhor Jesus estava mal-acomodado; Ele não tinha um lugar conveniente onde pregar, como não tinha um lugar onde repousar a cabeça. Enquanto os escribas e os fariseus tinham a cadeira de Moisés onde se sentar, com toda a comodidade, honra e cerimônia, e ali deturpavam a lei, o nosso Senhor Jesus, o grande Mestre da verdade, é levado ao deserto, e não encontra um púlpito melhor do que aquele fornecido por uma montanha; e não era nenhuma das montanhas sagradas, nem uma das montanhas de Sião, mas uma montanha comum, razão pela qual Cristo dá a entender que não existe distinção de lugares sagrados agora, sob o Evangelho, como havia sob a lei, mas que é a vontade de Deus que os homens orem e preguem em todas as partes, em qualquer lugar, desde que tudo transcorra de forma decente e conveniente. Cristo pregou este sermão, que foi uma explicação da lei, sobre uma montanha, porque sobre uma montanha a lei foi dada; e este sermão também foi uma solene promulgação da lei cristã. Mas observe a diferença: quando a lei foi dada, o Senhor desceu sobre a montanha; agora o Senhor subiu. Naquela ocasião, Ele falou em trovões e relâmpagos; agora, em voz suave; naquela ocasião, recomendou-se às pessoas que mantivessem distância; agora, elas são convidadas a se aproximar. Uma mudança abençoada! Se a graça e a bondade de Deus são (como certamente são) a sua glória, então a glória do Evangelho é a glória maior, pois a graça e a verdade vêm por Jesus Cristo (2 Co 3.7; Hb 12.18 etc.). Falou-se de Zebulom e Issacar, duas das tribos da Galiléia (Dt 33.19), que elas “chamarão os povos ao monte”; a este monte somos chamados, para aprender a oferecer sacrifícios de justiça. Agora este era o monte, do Senhor, onde Ele nos

ensinou os seus caminhos (Is 2.2,3; Mq 4.1,2).

III Os ouvintes eram os seus discípulos, que vieram até Ele; atenderam ao seu chamado, o que se entende comparando Marcos 3.13 e Lucas 6.13. A eles, Ele dirigiu suas palavras, porque eles o seguiram por amor e para o aprendizado, ao passo que os outros o procuravam somente para as curas. Ele os ensinou porque eles queriam ser ensinados ("aos mansos ensinará o seu caminho"); porque eles compreenderiam o que Ele ensinava, algo que para outros poderia parecer não ter sentido. E porque eles deveriam ensinar aos outros, e, portanto, era necessário que eles tivessem um conhecimento claro e distinto destas coisas. Os deveres prescritos neste sermão devem ser conscientemente cumpridos por todos aqueles que desejam entrar neste reino dos céus. Eles devem trabalhar pelo seu estabelecimento, com a esperança de se beneficiarem dele. Mas embora este sermão se destinasse aos discípulos, ele foi ouvido pela multidão; pois foi dito (cap. 7.28) que "a multidão se admirou". Não houve limites ao redor desta montanha, para manter afastadas as pessoas, como houve no monte Sinai (Êx 19.12); pois, por intermédio de Cristo, nós temos acesso a Deus, não somente para falar com Ele, mas para ouvir as suas palavras. Ele também se dirigiu à multidão quando pregou este sermão. Quando a fama dos seus milagres tinha reunido uma grande multidão, Ele aproveitou a oportunidade de uma confluência tão grande de pessoas para instruí-las. Observe é um incentivo para um ministro fiel lançar a rede do Evangelho onde há muitos peixes, com a esperança de que alguns sejam alcançados. A visão de uma multidão dá vida a um pregador, mas ela precisa nascer de um desejo pelo bem da multidão, e não do seu próprio louvor.

IV A solenidade do seu sermão é dada a entender pelas palavras "assentando-se". Cristo pregou muitas vezes ocasionalmente, e por meio de conversas, mas este era um sermão definido, *kathisantos autou*, em que Ele tinha se colocado de maneira a ser bem ouvido. Ele se sentou como um Juiz, ou um Legislador. Isto sugere a tranqüilidade e a serenidade de espírito com que as coisas de Deus devem ser ditas e ouvidas. Ele se sentou, para que as Escrituras fossem cumpridas (Ml 3.3): "E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi e os afinará como ouro e como prata". Ele se assentou "no tribunal, julgando justamente" (Sl 9.4);

pois as palavras que Ele disse irão nos julgar. As palavras “abrindo a boca” são uma perífrase em hebraico, como Jó 3.1. Mas alguns pensam que estas palavras sugerem a solenidade deste sermão; uma vez que a congregação era grande, Ele ergueu a sua voz e falou mais alto do que normalmente. Ele tinha falado muitas vezes por meio dos seus servos, os profetas, e abriu as suas bocas (Ez 3.27; 24.27; 33.22), mas agora Ele abria a sua própria boca, e falava com liberdade, como alguém que tinha autoridade. Um dos antigos observa o seguinte: “Cristo ensinava mesmo sem abrir a sua boca, isto é, por meio da sua vida santa e exemplar”. De fato, Ele os ensinou quando, sendo levado como um cordeiro à morte, não abriu a sua boca. Mas agora Ele a abriu, e ensinou que as Escrituras deveriam se cumprir (Pv 8.1,2,6). “Não clama, porventura, a Sabedoria?... No cume das alturas... os meus lábios se abrirão para a eqüidade”. Ele os ensinou, de acordo com a promessa (Is 54.13): “Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor”; devido a este objetivo, Ele capacitou a língua dos eruditos (Is 50.4), concedendo-lhes o seu precioso Espírito (Is 61.1). Ele os ensinou qual era o mal que eles deveriam detestar e em qual bem eles deveriam perseverar, pois o cristianismo não é uma questão de especulação, mas se destina a regular a disposição das nossas mentes e a tendência das nossas conversas; a era do Evangelho é uma era de correção (Hb 9.10); e pelo Evangelho nós devemos ser corrigidos, devemos melhorar a cada dia, tornando-nos bons. A verdade ensinada pelo Senhor Jesus é a verdade que “é segundo a piedade” (Tt 1.1).

O Sermão da Montanha

vv. 3-12

Cristo inicia o seu sermão com bênçãos, pois Ele veio ao mundo para nos abençoar (At 3.26), como o Sumo Sacerdote da nossa profissão; como o bendito Melquisedeque; como aquele em quem serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3). Ele veio não apenas para nos trazer bênçãos, mas para derramar e declarar bênçãos sobre nós. E aqui Ele o fez como alguém que tem autoridade, como alguém que pode conceder bênçãos, e até mesmo a vida, para sempre. Aqui a bênção é repetidamente prometida aos bons; o fato de que Ele os chame de bem-aventurados, faz com que eles o sejam; pois aqueles abençoados por Ele, são verdadeiramente abençoados. O

Antigo Testamento termina com uma maldição (Ml 4.6); porém o Evangelho se inicia com uma bênção, pois aqui fomos chamados para herdar a bênção. Cada uma das bênçãos que Cristo profere aqui tem uma dupla intenção: 1. Mostrar quem são aqueles que devem ser considerados verdadeiramente bem-aventurados, e qual é o seu caráter. 2. Em que consiste a verdadeira bem-aventurança, as promessas feitas a pessoas de determinadas características, cujo desempenho as tornará bem-aventuradas. Agora:

1. Isto tem o objetivo de corrigir os enganos devastadores de um mundo carnal e cego. A bem-aventurança é aquilo que os homens fingem procurar obter. “Quem nos mostrará o bem?” (Sl 4.6). Mas muitos confundem o seu objetivo e formam uma noção equivocada de felicidade, e então não é de admirar que errem o caminho; eles escolhem as suas próprias ilusões e cortejam uma sombra. A opinião geral é: ‘Bem-aventurados os que são ricos, e grandiosos, e honoráveis no mundo; eles passam seus dias no riso e seus anos no prazer; eles comem o que engorda e bebem o que é doce, e têm a mão erguida a todos os que estão à sua frente, e todos os rostos se curvam diante dos seus rostos; felizes as pessoas que estão nesta situação; e os seus desígnios, objetivos e propósitos, conseqüentemente; eles bendizem ao avarento (Sl 10.3); eles serão ricos. Agora o nosso Senhor Jesus vem corrigir este erro fundamental, trazer uma nova hipótese, e nos dar uma noção diferente de bem-aventurança e de pessoas bem-aventuradas, que, por mais paradoxal que possa parecer aos preconceituosos, ainda é, em si mesma, e parece ser a todos os que são esclarecidos em termos de salvação, uma regra e uma doutrina de verdade e certeza eternas, segundo as quais em breve seremos julgados. Se este é, portanto, o início da doutrina de Cristo, o início de um procedimento cristão deve consistir em levar ao máximo estas medidas de felicidade, direcionando, de acordo com elas, aquilo que buscamos.

2. Isto tem o objetivo de eliminar o desânimo dos fracos e dos pobres que recebem o Evangelho, assegurando-lhes que o seu Evangelho não tornou bem-aventurados somente aqueles que são eminentes por terem dons, graças, conforto e utilidade; mas que até mesmo o menor no reino dos céus, cujo coração seja justo diante de Deus, é bem-aventurado nas honras e nos privilégios daquele reino.

3. Tem o objetivo de convidar as almas a Cristo, e de abrir caminho, nos seus corações, para a sua lei. O fato de Cristo proferir estas bênçãos, não no

final do seu sermão, despedindo-se das pessoas, mas no início, preparando-as para o que Ele ainda tem a dizer a elas, pode nos recordar o monte Gerizim e o monte Ebal, onde foram lidas as bênçãos e as maldições da lei (Dt 27.12 etc.). Ali, as maldições eram expressas, e as bênçãos, somente sugeridas; aqui, as bênçãos são expressas, e as maldições, sugeridas: nos dois casos, a vida e a morte estão apresentadas diante de nós; mas a lei parecia mais um ministério da morte, para nos dissuadir do pecado; o Evangelho parece uma revelação da vida, para nos atrair a Cristo, pois somente nele está todo o bem. E aqueles que viam as curas graciosas realizadas pela sua mão (cap. 4.23,24), e agora ouviam as palavras graciosas que procediam dos seus lábios, diriam que Ele era feito de amor e doçura.

4. Este sermão tem o objetivo de estabelecer e resumir os artigos do acordo entre Deus e o homem. O objetivo da revelação divina é nos deixar saber o que Deus espera de nós, e o que podemos esperar dele; e em nenhum lugar ele está mais completamente definido em poucas palavras do que aqui, nem com uma referência mais exata a cada um; e este é o Evangelho em que nós devemos crer, pois o que é a fé, a não ser estar de acordo com estas características e confiar nestas promessas? O caminho para a felicidade está aberto aqui, e já se tornou uma estrada (Is 35.8, versão NTLH); e o fato disto vir dos lábios de Jesus Cristo dá a entender que dele, e por Ele, nós iremos receber tanto a semente como o fruto, tanto a graça necessária como a glória prometida. Nada acontece entre Deus e o homem caído, a não ser por intermédio da mão de Jesus Cristo. Alguns dos pagãos mais sábios tiveram noções de bem-aventuranças diferentes do resto da humanidade, e ansiavam por estas, do nosso Salvador. Sêneca, incumbido de descrever um homem bem-aventurado, escreveu que somente um homem honesto e bom pode ser assim chamado: *De Vita Beata*, cap. 4. *Cui nullum bonum malumque sit, nisi bonus malusque animus. Quem nec extollant fortuita, nec frangant. Cui vera voluptas erit voluptatum comtemplio. Cui unum bonum honestas, unum malum turpitudo – Em sua avaliação, nada é bom ou mau, exceto um coração bom ou mau, aquele que nada exalta ou desanima, cujo verdadeiro prazer consiste no desprezo ao prazer. Alguém a quem o único bem é a virtude, e o único mal, a depravação.*

O nosso Salvador nos dá aqui oito características de pessoas bem-aventuradas, que representam, para nós, as principais graças de um cristão. Em cada uma delas, uma bênção é proferida: “Bem-aventurados os...”, e

para cada uma, uma bênção futura é prometida, que é expressa de maneiras variadas, como para adequar-se à natureza da graça ou da obrigação recomendada.

Nós perguntamos: Quem é bem-aventurado? A resposta é:

I Os pobres de espírito são bem-aventurados (v. 3). Existe uma pobreza de espírito que está muito longe de tornar os homens bem-aventurados; ela é um pecado e uma covardia enganosa, um medo vil, e uma sujeição voluntária aos desejos humanos. Mas a pobreza de espírito a que Jesus se refere é uma disposição graciosa da alma, pela qual nós nos esvaziamos de nós mesmos para termos o nosso ser preenchido com Jesus Cristo. Ser pobre de espírito é: 1. Sermos pobres com satisfação, estando dispostos a nos esvaziar das riquezas do mundo, se Deus ordenar que isto aconteça conosco; trazer a nossa mente à nossa condição, quando esta for humilde. Muitos no mundo são pobres, mas de espírito elevado; pobres e orgulhosos, murmurando e reclamando, culpando o seu destino. Mas nós devemos nos conformar com a nossa pobreza, devemos saber estar abatidos e até necessitados (Fp 4.12). Reconhecendo a sabedoria de Deus ao nos indicar a pobreza, devemos estar à vontade nela, suportar pacientemente as suas inconveniências, ser gratos pelo que temos, e aproveitar tudo ao máximo. Isto significa abandonar toda a riqueza do mundo e não dirigir os nossos corações a ela, mas alegremente suportar perdas e desapontamentos que possam nos atingir no estado mais próspero. Isto não significa – com orgulho ou com desculpas – nos fazermos pobres, despojando-nos do que Deus nos deu, especialmente como aqueles da igreja de Roma, que fazem voto de pobreza e, ainda assim, atraem as riquezas das nações; mas se nós formos ricos no mundo, devemos ser pobres em espírito, isto é, devemos ser condescendentes com os pobres e solidários para com eles, como tocados pelo sentimento das suas fraquezas. Devemos esperar a pobreza e estar preparados para ela; não devemos temê-la nem evitá-la desordenadamente, mas devemos recebê-la bem, especialmente quando ela nos sobrevier por mantermos uma boa consciência (Hb 10.34). Jó foi pobre de espírito quando bendisse a Deus tanto por dar como por tirar. 2. É sermos humildes aos nossos próprios olhos. Ser pobre de espírito é pensar com modéstia a respeito de nós mesmos, do que somos, do que temos e fazemos; os pobres freqüentemente são compreendidos, no Antigo Testamento, como humildes

e aqueles que se sacrificam, em oposição àqueles que estão confortáveis e os orgulhosos. É sermos como crianças, na opinião que temos a nosso respeito, considerando-nos, às vezes, como frágeis, e até insignificantes (cap. 18.4; 19.14). A igreja de Laodicéia era espiritualmente pobre, podendo ser considerada até mesmo em desgraça. Financeiramente, havia abundância, a ponto de ela não ter falta de nada (Ap 3.17). Por outro lado, Paulo era rico espiritualmente, abundante em dons e graças, e ainda assim pobre de espírito, menor que o menor dos santos, e não tinha nada que viesse de sua própria iniciativa. Ser pobre de espírito é olhar com santo desprezo para nós mesmos, valorizar os outros e nos desvalorizar, em comparação com eles. Ser pobre de espírito é estar disposto a se tornar inferior, pobre e pequeno para fazer o bem; é adequar todas as coisas a todos os homens. É reconhecer que Deus é grande, e que nós somos pequenos; que Ele é santo e nós somos pecadores; que Ele é tudo e nós não somos nada, menos do que nada, piores do que nada, e é nos humilharmos diante dele, e sob a sua mão poderosa. 3. Este sentimento não deve nascer de uma grande confiança na nossa própria justiça e força, para que possamos contar somente com os méritos de Cristo para a nossa justificação, e o Espírito e a graça de Cristo para a nossa santificação. Aquele espírito quebrantado e contrito, com o qual o publicano pediu misericórdia para um pobre pecador, é esta pobreza de espírito. Nós devemos nos chamar de pobres, porque sempre precisamos da graça de Deus, sempre imploramos à porta de Deus, sempre estamos em sua casa.

Agora: (1) Esta pobreza de espírito é colocada em primeiro lugar, entre as graças cristãs. Os filósofos não reconhecem a humildade entre as suas virtudes morais, mas Cristo a coloca em primeiro lugar. A autonegação é a primeira lição a ser aprendida na sua escola, e a pobreza de espírito é considerada a primeira bem-aventurança. A base para todas as outras graças está na humildade. Aqueles que querem edificar algo elevado, devem começar por baixo, e isto é uma excelente preparação para a entrada do Evangelho da graça na alma; é conveniente que o solo receba a semente. Aqueles que estão cansados e sobrecarregados são os pobres de espírito, e eles encontrarão descanso em Cristo.

(2) Eles são bem-aventurados. São bem-aventurados neste mundo. Deus olha graciosamente por eles. Eles são os seus pequeninos. A eles, Deus dá mais graça; eles vivem a vida de modo mais confortável e se sentem bem com a sua vida. Nada lhes acontece de maneira aleatória; ao passo que os de

espírito elevado se sentem sempre ansiosos e espiritualmente desconfortáveis.

(3) Deles é o Reino dos céus. Assim se compõe o reino da graça; somente eles estão qualificados para ser membros da igreja de Cristo, que é chamada de congregação dos aflitos (ou dos pobres, Sl 74.19); o reino da glória está preparado para eles. Aqueles que se humilham desta maneira, e que estão de acordo com Deus quando Ele permite que sejam humilhados, serão exaltados. Os de espírito elevado se vão com as glórias dos reinos da terra; mas as almas humildes, mansas e frutíferas obtêm a glória do reino dos céus. Nós estamos prontos para pensar, a respeito dos que são ricos e fazem o bem com as suas riquezas, que, sem dúvida, deles é o reino dos céus; pois eles podem acumular uma boa segurança para o futuro. Mas o que farão os pobres, que não têm os recursos para fazer o bem? Ora, a mesma felicidade é prometida àqueles que são pobres e se satisfazem com isto, e àqueles que são ricos e que fazem um uso proveitoso de sua abundância. Se eu não for capaz de gastar os meus recursos com alegria para Ele, mas só for capaz de passar necessidades com alegria por Ele, ainda assim serei recompensado. E nós não servimos a um Senhor bom?

II Os que choram são bem-aventurados (v. 4); "Bem-aventurados os que choram". Esta é outra bênção aparentemente estranha, e adequadamente segue a anterior. Os pobres estão acostumados a chorar, os pobres graciosos choram graciosamente. Nós podemos pensar que aqueles que são felizes são bem-aventurados, mas Cristo, que chorou muito, Ele mesmo diz: "Bem-aventurados os que choram". Existe um pesar pecaminoso na tristeza do mundo, que é um inimigo à bem-aventurança; a melancolia desesperada, em um registro espiritual, e um pesar desconsolado, em um registro temporal. Existe um pesar natural, que pode provar ser um amigo da bem-aventurança, pela graça de Deus que opera nele, e que santifica as aflições pelas quais choramos. Mas existe um pesar gracioso, que se qualifica como uma bem-aventurança, uma seriedade habitual em que o pensamento está mortificado para as alegrias passageiras deste mundo, e se volta a um verdadeiro estado de contrição. (1) Um pesar penitente pelos nossos pecados; este é um pesar devoto, um pesar de acordo com Deus; um pesar pelo pecado, olhando para Cristo (Zc 12.10). Estes são os que choram por Deus, que vivem uma vida de arrependimento, que lamentam a corrupção na sua natureza, e as suas

muitas transgressões, e o que deixaram de receber de Deus por não estarem em sua presença; aqueles que, em consideração à honra de Deus, choram pelos pecados dos outros, e também choram e suspiram pelas suas abominações (Ez 9.4). (2) Um pesar solidário pelos sofrimentos dos outros; o pesar daqueles que choram com aqueles que choram, que se entristeceram por causa da reunião solene, pela desolação de Sião (Sf 3.18; Sl 137.1), especialmente os que olham com compaixão para as almas que perecem, e choram por elas, como Cristo chorou por Jerusalém.

Estas pessoas que se lamentam graciosamente: (1) São bem-aventuradas. Assim como o coração se entristece com a alegria vã e pecaminosa, no pesar gracioso o coração sente uma alegria verdadeira, uma satisfação secreta, em que um estranho não interfere. Elas são bem-aventuradas, pois são como o Senhor Jesus, que foi um homem sofrido, e sobre quem jamais lemos que riu, mas que freqüentemente chorou. Elas estão armadas contra as muitas tentações que assolam a alegria vã, e estão preparadas para o consolo de um perdão assinado e de uma paz acordada. (2) Elas serão consoladas. Embora, talvez, não sejam imediatamente consoladas, ainda assim uma provisão abundante está feita para o seu consolo; a luz se espalha para elas, e, no céu, certamente serão consoladas, como Lázaro (Lc 16.25). Observe que a alegria do céu consiste em ser perfeita e eternamente consolado, e no enxugar de todas as lágrimas. É a alegria do nosso Senhor, uma plenitude de alegria e de satisfação eterna; o que será duplamente doce para aqueles que foram preparados para isto por este pesar devoto. O céu será realmente um paraíso para aqueles que forem para lá chorando; será uma colheita de alegria, a retribuição por um período em que as lágrimas foram semeadas (Sl 126.5,6); uma montanha de alegria, em direção à qual o nosso caminho passa por um vale de lágrimas. Veja Isaías 66.10.

III Os mansos são bem-aventurados (v. 5); “Bem-aventurados os mansos”.

Os mansos são aqueles que tranqüilamente se submetem a Deus, à sua palavra e à sua vara, que seguem as suas orientações e que estão de acordo com os seus desígnios, e que são mansos com todos os homens (Tt 3.2); que podem suportar provocações sem se irritar, sem se deixar levar a qualquer indecência; que conseguem ficar tranqüilos quando os outros estão acalorados; e, na sua paciência, mantêm o controle de suas próprias almas, quando mal podem ter controle sobre qualquer outra coisa. Estes são os

mansos, que rara e dificilmente são provocados, mas são rápida e facilmente tranqüilizados; e que preferem perdoar vinte ofensas a vingar uma, seguindo a regra dos seus próprios espíritos.

Estes mansos são aqui descritos como bem-aventurados, até mesmo neste mundo. 1. Eles são bem-aventurados, pois são como o bendito Jesus, e aprenderão dele (cap. 11.29). Eles são como o próprio Deus bendito, que é Senhor da sua ira, e em quem não existe fúria. Eles são bem-aventurados, pois têm o mais confortável e despreocupado contentamento consigo mesmos, com seus amigos, com o seu Deus; eles estão qualificados para qualquer relacionamento, e condição, qualquer companhia, qualificados para viver e qualificados para morrer. 2. Eles herdarão a terra; esta é uma citação de Salmos 37.11, e é praticamente a única promessa temporal expressa em todo o Novo Testamento. Não que eles sempre obterão grandes coisas da terra, muito menos que eles devam esperar somente isto, mas esta linha de religiosidade tem, de uma maneira especial, a promessa da vida que existe agora. A mansidão, por mais ridicularizada e subestimada que seja, tem uma tendência real de melhorar a nossa saúde, riqueza, o nosso conforto e a nossa segurança, até mesmo neste mundo. Observa-se que os mansos e tranqüilos têm uma vida mais fácil, em comparação com os rebeldes e turbulentos. A expressão “herdarão a terra” pode se referir à terra de Canaã, um tipo de céu. De modo que toda a bem-aventurança do céu, e todas as bênçãos da terra abaixo dele, são a porção dos mansos.

IV Os que têm fome e sede de justiça são bem-aventurados (v. 6). Alguns interpretam isto como um novo incentivo à nossa pobreza exterior, e a uma condição humilde neste mundo, que não somente expõe os homens às ofensas e ao mal, mas torna inútil a sua busca pela justiça; eles sentem fome e sede de justiça, mas o poder por parte dos seus opressores é tal, que eles não a obterão; eles só desejam aquilo que é justo e igual, mas isto lhes é negado por aqueles que não temem a Deus, nem têm consideração pelos homens. É uma situação deprimente! Mas, ainda assim, eles são bem-aventurados se sofrem estas dificuldades com uma boa consciência; que eles tenham esperança em Deus, que cuidará para que a justiça seja feita, e que fará “justiça a todos os oprimidos” (Sl 103.6). Aqueles que se contentam em suportar a opressão, e tranqüilamente se dirigem a Deus para interceder por si mesmos, serão, no devido tempo, satisfeitos, abundantemente satisfeitos,

pela sabedoria e pela bondade que se manifestarão nas aparições de Deus a eles. Mas certamente isto deve ser compreendido espiritualmente, como um desejo tal que, sendo destinado a um objetivo como este, é gracioso, e é obra da graça de Deus na alma, qualificando os cristãos para os dons da graça divina. 1. A justiça é mencionada aqui representando todas as bênçãos espirituais. Veja Salmos 24.5; cap. 6.33. Elas nos são compradas pela justiça de Cristo; transmitidas e asseguradas pela imputação daquela justiça a nós; e confirmadas pela fidelidade de Deus. Vários fatos definem o que é a justiça. O fato de Cristo ter sido feito a justiça de Deus por nós. O fato da justiça de Deus ter sido feita nele. O fato de todo homem ter sido renovado na justiça, tornando-se um novo homem, trazendo em si mesmo a imagem de Deus, passando a ter um interesse em Cristo e nas suas promessas. 2. Destas coisas, devemos ter fome e sede. Nós verdadeiramente devemos desejá-las, como alguém que tem sede e fome deseja beber e comer, e não consegue ficar satisfeito com nenhuma coisa, a não ser alimento e bebida, e será satisfeito com estas coisas, embora sinta necessidade de outras. Os nossos desejos de bênçãos espirituais devem ser fervorosos e importunos; em outras palavras: “Dê-me isto, caso contrário morrerei; todo o resto é lixo e não tem valor, não satisfaz; dê-me isto, e eu terei o suficiente, mesmo que não tenha nada mais”. A fome e a sede são desejos que retornam freqüentemente, e requerem satisfação renovada; assim também estes desejos santos não se baseiam em nada conseguido, mas se realizam através de perdões renovados e suprimentos novos e diários de graça. A alma avivada exige refeições constantes de justiça, de graça para realizar o trabalho de cada dia, tão pontualmente quanto o corpo vivo exige alimento. Aqueles que têm fome e sede irão trabalhar pelos suprimentos, de modo que devemos não apenas desejar as bênçãos espirituais, mas nos esforçarmos para obtê-las com o uso dos meios indicados. O Dr. Hammond, no seu catecismo prático, distingue entre fome e sede. A fome é o desejo de alimento para o sustento, assim como a justiça santificadora. A sede é o desejo de uma bebida para revigorar, assim como a justiça santificadora e o sentimento do nosso perdão.

Os que sentem fome e sede de bênçãos espirituais são bem-aventurados nestes desejos, e serão fartos destas bênçãos. (1) Eles são bem-aventurados nestes desejos. Embora nem todos os desejos de graça sejam graça (os desejos dissimulados e débeis não o são), ainda assim um desejo como este

o é; é uma evidência de alguma coisa boa, e um desejo por alguma coisa melhor. É um desejo da própria criação de Deus, e Ele não irá abandonar o trabalho das suas próprias mãos. A alma terá fome ou sede de uma coisa ou de outra; portanto, bem-aventurados aqueles que se apegam à coisa certa, que é satisfatória, e não enganadora, e não suspiram pelo pó da terra (Am 2.6; Is 55.2). (2) Eles serão fartos destas bênçãos. Deus lhes dará o que eles desejam para completar a sua satisfação. Só Deus pode fartar uma alma, pois somente a sua graça e o seu favor são adequados aos justos desejos da alma. E Ele fartará estas pessoas com graça, pela graça que, em um sentido da sua própria condição de vazios, recorre a esta plenitude. Ele enche de bens os famintos (Lc 1.53), e os sacia (Jr 31.25). A felicidade do céu certamente fartará a alma. A sua justiça será completa, trazendo a graça de Deus e a sua imagem; ambas em sua plena perfeição.

V Os misericordiosos são bem-aventurados (v. 7). Isto, como o restante, é um paradoxo, pois os misericordiosos não são interpretados como sendo os mais sábios, nem provavelmente serão os mais ricos; ainda assim, Cristo diz que são bem-aventurados. Os misericordiosos são piedosa e bondosamente inclinados à piedade, ajudam e auxiliam as pessoas que estão na miséria. Um homem que não tenha recursos para ser generoso ou abundante pode ser verdadeiramente misericordioso, e assim Deus aceita a mente disposta. Nós devemos não somente suportar pacientemente os nossos próprios sofrimentos, como também devemos, pela solidariedade cristã, compartilhar os sofrimentos dos nossos irmãos; o amigo deve mostrar compaixão (Jó 6.14), e revestir-se de entranhas de misericórdia (Cl 3.12). E, revestidos, eles devem se apresentar para ajudar em tudo o que puderem àqueles que estão passando por algum tipo de necessidade. Nós devemos ter compaixão das almas dos outros, e ajudá-los; ter compaixão dos ignorantes, e instruí-los; ter pena dos descuidados, e adverti-los; ter compaixão dos que estão em condição de pecado e recolhê-los, como galhos sendo retirados das chamas. Nós devemos ter compaixão daqueles que estão melancólicos e em tristeza, e consolá-los (Jó 16.5); daqueles em relação aos quais temos alguma vantagem, não sendo rigorosos e severos com eles; daqueles que estão passando por necessidades, ajudando-os. Se nos recusarmos a fazer isto, qualquer que seja a nossa desculpa, nós fechamos as entranhas da nossa compaixão (Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17). Abra a sua alma, repartindo o seu pão

com os famintos (Is 58.7,10). Um bom homem é misericordioso até mesmo com os seus animais.

Quanto aos misericordiosos: 1. Eles são bem-aventurados; isto foi dito no Antigo Testamento: “Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre” (Sl 41.1). Neste ponto, eles se assemelham a Deus, cuja bondade é a sua glória; ao sermos misericordiosos como Ele é, seremos, segundo a nossa medida, perfeitos, assim como Ele é perfeito. É uma evidência do amor a Deus; será uma satisfação a nós mesmos, poder ser útil de alguma maneira para o benefício de outros. Uma das alegrias mais limpas e purificadas deste mundo é a de fazer o bem. Nestas palavras: “Bem-aventurados os misericordiosos”, estão incluídas aquelas palavras de Cristo, que não se encontram nos Evangelhos: “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.35). 2. Eles alcançarão misericórdia; misericórdia dos homens, quando precisarem dela; aquele que dá água, também receberá água (nós não sabemos quando poderemos precisar de bondade dos outros, e, portanto, devemos ser bondosos); mas especialmente misericórdia de Deus, pois com o benigno Ele se mostrará benigno (Sl 18.25). A pessoa mais misericordiosa e generosa não pode ter pretensões de méritos, mas deve correr para a misericórdia. O misericordioso irá encontrar, com Deus, misericórdia que perdoa (cap. 6.14), misericórdia fornecida (Pv 19.17), misericórdia que conserva (Sl 41.2), misericórdia naquele Dia (2 Tm 1.18); eles herdarão o reino que lhes está preparado (cap. 25.34,35); ao passo que aqueles que não demonstram ter misericórdia terão um julgamento sem misericórdia (o que não deve ser muito diferente do fogo do inferno).

VI Os limpos de coração são bem-aventurados (v. 8). “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”. Esta é a mais abrangente de todas as bem-aventuranças; aqui, a santidade e a felicidade são completamente descritas e reunidas.

1. Esta é a característica mais abrangente dos bem-aventurados: eles são limpos de coração. Observe que a verdadeira religião consiste na pureza de coração. Aqueles que são puros interiormente mostram que estão sob o poder da religião pura e imaculada. O verdadeiro cristianismo está no coração, na pureza do coração; no lavar o coração da malícia (Jr 4.14). Nós precisamos erguer para Deus não apenas mãos limpas, mas um coração puro (Sl 24.4,5; 1 Tm 1.5). O coração deve ser puro, em oposição à contaminação

de um coração honesto que tem boas intenções; e puro, em oposição à contaminação e à corrupção, como o vinho que não é adulterado, como a água sem sujeira. O coração deve ser mantido puro quanto às cobiças carnais, quanto a todos os pensamentos e desejos impuros; e quanto às cobiças do mundo. A cobiça é chamada de torpe ganância; ela abrange todas as impurezas da carne e do espírito, tudo aquilo que vem do coração e contamina o homem. O coração deve ser purificado pela fé, e precisa estar completamente voltado a Deus; ele deve ser apresentado e preservado para Cristo, como uma virgem. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro!”

2. Aqui está o consolo mais abrangente dos bem-aventurados; “eles verão a Deus”. Observe que: (1) Ver a Deus é a perfeição da felicidade da nossa alma; vê-lo, como podemos fazer, pela fé, na nossa condição atual, é ter um céu sobre a terra; e vê-lo como faremos na nossa situação futura, no paraíso do céu. Vê-lo, como Ele é, face a face, e não mais por meio de um espelho, obscuramente; vê-lo como nosso, vê-lo e desfrutar esta visão; vê-lo e ser como Ele é, e satisfazermo-nos desta semelhança (Sl 17.15); e vê-lo para sempre, e jamais deixar de vê-lo; esta é a felicidade do céu. (2) A felicidade de ver a Deus é prometida àqueles que são limpos de coração, e somente àqueles. Ninguém – exceto os puros – é capaz de ver a Deus; e isto não seria uma fonte de alegria para os impuros. Que prazer teria uma alma não santificada com a visão de um Deus santo? Da mesma maneira como ela não consegue suportar olhar para o seu próprio pecado, também não suportará olhar para a pureza de Deus; nem poderá entrar nada impuro na nova Jerusalém; mas todos aqueles que são limpos de coração, todos aqueles que são verdadeiramente santificados, têm desejos fundidos em si mesmos, que nada, exceto a visão de Deus, irá santificar; e a divina graça não deixará tais desejos insatisfeitos.

VII Os pacificadores são bem-aventurados (v. 9). A sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura, e em seguida, pacificadora; os bem-aventurados são puros com relação a Deus, e pacificadores com relação aos homens. Pois, com referência a ambos, a consciência precisa ser mantida limpa de pecados. Os pacificadores são aqueles que têm: 1. Uma disposição pacificadora: assim como, para criar uma mentira, é necessário ter a inclinação à mentira, e ser viciado nela, também para fazer a paz, é necessário ter uma afeição forte e sincera pela paz. “Pacífico sou” (Sl

120.7). Significa amar, desejar, e deleitar-se com a paz; incorporá-la à essência do nosso ser, e estudar maneiras para estar em paz. 2. Uma conversa pacífica. Habilmente, até onde for possível, preservar a paz que não deve ser rompida, e recuperá-la, caso seja rompida; ouvir às propostas de paz conosco, e estar preparados para fazê-las aos outros; onde houver distância entre irmãos e vizinhos, fazer tudo o que for possível para diminuí-la, e ser o reparador das trincas. Fazer a paz, às vezes, é um serviço ingrato, e o que cabe àquele que tenta reconciliar dois lados é sofrer golpes de ambos; ainda assim, é um bom trabalho, e devemos nos apresentar para realizá-lo. Alguns julgam que esta é uma lição especialmente dirigida aos ministros, que devem fazer tudo o que puderem para reconciliar os que estão em divergência, e para promover o amor cristão entre aqueles que estão sob os seus cuidados.

Agora: (1) Estas pessoas são bem-aventuradas; pois elas têm a satisfação de se divertirem mantendo a paz, e de serem verdadeiramente úteis aos outros, provendo-lhes a paz. Eles estão trabalhando juntamente com Cristo, que veio ao mundo para destruir todas as inimizades, e para proclamar a paz na terra. (2) Eles “serão chamados filhos de Deus”; isto será uma evidência, para eles mesmos, de que o são; Deus os considerará como tais, e, conseqüentemente, eles se parecerão com Ele. Ele é o Deus da paz; o Filho de Deus é o Príncipe da Paz; o Espírito de adoção é o Espírito de paz. Como Deus se declarou reconciliável com todos nós, Ele não considerará os seus filhos como aqueles que são implacáveis com as suas inimizades, uns contra os outros; pois se os pacificadores são bem-aventurados, ai dos que rompem a paz! Por conseqüência, parece que Cristo nunca teve a intenção de ter a sua religião propagada por fogo e espada, ou por leis penais, ou por reconhecer a inveja ou fanatismo extremo como a marca de seus discípulos. Os filhos deste mundo adoram pescar em águas turbulentas, mas os filhos de Deus são pacificadores, os pacíficos da terra.

VIII Os que sofrem perseguições por causa da justiça são bem-aventurados. Este é o maior paradoxo de todos, e é peculiar ao cristianismo. Conseqüentemente, é deixado para o final, e é mais reforçado do que qualquer um dos outros (vv. 10-12). Esta bem-aventurança, como o sonho de Faraó, é dupla, porque é dificilmente reconhecida, e ainda assim, ela é garantida; e na última parte, há a mudança do sujeito: “Bem-

aventurados sois vós", meus discípulos e seguidores. Em outras palavras: "É com isto que vocês, que têm virtudes abundantes, devem estar mais imediatamente preocupados; pois vocês devem contar com as dificuldades e os problemas, mais do que outros homens". Observe aqui:

1. A descrição do caso dos santos sofredores; este é um caso difícil, que desperta a compaixão.

(1) Eles são perseguidos, caçados, e capturados, como os animais nocivos, que são procurados para serem destruídos; como se um cristão tivesse uma cabeça de lobo, como um malfeitor – qualquer pessoa que o encontre pode matá-lo. Eles são abandonados como os dejetos de todas as coisas; multados, aprisionados, expulsos, privados de suas propriedades, excluídos de todos os lugares de confiança e que podem trazer lucro, espancados, atormentados, torturados, sempre entregues à morte e considerados como ovelhas para o matadouro. Este tem sido o efeito da inimizade da semente da serpente contra a semente sagrada, desde os tempos do justo Abel. Era assim na época do Antigo Testamento, como vemos em Hebreus 11.35ss. Cristo nos disse que seria assim também com a igreja cristã, e não devemos pensar que isto é estranho (1 Jo 3.13). Ele nos deixou um exemplo.

(2) Eles são injuriados, e têm todos os tipos de maldades falsamente ditas contra si. Apelidos e palavras de acusação se ligam a eles, sobre pessoas, em particular, e sobre a geração dos justos, de maneira geral, para fazê-los odiados; algumas vezes, para fazê-los formidáveis, para que possam ser atacados poderosamente; diz-se contra eles coisas que não sabiam (Sl 35.11; Jr 20.18; At 17.6,7). Aqueles que não tinham poder em suas mãos para causar algum outro prejuízo, ainda podiam fazer isto. E aqueles que tinham poder para persegui-los, também achavam necessário fazê-lo para se justificarem da forma bárbara como os tratavam. Eles não podiam tê-los importunado, se não os tivessem vestido em peles de lobos; nem teriam lhes dado o pior dos tratamentos, se não os tivessem representado, primeiramente, como os piores dentre os homens. Eles serão injuriados e perseguidos. Observe que injuriar os santos é persegui-los, e isto será descoberto em breve, quando as palavras duras forem computadas (Jd 15), como também os cruéis escárnios (Hb 11.36). Eles dirão todo tipo de maldade contra vocês, com falsidade; algumas vezes, diante do trono do julgamento, como testemunhas; algumas vezes, no assento do escarnecedor, com zombarias hipócritas nas festas; eles são a canção dos bêbados.

Algumas vezes diretos, como Simei amaldiçoou Davi; algumas vezes, pelas costas, como fizeram os inimigos de Jeremias. Observe que não há maldade tão negra e horrível que, em uma ocasião ou em outra, não tenha sido dita, em falsidade, sobre os discípulos e seguidores de Cristo.

(3) “Por causa da justiça” (v. 10); “por minha causa” (v. 11). Por causa da justiça, portanto por causa de Cristo, pois Ele está muito interessado na obra da justiça. Os inimigos da justiça são inimigos de Cristo. Isto exclui da bem-aventurança aqueles que sofrem justamente, e têm maldades ditas com verdade pelos seus crimes reais; que eles se envergonhem e se confundam, isto é parte da sua punição. Não é o sofrimento que faz o mártir, mas a causa. Os mártires são aqueles que sofrem por causa da justiça, que sofrem por não pecar contra suas próprias consciências, e que sofrem por fazer o que é bom. Qualquer que seja a desculpa que os perseguidores tenham, é no poder da santidade que eles têm um inimigo; é realmente Cristo e a sua justiça que são difamados, odiados e perseguidos. “As afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim” (Sl 69.9; Rm 8.36).

2. O consolo dos santos sofredores é apresentado.

(1) Eles são “bem-aventurados”; pois agora, na sua vida, recebem males (Lc 16.25), e os recebem em grande medida. Eles são bem-aventurados, pois é uma honra para eles (At 5.41); é uma oportunidade de glorificar a Cristo, de fazer o bem e de sentir consolo especial e visitas de graça e sinais da presença do Senhor (2 Co 1.5; Dn 3.25; Rm 8.29).

(2) Eles serão recompensados; “deles é o reino dos céus”. Na atualidade, eles têm direito a ele, e têm doces antecipações dele; e em breve tomarão posse dele. Embora não haja nada nestes sofrimentos que possa, a rigor, ser digno de Deus (pois os pecados do melhor merecem o pior), ainda assim o reino dos céus é aqui prometido como recompensa (v. 12). “Grande é o vosso galardão nos céus”. Tão grande, a ponto de transcender o serviço. Está no céu, no futuro e fora do alcance da vista; mas está bem guardado, fora do alcance do acaso, da fraude, e da violência. Observe Deus irá cuidar daqueles que perdem por Ele, ainda que seja a própria vida, para que não o percam no final. O céu, no final, será uma recompensa abundante por todas as dificuldades que enfrentamos no nosso caminho. Isto é o que tem sustentado os santos sofredores de todas as épocas, esta alegria que está diante deles.

(3) “Assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (v. 12). Eles foram antes de vocês, em excelência, acima do ponto aonde vocês chegaram, estiveram diante de vocês no tempo, para que pudessem ser exemplos de aflição e paciência (Tg 5.10). Da mesma maneira, eles foram perseguidos e combatidos; e você espera ir ao céu de alguma maneira, por sua própria conta? Isaías não foi ridicularizado pelas linhas que escreveu? Eliseu, pela sua cabeça calva? Os profetas não foram todos maltratados desta maneira? Portanto, não se maravilhe como se fosse uma coisa estranha, não murmure como se fosse uma coisa difícil; é um consolo ver o caminho de dificuldade, e uma honra seguir líderes como estes. Esta graça que foi suficiente para eles, para conduzi-los em meio às suas dificuldades, não faltará para você. Aqueles que são os seus inimigos são a semente e os sucessores daqueles que antigamente zombaram dos mensageiros do Senhor (2 Cr 36.16; cap. 23.31; At 7.52).

(4) Portanto, “exultai e alegrai-vos” (v. 12). Não é suficiente ser paciente e contentar-se sob estes sofrimentos, assim como sob as aflições comuns, e não retribuir injúria por injúria; mas devemos nos regozijar porque a honra e a dignidade, o prazer e a vantagem, do sofrimento por Cristo são muito mais consideráveis do que a dor e o opróbrio dele. Não que nós devemos nos orgulhar em nossos sofrimentos (que arruinam tudo), mas devemos nos aprazer neles, como Paulo (2 Co. 12.10); como sabendo que Cristo está neste lugar, de antemão, conosco, e que Ele não será tardio para conosco (1 Pe 4.12,13).

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 13-16

Cristo recentemente havia chamado os seus discípulos e lhes dito que eles seriam pescadores de homens; aqui lhes diz que Ele os designou para serem o sal da terra, e a luz do mundo, para que eles pudessem realmente ser o que se esperava que eles fossem.

I “Vós sois o sal da terra”. Seria um incentivo para eles, e um sustento durante seus sofrimentos, o fato de que, embora fossem tratados com desprezo, ainda assim eles seriam verdadeiramente as bênçãos do mundo, e

ainda mais por sofrer dessa maneira. Os profetas, que tinham vindo antes deles, eram o sal da terra de Canaã; mas os apóstolos eram o sal de toda a terra, pois deveriam ir por todo o mundo para pregar o Evangelho. Era desanimador para eles o fato de serem tão poucos e tão fracos. O que eles poderiam fazer em uma província tão grande como toda a terra? Nada, se fossem trabalhar pelo poder das armas e por golpes de espadas. Mas, começando a trabalhar tão silenciosamente como o sal, um punhado deste sal propagaria o seu sabor por todos os lugares; percorreria grandes distâncias, e trabalharia imperceptível e irresistivelmente, como o fermento (cap. 13.33). A doutrina do Evangelho é como o sal; ela é viva, eficaz e penetrante (Hb 4.12); ela alcança o coração (At 2.37). Ela purifica, dá sabor e conserva a salvo do apodrecimento. Nós lemos sobre o sabor (ou cheiro) do conhecimento de Cristo (2 Co 2.14); qualquer outro conhecimento é insípido sem ele. Um concerto perpétuo é chamado de concerto de sal (Nm 18.19); e o Evangelho é um concerto perpétuo. O sal era exigido em todos os sacrifícios (Lv 2.13), no templo espiritual de Ezequiel (Ez 43.24). Agora, os discípulos de Cristo, tendo eles mesmos aprendido a doutrina do Evangelho, e sendo usados para ensiná-la a outros, eram como o sal. Os cristãos, como ministros especiais, são o sal da terra.

1. Se eles fossem como deveriam ser, eles seriam como um bom sal, branco e miúdo e em muitos grãos, mas muito útil e necessário. Diz Plínio: “Sem o sal, a vida humana não se mantém”. Veja nisto: (1) Que eles devem estar, em si mesmos, temperados de acordo com o Evangelho, com o sal da graça; pensamentos e gostos, palavras e ações, tudo temperado com a graça (Cl 4.6). “Tende sal em vós mesmos e... uns com os outros” (Mc 9.50). (2) O que eles devem ser para os outros. Eles não devem apenas ser bons, mas fazer o bem, devem conquistar o seu lugar na mente das pessoas, não servir a nenhum interesse secular deles mesmos, mas devem poder se transformar no sabor e no tempero do Evangelho. (3) As grandes bênçãos que eles representam para o mundo. A humanidade, repousando na ignorância e na maldade, era um grande amontoado de coisas insípidas e prontas a apodrecer. Mas Cristo enviou os seus discípulos para que, pelas suas vidas e doutrinas, a temperassem com conhecimento e graça, e assim a tornassem aceitável a Deus, diante dos anjos e de todos aqueles que apreciam as coisas divinas. (4) Como eles devem esperar ser usados. Eles não devem ficar amontoados, não devem sempre permanecer juntos em Jerusalém, mas

devem se espalhar, como o sal sobre a comida, um grão aqui e outro ali; como os levitas se espalharam em Israel, para que, onde quer que vivessem, pudessem transmitir o seu sabor. Alguns observaram que, embora os supersticiosos digam, tolamente, que é um mau presságio ter sal jogado sobre nós, na verdade é um mau presságio ter o sal retirado de nós.

2. Se não fossem como deveriam ser, eles seriam como o sal que perdeu o seu sabor. Se vocês, que devem temperar os outros, não têm sabor, são vazios de vida espiritual, de tempero e de vigor. Se um cristão é assim, especialmente se um ministro é assim, a sua condição é muito triste, pois: (1) Ele é irrecuperável: de que maneira ele poderá ser temperado? O sal é um remédio para a comida sem sabor, mas não existe remédio para o sal insípido. O cristianismo dá um gosto especial ao homem. Mas se o homem absorvê-lo e continuar a professá-lo, e ainda assim permanecer vivendo do mesmo modo como um tolo, sem graça e insípido, nenhuma outra doutrina, nenhum outro meio poderá ser aplicado para dar-lhe sabor. Se o cristianismo não puder fazê-lo, nada o fará. (2) Ele é infrutífero: conseqüentemente, ele não serve para nada. Para que ele poderá ser usado, em que não cause mais mal que bem? Assim como um homem sem razão, é um cristão sem a graça. Um homem mau é a pior das criaturas, um cristão mau é o pior dos homens; e um ministro mau é o pior dos cristãos. (3) Ele está condenado à ruína e à rejeição. Ele será expulso da igreja e da comunhão de fé, para as quais ele representa um peso e uma mancha; e ele será pisado pelos pés dos homens. Que Deus seja glorificado através da vergonha e da rejeição daqueles por quem Ele foi rejeitado, e que não se fizeram adequados para nada, exceto para serem pisados.

II “Vós sois a luz do mundo” (v. 14). Isto também dá indícios de que eles são tão úteis quanto o sal (“Nada é mais útil que o sol e o sal”), porém são mais gloriosos. Todos os cristãos são luz no Senhor (Ef 5.8), e devem resplandecer como astros (Fp 2.15), mas ministram de uma maneira especial. Cristo chama a si mesmo de Luz do mundo (Jo 8.12), e eles são trabalhadores, juntamente com Ele, e têm uma parte da sua honra depositada sobre si mesmos. É verdade que a luz é doce, ela é bem-vinda; a luz do primeiro dia do mundo o foi, quando resplandeceu nas trevas; assim é a luz da manhã de cada dia; assim é o Evangelho, e aqueles que o transmitem, para todas as pessoas sensatas. O mundo estava em trevas, mas Cristo

chamou os seus discípulos justamente para brilharem neste mundo; e, para que eles possam fazer isto, é dele que eles obtêm a luz.

Esta semelhança é aqui explicada em dois aspectos:

1. Sendo a luz do mundo, eles são reconhecidos e visíveis, e têm muitos olhos sobre si. Uma cidade que está edificada sobre um monte não pode ficar escondida. Os discípulos de Cristo, particularmente aqueles que são ativos e zelosos no seu ministério, se tornam notáveis e são observados como faróis de orientação. Eles trarão sinais (Is 7.18), serão homens portentosos (Zc 3.8); todos os seus vizinhos os estarão observando. Alguns os admiram, os elogiam, se alegram por eles e estudam para imitá-los; outros os invejam, odeiam, censuram e estudam para destruí-los. Desta forma, eles devem se preocupar em agir com cuidado, por causa dos que os observam; eles são espetáculos para o mundo, e devem tomar cuidado com tudo o que pareça mau, porque são muito observados. Os discípulos de Cristo eram homens desconhecidos antes que Ele os chamasse, mas o caráter que Ele lhes atribuiu lhes dignificou. E, como pregadores do Evangelho, eles criaram um padrão; e embora alguns os tenham condenado por isto, eram respeitados por outros, e se assentarão sobre tronos e julgarão (Lc 22.30). Pois Cristo irá honrar aqueles que o honram.

2. Sendo a luz do mundo, eles devem iluminar e dar luz aos outros (v. 15), e, portanto: (1) Eles se estabelecerão como luzes. Cristo acendeu estas candeias, elas não serão colocadas debaixo de alqueires (isto é, cestos), nem estarão sempre confinadas, como estão agora, às cidades da Galiléia, ou às ovelhas perdidas da casa de Israel, mas serão enviadas a todo o mundo. As igrejas são os castiçais, os castiçais de ouro onde se colocam estas luzes, para que a sua luz possa ser difundida, e o Evangelho é uma luz tão forte, e transmite tanto da sua própria evidência, que, como uma cidade sobre um monte, ele não pode ficar escondido, não pode deixar de evidenciar que é de Deus a todos aqueles que não fecharem voluntariamente seus olhos a ele. Ele dará luz a todos aqueles que estiverem na casa, àqueles que forem atraídos a ele e vierem até ele. Aqueles a quem ele não der luz, devem agradecer somente a si mesmos; eles não estarão na casa com ele, não farão uma investigação imparcial e diligente dele, mas estarão envolvidos em seus próprios preconceitos. (2) Eles devem resplandecer como luzes: [1] Pela sua boa pregação. Eles deverão transmitir o conhecimento que têm para o bem dos outros; não escondê-lo sob um cesto, mas transmiti-lo. O talento não

deve ficar envolto num pano, mas deve ser transmitido. Os discípulos de Cristo não devem se esconder na privacidade e na obscuridade, com a desculpa de contemplação, recato ou autopreservação, mas, por terem recebido o dom, devem ministrá-lo (Lc 12.3). [2] Pela sua vida correta. Eles devem ser candeias que ardem e alumiam (Jo 5.35); devem evidenciar, pele seu comportamento, que são verdadeiramente seguidores de Cristo (Tg 3.13). Para os outros, eles devem representar instrução, orientação, estímulo e consolo (Jó 29.11).

Observe aqui, em primeiro lugar, como a nossa luz deve brilhar, realizando coisas boas que os homens possam ver e aprovar, obras que tenham boa reputação entre aqueles que não as têm, e que, portanto, lhes darão motivo para pensarem bem do cristianismo. Nós devemos realizar boas obras que possam ser vistas para a edificação de outros, mas não que possam ser vistas para a nossa própria ostentação; nós devemos orar em segredo, e o que estiver entre Deus e as nossas almas deve ser conservado conosco; mas aquilo que é aberto e óbvio à vista dos homens deve ser feito de modo coerente com a nossa profissão de fé, e de um modo que glorifique a Deus (Fp 4.8). Aqueles que estão à nossa volta não devem apenas ouvir falar das nossas boas obras, mas devem ver as nossas boas obras, para que possam se convencer de que a religião é algo mais do que meras palavras, e que não fazemos dela somente uma profissão de fé, mas que permanecemos sob o seu poder.

Em segundo lugar, para que finalidade a nossa luz deve resplandecer. Para que aqueles que vejam as nossas boas obras possam ser levados a glorificar, não a nós (que era o que os fariseus desejavam, e que prejudicava todo o seu desempenho), mas ao nosso Pai que está nos céus. Observe que a glória de Deus é o bem supremo que devemos procurar em tudo o que fizermos na religião (1 Pe 4.11). Neste centro, as linhas de todos os nossos atos devem se encontrar. Devemos não somente nos empenharmos para glorificar, nós mesmos, a Deus, mas também devemos fazer tudo o que pudermos para motivar os outros a glorificá-lo. A visão das nossas boas obras fará isto, dando-lhes: 1. Motivos para louvar a Deus. Em outras palavras: “Deixe que vejam as suas boas obras, para que possam enxergar o poder da graça de Deus em sua vida, e assim dêem a Ele glória e ações de graças por ter concedido tal poder aos homens”. 2. Motivos de religiosidade. Em outras palavras: “Deixe que vejam as suas boas obras, para que possam se

convencer da verdade e da excelência da religião cristã. Que isto provoque uma emulação sagrada, para que imitem as suas boas obras, glorificando, deste modo, a Deus". Observe que o comportamento regular, santo e exemplar dos santos pode fazer muita coisa com relação à conversão dos pecadores; aqueles que não têm conhecimento da religião podem, por meio disso, ser levados a conhecê-la. Os exemplos ensinam. E aqueles que têm um preconceito contra a religião cristã podem, por meio deles, ser levados a amar o cristianismo. Conseqüentemente, existe uma virtude vitoriosa em um comportamento devoto.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 17-20

Aquelas pessoas às quais Cristo pregou, e aquelas que estão relacionadas a estas instruções que o Senhor deixou aos seus discípulos, eram indivíduos que, na sua religião observavam: 1. As Escrituras do Antigo Testamento como sua regra, e neste sentido Cristo aqui mostra que eles estão certos. 2. Os escribas e os fariseus como seu exemplo, e neste sentido Cristo aqui mostra que estão errados, pois:

I A lei que Cristo veio estabelecer concordava com exatidão com as Escrituras do Antigo Testamento, aqui chamada de a lei e os profetas. Os profetas eram os comentaristas da lei, e, juntos, os profetas e a lei, criaram aquela lei de fé e prática que Cristo encontrou no trono da sinagoga judaica; e aqui Ele a mantém no trono.

1. Jesus protesta contra a idéia de anular e enfraquecer o Antigo Testamento: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas". (1) Em outras palavras "Não deixemos que os judeus religiosos, que têm grande apreço pela lei e pelos profetas, temam que Eu tenha vindo para destruí-los". Não deixemos que eles tenham preconceito contra Cristo e a sua doutrina, devido a uma inveja deste reino que Ele veio estabelecer, o que pode soar como um menosprezo da honra das Escrituras que eles aceitavam como vindas de Deus e das quais eles sentiam o poder e a pureza. Não. Deixemos que eles fiquem satisfeitos por verem que Cristo não tem nenhum mau desígnio em relação à lei ou aos profetas. Em outras palavras: (2) "Não

permitamos que os judeus profanos, que não consideram a lei ou os profetas, e que estão cansados daquele jugo, achem que Eu vim para destruir a lei ou os profetas". Não permitamos que os libertinos carnais imaginem que o Messias veio para libertá-los da obrigação dos preceitos divinos, e ainda assim assegurar-lhes as promessas divinas, para fazê-los felizes e dar-lhes permissão para viver como desejarem. Cristo não ordena nada agora que fosse proibido, fosse pela lei da natureza ou pela lei moral, nem proíbe qualquer coisa que aquelas leis obrigassem. É um grande engano pensar que Ele faz isto, e aqui Ele toma cuidado para corrigir este engano. "Não cuideis que vim destruir". O Salvador das almas não destrói nada, a não ser as obras do diabo; Ele não destrói nada que venha de Deus Pai, muito menos aqueles excelentes preceitos que temos de Moisés e dos profetas. Não. Ele veio para cumpri-los. Isto é: [1] Ele veio para obedecer aos mandamentos da lei, pois Ele nasceu sob a lei (Gl 4.4). Em todos os aspectos, Ele mostrava obediência à lei, honrava os seus pais, observava o sábado judeu, orava, dava esmolas e fazia o que ninguém mais fazia – obedecendo perfeitamente –, e jamais infringiu qualquer ponto da lei. [2] Para cumprir as promessas da lei e as predições dos profetas, de que todos deram testemunho dele. O concerto da graça é, basicamente, o mesmo agora que era naquela época, e Cristo é o seu Mediador. [3] Para responder aos símbolos da lei; assim (como expressa o bispo Tillotson), Ele não esvaziou, mas cumpriu a lei cerimonial, e se manifestou como sendo a Essência de todas aquelas sombras. [4]. Para reparar as suas imperfeições, e assim completá-la e aperfeiçoá-la. Dessa forma, a palavra *plerosai* tem um significado adequado. Se considerarmos a lei como um recipiente que anteriormente continha alguma água, podemos entender que Ele não veio para jogar a água fora, mas para encher o recipiente até o topo. Ou ainda, podemos considerar a lei como uma imagem que é um primeiro esboço, e que exibe alguns traços somente para delinear a peça que se pretende confeccionar; posteriormente, estes traços são completados. Assim, Cristo aprimorou a lei e os profetas, através das suas adições e explicações. [5]. Para prosseguir com o mesmo desígnio. As instituições cristãs estão tão longe de distorcer e contradizer aquilo que era o principal desígnio da religião judaica, que o promovem ao máximo. O Evangelho é o tempo da correção (Hb 9.10), não para rejeitar a lei, mas para corrigi-la e, conseqüentemente, estabelecê-la.

2. Ele declara a perpetuidade da lei; não apenas que Ele não desejava ab-rogá-la, mas que ela nunca deveria ser ab-rogada (v. 18). “Em verdade, vos digo” que Eu, o Amém, a Testemunha fiel, solenemente declaro que “até que o céu e a terra passem”, quando não existir mais tempo e o estado imutável das recompensas substituir todas as leis, “nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido”. Pois o que é que Deus está fazendo em todas as operações, tanto de providência como de graça, a não ser cumprir as Escrituras? O céu e a terra se unirão, e serão completamente envolvidos em ruína e confusão, antes que qualquer palavra de Deus caia ao chão ou seja em vão. A palavra do Senhor permanece para sempre, tanto a da lei como a do Evangelho. Observe que o cuidado de Deus, a respeito da sua lei, se estende até mesmo àquelas coisas que parecem ser menos importantes nela, o jota e o til; pois o que quer que pertença a Deus, e leve a sua marca, por menor que seja, será preservado. As leis dos homens são tão patentemente imperfeitas (e todos temos consciência dessa imperfeição), que permitem uma máxima: *Apices juris non sunt jura – Os pontos extremos da lei não correspondem à lei*; porém Deus estará a postos e manterá cada jota e cada til da sua lei.

3. Ele dá aos seus discípulos a missão de preservar cuidadosamente a lei, e lhes mostra o perigo de negligenciá-la e menosprezá-la (v. 19). “Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos”, da lei de Moisés (quanto mais um dos maiores, como faziam os fariseus, que negligenciavam os aspectos mais importantes da lei), “e assim ensinar aos homens” (como eles faziam, anulando os mandamentos de Deus com suas tradições, cap. 15.3), “será chamado o menor no Reino dos céus”. Embora os fariseus pudessem se denominar os melhores professores possíveis, eles não seriam usados como professores no reino de Cristo. “Aquele, porém, que os cumprir e ensinar” (como fariam os discípulos de Cristo, portanto provando ser melhores amigos do Antigo Testamento do que os fariseus eram, embora desprezados pelos homens), “será chamado grande no Reino dos céus”. Observe: (1) Entre os mandamentos de Deus há alguns menores que outros; nenhum deles é pequeno de maneira absoluta, mas de forma comparativa. Os judeus reconhecem o menor dos mandamentos da lei como sendo aquele que fala do ninho de ave (Dt 22.6,7); mesmo ele, no entanto, tem um significado e uma intenção bastante considerável. (2) É uma coisa perigosa, na doutrina ou na prática, revogar o menor dos mandamentos de Deus;

infringi-lo, isto é, agir de modo a diminuir a sua abrangência ou enfraquecer a sua obrigatoriedade; quem fizer isto estará correndo riscos. Assim, invalidar qualquer um dos dez mandamentos é um golpe ousado demais para que o Deus zeloso possa condescender. É algo além de transgredir a lei, é quebrantar a lei (Sl 119.126). (3) Quanto mais corrupção eles espalham, piores eles são. Infringir o mandamento já é atrevimento suficiente, mas é muito pior ensinar os homens a fazê-lo. Claramente, isto se refere àqueles que, nesta época, se assentavam na cadeira de Moisés e pelos seus comentários corrompiam e desvirtuavam o texto. Opiniões que tendem à destruição da religiosidade séria e dos fundamentos da religião cristã, por meio de observações corruptas às Escrituras, são suficientemente ruins quando defendidas, mas piores quando propagadas e ensinadas como se fossem a Palavra de Deus. Aquele que faz isto será chamado o menor no Reino dos céus, o reino da glória; ele nunca irá para lá, mas será eternamente excluído. Ele não fará parte do reino da igreja do Evangelho. Ele estará tão longe de merecer a dignidade de um professor no reino, que nem chegará a ser considerado um membro dele. O profeta que ensina estas falsidades é a cauda naquele reino (Is 9.15); quando a verdade aparecer em sua própria evidência, estes professores corruptos, embora valorizados como os fariseus, não serão considerados juntamente com os sábios e os bons. Nada torna os ministros mais desprezíveis e indignos do que corromper a lei (Ml 2.8,11). Aqueles que atenuam e incentivam o pecado, discordando e desprezando a severidade na religião, assim como a seriedade na devoção, são uma contaminação na igreja. Mas, por outro lado, são verdadeiramente honrados e de grande responsabilidade na igreja de Cristo aqueles que dedicam a sua vida e doutrina a promover a pureza e a severidade da religião prática, que tanto fazem como ensinam o que é bom, pois os que não fazem o que ensinam derrubam com uma mão o que edificam com a outra. Estes se entregam à mentira, e tentam os homens a pensar que a religião como um todo é um engano. Mas aqueles que falam com experiência, que vivem o que pregam, são verdadeiramente grandes; eles honram a Deus, e Deus os honrará (1 Sm 2.30), e no futuro irão brilhar como astros no reino do nosso Pai.

II A justiça que Cristo veio estabelecer com esta lei deve exceder a dos escribas e fariseus (v. 20). Esta era uma estranha doutrina para aqueles

que consideravam os escribas e fariseus como tendo chegado à posição mais elevada na religião. Os escribas eram os professores mais admirados da lei, e os fariseus os seus mestres mais celebrados, e ambos se assentavam na cadeira de Moisés (cap. 23.2) e tinham tal reputação entre o povo, que eram considerados como completamente adaptáveis à lei e as pessoas não se consideravam obrigadas a ser tão boas quanto eles eram. Portanto, foi uma grande surpresa para eles ouvir que deviam ser melhores do que os fariseus e os escribas, ou não iriam para o céu. Desta maneira, Cristo aqui declara com solenidade: “Vos digo”, ou seja, é assim. Os escribas e os fariseus eram inimigos de Cristo e da sua doutrina, e eram grandes opressores, e ainda assim deve ser reconhecido que eles consideravam isto um elogio. Eles oravam e jejuavam muito e davam esmolas; eram pontuais na observância dos compromissos cerimoniais e a sua função era ensinar os outros; eles tinham tal interesse pelas pessoas, que achavam necessário que, se somente dois homens fossem ao céu, um deles seria um fariseu. Mas aqui o nosso Senhor Jesus diz aos seus discípulos que a religião que Ele veio estabelecer não somente exclui a maldade, mas supera a bondade dos escribas e dos fariseus. Nós precisamos fazer mais do que eles, e melhor do que eles, ou não chegaremos ao céu. Nós éramos parciais na lei, e atribuíamos mais importância à sua parte ritual. Mas nós devemos ser universais, e não pensar que é suficiente dar à igreja o nosso dízimo, mas dar a Deus os nossos corações. Eles se preocupavam somente com o exterior, mas nós devemos ter consciência da religiosidade interior. Eles procuravam o elogio e o aplauso dos homens, mas nós devemos procurar a aceitação de Deus; eles se orgulhavam do que faziam na religião, e confiavam que o que faziam era justiça; mas nós, quando tivermos feito tudo, precisamos negar a nós mesmos e dizer: “Somos servos inúteis”, e confiar somente na justiça de Cristo, e desta forma poderemos ir além dos escribas e dos fariseus.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 21-26

Tendo apresentado estes princípios, de que Moisés e os profetas ainda seriam os legisladores do povo, mas que os escribas e os fariseus já não mais seriam os seus governantes, Jesus passa a explicar a lei em alguns exemplos

em particular, e a defendê-la das observações corruptas que aqueles intérpretes tinham colocado sobre ela. Ele não acrescenta nada novo, somente limita e restringe algumas permissões que tinham sido excessivas; e, quanto aos preceitos, mostra a amplitude, a severidade e a natureza espiritual deles, acrescentando estatutos explicativos para torná-los mais claros e tendendo mais ao aperfeiçoamento da nossa obediência a eles. Nestes versículos, Ele explica a lei do sexto mandamento, de acordo com a verdadeira intenção e a sua abrangência completa.

I Aqui está apresentado o mandamento (v. 21). Nós o ouvimos, e o recordamos. Ele fala àqueles que conhecem a lei, que tiveram as palavras de Moisés lidas nas suas sinagogas todos os sábados: “Ouvistes o que foi dito aos antigos”, ou como está na observação à margem de algumas versões, “aos seus antepassados”, os judeus; “Não matarás”. Observe que as leis de Deus não são leis novas e surgidas do nada, mas tinham sido entregues aos antigos; são leis antigas, mas de uma natureza que nunca fica antiquada nem obsoleta. A lei moral está de acordo com a lei da natureza, com as leis e razões eternas do bem e do mal, isto é, a retidão da Mente eterna, a Mente de Deus. Matar aqui é proibido, matar a nós mesmos, matar a qualquer pessoa, direta ou indiretamente, ou de qualquer maneira ajudar a fazê-lo. A lei de Deus, o Deus da vida, é uma cerca de proteção ao redor da nossa vida. Este foi um dos preceitos de Noé (Gn 9.5,6).

II A explicação deste mandamento sobre o qual os professores judeus discutiam. O seu comentário era: “Aquele que matar, correrá o risco do julgamento”. Isto era tudo o que eles tinham a dizer a este respeito, que os assassinos deliberados estariam sujeitos à espada da justiça, e os ocasionais estariam sujeitos ao julgamento da cidade de refúgio. As cortes de julgamento ficavam nos portões das suas cidades principais. Os juízes, normalmente, eram vinte e três; eles julgavam, condenavam e executavam os assassinos; assim, qualquer pessoa que matasse estava sujeita ao seu julgamento. Mas este comentário sobre esse mandamento era falho, pois ele dava a entender que: 1. A lei do sexto mandamento era apenas externa, e não proibia nada além do ato de assassinato, e deveria restringir os desejos interiores, dos quais nascem as guerras e as pelejas. Este era realmente o *proton pseudos – o erro fundamental* dos professores judeus, dizer que a lei

divina proibia somente o ato pecaminoso, e não o pensamento pecaminoso; eles estavam inclinados a *haerere in corticeae – descansar na letra* da lei, e nunca investigaram o seu significado espiritual. Paulo, embora sendo um fariseu, não o fez, até que, pela chave do décimo mandamento, a graça divina o levou ao conhecimento da natureza divina de todas as demais coisas (Rm 7.7,14). 2. Outro engano era o de que esta lei era meramente política e cívica, dada por causa deles, e com a intenção de ser uma orientação para os seus tribunais, e nada mais; como se somente eles fossem o povo de Deus, e a sabedoria da lei devesse morrer com eles.

III A explicação que Cristo deu deste mandamento. Nós estamos certos de que, de acordo com a sua explicação, seremos julgados no futuro; portanto, devemos ser governados agora. O mandamento é extremamente amplo, e não deve ser limitado pela vontade da carne, ou pela vontade dos homens.

1. Cristo lhes diz que a ira irrefletida é assassinato no coração (v. 22). “Qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão” estará infringindo o sexto mandamento. Aqui, por ”seu irmão” devemos entender qualquer pessoa, mesmo que se trate de alguém inferior a nós, como uma criança ou um servo, pois todos nós somos feitos de um único sangue. A ira é uma paixão natural; existem casos nos quais ela é lícita e salutar; mas é pecaminosa, quando nos iramos sem motivo. A palavra é *eike*, que significa *sine causae, sine effectu, et sine modo – sem causa, sem nenhum bom efeito, e sem moderação.* Como conseqüência, a ira é pecaminosa: (1) Quando ocorre sem nenhuma provocação justa; seja por nenhuma causa, ou nenhuma boa causa, ou nenhuma causa justa e adequada; quando nos iramos com as crianças ou com os servos por aquilo que não pôde ser evitado, que foi somente uma questão de esquecimento ou de engano, de que nós mesmos poderíamos ser facilmente culpados, e pelo que não ficaríamos irados conosco; quando nos iramos devido a suspeitas infundadas ou por ofensas banais que nem merecem ser mencionadas. (2) Quando a ira ocorre sem visar nenhuma boa finalidade, meramente para mostrar a nossa autoridade, para satisfazer uma paixão bruta, para fazer com que as pessoas conheçam os nossos ressentimentos e para nos motivar à vingança; nestes casos, a ira é vã, e só se destina a magoar. Se em alguma ocasião estivermos irados, isto deverá se destinar a despertar o ofensor ao arrependimento, e a

evitar que ele repita outra vez o que fez; para nos purificar (2 Co 7.11) e para advertir aos outros. (3) Quando ela ultrapassa os limites. Quando somos duros e teimosos na nossa ira, violentos e veementes, cruéis e perversos, e procuramos ferir aqueles que nos desagradaram. Isto representa uma infração ao sexto mandamento, pois aquele que se ira desta maneira chegaria a matar, se pudesse. Um homem deu o primeiro passo em direção a isto; quando Caim matou seu irmão, tudo começou com a ira; ele é um assassino aos olhos de Deus, que conhece o seu coração; pois é do coração que procede o assassinato (cap. 15.19).

2. Jesus lhes diz que o uso de uma linguagem ultrajante com o nosso irmão é o assassinato pela língua (chamá-lo de raca, e chamá-lo de louco). Quando isto é feito com moderação e com uma boa finalidade, para convencer os outros da sua vaidade e das suas tolices, não é pecaminoso. Assim, Tiago diz: “Ó homem vão” (Tg 2.20), e Paulo diz: “Insensato” (1 Co 15.36), e o próprio Cristo diz: “Ó néscios e tardos de coração” (Lc 24.25). Mas quando isto nasce da ira e da maldade interior, é a fumaça daquele fogo que arde no inferno, e se enquadra na mesma característica. (1) Raca é uma palavra de desdém, que se origina no orgulho. “Zombador é o teu nome”, é como Salomão chama aqueles que tratam com indignação e soberba (Pv 21.24), que desdenham do irmão para equipará-lo aos cães que possuem. “Esta multidão, que não sabe a lei, é maldita” (Jo 7.49). (2) “Louco” é uma palavra de rancor, que nasce do ódio; considerando a pessoa não somente comum e indigna de ser honrada, mas como uma pessoa odiosa e indigna de ser amada; “Tu, homem iníquo, réprobo”. A primeira palavra fala de um homem desprovido de razão; ela (em termos das Escrituras) fala de um homem sem graça; quanto mais a censura tocar a sua condição espiritual, pior será; a primeira é uma zombaria arrogante do nosso irmão; esta é uma censura maldosa e uma condenação a ele, como se estivesse abandonado por Deus. Esta é uma infração do sexto mandamento; calúnias maldosas e críticas são veneno, sob a língua, que mata secreta e lentamente. As palavras amargas são como flechas que matam repentinamente (Sl 64.3), ou como uma espada nos ossos. O bom nome do nosso próximo, que é melhor do que a vida, é, desta forma, esfaqueado e assassinado; e esta é uma evidência de uma má intenção para com o nosso próximo, a ponto de atingirmos a sua vida, se pudéssemos fazê-lo.

3. Jesus lhes diz que não importa o uso que eles façam desses pecados, certamente eles lhes serão computados. Aquele que se encolerizar com seu irmão está correndo o risco do juízo e da ira de Deus; aquele que o chama de raca estará nas mãos do conselho, passível de ser punido pelo Sinédrio por insultar um israelita; mas aquele que disser: “Louco, pessoa profana, filho do inferno”, estará em perigo do fogo do inferno, para o qual ele condena o seu irmão, segundo o erudito Dr. Whitby. Alguns pensam, em alusão às punições usadas nos diversos tribunais de julgamento entre os judeus, que Cristo mostra que o pecado da ira irrefletida expõe os homens a punições mais graves ou menos graves, de acordo com os graus da sua origem. Os judeus tinham três penas capitais, uma pior que a outra: a decapitação, que era imposta pelo julgamento; o apedrejamento, pelo conselho ou pelo Sinédrio; e o fogo no vale de Hinom, que só era usado em casos extraordinários. Isto significa, portanto, que a ira irrefletida e a linguagem ofensiva são pecados condenáveis; mas alguns são mais pecaminosos que outros, e, de maneira correspondente, existe uma condenação mais severa, e uma punição mais amarga reservada a estes. Assim, ao mostrar a punição mais temível, Cristo mostra que pecado é o mais grave.

IV De tudo isto, pode-se deduzir que nós devemos cuidadosamente preservar o amor e a paz cristãos com nossos irmãos, e, se alguma vez estes forem rompidos, devemos lutar por uma reconciliação, confessando a nossa culpa, humilhando-nos perante o nosso irmão, implorando o seu perdão, e fazendo uma indenização ou oferecendo uma compensação pelo mal feito através de atos ou palavras, de acordo com a natureza da situação; e devemos fazê-lo rapidamente, por dois motivos:

1. Porque, até que isto seja feito, nós estaremos completamente incapacitados para a comunhão com Deus, nos rituais sagrados (vv. 23,24). O caso suposto é: se “teu irmão tem alguma coisa contra ti”, ou seja, se você o injuriou e ofendeu, seja isto real ou na percepção dele. Se você é a parte ofendida, não há necessidade desta demora; se você tem alguma coisa contra o seu irmão, resolva isto rapidamente. Nada mais precisa ser feito, a não ser perdoá-lo (Mc 11.25), e perdoar a ofensa. Mas se a disputa se iniciou no seu lado, e a culpa foi sua, no início ou ao final, de modo que “teu irmão tem alguma coisa contra ti, vai reconciliar-te primeiro com teu irmão”, antes de vir fazer a oferta no altar, antes de se aproximar solenemente de Deus, nos

serviços de oração e louvor, ouvindo a Palavra ou os sacramentos. Observe: (1) Quando nos dirigimos a qualquer prática religiosa, é bom que aproveitemos a ocasião para uma séria reflexão e exame próprio. Há muitas coisas a serem lembradas quando levamos a nossa oferta ao altar, se o nosso irmão tiver alguma coisa contra nós; então, se este for o caso, precisaremos considerar a questão para que façamos um acerto de contas. (2) As práticas religiosas não são aceitáveis perante Deus, se forem realizadas quando sentimos ira. A inveja, a maldade e a falta de caridade são pecados tão desagradáveis a Deus, que nada que venha de um coração onde estas coisas ainda predominem pode agradá-lo (1 Tm 2.8). As orações feitas com ira são escritas em amargura (Is 1.15; 58.4). (3) O amor ou a caridade são tão melhores que todos os holocaustos e sacrifícios, que Deus deseja que a reconciliação com um irmão ofendido ocorra antes que a oferta seja feita. Ele se satisfaz por esperar pela oferta, em lugar de tê-la quando somos culpados e estamos envolvidos em alguma disputa. (4) Embora estejamos incapacitados para a comunhão com Deus devido a uma disputa continuada com um irmão, ainda assim isto não pode ser uma desculpa para a omissão ou para a negligência em relação ao nosso dever: “Deixa ali diante do altar a tua oferta”, em outras palavras, “para que, de outra forma, quando tiver ido embora, você não se sinta tentado a não voltar”. Muitos expressam este pensamento como a razão pela qual não vêm à igreja ou participam da Santa Ceia, por estarem com algum problema com o próximo. E de quem é a culpa? Um pecado jamais irá justificar outro, mas irá dobrar a culpa. A falta de amor jamais poderá justificar a falta de piedade. O problema pode ser facilmente superado. Nós devemos perdoar àqueles que nos fizeram mal; e àqueles a quem nós fizemos mal, devemos compensar, ou pelo menos fazer uma proposta e desejar a restauração da amizade, para que se a reconciliação não acontecer, não seja por nossa culpa; e então vir e ser bem recebido, vir e oferecer a nossa oferta, e ela será aceita. Portanto, não devemos deixar que o sol se ponha sobre a nossa ira nenhum dia, porque devemos orar antes de dormir. Também não devemos deixar que o sol nasça sobre a nossa ira em um dia que consagramos ao Senhor, porque este é um dia de oração e adoração.

2. Porque, até que isto seja feito, estaremos expostos a muitos perigos (vv. 25,26). É arriscado não procurarmos um acordo, e rapidamente, sob dois aspectos:

(1) Um aspecto temporal. Se a ofensa que causamos ao nosso irmão, ao seu corpo, aos seus bens ou à sua reputação, for tal que exija alguma ação na qual ele possa recuperar danos consideráveis, é sábio de nossa parte, e é a nossa obrigação para com a nossa família, evitar isto por meio de uma submissão humilde e uma satisfação justa e pacífica, para que, de outra maneira, ele não recupere os danos pela lei e não nos coloque numa prisão. Em um caso como este, é melhor entrar em acordo, nas melhores condições que pudermos, do que suportarmos alguma punição; pois é inútil disputar com a lei, e existe o perigo de sermos esmagados por ela. Muitos arruínam as suas propriedades e os seus bens persistindo obstinadamente nas ofensas que fizeram, que poderiam ter sido resolvidas de modo pacífico, se cedessem em algo, rapidamente, no início do problema. O conselho de Salomão no caso de responsabilidade é: “Vai, humilha-te... e livra-te” (Pv 6.1-5). É bom chegar a um acordo, pois a pena da lei é cara. Embora devamos ser misericordiosos com aqueles sobre os quais estamos em vantagem, ainda assim devemos ser justos com aqueles que têm vantagens sobre nós, desde que sejamos capazes. “Concilia-te depressa com o teu adversário”, em outras palavras, para que ele não se exaspere com a sua teimosia, e não se sinta provocado a insistir com as máximas exigências, e não deixe de fazer o abatimento que a princípio teria feito. Uma prisão é um lugar incômodo para aqueles que são levados a ela pelo seu próprio orgulho e desperdício de oportunidade, pela sua própria teimosia e tolice.

(2) Um aspecto espiritual. “Vai reconciliar-te... com o teu irmão”, seja justo com ele, seja amistoso com ele, porque enquanto continuar a disputa, assim como você estará incapacitado para trazer a sua oferta ao altar, incapacitado para participar da mesa do Senhor, também estará incapacitado para morrer. Se você persistir neste pecado, existe o perigo de você ser repentinamente levado pela ira de Deus, de cujo julgamento você não poderá escapar nem se isentar. E se você for o responsável por esta iniqüidade, você estará perdido para sempre. O inferno é uma prisão para todos aqueles que vivem e morrem na maldade e na falta de amor, pois todos são contenciosos (Rm 2.8), e desta prisão não há resgate, não há redenção, não há fuga, por toda a eternidade.

Isto se aplica à grande questão da nossa reconciliação com Deus, por meio de Cristo: “Concilia-te depressa com [ele]... enquanto estás no caminho”. Observe que: [1] O grande Deus é um adversário para todos os pecadores,

antidikos – um adversário legal; Ele tem uma controvérsia com eles, uma ação contra eles. [2] É nosso interesse estar de acordo com Ele, nos familiarizar com Ele, para podermos estar em paz (Jó 22.21; 2 Co 5.20). [3] É prudente fazermos isto rapidamente, enquanto estamos no caminho. Enquanto estamos vivos, estamos no caminho; depois da morte, será tarde demais para fazê-lo; portanto, não dê descanso aos seus olhos antes que isto seja feito. [4] Aqueles que continuam em uma situação de inimizade com Deus estão continuamente expostos à prisão da sua justiça, e aos exemplos mais temíveis da sua ira. Cristo é o Juiz, a quem os pecadores impenitentes serão entregues. Pois todo o julgamento foi confiado ao Filho. Aqueles que o rejeitarem como Salvador jamais poderão escapar dele como Juiz (Ap 6.16,17). É atemorizante ser entregue, desta forma, ao Senhor Jesus, quando o Cordeiro se tornará o Leão. Os anjos são os encarregados a quem Cristo os entregará (cap. 13.41,42); os demônios também são um tipo de encarregados, tendo o poder de serem os algozes da morte de todos os incrédulos (Hb 2.14). O inferno é a prisão em que serão lançados todos aqueles que continuarem em um estado de inimizade contra Deus (2 Pe 2.4). [5] Os pecadores condenados continuarão ali por toda a eternidade; eles não poderão partir porque jamais poderão pagar a dívida por seus pecados. Mesmo passando a eternidade em tormentos, jamais conseguirão pagá-la totalmente. A justiça divina só pode ser satisfeita através do sacrifício feito pelo nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 27-32

Aqui temos uma explicação do sétimo mandamento, que nos é dada pela mesma mão que fez a lei, e que, portanto, era a mais adequada para ser a intérprete do mandamento: é o mandamento contra a impureza, que adequadamente segue o anterior; que coloca uma restrição às paixões pecaminosas. Isto com relação aos desejos pecaminosos, que precisam sempre estar sob o controle tanto da razão quanto da consciência, e que, se tolerados, são igualmente perniciosos.

I O mandamento é apresentado aqui (v. 27): “Não cometerás adultério”, o que inclui uma proibição de todos os outros atos de impureza, e o desejo deles; mas os fariseus, em suas interpretações deste mandamento, tornaram a sua abrangência limitada somente ao ato do adultério, sugerindo que se o pecado somente fosse considerado no coração, e não passasse disso, Deus não o ouviria, não o consideraria (Sl 66.18), e, portanto, eles pensavam que isto era suficiente para que pudessem dizer que não eram adúlteros (Lc 18.11).

II Aqui está explicada a severidade, em três aspectos, que agora podem parecer novos e estranhos àqueles que sempre foram governados pela tradição dos anciãos e que assumiam o que eles ensinavam como sendo palavras de oráculo.

1. Aprendemos que existe o adultério no coração, os pensamentos e tendências adúlteros, que nunca dão origem ao ato do adultério ou da fornicação; e talvez a impureza que eles causam à alma, que aqui está tão claramente declarada, não estivesse incluída no sétimo mandamento, mas tinha sentido e objetivo em muitas das profanações cerimoniais sujeitas à lei, pelas quais eles deviam lavar as roupas e a sua carne na água. Qualquer pessoa que olhasse para uma mulher (não somente a esposa de outro homem, como alguns interpretam, mas qualquer mulher) para cobiçá-la, teria cometido adultério com ela em seu coração (v. 28). Este mandamento proíbe não apenas os atos de fornicação e adultério, mas: (1) Todos os apetites impuros, toda a cobiça do objeto proibido. Este é o início do pecado, a concepção da concupiscência (Tg 1.15); é um mal passo em direção ao pecado. E onde se aprova e se lida com a cobiça, e o desejo devasso é tratado pela língua como algo doce, ali está a comissão do pecado, até onde o coração pode tê-la – não faltando nada – a não ser uma oportunidade conveniente para o próprio pecado. *Adultera mens est – A mente é corrupta*, Ovídio. A cobiça é frustrada ou influenciada pela consciência: influenciada, se ela não diz nada sobre o pecado; frustrada, se ela não comanda o que diz. (2) Todas as abordagens deste caso. Alimentar os olhos com a visão do fruto proibido; não apenas procurando este fim, que eu possa cobiçar, mas olhando até que eu cobice realmente, ou procurando gratificar a cobiça, onde nenhuma satisfação adicional possa ser obtida. Os olhos são, ao mesmo tempo, a entrada e a saída de uma grande quantidade de pecados

deste tipo, como testemunham a mulher que tentou José (Gn 39.7), a mulher que se entregou a Sansão (Jz 16.1), e a amante de Davi (2 Sm 11.2). Há olhos cheios de adultério que não cessam de pecar (2 Pe 2.14). Que necessidade temos nós, portanto, como o santo Jó, de fazer um concerto com os nossos olhos, de fazer este acordo com eles, para que tenham o prazer de contemplar a luz do sol e as obras de Deus, com a condição de que nunca se fixem ou residam sobre qualquer coisa que possa provocar imaginações ou desejos impuros. E, sob esta penalidade, pelo que eles fizessem, precisariam sofrer com lágrimas penitentes! (Jó 31.1). Para que temos a pálpebra sobre os olhos, a não ser para restringir os olhares corruptos e para evitar as impressões que possam nos contaminar? Aqui também se proíbe o uso de qualquer outro dos nossos sentidos para provocar a cobiça. Se os olhares sedutores são frutos proibidos, muito mais o são as palavras impuras e os galanteios devassos, o combustível e o fole deste fogo infernal. Estes preceitos são limites sobre a lei da pureza do coração (v. 8). E se olhar é cobiçar, aqueles que se vestem e se enfeitam, e se exibem, com o desejo de serem vistos e desejados (como Jezabel, que pintou o rosto, enfeitou a cabeça, e olhou pela janela) não são menos culpados. Os homens pecam, mas os demônios tentam ao pecado.

2. Tais olhares e tais galanteios são tão perigosos e destrutivos para a alma, que é melhor perder o olho e a mão que assim pecam do que abrir caminho ao pecado e perecer eternamente nele. Isto nos é ensinado aqui (vv. 29,30). A natureza corrupta logo objetaria contra a proibição do adultério no coração, dizendo que ela é algo impossível de se controlar: “São palavras duras, quem pode suportá-las? A carne e o sangue não podem evitar olhar com prazer para uma mulher bonita, e é impossível se abster de cobiçar e flertar com algo assim”. Desculpas como estas dificilmente serão vencidas pela razão, e, portanto, devem ser atacadas com os terrores do Senhor; e é assim que são atacadas aqui.

(1) Aqui é descrita uma operação severa para a prevenção desses desejos carnais. Se o teu olho direito te escandalizar, ou ofender outra pessoa, com olhares devassos a coisas proibidas; se a tua mão direita te escandalizar, ou ofender outra pessoa com flertes devassos; e se for realmente impossível, como se diz, controlar o olho e a mão, e eles estiverem tão acostumados a estes procedimentos pecaminosos, a ponto de não poder evitá-los; se não existir outra maneira de restringi-los (o que, bendito seja Deus, por meio da

sua graça, existe), é melhor para nós arrancar o olho e cortar a mão (ainda que sejam o olho direito e a mão direita, os mais dignos de honra e os mais úteis) do que tolerar que eles pequem para a ruína da alma. E se isto tiver que ser contido – diante desta idéia, a natureza estremece – devemos nos determinar ainda mais a controlar o corpo e a conter estas coisas. Viver uma vida de mortificação e de autonegação; manter constante vigilância sobre os nossos próprios corações; suprimir o surgimento de qualquer desejo e corrupção ali; evitar as oportunidades de pecados, resistir aos seus estímulos e recusar a companhia daqueles que são uma armadilha para nós, ainda que sejam muito agradáveis; ficar afastados do caminho do mal e reduzir o uso das coisas lícitas, quando descobrirmos que são tentações para nós; buscar a Deus, buscar a sua graça; confiar diariamente na sua graça, e desta maneira andar no Espírito, para não satisfazermos os desejos da carne – isto será tão eficiente quanto cortar a mão direita ou arrancar o olho direito; e talvez igualmente eficiente em oposição à carne e ao sangue; esta é a destruição do velho homem.

(2) Um argumento estarrecedor é usado para reforçar esta prescrição (v. 29), e é repetido nas mesmas palavras (v. 30), porque nos negamos a ouvir o que é reto (Is 30.10). É melhor para nós que um dos nossos membros pereça, ainda que seja um olho ou uma mão, que se poupado pode trazer o pior, do que todo o nosso corpo ser lançado no inferno. Observe: [1] Não é inconveniente que um ministro do Evangelho pregue sobre o inferno e a condenação. Não. Ele precisa fazê-lo, pois o próprio Cristo o fez; e nós seremos infiéis ao que nos foi confiado, se não advertirmos sobre a ira futura. [2] Existem alguns pecados dos quais precisamos ser salvos pelo medo, particularmente os desejos carnais, que são animais tão selvagens que não podem ser detidos, a não ser pelo medo; não podemos ser afastados de uma árvore proibida, a não ser por um querubim com uma espada flamejante. [3] Quando somos tentados a pensar que é muito difícil negar a nós mesmos e crucificar os desejos carnais, devemos considerar quão mais difícil é estar para sempre no lago que arde com fogo e enxofre. Estas pessoas não sabem o que é o inferno, ou não acreditam em sua existência, e preferem se arriscar à ruína eterna nestas chamas a negarem a si mesmas o prazer de um desejo bruto e vil. [4] No inferno haverá tormentos para o corpo. Todo o corpo será lançado no inferno, e haverá tormentos para todas as suas partes, de modo que se cuidarmos do nosso corpo, nós o

possuiremos em santificação e honra, e não na paixão da concupiscência. [5] Mesmo aquelas imposições que são mais desagradáveis para a carne e o sangue são boas para nós; e o nosso Mestre não exige nada de nós, exceto o que Ele sabe que é para o nosso bem.

3. Que os homens se divorciassem de suas esposas quando não gostassem delas, ou por qualquer outro motivo que não fosse o adultério, por mais tolerado e praticado que fosse este motivo entre os judeus, era uma violação do sétimo mandamento, pois abria uma porta para o adultério (vv. 31, 32). Observe aqui:

(1) Como ficava o assunto agora, com relação ao divórcio. Foi dito (Ele aqui não diz como antes: “Foi dito aos antigos”, porque este não era um preceito, como eram aqueles. Embora os fariseus estivessem inclinados a compreendê-lo assim, cap. 19.7, esta era somente uma permissão): “Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite”. Em outras palavras, que o homem não pense em fazê-lo somente em palavras, quando estiver aborrecido, mas que o faça deliberadamente, por um instrumento legal por escrito, confirmado por testemunhas; se ele dissolver a ligação matrimonial, que ele o faça solenemente. Assim a lei tinha evitado divórcios intempestivos e apressados, e talvez no início, quando a escrita não era tão comum entre os judeus, tivesse tornado raros os divórcios. Mas com o passar do tempo, o divórcio acabou ficando muito comum, e esta orientação de como fazê-lo, quando houvesse justa causa para ele, se transformou em uma permissão para ele, com qualquer causa (cap. 19.3).

(2) Como esta questão foi corrigida pelo nosso Salvador. Ele reduziu o ritual do casamento à sua instituição primitiva: eles serão uma única carne, não facilmente separável, e, portanto, o divórcio não deve ser permitido, exceto em caso de adultério, que rompe o pacto de casamento. Aquele que repudia a sua esposa com qualquer outra desculpa faz com que ela cometa adultério, e também o faz aquele que se casa com a repudiada. Observe que aqueles que levam os outros à tentação do pecado, ou os deixam na tentação, ou ainda os expõem a ela, se tornam também culpados do pecado, que lhes será imputado. Esta é uma forma de ter a sua parte com os adúlteros (Sl 50.18).

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 33-37

Aqui temos uma explicação do terceiro mandamento, que devemos nos preocupar em compreender, porque está dito, especificamente, que quem infringir este mandamento, de não tomar o nome do Senhor em vão, não será considerado inocente pelo Senhor, não importando como a pessoa mesmo se considere. Quanto a este mandamento:

I Sempre se concordou que ele proíbe o perjúrio, os falsos juramentos e a violação de juramentos e votos (v. 33). Foi dito aos antigos, e este é o verdadeiro significado e a verdadeira intenção do terceiro mandamento. Não tomarás, ou usarás, o nome de Deus (como quando fazemos um juramento) em vão, ou por bobagens, ou numa mentira. Aquele que não entrega a sua alma à vaidade e que não jura enganosamente está descrito nas palavras acima (Sl 24.4). O perjúrio é um pecado condenado à luz da natureza, como uma complicação da impiedade com relação a Deus e da injustiça com relação aos homens, e como resultado de um homem altamente insolente à ira divina, que sempre foi considerada como caindo tão infalivelmente sobre o pecado que todas as formas de juramentos se transformavam normalmente em execrações ou imprecações; como Deus me fez isto, e outras frases semelhantes a estas. A expressão “e assim Deus faça” significa: que eu nunca tenha qualquer ajuda de Deus, se jurar em falso. Assim, com o consentimento de nações, têm havido homens que têm amaldiçoado a si mesmos, duvidando que Deus iria amaldiçoá-los, se eles mentissem sobre a verdade quando solenemente invocaram a Deus para ser sua testemunha.

De outras partes das Escrituras, se acrescenta: “mas cumprirás teus juramentos ao Senhor” (Nm 30.2); o que pode querer significar: 1. Quanto a outras promessas, das quais Deus participa, devemos nos lembrar que os votos ou juramentos feitos a Deus devem ser cumpridos pontualmente (Ec 5.4,5); ou: 2. Promessas feitas a nossos irmãos, de que Deus é testemunha, sendo chamado para atestar a nossa sinceridade, devem ser feitas ao Senhor, prestando atenção a Ele, e por Ele: pois, para Ele, ao ratificar as promessas com um juramento, nós nos tornamos devedores; e se quebrarmos uma promessa assim ratificada, não mentimos apenas aos homens, mas também a Deus.

II Aqui se acrescenta que o mandamento não somente proíbe o juramento em falso, mas também todos os juramentos intempestivos e desnecessários: “De maneira nenhuma jureis” (v. 34). Compare com Tiago 5.12. Nem todos os juramentos são pecaminosos; até agora, o juramento, se feito corretamente, é parte da adoração religiosa, e nele damos a Deus a glória devida ao seu nome (veja Dt 6.13; 10.20; Is 45.23; Jr 4.2). Vemos que Paulo confirma aquilo que ele dizia com tal solenidade (2 Co 1.23), quando havia necessidade disto. Ao jurar, hipotecamos a verdade de alguma coisa conhecida, para confirmar a verdade de alguma coisa duvidosa ou desconhecida; se juramos de maneira enganosa, apelamos para um conhecimento maior, para um tribunal superior, e rogamos a vingança de um Juiz justo.

A determinação de Cristo sobre este assunto é:

1. Que não devemos jurar, de maneira nenhuma, exceto quando estivermos devidamente obrigados a isto, e quando a justiça ou a caridade para com o nosso irmão, ou o respeito pela comunidade tornarem necessário o juramento para o fim da contenda (Hb 6.16). O magistrado civil deve ser, normalmente, o juiz desta necessidade. Nós podemos ser jurados, mas não devemos jurar; podemos ser intimados, e desta maneira estar obrigados ao juramento, mas não devemos nos atirar a ele em busca de alguma vantagem terrena.

2. Que não devemos jurar superficial e irreverentemente, nas conversas comuns. É um pecado muito grande fazer um apelo absurdo à gloriosa Majestade do céu, que, sendo sagrada, sempre deve ser muito séria. É uma grande profanação do santo nome de Deus, e uma das coisas sagradas que os filhos de Israel santificam ao Senhor. Este é um pecado que não tem disfarce; não há desculpa para ele, e, portanto, é um sinal de um coração desprovido da graça do Senhor, onde reina a inimizade contra Deus: “Os teus inimigos tomam o teu nome em vão”.

3. Que devemos, de uma maneira especial, evitar juramentos ao fazer alguma promessa, dos quais Cristo particularmente fala aqui, pois estes juramentos devem ser cumpridos. A influência de um juramento afirmativo cessa imediatamente quando descobrimos fielmente a verdade e toda a verdade; mas um juramento de promessa compromete por tanto tempo, e pode ser rompido de tantas maneiras, pela surpresa e pela força de uma tentação, que não deve ser usado, exceto em algum caso de grande

necessidade. O uso freqüente de juramentos se reflete sobre os cristãos, que deveriam ter uma fidelidade reconhecida a ponto das suas palavras sóbrias serem tão sagradas quanto os seus juramentos solenes.

4. Que não devemos jurar por nenhuma outra criatura. Parece que havia alguns que, como cortesia (pensavam eles) ao nome de Deus, não fariam uso dele nos juramentos, mas juravam pelo céu, ou pela terra etc. Isto Cristo proíbe aqui (v. 34), e mostra que não há nada por que possamos jurar, mas que isto está de uma maneira ou de outra relacionada com Deus, que é a origem de todos os seres, e, portanto, é igualmente perigoso jurar por eles, quanto jurar pelo próprio Deus. É a veracidade da criatura que é posta em jogo; isto não pode ser um instrumento de testemunho, mas tem relação com Deus, que é a Verdade principal. Como, por exemplo:

(1) De maneira nenhuma jureis pelo céu. Isto é tão verdadeiro quanto é verdade que existe um céu, pois é o trono de Deus, onde Ele reside, e de uma maneira particular manifesta a sua glória, como um príncipe em seu trono. Sendo esta a dignidade inseparável do mundo superior, não se pode jurar pelo céu, pois quem o faz acaba jurando pelo próprio Deus.

(2) Nem pela terra, porque é o escabelo dos seus pés. Ele governa os movimentos deste mundo inferior. Da mesma maneira como Ele governa o céu, Ele também governa a terra; e embora a terra esteja sob os seus pés, ela também está sob os seus olhos e os seus cuidados, e é dele (Sl 24.1). A terra pertence ao Senhor; de modo que, ao jurar por ela, se está jurando pelo seu proprietário.

(3) Nem por Jerusalém, um lugar pelo qual os judeus tinham tanta veneração que não conseguiam pensar em nada mais sagrado por que jurar; mas, além da referência comum que Jerusalém tem para Deus, como parte da terra, ela tem uma relação especial com Ele, porque é a cidade do grande Rei (Sl 48.2), a cidade de Deus (Sl 46.4), portanto Ele tem interesse nela e em todo juramento feito por ela.

(4) “Nem jurarás pela tua cabeça”; embora esteja próxima de você e seja uma parte essencial de você, é mais de Deus do que sua, pois Ele a criou e formou todas as suas origens e os seus poderes. Enquanto você mesmo não consegue, por nenhuma influência intrínseca natural, mudar a cor de um cabelo, para torná-lo branco ou preto, você também não pode jurar pela sua cabeça, mas sim por Ele, que é a vida da sua cabeça, e o que exalta a sua cabeça (Sl 3.3).

5. Que, portanto, em todas as nossas comunicações, devemos nos contentar com ”sim, sim, não, não” (v. 37). Nas conversas normais, se afirmamos alguma coisa, devemos somente dizer: “Sim”, é assim; e, se for necessário, para evidenciar a nossa certeza de alguma coisa, podemos nos manifestar dizendo: “Sim, sim”, realmente é assim. “Na verdade, na verdade” era o “sim, sim” do nosso Salvador. Da mesma forma, para negar uma coisa, é suficiente dizer: “Não”, ou, se for necessário, repetir a negação e dizer: “Não, não”; e se a nossa fidelidade for conhecida, que isto seja suficiente para termos crédito; e se ela for questionada, reforçar o que dizemos com juramentos não será nada além de torná-lo mais duvidoso. Aquele que é capaz de engolir um juramento profano, não conseguirá discernir uma mentira. É uma pena que isto que Cristo coloca na boca de todos os seus discípulos precise ser fortalecido, segundo alguns, por outras maneiras, quando (como diz o Dr. Hammond) qualquer coisa além de sim e não nos é proibido, e não somos orientados a fazer uso de outras palavras.

É fácil perceber a razão: porque o que passa disso é de procedência maligna, embora não chegue ao pecado de um juramento. Isto vem *ek tou Diabolou*; conforme uma cópia antiga apresenta: isto vem do Diabo, o maligno; vem da corrupção da natureza do homem, da paixão e da veemência; de uma vaidade reinante na mente, e do desprezo pelas coisas sagradas; vem daquela falsidade que há nos homens. “Todo homem é mentiroso” (Rm 3.4), e, conseqüentemente, os homens usam estas declarações porque desconfiam uns dos outros e pensam que sem estas palavras não se pode acreditar neles. Observe que os cristãos devem, para crédito da sua religião, evitar não somente o que é mal em si mesmo, mas o que vem do mal e aquilo que tem aparência de mal. É necessário evitar aquilo que possa ser suspeito, aquilo que vem de alguma causa ruim. Um juramento é algo físico, e, portanto, pressupõe alguma deficiência.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 38-42

Nestes versículos, se explica a lei da retaliação, e ela é, de certa maneira, rejeitada. Observe:

Qual era a permissão do Antigo Testamento, em caso de ofensa. Aqui a expressão é somente: “Ouvistes o que foi dito”; não, como antes, a respeito dos mandamentos do decálogo, aquilo que foi dito pelos antigos, ou para eles. Era um mandamento que todos deveriam, em caso de necessidade, exigir esta satisfação; mas eles podiam, legitimamente, insistir nela, se quisessem. “Olho por olho e dente por dente”. Encontramos este conceito em Êxodo 21.24; Levítico 24.20; Deuteronômio 19.21; em todas estas passagens, está indicado que isto é algo que deve ser feito pelo magistrado, que não traz debalde a espada, porque é ministro de Deus e vingador para castigar aquele que faz o mal (Rm 13.4). Os juízes da nação judaica eram orientados sobre qual punição infligir em caso de mutilação; por um lado, ela era um terror para aqueles que fizessem o mal, e, por outro, uma restrição àqueles que sofressem o mal, para que eles não pudessem insistir em uma punição mais severa do que fosse adequado: não deve ser uma vida por um olho, nem um membro por um dente, mas deve-se observar a proporção; e fica implícito (Nm 35.31) que a perda, neste caso, pode ser redimida com dinheiro, pois quando fica determinado que nenhum resgate pode ser aceito pela vida de um assassino, se supõe que para as mutilações era permitida uma satisfação pecuniária.

Mas alguns dos professores judeus, que não eram os homens mais piedosos do mundo, insistiam que era necessário que tal vingança fosse exigida, até mesmo pelas próprias pessoas, e que não havia lugar para remissão, nem a aceitação de qualquer compensação. Mesmo agora – estando sob o governo dos magistrados romanos, em que, conseqüentemente, a lei judicial estava a critério desses dominadores – eles ainda eram zelosos por tudo o que parecesse difícil e severo.

Este poder que temos é uma orientação aos magistrados, para usarem a espada da justiça de acordo com as leis boas e saudáveis da terra, para o terror dos malfeitores e a vindicação dos oprimidos. O juiz descrito no Evangelho de Lucas não temia a Deus nem respeitava homem algum, e não promoveria a vingança da pobre viúva contra o adversário dela (Lc 18.2,3). Ela está em vigor como uma regra para os legisladores, para que ajam coerente e sabiamente para distribuírem punições pelos crimes, para limitarem os roubos e a violência, e para fornecerem proteção à inocência.

O preceito do Novo Testamento é: quanto ao próprio reclamante, a sua II obrigação é perdoar a ofensa que lhe foi feita e não mais insistir na punição, não mais do que for necessário para o bem comum. E este preceito está de acordo com a mansidão de Cristo e a suavidade do seu jugo.

Cristo aqui nos ensina duas coisas:

1. Não devemos ser vingativos (v. 39). “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal”; à pessoa má que lhe ofende. Aqui se proíbe, de maneira expressa e geral, a resistência a qualquer mal dirigido a nós, como se proíbe resistir à autoridade (Rm 13.2), e ainda assim isto não revoga a lei de autopreservação, e o cuidado que devemos ter com as nossas famílias. Nós devemos evitar o mal, e podemos resistir a ele, até onde isto seja necessário para a nossa própria segurança, mas não devemos pagar o mal com o mal, não devemos guardar ressentimento, nem nos vingar, nem tentar nos igualar àqueles que nos trataram de maneira injusta, mas devemos ser melhores do que eles, perdoando-os (Pv 20.22; 24.29; 25.21,22; Rm 12.7). A lei da retaliação deve ser coerente com a lei do amor: se alguém nos ofendeu, a recompensa não está nas nossas mãos, mas sim nas mãos de Deus, a cuja ira devemos dar lugar; e algumas vezes nas mãos dos seus vice-regentes, onde isto seja necessário para a preservação da paz pública. Mas isto não justificará que firamos o nosso irmão, dizendo que foi ele quem começou, pois é o segundo golpe que cria a briga; e quando formos ofendidos, temos uma oportunidade não de justificar que o ofendemos, mas de nos mostrar verdadeiros discípulos de Cristo, perdoando o ofensor.

O nosso Salvador especifica três coisas para mostrar que os cristãos devem ceder, pacientemente, àqueles que lhes trazem dificuldades, em lugar de disputar, e estas incluem outras.

(1) Um tapa no rosto – que é uma ofensa a mim, no meu corpo. “Se qualquer te bater na face direita”, o que não somente é um ferimento, mas também uma ofensa e uma indignidade (2 Co 11.20). Se um homem, com ira ou desprezo, lhe atacar desta maneira, “oferece-lhe também a outra”, isto é, em outras palavras, “em lugar de vingar aquela ofensa, prepare-se para outra e suporte-a pacientemente; não dê ao homem rude o que ele traz; não o desafie, nem entre em alguma ação contra ele. Se for necessário, para a paz pública, que ele seja limitado no seu comportamento; deixe isto para o magistrado. Mas quanto à sua parte, será, normalmente, mais prudente deixar que isto passe, não tomando maior conhecimento do fato. Se não há

ossos quebrados, nenhum grande mal foi produzido, perdoe e esqueça; e se os tolos orgulhosos pensarem o pior de você, e zombarem de você por causa disto, todos os homens sábios irão lhe valorizar e honrar por isto, como um seguidor do bendito Jesus, que, embora fosse o Juiz de Israel, não feriu aqueles que o feriram no queixo" (Mq 5.1). Embora isto talvez possa, com pessoas pobres de espírito, nos expor a alguma afronta semelhante em alguma ocasião, isto será, na verdade, oferecer a outra face; ainda assim não devemos deixar que isto nos perturbe, mas confiar em Deus e na sua providência para nos proteger no caminho do nosso dever. Talvez perdoar uma ofensa possa evitar outra, quando a vingança não faria nada além de atrair outra; alguns serão vencidos pela submissão, aqueles que, pela resistência, seriam apenas os mais exasperados (Pv 25.22). No entanto, a nossa recompensa está nas mãos de Cristo, que irá nos recompensar com a glória eterna pela vergonha que suportarmos pacientemente; e embora ela não seja atribuída diretamente, ela será tranqüilamente suportada pelo bem da consciência, e de acordo com o exemplo de Cristo, será somada ao que se sofre por Cristo.

(2) A perda de uma vestimenta – que é um mal causado a mim, nos meus bens (v. 40). "O que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta". Este é um caso difícil. Observe, é comum que os processos legais sejam usados para o caso de ofensas graves. Embora os juízes sejam justos e sérios, ainda assim é possível que os homens maus, que não têm consciência de juramentos e falsificações, retirem, pelo curso da lei, a vestimenta dos ombros de um homem. Não te maravilhes de semelhante caso (Ec 5.8), mas, neste caso, em lugar de procurar a lei como uma forma de vingança, em lugar de exibir uma contra-acusação, ou de resistir ao máximo, na defesa daquilo que é o seu direito indiscutível, deixe-o levar também a capa. Se a questão for pequena, algo que possamos perder sem um dano considerável às nossas famílias, é bom sujeitarmo-nos a isto, pelo bem da paz. Em outras palavras: "Não lhe custará tanto comprar outra vestimenta, quanto irá lhe custar o curso da lei para recuperá-la; portanto, a menos que você possa obtê-la novamente, por meios justos, é melhor deixar que ele a leve".

(3) Caminhar uma milha forçadamente – que é uma ofensa a mim, na minha liberdade (v. 41). "Se qualquer te obrigar a caminhar uma milha", isto é, se alguém lhe obrigar a fazer alguma tarefa para ele ou a servi-lo, não reclame, mas "vai com ele duas", em lugar de brigar com ele. Não diga: "Eu

faria isto, se não fosse obrigado a isto, mas detesto ser forçado"; em vez disto, diga: "Eu o farei, pois de outra maneira haverá uma briga", e é melhor servirmos a ele do que servirmos aos nossos próprios desejos de orgulho e vingança. Alguns interpretam desta maneira: os judeus ensinavam que os discípulos dos sábios e os estudantes da lei não deviam ser pressionados pelos oficiais do rei, como os outros podiam ser, a viajar a serviço público; Cristo não ensinará os seus discípulos a insistir neste privilégio, mas os fará concordar, em lugar de ofender o governo. O resumo de tudo isto é que os cristãos não devem ser litigiosos; devem submeter-se às pequenas ofensas e não prestar atenção a elas; e se a ofensa for tal que exige que procuremos reparação, que seja com uma boa finalidade, e sem pensamento de vingança. Embora não devamos motivar e provocar as ofensas, nós devemos enfrentá-las alegremente no caminho do dever, e aproveitá-las ao máximo. Se alguém disser que a carne e o sangue não podem tolerar uma ofensa assim, faça com que esta pessoa se lembre de que a carne e o sangue não herdarão o Reino de Deus.

2. Devemos ser caridosos e beneficentes (v. 42). Não devemos apenas não ferir o nosso próximo, mas devemos procurar lhe fazer todo o bem que pudermos. (1) Devemos estar dispostos a dar: "Dá a quem te pedir". Em outras palavras, se você tem a capacidade, encare o pedido do pobre como uma oportunidade para cumprir o dever de dar esmolas. Quando alguém que realmente precisa de caridade se apresenta, devemos dar ao primeiro pedido: dar uma porção a sete, e também a oito; ainda assim, a questão da nossa caridade deve ser orientada com juízo (Sl 112.5), para que não demos aos ociosos e indignos o que deveria ser dado aos que têm necessidade e o merecem. O que Deus nos diz é que devemos estar prontos para dizer aos nossos irmãos pobres: "Pedi, e dar-se-vos-á". (2) Devemos estar prontos para emprestar. Às vezes, isto é uma caridade tão grande quanto dar; pois não apenas alivia a necessidade atual, mas obriga ao que toma emprestado à providência, ao empenho e à honestidade. Portanto, "não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes" algo para viver ou para negociar; não se afaste daqueles que você sabe que têm um pedido a lhe fazer, nem invente desculpas para livrar-se deles. Seja acessível àqueles que vem tomar emprestado. Embora alguém possa estar envergonhado e não ter a confiança necessária para tornar o seu caso conhecido e pedir o favor, se você conhecer a sua necessidade, como também o seu desejo, ofereça-lhe a

gentileza. *Exorabor antequam rogor; honestis precibus occuram – Eu serei persuadido antes que me peçam; eu irei prever o pedido que se aproxima.* Sêneca, *De Vita Beata*. É conveniente que nos antecipemos nos atos de caridade, pois antes de pedirmos Deus nos ouve, e nos concede as bênçãos da sua bondade.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 43-48

Temos aqui, por fim, uma explicação daquele grande mandamento essencial da segunda tábua da lei: “Amarás o teu próximo”, que era o cumprimento da lei.

I Veja aqui como este mandamento foi corrompido pelas observações dos mestres judeus (v. 43). Deus disse: “Amarás o teu próximo”; e por próximo eles entenderam somente aqueles do seu próprio país, nação e religião; e somente aqueles que quisessem considerar como seus amigos. Mas isto ainda não foi o pior; pois a partir deste mandamento, “amarás o teu próximo”, eles se dispuseram a pressupor o que Deus nunca pretendeu. E com: “Aborrecerás o teu inimigo”, eles consideravam quem quisessem como sendo seus inimigos, conseqüentemente tornando vazio o grande mandamento de Deus por suas tradições, ainda que houvesse mandamentos que expressassem o contrário, como em Êxodo 23.4-5; Deuteronômio 23.7: “Não abominarás um edomita... nem um egípcio”, embora estas nações tivessem sido inimigas de Israel como qualquer outra. É verdade que Deus mandou-os destruir as sete nações devotadas de Canaã e não fazer aliança com eles; mas haviam razões particulares para isso: abrir caminho para Israel e também para que não servissem como um laço para Israel. Mas foi muito perverso, a partir disso, concluir que eles deveriam odiar a todos os seus inimigos, mesmo que a filosofia moral do pagão permitisse isso. A lei de Cícero é: *Nemini nocere nisi prius lacessitum injuriae – Não prejudique ninguém, a menos que você tenha sido anteriormente prejudicado. De Offic*. Veja como os sentimentos corruptos condescendentes procuram obter uma aprovação a partir das palavras de Deus, e buscam uma ocasião – através dos mandamentos – para se justificar.

II Veja como isso é esclarecido pelo mandamento de Jesus, que nos ensina uma outra lição: “Eu, porém, vos digo”. Eu, que vim para ser o grande Pacificador, o general Reconciliador, que vos amou quando éreis estranhos e inimigos, Eu digo: “Amai a vossos inimigos” (v. 44). Ainda que os homens sejam sempre maus e se comportem sempre de modo desprezível para conosco, ainda assim isto não nos desobriga da grande dívida de amor que temos com os nossos semelhantes, amor por nossos parentes. Não podemos evitar nos achar inclinados a desejar o mal, ou, de qualquer modo, ser muito indiferentes para desejar o bem àqueles que nos odeiam e são violentos conosco; mas o que está no fundo de todo procedimento odioso é uma raiz de amargura, que deve ser extirpada, e o vestígio da natureza corrupta que a graça deve derrotar. O maior dever dos cristãos é amar a seus inimigos, não podemos ter complacência com aquele que é abertamente perverso e profano, nem ter confiança naquele que sabemos que é mentiroso, nem amar a todos da mesma maneira, mas devemos levar em consideração a natureza humana, e, até certo ponto, respeitar todos os homens. Devemos atentar, com alegria, naquilo que, nos nossos inimigos, é agradável e louvável: a sinceridade, o bom humor, o conhecimento, e a virtude moral, a bondade com os outros, a profissão da religião etc., e amar estas qualidades, embora sejam nossos inimigos. Devemos ter compaixão e boa vontade com eles. Aqui aprendemos:

1. Que devemos falar bem deles. “Bendizei os que vos maldizem”. Quando falamos com eles, devemos responder aos seus insultos com palavras amistosas e cordiais, e não retribuir os insultos com insultos. Quando não estivermos na presença de tais pessoas, devemos elogiar o que nelas é elogiável e, quando já tivermos dito tudo que há de bom nelas, não devemos nos precipitar a dizer mais nada (veja 1 Pedro 3.9). Aqueles cuja língua é a lei da bondade podem oferecer boas palavras para aqueles que lhes oferecem palavras ruins.

2. Que devemos fazer o bem a eles: “Fazei bem aos que vos odeiam”, e isto será uma prova de amor melhor do que as boas palavras. Esteja disposto a dar a todos a verdadeira bondade que você pode dar, e alegre-se pela oportunidade de fazê-lo, a seus corpos, bens, nomes, famílias; e principalmente a suas almas. Isto foi dito a respeito do arcebispo Cranmer, que a maneira de torná-lo um amigo era dar-lhe um tratamento cruel; ele serviu àqueles que o afrontaram.

3. Devemos orar por eles: “Orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”. Observe que: (1) Não é nenhuma novidade que a maioria dos santos foi odiada, amaldiçoada e tratada com desrespeito pelas pessoas más; o próprio Cristo foi tratado assim. (2) Que quando, a qualquer momento, nos encontramos em tal situação, temos a oportunidade de mostrar nossa concordância, não só como preceito, como também com o exemplo de Cristo, orando por aqueles que nos insultam. Se, de outra maneira, não podemos testemunhar o nosso amor por eles, desta maneira, porém, poderemos fazê-lo sem ostentação e de tal forma que certamente não nos arriscaríamos a fingir. Devemos pedir a Deus que os perdoe, para que nunca passem pelo pior, por qualquer coisa que tenham feito contra nós, e que Ele os faça ficar em paz conosco; e esta é uma forma de alcançarmos esta paz. Plutarco, em seu apotegma lacônico, fala isto de Aristarco; quando alguém elogia as palavras de Cleômenes, que, respondendo o que um bom rei deveria fazer, disse: *Tous men philous euergetein, tous de echthrous kakos poiein – Tornar o bem para os seus amigos, e o mal para os seus inimigos*, disse ele: Como é melhor *tous men philous euergetein, tous de echthrous philous poiein – fazer o bem para os nossos amigos, e tornar os nossos inimigos amigos.* Isto é um monte de brasas sobre as suas cabeças.

Duas razões são dadas aqui para reforçar o mandamento (que parece tão difícil) de amar os nossos inimigos. Devemos fazê-lo:

[1] Para que possamos ser como Deus, nosso Pai; “para que sejais filhos do Pai que está nos céus”. Podemos escrever um texto melhor? É um texto no qual o amor pelo pior dos inimigos é reconciliado, e está em harmonia com a pureza e a santidade infinitas. Deus “faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos” (v. 45). Observe que, em primeiro lugar, o sol e a chuva são uma grande bênção para o mundo, e vêm de Deus. É o seu sol que brilha, e a chuva é enviada por Ele. Eles não vêm naturalmente ou por acaso, mas de Deus. Em segundo lugar, as bênçãos comuns devem ser estimadas como exemplos e provas da bondade de Deus, que, por meio delas, se mostra um benfeitor generoso para com o mundo em que vive a humanidade – que seria muito infeliz sem estas bênçãos – e que é completamente indigno da menor delas. Em terceiro lugar, estas dádivas da providência comum são distribuídas indiferentemente, para os bons e os maus, para os justos e os injustos; para que possamos distinguir o amor do ódio não pelo que está diante de nós, mas pelo que há dentro de

nós; não pelo brilho do sol sobre as nossas cabeças, mas pela ascensão do Sol da Justiça em nossos corações. Em quarto lugar, os piores homens compartilham os confortos desta vida juntamente com os demais, embora eles os maltratem e lutem contra Deus com as suas próprias armas; este é um exemplo surpreendente da paciência e da generosidade de Deus. Uma única vez Deus proibiu o seu sol de brilhar sobre os egípcios, enquanto os israelitas tinham luz em suas habitações. Deus poderia fazer tal distinção todos os dias. Em quinto, as dádivas da generosidade de Deus para os homens maus, que estão em rebelião contra Ele, nos ensinam a fazer o bem àqueles que nos odeiam; especialmente considerando que embora haja em nós uma mente lasciva, que é inimiga de Deus, ainda assim compartilhamos de sua generosidade. Em sexto lugar, só serão aceitos como filhos de Deus aqueles que procuram se assemelhar a Ele, particularmente em sua bondade.

[2] Para que possamos fazer mais do que os outros (vv. 46,47). Em primeiro lugar, os publicanos amavam os seus amigos. A natureza os levava a fazer isto; o interesse os conduzia a isto. Fazer o bem àqueles que fazem o bem a nós é um exemplo simples de humanidade. Mesmo aqueles a quem os judeus odiavam e desprezavam poderiam dar provas tão boas ou até mesmo melhores do que as deles. Os publicanos tinham má fama, embora fossem gratos àqueles que os ajudavam em suas posições e educados com aqueles que dependiam deles. E nós não devemos ser melhores do que eles? Ao fazermos isto, nós serviríamos a nós mesmos e deliberaríamos em nosso próprio benefício. E que recompensa podemos esperar por isto, a não ser o respeito a Deus, um senso de dever que nos conduziria muito além da nossa inclinação natural e do nosso interesse terreno? Em segundo lugar, devemos, conseqüentemente, amar os nossos inimigos para que possamos superá-los. Se devemos ser melhores do que os escribas e fariseus, devemos ser também muito melhores que os publicanos. Observe que o cristianismo é algo além da humanidade. Eis algumas perguntas sérias que deveríamos nos fazer freqüentemente: O que fazemos mais do que os outros? Que coisas distintas nós fazemos? Nós sabemos mais que os outros; falamos mais das coisas de Deus que os outros; professamos e prometemos mais que os outros? Deus fez mais por nós, e, portanto, espera, justamente, mais de nós que dos outros; a glória de Deus se dedica mais a nós que aos outros. Mas o que fazemos a mais que os outros? De que maneira vivemos acima da média dos filhos deste mundo? Será que não somos carnais, e não andamos de acordo

com os homens, em um nível inferior ao do caráter dos cristãos? Nisto, especialmente, devemos fazer mais que os outros, pois enquanto cada um retribui o bem com o bem, nós devemos retribuir o mal com o bem; e isto expressará um princípio nobre, e estará de acordo com um preceito mais elevado do que aquele que a maioria dos homens segue. Outros saúdam seus irmãos, acolhem aqueles que são do seu próprio partido, trajetória e opinião, porém não podemos restringir o nosso respeito, mas sim amar os nossos inimigos. De outra maneira, que recompensa teríamos? Não poderemos esperar pela recompensa dos cristãos, se não nos elevarmos acima do padrão dos publicanos. Observe que aqueles que prometem a si mesmos uma recompensa superior à dos outros devem se disciplinar para fazerem mais que eles.

Por último, o nosso Salvador conclui este tema com esta exortação (v. 48): “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus”. O que pode ser interpretado: 1. De maneira geral, incluindo todas as coisas nas quais devemos ser seguidores de Deus como filhos amados. Observe que é dever dos cristãos desejar, aspirar e perseverar em direção à perfeição na graça e na santidade (Fp 3.12-14). E devemos estudar este assunto para que possamos estar de acordo com o exemplo de nosso Pai Celestial (1 Pe 1.15-16). Ou: 2. Neste caso particular, mencionado anteriormente, “fazei o bem aos que vos odeiam” (veja Lc 6.36). A perfeição de Deus é mostrada à medida que Ele perdoa as ofensas, recebe os estranhos, e faz o bem aos iníquos e ingratos. A nossa responsabilidade consiste em procurarmos ser perfeitos, assim como Ele é perfeito. Nós, que devemos tanto, que devemos tudo o que somos à generosidade divina, devemos imitá-la tão bem quanto pudermos.

CAPÍTULO 6

Tendo Cristo, no capítulo anterior, preparado os seus discípulos contra as doutrinas e opiniões corruptas dos escribas e fariseus, especialmente em suas exposições da lei (que foram chamadas de fermento, cap. 16.12), vem neste capítulo adverti-los contra as práticas corruptas deles – os dois pecados que, embora em sua doutrina eles não justificassem, em sua conduta, no entanto, eram notoriamente culpados. Eles chegavam a recomendá-los aos seus admiradores: estes eram a hipocrisia e o

materialismo, pecados contra os quais, de todos os outros, os doutores de religião mais precisavam se guardar, como pecados que mais facilmente envolvem aqueles que fogem das contaminações mais gritantes que estão no mundo através da concupiscência, e que são, portanto, altamente perigosos. Somos aqui advertidos: I. Contra a hipocrisia. Não devemos ser como os hipócritas, nem fazer o que os hipócritas fazem. 1. Ao dar esmolas (vv. 1-4). 2. Ao orar (vv. 5-8). Somos ensinados aqui pelo que orar, e como orar (vv. 9-13); e perdoar na oração (vv. 14,15). 3. Ao jejuar (vv. 16-18). II. Contra o materialismo: 1. Em nossas escolhas, este é o pecado que destrói os hipócritas (vv. 19-24). 2. Em nossos cuidados e preocupações, este é o pecado que perturba muitos bons cristãos (vv. 25-34).

Continuação do Sermão da Montanha. Esmolas, Oração, Jejum

vv. 1-4

Assim como devemos fazer melhor que os escribas e fariseus, evitando os pecados do coração, o adultério do coração, e o assassinato do coração, devemos igualmente manter e seguir a religião do coração, fazendo o que fazemos a partir de um princípio interior e vital, para que possamos ser aprovados por Deus, e não para sermos aplaudidos pelos homens. Isto é, devemos vigiar contra a hipocrisia, que era o fermento dos fariseus, bem como contra sua doutrina (Lc 12.1). Esmolas, oração e jejum são os três grandes deveres cristãos, e os três fundamentos da lei, dizem os árabes. Por eles, honramos e servimos a Deus com os nossos três interesses principais; através da oração, honramos e servimos ao Senhor com as nossas almas; através do jejum, honramos e servimos ao Senhor com os nossos corpos; através das esmolas, honramos e servimos ao Senhor com os nossos bens. Portanto, não só devemos nos afastar do mal, mas precisamos fazer o bem, e fazê-lo corretamente, e assim habitaremos com Ele para sempre.

Nestes versículos, somos advertidos contra a hipocrisia no ato de dar esmolas. “Guardai-vos”. O fato de sermos solicitados a nos guardar indica que isso é pecado. 1. Estamos em grande perigo. Este é um pecado sutil; a vanglória se introduz no que fazemos antes que possamos estar cientes dela. Os discípulos seriam tentados a este pecado pelo poder que tinham de fazer

muitas obras maravilhosas; a convivência deles com alguns que os admiravam, e com outros que os desprezavam, se tornava como duas tentações que podiam levá-los a procurar fazer uma boa demonstração na carne. 2. É um pecado no qual estamos em grande perigo. Guarde-se da hipocrisia, porque se ela reinar em você, vai destruí-lo. Uma mosca morta estraga um frasco inteiro de um perfume precioso.

Supõem-se duas coisas aqui:

I Dar esmolas é um grande dever, e um dever no qual todos os discípulos de Cristo, de acordo com a sua capacidade, devem cumprir de modo abundante. Este dever está prescrito na lei da natureza e na lei de Moisés, e os profetas dão grande ênfase a ele. Diversas cópias antigas aqui, em lugar de *ten eleemosynen – vossas esmolas*, trazem *ten dikaiosynen – vossas justiças*, pois esmolas são justiças (Sl 112.9; Pv 10.2). Os judeus chamavam a caixa de esmolas para os pobres de "caixa da justiça". Diziam que era dever deles dar esmolas aos pobres (Pv 3.27). A obrigação é algo muito importante, e pode ser considerada necessária e excelente; porém, pode ser utilizada pelos hipócritas para servir ao seu orgulho. Os papistas supersticiosos atribuíram um mérito às obras de caridade, porém esta não pode ser uma desculpa para protestantes cobiçosos que são estéreis em tais boas obras. É verdade que as nossas esmolas não merecem o céu; mas também é verdade que não podemos ir para o céu sem demonstrar o fruto da nossa salvação. Essa é a religião pura e imaculada (Tg 1.27), e será o teste no grande dia. Cristo aqui tem como certo que os discípulos dêem esmolas e façam boas obras; e aqueles que não o fizerem, não pertencerão a Ele.

II Que este é um dever que tem ligado a si uma grande recompensa – recompensa que será perdida, se ele for desempenhado com hipocrisia. Ele é, às vezes, recompensado com a abundância de coisas temporárias (Pv 11.24,25; 19.17); com a segurança de não passar necessidades (Pv 28.27; Sl 37.21,25); com o socorro na angústia (Sl 41.1,2); com a honra e um bom nome, que segue aqueles que praticamente não o cobiçam (Sl 112.9). No entanto, ele será recompensado na ressurreição dos justos (Lc 14.14), com as riquezas eternas.

Quas dederis, solas semper habebis, opes.

As riquezas que você reparte formam a única riqueza que você sempre reterá. – Marcial.

Isto posto, observe agora:

1. Qual era a prática dos hipócritas em relação a esta obrigação? Eles certamente a faziam, mas não com base em qualquer princípio de obediência a Deus, ou de amor ao homem, mas por orgulho e vanglória; não por compaixão pelos pobres, mas puramente por ostentação, para que pudessem ser exaltados como homens bons, e assim pudessem ganhar algo mais na consideração das pessoas, junto às quais eles sabiam como servir em causa própria, e para receberem muito mais do que deram. De acordo com esta intenção, eles escolhiam dar as suas esmolas nas sinagogas e nas ruas, onde havia um grande fluxo de pessoas para observá-los – pessoas que aplaudiam a sua liberalidade porque viam estas atitudes; mas eram, na verdade, ignorantes, porque não discerniam o orgulho abominável que motivava estas ações. Eles provavelmente faziam coletas para os pobres nas sinagogas, mas os pedintes comuns andavam pelas ruas e estradas, e eles escolhiam dar esmolas nestes lugares públicos. Não que seja ilegal dar esmolas quando os homens estão nos vendo; podemos fazer isso; mas não para que os homens possam nos ver; devemos, antes, escolher aqueles objetos de caridade que são menos observados. Os hipócritas, se dessem esmolas para as suas próprias casas, soariam uma trombeta, sob o pretexto de ajuntar os pobres para serem servidos. Mas na realidade teriam a intenção de proclamar a sua caridade, e o fariam para que isso fosse notado e para que passasse a ser um tema de discurso.

A condenação de Cristo a esta atitude é bem observável: “Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão”. À primeira vista, isso parece uma promessa. Se eles têm o seu galardão, eles já têm o suficiente, mas duas palavras no versículo tornam a recompensa uma ameaça.

(1) É um galardão, mas é um galardão de homens; não o galardão que Deus lhes promete e que faz bem, mas o galardão que eles mesmos prometem, e que é pobre. Eles dão esmolas para serem vistos pelos homens, e são vistos pelos homens. Eles escolheram as suas próprias desilusões com as quais enganam a si mesmos, e terão o que escolheram. Os professores carnais tentam impor diante de Deus a sua suposta dignidade, honra, riqueza, e terão os seus ventres cheios dessas coisas (Sl 17.14); mas que eles

não esperem mais; estas coisas são a sua consolação (Lc 6.24), os seus bens (Lc 16.25), e eles serão despedidos com eles. “Não ajustaste tu comigo um dinheiro?” Assim, cada um deve se contentar com o pagamento previamente combinado.

(2) É um galardão, mas é um galardão para o presente; e não há nenhum galardão reservado para eles no estado futuro. Eles agora têm tudo o que podem ter da parte de Deus. Eles possuem o seu galardão aqui, e não têm nenhum galardão por que esperar no futuro. *Apechousi ton misthon*. Isto significa um recibo completo. As recompensas que os cristãos têm nesta vida são apenas parte do pagamento; há ainda mais, muito mais; mas os hipócritas têm todas as suas recompensas nesta vida, e esta será para eles a condenação; eles mesmos decidiram isto. O mundo tem a finalidade de prover para os santos; é aqui que gastam o seu dinheiro. Mas ele é o pagamento dos hipócritas, é a sua porção.

2. O preceito de nosso Senhor Jesus sobre isto (vv. 3,4). Ele, que foi um exemplo de humildade, exigiu esta qualidade dos discípulos como algo absolutamente necessário para a aceitação de suas obras. “Quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”. Talvez isso se refira ao estabelecimento do Corbã, a caixa do homem pobre, ou o baú no qual eram lançadas as ofertas voluntárias, à direita da passagem para o Templo – para que eles colocassem as suas ofertas dentro dela com a mão direita. Dar esmolas com a mão direita também pode sugerir presteza e resolução; faça de modo direito, não de forma desajeitada, nem com uma intenção sinistra. A mão direita pode ser usada para ajudar os pobres, erguendo-os, escrevendo para eles, tratando de seus ferimentos, e outras maneiras além de lhes dar esmolas. Mas, “não deixe que a tua mão esquerda saiba de qualquer bem que a tua mão direita fizer aos pobres: esconda o quanto for possível; diligentemente mantenha isso em segredo. Faça isso porque é uma boa obra, e não porque lhe conferirá uma boa reputação”. “Em todas as nossas ações, devemos ser influenciados pela consideração ao objeto, e não ao observador” (Cic. *de Fin.*). É sugerido: (1) Que não devemos deixar que os outros saibam o que fazemos; não, não aqueles que ficam à nossa esquerda, que estão muito perto de nós. Em vez de aproximar-se deles com isso, esconda deles a ação, se for possível; no entanto, aparente ter o desejo de ocultar estas ações deles, como por educação. Mesmo que observem, eles podem fazer parecer que não perceberam nada, e assim

guardarão o fato que testemunharam para si mesmos, sem divulgá-lo. (2) Que nós mesmos não devemos observar muito a ação: a mão esquerda faz parte de nós mesmos; não devemos, dentro de nós mesmos, notar demais as boas ações que fazemos, não devemos aplaudir e admirar a nós mesmos. Vaidade e autocomplacência, e uma adoração da nossa própria sombra, são ramos de orgulho, tão perigosos quanto a vanglória e a ostentação diante dos homens. Encontramos aqueles que tiveram as suas boas obras lembradas em sua honra, mesmo tendo se esquecido delas: “Quando te vimos com fome, ou com sede?”

3. A promessa feita àqueles que são sinceros e humildes ao darem as suas esmolas: Dá “a tua esmola… ocultamente, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente”. Note que quando damos pouca atenção às boas obras que fazemos, Deus dá muita atenção a elas. Do mesmo modo como Deus ouve as coisas erradas que fazem contra nós, quando não as ouvimos (Sl 38.14,15), assim Ele vê as coisas boas feitas por nós, quando não as vemos. O fato de Deus ver todas as coisas em secreto é um terror para os hipócritas, mas é um conforto para os cristãos sinceros. Mas isso não é tudo. Não são só a observação e o louvor que pertencem a Deus: a recompensa também é dele. Ele mesmo nos recompensará abertamente. Note que os hipócritas, ao darem esmolas, buscavam aprovar a si mesmos diante de Deus, voltando-se a Ele simplesmente como o seu Pagador. Os hipócritas tentam agarrar as sombras, mas o homem reto mantém a essência das coisas. Observe como isto é expresso enfaticamente: Ele mesmo recompensará, Ele mesmo é o Galardoador (Hb 11.6). Que o próprio Senhor expresse a bondade, pois Ele, e somente Ele, é a sua fonte; e mais ainda, Ele mesmo será o galardão (Gn 15.1), nosso grandíssimo galardão. Ele nos recompensará como o nosso Pai, não como um senhor que dá ao seu servo somente o que ele ganha como pagamento e nada mais, mas como um pai que dá abundantemente mais, e sem restrição, ao seu filho que o serve. E mais ainda, Ele nos recompensará abertamente; se não nos dias atuais, com certeza no grande dia. Então todo homem deve louvar a Deus, com um louvor aberto. Você será confessado diante dos homens. Se a obra não for manifesta, o galardão o será; e isto é ainda melhor.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 5-8

Na oração nos relacionamos mais diretamente com Deus, do que na boa ação de dar esmolas; portanto, estamos mais preocupados em ser sinceros, que é o nosso foco aqui. “Quando orares” (v. 5). Tem-se como certo que todos os discípulos de Cristo oram. Podemos observar que Paulo orava desde o início de sua conversão. Se você puder encontrar um homem vivo que não respire, também poderá encontrar um cristão vivo que não ore. Porque todos os que são cristãos oram. Se não há oração, não há graça. “Quando orares, não sejas como os hipócritas”, nem faças o que eles fazem (v. 5). Note que aqueles que não fizerem o que os hipócritas fazem, em seus caminhos e ações, não devem ser como eles em sua disposição e índole. Jesus não cita ninguém, mas em vista de Mateus 23.13, parece que por hipócritas aqui Ele quer dizer especialmente os escribas e fariseus.

Há duas grandes falhas de que os hipócritas eram culpados na oração, e aqui somos advertidos contra cada uma delas – contra a vanglória (vv. 5,6) e as vãs repetições (vv. 7,8).

I Não devemos ser orgulhosos e vangloriosos na oração, nem procurar obter o louvor dos homens. E aqui observe:

1. Qual era o modo e a prática dos hipócritas. Em todas as suas práticas devocionais, estava claro o que procuravam obter em primeiro lugar: serem estimados pelos seus semelhantes, e assim chamarem a atenção para si mesmos. Mesmo quando pareciam alcançar as alturas em oração (algo que, se for correto, é a elevação da alma em direção a Deus), seus olhos estavam focados sobre aqueles que seriam a sua presa. Observe:

(1) Quais eram os lugares que eles escolhiam para as suas devoções. Eles oravam nas sinagogas, que eram, na verdade, lugares adequados para a oração em público, mas não para a oração pessoal. Eles procuravam assim honrar o lugar de suas assembléias, mas tinham a intenção de honrar a si mesmos. Eles oravam nas esquinas das ruas, das ruas largas (a palavra significa isso), que eram as mais freqüentadas. Eles iam àqueles lugares como se estivessem sob um impulso que não admitia demora, com o objetivo de fazer com que fossem notados. Ali, onde duas ruas se encontravam, eles não só estariam dentro da visão de ambas, mas todo transeunte que se aproximasse deles os observaria, e ouviria o que eles

diziam.

(2) A postura que eles usavam na oração. Eles oravam em pé. Esta é uma postura legal e adequada para a oração (Mc 11.25), mas ajoelhar-se é o gesto mais humilde e reverente (Lc 22.41; At 7.60; Ef 3.14). Sua posição de pé parecia indicar orgulho e autoconfiança (Lc 18.11). Os fariseus oravam em pé.

(3) O orgulho dos fariseus ao escolherem estes lugares públicos é expresso em duas coisas: [1] Eles amavam orar ali. Eles não adoravam por amor ao Senhor ou à adoração, mas adoravam quando a oração lhes dava a oportunidade de serem notados. As circunstâncias podem ser tais que as nossas boas ações podem precisar ser feitas abertamente, para que caiam sob a observação dos outros, e sejam estimadas por eles. Mas o pecado e o perigo residem em amarmos e sentimos prazer nisto, porque isto alimenta o nosso orgulho. [2] Eles gostavam de orar nestes lugares para serem vistos pelos homens – não para que Deus pudesse aceitá-los, mas para que os homens pudessem se admirar deles e aplaudi-los, e para que pudessem facilmente se apoderar dos bens das viúvas e dos órfãos (Quem não confiaria nestes homens devotos e de oração?); e quando os tivessem, poderiam devorá-los sem se tornarem suspeitos (cap. 23.14), e assim efetivamente continuariam com os seus propósitos públicos de escravizar o povo.

(4) O produto de tudo isso. Eles tinham o seu galardão. Eles tinham toda a recompensa que deviam esperar de Deus pelo seu serviço, e esta era uma pobre recompensa. De que nos aproveita ter a boa palavra dos nossos irmãos, servos de Cristo, se o nosso Senhor não disser: Bom trabalho? Mas se em uma transação tão grande como esta entre nós e Deus, quando estamos em oração, podemos levar em consideração quão pobre é o louvor dos homens, esta deve ser toda a nossa recompensa. Eles faziam tudo para serem vistos pelos homens, era assim que se comportavam; e isto lhes fazia muito bem. Note que aqueles que se exaltam a si mesmos diante de Deus, por causa da aparente integridade em sua religião, levam em consideração o louvor dos homens – não é aos homens que oramos, nem deles esperamos uma resposta; eles não devem ser os nossos juízes, pois são pó e cinza como nós. Portanto, os nossos olhos não devem estar neles – aquilo que se passa entre Deus e a nossa própria alma deve ficar fora da vista das outras pessoas. Na nossa adoração na sinagoga, devemos evitar tudo o que tenda a tornar a

nossa devoção pessoal notável, como aqueles que fazem a sua voz ser ouvida no alto (Is 58.4). Os lugares públicos não são adequados para a oração solene privada.

2. Qual é a vontade de Jesus Cristo, em oposição a isto. A humildade e a sinceridade são as duas grandes lições que Cristo nos ensina: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora” (v. 6). A oração pessoal deve ser o dever e a prática de todos os discípulos de Cristo.

Observe: (1) As instruções aqui dadas sobre a oração.

[1] Em vez de orar nas sinagogas e nas esquinas das ruas, entra no teu quarto, em um lugar de privacidade e retiro. Isaque saiu para o campo (Gn 24.63), Cristo saiu para um monte, Pedro saiu para um telhado. Nenhum lugar é impróprio para a oração, se atingir a sua finalidade. Note que a oração em secreto deve ser feita em local retirado, para que não sejamos observados, evitando assim a ostentação; para não sermos perturbados, para que assim possamos evitar distração; em silêncio, para que possamos ter maior liberdade. Contudo, se as circunstâncias não forem favoráveis, de forma a evitar sermos notados, não devemos, entretanto, negligenciar o dever, para que a omissão não seja um escândalo maior que a observação da oração por parte de outras pessoas.

[2] Em vez de orar para sermos vistos pelos homens, devemos orar ao nosso Pai que está em secreto: “Jejuastes vós para mim, mesmo para mim?” (Zc 7.5,6). Os fariseus oravam mais para os homens do que para Deus; fosse qual fosse a forma da oração que fizessem, o objetivo era atrair o aplauso dos homens, e obter o favor deles. “Ore a Deus, e que isto seja suficiente para você. Ore a Ele como quem se dirige ao seu pai, considerando-o o seu Pai, que está pronto para ouvir e responder, bondosamente inclinado a ter compaixão de você, ajudando-lhe e socorrendo-lhe. Ore ao seu Pai que está em oculto”. Note que, na oração em secreto, devemos nos lembrar que Deus é aquele que está presente em todos os lugares, ao mesmo tempo. Ele estará ali em teu quarto quando ninguém mais estiver lá; ali, especialmente perto de ti, para atender ao teu clamor. Com uma oração em secreto, damos a Deus a glória de sua presença universal (At 17.24), e recebemos o conforto que ela nos traz.

(2) Os encorajamentos que aqui nos são dados em relação à oração.

[1] Teu Pai vê em oculto; o seu olho estará sobre ti para te aceitar, quando o olho de homem algum estiver sobre ti para te aplaudir. “Te vi eu estando tu

debaixo da figueira", disse Cristo a Natanael (Jo 1.48). Ele viu Paulo em oração na rua chamada Direita, em uma casa (At 9.11). Não há um segredo, uma palavra, que chegue inesperadamente a Deus, porque Ele observa tudo e conhece todas as coisas antecipadamente.

[2] Ele te recompensará abertamente. Os hipócritas recebem o seu galardão abertamente, mas você não perderá o seu por fazer boas obras em secreto. A recompensa é chamada de galardão, mas ela vem da graça, não da dívida. Pois que mérito pode haver em pedir? O galardão será revelado; não só o teremos, mas o teremos honrosamente. O galardão revelado é aquele que os hipócritas gostam, mas não têm paciência para esperar por ele; este galardão é aquele pelo qual os sinceros morrem, e o terão no alto. Às vezes, as orações secretas são recompensadas abertamente neste mundo, através de respostas que vêm na forma de sinais que manifestam – nas consciências dos adversários – o povo de oração que pertence a Deus. Porém, no grande dia, haverá um galardão revelado, quando todas as pessoas de oração aparecerão em glória com o grande Intercessor. Os fariseus receberam a sua recompensa diante de toda a cidade, e esta era um mero lampejo e sombra; os verdadeiros cristãos receberão a sua recompensa diante de todo o mundo, dos anjos e dos homens, e esta será um peso de glória.

II Não devemos usar vãs repetições na oração (vv. 7,8). Embora a vida de oração resida em elevar a alma e derramar o coração diante de Deus, há algum interesse nas palavras que são empregadas na oração, especialmente na oração conjunta; assim, as palavras são necessárias, e parece que o nosso Salvador fala aqui especialmente disto, porque antes Ele disse: "quando orares", aqui Ele diz: "orando"; e a oração do Senhor (o Pai nosso), que se segue, é uma oração conjunta. Por esta razão, aqui há uma advertência para que as palavras proferidas não tenham a intenção de impressionar a outros – não use vãs repetições, quer você esteja sozinho ou com outras pessoas. Os fariseus gostavam muito disso; eles faziam longas orações (cap. 23.14). Tudo o que lhes importava era fazer longas orações. Agora observe:

1. Que a falha é aqui reprovada e condenada. O culto da língua será apenas uma mera expressão verbal do dever de orar, quando não for a expressão do culto da alma. Isto é expressado aqui por duas palavras, *battologia*, *polylogia*. (1) Vãs repetições: tautologia, batologia, balbuciamento ocioso das mesmas palavras, repetidas vezes, sem nenhum propósito, como aquela

imitação das palavras de um tolo (Ec 10.14): “Bem que o tolo multiplique as palavras, não sabe o homem o que será; e quem lhe fará saber o que será depois dele?” Isto é indecente e nauseante em qualquer discurso, muito mais se a pessoa estiver falando com Deus. Não é toda repetição na oração que é condenada aqui, mas as vãs repetições. O próprio Senhor Jesus Cristo orou, dizendo as mesmas palavras (cap. 26.44), em meio a um fervor e zelo que eram bem mais do que comuns (Lc 22.44). Daniel também agiu assim (9.18,19). E há uma repetição muito elegante dessas palavras (Sl 136). Este tipo de oração pode ser usado tanto para expressar os nossos próprios sentimentos, como para estimular os sentimentos dos outros. Mas o ensaio supersticioso de uma série de palavras, sem levar em consideração o sentido delas (como os romanistas, proferindo através das “contas” do rosário, muitas ave-marias e pai-nossos; ou as repetições inúteis e secas onde se dizem as mesmas coisas diversas vezes, meramente para memorizar a oração até certo ponto, e para mostrar algum sentimento, quando na verdade não há nenhum) são as vãs repetições aqui condenadas. Quando temos a disposição de dizer muitas coisas de bom grado, mas não dizemos palavras proveitosas, estamos desagradando a Deus e a todos os homens sábios. (2) Falar muito: uma afetação de prolixidade na oração, ou orgulho, ou superstição, ou mera loucura, ou impertinência, ou uma opinião de que Deus precisa ser informado, ou ainda de que precisamos argumentar com Ele, porque os homens adoram ouvir a si mesmos falando. Nem todas as orações longas são proibidas; Cristo orou durante uma noite inteira (Lc 6.12). A oração de Salomão era longa. Às vezes, há necessidade de longas orações, quando as nossas mensagens e os nossos sentimentos são extraordinários; mas quando prolongamos a oração meramente com a intenção de torná-la mais agradável ou mais eficaz com Deus, esta prática se torna condenável. É bom ressaltar que não é o orar muito que é condenado; não. Somos exortados a orar sempre, mas não a falar muito. O perigo desse erro reside em recitarmos as nossas orações, e não realmente orarmos. Esta precaução é explicada por Salomão (Ec 5.2); “as tuas palavras sejam poucas”, sensatas e bem pesadas; “tome palavras” (Os 14.2), “selecione as palavras” (Jó 9.14), e não diga tudo o que lhe vier à mente.

2. Que motivos são dados contra as vãs repetições e o muito falar.

(1) Esta é a maneira utilizada pelos gentios – e os cristãos não devem adorar o seu Deus como os gentios adoram os seus. Os gentios eram

ensinados pela luz da natureza a adorar a Deus; mas tornaram-se vãos em suas imaginações com respeito ao objeto de sua adoração. Não é de admirar que eles se preocupassem tanto com a maneira da adoração, particularmente neste caso, pensando em Deus como alguém semelhante a si mesmos. Eles achavam que precisavam de muitas palavras para fazer Deus entender o que lhe era dito, ou para fazê-lo concordar com os seus pedidos; como se Ele fosse fraco e ignorante, ou ainda relutante a aceitar uma súplica. Desse modo, os sacerdotes de Baal se esforçaram muito desde a manhã até ao meio-dia com as suas vãs repetições: "Ah! Baal, responde-nos!, Ah! Baal, responde-nos!" Entretanto, suas petições foram em vão; mas Elias, em uma estrutura grave e composta, com uma oração muito concisa, triunfou primeiro pela água, e então pelo fogo vindo do céu (1 Rs 18.26,36). O serviço de lábios em oração, mesmo que seja bem trabalhado, se for somente isso, será apenas um trabalho perdido.

(2) "Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes", portanto, não há motivo para tal abundância de palavras. Isto não significa, entretanto, que não precisemos orar; porque Deus requer que através da oração expressemos a necessidade e a dependência que temos dele, e que desfrutemos das suas promessas. Portanto, temos de fazer as nossas petições e abrir o nosso coração diante dele, deixando tudo em suas mãos. Considere: [1] O Deus a quem oramos é o nosso Pai, pela criação e pela aliança; portanto, as nossas súplicas a Ele devem ser tranqüilas, naturais e sem afetações. As crianças não costumam fazer longos discursos aos seus pais quando querem alguma coisa; basta dizer-lhes: Papai, preciso disto. Ou: Mamãe, preciso disto. Devemos nos achegar a Deus com a disposição de crianças, com amor, reverência e dependência. Os filhos não precisam dizer muitas palavras; eles podem ser diretos, pronunciando as palavras que lhes são ensinadas pelo Espírito de adoção, dizendo *Aba*, Pai. [2] Ele é um Pai que conhece as nossas petições, e sabe o que queremos melhor que nós mesmos. Ele sabe das coisas que precisamos; seus olhos passam por toda a terra, para observar as necessidades do seu povo (2 Cr 16.9), e Ele freqüentemente dá antes de lhe pedirmos (Is 65.24), e mais do que pedimos (Ef 3.20). E se Ele não nos der aquilo que pedimos, é porque Ele sabe que não precisamos daquilo, ou que não nos fará bem; o Senhor sempre foi e sempre será mais capacitado para nos julgar do que nós mesmos. Não precisamos tomar muito tempo, nem

usar muitas palavras ao apresentar a nossa petição a Deus. Ele sabe mais do que somos capazes de lhe dizer; a única diferença é que, quando oramos, Ele nos ouve falar das nossas necessidades (“O que quereis que vos faça?”). Quando lhe dissermos do que precisamos, devemos nos dirigir a Ele: “Senhor, diante de ti está todo o meu desejo” (Sl 38.9). Deus está muito distante de se deixar influenciar pela extensão ou pela linguagem que empregamos nas nossas orações – as intercessões mais poderosas são aquelas que são feitas com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Não devemos dizer ao Senhor o que Ele deve fazer por nós; devemos confiar nele em todo o tempo e em todas as situações, sabendo que Ele sempre fará o melhor. Sujeitemo-nos, pois, ao Senhor e à sua vontade.

Continuação do Sermão da Montanha

vv. 9-15

Quando Cristo condenou o que era errado, Ele os instruiu a fazer o melhor; as suas instruções foram de reprovação. Devido ao fato de não sabermos pelo que orar como deveríamos, Ele aqui nos ajuda em nossas deficiências, colocando palavras em nossos lábios: “Portanto, vós orareis assim” (v. 9). Tantas foram as adulterações que se infiltraram no dever da oração entre os judeus, que Cristo achou necessário dar novas instruções para a oração, com o objetivo de mostrar aos seus discípulos qual deve ser, pela ordem, o assunto e o método de sua oração, e assim Ele apresenta estas instruções em palavras que devem ser usadas como um padrão; como o resumo ou conteúdo de várias particularidades das nossas orações. Isto não significa que estejamos presos somente ao uso desse formato, como se este fosse necessário para a consagração das nossas orações diárias. Aqui somos instruídos a orar dessa maneira, utilizando ou não essas mesmas palavras, porém devemos manter o sentido das palavras que nos foram ensinadas pelo Senhor. A oração encontrada no Evangelho de Lucas difere dessa; percebemos que ela não foi tão utilizada pelos apóstolos. Não somos ensinados aqui a orar em nome de Cristo, como acontece posteriormente. Somos ensinados a orar para que o Reino venha a nós como veio quando o Espírito foi derramado. Contudo, sem dúvida, é muito bom usá-la como um padrão, e ela é uma garantia da comunhão dos santos, tendo sido usada pela

igreja em todas as épocas, pelo menos (diz o Dr. Whitby) a partir do século III. Esta é a oração do nosso Senhor, foi Ele quem a compôs, Ele mesmo escolheu o seu sentido e as suas palavras; ela é muito sucinta, embora seja, sem dúvida, muito abrangente, repleta de compaixão pelas deficiências que temos em nossas orações. O assunto é seleto e necessário, o método é instrutivo, e a expressão muito concisa. Ela possui muito em poucas palavras, e requer que estejamos familiarizados com o seu sentido e significado, pois é usada de forma aceitável, como também com entendimento e sem vãs repetições.

A oração do Senhor (como toda oração), é uma carta enviada da terra ao céu. Nela consta a inscrição da carta; a pessoa a quem ela é dirigida, o nosso Pai; o endereço do destinatário, o céu; o seu conteúdo em várias mensagens que são petições; a conclusão, “pois teu é o Reino”; e o selo, o Amém. E se você também quiser a data, é hoje.

Assim vemos claramente que há três partes na oração.

I O prefácio: “Pai nosso, que estás nos céus”. Antes de tratarmos do nosso assunto, deve haver uma apresentação solene a Deus, que é a pessoa a quem vamos nos dirigir. Ele é o nosso Pai, e isto sugere que devemos orar, não apenas sozinhos e por nós mesmos, mas com os outros e pelos outros; porque somos membros uns dos outros, e somos chamados para a comunhão uns com os outros. Somos aqui ensinados sobre a quem devemos orar: somente a Deus, e não aos santos ou aos anjos, pois eles não nos conhecem, não devem receber a honra elevada que damos na oração, e não podem conceder os favores que esperamos. Somos ensinados sobre como devemos nos dirigir a Deus, e que título podemos lhe atribuir. Ele é bom e magnífico, porém devemos nos lembrar de que é a sua bondade que faz com que possamos nos aproximar do trono da sua graça com ousadia.

1. Devemos nos dirigir a Deus como o nosso Pai, e devemos chamá-lo assim. Ele é o Pai de toda a humanidade, pela criação (Ml 2.10; At 17.28). Ele é o Pai, de um modo especial para os santos, pela adoção e pela regeneração (Ef 1.5; Gl 4.6); e este é um privilégio indescritível. Portanto, devemos olhar para Ele em oração, mantendo sempre bons pensamentos a respeito dele. Como é encorajador, e não assustador, chamar a Deus de Pai; não há nada mais agradável a Deus, nem a nós mesmos, do que isto. Na maior parte de suas orações, Cristo chamou a Deus de Pai. Se Ele é o nosso

Pai, Ele se compadecerá de nós devido às nossas fraquezas e enfermidades (Sl 103.13), nos poupará (Ml 3.17), fará o melhor do nosso desempenho. E embora sejamos muito defeituosos, o Senhor precioso não nos negará bem algum (Lc 11.11-13). Nós temos acesso a Ele com ousadia, como a um pai, e temos um advogado junto ao Pai, além do Espírito de adoção. Quando nos chegamos a Deus, arrependidos dos nossos pecados, devemos ver a Deus como um Pai, como fez o filho pródigo (Lc 15.18; Jr 3.19). Quando nos chegamos pedindo graça, paz, a herança e a bênção dos filhos, sentimo-nos incentivados a nos chegarmos a Deus não como se fôssemos a um Juiz irreconciliável e vingativo, mas como a um Pai amoroso, bondoso e reconciliado através do sacrifício do Bendito Salvador, Jesus Cristo (Jr 3.4).

2. Devemos nos dirigir a Deus como o nosso Pai que está nos céus: tanto no céu como em qualquer outro lugar, pois o céu não pode contê-lo; assim no céu como em outros locais para manifestar a sua glória, porque é o seu trono (Sl 103.19), e este é para os crentes um trono de graça – para lá devemos dirigir as nossas orações, porque Cristo, o Mediador, está agora no céu (Hb 8.1). O céu está fora de vista; é um mundo de espíritos. Portanto, a nossa conversa com Deus em oração deve ser espiritual. O céu está no alto; portanto, na oração, devemos ser erguidos acima do mundo, elevando os nossos corações (Sl 5.1). O céu é um lugar de pureza perfeita, e assim devemos levantar mãos puras, devemos estudar maneiras de santificar o seu Nome (que é o mais Santo de todos), do Senhor que habita naquele lugar santo (Lv 10.3). Do céu, Deus vê os filhos dos homens (Sl 33.13,14). Em oração, devemos ver os seus olhos sobre nós, pois Ele tem uma visão completa e clara de tudo o que queremos e de todos os nossos fardos e desejos, e também de todas as nossas enfermidades. O céu é o firmamento do seu poder, o contexto em que o Senhor vive (Sl 150.1). Ele, não só como um Pai, é capaz de nos ajudar, de fazer grandes coisas por nós, mais do que podemos pedir ou pensar; Ele possui recursos para suprir as nossas necessidades, porque toda boa dádiva vem do alto. Ele é o nosso Pai, e assim podemos nos aproximar dele com ousadia; mas Ele é o nosso Pai celestial, e, portanto, devemos nos aproximar dele com reverência (Ec 5.2). Assim sendo, todas as nossas orações devem corresponder ao nosso grande objetivo como cristãos: estar com Deus no céu. Este é o fim de tudo aquilo que ansiosamente aguardamos, e deve ser particularmente observado em cada oração. Esta é a direção à qual todos nós tendemos. Através das nossas

orações, nos transportamos para a presença do Senhor, o local para onde professamos estar indo.

II As petições – são seis. As três primeiras dizem respeito mais diretamente a Deus e à sua honra, e as três últimas às nossas preocupações, tanto temporais como espirituais. Como nos dez mandamentos, em que os quatro primeiros nos ensinam o nosso dever em relação a Deus, e os seis últimos os nossos deveres em relação ao nosso próximo. O método dessa oração nos ensina a buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e então esperar que todas as outras coisas nos sejam acrescentadas.

1. "Santificado seja o teu nome". Esta palavra é, em outras passagens, traduzida com o mesmo termo. As pessoas se acostumaram com o termo "santificado" devido a esta oração. Nestas palavras: (1) Glorificamos a Deus. Esta expressão pode ser tomada não como uma petição, mas como uma adoração; nela o Senhor é exaltado, ou glorificado, pois a santidade de Deus é a grandeza e a glória de todas as suas perfeições. Devemos começar as nossas orações louvando a Deus, e é muito adequado que Ele deva ser servido primeiro, e que devamos dar glória a Deus, antes de esperarmos receber dele misericórdia e graça. Vamos oferecer a Ele o louvor que lhe é devido por causa de sua perfeição, e então receberemos os benefícios dela. (2) Nós fixamos o nosso objetivo, e o objetivo certo que devemos almejar é que Deus possa ser glorificado; este deve ser o nosso objetivo em todas as nossas petições, assim como a finalidade principal e definitiva em cada uma delas. Todos os nossos demais pedidos devem estar sujeitos a isso, e voltados à busca disso. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas..." Uma vez que tudo é dele e vem através dele, tudo deve ser para Ele e por Ele. Na oração, os nossos pensamentos e sentimentos devem ser executados principalmente para a glória de Deus. Os fariseus faziam de seu próprio nome o principal objetivo de suas orações (v. 5, "serem vistos pelos homens"), em oposição ao que somos dirigidos a fazer: fazer da glorificação ao nome de Deus o nosso objetivo principal. Todas as nossas petições devem ser centradas e reguladas por esse objetivo. "Faça assim por mim, para a glória do teu nome, e até que o teu nome seja glorificado". (3) Desejamos e oramos pedindo que o nome de Deus, isto é, o próprio Deus, em tudo pelo que se fez conhecido, possa ser santificado e glorificado tanto por nós como pelos outros, e especialmente por si mesmo. "Pai, que o teu

nome seja glorificado como um Pai, e um Pai no céu; sejam reconhecidas a tua bondade e a tua sublimidade, a tua majestade e misericórdia. Que o teu nome seja santificado, pois é um nome santo. Não importa o que aconteça com os nossos nomes impuros; mas, Senhor, o que farás pelo teu grande nome?" Quando oramos para que o nome de Deus possa ser glorificado: [1] Fazemos da necessidade uma virtude; pois Deus santificará o seu próprio nome, quer os homens desejem isso ou não: "Serei exaltado entre as nações" (Sl 46.10). [2] Pedimos aquilo que temos certeza que será concedido. Quando o nosso Salvador orou: "Pai, glorifica o teu nome", a resposta foi imediata: "Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei".

2. "Venha o teu Reino". Este pedido tem claramente uma referência à doutrina que Cristo pregou nesta época, e que João Batista havia pregado anteriormente. Mais tarde, João enviou os seus discípulos para pregarem que o Reino dos céus estava às portas. O reino de seu Pai que está nos céus, o reino do Messias, está às portas; e devemos orar para que ele venha. Note que devemos transformar a palavra que ouvimos em oração, e os nossos corações devem ecoá-la. Cristo promete: "Certamente cedo venho." Sim. Então os nossos corações devem responder: "Sim, Senhor, venha!" Os ministros devem orar sobre a palavra: quando eles pregam que o Reino de Deus está às portas, eles devem orar, dizendo: "Pai, venha o teu reino". Devemos orar pelo que Deus prometeu, pois as promessas foram feitas não para substituir, mas para agilizar e encorajar a oração; e quando o cumprimento de uma promessa estiver próximo e às portas, quando o Reino dos céus estiver prestes a vir, deveremos então orar por esta bênção mais veementemente: "Venha o teu reino". Devemos agir como Daniel, que dirigiu o seu rosto ao Senhor para orar pela libertação de Israel quando entendeu que o tempo desse acontecimento estava às portas (Dn 9.2. Veja Lc 19.11). Assim era a oração diária dos judeus a Deus: "Que Deus implante o seu reino, que a sua redenção floresça, e que o Messias venha e livre o seu povo". Diz o Dr. Whitby: "Que o teu reino venha, que o Evangelho seja pregado a todos e abraçado por todos; que todos sejam trazidos ao conhecimento do registro que Deus deu em sua palavra, a respeito de seu Filho, e o abracem como o seu Salvador e Soberano. Que os limites da igreja evangélica sejam ampliados, que o reino do mundo passe a ser o reino de Cristo, e todos os homens se tornem sujeitos a Ele, e vivam como seus súditos".

3. “Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu”. Oramos para que, tendo o reino de Deus chegado, nós e os outros possamos ser trazidos para a obediência a todas as suas leis e ordenanças. Desejamos que o reino de Cristo venha, que a vontade de Deus seja feita; e com isso, que Ele venha como o reino do céus, que Ele apresente um céu na terra. Fazemos de Cristo apenas um Príncipe, se o chamamos de Rei e não fazemos a sua vontade. Entretanto, quando oramos para que Ele nos governe, pedimos para ser governados por Ele em tudo. Observe: (1) Pelo que oramos: “Seja feita a tua vontade”. “Senhor, faça comigo e com o que tenho o que bem quiseres (1 Sm 3.18). Eu me sujeito a ti, e estou bem satisfeito pelo fato de todo o teu conselho a meu respeito ser executado”. Neste sentido, Cristo orou: “Não se faça a minha vontade, mas a tua”. “Capacita-me a fazer o que agrada a ti; dá-me a graça que é necessária para o conhecimento correto da tua vontade, e uma obediência que seja aceitável. Que a tua vontade seja feita conscienciosamente por mim e pelos outros, não a nossa própria vontade, a vontade da carne, ou da mente, não a vontade dos homens (1 Pe 4.2), muito menos a vontade de Satanás (Jo 8.44); que não desagrademos a Deus em nada que fizermos, nem sejamos desagradados em nada que tu faças”. (2) O padrão: que o padrão de Deus possa ser seguido na terra, neste lugar da nossa tribulação e provação (onde o nosso trabalho deve ser feito, ou nunca será feito), como é feito no céu, aquele lugar de descanso e alegria. Oramos para que a terra possa se tornar cada vez mais como o céu, através da observância da vontade de Deus (esta terra, que, através da prevalência da vontade de Satanás, se tornou tão semelhante ao inferno), e que os santos possam se tornar mais como os santos anjos em sua devoção e obediência. Estamos na terra, bendito seja Deus, mas não debaixo da terra; oramos somente pelos vivos, não pelos mortos que desceram para o silêncio.

4. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Devido ao fato de nosso ser natural ser necessário para o nosso bem-estar espiritual neste mundo, depois das coisas da glória, do reino e da vontade de Deus, oramos pelos suprimentos e confortos necessários nesta vida presente, que são as dádivas de Deus, e que devemos pedir a Ele. Pão para o dia que se aproxima, e também para toda a nossa vida. Pão para o tempo por vir, ou pão para a nossa existência e subsistência, o que está de acordo com a nossa condição no mundo (Pv 30.8). Um alimento conveniente para nós e nossas famílias, de acordo com a nossa classe ou posição social.

Cada palavra aqui possui uma lição: (1) Pedimos pão. Isto nos ensina a sobriedade e a temperança. Pedimos pão, e não guloseimas. Não estamos pedindo algo supérfluo, mas aquilo que é saudável, mesmo que não seja agradável. (2) Pedimos o nosso pão. Isto nos ensina honestidade e esforço. Não pedimos o pão da boca das outras pessoas, não o pão da mentira (Pv 20.17), não o pão da preguiça (Pv 31.27), mas o pão conquistado honestamente. (3) Pedimos o nosso pão de cada dia. Isto nos ensina a não nos preocuparmos excessivamente pelo dia seguinte (v. 34), mas dependermos constantemente da Providência divina, como aqueles que vivem com poucos recursos disponíveis. (4) Rogamos a Deus que nos dê o pão, não que nos venda, nem que nos empreste, mas que nos dê. Até mesmo o maior dos homens precisa ser contemplado pela misericórdia de Deus no que diz respeito ao seu pão de cada dia. (5) Oramos: “Nos dê o pão, não só a mim, mas aos outros que o compartilharão comigo.” Isto nos ensina a caridade, e uma preocupação compassiva pelos pobres e necessitados. Também sugere que devemos orar com as nossas famílias; nós e aqueles que fazem parte da nossa casa comemos juntos, e, portanto, devemos orar juntos. (6) Oramos para que Deus nos dê o pão neste dia. Isto nos ensina a renovar o desejo das nossas almas em relação a Deus, assim como os desejos dos nossos corpos são renovados. Tão certo como vem o dia, devemos orar ao nosso Pai celestial, entendendo que não poderíamos passar o dia sem oração, assim como não podemos passar o dia sem os alimentos.

5. “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Este versículo está ligado ao anterior. As palavras “perdoa-nos” sugerem que a menos que os nossos pecados sejam perdoados, não podemos ter conforto na vida ou o sustento dela. Se os nossos pecados não forem perdoados, o nosso pão de cada dia apenas nos alimentará como cordeiros que estão destinados ao matadouro. Isto sugere que devemos orar pelo perdão de cada dia do mesmo modo que oramos pelo pão de cada dia. Aquele que está lavado, necessita lavar os pés. Aqui temos:

(1) Um pedido: “Pai... que estás nos céus,(...) perdoa-nos as nossas dívidas”, as nossas dívidas para contigo. Note: [1] Os nossos pecados são as nossas dívidas; há uma dívida, que, como criaturas, devemos ao nosso Criador. Não oramos para ser dispensados disso [das nossas dívidas], mas ao não pagarmos a dívida, surge então uma dívida que implica em punição. Na falta de obediência à vontade de Deus, nos tornamos ofensivos para a ira de Deus; e por não obedecermos ao preceito da lei, somos obrigados a sofrer a pena. Um devedor arca com as despesas do processo, e nós também. Um criminoso é um devedor da lei, e nós também. [2] O nosso desejo e a oração do nosso coração ao Pai celestial todos os dias devem ser no sentido de que Ele perdoe as nossas dívidas; que a obrigação à punição possa ser cancelada e anulada, que não entremos em condenação; que possamos ser dispensados, e ter o consolo. Ao solicitarmos o perdão dos nossos pecados, o grande ponto em que devemos confiar é a satisfação da justiça de Deus, que foi feita a favor do pecado do homem através da morte do Senhor Jesus Cristo. Ele é a nossa certeza, ou, antes, o nosso Fiador, aquele que assegurou a nossa justificação.

(2) Um argumento para reforçar este pedido: “Como nós perdoamos aos nossos devedores”. Este não é um pedido de mérito, mas um pedido de graça. Note que aqueles que se chegam a Deus através do perdão de seus pecados contra Ele, devem perdoar aqueles que os ofenderam, caso contrário estarão retendo o próprio perdão que os beneficiaria quando oram o “pai-nosso”. Temos o dever de perdoar os nossos devedores. Quanto às dívidas financeiras, não devemos ser rigorosos e severos ao exigir o pagamento por parte daqueles que não podem nos pagar sem arruinar a si mesmos e suas famílias. Mas aqui o texto se refere a uma dívida de injúria; os nossos devedores são aqueles que cometem transgressões contra nós, que nos atacam (cap. 5.39,40), e na rigidez da lei, poderiam ser processados por

isso. Devemos relevar, perdoar, e esquecer as afrontas que nos são feitas, e as coisas erradas que alguém fez contra nós; e esta é uma qualificação moral para o perdão e a paz. Isto nos encoraja a ter a esperança de que Deus irá nos perdoar; porque se houver em nós esta disposição misericordiosa, ela será a operação de Deus em nossa vida, e assim será uma perfeição eminente e transcendental em si – será para nós uma evidência de que Ele nos perdoou, tendo operado em nós a condição do perdão.

6. “E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal”. Este pedido é expressado:

(1) Negativamente: “Não nos induzas à tentação”. Tendo orado para que a culpa do pecado possa ser removida, oramos, como é adequado, para que jamais possamos voltar novamente à loucura, que não sejamos tentados a isso. Não é como se Deus tentasse alguém a pecar; mas: “Senhor, não permita que Satanás permaneça solto sobre nós; acorrente este leão rugidor, pois ele é sutil e malévolo. Senhor, não nos deixe sozinhos (Sl 19.13), pois somos muito fracos. Senhor, não coloque pedras de tropeço e laços diante de nós, nem nos coloque em circunstâncias que possam ser uma ocasião de queda”. Devemos orar contra as tentações, tanto por causa do desconforto como do transtorno causados por elas. E também por causa do perigo que corremos de ser vencidos por elas, sofrendo a culpa e a dor que então se seguem.

(2) Positivamente: “Mas livra-nos do mal”; do maligno, do diabo, do tentador. “Nos guarde de ser atacados por ele, ou de que sejamos vencidos por estes ataques”. Livra-nos da coisa maligna, do pecado, o pior dos males; um mal, um único mal; aquela coisa maligna que Deus odeia, e para a qual Satanás tenta os homens, e por ela os destrói. “Senhor, livra-nos do mal do mundo, da corrupção que está no mundo através da concupiscência; da iniqüidade de toda condição no mundo; do mal da morte; do aguilhão da morte, que é o pecado; livra-nos de nós mesmos, dos nossos próprios corações maus; livra-nos dos homens maus, para que eles não sejam um laço para nós, e nem nós uma presa para eles”.

III Conclusão: “Porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!” Alguns relacionam este trecho com a doxologia de Davi (1 Cr 29.11). “Tua é, Senhor, a magnificência”.

1. Esta conclusão é uma forma de apelo para reforçar as petições anteriores. É nosso dever pleitear com Deus em oração, encher a nossa boca com argumentos (Jó 23.4), não para mover a Deus, mas para tocar a nós mesmos; para encorajar a fé, para estimular o nosso fervor, e para evidenciar ambos. Os melhores pedidos em oração são aqueles que são conquistados em luta com Deus, e daquilo que Ele revelou a respeito de si mesmo. Devemos lutar com Deus em oração através da força que Ele mesmo nos concede, expressando tanto a natureza como a urgência dos nossos pedidos. Aqui o pedido tem uma referência especial às três primeiras petições: “Pai nosso, que estás nos céus, (...) venha o teu Reino, (...) porque teu é o Reino. Seja feita a tua vontade, (...) porque teu é o poder. Santificado seja o teu nome, (...) e a glória”. E quanto à nossa situação particular, estas palavras são animadoras: “Teu é o Reino; tu tens o governo do mundo, e proteges os santos; a tua vontade é feita neste mundo”. Deus dá bênçãos e salva como um rei. “Teu é o poder, para manter e sustentar este Reino, e tornar todas as tuas ações proveitosas para o teu povo”. “Tua é a glória, como o fim de tudo o que é dado e feito aos santos, em resposta às suas orações; porque o louvor deles te aguarda”. Esta é uma questão de conforto e santa confiança na oração.

2. É uma forma de louvor e ação de graças. A melhor coisa na súplica a Deus é louvá-lo; este é o modo de obter mais misericórdia, pois esta atitude nos qualifica para recebê-la. Todas as vezes que nos dirigimos a Deus, é adequado que o louvor seja uma parte considerável da nossa oração, porque louvar é uma tarefa dos santos; pertencemos a Deus pelo seu nome, e pelo louvor que lhe oferecemos. Isto é justo; louvamos a Deus, e lhe damos glória, não por que Ele necessite disso, mas porque Ele o merece. Ele é louvado por um mundo de anjos, e é o nosso dever dar-lhe glória, de acordo com o seu intento de se revelar a nós. O louvor é a obra e a felicidade do céu; e todos aqueles que irão para o céu no futuro, devem começar a se conscientizar sobre o céu agora. Observe como esta doxologia é completa: O Reino, o poder, e a glória, tudo é “teu”. Note que nos convém ser abundantes ao louvar a Deus. Um verdadeiro santo nunca pensa que pode honrar a Deus o suficiente através de suas palavras de louvor e adoração: aqui deve haver uma fluência misericordiosa, e esta situação deve durar para sempre. Atribuir glória a Deus para sempre sugere um reconhecimento, que é eternamente devido, e um desejo profundo de

glorificar ao Senhor eternamente, com os anjos e santos que vivem na presença de nosso Pai celestial (Sl 71.14).

Por fim, a tudo isso somos ensinados a juntar o nosso amém, “que assim seja”. O amém de Deus é uma dádiva; a sua confirmação significa “assim seja”. O nosso amém é apenas um desejo resumido; a nossa confirmação é que assim seja: é o penhor do nosso desejo e a garantia de sermos ouvidos – é por isso que dizemos “amém”. O amém se refere a toda petição feita antes de pronunciarmos esta palavra. Portanto, em compaixão para com as nossas debilidades, somos ensinados a resumir tudo em uma palavra, juntando, de forma geral, o que por acaso não tenhamos pedido, por termos nos enveredado em particularidades. É bom concluirmos as nossas atividades religiosas com calor e vigor, para que possamos sentir um doce paladar em nosso espírito. Sempre foi um hábito dos bons cristãos dizerem amém, de forma audível, no final de cada oração, e esta ainda é uma prática recomendável, contanto que seja feita com entendimento, como o apóstolo Paulo nos orienta (1 Co 14.16), e com sinceridade, com vida e energia, e com expressões interiores que possam ser uma resposta a esta expressão exterior de desejo e confiança.

A maior parte das petições encontradas na oração do “pai-nosso” era comumente usada pelos judeus em suas devoções, como também palavras com um efeito semelhante; mas esta frase na quinta petição, “como nós perdoamos aos nossos devedores”, era perfeitamente nova, e, portanto, o nosso Salvador aqui mostra por qual motivo Ele a acrescentou, sem qualquer reflexão pessoal sobre a irritação, litígio e a má natureza dos homens daquela geração – embora houvesse uma causa suficiente para isso – mas que só se estendia à necessidade e importância da própria causa. Deus, ao nos perdoar, leva em consideração a nossa atitude de perdoarmos aqueles que nos feriram; portanto, quando oramos por perdão, devemos mencionar que temos consciência deste dever; esta atitude nos lembra do nosso dever, e nos liga a ele. Veja a parábola em Mateus 18.23-35. A natureza egoísta é pouco inclinada a concordar com isso. Por esta razão, ela é confrontada por este texto (vv. 14,15).

1. Em uma promessa. Se perdoardes, o vosso Pai celestial também vos perdoará. Não como se esta fosse a única condição exigida; deve haver arrependimento e fé, e uma nova obediência; mas onde outras graças são verdadeiras, haverá isto, de forma que esta será uma boa evidência da

sinceridade das nossas outras graças. Aquele que se compadece do seu irmão, mostra que se arrepende diante de Deus. Aqueles que na oração são chamados de devedores, aqui são chamados de transgressores – dívidas de injúria, coisas erradas que são contra nós em nossos corpos, bens ou reputação: transgressões é um termo extenuante para ofensas, *paraptomata – tropeços, deslizes, quedas*. Note que é uma boa evidência, e uma boa ajuda perdoarmos aos outros; chamarmos as injúrias que nos são feitas por um nome suavizador e perdoador. Não chame as ofensas que lhe são feitas de traições, mas de transgressões; não de injúrias intencionais, mas de inadvertências casuais. Pode ser que tal ofensa tenha sido um erro (Gn 43.12), portanto faça o melhor. Devemos perdoar como esperamos ser perdoados. Portanto, devemos não só não ter malícia, nem mediar vingança, mas também não devemos censurar o nosso irmão pelas ofensas que ele nos fez, nem nos alegrarmos caso lhe suceda qualquer aflição, mas devemos estar prontos para ajudá-lo e fazer-lhe bem. E se ele se arrepender e desejar ser nosso amigo outra vez, devemos tratá-lo com amabilidade e sinceridade, como antes.

2. Em uma ameaça. “Mas se você não perdoar aqueles que lhe ofenderam, este será um mau sinal – ele mostrará que você não tem as outras condições necessárias, mas está totalmente desqualificado para o perdão; e, portanto, o seu Pai, a quem você chama de Pai, e que, como um pai lhe oferece a sua graça em termos razoáveis, não lhe perdoará. E se houver outra graça sincera, contudo você for grandemente deficiente em perdoar, não poderá esperar o conforto do seu perdão, mas terá o seu ânimo abatido por alguma outra aflição que lhe sobrevirá devido a esta obrigação”. Note que aqueles que querem alcançar a misericórdia de Deus devem mostrar misericórdia aos seus irmãos. Não podemos esperar que Ele estenda as suas mãos para nos conceder o seu favor, a menos que levantemos a Ele mãos santas, sem ira nem contenda (1 Tm 2.8). Se oramos guardando ira em nosso coração, temos motivos para temer que Deus responda com ira. Diz-se que as orações feitas com ira são escritas com fel. Que motivo Deus terá para nos perdoar pelas grandes somas que lhe devemos, se não perdoamos o nosso irmão pela pequena soma que este nos deve? Cristo entrou no mundo como o grande Pacificador, e não só para nos reconciliar com Deus, mas uns com os outros, e nisto devemos concordar com Ele. É uma grande presunção – e de conseqüências perigosas – amenizar uma questão a que Cristo aqui dá

tanta ênfase. As paixões dos homens não frustrarão a Palavra de Deus.

O Sermão da Montanha

vv. 16-18

Somos aqui advertidos contra a hipocrisia no jejum, como fomos anteriormente quanto a dar esmolas e a orar.

I Aqui está implicado que o jejum religioso é um dever exigido dos discípulos de Cristo, quando Deus, em sua providência, o requer, e quando o jejum se fizer necessário como a solução para algum problema particular: "Dias… virão em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão" (cap. 9.15). O jejum é colocado por último, devido ao fato de não ser uma obrigação em si, mas um meio para nos preparar para as outras obrigações. A oração está entre a atitude de dar esmolas e o jejum, como sendo a vida e a alma de ambos. Cristo aqui fala especialmente dos jejuns em nossa privacidade, jejuns que são feitos em particular. O mesmo ocorria com as ofertas voluntárias, comumente praticadas pelos judeus devotos. Alguns jejuavam um dia, alguns, dois, todas as semanas; outros, mais raramente, ao verem um motivo para isso. Naqueles dias, eles não comiam até o pôr-do-sol, e o faziam com muita moderação. Não foi o fato de os fariseus jejuarem duas vezes por semana que Cristo condenou, mas o fato de eles se vangloriarem de fazê-lo (Lc 18.12). Esta era uma prática louvável, e temos razões para nos lamentar que ela seja geralmente negligenciada entre os cristãos na atualidade. Ana jejuava muito (Lc 2.37). Cornélio jejuava e orava (At 10.30). Os primeiros cristãos também jejuavam (veja At 13.3; 14.23). O jejum particular é sugerido (1 Co 7.5). É um ato de renúncia e de mortificação da carne, uma vingança santa sobre nós mesmos, e uma maneira de nos humilharmos sob a mão de Deus. A maior parte dos cristãos adultos deve jejuar, uma vez que estão muito longe de ter qualquer coisa de que se orgulhar, pois são indignos até mesmo do seu próprio pão cotidiano. O jejum é um meio de reprimir a carne e os seus desejos, e nos tornar mais vigorosos nos exercícios religiosos, uma vez que a plenitude de pão pode nos tornar indolentes. Paulo jejuava freqüentemente, e assim se mantinha como senhor do seu corpo, e o trazia à sujeição.

II Somos advertidos a não jejuar como os hipócritas jejuavam, para não perdermos o galardão do jejum; e quanto mais difícil for o cumprimento deste dever, maior será o galardão perdido.

Isto posto, observemos: 1. Os hipócritas fingiam jejuar, quando em suas almas não havia nada de contrição ou humilhação – era a aparência e a sombra sem a essência. Eles demonstravam estar mais humilhados do que realmente estavam, e assim tentavam enganar a Deus; mas agindo assim, não podiam apresentar maior afronta diante dele. O jejum que Deus nos ensinou a fazer consiste em separarmos um dia para afligirmos a alma, e não para abaixarmos a cabeça como um junco, e nem tampouco para nos vestirmos de saco e espalharmos cinzas sobre a nossa cabeça – estaremos enganados se chamarmos isso de jejum (Is 58.5). O exercício físico, se for apenas isso, tem pouco proveito, uma vez que isto não é jejum para Deus, nem para nós mesmos.

2. Os fariseus hipócritas proclamavam o seu jejum e cuidavam para que todos os que os vissem notassem que eles estavam jejuando. Nestes dias, eles apareciam nas ruas, ao passo que deveriam permanecer em seus aposentos; e demonstravam uma aparência abatida, um semblante melancólico, um passo lento e solene. Eles se desfiguravam perfeitamente, para que os homens pudessem ver com que freqüência eles jejuavam, e pudessem exaltá-los como homens devotos e mortificados. Note como é triste que homens que tenham, em certa medida, dominado o seu prazer, que é a impiedade sensual, sejam destruídos por seu orgulho, que é a impiedade espiritual. Esta impiedade espiritual não é menos perigosa do que a impiedade sensual. Aqui também eles recebem o seu galardão – o louvor e o aplauso dos homens que eles cortejam e cobiçam tanto – eles o têm, e isso é tudo o que terão.

III Somos instruídos a como fazer um jejum: devemos fazê-lo na privacidade; devemos mantê-lo em oculto (vv. 17,18). Jesus não nos diz com que freqüência devemos jejuar. As circunstâncias variam, e a sabedoria é proveitosa a esse respeito para instruir. O Espírito que está na Palavra deixou esta decisão para o Espírito que está no coração (e este é um só Espírito!) Mas tome isto como uma regra, sempre que você cumprir este dever: examine o assunto para que você possa ser uma pessoa aprovada diante de Deus, e não para recomendar a si mesma, para ter uma boa

opinião por parte dos homens. A humildade deve sempre se manifestar em nossa humilhação. Cristo não nos instrui a diminuir nada da realidade do jejum. Ele não diz: “Coma um pouco, ou beba um pouco”. Não. Ele diz: “Deixe o corpo sofrer, mas não deixe transparecer; tenha um semblante comum, um aspecto comum, e vestimentas comuns; e enquanto nega a si mesmo os revigoramentos do corpo, faça-o de modo a não chamar a atenção de ninguém, nem mesmo daqueles que estão mais próximos a você; esteja em boas condições físicas, passe óleo na cabeça e lave o seu rosto, como em qualquer dia comum, com o propósito de esconder a sua devoção. E, por fim, você não falhará no louvor ao Senhor; porque, embora o jejum não seja do agrado dos homens, ele agrada a Deus”. O jejum é a humilhação da alma (Sl 35.13), e este é o âmago do dever. Que esta, portanto, seja a sua preocupação principal; e, quanto ao exterior, não haja a cobiça de ser visto. Se formos sinceros nos nossos jejuns solenes, nos humilharmos e confiarmos na onisciência de Deus para confirmar o nosso testemunho, e na sua bondade para nos dar o nosso galardão, descobriremos que Ele viu a nossa dedicação em secreto, e que nos recompensará abertamente. Os jejuns religiosos, se observados corretamente, logo serão recompensados com um banquete eterno. A nossa aceitação diante de Deus, em nossos jejuns na privacidade, deve nos tornar como mortos para o aplauso dos homens (não devemos jejuar na esperança de sermos elogiados), como também para as censuras dos homens (não devemos deixar de jejuar por temor a eles). O jejum de Davi tornou-se em afronta: “Eu, porém, faço a minha oração a ti, Senhor, num tempo aceitável” (Sl 69.10,13).

O Sermão da Montanha

vv. 19-24

O materialismo é um sintoma comum e fatal de hipocrisia como qualquer outro, porque por nenhum pecado Satanás pode ter um domínio mais seguro e mais rápido da alma, sob a capa de uma profissão de religião visível e admissível, do que por meio do materialismo. Portanto, tendo nos alertado contra cobiçar o louvor dos homens, Cristo, em seguida, nos alerta contra cobiçar a riqueza do mundo; também devemos prestar atenção a isto para

que não sejamos como os hipócritas e não façamos o que eles fazem. O erro fundamental de que eles são culpados consiste em escolher o mundo como seu galardão. Devemos, portanto, estar alertas contra a hipocrisia e o materialismo, na escolha que fazemos do nosso tesouro, do nosso fim, e dos nossos senhores.

I Ao escolher o tesouro que acumulamos. Tudo o que homem tem compõe o seu tesouro, a sua porção. O seu coração está nesta porção. É para lá que ele transporta tudo que puder conseguir, e é dele que o homem depende para o futuro. É sobre este bem, este bem principal, que Salomão fala enfaticamente (Ec 2.3). Este bem é algo que a alma terá, algo que ela considera como a melhor coisa, que tem a sua complacência e a sua confiança acima de outras coisas. Cristo não planeja nos privar do nosso tesouro, mas nos guiar na escolha dele; e aqui temos:

1. Uma boa advertência contra fazer das coisas que são vistas, que são temporais, as nossas melhores coisas, e colocar nelas a nossa felicidade. “Não ajunteis tesouros na terra”. Os discípulos de Cristo haviam deixado tudo para segui-lo, mantendo uma boa consciência. Um tesouro é a abundância de algo que é, em si, ao menos em nossa opinião, precioso e valioso, e que poderá nos ser útil no futuro. Entretanto, não devemos acumular tesouros na terra, isto é: (1) Não devemos considerar as coisas terrenas como as melhores, ou as mais valiosas em si mesmas, nem as mais proveitosas para nós. Não devemos chamá-las de glória, como fizeram os filhos de Labão, mas devemos ver e possuir as coisas terrenas que não têm glória, em comparação com a glória que é a mais excelente. (2) Não devemos cobiçar a abundância destas coisas, nem estar tomando posse delas cada vez mais, e acrescentando-as, como fazem os homens com aquilo que é o seu tesouro, sem nunca saberem quando já têm o suficiente. (3) Não devemos confiar nas coisas terrenas para o futuro, para serem a nossa segurança e suprimento no tempo por vir – não devemos dizer ao ouro: “Tu és a minha esperança”. (4) Não devemos nos satisfazer com as coisas terrenas, como tudo o que precisamos ou desejamos; devemos nos contentar com o suprimento de nossas necessidades neste mundo, não desejando que a nossa porção seja exagerada. Não devemos fazer destas coisas a nossa consolação (Lc 6.24). Também não devemos nos sentir consolados pelos nossos bens (Lc 16.25). Consideremos que estamos acumulando, não para a

nossa posteridade neste mundo, mas para nós mesmos no porvir. Precisamos fazer a nossa escolha, como se fôssemos os escultores de nossa própria vida; isto é, seremos aquilo que nós mesmos delinearmos. Cabe a nós escolher sabiamente, pois estaremos escolhendo para nós mesmos, e teremos aquilo que escolhermos. Se soubermos o que somos e considerarmos a nós mesmos; se conhecermos para o que fomos feitos, qual é a dimensão da nossa capacidade, e a duração da nossa continuidade, e que a nossa alma corresponde a nós mesmos, veremos que é tolice acumular os nossos tesouros na terra.

2. Aqui está um bom motivo do por que não devemos olhar para as coisas terrenas como o nosso tesouro, porque ele está sujeito à perda e à obsolescência: (1) Pela corrupção. Aquilo que é considerado tesouro na terra, a traça e a ferrugem consomem. Se o tesouro acumulado consistir de roupas boas, a traça as corrói, e quando pensamos que elas estão acumuladas da forma mais segura, elas desaparecem e se estragam insensivelmente. Se o tesouro acumulado consistir de grãos ou outras coisas comestíveis, como o tesouro daquele homem rico, que tinha os seus celeiros cheios (Lc 12.16,17), a ferrugem (assim lemos) os corrói (versão RA). *Brosis – consumido*, consumido pelos homens, porque quando os bens aumentam, eles aumentam para serem consumidos (Ec 5.11); consumidos pelos ratos ou outros vermes (o próprio maná criou vermes). Eles ficam mofados ou embolorados, são atacados, ou ficam cheios de fuligem, ou se estragam; no caso das frutas, elas logo apodrecem. Ou, se entendermos como tesouro a prata e o ouro, eles perdem o brilho e a sua pureza; eles se desgastam com o uso, e também ao serem guardados (Tg 5.2,3); a ferrugem e a traça crescem no próprio metal e na própria roupa. Note que as riquezas do mundo têm em si a corrupção e a decadência; elas se deterioram e desaparecem. (2) Pela violência exterior. Os ladrões minam e roubam. Toda mão violenta estará direcionada para a casa onde há algum tesouro acumulado. Nada pode ser acumulado de forma muito segura, e qualquer riqueza material pode ser subtraída de seu possuidor. *Numquam ego fortunae credidi, etiam si videretur pacem agere. Omnia illa quae in me indugentissime conferebat, pecuniam, honores, gloriam, eo loco posui, unde posset ea, since metu meo, repetere – Eu nunca depositei a minha confiança na fortuna, mesmo que isto parecesse propício. A despeito de quaisquer favores que a sua generosidade conferisse, riqueza, honra ou glória, eu me*

desfiz deles. A fortuna tem o poder de trazer estes favores a qualquer momento, sem provocar em mim qualquer alarme. Sêneca, *Consol. ad Helv*. É loucura fazer do nosso tesouro algo que pode ser tão facilmente roubado.

3. Um bom conselho: Devemos fazer das alegrias e das glórias do mundo porvir – aquelas coisas que não são vistas e que são eternas – as nossas melhores coisas, e colocar a nossa felicidade nelas. Ajuntai tesouros no céu. Note que: (1) Há tesouros no céu, assim como há tesouros nesta terra; e os tesouros do céu são os únicos tesouros verdadeiros. As riquezas, as glórias e os prazeres que estão à mão direita de Deus estão preparados para aqueles que são verdadeiramente santificados, e que os receberão quando chegarem à presença do Senhor, onde serão perfeitamente santificados. (2) A nossa sabedoria deve nos fazer acumular estes tesouros. Devemos empregar toda a diligência para nos certificar de que temos o nosso título para a vida eterna através de Jesus Cristo, dependendo dele para a nossa felicidade, olhando para todas as coisas aqui na terra com um desprezo santo, como indignas de serem comparadas a Ele. Devemos crer firmemente que há tal felicidade, ficando satisfeitos com ela, e não nos contentar com nada menos. Se, portanto, nos apropriarmos destes tesouros, eles serão acumulados, e poderemos confiar em Deus para mantê-los em segurança para nós; a partir daí, vamos considerar todos os nossos planos, e entender todos os nossos desejos; a partir daí, vamos empreender os nossos melhores esforços, e aplicar os nossos melhores sentimentos. Não devemos nos sobrecarregar com o dinheiro deste mundo (que somente nos sobrecarregará e nos contaminará), que está sujeito a nos fazer naufragar, mas devemos acumular bons valores. As promessas são letras de câmbio, pelas quais todos os crentes verdadeiros remetem o seu tesouro ao céu. São como títulos pagáveis no estado futuro; e assim passamos a possuir a herança que com toda a certeza será concedida a cada cristão. (3) A possibilidade de acumularmos o nosso tesouro no céu é um grande encorajamento para nós. Estando ali seguro, ele não se deteriorará, nenhuma traça ou ferrugem o corroerá; não seremos privados dele pela força ou por fraude; ali os ladrões não minam nem roubam. É uma felicidade que está acima e além das mudanças e das circunstâncias do tempo; trata-se de uma herança incorruptível.

4. Um bom motivo pelo qual devemos escolher, e uma evidência de que o temos feito (v. 21): “Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso

coração”. Devemos, portanto, estar preocupados em escolher sabiamente o nosso tesouro, porque a disposição da nossa mente, e, conseqüentemente, o sentido da nossa vida, serão desta forma carnal ou espiritual, terreno ou celestial. O coração segue o tesouro, como a agulha segue o ímã, ou como o girassol segue o sol. Onde estiver o tesouro, ali estarão o valor e a estima, o amor e a afeição (Cl 3.2). Dessa forma, o desejo e as buscas se seguem, os objetivos e os intentos são equilibrados, e tudo é feito tendo isto em vista. Onde estiver o nosso tesouro, ali estarão os nossos cuidados e os nossos medos, para que não nos privemos dele; sobre ele seremos mais solícitos. Ali estará a nossa esperança e a nossa confiança (Pv 18.10,11); ali estarão as nossas alegrias e os nossos deleites (Sl 119.111). E ali estarão os nossos pensamentos, como também o nosso pensamento interior, o primeiro pensamento, o livre pensamento, o pensamento fixo, o pensamento freqüente e familiar. Deus tem todos os direitos sobre o nosso coração (Pv 23.26), e esta é uma grande bênção para nós. Ele deve ser o nosso tesouro, e então as nossas almas serão elevadas a Ele.

Esta instrução de acumular o nosso tesouro pode muito adequadamente ser aplicada à precaução anterior, de não fazermos nada na religião para sermos vistos pelos homens. O nosso tesouro são as nossas esmolas, orações e jejuns, e o galardão que estas atividades nos trazem. Se fizermos tudo isso somente para ganhar o louvor dos homens, acumularemos este tesouro na terra, estaremos depositando-o nas mãos dos homens, e jamais deveremos esperar receber algo além dele. Entretanto, é loucura fazer isso, porque o louvor dos homens, que tanto cobiçamos, está sujeito à corrupção; logo estará enferrujado, corroído pela traça, e desgastado; uma pequena loucura ou tolice, como uma mosca morta, estragará tudo (Ec 10.1). A difamação e a calúnia são ladrões que minam e roubam, e assim perdemos todo o tesouro que receberíamos. Corremos em vão, e trabalhamos em vão, porque posicionamos mal as nossas intenções. Os serviços hipócritas não acumulam nada no céu (Is 58.3); o ganho deles desaparece quando a alma é chamada à eternidade (Jó 27.8). Mas se orarmos, jejuarmos e dermos esmolas em verdade e retidão, com os olhos em Deus e em sua aceitação, e formos aprovados na presença dele, acumularemos este tesouro no céu. Há um memorial escrito ali (Ml 3.16), e estando ali registrado, será ali recompensado, e encontraremos novamente o conforto do outro lado da morte e da sepultura. Os nomes dos hipócritas estão escritos sobre a terra

(Jr 17.13), mas os fiéis a Deus têm os seus nomes escritos no céu (Lc 10.20). A aceitação na presença de Deus é um tesouro no céu que não pode ser corroído nem roubado. O bem que o Senhor fará àqueles que o buscam permanecerá para sempre; portanto, se acumularmos o nosso tesouro na presença dele, com Ele estarão os nossos corações. E será que haveria um outro lugar em que alguém poderia estar melhor do que na presença do Senhor?

II Devemos nos acautelar contra a hipocrisia e o materialismo ao escolhermos o fim que desejamos. A nossa preocupação quanto a isso é representada por dois tipos de olhos que os homens podem ter: um olho bom ou um olho mau (vv. 22,23). As expressões aqui são um pouco tenebrosas por serem concisas; devemos, portanto, considerá-las em diversas interpretações. A luz do corpo é o olho, que é reto; o olho descobre e guia; a luz do mundo nos proporcionaria pouco sem esta luz do corpo; a luz dos olhos alegra o coração (Pv 15.30), mas vejamos o que é aqui comparado ao olho no corpo.

1. O olho, isto é, o coração (segundo alguns), se for singelo (versão inglesa KJV) – *haplous*, generoso e abundante (assim as palavras deste grupo são freqüentemente traduzidas, como em Romanos 12.8; 2 Coríntios 8.2; 9.11,13; Tiago 1.5, e também lemos sobre o olho generoso em Provérbios 22.9). Se o coração for dado à liberalidade e à generosidade, e permanecer inclinado à bondade e a caridade, ele guiará o homem a ações cristãs. Toda a sua conduta será cheia de luz, cheia de evidências e exemplos do verdadeiro cristianismo, a religião pura e imaculada para com Deus, o Pai (Tg 1.27). Ela estará cheia de boas obras, que são a nossa luz brilhando diante dos homens; mas se o coração for mau, cobiçoso, duro, invejoso, dominador e rancoroso (esse estado de espírito é freqüentemente expressado por um olho mau, cap. 20.15; Marcos 7.22; Provérbios 23.6,7), o corpo será cheio de trevas, e assim toda a sua conduta será pagã, e não cristã. Os instrumentos do avarento serão sempre maus, mas o generoso projeta coisas nobres (Is 32.5-8). Se a luz que está em nós, aqueles sentimentos que devem nos guiar para o que é bom, forem trevas, se eles forem corruptos e mundanos, se não houver no homem uma boa natureza, uma disposição gentil, a corrupção do homem será muito grande, assim como as trevas em que ele estará! Este sentido parece concordar com o

contexto; devemos acumular tesouros no céu através da nossa generosidade ao darmos esmolas, e não com rancor, mas com alegria (Lc 12.33; 2 Co 9.7). Mas estas palavras na passagem paralela não aparecem em nenhuma ocasião desse modo (Lc 11.34). Portanto, a coerência aqui não se torna o sentido delas.

2. O olho, isto é, o entendimento (segundo alguns); é o juízo prático, a consciência, que é para as demais capacidades da alma aquilo que o olho é para o corpo, guiando e dirigindo os seus movimentos. Se este olho for bom, se ele fizer um juízo verdadeiro e correto, e discernir coisas que diferem, especialmente na grande preocupação de acumular tesouros de modo a fazer escolhas certas, ele guiará corretamente os sentimentos e as ações, que estarão repletas de luz, de graça e conforto. Mas se este for mau e corrupto, e ao invés de conduzir os poderes inferiores for conduzido, subornado e afastado, se for equivocado e mal informado, o coração e a vida estarão repletos de trevas, e toda a conduta será corrompida. Aqueles que não entendem isto são citados como aqueles que andam em trevas (Sl 82.5). É triste quando o espírito de um homem, que deveria ser a candeia do Senhor, é um *ignis fatuus*: quando os líderes do povo, os líderes das capacidades, fazem com que as pessoas errem, é uma infelicidade, porque aqueles que são guiados por eles serão destruídos (Is 9.16). Um erro no juízo prático é fatal, é chamar de bom o que é mau, e chamar de mau o que é bom (Is 5.20); portanto, precisamos entender as coisas de modo certo, tendo os nossos olhos ungidos com o colírio do Senhor.

3. O olho, isto é, os propósitos e as intenções; pelos olhos fixamos o nosso propósito diante de nós mesmos, a marca que estabelecemos, o lugar para onde vamos. Mantemos o nosso objetivo em vista, e, conseqüentemente, dirigimos os nossos movimentos. Em todas as coisas que fazemos em nossa caminhada cristã, há uma coisa ou outra que temos em vista. Se o nosso olho é bom, se contemplamos todas as coisas honestamente, fixamos propósitos certos, e nos movemos corretamente em sua direção. Se miramos puramente e somente a glória de Deus, buscamos a sua glória e o seu favor, e dirigimos tudo inteiramente para Ele, então o nosso olho é bom. O olho de Paulo estava nesta condição, quando o apóstolo disse: “Para mim o viver é Cristo”. E se formos corretos aqui, todo o nosso corpo será cheio de luz, todas as ações serão regulares e bondosas, agradando a Deus e nos confortando; mas se o olho for mau, se, em vez de mirarmos somente a

glória de Deus, e a nossa aceitação por parte dele, desviarmos o nosso olhar para o aplauso dos homens, e se enquanto professamos honrar a Deus, tramarmos honrar a nós mesmos, e buscarmos as nossas próprias coisas, sob o pretexto de buscarmos as coisas de Cristo, isto estragará tudo, e toda a conduta será perversa e instável. Os fundamentos estarão assim fora de posição. Só poderá haver confusão e toda obra má na sua, estrutura. Se você traçar retas em uma circunferência a partir de qualquer outro ponto que não seja o centro, elas se cruzarão. Se a luz que está em ti for não só fraca, mas as próprias trevas, haverá um erro fundamental que será destrutivo para tudo o que vier a seguir. Os nossos objetivos especificam as nossas ações. É da maior importância que, na religião, estejamos certos em nossos propósitos, e que façamos das coisas eternas – e não das temporais – o nosso objetivo (2 Co 4.18). O hipócrita é como o remador que olha para uma direção e rema para outra; o verdadeiro cristão é como o viajante, que tem bem claro, diante de seus olhos, o destino de sua jornada. O hipócrita voa alto como o pássaro milhano, com o seu olhar sobre a presa que está abaixo. Ele está pronto para descer quando tiver uma boa oportunidade; o verdadeiro cristão voa alto como a cotovia, cada vez mais alto, esquecendo-se das coisas que estão abaixo.

III Devemos prestar atenção na hipocrisia e no materialismo ao escolhermos o senhor a quem serviremos (v. 24). Nenhum homem pode servir a dois senhores. Servir a dois senhores é contrário ao olho bom; porque o olho atenta para a mão do seu senhor (Sl 123.1,2). O Senhor Jesus aqui expõe o engano que alguns colocam sobre as suas próprias almas: eles pensam que podem se dividir entre Deus e o mundo, para terem um tesouro na terra e também um tesouro no céu, para agradarem a Deus e também aos homens. Por que não?, dizem os hipócritas; é bom “ter duas cordas em um arco”. Eles esperam fazer com que a sua religião sirva aos seus interesses seculares, e assim procuram tirar proveito de ambas as coisas. A falsa mãe estava disposta a permitir que Salomão mandasse partir a criança ao meio; os samaritanos estarão dispostos a fazer algum tipo de acordo entre Deus e os ídolos. Não, diz Cristo, isto não servirá; isto é apenas uma suposição de que a piedade seja causa de ganho (1 Tm 6.5). Aqui está:

1. Um princípio geral estabelecido; é provável que este fosse um provérbio entre os judeus: Nenhum homem pode servir a dois senhores,

muito menos a dois deuses; porque as suas ordens, em um momento ou outro, serão contraditórias ou conflitantes, e haverá uma interferência inevitável. Enquanto dois senhores caminham juntos, um servo pode seguir a ambos; mas quando eles se separam, você verá a qual deles ele realmente serve; ele não poderá amar, e observar, e manter-se fiel a ambos como deveria. Dedicando-se a um, não se dedicará a outro; um ou outro será comparativamente odiado e desprezado. Esta verdade é clara o suficiente nos casos comuns.

2. A aplicação deste conceito à situação em questão. “Não podeis servir a Deus e a Mamom”. Mamom é uma palavra siríaca que significa ganho; ela pode se referir a qualquer coisa neste mundo que reputemos como um ganho (Fp 3.7). Tudo aquilo que o mundo valoriza – como, por exemplo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, e a soberba da vida – é mamom. Para alguns, o seu ventre é o seu mamom, e eles o servem (Fp 3.19); para outros, a sua tranqüilidade, seu sono, seus esportes e passatempos, são o seu mamom (Pv 6.9); para outros, as riquezas deste mundo (Tg 4.13); para outros, honras e cargos honoríficos. O louvor e o aplauso dos homens eram o mamom dos fariseus. Em uma palavra, a própria pessoa, a unidade na qual a trindade do mundo se centraliza, o ego sensual e secular, é o mamom que não pode ser servido juntamente com Deus; porque se ele for servido, haverá uma competição com o Senhor e uma contradição em relação a ele. Jesus não diz: Não devemos ou não deveríamos, mas: não podemos servir a Deus e a Mamom; não podemos amar a ambos (1 Jo 2.15; Tg 4.4), ou nos manter fiéis a ambos, ou colocar ambos em observância, obediência, assistência, confiança e dependência, porque eles são contrários um ao outro. Deus diz: “Dá-me, filho meu, o teu coração”. Mamom diz: “Não, dê o seu coração a mim”. Deus diz: “Contentai-vos com o que tendes”. Mamom diz: “Apanhe tudo o que puder. *Rem, rem, quocunque modo rem – Dinheiro, dinheiro; por meios lícitos ou ilícitos, dinheiro*”. Deus diz, em outras palavras: Não defraudeis, nunca mintais, sejais honestos e justos em todos os assuntos. Mamom diz: “Engane a teu próprio Pai, se isto te trouxer ganho”. Deus diz: “Seja caridoso”. Mamom diz: “Guarda para ti mesmo: este ato de dar nos prejudica a todos”. Deus diz: “Não estejais inquietos por coisa alguma”. Mamom diz: “Estejais inquietos por todas as coisas”. Deus diz: “Santifique o teu sábado”. Mamom diz: “Faça uso deste dia da mesma forma que

qualquer outro dia para o mundo". Portanto, as instruções de Deus e de Mamom são incoerentes, de forma que não podemos servir a ambos. Não vacilemos, então, entre Deus e Baal, mas escolhamos hoje a quem iremos servir, e perseveremos na nossa escolha.

O Sermão da Montanha

vv. 25-34

Dificilmente há um pecado contra o qual o nosso Senhor Jesus advirta mais ampla e intensamente os seus discípulos, ou contra o qual Ele os arme com maior variedade de argumentos, do que o pecado de cuidados que perturbam, distraem e trazem a desconfiança em relação às coisas da vida. Esta ansiedade é um mau sinal, que indica que o tesouro e o coração de uma pessoa estão na terra; portanto, o Senhor insiste fortemente nisto. Aqui vemos:

I A proibição estabelecida. O conselho e a ordem do Senhor Jesus é que não pensemos nas coisas deste mundo: Eu "vos digo". Ele diz isto como o nosso Legislador, e o Soberano dos nossos corações; Ele diz isto como o nosso Consolador, e o Ajudador que nos traz alegria. O que é isto que Ele diz? É o seguinte: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça". "Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida… nem quanto ao vosso corpo" (v. 25). "Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos?" (v. 31) e outra vez (v. 34): "Não andeis… inquietos", *me merimnate – não andeis cuidadosos.* Assim como contra a hipocrisia, a advertência contra os cuidados deste mundo é repetida três vezes; no entanto, nenhuma repetição é vã. Todos os preceitos são coerentes e podem ser sobrepostos, linha sobre linha, trazendo o mesmo significado. A Palavra de Deus nos liberta daquilo que nos cerca facilmente. Isto sugere o quão agradável é para Cristo, e o quanto isto diz respeito a nós mesmos, que vivamos sem um cuidado excessivo. O Senhor Jesus repete aos seus discípulos a ordem de que eles não deveriam dividir, nem mesmo despedaçar, as suas próprias mentes por causa do cuidado com as coisas deste mundo. Há um pensamento e um cuidado com relação às coisas desta vida, que não só é lícito, mas obrigatório, como é mostrado no caso da mulher virtuosa. Veja Provérbios

27.23. A palavra é usada com relação ao cuidado de Paulo para com as igrejas, e o cuidado de Timóteo com relação ao estado das almas (2 Co 11.28; Fp 2.20).

Mas o cuidado (ou preocupação) aqui proibido é: 1. Um cuidado (ou preocupação) perturbador e atormentador, que agita a mente de um lado para outro, e a coloca em suspense; um cuidado que perturba a nossa alegria em Deus, e que pode chegar a ser um desânimo sobre a nossa esperança nele; um cuidado que interrompe o sono, e prejudica o nosso gozo, o gozo dos nossos amigos, e daquilo que Deus nos deu. 2. Um cuidado (ou preocupação) que demonstra desconfiança e incredulidade. Deus prometeu prover – para aqueles que são seus – todas as coisas necessárias para a vida, tanto as materiais como as espirituais. Ele prometeu alimento e abrigo; não as coisas supérfluas, mas as necessárias. Ele nunca disse: "Eles se banquetearão", mas: "Verdadeiramente, serás alimentado". O cuidado desordenado pelo futuro, e o medo de querer tais provisões, surgem de uma descrença em várias qualidades de Deus: em suas promessas, em sua sabedoria, e na bondade da providência divina – e aí está o mal de tais atitudes. Quanto ao nosso sustento atual, podemos e devemos usar meios legítimos para consegui-lo, do contrário tentaremos a Deus. Devemos ser diligentes em nosso trabalho, e prudentes ao ajustar as nossas despesas com o que temos, e devemos também orar pelo pão de cada dia; e se todos os outros meios falharem, podemos e devemos pedir o seu alívio e provimento. Não foi o melhor dos homens que disse: "De mendigar tenho vergonha" (Lc 16.3). Também surgem dificuldades tamanhas, a ponto de alguém desejar ser alimentado com migalhas (v. 21). Mas com relação ao futuro, devemos lançar o nosso cuidado sobre o Senhor nosso Deus, não andando inquietos, porque parece que o Senhor chega a ter um tipo de ciúme. Ele sabe como nos dar o que queremos quando não sabemos como consegui-lo. Que as nossas almas habitem tranqüilamente nele! Esta despreocupação misericordiosa é a mesma daquele sono que Deus proporciona aos seus amados, em oposição ao trabalho difícil da pessoa incrédula (Sl 127.2). Observe as advertências expressas aqui:

(1) "Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida". A vida é a nossa maior preocupação neste mundo. O homem dará, pela sua vida, tudo o que possui; no entanto, não devemos andar cuidadosos quanto a ela. [1] Não devemos ficar ansiosos em relação à duração de nossa vida; cabe a Deus aumentar ou

reduzir a sua duração; o tempo de nossa vida está nas mãos de Deus – e está em boas mãos, nas melhores mãos! [2] Não devemos ficar ansiosos pelos confortos desta vida; cabe a Deus torná-la amarga ou doce. Não devemos andar solícitos quanto às necessidades de sustento, alimento e roupas desta vida. Deus prometeu estas coisas e, portanto, podemos esperar com mais confiança; não devemos dizer: “O que comeremos?” Esta é a linguagem de alguém que não sabe o que fazer, e que está quase desesperado; embora muitas pessoas boas tenham uma perspectiva bastante limitada, nem todas têm o sustento de que precisam.

(2) Não andeis inquietos quanto ao amanhã, quanto ao dia por vir. Não se preocupe demais com o futuro, como você viverá o ano seguinte, ou quando você envelhecerá, ou com o que você deixará para trás. Assim como não devemos nos vangloriar do amanhã, não devemos nos preocupar com o amanhã, nem com os eventos que ele trará.

II As razões e os argumentos para reforçar esta proibição. Alguém poderá pensar que o mandamento de Cristo foi suficiente para nos manter afastados deste pecado tolo de preocupação perturbadora e desconfiada, independentemente do conforto das nossas almas, e que está tão intimamente ligado a elas. Entretanto, mostrar o quanto o coração de Cristo está nisto, e que prazer Ele tem naqueles que esperam em sua misericórdia, é mostrar que o mandamento está baseado nos argumentos mais poderosos. Se pudéssemos ser dirigidos somente pela razão, certamente nos aliviaríamos destes espinhos. Para nos livrarmos dos pensamentos ansiosos, e expulsá-los, Cristo aqui nos sugere pensamentos confortantes. Que possamos estar cheios deles! Vale a pena nos esforçarmos em nossos próprios corações, confrontarmo-los em relação aos nossos cuidados perturbadores, e nos envergonharmos deles. Eles podem ser enfraquecidos por razões convincentes, mas é somente através de uma fé ativa que podemos vencê-los. Considere então:

1. “Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?” (v. 25). Sim, sem dúvida. Então Ele diz que há motivos para entendermos o verdadeiro valor das coisas presentes, porque Ele as fez, Ele as sustenta, e nos sustenta através delas; e esta situação fala por si só. Perceba que: (1) A nossa vida é uma bênção maior do que a nossa subsistência. É verdade, a vida não pode subsistir sem o sustento; mas o

mantimento e a vestimenta, que são aqui representados como inferiores à vida e ao corpo, são como o ornamento e o prazer, e temos a tendência de ser solícitos em relação a estas coisas. O mantimento e a vestimenta são úteis para a vida, e o seu fim é mais nobre e excelente do que os meios. A comida mais saborosa e a melhor roupa são da terra; mas a vida é o sopro de Deus. A vida é a luz dos homens; o mantimento é apenas o azeite que alimenta a luz; de forma que a diferença entre o rico e o pobre é muito insignificante, visto que, nas maiores coisas, eles ficam no mesmo nível, e diferem apenas em algo que tem dimensões menores. (2) Isto é um encorajamento para que confiemos que Deus nos dará o mantimento e a vestimenta, e assim fiquemos tranqüilos quanto a todos os cuidados e toda a perplexidade que estão ligados a eles. Deus nos deu a vida e o corpo – este foi um ato de poder, um ato de favor, algo que foi feito sem o nosso cuidado. Será que aquele que fez tudo isto por nós não poderia fazer outras coisas? Será que haveria algo que Ele não faria por nós? Devemos cuidar dos assuntos referentes à nossa alma e à eternidade, que são mais do que o corpo e a vida, deixando que Deus nos forneça o mantimento e a vestimenta, que são itens menores. Deus tem mantido a nossa vida até aqui. Se, às vezes, nem tudo acontece como desejamos, devemos entender e aceitar que tudo isto tem uma finalidade; Ele nos tem protegido e nos mantido vivos. Aquele que nos guarda dos males aos quais estamos expostos, nos proporcionará as coisas boas de que necessitamos. Se Ele se agradasse de nos matar, deixando-nos morrer de fome, Ele não daria aos seus anjos – com tanta freqüência – a incumbência de nos guardar.

2. “Olhai para as aves do céu”, e “olhai para os lírios do campo”. Aqui está um argumento tomado da providência comum de Deus para com as criaturas inferiores, e sua dependência – de acordo com as suas capacidades – desta providência. Um homem caído, porém em boa situação psicológica, pode voltar a si, entendendo que deve ser enviado para a escola para ser ensinado pelas aves do céu! (Jó 12.7,8).

(1) Olhe para as aves do céu, e aprenda a confiar em Deus quanto ao mantimento (v. 26), e não se preocupe com o que você irá comer.

[1] Observe a providência de Deus em relação às aves. Olhe para elas e receba instrução. Há vários tipos de aves; elas são numerosas, algumas delas são de rapina, mas todas são alimentadas, e alimentadas com alimento conveniente para elas. É raro que qualquer uma delas pereça por

necessidade de comida, mesmo durante o inverno, e não há falta de comida durante todo o ano. Como as aves, de maneira geral, são menos úteis aos homens, elas praticamente não recebem nenhum cuidado de sua parte. Os homens freqüentemente se alimentam delas, mas raramente as alimentam; mesmo assim elas são alimentadas, não sabemos como, e algumas delas são melhor alimentadas durante o clima mais adverso; e é o seu Pai celestial que as alimenta. Ele conhece todas as aves selvagens dos montes, melhor do que você conhece as aves domésticas em seu quintal (Sl 50.11). Nenhum pardal desce ao chão para apanhar um grão de milho, exceto pela providência de Deus, que se estende até às criaturas mais cruéis. Mas o que é especialmente observado aqui, é que elas são alimentadas sem qualquer cuidado ou projeto próprio; elas "não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros". A formiga, na verdade, faz isso, assim como a abelha, e nos são apresentadas como exemplos de prudência e trabalho sistemático; mas as aves do céu não fazem isso; elas não fazem nenhuma provisão para o futuro. Contudo, todos os dias, tão pontualmente quanto vem o dia, a provisão é feita para elas, e seus olhos esperam em Deus, o grande e bom Administrador, que fornece o alimento para todos os seres.

[2] Utilize isto como um encorajamento para confiar em Deus. "Não tendes vós muito mais valor do que elas?" Sim, com certeza nós temos. Note que os herdeiros do céu são muito melhores do que as aves do céu; seres mais nobres e mais excelentes, e, pela fé, eles voam mais alto; eles são de uma natureza e criação melhores, são mais sábios do que as aves do céu (Jó 35.11). Embora os filhos deste mundo, que não conhecem o juízo do Senhor, não sejam tão sábios quanto a cegonha, o grou, e a andorinha (Jr 8.7), devemos saber que somos mais preciosos para Deus, e mais próximos a Ele, embora eles voem no firmamento aberto do céu. Ele é o Mestre e Senhor dos animais, o seu Dono e Senhor; mas, além disso tudo, Ele é o Pai, e em seu parecer, você vale mais do que muitos pardais. Você é filho dele, como se fosse um primogênito. Uma vez que Ele alimenta os seus pássaros, certamente não deixará os seus filhotes morrerem de fome. Os animais confiam na providência do seu Pai; e você não confiará nela? Nesta relação de dependência, eles não se preocupam com o amanhã; e, sendo assim, eles vivem a vida mais aprazível de todas as criaturas; eles cantam entre os galhos (Sl 104.12), e louvam o nosso Criador com o melhor de si mesmos. Se fôssemos, pela fé, tão despreocupados sobre o dia de amanhã

como eles, deveríamos cantar tão alegremente quanto eles; porque é o cuidado deste mundo que estraga o nosso contentamento, desalenta a nossa alegria, e silencia o nosso louvor, tanto quanto qualquer outra coisa.

(2) Olhe os lírios, e aprenda a confiar em Deus para ter as suas vestes. Esta é outra parte da nossa preocupação: o que vestiremos. Por decência, para nos cobrir; por defesa, para nos manter aquecidos; e muitos se preocupam com as vestes por dignidade e ornamento, para que pareçam estar bem e serem finos. Outros estão tão preocupados com o esplendor e a variedade de sua vestimenta, que este cuidado é quase tão intenso quanto a ansiedade que sentem por seu pão de cada dia. Para nos tranqüilizar quanto a esta preocupação, devemos considerar os lírios do campo; não só observá-los (todo olho faz isto com prazer), mas considerá-los. Note que há muitas coisas boas para se aprender do que vemos todos os dias, se tão somente as considerarmos (Pv 6.6; 24.32).

[1] Considere como os lírios são frágeis; eles são a erva do campo. Os lírios, embora distintos por suas cores, não passam de erva; portanto, toda carne é erva. Embora alguns sejam bem dotados de mente e corpo, chegando a ser como os lírios, muito admirados, ainda assim são erva. São como a erva do campo, em natureza e constituição; eles estão no mesmo nível que os outros. Os dias do homem, na melhor hipótese, são como a erva, como as flores da erva (1 Pe 1.24). Esta erva hoje existe e amanhã é lançada no forno; em pouco tempo, o lugar que nos conhece, não nos conhecerá mais. A sepultura é o forno no qual deveremos ser lançados, e no qual seremos consumidos como erva no fogo (Sl 49.14). Isto sugere uma razão para não andarmos preocupados com o dia de amanhã, com o que vestiremos, porque no dia de amanhã talvez possamos precisar de roupas de sepultamento.

[2] Considere como os lírios são livres de preocupação; eles trabalham não como os homens, para conseguir a roupa, mas como servos, para ganharem a sua aparência característica. Eles não fiam, como as mulheres, para tecerem uma roupa. Isto não significa, no entanto, que devamos negligenciar, ou fazer de forma descuidada, as atividades próprias desta vida; a mulher virtuosa é louvada por colocar a sua mão no tear, fazer linho fino e o vender (Pv 31.19,24). A ociosidade tenta a Deus, em vez de demonstrar confiança nele; mas aquele que provê para as criaturas inferiores, sem que trabalhem, proverá muito mais para nós, abençoando o

nosso trabalho, que Ele nos deu como o nosso dever. E se, por motivo de doença, formos incapazes de trabalhar e fiar, Deus poderá nos fornecer o que nos for necessário.

[3] Considere como os lírios são belos e finos; como eles crescem; de onde eles crescem. A raiz do lírio ou da tulipa, como as raízes de outros bulbos, é, no inverno, perdida e enterrada debaixo da terra. Contudo, quando a primavera chega, ela aparece e brota em pouco tempo; assim foi prometido ao Israel de Deus – que eles deveriam florescer como o lírio (Os 14.5). Considere para o que eles crescem. Em meio à obscuridade, em apenas algumas semanas, eles passam a ser muito belos: “Nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”. As vestes de Salomão eram muito esplêndidas e magníficas; aquele que possuía o tesouro peculiar dos reis e províncias, e diligentemente gostava de pompa e elegância, sem dúvida tinha a roupa mais rica, e do melhor feitio que poderia ser obtido. Principalmente quando ele aparecia em sua glória, em dias especiais. No entanto, vestindo-se de forma tão elegante quanto podia, ele não chegava sequer perto da beleza dos lírios, e um canteiro de tulipas o ultrapassaria em brilho. Ambicionemos, portanto, a sabedoria de Salomão, na qual ele não era excedido por ninguém, em nada (sabedoria para fazer os nossos deveres em nossos lugares), em vez de ambicionarmos a glória de Salomão, na qual ele era excedido pelos lírios. A perfeição do homem é o conhecimento e a graça, não a beleza, muito menos as roupas finas. Aqui é dito que Deus veste a erva do campo. Note que todas as excelências da criatura fluem de Deus, que é a fonte delas. Foi Ele quem deu ao cavalo a sua força, e ao lírio a sua beleza. Toda criatura (incluindo cada um de nós) é, em si mesma, aquilo que Ele a criou para ser.

[4] Considere como tudo isso é instrutivo para nós (v. 30).

Em primeiro lugar, como no caso da roupa fina, este versículo nos ensina a não nos preocuparmos, de modo algum, com o que vestiremos, a não cobiçarmos, não nos orgulharmos, nem fazermos das nossas vestes o nosso adorno, porque apesar do nosso cuidado por isto, os lírios em muito nos excederão. Não podemos nos vestir de forma tão elegante quanto eles. Por que então devemos tentar competir com eles? O adorno dos lírios logo perecerá, assim como o nosso; eles hoje existem, e amanhã serão lançados no forno, como outra coisa sem valor; e as roupas de que nos orgulhamos se desgastam, o brilho logo se vai, a cor desbota, o modelo fica fora de moda,

ou em um momento a vestimenta em si se desgasta; assim é o homem em toda a sua pompa (Is 40.6,7), especialmente os homens ricos (Tg 1.10); eles se desvanecem em seus caminhos.

Em segundo lugar, quanto à roupa necessária, isto nos ensina a lançar o nosso cuidado sobre Deus, *Jeová-Jiré*. Confie naquele que veste os lírios, para lhe prover o que você vestirá. Se Ele dá tais roupas finas para as ervas, muito mais dará roupas adequadas para os seus próprios filhos; roupas que os aqueçam, não só quando Ele refrigera a terra com o vento do sul, mas quando Ele a agita com o vento do norte (Jó 37.17). Quanto mais Ele lhe vestirá, pois você é uma criatura mais nobre, um ser mais excelente! Se Ele veste a erva que vive tão pouco tempo, muito mais vestirá você que é criado para a imortalidade. Se os filhos de Nínive eram preferidos em relação à aboboreira (Jn 4.10,11), quanto mais o serão os filhos de Sião, que estão em aliança com Deus. Observe o título que Ele lhes dá (v. 30), "Homens de pequena fé". Isto pode ser entendido: 1. Como um encorajamento à fé verdadeira – mesmo que seja fraca, ela nos encomenda ao cuidado divino, e a uma promessa de suprimento adequado. Uma grande fé deve ser elogiada, e alcançará grandes coisas, mas a pequena fé não deve ser rejeitada, mesmo aquela que, na prática, está em busca de mantimento e vestimenta. Os crentes sadios devem ter as suas necessidades supridas, mesmo que não sejam crentes fortes. Os bebês na família são alimentados e vestidos, bem como aqueles que são adultos, e com um cuidado e ternura especiais; não diga: Sou apenas uma criança, nada mais que uma árvore seca (Is 56.3,5), porque embora sejas pobre e necessitado, o Senhor cuida de ti. Ou: 2. Como uma repreensão à fé fraca, embora ela seja verdadeira (cap. 14.31). Isto sugere o que está no fundo de toda a nossa preocupação e atenção desordenadas; a fraqueza da nossa fé, e os resquícios da incredulidade em nós. Se tivéssemos mais fé, teríamos menos preocupações.

3. "Qual de vós", o mais sábio, o mais forte de vós, "poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?" (v. 27), ou à sua idade, segundo alguns. A medida de um côvado pode se referir à estatura. A idade mais avançada pode ser considerada como apenas um breve espaço de tempo, como a extensão de um "palmo" (Sl 39.5). Consideremos: (1) Nós não chegamos à estatura que temos hoje pelo nosso próprio cuidado e atenção, mas pela providência de Deus. Uma criança de colo bem pequena cresce chegando à altura de 1.80m. E como é que um côvado após o outro

foi acrescentado à sua estatura? Não pela sua própria previsão e recursos; ela cresceu sem saber como, pelo poder e bondade de Deus. Aquele que fez os nossos corpos, e que os fez de tal tamanho, certamente cuidará de prover para cada um de nós. Note que Deus deve ser reconhecido no aumento da estatura e da força do nosso corpo, e receber a nossa confiança quanto a todos os suprimentos necessários, porque Ele declarou que se importa com o nosso corpo. A idade do crescimento é a idade irrefletida e despreocupada, mas mesmo assim crescemos. E aquele que nos criou para isso não nos sustentaria agora que estamos crescidos? (2) Não poderíamos alterar a nossa estatura, se quiséssemos. Quão tolo e ridículo seria para um homem de baixa estatura ficar perplexo, perder noites de sono, ficar constantemente pensando, e estar continuamente preocupado sobre como poderia ficar um côvado mais alto, quando ele sabe que não pode fazer nada a respeito disso. Portanto, seria melhor ficar satisfeito e aceitar a sua estatura! Nós não somos todos do mesmo tamanho, no entanto a diferença em estatura entre um e outro não é uma característica decisiva, nem de grande valia. Um homem pequeno está pronto para desejar ser tão alto quanto outra pessoa, mas ele sabe que isto não lhe serviria para nada; portanto, ele deve se contentar com o seu próprio físico. Deveríamos considerar a nossa situação neste mundo da mesma forma como consideramos a nossa estatura. [1] Não devemos cobiçar ter a abundância das riquezas deste mundo, da mesma forma que não cobiçaríamos a adição de um côvado em nossa estatura; isto seria algo muito impactante na estatura de uma pessoa. É suficiente crescer alguns centímetros; tal adição apenas nos tornaria desajeitados, e um fardo pesado demais para nós mesmos. [2] Devemos nos contentar com a nossa condição, assim como fazemos com a nossa estatura; devemos avaliar as conveniências e as inconveniências, e assim fazer um balanço das nossas verdadeiras necessidades. Aquilo que não pode ser remediado deve ser tratado da melhor maneira possível. Não podemos alterar os desígnios da Providência. Portanto, devemos concordar com estes, nos acomodar a eles, e nos consolar o quanto pudermos em relação às inconveniências, como fez Zaqueu contra a inconveniência de sua estatura, subindo em uma árvore.

4. “Porque todas essas coisas os gentios procuram” (v. 32). A preocupação com as coisas do mundo é um pecado pagão, e não condiz com os cristãos. Os gentios buscam estas coisas, porque eles não conhecem coisas melhores;

eles desejam ardentemente este mundo, porque não conhecem algo melhor; eles buscam estas coisas com cuidado e ansiedade, porque não têm a Deus no mundo, e não entendem a sua providência. Eles temem e adoram aos seus ídolos, mas não podem confiar neles quando precisam de livramento e sustento. Portanto, estão cheios de cuidado. Mas isto é uma vergonha para nós cristãos, que edificamos sobre princípios mais nobres, e professamos uma religião que nos ensina não só que existe uma providência, mas que há promessas feitas para o bem da vida que temos agora, que nos ensina sobre a confiança em Deus e o desprezo ao mundo, e oferece as razões para isto. É uma vergonha andarmos como os gentios andam, enchendo as nossas mentes e corações com as crenças deles.

5. “Vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas”. As coisas necessárias, mantimento e vestimenta. Deus conhece aquilo que queremos melhor do que nós mesmos. Embora Ele esteja no céu, e os seus filhos na terra, Ele observa o que o menor e o mais pobre deles necessita (Ap 2.9): “Eu sei [a tua] pobreza”. Isto nos leva a pensar que, se um amigo tão bom quanto este souber das coisas que queremos e conhecer as nossas dificuldades, podemos nos acalmar rapidamente. O nosso Deus as conhece; Ele é o nosso Pai que nos ama e que tem compaixão de nós, e está pronto a nos ajudar. O seu Pai celestial possui os recursos para suprir todas as suas necessidades. Longe, portanto, devem estar todos os pensamentos e preocupações perturbadores. Fale com o seu Pai; diga-lhe que Ele conhece as coisas de que você precisa. Ele pergunta: “Filhos, tendes alguma coisa de comer?” (Jo 21.5). Diga-lhe se você tem ou não tem. Embora Ele saiba as coisas que queremos, Ele quer ficar sabendo por nós; e quando as revelarmos a Ele, nos submeteremos alegremente à sua sabedoria, ao seu poder e bondade, e teremos o nosso sustento. Portanto, devemos nos livrar da carga da preocupação excessiva, lançando-a sobre Deus, porque é Ele que cuida de nós (1 Pe 5.7). E quais são as necessidades que todos nós temos? Se Ele cuida de cada um de nós, por que devemos nos preocupar?

6. “Buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33). Aqui está um argumento duplo contra o pecado da preocupação excessiva: não ande preocupado com a sua vida, a vida do corpo; porque: (1) Você tem coisas maiores e melhores para cuidar, a vida da sua alma, a sua felicidade eterna; esta é a sua maior necessidade (Lc 10.42), aquilo em que você deve empregar os seus pensamentos, e que

é comumente negligenciada naqueles corações em que predominam os cuidados deste mundo. Se fôssemos mais cuidadosos em agradar a Deus, e tratássemos da nossa própria salvação, deveríamos nos preocupar menos em agradar a nós mesmos, e em tratarmos daquilo que possuímos no mundo. A preocupação com a nossa alma é a cura mais eficaz para a preocupação com as coisas do mundo. (2) Você tem uma maneira mais segura, mais fácil e mais sucinta de obter as coisas necessárias a esta vida, do que oprimindo-se, preocupando-se, e queixando-se delas; e isto é buscando primeiro o Reino de Deus, e fazendo da vida com Deus o seu assunto principal. Não diga que este é o modo mais fácil para morrer de fome. Não. Este é o modo de ser bem sustentado, mesmo neste mundo. Observe aqui:

[1] O grande dever exigido é a soma e a essência de toda a nossa obrigação: “Buscai primeiro o Reino de Deus” – “tenha a fé cristã como a sua grande e principal preocupação”. O nosso dever é buscar – desejar, procurar, e considerar cuidadosamente estas coisas. Buscar é uma palavra que tem em si uma grande parte da constituição da nova aliança em nosso favor. Embora não tenhamos alcançado, mas falhado e sido insuficientes em muitas coisas, a busca sincera (uma preocupação cuidadosa e uma tentativa perseverante) é aceita. Agora observe, em primerio lugar, o objeto desta busca: “o Reino de Deus, e a sua justiça”. Devemos considerar o céu como o nosso objetivo, e a santidade como o nosso caminho. “Busque os confortos do reino da graça e da glória como a sua felicidade. Tenha como alvo o Reino dos céus; esforce-se nesta direção; dedique-se a garanti-lo; resolva não restringi-lo; busque esta glória, honra e imortalidade; prefira o céu e as bênçãos celestiais muito mais do que a terra e os prazeres terrenos”. A religião não nos será proveitosa se não nos conduzir ao céu. E com a felicidade deste reino, busque a sua justiça; a justiça de Deus, a justiça que Ele exige que seja operada em nós, e desenvolvida por nós, que deve exceder a justiça dos escribas e dos fariseus. Devemos seguir a paz e a santificação (Hb 12.14). Em segundo lugar, a ordem desta busca: “Buscai primeiro o Reino de Deus”. Que o cuidado pela sua alma e pelo mundo por vir tome o lugar de todos os outros cuidados; e que todas as preocupações desta vida fiquem subordinadas à preocupação pela vida futura. Devemos buscar as coisas de Cristo mais do que as nossas próprias coisas; e se elas entrarem em competição, devemos nos lembrar a qual devemos dar a preferência. “Busque estas coisas em primeiro lugar; que sejam as primeiras

em teus dias; que a melhor parte da tua juventude seja dedicada a Deus. A sabedoria deve ser buscada em primeiro lugar e sem perda de tempo; é bom começar a ser religioso logo. Busque, todos os dias, aquilo que precisa estar em primeiro lugar; que ao despertar pela manhã, os seus pensamentos sejam dirigidos a Deus". Que este seja o seu princípio: fazer primeiro o que for mais necessário, dando o primeiro lugar àquele que é o Primeiro.

[2] A promessa da graça e da misericórdia de Deus anexada. Todas estas coisas, os suportes necessários da vida, lhe serão acrescentados; serão dados abundantemente; portanto, estas coisas ficam na margem. Você terá o que busca, o Reino de Deus e a sua justiça, porque aquele que busca com sinceridade nunca busca em vão. E além disso, você terá mantimento e vestimentas com abundância. Quando buscamos o Reino de Deus e a sua justiça em primeiro lugar, as demais coisas nos são acrescentadas da mesma maneira como papel e barbante são ofertados àqueles que compram mercadorias após uma negociação. A piedade tem a promessa para a vida presente (1 Tm 4.8). Salomão pediu sabedoria, e a recebeu, além das outras coisas que lhe foram acrescentadas (2 Cr 1.11,12). Que mudança abençoada seria feita em nossos corações e vidas se crêssemos firmemente nesta verdade: que a melhor maneira de sermos sustentados confortavelmente neste mundo é nos preocuparmos com o mundo por vir! Começamos no ponto correto do nosso trabalho, quando começamos com Deus. Se nos preocuparmos em garantir para nós mesmos o Reino de Deus e a sua conseqüente justiça quanto a todas as coisas desta vida, *Jeová-Jiré*, o Senhor proverá, nos concederá estas coisas com a finalidade de ver o nosso bem, além de outras coisas que sequer imaginaríamos. Será que temos confiado nele para termos a porção da nossa herança no nosso final, e não confiaremos nele para termos a porção do nosso cálice enquanto estivermos a caminho desse final? O Israel de Deus não só foi levado finalmente até Canaã, mas as suas cargas foram levadas através do deserto. Quão bom seria se fôssemos mais interessados nas coisas que não são vistas, nas coisas que são eternas, e menos interessados (e, de fato, precisamos ser menos interessados) nas coisas que são vistas, que são temporais! Não considere tanto as suas próprias coisas (Gn 45.20,23).

7. "O dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal" (v. 34). Não devemos ficar excessivamente perplexos sobre os eventos futuros, porque cada dia traz consigo o seu próprio fardo de cuidados e dificuldades.

Porém, se olharmos ao nosso redor, e não sofrermos os medos que nos levam a trair o socorro que a graça e a razão oferecem, cada dia também trará juntamente consigo a sua própria força e sustento. Desta forma, somos aqui informados:

(1) Que o cuidado excessivo com o amanhã é desnecessário. Deixe que o amanhã cuide de si mesmo. Se os desejos e os problemas forem renovados a cada dia, os auxílios e as provisões serão renovados da mesma forma; as misericórdias do Senhor "novas são cada manhã" (Lm 3.22,23). Os santos têm um amigo que é o seu braço a cada manhã (Is 33.2), e que lhes distribui suprimentos frescos diariamente, de acordo com a atividade exigida por cada dia (Ed 3.4). E assim Ele mantém o seu povo em constante dependência de si. Devemos, portanto, utilizar a força do amanhã para fazer a obra de amanhã, e carregar o fardo de amanhã. O amanhã, e as coisas concernentes a ele, serão supridos sem a nossa interferência. Sendo assim, por que precisamos nos preocupar ansiosamente com coisas que já são cuidadas sabiamente? Isto não proíbe uma previsão prudente e uma conseqüente preparação, mas é necessário evitar uma solicitude perplexa, e uma idéia preconcebida de dificuldades e calamidades, que podem talvez nunca vir. Se estas vierem, poderão ser facilmente tratadas, e seremos guardados de seu mal. O significado de tudo isto é o seguinte: consideremos o dever presente, e então deixemos os eventos sob a responsabilidade de Deus; façamos o trabalho do dia em seu próprio dia, e então deixemos que o amanhã traga consigo o seu cuidado.

(2) Que o cuidado excessivo com o amanhã é uma das concupiscências tolas e dolorosas, nas quais caem aqueles que se enriquecem. Esta é uma das muitas dores com que eles mesmos se afligem. Basta a cada dia o seu mal. O dia de hoje tem dificuldades suficientes para serem resolvidas, e não devemos acumular fardos antecipando o nosso problema, nem tomar emprestadas perplexidades dos males do amanhã, acrescentando-as aos males do dia de hoje. Não sabemos ao certo que males o dia de amanhã poderá trazer; mas seja o que for, haverá tempo suficiente para agirmos sobre eles quando vierem. Que tolice é tomarmos sobre nós neste dia – por cuidado e temor – os problemas que pertencem ao amanhã, e que não serão mais leves quando chegarem! Não nos sobrecarreguemos com todos os problemas de uma só vez, visto que a Providência sabiamente ordenou que eles ocorram aos poucos, para que os vençamos em etapas. A conclusão de

todo este assunto, então, é que a vontade e o mandamento do Senhor Jesus é que os seus discípulos não sejam os seus próprios atormentadores. Eles também não devem tornar a sua passagem por este mundo mais tenebrosa e desagradável do que Deus a fez originalmente, através da apreensão que sentem devido aos problemas. Por meio de nossas orações diárias, podemos conseguir a força de que precisamos para suportar os nossos problemas diários, e nos armar contra as tentações que nos afligem, não permitindo que nenhuma dessas coisas nos mova, ou nos abale.

CAPÍTULO 7

Esse capítulo contém a continuação e a conclusão do Sermão da Montanha. Ele é totalmente prático e nos mostra como ordenar corretamente nossas palavras quando são dirigidas tanto ao homem como a Deus, pois o desígnio da religião cristã é tornar os homens bons em todos os sentidos. Temos: I. Algumas regras relativas à censura e à reprovação (vv. 1-6). II. Conselhos para orar a Deus pelo que precisamos (vv. 7-11). III A necessidade de ter cuidado com as palavras que os outros nos dirigem (vv. 12-14). IV. Advertência para prestar atenção nos falsos profetas (vv. 15-10). V. Conclusão de todo o sermão, mostrando a necessidade de uma obediência universal aos mandamentos de Cristo, sem a qual não podemos esperar alcançar a felicidade (vv. 21-27). VI. A impressão que a doutrina de Cristo causou nos seus ouvintes (vv. 28,29).

Continuação do Sermão da Montanha. O Hábito de Julgar os Outros

vv. 1-6

Nesse sermão, nosso Salvador está ensinando como devemos nos conduzir em relação aos erros dos outros, e suas expressões parecem ser uma censura dirigida aos escribas e fariseus. Eles eram rígidos e severos, muito autoritários e arrogantes, e condenavam a todos que os cercavam, como fazem geralmente todos aqueles que se mostram orgulhosos e convencidos quando querem se justificar. Temos aqui:

I Uma advertência contra julgar os outros (vv. 1,2). Existem aqueles cuja ocupação é julgar – juízes, magistrados e ministros. Cristo, embora não pretendesse ser um juiz, não veio para desfazer deles, pois acreditava que os príncipes devem decretar a justiça. Ele estava se dirigindo às pessoas em particular, aos discípulos que mais tarde iriam ocupar a cátedra de juízes, mas isso ainda não tinha acontecido. Veja, então:

1. A proibição: “Não julgueis”. Nosso julgamento deve ser dirigido a nós mesmos e aos nossos atos, e não ao nosso irmão. Também não devemos assumir tiranicamente tal autoridade sobre o próximo, e nem deixar que o façam, pois a nossa lei nos diz que devemos estar sujeitos uns aos outros. “Não sejam mestres” (Tg. 3.1). Não devemos nos assentar na cátedra de um juiz, e fazer da nossa palavra uma lei universal. Não devemos julgar nosso irmão, isto é, não devemos falar mal do nosso irmão, pois isso já foi explicado (Tg. 4.11). Não devemos desprezá-lo, nem fazer pouco dele (Rm 14.10). Não devemos julgar precipitadamente, nem transferir injustamente tal julgamento para o nosso irmão, se isso for apenas o produto do nosso ciúme e da nossa natureza ruim. Não devemos esperar o pior das pessoas, nem supor coisas tão odiosas – em palavras e atos – que elas não tenham praticado. Não devemos julgar maldosamente, impiedosamente ou com a disposição de prejudicar. Não devemos julgar a condição de um homem, nem aquilo que ele realmente é, através de um único ato, nem julgá-lo por aquilo que ele representa para nós, porque, devido aos nossos interesses, estamos sempre prontos a ser parciais. Não julguemos o coração dos outros, nem suas intenções, pois pertence a Deus a prerrogativa de testá-los e não devemos ocupar o seu lugar. Nem devemos ser o juiz do estado eterno deles, nem chamá-los de hipócritas, réprobos ou inúteis, pois isso seria avançar além dos nossos limites. O que devemos fazer, então, para avaliar o servo de outro senhor? Aconselhar e ajudar, mas nunca julgar.

2. A razão de cumprirmos essa proibição: “Para não sermos julgados”. Isso indica que: (1) Se tivermos a presunção de julgar os outros, podemos esperar também sermos julgados. Aquele que usurpa o cargo de um juiz será chamado ao tribunal na condição de réu. Em geral, ninguém é mais censurado do que aqueles que se mostram como os mais rigorosos, e todos terão uma pedra para lhes atirar. Aquele que, como Ismael, tem a mão e a língua contra todos os homens terá igualmente a mão e a língua de todos contra ele (Gn 16.12), e nenhuma misericórdia será mostrada quanto à

reputação daqueles que nenhuma misericórdia mostraram quanto à reputação dos outros. Mas isso não é o pior, pois eles serão julgados por Deus e dele receberão uma grande condenação (Tg 3.1). Os dois lados comparecerão perante o tribunal de Cristo (Rm 14.10) o qual, enquanto socorre o humilde sofredor, irá também resistir ao arrogante zombador e dar-lhe suficiente julgamento. (2) Se formos modestos e caridosos nas censuras que fazemos aos outros, declinando de julgá-los para julgar a nós próprios, não seremos julgados pelo Senhor. Assim como Deus perdoa aqueles que perdoam aos seus irmãos, Ele também não irá julgar a quem não julga seus irmãos. O misericordioso encontrará misericórdia, ele estará dando uma prova de humildade, caridade e deferência a Deus, e será devidamente reconhecido e recompensado por Ele. Veja Romanos 14.10.

O julgamento daqueles que julgam os outros está de acordo com a lei da retaliação. Com o mesmo critério que julgamos, nós também seremos julgados (v. 2). Nos seus julgamentos, muitas vezes a justiça de Deus observa uma regra de proporção como, por exemplo, no caso de Adoni-Bezeque (Jz 1.7). Veja também Apocalipse 8.10; 13.6. Dessa maneira, Ele fica ao mesmo tempo justificado e exaltado nos seus julgamentos, e todos os homens irão silenciar perante Ele. A mesma medida que usarmos para medir o próximo será usada para nos medir, talvez ainda nesse mundo, para que os homens possam tomar conhecimento do seu pecado pelo castigo que receberem. Que esse pensamento nos dissuada de todo rigor ao lidar com nosso irmão. O que faremos quando Deus se levantar? (Jó 31.14). O que seria de nós, se Deus fosse tão rigoroso e severo ao nos julgar como somos ao julgar os nossos irmãos? Se Ele fosse nos pesar na mesma balança? Podemos justamente esperar que isso venha a acontecer, se formos exagerados ao registrar o que nossos irmãos fazem de errado. Nisso, como em outras coisas, o violento comportamento dos homens irá recair sobre suas próprias cabeças.

II Alguns cuidados sobre a censura. O fato de nos abstermos de julgar os outros, pois isso seria um grande pecado, não quer dizer que não devemos reprová-los, porque isso representa um grande dever. E também pode ser a forma de salvar uma alma da morte e de evitar que as nossas almas participem da sua culpa. Agora, observe:

1. Nem todos estão aptos a censurar. Aqueles que são culpados das mesmas faltas que acusam nos outros, ou pior, que trazem vergonha sobre si mesmos, não são aqueles que têm a melhor condição de fazer o bem àqueles que reprovam (vv. 3-5). Aqui temos:

(1) Uma justa reprovação aos censuradores que contendem com seus irmãos pelas pequenas faltas, permitindo-se, ao mesmo tempo, praticar as grandes faltas. Estes são pressurosos em achar um argueiro no olho do próximo, mas não percebem uma trave no seu próprio olho. Eles se mostram muito dispostos a retirar esse argueiro, mas totalmente cegos quando se trata deles mesmos. Observe que: [1] Existe uma graduação nos pecados. Alguns pecados podem ser comparados a um argueiro (ou cisco), outros, a traves (ou vigas); alguns, a um inseto, outros, a um camelo. Não é que algum pecado possa ser pequeno, porquanto não existe pecado pequeno; não há um "Deus pequeno" contra o qual alguém possa pecar. Se for um argueiro (ou um cisco, para melhor entendimento), ele fica nos olhos. Se for um inseto, ele fica na garganta. Mas ambos são dolorosos e perigosos, e não será fácil, nem nos sentiremos bem, até serem retirados. [2] Nossos próprios pecados podem parecer que são maiores em nós do que nos outros. Aquilo que a caridade nos ensina chamar de argueiro no olho do nosso irmão, um verdadeiro arrependimento e um santo pesar nos ensina a chamar de trave quando se trata do nosso próprio olho. Pois os pecados dos outros devem ser atenuados, enquanto os nossos devem ser agravados. [3] Existem muitos que têm traves nos seus próprios olhos, e ainda assim não as reconhecem. Eles estão sob a culpa e o domínio dos grandes pecados, mas não se deram conta deles. Ao contrário, procuram se justificar como se não precisassem se arrepender ou corrigir. É estranho que um homem possa se encontrar numa condição tão miserável e pecadora, que possa ter uma trave nos olhos e não se importar com ela. Mas o deus desse mundo é capaz de cegar com tanta arte a sua mente que, apesar disso, ele diz com grande segurança: Posso ver. [4] É muito comum observar que aqueles que são os maiores pecadores, e menos sensíveis à sua presença, são também os primeiros e os mais arbitrários ao censurar os outros. Os fariseus, que eram os mais arrogantes ao se justificar, eram também os mais sarcásticos ao condenar os outros. Eram muito rigorosos com os discípulos porque comiam sem lavar as mãos, mas isso nada mais representava que um argueiro, enquanto encorajavam os homens a desprezar os seus pais, o que

não deixava de ser uma trave. O orgulho e a falta de caridade representam, em geral, as traves nos olhos daqueles que pretendem criticar os outros. Muitos são culpados de cometer, em segredo, os mesmos pecados que estão dispostos a punir nos outros, assim que são descobertos. *Cogita tecum, fortasse vitium de quo quereris, si te diligenter excusseris, in sinu invenies; inique publico irasceris crimini tuo – Pense que é possível que a falta da qual você esteja se queixando possa ser, depois de uma cuidadosa análise, encontrada em sua própria vida, e que seria publicamente injusto expressar indignação contra o seu próprio crime.* Sêneca, *de Beneficiis*. Mas: [5] Ser muito severo em relação às faltas dos outros, e ser demasiadamente indulgente com as próprias, é um sinal de hipocrisia. Não seja como os hipócritas (v. 5). A despeito de qualquer coisa que este possa desejar, é certo que ele não se comportará como um inimigo do pecado (se fosse, seria inimigo do seu próprio pecado); portanto, ele não será digno de louvor. Parece que seria inimigo do seu irmão e, nesse caso, merecedor de toda culpa. Essa caridade espiritual deve começar em casa. "Pois como podes tu dizer, como podes tu, por vergonha, dizer ao teu irmão: Deixa-me corrigir-te, quando tu mesmo não tiveste nenhum cuidado para corrigir a ti mesmo? Teu próprio coração te reprovará por causa desse absurdo, tu o farás com má vontade e esperarás que todos te digam que o hábito corrige o pecado. 'Médico, cura-te a ti mesmo'". Vá primeiro, que eu irei em seguida. Veja Romanos 2.21. [6] A consideração do que existe de errado dentro de nós deve nos levar a oferecer uma amável reprovação e impedir uma censura autoritária, tornando-nos caridosos e sinceros no nosso julgamento dos outros. Portanto, "vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado" (Gl 6.1). Pense naquilo que foste, naquilo que és, e naquilo que serias, se Deus te deixasse por tua própria conta.

(2) Eis aqui uma boa regra para aqueles que censuram o próximo (v. 5). Procure o método correto, mas primeiro retire a trave dos teus próprios olhos. A nossa própria maldade está longe de nos escusar por não reprovarmos aquilo que é errado. Ela nos impede e nos desqualifica para fazermos esta reprovação; e isto, por sua vez, agrava ainda mais a nossa maldade. Não devo dizer: "Tenho uma trave nos olhos, portanto não ajudarei meu irmão a tirar o seu argueiro". O pecado de um homem nunca servirá para sua defesa. Devo primeiro corrigir-me para depois estar

qualificado e totalmente isento de qualquer culpa e ofensas. Aqueles que censuram de início, e que são reprovadores por ofício, magistrados e ministros, estão preocupados em caminhar com circunspeção e ser muito metódicos em suas conversas. Um bispo, ou obreiro, deve ser irrepreensível e ter bom testemunho (1 Tm 3.2,7). As lâmpadas do santuário eram feitas de ouro puro.

2. Não é qualquer um que está em condições de ser censurado. “Não deis aos cães as coisas santas” (v. 6). Isso pode ser entendido como: (1) Uma regra para os discípulos ao pregar o Evangelho. Não é que eles não devam pregá-lo aos que são profanos e pecadores (o próprio Cristo pregou para publicanos e pecadores), mas a referência é que não devem perder muito tempo com aqueles que permanecem obstinados depois de ouvirem o Evangelho, ou que tenham blasfemado contra ele e perseguido os pregadores, pois isso redundaria na perda de todo o trabalho. Deixe que eles se voltem a outros (Atos 13.41). Assim disse o Dr. Whitby. Ou: (2) Como uma regra para todos que estão censurando. O zelo contra o pecado deve ser guiado pela nossa prudência. Não devemos sair por aí distribuindo instruções, conselhos e censuras, e menos ainda consolação, a empedernidos zombadores a quem certamente essas dádivas de nada iriam adiantar. Isso iria provocar irritação e raiva contra nós. Atire uma pérola a um porco e ele irá ficar tão ofendido como se você tivesse atirado uma pedra. Censuras, por assim dizer, serão consideradas afrontas (Lc 11.45; Jr 6.10), portanto não dê coisas santas aos cães e aos porcos (criaturas imundas). Veja: [1] Os bons conselhos e as censuras podem ser consideradas coisas santas, preciosas como pérolas. Eles são decretos divinos, são preciosos. “Como árvore da vida” (Pv 3.18) e “como pendentes de ouro e gargantilhas de ouro fino, assim é o sábio repreensor” (Pv 25.12), e a repreensão feita por um justo é como excelente óleo (Sl 141.5). [2] Entre a geração dos pecadores, existem alguns que chegam a tal ponto de iniqüidade que são considerados como cães e porcos. São impudentes e notoriamente depravados. Caminham por muito tempo no caminho dos pecadores e se colocam no lugar dos zombadores. Eles claramente odeiam e desprezam os conselhos e se opõem a eles, pois são irrecuperáveis e obstinadamente perversos. Estes são como os cães que voltam ao seu próprio vômito, e como a porca lavada que volta ao espojadouro de lama. [3] Quaisquer instruções relativas à reprovação estarão sendo

desperdiçadas, expondo o reprovador a todo o desprezo e maldade próprios dos cães e porcos. Tudo que se espera deles é que irão esmagar debaixo dos pés aqueles que os reprovam, zombar deles e enfurecer-se. Não toleram o controle e a contestação, e novamente se voltarão para destruir seus censores, destruir seu bom nome através de insultos, devolver-lhes palavras que ferem como uma retribuição pelo bem recebido; desejam destruí-los com perseguições. Herodes destruiu João Batista por causa da sua fidelidade. Veja aqui as provas de como os homens podem ser como cães e porcos. Aqueles que assim são considerados odeiam a censura e aqueles que as fazem, e se opõem aos que, movidos pela bondade da sua alma, se atrevem a lhes mostrar o perigo do pecado. Eles pecam contra a reparação. Quem iria curar e ajudar aqueles que não desejam ser curados e ajudados? Não há dúvida de que Deus deliberou que deviam ser destruídos (2 Cr 25.16). A regra aqui estabelecida se aplica aos reconhecidos e ratificados mandamentos do Evangelho, que não devem ser distorcidos ou desobedecidos por aqueles que são abertamente iníquos e profanos, para que as coisas santas não sejam desprezadas e pessoas pecadoras se tornem ainda mais endurecidas. Não é apropriado tirar o pão das crianças para lançá-lo aos cães. No entanto, devemos ser cuidadosos com quem condenamos como cão ou porco, e não fazê-lo antes de um cuidadoso julgamento e somente com evidências indiscutíveis. Muitos pacientes são perdidos, quando são assim considerados. Se os devidos meios tivessem sido usados, eles poderiam ter sido salvos. Da mesma forma que devemos tomar cuidado para não chamar o bom de mau, julgando todos os ensinadores como hipócritas, devemos também prestar atenção para não chamarmos os desesperados de maus, julgando que todos os iníquos sejam cães e porcos. [4] Nosso Senhor Jesus é muito cuidadoso com a segurança do seu povo, e não admite que ele se exponha desnecessariamente à fúria daqueles que irão novamente se voltar para destruí-lo. Eles não podem ser demasiadamente justos a ponto de se destruírem. Cristo fez da lei da autopreservação uma das suas próprias leis, e para Ele o sangue dos seus súditos é precioso.

O Sermão da Montanha. A Bondade de Deus

vv. 7-11

No capítulo anterior, nosso Senhor falou sobre a oração como a obrigação de um mandamento pelo qual Deus é honrado, e que, se for feita corretamente, será recompensada. Aqui, Ele diz que ela é uma maneira de obtermos aquilo que precisamos, especialmente a graça para obedecermos aos preceitos que Ele nos deu, alguns dos quais bastante desagradáveis à carne e ao sangue.

I Eis aqui um preceito feito com três palavras e com o mesmo significado: “Pedi, Buscai e Batei” (v. 7), ou em uma única palavra: “Ore, ore muitas vezes, ore com sinceridade e seriedade; ore e ore novamente; tome consciência da oração e seja constante nela. Dedique-se à oração, e ore com fervor. Peça como um mendigo pede esmolas. Aquele que deseja ser rico em graças deve se valer da humilde função de pedir, e descobrirá que ela é repleta de sucessos”. Peça; apresente seus desejos e obrigações a Deus e peça seu apoio e auxílio, pois isso está de acordo com a sua promessa. Peça como um viajante que pergunta sobre o caminho. Orar é pedir a Deus (Ez 36.37). Busque, como se tivesse perdido uma coisa de grande valor, ou como um mercador procura pérolas preciosas. Busque através da oração (Dn 9.3). Bata, como aquele que deseja entrar na casa bate na porta. Seremos admitidos para conversar com Deus, introduzidos no seu amor, no seu favor e no seu reino. O pecado fechou e travou a porta contra nós. Através da oração nós batemos e chamamos: Senhor, Senhor, abre para nós. Cristo bate à nossa porta (Ap 3.20; Ct 5.2) e nos deixa bater na dele – um favor que não concedemos aos mendigos comuns. Buscar e bater implica alguma coisa além de pedir e orar. 1. Não devemos apenas pedir, mas buscar. Devemos acompanhar nossas orações com nossos esforços, e usando os meios indicados. Buscar pelo que pedimos para não desafiar a Deus. Quando o vinhateiro pediu mais um ano para a figueira estéril, ele acrescentou: Irei escavá-la e estercá-la (Lc 13.7,8). Deus concede o conhecimento e a graça àqueles que o procuram nas Escrituras, e aguardam nas portas da Sabedoria. E também o poder contra o pecado àqueles que evitam as suas ocasiões. 2. Não devemos apenas pedir, mas bater. Devemos ir até a porta de Deus e pedir insistentemente. Não devemos apenas orar, mas suplicar e lutar com Deus. Devemos buscar diligentemente e continuar batendo. Devemos perseverar na oração e no uso dos seus meios, devemos perseverar até o fim nesse dever.

II Aqui foi incluída uma promessa: nosso esforço ao orar, se realmente isso representar algum esforço, não será em vão. Onde existe um coração piedoso, ele encontrará um Deus atento. Ele nos dará uma resposta de paz. O preceito é tríplice: pedi, buscai e batei. Mas existe uma norma para esse preceito. A promessa tem seis partes, regra após regra, para nos encorajar, porque uma sólida crença nessa promessa nos tornará alegres e constantes na nossa obediência. Agora vejamos:

1. A promessa foi feita de modo a dar uma resposta exata ao preceito (v. 7). “Pedi, e dar-se-vos-á” . Aquilo que foi pedido não será emprestado e nem vendido, mas concedido, e o que pode valer mais que um presente? De acordo com essa promessa, qualquer coisa pela qual você estiver orando será concedida, se Deus julgar que ela lhe será conveniente, e o que mais você pode desejar? Basta pedir para receber. Se não recebermos, é porque não pedimos, ou não pedimos corretamente. O que não é digno de ser pedido, não vale a pena ter, pois de nada vale. Busque e encontrará, e seu esforço não será perdido. Quando buscamos a Deus, sempre o encontramos, e isso nos será suficiente. “Batei, e abrir-se-vos-á”. A porta da misericórdia e da graça se abrirá, e nunca mais se fechará diante de você como se fosse algum inimigo ou intruso, mas se abrirá como se fosse um amigo ou uma criança. Alguém perguntará: “Quem está à porta?” Se for capaz de responder que é um amigo, e tiver o bilhete da promessa nas mãos, pronto para ser mostrado com fé, não tenha dúvidas de que será admitido. Se a porta não se abrir à primeira batida, continue a perseverar em oração. É uma afronta a um amigo bater em sua porta, e logo se retirar. Mesmo que pareça que Ele está demorando a atender, espere.

2. Essa promessa é repetida no versículo 8 com a mesma intenção, embora com algumas inclusões. (1) Ela foi feita para se estender a todos que oram corretamente. “Não só vocês, meus discípulos, receberão o que pedem, mas também todos os outros que pedirem irão receber, sejam eles judeus ou gentios, jovens ou velhos, ricos ou pobres, nobres ou plebeus, senhores ou escravos, cultos ou ignorantes. Todos eles serão igualmente bem recebidos no trono da graça, se vierem com fé, pois Deus não respeita a aparência humana”. (2) Ela foi feita de modo a significar uma concessão, sendo expressa no presente, e isso vale mais do que uma promessa para o futuro. Todo aquele que pedir, não só irá receber, como já recebeu. Ao se apropriar da promessa, e aplicá-la, através da fé, estaremos realmente atraídos e

envolvidos por ela. Tão certas e invioláveis são as promessas de Deus, que elas real e efetivamente concedem uma posse. Um crente ativo tomará posse imediatamente, e fará das bênçãos prometidas algo que já é seu. De acordo com a promessa, aquilo que esperamos é tão certo, e deve ser tão doce, como aquilo que já temos em mãos. Deus falou no seu santuário: "Meu é Galaade, meu é Manassés" (Sl 108.7,8); tudo será meu, se eu acreditar. Dádivas condicionais se tornam definitivas de acordo com a nossa atitude em relação às condições; portanto, aquele que pede, recebe. Dessa forma, Cristo aprova as petições que lhe são feitas e, como Ele tem todo o poder, isto nos basta.

3. Ela foi ilustrada com um exemplo retirado dos pais terrenos e da sua inata disposição de conceder aos filhos tudo que pedem. Cristo apela a seus ouvintes: "E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?" (vv. 9,10). Em seguida, Ele conclui (v. 11): "Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?" Agora, algumas coisas práticas:

(1)Para dirigir as nossas orações e expectativas. [1] Devemos nos aproximar de Deus como as crianças se aproximam do Pai celestial, com reverência e confiança. É muito natural que uma criança procure o pai quando tem alguma necessidade ou aflição para lhe apresentar suas queixas. "Ai, a minha cabeça! ai, a minha cabeça!" Dessa maneira, a nova natureza deveria nos direcionar a Deus para pedir a sua ajuda e as suas bênçãos. [2] Devemos ir até Ele em busca de coisas boas, daquelas que Ele concede àqueles que lhe pedem. Isto nos ensina que devemos confiar a nossa vida a Ele. Não sabemos o que é melhor para nós (Ec 6.12); portanto, devemos deixar estas escolhas a critério dele. Pai seja feita a tua vontade. Seu filho está aqui para pedir o pão que é necessário, e um peixe, que é saudável. Mas se, insensatamente, o filho pedir uma pedra, uma serpente, uma fruta verde para comer, ou uma faca afiada para brincar, seu pai, embora seja bondoso, deverá ser prudente e negar. Muitas vezes pedimos a Deus alguma coisa que nos faria mal, se a tivéssemos. Ele sabe disso, portanto irá negar. É melhor uma negativa feita com amor do que uma dádiva concedida com ira. A nossa vida não seria tão saudável se já tivéssemos recebido tudo que desejamos; e isso foi admiravelmente expresso por um pagão, Juvenal, *Sat.* 10.

Permittes ipsis expendere numinibus, quid
Conveniat nobis, rebusque sit utile nostris,
Nam pro jucundis aptissima quaeque dabunt dii.
Carior est illis homo, quam sibi: nos animorum
Impulsu, et caeca, magnaque cupidine ducti,
Conjugium petimus, partumque uxoris: at illis
Notum est, qui pueri, qualisque futura sit uxor.
Confie o teu destino aos poderes superiores.
Deixe que eles cuidem de ti e concedam
Aquilo que a sua infalível sabedoria entender que precisas:
Em bondade e em grandeza, eles são superiores;
Ah! Se fôssemos capazes de nos amar tão bem, mesmo que tivéssemosa metade deste amor!
Nós, levados cegamente por nossas obstinadas paixões,
Procuramos uma companhia e desejamos nos casar;
Depois desejamos herdeiros: mas somente aos deuses
Compete conhecer nossas futuras esposas e os nossos descendentes.

(2) Para encorajar nossas orações e expectativas. Podemos esperar que não existam recusas ou desapontamentos. Não teremos uma pedra em lugar do pão para quebrar nossos dentes (embora tenhamos uma crosta dura para aplicar a nossa mordida), nem uma serpente para nos morder, no lugar do peixe. Na verdade, temos razão para ter medo deles, porque merecemos a ambos. Mas Deus fará melhor por nós que o deserto pelos nossos pecados. O mundo sempre oferece pedras em lugar de pão, e serpentes em lugar de peixe, mas isso nunca acontece com Deus. Seremos ouvidos e atendidos, como fazem os pais com os filhos. [1] Deus colocou no coração dos pais uma amorosa inclinação para socorrer e ajudar seus filhos de acordo com suas necessidades. Mesmo aqueles que têm pouca consciência do dever, ainda assim agem como por instinto. Nenhuma lei jamais foi necessária para obrigar os pais a cuidarem dos seus filhos legítimos, e nem dos seus filhos ilegítimos, mesmo no tempo de Salomão. [2] Ele adotou a posição de um Pai em relação a nós, e nos considera seus filhos. Da mesma maneira como nos encontramos prontos para socorrer nossos filhos, podemos nos sentir estimulados a buscar o nosso socorro em Deus, para obtermos o nosso alívio. Todo amor e ternura que existem nos pais provêm dele. Eles

não vêm da natureza, mas do Deus da natureza. Portanto, devem ser infinitamente maiores nele. Ele compara seus cuidados para com o seu povo aos cuidados de um pai para com os seus filhos (Sl 103.13). E também com aqueles de uma mãe, que são geralmente mais carinhosos (Is 49.14,15). Podemos supor que nele, esse amor, ternura e bondade em muito excedam aos de qualquer pai terreno. Portanto, se eles se manifestam com mais intensidade é porque estão baseados nessa indubitável verdade, de que Deus é o melhor Pai. Infinitamente melhor do que qualquer pai terreno, pois seus pensamentos se colocam acima dos pensamentos terrenos. Nossos pais terrenos podem cuidar de nós, assim como cuidamos dos nossos filhos. Mas Deus irá cuidar ainda mais dos seus filhos, porque eles são originalmente pecadores, descendentes da degenerada semente de Adão. Eles perderam grande parte da boa natureza que pertencia à humanidade e, entre outros tipos de corrupção, têm dentro de si mesmos a má disposição e a maldade. No entanto, eles transmitem coisas boas aos seus filhos e sabem como dar de forma adequada e oportuna. Mas Deus é capaz de dar muito mais, pois Ele os irá recolher quando estiverem desamparados (Sl 27.10). Em primeiro lugar, Deus conhece bem todas as coisas, ao passo que os pais são, muitas vezes, levados por seus sentimentos, mostrando-se insensatamente amorosos. Deus é infinitamente mais sábio. Ele sabe do que precisamos, aquilo que queremos e o que é melhor para nós. Em segundo lugar, Deus é mais bondoso. Se a somatória da compaixão de todos os pais do mundo pudesse ser reunida nas entranhas de um único pai, quando comparada à terna misericórdia do nosso Deus ela não seria mais que a luz de uma vela perto do sol, ou uma gota no oceano. Deus é mais rico e está disposto a dar mais aos seus filhos que os pais humanos, pois Ele é o pai do nosso espírito, um pai eternamente amoroso e presente. As entranhas do nosso Pai anseiam até pelos filhos ingratos e pelos pródigos, como o anseio de Davi por Absalão. Será que tudo isso não basta para calar os incrédulos?

O Sermão da Montanha

vv. 12-14

Aqui nosso Senhor está insistindo conosco sobre a justiça dos homens, que é um ramo essencial da verdadeira religião, e que a fé em Deus é um

ramo essencial da justiça universal.

I Devemos fazer da justiça a nossa lei, e ser governados por ela (v. 12). Portanto, estabeleça isso como seu princípio, agindo em relação aos outros da mesma forma como gostaria que eles agissem com você. Como regra geral, e a fim de obedecer a esse princípio especial, procure não julgar ou censurar o seu próximo (não censure, se não deseja ser censurado) para alcançar o benefício das promessas feitas. A lei da justiça se mostra adequada quando aliada à lei da oração, pois, a não ser que sejamos sinceros em nossas palavras, Deus não ouvirá as nossas orações (Is 1.15-17; 58.6,9; Zc 7.9,13). Não podemos esperar receber coisas boas de Deus, se nós mesmos não as praticarmos, bem como tudo aquilo que for honesto, gracioso e de boa reputação entre os homens. Devemos ser, além de piedosos, também sinceros, caso contrário nossa devoção será apenas hipocrisia. Temos, então, que:

1. As regras da justiça foram estabelecidas. Você deve fazer às outras pessoas tudo aquilo que gostaria que elas lhe fizessem. Cristo veio para nos ensinar aquilo que devemos saber e acreditar, mas também como devemos agir em relação não só aos amigos e discípulos que fazem parte da nossa religião, como também aos homens em geral, entre os quais exercemos alguma atividade. O conceito moral da igualdade é agir com os outros como gostaríamos que agissem conosco. Alexandre Severo, um imperador pagão, era um grande admirador desse conceito e mandou que fosse escrito nas paredes dos seus aposentos. Ele o citava muitas vezes quando expressava as suas decisões e, por conta dele, honrava a Cristo e ajudava os cristãos. *Quod tibi, hoc alteri – Faça aos outros aquilo que você gostaria que eles lhe fizessem*. Seja na forma negativa (*Quod tibi fieri non vis, ne alteri feceris*), ou positiva, esse preceito quer dizer a mesma coisa. Não devemos retribuir aos outros o mal que eles nos fizeram ou que poderiam nos fazer, se isso estivesse em seu poder. Nem devemos fazer aquilo que pensamos que tenha sido feito contra nós. Podemos suportar com alegria tudo aquilo que nos seja feito. Isso está fundamentado naquele grande mandamento: amar ao próximo como a si mesmo. Da mesma forma como devemos sentir pelo nosso próximo o mesmo amor que sentimos por nós, devemos também praticar as mesmas boas obras. O significado dessa regra está baseado em três coisas. (1) Devemos praticar com nosso próximo aquilo que nós

mesmos reconhecemos que é próprio e razoável. Quando se trata da nossa pessoa, essa súplica é feita à nossa consciência, e a manifestação do nosso juízo corresponde ao nosso próprio desejo e expectativa. (2) Devemos colocar as pessoas em um nível igual ao nosso e reconhecer que somos devedores a elas pelo muito que fazem por nós. Estamos tão presos à justiça quanto elas, e elas têm igual direito aos seus benefícios. (3). Em nossos relacionamentos com os nossos semelhantes, devemos nos colocar na mesma circunstância e situação especial daqueles com os quais tratamos, e também precisamos agir adequadamente em relação a eles. Se você estivesse negociando com alguém, ou enfrentando alguma enfermidade ou aflição, como desejaria ser tratado? Essa é uma justa suposição, pois não sabemos se muito em breve esse caso poderá realmente acontecer conosco. Pelo menos podemos temer que, em sua justiça, Deus faça conosco aquilo que fizermos aos outros, se não lhes tivermos feito aquilo que gostaríamos que fosse feito conosco.

2. Existe uma razão que reforça essa lei; “essa é a lei e os profetas”. Ela representa o resumo daquele segundo grande mandamento, de um daqueles dois mandamentos dos quais depende toda a lei e os profetas (cap. 22.40). Não o temos com tantas palavras, tanto na lei como nos profetas, embora exista uma linguagem concomitante entre ambos. Tudo que foi dito a respeito do nosso dever em relação ao próximo (e que não é pouco) pode ser resumido nessa lei. Ela foi introduzida por Cristo na sua lei, de modo que tanto o Antigo Testamento como o Novo estão de acordo em prescrevê-la para nós, para fazermos aquilo que gostaríamos que nos fosse feito. Através dela, a lei de Cristo fica comprovada, e a vida dos cristãos também, quando comparada a ela. Se não estiverem de acordo com o Evangelho, não serão cristãos.

II Devemos fazer da religião nossa vocação e nos dedicarmos a ela, e devemos ser rigorosos e circunspectos em nossas palavras. A religião está aqui representada como se estivéssemos entrando por uma porta estreita, ou caminhando ao longo de uma estrada apertada (vv. 13,14). Observe então:

1. O relato é sobre o caminho que conduz à perdição e sobre o bom caminho da santidade. Existem apenas dois caminhos, o certo e o errado, o bom e o mau, o caminho para o céu e o caminho para o inferno. Seja qual

for o caminho em que cada um de nós esteja andando agora, não existe um meio-termo. Os filhos dos homens – sejam santos ou pecadores, religiosos ou ímpios – serão tragados pela eternidade.

Eis aqui: (1) Um relato que nos foi dado sobre o caminho do pecado e os pecadores, incluindo tanto o que existe em termos de esperança como o que há de pior nele.

[1] O caminho que atrai as multidões e não as deixa se afastar; a porta é larga e o caminho é amplo, e nele existem muitos viajantes. Em primeiro lugar: "Você terá abundante liberdade nesse caminho; a porta é larga e se mantém aberta para tentar aqueles que procuram esse caminho. Você pode atravessar essa porta com toda sua luxúria, ela não restringe os seus apetites ou suas paixões. Você terá bastante espaço para seguir o caminho do seu coração e a visão dos seus olhos". É um caminho amplo e nada existe que possa limitar aqueles que o percorrem. No entanto, eles vagueiam sem parar. Trata-se de um caminho cheio de atalhos, existe a possibilidade de escolher os diferentes atalhos do pecado. Em segundo lugar: "Você terá muitos companheiros nesse atalho, pois existem muitos que entram por essa porta e seguem esse caminho". Se seguirmos a multidão, será para praticar o mal. Se acompanharmos essas pessoas, estaremos percorrendo o caminho errado. Faz parte da nossa natureza a inclinação de seguir a corrente e agir de acordo com os nossos semelhantes. Mas estaremos sendo excessivamente complacentes, se estivermos dispostos a receber a condenação e ir com eles para o inferno só pelo privilégio da sua companhia. Eles não irão para o céu conosco. Devemos ser muito cuidadosos, pois muitos irão perecer.

[2] O caminho que nos amedronta é o que nos leva à destruição. A morte, a morte eterna, é o que nos espera ao chegarmos ao seu término (e o caminho do pecado leva a ela), à eterna desolação e à separação da presença do Senhor. Seja ele a estrada para uma vida evidentemente profana, ou o retorno a uma hipocrisia reservada, será sempre o caminho do pecado e da nossa ruína, se não nos arrependemos.

(2) Temos aqui o relato que nos foi dado sobre o caminho da santidade.

[1] O que existe nele que leva muitos a ficar temerosos. Vamos conhecer o pior que pode nos acontecer para podermos sentar e avaliar as conseqüências. Cristo cuida fielmente de nós e nos ensina:

Em primeiro lugar, que a porta é estreita. A conversão e a regeneração representam a porta pela qual entramos nesse caminho, no qual começamos uma nova vida de fé e sincera piedade. Para sair de um estado de pecado para um estado de graça devemos passar pelo novo nascimento (Jo 3.3,5). A porta é estreita e difícil de ser encontrada e de atravessar, como uma passagem entre dois rochedos (1 Sm 14.4). Deve haver um novo coração e um novo espírito e as coisas antigas devem ser deixadas para trás. A disposição da alma deve ser mudada e os hábitos e os costumes antigos devem ser abandonados. Tudo aquilo que temos estado fazendo deve ser refeito. Devemos nadar contra a correnteza, e toda a oposição deve ser combatida e destruída, aquela que está no nosso interior e a que está fora de nós. É mais fácil colocar um homem contra o mundo do que contra si mesmo; no entanto, isto deve ocorrer na sua conversão. É uma porta estreita e devemos nos humilhar para poder passar. Devemos nos tornar tão pequenos como as crianças. Os pensamentos orgulhosos devem ser suprimidos, devemos nos desnudar, nos anular, abandonar o mundo e tudo que éramos antes. Devemos estar dispostos a desistir de tudo pela nossa atração a Cristo. A porta é estreita para todos, mas para alguns ela é mais estreita ainda, como para os ricos, para alguns que durante muito tempo têm estado predispostos contra a religião. A porta é estreita. Bendizemos a Deus por ela não estar fechada, nem trancada contra nós, nem guardada com uma espada flamejante, como irá acontecer dentro de pouco tempo (cap. 25.10).

Em segundo lugar, que o caminho é estreito. Não estaremos nos céu logo que atravessarmos a porta estreita, nem em Canaã, assim que tivermos cruzado o Mar Vermelho. Na verdade, precisamos atravessar o deserto, viajando por um caminho estreito cercado pela lei divina, que é excessivamente extensa e torna o caminho estreito. A personalidade deve ser negada, o corpo mantido sob controle e as corrupções dominadas. As tentações diárias devem ser resistidas e os deveres devem ser executados, mesmo aqueles que vão contra nossas inclinações. Devemos suportar as situações difíceis, lutar e nos afligir, vigiar em todas as coisas e caminhar com cuidado e circunspeção. Iremos atravessar muitas tribulações. Será um caminho cercado por espinhos, abençoado por Deus, mas cheio de dificuldades. Os corpos que carregamos, cheios de corrupção, dificultam a prática do nosso dever; mas à medida que o entendimento e a vontade crescem, esse dever se torna mais firme. Ele se ampliará e se tornará cada

vez mais agradável.

Em terceiro lugar, sendo a porta tão estreita, e o caminho tão apertado, não é de admirar que poucos o encontrem. Muitos passarão por ele descuidadamente e não farão um grande esforço para achá-lo, pois acreditam estar muito bem e não vêem necessidade de mudar sua maneira de viver. Outros chegam a considerar esse caminho, mas se desviam, pois não gostam de ser limitados ou restringidos. Muito poucos serão os que irão para o céu, comparados aos que irão para o inferno. Serão apenas os remanescentes de um grande rebanho, como as respigas de uvas de uma vindima ou como aqueles oito que foram salvos na arca (1 Pe 3.20). *In vitia alter alterum trudimus. Quomodo ad salutem revocari potest, quum nullus retrahit, et populus impellit – Os homens induzem seus semelhantes a seguir à frente nos caminhos do pecado. Como alguém poderá retornar à vereda segura, quando é impelido pela multidão, e sem encontrar nenhuma influência contrária?* Sêneca, *Epist.* 29. Por isso muitos ficam desanimados, anseiam por ser diferentes, solitários, e preferem dizer: Se tão poucos irão para o céu, sobrará mais lugar para mim.

[2] Vejamos o que existe nesse caminho, o qual, embora apresente tudo isso, nos convida a percorrê-lo. Ele leva à vida, nos conforta com o favor de Deus, que representa a vida da alma, a bem-aventurança eterna, a esperança de que ao final venceremos todas as dificuldades e transtornos da estrada. A vida e a piedade foram reunidas (2 Pe 1.3). A porta é estreita e o caminho é apertado e íngreme, mas apenas uma hora no céu servirá para nos compensar por ele.

2. A grande preocupação e o dever de cada um de nós ao considerarmos tudo isso. “Entrai pela porta estreita”. Esse assunto foi claramente explicado – a vida e a morte, o bem e o mal foram expostos à nossa frente, tanto os seus caminhos como as suas conseqüências e os seus resultados finais. Vamos então examinar esse assunto cuidadosamente, considerá-lo com imparcialidade, e depois decidir andar de acordo com esses caminhos. Trata-se de assunto definitivo, que não admite discussão. Nenhum homem, dentro do seu juízo perfeito, iria escolher a prisão só pelo fato de o caminho que leva até ela ser suave e agradável, nem recusar a oferta de um palácio ou de um trono porque o caminho que leva a ele é áspero ou desagradável. No entanto, o homem é culpado de cometer tais absurdos no que se refere à sua alma. Portanto, não demore, não pense mais, entre já pela porta estreita.

Use as suas orações constantes e sinceras para bater nela, e assim ela lhe será aberta; isto é, uma porta grande e valiosa se abrirá. É verdade que não podemos nem entrar, nem caminhar, sem a ajuda da graça divina, mas também é verdade que ela nos é oferecida gratuitamente e não faltará àqueles que a procuram e se submetem a ela. A conversão é uma tarefa árdua e necessária, mas é abençoada por Deus e totalmente possível, se nos esforçarmos (Lc 13.24).

O Sermão da Montanha

vv. 15-20

Temos aqui uma advertência contra os falsos profetas. Devemos prestar atenção para não sermos enganados ou nos deixar impressionar por eles. Profetas são aqueles que prevêem as coisas que vão acontecer. Existem alguns, mencionados no Antigo Testamento, que tinham a pretensão de fazer previsões, sem dar nenhuma garantia, e os acontecimentos desmentiram as suas pretensões; dentre eles, estão Zedequias (1 Rs 22.11) e um outro Zedequias (Jr 29.21). Os profetas também ensinavam ao povo o seu dever, de modo que os falsos profetas mencionados aqui também eram falsos mestres. Cristo, que além de Messias era um Profeta e um Mestre enviado por Deus com a missão de enviar outros mestres que com Ele aprendessem, está nos advertindo a prestar atenção nos impostores. Ao invés de terem a pretensão de curar as almas com uma doutrina saudável, eles não fazem mais do que envenená-las.

Os falsos mestres e os falsos profetas: 1. São todos aqueles que afirmam ter certas incumbências, não as tendo. Aqueles que fingem que possuem garantia e orientação imediatas, supostamente enviadas por Deus e divinamente inspiradas; eles estão mentindo. Embora sua doutrina possa ser verdadeira, devemos ter cuidado, pois são falsos profetas. Falsos apóstolos são aqueles que dizem ser apóstolos, mas estão mentindo (Ap 2.2); eles são falsos profetas. “Tome cuidado com aqueles que fingem ter revelações; não os aceite sem provas suficientes, para que um absurdo não seja aceito, seguido de outra centena deles”. 2. São todos aqueles que pregam uma falsa doutrina sobre tudo aquilo que é essencial à religião. Que ensinam aquilo que é contrário à verdade que está em Jesus, a verdade que está de acordo

com a santidade. A primeira dissertação parece ser a verdadeira noção do que é um pseudo-profeta, ou de alguém que finge ser um profeta, enquanto geralmente a última também está de acordo com ela. Pois aquele que exibe cores falsas, a pretexto delas, e com maior sucesso, ataca a verdade. “Tenha cuidado com eles, suspeite deles e, quando tiver descoberto sua falsidade, afaste-se e nada tenha a ver com eles. Fique em guarda contra essa tentação, que nos é geralmente dirigida nos dias da reforma, e do alvorecer de uma luz divina que possui imensa força e esplendor”. Quando a obra de Deus é reavivada, Satanás e seus agentes ficam mais ocupados. Aqui temos:

I Uma boa razão para ter esse cuidado. Tenha cuidado com eles, pois são lobos vestidos como ovelhas (v. 15).

1. Precisamos ter muito cuidado porque suas pretensões são muito justas e plausíveis e, assim sendo, irão nos enganar se não estivermos em guarda. Eles aparecem vestidos como ovelhas, usando a mesma vestimenta dos profetas, que era simples, grosseira e tosca. Usarão trajes rudes para enganar (Zc 13.4). A Septuaginta chama o manto de Elias de manto de pele de ovelha. Devemos prestar atenção para não sermos iludidos com as vestes e a aparência dos homens, como as dos escribas, que preferiam andar usando vestes longas (Lc 20.46). Ou, falando figurativamente, eles pretendem ser cordeiros, e externamente parecem ser totalmente inocentes, inofensivos, humildes, úteis e tudo mais que é bom, e se colocam acima de todos os homens. Eles fingem ser homens justos e, por causa da sua aparência, são aceitos entre as ovelhas e isso lhes dá a oportunidade de fazer-lhes o mal sem que ninguém perceba. Eles e suas mentiras estão cercados de ilusórias pretensões de santidade e devoção. Satanás se transforma num anjo de luz (2 Co 11.13,14). O inimigo tem chifres como um cordeiro (Ap 13.11), e as feições de um homem (Ap 9.7,8). Sua linguagem é sedutora e suas maneiras são suaves como a lã (Rm 16.18; Is 30.10).

2. Também precisamos ter muito cuidado porque sob essas pretensões seus desígnios são mal-intencionados e enganadores e, no seu interior, eles não passam de lobos devoradores. Todo hipócrita é um lobo com pele de ovelha. Ele não é uma ovelha, mas o seu pior inimigo, que aparece apenas para destruir, devorar e espantar as ovelhas (Jo 10.12), para levá-las para longe das suas companheiras e de Deus, conduzidas por atalhos tortuosos.

Aqueles que pretendem nos enganar com qualquer verdade, e nos dominam com terror, sob qualquer que seja seu propósito, têm a intenção de fazer mal à nossa alma. Paulo dá a eles o nome de lobos cruéis (At 20.29). Eles são glutões e servem ao próprio ventre (Rm 16.18), eles lucram conosco e fazem de nós a sua presa. Como isso é muito fácil, e também muito perigoso, tenha cuidado com os falsos profetas.

II Eis aqui uma boa regra para ser obedecida em nossos cuidados; devemos examinar todas as coisas (1 Ts 5.21), e provar todos os espíritos (1 Jo 4.1). Aqui temos uma prova fundamental, iremos conhecê-los pelos seus frutos (vv. 16-20). Observe:

1. O exemplo dessa comparação – o fruto serve para revelar a árvore. Nem sempre podemos distinguir a árvore pelo tronco ou pelas folhas, nem pela distribuição dos seus ramos. Somente através dos frutos ficaremos conhecendo a sua natureza, pois o fruto está de acordo com a árvore. Os homens podem, através da sua religião, influir na sua natureza e contradizer princípios interiores, porém a corrente e a inclinação das suas práticas estarão de acordo com ela. Cristo insistiu nesse ponto, sobre a concordância entre a árvore e o seu fruto. (1) Se você conhece a árvore, sabe também qual fruto deve esperar. Nunca procure colher uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos. Não faz parte da sua natureza produzir esses frutos. Podemos confundir uma maçã, e um cacho de uvas pode estar pendurado num espinheiro, da mesma maneira que uma boa verdade, ou uma boa palavra ou ação, podem ser encontradas num homem mau, mas esteja certo de que elas nunca nasceram lá. Veja bem: [1] Corações corruptos, malvados e pecadores são como o espinheiro e o abrolho, que vieram com o pecado, esses corações são inúteis, inquietos e destinados ao fogo. [2] As boas obras são como os bons frutos, como as uvas e os figos, elas são agradáveis a Deus e proveitosas ao homem. [3] Nunca podemos esperar um bom fruto de um homem mau, e coisas limpas de coisas impuras, pois a eles falta a influência de um princípio reconhecido. Um mau tesouro irá produzir coisas más. (2) Por outro lado, se você conhecer como o fruto é, poderá conhecer como é a árvore que o produziu. Uma boa árvore não poderá produzir maus frutos, assim como uma árvore corrompida não poderá produzir bons frutos, mas apenas frutos maus. Devemos considerar o fruto que é produzido natural e genuinamente por uma árvore, e de forma constante e abundante.

Os homens não são conhecidos através de atos particulares, mas pelo curso e teor da sua conduta e pelos atos praticados com mais freqüência, especialmente aqueles que parecem ser livres, próprios e isentos da influência de qualquer persuasão ou motivos externos.

2. A aplicação dessas verdades aos falsos profetas.

(1) Através do terror e da ameaça (v. 19). Toda árvore que não produz bons frutos deve ser cortada. O próprio João Batista usou essa citação (cap. 3.10). Cristo poderia ter falado a mesma coisa com outras palavras, poderia ter feito alguma alteração ou lhe dado uma nova forma. Mas acreditou que não havia nenhum descrédito para Ele se repetisse o que João Batista havia afirmado antes. Os ministros não devem ser ambiciosos a ponto de produzir novas expressões, nem o ouvido das pessoas ansiar por novidades. Falar e escrever as mesmas coisas não deve ser penoso, pois é mais seguro. Eis aqui: [1] A descrição de árvores estéreis, árvores que não produzem bons, frutos. Embora os frutos possam existir, se não forem bons a árvore será considerada estéril. Mesmo que as ações representadas por estes frutos sejam provenientes de boas intenções, elas não serão aceitáveis se não forem realizadas da maneira correta, e com os propósitos corretos. [2] O destino das árvores estéreis. Elas certamente serão cortadas e lançadas ao fogo. Deus irá fazer com eles o mesmo que o homem faz com as árvores secas que ocupam inutilmente terreno. Ele irá marcá-los com algum sinal da sua insatisfação, despindo-os da suas partes e dos seus dons, irá abatê-los até a morte e lançá-los ao fogo do inferno, um fogo atiçado com a ira de Deus e alimentado com a madeira das árvores estéreis. Compare isso com Ezequiel 31.12,13; Daniel 4.14; João 15.6.

(2) Através do julgamento. Pelos seus frutos iremos conhecê-los.

[1] Pelos seus frutos como pessoas, isto é, suas palavras e atos, e pelo curso da sua conduta. Se você não sabe se estão certos ou errados, observe como vivem. Suas obras irão testificar a favor ou contra eles. Os escribas e fariseus sentavam-se na cadeira de Moisés e ensinavam a lei, mas eram orgulhosos, falsos, opressores e cobiçosos, portanto Cristo preveniu os apóstolos para tomar cuidado com eles e com sua influência (Mc 12.38). Se os homens fingem ser profetas, mas são imorais, isso irá contradizer as suas pretensões. Qualquer que seja a religião que professam, se o deus a que servem estiver no seu ventre, se só pensarem nas coisas terrenas, não serão verdadeiros amigos da cruz de Cristo (Fp 3.18,19). Não foram ensinados,

nem enviados pelo Deus Santo, e suas vidas provam que são guiados por um espírito imundo. Deus coloca tesouros em vasos de barro, mas não em vasos corrompidos como estes. Eles podem declarar os estatutos de Deus, mas de que maneira devem fazê-lo?

[2] Através dos frutos da sua doutrina, dos seus frutos como profetas. Porém, essa não é a única maneira de provar sua doutrina, sejam eles enviados por Deus ou não. O que eles tendem a fazer? A quais sentimentos ou práticas guiarão aqueles que os aceitam? Se a doutrina for de Deus, ela promoverá uma sincera piedade, humildade, caridade, santidade e amor, além de outras virtudes cristãs. Mas, se ao contrário, as doutrinas pregadas por esses profetas revelarem uma manifesta tendência para tornar as pessoas orgulhosas, mundanas e provocadoras, negligentes e descuidadas em suas condutas, injustas, exigentes, revoltadas ou perturbadoras da ordem pública, se elas toleram a liberdade sexual, e afastam as pessoas do autocontrole e das suas famílias, de acordo com as rigorosas leis do caminho estreito, podemos concluir que essa persuasão não vem daquele que nos chamou (Gl 5.8). Essa sabedoria não vem do alto (Tg 3.15). A fé e uma boa consciência sempre caminham juntas (1 Tm 1.19; 3.9). Veja que as doutrinas de duvidosa controvérsia devem ser comprovadas através de graças e deveres devidamente confessados. Essas opiniões não vêm de Deus e levam ao pecado. Se não pudermos conhecê-los pelos seus frutos, devemos recorrer à grande pedra fundamental, à lei e ao testemunho. Será que eles falam de acordo com essa regra?

O Sermão da Montanha

vv. 21-29

Temos aqui a conclusão desse longo e excelente sermão cujo escopo foi mostrar a indispensável necessidade da obediência aos mandamentos de Cristo. Ele tinha o propósito de cravar suas palavras, para que elas pudessem se firmar num lugar seguro. Ele falava aos discípulos, que se sentavam aos seus pés todas as vezes que pregava, e o seguiam para qualquer lugar onde fosse. Se Ele buscava receber os louvores dos homens, somente isso teria sido suficiente. Mas a religião que Ele veio estabelecer vem com poder, e não apenas em palavras (1 Co 4.20, versão RA); portanto,

algo mais se fazia necessário.

I Ele mostra, através de uma clara exposição de razões, que uma visível profissão de fé, embora seja digna de nota, não basta para nos levar ao céu, a não ser acompanhada por uma correspondente conduta (vv. 21-23). Todo julgamento pertence ao Senhor Jesus, as chaves foram colocadas em suas mãos. Ele tem o poder de prescrever novos termos de vida ou morte e de julgar os homens de acordo com eles. Essa é uma solene declaração que está em conformidade com esse poder. Portanto, observe que:

1. A lei de Cristo foi estabelecida (v. 21). “Nem todos aqueles que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus”, no reino da graça e da glória. Esta é uma resposta ao Salmo 15.1. “Quem habitará no teu tabernáculo?” A igreja militante. E quem morará no teu santo monte? A igreja triunfante. Cristo está mostrando aqui:

(1) Que não basta dizer as palavras “Senhor, Senhor” para ter Cristo como nosso Mestre, ou para se dirigir a Ele professando nossa religião. Nas orações a Deus e nas conversas com os homens, devemos invocar o Senhor Jesus Cristo. Quando dizemos ”Senhor, Senhor”, estamos dizendo bem, pois é isso que Ele é (Jo 13.13). Mas será que imaginamos que isso é suficiente para nos levar ao céu, que essa expressão de formalidade deveria ser recompensada ou que Ele sabe e exige que o coração esteja presente nas demonstrações essenciais? Os cumprimentos entre os homens são uma demonstração de civilidade, retribuída com outros cumprimentos, e nunca são expressos como se fossem serviços reais. E o que dizer destes em relação a Cristo? Pode haver uma aparente impertinência na oração “Senhor, Senhor”, mas se as impressões interiores não forem acompanhadas pelas correspondentes expressões exteriores, nossas palavras serão como o metal que soa ou como o sino que tine. Isso não nos deve impedir de dizer “Senhor, Senhor”, de orar, e de sermos sinceros nas nossas orações, de professar o nome de Cristo, com toda clareza; porém jamais devemos expressar alguma forma de piedade sem o poder de Deus.

(2) Que será necessário – para nossa felicidade – fazer a vontade de Cristo, que, na verdade, é a vontade do Pai celestial. A vontade de Deus, como Pai de Cristo, é a verdade que está no Evangelho, onde Ele é conhecido como Pai do nosso Senhor Jesus Cristo e, através dele, o nosso Pai. Esta é a vontade de Deus: que creiamos em Cristo, nos arrependamos

dos nossos pecados, vivamos uma vida santa e amemos uns aos outros. Essa é a sua vontade: a nossa santificação. Se não obedecermos à vontade de Deus, estaremos zombando de Cristo ao chamá-lo de Senhor, da mesma forma como fizeram aqueles que o vestiram com um manto suntuoso e disseram: “Salve, Rei dos Judeus”. Dizer e fazer são duas coisas que muitas vezes estão separadas nas palavras dos homens: existe aquele que diz: “Eu vou, senhor”, porém jamais dá sequer um passo na direção prometida (cap. 21.30). Mas Deus reuniu essas duas coisas no seu mandamento, e nenhum homem poderá separá-las se quiser entrar no Reino dos céus.

2. O argumento dos hipócritas contra o rigor dessa lei oferece outras coisas no lugar da obediência (v. 22). Esse argumento deve se referir àquele dia, àquele grande dia, quando cada homem irá comparecer exibindo todas as suas cores, quando o segredo dos corações irá se manifestar e, entre outras, irão aparecer as secretas pretensões com as quais os pecadores dão suporte às suas vãs esperanças. Cristo conhece a força da causa deles, que, na realidade, não passa de uma fraqueza. O que eles agora abrigam no seu seio será revelado para impedir o julgamento e suspender o seu destino, mas isso será em vão, pois irão apresentar seu argumento com grande impropriedade. “Senhor, Senhor” e, a esse respeito, irão apelar a Cristo com grande confiança. Senhor, não sabes: (1) “Não profetizamos nós em teu nome?” Pode ser que sim. Balaão e Caifás foram dominados pela profecia e, contra a sua vontade, Saul se encontrou entre os profetas. No entanto, isso não bastou para salvá-los. Eles profetizaram no nome do Senhor, mas Ele não os havia enviado. Fizeram uso do seu nome apenas para servir a uma circunstância. Veja bem, o homem pode ser um pregador, pode ter os dons do ministério e até um chamado externo para exercê-lo; pode até ser bem-sucedido nisso e, ao mesmo tempo, ser um homem vil; pode ajudar os outros a ir para o céu e, no entanto, estar desqualificado e ficar fora dele. (2) “Em teu nome, não expulsamos demônios?” Isso também pode acontecer. Judas expulsou os demônios, no entanto, era filho da perdição. Orígenes diz que em seu tempo o nome de Cristo era tão prevalecente para expulsar os demônios que, às vezes, esse nome também ajudava, mesmo quando era pronunciado por cristãos indignos. Um homem pode expulsar o demônio de outros homens e ainda ter, ou ser, o próprio demônio. (3) “Em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?” Pode haver alguma fé nos milagres, onde não existe nenhuma fé para a justificação; nenhuma fé que opera através do

amor e da obediência. Os dons de línguas e de cura podem recomendar os homens ao mundo, mas somente a verdadeira piedade e santidade serão aceitas por Deus. A graça e o amor são a maneira mais eficiente de remover montanhas, ou de falar as línguas dos homens e dos anjos (1 Co 13.1,2). A graça irá levar o homem para o céu mesmo sem milagres; porém os milagres nunca irão levar o homem para o céu sem a ajuda da graça. Observe que aqueles que confiam e colocam os seus corações na prática dessas obras, vêem muitas maravilhas. Simão, o mágico, ficou atônito com os milagres (At 8.13), portanto daria qualquer quantia para ter o poder de fazer o mesmo. Veja que eles não tinham muitas boas obras para pleitear, nem podiam fingir que tinham feito muitas obras de piedade ou de caridade. Qualquer uma destas teria sido melhor para sua avaliação do que muitas e maravilhosas obras, que de nada serviriam enquanto persistissem na desobediência. Atualmente, os milagres continuam a acontecer. Mas será que o coração humano ainda encontra o encorajamento em esperanças infundadas, com seus vãos esteios? Aqueles que são descritos nesse versículo pensam que vão para o céu porque têm tido uma boa reputação entre os mestres da religião, observam o jejum, dão esmolas e têm sido promovidos na igreja, como se isso fosse suficiente para reparar seu permanente orgulho, mundanismo, sensualidade e a falta de amor a Deus e ao próximo. Betel é a sua confiança (Jr 48.13), eles se ensoberbecem no monte santo de Deus (Sf 3.11), e se vangloriam de ser o templo do Senhor (Jr 7.4). Devemos prestar atenção nos seus privilégios e performances externos para não nos enganarmos e não perecermos eternamente, como ocorre com as multidões, que seguram uma mentira em sua mão direita.

3. A rejeição desse argumento por ser frívolo. Aquele que é o Legislador (v. 21) está aqui como Juiz e, de acordo com essa lei (v. 23), irá publicamente anular esse argumento. Irá comunicar a eles, com toda solenidade possível, a sentença emitida pelo Juiz: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade”. Observe: (1) A razão e os fundamentos que Ele usa para rejeitá-los, e aos seus argumentos, se resume no fato de praticarem a iniqüidade. Observe que é possível a um homem adquirir um nome notável como pessoa piedosa, e ainda assim ser um praticante de iniqüidades. Aqueles que agem assim irão receber uma condenação maior. Quaisquer esconderijos secretos do pecado, guardados sob o manto de uma evidente profissão de fé, são a ruína dos homens.

Anulam as pretensões dos hipócritas. Viver deliberadamente em pecado anula as pretensões dos homens, por mais capciosas que sejam. (2) A maneira como esse argumento é expresso: “Nunca vos conheci”. “Nunca me pertencestes como servos, nem mesmo quando profetizáveis em meu nome, quando estáveis no auge da vossa profissão de fé, e éreis elogiados”. Isso indica que, se alguma vez o Senhor os tivesse conhecido, como Ele conhece aqueles que são seus, se os tivesse possuído e amado como se fossem seus, Ele os teria conhecido e possuído e amado até o fim. Mas Ele nunca os reconheceu, pois sempre soube que eram hipócritas e tinham o coração corrompido, como aconteceu com Judas. Portanto, Ele diz: “Apartai-vos de mim”. Será que Cristo precisava de tais convidados? Quando Cristo veio em carne e osso, Ele chamou a si os pecadores ao arrependimento (cap. 9.13), e quando voltar novamente, coroado de glória, irá afastar de si os pecadores. Aqueles que não forem até Ele para serem salvos deverão partir para serem condenados. Afastar-se de Cristo será o verdadeiro inferno do inferno, será a razão fundamental da miséria de ser condenado, de ter sido desprovido de toda esperança dos benefícios da mediação de Cristo. Ele não irá aceitar nem trazer a si no grande dia aqueles que, a seu serviço, não vão além de uma simples profissão de fé. Veja a que ponto um homem pode cair das alturas da esperança ao abismo da desgraça. Como pode ir para o inferno através das portas do céu! Essas deveriam ser palavras de alerta a todos os cristãos. Se um pregador que expulsa os demônios e realiza milagres for rejeitado por Cristo porque praticou iniqüidades, o que será dele, e o que seria de nós, caso isso acontecesse conosco? Se agirmos assim, isto certamente acontecerá conosco. No tribunal de Deus, uma profissão de fé nunca irá defender homem algum da prática e do vício do pecado, portanto todo aquele que pronuncia o nome de Cristo deve abandonar toda iniqüidade.

II Ele mostra, através de uma parábola, que apenas ouvir essas palavras de Cristo não nos fará felizes, se não tomarmos a decisão de praticá-las, e que, se ouvirmos e praticarmos, seremos abençoados pelas nossas obras (vv. 24-27).

1. Aqueles que ouviram as palavras de Cristo foram divididos em dois grupos; o grupo daqueles que ouvem e praticam o que ouviram, e o grupo daqueles que ouviram, mas não praticam. Cristo pregava para uma multidão

mista, portanto separou um grupo do outro, da mesma forma como irá fazer no grande dia, quando todas as nações estarão reunidas perante Ele. Cristo ainda fala do céu através da sua Palavra e do seu precioso Espírito; Ele fala através dos ministros e das providências aos dois tipos de pessoas que o ouvem.

(1) Aqueles que escutam suas palavras e as praticam: Bendito seja Deus porque eles existem, embora, comparativamente falando, ainda sejam muito poucos. Ouvir Cristo não significa apenas prestar atenção às suas palavras, mas obedecê-lo. Repare bem que é muito importante que todos nós pratiquemos as palavras de Cristo. É um sinal de misericórdia poder ouvir suas palavras. Bem-aventurados aqueles que ouvem (cap. 13.16,17). Porém, se não praticarmos o que ouvimos, receberemos essa graça em vão. Praticar as palavras de Cristo é se abster, conscientemente, dos pecados que Ele proíbe, e executar os deveres que Ele exige. Nossos pensamentos e sentimentos, nossas palavras e atos, a disposição da nossa mente e o curso da nossa vida devem estar em sintonia com o Evangelho de Cristo, e essa é a obrigação que Ele exige de nós. Todas as palavras de Cristo, não só as leis que Ele promulgou, mas também as verdades que revelou, devem ser praticadas por nós. Elas representam um exemplo, não só para os nossos olhos, mas também para os nossos pés, e foram destinadas não só a esclarecer nossos julgamentos, mas também a transformar o nosso coração e a nossa vida. Não podemos realmente acreditar nas palavras de Cristo se não agirmos de uma forma que corresponda a elas. Observe que não basta ouvir as palavras de Cristo, compreendê-las e lembrar-se delas, ouvir, comentar, repetir ou discutir essas palavras; mas ouvi-las e praticá-las. “Faze isso e viverás”. Aqueles que ouvem e praticam são abençoados (Lc 11.28; Jo 13.17) e se tornam parentes de Cristo (cap. 12.50).

(2) Existem outros que ouvem as palavras de Cristo, mas não as praticam. Sua religião está apoiada numa simples audição e não vai além disso. Assim como crianças raquíticas, sua cabeça está repleta de noções vazias e de opiniões indigestas, enquanto suas juntas são fracas, pesadas e lânguidas. Elas não podem se movimentar, nem se importam em praticar nenhum dever útil. Ouvem as palavras de Deus, como se quisessem conhecer os seus caminhos, como se fossem pessoas justas, mas não estão dispostas a colocarem-nas em prática (Ez 33.30,31; Is 58.2). Dessa forma, elas estão se enganando, como Mica, que acreditava ser feliz, por ter um levita como seu

sacerdote, embora não tivesse o Senhor como o seu Deus. A semente foi lançada, mas nunca brotou. Eles vêem as suas manchas no espelho da palavra, mas preferem ignorá-las (Tg 1.22,24). Dessa forma, colocam um engodo sobre suas próprias almas, pois é certo que se o que ouvimos não trouxer nossa obediência, isso irá agravar a nossa desobediência. Aqueles que apenas ouvem as palavras de Cristo, mas não as praticam, é como se estivessem sentados a meio caminho do céu sem nunca chegar ao fim da jornada. É como se fossem meio-irmãos de Cristo; e as nossas leis não lhes dão direito a herança.

2. Esses dois tipos de ouvintes foram aqui representados, com seu verdadeiro caráter e com a situação do seu caso, através de uma comparação entre dois construtores. Aquele que era prudente construiu a sua casa sobre uma rocha, e ela resistiu a uma tempestade. O outro, que era insensato, construiu a sua casa na areia, e ela desmoronou.

Agora: (1) O escopo geral dessa parábola é ensinar que a única maneira de assegurar a nossa alma em relação à eternidade é ouvir e praticar as palavras do Senhor Jesus, as palavras contidas no Sermão da Montanha, que é totalmente prático. Algumas delas podem parecer difíceis para o homem, mas mesmo assim devem ser praticadas. Dessa forma, estaremos entesourando um bom fundamento para o futuro (1 Tm 6.19). Elas representam uma boa ligação, conforme alguns entendem, que foi feita por Deus e que garante uma salvação baseada nos termos do Evangelho. O fruto da nossa própria invenção não será uma ligação que traz salvação, nem será capaz de satisfazer as nossas próprias fantasias. Aqueles que, como Maria, se sentam aos pés de Cristo para ouvir as suas palavras, em completa sujeição, asseguram para si mesmos a “boa parte”. “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve”.

(2) Algumas partes peculiares dessas palavras nos ensinam diversas e boas lições.

[1] Cada um de nós tem uma casa para construir, e essa casa representa a nossa esperança em relação ao céu. Deve ser nosso principal e constante cuidado fazer com que nosso chamado e eleição fiquem garantidos, assim como nossa salvação. Devemos assegurar um título para a felicidade celestial, e depois obter uma confortável prova disso. Ter certeza de que, mesmo se falharmos, ainda assim seremos recebidos na habitação eterna. Muitos nunca se importam com isso; é o que está mais longe do seu

pensamento. Eles estão construindo para esse mundo, como se fossem permanecer aqui para sempre, e não se importam em construir algo em um outro mundo. Todos aqueles que assumem uma profissão de fé também desejam descobrir o que deverão fazer para ser salvos; eles precisam saber como poderão chegar finalmente ao céu, e precisam ter uma esperança bem fundada sobre este assunto, à medida que crescem na fé.

[2] Existe uma rocha providenciada para nós, sobre a qual podemos construir essa casa – essa rocha é Cristo. Jesus Cristo foi colocado como a sua fundação, e nenhuma outra fundação pode ser colocada (Is 28.16; 1 Co 3.11). Ele é a nossa Esperança (1 Tm 1.1). Esse é o Cristo que está em nós. Devemos fundamentar a esperança que temos em relação ao céu sobre a plenitude do mérito de Cristo, do perdão dos pecados, do poder do seu Espírito, da santificação da nossa natureza e da prevalência da sua intercessão e da transmissão de tudo que é bom que Ele adquiriu para nós. Ele nos deu a conhecer tudo que existe nele para nos transformar segundo o Evangelho, e que é suficiente para retirar todas as nossas angústias e suprir todas as nossas necessidades, pois Ele é o Supremo Salvador. A Igreja foi edificada sobre essa rocha, assim como todo aquele que é crente. Ele é forte e tão imutável como essa Rocha, e podemos nos aventurar junto a Ele, pois não ficaremos envergonhados da nossa esperança.

[3] Existem alguns remanescentes que ouvem e praticam as palavras de Cristo, que edificam as suas esperanças sobre essa Rocha. E ela passou a representar toda a sua sabedoria. Cristo é o único Caminho para o Pai, e a obediência à fé é o nosso único caminho para Cristo. Pois, para aqueles que obedecem a Ele, e somente a Ele, Ele se torna o Autor da eterna salvação. Aqueles que edificam sobre Cristo, que têm sinceramente aceitado a Ele como seu Príncipe e Salvador, têm como preocupação constante sujeitar-se a todas as regras da sua santa religião. Portanto, estes dependem inteiramente dele para obter a ajuda necessária diante de Deus, para que sejam aceitos. É necessário levar em conta aqui tudo que não seja pernicioso, para poder conquistar Cristo e ser encontrado nele. Construir sobre uma rocha exige muito cuidado e trabalho. Aqueles que desejam assegurar sua eleição e seu chamado devem agir com toda diligência. Eles são os construtores prudentes que começam a construir de forma a serem capazes de terminar (Lc 14.30); portanto, precisam se estabelecer sobre a fundação mais sólida que existe.

[4] Existem muitos que professam sua esperança de ir para o céu, mas desprezam essa Rocha e constroem suas esperanças sobre a areia. Isso não exige muito esforço, mas é o espelho da sua insensatez. Tudo que não está em Cristo é areia. Alguns constroem sua esperança na prosperidade da vida terrena, como se esta fosse um sinal do favor de Deus (Os 12.8). Outros edificam sobre a sua profissão exterior de fé, sobre os privilégios que gozam, as performances que executam nessa profissão de fé, e a reputação que adquiriram. Eles têm o nome de cristãos, receberam o batismo, vão à igreja, ouvem as palavras de Cristo, oferecem as suas orações e não fazem mal a ninguém. Contudo, é curioso observar que a morte de alguns deles pode ser considerada um alívio para outros! Essa é a luz do seu próprio fervor, sobre o qual caminham. É nesta vereda que eles se aventuram, com uma grande dose de segurança. Mas tudo isto não passa de areia, algo demasiadamente fraco para suportar a estrutura das suas esperanças celestiais.

[5] Uma tempestade se aproxima, e ela testará os alicerces das nossas esperanças, e também toda obra do homem (1 Co 3.13). Ela descobrirá a fundação (Hc 3.13). A chuva, a inundação e o vento irão se abater sobre a casa. Muitas vezes a provação está nesse mundo e, quando surgirem a tribulação e a perseguição por causa da palavra, veremos quem apenas ouviu a palavra, e quem, além de ouvi-la, a praticou. Então teremos ocasião de usar nossas esperanças. Elas serão experimentadas, sejam elas justas e bem fundamentadas ou não. Entretanto, quando chegarem a morte e o juízo, e chegar também a tempestade, pois não há nenhuma dúvida de que ela virá, as coisas ficarão tão calmas para nós como estão agora. Quando tudo o mais falhar, podemos ter certeza de que essas esperanças jamais falharão. Elas se transformarão em um gozo que durará para sempre; um gozo eterno.

[6] Aquelas esperanças que forem construídas sobre a Rocha de Cristo irão se sustentar, e também ao construtor, quando a tempestade chegar. Elas irão preservá-lo, tanto do abandono como de uma inquietude permanente. Sua profissão não irá definhar e o ânimo não lhe faltará. Elas serão sua força e seu cântico, como uma âncora da alma, segura e firme. Quando ele chegar para o último encontro, essas esperanças irão afastar o terror da morte e do sepulcro, irão levá-lo alegremente através do vale sombrio, serão aprovadas pelo Juiz, irão enfrentar o teste do grande dia e serão coroadas com eterna glória (2 Co 1.12; 2 Tm 4.7,8). Bem-aventurado aquele servo a

quem o Senhor encontrar absolutamente esperançoso, quando voltar.

[7] Aquelas esperanças que são edificadas sobre um outro fundamento, e não sobre Cristo, certamente lhes faltarão em um dia de tempestade. Estas esperanças não produzirão um verdadeiro conforto e satisfação em meio às provações, não formarão uma muralha contra as tentações da apostasia na hora da perseguição, e na hora da morte e no dia do juízo final não terão qualquer valor. Onde estará a esperança do hipócrita quando Deus lhe arrancar a alma? (Jó 27.8). Ela será como uma teia de aranha, ou como a falta de esperança do espírito. Eles se apoiarão sobre a casa, e ela não se manterá firme (Jó 8.14,15). Ela desmoronará em meio à tempestade, quando o construtor mais precisará dela, esperando que represente um abrigo seguro para ele. Ela cairá quando for demasiadamente tarde para construir uma outra. Quando um pecador morre, suas expectativas morrem também. Quando se pensa que elas se transformarão em um gozo eterno, elas desmoronam e grande é a sua queda. O construtor fica muito desapontado e a vergonha pela perda é muito grande. Quanto mais elevadas forem as esperanças dos homens, depositadas em suas próprias invenções, maior será a sua queda. A ruína de todos aqueles que praticam uma profissão formal de fé que não esteja alicerçada em Cristo consistirá em ser uma testemunha da condenação de Cafarnaum.

III Nos dois últimos versículos, tomamos conhecimento da impressão criada pelo discurso de Cristo nos seus ouvintes. Foi um excelente sermão, e é provável que Ele tenha falado muito mais, porém estas palavras não foram registradas. Sem dúvida, as palavras que saíram da sua boca, de cujos lábios se derramava a graça, contribuíram poderosamente para isso. Portanto: 1. Eles ficaram admirados com a sua doutrina. Acredita-se que poucos tenham sido levados a segui-lo, mas naquele momento todos ficaram maravilhados. Veja bem: Será que é possível acreditar que as pessoas admirem um bom sermão e ainda assim permaneçam na ignorância e na incredulidade? Ficam admiradas, mas não se tornam santificadas? 2. Talvez a razão disso seja que, apesar de ensinar com autoridade, Ele não era como os escribas. Os escribas pretendiam ter a mesma autoridade de qualquer um dos mestres, e eram apoiados por todas as vantagens externas que conseguiam. Porém, a sua pregação era pobre, vazia e insípida. Falavam como se não fossem mestres daquilo que pregavam, suas palavras

não vinham de alguém que tivesse força ou vida, e repetiam as palavras como os alunos repetem as lições. Mas Cristo pronunciava o seu discurso da mesma maneira que um juiz pronuncia uma sentença. Ele realmente fazia seus discursos com um tom de autoridade. Suas lições eram leis, e a sua palavra era uma palavra de comando. Cristo, sobre a montanha, mostrava mais autoridade que os escribas na cadeira de Moisés. Dessa forma, quando Cristo ensina às almas através do seu Espírito, Ele ensina com autoridade. Ele disse: “Haja luz. E houve luz”.

CAPÍTULO 8

O evangelista, tendo nos dado, nos capítulos anteriores, uma amostra dos sermões do Senhor, continua fornecendo alguns exemplos dos milagres que Ele realizou, que comprovam ser Ele o Mestre que veio de Deus, e o grande Terapeuta de um mundo enfermo. Neste capítulo, nós temos: I. Cristo purifica um leproso (vv. 1-4). II. Jesus cura febre e paralisia (vv. 5-18). III. A conversa de Jesus com dois homens que estavam dispostos a segui-lo (vv. 19-22). IV. O poder de Jesus sobre a tempestade (vv. 23-27). V. Jesus expulsa demônios (vv. 28-34).

O Leproso Curado

vv. 1-4

O primeiro versículo refere-se ao final do sermão anterior: as pessoas que o ouviram “ficaram maravilhadas da sua doutrina”; e o efeito foi que quando Ele desceu do monte, “seguiu-o uma grande multidão”. Embora Ele fosse um Legislador tão rígido e um Admoestador tão preciso, eles diligentemente se aglomeravam em volta dele, e se recusavam a se dispersar e afastar-se dele. Note que aqueles a quem Cristo se manifestou não podem deixar de desejar estar mais familiarizados com Ele. Aqueles que sabem bastante sobre Cristo, deveriam desejar saber mais: “Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor”. É gratificante ver pessoas tão apegadas a Cristo, a ponto de pensar que elas nunca conseguem saber o suficiente a respeito dele; tão apegadas às melhores coisas, a ponto de se congregar depois de um bom sermão, e seguir o Cordeiro aonde quer

que Ele vá. Agora a profecia de Jacó relativa ao Messias foi cumprida: “A ele se congregarão os povos”; até mesmo aqueles que se juntaram a Ele e não foram fiéis a Ele. Aqueles que o seguiam constantemente de perto eram poucos, comparados com as multidões que nada mais eram do que seguidores à distância.

Nesses versículos, nós temos um relato da purificação de um leproso por Cristo. Pode parecer, comparando com Marcos 1.40 e Lucas 5.12, que este parágrafo, embora colocado por Mateus depois do sermão da montanha (pois ele faz primeiro um relato da doutrina de Cristo, e depois de seus milagres), tenha acontecido algum tempo antes; mas isso não é, de modo algum, importante. Isto é apropriadamente relatado como o primeiro dos milagres de Cristo: 1. Porque a lepra era considerada, entre os judeus, como um sinal do descontentamento de Deus; conseqüentemente, encontramos Miriam, Geazi e Uzias, castigados com lepra por algum pecado em particular; e, portanto, Cristo, para mostrar que veio para afastar a ira de Deus, ao remover o pecado, começou com a cura de um leproso. 2. Porque essa doença, como se supunha vir diretamente da mão de Deus, supunha-se também ser removida diretamente por sua mão, e então não se tentava curá-la através dos médicos, mas ela era colocada sob a inspeção dos sacerdotes, ministros do Senhor, que aguardavam para ver o que Deus iria fazer. E o fato da sua existência estar ligada a uma roupa, ou às paredes de uma casa, era completamente sobrenatural – e deveria parecer ser uma enfermidade de uma natureza totalmente diferente do que agora chamamos lepra. O rei de Israel disse: “Sou eu Deus, para matar e para vivificar, para que este envie a mim, para eu restaurar a um homem da sua lepra?” (2 Rs 5.7). Cristo provou ser Deus, ao curar muitos leprosos, e ao autorizar seus discípulos, em seu nome, a também fazer o mesmo (cap. 10.8), e isso é colocado entre as provas de que Ele é o Messias (cap. 11.5). Ele mostrou ser, Ele mesmo, o Redentor dos pecados de seu povo; porquanto cada doença tanto é fruto do pecado, como também um símbolo deste, como uma doença da alma. Ainda assim, a lepra era considerada de uma forma especial; pois ela contaminava de tal forma, que obrigava a uma separação das coisas sagradas, como nenhuma outra fazia; e, portanto, nas leis relativas a ela (Lv 13 e 14), a lepra é tratada, não como uma doença, mas como uma impureza; o sacerdote declararia a pessoa pura ou impura, de acordo com os sintomas; mas a honra de purificar os leprosos foi reservada a Cristo, que o faria como

o “Sumo Sacerdote da nossa confissão”. Ele veio para fazer aquilo “que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne” (Rm 8.3). A lei revelava o pecado (pois através da lei se conhece o pecado) e declarava os pecadores impuros; isso os encerrava (Gl 3.23), como o sacerdote fazia com o leproso, mas não podia ir além disso; a lei não podia aperfeiçoar os que a eles se chegavam (Hb 10.1). Mas Cristo tira o pecado. Ele purifica e aperfeiçoa para sempre os que são santificados. Aqui nós temos:

I Como o leproso se dirige a Cristo. Considerando que isso aconteceu, como entendemos que está estabelecido aqui, depois do sermão na montanha, nós podemos supor que o leproso, embora impedido de entrar nas cidades de Israel devido à sua doença, mesmo assim estava a uma distância em que podia ouvir o sermão, e por meio dele foi encorajado a fazer o seu apelo a Cristo; pois aquele que falava como tendo autoridade, podia curá-lo de longe; e então ele veio e o adorou. Seu apelo foi: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo”. A purificação deste leproso pode ser considerada:

1. Como uma misericórdia temporal; uma misericórdia para o corpo, livrando-o de uma doença, que, embora não ameaçasse a vida, a amargurava. E assim isso nos leva não apenas a recorrer a Cristo, que tem poder sobre doenças corporais para curá-las, mas também nos ensina de que maneira devemos recorrer a Ele: com a garantia de seu poder, crendo que Ele é capaz de curar doenças agora, como fazia quando estava na terra, mas mediante a nossa submissão à sua vontade: “Senhor, se quiseres, podes”. No que se refere às misericórdias terrenas ou temporais, nós não podemos estar sempre tão certos da vontade de Deus em concedê-las, como estamos de seu poder, pois seu poder nelas é ilimitado e está relacionado à sua glória e ao nosso bem – embora não possamos estar certos de sua vontade, nós podemos estar seguros de sua sabedoria e misericórdia, às quais podemos animadamente recorrer. “Seja feita a tua vontade”. Isso torna a espera tranqüila, e os acontecimentos confortáveis. Devemos sempre confiar e pedir ao Senhor tudo o que precisarmos, pois Ele sempre nos abençoará.

2. Como uma misericórdia típica. O pecado é a lepra da alma; ela nos exclui da comunhão com Deus, para a qual, a fim de que possamos ser reconduzidos, é necessário que sejamos purificados dessa lepra – e essa deveria ser nossa grande preocupação. Agora observe que é nosso consolo

quando recorremos a Cristo, como o grande Médico, que se Ele quiser, Ele pode nos purificar; e nós deveríamos, com humilde e confiante ousadia, ir a Ele e dizer-lhe isso. Ou seja: (1) Nós devemos nos apoiar em seu poder; devemos estar certos de que Cristo pode nos purificar. Nenhuma culpa é tão grande que a sua justiça não seja capaz de reparar; nenhuma perversão é tão forte que a sua graça não possa subjugar. Deus não designaria um médico para seu hospital que não fosse, de todas as formas, qualificado para a incumbência. (2) Nós devemos nos recomendar à sua misericórdia; não podemos exigir isso como uma dívida, mas devemos humildemente pedir como um favor: “Senhor, se quiseres”. “Lanço-me a teus pés; e se eu perecer, perecerei aos teus pés”.

II A resposta de Cristo a essa abordagem, que foi muito gentil (v. 3).

1. “Jesus, estendendo a mão, tocou-o”. A lepra era uma doença nociva e repugnante, ainda assim Cristo o tocou. Ele não desdenhou a atitude de conversar com publicanos e pecadores, para lhes fazer o bem. Havia uma contaminação cerimonial contraída pelo toque de ou em um leproso; mas ao conversar com os pecadores Cristo mostra que Ele não corria nenhum risco de ser contaminado por eles, pois o príncipe deste mundo nada tinha nele. Se nós tocarmos em piche, nos sujaremos; mas Cristo era “separado dos pecadores”, mesmo vivendo entre eles.

2. Ele disse: “Quero, sê limpo”. Ele não disse, como Eliseu para Naamã: “Vai, e lava-te no Jordão”; não o colocou sob uma cansativa, desagradável e incômoda ação de um medicamento, mas disse a palavra e o curou. (1) Eis aqui uma palavra de bondade: “Quero”; eu desejo tanto te ajudar, quanto desejas ser ajudado. Note que aqueles que pela fé recorrem a Cristo por graça e misericórdia, podem estar certos de que Ele está desejando, desejando espontaneamente, dar-lhes a misericórdia e a graça pelas quais vieram a Ele. Cristo é um Médico que não precisa ser solicitado, Ele está sempre por perto; não precisa ser pressionado com insistência, pois enquanto ainda estamos falando, Ele ouve; não precisa ser pago, Ele cura de bom grado, não por preço nem por recompensa. Ele deu todas as demonstrações possíveis, de que Ele tanto deseja como pode salvar os pecadores. (2) Uma palavra de poder: “Sê limpo”. São exercidos, nessa palavra, um poder ligado à autoridade, e um poder ligado à força. Cristo cura através de uma ordem que nos dá: “Sê limpo” – “Queira ser, e use os

meios; limpa-te de toda imundície"; mas junto com isso vai uma palavra de ordem que nos diz respeito, uma palavra que faz o milagre acontecer: "Quero, sê limpo". Uma palavra tal como essa é necessária para a cura, e é capaz de produzir o efeito desejado; e a graça Onipotente, que a pronuncia, não deve faltar àqueles que realmente a desejam.

III A alegre mudança realizada através disso: "E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra" (versão RA). A natureza trabalha gradativamente, mas o Deus da natureza age imediatamente. Ele fala, e está feito; e desse modo Ele trabalha eficazmente. Ele dá a ordem, e ela permanece firme. Um dos primeiros milagres que Moisés realizou foi curar a si próprio de uma lepra (Ex 4.7), porque de acordo com a lei os sacerdotes ofereciam sacrifícios primeiro por seus próprios pecados; mas um dos primeiros milagres de Cristo foi curar outra pessoa de lepra, pois Ele não tinha nenhum pecado para expiar.

IV As orientações posteriores dadas por Cristo ao homem curado. É adequado que aqueles que são curados por Cristo, a partir de então sejam governados por Ele.

1. "Não o digas a alguém". "Não digas a ninguém até haveres te mostrado ao sacerdote, e ele te declarar limpo; e assim terás uma prova legal de que antes eras um leproso, e agora estás completamente purificado". Cristo somente permitia que seus milagres fossem expostos após terem sido confirmados como verdadeiros. Note que aqueles que pregam as verdades de Cristo devem ser capazes de prová-las, para defender o que pregam e "convencer os contradizentes". "Não o digas a alguém, mas vai, mostra-te ao sacerdote", para que se ele ficar sabendo quem te curou, não se negue – por despeito – a te dar um certificado da cura, e assim continue lhe mantendo sob confinamento. Assim eram os sacerdotes no tempo de Cristo, de modo que aqueles que tinham alguma coisa a tratar com eles tinham necessidade de serem prudentes como as serpentes.

2. "Vai, mostra-te ao sacerdote", de acordo com a lei (Lv 14.2). Cristo tomou cuidado em observar a lei, para não transgredi-la, e para mostrar que Ele manterá a ordem, a boa disciplina, e o respeito àqueles que estão no poder. Isso pode ser útil àqueles que foram purificados de sua lepra espiritual, por haverem recorrido aos ministros de Cristo, submetendo o seu

caso a eles, para que possam ajudá-los em suas investigações sobre a sua condição espiritual, aconselhando-os, confortando-os e orando por eles.

3. “A presenta a oferta que Moisés determinou” como prova de gratidão a Deus, e recompensa ao sacerdote por seus sofrimentos; e “para lhes servir de testemunho”; ou: (1) “Apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho”: as leis cerimoniais eram testemunhos da autoridade de Deus sobre eles, dos seus cuidados para com eles, e daquela graça que seria revelada posteriormente. Ou: (2) “Faça a tua oferta como um testemunho e faça o sacerdote saber quem te purificou, e como; e isso será um testemunho de que há uma pessoa entre eles que faz aquilo que o sumo sacerdote não consegue fazer. Faça com que ela seja registrada como um testemunho do meu poder, e um testemunho a meu respeito para eles, se eles o registrarem; mas este testemunho será contra eles, se não o fizerem”, pois a Palavra e as obras de Cristo são testemunhos.

Cristo Cura o Servo do Centurião

vv. 5-13

Temos aqui um relato da cura realizada por Cristo do criado de um centurião. Ele era paralítico. Isso aconteceu em Cafarnaum, onde Cristo morava agora (cap. 4.13). Cristo andava fazendo o bem, e veio para casa fazer o bem também; todo lugar aonde Ele ia era bom para Ele.

As pessoas com quem Cristo tinha agora que tratar eram:

1. Um centurião. Este era um suplicante, um gentio, um romano, um oficial do exército; provavelmente comandante-em-chefe daquela parte do exército romano que estava aquartelada em Cafarnaum, e mantinha soldados ali. (1) Embora fosse um soldado (homens dessa profissão geralmente são pouco piedosos), ainda assim ele era um homem religioso; ele era eminentemente religioso. Note que Deus tem seus remanescentes em meio a todos os tipos de pessoas. Nem a profissão nem o lugar de um homem no mundo serão uma desculpa para a sua incredulidade e impiedade; ninguém dirá no grande dia: Eu teria sido consciencioso se não tivesse sido um soldado; pois existem soldados entre “os resgatados do Senhor”. E, às vezes, onde a graça conquista as pessoas mais improváveis, ela se mostra como uma graça mais do que conquistadora; esse soldado, que

era bom, passou a ser muito melhor. (2) Embora ele fosse um soldado romano, e o próprio fato de habitar entre os judeus fosse um símbolo da subserviência destes ao jugo romano, Cristo, que era o “Rei dos judeus”, o favoreceu; e desse modo nos ensinou a fazer o bem aos nossos inimigos, e a não procurarmos inimizades desnecessárias entre as nações. (3) Embora ele fosse um gentio, mesmo assim Cristo o auxiliou. É verdade, Ele não entrou em nenhuma das cidades dos gentios (era a terra de Canaã, a terra do Emanuel, Isaías 8.8), mas ainda assim Ele aceitava que os gentios se dirigissem a Ele; agora a profecia do velho e bom Simeão começava a se cumprir: que ele deveria ser uma “luz para alumiar as nações e para glória de teu povo Israel”. Mateus, ao mencionar esta cura juntamente com a do leproso que era judeu, sugeriu isso: Cristo tocou e curou os leprosos judeus, pois ele pregou pessoalmente para eles; mas Ele curou o gentio paralítico à distância, pois a eles Ele não foi em pessoa, mas enviou a sua palavra e o curou. Apesar disso, Ele foi mais exaltado entre os gentios.

2. O criado do centurião. Era o paciente. Nisto também parece não haver preferência de Deus pelas pessoas; pois como em Jesus Cristo “não há circuncisão nem incircuncisão”, assim também não há “servo ou livre”. Ele está pronto para curar tanto o mais pobre criado, como o senhor mais rico; pois Ele “tomou a forma de servo” para mostrar sua consideração para com os mais pobres.

Na história da cura desse criado, nós podemos observar uma relação ou alternância de graças, muito digna de nota entre Cristo e o centurião. Veja aqui:

I A graça do centurião atuando em relação a Cristo. Pode qualquer coisa boa advir de um soldado romano? Qualquer coisa tolerável, e, mais ainda, qualquer coisa louvável? Venha ver, e você encontrará uma abundância de bondade surgindo desse centurião, que era eminente e exemplar. Observe: 1. Sua retórica cortês para com Jesus Cristo, que se expressa em:

(1) Uma humilde saudação ao nosso grande Mestre, como alguém capaz e disposto a socorrer e a aliviar solicitantes pobres. Ele veio a Cristo suplicando, não como Naamã, o sírio (também um centurião) veio a Eliseu, exigindo a cura, fazendo imposições e apoiando-se em questões de honra; mas humildemente como um pobre solicitante. Por isso parece que ele viu

em Cristo mais do que Ele aparentava à primeira vista; viu aquilo que os comandados respeitam, embora para aqueles que não olhassem mais atentamente, seu semblante não teria uma aparência melhor do que a de qualquer outro homem. Os oficiais do exército, estando no controle da cidade, sem dúvida eram muito importantes. Mesmo assim, este centurião coloca de lado a mentalidade típica do seu alto posto quando se dirige a Cristo, e chega a Ele implorando. Note que os maiores homens devem se tornar como pedintes, quando precisam tratar com Cristo. Este reconhece a soberania de Cristo, ao chamá-lo de Senhor, e ao entregar o caso a Ele, à sua vontade e sabedoria, através de uma modesta apresentação, sem qualquer apelo formal e expresso. Ele sabia que precisava tratar com um médico sábio e benevolente, a quem a exposição da doença era equivalente ao pedido mais fervoroso e sincero. Uma humilde confissão de nossas necessidades e enfermidades espirituais e físicas não deve ficar sem uma resposta tranqüilizadora. Derrame a sua queixa, e a misericórdia será derramada.

(2) Uma atenção caridosa para com o seu pobre criado. Nós lemos sobre muitos que vieram a Cristo pedindo por seus filhos, mas este é o único caso de alguém que veio a Ele por causa de um criado: “Senhor, o meu criado jaz em casa paralítico e violentamente atormentado”. Note que é dever dos senhores preocuparem-se com os seus criados quando estes estão aflitos. A paralisia incapacitou o criado para o seu trabalho, e o tornou tão problemático e tedioso quanto qualquer doença grave é capaz de fazer. Ainda assim este centurião não o mandou embora quando estava doente (como aquele amalequita fez com seu criado, 1 Samuel 30.13), não o enviou para seus amigos, nem o negligenciou como a alguém inútil, mas procurou o melhor socorro que podia para ele; o criado não poderia ter feito mais pelo seu senhor do que o seu senhor fez aqui por ele. Os criados do centurião eram muito obedientes a ele (v. 9), e aqui vemos o porquê disso; o centurião era muito gentil com eles, e isso os tornou carinhosamente obedientes a ele. Assim como não devemos desprezar os motivos de nossos criados, quando estes contendem conosco (Jó 31.13,15), da mesma forma não podemos desprezar a sua situação, quando Deus contende com eles; porque somos feitos nos mesmos moldes, pela mesma mão, e estamos nos mesmos níveis que eles diante de Deus, e não devemos colocá-los junto com os cães do nosso rebanho. O centurião não apelou por seu criado a

bruxas ou feiticeiros, mas a Cristo. A paralisia é uma doença na qual a habilidade do médico geralmente falha; esta era, portanto, uma grande evidência de sua fé no poder de Cristo, vir a Ele em busca de uma cura, cuja realização estava acima dos meios naturais. Observe quão piedosamente ele descreve o caso de seu criado como sendo muito triste; “o meu criado jaz em casa paralítico e violentamente atormentado”, uma enfermidade que geralmente torna o paciente insensível à dor, mas essa pessoa estava dolorosamente atormentada; sendo jovem, havia disposição para lutar contra o derrame, o que o tornava doloroso (não era uma paralisia simples, mas virótica). Nós deveríamos nos interessar dessa forma pelas almas de nossos filhos e criados que estejam espiritualmente doentes de paralisia – uma paralisia total, uma paralisia cerebral; insensíveis aos males espirituais, inertes para aquilo que é espiritualmente bom – fornecendo-lhes os recursos para que obtenham a cura e a saúde.

2. Observe a grande humildade e auto-humilhação do centurião. Depois que Cristo havia anunciado sua disposição de ir e curar seu criado (v. 7), o centurião se expressou com o mais humilde dos pensamentos. Note que almas humildes se tornam mais humildes pela generosa condescendência de Cristo para com elas. Observe o modo de expressar a sua humildade: “Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado” (v. 8), o que expressa o quão inferior ele se achava e o quão superior considerava nosso Senhor Jesus. Ele não diz: “Meu criado não é digno que entres em seu quarto, porque este fica no sótão”, mas: “Não sou digno de que entres debaixo do meu telhado”. O centurião era um grande homem, ainda assim ele reconheceu sua indignidade diante de Deus. Note que a humildade fica bem em pessoas de caráter. Cristo, tendo se esvaziado de sua glória, personificava não mais do que uma pobre figura no mundo; ainda assim o centurião, olhando-o como a um profeta, sim, “muito mais do que profeta”, conferiu a Ele esse respeito. Note que deveríamos ter consideração e veneração pelo que vemos da parte de Deus, mesmo naqueles que, na aparência externa, nos são de todas as formas inferiores. O centurião veio a Cristo com uma súplica e então se expressou humildemente. Observe que em todas as nossas abordagens a Cristo e a Deus, através de Cristo, cabe a nós nos humilharmos e sermos discretos ao percebermos a nossa própria insignificância – como criaturas más e pecadores vis – para fazer qualquer coisa por Deus, para receber qualquer bem dele, ou para ter qualquer

relacionamento com Ele.

3. Observe a grande fé do centurião. Quanto mais humildade mais fé; quanto mais inseguros formos, mais forte será nossa confiança em Jesus Cristo. Ele teve uma convicção de fé, não apenas de que Cristo podia curar seu criado, mas:

(1) Que Ele podia curá-lo à distância. Não seria preciso qualquer contato físico, como em cirurgias naturais, nem qualquer curativo para a parte afetada; mas a cura, ele acreditava, poderia ser realizada sem reunir médico e paciente. Nós lemos posteriormente sobre aqueles que levaram um paralítico a Cristo, com muita dificuldade, e o colocaram diante dele; e Cristo elogiou a sua fé, classificando-a como uma fé prática. Esse centurião não levou o seu paralítico e Cristo elogiou a sua fé como uma fé caracterizada pela confiança: a fé verdadeira é aceita por Cristo, embora varie na aparência. Cristo interpreta da melhor maneira os diferentes métodos de fé que as pessoas adotam, e nos ensinou a fazer assim também. Esse centurião cria, e é indubitavelmente verdadeiro que o poder de Cristo não conhece limites, e, conseqüentemente, proximidade ou distância são iguais para Ele. A distância de um lugar não pode obstruir nem o conhecimento nem o trabalho daquele que enche todos os lugares. “Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? (Jr 23.23).

(2) Que Ele podia curá-lo com “uma palavra”, não lhe enviando um remédio, muito menos um feitiço: “Dize somente uma palavra” e eu não tenho dúvida de que “o meu criado sarará”. Neste ponto, o centurião reconhece que Jesus tem um poder divino, uma autoridade para controlar todas as criaturas e forças da natureza, que lhe permite fazer tudo aquilo que lhe agrade no reino da natureza; da mesma forma como Ele inicialmente levantou esse reino através de uma palavra onipotente, quando disse: “Haja luz”. Entre os homens, dizer e fazer são duas coisas; mas não é assim com Cristo, que é “o braço do Senhor”, porque Ele é a “palavra eterna”. Sua palavra, “aquentai-vos e fartai-vos” (Tg. 2.16), e curai-vos, nos aquece, alimenta e cura.

O centurião ilustra aqui a sua fé no poder de Cristo pela autoridade que ele tinha sobre os seus soldados. Como centurião, como um mestre sobre seus criados, ele diz para um: “V ai, e ele vai” etc. (v. 9). Eles estavam todos sob suas ordens e comando, de modo que através deles ele podia

executar coisas à distância; sua palavra era lei para eles – *dictum factum*; soldados bem disciplinados sabem que as ordens de seus superiores não devem ser discutidas, mas obedecidas. Portanto, Cristo podia falar, e estaria feito; tal o poder que Ele tinha sobre todas as doenças físicas. O centurião tinha essa autoridade sobre seus soldados, embora ele próprio fosse um homem sob autoridade; não um comandante-em-chefe, mas um oficial subalterno. Quanto mais de tal poder tinha Cristo, que é o supremo e soberano Senhor de tudo. Os criados do centurião eram muito subservientes, iam e viam, ao menor indício da vontade de seu senhor. Isto posto: [1] Todos nós deveríamos ser como esses criados diante de Deus. Nós devemos ir e vir ao seu comando, de acordo com as orientações da sua Palavra e as disposições da sua providência; correr para onde Ele nos mandar, retornar quando Ele nos ordenar, e fazer o que Ele determinar: "Que diz meu Senhor ao seu servo?" Quando a vontade do Senhor contradiz a nossa, a dele deve prevalecer, e a nossa ser colocada de lado. [2] Tais enfermidades físicas dos criados devem ser curadas por Cristo. Elas nos acometem quando Ele as permite; elas nos deixam quando Ele as cura; elas produzem em nós aqueles efeitos que Ele ordena, em nossos corpos, em nossas almas. É uma questão de bem-estar para todos os que pertencem a Cristo, para cujo bem a sua força é manifestada e empregada. É necessário que cada doença tenha a autorização do Senhor, execute a sua ordem, esteja sob o seu controle, e seja criada para servir às intenções de sua graça. Não devemos temer as enfermidades, nem o que elas podem fazer; devemos entregá-las nas mãos daquele amigo tão bom, o nosso Salvador.

II Aqui está a graça de Cristo apresentada a este centurião; pois ao generoso, Ele se mostrará generoso.

1. O centurião concordou com o discurso do Senhor desde a sua primeira palavra. Ele não havia feito mais do que lhe contar o caso de seu criado e ia implorar uma cura, quando Cristo o impediu, com a sua boa e confortadora palavra: "Eu irei e lhe darei saúde" (v. 7). Jesus não disse: "Eu irei vê-lo" – o que o teria evidenciado como um bondoso Salvador; mas: "Eu irei e lhe darei saúde" – o que o revela como um poderoso e onipotente Salvador. Era uma palavra poderosa, compatível com o bem que Ele podia fazer; pois Ele tem a cura "debaixo de suas asas"; a sua vinda é a cura. Aqueles que realizavam milagres através de um poder recebido, não falavam assim

afirmativamente, como Cristo, que os realizava através do seu próprio poder, como alguém que tinha autoridade. Quando um ministro visita um amigo doente, ele não pode dizer mais do que: Eu irei e orarei por ele; mas Cristo diz: “Eu irei e lhe darei saúde”. É bom que Cristo possa fazer mais por nós do que os nossos ministros. O centurião desejou que Jesus curasse seu criado; o Senhor diz: “Eu irei e lhe darei saúde”; expressando, desse modo, uma ajuda maior do que o centurião pediu ou pensou. Note que Cristo freqüentemente supera as expectativas dos pobres que suplicam. Veja um exemplo da humildade de Cristo, que fez uma visita a um soldado pobre. Ele não desceu para ver o filho doente de um nobre que insistia para que Ele descesse (Jo 4.47-49), mas Ele se oferece para descer para ver um criado doente; desse modo, Ele respeita a baixa condição social (ou a condição humilde) de seu povo, e “dá muito mais honra ao que tem falta dela”. A humildade de Cristo, por estar disposto a vir, serviu como um exemplo ao centurião, e originou a sua humildade de se confessar indigno de sua vinda. Note que a generosa condescendência de Cristo para conosco deveria nos tornar mais humildes, e nos levar a nos humilharmos diante dele.

2. Jesus elogia a fé do centurião e aproveita essa oportunidade para falar alguma coisa agradável sobre os pobres gentios (vv. 10-12). Veja que grandes coisas uma fé vigorosa, porém abnegada, pode obter de Jesus Cristo, mesmo quando se tratar de um interesse de caráter geral e popular.

(1) Quanto ao próprio centurião, ele não só o aprovou e aceitou (esse respeito todos os verdadeiros crentes têm), mas admirou e louvou ao Senhor: ele demonstrou aquele respeito que os grandes crentes têm, como Jó. Não há ninguém semelhante ao Senhor, nos céus ou na terra.

[1] Cristo o elogiou, não por sua grandeza, mas por suas virtudes. Quando Jesus ouviu isso, maravilhou-se; não como se isso fosse novo e surpreendente para Ele – Ele conhecia a fé do centurião, porque Ele a criou – mas ela era grande e extraordinária, rara e atípica, e Cristo falou dela como algo maravilhoso, para nos ensinar o que devemos admirar; não pompa terrena e ornamentações, mas a beleza da santidade e os ornamentos que são “preciosos diante de Deus”. Note que as maravilhas da graça deveriam nos afetar mais que as maravilhas da natureza ou da providência, e as realizações espirituais, mais que qualquer empreendimento neste mundo. Deveríamos dizer que os “ricos na fé” são os que receberam toda a

sua glória; aqueles que são ricos em ouro e prata nem sempre têm a maior riqueza, que é a presença do Senhor (Gn 31.1). Mas o que quer que exista de admirável na fé de alguém deve contribuir para a glória de Cristo, que será em breve admirado na vida de todos aqueles que crêem, por ter feito coisas maravilhosas neles e para eles.

[2] Jesus "maravilhou-se" do que ouviu e elogiou o centurião diante daqueles "que o seguiam". Todos os crentes serão, no outro mundo (alguns crentes são neste mundo), confessados e reconhecidos por Cristo diante dos homens, em suas célebres aparições para eles e com eles. "Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé". Isto indica, em primeiro lugar, respeito ao centurião, que, embora não sendo um filho da descendência de Abraão, era um herdeiro da fé de Abraão, e Cristo o considerou assim. Note que o que Cristo procura é a fé, e onde quer que ela esteja, Ele a encontra, mesmo que ela seja como "um grão de mostarda". Ele não havia encontrado uma fé tão grande, considerados todos os fatos, e guardadas as proporções; pois foi dito que a pobre viúva "lançou mais do que todos" (Lc 21.3). Embora o centurião fosse um gentio, ainda assim ele foi elogiado. Note que devemos estar tão afastados da inveja, que devemos nos adiantar a prestar os devidos elogios até mesmo àqueles que não estão dentro de nosso grupo denominacional, ou em nossos limites sociais. Em segundo lugar, isso significa vergonha para Israel, a quem pertencia "a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas" e todos os auxílios e encorajamentos da fé. Observe que quando o Filho do Homem vier, Ele encontrará pouca fé, e, então, encontrará poucos frutos. Note que as realizações de alguns, que têm tido somente pouca ajuda para suas almas, agravarão o pecado e a ruína de muitos que receberam uma grande quantidade de recursos através da graça e não fizeram bom proveito delas. Cristo disse isto "aos que o seguiam", para, de alguma maneira, poder incitá-los à sagrada emulação, como diz Paulo (Rm 11.14). Eles eram sementes de Abraão, tão zelosos dessa glória, que não toleravam ser sobrepujados por um gentio, especialmente naquela graça pela qual Abraão era célebre.

(2) Quanto aos outros. Cristo aproveita a ocasião, portanto, para fazer uma comparação entre judeus e gentios, e dizer a eles duas coisas que só poderiam ser muito surpreendentes para aqueles a quem havia sido ensinado que "a salvação vem dos judeus".

[1] Que um grande número de gentios seria salvo (v. 11). A fé do centurião nada era senão mais um exemplo da conversão dos gentios, e um prólogo para a sua aceitação na igreja. Este foi um ponto em que o nosso Senhor Jesus tocou com freqüência; Ele fala disso com segurança. “Em verdade vos digo”: Eu conheço todos os homens. Ele não podia dizer qualquer coisa mais agradável a si mesmo, ou mais desagradável aos judeus – uma insinuação desse tipo enfureceu os nazarenos contra Ele (Lc 4.27). Cristo nos dá aqui uma idéia, em primeiro lugar, das pessoas que serão salvas: “muitos virão do Oriente e do Ocidente”. Ele tinha dito (cap. 7.14): “Porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem”. Poucos ao mesmo tempo, e em um único lugar; ainda assim, quando se juntarem, eles serão muito numerosos. Agora, nós vemos apenas um ou outro, trazidos à graça; mas nós veremos brevemente o Capitão da nossa salvação trazendo “muitos filhos à glória” (Hb 2.10). “Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos” (Jd 14), “e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar” (Ap 7.9); e “as nações andarão à sua luz” (Ap 21.24). Eles “virão do Oriente e do Ocidente”; lugares distantes uns dos outros; e ainda assim eles se encontrarão à destra de Cristo, o centro de sua unidade. Note que Deus tem seus remanescentes em todos os lugares: “Desde o nascente do sol até ao poente” (Ml 1.11). Os escolhidos serão ajuntados “desde os quatro ventos” (cap. 24.31). Eles estão semeados na terra, alguns espalhados em cada extremidade do campo. O mundo gentílico se estende do Oriente ao Ocidente, e eles são especialmente citados aqui. Embora agora eles fossem “estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança”, e o tenham sido por muito tempo, ainda assim quem sabe quantos Deus tinha ocultado entre eles até então? Como no tempo de Elias em Israel (1 Rs 19.14), logo depois do qual eles se arrebanharam na igreja em grandes multidões (Is 60.3,4). Observe que quando formos para o paraíso, assim como sentiremos ali a falta de muitos que pensávamos que tivessem ido para lá, também encontraremos um grande número que não esperávamos encontrar ali. Em segundo lugar, Cristo nos dá uma idéia da salvação em si. Os santos irão juntos, irão juntos a Cristo (2 Ts 2.1). 1. Eles serão admitidos no reino da graça na terra, no pacto da graça feito com Abraão, Isaque e Jacó; eles serão “benditos com o crente Abraão”, cuja bênção chega aos gentios (Gl 3.14). Isso torna Zaqueu um filho de Abraão (Lc 19.9). 2. Eles serão admitidos “no Reino dos céus”.

Eles virão alegremente, “voando como pombas, às suas janelas”; eles se sentarão para descansar de suas labutas, como se tivessem terminado seu trabalho diário. Sentar-se indica algo que perdura, uma continuidade: enquanto estamos de pé, estamos indo; onde nos sentamos, pretendemos ficar; o céu é um descanso permanente, é uma cidade perpétua; eles se sentarão, como sobre um trono (Ap 3.21); como a uma mesa; que aqui é uma metáfora. Eles deverão se sentar para se banquetear, o que denota tanto a plenitude de comunicação, como a liberdade e a intimidade da comunhão (Lc 22.30). Eles se sentarão com Abraão. Todos aqueles que neste mundo estiveram sempre tão distantes uns dos outros, no tempo, na localização, ou na aparência externa, se encontrarão no céu; antigos e modernos, judeus e gentios, ricos e pobres. O homem rico no inferno vê Abraão, mas Lázaro está sentado com ele, reclinado em seu peito. Note que a sociedade sagrada é uma parte da felicidade do céu; e aqueles a quem já são chegados os fins dos séculos, e que têm menos destaque, compartilharão uma gloriosa comunhão com os renomados patriarcas.

[2] Que um grande número de judeus perecerá (v. 12). Observe:

Em primeiro lugar, um veredicto singular foi transmitido: “Os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores”. Os judeus que persistirem na incredulidade, ainda que por nascimento sejam “filhos do Reino”, ainda assim serão cortados e impedidos de ser membros da igreja visível; “o Reino de Deus”, do qual eles se vangloriaram de ser filhos, lhes será tirado, e eles não serão um povo, não obtendo perdão (Rm 11.20; 9.31). No grande dia, terem sido filhos do Reino não beneficiará os homens, seja como judeus ou como cristãos; porque os homens serão então julgados, não pelo que eram chamados, mas pelo que eles eram. Se filhos de fato, então herdeiros; mas muitos são filhos que só oferecem um louvor de lábios, outros apenas fazem parte de uma família cristã, mas não servem de fato ao Senhor, e assim ficarão sem herança. Ser nascido de pais que professam a fé nos traz o título de “filhos do Reino”; mas se nos acomodarmos nisso, e não tivermos nada mais para mostrar ao céu além disso, seremos “lançados nas trevas exteriores”.

Em segundo lugar, é descrito um castigo incomum para os praticantes da iniqüidade. Eles “serão lançados nas trevas exteriores”, nas trevas daqueles que estão excluídos, dos gentios que estão fora da igreja; naquelas em que os judeus foram lançados, e ainda pior; seus olhos foram cegados, e

endurecidos, e aterrorizados, como mostra o apóstolo (Rm 11.8-10). Um povo tão afastado de Deus, e que abre mão de julgamentos espirituais, já está em trevas absolutas. Mas considerando detalhadamente a condição dos pecadores amaldiçoados no inferno, podemos perceber que este é um prefácio lúgubre. Eles serão lançados fora da presença de Deus, e de todo consolo verdadeiro, e atirados nas trevas. No inferno existe fogo, mas nenhuma luz; é escuridão absoluta; escuridão extrema; o mais alto grau de escuridão, sem qualquer resquício, mescla ou esperança de luz; nem o menor vislumbre ou reflexo dela; é uma escuridão que resulta de sua exclusão do céu, o reino da luz; aqueles que estão no lado de fora, estão nas regiões das trevas; todavia isso ainda não é o pior, “ali haverá pranto e ranger de dentes”. 1. No inferno haverá grande aflição, dilúvios de lágrimas derramadas em vão; tormento do espírito consumindo eternamente os órgãos vitais, no sentido de que a ira de Deus seja o tormento dos amaldiçoados. 2. Grande indignação: pecadores amaldiçoados rangerão os seus dentes por ódio e tormento, “cheios do furor do Senhor”; vendo com inveja a felicidade dos outros, e pensando com horror e pesar na antiga possibilidade de serem felizes, que agora é passada.

3. Ele cura seu criado. Ele não apenas elogia seu pedido a ele, mas lhe assegura aquilo que ele pede, o que significa uma resposta concreta (v. 13). Observe:

(1) O que Cristo disse ao centurião. Ele disse aquilo que tornou a cura um benefício tão importante para ele como era para o seu criado, e muito maior: “Como creste, te seja feito”. O criado recebeu a cura da sua doença, mas o centurião teve a confirmação e a aprovação da sua fé. Note que Cristo freqüentemente dá respostas encorajadoras para aqueles que oram, à medida que estão intercedendo por outros. Isto é bondade para conosco, sermos ouvidos em favor de outros. “O Senhor virou o cativeiro de Jó, quando orava pelos seus amigos” (Jó 42.10). Cristo outorgou uma grande honra a esse centurião quando lhe deu um cheque em branco: “Como creste, te seja feito”. O que mais poderia ele querer? Não obstante, o que foi dito a ele é dito a todos nós: Creia e receberá; “crê somente”. Veja aqui o poder de Cristo e o poder da fé. Como Cristo pode fazer o que quiser, um crente diligente pode obter o que desejar de Cristo; o óleo da graça se multiplica, e não se esgota até que tenha enchido todos os vasos que forem trazidos pela fé.

(2) Qual foi o efeito dessa declaração: a oração da fé foi uma oração bem-sucedida – isso sempre foi assim – e sempre será. Parece, pela rapidez da cura, que foi milagrosa – isto também é reforçado pela declaração de Cristo, que o milagre era seu: Ele "falou, e tudo se fez". E isso foi uma prova de sua onipotência, de que Ele tinha e tem um braço poderoso. Um médico experiente comentou que as doenças que Cristo curou eram, sobretudo, as mais difíceis de serem curadas por quaisquer meios naturais, particularmente a paralisia. *Omnis paralysis, praesertim vetusta, aut incurabilis est, aut difficilis curatu, etiam pueris: atque soleo ego dicere, morbos omnes qui Christo curandi fuerunt propositi, difficillimos sua matura curatu esse – Todo tipo de paralisia, especialmente o de longa duração, ou é incurável ou sabe-se que cede com extrema dificuldade à habilidade médica, mesmo em pacientes jovens; fazendo com que eu freqüentemente comente que todas as enfermidades cuja cura foi realizada por Cristo parecem ter sido do tipo mais obstinado e sem esperança*. Mercurialis, *De Morbis Puerorum*, liv. 2., cap. 5.

Cura da Sogra de Pedro

vv. 14-17

Todos aqueles que pretendem ser críticos em relação à harmonia dos Evangelhos, colocam esta passagem, e todas as que se seguem, até o final do capítulo 9, antes do Sermão da Montanha, conforme a ordem observada por Marcos e Lucas. O Dr. Lightfoot coloca apenas esta passagem antes do Sermão da Montanha, e o versículo 18 e seguintes, depois. Aqui temos:

I Uma versão particular da cura da sogra de Pedro, que estava doente com febre, na qual observamos:

1. O caso, que não era aparentemente tão difícil, pois a febre é uma doença comum. Mas, sendo a paciente alguém próximo a Pedro, o fato é registrado como um exemplo do cuidado e carinho especiais de Jesus para com as famílias dos seus discípulos. Aqui descobrimos: (1) Que Pedro tinha uma esposa, e ainda assim foi chamado para ser um apóstolo de Cristo. Mostra também que Cristo, ao ser gentil com um parente da esposa de um de seus discípulos, apoiava o casamento. A igreja de Roma, ao proibir que

os sacerdotes se casem, vai, portanto, em direção oposta ao apóstolo do qual alega derivar uma infalibilidade. (2) Que Pedro tinha uma casa, embora Cristo não tivesse (v. 20). Dessa maneira, o discípulo estava mais bem provido do que o seu Senhor. (3) Que Pedro tinha uma casa em Cafarnaum, embora fosse originariamente de Betsaida. Provavelmente porque se mudou para Cafarnaum quando Cristo se mudou para lá, e fez dela a sua residência principal. Note que vale a pena mudarmos o nosso local de moradia para que possamos ficar próximos de Cristo e ter a oportunidade de conversar com Ele. Quando a arca se mudava, Israel devia se mudar e segui-la. (4) Que a sogra de Pedro era parte de sua família, o que é um exemplo para casais de que devem ser gentis e amáveis com os parentes um do outro como são com os seus próprios. Provavelmente, esta boa mulher era idosa e, contudo, era respeitada e cuidada, como devem ser as pessoas idosas, com toda a ternura possível. (5) Que estava acamada por causa de uma febre. Nem a força da juventude, nem a fragilidade e o frio da idade, serão uma barreira contra doenças desse tipo. A paralisia era uma doença crônica, a febre, uma doença aguda, mas ambas foram levadas a Cristo.

2. A cura (v. 15). (1) Como foi realizada. Jesus “tocou-lhe na mão”; não para saber qual era a doença, como fazem os médicos através do pulso, mas para curá-la. Isto foi uma indicação da sua bondade e ternura. Ele próprio se sensibiliza ao sentir as nossas fraquezas. Isso mostra igualmente o modo da cura espiritual, pelo exercício do poder de Cristo com a sua Palavra, e a dedicação de Cristo para conosco. A Escritura nos traz a Palavra; e o Espírito toca – toca o coração, toca a mão. (2) Como isso foi evidenciado: a febre a deixou, ela se levantou e os serviu. Assim, nos parece: [1] Que a misericórdia foi aperfeiçoada. Aqueles que se recuperam de febre pelo poder da natureza geralmente se mostram debilitados e impotentes, ineptos para o trabalho durante muito tempo depois. Mas para mostrar que essa cura estava acima do poder da natureza, a sogra de Pedro ficou imediatamente recuperada, a ponto de poder cuidar dos afazeres da casa. [2] Que a misericórdia era santificada; e as misericórdias que são assim são verdadeiramente aperfeiçoadas. Embora a mulher tenha sido, desse modo, dignificada por uma graça especial, ainda assim ela não se vangloria, mas está pronta, junto à mesa, para servir, se houver necessidade, como qualquer criado. Aqueles a quem Cristo concedeu uma graça ou uma honra devem ser humildes – sendo assim libertada, a sogra de Pedro planeja como deverá

retribuir. É muito apropriado que aqueles que são curados por Cristo devam servir a Ele, como seus humildes servos, por todos os dias de suas vidas.

II Aqui está um relato geral das muitas curas que Cristo realizou. Esta cura da sogra de Pedro trouxe-lhe pacientes em grande número. “Ele curou alguém assim, por que não eu? O amigo de alguém, por que não o meu?” Agora nos é contado:

1. O que Cristo fez (v. 16). (1) Ele expulsou os demônios. Ele expulsou os espíritos malignos “com a sua palavra”. Deve haver muitos representantes de Satanás, por permissão divina, naquelas doenças para as quais causas naturais são apontadas (como no caso das feridas de Jó), especialmente nas doenças mentais; mas, na época em que Cristo estava no mundo, parece ter ocorrido uma maior liberdade do diabo para possuir e atormentar os corpos das pessoas. Ele veio com grande ira, pois sabia que seu tempo era curto. E Deus sabiamente ordenou que assim fosse, para que Cristo pudesse ter oportunidades mais freqüentes e claras de mostrar o seu poder sobre Satanás, e o propósito e desígnio de sua vinda ao mundo, que eram desarmar e despojar Satanás, para acabar com o seu poder e destruir as suas obras. E o sucesso do Senhor Jesus foi tão glorioso quanto o seu desígnio. (2) Ele “curou todos os que estavam enfermos”; todos sem exceção, embora os pacientes tivessem sempre uma condição muito ruim, e os casos fossem sempre muito difíceis.

2. Como as Escrituras foram cumpridas neste caso (v. 17). O cumprimento das profecias do Antigo Testamento era o grande objetivo que Cristo tinha em vista, e a grande prova de que Ele era o Messias. Dentre outras coisas que foram escritas a respeito dele, temos (Is 53.4): “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” – isto se refere a 1 Pedro 2.24, e neste texto é interpretado que Ele levou os nossos pecados; aqui podemos interpretar que Ele levou as nossas enfermidades; os nossos pecados se tornam as nossas enfermidades, em meio aos nossos sofrimentos. Cristo levou embora o pecado por meio da sua morte e levou embora as doenças por meio dos milagres da sua vida. Assim, podemos dizer que Ele, então, levou sobre si as nossas enfermidades quando carregou os nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro; pois o pecado é a causa e o aguilhão das enfermidades. Muitas são as doenças e flagelos aos quais o nosso corpo está sujeito: e há mais sobre este

assunto nos evangelhos – para nos apoiar e confortar – do que em todos os escritos dos filósofos. Ele “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si”; Ele os levou, ou seja, Ele os tirou de nós. Embora Ele nunca tenha estado doente, Ele sentia fome, sede e cansaço, foi atormentado em espírito, aflito e muito oprimido. Ele os carregou por nós em sua paixão e os sofreu conosco em sua compaixão, sendo tocado com o sentimento de nossas fraquezas; e desse modo Ele as carrega de nós e as torna leves, a não ser que retenhamos a nossa própria culpa. Observe quão enfaticamente isso está expresso aqui: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças”. Ele tinha tanto a capacidade como o desejo de intervir nesse assunto, e, como nosso médico, está interessado em lidar com nossas fraquezas e doenças. Essa parte do flagelo da natureza humana era uma preocupação particular que Ele evidenciou através da sua grande disposição para curar enfermidades. E Ele não é menos poderoso ou menos compassivo agora, pois sabemos que a dificuldade para se chegar ao céu não foi reduzida com o passar do tempo.

A Resposta de Cristo a um Escriba e a outro Homem

vv. 18-22

Aqui vemos:

I A passagem de Cristo para o outro lado do mar de Tiberíades e a ordem dada a seus discípulos, cujos barcos o acompanharam, para que estivessem prontos (v. 18). A influência do Sol da Justiça não se restringiria a um único lugar, mas se espalharia por todo o país. Ele deve cuidar de fazer o bem; as necessidades das almas o chamavam: “Passa... e ajuda-nos” (At 16.9). Ele se retirava quando se via rodeado por grandes multidões. Embora o pedido do escriba desse a impressão de que eles o quisessem ali, Ele sabia que havia outros tão desejosos de tê-lo consigo, e que estes deveriam ter a sua parte. Para Jesus, ser aceito e útil em um lugar não era uma objeção, mas a razão para partir para outro. Dessa maneira, Ele testava as multidões que o cercavam, se o entusiasmo delas faria com que o seguissem e o acompanhassem quando a sua pregação se deslocasse para mais longe. Muitos ficariam contentes por tal ajuda, se pudessem tê-lo por

perto, e não poupariam esforços para o seguirem até o outro lado. Desse modo, Cristo separava aqueles que eram menos zelosos, e os perfeitos se manifestavam.

II A conversa de Cristo com dois homens que, com a sua passagem para o outro lado, relutavam em ficar para trás, e tinham em mente segui-lo, não como outros, que eram seguidores à distância. Eles queriam se envolver profundamente com o discipulado, o que a maioria tinha vergonha de fazer, pois isso transmitia um aspecto de rigor do qual eles poderiam não gostar, nem aceitar. Este é um relato sobre dois homens que pareciam desejosos de entrar em comunhão, embora não agissem corretamente. Aqui são mencionados exemplos dos obstáculos que impedem muitos de se aproximarem de Cristo, e de se dedicarem a Ele. É também um alerta para nós, para começarmos a seguir a Cristo, não deixando de colocar esse alicerce, para que a nossa casa espiritual possa estar firme.

Aqui temos Cristo cuidando de dois temperamentos diferentes, um rápido e ansioso, outro lento e pesado; e suas instruções são adequadas a cada um deles e preparadas para o nosso uso.

1. Aqui temos alguém que é rápido demais em prometer; e este era um certo escriba (v. 19), um estudioso, um homem culto, um daqueles que estudavam e explicavam a lei; descobrimos nos Evangelhos que, geralmente, não eram homens de bom caráter; eram habitualmente associados com os fariseus, como inimigos de Cristo e de sua doutrina. “Onde está o escriba?” (1 Co 1.20). Os escribas raramente seguiam a Cristo; porém aqui estava um que era bastante promissor para o discipulado, um “Saul entre os profetas”. Observe:

(1) Como ele expressou sua precipitação: “Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei”. Não conheço ninguém que pudesse ter dito melhor. A sua declaração sobre a sua dedicação a Cristo foi: [1] Muito ansiosa, e parece ser de sua tendência equilibrada. Ele não foi chamado por Cristo, nem encorajado por qualquer dos discípulos; mas por iniciativa própria, ele confessa ser um seguidor próximo de Cristo; ele não é um homem pressionado, mas um voluntário. [2] Muito decidida. Ele parece ter tomado uma decisão quanto a este assunto. Ele não diz: “Eu tenho intenção de te seguir”, mas: “Estou decidido, eu o farei”. [3] Ilimitada e sem reservas: “Aonde quer que fores, eu te seguirei”; não apenas ao outro lado do país,

mas até as regiões mais remotas do mundo. Devemos pensar em nós mesmos como pessoas tão seguras de si como este homem; e ainda assim parece, pela resposta de Cristo, que esta resolução foi precipitada, e suas finalidades, vulgares e materiais. Ou ele não refletiu, ou não considerou o que deveria ser considerado. Ele viu os milagres que Cristo realizou e esperava que Ele estabelecesse um reino terreno, e desejava se candidatar imediatamente a Ele. Note que existem muitas resoluções relativas à religião, produzidas por alguma angústia repentina de condenação, e tomadas sem a devida consideração; no final, elas fracassam e não resultam em nada. O que cedo amadurece, cedo apodrece.

(2) Como Cristo testou sua presteza – se era sincera ou não (v. 20). Ele o fez saber que o Filho do Homem, a quem ele estava tão ansioso para seguir, "não tem onde reclinar a cabeça" (v. 20). Neste ponto, a partir desta descrição da profunda pobreza de Cristo, observamos:

[1] Que é inerentemente estranho que o Filho de Deus, quando veio a este mundo, se colocasse em uma condição tão ruim, a ponto de não ter a conveniência de um lugar fixo para descansar, coisa que as mais humildes criaturas possuem. Uma vez que Ele decidiu adotar para si a nossa natureza, era de se esperar que Ele a adotasse em suas melhores condições sociais e circunstanciais; mas não, Ele a adota no seu pior aspecto. Veja aqui, em primeiro lugar, quão bem providas estão as criaturas inferiores: "As raposas têm covis"; embora elas não sejam úteis, mas prejudiciais ao homem, ainda assim Deus lhes proporciona covis nos quais se refugiam: o homem se esforça para destrui-las, mas por essa razão elas são protegidas; seus covis são seus castelos. As aves do céu, embora não se cuidem, são cuidadas, e "têm ninhos" (Sl 104.17); ninhos no campo; algumas delas, ninhos nas casas; nos altares de Deus (Sl 84.3). Em segundo lugar, quão pobres eram as provisões do Senhor Jesus. O fato de os animais terem provisões tão boas pode nos encorajar, e caso não tenhamos o necessário, o fato de nosso Mestre ter passado por isso antes de nós pode nos confortar. Note que o nosso Senhor Jesus, quando esteve neste mundo, submeteu-se às degradações e agonias da extrema pobreza. Por nossa causa, Ele se tornou pobre, muito pobre. Ele não tinha uma cidade, não tinha um lugar de repouso, nem uma casa sua, para reclinar a cabeça, nem seu próprio travesseiro sobre o qual apoiar sua cabeça. Ele e seus discípulos viviam da caridade de pessoas bem intencionadas, que contribuíam para a sua

subsistência (Lc 8.2,3). Cristo se submetia a isto, não apenas para que pudesse, de todas as formas, se humilhar e cumprir as Escrituras, que falavam dele como pobre e necessitado, mas também para que pudesse nos mostrar a futilidade das riquezas do mundo, olhando para elas com um desprezo santo, para que Ele possa comprar para nós coisas melhores, e assim nos tornar ricos (2 Co 8.9).

[2] É estranho que tal afirmação tenha sido feita nesta ocasião. Quando um escriba se ofereceu para seguir a Cristo, seria de se pensar que Ele o teria encorajado e dito: “Venha, e eu cuidarei de você”. Um escriba poderia lhe dar mais crédito e lhe prestar mais serviços do que doze pescadores. Mas Cristo viu o seu coração e respondeu aos seus pensamentos, e nesse ponto nos ensina como devemos nos chegar a Deus. Em primeiro lugar, a decisão do escriba parece ter sido repentina; e Cristo deseja que, se assumirmos uma profissão religiosa, nos sentemos e consideremos os custos (Lc 14.28), para que o façamos com inteligência e reflexão, e que escolhamos o caminho da piedade, não porque não conheçamos outro, mas por não conhecermos um caminho melhor. Não é bom para a fé pegar os homens de surpresa, antes que eles estejam conscientes. Aqueles que assumem uma profissão religiosa angustiados a descartarão devido ao primeiro aborrecimento; permita, então, que gastem algum tempo, e eles decidirão o quanto antes; deixemos que aqueles que seguirão a Cristo conheçam o lado mais difícil desta decisão, e que estejam dispostos a viver em condições desfavoráveis. Em segundo lugar, a sua resolução parece ter-se baseado em um avarento princípio material. Ele viu a abundância de curas realizadas por Cristo, e concluiu que Ele recebia altos honorários, e assim logo juntaria muitos bens. Portanto, ele o seguiria na esperança de enriquecer junto com Ele; mas Cristo corrige seu erro e lhe diz que estava tão distante de ficar rico que não possuía sequer um lugar para reclinar a cabeça; e se aquele homem o seguisse, não poderia esperar ter uma condição melhor que a do próprio Senhor. Note que Cristo não aceitará como um de seus seguidores alguém que aspire benefícios materiais ou planeje alcançar, por meio da sua fé, algo que não seja o céu. Temos razão para acreditar que este escriba, depois disso, tenha se retirado triste, ficando desapontado com uma negociação da qual ele pensava tirar proveito. Ele não seguiria a Cristo, a menos que pudesse alcançar alguma vantagem material através do Salvador.

2. Aqui está outro que demora muito para atender o chamado. A demora na execução é tão má, por um lado, quanto a precipitação nas decisões o é, por outro. Quando pensamos e depois decidimos, jamais devemos deixar para amanhã o que podemos fazer hoje. Este candidato ao ministério já era um dos discípulos de Cristo (v. 21), um seguidor à distância. Clemente de Alexandria nos conta, a partir de uma antiga tradição, que este era Filipe. Ele parece ser mais qualificado e disposto do que o anterior, pois não era tão confiante e presunçoso. Um caráter arrojado, ansioso e excessivamente entusiasmado pode não ser, necessariamente, o mais promissor quando se trata de fé; às vezes, os últimos são os primeiros, e os primeiros, os últimos. Agora observe aqui:

(1) A desculpa dada por este discípulo para adiar a decisão de seguir a Cristo de imediato (v. 21): “Senhor, permite-me que, primeiramente, vá sepultar meu pai”. Em outras palavras: “Antes que me torne teu seguidor fiel e permanente, permita-me que realize esse último ato de respeito ao meu pai; e, por enquanto, permita que seja suficiente que eu seja um ouvinte ocasional teu, quando dispuser de algum tempo”. Alguns pensam que seu pai estava doente ou morrendo, ou morto; outros pensam que era apenas idoso e que, em um curso natural, não viveria por muito mais tempo; e que, sendo assim, este discípulo desejava partir para cuidar dele em sua enfermidade, sua morte e seu funeral, e depois serviria a Cristo. Isto parecia um pedido razoável, porém ainda assim não foi apropriado. Ele não teve o zelo que devia ter pelo reino e por isso fez esse pedido, pois parecia um pedido plausível. Note que a uma mente relutante nunca faltam desculpas. A falta de tempo livre vem da falta de disposição. Nós temos a tendência de supor que isso vinha de um verdadeiro afeto filial e respeito por seu pai, porém ainda assim a preferência deveria ter sido dada a Cristo. Note que muitos são impedidos e obstruídos de ter uma devoção sincera, por se preocuparem em excesso com suas famílias e parentes; essas coisas legítimas arruínam a todos nós, e nosso dever para com Deus é negligenciado e postergado, sob o pretexto de pagarmos nossas dívidas para com o mundo; neste ponto, portanto, temos a necessidade de dobrar a nossa guarda.

(2) A reprovação dessa desculpa por Cristo (v. 22). Jesus lhe disse: “Segue-me”; e, sem dúvida, esta palavra estava envolta pelo poder do Senhor, como ocorreu no caso de outros, e ele realmente seguiu a Cristo e permaneceu fiel a Ele, como Rute a Noemi, enquanto o escriba, nos versículos anteriores, como Orfa, o abandonou. Este disse: “Eu te seguirei”; a este Cristo disse: “Segue-me”. Comparando-os um ao outro, fica sugerido que somos levados a Cristo pela força do chamado que Ele nos faz, e não pelas promessas que fazemos a Ele: “Pois isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece”. Ele chama a quem quiser (Rm 9.16). E, ainda mais, note que embora vasos escolhidos possam dar desculpas, e atrasar a sua adesão aos chamados divinos por muito tempo, mesmo assim Cristo responderá, detalhadamente, às suas desculpas, subjugará suas relutâncias, e os trará a seus pés. Quando Cristo chama, Ele domina e torna o chamado efetivo (1 Sm 3.10). A desculpa desse discípulo é posta de lado como inadequada: “Deixa aos mortos sepultar os seus mortos”. É uma expressão proverbial: “Deixe que um morto enterre a outro; mais exatamente, deixe-os insepultos, em vez de negligenciar a obra de Cristo. Deixe que os espiritualmente mortos enterrem os fisicamente mortos; deixe que os trabalhos terrenos fiquem para as pessoas terrenas; não se sobrecarreguem com eles. Enterrar os mortos, especialmente um pai, é uma boa obra, mas não é o seu trabalho neste momento; ele pode, muito bem, ser feito por outros que não sejam qualificados e chamados como vocês para a obra de Cristo; vocês têm outra coisa a fazer, e não devem adiá-la”. Note que a devoção a Deus deve ter preferência em relação à devoção aos pais, embora essa seja uma parte importante e indispensável da religião. Os nazireus, de acordo com a lei, não deveriam lamentar por seus próprios pais, pois eles eram “separados para o Senhor” (Nm 6.6-8); nem devia o sumo sacerdote se contaminar com os mortos, nem mesmo por causa de seus pais (Lv 21.11,12). E Cristo requer que aqueles que quiserem segui-lo aborreçam “a seu pai, e mãe” (Lc 14.26); ame-os menos do que a Deus. Nós devemos, comparativamente, desconsiderar os nossos parentes mais próximos quando eles entram em competição com Cristo, com aquilo que fazemos por Ele, ou com os sofrimentos que enfrentamos por amor a Ele.

Jesus Apazigua uma Tempestade

vv. 23-27

Cristo havia ordenado a seus discípulos “que passassem para a outra margem” (v. 18), para que fossem para o outro lado do mar de Tiberíades, no território de Gadara, na tribo de Gade, que se estende ao leste do Jordão. Para lá, Ele iria para resgatar duas pobres criaturas de uma legião de demônios, apesar de antever como Ele seria desafiado ali. Nesse momento: 1. Ele optou ir por água. Não seria muito diferente se tivesse ido por terra; mas Ele decidiu cruzar o lago, para que pudesse ter a oportunidade de se manifestar como o Deus do mar, bem como da terra seca, e para mostrar que todo o poder lhe pertence, no céu e na terra. É um alívio para todos aqueles que vão para o alto-mar em barcos, e muitas vezes correm perigos por lá, saber que têm um Salvador em quem confiar e a quem orar, que sabe como é estar no mar, e ali passar por tempestades. Mas observe que, ao ir por mar, Jesus não tinha nenhum iate ou barco de passeio para levá-lo, mas fez uso dos barcos de pesca de seus discípulos; isto mostra a pobreza a que Ele estava sujeito, em todos os aspectos. 2. “Seus discípulos o seguiram”. Os doze se mantiveram junto a Ele, enquanto outros ficaram para trás sobre a terra firme, onde o chão era mais estável. Note que somente serão considerados verdadeiros discípulos de Cristo aqueles que desejam ir com Ele para o mar, para segui-lo nos perigos e nas dificuldades. Muitos ficariam satisfeitos em pegar o caminho da terra, que se mantém tranqüila, ou dar meia-volta para chegar ao paraíso, do que se aventurar em um mar perigoso; mas aqueles que descansarão com Cristo na vida futura devem, agora, segui-lo para onde quer que Ele os conduza, a um barco ou a uma prisão, bem como a um palácio. Observe:

I A exposição ao perigo e a perplexidade dos discípulos nesta viagem – nisto apareceu a verdade do que Cristo acabara de dizer: que aqueles que o seguem devem esperar dificuldades (v. 20).

1. “No mar se levantou uma grande tempestade” (v. 24). Cristo poderia ter evitado essa tempestade, providenciando uma travessia agradável, mas isso não teria contribuído o suficiente para a sua glória e para a confirmação da fé dos discípulos, como ocorreu neste livramento. Esta tempestade aconteceu por causa deles, como em João 11.4. Era de se esperar que, tendo Cristo consigo, os discípulos teriam um vento forte muito favorável, mas ocorreu

exatamente o oposto; pois Cristo mostraria que aqueles que estão fazendo, com Ele, a travessia para o outro lado do oceano deste mundo, devem esperar tempestades pelo caminho. A igreja é “arrojada com a tormenta” (Is 54.11). Somente a região superior aprecia uma calma perpétua; esta camada inferior é continuamente perturbada e perturbadora.

2. Jesus Cristo estava dormindo durante a tempestade. Nunca lemos sobre Cristo dormindo, exceto esta vez. Ele estava freqüentemente em vigília, e a prolongava em oração a Deus durante a noite. Este era um sono, não de segurança, como o de Jonas na tempestade, mas de serenidade divina e confiança em seu Pai. Ele dormia para mostrar que era de fato e verdadeiramente um homem, e sujeito às fraquezas não pecaminosas da nossa natureza – seu trabalho o deixara cansado e sonolento, e Ele não tinha culpa, não tinha um medo interior para perturbar o seu repouso. Aqueles que podem descansar suas cabeças sobre o travesseiro com a consciência limpa, podem dormir serena e suavemente durante uma tempestade (Sl 4.8), como Pedro (At 12.6). Desta vez, Ele dormia, testando a fé de seus discípulos, para verificar se eles confiavam nele quando parecia estar fazendo pouco a favor deles. Ele dormia, não tanto para descansar, mas com o propósito de ser acordado.

3. Os pobres discípulos, embora acostumados com o mar, foram acometidos de súbito terror, e em seu medo foram ter com o Mestre (v. 25). Para onde mais eles deveriam ir? Ainda bem que eles o tinham tão perto de si mesmos. Eles o acordaram com suas orações: “Senhor, salva-nos, que perecemos”. Note que aqueles que desejam aprender a orar devem ir para o mar. Os perigos iminentes e concretos conduzirão as pessoas a Jesus Cristo, o único que pode ajudar na hora da dificuldade. A oração dos discípulos tem vida: “Senhor, salva-nos, que perecemos”. (1) A solicitação deles é: Senhor, salva-nos. Eles acreditavam que Ele podia salvá-los e pediram que Ele o fizesse. A missão de Cristo neste mundo é salvar, mas somente aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos (At 2.21). Aqueles que, pela fé, estão interessados na salvação eterna preparada por Cristo, podem, com humilde confiança, recorrer a Ele para obterem libertações terrenas. Observe que os discípulos o chamam de Senhor e depois eles oram: Salva-nos. Note que Cristo não salvará ninguém, a não ser aqueles que desejarem aceitá-lo como seu Senhor; pois Ele é o Príncipe e o Salvador. (2) A expressão dos discípulos é: “perecemos”; este termo: [1] Representa a linguagem de seu

medo. Eles viam a sua condição como desesperadora e davam tudo como perdido; eles haviam recebido uma sentença de morte interiormente e por isso pediam: “Nós pereceremos, se tu não nos salvares; portanto, olha para nós com misericórdia”. [2] Era a linguagem do seu fervor; eles oram como homens sinceros, que pedem por suas vidas; cabe a nós, portanto, nos esforçar e lutar em oração; por isso Cristo dormia, para que Ele pudesse prolongar esta situação.

II O poder e a graça de Jesus Cristo vieram socorrê-los; então o Senhor acordou, como alguém renovado (Sl 78.65). Cristo pode dormir enquanto sua igreja passa por uma tormenta, mas Ele não dormirá demais: a hora, o tempo determinado para ajudar sua angustiada igreja, chegará (Sl 102.13).

1. Ele repreendeu os discípulos (v. 26): “Por que temeis, homens de pequena fé?” Ele não os censura por perturbá-lo com suas preces, mas por se inquietarem com seus medos. Cristo os reprovou primeiro, e depois os salvou. Este é o seu método: nos prepara para receber a sua misericórdia, e então no-la concede. Observe: (1) Seu desagrado pelos temores deles: “Por que temeis... vós, meus discípulos? Que os pecadores em Sião temam, que os marinheiros pagãos estremeçam na tempestade, mas não deveis ser assim. Pesquisai as razões do vosso medo e pesai-as”. (2) A descoberta de Jesus da causa e da fonte dos medos dos discípulos: “Homens de pequena fé”. Muitos que têm uma fé verdadeira são fracos nela, e por esta razão a fé lhes traz pouco proveito. Note: [1] Os discípulos de Cristo têm a tendência de se inquietar com os medos em um dia tempestuoso, de se atormentar com a desconfiança de que as coisas vão mal para eles, e com as sombrias conclusões de que elas ficarão piores. [2] A preponderância de nossos medos exagerados em um dia de tempestade se deve à fraqueza de nossa fé, que seria uma âncora para a alma e manejaria o remo da oração. Pela fé, podemos ver através da tempestade a margem tranqüila e nos encorajar com a esperança de que chegaremos à região do vento favorável. [3] O temor dos discípulos de Cristo em meio a uma tempestade, a sua incredulidade e a causa desta, são muito desagradáveis para o Senhor Jesus, pois lançam uma espécie de desonra sobre Ele, e geram inquietação para eles próprios.

2. Jesus “repreendeu os ventos”. No ato anterior, Ele havia agido como o Deus da graça e o Soberano do coração, que pode fazer conosco aquilo que lhe aprouver. Neste, Ele age como o Deus da natureza, o Soberano do

mundo, que pode fazer por nós aquilo que lhe agradar. Este é o mesmo poder "que aplaca o ruído dos mares, o ruído das suas ondas" e a confusão do medo (Sl 65.7). Considere: (1) Como isto foi realizado com facilidade, com a expressão da palavra. Moisés comandou as águas com uma vara; Josué, com a arca da aliança; Eliseu, com a capa do profeta; mas Cristo, com uma palavra. Veja seu domínio absoluto sobre todas as criaturas, o que evidencia tanto a sua glória como a alegria daqueles que o têm a seu lado. (2) Quão eficazmente foi feito. Houve "uma grande bonança" de repente. Normalmente, depois de uma tempestade, as águas se agitam de tal maneira, que leva tempo até que elas se acalmem; mas se Cristo pronuncia a sua palavra, não apenas a tempestade cessa, mas todos os efeitos dela, todos os resquícios dela também cessam. Grandes tempestades de dúvida e medo na alma, sob o poder do espírito da servidão, às vezes terminam em uma calma maravilhosa, gerada e declarada pelo Espírito de adoção.

3. O milagre instigou a perplexidade dos discípulos (v. 27): "Aqueles homens se maravilharam". Eles estavam, havia muito, acostumados com o mar, e durante toda a sua vida nunca tinham visto uma tempestade se acalmar tão imediatamente. Este fato tinha em si todos os sinais e marcas de um milagre. "Isso foi feito pelo Senhor e é coisa maravilhosa aos nossos olhos". Observe: (1) A admiração dos discípulos por Cristo: "Que homem é este!" Note que Cristo é sem igual; cada detalhe nele é admirável. Ninguém é tão sábio, tão poderoso, e tão amável quanto Ele. (2) A razão da admiração: "Até os ventos e o mar lhe obedecem?" Cristo deve ser admirado por ter poder de comandar até mesmo os ventos e os mares. Alguns fingiam curar doenças, mas Ele simplesmente se incumbiu de comandar os ventos. Não sabemos para onde vai o vento (Jo 3.8), muito menos podemos controlá-lo; mas Ele "tira os ventos dos seus tesouros" (Sl 135.7), e "encerra os ventos nos seus punhos" (Pv 30.4). Aquele que pode fazer isto, pode fazer qualquer coisa, pode fazer o que for preciso para inspirar a nossa confiança e consolo em si mesmo no dia mais agitado pelas tormentas – sejam elas internas ou externas (Is 26.4). O Senhor se senta muito acima das marés, e "é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grandes ondas do mar". Cristo, ao comandar o mar, mostrou que Ele é o mesmo que fez o mundo. Por sua repreensão, as águas fugiram (Sl 104.7,8); agora, à sua repreensão, elas cederam.

Os Demônios Expulsos de Dois Homens

vv. 28-34

Temos aqui a história de Cristo expulsando os demônios de dois homens que estavam endemoninhados. O propósito do capítulo é mostrar o divino poder de Cristo, pelos exemplos de sua autoridade sobre as doenças do corpo (o que para nós é atraente), sobre os ventos e as ondas (que é ainda mais irresistível), e, por último, sobre os demônios (o que é o mais formidável para nós). Cristo tem não apenas todo o poder nos céus e na terra e nos lugares profundos, mas tem também as chaves do inferno. Principados e potestades estavam sujeitos a Ele, mesmo enquanto estava em uma condição de humilhação, como um sinal de como seria a sua entrada em sua glória (Ef 1.21). Ele os derrotou (Cl 2.15). Foi comentado de forma geral (v. 16) que Cristo expulsa espíritos malignos com a sua palavra; aqui temos um exemplo particular que possui alguns detalhes mais singulares do que os demais. Este milagre foi realizado no território dos gadarenos; alguns acreditam que estes eram os remanescentes dos antigos girgaseus (Dt 7.1). Embora Cristo tivesse sido enviado principalmente "às ovelhas perdidas da casa de Israel", Ele realizou algumas visitas aos habitantes das regiões fronteiriças, como aqui, para obter a sua vitória sobre Satanás. Esta era uma amostra da vitória sobre as legiões malignas no mundo gentílico.

Além do exemplo geral que isto nos dá do poder de Cristo sobre Satanás, e seu desígnio de desarmá-lo e expulsá-lo, temos aqui, especialmente revelado para nós, o estilo e o modo de agir dos demônios em sua hostilidade contra o homem. Observe, com respeito a esta legião de demônios: A obra que realizaram, onde estavam e para onde foram.

I A obra que realizaram e onde estavam; o que mostra a condição deprimente desses dois que estavam possuídos por eles. Alguns pensam que esses dois eram marido e mulher, pois os outros evangelistas falam somente de um.

1. Eles viviam entre os sepulcros. Daquele lugar, eles vieram ao encontro de Cristo. O demônio, tendo o poder da morte, não como juiz, mas como carrasco, deleita-se em conservar, entre os troféus da sua vitória, os cadáveres dos homens; mas ali, onde ele se considerava em seu momento de maior triunfo e grandeza, como posteriormente no Gólgota, o lugar da

caveira, Cristo o derrotou e subjugou. Viver entre os túmulos aumentava a melancolia e o frenesi dos pobres endemoninhados. Assim era fortalecida a posse que o diabo tinha deles através da perturbação espiritual e física, que também os tornava mais temíveis para as outras pessoas, que geralmente se assustam com qualquer coisa que se mova entre os sepulcros.

2. Eles eram muito ferozes; não apenas incontroláveis, mas prejudiciais aos outros, assustando a muitos, tendo ferido alguns; de modo "que ninguém podia passar por aquele caminho". Note que o diabo espalha a maldade entre a humanidade e mostra isso tornando os homens maus e mal-intencionados uns contra os outros. Inimizades mútuas, onde deveria haver ajuda e apreço mútuos, são efeitos e evidências da inimizade de Satanás para com toda a raça. Ele transforma um homem em um lobo, um urso, um demônio, diante de seus semelhantes – *Homo homini lupus.* Quando Satanás controla um homem espiritualmente, as concupiscências que estão em luta em seus membros – o orgulho, a inveja, a malícia e a vingança – tornam-no inadequado à sociedade humana, indigno dela e um inimigo do seu bem-estar, como eram essas pobres criaturas endemoninhadas.

3. Eles oferecem resistência a Jesus Cristo e negam qualquer ligação com Ele (v. 29). Podemos ver aqui um exemplo do poder de Deus sobre os demônios; não obstante o mal que eles planejavam realizar a essas pobres criaturas, e através delas, ainda assim não puderam impedi-las de se encontrar com Jesus Cristo, que preparou as coisas de forma a se encontrar com elas. Foi a irresistível mão do Senhor que arrastou esses espíritos imundos à presença daquele que eles temiam mais do que qualquer outra coisa. Suas afirmações puderam contê-los, enquanto as correntes que os homens fizeram para eles não puderam fazê-lo. Mas sendo levados à presença dele, os demônios protestaram contra a sua autoridade e romperam em um acesso de ira: "Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus?" Aqui está:

(1) Uma palavra que o demônio disse como se fosse um santo. Ele se dirigiu a Cristo como "Jesus, Filho de Deus"; uma boa palavra que não foi revelada a Pedro pela carne e pelo sangue (cap. 16.17). "Os demônios crêem e estremecem", e confessam a Cristo como o Filho de Deus, e ainda assim permanecem demônios, o que torna a inimizade deles a Cristo muito mais grave e, sem dúvida, um perfeito tormento para eles próprios. Pois como pode ser diferente, uma vez que eles se opõem àquele que eles sabem ser o

Filho de Deus? Note que aquilo que distingue os santos dos demônios não é o conhecimento, mas o amor. Satanás é o primogênito do inferno que conhece a Cristo, e ainda assim o odeia e não se submete a Ele e à sua lei. Devemos recordar que não fazia muito tempo que o demônio havia duvidado que Cristo fosse o Filho de Deus e tentou convencê-lo a duvidar disso (cap. 4.3). Mas agora Ele confessa isso imediatamente. Note que embora os filhos de Deus possam ficar muito mais desassossegados em uma hora de tentação pelo questionamento de Satanás a respeito do seu relacionamento com Deus como Pai, ainda assim o Espírito de adoção esclarecerá toda a questão para eles, satisfazendo-os por completo, colocando a verdade acima da contradição do diabo.

(2) Duas palavras que Satanás disse como um demônio, que ele realmente é.

[1] Uma palavra de rebeldia: “Que temos nós contigo?” Agora, em primeiro lugar, é verdade que os demônios nada têm a ver com Cristo como Salvador, pois Ele não tomou para si a natureza dos anjos caídos, nem se apegou à descendência deles (Hb 2.16). Eles nada têm com Ele, não têm nem esperam qualquer benefício por parte dele. Oh! Como é profundo este mistério do amor divino em que homens caídos têm tanto a ver com Cristo, enquanto anjos caídos nada têm com Ele! Certamente aqui existia tormento suficiente antes do tempo, a ponto de o diabo ser forçado a confessar a excelência que existe em Cristo, e ainda que ele nada tinha com o Senhor Jesus. Note que é possível chamar a Jesus Cristo de Filho de Deus, e ainda assim não ter nada a ver com Ele. Em segundo lugar, também é verdade que os demônios desejam não ter nada a ver com Cristo como o Soberano; eles o odeiam, eles estão cheios de hostilidade contra Ele, eles permanecem em oposição a Ele, e estão em rebelião aberta contra o seu poder e dignidade. Veja a linguagem que eles utilizam, que nada tem a ver com o Evangelho de Cristo, com suas leis e ordenanças, que não faz com que tomem o seu jugo sobre si mesmos, que não rompe as suas amarras em duas partes, e não faz com que o aceitem para reinar sobre si mesmos; que diz ao Onipotente Jesus: Afasta-te de nós; eles são de seu pai, o demônio, eles realizam as suas concupiscências e falam a sua linguagem. Em terceiro lugar, não é verdade que eles nada tenham a ver com Cristo como Juiz, porque eles têm, e eles o sabem. Esses demônios não podiam dizer: Que tens conosco? Não podiam negar que o Filho de Deus é o Juiz dos demônios. Em seu julgamento, eles

estão aprisionados com correntes das trevas, das quais eles alegremente se livrariam, e que querem tirar de seus pensamentos.

[2] Uma palavra de desaprovação e protesto: “Vieste aqui atormentar-nos”, para nos expulsar destes homens e nos impedir de fazer o mal que faríamos?” Note que ser expulso e impedido de fazer a maldade é um tormento para o demônio, cujo consolo e satisfação são o sofrimento e a destruição do homem. “Não devemos, então, considerar como bem-aventurança estarmos bem, e considerar como causa de nosso tormento, seja interno ou externo, o que nos impede de fazer o bem?” “Nessas circunstâncias, temos de ser atormentados, por ti, antes do tempo”. Perceba que, em primeiro lugar, há um tempo no qual os demônios serão mais atormentados do que são agora, e eles o sabem. O grande julgamento no último dia é a hora determinada para a sua tortura completa no fogo eterno que está preparado – há muito tempo – para o diabo e seus anjos (Is 30.33; cap. 25.41); eles estão reservados para o julgamento daquele dia (2 Pe 2.4). Aqueles espíritos malignos que são, pela permissão divina, prisioneiros à solta e andam de um lugar para o outro por toda a terra (Jó 1.7), mesmo agora estão sob controle; o poder deles alcançará até aqui, e não além. Eles se tornarão, então, prisioneiros trancafiados. Eles têm, agora, alguma liberdade; mas estarão, depois, em um tormento sem descanso. Isto eles aqui têm como certo e jamais pedem para ser torturados (a falta de esperança de alívio é a maior angústia da situação deles), mas pedem que não sejam atormentados antes do tempo. Pois embora não saibam quando será o dia do julgamento, eles sabiam que ainda não havia chegado. Em segundo lugar, os demônios têm uma certa antecipação pavorosa desse julgamento, e uma revolta furiosa contra toda atitude de Cristo a cada restrição ao poder e à ira deles. A simples visão de Cristo e a sua palavra de ordem para saírem do homem os deixava, neste caso, apreensivos pelo tormento que sofreriam. Desse modo, “os demônios crêem e estremecem” (Tg 2.19). É a própria hostilidade para com Deus e o homem que os coloca sob tortura e tormentos antes do tempo. Nem mesmo os pecadores mais desesperados, cuja condenação está selada, podem tornar os seus corações totalmente insensíveis à surpresa do terror, quando vêem “que se vai aproximando aquele Dia”.

II Vejamos, agora, que obra eles realizaram, para onde foram após terem sido expulsos do homem possuído. Foram para uma manada de porcos, que

estava distante (v. 30). Esses gadarenos, embora vivendo do outro lado do Jordão, eram judeus. O que tinham eles a ver com os porcos, que de acordo com a lei eram imundos, e não deveriam ser comidos nem tocados? Provavelmente, nos arredores da terra, viviam entre eles muitos gentios a quem esta manada de porcos pertencia. Estes os criavam para serem vendidos ou trocados com os romanos, que eram apreciadores da carne de porco, e com quem eles tinham agora um grande comércio. Agora, observe:

1. Como os demônios dominaram os porcos. Embora os porcos estivessem distantes, e, talvez, fora de perigo, ainda assim os demônios os espreitavam para lhes causar danos: pois eles andam para um lado e para o outro, buscando devorar, procurando uma oportunidade, e não precisam procurar muito para encontrá-la. Aqui, nesse momento:

(1) Eles pediram permissão para entrar nos porcos (v. 31). Eles imploraram a Jesus, com toda a sinceridade: “Se nos expulsas, permite-nos que entremos naquela manada de porcos”. Através disto: [1] Eles mesmos estão conscientes de sua própria tendência a fazer o mal, e do prazer que isto lhes traz. Portanto, aqueles que se assemelham a eles são seus filhos: “Pois não dormem, se não fizerem mal, e foge deles o sono, se não fizerem tropeçar alguém” (Pv 4.16). Em outras palavras: “Permite-nos que entremos naquela manada de porcos – qualquer lugar em vez do lugar de tormento, qualquer lugar onde fazer o mal”. Se não lhes é permitido agredir os homens em seus corpos, eles os agridem através de seus pertences, e nisso, também, eles pretendem prejudicar suas almas, ao tornarem Cristo um fardo para eles. Quão maliciosas artimanhas aquela velha serpente insidiosa possui! [2] Os demônios reconhecem o poder de Cristo sobre si mesmos, a ponto de, sem o seu consentimento e permissão, não poderem sequer ferir um porco. É reconfortante para todo o povo do Senhor saber que, embora o poder do diabo seja muito grande, ainda assim é limitado, e não é tão livre quanto a sua malícia (o que seria de nós, se o fosse?). Devemos perceber, especialmente, que o poder do inimigo está sob o controle de nosso Senhor Jesus, nosso fiel e poderoso amigo e Salvador, e que Satanás e seus instrumentos não podem ir além daquilo que o Senhor lhes permite; aqui eles têm que parar de brandir com arrogância.

(2) Eles tiveram permissão. Jesus Cristo lhes disse: “Ide” (v. 32), como Deus fez com Satanás quando ele pediu autorização para afligir a Jó. Entenda que Deus realmente, muitas vezes, por finalidades sábias e santas, autoriza as

tentativas da ira de Satanás, e permite que ele faça o mal que deseja, e através disso até mesmo atenda aos seus propósitos. Os demônios não são apenas prisioneiros de Cristo, mas seus vassalos; seu domínio sobre eles aparece no dano que eles fazem, bem como no impedimento de que façam mais. Desse modo, até a ira deles serve para louvar a Cristo, e o excesso dela Ele reprime e sempre reprimirá. Cristo permitiu isto: [1] Para o convencimento dos saduceus que viviam, então, entre os judeus, e que negavam a existência dos espíritos e não reconheciam que havia tais seres, porque eles não os podiam ver. Agora Cristo realizaria, através disto, na medida do possível, uma demonstração visual da existência, da multidão, do poder e da maldade dos espíritos malignos. E assim, se os saduceus não fossem convencidos por esse meio, poderiam se tornar indesculpáveis em sua infidelidade. Nós não vemos o vento, mas seria absurdo negá-lo ao vermos as árvores e as casas derrubadas por ele. [2] Para a punição dos gadarenos, que talvez, apesar de serem judeus, tinham tomado a liberdade de comer carne de porco, contrariando a lei. De qualquer forma, sua atitude de criar porcos atinge as raias do mal. Cristo também mostraria de que bando infernal eles foram libertos e que, se Ele tivesse permitido, logo os teriam sufocado, como fizeram com os seus porcos. Os demônios, em obediência à ordem de Cristo, saíram dos homens, e tendo a autorização, quando foram expulsos, imediatamente entraram na manada de porcos. Veja que inimigo hábil é Satanás, e como é desembaraçado; ele não perde tempo para fazer o mal. Observe:

2. Para onde eles levaram os porcos, quando se apossaram deles. Eles não desejavam salvar suas vidas e, por isso, fizeram com que se precipitassem violentamente por um despenhadeiro no mar, onde todos morreram, chegando a um número de quase dois mil (Mc 5.13). Entenda que o diabo busca a possessão para destruir. Por isso ele incita as pessoas ao pecado, as incita em direção àquilo contra o que elas se decidiram e que sabem que lhes causarão vergonha e sofrimento. Com que força o espírito maligno “opera nos filhos da desobediência”, enquanto por tantas concupiscências insensatas e perniciosas eles são levados a agir em contradição direta, não apenas à religião, mas à justa razão e a seus interesses neste mundo! Assim, da mesma maneira, ele os impele para a ruína, pois ele é Apoliom e Abadom, o grande destruidor. Através das suas concupiscências, praticadas pelos homens, eles submergem na “perdição e ruína”. Esta é a vontade de Satanás, engolir e

devorar; deprimente, portanto, é a condição daqueles que são feitos cativos por ele, de acordo com a sua vontade. Eles são impelidos para um lago pior do que este, um “lago que arde com fogo e enxofre”. Observe:

3. O efeito que este fato teve sobre os donos dos porcos. Um relato do ocorrido foi logo levado a eles pelos porqueiros, que pareciam estar mais preocupados com a perda dos porcos do que com qualquer outra coisa, pois eles não foram contar “o que acontecera aos endemoninhados”, até que os porcos tivessem desaparecido (v. 33). Cristo não entrou na cidade, mas a notícia de sua presença ali, sim, e através dela, Ele desejava sentir qual era a disposição do povo dali, e que influência ela tivera sobre eles. Então o Senhor agiria de acordo com a situação.

Nesse momento: (1) A curiosidade dos habitantes da cidade os levou para fora, a ver Jesus. “Toda aquela cidade saiu ao encontro de Jesus”, para que eles fossem capazes de dizer que tinham visto um homem que realizou obras tão maravilhosas. Assim, muitos que não tinham nenhuma afeição por Cristo, nem o desejo de conhecê-lo, saíram ao seu encontro.

(2) A avareza fez com que desejassem se livrar dele. Ao invés de convidá-lo a entrar em sua cidade, ou trazer seus doentes a Ele para serem curados, eles desejaram que Ele partisse de seus limites, como se tivessem tomado emprestado as palavras dos demônios: “Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus?” E agora os demônios tinham o que eles visavam ao afogar os porcos; eles fizeram isso, e depois fizeram as pessoas acreditarem que Cristo o havia feito. E assim fizeram com que elas tivessem uma predisposição contra Ele. Satanás seduziu os nossos primeiros ancestrais ao imbuí-los de pensamentos injustos a respeito de Deus, e afastou os gadarenos de Cristo ao sugerir que Ele havia ido até o seu território para destruir os seus animais, e que Ele lhes faria mais mal do que bem. Pois embora Ele houvesse curado dois homens, Ele havia afogado dois mil porcos. Dessa forma, o diabo semeia o joio no campo de Deus, causa danos à igreja cristã, e depois coloca a culpa na cristandade e inflama os homens contra ela. Os gadarenos rogaram que Jesus se retirasse para que não sofressem alguma outra praga, como no caso de Moisés no Egito. Note que há um grande número de pessoas que prefere os seus porcos ao Salvador, e assim ficam sem Cristo e sem a salvação que somente Ele pode proporcionar. Eles desejam que Cristo vá embora de seus corações e não permitem que a sua Palavra tenha um lugar neles, porque Ele e a sua Palavra serão a destruição de suas concupiscências

animalescas – aqueles porcos que eles decidiram se esforçar para alimentar. E, de forma justa, Cristo abandonará aqueles que desta forma estão cansados dele, e lhes dirá daí por diante: “Apartai-vos de mim, malditos”, que dizem agora ao Todo-poderoso: “Retira-te de nós”.

CAPÍTULO 9

Neste capítulo, temos exemplos extraordinários do poder e da misericórdia do Senhor Jesus, suficientes para nos convencer de que Ele é capaz de salvar até o maior pecador dentre aqueles que vêm a Deus através dele, bem como quantos Ele quiser. Seu poder e misericórdia aparecem aqui nas grandes obras que Ele realizou: I. No corpo das pessoas: curando a paralisia (vv. 2-8); ressuscitando a filha de um chefe da sinagoga e curando o fluxo de sangue de uma mulher (vv. 18-26); dando a visão a dois cegos (vv. 27-31); expulsando o demônio de um homem endemoninhado (vv. 32-34); e curando todos os tipos de doenças (v. 35). II. Na alma das pessoas: perdoando os pecados (v. 2); chamando Mateus e conversando livremente com publicanos e pecadores (vv. 9-13); considerando a disposição de seus discípulos com relação ao dever de jejuar (vv. 14-17); pregando o Evangelho, e, com compaixão pela multidão, providenciando pastores (vv. 35-38). Assim Ele provou que foi, como indubitavelmente é, o mestre, médico fiel da alma e do corpo, que tem remédios suficientes para todas as enfermidades de ambos. Por isso devemos nos dedicar a glorificar ao Senhor com o nosso corpo e com a nossa alma, que são dele, em compensação por sua benignidade para com ambos.

Cristo Cura um Paralítico

vv. 1-8

As primeiras palavras deste capítulo nos obrigam a olhar para o fechamento do que o precede, onde encontramos os gadarenos tão desgostosos com a companhia de Cristo, e se ressentindo tanto da perda de seus suínos, que lhe pediram para sair de seu território. E agora vemos que Ele entrou em um barco e atravessou para a outra margem. Os gadarenos ordenaram-lhe que fosse embora. Ele tomou as suas palavras ao pé da letra, e nós jamais lemos

que Ele tenha pisado naquele território novamente. Neste ponto, observe: 1. Sua justiça ao deixá-los. Note que Cristo não permanecerá muito tempo onde não é bem-vindo. Em um julgamento justo, Ele abandona aqueles lugares e pessoas que estão cansados dele, mas permanece com aqueles que desejam e cortejam a sua presença. Se o descrente quer afastar-se de Cristo, que se afaste; ele está por sua conta (1 Co 7.15). 2. Sua tolerância ao não deixar atrás de si nenhum castigo de destruição para puni-los, como mereciam, por seu desprezo e obstinação. Quão facilmente, e de forma merecida, Ele poderia ter dado a eles o mesmo destino dos seus porcos, que já estavam totalmente sob o poder do diabo. A provocação, realmente, era muito grande mas Ele a suportou e ignorou; e, sem qualquer ressentimento exasperado ou censuras, Ele entrou em um barco, e atravessou para o outro lado. Este foi o dia de sua paciência. Ele não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-la; não para matar, mas para curar. Os julgamentos espirituais estão mais de acordo com as condições da época do início do Evangelho; alguns ainda observam que, naquelas guerras sangrentas que os romanos moveram contra os judeus, iniciadas não muitos anos depois disso, eles primeiro sitiaram a cidade de Gadara, onde esses gadarenos habitavam. Aqueles que afastaram Cristo para longe deles, atraíram para si mesmos toda sorte de sofrimentos. Ai de nós, se Deus nos deixar!

Ele entrou em sua própria cidade, Cafarnaum, o principal local de sua residência no momento (Mc 2.1), e, portanto, chamada de sua cidade. Ele mesmo havia testemunhado que um profeta é menos apreciado em seu próprio país e cidade, mas apesar disso Ele foi para lá; porque procurava não sua própria glória, mas, estando em um estado de humilhação, Ele estava satisfeito em ser menosprezado pelas pessoas. Em Cafarnaum, ocorreram todas as circunstâncias registradas neste capítulo, e estão, portanto, reunidas aqui, embora, na harmonia dos evangelistas, outros eventos interviessem. Quando os gadarenos quiseram que Cristo partisse, Cafarnaum o recebeu. Se Cristo é insultado por alguns, há outros para quem Ele será glorioso; se alguns não o quiserem, outros vão querer.

O primeiro acontecimento, depois do retorno de Cristo para Cafarnaum, como registrado nestes versículos, foi a cura do paralítico. Nela, podemos observar:

A fé de seus amigos ao trazê-lo até Cristo. Tal era sua enfermidade, que ele não podia vir até Cristo por si mesmo, mas apenas carregado como foi. I Note que mesmo os mancos e os aleijados podem ser trazidos a Cristo, e eles não serão rejeitados por Ele. Se fizermos tanto quanto pudermos, Ele nos aceitará. Cristo estava atento à fé deles. Criancinhas não podem ir por si mesmas a Cristo, mas Ele ficará de olho na fé daqueles que as trouxerem, e isso não será em vão. Jesus viu a fé deles, a fé do próprio paralítico, bem como a dos que o trouxeram. Jesus viu a sua fé, embora a sua enfermidade, talvez, tenha debilitado seu intelecto e prejudicado seu raciocínio. A fé deles era: 1. Uma fé poderosa. Eles acreditavam firmemente que Jesus Cristo podia e iria curá-lo; caso contrário eles não teriam trazido o homem doente a Ele tão ostensivamente, e com tanta dificuldade. 2. Uma fé humilde. Embora o doente não fosse capaz de dar um passo sequer, eles não pediram a Cristo para fazer-lhe uma visita, mas o trouxeram à presença dele. É mais adequado virmos a Cristo, do que Ele a nós. 3. Uma fé ativa e diligente. Na crença no poder e na bondade de Cristo, eles trouxeram o doente à sua presença, deitado em uma cama, o que não poderia ser feito sem muitas dificuldades. Observe que uma grande fé não considera nenhum obstáculo ao perseverar para chegar mais perto de Cristo.

II A bondade de Cristo, naquilo que disse ao paralítico: “Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados”. Este era um soberano cordial para com um doente, cordial o suficiente para responsabilizar a doença pela sua condição de acamado, facilitando as coisas para ele. Não lemos sobre qualquer coisa dita a Cristo; provavelmente o pobre enfermo não podia falar, e aqueles que o trouxeram preferiram falar mais através de ações do que com palavras; eles o colocaram diante de Cristo; isso era o suficiente. Observe que não é em vão que apresentamos a nós mesmos e a nossos amigos a Cristo, como objetos de sua compaixão. O sofrimento clama tanto quanto o pecado; e, quando se trata de ouvir, a misericórdia é tão rápida quanto a justiça. Essa verdade está evidente nas palavras de Cristo: 1. Uma gentil saudação: “Filho”. Note que em exortações e consolações aos aflitos devemos falar como se estivéssemos falando com os nossos filhos, pois as aflições são disciplinas paternas (Hb 12.5). 2. Um generoso encorajamento: “Tem bom ânimo”. Tenha esperança; alegre o seu espírito. Provavelmente o pobre homem, quando foi baixado entre eles em sua cama, estava

desconcertado, com medo de uma repreensão por ter sido trazido assim tão rudemente. Mas Cristo não se baseia em formalismos; Ele o convida a ficar de bom ânimo; tudo ficaria bem, ele não ficaria deitado diante de Cristo em vão. Cristo convida-o a ter bom ânimo; e então o cura. Aqueles a quem Ele distribuiu a sua graça ficarão felizes em segui-lo, e em confiar nele; e terão coragem. 3. Uma boa razão para aquele encorajamento: “Perdoados te são os teus pecados”. Neste momento, isso deve ser considerado: (1) Como uma introdução para a cura da enfermidade corporal do homem. “Perdoados te são os teus pecados”, e, portanto, tu serás curado. Note que como o pecado é a causa da doença, assim o perdão dos pecados é o conforto da recuperação da doença. O pecado pode ser perdoado, e mesmo assim a doença pode não ser removida; há casos em que a doença é removida, e o pecado não é perdoado. Mas se tivermos o conforto da nossa reconciliação com Deus junto com o conforto de nossa recuperação das doenças, isso se torna realmente uma grande misericórdia para nós, como foi para Ezequias (Is 38.17). Ou: (2) Como uma razão para a ordem de ter bom ânimo, esteja ele curado de sua doença ou não, temos o seguinte raciocínio: “Mesmo que eu não te cure, não dirás que me buscaste em vão se eu te assegurar que os teus pecados estão perdoados. Não verás isto como um alívio suficiente, mesmo que continues paralítico?” Aqueles que, através da graça, têm alguma evidência do perdão de seus pecados, possuem razões para ter bom ânimo, quaisquer que sejam os aparentes problemas ou aflições que estejam enfrentando (veja Is 33.24).

III A crítica dos escribas ao que Cristo disse (v. 3). Eles disseram interiormente, em seus corações, entre eles, em seus murmúrios secretos: “Ele blasfema”. Veja como o maior exemplo do poder e graça do céu é marcado a ferro com a nota mais negra da hostilidade do inferno. O perdão de Cristo aos pecados é chamado de blasfêmia; não teria sido nada menos que isso, se Ele não tivesse sido designado por Deus para realizar tal obra. Os seus acusadores, então, é que são culpados de blasfêmia, por não terem tal autoridade e ainda fingirem que perdoavam pecados.

IV A convicção que Cristo lhes deu da irracionalidade dessa objeção, antes que prosseguisse.

1. Ele os acusou. Embora somente tivessem falado entre eles, Ele conhecia seus pensamentos. Note que o nosso Senhor Jesus tem o conhecimento

perfeito de tudo o que pensamos. Os pensamentos são secretos; porém, de repente, mesmo assim são desnudados e abertos diante de Cristo, a Palavra eterna (Hb 4.12,13), e Ele os entende à distância (Sl 139.2). Ele poderia dizer a eles (o que nenhum homem poderia): “Por que pensais mal em vosso coração?” Existe muito mal em pensamentos pecaminosos, que são muito ofensivos ao Senhor Jesus. Sendo Ele o Soberano do coração, pensamentos pecaminosos violam seu direito e perturbam sua posse; Ele os percebe e fica muito descontente com eles. Neles aloja-se a raiz da amargura (Gn 6.5). Os pecados que começam e terminam no coração, e não vão além, são tão perigosos quanto quaisquer outros.

2. Ele discutiu com eles por causa disso (vv. 5,6). Onde se observa:

(1) Como Ele afirma sua autoridade no reino da graça. Ele toma para si a incumbência de provar que o Filho do Homem, o Mediador, tem poder na terra para perdoar pecados; pois, por essa razão, o Pai confiou ao Filho todos os julgamentos, e lhe deu essa autoridade, porque Ele é o Filho do Homem (Jo 5.22,27). Se Ele tem poder para conceder a vida eterna, como certamente tem (Jo 17.2), Ele tem poder para perdoar os pecados; porque a culpa é uma barreira que deve ser removida, ou nunca poderemos chegar ao céu. Que estímulo para os pobres pecadores se arrependerem: o poder de perdoar os pecados está colocado nas mãos do Filho do Homem, que tem ossos como os nossos ossos! E se Ele tinha esse poder na terra, muito mais agora que está exaltado à direita do Pai, como Príncipe e Salvador, para dar o arrependimento e a remissão dos pecados (At 5.31).

(2) Como Ele prova isso: através de seu poder no reino da natureza; seu poder de curar doenças. “Pois o que é mais fácil? Dizer ao paralítico: Perdoados te são os teus pecados, ou: Levanta-te e anda?”. Ele que pode curar das doenças, quer declaradamente como um profeta, quer de maneira impositiva como Deus, pode, da mesma forma, perdoar os pecados. Ora: [1] Este é um argumento comum para provar que Cristo tinha uma missão divina. Seus milagres, especialmente suas curas milagrosas, confirmam o que Ele disse de si mesmo, que Ele era o Filho de Deus. O poder evidenciado em suas curas prova que Ele foi enviado por Deus; a misericórdia mostrada nelas prova que Ele foi enviado por Deus para curar e salvar. O Deus da verdade não colocaria o seu selo em uma mentira. [2] Havia uma peculiar força de persuasão neste caso. A paralisia não era mais que um sintoma da doença do pecado; e agora Ele deixou claro que poderia efetivamente curar a doença

original, pela remoção imediata daquele sintoma; havia uma ligação muito próxima entre o pecado e a doença. Aquele que tinha poder para retirar o castigo, sem dúvida, tinha poder para perdoar o pecado. Os escribas se apoiavam muito em uma justiça legalista, e depositavam sua confiança nisso. Eles não davam muita importância ao perdão dos pecados, a doutrina que Cristo tencionava exaltar aqui, mostrando que a sua grande missão no mundo era salvar o seu povo dos pecados que praticavam.

V A cura instantânea do homem enfermo. Cristo desviou-se da discussão com eles e disse ao paralítico palavras de cura. As discussões mais necessárias não devem nos desviar de fazer o bem que a nossa mão procura fazer. Ele disse ao paralítico: “Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa”; e uma força vivificadora acompanhou esta palavra (v. 7): “E, levantando-se, foi para sua casa”. Agora: 1. Cristo lhe ordena que tome a sua cama, para mostrar que ele estava perfeitamente curado e que não só não teria mais motivo para ser carregado em sua cama, como também tinha força para carregá-la. 2. Ele o mandou para casa, para ser uma bênção para sua família, onde ele havia sido um fardo por muito tempo; e não o levou consigo para o exibir, o que fariam em tais situações aqueles que buscam a glória que vem dos homens.

VI A impressão que isso causou na multidão (v. 8): “A multidão, vendo isso, maravilhou-se e glorificou a Deus”. Todo o nosso assombro deveria ajudar a aumentar em nossos corações a glorificação a Deus, que sozinho faz tantas coisas maravilhosas. Eles glorificaram a Deus pelo que Ele tinha feito por esse pobre homem. Deveríamos louvar a Deus pela misericórdia concedida aos outros e deveríamos agradecer por ela, pois somos parte uns dos outros. Embora poucos nessa multidão estivessem convencidos disso a ponto de chegar a crer em Cristo, mesmo assim eles o admiravam, não como Deus, ou o Filho de Deus, mas como um homem a quem Deus tinha dado tal poder. Note que Deus deve ser glorificado em todo o poder que é dado aos homens para fazer o bem. Porque todo poder se origina dele; está nele, como fonte, e nos homens, como cisternas.

O Chamado de Mateus

vv. 9-13

Nestes versículos, temos uma descrição da graça e da benignidade de Cristo para com os pobres publicanos, especialmente Mateus. Aquilo que Ele fez pelos corpos das pessoas teve a finalidade de abrir caminho a um desígnio bondoso para com as suas almas. Isto posto, observe aqui:

I O chamado de Mateus, o escritor deste Evangelho. Marcos e Lucas o chamam de Levi. Era comum para uma pessoa ter dois nomes. Talvez Mateus fosse o nome pelo qual ele era mais conhecido como publicano, e, por essa razão, em sua humildade, ele chamava a si mesmo por aquele nome, em vez de pelo nome mais ilustre, Levi. Alguns pensam que Cristo deu-lhe o nome de Mateus quando o chamou para ser apóstolo; tal como Simão, que foi cognominado Pedro. Mateus significa “presente do Senhor”. Os obreiros são presentes de Deus para a igreja; seu ministério e sua capacidade para desenvolvê-lo são presentes de Deus para eles. Agora observe:

1. A postura de Mateus por ocasião do chamado de Cristo. Ele estava sentado na recebedoria da alfândega, pois era um publicano (Lc 5.27). Ele era um funcionário da alfândega no porto de Cafarnaum, ou um coletor de impostos, ou coletor de imposto territorial. (1) Ele estava trabalhando, como os outros a quem Cristo chamou (cap. 4.18). Assim como Satanás escolhe vir, com suas tentações, para aqueles que estão ociosos, da mesma forma Cristo escolhe vir, com seu chamado, para aqueles que estão trabalhando. Mas: (2) era um trabalho de má reputação entre as pessoas sérias; pois estava ligado a muita corrupção e tentação, e havia poucos naquele ramo que eram honestos. O próprio Mateus confessa o que ele era antes de sua conversão, assim como Paulo (1 Tm 1.13), para que a graça de Cristo, ao chamá-lo, possa ser ainda mais engrandecida. Ele também mostra que Deus tem os seus remanescentes entre todos os tipos de pessoas. Ninguém pode se justificar em sua incredulidade, pelo seu chamado neste mundo; pois não existe uma chamada pecaminosa. Alguns foram salvos do mundo através de uma chamada pessoal, enquanto outros foram redimidos nele.

2. A força preventiva desse chamado. Não sabemos se Mateus procurava por Cristo, ou tinha qualquer inclinação para segui-lo, muito embora alguns de seus parentes já fossem discípulos de Cristo. Mas Cristo se antecipou a ele com as bênçãos de sua bondade. Ele foi encontrado por aqueles que não o

procuravam. Cristo disse em certa ocasião: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós”. Ele disse: “Segue-me”; e o mesmo poder divino e onipotente acompanhou essa palavra para converter Mateus, que obedeceu à convocação (v. 6). “Levanta-te e anda” foi a palavra que curou o paralítico. Note que uma mudança é formada na alma por Cristo como Autor, e por sua palavra, como o meio. Seu Evangelho é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16). O chamado foi eficaz, pois Mateus o atendeu, levantou-se e o seguiu imediatamente. Ele não se negou, nem demorou a obedecer (o poder da graça divina logo responde e supera todas as objeções); nem a sua nomeação para o seu cargo, nem os ganhos conseguidos através dele, puderam detê-lo, quando Cristo o chamou. Ele não consultou nem carne nem sangue (Gl 1.15,16). Ele abandonou seu posto e suas esperanças de promoção através daqueles meios; e, embora mais tarde, ocasionalmente, encontremos discípulos que haviam sido pescadores pescando novamente, não encontramos Mateus novamente na alfândega.

II A conversa de Cristo com publicanos e pecadores nessa ocasião. Cristo chamou Mateus para torná-lo conhecido entre as pessoas daquele grupo. Jesus sentou-se à mesa (v. 10). Os outros evangelistas nos contam que Mateus fez um banquete tão grande que os pobres pescadores, ao serem convidados, não eram capazes de imaginar. Mas quando ele próprio fala disso, nem sequer nos conta que isso aconteceu em sua própria casa, nem que era um banquete, mas apenas que se sentou à mesa para uma refeição em casa; preservando a lembrança do tratamento preferencial de Cristo aos publicanos, contrariamente ao respeito que ele havia dedicado a Cristo. Convém que falemos moderadamente de nossas próprias boas obras.

Agora observe: 1. Quando Mateus convidou a Cristo, ele convidou os discípulos do Senhor para que o acompanhassem. Aqueles que dão as boas-vindas a Cristo têm que dar boas-vindas a todas as coisas que são dele, por amor a Ele, e permitir que elas tenham um lugar em seus corações. 2. Ele convidou muitos publicanos e pecadores para encontrá-lo. Este era o ponto principal que Mateus visava neste banquete – que ele pudesse ter a oportunidade de trazer seus antigos companheiros para conhecer a Cristo. Ele sabia, por experiência própria, o que a graça de Cristo podia fazer, e não se preocuparia com eles. Aqueles que são efetivamente trazidos para Cristo, não podem deixar de desejar que outros também sejam trazidos a Ele, e contribuir

de alguma forma nesse sentido. A verdadeira graça é aquela que não nos levará a comer alegremente a nossa parte sozinhos, mas nos levará a convidar a outros. Quando a fraternidade se rompeu – pela conversão de Mateus – a sua casa estava repleta de publicanos, e certamente alguns deles o seguiriam, como ele seguiu a Cristo. Assim o fizeram André e Filipe (Jo 1.41,45; 4.29. Veja Jz 14.9).

III O descontentamento dos fariseus com isso (v. 11). Eles se queixaram disso, e perguntaram: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” Observe aqui: 1. Que Cristo foi provocado. Este não era o menor dos seus sofrimentos, suportar a contradição dos pecadores contra si. Ninguém era mais provocado pelos homens do que Ele, que veio para mediar o grande conflito entre Deus e os homens. Assim, Ele negou a si mesmo a honra devida a uma Divindade encarnada, que era a de ser justificado no que Ele falava e ter tudo o que Ele falava imediatamente aceito, pois embora nunca falasse ou fizesse qualquer coisa errada, tudo o que Ele disse e fez foi contestado. Assim, Ele nos ensinou a esperar e estar preparados para a repreensão, e suportá-la pacientemente. 2. Aqueles que discutiram com eles eram os fariseus; uma geração de homens orgulhosos, convencidos de si mesmos, e críticos dos demais; do mesmo temperamento que aqueles dos tempos dos profetas, que disseram: “Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu”. Eles eram muito rígidos em evitar os pecadores, mas não em evitar o pecado. Não havia maiores fanáticos do que eles no que se refere à forma da devoção, nem maiores inimigos do poder que ela tem. Eles defendiam a manutenção das sutilezas das tradições dos antigos, propagando, assim, o mesmo espírito através do qual eram governados. 3. Eles levaram as suas críticas, não para o próprio Cristo – eles não tinham coragem para fazê-las diante dele –, mas para seus discípulos. Os discípulos estavam na mesma companhia, mas a disputa era com o Mestre, pois eles não teriam feito isso, se Ele também não o fizesse; eles pensavam que isso ficava pior para Ele, que era um profeta, do que para eles. Sua dignidade, eles pensavam, devia mantê-lo, mais que aos outros, a uma distancia maior de tal companhia. Escandalizados com o Mestre, eles discutem com os discípulos. Note que cabe aos cristãos defender e justificar a Cristo e suas doutrinas e leis, e estar sempre prontos para dar uma resposta àqueles que lhes perguntam a razão da esperança que há neles (1 Pe 3.15).

Enquanto Ele é o nosso defensor no céu, sejamos seus defensores na terra, e permitamos que as acusações contra Ele também pesem contra nós. 4. O protesto era por Ele ter comido com publicanos e pecadores. Ser amigo de pessoas más é contra a lei de Deus (Sl 119.115; 1.1). E talvez, ao fazerem essa acusação contra Cristo aos seus discípulos, eles esperassem influenciá-los para que se afastassem dele e ficassem descontentes com Ele, fazendo-os passar para o lado deles, tornando-se seus discípulos, como se assim andassem em melhor companhia. Pois eles andavam por terra e mar para fazer prosélitos. Ser íntimo dos publicanos era contra a tradição dos anciãos, e, por isso, eles viam isso como algo odioso. Eles estavam furiosos com Cristo pelo seguinte: (1) Porque desejavam causar dano a Ele – eles buscavam uma oportunidade para deturpar sua imagem. Note que é fácil e muito comum interpretar da pior maneira as melhores palavras e ações. (2) Porque eles não desejavam nenhum bem aos publicanos e pecadores, mas invejavam a preferência de Cristo por eles, e estavam aflitos por vê-los levados ao arrependimento. Era legítimo suspeitar que eles próprios não possuíam a graça de Deus, invejavam a participação dos outros nessa graça, e estavam insatisfeitos com isso.

IV A defesa que Cristo fez de si e de seus discípulos ao justificar a conversa que manteve com os publicanos e os pecadores. Os discípulos, ao que parece, sendo ainda fracos, tinham que procurar uma resposta para a crítica dos fariseus, e depois levá-la a Cristo, e Ele a ouviu (v. 12). Também é possível que o Senhor tenha ouvido aqueles homens sussurrando aos seus discípulos. Que Ele próprio se justifique e defenda a sua própria causa, respondendo a cada um de nós. Duas coisas que Ele ressalta em sua defesa:

1. A necessidade e a urgência do caso dos publicanos, que pediram sua ajuda em voz alta, e, portanto, justificavam a sua conversa com eles para o próprio bem deles. Foi a extrema necessidade dos pobres pecadores perdidos que trouxe Cristo das puras regiões celestiais para estas regiões impuras; o mesmo motivo que o trouxe para esta companhia que era considerada impura. Nesse momento:

(1) Ele prova a necessidade da causa dos publicanos: “Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes”. Os publicanos estão doentes, e eles necessitam de alguém para ajudá-los e curá-los – o que os fariseus achavam que não precisavam. Note:

[1] O pecado é a doença da alma; os pecadores são espiritualmente doentes. As corrupções originais são as doenças da alma, transgressões efetivas são suas feridas, ou as erupções da doença. É algo deformante, debilitante, inquietante, destrutivo, mortal, mas, bendito seja Deus, não incurável. [2] Jesus Cristo é o grande médico das almas. Sua cura das doenças do corpo significa que Ele surgiu com a cura sob seus braços. Ele é um médico hábil, dedicado e misericordioso, e é sua missão e tarefa curar os doentes. Homens bons e sábios deveriam ser como médicos em tudo o que lhes diz respeito. Cristo era assim. *Hunc affectum versus omnes habet sapiens, quem versus Aegros suos medicus – Um homem sábio alimenta, por tudo e por todos aqueles que estão à sua volta, os mesmos sentimentos de um médico por seu paciente.* Sêneca, *De Const.* [3] As almas pecadoras têm necessidade desse médico, pois a enfermidade delas é perigosa. Eles não se curarão por si mesmos; nenhum homem pode ajudar-nos; nós temos tal necessidade de Cristo, que estamos arruinados, eternamente arruinados, sem Ele. Pecadores conscientes percebem sua necessidade, e conseqüentemente dedicam-se a Ele. [4] Existe um grande número de pessoas que se imaginam saudáveis e perfeitas, que pensam não ter necessidade de Cristo, que podem cuidar de si mesmas sem Ele, como os crentes de Laodicéia (Ap 3.17). Portanto, os fariseus não desejavam o conhecimento dos métodos e da palavra de Cristo, não porque não precisassem, mas porque pensavam que não tinham nenhum pecado. Veja João 9.40,41.

(2) Ele prova que a necessidade dos publicanos e pecadores justificou suficientemente a sua conduta ao conversar de modo amigável com eles, e que Ele não deve ser culpado por isso, pois aquela necessidade tornou este ato um ato de caridade, que deve sempre ser preferido às formalidades de uma profissão de fé religiosa, na qual caridade e generosidade são muito melhores do que grandeza, tanto quanto conteúdo é melhor do que dar espetáculos ou se esconder. Esses deveres, que são obrigações morais naturais, chegam a ter lugar até mesmo junto às leis divinas que são positivas e formais; assim, devem substituir essas imposições humanas bem como as tradições dos mais velhos, que tornam a lei de Deus mais rígida do que Ele a fez. Isso Ele prova (v. 13) citando uma passagem extraída de Oséias 6.6: “Porque eu quero misericórdia e não sacrifício”. Essa separação ressentida da sociedade em relação aos publicanos, que os fariseus impuseram, era menos do que um sacrifício; mas o fato de Cristo conversar com eles era mais do

que um ato de simples misericórdia, e, portanto, deveria ser preferido. Se fazer o bem é algo melhor do que o sacrifício, como Samuel expressa (1 Sm 15.22,23), quão bom é fazer o bem aos outros. A conversa de Cristo com os pecadores é chamada aqui de misericórdia: promover a conversão de almas é o maior ato de misericórdia imaginável; é salvar da morte uma alma (Tg 5.20). Observe como Cristo menciona isso: “Ide, porém, e aprendei o que significa”. Não é suficiente ser familiarizado com a letra da Escritura, mas precisamos aprender a entender o seu significado. E eles aprenderam melhor o significado das Escrituras agora ao aplicá-las como uma reprovação a seus próprios erros, e como uma regra para suas próprias práticas. Essa passagem da Escritura citada por Cristo servia não apenas para vindicá-lo, mas: [1] Para mostrar em que consiste a verdadeira religião: não em práticas externas, não em comidas e bebidas e demonstrações de santidade, não em pequenas opiniões particulares e disputas duvidosas, mas em fazer todo o bem que pudermos para os corpos e almas das outras pessoas; em paz e em retidão; visitando órfãos e viúvas. [2] Para condenar a hipocrisia farisaica daqueles que colocam a ênfase da religião em rituais, mais do que no comportamento (cap. 23.23). Eles apóiam essas formas de religiosidade que podem se tornar consistentes com (e talvez subservientes ao) seu orgulho, cobiça, ambição, e malícia, enquanto odeiam aquele poder dela que é mortal para suas concupiscências.

2. Ele ressalta a natureza e a finalidade da sua própria missão. Ele deve expressar as suas ordens, e prosseguir com aquilo para o que foi designado – ser o grande Professor. Agora Ele diz: “Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento”, e, portanto, devo conversar com os publicanos. Observe: (1) Qual era a sua incumbência; era chamar ao arrependimento. Este foi o seu primeiro tema (cap. 4.17), e esta era a sua tendência em todos os seus sermões. O chamado do Evangelho é um chamado para o arrependimento; um convite para mudarmos nossas mentes e nossos caminhos. (2) A quem a sua missão se estende. Não aos justos, mas aos pecadores. Isto quer dizer: [1] Se os filhos dos homens não fossem pecadores, não teria havido nenhuma oportunidade ou necessidade para a vinda de Cristo entre eles. Ele é o Salvador, não do homem como homem, mas do homem arruinado. Se o primeiro Adão tivesse continuado em sua retidão original, não teríamos precisado de um segundo Adão. [2] Portanto, suas maiores atividades se relacionam com os grandes pecadores. Quanto

mais perigoso o caso do homem doente é, mais ocasiões existem para a ajuda do médico. Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, até mesmo aquele que se considera o principal (1 Tm 1.15); chamar não tanto aqueles que, apesar de pecadores, são relativamente justos, mas o pior dos pecadores. [3] Quanto mais conscientes quaisquer pecadores forem de suas próprias iniqüidades, mais bem-vindos serão, para eles, tanto Cristo como o seu Evangelho. Geralmente as pessoas se dirigem a lugares onde a sua companhia é desejada, não procurando aqueles que não as querem. Cristo não veio com a expectativa de ser bem-sucedido entre os justos, aqueles que consideram a si mesmos como tais, mas que em pouco tempo estarão mais cansados de seu Salvador que de seus pecados. Ele preferiu vir para os humildes pecadores assumidos; para eles Cristo veio, porque para os tais Ele é bem-vindo.

A Resposta de Cristo aos Discípulos de João

vv. 14-17

As objeções que foram feitas contra Cristo e seus discípulos deram margem a alguns dos mais profícuos de seus discursos. É assim que os interesses da verdade são freqüentemente satisfeitos, pela própria resistência que recebe dos opositores. Perceba que a sabedoria de Cristo é capaz de extrair o bem do mal. Este é o terceiro exemplo disso neste capítulo. Seus sermões sobre seu poder para perdoar os pecados e sua disposição em receber os pecadores foram ocasionados pelas críticas dos escribas e dos fariseus; assim, aqui, a partir de uma reflexão sobre a conduta de sua família, eleva-se um sermão relativo à ternura que Ele sente pelas famílias. Observe:

I A objeção que os discípulos de João fizeram contra os de Cristo por não jejuarem tão freqüentemente como eles o faziam. Eles são acusados de negligência em relação à sua fé por comerem com publicanos e pecadores; então lhes foi sugerido que deveriam trocar aquela fé por outra mais austera. De acordo com outros evangelistas (Mc 2.18; Lc 5.33), parece que os discípulos dos fariseus uniram-se a eles, e temos razões para suspeitar que eles os instigaram, fazendo uso dos discípulos de João como seus porta-vozes, porque estes, estando mais próximos do favor de Cristo e de seus

discípulos, podiam fazer isso de um modo mais plausível. Note que não é nenhuma novidade para homens maus atrair homens bons pela palavra. Se o povo de Deus diverge em seus sentimentos, homens insidiosos aproveitarão essa ocasião para semear a discórdia, atirá-los uns contra os outros, e separá-los uns dos outros, e então fazer deles presas fáceis. Se os discípulos de João e os de Jesus entraram em conflito, temos razões para suspeitar que os fariseus trabalharam de forma desleal, soprando as brasas. Agora a reclamação é: Por que nós e os fariseus jejuamos freqüentemente, e os teus discípulos não? É uma pena que os deveres da religião, que deveriam ser a confirmação do amor sagrado, se tornem oportunidades de conflito e disputa; mas infelizmente eles muitas vezes são assim, como é mostrado aqui. Assim, podemos observar:

1. Como eles se vangloriaram de seu próprio jejum. “Nós e os fariseus jejuamos com freqüência”. O ato de jejuar tem sido consagrado em todos os períodos da igreja, em ocasiões especiais, a serviço da religião. Os fariseus o praticavam muito; muitos deles observavam dois dias de jejum por semana, muito embora em sua maioria fossem hipócritas e homens maus. Note que freqüentemente adeptos falsos e formais superam outros em atos externos de devoção, e até mesmo de penitência. Os discípulos de João jejuavam freqüentemente, em parte de acordo com a prática de seu mestre, pois ele veio não comendo nem bebendo (cap. 11.18); e as pessoas são hábeis em imitar seus líderes, muito embora nem sempre com o mesmo princípio interior; em parte em conformidade com a doutrina de arrependimento do seu mestre. Note que a parte mais rígida da religião, aquela que comete excessos em relação à Palavra de Deus, é geralmente composta por aqueles que ainda estão sob a disciplina de um espírito que é como um espírito de servidão. E embora possam até parecer bons dentro de alguns limites, devemos passar à vida de deleite e dependência em Deus a que devemos ser conduzidos. Agora eles vêm até Cristo para dizer-lhe que jejuavam freqüentemente; pelo menos pensavam nisso com freqüência. Note que a maioria dos homens apregoará a todos a sua própria bondade (Pv 20.6). Há uma tendência dos adeptos de gabarem-se das suas próprias realizações na religião, especialmente se houver algo de extraordinário nelas; eles não apenas se vangloriam delas diante dos homens, mas tentam advogar diante de Deus, confiando nelas como obras justas.

2. Como eles censuravam os discípulos de Cristo, por não jejuarem tão freqüentemente como eles o faziam. “Teus discípulos não jejuam”. Eles não sabiam que Cristo havia instruído seus discípulos a manterem seus jejuns em segredo, e cuidarem para que os homens não notassem que eles jejuavam; portanto, era muito injusto para com os discípulos concluir que não jejuavam por não declararem seu jejum. Note que não devemos julgar a fé das pessoas por aquilo que elas aparentam diante dos nossos olhos e pelos comentários do mundo. Mas suponha que fosse assim, que os discípulos de Cristo não jejuassem tão freqüentemente, ou por períodos tão longos, como eles o faziam; em verdade, eles pensariam então que tinham mais fé que os discípulos de Cristo. É comum que adeptos vaidosos façam de si um padrão de fé, pelo qual testar e avaliar pessoas e coisas – como se todos os que diferem deles estivessem profundamente errados; como se todos os que fizessem menos que eles, fizessem muito pouco, e todos aqueles que fizessem mais que eles, tivessem feito em demasia – o que é uma clara evidência de sua falta de humildade e misericórdia.

3. Como eles levaram esta queixa a Cristo. Note que se os discípulos de Cristo, por omissão ou por comissão, incorreram em uma ofensa, de certo o próprio Cristo teria se certificado que ouviria e refletiria sobre a questão. Ó, Senhor Jesus, são esses os teus cristãos? Portanto, ao glorificarmos a Cristo, estamos interessados em nos comportar bem. Observe que a disputa com Cristo foi levada aos discípulos (v. 11), e a disputa com os discípulos foi levada a Cristo (v. 14). Este é o modo de semear discórdia e destruir o amor, de atirar pessoas contra sacerdotes, sacerdotes contra pessoas, e um amigo contra o outro.

II A defesa que Cristo fez de seus discípulos neste assunto. Cristo poderia ter repreendido os discípulos de João com a parte anterior da pergunta deles: Por que vocês jejuam freqüentemente? “Não, você sabe melhor que ninguém porque faz isso; mas a verdade é que muitos se excedem em demonstrações externas de devoção, e dificilmente eles próprios conhecem a razão daquilo que estão fazendo”. Mas Ele apenas defende a prática dos seus discípulos; quando eles não tinham nada a dizer em favor de si mesmos, Ele tinha algo preparado para dizer. Assim como a glória da sabedoria está em ser justificada por todos os seus filhos, a alegria de seus filhos é serem justificados pela sabedoria. Aquilo que nós fazemos de acordo com o

preceito e o padrão de Cristo, Ele, na verdade, confirmará, e poderemos, com convicção, deixar que Ele justifique a nossa integridade.

Mas tu responderás por mim, Senhor. – Herbert.

Cristo alega duas coisas em defesa de não jejuarem.

1. Aquela não era uma ocasião apropriada para tal atitude (v. 15): “Podem, porventura, andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?” Observe que a resposta de Cristo é de tal forma construída que pode justificar amplamente o comportamento de seus próprios discípulos, e mesmo assim não condenar a instituição de João ou a prática dos discípulos deste. Quando os fariseus incentivaram essa discussão, eles esperavam que Cristo colocasse culpa em seus próprios discípulos ou nos de João, mas Ele não culpou nenhum dos dois grupos. Note que quando, em qualquer momento, somos injustamente criticados, nossa preocupação deve ser somente a de justificar a nós mesmos, não recriminar ou jogar a culpa nos outros; e pode haver tal variedade de circunstâncias que justifiquem nosso comportamento, sem que condenemos aqueles que se comportam de outra maneira.

Agora seu argumento usa o hábito comum de alegrar-se e rejubilar-se durante as solenidades das núpcias, quando todas as ocasiões de melancolia e tristeza são vistas como inadequadas e absurdas, como nas bodas de Sansão (Jz 14.17). Nesta ocasião: (1) Os discípulos de Cristo eram os filhos das bodas, convidados para a festa do casamento e bem-vindos a ela; os discípulos dos fariseus nada mais eram do que os filhos da escrava (Gl 4.25,31), que continuavam sob a dispensação das trevas e do terror. Note que os fiéis seguidores de Cristo, que têm o Espírito de adoção, estão permanentemente em festa, enquanto aqueles que têm o espírito da servidão e do medo, não podem rejubilar-se na alegria, como os outros povos (Os 9.1). (2) Os discípulos de Cristo tinham o esposo com eles, o que os discípulos de João não tinham; seu mestre estava agora na prisão e permanecia ali com sua vida permanentemente em risco, e era, portanto, razoável para eles jejuarem com freqüência. Tal dia chegaria para os discípulos de Cristo, quando o esposo lhes seria tirado, quando seriam despojados de sua presença física, e deveriam, então, jejuar. Os pensamentos da partida os entristeciam, quando ele estava para partir (Jo 16.6). A tribulação e a aflição sobrevieram sobre eles quando Ele se foi, dando-lhes a oportunidade de lamentarem e orarem,

ou seja, um jejum religioso. Note que: [1] Jesus Cristo é o Esposo da sua Igreja, e seus discípulos são os filhos das bodas. Cristo fala de si mesmo aos discípulos de João considerando essa semelhança, porque João a havia usado quando chamou a si mesmo de amigo do Esposo (Jo 3.29). E se eles, através dessa sugestão, se lembrassem do que o seu mestre havia dito, então responderiam a sua própria pergunta. [2] A situação daqueles que são os filhos das bodas está sujeita a muitas mudanças e alterações neste mundo; o tema de sua vida e canções é a compaixão e o juízo. [3] Os filhos das bodas estão felizes ou melancólicos, conforme tenham maior ou menor presença do Esposo. Quando o Esposo está com eles, a luz de Deus brilha sobre as suas cabeças e tudo está bem; mas quando Ele se retira, mesmo que por um breve momento, eles se aborrecem e caminham pesarosamente. A presença e a proximidade do sol trazem o dia e o verão; sua ausência, a noite e o inverno. Cristo é o motivo de alegria da igreja. [4] Cada atividade deve ser feita em sua época apropriada (veja Ec 7.14; Tg 5.13). Há um tempo para chorar e um tempo para rir, aos quais nos devemos adaptar e dar o fruto no devido tempo. Nos jejuns, o respeito deve ser mantido para com os métodos da graça de Deus para conosco; quando Ele pranteia por nós, devemos lamentar. Também devemos considerar a distribuição de sua providência naquilo que nos diz respeito; há tempos em que o Senhor Deus nos convoca para prantear e lamentar; devemos ter respeito para com qualquer trabalho especial que se apresente diante de nós (cap. 17.21; At 13.2).

2. Eles não tinham força suficiente para aquela tarefa. Isto é exposto em duas comparações: uma consistindo de colocar um remendo novo em uma veste velha, o que rompe a velha em pedaços (v. 16); outra consistindo de colocar vinho novo em odres velhos, o que simplesmente rompe os odres (v. 17). Os discípulos de Cristo não eram capazes de suportar esses exercícios rigorosos tão bem quanto os de João e os fariseus. O erudito Dr. Whitby explica o fato através deste raciocínio: havia entre os judeus não apenas sectários dos fariseus e dos essênios, que levavam uma vida austera, mas também muitos da escola dos profetas, que freqüentemente viviam em montanhas e desertos, e muitos deles eram nazireus; eles tinham, também, academias particulares para educar homens em uma rígida disciplina; e, possivelmente, muitos dos discípulos de João e dos fariseus vinham desses grupos; enquanto que os discípulos de Cristo, sendo acolhidos imediatamente após o seu chamado, não estavam acostumados a tais austeridades religiosas,

e não estavam preparados para elas, pois os deixariam um tanto incapacitados para o seu outro trabalho. Note que: (1) Alguns deveres da religião são mais árduos e difíceis do que outros. Isto ocorre no caso das roupas novas e do vinho novo, exigindo uma maior força da alma, e são desagradáveis à carne e ao sangue no mais alto grau; assim são o jejum e os deveres que o acompanham. (2) Os melhores discípulos de Cristo passam por um estágio de infância; nem todas as árvores no jardim de Cristo são do mesmo tamanho, nem todos os seus aprendizes têm a mesma forma; há bebês e adultos em Cristo. (3) Ao impor práticas religiosas, a fraqueza e a debilidade dos cristãos novatos devem ser consideradas: assim como a comida que lhes é dada deve ser adequada à sua idade (1 Co 3.2; Hb 5.12), o trabalho deve ser adequado para eles. Cristo não falava a seus discípulos o que eles não podiam suportar naquele momento (Jo 16.12). Iniciantes novatos na religião não devem ser submetidos inicialmente aos deveres mais difíceis para não serem desencorajados. Tal como Deus foi cuidadoso com o seu Israel, quando os tirou do Egito, para que não passassem pelo caminho dos filisteus (Êx 13.17,18), e assim como Jacó cuidou de seus filhos e do seu gado, para não os cansar (Gn 33.13), assim é o cuidado de Cristo com as crianças de sua família e os cordeiros de seu rebanho: Ele os conduz gentilmente. Por falta desse cuidado, muitas vezes, os odres se rompem e o vinho é derramado – a religião de muitos fracassa e se transforma em nada, primeiramente por falta de prudência. Note que pode haver exagero, mesmo ao fazermos algo bem feito; é necessário termos o cuidado de não parecermos excessivamente justos, pois tal excesso pode se tornar um fracasso através da astúcia e das sutilezas de Satanás.

A Ressurreição da Filha de um Chefe

vv. 18-26

Temos aqui duas histórias colocadas juntas: a da ressurreição da filha de Jairo e a da cura da mulher que tinha um fluxo de sangue, enquanto Jesus se encaminhava para a casa de Jairo, esta inserida em um parêntese, no meio da primeira história; pois os milagres de Cristo eram muito espalhados e entrelaçados; a obra daquele que o enviou era seu trabalho diário. Ele era convocado a fazer essas boas obras, dizendo o que aconteceria no futuro, e

respondendo aos sofismas dos fariseus (v. 18). Enquanto Ele falava dessas coisas, foi interrompido – e podemos supor que esta foi uma agradável interrupção em meio ao desagradável trabalho de debater, pois, às vezes, é necessário que um homem bom abandone uma discussão, com prazer, até que cuide de algum ato de oração ou caridade. Neste ponto, temos:

I O chefe dirigindo-se a Cristo (v. 18). Um certo administrador, um chefe da sinagoga, chegou e o adorou. Algum dos chefes cria nele? Sim, aqui estava um, um chefe da sinagoga, cuja fé denunciava a incredulidade dos demais chefes. Este chefe tinha uma filha pequena, de doze anos de idade, que acabara de falecer, e esta violência contra o aconchego da sua família foi a oportunidade que ele teve para ir a Cristo. Note que quando temos problemas devemos buscar a Deus. A morte de nossos parentes deve nos levar a Cristo, que é a nossa vida; seria bom se tudo nos levasse a Ele. Quando a aflição atinge as nossas famílias, não devemos ficar sentados atônitos, mas, como Jó, devemos nos ajoelhar e orar. Agora observe:

1. Sua humildade ao dirigir-se a Cristo. Ele próprio foi até Cristo com sua missão. Ele não enviou um de seus criados. Note que não é depreciativo para os maiores governantes ir pessoalmente até o Senhor Jesus. Esse o adorou, ajoelhou-se diante dele e lhe prestou todo o respeito. Aqueles que recebem a compaixão de Cristo devem reverenciar a Cristo.

2. Sua fé: “Minha filha faleceu agora mesmo”. Embora a chegada de qualquer outro médico fosse agora muito tardia (nada mais absurdo do que a medicina pós-morte), Cristo, entretanto, chegou a tempo. Ele é o médico da pós-morte, pois Ele é a ressurreição e a vida: “Mas vem, impõe-lhe a tua mão, e ela viverá”. Isto estava bem acima do poder natural (*a privatione ad habitum non datur regressus – a vida uma vez perdida não pode ser restaurada*), mas ao alcance dos poderes de Cristo, que tem em si mesmo a vida, e o poder de dar a vida a quem Ele quiser. Cristo opera hoje de uma forma tão poderosa quanto no passado. Às vezes, Ele não age de acordo com a natureza, a natureza que Ele criou e que lhe pertence. Portanto, sempre podemos lhe fazer um pedido desse tipo. Humanamente falando, enquanto houver vida, haverá esperança e espaço para a oração; mas quando nossos parentes e amigos morrem, o caso está humanamente decidido; nós iremos a eles, mas eles não retornarão a nós. Porém, quando Cristo está presente, Ele age realizando milagres; uma confiança como essa não é somente admissível,

mas muito louvável.

II A prontidão de Cristo em concordar com o pedido daquele homem (v. 19). Jesus se levantou imediatamente, deixou seus acompanhantes e o seguiu. Ele não só queria conceder o que o homem desejava, ressuscitando a sua filha, mas gratificá-lo a ponto de ir à sua casa para fazê-lo. Certamente, Ele nunca disse à semente de Jacó: Vós me buscais em vão. Ele se negou a ir com o nobre que disse: “Senhor, desce, antes que meu filho morra” (Jo 4.48-50), todavia Ele acompanhou o chefe da sinagoga que disse: Senhor “vem… e [minha filha] viverá”. A variedade de métodos que Cristo usa para realizar seus milagres talvez deva ser atribuída às diferentes disposições de espírito e humor em que se encontravam aqueles que recorriam a Ele, algo que Ele, que examina o coração, conhecia perfeitamente, e à qual se adequava. Ele conhece tudo sobre cada pessoa, inclusive todos os pensamentos do homem e qual é a melhor direção para conduzir cada um. Observe que quando Jesus seguiu o homem, seus discípulos também o fizeram; eles eram aqueles que Ele havia escolhido como os seus companheiros constantes. Não era para fazer declarações ou observações que Ele levava seus acompanhantes consigo, mas para que aqueles que seriam os pregadores da sua doutrina no futuro pudessem ser testemunhas de seus milagres.

III A cura da pobre mulher que tinha um fluxo de sangue. Eu a chamo de pobre mulher, não apenas porque seu caso era comovente, mas porque ela havia gastado tudo com médicos, na busca da cura para sua enfermidade, sem nunca ter ficado melhor; o que dobrava a sua condição de miséria, pois ela tivera muito, mas nada tinha agora; e empobrecera tentando recuperar a sua saúde e não conseguiu. Essa mulher estava doente de um fluxo de sangue há doze anos (v. 20); uma doença que não era somente debilitante e destruidora, e sob a qual o corpo necessita de descanso total mas que a tornara cerimonialmente impura e a mantinha fora das dependências da casa do Senhor; porém não a impedira de se aproximar de Cristo. Ela própria recorreu a Cristo e recebeu a sua misericórdia no caminho, enquanto seguia o chefe da sinagoga, cuja filha estava morta, e para quem isso seria um grande encorajamento e uma ajuda para preservar a sua fé no poder de Cristo. Com que benevolência Cristo considera a situação e leva em conta a situação dos crentes frágeis! Observe:

1. A grande fé da mulher em Cristo e em seu poder. A doença da mulher era de tal natureza, que a sua modéstia não lhe permitia falar abertamente com Cristo sobre uma cura, como faziam os outros, mas por um impulso peculiar do Espírito de fé, ela acreditou que Ele tinha uma tão completa abundância de virtude, que o simples toque em sua vestimenta traria a sua cura. Alguns podem considerar que talvez a atitude da mulher tivesse sido um tanto fantasiosa, ou seja, um sentimento fantasioso misturado com fé; pois não havia um precedente dessa maneira de pedir a Cristo, a menos que, como alguns pensam, ela tivesse em vista a ressurreição de um morto pelo toque nos ossos de Eliseu (2 Rs 13.21). Mas qualquer que fosse a falta de entendimento aqui, Cristo ficou contente ao considerar e aceitar a sinceridade e a força de sua fé; pois Ele come o favo e o mel (Ct 4.11). Ela acreditava que seria curada se apenas tocasse a orla de suas vestes, a simples borda da roupa do Senhor. Note que existe virtude em cada coisa que pertence a Cristo. O óleo precioso com que o sumo sacerdote era ungido, descia até a orla de suas vestes (Sl 133.2). A plenitude de graça que há em Cristo é tamanha, que todos nós podemos dela receber virtude (Jo 1.16).

2. A notável generosidade de Cristo para com essa mulher. Ele não suspendeu (como poderia ter feito) suas influências curativas, mas tolerou que esta tímida paciente conseguisse uma cura desconhecida de todos os outros, embora ela não pudesse fazê-lo sem que Ele o soubesse. E agora ela partia muito contente, pois tinha alcançado o que viera buscar, mas Cristo não queria que ela partisse assim. Ele não só teria seu poder engrandecido na cura dela, mas a sua graça engrandecida no bem-estar e admiração da mulher: as vitórias da sua fé devem ser para honra e elogio dela. Ele se voltou para vê-la (v. 22), e logo a achou. Note que é um grande incentivo para os cristãos humildes saber que mesmo estando imperceptíveis aos homens, são amplamente conhecidos por Cristo, que vê em segredo a sua dedicação às coisas celestiais, mesmo quando estão isolados. Nessas circunstâncias:

(1) Ele põe alegria no coração da mulher, através desta palavra: “Tem bom ânimo, filha” (versão RA). Ela temia ser censurada por chegar de forma clandestina, mas é encorajada. [1] Ele a chama de filha, pois Ele falava com ela com a ternura de um pai, como fez com o paralítico (v. 2), a quem Ele chamou de filho. Cristo tem alívio pronto para as filhas do Sião, que são tristes de espírito, como Ana (1 Sm 1.15). As mulheres que crêem são filhas

de Cristo, e Ele as reconhece como tais. [2] Ele a convida a ter ânimo. Uma vez que Cristo a reconhece como uma filha, ela tem razão para se sentir assim! A consolação dos santos é baseada em sua adoção como filhos. O incentivo de Jesus para que ela tivesse ânimo trazia em si consolo (assim como suas palavras, “a tua fé te salvou”, traziam saúde). A vontade de Cristo é que o seu povo seja confortado, e é sua prerrogativa ordenar o consolo a espíritos perturbados. “Eu crio os frutos dos lábios: paz, paz” (Is 57.19).

(2) Ele honra a fé dela. A fé honra a Cristo acima de todas as demais coisas; portanto, Ele a honra: “A tua fé te salvou”. Dessa maneira, através da fé, ela conseguiu uma boa notícia. E, de todas as graças, Cristo coloca a maior honra sobre a fé; portanto Ele atribui maior honra àqueles crentes mais humildes, como acontece aqui com esta mulher que tinha mais fé do que pensava ter. Ela tinha razão para se sentir aliviada, não só porque estava curada, mas porque sua fé a curara; ou seja: [1] Ela foi espiritualmente curada. A cura realizada nela foi o fruto e o efeito apropriado da fé, do perdão dos pecados, e da obra da graça. Note que podemos, então, ter um conforto abundante em nossas graças temporais quando elas são acompanhadas por essas bênçãos espirituais que são semelhantes a elas. Nossa comida e nossas vestes serão confortáveis quando, pela fé, formos alimentados com o pão da vida e vestidos com a justiça de Jesus Cristo. Nosso descanso e sono serão confortáveis quando, pela fé, repousamos em Deus e habitamos em paz nele. Nossa saúde e prosperidade serão confortáveis quando, pela fé, nossas almas prosperarem e tiverem saúde. Veja Is 38.16,17. [2] Sua cura física foi fruto de sua fé e isso sem dúvida tornou a cura feliz e confortável. Aqueles de quem demônios foram expulsos, foram ajudados pelo soberano poder de Cristo; alguns, pela fé de outros (como no v. 2); mas alguns, por sua própria fé – “a tua fé te salvou”. Note que as graças temporais são, sem dúvida, alívios para nós quando são recebidas pela fé. Se, quando buscarmos a graça, orarmos por ela com fé, tendo em vista a promessa e a confiança nela, se a desejarmos por amor à glória de Deus e com submissão à sua vontade, e tivermos nossos corações ampliados por ela na fé, no amor e na obediência, poderemos dizer, então, que ela foi recebida pela fé.

IV A condição em que Jesus encontrou a casa do chefe da sinagoga (v. 23): Ele viu “... os instrumentistas e o povo em alvoroço”. A casa estava

agitada: quanto trabalho a morte causa quando atinge uma família. Talvez os cuidados necessários que surgem nessa ocasião, quando o morto precisa ser sepultado decentemente, longe da nossa vista, tragam alguma distração proveitosa ao pesar que tende a nos vencer, tornando-se como um tirano. As pessoas da vizinhança se juntam para dar as condolências pela perda, para confortar os pais, para preparar e acompanhar o funeral, que os judeus não costumavam adiar por muito tempo. Os músicos estavam entre eles, conforme o costume dos gentios, com suas canções tristes e melancólicas, para aumentar o pesar e incitar as lamentações daqueles que compareciam a esta ocasião. Dessa maneira, eles se entregavam a uma paixão que é capaz, por si só, de sair de controle, e eram influenciados pela tristeza como os desesperançados. Veja como a religião cristã fornece medicamentos estimulantes onde a descrença administra medicamentos cáusticos. O paganismo agrava a dor que a cristandade busca suavizar. Ou talvez esses músicos tentassem, por outro lado, desviar a dor e alegrar a família; mas "o que entoa canções junto ao coração aflito é como… vinagre sobre salitre" (Pv 25.20). Observe que os pais, que foram tocados imediatamente pela aflição, estavam em silêncio, enquanto as pessoas e os instrumentistas, cujas lamentações eram forçadas, faziam um grande alarido. A dor mais escandalosa nem sempre é a mais profunda; os rios são mais ruidosos quando estão rasos. *Ille dolet vere, qui sine teste dolet – Esta dor é mais sincera do que mostra a observação.* Mas isto é mencionado para mostrar, pela indubitável apreensão de todos pela menina, que ela estava, de fato, morta.

VA reprovação de Cristo a essa confusão e barulho (v. 24). Ele disse: "Retirai-vos". Note que, às vezes, quando a tristeza do mundo prevalece, é difícil para Cristo e seu conforto adentrarem a vida das pessoas. Aqueles que se endurecem na tristeza, e, como Raquel, se recusam a ser consolados, devem pensar que estão ouvindo Cristo dizendo a seus pensamentos angustiantes: "Retirem-se, abram espaço para aquele que é a Consolação de Israel e traz consigo alívios poderosos, fortes o suficiente para superar a confusão e a tirania desses sofrimentos terrenos". Ele dá uma boa razão pela qual eles não devem inquietar-se, ou aos outros: "A menina não está morta, mas dorme". 1. Esta era a verdade no caso dessa jovem, que seria imediatamente trazida de volta à vida. Ela estava de fato morta, mas não para Cristo, que já sabia o que poderia e iria fazer, e que havia determinado que a

morte dela não fosse nada mais que um sono. Há pouca diferença entre o sono e a morte, exceto na duração; qualquer outra diferença que exista, nada mais é do que um sonho. Esta morte deve ser de curta duração e, portanto, nada mais é do que um sono, como o descanso de uma noite. Aquele que vivifica os mortos, pode bem chamar as coisas que não são, como se já fossem (Rm 4.17). 2. Isto é verdade, sob certo sentido, em relação a todos os que morrem, especialmente aqueles que morrem no Senhor. Note: (1) A morte é comparada a um sono. Todas as nações e línguas, para suavizar aquilo que é tão terrível e também tão inevitável, e para se reconciliarem com ela, concordaram em chamá-la assim. É dito, mesmo dos reis perversos, que eles dormiram com seus pais; e daqueles que ressuscitarão para o desprezo eterno, que eles dormem no pó da terra (Dn 12.2). Não se trata de um sono da alma, pois a sua atividade não pára; mas é o sono do corpo, que descansa no túmulo, imóvel, silencioso, indiferente e negligenciado, agasalhado pela escuridão e obscuridade. O sono é uma morte curta, e a morte é um sono longo. Mas a morte dos justos deve ser olhada de modo especial como um sono (Is 57.2). Eles dormem em Jesus (1 Ts 4.14); eles não só descansam dos trabalhos e das labutas diárias, mas descansam na esperança de um despertar prazeroso na manhã da ressurreição, quando acordarão renovados, acordarão para uma vida nova, acordarão para serem ricamente vestidos e coroados, e acordarão para nunca mais dormir. (2) A reflexão sobre isto deveria suavizar o nosso sofrimento por ocasião da morte de nossos entes queridos: “Não diga que eles estão perdidos. Não. Eles apenas partiram antes. Não digam: Eles estão mortos; não, eles apenas dormem; e o apóstolo fala disso como uma coisa absurda, imaginar que aqueles que dormem em Cristo, estão perdidos (1 Co 15.18). Dê espaço, portanto, para os consolos ministrados pelo pacto da graça, trazidos do esplendor futuro e da glória que há de ser revelada”.

Entretanto, como se poderia pensar que uma palavra de conforto como essa, da boca de nosso Senhor Jesus Cristo, fosse ridicularizada como foi? Eles riram dele em escárnio. Essas pessoas que viviam em Cafarnaum conheciam o caráter de Cristo, e que Ele nunca dizia uma palavra irrefletida ou insensata. Eles sabiam quantas obras importantes Ele havia feito; de modo que se não entendiam o que Ele quis dizer, poderiam pelo menos ter permanecido em silêncio aguardando o desenrolar do caso. Note que mesmo as palavras e as obras de Cristo que não podem ser compreendidas não podem ser menosprezadas. Devemos venerar o mistério das palavras divinas,

mesmo quando elas parecem contradizer aquilo em que mais confiamos. Isto levava à confirmação do milagre: ela estava de fato morta, e as pessoas tinham tanta certeza desse fato, que consideravam muito ridículo afirmar o contrário.

VI A ressurreição da menina pelo poder de Cristo (v. 25). As pessoas foram retiradas. Os zombeteiros que riem do que vêem, e do que ouvem, e do que está acima de sua capacidade, não são testemunhas apropriadas das maravilhosas obras de Cristo, cuja glória se apóia não na ostentação, mas no poder. Lázaro e o filho da viúva de Naim foram ressuscitados em público, mas esta menina, em particular; pois Cafarnaum, que havia desdenhado os milagres menores de restauração da saúde, não era digna de ver o maior, a restauração de uma vida. Essas pérolas não deveriam ser espalhadas diante daqueles que as pisotearíam sob seus pés.

Cristo entrou e a tomou pela mão, como se fosse para acordá-la e ajudá-la a levantar-se, persistindo na sua própria metáfora de que ela estava dormindo. O sumo sacerdote, que tipificava Cristo, não deveria se aproximar nem tocar um corpo morto (Lv 21.10,11), mas Cristo tocava os mortos. O sacerdócio levítico abandona os mortos em sua impureza; por esta razão, as pessoas se mantêm distantes deles, pois não podem curá-los; mas Cristo, tendo o poder de ressuscitar os mortos, está acima das enfermidades e, portanto, não tem qualquer receio de tocá-los. Ele a tomou pela mão e a menina se levantou. O milagre foi realizado fácil e eficazmente; não através da oração, como fizeram Elias (1 Rs 17.21) e Eliseu (2 Rs 4.33), mas através de um toque. Eles o fizeram como servos, porém Ele como o Filho, como Deus, a quem pertencem as questões relacionadas à morte. Note que Jesus Cristo é o Senhor das almas, Ele as leva de um lado para o outro, quando e como lhe agrada. As almas dos mortos não ressuscitam para a vida espiritual, a menos que Cristo as tome pela mão: isto é feito no dia do seu poder. É Ele que nos eleva, ou permanecemos mortos.

VII O amplo comentário feito sobre este milagre, embora tenha sido realizado em particular (v. 26). A fama desse milagre se espalhou por toda aquela terra. Ele se tornou um objeto comum de discussão. As obras de Cristo são mais discutidas do que avaliadas e cultivadas. E, sem dúvida, aqueles que apenas ouviram o relato dos milagres de Cristo eram tão

responsáveis quanto os que foram testemunhas oculares. Embora não tenhamos visto os milagres de Cristo, mas tendo uma autêntica versão deles, estamos obrigados, por essa fé, a aceitar sua doutrina; e bem-aventurados os que não viram e creram (Jo 20.29).

Dois Cegos e Um Mudo São Curados

vv. 27-34

Nestes versículos, temos um relato de mais dois milagres realizados em conjunto pelo nosso Salvador.

I A dádiva da visão a dois cegos (vv. 27-31). Cristo é a fonte de luz bem como da vida; e como tal, ao ressuscitar os mortos, mostrou ser aquele mesmo que inicialmente soprou no homem o fôlego da vida; assim, ao dar a visão aos cegos, Ele mostrou ser o mesmo que no início ordenou que a luz se separasse das trevas. Observe:

1. O importuno clamor dos cegos a Cristo. Ele estava voltando da casa do chefe da sinagoga para o seu próprio alojamento, e esses cegos o seguiram, como fazem os mendigos, com seus clamores incessantes (v. 27). Ele, que cura doenças com tanta facilidade, tão eficazmente, e além disso gratuitamente, deve ter pacientes suficientes. Dentre outras grandes qualidades, Ele também era afamado como aquele que curava as vistas. Observe:

(1) O título que esses cegos deram a Cristo: “Tem compaixão de nós, Filho de Davi”. A promessa feita a Davi, de que de seus lombos viria o Messias, era bem conhecida; e o Messias era então comumente chamado de Filho de Davi. Naquela época havia uma expectativa geral pelo seu aparecimento. Esses cegos sabem, reconhecem e proclamam isso nas ruas de Cafarnaum – que Ele chegou, e que este é Ele (o que agrava a insensatez e o pecado dos sumos sacerdotes e dos fariseus que o negavam e confrontavam). Eles não podiam vê-lo, e aos seus milagres, mas a fé veio através da audição. Eles que, pela providência divina, foram desprovidos da visão material, podem mesmo assim, pela graça de Deus, ter os olhos do entendimento grandemente esclarecidos, capazes de enxergar aqueles notáveis atos de Deus, que estão escondidos dos sábios e inteligentes.

(2) O pedido dos cegos: “Tem compaixão de nós”. Fora profetizado que o Filho de Davi seria misericordioso (Sl 72.12,13), e nele brilharia a suave misericórdia do nosso Deus (Lc 1.78). Quaisquer que sejam nossas necessidades e aflições, não precisamos mais do que uma fração da misericórdia de nosso Senhor Jesus para nosso sustento e suporte. Quer Ele nos cure ou não, se Ele tiver compaixão de nós, temos o suficiente. Quanto aos exemplos e métodos particulares da misericórdia, devemos nos remeter com segurança à sabedoria de Cristo. Eles não disseram, cada um por si: “Tem compaixão de mim”; mas ambos, um pelo outro, clamavam: “Tem compaixão de nós”. Note que é típico daqueles que estão sob a mesma angústia, concordar nas mesmas orações de consolo. Os companheiros de sofrimento devem compartilhar as suas súplicas. Em Cristo há bênçãos suficientes para todos.

(3) O incômodo daquele pedido. Eles o seguiram, clamando. Parece que, de início, Jesus não os havia notado, pois Ele testa a fé deles (que Ele sabia ser forte); aviva seus pedidos e assim dá às suas curas um valor maior ao não realizá-las ao primeiro pedido, e com isto nos ensina a insistir na oração, e a não esmorecer. Embora a resposta não venha de imediato, mesmo assim devemos esperar por ela e seguir a providência, mesmo nos passos e ações que parecem negar ou contradizer as nossas orações. Cristo não os curaria em público, nas ruas, pois esta era uma cura que Ele queria manter em segredo (v. 30); mas quando Ele chegou à sua casa, eles o seguiram até lá, e falaram com Ele. As portas de Cristo estão sempre abertas aos crentes suplicantes e importunos. Parecia rude da parte dos cegos correr para dentro da casa, atrás de Jesus, quando Ele desejava descansar; porém, tamanha é a ternura de nosso Senhor Jesus, que eles não foram considerados ousados, mas sim bem-vindos.

2. A confissão de fé que Cristo extraiu deles nesta ocasião. Quando os cegos vieram a Jesus pedindo compaixão, Ele lhes perguntou: “Credes vós que eu possa fazer isto?” Note que a fé é a grande condição para se obter o favor de Cristo. Aqueles que desejam receber a misericórdia e compaixão de Cristo devem crer firmemente no seu poder. Precisamos ter confiança de que Ele é capaz de fazer aquilo que lhe pedimos. Eles seguiram a Cristo e o seguiram clamando, mas a grande questão é: “Vocês crêem?” A natureza pode gerar emoções intensas, mas somente a graça pode gerar a fé – bênçãos espirituais somente são obtidas através da fé. Eles tinham anunciado sua fé

no ministério de Cristo como Filho de Davi e em sua misericórdia; mas Cristo exige, da mesma maneira, uma profissão de fé em seu poder. Credes vós que eu possa fazer isto, conceder este presente, dar a visão a cegos, bem como curar a paralisia e ressuscitar os mortos? Devemos ser específicos no exercício da fé ao aplicarmos as garantias gerais do poder, da boa vontade, e das promessas gerais de Deus para o atendimento de nossas necessidades particulares. Todas as coisas devem cooperar juntamente para o bem; e, sendo assim, cabe a pergunta: "Credes vós que Eu sou capaz, não só de ser vitorioso com Deus Pai, como um profeta, mas que Eu possa fazer isso através do meu próprio poder?" Esta confissão se somará à crença deles de que Ele era não só o Filho de Davi, mas o Filho de Deus; pois é prerrogativa de Deus abrir os olhos dos cegos (Sl 146.8). Ele cria o que vê (Êx 4.11). Jó era como olhos para os cegos (Jó 29.15); ele era, para eles, como os seus olhos, mas não podia dar vista aos cegos. Ainda assim nos é questionado: será que cremos que Cristo pode agir por nós pelo poder de sua virtude e intercessão no céu, por seu Espírito e graça no coração, e por sua providência e autoridade no mundo? Crer no poder de Cristo não é somente nos assegurarmos de que este poder realmente existe; mas é nos comprometermos com este poder, e nos encorajarmos através dele.

A esta pergunta, os cegos deram uma resposta imediata, sem hesitação; eles disseram: "Sim, Senhor". Embora Jesus os tivesse mantido em suspense por algum tempo, e não os tivesse ajudado inicialmente, eles honestamente atribuíram isso à sua sabedoria, e não a alguma fraqueza da parte dele, e ainda estavam confiantes em sua capacidade. Note que os tesouros da misericórdia, que estão guardados no poder de Cristo, estão reservados para aqueles que crêem nele (Sl 31.19).

3. A cura que Cristo realizou neles. Ele tocou os olhos deles (v. 29). Ele o fez para encorajar a fé dos cegos – que Ele havia testado através de sua demora – e para mostrar que Ele dá a visão às almas cegas pela operação de sua graça, que acompanha a Palavra, ungindo os olhos com ungüento oftálmico; e Ele atribui a cura à fé deles: "Seja-vos feito segundo a vossa fé". Quando eles pediram uma cura, Ele os interrogou sobre sua fé (v. 28): "Credes vós que eu possa fazer isto?" Ele não perguntou sobre as suas riquezas, se eles podiam pagá-lo pela cura; nem sobre a sua reputação, se Ele obteria crédito por curá-los; mas sobre a sua fé; e agora que eles haviam professado a sua fé, Ele mudou o foco de sua atenção, dizendo: "Seja-vos

feito segundo a vossa fé". Em outras palavras: "Eu sei que vocês realmente crêem e a força da sua fé será manifestada em vocês". Isto mostra: (1) O conhecimento de Jesus da sinceridade da fé deles e sua aceitação e aprovação dela. Note que é um grande consolo para os verdadeiros crentes que Jesus Cristo conheça a sua fé e esteja satisfeito com ela. Embora seja fraca, embora outros não a enxerguem, embora eles próprios estejam prontos a questioná-la, Ele a conhece. (2) Sua insistência na necessidade da fé deles: "Se vocês crêem, peguem o que vieram buscar". Aqueles que recorrem a Jesus Cristo serão tratados de acordo com a sua fé; não de acordo com suas fantasias, não conforme a sua profissão de fé, mas conforme a sua fé; ou seja, os incrédulos não podem esperar obter nenhuma graça junto a Deus, mas os verdadeiros crentes podem estar certos de encontrar todas as graças oferecidas no Evangelho; e os nossos consolos fluem ou cessam, conforme a intensidade de nossa fé – mais forte ou mais fraca. Nós não somos limitados em Cristo, não sejamos, então, limitados em nós mesmos.

4. A ordem que Jesus lhes deu para que a cura ficasse em segredo (v. 30): "Olhai que ninguém o saiba". Ele lhes deu essa ordem: (1) Para nos dar um exemplo da humildade e modéstia que Ele quer que aprendamos com Ele. Note que no bem que fazemos, não devemos procurar nossa própria exaltação, mas somente a glória de Deus. Deve ser nossa preocupação e empenho ser mais úteis do que conhecidos, e se tivermos que ser notados, que seja por agirmos assim (Pv 20.6; 25.27). Assim, Cristo apoiava a regra que Ele nos deu: "Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita". (2) Alguns pensam que Cristo, ao manter a cura em segredo, mostrava seu descontentamento com o povo de Cafarnaum, que havia visto tantos milagres e mesmo assim não acreditava. O silêncio daqueles que deveriam proclamar as obras de Cristo é um julgamento para qualquer lugar ou povo. E é prerrogativa exclusiva de Cristo negar os meios de convicção àqueles que são obstinados em sua falta de fé, e esconder a luz daqueles que fecham os seus olhos para ela. (3) Ele a realizou com discrição, para sua própria proteção; pois quanto mais Ele era anunciado, mais os líderes dos judeus sentiam ciúmes do crescente interesse por Ele entre o povo. (4) O Dr. Whitby fornece outra razão, que deve ser considerada: Por que Cristo, às vezes, ocultava seus milagres e mais tarde proibiu a divulgação de sua transfiguração? Porque Ele não cederia àquela perniciosa presunção que era vigente entre os judeus de que o seu Messias deveria ser um príncipe terreno e, assim, dar oportunidade

ao povo de tentar estabelecer o seu reinado através de tumultos e revoltas, como eles se ofereceram para fazer (Jo 6.15). Porém, após a sua ressurreição (que era a prova completa da sua missão), quando seu reino espiritual foi estabelecido, e esse perigo acabou, os seus milagres deveriam ser divulgados para todas as nações. O Dr. Whitby também observa que os milagres que Cristo realizou entre os gentios e os gadarenos puderam ser livremente divulgados porque, com eles, não havia esse perigo.

Mas a honra é como a sombra, que foge dos que a perseguem, e persegue aqueles que dela fogem (v. 31). Eles divulgaram a sua fama. Este era um ato mais de zelo que de prudência; e embora possa ser explicado como a intenção honesta de honrar a Cristo, mesmo assim, não pode ser justificado, pois foi feito contrariamente a uma ordem específica. Sempre que manifestamos o desejo de direcionar as nossas intenções para a glória de Deus, devemos verificar se o ato está de acordo com a vontade de Deus.

II A cura de um mudo que estava endemoninhado. Observe aqui:

1. A situação dele, que era muito triste. Ele estava sob o poder do diabo, que neste caso em particular o impedia de falar (v. 32). Veja a calamitosa situação deste mundo e quão variadas são as tribulações daqueles que estão atormentados! Mal nos despedimos de dois cegos e já encontramos um mudo. Quão agradecidos devemos ser a Deus por nossa visão e fala! Veja a maldade de Satanás contra a humanidade e de quantas formas ele a mostra. A mudez deste homem era o efeito de estar possuído por um demônio; mas era melhor que ele fosse incapaz de dizer qualquer coisa do que ser forçado a falar, como fizeram os outros endemoninhados (cap. 8.29): “Que temos nós contigo?” Entre os dois, é melhor um demônio mudo do que um que blasfema. Quando o demônio se apossa de uma alma, esta se torna muda para qualquer coisa que seja boa; muda para as orações e louvores, dos quais o demônio é um inimigo juramentado. Eles levaram aquela pobre criatura a Cristo. O Senhor recebia não somente os que vinham por si mesmos, por sua própria fé, mas aqueles que lhe eram trazidos por seus amigos, pela fé dos outros. Embora o justo deva viver eternamente pela sua fé, as clemências terrenas podem nos ser concedidas levando em conta a fé daqueles que intercedem a nosso favor. O mudo foi trazido a Jesus logo após o cego sair. Veja como o infatigável Cristo agia ao praticar o bem; com que proximidade uma boa obra seguia outra! Os tesouros da misericórdia, maravilhosa

misericórdia, estão ocultos nele. Suas misericórdias podem ser continuamente transferidas, sem jamais se esgotar.

2. A cura foi muito rápida (v. 33): “E, expulso o demônio, falou o mudo”. Note que as curas realizadas por Cristo atacam o mal pela raiz, e removem o efeito através da eliminação da causa; elas abrem os lábios, quebrando o poder de Satanás sobre a alma. No processo de santificação, Ele trata as águas, lançando sal à fonte. Quando Cristo, pela sua graça, expulsa o demônio daquela alma, na mesma hora o mudo fala. Observe que assim que Paulo se converte, ele ora; na mesma hora o mudo falou.

3. As conseqüências dessa cura.

(1) “A multidão se maravilhou”, e tinha razão para isso. Embora poucos acreditassem, muitos se surpreendiam. A admiração do povo aparece antes de qualquer outra emoção. Foi profetizado que um novo cântico, o cântico do Novo Testamento, deveria ser cantado para as maravilhas feitas pelo Senhor (Sl 98.1). Eles diziam: “Nunca tal se viu em Israel” e, conseqüentemente, nunca fora visto em qualquer lugar; pois nenhum povo conheceu tais maravilhas de misericórdia como Israel. Existiram em Israel aqueles que foram famosos por realizar milagres, mas Cristo superou a todos eles. Os milagres realizados por Moisés eram referentes a Israel como povo, mas os de Cristo eram destinados a pessoas específicas.

(2) Os fariseus blasfemaram (v. 34). Quando eles não conseguiram negar a evidência convincente desses milagres, eles os atribuíram ao demônio, como se eles tivessem sido realizados através de algum pacto ou fraude: “Ele expulsa os demônios (dizem eles) pelo príncipe dos demônios”; uma sugestão horrível, além do que se possa imaginar. Falaremos mais a esse respeito posteriormente, assim como sobre a resposta de Cristo a ela (cap. 12.25). Apenas observe aqui como os perversos e enganadores vão de mal a pior (2 Tm 3.13), e isso é tanto o seu pecado como a sua punição. Suas disputas com Cristo – pelo fato de o Senhor ter assumido a responsabilidade pelo perdão dos pecados (v. 3), por conversar com publicanos e pecadores (v. 11), por não jejuar (v. 14) –, embora bastante rancorosas, apresentavam ainda alguns aspectos de religiosidade, assim como da pureza e devoção deles; mas isto (que é o que lhes resta e pelo que serão castigados) tem um ar de malícia, falsidade e hostilidade satânica no grau mais elevado; as atitudes daqueles opositores eram completamente satânicas e foram, portanto, de forma justa, declaradas imperdoáveis. Como o povo se maravilhava, eles deviam tentar

dizer alguma coisa que diminuísse o milagre – e isso era tudo que eles podiam dizer.

Jesus Prega por todo o País

vv. 35-38

Aqui está:

I Uma conclusão do relato precedente da pregação e dos milagres de Cristo (v. 35): Ele andou por todas as cidades ensinando e curando. Isto é algo que Jesus já havia feito antes (cap. 4.23). Aqui está sendo enfatizado o registro mais específico da pregação (caps. 5, 6 e 7) e das curas (caps. 8 e 9), que aqui é repetido de forma elegante no fechamento dessas ocorrências, como o ponto a ser provado; como se o evangelista dissesse: “Agora eu espero que tenha tido sucesso, através da generalização de casos particulares em que Cristo pregou e curou; pois vocês tiveram acesso à parte mais importante de seus sermões e a alguns exemplos de suas curas, que foram realizadas para confirmar a sua doutrina. Tudo isto foi escrito para que vocês pudessem crer”. Alguns pensam que esta foi uma segunda viagem pela Galiléia, igual à anterior. Jesus visitou novamente aqueles a quem Ele havia pregado. Embora os fariseus o criticassem e o confrontassem, Ele continuou com seu trabalho. Ele pregou o evangelho do reino. Ele lhes falou de um reino de graça e glória, que agora seria estabelecido sob o governo do Mediador. Este sem dúvida era o Evangelho, as boas-novas de grande alegria.

Observe os vários tópicos a que o Senhor Jesus Cristo se referiu em suas pregações:

1. As cidades isoladas. Ele visitou não apenas as cidades grandes e ricas, mas também as aldeias pobres e obscuras. Nelas Ele pregou, nelas Ele curou. A alma daqueles que são menos importantes no mundo são tão preciosas para Cristo (e devem ser também para nós) como as almas daqueles que são grandes personalidades. Ricos e pobres se encontram juntos nele. Habitantes das cidades e camponeses: as justiças que Deus fez aos habitantes das suas aldeias devem ser repetidas (Jz 5.11).

2. A adoração pública. Ele ensinou em suas sinagogas: (1) Para que pudesse dar testemunho às igrejas formais, mesmo quando havia corrupção nelas. Não devemos abandonar a nossa congregação, como é costume de alguns. (2) Para que tivesse uma oportunidade de pregar ali, onde as pessoas se reuniam com a expectativa de ouvir. Por esta razão, mesmo nos locais onde o Evangelho estivesse estabelecido e as assembléias cristãs em pleno andamento, os apóstolos freqüentemente pregavam nas sinagogas dos judeus. A sabedoria do prudente consiste em conseguir fazer o melhor entre aquilo que estiver disponível.

II Um prefácio ou introdução, para o relato no capítulo seguinte, do envio, por parte de Jesus, de seus apóstolos. Ele prestava atenção nas multidões (v. 36), não apenas nos grupos que o seguiam, mas no vasto número de pessoas com as quais (enquanto Ele passava) observava o país ser repovoado. Ele notou como as cidades e aldeias eram um formigueiro de almas, e como eram densamente povoadas. Ele observava a abundância de pessoas que havia em cada sinagoga, e que as redondezas dos portões eram locais de grandes ajuntamentos. Quão populosa era a nação agora desenvolvida; este era o efeito da bênção de Deus a Abraão. Ao ver isso:

1. Ele teve compaixão deles, preocupou-se com eles (v. 36). Ele era movido pela compaixão por eles; não em uma versão transitória, como a compaixão pelos cegos, coxos e doentes, mas em uma versão espiritual. Ele se compadeceu por vê-los desgarrados e errantes, e a ponto de serem destruídos pela falta de visão. Jesus Cristo é um amigo muito misericordioso para as almas preciosas. Aqui, as suas entranhas, de forma especial, se enterneceram. Foi a compaixão pelas almas que o trouxe do céu à terra, e daqui para a cruz. A aflição é o objeto da compaixão; e a aflição das almas pecaminosas e autodestrutivas é a maior de todas: Cristo se compadece daqueles que tem menos compaixão de si mesmos. Nós também devemos proceder assim. A maior compaixão cristã é a compaixão pelas almas; esta é a característica que mais nos assemelha a Cristo.

Veja o que movia essa compaixão. (1) Eles eram fracos; eles estavam desgarrados, desamparados e aflitos. Eles eram errantes, pelo menos alguns; desgarrados uns dos outros; os laços estavam rompidos (Zc 11.14). Eles queriam ajuda para as suas almas, e não tinham nada à mão que lhes pudesse servir. Os escribas e os fariseus os enchiam com noções inúteis, os

sobrecarregavam com as tradições dos antigos, os iludiam para que cometessem muitos enganos, ao mesmo tempo em que não eram instruídos em seus deveres, nem familiarizados com a extensão e a natureza espiritual da lei divina. Por isso eles desmaiavam de fome. Pois, que saúde, vida espiritual e vigor podem haver nessas almas, que são alimentadas com cascas e cinzas, ao invés do pão da vida? Almas preciosas desmaiando de fome quando há trabalho por fazer, tentações a resistir, aflições a ser suportadas, não sendo alimentadas com a palavra da verdade. (2) Eles estavam amplamente dispersos, desgarrados, como ovelhas que não têm pastor. Essa expressão é emprestada de 1 Reis 22.17, e expõe a triste condição daqueles que são destituídos de um guia confiável para liderá-los nas coisas de Deus. Nenhuma criatura é mais sujeita a se perder do que uma ovelha, e, quando está perdida, mais desesperançada, incapaz e exposta, ou mais inapta para encontrar o caminho de volta para casa. Almas pecadoras são como ovelhas perdidas; elas precisam dos cuidados de um pastor para trazê-las de volta. Os professores, os judeus, fingiam, então, ser pastores; porém Cristo diz que eles não tinham pastores, pois tê-los era pior do que não ter nenhum; eram pastores preguiçosos que os dispersavam ao em vez de trazê-los de volta, e que tosquiavam o rebanho em vez de alimentá-lo – pastores semelhantes aos descritos em Jeremias 23.1 e Ezequiel 34.2. A situação dessas pessoas é muito lastimável, pois elas não têm sacerdotes, ou quando têm eles são tão ruins que é como se não tivessem nenhum; são obreiros que procuram os seus próprios interesses, e não os interesses de Cristo e das almas.

2. Ele incitou os seus discípulos a orar por eles. A sua compaixão fez com que Ele criasse planos para o bem dessas pessoas. Parece (Lc 6.12,13) que nessa ocasião, antes de enviar seus apóstolos, Ele próprio passou muito tempo em oração. Nós devemos orar por aqueles por quem temos compaixão. Tendo orado a Deus por eles, Jesus se volta para os seus discípulos e diz:

(1) Como estava a situação. “A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros”. O povo desejava uma boa pregação, mas havia poucos pregadores bons. Havia muito trabalho a ser feito, e igualmente muito bem a ser feito, mas faltavam mãos para fazê-los. [1] Era um alento que a colheita fosse tão abundante. Não era de se estranhar que houvesse multidões que precisassem de instrução, mas o estranho era algo que não acontece com muita freqüência: aqueles que dela necessitavam, a desejavam e estavam ávidos por recebê-la. Aqueles que eram ensinados de forma imprópria

estavam desejosos por serem ensinados de uma maneira melhor. As expectativas das pessoas haviam subido, e havia uma agitação tal como se houvesse a promessa de que tudo ficaria bem. É uma bênção ver o povo apaixonado pela boa pregação. Os vales estão, dessa forma, cobertos com milho e há esperança de que Ele possa ser bem recolhido. Esta é uma gigantesca oportunidade que requer cuidado dobrado e diligência para que haja um aproveitamento eficaz. Um dia de colheita deveria ser um dia atarefado. [2] Era uma pena que nessa situação os trabalhadores fossem tão poucos; que o milho caísse, estragasse e apodrecesse sobre o solo por falta de ceifeiros; havia muitos ociosos, mas pouquíssimos trabalhadores. A igreja pode ser considerada enferma quando a boa obra não anda ou apenas progride lentamente por falta de bons obreiros; quando isso ocorre, os obreiros existentes são obrigados a permanecer ocupados demais.

(2) Qual era o dever dos discípulos neste caso (v. 38): “Rogai, pois, ao Senhor da seara”. Note que o aspecto melancólico do período e o estado deplorável das almas preciosas deveriam instigar e apressar muito a oração. Quando as coisas parecem desanimadoras, devemos orar mais e, ao mesmo tempo, devemos reduzir os nossos temores e queixas. Devemos também adaptar as nossas orações às necessidades atuais da igreja; devemos entender o momento para sabermos não apenas o que Israel deve fazer, mas pelo que Israel deve orar. Considere que: [1] Deus é o Senhor da seara: “Meu Pai é o Lavrador” (Jo 15.1). Israel é a vinha do Senhor dos Exércitos (Is 5.7). É por Ele, para Ele, e a seu serviço e honra, que a colheita é recolhida. “Vós sois lavoura de Deus” (1 Co 3.9); “sua malhada e trigo da sua eira” (Is 21.10). Ele ordena todas as coisas da colheita como lhe agrada; quando e onde os operários trabalharão e por quanto tempo; e é muito confortador para aqueles que desejam o melhor para o trabalho de colheita que o próprio Deus o dirija, assegurando que tudo se encaminhe para melhor. [2] Os ministros são e devem ser obreiros na seara de Deus. O ministério é um trabalho e deve ser tratado dessa maneira; é trabalho de colheita, que é muito importante; trabalho que requer que cada coisa seja feita a seu tempo, além da diligência para fazê-lo por completo; mas é um trabalho agradável. Eles colhem com alegria e a alegria dos pregadores do Evangelho é comparada à alegria da colheita (Is 9.2,3). Aquele que ceifa deve receber salário; o salário dos obreiros que ceifam os campos de Deus não será diminuído, como já aconteceu (Tg 5.4). [3] É trabalho de Deus enviar os obreiros; Cristo forma

os ministros (Ef 4.11); o cargo é de sua nomeação, as qualificações são obra sua, o chamado é dádiva sua. Eles não serão pagos como operários que andam a esmo, desqualificados, não chamados. Como pregarão se não forem enviados? [4] Todos os que amam a Cristo e às almas devem mostrar isso através de orações fervorosas a Deus, especialmente quando a seara é abundante, para que Ele envie mais obreiros habilidosos, fiéis, sábios e diligentes para a sua seara. E que Ele os levante em benefício da conversão dos pecadores e da edificação dos santos. Que Ele lhes dê energia para o trabalho, os chame para o trabalho e os faça ter sucesso nele. Para que Ele lhes dê sabedoria para ganhar almas. Para que Ele envie o número de obreiros necessário; obreiros que não se entreguem ao desânimo demonstrando relutância ao trabalho, por causa de sua própria fraqueza e da impiedade das pessoas e da resistência dos homens, que se esforçam para lançá-los para fora da colheita. Mas devemos orar para que todas as contradições interiores e exteriores possam ser derrotadas e superadas. Cristo leva os seus amigos a orar sobre este assunto, pouco antes de enviar apóstolos para trabalhar na seara. É um bom sinal da parte de Deus – de que Ele está prestes a conceder alguma misericórdia especial a um povo – quando Ele desperta aqueles que se interessam pelo trono da graça para orar em busca de suas bênçãos (Sl 10.17). Além do mais, observe que Cristo disse isto aos seus discípulos, que trabalhariam como obreiros. Eles deveriam orar pedindo, em primeiro lugar, que Deus os enviasse. “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6.8). As nomeações, dadas em resposta à oração, são mais passíveis de terem sucesso. Paulo é um vaso escolhido; então ele ora (At 9.11,15). Em segundo lugar, devemos pedir que o Senhor envie outros obreiros. Não apenas o povo, mas também aqueles que são obreiros, devem orar pelo aumento no número de obreiros. Não obstante, o egoísmo faz com que aqueles que procuram os seus próprios interesses desejem ficar sozinhos (quanto menos obreiros, menor será a concorrência pelas “promoções”). Porém, aqueles que buscam os interesses de Cristo querem que haja mais obreiros, para que mais trabalho possa ser feito, mesmo que eles possam ser eclipsados por isso.

CAPÍTULO 10

Este capítulo é um sermão de ordenação que o nosso Senhor Jesus pregou quando promoveu os seus doze discípulos ao nível e à dignidade de

apóstolos. No final do capítulo anterior, Ele tinha incentivado os discípulos e outras pessoas a pedirem em oração para que Deus enviasse ceifeiros, e aqui temos uma resposta imediata àquela oração: enquanto ainda estamos falando, Deus ouve e age. Aquilo que pedimos em oração, de acordo com a orientação de Cristo, será atendido. Aqui nós temos: I. A comissão geral que foi dada a eles (v. 1). II. Os nomes das pessoas que receberam esta comissão (vv. 2-4). III. As instruções que lhes foram dadas, que são muito diretas e particulares: 1. A respeito dos serviços que eles deveriam realizar; a pregação, a realização de milagres; a quem eles deveriam se dirigir; como deveriam se comportar e que método deveriam seguir (vv. 5-15). 2. A respeito dos sofrimentos que teriam de suportar. Cristo lhes diz o que eles iriam sofrer, e quem lhes provocaria este sofrimento; eles recebem conselhos sobre qual caminho seguir quando perseguidos, e incentivo para suportar alegremente os sofrimentos (vv. 16-42). Estas coisas, embora se destinassem originalmente à orientação dos apóstolos, são úteis para todos os ministros de Cristo, com quem, pela sua palavra, Ele estará sempre, até o fim do mundo.

Os Apóstolos São Enviados

vv. 1-4

Nestes versículos, temos:

I Quem foram aqueles que Cristo ordenou para ser seus apóstolos ou embaixadores; eram seus discípulos (v. 1). Ele os tinha chamado, havia algum tempo, para que fossem discípulos, seus seguidores imediatos e ajudantes constantes, e naquela ocasião Ele lhes disse que eles deveriam ser pescadores de homens, promessa que Ele agora cumpria. Cristo normalmente concede honras e graças em estágios; a luz de ambas, como a luz da manhã, brilha cada vez mais. Durante todo o tempo, Cristo manteve esses doze:

1. Em uma situação de experiência. Embora conheça o ser humano, e soubesse desde o início o que havia neles (Jo 6.70), ainda assim Ele usou este método para dar um exemplo à sua igreja. Observe que sendo o ministério uma grande responsabilidade, era conveniente que os homens fossem testados durante algum tempo, antes que ele lhes fosse confiado. “E também

estes sejam primeiro provados" (1 Tm 3.10). Portanto, "a ninguém imponhas precipitadamente as mãos" (1 Tm 5.22), mas deixai que esta pessoa seja, primeiramente, observada como um candidato em experiência, porque os pecados de alguns homens vão adiante, e outros os seguem.

2. Em uma condição de preparação. Todo o tempo Jesus esteve preparando-os para esta grande obra. Observe que aqueles que Cristo designa e chama para qualquer serviço, Ele primeiramente, de certa maneira, os prepara e qualifica para tanto. Ele os preparou: (1) Levando-os para estar com Ele. Observe que o melhor preparativo para a obra do ministério é o conhecimento e a comunhão com Jesus Cristo. Aqueles que o servem devem estar com Ele (Jo 12.26). Paulo teve Cristo revelado, não somente para ele, mas nele, antes que fosse pregá-lo entre os gentios (Gl 1.16). Pelos atos vivos de fé e pela prática freqüente de orações e meditações, esta comunhão com Cristo deve ser mantida e preservada, e essa é uma qualificação essencial para a obra do ministério. (2) Ensinando-os. Eles estavam com Ele como alunos, e Ele os ensinava em particular, além do benefício que eles obtinham com a sua pregação pública. Ele lhes abriu as Escrituras e ampliou sua compreensão para entenderem as Escrituras. Foi-lhes permitido conhecer os mistérios do Reino dos céus e para eles estes mistérios foram esclarecidos. Aqueles que são designados para ser professores devem, antes, ser aprendizes; eles devem receber, antes que possam dar; eles devem ser capazes de ensinar outros (2 Tm 2.2). As verdades do Evangelho devem ser entregues a eles, antes que sejam encarregados de ser ministros do Evangelho. Dar a autoridade de ensinar a homens que não têm capacidade para isto não é nada mais que uma zombaria a Deus e à igreja; é mandar mensagens pelas mãos de um tolo (Pv 26.6). Cristo ensinou os seus discípulos antes de enviá-los (cap. 5.2), e depois, quando ampliou a missão deles, deu-lhes instruções mais amplas (At 1.3).

II Qual foi a comissão que Ele lhes deu.

1. Ele os chamou para que viessem até Ele (v. 1). Ele os tinha chamado antes, para que o seguissem; agora Ele os chama para que venham até Ele, admitindo-os a uma familiaridade maior, e não mais os conservando a uma certa distância, de onde eles tinham observado até então. Aqueles que se humilharem, serão exaltados. Dizia-se que os sacerdotes, sob a lei, aproximavam-se de Deus mais que as outras pessoas; a mesma coisa pode ser

dita sobre os ministros do Evangelho; eles são chamados a se aproximarem de Cristo, o que, assim como é uma honra, também deve lhes provocar um certo respeito e temor. Lembremo-nos de que Cristo será santificado naqueles que se aproximam dele. Percebe-se que quando os discípulos iam receber instruções, eles se aproximavam de Jesus por sua própria vontade (cap. 5.1). Mas agora que eles seriam ordenados, Ele os chamou. Convém aos discípulos de Cristo que se predisponham mais a aprender do que a ensinar. No sentido da nossa própria ignorância, devemos procurar oportunidades de sermos ensinados, e da mesma maneira nós devemos esperar por um chamado, um chamado claro, antes de assumir a responsabilidade de ensinar aos outros; pois nenhum homem deve apropriar-se dessa honra.

2. Ele lhes deu poder, *exousian*, autoridade no seu nome, para convocar os homens à obediência, e para a confirmação daquela autoridade que também coloca os demônios sob sujeição. Toda a autoridade legítima deriva de Jesus Cristo. Todo o poder é dado a Ele, sem limites, e os poderes subordinados são ordenados por Ele. Ele coloca sobre os seus ministros um pouco da sua honra, assim como Moisés colocou um pouco da sua honra sobre Josué. Note que é uma prova inegável da plenitude do poder que Cristo usava como Mediador o fato de que Ele pudesse distribuir o seu poder àqueles a quem Ele usava, e os capacitasse a realizar, em seu nome, os mesmos milagres que Ele realizava. Ele lhes deu poder sobre os espíritos imundos, e sobre todos os tipos de enfermidades. Observe que o desígnio do Evangelho é vencer o mal e curar o mundo. Estes pregadores foram enviados, destituídos de todas as vantagens externas que os pudessem recomendar. Eles não tinham riqueza, nem aprendizado, nem títulos honoríficos, e eram muito poucos; portanto, era essencial que eles tivessem algum poder extraordinário que os colocasse acima dos escribas.

(1) Ele lhes deu poder contra os espíritos imundos, para expulsá-los. Observe que o poder entregue aos ministros de Cristo está diretamente apontado contra o diabo e o seu reino. O diabo, sendo um espírito imundo, trabalha tanto em erros doutrinários (Ap 16.13) como em concupiscências (2 Pe 2.10); e, nos dois casos, os ministros têm uma acusação contra ele. Cristo lhes deu o poder de expulsá-lo dos corpos das pessoas; mas isto deveria significar a destruição do reino espiritual do diabo, como também de todas as suas obras; para este propósito, o Filho de Deus se manifestou.

(2) Ele lhes deu poder para curar todos os tipos de enfermidades. Ele os autorizou a realizar milagres para a confirmação da sua doutrina, para provar que ela era de Deus; e eles deviam realizar milagres úteis para exemplificá-la, para provar que ela não apenas era confiável, mas digna de toda a aceitação; que o desígnio do Evangelho é curar e salvar. Os milagres de Moisés eram, muitos deles, para a destruição. Os milagres que Cristo realizou, e designou aos seus apóstolos que realizassem, eram todos para a edificação, e evidenciavam que Ele era não apenas o grande Professor e Governante, mas também o grande Redentor do mundo. Observe que a ênfase é colocada sobre a extensão do seu poder, sobre toda enfermidade, e todo mal, sem a exceção nem mesmo daqueles que são reconhecidamente incuráveis, e com a censura dos médicos. Na graça do Evangelho, existe uma pomada para cada ferida, um remédio para cada doença. Não existe doença espiritual tão maligna, tão inveterada, mas existe suficiência de poder em Cristo para a sua cura. Que ninguém, portanto, diga que não existe esperança, ou que a brecha é tão grande quanto o mar a ponto de não poder ser curada.

III O número e os nomes daqueles que foram comissionados. Eles foram feitos apóstolos, isto é, mensageiros. Anjo e apóstolo, as duas palavras significam a mesma coisa, alguém enviado em uma missão, um embaixador. Todos os ministros fiéis são enviados por Cristo, mas aqueles que foram primeira e imediatamente enviados por Ele, são eminentemente chamados de apóstolos; os primeiros-ministros de estado no seu reino. Mas isto foi apenas a parte inicial do seu trabalho; quando Cristo ascendeu aos céus é que Ele deu alguns para apóstolos (Ef 4.11). O próprio Cristo é chamado de apóstolo (Hb 3.1), pois foi enviado pelo Pai, e também os enviou (Jo 2.21). Os profetas eram chamados de mensageiros de Deus.

1. Eles eram doze, uma referência ao número de tribos de Israel, e aos filhos de Jacó, que eram os patriarcas dessas tribos. A Igreja do Evangelho é o Israel de Deus; os judeus foram os primeiros convidados a entrar nela; os apóstolos foram os pais espirituais, para gerar uma semente para Cristo. O Israel que segue a carne deve ser rejeitado pela sua infidelidade; estes doze, portanto, são nomeados para ser os pais de outra nação de Israel. Estes doze, pela sua doutrina, deverão julgar as doze tribos de Israel (Lc 22.30). Eles eram as doze estrelas que constavam da coroa da igreja (Ap 12.1), os doze fundamentos da nova Jerusalém (Ap 21.12,14), caracterizados pelas doze

pedras preciosas no peitoral de Arão, os doze pães na mesa dos pães da proposição, as doze fontes de água em Elim. Este era aquele famoso tribunal (e para torná-lo um grande tribunal, Paulo foi acrescentado a ele) que foi nomeado para analisar a situação entre o Rei dos reis e toda a humanidade. E, neste capítulo, os membros deste tribunal recebem a responsabilidade que lhes é dada por aquele a quem todo o julgamento foi confiado.

2. Os seus nomes são aqui registrados, e isto é feito para a honra deles. Até nisto eles tinham mais razões para se alegrar, porque os seus nomes estavam escritos nos céus (Lc 10.20), enquanto os nomes dos arrogantes e poderosos da terra são enterrados na poeira. Observe:

(1) Dos doze apóstolos, há alguns sobre os quais as Escrituras não nos informam nada além dos seus nomes, como Bartolomeu e Simão, o zelote; e ainda assim eles foram servos fiéis a Cristo e à sua igreja. Observe que nem todos os bons ministros de Deus são igualmente famosos, nem os seus atos são comemorados da mesma maneira.

(2) Eles são nomeados em pares; pois no início assim foram enviados, porque dois é melhor que um; um serviria ao outro, e juntos serviriam melhor a Cristo e às almas; o que um deles esquecesse, o outro lembraria, e da boca de duas testemunhas todas as palavras se estabeleceriam. Três dos pares eram compostos de irmãos: Pedro e André, Tiago e João, e o outro Tiago e Lebeu. Observe que a amizade e o companheirismo devem ser mantidos nas relações, e devem ser úteis à religião. É algo excelente quando irmãos de sangue são irmãos pela graça, e estes dois laços fortalecem cada um deles.

(3) Pedro é nomeado em primeiro lugar, porque ele foi o primeiro a ser chamado ou porque ele era o mais entusiasmado deles, e em todas as ocasiões ele se fazia a voz dos demais, e além disso ele seria o apóstolo da circuncisão. Mas isso não lhe deu nenhum poder sobre os demais apóstolos, nem existe a menor marca de que qualquer supremacia lhe tenha sido dada, ou mesmo reivindicada por ele, neste grupo sagrado.

(4) Mateus, o escritor deste Evangelho, aqui se une a Tomé (v. 3), mas em dois aspectos existe uma diferença entre este relato e os de Marcos e Lucas (Mc 3.18; Lc 6.15), onde Mateus é citado em primeiro lugar; nesta ordem, ele parece ter sido ordenado antes de Tomé; mas aqui, na sua própria lista, Tomé é nomeado em primeiro lugar. Observe que é muito apropriado que os discípulos de Cristo desejem, uns aos outros, que estejam em honra. Nos livros de Marcos e Lucas, ele é chamado somente de Mateus; aqui, de

Mateus, o publicano, o cobrador de impostos, que foi chamado daquele emprego infame para ser um apóstolo. Bom é que aqueles que são promovidos à honra com Cristo, olhem para a rocha de onde foram cortados; freqüentemente para se lembrarem do que eram antes que Cristo os chamasse, para que dessa maneira possam se conservar humildes, e para que a graça divina possa ser glorificada cada vez mais. Mateus, o apóstolo, era Mateus, o publicano.

(5) Em algumas versões em inglês, Simão é chamado de “o cananeu”, um homem de Caná da Galiléia, onde provavelmente nasceu; aqui ele é chamado de Simão, “o zelote”, que alguns interpretam como sendo o significado de “cananeu”.

(6) Judas Iscariotes é sempre citado por último, e com aquela marca negra sobre o seu nome, “aquele que o traiu”; o que dá a entender que, desde o início, Cristo sabia quão infeliz aquele homem era, e também que tinha um demônio, e que provaria ser um traidor; ainda assim, Cristo o recebeu entre os apóstolos, para que não fosse uma surpresa e um desencorajamento para a sua igreja se, em alguma ocasião, os escândalos mais desprezíveis acontecessem nas melhores sociedades. Estas manchas têm estado nas nossas festas de caridade; joio em meio ao trigo, lobos junto às ovelhas; mas se aproxima o dia da descoberta e da separação, quando os hipócritas serão desmascarados e lançados fora. Nem o apostolado, nem os demais apóstolos, foram piores por Judas ter sido um dos doze, enquanto a sua maldade estava oculta.

Instruções aos Apóstolos

vv. 5-15

Aqui temos as instruções de Cristo aos seus discípulos, quando lhes deu a tarefa de evangelizar. Não é importante saber se esta responsabilidade lhes foi dada em um sermão contínuo, ou se os diversos itens lhes foram mencionados em diversas ocasiões; aqui Ele lhes ordenou. Esta ordenação é chamada de ”a bênção de Jacó aos seus filhos”, e com estas instruções Cristo lhes deu uma bênção. Observe:

As pessoas às quais Ele os enviou. Estes embaixadores foram instruídos sobre os locais a que deveriam ir.

I 1. Não aos gentios, nem aos samaritanos. Eles não deveriam ir pelo caminho das gentes, nem seguir qualquer caminho fora da terra de Israel, não importando quais tentações pudessem ter. Os gentios não deviam ter o Evangelho levado até eles até que os judeus o tivessem recusado. Quanto aos samaritanos, que eram descendentes do povo mestiço que o rei da Assíria trouxe a Samaria, a sua nação ficava entre a Judéia e a Galiléia, de modo que os apóstolos deviam evitar entrar nas cidades dos samaritanos. Cristo tinha se negado a manifestar-se aos gentios ou aos samaritanos, e, portanto, os apóstolos não deviam pregar as boas-novas entre eles. Se o Evangelho estiver oculto de algum lugar, Cristo estará oculto deste lugar. Esta restrição lhes foi imposta somente na sua primeira missão, pois depois eles foram designados para ir a todo o mundo e ensinar a todas as nações.

2. Eles deveriam ir ao encontro das ovelhas perdidas da casa de Israel. A elas Cristo destinou o seu próprio ministério (cap. 15.24), pois Ele era um ministro da circuncisão (Rm 15.8), e, portanto, a elas os apóstolos, que nada mais eram que seus ajudantes e agentes, deveriam se limitar. A primeira oferta de salvação deveria ser feita aos judeus (At 3.26). Observe que Cristo tinha uma preocupação particular e muito terna pela casa de Israel; eles eram amados por causa dos pais (Rm 11.28). Com compaixão, Ele os considerava como ovelhas perdidas, que Ele, como um pastor, devia tirar dos atalhos do pecado e do erro, onde eles tinham se perdido, e onde, se não fossem trazidos de volta, vagariam incessantemente (veja Jr 2.6). Os gentios também eram ovelhas desgarradas (1 Pe 2.25). Cristo descreve assim aqueles a quem os apóstolos foram enviados, para despertar-lhes a diligência no seu trabalho; eles estavam sendo enviados à casa de Israel (da qual faziam parte), por quem só podiam sentir piedade, e desejo de ajudar.

II A missão de pregar que Ele lhes designou. Ele não os enviou sem uma tarefa: Ele lhes disse: “E, indo, pregai” (v. 7). Eles deviam ser pregadores itinerantes: onde chegassem, eles deviam proclamar o início do Evangelho, dizendo: “É chegado o Reino dos céus”. Não que eles não devessem dizer nada além disso, mas este devia ser o seu texto; este assunto eles deviam expandir, deixar que as pessoas soubessem que o reino do Messias, que é o Senhor dos céus, agora se estabelece, de acordo com as Escrituras; a partir

disso, a conseqüência é que os homens devem se arrepender dos seus pecados, e abandoná-los, para poderem ser admitidos nos privilégios daquele reino. Está escrito (Mc 6.12) que, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse, o que seria o uso e a aplicação adequados desta doutrina que trata da chegada do Reino dos céus. Portanto, eles devem esperar ouvir mais, em breve, sobre este tão esperado Messias, e devem estar preparados para receber a sua doutrina, para crer nele, e para se submeter ao seu jugo. Esta pregação era como a luz da manhã, que informa sobre a aproximação do sol nascente. Como esta pregação era diferente da de Jonas, que proclamava que a destruição estava chegando! (Jn 3.4). Esta pregação apregoa que a salvação está chegando, que ela está perto daqueles que temem a Deus; a misericórdia e a verdade se encontram (Sl 85.9,10), ou seja, é chegado o Reino dos céus: não apenas a presença pessoal do rei, que pode ser excessivamente apreciada, mas um reino espiritual, que será estabelecido nos corações dos homens, quando a sua presença corpórea for removida.

Isto era a mesma coisa que João Batista e Cristo tinham pregado antes. As pessoas precisam ter as boas verdades repetidas, e se elas forem pregadas e ouvidas com um afeto renovado, soarão como se fossem novidades. Cristo, no Evangelho, é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8). Depois, na verdade, quando o Espírito foi derramado, e a igreja cristã foi formada, veio este Reino dos céus, de que agora se fala como já chegado; mas o Reino dos céus ainda deve ser o assunto da nossa pregação. Agora que ele chegou, nós devemos dizer às pessoas que ele chegou para elas, e devemos apresentar-lhes os seus preceitos e privilégios; e há um reino de glória que ainda está por vir, do qual devemos falar como se já tivesse chegado, despertando as pessoas à diligência através dessa consideração.

III O poder que Jesus lhes deu para realizar milagres para a confirmação da sua doutrina (v. 8). Quando Ele os enviou para pregar a mesma doutrina que Ele tinha pregado, Ele os capacitou para confirmá-la, pelos mesmos selos divinos, para que ela jamais pudesse ser vista como uma mentira. O Reino de Deus já veio; podemos pedir milagres, hoje mesmo, sabendo que o alicerce já foi lançado, e o edifício já foi edificado. Porém, não devemos pedir estes milagres como sinais do estabelecimento do seu reino. Com o assunto estabelecido, e a doutrina de Cristo suficientemente confirmada pelos milagres que Cristo e os seus apóstolos realizaram, pedir mais sinais a título

de mera confirmação é tentar a Deus. Aqui, eles são orientados:

1. A usar o seu poder para fazer o bem: não “ir e mover as montanhas”, nem “fazer descer fogo do céu”, mas “curar os enfermos e limpar os leprosos”. Eles são enviados como bênçãos públicas, para dar a entender ao mundo que o amor e a bondade eram o espírito e a genialidade daquele Evangelho que eles tinham vindo pregar, e daquele reino que eles se dedicavam a estabelecer. Assim, pareceria que eles eram servos daquele Deus que é bom e que faz o bem, e cuja misericórdia está em todas as suas obras, e que a intenção da doutrina que eles pregavam era de curar almas enfermas, e de ressuscitar aqueles que estavam mortos no pecado; e por isto, talvez, a ressurreição dos mortos é mencionada. Embora não leiamos que eles tenham ressuscitado nenhuma vida antes da ressurreição de Cristo, ainda assim eles foram essenciais para ressuscitar muitos à vida espiritual.

2. A fazer isso de graça. “De graça recebestes, de graça dai”. Aqueles que tinham o poder para curar todas as enfermidades, tinham uma oportunidade de enriquecer. Quem não compraria tais curas garantidas, a qualquer preço? Dessa forma, eles são aconselhados a não lucrar com o poder que tinham de realizar milagres: eles deviam curar de graça, para exemplificar ainda mais a natureza e o caráter do reino do Evangelho, que é feito de graça abundante, “gratuitamente pela sua graça” (Rm 3.24). Comprai [o remédio] sem dinheiro e sem preço (Is 55.1). E a razão é: “De graça recebestes”. O seu poder para curar os enfermos não lhes custava nada e, portanto, eles não deviam obter nenhum benefício secular para si mesmos. Simão, o mágico, não teria oferecido dinheiro pelos dons do Espírito Santo, se não esperasse ganhar dinheiro com eles (At 8.18). A consideração da liberdade com que Cristo nos fez o bem deveria nos deixar livres para fazer o bem aos outros.

IV A provisão que deve ser feita para eles nesta expedição; esta é uma parte importante a ser considerada ao se enviar um embaixador, que deve ter a responsabilidade da mensagem. Quanto a isto:

1. Eles não deviam fazer nenhuma provisão para si mesmos (vv. 9,10). “Não possuais ouro, nem prata”. Da mesma maneira como, por um lado, eles não devem conseguir bens com o seu trabalho, também, por outro lado, eles não devem gastar o pouco que têm para realizá-lo. Isto estava limitado a esta missão, e Cristo os ensinou a: (1) Agir de acordo com a conduta da prudência humana. Eles vão fazer apenas uma curta viagem, e em breve retornarão ao

seu Messias, e de novo ao seu quartel-general, e, portanto, por que levariam o peso de algo de que não precisariam? (2) Agir confiando da providência divina. Eles devem ser ensinados a viver sem se preocuparem com a vida (cap. 6.25ss.). Observe que aqueles que realizam uma missão para Cristo têm, mais que todas as outras pessoas, razão de confiar nele para ter alimentos. Sem dúvida, Jesus não deseja que aqueles que trabalham no reino passem necessidades. Aqueles que Ele emprega, da mesma maneira como são colocados sob proteção especial, também têm direito a provisões especiais. Os servos contratados de Cristo terão pão suficiente e de sobra; enquanto permanecermos fiéis a Deus e ao nosso dever, e cuidarmos de realizar bem o nosso trabalho, podemos colocar em Deus todas as nossas outras preocupações. Jeová-jiré, que o Senhor atenda as nossas necessidades, e as dos nossos, como Ele julgar apropriado.

2. Eles podiam esperar daqueles a quem estavam sendo enviados o fornecimento do que fosse necessário (v. 10). “Digno é o obreiro do seu alimento”. Eles não deviam esperar ser alimentados por milagre, como foi Elias, mas podiam confiar em Deus para motivar os corações daqueles aos quais estavam sendo enviados, para que fossem generosos para com eles, fornecendo o que eles necessitassem. Embora aquele que serve ao altar não deva esperar ficar rico pelo altar, ainda assim eles podiam esperar viver, e viver confortavelmente do altar (1 Co 9.13,14). É adequado que eles não pudessem obter o seu sustento do seu trabalho. Os ministros são, e devem ser, operários, trabalhadores, e são tão dignos do seu alimento a ponto de não serem forçados a nenhum outro trabalho para obtê-lo. Cristo queria que os seus discípulos, assim como não deixassem de ter confiança no seu Deus, também não deixassem de confiar nos seus compatriotas, a ponto de duvidar de uma subsistência confortável entre eles. Se você pregar-lhes as boas-novas, e empenhar-se para fazer o bem entre eles, certamente eles lhe darão comida e bebida, suficientes para as suas necessidades; e, se o fizerem, nunca deseje guloseimas; Deus irá pagar o seu salário no futuro, e assim será até então.

V A conduta que deviam observar em qualquer lugar (vv. 11-15). Eles partiam sem saber exatamente para onde iam, sem ser convidados, sem ser esperados, sem conhecer ninguém, e sem que ninguém os conhecesse; saíam da terra do seu nascimento dirigindo-se a uma terra estranha. Que lei

deveriam seguir? Que rumo deveriam tomar? Cristo não os enviaria sem instruções completas, e aqui estão elas.

1. Eles são aqui orientados sobre como se comportarem em relação aos que lhes eram estranhos. Como proceder:

(1) Em cidades e aldeias estranhas: “Procurai saber quem nela seja digno”. [1] Imagina-se que havia alguns assim em cada lugar, que estavam mais dispostos que outros a receber o Evangelho, e os seus pregadores, embora fosse uma época de corrupção e apostasia geral. Observe que nas piores épocas e nos piores lugares, nós podemos esperar, com desprendimento, que existam alguns que se destaquem, e que sejam melhores que os seus vizinhos; alguns que nadem contra a corrente, e que sejam como o trigo em meio à palha. Havia santos na casa de Nero. Devemos procurar saber quem é digno, aqueles que têm algum temor a Deus, e aprimorar a luz e o conhecimento que eles têm. Até mesmo as melhores pessoas estavam longe de merecer o favor de uma oferta do Evangelho; mas alguns teriam mais probabilidade que outros de dar aos apóstolos e à sua mensagem uma recepção favorável, e não pisariam em tais pérolas. Observe que a disposição prévia ao que é bom é, ao mesmo tempo, uma orientação e um incentivo aos ministros, ao lidarem com as pessoas. Existe mais esperança de que a palavra seja benéfica àqueles que já estão dispostos a ouvi-la, àqueles que a aceitam; e existem pessoas assim por toda parte. [2] Eles devem procurar estas pessoas. Não devem perguntar pelas melhores hospedarias; os estabelecimentos públicos não eram lugares adequados para eles, já que eles não levavam dinheiro consigo (v. 9), nem esperavam receber nenhum (v. 8), mas deviam procurar alojamento em casas particulares, com aqueles que os recebessem bem, e não deviam esperar nenhuma outra compensação além da recompensa de um profeta, a recompensa de um apóstolo, a sua pregação e a sua oração. Observe que aqueles que proclamam o Evangelho não devem reclamar do custo de fazê-lo, nem prometer que sobreviverão por ele neste mundo. Eles devem procurar, não quem é rico, mas quem é digno; não quem é o melhor cavalheiro, mas quem é o melhor homem. Os discípulos de Cristo, aonde quer que fossem, deviam perguntar pelas boas pessoas do lugar, e procurar conhecê-las; quando aceitamos a Deus como o nosso Deus, aceitamos o seu povo como nosso povo, e os crentes naturalmente se alegram por estarem em contato com outros crentes. Em todas as suas viagens, Paulo encontrava os irmãos, quando havia (At 28.14). Está implícito que se eles

procurassem aqueles que eram dignos, poderiam encontrá-los. Aqueles que fossem melhores que os seus vizinhos se distinguiriam, e qualquer pessoa poderia lhes dizer: “Ali vive um homem honesto, sóbrio e bom”, pois estas são características que, como o ungüento na mão direita, não se podem ocultar e enchem a casa com o seu perfume. Todos sabiam onde estava a casa do vidente (1 Sm 9.18). [3] Na casa daqueles que achassem dignos, eles deviam permanecer. Isto dá a entender que eles deviam permanecer pouco tempo em cada cidade, para não precisar mudar de alojamento, mas em qualquer casa a que a Providência os conduzisse no início, eles deviam permanecer até deixar aquela cidade. Justifica-se suspeitar que não têm bom desígnio aqueles que estão freqüentemente mudando de alojamento. Convém que os discípulos de Cristo aproveitem ao máximo a sua permanência, e não estejam mudando a cada desgosto ou inconveniência.

(2) Em casas estranhas. Quando tivessem encontrado a casa de alguém que julgavam digno, eles deviam, à sua entrada, saudá-la. Através dessas cortesias comuns, estejam rapidamente com as pessoas, como sinal de sua humildade. Não pensem que é algo depreciativo convidar-se a uma casa, nem se prendam ao detalhe de serem convidados. Saúdem a família: [1] Para possibilitar a conversa, e assim apresentar a sua mensagem (dos temas da conversa comum podemos, de forma imperceptível, passar àquela conversa que é útil para a edificação). [2] Para testar se são bem-vindos ou não. Você perceberá se a saudação é recebida com timidez e frieza, ou com uma reação rápida. Aquele que não receber a sua saudação com gentileza, não irá receber com gentileza a sua mensagem, pois quem é fiel no mínimo também é fiel no muito (Lc 16.10). [3] Para se insinuar, tendo uma boa opinião da parte deles. Saúdem a família, para que eles possam ver que vocês são sérios e não mal-humorados. Observe que a religião nos ensina a ser corteses e educados, e prestativos a todos com que temos contato. Embora os apóstolos tivessem o respaldo da autoridade do próprio Filho de Deus, ainda assim as suas instruções eram, ao chegar a uma casa, não obrigá-la, mas saudá-la. Pedir por caridade é o modo evangélico (Fm 8,9). As almas são atraídas a Cristo com cordas humanas, e se mantêm ao lado dele por cordas de amor (Os 11.4). Quando Pedro fez a primeira oferta do Evangelho a Cornélio, um gentio, o apóstolo foi saudado em primeiro lugar (veja At 10.25), pois os gentios também apreciavam aquilo que os judeus apreciavam – a cordialidade.

Depois de terem saudado a família de uma maneira cortês, eles deveriam, por sua vez, analisá-la, e proceder adequadamente. Observe que o olhar de Deus está sobre nós, para observar a recepção que damos às pessoas boas, e aos bons ministros: “Se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz” (v. 13). Assim, parece que mesmo depois de terem perguntado pelo mais digno (v. 11), era possível que eles pudessem descobrir aqueles que não eram dignos. Observe que embora seja sábio ouvir a opinião e os relatos comuns, é tolice confiar neles. A sabedoria do prudente é que ele compreenda ao seu próprio modo. Esta regra se destina:

Em primeiro lugar, à satisfação dos apóstolos. A saudação comum era: “Paz seja convosco”; da maneira como eles a usavam, ela se transformou no próprio propósito do Evangelho; era a paz de Deus, a paz do Reino dos céus, que eles desejavam. Eles não deveriam pronunciá-la promiscuamente, porque muitos eram indignos dela; porém, a orientação servia para limpá-los deste escrúpulo. Cristo lhes diz que esta oração do Evangelho (pois é isto que esta expressão tinha se tornado) deveria ser dita a todos, como a prova de que o Evangelho se destinava a todos, indefinidamente, e que deveriam deixar que Deus, que conhece o coração e o verdadeiro caráter de todos os homens, determinasse a sua conseqüência. Se a casa fosse digna, colheria os benefícios da sua bênção; se não fosse, não haveria nenhum prejuízo, os apóstolos não perderiam o benefício; ela voltaria para eles, assim como as orações pelos inimigos ingratos voltaram a Davi (Sl 35.13). Observe que é conveniente julgarmos caridosamente a todos, orarmos sinceramente por todos, e nos portarmos de modo cortês com todos, pois este é o nosso papel, e deixarmos que Deus determine o efeito que isto terá sobre eles, pois esta parte só compete a Ele.

Em segundo lugar, para a orientação deles. Em outras palavras, se, depois da sua saudação, os apóstolos tivessem a impressão de que a casa era verdadeiramente digna, eles deveriam deixar que ela desfrutasse mais da sua companhia, e deixar que a sua paz descesse sobre ela; deveriam pregar-lhes o Evangelho, a paz de Jesus Cristo; mas se não fosse este o caso, se a casa fosse rude com os apóstolos, e fechasse as suas portas, eles deveriam deixar que a sua paz, a mesma em que eles se encontravam, retornasse para eles. Deveriam retirar o que haviam dito e voltar as costas para aquela casa; ao desprezar aquilo que eles tinham a oferecer, ela se tornou indigna do restante

dos seus favores, e os interromperam. Grandes bênçãos são freqüentemente perdidas por um desprezo ou por uma negligência aparentemente pequena e insignificante, quando os homens estão sendo postos à prova, juntamente com o seu comportamento. Foi assim que Esaú perdeu o seu direito de primogenitura (Gn 25.34), e Saul, o seu reino (1 Sm 13.13,14).

2. Aqui eles são orientados a como agir em relação àqueles que os rejeitassem. Apresenta-se o caso (v. 14) daqueles que não os recebem, nem ouvem as suas palavras. Os apóstolos poderiam pensar que por terem tal doutrina para pregar, e tal poder para realizar milagres, para a confirmação da doutrina, sem dúvida eles só poderiam ser universalmente bem recebidos. Porém, eles ouvem de antemão que haveria aqueles que os desprezariam, e olhariam com menosprezo para eles e para a sua mensagem. Observe que os melhores e mais poderosos pregadores do Evangelho podem esperar encontrar algumas pessoas que não lhes darão ouvidos nem lhes mostrarão nenhum sinal de respeito. Muitos se recusarão a ouvir até mesmo o som mais alegre, e não darão ouvidos à voz daqueles que lhes trazem as boas-novas. Considere: “Se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras”. Note que o desprezo pelo Evangelho normalmente acompanha o desprezo pelos seus ministros, e qualquer um deles se transformará em um desprezo por Cristo, e será computado dessa maneira.

Neste caso, temos:

(1) As orientações dadas aos apóstolos sobre o que devem fazer. Eles devem sair daquela casa ou cidade. O Evangelho não se demora com aqueles que não o recebem. Ao partir, eles devem sacudir o pó dos seus pés: [1] Abominando a maldade deles. Isto era tão abominável, que até mesmo contaminava o solo onde eles passavam, e assim deveria ser sacudido como uma coisa imunda. Os apóstolos não devem ter amizade nem comunhão com aqueles que rejeitam o Evangelho, e também não devem levar consigo o pó da cidade deles. As ações dos que se desviam não se pegarão a mim (Sl 101.3). O profeta não devia comer nem beber em Betel (1 Rs 13.9). [2] Denunciando a ira contra eles. Isto devia significar que eles eram vis e maus como o pó, e que Deus os sacudiria. A poeira dos pés dos apóstolos, que eles deixariam atrás de si, daria testemunho contra essas pessoas, e seria uma evidência de que o Evangelho lhes tinha sido pregado (Mc 6.11). Compare com Tiago 5.3. Veja isto em prática (At 13.51; 18.6). Observe que aqueles que desprezam a Deus, e ao seu Evangelho, serão pouco apreciados.

(2) A condenação destinada a estes desobedientes voluntários (v. 15). “No Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra”. Considere: [1] Há um dia de julgamento futuro, quando todos aqueles que recusaram o Evangelho certamente serão chamados para responder por isto; por mais que agora brinquem com esta decisão. Aqueles que não ouvem a doutrina que poderia salvá-los serão levados a ouvir a sentença que os destruirá. O seu julgamento estará suspenso, até aquele dia. [2] Existirão diferentes graus de punição naquele dia. Todas as dores do inferno serão insuportáveis, mas alguns sofrerão mais que outros. Alguns pecadores irão mergulhar no inferno mais fundo que outros, e serão açoitados com mais açoites. [3] A condenação daqueles que rejeitam o Evangelho, neste dia, será mais pesada e severa do que a de Sodoma e Gomorra. Diz-se que Sodoma sofrerá a pena do fogo eterno (Jd 7). Mas esta vingança virá com mais severidade sobre aqueles que desprezam a grande salvação. Sodoma e Gomorra eram excessivamente pecadoras (Gn 13.13), e o que representou o máximo da sua maldade foi que não receberam os anjos que tinham sido enviados a elas, mas os atacaram (Gn 19.4,5) e não ouviram as suas palavras (v. 14). E ainda assim haverá mais tolerância com elas do que com aqueles que não recebem os ministros de Cristo, e não ouvem as suas palavras. A ira de Deus contra eles será mais ardente, e as suas próprias reflexões sobre si mesmos serão mais cortantes. “Filho, lembre-te” de que Eu falarei mais terrivelmente aos ouvidos daqueles que receberam uma oferta justa da vida eterna, e preferiram a morte. A maldade de Israel, quando Deus lhes enviou os seus servos e profetas, é considerada, na prestação de contas, mais atroz que a maldade de Sodoma (Ez 16.48,49). Quanto mais agora que Ele lhes enviou o seu Filho, o grande Profeta.

Instruções aos Apóstolos

vv. 16-42

Todos estes versículos falam dos sofrimentos dos ministros de Cristo no seu trabalho. Aqui eles são ensinados a esperar e a preparar-se para estes sofrimentos, e também são instruídos sobre como suportá-los, e como prosseguir com o seu trabalho em meio aos sofrimentos. Esta parte do sermão abrange mais do que a missão atual dos doze, pois não sabemos se

eles encontraram quaisquer grandes dificuldades ou enfrentaram grandes perseguições enquanto Cristo estava com eles, nem se eles estavam capacitados para suportar estas coisas; mas aqui eles são avisados dos problemas que enfrentariam quando, depois da ressurreição de Cristo, a sua comissão se ampliasse, e o Reino dos céus, que ainda não era chegado, já estivesse estabelecido. Eles não sonhavam com nada ainda, exceto pompa e poder, mas Cristo lhes diz que deviam esperar sofrimentos maiores do que agora enfrentavam; que eles seriam, então, feito prisioneiros, quando esperavam ser feitos príncipes. É bom saber quais problemas podemos enfrentar no futuro, para que possamos agir de acordo com eles, e não nos vangloriemos, como se tivéssemos dominado as dificuldades, quando ainda estamos apenas rodeando-as.

Aqui estão entrelaçadas: I. Predições de dificuldades, e II. Prescrições de conselho e consolo, com referência a elas.

ITemos predições de problemas que os discípulos encontrariam no seu trabalho: Cristo previu o sofrimento deles, assim como o seu próprio sofrimento, e ainda assim os fez continuar, como Ele também continuou. Ele lhes falou dos sofrimentos, não apenas para que os problemas pudessem não ser uma surpresa para eles, e, desta forma, um choque para a sua fé, mas também para que, como cumprimento de uma predição, estes sofrimentos pudessem ser uma confirmação para a fé deles.

Ele lhes diz o que iriam sofrer, e quem lhes causaria tal sofrimento.

1. O que eles iriam sofrer: coisas duras, com certeza; pois o Senhor lhes disse: “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos” (v. 16). E o que um rebanho de pobres ovelhas, indefesas e desprotegidas, pode esperar em meio a uma alcatéia de lobos vorazes, a não ser preocupações e destruição? Observe que os homens maus são como lobos, cuja natureza é devorar e destruir. O povo de Deus, e em especial os seus ministros, são como ovelhas entre eles, de uma natureza e disposição contrárias, expostos a eles, e normalmente uma presa fácil para eles. Parece pouco gentil da parte de Cristo expô-los a tanto perigo, a eles, que tinham deixado tudo para segui-lo; mas Ele sabia que a glória reservada para as suas ovelhas, no grande dia em que elas estiverem à sua mão direita, seria uma compensação suficiente para os sofrimentos, assim como para o serviço. Eles são como ovelhas em meio aos lobos, isto é assustador; mas Cristo os envia, e isto é consolador; pois

aquele que os envia irá protegê-los, e sustentá-los. Mas para que eles possam saber do pior, Ele lhes diz então, particularmente, o que devem esperar.

(1) Eles devem esperar ser odiados (v. 22). “E odiados de todos sereis por causa do meu nome”. Esta é a raiz de todo o resto; e que raiz amarga! Observe que o mundo odeia aqueles a quem Cristo ama. É o mesmo caso daquele a quem o tribunal absolve, porém o país condena. Se o mundo odiou a Cristo, sem causa (Jo 15.25), não é de admirar que odiasse aqueles que traziam a sua imagem e serviam aos seus interesses. Nós odiamos o que é repugnante, e os apóstolos eram considerados como a escória de todos (1 Co 4.13). Nós odiamos o que é nocivo, e eles eram considerados os perturbadores da terra (1 Rs 18.17), e aqueles que atormentavam os seus vizinhos (Ap 11.10). É triste ser odiado, e ser objeto de tanta má intenção, mas é por amor ao seu nome; esta é a verdadeira razão do ódio. Aconteça o que acontecer, haverá consolo para aqueles que são, desta maneira, odiados. Tudo isso é por uma boa causa, e eles têm um bom amigo, que compartilha estas aflições com eles, e que as toma para si.

(2) Eles devem esperar ser presos e levados a juízo, como malfeitores. A maldade inquieta as pessoas e é irresistível, e elas não apenas tentarão, mas conseguirão entregá-los aos conselhos (vv. 17,18), ao tribunal das autoridades ou dos juízes, que cuidam da paz pública. Observe que uma grande quantidade de prejuízos é causada com freqüência aos bons homens, disfarçada de lei e justiça. “No lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda” (Ec 3.16). Eles devem esperar problemas, não apenas por parte dos magistrados inferiores nos conselhos, mas também de governadores e reis, os magistrados supremos. Ser trazido diante deles sob descrições tão obscuras – como aquelas que eram comumente feitas a respeito dos discípulos de Cristo – era algo perigoso e temível, pois a ira de um rei é como o rugir de um leão. Nós encontramos essa predição plenamente cumprida no livro de Atos dos Apóstolos.

(3) Eles devem esperar ser condenados à morte (v. 21). Eles os entregarão à morte, e assim morrerão em uma cerimônia com pompa e solenidade, o que será apresentado como o rei dos terrores. A maldade dos inimigos se enfurece a ponto de infligir isto; é do sangue dos santos que eles têm sede. A fé e a paciência dos santos permanece firme, como quem tem a seguinte esperança: “Em nada tenho a minha vida por preciosa”. A sabedoria de Cristo permite isto, sabendo como fazer do sangue dos mártires o selo da

verdade, e a semente da igreja. Este desprendimento, por parte desse nobre exército, que não amou a própria vida sendo fiel até à morte, teve um importante resultado: Satanás foi derrotado, e o reino de Cristo e os seus interesses progrediram grandemente (Ap 11.11). Eles foram levados à morte como criminosos; assim os inimigos o pretendiam, mas, na verdade, foram oferecidos como sacrifícios (Fp 2.17; 2 Tm 4.6); como holocaustos, sacrifícios de reconhecimento da honra de Deus, da sua verdade, e da sua causa.

(4) Eles devem esperar, em meio a estes sofrimentos, ser marcados com os nomes mais odiosos e desonrosos existentes na época. Os perseguidores se sentiriam envergonhados neste mundo, se não vestissem primeiro em peles de urso aqueles a quem importunam, e os representassem de maneira a poder justificar tais crueldades. O mais negro de todos os maus nomes que eles atribuem aos apóstolos é apresentado aqui; eles os chamam de Belzebú, o nome do príncipe dos demônios (v. 25). Eles representam os apóstolos como os líderes dos interesses do reino das trevas; e, uma vez que todos pensam que odeiam o diabo, eles se esforçam para tornar os apóstolos odiosos para toda a humanidade. Considere, e surpreenda-se, ao ver como isto se impôs a este mundo: [1] Os inimigos declarados de Satanás são representados como seus amigos; os apóstolos, que destruíam o reino do diabo, são chamados de demônios. Assim os homens lhes atribuem não apenas coisas que eles desconheciam, mas também coisas que eles abominavam, e às quais eram diretamente contrários; eles eram o oposto daquilo de que eram acusados. [2] Os servos declarados de Satanás eram tidos como seus inimigos, e nunca realizaram o seu trabalho de maneira mais eficiente do que quando fingiram estar lutando contra ele. Muitas vezes aqueles que são os mais semelhantes ao diabo são os mais aptos a incomodar outros como ele mesmo o faria; e aqueles que o pintam nas roupas dos outros o têm reinando em seus próprios corações. Como é bom que haja um dia se aproximando (como aqui se segue, v. 26) em que aquilo que está encoberto será revelado.

(5) Estes sofrimentos são aqui representados por uma espada e uma dissensão (vv. 34,35). “Não pensem que Eu vim trazer paz, a paz temporal e a prosperidade exterior”. Eles pensavam que Cristo tinha vindo para dar a todos os seus seguidores riqueza e poder neste mundo. “Não”, diz Cristo, “Eu não vim com o objetivo de lhes dar a paz neste mundo; eles podem ter certeza de que terão paz no céu, mas não paz na terra”. Cristo veio para nos

dar paz com Deus, paz em nossas consciências, paz com nossos irmãos, mas no mundo nós teremos aflições. Observe que confundem o desígnio do Evangelho aqueles que pensam que a sua profissão de fé no Evangelho irá protegê-los dos problemas, pois ela certamente os exporá a estes problemas. Se todo o mundo recebesse a Cristo, então haveria uma paz universal, mas enquanto houver, e sempre haverá, tantos que o rejeitam (e não somente os filhos deste mundo, mas também a semente da serpente), os filhos de Deus, que são convocados neste mundo, devem esperar sentir os frutos da sua inimizade.

[1] “Não vim trazer paz, mas espada”. Cristo veio para dar a espada, que é a palavra com a qual os seus discípulos lutam contra o mundo, e esta espada realizou uma obra de conquista (Ap 6.4; 19.21). A espada da perseguição, com a qual o mundo luta contra os discípulos, realiza um trabalho cruel; o mundo se sente enfurecido em seu coração pela espada da palavra (At 7.54), e atormentado pelo testemunho dos profetas de Cristo (Ap 11.10). Cristo enviou este Evangelho, o que dá oportunidade de sacarmos esta espada. Também se pode dizer que o Senhor nos enviou esta espada. Ele permite que a sua igreja passe por um estado de sofrimento, para a prova e para o louvor das virtudes do seu povo, e também para que a medida dos pecados de seus inimigos seja aumentada.

[2] Não esperem paz, mas divisão (v. 35). “Eu vim pôr os homens em dissensão”. Este efeito da pregação do Evangelho não é culpa do Evangelho, mas daqueles que não o recebem. Quando alguns crêem nas coisas que são ditas, e outros não, a fé daqueles que crêem condena aqueles que não crêem, e, portanto, nós temos um inimigo contra aqueles que crêem. Observe que as rixas mais violentas e implacáveis sempre foram aquelas surgidas de diferenças em relação à religião. Não há inimizade como aquela dos perseguidores, não há determinação como a dos perseguidos. Assim, Cristo diz aos seus discípulos o que eles iriam sofrer, e estas foram palavras duras. Se eles pudessem suportar isto, poderiam suportar qualquer coisa. Observe que Cristo foi justo e fiel conosco, ao nos contar o pior que podemos encontrar a serviço dele; e Ele quer que sejamos justos com nós mesmos, ao avaliarmos o custo.

2. Ele lhes diz de quem, e por quem, eles viriam a enfrentar estes sofrimentos. Certamente o próprio inferno deve estar libertado, e os demônios, aqueles espíritos desesperados e desesperadores, que não têm

participação na grande salvação, nem direito a uma parte dela, devem estar encarnados, antes que tais inimigos malignos possam encontrar e se apegar a uma doutrina, cuja essência seja a boa vontade em relação aos homens, e a reconciliação do mundo com Deus. Você consegue imaginar isto? Todos estes problemas surgem aos pregadores do Evangelho, por parte daqueles a quem eles vieram pregar a salvação. Assim, os homens sanguinários aborrecem aquele que é sincero, mas os retos procuram o seu bem (Pv 29.10), e dessa maneira o céu é completamente oposto à terra, porque a terra está extremamente sujeita ao poder do inferno (Ef 2.2).

Os discípulos de Cristo devem sofrer tais dificuldades:

(1) Por parte dos homens (v. 17): "Acautelai-vos... dos homens". Em outras palavras: "Vocês precisarão estar sempre vigilantes, mesmo contra aqueles que têm a mesma natureza que vocês, tal é a depravação e a degeneração desta natureza" (*homo homini lupus – o homem é um lobo para o homem*), "ardilosos e políticos como homens, mas cruéis e bárbaros como animais, e completamente despojados daquilo que se chama de humanidade". Note que o ódio perseguidor e a inimizade transformam os homens em animais, em demônios. Paulo, em Éfeso, combateu feras sob a forma de homens (1 Co 15.32). Há uma situação triste à qual o mundo chegou. Os melhores amigos que o mundo tem precisam se acautelar dos demais homens. Isto piora os problemas dos servos sofredores de Cristo, pois estes problemas surgem daqueles que são carne da sua carne, feitos do mesmo sangue. Os perseguidores são, neste sentido, piores que animais, pois as suas presas são semelhantes a eles: *Saevis inter se convenit ursis – Até mesmo os ursos selvagens vivem em harmonia.* É muito doloroso que os homens se levantem contra nós (Sl 124.2), homens dos quais poderíamos esperar proteção e compaixão; homens, e nada mais; meros homens; homens, e não santos; homens naturais (1 Co 2.14); homens do mundo (Sl 17.14). Os santos são mais que os homens, e são redimidos do seu meio e por isto são odiados por eles. A natureza do homem, se não for santificada, é a pior natureza do mundo, próxima à dos demônios. Eles são homens, e, portanto, criaturas subordinadas, dependentes, moribundas; são homens, mas são meros homens (Sl 9.20), e quem pois és tu, para que temas o homem, que é mortal? (Is 51.12). *Acautelai-vos dos homens*, daqueles entre vós que se relacionam com os homens do Sinédrio judeu, que reprovavam a Cristo (1 Pe 2.4).

(2) Por parte dos homens religiosos, homens que têm uma forma de devoção e que fazem da religião uma exibição. Eles vos açoitarão nas suas sinagogas, os seus lugares de encontro para a adoração a Deus, e para o exercício da sua disciplina. Eles consideravam o açoitamento dos ministros de Cristo como sendo uma ramificação da sua religião. Paulo foi açoitado nas sinagogas cinco vezes (2 Co 11.24). Os judeus, sob o pretexto do zelo por Moisés, eram os mais amargos perseguidores de Cristo e do cristianismo, e consideravam estas infâmias como pontos positivos da sua religião. Observe que os discípulos de Cristo sofreram muito por parte de perseguidores conscientes, que os açoitavam nas suas sinagogas, os expulsavam e os matavam, e pensavam estar prestando um bom serviço a Deus (Jo 16.2), e diziam: “O Senhor seja glorificado” (Is 66.5; Zc 11.4,5). Mas a sinagoga está tão longe de consagrar a perseguição, que a perseguição, sem dúvida, profana e contamina a sinagoga.

(3) Por parte dos homens poderosos, e homens de autoridade. Os judeus não somente os açoitavam – o poder máximo que lhes era atribuído – mas quando não podiam ir além, os entregavam às autoridades romanas, como fizeram com Cristo (Jo 18.30). “Sereis até conduzidos à presença dos governadores e dos reis” (v. 18), os quais, tendo mais poder, têm a capacidade de causar maiores danos. Os governadores e os reis recebem o seu poder de Cristo (Pv 8.15), e deveriam ser seus servos, e proteger e zelar pela sua igreja, mas freqüentemente usam o seu poder contra Ele, e se rebelam contra Cristo, e oprimem a sua igreja. Os reis da terra se levantam contra o seu reino (Sl 2.1,2; At 4.25,26). Observe que homens bons sempre tiveram homens poderosos como seus inimigos.

(4) Por parte de todos os homens (v. 22). “Odiados de todos sereis”, de todos os homens maus, e estes representam a maioria dos homens, pois todo o mundo se assenta na maldade. Poucos são os que amam, abraçam e aceitam a causa justa de Cristo, e podemos dizer que os amigos desta causa são odiados por todos os homens: “Desviaram-se todos e... comem o meu povo” (Sl 14.3). A deslealdade a Deus vai tão longe quanto a inimizade contra os santos. Algumas vezes, ela se manifesta de um modo mais genérico do que em outras, mas há um pouco deste veneno espreitando nos corações de todos os filhos da desobediência. O mundo os odeia, pois se maravilha após a besta (Ap 13.3). “Todo homem é mentira”, e, desta forma, odeia a verdade.

(5) Por parte dos seus parentes. “O irmão entregará à morte o irmão” (v. 21). Um homem estará, de acordo com este relato, contra o seu próprio pai; e, além disto, também as pessoas do sexo mais frágil e terno se tornarão perseguidoras e perseguidas. A filha perseguidora estará contra a mãe que tem fé, quando poderíamos pensar que o afeto natural e o dever filial deveriam evitar a disputa, ou encerrá-la rapidamente; e não é de admirar que a nora esteja contra a sogra, quando, com excessiva freqüência, a frieza do amor procura oportunidade para a disputa (v. 35). Em geral, os adversários de um homem serão os seus familiares (v. 36). Os que deveriam ser seus amigos se levantarão contra ele, por ter abraçado o cristianismo, e especialmente por aderir a ele, chegando a ser perseguido. Estes adversários se unirão aos seus perseguidores, e se posicionarão contra o cristão. Observe que os laços mais fortes de amor e dever familiar freqüentemente são rompidos por um inimigo de Cristo e de sua doutrina. Tal tem sido o poder do preconceito contra a verdadeira religião, e o zelo por uma religião falsa, a ponto de todas as outras considerações, as mais naturais e sagradas, as mais envolventes e atraentes, terem sido sacrificadas a estes moloques. Aqueles que se enfurecem contra o Senhor e os seus ungidos rompem até mesmo estes laços, e sacodem de si aquelas cordas (Sl 2.2,3). A noiva de Cristo sofre dificuldades pela ira dos filhos de sua própria mãe (Ct 1.6). Estes sofrimentos são os mais dolorosos; nada fere mais que isto. “Eras tu, homem meu igual” (Sl 55.12,13). E a inimizade deles normalmente é a mais implacável; um irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte (Pv 18.19). Aqueles que estudam a vida dos mártires, tanto dos antigos como dos modernos, conhecem muitos exemplos dessa verdade. Considerando tudo isso, aparentemente todos aqueles que vivem em Cristo Jesus com devoção devem sofrer perseguições; e nós devemos esperar entrar no Reino de Deus em meio a muitas dificuldades.

II Com estas predições de problemas, nós temos aqui as descrições de conselhos e consolos para épocas de dificuldades. Ele os envia realmente expostos ao perigo, e esperando-o, mas bem armados com instruções e incentivos, suficientes para sustentá-los e confirmá-los em todas estas provações. Vamos examinar o que Ele diz:

1. Com o objetivo de aconselhar e orientar em diversos assuntos:

(1) “Sede prudentes como as serpentes” (v. 16). Em outras palavras: “Vocês podem ser prudentes como as serpentes” (alguns interpretam como somente uma permissão), “desde que sejam tão símplices como as pombas”. Mas, na verdade, isto deve ser interpretado como um preceito, que nos aconselha na sabedoria dos prudentes, que é a maneira de compreender os seus métodos, e que é útil em todas as ocasiões – mas especialmente nas ocasiões de sofrimento. Portanto, por estarem expostos como ovelhas em meio aos lobos, sejam tão prudentes como as serpentes; não sejam sábios como as raposas, cuja esperteza consiste em enganar os outros; mas prudentes como as serpentes, cuja tática é unicamente defender-se, e mover-se para a sua própria segurança. Os discípulos de Cristo são odiados e perseguidos como as serpentes, e as pessoas procuram destruí-los, e por isto eles precisam da prudência das serpentes. Observe que é o desejo de Cristo que o seu povo e os seus ministros, estando tão expostos aos perigos deste mundo, como normalmente estão, não devam expor-se desnecessariamente, mas usar todos os meios justos e lícitos para a sua própria preservação. Cristo nos deu um exemplo dessa prudência (cap. 21.24,25; 22.17,18,19; Jo 7.6,7); apesar das várias vezes em que Ele conseguiu escapar das mãos dos seus inimigos, a sua hora era chegada. Veja um exemplo da prudência de Paulo (At 23.6,7). Na causa de Cristo, devemos ser indiferentes à vida e a todos os seus confortos, mas não devemos desprezá-los. A prudência da serpente consiste em preservar a sua cabeça, que não deve ser arrancada, em tapar seus ouvidos à voz do encantador (Sl 58.4,5), e abrigar-se nas fendas das rochas – assim devemos ser tão prudentes como as serpentes. Devemos ser prudentes para não atrair problemas para as nossas próprias cabeças; prudentes para manter silêncio em tempos difíceis, e para não pecar. Devemos nos esforçar para agir desse modo.

(2) “Sede símplices como as pombas”. Em outras palavras: “Sejam suaves, mansos e serenos; não somente não façam mal a ninguém, mas não tenham uma má intenção para com ninguém; sejam como as pombas, que não têm amargura; isto sempre deve acompanhar a frase anterior”. Eles são enviados em meio aos lobos, portanto devem ser tão prudentes quanto as serpentes. Mas são enviados como ovelhas, e por isto devem ser tão inofensivos quanto as pombas. Nós devemos ser prudentes, não para ofender a nós mesmos, mas para não ofender a ninguém mais. Devemos usar a pureza das pombas para suportar vinte ofensas, em lugar da astúcia da serpente para retribuir, mesmo

que se trate apenas de uma ofensa. Observe que este deve ser o cuidado constante de todos os discípulos de Cristo – ser inocentes e inofensivos nas palavras e nas obras, especialmente levando em consideração os inimigos em cujo meio se encontram. Nós precisamos de um espírito como de uma pomba, quando importunados pelas aves de rapina, para que não as provoquemos, nem sejamos provocados por elas. Davi desejava as asas de uma pomba, com as quais pudesse voar e descansar, e não as asas de um falcão. O Espírito desceu sobre Cristo como uma pomba, e todos os crentes participam do Espírito de Cristo, um espírito como o de uma pomba, feito para o amor, e não para a guerra.

(3) "Acautelai-vos dos homens" (v. 17). Em outras palavras: "Estejam sempre vigilantes e evitem as companhias perigosas; prestem atenção ao que vocês dizem e fazem, e não considerem como provável a fidelidade de homem algum. Zelem pelas pretensões mais plausíveis; não confiem no amigo, nem naquela 'que repousa no seu seio'" (Mq 7.5). Convém aos que têm a graça que sejam cuidadosos, pois somos ensinados a nos separar dos homens maus. O mundo no qual vivemos é tão pecador que não sabemos em que confiar. Uma vez que o nosso Messias foi traído com um beijo, por um dos seus próprios discípulos, nós precisamos nos acautelar dos homens, dos falsos irmãos.

(4) "Não vos dê cuidado como ou o que haveis de falar" (v. 19). Em outras palavras: "Quando vocês forem levados diante de magistrados, comportem-se de maneira decorosa, mas não se aflijam, preocupando-se sobre como a situação terminará. Deve haver um pensamento prudente, mas não ansioso, perplexo, ou inquietante. Deixe que esta preocupação recaia sobre Deus, assim como a preocupação concernente ao que você come ou bebe. Não pretenda fazer belos discursos, *ad captandam benevolentiam – para adular a si mesmo*; não procure expressões raras, acessos de inteligência e frases de efeito, que só servem para dar um falso brilho a uma causa ruim; o brilho dourado de uma boa causa não precisa destas coisas. Preocupar-se com estas coisas dá a idéia de falta de confiança, como se a sua causa não pudesse falar por si mesma. Você sabe em que fundamentos está enraizado, e então *verbaque praevisam rem nom invita sequentur – expressões adequadas irão lhe ocorrer prontamente*. "Nunca alguém falou melhor diante de governadores e reis do que aqueles três heróis, que não pensaram antes sobre o que iriam falar, e disseram ao rei Nabucodonosor: "Não necessitamos de te

responder sobre este negócio” (Dn 3.16; veja Sl 119.46). Observe que os discípulos de Cristo devem se preocupar mais com agir bem do que com falar bem; mais com manter a sua integridade do que com o modo de defendê-la.*Non magna loquimur, sed vivimus – As nossas vidas, e não palavras arrogantes,* formam a melhor justificativa.

(5) “Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra” (v. 23). Em outras palavras: “Rejeitem, desta maneira, aqueles que rejeitarem a vocês e sua doutrina, e tentarem fazer com que os outros também não lhes recebam, nem à sua doutrina; desta forma, vão para outra cidade, para sua própria segurança”. Observe que em caso de perigo iminente, os discípulos de Cristo podem e devem se proteger com a fuga, quando Deus, na sua providência, lhes abre uma porta de escape. Aquele que foge pode lutar outra vez. Não é desonra para os soldados de Cristo abandonar o terreno, desde que não abandonem a sua identidade: eles podem sair do caminho do perigo, embora não devam sair do caminho do dever. Observe o cuidado que Cristo tem com os seus discípulos, providenciando lugares de fuga e abrigo para eles; organizando as situações para que as perseguições não ocorram em todos os lugares, nem ao mesmo tempo; mas quando uma cidade ficar agitada demais para eles, outra estará reservada para um ambiente mais tranqüilo, como um pequeno santuário; uma graça a ser usada, e não desprezada. Mas sempre com a condição de que nenhum meio pecaminoso ou ilícito seja usado para realizar a fuga; pois neste caso, não será uma porta providenciada por Deus. Nós temos muitos exemplos desta regra na história, tanto de Cristo como de seus apóstolos, na aplicação de todos os casos particulares nos quais a prudência e a integridade orientam beneficamente.

(6) “Não os temais” (v. 26), porque eles podem matar somente o corpo (v. 28). Observe que é dever e interesse dos discípulos de Cristo não temer o maior dos seus adversários. Aqueles que temem verdadeiramente a Deus não precisam temer o homem; e aqueles que temem o menor dos pecados não precisam temer a maior dificuldade. O medo do homem traz uma armadilha, uma armadilha desconcertante que perturba a nossa paz; uma armadilha que nos confunde, e pela qual podemos ser levados ao pecado; portanto, devemos vigiar cuidadosamente, e combater e orar contra este temor. Ainda que os tempos sejam muito difíceis, os inimigos sejam muito cruéis, e as situações sejam muito ameaçadoras, ainda assim nós não precisamos ter medo, nós não temeremos, ainda que a terra se transtorne, enquanto tivermos um Deus tão

bom, uma causa tão boa e uma esperança tão boa por intermédio da graça.

Sim, isto é fácil dizer; mas quando chegam as provações, tormentos e torturas, calabouços e prisões, machados e cadafalsos, fogo e lenha, são coisas terríveis, suficientes para fazer tremer o coração mais valente, e dar início a um retrocesso, especialmente quando fica claro que estas coisas poderiam ser evitadas apenas com alguns passos para trás. E, portanto, para nos fortalecer contra esta tentação, aqui temos:

[1] Uma boa razão contra este medo, obtida do poder limitado dos inimigos; eles matam o corpo, que é o máximo a que o seu ódio pode chegar. Até aqui eles podem chegar, se Deus lhes permitir, mas não podem ir além disso. Eles não podem matar a alma, nem fazer-lhe nenhum mal, e a alma é o homem. Com isso, parece que a alma não adormece na morte (como nos sonhos), nem é privada de pensamento e percepção; pois então a morte do corpo seria a morte da alma também. A alma morre quando é separada de Deus e do seu amor, que é a sua vida, e se torna um vaso da sua ira; isso está fora do alcance do poder dos inimigos. O sofrimento, a agonia e a perseguição podem nos separar de todo o mundo, mas não podem separar-nos de Deus, não podem fazer com que não o amemos, nem fazer com que não sejamos amados por Ele (Rm 8.35,37). Se, portanto, estivermos mais preocupados com as nossas almas, como nossas jóias, estaremos menos preocupados com os homens, cujo poder não pode nos roubar as nossas almas. Eles só podem matar o corpo, que morreria rapidamente, e não a alma, que irá se alegrar com o seu Deus, apesar deles. Eles só podem esmagar o estojo. Um gentio desafia o tirano com isto: *Tunde capsam Anaxarchi, Anaxarchum nom laedis – Você pode ultrajar o caso de Anaxágoras, mas não pode ultrajar o próprio Anaxágoras*. A pérola de valor fica intocada. Sêneca se encarrega de decifrar que não se pode ferir um homem bom e prudente, porque a própria morte não representa nenhum mal para ele. *Si maximum illud ultra quod nihil habent iratae leges, aut saevissimi domini minantur, in quo imperium suum fortuna consumit, aequo placidoque animo accipimus, et scimus mortem malum non esse ob hoc, ne injuriam quidemae – Se, com tranqüilidade e compostura, nós nos encontrarmos nesta situação extrema, além da qual as leis infringidas e os tiranos impiedosos não têm nada a impor, e onde termina o seu domínio, saberemos que a morte não será um mal, porque ela não nos provoca o menor dano.* Sêneca, *De Constantid*.

[2] Uma boa solução contra isto é temer a Deus. Tema àquele que é capaz de destruir tanto a alma como o corpo no inferno. Observe que, em primeiro lugar, o inferno é a destruição, tanto do corpo como da alma; não da existência de qualquer deles, mas do bem-estar de ambos. É a destruição do homem por completo; se a alma está perdida, também está perdido o corpo. Eles pecaram juntos; o corpo foi quem levou a alma a pecar, sendo a sua ferramenta no pecado, e por isto devem sofrer juntos, eternamente. Em segundo lugar, esta destruição se origina no poder de Deus. Ele é capaz de destruir; é uma destruição realizada pelo seu poder glorioso (2 Ts 1.9). Nela, Ele fará conhecido o seu poder, não somente a sua autoridade para sentenciar, mas também a sua capacidade de executar a sentença (Rm 9.22). Em terceiro lugar, Deus deve, dessa maneira, ser temido, mesmo pelos melhores santos deste mundo. Conhecendo os terrores do Senhor, devemos persuadir os homens a temê-lo. Se a ira e o temor dele estão mutuamente de acordo, então o temor a Ele deve estar de acordo com a sua ira, especialmente porque ninguém conhece o poder da sua ira (Sl 90.11). Se Adão, em inocência, era intimidado por uma ameaça, que nenhum dos discípulos de Cristo pense que não precisa das restrições de um temor sagrado. Feliz é o homem que sempre teme. O Deus de Abraão, que então estava morto, é chamado de “o Temor de Isaque”, que estava vivo (Gn 31.42,53). Em quarto lugar, o temor a Deus, e do seu poder sobre a alma, será um antídoto soberano contra o temor ao homem. É melhor ser reprovado por todo o mundo, do que ser reprovado por Deus; portanto, é mais justo, e também mais seguro, obedecermos a Deus, e não aos homens (At 4.19). Aqueles que temem o homem, que é mortal, se esquecem do Senhor, o seu Criador (Is 51.12,13; Ne 4.14).

(7) “O que vos digo em trevas, dizei-o em luz” (v. 27); em outras palavras: “Quaisquer que sejam os riscos que você corre, continue com o seu trabalho, publicando e proclamando o Evangelho eterno a todo o mundo; este é o seu trabalho, tenha isto em mente. O desígnio do inimigo não é meramente destruir você, mas impedir que o Evangelho seja proclamado e, portanto, qualquer que seja a conseqüência, torne o Evangelho público”. “O que vos digo, dizei-o”. O que os apóstolos nos transmitiram é a mesma coisa que eles receberam de Jesus Cristo (Hb 2.3). Eles falaram aquilo que Ele lhes disse, tudo aquilo, e nada além daquilo. Estes embaixadores recebiam suas instruções de forma privada, na escuridão, ao ouvido, em esquinas, por parábolas. Cristo falou muitas coisas abertamente, e nada que foi dito em

oculto era diferente daquilo que Ele pregou em público (Jo 18.20). Porém as instruções particulares que Ele deu aos seus discípulos depois da sua ressurreição, a respeito das coisas do Reino de Deus, foram ditas ao ouvido (At 1.3), pois então Ele não mais se mostrou publicamente. Mas os discípulos precisam transmitir a sua mensagem publicamente, sob a luz e sobre os telhados; pois a doutrina do Evangelho diz respeito a todos (Pv 1.20,21; 8.2,3). Portanto, "quem tem ouvidos para ouvir, que ouça". A primeira indicação da aceitação dos gentios na igreja se deu sobre um telhado (At 10.9). Não há nenhuma parte do Evangelho de Cristo que precise, de alguma maneira, ser oculta; todo o conselho de Deus deve ser revelado (At 20.27). Que ele seja sempre clara e plenamente revelado a uma multidão tão variada!

2. Com o objetivo de consolo e incentivo. Aqui muita coisa é dita com este objetivo, e é suficiente, considerando as muitas dificuldades que eles iriam enfrentar durante o curso do seu ministério e a sua fraqueza atual, que era tal que, sem algum apoio poderoso, eles mal poderiam suportar até mesmo a perspectiva delas; portanto, Cristo lhes mostra por que eles deveriam ter ânimo.

(1) Aqui está uma mensagem peculiar à sua missão atual (v. 23). "Não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do Homem". Eles deviam pregar que o reino do Filho do Homem, o Messias, era chegado; eles deviam orar: "Venha o teu reino"; mas eles não teriam percorrido todas as cidades de Israel, orando e pregando dessa maneira, quando esse Reino viesse, na exaltação de Cristo e no derramamento do Espírito. Era um consolo: [1] Que aquilo que eles dissessem se realizaria. Eles disseram que o Filho do Homem estava vindo, e eis que Ele vem. Cristo irá confirmar a palavra dos seus mensageiros (Is 44.26). [2] Que isto se cumprisse rapidamente. Observe que é uma questão de consolo para os obreiros de Cristo que o seu tempo de trabalho seja curto, e termine logo. O trabalhador tem o seu dia; o trabalho e o combate, em pouco tempo, terminarão. [3] Que então eles progredissem para uma posição mais elevada. Quando o Filho do Homem vier, eles receberão um poder maior das alturas; então eles eram enviados como agentes e mensageiros, mas dentro de pouco tempo a sua tarefa se ampliaria, e eles seriam enviados como plenipotenciários a todo o mundo.

(2) Aqui há várias mensagens que se relacionam com o seu trabalho em geral, e os problemas que eles iriam enfrentar para realizá-lo, e são

mensagens boas e consoladoras.

[1] Os seus sofrimentos se destinavam a um testemunho para reis e governadores, e para os gentios (v. 18). Quando o conselho judeu transferir vocês para os governadores romanos, para que eles vos condenem à morte, e vocês forem levados de um tribunal a outro, isto irá ajudar a tornar mais público o vosso testemunho e vos dará a oportunidade de levar o Evangelho aos gentios, assim como aos judeus. Não, vocês darão testemunho a eles, e contra eles, pelos mesmos problemas que vocês vierem a enfrentar. Observe que o povo de Deus, e em especial os ministros de Deus, são suas testemunhas (Is 43.10), não somente nas suas realizações como também nos seus sofrimentos. Por isso são chamados de mártires de Cristo, para que as suas verdades transmitam certeza e valor indubitável; e, sendo suas testemunhas, são testemunhas contra aqueles que se opõem a Ele e ao seu Evangelho. Os sofrimentos dos mártires dão testemunho da verdade do Evangelho que eles professam, como também da inimizade dos seus perseguidores, e assim são um testemunho contra eles, e serão transformados em evidência no grande dia em que os santos julgarão o mundo. E a razão da condenação será: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. Se os sofrimentos seriam um testemunho, com que alegria deveriam ser suportados! pois o testemunho que eles dão deverá ser completo (Ap 11.7). Como testemunhas de Cristo, eles precisam suportar os seus sofrimentos.

[2] Em todas as ocasiões, eles teriam a presença especial de Deus com eles, e a ajuda imediata do seu Espírito Santo, particularmente quando fossem chamados para dar testemunho diante de governadores e reis. “Naquela mesma hora, vos será ministrado o que haveis de dizer”. Os discípulos de Cristo foram escolhidos entre os tolos do mundo, homens sem estudos e ignorantes, e, portanto, podiam com razão não confiar em suas próprias habilidades, especialmente quando trazidos diante de homens poderosos. Quando Moisés foi enviado a Faraó, ele protestou: “Eu não sou homem eloqüente” (Êx 4.10). Quando Jeremias foi colocado sobre as nações, ele objetou: “Sou uma criança” (Jr 1.6,10). Em resposta a esta sugestão, em primeiro lugar, aqui eles recebem a promessa de que lhes seria ministrado na mesma hora, e não algum tempo antes, o que deveriam dizer. Eles falarão de improviso, e também falarão de maneira adequada, como se o assunto nunca tivesse sido tão bem estudado. Observe que quando Deus nos chama para

falar por Ele, nós podemos confiar nele para nos ensinar o que dizer; mesmo se estivermos sob as maiores desvantagens e desencorajamentos. Em segundo lugar, aqui eles têm a garantia de que o bendito Espírito Santo dirigirá o apelo por eles. “Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós” (v. 20). Eles não seriam abandonados nesta ocasião, mas Deus se responsabilizaria por eles; o seu Espírito de sabedoria falaria neles, como algumas vezes a sua providência falou maravilhosamente por eles, e das duas maneiras eles foram manifestados nas consciências até mesmo dos seus perseguidores. Deus lhes daria a capacidade, não apenas de falar de acordo com o objetivo, mas de que, o que dissessem, o dissessem com zelo sagrado. O mesmo Espírito que os auxiliava no púlpito, os ajudaria nos tribunais. Só pode se sair bem quem tem um advogado assim; aqueles a quem Deus disse, como disse a Moisés (Êx 4.12): “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca”.

[3] “Aquele que perseverar até ao fim será salvo” (v. 22). Aqui é muito bom considerar, em primeiro lugar, que estes sofrimentos terão um fim; eles podem durar muito tempo, mas não durarão para sempre. Cristo se consolou com isto, e também os seus seguidores podem fazê-lo, porque “vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito” (Lc 22.37). *Dabit Deus his quoque finem – Deus tam*bém trará um fim a isto. Observe que uma perspectiva que tenhamos da duração dos nossos problemas será muito útil para nos sustentar quando eles nos afligirem. “Os maus cessam de perturbar; e, ali, repousam os cansados” (Jó 3.17). Deus dará o fim que esperamos (Jr 29.11). Os problemas podem parecer cansativos, como os dias da prestação dos serviços, mas, bendito seja Deus, eles não duram para sempre. Em segundo lugar, ainda que eles persistam, podem ser suportados; da mesma maneira como não são eternos, também não são insuportáveis; eles podem ser suportados, e suportados até o fim, porque os sofredores serão mantidos, durante os problemas, por braços eternos: “Com a tentação [Deus] dará também o escape” (1 Co 10.13). Em terceiro lugar, a salvação será a compensação eterna daqueles que a suportarem até o fim. A época será tempestuosa, e o caminho será difícil, mas o prazer do lar compensará a todos. Uma consideração de fé para a coroa da glória tem sido, em todos os tempos, o alívio e o sustento para os santos que sofrem (2 Co 4.16,17,18; Hb 10.34). Isto não é apenas um incentivo para que suportemos, mas um compromisso para suportar até o fim. Aqueles que suportam apenas durante

algum tempo, e na hora da tentação esmorecem, têm corrido em vão, e perderam tudo o que tinham conseguido; mas aqueles que perseveram, e somente eles, podem ter certeza do prêmio: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”.

[4] Qualquer dificuldade que os discípulos de Cristo encontrem, não será maior do que o seu Messias enfrentou antes (vv. 24,25). “Não é o discípulo mais do que o mestre”. Nós descobrimos que isto lhes é dado como um motivo pelo qual eles não devem hesitar em realizar as tarefas mais humildes, como lavar os pés uns dos outros (Jo 13.14,16). Isto lhes é dado como um motivo pelo qual eles não devem esmorecer nem mesmo com os piores sofrimentos. Eles são lembrados desta mensagem (Jo 15.20). É uma expressão conhecida, “não é o servo maior do que o seu senhor”, e, portanto, que o servo não espere que aconteça coisa melhor. Observe, em primeiro lugar, que Jesus Cristo é o nosso Mestre, o Mestre que nos ensina, e nós somos seus discípulos, e aprendemos com Ele. O Mestre nos governa, e nós, sendo seus servos, devemos obedecer a Ele. Ele é o Senhor da casa, *oikodespotes*, que tem o poder absoluto sobre a igreja, que é a sua família. Em segundo lugar, Jesus Cristo, nosso Senhor e Mestre, encontrou todas as dificuldades neste mundo; eles o chamaram Belzebu, o deus das moscas, o nome do príncipe dos demônios, com quem disseram que Ele estava de acordo. É difícil dizer aqui o que é mais admirável, se é a maldade dos homens que assim maltrataram a Cristo, ou se é a paciência de Cristo, que se submeteu a ser tratado assim, que aquele que era o Deus da glória fosse caracterizado como o deus das moscas; o Rei de Israel, como o deus de Ecrom; o Príncipe da luz e da vida, como o príncipe dos poderes da morte e das trevas; que o maior inimigo e destruidor de Satanás fosse reduzido a seu aliado, e além disso suportasse tal contradição dos pecadores. Em terceiro lugar, considerarmos o mau tratamento que Cristo encontrou no mundo deve nos motivar e nos preparar para coisas similares, e para suportá-las com paciência. Não devemos estranhar se aqueles que o odiaram também odeiam aos seus seguidores, por causa do seu nome; nem achar difícil que aqueles que em breve serão como Ele, em glória, sejam agora como Ele, nos sofrimentos. Cristo começou pelo cálice amargo. Estejamos, pois, dispostos a nos comprometer com Ele; o sacrifício que Ele suportou na cruz abriu o caminho para nós.

[5] “Nada há encoberto que não haja de revelar-se” (v. 26). Nós compreendemos que isto trata, em primeiro lugar, da revelação do Evangelho a todo o mundo. “Dizei-o em luz” (v. 27), pois será dito. As verdades que agora estão, como mistérios, ocultas dos filhos dos homens, serão todas dadas a conhecer, a todas as nações, na sua própria língua (At 2.11). Os confins da terra devem ver esta salvação. Observe que é um grande incentivo àqueles que estão realizando a obra de Cristo o fato de que este é um trabalho que certamente será realizado. É uma plantação que Deus irá apressar. Ou, em segundo lugar, é um esclarecimento da inocência dos servos sofredores de Cristo, que são chamados até mesmo de Belzebu; o seu verdadeiro caráter agora é invejosamente disfarçado com falsidades, mas não importa como a sua inocência e excelência estejam agora encobertas, elas serão reveladas. Isto ocorre freqüentemente neste mundo. Mas a justiça dos santos é feita, pelos eventos subseqüentes, para que ela brilhe como a luz. De qualquer maneira, isto ocorrerá no grande dia, quando a sua glória se manifestará a todo o mundo, aos anjos e aos homens, aos quais agora são como espetáculos (1 Co 4.9). Toda reprovação a eles será eliminada, e as suas graças e os seus serviços, que agora estão encobertos, serão revelados (1 Co 4.5). É um consolo ao povo de Deus, sob todas as calúnias e reprovações dos homens, o fato de que haverá uma ressurreição de nomes, assim como de corpos, no último dia, quando os justos brilharão como o sol. Que os ministros de Cristo revelem fielmente as verdades de Deus, e então deixem que Ele, no devido tempo, revele a integridade deles.

[6] A providência de Deus está, de uma maneira especial, familiarizada com os santos e com os seus sofrimentos (vv. 29-31). É bom ter o auxílio dos nossos primeiros princípios, e, particularmente, da doutrina da providência universal de Deus, que se estende a todas as criaturas e a todos os seus atos, até mesmo o menor e mais insignificante. A luz da natureza nos ensina isto, e é consolador a todos os homens, mas em especial a todos os homens bons, que podem, pela fé, chamar este Deus de seu Pai. Ele tem uma terna preocupação por eles. Veja aqui:

Em primeiro lugar, a extensão geral da providência a todas as criaturas, até mesmo às menores e menos consideráveis, os passarinhos (v. 29). Estes pequenos animais são tão pouco considerados, que um deles nem tem valor; eles precisam formar um par para que valham pouco (você pode ter cinco deles por dois ceitis, Lucas 12.6), e nem eles deixam de estar sob os cuidados

divinos. E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de nosso Pai. Isto é: 1. Eles não descem ao chão pelo alimento, para apanhar um grão de trigo, mas o seu Pai celestial, pela sua providência, o disponibiliza para eles. Na passagem paralela (Lc 12.6), isto está assim expresso: “E nenhum deles está esquecido diante de Deus”, ou seja, esquecido com o sentido de ter provisões. Ele os alimenta (cap. 6.26). Aquele que alimenta os pássaros não deixará que os santos passem fome. 2. Eles não caem no solo pela morte, seja ela natural ou violenta, sem que Deus o perceba. Embora sejam uma parte tão pequena da criação, até mesmo a sua morte vem com a observação da divina providência; quanto mais cuidado haverá em se tratando da morte dos seus discípulos. Observe que os pássaros que voam nas alturas, quando morrem, caem ao chão; a morte traz até mesmo os mais altos ao solo. Alguns pensam que aqui Cristo faz alusão aos dois pássaros que eram usados na oferta de purificação do leproso (Lv 14.4-6); as duas aves da passagem são pássaros; delas, uma foi morta, e dessa forma caiu ao chão, a outra foi solta. Parece uma coisa casual a decisão de qual das duas foi morta; as pessoas tomavam a que queriam, mas a providência divina designava e determinava qual delas. Este Deus, que tem este cuidado com os pássaros, porque são suas criaturas, terá um cuidado muito maior conosco, que somos seus filhos. Se um pássaro não morre sem o consentimento de nosso Pai celestial, saiba que certamente isto também não acontece com um homem, um cristão, um ministro. Um pássaro não cai na rede do caçador, nem cai por um tiro do caçador, nem é vendido no mercado, se isto não estiver de acordo com os desígnios da providência. Os nossos inimigos, como caçadores sutis, montam armadilhas e atiram secretamente contra nós, mas eles não podem nos levar, eles não podem nos atingir, a menos que Deus lhes dê permissão. Portanto, não tenha medo da morte, pois os seus inimigos não têm poder contra você, a não ser o que lhes foi dado do alto. Deus pode destruir os seus laços e suas armadilhas (Sl 38.12-15; 64.4,7) e fazer a nossa alma escapar como um pássaro (Sl 124.7). “Não temais, pois” (v. 31). Na doutrina da providência de Deus, há o suficiente para silenciar todos os temores de seu povo: “Mais valeis vós do que muitos passarinhos”. Todos os homens são assim, pois todas as outras criaturas foram feitas para o homem, e postas sob os seus pés (Sl 8.6-8); muito mais os discípulos de Jesus Cristo, que são os melhores na terra, por mais que sejam desprezados, como se não valessem o equivalente a um passarinho.

Em segundo lugar, o conhecimento particular que a providência tem dos discípulos de Cristo, especialmente nos seus sofrimentos (v. 30): “E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”. Esta é uma expressão conhecida que denota a consideração que Deus tem e conserva de todas as preocupações do seu povo, até mesmo daqueles que são mais insignificantes e menos considerados. Isto não deve se tornar uma questão de investigação curiosa, mas de incentivo para viver continuamente confiando no cuidado providencial de Deus, que se estende a todos os acontecimentos sem desperdício da glória infinita, ou perturbação do descanso infinito, da Mente eterna. Se Deus conta os nossos cabelos, muito mais Ele conta as nossas cabeças e cuida das nossas vidas, do nosso consolo e das nossas almas. Isto dá a entender que Deus cuida mais dos seus discípulos do que eles cuidam de si mesmos. Aqueles que se preocupam em contar seu dinheiro, seus bens e seu gado, nunca têm o cuidado de contar seus cabelos, que caem e são perdidos, e eles nunca sentem falta deles; mas Deus conta os cabelos do seu povo, e não perecerá um único cabelo da nossa cabeça (Lc 21.18), nem o menor ferimento nos será causado, exceto depois de uma cuidadosa consideração. Como são preciosos para Deus os seus santos, e suas vidas e mortes!

[7] Em breve, no dia do triunfo, Ele se apoderará daqueles que agora se apoderam dele; no dia do juízo, quando aqueles que o rejeitam serão para sempre renegados e rejeitados por Ele (vv. 32,33). Em primeiro lugar, observe que é nosso dever, e se o fizermos, será no futuro nossa indescritível honra e felicidade, confessar a Cristo diante dos homens. 1. É nosso dever, não apenas crer em Cristo, mas também professar esta fé, sofrendo por Ele, quando isto nos for exigido, e também servindo a Ele. Nunca devemos nos envergonhar do nosso relacionamento com Cristo, da nossa presença com Ele, e das expectativas que temos em relação a Ele: com isto, a sinceridade da nossa fé é evidenciada, o seu nome glorificado, e muitos, edificados. 2. Embora isto possa nos expor à reprovação e a problemas agora, nós seremos abundantemente recompensados por tudo isso na ressurreição dos justos, quando será nossa honra e felicidade indescritível ouvir Cristo dizer (O que mais poderíamos esperar?) algo como: “Eu o confessarei diante de meu Pai, embora seja um pobre verme da terra, sem valor, este é um dos meus, um dos meus amigos e prediletos, que me amou e foi amado por mim. Ele foi comprado pelo meu precioso sangue, é a obra do meu Espírito. Eu o

confessarei diante de meu Pai, e isto lhe dará maior honra. Eu falarei coisas boas dele, quando ele comparecer diante de meu Pai para receber o seu destino. Eu o apresentarei e o representarei ao meu Pai". Àqueles que honram a Cristo, da mesma forma Ele honrará. Eles o honram diante dos homens. Isto é pouco. Ele os honrará diante do seu Pai, o que é muito. Em segundo lugar, é perigoso que qualquer pessoa negue e rejeite a Cristo diante dos homens, pois aqueles que o fizerem serão negados por Ele no grande dia, quando mais precisarem dele: Ele não considerará como servos aqueles que não o considerarem seu Messias. Ele lhes dirá abertamente: "Nunca vos conheci" (cap. 7.23). Nos primeiros tempos do cristianismo, quando, para um homem, confessar a Cristo significava arriscar tudo o que lhe era caro neste mundo, esta era uma prova de sinceridade maior do que passou a ser mais tarde, quando já havia até mesmo vantagens seculares para aqueles que o confessassem.

[8] O fundamento do seu discipulado estava neste tipo de temperamento e disposição, que tornavam os sofrimentos leves e fáceis para eles, e foi com a condição de uma preparação para o sofrimento que Cristo os chamou para serem seus seguidores (vv. 37-39). Ele lhes disse, no início, que eles não seriam dignos dele se não estivessem dispostos a abandonar tudo por Ele. Os homens não hesitam diante das dificuldades que surgem necessariamente na sua profissão, e com as quais eles contam, quando adotam esta profissão. Quando, e eles se submeterão alegremente a estas fadigas e a estes problemas, ou renunciarão aos privilégios e às vantagens de sua profissão. Mas na profissão cristã, eles são reconhecidos como não sendo merecedores da dignidade e da felicidade dela, se não derem valor ao seu interesse em Cristo, considerando-o preferencial em relação a quaisquer outros interesses. Eles não podem esperar os ganhos de um bom negócio se não estiverem à altura dele. Assim, os termos estão definidos: se a religião tiver algum valor, deverá valer tudo; e, portanto, todos os que crêem na sua verdade em breve estarão à sua altura, e aqueles que fazem dela o seu negócio e a sua inspiração farão que tudo o mais se renda a ela. Aqueles que não gostam de Cristo nestes termos podem deixá-lo, correndo riscos. Observe que é muito encorajador pensar que, seja o que for que viermos a sofrer, ou perder, ou abandonar, por Cristo, não estaremos fazendo um mau negócio. Não importa que venhamos a nos separar por esta pérola, podemos nos consolar com a certeza de que ela é digna do que damos por ela. As condições são: nós

devemos preferir a Cristo.

Em primeiro lugar, devemos preferir a Cristo aos nossos relacionamentos mais próximos e queridos: pai ou mãe, filho ou filha. Nesses relacionamentos, por haver pouco lugar para a inveja, normalmente há mais lugar para o amor, e, por isto, eles servem como exemplo de relacionamentos que provavelmente nos afetam mais. Os filhos devem amar aos seus pais, e os pais devem amar aos seus filhos; mas se os amarem mais do que a Cristo, são indignos dele. Da mesma maneira como nós não devemos nos separar de Cristo pelo ódio dos relacionamentos de que Ele falou (vv. 21,35,36), também não devemos ser afastados dele pelo amor dos relacionamentos. Os cristãos devem ser como Levi, que disse a seus pais: “Nunca os vi” (Dt 33.9, versão RA).

Em segundo lugar, devemos preferir a Cristo à nossa comodidade e segurança. Devemos tomar a nossa cruz e segui-lo, do contrário não seremos dignos dele. Observe aqui: 1. Aqueles que seguem a Cristo devem esperar a sua cruz e tomá-la em seus ombros. 2. Ao tomar a cruz, nós devemos seguir o exemplo de Cristo, e suportá-la, como Ele o fez. 3. É um grande incentivo para nós, quando nos deparamos com a cruz, o fato de que ao suportá-la nós estamos seguindo a Cristo, que nos mostrou o caminho; e que se nós o seguirmos fielmente, Ele nos conduzirá em meio a sofrimentos como os dele, para que cheguemos à glória com Ele.

Em terceiro lugar, devemos preferir Cristo a nós mesmos (v. 39). “Quem achar a sua vida perdê-la-á”; aquele que pensa que a encontrou quando a poupou e conservou, negando a Cristo, a perderá na morte eterna; mas quem perder a sua vida por amor a Cristo, compartilhando-a com Cristo, em lugar de negá-lo, a encontrará e desfrutará o seu benefício indescritível, que é a vida eterna. Aqueles que se prenderem menos a esta vida atual estarão mais bem preparados para a vida futura.

[9] O próprio Cristo abraçou a sua causa com muita dedicação, a ponto de se mostrar como amigo a todos os seus amigos, e de recompensar toda a gentileza que, em qualquer ocasião, lhes fosse concedida (vv. 40-42). “Quem vos recebe a mim me recebe”.

Em primeiro lugar, aqui está implícito que, embora, a maioria os rejeitasse, ainda assim eles se encontrariam com alguns que os receberiam, que dariam boas-vindas à mensagem em seus corações, e aos mensageiros em suas casas, por amor a ela. A oferta do Evangelho foi feita; se alguns não o aceitarem,

outros certamente o aceitarão. Até mesmo na pior das épocas há alguns remanescentes, de acordo com a escolha da graça. Os ministros de Cristo não trabalharão em vão.

Em segundo lugar, Jesus Cristo assume o que é feito aos seus fiéis ministros, seja em gentilezas ou em maldades, como feito a si mesmo, e se considera tratado como eles são tratados. “Quem vos recebe a mim me recebe”. A honra ou o desprezo dedicados a um embaixador reflete a honra ou o desprezo colocado sobre o príncipe que o enviou, e os ministros são embaixadores de Cristo. Veja como Cristo pode ainda ser recebido por aqueles que dão testemunho do respeito que têm por Ele; o seu povo e os seus ministros estão sempre conosco; e Ele está com cada um de nós, sempre, até o fim do mundo. E não apenas isso, pois a honra é ainda mais elevada: “Quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou”. Cristo não apenas a interpreta como sendo feita a si mesmo, mas por meio de Cristo, Deus faz a mesma coisa. Ao receberem os ministros de Cristo, eles não estão recebendo a anjos desavisados, mas a Cristo, e ao próprio Deus. Portanto, a despeito das aparências, é necessário estarmos atentos (cap. 25.37): “Senhor, quando te vimos com fome?”

Em terceiro lugar, embora a bondade feita aos discípulos de Cristo nunca seja tão pequena, mesmo que haja oportunidade para ela, e capacidade para fazer ainda mais, ela será aceita, ainda que seja apenas um copo de água fria a um de seus pequenos (v. 42). Eles são pequenos, pobres e fracos, e freqüentemente precisam de alívio, e se contentam com o pouco que tiverem. A situação extrema pode ser tal que um copo de água fria pode vir a ser uma grande graça. Observe que a bondade demonstrada aos discípulos de Cristo é elogiada nos escritos de Cristo, não de acordo com o custo do que é dado, mas de acordo com o amor e o afeto de quem a dá. Neste sentido, a pequena doação da viúva não apenas se divulgou, mas apareceu mais que as outras (Lc 21.3,4). Assim, aqueles que são verdadeiramente ricos em graça podem ser ricos em boas obras, embora pobres no mundo.

Em quarto lugar, a bondade para os discípulos de Cristo, que Ele irá aceitar, deve ser feita considerando a Cristo, e pelo seu bem. Um profeta deve ser recebido na qualidade de profeta, e um homem justo, na qualidade de justo, e um destes pequenos, em nome de um discípulo; não porque tenham estudo ou inteligência, nem porque sejam nossos parentes ou vizinhos, mas porque são justos, e desta forma trazem em si mesmos a imagem de Cristo. Eles são

profetas e discípulos, e desta forma são enviados a serviço de Cristo. É uma consideração a Cristo, através da fé, que atribui um valor aceitável à bondade feita aos seus ministros. Cristo não se interessará pessoalmente pelo assunto, a menos que tratemos primeiramente dos seus interesses. *Ut tibi debeam aliquid pro eo quod praestas, debes non tantum mihi praestare, sed tanquam mihi – Se você quer que eu sinta uma obrigação para com você, por qualquer serviço que você prestar, você deve não apenas realizar o serviço, mas deve me convencer de que o realiza por minha causa.* Sêneca.

Em quinto lugar, a bondade demonstrada ao povo e aos ministros de Cristo não somente será aceita, mas ricamente e apropriadamente recompensada. Há uma grande porção para ser adquirida, pelos bons favores feitos aos discípulos de Cristo. Se isto for feito ao Senhor, Ele os compensará, em retribuição, com vantagem; pois Ele não é injusto para se esquecer de todo trabalho de amor (Hb 6.10). 1. Eles recebrão uma recompensa, e de modo algum a perderão. Ele não disse que eles merecem uma recompensa; nós não podemos merecer qualquer coisa, como retribuição, da mão de Deus; mas eles receberão uma recompensa do livre dom de Deus; e eles de modo algum a perderão, como sucede freqüentemente com os bons serviços entre os homens; porque aqueles que deveriam recompensá-los são, ou falsos ou negligentes. A recompensa pode ser adiada até a ressurreição dos justos; mas de modo algum será perdida, nem eles serão, de qualquer modo, privados pela demora. 2. Esta é uma recompensa de profeta e de justo. Isto é, ou: (1) A recompensa que Deus dá aos profetas e aos justos; as bênçãos conferidas a eles destilarão sobre os seus amigos. Ou: (2) A recompensa que Ele dá por meio dos profetas e dos justos, em resposta às suas orações (Gn 20.7): “Profeta é e rogará por ti”, o que é uma recompensa de profeta; e pro meio de seus ministérios; quando Ele dá as instruções e os confortos da Palavra àqueles que são bondosos com os pregadores da Palavra então Ele envia uma recompensa de profeta. Recompensas de profeta são bênçãos espirituais nas coisas celestiais, e se soubermos como avaliá-las, nós as consideraremos uma desejável remuneração.

CAPÍTULO 11

Neste capítulo, temos: I. A diligência constante e inesgotável do nosso Senhor Jesus na sua grande obra de pregação do Evangelho (v. 1). II. O seu sermão aos discípulos de João sobre Ele ser o Messias (vv. 2-6). III. O testemunho honroso que Cristo deu a respeito de João Batista (vv. 7-15). IV. O triste relato que Ele dá daquela geração, em geral, e de alguns lugares em particular, com referência ao sucesso tanto do ministério de João como do seu próprio (vv. 16-26). V. O seu agradecimento ao seu Pai pelo método sábio e gracioso que Ele havia adotado para revelar os grandes mistérios do Evangelho (vv. 25 e 26). VI. O seu gracioso chamado e convite para que os pobres pecadores venham até Ele, e sejam governados, ensinados e salvos por Ele (vv. 27-30). Em nenhuma outra passagem encontramos mais sobre os "ais" de terror do Evangelho como advertência para nós, ou sobre a doçura da graça do Evangelho como incentivo, do que neste capítulo, que nos coloca diante da vida e da morte, da bênção e da maldição.

Os Discípulos de João Vão a Cristo

vv. 1-6

O primeiro versículo deste capítulo de alguma maneira se une ao capítulo anterior, e promove o seu encerramento (não inadequadamente).

1. O sermão de ordenação ("Jesus enviou estes doze e lhes ordenou, dizendo...") que Cristo pregou aos seus discípulos no capítulo anterior aqui é chamado de "instruções" (ou "ordens", versão NTLH). Note que as comissões de Cristo implicam em mandamentos ou ordens. A pregação do Evangelho não apenas lhes era permitida, mas também lhes era imposta. Não era algo que eles pudessem deixar à sua própria vontade, mas a necessidade lhes era imposta (1 Co 9.16). As promessas que Ele lhes fez estavam incluídas nestes mandamentos, pois o concerto da graça é uma palavra que Ele tinha ordenado (Sl 105.8). Ele deu significado à ordem, *etelesen diatasson*. As instruções que Cristo dá são instruções completas. Ele dá prosseguimento ao seu trabalho.

2. Quando Cristo disse o que tinha a dizer aos seus discípulos, Ele se separou deles. A impressão que temos é que eles estavam muito relutantes em abandonar o seu Mestre, até que Ele partisse e se separasse deles; como a babá que retira a mão para que a criança possa aprender a andar sozinha. Cristo agora os ensinaria como viver e como trabalhar sem a sua presença física. Era conveniente para eles, então, que Cristo se afastasse durante algum tempo, para que eles pudessem se preparar para a sua longa partida e para que, com a ajuda do Espírito, as suas próprias mãos lhes bastassem (Dt 33.7), e para que eles não fossem sempre como crianças. Nós temos poucas informações sobre o que eles fizeram de acordo com a sua missão. Eles foram para outros lugares, sem dúvida; provavelmente para a Judéia (pois, até então, o Evangelho tinha sido pregado principalmente na Galiléia), transmitindo a doutrina de Cristo e realizando milagres no seu nome – mas ainda com uma dependência imediata dele, e não muito distantes dele. E assim, eles foram treinados, por etapas, para a grande obra que lhes fora confiada.

3. Cristo partiu, para ensinar e pregar nas cidades às quais Ele enviou os seus discípulos antes dele, para realizar milagres (cap. 10.1-8), e assim aumentar as expectativas do povo, e abrir caminho para que o recebessem. Assim foi preparado o caminho do Senhor. João o preparou trazendo as pessoas ao arrependimento, mas ele não realizou milagres. Os discípulos foram mais além, eles realizaram milagres para a confirmação. O arrependimento e a fé preparam as pessoas para as bênçãos do Reino dos céus, que Cristo concede. Observe que quando Cristo lhes deu o poder de realizar milagres, Ele se ocupou de ensinar e pregar, como se esta fosse a opção mais honrosa. E isto está correto. Curar os enfermos é salvar os corpos, mas pregar o Evangelho é salvar almas. Cristo enviou os seus discípulos para pregar (cap. 10.7), mas Ele mesmo não deixou de pregar. Ele os enviou para trabalhar, não para o seu próprio bem, mas para o bem da nação, e não ficou menos ocupado por empregá-los. Como são pouco parecidos com Cristo aqueles que empregam os outros somente para que eles mesmos possam ficar ociosos! Observe que o crescimento na quantidade de obreiros no trabalho do Senhor deveria não representar uma desculpa para a nossa negligência, mas sim um incentivo para a nossa diligência. Quanto mais ocupados os outros estão, mais ocupados nós deveríamos estar, e isto ainda seria insuficiente, pois há muito trabalho

ainda por ser feito. Observe que Ele foi pregar nas cidades deles, que eram lugares muito habitados. Ele lançou a rede do Evangelho onde havia mais peixes para serem apanhados. A sabedoria clama nas cidades (Pv 1.20-21), à entrada da cidade (Pv 8.3), nas cidades dos judeus, mesmo daqueles que faziam pouco dele, e que, apesar disso, receberam a oferta da salvação em primeiro lugar.

O que Ele pregou, não sabemos, mas provavelmente tinha o mesmo objetivo que o seu sermão da montanha. Mas em seguida encontra-se registrada uma mensagem que João Batista enviou a Cristo, e a sua retomada daquele sermão (5.2-6). Anteriormente, descobrimos que Jesus ouviu falar dos sofrimentos de João (cap. 4.12). Agora vemos que João, na prisão, ouve falar dos feitos de Cristo. Ele ouviu na prisão sobre as obras de Cristo. E sem dúvida ficou feliz em ouvir isto, pois ele era um verdadeiro amigo do esposo (Jo 3.29). Observe que quando algum instrumento útil é deixado de lado, Deus sabe como utilizar outros no seu lugar. O trabalho prosseguiu, embora João estivesse na prisão, e isto não acrescentou nenhuma aflição às correntes que o prendiam, mas sim uma boa dose de consolo. Não há nada mais confortador ao povo de Deus que está em sofrimento do que ouvir falar das obras de Cristo especialmente senti-las em suas próprias almas. Isto transforma uma prisão em um palácio. De uma maneira ou de outra, Cristo irá transmitir as notícias do seu amor àqueles que estão com problemas de consciência. João não podia ver as obras de Cristo, mas ouviu falar delas com satisfação. E “bem-aventurados os que não viram”, mas só ouviram, “e creram”.

João Batista, ao ouvir falar das obras de Cristo, enviou ao encontro dele dois de seus discípulos, e o que aconteceu entre eles e Jesus é relatado aqui.

I A pergunta que eles deviam propor a Jesus: “És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?” Era uma pergunta séria e importante. Em outras palavras: “Tu és o Messias prometido, ou não? Tu és o Cristo? Diga-nos”. 1. Era admitido como verdadeiro o fato de que o Messias iria vir. Este era um dos nomes pelos quais os santos do Antigo Testamento o conheciam, “Aquele que vem” (Sl 118.26), ou “Aquele que há de vir”. Ele já veio, mas há outra vinda sua que nós ainda devemos esperar. 2. Eles dão a entender que, se este não fosse o Messias, eles iriam procurar por outro. Note que não devemos nos cansar de procurar por aquele que há de vir, nem jamais

dizer que não mais o esperaremos até que nos unamos a Ele. Embora Ele tarde, espere por Ele, pois aquele que há de vir, virá, ainda que não seja em nossa época. 3. Da mesma maneira, eles dão a entender que se ficarem convencidos de que Jesus é o Cristo, não serão céticos, ficarão satisfeitos e não irão procurar por outro. 4. Sendo assim, eles perguntam: “És tu aquele?” João, por sua vez, tinha dito: “Eu não sou o Cristo” (Jo 1.20). (1) Alguns pensam que João enviou esta pergunta para a sua própria satisfação. É verdade que ele tinha dado um nobre testemunho a respeito de Cristo; João tinha declarado que Ele era o Filho de Deus (Jo 1.34), o Cordeiro de Deus (Jo 1.29), e que Ele batizaria com o Espírito Santo (Jo 1.33), e que era o enviado de Deus (Jo 3.34); estas eram informações preciosas. Mas ele queria ter certeza de que Ele era o Messias prometido havia tanto tempo, e durante tanto tempo esperado. Observe que em questões relativas a Cristo e à nossa salvação por Ele, é bom termos plena certeza. Cristo não apareceu naquela pompa e naquele poder em que alguns esperavam que Ele aparecesse. Os seus próprios discípulos hesitaram em vista disso, e talvez João também o tenha feito. Cristo percebeu isso no final dessa investigação, quando disse: “Bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim”. Note que é difícil, até mesmo para os homens bons, suportar erros comuns. (2) A dúvida de João pode ter nascido das suas próprias condições atuais. Ele era um prisioneiro, e pode ter sido tentado a pensar: Se Jesus é realmente o Messias, como pode ser que eu, seu amigo e precursor, seja trazido a esta situação, e deixado tanto tempo nela, e Ele nunca se preocupe comigo, nunca me visite, nem mande saber de mim, não faça nada, nem para diminuir o meu aprisionamento nem para apressar a minha libertação? Sem dúvida, havia um bom motivo porque o Senhor Jesus não foi visitar João na prisão – para que não parecesse haver um acordo entre eles. Mas João pode ter interpretado a situação como negligência, e isto talvez possa ter sido um choque para a sua fé em Cristo. Observe: [1] Mesmo onde existe fé verdadeira, pode haver uma mescla de descrença. Nem mesmo os melhores são, sempre, igualmente fortes. [2] Os problemas que passamos por Cristo, especialmente quando eles duram muito tempo sem alívio, são como provas de fé que algumas vezes provam ser difíceis demais de suportar. [3] A descrença remanescente dos homens bons pode, algumas vezes, em um momento de tentação, atingir a raiz e questionar as verdades mais fundamentais que deveriam estar bem estabelecidas. O Senhor

abandona para sempre? Mas nós temos esperança de que a fé de João não falhou nessa questão – ele somente desejava tê-la confirmada e fortalecida. Observe que os melhores santos têm necessidade da melhor ajuda que puderem ter para o fortalecimento da sua fé e para a sua proteção contra as tentações à infidelidade. Abraão creu, e ainda assim desejou um sinal (Gn 15.6,8), e a mesma coisa aconteceu com Gideão (Jz 6.36). Mas: (3) Outros pensam que João enviou seus discípulos a Cristo com esta pergunta, não tanto para a sua própria satisfação como para a deles. Note que embora ele fosse um prisioneiro, eles o seguiam, cuidavam dele e estavam prontos para receber instruções dele. Eles o amavam e não iriam deixá-lo. Entretanto: [1] Eles eram fracos em conhecimento, e eram hesitantes na sua fé, e precisavam de instrução e confirmação; e nessa questão, eles tinham um pouco de preconceito. Por zelo ao seu mestre, eles tinham ciúmes do nosso Mestre. Eles se negavam a reconhecer que Jesus era o Messias, porque Ele eclipsava João – e se negavam a crer no seu próprio mestre quando pensavam que ele falava contra si mesmo e contra eles. Os bons homens são capazes de ter os seus julgamentos abençoados pelo seu interesse. Com isso, João corrigiria os enganos deles, e desejava que eles ficassem tão satisfeitos quanto ele mesmo estava. Observe que o forte deve considerar a indecisão do fraco, e fazer o que puder para ajudá-lo; assim, quando não conseguimos resolver tudo sozinhos, devemos buscar aqueles que podem nos ajudar. “Quando te converteres, confirma teus irmãos”. [2] Durante todo o tempo, João se empenhou em entregar os seus discípulos a Cristo, como se estivesse transferindo-os da escola elementar para a faculdade. Talvez ele tenha sentido que a sua morte se aproximava, e, portanto, queria trazer os seus discípulos a um melhor conhecimento de Cristo, sob cuja guarda ele precisaria deixá-los. Observe que a função dos ministros é conduzir todos a Cristo. E aqueles que conhecem a certeza da doutrina de Cristo devem se aplicar a Ele, que veio para nos dar entendimento. Aqueles que desejam crescer na graça devem ser inquiridores.

II Aqui está a resposta de Cristo à pergunta deles (vv. 4-6). Ela não foi tão direta e expressa como quando Ele disse: “Eu o sou, eu que falo contigo”; mas foi uma resposta verdadeira, uma resposta de fato. Cristo quer que transmitamos as evidências convincentes das verdades do Evangelho, e que nos esforcemos para obter conhecimento.

1. Ele lhes enfatiza o que eles ouviram e viram, coisas que deveriam contar a João, para que ele pudesse, a partir de então, aproveitar a oportunidade mais plenamente para instruí-los e convencê-los, a partir das suas próprias bocas. “Ide e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes”. Note que os nossos sentidos podem e são atraídos a estas coisas que são os seus objetos apropriados. Portanto, a doutrina papista da presença real não está de acordo com a verdade, segundo Jesus; pois Cristo nos aponta para as coisas que vemos e ouvimos. Ide e anunciai a João,

(1) O que vocês viram sobre o poder dos milagres de Cristo. Vocês vêem como, pela palavra de Jesus, os cegos vêem, e os coxos andam etc. Os milagres de Cristo eram realizados abertamente, à vista de todos; pois estes não temeriam os escrutínios mais fortes e mais imparciais. *Veritas no quaerit angulos – A verdade não procura esconder-se.* Os milagres devem ser considerados: [1] Como atos do poder divino. Ninguém, exceto o Deus da natureza, poderia dominar e exceder desta maneira o poder da natureza. Fala-se particularmente como sendo prerrogativa de Deus abrir os olhos aos cegos (Sl 146.8). Os milagres, portanto, são o grande selo do céu, e a doutrina à qual eles são afixados deve ser a de Deus, pois o seu poder nunca irá contradizer a sua verdade; nem se pode imaginar que Ele colocasse o seu selo em uma mentira. Por mais que maravilhas mentirosas possam ser testemunhadas como evidências de falsas doutrinas, os verdadeiros milagres evidenciam uma comissão divina – assim eram os milagres de Cristo, e não deixavam campo para dúvida de que Ele era enviado por Deus e de que a sua doutrina era daquele que o enviou. [2] Como o cumprimento de uma predição divina. Tinha sido predito (Is 35.5,6) que o nosso Deus viria, e que então se abririam os olhos dos cegos. Se as obras de Cristo estão de acordo com as palavras do profeta, como claramente estão, então não há dúvida de que este é o nosso Deus, que nós esperamos, que virá com uma recompensa; este é aquele que é tão esperado e desejado.

(2) Anunciai a João a pregação do seu Evangelho, que vocês ouviram, acompanhada pelos seus milagres, que vocês viram. A fé, embora confirmada com a visão, vem por meio da audição. Digam a ele: [1] Que os pobres pregam o Evangelho; também alguns o lêem. Isto prova a missão divina de Cristo, o fato de que aqueles que Ele empregou para a fundação do seu reino eram homens pobres, destituídos de todas as vantagens seculares, e que, portanto, não poderiam nunca ter transmitido a sua

mensagem se não tivessem sido portadores de um poder divino. [2] Que aos pobres é anunciado o evangelho. O público de Cristo é constituído daqueles que os escribas e os fariseus desprezavam e consideravam com pouco caso, e que os rabinos não educavam, porque queriam ser pagos. Os profetas do Antigo Testamento foram enviados principalmente a reis e príncipes, mas Cristo pregou às congregações dos pobres. Tinha sido predito que os pobres do rebanho o aguardariam (Zc 11.11). Note que a condescendência e a compaixão graciosa de Cristo pelos pobres são uma evidência de que era Ele quem iria trazer ao mundo as graças e a misericórdia do nosso Deus. Tinha sido predito que o Filho de Davi seria o Rei dos pobres (Sl 72.2,4,12,13), ou podemos interpretar não tanto dos pobres do mundo, mas sim dos pobres de espírito, e desta forma a Escritura se cumpre (Is 61.1): "O Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos". Observe que é uma prova da missão divina de Cristo que a sua doutrina seja realmente o Evangelho – boas-novas àqueles que se humilham verdadeiramente em tristeza pelos seus pecados, e verdadeiramente se humilham na negação de si mesmos. Para eles é adequada a missão, por aqueles a quem Deus sempre declarou que tinha misericórdia reservada. [3] Que os pobres recebem o Evangelho, e por meio dele são transformados, são evangelizados; recebem o Evangelho e lhe dão as boas-vindas, são influenciados por ele, e são modelados por ele. Note que a maravilhosa eficiência do Evangelho é uma prova da sua origem divina. Os pobres são transformados por ele. Os profetas reclamavam dos pobres, porque não sabiam o caminho do Senhor (Jr 5.4). Eles não podiam fazer nenhum bem a eles; mas o Evangelho de Cristo conseguiu alcançar as suas mentes não instruídas.

2. Ele pronuncia uma bênção àqueles que se não escandalizarem nele (v. 6). Tão claras são estas evidências da missão de Cristo, que aqueles que não tinham preconceito voluntário contra Ele, e não se escandalizavam nele (esta é a palavra), não podem deixar de receber a sua doutrina, e dessa forma são abençoados por Ele. Observe: (1) Há muitas coisas em Cristo com que os ignorantes e sem discernimento podem se ofender, algumas circunstâncias pelas quais rejeitam o conteúdo do seu Evangelho. A insignificância da sua aparência, a sua educação em Nazaré, a pobreza da sua vida, a indignidade dos seus seguidores, o desprezo que as autoridades lhe dedicavam, a rigidez da sua doutrina, a contradição que ela traz quanto à carne e ao sangue, e os sofrimentos que acompanham a profissão do seu

nome. São coisas que mantêm muitos afastados dele, e que, não fosse por isso, veriam a presença de Deus Pai nele. Assim Ele é posto para a queda de muitos em Israel (Lc 2.34), uma rocha de escândalo (1 Pe 2.8). (2) Bem-aventurados são aqueles que superam estas ofensas. A expressão dá a entender que é difícil derrotar estes preconceitos, e é perigoso não derrotá-los; mas quanto aqueles que, apesar dessa oposição, crêem em Cristo, a sua fé fará com que louvem, honrem e glorifiquem ao Senhor.

O Testemunho que Cristo Dá de João

vv. 7-15

Aqui temos o grande elogio que o nosso Senhor Jesus faz a João Batista, não somente para reavivar a honra dele, mas para reavivar o seu trabalho. Alguns dos discípulos de Cristo poderiam, talvez, aproveitar a pergunta que João enviou para refletir sobre ele, como sendo fraco, hesitante e incoerente consigo mesmo, e para evitar isto Cristo lhe faz este elogio. Note que é nosso dever levar em consideração a reputação dos nossos irmãos e não somente remover, mas também impedir e evitar invejas e maus pensamentos sobre eles. E devemos aproveitar todas as oportunidades, especialmente a descoberta de alguma indecisão ou hesitação, para falar bem daqueles que são dignos de louvor, e para atribuir a eles o fruto das suas mãos. João Batista, quando estava no centro do cenário, e Cristo estava recluso, deu testemunho de Cristo – e agora que Cristo aparecia publicamente e João estava encarcerado, Cristo deu testemunho de João. Observe que aqueles que têm um interesse confirmado em si mesmos devem utilizá-lo e aprimorá-lo para auxiliar o crédito e a reputação de outros, cujo caráter o exige, mas cujo temperamento ou circunstâncias atuais os impedem de fazê-lo. Isto é dar honra a quem a honra é devida. João tinha se humilhado para honrar a Cristo (Jo 3.20,30; cap. 3.11), tinha se reduzido a nada, para que Cristo pudesse ser Tudo, e agora Cristo o dignifica com este elogio. Note que aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado, e aquele que honra a Cristo, Ele o honrará. Qualquer que o confessar diante dos homens, Ele o confessará diante de Deus Pai; e algumas vezes também diante dos homens, mesmo neste mundo. João havia concluído o seu testemunho, e Cristo o elogia. Cristo reserva honra para os

seus servos que fizerem o seu trabalho (Jo 12.26).

A respeito desse elogio a João, observe:

I Que Cristo falou de João com honra, não para que os discípulos de João O ouvissem, mas depois que eles tinham partido, imediatamente após eles terem se retirado (Lc 7.24). Ele não daria a impressão de estar adulando João, nem os seus elogios seriam transmitidos a ele. Embora devamos estar dispostos a dar a todos o seu devido elogio, para seu incentivo, ainda assim devemos evitar tudo o que possa parecer bajulação, ou que possa correr o risco de inchá-los de orgulho. Existem aqueles que, mesmo estando mortificados para o mundo, em outros aspectos, não conseguem vencer o seu próprio louvor. O orgulho é um estado de espírito corrupto que não devemos alimentar, nem nos outros, nem em nós mesmos.

II Que o que Cristo disse a respeito de João tinha a intenção não apenas de elogiá-lo, mas também beneficiar o povo, reavivando a lembrança do ministério de João, que tinha sido acompanhado por muita gente, mas que agora estava (como outras coisas costumavam ser) estranhamente esquecido: eles o fizeram durante algum tempo, e por apenas algum tempo se alegraram com a sua luz (Jo 5.35). “Que fostes ver no deserto?”. Faça a si mesmo esta pergunta. 1. João pregava no deserto, e para lá as pessoas iam em grandes grupos, para vê-lo, embora fosse um lugar distante e inconveniente. Se os professores são levados a lugares distantes, é melhor procurá-los e segui-los do que ficar sem eles. Mas se valia a pena tanto esforço para ouvir a sua pregação, certamente ela era merecedora de algum cuidado por parte daqueles que a recebiam. Quanto maiores forem as dificuldades que passarmos para poder ouvir a Palavra, mais preocupados estaremos em nos beneficiar dela. 2. Eles iam até ele, para vê-lo; mais para alimentar os seus olhos com a aparência incomum da sua pessoa do que para alimentar a alma com as suas instruções saudáveis; mais levados pela curiosidade do que pela consciência. Observe que muitos dos que procuram a palavra vêm mais para ver e ser vistos do que para aprender e ser ensinados, mais para ter algo de que falar do que para se informar sobre a salvação. Cristo faz a pergunta a eles: “Que fostes ver?” Note que aqueles que procuram a palavra serão chamados para responder quais eram as suas intenções e em que melhoraram. Em breve, lhes será perguntado: “O que

você estava fazendo na ocasião daquela orientação? O que levou você até lá? Era costume, ou foi a companhia, ou foi um desejo de honrar a Deus e ser bom? O que você trouxe de lá? Que conhecimento, graça, e consolo? O que você foi ver ali?" Observe que quando lemos e ouvimos a palavra, devemos ter o cuidado de manter um objetivo correto naquilo que fazemos.

III Vejamos qual foi o elogio feito a João. Não sabemos que resposta devemos dar à pergunta de Cristo. Ele disse: "Vou lhes dizer que homem era João Batista".

1. Ele era um homem firme e decidido, e não uma cana agitada pelo vento; assim são vocês, nos pensamentos que têm sobre ele, mas ele não era assim. Ele não oscilava nos seus princípios, nem era irregular ou inconstante no que dizia; mas era admirável pela sua constância e coerência consigo mesmo. Aqueles que são fracos como as canas serão levados em roda por todo vento de doutrina (Ef 4.14), mas João tinha espírito forte. Quando o vento do aplauso popular, por um lado, soprava fresco e claro, quando a tempestade do ódio de Herodes, por outro lado, crescia feroz e colérica, João ainda era o mesmo, o mesmo em todas as ocasiões. O testemunho que ele tinha dado a respeito de Cristo não era o testemunho de uma cana, de um homem que tinha um pensamento hoje e outro amanhã, não era um testemunho como um cata-vento, que gira conforme o vento. Não. A sua constância é declarada (Jo 1.20). Ele confessou, e não negou, mas confessou e mais tarde permaneceu fiel ao que tinha dito (Jo 3.28). E por isso esta pergunta trazida pelos seus discípulos não devia ser transformada em nenhuma suspeita a respeito da verdade sobre o que ele tinha dito anteriormente. Por isso as pessoas afluíam até ele, porque ele não era como uma cana. Observe que não se perde nada a longo prazo nessa caminhada devido a uma resolução inabalável de continuar com o nosso trabalho. Nada pode nos deter: nem a falta de sorrisos e bons tratos, nem o temor à censura dos homens.

2. Ele era um homem que se negava a si próprio, e que se humilhava neste mundo. "Que fostes ver? Um homem ricamente vestido?" Se foi este o caso, vocês não deviam ter ido ao deserto, para vê-lo, mas sim à corte. Vocês foram ver alguém que tinha suas roupas feitas de pêlo de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos; a sua aparência e os seus costumes mostravam que ele estava morto para todas as pompas do mundo

e para os prazeres dos sentidos. A sua roupa combinava com o deserto em que ele vivia, e a doutrina que ele pregava ali, que era a do arrependimento. Entretanto, não devemos pensar que ele, que era um estranho aos prazeres da corte, fosse levado a mudar o seu pensamento pelos terrores de uma prisão, e a questionar se Jesus seria ou não o Messias! Aqueles que vivem uma vida humilde têm menos probabilidade de se afastar da sua religião pela perseguição. Ele não era um homem ricamente vestido; certamente existem homens assim, mas eles estão nas casas dos reis. Note que é conveniente que as pessoas, em todas as suas manifestações, sejam coerentes com o seu caráter e com a sua situação. Aqueles que são pregadores não devem desejar ter a aparência de cortesãos. Nem devem aqueles, cujo destino os coloca em residências comuns, desejar as roupas ricas que usam os que vivem nas casas dos reis. A prudência nos ensina a ser coerentes. João parecia rude e desagradável, e ainda assim as pessoas corriam até ele. A lembrança do nosso antigo zelo em procurar a palavra de Deus deveria nos motivar no nosso trabalho atual. Que não se possa dizer que nós fizemos e sofremos tantas coisas em vão, que corremos em vão, e que trabalhamos em vão.

3. O maior elogio que Jesus fez a João Batista foi ao seu trabalho e ministério, que o honravam mais que quaisquer qualificações ou dons pessoais poderiam; e, portanto, isto foi ampliado num elogio completo.

(1) Ele era um profeta, sim, e “muito mais do que profeta” (v. 9) – e isto João falou daquele que era o grande Profeta, de quem todos os profetas dão testemunho. João disse sobre si mesmo, que ele não era aquele profeta, aquele grande profeta, o próprio Messias; e agora Cristo (o juiz mais competente) dizia, a respeito de João, que ele era mais do que um profeta. Ele se considerava inferior a Cristo, e Cristo o considerava superior a todos os outros profetas. O precursor de Cristo não era um rei, mas um profeta, para que não parecesse que o reino do Messias estivesse fundamentado em poderes terrenos; mas o seu precursor imediato era, como tal, um profeta transcendente, mais do que um profeta do Antigo Testamento; todos eles agiam de maneira honesta e íntegra, mas João os superou a todos; eles viam a época de Cristo à distância, e a sua visão ainda demorou um grande intervalo de tempo para se concretizar; mas João viu o dia amanhecer, viu o sol se levantar e contou ao povo sobre o Messias, como alguém que estava entre eles. Eles falavam sobre Cristo, mas João apontou para Ele. Eles

diziam: “Uma virgem conceberá”; ele dizia: “Eis o Cordeiro de Deus!”

(2) Ele era aquele de quem havia sido predito que seria o precursor de Cristo (v. 10). “É este de quem está escrito”. Os outros profetas tinham profetizado sobre ele, e, portanto, ele era maior que eles. Malaquias profetizou a respeito de João: “Eis que diante da tua face envio o meu anjo”. Com isto, uma parte da honra de Cristo foi colocada sobre ele, pois os profetas do Antigo Testamento falaram e escreveram sobre ele; e todos os santos têm esta honra, pois seus nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro. Houve grande deferência a João sobre todos os profetas, pois ele foi o anunciador de Cristo. Ele foi um mensageiro enviado com uma grande tarefa. Um mensageiro, um entre milhares, que obtém a sua honra daquele para quem ele trabalhava: Ele é o meu mensageiro, enviado por Deus Pai. O trabalho de João Batista era preparar o caminho para Cristo, preparar as pessoas para receber o Salvador, revelar, a elas, o seu pecado, a sua infelicidade e a necessidade que tinham de um Salvador. Isto ele tinha dito sobre si mesmo (Jo 1.23), e agora Cristo falava a respeito dele. O Senhor pretendia, dessa forma, não apenas honrar o ministério de João, mas reavivar a consideração das pessoas por aquele ministério, que abria caminho para o Messias. Observe que grande parte da beleza das revelações de Deus está na sua conexão e coerência mútuas, e na relação que têm umas com as outras. O que tornava João superior aos profetas do Antigo Testamento era o fato de que ele veio imediatamente antes de Cristo. Quanto mais próximo alguém está de Cristo, mais verdadeiramente merecedor de honra será.

(3) “Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista” (v. 11). Cristo sabia como valorizar as pessoas de acordo com os graus do seu valor, e Ele dá preferência a João Batista antes de todos os que vieram antes dele, porque todos aqueles tinham nascido de mulheres por geração normal. Entre todos os que Deus tinha chamado para algum serviço na sua obra, João é o mais eminente, mais eminente que o próprio Moisés, pois ele começou a pregar a doutrina da remissão dos pecados àqueles que são verdadeiramente penitentes, e ele teve mais revelações dos céus do que qualquer um deles tinha tido; pois ele viu o céu se abrir e o Espírito Santo descer. Ele também teve grande sucesso no seu ministério; quase a nação inteira veio até ele; ninguém teve um desígnio tão grande ou realizou uma tarefa tão nobre quanto João, nem foi tão bem

recebido. Inúmeros tinham nascido de mulheres, mas Cristo prefere João. Observe que a grandeza não deve ser avaliada pelas aparências e pelo esplendor exterior, mas os maiores homens são aqueles que podem ser considerados os maiores santos; e as maiores bênçãos são aqueles que são como era João – grandes diante do Senhor (Lc 1.15).

Ainda assim, este grande elogio feito a João tem uma surpreendente limitação: "Aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele". [1] No reino da glória. João foi um grande homem, e um bom homem, mas ainda estava em um estado humano, sujeito à enfermidade e à imperfeição; portanto, ele estava em uma condição inferior à dos santos glorificados, e à dos espíritos dos justos aperfeiçoados. Observe, em primeiro lugar, que existem graus de glória no céu. Alguns ali são menos que os outros; embora cada vaso esteja cheio da mesma maneira, eles não têm todos o mesmo tamanho e a mesma capacidade. Em segundo lugar, o menor santo no céu, é maior, e sabe mais, e ama mais, e faz mais em louvor a Deus, e recebe mais dele, do que o maior deste mundo. Os santos na terra são ilustres (Sl 16.3), mas os que estão no céu são muito mais ilustres; os melhores deste mundo são menores do que os anjos (Sl 8.5), porém os menores no céu são iguais aos anjos – o que deveria fazer com que anelássemos por este estado abençoado, onde os fracos serão como Davi (Zc 12.8). [2] Aqui, o Reino dos céus deve ser compreendido como o reino da graça, a revelação do Evangelho na perfeição do seu poder e da sua pureza, e *ho mikroteros* – *aquele que é menor* nele é maior do que João. Alguns interpretam que se trate do próprio Cristo, que era mais jovem que João e, na opinião de alguns, menor que João, e que sempre falou de maneira a se diminuir. "Eu sou verme, e não homem, embora maior que João". Isto estaria de acordo com o que João Batista disse (Jo 1.15): "O que vem depois de mim é antes de mim". Mas isto deve ser compreendido a respeito dos apóstolos e ministros do Novo Testamento, os profetas evangélicos; e a comparação entre eles e João não diz respeito à sua santidade pessoal, mas ao seu trabalho. João pregou a vinda de Cristo, mas eles pregavam que Cristo não apenas veio, mas foi crucificado e glorificado. João veio para o amanhecer do dia do Evangelho, e com isto superou os profetas anteriores, mas ele foi removido antes do meio-dia daquele dia, antes que o véu fosse rasgado, antes da morte e ressurreição de Cristo, e antes do derramamento do Espírito, de modo que o menor dos apóstolos e evangelistas, a quem foram

feitas grandes revelações, e tendo sido empregado numa tarefa maior, é maior do que João. João não realizou milagres; os apóstolos realizaram muitos. A base dessa preferência está na proeminência da revelação do Novo Testamento em comparação à do Antigo Testamento. Os ministros do Novo Testamento, portanto, se sobressaem, porque o seu ministério também se sobressai (2 Co 3.6 etc.). João era o *maximum quod sic – o maior da sua ordem*; ele chegou aos extremos que a revelação sob a qual ele estava permitia; mas *minimum maximi est majus maximo minimi – o menor da ordem superior é superior ao primeiro da ordem inferior*; um anão, sobre uma montanha, vê mais longe que um gigante no vale. Observe que toda a verdadeira grandeza dos homens se origina, e é motivada, da graciosa manifestação de Cristo a eles. Os melhores homens não são melhores do que Ele se agrada em torná-los. Que razão temos nós para dar graças ao fato de que a nossa sorte esteja lançada nos dias do Reino dos céus, e sob tais vantagens de luz e amor! E quanto maiores forem as vantagens, maior será a prestação de contas, se recebermos a graça de Deus em vão.

(4) O grande elogio a João Batista foi o de que Deus era o dono do seu ministério, e o tornou maravilhosamente bem-sucedido para quebrar o gelo e preparar o povo para o Reino dos céus. Desde os dias da primeira aparição de João Batista até aquele momento (o que não representa muito mais que dois anos), muitas coisas boas foram feitas; a ação de João, diante de Cristo, o centro de tudo, foi igualmente rápida. O Reino dos céus sofre violência – *biazetai – vim patitur*, como a violência de um exército atacando repentinamente uma cidade, ou uma multidão invadindo uma casa; os violentos o tomam pela força. Podemos ver o significado disso na passagem paralela (Lc 16.16). Desde aquela época, o Reino de Deus vem sendo pregado, e todo homem quer entrar nele. O trabalho com as multidões era feito pelo ministério de João, e muitos se tornavam seus discípulos. E são:

[1] Multidões improváveis. Elas lutavam por um lugar no céu, e poderíamos pensar que elas não teriam direito a ele, e dessa forma pareciam ser intrusos e fazer uma entrada tortuosa, como a nossa lei a chama, uma entrada ilegítima e forçada. Quando os filhos do reino são excluídos dele, e muitos vêm a ele do leste e do oeste, então ele é vítima de violência. Compare isso com Mateus 21.31,32. Os publicanos e as prostitutas creram em João, que era rejeitado pelos escribas e fariseus, e assim entraram no Reino de Deus antes deles, o tomaram deles enquanto eles brincavam.

Observe que não é uma violação das boas maneiras ir ao céu antes daqueles que são melhores do que nós. Esta é uma grande bênção do Evangelho desde os seus primeiros dias, o fato de que ele levou à santidade muitos que eram candidatos absolutamente improváveis.

[2] Multidões *inoportunas*. Esta violência sugere uma força, um vigor, um desejo ansioso, e um empenho naqueles que seguiam o ministério de João, caso contrário eles não teriam ido tão longe para procurá-lo. Além disso, mostra o fervor e o zelo que são exigidos de todos aqueles que desejam fazer do céu a sua religião. Observe que os que desejam entrar no Reino dos céus devem se esforçar para consegui-lo; este reino é vítima de uma violência sagrada; o próprio ser deve ser negado, as tendências e a inclinação, a estrutura e o estado de espírito da mente devem ser alterados; há sofrimentos que devem ser suportados, uma força a ser colocada sobre a natureza corrupta; devemos correr, lutar, combater, e sofrer agonias, e tudo isto não será suficiente para obter um prêmio como este e para vencer a oposição de fora e de dentro. Os violentos tomam-no pela força. Aqueles que têm interesse pela grande salvação são levados na direção dela com um desejo forte, e a terão mediante quaisquer condições, e não as acharão difíceis nem se deixarão levar sem uma bênção (Gn 32.26). Aqueles que quiserem assegurar o seu chamado e eleição deverão ser diligentes. O Reino dos céus nunca teve a intenção de tolerar a tranqüilidade dos levianos, mas de ser o descanso daqueles que trabalham. É uma visão abençoada. Oh! Se pudéssemos enxergar mais, não uma disputa irada lançando os outros para fora do Reino dos céus, mas uma disputa sagrada, na qual todos são lançados para dentro dele!

(5) O ministério de João foi o início do Evangelho, conforme está registrado em Marcos 1.1 e Atos 1.22. Isto é evidenciado aqui em dois aspectos:

[1] Em João, a dispensação do Antigo Testamento começou a fenecer (v. 13). Até então, aquele ministério continuava em plena força e virtude, mas a partir de então começou a declinar. Embora a obrigação à lei de Moisés não tenha sido removida até a morte de Cristo, ainda assim as revelações do Antigo Testamento começaram a ser superadas pela manifestação mais clara de que o Reino dos céus era chegado. Pelo dever de a luz do Evangelho (como a da natureza) preceder e abrir caminho para a sua lei, desta maneira as profecias do Antigo Testamento chegaram ao fim (*finis*

perficiens, não *interficiens – um fim de perfeição*, não *de duração*), antes dos preceitos do Evangelho; assim, quando Cristo diz que todos os profetas e a lei profetizaram até João, Ele nos mostra, em primeiro lugar, como a luz do Antigo Testamento estava estabelecida; ela se estabelecia na lei e nos profetas, que falavam, embora de maneira obscura, sobre Cristo e seu reino. Observe que está escrito que a lei profetizava, assim como os profetas, a respeito daquele que viria. Cristo começou por Moisés (Lc 24.27). Cristo foi predito pelos sinais mudos da obra mosaica, assim como também pelas vozes mais estruturadas dos profetas, e se exibiu, não apenas nas predições orais, mas também nos tipos pessoais e reais. Bendito seja Deus porque nós temos tanto a doutrina do Novo Testamento para explicar as profecias do Antigo Testamento como as profecias do Antigo Testamento para confirmar e exemplificar a doutrina no Novo Testamento (Hb 1.1); como os dois querubins, um olha para o outro. A lei foi dada por Moisés há muito tempo, e não houvera profetas por trezentos anos antes de João, e ainda assim diz-se que a lei e Moisés profetizaram até João, porque a lei ainda era observada – Moisés e os profetas ainda eram lidos. As Escrituras continuam ensinando até à nossa época, embora os seus escritores já tenham morrido. Moisés e os profetas estão mortos; os apóstolos e os evangelistas estão mortos (Zc 1.5), mas a Palavra do Senhor permanece para sempre (1 Pe 1.25). As Escrituras estão falando expressamente, embora os seus escritores estejam em silêncio, no pó. Em segundo lugar, como esta luz foi deixada de lado. Quando Jesus diz: “profetizaram até João”, Ele dá a entender que a glória da lei e dos profetas foi eclipsada pela glória que a superava; as suas predições foram superadas pelo testemunho de João: “Eis o Cordeiro de Deus!” Mesmo antes do nascer do sol, a alvorada faz as velas brilharem menos. As profecias de um Cristo que viria ficaram ultrapassadas quando João disse, em outras palavras: “Ele chegou”.

[2] Nele o dia do Antigo Testamento começou a amanhecer; pois (v. 14) é este o Elias que havia de vir. João foi o laço que uniu os dois Testamentos; assim como Noé foi o elo que ligou dois mundos, também João foi o elo que conectou os dois Testamentos. A profecia que concluiu o Antigo Testamento foi: “Eis que eu vos envio o profeta Elias” (Ml 4.5,6). Estas palavras profetizaram até João, e então começaram a se transformar em história, deixando de ser profecia. Em primeiro lugar, Cristo fala dela como uma grande verdade, que João Batista é o Elias do Novo Testamento; não

Elias *in propria persona – em sua própria pessoa*, como os judeus carnais esperavam; João Batista negou isto (Jo 1.21); mas seria alguém que viria no espírito e virtude de Elias (Lc 1.17), como ele em temperamento e em mensagem, que levaria os homens ao arrependimento com terror, e especialmente como na profecia, que converteria o coração dos pais aos filhos. Em segundo lugar, Ele fala dela como uma verdade, que não seria facilmente entendida por aqueles cujas expectativas se prendessem ao reino temporal do Messias, e às apresentações agradáveis ao reino. Cristo suspeitaria da receptividade do reino, se eles o recebessem. Nada, a não ser isto, era verdade, quer eles a recebessem, quer não, mas Ele os repreende pelos seus preconceitos, pois eles estão atrasados para receber as maiores verdades que são contrárias aos seus sentimentos, embora favoráveis aos seus interesses. Ou, em outras palavras: "Se vocês o receberem, ou se receberem o ministério de João como sendo o do Elias prometido, ele será como Elias para vocês, para convertê-los e prepará-los para o Senhor". Observe que as verdades do Evangelho estão ligadas à maneira como são recebidas, tendo um sabor de vida ou de morte. Cristo é o Salvador, e João é um Elias, para aqueles que recebem a verdade a respeito deles.

Finalmente, o nosso Senhor Jesus conclui este sermão com um solene pedido de atenção (v. 15): "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça"; o que sugere que estas coisas eram obscuras e difíceis de compreender, e, portanto, precisavam de atenção, mas tinham grande importância, e, portanto, mereciam a atenção. Em outras palavras: "Que todo o povo se dê conta disso, se João é o Elias que foi profetizado, certamente há uma grande revolução a caminho, o reino do Messias é chegado, e o mundo em breve será surpreendido por uma feliz transformação. Estas são coisas que requerem séria consideração, e portanto todos vocês devem se preocupar em ouvir o que Eu digo". Observe que as coisas de Deus têm uma importância grande e incomum: todo aquele que tiver ouvidos para ouvir qualquer coisa deve se preocupar em ouvir isto. Isto sugere que Deus não exige de nós nada além do uso correto e do aprimoramento das faculdades que Ele já nos deu. Ele exige que ouçam os que tiverem ouvidos, que usem a razão os que tiverem razão. Desta maneira, as pessoas são ignorantes, não porque precisam de poder, mas porque precisam de vontade; portanto, elas não ouvem, porque, como a víbora surda, têm os seus ouvidos tapados.

Cristo Repreende Corazim e outras Cidades

vv. 16-24

Cristo ia continuar a elogiar João Batista e o seu ministério, mas aqui Ele se interrompe de repente, e transforma o que estava dizendo em uma censura àqueles que recebiam o ministério de João Batista, o seu e de seus discípulos, em vão. Quanto a esta geração, podemos observar a quem Ele a compara (vv. 16-19) – e quanto aos lugares em particular que Ele exemplifica, podemos observar com quem Ele os compara (vv. 20-24).

I Quanto a esta geração, era a congregação do povo judeu naquela época. Na verdade, havia muitos que se esforçavam para entrar no Reino dos céus, mas a maioria continuava na descrença e na obstinação. João era um grande homem, e um bom homem, mas a geração na qual o seu destino foi lançado era uma geração tão infértil e improdutiva quanto poderia ser, e era indigna dele. Observe que a má qualidade dos lugares onde vivem bons ministros serve de contraste para a boa qualidade deles. Foi louvável que Noé fosse justo em meio à sua geração. Tendo elogiado João, Cristo condena aqueles que o tinham em seu meio, e não aproveitaram o seu ministério. Por mais dignas de elogios que sejam as pessoas, se elas desprezarem a Cristo isto será revelado no Dia do Juízo.

O Senhor Jesus nos apresenta esta verdade em forma de parábola, mas fala como se estivesse perplexo por descobrir uma semelhança adequada para representá-la: “A quem assemelharei esta geração?” Não existe um absurdo maior do que aquele de que são culpados os que têm boa pregação em seu meio e nunca a aproveitam. É difícil dizer com que se assemelham. A semelhança é obtida de um costume comum entre as crianças judias ao brincar, que, como é normal com as crianças, imitavam os costumes dos adultos nos casamentos e nos enterros, celebrando e lamentando; mas, sendo tudo uma brincadeira, não causava nenhuma impressão. Nem o ministério de João Batista, nem o de Cristo, causavam uma impressão maior sobre aquela geração. Jesus pensa particularmente nos escribas e nos fariseus, que se orgulhavam de si mesmos; portanto, para humilhá-los, Ele os compara às crianças, e o seu comportamento, à brincadeira de crianças.

A parábola é melhor explicada com o seu estudo e exemplo nestas cinco observações:

Observe: 1. O Deus do céu usa uma variedade de meios e métodos adequados para a conversão e a salvação das pobres almas. Ele deseja que todos os homens sejam salvos, e, portanto, faz todo o possível para conseguir isso. O seu grande objetivo é que as nossas vontades estejam de acordo com a vontade de Deus, e, para isto, que as nossas inclinações estejam de acordo com as descobertas que Ele nos fez de si mesmo. Tendo várias inclinações para transformar, Ele usa várias maneiras de trabalhar sobre elas, que embora sejam diferentes entre si, todas tendem para a mesma coisa, e Deus está em todas elas, realizando o mesmo desígnio. Nesta parábola, isto é o seu tocar flauta para nós, e o seu cantar lamentações para nós. Ele tocou flauta para nós nas preciosas promessas do Evangelho, que é apropriado para trabalhar com a esperança, e cantou lamentações por nós nas terríveis ameaças da lei, que são apropriadas para trabalhar com o medo, para que Ele pudesse nos afastar do pecado pelo medo, e nos atrair para si mesmo. Ele tocou flauta para nós em providências de graça e misericórdia, e cantou lamentações para nós em providências calamitosas e aflitivas, e colocou uma contra a outra. Ele ensinou os seus ministros a mudar a sua voz (Gl 4.20); algumas vezes, para falar como o trovão do monte Sinai, outras vezes numa voz mais calma, do monte Sião.

Na explicação desta parábola, é apresentada a diferença de caráter entre os ministérios de João e de Cristo: tendo sido ambos as duas maiores luzes daquela geração.

(1) Por um lado, João veio até eles lamentando-se, sem comer nem beber; sem conversar amigavelmente com as pessoas, nem comendo normalmente com eles, mas sozinho, na sua cela no deserto, onde a sua refeição era composta de gafanhotos e mel silvestre. Alguém poderia pensar que isto os influenciaria, pois uma vida austera e humilde como esta, estava bastante de acordo com a doutrina que ele pregava – e este ministro, cujas palavras estão de acordo com a sua doutrina, provavelmente realizará boas obras; mas mesmo a pregação de um ministro assim nem sempre é eficiente.

(2) Por outro lado, o Filho do Homem veio comendo e bebendo, e assim Ele tocou flauta para eles. Cristo conversava amigavelmente com todos os tipos de pessoas, sem tender a nenhuma rigidez ou austeridade em particular. Ele era afável e acessível, não se intimidava com nenhuma

companhia, estava sempre nas festas, tanto com os fariseus como com os publicanos, para ver se isto conquistaria aqueles que não tinham sido conquistados pela maneira reservada de João Batista. Aqueles que não tinham se intimidado pelas censuras de João, seriam atraídos pelos sorrisos de Cristo; assim, o apóstolo Paulo aprendeu a fazer-se tudo para todos (1 Co 9.22). Agora, o nosso Senhor Jesus, com a sua liberdade, não condenou a João de maneira nenhuma, assim como João nunca o condenou, embora os seus procedimentos fossem muito diferentes. Note que embora nunca tenhamos clara a efetividade do nosso procedimento, ainda assim não devemos julgar os outros com base nela. Pode haver uma grande diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos (1 Co 12.6), e a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil (v. 7). Observe, especialmente, que os ministros de Deus têm dons variados: a habilidade e a genialidade em alguns se mostra de uma maneira; em outros, de outra; alguns são Boanerges, filhos do trovão; outros, Barnabés, filhos da consolação; mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, e por isto nós não devemos condenar nenhum deles, mas louvar a todos, e louvar a Deus por todos, pois Ele, desta maneira, experimenta várias maneiras de lidar com pessoas de variados temperamentos, para que os pecadores possam se tornar maleáveis ou deixados na condição de inexcusáveis, para que, qualquer que seja o caso, Deus seja glorificado.

Observe: 2. Os diversos métodos que Deus usa para a conversão dos pecadores, com muitos resultam infrutíferos e ineficientes. "'Não dançastes… não chorastes'; não fostes influenciados nem de uma maneira nem de outra." Meios particulares têm, como na medicina, as suas intenções particulares, que devem obter reações, e impressões particulares, que devem ser submetidas para o sucesso do desígnio maior e geral. Mas se as pessoas não se sentirem obrigadas por leis, nem convidadas pelas promessas e nem ainda amedrontadas por ameaças, não serão despertadas pelas coisas maiores, nem atraídas pelas coisas mais doces, nem atemorizadas pelas coisas mais terríveis, nem sensibilizadas pelas coisas mais comuns. Se não ouvirem a voz das Escrituras, nem a razão, nem as experiências, nem a providência, nem a consciência, nem o interesse, o que mais pode ser feito? "Já o fole se queimou, o chumbo se consumiu com o fogo; em vão vai fundindo o fundidor tão diligentemente... Prata rejeitada lhes chamarão" (Jr 6.29,30). Debalde o ministro terá trabalhado (Is 49.4), e, o que é uma perda

muito maior, a graça de Deus terá sido recebida em vão (2 Co 6.1). Há algum consolo para os ministros fiéis que vêem pouco sucesso nos seus esforços, o fato de que não é novidade que os melhores pregadores, e a melhor pregação do mundo, não alcancem o fim desejado. “Quem deu crédito à nossa pregação?” Se do sangue dos feridos, da gordura dos valentes (2 Sm 1.22), do arco daqueles grandes comandantes, Cristo e João voltaram tantas vezes vazios, não é de admirar se nós também voltarmos, e se profetizarmos sobre ossos secos com tão poucos propósitos.

Observe: 3. Que normalmente aquelas pessoas que não se beneficiam dos milagres da graça são pervertidas, e isto se reflete nos ministros por cujo intermédio elas desfrutam de tais milagres; e como elas não obtêm o bem para si, elas fazem todo o mal que conseguem para os outros, criando e propagando preconceitos contra a palavra, e contra os seus fiéis pregadores. Aqueles que não estão de acordo com Deus, e que não o seguem, o confrontam e caminham em sentido contrário a Ele. Foi isto o que fez esta geração; por estarem decididos a não crer em Cristo ou em João, e a não considerá-los os melhores entre os homens – como deveriam ter feito –, eles se dispuseram a atacá-los e a representá-los como os piores. (1) Quanto a João Batista, eles dizem: “Tem demônio”. Eles atribuíam a sua rigidez e a sua reserva à melancolia, e a algum tipo ou grau de possessão satânica. Em outras palavras: “Por que deveríamos dar ouvidos a ele? Ele é um pobre hipocondríaco, cheio de caprichos, que está sob o poder de uma imaginação enlouquecida”. (2) Quanto a Jesus Cristo, eles atribuíam as suas palavras livres e prestativas ao hábito depravado da luxúria e da satisfação da carne: “Eis aí um homem comilão e beberrão”. Nenhum pensamento poderia ser mais rude e preconceituoso. Esta é a acusação contra o filho rebelde (Dt 21.20): “É um comilão e beberrão”. Nenhum pensamento poderia ser mais falso e injusto, pois Cristo não agradou a si mesmo (Rm 15.3), nem jamais fez homem algum viver uma vida de autonegação, humilhação e desprezo pelo mundo, como Ele viveu. Ele, que era imaculado e separado dos pecadores, está sendo aqui acusado de ser aliado a eles, e contaminado por eles. A inocência mais imaculada e a excelência mais incomparável nem sempre serão uma cerca contra a reprovação das línguas. Não. Os melhores dons do homem, e as suas melhores ações, que têm as melhores intenções e, ao mesmo tempo, são calculadas para a edificação, podem se tornar motivos de reprovação. A melhor das nossas ações pode se tornar a pior das

acusações feitas a nós, como o jejum de Davi (Sl 69.10). De certa maneira, era verdade que Cristo era amigo de publicanos e pecadores, o melhor amigo que eles jamais tiveram, pois Ele veio ao mundo para salvar os pecadores, os grandes pecadores, até mesmo o principal pecador – isto disse, com muita emoção, aquele que não tinha sido um publicano e pecador, mas um fariseu e pecador. Mas isto é – e será por toda a eternidade – um motivo de louvor a Cristo, e aqueles que transformaram tamanha virtude em censura contra Ele, perderam o seu benefício.

Observe: 4. Que a causa dessa grande falta de frutos e perversão das pessoas sob os milagres da graça é o fato de que elas são como crianças que se assentam nas praças. Elas são tão tolas como as crianças, rebeldes como as crianças, descuidadas e brincalhonas como as crianças. Se elas se mostrassem adultas no entendimento, haveria alguma esperança para elas. As praças onde elas se assentam é, para alguns, um lugar de ociosidade (cap. 20.3); para outros, um lugar para a realização de negócios terrenos (Tg 4.13); para todos, um lugar de ruídos e diversão. Assim, se você perguntar a razão pela qual as pessoas obtêm tão pouco benefício por meio da graça, você descobrirá que é porque elas são preguiçosas e fúteis, e não gostam de se esforçar; ou porque as suas cabeças e mãos e os seus corações estão cheios do mundo, cujas preocupações sufocam a Palavra, e, finalmente, sufocam as suas almas (Ez 33.31; Am 8.5). Elas também procuram afastar os seus pensamentos de tudo o que é sério. Assim, nas praças elas estão, e ali se assentam; e nestas coisas está o seu coração, e decidem viver de acordo com elas.

Observe: 5. Embora os milagres da graça possam assim ser menosprezados e mal empregados por muitos, isto é, pela maioria, ainda assim há um pequeno número que pela graça os aprimoram e reagem aos seus desígnios, para a glória de Deus e para o bem das suas almas. “Mas a sabedoria é justificada por seus filhos”. Cristo é a fonte de toda a sabedoria; nele estão escondidos verdadeiros tesouros de sabedoria; os santos são os filhos que Deus lhe deu (Hb 2.13). O Evangelho é sabedoria, é a sabedoria que vem do alto: os verdadeiros crentes são gerados novamente por ela, e renascem para o céu também; são filhos sábios, sábios por si mesmos e para os seus próprios interesses; não são como as crianças tolas que se assentam nas praças. Estes filhos da sabedoria justificam a sabedoria; eles estão em conformidade com os desígnios da graça de Cristo, respondem

positivamente às suas intenções, e são adequadamente influenciados por ela, pelos variados métodos que ela emprega, e assim evidenciam a sabedoria de Cristo ao empregar tais métodos. Isto está explicado em Lucas 7.29. Os publicanos justificaram a Deus, tendo sido batizados com o batismo de João, e posteriormente aceitando o Evangelho de Cristo. Observe que o sucesso dos métodos da graça justifica a sabedoria de Deus na escolha de tais métodos, contra aqueles que o acusam de tolice a este respeito. A cura de todo enfermo que segue as recomendações do médico justifica a sabedoria do médico; e assim Paulo não se envergonha do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Quando a cruz de Cristo, que para muitos é escândalo e loucura, é, para aqueles que são chamados, poder de Deus e sabedoria de Deus (1 Co 1.23,24), para que eles façam deste conhecimento o ápice da sua ambição (1 Co 2.2), e da sua eficiência a coroa da sua glória (Gl 6.14), então a sabedoria é justificada pelos seus filhos. Os filhos da sabedoria são as testemunhas da sabedoria ao mundo (Is 43.10), e serão feitos testemunhas naquele dia, quando a sabedoria, que agora é justificada pelos santos, será glorificada nos seus santos e se fará admirável em todos os que crêem (2 Ts 1.10). Se a descrença de alguns censura a Cristo, atribuindo-lhe a mentira, a fé de outros irá honrá-lo, colocando o selo de que Ele é verdadeiro, e de que Ele também é sábio (1 Co 1.25). Quer cooperemos ou não para a realização dessas coisas, elas acontecerão; não somente a justiça de Deus, mas também a sua sabedoria, será justificada quando Ele falar, quando Ele julgar.

Bem, esta é a avaliação que Cristo faz daquela geração, e aquela geração não morreu, mas permanece, em uma sucessão de semelhantes; pois assim como era naquela época, tem sido desde então, e ainda continua sendo. Alguns crêem no que se diz, mas outros não (At 28.24).

II Quanto às cidades em particular, nas quais Cristo é conhecido. O que Ele disse, de maneira geral, sobre aquela geração, Ele aplicou, em particular, àquelas cidades, para influenciá-las. Em seguida, Ele começou a acusar as cidades (v. 20, versão NTLH). Ele começou a pregar a elas muito tempo antes (cap. 4.17), mas não havia acusado-as até agora. Note que métodos rudes e desagradáveis não devem ser adotados até que métodos mais gentis tenham sido usados. Cristo não é propenso a acusar; Ele dá livremente, e

não censura, até que os pecadores, com a sua obstinação, arranquem dele a censura. A sabedoria primeiramente convida, mas quando os seus convites são ignorados, ela acusa (Pv 1.20,24). Aqueles que começam com acusações não seguem os métodos de Cristo. Agora, observe:

1. O pecado de que elas são acusadas; não é nenhum pecado contra a lei moral, em que um recurso estaria apoiado no Evangelho, que o teria aliviado, mas um pecado contra o Evangelho, a lei corretiva – e isto é impenitência. O que Ele censurou nelas, ou a razão porque Ele as repreendeu, como sendo a coisa mais vergonhosa e ingrata que poderia haver, foi o fato de que elas não se arrependiam. Observe que a impenitência deliberada é o pecado que causa maior dano às multidões que recebem o Evangelho, e do qual (mais que qualquer outro) os pecadores serão acusados até à eternidade. A grande doutrina que tanto João Batista e Cristo como os apóstolos pregaram era o arrependimento. O que se desejava, tanto com o tocar flauta como com o lamentar-se, era levar as pessoas a modificar seus pensamentos e condutas, abandonar seus pecados e voltar-se para Deus; e isto elas não aceitavam. Ele não disse, porque eles não acreditavam (embora muitos deles tivessem algum tipo de fé) que Cristo era um Mestre vindo de Deus; mas por não se arrependerem, a sua fé não transformava os seus corações e não modificava as suas vidas. Cristo os censurou pelos seus outros pecados, pois Ele poderia levá-los ao arrependimento; mas quando não se arrependeram, Ele os acusou com a sua recusa em serem curados. Ele os censurou para que eles mesmos pudessem se censurar, e finalmente ver a tolice que isto era, o que por si só transforma um caso triste em desesperador, e numa ferida incurável.

2. O agravamento do seu pecado. Eram cidades nas quais a maioria dos seus milagres tinha sido realizada; pois nelas funcionou a sua residência principal durante algum tempo. Note que algumas cidades aproveitam os milagres da graça com maior plenitude, poder e pureza do que outras. Deus é um agente livre, e assim age em todas as suas disposições, tanto como o Deus da natureza quanto como o Deus da graça, a graça comum e a que distingue. Por meio dos milagres de Cristo, estas cidades deveriam ter não apenas recebido a sua doutrina, mas também obedecido à sua lei. A cura das enfermidades do corpo deveria ter sido a cura das suas almas, mas não teve tal efeito. Observe que quanto mais fortes são os incentivos que temos para nos arrependermos, mais atroz será a impenitência, e mais severa será a

prestação de contas, pois Cristo registra os milagres realizados entre nós e também as obras de graça realizadas para nós, pelas quais também deveríamos ser levados ao arrependimento (Rm 2.4).

(1) Corazim e Betsaida são citadas aqui (vv. 21 e 22), cada uma delas tem o seu "ai": "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!" Cristo veio ao mundo para nos abençoar, mas se esta bênção for desprezada, Ele tem "ais" armazenados, e os seus "ais" são os mais terríveis de todos. Estas duas cidades estavam localizadas junto ao mar da Galiléia, a primeira do lado leste e a última do lado oeste, eram lugares ricos e muito habitados. Betsaida tinha sido elevada a cidade por Filipe, o tetrarca; dela, Cristo tomou pelo menos três de seus apóstolos. Assim, estas cidades eram altamente favorecidas! Mas por não conhecerem o dia da sua visitação, elas caíram sob estes "ais", que se prenderam a elas, e pouco tempo depois disto decaíram e se reduziram a aldeias comuns e obscuras. Dessa forma, o pecado arruína fatalmente as cidades, e a palavra de Cristo certamente se cumpre!

Corazim e Betsaida são aqui comparadas com Tiro e Sidom, duas cidades marítimas (sobre as quais lemos muito no Antigo Testamento) que tinham sido levadas à destruição, mas começaram a prosperar outra vez; estas cidades eram fronteiriças à Galiléia, mas eram mal vistas entre os judeus, pela sua idolatria e seus pecados. Algumas vezes, Cristo foi às proximidades de Tiro e Sidom (cap. 15.21), mas nunca além; os judeus teriam se horrorizado se Ele tivesse ido; portanto, Cristo, para convencê-los e humilhá-los, aqui mostra:

[1] Que Tiro e Sidom não tinham sido tão más quanto Corazim e Betsaida. Se a mesma palavra tivesse sido pregada a elas, e se os mesmos milagres tivessem sido realizados nelas, elas teriam se arrependido, e há muito tempo, como aconteceu com Nínive, com pano de saco e com cinza. Cristo, que conhece os corações de todos, sabia que se Ele tivesse ido e vivido no meio deles, e tivesse pregado entre eles, Ele teria feito um bem maior do que onde estava; mas ainda assim, Ele continuou onde estava durante algum tempo, para incentivar os seus ministros a fazerem a mesma coisa, embora eles não pudessem ver o sucesso que desejavam. Observe que entre os filhos da desobediência, alguns são mais facilmente transformáveis que outros. Há um sério agravamento da impenitência daqueles que recebem completamente os milagres da graça, não somente porque há

muitos que estão sob os mesmos milagres, que se transformam, mas porque há muitos mais que poderiam ser transformados, se tivessem recebido os mesmos milagres (veja Ezequiel 3.6,7). O nosso arrependimento é muitas vezes lento e até atrasado, mas o deles deveria ter sido rápido; eles deveriam ter se arrependido há muito tempo. O nosso foi leve e superficial; o deles deveria ter sido profundo e verdadeiro, com pano de saco grosseiro e com cinzas. Mas devemos observar, com uma maravilhada adoração da soberania divina, que os habitantes de Tiro e Sidom irão perecer justamente no seu pecado, embora, se tivessem recebido a graça, poderiam ter se arrependido; pois Deus não deve nada a nenhum homem.

[2] Que, portanto, Tiro e Sidom não seriam tão infelizes quanto Corazim e Betsaida, mas haveria maior tolerância com elas no Dia do Juízo (v. 22). Observe que, em primeiro lugar, no Dia do Juízo, o estado permanente dos filhos dos homens será determinado, por um destino inalterável e infalível: felicidade ou infelicidade, e os diversos graus de cada uma delas. Por isto é chamado de juízo eterno (Hb 6.2), porque decide o estado eterno. Em segundo lugar, naquele juízo, todos os milagres da graça que são recebidos quando estamos em um estado de experiência serão certamente levados em consideração, e nos será perguntado não o quanto fomos maus, mas o quanto poderíamos ter sido melhores, não fosse pela nossa própria culpa (Is 5.3,4). Em terceiro lugar, embora a condenação de todos os que perecem seja insuportável, ainda assim a condenação daqueles que tiveram as revelações mais completas e claras feitas pelo poder e pela graça de Cristo, e ainda assim não se arrependeram, será, de todas, a mais insuportável. A luz e o som do Evangelho abrem os sentidos e aumentam a capacidade de todos os que o vêem e ouvem, seja para receber as riquezas da divina graça, ou (se esta graça for desprezada) para receber os mais completos derramamentos da ira divina. Se a autocondenação for a tortura do inferno, ela realmente deve ser um inferno para aqueles que tiveram uma oportunidade tão excelente de ir para o céu. “Filho, lembra-te de que…”.

(2) Aqui Cafarnaum é condenada com ênfase (v. 23). “E tu, Cafarnaum, levante as mãos e ouça a condenação”. Cafarnaum, acima de todas as cidades de Israel, foi dignificada com a residência mais freqüente de Cristo; foi como a Siló dos tempos antigos, o lugar que Ele escolheu para fazer habitar o seu nome – e nisto ela era como Siló (Jr 7.12,14). Os milagres de Cristo aqui eram o pão de cada dia, e, portanto, como o maná no deserto,

eram desprezados e chamados de pão vil. Mais de uma vez Cristo lhes fez um sermão doce e consolador sobre a graça, com pouco resultado, e por isto Ele lhes faz um sermão sobre a ira: aqueles que não ouviram o primeiro terão de sentir esta última.

Aqui temos a condenação de Cafarnaum:

[1] Explicada de maneira absoluta: “Tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos”. Observe, em primeiro lugar, que aqueles que recebem o Evangelho em poder e pureza, são, dessa forma, exaltados aos céus; com isto, eles têm uma grande honra no presente e uma grande vantagem para a eternidade; eles são exaltados aos céus. Mas se, apesar disso, eles ainda se apegarem à terra, poderão agradecer a si mesmos por não serem elevados ao céu. Em segundo lugar, as vantagens e os aprimoramentos do Evangelho, se mal usados, irão fazer os pecadores afundar ainda mais no inferno. Os nossos privilégios externos estarão longe de nos salvar, se os nossos corações e as nossas vidas não estiverem em conformidade com eles; eles somente agravarão a prestação de contas. Quanto mais alto o precipício, mais fatal é a queda. Não tenhamos, portanto, um caráter altivo, mas temor; não sejamos indolentes, mas diligentes. Veja Jó 20.6,7.

[2] A condenação de Cafarnaum, comparada com o destino de Sodoma, recebe um lugar ainda mais notável do que talvez qualquer outra, tanto pelo pecado como pela destruição; e assim, Cristo aqui nos diz:

Em primeiro lugar, que os prodígios operados em Cafarnaum teriam salvado Sodoma. Se esses milagres tivessem sido realizados entre os sodomitas, por mais pecadores que fossem, eles teriam se arrependido e a sua cidade teria permanecido até os dias de hoje como um monumento da misericórdia que poupa, da mesma maneira como hoje é um monumento da justiça que destrói (Jd 7). Observe que com o arrependimento sincero por meio de Cristo, até mesmo o maior pecado será perdoado, e a maior destruição será evitada, o que Sodoma não esperou. Os anjos foram enviados a Sodoma, e ainda assim ela não permaneceu; mas se Cristo tivesse sido enviado para lá, ela teria permanecido; como é bom para nós, então, que o mundo futuro esteja sujeito a Cristo e não aos anjos! (Hb 2.5). Ló não teria parecido um zombador, se tivesse realizado milagres.

Em segundo lugar, a ruína de Sodoma será, portanto, menor do que a de Cafarnaum, no Grande Dia. Sodoma terá muitas coisas pelas quais

responder, mas não o pecado de desprezar a Cristo, como terá Cafarnaum. O Evangelho tem um cheiro de morte para alguns, um cheiro que os mata. É de morte para a morte, uma morte grande demais (2 Co 2.16). Cristo disse o mesmo de todos os outros lugares que não recebessem os seus ministros nem dessem as boas-vindas ao seu Evangelho (cap. 10.15); haveria mais tolerância para a terra de Sodoma do que para tal cidade. Nós, que temos agora a palavra escrita nas nossas mãos, o Evangelho pregado e a lei do Evangelho ministrada a nós, e vivemos sob a concessão do Espírito, temos vantagens não inferiores às de Corazim, Betsaida e Cafarnaum, e a prestação de contas no grande Dia será correspondente. Portanto, foi dito, com propriedade, que os professores dessa época, não importando se irão para o céu ou para o inferno, serão os maiores devedores em qualquer um desses lugares; se forem para o céu, os maiores devedores da misericórdia divina por aqueles milagres que os levaram até ali; se, para o inferno, os maiores devedores da justiça divina, por aqueles milagres que deveriam tê-los mantido afastados dali.

O Convite de Cristo às Almas Oprimidas

vv. 25-30

Nestes versículos, temos Cristo elevando os olhos para o céu, agradecendo ao seu Pai pela soberania e pela segurança do concerto da redenção; e olhando à sua volta, a esta terra, com uma oferta para todos os filhos dos homens, a quem virão estas dádivas, os privilégios e os benefícios do concerto da graça.

I Aqui Cristo agradece a Deus Pai pela sua generosidade a favor dos pequeninos, a quem foram revelados os mistérios do Evangelho (vv. 25,26). Jesus respondeu e agradeceu. Isto é chamado de resposta, embora não haja outras palavras registradas anteriormente, a não ser as suas próprias, porque é uma resposta muito consoladora às considerações melancólicas que a antecedem, e contrasta com elas de maneira adequadamente equilibrada. O pecado e a destruição daquelas cidades infelizes, sem dúvida, era um pesar para o Senhor Jesus. Ele não podia fazer nada, exceto chorar por elas, como fez por Jerusalém (Lc 19.41). Com este

pensamento, portanto, Ele se alivia; e para torná-lo ainda mais animador, Ele o transforma em um agradecimento; pois apesar de tudo, existem alguns, embora ainda pequeninos, a quem as coisas do Evangelho são reveladas. Embora Israel não se una, ainda assim será uma nação gloriosa. Observe que podemos obter um grande incentivo ao erguer os olhos para Deus, quando à nossa volta não vemos nada, exceto o que nos desencoraja. É triste ver o quanto alguns homens deixam de se preocupar com a sua própria felicidade, mas é consolador pensar que aos sábios e fiéis Deus irá efetivamente assegurar os interesses da sua própria glória. Jesus respondeu e disse: “Graças te dou”. O agradecimento é uma resposta adequada aos pensamentos obscuros e inquietantes, e podem ser um meio efetivo para silenciá-los. Cânticos de louvor são alívios soberanos para as almas desalentadas, e irão ajudá-las a curar a melancolia. Quando não temos outra resposta pronta para o que nos traz tristeza e medo, podemos recorrer a esta expressão do Senhor Jesus: “Graças te dou, ó Pai”; devemos sempre bendizer a Deus por nossa situação não ser pior do que realmente é.

Neste agradecimento de Cristo, podemos observar:

1. Os títulos que Ele dá a Deus: “Pai, Senhor do céu e da terra”. Observe: (1) Todas as vezes que nos aproximamos de Deus – em louvor e também em oração – é bom que o vejamos como Pai, e que nos apeguemos a este relacionamento, não somente quando pedimos o que desejamos, mas também quando agradecemos pelo que recebemos. A misericórdia é, então, duplamente doce, e poderosa para abrir o coração em louvor, quando é recebida como símbolo do amor de um Pai, e como dom da mão de um Pai; dando graças ao Pai (Cl 1.12). É conveniente que os filhos sejam gratos e que digam: “Obrigado, Pai”, tão prontamente como “Eu oro, Pai”. (2) Quando buscamos a Deus como Pai, devemos também nos lembrar de que Ele é o Senhor do céu e da terra; o que nos impele a nos dirigirmos a Ele com reverência, como o soberano Senhor de todas as coisas, e, além disso, com confiança, como alguém que é capaz de fazer por nós qualquer coisa que precisarmos ou pudermos desejar; de nos defender de todo o mal e de nos dar todo o bem. Cristo, representado por Melquisedeque, há muito tempo tinha agradecido a Deus como o “Possuidor dos céus e da terra”; e em todos os nossos agradecimentos pelas misericórdias que recebemos, devemos lhe dar glória, por ser a fonte superabundante.

2. Pelo que Ele dá graças: porque “ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”. “Estas coisas” – Ele não diz quais são as coisas, mas se refere às grandes coisas do Evangelho, as coisas que pertencem à nossa paz (Lc 19.42). Assim, Ele fala enfaticamente sobre elas, “estas coisas”, porque eram coisas que o enchiam, e devem também nos encher: todas as outras coisas são nada, comparadas a estas coisas.

Observe como: (1) As grandes coisas do Evangelho eterno estiveram e estão ocultas de muitos que foram sábios e prudentes, que foram eminentes no aprendizado e na política do mundo – alguns dos maiores intelectuais e dos maiores estadistas têm sido os maiores estranhos aos mistérios do Evangelho. O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria (1 Co 1.21). Há uma oposição feita ao Evangelho por uma falsamente chamada ciência (1 Tm 6.20). Aqueles que são mais especializados em coisas concretas e seculares, normalmente são menos versados nas coisas espirituais. Os homens podem mergulhar profundamente nos mistérios da natureza e nos mistérios do Estado, e serem ignorantes e equivocados sobre os mistérios do Reino dos céus, por precisarem de uma experiência com o poder destes mistérios.

(2) Embora os homens sábios e prudentes do mundo estejam nas trevas a respeito dos mistérios do Evangelho, até mesmo as crianças em Cristo têm o conhecimento salvador e santificador desses mistérios: “as revelaste aos pequeninos”. Assim eram os discípulos de Cristo; homens de nascimento humilde e pouca instrução; não eram intelectuais, não eram artistas, não eram políticos, eram homens sem letras e indoutos (At 4.13). Assim, os segredos da sabedoria, que é multiforme (Jó 11.6), são revelados às crianças e aos que mamam, para que a força possa ser suscitada das suas bocas (Sl 8.2), e desta forma o louvor a Deus seja perfeito. Os homens instruídos do mundo não foram escolhidos para serem os pregadores do Evangelho, mas as coisas tolas do mundo(1 Co 2.6,8,10).

(3) Esta diferença entre os prudentes e os pequeninos é obra de Deus. [1] Foi Ele quem ocultou estas coisas dos sábios e instruídos; Ele lhes deu funções e instrução e uma grande compreensão humana, superior à dos outros, e eles se orgulhavam disso, e descansavam sobre isso, e não procuravam nada além disso; e, portanto, Deus, com justiça, lhes nega o Espírito de sabedoria e revelação, e então, embora eles ouçam o som das notícias do Evangelho, para os tais, elas são uma coisa estranha. Deus não é

o autor da sua ignorância e dos seus erros, mas Ele os deixa à sua própria sorte, e o seu pecado se torna a sua punição, e o Senhor é justo a este respeito. (veja Jo 12.39,40; Rm 11.7,8; At 28.26,27.) Se eles tivessem honrado a Deus com a sabedoria e a prudência que tinham, Ele lhes teria dado o conhecimento dessas coisas melhores; mas, porque eles alimentavam os seus desejos com elas, Ele ocultou esse conhecimento de seus corações. [2] Foi também Ele quem revelou essas coisas aos pequeninos. As coisas reveladas pertencem aos nossos filhos (Dt 29.29), e a eles Deus dá uma compreensão para receber estas coisas, e as suas impressões. Desta maneira, Ele resiste aos soberbos, e "dá, porém, graça aos humildes" (Tg 4.6).

(4) Esta dispensação deve ser decidida no âmbito da soberania divina. O próprio Cristo relacionou-a à soberania divina: "Sim, ó Pai, porque assim te aprouve". Aqui, Cristo se sujeita à vontade do seu Pai no que se refere a este assunto. Sim, deixemos que Deus use os métodos que Ele quiser para se glorificar, e que Ele faça de nós os instrumentos que quiser, para continuarmos a sua própria obra; a graça pertence a Ele, e Ele pode concedê-la ou retê-la, de acordo com a sua vontade. Não podemos explicar por que Pedro, um pescador, deveria ter sido feito apóstolo, e não Nicodemos, um fariseu e legislador dos judeus, embora ele também cresse em Cristo; mas assim aprouve a Deus. Cristo disse isto para que os seus discípulos ouvissem, para lhes mostrar que não era devido a nenhum mérito deles que estavam sendo desta maneira dignificados e distinguidos, mas puramente devido à boa vontade de Deus. Ele os criou para que fossem diferenciados.

(5) Esta maneira de dispensar a graça divina deve ser reconhecida por nós, como foi pelo nosso Senhor Jesus, com toda a gratidão. Nós devemos agradecer a Deus: [1] Pelo fato de essas coisas serem reveladas (o mistério oculto por séculos e gerações agora é manifestado); pelo fato de elas serem reveladas, não a poucas pessoas, mas porque serão transmitidas a todo o mundo. [2] Pelo fato de serem reveladas aos pequeninos; pelo fato de os mansos e humildes se embelezarem com esta salvação; e esta honra é colocada sobre aqueles a quem o mundo dedica um grande desprezo. [3] Porque a misericórdia a eles é ampliada, com o fato de que essas coisas estão ocultas dos sábios e instruídos – as graças que distinguem são as que mais obrigam. Assim como Jó adorava o nome do Senhor quando Ele lhe

dava algo, ou quando lhe tirava algo, possamos também revelar aos pequeninos estas coisas que estão ocultas dos sábios e instruídos; não como sendo a sua infelicidade, mas como sendo um método pelo qual o próprio ser se humilha, os pensamentos orgulhosos são destruídos, toda a carne é silenciada, e o poder e a sabedoria divinos brilham de modo ainda mais intenso. Veja 1 Co 1.27,31.

II Aqui Cristo faz uma graciosa oferta dos benefícios do Evangelho a todos, e estes são as coisas que são reveladas aos pequeninos (v. 25 etc.). Observe aqui:

1. O prefácio solene que introduz este chamado ou convite, tanto para chamar a nossa atenção a ele como para nos incentivar a estar de acordo com ele. Para que possamos ter um forte consolo, procurando refúgio nesta esperança que é colocada diante de nós, Cristo assinala a sua autoridade apresentando as suas credenciais. Nós veremos que Ele tem autoridade para fazer esta oferta.

Ele nos apresenta duas situações (v. 27):

(1) A sua comissão da parte do Pai: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai”. Cristo, sendo Deus, é igual, em poder e glória, ao Pai; mas como Mediador, Ele recebe o seu poder e a sua glória do Pai; Ele tem todo o julgamento sujeito a si. Ele está autorizado a estabelecer um novo concerto entre Deus e os homens, e a oferecer paz e felicidade ao mundo apóstata, nos termos que Ele julga adequados. Ele foi santificado e selado para ser o único plenipotenciário, para conciliar e estabelecer este grande relacionamento. Para isto, Ele tem “todo o poder no céu e na terra” (cap. 28.18); tem poder sobre toda carne (Jo 17.2); autoridade para todo o juízo (Jo 5.22,27). Isto nos incentiva a ir a Cristo, pois só Ele está designado pelo Pai para nos receber, e nos dar aquilo que precisamos. Aquele que é o Senhor de todas as coisas lhe entregou tudo para que este objetivo seja alcançado. Todos os poderes, todos os tesouros, estão na sua mão. Observe que o Pai entregou todas as suas coisas nas mãos do Senhor Jesus; só temos que entregar as nossas coisas na sua mão, e o trabalho estará feito. Deus fez de Jesus o grande Juiz, o bendito Árbitro, para estender a sua mão sobre nós; e o que nós devemos fazer é concordar com a referência, é sujeitar-nos à arbitragem do Senhor Jesus, para que esta infeliz controvérsia seja resolvida, e para que possamos receber a sua recompensa.

(2) A sua intimidade com o Pai: “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho”. Isto nos dá uma satisfação a mais, e muito abundante. Os embaixadores costumam ter não apenas as suas comissões, que eles apresentam, mas as suas instruções, que eles reservam a si mesmos, para fazer uso delas quando houver oportunidades nas suas negociações. O nosso Senhor Jesus tinha as duas coisas, não somente a autoridade, mas a capacidade para a sua tarefa. Ao ordenar o grande pacto da nossa redenção, o Pai e o Filho são as principais partes interessadas; um conselho de paz haverá entre ambos (Zc 6.13). Portanto, deve ser um grande incentivo para que sejamos assegurados de que Eles se compreendiam muito bem a respeito deste assunto; que o Pai conhecia o Filho, e o Filho conhecia o Pai, e ambos com perfeição (uma consciência mútua, podemos dizer, entre o Pai e o Filho), para que não houvesse engano ao estabelecer esta questão; pois sempre há enganos entre os homens na conclusão de contratos e no rompimento de medidas adotadas, por causa da sua falta de compreensão entre si. O Filho tinha estado no seio do Pai desde a eternidade; Ele era um membro do conselho de gabinete (Jo 1.18). Cristo estava com Ele, como seu aluno (Pv 8.30), de modo que ninguém conhece o Pai, senão o Filho, acrescenta Ele, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Observe: [1] A felicidade dos homens está no conhecimento de Deus; é a vida eterna, é a perfeição dos seres racionais. [2] Aqueles que desejarem conhecer a Deus, devem procurar a Jesus Cristo; pois a luz do conhecimento da glória de Deus brilha na face de Cristo (2 Co 4.6). Nós somos impelidos a Cristo por toda a revelação que temos da vontade e do amor de Deus Pai, desde que Adão pecou; não existe uma relação confortável entre um Deus santo e um homem pecador, a não ser por meio de um Mediador (Jo 14.6).

2. Aqui nos é feita a própria oferta, e também um convite para aceitá-la. Depois de um prefácio solene, nós podemos esperar algo muito grandioso, e são palavras leais e dignas de toda a aceitação; palavras pelas quais nós podemos ser salvos. Aqui, somos convidados a ter Cristo como nosso Sacerdote, Príncipe e Profeta, para sermos salvos. E, para alcançarmos isto, devemos ser governados e ensinados por Ele.

(1) Devemos ir a Jesus Cristo como o nosso descanso, e repousar nele (v. 28), “Vinde a mim, todos os que estais cansados”. Observe: [1] O caráter das pessoas que são convidadas: “Todos os que estais cansados, e

oprimidos”. Esta é uma boa palavra ao que está cansado (Is 50.4). Que aqueles que reclamam do peso da lei cerimonial, que era um jugo insuportável, e ficava ainda pior pela tradição dos anciãos (Lc 11.46), venham a Cristo, e serão aliviados. Ele veio para libertar a sua igreja deste jugo, para anular a imposição destes rituais carnais, e para apresentar uma maneira mais pura e espiritual de adorar – mas é necessário compreender o peso do pecado, tanto da culpa como do poder maligno que ele traz. Observe que são convidados para descansar em Cristo todos aqueles, e somente aqueles, que percebem que o pecado é um peso, e que gemem sob este peso; os que não somente estão convencidos do mal do pecado, do seu próprio pecado, mas que, por esta razão, são contritos de alma; que realmente estão cansados dos seus pecados, cansados de servir ao mundo e à carne; que vêem a sua triste e perigosa condição em razão do pecado, e que sofrem e temem por isto, como Efraim (Jr 31.18-20), o filho pródigo (Lc 15.17), o publicano (Lc 18.13), os ouvintes de Pedro (At 2.37), Paulo (At 9.4,6,9), e o carcereiro (At 16.29,30). Este é um preparativo necessário para o perdão e para a paz. O Consolador deve primeiramente convencer (Jo 16.8). “Fez a ferida e a ligará” (Os 6.1). “Eu firo e eu saro” (Dt 32.39). [2] O próprio convite: “Vinde a mim”. Esta maravilhosa demonstração da grandeza de Deus, que nós tivemos (v. 27), como Senhor de todas as coisas, pode nos afugentar dele, mas veja aqui como Ele segura o cetro de ouro, para que possamos tocar o seu topo e viver. Observe que é dever e interesse dos pecadores cansados e oprimidos vir até Jesus Cristo. Renunciando a todas aquelas coisas que estão em oposição a Ele, ou que competem com Ele, nós devemos aceitá-lo, como nosso Médico e Advogado, e desistir de nós mesmos, pela sua conduta e pelo seu governo; desejando livremente ser salvos por Ele, à sua maneira, e de acordo com as suas condições. Venha, e jogue este peso sobre Ele, este peso que lhe oprime. Este é o convite do Evangelho: “O Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha”. [3] A benção prometida a todos aqueles que vierem: “Eu vos aliviarei”. Cristo é o nosso Noé, cujo nome significa descanso, pois Ele “nos dará descanso das nossas obras e do trabalho das nossas mãos” (Gn 5.29; 8.9, versão TB). Verdadeiramente, o descanso é bom (Gn 49.15), especialmente àqueles cansados e oprimidos (Ec 5.12). Observe que Jesus Cristo dará um descanso assegurado àquelas almas cansadas, que por meio de uma fé viva venham até Ele, procurando este descanso; descanso do

terror do pecado, numa paz de consciência bem fundamentada; descanso do poder do pecado, numa ordem regular da alma, e do seu próprio governo; um descanso em Deus e uma complacência da alma, no seu amor (Sl 11.6,7). Este é o repouso que resta para o povo de Deus (Hb 4.9), que se inicia na graça e se aperfeiçoa na glória.

(2) Nós devemos ir a Jesus Cristo como nosso Governante, e nos submetermos a Ele (v. 29). “Tomai sobre vós o meu jugo”. Isto acompanha o versículo anterior, pois Cristo é exaltado para ser o Príncipe e também o Salvador, o Sacerdote sobre o seu trono. O repouso que Ele promete é um alívio do trabalho árduo do pecado, não do serviço a Deus, e não deixa de ser uma obrigação e um dever que temos para com Ele. Cristo tem um jugo para os nossos pescoços, e também uma coroa para as nossas cabeças, e Ele espera que este jugo nos atraia e que o tomemos sobre nós. Convidar os que estão cansados e oprimidos para que tomem sobre si um jugo, parece aumentar a aflição dos aflitos, mas a pertinência disso está na palavra “meu” “Vocês estão sob um jugo que os deixa cansados; tirem este jugo e experimentem o meu, que será mais fácil para vocês”. Diz-se que os servos estão debaixo de um jugo (1 Tm 6.1), assim como os súditos (1 Rs 12.10). Tomar o jugo de Cristo sobre nós significa colocarmo-nos da mesma maneira que os servos e os súditos dele, e nos conduzir adequadamente, em uma obediência consciente a todos os seus mandamentos, e em uma submissão alegre a todas as suas vontades; é obedecer ao Evangelho de Cristo, rendermo-nos ao Senhor: é o jugo de Cristo; o jugo que Ele indicou; um jugo que Ele mesmo apresentou diante de nós, pois Ele aprendeu a obediência. Ele faz uma obra através do seu Espírito que habita e opera dentro de cada um de nós, pois Ele nos ajuda nas nossas fraquezas (Rm 8.26). Um jugo dá a entender uma dose de dificuldades, mas se o animal precisa puxar, o jugo o ajuda. Os mandamentos de Cristo são todos a nosso favor: nós devemos tomar este jugo sobre nós para nos ajudar. Nós tomamos o jugo para trabalhar; portanto, devemos ser diligentes. Nós tomamos o jugo para nos sujeitar; portanto, devemos ser humildes e pacientes. Nós tomamos o jugo juntamente com nossos irmãos, que também são servos; portanto, devemos guardar a comunhão dos santos; e as palavras do sábio são como um incentivo para aqueles que tomam este jugo sobre si.

Esta é a parte mais difícil da nossa lição, e, por esta razão, ela é especificada (v. 30): “O meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”. Vocês não

precisam ter medo dele.

[1] O jugo dos mandamentos de Cristo é um jugo suave; é *chrestos*, não apenas *suave*, mas gracioso, este é o significado desta palavra. É doce e agradável, não há nada nele que machuque o pescoço que ele prende, nada que nos machuque, mas, ao contrário, ele nos alivia. É um jugo que está alinhado com o amor. Esta é a natureza de todos os mandamentos de Cristo, tão razoáveis em si mesmos, tão proveitosos para nós, e tudo resumido em uma única palavra, e que palavra doce: amor. Tão poderosa é a ajuda que Ele nos dá, tão adequados são os incentivos, e tão fortes os consolos, que devem ser encontrados no caminho do dever, que nós podemos verdadeiramente dizer: É um jugo de conforto. É suave para a nova natureza, muito fácil de ser carregado por aquele que tem conhecimento (Pv 14.6). Pode ser um pouco difícil no início, mas depois se torna fácil, suave; o amor de Deus e a esperança do céu o tornarão suave.

[2] O fardo da cruz de Cristo é um fardo leve, muito leve. As aflições de Cristo, que acontecem conosco como homens; os sofrimentos por amor a Cristo, que nos acontecem como cristãos – estes têm um significado especial. Este fardo, por si mesmo, não é alegre, mas triste; ainda assim, por ser de Cristo, é leve. Paulo o conhecia como qualquer homem, e ele o chama de leve tribulação (2 Co 4.17). A presença de Deus (Is 43.2), a compaixão de Cristo (Is 73.9; Dn 3.25), e especialmente a consolação do Espírito (2 Co 1.5), tornam o sofrimento por amor a Cristo algo leve e suave. Quando abundam os sofrimentos, e são prolongados, também abundam os consolos, que são também prolongados. Devemos, portanto, nos reconciliar com as dificuldades, e nos ajudar em meio aos desânimos que podemos encontrar, tanto realizando o trabalho como sofrendo o trabalho: embora possamos perder algo por amor a Cristo, não seremos perdidos por Ele.

(3) Nós devemos procurar Jesus Cristo como nosso Mestre, e nos dispormos a aprender com Ele (v. 29). Cristo edificou uma grande escola e nos convidou para sermos seus alunos. Nós devemos entrar nos relacionarmos com seus alunos e comparecer diariamente para as instruções que Ele dá, por meio da sua palavra e do seu Espírito. Nós devemos conversar muito sobre o que Ele disse, estando preparados para utilizar as suas palavras em todas as ocasiões. Devemos estar em conformidade com o que Jesus fez, e seguir as suas pisadas (1 Pe 2.21). Alguns fazem das

palavras “sou manso e humilde de coração” uma lição particular que nós devemos aprender do exemplo de Cristo. Devemos aprender dele a ser mansos e humildes, e devemos mortificar o nosso orgulho e a nossa paixão, que nos tornam tão diferentes dele. Devemos aprender as lições ensinadas por Cristo, como também as lições a respeito de Cristo (Ef 4.20), pois Ele é, ao mesmo tempo, o Mestre e a própria Lição, a Orientação e o Caminho; Ele é Tudo em Todos.

São dadas duas razões pelas quais devemos aprender mais a respeito de Cristo.

[1] “Sou manso e humilde de coração”, e, desta forma, capacitado para lhe ensinar. Em primeiro lugar, Ele é manso, e pode ter compaixão dos ignorantes, com quem os outros poderiam ter algum aborrecimento. Muitos professores capacitados são temperamentais e apressados, o que é um grande desencorajamento para aqueles que são menos inteligentes, ou lentos, mas Cristo sabe como suportar isto e como abrir o entendimento dessas pessoas. A sua maneira de lidar com os seus doze discípulos foi um exemplo disso. Ele era manso e gentil com eles, e aproveitou o máximo deles. Embora eles fossem desatentos e esquecidos, Ele não era extremado, a ponto de destacar as suas tolices. Em segundo lugar, Ele é humilde de coração. Ele condescende para ensinar a pobres alunos, e novos convertidos. Ele escolheu discípulos, não da corte, nem das escolas, mas do litoral. Ele ensina os primeiros princípios, coisa que são como leite para os bebês. Ele se curva às capacidades mais inferiores. Ele ensinou Efraim a andar (Os 11.3). Quem ensina como Ele? É um incentivo para nós freqüentar a escola de tal professor. Esta humildade e mansidão qualificam-no para ser o Mestre, e estas serão as melhores qualificações daqueles que serão ensinados por Ele; pois Ele guiará os humildes na justiça (Sl 25.9, versão RA).

[2] “Encontrareis descanso para a vossa alma”. Esta promessa é emprestada de Jeremias 6.16, pois Cristo gostava de se expressar usando a linguagem dos profetas, para mostrar a harmonia entre os dois Testamentos. Observe, em primeiro lugar, que o descanso para a alma é o descanso mais desejável; ter a alma descansada. Em segundo lugar, a única maneira, e uma maneira garantida, de encontrar descanso para a nossa alma, é sentarmo-nos aos pés de Cristo e ouvir a sua palavra. O caminho do dever é o caminho para o descanso. O entendimento encontra descanso no conhecimento de

Deus e de Jesus Cristo, e ali é abundantemente satisfeito, encontrando no Evangelho aquela sabedoria que foi buscada em vão em meio a toda a criação (Jó 28.12). As verdades que Cristo ensina são tais que nós podemos arriscar a nossa alma nelas. Os enfermos irão encontrar descanso no amor de Deus e Jesus Cristo, e neles encontrar o que lhes dará uma satisfação abundante, tranqüilidade e certeza para sempre. E estas satisfações serão perfeitas e perpetuadas no céu, onde veremos e apreciaremos a Deus imediatamente, e o veremos como Ele é, e o apreciaremos como Ele nos aprecia. Este descanso se dará com Cristo, para todos aqueles que aprendem dele.

Pois bem, este é o resumo e o conteúdo do chamado e da oferta do Evangelho: aqui nós lemos, em poucas palavras, o que o Senhor Jesus deseja de nós, e isto está de acordo com aquilo que Deus disse repetidas vezes a respeito dele: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o”.

CAPÍTULO 12

Neste capítulo, temos: I. Cristo esclarecendo a lei do quarto mandamento, a respeito do sábado judeu, e defendendo-o de alguns conceitos supersticiosos, promovidos pelos mestres judeus; mostrando que as obras de necessidade e misericórdia devem ser realizadas neste dia (vv. 1-13). II. A prudência, a humildade e a autonegação do Senhor Jesus na realização dos seus milagres (vv. 14-21). III. A resposta de Cristo às críticas e calúnias blasfemas dos escribas e dos fariseus, que atribuíram o fato de que Ele expulsava demônios a um pacto com o diabo (vv. 22-37). IV. A resposta de Cristo a uma exigência tentadora dos escribas e dos fariseus, que o desafiaram a mostrar-lhes um sinal do céu (vv. 38-45). V. O julgamento de Cristo sobre os seus parentes (vv. 46-50).

Cristo Defende os seus Discípulos

vv. 1-13

Os mestres judeus tinham corrompido muitos dos mandamentos, dando-lhes uma interpretação menos rígida do que deveriam; um engano que

Cristo revelou e corrigiu (cap. 5), no seu Sermão da Montanha. Mas em relação ao quarto mandamento, eles tinham errado no outro extremo, e o tinham interpretado de maneira excessivamente rígida. Observe que é comum que homens de mentes corruptas, com o seu zelo pelos rituais e serviços externos da religião, pensem em expiar a sua transigência moral. Mas será amaldiçoado aquele que acrescentar ou remover palavras deste livro (Ap 22.16,19; Pv 30.6).

O que o Senhor Jesus estabelece aqui é que as obras de necessidade e de misericórdia são lícitas no sábado judaico. Estas eram obras sobre as quais os judeus, em muitos casos, eram ensinados a ter escrúpulos. Quanto à habilidosa explicação de Cristo sobre o quarto mandamento, Ele dá a entender a obrigação perpétua à observância religiosa de um dia em sete, como um sábado santo. Ele não explicou uma lei que iria expirar em breve, mas, sem dúvida, por meio disso, esclareceu um ponto que seria usado pela igreja durante todos os tempos; e assim somos ensinados que o nosso sábado cristão, embora sob a legislação do quarto mandamento, não está sujeito às leis dos anciãos judeus.

É comum definir o significado de uma lei com base em julgamentos feitos sobre casos realmente ocorridos e verídicos, e de igual modo é definido o significado dessa lei. Aqui há duas passagens unidas com este objetivo, que ocorrem separadas por um período de tempo, e são de naturezas diferentes, mas as duas respondem a essa intenção.

I Cristo, ao justificar os seus discípulos colhendo espigas no sábado judaico, mostra que as obras de necessidade são lícitas neste dia. Aqui, observe:

1. O que os discípulos fizeram. Eles estavam seguindo ao seu Mestre num sábado, em meio a uma seara. Provavelmente, eles estavam se dirigindo à sinagoga (v. 9), pois não era conveniente que os discípulos de Cristo passeassem ociosamente nesse dia, e tiveram fome; que isso não represente menosprezo à supervisão de Cristo. Mas devemos imaginar que eles eram tão atentos ao trabalho no sábado, que se esqueceram de comer pão; tinham passado tanto tempo na sua adoração matinal, que não tiveram tempo para fazer a sua refeição matinal, mas saíram em jejum, porque não queriam chegar atrasados à sinagoga. A providência ordenou que eles passassem pela seara, e ali se alimentassem. Observe que Deus tem muitos meios de

trazer provisões adequadas ao seu povo, quando necessário, e iria cuidar especialmente deles quando estavam a caminho da sinagoga, assim como dos antigos que subiam a Jerusalém para a adoração (Sl 84.6,7), pois para seu uso a chuva encheu os tanques. Enquanto estamos no caminho do dever, *Jeová-jiré*, que o Senhor, e somente Ele, faça a provisão necessária para nós. Estando na seara, eles começaram a colher as espigas; a lei de Deus permitia isso (Dt 23.25), para ensinar as pessoas a serem hospitaleiras e amistosas, e a não insistirem sobre a propriedade em questões pequenas, quando outra pessoa poderia ser beneficiada. Isto nada mais era que uma escassa provisão para Cristo e seus discípulos, mas era o melhor que tinham, e ficaram satisfeitos com isso. O famoso Mr. Ball, de Whitmore, costumava dizer que ele tinha duas vasilhas de alimento para o seu jantar no sábado judaico, uma com leite quente, e outra com leite frio, e ele tinha mais do que suficiente.

2. Qual foi o crime que os fariseus viram nessa atitude. Foi apenas um árido desjejum, mas os fariseus não os deixariam comer em paz. Eles não discutiram com os discípulos por apanharem as espigas de outra pessoa (eles não eram grandes fanáticos por justiça), mas sim por fazerem isso no sábado judeu, pois apanhar e debulhar as espigas nesse dia era expressamente proibido pela tradição dos anciãos, porque era um tipo de colheita.

Observe que não é nenhuma novidade que as ações mais inofensivas e inocentes dos discípulos de Cristo sejam mal interpretadas, e consideradas ilícitas, especialmente por aqueles que são zelosos das suas próprias invenções e imposições. Os fariseus se queixaram dos discípulos com o seu Mestre, por fazerem o que não era lícito. Não são amigos de Cristo e de seus discípulos aqueles que procuram tornar ilícito aquilo que Deus não considera ilícito.

3. Qual foi a resposta de Cristo a essa crítica dos fariseus. Os discípulos pouco podiam se defender, especialmente porque aqueles que discutiam com eles pareciam ter a rigidez da santificação do sábado a seu favor; e é mais seguro enganar-se desse lado. Porém, Cristo veio libertar os seus seguidores, não apenas da corrupção dos fariseus, mas também das suas imposições externas às Escrituras, e, portanto, Ele tem algo a dizer em defesa deles, e pode justificar o que fizeram, embora se tratasse de uma transgressão do cânone.

(1) Ele os justifica por precedentes que foram considerados lícitos pelos próprios fariseus.

[1] Ele recorda uma circunstância ocorrida com Davi, que em uma situação de necessidade fez o que em outra situação não deveria ter feito (vv. 3,4): “Não tendes lido o que fez Davi (1 Sm 21.6), quando comeu os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, mas só aos sacerdotes?” (Lv 24.5-9). Esta é uma questão santíssima para Arão e seus filhos, e (Êx 29.33) um estranho não a comerá; ainda assim, o sacerdote a deu a Davi e a seus homens; pois embora a exceção de um caso de necessidade não estivesse expressa, estava implícita naquela e em todas as outras instituições rituais. O que confirmou Davi, ao comer o pão da proposição, não foi a sua dignidade (Uzias, que invadiu o santuário movido pelo orgulho do seu coração, embora fosse um rei, por este motivo foi fulminado pela lepra, 2 Crônicas 26.16 etc.), mas a sua fome. Os poderosos não terão os seus caprichos tolerados, mas os pequenos terão as suas necessidades consideradas. A fome é um desejo natural que não pode ser ignorado, mas deve ser satisfeito, e não pode ser aplacado por nada, a não ser alimento; por isto dizemos que ela romperá muros de pedra. O Senhor está a favor do corpo, e permitiu que a sua própria recomendação fosse prescindida em caso de desespero; a tradição dos anciãos poderia ser ainda mais prescindida. Observe que isto pode ser feito em caso de necessidade, e não deve ser feito em outra ocasião. Há leis que a necessidade não acompanha; ela passa a ser uma lei em si mesma. Os homens não devem desprezar, mas sim ter pena de um ladrão, quando furta para saciar a sua alma, tendo fome (Pv 6.30).

[2] Ele recorda um exemplo diário dos sacerdotes, que, da mesma maneira, eles liam na lei, e segundo a qual era o costume comum (v. 5). Os sacerdotes no templo realizavam uma grande quantidade de trabalhos servis no sábado judaico; matando, esfolando e queimando os animais sacrificados, o que, em uma situação normal, seria profanar o sábado judaico; ainda assim, isto nunca foi reconhecido como transgressão ao quarto mandamento, porque o serviço do templo o exigia e justificava. Isso dá a entender que no sábado judaico são lícitos os trabalhos que são necessários, não apenas para o sustento da vida, mas para a adoração; como tocar um sino para convocar a congregação, ir até ao templo e coisas semelhantes. O descanso do sábado deve promover, e não impedir, a

adoração no sábado.

(2) Ele os justifica com três argumentos convincentes:

[1] “Está aqui quem é maior do que o templo” (v. 6). Se o serviço do templo justificava o que os sacerdotes faziam no seu ministério, o serviço de Cristo justificava ainda mais os discípulos, no que eles faziam para ajudá-lo. Os judeus tinham uma veneração extrema pelo templo: ele santifica o ouro; Estêvão foi acusado de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar (At 6.13); mas Cristo, em uma seara, era maior do que o templo, pois nele residia não a presença de Deus de modo simbólico, mas toda a plenitude da divindade, corporalmente. Observe que se tudo o que fizermos for em nome de Cristo e para Ele, isto será graciosamente aceito por Cristo, por mais que possa ser censurado e criticado pelos homens.

[2] Deus quer misericórdia, e não sacrifício (v. 7). Os deveres cerimoniais devem render-se à moral, e a lei natural e real do amor e da autopreservação deve assumir o lugar das observâncias rituais. Esta é uma citação de Oséias 6.6. Foi usada antes, em Mateus 9.13, em defesa da misericórdia às almas dos homens; aqui, para a misericórdia aos seus corpos. O descanso do sábado era ordenado para o bem dos homens, para o bem do corpo (Dt 5.14). Mas nenhuma lei deve ser elaborada para contradizer o seu próprio objetivo. “Se vocês soubessem o que isto quer dizer, se soubessem o que significa ter uma inclinação misericordiosa, vocês teriam lamentado que eles fossem forçados a fazer isto para satisfazer a sua fome, e não teriam condenado os inocentes”. Observe, em primeiro lugar, que a ignorância é a causa das nossas censuras precipitadas e pouco caridosas em relação aos nossos irmãos. Em segundo lugar, não é suficiente conhecermos as Escrituras, nós devemos nos esforçar para conhecer o seu significado. Que aquele que as lê, as compreenda. Em terceiro lugar, a ignorância do significado das Escrituras é particularmente vergonhoso naqueles que assumem a responsabilidade de ensiná-las a outros.

[3] “O Filho do Homem até do sábado é Senhor” (v. 8). Esta lei, como todo o resto, está colocada na mão de Cristo, para ser alterada, imposta ou prescindida, como Ele achar melhor. Foi através do Filho que Deus criou o mundo, e através do Filho Ele instituiu o sábado judaico, com boas intenções; através do Filho, Ele deu os dez mandamentos no Monte Sinai, e como Mediador, Ele confiou ao Filho a instituição dos mandamentos, fazendo as modificações que Ele julgasse adequadas; e, em especial, sendo

Senhor do sábado, Ele foi autorizado a fazer tal alteração daquele dia, para que se tornasse o dia do Senhor, o dia do Cristo. E se Cristo é o Senhor do sábado, é adequado que o dia, e todo o trabalho nele realizado, sejam dedicados a Ele. Por este poder, Cristo aqui decreta que as obras de necessidade, se realmente o forem, e não se tratarem de uma necessidade fingida e inventada, são lícitas no sábado judaico; e esta explicação da lei mostra claramente que ela deve ser perpétua. *Exceptio firmat regulam – A exceção confirma a regra.*

Tendo silenciado os fariseus, e se livrado deles (v. 9), Cristo partiu e foi à sinagoga desses fariseus, na qual eles presidiam e para onde se dirigia quando eles iniciaram essa discussão com Ele. Observe, em primeiro lugar, que nós devemos tomar cuidado para que nada que aconteça no nosso caminho para os deveres sagrados nos incapacite ou nos desvie da devida realização de tais tarefas. Sigamos no caminho do nosso dever, apesar dos truques de Satanás, que se empenha, pelas distorcidas contendas de homens de mentes corruptas, e por muitos outros métodos, em nos perturbar e desordenar. Em segundo lugar, nós não devemos, por causa de rixas ou tristezas pessoais, nos afastar da adoração pública. Embora os fariseus tivessem criticado maldosamente a Cristo, ainda assim Ele compareceu à sinagoga deles. Satanás marca ponto se, semeando a discórdia entre os irmãos, ele conseguir afastar a qualquer um deles do templo, e da comunhão daqueles que são fiéis ao Senhor.

II Cristo, ao curar o homem que tinha a mão mirrada, no sábado, mostra que as obras de misericórdia são lícitas e adequadas de serem realizadas neste dia. A obra de necessidade foi realizada pelos discípulos, e justificada por Jesus; a obra de misericórdia foi realizada por Ele mesmo; as obras de misericórdia eram as suas obras de necessidade; o seu alimento e a sua bebida eram fazer o bem. “É necessário que eu anuncie... o evangelho”, disse Ele (Lc 4.43). Esta cura foi registrada por causa da época em que fazer isto no sábado era errado.

Aqui estão: 1. O sofrimento em que esse pobre homem se encontrava; a sua mão estava tão ressequida (ou mirrada), que ele encontrava-se totalmente incapacitado para ganhar a vida trabalhando com as mãos. Jerônimo diz que o Evangelho de Mateus em hebraico, usado pelos nazarenos e ebionitas, acrescenta à história do homem com a mão

ressequida, o fato de ele ser *caementarius – um pedreiro*, e ter se apresentado a Cristo da seguinte maneira: “Senhor, eu sou um pedreiro, e ganho a vida pelo meu trabalho (*manibus victum quaeritans*); eu lhe suplico, ó Jesus, devolva-me o uso da minha mão, para que não seja obrigado a implorar pelo meu pão” (*ne turpiter mendicem cibos*). Hieron, *in loc*. Este pobre homem estava na sinagoga. Observe que aqueles que podem fazer muito pouco, ou têm pouco a fazer pelo mundo, devem fazê-lo mais pelas suas almas, assim como os ricos, e também os idosos e os enfermos.

2. Uma pergunta rancorosa que os fariseus apresentam a Cristo, diante deste homem. Eles lhe perguntaram: “É lícito curar” Até aqui, não lemos de nenhum pedido de cura que este pobre homem tenha feito a Cristo, mas os fariseus observaram que Cristo começou a prestar atenção nele, e sabiam que era comum que Ele fosse encontrado por aqueles que não o procuravam, e dessa forma, com a sua maldade, eles anteciparam a bondade de Jesus, e iniciaram este caso como um obstáculo no caminho de fazer o bem. “É lícito curar nos sábados?” Era ou não lícito que os médicos curassem naquele dia? Este era o assunto discutido nos seus livros. Alguém poderia pensar que esta era uma discussão ultrapassada, que era lícito que os profetas curassem, que Ele curasse aqueles que percebessem um poder e bondade divinos em tudo o que Ele fazia aos seus semelhantes, e que se manifestava como enviado de Deus. Alguém perguntou se é lícito que Deus cure, que Ele envie a sua palavra e cure. É verdade, Cristo estava agora sob a lei, por submissão voluntária a ela, mas Ele nunca esteve sujeito aos preceitos dos anciãos. É lícito curar? Investigar se as ações são lícitas ou ilícitas é muito bom, e não conseguimos encontrar para nos ajudar em tal investigação ninguém mais adequado que Cristo, mas aqui os fariseus perguntavam não para que pudessem ser instruídos por Ele, mas para poderem acusá-lo. Se Ele dissesse que era lícito curar nos sábados, eles o acusariam de uma contradição com o quarto mandamento; era tão alto o grau de superstição que os fariseus tinham trazido ao descanso do sábado, que, a menos que houvesse risco de vida, eles não permitiam cirurgias nos sábados. Se Ele dissesse que era ilícito, eles o acusariam de parcialidade, tendo, recentemente, justificado os seus discípulos por colherem espigas naquele mesmo dia.

3. A resposta de Cristo a essa pergunta, apelando aos próprios fariseus e à sua própria opinião e costume (vv. 11, 12). Caso uma ovelha (embora

apenas uma, cuja perda não seria muito grande) caísse em uma cova num sábado, eles não a tirariam de lá? Sem dúvida, eles poderiam fazê-lo, o quarto mandamento permitia isso; eles deveriam fazer isso, pois um homem misericordioso tem consideração pela vida de seus animais, e no que lhes dizia respeito, eles o fariam, em lugar de perder uma ovelha. Cristo cuida da ovelha? Sim, Ele cuida; Ele preserva e provê, tanto para os homens como para os animais. Mas aqui Ele diz isto por nós (1 Co 9.9,10), e, conseqüentemente, pergunta: "Quanto mais vale um homem do que uma ovelha?" As ovelhas são criaturas não apenas inofensivas, mas também úteis, e são, de maneira correspondente, valorizadas e cuidadas; ainda assim, um ser humano tem preferência diante delas. Observe que o homem, com respeito ao seu ser, é melhor e mais valioso do que a melhor das criaturas selvagens: o homem é uma criatura racional, capaz de conhecer, amar e glorificar a Deus, e por isto é melhor do que uma ovelha. O sacrifício de uma ovelha, portanto, não pode expiar o pecado de uma alma. Não levam isto em consideração aqueles que se preocupam mais com a educação, com a preservação e o sustento de seus cavalos e cães do que com os pobres de Deus, ou talvez até com aqueles que fazem parte de sua própria casa.

Com isso, Cristo chega a uma verdade, que, até mesmo à primeira vista, parece muito razoável e bem-intencionada; a de que é lícito fazer bem nos sábados. Eles tinham perguntado: "É lícito curar?". Cristo prova que é lícito fazer o bem, e deixa qualquer pessoa julgar se curar, como Ele curava, não era fazer o bem. Observe que há muitas maneiras de fazer o bem nos sábados, bem como tributar adoração imediata a Deus. Ajudar os enfermos, aliviar os pobres, ajudar aqueles que caíram em um infortúnio repentino, e precisam de auxílio rápido; isto é fazer o bem. E isto deve ser feito a partir de um princípio de amor e caridade, com humildade e autonegação, e de um estado de espírito voltado às coisas celestiais; isto é fazer o bem, e isto será aceito (Gn 4.7).

4. A cura do homem, realizada por Cristo, apesar de prever que os fariseus iriam ver algo ilícito no seu ato (v. 13). Embora não conseguissem responder aos argumentos de Cristo, eles estavam decididos a persistir no seu preconceito e na sua inimizade; mas Cristo, apesar disso, prosseguiu com o seu trabalho. Observe que o dever não deve deixar de ser realizado, nem devem ser negligenciadas as oportunidades de fazer o bem, por medo

de cometer algo ilícito. Devemos observar a maneira como se realizou a cura. Cristo disse ao homem: “Estende a mão”; em outras palavras: Esforça-te o quanto puder, e o homem o fez, e foi curado. Esta, assim como outras curas que Cristo realizou, teve um significado espiritual. (1) As nossas mãos, por natureza, são ressequidas, nós somos completamente incapazes de fazer, por nós mesmos, qualquer coisa boa. (2) Somente Cristo, pelo poder da sua graça, nos cura. Ele cura a mão ressequida, dando vida à alma morta; Ele opera em nós tanto o querer como o realizar. (3) Para a nossa cura, Ele nos ordena estendermos as nossas mãos para aprimorar os nossos poderes naturais, e fazermos o melhor que pudermos; estendê-las em oração a Deus, estendê-las para nos aproximarmos de Cristo pela fé, estendê-las em esforços santificados. Este homem não conseguia estender a sua mão ressequida, não mais do que o homem paralítico conseguia levantar-se e carregar a sua cama, ou Lázaro sair da sua tumba; ainda assim, Cristo pede que ele o faça. Os mandamentos de Deus para fazermos as coisas que não conseguimos fazer por nós mesmos não são mais incríveis do que a sua ordem ao homem com a mão ressequida, para estendê-la; pois com a ordem, existe uma promessa de graça que é dada pela palavra: “Convertei-vos pela minha repreensão; eis que abundantemente derramarei sobre vós meu espírito” (Pv 1.23). Aqueles que perecem são tão imperdoáveis quanto este homem teria sido, se não tivesse tentado estender a mão e, dessa forma, não tivesse sido curado. Mas aqueles que são salvos não têm mais de que se vangloriar do que este homem teve, ao contribuir para a sua própria cura, ao estender a sua mão, mas estão em dívida com o poder e a graça de Cristo, tanto quanto ele estava.

A Blasfêmia dos Fariseus. Cristo se Retira

vv. 14-21

Como em meio às maiores humilhações de Cristo havia provas da sua dignidade, também em meio às suas maiores honras Ele deu provas de sua humildade; e quando os milagres que Ele realizava lhe davam a oportunidade de ficar famoso, ainda assim Ele se esvaziava, e não cultivava qualquer resquício de fama popular. Aqui, temos:

I A maldita blasfêmia dos fariseus contra Cristo (v. 14). Irritados com a evidência convincente dos milagres de Jesus, eles saíram e realizaram uma reunião contra Ele, sobre como poderiam destrui-lo. O que os irritou não foi apenas o fato de que, pelos milagres realizados, sua honra eclipsava a deles, mas também o fato de a doutrina que Ele pregava estar em oposição direta com o orgulho, hipocrisia e interesses mundanos deles. Eles fingiram estar descontentes com a sua infração do sábado, que era, por lei, um crime sujeito à pena de morte (Êx 35.2). Não é novidade ver os atos mais vis ocultos pelos pretextos mais plausíveis. Observe a política deles: eles se reuniram num conselho, considerando entre si de que maneira poderiam prendê-lo, com eficácia. Eles se aconselharam, numa trama secreta a esse respeito, para que pudessem ao mesmo tempo animar e ajudar uns aos outros. Observe a crueldade deles: Eles se reuniram, não para prendê-lo ou expulsá-lo, mas para destrui-lo, para levar à morte aquele que veio para que pudéssemos ter a vida. Que indignidade era, dessa maneira, imposta ao nosso Senhor Jesus, a perseguição dele como a um malfeitor (*qui caput gerit lupinum – tem a cabeça de um lobo*), e o tormento imposto àquele que era a maior bênção, a glória do seu povo Israel!

II Cristo se retirou nessa ocasião, e escolheu a privacidade para evitar o confronto. Pelo fato de não ser chegada a sua hora (v. 15), Ele se retirou dali. Ele poderia ter se protegido de forma milagrosa, mas decidiu fazê-lo da maneira normal, por meio da retirada e do afastamento; porque nisso, como em outras coisas, Ele se sujeitava às fraquezas inerentes da nossa natureza. Nesse ponto, Ele se humilhou, pois foi levado à atitude comum daqueles que são mais desamparados; assim também Ele deu um exemplo da sua própria regra: “Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra”. Cristo tinha dito e feito o suficiente para convencer esses fariseus (se a razão ou os milagres pudessem ter feito isso), mas em vez de se renderem à convicção, eles se enfureceram, e por isto Ele os deixou, considerando-os incuráveis (Jr 51.9).

Cristo não se retirou para a sua própria comodidade, nem procurou uma desculpa para deixar o seu trabalho. Não. Os seus períodos de retiro sempre estavam cheios de ocupação, e mesmo nessas ocasiões Ele estava fazendo o bem, quando era forçado a se afastar. Assim, Ele deu um exemplo aos seus ministros: eles devem fazer o que puderem, quando não puderem fazer o

que gostariam de fazer, e continuar ensinando mesmo quando precisarem se afastar. Quando os fariseus, os grandes senhores e doutores da nação, afastaram Cristo de si mesmos, e o forçaram a retirar-se, as pessoas comuns o seguiram em grandes multidões, e o encontraram. Alguns transformariam este fato em uma censura a Cristo, e diriam que Ele estava incitando a multidão. Mas era realmente uma honra para Jesus que todos aqueles que não eram parciais ou preconceituosos, e não estavam cegos pelas coisas do mundo, fossem tão leais, tão zelosos por Ele, e o seguissem para onde quer que Ele fosse, sem importar os perigos que correriam ao seu lado; como também era uma honra para a sua graça que os pobres fossem evangelizados – quando eles o recebiam, Ele os recebia e curava a todos. Cristo veio ao mundo para ser uma espécie de médico-geral dos homens – como o sol para o mundo inferior –, trazendo curas consigo. Embora os fariseus perseguissem a Cristo por fazer o bem, ainda assim Ele o continuava fazendo, e não deixou as pessoas passando dificuldades por causa da maldade dos seus líderes. Embora alguns nos tratem sem piedade, não devemos, por causa disso, tratar os outros sem piedade.

Cristo tentou conciliar o proveito e a privacidade. Ele os curou a todos, e (v. 16) recomendou-lhes que não deveriam torná-lo conhecido, o que pode ser considerado como: 1. Um ato de prudência: não eram os milagres propriamente ditos, mas sim as conversas a respeito deles, que enfureciam os fariseus (vv. 23,24); dessa forma, Cristo, embora não deixasse de fazer o bem, o faria da maneira mais silenciosa quanto possível, para evitar ofendê-los e para evitar correr perigo. Os homens prudentes e bons, embora desejem fazer o bem, estão longe de desejar que o bem feito seja alvo de comentários; porque é a aceitação de Deus, e não o aplauso dos homens, que eles almejam. E em épocas de sofrimento, embora devamos corajosamente prosseguir no caminho do dever, ainda assim devemos procurar as circunstâncias adequadas, de forma a não exasperar, além do necessário, aqueles que procuram uma oportunidade contra nós: “Sede prudentes como as serpentes” (cap. 10.16). 2. Um ato de julgamento justo sobre os fariseus, que eram indignos de ouvir a respeito de qualquer dos seus milagres, tendo menosprezado aqueles que os tinham visto. Ao fecharem os seus olhos para a luz, eles tinham perdido o direito ao seu benefício. 3. Um ato de humildade e autonegação. Embora a intenção de Cristo, nos seus milagres, fosse provar que Ele era o Messias, levando dessa

forma os homens a crerem nele (e para isso era necessário que os seus milagres fossem conhecidos), algumas vezes Ele recomendava que o povo os ocultasse, para nos dar um exemplo de humildade e nos ensinar a não proclamar a nossa própria bondade ou utilidade, ou desejar que elas fossem proclamadas. Cristo queria que os seus discípulos fossem o oposto daqueles que realizavam todas as suas obras para que os homens as vissem.

III O cumprimento das Escrituras em tudo isso (v. 17). Cristo retirou-se à privacidade e à obscuridade, para que, embora Ele fosse eclipsado, a palavra de Deus pudesse cumprir-se, sendo dessa forma exemplificada e glorificada, pois esse era o objetivo do seu coração. A passagem das Escrituras aqui cumprida é Isaías 42.1-4, que é citada livremente (vv. 18-21). O escopo tem o objetivo de mostrar o quão manso e tranqüilo, e ainda assim bem-sucedido, o nosso Senhor Jesus foi na sua missão – temos exemplos disso nas passagens anteriores. Observe aqui:

1. O prazer do Pai em Cristo (v. 18): "Eis aqui o meu servo que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz". Conseqüentemente, podemos perceber:

(1) Que o nosso Salvador era servo de Deus na grande obra da nossa redenção. Neste sentido, Ele se submete à vontade do Pai (Hb 10.7) e se dispõe a servir aos desígnios da sua graça e aos interesses da sua glória, para consertar as brechas que foram criadas pela apostasia do homem. Como servo, Ele tinha uma grande obra para fazer, e uma grande confiança depositada nele. Isto fazia parte da sua humilhação, pois embora Ele não julgasse que fosse alguma forma de usurpação o fato de ser igual a Deus, ainda assim, na obra da nossa salvação, Ele assumiu a forma de servo, recebeu um mandamento e veio com uma obrigação. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência (Hb 5.8). O lema desse Príncipe era: *Ich dien – Eu sirvo*.

(2) Que Jesus Cristo era o escolhido de Deus, como a única pessoa adequada e apropriada para cuidar da grande obra da nossa redenção. "Eis o meu servo, que escolhi", como *par negotio – que está à altura da missão*. Ninguém, exceto Ele, era capaz de realizar a obra da Redenção, ou era digno de usar a coroa do Redentor. Ele foi eleito do povo (Sl 89.19), escolhido, pela infinita Sabedoria, para este cargo de serviço e honra, para o qual nenhum homem ou anjo se qualificava; ninguém, exceto Cristo, para

que Ele possa, em todas as coisas, ter a proeminência. Cristo não se candidatou para essa missão, mas foi devidamente escolhido para ela. Cristo foi o escolhido de Deus para ser o cabeça da eleição, e de todos os outros eleitos, pois nós somos eleitos nele (Ef 1.4).

(3) Que Jesus Cristo é o Filho amado de Deus; como Deus, Ele está no seu seio desde a eternidade (Jo 1.18). Ele era, cada dia, as suas delícias (Pv 8.30). Entre o Pai e o Filho já havia, antes de todos os tempos, uma relação eterna e inimaginável, e uma troca de amor, e assim o Senhor o possuiu no princípio dos seus caminhos (Pv 8.22). Como Mediador, o Pai o amou; quando o Pai precisou realizar um plano em que Ele seria ferido, Ele se sujeitou a isto; por isso o Pai o ama (Jo 10.17).

(4) Que Jesus Cristo é aquele de quem o Pai se agrada, em quem a sua alma se compraz; o que dá a entender a maior complacência imaginável. Deus declarou, com uma voz do céu, que Ele era o seu Filho amado, em quem se comprazia. Se comprazia nele, porque Ele era o Empreendedor, disposto e alegre, daquela obra de maravilhas à qual Deus se dedicou tanto, e Ele se compraz conosco nele; pois Ele nos fez agradáveis a si no Amado (Ef 1.6). Todo o interesse que o homem pecador tem, ou pode ter, em Deus, está baseado, e se deve ao fato de que Deus se compraz em Jesus Cristo; pois não se vai ao Pai, senão por Ele (Jo 14.6).

2. A promessa do Pai a Jesus consiste em duas coisas:

(1) Que Ele seria muito bem qualificado para a sua missão: “Porei sobre ele o meu Espírito, o Espírito de sabedoria e de conselho” (Is 11.2,3). Deus se certificará de adequar e qualificar aqueles a quem Ele convoca para algum serviço; e assim parecerá que Ele os chamou para isso, como Moisés (Êx 4.12). Cristo, como Deus, tinha poder e glória igual ao Pai; como Mediador, Ele recebia do Pai poder e glória, e recebia para poder dar; e tudo o que Pai dava a Ele, para qualificá-lo para a sua missão, resumia se nisto: Ele colocou o seu Espírito sobre Ele – este é o “óleo de alegria com que Ele foi ungido, mais do que seus companheiros” (Hb 1.9). Ele recebeu o Espírito, não por medida, mas sem medida (Jo 3.34). Independentemente de quem sejam aqueles que Deus escolhe, e em quem Ele se compraz, Ele se certificará de colocar o seu Espírito sobre eles. Além de conceder o seu amor (algo que Ele faz de muitas formas), Ele concede que tenham em si mesmos a sua semelhança.

(2) Que Ele seria extremamente bem-sucedido no seu entendimento. Aqueles a quem Deus envia, certamente Ele torna seus. Já tinha sido assegurado havia muito tempo, por promessa ao nosso Senhor Jesus, que o bom prazer do Senhor prosperaria na sua mão (Is 53.10). E aqui temos uma explicação desse bom prazer.

[1] Ele anunciará aos gentios o juízo. Cristo, pessoalmente, pregou àqueles que eram vizinhos das nações pagãs (veja Mc 3.6-8), e pelos seus apóstolos apresentou o seu Evangelho, aqui chamado de juízo, ao mundo gentio. O caminho e o método da salvação, o juízo que é confiado ao Filho, não é somente realizado por Ele, como o nosso grande Sumo Sacerdote, mas anunciado e transmitido por Ele, como o nosso grande Profeta. O Evangelho, sendo uma regra de comportamento e conduta, com a tendência direta de transformar e melhorar os corações e as vidas dos homens, será anunciado aos gentios. O juízo de Deus tinha sido particular aos judeus (Sl 147.19), mas sempre foi predito, pelos profetas do Antigo Testamento, que ele seria anunciado aos gentios, e, portanto, isso não deveria ter causado tal surpresa, e muito menos aborrecimento, para os judeus incrédulos.

[2] “E, no seu nome, os gentios esperarão” (v. 21). Ele irá anunciar juízo aos gentios, para que eles prestem atenção e observem o que Ele lhes apresenta, e através disso sejam influenciados a confiar nele, sujeitando-se ao seu juízo. Note que o grande desígnio do Evangelho é levar as pessoas a confiar no nome de Jesus Cristo, no Jesus Salvador, este nome precioso pelo qual Ele é chamado, e que é como unção derramada: “O Senhor, Justiça nossa.” Aqui, o evangelista segue a Septuaginta, ou talvez as últimas edições da Septuaginta sigam o evangelista; o texto em hebraico (Is 42.4) é: “e as ilhas aguardarão a sua doutrina”. Fala-se das ilhas dos gentios (Gn 10.5) como sendo habitadas pelos filhos de Jafé, de quem foi dito (Gn 9.27): “Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem”; o que agora se cumpria, quando as ilhas (segundo o profeta), os gentios (diz o evangelista), aguardarão o sua doutrina, e confiarão no seu nome – compare essas duas passagens e observe que aqueles, e somente aqueles, que esperam pela sua lei com a determinação de serem governados por ela, podem, com segurança, confiar no nome de Cristo. Observe, além disso, que a lei pela qual esperamos é a lei da fé, a lei de confiar no seu nome. Este é agora o seu grande mandamento, que creiamos em Jesus Cristo (1 Jo 3.23).

3. A predição que diz respeito a Ele, e a maneira mansa e tranqüila como Ele conduz a sua missão (vv. 19, 20). Esta citação está fortemente ligada à privacidade de Cristo, às ocasiões em que Ele precisou se retirar de alguns ambientes.

(1) Que Ele devia conduzir a sua missão sem estardalhaço ou ostentação. "Não contenderá, nem clamará". Cristo e o seu reino não virão com aparência exterior (Lc 17.20,21). Quando o Primogênito foi trazido a este mundo, não foi com cerimônia. Ele não fez uma aparição pública, não teve arautos que o proclamassem rei. Ele estava no mundo e o mundo não o conheceu. Estavam enganados aqueles que se alimentavam com esperanças de um Salvador cheio de pompa. A sua voz não era ouvida nas ruas: "Ei-lo aqui", ou: "Ei-lo ali". Ele falava com uma voz suave que atraía a todos, mas não atemorizava ninguém. Ele não fazia ruído, mas surgia silenciosamente como o orvalho. Quando Ele falava, e agia, era com a maior humildade e autonegação possíveis. O seu reino era espiritual e por isso não progrediria pela força ou violência, nem por elevadas pretensões. Não, "o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder" (1 Co 4.20, versão RA).

(2) Que Ele devia conduzir a sua missão sem severidade ou rigor (v. 20). "Não esmagará a cana quebrada". Alguns interpretam isto como a sua paciência com os pecadores. Ele poderia facilmente ter esmagado estes fariseus como canas quebradas, e tê-los apagado como um morrão que fumega; mas Ele não o fará até o dia do juízo, quando todos os seus inimigos serão feitos escabelo dos seus pés. Outros preferem interpretar como sendo o seu poder e a sua graça para sustentar os fracos. Em geral, o desígnio do seu Evangelho é estabelecer um método de salvação que incentive a sinceridade, embora haja muita indecisão. Ele não insiste em uma obediência absolutamente perfeita de imediato, mas aceita uma mente disposta e justa. Quanto a indivíduos em particular que seguem a Cristo com mansidão, e com temor, e com muito tremor, observe: [1] Como o seu caso é descrito aqui, eles são como a cana quebrada e o morrão que fumega. Os iniciantes na religião são fracos como uma cana quebrada, e a sua fraqueza parece um morrão fumegante; eles têm um pouco de vida, mas é como a de uma cana quebrada; eles têm algum calor, mas é como o de um morrão fumegante. Os discípulos de Cristo eram ainda fracos, e há muitas pessoas assim que têm lugar na sua família. A graça e a bondade neles são como uma cana quebrada; a corrupção e a maldade neles são como um

morrão fumegante, como o pavio de uma vela quando é apagada e ainda fumega. [2] Qual é a compaixão do nosso Senhor Jesus por eles? Ele não os desencoraja, e muito menos os rejeita ou os afasta; a cana que está quebrada não será esmagada e pisoteada, mas será sustentada, e ficará forte como um cedro ou uma palmeira próspera. A vela recentemente acesa, embora somente fumegue e não tenha chama, não será apagada, mas soprada para alimentar a chama. O dia das pequenas coisas é o dia das coisas preciosas, e por isso Ele não o desprezará, mas fará dele o dia das grandes coisas (Zc 4.10). Nosso Senhor Jesus lida com muita ternura com aqueles que têm a verdadeira graça, ainda que sejam fracos (Is 40.11; Hb 5.2). Ele se lembra não somente de que somos pó, mas também de que somos carne. [3] O bom resultado e o sucesso que é dado a entender, até que Ele transforme o juízo em vitória. Aquele juízo que Ele anunciou aos gentios será vitorioso, Ele saiu vitorioso e para vencer (Ap 6.2). Tanto a pregação do Evangelho no mundo como o poder do Evangelho no coração irão vencer. A graça conseguirá dominar a corrupção, e finalmente se aperfeiçoará na glória. O juízo de Cristo produzirá a vitória, pois quando Ele julgar, Ele vencerá. Ele, em verdade, produzirá o juízo, e assim será (Is 42.3). A verdade e a vitória são praticamente a mesma coisa, pois grande é a verdade, e ela vencerá.

O Pecado contra o Espírito Santo

vv. 22-37

Nestes versículos, temos:

I A gloriosa derrota de Satanás imposta por Cristo, na cura graciosa daquele que, por permissão divina, estava sob o poder e a possessão de Satanás (v. 22). Aqui observe:

1. O caso desse homem era muito triste, ele estava endemoninhado. Casos desse tipo ocorriam na época de Cristo mais do que era usual, para que o poder de Cristo pudesse ser mais enaltecido, e o seu objetivo de opor-se a Satanás e expulsá-lo, manifesto; e para que pudesse parecer mais evidente que Ele veio para desfazer as obras do diabo. Este pobre homem que estava endemoninhado era cego e mudo; um caso infeliz! Ele nem conseguia ver, para fazer as coisas, nem falar, para que os outros o ajudassem. Uma alma

sob o poder de Satanás, e mantida cativa por ele, está cega às coisas de Deus, e muda para o trono da graça; não vê nada e não diz nada quanto a isto. Satanás cega os olhos da fé, e veda os lábios da oração.

2. A sua cura foi muito estranha, e ainda mais, porque foi repentina. Ele o curou. A derrota e a expulsão de Satanás são a cura das almas. E sendo removida a causa, imediatamente cessa o efeito; o cego e mudo viu e falou. A misericórdia de Cristo é diretamente contrária à maldade de Satanás; a sua graça, aos truques do diabo. Quando o poder de Satanás na alma se rompe, os olhos se abrem para ver a glória de Deus, e os lábios se abrem para dizer louvores a Ele.

II A convicção que isso deu a toda a multidão: "Toda a multidão se admirava". Cristo tinha realizado vários milagres deste tipo antes. Mas as suas obras não são menos maravilhosas, nem menos admiráveis, por serem freqüentemente repetidas. A partir disso, as pessoas deduziram: "Não é este o Filho de Davi?" Em outras palavras: Não é este o Messias prometido, que nasceria de Davi? Este não é aquele que viria? Nós podemos interpretar isso: 1. Como uma pergunta de investigação; eles perguntaram: "Não é este o Filho de Davi?" Mas eles não esperaram uma resposta: as impressões eram convincentes, mas temporárias. A pergunta foi um bom início, mas, aparentemente, logo foi perdida e não se perseverou nela. Convicções como essas devem ser conduzidas à mente, e então provavelmente serão levadas ao coração. Ou: 2. Como uma pergunta afirmativa: "Não é este o Filho de Davi"? "Sim, certamente é, não pode ser outro; milagres como estes evidenciam claramente que o reino do Messias está se estabelecendo". E essas eram as pessoas, o tipo comum de espectadores, que chegaram a tal conclusão, com base nos milagres de Cristo. Os ateus dirão: "Isto era porque eles eram menos observadores que os fariseus". Não. A verdade era óbvia, e não exigia muita pesquisa. Mas era porque eles tinham menos preconceitos e eram menos influenciados pelos interesses mundanos. Tão claro e fácil foi feito o caminho para esta grande verdade de Cristo ser o Messias e Salvador deste mundo, que as pessoas comuns não poderiam se enganar; "os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão" (veja Is 35.8). Quem o procurou, o encontrou. É um exemplo da condescendência da graça divina, que as coisas que estavam ocultas aos sábios e prudentes fossem reveladas aos pequeninos. O mundo não conheceu a Deus através de sua

própria sabedoria, e os sábios foram confundidos pelas coisas mais simples.

III A crítica blasfema dos fariseus (v. 24). Os fariseus eram homens que aparentavam ter mais conhecimento da lei, e mais zelo por ela, que as demais pessoas; mas eles eram os inimigos mais inveterados de Cristo e da sua doutrina. Eles se orgulhavam da reputação que tinham entre o povo; isso alimentava o seu orgulho, sustentava o seu poder e enchia os seus bolsos; e quando ouviram as pessoas dizendo: "Não é este o Filho de Davi?", eles ficaram extremamente irritados, mais do que pelo milagre em si – isso os fez sentir inveja do nosso Senhor Jesus, e os deixou apreensivos de que, à medida que crescesse a figura dele na consideração do povo, a deles, naturalmente, seria eclipsada e diminuída. Por isso eles o invejaram, como Saul se sentiu em relação ao seu genro, Davi, por causa do que as mulheres falavam sobre ele (1 Sm 18.7,8). Aqueles cuja felicidade depende do elogio e do aplauso dos homens se expõem a uma situação de desconforto perpétuo em relação a cada palavra favorável que ouvirem a respeito de outra pessoa. A sombra da honra seguia a Cristo, que fugia dela, e fugia dos fariseus, que ansiosamente a perseguiam. Eles disseram: "'Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios', e, portanto, não é o Filho de Davi". Observe:

1. O menosprezo com que eles falam de Cristo, "este"; como se o seu precioso nome, que é um precioso ungüento derramado sobre os seus seguidores, não fosse digno de ser levado aos seus lábios. É um exemplo do orgulho e da arrogância deles, e também da sua inveja diabólica, o fato de que, quanto mais as pessoas enalteciam a Cristo, mais eles se empenhavam para difamá-lo. É uma impiedade falar com desdém de homens bons somente por serem pobres.

2. A maneira blasfema como eles falam dos milagres de Jesus. Eles não podiam negar a verdade; era tão claro como o sol, que os demônios eram expulsos pela palavra de Cristo; nem podiam negar que era uma coisa extraordinária, e sobrenatural. Sendo, dessa maneira, forçados a aceitar as premissas, eles não tinham outra maneira de evitar a conclusão de que este é o Filho de Davi, exceto sugerir que Cristo expulsava os demônios por Belzebu; que havia um pacto entre Cristo e o diabo – de acordo com este pacto, o demônio não era expulso, mas se afastava voluntariamente e consentia em devolver a pessoa – ou como se, por um acordo com o

príncipe dos demônios, Ele tivesse poder para expulsar os demônios inferiores. Nenhuma conjetura poderia ser mais falsa e infame do que esta; que Ele, que é a própria verdade, estivesse de acordo com o pai da mentira, para enganar o mundo. Este era o último refúgio, ou melhor, subterfúgio, ou uma infidelidade obstinada, que estava decidida a se opor à mais clara convicção. Observe que entre os demônios há um príncipe, o líder da apostasia contra Deus e da rebelião contra Ele; mas este príncipe é Belzebu, o deus das moscas, ou o deus das esterqueiras. Como tu decaíste, ó Lúcifer! De um anjo de luz para ser o senhor das moscas! Mas este também é o príncipe dos demônios, o líder da gangue dos espíritos infernais.

IV A resposta de Cristo a esta insinuação vil (vv. 25- 30). Jesus conheceu os pensamentos deles. Jesus Cristo sabe o que nós estamos pensando em qualquer ocasião, pois Ele conhece o que há nos homens; Ele compreende os nossos pensamentos à distância. Pode ser que os fariseus, por vergonha, não disseram isto, mas guardaram estes pensamentos; eles não podiam esperar satisfazer as pessoas com isto, portanto reservaram este pensamento para silenciar a convicção das suas próprias consciências. Observe que muitos são afastados de seus deveres por aquilo que se envergonham de possuir, mas que não conseguem ocultar de Jesus Cristo; ainda assim, é provável que os fariseus tenham sussurrado entre si o que pensavam, para ajudarem-se, uns aos outros, a permanecerem insensíveis. Mas a resposta de Cristo denunciou os pensamentos daqueles iníquos, porque Ele sabia que com aquele pensamento, e a partir daquele princípio, eles o disseram; eles não disseram nada com afobação, mas aquele era o produto de uma maldade enraizada.

A resposta de Cristo a esta acusação é abundante e convincente, para que cada boca possa ser interrompida com sensatez e razão, antes de ser interrompida com fogo e enxofre. Aqui estão três argumentos pelos quais Ele demonstra a irracionalidade dessa idéia:

1. Seria muito estranho, e altamente improvável, que Satanás fosse expulso por um pacto como este, porque então o reino de Satanás seria dividido contra si mesmo, o que, considerando a sua astúcia, não é algo que se deva imaginar (vv. 25,26).

(1) Aqui está registrada uma lei conhecida, de que em todas as sociedades uma ruína comum é a conseqüência de disputas mútuas: “Todo reino

dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade ou casa" também: *Quae enim domus tam stabilis est, quae tam firma civitas, quae non odiis atque dissidiis funditus everti possit? – Pois qual família é tão forte, qual comunidade é tão firme, a ponto de não ser arruinada pela inimizade e pelas disputas?* Cic., *Lael.* 7. Normalmente, as divisões acabam em devastações; se nós nos chocarmos, nos quebraremos; se nos separarmos uns dos outros, nos tornaremos uma presa fácil para um inimigo comum: "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros" (Gl 5.15). As igrejas e as nações sabem disso por suas tristes experiências.

(2) A aplicação da lei ao caso em questão (v. 26). Se Satanás expulsa a Satanás, se o príncipe dos demônios estiver em desacordo com os demônios inferiores, todo o reino e os interesses em breve estarão destruídos. Se Satanás viesse a fazer um pacto com Cristo, isto seria a sua própria ruína; pois o desígnio e a tendência manifestos da pregação e dos milagres de Cristo eram para derrotar o reino de Satanás, como um reino de trevas, maldade e inimizade a Deus; e para estabelecer, sobre as ruínas, um reino de luz, santidade e amor. As obras do diabo, como um rebelde contra Deus e um tirano sobre as almas dos homens, foram destruídas por Cristo, e, portanto, era o maior absurdo imaginar ou pensar que Belzebu permitiria tal desígnio, ou se envolveria com ele: se ele concordasse com Cristo, como, então, ficaria o seu reino? Ele mesmo contribuiria para a derrota do seu reino. Observe que o diabo tem um reino, um interesse comum, em oposição a Deus e a Cristo, que ele cuidará, com o máximo de suas forças, para que permaneça, e não concordará nunca com os interesses de Cristo; ele deve ser derrotado e destruído por Cristo, e, portanto, não pode se submeter ou se render a Ele. Que acordo ou comunhão pode existir entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial, entre Cristo e Belzebu? Cristo irá destruir o reino do diabo, mas Ele não precisa fazer isto usando nenhuma artimanha como a de um pacto secreto com Belzebu; não, a sua vitória deve ser obtida por meio de métodos mais nobres. Mesmo que o príncipe dos demônios reúna todas as suas forças, mesmo que ele use todos os seus poderes e toda a sua política, e mantenha os seus interesses em uma confederação fechada, ainda assim Cristo será demais para a sua força reunida, e o seu reino não permanecerá.

2. Não era completamente estranho, ou improvável, que os demônios fossem expulsos pelo Espírito de Deus, pois:

(1) “Por quem os expulsam, então, os vossos filhos?” Havia aqueles, entre os judeus, que, invocando o nome do Deus supremo, ou do Deus de Abraão, Isaque e Jacó, algumas vezes expulsavam demônios. Josefo fala de alguns que o faziam, na sua época. Nós lemos a respeito de exorcistas judeus (At 19.13) e de alguns que expulsavam demônios em nome de Cristo, embora não o seguissem (Mc 9.38), ou não fossem fiéis a Ele (cap. 7.22). Os fariseus não condenavam essas pessoas, mas atribuíam o que elas faziam ao Espírito de Deus, e com isso valorizavam a si mesmos e à sua nação. Sendo assim, era meramente por despeito e inveja de Cristo que eles admitiam que outras pessoas expulsavam demônios pelo Espírito de Deus, mas sugeriam que Ele o fazia por ter um pacto com Belzebu. Observe que a atitude das pessoas maldosas, especialmente os maldosos perseguidores de Cristo e do cristianismo, é de condenar, nas pessoas a quem odeiam, a mesma coisa que aprovam ou aplaudem naqueles por quem têm alguma amizade ou boa relação. Os julgamentos de inveja se fazem, não pelas coisas, mas pelas pessoas; não por razões, mas por preconceitos. Mas aqueles homens eram muito pouco qualificados para ocupar a cadeira de Moisés, pois só conheciam os rostos e não tinham mais quaisquer elementos para julgar: “Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes”. “Esta contradição que vocês mesmos apresentam se erguerá em julgamento contra vocês no último dia, e condenará a cada um de vocês”. Note que, no juízo final, não somente cada pecado, mas também cada agravação de pecado, será trazido para a prestação de contas, e algumas das nossas noções do que era correto e bom serão postas em evidência contra nós, para nos condenar por parcialidade.

(2) Estas expulsões de demônios eram um sinal e uma indicação certos da aproximação e da manifestação do Reino de Deus (v. 28): “Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus”. Outros milagres que Cristo realizou provaram que Ele tinha sido enviado por Deus, mas isso provava que Ele tinha sido enviado por Deus para destruir o reino do demônio, e as suas obras. Então aquela grande promessa evidentemente se cumpria, a de que a semente da mulher iria ferir a cabeça da serpente (Gn 3.15). “Portanto, aquela gloriosa revelação do reino de Deus, que durante tanto tempo foi esperada, agora se iniciou; desprezem-na, e correrão riscos”. Observe que: [1] A destruição do poder

do demônio se realiza pelo Espírito de Deus; aquele Espírito que trabalha para a obediência da fé, destrói o interesse do espírito que trabalha nos filhos da descrença e da desobediência. [2] A expulsão dos demônios é uma apresentação segura do Reino de Deus. Se o interesse do diabo por uma alma for não apenas desafiado pelos costumes ou por restrições morais, mas também destruído e rompido pelo Espírito de Deus, como um Santificador, sem dúvida somente o Reino de Deus virá àquela alma, o reino da graça, uma antecipação bendita do reino da glória.

3. A comparação dos milagres de Cristo (particularmente este da expulsão dos demônios) com a sua doutrina e o desígnio e a tendência da sua santa religião evidenciava que Ele estava muito longe de estar em uma aliança com Satanás, mas sim que Ele estava em inimizade e hostilidade abertas contra ele (v. 29): “Como pode alguém entrar em casa do homem valente e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando, então, a sua casa?” Então ele pode fazer o que quiser com os bens. O mundo, que estava nas trevas, e vivia na maldade, era possessão de Satanás, e estava sob o seu poder. Como uma casa possuída por um homem valente, e sob o seu poder; assim é cada alma pecadora; ali vive Satanás, ali ele reina. Agora: (1) O desígnio do Evangelho de Cristo era saquear a casa do diabo, a qual, como um homem valente, ele tinha no mundo; levar as pessoas das trevas à luz, do pecado à santidade, deste mundo a um melhor, do poder de Satanás a Deus (At 26.18); alterar a propriedade das almas. (2) De acordo com este desígnio, Ele manietou o homem valente, quando expulsou os espíritos imundos pela sua palavra: assim Ele arrancou a espada da mão do diabo, para poder arrancar também o cetro. A doutrina de Cristo nos ensina como interpretar os seus milagres – e quando Ele mostrou com que facilidade e eficácia Ele podia expulsar o demônio dos corpos das pessoas, Ele incentivou todos os crentes a ter esperança de que, qualquer que fosse o poder que Satanás pudesse usurpar e exercer sobre as almas dos homens, Cristo, pela sua graça, romperia tal poder. Ele irá saquear as coisas de Satanás, pois Ele pode manietá-lo. Quando as nações se afastaram da idolatria aos ídolos para servir ao Deus vivo, quando alguns dos piores pecadores foram santificados e justificados e se tornaram os melhores santos, Cristo saqueou a casa do demônio e irá saqueá-la mais e mais.

4. Aqui se sugere que esta guerra santa, que Cristo está conduzindo com vigor contra o diabo e o seu reino, era tal que não admitia neutralidade (v.

30): “Quem não é comigo é contra mim”. Nas pequenas diferenças que podem surgir entre os discípulos de Cristo, nós somos ensinados a reduzir as questões de divergência e a procurar a paz, considerando como favoráveis a nós aqueles que não estiverem contra nós (Lc 9.50). Mas na grande disputa entre Cristo e o diabo, não se deve procurar a paz, nem alguma alternativa favorável, buscando algum tipo de indiferença quanto à questão – aquele que não é por Cristo sinceramente, será considerado como realmente contra Ele: aquele que estiver indiferente à causa, será considerado como um inimigo. Quando a disputa é entre Deus e Baal, não há hesitação entre os dois (1 Rs 18.21), não há adaptações entre Cristo e Belial; pois o reino de Cristo, como é eternamente oposto ao reino do diabo, também será eternamente vitorioso sobre ele. Portanto, nessa questão, não há como estar com Gileade, além do Jordão, ou com Aser, nos portos do mar (Jz 5.16,17); nós devemos, completa, fiel e firmemente estar do lado de Cristo; este é o lado correto, e será, finalmente, o lado vencedor. Veja Êxodo 32.26.

A última frase tem o mesmo significado: “Quem comigo não ajunta espalha”. Observe: (1) A tarefa de Cristo neste mundo era reunir, reunir a sua colheita, reunir aqueles que o Pai lhe tinha dado (Jo 11.52; Ef 1.20). (2) Cristo espera e exige daqueles que estão com Ele, que se reúnam com Ele; que não somente se reúnam, a si mesmos, com Ele, mas também que façam tudo o que puderem para reunir os outros com Ele, e assim fortalecer os seus interesses. (3) Aqueles que não parecerem, e agirem, como seguidores do reino de Cristo, serão considerados e tratados como obstáculos a ele. Se nós não juntamos com Cristo, espalhamos; não basta não fazer o mal, nós devemos fazer o bem. Assim se amplia a brecha entre Cristo e Satanás, para mostrar que não havia pacto entre eles, como os fariseus sussurravam.

VAqui está um sermão de Cristo, nessa ocasião, a respeito dos pecados da língua: “Portanto, eu vos digo”. Ele parece se voltar dos fariseus para o povo, parece passar da discussão à instrução; e a partir do pecado dos fariseus, Ele adverte as pessoas a respeito de três tipos de pecados da língua; pois os danos sofridos por outras pessoas são advertências para nós.

1. Palavras blasfemas contra o Espírito Santo são o pior tipo de pecados da língua, e são imperdoáveis (vv. 31, 32).

(1) Aqui há uma garantia graciosa do perdão de todos os pecados, nos termos do Evangelho. Isto Cristo nos diz, e são palavras de consolo, que a grandeza do pecado não será obstáculo para a nossa aceitação por Deus, se realmente nos arrependermos e crermos no Evangelho: “Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens”. “Ainda que os... pecados sejam como a escarlata” (Is 1.18), ainda que sejam de natureza odiosa, e agravados pelas suas circunstâncias, e freqüentemente repetidos, ainda que se estendam até o céu, ainda assim existe misericórdia no Senhor, que se estende além do céu; a misericórdia será estendida até mesmo para a blasfêmia, um pecado que toca diretamente o nome e a honra de Deus. Paulo obteve misericórdia, tendo sido um blasfemo (1 Tm 1.13). Bem podemos dizer: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade?” (Mq 7.18). Mesmo as palavras proferidas contra o Filho do Homem serão perdoadas; entre aqueles que o ofenderam na sua morte, muitos se arrependeram e encontraram misericórdia. Aqui Cristo dá um exemplo a todos os filhos dos homens, para que estejam prontos a perdoar palavras proferidas contra eles: “Eu, como surdo, não ouvia”. Observe que os pecados serão perdoados aos homens, não aos demônios; este é o amor de Deus oferecido a todo o mundo, à humanidade, a um mundo que está acima do mundo dos anjos caídos, o que faz com que todo pecado seja, a eles, perdoável.

(2) Aqui está uma exceção, que é a blasfêmia contra o Espírito Santo, aqui declarada como sendo o único pecado imperdoável. Veja aqui:

[1] O que é este pecado: é falar contra o Espírito Santo. Veja quanta maldade há nos pecados da língua, pois o único pecado imperdoável é um deles. “Mas Jesus conhecia os seus pensamentos” (v. 25). O que se quer dizer aqui não é somente o falar contra a pessoa ou a essência do Espírito Santo como um todo, ou algumas das suas operações mais privadas, ou meramente resistir à sua obra interna no próprio pecador. Pois então, quem seria salvo? Está determinado na nossa lei que um ato de compensação deva sempre ser interpretado em favor da graça e da clemência que é a intenção do ato; portanto, as exceções ao ato não devem ser estendidas além das necessidades. O Evangelho é um ato de compensação; ninguém será excluído por nome, nem por descrição, mas somente aqueles que blasfemam contra o Espírito Santo; portanto, isto deve ser interpretado no sentido mais limitado: todos os supostos pecadores são efetivamente separados pelas condições da compensação, a fé e o arrependimento.

Portanto, as outras exceções não devem se estender: e esta blasfêmia é excluída, não por alguma falha na misericórdia de Deus ou do mérito de Cristo, mas porque ela inevitavelmente deixa o pecador na infidelidade e na impenitência. Nós temos motivos para pensar que ninguém que creia que Cristo é o Filho de Deus, e que sinceramente deseje participar do seu mérito e da sua misericórdia, será culpado deste pecado; e aqueles que temem ter cometido este pecado, dão um bom sinal de que não o cometeram. O sábio Dr. Whitby observa muito apropriadamente que Cristo não fala do que poderia ser (Mc 3.29; Lc 12.10): “Qualquer que blasfemar”. Quanto àqueles que blasfemaram contra Cristo quando Ele estava na terra, e o chamaram de beberrão, de enganador, de blasfemo, e coisas semelhantes, eles tinham alguma desculpa, por causa da simplicidade da sua aparência e dos preconceitos da nação contra Ele; e a prova da sua missão divina não se aperfeiçoou até depois da sua ascensão. Portanto, eles serão perdoados através do arrependimento; espera-se que aqueles que foram seus traidores e assassinos possam ser convencidos pelo derramamento do Espírito, como muitos deles foram. Mas o problema mais grave ocorre quando o Espírito Santo é dado com os seus dons internos de revelação, como falar em línguas e coisas semelhantes, além das distribuições do Espírito entre os apóstolos; aqueles que continuarem a blasfemar o Espírito da mesma maneira, como um espírito mau, não desfrutarão a esperança de serem levados a crer em Cristo. Pois, em primeiro lugar, estes dons do Espírito Santo aos apóstolos eram uma grande prova que Deus designou fosse usada para a confirmação do Evangelho, os quais foram mantidos em reserva enquanto outros métodos os precederam. Em segundo lugar, esta era a evidência mais poderosa e mais capaz de convencer, superando até mesmo os próprios milagres. Em terceiro lugar, aqueles que blasfemassem dessa distribuição do Espírito não poderiam ser levados a crer em Cristo. O que poderia convencer aqueles que iriam considerar que os apóstolos estavam em aliança com Satanás, aqueles que tiveram o mesmo comportamento que os fariseus tiveram diante dos milagres? Este é um apego tão forte à infidelidade que não pode ser derrotado em um homem, e é, portanto, imperdoável, porque com isto o arrependimento está escondido dos olhos do pecador.

[2] Qual é a sentença para este pecado: “Não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro”. Assim como no estado da religião judaica, naquela

época, não havia sacrifício de expiação para a alma que pecasse de forma arrogante, também na revelação da graça do Evangelho, que é freqüentemente chamada nas Escrituras de século futuro, não haverá perdão para o ato de pisar sobre o sangue da aliança, e para o desrespeito ao Espírito da graça; não há cura para um pecado tão diretamente contrário ao remédio. Esta é uma regra na nossa lei antiga: não haverá santuário para o sacrilégio. Ou: não será perdoado nem agora, na própria consciência do pecador, nem no grande dia, quando o perdão será promulgado. Ou: este é um pecado que expõe o pecador à punição eterna e à temporal, tanto à ira presente como à ira futura.

2. Aqui Cristo fala a respeito de outras palavras más, os produtos da corrupção que reina no coração, e que dele escapa (vv. 33-35). Foi dito (v. 25) que Jesus conhecia os seus pensamentos, e aqui Ele fala, dirigindo-se a eles, mostrando que não era estranho que eles falassem coisas tão más, quando os seus corações estavam tão cheios de inimizade e maldade, que eles freqüentemente se esforçavam para disfarçar e encobrir, aparentando ser apenas homens. O nosso Senhor Jesus, portanto, aponta para as fontes e as cura; deixemos que o coração seja santificado e isto se manifestará nas nossas palavras.

(1) O coração é a raiz, a linguagem é o fruto (v. 33); a árvore é boa, e o seu fruto, bom. Se a graça for o princípio reinante no coração, a linguagem será a linguagem de Canaã; e, por outro lado, qualquer desejo que reine no coração irá se manifestar; pulmões doentes soltarão uma respiração ofensiva; a linguagem dos homens revela de que país eles são, e, da mesma maneira, qual é a sua disposição de espírito. Se a árvore for boa, os frutos serão bons; consigam corações puros e vocês terão lábios puros e vidas puras; se a árvore for má, o seu fruto também o será. Você pode tentar transformar uma árvore má em uma árvore boa, enxertando nela um galho de uma árvore boa, e então o fruto será bom. Mas se a árvore for má, você pode plantá-la onde quiser, e regá-la como quiser; o fruto ainda será mau. Observe que, a menos que o coração se transforme, a vida nunca será completamente transformada. Estes fariseus tinham vergonha de expressar com palavras os seus maus pensamentos a respeito de Jesus Cristo, mas aqui Cristo dá a entender que era inútil que eles tentassem esconder esta raiz de amargura que havia neles, que trazia irritação e rancor; eles deveriam procurar extirpá-la. Observe que a nossa maior preocupação deve

ser nos comportarmos como pessoas realmente boas, e não apenas parecermos ser bons.

(2) O coração é a fonte, as palavras são as correntes (v. 34). “Do que há em abundância no coração, disso fala a boca; assim como as correntes são o que transborda da fonte”. Um coração mau produz maldade, como a fonte produz as suas águas (Jr 6.7). Uma fonte turva e um manancial corrupto, de que fala Salomão (Pv 25.26), deve produzir correntes enlameadas e desagradáveis. As palavras más são o produto natural e autêntico de um coração mau. Nada, exceto o sal da graça, jogado na fonte, irá curar as águas, temperar as palavras, e purificar as comunicações contaminadas. Eles queriam isso, sendo maus. “Como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus?” Eles eram uma geração de víboras; assim os tinha chamado João Batista (cap. 3.7), e ainda eram os mesmos. Pois, “pode o etíope mudar a sua pele?” As pessoas consideravam os fariseus como uma geração de santos, mas Cristo os chama de raça de víboras, a semente da serpente que tinha inimizade com Cristo e o seu Evangelho. O que se pode esperar de uma raça de víboras, exceto o que é venenoso e maligno? Pode a víbora ser outra coisa, além de venenosa? Note que as coisas más podem ser esperadas de pessoas más, como diz o provérbio dos antigos: “Dos ímpios procede a impiedade” (1 Sm 24.13) ou: “O louco fala loucamente” (Is 32.6). Aqueles que são maus não têm a habilidade nem o desejo de falar coisas boas como deveriam ser faladas. Cristo daria a conhecer aos seus discípulos o tipo de homens em meio aos quais eles iriam viver, para que eles pudessem saber o que esperar. Eles eram como Ezequiel entre os escorpiões (Ez 2.6), e não deveriam achar estranho se fossem picados e mordidos.

(3) O coração é o tesouro, as palavras são as coisas tiradas deste tesouro (v. 35); e daí o caráter dos homens pode ser esboçado, e pode ser julgado.

[1] O caráter de um homem bom é o que lhe dá um bom tesouro no seu coração, e daí ele tira coisas boas quando há oportunidade. Graças, consolos, experiências, bom conhecimento, boas afeições, boas resoluções, são um bom tesouro no coração; a palavra de Deus está escondida ali, a lei de Deus, escrita ali, as verdades divinas residem e governam e são um tesouro ali, valioso e adequado, mantido a salvo e em segredo, como o estoque do bom chefe de família, mas pronto para ser usado em qualquer ocasião. Um bom homem, assim abastecido, produzirá, como José, uma abundância de bens; falará e fará o que é bom, para a glória de Deus e a

edificação de outros. Veja Pv 10.11,13,14,20,21,31,32. Isto é produzir coisas boas. Alguns fingem – com grandes esforços – não ter um bom tesouro, parecendo que poderão ir à falência em breve; outros fingem ter um bom tesouro interior, mas não dão provas disso: eles esperam tê-lo dentro de si, e agradecem a Deus, quaisquer que sejam suas palavras e ações, por pensarem que têm bons corações. Mas a fé sem obras é morta; e alguns têm um bom tesouro de sabedoria e conhecimentos, mas não são comunicativos, não produzem nada com ele: têm um talento, mas não sabem como negociar com ele. O cristão completo nesse aspecto traz a imagem de Deus, que é ser bom, e também faz o bem.

[2] O caráter de um homem mau é o que lhe dá um mau tesouro no seu coração, e daí ele tira coisas más. Luxúria, desejos e corrupção residindo no coração, e nele reinando, são um mau tesouro, do qual o pecador produz más palavras e ações que desonram a Deus e magoam os outros. Veja Gn 6.5,12; cap. 15.18-20; Tg 1.15. Mas os tesouros da impiedade (Pv 10.2) serão os tesouros da ira.

3. Aqui Cristo fala a respeito das palavras ociosas e mostra que há maldade nelas (vv. 36, 37); muito mais havia nas palavras más como as que os fariseus pronunciavam. Nós devemos nos preocupar em pensar no dia do juízo, quando poderá haver uma avaliação da nossa língua; e devemos considerar:

(1) Quão particular será a consideração dos pecados da língua naquele dia: “de toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no Dia do Juízo”. Isto significa: [1] Que Deus observa cada palavra que nós dizemos, mesmo aquelas de que nem nós mesmos nos damos conta. Veja Salmos 139.4: “Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces”. Ainda que seja dita sem consideração ou objetivo, Deus toma conhecimento dela. [2] Que a conversa inútil, ociosa e impertinente é desagradável a Deus – aquela que não leva a nenhum bom objetivo, que não serve para edificar – é o produto de um coração insignificante e vão. Estas palavras ociosas são as mesmas que as torpezas ou parvoíces, ou chocarrices, que não convêm (Ef 5.4). Este é aquele pecado que raramente falta na abundância de palavras que de nada servem (Jó 15.3). [3] Dentro de pouco tempo, nós prestaremos contas dessas palavras ociosas; elas serão evidências contra nós, para provar que somos servos inúteis, que não aprimoramos as faculdades da razão e do discurso,

que são parte dos talentos que nos foram confiados. Se não nos arrependermos das nossas palavras ociosas, e elas não forem perdoadas pelo sangue de Cristo, estaremos perdidos.

(2) Quão rígido será o julgamento sobre esta prestação de contas (v. 37): "Por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado"; uma regra comum nos julgamentos dos homens, e aqui aplicada ao juízo de Deus. Observe que o teor constante do nosso discurso, se for gracioso ou não, será uma evidência a nosso favor ou contra nós naquele grande dia. Aqueles que parecem ser religiosos, mas não dominam a sua língua, precisam atentar para as seguintes palavras: "Se alguém entre vós cuida ser religioso e não refreia a sua língua, antes, engana o seu coração, a religião desse é vã" (Tg 1.26). Alguns pensam que aqui Cristo se refere ao que disse Elifaz (Jó 15.6): "A tua boca te condena, e não eu"; ou, ainda, ao que disse Salomão (Pv 18.21): "A morte e a vida estão no poder da língua".

Os Fariseus Pedem um Sinal

vv. 38-45

É provável que esses fariseus com quem Cristo se deparou na ocasião desse sermão não fossem os mesmos que o criticaram (v. 24), e não acreditaram nos sinais que Ele fez; mas outro grupo deles, que viram que não havia razão para desacreditá-los, mas não se contentariam com eles, nem admitiriam a sua evidência, a menos que Ele lhes desse mais provas de acordo com a exigência deles. Aqui está:

I A saudação deles para com Ele (v. 38). Eles o saudaram com o título de "Mestre", fingindo ter respeito por Ele, quando, na verdade, pretendiam maltratá-lo; pois nem todos eram servos de Cristo para chamá-lo de Mestre. A solicitação deles foi: "Quiséramos ver da tua parte algum sinal". Era muito razoável que eles vissem um sinal, e que o Senhor Jesus pudesse, através dos milagres provar a sua missão divina (veja Êx 4.8-9). Ele veio para anular um modelo de religião que estava baseado em milagres, e, conseqüentemente, era necessário que Ele produzisse as mesmas referências; mas era extremamente irracional exigir um sinal agora, quando Ele já tinha dado tantos sinais que provavam copiosamente que Ele tinha

sido enviado por Deus. Observe que é natural para o homem arrogante exigir de Deus, e fazer disso uma desculpa para não aceitá-lo; mas a ofensa de um homem nunca será a sua defesa.

II A resposta de Jesus para esta saudação, esta exigência insolente:

1. Ele condena a exigência, classificando-a como a linguagem de uma geração má e adúltera (v. 39). Ele impõe a acusação não somente sobre os escribas e fariseus, mas sobre toda a nação dos judeus; todos eles eram semelhantes aos seus líderes, eram uma descendência e sucessão de malfeitores. Eles, na verdade, eram uma geração má, pois não somente se obstinaram contra a convicção dos milagres de Cristo, como também se uniram para maltratá-lo e desprezar os seus milagres. Eles eram uma geração adúltera: (1) Como uma descendência adúltera, estavam tão miseravelmente degenerados quanto à fé e a obediência de seus antepassados, que Abraão e Israel não os reconheceriam. Veja Is 57.3. Ou: (2) Como uma esposa adúltera, eles se afastaram daquele Deus, com quem, por concerto, eles tinham se casado. Eles não eram culpados por se prostituírem pela idolatria, como tinham feito antes pela servidão, mas eram culpados pela infidelidade e por toda iniqüidade que também é prostituição. Eles não procuraram deuses de sua própria criação, mas procuraram por sinais de sua própria invenção, e isto era adultério.

2. Jesus se recusa a dar-lhes qualquer outro sinal além dos que já havia apresentado, exceto o do profeta Jonas. Observe que embora Cristo esteja sempre pronto para ouvir e atender às orações e aos desejos verdadeiros, ainda assim Ele não satisfará luxúrias pervertidas e caprichos. Aqueles que pedem errado, pedem, mas não recebem. Os sinais foram concedidos para aqueles que os desejavam para a confirmação de sua fé, como Abraão e Gideão; mas foram negados para aqueles que os exigiam como desculpa para a sua incredulidade.

Com muita justiça, Cristo disse que Eles nunca presenciariam outro milagre; mas veja a bondade maravilhosa do Senhor: (1) Eles terão os mesmos sinais ainda repetidos, para seu beneficio adicional e para a sua convicção ainda mais ampla. (2) Eles terão um tipo de sinal diferente de todos esses, que é a ressurreição de Cristo pelo seu próprio poder, aqui chamado de sinal do profeta Jonas – isto ainda estava reservado para a convicção deles, e seria uma grande prova de que Cristo era o Messias; por

isso Ele foi declarado como o “Filho de Deus em poder” (Rm 1.4). Este foi um sinal que superou todos os outros, completando-os e coroando-os. Se por acaso ainda não crerem nestes sinais, crerão neste (Êx 4.9), e se isto não os convencer, nada o fará. Mas ainda assim os judeus, em sua incredulidade, tentaram encontrar uma evasiva para evitar maiores constrangimentos, quando disseram: “Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram”; pois ninguém é tão irremediavelmente cego quanto aqueles que estão determinados a não ver.

Agora, quanto ao sinal do profeta Jonas, Jesus esclarece aqui (v. 40): “Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra”. E após este período, Ele saiu dali. [1] O sepulcro era, para Cristo, o que o ventre da baleia era para Jonas. Ali Cristo ficou, como um resgate pelas vidas prestes a serem perdidas numa tempestade; lá Jonas ficou, como no ventre do inferno (Jn 2.2), e pareceu ser banido da visão de Deus. [2] Ele permaneceu no sepulcro exatamente o mesmo período que Jonas permaneceu no ventre da baleia, três dias e três noites; não três dias e noites inteiros. É provável que Jonas não tenha permanecido tanto tempo no ventre da baleia, mas parte dos três dias normais (*nychthemerai* – assim os gregos os chamavam). Jesus foi sepultado na tarde do sexto dia da semana, e ressuscitou na manhã do primeiro dia; esta era uma maneira de falar muito comum (veja 1 Rs 20.29; Et 4.16; 5.1; Lc 2.21). O mesmo período de tempo em que Jonas foi um prisioneiro por seus pecados, Cristo foi um prisioneiro pelos nossos. [3] Assim como Jonas se consolou no ventre da baleia com a certeza de que ainda “tornaria a ver o templo da... santidade” de Deus (Jn 2.4), também diz-se expressamente que Cristo, quando permaneceu na sepultura, repousou em esperança, como alguém que recebe a certeza de não ver a corrupção (At 2.26,27). [4] Como Jonas, no terceiro dia, foi liberado de sua prisão, e retornou à terra dos vivos novamente, vindo da congregação dos mortos (diz-se que as coisas mortas estão debaixo das águas, Jó 26.5), também Cristo, no terceiro dia, retornaria para a vida, e se levantaria do seu túmulo e difundir o Evangelho aos gentios.

3. Cristo aproveita esta ocasião para revelar o caráter e a triste condição da geração em que Ele viveu, uma geração que não poderia ser transformada, e, conseqüentemente, só poderia ser destruída; e mostrou-lhes o seu caráter, como Ele estaria no dia do julgamento, sob as revelações e

sentenças finais daquele dia. Pessoas e coisas aparecem agora sob cores falsas; condições e caráter são passíveis de transformação aqui; portanto, se pudermos fazer uma avaliação correta, deveremos tomar nossas providências sobre o último julgamento; a verdadeira identidade das coisas e pessoas é aquilo que serão eternamente, e não aquilo que são hoje.

Aqui Cristo revela o povo judeu:

(1) Como uma geração que seria condenada pelos homens de Nínive, cujo arrependimento pela pregação de Jonas se ergueria no julgamento contra eles (v. 41). A ressurreição de Cristo será para eles o sinal do profeta Jonas – mas não terá sobre eles um efeito tão favorável, como o de Jonas teve sobre os ninivitas. Por Jonas, eles foram levados ao arrependimento que evitou a sua destruição; mas os judeus serão obstinados na descrença que deverá apressar a sua destruição; e no Dia do Juízo, o arrependimento dos ninivitas será mencionado como um agravamento do pecado, e, conseqüentemente, a condenação daqueles para quem Cristo pregou então, e daqueles a quem Cristo está pregando agora; por esta razão, Cristo é maior que Jonas. [1] Jonas era apenas um homem, sujeito às mesmas paixões pecaminosas que nós; mas Cristo é o Filho de Deus. [2] Jonas era um forasteiro em Nínive, ele veio entre os forasteiros que sofreram preconceito contra seu país; mas Cristo veio aos seus quando pregou aos judeus, e muito mais quando é pregado entre os cristãos professos, que são chamados pelo seu nome. [3] Jonas pregou apenas um curto sermão, sem grandes solenidades, à medida que andava pelas ruas; Cristo renovou os seus chamados, sentou-se e ensinou, e ensinou nas sinagogas. [4] Jonas pregou nada além de ira e ruína no prazo de 40 dias; não deu instruções, orientações ou incentivo para que se arrependessem; mas Cristo, além de nos avisar sobre o nosso perigo, mostrou do que devemos nos arrepender, e nos assegurou da aceitação que temos mediante o nosso arrependimento, porque é chegado o Reino dos céus. [5] Jonas não realizou nenhum milagre para confirmar a sua doutrina, nem mostrou boa vontade para com os ninivitas; mas Cristo realizou muitos milagres, e todos eles milagres de misericórdia; ainda assim, os ninivitas se arrependeram através da pregação de Jonas, mas os judeus não foram transformados pela pregação de Cristo. Note que a bondade de alguns, que têm menos amparo e benefícios para suas almas, agravará a maldade daqueles que têm muito mais. Aqueles que no crepúsculo descobrem as coisas que pertencem à sua paz envergonharão

aqueles que tateiam ao meio-dia.

(2) Como uma geração que seria condenada pela Rainha do Sul, a Rainha de Sabá (v. 42). Os ninivitas se envergonhariam deles por não se arrependerem, a Rainha de Sabá, por não crerem em Cristo. Ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; embora o povo não seja persuadido a vir e ouvir a sabedoria de Cristo, mesmo assim Ele é mais do que Salomão. [1] A Rainha de Sabá não tinha convite para vir até Salomão, ou qualquer promessa de ser bem recebida; mas nós somos convidados por Cristo para nos sentarmos aos seus pés e ouvirmos suas palavras. [2] Salomão era apenas um homem sábio, mas Cristo é sabedoria em si, "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria". [3] A Rainha de Sabá teve muitas dificuldades para chegar até Salomão: ela era uma mulher, inapta para fazer uma viagem longa e perigosa; era uma rainha, e o que seria do seu país na sua ausência? Nós não temos tais preocupações que nos impeçam. [4] Ela não podia ter certeza de que valeria a pena ir tão longe nessa missão; a fama costuma adular os seres humanos, e talvez ela tivesse em seu país ou corte homens suficientemente sábios para instruí-la; ainda assim, tendo ouvido falar sobre a fama de Salomão, foi vê-lo; mas nós não vamos até Cristo com tais incertezas. [5] Ela veio dos confins da terra, mas nós temos Cristo entre nós, e a sua palavra próxima de nós: "Eis que estou à porta e bato". [6] Aparentemente, a sabedoria pela qual a Rainha de Sabá veio de tão longe era somente filosofia e política; mas a sabedoria que se deve ter em Cristo é a sabedoria para a salvação. [7] Ela só poderia ouvir a sabedoria de Salomão; ele não poderia dar sabedoria a ela; mas Cristo dá sabedoria para aqueles que vêm até Ele; mais ainda, Ele mesmo será a sabedoria de Deus para eles; de maneira que, com todos estes relatos, se nós não ouvirmos a sabedoria de Cristo, a audácia da Rainha de Sabá em vir e ouvir a sabedoria de Salomão se erguerá em julgamento contra nós e nos condenará; porque Jesus Cristo é mais e maior que Salomão.

(3) Como uma geração que resolveu continuar no domínio, e sob o poder, de Satanás, apesar de todos os métodos que foram usados para expulsá-lo e salvá-los. Eles são comparados a alguém de quem o diabo se foi, mas retorna com força multiplicada (vv. 43-45). O demônio é chamado aqui de espírito imundo, porque perdeu toda a sua pureza e promove todas as formas de impureza entre os homens, e se deleita com elas. Aqui:

[1] A parábola representa a possessão que o demônio faz dos corpos dos homens – Cristo havia recentemente expulsado um demônio, porém eles disseram que Ele tinha um demônio; isto mostrou o quanto eles estavam sob o poder de Satanás. Esta é mais uma prova de que Cristo não expulsou os demônios por ter um acordo com o diabo, porque se fosse assim, ele teria logo retornado; mas a expulsão dele por Cristo foi final, e de tal modo que barrava uma reentrada; nós o encontramos ordenando ao espírito imundo que saísse, e não entrasse novamente (Mc 9.25). Provavelmente, algumas vezes, o demônio estava acostumado a zombar dessa maneira daqueles que eram possuídos; ele saía e retornava com mais fúria; por isso os intervalos lúcidos daqueles que estavam nessas condições eram comumente seguidos dos mais violentos ataques. Quando o demônio sai, ele fica inquieto, porque, como os ímpios, não repousa se não fizer mal (Pv 4.16); anda por lugares áridos, como alguém que está muito melancólico; busca repouso, e não o encontra, até retornar novamente. Quando Cristo baniu a legião de demônios do homem, eles imploraram para sair e entrar em uma manada de porcos, e já não foram para lugares áridos, mas para dentro do lago.

[2] A aplicação da parábola serve para representar o caso do corpo da religião judaica e a nação: “Assim acontecerá também a esta geração má”, que agora resiste e finalmente rejeitará o evangelho de Cristo. O demônio, que, pelo trabalho de Cristo e dos seus discípulos, foi expulso de muitos judeus, procurou abrigar-se entre os pagãos, tendo saído daquelas pessoas e templos de onde os cristãos o expulsariam. Conforme o Dr. Whitby, pode ser que eles não tenham encontrando outro lugar, no mundo pagão, onde sentissem tal prazer, habitações agradáveis, para a sua satisfação, como aqui no coração dos judeus. Conforme o Dr. Hammond, Satanás deverá, portanto, entrar novamente neles, pois Cristo não encontrou acesso entre eles, e eles, por sua prodigiosa maldade e descrença obstinada, não estavam, de forma alguma, prontos para recebê-lo. E então sofreriam aqui uma possessão duradoura, e a condição desse povo provavelmente seria mais desesperadamente deplorável (conforme o Dr. Hammond) do que era antes que Cristo viesse a eles, ou mais do que teria sido se Satanás nunca tivesse sido expulso.

A comunidade dessa nação está aqui representada. Em primeiro lugar, como um povo apóstata. Depois do cativeiro na Babilônia, eles começaram a transformação, abandonaram os seus ídolos e apareceram com algum tipo

de religião; mas logo se corromperam novamente; embora nunca tivessem reincidido na idolatria, caíram em todas as formas de irreligiosidade e profanação, pioraram cada vez mais, e adicionaram a todo o resto de sua maldade um desprezo intencional para com Cristo e o seu Evangelho. Em segundo lugar, como um povo marcado pela destruição. Uma nova comissão estava sendo enviada contra esta nação hipócrita, o povo da ira de Deus (como em Is 10.6), e sua destruição pelos romanos seria provavelmente maior do que qualquer outra, como os seus pecados tinham sido mais evidentes: foi então que "a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim" (1 Ts 2.15,16). Que isto seja um aviso para todas as nações e igrejas, para que prestem atenção e não abandonem o seu primeiro amor, não deixem que se perca a excelente obra de transformação que começou entre eles, retornando para a maldade que pareciam ter abandonado; pois a última condição dessas pessoas será pior do que a primeira.

Quem São os Parentes de Cristo

vv. 46-50

Muitas palavras admiráveis e úteis saíram dos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo em ocasiões especiais; até as suas divagações eram educativas, assim como os seus discursos, como aqui:

Observe:

I Como Cristo foi interrompido, em suas pregações, por sua mãe e seus irmãos, que estavam fora, e desejavam falar com Ele (vv. 40-47); essedesejo deles lhe foi transmitido pela multidão. É desnecessário indagar quais eram os seus irmãos que vieram com Maria (talvez fossem aqueles que não criam nele, João 7.5); ou qual era o assunto deles. Talvez tivessem somente a intenção de interrompê-lo, por temerem que Ele se cansasse, ou para adverti-lo de que prestasse atenção para não ofender com o seu discurso os fariseus, ou ainda se envolvesse em apuros; como se eles pudessem lhe ensinar sabedoria.

1. Ele estava ainda falando com o povo. Observe que a pregação de Cristo estava sendo proferida; era simples, fácil, familiar e condizia com a capacidade e exemplo dos ouvintes. Aquilo que Cristo dizia, era criticado, e

ainda assim Ele continuou. Note que a oposição que encontramos no nosso trabalho não deve nos afastar dele. Ele parou de falar com os fariseus, porque viu que não poderia fazer nada de bom por eles; mas continuou a falar com as pessoas comuns, que, não tendo tal presunção de seu conhecimento como os fariseus tinham, estavam desejosas de aprender.

2. Sua mãe e irmãos estavam do lado de fora, desejando falar com Ele, quando deveriam estar do lado de dentro, ouvindo-o. Eles tinham a vantagem de sua conversa diária em particular, e, por conseqüência, não se preocupavam tanto em comparecer à sua pregação pública. Observe que freqüentemente aqueles que estão muito próximos dos meios do conhecimento e da graça, são mais negligentes. A familiaridade e a facilidade de acesso originam doses de desdém. Nós somos capazes de negligenciar, neste dia, aquilo que achamos que podemos ter em qualquer dia, esquecendo-nos de que só podemos ter certeza do tempo presente; o amanhã não nos pertence. Há muita verdade neste provérbio simples: “Quanto mais próximo da igreja, mais longe de Deus”; é uma pena que este provérbio seja verdadeiro, em alguns casos.

3. Eles não somente não o ouviriam, mas também interromperiam outros que o ouviam satisfeitos. O diabo era um inimigo declarado à pregação do Salvador. Ele procurou frustrar o seu discurso com a crítica irracional dos escribas e fariseus, e quando não conseguiu marcar o seu ponto desta maneira, se empenhou em interrompê-lo com a visita inoportuna dos seus parentes. Observe que freqüentemente nos deparamos com impedimentos e obstáculos em nosso trabalho, por parte dos nossos amigos que estão ao nosso redor, e que tentam nos remover de nosso relacionamento espiritual através das relações civis. Aqueles que realmente desejam o bem para nós e para o nosso trabalho, podem, às vezes, por sua indiscrição, se tornar falsos amigos, nos obstruindo em nosso dever; assim como Pedro foi ofensivo com Cristo, através de sua expressão: “Senhor, tem compaixão de ti”. O apóstolo pensou que estivesse sendo muito agradável ao Senhor ao proferir estas palavras. A mãe de nosso Senhor desejava falar com Ele; parecia que ela não tinha aprendido a controlar o seu Filho, conforme a iniqüidade e a idolatria da igreja romana desejariam ensiná-la; nem ela não estava tão livre das faltas e da insensatez como eles supunham. Era a prerrogativa de Cristo, e não a de sua mãe, fazer tudo sabiamente, e bem, e no momento propício. Certa vez Ele disse à sua mãe: “Por que é que me procuráveis? Não sabeis

que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” E então foi dito que “sua mãe guardava no coração todas essas coisas” (Lc 2.49,51). Mas se ela tivesse se lembrado disso nesse momento, não o teria interrompido quando estava tratando dos negócios de seu Pai. Observe que há muitas verdades úteis que pensávamos ter sido bem guardadas quando as ouvimos; porém, elas parecem estar fora do nosso alcance, quando temos a oportunidade de usá-las.

II Como Jesus reprovou esta interrupção (vv. 48-50).

1. Ele não daria atenção a ela porque estava tão absorto em seu trabalho que nenhum motivo natural ou civil o afastaria dele. “Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos?” Isto não significa que a afeição natural possa ser evitada, ou que, sob a desculpa da religião, possamos ser desrespeitosos com os pais, ou indelicados com outros parentes, mas cada coisa é bela no momento propício, e o dever menor deve esperar, enquanto o maior é realizado. Quando a nossa atenção aos nossos parentes compete com o serviço a Deus, e temos a oportunidade de fazer o bem, em tal situação devemos dizer a nosso Pai: “Nunca o vi”, como disse Levi (Dt 33.9). Os parentes mais próximos devem ser tratados dessa forma, isto é, devemos amá-los menos do que a Cristo (Lc 14.26), e o nosso dever para com Deus deve ter a preferência. Cristo nos deu aqui um exemplo sobre isso; a dedicação à casa de Deus o consumiu, a ponto de fazer com que Ele se esquecesse não apenas de si mesmo, mas também dos seus parentes mais queridos. E nós não devemos nos sentir ofendidos com os nossos amigos, nem exagerar por causa de suas maldades, se eles preferirem agradar a Deus antes de nos agradar; mas devemos prontamente perdoar estas negligências que podem facilmente ser atribuídas a uma dedicação religiosa à glória de Deus e ao bem dos outros. Nós devemos negar a nós mesmos e à nossa própria satisfação, em vez de fazer aquilo que pode, de alguma maneira, desviar nossos amigos, ou afastá-los do seu dever para com Deus.

2. Jesus aproveitou aquela ocasião para dar preferência aos seus discípulos – que eram a sua família espiritual –, e não aos seus parentes naturais. Esta é uma boa razão que explica por que Ele não deixaria de pregar para falar com seus irmãos, preferindo favorecer os seus discípulos a agradar os seus parentes. Observe:

(1) A descrição dos discípulos de Cristo. Eles faziam a vontade do seu Pai; não somente a ouviam, mas a conheciam e falavam dela, e também a praticavam; porque fazer a vontade de Deus é o melhor preparativo para o discipulado (Jo 7.17), e a melhor prova dele (cap. 7.21) – é o que nos estabelece como seus verdadeiros discípulos. Cristo não diz: "Qualquer que fizer a minha vontade", porque Ele não veio realizar ou fazer a sua própria vontade, uma vontade distinta da vontade do seu Pai: a sua vontade e a do seu Pai são as mesmas. Mas Ele nos conduz a fazer a vontade do seu Pai, porque, naquele momento, vivendo aqui na terra, Ele também se sujeitou a esta preciosa vontade (Jo 6.38).

(2) A dignidade dos discípulos de Cristo: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos". Os seus discípulos, que deixaram tudo para segui-lo e aceitaram a sua doutrina, eram mais queridos por Ele do que qualquer um com quem tivesse um parentesco segundo a carne. Ao invés de seus parentes, eles tinham dado preferência a Cristo; deixaram seus pais (cap. 4.22; 10.37); e agora para compensá-los, e mostrar que não havia amor perdido, Ele dava preferência a eles ao invés de aos seus parentes. Por causa disso, eles não haviam de receber "cem vezes tanto"? (cap. 19.29). Era muito encorajador e afetuoso para Cristo dizer: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos"; mas este privilégio não era só deles, pois todos os santos têm esta honra. Observe que todos os crentes obedientes são parentes próximos de Jesus Cristo. Eles usam o seu nome, trazem em si mesmos a sua imagem, têm a sua natureza, são a sua família. Ele os ama, e conversa livremente com eles como se fossem seus parentes. Ele os recebe em sua mesa, cuida deles, provê o seu sustento, e se certifica de que não queiram nada que não seja bom para si mesmos. Quando Ele morreu, deixou-lhes uma rica herança. E agora que está no céu, Ele continua a manter contato com eles, todos estarão com Ele no final, e Ele desempenhará a função de parente remidor (Rt 3.13). O Senhor não se envergonhará de seus parentes pobres, mas os confessará diante dos homens, diante dos anjos, e diante do seu Pai.

CAPÍTULO 13

Neste capítulo, temos: I. O favor que Cristo fez aos seus compatriotas ao pregar sobre o Reino dos céus a eles (vv. 1-2). Jesus lhes pregava em parábolas, e aqui vemos a razão pela qual escolheu essa forma para os

instruir (vv. 10-17). E o evangelista dá outra razão (vv. 34,35). Existem oito parábolas registradas neste capítulo, que visam representar o Reino dos céus, o método de plantar o Evangelho no mundo, e seu crescimento e sucesso. As grandes verdades e leis daquele reino estão, em outras passagens das Escrituras, explicadas claramente, e sem parábolas, mas algumas circunstâncias do seu início e progresso são expostas em parábolas abertas. 1. Aqui está uma parábola que visa mostrar quais são as grandes dificuldades que impedem as pessoas de se beneficiarem da palavra de Deus, e quantas vezes ela não alcança seu objetivo, por culpa das próprias pessoas – trata-se da parábola dos quatro tipos de solos, apresentada nos versículos 3-9 e explicitada nos versículos 18-23. 2. Aqui estão duas parábolas cuja intenção é mostrar a mistura do bom e do ruim que existe na igreja cristã, que continuará até a grande separação que ocorrerá no dia do julgamento: a parábola do joio apresentada (vv. 24-30), e explicada a pedido dos discípulos (vv. 36-43); e a da rede lançada ao mar (vv. 47-50). 3. Aqui estão duas parábolas cuja intenção é mostrar que a igreja cristã devia ser muito pequena no início, mas que ao longo do tempo ela se tornaria um corpo considerável: a do grão de mostarda (vv. 31,32), e a do fermento (v. 33). 4. Aqui estão duas parábolas cuja intenção é mostrar que aqueles que esperam a salvação através do Evangelho, devem arriscar tudo, e parar com tudo, nessa perspectiva, e que não haverá perdedores nessa barganha. As parábolas são a do tesouro escondido no campo (v. 44), e a da pérola de grande valor (vv. 45,46). 5. Aqui encontra-se uma parábola como orientação aos discípulos, cuja intenção era levá-los a fazer uso das instruções que Ele havia concedido para benefício dos outros; e essa é a parábola do bom pai de família (vv. 51,52). II. O desprezo com que os compatriotas de Jesus o tratavam devido à simplicidade de sua família (vv. 53-58).

As Parábolas de Jesus

vv. 1-23

Vemos aqui Jesus pregando, e podemos observar:

1. Quando Cristo pregou esse sermão: foi no mesmo dia em que havia pregado o sermão do capítulo anterior – isto mostra como Ele estava bem-

disposto em fazer o bem, e em realizar a obra daquele que o havia enviado. Jesus era a favor que se pregasse do começo ao fim do dia, e pelo seu exemplo esta prática foi recomendada à sua igreja. Nós devemos semear a nossa semente pela manhã e também à tarde (Ec 11.6). Um sermão à tarde, bem ouvido, estará longe de repor o sermão da manhã; ele irá, na verdade, fixá-lo, e segurar o prego em um lugar firme. Apesar de Jesus ter sido, pela manhã, capciosamente contestado pelos seus inimigos, perturbado e interrompido pelos seus amigos, Ele ainda perseverou com seu trabalho; e não verificamos ter Ele encontrado tais desencorajamentos na parte final do dia. Aqueles que com coragem e zelo vencem dificuldades no nome do Senhor, vão notar que elas não tendem a voltar como eles temem. Resista-lhes e elas desaparecerão.

2. A quem Ele pregava: ajuntava-se muita gente ao redor dele, e eram os ouvintes. Não vemos nenhum dos escribas ou fariseus presentes. Estes estavam dispostos a ouvi-lo quando Ele pregava na sinagoga (cap. 12.9,14), mas acreditavam ser algo abaixo deles ouvir um sermão à beira-mar, apesar do próprio Cristo ser o pregador. E verdadeiramente Ele preferia a ausência à companhia deles, pois quando eles estavam ausentes, Ele podia seguir calmamente e sem ser contraditado. Às vezes, há mais poder do Evangelho quando existe o mínimo de sua pompa: os pobres recebiam o Evangelho. Quando Cristo ia à praia, multidões rapidamente se ajuntavam ao seu redor. Onde o rei está, ali está a corte; onde Cristo está, ali está a igreja, mesmo que seja na praia. Aqueles que se beneficiam das palavras devem estar dispostos a segui-la em todos os lugares – quando a arca mudar, mude-se também, seguindo-a. Os fariseus haviam estado em ação, com calúnias e sugestões baixas, para evitar que as pessoas seguissem a Cristo, mas elas o seguiam tanto quanto antes. Cristo será glorificado apesar de toda a oposição; Ele será seguido.

3. Onde Ele pregou esse sermão.

(1) Seu ponto de encontro era a praia. Ele saiu de dentro de casa (porque não havia espaço para a audiência), indo para o ar livre. Era uma pena, mas tal pregador devia ter tido o local mais espaçoso, suntuoso e conveniente para pregar que pudesse ser concebido, como um dos teatros romanos; mas Ele estava agora no seu estado de humilhação; e nisso, como em outras coisas, Ele se negava as honras que lhe eram devidas; nem uma casa própria para morar Ele tinha, assim como não tinha um templo próprio onde

pudesse pregar. Com isso, Ele nos ensina – através das circunstâncias exteriores de adoração – a não invejar aquilo que é majestoso, mas aproveitar o melhor possível das facilidades que Deus, na sua providência, nos distribuiu. Quando Cristo nasceu, Ele estava apertado em um estábulo, e agora vemo-lo em uma praia, na areia, onde todas as pessoas podiam vir a Ele livremente. Ele, que a era a própria verdade, não buscava santuários (não *adyta*), como os mistérios pagãos faziam. "A suprema Sabedoria altissonantemente clama de fora" (Pv 1.20; Jo 13.20).

(2) Seu púlpito era um barco; não como o púlpito de Esdras, que havia sido feito para esse propósito (Ne 8.4), mas convertido para esse uso, por falta de outro melhor. Não havia lugar impróprio para esse pregador, cuja presença dignificava e consagrava qualquer lugar. Aqueles que pregam a Cristo não devem se envergonhar, apesar de terem locais simples e inconvenientes para pregar. Alguns observam que as pessoas estavam em pé, em solo seco e firme, enquanto o pregador estava na água, com algum risco. Os ministros estão mais expostos aos perigos. Vemos que havia aqui uma verdadeira tribuna, o barco-púlpito.

4. O quê e como o Senhor Jesus pregava. (1) Ele "falou-lhe de muitas coisas". É provável que muito mais do que está registrado aqui, mas todas coisas excelentes e necessárias, coisas que pertencem à nossa paz, coisas a respeito do Reino dos céus: elas não eram irrelevâncias, mas sim de importância eterna. Cabe a nós dar a mais sincera atenção quando Cristo tem tantas coisas a nos dizer, de modo a não perdemos nada. (2) Ele falou por parábolas. Uma parábola, às vezes, significa qualquer ditado sábio e importante que seja instrutivo; mas aqui nos Evangelhos geralmente significa uma similitude ou comparação contínua, pela qual coisas espirituais ou divinas são descritas com uma linguagem emprestada das coisas da vida cotidiana. Era uma maneira muito usada de ensinar, não só pelos rabinos judeus, mas pelos árabes, e por outros homens sábios do Oriente; e era considerada muito proveitosa, em grande parte devido ao fato de ser agradável. O nosso Salvador a usava muito, e com isso condescendia com a capacidade das pessoas, e se dirigia a elas em sua própria linguagem. Há muito tempo Deus usava símiles através dos seus servos, os profetas (Os 12.10), e, às vezes, com pouco proveito; agora Ele usa símiles através de seu Filho, pois certamente eles reverenciarão aquele que fala do céu, e de coisas divinas, mas as reveste com expressões emprestadas de coisas

terrenas. Veja João 3.12. Observe:

I Nós temos aqui a razão geral pela qual Cristo ensinou por parábolas. Os discípulos estavam um pouco surpresos com isso, pois até aquele momento, em suas pregações, Jesus não as havia usado muito, e por isso perguntam: “Por que lhes falas por parabolas?” Porque eles estavam verdadeiramente desejosos que as pessoas ouvissem e compreendessem. Eles não dizem: Por que falas a *nós*? (eles sabiam como ter as parábolas explicadas), mas a *eles*. Note que nós devemos estar preocupados com a edificação de outros, e com a nossa, pela palavra pregada; e devemos ser fortes para que possamos “suportar as fraquezas dos fracos”.

Cristo responde amplamente a essa questão (vv. 11-17). Ele lhes diz que pregava por parábolas, para que assim as coisas de Deus fossem expostas de uma maneira fácil e clara para aqueles que eram propositadamente ignorantes; e dessa forma o Evangelho seria “cheiro de vida” para alguns, e de morte, para outros. Uma parábola, como a coluna de nuvem e fogo, volta um lado escuro para os egípcios, o qual os confunde, mas um lado claro para os israelitas, que os conforta, e assim atende a um duplo propósito. A mesma luz dirige o olhar de alguns, mas ofusca os olhos de outros. Note que:

1. Essa razão é exposta (v. 11): “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado”. Ou seja: (1) Os discípulos tinham conhecimento, mas as pessoas não. Vocês já sabem algo desses mistérios, e não precisam ser instruídos dessa maneira familiar; mas as pessoas estão desprovidas de conhecimento, são como bebês, e devem ser ensinadas como tais, através de símiles claras, sendo ainda incapazes de receber instruções de qualquer outra maneira: pois apesar de terem olhos, elas não sabem como usá-los. Ou: (2) Os discípulos estavam bem familiarizados com o conhecimento dos mistérios do Evangelho, e analisariam as parábolas, e por elas seriam levados a um conhecimento mais íntimo desses mistérios. Mas os ouvintes carnais, que só contavam com o que podiam ouvir, e não se dariam ao trabalho de pesquisar mais, nunca seriam mais sábios, e assim sofreriam merecidamente por seu enfraquecimento. Uma parábola é como uma casca que protege o bom fruto para os diligentes, mas o guarda dos preguiçosos. Note que existem mistérios no Reino dos céus, e “sem dúvida alguma, grande é o mistério da

piedade”: a encarnação de Cristo, expiação, intercessão, nossa justificação e santificação pela união com Cristo, e, de fato, toda a questão da redenção, da primeira à última, são mistérios que nunca poderiam ter sido descobertos senão pela revelação divina (1 Co 15.51). Eles foram nessa ocasião revelados, em parte, aos discípulos, e não seriam completamente descobertos até que o véu fosse rasgado. Mas o mistério da verdade do Evangelho não deve desencorajar, e sim estimular, a nossa busca dele, e os nossos estudos a seu respeito. [1] O conhecimento dos mistérios do Reino dos céus é, de graça, dado aos discípulos de Cristo, para se familiarizarem com esses mistérios. O conhecimento é o primeiro presente de Deus, e é um presente que distingue (Pv 2.6); ele foi dado aos apóstolos, por que eles eram os seguidores e apoiadores constantes de Cristo. Note que quanto mais próximo nos chegamos a Cristo, e quanto mais conversamos com Ele, tanto mais nos familiarizamos com os mistérios do Evangelho. [2] Ele é dado a todos os verdadeiros crentes, que têm um conhecimento experimental dos mistérios do Evangelho, e esse é, sem dúvida, o melhor conhecimento – um princípio de graça no coração, é o que faz com que os homens tenham uma rápida compreensão do temor ao Senhor, e da fé em Cristo, e do significado das parábolas. Pela falta dessa bênção, Nicodemos, um mestre em Israel, falava do novo nascimento como um homem cego fala das cores. [3] Há aqueles para os quais esse conhecimento não é dado: “O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu” (Jo 3.27). Devemos nos lembrar de que Deus não é devedor a homem algum; a graça pertence somente a Ele. E Ele a dá ou a retém como lhe convém (Rm 11.35); esta questão deve ser decidida pela soberania de Deus, como já vimos anteriormente (cap. 11.25,26).

2. Essa razão é melhor ilustrada pela regra que Deus observa ao distribuir seus dons. Ele os dá àqueles que os aperfeiçoam, mas os tira daqueles que os enterram. É uma regra entre os homens preferir confiar seu dinheiro àqueles que aumentam seus bens através de seu trabalho, do que àqueles que os diminuem pela sua preguiça.

(1) Aqui vemos a promessa àquele que tem a verdadeira graça, de acordo com a escolha da graça, e que usa aquilo que tem; ele terá maior abundância. Os favores de Deus são a garantia de mais favores; Ele construirá onde Ele colocar os alicerces. Os discípulos de Cristo usavam o conhecimento que tinham agora, e teriam maior abundância quando

recebessem o Espírito (At 2). Aqueles que têm a verdade da graça, terão o aumento da graça, chegando a uma abundância de glória (Pv 4.18). *José – Ele acrecentará* (Gn 30.24).

(2) Aqui há uma ameaça àqueles que não desejam a graça, que não fazem bom uso dos dons e talentos que têm: não têm raiz, não têm princípios sólidos; têm, mas não usam o que possuem; destes, será tirado aquilo que têm ou parece que têm. Suas folhas murcharão, seus dons decairão; os meios de graça que têm, e dos quais não fazem uso, lhes serão tirados. Deus tirará os seus talentos das mãos daqueles que correm o risco de sucumbir rapidamente.

3. Essa razão é explicada, em particular, com referência aos dois tipos de pessoas com quem Cristo entrou em contato.

(1) Alguns eram intencionalmente ignorantes; e esses se divertiam com as parábolas (v. 13): “Porque eles, vendo, não vêem”. Eles cerraram seus olhos à clara luz das pregações mais óbvias de Cristo, e assim foram agora deixados no escuro. Ao verem a pessoa de Cristo, eles não viam sua glória, não viam diferença entre Ele e outro homem qualquer. Vendo seus milagres, e ouvindo a suas pregações, eles não viam; não ouviam com qualquer preocupação ou dedicação; eles não compreendiam nem a Cristo nem os seus milagres. Observe que: [1] Existem muitos que vêem a luz do Evangelho, ouvem o som do Evangelho, mas nunca permitem que o Evangelho alcance os seus corações, nem abrem os seus corações para ele. [2] É justo da parte de Deus retirar a luz daqueles que cerram os seus olhos a ela. E aqueles que preferem ser ignorantes, que sejam. Ao lidar dessa maneira com eles, o Senhor Deus aumenta a sua graça para com os seus discípulos, distinguindo-os.

Nisto se cumpririam as Escrituras (vv. 14,15). Esta é uma citação de Isaías 6.9,10. O profeta messiânico que falou mais claramente da graça do Evangelho previu o desprezo a ele, e a conseqüência de tal desprezo. São citadas não menos que seis vezes no Novo Testamento que, nos tempos do Evangelho, o julgamento espiritual seria muito comum. Isto faz menos ruído, mas é uma situação mais terrível. Aquilo que foi dito dos pecadores no tempo de Isaías foi cumprido no tempo de Cristo, e está se cumprindo todos os dias; pois enquanto o perverso coração do homem se mantém no mesmo pecado, a justa mão de Deus inflige a mesma punição. Vemos isso aqui:

Em primeiro lugar, temos uma descrição da cegueira e dureza propositais dos pecadores, que é o pecado de que são culpados: “O coração deste povo está endurecido”, ou seja, está engrossado; isto denota tanto sensualidade como insensatez (Sl 119.70). Sentindo-se seguro sob a Palavra e a vara de Deus, um escarnecedor como Jesurum engordou e se engrossou (Dt 32.15). E quando o coração está assim pesado, não é de surpreender que os ouvidos ouçam mal; eles não ouvem nada dos gemidos do Espírito; os altos clamores da Palavra. Apesar de a Palavra estar próxima deles, eles não a levam em consideração, nem são afetados em nada por ela: eles têm seus ouvidos tapados (Sl 58.4,5). E por estarem decididos a ser ignorantes, eles bloqueiam ambos os sentidos do aprendizado; pois também fecharam os seus olhos, decididos de que não veriam a luz vir ao mundo, quando o Filho da Justiça se manifestou, mas cerraram as suas janelas, pois “amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3.19; 2 Pe 3.5).

Em segundo lugar, temos a descrição dessa cegueira dos sentidos, que é a sua justa punição. “Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis”. Quaisquer meios de graça que tenham não lhes serão proveitosos, de modo nenhum. Embora prossigam recebendo misericórdias por causa de outros, quando entram em juízo, a bênção lhes é negada. A condição mais triste que um homem pode ter desse lado do inferno é estar sob as ordenanças mais vivas com um coração morto, estúpido e insensível, perdendo a oportunidade de ser tocado pelo Senhor nosso Deus. Ouvir a Palavra de Deus, e ver as suas providências, e ainda não entender nem perceber a sua vontade, é o maior pecado e a maior condenação que pode haver. Observe que é o trabalho de Deus dar um coração compreensivo, e Ele, muitas vezes, em um julgamento justo, o nega àqueles a quem Ele deu ouvidos que ouvem, e olhos que vêem, em vão. Assim, Deus escolhe as ilusões dos pecadores (Is 66.4), e os entrega à sua grande ruína, ao abandoná-los aos desejos dos seus próprios corações (Sl 81.11,12), deixando-os sós (Os 4.17). “O meu espírito não permanecerá para sempre no homem” (Gn 6.3, versão TB).

Em terceiro lugar, o doloroso efeito e a causa da cegueira e dureza propositais: “Para que não veja com os olhos”. Eles não verão porque não se voltarão ao Senhor; e Ele mesmo diz que eles não verão, porque não se voltarão: “Para que não… compreenda com o coração, e se converta, e eu o cure”.

Note que: 1. Ouvir, ver e compreender são atitudes necessárias à conversão; pois Deus, ao agir conforme a sua graça, lida com homens como homens, como agentes racionais. Ele atrai o homem, muda o seu coração, abrindo-lhe os olhos, e o converte do poder de Satanás a Deus, ao convertê-lo primeiro das trevas à luz (At 26.18). 2. Todos aqueles que estão verdadeiramente convertidos a Deus, serão certamente curados por Ele. “Se eles se converterem, eu os curarei, eu os salvarei”. Assim, se os pecadores perecem, que isto não seja imputado a Deus, mas a eles mesmos. Eles tolamente esperam ser curados, sem se converterem. 3. É justo da parte de Deus negar a sua graça àqueles que têm recusado, há muito tempo e freqüentemente, as propostas da sua graça, e resistido ao poder dela. O Faraó, por um bom tempo, endureceu o seu próprio coração (Ex 8.15,32), e posteriormente o próprio Deus o endureceu (Êx 9.12; 10.20). Que temamos então, para que não pequemos contra a graça divina; pois se assim procedermos, ela se retirará da nossa vida.

(2) Outros foram efetivamente chamados para ser discípulos de Cristo, e estavam realmente desejosos de ser ensinados por Ele; estes foram instruídos, e seu conhecimento grandemente aumentou por essas parábolas, especialmente quando elas foram explicadas; e por elas as coisas de Deus se tornaram mais claras e fáceis, mais inteligíveis e familiares, e mais propícias de serem lembradas (vv. 16,17). “Os vossos olhos… vêem, e os vossos ouvidos… ouvem”. Eles viram a glória de Deus na pessoa de Cristo; eles ouviram qual era o pensamento de Deus, pois estava expresso na doutrina de Cristo; eles viram muito, e estavam desejosos de ver mais, e assim estavam preparados para receber mais instruções – eles tiveram oportunidade para isso, por estarem constantemente na companhia de Cristo. E eles receberiam as suas preciosas instruções diariamente, e elas estariam acompanhadas pela graça. Agora Cristo fala dessa situação:

[1] Como uma bênção: “Bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem” – isso é uma felicidade, e é uma felicidade pela qual estais em dívida com os peculiares favores e bênçãos de Deus. Essa é uma bênção que foi prometida no Antigo Testamento – de que nos dias do Messias “os olhos dos que vêem não olharão para trás” (Is 32.3). Os olhos do menor crente que já experimentou a graça de Cristo são mais bem-aventurados do que os dos maiores sábios, dos maiores mestres da filosofia experimental, que são estranhos a Deus; estes, como os deuses a

quem eles servem, “têm olhos, mas não vêem”. A verdadeira bênção envolve o entendimento correto e um adequado aperfeiçoamento na compreensão dos mistérios do reino de Deus. “O ouvido que ouve e o olho que vê” são obra de Deus naqueles que são santificados; eles são obra de sua graça (Pv 20.12), e são uma obra abençoada, que será realizada com poder, quando aqueles que hoje vêem “por espelho, em enigma”, verão “face a face”. Foi para ilustrar essa bem-aventurança que Cristo falou tanto da miséria daqueles que são deixados na ignorância; eles têm olhos e não vêem; mas “bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem”. O conhecimento de Cristo é um favor que distingue aqueles que o têm, e, por conta disso, eles estão sob grandes obrigações (veja Jo 14.22). Os apóstolos deveriam ensinar a outros, e assim eles mesmos seriam abençoados com as mais claras descobertas da verdade divina. Os “atalaias... olho a olho verão” (Is 52.8).

[2] Como uma bênção transcendente, desejada (mas não alcançada) por muitos profetas e justos (v. 17). Os santos do Antigo Testamento, que tinham alguns vislumbres, algumas idéias vagas, da luz do Evangelho, desejavam ardentemente maiores descobertas. Eles tinham tipos, sombras e profecias, mas queriam ver a Essência, o final glorioso daquelas coisas para as quais eles não poderiam olhar fixamente; o glorioso interior daquelas coisas dentro das quais eles não podiam olhar. Eles desejavam ver a grande Salvação, a Consolação de Israel, mas não a viram, pois o tempo certo ainda não havia chegado. Note, em primeiro lugar, que aqueles que sabem algo de Cristo, não podem deixar de ansiar por saber mais. Em segundo lugar, que as descobertas da graça divina são feitas, mesmo pelos profetas e justos, somente de acordo com o que lhes é dispensado. Apesar de eles serem os favoritos do céu, com os quais estava o segredo de Deus, mesmo assim eles não viram as coisas que desejavam ver, porque Deus havia determinado não trazê-las à luz ainda; e seus favores não anteciparão seus desígnios. Havia, naquela época, como ainda há, uma glória a ser revelada; algo reservado, de modo que eles, sem nós, não poderiam ser aperfeiçoados (Rm 8.18; Hb 11.40). Em terceiro lugar, para estimular a nossa gratidão e apressar a diligência, é bom considerarmos de que meios dispomos, e que revelações nos foram feitas, agora, sob o Evangelho, acima das que tinham e dispunham aqueles que viviam sob a dispensação do Antigo Testamento, especialmente no que tange à revelação da expiação do pecado. Vejamos

quais são as vantagens do Novo Testamento acima do Antigo (2 Co 3.7ss.; Hb 12.18); e vivamos de modo que o nosso aperfeiçoamento esteja de acordo com as vantagens que temos na Nova Aliança.

II Nesses versículos, temos uma das parábolas que o nosso Salvador apresentou: a do semeador e da semente. Temos tanto a parábola em si, como também a sua explicação. As parábolas de Jesus eram tiradas de coisas comuns, habituais, não de alguma noção ou especulação filosófica, ou de fenômenos incomuns da natureza, apesar de serem suficientemente aplicáveis ao ponto em questão. Porém, as suas parábolas estavam fundamentadas nas coisas mais óbvias, aquelas que podemos observar todos os dias, e que estão até mesmo ao alcance daqueles que possuem a menor capacidade de entendimento. Muitas delas foram tiradas do ofício do agricultor, como a do semeador e do joio. Cristo escolheu fazer assim: 1. Para que as coisas espirituais estivessem mais claras, e, por similitudes mais familiares, fossem ainda mais fáceis de alcançar o nosso entendimento. 2. Para que as coisas mais comuns pudessem ser aplicadas à vida espiritual, e nós pudéssemos prestar atenção às coisas que tão freqüentemente passam pela nossa vista. Para que meditássemos com prazer nas coisas de Deus, e assim, quando as nossas mãos estiverem mais ocupadas com o mundo, nós possamos – não só apesar disso, mas até mesmo com a ajuda disso – ter os nossos corações dirigidos ao céu. Assim, a Palavra de Deus falará conosco de modo familiar (Pv 6.22).

A parábola do semeador é suficientemente explicada (vv. 3-9). A sua explicação é feita pelo próprio Senhor Jesus Cristo, que sabia melhor do que todos o que era que Ele próprio queria dizer. Quando os discípulos perguntaram: “Por que lhes falas por parábolas?” (v. 10), eles sugeriram um desejo de que a parábola fosse explicada por causa das pessoas; porém, não era um descrédito ao conhecimento deles o desejo de que o Senhor Jesus explicasse a parábola para eles mesmos. O nosso Senhor Jesus graciosamente aceitou aquele pedido, e explicou o significado, e fez com que eles compreendessem a parábola. Ele dirigiu o seu discurso aos discípulos, mas a multidão continuava ouvindo, pois não nos é relatado que Ele a tenha dispensado, até o versículo 36. “‘Escutai vós, pois, a parábola do semeador, (v.18); vós a ouvistes, mas vamos revê-la”. Note que é de bom uso, e contribui muito para o nosso benefício e para a compreensão da

Palavra, ouvir novamente aquilo que já ouvimos (Fp 3.1). *"Vocês a ouviram, mas ouçam a sua interpretação"*. Note ques abençoados apenas quando ouvimos a Palavra corretamente, e com bons propósitos, e quando compreendemos o que ouvimos. Pode-se considerar que uma pessoa não estará ouvindo, se não estiver ouvindo com entendimento (Ne 8.2). É, de fato, a graça de Deus que dá o entendimento; mas o nosso dever é prestar toda a atenção, dirigindo o nosso pensamento ao entendimento.

Vamos, portanto, comparar a parábola com a exposição.

(1) A semente semeada é a Palavra de Deus, aqui chamada de a palavra do reino (v. 19): o reino dos céus é o reino; os reinos do mundo, comparados a ele, não podem sequer ser chamados de reinos. O Evangelho vem do reino, e conduz a esse reino; a palavra do Evangelho é a palavra do reino; é a palavra do Rei, e onde ela estiver, ali estará o poder; ela é uma lei, pela qual nós devemos ser regidos e governados. Essa palavra é a semente semeada, o que para alguns parece uma coisa morta e seca, mas ela tem, de fato, uma riqueza dentro de si. É uma semente incorruptível (1 Pe 1.23); é o Evangelho que produz frutos nas almas (Cl 1.5,6).

(2) O semeador que lança a semente é o nosso Senhor Jesus Cristo, e Ele mesmo o faz, ou o faz através de seus ministros (veja v. 37). As pessoas são a lavoura de Deus, o seu cultivo, este é o significado da palavra; e os ministros são cooperadores de Deus (1 Co 3.9). Pregar a uma multidão é semear o grão; não sabemos onde a semente cairá, apenas cuidamos para que a semeadura seja boa, que seja limpa, e nos certificamos de que haja semente suficiente. Semear a preciosa Palavra é semear um povo no campo de Deus, o grão da sua eira (Is 21.10).

(3) O solo no qual essa semente é semeada são os corações dos filhos dos homens, que são de disposições e qualidades diferentes; da mesma maneira, o sucesso da palavra é diferente em cada um deles. Note que o coração do homem é como o solo, capaz de melhorar, de produzir bons frutos. É uma pena que muitos corações estejam como um solo não semeado, ou seja, como o campo do preguiçoso (Pv 24.30). A alma é o lugar apropriado para a Palavra de Deus residir, e trabalhar, e governar; a sua operação se dá na consciência. É o mesmo que acender ali a luz do Senhor. Agora, de acordo com o que somos, assim é a palavra para nós: *Recipitur ad modum recipientis – A recepção depende do receptor.* O mesmo ocorre com a terra; alguns tipos de solo dão muito trabalho, e por mais sementes que lancemos

neles, não produzem frutos que sirvam para algum propósito. Porém, o solo bom produz abundantemente. O mesmo ocorre com os corações dos homens, cujos diferentes caracteres estão aqui representados pelos quatro tipos de solo, dos quais três são ruins, e apenas um é bom. Note que muitos ouvintes não darão frutos, mesmo em se tratando daqueles que ouviram o próprio Cristo. Quem creu em nossa pregação? Quem deu crédito ao nosso relato? Essa parábola nos traz uma perspectiva melancólica sobre aqueles que ouvem o Evangelho ser pregado; ela sugere que um entre quatro produz frutos perfeitos. Muitos são chamados com um chamado comum, mas em poucos a escolha eterna está evidenciada pela eficácia desse chamado (cap. 20.16).

Observe agora os tipos de pessoas representadas por esses quatro tipos de solo.

[1] O solo ao pé do caminho (vv. 4-10). Havia trilhas através de seus campos (cap. 12.1), e a semente que nelas caiu nunca penetrou o solo, e assim os pássaros as pegaram. O lugar onde os ouvintes de Cristo estavam representava o caráter da maioria deles; para a semente, a areia na beira da praia era como o solo do caminho.

Observe, em primeiro lugar, que tipo de ouvintes é comparado com o solo do caminho; os que ouvem a Palavra e não a compreendem. Eles são os únicos culpados por esta situação. Eles não a levam em consideração, não a retém; eles não se comportam como se desejassem receber o bem. São como a estrada; nunca houve a intenção de semeá-la. Eles vêm à presença de Deus como os seus filhos vêm, e se sentam diante dele como os seus filhos se sentam, mas o fazem simplesmente por costume, ou ainda para verem e serem vistos. Eles não se importam com o que é dito; as palavras entram por um ouvido e saem pelo outro, e não deixa neles nenhuma impressão duradoura.

Em segundo lugar, como eles chegam a ser ouvintes ineficazes. O iníquo, ou seja, o diabo, veio e levou aquilo que foi semeado. Esses ouvintes mecânicos, descuidados e levianos, são uma presa fácil para Satanás; como ele é o grande assassino, também é o grande ladrão de sermões, e certamente nos roubará a Palavra se não tivermos o cuidado de guardá-la. Esta situação é como a dos pássaros que pegam as sementes que caem no solo que não foi inicialmente arado, nem tratado depois de semeado. Precisamos revolver a terra do solo que não está cultivado, preparando os

nossos corações para a Palavra, humilhando-nos a ela, dando-lhe toda a nossa atenção. Mas seremos como o solo da estrada se não tomarmos alguns cuidados: devemos cobrir a semente depois que a recebemos, através da meditação na Palavra de Deus e das nossas orações. Também precisamos dar atenção, com dedicação, às coisas que ouvimos. O diabo é um inimigo jurado, que luta para não recebermos os benefícios que nos são trazidos pela Palavra de Deus. E ninguém é mais amigo de suas intenções malignas do que os ouvintes descuidados, que estão pensando em alguma outra coisa, quando deveriam estar pensando nas coisas que pertencem à sua paz.

[2] O solo rochoso. Algumas caíram em locais pedregosos (vv. 5,6), que representam os ouvintes que vão além dos anteriores, que recebem algumas boas impressões da palavra, mas estas não permanecem (vv. 20,21). Note que é possível sermos melhores do que alguns outros, porém ainda não somos tão bons quanto deveríamos ser. Podemos ir além dos nossos vizinhos, e ainda não alcançar o céu. Observe, a respeito dos ouvintes que são representados pelo solo pedregoso:

Em primeiro lugar, quão longe eles foram. 1. Eles ouviram a Palavra; eles não dão as costas a ela, nem se comportam como se fossem surdos para ela. O fato de alguém ouvir a Palavra, ainda que muito freqüentemente, ainda que com seriedade, não levará a pessoa ao céu; é necessário crer na Palavra e confiar nela. 2. Eles ouvem bem, são rápidos para ouvir, e logo recebem a Palavra, *euthys*, estão prontos para recebê-la, e assim ela brota rapidamente (v. 5). Logo aparece sobre a terra aquilo que foi semeado em solo bom. Os hipócritas freqüentemente têm um início na fé cristã que é semelhante ao dos verdadeiros cristãos, em termos de profissão de fé, mostrando-se até mesmo empolgados. Eles a recebem imediatamente, sem prová-la; "engolem-na" sem mastigar, e por esta razão não pode haver uma boa digestão. Aqueles que provam todas as coisas têm mais facilidade para se apegar àquilo que é bom (1 Ts 5.21). 3. Eles a recebem com alegria. Observe que existem muitos que ficam felizes por ouvir um bom sermão, mas que, contudo, não tiram proveito dele; eles podem gostar da Palavra, e ainda não serem transformados ou governados por ela. O coração pode se derreter sob a Palavra, mas ainda assim não ser derretido pela Palavra, muito menos derreter-se sobre a palavra, como em um molde. Muitos provam a boa palavra de Deus (Hb 6.5), e dizem encontrar doçura nela; mas alguma luxúria que lhes é querida (com a qual a Palavra não combina) se

esconde por baixo da língua, e assim eles a cospem para fora. 4. Eles a suportam por um tempo, como um movimento violento, que continua enquanto a impressão da força permanece, mas logo ela se esgota. Muitos perseveram por um tempo, porém não perseveram até o final, e assim não alcançam a felicidade que é prometida àqueles que perseveram (cap. 10.22); eles corriam bem, mas algo os deteve (Gl 5.7).

Em segundo lugar, eles se retiraram, de modo que nenhum fruto chegou à perfeição. A vida deles se assemelhou ao grão, que, não tendo profundidade na terra para dela retirar a umidade, seca e murcha sob o calor do sol. E a razão para isto é:

1. Eles não têm raízes em si mesmos, nenhum princípio fixo e determinado em seus julgamentos, nenhuma resolução firme em seus desejos, e nenhum hábito enraizado em suas afeições. Não possuem nada firme que seja a seiva da força de sua profissão de fé. Observe: (1) É possível que haja a folha verde de uma profissão de fé, mas sem que haja a raiz da graça; a dureza prevalece no coração, e o que há de solo e maciez está apenas na superfície; por dentro, eles não foram mais afetados do que uma pedra o seria. Eles não têm raiz; não são, pela fé, unidos a Cristo, que é a nossa Raiz; eles não provêm dele, e não dependem dele. (2) Onde não houver um princípio, mesmo que haja uma profissão de fé, não podemos esperar que haja perseverança. Aqueles que não tiverem raízes não suportarão por muito tempo. Um navio sem lastro, apesar de a princípio navegar melhor que um navio carregado, certamente fracassará no teste das intempéries, e jamais chegará ao seu porto.

2. Os tempos de adversidade sempre chegam, e então aqueles que foram semeados entre as pedras não são bem-sucedidos. Quando a tribulação e a perseguição começam por causa do mundo, eles se sentem ofendidos. Essa é uma pedra de tropeço no caminho que eles não conseguem transpor, e assim o abandonam. É nisto que resulta a profissão de fé dessas pessoas. Observe: (1) Depois de um considerável vento de oportunidade, geralmente se segue uma tempestade de perseguições, para testar aqueles que receberam a Palavra com sinceridade, e aqueles que não agiram desse modo. O teste ocorre quando a Palavra do Reino de Cristo se torna a Palavra da paciência de Cristo (Ap 3.10). Nesse teste, se verifica quem guarda a Palavra do Senhor, e quem não a guarda (Ap 1.9). A verdadeira sabedoria consiste em nos prepararmos para esse dia. (2) Quando chegam

os tempos de adversidade, aqueles que não têm raízes se ofendem rapidamente. Eles primeiramente discutem com a sua profissão de fé, e então a abandonam; primeiro encontram algo de errado nela, e depois lançam-na fora. E, dessa forma, lemos a respeito da ofensa da cruz (Gl 5.11). Observe que a perseguição é representada, na parábola, pelo sol abrasador (v. 6). Este é o mesmo sol que aquece e alegra aquilo que está bem enraizado, mas que queima e faz murchar aquilo que não tem a raiz de que precisava. Assim como a Palavra de Cristo, a cruz de Cristo também é, para alguns, o sabor da vida para a vida, e para outros é o sabor da morte para a morte. Desse modo, a mesma tribulação que leva alguns à apostasia e à ruína, funciona para outros como um peso de glória muito maior e eterno. As provas que agitam alguns, confirmam outros (Fp 1.12). Observe como, no final, eles logo se vão; como apodrecem tão rapidamente quanto amadureceram. Uma profissão de fé assumida sem a devida consideração também é geralmente abandonada sem a devida consideração: “Ela vem de forma leviana, e se vai de forma leviana”.

[3] O solo espinhoso. Algumas caíram entre espinhos (que são um bom guarda para a semente, quando está junto a uma cerca, mas uma má companhia, quando está no campo); e os espinhos brotaram, o que sugere que eles não apareceram, nem apenas se destacaram quando a semente foi semeada. Mais tarde, estes espinhos se mostraram prejudiciais à semente (v. 7). Essa semente vai mais longe que a anterior, pois ela tem raiz. Ela representa a condição daqueles que não chegam a rejeitar a sua profissão de fé, mas que não chegam a obter dela nenhum benefício de salvação. O bem que eles recebem através da Palavra é insensivelmente recoberto e sobreposto pelas coisas do mundo. A prosperidade pode destruir os preciosos efeitos da Palavra no coração, assim como a perseguição o faz. E o grande perigo é que ela o faz silenciosamente: as pedras prejudicaram a raiz; os espinhos prejudicam a frutificação.

No entanto, o que são esses espinhos que sufocam a semente?

Em primeiro lugar, as preocupações desse mundo. Preocupar-se com outro mundo apressaria a germinação dessa semente, mas o cuidado com esse mundo a sufoca. As preocupações mundanas são adequadamente comparadas com espinhos, pois elas vêm com o pecado, e são um fruto da maldição. Elas são boas até certo ponto, para preencher uma lacuna, no sentido de precaução; mas o homem que lida muito com elas deve estar

bem prevenido (2 Sm 23.6,7); elas são ardilosas, ofensivas e ferem, e o fim daqueles que se entregam às preocupações é amargo (Hb 6.8). Esses espinhos sufocam a boa semente. Note que os cuidados mundanos são grandes empecilhos para que desfrutemos a Palavra de Deus, e para que cresçamos na graça e no conhecimento do Senhor. Eles consomem aquele vigor da alma que deveria ser usado em coisas divinas. Eles nos distraem quanto ao nosso dever, e mais tarde nos causam os maiores problemas. Os espinhos apagam as centelhas das boas afeições, e acabam com a determinação que está contida nas boas decisões. Aqueles que são excessivamente atarefados, e que se mostram cuidadosos em relação a muitas coisas, normalmente negligenciam aquilo que é o mais necessário.

Em segundo lugar, o engano das riquezas. Há alguns que estão correndo o risco de cair em uma grande armadilha; são aqueles que, pela sua dedicação e trabalho, aumentam as suas posses, e assim o perigo que vem dos cuidados deste mundo parece ter acabado. Mas eles continuam dando ouvidos ao mundo, e aí está o grande laço (Jr 5.4,5). É difícil para tais pessoas entrarem no Reino dos céus: eles tendem a prometer a si mesmos aquilo que não está neles, mas nas riquezas. E assim passam a confiar nas riquezas, demonstrando uma complacência excessiva por elas; e isso sufoca a Palavra tanto quanto o cuidado o faz. Observe que o problema não é tanto a riqueza, mas sim a falsidade que a riqueza traz; isso sim causa o problema. Mas também não podemos acusar as riquezas de serem falsas conosco, a menos que depositemos nelas a nossa confiança, e aumentemos as expectativas que temos em relação a elas. É aí que elas sufocam a boa semente.

[4] O solo bom (v.18). Outras caíram em solo bom, e é uma pena que nem toda semente encontre um solo bom, pois assim não haveria nenhuma perda. Estes são os bons ouvintes da Palavra (v. 23). Note que apesar de haver muitos que recebem a graça de Deus e a sua Palavra em vão, Deus ainda tem um remanescente que a recebe para um bom propósito; pois a Palavra de Deus não retornará vazia (Is 55.10,11).

Vemos que aquilo que distingue o solo bom dos demais tipos de solo é, em uma palavra, a frutificação. É por ela que os verdadeiros cristãos se distinguem dos hipócritas, por produzirem os frutos da justiça. “Assim sereis meus discípulos” (Jo 15.8). O Senhor não diz que esse solo bom não tenha pedras nem espinhos; mas não há nenhum que prevaleça a ponto de

prejudicar a frutificação. Os santos, os fiéis seguidores do Senhor nesse mundo, não são perfeitamente livres de pecar; mas, felizmente, são libertos do domínio do pecado.

Os ouvintes que representam o solo bom são:

Em primeiro lugar, ouvintes inteligentes; eles ouvem a Palavra e a entendem, eles entendem não só o seu sentido e significado, mas o seu próprio envolvimento com a Palavra. Eles a entendem como um homem de negócios entende do seu negócio. O Senhor Deus, em sua Palavra, trata com os homens como homens, de uma maneira racional, e Ele ganha a posse da vontade e da afeição abrindo o entendimento dos homens. Porém, o inimigo, Satanás, que é um ladrão e salteador, não vem por essa porta, mas procura chegar por outro caminho.

Em segundo lugar, ouvintes que frutificam, o que é uma evidência de sua boa compreensão: e esta também produz frutos. O fruto é, para cada semente, o seu próprio corpo, um produto substancial no coração e na vida, e que combina com a semente da palavra recebida. Nós, então, damos frutos quando agimos de acordo com a Palavra; quando o temperamento de nossas mentes e o senso de nossas vidas estão de acordo como o Evangelho que recebemos, e nós agimos conforme aquilo que nos é ensinado.

Em terceiro lugar, nem todos frutificam igualmente; alguns produzem 100 vezes, outros 60, e alguns 30. Note que, entre os cristãos, alguns são mais produtivos do que outros. Onde existe a verdadeira graça, também existem os seus graus; alguns alcançam maiores realizações em conhecimento e ações do que outros; nem todos aqueles que se dedicam a estudar a vida e o Evangelho do Senhor Jesus Cristo estão no mesmo nível. Nós devemos almejar o mais elevado dos graus, para produzir a cem por um, como aconteceu com o solo de Isaque (Gn 26.12), sendo assim abundantes na obra do Senhor (Jo 15.8). Mas se o solo for bom, e o fruto vier na estação certa, se o coração for honesto, e a vida estiver de acordo com ele, aqueles que produzirem à razão de trinta por um serão graciosamente aceitos por Deus, e estes frutos serão abundantemente contabilizados para eles, pois nós estamos sob a graça, e não sob a lei de Moisés.

Finalmente, Ele conclui a parábola com um solene chamado à atenção (v. 9): “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”. Observe que o sentido da audição não pode ser empregado melhor do que em ouvir a Palavra de Deus. Alguns vivem para ouvir uma doce melodia, seus ouvidos são somente “as filhas da música” (Ec. 12.4, versão inglesa KJV): não há melodia semelhante àquela da Palavra de Deus; outros vivem para ouvir coisas novas (At 17.21); não novas como aquelas.

A Parábola do Trigo e do Joio, do Grão de Mostarda, e do Fermento

vv. 24-43

Nesses versículos, nós temos:

Uma outra razão pela qual Cristo pregava em parábolas (vv. 34,35). O
I Senhor proferiu todos estes ensinos através de parábolas, porque não havia chegado o tempo para a descoberta mais clara e direta dos mistérios do Reino. Para manter as pessoas comparecendo e esperando, o Senhor Jesus Cristo pregava utilizando parábolas, e não lhes falou sem utilizar parábolas, como, por exemplo, na ocasião desse sermão. Note que Cristo tenta todos os modos e métodos para fazer o bem às almas dos homens, e para fazer o melhor por elas. Se os homens não quiserem ser instruídos e influenciados por uma pregação direta, o Senhor tentará instruí-los através de parábolas. E a razão dada aqui é muito importante: para que as Escrituras fossem cumpridas. A passagem aqui mencionada é parte do prefácio para aquele Salmo histórico (78.2): “Abrirei a boca numa parábola”. As palavras que o salmista Davi, ou Asafe, expressa em sua narrativa estão em harmonia com os sermões de Cristo; e este grande precedente serviria para justificar esse modo de pregar, mostrando que ele não era ofensivo, como alguns o consideravam. Aqui está: 1. O tema da pregação de Cristo; Ele pregava coisas que haviam sido mantidas em segredo desde a fundação do mundo. O mistério do Evangelho havia estado escondido em Deus, nos seus conselhos e decretos, desde o começo do mundo (Ef 3.9; compare Rm 16.25; 1 Co 2.7; Cl 1.26). Se nos deliciamos com as descrições de coisas da antigüidade, e com a revelação de coisas secretas, quão bem-vindo o Evangelho deve ser para nós, pois ele tem em si tanta antigüidade e mistério! Elas estavam – desde a fundação do mundo – envoltas em tipos e sombras que agora passaram; e aquelas coisas secretas se tornaram aquilo que foi manifesto a nós e aos nossos filhos (Dt 29.29). 2. A maneira como Cristo pregou. Ele pregou por parábolas, que eram discursos sábios, mas figurativos, e que ajudavam a prender a atenção e levar a uma busca diligente. As pomposas instruções de Salomão, que estão repletas de analogias, são chamadas de provérbios, ou parábolas. É a mesma palavra. Mas tanto em palavras como em obras, “eis que está aqui quem é mais do que Salomão”; no Senhor Jesus Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria.

II A parábola do joio, e a sua elucidação; elas devem ser tomadas juntas, pois a elucidação explica a parábola e a parábola ilustra a elucidação.

Observe: 1. O pedido dos discípulos ao Mestre; eles queriam que a parábola lhes fosse explicada (v. 36). O Senhor Jesus dispensou a multidão; e é de se temer que muitos deles tenham ido embora sem terem se tornado mais sábios do que quando vieram; eles ouviram um som de palavras, e isso foi tudo. É triste pensar que muitos ouvem os sermões sem que a Palavra da graça penetre em seus corações. Cristo foi para dentro de casa, nem tanto para seu próprio repouso, mas para uma conversa particular com os seus discípulos; a instrução era o objetivo maior de todas as suas pregações. Ele estava pronto para fazer o bem em todos os lugares; os discípulos aproveitaram a oportunidade e vieram a Ele. Aqueles que desejam ser sábios em todas as coisas, devem ser sábios para discernir e melhorar as suas oportunidades, especialmente de conversar com Cristo, de conversar com Ele a sós, meditando e orando de forma secreta. É muito bom, quando retornamos da assembléia sagrada, conversarmos uns com os outros sobre a mensagem que ali ouvimos, e em linguagem familiar nos ajudarmos uns aos outros a entendê-la e lembrá-la, e sermos tocados por ela; pois nós perdemos o benefício de muitos sermões através de conversas vãs e inúteis que temos depois de ouvi-los. Veja Lc 24.32; Dt 6.6,7. É especialmente bom, se possível, perguntar aos ministros da Palavra o significado da palavra escrita e pregada, pois os seus lábios devem guardam o conhecimento (Ml 2.7). As conversas particulares contribuiriam muito para que aproveitássemos melhor os discursos públicos. A frase proferida por Natã: “Tu és este homem”, foi o que tocou o coração de Davi.

O pedido dos discípulos ao Mestre foi: “Explique-nos a parábola do joio do campo”. Isso implicava em um reconhecimento de sua ignorância, algo que eles não tiveram vergonha de fazer. É provável que tenham captado o escopo geral da parábola, mas desejassem compreendê-la com mais detalhes, tendo a certeza de que a haviam compreendido corretamente. Aqueles que estão inteiramente predispostos aos ensinos de Cristo, são aqueles que estão conscientes da ignorância em que vivem, e desejam, sinceramente, ser ensinados. Ele ensinará os humildes (Sl 25.8,9), mas é necessário pedir isso. Se qualquer homem necessitar de instrução, peça-a a Deus. Cristo havia explicado a parábola anterior sem que eles pedissem; mas no caso desta parábola do joio, eles pediram a explicação. As misericórdias que nós recebemos devem ser melhoradas, tanto por orientação como ao que pedir em oração, para o encorajamento em oração.

A primeira luz e a primeira graça são dadas de um modo preventivo; porém, a seqüência das bênçãos, os graus mais elevados da luz e da graça do Senhor, tem que ser pedida diariamente em oração.

2. A explicação que o Senhor Jesus Cristo deu da parábola, atendendo ao pedido deles. Jesus está sempre pronto para atender tais pedidos de seus discípulos. O sentido da parábola é representar para nós o estado presente e futuro do Reino dos céus, a igreja cristã. O cuidado de Cristo com ela, a inimizade do diabo contra ela, a mistura de futuros eventos bons e maus relacionados a ela. A igreja visível é uma parte do Reino dos céus; apesar de haver alguns hipócritas nela, Cristo a governa como Rei. E há um grupo nela – formado pelos súditos e herdeiros do céu – que a domina, por serem a sua melhor parte. A igreja é o reino dos céus sobre a terra.

Examinemos os detalhes da explicação da parábola.

(1) "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem". Jesus Cristo é o Senhor do campo, o Senhor da colheita, o semeador da boa semente. Quando Ele ascendeu ao céu, deu dons aos homens em todo o mundo; não só aos bons ministros, mas a outros bons homens. Note que toda e qualquer boa semente que houver no mundo veio das mãos de Cristo, veio de sua semeadura: verdades pregadas, graças plantadas, almas santificadas, são boas sementes, e tudo isto pertence a Cristo. Os ministros são instrumentos nas mãos de Cristo para semear a boa semente. Eles são empregados por Ele e estão sob as ordens dele; e o sucesso de seus labores só depende da bênção dele. E assim podemos dizer, com toda razão: É Cristo, e ninguém mais, que semeia a boa semente; Ele é o Filho do Homem, um de nós, para que não nos sintamos amedrontados pela sua grandeza. Ele é o Filho do Homem, o Mediador, e Ele tem toda a autoridade.

(2) "O campo é o mundo"; o mundo da humanidade, um grande campo, capaz de produzir bons frutos; muito se deve lamentar que ele produza tantos frutos ruins. Porém, nesta parábola, entendemos que o mundo é a igreja visível, que está espalhada pelo mundo todo, e que não está confinada a uma só nação. Observe que, na parábola, o mundo é chamado de "seu campo"; o mundo é o campo de Cristo, pois todas as coisas lhe foram entregues por Deus Pai. Qualquer poder e interesse que o diabo tenha no mundo, foi usurpado e obtido de modo injusto. Quando Cristo vier tomar posse, Ele virá para aquilo que é seu por direito. O campo é dele; e, pelo fato de ser dele, Ele teve o cuidado de semeá-lo com a boa semente.

(3) “A boa semente são os filhos do Reino”, os verdadeiros santos. Eles são: [1] Os filhos do Reino; não só em profissão de fé, como os judeus o eram (cap. 8.12), mas em sinceridade; judeus por dentro, israelitas de fato, incorporados em fé e obediência a Jesus Cristo, o grande Rei da Igreja. [2] Eles são a boa semente, preciosos como sementes (Sl 126.6). A semente é a essência do campo, e o mesmo ocorre com a semente sagrada (Is 6.13). A semente é espalhada, e o mesmo ocorre com os santos. Eles estão dispersos, um está aqui e outro ali, apesar de em alguns lugares estarem semeados mais juntos do que em outros. A semente é aquilo de que se espera fruto; qualquer fruto de honra e serviço que Deus tenha desse mundo, Ele o obtém dos santos. Ele os semeou para si na terra (Os 2.23).

(4) “O joio são os filhos do Maligno”. Aqui está o caráter dos pecadores, hipócritas, e também de todos aqueles que são profanos e iníquos. [1] Eles são os filhos do diabo, como o maligno. Apesar de não levarem seu nome, eles têm a sua imagem, satisfazem as suas luxúrias, e dele têm a sua educação; o maligno domina sobre eles, e trabalha neles (Ef 2.2; Jo 8.44). [2] Eles são o joio no campo desse mundo; eles não fazem o bem, mas ferem. São inúteis por si só, e danosos à boa semente, tanto pelas tentações como pelas perseguições. Eles são ervas daninhas no jardim, embora tenham a mesma chuva, estejam no mesmo solo, e recebam o mesmo brilho do sol que as plantas boas recebem. Eles não servem para nada: o joio está entre o trigo. Deus assim ordenou que o bem e o mal estejam misturados nesse mundo, que o bem seja exercitado, que o mal seja inescusável, e uma diferença seja feita entre a terra e o céu.

(5) “O inimigo que o semeou é o diabo”; um inimigo jurado de Cristo e de tudo que é bom, da glória de Deus e do conforto e da alegria de todos os homens bons. Ele é um inimigo do campo do mundo, mesmo se esforçando para se apossar deste, ao semear nele o seu joio. Desde que Satanás se tornou um espírito mau, ele tem se dedicado a promover a iniqüidade, e fez disso a sua ocupação, esforçando-se, assim, para trabalhar contra Cristo.

A respeito da semeadura do joio, observe na parábola:

[1] Que ele foi semeado enquanto o homem dormia. Os magistrados dormiam, e, pelo seu poder, os ministros dormiam. Mas eram os ministros que, através de sua pregação, deveriam ter evitado esse dano. Satanás está atento a todas as oportunidades, e aproveita tudo o que possa ser vantajoso à propagação dos vícios e da profanação. O prejuízo que o diabo causa às

pessoas em particular se dá quando a razão e a consciência estão adormecidas, quando estas virtudes baixam a guarda. Portanto, precisamos estar sóbrios e vigilantes. O joio foi semeado à noite, pois essa é a hora de dormir. Satanás governa nas trevas deste mundo; elas lhe dão a oportunidade de semear o joio (Sl 104.20). Este triste evento ocorreu enquanto os homens dormiam; e não há remédio, pois os homens precisam ter um tempo para dormir. É impossível impedir que os hipócritas estejam na igreja. Da mesma forma, o lavrador, enquanto dorme, não pode impedir que um inimigo mine ou estrague o seu campo.

[2] O inimigo se retirou logo após ter semeado o joio (v. 25), para que ninguém soubesse quem o fez. Quando Satanás está causando o maior dano, ele faz o máximo para se ocultar; pois, se ele for visto, os seus planos podem ser frustrados. E assim, quando vem semear o joio, ele se transforma em um anjo de luz (2 Co 11.13,14). O inimigo seguiu o seu caminho, como se não tivesse causado nenhum dano; este é o procedimento da mulher adúltera (Pv 30.20). Observe que esta é a propensão que os homens caídos têm ao pecado; se o inimigo semeia o joio, ele pode até mesmo se retirar, pois o joio brotará por si só, e causará grandes danos. Porém, quando a boa semente é semeada, ela precisa receber vários cuidados; ela precisa ser regada e cercada, caso contrário não frutificará.

[3] O joio não apareceu até que a folha se formou, e produziu frutos (v. 26). Há muita maldade em segredo nos corações dos homens que está bem escondida, sob o manto de uma profissão de fé plausível, mas que aparece no final. Como a boa semente, também o joio fica bastante tempo sob os torrões, e assim que brota é difícil diferenciá-lo. Mas quando vêm os tempos de adversidade, quando o fruto tem que ser produzido, quando o bem deve ser feito mesmo que haja dificuldade e perigo para fazê-lo, então você poderá discernir entre o sincero e o hipócrita. Então você poderá dizer: Isto é trigo, e aquilo é joio.

[4] Quando os servos se deram conta, reclamaram ao seu senhor (v. 27): “Senhor, não semeaste boa semente em vosso campo?”. Sem dúvida que ele o fez; seja lá o que houver de errado na igreja, nós temos a certeza de que não foi Cristo quem semeou o mal. Considerando a semente que Cristo semeou, nós bem que podemos perguntar, com surpresa: De onde vem esse joio? Note que o surgimento de erros, o aparecimento de escândalos e o crescimento da profanação são motivos de grande sofrimento para os servos

de Cristo, especialmente para os seus ministros fiéis, que devem reclamar disso ao dono do campo. É triste ver tal joio, tais ervas daninhas, no jardim do Senhor; ver o bom solo desperdiçado, a boa semente sufocada, e tal imagem refletida contra o nome e a honra de Cristo, como se o seu campo não fosse melhor do que o do preguiçoso, que está repleto de espinhos.

[5] O Senhor logo se deu conta de onde isso vinha (v. 28): “Um inimigo é quem fez isso”. Ele não coloca a culpa nos servos; eles não o podem evitar, pois fizeram o que estava ao seu alcance para evitá-lo. Os ministros de Cristo que forem fiéis e diligentes não serão julgados por Cristo, e, por esta razão, não devem ser criticados pelos homens devido à mistura do mal com o bem, dos hipócritas com os sinceros, no campo da igreja. É necessário que essas ofensas venham, e elas não serão postas contra nós, se cumprirmos o nosso dever, mesmo que não tenhamos o sucesso desejado. Apesar de dormirmos, não amamos o sono; apesar do joio ser semeado, não fomos nós que o semeamos nem o regamos, nem os aceitamos. Assim, a culpa não será posta à nossa porta.

[6] Os servos foram muito solícitos em arrancar o joio pela raiz. “Queres, pois, que vamos arrancá-lo?” Note o zelo precipitado e a falta de ponderação dos servos de Cristo. Eles se mostraram prontos a agir, mesmo antes de terem consultado o Mestre. Eles se dispuseram a arrancar pela raiz tudo o que presumissem que era joio; esta ação representaria um perigo iminente para a igreja. Em outra situação, chegaram a dizer: “Senhor, queres que peçamos fogo do céu?”

[7] O Senhor, com muita sabedoria, impediu isso (v. 29). “Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele.” Não é possível a nenhum homem distinguir infalivelmente entre joio e trigo, pois ele pode se confundir; e assim aqui está a sabedoria e a graça de Cristo. Ele permitirá que o joio cresça, para que não coloque, de maneira alguma, o trigo em perigo. Certamente os ofensores escandalosos devem ser censurados, e devemos nos separar deles; aqueles que são, abertamente, filhos do maligno, não devem ter o acesso permitido às ordenanças especiais. Mas ainda assim é possível haver uma disciplina que seja tão equivocada em suas regras, ou tão condescendente em sua aplicação, a ponto de ser perturbadora para muitos que são, verdadeiramente, servos de Deus e conscienciosos. Grande cautela e moderação devem ser usadas pela igreja ao infligir e manter censuras, para que o trigo não seja pisado, nem

arrancado. A sabedoria do alto é tão pura quanto pacífica, e aqueles que se opõe não devem ser desligados, mas instruídos, e isto deve ser feito com mansidão (2 Tm 2.25). Alguns entendem que se o joio continuar sob os meios da graça, ele pode se tornar um bom grão; portanto, tenha paciência com ele.

(6) "A ceifa é o fim do mundo" (v. 39). Este mundo terá um fim; apesar de continuar por muito tempo, ele não continuará para sempre; o tempo será, em breve, engolido pela eternidade. No fim do mundo haverá uma grande colheita, um dia de julgamento; na colheita, tudo está maduro e pronto para ser cortado: tanto o bem como o mal estarão prontos naquele grande dia (Ap 6.11). Esta é a colheita da terra (Ap 14.15). Na colheita, os segadores cortam tudo que estiver à sua frente; nem um campo, nem uma esquina é deixada para trás; assim, no grande dia, tudo deve ser julgado (Ap 20.12,13). Deus preparou a colheita (Os 6.11), e ela não falhará (Gn 8.22). Na colheita, todo homem colherá aquilo que plantou; o solo, a semente, a habilidade, e a dedicação de cada homem será manifestada (veja Gl 6.7,8). Então, aquele que semeou uma boa semente virá com alegria (Sl 126.5,6), com a felicidade da colheita (Is 9.3). Nessa ocasião, os preguiçosos, que não araram devido ao frio, implorarão, e não terão nada (Pv 20.4). Eles clamarão: "Senhor, Senhor", mas este clamor será em vão. Nessa ocasião, a colheita daqueles que semearam para a carne será um dia de pesar, de desespero e tristeza (Is 17.11).

(7) "Os ceifeiros são os anjos": eles serão empregados, no grande dia, na execução da sentença correta de Cristo, tanto de aprovação como de condenação, como ministros da sua justiça (cap. 25.31). Os anjos são habilidosos, fortes e ágeis. São servos obedientes a Cristo, inimigos sagrados do maligno, e amigos fiéis dos santos; por isso, estão aptos a serem assim empregados. Aquele que colhe recebe um pagamento, e os anjos não serão deixados sem um pagamento pelo seu trabalho, pois aquele que semeou, e aquele que colheu, se alegrarão juntos (Jo 4.36); haverá alegria no céu, na presença dos anjos de Deus.

(8) O tormento infernal é o fogo, dentro do qual o joio será então lançado, e no qual será queimado. No grande dia, uma distinção será feita, e com ela haverá uma grande diferença; este será, de fato, um dia notável.

[1] O joio será então reunido e lançado fora. Os ceifeiros (cujo trabalho fundamental é juntar o grão) serão primeiro encarregados de juntar o joio e

colocá-lo para fora. Note que apesar do bem e do mal estarem juntos nesse mundo, sem distinção, no grande dia eles serão separados. Nenhum joio estará então entre o trigo; nenhum pecador, entre os santos; então será possível discernir facilmente entre o justo e o ímpio, o que aqui é, às vezes, difícil de fazer (Ml 3.18; 4.1). Cristo não os tolerará para sempre (Sl 1.1ss.). Eles juntarão e colocarão para fora do Reino todas as coisas perversas que ofendem, e todas as pessoas ímpias que cometem iniqüidades. O Senhor iniciará este processo, e irá até o final. Toda doutrina, adoração e prática corrupta que ofenderam, que foram escândalos para a igreja, e pedras de tropeço para a consciência dos homens, serão condenadas pelo justo Juiz naquele dia, e consumidas pelo brilho da sua vinda. Toda a madeira, feno, e palha serão consumidos (1 Co 3.12). E então ai daqueles que cometem iniqüidades, e fazem disso um negócio, e persistem nisso; não só aqueles que viveram na última era do reino de Cristo na terra, mas também aqueles que viveram em todas os períodos. Talvez haja aqui uma alusão a Sofonias 1.3: “Consumirei... os tropeços com os ímpios”.

[2] Eles serão então atados em fardos (v. 30). Pecadores do mesmo tipo serão atados juntos no grande dia: um monte de ateístas, um monte de hedonistas, um monte de perseguidores, e um grande monte de hipócritas. Aqueles que estiveram juntos no pecado, assim estarão na vergonha e na dor; e isso será um agravo de sua miséria. Mas o grupo dos santos glorificados terá a sua bênção aumentada. Oremos como Davi: “Não colhas a minha alma com a dos pecadores, nem a minha vida com a dos homens sanguinolentos” (Sl 26.9), mas ajunte-a no feixe dos que vivem com o Senhor (1 Sm 25.29).

[3] Eles serão lançados em uma fornalha de fogo; tal será o fim dos perversos e nocivos, que são, na igreja, como joio em meio ao trigo; eles não servem para nada, a não ser para o fogo. E para lá irão, pois é o melhor lugar para eles. O inferno é uma fornalha de fogo, acesa pela ira de Deus, e mantida pelos montes de joio que são lançados dentro dela, e que estarão sendo eternamente consumidos. Mas o Senhor passa da metáfora para uma descrição dos tormentos que são concebidos para serem causados por ela. Haverá pranto e ranger de dentes; um sofrimento inconsolável e uma indignação incurável em relação a Deus, a si mesmos, e de uns para com os outros. Esta será a tortura infindável das almas condenadas. Conhecendo, assim, esses terrores do Senhor, sejamos persuadidos a não cometer

nenhuma iniqüidade.

(9) O céu é o celeiro no qual todo o trigo de Deus será reunido no grande dia da colheita. “Mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro”, diz a parábola (v. 30). Considere que: [1] No campo deste mundo, as pessoas boas são o trigo, o grão mais precioso, e a parte valiosa do campo. [2] Esse trigo será juntado em breve, juntado do meio do joio e das ervas daninhas: todos serão juntados em uma assembléia geral, todos os santos do Antigo Testamento, todos os santos do Novo Testamento, nenhum deles faltará. Reunirá os seus santos junto a si (Sl 50.5). [3] Todo o trigo de Deus será armazenado junto no celeiro de Deus. Alguns entendem que as almas são guardadas, na morte, como uma pilha de grãos (Jó 5.26), mas a reunião geral ocorrerá no fim dos tempos. O trigo de Deus então será reunido, e não estará mais espalhado. Haverá feixes de grãos, como também montes de joio. Os grãos de trigo serão, então, colocados a salvo, e não serão mais expostos ao vento e ao tempo, ao pecado e à dor; não serão mais separados, e embora estejam distantes no campo, estarão próximos no celeiro. O céu é um celeiro de grãos (cap. 3.12), no qual o trigo será não só separado do joio das más companhias, mas separado da palha de suas próprias corrupções.

Na explicação da parábola, isso é gloriosamente representado (v. 43): “Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai”. Em primeiro lugar, eles têm uma grande honra no presente: Deus é Pai deles. Agora somos os filhos de Deus (1 Jo 3.2); o nosso Pai celestial é o Rei ali. Quando Cristo foi para o céu, Ele foi para o seu Pai, e nosso Pai (Jo 20.17). O céu é a casa de nosso Pai, e não somente isto, mas é o palácio de nosso Pai; é o seu trono (Ap 3.21). Em segundo lugar, a honra que ali está reservada para eles é que brilharão como o sol naquele reino. Aqui eles estão obscuros e escondidos (Cl 3.3), o seu brilho é eclipsado pela sua pobreza, e pela pequenez de sua condição exterior; as suas próprias fraquezas e enfermidades, assim como a reprovação e a desgraça que são lançadas contra eles, os ocultam. Mas então eles brilharão como o sol por detrás de uma nuvem escura; na morte, eles brilharão para si mesmos; porém no grande dia, eles brilharão publicamente perante todo o mundo, e os seus corpos serão semelhantes ao corpo glorioso de Cristo. Eles brilharão por reflexo, com uma luz emprestada da Fonte da luz. A sua santificação será aperfeiçoada, e a sua justificação se tornará pública. Eles pertencerão a Deus como seus filhos, e Ele mesmo produzirá o registro de todos os

serviços e sofrimentos que enfrentaram por amor ao seu glorioso nome. Eles brilharão como o sol, a mais gloriosa de todas as coisas visíveis. A glória dos santos é, no Antigo Testamento, comparada com o firmamento e com as estrelas, mas aqui ela é comparada com o sol; pois a vida e a imortalidade são trazidas a uma luz muito mais clara pelo Evangelho, do que pela lei de Moisés. Aqueles que brilham como luzes nesse mundo, para que Deus possa ser glorificado, brilharão como o sol no outro mundo, para que possam ser glorificados. O nosso Salvador conclui, como antes, mandando que prestemos atenção; aqueles que têm ouvidos para ouvir, ouçam. A nossa felicidade está em ouvirmos essas palavras tão preciosas. A nossa obrigação é darmos ouvidos a elas.

III Aqui está a parábola do grão de mostarda (vv. 31,32). O escopo dessa parábola é mostrar que o início do Evangelho seria pequeno, mas que, no seu final, ele aumentaria grandemente. Desse modo, a igreja cristã, o Reino de Deus entre nós, seria implantado no mundo; desse modo, a obra da graça no coração, o Reino de Deus dentro de nós, seria implantado dentro de cada cristão.

A respeito da obra do Evangelho, observe:

1. Que ela é geralmente muito frágil e pequena no início, como ocorre com a semente de mostarda, que é uma das menores sementes. O reino do Messias, que estava então sendo implantado, tinha pouca expressão. Cristo e os seus apóstolos, comparados com os grandes do mundo, se pareciam com a semente de mostarda, com as coisas mais frágeis do mundo. Em alguns lugares em particular, os primeiros raios da luz do Evangelho são como a aurora do dia; e nas almas em particular, o Evangelho é, inicialmente, o dia das coisas pequenas, como uma cana quebrada. Os recém-convertidos são como cordeiros que têm que ser carregados nos braços (Is 40.11). Nesse caso, a fé está presente, mas ainda lhes faltam muitas coisas (1 Ts 3.10). E os gemidos, que não podem ser sequer expressos, são muito pequenos. Estes podem ser considerados o início de uma vida espiritual, e a evidência de algum movimento, mas são raramente discerníveis.

2. Que ela ainda assim está crescendo e se desenvolvendo. O reino de Cristo se firmou de uma forma surpreendente. Grandes adições lhe foram feitas, nações nasceram de uma vez, apesar de toda oposição imposta pelo

inferno e pela terra. Na alma onde a graça é verdadeira, ela crescerá verdadeiramente; contudo, ela talvez nem seja sentida. Um grão de mostarda é pequeno, mas é uma semente, e tem em si uma disposição para crescer. A graça estará ganhando terreno, brilhando mais e mais (Pv 4.18). Observe como a semente cresce: os hábitos da graça são confirmados, ocorre um avivamento que leva as pessoas à ação e a um conhecimento mais claro, a fé é cada vez mais confirmada, e o amor fica mais inflamado.

3. Que ela finalmente chegará a um grande grau de força e utilidade; quando ela tiver crescido e alcançado uma certa maturidade, ela se tornará uma árvore, bem maior em alguns países do que em outros. A igreja, como a vinha trazida do Egito, lançou raízes e encheu a terra (Sl 80.9-11). A igreja é como uma grande árvore, em que os pássaros do céu se abrigam; o povo de Deus tem, nela, um grande auxílio para a obtenção de alimento, repouso, proteção e abrigo. Em algumas pessoas em particular, o princípio da graça, se for verdadeiro, perseverará e será finalmente aperfeiçoado. A graça que cresce será uma graça forte, e fará com que muitas coisas aconteçam. Os cristãos mais maduros devem ter o anseio de serem úteis aos outros, assim como o grão de mostarda que, quando crescido, é útil para os pássaros. Para que aqueles que vivem perto, ou sob a sua sombra, possam desfrutar preciosas bênçãos (Os 14.7).

IV Aqui está a parábola do fermento (v. 33). O escopo é basicamente o mesmo da parábola anterior, para mostrar que o Evangelho deveria prevalecer e ter um sucesso gradual, silencioso, e sem ser sentido; a pregação do Evangelho é como o fermento, e trabalha como fermento nos corações daqueles que a recebem.

1. Uma mulher pegou esse fermento; era o trabalho dela. Os ministros são empregados para fermentar as almas com o Evangelho. A mulher é o vaso mais fraco, e nós temos este tesouro em vasos frágeis.

2. O fermento foi escondido em três medidas de farinha. O coração é, como a farinha, leve e maleável. E é o coração macio que tende a ser beneficiado pela Palavra. O fermento, no meio de grãos que não estão moídos, não tem efeito. Da mesma forma, o Evangelho, em almas altivas e não quebrantadas em relação ao pecado, não traz os benefícios que estão disponíveis. A lei mói o coração, e então o Evangelho age nele como fermento. Aqui se fala de três medidas de fermento, que é uma grande

quantidade, pois um pouco de fermento faz crescer a massa toda. A farinha deve ser sovada, antes que receba o fermento. Da mesma forma, os nossos corações devem ser quebrantados e umedecidos, e devemos ter o cuidado de prepará-los para a Palavra, para que recebam as bênçãos que estão disponíveis. O fermento deve ser escondido no coração (Sl 119.11), nem tanto pelo segredo (pois ele se mostrará), mas por segurança; o nosso pensamento interior deve estar nele, e devemos guardá-lo como Maria guardou as palavras de Jesus (Lc 2.51). Quando a mulher esconde o fermento na farinha, a intenção é que ele transmita a sua essência, para que possa agir nela. É assim que devemos guardar e reverenciar a Palavra em nossas almas, para que sejamos santificados por ela (Jo 17.17).

3. O fermento assim escondido na massa ali trabalha, ele fermenta; a Palavra é rápida e poderosa (Hb 4.12). O fermento trabalha velozmente, como a Palavra, mas ele trabalha gradualmente. Que súbita mudança o manto de Elias causou na vida de Eliseu! (1 Rs 19.20). A Palavra trabalha silenciosa e imperceptivelmente (Mc 4.26), mas também forte e irresistivelmente; ela faz o seu trabalho sem barulho – pois esse é o modo do Espírito –, mas o faz sem falhar. Basta esconder o fermento na massa, e nem mesmo o mundo todo poderá impedi-lo de passar o seu gosto e fazer com que seja saboreado. Embora ninguém veja como isso é feito, aos poucos tudo se torna levedado.

(1) Assim foi no mundo. Os apóstolos, pela sua pregação, esconderam um punhado de fermento na grande massa da humanidade, e ele teve um poderoso efeito; ele colocou o mundo em um processo de fermentação, e, de certa forma, virou-o de ponta cabeça (At 17.6), e aos poucos fez uma mudança incrível no gosto e no apetite. O sabor do Evangelho se manifestou em todos os lugares (2 Co 2.14; Rm 15.19). Assim, ele foi eficaz, não por alguma força exterior, por alguma força resistível e conquistável, mas pelo Espírito do Senhor dos Exércitos, que trabalha e ninguém pode impedir.

(2) Assim é no coração. Quando o Evangelho entra na alma: [1] Ele causa uma mudança, não na essência (pois a massa continua sendo a mesma), mas na qualidade; ele nos traz um paladar diferente daquele que temos, e faz com que saboreemos as coisas de uma forma diferente da que fazíamos antes (Rm 8.5). [2] Ele causa uma mudança universal; ele se difunde em todos os poderes e faculdades da alma, alterando até mesmo as

propriedades dos membros do corpo (Rm 6.13). [3] Essa mudança é tal que faz com que a alma compartilhe a natureza da Palavra, assim como a massa compartilha a natureza do fermento. Nós somos postos nele como em um molde (Rm 6.17), e assim somos transformados na mesma imagem (2 Co 3.18), como a impressão de um selo sobre a cera. O Evangelho tem o sabor de Deus, de Cristo, da graça e das bênçãos gratuitas, e de outro mundo; e essas coisas agora se misturam com a nossa alma, trazendo um sabor extremamente agradável. A Palavra de Deus é uma palavra de fé e arrependimento, santidade e amor, e estas virtudes são trabalhadas na alma por esta Palavra. Este sabor tão precioso é transmitido de uma forma imperceptível, pois a nossa vida está escondida. Mas a graça que permeia todo este processo, e que está na alma de cada um de nós, é inseparável, pois é uma boa parte que jamais será tirada daqueles que a possuem. Quando a massa recebe a ação do fermento, ela é levedada. Então ela é levada ao forno; as provas e as aflições geralmente participam dessa mudança. Mas é assim que os santos são preparados para que se tornem pão para a mesa do nosso Mestre.

Várias Parábolas

vv. 44-52

Temos quatro breves parábolas nesses versículos.

I A do “tesouro escondido num campo”. Até aqui, temos comparado o Reino dos céus com coisas pequenas, porque o seu início foi pequeno; mas, para evitar que por isso se pense nele como algo pequeno ou desprezível, nessa parábola e na próxima, o Senhor o representa como tendo grande valor por si próprio, e como sendo de grande vantagem para aqueles que o abraçam, e que estão dispostos a aceitar os seus termos. O Reino de Deus é aqui comparado com um tesouro escondido no campo, que pode ser nosso, se o quisermos.

1. Jesus Cristo é o verdadeiro tesouro; nele há uma abundância de tudo que é rico e útil, e haverá uma parte para nós: toda a plenitude (Cl 1.19; Jo 1.16). Estes são tesouros de sabedoria, conhecimento (Cl 2.3), justiça, graça, e paz; tudo isto está reservado para nós em Cristo; e, se nos

interessarmos pelo Senhor, todas estas bênçãos serão nossas.

2. O Evangelho é o campo no qual o tesouro está escondido: está escondido na Palavra do Evangelho, tanto no Antigo Testamento como no Evangelho que está expresso no Novo Testamento. Nas ordenanças do Evangelho, esse tesouro está escondido como o leite no peito, como a medula nos ossos, como o maná no orvalho, como a água no poço (Is 12.3), e como o mel no favo. Ele está escondido, não em um jardim cercado, nem em uma fonte que foi fechada, mas em um campo, em um campo aberto; quem quiser pode vir e buscá-lo nas Escrituras. Todos podem cavar nesse campo (Pv 2.4); e quaisquer minas valiosas que achemos serão nossas, desde que tomemos o caminho certo.

3. É algo valioso descobrir o tesouro escondido nesse campo, e o valor indescritível que ele possui. A razão de tantos darem pouca importância ao Evangelho, e não desejarem se dedicar a ele, não se sujeitarem a correr riscos por ele, é por que só estão olhando para a superfície do campo, e o julgam superficialmente. E assim não estão enxergando a excelência que está contida nas instituições cristãs, que são muito superiores às dos filósofos; e mais que isso, as mais ricas minas estão freqüentemente nos solos que parecem ser os mais estéreis. Assim, eles se recusam a fazer qualquer oferta pelo campo, e muito menos se dispõem a pagar o preço que devem pagar para tê-lo. Por que é o teu amado mais que o amado de outrem? Por que a Bíblia Sagrada é superior a outros bons livros? Por que o Evangelho de Cristo é superior à filosofia de Platão, ou às sentenças morais de Confúcio? Mas aqueles que têm pesquisado as Escrituras com a finalidade de encontrar nelas Cristo e a vida eterna (Jo 5.39), descobriram um tesouro nesse campo que o torna infinitamente mais valioso do que qualquer outro.

4. Aquele que discerne esse tesouro no campo, e o avalia corretamente, não sossegará até que o faça seu em quaisquer termos. Aquele que encontrou o seu tesouro, o esconde. Isto denota um ciúme sagrado, que tem a finalidade de evitar que fiquemos para trás (Hb 4.1), tomando o cuidado necessário (Hb 7.15) para evitar que Satanás se coloque entre nós e o nosso tesouro. Então aquele que encontra este tesouro se delicia, como se a barganha ainda não tivesse sido feita; ele está contente por haver uma barganha como esta a ser feita. Ele está ficando interessado por Cristo. Os termos dessa negociação estão sendo negociados: alegre-se o coração

daqueles que buscam ao Senhor (Sl 105.3). Então aquele que encontrou o tesouro no campo decide comprá-lo: aqueles que abraçam as ofertas do Evangelho, nos termos do Evangelho, compram esse campo, fazem-no seu, devido ao valor do tesouro que está escondido nele. É em Cristo – que está no Evangelho – que devemos manter os nossos olhos bem fixos; nós não precisamos subir ao céu, pois o Senhor Jesus Cristo está bem perto de nós, em sua Palavra. Então aquele que encontrou o tesouro no campo está tão interessado nele, que vende tudo o que tem para comprar esse campo. Aqueles que desejam o benefício da salvação em Cristo devem estar dispostos a se separar de tudo, para assegurarem este precioso tesouro para si. Eles devem considerar todas as coisas como perda, para que possam ganhar a Cristo, e ser achados nele.

II A da "*pérola de grande valor*" (vv. 45,46), que tem o mesmo significado da anterior, falando de um tesouro. O sonho é assim dobrado, pois a coisa é certa.

Considere que: 1. Todos os filhos dos homens estão ocupados, buscando boas pérolas: um quer ser rico, outro quer ter honras, outro quer ser sábio; mas a maioria sofre imposições, e se afeiçoa a pérolas falsificadas.

2. Jesus Cristo é a pérola de grande valor, a jóia de valor inestimável, que fará os que a possuem ricos, verdadeiramente ricos, ricos em relação a Deus; se o tivermos, teremos o suficiente para sermos felizes aqui e na eternidade, para sempre.

3. Um cristão verdadeiro é um mercador espiritual, no bom sentido do termo, pois procura e encontra essa pérola valiosa. Ele não se afeiçoa a nada que não leve a um interesse em Cristo, e, como alguém que está determinado a ser espiritualmente rico, negocia alto: ele foi e comprou aquela pérola. Não só ofertou um lance por ela, mas a adquiriu. De que irá nos ajudar conhecer a Cristo, se nós não o conhecermos como nosso, "feito para nós sabedoria" (1 Co 1.30).

4. Aqueles que têm interesse na salvação através de Jesus Cristo, devem estar desejosos de se separar de tudo por amor a Ele, de deixar tudo por Ele. Devemos deixar, com alegria – mesmo que se trate de algo que seja muito estimado por nós –, qualquer coisa que se opuser a Cristo, ou que vier a entrar em competição com Ele pelo nosso amor e serviço. Um homem pode comprar ouro por um alto preço, mas não essa pérola de grande valor.

III A da “rede lançada ao mar” (vv. 47-49).

1. Eis aqui a parábola. Observe nela que: (1) O mundo é um mar vasto, e os filhos dos homens são seres inumeráveis, animais pequenos e grandes, nesse oceano (Sl 104.25). Os homens, em seu estado natural, são como os peixes dos mares que não têm um soberano sobre si (Hc 1.14). (2) A pregação do Evangelho consiste em se lançar uma rede para dentro desse mar, para pegar algo dele, para a glória daquele que tem a soberania sobre esse mar. Os ministros são pescadores de homens, empregados para lançar e recolher essa rede; e então eles prosperam quando, pela Palavra de Deus, lançam a rede. De outro modo, eles trabalhariam e não pegariam nada. (3) Essa rede junta peixes de todos os tipos, assim como fazem as grandes redes de arrasto. Na igreja visível, há uma determinada quantidade de lixo e detritos, sujeira, vermes e ervas daninhas, e também peixes. (4) Aproxima-se o tempo em que esta rede estará cheia, e será levada à praia; um tempo determinado quando o Evangelho terá cumprido o objetivo pelo qual foi enviado; e temos a certeza de que ele não retornará vazio (Is 55.10,11). A rede está se enchendo agora; às vezes, ela enche mais rápido do que em outros momentos, mas ainda está enchendo, e quando estiver cheia, será levada à praia, tempo em que o mistério de Deus concluíra sua obra. (5) Quando a rede estiver cheia e for levada à praia, haverá uma separação entre o bom e o ruim que estão recolhidos nela. Os hipócritas e os cristãos verdadeiros serão então separados; os bons serão juntados em cestos, como valiosos, e por isso serão cuidadosamente guardados. Porém os maus serão lançados para fora, como vis e inúteis. A condição daqueles que serão lançados fora naquele dia será miserável. Enquanto a rede estiver no mar, não se saberá o que está dentro dela, nem mesmo os próprios pescadores poderão distinguir. Mas então eles a recolhem cuidadosamente, levando tudo o que está nela para a praia, por amor e consideração aos bons que estão nela. Tal é o cuidado de Deus para com a igreja visível, e tal deve ser a preocupação dos ministros por aqueles que estão sob a sua responsabilidade, apesar de todos estarem misturados.

2. Aqui está a explicação da última parte da parábola. A primeira é óbvia e clara o suficiente; nós vemos juntos, na igreja visível, pessoas de todos os tipos. Mas a última parte se refere àquilo que ainda está por vir, e por isso é mais detalhadamente explicada (vv. 49,50). Assim será no fim do mundo; então, e não antes disso, será o dia da divisão e da descoberta. Não devemos

procurar pela rede cheia apenas de todos os tipos de peixes bons; os cestos serão assim; mas na rede eles estão misturados. Veja aqui: (1) A distinção entre os justos e os ímpios. Os anjos do céu virão para fazer aquilo que os anjos das igrejas nunca puderam fazer; eles separarão os justos e os ímpios. E não precisamos perguntar como é que eles farão esta distinção quando estiverem cumprindo as instruções daquele que conhece todos os homens, que conhece particularmente aqueles que são seus, e aqueles que não o são. Devemos ter a certeza de que não haverá engano ou confusão, de forma alguma. (2) A ruína dos ímpios, quando forem assim separados. Eles serão lançados para dentro da fornalha. Note que um sofrimento eterno e tristezas eternas certamente serão a parte que caberá ao ímpios que vivem entre os santificados. Esta é a mesma situação que vimos anteriormente (v. 42). O próprio Cristo pregava freqüentemente a respeito dos tormentos do inferno, como a punição eterna dos hipócritas; desse modo, é bom sermos freqüentemente relembrados dessa verdade que nos revigora e desperta.

IV Aqui está a parábola do bom "pai de família", que tem a finalidade de fazer com que gravemos todas as demais.

1. A sua ocasião era a boa proficiência que os discípulos haviam atingido em aprender, e o ganho deles com esse sermão em particular. (1) O Senhor lhes perguntou: "Entendestes todas estas coisas?", sugerindo que estava pronto para explicar aquilo que eles não tivessem entendido. A vontade de Cristo é que todos aqueles que lêem e ouvem a Palavra a entendam. Pois, de outro modo, como poderiam ser beneficiados por ela? Portanto, será bom se ao lermos ou ouvirmos a Palavra, nos examinarmos, para verificar se a entendemos ou não. Ser discipulados não foi nenhum demérito para os apóstolos de Cristo. O Senhor Jesus Cristo nos convida a buscar nele a instrução de que necessitamos, e os ministros devem estar sempre dispostos a ajudar aqueles que tenham qualquer boa indagação, oferecendo-se para explicar os seus ensinos detalhadamente. (2) Eles responderam: "Sim, Senhor", e nós temos motivos para crer que eles falaram a verdade, porque, quando não haviam compreendido, pediram uma explicação (v. 36). E a explicação dessa parábola foi a chave para as demais. A compreensão correta de um bom sermão será uma importante ajuda para que possamos compreender outro; pois as boas verdades se explicam mutuamente, e ilustram umas às outras. E o conhecimento é fácil para aquele que tem

entendimento.

2. O próprio objetivo da parábola foi dar a sua aprovação e elogiar a proficiência deles. Cristo está pronto para encorajar aqueles que tiverem o desejo de aprender em sua escola, mesmo que sejam fracos. O Senhor tem sempre uma palavra de elogio e estímulo aos seus seguidores: “Bem está, servo bom e fiel”.

(1) O Senhor os elogia como escribas instruídos sobre o Reino dos céus. Eles estavam agora aprendendo o que poderiam ensinar; e os professores, entre os judeus, eram os escribas. Esdras, que preparou o seu coração para ensinar em Israel, é considerado um escriba muito hábil (Ed 7.6,10). Agora, um habilidoso e fiel ministro do Evangelho também é um escriba. Mas, por distinção, ele é chamado de escriba instruído sobre o Reino dos céus, bem versado nas coisas do Evangelho, e bem capacitado para ensinar essas coisas. Perceba que: [1] Aqueles que vão instruir outros precisam ser bem instruídos. Se os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, é necessário que ele tenha, primeiramente, o conhecimento. [2] O ministro do Evangelho deve ser instruído a respeito do Reino dos céus, pois este é um pré-requisito para que ele seja bem-sucedido em sua tarefa, que consiste em contribuir para o crescimento desse reino. Um homem pode ser um grande filósofo e orador; porém, se não for instruído a respeito do Reino dos céus, ele não será mais do que um mau ministro.

(2) Ele os compara com um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas; os frutos da estação passada e os frutos da colheita desse ano – abundância e variedade, para o enriquecimento de seus amigos (Ct 7.13). Observe aqui: [1] Quais são os recursos que um ministro deve ter: um tesouro de coisas novas e velhas. Aqueles que têm tantas e tão variadas ocasiões, têm a necessidade de armazenar bastante em seus dias de colheita, guardando verdades antigas e novas, extraídas tanto do Antigo como do Novo Testamento. É necessário ter em mente as melhorias modernas e antigas, para que o homem de Deus esteja amplamente capacitado (2 Tm 3.16-17). Tanto as experiências antigas como as observações novas têm o seu uso. E não devemos nos contentar com velhas descobertas, mas devemos estar adicionando novas. Viver e aprender. [2] Que uso ele deve fazer de suas posses. O obreiro deve saber administrar; é necessário armazenar para que se possa gastar em benefício de outros. *Sic vox non vobis – Vocês devem armazenar, mas não para si próprios*. Muitos estão

cheios de recursos, mas eles não têm um “respiradouro” (Jó 32.19); têm um talento, mas o enterram. Assim se comportam os servos inúteis. Mas veja a diferença: o próprio Senhor Jesus Cristo recebeu para que pudesse dar; assim devemos agir, e teremos cada vez mais para compartilhar. Quando o objetivo é produzir, as coisas antigas e novas devem estar juntas, pois trarão um ótimo resultado; verdades antigas, mas métodos e expressões novas, especialmente afeições novas.

Cristo É Desprezado pelos seus Compatriotas

vv. 53-58

Encontramos aqui Cristo em seu próprio país. Ele se dedicou a fazer o bem, mas não deixou nenhum lugar até que tivesse terminado o seu testemunho ali. Seus próprios compatriotas o haviam rejeitado uma vez, mas mesmo assim Ele veio até eles novamente. Cristo não considera como final a palavra daqueles que o recusam pela primeira vez, mas por sua misericórdia repete as suas ofertas àqueles que várias vezes as rejeitaram. Nisto, como em outras coisas, Cristo é como os seus irmãos. Ele demonstrou uma afeição natural pelo seu próprio país. *Patriam quisque amat, non quia pulchram, sed quia suam – Todos amam o seu país, não porque ele seja bonito, mas porque é seu.* Sêneca. O tratamento dado ao Senhor Jesus foi o mesmo de antes: desdenhoso, iníquo e rancoroso. Observe:

I Como eles expressaram o desprezo que sentiam por Ele. Quando o Senhor Jesus os ensinou na sinagoga, eles ficaram chocados; não que eles tenham se impressionado com a sua pregação, ou admirado a sua doutrina em si, mas apenas porque era dele; eles não o consideravam como o precioso Mestre que Ele realmente era. Eles o censuravam por duas razões:

1. Por sua falta de formação acadêmica. Eles admitiam que Ele tinha sabedoria, e que realizava grandes feitos; mas a questão era: Onde Ele os conseguiu? Pois eles sabiam que Ele não havia sido criado aos pés dos rabinos. Ele nunca havia estado na escola, não havia sido diplomado, nem era chamado pelos homens de Rabi, Rabi. Note que as pessoas de espírito pequeno e preconceituoso se dispõem a julgar os homens pela sua

educação, e a inquirir mais sobre o seu destaque do que sobre aquilo que expressam. “De onde esse homem tira esses prodígios? Ele os obteve honestamente? Será que ele não tem estudado a magia negra?” Assim, eles procuravam voltar contra o Senhor aquilo que de fato estava a favor dele; pois se não tivessem sido propositadamente cegos, teriam concluído que Ele era divinamente designado e assistido, por ter dado, sem a ajuda dos estudos, tantas provas de sabedoria e poder extraordinários.

2. A pouca importância e pobreza de suas relações (vv. 55,56).

(1) Eles o censuravam devido ao seu pai. “Não é este o filho do carpinteiro?” Sim, é verdade que assim eles o reputavam. E qual era o mal nisso? Não havia desonra para Ele por ser o filho de um trabalhador honesto. Eles não se lembraram (apesar de terem o dever de lembrar disso) que esse carpinteiro era da casa de Davi (Lc 1.27), um filho de Davi (cap. 1.20); apesar de ter uma profissão simples, José era um homem honrado. Aqueles que estiverem dispostos a causar discussões vão desconsiderar tudo aquilo que for de valor e honroso, e se concentrarão naquilo que apenas aparenta ser de pouco valor. Aqueles que têm um espírito sórdido não consideram ramo nenhum, nem mesmo o Ramo do tronco de Jessé (Is 11.1), a não ser que lhes pareça que seja o ramo principal.

(2) Eles o censuravam devido à sua mãe. E qual era o problema deles com ela? Sim, verdadeiramente sua mãe se chamava Maria, e esse era um nome muito comum, e todos a conheciam, e sabiam que ela era uma pessoa comum; ela era chamada de Maria, não rainha Maria, ou Sra. Maria, nem mesmo Dona Maria, mas simplesmente Maria. E isso foi usado como uma crítica a Ele, como se os homens não tivessem nada a ser valorizado, a não ser uma origem estrangeira, um berço nobre, ou títulos esplêndidos; todas estas coisas são pobres quando se trata de medir o valor de uma pessoa.

(3) Eles o censuravam devido aos seus irmãos, cujos nomes eles sabiam, e podiam pronunciá-los prontamente; Tiago, José, Simão e Judas, bons homens, mas homens pobres, e por isso desprezados. E Cristo foi desprezado por causa deles. Estes irmãos, é provável, eram filhos de José com uma esposa anterior; ou, qualquer que fosse a sua relação com ele, parece terem sido criados com ele na mesma família. E daí a chamada de três deles, que eram dos doze, para aquela honra (Tiago, Simão e Judas, o mesmo que Tadeu), não foi expressa em particular, porque eles não precisavam de um chamado específico para conhecer a Cristo, já que

haviam passado a sua juventude com Ele.

(4) Suas irmãs também estão todas conosco; assim, eles deveriam tê-lo amado e respeitado ainda mais, pois Ele era um deles. Mas, por esta razão, eles o desprezaram. Eles se escandalizaram nele; eles se detinham nessas pedras de tropeço, pois Ele foi posto como um sinal que seria contraditado (Lc 2.34; Is 8.14).

II Observe como o Senhor Jesus se portava diante daquele desprezo (vv. 57,58).

1. Isso não perturbava o seu coração. Parece que Ele não estava muito preocupado com isso; ele desprezava a vergonha (Hb 12.2). Em vez de piorar a afronta, ou expressar qualquer ofensa por causa dela, ou dar uma resposta às tolas sugestões deles, como mereciam, Ele calmamente atribuía esta atitude aos procedimentos dos filhos dos homens, que não dão o devido valor às pessoas e coisas excelentes que lhes são oferecidas gratuitamente, considerando-as comuns e de casa. Geralmente é assim. *O profeta não tem honra em seu próprio país*. Observe que: (1) Os profetas deveriam ser honrados, e isto geralmente acontece. Os homens de Deus são grandes homens, e homens honrados. Eles despertam o respeito daqueles que os conhecem. De fato, deve-se estranhar que haja pessoas que não honrem os profetas. (2) Apesar disso, eles são normalmente os menos respeitados e reverenciados em seus próprios países. E, mais ainda, às vezes são muito invejados. A familiaridade cria o desprezo.

2. Naquele momento (falando com reverência), a atitude deles lhe atou as mãos: “E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles”. Note que a incredulidade é a grande obstrução para se receber os favores de Cristo. Todas as coisas são possíveis a Deus (cap. 19.26), e Ele as concede de uma forma específica àqueles que crêem (Mc 9.23). O Evangelho é o poder de Deus para a salvação, mas para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Desse modo, se os prodígios não forem realizados em nossa vida, não será por falta de poder ou graça em Cristo, mas pela nossa própria incredulidade. “Porque pela graça sois salvos”, e isso é um prodígio; mas ele se realiza através da fé (Ef 2.8).

CAPÍTULO 14

João Batista disse a respeito de Cristo: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). A estrela da manhã aqui está desaparecendo, e o Sol da Justiça, subindo ao seu resplendor meridiano. Aqui lemos sobre: I. O martírio de João: sua prisão devido a sua fidelidade, no caso de Herodes (vv. 1-5), e sua decapitação, para agradar a Herodias (vv. 6-12). II. Os milagres de Cristo. 1. A ocasião em que Ele alimentou cinco mil pessoas que vieram até Ele para serem ensinadas, com cinco pães e dois peixes (vv. 13-21). 2. Cristo caminhando sobre as ondas, em direção aos seus discípulos, em meio a uma tempestade (vv. 22-23). 3. A cura dos enfermos com um toque na orla da sua veste (vv. 34-36). Assim Ele foi adiante, assim Ele prosseguiu, para conquistar e conquistando, ou melhor, para curar e curando.

A Morte de João Batista

vv. 1-12

Aqui temos a história do martírio de João. Observe:

I A ocasião da história aqui relatada (vv. 1, 2). Lemos aqui sobre:

1. O relato trazido a Herodes sobre os milagres que Cristo realizou. Herodes, o tetrarca, principal governador da Galiléia, ouviu falar sobre a fama de Jesus. Naquela época, enquanto os seus compatriotas o desprezavam, por causa da sua simplicidade e obscuridade, Ele começou a ficar famoso na corte. Deus honra aqueles que são desprezados por sua causa. E o Evangelho, como o mar, consegue em um lugar o que perde em outro. Cristo já estava pregando e realizando milagres há mais de dois anos; ainda assim, aparentemente Herodes não ouvira falar dele até aquele momento, e somente então soube da sua fama. A infelicidade das pessoas importantes do mundo é que elas não ouvem as melhores coisas (1 Co 1.26); “ nenhum dos príncipes deste mundo conheceu” (1 Co 2.8). Os discípulos de Cristo eram enviados para pregar, e para realizar milagres em seu nome, e isto espalhou a sua fama mais do que nunca, o que era uma indicação de como seria a pregação do Evangelho, por eles, depois da ascensão de Jesus.

2. O significado que Herodes atribui aos fatos (v. 2); ele disse aos seus servos que lhe contaram sobre a fama de Jesus: “Este é João Batista; ressuscitou dos mortos”. O fermento de Herodes não era a doutrina dos saduceus, pois eles diziam que não havia ressurreição (At 23.8). A consciência culpada de Herodes (como é comum com os ateus), nessa ocasião, obteve o controle da sua opinião, e ele concluiu que, quer existisse uma ressurreição geral ou não, João Batista certamente havia ressuscitado, e, portanto, milagres poderosos se manifestavam nele. João, enquanto viveu, não realizou nenhum milagre (Jo 10.41); mas Herodes conclui que, tendo ressuscitado dos mortos, ele estava revestido de um poder maior do que tinha anteriormente. E adequadamente ele chama os milagres que imagina que foram realizados por João, não de maravilhas, mas sim de “maravilhas que operam nele”. Considere, a respeito de Herodes:

(1) Como ele ficou desapontado em relação ao que pretendia quando mandou decapitar João. Ele pensou que se pudesse tirar aquele impertinente do caminho, poderia continuar com seus pecados, sem que ninguém o perturbasse ou controlasse; tão logo isso aconteceu, ele ouviu de Jesus e seus discípulos pregando a mesma doutrina que João pregava; e, além disso, até mesmo os discípulos confirmando-a por milagres em nome do seu Mestre. Ministros podem ser silenciados, e aprisionados, expulsos e assassinados, mas a Palavra de Deus não pode ser detida. Os profetas não viveram para sempre, mas sua palavra nos alcança (Zc 1.5,6; veja 2 Tm 2.9). Às vezes, Deus levanta muitos ministros fiéis das cinzas de um ministro. Há esperança para as árvores de Deus, mesmo que sejam cortadas (Jó 14.7-9).

(2) Como Herodes foi tomado por temores sem fundamento, meramente devido à culpa da sua própria consciência. Assim o sangue clama, não somente da terra sobre a qual foi derramado, mas do coração daquele que o derramou, e o torna *Magor-missabibe – Um terror por todos os lados*, um terror em si mesmo. Uma consciência culpada sugere tudo o que é assustador e, como um turbilhão, chama para si tudo o que se aproxima dela. “Assim fogem os ímpios, sem que ninguém os persiga” (Pv 28.1); acham-se em grande pavor (Sl 14.5), onde ele não existe. Herodes, com uma pequena investigação, poderia ter descoberto que este Jesus existia muito tempo antes da morte de João Batista, e por isto não poderia ser *Johannes redivivus – João de volta à vida*; e assim ele poderia ter

descoberto o seu engano; mas Deus, com justiça, deixou-o entregue a este desvario.

(3) Como, apesar disso, ele continuou insensível na sua maldade. Embora ele estivesse convencido de que João era um profeta, e propriedade de Deus, ainda assim ele não expressa o menor remorso ou tristeza pelo seu pecado de tê-lo levado à morte. Os demônios crêem e estremecem, mas nunca crêem e se arrependem. Observe que pode existir o terror das fortes convicções onde não existe a verdade de uma conversão salvadora.

II A própria história da prisão e do martírio de João. Estes sofrimentos extremos daquele que foi o primeiro pregador do Evangelho mostram claramente que as prisões e aflições sobrevirão a muitos daqueles que ensinam a Palavra de Deus. Assim como o primeiro santo do Antigo Testamento, o primeiro ministro do Novo Testamento também morreu como mártir. E se o precursor de Cristo foi tratado assim, os seus seguidores não devem esperar ser tratados pelo mundo com carinho. Observe aqui:

1. A fidelidade de João ao reprovar Herodes (vv. 3, 4). Herodes era um dos que ouviam a João (Mc 6.20), e por isso João podia ser mais ousado com ele. Os ministros, que têm por função censurar, são especialmente obrigados a censurar aqueles que estão sob a sua responsabilidade, e não permitir que o pecado recaia sobre eles; eles têm a oportunidade mais justa e imparcial para lidar com eles, e é deles que poderão esperar a aceitação mais favorável.

O pecado que João reprovou, em especial em Herodes, foi o fato de ele se casar com a esposa do seu irmão Filipe, e não com a sua viúva (isto não teria sido tão pecaminoso). Filipe estava vivo, e Herodes seduziu a sua esposa, e a afastou dele, tomando-a para si. Aqui havia uma mistura de maldade, adultério e incesto, além do mal feito a Filipe, que tinha um filho com essa mulher; e era um agravo do mal o fato de ser seu irmão, seu meio-irmão por parte de pai, mas não de mãe (veja Sl 50.20). Foi por este pecado que João o censurou; não por insinuações tácitas e indiretas, mas em termos claros. “Não te é lícito possuí-la”. Ele lhe imputa isto como um pecado; ele não disse: Não é honrado, ou: Não é seguro, mas sim: Não é lícito – a corrupção do pecado, por ser a transgressão da lei, é a pior coisa que há. Esta era a iniqüidade de Herodes, o seu pecado apreciado, e por isso João Batista lhe fala desse particular. Observe: (1) Aquilo que pela lei de Deus é

ilícito às outras pessoas, pela mesma lei é ilícito para os príncipes e para os homens mais importantes. Aqueles que governam não devem esquecer que nada são, além de homens, e sujeitos a Deus. Em outras palavras, corromper a esposa de outro homem não é lícito para você, nem para o seu menor súdito. Não existe a prerrogativa de infringir as leis de Deus – nem mesmo para os reis maiores e mais tirânicos. (2) Se os príncipes e homens importantes infringirem a lei de Deus, é muito adequado que eles sejam informados disso pelas pessoas apropriadas, e de uma maneira apropriada. Assim como eles não estão acima dos mandamentos da Palavra de Deus, também não estão acima das censuras dos seus ministros. Não é adequado, na verdade, dizer a um rei: "Tu és vil" (Jó 34.18, versão TB), não mais do que chamar a um irmão de raca, ou chamá-lo de louco; não é adequado, enquanto o rei se conservar na esfera na sua própria autoridade, denunciá-lo. Mas é adequado que, por aqueles cujo ministério seja este, eles saibam o que é ilícito, e que saibam com adequação: "Tu és este homem"; pois o versículo que segue (Jó 34.19) diz que Deus (cujos agentes e embaixadores são ministros leais) não faz acepção da pessoa de príncipes, nem estima o rico mais do que o pobre.

2. A prisão de João devido à sua fidelidade (v. 3). Herodes prendeu João quando ele estava pregando e batizando. Fez com que o seu trabalho chegasse ao fim, manietou-o e encerrou-o no cárcere; parcialmente para satisfazer a sua própria vingança, e parcialmente para agradar a Herodias, que, entre os dois, parecia ser a mais inflamada contra João; foi por ela que ele fez isso. Observe: (1) As censuras leais, se não trazem frutos, normalmente provocam; se não fazem o bem, são interpretadas como afrontas, e aqueles que não se curvam à censura se imporão diante de quem os censura e os odiarão, como Acabe odiou a Micaías (1 Rs 22.8; veja Pv 9.8; 15.10,12). *Veritas odium pari – A verdade produz ódio.* (2) Não é novidade que os ministros de Deus sofram o mal por fazerem o bem. Os problemas persistem sobre aqueles que são mais diligentes e fiéis na realização do seu dever (At 20.20). Talvez alguns dos amigos de João o culpassem por ter sido imprudente ao censurar o tetrarca, e lhe dissessem que ele teria feito melhor ficando calado, em lugar de provocar Herodes, cujo caráter ele conhecia muito bem. João foi, assim, privado da sua liberdade. Mas rejeitemos essa prudência que impede que os homens realizem o seu trabalho como magistrados, ministros, ou amigos cristãos; eu

acredito que o próprio coração de João não o censurava por isso, mas esse testemunho da sua consciência tornou mais fácil o seu sofrimento, pois ele sofreu por fazer o bem, e não “como o que se entremete em negócios alheios” (1 Pe 4.15).

3. A restrição que impedia Herodes de descarregar toda a sua ira contra João (v. 5).

(1) Ele teria mandado matá-lo. Talvez essa não fosse a sua intenção a princípio, quando o aprisionou, mas a sua vingança foi gradativamente chegando a este nível. Observe que o caminho do pecado, especialmente o pecado da perseguição, é descendente; e quando o respeito aos ministros de Cristo é abandonado e esquecido em alguma situação, o resultado final faz com que o homem prefira ser um cão a ser o culpado por tal situação (2 Rs 8.13).

(2) O que impedia Herodes era o seu medo da multidão, porque eles consideravam João um profeta. Não foi porque ele temesse a Deus (se ele temesse a Deus, não teria aprisionado a João), nem porque temesse a João, embora tivesse sentido certo respeito por ele (a sua luxúria superou isso), mas porque ele temia a multidão – ele tinha medo por si mesmo, pela sua própria segurança e pela segurança do seu governo, pois sabia que o seu abuso de poder já o tinha tornado odioso ao povo, cuja raiva, já bastante inflamada, poderia, com uma provocação suficiente – como a de matar o profeta –, explodir em uma revolta. Observe que: [1] Os tiranos têm os seus medos. Aqueles que são, e fingem ser, o terror dos poderosos são, muitas vezes, o maior de todos os terrores para si mesmos; e quando eles mais desejam ser temidos pelo povo, é quando sentem mais medo. [2] Os homens maus evitam os atos mais malévolos simplesmente pelo seu próprio interesse secular, e não por qualquer consideração a Deus. Uma preocupação pelo seu conforto, crédito, riqueza e segurança, como seu princípio dominante, assim como os afasta de muitos deveres, também os afasta de muitos pecados, os quais, não fosse por isto, não evitariam; e esta é a única razão pela qual os pecadores não são demasiadamente ímpios (Ec 7.17). O perigo do pecado que se insinua aos sentidos, ou somente à imaginação, é que ele influencia mais os homens do que aquilo que pode levá-los à fé. Herodes temia o fato de que levar João à morte pudesse suscitar uma revolta do povo, o que não ocorreu; mas ele nunca temeu que isto pudesse suscitar uma revolta na sua própria consciência, o que

realmente veio a acontecer (v. 2). Os homens temem ser mortos por determinadas coisas; porém, muitas vezes, não temem ser amaldiçoados por elas.

4. O estratagema de levar João à morte. João Batista ficou muito tempo na prisão e, contra a liberdade individual (que, bendito seja Deus, nos é garantida por lei nesta nação), não podia ser julgado nem libertado sob fiança. Avalia-se que ele tenha permanecido um ano e meio como prisioneiro, o que era praticamente o mesmo período de tempo que ele tinha passado no seu ministério público, desde o seu início. Aqui nós temos o relato da sua libertação, não por nenhuma absolvição, mas pela morte, que põe fim a todos os problemas de um bom homem, onde "os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do exator" (Jó 3.18).

Herodias traçou o plano; a sua vingança implacável estava sedenta do sangue de João, e não seria satisfeita com menos do que isto. Interfira com os apetites carnais, e eles se transformam nas mais bárbaras paixões. Herodias era uma mulher, uma prostituta e mãe das prostituições, que estava sedenta do sangue dos santos (Ap 17.5,6). Herodias planejou executar o assassinato de João de maneira tão artificial para, simultaneamente, salvar o nome de Herodes e pacificar o povo. Uma desculpa ruim ainda é melhor do que nenhuma. Mas eu penso que se a verdade fosse conhecida, o próprio Herodes faria parte do plano, e com todas as suas desculpas de surpresa e tristeza, estava secretamente de acordo com o plano, e sabia de antemão o que lhe seria pedido. E a sua desculpa do juramento e do respeito aos seus convidados não era nada além de fingimento. Mas se ele caiu na cilada antes de ter se dado conta, porque isto era o tipo de coisa que ele podia ter evitado e não o fez, ele é, com justiça, considerado culpado de toda a trama. Embora Jezabel tenha levado Nabote ao seu fim, ao tomar posse da vinha o próprio Acabe se torna participante do assassinato. Assim, embora Herodias tenha planejado a decapitação de João, se Herodes consentiu com isto, e ficou satisfeito com isto, ele não foi apenas um auxiliar, mas co-autor do assassinato com ela. Bem, com a cena se desenrolando nos bastidores, vejamos como ela foi encenada, e de que maneira. Aqui, temos:

(1) A dança da jovem como um presente a Herodes, no seu aniversário. Aparentemente, o aniversário de Herodes era celebrado com alguma solenidade – para honrar o dia precisa haver, como é usual, um baile na

corte; e, para dar graça à solenidade, a filha de Herodias dançou diante dos convidados; e sendo a filha da rainha, houve uma condescendência maior do que a usual. Observe que as ocasiões de festa e celebração carnal são ocasiões convenientes para se colocar em execução os planos malignos contra o povo de Deus. Quando o rei ficou embriagado pelas muitas garrafas de vinho que consumiu, ele estendeu a sua mão com os escarnecedores (Os 7.5), pois “um divertimento é para o tolo praticar a iniqüidade” (Pv 10.23). Quando o coração dos filisteus estava alegre, chamaram Sansão para ofendê-lo. O massacre parisiense ocorreu durante a celebração de umas bodas. A dança dessa jovem agradou a Herodes. Não sabemos quem dançou com ela, mas ninguém agradou a Herodes mais que ela, com a sua dança. Observe que um coração vaidoso e grosseiro está apto a apaixonar-se profundamente pela luxúria da carne e dos olhos, e quando isto acontece, cede ainda mais à tentação; pois é dessa maneira que Satanás consegue se apossar de alguém (veja Pv 23.31-33). Herodes estava alegre, e nada lhe era mais agradável que aquilo que alimentasse a sua vaidade.

(2) A promessa impensada e tola que Herodes fez a essa jovem devassa, de que lhe daria qualquer coisa que ela lhe pedisse, confirmando a promessa com juramento (v. 7). A obrigação que Herodes assumiu era muito extravagante; de maneira alguma, ele agiu como o homem prudente que tem medo de se prender com as palavras da sua boca (Pv 6.2), muito menos um homem bom que teme o juramento (Ec 9.2). Colocar esta promessa em branco na mão da jovem e permitir que ela extraísse dele o que bem desejasse era uma recompensa grande demais para uma obra de mérito tão pequeno; e sou levado a pensar que Herodes não teria sido culpado de tal absurdo se não tivesse sido instruído por Herodias, assim como o tinha sido a jovem. Observe que os juramentos e promessas são coisas que enredam, e, quando feitos de forma impensada, são o resultado da corrupção interior, e dão ocasião a muitas tentações. Portanto, não jure nunca, de maneira nenhuma, para que você não tenha a chance de dizer: “Foi erro” (Ec 5.6).

(3) O pedido sangrento que a jovem fez da cabeça de João Batista (v. 8). Ela tinha sido instruída pela sua mãe de antemão. Triste é a situação dos filhos cujos pais são seus conselheiros para que procedam impiamente, como os pais de Acazias (2 Cr 22.3); que os orientam a pecar, e incentivam o seu pecado, e lhes dão maus exemplos; pois a natureza corrupta será mais prontamente despertada por más orientações do que será restrita e

envergonhada por boas orientações. As crianças não devem obedecer aos seus pais contra o Senhor, mas, se estes ordenarem que seus filhos pequem, eles devem dizer, como Levi disse ao seu pai e à sua mãe: “Nunca os vi”.

Tendo Herodes concedido um pedido à jovem, e Herodias lhe dado as instruções, ela pede, num prato, a cabeça de João Batista. Talvez Herodias temesse que Herodes se cansasse dela (pois a luxúria costuma enjoar e trazer enfado), e então faria da censura de João Batista uma desculpa para livrar-se dela. Para impedir isso, Herodias planejou firmar o compromisso de Herodes com ela, envolvendo-o no assassinato de João. Então, João devia ser decapitado – esta seria a morte pela qual ele deveria glorificar a Deus; e por ser ele o primeiro que morreu depois do início do Evangelho, embora os mártires morressem de diversas maneiras, nem tão fáceis nem tão honrosas quanto esta, a sua é apresentada para todo o resto (Ap 20.4), onde se lê sobre as almas daqueles que foram “degolados pelo testemunho de Jesus”. Mas isto não bastava, o ato também deveria ser agradável, e não apenas uma vingança, mas um capricho que deveria ser satisfeito; a cabeça deveria ser dada a ela num prato, servida em sangue, como um prato de carne no banquete, ou molho para os outros pratos. Ele estaria reservado como o terceiro prato da noite, servido junto com as raridades. João não deve ter um julgamento, nem audiência pública; nenhuma forma de lei ou justiça deve acrescentar uma solenidade à sua morte; mas ele é julgado, condenado e executado num instante. João Batista estava tão mortificado para o mundo, que a morte não seria nenhuma surpresa para ele, mesmo que ocorresse de forma tão repentina. Herodes tinha que conceder à jovem a cabeça de João Batista, e ela consideraria isto como uma recompensa pela sua dança, e não desejaria mais nada.

(4) Herodes atende ao pedido da jovem (v. 9). O rei estava pesaroso, pelo menos foi isto que ele demonstrou; mas, devido ao juramento, ordenou que ela fosse atendida. Aqui estão:

[1] Uma preocupação fingida por João. O rei estava pesaroso. Observe que muitos homens pecam com pesar, nunca tendo nenhum pesar verdadeiro pelos seus pecados; eles sentem pesar por pecar, mas são completamente estranhos ao pesar piedoso; pecam com relutância, e ainda assim continuam pecando. O Dr. Hammond sugere que um dos motivos do pesar de Herodes era o fato de ser este o banquete do seu aniversário, e seria um mau agouro derramar sangue nesse dia, que, como outros dias de

alegria, costumava ser honrado com atos de clemência. *Natalem colimus, tacete lites – Nós estamos celebrando o aniversário, não sejamos contenciosos.*

[2] Uma consciência fingida pelo seu juramento, com uma demonstração ilusória de honra e honestidade. Ele precisa fazer alguma coisa, devido ao juramento. Trata-se de um grande engano pensar que um juramento mal-intencionado irá justificar uma ação mal-intencionada. Estava tão necessariamente implícito, de maneira que não precisava ser expresso, que ele faria por ela qualquer coisa que fosse lícita e honesta; e quando ela exigiu algo que não o era, ele devia ter declarado (e o teria feito honradamente) que o juramento era nulo e vazio, e teria cessado a sua obrigação para com ele. Nenhum homem pode se colocar na obrigação de pecar, porque Deus já ordenou enfaticamente que os homens não pequem.

[3] Uma maldade real em conformidade com as más companhias. Herodes cedeu, não tanto pelo juramento, mas porque ele era um homem público, e como uma atitude de respeito àqueles que se sentavam para a refeição com ele. Ele concedeu a exigência para não dar a impressão, diante deles, de que tinha rompido o seu compromisso. Observe que uma questão de honra, para alguns, é muito superior a uma questão de consciência. Aqueles que se sentavam para a refeição com ele provavelmente estavam tão satisfeitos com a dança quanto ele, e, portanto, teriam desejado que ela fosse satisfeita nessa brincadeira, e talvez estivessem tão desejosos quanto ela de ver João Batista decapitado. No entanto, nenhum deles teve a honestidade de intervir, como deveriam ter feito, para impedir isso, como fizeram os príncipes de Jeoaquim (Jr 36.25). Se tivessem estado ali pessoas do povo, elas teriam livrado este Jônatas, como em 1 Samuel 14.45.

[4] Uma verdadeira má intenção para com João Batista por trás da concessão do desejo, caso contrário Herodes teria encontrado desculpas suficientes para desobrigar-se da sua promessa. Observe que embora uma mente pecadora nunca deseje uma desculpa, ainda assim a verdade é que todo homem “é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência” (Tg 1.14). Talvez Herodes – refletindo sobre a extravagância da sua promessa, na qual ela poderia basear uma exigência de uma grande soma em dinheiro, algo que ele adorava muito mais do que a João Batista – estivesse satisfeito por se livrar da promessa tão facilmente; e, portanto, imediatamente dá a autorização da decapitação de João Batista,

aparentemente não por escrito, mas apenas verbalmente; tão pouca consideração foi dedicada àquela preciosa vida; ele “ordenou que se lhe desse”.

(5) A execução de João, em seguida à autorização (v. 10). Ele enviou alguém para decapitar João Batista na prisão. Provavelmente a prisão era muito próxima, às portas do palácio; e até lá foi enviado um oficial para cortar a cabeça desse grande homem. João deve ter sido decapitado rapidamente, para agradar a Herodes, que estava à espera, até que isto fosse feito. Aconteceu à noite, pois era a hora da ceia, provavelmente depois da ceia. Realizou-se na prisão, e não no lugar usual para as execuções, por medo de uma revolta. Uma grande quantidade de sangue inocente, de sangue de mártires, foi igualmente derramado às escondidas, sangue que, quando Deus vier para inquirir do derramamento de sangue, “a terra descobrirá o seu sangue e não encobrirá mais aqueles que foram mortos” (Is 26.21; veja Sl 9.12).

Assim essa voz foi silenciada, assim essa luz ardente e brilhante foi extinta; assim esse profeta, esse Elias do Novo Testamento, foi sacrificado pelo rancor de uma mulher infiel e dominadora. Assim aquele que era grande diante do Senhor morreu como morre um tolo, com suas mãos amarradas e seus pés acorrentados; e assim como um homem cai diante dos homens maus, também ele caiu, um verdadeiro mártir, diante das más intenções e dos maus propósitos; morrendo não pela profissão de sua fé, mas pelo cumprimento do seu dever. No entanto, embora o seu trabalho tenha passado tão rapidamente, ele se realizou e o seu testemunho foi concluído, pois até então nenhuma das testemunhas de Deus tinha sido assassinada. E Deus extraiu algo de bom disso, pois os discípulos de João Batista que, enquanto ele viveu, mesmo na prisão, se mantinham próximos a ele, agora, depois da sua morte, se uniram sinceramente a Jesus Cristo.

5. O que foi feito dos pobres restos desse bendito santo e mártir. Sendo a sua cabeça separada do corpo:

(1) A jovem trouxe triunfalmente a cabeça à sua mãe, como um troféu das vitórias da sua maldade e vingança (v. 11). *Jerome ad Rufin* relata que quando Herodias recebeu a cabeça de João Batista, ela se dedicou à bárbara diversão de furar a sua língua com uma agulha, como Fúlvia fez com a de Túlio. As mentes sanguinárias se satisfazem com visões sangrentas, aquelas que os espíritos piedosos evitam e temem. Algumas vezes, a ira insaciável

de perseguidores sanguinários caiu sobre os cadáveres dos santos, e se divertiram com eles (Sl 79.2). Quando as testemunhas são assassinadas, aqueles que habitam na terra se regozijam sobre eles, e se alegram (Ap 11.10; Sl 14.4,5).

(2) Os discípulos sepultaram o corpo, e, em lágrimas, foram anunciar a notícia ao Senhor Jesus. Os discípulos de João jejuavam freqüentemente enquanto o seu mestre estava na prisão, enquanto o esposo estava afastado deles, e eles oravam fervorosamente pela sua libertação, como a igreja fez pela libertação de Pedro (At 12.5). Eles tinham livre acesso a ele na prisão, o que era um consolo para eles; mas eles queriam vê-lo em liberdade, para que ele pudesse pregar aos outros; mas agora, de repente, todas as suas esperanças são frustradas. Os discípulos choram e lamentam, enquanto o mundo se alegra. Vejamos o que eles fizeram.

[1] Eles sepultaram o corpo. Observe que existe um respeito devido aos servos de Cristo, não somente enquanto eles vivem, mas aos seus corpos e às suas memórias, quando morrem. Sobre os dois primeiros mártires do Novo Testamento, é particularmente registrado que eles foram sepultados decentemente: João Batista, por seus discípulos, e Estêvão, por varões piedosos (At 8.2). Mas não houve consagração dos seus ossos ou de outros restos como relíquias, uma superstição que surgiu muito tempo depois, quando o inimigo já havia semeado as ervas daninhas. Este exagero, a respeito dos cadáveres dos santos, destrói; embora eles não devam ser desonrados, também não devem ser divinizados.

[2] Eles foram e anunciaram a Jesus – não tanto para que Ele pudesse fugir para a sua própria segurança (sem dúvida, Ele tinha ouvido isso de outros, todo o povo falava disso), mas para que pudessem receber consolo dele, e serem aceitos entre os seus discípulos. Devemos considerar que, em primeiro lugar, quando alguma coisa nos aflige, em qualquer ocasião, é nosso dever e nosso privilégio informar isso a Cristo. Será um alívio para o nosso espírito sobrecarregado poder desabafar com um amigo com quem nos sentimos à vontade. A morte de um amigo ou a falta de cortesia de alguém, um consolo perdido ou a amargura, devemos contar a Jesus, que já conhece o fato, mas saberá, por nossa boca, a perturbação que aflige as nossas almas em meio à adversidade. Em segundo lugar, nós devemos tomar cuidado para que a nossa religião e a profissão dela não pereçam com os nossos ministros; quando João morreu, os discípulos dele não retornaram

aos seus familiares, mas resolveram perseverar na fé. Quando os pastores são mortos, as ovelhas não precisam se espalhar enquanto tiverem o grande Pastor para seguir, aquele que ainda é o mesmo (Hb 13.8,20). A remoção de ministros deveria nos levar para mais perto de Cristo, em uma comunhão mais próxima com Ele. Em terceiro lugar, o consolo, em outras circunstâncias altamente valioso, algumas vezes nos é negado, porque se coloca entre nós e Cristo, e pode afastar aquele amor e aquele afeto que são devidos somente a Ele. João tinha, durante muito tempo, orientado seus discípulos em direção a Cristo, e os tinha entregado a Ele, mas eles não poderiam abandonar o seu antigo mestre enquanto ele vivesse; por isso João foi removido, para que eles pudessem ir a Jesus, a quem algumas vezes eles tinham imitado e invejado, por causa de João. É melhor ser levado a Cristo pela falta ou pela perda, do que não ser levado a Ele por motivo nenhum. Se os nossos mestres deixarem de ser a nossa cabeça, este será o nosso consolo: nós temos um Mestre no céu, e Ele mesmo é a nossa Cabeça.

Josefo menciona a história da morte de João Batista (*Antiq*., liv. 18, cap. 7) e acrescenta que a destruição do exército de Herodes, na sua guerra com Aretas, rei da Petréia (cuja filha era a mulher de Herodes, que ele rejeitou para poder receber Herodias), em geral era considerada pelos judeus como sendo um justo julgamento sobre ele, por levar João Batista à morte. Tendo Herodes se recusado a obedecer ao imperador, instigado por Herodias, foi destituído do seu governo e ambos foram expulsos para Lyon, na França; o que, segundo Josefo, foi o seu justo castigo por ter dado ouvidos aos pedidos dela. E, finalmente, a respeito da filha de Herodias, diz-se que, quando andava sobre o gelo, no inverno, o gelo se rompeu, e ela mergulhou até o pescoço, que foi cortado pelo gelo pontiagudo. Deus exigiu a sua cabeça (diz Dr. Whitby) em troca da de João Batista; o que, se for verdade, pode ser considerada uma providência admirável.

Cinco Mil São Alimentados

vv. 13-21

Esta passagem bíblica sobre o episódio em que Cristo alimentou cinco mil homens com cinco pães e dois peixes encontra-se registrada pelos quatro evangelistas, um fato que ocorre com poucos milagres de Cristo, se é que

ocorre com algum. Isso dá a entender que existe alguma coisa neste milagre que merece uma observação especial. Considere:

I A procura das pessoas por Cristo, quando Ele se retirou “para um lugar deserto” (v. 13). Ele se afastou quando soube, não da morte de João, mas das idéias que Herodes tinha a seu respeito, que Ele fosse João Batista ressuscitado dos mortos, e, portanto, tão temido por Herodes quanto odiado. Ele se retirou para sair da jurisdição de Herodes. Note que em situação de perigo, quando Deus abre um caminho de fuga, é lícito fugir para a nossa própria preservação, a menos que tenhamos alguma chamada especial para nos expormos. A hora de Cristo ainda não era chegada, e, portanto, Ele não se lançaria ao sofrimento. Ele poderia ter se protegido por meio do poder divino, mas como a sua vida tinha o objetivo de ser um exemplo, Ele o fez por prudência humana. Ele “retirou-se dali num barco”. Mas “não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte”. Quando as pessoas souberam, elas o seguiram a pé, vindas de todas as partes. Cristo tinha tal interesse nos sofrimentos da multidão, que o seu afastamento somente levou a que ela o seguisse com muito mais fervor. Aqui, como acontece com freqüência, “cumpriu-se a Escritura que diz” que “a ele se congregarão os povos”. Aparentemente, havia mais procura por Cristo depois do martírio de João do que havia antes. Às vezes, o sofrimento dos santos acontece para maior proveito do Evangelho (Fp 1.12), e “o sangue dos mártires é a semente da igreja”. Agora que o testemunho de João estava concluído, este testemunho era recordado e mais aperfeiçoado do que nunca. Considere que: 1. Quando o Senhor Jesus Cristo e a sua palavra se afastam de nós, é melhor que (por mais que a carne e o sangue objetem em contrário) o sigamos, preferindo as oportunidades para as nossas almas a quaisquer benefícios seculares. Quando a arca se mover, “parti vós também do vosso lugar e segui-a” (Js 3.3). 2. Aqueles que realmente desejam a verdadeira nutrição da Palavra, não vacilarão diante das dificuldades que poderão encontrar no seu caminho até ela. A presença de Cristo e do seu Evangelho tornam um lugar deserto não apenas suportável, mas desejável; só Ele faz “o seu deserto como o Éden” (Is 51.3; 41.19,20).

II A compaixão carinhosa do nosso Senhor Jesus para com aqueles que assim o seguiam (v. 14). 1. Ele saiu e apareceu publicamente entre eles.

Embora Ele tivesse se afastado para a sua própria segurança, e para o seu descanso, ainda assim Ele saiu do seu retiro quando viu as pessoas desejosas de ouvi-lo, como alguém que deseja, ao mesmo tempo, se expor e se cansar pelo bem das almas; pois nem mesmo "Cristo… agradou a si mesmo". 2. Quando Jesus viu a multidão, Ele foi possuído de íntima compaixão para com ela. Observe que a visão de uma grande multidão pode, com justiça, despertar compaixão. Ver uma grande multidão, pensar quantas almas preciosas e imortais há ali, e quantas estão negligenciadas e prontas para morrer (temos motivos para pensar que são muitas), produz em nós uma tristeza profunda. Ninguém tem tanta piedade das almas como Cristo. A sua compaixão não falha. 3. Ele não somente sentiu compaixão por eles, mas ajudou-os. Muitos deles estavam doentes e Ele, movido pela compaixão, "os curou"; pois Ele veio ao mundo para ser o Médico por excelência. Depois de algum tempo, todos eles estavam famintos e Ele, sentindo compaixão, os alimentou. Em toda a generosidade que Cristo demonstra ter por nós, Ele é movido pela compaixão (Is 63.9).

III A proposta que os discípulos fizeram para dissipar a multidão, e a rejeição de Cristo a esta proposta. 1. A noite se aproximava (a hora era já avançada) e os discípulos aproximaram-se de Cristo para que despedisse a multidão; eles pensavam que havia terminado um bom dia de trabalho, e que era hora de dispersar. Os discípulos de Cristo são, freqüentemente, mais cuidadosos para mostrar discrição do que para mostrar o seu zelo, e para mostrar maior consideração do que afeição pelas coisas relacionados a Deus. 2. Cristo não os dispensaria famintos como estavam, nem os reteria por mais tempo sem comida, e nem lhes traria problemas e a responsabilidade de comprar alimento para si mesmos. Ele ordena aos seus discípulos que lhes dêem de comer. Durante o tempo todo, Cristo sempre expressou mais carinho para com as pessoas do que os seus discípulos; pois o que é a compaixão dos homens mais misericordiosos, comparada com a misericórdia de Deus em Cristo? Veja como é difícil para Cristo separar-se daqueles que estão decididos a se apegar a Ele! Eles não precisam partir. Aqueles que têm a Cristo têm o suficiente, e não precisam partir para procurar a felicidade e um meio de vida neste mundo; aqueles que têm garantida a única coisa necessária não precisam ser sobrecarregados com muitas preocupações. Tampouco Cristo irá causar aos seus seguidores

voluntários uma despesa desnecessária, mas facilitará as situações para que possam segui-lo.

Mas se sentem fome, eles têm a necessidade de partir, pois esta é uma necessidade que não pode esperar. Portanto, “dai-lhes vós de comer”. O Senhor cuida do corpo; esta é uma obra das suas mãos, é uma parte do seu resgate. Ele mesmo se vestiu com um corpo, para que pudesse nos incentivar a confiar nele para o fornecimento das nossas necessidades do corpo. Mas Ele toma um cuidado especial com o corpo quando este é empregado para servir a alma no seu serviço mais imediato. Se buscarmos o Reino de Deus em primeiro lugar, e fizermos disso a nossa principal preocupação, nós podemos confiar que Deus nos acrescentará outras coisas, tanto quanto Ele julgar adequado, e podemos deixar que Ele cuide de todas essas coisas. Estas pessoas seguiram a Cristo apenas como uma experiência, num ataque de entusiasmo, e ainda assim Cristo cuidou delas dessa maneira; muito mais Ele cuidará daqueles que o seguem integralmente.

IV A escassa provisão que havia para tal multidão. Aqui nós precisamos comparar o número de visitantes com o cardápio.

1. O número de visitantes era de “quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças”; e é provável que houvesse tantas mulheres e crianças quanto homens, se não mais. Era um grande público a quem Cristo pregava, e temos razão para pensar que era um público atento; e, aparentemente, a maior parte deles, apesar de todo este entusiasmo e ímpeto, não tinha vindo com um objetivo definido. Eles foram embora e não o seguiram mais; pois “muitos são chamados, mas poucos, escolhidos”. Nós devemos avaliar a aceitação da Palavra pela conversão dos ouvintes, e não pelo número de ouvintes; embora isto também seja algo bom, e um bom sinal.

2. O cardápio era muito desproporcional ao número de visitantes, somente cinco pães e dois peixes. Estes alimentos foram trazidos por um seguidor do Senhor, para uso pessoal, agora que estavam afastados, no “deserto”. Cristo poderia tê-los alimentado por milagre, mas para nos dar um exemplo de como proporcionar alimento para as nossas próprias famílias, Ele faz com que o acampamento seja abastecido de uma maneira comum. Aqui não existe nem quantidade, nem variedade, nem guloseimas; uma refeição de peixe não era incomum para aqueles que eram pescadores, mas era um alimento apropriado para os doze; dois peixes para o jantar, e pão que os

alimentasse talvez por um ou dois dias: aqui não havia vinho nem outra bebida forte; a água limpa dos rios do deserto era o melhor que eles tinham para beber durante a refeição; e com isso Cristo alimentaria a multidão. Aqueles que têm somente um pouco, quando a necessidade é urgente devem ajudar os outros, usando o pouco que têm, e é assim que os recursos são multiplicados. Pode Deus preparar “uma mesa no deserto”? Sim, Ele pode, quando assim o desejar, uma mesa farta.

V A distribuição generosa desse alimento entre a multidão (vv. 18,19). “Trazei-mos aqui”. Observe que a maneira de dar conforto aos nossos semelhantes – na verdade, conforto a nós – é levá-los a Cristo; pois tudo é santificado pela Palavra de Deus, e pela oração a Ele. Aquilo que nós colocarmos nas mãos de Deus, para que Ele possa utilizar como quiser, certamente irá prosperar e ter êxito em nossas mãos. E poderemos receber novamente estas bênçãos de suas mãos, e elas então serão duplamente doces para nós. Aquilo que estivermos dispostos a dar através de uma atitude de caridade, devemos primeiramente entregar a Cristo, para que Ele possa graciosamente aceitá-lo de nós e graciosamente abençoá-lo para aqueles a quem será doado; isto é fazer algo “como ao Senhor”.

Nesta refeição milagrosa, nós podemos observar:

1. Que os visitantes se sentaram (v. 19). Jesus mandou que a multidão se assentasse, pois enquanto Ele lhes falava, eles se mantinham em pé, o que é uma postura de reverência e disposição para o movimento. Mas como conseguiremos cadeiras para todos? Deixemos que se sentem na grama. Quando Assuero mostrou as riquezas do seu glorioso reino, e a honra da sua majestade excelente, em um banquete real para os homens importantes de todas as suas províncias, os leitos eram de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, e de mármore, e de alabastro, e de pedras preciosas (Et 1.6). O nosso Senhor Jesus mostrou aqui, em um banquete divino, as riquezas de um reino muito mais glorioso do que aquele, e a honra de uma majestade muito mais excelente, com um domínio sobre a própria natureza; mas aqui não há uma toalha de mesa, nem pratos ou guardanapos, nem garfos ou facas, nem mesmo um banco onde se sentar; Porém, como se Cristo realmente pretendesse reduzir o mundo à simplicidade e também à inocência e à felicidade de Adão no paraíso, Ele mandou que eles se assentassem na grama. Ao fazer tudo dessa maneira, sem nenhuma pompa

ou esplendor, Ele mostrou claramente que o seu reino não era deste mundo, nem vinha “com aparência exterior”.

2. O pedido de uma bênção. Jesus não indicou um de seus discípulos para que fosse o seu capelão, mas Ele mesmo ergueu os olhos ao céu, abençoou, e deu graças. Ele deu graças a Deus Pai pela refeição que tinham, e pediu que Ele a abençoasse. O seu pedido de uma bênção era como a ordem de uma bênção; pois assim como Ele pregava, também orava como alguém que tem autoridade; e nessa oração e ação de graças, podemos supor, Ele fez especial referência à multiplicação do alimento; mas aqui Ele nos ensinou este bom dever de pedir uma bênção e dar graças por nossas refeições. “Tudo que Deus criou é bom, e [deve ser] recebido com ações de graças” (1 Tm 4.4, versão RA). Samuel abençoou a refeição (1 Sm 9.13; At 2.46,47; 27.34,35). Isto é comer e beber para a glória de Deus (1 Co 10.31); dar graças a Deus (Rm 14.6); é comer diante de Deus, como Moisés e seu sogro (Êx 18.12,15). Quando Cristo abençoou, Ele ergueu os olhos para o céu, para nos ensinar, em oração, a ver Deus como o nosso Pai que está nos céus. Quando recebermos os nossos confortos terrenos, devemos olhar para lá, como tomando-os da mão de Deus, e dependendo dele para uma bênção.

3. A distribuição da refeição. O Mestre distribuiu, Ele mesmo, a refeição, pois “partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos, à multidão”. Com isto, Cristo pretendia honrar os seus discípulos, para que eles pudessem ser respeitados como trabalhadores associados a Ele; e também para demonstrar de que maneira o alimento espiritual da palavra deveria ser distribuído ao mundo. De Cristo, o autor original, por intermédio dos seus ministros. Aquilo que Cristo designou às igrejas, Ele notificou ao seu servo João (Ap 1.1,4); eles transmitiam tudo aquilo que recebiam do Senhor, e somente isso (1 Co 11.23). Os ministros nunca podem preencher o coração das pessoas, a menos que Cristo preencha as suas mãos em primeiro lugar. E o que Ele deu aos discípulos, eles devem dar à multidão; pois eles são despenseiros, para dar a cada um a sua porção da refeição (cap. 24.45). E, bendito seja Deus, não importa quão grande seja a multidão, sempre haverá o suficiente para todos, o suficiente para cada um.

4. A multiplicação do alimento. Esta só é observada no seu efeito, não na sua causa ou na maneira como ocorreu; não existe menção a alguma palavra que Cristo tenha dito, pela qual o alimento tenha sido multiplicado. Os objetivos e as intenções da sua mente e da sua vontade se realizarão,

embora não sejam mencionados ou pronunciados: mas a multiplicação do alimento pode ser observada, não na quantidade inicial, mas na sua distribuição. Assim como o azeite da viúva aumentou quando foi derramado, o pão foi multiplicado ao ser partido. Assim cresce a graça à medida que a colocamos em prática, e, enquanto outras coisas se extinguem com o uso, os dons espirituais crescem com o uso. Deus fornece a semente ao semeador, e multiplica, não a semente acumulada, mas a semente semeada (2 Co 9.10). Assim, existem aqueles que espalham, e ainda assim os seus bens aumentam; espalham e prosperam.

VI A satisfação plena de todos os convidados com esta provisão. Embora a desproporção fosse tão grande, ainda assim foi suficiente e ainda sobrou.

1. Foi suficiente: “Comeram todos e saciaram-se”. Observe que aqueles a quem Cristo alimenta, ficam saciados; esta era a promessa (Sl 37.19), de que eles “se fartarão”. Como havia o suficiente para todos, todos comeram. Havia o suficiente para cada um, e todos se saciaram; embora houvesse pouco, era suficiente, e isto é tão bom quanto um banquete. Observe que a bênção de Deus pode fazer com que o pouco se torne muito, e seja muito útil; se Deus amaldiçoar aquilo que tivermos, nós comeremos e não nos fartaremos (Ag 1.6).

2. Houve tamanha abundância que sobrou: “Levantaram dos pedaços que sobejaram doze cestos cheios”, um cesto para cada apóstolo: assim, aquilo que havia sido doado foi restituído de forma multiplicada. E como eram inteligentes, poderiam fazer com que esta refeição ainda fosse servida outra vez, o que também seria motivo de ações de graças. Este fato teve a finalidade de manifestar e engrandecer o milagre, e mostrar que a provisão que Cristo faz para aqueles que são seus não é pequena e limitada, mas rica e farta; o Senhor concede o pão que nos é necessário (Lc 15.17), com uma completa abundância. A multiplicação que Eliseu fez dos pães foi semelhante a esta, porém muito menor que esta; e então foi dito: “Comer-se-á, e sobejará” (2 Rs 4.43).

É o mesmo poder divino, embora exercido de uma maneira normal, que multiplica a semente semeada no solo todos os anos, e faz com que a terra produza com abundância. Isso ocorre para que aquilo que foi trazido em punhados seja levado para casa em feixes. Esta é a obra do Senhor: “Foi o

Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos". Todas as coisas naturais existem através de Cristo, e é pela palavra do seu poder que elas são sustentadas.

Jesus Caminha até os seus Discípulos sobre o Mar

vv. 22-33

Aqui temos a história de outro milagre que Cristo realizou para ajudar os seus amigos e seguidores: sua caminhada sobre as águas até os seus discípulos. No milagre anterior, Ele tinha agido como o Senhor da natureza, usando os seus poderes para alimentar aqueles que estavam em necessidade; neste, Ele agiu como o Senhor da natureza, corrigindo e controlando os seus poderes para o auxílio daqueles que estavam em perigo e sofrimento. Observe:

I Cristo despedindo os seus discípulos e a multidão, depois que os havia alimentado milagrosamente. Ele ordenou "que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante, para a outra banda", antes dele (v. 22). O apóstolo João dá uma razão especial para a dispersão apressada dessa reunião: porque as pessoas estavam tão afetadas pelo milagre dos pães que estavam prestes a arrebatá-lo para fazê-lo rei (Jo 6.15); para evitar isso, Ele imediatamente dispersou as pessoas, mandou embora os discípulos, para que a multidão não os acompanhasse, e Ele mesmo retirou-se (Jo 6.15).

Depois que haviam se sentado para comer e beber, eles não se levantaram para jogar, mas cada um foi cuidar de seus assuntos.

1. Cristo mandou as pessoas embora. Isto dá alguma idéia da solenidade da despedida; Ele as despediu com uma bênção, algumas palavras finais de precaução, conselho e consolo que pudessem permanecer com elas.

2. Jesus ordenou que os discípulos fossem antes dele em um barco, pois até que eles tivessem partido, a multidão não se moveria. Os discípulos estavam relutantes em ir, e não teriam ido, se Ele não tivesse ordenado que o fizessem. Eles hesitavam em ir para o mar sem Ele. "Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui" (Êx 33.15). Eles não queriam deixá-lo sozinho, sem nenhuma ajuda, ou nenhum barco à sua espera; mas o fizeram por pura obediência.

II A subseqüente retirada de Cristo (v. 23): Ele “subiu ao monte para orar à parte”. Observe:

1. Que Ele estava sozinho. Ele foi sozinho para um lugar solitário, e ali ficou completamente sozinho. Embora Jesus tivesse tanto trabalho para realizar com os outros, ainda assim, às vezes, Ele decidia ficar sozinho, para nos dar um exemplo. Não são seguidores de Cristo aqueles que não se interessam em ficar sozinhos; que não apreciam a solidão, quando não têm ninguém mais com quem conversar, ninguém mais com quem estar, exceto Deus e os seus próprios corações.

2. Que Ele estava sozinho para orar. Esta era a sua atividade na solidão: orar. Embora Cristo, sendo Deus, fosse Senhor de tudo e de todos, e a Ele as pessoas orassem, Cristo, na forma de homem, tinha assumido a forma de um servo, e orava. Aqui Cristo nos dá um exemplo de uma oração particular, de um momento particular entre Ele e o Pai, de acordo com a regra que Ele tinha ensinado (cap. 6.6). Talvez nesse monte houvesse algum oratório ou alguma instalação reservada, disponível para uma ocasião como essa; era comum que os judeus tivessem alguma coisa desse tipo. Observe que quando os discípulos foram para o mar, o seu Mestre foi orar; quando Pedro estava prestes a ser cirandado como trigo, Cristo orou por ele.

3. Que Ele ficou sozinho muito tempo. Ali Ele estava quando a noite chegou, e, pelo que parece, ali Ele ficou até a manhã, a “quarta vigília da noite”. A noite veio, e foi uma noite chuvosa, tempestuosa, e ainda assim Ele continuou em oração. Observe que é bom, pelo menos à vezes, em ocasiões especiais e quando sentirmos nossos corações dilatados, continuar por muito tempo em uma oração particular, e nos dedicarmos integralmente a derramar os nossos corações diante do Senhor. Não devemos diminuir as nossas petições diante de Deus (Jó 15.4).

III A condição em que os pobres discípulos estavam nessa ocasião: “o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas” (v. 24). Aqui podemos observar:

1. Que eles estavam no meio do mar quando veio a tempestade. Nós podemos ter tempo bom no início da nossa viagem, e ainda assim encontrar tempestades antes de chegar ao porto ao qual nos destinamos. Portanto, que aquele que solta as amarras não se vanglorie quando o faz, mas depois de uma longa calmaria espere alguma tempestade.

2. Os discípulos estavam agora no lugar para onde Cristo os tinha enviado, e ainda assim encontraram essa tempestade. Se eles estivessem fugindo do seu Mestre, e do seu dever, como Jonas estava, quando se viu preso na tempestade, isto teria sido realmente terrível; mas eles tiveram uma ordem especial do seu Mestre, de ir para o mar nessa ocasião, e estavam realizando o seu dever. Observe que não é novidade que os discípulos de Cristo encontrem tempestades no curso do seu dever, e que sejam enviados para o mar quando o seu Mestre prevê uma tempestade; mas eles não devem interpretar isso como crueldade; o que Ele faz, eles não sabem agora, mas saberão depois – que Deus deseja, com isso, manifestar-se com a graça mais maravilhosa para eles, e por eles.

3. Foi motivo de grande abatimento para eles o fato de não terem a Jesus junto deles, como tinham tido antes, ao se encontrarem em meio a uma tempestade; embora naquela ocasião Ele realmente estivesse profundamente adormecido, logo Ele despertou (cap. 8.24). Mas agora Ele não estava com eles. Assim Cristo acostumou os seus discípulos primeiro às pequenas dificuldades, e depois às maiores, e assim Ele os ensina, gradativamente, a viver pela fé, e não pela razão humana.

4. Embora o vento fosse contrário, e eles estivessem açoitados pelas ondas, tendo recebido a ordem do seu Mestre de ir para a outra banda, eles não mudaram de curso e retornaram, mas fizeram o melhor que podiam para prosseguir. Embora os problemas e as dificuldades possam nos perturbar no nosso dever, eles não devem nos afastar dele; mesmo em meio a eles, nós devemos perseverar.

IV Cristo aproximando-se deles, nessa situação (v. 25); e com isso nós temos um exemplo:

1. Da sua bondade, pois Ele foi até eles como alguém que toma conhecimento da sua situação e que tem uma preocupação por eles, como um pai pelos seus filhos. Uma situação extrema para a igreja e para o povo de Deus é uma oportunidade para que Cristo os visite e se manifeste a eles. Mas Ele não veio antes da quarta vigília, aproximadamente às três horas da manhã, que é quando começa a quarta vigília. Foi na vigília da manhã que o Senhor se manifestou a Israel no Mar Vermelho (Êx 14.24), e assim foi também nessa ocasião. “Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel”, mas, quando há oportunidade, caminha na escuridão em seu auxílio;

Ele nos ajuda, e bem cedo.

2. Do seu poder, pois Ele foi até eles “caminhando por cima do mar”. Este é um grande exemplo do domínio soberano de Cristo sobre todas as criaturas; elas estão todas sob os seus pés, e sob o seu comando; elas esquecem da sua natureza e modificam as qualidades que nós chamamos de essenciais. Nós não precisamos perguntar como isso foi feito, se foi pela condensação da superfície da água (quando Deus deseja, os abismos são congelados no coração do mar, Êxodo 15.8 [versão inglesa KJV], ou pela suspensão da gravidade do seu corpo, que se transfigurava como Ele quisesse; é suficiente que isso prove o seu divino poder, pois é prerrogativa de Deus andar sobre os altos do mar (Jó 9.8), assim como cavalgar “sobre as asas do vento”. Aquele que fez das águas do mar uma muralha para os remidos do Senhor (Is 51.10), aqui faz delas um caminho para o próprio Redentor, que, como o Senhor de tudo, aparece com um pé sobre o mar e o outro sobre a terra (Ap 10.2). O mesmo poder que fez flutuar o ferro (2 Rs 6.6), fez isso. “Que tiveste, ó mar?” (Sl 114.5). Foi o poder da presença do Senhor: “Pelo mar foi teu caminho” (Sl 77.5). Observe que Cristo pode utilizar qualquer método que desejar para salvar o seu povo.

V Aqui está um relato do que aconteceu entre Cristo e os seus desesperados amigos, por ocasião da sua aproximação.

1. Entre Ele e todos os discípulos. Nós lemos:

(1) Como os seus medos foram despertados (v. 26): “Vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma”; *phantasma esti – é uma aparição*, assim pode ser muito melhor descrito. Aparentemente, todos acreditavam na existência e na manifestação de espíritos, exceto os saduceus, contra cuja doutrina Cristo tinha advertido os seus discípulos; mas, sem dúvida, muitas supostas aparições foram simplesmente as criações do medo e da imaginação dos próprios homens. Estes discípulos disseram: “É o Senhor”; não pode ser outra coisa. Observe que: [1] Até mesmo as aparições e aproximações de libertação podem ser, às vezes, ocasião de perturbação e perplexidade para o povo de Deus, que, às vezes, tem muito medo em situações em que menos se ferirá; ou melhor, quando é favorecido, como Maria (Lc 1.29; Êx 3.6,7). O conforto do espírito de adoção é introduzido pelo temor do espírito de escravidão (Rm 8.15). [2] A manifestação de um espírito, ou a imaginação disso, não pode deixar de ser

assustadora e de nos instilar terror, por causa da distância em que estamos do mundo dos espíritos, da batalha justa dos bons espíritos, e da inimizade inveterada que os maus espíritos têm contra nós (veja Jó 4.14,15). Quanto mais conhecimento temos de Deus, o Pai dos espíritos, e mais cuidadosos somos em nos conservar no seu amor, mais capazes seremos de lidar com esses temores. [3] Os medos desconcertantes e inquietantes das pessoas boas nascem dos seus enganos e conceitos errados a respeito de Cristo, da sua pessoa e da sua obra. Quanto mais clara e completamente conhecermos o seu nome, com mais segurança confiaremos nele (Sl 9.10). [4] Até mesmo uma pequena coisa nos assusta numa tempestade. Quando há batalhas do lado de fora, não é de admirar que haja temores do lado de dentro. Talvez os discípulos imaginassem que algum mau espírito tivesse despertado a tempestade. Observe que o maior perigo dos problemas externos nasce da oportunidade que eles dão ao surgimento de problemas internos.

(2) Como os seus medos foram acalmados (v. 27). Imediatamente Jesus os aliviou, mostrando-lhes o seu engano. Quando eles estavam lutando contra as ondas, o Senhor retardou o seu socorro durante algum tempo; mas Ele apressou o seu auxílio contra o seu medo, ainda mais perigoso; imediatamente Ele acalmou essa tempestade com as palavras: “Tende bom ânimo, sou eu; não temais”.

[1] Ele corrigiu o engano deles, dando-se a conhecer, como José, aos seus irmãos: “Sou Eu”. Ele não disse o seu nome, como fez com Paulo: “Eu sou Jesus”, pois Paulo ainda não o conhecia; mas para estes discípulos era suficiente dizer: “Sou eu”; eles conheciam a sua voz, como suas ovelhas (Jo 10.4), como Maria Madalena (Jo 20.16). Eles não precisavam perguntar: “Quem és, Senhor?” ou: “És tu dos nossos ou dos nossos inimigos”? Eles podiam dizer, como a esposa: “Esta é a voz do meu amado” (Ct 2.8; 5.2). Os verdadeiros fiéis a conhecem por um bom sinal. Era suficiente deixá-los tranqüilos, fazê-los compreender quem eles viam. O conhecimento adequado abre a porta para o conforto verdadeiro, especialmente o conhecimento de Cristo.

[2] Ele os incentivou contra os seus medos: “Sou Eu”, e, portanto, em primeiro lugar: “Tende bom ânimo”, fortalecei os vossos espíritos e tende coragem. Se os discípulos de Cristo não tinham coragem em uma tempestade, era culpa deles mesmos, pois Ele lhes daria coragem. Em segundo luga: “Não temais”. 1. Não tenham medo de mim, agora que vocês

sabem que sou Eu; certamente vocês não terão medo, pois vocês sabem que Eu não lhes desejo mal. Cristo não causará temor àqueles a quem Ele se manifesta; quando eles vierem a compreendê-lo corretamente, o temor se dissipará. 2. Não tenham medo da tempestade, dos ventos e das ondas, embora ruidosas e muito assustadoras; não tenham medo, enquanto Eu estou tão próximo a vocês. Eu sou aquele que se preocupa com vocês, e não vou ficar parado deixando vocês perecerem. Nada precisa ser um terror àqueles que têm Cristo perto de si, e sabem que Ele é deles; não, nem a própria morte.

2. Entre Cristo e Pedro (vv. 28-31), onde observe-se:

(1) A ousadia de Pedro, e a tolerância de Cristo para com ele.

[1] Foi muita ousadia Pedro se aventurar a ir até Cristo andando sobre as águas (v. 28): "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas". A coragem era a principal qualidade de Pedro; e foi o que o levou a se destacar dos demais discípulos ao expressar o seu amor a Cristo, embora os outros provavelmente amassem ao Senhor da mesma maneira.

Em primeiro lugar, é um exemplo do afeto de Pedro por Cristo o fato de ele desejar ir ao encontro do Mestre. Quando ele vê a Cristo, cuja presença, sem dúvida, havia desejado mais de uma vez durante a tempestade, ele fica impaciente para estar com Ele. Ele não diz: Manda-me andar por cima das águas, como desejando isto somente como um milagre; mas ele diz: "Manda-me ir ter contigo", como se estivesse falando por amor a Cristo. Em outras palavras: Manda-me ir ter contigo, não importa como. O verdadeiro amor irá vencer o fogo e a água, se isto for necessário, para ir ter com Cristo. Cristo estava vindo até eles, para ajudá-los e salvá-los. "Senhor", disse Pedro, "manda-me ir ter contigo". Quando Cristo está vindo até nós em um caminho de misericórdia, devemos nos encontrar com Ele em um caminho de dever. E devemos estar dispostos e ser ousados para nos aventurarmos com Ele e por Ele. Aqueles que se beneficiam de Cristo como Salvador, devem, pela fé, ir até Ele. Cristo tinha estado, por algum tempo, ausente, e aqui se mostra por que Ele tinha se ausentado; foi para que os discípulos o quisessem ainda mais no seu retorno, para fazê-lo altamente oportuno e duplamente aceitável. Observe que quando, por pouco tempo, Cristo parece deixar o seu povo, os seus retornos são bem-vindos, e são aceitos com muita afeição; quando as almas graciosas, depois de longa procura, encontram, por fim, o seu Amado, elas o detêm e não se separam

dele (Ct 3.4).

Em segundo lugar, é um exemplo da prudência de Pedro, e da devida observância à vontade de Cristo, o fato de que ele não vai sem uma permissão. Nada de: “Se és tu, eu irei”; mas: “Se és tu, manda-me ir”. Os espíritos mais ousados devem esperar um chamado para as iniciativas arriscadas, e não devemos nos atirar a elas de modo precipitado e presunçoso. O nosso desejo de servir e os nossos sofrimentos são interpretados não como disposição, mas como teimosia, se não tivermos consideração pela vontade de Cristo e não estivermos de acordo com o seu chamado e a sua ordem. Não devemos esperar autorizações extraordinárias como esta que Pedro recebeu (a menos que nos sejam necessárias em alguma situação), mas devemos recorrer às regras gerais do mundo, em sua aplicação aos casos particulares, com a ajuda de sugestões da Providência. É proveitoso nos orientarmos pela sabedoria.

Em terceiro lugar, é um exemplo da fé e da determinação de Pedro o fato de que ele se aventurou sobre as águas quando Cristo ordenou. Deixar a segurança do barco, e atirar-se nos braços da morte, desprezar as ondas ameaçadoras que ele tinha temido até há pouco, tudo isto mostrava uma confiança muito forte no poder e na palavra de Cristo. Qual dificuldade ou perigo pode interceptar uma fé como esta e um entusiasmo como este?

[2] Cristo foi muito gentil e condescendente, sentindo-se feliz por permitir isso a Pedro (v. 29). Ele poderia ter condenado a proposta como sendo tola e impensada; ou melhor, como orgulhosa e presunçosa. “Pedro pretenderá fazer o que o seu Mestre faz?” Mas Cristo sabia que isso se originava de um afeto sincero e entusiasmado por Ele, e graciosamente o aceitou. Cristo se agrada com as expressões de amor do seu povo, embora mescladas com muitas hesitações, e as aproveita ao máximo.

Em primeiro lugar, Ele ordena a Pedro: “Vem”. Quando os fariseus pediram um sinal, eles não somente tiveram o seu pedido negado, mas censurado, porque o faziam com o desejo de tentar a Cristo; quando Pedro pediu um sinal, ele o obteve, porque o fez com a determinação de confiar em Cristo; o Evangelho nos chama, em outras palavras: “Venham, venham até Cristo; arrisquem tudo na sua mão, e comprometam-se a dedicar a Ele as suas almas; arrisquem-se em um mar tempestuoso, um mundo tempestuoso, por Jesus Cristo”.

Em segundo lugar, Jesus confirmou a Pedro quando ele se dirigiu ao Senhor; Pedro andou sobre as águas. A comunhão dos verdadeiros crentes com Cristo é representada por serem vivificados com Cristo, ressuscitados com Ele, assentados com Ele (Ef 2.5,6) e crucificados com Ele (Gl 2.20). Sabemos agora que isso está representado nessa história pelo seu caminhar com Ele sobre as águas. Por meio da força de Cristo, nós somos sustentados acima do mundo, somos capacitados para andar sobre ele, impedidos de afundar nele, de sermos oprimidos por ele, e obtemos a vitória sobre ele (1 Jo 5.4), pela fé na vitória de Cristo (Jo 16.33) e com Ele somos crucificados para o mundo (Gl 6.14). Veja o abençoado Paulo andando sobre as águas com Jesus, e ser mais que vencedor por meio dele, e caminhando sobre as ondas ameaçadoras, mas incapazes de separá-lo do amor de Cristo (Rm 8.35). Assim o mar do mundo se torna como um mar de vidro, congelado para poder sustentar; e aqueles que obtêm a vitória, sobre o mar de vidro, o fazem cantando (Ap 15.2,3).

Ele caminhou sobre as águas, não por diversão ou ostentação, mas para ir ter com Jesus; e nisso Ele foi maravilhosamente apoiado. Quando as nossas almas estão com dificuldades para seguir a Deus, é o momento em que a sua mão direita nos sustenta; esta era a experiência de Davi (Sl 63.8). Existem promessas de apoio especial, e elas devem ser esperadas em meio aos nossos propósitos espirituais. Quando Deus leva Israel sobre asas de águias, o seu objetivo é levar o povo a si mesmo (Êx 19.4). Jamais conseguiríamos ir até Jesus, a menos que fôssemos sustentados pelo seu poder; é no seu poder que nós o buscamos, que o procuramos, que prosseguimos firmemente rumo ao alvo, sendo guardados pelo poder de Deus; é nesse poder que devemos confiar, como Pedro, quando caminhou sobre as águas: e não há perigo de afundar enquanto por baixo de nós estiverem os braços eternos.

(2) Aqui vemos a covardia de Pedro, e Cristo repreendendo-o e socorrendo-o. Cristo mandou que ele viesse, não somente para que ele pudesse andar sobre as águas, e assim conhecer o poder de Cristo, mas também para que ele pudesse afundar, e dessa maneira conhecer a sua própria fraqueza; pois assim como Ele incentivava a sua fé, também verificava a sua confiança, e permitia que Pedro se envergonhasse dela. Observe, então:

[1] O grande medo que sentiu Pedro (v. 30): Ele “teve medo”. A fé mais forte e a maior coragem se mesclam com o medo. Aqueles que podem dizer: “Eu creio, Senhor”, devem dizer: “Senhor ajuda a minha incredulidade”. Nada, exceto o perfeito amor, irá expulsar o nosso medo. Homens bons freqüentemente cometem alguns fracassos nas graças em que são mais eminentes, e naquelas que procuram exercitar; isto serve para mostrar que eles ainda não as alcançaram. Pedro estava muito decidido no início, mas depois a sua coragem lhe faltou. O prolongamento de uma prova mostra a fraqueza da fé.

Aqui há, em primeiro lugar, a causa desse medo; ele “sentiu o vento forte”. Enquanto Pedro conservou seus olhos fixos em Cristo, e na sua palavra e no seu poder, ele caminhou suficientemente bem sobre as águas; mas quando ele percebeu, além disso, o perigo em que se encontrava, e observou como a correnteza erguia as ondas, então ele sentiu medo. Olhar para as dificuldades com um olhar racional, e não para os preceitos e promessas com um olhar de fé, é a base de todos os nossos medos desenfreados, tanto nas questões públicas como nas pessoais. Abraão pode ser considerado forte na fé, porque ele não atentou para o seu próprio corpo (Rm 4.19); ele não se preocupou com as improbabilidades desanimadoras sob a promessa, mas conservou o seu olhar no poder de Deus. E assim, em esperança, creu contra a esperança (v. 18). Quando sentiu o vento forte, Pedro deveria ter se lembrado do que tinha visto (cap. 8.27) quando os ventos e o mar obedeceram a Cristo. E é por isso que nós continuamos a ter medo todos os dias, porque nos esquecemos do Senhor, nosso Mestre (Is 51.12,13).

Em segundo lugar, o resultado do seu medo: ele “começou a ir para o fundo”. Enquanto a fé o sustentou, ele permaneceu sobre as águas; mas quando a fé se abalou, ele começou a afundar. O nosso espírito naufraga por causa da fraqueza da nossa fé; nós somos sustentados (como somos salvos) “mediante a fé” (1 Pe 1.5); e, portanto, quando as nossas almas estão desfalecidas e inquietas, o remédio soberano é confiar e esperar em Deus (Sl 43.5). É provável que Pedro, tendo sido criado como pescador, soubesse nadar muito bem (Jo 21.7); e talvez ele confiasse parcialmente nisso quando se lançou ao mar; se ele não conseguisse andar, ele poderia nadar. Mas Cristo permitiu que ele começasse a ir para o fundo, para lhe mostrar que a sua segurança era “a sua destra e o seu braço santo”, e não qualquer talento

que Pedro tivesse. A grande misericórdia de Cristo para com Pedro foi o motivo pelo qual – mesmo com a hesitação da fé – Ele não o deixou afundar imediatamente, para "descer às profundezas como pedra" (Êx 15.5), mas deu-lhe tempo para gritar: "Senhor, salva-me". Esta é a preocupação de Cristo com os verdadeiros crentes; embora fracos, eles apenas começam a afundar! Um homem nunca afunda, nunca se destrói por completo, até que esteja no inferno. Pedro andou enquanto teve fé; para ele, assim como para outros, valeu a regra: "Seja-vos feito segundo a vossa fé".

Em terceiro lugar, o remédio ao qual Pedro recorreu nessa aflição, o antigo, testado e aprovado remédio, foi a oração; ele clamou: "Senhor, salva-me". Observe: 1. A forma da sua oração: ela é fervorosa e importuna; ele clamou. Quando a fé é fraca, a oração deve ser forte. O nosso Senhor Jesus nos ensinou a, no dia do nosso temor, oferecer grande clamor (Hb 5.7). A sensação de perigo nos fará clamar ou gritar, o sentimento de dever e confiança em Deus nos fará clamar por Ele. 2. O tema da sua oração foi pertinente e objetivo; ele clamou: "Senhor, salva-me". Cristo é o grande Salvador, Ele veio para salvar; aqueles que desejam ser salvos, não somente devem vir até Ele, mas também devem clamar a Ele pela salvação. Mas geralmente nunca somos levados a isso até que nos encontremos afundando; o sentimento de necessidade nos levará ao Senhor Jesus.

[2] A grande graça de Cristo a Pedro em seu momento de medo. Embora houvesse em Pedro uma mescla de presunção e fé quando se arriscou, e de incredulidade e fé no seu fraquejar posterior, ainda assim Cristo não o abandonou; pois:

Em primeiro lugar, Ele o salvou; Ele respondeu a ele "com a força salvadora da sua destra" (Sl 20.6), pois imediatamente Ele estendeu a sua mão e o segurou. O momento de Cristo nos salvar é este, quando nós afundamos (Sl 18.4-7): Ele salva da morte. A mão de Cristo ainda está estendida a todos os crentes, para impedir que eles afundem. Ele também resgatará das águas aqueles que Ele já resgatou como seus, e arrancou do fogo como tições. Embora Ele pareça ter retirado o seu apoio, Ele apenas parece ter feito isso, pois nunca hão de perecer, e ninguém os arrebatará das suas mãos (Jo 10.28). Nunca tema, Ele sustentará os seus. A libertação dos nossos próprios medos, que, não fosse por isso, nos esmagariam, se deve à ação do seu poder e graça (Sl 34.4).

Em segundo lugar, Ele o repreendeu; pois tantos quantos Ele ama e salva, Ele repreende e censura: “Homem de pequena fé, por que duvidaste?” Considere: 1. A fé pode ser verdadeira, e ainda assim, fraca; no início, é como um grão de mostarda. Pedro tinha fé suficiente para ficar sobre as águas, mas, como não era suficiente para executar a tarefa até o fim, Cristo lhe diz que ele tinha pouca fé. 2. Todas as nossas dúvidas e os nossos temores se devem à fraqueza da nossa fé; por isso duvidamos, porque temos pouca fé. É atribuição da fé solucionar dúvidas, as dúvidas da razão, num dia tempestuoso, até mesmo para manter a cabeça acima d’água. Para podermos crer mais, nós devemos duvidar menos. 3. A fraqueza da nossa fé, e a predominância das nossas dúvidas, são muito desagradáveis ao nosso Senhor Jesus. É verdade, Ele não abandona os crentes fracos, mas é igualmente verdade que Ele não fica feliz com a fé fraca, não naqueles que estão mais próximos a Ele. “Por que duvidaste?” Que razão houve para isso? Os nossos temores e as nossas dúvidas devem desaparecer diante de uma investigação rigorosa sobre a sua causa; pois, considerando tudo, não existe uma boa razão pela qual os discípulos de Cristo devessem ter uma mente duvidosa, nem mesmo em uma dia tempestuoso, porque Ele está pronto para lhes dar um “socorro bem presente”.

VI O fim da tempestade (v. 32). Quando Cristo entrou no barco, eles estavam junto à margem. Cristo caminhou sobre as águas até chegar ao barco, e então subiu, quando poderia facilmente ter caminhado pela margem. Mas quando os meios comuns são possíveis, os milagres não são esperados. Embora Cristo não precise de instrumentos para realizar a sua obra, Ele fica satisfeito por usá-los. Quando Cristo entrou no barco, Pedro entrou com Ele. Os companheiros de Cristo na sua paciência serão os seus companheiros no seu reino (Ap 1.9). Aqueles que andam com Ele, reinarão com Ele; aqueles que se expõem e que sofrem com Ele, triunfarão com Ele.

Quando eles entraram no barco, imediatamente a tempestade acalmou, pois ela tinha concluído o seu trabalho, o seu trabalho de teste. Aquele que “encerrou os ventos nos seus punhos”, e “amarrou as águas na sua roupa”, é o mesmo que subiu e desceu; e a sua palavra executa até ventos tempestuosos (Sl 148.8). Quando Cristo vem a uma alma, Ele faz com que os ventos e as tempestades se acalmem ali, e ordena a paz. Receba a Cristo, e o ruído das ondas logo será sufocado. O caminho para a tranqüilidade é

saber que Ele é Deus, e que “o Senhor está no meio de nós”.

VII A adoração que Cristo recebeu como conseqüência (v. 33): “aproximaram-se os que estavam no barco e adoraram-no, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus”. Eles aprenderam duas coisas com essa aflição e com esse livramento.

1. Isso foi uma confirmação da sua fé em Cristo, e os convenceu completamente de que a plenitude da divindade residia nele; pois ninguém, exceto o Criador do mundo, poderia multiplicar os pães; ninguém, exceto o seu Governador, poderia caminhar sobre as águas do mar; portanto, eles se renderam à evidência, e confessaram a sua fé: “És verdadeiramente o Filho de Deus”. Eles sabiam, antes disso, que Ele era o Filho de Deus, mas agora eles sabiam ainda mais. A fé, depois de um conflito com a descrença, algumas vezes passa a ser mais ativa e chega a maiores graus de força, se for exercida. Agora eles sabiam que isto é uma verdade. Observe que é bom conhecermos cada vez mais a certeza dessas coisas de que já fomos informados (Lc 1.4). A fé cresce quando chega a uma certeza completa, quando ela vê claramente e diz: “Verdadeiramente”

2. Eles aproveitaram a oportunidade para dar a Jesus “a glória devida ao seu nome”. Eles não apenas possuíam aquela grande verdade, mas foram apropriadamente influenciados por ela; eles adoraram a Cristo. Quando Cristo manifesta a sua glória a nós, devemos glorificá-lo, direcionando a Ele a sua glória (Sl 50.15). “Eu te livrarei, e tu me glorificarás”. A adoração de Cristo assim foi expressa: “És verdadeiramente o Filho de Deus”. O objeto da nossa fé pode e deve ser feito o objeto do nosso louvor. A fé é o princípio adequado da adoração, e a adoração é o produto genuíno da fé. É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe; e aquele que crê em Deus, certamente o buscará (Hb 11.6).

O Povo de Genesaré Aflui a Cristo

vv. 34-36

Aqui temos um relato de milagres, em grande escala, que Cristo realizou no outro lado do mar, na terra de Genesaré. Aonde quer que Cristo fosse, Ele fazia o bem. Genesaré era uma extensão de terra que ficava entre

Betsaida e Cafarnaum, e dava o nome a este mar, ou talvez derivasse o seu nome do lago (Lc 5.1), que é chamado de lago de Genesaré; esta palavra significa “o vale de ramos”. Considere:

I A presteza e a fé dos homens daquela região. Estes eram mais nobres que os gadarenos, seus vizinhos do mesmo lago. Os gadarenos imploraram que Cristo fosse embora dali, pois eles não tinham utilidade para Ele; estes imploraram que Ele os ajudasse, pois eles tinham necessidade dele. Cristo reconhece que a maior honra que podemos lhe dar é precisar dele. Aqui lemos:

1. Como os homens daquela terra foram trazidos a Cristo; eles “o conheceram”. É provável que a sua passagem milagrosa sobre o mar, cujo relato teria sido laboriosamente espalhado por aqueles que estavam no barco, tenha ajudado a abrir caminho para que Ele fosse recebido nessa região; e talvez isso fosse algo que Cristo pretendia conseguir com o milagre, pois aquilo que Ele faz tem grande alcance. Eles sabiam desse e de outros milagres que Cristo tinha realizado, e por isso afluíram ao seu encontro. Aqueles que conhecem o nome de Cristo o seguirão; se Cristo fosse mais conhecido, Ele não seria tão negligenciado; as pessoas confiam nele à medida que o conhecem.

Eles “o conheceram”, isto é, sabiam que Ele estava entre eles, e que ficaria ali com eles durante algum tempo. O discernimento do dia da nossa oportunidade é um excelente passo para aproveitá-la. Esta foi a condenação do mundo, o fato de que Cristo estava no mundo e o mundo não o conheceu (Jo 1.10). Jerusalém não o conheceu (Lc 19.42), mas havia alguns que, quando Ele estava entre eles, o conheciam. É melhor saber que há um profeta entre nós do que saber que houve (Ez 2.5).

2. Como eles traziam outros a Cristo, dizendo aos seus vizinhos que Ele estava na sua região – mandaram avisar a toda a circunvizinhança (versão RA). Aqueles que conhecem a Cristo devem fazer tudo o que puderem para que outros o conheçam também. Nós não devemos comer esses manjares espirituais sozinhos; em Cristo há o suficiente para todos nós. Por essa razão, não se consegue nada com a monopolização. Quando temos oportunidades de conseguir o bem para as nossas almas, devemos trazer tantas pessoas quanto pudermos para compartilhar desse bem conosco. Mais pessoas do que imaginamos concordariam com essas oportunidades,

se pelo menos fossem chamadas e convidadas a elas. Eles mandaram chamar as pessoas “daquela terra”, da sua própria terra, porque era a terra deles, e eles desejavam o melhor para ela. Não podemos dar melhor testemunho do nosso amor ao nosso país do que promovendo e propagando o conhecimento de Cristo nele. A proximidade é uma vantagem para fazer o bem, e ela deve ser aproveitada. Nós devemos planejar fazer algo por aqueles que estão próximos, pelo menos através do nosso exemplo, para trazê-los para perto de Cristo.

3. O que eles queriam com Cristo: não somente, ou talvez não principalmente, ser ensinados, mas ter os seus enfermos curados. “E trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos”. Se o amor a Cristo e à sua doutrina não os trouxesse até Ele, o amor-próprio o faria. Se procurássemos corretamente os nossos próprios interesses, aquilo que contribuísse para a nossa própria paz e o nosso bem-estar, nós estaríamos procurando as coisas de Cristo. Nós devemos honrá-lo, e agradá-lo, obtendo graça e justiça dele. Cristo é a Pessoa adequada a quem devemos levar os enfermos; para onde eles deveriam ir, senão ao Médico por Excelência, ao Sol da Justiça, que tem a cura sob as suas asas?

4. Como eles se aproximavam dele: “E rogavam-lhe que, ao menos, eles pudessem tocar a orla da sua veste (v. 36). Eles se aproximavam dele: (1) Com grande impertinência; “rogavam-lhe”. Nós podemos pedir para ser curados quando Deus, por seus ministros, nos incentiva a ter o desejo de ser curados. Observe que as maiores graças e bênçãos devem ser obtidas de Cristo por meio de súplicas: “Pedi, e dar-se-vos-á”. (2) Com grande humildade. Eles vinham até Ele como pessoas que viam com sensatez a sua distância, humildemente rogando-lhe que os ajudasse; e o seu desejo de tocar a orla da sua veste sugere que eles se julgavam indignos de que Ele lhes prestasse alguma atenção particular, que Ele fizesse algo como falar sobre o seu caso, muito menos tocá-los para que fossem curados. Mas se Ele lhes desse permissão para tocar a orla da sua veste, eles considerariam que receberam uma grande graça. Os povos orientais demonstravam respeito pelos seus príncipes beijando as mangas ou a orla de suas vestes. (3) Com grande certeza da auto-suficiência do seu poder, sem duvidar de que seriam curados até mesmo por tocarem a orla de suas vestes. Eles criam que teriam uma profunda comunhão com Ele através do menor sinal ou símbolo de seu relacionamento com o Senhor. Eles não esperavam a

formalidade de que Ele passasse a sua mão sobre o lugar enfermo, ou sobre as pessoas enfermas, como fez Naamã (2 Rs 5.11), mas tinham a certeza de que havia nele tal plenitude de poder de cura, que não poderiam deixar de ser curados os que tivessem permissão de se aproximar dele. Foi nessa região que a mulher com o problema de fluxo de sangue foi curada ao tocar a orla da sua veste, e foi elogiada pela sua fé (cap. 9.20-22). Conseqüentemente, é provável que tenham aproveitado a oportunidade para pedir isso. As experiências dos outros, ao seguirem a Cristo, podem ser úteis tanto para nos orientar como para nos encorajar à medida que o seguimos. É bom usarmos esses meios e métodos de que outros, antes de nós, fizeram bom uso.

II O resultado e o sucesso dessa sua aproximação a Cristo. Não foi em vão que estas sementes de Jacó o procuraram, pois "todos os que a tocavam ficavam sãos". Considere: 1. As curas realizadas por Cristo são curas perfeitas. Aqueles que Ele cura, Ele cura perfeitamente. Ele não faz o seu trabalho pela metade. Embora a cura espiritual não pareça perfeita no início, ainda assim, sem dúvida, "aquele que começou a boa obra a aperfeiçoará" (Fp 1.6). 2. Existe uma abundância de poder de cura em Cristo para todos os que se aproximam dele, ainda que sejam muitos. Aquele óleo precioso que foi derramado sobre a sua cabeça, desce à orla das suas vestes (Sl 133.2). A menor das instituições de Cristo, como a orla da sua veste, é reabastecida com a abundante plenitude da sua graça, e pode trazer a salvação e grandes benefícios. 3. O poder de cura que há em Cristo é disponibilizado para o bem daqueles que o tocam com uma fé viva e verdadeira. Cristo está no céu, mas a sua Palavra está conosco, e Ele mesmo está presente neste mundo. Quando mesclamos a fé com a Palavra, e a aplicamos a nós mesmos, confiamos nela e nos sujeitamos às suas influências e mandamentos, então nós tocamos a orla da veste de Cristo. Isto nada mais é que tocar o Senhor e ser curado. É nesses termos fáceis que ocorrem as curas espirituais e físicas que são oferecidas por Ele, de modo que se pode dizer verdadeiramente que Ele cura sem restrições. Desse modo, se a vida de alguém perecer devido aos seus ferimentos, não será devido ao nosso Médico, nem será por qualquer falta de talento ou habilidade dele, mas um fato que se deverá unicamente à própria pessoa. O Senhor poderia ter curado, e Ele teria curado; mas a própria pessoa não o

buscou e agiu como se não quisesse ser curada. Assim, o sangue dessa pessoa estará sobre a sua própria cabeça.

CAPÍTULO 15

Neste capítulo, temos o Senhor Jesus ensinando como o grande Profeta, curando como o grande Médico e alimentando como o grande Pastor de ovelhas; como o Pai dos espíritos, orientando-os; como aquele que derrota Satanás, expulsando-o; e, preocupado com os corpos do seu povo, sustentando-o. Aqui temos: I. O sermão de Cristo para os escribas e os fariseus, sobre as tradições e as imposições humanas (vv. 1-9). II. O seu sermão para a multidão, e aos seus discípulos, a respeito das coisas que contaminam o homem (vv. 10-20). III. A expulsão do demônio da filha da mulher cananéia (vv. 21-28). IV. A cura de todos os que eram trazidos até Ele (vv. 29-31). V. A alimentação de quatro mil homens, com sete pães e uns poucos peixinhos (vv. 32-39).

Jesus Repreende os Escribas e os Fariseus

vv. 1-9

Costuma-se dizer que os maus modos produzem boas leis. O calor exacerbado dos mestres judeus no apoio à sua hierarquia ocasionou muitos sermões excelentes do nosso Salvador para o estabelecimento da verdade, como vemos aqui.

I Na crítica dos escribas e fariseus aos discípulos de Cristo, por comerem sem lavar as mãos. Os escribas e fariseus eram os homens mais importantes da religião judaica, homens que se beneficiavam da santidade alheia, grandes inimigos do Evangelho de Cristo, mas que disfarçavam a sua oposição simulando zelo pela lei de Moisés, quando, na verdade, não queriam outra coisa além do apoio à sua própria tirania sobre as consciências dos homens. Eles eram homens de instrução, e homens de negócios. Esses escribas e fariseus aqui apresentados eram de Jerusalém, a cidade santa, “para onde as tribos subiam”, e onde estavam “os tronos do juízo”; portanto, eles deveriam ter sido melhores do que os outros, e no

entanto eram piores. Os privilégios externos, se não aproveitados de maneira adequada, normalmente fazem os homens inchar de orgulho e maldade. Jerusalém, que deveria ter sido uma fonte pura, agora tinha se tornado uma fossa envenenada. “Como se fez prostituta a cidade fiel!”

Se estes grandes homens eram os acusadores, qual é a acusação? Que artigos eles apresentam contra os discípulos de Cristo? Ora, na verdade, a acusação é a não conformidade aos cânones da sua religião (v. 2): “Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos?” Esta acusação se cumpre com um exemplo particular: Eles “não lavam as mãos quando comem pão”. Um delito muito grave! Este era um sinal de que os discípulos de Cristo se comportavam de maneira inofensiva; pois esta era a pior “transgressão” de que podiam ser acusados pelos escribas e fariseus.

Considere: 1. Qual era a tradição dos anciãos. As pessoas deveriam lavar as mãos muitas vezes, sempre antes das refeições; era uma lavagem cerimonial. Nisto eles colocavam uma grande dose de religião, supondo que o alimento que tocassem com mãos impuras os contaminaria. Os próprios fariseus praticavam isso, e com grande rigidez o impunham aos outros, não sob penas civis, mas como uma questão de consciência, fazendo disso um pecado contra Deus, se não fosse observado. O rabino Joses determinou: “Comer sem lavar as mãos é um pecado tão grave quanto o adultério”. E o rabino Akiba, mantido prisioneiro, tendo recebido água tanto para lavar as mãos como para beber com a sua refeição, e tendo a maior parte sido derramada acidentalmente, lavou as mãos com o que sobrou, embora não lhe sobrasse nada para beber, dizendo que preferiria morrer a transgredir a tradição dos anciãos. Não, eles não comeriam com alguém que não se lavou antes da refeição. Este forte fanatismo em uma questão tão pequena poderia parecer muito estranho, se nós não o víssemos ainda hoje nos opressores da igreja, que não somente gostam de colocar em prática as suas próprias invenções, mas também forçam, furiosamente, a obediência às suas imposições.

2. Qual foi a transgressão a essa tradição, ou imposição, que os discípulos tinham cometido. Aparentemente, eles não lavaram as mãos quando comeram pão, o que era muito ofensivo para os fariseus, porque os discípulos, em outras coisas, eram rígidos e conscienciosos. O costume era suficientemente inocente, e tinha uma decência no seu uso civil. Nós lemos sobre a água para purificação nas bodas, onde Cristo estava presente (Jo

2.6), embora Cristo a tenha transformado em vinho, e dessa maneira aquela utilidade chegou ao fim. Mas quando isso veio a ser praticado e imposto como um rito e uma cerimônia religiosa, e com tal importância, os discípulos, embora fracos em conhecimento, ainda assim estavam bem ensinados, para não acatar esse costume, ou observá-lo; nem quando os escribas e fariseus os vigiavam. Eles já tinham aprendido o ensino de Paulo: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma" (1 Co 6.12), especialmente em se tratando daqueles que procuravam dizer às suas almas: "Abaixa-te, para que passemos sobre ti".

3. Qual era a queixa dos escribas e fariseus contra os discípulos. Eles discutem esse assunto com Cristo, supondo que Ele permitia que eles agissem assim, sem dúvida como resultado de seu próprio exemplo. Em outras palavras: "Por que os seus discípulos transgridem os cânones da religião? E por que você tolera que eles façam isso?" Era adequado que a queixa fosse feita a Cristo, pois os próprios discípulos, embora conhecessem o comportamento que deveriam ter, e que tiveram nesse caso, talvez não fossem tão capazes de explicar porque agiam daquela forma, como seria desejável.

II Aqui está a resposta de Cristo a essa crítica, e a sua justificação dos discípulos quanto àquilo de que foram acusados de transgressão. Note que enquanto permanecermos "firmes na liberdade com que Deus nos libertou", Ele certamente nos sustentará nela.

Cristo responde aos escribas e fariseus de duas maneiras:

1. Como uma recriminação (vv. 3-6). Eles eram argueiros espiões nos olhos dos seus discípulos, mas Cristo lhes mostra uma trave nos seus próprios olhos. Mas aquilo de que Ele os acusa não é meramente uma recriminação (pois a condenação de quem nos reprova não representa uma vingança), mas é uma recriminação à sua tradição (em cuja autoridade eles fundamentavam a sua acusação), que não somente torna a desobediência lícita, mas também a oposição um dever. Jamais devemos nos submeter a uma autoridade humana que se estabeleça em competição com a autoridade divina.

(1) A acusação geral é: "Transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição". Eles a chamavam de "tradição dos anciãos",

enfatizando como o costume era antigo, e o fato de que era a autoridade dos anciãos que o impunha, assim como a igreja de Roma faz com os padres e concílios; mas Cristo a chama de “vossa tradição”. As imposições ilícitas serão responsabilidade daqueles que as apóiam e mantêm, e as observam, assim como daqueles que as inventaram e impuseram (Mq 4.16). “Transgredis vós... o mandamento de Deus”. Aqueles que são os mais zelosos das suas próprias imposições, normalmente são os mais descuidados dos mandamentos de Deus, o que é uma boa razão por que os discípulos de Cristo devem conservar-se vigilantes contra tais imposições, para que, embora, a princípio, elas somente pareçam infringir a liberdade dos cristãos, elas não acabem, finalmente, confrontando a autoridade de Cristo. Embora os fariseus, nessa regra de lavar-se antes de comer, não desafiem nenhum mandamento de Deus, ainda assim, como acontecia em outras situações, Cristo justifica a desobediência dos discípulos à regra.

(2) A prova dessa acusação é um exemplo particular da transgressão deles ao quinto mandamento.

[1] Vejamos qual é o mandamento de Deus (v. 4), qual é o preceito e qual é o incentivo da lei.

O preceito é: “Honra a teu pai e a tua mãe”; isto é imposto pelo Pai de toda a humanidade, e ao prestar respeito àqueles a quem a Providência fez instrumentos da nossa criação, nós honramos a Ele, que é o Autor de tudo, e que com isto colocou um pouco da sua imagem neles. Todos os deveres dos filhos para com seus pais estão incluídos nessa honra a eles, que é a fonte e o fundamento de tudo mais. “Se eu sou Pai, onde está a minha honra?” Aqui o nosso Salvador supõe que isso significa o dever dos filhos de sustentar os seus pais e de atender as suas necessidades, se houver oportunidade, e serem prestativos, de todas as maneiras, para o conforto deles. “Honra as viúvas”, isto é, sustenta-as (1 Tm 5.3).

O incentivo da lei no quinto mandamento é uma promessa: “para que se prolonguem os teus dias”. Mas o nosso Salvador deixa isso de lado, para que ninguém conclua que este mandamento seja apenas alguma coisa elogiável e vantajosa, e insiste no castigo anexo à infração deste mandamento em outra passagem das Escrituras, que indica o dever como sendo alta e indispensavelmente necessário: “Quem maldisser ao pai ou à mãe, que morra de morte”. Esta lei nós lemos em Êxodo 21.17. O pecado de amaldiçoar os pais aqui é oposto ao dever de honrá-los. Aqueles que

falam mal de seus pais, ou que lhes desejam mal, que zombam deles ou se dirigem a eles com linguagem vergonhosa e indecente, infringem esta lei. Se chamar um irmão de raca era tão grave, o que será chamar a um pai por este nome? Pelo exemplo dessa lei do nosso Salvador, aparentemente negar os cuidados ou atenção aos pais se inclui no termo “maldisser”. Embora a linguagem possa ser suficientemente respeitosa, e em nada violenta, ainda assim de que isto servirá, se as obras não forem correspondentes? Não será diferente daquele que disse: “Eu vou, senhor; e não foi” (cap. 21.30).

[2] Vejamos qual foi a contradição que a tradição dos anciãos trouxe a esse mandamento. Ela não foi direta e evidente, mas implícita. Os casuístas tinham formulado essas regras que lhes proporcionavam uma fuga fácil da obrigação desse mandamento (vv. 5, 6). Vocês ouvem o que Deus diz, mas vocês dizem isso e aquilo. Aquilo que os homens dizem, até mesmo grandes homens, e homens instruídos, e homens poderosos, deve ser examinado junto àquilo que Deus diz; e se for julgado contrário ou incoerente, pode e deve ser rejeitado (At 4.19). Considere:

Em primeiro lugar, qual era a tradição deles? Era a de que um homem não poderia, em nenhuma hipótese, empregar ou doar as suas propriedades deste mundo de melhor maneira do que dando-as aos sacerdotes, e dedicando-as ao serviço do templo – e quando alguma coisa estivesse dedicada dessa maneira, não era apenas ilícito aliená-la, mas todas as outras obrigações, embora justas e sagradas, eram substituídas e invalidadas, e, portanto, a pessoa era liberada delas. E isto, em parte, se originava no seu cerimonial e na consideração supersticiosa que eles tinham com o templo, e em parte, na sua cobiça e no seu amor pelo dinheiro, pois com o que era dado ao templo, eles lucravam. A primeira explicação, em pretexto, e a última, em realidade, estavam no fundo dessa tradição.

Em segundo lugar, como eles permitiam a aplicação desse princípio ao caso dos filhos? Quando as necessidades dos seus pais exigiam a sua ajuda, eles diziam que tudo o que sobrava dos gastos com eles mesmos e seus filhos, eles tinham dedicado ao tesouro do templo: “É oferta ao Senhor o que poderias aproveitar de mim”; e por isso os pais não deveriam esperar nada deles; o que sugere, além disso, que o benefício espiritual daquilo que era dedicado refluiria aos pais, que deveriam viver disso. Eles diziam que esta era uma alegação válida; e muitos filhos, pouco sinceros e que não estavam dispostos a cumprir o seu dever, faziam uso dela e eram

justificados. Assim, entendemos que os fariseus diziam que eles deveriam ser liberados de suas verdadeiras obrigações. Alguns iam mais longe, e acrescentavam: “Ele fez bem, seus dias serão prolongados na terra, e ele será considerado como tendo observado adequadamente o quinto mandamento”. A desculpa da religião tornava a recusa em sustentar os pais não somente aceitável como também plausível. Mas o absurdo e a impiedade dessa tradição eram muito evidentes; pois a religião revelada pretendia melhorar, e não destruir, a religião natural, da qual uma das leis fundamentais é esta de honrar pais e se eles soubessem o que significa: “Misericórdia quero [e justiça], e não sacrifício”, eles não teriam criado os rituais mais arbitrários e destruidores da moral mais necessária. Isto deixava sem efeito o mandamento de Deus. Qualquer coisa que leve à desobediência, ou que a estimule, na verdade torna nulo o mandamento; e aqueles que assumem a responsabilidade de dispensar as pessoas do cumprimento à lei de Deus, na avaliação de Cristo o repelem e anulam. Infringir a lei é ruim, mas ensinar os homens a fazê-lo, como faziam os escribas e fariseus, é muito pior (cap. 5.19). Com que objetivo é dado o mandamento, senão como o de ser obedecido? Quanto a nós, a regra não terá nenhum efeito se não formos regidos por ela. “Já é tempo de operares, ó Senhor”; é o momento para o grande Reformista, o grande Refinador, aparecer; “pois eles têm quebrantado a tua lei” (Sl 119.126); não somente pecaram contra o mandamento, mas, pela sua tradição, invalidaram o mandamento. Porém, demos graças a Deus, apesar deles e de todas as suas tradições, pois o mandamento continua em pleno vigor, com força e valor.

2. A outra parte da resposta de Cristo é uma repreensão; e aquilo de que Ele os acusa é de hipocrisia: “Hipócritas” (v. 7). Observe que é prerrogativa daquele que investiga o coração e conhece o que há no homem, dizer quem é hipócrita. Os olhos dos homens conseguem perceber a profanação declarada, mas somente os olhos de Cristo conseguem discernir a hipocrisia (Lc 16.15). E assim como este é um pecado que os seus olhos descobrem, também é um pecado que, mais que os outros, a sua alma odeia.

Cristo então fundamenta a sua reprovação em Isaías 29.13: “Bem profetizou Isaías a vosso respeito”. Isaías falou dos homens daquela geração aos quais ele profetizava, mas Cristo aplica as palavras dele a esses escribas e fariseus. A reprovação de pecados e pecadores, que encontramos nas Escrituras, objetivavam a alcançar as pessoas e práticas semelhantes, até os

confins do mundo; pois elas não são “de particular interpretação” (2 Pe 1.20). Os pecadores dos últimos tempos foram profetizados (1 Tm 4.1; 2 Tm 3.1; 2 Pe 3.3). As ameaças dirigidas aos outros pertencem a nós, se formos culpados dos mesmos pecados. Isaías não profetizou somente sobre eles, mas sobre todos os outros hipócritas, contra quem a sua palavra ainda aponta, e permanece em vigor. As profecias das Escrituras se cumprem todos os dias.

Essa profecia decifra exatamente uma nação hipócrita (Is 9.17; 10.6). Aqui estão:

(1) A descrição dos hipócritas, em dois aspectos:

[1] No seu próprio desempenho de adoração religiosa (v. 8). “Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim”. Considere:

Em primeiro lugar, até onde podem chegar os hipócritas; eles se aproximam de Deus, e o honram. Eles professam ser adoradores de Deus. O fariseu sobe ao templo para orar; ele não fica àquela distância em que estão aqueles que vivem no mundo sem Deus, mas o seu nome está entre aqueles que estão próximos a Ele. Eles o honram, isto é, eles têm a responsabilidade de honrar a Deus, eles se unem aos que fazem isso. Alguma honra a Deus provém do serviço dos hipócritas, quando estes ajudam a manter a forma e a aparência da religiosidade no mundo. Deus é de, algum modo, honrado, embora eles não pretendam honrá-lo. Quando os inimigos de Deus se submetem, mas de maneira falsa, quando eles mentem a Ele, a palavra que proferem também é um engano (Sl 66.3). Porém, de certo modo, até mesmo esse tipo de louvor resultará em honra ao Senhor, e ao seu nome.

Em segundo lugar, a posição que os hipócritas assumem; a adoração é vazia, eles adoram apenas com suas bocas e seus lábios. É uma religiosidade somente da boca para fora, eles mostram muito zelo, e isso é tudo, mas no seu coração não existe um amor verdadeiro; eles fazem ouvir a sua voz (Is 58.4), e mencionam o nome do Senhor (Is 48.1). Os hipócritas são aqueles para quem a religião e a adoração religiosa são um mero culto de lábios. Com palavras e língua, os piores hipócritas podem ser tão bem-sucedidos quanto os melhores santos, e falar tão justamente quanto a voz de Jacó.

Em terceiro lugar, o que falta ao hipócrita; é o principal: “Seu coração está longe de mim”, normalmente alienado e separado (Ef 4.18), na verdade

vagando e insistindo em outras coisas; não há nenhum pensamento sério a respeito de Deus, não há nenhuma afeição piedosa com relação a Ele, nenhuma preocupação com a alma e a eternidade, nenhum pensamento agradável com relação a fazer a obra de Deus. Deus está perto de sua boca, mas longe do seu coração (Jr 12.2; Ez 33.31). O coração, juntamente com os olhos dos tolos, está "nas extremidades da terra". É como "uma pomba enganada, sem entendimento", e por isso é um dever tolo (Os 7.11). Um hipócrita diz uma coisa, mas pensa outra. A grande coisa que Deus procura e exige é o coração (Pv 23.26); se este estiver longe dele, não será um serviço razoável, e, portanto, não será aceitável; é o "sacrifício dos tolos" (Ec 5.1).

[2] Nas suas prescrições aos outros. Um exemplo da sua hipocrisia é o fato de ensinarem "doutrinas que são preceitos dos homens". Os judeus, então, como os papistas, tinham o mesmo respeito à tradição oral que tinham à palavra de Deus, recebendo-a *pari pietatis affectu ac reverentiae – com o mesmo amor piedoso e a mesma reverência. Conc. Trident.*, Sess. 4. Decr. 1. Quando as invenções dos homens são adicionadas às instituições de Deus, e impostas da mesma maneira, estamos diante de uma hipocrisia, uma mera religião humana. Os preceitos dos homens tratam adequadamente das coisas dos homens, mas Deus terá a sua própria obra realizada segundo as suas próprias regras, e o Senhor não aceita aquilo que não foi designado por Ele mesmo. Somente aquilo que vem dele é que pode nos conduzir até Ele.

(2) A ruína dos hipócritas; é investir com pouco alcance: "Em vão me adoram". A adoração dos hipócritas não alcança o objetivo ao qual se destina; nem agrada a Deus, nem é benéfica para eles mesmos. Se a adoração não for oferecida em espírito, não estará na verdade, e, portanto, não será nada. O homem que somente parece ser religioso, e não o é, a sua religião é vã (Tg 1.26); e se a nossa religião for uma vã oblação, uma religião vã, quão grande é a vaidade! Como é triste viver em uma época de orações, sermões, sábados, e sacramentos que são observados em vão, como quem golpeia o ar. E assim será se o coração não estiver com Deus em tudo isso; o louvor de lábios é inútil (Is 1.11). Os hipócritas semeiam o vento e colhem a tempestade; eles confiam na vaidade, e a vaidade será a sua recompensa.

Assim, Cristo justificou os seus discípulos na questão da desobediência às tradições dos anciãos; e foi isto o que os escribas e fariseus conseguiram pela reprovação deles. Não sabemos de nenhuma resposta que possam ter dado; mesmo que não tenham ficado satisfeitos, ainda assim foram silenciados e não puderam resistir ao poder com que Cristo lhes falou.

O Que Contamina o Homem

vv. 10-20

Tendo provado que os discípulos, ao comer sem lavar as mãos, não deviam ser considerados culpados de transgredir as tradições e imposições dos anciãos, Cristo passa a mostrar que eles não deveriam ser considerados culpados de ter feito nada que fosse, por si só, mau. Na primeira parte do seu sermão, Ele limitou a autoridade da lei, e assim mostrou a razão para o procedimento adotado. Considere:

I A solene introdução a este sermão (v. 10): “Chamando a si a multidão”. A multidão tinha se afastado enquanto Cristo estava discursando para os escribas e fariseus. Provavelmente estes homens orgulhosos tinham ordenado que as pessoas se afastassem, não desejando falar com Cristo diante da multidão. Cristo devia satisfazê-los com uma conversa em particular. Mas Cristo tinha uma preocupação com a multidão. Ele logo dispensou os escribas e os fariseus, desviou-se deles e convidou a multidão para que fossem seus ouvintes: assim são evangelizados os pobres; e Cristo escolheu as coisas loucas e desprezíveis deste mundo. O humilde Jesus aceitou aquelas pessoas que os orgulhosos fariseus olhavam com desdém, e agiu dessa maneira para a humilhação dos fariseus. Ele se afasta deles por serem teimosos e impossíveis de serem ensinados, e se volta para as pessoas que, embora fracas, eram humildes e desejavam ser ensinadas. A elas, Ele disse: “Ouvi e entendei”. Nós devemos nos empenhar ao máximo para compreender aquilo que ouvimos da boca de Cristo. Não somente os intelectuais, mas também a multidão, as pessoas comuns, devem se esforçar em suas mentes para compreender as palavras de Cristo. Portanto, Ele as convoca para que entendam, porque o ensino que Ele iria apresentar agora era contrário às noções que tinham absorvido, como leite, dos seus mestres,

e invalidava muitos dos costumes e usos ao quais eles se dedicavam, e enfatizavam. Observe que é necessária uma grande concentração da mente e uma clareza de entendimento para libertar os homens daqueles princípios e procedimentos corruptos nos quais eles foram criados, e aos quais foram acostumados durante muito tempo; pois neste caso, o entendimento normalmente é influenciado e corrompido pelo preconceito.

II A verdade é apresentada (v. 11) em duas proposições, que eram opostas aos erros vulgares daquela época, e que, por isso, eram surpreendentes.

1. "O que contamina o homem não é o que entra na boca". Não é o tipo nem a qualidade do nosso alimento, nem a condição das nossas mãos, que afetam a alma com alguma contaminação ou profanação moral. "O reino de Deus não é comida nem bebida" (Rm 14.17), algo que contamina o homem, que por esta culpa se encolhe diante de Deus, que resulta em algo ofensivo a Ele, e que desse modo é inadequado para a comunhão com Ele. Aquilo que comemos de maneira irracional e sem moderação traz um resultado negativo, pois "todas as coisas são puras para os puros" (Tt 1.15). Os fariseus consideravam que a contaminação cerimonial era agravada pelo fato de alguém comer isto ou aquilo, e iam muito além do que a lei pretendia. Eles a sobrecarregavam com acréscimos de sua autoria, contra os quais o nosso Salvador dá testemunho. Ele pretendia, com isso, preparar o caminho para uma anulação da lei cerimonial a este respeito. Ele estava começando a ensinar os seus seguidores a não chamar nada de comum ou impuro; e se Pedro, quando recebeu a ordem de matar e comer, tivesse se lembrado dessas palavras, não teria dito: "De modo nenhum, Senhor" (At 10.13-15,28).

2. "Mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem". Nós somos contaminados, não pelo alimento que comemos sem lavar as mãos, mas pelas palavras que proferimos com um coração não santificado; é assim que a boca faz pecar a carne (Ec 5.6). Cristo, em um sermão anterior, colocou grande ênfase sobre as nossas palavras (cap. 12.36,37), e ali Ele tinha a intenção de reprovar e advertir aqueles que o criticavam; aqui, a intenção é reprovar e advertir aqueles que criticam os discípulos, e os censuram. Não são os discípulos que se contaminam com o que comem, mas os fariseus que se contaminam com o que falam deles, com desprezo e críticas. Aqueles que acusam os outros de transgredir os mandamentos dos homens,

muitas vezes atraem uma culpa maior sobre si mesmos, por transgredirem a lei de Deus que trata dos julgamentos precipitados. Os que mais se contaminam são aqueles que se apressam a censurar a contaminação dos outros.

III A ofensa que esta verdade gerou, e o relato que foi trazido a Cristo (v. 12). Os seus discípulos disseram-lhe: “Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram?” Em outras palavras: “O Senhor não previu que isto aconteceria com ‘essas palavras’, e não pensou que o fato de eles se enfurecerem mais ainda seria algo pior para o Senhor e para a sua doutrina?”

1. Não era estranho que os fariseus se ofendessem com esta verdade clara, pois eles eram homens repletos de erros e inimizades, enganos e maldades. Os olhos irritados não suportam a luz forte, e nada provoca mais os dominadores orgulhosos do que terem os seus erros apontados por aqueles que a princípio tinham os olhos vendados, e que foram escravizados. Aparentemente os fariseus, que observavam as tradições com rigidez, estavam mais ofendidos que os escribas, que eram os seus professores; e talvez estivessem tão irritados com a última parte da doutrina de Cristo, que ensinava uma rigidez no controle da nossa língua, quanto com a primeira, que ensinava a indiferença a respeito da limpeza das mãos; os grandes defensores das formalidades da religião normalmente desprezam imensamente a sua essência.

2. Os discípulos julgaram estranho que o seu Mestre dissesse algo que Ele sabia que iria ofender tanto aos fariseus. Ele não costumava fazer isso. Certamente, pensaram eles, se Ele tivesse imaginado o quanto isso seria provocador, Ele não teria dito isso. Mas Ele sabia o que estava dizendo, e a quem o dizia, e qual seria o resultado; e nos ensinou que, ainda que devamos ser cuidadosos para não ofender aquele que é indiferente, não devemos, por medo de ofender, fugir de qualquer verdade ou dever. A verdade deve ser admitida, e o dever deve ser cumprido; e se alguém se ofender, será por sua própria culpa. Este será um escândalo que não teremos gerado, mas apenas testemunhado.

Talvez os próprios discípulos hesitassem com as palavras que Cristo proferiu, as quais consideraram ousadas, e dificilmente reconciliáveis com a diferença que a lei de Deus colocava entre os alimentos puros e impuros; e,

portanto, objetaram dessa maneira a Cristo, para que eles mesmos pudessem ter mais informações. Da mesma maneira, eles pareciam preocupados com os fariseus, embora estes tivessem discutido com eles; o que nos ensina a perdoar e a procurar o bem, especialmente o bem espiritual, dos nossos inimigos, perseguidores e caluniadores. Eles não queriam que os fariseus fossem embora descontentes com alguma coisa que Cristo tivesse dito, e, portanto, embora não desejassem que Ele se retratasse, esperavam que Ele explicasse, corrigisse e modificasse o que tinha dito. Os ouvintes fracos muitas vezes se mostram bastante solícitos a ouvir a mensagem de Deus. Já os ouvidos iníquos se ofendem com muita facilidade. Mas se nós agradarmos aos homens, ocultando a verdade e tolerando os seus erros e a sua corrupção, não seremos servos de Cristo.

IV A condenação sobre os fariseus e as suas tradições corruptas. Esta se mostra como a razão pela qual Cristo não se preocupou em ofendê-los; portanto, os discípulos também não deveriam se preocupar – porque eles eram um geração de homens que detestavam ser modificados, e estavam destinados à destruição. A respeito deles, Cristo prevê duas coisas:

1. Que eles e suas tradições seriam desarraigados (v. 13): “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada”. Não somente as opiniões corruptas e as práticas supersticiosas dos fariseus, mas também a sua seita, os seus métodos, e a sua constituição, eram plantas que não tinham sido plantadas por Deus (as regras que professavam não eram instituições dadas por Deus, mas deviam a sua origem ao orgulho e à formalidade). Os judeus tinham sido plantados como uma “vide excelente”, mas agora que tinham se tornado a “planta degenerada” de uma “vide estranha”, Deus os renegou como não sendo de sua plantação. Considere que: (1) Na igreja visível, não é estranho encontrar plantas que o nosso Pai celestial não plantou. Está implícito que tudo o que é bom na igreja é plantação de Deus (Is 41.19). Mas mesmo que o lavrador seja muito cuidadoso, o seu terreno irá produzir ervas daninhas, em maior ou menor quantidade, e há um inimigo que está ocupado semeando outras. O que é corrupto, embora sua existência seja permitida por Deus, não é de sua plantação. Ele só planta “boa semente no seu campo”. Portanto, não sejamos enganados, como se tudo o que encontramos na igreja devesse ser bom, e como se todas as pessoas e coisas, plantas que nós encontramos no jardim do nosso Pai, fossem plantas dele.

“Não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus” (veja Jr 19.5; 23.31,32). (2) Aqueles que têm o espírito dos fariseus, que são orgulhosos, formais e dominadores, sejam quantos forem, e da seita que forem, Deus não os reconhecerá como sendo da sua plantação. “Por seus frutos os conhecereis”. (3) Estas plantas que não são da plantação de Deus, não estarão sob a sua proteção, mas deverão, sem dúvida, ser arrancadas. O que não é obra de Deus, se desfará (At 5.38). As coisas que não fazem parte das Escrituras murcharão e morrerão por si mesmas, ou serão devidamente destruídas pelas igrejas. De qualquer maneira, no Grande Dia, estas ervas daninhas que irritam e ofendem serão reunidas para o fogo. O que aconteceu com o farisaísmo e as suas tradições? Há muito tempo foram abandonados; mas o Evangelho da verdade é grandioso e permanecerá. Ele não pode ser arrancado.

2. A ruína dos fariseus e dos seus seguidores – que admiravam os seus princípios (v. 14).

(1) Cristo diz aos seus discípulos que não se preocupem com os fariseus: “Deixai-os”. Em outras palavras: “Não conversem com eles, não se preocupem com eles; não cortejem seus favores, nem temam o seu descontentamento. Não se preocupem”. Embora eles estejam ofendidos, seguirão o seu caminho, e terão que sofrer as conseqüências de suas decisões. Eles estão presos às suas próprias fantasias, e farão tudo à sua própria maneira, deixemo-los. Não procure agradar a uma geração de homens que não agradam a Deus (1 Ts 2.15), pois eles não se contentarão com nada que não seja o domínio absoluto sobre as suas consciências. Eles estão “entregues aos ídolos”, como Efraim (Os 4.17), os ídolos inventados por eles; deixem que fiquem sozinhos, “quem está sujo suje-se ainda” (Ap 22.11). A situação destes pecadores, que Cristo ordena que sejam deixados sozinhos, é verdadeiramente triste.

(2) Jesus dá aos discípulos duas razões para isso. “Deixem-nos”, pois:

[1] Eles são orgulhosos e ignorantes; duas más qualidades que freqüentemente se encontram, e que produzem um homem incurável na sua tolice (Pv 26.12). “São condutores cegos” que conduzem cegos. São profundamente ignorantes das coisas de Deus, e estranhos à natureza espiritual da lei divina; e além disso, são tão orgulhosos, que pensam ver melhor e mais longe do que qualquer outra pessoa, por isso assumem a responsabilidade de serem líderes dos outros, para mostrar aos outros o

caminho para o céu, quando eles mesmos não conhecem nenhum passo do caminho; e, por conseguinte, aconselham a todos, e condenam aqueles que não os seguem. Embora sejam cegos, se tivessem admitido isso e tivessem vindo a Cristo para receber a cura para os seus olhos, poderiam ter visto; mas desdenharam a insinuação de alguma situação como esta (Jo 9.40): “Também nós somos cegos?” Eles tinham convicção de que eram guias dos cegos (Rm 2.19,20), que eram vocacionados para isso e preparados para isso; que tudo o que diziam era um oráculo e uma lei. “Por isso, deixe-os em paz, a situação deles é desesperadora; não se intrometam com eles; vocês poderão provocá-los, mas nunca convencê-los”. Como era triste a situação da religião judaica, agora que os seus líderes estavam cegos, mostrando-se arrogantes e tolos, a ponto de serem obstinados e categóricos no seu comportamento, ao passo que as pessoas estavam tão entorpecidas a ponto de segui-los com uma fé e obediência cegas, e voluntariamente andarem “ após a vaidade” (Os 5.11). Agora se cumpria a profecia (Is 29.10,14). E é fácil imaginar o que ocorre no fim de tudo isso, quando “os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam pelas mãos deles”, e o povo ama tal situação (Jr 5.31).

[2] Eles estão destinados à destruição, e em breve mergulharão nela: “Ambos cairão na cova”. Este deve ser o fim, se ambos estão tão cegos – e ainda assim, ambos são tão ousados, aventurando-se adiante e sem perceber o perigo. Ambos serão envolvidos na desolação geral que se aproxima, e que atingirá os judeus, e ambos afundarão na destruição e na perdição eternas. Os condutores cegos e os seguidores cegos perecerão juntos. Nós sabemos que o inferno é o destino de quem ama e comete a mentira (Ap 22.15). “O que erra e o que faz errar” serão submetidos ao julgamento de Deus (Jó 12.16). Observe, em primeiro lugar, que aqueles que, pela sua astúcia ardilosa, levam outros ao pecado e ao erro, não escaparão da destruição, nem mesmo com toda a sua astúcia e habilidade. Se ambos caem na cova, os condutores cegos cairão mais fundo e sofrerão o pior (veja Jr 14.15,16). Os profetas serão consumidos primeiro, e então as pessoas a quem profetizavam (Jr 20.6; 27.15,16). Em segundo lugar, o pecado e a ruína dos enganadores não irão representar nenhuma proteção àqueles que foram enganados por eles. Embora os guias desse povo o tenham feito errar, ainda assim “os que por eles são guiados são devorados” (Is 9.16), porque fecharam os olhos para a luz que deveria ter corrigido o seu erro. Sêneca,

reclamando que a maioria das pessoas é guiada pela opinião e prática comuns (*Unusquisque mavult credere quam judicare – As coisas são aceitas em confiança, e nunca são examinadas*), conclui: *Indeista tanta coacervatio aliorum super alios ruentium – Conseqüentemente, multidões tropeçam sobre multidões, em uma grande confusão. De Vita Beata*. A queda dos dois juntos agravará a queda dos dois; pois aqueles que dessa forma aumentaram os pecados um do outro, aumentarão a ruína um do outro – este é um processo mútuo.

VA orientação dada aos discípulos a respeito da verdade que Cristo tinha estabelecido (v. 10). Embora Cristo rejeite o ignorante decidido, que não se importa com a instrução, Ele pode se compadecer do ignorante que está desejoso de aprender (Hb 5.2). Se os fariseus, que anularam a lei, estavam ofendidos, que continuem ofendidos; mas “muita paz têm os que amam a lei de Deus”, pois nada os ofenderá; de uma maneira ou de outra, a ofensa será removida (Sl 119.165).

Aqui temos: 1. O desejo dos discípulos de receber mais orientação sobre esse assunto (v. 15). Nesse pedido, assim como em muitos outros, Pedro foi o orador; os outros discípulos, provavelmente, o incentivavam a falar, ou deixavam claro que estavam de acordo: “Explica-nos essa parábola”. O que Cristo tinha dito estava claro; mas, como não estava de acordo com as noções das quais eles tinham sido impregnados, embora não o contradissessem, ainda assim classificavam esse importante ensino como uma parábola, e não conseguiam compreender. Considere: (1) A compreensão fraca pode transformar verdades claras em parábolas, e procurar complicar o que é simples. Os discípulos freqüentemente faziam isso, como em João 16.17. Até mesmo um gafanhoto é um peso para um estômago delicado; e os bebês, em termos de entendimento, não conseguem tolerar e digerir um alimento sólido. (2) Quando uma mente frágil tem dúvidas a respeito de alguma palavra de Cristo, um coração justo e uma mente disposta irão procurar orientação. Os fariseus estavam ofendidos, mas não o tornaram público. Detestando ser transformados, eles detestavam ser instruídos; mas os discípulos, embora ofendidos, procuraram a satisfação, atribuindo a ofensa não à doutrina transmitida, mas à superficialidade da sua própria capacidade.

2. A repreensão que Cristo lhes fez pela sua fraqueza e ignorância (v. 16): “Até vós mesmos estais ainda sem entender?” Não importa a quantos Cristo ensine e ame; Ele repreende a todos, sempre visando o bem de cada um. Observe que são realmente muito ignorantes aqueles que não compreendem que a contaminação moral é muito pior e mais perigosa do que a cerimonial. Duas coisas agravam a sua ignorância:

(1) O fato de que eram os discípulos de Cristo: “Até vós mesmos estais ainda sem entender?” Em outras palavras: “Até vocês, que eu admiti em um círculo de tanta intimidade comigo, são tão pouco experientes na palavra da justiça?” Note que a ignorância e os enganos daqueles que professam a religião, e desfrutam os privilégios de serem membros de uma igreja, representam, com justa razão, uma tristeza para o Senhor Jesus. “Não é de admirar que os fariseus, que não sabem nada sobre o reino do Messias, não entendam esta doutrina. Mas vocês, que ouviram falar dela, e a aceitaram, e a pregaram aos outros, não podem ser estranhos ao espírito e ao gênio dela”.

(2) O fato de que eles tinham sido, já por algum tempo, alunos de Cristo. “Vocês ainda não entendem, mesmo depois de estarem tanto tempo recebendo os meus ensinamentos?” Se eles tivessem começado a estudar na escola de Cristo na véspera, a situação seria outra, mas o fato de terem sido, por tantos meses, os ouvintes constantes de Cristo, e ainda não conseguirem entender, era uma grande reprovação para eles. Cristo espera de nós alguma proporção de conhecimento, graça, e sabedoria, conforme o tempo e os meios de que dispomos. Veja Jo 14.9; Hb 5.12; 2 Tm 3.7,8.

3. A explicação que Cristo lhes deu sobre essa doutrina da contaminação. Embora Ele reprove a ignorância dos discípulos, Ele não os abandona, mas se compadece deles, e os ensina, como em Lucas 24.25-27. Aqui, Ele nos mostra:

(1) Que nós corremos pouco risco de contaminação por aquilo “que entra pela boca” (v. 17). Um apetite desordenado, a falta de moderação e os excessos na alimentação nascem do coração e contaminam, mas o alimento, em si, não contamina, como supunham os fariseus. Daquilo que existe de sujeira e contaminação no nosso alimento, a natureza (ou melhor, o Deus da natureza) providenciou uma maneira de nos limpar; o alimento “desce para o ventre e é lançado fora”, e não sobra nada em nós, exceto a nutrição pura. Nós somos feitos e conservados de uma forma milagrosa e aterrorizante; e

assim as nossas almas são mantidas vivas. A capacidade de expelir é uma necessidade do corpo, como qualquer outra, para a expulsão daquilo que é supérfluo ou nocivo; assim, alegremente a natureza se transforma, para o seu próprio bem; pela alimentação, nada contamina. Se comermos sem lavar as mãos, ou se algo impuro se misturar com o nosso alimento, a natureza o irá separar e expelir, e isso não representará para nós contaminação. Lavar-se antes de comer pode ser uma questão de asseio, mas não de consciência; e cometeremos um grave erro se confundirmos higiene com prática religiosa. O que Cristo condena não é o procedimento em si, mas a opinião que se constrói sobre ele, como se o alimento nos tornasse agradáveis a Deus (1 Co 8.8); o cristianismo não se apóia em práticas desse tipo.

(2) Que nós corremos grande risco de contaminação por aquilo que "sai da boca" (v. 18), e que procede da abundância do coração. Compare esse texto com Mateus 12.34. Não existe contaminação naquilo que recebemos pela generosidade de Deus; a contaminação surge nas conseqüências da nossa corrupção. Aqui, temos:

[1] A origem corrupta daquilo que sai da boca: "Procede do coração". Aí está a origem e a fonte de todo pecado (Jr 8.7). É o coração que é tão desesperadamente perverso (Jr 17.9); pois não existe um pecado em uma palavra ou obra que não estivesse primeiro no coração. Ali está a raiz da amargura, que traz tristeza e infelicidade. O íntimo de um pecador são verdadeiras maldades (Sl 5.9). Toda a maldade dita nasce do coração, e contamina; do coração corrompido vem a comunicação corrompida.

[2] Algumas das tendências corrompidas que jorram dessa fonte são especificadas. Embora nem todas saiam da boca, todas saem do homem e são os frutos daquela maldade que está no coração, e ali são forjadas (Sl 58.2).

Em primeiro lugar, "os maus pensamentos" – pecados contra todos os mandamentos. Por isso Davi coloca os pensamentos vãos em oposição à lei (Sl 119.113). Estes são os primogênitos da natureza corrupta, o início da sua força e aqueles que mais se assemelham a ela. Estes, como filhos e herdeiros, permanecem na casa e se alojam em nós. Existe uma grande quantidade de pecados que começam e terminam no coração, e não vão além dele. As fantasias e imaginações carnais são maus pensamentos, maldade na concepção (*dialogismoi poneroi*), planos e objetivos maldosos,

e maquinações que visam o mal dos outros (Mq 2.1).

Em segundo lugar, as “mortes” – pecados contra o sexto mandamento. Estes vêm de uma maldade no coração contra a vida do nosso irmão, ou um desprezo por ela. Por isso, daquele que odeia o seu irmão, diz-se que é homicida (1 Jo 3.15); ele também está sujeito ao tribunal de Deus. A guerra está no coração (Sl 55.21; Tg 4.1).

Em terceiro lugar, “os adultérios e a prostituição” – pecados contra o sétimo mandamento. Estes vêm do coração devasso, impuro e carnal; e a luxúria que ali reina, ali é concebida, e dá à luz estes pecados (Tg 1.15). O adultério existe primeiro no coração, e depois no ato (cap. 5.28).

Em quarto lugar, “os furtos” – pecados contra o oitavo mandamento: trapaças, injustiças, roubos e todos os contratos ofensivos; a origem de tudo isso está naquele coração que é “exercitado na avareza” (2 Pe 2.14), e está nas riquezas (Sl 62.10). Acã cobiçou, e então tomou (Js 7.20,21).

Em quinto lugar, “os falsos testemunhos” – pecados contra o nono mandamento. Este pecado nasce de uma combinação entre a falsidade e a cobiça, ou falsidade e maldade, no coração. Se a verdade, a santidade e o amor, que Deus exige no íntimo, reinassem como deveriam, não haveria falsos testemunhos (Sl 54.6; Jr 9.8).

Em sexto lugar, “as blasfêmias”, ou seja, falar mal a respeito de Deus, que é o pecado contra o terceiro mandamento; falar mal do nosso próximo, algo que é contra o nono mandamento. Isto nasce de um desprezo e desdém tanto em relação a Deus como aos nossos irmãos no nosso coração. É dali que procede a blasfêmia contra o Espírito Santo (cap. 12.31,32); este é o transbordamento da amargura interior.

“São essas coisas que contaminam o homem” (v. 20). Observe que o pecado contamina a alma, deixando-a feia e abominável diante dos olhos de um Deus puro e santo; inadequada para a comunhão com Ele, e para desfrutar a presença dele na nova Jerusalém, onde não entrará coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira. A mente e a consciência são contaminadas pelo pecado, o que torna todo o resto igualmente contaminado (Tt 1.15). Esta contaminação pelo pecado era sugerida pela contaminação cerimonial que os mestres judeus acrescentaram, mas não compreenderam. Veja Hb 9.13,14; 1 Jo 1.7.

Estas, portanto, são as coisas que devemos evitar cuidadosamente, assim como qualquer aproximação delas, em vez de enfatizar a limpeza das mãos. Cristo ainda não havia rejeitado a lei da distinção dos alimentos (o que não foi feito até Atos 10), mas a tradição dos anciãos, que tinha sido adicionada à lei; e, dessa maneira, Ele conclui: “Comer sem lavar as mãos” (que era o problema em questão), “isso não contamina o homem”. Se o homem lavar as mãos, isto não o faz melhor diante de Deus; se não lavar, isto não o faz pior.

A Cura da Filha da Mulher Cananéia

vv. 21-28

Aqui temos aquele famoso relato da ocasião em que Cristo expulsou o demônio da filha da mulher cananéia; ele tem algo singular e muito surpreendente, e que olha favoravelmente aos pobres gentios, e é uma

antecipação da misericórdia que Cristo tem guardada para eles. Vemos aqui um lampejo daquela luz que devia iluminar os gentios (Lc 2.32). Cristo veio para os seus, e os seus não o receberam, e muitos discutiram com Ele, e se ofenderam com Ele – observe o que acontece a seguir (v. 21).

I Jesus partiu dali. Note que com justa razão a luz é removida daqueles que brincam com ela, ou se rebelam contra ela. Quando Cristo não pôde ficar com tranqüilidade naquele lugar, Ele, juntamente com seus discípulos, o deixou, e assim deu um exemplo da sua própria regra (cap. 10.14): "Sacudi o pó dos vossos pés". Embora Cristo suporte muito, Ele não suportará para sempre as "contradições dos pecadores contra si mesmo". Ele tinha dito (v. 14): "Deixai-os"; e Ele fez isso. Os preconceitos deliberados contra o Evangelho, e as críticas a ele, freqüentemente fazem com que Cristo se retire, e remova a luz do lugar (At 13.46,51).

II Quando partiu dali, Ele "foi para as partes de Tiro e de Sidom"; não àquelas cidades (elas foram excluídas de qualquer participação nos milagres de Cristo, cap. 11.21,22), mas para aquela parte da nação de Israel que fica naquela direção. Para lá Ele foi, como Elias foi a Sarepta, uma cidade de Sidom (Lc 4.26); para lá Ele foi, para cuidar dessa pobre mulher, a quem Ele tinha reservado a sua misericórdia. Embora continuasse fazendo o bem, Ele nunca abandonou o seu caminho. Os confins escuros da nação, que estão mais distantes, terão uma cota das suas influências benéficas. E assim como ocorreu com os confins da nação, no futuro a extremidade da terra verá a sua salvação (Is 49.6). Nesse lugar se operou esse milagre, na história em que podemos observar alguns detalhes:

1. Como a mulher cananéia se dirigiu a Cristo (v. 22). Ela era gentia, uma estrangeira à nação de Israel, provavelmente alguém descendente daquelas nações amaldiçoadas às quais foi dito: "Maldito seja Canaã". A destruição de organismos políticos nem sempre alcança cada indivíduo que seja seu membro. Deus sempre terá remanescentes em todas as nações, vasos eleitos em todas as partes, até mesmo nas mais improváveis: ela veio dessa mesma região. Se Cristo não tivesse feito uma visita a essa região, embora por misericórdia fosse merecedora dessa viagem, é provável que ela nunca tivesse buscado a sua preciosa presença. Observe que é sempre um estímulo para uma fé e um zelo adormecidos, ter as oportunidades de contato com

Cristo trazidas até à nossa porta, para podermos ter conosco a Palavra.

A maneira como ela se dirigiu a Cristo foi muito inoportuna, pois ela "clamou" a Cristo, como alguém fervoroso; clamou, por estar a alguma distância dele, não ousando aproximar-se muito, por ser cananéia, para não ofender a ninguém. Nas suas palavras:

(1) Ela relata a sua infelicidade: "Minha filha está miseravelmente endemoninhada", *kakos daimonizetai – ela está enfeitiçada pelo mal,* ou *possessa.* Existiam graus desse tipo de desgraça, e este era o pior nível. Era um caso comum naquela época, e muito desastroso. Os tormentos dos filhos são problemas dos pais, e ninguém deveria estar mais atormentado do que os que estão sob o poder de Satanás. Pais amorosos sentem profundamente os tormentos daqueles que são partes de si mesmos. Em outras palavras: "Embora esteja endemoninhada, ela ainda é minha filha". Os maiores sofrimentos das pessoas com quem nos relacionamos não eliminam as nossas obrigações para com elas, e, portanto, não devem separar delas o nosso afeto. O motivo que trazia essa mulher a Cristo foi o sofrimento de um membro da sua família. Ela não veio a Ele procurando algum ensino, mas uma cura; ainda assim, como ela veio com fé, Ele não a rejeitou. Mesmo que a necessidade nos leve a Cristo, nós não seremos afastados dele por essa razão. Foi o sofrimento da filha dessa mulher que lhe deu a oportunidade de procurar a Cristo. É bom tornarmos nossos os sofrimentos dos outros, em nossos sentimentos e em nossa solidariedade. Podermos sentir esses sofrimentos como se fossem nossos; essa atitude nos trará aperfeiçoamento e benefícios.

(2) Ela pediu misericórdia: "Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim"; ela admitiu que Ele era o Messias: este é o grande ponto em que a fé deveria se concentrar, e onde deveria encontrar consolo. Do Senhor, nós podemos esperar atos de poder. Ele pode ordenar libertação. Do Filho de Davi, nós podemos esperar toda a misericórdia e a graça que foram preditas a seu respeito. Embora fosse gentia, ela aceitou "a promessa feita aos pais" dos judeus, e a honra da casa de Davi. Os gentios devem receber o cristianismo, não apenas como um aperfeiçoamento da religião natural, mas como a perfeição da religião judaica, com a visão do Antigo Testamento.

O pedido dela foi: "Tem misericórdia de mim". Ela não limita Cristo a esta ou aquela situação de misericórdia em particular, mas misericórdia é o que ela implora. Ela não alega ter mérito, mas confia na misericórdia: "Tem

misericórdia de mim". A misericórdia para os filhos é misericórdia para os pais; os favores para os nossos são favores para nós, e assim devem ser considerados. É um dever dos pais orar pelos seus filhos, e estar em fervorosa oração por eles, especialmente pelas suas almas, dizendo, por exemplo: "Eu tenho um filho (ou uma filha) miseravelmente atormentado por uma vontade arrogante, por um espírito imundo, pelo diabo, que cativa a sua vontade; Senhor, ajude o meu filho (ou filha)". Este é um caso mais deplorável do que o da possessão física. Traga-os a Cristo pela fé e pela oração, pois só Ele pode curá-los e libertá-los. Os pais devem considerar esta disponibilidade de cura e libertação como uma grande misericórdia para consigo mesmos, pelo fato de o poder de Satanás poder ser eliminado das almas de seus filhos.

2. O desencorajamento que ela encontrou nas palavras de Jesus. Em toda a história do ministério de Cristo, não vemos nada parecido com isso. Ele estava acostumado a incentivar e a estimular todos os que vinham a Ele, e atender antes que lhe pedissem algo, ou a ouvir e curar enquanto ainda estavam falando, mas esta mulher foi tratada de outra maneira – e qual poderia ser a razão disso? (1) Alguns pensam que Cristo mostrou-se hesitante em ajudar a essa pobre mulher, porque Ele não queria ofender os judeus, sendo tão livre e disposto na sua ajuda aos gentios como era com eles. Ele tinha dito aos seus discípulos que não passassem pelos caminhos dos gentios (cap. 10.5), e por isso Ele mesmo não poderia parecer tão favorável a eles quanto aos outros, mas deveria parecer mais tímido. Ou: (2) Cristo a tratou assim para colocá-la à prova. Ele sabia o que ela tinha no coração, conhecia a força da sua fé, e o quanto ela era capaz, pela sua graça, de superar tal falta de incentivo; por isso Ele a confrontou dessa maneira, para que a prova da sua fé pudesse ser achada em louvor, e honra, e glória (1 Pe 1.6,7). Isso foi como a prova de Deus a Abraão (Gn 22.1), como a luta dos anjos contra Jacó, somente para fazê-lo lutar (Gn 32.24). Muitos dos métodos da providência de Cristo – e em especial da sua graça ao lidar com essas pessoas – que podem parecer obscuros e desconcertantes, podem ser explicados através da essência dessa história, que para esse fim foi registrada. Ela nos ensina que haverá sempre amor em sua face, e nos incentiva; portanto, ainda que Ele nos mate, nele confiaremos.

Observe os motivos desencorajadores que Jesus lhe apresentou:

[1] Quando ela clamou atrás dele, “Ele não lhe respondeu palavra” (v. 23). O seu ouvido estava acostumado a estar sempre aberto e atento aos pedidos dos pobres suplicantes, e os seus lábios, dos quais manam favos de mel, sempre prontos para dar uma resposta de paz; mas a essa pobre mulher, Ele se fez de surdo, e ela não conseguiu nem uma esmola, nem uma resposta. É de admirar que ela não tivesse ido embora irritada, dizendo: “Este é aquele que é tão famoso pela clemência e pelo carinho? Tantos foram ouvidos e atendidos por Ele, e eu preciso ser a primeira pleiteante rejeitada? Por que Ele se mostra tão distante de mim, se é verdade que Ele se curvou para atender a tantos?” Mas Cristo sabia o que estava fazendo, e por isso não respondeu, para que ela fosse mais perseverante e fervorosa em sua oração. Ele a ouviu, e se agradou dela, e a fortaleceu com coragem no seu coração para continuar com o seu pedido (Sl 138.3; Jó 23.6), embora não lhe desse imediatamente a resposta que ela esperava. Ao parecer afastar dela a desejada misericórdia, Ele a levou a ser ainda mais inoportuna. Observe que toda oração aceita não é uma oração imediatamente atendida. Às vezes, Deus parece não considerar as orações do seu povo, como se estivesse adormecido ou cansado (Sl 44.23; Jr 14.9; Sl 22.1,2); ou ainda, como se estivesse “indignado contra a oração do seu povo” (Sl 80.4; Lm 3.8,44). Mas é assim que o Senhor coloca à prova e aperfeiçoa a fé dos seus servos. Esse também é o modo como o Senhor faz com que as suas manifestações subseqüentes sejam mais gloriosas para si, e mais bem recebidas por eles; pois “a visão... até ao fim falará, e não mentirá” (Hc 2.3. Veja Jó 35.14).

[2] Quando os discípulos intercederam pela mulher, Jesus deu a razão pela qual a tinha rejeitado, o que foi ainda mais desencorajador.

Em primeiro lugar, houve um certo alívio, porque os discípulos intercederam por ela. Eles disseram: “Despede-a, que vem gritando atrás de nós”. É desejável demonstrarmos interesse pelas orações das pessoas boas, e desejarmos que elas orem. Mas os discípulos, embora desejando que ela conseguisse o que tinha vindo pedir, levaram mais em conta a sua própria comodidade do que a satisfação da pobre mulher. Em outras palavras: “Mande-a embora com a cura, pois ela está gritando, e com muita ansiedade; ela está gritando atrás de nós, e isto é enervante e vergonhoso”. A impertinência contínua pode ser embaraçosa para os homens, até mesmo para os bons homens; mas Cristo gosta que as pessoas clamem a Ele.

Em segundo lugar, a resposta de Cristo aos discípulos praticamente acabou com as expectativas da mulher: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Em outras palavras: “Vocês sabem que Eu vim para os judeus, ela não é um deles, e vocês querem que eu vá além da minha comissão?” A impertinência raramente vence a razão estabelecida de um homem sábio e prudente; e aquelas recusas eram ainda mais silenciadoras, pois tinham esse respaldo. Ele não somente não a atendeu, mas argumentou contra ela, e fechou a sua boca com uma explicação. É verdade, ela é uma “ovelha perdida”, e tem muita necessidade da sua atenção, como qualquer outra pessoa, mas ela não pertence à “casa de Israel”, a quem Ele foi enviado primeiro (At 3.26), e, portanto, não é de interesse imediato da sua atenção, nem merecedora dela. Cristo era “ministro da circuncisão” (Rm 15.8); e embora devesse ser a “luz dos gentios”, a plenitude dos tempos ainda não era chegada, o véu ainda não tinha sido rasgado nem a “parede de separação” tinha sido derrubada. O ministério pessoal de Cristo estava destinado a ser a glória do seu povo, Israel. Em outras palavras: “Se eu sou enviado a eles, o que eu tenho a ver com essas pessoas que não pertencem a eles?” Observe que é uma grande prova quando temos a oportunidade de questionar se pertencemos àqueles a quem Cristo foi enviado. Mas, bendito seja Deus, já não há lugar para esta dúvida; a distinção entre judeus e gentios já não existe, nós estamos certos de que Ele deu “a sua vida em resgate de muitos”, e se foi para muitos, por que não para mim?

Em terceiro lugar, à medida que ela continuou a importunar, o Senhor insistiu na inadequação da situação, e não apenas a rejeitou, como aparentemente também a repreendeu (v. 26): “Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos”. Isto deveria ter destruído toda a esperança da mulher, e poderia tê-la levado ao desespero, se ela não tivesse, realmente, uma fé muito forte. A graça do Evangelho e as curas milagrosas (o direito a tudo isso) eram o pão dos filhos; essas coisas pertenciam àqueles relacionados com a adoção (Rm 9.4), e não estão no mesmo nível que a chuva que cai do céu, e os tempos frutíferos, que Deus deu às nações a quem Ele permitiu que andassem em seus próprios caminhos (At 14.16,17). Não. Estes eram favores peculiares, apropriados ao povo peculiar, o jardim fechado. Cristo pregou aos samaritanos (Jo 4.41), mas nós não lemos sobre nenhuma cura que Ele tenha operado entre eles; esta

salvação era dos judeus; portanto, ela não tinha o objetivo de afastá-los. Os gentios eram considerados, pelos judeus, com grande desprezo, eram chamados de cães, e assim considerados; e, em comparação com a casa de Israel, que era tão dignificada e privilegiada, Cristo aqui parece permitir isso, e, portanto, parece não julgar que os gentios devessem compartilhar dos favores concedidos aos judeus. Mas veja como as posições se inverteram – depois de trazer os gentios à igreja, os judeus zelosos pela lei são chamados de cães (Fp 3.2).

E Cristo insiste, a este respeito, com essa mulher cananéia: "Como ela pode esperar comer o pão dos filhos, se ela não é da família?" Considere que: 1. Aqueles a quem Cristo pretende honrar de maneira mais notável, Ele primeiro humilha e rebaixa, para que possam perceber a própria insignificância e indignidade pessoal. Nós devemos, primeiro, nos considerar como cães, menores do que a menor de todas as misericórdias de Deus, antes de estarmos aptos para ser dignificados e privilegiados com elas. 2. Cristo gosta de exercitar a grande fé através de grandes provas, e algumas vezes Ele deixa a prova mais difícil para o final, para que, ao sermos provados, possamos emergir como o ouro. Esta regra geral se aplica a outros casos para orientação, embora aqui seja usada somente como prova. As regulamentações especiais e os privilégios da igreja são o pão dos filhos, e não devem ser prostituídos devido aos ignorantes e profanos. A caridade comum deve ser estendida a todos, mas as dignidades espirituais são apropriadas à família da fé. Portanto, a admissão promíscua a elas, sem distinção, desperdiça o pão dos filhos, e é como "dar aos cães as coisas santas" (cap. 7.6). *Procul hinc, procul inde, profani – Fora! Vós, profanos.*

3. Aqui está a força da fé e determinação da mulher, ao vencer todos esses desencorajamentos. Muitos, assim postos à prova, teriam afundado em silêncio, ou explodido com fervor: "Aqui há pouco consolo", ela poderia ter dito, "para uma pobre criatura desesperada; seria melhor ter ficado em casa, em vez de vir até aqui para ser ridicularizada e maltratada dessa maneira; não apenas ver desprezado um caso digno de misericórdia, mas ser chamada de cão!" Um coração orgulhoso e altivo não teria suportado isso. A reputação da casa de Israel não era tão grande no mundo, mas esse desprezo direcionado aos gentios era possível de ser vingado, se a pobre mulher tivesse se importado. Se ela tivesse levado isso em consideração, poderia ter suscitado uma reflexão a respeito de Cristo, e poderia ter sido

uma mancha na sua reputação, além de um choque para a opinião pública; pois nós somos capazes de julgar as pessoas como as vemos e pensar que elas são aquilo que vemos nelas. “É este o ‘Filho de Davi?’” (ela poderia ter dito): “É Ele que tem tanta reputação de bondade, ternura e compaixão? Eu tenho certeza de que não tenho motivos para atribuir a Ele tais características, pois nunca fui tratada tão asperamente em toda a minha vida. Ele poderia ter feito por mim tanto quanto fez pelos outros; ou, se não, Ele não precisava ter me colocado junto com os cães do seu rebanho. Eu não sou um cão, eu sou uma mulher, e uma mulher honesta, uma mulher que sofre. E eu tenho certeza de que não é apropriado chamar-me de cão”. Não, não houve nenhuma palavra assim. Uma alma crente e humilde que verdadeiramente ama a Cristo, recebe bem tudo o que Ele diz e faz, e se edifica a partir disso.

A mulher cananéia venceu todos estes desencorajamentos:

(1) Com uma santa sinceridade e o desejo de insistir na sua súplica. Isso já apareceu depois da primeira negativa (v. 25): “Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me”. [1] Ela continuava a orar. O que Cristo disse havia silenciado os discípulos; não se ouve mais nada que eles tenham dito; mas a mulher não se calou. Quanto mais sensível nos for o peso do problema, mais decididamente devemos orar pela sua remoção. E é a vontade de Deus que continuemos em oração, que sempre oremos e não desistamos. [2] Ela se aperfeiçoou em oração. Em vez de culpar a Cristo, ou acusá-lo de falta de bondade, ela parece suspeitar de si mesma e colocar a culpa em si mesma. Ela temeu que, na primeira vez em que se dirigiu a Cristo, não tivesse sido humilde e reverente o suficiente, e por isso agora ela chegou, e o adorou, e lhe dedicou mais respeito do que tinha feito antes; ou ela temeu não ter sido suficientemente fervorosa, e por isso agora tenha implorado: “Senhor, socorre-me”. Quando as respostas à oração são demoradas, Deus está, dessa maneira, ensinando-os a orar mais e a orar melhor. Então é o momento de investigar de que maneira as nossas orações anteriores foram insuficientes, para que aquilo que esteve incorreto possa ser corrigido no futuro. Os desapontamentos quanto ao êxito da oração devem ser estímulos para o dever da oração. Cristo, na sua agonia, orou “mais intensamente”. [3] Ela desiste de perguntar se estava incluída entre aqueles a quem Cristo tinha sido enviado, ou não; ela não irá discutir isso com Ele, embora talvez pudesse ter reivindicado algum parentesco com a

casa de Israel; mas: “Seja eu uma israelita ou não, eu venho ao Filho de Davi pedindo misericórdia, e não vou deixar que Ele se vá, enquanto não me abençoar”. Muitos cristãos fracos ficam perplexos com questões e dúvidas sobre a sua escolha, se pertencem ou não à casa de Israel; eles fariam melhor em se preocupar com a sua missão para com Deus, e continuar perseverando em oração pela misericórdia e pela graça; atirar-se com fé aos pés de Cristo e dizer: “Se eu morrer, vou morrer aqui”. Então este assunto irá, gradativamente, se esclarecer. Se não podemos vencer a nossa descrença pela razão, devemos vencê-la pela oração. Um fervoroso e apaixonado “Senhor, socorre-me”, irá nos ajudar a vencer muitos dos desencorajamentos que algumas vezes estão prontos a nos derrotar e subjugar. [4] A sua oração é muito curta, mas abrangente e fervorosa: “Senhor, socorre-me”. Entenda isso, em primeiro lugar, como um lamento sobre a sua situação: “Se o Messias é enviado somente à casa de Israel, que o Senhor me socorra, o que será de mim e dos meus”. Note que não é inútil aos corações que estejam enfrentando o sofrimento se lamentarem; Deus os leva em consideração (Jr 31.18). Ou, em segundo lugar, como implorando que a graça persista nela nesta hora de provação. Ela estava achando difícil conservar a sua fé quando era desdenhada dessa maneira, e por isso, ora: “Senhor, socorre-me”, ou em outras palavras: “Senhor, fortaleça a minha fé agora; Senhor, deixe que a tua destra me sustente, enquanto a minha alma te segue de perto” (Sl 63.8). Ou, em terceiro lugar, como reforçando a sua súplica original: “Senhor, socorre-me”, ou: “Senhor, conceda-me o que eu vim pedir”. Ela creu que Cristo podia e iria ajudá-la, embora ela não pertencesse à casa de Israel; do contrário, ela teria deixado de suplicar. Mas ela ainda preserva bons pensamentos sobre Cristo e não abandonará o seu intento. “Senhor, socorre-me” – é uma boa oração, se for adequadamente oferecida. E é uma pena que ela possa se transformar em uma frase comum, e que nela nós possamos estar tomando o nome de Deus em vão.

(2) Com uma habilidade santa relacionada à fé, o que sugere um apelo muito surpreendente. Cristo tinha colocado os judeus com os filhos, como oliveiras ao redor da mesa de Deus, e tinha colocado os gentios com os cães, debaixo da mesa; e a mulher não nega a adequação dessa comparação. Não se consegue nada ao contradizer alguma palavra de Cristo, embora ela possa nos parecer muito dura. Mas essa pobre mulher, como não pode objetar contra isso, resolve fazer o melhor possível em relação à situação (v.

27): “Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas”. Aqui:

[1] Ela concordou muito humildemente: “Sim, Senhor”. Não se pode falar de maneira tão vil e desprezível de um humilde crente, mas essa mulher está disposta a falar de maneira vil e desprezível de si mesma. Algumas pessoas que parecem censurar e depreciar a si mesmas, tomarão como uma afronta se outras pessoas também o fizerem; mas aquele que é humilde, corretamente irá concordar com os desafios mais humilhantes, e não os achará abusivos. “É verdade, Senhor; eu não posso negar; eu sou um cão, e não tenho direito ao pão dos filhos”. Davi, você “procedeu loucamente”, muito tolamente. “Sim, Senhor”. Asafe, você se embruteceu e agiu como um animal diante de Deus; “Sim, Senhor”. Agur, você é mais bruto do que ninguém. “Sim, Senhor”. Paulo, você foi o maior dos pecadores, o menor de todos os santos, não merece ser chamado apóstolo. “Sim, Senhor”.

[2] Ela aproveita e, de maneira muito habilidosa, transforma isso em uma súplica: “Também os cachorrinhos comem das migalhas”. Foi por uma perspicácia singular, além de agilidade e sagacidade espirituais, que ela encontrou campo para argumentar em meio àquilo que parecia desprezo. Uma fé viva e ativa irá fazer com que aquilo que parecia estar contra nós esteja a nosso favor; irá extrair alimento “do comedor”, e doçura “do forte”. A incredulidade pode confundir novos colegas com inimigos, e levar a terríveis conclusões, mesmo a partir de boas premissas (Jz 13.22,23). Mas a fé consegue encontrar incentivo até mesmo naquilo que é desencorajador, e aproximar-se de Deus agarrando-se àquela mão que tencionava empurrá-la e afastá-la. É bom termos um entendimento rápido no temor do Senhor (Is 11.3).

A súplica que ela faz é: “Também os cachorrinhos comem das migalhas”. É verdade, o alimento completo e regular é destinado somente aos filhos, mas as migalhas pequenas, ocasionais e negligenciadas, são permitidas aos cães, e eles não são repreendidos por isso; elas são para os cães que estão debaixo da mesa, que estão ali esperando-as. Os pobres gentios não podiam esperar os ministérios e os milagres do Filho de Davi, que pertencem aos judeus, mas agora eles começam a ficar cansados do seu alimento, e começam a brincar com ele, encontram defeitos nele e o atiram para longe. Certamente, então, um pouco desse alimento irá cair para um pobre gentio: “Eu suplico uma cura que é apenas uma migalha do mesmo pão precioso,

mas um pedaço insignificantemente pequeno, comparado com os pães que eles têm". Quando estamos dispostos a nos saciar com o pão que Deus dá aos seus filhos, devemos nos lembrar de que existem muitos que ficariam felizes por ter apenas as migalhas. As nossas migalhas de privilégios espirituais seriam um banquete para muitas almas (At 13.42). Considere aqui:

Em primeiro lugar, que a humildade e a necessidade dela a faziam feliz em ter as migalhas. Aqueles que estão conscientes de que não merecem nada, serão gratos por qualquer coisa – estaremos preparados para a maior das misericórdias de Deus, quando nos considerarmos não merecedores da menor delas. A menor porção de Cristo é preciosa para um crente, e são as verdadeiras migalhas do pão da vida.

Em segundo lugar, a fé dessa mulher cananéia a incentivou a esperar essas migalhas. Por que não haveria migalhas da mesa de Cristo, como ocorre na mesa de um homem importante, onde os cães são alimentados com tanta certeza como os filhos? Ela se refere à mesa do seu senhor; se ela fosse um cão, ela seria o cão dele, e que privilégio é ter um relacionamento com Cristo, ainda que seja o menor relacionamento possível. "Embora indigna de ser chamada de filha, considere-me como um dos seus trabalhadores contratados: é melhor estar com os cães do que ser expulsa da casa; pois na casa do meu Pai há não somente pão suficiente, mas excedente" (Lc 15.17-19). É bom estarmos na casa de Deus, ainda que estejamos na porta.

4. O feliz resultado e o êxito de tudo isso. Ela saiu dessa luta com crédito e consolo. E, embora fosse uma cananéia, foi confirmada como uma verdadeira filha de Israel, por aquele que, como um príncipe, tinha poder juntamente com Deus Pai, e prevaleceu. Até aqui, Cristo tinha escondido o seu rosto dela, mas agora se une a ela com bondade infinita (v. 28): "Então, respondeu Jesus e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé". Isto foi como José dando-se a conhecer aos seus irmãos: "Eu sou José". Da mesma forma, aqui, o Senhor estava dizendo: "Eu sou Jesus". Agora Ele começa a falar da maneira usual, e a mostrar a sua própria fisionomia. Ele não contenderá para sempre.

(1) Ele elogiou a fé da mulher. "Ó mulher, grande é a tua fé". Considere: [1] É a fé dela que Ele elogia. Havia muitas outras graças que brilhavam no comportamento dela: sabedoria, humildade, mansidão, paciência e perseverança na oração; mas todas estas eram resultados da sua fé, e por

isto Cristo enfatiza a fé como sendo a mais elogiável. Porque, entre todas as graças, a fé é a que mais honra a Cristo; por isso, entre todas as graças, Cristo honra mais a fé. [2] A grandeza da sua fé. Observe, em primeiro lugar, que, embora a fé de todos os santos seja igualmente preciosa, ela não é igualmente forte em todos; os crentes não têm todos a mesma estatura e o mesmo tamanho. Em segundo lugar, a grandeza da fé consiste numa aceitação determinada de Jesus Cristo como um Salvador plenamente suficiente, até mesmo diante dos desencorajamentos; significa amá-lo e confiar nele, como um amigo, mesmo quando Ele parece estar contra nós, como um inimigo. Esta é uma grande fé! Em terceiro lugar, embora a fé fraca não seja rejeitada, desde que seja verdadeira, uma grande fé será elogiada, e será muito agradável a Cristo. Pois é naqueles que assim crêem que Ele é mais admirado. Assim, Cristo elogiou a fé do centurião, que também era gentio; ele tinha uma forte fé no poder de Cristo, e essa mulher tinha o mesmo tipo de fé na boa vontade de Cristo; ambas foram aceitas.

(2) Ele curou a filha da mulher: “Seja isso feito para contigo, como tu desejas”. Em outras palavras: “Eu não posso lhe negar nada, apanhe aquilo que você veio buscar”. Os grandes crentes podem ter o que desejarem, pedindo. Quando a nossa vontade está em conformidade com a vontade expressa através dos preceitos de Cristo, a sua vontade e aquilo que desejamos estão de acordo. Aqueles que não negam nada a Cristo, irão descobrir que, afinal, Ele não lhes nega nada, mesmo que durante algum tempo Ele pareça ocultar o seu rosto deles. “Tiveste os teus pecados perdoados, a tua corrupção dominada, a tua natureza santificada, que seja ‘feito para contigo, como tu desejas’”. E o que mais você pode desejar? Quando nós, como essa pobre mulher, oramos contra Satanás e o seu reino, nós concordamos com a intercessão de Cristo, e tudo será feito de acordo com essa disposição. Embora Satanás possa colocar Pedro à prova, e “esbofetear” Paulo, ainda assim, por meio da oração de Cristo e da suficiência da sua graça, nós seremos “mais do que vencedores” (Lc 22.31,32; 2 Co 12.7-9; Rm 16.20).

O que aconteceu foi devido à palavra de Cristo: “Desde aquela hora, a sua filha ficou sã”; pois a partir de então, ela nunca mais foi atormentada pelo demônio – a fé da mãe foi essencial para a cura da filha. Embora a paciente estivesse distante, isso não foi obstáculo para a eficiência da palavra de Cristo. Ele “falou e tudo se fez”.

Quatro Mil Homens São Alimentados

vv. 29-39

Aqui temos:

I Um relato geral das curas realizadas por Cristo, de curas em grande escala. Os sinais do poder e da bondade de Cristo não são escassos nem limitados, pois nele há uma abundância que transborda. Considere:

1. O lugar onde essas curas se realizaram: isso aconteceu perto “do mar da Galiléia”, uma parte da nação de que Cristo era profundo conhecedor. Nós não lemos sobre nada que Ele tenha feito nas partes de Tiro e Sidom, exceto a expulsão do demônio da filha da mulher cananéia, como se Ele tivesse feito a viagem com este objetivo. Os ministros não devem deixar de se esforçar para fazer o bem, ainda que seja para poucos. Aquele que conhece o valor de uma alma, irá a extremos para salvar uma alma da morte e do poder de Satanás.

Mas “Jesus partiu dali”. Tendo deixado cair aquela migalha debaixo da mesa, Ele aqui retorna para fazer um banquete completo para os filhos. Cristo foi às partes de Tiro e Sidom, mas Ele se assentou “ao pé do mar da Galiléia” (v. 29), não em um trono suntuoso, nem em um tribunal de julgamento, mas sobre um monte: assim eram, simples e humildes, as suas mais solenes aparições nos seus dias na carne! Ele se assentou sobre um monte, para que todos o pudessem ver, e pudessem ter livre acesso a Ele. Ali Ele se assentou, como alguém cansado da sua jornada, e desejando descansar um pouco; ou mesmo esperando conceder a sua graça. Ele se assentou, esperando pacientes, como Abraão, à porta da sua tenda, pronto para recebê-los. Ele se posicionou para fazer a sua boa obra.

2. As multidões e as doenças que foram curadas por Ele (v. 30): “E veio ter com ele muito povo”; para que se cumprisse a Escritura que diz: “A ele se congregarão os povos” (Gn 49.10). Se os ministros de Cristo pudessem curar o mesmo número de pessoas que Cristo curou, muito mais gente os procuraria; nós nos tornamos rapidamente sensíveis às dores e às doenças físicas, mas poucos estão preocupados com as suas almas e com as enfermidades espirituais.

Agora: (1) A bondade de Cristo era tanta, que Ele recebia todos os tipos de pessoas. Os pobres, e também os ricos, são bem recebidos por Cristo, e com Ele sempre existe lugar suficiente para todos os que chegam. Ele nunca reclamou das multidões nem dos amontoados de gente, nem olhou com desprezo para as pessoas comuns – o povo, como eram chamadas. Pois as almas dos camponeses são tão preciosas para Ele quanto as almas dos príncipes.

(2) O poder de Cristo era tal, que Ele curava todos os tipos de enfermidades; aqueles que vinham até Ele trouxeram consigo os seus parentes e amigos doentes, e os puseram "aos pés de Jesus" (v. 30). Não lemos nada sobre o que disseram a Ele, mas deixaram ali os doentes, como objetos de pena, para serem cuidados por Ele. Os seus problemas falavam mais por eles do que poderia falar a língua do orador mais eloqüente. Davi derramou a sua queixa perante Deus, e isso foi o suficiente; ele então a deixou com Ele (Sl 142.2). Qualquer que seja a nossa situação, a única maneira de encontrar consolo e alívio é deixá-la aos pés de Cristo, espalhá-la diante dele, e recorrer ao seu conhecimento, e então submetê-la a Ele, e esperar pela sua disposição. Aqueles que desejam obter de Cristo a cura espiritual, precisam se colocar aos seus pés, para serem governados como Ele desejar.

Foram trazidos a Cristo "coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos". Veja o trabalho do pecado! Transformou o mundo em um hospital: a quantas doenças diferentes os corpos humanos estão sujeitos! Veja o trabalho do Salvador! Ele vence os inimigos em benefício da humanidade. Aqui havia doenças às quais um lampejo de imaginação não ajudaria nem na investigação de sua causa, nem em sua cura. Estas enfermidades não estavam nos temperamentos, mas nos membros do corpo, e até mesmo estes estavam sujeitos aos mandamentos de Cristo. Ele enviou a sua palavra, e os curou. Todas as doenças estão sob o comando de Cristo, para ir e vir, conforme Ele ordenar. Este é um exemplo do poder de Cristo, que pode nos consolar em todas as nossas fraquezas, e da sua piedade, que pode nos consolar em todos os nossos sofrimentos.

3. A influência dessas curas sobre a multidão (v. 31).

(1) Ela "se maravilhou", e com razão. Os milagres de Cristo devem nos maravilhar. "Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos" (Sl 118.23). As curas espirituais que Cristo realiza são maravilhosas.

Quando as almas cegas conseguem ver pela fé, quando os mudos começam a falar em oração, os coxos, a andar em santa obediência, isso é maravilhoso. “Cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele fez maravilhas”.

(2) Eles glorificaram “o Deus de Israel”, de quem os fariseus, quando viam essas coisas, blasfemavam. Os milagres, que são aquilo de que nos maravilhamos, devem ser um motivo do nosso louvor. E a misericórdia, que é motivo da nossa alegria, deve ser objeto da nossa gratidão. Aqueles que eram curados, glorificavam a Deus. Se Ele cura as nossas enfermidades, tudo o que está em nós deve bendizer o seu santo nome. E se nós tivermos sido graciosamente preservados da cegueira, da deficiência física, da mudez, temos iguais motivos para bendizer a Deus, como se Ele nos tivesse curado dessas condições; e quem estava observando glorificou a Deus. Deus deve ser reconhecido com louvor e gratidão pelas dádivas que concede aos outros, como pelas dádivas que Ele concede a nós mesmos. Eles o glorificavam como “o Deus de Israel”, o Deus da sua igreja, o Deus que tem uma aliança com o seu povo, o Deus que tinha enviado o Messias prometido; este é o Senhor. Veja Lc 1.68. Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. Isso foi feito pelo poder do Deus de Israel, e nenhum outro poderia fazê-lo.

II Aqui está um relato de quando Jesus alimentou quatro mil homens com sete pães e uns poucos peixinhos, da mesma maneira como tinha recentemente alimentado cinco mil homens com cinco pães. Os presentes realmente não eram tão numerosos quanto naquela ocasião, e a provisão, um pouco maior, o que não sugere que a generosidade de Cristo tivesse diminuído, mas que Ele realizava os seus milagres conforme a situação exigisse, e não por ostentação; portanto, Ele os adequava à ocasião. Tanto naquela ocasião como agora, Ele considerou tantos quantos deviam ser alimentados e usou tudo o que estava à disposição para alimentá-los. Quando os maiores poderes da natureza são superados, devemos dizer: Isto é o dedo de Deus; e nem agora, nem naquela ocasião, eles foram superados; por isso, este não é um milagre menor do que aquele.

Aqui está: 1. A piedade de Cristo (v. 32): “Tenho compaixão da multidão”. Ele diz isso aos seus discípulos, tanto para colocar a sua compaixão à prova, como para despertá-la. Quando Ele estava prestes a

realizar esse milagre, Ele os chamou, e fez que conhecessem o seu propósito, e conversou com eles sobre isso; não porque precisasse do conselho deles, mas porque Ele iria dar a eles um exemplo do seu amor condescendente. Ele não os chamou de servos, pois “o servo não sabe o que faz o seu Senhor”, mas os tratou como seus amigos e conselheiros. “Ocultarei eu a Abraão o que faço?” (Gn 18.17). No que Ele disse aos discípulos, observe:

(1) A situação da multidão. “Já está comigo há três dias e não tem o que comer”. Este é um exemplo do entusiasmo deles, e da extensão do seu afeto por Cristo e pela sua palavra. Eles não somente deixaram o seu trabalho para estar com Ele em dias de trabalho, mas enfrentaram um grande número de dificuldades para continuar com Ele. Eles precisavam do seu descanso natural, e, aparentemente, estavam como soldados no campo; eles precisavam do alimento necessário, e mal tinham o suficiente para conservar a alma e a vida. Naquelas regiões mais quentes, eles podiam suportar o jejum melhor do que nós podemos nesses climas mais frios, mas embora isso fosse nocivo ao corpo, e pudesse comprometer a sua saúde, ainda assim o zelo pela casa de Deus os consumia, e eles valorizavam as palavras de Cristo muito mais do que o alimento de que precisavam. Nós julgamos que três horas é um tempo excessivo para os ritos públicos, mas essas pessoas estavam juntas por três dias, e não reclamaram disso, nem disseram: Que cansativo é isso! Observe com que ternura Cristo diz: “Tenho compaixão da multidão”. Era conveniente que eles tivessem compaixão dele, que se esforçou tanto com eles nos três dias, e era tão infatigável nos seus ensinamentos e nas suas curas – tanta virtude tinha saído dele, e pelo que parece, Ele também estava em jejum. Mas Ele, com a sua compaixão, impediu que eles jejuassem mais. O nosso Senhor Jesus observa por quanto tempo os seus seguidores continuam a segui-lo, e observa a dificuldade que eles suportam para isso. “Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência” (Ap 2.2); e isso, de maneira nenhuma, ficará sem recompensa.

A situação à qual as pessoas estavam reduzidas serve para evidenciar: [1] A dádiva do seu alimento: Ele os alimentou quando tiveram fome, e então o alimento foi duplamente bem-vindo. Ele os tratou como fez com o Israel dos antigos; Ele os deixou ter fome, e então os sustentou (Dt 8.3); pois a alma farta pisa o favo de mel, mas à alma faminta todo amargo é doce. [2]

O milagre do alimento: tendo jejuado por tanto tempo, o seu apetite era ainda mais urgente. Se duas refeições em que a fome não é saciada produzem um glutão na terceira refeição, o que farão três dias de fome? E ainda assim, “todos comeram e se saciaram”. Note que existe misericórdia e graça suficiente em Cristo para dar uma satisfação abundante ao mais ansioso e dilatado desejo. “Abre bem a tua boca, e ta encherei”. Ele sacia até mesmo a alma faminta.

(2) A preocupação do nosso Senhor com eles: “Não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho”. Isso seria uma mancha para Cristo e para a sua família, e um desencorajamento tanto para essas pessoas como também para outras. Note que a infelicidade do nosso estado atual é que quando as nossas almas estão, de alguma maneira, elevadas, os nossos corpos não conseguem acompanhá-las nas boas ações. A fraqueza da carne é o grande pesar para a disposição do espírito. Não será assim no céu, onde o corpo terá sido transformado em um corpo espiritual. Não precisaremos de descanso. Estaremos louvando a Deus noite e dia, e não desfaleceremos; ali nunca mais teremos fome, nunca mais teremos sede (Ap 7.16).

Aqui está: 2. O poder de Cristo. A sua compaixão pela necessidade deles coloca em ação o seu poder para alimentá-los. Considere:

(1) Como o seu poder foi alvo de desconfiança por parte de seus discípulos (v. 23): “Donde nos viriam num deserto tantos pães?” Uma pergunta adequada, poderíamos pensar, como aquela de Moisés (Nm 11.22): “Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas que lhes bastem?” Mas aqui era uma pergunta inadequada, considerando não apenas a certeza que os discípulos tinham do poder de Cristo, mas também a experiência em particular que tinham tido recentemente, de uma provisão milagrosa, oportuna e suficiente, em uma situação semelhante. Eles tinham sido não apenas as testemunhas, mas também os ministros, no milagre anterior; o pão multiplicado passou pelas suas mãos. Assim, a pergunta deles era um exemplo de enorme fraqueza: “Donde nos viriam, tantos pães?” Eles estavam sem saber o que fazer, enquanto tinham o seu Mestre com eles? Esquecer experiências passadas nos deixa à mercê de dúvidas presentes.

Cristo sabia o quanto a provisão era escassa, mas Ele queria saber por eles (v. 34): “Quantos pães tendes?” Antes de realizar o milagre, Ele queria que ficasse claro que Ele tinha muito pouco com que trabalhar, para que o seu poder pudesse brilhar ainda mais. O que eles tinham era para eles mesmos,

e mal dava para a sua própria família; mas Cristo faria com que eles entregassem o alimento a toda a multidão, e confiassem na providência para conseguir mais. Convém que os discípulos de Cristo sejam generosos, pois o seu Mestre era assim – o que nós temos, devemos doar, se houver oportunidade; ser hospitaleiros, não como Nabal (1 Sm 25.11), mas como Eliseu (2 Rs 4.42). A avareza hoje, por causa da preocupação com o amanhã, é uma complicação de afetos corrompidos que deve ser eliminada. Se formos prudentemente generosos e caridosos com aquilo que temos, nós podemos, piedosamente, esperar que Deus nos envie mais. *Jeová-jiré*, o Senhor proverá. Os discípulos perguntaram: "Donde nos viriam... tantos pães?" Cristo perguntou: "Quantos pães tendes?" Quando não pudermos ter o que quisermos, devemos aproveitar ao máximo o que tivermos, fazendo o melhor que pudermos com os nossos recursos. Devemos pensar mais naquilo que temos do que nas nossas necessidades. Cristo, aqui, agiu de acordo com a regra que Ele ensinou a Marta: Não fique ansioso com muitas coisas, nem afadigado com muitos serviços. A natureza se satisfaz com pouco; a graça, com menos; mas a luxúria não se satisfaz com nada.

(2) Como o poder de Jesus foi descoberto pela multidão, na provisão abundante que Ele lhes ofereceu, de maneira muito semelhante à situação anterior (cap. 14.18ss.). Observe aqui:

[1] O alimento que estava disponível: "sete pães e uns poucos peixinhos". O peixe não era proporcional ao pão, pois o pão é o sustento da vida. É provável que o peixe tivesse sido pescado pelos próprios discípulos, pois eles eram pescadores e estavam perto do mar. Agradável é comer do trabalho das nossas mãos (Sl 128.2), e desfrutar daquilo que é, de alguma maneira, o produto da nossa própria dedicação (Pv 12.27). E não devemos nos prender ao que conseguimos graças à bênção de Deus no nosso trabalho; pois por isso devemos trabalhar, para ter o que repartir (Ef 4.28).

[2] A distribuição das pessoas em uma posição para receber o alimento (v. 35): Ele "mandou à multidão que se assentasse no chão". Eles viam muito pouco alimento, mas precisavam sentar na grama, confiando que teriam uma refeição com Ele. Aqueles que têm o seu alimento espiritual em Cristo devem sentar aos seus pés para ouvir a sua Palavra, e esperar que ela venha de uma maneira invisível.

[3] A distribuição da provisão entre eles. Primeiramente, Ele deu "graças" – *eucharistesas*. A palavra usada no milagre anterior foi *eulogese – Ele*

abençoou. Tudo se resume na mesma coisa; dar graças a Deus é uma maneira apropriada de pedir uma bênção de Deus. E quando nos aproximamos para pedir, e receber mais dádivas, devemos dar graças pelas dádivas que recebemos. A seguir, Ele partiu os pães (pois era ao partir os pães que eles se multiplicavam), "e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão". Embora os discípulos não tivessem confiado no poder de Cristo, ainda assim Ele os usou agora da mesma maneira como antes. Ele não se deixa provocar, como poderia, pela fraqueza e pela hesitação dos seus ministros, para deixá-los de lado; mas ainda lhes dá a Palavra da vida, e eles, por sua vez, transmitem-na ao seu povo.

[4] A abundância que houve (v. 37): "E todos comeram e se saciaram". Aqueles a quem Cristo alimenta, Ele sacia. Enquanto trabalhamos para o mundo, trabalhamos por aquilo que não pode satisfazer (Is 55.2); mas aqueles que esperam em Cristo obedientemente, serão abundantemente satisfeitos da bondade da sua casa (Sl 65.4). Assim, Cristo alimentou o povo outra vez, para lhes fazer entender que, embora Ele fosse chamado de Jesus de Nazaré, Ele era de Belém, a casa de pão; ou, melhor ainda, que Ele mesmo era o pão da vida.

Para mostrar que todos eles tinham se saciado, sobraram "sete cestos cheios" do alimento multiplicado, não tanto quanto houve no milagre anterior, porque havia tantas pessoas para comer como naquela ocasião, mas suficiente para mostrar que com Cristo há alimento suficiente, e que sobram estoques de graça para mais do que os que a procuram, e para aqueles que procuram mais.

[5] A atenção foi dirigida aos presentes – não para que pudessem pagar a sua cota (aqui não havia contas a fazer; todos se alimentaram gratuitamente) –, para que pudessem ser testemunhas do poder e da bondade de Cristo; e para que isso pudesse ter alguma semelhança com aquela providência universal que "dá mantimento a toda a carne" (Sl 136.25). Aqui quatro mil homens foram alimentados. Mas o que eram eles, em comparação com aquela grande família que recebe alimento pela divina providência todos os dias? Deus é um grande administrador, em quem os olhos de todos esperam, e Ele lhes dá o seu mantimento a seu tempo (Sl 104.27; 145.15).

[6] A dispersão da multidão, e a ida de Cristo para outro lugar (v. 39). Ele "despediu a multidão". Embora Ele os tivesse alimentado duas vezes, eles não deveriam esperar que os milagres fossem as suas refeições de todos os

dias. Deixemos que agora eles sigam para as suas casas, para o seu trabalho, e para as suas próprias mesas. E Ele mesmo foi de barco a outro lugar; pois, sendo a “luz do mundo”, Ele ainda precisava se movimentar e se ocupar fazendo o bem.

CAPÍTULO 16

Este capítulo não registra nenhum dos milagres de Cristo, mas quatro dos seus sermões. Aqui estão: I. Um discurso aos fariseus, que o desafiaram a mostrar-lhes algum sinal do céu (vv. 1-4). II. Outro, aos seus discípulos, sobre o fermento dos fariseus (vv. 5-12). III. Outro, aos seus discípulos, a respeito de si mesmo, como o Cristo, e a respeito da sua igreja, edificada sobre Ele (vv. 13-20). IV. Outro, a respeito dos seus sofrimentos por eles, e os sofrimentos deles, por Ele (vv. 21-28). E tudo isso foi escrito para o nosso aprendizado.

O Sinal do Profeta Jonas

vv. 1-4

Nesse trecho, temos o discurso de Cristo aos fariseus e saduceus, homens que discordavam entre si, como fica claro em Atos 23.7,8, mas mesmo assim eram unânimes na sua oposição a Cristo; porque a sua doutrina condenava os erros e as heresias dos saduceus, que negavam a existência dos espíritos e de um estado futuro, e, de igual maneira, o orgulho, a tirania e a hipocrisia dos fariseus, que eram os grandes impostores das tradições dos anciãos. Cristo e o cristianismo sofrem oposição constante. Considere:

I A exigência dos fariseus e dos saduceus, e a sua intenção.

1. A exigência foi de um sinal do céu; isto era o que eles queriam que Ele lhes mostrasse, fingindo estar muito predispostos a serem satisfeitos e convencidos, quando, na realidade, estavam longe disso, mas procuravam desculpas para uma infidelidade obstinada. O que eles pretendiam com esse desejo era:

(1) Obter algum outro sinal além dos que já tinham tido. Eles tinham tido uma grande quantidade de sinais. Cada milagre que Cristo realizou era um

sinal, pois nenhum homem poderia fazer o que Ele fez, a menos que Deus estivesse em sua vida. Mas esses não eram suficientes, eles precisavam ter um sinal de sua própria escolha. Eles desprezavam aqueles sinais que aliviavam a necessidade dos doentes e dos sofredores, e insistiam em algum sinal que agradasse a curiosidade dos orgulhosos. Convém que as provas de revelação divina sejam escolhidas pela sabedoria de Deus, não pelas tolices e ilusões dos homens. A evidência dada é suficiente para satisfazer a um entendimento sem preconceitos, mas não tinha o objetivo de agradar a um espírito vaidoso. E é um exemplo da falsidade do coração pensar que deveríamos ser transformados somente pelos meios e benefícios de que não dispomos, ao passo que desprezamos aqueles que temos. Se não ouvirmos "Moisés e os profetas", tampouco seremos transformados por alguém que ressuscite dos mortos.

(2) Que fosse um sinal do céu. Eles queriam milagres para provar que Ele foi enviado por Deus Pai, como ocorreu na entrega da lei no Monte Sinai: trovões e relâmpagos, e uma voz dizendo palavras, estes eram os sinais do céu que eles desejavam, embora os sinais sensíveis e os sinais terríveis não estivessem de acordo com a dispensação espiritual e confortável do Evangelho. A palavra está junto de nós (Rm 10.8), e, portanto, também os milagres, e não nos obriga mais a manter a distância, como eles tiveram de manter (Hb 12.18).

2. A intenção era tentar a Jesus; não para serem ensinados por Ele, mas como uma armadilha para Ele. Se Ele lhes mostrasse um sinal do céu, eles o atribuiriam a uma coligação com "o príncipe das potestades do ar"; se Ele não o fizesse, como eles supunham que iria acontecer, eles usariam isso para explicar por que não criam nele. Agora eles tentavam a Cristo da mesma maneira como Israel tinha feito (1 Co 10.9). E observe a obstinação e a perversidade deles. Quando tiveram sinais do céu, os israelitas tentaram a Cristo, dizendo: "Poderá Deus… preparar-nos uma mesa no deserto?" Agora que Ele tinha fornecido uma refeição no deserto, eles o tentavam, dizendo: "Ele pode nos mostrar algum sinal do céu?"

II A resposta de Cristo a essa exigência. Para que eles não se achassem sábios na sua própria presunção, Ele respondeu a esses tolos "segundo a sua estultícia" (Pv 26.5). Na sua resposta:

1. Ele os condena por não perceberem os sinais que tiveram (vv. 2, 3). Eles estavam procurando sinais do Reino de Deus, quando ele já estava entre eles. O Senhor estava nesse lugar, e eles não sabiam disso. Da mesma maneira, os seus antepassados incrédulos, quando os milagres eram o seu pão de cada dia, perguntavam: “Está o Senhor no meio de nós, ou não?”

Para explicar isso, Ele lhes chama a atenção para:

(1) A habilidade e sagacidade dos fariseus e saduceus em outros aspectos, em particular no campo dos prognósticos naturais do clima. “Quando é chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro. E pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio”. Há leis comuns extraídas da observação e da experiência, pelas quais é fácil predizer, com grande probabilidade de acerto, como será o clima. Quando outras causas começam a acontecer, podemos facilmente imaginar de que se trata, devido à uniformidade da natureza nos seus movimentos, e da consistência que elas têm em si mesmas. Não temos notícia do equilíbrio das grossas nuvens (Jó 37.16), mas podemos falar algo com base na sua aparência. Isto não dá nenhum apoio, de maneira nenhuma, às bárbaras e ridículas predições dos agoureiros dos céus, dos que contemplavam os astros, dos prognosticadores das luas novas (Is 47.13) a respeito do clima, com grande antecipação, caso contrário veríamos os sinais e os presságios da mudança do clima. Não cabe a nós esse conhecimento, não a respeito dos tempos e das estações. Devemos nos satisfazer com o fato de que o clima agrada a Deus, e o que agrada a Deus não deve nos desagradar.

(2) A sua torpeza e estupidez com as preocupações das suas almas: “Não conheceis os sinais dos tempos?”

[1] “Vocês não vêem que o Messias já chegou?” O cetro tinha partido de Judá, no final dos tempos de Daniel, e ainda assim eles não se davam conta. Os milagres que Cristo realizava, e o afluxo de pessoas até Ele, eram indicações claras de que o Reino dos céus era chegado, que esse era o “dia da sua visitação”. Observe que, em primeiro lugar, existem os sinais dos tempos, pelos quais os homens sábios e justos são capazes de realizar prognósticos morais, e compreender os movimentos e os métodos da Providência, e a partir daí tomar suas decisões e saber o que Israel deveria fazer, como os homens de Issacar, como o médico, a partir de determinados sintomas, descobre uma crise formada. Em segundo lugar, existem muitos

que são suficientemente talentosos em outras coisas, e ainda assim não podem discernir o dia da sua oportunidade, não estão cientes do vento quando lhes é favorável, e por isso deixam de perceber o vendaval. Veja Jr 8.7; Is 1.3. Em terceiro lugar, é uma grande hipocrisia desdenhar os sinais ordenados por Deus, procurando os sinais das regras que nós mesmos criamos.

[2] "Vocês não antevêem a sua própria ruína e destruição, que virá pela sua rejeição a mim? Vocês não recebem o Evangelho da paz, e não conseguem discernir que com isso estão atraindo uma destruição inevitável sobre si mesmos?" A destruição das pessoas é conseqüência do fato de elas não estarem cientes de qual será o resultado da sua recusa a Cristo.

2. Jesus se recusa a mostrar-lhes qualquer outro sinal (v. 4), como tinha feito antes com as mesmas palavras (cap. 12.39). Aqueles que insistem nas mesmas iniqüidades, devem esperar encontrar as mesmas repreensões. Aqui, como anteriormente: (1) Ele os chama de "uma geração má e adúltera"; porque, embora eles se professassem como sendo a verdadeira igreja e esposa de Deus, de maneira traidora se afastavam dele, e rompiam os seus concertos com Ele. Os fariseus eram uma geração pura aos seus próprios olhos, mas que tinham os mesmos modos da mulher adúltera, que pensa que não cometeu nenhuma iniqüidade (Pv 30.20). (2) Ele se recusa a satisfazer os seus desejos. Cristo não atenderá a regulamentações: "nós pedimos, e não recebemos, porque pedimos mal". (3) Ele lhes recorda o sinal do profeta Jonas, que já deveria ter sido dado a eles. A sua ressurreição dos mortos, e a sua pregação, por meio dos seus apóstolos, aos gentios, estavam reservadas para serem as últimas e mais elevadas evidências da sua missão divina. Observe que embora os caprichos dos homens orgulhosos não sejam satisfeitos, ainda assim a fé dos humildes será apoiada e a descrença daqueles que perecem é deixada imperdoável para sempre, e todas as bocas serão silenciadas.

Esse discurso é concluído de maneira abrupta; "deixando-os, retirou-se". Cristo não se detém entre aqueles que o tentam, mas se afasta, justamente, daqueles que estão dispostos a discutir com Ele; Ele os deixou irredutíveis: "Deixai-os". Ele os deixou consigo mesmos, deixou-os nas mãos de seus próprios conselhos; assim Ele desistiu deles, por conta da luxúria dos seus próprios corações.

Sobre o Fermento dos Fariseus

vv. 5-12

Aqui temos o discurso de Cristo aos seus discípulos a respeito do pão, no qual, como em muitos outros discursos, Ele lhes fala de coisas espirituais usando comparações, e eles interpretam que Ele está falando de coisas carnais, pois nessa ocasião eles tinham se esquecido de abastecer o barco com alimentos, e levar consigo provisões para o seu grupo do outro lado do lago. Normalmente eles levavam pão consigo, porque algumas vezes ficavam em lugares desertos; e quando não era esse o caso, não queriam nada fatigante. Mas eles tinham se esquecido – esperamos que isso tenha acontecido pelo fato de suas mentes e lembranças estarem preenchidas com assuntos melhores. Observe que os discípulos de Cristo freqüentemente são vistos como pessoas que não têm boas previsões para o mundo.

I Aqui está o conselho que Cristo lhes deu: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus”. Ele tinha estado discursando aos fariseus e saduceus, e os considerava como sendo homens de um espírito tal, que era necessário advertir os seus discípulos para não se relacionarem com eles. Os discípulos correm grandes perigos com os hipócritas; eles devem se proteger contra aqueles que são abertamente maus, mas quanto aos fariseus, que fingem uma procura pela verdade, de maneira livre e, imparcial, eles normalmente ficavam desprevenidos; e portanto, o aviso é duplo: “Adverti e acautelai-vos”.

Os princípios e costumes corruptos dos fariseus e saduceus são comparados ao fermento; eles azedavam, e se inchavam, e se espalhavam, como o fermento; eles fermentavam em qualquer lugar onde estivessem.

II O engano dos discípulos a respeito desse aviso (v. 7). Eles pensavam que Cristo, aqui, os estava repreendendo por causa da sua imprudência e do seu esquecimento, por causa do pão, por terem estado tão compenetrados, ouvindo as suas palavras que eram direcionadas aos fariseus, que dessa maneira teriam se esquecido das suas preocupações particulares. Ou porque, não tendo seu próprio pão consigo, eles precisariam contrair uma dívida com os seus amigos. Ele não lhes diria que pedissem aos fariseus ou aos

saduceus, nem que recebessem ofertas deles, porque haveria uma possibilidade de confronto. Ou, por medo de que, com o pretexto de lhes conseguir alimento, eles enganassem os discípulos. Ou, ainda, eles podem ter imaginado que a advertência era para não ter contatos mais íntimos com os fariseus e saduceus, não comer com eles (Pv 23.6), ao passo que o perigo não estava no pão deles (o próprio Cristo comeu com eles, Lucas 7.36; 11.37; 14.1), mas nos seus princípios.

III A repreensão que Cristo lhes faz por causa disso.

1. Ele os repreende pela falta de confiança na sua habilidade e prontidão para lhes fornecer suprimentos nessa situação difícil (v. 8): “Por que arrazoais entre vós, homens de pequena fé, sobre o não vos terdes fornecido de pão?” Em outras palavras: “Vocês não conseguem pensar em outra coisa, vocês pensam que o seu Mestre está tão preocupado com isso quanto vocês, e aplicam tudo o que Ele diz a isso?” Jesus não os repreende pela sua pouca previsão, como eles esperariam que Ele fizesse. Os pais e os mestres não devem se zangar mais do que é necessário com o esquecimento dos seus filhos e servos, para fazê-los prestar mais atenção nas ocasiões futuras. Todos somos capazes de nos esquecer do nosso dever. Isto deve servir para desculpar uma falha, se por acaso ocorreu por descuido. Veja com que facilidade Cristo perdoou o descuido dos seus discípulos, embora se tratasse de uma questão material, tal como levar o pão com eles; e faça da mesma maneira. Mas Ele os repreende por terem pouca fé.

(1) Jesus queria que os discípulos confiassem nele para as provisões, embora pudessem estar em um deserto, e não se inquietassem com pensamentos ansiosos a esse respeito. Embora os discípulos pudessem passar necessidades e dificuldades, por causa da sua própria desatenção e negligência, ainda assim Jesus os incentiva a confiar nele para o seu alívio. Portanto, não devemos usar isso como uma desculpa para a nossa falta de caridade para com aqueles que são realmente pobres, alegando que deveriam ter cuidado melhor dos seus assuntos, pois assim não estariam passando necessidades. Pode ser assim, mas eles não devem, por isso, ser deixados com fome quando estão passando necessidades.

(2) Jesus fica desgostoso com a preocupação dos discípulos a esse respeito. A fraqueza e a falta de recursos das pessoas boas, nas suas questões mundanas, são as razões pelas quais os homens estão sempre aptos

a condená-las; mas esta não é uma ofensa tão grave a Cristo como a preocupação e a ansiedade desordenadas que demonstram a respeito dessas coisas. Devemos nos esforçar para ficar em uma posição equilibrada – entre o extremo do descuido e da negligência, e o outro extremo, o do excesso de cuidados. Mas entre os dois extremos, o excesso de preocupação pelas piores coisas do mundo é o que sobrevém aos discípulos de Cristo: “Por que arrazoais entre vós, homens de pequena fé, sobre o não vos terdes fornecido de pão?” Observe que deixar de confiar em Cristo, e nos preocuparmos quando estamos com dificuldades, é uma evidência da fraqueza da nossa fé, que, se fosse exercitada como deveria, nos aliviaria do peso da preocupação, deixando-a para o Senhor, que cuida de nós.

(3) O agravamento da sua falta de confiança era a experiência em que eles tinham tão recentemente sentido o poder e a bondade de Cristo ao prover para eles (vv. 9, 10). Embora eles não levassem pão consigo, eles tinham a Ele, que poderia lhes dar pão. Se eles não tinham a cisterna, eles tinham a Fonte. “Não compreendeis ainda, nem vos lembrais?” Os discípulos de Cristo são freqüentemente culpados pela superficialidade da sua compreensão, e pela volatilidade das suas recordações. “Nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos levantastes? Nem dos sete pães para quatro mil e de quantos cestos levantastes?”. Estes cestos tinham o objetivo de serem como que monumentos comemorativos, para manter na lembrança a misericórdia, como a porção de maná que foi guardada na arca (Êx 16.32). Algumas porções daquelas refeições seriam um banquete agora, e aquele que tinha podido dar-lhes alimento com tanta abundância naquelas ocasiões, poderia certamente fornecer-lhes o que era necessário agora. O alimento para os seus corpos pretendia ser o alimento da sua fé (Sl 74.14), pelo que eles deviam viver, agora que tinham esquecido de trazer o pão. Nós ficamos perplexos com os cuidados e a falta de confiança atuais, porque não nos lembramos, como deveríamos, das nossas experiências anteriores com o poder e a bondade divina.

2. Ele reprova a falta de compreensão dos discípulos a respeito da advertência que Ele lhes fez (v. 11): “Como não compreendestes?” Os discípulos de Cristo podem muito bem ficar envergonhados da lentidão e do embotamento ao apreenderem as coisas divinas, especialmente quando já desfrutaram dos meios da graça: “Não vos falei a respeito do pão”. Jesus não gostou: (1) De que eles pensassem que Ele se preocupava com o pão

tanto quanto eles; quando, na verdade, o seu alimento e a sua bebida eram fazer a vontade do seu Pai. (2) De que eles estivessem tão pouco familiarizados com a sua maneira de pregar, a ponto de interpretar literalmente aquilo que Ele lhes dizia em forma de parábolas; e que, assim, se comportassem como a multidão que, quando lhes falava em parábolas, "vendo, não viam; e, ouvindo, não ouviam, nem compreendiam" (cap. 13.13).

IV A correção do engano através da sua repreensão (v. 12): "Então, compreenderam". Cristo nos mostra a nossa tolice e a nossa fraqueza, para que possamos nos mobilizar para entender corretamente as coisas. Ele não lhes disse expressamente o que tinha querido dizer, mas repetiu o que tinha dito, ou seja, que eles deviam guardar-se do fermento e, dessa forma, os obrigou, pela comparação desse com os seus outros discursos, a alcançar o sentido desse nos seus próprios pensamentos. Dessa maneira, Cristo ensina pelo Espírito de sabedoria no coração, abrindo o entendimento ao Espírito de revelação que está na Palavra. E as verdades mais preciosas são aquelas que precisamos escavar para encontrar, e que só encontramos depois de alguns enganos. Embora Cristo não lhes explicasse claramente, ainda assim eles estavam cientes de que, falando sobre o fermento dos fariseus e dos saduceus, Ele se referia à doutrina e aos métodos deles, que eram corruptos e iníquos; mas, através da maneira como eles os manejavam, eram muito capazes de se insinuar nas mentes dos homens, como o fermento, e de corromper como uma ferida. Eles eram homens que lideravam, e que tinham uma reputação, o que tornava ainda maior o perigo da infecção pelos seus erros. Na nossa era, nós podemos identificar o ateísmo e o deísmo como sendo o fermento dos saduceus, e o papismo como sendo o fermento dos fariseus; e contra ambos, todos os cristãos devem se preocupar em ficar em guarda.

O Discurso de Cristo aos seus discípulos

vv. 13-20

Aqui temos um discurso em particular a seu respeito, que Cristo dirigiu aos seus discípulos. Isso aconteceu junto à costa de Cesaréia de Filipe, a

mais longínqua fronteira ao norte da terra de Canaã. Ali, naquela região distante, talvez houvesse menos procura por Ele do que em outros lugares, o que lhe deu tempo livre para essa conversa em particular com os seus discípulos. Quando o trabalho público dos ministros diminui, eles devem se esforçar para fazer mais nas suas próprias famílias.

Aqui Cristo está "discipulando" aqueles que Ele escolheu como seus discípulos.

I Ele pergunta qual é a opinião dos outros a seu respeito: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?"

1. Jesus se refere a si mesmo como o "Filho do Homem"; o que pode ser interpretado: (1) Como um título comum a Ele, e a outros. Ele era chamado, de maneira adequada, de "Filho de Deus", pois Ele o era (Lc 1.35); mas Ele se chamava de Filho do Homem, pois Ele é verdadeira e realmente "homem, nascido de mulher". Nas cortes de honra, é comum distinguir os homens pelos seus títulos mais elevados; mas Cristo, tendo agora se esvaziado, embora fosse o Filho de Deus, será conhecido pelo estilo e pelo título de Filho do Homem. Ezequiel era freqüentemente assim chamado, para conservar-se humilde; Cristo assim também se chamava, para mostrar que Ele era humilde. Ou: (2) Como um título peculiar a Ele, como Mediador. Ele se dá a conhecer, na visão de Daniel, como o "Filho do Homem" (Dn 7.13). Eu sou o Messias, aquele Filho do Homem que foi prometido. Mas:

2. Ele pergunta quais são os sentimentos das pessoas a seu respeito. Em outras palavras: "Quem os homens dizem que Eu sou? O Filho do Homem? Eles acham que Eu sou o Messias?" Ele não pergunta: "Quem os escribas e os fariseus dizem que Eu sou?" Eles tinham preconceito contra Ele, e diziam que Ele era um enganador e que estava aliado a Satanás. Mas: "Quem os homens dizem que Eu sou?". Ele se referia às pessoas comuns, que eram desprezadas pelos fariseus. Cristo fez essa pergunta, não como alguém que não conhece a resposta; pois se Ele sabe o que os homens pensam, muito mais Ele saberá o que dizem. Ele fez a pergunta, não como alguém desejoso de ouvir elogios a si mesmo, mas para fazer com que os discípulos se preocupassem com o sucesso da sua pregação, mostrando quem Ele realmente era. As pessoas comuns conversavam com maior familiaridade com os discípulos do que com o seu Mestre, portanto, a partir

deles, Ele saberia melhor o que elas diziam. Cristo não dizia claramente quem Ele era, mas deixava que as pessoas chegassem às suas conclusões a partir das obras dele (Jo 10.24,25). Agora Ele iria saber quais eram as conclusões a que as pessoas chegavam a partir das suas obras, e dos milagres que os seus apóstolos realizavam em seu nome.

3. A essa pergunta, os discípulos lhe deram uma resposta (v. 14): “Uns, João Batista; outros” etc. Havia alguns que diziam que Ele era o Filho de Davi (cap. 12.23) e o grande Profeta (Jo 6.14). Os discípulos, no entanto, não mencionam essas opiniões, mas somente as opiniões que eram realmente a verdade, que eles obtinham dos seus compatriotas. Observe que:

(1) São opiniões diferentes. Alguns dizem uma coisa, outros dizem outra. A verdade é uma só; mas aqueles que divergem dela normalmente divergem entre si. Assim, Cristo veio para trazer dissensão (Lc 12.51). Sendo uma Pessoa tão conhecida, todos deveriam estar preparados para dar o veredicto sobre Ele, e “muitas pessoas, muitas mentes”. Aqueles que não desejavam dizer que Ele era o Cristo, vagavam por labirintos intermináveis, e seguiam a pista de todos os palpites incertos e hipóteses loucas.

(2) São opiniões honoráveis, e indicam o respeito que as pessoas sentiam por Ele, de acordo com a melhor opinião que conseguiam ter. Esses não eram os sentimentos dos inimigos de Jesus, mas os pensamentos equilibrados daqueles que o seguiam com amor e com admiração. Observe que é possível que os homens tenham bons pensamentos a respeito de Cristo, e que estes pensamentos não sejam os corretos; uma elevada opinião a respeito dele, e ainda assim, não suficientemente elevada.

(3) Todas supõem que Ele é alguém que ressuscitou dos mortos; o que talvez se originasse de uma noção confusa que eles tinham da ressurreição do Messias, antes da sua pregação pública, como aconteceu com Jonas. Ou as suas noções derivavam de uma valorização excessiva pela antiguidade; como se não fosse possível que um homem excelente fosse produzido na sua própria geração, mas devesse ser algum dos antigos que tivesse retornado à vida.

(4) São todas opiniões falsas, construídas sobre enganos, e enganos voluntários. As doutrinas e os milagres de Cristo diziam que Ele era uma Pessoa extraordinária; mas devido à simplicidade da sua aparência, tão diferente do que eles tinham esperado, eles não pensavam que Ele fosse o

Messias, mas concordavam que Ele pudesse ser qualquer coisa diferente disso.

[1] “Alguns dizem, João Batista”. Herodes tinha dito isso (cap. 14.2), e aqueles que estavam ao seu lado teriam dito a mesma coisa. Essa noção pode ter sido fortalecida por uma opinião que eles tinham, de que aqueles que haviam morrido como mártires, deveriam ressuscitar antes dos demais. E alguns pensam que o segundo dos sete filhos se refere a isso, na sua resposta a Antíoco (2 Macabeus 7.9): “O rei do mundo nos fará ressuscitar para uma ressurreição eterna de vida, a nós que agora morrermos pelas leis dele”.

[2] “Outros, Elias”; aproveitando, sem dúvida, a oportunidade dada pela profecia de Malaquias (Ml 4.5): “Eis que eu vos envio o profeta Elias”. E ainda mais, porque Elias (como Cristo) realizou muitos milagres, e ele mesmo, na sua trasladação, foi o maior milagre de todos.

[3] “E outros, Jeremias”. Muitos se prendiam a ele, porque tinha sido o profeta que chorava, e Cristo estava freqüentemente em lágrimas. Ou porque Deus o tinha posto sobre os reinos e as nações (Jr 1.10), o que eles supunham estar de acordo com a sua noção do Messias.

[4] “Ou um dos profetas”. Isso mostra que noção honrosa o povo tinha dos profetas, embora eles fossem os filhos daqueles que os perseguiram e assassinaram (cap. 23.29). Em vez de reconhecerem que Jesus de Nazaré, uma pessoa da sua própria nação, era tal Pessoa extraordinária, como as suas obras evidenciavam que Ele era, eles diziam: “Este não é Ele, mas um dos antigos profetas”.

II Jesus pergunta quais eram os pensamentos dos próprios discípulos a respeito dele: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (v. 15). Em outras palavras: “Vocês estão me dizendo o que os outros dizem a meu respeito; vocês podem dizer algo melhor?” 1. Os discípulos tinham sido melhor ensinados do que os outros; eles tinham, pela sua intimidade com Cristo, maiores vantagens para adquirir conhecimentos do que tinham as demais pessoas. Espera-se, de forma justa, que aqueles que desfrutam de maior abundância dos meios de conhecimento e de graça do que os outros, tenham um conhecimento mais claro e distinto das coisas de Deus do que os outros. Aqueles que têm maior conhecimento de Cristo do que os outros devem ter sentimentos mais verdadeiros a seu respeito, e devem ser capazes de

testemunhar melhor a seu respeito. 2. Os discípulos eram treinados para ensinar os outros, e por isso era um requisito essencial que eles mesmos compreendessem a verdade. Em outras palavras: “Vocês que vão pregar o Evangelho do reino, quais são as suas noções a respeito daquele que lhes enviou?” Os ministros devem passar por um exame antes de serem enviados, especialmente quanto a quais são os seus sentimentos sobre Cristo, e quem eles dizem que Ele é. Pois como podem ser considerados ministros de Cristo aqueles que são ignorantes a respeito dele, ou que estão enganados a seu respeito? Esta é uma pergunta que cada um de nós deveria fazer a si mesmo freqüentemente. “Quem nós dizemos, que tipo de pessoa nós dizemos, que o Senhor Jesus é? Ele é precioso para nós? Ele é, aos nossos olhos, o maioral de dez mil? Ele é o Amado da nossa alma?” A nossa vida será abençoada ou irá mal, dependendo dos pensamentos que tivermos a respeito de Jesus Cristo. Se forem pensamentos corretos, teremos uma vida abençoada; se forem pensamentos errados, teremos grandes problemas.

Bem, essa é a pergunta. Agora observemos:

(1) A resposta de Pedro a essa pergunta (v. 16). À pergunta anterior, sobre a opinião que os outros tinham de Cristo, vários discípulos responderam, de acordo com o que ouviam as pessoas dizendo; mas a essa pergunta, Pedro responde em nome de todos os demais, tendo todos consentido nisso e estando de acordo com a resposta. O temperamento de Pedro o levava a adiantar-se para falar em todas as ocasiões desse tipo, e algumas vezes ele falava bem, porém algumas vezes de maneira inadequada. Em todos os grupos podemos encontrar alguns homens ousados e entusiasmados, a quem cai naturalmente a precedência das palavras. Pedro era uma pessoa assim; apesar disso, encontramos outros dos apóstolos falando algumas vezes, como porta-vozes dos outros; como João (Mc 9.38), Tomé, Filipe e Judas (Jo 14.5,8,22). De modo que isso está longe de ser uma prova de tal primazia e superioridade de Pedro sobre o restante dos apóstolos, como a igreja de Roma lhe atribui. Eles precisam promovê-lo a juiz, quando o máximo que podem fazer dele é que seja apenas o representante dos jurados, que falava em nome dos outros, e que isso somente *pro hae vice – dessa vez*; não o ditador perpétuo ou o presidente do congresso, somente o presidente de uma ocasião.

A resposta de Pedro é curta, mas abrangente, verdadeira, e objetiva: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Aqui está uma confissão da fé cristã, dirigida a Cristo, e dessa forma transformada em um ato de devoção. Aqui está uma confissão do Deus verdadeiro como o Deus vivo, em oposição aos ídolos tolos e mortos, e de Jesus Cristo, que Ele tinha enviado, e que vive eternamente. Esta é a conclusão de toda a questão.

[1] As pessoas o chamavam de um profeta, o Profeta (Jo 6.14); mas os discípulos reconheciam que Ele era o Cristo, o Ungido; o grande Profeta, Sacerdote e Rei da igreja; o verdadeiro Messias prometido aos pais, que asseguravam que Ele era aquele que viria. Era uma grande coisa ter essa crença a respeito de alguém cuja aparência exterior era tão contrária à idéia geral que os judeus tinham do Messias.

[2] Ele tinha se referido a si mesmo como o Filho do Homem; mas os discípulos consideravam que Ele era o “Filho do Deus vivo”. A noção das pessoas era de que Ele era o fantasma de um homem morto, como Elias ou Jeremias. Mas os discípulos sabem e crêem que Ele é o “Filho do Deus vivo”, que é a própria vida, e que Deus deu o seu Filho para dar a vida que existe em si mesmo, para ser a vida do mundo. Se Ele é o Filho do Deus vivo, Ele tem a mesma natureza que Ele; e embora essa natureza divina agora esteja encoberta pela nuvem da carne, ainda assim existem aqueles que conseguem ver através dela, e viam “a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”. Agora podemos, com certeza e fé, aderir a essa confissão? Então vamos a Cristo com fervoroso afeto e adoração, dizendo-lhe: Senhor Jesus, “tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

(2) A aprovação de Cristo a essa resposta (vv. 17-19) na qual Pedro recebe a resposta, tanto como um crente quanto como um apóstolo.

[1] Como um crente (v. 17). Cristo se mostra satisfeito com a confissão de Pedro, que foi tão claramente expressa, sem rodeios, como dizemos. Observe que a proficiência dos discípulos de Cristo no conhecimento e na graça é aceitável aos seus olhos; e Cristo mostra a ele de onde Ele tinha recebido o conhecimento dessa verdade. Na primeira descoberta dessa verdade, no amanhecer do dia do Evangelho, essa era uma mensagem poderosa em que alguém poderia crer; nem todos os homens tinham esse conhecimento, não tinham essa mesma fé. Mas:

Em primeiro lugar, Pedro teve essa felicidade: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas”. Ele recorda a Pedro a sua origem, a simplicidade da sua família, a obscuridade das suas raízes; ele era *Barjonas – o filho de uma pomba*, segundo alguns. Ele deve se lembrar da rocha da qual foi extraído, para que possa ver que não nasceu para essa dignidade; mas teve preferência a ela por divino favor; foi a graça divina que o fez diferenciar-se. Aqueles que receberam o Espírito devem recordar quem é o seu Pai (1 Sm 10.12). Tendo recordado isso a Pedro, Jesus o sensibiliza para a sua grande felicidade como um crente: “Bem-aventurado és tu”. Os verdadeiros crentes são verdadeiramente bem-aventurados, e são verdadeiramente bem-aventurados aqueles a quem Cristo diz: “Bem-aventurados”. Quando Ele diz isso, eles são bem-aventurados, eles se tornam bem-aventurados. Pedro, você é um bem-aventurado, que “conhece o som festivo” (Sl 89.15). “Bem-aventurados os vossos olhos” (cap. 13.16). Toda a felicidade está presente no conhecimento correto de Cristo.

Em segundo lugar, Deus deve receber a glória: “‘Porque não foi carne e sangue quem to revelou’. Tu não recebeste essa informação nem pela invenção da tua própria inteligência e razão, nem pela instrução e informação de outros; essa luz não te veio nem pela natureza nem pela educação, mas do ‘meu Pai, que está nos céus’”. Observe que: 1. A religião cristã é uma religião revelada, tem a sua origem no céu; é uma religião do céu, dada por inspiração de Deus, não pelo conhecimento dos filósofos, nem pela política dos homens de estado. 2. A fé salvadora é a dádiva de Deus, e onde quer que ela ocorra, ela é operada por Ele, como o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, em nome dele, e como resultado da sua mediação (Fp 1.29). Por isso, vocês são bem-aventurados, porque o meu Pai revelou isso a vocês. Observe que a revelação de Cristo a nós e em nós é um sinal distintivo da boa vontade de Deus, e uma base firme de uma verdadeira felicidade; e bem-aventurados são aqueles que assim são altamente favorecidos.

Talvez Cristo discernisse algo de orgulho e glória vaidosa na confissão de Pedro; um pecado sutil, e que consegue se mesclar até mesmo com as nossas boas obras. É difícil, para os homens bons, compararem a si mesmos com os outros, e não terem um conceito elevado demais de si mesmos. Para evitar isso, devemos considerar que a nossa preferência acima dos outros não se deve a uma realização nossa, mas à dádiva da graça de Deus, que nos

foi livremente concedida, e não aos outros. Nós não temos nada de que nos vangloriar (Sl 115.1; 1 Co 4.7).

[2] Cristo responde a Pedro considerando-o como um apóstolo ou ministro (vv. 18,19). Pedro, em nome da igreja, tinha confessado a Cristo; portanto, a promessa tencionada à igreja lhe foi revelada. Observe que não se perde nada em se adiantar a confessar a Cristo; pois àqueles que o honram, Ele honrará.

Na ocasião dessa grande confissão de Pedro a respeito de Cristo, que representa a homenagem e a lealdade da igreja, ele assinou e trouxe a público essa carta real e divina, pela qual se incorpora aquele corpo religioso. Tal é a comunhão entre Cristo e a igreja, entre o esposo e a esposa. Deus tinha uma igreja no mundo desde o início, e ela foi edificada sobre a pedra da semente prometida (Gn 3.15). Mas agora, tendo vindo essa semente prometida, era necessário que a igreja tivesse uma nova diretriz, uma diretriz cristã, que estivesse relacionada a um Cristo já chegado. Agora temos essa diretriz; e é uma grande pena que este mundo, que é o grande suporte do reino de Cristo, seja corrompido e pressionado a serviço do Anticristo. O diabo empregou a sua astúcia para corromper o mundo, assim como procurou fazer com a promessa (Sl 91.11), tentando pervertê-la em benefício de seus próprios objetivos (cap. 4.6). Talvez o inimigo tenha procurado corromper as duas passagens das Escrituras porque elas o prejudicavam; e por isso ele procurou desprezá-las.

O objetivo dessa diretriz é:

Em primeiro lugar, estabelecer a existência da igreja: “Eu te digo”. É Cristo que dá o privilégio. Ele é a Cabeça da igreja, e o seu Governante, a quem todo o juízo é confiado, e de quem deriva todo o poder; aquele que age de acordo com a autoridade recebida do Pai e com a sua missão, que consiste na salvação dos eleitos. O privilégio é colocado na mão de Pedro: “Eu te digo”. As promessas do Antigo Testamento relacionadas à igreja foram dadas imediatamente a pessoas em particular, eminentes pela fé e pela santidade, como Abraão e Davi; nós não lhes conferimos nenhuma supremacia, muito menos a nenhum dos seus sucessores; assim, a diretriz do Novo Testamento é aqui entregue a Pedro no papel de um agente, mas para o uso e o favor da igreja em todas as épocas, de acordo com os objetivos aqui especificados e contidos. Aqui se promete:

1. Que Cristo irá edificar a sua igreja sobre uma rocha. Esse corpo de crentes é incorporado pelo estilo e pelo título da igreja de Cristo. É um grupo de filhos dos homens eleitos no mundo, e separados dele, e dedicados a Cristo. Jesus não diz a "sua" igreja, e sim a "minha". Pedro se lembrou disso quando advertiu os ministros a não governá-la acima do legado de Deus. A igreja é peculiar a Cristo, ela pertence a Ele. O mundo pertence a Deus, assim como aqueles que nele habitam; mas a igreja é um remanescente eleito, que se relaciona com Deus por meio de Cristo, como Mediador. Ela leva a sua imagem e o seu título.

(1) O Edificador e o Criador da igreja é o próprio Cristo: "Edificarei a minha igreja". A igreja é um templo edificado por Cristo (Zc 6.11-13). Conseqüentemente, Salomão era um tipo de Cristo, e também Ciro (Is 44.28). Os materiais e a mão-de-obra pertencem a Ele. Pela obra do seu Espírito, através da pregação da sua Palavra, Ele acrescenta almas à sua igreja, e dessa maneira a edifica com "pedras vivas" (1 Pe 2.5). Nós somos uma construção de Deus, e uma construção é uma obra progressiva; a igreja neste mundo está apenas *in fieri – em formação,* como uma casa em construção. É um consolo a todos aqueles que desejam o bem da igreja, o fato de Cristo, que tem sabedoria e poder divinos, assumir a missão de construi-la.

(2) A fundação sobre a qual ela é edificada é "esta pedra". Ainda que o arquiteto faça o seu dever muito bem, se a fundação se corromper, o edifício não permanecerá em pé. Portanto, vejamos qual é o fundamento, e ele deve ter Cristo em evidência, pois "ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto". Veja Is 28.16.

[1] A igreja é edificada sobre uma "pedra", uma fundação firme, forte e duradoura, que não será desgastada pelo tempo, nem irá afundar sob o peso do edifício. Cristo não iria construir a sua casa sobre a areia, pois Ele sabia que poderiam surgir tempestades. É uma rocha alta (Sl 61.2). A igreja de Cristo não fica em um nível neste mundo; uma rocha é grande, e se estende, e a mesma coisa acontece com a fundação da igreja; e quanto maior, mais firme – aqueles que estreitam a sua fundação não são amigos da igreja.

[2] Ela será edificada sobre "esta" pedra: "Tu és Pedro", o que significa uma pedra ou rocha. Cristo lhe deu esse nome quando o chamou pela primeira vez (Jo 1.42), e aqui Ele confirma esse nome. Em outras palavras: "Pedro, você responderá por esse nome, você é um discípulo firme e

vigoroso, fixo e permanente, e aquele que tem alguma influência. Pedro é o seu nome, e a força e a estabilidade estão com você. Você não se deixa abalar pelas ondas das opiniões flutuantes dos homens a meu respeito, mas está sempre confirmado na verdade (2 Pe 1.12)". Com a menção desse nome significativo, aproveita-se a oportunidade para essa metáfora de edificar sobre uma pedra.

Em primeiro lugar, para alguns, essa rocha significa o próprio Pedro como um apóstolo, o principal, embora não o príncipe dos doze, o principal entre eles, mas não acima deles. A igreja está edificada sobre "o fundamento dos apóstolos" (Ef 2.20). As primeiras pedras desse edifício foram dispostas no ministério deles, e por eles; por isso se diz que os seus "nomes" estão escritos nos fundamentos da nova Jerusalém (Ap 21.14). Agora Pedro, sendo aquele apóstolo por cuja mão as primeiras pedras da igreja foram colocadas, tanto em relação aos judeus convertidos (At 2) como aos gentios convertidos (At 10), pode, de alguma maneira, ser considerado como a rocha sobre a qual a igreja foi edificada. "Cefas" era considerado como uma coluna (Gl 2.9). Mas parece muito severo chamar assim a um homem que somente coloca a primeira pedra de um edifício, algo que é um ato transitório na fundação sobre a qual o edifício é construído, o que é algo permanente. Se fosse assim, isso não serviria para sustentar as pretensões do bispo de Roma; pois, se Pedro não tivesse a liderança que ele reivindica, ele jamais poderia transmiti-la aos seus sucessores, e menos ainda aos bispos de Roma. A posição dos bispos de Roma é motivo de discussão por ser altamente duvidosa. Mas não há dúvida de que eles não estão na verdade do cristianismo.

Em segundo lugar, para outros, "esta pedra" significa Cristo. Jesus estaria dizendo: "Você é Pedro, você tem o nome de pedra, mas sobre esta pedra" – apontando para si mesmo – "edificarei a minha igreja". Talvez Ele tivesse colocado a sua mão sobre o seu peito, como quando disse: "Derribai este templo" (Jo 2.19), ao falar do templo do seu corpo. Foi quando Ele aproveitou a ocasião do templo, onde Ele estava, para falar de si mesmo, e deu chance para que alguns o confundissem com o templo; assim, aqui Ele aproveitou a ocasião de Pedro para falar de si mesmo como a Rocha, e deu oportunidade para que alguns o confundissem com Pedro. Mas isso deve ser explicado por aquelas muitas passagens das Escrituras que falam de Cristo como a única fundação da igreja (veja 1 Co 3.11; 1 Pe 2.6). Cristo é, ao

mesmo tempo, o seu fundador e a sua fundação; Ele atrai almas, e as atrai para si; elas se unem a Ele, elas descansam nele, dependendo dele constantemente.

Em terceiro lugar, para outros, esta "pedra" significa a confissão que Pedro fez a respeito de Cristo, e que pode ser entendida como uma referência ao próprio Cristo. Essa foi uma boa confissão e um testemunho por parte de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"; os demais concordaram com ele nesse aspecto. "Bem", diz Cristo, "esta é aquela grande verdade sobre a qual 'edificarei a minha igreja'". 1. Remova esta verdade, e a igreja universal não terá mais nenhuma sustentação. Se Cristo não é o Filho de Deus, o cristianismo é uma fraude, e a igreja é uma simples quimera: "É vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé… e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Co 15.14-17). Se Jesus não é o Cristo, aqueles que o reconhecem e que têm a sua preciosa presença em suas vidas não são membros da igreja, mas enganadores e enganados. 2. Remova a fé e a confissão dessa verdade de qualquer igreja em particular, e ela deixa de fazer parte da igreja de Cristo, e recai no estado e no caráter de infidelidade. Isto é *articulus stantis et cadentis ecclesia – o artigo por cuja admissão ou negação a igreja cresce ou é destruída*; "a dobradiça principal em que a porta da salvação está apoiada"; aqueles que abandonam esse conceito não retêm a fundação; e embora possam se dizer cristãos, eles mentem; pois a igreja é uma sociedade sagrada, edificada sobre a certeza e a segurança dessa grande verdade; e grande ela é, e sempre prevalecerá.

2. Aqui Cristo promete preservar e proteger a sua igreja, quando ela for edificada: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" – nem contra essa verdade, nem contra a igreja que é edificada sobre ela.

(1) Isso dá a entender que a igreja tem inimigos que lutam contra ela, e que se empenham em arruiná-la, inimigos esses representados aqui pelas "portas do inferno", isto é, a cidade do inferno (que se opõe diretamente a essa cidade celestial, a "cidade do Deus vivo"), o interesse do diabo entre os filhos dos homens. As portas do inferno são os poderes e as políticas do reino do diabo, a cabeça e os chifres do dragão, com que ele guerreia contra o Cordeiro; tudo isso vem das portas do inferno, tendo sido tramado e planejado ali. A luta contra a igreja se dá pela oposição às verdades do Evangelho, pela corrupção das leis do Evangelho, pela perseguição aos bons ministros e aos bons cristãos; atraindo ou conduzindo, persuadindo

com astúcia ou obrigando com crueldade àquilo que é inconsistente com a pureza da religião; este é o desígnio das portas do inferno, desarraigar o nome do cristianismo (Sl 83.4), devorar o bebê-varão (Ap 12.9-17), lançar essa cidade ao chão.

(2) Isso nos garante que os inimigos da igreja não conseguirão vencer. Enquanto houver mundo, Cristo terá uma igreja nele, na qual as suas verdades e as suas leis serão mantidas e observadas, apesar de toda a oposição dos poderes das trevas. "Não prevaleceram contra mim" (Sl 129.1,2). Isso não dá segurança a nenhuma igreja em particular, ou aos governadores da igreja, de que nunca irão errar, nunca irão apostatar e nunca serão destruídos; mas sim de que em algum ou outro lugar, a religião cristã terá uma existência, embora nem sempre no mesmo grau de pureza e esplendor, mas de modo que a sua herança nunca será completamente eliminada. A mulher vive, embora no deserto (Ap 12.14), abatida, mas não destruída (2 Co 4.9). Corrupção lamentável, perseguições penosas, mas nenhuma delas fatal. A igreja pode se frustrar em algumas ocasiões, mas na batalha final ela será mais que vencedora. Os crentes estão individualmente "guardados pela virtude de Deus, mediante a fé, para a salvação" (1 Pe 1.5).

Em segundo lugar, a outra parte dessa diretriz consiste em estabelecer a ordem e o governo da igreja (v. 19). Quando uma cidade ou sociedade é incorporada, os funcionários são indicados e recebem autorização para agir pelo bem comum. Uma cidade sem governo é um caos. Essa constituição do governo da igreja aqui é expressa pela entrega das chaves e, com elas, o poder para ligar e desligar. Isto não deve ser interpretado como algum poder peculiar com que Pedro tivesse sido investido, como se ele fosse o único porteiro do Reino dos céus e tivesse aquela chave de Davi, que pertence somente ao Filho de Davi. Não. Isto concede a todos os apóstolos e aos seus sucessores um poder ministerial para guiar e governar a igreja de Cristo, da maneira como ela existe em congregações e igrejas, de acordo com as regras do Evangelho. *Claves regni caelorum in B. Petro apostolo cuncti suscepimus sacerdotes – Todos nós, que somos sacerdotes, recebemos, na pessoa do bem-aventurado apóstolo Pedro, as chaves do reino do céu*, diz Ambrósio, *De Dignit. Sacerd.* As chaves só foram colocadas primeiro nas mãos de Pedro, porque ele foi o primeiro que abriu as portas da fé aos gentios (At 10.28). Como o rei – ao entregar uma diretriz a uma corporação, confere autoridade aos magistrados para manter tribunais no seu nome, para

julgar questões e para determinar de acordo com a lei, confirmando o que é feito regularmente como se fosse em qualquer tribunal superior –, assim também Cristo, tendo inaugurado a sua igreja, indicou o posto do ministro para a conservação da ordem e do governo, e para observar que as suas leis fossem devidamente obedecidas: “Eu te darei as chaves”. Ele não disse: “Eu te dei as chaves”, nem disse: “Agora eu te dou as chaves”, mas disse: “Eu te darei”, querendo dizer que isso aconteceria depois da sua ressurreição: “Subindo ao alto... deu dons aos homens” (Ef 4.8). Nessa ocasião, o seu poder foi realmente entregue, não somente a Pedro, mas a todos os demais (cap. 28.19,20; Jo 20.21). Ele não disse: “As chaves serão dadas”, mas sim: “Eu darei as chaves”; pois os ministros obtêm a sua autoridade de Cristo, e todo o poder de que eles dispõem deve ser usado em nome de Cristo (1 Co 5.4).

Agora: 1. O poder aqui delegado é um poder espiritual; é um poder pertencente ao Reino dos céus, isto é, à igreja, à parte dela que é militante aqui na terra, à dispensação do Evangelho. É com esses fatores que o poder ministerial e apostólico está completamente familiarizado. O poder aqui transmitido não se trata de um poder civil ou secular, pois o reino de Cristo “não é deste mundo”. As suas instruções, dadas posteriormente, eram relativas às “coisas concernentes ao reino de Deus” (At 1.3, versão RA).

2. O poder dado aqui é o poder das chaves – uma alusão ao costume de outorgar autoridade aos homens de um lugar, entregando-lhes as chaves do lugar. Ou como o dono da casa entrega as chaves ao administrador (ou mordomo), as chaves dos depósitos onde estão armazenadas as provisões, para que ele possa dar, a todos da casa, o seu alimento no tempo correto (Lc 12.42), e negá-lo, se for o caso, de acordo com as regras da família. Os ministros são “despenseiros” (1 Co 4.1; Tt 1.7). Eliaquim, que tinha a chave da casa de Davi, possuía autoridade máxima na casa (Is 22.22).

3. É um poder de ligar e desligar, isto é (seguindo a metáfora das chaves), de fechar e abrir. José, que era senhor da casa de Faraó e governador dos depósitos, tinha o poder de “sujeitar os seus príncipes e de instruir os seus anciãos” (Sl 105.21,22). Quando os depósitos e os tesouros da casa estão fechados a todos, eles estão ligados, *interdico tibi aquae et igne – eu proíbo o uso de fogo e água*; quando eles são abertos novamente, são desligados daquela obrigação, são liberados da censura e devolvidos à sua liberdade.

4. É um poder cuja administração Cristo prometeu entregar. Ele irá confirmar as sentenças dos seus comissários com a sua própria aprovação; será ligado no céu, e desligado no céu. Não que Cristo, dessa maneira, se visse obrigado a confirmar toda a reprovação feita pela igreja, certa ou errada; mas que aquelas que são determinadas devidamente de acordo com a Palavra, *clave non errante – com a chave girando da maneira correta*, essas estão seladas no céu, isto é, a palavra do Evangelho, na boca dos ministros fiéis, deve ser considerada não como a palavra dos homens, mas como a palavra de Deus, e deve ser recebida apropriadamente (1 Ts 2.13; Jo 12.20).

"As chaves do Reino dos céus" são:

(1) A chave da doutrina, chamada de chave do conhecimento. "O seu trabalho será explicar ao mundo a vontade de Deus, tanto em termos de verdade como de dever; e para isso, vocês terão as suas tarefas, as suas credenciais e instruções completas para ligar e desligar". Isto, na linguagem comum dos judeus daquela época, significava proibir e permitir. Ensinar ou declarar que algo era ilícito, era ligar; e ensinar ou declarar que algo era lícito, era desligar. Agora os apóstolos tinham um poder extraordinário para isso; algumas coisas proibidas pela lei de Moisés agora deviam ser permitidas, como comer determinados alimentos. Algumas coisas permitidas agora passavam a ser proibidas, como o divórcio; e os apóstolos estavam autorizados a declarar isso ao mundo, e os homens podem levar em consideração as suas palavras. Quando Pedro aprendeu, e depois instruiu aos outros, a não chamar nada de impuro, esse poder foi exercido. Existe, além disso, um poder que é transmitido a todos os ministros, para pregarem o Evangelho como obreiros indicados; para falarem às pessoas o que é bom, em nome de Deus, e de acordo com as Escrituras, e o que o Senhor exige delas. E aqueles que "anunciam o conselho de Deus" usam adequadamente essas chaves (At 20.27).

Alguns opinam que a entrega das chaves é uma alusão ao costume dos judeus ao graduar um doutor da lei, que consistia de colocar na sua mão as chaves do armário onde era guardado o livro da lei, caracterizando que ele tinha sido autorizado a abri-lo e a lê-lo – e a atitude de ligar e desligar seria uma alusão à maneira como eram feitos os seus livros, em rolos; eles os fechavam, atando-os com um cordão, que era desatado quando abriam o livro. Cristo dá aos seus apóstolos o poder de fechar ou abrir o livro do

Evangelho às pessoas, conforme o caso exigisse. Veja o exercício desse poder (At 13.46; 18.6). Quando os ministros pregam o perdão e a paz aos penitentes, a ira e a maldição aos impenitentes, em nome de Cristo, eles estão agindo de acordo com essa autoridade de ligar e desligar.

(2) A chave da disciplina – que nada mais é que a aplicação da chave anterior às pessoas em particular, com uma estimativa correta do seu caráter e dos seus atos. Não é o poder legislativo que é conferido aqui, mas sim o judicial; o juiz não faz a lei, mas somente declara o que é lei, e de acordo com uma investigação imparcial dos méritos da causa, dá a sua sentença. Este é o poder das chaves, onde estiver depositado, com referência à filiação à igreja e aos privilégios resultantes. [1] Os ministros de Cristo têm o poder de admitir pessoas na igreja: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as". Em outras palavras: "Àqueles que professarem a fé em Cristo, e a obediência a Ele, aceitem-nos, bem como às suas sementes, como membros da igreja, por meio do batismo". Os ministros devem permitir que entrem no banquete de casamento aqueles que assim desejarem, e impedir a entrada daqueles que aparentemente não forem adequados para uma comunhão tão sagrada. [2] Eles têm o poder de expulsar aqueles que tenham perdido a sua filiação à igreja, ou seja, desligá-los; recusar aos não crentes a aplicação das promessas do Evangelho, e os seus selos; e declarar aos que parecem estar "em fel de amargura e em laço de iniqüidade" que não têm direito a parte nenhuma, como fez Pedro com Simão, o mágico, embora ele tivesse sido batizado; e isto, no julgamento de Deus, é desligar. [3] Eles têm o poder de restaurar e de receber novamente – depois do arrependimento – aqueles que foram expulsos; ligar aqueles que tinham sido desligados declarando-lhes que, se o seu arrependimento for sincero, a promessa de perdão lhes pertencerá. Os apóstolos tinham um dom miraculoso de discernir espíritos; mas até mesmo eles se deixavam influenciar pelas aparências externas (como vemos em At 8.21; 1 Co 5.1; 2 Co 2.7; 1 Tm 1.20), sobre as quais os ministros ainda podem realizar um julgamento, se forem hábeis e fiéis.

Finalmente, aqui está a missão que Cristo deu aos seus discípulos, de conservar isso em segredo, por enquanto (v. 20): "Que a ninguém dissessem que ele era o Cristo". Eles ainda não deveriam tornar público para o mundo aquilo que tinham professado a Ele, por diversas razões: 1. Porque essa era a ocasião da preparação para o seu Reino. O grande tema que agora estava

sendo pregado era que o Reino dos céus era chegado; portanto, aquelas coisas que eram adequadas para abrir caminho para Cristo agora deveriam ser reforçadas, como, por exemplo, a doutrina do arrependimento; esta grande verdade, na qual e com a qual o Reino dos céus realmente se estabeleceria. Tudo é bonito no seu tempo, e um bom conselho é: “Prepara fora a tua obra... e então edifica a tua casa” (Pv 24.27). 2. A identidade de Cristo como o Messias seria provada pelas suas obras, e seria melhor que elas dessem testemunho dele do que os seus discípulos, porque o testemunho delas nada mais era do que o seu próprio, no qual Ele não insistia. Veja Jo 5.31,34. Ele tinha tanta confiança na demonstração dos seus milagres, que dispensava outras testemunhas (Jo 10.25,38). 3. Se eles soubessem que Ele era Jesus Cristo, “nunca crucificariam ao Senhor da glória” (1 Co 2.8). 4. Cristo não desejava que os apóstolos pregassem que Ele era o Cristo até que tivessem a evidência mais convincente preparada para confirmar isso. As grandes verdades podem ser prejudicadas, se forem afirmadas antes de poderem ser suficientemente provadas. Ora, a grande prova de que Jesus era o Cristo seria a sua ressurreição; com ela, Ele seria “declarado Filho de Deus em poder”; e, portanto, a sabedoria divina não desejava que essa verdade fosse pregada até que a ressurreição pudesse ser usada como prova. 5. Era necessário que os pregadores de uma verdade tão grande fossem dotados com porções do Espírito maiores do que os apóstolos tinham naquela ocasião; por isso a afirmação aberta foi postergada até que o Espírito fosse derramado sobre eles; mas quando Cristo foi glorificado, e o Espírito foi derramado, nós encontramos Pedro proclamando nos telhados o que era falado ao ouvido (At 2.36), que a Jesus “Deus fez Senhor e Cristo”; pois, assim como há uma ocasião para guardar silêncio, também existe uma ocasião para falar.

Cristo Repreende Pedro

vv. 21-23

Temos aqui o discurso de Cristo aos seus discípulos, a respeito dos seus próprios sofrimentos, onde observamos:

A predição de Cristo dos seus sofrimentos. Aqui Ele “começou” a falar de seus sofrimentos, e a partir dessa ocasião, Ele freqüentemente falou sobre eles. Ele já tinha dado algumas indicações sobre os seus sofrimentos, como quando disse: “Derribai este templo”; quando falou sobre o Filho do Homem sendo visto subir, e sobre comer a sua carne e beber o seu sangue (Jo 6.53,62). Mas agora Ele começava a mostrar isso, a falar clara e expressamente sobre esse assunto. Até então, Ele não tinha falado sobre isso, porque os discípulos eram fracos e não poderiam suportar a notícia de algo tão estranho, e tão melancólico; mas agora que eles estavam mais amadurecidos no conhecimento, e fortalecidos na fé, Ele começava a lhes falar sobre os seus sofrimentos. Cristo revela o seu pensamento gradualmente às pessoas, e lhes transmite a luz à medida que elas conseguem suportá-la, e estão preparadas para recebê-la.

“Desde então”, quando eles tinham feito aquela confissão de Cristo, de que Ele era o Filho de Deus, Ele começou a mostrar-lhes que haveria de sofrer. Quando Jesus percebia que os discípulos já conheciam uma verdade, Ele lhes ensinava outra, pois a “qualquer que tiver, será dado”. “Deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição” (Hb 6.1). Se eles não estivessem bem fundamentados na crença de que Cristo era o Filho de Deus, isso teria provocado um grande abalo à sua fé. Nem todas as verdades devem ser ditas a todas as pessoas, em todas as ocasiões, mas somente aquelas que são apropriadas e adequadas à sua condição atual. Considere:

1. O que Ele predisse a respeito dos seus sofrimentos, os seus detalhes e as suas circunstâncias; tudo muito surpreendente.

(1) O lugar onde Ele passaria por esses sofrimentos. Ele deveria ir a Jerusalém, a cidade principal, a cidade santa, e ali sofreria. Embora vivesse a maior parte da vida na Galiléia, Ele deveria morrer em Jerusalém; ali eram oferecidos todos os sacrifícios, e ali, portanto, deveria morrer aquele que seria o maior sacrifício.

(2) As pessoas que o fariam padecer: “Os anciãos, e os principais dos sacerdotes, e os escribas”; eles constituíam o grande sinédrio, que tinha sede em Jerusalém, e que era venerado por todo o povo. Aqueles que deveriam ter sido os mais entusiasmados em confessar a Cristo, e admirá-lo, eram os que mais amargamente o perseguiam. É estranho saber que homens que tinham conhecimento das Escrituras, que professavam esperar pela

vinda do Messias, e pretendiam ter algo de santo no seu caráter, tenham tratado o Senhor dessa maneira tão bárbara quando Ele veio. Foi o poder romano que condenou e crucificou a Cristo, mas a responsabilidade foi atribuída aos “principais dos sacerdotes, e dos escribas”, que foram os que primeiro se agitaram nesse sentido.

(3) O que Ele iria sofrer: Ele iria “padecer muito… e ser morto”. A maldade insaciável dos seus inimigos, e a sua própria paciência invencível, são exibidas na variedade e multiplicidade dos seus sofrimentos (Ele sofreu muitas coisas), e na sua intensidade; nada menos que a sua morte poderia satisfazê-los, Ele precisava ser morto. O sofrimento de muitas aflições, se não levar à morte, é mais tolerável. Pois enquanto houver vida, haverá esperança; e a morte, sem tais preâmbulos, seria menos terrível. Mas Ele precisaria, primeiro, sofrer muitas coisas, e depois ser morto.

(4) Qual seria o feliz resultado de todos os seus sofrimentos: Ele iria “ressuscitar ao terceiro dia”. Assim como os profetas, também o próprio Cristo, quando deu testemunho antecipado de seus sofrimentos, testemunhou também toda a glória que a eles se seguiria (1 Pe 1.11). A sua ressurreição ao terceiro dia provaria que Ele era o Filho de Deus, apesar de todos os seus sofrimentos; e, portanto, Ele faz menção disso para conservar a fé dos seus discípulos. Quando Ele falou da cruz e da “afronta”, Ele falou com o mesmo “gozo que lhe estava proposto”. Foi com essa esperança que Ele “suportou a cruz, desprezando a afronta”. É assim que devemos considerar o sofrimento de Cristo por nós, observá-lo no caminho para a sua glória; e assim devemos considerar o nosso sofrimento por Cristo, olhar através dele para a compensação da recompensa. “Se sofrermos com Ele, também com ele reinaremos”.

2. A razão pela qual Ele falou dos seus sofrimentos. (1) Para mostrar que eles eram o resultado de um conselho e consentimento eternos; eles tinham sido combinados entre o Pai e o Filho, desde a eternidade: “É necessário que Cristo sofra”. A questão foi decidida no conselho e no conhecimento prévio determinados, de acordo com a sua própria disposição voluntária de realizar a nossa salvação. Os seus sofrimentos não eram nenhuma surpresa para Ele, não lhe representaram nenhuma armadilha, mas Ele tinha uma visão distinta deles, o que aumenta ainda mais o seu amor (Jo 18.4). (2) Para corrigir os erros de que os seus discípulos tinham se impregnado, a respeito da pompa exterior e do poder do seu reino. Crendo que Ele era o

Messias, eles só esperavam dignidade e autoridade no mundo, mas aqui Cristo lhes dá outro ensinamento, Ele lhes fala a respeito da cruz e dos sofrimentos. Na verdade, Ele lhes conta que os principais dos sacerdotes e os anciãos, que, provavelmente, eles esperavam que apoiassem o reino do Messias, seriam os seus maiores inimigos e perseguidores; isto lhes daria outra idéia daquele reino cuja chegada eles mesmos haviam pregado; e era necessário que esse engano fosse corrigido. Aqueles que seguem a Cristo devem ser informados, com clareza, de que não devem esperar grandes coisas neste mundo. (3) Isso pretendia prepará-los, pelo menos, para a cota de tristeza e medo que eles teriam devido ao seu sofrimento. Se Ele sofreu muitas coisas, os discípulos não podiam deixar de sofrer algumas; se o seu Mestre fosse morto, eles seriam dominados pelo terror; seria melhor que eles soubessem disso antes, para que se preparassem de maneira conveniente, e, estando prevenidos, pudessem estar em guarda.

II O desgosto que Pedro sentiu ao ouvir isso. Ele disse: “Senhor, tem compaixão de ti”; provavelmente ele expressasse o sentimento dos demais discípulos, como antes, pois ele era o orador principal. Ele “tomando-o de parte, começou a repreendê-lo”. Talvez o pensamento de Pedro estivesse um pouco elevado devido às grandes coisas que Cristo lhe havia dito. Assim, é provável que ele tenha se tornado mais ousado com o Senhor do que lhe seria conveniente; é muito difícil conservar o espírito humilde em meio a estímulos tão grandes!

1. Não era apropriado que Pedro contradissesse o seu Mestre, ou o tomasse de lado para aconselhá-lo. Ele pode ter desejado que, se fosse possível, esse cálice fosse afastado, sem dizer taxativamente: “Isto não pode ser assim”, quando Cristo havia dito: “Deve ser assim”. “A Deus se ensinaria ciência”? Aquele que repreende a Deus, que responda isso. Quando as dispensações de Deus são complicadas ou contrárias a nós, devemos silenciosamente concordar com a vontade divina, e não ser contrários a ela; Deus sabe o que Ele deve fazer, sem o nosso ensinamento. A menos que compreendamos o intento do Senhor, não nos cabe ser seus conselheiros (Rm 11.34).

2. Era um comportamento muito mundano o fato de Pedro se manifestar tão acaloradamente contra o sofrimento, e que assim se assustasse com a idéia da cruz. Este é o nosso lado corrompido, aquele que está sempre

pronto para rejeitar os sofrimentos. Nós consideramos os sofrimentos da maneira como eles se relacionam com a nossa vida atual, à qual eles são inquietantes; mas existem outras maneiras de avaliá-los que, se devidamente observadas, irão nos capacitar a suportá-los alegremente (Rm 8.18). Veja a maneira apaixonada como Pedro fala: “Senhor, tem compaixão de ti”, em outras palavras: “Que Deus não permita que o Senhor sofra e seja morto, nós não podemos suportar pensar nisso”. Mestre, salva-te, assim pode ser lido; *hileos soi, kyrie* – “*Tem compaixão de ti*, e ninguém mais te será cruel; tem compaixão de ti, e isso não te acontecerá”. Ele imaginava que Cristo temesse o sofrimento tanto quanto ele o temia; mas nós nos enganamos, se avaliamos o amor e a paciência de Deus baseando-os em nós mesmos. Ele sugere, da mesma maneira, a improbabilidade do acontecimento, falando humanamente. “De modo nenhum te acontecerá isso”. É impossível que alguém que se interessa tanto pelas pessoas, como o Senhor, seja esmagado pelos anciãos, que temem o povo: isso não pode acontecer. Nós, te seguimos, lutaremos pelo Senhor, se for necessário; e há milhares que estarão ao nosso lado”.

III O desagrado de Cristo com a sugestão de Pedro (v. 23). Não lemos sobre nada dito ou feito por qualquer dos seus discípulos, em nenhuma ocasião, de que Ele se ressentisse tanto quanto isso, embora eles freqüentemente precisassem de suas correções.

Considere: 1. A maneira como Ele expressou o seu desagrado: Ele se voltou para Pedro e (imaginamos), com a expressão bastante séria, disse: “Para trás de mim, Satanás”. Ele não perdeu tempo considerando a sugestão, mas deu uma resposta imediata à tentação, que demonstrava o quanto Ele a tinha recebido mal. Ele havia acabado de dizer: “Bem-aventurado és tu, Simão”, e tinha até mesmo aproximado Pedro do seu seio; mas aqui Ele diz: “Para trás de mim, Satanás”; e as duas coisas eram justificáveis. Observe que um homem bom, pela surpresa da tentação, pode ficar muito diferente do que é. Jesus respondeu a Pedro como tinha respondido ao próprio Satanás (cap. 4.10). Observe que: (1) Uma das astúcias de Satanás consiste em enviar-nos tentações pelas mãos insuspeitas dos nossos melhores e mais queridos amigos. Assim ele atacou Adão, por meio de Eva; Jó, por meio da sua mulher; e aqui, Cristo, por meio do seu amado Pedro. Portanto, nós não devemos ser ignorantes das suas

artimanhas, mas nos opormos aos seus truques, sempre nos protegendo contra o pecado, seja o que for que nos levar a ele. Até mesmo a bondade de nossos amigos pode ser usada por Satanás como uma tentação contra nós. (2) Aqueles que têm exercitado os seus sentidos espirituais, estarão atentos à voz de Satanás, até mesmo em um amigo, um discípulo, um ministro, que os tente dissuadir do seu dever. Nós não devemos considerar tanto quem fala quanto o que é dito. Devemos aprender a reconhecer a voz do diabo quando ele fala na boca de um santo assim como quando ele fala na boca de uma serpente. Quem quer que nos afaste daquilo que é bom, e que nos faça ter medo de fazer muito por Deus, fala a língua de Satanás. (3) Devemos ser livres e leais em repreender o amigo mais querido que tivermos, aquele que diz ou faz algo errado, mesmo que possa nos parecer gentileza. Não devemos elogiar, mas sim repreender, as cortesias enganosas. “Fiéis são as feridas feitas pelo que ama”. Estas feridas serão uma benignidade (Sl 141.5). (4) Àquilo que parecer uma tentação ao pecado, deveremos resistir com aversão, sem abrir qualquer possibilidade de negociação.

2. Qual foi a razão do desagrado de Jesus? Por que Ele se ressentiu assim com uma sugestão que parecia não apenas inofensiva, mas gentil? Duas razões são dadas:

(1) “Me serves de escândalo”. *Skandalon mou ei – Tu és o meu empecilho* (pode ser assim interpretado); você é um obstáculo no meu caminho. Cristo se apressava na obra da nossa salvação, e o seu coração estava tão dedicado a isso, que Ele achava ruim ser impedido, ou tentado a se afastar da parte mais difícil e mais desanimadora da sua missão. Ele estava tão fortemente envolvido com a nossa redenção, que aqueles que tentassem desviá-lo disso, ainda que indiretamente, o tocavam em um ponto muito sensível. Pedro não foi tão severamente repreendido por desonrar e negar o seu Mestre nos seus sofrimentos quanto por dissuadi-lo deles; embora sua primeira falha tenha sido cometida por falta de bondade, essa última foi por excesso. É necessário uma firmeza e determinação muito grandes em qualquer questão, quando somos afrontados com o objetivo de sermos dissuadidos. E o homem não suportará ouvir nada em contrário; como no caso de Rute: “Não me instes para que te deixe e me afaste de ti”. Observe que o nosso Senhor Jesus preferia a nossa salvação ao seu próprio conforto e à sua própria segurança: “Porque também Cristo não agradou a si mesmo”

(Rm 15.3). Ele veio ao mundo, não para ser poupado, como recomendava Pedro, mas para se deixar gastar em nosso benefício.

Considere por que Ele chamou Pedro de “Satanás”, quando ele lhe fez a sugestão; porque qualquer coisa que estivesse no caminho da nossa salvação, Ele considerava como vinda do diabo, que é um inimigo declarado da nossa salvação. O mesmo Satanás que depois entrou em Judas, astutamente, para destruir Jesus na sua missão, aqui incentivava Pedro, de maneira plausível, a afastá-lo dela. Dessa maneira, “o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz”.

“Me serves de escândalo”. Observe como: [1] Aqueles que se envolvem em qualquer boa e grande obra devem esperar encontrar obstáculos e oposição por parte de amigos e adversários, tanto de dentro como de fora de seu ambiente cotidiano. [2] Aqueles que se opõem ao nosso progresso em qualquer dever, devem ser considerados uma ofensa a nós. Então nós faremos a vontade de Deus, assim como Cristo a fez –, pois o seu alimento e bebida eram fazê-la – quando considerarmos um verdadeiro problema a tentativa de nos afastarem do nosso dever. Aqueles que nos impedem de fazer algo por Deus, ou de sofrer por Ele, quando isso nos é exigido, são nossos adversários nesse aspecto, não importando o que sejam em outros.

(2) “Não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens”. Considere: [1] “As coisas que são de Deus”, isto é, os assuntos da sua vontade e glória, freqüentemente se chocam e interferem com as coisas que são “dos homens”, isto é, a nossa própria riqueza, o nosso prazer e reputação. Quando consideramos o dever cristão como nosso caminho e trabalho, e a graça divina como o nosso final e porção, desfrutamos as coisas de Deus; mas para que isso aconteça, a carne deve ser renegada, e é necessário correr riscos e suportar dificuldades. E aqui está a prova. Quais serão as nossas escolhas? [2] Aqueles que temem desenfreadamente, e engenhosamente se recusam a sofrer por Cristo, quando isto lhes é solicitado, são os que estão mais apegados às coisas do homem do que às coisas de Deus. Eles apreciam mais as coisas do mundo, e transmitem essa impressão aos outros.

O Valor da Alma

vv. 24-28

Tendo Cristo mostrado aos seus discípulos que Ele deveria sofrer, e que estava preparado e disposto a fazê-lo, aqui Ele lhes mostra que também eles devem sofrer, e que devem estar preparados e dispostos para isso. O sermão que temos nesses versículos é tenso.

I É aqui que a lei do discipulado se afirma e são estabelecidos os termos, sobre os quais podemos ter a honra e os benefícios dela (v. 24). Jesus disse aos seus discípulos que não somente deveriam instruir a outros sobre isso, mas que, de acordo com esta regra, cada um deles deveria examinar a sua própria situação. Considere:

1. O que é ser um discípulo de Cristo: é segui-lo. Quando Ele chamou os seus discípulos, esta foi a palavra de ordem: “Segue-me”. Um verdadeiro discípulo de Cristo é aquele que o segue no dever, e o seguirá na glória. É aquele que segue ao Senhor, não para lhe dar conselhos, como Pedro agora decidiu fazer, ao esquecer do seu lugar. Um discípulo de Cristo o segue, como a ovelha segue o pastor, o servo segue o seu mestre, os soldados seguem seu capitão; é aquele que aspira o mesmo fim que Cristo aspirou, a glória de Deus e a glória dos céus; é aquele que anda da mesma maneira que Ele andou, é conduzido por seu Espírito, segue os seus passos, submete-se à sua direção, e segue o Cordeiro para onde quer que Ele vá (Ap 14.4).

2. Quais são as grandes coisas que se requer daqueles que desejam ser discípulos de Cristo: “Se alguém quiser vir”, *ei tis thelei – se algum homem estiver disposto a vir*. Isto sugere uma escolha deliberada, disposição e resolução na escolha. Muitos são discípulos mais por acaso ou pela vontade de outros do que por qualquer ato de sua vontade própria. Mas Cristo terá o seu povo voluntariamente (Sl 110.3). É como se Cristo tivesse dito: “Caso qualquer um que não seja meu discípulo esteja fortemente inclinado a vir a mim, e se vocês, que são meus discípulos, estiverem de igual modo inclinados a me seguir, será nestes termos – nestes, e não noutros: Vocês devem me seguir no sofrimento, como também em outras situações, e, por conseguinte, quando vocês se sentarem para computar os custos, considerem isso”.

Bem, quais são esses termos?

(1) “Renuncie-se a si mesmo”. Pedro aconselhou Cristo a ter compaixão de si, e estaria disposto, num caso semelhante, a considerar o conselho, mas

Cristo diz a todos eles que não devem se compadecer de si mesmos, mas sim renunciarem a si próprios. E assim, devem seguir a Cristo, pois o seu nascimento, e a sua vida e morte, são todos um ato contínuo de renúncia a si mesmo e humilhação (Fp 2.7,8). Se renunciar a si mesmo é uma lição árdua, contra a natureza da carne e sangue, não é mais do que o nosso Mestre aprendeu e praticou antes de nós e por nós, para a nossa redenção e também para a nossa instrução; e "não é o servo maior do que o seu senhor". Observe que todos os discípulos e seguidores de Jesus Cristo devem renunciar a si mesmos. A lei fundamental para a admissão na escola de Cristo, e a primeira e maior lição a ser aprendida nessa escola, consiste em renunciarmos a nós mesmos; é a porta e, ao mesmo tempo, o caminho estreito; isto é necessário para aprendermos todas as outras boas lições que nos são ensinadas. Nós devemos renunciar a nós mesmos completamente, não devemos admirar a nossa própria sombra, nem satisfazer os nossos caprichos; não devemos confiar em nosso próprio entendimento, nem procurar os nossos próprios interesses, nem permitir que a satisfação de nosso ego seja o nosso maior objetivo. Devemos renunciar a nós mesmos comparativamente; devemos renunciar a nós mesmos dedicando-nos a Cristo, à sua vontade e glória, e ao serviço dos seus interesses no mundo; devemos renunciar a nós mesmos pelos nossos irmãos, e pelo bem deles; e devemos renunciar a nós mesmos em nosso próprio benefício, ou seja, renunciar aos apetites do corpo em benefício da alma.

(2) "Tome sobre si a sua cruz". A cruz aqui representa todos os sofrimentos, como homens ou cristãos; aflições, perseguições devido à justiça, ou seja, cada problema que acontece conosco, tanto por fazer o bem como por não fazer o mal. Os problemas dos cristãos são apropriadamente chamados de cruzes, em alusão à morte na cruz, à qual Cristo obedeceu; e isso deveria trazer a solução para os nossos problemas, e tirar-nos o terror deles, já que eles são o que temos em comum com Cristo. E Ele os suportou antes de nós. Observe que: [1] Cada discípulo de Cristo tem a sua cruz e deve considerá-la. Assim como cada um tem o seu dever específico para ser cumprido, assim também cada um tem o seu problema diferente para suportar, e cada um sente mais o seu próprio peso. As cruzes são o legado comum dos filhos de Deus, mas desse legado comum, cada um tem a sua porção específica. Essa é a cruz que a Sabedoria Infinita designou para nós, e a que foi imposta pela Providência Soberana sobre nós, como adequada

para nós. É bom que tomemos a cruz que nos corresponde, e a tomemos adequadamente. Podemos pensar que poderíamos suportar a cruz de outra pessoa melhor do que a nossa; mas a melhor situação é aquela que foi determinada por Deus, e nós devemos fazer o melhor que pudermos. [2] Cada discípulo de Cristo deve fazer o que o Deus sábio fez com a sua cruz. Esta é uma alusão ao costume romano de obrigar aqueles que eram condenados à crucificação a carregar a sua própria cruz; esta expressão foi ilustrada quando Simão Cireneu carregou a cruz de Cristo. Em primeiro lugar, supõe-se que a cruz encontra-se em nosso caminho e está preparada para nós. Não devemos criar cruzes para nós, mas devemos nos adequar àquelas que Deus nos deu. A nossa regra é não nos afastarmos do caminho do nosso dever, nem para encontrarmos uma cruz, nem para nos livrarmos de uma. Não devemos, por nossa precipitação e imprudência, colocar cruzes sobre as nossas próprias cabeças, mas devemos tomá-las quando estiverem posicionadas em nosso caminho. Assim, devemos lidar com a aflição para que não seja um obstáculo ou impedimento para nós em qualquer serviço que tenhamos de fazer para Deus. Nós devemos tirá-la de nosso caminho, vencendo o "escândalo da cruz"; e devemos continuar com ela em nosso caminho, mesmo que ela seja pesada. Em segundo lugar, o que nós devemos fazer é não somente suportar a cruz (o que um tronco, uma pedra, ou uma vara podem fazer), nem somente ficar tranqüilos debaixo dela, mas devemos erguer a cruz e aproveitá-la para conseguir bons benefícios. Não deveríamos dizer: "Isto é um mal e devo suportá-lo, porque não posso evitá-lo", mas: "Isto é um mal e devo suportá-lo, porque trabalhará para meu benefício". Quando nos alegramos com as nossas aflições, e nos gloriamos nelas, é quando tomamos a cruz. Isso acertadamente acompanha o "renuncie-se a si mesmo"; porque aquele que não renunciar aos prazeres do pecado, e as vantagens deste mundo, por Cristo, quando chegar o momento, nunca terá a coragem de carregar a sua cruz. "Aquele que não pode adotar a resolução de viver como um santo, tem dentro de si a demonstração de que provavelmente nunca morrerá como um mártir", diz o Arcebispo Tillotson.

(3) "Siga-me", no sentido particular de carregar a cruz. Os santos sofredores devem considerar Jesus, e obter dele orientação e incentivo para o sofrimento. Podemos suportar a cruz? Nesse sentido, seguiremos a Cristo, que a suportou antes de nós, por nós e a retira de nós. Ele suportou o final oneroso da cruz, o final que tinha a maldição sobre si, que foi um fim

sombrio, e dessa forma tornou a outra parte leve e fácil para nós. Ou nós podemos compreender isso de forma geral, ou seja, devemos seguir a Cristo em todos os exemplos de santidade e obediência. Observe que os discípulos de Cristo devem procurar imitar o seu Mestre, e consolar-se com todas as coisas, segundo o seu exemplo, e continuar fazendo o bem, quaisquer que sejam as cruzes que apareçam em seu caminho. Fazer o bem e sofrer o mal é seguir a Cristo. “Se alguém quiser vir após mim… siga-me”; esta parece ser uma redundância. Qual é a diferença? Certamente é que: “Se qualquer homem vier após mim, na fé, e dessa maneira ter o nome e crédito de um discípulo, que ele me siga na verdade, e assim realize o trabalho e o dever de um discípulo”. Ou então: “Se qualquer homem se dispuser a vir após mim, com bons princípios, continue a me seguir com toda perseverança”. Isto é seguir ao Senhor totalmente, assim como fez Calebe. Aqueles que buscam a Cristo devem segui-lo.

II Aqui há argumentos para nos persuadir a nos submetermos a essas leis e a concordarmos com esses termos. A renúncia a si mesmo e o sofrimento resignado são lições difíceis, que nunca serão aprendidas se procurarmos os conselhos de outros seres humanos, a carne e o sangue; portanto, devemos consultar o nosso Senhor Jesus e ver que conselhos Ele nos dará; e aqui Ele nos dá:

1. Algumas considerações apropriadas para nos envolvermos nesses deveres de renúncia pessoal e sofrimento por Cristo. Considere:

(1) O peso da eternidade que depende de nossa escolha presente (v. 25): “Aquele que quiser salvar a sua vida”, negando Cristo, “perdê-la-á, e quem” é contente em “perder a sua vida”, confessando Cristo, “achá-la-á”. Aqui estão a vida e a morte, o bem e o mal, a bênção e a maldição, apresentados diante de nós. Observe:

[1] A infelicidade que acompanha a apostasia mais plausível. “Aquele que quiser salvar a sua vida” neste mundo, entregando a sua vida ao pecado, “perdê-la-á” no mundo por vir. Aquele que abandonar a Cristo para preservar uma vida temporária e evitar uma morte temporária, certamente não alcançará a vida eterna, e sofrerá a segunda morte; ele será eternamente preso por ela. Não pode haver uma desculpa mais favorável para a apostasia e para a iniqüidade do que salvar a vida por ela. A lei da autopreservação é convincente; ainda assim, ela é uma tolice, porque no final ficará patente

que ela é autodestrutiva; a vida, nesse caso, só é preservada por um momento. A morte, nessa circunstância, só é tratada como um descanso; mas a vida perdida é a eterna, e a morte que se encontra é o abismo e o complemento de toda desgraça, e a separação interminável de tudo que é bom. Ora, é necessário que todo homem racional pondere sobre isso, aconselhe-se e expresse os seus pensamentos, se há qualquer coisa conquistada, em última análise, pela apostasia, mesmo que por ela o homem salve os seus bens, a sua posição, ou vida.

[2] O benefício que resulta da constância mais perigosa e cara: "Quem perder a sua vida" por amor de Cristo neste mundo, "achá-la" em um mundo eterno e melhor, para o seu próprio benefício. Considere que, em primeiro lugar, muitas vidas são perdidas por amor a Cristo, ao fazer a sua obra e ao trabalhar fervorosamente pelo seu nome, em um trabalho de sofrimento, ao preferir morrer a negar ao Senhor, as suas verdades, ou os seus caminhos. A religião sagrada de Cristo nos é entregue, selada com o sangue de milhares, que não consideraram as suas próprias almas, mas menosprezaram as suas vidas (como Jó expressa, em outra situação), embora fossem muito valiosas, quando tomaram parte na obra de Deus, cumprindo os seus deveres e sustentando o "testemunho de Jesus" (Ap 20.4). Em segundo lugar, embora muitos se coloquem, neste mundo, em uma posição de perdedores por amor a Cristo, perdendo até mesmo a própria vida, ainda assim, no final, jamais alguém foi ou será, para Ele, um perdedor. A perda de outros confortos por amor a Cristo pode, possivelmente, ser compensada neste mundo (Mc 10.30); mas a perda da vida não pode ser compensada neste mundo. Por esta razão, ela será compensada no mundo vindouro, na vida eterna, cuja perspectiva fiel tem sido o grande apoio dos santos sofredores de todas as épocas. A certeza da vida que eles encontrarão, no lugar da vida que eles arriscaram, os capacitou a triunfar sobre a morte e todos os seus terrores; a ir sorrindo para o cadafalso, a suportar a fogueira cantando, e a responder às últimas instâncias da fúria dos seus inimigos como se fosse somente uma leve aflição.

[3] O valor da alma que está na estaca ou na fogueira, e a falta de importância do mundo em comparação a ela (v. 26). "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?" *Ten psychen autou*; a mesma palavra que se traduz por vida (v. 25), porque a alma é a vida (Gn

2.7). Isto é uma alusão ao princípio comum de que tudo que o homem conseguir, se perder a sua vida, não poderá lhe fazer bem, porque ele não poderá desfrutar os seus ganhos. Mas não é só isso; tudo isso fala da alma como imortal, e da perda que pode ocorrer além da morte; uma perda que não pode ser compensada, mesmo que alguém ganhasse o mundo todo. Considere que, em primeiro lugar, cada homem tem a sua própria alma. E a alma é a parte imortal e espiritual do homem que pensa, raciocina e tem o poder de reflexão e expectativa, que atua no corpo agora, e atuará em separado do corpo dentro de pouco tempo. A nossa alma não é nossa em relação a domínio e propriedade (porque não somos de nós mesmos. “Todas as almas não minhas”, diz Deus), mas quanto à proximidade e relação; a nossa alma nos pertence, porque ela é o nosso próprio ser. Em segundo lugar, é possível que a alma se perca, e este risco existe. A alma é perdida quando se separa eternamente de todo o bem, em direção a todo o mal de que a alma é capaz; quando se pode dizer, de forma figurada, que ela morre; quando é separada do favor de Deus e naufraga sob a sua ira e maldição. O homem nunca está destruído até que esteja no inferno. Em terceiro lugar, se a alma está perdida, isso se deve à perdição do próprio pecador. O homem perde a sua própria alma, porque faz aquilo que certamente a destruirá, e negligencia a única coisa que poderia salvá-la (Os 13.9). O pecador morre porque quer morrer: “O seu sangue será sobre a sua própria cabeça”. Em quarto lugar, uma alma é mais valiosa que todo o mundo; a nossa alma é mais valiosa para nós do que toda a fortuna, honra e prazeres desse momento presente, se os tivermos. Aqui o mundo todo está colocado na balança contra uma única alma, e *tekel* significa isso; o mundo todo é mais leve, tem menos valor do que uma única alma. Este é o julgamento de Cristo sobre o assunto, e Ele é o juiz competente. Quando se trata de saber o valor de uma alma, ninguém pode superar o nosso Senhor, porque Ele, e só Ele, as redimiu. E Ele não depreciaria o mundo, porque foi Ele que o criou. Em quinto lugar, vencer o mundo significa, freqüentemente, perder a alma. Muitos arruinaram seus interesses eternos por causa de seus cuidados excessivos e irracionais para proteger e progredir em seus interesses profanos. É o amor pelo mundo e a avidez ao tentar obtê-lo que “submergem os homens na perdição e ruína”. Em sexto lugar, a perda da alma é uma perda tão grande, que o ganho do mundo inteiro não compensará a perda, nem a equilibrará. Aquele que perde a sua alma,

mesmo que ganhe o mundo todo, faz uma péssima barganha para si, e por fim será um perdedor, em uma situação terrível e indescritível. Quando fizer o balanço final, e comparar as perdas e ganhos, descobrirá que, ao invés das vantagens que tinha prometido a si mesmo, ele arruinou todos os seus propósitos e intenções, e está irreparavelmente destruído.

"Que dará o homem em recompensa da sua alma?" Uma vez que a alma está perdida, estará perdida para sempre. Não há *antallagma – resgate* que possa ser pago ou aceito. É uma perda que nunca poderá ser reparada e nunca será recuperada. Se, após o alto preço que Deus pagou para redimir nossas almas e nos restaurar à posse delas, elas forem negligenciadas dessa maneira no mundo, a ponto de se perderem, essa nova hipoteca nunca será paga; não haverá mais sacrifícios pelos pecados, nem preços pelas almas, mas a redenção de uma alma nessa situação estará eternamente impedida. Por isso é bom sermos prudentes a tempo, e fazermos o bem a nós mesmos.

2. Aqui estão algumas considerações apropriadas para nos encorajar a renunciar a nós mesmos, e a sofrer por Cristo.

(1) A certeza que temos da glória de Cristo em sua segunda vinda para julgar o mundo (v. 27). Se olharmos para o fim de todas essas coisas, a situação do mundo atual, e a postura das almas, então formaremos uma idéia muito diferente do estado presente das coisas. Devemos procurar enxergar as coisas futuras, e viver, hoje, uma vida que seja compatível com a vida que teremos no mundo por vir.

O grande estímulo para permanecermos firmes na religião é a segunda vinda de Cristo. Devemos considerá-la:

[1] Como honra sua: "O Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos". Considerar a Cristo em seu estado de humilhação, tão abatido, tão degradado, "opróbrio dos homens e desprezado do povo", desencorajaria os seus seguidores de fazer qualquer esforço, ou de correr qualquer risco, por Ele; mas com os olhos da fé, ver o Capitão de nossa salvação vindo em sua glória, com toda a pompa e todo o poder do mundo superior, nos anima, e nos faz pensar que nada é demasiado para fazer, ou muito difícil para sofrer, por Ele. "O Filho do Homem virá". Aqui Ele dá a si mesmo o título de sua condição humilde (Ele é "o Filho do Homem"), para mostrar que não tem vergonha de ostentá-lo. A sua primeira vinda foi na insignificância dos seus filhos. Ele compartilhou, como eles, a carne e o sangue. Mas em sua segunda vinda, Ele virá na glória de seu Pai. Na sua

primeira vinda, Ele foi acompanhado de seus pobres discípulos; na sua segunda vinda, Ele virá acompanhado de gloriosos anjos; e se “sofrermos, também com ele reinaremos” (2 Tm 2.12).

[2] Como nosso interesse: “Então, dará a cada um segundo as suas obras”. Considere que, em primeiro lugar, Jesus Cristo virá como Juiz, para conceder recompensas e infligir punições, excedendo infinitamente o máximo que qualquer autoridade terrena tenha para agir e distribuir recompensas e punições. O terror do tribunal dos homens (cap. 10.18) será eliminado por uma expectativa confiante na glória do tribunal de Cristo. Em segundo lugar, então os homens serão recompensados, não de acordo com os seus ganhos neste mundo, mas de acordo com as suas obras, com o que eles foram na terra, e com o que fizeram. Nesse dia, a traição dos apóstatas será punida com a destruição eterna, e a perseverança das almas fiéis será recompensada com a coroa da vida. Em terceiro lugar, o melhor preparativo para esses dias será renunciar a si próprio, tomar a sua cruz e seguir a Cristo; porque somente assim faremos do Juiz nosso Amigo, e estaremos de acordo com os seus requisitos. Em quarto lugar, a recompensa dos homens de acordo com as suas obras será protelada até aquele dia. Aqui na terra, o bem e o mal parecem ser dispensados desordenadamente; não vemos a apostasia ser punida com golpes, nem a fidelidade ser encorajada com sorrisos imediatos vindos do céu; mas naquele dia, todas as contas serão acertadas. Por isso “nada julgueis antes de tempo” (1 Co 4.5; veja 2 Tm 4.6-8).

(2) A nova abordagem do seu Reino neste mundo (v. 28). Estava tão próximo, que alguns que acompanhavam Jesus viveriam para ver. Como Simão estava certo de que não veria a morte até ver nosso Senhor vir em carne, também alguns estavam certos de que não sentiriam a morte (a morte é uma coisa perceptível, seu terror é visto, seu amargor é sentido) até terem visto o Senhor Jesus Cristo vindo no seu Reino. No fim dos tempos, Ele virá na glória do seu Pai; mas agora, na plenitude dos tempos, Ele viria no seu próprio Reino, no seu Reino mediador. Um pouco da sua glória foi manifestada poucos dias depois disso, na sua transfiguração (cap. 17.1); essa foi uma ocasião em que o Senhor vestiu as suas vestes reais. Mas isso indica a vinda de Cristo pelo derramamento do seu Espírito, pela semeadura do Evangelho por parte da igreja, pela destruição de Jerusalém e pela eliminação do lugar e da nação dos judeus, que foram os inimigos mais

mordazes do cristianismo. Aqui estava vindo “o Filho do Homem no seu Reino”. Muitos dos presentes viveram para ver, particularmente João, que viveu até depois da destruição de Jerusalém e viu o cristianismo implantado no mundo. Que isso encoraje os seguidores de Cristo a sofrerem por Ele. [1] Que as suas missões serão bem-sucedidas; os apóstolos foram empregados no estabelecimento do reino de Cristo; que eles saibam, para seu próprio consolo, que a despeito de qualquer oposição que encontrem, ainda levarão a sua doutrina, e verão o trabalho das suas almas. Observe que é um grande incentivo para os santos sofredores terem certeza, não somente da segurança, mas do avanço do reino de Cristo entre os homens, não somente a despeito de seus sofrimentos, mas por meio deles. A perspectiva confiante do sucesso do reino da graça, assim como da nossa participação no reino de glória, pode nos conduzir com disposição em meio aos nossos sofrimentos. [2] Que a sua causa será defendida; a morte deles será vingada, e haverá um acerto de contas com os seus perseguidores. [3] Que isso seja feito brevemente, no tempo presente. Quanto mais próximos estamos da salvação da igreja, mais alegres deveríamos estar no nosso sofrimento por Cristo. “Eis que o juiz está à porta”. Isto é dito como um benefício para aqueles que deveriam sobreviver ao sombrio tempo presente, e que deveriam ver dias melhores. Observe que é desejável compartilhar o júbilo da igreja (Dn 12.12). Note que Cristo diz que alguns, não todos, viverão para ver aqueles dias gloriosos; alguns entrarão na terra prometida, mas outros cairão no deserto. Ele não lhes diz quem viverá para ver o seu Reino, pois, se soubessem, teriam afastado os pensamentos de morte; mas “alguns” deles viverão. “Eis que o Senhor é chegado”. “Eis que o juiz está à porta”. “Sede, pois, irmãos, pacientes”.

CAPÍTULO 17

Neste capítulo, temos: I. Cristo transfigurado na sua magnificência e glória (vv. 1-13). II. Cristo, em seu poder e graça, expulsando o demônio de uma criança (vv. 14-21). III. Cristo, na sua pobreza e grande humilhação: 1. Predizendo os seus próprios sofrimentos (vv. 22,23). 2. Pagando impostos (vv. 24-27). De modo que aqui está Cristo, o esplendor da glória do seu Pai, Ele mesmo, limpando os nossos pecados, pagando as nossas dívidas e destruindo, para nós, aquele que tinha o

poder da morte, isto é, o diabo. Assim estavam admiravelmente entrelaçadas as diversas indicações das intenções graciosas de Cristo.

A Transfiguração de Cristo

vv. 1-13

Aqui temos a história da transfiguração de Cristo. Ele havia dito que o "Filho do Homem" viria, dentro de pouco tempo, no seu reino, e os três evangelistas habilmente conectam aquela história com esta promessa; como se a transfiguração de Cristo fosse destinada a algumas pessoas especiais, como uma garantia do reino de Cristo, daquela luz, e do seu amor, que aqui aparece para os seus escolhidos e santificados. Pedro fala disso como "a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus" (2 Pe 1.16). Tais prefácios apresentaram adequadamente uma emanação do seu poder, e um aviso prévio da sua vinda.

Quando Cristo estava aqui na terra, embora a sua condição, em geral, fosse uma condição de humilhações e sofrimentos, houve alguns lampejos da sua glória entremeados, para que Ele mesmo pudesse se sentir mais encorajado nos seus sofrimentos, e os outros, menos magoados. O seu nascimento, o seu batismo, a sua tentação e a sua morte foram os exemplos mais notáveis da sua humilhação; e cada um deles esteve presente com alguns sinais de glória, e os sorrisos do céu. Mas sendo a seqüência do seu ministério público uma humilhação contínua, aqui, justamente no meio dele, surge essa descoberta da sua glória. Assim como agora, que está no céu, Ele tem suas deferências, quando esteve na terra o Senhor também teve os seus triunfos.

A respeito da transfiguração de Cristo, considere:

I As circunstâncias em que ela ocorreu, e que estão registradas aqui (v. 1).

1. A época: "seis dias" depois que Ele havia feito o discurso solene aos seus discípulos (cap. 16.21). Lucas diz: "quase oito dias depois dessas palavras", seis dias inteiros tinham se passado entre o discurso e esse dia, que era o oitavo dia. Nada está registrado como tendo sido feito ou dito pelo nosso Senhor Jesus durante os seis dias anteriores à sua transfiguração; assim, antes de grandes aparições "fez-se silêncio no céu quase por meia

hora” (Ap 8.1). Assim, quando Cristo parecer não estar fazendo nada pela sua igreja, espere, dentro de pouco tempo, alguma coisa extraordinária.

2. O local: aconteceu no topo de um “alto monte”. Cristo escolheu um monte: (1) Por ser um lugar secreto. Ele se afastou; pois embora uma cidade sobre uma colina dificilmente possa ficar escondida, duas ou três pessoas sobre um monte dificilmente poderão ser encontradas. Por isso as suas orações particulares eram, em geral, nas montanhas. Cristo escolheu um lugar afastado onde se transfiguraria, porque a sua aparição pública na sua glória não seria coerente com a sua condição atual; e dessa maneira Ele mostra a sua humildade e nos ensina que a privacidade é grande amiga da nossa comunhão com Deus. Aqueles que desejam ter um relacionamento com o Céu devem, freqüentemente, se afastar das coisas e dos negócios deste mundo; e jamais se sentirão sozinhos, pois o Pai está com eles. (2) Porque sendo um lugar sublime, estava bastante elevado, acima das outras coisas. Aqueles que desejam ter um relacionamento transformador com Deus, não devem apenas afastar-se, mas subir; erguer os seus corações e “buscar as coisas que são de cima”. A ordem é: “Sobe aqui” (Ap 4.1).

3. As testemunhas do acontecimento. Jesus levou consigo Pedro, Tiago, e João. (1) Ele levou três pessoas, um número adequado para dar testemunho do que vissem; pois “pela boca de duas ou três testemunhas, será confirmada toda palavra”. Cristo faz aparições suficientemente exatas, mas não comuns; “não a todo o povo, mas às testemunhas” (At 10.41), para que aqueles que não tinham visto, mas que haviam crido, pudessem ser bem-aventurados. (2) Ele levou esses três homens porque eram os principais discípulos, os três mais dignos do Filho de Davi. Provavelmente fossem excelentes em dons e graças; eles eram os favoritos de Cristo, destacados para serem testemunhas das ocasiões em que Ele se afastava. Eles estavam presentes quando Ele ressuscitou a menina (Mc 5.37). Eles deveriam, posteriormente, ser testemunhas da sua agonia, e esse episódio deveria prepará-los para isso. Uma visão da glória de Cristo, enquanto ainda estamos neste mundo, é um bom preparativo para os nossos sofrimentos com Ele, que são os preparativos para a visão da sua glória no outro mundo. Paulo, que tinha problemas em abundância, tinha, por outro lado, abundantes revelações.

A maneira como aconteceu (v. 2); Ele “transfigurou-se diante deles”. A II substância do seu corpo continuou a mesma, mas a sua aparência foi grandemente alterada. Ele não se transformou em um espírito, mas o seu corpo, que tinha aparecido fraco e desonrado, agora aparecia em virtude e glória. Ele “transfigurou-se”, *metamorphothe – Ele passou por uma metamorfose.* Os poetas profanos divertiam e ofendiam o mundo com histórias extravagantes e ociosas de metamorfoses, especialmente as metamorfoses dos seus deuses, que os menosprezavam e diminuíam, e eram igualmente falsas e ridículas; alguns pensam que Pedro se refere a eles quando, prestes a mencionar essa transfiguração de Cristo, disse: “Não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas” (2 Pe 1.16). Cristo era, ao mesmo tempo, Deus e homem; mas, nos dias da sua carne, Ele assumiu a *forma de servo – morphen doulou* (Fp 2.7). Ele cobriu a glória de sua divindade com um véu; mas agora, na sua transfiguração, Ele afastou aquele véu, apareceu *en morphe theou – em forma de Deus* (Fp 2.6) e deu aos seus discípulos um vislumbre da sua glória, que não podia deixar de modificar a sua forma.

A grande verdade que declaramos é que “Deus é luz” (1 Jo 1.5), “habita na luz” (1 Tm 6.16), e “cobre-se de luz” (Sl 104.2). E, portanto, quando Cristo apareceu “em forma de Deus”, Ele apareceu “na luz”, a mais gloriosa de todas as coisas visíveis, a primogênita de toda a criação, e a que mais se assemelha ao Pai eterno. Cristo é a Luz; enquanto estava no mundo, Ele “resplandeceu nas trevas”, e por isso “o mundo não o conheceu” (Jo 1.5,10); mas naquele momento, na sua transfiguração, aquela Luz brilhou nas trevas.

A sua transfiguração apareceu em dois aspectos:

1. “O seu rosto resplandeceu como o sol”. O rosto é a principal parte do corpo, pela qual somos conhecidos; portanto, todo esse brilho foi colocado no rosto de Cristo, aquele rosto que, depois disso, Ele não mais escondeu “daqueles que o afrontavam e cuspiam”. Ele “resplandeceu como o sol” quando está na plenitude da sua força, tão claro e tão brilhante; pois Ele é o Sol da justiça, a Luz do mundo. O rosto de Moisés brilhou, mas como a luz, com uma luz refletida e emprestada, mas o de Cristo brilhou como o sol, com uma luz inerente, que era ainda mais sensivelmente gloriosa, porque subitamente irrompeu, pode-se dizer, por trás de uma nuvem negra.

2. “As suas vestes se tornaram brancas como a luz”. Todo o seu corpo se modificou, assim como o seu rosto; de modo que raios de luz, arremessando-se de todas as partes através das suas vestes, as tornaram brancas e cintilantes. O brilho no rosto de Moisés era tão fraco, que podia facilmente ser oculto por um fino véu; mas tal era a glória no corpo de Cristo, que as suas vestes se iluminavam por ela.

III As pessoas que apareceram por ocasião da transfiguração. Ele virá “com dez milhares de santos”; e, como uma amostra deles, “eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele” (v. 3). Considere que: 1. Havia santos glorificados com Ele; se havia três para dar testemunho na terra, Pedro, Tiago e João, também havia alguns para dar testemunho da parte do céu. Assim, havia uma semelhança viva com o Reino de Deus, que é composto por santos no céu e santos na terra, e ao qual pertencem os “espíritos dos justos aperfeiçoados”. Vemos, aqui, que aqueles que “dormiram em Cristo” não estão mortos, mas existem em um estado separado, e estarão para sempre com o Senhor. 2. Esses dois eram “Moisés e Elias”, homens muito eminentes na sua época. Os dois tinham jejuado quarenta dias e quarenta noites, como Cristo, e tinham realizado outros milagres, e ambos foram admiráveis tanto ao deixar este mundo como ao viver nele. Elias foi levado ao céu em um carro de fogo, e não morreu. O corpo de Moisés nunca foi encontrado. Possivelmente estava preservado da degradação, e reservado para essa aparição. Os judeus tinham grande respeito pela memória de Moisés e Elias, e por isso os dois vieram para dar testemunho dele. Alguns entendem que é possível que eles tenham vindo para levar notícias dele ao mundo superior. Na pessoa deles, a lei e os profetas honraram a Cristo e lhe deram testemunho. Moisés e Elias apareceram aos discípulos, que os viram, e os ouviram falar. E, seja pelas suas palavras, ou por informações de Cristo, souberam que eram Moisés e Elias. Os santos glorificados se reconhecerão mutuamente no céu. Eles conversaram com Cristo. Observe que Cristo tem comunhão com os bem-aventurados, e não será estranho a nenhum dos membros dessa corporação glorificada. Cristo agora seria selado no seu trabalho profético. Por isso, esses dois grandes profetas eram os mais adequados para estar presentes com Ele, como se estivessem transferindo toda a sua honra e todo o seu interesse a Ele; pois Deus “a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho”

(Hb 1.1).

IV O grande prazer e a grande satisfação que os discípulos tiveram com a visão da glória de Cristo. Pedro, como era usual, falou pelos demais: “Senhor, bom é estarmos aqui”. Aqui, Pedro expressa:

1. O prazer que eles tiveram com essa conversa: “Senhor, bom é estarmos aqui”. Embora sobre um alto monte, que podemos supor que fosse áspero e desagradável, frio e exposto, ainda assim Pedro diz: “É bom estarmos aqui”. Ele expressa o sentimento dos seus companheiros discípulos: “É bom, não apenas para mim, mas para nós”. Ele não procurou monopolizar esse prazer, mas alegremente os incluiu. Ele disse isso a Cristo. Os afetos piedosos e devotos se comprazem em se derramar diante do Senhor Jesus. A alma que ama a Cristo, e ama estar com Ele, ama ir até Ele e dizer-lhe: “Senhor, bom é estarmos aqui”. Isto dá a entender um reconhecimento agradecido da bondade de Jesus, por fazer com que participassem desse momento tão importante e prazeroso. Observe que a comunhão com Cristo é a alegria dos cristãos. Todos os discípulos do Senhor Jesus reconhecem que é bom estar com Ele no monte sagrado. É bom estarmos aqui, onde Cristo está, e para onde Ele nos traz consigo, por seu convite; é bom estarmos aqui, afastados e sozinhos, com Cristo; estarmos aqui, onde podemos “contemplar a formosura do Senhor” (Sl 27.4). É agradável ouvir Cristo comparar trechos das Escrituras registradas por Moisés e os profetas, ver como todas as instituições da lei e todas as predições dos profetas apontavam para Cristo, e se cumpriam nele.

2. O desejo que tinham da continuação daquela situação: “Façamos aqui três tabernáculos”. Nestas palavras, assim como em muitas outras proferidas por Pedro, existe uma mistura de fraqueza e boa vontade, mais entusiasmo do que prudência.

(1) Aqui vemos um entusiasmo por essa conversa com seres celestiais, uma complacência louvável com a visão que eles tinham da glória de Cristo. Aqueles que, pela fé, contemplam “a formosura do Senhor” na sua casa, não podem evitar desejar habitar ali todos os dias das suas vidas. É bom ter “uma estabilidade no seu santo lugar” (Ed 9.8), uma residência permanente; permanecer nas práticas sagradas como um homem que está em casa, não como um viajante. Pedro pensava que esse monte era um bom lugar onde edificar, e ele desejava construir tabernáculos ali; assim como

Moisés, no deserto, construiu um tabernáculo para a *Shequiná*, ou glória divina.

O fato de Pedro querer fazer ali tabernáculos para Cristo, e Moisés, e Elias, mas nenhum para si mesmo, evidenciava um grande respeito pelo seu Mestre e os convidados celestiais, com o esquecimento elogiável de si mesmo e dos seus companheiros discípulos. Ele ficaria contente em ficar ao ar livre, no chão frio, em tão boa companhia. Se o seu Mestre não tinha onde reclinar a cabeça, não importava se ele, Pedro, tinha onde ou não.

(2) Mas no seu entusiasmo, ele deixou transparecer uma grande dose de fraqueza e ignorância. Que necessidade tinham Moisés e Elias de tabernáculos? Eles pertenciam àquele mundo abençoado, onde já não mais sentiam fome, nem sede, "nem sol nem calma alguma caia sobre eles". Cristo recentemente tinha predito os seus sofrimentos, e ordenado que os seus discípulos esperassem a mesma coisa. Pedro esqueceu disso, ou, para evitar isso, precisaria construir os tabernáculos no monte de glória, afastados dos problemas. Mesmo utilizando outras palavras, Pedro ainda insiste na antiga idéia – "Senhor, tem compaixão de ti" –, embora tivesse sido tão recentemente repreendido por dizer isso. Observe que existe uma tendência nos homens bons em esperar a coroa, sem a cruz. Pedro estava tomando posse desse privilégio como um prêmio, embora ainda não tivesse lutado a sua batalha, nem terminado a sua carreira, assim como os outros discípulos (cap. 20.21). Nós estaremos fora do nosso objetivo se procurarmos um céu aqui na terra. A estranhos e peregrinos (que é o que somos, na melhor das circunstâncias, neste mundo), não cabe falar em construir ou esperar uma "cidade permanente" na terra.

Mas há uma desculpa para a incoerência da proposta de Pedro, não somente porque ele "não sabia o que dizia" (Lc 9.33), mas também porque submeteu a proposta à sabedoria de Cristo: "Se queres, façamos aqui três tabernáculos". Observe que quaisquer que sejam os tabernáculos que nos propusermos a construir para nós mesmos, neste mundo, precisamos sempre nos lembrar de pedir a permissão de Cristo.

Ao que Pedro disse, não houve resposta. O desaparecimento da glória, em breve, seria a resposta. Aqueles que prometem a si mesmos grandes coisas na terra, serão logo iludidos pela sua própria experiência.

O glorioso testemunho que Deus Pai deu de nosso Senhor Jesus, no qual V"ele recebeu de Deus Pai honra e glória" (2 Pe 1.17), quando veio essa voz da glória suprema. Isso foi como proclamar os títulos de nobreza ou o estilo real de um príncipe que, em sua coroação, se apresenta com os seus trajes cerimoniais. E é bom que se saiba, para o consolo da humanidade, que o estilo real de Cristo vem da sua mediação. Assim, na visão, Ele apareceu com um arco-íris – o selo da aliança – ao redor do seu trono (Ap 4.3), pois a sua glória é ser o nosso Redentor.

Quanto a esse testemunho que o céu dá a respeito de Cristo, observe:

1. Como ele veio, e de que maneira foi apresentado.

(1) Havia uma nuvem. Freqüentemente lemos no Antigo Testamento que uma nuvem era um sinal visível da presença de Deus. Ele desceu sobre o monte Sinai em uma nuvem (Êx 19.9), e também apareceu assim a Moisés (Êx 34.5; Nm 11.25). Ele tomou posse do tabernáculo em uma nuvem, e, mais tarde, do templo. Onde estava Cristo na sua glória, ali estava o templo, e ali Deus se mostrou presente. Nós não conhecemos o equilíbrio das nuvens, mas sabemos que grande parte das relações e da comunicação entre o céu e a terra é mantida por elas. Pelas nuvens, os vapores sobem e as chuvas caem; por isso, diz-se que Deus "faz das nuvens o seu carro"; foi isso que Ele fez aqui, quando desceu sobre esse monte.

(2) Era "uma nuvem luminosa". Sob a lei, era normalmente com uma nuvem espessa e escura que Deus mostrava o sinal da sua presença; Ele desceu sobre o monte Sinai em "uma espessa nuvem" (Êx 19.16), e disse "que habitaria nas trevas" (veja 1 Rs 8.12). Mas agora chegamos, não ao monte "aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas" (Hb 12.18), mas ao monte que é coroado com "uma nuvem luminosa". A revelação do Antigo Testamento, e também a do Novo, continham sinais da presença de Deus, mas aquela era uma revelação com escuridão, e terror, e escravidão; porém essa, com luz, amor e liberdade.

(3) A nuvem "os cobriu". Esta nuvem tinha a finalidade de ofuscar o poder daquela grande luz que, se não fosse por isso, teria dominado os discípulos, e teria sido intolerável; ela agiu como o véu que Moisés colocou sobre o seu rosto, quando este brilhava. Deus, ao se manifestar ao seu povo, considera a sua estrutura. Essa nuvem era, para os seus olhos, como parábolas para o seu entendimento, para transmitir coisas espirituais por meio de coisas possíveis de se sentir, conforme eles fossem capazes de

suportar.

(4) “E da nuvem saiu uma voz”, e era a voz de Deus, que agora, como antes, falava “na coluna de nuvem” (Sl 99.7). Aqui não houve trovão, nem relâmpago, nem voz de trombeta, como quando a lei foi dada por Moisés, mas somente uma voz, uma voz suave, e não aquela conduzida com um forte e grande vento, ou um terremoto, ou um fogo, como quando Deus falou com Elias (1 Rs 19.11,12). Moisés e Elias, então, foram testemunhas de que Deus “falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho”, de uma maneira diferente daquela como Ele falava com eles antigamente. Essa voz veio da “magnífica glória” (2 Pe 1.17), a glória que se sobressai, em comparação com a qual a anterior não tinha glória; embora a glória magnífica estivesse em uma nuvem, dela veio uma voz, pois “a fé é pelo ouvir”.

2. Observe qual foi o testemunho do céu: “Este é o meu Filho amado... escutai-o”. Aqui, temos:

(1) O grande mistério do Evangelho revelado: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Estas são as mesmas palavras que foram pronunciadas do céu por ocasião do batismo de Jesus (cap. 3.17); e foi a melhor notícia que veio do céu à terra, desde que o homem pecou. Esta verdade tem o mesmo objetivo daquela grande doutrina (2 Co 5.19): “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Moisés e Elias foram grandes homens, e muito queridos no céu, mas ainda assim não passaram de servos, e servos de quem Deus nem sempre se agradou; pois Moisés, às vezes, falava de uma forma impensada, e Elias era um homem sujeito a paixões; mas Cristo é o “Filho”, e nele Deus sempre se compraz. Moisés e Elias foram, às vezes, instrumentos de reconciliação entre Deus e Israel; Moisés era um grande intercessor, e Elias, um grande reformista; mas em Cristo, Deus reconcilia o mundo; a sua intercessão é mais importante do que a de Moisés, e a sua reforma, mais efetiva que a de Elias.

Essa repetição da mesma voz que veio do céu no seu batismo não era uma repetição inútil; mas, como a duplicação do sonho de Faraó, tencionava mostrar que aquilo estava estabelecido. O que Deus disse uma vez – na verdade, duas vezes –, sem dúvida Ele sustentará, e Ele espera que nós observemos aquilo que Ele disse. Isso foi dito no seu batismo, porque, naquela ocasião, se iniciaria a sua tentação, e o seu ministério público; e agora era repetido, porque Ele estava iniciando os seus sofrimentos, que devem ser datados a partir desse momento. Pois agora, e não antes, Ele

começa a fazer predições aos discípulos, e imediatamente depois da sua transfiguração é dito (Lc 9.51): “completando-se os dias para a sua assunção”; portanto, isso foi repetido para protegê-lo contra o terror, e aos seus discípulos, contra o escândalo da cruz. Quando as aflições começam a ser abundantes, “também a nossa consolação sobeja” (2 Co 1.5).

(2) O maior dever que o Evangelho exige, e que é a condição para nos beneficiarmos em Cristo: “Escutai-o”. Deus, em Cristo, se compraz somente daqueles que o ouvem. Não é suficiente dar ouvidos a Ele (Em que isso nos fará bem?), mas devemos ouvi-lo, e crer nele, como o grande Profeta e Mestre; devemos ouvi-lo, e ser governados por Ele, como o grande Príncipe e Legislador; ouvi-lo, e prestar atenção nele. Quem desejar conhecer a mente de Deus, deve ouvir a Jesus Cristo. Pois foi através dele que Deus Pai, nestes últimos dias, falou conosco. Essa voz vinda do céu tornou tudo o que era dito a respeito de Cristo tão autêntico como se tivesse sido dito a partir de uma nuvem. É como se Deus nos entregasse a Cristo para que dele recebêssemos todas as revelações da sua mente; e isso se refere àquela profecia de que Deus suscitaria um profeta como Moisés no meio do povo de Israel (Dt 18.18); a Ele, devemos ouvir.

Cristo aparecia agora em glória; e quanto mais virmos a glória de Cristo, mas motivos teremos para ouvi-lo; mas os discípulos estavam observando a sua glória, que era o que eles viam. Por isso, eles são convidados não a olhar para Ele, mas a escutá-lo. A visão que eles tinham da sua glória logo foi interceptada pela nuvem, mas o que eles deviam fazer era ouvi-lo. Nós “andamos por fé” – pela fé que vem do ouvir –, e “não por vista” (2 Co 5.7).

Moisés e Elias (a lei e os profetas) agora estavam com Ele; por isso foi dito: “Ouçam-nos” (Lc 16.29). Quando os discípulos pensaram em fazer tabernáculos para Moisés e Elias (e também para Jesus), eles estavam dispostos a igualá-los a Cristo. Eles (Moisés e Elias) estavam falando com Cristo, e provavelmente os discípulos estavam muito ansiosos por saber o que estavam dizendo, e para ouvir mais das suas bocas. Não, disse Deus, escutai-o, e isto será suficiente. Eles deviam ouvir a Jesus, e não a Moisés e a Elias, que estavam presentes e cujo silêncio consentia com essa voz; eles não tinham nada a dizer em contrário; eles estavam desejosos de ver qualquer interesse que gerassem no mundo, como profetas, completamente transferido a Cristo, “para que em tudo tenha a preeminência”. Não se

perturbem com o fato de Moisés e Elias ficarem tão pouco tempo com vocês; ouçam a Cristo, e vocês não precisarão deles.

VI O medo que os discípulos sentiram da voz que saiu da nuvem, e o encorajamento que Cristo lhes deu.

1. Os discípulos “caíram sobre seu rosto, e tiveram grande medo”. A grandiosidade da luz, e a surpresa, poderia ter uma influência natural sobre eles, para desalentá-los. Mas isso não era tudo, pois desde que o homem pecou, e ouviu a voz de Deus no jardim, as aparições extraordinárias de Deus sempre foram terríveis para o homem, que, sabendo que não tinha nenhum motivo para esperar nada de bom, tinha medo de ouvir qualquer coisa diretamente de Deus. Observe que mesmo quando “o esplendor de ouro” surge de um lugar secreto, “em Deus há uma tremenda majestade” (Jó 37.22). Veja como é a voz do Senhor (Sl 29.4). É bom que Deus nos fale por meio de homens como nós, pois não sentiremos medo deles.

2. Cristo, graciosamente, os levantou, com ternura abundante. As glórias e a grandeza do nosso Senhor Jesus não diminuem, de maneira nenhuma, nem a sua consideração e a sua preocupação pelo seu povo que está cercado de insegurança. É agradável pensar que agora, no seu estado exaltado, o Senhor Jesus sente compaixão e condescendência pelo crente sincero, mesmo que se trate do menor dos salvos. Observe aqui: (1) O que Ele fez: “aproximando-se Jesus, tocou-lhes”. A sua aproximação dissipou o medo dos discípulos, e quando eles compreenderam que Cristo os compreendia, não houve mais necessidade de consolá-los. Cristo colocou a sua mão direita sobre João num caso semelhante, e também sobre Daniel (Ap 1.17; Dn 8.18; 10.18). O toque de Cristo freqüentemente era curativo, e aqui foi fortalecedor e consolador. (2) O que Ele disse: “Levantai-vos e não tenhais medo”. Observe que embora um temor reverente na nossa conversa com o Céu seja agradável a Cristo, devemos lutar contra o medo de nos maravilharmos. Cristo disse: “Levantai-vos”. Cristo, pela sua palavra, e pelo poder da sua graça, que a acompanha, é quem levanta os homens das suas tristezas e silencia os seus medos; e ninguém, exceto Cristo, pode fazer isso: “Levantai-vos, e não tenhais medo”. Note que os medos infundados logo se dissipam, não quando nos entregamos a eles e nos deixamos sujeitar a eles, mas quando nos levantamos e fazemos o que podemos contra eles. Considerando o que tinham visto e ouvido, eles tinham mais motivos para

se alegrar do que temer, e ainda assim, aparentemente, eles precisavam desse aviso. Devido à fraqueza da carne, freqüentemente nos amedrontamos com aquilo que deveria nos encorajar. Observe que depois que tiveram uma ordem expressa do céu de que deviam ouvir a Cristo, as primeiras palavras que ouviram dele foram: “Não tenhais medo”. A missão de Cristo no mundo era dar consolo às pessoas boas, para que, tendo sido libertadas das mãos dos seus inimigos, pudessem servir a Deus sem temor (Lc 1.74,75).

VII O desaparecimento da visão (v. 8): “Erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus”. Moisés e Elias tinham ido embora, os raios da glória de Cristo tinham sido deixados de lado, ou estavam ocultos novamente. Eles esperavam que esse tivesse sido o dia da entrada de Cristo no seu reino, e a sua aparição pública naquele esplendor externo que eles imaginavam; mas veja como eles ficam desapontados. Não é prudente elevar demasiadamente as nossas expectativas neste mundo, pois as nossas glórias e esperanças mais valiosas aqui se dissipam, e até mesmo aqueles que vivem em íntima comunhão com Deus sentem que esta vida não é um banquete contínuo, mas um banquete fugaz. Mesmo que, às vezes, sejamos favorecidos por alguma manifestação especial da graça divina, como vislumbres e promessas da glória futura, ainda assim estes são afastados rapidamente; dois céus são uma expectativa demasiadamente grande para aqueles que não merecem sequer um céu. Então, “a ninguém viram, senão a Jesus”. Observe que Cristo fica conosco quando Moisés e Elias se vão. Os profetas não “viverão para sempre” (Zc 1.5), e nós vemos a conclusão do ministério dos nossos pastores; mas “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” (Hb 13.7,8).

VIII As palavras entre Cristo e os seus discípulos, quando desceram do monte (vv. 9-13).

Observe que: 1. Eles “desceram do monte”. Nós devemos descer dos montes sagrados onde temos comunhão com Deus, e complacência tanto dessa comunhão, como daquilo que estamos falando. “É bom estarmos aqui”; mas, mesmo aqui, nós não temos uma “cidade permanente”. Bendito seja Deus, há uma montanha de glória e alegria diante de nós, da qual nunca desceremos. Mas observe que quando os discípulos descem daquela montanha terrena, Jesus desce com eles. Quando voltamos ao mundo,

depois de desfrutarmos a comunhão com o Senhor, devemos nos preocupar em levar Cristo conosco, e então isto será o nosso consolo: o fato de que Ele está conosco.

2. Quando eles desceram, falaram com Cristo. Observe que quando estamos retornando de alguma tarefa sagrada, é bom que a nossa conversa seja adequada ao trabalho que estivemos realizando. Esta comunicação, que é boa para a edificação, deve ser oportuna e muito especial. Caso contrário, será danosa, e seria melhor que ocorresse em outra ocasião.

Aqui temos: (1) A recomendação que Cristo deu aos seus discípulos, de manter o assunto da visão muito privativo, naquele momento (v. 9): "A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado". Se eles tivessem tornado pública a visão, a sua credibilidade teria sido abalada pelos sofrimentos de Cristo, que agora se aproximavam. Eles deveriam esperar e só divulgar o que tinham visto depois da sua ressurreição; pois, então, aquela glória, e também a sua glória subseqüente, seria uma grande confirmação da visão. Note que Cristo observava um método em suas manifestações. Ele queria que as suas obras fossem consideradas em conjunto, para que explicassem e exemplificassem umas às outras, para que pudessem ser vistas em sua força total e evidências convincentes. Tudo é belo em sua própria ocasião, a seu próprio tempo. A ressurreição de Cristo seria propriamente o início do estado e do reino do Evangelho (tudo o que veio antes foi apenas preparatório e funcionou como prefácio). Por isso, embora esse fato tivesse ocorrido anteriormente, não deveria ser apresentado como uma evidência (o que parece ter sido muito enfatizado em 2 Pedro 1.16-18) até à ocasião em que a religião que essa manifestação visava confirmar tivesse sido trazida à sua plena consistência e maturidade. A hora escolhida por Cristo é a melhor e a mais adequada para a sua manifestação, e nós devemos atentar para isso.

(2) Uma objeção que os discípulos fizeram contra o que Cristo tinha dito (v. 10): "Por que dizem, então, os escribas que é mister que Elias venha primeiro?" É como se eles perguntassem: "Se Elias faria uma visita tão curta, e iria embora tão repentinamente, e nós não podemos dizer nada a esse respeito, por que nós fomos ensinados pela lei a esperar essa sua aparição pública no mundo imediatamente antes do estabelecimento do reino do Messias? A vida de Elias, aquilo que todo mundo está esperando, deve ser mantida em segredo? Ou, se a ressurreição do Messias – e com ela

o início do seu reino – é chegada, o que acontece com aquele glorioso prefácio e com a introdução ao reino que nós esperamos ter com a vinda de Elias?" Os escribas, que eram os que explicavam publicamente a lei, diziam isso de acordo com as Escrituras (Ml 4.5): "Eis que eu vos envio o profeta Elias". Os discípulos usavam a linguagem comum dos judeus, que afirmavam que as palavras dos escribas eram as palavras das Escrituras. Ao que esses ministros nos dizem, de acordo com a Palavra de Deus, devemos responder: "Deus está falando conosco, não os ministros", pois recebemos a Palavra de Deus não como palavra de homens (1 Ts 2.13). Quando os discípulos não conseguiram conciliar o que Cristo disse com o que eles tinham ouvido do Antigo Testamento, quiseram que Ele lhes explicasse por que isso ocorria. Note que quando estamos confusos, enfrentando dificuldades com as Escrituras, devemos pedir a Cristo, em oração, que o seu Espírito abra o nosso entendimento e nos conduza a toda a verdade.

(3) A solução a essa objeção: "'Pedi, e dar-se-vos-á". Peçam orientação, e lhes será dada.

[1] Cristo concorda com a predição (v. 11): "'Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas'. Até aqui, vocês têm razão". Cristo não veio para alterar nem invalidar nada que tivesse sido predito no Antigo Testamento. Observações corruptas ou enganosas podem ser suficientemente rejeitadas e destruídas, sem diminuir ou desprezar a autoridade ou a dignidade do texto sagrado. As profecias do Antigo Testamento são verdadeiras e boas, e devem ser aceitas e aproveitadas, embora alguns homens tolos e acalorados possam tê-las interpretado mal e chegado a conclusões erradas. Ele "virá... e restaurará todas as coisas"; não as restaurará ao seu estado antigo (João Batista não esteve prestes a fazer isso), mas pode-se interpretar que ele realizará todas as coisas, todas as coisas que foram escritas sobre ele, todas as predições sobre a vinda de Elias. João Batista veio para restaurar as coisas espiritualmente, dar nova vida à religião decadente, "converter o coração dos pais aos filhos"; o que quer dizer a mesma coisa que "ele restaurará todas as coisas". João pregava o arrependimento, e isto restaura todas as coisas.

[2] Jesus confirma o ocorrido. Os escribas dizem a verdade, "Elias já veio" (v. 12). Observe que as promessas de Deus sempre se cumprem, e os homens não percebem isso, mas perguntam: "Onde está a promessa?", quando ela já se cumpriu. "Elias já veio, e não o conheceram"; eles não

entenderam que ele era o Elias prometido, o precursor do Messias. Os escribas se ocupavam de fazer críticas às Escrituras, e não compreendiam, pelos sinais dos tempos, o cumprimento das Escrituras. Observe que é mais fácil explicar a Palavra de Deus do que aplicá-la e fazer uso adequado dela. Mas não é de admirar que a estrela da manhã não tivesse sido observada, quando aquele que é o próprio Sol "estava no mundo... e o mundo não o conheceu".

Por não conhecê-lo, "fizeram-lhe tudo o que quiseram". Se eles tivessem sabido, eles não teriam crucificado a Cristo, nem decapitado João Batista (1 Co 2.8). Eles ridicularizaram João, perseguiram-no e acabaram matando-o; isto foi obra de Herodes, mas, aqui, essa é uma acusação feita a toda a geração dos judeus incrédulos, e particularmente aos escribas, que, embora não condenassem João, ficaram satisfeitos com o que Herodes fez. Cristo acrescenta: "Assim farão eles também padecer o Filho do Homem". Ou seja: "Não se espantem com o fato de Elias ter sido atacado e morto por aqueles que fingiam, com grande reverência, esperá-lo, pois o próprio Messias será tratado de maneira semelhante". Os sofrimentos de Cristo fizeram com que todos os outros sofrimentos não fossem mais estranhos (Jo 15.18). Depois de terem ensopado suas mãos com o sangue de João Batista, eles estavam prontos para fazer a mesma coisa com Cristo. Observe que os homens lidam com Cristo da mesma maneira como lidam com os servos de Cristo. E aqueles que estão embriagados com o sangue dos mártires ainda gritam: Queremos mais (At 12.1-3).

(4) A satisfação dos discípulos com a resposta de Cristo à sua objeção (v. 13): "Entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista". Ele não mencionou o nome de João, mas lhes deu a descrição dele ao colocar nas suas mentes o que Ele havia dito anteriormente com respeito a ele: "Este é Elias". Esta é uma maneira vantajosa de ensinar; ela envolve os pensamentos dos próprios aprendizes, e faz deles, se não os seus próprios professores, aqueles que lembrarão a si mesmos; e assim o conhecimento se torna fácil para aquele que o compreende. Quando usamos com diligência os meios do conhecimento, as névoas são curiosamente dissipadas, e os enganos são corrigidos!

A Expulsão de um Demônio

vv. 14-21

Aqui temos a cura milagrosa de uma criança que era lunática e sofria muito por causa de um demônio. Considere:

I Uma representação melancólica do caso dessa criança, apresentada a Cristo pelo pai aflito. Isso aconteceu logo depois da sua descida do monte onde se transfigurou. As glórias de Cristo não o fazem deixar de pensar em nós, ou nas nossas necessidades e infelicidades. Cristo, ao descer do monte, onde teve uma conversa com Moisés e Elias, não assumiu nenhuma atitude de cerimônia, mas fez-se facilmente acessível, tão ao alcance de pobres mendigos e tão familiar com a multidão quanto sempre costumava ser. A abordagem desse homem foi muito importuna; ele se pôs de joelhos diante de Cristo. Observe que o sentimento de aflição sempre deixa as pessoas de joelhos. Aqueles que percebem que a sua necessidade de Cristo é muito grande, estarão confiantes ao se dirigirem a Ele; e Ele se alegra por ser abordado assim.

O pai do menino se queixa de duas coisas:

1. O sofrimento do seu filho (v. 15): “Senhor, tem misericórdia de meu filho”. O sofrimento dos filhos não pode deixar de afetar os pais carinhosos, pois são partes deles. E o caso de um filho que sofre deve ser apresentado a Deus por meio de uma oração fiel e fervorosa. A perturbação desse menino provavelmente o deixava incapacitado para orar por si mesmo. Os pais são duplamente interessados em orar pelos seus filhos, não somente por aqueles que são inaptos e não podem fazê-lo, mas muito mais por aqueles que são maus e não irão orar por si mesmos. Considere que: (1) A natureza da enfermidade dessa criança era muito triste: “o menino era lunático e sofria muito”. Um lunático é uma pessoa cuja incapacidade está no cérebro, e o seu comportamento se modifica com a mudança da lua. O diabo, por permissão divina, causava essa enfermidade, ou, pelo menos, colaborava para aumentá-la e piorá-la. O menino sofria de quedas, e a mão de Satanás estava nisso; com isso, ele o atormentava, e tornava a situação muito pior do que era. Aqueles de quem Satanás se apossa, ele atormenta com aquelas doenças do corpo que mais afetam a mente, pois é à alma que ele pretende fazer mal. O pai, em sua queixa, disse: “É lunático”, e observou o efeito que suas palavras causaram. Mas Cristo, na cura, repreendeu o demônio, e

assim eliminou a causa do mal. É assim que o Senhor age nas curas espirituais. (2) Os efeitos da doença eram deploráveis: “muitas vezes cai no fogo e, muitas vezes, na água”. Se a força da doença o fazia cair, a maldade do demônio o fazia cair no fogo ou na água – pois ele é excessivamente maligno quando se apossa e se apodera de alguma alma. Ele busca “a quem possa tragar” (1 Pe 5.8).

2. O desapontamento da expectativa do pai em relação aos discípulos (v. 16): “Trouxe-o aos teus discípulos e não puderam curá-lo”. Cristo deu aos seus discípulos o poder de expulsar demônios (cap. 10.1,8), e eles eram bem-sucedidos (Lc 10.17); mas, nessa ocasião, eles fracassaram, embora estivessem nove deles juntos, e diante de uma grande multidão. Cristo permitiu que isso acontecesse: (1) Para conservá-los humildes, e para mostrar que eles dependiam dele, e que sem Ele nada podiam fazer. (2) Para glorificar a si mesmo, bem como ao seu próprio poder. É uma honra para Cristo se apresentar com ajuda, quando outros não conseguem ajudar. O bordão de Eliseu na mão de Geazi não ressuscitou o menino; ele precisou vir pessoalmente. Observe que existem alguns favores especiais cujo direito de concessão Cristo reserva para si. E algumas vezes Ele deixa a cisterna vazia, para que possa nos levar a si mesmo, a fonte. Mas os fracassos dos instrumentos não devem impedir as operações da sua graça, que se realizarão, se não por eles, até mesmo sem eles.

II As repreensões de Cristo, primeiro ao povo, e depois ao demônio.

1. Ele censura os que estão à sua volta (v. 17): “Ó geração incrédula e perversa!” Isto não foi dito aos discípulos, mas ao povo, e talvez, em especial, aos escribas, que são mencionados em Marcos 9.14, e que, aparentemente, insultavam os discípulos, porque agora tinham encontrado um caso que era difícil demais para eles. O próprio Cristo não pôde realizar muitas obras milagrosas em meio a um povo dominado pela descrença. Era devido à falta de fé dessa geração, que eles não podiam obter essas bênçãos de Deus, que, de outra maneira, poderiam ter recebido, e era devido à fraqueza da fé dos discípulos, que eles não conseguiam realizar estas obras de Deus, que, de outra maneira, poderiam ter conseguido. O povo era incrédulo e perverso. Aqueles que são incrédulos serão perversos; e a perversidade é o pecado nas suas piores características. A fé é concordar com Deus, a descrença é opor-se a Deus, e contradizê-lo. A nação de Israel

de antigamente era perversa porque era incrédula (Sl 95.9), e não havia lealdade na vida de seu povo (Dt 32.20).

Ele os repreende com respeito a duas coisas. (1) A sua presença com eles por tanto tempo: “Até quando estarei eu convosco?” Ou, em outras palavras: “Vocês vão precisar sempre da minha presença corpórea, e nunca terão maturidade suficiente para poderem ser independentes, um povo sob a orientação dos discípulos, e os discípulos sob a orientação do Espírito e da sua comissão? Os filhos sempre precisarão ser conduzidos, e nunca irão aprender a caminhar sozinhos?” (2) A sua paciência com eles, até aquele momento: “Até quando vos sofrerei?” Observe que: [1] A incredulidade e a perversidade naqueles que desfrutam os meios da graça são uma grande tristeza para o Senhor Jesus. Assim Ele suportou os costumes da antiga nação de Israel (At 13.18). [2] Quanto mais Cristo suporta um povo perverso e incrédulo, mais Ele se entristece com a sua perversidade e a sua incredulidade; e Ele é Deus, e não homem, caso contrário Ele não sofreria por tanto tempo, nem toleraria tanto, como Ele faz.

2. Ele curou o menino, e o endireitou novamente. Ele ordenou: “Trazei-mo aqui”. Embora o povo fosse perverso, e Cristo fosse provocado, ainda assim Ele cuidou do menino. Embora Cristo possa estar irado, Ele nunca deixa de ser bom; tampouco Ele, em meio ao seu maior desprazer, fecha as entranhas da sua compaixão aos infelizes: “Trazei-mo aqui”. Observe que quando todas as outras ajudas e os outros auxílios falham, nós somos bem recebidos por Cristo, e podemos estar confiantes nele, no seu poder, e na sua bondade.

Veja aqui um símbolo da missão de Cristo como o nosso Redentor.

(1) Ele destrói o poder de Satanás (v. 18): “E repreendeu Jesus o demônio”, como alguém que tem autoridade, que respaldava com a força a sua palavra de ordem. Observe que as vitórias de Cristo sobre Satanás são obtidas pelo poder da sua palavra, a espada que sai da sua boca (Ap 19.21). Embora estivesse possuindo o menino por tanto tempo, Satanás não consegue suportar a repreensão de Cristo. É consolador para aqueles que estão lutando contra principados e potestades saber que Cristo os despoja (Cl 2.15). O Leão da tribo de Judá será extremamente severo com o leão que brama, procurando tragar.

(2) Ele dá fim ao sofrimento dos filhos dos homens: “Desde aquela hora, o menino sarou”. Foi uma cura instantânea, e perfeita. Este é um incentivo para que os pais tragam até Cristo os seus filhos, cujas almas estão sob o poder de Satanás. Ele pode curá-los, e deseja fazer isso, pois é capaz. Eles não devem ser apenas trazidos a Cristo por meio da oração, mas devem ser trazidos à palavra de Cristo, o meio comum pelo qual as fortalezas de Satanás são demolidas na alma. Se a repreensão de Cristo convencer o coração, ela arruinará o poder que Satanás tiver ali.

III As palavras de Cristo aos seus discípulos, como conseqüência desse episódio.

1. Os discípulos perguntam a razão pela qual eles não puderam expulsar o demônio nessa ocasião (v. 19): “Os discípulos, aproximando-se de Jesus em particular, disseram...”. Note que os ministros, que devem fazer a obra de Cristo, têm necessidade de manter uma comunhão particular com Ele, para que possam, em segredo, sem ser vistos, lamentar a sua fraqueza e as suas dificuldades, as suas limitações e inseguranças, nas suas atividades públicas, e perguntar qual é a causa delas. Devemos fazer uso da liberdade de acesso que temos a Jesus em particular, quando podemos estar à vontade com Ele. Tais perguntas como essa que os discípulos fizeram a Cristo, deveríamos fazer a nós mesmos, conversando intimamente com os nossos corações, antes de dormir: Por que fui tão tolo e descuidado em tal ocasião? Por que não consegui cumprir satisfatoriamente tal dever? Para que aquilo que estiver incorreto possa, quando descoberto, ser corrigido.

2.Cristo lhes dá duas razões para o fracasso que tiveram.

(1) “Por causa da vossa pequena fé” (v. 20). Quando Jesus falou com o pai do menino e com o povo, Ele censurou a sua incredulidade; quando Ele falou aos seus discípulos, Ele censurou a deles, pois a verdade era que havia falhas nos dois lados. Mas nós estamos mais preocupados em ouvir falar sobre as falhas dos outros do que sobre as nossas próprias falhas, e a imputar o que está incorreto aos outros, e não a nós mesmos. Quando a pregação da Palavra não parece ser tão bem-sucedida como já chegou a ser algumas vezes, as pessoas estão prontas a atribuir toda a falha aos ministros, e os ministros a atribuem ao povo, embora fosse mais conveniente que cada um admitisse as suas próprias falhas e dissesse: “É por minha causa”. Os ministros, ao repreenderem ou acusarem, precisam aprender a dar a cada um

a sua porção da palavra, e a evitar que as pessoas julguem umas às outras. Eles devem ensinar que cada um julgue a si mesmo: “Por causa da vossa pequena fé”. Embora tivessem fé, a fé deles era fraca e não produzia nenhum efeito. Observe que: [1] À medida que a fé falha em termos de força, vigor e atividade, pode ser dito com verdade: “Este é um caso de incredulidade”. Muitos podem ser acusados de ter pouca fé, embora não devam ser chamados de incrédulos. [2] Por causa da nossa pequena fé, somos os responsáveis por acontecerem poucos milagres na religião, e por eles não acontecerem, freqüentemente, como deveriam. Assim, a situação fica em um nível aquém do esperado, naquilo que é bom.

O nosso Senhor Jesus aproveita essa ocasião para mostrar aos discípulos o poder da fé, para que eles não fracassem, em outra ocasião, como fracassaram agora: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível” (v. 20). Alguns interpretam a comparação como referindo-se à qualidade do grão de mostarda, que é, quando moído, agudo e penetrante. “Se vocês tivessem uma fé ativa e em crescimento, não morta, achatada ou insípida, vocês não teriam ficado frustrados dessa maneira”. Mas, na verdade, isso se refere à quantidade. “Se vocês tiverem apenas um grão de fé verdadeira, mesmo que tão pequeno quanto o menor dos grãos, nada lhes será impossível; vocês farão maravilhas”. A fé em geral é uma aquiescência firme, uma concordância e uma confiança em toda a revelação divina. A fé que se exige aqui, é aquela que tem como seu objeto aquela revelação particular pela qual Cristo deu aos seus discípulos o poder para realizar milagres em seu nome, para a confirmação da doutrina que eles pregavam. É nesse tipo de fé que eles são deficientes. Eles duvidam da validade da sua chamada, ou temem que ela tenha expirado com a sua primeira missão, e que não devesse continuar quando retornassem para junto do seu Mestre; que, de alguma maneira, ela teria sido retirada ou perdida. Talvez a ausência do Mestre juntamente com os três principais discípulos, com a ordem de que os demais não deviam segui-lo, pudesse ter ocasionado algumas dúvidas a respeito do seu poder, ou melhor, do poder do Senhor com eles, para fazer isso. Entretanto, não havia, naquela ocasião, uma confiança ou dependência tão grande na promessa da presença de Cristo com eles, como devia ter havido. É bom não termos confiança em nós mesmos, nem na nossa própria força. Mas é desagradável para Cristo quando nós perdemos a confiança em qualquer poder obtido dele, ou concedido por Ele.

Se tiverdes ainda que um pouco dessa fé com sinceridade, se verdadeiramente confiardes nos poderes que vos foram concedidos, “direis a este monte: Passa”. Esta é uma expressão conhecida, que denota aquilo que vem a seguir, e nada mais: “Nada vos será impossível”. Eles tinham uma comissão plena, entre outras coisas, para expulsar demônios, sem exceção; mas, pelo fato desse demônio ter uma maldade inveterada, acima do normal, eles não tiveram confiança no poder que haviam recebido, e por isso falharam. Para convencê-los disso, Cristo lhes mostra o que poderiam ter feito. Observe que uma fé ativa pode mover montanhas, não por si mesma, mas na virtude do poder divino, que está ligado a uma promessa divina; e a fé se mantém sobre essa virtude e sobre essa promessa.

(2) Porque havia alguma coisa no tipo de doença que tornava a cura mais difícil do que o normal (v. 21): “‘Esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum’. Esta e possessão, que opera através de uma doença, ou este tipo de demônios que são furiosos dessa maneira, não é expulsa pela maneira normal, mas por meio de grandes atos de devoção, e nisso vocês são deficientes”. Observe que: [1] Embora os adversários que combatemos sejam todos principados e potestades, ainda assim alguns são mais fortes do que outros, e há poderes mais difíceis de serem subjugados. [2] O extraordinário poder de Satanás não deve desencorajar a nossa fé, mas sim nos estimular a agir nela com maior intensidade, tendo mais fervor em nossas orações a Deus, pedindo que o Senhor aumente a nossa fé. Por isso alguns têm a seguinte interpretação: “Este tipo de fé (que remove montanhas) não pode proceder, não pode ser obtido de Deus, não pode ser trazido ao seu crescimento completo, nem pode se transformar em ações e exercícios, exceto por meio de fervorosas orações”. [3] O jejum e a oração são meios adequados para destruir o poder de Satanás contra nós, e para trazer o poder divino em nosso auxílio. O jejum é útil para aprimorar a oração; é uma evidência e um exemplo de humilhação que é necessário na oração, e é um meio de eliminar alguns hábitos corruptos, e de dispor o corpo para servir à alma em oração. Quando o interesse do demônio pela alma é confirmado pela disposição e pela constituição do corpo, o jejum deve ser acompanhado pela oração, para que o indivíduo possa manter o seu corpo em sujeição ao Senhor.

Os Sofrimentos de Cristo São Preditos

vv. 22,23

Aqui Cristo prediz os seus próprios sofrimentos. Ele havia começado a fazer isso antes (cap. 16.21) e, entendendo que para os seus discípulos tinham sido palavras duras, Ele achou necessário repeti-las aqui. Há algumas coisas que Deus fala uma vez, às vezes duas, e ainda assim o homem não se dá conta delas. Observe aqui:

1. O que Jesus predisse a seu respeito: que Ele seria traído e morto. Ele sabia perfeitamente, de antemão, todas as coisas que lhe iriam acontecer, e ainda assim empreendeu a obra da nossa redenção, o que glorifica imensamente o seu amor. A sua clara previsão dessas coisas era um tipo de paixão antecipada; o seu amor pela humanidade tornava tudo mais fácil para Ele.

(1) Jesus diz aos discípulos que Ele seria "entregue nas mãos dos homens". Ele seria entregue (e assim podemos interpretar que Deus Pai o entregou pelo seu conselho e conhecimento prévio (At 2.23; Rm 8.32); mas, da maneira como nós interpretamos, isto se refere à traição de Judas, que o entregou às mãos dos sacerdotes, e à traição deles, os quais, por sua vez, entregaram-no aos romanos. Ele foi "entregue nas mãos dos homens"; homens dos quais Ele era aliado por natureza, e de quem, portanto, Ele deveria poder esperar piedade e carinho; homens que Ele tinha decidido salvar, e de quem, portanto, Ele deveria poder esperar honra e gratidão; mas esses eram os seus perseguidores e assassinos.

(2) Eles o matariam. Nada menos do que isso poderia satisfazer a ira deles. Era o seu sangue, o seu sangue precioso, que eles queriam; tinham sede desse sangue. "Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo". Nada menos poderia satisfazer à justiça de Deus e corresponder à sua missão. Uma vez que Ele devia ser um sacrifício de expiação, Ele precisava ser morto: "Sem derramamento de sangue não há remissão".

(3) Ele ressuscitaria ao "terceiro dia". Ainda, ao falar da sua morte, Jesus dava uma idéia da sua ressurreição, da alegria que estava posta diante dele, e foi com essa perspectiva que Ele "suportou a cruz e desprezou a afronta". Isso era um incentivo, não somente para Ele, mas também para os discípulos. Pois se Ele ressuscitaria no terceiro dia, a sua separação deles não seria longa, e o seu retorno para junto deles seria glorioso.

2. Como os discípulos receberam essas informações: “Eles se entristeceram muito”. Aqui se exibia o amor dos discípulos pelo seu Mestre, mas juntamente com toda a sua ignorância e os seus enganos a respeito da sua missão. Na verdade, Pedro não disse nada contra isso, como havia dito antes (cap. 16.22), tendo, naquela ocasião, sido severamente repreendido pelo Senhor. Mas ele e os demais discípulos lamentaram profundamente; como se a tristeza do seu Mestre e o pecado e a destruição daqueles assassinos fossem uma perda pessoal para cada um deles.

O Nosso Senhor Paga o Tributo

vv. 24-27

Aqui temos um relato de Cristo pagando um tributo.

I Observe a maneira como o tributo lhe foi exigido (v. 24). Cristo estava então em Cafarnaum, o seu centro de operações, onde residia na maior parte do tempo. Ele não se afastou dali para evitar que lhe pedissem o pagamento de tributos, mas, na verdade, Ele foi para lá disposto a pagá-los.

1. O tributo exigido não era nenhum pagamento civil ao governo romano, que era rigidamente cobrado pelos publicanos, mas os tributos da sinagoga, meio siclo, cerca de quinze centavos de dólar, que eram cobrados de todas as pessoas pelo serviço do Templo, subsidiando as despesas da adoração ali realizada; isso era chamado de “resgate da alma” (Êx 30.12ss.). Não era tão rigidamente cobrado agora, como já tinha sido algumas vezes, especialmente na Galiléia.

2. A exigência foi muito modesta. Os cobradores tinham tanto respeito por Cristo, devido aos seus milagres, que não ousaram falar com Ele sobre o tributo, mas se dirigiram a Pedro, cuja casa ficava em Cafarnaum, e provavelmente era ali que Cristo se hospedava; portanto, era mais adequado dirigir-se a ele, que era o dono da casa, e eles supunham que Ele conhecesse a vontade do seu Mestre. A pergunta que lhe fizeram foi: “O vosso mestre não paga as didracmas?” Alguns opinam que eles estavam procurando uma oportunidade de acusá-lo, pretendendo, caso Ele se recusasse a pagar, acusá-lo como sendo indiferente aos serviços do Templo, e aos seus seguidores, como pessoas desrespeitosas da lei, que não pagavam “direitos, tributos nem

rendas” (Ed 4.13). Mas, na verdade, parece que eles perguntaram isso com respeito, dando a entender que, se Ele tivesse qualquer privilégio que o isentasse desse pagamento, eles não insistiriam.

Pedro imediatamente responde pelo seu Mestre: “Sim”, com certeza, meu Mestre paga os tributos; é o seu princípio e o seu costume; vocês não precisam ter medo de pedir-lhe. (1) Ele era nascido “sob a lei” (Gl 4.4); portanto, sob essa lei, tinham pago por Ele, quando tinha quarenta dias de nascido (Lc 2.22), e agora Ele pagava por si mesmo, como alguém que, na sua condição de humilhação, tinha assumido a “forma de servo” (Fp 2.7,8). (2) Ele se fez pecado por nós, e foi enviado “em semelhança da carne do pecado” (Rm 8.3). Essa taxa paga ao Templo é chamada de “expiação pela alma” (Êx 30.15). Cristo, para que em tudo fosse semelhante aos pecadores, pagou-a, embora não tivesse nenhum pecado para expiar. (3) Era conveniente que Ele “cumprisse toda a justiça” (cap. 3.15). Ele fez isso para dar um exemplo: [1] De dar a cada um o que é devido: “a quem tributo, tributo” (Rm 13.7). Como o reino de Cristo não é deste mundo, os seus obreiros estão muito distantes de terem um poder que lhes seja outorgado por este mundo, como, por exemplo, o de cobrar impostos dos outros; e assim eles ficam sujeitos aos poderes que podem fazê-lo. [2] De contribuir para o sustento da adoração pública a Deus nos lugares onde estivermos. Se nós obtivemos coisas espirituais, é adequado que devolvamos coisas materiais. O templo, então, era uma residência de ladrões, e a adoração do templo, uma desculpa para a oposição que os principais dos sacerdotes faziam a Cristo e à sua doutrina; e, ainda assim, Cristo pagou esse tributo. As obrigações para com a igreja, impostas legalmente, devem ser pagas, mesmo que exista algum tipo de corrupção na igreja. Nós devemos tomar cuidado para não usar a nossa liberdade como “cobertura da malícia” (1 Pe 2.16). Se Cristo paga impostos, quem pode esperar ser isento?

II A maneira como essa questão foi debatida (v. 25): não com os próprios cobradores, para que não ficassem irritados, mas com Pedro, para que ele ficasse satisfeito com o motivo pelo qual Cristo pagava os impostos, e não se enganasse a esse respeito. Ele levou os cobradores para dentro de casa, mas Cristo se antecipou a ele, para dar-lhe uma prova da sua onisciência, e de que nenhum pensamento podia ficar oculto dele. Os discípulos de Cristo nunca são atacados sem o seu conhecimento.

Assim: 1. Ele fala sobre os costumes dos reis da terra, no tocante a cobrar os tributos de estranhos, dos súditos do seu reino ou de estrangeiros que fazem negócios com eles, mas não dos seus próprios filhos, que são parte da sua família. Existe uma tal comunidade de bens entre pais e filhos, e um interesse comum no que eles têm, que seria absurdo que os pais cobrassem impostos dos filhos, ou exigissem algo deles. Seria como uma mão cobrando a outra.

2. Jesus aplica esse mesmo costume a si mesmo: “Logo, estão livres os filhos”. Cristo é o Filho de Deus, e herdeiro de todas as coisas; o templo é o seu templo (Ml 3.1), a casa do seu Pai (Jo 2.16), nela Ele é fiel, como um Filho na sua própria casa (Hb 3.6), e por isso não é obrigado a pagar esse imposto para o serviço do templo. Assim, Cristo afirma o seu direito, para que o seu pagamento do tributo não fosse interpretado, erroneamente, como um enfraquecimento do seu título como Filho de Deus, e Rei de Israel, e pudesse parecer que Ele estivesse desonrando a si mesmo. Essas imunidades dos filhos não devem ser estendidas além do próprio Senhor Jesus. Os filhos de Deus são libertos da escravidão do pecado e de Satanás pela graça e pela adoção, mas não são libertados da sua submissão aos magistrados civis, nas questões civis; aqui a lei de Cristo é expressa: “Toda alma” (e as almas santificadas não são isentas) “esteja sujeita às autoridades superiores”. “Dai, pois, a César o que é de César”.

III Como, apesar disso, o imposto foi pago (v. 27).

1. Por que motivo Cristo desistiu do seu privilégio, e pagou esse tributo, embora tivesse direito à isenção – “para que os não escandalizemos”. Poucos sabiam, como Pedro, que Ele era o Filho de Deus; e teria sido uma diminuição à honra daquela grande verdade, que ainda era um segredo, dá-la a conhecer então para servir a um propósito como esse. Por isso Cristo desiste desse argumento e considera que, se Ele se recusasse a fazer o pagamento, isso iria aumentar o preconceito do povo contra Ele e a sua doutrina, e afastá-los dele; por isso Ele decide pagar. Observe que a prudência e a humildade cristãs nos ensinam, em muitos casos, a recuar no nosso direito, em vez de ofender alguém, insistindo nele (a pregação e os milagres de Cristo os ofendiam, e ainda assim Cristo prosseguia realizando-os, cap. 15.12,13; melhor ofender aos homens do que a Deus); mas, às vezes, nós devemos renunciar àquilo que é o nosso interesse secular, em vez

de ofender, como Paulo (1 Co 8.13; Rm 14.13).

2. Que método Ele usou para o pagamento desse imposto: Ele se abasteceu com dinheiro obtido da boca de um peixe (v. 27), e vemos:

(1) A pobreza de Cristo: Ele não tinha quinze centavos de dólar à sua disposição para poder pagar com eles o seu imposto, embora Ele curasse tantos doentes. Ele fazia tudo gratuitamente. “Por amor de vós se fez pobre” (2 Co 8.9). Para as suas despesas regulares, Ele vivia de esmolas (Lc 8.3), e para as extraordinárias, Ele vivia de milagres. Ele não ordenou que Judas pagasse esse imposto com o dinheiro da bolsa que estava aos seus cuidados; aquele dinheiro era para a subsistência deles, e Ele não iria ordenar que fosse destinado a esse uso em particular o que se destinava para o benefício da comunidade.

(2) O poder de Cristo, em obter dinheiro da boca de um peixe para esse objetivo. Se a sua onipotência colocou o dinheiro ali, ou se a sua onisciência sabia que estava ali, o resultado é um só; isso foi uma evidência da sua divindade, e de que Ele é o Senhor dos exércitos. Aquelas criaturas que estão mais distantes do homem estão sob as ordens de Cristo, até mesmo os peixes do mar estão debaixo de seus pés (Sl 8.5); e para evidenciar o seu domínio sobre este mundo inferior, e para se adequar ao seu atual estado de humilhação, Ele decidiu obter o dinheiro da boca de um peixe, quando poderia tê-lo obtido da mão de um anjo. Considere que:

[1] Pedro deveria pescar o peixe com um anzol. Até mesmo nos seus milagres, Jesus usava meios para incentivar a dedicação e o empenho. Pedro devia fazer alguma coisa, e isso também estava relacionado com a sua própria vocação. Isto serve para nos ensinar diligência na atividade para a qual somos chamados, e convocados. Esperamos que Cristo nos dê tudo? Vamos estar preparados para trabalhar para Ele.

[2] O peixe subiu com o dinheiro na boca – o que, para nós, representa a recompensa da obediência. Qualquer trabalho que realizemos sob as ordens de Cristo trará a sua própria recompensa consigo: em guardar os mandamentos de Deus, assim como depois de guardá-los, há grande recompensa (Sl 19.11). Pedro foi feito um pescador de homens, e aqueles que ele pesca vêm à superfície. Quando o coração estiver aberto para receber a Palavra de Cristo, a mão estará aberta para encorajar os seus ministros.

[3] O dinheiro do peixe foi a conta exata para pagar o imposto para Cristo e Pedro: “Encontrarás um estáter”. Um estáter valia um siclo judaico, que

pagaria o imposto por duas pessoas, pois o valor do imposto era de meio siclo (Êx 30.13). Cristo poderia facilmente ter ordenado uma maleta de dinheiro, mas Ele nos ensina a não ambicionar o que é supérfluo, mas, tendo o suficiente para as nossas condições atuais, a ficarmos satisfeitos, e a não deixar de confiar em Deus, embora vivamos apenas uma existência precária. Cristo fez do peixe o seu tesoureiro, e por que nós não fazemos da providência de Deus a nossa tesouraria e o nosso armazém? “Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo”. Em outras palavras: se tivermos a competência necessária para hoje, deixemos que o amanhã cuide das coisas do amanhã. Cristo pagou por Ele e por Pedro, porque é provável que aqui somente Ele fosse inquirido, e somente dele se exigisse nessa ocasião; talvez os demais já tivessem pago, ou iriam pagar de outra maneira. Os papistas interpretam como um grande mistério o fato de Cristo pagar por Pedro, como se isso fizesse dele o chefe e o representante de toda a igreja; ao passo que o seu pagamento do tributo era mais um sinal de submissão do que de superioridade. Os seus supostos sucessores não pagavam tributos, mas o cobravam. Pedro pescou o seu dinheiro, e, portanto, parte dele foi para o seu uso. Aqueles que trabalham com Cristo para conquistar almas irão resplandecer com Ele. “Dá-o por mim e por ti”. O que Cristo pagou por si mesmo era considerado como uma dívida; o que Ele pagou por Pedro era uma cortesia para com ele. Observe que é desejável, se Deus assim o desejar, obter os recursos necessários dos bens deste mundo, não somente para sermos justos, mas também para sermos bons; não somente para a caridade para os pobres, mas como favor aos nossos amigos. Para que serve uma grande quantidade de bens, senão para capacitar o homem a fazer o bem ainda mais?

Finalmente, observe que o evangelista aqui registra as ordens que Cristo deu a Pedro, a autorização; o efeito não é mencionado de forma especial, mas é corretamente aceito como entendido; pois, com Cristo, dizer e fazer são a mesma coisa.

CAPÍTULO 18

Os Evangelhos são, em resumo, um registro do que Jesus começou tanto a fazer como a ensinar. No capítulo anterior, tivemos um relato de seus feitos, e de seus ensinamentos; provavelmente, não todos ao mesmo

tempo, em um discurso contínuo, mas várias vezes, em diversas ocasiões, aqui reunidos, quase com as mesmas palavras. Temos aqui: I. Instruções com respeito à humildade (vv. 1-6). II. Com respeito às ofensas em geral (v. 7), particularmente as ofensas que estejam em nós: 1. Feitas a nós mesmos (vv. 8,9). 2. Feitas aos outros (vv. 10-14). 3. Por outros a nós; que são de dois tipos: (1) Pecados escandalosos, que devem ser reprovados (vv. 15-10). (2) Erros pessoais, que devem ser perdoados (vv. 21-35). Veja como a pregação de Cristo era prática. Ele poderia ter revelado mistérios, mas, ao invés disso, o Senhor passou deveres simples, especialmente aqueles que são mais desagradáveis à carne e ao sangue.

A Importância da Humildade

vv. 1-6

Assim como nunca houve um padrão de humildade maior, nunca houve um pregador maior que Cristo, em todos os aspectos, inclusive em termos de humildade. Ele aproveitou todas as ocasiões para ensiná-la aos seus discípulos e seguidores.

I A ocasião desse discurso com relação à humildade foi uma competição inconveniente entre os discípulos por preeminência; eles chegaram ao pé de Jesus, dizendo, entre si (porque estavam envergonhados para perguntar a ele, Marcos 9.34): “Quem é o maior no Reino dos céus?” Eles não quiseram dizer quem o seria pelo caráter (então a pergunta teria sido boa, de forma que eles poderiam saber em quais graças e deveres precisavam se superar), mas quem pelo nome. Eles tinham ouvido muito, e pregado muito sobre o Reino dos céus, o reino do Messias, sua igreja neste mundo; mas mesmo assim eles estavam muito distantes de ter qualquer noção clara disso, e sonhavam com um reino temporal, a pompa exterior, e o seu poder. Cristo havia recentemente predito os seus sofrimentos, e a glória que deveria se seguir, que Ele deveria ressuscitar dos mortos, que a partir daí eles esperassem o início de seu reino; então eles pensavam que era a hora de estabelecer os seus lugares no reino. É bom, nesses casos, falar logo. Surgiram debates desse tipo diante de outros discursos de Cristo (cap. 20.19,20; Lc 22.22,24). Ele falou muitas palavras com relação aos seus

sofrimentos, mas apenas uma palavra sobre a sua glória; no entanto, eles se firmaram em uma coisa, e ignoraram a outra; e em vez de lhe perguntarem como poderiam ter forças e graça para sofrer com Ele, perguntaram quem seria “o maior” ao reinar com Ele. Note que muitos amam ouvir e falar dos privilégios e da glória, e desejam ignorar os pensamentos de trabalho e dificuldade. Eles olham tanto para a coroa, que se esquecem do jugo e da cruz. Foi o que os discípulos fizeram aqui, quando perguntaram: “Quem é o maior no Reino dos céus?”

1.Eles supõem que todos os que têm um lugar naquele reino são grandes, porque é um reino de sacerdotes. Os homens verdadeiramente grandes são aqueles verdadeiramente bons; e eles aparecerão assim finalmente, quando Cristo os possuir como o seu povo, embora sejam tão maus e pobres no mundo.

2. Eles supõem que há graus nessa grandeza. Todos os santos são honoráveis, mas nem todos da mesma forma; uma estrela difere de outra estrela em glória. Nem todos os oficiais de Davi eram valorosos, nem todos os seus valorosos estavam nas três primeiras posições.

3. Eles supõem que alguns deles devam ter a posição de primeiro-ministro de estado. A quem o Rei Jesus deveria ter prazer em honrar, além daqueles que tinham deixado tudo por Ele, e que eram agora os seus companheiros na paciência e na tribulação?

4. Eles disputam quem deveria ser o quê, cada um tendo uma pretensão ou outra ao reino. Pedro sempre foi o principal orador, e já tinha recebido as chaves; ele espera ser o presidente da Câmara dos Pares ou o camareiro-mor da casa, sendo assim o maior. Judas tinha a bolsa, e assim ele espera ser o tesoureiro-mor, o qual, embora agora venha por último, espera ser o maior. Simão e Judas são meio parentes de Jesus, e esperam estar acima de todos os grandes oficiais de estado, como príncipes de sangue. João é o discípulo amado, o favorito do Príncipe; portanto, espera ser o maior. André foi chamado primeiro; e por que não teria a primeira preferência? Nós somos muito inclinados a nos entreter e a nos agradar com fantasias tolas de coisas que nunca acontecerão.

II O próprio discurso, que é uma justa reprovação para a pergunta: Quem será o maior? Nós temos muitas razões para pensar que, se Cristo tivesse a intenção de que Pedro e seus sucessores em Roma fossem os chefes da

igreja, e seus principais sacerdotes na terra, tendo tido uma ocasião tão boa para isso, Ele agora avisaria aos seus discípulos; mas Ele está tão distante disso, que sua resposta desautoriza e condena a própria atitude de desejar ser o maior. Cristo não conferirá tal autoridade ou supremacia em nenhum escalão de sua igreja; quaisquer que tiverem essa intenção serão usurpadores; em vez de estabelecer qualquer dos discípulos nessa dignidade, Ele adverte a todos eles a não aspirarem tal posição.

Cristo aqui os ensina a serem humildes:

1. Por um sinal (v. 2); "E Jesus, chamando uma criança, a pôs no meio deles". Cristo freqüentemente ensinava por sinais ou ilustrações sensatas (comparações visuais), como os profetas do passado. A humildade é uma lição aprendida de forma tão dura, que precisamos de todos os modos e meios para sermos ensinados. Quando olhamos uma criança pequena, devemos ter em mente a comparação que Cristo fez com essa criança. Coisas sensatas devem ser utilizadas para propósitos espirituais. "Jesus a pôs no meio deles"; não para que eles pudessem brincar com ela, mas para que pudessem aprender através dela. Os homens crescidos, e os homens grandes, não deveriam desdenhar da companhia das crianças pequenas, ou considerar como algo inferior a atitude de notá-las. Eles podem falar com as crianças, e instruí-las; ou prestar atenção nelas e receber instruções delas. O próprio Cristo, quando criança, esteve "assentado no meio dos doutores" (Lc 2.46).

2. Por um sermão sobre esse sinal, no qual Ele mostra a eles e a nós:

(1) A necessidade da humildade (v. 3). O seu prefácio é solene, e ordena tanto a atenção como o consentimento: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus". Aqui observe:

[1] O que Ele exige e no que Ele insiste.

Em primeiro lugar: "Vocês devem se converter, vocês devem ter uma outra mentalidade, e em outra estrutura e sentimento; devem ter outros pensamentos, tanto de si mesmos como do Reino dos céus, antes de estarem aptos a ocupar um lugar nele. O orgulho, a ambição e a artificialidade de honra e domínio, que aparecem em vocês, devem sofrer um arrependimento, uma mortificação e uma reforma, e vocês devem se dar conta disso." Além da primeira conversão de uma alma de um estado de natureza para um estado de graça, há conversões posteriores de determinados caminhos de apostasia, que são igualmente necessários para a salvação. Todo passo fora

do caminho devido ao pecado deve ser um passo de volta ao caminho através do arrependimento. Quando Pedro se arrependeu de ter negado ao seu Mestre, ele se converteu.

Em segundo lugar: Vocês devem se tornar "*como crianças*". A graça que converte nos faz como meninos, e não como meninos no entendimento (1 Co 14.20), nem inconstantes (Ef 4.14), nem brincalhões (cap. 11.16); mas, como crianças, devemos "desejar afetuosamente o leite racional" (1 Pe 2.2); como crianças, não devemos nos preocupar com nada, mas deixar que o nosso Pai celestial cuide de nós (cap. 6.31). Devemos, como crianças, ser inocentes e inofensivos, e sem malícia (1 Co 14.20), governáveis, e estar sob autoridade (Gl 4.2); e (o que aqui é a principal intenção) devemos ser humildes como crianças pequenas, que não ligam para a pompa, que não dão importância às formalidades. O filho de um nobre brincará com o filho de um mendigo (Rm 12.16). A criança em farrapos, mas vestida, estará tão alegre quanto a outra criança, e não invejará a roupa da criança que se veste de seda; as crianças pequenas não têm grandes ambições quanto a lugares de destaque, ou a projetos de se elevarem a altas posições no mundo; elas não se exercitam em grandes assuntos, nem em coisas muito elevadas para elas. E nós devemos, da mesma maneira, calar e sossegar a nossa alma (Sl 131.1,2). Como as crianças são pequenas no corpo e baixas em estatura, assim devemos ser pequenos e baixos no espírito, e nos nossos pensamentos a respeito de nós mesmos. Este é um sentimento que leva a outras boas disposições; a época da infância é a época do aprendizado.

[2] Que ênfase o Senhor coloca sobre isso. Sem isso, "de modo algum entrareis no Reino dos céus". Note que os discípulos de Cristo têm a necessidade de ser mantidos em expectativa por meio de ameaças, para temerem ficar "para trás" (Hb 4.1). Os discípulos, quando fazem aquela pergunta (v. 1), têm a certeza de entrar no Reino dos céus; mas Cristo os desperta para o fato de estarem enciumados uns dos outros. Eles eram ambiciosos, e queriam ser "o maior no Reino dos céus". Cristo lhes diz que, a menos que tenham uma atitude melhor, jamais chegarão lá. Muitos que aspiram ser o maior na igreja, demonstram ser não só pequenos, mas nada, e acabam não tendo parte ou porção no assunto em questão. O nosso Senhor pretende aqui mostrar o grande perigo do orgulho e da ambição; a despeito do que os homens professem, se eles se permitirem cair nesse pecado, serão rejeitados e não entrarão nem no tabernáculo de Deus, nem em seu santo

monte. O orgulho fez cair do céu os anjos que pecaram, e nos deixará de fora, se não nos convertermos. Aqueles que se exaltam com o orgulho, caem na condenação do diabo. Para evitar isso, devemos nos fazer como crianças pequenas. E para fazermos isso, devemos nascer de novo, devemos nos revestir do novo homem, devemos ser como o santo Filho Jesus; assim Ele é chamado, mesmo depois de sua ascensão (At 4.27).

(2) Ele mostra a honra e o avanço que resultam da humildade (v. 4), fornecendo assim uma resposta direta, mas surpreendente, à pergunta deles. Aquele que se tornar humilde como uma criança pequena – embora possa temer que assim se apresente como alguém desprezível, como um homem de mente tímida, que desse modo se lança para fora do caminho da preferência –, esse é o maior no Reino dos céus. Os cristãos mais humildes são os melhores cristãos, os mais parecidos com Cristo, e os mais elevados em seu favor; estão melhor posicionados para as comunicações da graça divina, mais adequados para servir a Deus neste mundo, e desfrutar o mundo vindouro. Eles são grandes, porque Deus domina o céu e a terra, e não deixa de considerá-los; e certamente aqueles a serem mais respeitados e honrados na igreja são os mais humildes e os que renunciam a si mesmos; porque, embora eles não busquem ser grandes, são aqueles que o merecem.

(3) O cuidado especial que Cristo tem por aqueles que são humildes. Ele advoga a causa deles, os protege, se interessa por suas preocupações, e não permite que sejam vítimas de injustiça, sem que tenham uma futura compensação.

Aqueles que assim se tornam humildes temerão:

[1] Que ninguém os receba; mas (v. 5): “Qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta, a mim me recebe”. Jesus considera qualquer ato de bondade feito a alguém como sendo feito a Ele mesmo. Existe um ato que deve ser aceito e recompensado como um ato de respeito a Cristo: aquele que acolhe um cristão manso e humilde, mantém-no em uma situação de tranqüilidade, não o deixa perder por sua modéstia, aceita-o em seu amor e amizade, em sua companhia e cuidado, e estuda alguma maneira de lhe fazer algum gesto de bondade; aquele que faz isso em nome de Cristo, por amor a Ele, pelo fato de o cristão levar a imagem de Cristo, servir a Cristo, e porque Cristo o recebeu. Mesmo que apenas uma pequena criança seja recebida em nome de Cristo, isto será aceito. Note que a terna consideração que Cristo tem por sua igreja se estende a cada membro em

particular, até mesmo ao que é aparentemente mais insignificante; não só a toda a família, mas a cada membro da família. Quanto menores forem aqueles a quem demonstrarmos bondade, mais boa vontade estaremos demonstrando em relação a Cristo. Quando fazemos algo por pessoas que naturalmente não ajudaríamos, estamos fazendo mais por amor a Cristo; e Ele aceita esta oferta. Se Cristo estivesse pessoalmente entre nós, entendemos que jamais conseguiríamos recebê-lo tão bem quanto Ele merece. Mas sempre temos conosco os pobres, os pobres de espírito; e podemos fazer a eles aquilo que faríamos pessoalmente ao próprio Cristo. Veja cap. 25.35-40.

[2] Eles temerão que todos abusem deles; os homens mais indignos se deliciarão ao menosprezar o humilde. *Vexat censura columbas – A censura deita as garras sobre as pombas.* Ele trata dessa objeção (v. 6), e adverte a todas as pessoas quanto ao risco envolvido em sua resposta, para que não tragam qualquer injúria a algum dos pequeninos de Cristo. Esta palavra funciona como uma parede de fogo em torno deles; aquele que tocar neles, toca na menina dos olhos de Deus.

Considere, em primeiro lugar, o crime que está em foco: escandalizar um desses pequeninos que crêem em Cristo. A sua crença em Cristo, embora sejam pequeninos, os une a Ele, e faz com que Ele se interesse pela causa deles, de forma que, como eles participam do benefício de seus sofrimentos, Ele também participa das injustiças que lhes são causadas. Os pequeninos que crêem têm os mesmos privilégios dos grandes, porque todos eles conseguiram uma fé preciosa. Há aqueles que escandalizam estes pequeninos, fazendo-os pecar (1 Co 8.10,11), afligindo e causando dor em suas almas justas, desencorajando-os, aproveitando-se de sua mansidão para fazer deles uma presa individualmente, em suas famílias, aprisionando os seus bens ou o seu bom nome. Dessa forma, os melhores homens freqüentemente têm encontrado o pior tratamento da parte deste mundo.

Em segundo lugar, a punição desse crime que é sugerida nesta palavra: “Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar”. O pecado é tão horrendo, e a ruína é proporcionalmente tão grande, que seria melhor que o transgressor sofresse os castigos mais dolorosos infligidos sobre o pior dos criminosos, algo que só pode matar o corpo. Note que: 1. O inferno é pior do que a profundeza do mar, porque ele é um abismo sem fundo, e é um lago de fogo. A profundeza

do mar apenas mata, mas o inferno é atormentador. Conhecemos alguém que teve conforto na profundeza do mar: Jonas (Jn. 2.2,4,9); mas ninguém jamais teve o menor grão ou vislumbre de conforto no inferno, nem o terá na eternidade. 2. A condenação irrevogável e irresistível do grande Juiz trará uma prisão mais rápida, um naufrágio mais certo e mais rápido, do que uma mó de azenha pendurada ao pescoço. Existe um grande abismo que jamais pode ser transposto (Lc 16.26). Escandalizar os pequeninos de Cristo, embora por omissão, é apontado como o motivo para esta terrível sentença: "Amaldiçoados sejam", que no final será a condenação dos perseguidores orgulhosos.

Advertências contra os Escândalos

vv. 7-14

O nosso Salvador fala aqui de ofensas, ou escândalos:

I Em geral (v. 7). Tendo mencionado o fato de escandalizar os pequeninos, Ele aproveita para falar de forma mais geral sobre os escândalos. Um escândalo é algo: 1. Que provoca a culpa, que através da sedução ou da intimidação tende a atrair os homens, desviando-os daquilo que é bom para aquilo que é mau. 2. Que causa sofrimento, que entristece o coração do justo. Agora, em relação aos escândalos, Cristo aqui lhes diz:

(1) Que eles ocorreriam com certeza: "Porque é mister que venham escândalos". Quando temos a certeza de que há perigo, devemos estar melhor armados. Não que a Palavra de Cristo necessite que qualquer homem escandalize, mas esta é uma predição sobre um aspecto das causas; considerando a astúcia e a malícia de Satanás, a fraqueza e a depravação dos corações dos homens, e a loucura que é encontrada ali, é moralmente impossível que não haja escândalos. E Deus determinou permiti-los para fins sábios e santos, para que tanto aqueles que são perfeitos como aqueles que não o são possam ser manifestos. Veja 1 Co 11.19; Dn 11.3. Informados com antecedência de que haverá sedutores, tentadores, perseguidores e muitos maus exemplos, estejamos vigilantes (cap. 24.24; At 20.29,30).

(2) Que eles seriam coisas deploráveis, e a conseqüência deles, fatal. Aqui está um desgosto anexado aos escândalos:

[1] Uma desgraça para o descuidado e desprotegido, que sofre a ofensa: “Ai do mundo, por causa dos escândalos!” As obstruções e oposições à fé e à santidade em todos os lugares são a perdição e a fonte de corrupção da humanidade, e a ruína de milhares de pessoas. Este mundo presente é um mundo maligno, e está repleto de escândalos, pecados, laços, e tristezas; viajamos por uma estrada perigosa, cheia de pedras de tropeço, precipícios, e falsos guias: “Ai do mundo”. Quanto àqueles a quem Deus escolheu e chamou do mundo, e livrou dele, eles são preservados pelo poder de Deus do dano desses escândalos, são ajudados a superar todas essas pedras de tropeço. “Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço” (Sl 119.165).

[2] Uma desgraça para o ímpio, que intencionalmente participa ou gera o escândalo: “Mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!” Embora seja mister que os escândalos venham, não haverá desculpa para aqueles que escandalizarem. Note que, embora Deus tenha feito os pecados dos pecadores servirem ao seu propósito, isto não lhes salvará da sua ira; e a culpa será depositada na porta daqueles que motivarem o escândalo, embora eles também se enquadrem na desgraça daqueles que o sofrem. Aqueles que de alguma forma atrapalham a salvação de outros acharão a sua própria condenação a mais intolerável, como Jeroboão, que pecou “e fez Israel pecar”. Esta desgraça é a moral daquela lei judicial (Êx 21.33,34–22.6), de que aquele que abriu a cova, e acendeu o fogo, foi responsabilizado por todo o dano que se seguiu. A geração anticristã, por meio da qual veio o grande escândalo, se enquadrará nessa desgraça por seu engano para com os pecadores (2 Ts 2.11,12), e suas perseguições aos santos (Ap 17.1,2,6), porque o Deus justo ajustará contas com aqueles que destruírem os interesses eternos de almas preciosas, e os interesses temporais de santos preciosos. Precioso aos olhos do Senhor é o sangue dos santos; e os homens prestarão contas, não só pelas coisas que fizeram, mas pelos frutos de suas ações, pelo mal que foi feito por eles.

II Em particular, Cristo aqui fala dos escândalos gerados:

1. Por nós a nós mesmos, que é expresso pela nossa mão ou pé nos escandalizando; nesse caso, a mão ou o pé deve ser “cortado e lançado fora” (vv. 8,9). O Senhor Jesus Cristo havia mencionado essas palavras anteriormente (cap. 5.29,30), onde Ele se refere especialmente às

transgressões do sétimo mandamento; aqui, o assunto é tomado de um modo mais geral. Aquelas palavras duras de Cristo são desagradáveis para a carne e o sangue, precisam ser repetidas para nós várias vezes, e ainda assim é pouco. Considere então:

(1) O que é que está aqui imposto. Devemos nos livrar de um "*olho*", ou uma "*mão*", ou um "*pé*", isto é, aquilo, seja lá o que for, que nos for caro, quando isso inevitavelmente gerar uma ocasião de pecado para nós. Note que: [1] Muitas tentações para pecar surgem de dentro de nós mesmos; os nossos próprios olhos e mãos nos escandalizam; se jamais houvesse um demônio para nos tentar, deveríamos nos afastar da nossa própria concupiscência. As coisas que em si são boas, e podem ser usadas como instrumentos do bem, até mesmo estas, através das corrupções dos nossos corações, mostram-se como laços para nós, nos inclinam a pecar, e nos prejudicam em nossa obediência. [2] Nesse caso, devemos, tão legitimamente quanto pudermos, nos desfazer daquilo que não pudermos manter sem ficarmos emaranhados no pecado. Em primeiro lugar, é certo que a concupiscência interior deve ser mortificada, embora seja cara para nós como um olho, ou uma mão. "Crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). O corpo do pecado deve ser destruído; as inclinações e apetites corruptos devem ser identificados e eliminados; a amada concupiscência, que tem sido colocada debaixo da língua como uma doce guloseima, deve ser abandonada com repulsa. Em segundo lugar, as ocasiões externas do pecado devem ser evitadas, embora, desse modo, coloquemos uma violência muito grande sobre nós mesmos, como seria cortar uma mão, ou arrancar um olho. Quando Abraão saiu de sua terra natal, por medo de se envolver com a idolatria que havia ali, e quando Moisés saiu da corte de Faraó, por medo de se misturar com os prazeres pecaminosos que havia ali, uma mão foi cortada. Não devemos considerar nada caro demais ou valorizado demais para dele nos livrarmos, a fim de que possamos manter uma boa consciência.

(2) Sobre que incentivo ou persuasão isso é exigido: "Melhor te é entrar na vida coxo ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno". O argumento é tomado do estado futuro, do céu e do inferno; daí são extraídos os dissuasivos mais convincentes contra o pecado. O argumento é o mesmo do apóstolo (Rm 8.13). [1] Se vivermos segundo a carne, morreremos. Tendo dois olhos, todas as transgressões feitas no corpo

do pecado geram a corrupção, como no caso de Adonias. Não é possível escusar o pecado como uma inclinação natural ou inata. Todo aquele que permanecer no pecado será lançado no fogo do inferno. [2] Se nós, através do Espírito, mortificarmos as obras da carne, viveremos. Isto se explica por entrarmos na vida coxos, isto é, o corpo do pecado estar coxo; e é melhor ficarmos coxos enquanto estivermos neste mundo. É desejável que a mão direita do velho homem seja cortada, e seu olho direito seja arrancado, com suas políticas principais arruinadas e seus poderes destruídos. Mas ainda há um olho e uma mão sobrando, com os quais haverá luta. Aqueles que são de Cristo pregaram a carne na cruz, mas ela ainda não está morta; sua vida é prolongada, mas o seu domínio foi tirado (Dn 7.12), e o ferimento mortal lhe foi conferido, e não poderá ser curado.

2. Com relação aos escândalos causados por nós aos outros, especialmente aos pequeninos de Cristo, do que somos aqui convocados a dar atenção, de acordo com o que Ele havia dito (v. 6). Considere:

(1) A própria advertência: “Vede, não desprezeis algum destes pequeninos”. Isto foi dito aos discípulos. Da mesma forma que Cristo irá se indignar com os inimigos de sua igreja, se eles fizerem alguma injustiça com qualquer dos seus membros, mesmo o menor, Ele irá se indignar com os grandes da igreja, se eles desprezarem os pequeninos dela. Em outras palavras: “Vocês que estão disputando quem será o maior, tomem cuidado para que, nesta disputa, vocês não desprezem os pequeninos do reino”. Também podemos entender essas palavras literalmente, como se o Senhor estivesse falando das crianças pequenas (vv. 2,4). A semente infantil dos crentes fiéis pertence à família de Cristo, e não deve ser desprezada. Ou figuradamente: estes pequeninos são crentes verdadeiros, porém fracos em sua condição exterior, ou na estrutura de seu espírito; são como crianças pequenas, os cordeiros do rebanho de Cristo.

[1] Não devemos desprezá-los, nem pensar mal deles, como cordeiros desprezados (Jó 12.5). Não devemos caçoar de suas fraquezas, nem olhar para eles com desprezo, nem agirmos com escárnio ou desdém em relação a eles, como se não nos importássemos com o que lhes aconteceu. Não devemos dizer: “Embora eles sejam ofendidos, e entristecidos, e tropecem, o que nos importa?” Nem devemos tomar a menor atitude que os faça ficar em dificuldades e perplexos. Este desprezo pelos pequeninos é contra o que somos grandemente advertidos (Rm 14.3,10,15,20,21). Não devemos impor

nada sobre a consciência dos outros, nem trazê-los à sujeição das nossas vontades, como aqueles que dizem às almas dos homens: “Inclinem-se, para que possamos passar por cima de vocês”. Deve-se algum respeito à consciência de todo homem que parece ser consciencioso.

[2] Devemos prestar atenção para não os desprezarmos; devemos ter medo do pecado, e ter muito cuidado com o que dizemos e fazemos, para que inadvertidamente não escandalizemos os pequeninos de Cristo, para que não os desprezemos, sem termos ciência disso. Houve aqueles que os odiavam, e os lançavam fora, e ainda diziam: “Que o Senhor seja glorificado”. Devemos temer o castigo: “Preste atenção para não desprezá-los, porque isto será arriscado para você”.

(2) As razões para reforçar o cuidado. Não devemos olhar para esses pequeninos como desprezíveis, porque, na verdade, eles são dignos de consideração. Não deixe que a terra despreze aqueles a quem o céu respeita; não os olhemos com algum tipo de falta de respeito, mas consideremo-los como os favoritos do céu. Para provar que os pequeninos que crêem em Cristo são dignos de respeito, considere:

[1] A ministração dos anjos bons sobres eles: “Os seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai que está nos céus”. Isto Cristo nos diz, e podemos confiar em sua Palavra. Ele veio dos céus, e nos faz saber o que é feito ali pela multidão de anjos. Duas coisas que ele nos faz saber sobre eles:

Em primeiro lugar, que os anjos são deles. Os anjos de Deus são deles; porque tudo o que é de Deus é nosso, se formos de Cristo (1 Co 3.22). Os anjos são deles; porque eles têm uma ordem para servirem em favor desses pequeninos (Hb 1.14), armar suas tentas ao redor deles, e segurá-los em seus braços. Alguns têm imaginado que todo santo em particular tem um anjo da guarda. Mas por que deveríamos supor isso, quando sabemos que todo santo em particular, quando há necessidade, é guardado por anjos? Isto é particularmente aplicado aqui aos pequeninos, porque eles são muito desprezados e muito expostos. Eles podem contar pouco consigo mesmos, mas podem olhar, pela fé, para as hostes celestes, e chamá-las de suas. Enquanto os grandes do mundo têm homens honoráveis e guardas para o seu séqüito, os pequeninos da igreja são servidos por anjos gloriosos, que anunciam não só o valor deles, mas o perigo que correm aqueles que desprezam e abusam deles. É ruim ser inimigo daqueles que são assim protegidos; e é bom termos a Deus como o nosso Deus, porque assim

podemos considerar os seus anjos como sendo os nossos anjos.

Em segundo lugar, eles sempre vêem a face do Pai que está nos céus. Isto indica: 1. A felicidade e a honra contínua dos anjos. A felicidade do céu consiste na visão de Deus, vê-lo face a face como Ele é, contemplando a sua beleza; os anjos possuem esse privilégio de uma forma ininterrupta. Quando eles estão nos ministrando na terra, mesmo nesses momentos, por contemplação, vêem a face de Deus, porque estão cheios de olhos por dentro. Mesmo enquanto falava com Zacarias, Gabriel estava na presença de Deus (Ap 4.8; Lc 1.19). A expressão sugere, como alguns pensam, a dignidade e a honra especiais dos anjos dos pequeninos; os primeiros-ministros de estado são mencionados como aqueles que vêem a face do rei (Et 1.14). É como se os anjos mais fortes fossem encarregados dos santos mais fracos. 2. A sua contínua prontidão para ministrar aos santos. Eles contemplam a face de Deus, esperando receber ordens dele quanto ao que fazer para o bem dos santos. Como os olhos dos servos estão fixados na mão de seu senhor, prontos para ir e vir ao menor gesto, assim os olhos dos anjos estão voltados à face de Deus, esperando as intimações da sua vontade, que estes mensageiros alados voam rapidamente para cumprir. Eles correm e tornam, à semelhança dos relâmpagos (Ez 1.14). Se quisermos contemplar a face de Deus em glória no porvir, como fazem os anjos (Lc 20.36), devemos então contemplar a face de Deus agora, com prontidão para cumprir o nosso dever, como eles o fazem (At 9.6).

[2] O plano misericordioso de Cristo com relação a eles (v. 11): “Porque o Filho do Homem veio salvar o que se tinha perdido”. Esta é uma razão, em primeiro lugar, porque os anjos dos pequeninos têm tal responsabilidade com relação a eles, e os servem; os anjos agem de acordo com o plano que Cristo tem para os salvar. A ministração dos anjos é baseada na mediação de Cristo; através dele, os anjos recebem missões relativas a nós. E quando eles celebraram a boa vontade de Deus em relação aos homens, a isso juntaram a sua própria boa vontade. Em segundo lugar, porque eles não devem ser desprezados; porque Cristo veio para salvá-los, para salvar aqueles que se tinham perdido, os pequeninos que estão perdidos aos seus próprios olhos (Is 66.3), que trazem a incerteza dentro de si mesmos. Ou, antes, os filhos dos homens. Considere: 1. As nossas almas são, por natureza, almas perdidas. São como um viajante que está perdido, que está fora do seu caminho, como um prisioneiro condenado que está perdido. Deus perdeu o serviço do

homem caído, perdeu a honra que Ele deveria ter tido da parte desse homem. 2. A missão de Cristo no mundo é salvar o que se tinha perdido, nos trazer à obediência, nos restaurar ao nosso trabalho, restabelecer os nossos privilégios, e assim nos colocar no caminho correto que nos leva ao nosso final grandioso; salvar aqueles que estão espiritualmente perdidos, não deixando que permaneçam assim eternamente. 3. Esta é uma boa razão para que os crentes menores e mais fracos não devam ser desprezados ou escandalizados. Se Cristo os valoriza dessa maneira, não os desvalorizemos. Se Ele renunciou tanto a si mesmo pela salvação deles, com certeza devemos renunciar a nós mesmos em benefício de sua edificação e consolação. Veja a urgência desse argumento (Rm 14.15; 1 Co 8.11,12). Se Cristo entrou no mundo para salvar as almas, e o seu coração está tão empenhado nessa obra, Ele severamente ajustará contas com aqueles que a obstruem e a prejudicam, atrapalhando o progresso daqueles que estão voltando suas faces ao céu, e assim frustram o seu grande plano.

[3] A terna consideração que o nosso Pai celestial tem por esses pequeninos, e a sua preocupação pelo seu bem-estar. Isto é ilustrado por uma comparação (vv. 12-14). Observe a progressão do argumento: os anjos de Deus são seus servos, o Filho de Deus é o seu Salvador, e, para completar a sua honra, o próprio Deus é o seu amigo. “Ninguém as arrebatará das minhas mãos” (Jo 10.28).

Aqui temos, em primeiro lugar, a comparação (vv. 12,13). O proprietário que tinha perdido uma de suas cem ovelhas não faz pouco caso disso, mas diligentemente a busca, fica grandemente feliz quando a encontra, e tem nisso uma alegria considerável e comovente, superior à alegria que sente pelas noventa e nove que não se perderam. O medo que ele teve de perder aquela ovelha, e a surpresa ao encontrá-la, são somados à alegria. Então, isso é aplicável: 1. Ao estado do homem caído em geral; ele está desviado como uma ovelha perdida. Os anjos que ficaram eram como as noventa e nove que nunca se desviaram; o homem perdido é procurado nas montanhas que Cristo, em grande fadiga, atravessou em busca dele, e assim foi encontrado. Este é um motivo de alegria. No céu, há uma alegria maior pelos pecadores que retornam do que pelos anjos que ali permanecem. 2. A crentes em particular, que são escandalizados e tirados de seu caminho por pedras de tropeço que são colocadas diante deles, ou pelos estratagemas daqueles que os atraem para fora do caminho. Então, embora apenas uma das cem ovelhas

tenha se desviado do caminho – algo que acontece facilmente com elas –, esta única ovelha deveria ser protegida com muito cuidado. Ela foi recebida com muito prazer; portanto, o mal que aconteceria com ela, sem dúvida alguma, seria contado com muito desgosto. Se há alegria no céu por um desses pequeninos que foi encontrado, há ira no céu quando alguém os escandaliza. Note que Deus, de forma misericordiosa, está preocupado não só com o seu rebanho em geral, mas com cada cordeiro, ou ovelha, que lhe pertence. Embora elas sejam muitas, Ele pode sentir facilmente a falta de uma delas, porque Ele é o grande Pastor, e não a perderá facilmente, porque Ele é o bom Pastor e conhece particularmente o seu rebanho mais que qualquer outro. Ele chama as suas ovelhas pelo nome (Jo 10.3). Veja uma exposição completa dessa parábola (Ez 34.2,10,16,19).

Em segundo lugar, a aplicação dessa comparação (v. 14): “Não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca”. Mais é sugerido do que expressado. Não é a sua vontade que qualquer se perca, mas: 1. É a sua vontade que esses pequeninos sejam salvos; é a vontade expressa pelo seu plano, e o seu deleite. Ele planejou, e colocou o seu coração nisso, e Ele o realizará. A sua vontade é que todos façam o que puderem para que o seu plano seja divulgado, e que nada o atrapalhe. 2. Esse cuidado se estende a cada membro do rebanho em particular, até mesmo àquele que é aparentemente o mais insignificante. Pensamos que se apenas um ou dois forem escandalizados, e caírem em uma armadilha, não terá muita importância, e que não precisaremos nos importar com isso; mas os pensamentos de amor e ternura de Deus estão acima dos nossos. 3. Fica a sugestão de que aqueles que fazem qualquer coisa pela qual qualquer um desses pequeninos é colocado em perigo de perecer, contradizem a vontade de Deus, e o provocam grandemente. E embora eles não possam prevalecer nesse ponto, terão que prestar contas por isso àquele que, em seus santos, como em outras coisas, é zeloso quanto à sua honra, e não suportará tê-la menosprezada (veja Is 3.15). “Que tendes vós que afligir o meu povo?” (Sl 76.8,9).

Observe como Cristo se dirigiu a Deus (v. 19): “Meu Pai que está nos céus”. Ele também chama Deus Pai de “vosso Pai, que está nos céus” (v. 14). O Senhor assim sugere que Ele não se envergonha de chamar os seus pobres discípulos de irmãos. Pois Ele e os discípulos não têm um só Pai? “Subo para meu Pai e vosso Pai” (Jo 20.17); portanto, Deus Pai é nosso Pai

porque é Pai do Senhor Jesus. Isto sugere, da mesma forma, a base da segurança de seus pequeninos: que Deus é o Pai deles, e assim está sempre disposto a socorrê-los. Um pai cuida de todos os seus filhos, mas é particularmente carinhoso com os pequeninos (Gn 33.13). Ele é o seu Pai nos céus, um lugar de perspectiva. Portanto, Ele vê todos os insultos que são lançados contra eles. Esse também é um lugar de poder; portanto, Ele pode vingá-los. Isso conforta os pequeninos que são ofendidos: a sua testemunha está nos céus (Jó 16.19), o seu juiz está ali (Sl 68.5).

A Remoção dos Escândalos

vv. 15-20

Cristo, tendo advertido os seus discípulos a não serem motivos de escândalos, vem em seguida instrui-los quanto ao que eles devem fazer no caso de alguém os escandalizar; o que pode ser entendido por injúrias pessoais, e então essas instruções têm o propósito de preservar a paz da igreja. O Senhor também pode estar se referindo a escândalos públicos, e então estas palavras têm o propósito de preservar a pureza e a beleza da igreja. Consideremos isso de ambas as formas:

I Como as discussões que acontecem sobre qualquer assunto entre os cristãos. Se teu irmão transgredir contra ti, afligindo a tua alma (1 Co 8.12), te afrontando, ou colocando desprezo ou abuso sobre ti; se ele manchar o teu bom nome, fazendo falsos relatos e intrigas; se ele passar dos limites dos teus direitos, ou, de alguma forma, te prejudicar em sua propriedade; se ele for culpado de qualquer destas transgressões que são especificadas (Lv 6.2,3); se ele transgredir as leis da justiça, caridade, ou obrigações familiares; estas são transgressões contra nós, e freqüentemente ocorrem entre os discípulos de Cristo, e, às vezes, por falta de prudência, trazem terríveis conseqüências. Então observe qual é a regra prescrita neste caso:

1. “Vai e repreende-o entre ti e ele só”. Deixe que isso seja comparado com Levítico 19.17 e explicado por este texto sagrado: “Não aborrecerás a teu irmão no teu coração”; isto é: “Se tu concebestes uma mágoa contra o teu irmão por qualquer injúria que ele tenha feito a ti, não permitas que os teus

ressentimentos se transformem em um rancor secreto (como uma ferida, que é mais perigosa quando sangra internamente), mas os expõe em uma admoestação suave e grave, deixando que eles mesmos se dissipem, e logo serão eliminados. Não o ataques pelas costas, mas repreende-o. Se ele tiver feito a ti uma injustiça considerável, tenta sensibilizá-lo quanto a isso, mas deixa que a repreensão ocorra em particular, entre ti e ele só; se conseguires convencê-lo, não o exponhas, porque isso só o deixará exasperado, e fará com que a repreensão pareça uma vingança". Isto está de acordo com Provérbios 25.8,9: "'Não te apresses a litigar', mas 'pleiteia a tua causa com o teu próximo mesmo', discute a questão calma e amigavelmente; e se te ouvir, satisfatoriamente, ganhaste a teu irmão; há um fim da controvérsia, e é um final feliz; não deixes que nada mais seja dito a respeito disso, mas permite que a inimizade anterior traga a renovação da amizade".

2. "'Se não te ouvir', se ele não se considerar culpado, nem chegar a um acordo, ainda assim não te desesperes, mas submete o que ele irá te dizer a uma ou duas pessoas, não só para serem testemunhas do que se sucede, mas para argumentarem sobre o caso posteriormente com ele. É mais provável que ele lhes dê ouvidos porque não são parte da contenda; e se a razão falar mais alto com ele, a palavra da razão na boca de duas ou três testemunhas lhe será melhor falada" (*Plus vident oculi quam oculus – Muitos olhos vêem mais que um*), "e mais considerada por ele, e talvez isso o influencie a reconhecer o seu erro, e a dizer: Eu me arrependo."

3. "'E, se não as escutar', e não referir a questão ao julgamento delas, então relate-a à igreja, aos ministros, presbíteros, ou a outros oficiais, ou às pessoas mais respeitadas na congregação a que pertences, faze-os juízes para tratar do assunto, e não apeles ao magistrado, nem solicites uma intimação para ele." Isto é totalmente explicado pelo apóstolo (1 Co 6), onde ele reprova aqueles que foram à lei perante os injustos, e não perante os santos (v. 1), e que deveriam recorrer aos santos para julgarem as pequenas questões (v. 2) pertencentes a esta vida (v. 3). Se você perguntar: "Quem é 'a igreja' que deve ser consultada?", o apóstolo instrui (v. 5): "Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?" Aqueles da igreja que presumidamente são mais capazes de determinar tais assuntos; e ele fala ironicamente, quando diz (vv. 4,5): "Pondes na cadeira aos que são de menos estima na igreja... Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?" Esta regra era então um

requisito, especialmente quando o governo civil estava nas mãos daqueles que eram não só estrangeiros, mas inimigos.

4. “Se também não escutar a igreja’, não der ouvidos à decisão dela, mas persistir no erro que te fez, e continuar a te fazer ainda mais injustiças, considera-o como um gentio e publicano; toma o benefício da lei contra ele, mas que este seja sempre o último recurso. Não apeles para os tribunais de justiça até que tenhas primeiro tentado outros meios de resolver a questão em desacordo. Também podes, se quiseres, romper a tua amizade e familiaridade com ele; embora não devas, de modo algum, pensar em vingança, podes escolher se terás qualquer acordo com ele, no mínimo, de um modo que não possa lhe dar uma oportunidade de fazer a mesma coisa outra vez. Tu o terás restaurado, tu terás preservado a amizade dele, porém ele pode não agir da mesma forma, mas com falsidade.” Se um homem trapacear e abusar de mim uma vez, a culpa será dele; se ele fizer isso duas vezes, a culpa será minha.

II Consideremos isso como os pecados escandalosos, que são um escândalo aos pequeninos, um mau exemplo àqueles que são fracos e sugestionáveis, e de grande tristeza para aqueles que são débeis e tímidos. Cristo, tendo nos ensinado a ser indulgentes com a fraqueza de nossos irmãos, aqui nos aconselha a não sermos indulgentes com a maldade daqueles que utilizam a fraqueza como pretexto. Cristo, planejando edificar uma igreja para si mesmo no mundo, cuidou aqui da preservação: 1. De sua pureza, para que ela pudesse ter uma autoridade de expulsão, um poder para purificar-se e renovar-se, como uma fonte de águas vivas, que é necessário, uma vez que a rede do Evangelho traz à tona tanto peixes bons como ruins. 2. De sua paz e ordem, para que todo membro possa conhecer o seu lugar e obrigação, e a pureza dela possa ser preservada de um modo regular, e não desordenadamente. Então vejamos:

(1) Qual é o caso suposto? “Se teu irmão pecar contra ti”. [1] “O ofensor é um irmão, alguém que está na comunhão cristã, que é batizado, que ouve a Palavra, que ora contigo, com quem tu te reúnes para a adoração a Deus regular ou ocasionalmente.” Note que a disciplina da igreja é para os membros da igreja. Deus julga os que estão de fora (1 Co 5.12,13). Quando qualquer transgressão for feita contra nós, o primeiro passo é identificar se o transgressor é ou não um irmão, pois antes de resolvermos qualquer

problema, precisamos entendê-lo. [2] “A ofensa é uma transgressão contra ti; se o teu irmão pecar contra ti (assim é a palavra), se ele fizer qualquer coisa que seja ofensiva a ti como um cristão.” Um pecado gritante contra Deus é uma transgressão contra o seu povo, que tem uma verdadeira preocupação pela sua honra. Cristo e os crentes têm interesses entrelaçados; aquilo que for feito contra os crentes será considerado por Cristo como algo que está sendo feito contra ele mesmo; e aquilo que for feito contra Ele, só poderá ser considerado pelos crentes como algo que está sendo feito contra eles mesmos. “As afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim” (Sl 69.9).

(2) O que deve ser feito nesse caso. Temos aqui:

[1] As regras prescritas (vv. 15-17). Prosseguindo nesse método, temos:

Em primeiro lugar: “Vai e repreende-o entre ti e ele só”. Não espere que ele venha a ti, mas vá até ele, como o médico visita o paciente, e o pastor vai em busca da ovelha perdida. Não devemos achar que o esforço para a recuperação de um pecador ao arrependimento seja grande demais. Repreende-o, faça com que ele se lembre do que fez, e do mal de sua ação; mostre-lhe as suas abominações. As pessoas são relutantes em enxergar os seus erros, e têm a necessidade de ser informadas sobre eles. Embora o fato seja claro, como também o erro, eles devem ser expostos. Os grandes pecados freqüentemente distraem a consciência, e no momento a entorpecem e a silenciam; existe a necessidade de ajudar a despertá-la. O próprio coração de Davi o afligiu, quando ele cortou a orla da veste de Saul, e quando ele contou o povo em um censo; mas (o que é muito estranho) não vemos que ele tenha sido afligido no caso de Urias, até que Natã lhe disse: “Tu és o homem”.

“Repreende-o, *elenxon auton – discute o caso com ele*” (esse é o significado da palavra); “e faz isso com razão e argumentos, não com paixão.” Onde o erro é evidente e grande, a própria pessoa é a pessoa certa para lidarmos, e temos uma oportunidade para isso; não há nenhum perigo aparente de causar mais sofrimento do que bem. Devemos, com mansidão e fidelidade, dizer às pessoas o que está errado nelas. A repreensão cristã é um mandamento de Cristo para trazer os pecadores ao arrependimento, e deve ser tratada como um mandamento. “Que a repreensão seja em particular, entre ti e ele só; fique patente que buscas não a sua reprovação, mas o seu arrependimento.” Note que esta é uma boa regra, que deveria ser observada de forma costumeira entre os cristãos: não falar dos erros dos nossos irmãos

aos outros, até que tenhamos falado desses erros com eles próprios, fazendo desse procedimento algo menos acusador e mais reprovador – isto é, menos pecados cometidos e mais deveres cumpridos. Provavelmente haverá mais eficácia sobre um ofensor quando ele vir o seu reprovador preocupado não só com a sua salvação, ao lhe declarar o seu erro, mas também com a sua reputação, ao falar de seu erro de forma privada.

"Se te ouvir" – isto é, se te der atenção – se ele for tocado pela reprovação satisfatoriamente, "ganhaste a teu irmão"; tu ajudaste a salvá-lo do pecado e da ruína, e isso será teu crédito e conforto (Tg 5.19,20). Note que a conversão de uma alma consiste em ganhar essa alma (Pv 11.30); e devemos desejá-la e trabalhar por ela como se fosse um ganho para nós. E como a perda de uma alma é uma grande perda, o ganho de uma alma é, com certeza, um grande ganho.

Em segundo lugar: Se isso não acontecer, "leva ainda contigo um ou dois" (v. 16). Não devemos nos cansar de fazer o bem, embora atualmente não vejamos o bom sucesso dessa atitude. Se ele não o ouvir, não desista dele como em um caso em que não haja esperança; não diga que não servirá para nada mais lidar com essa pessoa, mas continue no uso de outros meios. Até mesmo aqueles que endurecem os seus pescoços devem ser freqüentemente reprovados, e aqueles que se opõem devem ser instruídos em mansidão. Em um trabalho desse tipo, devemos sentir novamente as dores de parto (Gl 4.19); e é depois de muitos sofrimentos e dores que a criança nasce.

"'Leva ainda contigo um ou dois'. 1. Para ajudá-lo; eles podem falar alguma palavra pertinente e convincente em que você não pensou, e podem tratar do assunto com mais prudência do que você o fez". Note que os cristãos devem enxergar a sua necessidade de ajudar a fazer o bem, e orar por auxílio mútuo. Assim como em outras tarefas, ao repreender-se o dever deve ser cumprido, e que possa ser cumprido da melhor maneira possível. 2. "Para produzir efeito nele. Será mais provável que ele se humilhe por seu erro quando vir dois ou três testemunhando contra si" (Dt 19.15). Observe que o transgressor deve encontrar a hora certa para se arrepender e se corrigir. Ele precisa enxergar que a sua má conduta está se tornando uma ofensa e um escândalo geral. Embora em um mundo como este seja raro encontrar alguém bom de quem todos os homens falem bem, é mais raro ainda encontrar alguém bom de quem todos os homens falem mal. 3. "Para serem testemunhas de sua conduta, caso o assunto seja, depois disso, levado

ao conhecimento da igreja". Ninguém deve ser submetido à censura da igreja como obstinado e contumaz, até que seja muito bem provado que tal pessoa seja assim.

Em terceiro lugar: "Se não as escutar", e não se humilhar, "dize-o à igreja" (v. 17). Há alguns espíritos obstinados a quem os meios mais prováveis de convencimento se mostram ineficazes; no entanto, não se deve desistir deles como incuráveis, mas permitamos que o assunto se torne mais público, e mais ajuda seja requisitada. Observe: 1.As admoestações em particular devem sempre ocorrer antes das censuras públicas; se métodos mais gentis funcionarem, aqueles que são mais severos não devem ser usados (Tt 3.10). Aqueles que ponderarão sobre os seus pecados, não precisarão ser envergonhados por eles. Deixemos que a obra de Deus seja feita de modo eficaz, mas com o menor estardalhaço possível; o seu reino vem com poder, mas não com observação. Mas: 2. Onde a admoestação em particular não funcionar, a censura pública deverá ocorrer. A igreja deve receber as queixas do ofendido, repreender os pecados dos ofensores, e julgar entre eles, depois de uma investigação imparcial dos méritos da causa.

"Dize-o à igreja". É uma pena que esta ordem de Cristo, que foi expressa para acabar com as diferenças e remover os escândalos, seja em si um grande assunto de debate, e ocasione diferenças e escândalos pela corrupção dos corações dos homens. A grande questão é: o que se deve dizer à igreja. Isso compete ao magistrado civil, dizem alguns. Ao sinédrio judeu, dizem outros; mas pelo que se segue (v. 18), fica evidente que o Senhor se refere a uma igreja cristã, que, embora ainda não formada, estava em seu início embrionário. "Dize-o à igreja", àquela igreja específica em cuja comunhão o ofensor vive; torne o assunto conhecido aos daquela congregação que são, por permissão do Senhor, designados a receber informações desse tipo. Dize-o aos líderes e governantes da igreja, ao ministro ou aos ministros, aos presbíteros ou diáconos, ou (se esta for a constituição da sociedade) dize-o aos representantes ou chefes da congregação, ou a todos os membros dela; eles devem examinar o assunto e, se concluírem que a queixa é frívola ou sem base, repreendam o queixoso. Se eles a considerarem justa, repreendam o ofensor, e intimem-no ao arrependimento. É provável que isso traga mais força e eficácia à repreensão, por ser ministrada: 1. "Com maior solenidade,", e: 2. "Com maior autoridade". É algo terrível receber uma repreensão de uma igreja, de um ministro, um reprovador por ofício;

portanto, o assunto ganha uma perspectiva diferente, como uma deferência de uma instituição de Cristo e de seus embaixadores.

Em quarto lugar: “Se também não escutar a igreja”, se ele menosprezar a admoestação, se não se envergonhar de seus erros, nem os corrigir, considere-o como um gentio e publicano; que ele seja expulso da comunhão da igreja, afastado das ordenanças especiais, que perca a honra da posição de membro da igreja, que seja colocado sob desgraça, e que os membros da igreja sejam avisados a se afastarem dele, para que possa sentir vergonha de seu pecado, e que eles não se contaminem por ele, nem se tornem culpáveis juntamente com o transgressor. Aqueles que desprezam as ordens e regras de uma sociedade, e trazem reprovação sobre ela, falsificam as honras e os privilégios dela, e são justamente isolados até que se arrependam e se sujeitem, e se reconciliem com ela novamente. Cristo indicou esse método para vindicar a honra da igreja, a preservação de sua pureza, e a convicção e restauração daqueles que são escandalosos. Mas observe que o Senhor não diz: “Que ele seja para ti como um diabo ou um espírito maldito, como alguém cujo caso não tem esperança”, mas “como um gentio e publicano, como alguém que está na posição de ser restaurado e recebido outra vez. Não o considera como um inimigo, mas admoesta-o como um irmão.” As instruções dadas à igreja de Corinto com relação ao incestuoso concordam com as regras aqui; ele deve ser tirado dentre eles (1 Co 5.2), e deve ser entregue a Satanás. Porque se ele for expulso do reino de Cristo, será considerado como pertencendo ao reino de Satanás; eles não devem estar em companhia dele (vv. 11,13). Mas se for humilhado e regenerado, ele deve ser recebido novamente em comunhão, e tudo estará bem.

[2] Aqui está uma garantia para a ratificação de todos os procedimentos da igreja de acordo com essas regras (v. 18). Aquilo que foi dito anteriormente a Pedro é repetido aqui a todos os discípulos, e a todos os obreiros fiéis da igreja, até o final do mundo. Enquanto os ministros pregam a palavra de Cristo fielmente, e, em seu governo da igreja, obedecem estritamente às suas leis (*clave non errante – a chave não virando para o lado errado*), eles podem ter a certeza de que são, e sempre serão, do Senhor. Ele os apoiará, e ratificará aquilo que eles dizem e fazem, para que seja considerado como dito e feito pelo próprio Senhor. Ele os reconhecerá:

Em primeiro lugar, em sua sentença de suspensão. “Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu”. Se as censuras da igreja seguirem devidamente a

instituição de Cristo, seus juízos seguirão as censuras da igreja, seus juízos espirituais, que são os mais dolorosos de todos os outros, como aqueles que foram sofridos pelos judeus rejeitados (Rm 11.8), “um espírito de profundo sono”. Porque Cristo não tolerará que as suas próprias ordenanças sejam menosprezadas, mas dirá amém para as sentenças justas que a igreja decretar sobre os seus ofensores obstinados. Por maior que seja o desprezo que os zombadores orgulhosos possam demonstrar em relação às censuras da igreja, faça-os saber que elas são confirmadas no tribunal do céu; e seria em vão apelarem para este tribunal, porque o juízo já foi expresso ali contra eles. Aqueles que são deixados de fora da congregação dos justos agora, não permanecerão nela no grande dia (Sl 1.5). Cristo não os possuirá como seus, nem receberá para si mesmo aqueles a quem a igreja devidamente entregou a Satanás; mas, se através de algum erro, ou da inveja, as censuras da igreja forem injustas, Cristo irá misericordiosamente ao encontro daqueles que forem banidos (Jo 9.34,35).

Em segundo lugar, em sua sentença de absolvição. “Tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”. Considere que: 1. Nenhuma censura da igreja liga tão firmemente. Mas, mediante o arrependimento e a restauração dos pecadores, eles podem e devem ser novamente restaurados. A punição que alcança o seu propósito é suficiente, e o ofensor deve então ser perdoado e confortado (2 Co 2.6). Não há nenhum abismo intransponível estabelecido, exceto aquele entre o céu e o inferno. 2. Aqueles que, por seu arrependimento, forem recebidos pela igreja em comunhão novamente, podem receber o conforto da sua absolvição no céu, se os seus corações forem sinceros para com Deus. A suspensão está para o terror do obstinado assim como a absolvição está para o ânimo do penitente. O apóstolo Paulo fala como alguém que tem a mente de Cristo, quando diz: “A quem perdoardes alguma coisa também eu” (2 Co 2.10).

Então, Cristo aqui dá uma grande honra à igreja. Ele não só condescenderá, reconhecendo as suas sentenças, mas as confirmará; e nos versículos seguintes temos duas coisas que são a base disso.

(1) A prontidão de Deus em responder as orações da igreja (v. 19). “Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito”. Aplique isso:

[1] Em geral, a todos os pedidos, em oração, da semente fiel de Jacó; eles não buscarão a face de Deus em vão. Temos muitas promessas, nas

Escrituras, de uma resposta misericordiosa às orações que forem feitas com fé. Mas esta dá um ânimo particular à oração conjunta, pois podemos entendê-la assim: “Os pedidos em que dois de vocês concordarem serão concedidos; quanto mais aqueles que tiverem a concordância de muitos”. Nenhuma lei do céu limita o número daqueles que pedem. Cristo se agrada de honrar e permitir uma eficácia especial às orações conjuntas dos crentes fiéis, e às súplicas comuns que eles fazem a Deus. Se eles se unirem na mesma oração, se combinarem que se apresentarão ao trono da graça com algum propósito especial, ou, apesar da distância, concordarem em uma questão específica em oração, eles serão bem-sucedidos. Além da consideração geral que Deus tem pelas orações dos santos, Ele se agrada particularmente pela união e pela comunhão deles nessas orações. Veja 2 Cr 5.13; At 4.31.

[2] Em particular, àqueles pedidos que são colocados diante de Deus sobre ligar e desligar, aos quais essa promessa parece se referir mais especialmente. Observe, em primeiro lugar, que o poder da disciplina da igreja não está confinado aqui na mão de uma única pessoa; mas duas, no mínimo, devem estar preocupadas com o assunto. Quando o coríntio incestuoso estava para ser expulso, a igreja estava reunida (1 Co 5.4), e o castigo foi infligido por muitos (2 Co 2.6). Em um caso de tamanha importância, dois é melhor que um, e na multidão de conselheiros há segurança. Em segundo lugar, é bom ver aqueles que têm o controle da disciplina da igreja concordando com a sua aplicação. Discussões acaloradas e animosidades, entre aqueles cujo trabalho é remover escândalos, será o maior escândalo de todos. Em terceiro lugar, a oração deve sempre estar de acordo com a disciplina da igreja. Não decrete uma sentença que você não possa, com fé, pedir a Deus que confirme. A palavra referente a ligar e desligar (cap. 16.19) era proferida através da pregação, e esse processo deveria estar envolto pela oração. Portanto, todo o poder dos ministros do Evangelho deve estar na Palavra e na oração, às quais eles devem se dedicar completamente. Ele não diz: “Se vocês concordarem com uma sentença e decretarem alguma coisa, ela deverá ser feita” (como se os ministros fossem juízes e senhores), mas: “Se vocês concordarem em pedir algo a Deus, vocês obterão uma resposta favorável da parte dele.” A oração deve estar de acordo com todos os nossos esforços em prol da conversão dos pecadores (veja Tg 5.16). Em quarto lugar, as petições unânimes da igreja de Deus para

a ratificação de suas justas censuras serão ouvidas no céu, e obterão uma resposta; isso lhes será feito, será ligado ou desligado no céu. Deus dará a sua autorização aos apelos e pedidos que você lhe fizer. Se Cristo (que aqui fala como quem tem toda a autoridade) diz: “Isso lhes será feito,” podemos nos sentir seguros de que será feito, mesmo que o resultado não se apresente da maneira que o buscamos. Deus nos aceita de uma maneira especial, e continua a ser o dono de nossa vida quando estamos orando por aqueles que escandalizaram tanto a Ele como a nós. Deus virou o cativeiro de Jó, não quando ele estava orando por si mesmo, mas quando ele estava orando por seus amigos que haviam transgredido contra ele.

(2) A presença de Cristo nas assembléias dos cristãos (v. 20). Todo crente tem, em si mesmo, a presença de Cristo; mas a promessa aqui se refere às reuniões onde dois ou três estão reunidos em seu nome, não só para a disciplina, mas para a adoração religiosa, ou qualquer ato de comunhão cristã. As assembléias de cristãos para propósitos santos são aqui indicadas, instruídas e encorajadas.

[1] Elas são aqui indicadas; a igreja de Cristo no mundo existe mais visivelmente em assembléias religiosas; é a vontade de Cristo que estas sejam realizadas, e acompanhadas, para a honra de Deus, para a edificação dos homens, e para a preservação da religiosidade no mundo. Quando Deus tem a intenção de conceder respostas especiais à oração, Ele requer uma assembléia solene (Jl 2.15,16). Se não houver liberdade e oportunidade para assembléias grandes e numerosas, mesmo assim é a vontade de Deus que dois ou três se reúnam, para que Ele mostre a sua boa vontade à grande congregação. Quando não pudermos fazer o que faríamos, no exercício da religião, devemos fazer o que pudermos, e Deus nos aceitará.

[2] Eles são aqui instruídos a se reunir em nome de Cristo. No exercício da disciplina da igreja, eles devem se reunir em nome do Senhor Jesus Cristo (1 Co 5.4). Este nome fornece ao que eles fazem uma autoridade na terra, e uma aceitabilidade no céu. Em nossas reuniões ou em nossa adoração, devemos manter os nossos olhos em Cristo; devemos nos reunir pela virtude de sua garantia e decreto, em sinal de nossa relação com Ele, professando a nossa fé nele, e em comunhão com todos aqueles que, em todo lugar, o invocam. Quando nos reunimos para adorar a Deus, devemos depender do Espírito e da graça de Cristo como Mediador para que sejamos auxiliados, e do seu mérito e da sua justiça como Mediador para que sejamos aceitos.

Precisamos ter uma verdadeira consideração para com Ele como o Caminho para o Pai, e o nosso Advogado junto ao Pai; assim nos reunimos em seu nome.

[3] Eles são aqui encorajados com uma garantia da presença de Cristo: “Aí estou eu no meio deles”. Pela sua presença comum, Ele está em todos os lugares, como Deus; mas essa é uma promessa de sua presença especial. Onde os seus santos estão, o seu santuário está, e ali Ele habitará; é o seu repouso (Sl 132.14), é o seu andar (Ap 2.1); Ele está no meio deles, para vivificá-los e fortalecê-los, para reanimá-los e confortá-los, como o sol no meio do universo. Ele está no meio deles, isto é, em seus corações; é uma presença espiritual, a presença do Espírito de Cristo com o espírito deles, que aqui é proposta. “Aí estou eu”, não só: Eu estarei aí, mas, e Eu estou aí; como se Ele viesse primeiro. Estando diante deles, eles o encontrarão aí. Ele repetiu essa promessa na sua partida (cap. 28.20): “Eis que eu estou convosco todos os dias”. A presença de Cristo está nas assembléias de cristãos conforme a sua promessa, e pode ser pedida pela fé. Os cristãos podem depender dela: “Aí estou eu”. Isso é o equivalente ao Shequiná, ou a presença especial de Deus no tabernáculo e no templo do passado (Êx 40.34; 2 Cr 5.14).

Embora apenas dois ou três estejam reunidos, Cristo está no meio deles; esse é um estímulo para a reunião de alguns, quando é feita, em primeiro lugar, por escolha. Além do culto particular realizado por pessoas específicas, e os cultos públicos de toda a congregação, pode haver, às vezes, uma oportunidade para dois ou três se reunirem, ou para auxílio mútuo em conferência, ou para o auxílio conjunto em oração, não em desprezo ao culto público, mas em cooperação com ele; Cristo estará presente ali. Ou, em segundo lugar, por coação; quando não houver mais que dois ou três para se reunir, e se não ousarem adorá-lo por medo dos judeus, mesmo assim Cristo estará no meio deles, porque não é a multidão que convida a presença de Cristo, mas a fé e a devoção sincera dos adoradores. E mesmo que haja apenas dois ou três, o menor número que pode haver, mesmo assim Cristo está presente no meio deles. Ele é a pessoa principal, e a sua reunião será tão honorável e confortadora quanto se houvesse dois ou três mil participantes.

O Perdão e a Parábola do Credor Incompassivo

vv. 21-35

Esta parte do discurso que diz respeito às ofensas certamente deve ser entendida como os erros pessoais, cujo perdão depende de nossa decisão. Agora observe:

I A pergunta de Pedro com relação a esse assunto (v. 21): “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?”

1. Ele já tem como certo o fato de que deve perdoar; Cristo havia anteriormente ensinado aos seus discípulos esta lição (cap. 6.14,15), e Pedro não a esquecera. Ele sabe que não deve guardar rancor contra o seu irmão, ou pensar em vingança, sendo um amigo tão bom quanto sempre foi, esquecendo a injúria.

2. Pedro acha que é uma grande coisa perdoar até sete vezes; ele não quer dizer sete vezes por dia, como Cristo disse (Lc 17.4), mas sete vezes na sua vida; supondo que se um homem tivesse de alguma forma abusado dele sete vezes, embora estivesse muito desejoso de se reconciliar, ele poderia então abandonar esse relacionamento, e não ter mais nada a ver com ele. Talvez Pedro tivesse em vista Provérbios 24.16: “Sete vezes cairá o justo”; ou a menção de “três transgressões”, e uma quarta, e Deus não retiraria o castigo (Am 2.1). Há uma tendência em nossa natureza corrupta de nos limitarmos àquilo que é bom, e termos medo de nos excedermos na religião, particularmente de perdoarmos demais, embora tenhamos recebido o perdão de tantas iniqüidades.

II A resposta direta de Cristo à pergunta de Pedro: “Não te digo que até sete” (Ele nunca teve a intenção de estabelecer limites), mas “até setenta vezes sete”; um número determinado para um número indefinido, mas que é muito extenso. Não é bom que contemos as ofensas que nos são feitas pelos nossos irmãos. O fato de contarmos as injúrias que perdoamos revela uma natureza má, como se fôssemos nos tornar vingativos quando a medida estivesse completa. Deus mantém um registro (Dt 32.34) porque Ele é o Juiz, e a vingança pertence a Ele. Mas não devemos praticar a vingança, para que não nos encontremos usurpando o seu trono. É necessário para a preservação da paz – tanto da paz interior como da exterior – nos

esquecermos das injúrias, sem calcularmos com que freqüência o fazemos; é necessário perdoar e esquecer. Deus multiplica os seus perdões, e nós também devemos proceder assim (Sl 77.38,40). Isto sugere que precisamos fazer do perdão das injúrias uma prática constante, e devemos nos acostumar com essa atitude até que ela se torne habitual.

III Um discurso posterior do nosso Salvador, através de parábolas, para mostrar a necessidade de perdoar as injúrias que nos são feitas. As parábolas são úteis, não só como um forte incentivo ao cumprimento dos deveres cristãos, mas por causarem e deixarem uma impressão. A parábola é um comentário sobre a quinta petição na oração do Senhor: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Estes, e somente estes, podem esperar ser perdoados por Deus: aqueles que perdoam os seus irmãos. A parábola representa o Reino dos céus, isto é, a igreja, e a administração da dispensação do Evangelho nele. A igreja é a família de Deus, é a sua corte; ali Ele habita, ali Ele governa. Deus é o nosso Senhor; nós somos os seus servos, ao menos em profissão de fé e por obrigação. Em geral, a parábola sugere quanta provocação Deus tem por parte de sua família na terra, e como os seus servos são rebeldes.

Há três pontos importantes na parábola.

1. A maravilhosa clemência do senhor ao seu servo que estava lhe devendo; ele o perdoou em dez mil talentos, por pura compaixão (vv. 23-27). E aqui observe:

(1) Todo pecado que cometemos é uma dívida para com Deus; não como uma dívida a alguém como nós, contraída comprando ou tomando emprestado, mas a um ser superior. Como uma dívida a um príncipe quando ocorre um erro de reconhecimento, ou quando alguém incorre em uma penalidade pela violação da lei ou pelo rompimento da paz. Como a dívida do servo ao seu senhor, retendo o seu serviço, desperdiçando os bens de seu senhor, quebrando o seu contrato, e incorrendo na penalidade. Todos nós somos devedores; devemos procurar liquidar a dívida, e nos sujeitarmos ao processo da lei.

(2) Há um registro das nossas dívidas, e devemos, em breve, prestar contas delas. Este rei queria que o seu servo prestasse contas. Deus agora ajusta contas conosco pelas nossas próprias consciências; a consciência é um auditor de Deus na alma, para nos cobrar a responsabilidade, e para ajustar

contas conosco. Uma das primeiras perguntas que um cristão despertado faz é: “Quanto deves ao meu Senhor?” E a menos que haja suborno, dirá a verdade, e não escreverá cinqüenta por cem. Um outro dia de prestação de contas está chegando; as contas serão aceitas ou rejeitadas, e nada além do sangue de Cristo será capaz de quitar todos os débitos.

(3) A dívida de pecado é uma dívida muito grande; e alguns estão mais endividados, por causa do pecado, do que outros. Quando ele começou a contar, um dos primeiros devedores pareceu dever dez mil talentos. Não há como escapar da inquirição da justiça divina; o seu pecado com certeza será descoberto. A dívida era de dez mil talentos, uma soma muito grande; é mais provável que uma quantia tão vultuosa pudesse ser um resgate de rei ou um subsídio de governo, algo muito superior à dívida de um servo. Veja o que são os nossos pecados: [1] Pela abominação de sua natureza; eles são equivalentes a talentos, a maior denominação que era usada na contagem de dinheiro ou peso. Todo pecado é como uma carga de um talento, um talento de chumbo, esta é a impiedade (Zc 5.7,8). Cada um dos bens que nos são entregues, como despenseiros da graça de Deus, são um talento (cap. 25.15), um talento de ouro. E para cada talento enterrado, e muito mais para cada talento desperdiçado, nós temos um talento de dívida, e isto faz com que a conta aumente muito. [2] Pela vastidão de seu número; eles são dez mil talentos, uma miríade, mais do que os cabelos da nossa cabeça (Sl 40.12). Quem pode entender os próprios erros? (Sl 19.12).

(4) A dívida de pecado é tão grande, que não somos capazes de pagá-la; o transgressor não precisou pagar nada. Os pecadores são devedores insolventes; a escritura, que coloca tudo debaixo do pecado, é um estatuto de falência contra todos nós. A prata e o ouro não pagariam a nossa dívida (Sl 49.6,7). O sacrifício e a oferta não a pagariam; as nossas boas obras são apenas a operação de Deus em nós, e não podem liquidar a dívida. Estamos sem forças, e não podemos ajudar a nós mesmos.

(5) Se Deus tratasse conosco com uma justiça rígida, deveríamos ser condenados como devedores insolventes, e Deus poderia exigir a dívida, glorificando-se em nossa completa ruína. A justiça exige o pagamento: *Currat, lex – Que a sentença da lei seja executada.* O servo havia contraído essa dívida pelo seu desperdício e obstinação. Portanto, poderia, de forma justa, responder por isso. “O seu senhor mandou que ele, e sua mulher, e seus filhos fossem vendidos”, como escravos às galés, vendidos para

trabalhos forçados na prisão, “com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse”. Veja aqui o que todo pecado merece; este é o salário do pecado. [1] Ser vendido. Aqueles que se vendem para agir com impiedade, devem ser vendidos para que a dívida seja liquidada. Os cativos do pecado são cativos da ira. Aquele que é vendido como escravo fica privado de todos os seus confortos, e nada lhe sobra além de sua mulher, para que ele possa ter consciência de suas desgraças; esse é o caso dos pecadores condenados. [2] Assim ele teria um pagamento a ser feito, isto é, algo feito a respeito disso; embora seja impossível que a venda de alguém tão desprezível cobrisse a quantia necessária para o pagamento de uma dívida tão grande. Pela condenação eterna dos pecadores, a justiça divina será eternamente satisfatória, mas nunca satisfeita.

(6) Os pecadores convencidos de seu estado só podem se humilhar diante de Deus, e orar por misericórdia. O servo sob essa determinação, e essa condenação, prostrando-se aos pés do seu nobre senhor, o reverenciava. Conforme se lê em algumas versões, ele lhe suplicou; suas palavras eram muito submissas e muito importunadoras: “Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei” (v. 26). O servo já sabia que estava com uma grande dívida, contudo não se preocupava com isso, até que foi chamado a prestar contas. Os pecadores geralmente são negligentes sobre o perdão de seus pecados, até que sejam chamados à atenção por alguma palavra que os faz despertar, por alguma providência surpreendente, ou pela aproximação da morte. E então: “Com que me apresentarei ao Senhor?” (Mq 6.6). Com que facilidade, com que rapidez, Deus pode trazer o pecador mais orgulhoso aos seus pés: Acabe, ao seu pano de saco, Manassés, às suas orações, Faraó, às suas confissões, Judas, à sua restituição, Simão, o Mago, à sua súplica, Belsazar e Felix, aos seus tremores. O coração mais resistente desmaiará quando Deus colocar os pecados em ordem diante dele. Este servo não negou a dívida, não buscou evasivas, nem tentou fugir.

Mas: [1] Ele suplica pedindo tempo: “Sê generoso para comigo”. A paciência e a clemência são um grande favor, mas é loucura pensar que somente essas coisas nos salvarão; as postergações temporárias não são perdões. Muitos são tolerantes, e assim não são trazidos ao arrependimento (Rm 2.4). Por essa razão, o fato de terem sido tolerantes não lhes traz nenhum benefício.

[2] Ele promete um pagamento: “Sê generoso”, por um tempo, “e tudo te pagarei”. É loucura de muitos que estão sob as convicções do pecado, imaginarem que eles podem satisfazer a Deus pelos erros que cometeram contra Ele. Como aqueles que, falidos, buscando um acordo, procurariam o perdão da dívida dando os seus primogênitos por sua transgressão (Mq 6.7), procurando estabelecer a sua própria justiça (Rm 10.3). “Não tendo ele com que pagar” (v. 25), julgava poder pagar “tudo”. Veja como o orgulho oculto persiste, mesmo em pecadores despertados; eles estão convencidos, mas não se humilham.

(7) O Deus de infinita misericórdia está muito pronto – devido à sua pura compaixão – a perdoar os pecados daqueles que se humilham diante dele (v. 27). O senhor daquele servo – quando poderia, de forma justa, tê-lo arruinado – por compaixão o soltou; e, visto que ele não poderia ficar satisfeito pelo pagamento da dívida, seria glorificado pelo perdão dela. A oração do servo foi: “Sê generoso para comigo”; o que o senhor concedeu foi uma quitação completa. Perceba que: [1] O perdão do pecado se deve à misericórdia de Deus, à sua terna misericórdia (Lc 1.77,78); ele foi movido de íntima compaixão. As razões da misericórdia de Deus são extraídas de seu próprio interior. Ele tem misericórdia porque Ele terá misericórdia. Deus olhou com piedade para a humanidade em geral, que estava infeliz, e enviou o seu Filho para ser uma garantia para eles. Ele olha com piedade para os penitentes em particular, pelo fato de terem consciência de sua infelicidade (seus corações partidos e contritos), e os aceita no Amado. [2] Há perdão em Deus pelos maiores pecados, se eles se arrependerem. Embora a dívida fosse muito grande, Ele perdoou toda a dívida (v. 32). Embora os nossos pecados sejam muito numerosos e muito hediondos, eles podem ser perdoados nos termos do Evangelho. [3] O perdão da dívida é a soltura do devedor. A obrigação está cancelada, o julgamento, anulado; nós nunca andamos em liberdade até que os nossos pecados sejam perdoados. Mas observe que, embora o senhor o tenha liberado da penalidade como um devedor, ele não o liberou de seus deveres como um servo. O perdão do pecado não diminui, mas fortalece, as nossas obrigações para com a obediência; e devemos considerar um favor o fato de Deus estar satisfeito por continuar com servos tão desperdiçadores como temos sido em um serviço tão proveitoso como é o dele, e devemos, portanto, libertados, servi-lo sem temor (Lc 74.1). “Sou teu servo, porque tu soltaste as minhas amarras”.

2. A severidade irracional do servo em relação ao seu companheiro, apesar da clemência de seu senhor em relação a ele (vv. 28-30). Isso representa o pecado daqueles que, embora não sejam injustos, exigindo o que não lhes pertence, no entanto são rigorosos e implacáveis ao exigir o que lhes pertence, ao máximo de seu direito, o que, às vezes, demonstra ser um verdadeiro erro. *Summum jus summa injuria – Force um direito ao extremo, e isso se torna um erro.* Exigir pagamento pelas dívidas de injúria, que não tende à reparação nem ao bem público, mas puramente por vingança, embora a lei possa permitir, *in terrorem – a fim de infligir terror*, e pela dureza dos corações dos homens, não demonstra um espírito cristão. Processar por dívidas financeiras, quando o devedor não pode pagá-las, e então deixá-lo perecer na prisão, demonstra um amor maior pelo dinheiro, e um amor menor pelo nosso próximo; este não é o amor que deveríamos ter (Ne 5.7).

Veja aqui: (1) Como a dívida era pequena, muito pequena, comparada com os dez mil talentos que o seu senhor lhe perdoou. As ofensas feitas aos homens não são nada para aqueles que se opõem a Deus. Os atos desonrosos feitos a homens como nós mesmos são apenas como *ciscos ou mosquitos*; mas os atos desonrosos contra Deus são como *talentos, vigas, camelos*. Isso não significa que, portanto, possamos fazer pouco caso da atitude de prejudicar o nosso próximo, porque isso também é um pecado contra Deus; portanto, devemos fazer pouco caso das ofensas que nos são feitas pelo nosso próximo, e não agravá-las, nem planejar vinganças. Davi não se preocupava com os insultos contra ele. “Eu, como surdo, não ouvia”; mas se ofendia muito com os pecados cometidos contra Deus; por eles, rios de lágrimas corriam de seus olhos.

(2) Como a exigência era severa: “Lançando mão dele, sufocava-o”. Os homens orgulhosos e iracundos pensam que se a questão de sua exigência for justa, isso os defenderá, apesar da maneira de ser tão cruel e desumana que demonstram. Mas este pensamento não terá apoio. O que justificava tanta violência? A dívida poderia ter sido exigida sem pegar o devedor pela garganta; sem lhe enviar uma intimação, ou colocando o meirinho sobre ele. Como a conduta desse homem é de soberba, e, contudo, como o seu espírito é indigno e servil! Se ele mesmo tivesse ido para a prisão pela sua dívida ao seu senhor, as suas razões teriam sido tão urgentes, que ele poderia ter tido algum pretexto para ir ao extremo ao exigir o que lhe pertencia; mas

freqüentemente o orgulho e a malícia predominam mais para tornar os homens severos do que a necessidade mais urgente o faria.

(3) Como o devedor era submisso. O seu companheiro, embora fosse igual, sabendo o quanto ele conhecera sobre a compaixão, prostrou-se a seus pés, e se humilhou a ele por essa dívida insignificante, da mesma forma que ele fez com o seu senhor pela dívida grande; porque o que "toma emprestado é servo do que empresta" (Pv 22.7). Aqueles que não podem pagar as suas dívidas têm de ter muito respeito para com os seus credores, e não é só falarem palavras boas, mas lhes fazer todos os bons ofícios que puderem; eles não devem ficar irados com aqueles que reclamam o que lhes pertence, nem falar mal deles por causa disso; não, mesmo que eles façam isso de uma maneira rigorosa. Mas nesse caso, deixe que Deus pleiteie a sua causa. O pedido do homem pobre é: "Sê generoso para comigo"; ele honestamente confessa a dívida, e não requer ao seu credor o ônus de prová-la, mas apenas pede mais prazo para pagá-la. A paciência, embora não seja o pagamento da dívida, é, às vezes, uma caridade necessária e louvável. Assim como não devemos ser excessivamente severos, também não devemos ser apressados em nossas exigências, mas devemos considerar quanto tempo Deus nos tem tolerado.

(4) Como o credor foi implacável e violento (v. 30): "Ele, porém, não quis", e não escutou a sua promessa justa, mas sem compaixão "foi encerrá-lo na prisão". Como ele procedeu de forma insolente, pisando em alguém tão bom quanto ele, que se submeteu a ele! Que crueldade ele usou para com alguém que não havia lhe feito nenhum mal! Além disso, esta atitude não lhe traria nenhuma vantagem! Nisso, como através de um vidro, credores sem compaixão podem ver os seus próprios rostos, e sentem prazer em nada mais do que devorar e destruir (2 Sm 20.19), e se gloriam por terem os ossos de seus pobres devedores.

(5) Como os outros servos estavam preocupados: "Contristaram-se muito" (v. 31), contristaram-se pela crueldade do credor, e pela desgraça do devedor. Os pecados e sofrimentos dos nossos companheiros deveriam ser motivos de pesar e perturbação para nós. Costuma-se dizer que qualquer um dos nossos irmãos deveria se fazer animal de presa, pela crueldade e barbaridade; ou ser feito animal de escravidão, pelo uso desumano daqueles que têm poder sobre ele. Ver um companheiro se enfurecendo como um urso, ou pisado como um verme, só pode causar grande tristeza a todos

aqueles que têm qualquer zelo pela honra de sua natureza ou de sua religião. Veja com que olhos Salomão olhou para as lágrimas dos que foram oprimidos, e para a força dos seus opressores (Ec 4.1).

(6) Como a notícia do que aconteceu foi levada até o senhor: "Foram declarar ao seu senhor". Eles não ousaram reprovar o seu conservo por isso, por ele ter sido tão irracional e abusivo (deixe que uma ursa roubada de seus filhotes encontre um homem, em vez de tal louco em sua loucura); mas eles foram ao seu senhor e rogaram que ele socorresse o oprimido contra o opressor. Aquilo que nos é motivo de tristeza, deveria nos ser motivo de oração. Deixemos as nossas queixas – tanto da impiedade dos ímpios como da aflição dos aflitos – serem levadas a Deus, e deixemo-las com Ele.

3. O ressentimento justo do senhor pela crueldade de que o seu servo era culpado. Se os servos consideraram isso tão mau, quanto mais o senhor, cuja compaixão está infinitamente acima da nossa. Então observe aqui:

(1) Como ele reprovou a crueldade do seu servo (vv. 32,33): "Servo malvado". Note que a falta de compaixão é uma iniqüidade, e uma grande iniqüidade. [1] O servo é repreendido diante da compaixão que ele tinha encontrado em seu senhor: "Perdoei-te toda aquela dívida". Aqueles que desfrutam os favores de Deus, jamais deveriam ser repreendidos com eles. Mas aqueles que abusarem deles, poderão esperar por isso (cap. 11.20). Considere que a dívida perdoada foi "toda aquela dívida", aquela grande dívida. A grandeza do pecado amplia as riquezas da compaixão que perdoa; devemos ter sempre em mente que os nossos muitos pecados foram perdoados (Lc 7.47). [2] Ele, assim, mostra ao servo a obrigação que ele tinha: deveria ter compaixão de seu companheiro: "Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?" Espera-se, de forma justa, que aquele que recebeu misericórdia, deva mostrar misericórdia. *Dat ille veniam facile, cui venia est opus – Aquele que precisa de perdão, facilmente o concede.* Senec., *Agamemn*. Ele mostra ao servo, em primeiro lugar, que esse deveria ter tido mais compaixão pela aflição de seu companheiro, pelo fato de ele mesmo ter experimentado a mesma aflição. O sentimento que nós mesmos tivemos faz com que entendamos melhor o sentimento de nosso irmão, e tenhamos atitudes melhores para com ele. Os israelitas conheciam o coração de um estrangeiro, porque eles foram estrangeiros; e este servo já deveria conhecer o coração de um devedor preso, e assim não poderia ter sido tão duro com o

seu conservo. Em segundo lugar, ele deveria ter agido de uma forma mais semelhante ao exemplo do sentimento do seu senhor. Ele mesmo passou por isso, e foi favorecido. Note que o senso confortável da misericórdia que perdoa depende muito da disposição dos nossos corações para perdoar os nossos irmãos. Era no encerramento do Dia da Expiação que a trombeta do jubileu soava como sinal de uma liberação das dívidas (Lv 25.9); porque devemos ter compaixão dos nossos irmãos, assim como Deus tem compaixão de nós.

(2) Como o senhor daquele servo revogou o seu perdão e cancelou a quitação da dívida, para que o julgamento contra ele voltasse a vigorar (v. 34): "O seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia". Embora a maldade tenha sido muito grande, o seu senhor não lhe infligiu outro castigo além do pagamento da sua própria dívida. Aqueles que não corresponderem aos termos do Evangelho não precisarão ser mais afligidos; basta que sejam entregues ao rigor da lei, e esta seguirá o seu curso natural contra eles. Observe como a punição responde ao pecado; aquele que não perdoa, não será perdoado. Ele o entregou aos atormentadores; o máximo que aquele homem poderia fazer pelo seu companheiro era apenas lançá-lo na prisão, mas ele mesmo foi entregue aos atormentadores. Observe que o poder da ira de Deus para nos destruir vai muito além do ponto máximo da força e da ira de qualquer criatura. As reprovações e terrores da sua própria consciência seriam esses atormentadores, pois esse é um verme que não morre; os demônios, os executores da ira de Deus, que são os tentadores dos pecadores agora, serão os seus atormentadores para sempre, eternamente. Ele foi enviado para a cadeia até que pagasse tudo. As nossas dívidas para com Deus nunca são pagas em parte; ou tudo é perdoado, ou tudo é exigido. Os santos glorificados no céu são perdoados de todas as suas transgressões e pecados através do pagamento total que foi feito por Cristo. Os pecadores condenados no inferno estão pagando tudo, isto é, são punidos por tudo. A ofensa feita a Deus pelo pecado está relacionada à honra, e não pode ser paga em parte ou com uma redução, que no caso não será admitida. Portanto, de uma maneira ou de outra, ela deve ser quitada pelo pecador, ou pelo seu fiador.

Por fim, aqui está a aplicação de toda a parábola (v. 35): "Assim vos fará também meu Pai celestial". O título que Cristo aqui dá a Deus Pai foi

utilizado (v. 19) em uma promessa confortável: “Isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus”; aqui a palavra é usada em uma terrível ameaça. Se o governo de Deus for paternal, segue-se que é um governo justo, mas não significa que seja extremamente rigoroso, ou que sob o seu governo devamos ser mantidos no caminho certo pelo temor à ira divina. Quando oramos a Deus como “o nosso Pai que está nos céus”, somos ensinados a pedir o perdão dos nossos pecados, assim como perdoamos aos nossos devedores. Observe aqui:

1. O dever de perdoar; devemos perdoar de coração. Note que não perdoaremos corretamente, nem de forma aceitável, o nosso irmão que nos ofendeu, se não perdoarmos de coração; porque é para ele que Deus olha. Nenhuma malícia deve ser guardada ali, nem má vontade em relação a qualquer pessoa; nenhum projeto de vingança deve ser formado ali, nem o desejo de vingança, como há em muitos que exteriormente parecem pacíficos e reconciliados. No entanto, isso não é suficiente; devemos desejar de coração e buscar o bem-estar das outras pessoas, até mesmo daquelas que nos ofenderam.

2. O perigo de não perdoar: “Assim vos fará também meu Pai celestial”. (1) Essas palavras não têm a intenção de nos ensinar que Deus reverte os perdões que Ele já concedeu a uma pessoa, mas que Ele os nega àqueles que são desqualificados para recebê-los de acordo com o sentido do Evangelho. Houve alguns que, embora parecessem ter se humilhado, como Acabe, se consideravam, e outros os consideravam, em um estado de perdão, e se comportavam de forma audaciosa com o conforto desse perdão. Temos, nas Escrituras, indícios suficientes da negação dos perdões como uma forma de prevenção contra os presunçosos; mas ainda assim temos uma segurança suficiente da continuidade do perdão para conforto daqueles que são sinceros, mas tímidos. Assim, um pode temer, e o outro pode ter esperança. Aqueles que não perdoam as transgressões dos seus irmãos nunca se arrependeram de verdade de suas próprias transgressões, nem creram verdadeiramente no Evangelho. Portanto, aquilo que foi tirado é apenas o que eles pareciam ter (Lc 8.18). (2) Essa situação tem a intenção de nos ensinar que o juízo será sem misericórdia, e que a misericórdia triunfa sobre o juízo (Tg 2.13). Para perdoarmos e ficarmos em paz, é necessário, e até mesmo indispensável, que as nossas atitudes sejam justas, e que também amemos a misericórdia. Esta é uma parte essencial dessa religião que é pura

e imaculada diante de nosso Deus e Pai: a sabedoria que vem do alto é boa, e fácil de ser solicitada. Observe como respondem aqueles que, embora tenham o nome de cristãos, persistem no tratamento mais rigoroso e cruel para com os seus irmãos, como se as leis mais rigorosas de Cristo pudessem ser dispensadas em prol da gratificação de suas paixões desenfreadas. E assim eles se amaldiçoam toda vez que fazem a oração do Senhor.

CAPÍTULO 19

Nesse capítulo, temos: I. Cristo mudando de residência, deixando a Galiléia e indo para as costas da Judéia (vv. 1,2). II. Sua discussão com os fariseus sobre o divórcio, e sua conversa com seus discípulos nessa ocasião (vv. 3-12). III. A gentil acolhida que Ele proporcionou a algumas crianças que lhe foram trazidas (vv. 13-15). IV. Um relato do que ocorreu entre Cristo e um jovem e esperançoso cavalheiro que se dirigiu a Ele (vv. 16-22). V. A conversa com seus discípulos nessa ocasião, no que tange à dificuldade da salvação dos ricos deste mundo, e à recompensa garantida para aqueles que deixarem tudo por Cristo (vv. 23-30).

Cristo Deixa a Galiléia e Entra na Judéia

vv. 1,2

Aqui temos um relato da mudança de Cristo. Observe que:

1. Ele deixou a Galiléia. Ali Ele tinha sido criado. Ali, naquela remota e desprezível parte do país, Ele havia passado a maior parte de sua vida; apenas por ocasião das comemorações que Ele ia para Jerusalém, e se manifestava ali; e podemos supor que, não tendo ali residência fixa quando chegou, suas pregações e milagres eram mais perceptíveis e mais aceitos. Mas isso foi um exemplo de sua humilhação, e nisso, como em outras coisas, Ele apareceu em um estado de humildade. Ele viria como um galileu, um homem do norte, a parte menos educada e refinada da nação. Até aqui, a maioria dos sermões de Cristo e a maioria de seus milagres haviam sido realizados na Galiléia; mas agora, “concluindo Jesus esses discursos, saiu da Galiléia”, e este foi o seu último adeus; porque (a menos que a sua passagem “pelo meio de Samaria e da Galiléia”, Lucas 17.11, tenha ocorrido depois disso, o que, contudo, era apenas uma visita *in transitu – o enquanto Ele*

atravessava o país). Ele nunca mais veio para a Galiléia novamente até depois da sua ressurreição, o que torna essa transição extraordinária. Cristo não partiu da Galiléia até que houvesse encerrado o seu trabalho ali. Note que os fiéis ministros de Cristo não são afastados de nenhum lugar, até que tenham terminado o seu testemunho naquela localidade; eles também não são levados deste mundo enquanto não concluem a sua missão (Ap 11.7). É muito confortável para aqueles que seguem não a sua própria vontade, mas a providência de Deus, em suas mudanças, saber que concluirão seus discursos antes de partirem. E quem desejaria continuar em qualquer lugar por mais tempo do que o necessário para realizar ali a obra de Deus?

2. Ele se dirigiu "aos confins da Judéia, além do Jordão", para que os habitantes dali pudessem ter seu dia de visitação da mesma forma que a Galiléia, pois eles também pertenciam às "ovelhas perdidas da casa de Israel". Mas Cristo ainda se manteve naquelas partes de Canaã que se estende em direção a outras nações: a Galiléia é chamada de "Galiléia das nações", e os sírios habitavam além do Jordão. Assim, Cristo insinuava que, embora se mantivesse dentro dos limites da nação judaica, Ele tinha em vista os gentios, e o seu Evangelho estava se encaminhando em direção a eles, pois esse era um de seus objetivos.

3. "Seguiram-no muitas gentes". Onde estiver Siló, ali se congregarão os povos. Os "remidos do Senhor" são os que "seguem o Cordeiro" para onde quer que vá (Ap 14.4). Quando Cristo parte, é melhor que o sigamos. O fato de Cristo ter sido constantemente seguido por uma multidão, para onde quer que fosse, era uma amostra de respeito a Cristo, embora fosse um problema constante. Mas Ele não procurava a sua própria comodidade, considerando quão má e desprezível essa turba era (como alguns os chamariam), nem fazia muita questão da sua própria glória, aos olhos do mundo. Ele "andou fazendo o bem"; e assim se segue que Ele curou a multidão "ali". Isso mostra porque eles o seguiam: para ter suas enfermidades curadas; e eles o julgavam tão capaz e pronto para ajudar aqui como havia sido na Galiléia. Pois, onde quer que esse "Sol da justiça" surgisse, traria "curas nas suas asas" (Ml 4.2, versão TB). Ele os curou ali, para que não o seguissem até Jerusalém, o que causaria escândalo. Ele "não contenderá, nem clamará".

A Lei do Divórcio

vv. 3-12

Nós temos aqui a lei de Cristo no caso do divórcio, ocasionada, como algumas outras manifestações da sua vontade, por uma discussão com “os fariseus”. Ele suportou tão pacientemente as contradições dos pecadores, que as transformou em instruções para os seus próprios discípulos! Observe aqui:

I O caso proposto pelos fariseus (v. 3): “É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?” Os fariseus lhe perguntaram isso para provocá-lo, e não porque desejassem ser ensinados por Ele. Algum tempo atrás, Ele havia, na Galiléia, manifestado seu pensamento sobre esse assunto, contra aquilo que era uma prática comum (cap. 5.31,32); e se Ele, do mesmo modo, se pronunciasse agora contra o divórcio, eles fariam uso disso para indispor e enfurecer o povo desse país contra Ele, que olharia com desconfiança para alguém que tentasse diminuir a liberdade de que eles tanto gostavam. Os fariseus esperavam que Ele perdesse o afeto das pessoas tanto por esse como por qualquer um dos seus preceitos. Ou então, a armadilha pode ter sido planejada dessa forma: se Ele dissesse que os divórcios não eram legais, eles o apontariam como um inimigo da lei de Moisés, que os permitia; se dissesse que eram legais, eles caracterizariam a sua doutrina como não tendo em si aquela perfeição que era esperada na doutrina do Messias, uma vez que, embora os divórcios fossem tolerados, eles eram vistos pela parte mais rígida do povo como não sendo algo de boa reputação. Alguns pensam que, embora a lei de Moisés permitisse o divórcio, ainda que houvesse uma causa justa, havia uma controvérsia entre os próprios fariseus, e eles desejavam saber o que Cristo diria sobre isso. Causas matrimoniais têm sido numerosas, e algumas vezes intrincadas e confusas; elas se tornam assim não por causa da lei de Deus, mas pelos desejos e pela loucura dos homens. Nesses casos, as pessoas freqüentemente decidem o que vão fazer, antes de perguntarem qual seria a melhor solução.

A pergunta dos fariseus foi a seguinte: Será que um homem pode repudiar a sua mulher por qualquer motivo? O divórcio era permitido por alguns motivos, como por prostituição, mas o divórcio era praticado, como acontecia geralmente, por pessoas irresponsáveis, e por qualquer motivo. Será que ele poderia ser praticado por qualquer motivo que um homem

pudesse julgar adequado (embora fosse, como sempre, frívolo), como também por qualquer antipatia ou desagrado? A tolerância, nesse caso, permitia isso: “Se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio” (Dt 24.1). Eles interpretavam esta passagem literalmente; e assim, qualquer desgosto, mesmo que sem motivo, poderia se tornar a base para um divórcio.

II A resposta de Cristo para essa pergunta. Embora ela fosse apresentada para tentá-lo, mesmo sendo um caso de consciência, e de consciência pesada, Ele deu uma resposta satisfatória. Não foi uma resposta direta, mas foi eficaz, afirmando os bons princípios, como prova inegável de que os divórcios arbitrários que estavam sendo praticados, que tornavam os laços matrimoniais tão precários, não eram de forma alguma legítimos. O próprio Cristo não daria a regra sem uma razão, nem declararia o seu julgamento sem uma prova nas Escrituras para apoiá-lo. Seu argumento é este: “Se estão, marido e mulher, pela vontade e desígnio de Deus, ligados pela mais rígida e íntima união, então eles não devem ser, levianamente e em qualquer ocasião, separados; se a ligação for consagrada, não poderá ser facilmente desfeita”. Para provar que existe tal união entre marido e mulher, Ele ressalta três pontos.

1. A criação de Adão e Eva. No que se refere a isso, Ele apela para o próprio conhecimento que eles tinham das Escrituras: “Não tendes lido?” Há alguma vantagem em discutir, tratar com aqueles que possuem e têm lido as Escrituras. Vocês têm lido (mas não têm considerado) “que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea” (Gn 1.27; 5.2). Note que será de grande utilidade para nós pensarmos freqüentemente sobre nossa criação, como e por quem, por que e para que, fomos criados. Ele os criou macho e fêmea, uma fêmea para um macho; de modo que Adão não poderia se divorciar de sua esposa, e tomar outra, porque não existia nenhuma outra para ser tomada. Isso, da mesma forma, sugeria uma união inseparável entre eles. Eva era uma costela tirada de Adão, de modo que ele não podia repudiá-la, porque não devia remover um pedaço de si mesmo, contradizendo as manifestas indicações da criação dela. Cristo faz uma breve alusão a isso, mas, recorrendo ao que eles tinham lido, Ele os remete ao registro original, onde é observado que, muito embora o restante das criaturas vivas tenha sido criado macho e fêmea, ainda assim isso não é dito no que se refere a

nenhuma delas, mas apenas no que concerne à raça humana; porque a conjunção entre homem e mulher é racional, e planejada para propósitos mais nobres do que meramente a satisfação dos sentidos e a preservação da semente. E ela é, portanto, mais íntima e sólida do que aquela que existe entre macho e fêmea entre os animais, que não são capazes de se ajudar mutuamente como Adão e Eva. Por conseguinte, a forma de expressão é um tanto singular (Gn 1.27): “E criou Deus o homem à sua imagem, macho e fêmea os criou”; algumas traduções da Bíblia em inglês trazem os pronomes “ele” e “eles” (singular e plural) de uma forma alternada. O singular é utilizado no princípio da criação, antes que se tornassem dois. Porém, mais tarde, eles se tornam novamente um, através de uma aliança de casamento, uma união que só poderia ser íntima e indissolúvel.

2. A lei fundamental do casamento é: “Deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher” (v. 5). A relação entre marido e mulher é mais íntima do que aquela que existe entre pais e filhos; então, se a relação filial não pode ser facilmente rompida, muito menos pode a relação de casamento ser rompida. Pode um filho abandonar seus pais, ou pode um pai ou mãe abandonar seus filhos, por qualquer motivo, seja ele qual for? Não, de modo nenhum. Muito menos pode um marido repudiar a sua esposa. Entre marido e esposa, a relação é mais íntima, e o laço da união é mais forte, do que entre pais e filhos – embora não por natureza, mas por desígnio divino. Observe que a relação pais-filhos é, em grande medida, substituída pelo casamento quando um homem deixa os seus pais para se unir à sua esposa. Veja aqui o poder de uma instituição divina. O resultado dela é uma união mais forte do que aquela que resulta das obrigações mais elevadas da natureza.

3. A natureza do contrato matrimonial. Esta é uma união de pessoas; os cônjuges “serão dois numa só carne”, de modo que (v. 6) “já não serão dois, mas uma só carne”. Os filhos de um homem são partes dele mesmo; mas a sua esposa é ele mesmo. Assim como a união conjugal é mais íntima do que aquela que existe entre pais e filhos, ela também é, até certo ponto, equivalente àquela união que existe entre um membro e outro no corpo natural. Uma vez que esta é uma razão pela qual os maridos devem amar suas esposas, também é uma razão pela qual eles não devem repudiá-las, pois “nunca ninguém aborreceu a sua própria carne”, ou a separou de si, “antes, a alimenta e sustenta”, e faz tudo o que pode para preservá-la. Os dois serão um; por isso deve haver apenas uma esposa, pois Deus fez apenas

uma Eva para um Adão (Ml 2.15).

A partir daí, o Senhor deduz: “O que Deus ajuntou não separe o homem”. Note que: (1) Marido e mulher são uma união de Deus; *synezeuxen – Ele os colocou sob um mesmo jugo*, assim é a palavra, e é muito significativa. O próprio Deus instituiu o relacionamento entre marido e mulher no estado de inocência. O casamento e o sábado sagrado são as instituições, mais antigas. Embora o casamento não seja exclusivo da igreja, mas comum para o mundo, mesmo sendo caracterizado por uma instituição divina, que é aqui ratificada pelo nosso Senhor Jesus, ele deve ser conduzido como uma união sagrada, e santificado pela Palavra de Deus, e pela oração. Um respeito consciencioso para com Deus nessa instituição teria uma boa influência sobre o dever, e, conseqüentemente, sobre a tranqüilidade e o conforto do relacionamento. (2) Marido e mulher, sendo unidos pela lei de Deus, não podem ser separados por qualquer lei humana. Homem nenhum deve separá-los; nem o próprio marido, nem alguém designado por ele; nem mesmo o magistrado, pois Deus jamais lhe deu autoridade para fazer isso. “O Senhor, Deus de Israel, diz que aborrece o repúdio” (Ml 2.16). O homem não deve tentar separar aquilo que Deus uniu. Esta é uma regra geral.

III Uma objeção levantada pelos fariseus contra o dever do homem não separar o que Deus ajuntou – uma objeção não destituída de plausibilidade (v. 7): “Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?” Jesus utilizou as Escrituras para argumentar contra o divórcio; os fariseus, por sua vez, alegam a autoridade das Escrituras para defendê-lo. Note que as aparentes contradições na Palavra de Deus são grandes obstáculos para homens de mente corrompida. É verdade, Moisés era fiel àquele que o designou, e não ordenou nada além daquilo que recebeu do Senhor; mas, nesse caso, o que eles chamam de mandamento era apenas uma concessão (Dt 24.1), planejada mais para conter os excessos do que para encorajar o divórcio em si. Os próprios doutores judeus observam tais limitações naquela lei; o divórcio não podia ser concedido sem uma grande deliberação. Uma razão particular deve ser apontada: o atestado de divórcio deveria ser escrito, e, como uma ação judicial, deveria ter todas as suas formalidades executadas e registradas. Ele deveria ser entregue nas mãos da própria esposa (o que obrigaria os homens, se eles tivessem alguma consideração, a refletir), e os cônjuges eram expressamente proibidos de se

juntar novamente.

IV A resposta de Cristo a essa objeção.

1. Ele retifica o erro dos fariseus com relação à lei de Moisés. Eles a chamaram de um mandamento, Cristo a chama somente de permissão, uma tolerância. Corações carnais tomarão o braço se lhes dermos a mão. A lei de Moisés, nesse caso, era uma lei política que Deus concedeu como o Governante daquele povo; e o divórcio era tolerado por razões de Estado. Sendo o rigor da união matrimonial o resultado de uma lei não-natural, mas formal, em alguns casos a sabedoria de Deus prescindia dela através do divórcio, sem qualquer depreciação de sua santidade.

Mas Cristo diz aos fariseus que havia uma razão para essa tolerância – e esta não se devia, de modo algum, a algum mérito deles: “Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossa mulher”. Moisés se queixou do povo de Israel em seu tempo, pois o coração do povo estava endurecido (Dt 9.6; 31.27), endurecido contra Deus; naquela ocasião, a permissão para o divórcio se devia ao fato de eles estarem endurecidos contra o próximo; os homens eram geralmente violentos e ultrajantes, qualquer que fosse o caminho que seguissem tanto em seus desejos como em suas paixões. E então, se a eles não tivesse sido permitido repudiar suas esposas quando expressassem antipatia por elas, eles as teriam tratado com crueldade, teriam agredido e abusado delas, e talvez as matassem. Note que não há maior crueldade no mundo do que um homem ser rude e áspero com a sua própria esposa. Os judeus, ao que parece, eram abomináveis por isso, e então lhes foi permitido repudiá-las; melhor divorciar-se delas do que fazer pior, do que cobrir “o altar do Senhor de lágrimas” (Ml 2.13). Uma pequena complacência para satisfazer a vontade de um louco, ou de um homem que delira, pode evitar um dano maior. Leis formais podem ser prescindidas em prol da preservação da lei da natureza, pois “Deus quer misericórdia e não sacrifício”. Entretanto, aqueles que tornaram isso necessário são infelizes, são perdidos que possuem um coração endurecido. E ninguém pode desejar ter a liberdade do divórcio, sem virtualmente confessar a dureza de seu coração. Jesus diz: “por causa da dureza do vosso coração”, não apenas daqueles que viviam naquela época, mas de toda a sua semente. Deus não apenas vê, mas também antevê a dureza do coração dos homens. Ele adaptou os mandamentos e a providência do Antigo Testamento ao temperamento

daquela gente, e o fez através do medo. Observe também: a lei de Moisés considerava a dureza do coração dos homens, mas o Evangelho de Cristo, a cura; e sua graça tira do homem o coração de pedra e lhe dá um coração de carne. Através da lei, vinha o conhecimento do pecado; mas através do Evangelho, ele é derrotado.

2. Jesus os leva de volta à instituição original: “Mas, ao princípio, não foi assim”. Note que as perversões que se insinuam em qualquer lei de Deus devem ser expurgadas recorrendo-se à instituição original. Se a cópia estiver incorreta, ela deverá ser examinada e retificada pelo original. Desse modo, o apóstolo Paulo, ao corrigir as transgressões da igreja de Corinto em relação à Santa Ceia, recorreu ao que aconteceu naquela reunião (1 Co 11.23): “Porque eu recebi do Senhor”. A verdade estava disponível desde o princípio; nós devemos então perguntar “pelas veredas antigas, qual é o bom caminho” (Jr 6.16), e devemos fazer as devidas correções, não pelos padrões recentes, mas pelas regras antigas.

3. Jesus define a questão através de uma lei explícita: “Eu vos digo” (v. 9), e isso está de acordo com que Ele havia dito antes (cap. 5.32). Naquela ocasião, isso foi dito em um sermão; aqui, em uma discussão. Mas é a mesma Palavra, pois Cristo não muda. Entretanto, em ambas as passagens:

(1) Ele permite o divórcio em caso de adultério; sendo que a razão da lei contra o divórcio consiste na máxima: “Serão dois numa só carne”. Se a esposa se prostituir e se tornar uma só carne com um adúltero, a razão da lei cessa, e também a lei. O adultério era punido com a morte pela lei de Moisés (Dt 22.22). Então, o nosso Salvador suaviza o seu rigor, e determina que o divórcio seja a penalidade. O Dr. Whitby entende isso não como adultério (porque o nosso Salvador usa a palavra *porneia – fornicação*), mas como a impureza cometida antes do casamento, que é descoberta mais tarde; porque se fosse cometida depois do casamento, seria um pecado capital, e assim o divórcio não seria necessário.

(2) O Senhor desaprova isso em todos os outros casos: “Qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério”. Essa foi uma resposta direta para a pergunta dos fariseus, e que não estava de acordo com a lei. E nisso, como em outras coisas, o tempo do evangelho é “tempo de correção” (Hb 9.10). A lei de Cristo tende a restabelecer o homem em sua integridade primitiva; a lei do amor, do amor conjugal, não é um novo mandamento, mas era desde o princípio. Se

considerarmos quantos danos às famílias e países, quantas confusões e desordens resultariam de divórcios arbitrários, entenderemos o quanto essa lei de Cristo é para o nosso próprio benefício, e que amigo o cristianismo é para nossos interesses seculares.

A lei de Moisés, que permite o divórcio por causa da dureza do coração dos homens, e a lei de Cristo, que o proíbe, sugerem que estando os cristãos sob a dispensação do amor e da liberdade, pode-se, legitimamente, esperar uma brandura de coração entre eles, pois eles não serão desumanos como os judeus, pois "Deus chamou-nos para a paz". Não haverá oportunidade para divórcios se os cônjuges forem indulgentes um com o outro, e perdoarem um ao outro no amor, como aqueles que são, e esperam ser, perdoados, e que descobriram que Deus não nos repudiará (Is 50.1). Não há necessidade de divórcios se os maridos amarem suas esposas, se as esposas forem obedientes a seus maridos, e se ambos viverem juntos como herdeiros da graça da vida: e estas são as leis de Cristo. Não encontramos uma lei como essa em todas as leis de Moisés.

V Aqui está uma sugestão dos discípulos contra essa lei de Cristo (v. 10): "Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar". Parece que os próprios discípulos estavam relutantes em renunciar à liberdade do divórcio, considerando-a como um bom expediente para preservar o bem-estar na condição de casado; e então, como crianças mal-humoradas, se eles não tivessem o que queriam ter, jogariam fora aquilo que tinham. Se a eles não for permitido repudiar suas esposas quando lhes aprouver, eles não terão esposas de modo nenhum. Entretanto, desde o princípio, quando o divórcio não era permitido, Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só", e os abençoou, declarando como abençoados aqueles que fossem, dessa forma, completamente unidos; no entanto, a menos que possam ter a liberdade do divórcio, os discípulos acham que é melhor o homem não se casar. Note que: 1. A natureza corrupta não tolera o controle e as restrições, e de bom grado romperia os laços de Cristo ao meio para obter a liberdade para a sua própria luxúria. 2. É uma atitude tola e impertinente para os homens, abandonar os confortos desta vida por causa das cruzes que habitualmente os acompanham, como se precisássemos necessariamente sair do mundo por não termos todas as coisas que desejamos; ou precisássemos assumir uma ocupação ou uma condição improdutiva, porque a

sobrevivência nele se tornou a nossa obrigação. Não. Qualquer que seja a nossa condição, devemos direcionar nossas mentes para isso: ser agradecidos pelos nossos confortos, obedientes às nossas cruzes, sabendo que quando pensarmos nos nossos dias, deveremos ter em mente que “Deus fez este em oposição àquele”, e assim fazermos o melhor com o que tivermos (Ec 7.14). O fato de não podermos desfazer os laços do casamento a nosso bel-prazer não significa que não devamos nos submeter a eles; mas que quando nos submetermos, deveremos decidir nos comportar de acordo por amor, submissão, e paciência, o que tornará o divórcio a coisa mais desnecessária e indesejável que pode existir.

VI A resposta de Cristo a essa sugestão (vv. 11,12), na qual:

1. Ele reconhece que é bom para alguns não se casar: Aquele que é capaz de receber essa palavra, que a receba – “Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido”. Cristo consentiu com o que os discípulos disseram, “não convém casar”; não como uma objeção contra a proibição do divórcio, como eles o pretendiam, mas dando-lhes uma regra (talvez não menos desagradável para eles): que aqueles que têm a dádiva da abstinência, e não sentem qualquer necessidade de casar-se, fazem melhor se continuarem solteiros (1 Co 7.1); pois aqueles que não estão casados têm a oportunidade, se tiverem disposição, de se preocupar mais com as “coisas do Senhor, em como hão de agradar ao Senhor” (1 Co 7.32-34), sendo menos comprometidos com os cuidados desta vida, e tendo uma maior disponibilidade de tempo e pensamento para preocupar-se com coisas melhores. O crescimento da graça é melhor do que o crescimento da família, e a comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo deve ser preferida à qualquer outra comunhão.

2. Ele desaprova, como absolutamente prejudicial, proibir o casamento, porque “nem todos podem receber esta palavra”; realmente poucos podem – é preferível que as cruzes da condição de casado sejam carregadas do que esses homens caírem em tentação para evitá-las; “é melhor casar do que abrasar-se”.

Cristo fala aqui de uma dupla incapacidade para o casamento.

(1) Aquela que é uma calamidade pela providência de Deus; tal como a daqueles que nascem eunucos, ou se tornam assim através dos homens, e que, sendo incapazes de corresponder a uma finalidade do casamento, não

devem se casar. Mas que lhes seja permitido compensar essa calamidade com a oportunidade que existe na condição de solteiro – servir melhor a Deus.

(2) Aquela que é uma virtude pela graça de Deus; como é a daqueles que se fizeram eunucos “por causa do Reino dos céus”. Essa é uma incapacidade para o casamento, não no corpo (e alguns, por erro de interpretação dessa Escritura, prejudicaram a si mesmos de forma tola e perniciosa), mas na mente. Aqueles que se tornaram eunucos alcançando um sagrado desinteresse por todos os prazeres da condição de casado, têm uma decisão estabelecida, na força da graça de Deus, de se privar completamente deles; e por jejum, e outros exemplos de mortificação, subjugaram todos os desejos voltados a eles. Estes são aqueles que podem receber esta palavra; além disso, não devem obrigar a si mesmos, através de voto, a nunca se casar. Eles só devem entender que, da forma como pensam agora, pretendem não se casar.

Então: [1] Essa simpatia pela condição de solteiro deve ser concedida por Deus; pois ninguém pode recebê-la, exceto “aqueles a quem foi concedido”. Note que a abstinência é um dom especial de Deus para alguns, e não para outros; e quando um homem, na condição de solteiro, descobre por experiência que tem esse dom, ele pode resolver permanecer solteiro, e (como o apóstolo diz, 1 Coríntios 7.37) ficar “firme em seu coração, não tendo necessidade”, mas tendo poder sobre a sua própria vontade para se manter assim. Mas os homens, nesse caso, devem tomar cuidado para não se gabarem de um falso dom (Pv 25.14).

[2] A condição de solteiro deve ser escolhida por amor ao Reino dos céus. Pois naqueles que resolvem nunca se casar apenas para que possam economizar nas despesas, ou para satisfazer um temperamento mal-humorado e egoísta, ou ainda para ter uma maior liberdade para servir a outros desejos e prazeres, isto está muito longe de ser uma virtude – é um vicio perverso. Mas quando é por amor à religião – não sendo um ato meritório em si mesmo (em que os papistas o transformaram), mas apenas como um meio para manter a mente mais aplicada e mais direcionada aos serviços da religião, e para que, não tendo família para sustentar, a pessoa possa fazer mais obras de caridade –, isto é aprovado e aceito por Deus. Note que essa condição é melhor para nós. E ser escolhido e comportar-se adequadamente, que é o melhor para a nossa alma, nos leva a nos

prepararmos mais e a nos preservarmos para o Reino dos céus.

A Ternura de Cristo para com as Crianças

vv. 13-15

Temos aqui as boas-vindas que Cristo deu a algumas crianças que lhe foram trazidas. Observe:

I A fé daqueles que as trouxeram. Quantas foram trazidas não nos foi dito; mas elas eram tão pequenas a ponto de serem carregadas nos braços, um ano de idade, talvez, ou dois no máximo. A explicação dada aqui é que foram trazidas crianças até Ele "para que lhes impusesse as mãos e orasse" (v. 13). Provavelmente as pessoas que as trouxeram eram seus pais, guardiões, ou amas-secas; e neste ponto: 1. Eles declararam sua consideração por Cristo, e a importância que davam a sua bondade e a sua bênção. Note que aqueles que glorificam a Cristo vindo até Ele, devem glorificá-lo ainda mais trazendo até Ele, do mesmo modo, tudo o que têm, ou aquilo sobre o que têm poder. Devemos dar a Ele, dessa maneira, a glória pelas insondáveis riquezas da sua graça e por sua abundante e infalível plenitude. Não há melhor maneira de glorificar e honrar a Cristo do que tendo comunhão com Ele. 2. Eles fizeram, sem dúvida, um favor para os seus filhos, mas também precisavam se preparar melhor neste mundo para as bênçãos do porvir, como também para receber bênçãos como resultado das orações do Senhor Jesus, a quem eles viam, pelo menos, como uma pessoa extraordinária, como um profeta, se não como um sacerdote e rei. As suas bênçãos eram valorizadas e desejadas. Outros trouxeram seus filhos para Cristo, para serem curados quando estavam doentes; mas as crianças citadas aqui não estavam sofrendo nenhuma enfermidade naquele momento – aqueles que as traziam apenas queriam uma bênção para elas. Trata-se de uma boa coisa quando nós mesmos vamos a Cristo, e levamos nossos filhos a Ele, antes que sejamos conduzidos a Ele (como dizemos) por uma necessidade premente. Deus se compraz quando nos dirigimos a Ele não apenas quando estamos em dificuldades, mas quando nos dirigimos a Ele mostrando a nossa total dependência dele, e do beneficio que esperamos dele.

Eles desejavam que Ele impusesse as suas mãos sobre as criancinhas e orasse. A imposição das mãos era um rito utilizado principalmente na transmissão de bênçãos paternais. Jacó fez uso dessa prática quando abençoou e adotou os filhos de José (Gn 48.14). Isso sugere algum amor e alguma intimidade combinados com poder e autoridade, e evidencia uma eficácia na bênção. Através do seu Espírito, Cristo coloca a sua mão sobre aqueles por quem Ele intercede no céu. Note que: (1) Crianças pequeninas podem ser levadas a Cristo quando necessário, pois são capazes de receber as suas bênçãos, e têm interesse em sua intercessão. (2) Por isso, elas devem ser levadas a Ele. Não podemos fazer nada melhor por nossas crianças do que confiá-las ao Senhor Jesus, para que Ele cuide e interceda por elas. Nós só podemos pedir que sejam abençoadas, e somente Cristo pode ordenar a bênção.

II O erro dos discípulos por repreender àqueles que as traziam. Eles desaprovaram a abordagem como vã e frívola e os censuraram por torná-la impertinente e incômoda. Eles podem ter agido assim porque consideravam que prestar atenção às crianças era algo que estava em um nível inferior ao do seu Mestre, exceto se alguma coisa em particular as afligisse; ou pensavam que Ele tinha trabalho suficiente com suas outras tarefas, e não queriam que Ele se desviasse disso; ou ainda podem ter pensado que se uma abordagem como essa fosse encorajada, todo o país levaria suas crianças até Ele, e isso nunca teria fim. Note que é bom para nós que Cristo tenha em si mais amor e ternura do que o melhor dos seus discípulos. E devemos aprender com Ele a não desaprovar qualquer desejo de almas bem-intencionadas em seus questionamentos a respeito de Cristo, mesmo que sejam frágeis. Se Ele não quebra os galhos fracos, nós também não devemos quebrá-los. Aqueles que procuram a Cristo, não devem estranhar se encontrarem oposição e reprovação, mesmo por parte de homens bons, que pensam conhecer o pensamento de Cristo melhor do que realmente conhecem.

III A bondade de nosso Senhor Jesus. Veja como Ele a exercitou aqui.

1. Ele repreendeu os seus discípulos (v. 14): “Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim”. Ele tolerou as criancinhas e não as proibiu; e corrigiu o engano que os discípulos cometeram, acrescentando: “porque dos

tais é o Reino dos céus". Note que: (1) Os filhos de pais crentes pertencem ao reino e são membros da igreja visível. Dos tais, não somente dos tais em disposição e amor (esta pode ter sido uma das razões pelas quais pombos ou cordeiros deviam ser levados a Ele), mas dos tais, em idade, é o Reino dos céus; a eles, como aos judeus da antiguidade, pertencem os privilégios de fazer parte da igreja visível. "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos...". Eu serei por Deus "a ti e à tua semente". (2) Por essa razão, eles são bem-vindos a Cristo, que está pronto para acolher aqueles que, quando não podem vir por si mesmos, são trazidos a Ele. E isso: [1] A respeito das próprias criancinhas, por quem Ele, em diversas ocasiões, havia manifestado uma preocupação; e que, tendo participado das malignas influências do primeiro pecado de Adão, devem necessariamente compartilhar as riquezas da segunda graça de Adão, do contrário o que seria da analogia do apóstolo? (1 Co 15.22; Rm 5.14,15 etc.). Cristo não lançará fora, de modo nenhum, aqueles que lhe são dados como parte de sua aquisição. [2] Observando a fé dos pais que os trouxeram, e os apresentaram como sacrifícios vivos. Os pais são fiéis depositários do testamento de seus filhos, e são autorizados pela natureza a agir em benefício deles. Por essa razão, Cristo aceita a consagração que eles fazem de seus filhos como obra e ato deles, e receberá aqueles que lhe forem dedicados no dia em que reunir as suas jóias. [3] Por esse motivo, Ele considera isso como uma ofensa da parte daqueles que proíbem e excluem as crianças a quem Ele recebeu: aqueles que os excluem da herança do Senhor, e dizem: "Não tendes parte no Senhor" (veja Js 22.27). E quem poderá impedir o fornecimento da água com a qual devem ser batizados aqueles que, com o cumprimento daquela promessa (Is 44.3), "receberam, como nós, o Espírito Santo", pelo que sabemos.

2. Ele recebeu as criancinhas, e fez como desejavam; impôs as suas mãos sobre elas, isto é, Ele as abençoou. O crente mais forte vive, não tanto por conquistar a Cristo, mas por ser conquistado por ele (Fp 3.12); não tanto por conhecer a Deus, mas por ser conhecido dele (Gl 4.9); e disso, a menor criança é capaz. Se elas não podem estender as suas mãos para Cristo, mesmo assim Ele pode impor as suas mãos sobre elas, e assim torná-las suas e confessá-las como suas.

Parece-me que há algo notável no fato de que, tendo-lhes imposto as mãos, partiu dali (v. 15). É como se Ele pensasse que havia feito o suficiente ali,

quando havia então declarado os direitos dos cordeiros do seu rebanho, e tomado as devidas providências para a sucessão das pessoas em seu reino.

A Consulta e a Decepção do Jovem Rico

vv. 16-22

Eis aqui um relato do que ocorreu entre Cristo e um esperançoso jovem nobre que se dirigiu a Ele com uma séria pergunta. Mateus diz ser um jovem (v. 20); e eu o intitulei um nobre, não apenas porque ele tivesse grandes posses, mas porque era um príncipe (Lc 18.18), um magistrado, um juiz de paz em seu país; é provável que tivesse habilidades acima da sua idade, de outro modo sua juventude o teria privado da magistratura.

Então, no que diz respeito a esse jovem nobre, nos é dito o quanto ele tentou alcançar o céu e falhou.

I O quanto realmente ele tentou alcançar o céu, e o quão gentil e carinhosamente Cristo o tratou, em prol de um bom início. Aqui está:

1. A maneira educada como o nobre se dirige a Jesus Cristo (v. 16): “Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?” Nenhuma pergunta melhor poderia ser feita, nem mais seriamente.

(1) Ele confere a Cristo um título honroso, “Bom Mestre” – *didaskale agathe*. Isso não anuncia uma condição de regente, mas um mestre que ensina. Chamá-lo de “Mestre” indica a submissão do jovem, e também a sua vontade de ser ensinado; e “bom Mestre”, a sua afeição e um peculiar respeito para com o Mestre, como no caso de Nicodemos: “És mestre, vindo de Deus”. Não sabemos de ninguém que tenha se dirigido a Cristo mais respeitosamente do que aquele mestre em Israel e este príncipe. É bom quando a qualidade e a dignidade dos homens aumentam a sua civilidade e cortesia. Era uma atitude nobre dedicar esse título de respeito a Cristo, apesar da simplicidade de sua aparência. Não era habitual, entre os judeus, abordar seus mestres com o título de “bom”; portanto, isso evidência o respeito incomum que ele nutria por Cristo. Note que Jesus Cristo é um bom Mestre, o melhor dos mestres; ninguém ensina como Ele; Ele é conhecido por sua bondade, pois Ele pode “compadecer-se ternamente dos ignorantes”; Ele é “manso e humilde de coração”.

(2) Esse nobre se aproxima de Jesus com uma missão importante (nenhuma missão poderia ser mais importante do que esta), e ele veio não para provocá-lo, mas desejando sinceramente ser ensinado por Ele. Sua pergunta é: “Que bem farei, para conseguir a vida eterna?” Isso causa a impressão: [1] De que ele tinha uma forte crença na vida eterna; ele não era saduceu. Ele estava convencido de que no outro mundo existe uma felicidade pronta para aqueles que estão preparados para ela neste mundo. [2] De que ele estava interessado em se assegurar de que viveria eternamente, e estava desejoso dessa vida mais do que de qualquer prazer desta vida. Era raro, para alguém da idade e da qualidade desse jovem, parecer tão preocupado com o outro mundo. Os ricos tendem a considerar que está abaixo deles fazer uma pergunta como essa; e os jovens ainda mais – mas aqui estava um jovem, e um homem rico, apreensivo sobre a sua alma e a eternidade. [3] De que ele era cônscio de que algo deve ser feito, alguma coisa boa, para a obtenção dessa felicidade. É através de uma paciente perseverança em fazer o bem que procuramos alcançar a imortalidade (Rm 2.7). Nós devemos prosseguir fazendo, cada vez mais, aquilo que for bom. O sangue de Cristo é o único preço pela vida eterna (Ele a conquistou para nós), mas a obediência a Cristo é o caminho que leva a ela (Hb 5.9). [4] De que ele era, ou pelo menos acreditava ser, desejoso de fazer o que tinha de ser feito para obter a vida eterna. Aqueles que sabem o que é ter vida eterna, e o que é não alcançá-la, ficarão felizes em aceitá-la sob quaisquer termos. O Reino dos céus sofre, sem problema algum, este tipo de violência santa. Note que embora existam muitos que dizem: “Quem nos mostrará o bem?”, nossa grande pergunta deve ser: “Que bem farei, para conseguir a vida eterna?” O que devemos fazer para ser felizes para sempre, felizes em outro mundo? Porque este mundo não tem aquilo que nos fará felizes.

2. O encorajamento que Jesus Cristo deu a essa abordagem. Não é de seu feitio mandar embora, sem uma resposta, qualquer pessoa que vem a Ele com tal determinação, pois nada o agrada mais (v. 17). Em sua resposta:

(1) Ele ternamente ajuda a fé do jovem; pois, sem dúvida, Ele não quis fazer uma reprovação, quando disse: “Por que me chamas bom?” Mas Ele pareceu encontrar essa fé no que o jovem disse quando o chamou de “bom Mestre”, algo de que o nobre talvez não estivesse consciente; ele pretendia somente reconhecê-lo e honrá-lo como a um bom homem, mas Cristo o levaria a reconhecê-lo e honrá-lo como a um bom Deus; porque “não há

bom, senão um só que é Deus". Note como Cristo está graciosamente pronto para fazer o melhor que puder daquilo que é dito ou feito de errado; assim, Ele está pronto para fazer o máximo do que é dito ou feito de bom. Suas interpretações são freqüentemente melhores do que as nossas intenções. Isso fica patente na expressão: "Tive fome, e destes-me de comer", embora não pensastes que fosse eu. Cristo fará esse homem entender que Ele é Deus, mas que não deve chamar de bom alguém que esteja na forma humana; Ele o fez para nos ensinar a transferir para Deus todo o louvor que nos for dado, a qualquer momento. Alguém nos chama de bom? Devemos dizer-lhe que toda bondade é de Deus, e, portanto, dar glória não a nós, mas a Ele. Todas as coroas devem ser lançadas diante do trono do Senhor. Só Deus é bom, e além dele não há ninguém essencialmente, originalmente, e invariavelmente bom. A bondade é dele e vem dele, e toda a bondade na criatura é dele; Ele é a fonte da bondade, e quaisquer que sejam as correntes, todas as fontes estão nele (Tg 1.17). Ele é o grande padrão e o grande exemplo de bondade; por Ele, será medida toda bondade; aquilo que for como Ele, e que estiver de acordo com a sua vontade, pode ser considerado bom. Em nossa linguagem, o chamamos de "Deus", porque Ele é bom. Nisso, como em outras coisas, o nosso Senhor Jesus é "o resplendor da sua glória" (e a sua bondade é a sua glória), e "a expressa imagem da sua pessoa". Portanto, Ele é adequadamente chamado de "bom Mestre".

(2) Ele direciona claramente o seu discurso, em resposta à pergunta do nobre. Ele começou com a idéia de que Ele era bom, e, conseqüentemente, Deus, mas não ficou nisso, a fim de que não parecesse que estava se desviando, e assim abandonando a questão principal, como muitos fazem em discussões desnecessárias e disputas verbais. A resposta de Cristo é, em resumo, esta: "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos".

[1] O objetivo proposto é "entrar na vida". O jovem, em sua pergunta, falou de vida eterna. Cristo, em sua resposta, fala de vida; para nos ensinar que a vida eterna é a única vida verdadeira. As palavras relativas a ela são as palavras "desta vida" (At 5.20). A vida atual dificilmente merece o nome de vida, pois é em meio a esta vida que nós entramos na morte; ou, na realidade, entramos na verdadeira vida, naquela vida espiritual que é o começo e o penhor da vida eterna. O príncipe desejava saber como poderia ter a vida eterna; Cristo lhe diz como ele poderia entrar nela; nós a temos através da conquista de Cristo, um mistério que ainda não foi inteiramente

revelado, e por isso Cristo o evita. Mas o modo de entrar nela é através da obediência, e Cristo nos instrui nisso. Pela obediência, conquistamos nosso título; através dela, assim como por nosso testemunho, nós a provamos. É acrescentando virtude à fé que nos é "concedida a entrada (a palavra usada aqui) no Reino eterno" (2 Pe 1.5,11). Cristo, que é a nossa vida, é o caminho para o Pai. É através de Cristo que vemos a Deus Pai e damos frutos. Cristo é o único caminho, mas os deveres e a obediência da fé são os caminhos para Cristo. Na morte e no grande dia, existe uma entrada para a vida futura, uma entrada ampla, e apenas aqueles que cumprem o seu dever entrarão na vida; é o criado fiel e diligente que entrará então no gozo do seu Senhor, e esse gozo será a sua vida eterna. Há uma entrada para a vida agora; "nós, os que temos crido, entramos no repouso" (Hb 4.3). Nós temos paz, consolo e gozo na fé e na esperança da glória que há de ser revelada, e para isso a obediência sincera também é indispensavelmente necessária.

[2] O caminho prescrito consiste em observar os mandamentos. Note que observar os mandamentos de Deus, conforme eles são revelados e tornados conhecidos para nós, é o único caminho para a vida e para a salvação. E a sinceridade aqui é recebida através de Cristo, como o nosso aperfeiçoamento no Evangelho, assegurando o perdão, através do arrependimento, naquilo em que falhamos. Através de Cristo, somos libertados do poder da condenação da lei, mas o poder da autoridade dela reside na mão do Mediador, e sob ela. Nessa mão, ainda estamos "debaixo da lei de Cristo" (1 Co 9.21). Estamos sob esta mão como sob uma regra, embora não como um pacto. A obediência aos mandamentos inclui a fé em Jesus Cristo, pois este é o maior dos mandamentos (1 Jo 3.23) – e uma das leis de Moisés dizia que quando o grande Profeta se levantasse, os israelitas deveriam ouvi-lo. Observe que para nossa felicidade, agora e para sempre, não basta conhecermos os mandamentos de Deus; devemos observá-los, fazendo deles o nosso modo de agir, obedecê-los como nossa prática comum, guardá-los como nosso tesouro, cuidadosamente como as meninas dos nossos olhos.

[3] Diante de seu pedido insistente por mais exemplos, o Senhor menciona alguns mandamentos específicos que o jovem deve guardar (vv. 18,19). O jovem perguntou a Jesus: "Quais?" Note que aqueles que querem seguir os mandamentos de Deus devem buscá-los diligentemente, e indagar a respeito deles, no que eles consistem. Esdras preparou o seu coração para buscar a lei e cumpri-la (Ed 7.10). "Há muitos mandamentos na lei de Moisés; bom

Mestre, diga-me quais são aqueles cuja observância é necessária para que eu alcance a salvação".

Em resposta a isso, Cristo especifica vários, especialmente os mandamentos da segunda tábua. Em primeiro lugar, aquele que se refere à nossa própria vida e a do nosso próximo: "Não matarás". Em segundo lugar, aquele que se refere à nossa decência e à do nosso próximo, que nos deve ser tão cara como a própria vida: "Não cometerás adultério". Em terceiro lugar, aquele que se refere à nossa riqueza e bens exteriores, e aos do nosso próximo, conforme protegidos pela lei da propriedade: "Não furtarás". Em quarto lugar, aquele que se refere à verdade e ao nosso bom nome, e ao do nosso próximo: "Não dirás falso testemunho", nem contra ti mesmo, nem contra o teu próximo; assim, este mandamento é expresso de forma geral. Em quinto lugar, aquele que se refere aos deveres ligados aos relacionamentos particulares: "Honra teu pai e tua mãe". Em sexto lugar, aquela abrangente lei do amor, que é a fonte e o resumo de todas essas obrigações, de onde todas elas derivam, sobre a qual todas se apóiam e na qual todas são cumpridas: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.14; Rm 13.9), a "lei real" (Tg 2.8). Alguns pensam que isso surge aqui, não como o resumo da segunda tábua, mas como a importância particular do décimo mandamento: "Não cobiçarás", que em Marcos é: "Não defraudarás", implicando que não é lícito obter vantagem ou ganho através da diminuição ou perda de outra pessoa; pois isso é cobiçar e amar a si mesmo mais do que ao próximo, a quem cada um deve amar como a si mesmo, e tratar como trataria a si mesmo.

O nosso Salvador menciona somente obrigações da segunda tábua; não como se a primeira fosse menos importante, mas: 1. Porque aqueles que ocupavam, então, o lugar de Moisés, negligenciaram por completo ou corromperam em grande parte esses preceitos em suas pregações. Enquanto eles pressionavam pelo "dízimo da hortelã, do endro e do cominho", o "juízo, a misericórdia e a fé", resumo das obrigações da segunda tábua, eram desprezados (cap. 23.23). As pregações daqueles judeus se esgotavam totalmente nos rituais, sem considerar a ética; por isso Cristo insistia mais naquilo em que eles menos se concentravam. Uma verdade única ou uma única obrigação não deve cancelar outra, mas cada uma deve ter o seu lugar, e manter-se nele. Porém, a eqüidade requer que aquela que estiver em maior risco de ser excluída seja ajudada. Esta é a verdade a que somos chamados a

prestar o nosso testemunho, e que não é somente confrontada, mas negligenciada. 2. Porque Ele ensinaria ao jovem, e a nós todos, que a honestidade moral é uma parte necessária da verdadeira cristandade, e que assim deve ser considerada. Embora um homem de moral simples esteja longe de ser um cristão completo, certamente um homem imoral não pode ser um cristão verdadeiro; pois a graça de Deus nos ensina a viver sóbria e moralmente, bem como devotamente. Além disso, embora as obrigações da primeira tábua contenham em si mais aspectos da essência da verdadeira religião, as obrigações da segunda tábua contêm mais evidências dela. A nossa luz arde pelo amor que temos por Deus; mas ela brilha no amor que temos pelo nosso próximo.

II Observe, nesse ponto, quais eram os defeitos do jovem, embora se apresentasse como justo, e em que ele falhou; ele falhou por duas coisas:

1. Pelo orgulho e um conceito vaidoso de sua própria virtude e força. Esta é a ruína de milhares de pessoas que se tornam infelizes ao se imaginarem felizes. Quando Cristo lhe disse quais mandamentos deveria guardar, ele respondeu com desdém: “Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade” (v. 20).

Considere então que: (1) No entendimento que este jovem tinha da lei, de que apenas os aspectos externos do ato pecaminoso eram proibidos, eu acredito que ele disse a verdade, e Cristo sabia disso, pois não o contradisse. Além disso, foi dito que Jesus o amou. Até então, tudo era muito bom e agradável a Cristo. O apóstolo Paulo considera isso um privilégio, não desprezível em si mesmo, embora isso nada fosse em comparação com Cristo, pois Ele era, “segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3.6). Seu cumprimento desses mandamentos era completo: “Todas essas coisas tenho observado”. Ele se esforçava desde cedo, e de uma forma constante: “desde a minha mocidade”. Note que um homem pode estar totalmente livre do pecado e ainda assim não alcançar a graça e a glória. Suas mãos podem estar limpas das corrupções externas e ainda assim ele pode perecer eternamente pela maldade de seu coração. O que devemos pensar, então, daqueles que não atingem esse ponto, cuja trapaça e injustiça, embriaguez e impureza, testemunham contra eles? Aqueles que desde a juventude violaram a todos esses mandamentos, embora tenham chamado a si mesmos pelo nome de Cristo? Bem, é triste estar em um nível inferior ao

daqueles que não são dignos de alcançar o céu.

Também era louvável que ele desejasse saber o que mais era esperado dele: “Que me falta ainda?” Ele estava convencido de que lhe faltava algo para completar suas obras diante de Deus, e estava, pois, desejoso de sabê-lo, porque, se ele não estava enganado, desejava realmente fazê-lo. Não tendo ainda alcançado o que buscava, ele parecia avançar ainda mais. E ele recorreu a Cristo, pois esperava-se que a sua doutrina refinasse e aperfeiçoasse a instituição mosaica. Ele desejava saber quais eram os mandamentos especiais de sua religião, para que pudesse cumprir tudo que nela havia, para se aperfeiçoar e completar. Quem poderia fazer uma oferta mais honesta?

Mas: (2) Mesmo naquilo que disse, o jovem revelou a sua ignorância e estupidez. [1] Tomando a lei em seu sentido espiritual, como Cristo a expunha, sem dúvida, em muitas coisas ele havia pecado contra todos esses mandamentos. Se ele estivesse familiarizado com a extensão e o significado espiritual da lei, ao invés de dizer: “Tudo isso tenho guardado; que me falta ainda?”, ele teria dito, com vergonha e tristeza: “Tudo isso tenho violado; o que farei para que os meus pecados sejam perdoados?” [2] Tome isto como você quiser, que ele o disse com características de orgulho e altivez, contendo excessiva ostentação, que é excluída “pela lei da fé” (Rm 3.27), e que o exclui da justificação (Lc 18.11,14). Ele se valorizava demais, como faziam os fariseus, apoiando-se na aparência da sua fé diante dos homens, e tinha orgulho disso, o que prejudicava a aceitabilidade da sua fé. A frase: “Que me falta ainda?”, talvez não fosse tanto um desejo por mais esclarecimentos como uma exigência de enaltecimento de sua suposta perfeição atual, e um desafio ao próprio Cristo a lhe mostrar qualquer ponto em que apresentasse alguma falha.

2. Ele estava longe da salvação devido a um amor exagerado ao mundo e aos seus prazeres. Essa foi a rocha fatal, sobre a qual ele se rompeu. Observe:

(1) Como ele foi testado nessa questão (v. 21). Jesus lhe disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens”. Cristo colocou de lado a questão da ostentação da sua suposta obediência à lei, desconsiderando-a, pois isso seria uma maneira mais eficaz daquele jovem se mostrar, do que uma discussão sobre o alcance da lei. “Vai”, disse Cristo, “se queres ser perfeito, se queres te mostrar sincero em tua obediência” (pois a sinceridade é o nosso

aperfeiçoamento no Evangelho), “se queres te aproximar daquilo que acrescentou à lei de Moisés, se queres ser perfeito, se queres entrar na vida, e assim ser perfeitamente feliz”. Aquilo que Cristo prescreve aqui não é um exagero ou um aperfeiçoamento sem o qual não podemos ser salvos; mas, em seu escopo e objetivo principais, é nossa obrigação necessária e indispensável. Aquilo que Cristo disse ao jovem precisa ser bem mais entendido por todos nós, que, se quisermos nos justificar como verdadeiros cristãos, e quisermos ser considerados como pelo menos herdeiros da vida eterna, devemos fazer duas coisas:

[1] Devemos, na prática, preferir os tesouros celestiais às riquezas e opulência deste mundo. Aquela glória deve ter precedência em nosso julgamento, e apreço diante da glória deste mundo. Não é mérito nosso preferir o céu ao inferno; o pior dos homens neste mundo ficaria feliz em ter Jerusalém como refúgio, quando não pode mais permanecer aqui, e tê-la como substituta; mas torná-la nossa opção, e preferi-la à terra, significa ser um cristão de fato. Nestas circunstâncias, como evidência disso, em primeiro lugar, devemos entregar o que temos neste mundo para a honra e o serviço a Deus: “Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres”. Se as oportunidades de caridade forem muito prementes, venda os bens que porventura tenha para dá-los aos necessitados; como faziam os primeiros cristãos, tendo em vista esse mandamento (At 4.34). Vende o que não podes entregar para uso piedoso, todas as vossas coisas supérfluas; se não podes fazer o bem com elas, vende-as. Não te prendas a elas, abra mão delas de todo o coração em honra a Deus, e a título de ajuda aos pobres”. Um piedoso desprezo pelo mundo e uma compaixão pelos seus pobres e aflitos são, no todo, uma condição de salvação. E para aqueles que têm recursos, dar esmolas é, da mesma forma, uma evidência necessária desse desprezo pelo mundo e dessa compaixão pelos nossos irmãos; por meio disso, será realizado o julgamento no grande dia (cap. 25.35). Embora muitos daqueles que se dizem cristãos não ajam como se acreditassem nisso; é certo que quando aceitamos Cristo, devemos abandonar o mundo, pois não podemos servir a Deus e ao dinheiro. Cristo sabia que a avareza era o pecado que mais facilmente envolvia este jovem, pois embora tudo o que possuía houvesse sido conquistado honestamente, ele não podia compartilhá-lo alegremente; e, através disso, Ele descobriu a sua falta de sinceridade. Esta ordem foi como o chamado de Abraão: “Sai-te da tua terra… para a terra que eu te mostrarei”. Assim como

Deus prova os crentes através de suas graças mais poderosas, Ele também testa os hipócritas através dos piores pecados que cometem. Em segundo lugar, devemos depender daquilo com que contamos no outro mundo, como uma recompensa por tudo aquilo que deixamos para trás, perdemos ou gastamos por amor a Deus neste mundo: “Terás um tesouro no céu”. É nosso dever confiar em Deus para que tenhamos uma felicidade extraordinária, que nos recompensará por todos os gastos realizados a serviço de Deus. O mandamento soou como severo e ríspido: “Vende tudo o que tens, dá-o”; e a objeção contra isso logo se levantava: “A caridade começa em casa”; por isso Cristo incorpora, imediatamente, a promessa de um tesouro no céu. Note que a promessa de Cristo torna os seus mandamentos indolores e o seu jugo não apenas suportável, mas agradável, doce e muito suave. Ainda assim, esta promessa era um julgamento da fé desse jovem, como também o mandamento o era em relação à sua caridade e ao seu desprezo pelas riquezas do mundo.

[2] Devemos nos dedicar inteiramente a ser conduzidos e governados por nosso Senhor Jesus: “Vem e segue-me”. Aqui parece que o significado é uma assistência próxima e constante à sua pessoa, como se a venda do que ele possuía neste mundo fosse tão necessária como fora para os discípulos abandonarem suas profissões. Mas de nós, é exigido que sigamos a Cristo, que devidamente nos ocupemos de suas ordens, sigamos rigidamente o seu padrão, e com alegria nos submetamos às suas ordens, e por obediência justa e total observemos seus estatutos, e guardemos suas leis, e isso tudo a partir de um preceito de amor a Ele, e de confiança nele, tendo um santo desprezo por todo o resto, em comparação a Ele, e muito mais por aquilo que compete com Ele. Isto é seguir a Cristo por completo. Vender tudo e dar aos pobres não será suficiente, a menos que nos cheguemos e sigamos a Cristo. Se eu der todos os meus bens para alimentar os pobres e não tiver amor, isto não me beneficiará em nada. Bem, nesses termos, e não abaixo deles, se receberá a salvação; e são termos muito acessíveis e razoáveis, e assim se parecerão para aqueles que se alegram pela salvação, sob quaisquer condições.

(2) Veja como ele foi exposto. Isso o tocou em um ponto delicado (v. 22): “O jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades”.

[1] Ele era um homem rico e amava suas riquezas, e, portanto, retirou-se. Ele não apreciava a vida eterna sob essas condições. Note que, em primeiro

lugar, aqueles que têm muitas coisas neste mundo são mais sujeitos à tentação de amá-las e colocar nelas o seu coração. Essa é a natureza cativante da riqueza material, de forma que aqueles que menos a necessitam, mais a desejam: “Se as vossas riquezas aumentam, não ponhais nelas o coração” (Sl 62.10). Se ele tivesse apenas duas moedas e lhe fosse mandado dá-las aos pobres, ou apenas “um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija” e lhe tivesse sido ordenado que fizesse disso um bolo para um pobre profeta, a provação, se pensaria, teria sido muito maior e ainda assim essas provações foram superadas (Lc 21.4; 1 Rs 17.14). Isso mostra que o amor ao mundo tem mais força do que as necessidades mais prementes. Em segundo lugar, o poder do amor a este mundo afasta de Cristo muitos que parecem ter bons sentimentos em relação a Ele. Uma grande riqueza é uma grande ajuda para aqueles que se colocam acima dela, assim como é um grande obstáculo para aqueles que se apaixonam por ela durante a sua caminhada para o céu.

Ainda assim havia alguma honestidade nisso, de modo que, não gostando das condições, ele se retirou, e não fingiu aceitá-las, pois não havia lugar em seu coração para o rigor delas; melhor assim do que como fez Demas, que, tendo conhecido o caminho da justiça, mais tarde voltou-se para o outro lado, “amando o presente século”, para maior escândalo da sua fé. Como este jovem não podia ser um cristão por completo, ele não seria um hipócrita.

[2] Apesar disso, ele era um homem de opinião e bem-intencionado, e por isso retirou-se triste. Ele tinha confiança em Cristo e estava relutante em desistir dele. Muitos indivíduos são arruinados pelo pecado que cometem com relutância – retiram-se de Cristo com tristeza e mesmo assim nunca estão realmente tristes por deixá-lo, pois, se estivessem, voltariam para Ele. Dessa forma, a riqueza desse homem era motivo de aflição de espírito, ao mesmo tempo em que era a sua tentação. Esse seria, então, o motivo da tristeza, quando seus bens se esgotassem e todas as suas esperanças de vida eterna também fossem perdidas.

A Recompensa dos Seguidores de Cristo

vv. 23-30

Temos aqui a conversa de Cristo com os seus discípulos a respeito da ruptura do relacionamento do jovem rico com Cristo.

I Cristo aproveitou esse acontecimento para mostrar a dificuldade da salvação dos ricos (vv. 23-26).

1. É muito difícil alguém rico como esse jovem alcançar o céu. Note que da decadência e iniqüidade dos outros é bom inferirmos quais lições nos servem como alerta.

Vemos aqui que: (1) Isso é veementemente declarado por nosso Salvador (vv. 23,24). Ele disse as palavras desses versículos para os seus discípulos, que eram pobres e possuíam pouco neste mundo, para reconciliá-los com a sua condição: quanto menos riquezas materiais eles tivessem, menores seriam os obstáculos que enfrentariam no caminho para o céu. Deveria ser motivo de contentamento para aqueles que estão em uma condição inferior o fato de não estarem expostos às tentações de uma condição melhor e mais próspera. Se eles, neste mundo, vivem em piores condições que os ricos, porém irão mais facilmente para um mundo melhor, não têm razões para reclamar. Essa afirmação é ratificada no versículo 23. “Em verdade vos digo”. Aquele que tem motivos sobejos para saber qual é o caminho para o céu, pois Ele o mostra, nos conta que essa é uma das maiores dificuldades no caminho para o céu. Ela é repetida no versículo 24: “E outra vez vos digo”. Assim Ele fala uma vez, ou melhor, duas vezes, que aquele que se nega a perceber, também se nega a acreditar.

[1] Jesus disse que é difícil para um rico ser um bom cristão e ser salvo; entrar no Reino dos céus, seja aqui ou no mundo vindouro. O caminho para o céu é, para todos, um caminho apertado, e a porta que leva a ele é uma porta estreita; mas é particularmente assim para os ricos. O cumprimento de mais deveres é esperado mais deles que dos outros, porém eles não os conseguem cumprir. Da mesma forma, mais pecados os tentam, os quais eles mal podem evitar. Os ricos têm grandes tentações a enfrentar, e, como tais, elas são muito insinuantes; é difícil não se encantar com um mundo sorridente. É muito difícil, quando estamos cheios desses tesouros ocultos, não nos aproximarmos deles para experimentá-los. Os ricos têm muitas compensações através de seus bens, de seus ganhos, de seu tempo e de suas oportunidades de fazer o bem e de ficarem bem; muito mais do que os outros. É uma grande indicação da graça divina que um homem seja capaz

de abrir caminho através dessas dificuldades.

[2] Jesus disse que a conversão e a salvação de um rico é tão extremamente difícil, “que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha” (v. 24). Essa é uma expressão proverbial, denotando uma dificuldade totalmente instransponível pela arte e força do homem; nada abaixo da onipotente graça de Deus possibilitará a um rico ultrapassar esse obstáculo. A dificuldade da salvação dos apóstatas (Hb 6.4) e de pecadores habituais (Jr 13.23) é por isso representada como uma impossibilidade. A salvação de qualquer deles é tão difícil (até mesmo os justos são salvos com dificuldade), que, onde houver um obstáculo singular, ele será adequadamente apresentado dessa mesma maneira. É muito raro um homem ser rico e não colocar o seu coração em suas riquezas; e é completamente impossível para um homem que coloca o seu coração em suas riquezas entrar no céu; pois “se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 Jo 2.15; Tg 4.4). Em primeiro lugar, o caminho para o céu é muito corretamente comparado com o fundo de uma agulha, que é difícil de alcançar e difícil de atravessar. Em segundo lugar, um homem rico é adequadamente comparado a um camelo, um animal de carga, pois ele tem riquezas, assim como um camelo tem sua carga – ele a carrega, mas ela pertence a outro, ele a recebe de outros, gasta-a por outros e, em breve, deve deixá-la para outros; é um fardo, pois os homens carregam a si mesmos de dívidas (Hc 2.6). O camelo é uma criatura grande, mas de difícil manejo.

(2) Essa verdade causa muita admiração, e os discípulos têm dificuldade para aceitá-la (v. 25): “Os seus discípulos, ouvindo isso, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá, pois, salvar-se?” Cristo lhes contou muitas verdades surpreendentes antes, com as quais eles ficaram surpresos, não sabendo o que fazer delas; essa era uma delas, mas a fraqueza deles era a causa de sua admiração. Não foi em oposição a Cristo, mas para sua própria conscientização, que eles disseram: “Quem poderá, pois, salvar-se?” Considerando os muitos obstáculos que existem no caminho da salvação, é, de fato, muito notável que alguém seja salvo. Quando pensamos em quão bom Deus é, pode parecer um mistério que tão poucos sejam seus; mas quando pensamos em quão mau o homem é, é um mistério maior que tantos sejam dele, e que Cristo será, eternamente, admirado neles. “Quem poderá, pois, salvar-se?”. Como há muitos ricos que têm muitas posses, e muitos mais pretendem se tornar ricos e são influenciados pelas grandes fortunas,

quem pode ser salvo? Se as riquezas são um obstáculo para os ricos, será que as recompensas e o luxo não são grandes dificuldades para aqueles que não são ricos, tornando-se expectativas semelhantemente perigosas para eles? E quem, pois, pode chegar ao céu? Essa é uma boa razão pela qual os ricos devem lutar contra a corrente.

2. Embora seja difícil, ainda assim não é impossível ao rico ser salvo (v. 26). “Jesus, olhando para eles”, dirigiu-se a eles com irritação e os olhou com tristeza, para envergonhá-los por seu tolo pensamento sobre as vantagens que os ricos supostamente possuíam em se tratando de coisas espirituais. Ele os contemplava como homens que haviam ultrapassado esse obstáculo e que estavam em um claro caminho para o céu, e tanto mais por serem pobres neste mundo. Ele lhes disse: “Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível”. Esta é, em geral, uma grande verdade: Deus é capaz de fazer aquilo que excede em muito todo o poder criado; nada é difícil demais para Ele (Gn 18.14; Nm 11.23). Quando os homens estão perdidos, Deus não está, pois o seu poder é infinito e irresistível; no entanto, essa verdade é aplicada aqui: (1) Para a salvação de quem quer que seja. Quem poderá salvar-se?, perguntam os discípulos. Por meio de algum poder humano, ninguém, diz Cristo. Para os homens isso é impossível: a sabedoria do homem logo será confundida em seus planos, e a força do homem ficará desnorteada quando se tratar de realizar a salvação de uma alma. Nenhuma criatura pode realizar em si mesma, ou em qualquer outra, a mudança que se faz necessária para a salvação de uma alma. Para os homens é impossível que uma corrente tão forte seja invertida, um coração tão duro seja abrandado, e uma vontade tão inflexível seja subjugada. É uma criação, é uma ressurreição, e para os homens isso é impossível; nunca poderá ser feito pela filosofia, medicina ou política; mas “para Deus todas as coisas são possíveis”. O princípio, o andamento e o aperfeiçoamento da obra da salvação dependem inteiramente do poder do Deus onipotente, para quem todas as coisas são possíveis. A fé é operada por esse poder (Ef 1.19), e é mantida por ele (1 Pe 1.5). A experiência de Jó com a convincente e humilhante graça de Deus fez com que ele a conhecesse mais do que a qualquer outra coisa: “Bem sei eu que tudo podes” (Jó 42.2). (2) Especialmente para a salvação dos ricos: é impossível para os homens que os ricos sejam salvos, mas, para Deus, até isso é possível; não que os ricos possam ser salvos em seu mundanismo, mas que eles podem ser salvos dele.

A santificação e a salvação daqueles que são cercados pelas tentações deste mundo não são sem esperança; isso é possível e pode ser realizado pela auto-suficiência da graça divina. E quando esses são levados ao céu, lá são monumentos eternos ao poder de Deus. Eu acredito que nessa palavra de Cristo haja um indício da misericórdia que Ele ainda tinha reservado para esse jovem, que havia agora se retirado com tristeza; não era impossível para Deus, todavia, recuperá-lo e conduzi-lo ao caminho certo.

II Pedro aproveitou a ocasião para perguntar o que receberiam aqueles que aceitassem as condições recusadas pelo jovem que rompera com Cristo, como também aqueles que haviam deixado tudo para segui-lo (v. 27). Temos aqui as expectativas dos discípulos em relação a Cristo, e as suas promessas a eles.

1. Aqui temos as expectativas dos discípulos em relação a Cristo. Pedro, em nome dos demais, comunica que eles confiam nele e dependem dele, e entendem que alguma coisa importante substituirá aquilo que eles haviam deixado por Ele: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos?” Cristo havia prometido ao jovem que, se ele vendesse tudo e viesse, e o seguisse, teria tesouros no céu; agora, Pedro deseja saber:

(1) Se eles haviam cumprido suficientemente essas condições. Eles não haviam vendido tudo (pois muitos deles tinham esposa e família para cuidar), mas haviam deixado tudo; eles não entregaram tudo aos pobres, mas haviam renunciado a tudo que pudesse, de alguma forma, ser um obstáculo para que servissem a Cristo. Quando ouvimos quais são as características daqueles que serão salvos, compete a nós investigarmos se, pela graça, correspondemos a essas características. Aqui Pedro espera que, no que se refere ao escopo e ao objetivo principal da condição, eles a tivessem cumprido, pois Deus havia colocado neles um santo desprezo pelo mundo e pelas coisas visíveis, em comparação com Cristo e as coisas invisíveis; e não se pode definir nenhuma regra de como isso deve ser evidenciado, mas sim de acordo com a maneira como somos chamados.

Senhor, disse Pedro, “nós deixamos tudo”. Nada de valor, mas era tudo o que eles haviam deixado; um deles, por certo, havia deixado um posto na alfândega, mas Pedro e a maioria deles haviam deixado apenas alguns barcos e redes e os direitos relativos a um pequeno comércio de peixes; e ainda assim, observe como Pedro fala disso, como se fosse algo importante:

“Eis que nós deixamos tudo”. Nós temos a tendência de dar grande valor aos nossos serviços e sofrimentos, gastos e perdas por Cristo, e a pensar que o tornamos nosso devedor. Entretanto, Cristo não os critica por isso. Embora fosse pouco o que eles houvessem deixado, ainda assim aquilo era tudo que tinham, como as duas moedas da viúva, e era tão querido para eles como se fosse algo maior. Por essa razão, Cristo apreciou que eles tivessem deixado o que tinham para segui-lo; pois Ele aceita o homem de acordo com o que esse tem.

(2) Se, por essa razão, eles podiam esperar receber aquele tesouro que o jovem terá, se vender tudo. Senhor, diz Pedro, que receberemos, nós que deixamos tudo? Todas as pessoas se interessam pelo que podem obter; e os seguidores de Cristo têm a permissão de considerar seus interesses verdadeiros e perguntar: “O que receberemos?” Cristo olhou para o gozo que lhe estava proposto, e Moisés olhou para a recompensa que seria uma retribuição. Para esse fim, ela é colocada diante de nós, para que através de uma paciente persistência na prática do bem, possamos buscá-la. Cristo nos encoraja a perguntar o que receberemos ao deixar tudo para segui-lo, para que possamos ver que Ele não nos chamou para nos prejudicar, mas para que tenhamos um proveito incrivelmente grande. Como perguntaria a linguagem de uma fé obediente: “O que devemos fazer?”, levando em conta os mandamentos; assim, é próprio de uma fé esperançosa e confiante perguntar: “O que receberemos?”, levando em conta as promessas. Mas observe que os discípulos tinham, havia muito, deixado tudo para se engajarem no serviço a Cristo, e mesmo assim, até esse momento, nunca haviam perguntado: O que receberemos? Embora não houvesse perspectiva visível de vantagem nisso, eles tinham tanta certeza da bondade do Mestre, que sabiam que não sofreriam perdas por causa dele, e por isso lhe perguntaram de que maneira Ele os compensaria por suas perdas – eles vinham cuidando de sua vocação, e não perguntavam quais seriam as suas recompensas. Cristo é honrado quando confiamos nele e o servimos, e não devemos fazer barganhas com Ele. Agora que esse jovem se retirara da presença de Cristo para desfrutar as suas riquezas materiais, era hora de os discípulos pensarem a que deviam se dedicar, e no que deveriam confiar. Quando vemos o que outros conservam devido à sua hipocrisia e apostasia, é adequado que consideremos o que esperamos obter através da graça, pela nossa sinceridade e constância, e não em troca delas, e então veremos mais razões para ter piedade deles do que

para invejá-los.

2. Temos aqui as promessas de Cristo aos discípulos e a todos aqueles que trilham nos caminhos da fé e da obediência. Cristo desconsidera, sem dar a perceber, aquilo que havia de vaidade ou de vãs esperanças naquilo que Pedro disse, mas aproveita a ocasião para estabelecer o vínculo de uma promessa:

(1) Para seus seguidores imediatos (v. 28). Eles haviam enfatizado o seu respeito para com Ele, como os primeiros que o seguiram, e a eles o Senhor promete não apenas tesouros, mas glória no céu; e aqui eles têm uma concessão ou privilégio sobre isso, daquele que é a fonte da glória naquele reino: “Vós, que me seguistes… na regeneração… vos assentareis sobre doze tronos”. Observe:

[1] O preâmbulo ao privilégio ou ao exame da concessão, que, como de costume, é um relato dos serviços deles: “Vós, que me seguistes... na regeneração”; portanto, eu farei isso por vós. A época do aparecimento de Cristo no mundo era um tempo de regeneração, de correção (Hb 9.10), quando as coisas antigas começavam a se extinguir, e as coisas novas começavam a surgir. Os discípulos haviam seguido a Cristo quando a igreja ainda estava no estágio embrionário, quando o templo do Evangelho não tinha mais do que colunas, quando tinham mais do trabalho e ocupação de apóstolos do que da dignidade e do poder que pertenciam ao seu cargo. Agora eles seguiam a Cristo, com cansaço permanente, quando poucos o faziam; e por isso, sobre eles, Ele colocará sinais especiais de glória. Cristo demonstra um favor especial por aqueles que lhe entregam a sua vida desde cedo, que confiam nele mesmo sem vê-lo, como fizeram aqueles que o seguiram na regeneração. Pedro falou que eles haviam deixado tudo para segui-lo – Cristo fala somente da atitude de seguirem-no, que era o assunto principal.

[2] O dia de sua honra, que define a hora inicial. Não imediatamente após aqueles dias. Não. Eles devem permanecer por algum tempo na obscuridade, como estavam. Mas quando “o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória”; e a isso alguns se referem como: “ na regeneração”: “Vocês, que agora me seguiram, serão, na regeneração, dignificados dessa maneira”. A segunda vinda de Cristo será uma regeneração, pois haverá novos céus e uma nova terra, bem como a restauração de todas as coisas. Todos aqueles que tiverem parte na regeneração e na graça (Jo 3.3) terão parte na

regeneração que ocorrerá em glória; pois assim como a graça é a primeira ressurreição (Ap 20.6), a glória é a segunda regeneração.

O fato de a glória deles ser adiada até que o Filho do Homem se assente no trono de sua glória implica, em primeiro lugar, que eles devem aguardar pelo seu desenvolvimento. Assim como a glória de nosso Mestre é postergada, é adequado que a nossa também o seja e que devamos esperar por ela com fervorosa expectativa, como a de uma esperança invisível (Rm 8.19). Devemos viver, trabalhar, e padecer na fé, na esperança, e na paciência, que conseqüentemente serão testadas por esse período de espera. Em segundo lugar, que eles devem compartilhar os resultados do avanço da obra de Cristo – a glória deles deve ser uma comunhão com Ele em sua glória. Eles, tendo sofrido com um Jesus sofredor, devem reinar com um Jesus vencedor, pois agora e no mundo futuro, Cristo será tudo em todos; estaremos onde Ele estiver (Jo 12.26), nos manifestaremos com Ele (Cl 3.4); e essa será uma recompensa abundante não apenas por nossa perda, mas pelo adiamento; e quando o nosso Senhor vier, receberemos não apenas o que é nosso, mas o que é nosso com juros. As viagens mais longas trazem os maiores retornos.

[3] A própria glória aqui assegurada: “Vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”. É difícil determinar o sentido específico dessa promessa, e se ela não deveria ser cumprida muitas vezes (o que não vejo problema em admitir). Em primeiro lugar, quando Cristo for elevado à mão direita do Pai e se sentar no trono de sua glória, então os apóstolos receberão o poder do Espírito Santo (At 1.8); serão tão aperfeiçoados em relação à sua condição atual, que pensarão estar assentados sobre tronos, na promoção do evangelho. Eles o comunicarão com autoridade, como um juiz a partir da tribuna; eles terão seus poderes aumentados e anunciarão as leis de Cristo, pelas quais a Igreja, o Israel espiritual de Deus (Gl 6.16), será governado, e o Israel segundo a carne, que se mantiver na infidelidade, com todos os outros que assim o fizerem, será condenado. A glória e o poder que lhes são conferidos podem ser explicados através de Jeremias 1.10: “Ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos”; Ezequiel 20.4: “Julgá-los-ias tu”?; Daniel 7.18: “Os santos receberão o reino”; e Apocalipse 12.1, onde a doutrina de Cristo é chamada de “uma coroa de doze estrelas”. Em segundo lugar, quando Cristo surgir para a destruição de Jerusalém (cap. 24.31), então Ele enviará os apóstolos para julgar a nação dos judeus, pois nessa destruição, as previsões deles, de acordo com a Palavra de Cristo, se

cumprirão. Em terceiro lugar, alguns pensam que isso se refere à conversão dos judeus, que ainda está para acontecer, no fim do mundo, após a queda do Anticristo; assim pensa o Dr. Whitby, e que "isso diz respeito à autoridade dos apóstolos ou às doze tribos de Israel, não pela ressurreição de seus corpos, mas por uma revivificação do Espírito que neles residia, e da pureza e do conhecimento que eles comunicaram ao mundo, e, principalmente, pela confissão do seu Evangelho, como a base da sua fé e do rumo de suas vidas". Em quarto lugar, é certo o seu cumprimento total na segunda vinda de Cristo, quando os santos em geral e os doze apóstolos, especialmente, como assessores de Cristo, julgarão o mundo por ocasião do "juízo daquele grande Dia", quando o mundo todo receberá a sua sentença final e os apóstolos ratificarão e aplaudirão a sentença. Mas as tribos de Israel são citadas, em parte, porque o número de apóstolos era designado pelo mesmo número de tribos; e em parte porque os apóstolos eram judeus, o que deveria trazer algum grau de amizade. Porém, embora os apóstolos mencionassem então os judeus, eram perseguidos por estes de uma forma implacável. Isso dá a entender que os santos julgarão os seus conhecidos e familiares segundo a carne e, no Grande Dia, julgarão aqueles com quem tinham amizade; eles julgarão os seus perseguidores, aqueles que os julgaram neste mundo.

Mas o propósito geral dessa promessa é mostrar a glória e a dignidade que estão reservadas aos santos no céu, o que será uma abundante recompensa pela desonra que sofreram aqui pela causa de Cristo. Há maiores graus de glória para aqueles que mais realizaram e sofreram. Os apóstolos, neste mundo, eram perseguidos e torturados, lá eles se sentarão para descansar e relaxar; aqui obrigações, angústias e mortes habitavam neles, mas lá eles se sentarão em tronos de glória; aqui eles eram arrastados aos tribunais, lá eles serão promovidos a juízes; aqui as doze tribos de Israel os espezinhavam, lá elas estremecerão diante deles. E isso não será uma recompensa suficiente para compensar as suas perdas e gastos por amor a Cristo? (Lc 22.29).

[4] A ratificação desse privilégio. Ele é permanente, é inviolável e imutavelmente garantido, pois Cristo disse, em outras palavras: "Em verdade vos digo: Eu sou 'o Amém, a testemunha fiel e verdadeira', que tem o poder de dar este privilégio; Eu o disse, e isto não pode ser revogado".

(2) Aqui está uma promessa para todos aqueles que queiram, de maneira semelhante, deixar tudo para seguir a Cristo. Não era peculiar aos apóstolos ter essa preferência, mas "essa honra, tê-la-ão todos os santos". Cristo

cuidará para que nenhum deles saia perdendo por causa dele (v. 29): “Todo aquele que tiver deixado” alguma coisa por causa de Cristo, receberá muitas vezes mais.

[1] Perdas por causa de Cristo são admitidas aqui. Cristo havia dito aos discípulos que o seguiam que eles deviam negar a si mesmos em tudo que lhes fosse feito neste mundo; agora, Ele entra em detalhes, pois é bom estar preparado para o pior. Mesmo que eles não tivessem deixado tudo, como fizeram os apóstolos, ainda assim haviam deixado muitas coisas, incluindo, possivelmente, suas casas e seu trabalho, para peregrinar pelos desertos. Esses discípulos também podem ter deixado os seus entes queridos que não desejavam acompanhá-los, seguindo a Cristo. Estes são especialmente citados como os mais difíceis de deixar de lado, especialmente para as pessoas que têm um espírito sensível e delicado: “irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos”. As posses materiais como as “terras” são acrescentadas na conclusão; os rendimentos da terra eram a fonte do sustento da família.

Em primeiro lugar, aqui se presume que a perda dessas coisas ocorre pelo amor ao nome de Cristo; caso contrário, Ele não se obrigaria a compensá-la. Muitos deixam irmãos, esposa e filhos em busca de glórias e paixões, como a “ave que vagueia longe do seu ninho”; este é um abandono pecaminoso. Mas se os deixamos por amor a Cristo, porque não podemos ficar com eles e manter a consciência limpa, nós devemos deixá-los ou desistir de nossa afeição por Cristo. Não devemos, e nem podemos, abandonar a preocupação que sentimos por eles, ou as nossas obrigações para com eles, mas o consolo que temos neles. E faremos isso em vez de negar a Cristo, mantendo em vista a sua pessoa, a sua vontade e a sua glória. Isto é o que será compensado. Não é o sofrimento que faz o mártir ou aquele que confessa a fé cristã, mas a causa pela qual ele sofre.

Em segundo lugar, supõe-se a ocorrência de uma grande perda; e mesmo assim, Cristo se responsabiliza por compensá-la, pois Ele é capaz de fazê-lo, não importa o tamanho dessa perda. Perceba a tamanha barbaridade dos perseguidores que despojavam pessoas inocentes de tudo que tinham, por nenhum outro crime exceto a sua fidelidade a Cristo! Perceba a paciência dos perseguidos, e a força do seu amor por Cristo, que era como um fogo que as muitas águas não poderiam apagar!

[2] A compensação por essas perdas é aqui assegurada. Milhares de pessoas se relacionaram com Cristo e confiaram nele no mais alto grau. Mas ninguém perdeu por sua causa; ninguém jamais deixou de ganhar de maneira indescritível por sua causa; isto fica claro ao fazermos o balanço final de nossa vida. Cristo, nesse momento, dá a sua palavra sobre esse assunto; Ele não somente indenizará o sofrimento de seus servos e os salvará incólumes, mas os recompensará abundantemente. Que eles façam uma lista de suas perdas por causa de Cristo, e poderão ter a certeza de que receberão:

Em primeiro lugar, “cem vezes tanto” nesta vida; às vezes, em espécie, as mesmas coisas que eles haviam deixado. Deus preparará mais amigos para os seus angustiados servos; estes serão seus amigos por amor a Cristo. O número desses novos amigos será maior do que o número daqueles que eles abandonaram, e que tinham como característica dominante o amor a si mesmos. Os apóstolos, aonde quer que fossem, encontravam pessoas que eram gentis com eles e os recebiam, abrindo-lhes seus corações e suas portas. Todavia, eles receberão cem vezes tanto, em benefícios, em se tratando daquelas coisas que são abundantemente melhores e mais valiosas. Suas graças se multiplicarão, seus consolos serão abundantes, eles terão sinais do amor de Deus, uma comunhão mais íntima com Ele, além de maior comunicação com Ele, previsões mais claras e antecipações mais agradáveis da “glória que há de ser revelada”. E então eles poderão verdadeiramente dizer que receberam cem vezes mais consolo em Deus Pai e em Cristo do que poderiam ter recebido da esposa ou dos filhos.

Em segundo lugar, no fim, “a vida eterna”. Os benefícios anteriores já bastariam como recompensa, mesmo que não houvesse mais; cem por cento é um grande lucro. Que tal cem vezes? Não obstante, a vida eterna vem como uma adição, além de tudo o que o Senhor nos concede neste mundo. A vida aqui prometida inclui todos os confortos da vida no mais alto nível, e a sua duração é eterna. Se pudermos combinar a fé com a promessa, e confiarmos em Cristo para levá-las a cabo, com certeza não consideraremos nada como demasiadamente difícil para ser feito, nada será difícil demais para tolerarmos, não nos recusaremos a abrir mão de nada, por mais precioso que seja, por amor a Ele.

No último versículo, o nosso Salvador adverte sobre o engano de alguns que pensam que a superioridade na glória esteja relacionada e seja dirigida pela precedência no tempo, e não pela medida e pelo grau da graça. Não.

“Muitos primeiros serão derradeiros, e muitos derradeiros serão primeiros” (v. 30). Deus cruzará os braços; Ele revelará às criancinhas o que escondeu dos sábios e entendidos. Além disso, o Senhor rejeitará os judeus incrédulos e aceitará os gentios crentes. A herança celestial não é dada como as heranças materiais geralmente o são, pela idade ou pela primogenitura, mas de acordo com a vontade de Deus. Este é o tema de outro sermão, que estudaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 20

Temos quatro tópicos neste capítulo. I. A parábola dos trabalhadores na vinha (vv. 1-16). II. Uma predição dos sofrimentos de Cristo, que se aproximavam (vv. 17-19). III. O pedido de dois dos discípulos, pela mãe deles, e que foi reprovado (vv. 20-28). IV. A petição dos dois cegos concedida, e seus olhos sendo abertos (vv. 29-34).

A Parábola dos Trabalhadores na Vinha

vv. 1-16

A parábola dos trabalhadores na vinha tem a finalidade de:

I Nos dar uma idéia do Reino dos céus (v. 1), isto é, a maneira e o método da dispensação do Evangelho. As leis desse reino não estão envoltas em parábolas, mas são claramente apresentadas, como no Sermão da Montanha. Mas os mistérios desse reino são entregues em parábolas, em ordenanças, como aqui e no capítulo 13. Mais necessário é que se conheçam os deveres do cristianismo do que as suas noções. No entanto, é necessário que as suas noções sejam mais ilustradas do que os seus deveres; esta é a finalidade das parábolas.

II Em particular, nos dar uma idéia a respeito do Reino dos céus, do qual o Senhor havia dito, na conclusão do capítulo anterior, que os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros. A parábola está ligada a esse ensino; essa verdade, que tem em si uma aparente contradição, precisava de uma explicação adicional.

Nada era mais misterioso na dispensação do Evangelho do que a rejeição dos judeus e o chamado dos gentios; assim, o apóstolo fala a respeito desse assunto (Ef 3.3-6). Os gentios deveriam ser co-herdeiros; nada era mais provocativo aos judeus do que a sua intimidação. Então este parece ser o principal objetivo dessa parábola: mostrar que os judeus deveriam ser os primeiros a serem chamados na vinha, e muitos deles deveriam atender o chamado. Mas, por fim, o Evangelho deveria ser pregado aos gentios, e eles deveriam recebê-lo, e ser admitidos com os mesmos privilégios e vantagens

dos judeus; esses deveriam ser co-herdeiros com os santos, e isso era algo com que os judeus, mesmo aqueles que criam, ficariam muito incomodados, mas sem uma razão plausível.

Mas a parábola pode ser aplicada de forma mais geral, e nos mostrar: 1. Que Deus não deve nada ao homem; esta é uma grande verdade que o conteúdo de nossa Bíblia apresenta como o objetivo dessa parábola. 2. Que muitos que começam por último, e pouco prometem na religião, às vezes, pela bênção de Deus, chegam a ter um maior conhecimento, graça, e utilidade do que outros cuja entrada veio muito antes, e que prometiam muito mais. Embora Cusi ganhe a dianteira de Aimaz, no entanto Aimaz, escolhendo o caminho da planície, ultrapassa Cusi. João anda mais rápido, e chega primeiro no sepulcro; mas Pedro tem mais coragem, e entra primeiro. Assim, muitos derradeiros serão primeiros. Alguns fazem disso uma advertência aos discípulos, que haviam se vangloriado de seu abraço oportuno e zeloso a Cristo; eles tinham deixado tudo para segui-lo; mas eles devem considerar isso, continuando a ser zelosos; devem prosseguir vigorosamente e perseverar; senão, o fato de terem tido um bom começo lhes será de pouco proveito; aqueles que pareciam ser os primeiros, seriam os derradeiros. Às vezes, aqueles que são convertidos posteriormente superam aqueles que se converteram anteriormente. Paulo foi como alguém que nasceu fora do devido tempo, embora não tenha ficado atrás dos principais apóstolos, e tenha superado aqueles que estavam em Cristo antes dele. Há algo de afinidade entre essa parábola e a do filho pródigo, na qual aquele que retornou de sua peregrinação era tão querido por seu pai quanto aquele que nunca se desviou; o primeiro e o derradeiro desfrutavam de um tratamento semelhante. 3. Que a recompensa será dada aos santos, não de acordo com o tempo de sua conversão, mas de acordo com a sua preparação pela graça neste mundo; não de acordo com o tempo de experiência (Gn 43.33), mas de acordo com a medida da estatura da plenitude de Cristo. Cristo havia prometido uma grande glória, na regeneração, aos apóstolos que o haviam seguido no início da dispensação do Evangelho (cap. 19.28); mas então Ele lhes diz que aqueles que forem fiéis a Ele, mesmo nos últimos dias do fim do mundo, terão o mesmo galardão; eles se assentarão com Cristo em seu trono, assim como os apóstolos (Ap 2.26–3.21). Aqueles que sofrerem por Cristo nos últimos dias terão o mesmo galardão dos mártires e os crentes confessos dos tempos antigos, embora estes sejam mais celebrados; e os ministros fiéis de

hoje terão o mesmo galardão dos primeiros patriarcas.

Temos duas coisas na parábola: o acordo com os trabalhadores, e a prestação de contas com eles.

(1) Aqui está o acordo feito com os trabalhadores (vv. 1-7); e aqui será perguntado, como sempre:

[1] Quem os contrata? Um homem, pai de família. Deus é o grande Pai de família de quem somos, e a quem servimos; como um pai de família, Ele tem trabalho a fazer, e servos que o farão; Ele tem uma grande família no céu e na terra, que toma sobre si o nome de Jesus Cristo (Ef 3.15), da qual Ele é o Proprietário e o Governante. Deus contrata trabalhadores, não porque precise deles ou de seus serviços (Porque, se formos justos, o que estaremos fazendo de bom para Ele?), mas o Senhor age como um pai de família caridoso e generoso que mantém homens pobres trabalhando, demonstrando-lhes bondade, para guardá-los da ociosidade e da pobreza, e pagá-los por trabalharem para si mesmos.

[2] De onde eles são contratados? Da praça, onde, até serem contratados para o serviço de Deus, estavam ociosos (v. 3), ociosos todo o dia (v. 6). Observe, em primeiro lugar, que a alma do homem permanece pronta para ser contratada para um serviço ou outro; ela foi (como todas as criaturas foram) criada para trabalhar, e é uma serva da iniqüidade, ou uma serva da justiça (Rm 6.19). O diabo, por meio de suas tentações, está assalariando trabalhadores para o seu campo, para alimentar os porcos. Deus, por seu Evangelho, está assalariando trabalhadores para a sua vinha, para prepará-la, e mantê-la, um serviço prestado ao paraíso. Uma escolha nos é dada, pois de todo modo devemos ser contratados (Js 24.15): “Escolhei hoje a quem servireis”. Em segundo lugar, que até sermos contratados para o serviço de Deus, estamos ociosos o dia todo; um estado pecaminoso, embora trate-se de um estado de trabalho servil a Satanás, pode realmente ser chamado de um estado de ociosidade; os pecadores não estão fazendo nada, nada pertinente, nada do grande trabalho para o qual foram enviados ao mundo, nada que resultará em bem na prestação de contas. Em terceiro lugar, que o chamado do Evangelho é feito àqueles que estão ociosos na praça. A praça é um local de ajuntamento de pessoas, e ali a sabedoria clama (Pv 1.20,21); é um lugar de recreação, ali os meninos se assentam e clamam aos seus companheiros (cap. 11.16); e o Evangelho nos chama da vaidade para a seriedade; é um lugar de negócios, de barulho e agitação; e dali somos chamados a nos retirar:

“Venham, venham desta praça”.

[3] Para que eles são contratados? Para trabalhar na vinha. Em primeiro lugar, a igreja é a vinha de Deus. Ela deve ser plantada, regada e protegida; e os frutos dela devem ser para a honra e o louvor do Senhor. Em segundo lugar, todos nós somos chamados para ser trabalhadores nessa vinha. O trabalho evangelístico é um trabalho da vinha: podar, preparar, cavar, regar, cercar e limpar. Cada um de nós tem a sua própria vinha para manter – a nossa própria alma; e ela é de Deus e deve ser mantida e preparada para Ele. Nesse trabalho, não devemos ser preguiçosos ou ociosos, mas trabalhadores diligentes, trabalhando e desenvolvendo a nossa própria salvação. O trabalho para Deus não aceitará a frivolidade. Um homem pode ir ocioso para o inferno; mas aquele que vai para o céu, deve estar ocupado.

[4] Quais serão os seus salários? Ele promete, em primeiro lugar, um dinheiro (v. 2). Um dinheiro romano era o salário de um dia de trabalho, e era suficiente para o sustento por um dia. Isso não prova que o galardão da nossa obediência a Deus seja segundo as obras, segundo a dívida (não, esse é segundo a graça, a graça gratuita, Romanos 4.4), ou que haja qualquer relação entre os nossos serviços e as glórias do céu. Não! Quando tivermos feito tudo, ainda devemos nos considerar como servos inúteis; mas isso deve significar que há um galardão colocado diante de nós, e um galardão suficiente. Em segundo lugar, o que for justo (vv. 4-7). Observe que Deus terá certeza de não ser tardio com ninguém pelo serviço que prestarem a Ele; jamais alguém perdeu por trabalhar para Deus. A coroa colocada diante de nós é uma coroa de justiça que o justo Juiz nos dará.

[5] Por quanto tempo eles são contratados? Por um dia. É o trabalho de um dia que é feito aqui. O tempo de vida é o dia, no qual devemos fazer as obras daquele que nos enviou ao mundo. É um tempo curto; o trabalho dura apenas um dia, mas o galardão durará para sempre. Foi dito que o homem, como jornaleiro, tem contentamento no seu dia (Jó 14.6). Isso deve nos estimular à presteza e à dedicação ao nosso trabalho, pois temos pouco tempo para trabalhar, e a noite tem se apressado, quando nenhum homem pode trabalhar. E se o nosso grande trabalho estiver incompleto no final do nosso dia, ficaremos incompletos para sempre. Isto deve também nos encorajar em relação aos sofrimentos e às dificuldades do nosso trabalho, que é apenas por um dia; a sombra que se aproxima, pela qual o cervo suspira, trará consigo tanto o descanso como a paga pelo nosso trabalho (Jó 7.2). Mantenha-se

firme em sua fé e paciência, ainda por um tempo.

[6] São citadas várias horas do dia, nas quais os trabalhadores foram contratados. Os apóstolos foram enviados na primeira e na terceira hora do dia do Evangelho; eles tiveram uma primeira e uma segunda missão, enquanto Cristo esteve na terra, e a tarefa deles era convocar os judeus; depois da ascensão de Cristo, por volta da hora sexta e nona, eles saíram novamente na mesma missão: pregar o Evangelho somente aos judeus, primeiro àqueles que estavam na Judéia, e depois disso aos da dispersão; mas, por fim, como era por volta da undécima hora, eles chamaram os gentios para o mesmo trabalho e privilégio com os judeus, e lhes disseram que em Cristo Jesus não deveria haver diferença entre judeus e gregos.

Mas isso pode ser, e geralmente é, aplicado aos vários períodos da vida, nos quais as almas são convertidas a Cristo. O chamado comum é simples, para vir e trabalhar na vinha; mas o chamado efetivo é particular, e se completa quando o atendemos.

Em primeiro lugar, alguns são efetivamente chamados, e começam a trabalhar na vinha quando são muito jovens; são enviados de manhã cedo. As tenras idades são temperadas com graça, e com a lembrança de seu Criador. João Batista foi santificado desde o ventre, e, portanto, era grande (Lc 1.15); Timóteo, desde a meninice (2 Tm 3.15); Obadias temia ao Senhor desde a sua mocidade. Aqueles que têm esta jornada para percorrer, precisam começar cedo; quanto mais cedo melhor.

Em segundo lugar, outros são economicamente contratados na meia-idade. “Ide vós trabalhar na vinha, na hora terceira, sexta ou nona.” O poder da graça divina é aumentado na conversão de alguns, quando estão no meio de seus prazeres e buscas mundanas, como ocorreu com Paulo. Deus tem trabalho para todas as idades; não há tempo inoportuno para se converter a Deus. Ninguém pode dizer: “Tudo deve ocorrer no momento certo”, pois, seja qual for a “hora do dia”, o tempo de nossa vida que passamos servindo ao pecado já foi mais do que suficiente – foi desperdiçado. “Ide vós também para a vinha.” Deus não rejeita ninguém que esteja disposto a ser contratado, porque ainda há lugar.

Em terceiro lugar, outros são contratados para a vinha na idade avançada, na hora undécima, quando o dia de vida praticamente já se passou, e resta apenas uma hora das doze. Ninguém é contratado na hora duodécima; quando a vida se acabou, a oportunidade se acabou; mas “enquanto há vida, há

esperança”. 1. Há esperança para aqueles que pecam há muito tempo; porque se, em sinceridade, eles se converterem a Deus, sem dúvida nenhuma serão aceitos; o verdadeiro arrependimento nunca ocorre tarde demais – ele é sempre aceito e bem-vindo. E: 2. Há esperança de que velhos pecadores possam ser trazidos ao arrependimento; nada é difícil demais para a graça do Todo-poderoso, pois ela pode mudar a pele do etíope, e as pintas do leopardo; pode fazer com que aqueles que contraíram o hábito da ociosidade trabalhem. Nicodemos pode nascer de novo, mesmo sendo idoso, e o velho homem pode ser despido, pois é corrupto.

No entanto, ninguém, sob esse pretexto, deve protelar o seu arrependimento até ficar velho. Esses foram mandados para a vinha, é verdade, na hora undécima; mas ninguém os havia contratado, ou se oferecido para contratá-los antes. Os gentios entraram na hora undécima, mas isso ocorreu porque o Evangelho não lhes havia sido pregado antes. Aqueles que receberam as ofertas do Evangelho na hora terceira, ou sexta, e resistiram a elas e as recusaram, não poderão dizer na hora undécima: “Ninguém nos assalariou”; nem poderão ter a certeza de que algum homem os contratará na hora nona ou undécima. Portanto, para não desencorajar ninguém, mas para despertar a todos, está sendo lembrado que hoje é o tempo aceitável; se quisermos ouvir sua voz, é necessário fazê-lo hoje.

(2) Aqui está a prestação de contas com os trabalhadores. Observe:

[1] Quando a conta foi feita; aproximando-se a noite, então, como sempre, os trabalhadores do dia foram chamados e pagos. O período da noite é a hora da prestação de contas; a prestação de contas específica deve ser terminada na noite da nossa vida; porque depois da morte vem o juízo. Os trabalhadores fiéis deverão receber o seu galardão quando morrerem; ele é adiado até então, de forma que eles podem esperar com paciência por ele, porém não mais que isso, porque Deus observará a sua própria regra: “No seu dia, lhe darás o seu salário, e o sol se não porá sobre isso”. Veja Dt 24.15. Quando Paulo, aquele obreiro fiel, partisse, ele sabia que estaria com Cristo imediatamente. O pagamento não será totalmente adiado até à manhã da ressurreição; mas então, na noite do mundo, será a prestação geral das contas, onde cada um receberá de acordo com as coisas feitas por meio do corpo. Quando o tempo acabar, e com ele o mundo do trabalho e da oportunidade, então começará o estado da retribuição; então o Senhor chamará os trabalhadores e lhes dará a sua paga. Os ministros os chamam para a vinha, para fazerem o seu trabalho;

a morte os chama para fora da vinha, para receberem o seu pagamento; e para aqueles que atenderem o chamado para a vinha, o chamado para fora dela será feliz. Eles não vieram para a sua paga até que foram chamados; devemos, com paciência, esperar o tempo de Deus para o nosso descanso e recompensa; devemos andar conforme o relógio do Senhor. A última trombeta, no grande dia, convocará os trabalhadores (1 Ts 4.16). Então tu chamarás, disse o servo bom e fiel, e eu responderei. Ao chamar os trabalhadores, eles devem começar pelo último, e assim até o primeiro. Que aqueles que entrarem na hora undécima, não sejam colocados atrás dos demais, mas, para que não sejam desencorajados, sejam chamados primeiro. No grande dia, os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro, depois, nós, os que ficarmos vivos (na hora undécima do seu dia), seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

[2] Qual foi o pagamento; e nisso observe:

Em primeiro lugar, o pagamento geral (vv. 9,10). Cada homem recebeu um dinheiro. Receberão, sem dúvida nenhuma, a vida eterna os que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção (Rm 2.7), não como salários pelo valor de seu trabalho, mas como o dom de Deus. Embora haja graus de glória no céu, ele será para todos uma felicidade completa. Aqueles que vêm do Oriente e do Ocidente, e chegarem depois, que forem apanhados nas estradas e limites, se assentarão com Abraão, Isaque e Jacó, no mesmo banquete (cap. 7.11). No céu, todo vaso estará cheio, transbordante, embora os vasos não sejam iguais em tamanho e capacidade. Na distribuição de alegrias futuras, como ocorreu no recolhimento do maná, aquele que colher muito não terá nada sobrando, e o que colher pouco não terá falta de nada (Êx 16.18). Todos aqueles que Cristo alimentou miraculosamente, embora tivessem diferentes tamanhos, homens, mulheres e crianças, comeram e ficaram satisfeitos.

O pagamento de salários de um dia inteiro para aqueles que não haviam feito a décima parte do trabalho de um dia tem a finalidade de mostrar que Deus distribui o seu galardão por sua graça e soberania, e não por uma dívida. Os melhores trabalhadores, e aqueles que começam mais cedo, tendo tanto espaço vago em seu tempo, e não tendo os seus trabalhos esgotados diante de Deus, podem verdadeiramente ser considerados como aqueles que trabalham na vinha apenas uma hora dentre as suas doze; mas devido ao fato

de estarmos debaixo da graça, e não debaixo da lei, até mesmo serviços tão imperfeitos, feitos com sinceridade, não só serão aceitos, mas pela graça gratuita serão ricamente recompensados. Compare Lucas 17.7,8 com Lucas 12.37.

Em segundo lugar, o protesto daqueles que se ofenderam com esta distribuição e partilha. As circunstâncias disso servem para adornar a parábola; mas o objetivo geral é claro, que os derradeiros serão primeiros. Temos aqui:

1. Os ofendidos (vv. 11,12). Murmuravam contra o pai de família; não que haja, ou que possa haver, qualquer insatisfação ou murmuração no céu, porque isso tanto é culpa como tristeza, e no céu não há nenhuma delas; mas pode haver, e freqüentemente há, insatisfação e murmuração com relação ao céu e às coisas celestiais, enquanto eles estão em perspectiva e promessa no mundo. Isso significa o ciúme para o qual foram os judeus provocados pela admissão dos gentios no Reino dos céus. Como o irmão mais velho, que na parábola do filho pródigo se queixou da recepção de seu irmão mais novo, e reclamou da generosidade de seu pai para com ele, assim esses trabalhadores reclamaram com o seu senhor, e o acharam injusto, não porque não tivessem o suficiente, mas porque os outros foram igualados a eles. Eles se vangloriaram, como fez o irmão mais velho do filho pródigo, dos seus bons serviços: “Suportamos a fadiga e a calma do dia”; isto era o máximo que eles poderiam fazer. É dito que os pecadores trabalham para o fogo (Hb 2.13), ao passo que os servos de Deus, na pior situação, fazem apenas o trabalho sob o sol; não no calor da fornalha de ferro, mas apenas no calor do dia. Agora esses derradeiros trabalharam só uma hora, e também no frescor do dia; contudo, “tu os igualaste conosco”. Os gentios, que foram chamados por último, possuem os mesmos privilégios dos judeus no reino do Messias; os judeus estavam trabalhando por muito tempo na vinha da igreja do Antigo Testamento, sob o jugo da lei cerimonial, na expectativa desse reino. Há em nós uma maior propensão a pensarmos que temos muito pouco, e que os outros têm demais, quando se trata dos sinais do favor de Deus. Também pensamos que fazemos demais, e os outros, muito pouco, na obra de Deus. Todos nós somos muito aptos a desvalorizar os desertos dos outros, e supervalorizar os nossos próprios. Talvez Cristo aqui tenha dado uma intimação a Pedro, para não se vangloriar demais, como ele parecia fazer, por ter deixado tudo para seguir a Cristo; como se tanto ele como os demais

tivessem suportado a fadiga e a calma do dia; portanto, talvez pensassem que deveriam ter um céu particular ou diferenciado. É difícil para aqueles que fazem ou sofrem mais do que o comum por amor a Deus, não serem exaltados demais com esse pensamento, e esperarem merecer bênçãos diferenciadas. O bendito apóstolo Paulo se guardou disso; embora fosse o principal dos apóstolos, ele se considerava como nada, como menos do que o menor dos santos.

2. A ofensa removida. Três exortações do pai de família como resposta a essa presunção impertinente.

(1) Que o queixoso não tinha razão alguma para dizer que lhe foi feita qualquer injustiça (vv. 13,14). Aqui ele declara a sua própria justiça: “Amigo, não te faço injustiça”. Ele o chama de amigo, porque ao argumentar com os outros devemos usar palavras brandas e argumentos fortes; mesmo que os nossos inferiores sejam irritantes e provocadores, não devemos nos irar, mas falar-lhes calmamente. [1] É incontestavelmente verdadeiro que Deus não pode fazer injustiça. Esta é a prerrogativa do Rei dos reis. Porventura, será Deus injusto? O apóstolo se sobressalta com esse pensamento: “De maneira nenhuma!” (Rm 3.5,6). A sua palavra deveria calar todas as nossas murmurações. A despeito daquilo que Deus nos faça, ou retenha de nós, Ele não nos faz nenhuma injustiça. [2] Se Deus der uma graça aos outros, e a negar a nós, será bondade para eles, mas não será nenhuma injustiça para nós. Quando Deus concede a abundância a alguma outra pessoa, e não a nós, não se trata de uma injustiça contra nós; jamais devemos criticar o Senhor. Como a graça é gratuita, e é assim dada àqueles que a têm, vangloriar-se é uma atitude reprovável para sempre. Semelhantemente, se a graça for retida daqueles que não a têm, murmurar será uma atitude reprovável para sempre. Portanto, toda boca deve se calar, e toda carne deve estar em silêncio diante de Deus.

Para convencer o murmurador de que ele não foi injustiçado, o senhor o lembra da negociação: “‘Não ajustaste tu comigo um dinheiro?’ E se tu recebeste o que concordaste, tu não tens nenhuma razão de reclamar injustiça; terás o que combinamos”. Embora Deus não seja devedor a ninguém, Ele, no entanto, se agrada de misericordiosamente se fazer um devedor pela sua própria promessa, por cujo benefício, através de Cristo, os crentes concordam com Ele, e ele manterá a sua parte do acordo. Bom é para nós que freqüentemente consideremos aquilo em que concordamos com

Deus. Em primeiro lugar, as pessoas mundanas e carnais concordam com Deus quando estão em busca de um pagamento desse mundo; eles escolhem a sua porção na vida (Sl 17.14); nessas coisas, elas estão dispostas a receber o seu galardão (cap. 6.2,5), a sua consolação (Lc 6.24), os seus bens (Lc 16.25); e com essas coisas, elas serão afastadas, serão cortadas das bênçãos espirituais e eternas. E assim Deus não lhes faz injustiça; elas têm o que escolheram, o pagamento com que concordaram; esse será o seu destino, que elas mesmas escolheram; será algo conclusivo contra elas. Em segundo lugar, os crentes obedientes concordam com Deus quanto ao seu pagamento no mundo por vir, e eles devem se lembrar de que concordaram com isso. "Não concordaste em levar a Palavra de Deus por isso? Tu concordaste; e irás tu concordar com o mundo? Não concordaste em aceitar o céu como a tua porção, e não aceitar nada menos do que isso? E buscarás tu a felicidade na criatura, ou pensarás que deverias compensar as deficiências de tua felicidade em Deus?"

Ele, portanto: 1. Vincula-o ao seu acordo (v. 14): "Toma o que é teu e retira-te". Se entendermos essa palavra como estando relacionada ao que é nosso por dívida ou absoluta propriedade, ela seria uma palavra terrível; todos nós estaríamos aquém das expectativas, com algo por fazer, se fôssemos despedidos apenas com aquilo que poderíamos chamar de nosso. A criatura mais elevada deverá ir embora sem nada, se tiver de se retirar somente com aquilo que é seu; mas se entendermos isso como sendo o que é nosso pelo dom, o dom gratuito de Deus, isto nos ensina a estar satisfeitos com as coisas que temos. Em vez de nos queixarmos de que não temos mais, tomemos o que temos, e sejamos agradecidos. Se Deus for melhor aos outros do que a nós em qualquer aspecto, mesmo assim não temos motivo para reclamar, visto que Ele tem sido melhor para nós do que merecemos ao nos dar o nosso pagamento, pois somos servos inúteis. 2. O senhor diz ao servo que aquele a quem ele invejava deveria receber o mesmo que ele: "'Eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti'; estou resolvido a dar". Note que a imutabilidade dos propósitos de Deus ao distribuir os seus dons deve calar as nossas murmurações. Se Ele quiser fazê-lo, não devemos contestar; pois Ele está de comum acordo, e quem o pode mudar? Ele não presta contas daquilo que lhe diz respeito; nem é próprio que o faça.

(2) Ele não tinha nenhum motivo para discutir com o senhor; porque o que ele lhe deu era absolutamente o que lhe pertencia (v. 15). Assim como havia

anteriormente declarado a sua justiça, aqui ele declara a sua soberania: “Não me é lícito fazer o que quiser do que é meu?” Considere: [1] Deus é o dono de todos os bens; a sua propriedade nisso é absoluta, soberana e ilimitada. [2] Ele pode, portanto, dar ou reter as suas bênçãos, como bem quiser. O que temos não nos pertence; portanto, não nos é lícito fazer o que quisermos com isso; mas o que Deus tem, isso lhe pertence; e isto o justificará. Em primeiro lugar, em todo o uso de sua providência; quando Deus toma de nós aquilo que nos é caro, e que poderíamos utilizar de uma maneira incorreta ou má, devemos calar o nosso descontentamento. Ele não pode fazer o que quiser com o que é seu? Criaturas tão dependentes como nós não devem se queixar de nosso Soberano. Em segundo lugar, em todas as dispensações de sua graça, Deus dá ou retém os meios da graça, e o Espírito da graça, como bem quiser. Não somente que há um conselho em toda vontade de Deus, e o que nos parece ser feito arbitrariamente parecerá, por fim, ter sido feito de forma sábia, e para fins santos. Mas há algo suficiente para calar todas as murmurações e objeções: Deus é o Senhor soberano de tudo, e Ele pode fazer o que quiser do que é seu. Nós estamos em suas mãos, como o barro nas mãos de um oleiro; e não devemos tentar dizer ao Senhor o que Ele deve fazer, nem lutar contra Ele.

(3) Ele não tinha motivo para invejar o seu conservo, guardar rancor dele, ou se irar por ele não ter vindo para a vinha no mesmo instante, por não ter sido chamado antes. Ele não tinha motivo para se irar com o senhor por ter lhe dado o salário pelo dia todo, quando havia ficado ocioso durante a maior parte do dia. Porque: “É mau o teu olho porque eu sou bom?” Veja aqui:

[1] A natureza da inveja: “é mau o teu olho”. O olho é a entrada e a saída desse pecado. “Saul tinha Davi em suspeita. Vendo, então, Saul, que tão prudentemente se conduzia, tinha receio dele” (1 Sm 18.9,15). O olho mau não tem prazer no bem dos outros, e deseja o seu mal. O que pode ter mais maldade em si? É tristeza para nós mesmos, ira para Deus, e má vontade para com o nosso próximo; e é um pecado que não tem prazer, nem proveito, nem honra em si; é um mal, um único mal.

[2] O agravo dele: “ porque eu sou bom.” A inveja é o oposto de Deus, que é bom, e faz o bem, e tem prazer em fazer o bem. Ela é uma oposição e uma contradição a Deus; é não gostar de seus procedimentos, e um desgosto pelo que Ele faz e por aquilo com que Ele se agrada. É uma violação direta dos dois grandes mandamentos de uma só vez; tanto em relação ao amor de Deus,

com cuja vontade devemos concordar, como em relação ao nosso próximo, com cujo bem-estar devemos nos alegrar. Assim, a maldade do homem se vale da bondade de Deus para ser ainda mais pecaminosa.

Em último lugar, aqui está a aplicação da parábola (v. 16), e a observação que a ocasionou (cap. 19.30): “Os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros”. Houve muitos que seguiram a Cristo então, na regeneração, quando o reino do Evangelho foi primeiramente estabelecido, e esses judeus convertidos parecem ter ganho a dianteira dos outros; mas Cristo, para afastar e calar a vanglória deles, aqui lhes diz:

1. Que eles poderiam ser, possivelmente, superados por seus sucessores em termos de profissão de fé, e, embora estivessem mais adiantados do que os outros quanto a essa profissão de fé, poderiam ser achados inferiores a eles em conhecimento, graça e santidade. A igreja gentílica, que ainda não havia nascido, e o mundo gentílico, que por hora estava ocioso na praça, produziriam um grande número de cristãos eminentes e úteis, muito maior do que aquele que foi encontrado entre os judeus. Cada vez mais excelentes serão os filhos da solitária do que os filhos da casada (Is 54.1). Quem sabe a igreja, em sua idade avançada, pode ser mais gorda e próspera do que nunca, para mostrar que o Senhor é reto? O cristianismo primitivo tinha mais pureza e poder como uma santa religião, quando comparado com o que vemos na era degenerada em que vivemos. No entanto, os trabalhadores podem ser enviados para a vinha na hora undécima do dia da igreja, no período de Filadélfia. E quem é capaz de imaginar que efusões abundantes do Espírito podem, então, ser derramadas, em um volume superior às bênçãos espirituais recebidas no passado?

2. Que eles tinham motivo para temer, para que não fossem achados hipócritas no final; porque “muitos são chamados, mas poucos escolhidos”. Isso é aplicado aos judeus (cap. 22.14). Foi assim então, e ainda é verdadeiro; muitos são chamados com um chamado comum, mas não são escolhidos com uma escolha salvadora. Todos aqueles que são escolhidos desde a eternidade são efetivamente chamados, “na plenitude dos tempos” (Rm 8.30), de modo que para confirmarmos o nosso chamado efetivo, “procuremos fazer cada vez mais firme a nossa vocação e eleição” (2 Pe 1.10). Mas não é assim quanto ao chamado externo; muitos são chamados, e mesmo assim se recusam a vir (Pv 1.24). À medida que são chamados por Deus, retiram-se da presença dele (Os 11.2,7). Por essa razão, parece que eles não foram escolhidos, porque os

“eleitos o alcançaram” (Rm 11.7). Há apenas poucos cristãos escolhidos, em comparação com os muitos que são apenas cristãos chamados; portanto, isso nos preocupa. Devemos nos dedicar a edificar a nossa esperança pelo céu sobre a rocha de uma escolha eterna, e não sobre a areia de um chamado externo. E devemos temer, para que não sejamos achados apenas como cristãos em nossa aparência, pois assim estaríamos, realmente, em uma condição de insuficiência. Devemos nos esforçar para não sermos achados como cristãos contaminados, pois assim pareceria que “ficamos para trás” (Hb 4.1).

Os Sofrimentos de Cristo São Preditos

vv. 17-19

Essa é a terceira vez que Cristo dá aos seus discípulos a notícia dos seus sofrimentos que em breve viriam. Ele não iria subir a Jerusalém para celebrar a páscoa, mas para oferecer a grande Páscoa; ambas deviam ser feitas em Jerusalém. Ali “a páscoa deve ser celebrada” (Dt 12.5), e ali um profeta deve perecer, porque ali se assentava o grande Sinédrio, que eram juízes naquele caso (Lc 13.33). Observe:

I A privacidade dessa predição. Jesus chamou à parte os seus doze discípulos no caminho. Essa foi uma das coisas que lhes foram ditas “em trevas”, mas que eles deveriam depois dizer “em luz” (cap. 10.27). O seu segredo estava com eles, como seus amigos, e isso na sua privacidade. Essa foi uma palavra dura; e se alguém poderia suportá-la, eles poderiam. Eles seriam mais imediatamente expostos ao perigo com Ele. Portanto, era necessário que eles soubessem disso, para que, sendo avisados de antemão, pudessem se preparar. Não era adequado que isso fosse falado publicamente naquele momento: 1. Porque muitos que eram simpatizantes moderados dele iriam, a partir de então, virar-lhe as costas; o escândalo da cruz os teria assustado e eles não o seguiriam mais. 2. Porque muitos que eram simpatizantes ferrenhos dele seriam, a partir de então, impelidos a pegar em armas em sua defesa, e isso poderia ter ocasionado um “alvoroço entre o povo” (cap. 26.5), o que teria sido imputado a Ele como acusação, se lhes tivesse dito publicamente antes. E, além desses métodos estarem totalmente em desacordo com o caráter do seu Reino, que não é deste mundo, o Senhor

Jesus nunca apoiou nada que tivesse a tendência de impedir os seus sofrimentos. Esse discurso não foi na sinagoga, ou na casa, mas no caminho, enquanto viajavam. Isto nos ensina que, em nossas andanças ou viagens com os nossos amigos, devemos procurar conversar aquilo que for bom para a nossa edificação. Veja Dt 16.7.

II A predição em si (vv. 18,19). Observe que:

1. Essa é apenas uma repetição daquilo que Ele já havia dito antes (cap. 16.21; 17.22,23). Isto sugere que o Senhor não só via claramente as dificuldades que se colocavam diante de si, mas que o seu coração estava sobre a sua obra sofredora. Isso o encheu, não de temor, de forma a fazê-lo planejar evitá-la – o que poderia ter acontecido –, mas com desejo e expectativa. Ele falava freqüentemente de seus sofrimentos, porque era através deles que Ele entraria em sua glória. Bom é para nós pensarmos freqüentemente e até falarmos de nossa morte, e dos sofrimentos que, provavelmente, poderemos encontrar até chegarmos à sepultura. E assim, tornando-os mais familiares, eles seriam menos temerosos. Este é um modo de morrermos diariamente, e de tomarmos a nossa cruz diariamente: falarmos diariamente da cruz e da morte. Esta atitude não antecipa nem garante o sofrimento e a morte, pois ambos têm a sua hora certa em nossa vida; porém, os nossos pensamentos e discursos sobre eles seriam muito melhores.

2. Ele é mais específico aqui, ao predizer os seus sofrimentos; do que em qualquer outro momento anterior. Ele havia dito (cap. 16.21) que deveria padecer muitas coisas, e ser morto; e (cap. 17.22) que seria entregue nas mãos dos homens, e matá-lo-iam; mas aqui ele acrescenta que condená-lo-ão à morte, e o entregarão aos gentios, para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem. Essas coisas são assustadoras, e a previsão certa delas era suficiente para desencorajar uma resolução comum. No entanto (como foi predito a seu respeito, Isaías 42.4), Ele não faltou, nem foi quebrantado; mas quanto mais claramente previa os seus sofrimentos, mais alegremente prosseguiu para encontrá-los. Ele prediz que o fariam sofrer os “príncipes dos sacerdotes e os escribas”; assim Ele havia dito antes, mas aqui acrescenta: “E o entregarão aos gentios”, para que fosse melhor entendido. Porque os príncipes dos sacerdotes e os escribas não tinham poder para matá-lo, nem a crucificação era um método de morte em uso entre os judeus. Cristo sofreu pela maldade tanto dos judeus como dos gentios, porque Ele deveria sofrer

pela salvação tanto dos judeus como dos gentios; ambos tiveram uma participação em sua morte, porque Ele deveria reconciliar a ambos através da sua cruz (Ef 2.16).

3. Aqui, como antes, o Senhor acrescenta a menção de sua ressurreição e de sua glória à menção de seus sofrimentos e morte: “E ao terceiro dia ressuscitará”. Ele ainda apresenta isso: (1) Para encorajar a si mesmo em seus sofrimentos, e para prosseguir alegremente através deles. Ele suportou a cruz pela alegria posta diante dele; Ele previu que iria ressuscitar, e ressuscitar rapidamente, ao terceiro dia. Ele logo será glorificado (Jo 13.32). A recompensa não só é certa, mas está muito próxima. (2) Para encorajar os discípulos e confortá-los, pois ficariam chocados e grandemente aterrorizados pelos sofrimentos dele. (3) Para nos guiar, sob todos os sofrimentos deste tempo presente, mantendo uma perspectiva confiante da glória a ser revelada, olhando para as coisas invisíveis, que são eternas. Isto permitirá que chamemos as aflições atuais de moderadas, e apenas momentâneas.

A Ambição É Corrigida

vv. 20-28

Aqui temos, a princípio, o pedido dos dois discípulos a Cristo, e a retificação do erro sobre o qual estava baseado (vv. 20-23). Os filhos de Zebedeu eram Tiago e João, dois dos três primeiros discípulos de Cristo. Tanto Pedro como eles eram os seus discípulos mais chegados; João era o discípulo que Jesus amava; no entanto, ninguém foi tão freqüentemente reprovado quanto eles. Cristo corrige mais àqueles que Ele mais ama (Ap 3.19).

I Aqui está a palavra ambiciosa que eles falaram a Cristo – que pudessem se sentar, um à sua direita e o outro à sua esquerda, em seu reino (vv. 20,21). Eles demonstraram um grande grau de fé, pois estavam confiantes em seu reino, embora então o Senhor parecesse estar em uma situação de fraqueza. Mas eles também demonstraram um grande grau de ignorância, pois ainda esperavam um reino temporal, com pompa e poder terrenos, quando Cristo lhes havia falado tão freqüentemente sobre sofrimentos e renúncia. Com isso, eles esperavam ser pessoas eminentes. Eles não pedem um emprego em seu reino, mas somente a honra; e nenhum lugar lhes serviria nesse reino

imaginário, além do mais elevado, ao lado de Cristo, e acima de todos os outros. É provável que a última palavra no discurso anterior de Cristo – de que ao terceiro dia ressuscitaria – tenha lhes dado a oportunidade de fazer esse pedido. Eles concluíram que a ressurreição seria o evento que marcaria a entrada do Senhor nesse reino. Portanto, estavam decididos a reservar logo os melhores lugares; eles não os perderiam por falta de pedi-los com antecedência. Assim, utilizaram mal aquilo que Cristo havia dito para confortá-los, e se encheram de orgulho. Alguns não conseguem lidar com confortos, mas os revertem para propósitos errados – assim como os doces em um estômago ruim produzem a bile. Agora observe:

1. Havia um raciocínio político na elaboração desse pedido. Eles providenciaram para que a mãe deles o apresentasse, para que pudesse ser entendido como se fosse um pedido dela, e não deles. Embora as pessoas orgulhosas pensem bem de si mesmas, elas não querem que as outras pessoas as vejam desse modo, pois poderiam aparentar um pretexto de humildade (Cl 2.18). Deste modo, outros devem simular a busca dessa honra para eles, para que não tenham que passar pelo constrangimento de buscá-la para si mesmos. Comparando o capítulo 27.61 com Marcos 15.40, entendemos que a mãe de Tiago e João era Salomé. Alguns acham que ela era filha de Cleofas ou Alfeu, irmã ou prima em primeiro grau da mãe do nosso Senhor. Ela era uma daquelas mulheres que acompanhavam a Cristo, e o serviam; e eles pensavam que Ele tinha tanta consideração por ela, que não lhe negaria nada. Assim, fizeram dela a sua intercessora. Da mesma forma, quando Adonias tinha algum pedido importante a fazer a Salomão, ele recorria a Bate-Seba, para que ela falasse por ele. A mãe de Tiago e João revelou uma fraqueza ao se tornar um instrumento da ambição deles, que ela deveria ter repreendido. Aqueles que são sábios e bons não devem se deixar envolver em uma situação tão repulsiva. Em pedidos corretos e aceitáveis, devemos aprender esta atitude sábia: desejar a oração daqueles que têm interesse no trono da graça; devemos pedir aos nossos amigos de oração que orem por nós, considerando isso uma verdadeira bondade.

Era igualmente uma política pedir primeiro uma concessão geral, que Ele fizesse algo por eles, não em fé, mas em presunção, com base naquela promessa geral: “Pedi, e dar-se-vos-á”, na qual está sugerida a qualificação do nosso pedido; que este esteja de acordo com a vontade revelada de Deus. Caso contrário, pediremos e não receberemos, se pedirmos para gastar em

nossos deleites (Tg 4.3).

2. No fundo, havia orgulho, um conceito orgulhoso de seu próprio mérito, um desprezo orgulhoso aos seus irmãos, e um desejo orgulhoso de honra e preferência. O orgulho é um pecado que mais facilmente nos persegue, do qual é difícil nos livrarmos. É uma santa ambição lutar para ultrapassar os outros na graça e na santidade; mas é uma ambição pecadora cobiçar ultrapassar os outros em pompa e grandeza. “Procuras tu grandezas” quando acabas de ouvir teu Mestre dizer que será escarnecido, açoitado e crucificado? Que vergonha! “Não as busques” (Jr 45.5).

II A resposta de Cristo a esse pedido (vv. 22,23), não dirigida à mãe, mas aos filhos, que a usaram para este fim. Embora outros possam ser a nossa boca em oração, a resposta será dada a cada um de nós. A resposta de Cristo é muito suave; eles foram apanhados no erro da ambição, mas Cristo os restaurou com o espírito de mansidão. Observe:

1. Como Ele reprovou a ignorância e o erro do pedido deles: “Não sabeis o que pedis”. (1) Eles estavam em trevas com relação ao reino que desejavam; eles sonhavam com um reino temporal, ao passo que o reino de Cristo não é deste mundo. Eles não sabiam o que era sentar-se à sua direita, ou à sua esquerda; eles falavam disso como os cegos falam das cores. A nossa compreensão da glória que ainda está para ser revelada é como a compreensão que uma criança tem das preferências dos adultos. Se por fim, através da graça, chegarmos à perfeição, eliminaremos então essas fantasias infantis; quando chegarmos a ver face a face, saberemos o que apreciamos; mas agora, não sabemos o que pedimos; podemos apenas pedir o bem conforme a promessa (Tt 1.2). “O olho não viu, e o ouvido não ouviu”, os detalhes a respeito desse precioso Reino. (2) Eles estavam em trevas com relação ao caminho para aquele reino. Eles não sabem o que pedem. Pedem algo relacionado ao fim, mas ignoram o meio, e assim separam o que Deus juntou. Os discípulos pensavam – quando haviam deixado tudo o que tinham por Cristo, e percorreram o país enquanto pregavam o Evangelho do reino – que todo o seu serviço e os seus sofrimentos estavam terminados, e então era hora de perguntar: O que receberemos? Como se então nada mais devesse ser procurado além das coroas e florões, enquanto havia aflições e dificuldades muito grandes diante deles; aflições e dificuldades muito maiores do que eles já haviam encontrado. Eles imaginavam que a luta estava terminada, quando

ela mal havia começado; haviam apenas corrido com os lacaios. Eles sonham em estar em Canaã no momento presente, e não consideram o que farão nas dilatações do Jordão. Considere: [1] Poderemos nos considerar aptos para o Reino de Deus quando a nossa humildade nos levar a um comportamento singelo, mesmo estando revestidos da glória de Cristo que podemos ter neste mundo. [2] Não sabemos o que pedimos quando pedimos a glória de usar a coroa, sem pedirmos a graça para levar a cruz em nosso caminho até ela.

2. Como Ele reprovou a vaidade e a ambição do pedido deles. Eles estavam se deleitando com a fantasia de se sentarem à sua direita, e à sua esquerda, numa grande posição; então, para repreender isso, Ele os leva aos pensamentos de seus sofrimentos, e não lhes revela detalhes sobre a glória que terão no futuro.

(1) Ele os leva a pensamentos relacionados aos seus sofrimentos, dos quais eles não estavam tão cientes quanto deveriam estar. Eles ansiavam tanto a coroa, o prêmio, que estavam prontos a mergulhar de cabeça, porém ainda estavam despreparados para enfrentar o caminho de sofrimento que levava a ela. Portanto, o Senhor considera necessário conscientizá-los das dificuldades que estavam diante deles, para que não se surpreendessem nem se aterrorizassem.

Observe: [1] Com que clareza Jesus lhes coloca a questão das dificuldades (v. 22): “Vocês gostariam de se candidatar a ocupar o primeiro posto de honra no reino. Será que vocês podem beber o cálice que eu hei de beber? Vocês falam das coisas grandes que poderão receber quando tiverem feito o seu trabalho. Mas vocês podem suportar até o fim?” Pensem nisso seriamente. Esses mesmos discípulos, Tiago e João, certa vez não sabiam de que espírito eram, quando ficaram perturbados e irados (Lc 9.55). E então não estavam cientes do que lhes faltava, espiritualmente, quando foram tomados de ambição. Cristo vê em nós esse orgulho que nós mesmos não somos capazes de discernir.

Note, em primeiro lugar, que sofrer por Cristo é beber um cálice, e ser batizado com um batismo. Nessa descrição dos sofrimentos: 1. É verdade que a aflição existe em abundância. Ela é considerada como um cálice amargo, que é bebido, absinto e bile, as águas do cálice cheio, que são extraídas para o povo de Deus (Sl 43.10). Certamente um cálice de tremor, mas não de fogo e enxofre, a porção do copo de homens ímpios (Sl 11.6). Supõe-se que este seja um batismo, uma lavagem com as águas da aflição; alguns estão mergulhados

nelas; as águas os cercam até à alma (Jn 2.5). Outros estão apenas salpicados; ambos são batismos, alguns estão sufocados neles, como em um dilúvio, enquanto outros estão ensopados, como em uma forte chuva. Mas: 2. Mesmo nisso, a consolação existe com mais abundância. É apenas um cálice, e não um oceano; é apenas uma seca, amarga talvez, mas devemos ver o fundo dela; é um cálice na mão de um Pai (Jo 18.11); e está cheio de mistura (Sl 75.8). É apenas um batismo; o mergulho é o pior que pode ocorrer, pois não é um afogamento; podemos estar perplexos, mas não em desespero. O batismo é uma ordenança na qual nos unimos ao Senhor em aliança e comunhão; e assim é o sofrimento por Cristo (Ez 20.37; Is 48.10). O batismo é "um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual"; e assim é o sofrimento por Cristo, porque essa graça nos foi concedida (Fp 1.29).

Em segundo lugar, é beber do mesmo cálice de que Cristo bebeu, e ser batizado com o mesmo batismo com que Ele foi batizado. Cristo nos precedeu no sofrimento, e nisso, como em outras coisas, nos deixou um exemplo. 1. Isto anuncia a condescendência de um Cristo sofredor; Ele beberia desse cálice (Jo 18.11), e desse ribeiro (Sl 110.7). Ele beberia profundamente, mas muito alegremente; Ele seria batizado com esse batismo, e estava muito ansioso por isso (Lc 12.50). Já seria muito ser batizado com água, como um pecador comum, quanto mais com sangue, como um criminoso incomum. Mas em tudo isso Ele foi feito em semelhança da carne do pecado, e foi feito pecado por nós. 2. Isto anuncia a consolação dos cristãos sofredores, que se unem a Cristo no cálice amargo: eles são participantes dos seus sofrimentos, e assim têm comunhão com Ele. Devemos, portanto, nos armar com o mesmo pensamento, indo ao seu encontro fora do arraial.

Em terceiro lugar, é bom estarmos freqüentemente aplicando esta palavra a nós mesmos: Será que somos capazes de beber este cálice, e ser batizados com este batismo? Devemos esperar algum tipo de sofrimento, sem considerá-lo uma coisa difícil de suportar. Também não devemos questionar por que às vezes sofremos. Podemos sofrer alegremente, e no pior dos momentos ainda mantermos firme a nossa integridade? O que podemos fazer por Cristo? Quanto crédito somos capazes de lhe dar? Será que eu poderia encontrar forças em meu coração para beber de um cálice amargo, e ser batizado com um batismo de sangue, sem abandonar o meu relacionamento com Cristo? A verdade é que se a religião for vivida da maneira correta, ela

valerá muito. Mas se não valer a pena sofrer por ela, é sinal de que ela não está sendo vivida da maneira correta, e que ela vale pouco. Então, sentemo-nos e calculemos o custo de morrer por Cristo em vez de negá-lo, e perguntemos a nós mesmos: Podemos aceitá-lo nesses termos?

[2] Veja como eles se responsabilizam ousadamente. Eles disseram: “Podemos”, na esperança de se assentarem à sua direita e à sua esquerda. Mas, ao mesmo tempo, eles esperavam jamais ser testados. Assim como anteriormente não sabiam o que pediam, também agora não sabiam o que respondiam. “Podemos”; eles teriam feito bem em dizer: “Senhor, por tua força, e em tua graça, podemos; caso contrário, não podemos”. Mas a mesma tentação de Pedro – estar confiante em sua própria suficiência, e presumir a sua própria força – foi aqui a tentação de Tiago e João; e esse é um pecado a que todos nós estamos sujeitos. Eles não sabiam o que era o cálice de Cristo, nem qual era o seu batismo; mesmo assim foram ousados e se comprometeram. Geralmente, aqueles que se mostram mais confiantes em relação a si mesmos são os que estão menos familiarizados com a cruz.

[3] Veja como os seus sofrimentos são aqui clara e positivamente preditos (v. 23): “Na verdade bebereis o meu cálice”. Os sofrimentos previstos serão os mais facilmente suportados, especialmente se considerados sob uma noção certa, como beber o seu cálice, e ser batizado com o seu batismo. Cristo sofreu por nós, e espera que nós estejamos dispostos a sofrer por Ele. Cristo nos fará saber o pior, para que possamos fazer o melhor para alcançarmos o céu. “Bebereis”, isto é, sofrereis. Tiago bebeu o cálice de sangue antes de todos os outros apóstolos (At 12.2). João, embora no final tenha morrido em sua cama – assumindo que podemos crer nos historiadores eclesiásticos –, bebeu freqüentemente esse cálice amargo, como, por exemplo, quando foi exilado na ilha de Patmos (Ap 1.9), e quando (como dizem), em Éfeso, foi colocado em um caldeirão de óleo fervente, mas foi miraculosamente preservado. Ele esteve freqüentemente, como os demais apóstolos, – em perigo de morte. Ele tomou o cálice, ofereceu-se a si mesmo ao batismo, e foi aceito.

(2) Ele não lhes revela os níveis de glória que terão. Para conduzi-los alegremente através de seus sofrimentos, bastava estarem certos de que teriam um lugar em seu reino. O assento mais baixo no céu é uma recompensa abundante pelos maiores sofrimentos na terra. Mas quanto aos privilégios que há ali, não era adequado que houvesse qualquer intimação

sobre quem eles seriam; porque a fraqueza de seu estado presente não poderia suportar tal descoberta. “Mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo”, e, portanto não deveis perguntar ou saber, “mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado.” Considere: [1] É muito provável que haja níveis de glória no céu; porque a nossa salvação parece permitir que haja alguns que sentarão à sua direita e à sua esquerda, nos lugares mais elevados. [2] Como a própria glória futura, esses níveis estão propostos e preparados pelo conselho eterno de Deus. Assim como a salvação comum, as honras mais peculiares são concedidas mediante a eleição por parte de Deus. Essa questão, como um todo, já está estabelecida há muito tempo; e já há uma certa medida da estatura de cada um de nós, tanto em graça como em glória (Ef 4.13). [3] Cristo, ao distribuir os frutos de sua própria conquista, orienta-se exatamente pelas medidas do propósito de seu Pai: “Não me pertence dá-lo”, salvo (assim pode ser lido) para quem está preparado. Só Cristo tem o poder de dar a vida eterna, mas “a todos” quantos o Pai lhe deu (Jo 17.2). “Não me pertence dá-lo”, isto é, não posso prometê-lo agora; esta questão já está estabelecida e ajustada, e o Pai e o Filho se entendem perfeitamente bem nessa questão. “Não me pertence atender aqueles que buscam isso e têm essa ambição, mas essa bênção está reservada para aqueles que, por grande humildade e renúncia, estão preparados para ela.”

III Aqui estão a repreensão e a instrução que Cristo deu aos outros dez discípulos, diante do desprazer que demonstraram pelo pedido de Tiago e João. O Senhor teve de suportar muitas fraquezas por parte de todos eles, que eram muito fracos no conhecimento e na graça; no entanto, Ele os suportou com amor.

1. A irritação causada aos dez discípulos (v. 24): “Indignaram-se contra os dois irmãos”; não porque desejassem ser preferidos antes deles – que foi o pecado de Tiago e João, pelo qual Cristo se entristeceu –, mas porque queriam ter a honra para si mesmos, o que revelava descrédito em relação aos dois irmãos. Muitos parecem ter uma indignação pelo pecado; porém, não a sentem pelo pecado em si, mas porque tal pecado os toca. Eles se indignarão contra um homem que amaldiçoa; mas somente o farão se ele lhes amaldiçoar, e lhes afrontar, não porque tal homem esteja desonrando a Deus. Esses discípulos estavam com raiva da ambição de seus irmãos, embora eles

mesmos fossem igualmente ambiciosos. É comum que as pessoas se enfureçam com os pecados dos outros, os quais elas permitem e toleram em si mesmas. Aqueles que são orgulhosos e cobiçosos não gostam de ver outros assim. Nada causa mais dano entre irmãos, ou é a causa de mais indignação e contenda, do que a ambição e o desejo de grandeza. Nós nunca encontramos os discípulos de Cristo discutindo; mas eles enfrentaram uma situação de contenda nessa ocasião.

2. A correção que Cristo lhes fez foi muito suave, por meio da instrução sobre o que eles deveriam ser, e não por meio da repreensão pelo que eles eram. Ele havia reprovado esse mesmo pecado antes (cap. 18.3), e lhes dissera que deveriam ser humildes como crianças pequenas; no entanto, eles reincidiram nesse pecado, mas Cristo os repreendeu de forma moderada.

"Então, Jesus, chamou-os para junto de si", o que sugere um grande carinho e familiaridade. Ele não lhes ordenou, com raiva, que saíssem de sua presença, mas os chamou, com amor, para virem à sua presença. Ele está sempre pronto a ensinar, e nós somos convidados a aprender dele, porque ele é "manso e humilde de coração". O que Ele tinha a ensinar dizia respeito tanto aos dois discípulos como aos outros dez; portanto, ele reúne todos. E lhes diz que enquanto estavam perguntando qual deles deveria ter o domínio em um reino temporal, não havia realmente tal domínio reservado para nenhum deles. Porque:

(1) Eles não deveriam ser como os "príncipes dos gentios". Os discípulos de Cristo não deveriam ser como os gentios, nem como os príncipes dos gentios. O principado não torna ninguém ministro, da mesma forma que o "gentilismo" não torna ninguém cristão.

Observe: [1] Qual é a maneira dos príncipes dos gentios (v. 25): exercer domínio e autoridade sobre aqueles que lhes são sujeitos (mesmo que só possam alcançar o domínio com mão forte), e uns sobre os outros também. O que os sustenta nessa posição é que eles são grandes, e os homens grandes acham que podem fazer qualquer coisa. Domínio e autoridade são as grandes coisas que os príncipes dos gentios procuram, e de que se orgulham; eles deteriam o poder, venceriam todas as dificuldades, teriam todos sujeitos a si, e todo feixe inclinado ao deles. Eles queriam ter a seguinte proclamação diante de si: "Inclinai-vos"; como Nabucodonosor, que matava, e deixava viver, ao seu bel-prazer.

[2] Qual é a vontade de Cristo com relação aos seus apóstolos e ministros, nesta questão.

Em primeiro lugar: "'Não será assim entre vós'. A constituição do reino espiritual é bem diferente dessa. Deveis ensinar os súditos desse reino, instruí-los e exortá-los, aconselhá-los e consolá-los, esforçarem-se com eles, e sofrer com eles, não exercer domínio e autoridade sobre eles; não ter 'domínio sobre a herança de Deus' (1 Pe 5.3), mas trabalhar em benefício dela". Isto proíbe não só a tirania e o abuso de poder, mas a reivindicação ou o uso de qualquer autoridade secular, como os príncipes dos gentios legitimamente exercem. É tão difícil para os homens vaidosos, mesmo para os homens bons, terem tal autoridade, e não ficarem envaidecidos com ela, e fazerem mais mal do que bem com ela, que nosso Senhor Jesus considerou necessário bani-la totalmente da igreja. Até mesmo o apóstolo Paulo rejeita o domínio sobre a fé de qualquer pessoa (2 Co 1.24). A pompa e a grandeza dos príncipes dos gentios não convém aos discípulos de Cristo. Então, se o poder e a honra não foram planejados para estar na igreja, era uma insensatez deles estarem disputando quem deveria tê-los. Eles não sabiam o que pediam.

Em segundo lugar, então qual será o relacionamento entre os discípulos de Cristo? O próprio Cristo havia sugerido uma grandeza entre eles, e aqui Ele explica: "Todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo" (vv. 26,27). Observe aqui: 1. Que é dever dos discípulos de Cristo servirem uns aos outros, para a edificação mútua. Isto inclui tanto a humildade como a utilidade. Os seguidores de Cristo devem estar prontos a se submeter aos ofícios de amor mais inferiores para o bem mútuo; devem ser sujeitos uns aos outros (1 Pe 5.5; Ef 5.21), para a edificação de uns para com os outros (Rm 14.19), agradar ao seu próximo para o bem (Rm 15.2). O grande apóstolo se comportou como servo de todos (veja 1 Co 9.19). 2. A dignidade dos servos de Cristo está relacionada ao fiel cumprimento dessa obrigação. O modo de ser grande, e o primeiro, é ser humilde e servil. Esses serão mais considerados e mais respeitados na igreja, e será assim para todos aqueles que entenderem as coisas de forma correta. Os mais honrados não são aqueles que são dignificados com nomes elevados e poderosos, como os nomes dos grandes na terra, que aparecem em pompa, e assumem para si mesmos um poder proporcional; os mais honrados serão aqueles que forem mais humildes e que mais renunciarem a si mesmos, aqueles que mais

planejarem fazer o bem, embora diminuam a si mesmos. Esses honram mais a Deus, e a esses Ele honrará. Assim como o que quer ser sábio deve se fazer de tolo, quem quiser ser o primeiro deverá se comportar como servo. O apóstolo Paulo foi um grande exemplo disso; ele trabalhou mais abundantemente do que todos, tornou-se (como diriam alguns) um escravo do seu trabalho. E ele não é o primeiro? Não o chamamos por unanimidade de "o grande apóstolo", embora ele se autodenomine o menor entre os menores? E talvez o nosso Senhor Jesus estivesse pensando em Paulo quando disse: "Haverá derradeiros que serão primeiros"; porque Paulo nasceu fora do tempo devido, como um abortivo (1 Co 15.8); ele não foi apenas o filho mais novo da família dos apóstolos, mas, póstumo, tornou-se o maior dentre eles. E talvez fosse para ele que o primeiro posto de honra no reino de Cristo estivesse reservado e preparado por Deus Pai, e não para Tiago e João, que o buscaram. Portanto, antes de Paulo começar a ser famoso como um apóstolo, a Providência o ordenou, de forma que Tiago foi excluído (At 12.2), para que, no colegiado dos doze, Paulo pudesse ser o seu substituto.

(2) Eles devem ser como o próprio Mestre; e é muito apropriado que eles o fossem, pois, enquanto estivessem no mundo, deveriam ser como Ele foi quando estava no mundo. Porque para ambos o estado atual é um estado de humilhação; a coroa e a glória estavam reservadas para ambos no estado futuro. Eles precisavam considerar que "o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos" (v. 28). O nosso Senhor Jesus aqui se coloca diante dos seus discípulos como um padrão de duas qualidades anteriormente recomendadas: a humildade e a utilidade.

[1] Nunca houve um exemplo de humildade e condescendência como houve na vida de Cristo, que não veio para "ser servido, mas para servir". Quando o Filho de Deus entrou no mundo – o Embaixador de Deus para os filhos dos homens –, alguém poderia pensar que Ele deveria ser servido, que deveria ter se apresentado em um aparato que estivesse de acordo com a sua pessoa e caráter; mas Ele não fez isso; Ele não agiu como uma celebridade, Ele não teve nenhum séqüito pomposo de servos de Estado para servi-lo, nem se vestiu em túnicas de honra, porque tomou sobre si a "forma de servo". Ele, na verdade, viveu como um homem pobre, e isto fez parte da sua humilhação. Houve pessoas que o serviram com as "suas fazendas" (Lc 8.2,3); mas Ele nunca foi servido como um grande homem. Ele nunca tomou a pompa sobre

si, não foi servido em mesas, como um dos grandes deste mundo. Jesus, certa vez, lavou os pés dos seus discípulos, mas nunca lemos que eles tenham lavado os pés dele. Ele veio para ajudar a todos quantos estivessem em aflição. Ele se fez servo para os doentes e debilitados; estava pronto para atender aos seus pedidos como qualquer servo estaria pronto para atender à ordem do seu senhor, e se esforçou muito para servi-los. O Senhor Jesus serviu continuamente visando este fim, negando a si até mesmo o alimento e o descanso para cumprir essa tarefa.

[2] Nunca houve um exemplo de beneficência e utilidade como houve na morte de Cristo, que “deu a sua vida em resgate de muitos”. Ele viveu como um servo, e fez o bem; mas morreu como um sacrifício, e com isso Ele fez o maior bem de todos. Ele entrou no mundo com o propósito de dar a sua vida em resgate; isto estava primeiro em sua intenção. Os aspirantes a príncipes dos gentios fizeram da vida de muitos um resgate para a sua própria honra, e talvez um sacrifício para a sua própria diversão. Cristo não age assim; o sangue daqueles que lhe são sujeitos é precioso para Ele, e Ele não é pródigo nisso (Sl 72.14); mas, ao contrário, Ele dá a sua honra e a sua vida como resgate pelos seus súditos. Note, em primeiro lugar, que Jesus Cristo sacrificou a sua vida como um resgate. A nossa vida perdeu o direito nas mãos da justiça divina por causa do pecado. Cristo, entregando a sua vida, fez a expiação pelo pecado, e assim nos resgatou. Ele foi feito “pecado” e uma “maldição” por nós, e morreu, não só para o nosso bem, mas “em nosso lugar” (At 20.28; 1 Pe 1.18,19). Em segundo lugar, foi um resgate por muitos. Ele foi suficiente para todos, mas eficaz para muitos; e se foi eficaz para muitos, então diz a pobre alma duvidosa: “Por que não por mim?” Foi por muitos, para que por ele muitos pudessem ser feitos justos. Esses muitos eram a sua semente, pela qual a sua alma sofreu (Is 53.10,11). “De muitos”, assim eles serão quando forem reunidos, embora parecessem então um pequeno rebanho.

Então esse é um bom motivo para não disputarmos a precedência, porque a cruz é a nossa bandeira, e a morte do nosso Senhor é a nossa vida. Esse é um bom motivo para pensarmos em fazer o bem, e, em consideração ao amor de Cristo ao morrer por nós, não hesitarmos em “sacrificar as nossas vidas pelos irmãos” (1 Jo 3.16). Os ministros devem estar mais ansiosos do que os outros para servir e sofrer pelo bem das almas, como o bendito apóstolo Paulo estava (At 20.24; Fp 2.17). Quanto mais interessados, favorecidos e próximos

estivermos da humildade e da humilhação de Cristo, mais prontos e cuidadosos estaremos para imitá-las.

A Vista É Dada aos Cegos

vv. 29-34

Temos aqui um relato da cura de dois mendigos pobres e cegos, no qual podemos observar:

I A palavra deles a Cristo (vv. 29,30). E nisso:

1. As circunstâncias do evento devem ser observadas. Ele ocorreu quando Cristo e seus discípulos partiram de Jericó; daquele lugar devotado, que foi reconstruído sob uma maldição, Cristo se despediu com essa bênção, porque Ele recebeu dons até mesmo para os rebeldes. Foi na presença de uma grande multidão que o seguia. Cristo tinha um público numeroso, mas sem pompa, e fazia o bem para eles, embora não tomasse para si qualquer pompa. Nessa multidão que o seguia por pão, alguns por amor, outros por curiosidade, e alguns na expectativa de seu reino temporal (algo com que os próprios discípulos sonhavam), poucos tinham o desejo de serem ensinados sobre as suas obrigações. No entanto, por amor a esses poucos, Ele confirmou a sua doutrina através de milagres operados na presença de grandes multidões, que, se não fossem convencidas por eles, seriam as mais indesculpáveis. Dois homens cegos recorreram ao Senhor com um pedido; porque a oração conjunta é agradável a Cristo (cap. 18.19). Esses, que sofriam juntos, fizeram a sua petição juntos; sendo companheiros na mesma tribulação, eles se tornaram parceiros na mesma súplica. Bom é para aqueles que estão lutando sob a mesma calamidade, ou enfermidade do corpo ou da mente, unirem-se na mesma oração a Deus por alívio, para que possam reanimar a devoção um do outro, e encorajar a fé um do outro. Há misericórdia suficiente em Cristo para todos os suplicantes. Esses cegos estavam assentados “junto do caminho”, como os mendigos cegos costumavam fazer. Note que aqueles que desejam receber a misericórdia de Cristo devem se colocar na presença de Cristo, pois é ali que Ele se manifesta àqueles que o buscam. É bom, portanto, abordar a Cristo, colocando-nos em seu caminho.

“Eles ouviram que Jesus passava”. Embora fossem cegos, eles não eram surdos. Ver e ouvir são os sentidos do aprendizado. É uma grande calamidade não ter nenhum deles; mas o defeito de um pode ser, e freqüentemente é, compensado pela sensibilidade e perspicácia do outro; portanto, tem sido observado por alguns como um caso da bondade da Providência, o fato de que não se sabe de ninguém que tenha nascido cego e surdo; mas que, de um modo ou de outro, todos são capazes de receber conhecimento. Esses cegos tinham ouvido falar de Cristo pela audição, mas desejavam que os seus olhos pudessem vê-lo. Quando eles “ouviram que Jesus passava”, não fizeram mais perguntas como, por exemplo, quem estava com Ele, ou se Ele estava com pressa, mas imediatamente clamaram. É bom aproveitar a oportunidade presente, fazer o melhor daquilo que se tem agora em mãos, porque, se deixarmos que algo escape uma vez, tal benefício pode jamais voltar; esses cegos fizeram assim, e o fizeram de forma sábia; porque não encontramos em nenhuma passagem que Jesus tenha, alguma vez, retornado a Jericó. “Hoje é o dia aceitável”.

2. O clamor em si é mais observável: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós”, e é repetido novamente (v. 31). Quatro coisas nos são recomendadas como um exemplo nesse texto; porque, embora os olhos do corpo estivessem na escuridão, os olhos da mente estavam iluminados com respeito à verdade, ao dever e ao interesse.

(1) Aqui está um exemplo de importunação em oração. Eles clamaram como homens sinceros; homens necessitados são sinceros, naturalmente. Desejos frios só atraem a rejeição. Aqueles que desejam prevalecer em oração, devem se esforçar para se firmar em Deus através da obediência. Quando eles foram desencorajados, clamaram mais. A corrente de fervor, se for interrompida, irá aumentar e crescer ainda mais. Essa luta com Deus em oração nos torna mais adequados para recebermos misericórdia; porque quanto maior for o esforço, maior será a recompensa, e será reconhecido com gratidão.

(2) Da humildade em oração. Nesse texto: “Tem misericórdia de nós”, eles não estão especificando o favor, nem descrevendo a necessidade, muito menos pleiteando algum mérito, mas estão se lançando e se submetendo alegremente à misericórdia do Mediador, da maneira que Ele se agrada. “Apenas tem misericórdia.” Eles não pedem prata e ouro, embora fossem pobres, mas misericórdia. É nisso que os nossos corações devem se apoiar

quando nos aproximamos do “trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia” (Hb 4.16; Sl 130.7).

(3) Da fé em oração. No título que eles deram a Cristo, que estava na natureza de um apelo: “Senhor, Filho de Davi”, eles confessam que Jesus Cristo é Senhor, e, portanto, tinha autoridade para ordenar a libertação deles. Certamente foi pelo Espírito Santo que eles chamaram a Cristo de Senhor (1 Co 12.3). Desse modo, eles tomam a sua coragem em oração a partir de seu poder, assim como, ao chamá-lo de Filho de Davi, eles tomam coragem a partir de sua bondade, como Messias, de quem tantas coisas bondosas e ternas foram preditas, particularmente de sua compaixão pelos pobres e necessitados (Sl 72.12,13). É algo excelente, em oração, ver a Cristo na graça e na glória como o Messias, para nos lembrarmos de que Ele é o Filho de Davi, cujo ofício é ajudar e salvar. E assim podemos pleitear com Ele.

(4) Da perseverança em oração, apesar do desencorajamento: “A multidão os repreendia”, como barulhentos, insistentes e impertinentes, e lhes ordenou que se calassem, e que não perturbassem o Mestre, que talvez, a princípio, parecia não se dar conta deles. Ao seguirmos a Cristo com as nossas orações, devemos esperar encontrar obstáculos e múltiplos desencorajamentos de dentro e de fora, uma coisa ou outra que nos exorte a nos calar. Tal repreensão é permitida, para que o fervor, a fé, a paciência e a perseverança possam ser testados. Esses pobres cegos foram repreendidos pela multidão que seguia a Cristo. Aqueles que são sinceros e sérios fazendo os seus pedidos a Cristo, geralmente enfrentam repreensões piores do que aqueles que o seguem com falsa aparência e hipocrisia. Mas eles não seriam afastados; quando buscavam tal misericórdia, não havia tempo para saudações, nem para praticarem uma delicadeza tímida. Não, eles “cada vez clamavam mais”. Os homens devem sempre orar, e não esmorecer; orar com toda a perseverança (Lc 18.1); perseverar em oração de forma resoluta, e não sucumbir à oposição.

II A resposta de Cristo a essa palavra deles. A multidão os repreendeu; mas Cristo os encorajou. Seria triste para nós se o Mestre não fosse mais bondoso e terno do que a multidão; mas Ele ama aprovar com favor especial aqueles que estão sob desaprovações, censuras e desprezos dos homens. Ele não deixará que os seus humildes suplicantes sejam difamados e colocados em situações embaraçosas.

1. E Jesus, parando, “chamou-os” (v. 32). Ele então estava subindo para Jerusalém, e foi pressionado até que a sua obra estivesse realizada; e mesmo assim Ele parou para curar esses cegos. Sempre que estivermos com muita pressa sobre qualquer assunto, devemos estar dispostos a parar para fazer o bem. Jesus chamou-os, não porque não pudesse curá-los à distância, mas porque Ele iria fazê-lo de um modo mais prestativo e instrutivo, e só iria aceitar pacientes e solicitantes, ainda que fracos, dispostos. Cristo não só nos ordena que oremos, mas nos convida a orar. Ele estende o cetro de ouro para nós, e solicita que nos aproximemos para tocá-lo.

2. Ele os interrogou sobre o caso deles: “Que quereis que vos faça?” Isto sugere: (1) Uma oferta muita justa: “Aqui estou eu; deixe-me saber o que você quer, e você o terá.” O que mais desejaríamos? Ele pode fazer tudo por nós, e está igualmente disposto: “Pedi, e dar-se-vos-á”. (2) Uma condição agregada a esta oferta, que é muito fácil e razoável – eles deveriam lhe dizer o que queriam que lhes fizesse. Alguém pode achar estranha essa pergunta, porque qualquer pessoa poderia dizer o que eles queriam. Cristo bem sabia; mas Ele queria que eles lhe dissessem, se eles queriam apenas esmolas, como algo que viesse de uma pessoa comum, ou a cura, como algo que só poderia vir do Messias. Note que esta é a vontade de Deus, que nós, em todas as coisas, tornemos as nossas petições conhecidas a Ele pela oração e súplica; não para informá-lo ou comovê-lo, mas para nos qualificarmos para a misericórdia. O barqueiro, no barco, que com o seu gancho o prende à praia, não puxa a praia para o barco, mas o barco para a praia. Da mesma forma, na oração não atraímos a misericórdia a nós mesmos, mas nos aproximamos da misericórdia.

Eles logo o fizeram saber de seu pedido, como um pedido que eles nunca haviam feito a nenhuma outra pessoa: “Senhor, que os nossos olhos sejam abertos”. As necessidades e as cargas do corpo que logo percebemos, e que prontamente podemos relacionar. *Ubi dolor, ubi digitus – O dedo prontamente aponta para o lugar da dor*. Seria bom se fôssemos tão perceptivos sobre os nossos males espirituais, e se pudéssemos sensivelmente reclamar deles, especialmente da nossa cegueira espiritual! Senhor, que os olhos da nossa mente possam ser abertos! Muitos são espiritualmente cegos, contudo dizem que vêem (Jo 9.41). Se estivéssemos cientes das nossas trevas, logo nos entregaríamos a Ele, o único que pode atender este pedido: “Senhor, que os nossos olhos sejam abertos”.

3. Ele os curou. Quando Jesus os encorajou a buscá-lo, Ele não disse: Buscai-me em vão. O que Ele fez foi um exemplo:

(1) De sua compaixão. Jesus “moveu-se de íntima compaixão”. A infelicidade é o objeto da misericórdia. Aqueles que são pobres e cegos são desgraçados e infelizes (Ap 3.17), e os objetos de compaixão. Foi a terna misericórdia do nosso Deus que deu luz e vista àqueles que estavam em trevas (Lc 1.78,79). Não podemos ajudar aqueles que estão sob tais calamidades, como Cristo ajudou; mas podemos e devemos ter compaixão deles, como Cristo teve, e movermos a nossa alma em direção a eles.

(2) De seu poder. Aquele que formou o olho, não pode curá-lo? Sim, Ele pode, Ele curou, Ele fez isso facilmente, Ele tocou os seus olhos; e Ele o fez de modo eficaz: “Logo viram”. Assim, Ele não só provou que foi enviado por Deus, mas mostrou qual era a sua missão – dar vista àqueles que são espiritualmente cegos, levando-os das trevas para a luz.

Por último, esses cegos, quando receberam a visão, o seguiram. Ninguém segue a Cristo às cegas. Ele primeiramente, por sua graça, abre os olhos dos homens, e então atrai os seus corações a si. Eles seguiram a Cristo como seus discípulos, para aprenderem dele, e como suas testemunhas, testemunhas oculares, para darem o seu testemunho a respeito dele, de seu poder e de sua bondade. A melhor evidência da iluminação espiritual é uma adesão constante e inseparável a Jesus Cristo como o nosso Senhor e Líder.

CAPÍTULO 21

A morte e a ressurreição de Jesus Cristo são as duas dobradiças principais sobre as quais gira a porta da salvação. Ele veio ao mundo com o objetivo de dar a sua vida como resgate; isso Ele havia dito recentemente (cap. 20.28). Portanto, a história dos seus sofrimentos, até à sua morte e ressurreição, é mais amplamente registrada por todos os evangelistas do que qualquer outra parte da sua história, e, para isso, este evangelista então apressa o passo. Pois neste capítulo tem início o que é chamada de Semana da Paixão. Jesus tinha dito mais de uma vez aos seus discípulos: “Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue”. Ele realizou muitas boas obras no caminho, e então finalmente chega a Jerusalém. Aqui Temos: I. A entrada pública de Jesus em Jerusalém, no primeiro dia da Semana da Paixão (vv. 1-11). II. A autoridade que Jesus exerceu ali, na purificação do templo e na expulsão dos cambistas e dos comerciantes (vv.

12-16). III. A figueira estéril e o sermão de Jesus aos seus discípulos sobre isso (vv. 17-22). IV. A justificativa de Jesus da sua própria autoridade, recorrendo ao batismo de João (vv. 23-27). V. A repreensão de Jesus à incredulidade e obstinação dos principais dos sacerdotes e dos anciãos, com o arrependimento dos publicanos, exemplificado pela parábola dos dois filhos (vv. 29-32). VI. A predição de Jesus da destruição da igreja judaica pela sua improdutividade, na parábola da vinha que é entregue aos lavradores ingratos (vv. 33-46).

A Entrada de Cristo em Jerusalém

vv. 1-11

Todos os quatro evangelistas registram essa passagem da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, cinco dias antes da sua morte. A Páscoa ocorria no décimo quarto dia do mês, e esse era o décimo, o dia que a lei indicava, que deveria ser tomado o cordeiro pascoal (Êx 12.3) e consagrado para esse culto. Nesse dia, portanto, Cristo, o nosso Cordeiro, que seria sacrificado por nós, seria exibido publicamente. De modo que esse foi o prelúdio à sua Paixão. Ele havia se hospedado, por algum tempo, em Betânia, uma aldeia não muito distante de Jerusalém; ali, na ceia, na noite anterior, Maria tinha ungido os seus pés (Jo 12.3). Mas, como é usual com os embaixadores, Ele adiou a sua entrada pública até algum tempo depois da sua chegada. O nosso Senhor Jesus viajava muito, e o seu costume era viajar a pé da Galiléia até Jerusalém, algumas dezenas de milhas, o que era, ao mesmo tempo, cansativo e humilhante; além de cansativas, as viagens se davam em meio a muita poeira. Ele passava por todos esses desconfortos quando andava “fazendo o bem”. Como é inconveniente que os cristãos se preocupem com a sua própria comodidade e bem-estar, quando o seu Mestre tinha tão pouco disso! Mas, pelo menos uma vez em sua vida, Ele cavalgou em triunfo; foi quando entrou em Jerusalém para sofrer e morrer, como se aquele fosse o prazer e a satisfação que Ele cortejava; e assim Ele começava a parecer grandioso.

Aqui, temos:

I A provisão que foi feita para essa solenidade; e ela foi muito pobre e simples, e de maneira a evidenciar que o seu reino não era deste mundo. Não houve arautos, nem soou nenhuma trombeta diante dele, nenhum carro

de estado, nenhuma vestimenta de cerimônia; tais coisas não estariam de acordo com a sua situação atual de humilhação, mas seriam completamente superadas na sua segunda vinda, para a qual a sua aparência magnífica está reservada, quando a última trombeta soará, os anjos gloriosos serão seus arautos e servos, e as nuvens, os seus carros. Mas nessa aparição pública:

1. A preparação foi repentina e improvisada. Para a sua glória no outro mundo, e a nossa com Ele, a preparação foi feita antes da fundação do mundo, pois essa era a glória à qual Ele estava ligado. Para a sua glória neste mundo, Ele estava morto, e, portanto, embora a tivesse em perspectiva, Ele não fez previsões relativas a ela, mas quanto ao que viria depois. Eles tinham vindo a Betfagé, que ficava na periferia de Jerusalém, e era considerada (dizem os doutores judeus), em todos os aspectos, como uma rua comprida e esparsa que ficava junto ao Monte das Oliveiras. Quando ali chegou, Ele enviou dois dos seus discípulos – alguns opinam que foram Pedro e João – para lhe conseguirem uma jumenta, pois Ele não tinha nenhum animal preparado para si.

2. Isso era muito simples. Ele mandou buscar somente uma jumenta e o seu jumentinho (v. 2). Os jumentos eram muito usados para as viagens naquela região; somente homens importantes possuíam cavalos, e eram usados para a guerra. Cristo poderia ter convocado um querubim para levá-lo (Sl 18.10), mas, embora pelo “seu nome Jeová”, que diz que Ele é Deus, Ele cavalgue as nuvens, pelo seu nome Jesus, “Emanuel, Deus conosco”, nessa condição de humilhação, Ele cavalga uma jumenta. Alguns opinam que Ele fazia referência, aqui, ao costume em Israel, de que os juízes cavalgassem jumentas brancas (Jz 5.10), e os seus filhos, jumentos (Jz 12.14). E Cristo, dessa forma, entrou, não como um Conquistador, mas como o Juiz de Israel, que veio a este mundo para julgar.

3. O animal não era de Jesus, mas emprestado. Embora Ele não tivesse uma casa própria, poderia se pensar que Ele fosse como alguns viajantes que se hospedavam com os seus amigos; assim Ele poderia ter tido uma jumenta, para levá-lo de um lugar a outro; mas, por amor de nós, Ele “se fez pobre” (2 Co 8.9). Diz-se normalmente que “os que vivem de coisas emprestadas, vivem na dor”; nesse aspecto, portanto, assim como em outras coisas, Cristo era um “homem de dores”, pois Ele não tinha nada dos bens deste mundo, exceto o que lhe era dado ou emprestado.

Os discípulos que foram enviados para tomar emprestada uma jumenta para Jesus foram instruídos a dizer: “O Senhor precisa deles”. Aqueles que estão em necessidade não devem se envergonhar da sua própria necessidade, nem dizer, como o mordomo injusto: “De mendigar tenho vergonha” (Lc 16.3). Por outro lado, ninguém deve explorar a generosidade de seus amigos, indo implorar ou tomar emprestado se não tiver necessidade. No empréstimo dessa jumenta:

(1) Nós temos um exemplo do conhecimento de Cristo. Embora a situação fosse completamente casual, ainda assim Cristo podia dizer aos seus discípulos onde poderiam encontrar uma jumenta presa e um jumentinho com ela. A sua onisciência se estende até a menor das suas criaturas, jumentas e os seus jumentinhos, e o fato de estarem soltos ou presos. “Tem Deus cuidado dos bois?” (1 Co 9.9). Sem dúvida, Ele cuida, e não pôde ver a jumenta de Balaão espancada. Ele conhece todas as criaturas, e elas servem aos seus propósitos.

(2) Nós temos um exemplo do seu poder sobre os espíritos dos homens. Os corações dos menores súditos, assim como os dos reis, estão na mão do Senhor. Cristo afirma o seu direito de usar a jumenta, pedindo aos discípulos que a tragam a Ele; toda a terra é do Senhor. Mas Ele prevê algum obstáculo que os discípulos poderão encontrar nesse serviço; eles não devem reivindicar os animais *et secreto – secretamente*, mas à vista do proprietário; tampouco devem fazê-lo *vi et armis – pela força e com armas*, mas com o consentimento do proprietário, pois Ele se responsabiliza pelo que eles vão tomar emprestado: “Se alguém vos disser alguma coisa, direis que o Senhor precisa deles”. O Senhor Jesus Cristo nos ajudará em todas as coisas que Ele nos designar a fazer. Ele também nos equipará com as respostas às objeções a que poderemos estar repentinamente sujeitos, fazendo-nos prevalecer, como ocorreu, por exemplo, nesse episódio: “E logo os enviará”. Cristo, ao solicitar a jumenta para o seu serviço, mostrou que Ele é o Senhor dos exércitos; e, para o influenciar o proprietário a lhe enviar o animal sem maiores garantias, mostrou que Ele é o “Deus dos espíritos de toda carne”, e que pode fazer com que os corações dos homens se curvem.

(3) Aqui temos um exemplo de justiça e honestidade. O Senhor Jesus não usou a jumenta sem o consentimento do dono, ainda que ela lhe fosse prestar um serviço tão pequeno, como cavalgar por uma rua ou duas. Segundo a interpretação de alguns, a sentença final nos dá uma regra de justiça: “Direis

que o Senhor precisa deles; e logo os enviará” (isto é, o Senhor os enviará), “e cuidará para que eles sejam entregues em segurança ao proprietário, assim que acabar de usá-los”. Observe que aquilo que emprestamos, nós precisamos devolver no devido tempo, e em boas condições, pois “o ímpio toma emprestado e não paga”. Devemos tomar cuidado com as coisas emprestadas, para que elas não sejam danificadas. “Ai! Meu senhor! Porque era emprestado.”

II A predição que foi cumprida (vv. 4,5). O nosso Senhor Jesus, em tudo o que fez e sofreu, tinha em vista o cumprimento do que havia sido dito nas Escrituras: “Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta”. Assim como os profetas esperavam ansiosamente por Ele (todos deram testemunho dele), também Ele os levava em consideração, para que todas as coisas que tinham sido escritas sobre o Messias pudessem se cumprir nele com exatidão. Isto se refere, particularmente, ao que foi escrito sobre Ele (Zc 9.9), onde se inicia uma grande pregação do reino do Messias: “Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem”. Tudo isso deveria se cumprir. Considere aqui:

1. Como é predita a vinda de Cristo: “Dizei à filha de Sião” – a igreja, o monte santo –: “Eis que o teu Rei aí te vem”. Observe: (1) Jesus Cristo é o Rei da igreja, um dos nossos irmãos, igual a nós, de acordo com a lei do reino (Dt 17.15). Ele é ungido Rei sobre a igreja (Sl 2.6). Ele é aceito como Rei pela igreja; a filha de Sião jura lealdade a Ele (Os 1.11). (2) Cristo, o Rei da sua igreja, veio à sua igreja, mesmo neste mundo inferior; Ele vem a vocês, para governá-los, para incluí-los, para reinar por vocês; Ele é a “cabeça da igreja”, constituído acima de todas as coisas. Ele viria de Sião (Rm 11.26), para que a lei pudesse sair de Sião. Pois a igreja e os seus interesses estavam concentrados no Redentor. (3) A igreja foi avisada de antemão sobre a vinda do seu rei: “Dizei à filha de Sião”. Observe que a vinda de Cristo seria esperada ansiosamente, e os seus súditos estariam cheios de expectativas sobre ela: “Dizei às filhas de Sião”, que elas podem sair e contemplar o rei Salomão (Ct 3.11). As notícias da vinda de Cristo normalmente são introduzidas com um “Eis que”. Uma observação que implica tanto em atenção como em admiração: “Eis que o teu Rei aí te vem”; contemplem-no, e maravilhem-se com Ele, contemplem-no, e lhe dêem as boas-vindas. Existe um progresso real verdadeiramente admirável. Pilatos, da mesma maneira como Caifás, disse o que não sabia, naquela incrível frase (Jo 19.14): “Eis

aqui o vosso Rei".

2. Como a sua vinda é descrita. Quando um rei vem, alguma coisa grande e magnífica é esperada, especialmente quando ele vem para tomar posse do seu reino. O Rei, o Senhor dos exércitos, tinha sido visto "sobre um alto e sublime trono" (Is 6.1); mas não há nada parecido com isso, aqui: "Eis que o teu Rei aí te vem, humilde e assentado sobre uma jumenta". Quando se diz que Cristo deveria aparecer na sua glória, trata-se de sua humildade, e não de sua majestade.

(1) O seu temperamento é muito manso. Ele não vem com ira, para vingar-se, mas com misericórdia, para realizar a salvação. Ele vem humilde para sofrer as maiores injustiças e indignidades pela causa de Sião, humilde para ser tolerante com as tolices e a crueldade dos próprios filhos de Sião. É fácil ir até Ele e implorar algo a Ele. Ele é humilde não somente como um mestre, mas também como um governante; Ele governa pelo amor. O seu governo é humilde e gentil, e as suas leis não estão escritas com o sangue dos seus súditos, mas com o seu próprio sangue. O seu jugo é suave.

(2) Como prova disso, a sua aparência é muito humilde. Ele vem assentado sobre uma jumenta, como alguém que não visa o poder, mas que visa servir; alguém que não veio para as batalhas, mas para as cargas; lento nos movimentos, mas seguro, leal e fiel. A predição de tudo isso, havia tanto tempo, e o cuidado tomado para que tudo se cumprisse com exatidão sugerem que isso tem um significado peculiar: incentivar as pobres almas a procurarem a Cristo. O Rei de Sião vem montado, não em um cavalo arrogante, de quem aquele peticionário temeroso não ousa se aproximar, nem de um cavalo de corrida, que aquele peticionário de passos lentos não consegue acompanhar, mas sim em uma tranqüila jumenta, para que os mais pobres dos seus súditos não percam a coragem de procurá-lo. Aqui faz-se menção à profecia de um jumentinho, um filhote de jumento; e por isso Cristo mandou pedir o jumentinho com a jumenta, para que as Escrituras se cumprissem.

III A procissão em si (que era resultante da preparação) era tanto destituída de pompa mundana quanto acompanhada por um poder espiritual.

Considere: 1. A sua cavalgadura. Os discípulos fizeram "como Jesus lhes ordenara" (v. 6). Eles foram buscar a jumenta e o jumentinho, não duvidando de que os encontrariam, mas para encontrá-los, e para encontrar o

proprietário disposto a emprestá-los. As ordens de Cristo não devem ser discutidas, mas obedecidas; e aqueles que as obedecem com sinceridade, não terão obstáculos em fazê-lo, nem se frustrarão. Eles “trouxeram a jumenta e o jumentinho”. A humildade e a insignificância dos animais que Cristo cavalgou foram sobrepujadas pela riqueza dos seus adornos; mas isso era, como todo o resto, o que havia à mão. Eles não tinham uma sela para a jumenta, mas os discípulos puseram algumas roupas sobre ela, e isso serviu, na falta de acomodações melhores. Nós não devemos ser agradáveis, ou curiosos, nem fingir quanto às aparências externas. Uma indiferença ou uma negligência sagrada nos é bastante conveniente nesses aspectos: isto evidenciará que o nosso coração não está preocupado com isso, e que nós aprendemos a regra do apóstolo (Rm 12.16), de nos acomodarmos às coisas humildes. Qualquer colaboração, mesmo que pequena, serve aos viajantes; e existe uma certa beleza em algum grau de indiferença, uma nobre negligência. Ainda assim, os discípulos dotaram o Senhor do melhor de que dispunham, e não fizeram nenhuma objeção ao confisco das suas roupas, quando o Senhor precisou delas. Observe que não devemos julgar as nossas roupas como sendo valiosas demais para separar-nos delas, dedicando-as ao serviço de Cristo, para que sejam as roupas dos seus membros pobres, necessitados e aflitos. “Estava nu, e vestistes-me” (cap. 25.36). Cristo se despiu por nós.

2. A sua comitiva. Não havia nada que fosse suntuoso ou magnífico. O Rei de Sião viria a Sião, e a filha de Sião sabia disso havia muito tempo; ainda assim, Ele não foi recebido pelos nobres da região, nem pelos magistrados da cidade, com as suas formalidades, como seria de se esperar. Ele deveria ter recebido as chaves da cidade, e deveria ter sido conduzido, com todo o conforto possível, para o trono do julgamento, o trono da casa de Davi; mas não aconteceu nada disso. Ainda assim, Ele teve a sua comitiva, uma multidão verdadeiramente grande. Apenas as pessoas comuns, o povo (que alguns poderiam chamar de ralé, ou populacho), honrou a solenidade do triunfo de Cristo, e ninguém além deles. Mais tarde, os principais dos sacerdotes e os anciãos se uniram à multidão que o maltratou na cruz; mas nós não vemos nenhum deles acompanhando a multidão que o honrou. “Vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis” (1 Co 1.26,28). Observe que Cristo é honrado mais

pela multidão do que pela magnificência dos seus seguidores, pois Ele valoriza os homens pelas suas almas, não por seus cargos, nomes ou títulos honoríficos.

A respeito dessa grande multidão, nos é dito:

(1) O que ela fez. Segundo o máximo da sua capacidade, ela se esforçou para honrar a Cristo. [1] “Muitíssima gente estendia as suas vestes pelo caminho”, para que Ele pudesse passar sobre elas. Quando Jeú foi proclamado rei, os capitães puseram suas vestes sob os pés dele, como prova da sua submissão ao rei. Observe que aqueles que aceitam a Cristo como seu Rei, precisam colocar tudo o que têm sob os seus pés: as roupas, como prova da sinceridade; pois quando Cristo vem, embora não quando qualquer outra pessoa venha, deve-se dizer à alma: Abaixe-se, para que Ele possa passar por cima de ti. Alguns interpretam que essas vestes tenham sido espalhadas, não no chão, mas sobre as cercas ou muros, para adornar as estradas; da mesma maneira como, para embelezar uma cavalgada, as sacadas são adornadas com tapeçarias. Isso era apenas uma pequena cerimônia, mas Cristo aceitou a boa vontade do povo; e nós aprendemos, dessa maneira, a planejar como dar as boas-vindas a Cristo e à sua graça, a Cristo e ao seu Evangelho, em nossos corações e em nossas casas. Como podemos expressar o nosso apreço a Cristo? Que honra e que dignidade devem ser oferecidas a Ele? [2] “Outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho”, como costumavam fazer na Festa dos Tabernáculos, como símbolo de liberdade, vitória e alegria; pois o mistério dessa festa é particularmente dito como pertencendo ao período do Evangelho (Zc 14.16).

(2) O que ela dizia: “Tanto as que iam adiante como as que o seguiam, clamavam, dizendo: Hosana ao Filho de Davi!” (v. 9). Quando carregavam ramos na Festa dos Tabernáculos, eles estavam acostumados a gritar Hosana, e, conseqüentemente, a chamar os seus ramos de seus hosanas. Hosana significa: “Salva, Senhor, nós te pedimos”, uma referência ao Salmo 118.25,26, onde o Messias é profetizado como Cabeça de esquina, embora os edificadores o rejeitassem; e todos os seus súditos leais entram triunfando com Ele, e acompanhando-o com desejos sinceros de prosperidade em todas as suas obras. Hosana ao Filho de Davi significa: “Nós fazemos isto em honra ao Filho de Davi”.

As hosanas com que Cristo foi saudado indicam duas coisas:

[1] Que estão dando as boas-vindas ao seu reino. Hosana significa a mesma coisa que “Bendito o que vem em nome do Senhor!”. Tinha sido predito, a respeito do Filho de Davi, que “todas as nações lhe chamarão bem-aventurado” (Sl 72.17). Esses começaram, e todos os verdadeiros crentes de todas as épocas concordam com isso e o chamam bem-aventurado; essa é a autêntica linguagem da fé. Observe, em primeiro lugar, que Jesus Cristo “vem em nome do Senhor”. Ele é santificado e enviado ao mundo como Mediador; “a este o Pai, Deus, o selou”. Em segundo lugar, a vinda de Cristo em nome do Senhor é merecedora de toda a aceitação. E nós todos devemos dizer: “Bendito o que vem”, para louvá-lo, e para termos prazer nele. Que a sua vinda em nome do Senhor seja mencionada com grande amor, para o nosso consolo, e com aclamação de alegria, para a sua glória. Nós podemos dizer: “Ele é bendito”, pois é nele que somos bem-aventurados. Podemos muito bem segui-lo com o melhor que tivermos, pois o Senhor virá ao nosso encontro com o melhor que Ele possui.

[2] Que estão desejando o melhor para o seu reino. Isto estava sugerido nos brados de Hosana, que eram um fervoroso desejo de que Ele tivesse prosperidade e sucesso, e que o seu reino pudesse ser um reino vitorioso: “Que este reino receba prosperidade agora”. Se eles o entendiam como um reino temporal, e tinham os seus corações voltados para um reino temporal, estavam enganados; o tempo se encarregaria de corrigir esse erro. No entanto, a sua boa vontade foi aceita. Observe que é nosso dever desejar e orar fervorosamente pela prosperidade e pelo sucesso do reino de Cristo no mundo. Assim, “continuamente se fará por ele oração, e todos os dias o bendirão” (Sl 72.15), para que toda a felicidade possa atender os seus interesses no mundo, e que, embora Ele possa estar montado em uma jumenta, ainda assim, na sua majestade, possa “cavalgar prosperamente pela causa da mansidão” (Sl 45.4). Isto é o que queremos dizer quando oramos: “Venha o teu reino”. Eles acrescentaram: “Hosana nas alturas!” Que o mais elevado grau de prosperidade o acompanhe, que Ele tenha um nome acima de todos os outros, um trono acima de todos os tronos. Ou: Que o louvemos da melhor maneira, para que a sua igreja ascenda ao céu, às alturas mais elevadas, e dali traga paz e salvação (veja Sl 20.6). “O Senhor salva o seu ungido; ele o ouvirá desde o seu santo céu”.

3. Aqui temos a recepção de Jesus em Jerusalém (v. 10): “Entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou”. Todos tomaram conhecimento dele;

alguns ficaram maravilhados pela novidade daquela situação, enquanto outros zombaram da sua humildade. Talvez alguns, que esperavam a "Consolação de Israel", tenham se sentido motivados pela alegria; outros, da classe farisaica, motivados pela inveja e pela indignação. Assim, vários são os impulsos nas mentes dos homens, diante da chegada do Reino de Deus!

A respeito dessa comoção, sabemos:

(1) O que disseram os cidadãos: "Quem é este?" [1] Aparentemente, eles eram ignorantes a respeito de Cristo. Embora Ele fosse a Glória do seu povo, Israel, ainda assim Israel não o conheceu. Embora Ele tivesse se distinguido pelos muitos milagres que realizou entre eles, ainda assim as filhas de Jerusalém não o diferenciam de outro amado (Ct 5.9). O Santo, desconhecido na cidade santa! Em lugares onde a luz mais clara resplandece, e se faz a maior profissão de religião, pode haver mais ignorância do que nos locais que ainda não receberam o privilégio de ter a presença de Deus. [2] Mas eles queriam informações sobre Ele. Quem é este, que recebe esta aclamação, e vem chamando tanta atenção? "Quem é este Rei de glória", cuja maior exigência é ser recebido em nossos corações? (Sl 24.8; Is 63.1).

(2) Como as multidões responderam a essas perguntas: "Este é Jesus" (v. 11). As multidões estavam mais familiarizadas com Cristo do que as pessoas importantes. *Vox Populi – A voz do povo*, algumas vezes é *Vox Dei – A voz de Deus*. Na descrição que fazem dele: [1] Eles estavam certos em chamá-lo de "Profeta", aquele "grande Profeta". Até aqui, Ele era conhecido como um Profeta, ensinando e realizando milagres; agora eles o consideravam como Rei. O trabalho sacerdotal de Cristo foi, dentre os três, o último a ser descoberto. [2] Mas, ainda assim, eles se enganaram ao dizer que Ele era "de Nazaré"; e isto ajudou a confirmar alguns nos preconceitos que tinham contra Ele. Observe que alguns que estão dispostos a honrar a Cristo e a testificar a respeito dele, ainda assim trabalham tendo em si mesmos alguns erros a seu respeito, o que poderia ser corrigido se eles se esforçassem para obter a informação certa.

Os Profanadores do Templo São Castigados

vv. 12-17

Quando Cristo veio a Jerusalém, Ele não subiu à corte ou ao palácio, embora entrasse como um rei, mas foi ao "templo". Pois o seu reino é

espiritual, e “não é deste mundo”; é nas coisas santas que Ele governa, e é no templo de Deus que Ele exerce autoridade. O que Ele fez ali?

I Ele expulsou os que vendiam e compravam no Templo. Os abusos devem, antes de mais nada, ser extirpados, e as plantas que não pertencem à plantação de Deus precisam ser desarraigadas, antes de se poder estabelecer o que é correto. O grande Redentor aparece como um grande Reformista, que afasta a impiedade e a depravação (Rm 11.26). Aqui vemos:

1. O que Ele fez (v. 12): Ele “expulsou todos os que vendiam e compravam no templo”. Ele já tinha feito isso antes (Jo 2.14,15), mas surgiu a oportunidade de fazê-lo outra vez. Observe que os compradores e vendedores que foram expulsos do Templo irão retornar e se fixar ali novamente, se não houver um cuidado e uma supervisão contínuos para evitar isso, e se essa atitude de vigilância não for seguida e freqüentemente repetida.

(1) O abuso consistia de comprar, vender e trocar dinheiro no Templo. Observe que as coisas lícitas, na ocasião e no lugar errados, podem se tornar coisas ilícitas. Aquilo que era suficientemente decente em outro lugar, e não apenas lícito, mas elogiável, em outra ocasião e lugar contamina o santuário e profana o sábado. Essas atividades de comprar, vender e trocar dinheiro, embora fossem empregos seculares, ainda tinham a desculpa de serem *in ordine ad spiritualia – para fins espirituais*. Eles vendiam animais para sacrifício, para a conveniência daqueles que tinham mais facilidade para trazer o seu dinheiro do que os seus animais. Eles também trocavam dinheiro para aqueles que queriam o meio siclo, que era o seu imposto anual, ou o dinheiro de redenção. É possível que eles incluíssem esse imposto anual nas despesas dos viajantes, de modo que isso pudesse passar por um negócio externo à casa de Deus; mas Cristo não permitiria esse procedimento. Grandes corrupções e abusos sobrevêm à igreja pelas práticas daqueles que obtêm os seus ganhos através da piedade, ou seja, das práticas daqueles que fazem dos ganhos deste mundo o objetivo da sua santidade, e fazem da falsa santidade a sua maneira de obter ganhos mundanos (1 Tm 6.5): “Aparta-te dos tais”.

(2) A purgação desse abuso. Cristo “expulsou todos os que vendiam e compravam no templo”. Ele fez isso com “um azorrague de cordéis” (Jo 2.15); mas Ele também o fez com um olhar, com uma expressão severa, com uma palavra de ordem. Alguns opinam que esse foi o menor dos milagres de

Cristo, pelo fato de Ele mesmo ter limpado o Templo, e não ter recebido a oposição daqueles que com essas atividades ganhavam a vida, e para isso contavam com o apoio dos sacerdotes e dos anciãos. Esse é um exemplo do seu poder sobre o espírito dos homens, e do controle que Ele tem sobre eles, sobre as suas próprias consciências. Esse foi o único ato de autoridade real e de poder coercivo que Cristo realizou nos dias da sua carne. Ele iniciou assim (Jo 2), e assim concluiu. Diz a tradição que o seu rosto resplandecia e raios de luz eram lançados dos seus benditos olhos, o que assombrou essas pessoas do mercado, e as obrigou a render-se ao seu comando. Se foi assim, as Escrituras se cumpriram (Pv 20.8): "Assentando-se o rei no trono do juízo, com os seus olhos dissipa todo mal". Ele "derribou as mesas dos cambistas". Ele não apanhou o dinheiro para si, mas o espalhou, atirando-o ao chão, que era o melhor lugar para ele. Os judeus, na época de Ester, não estenderam a sua mão ao despojo (Et 9.10).

2. O que Jesus disse, para se justificar e para condená-los (v. 13): "Está escrito". Observe que, na reforma da igreja, devemos prestar atenção às Escrituras, que devem ser aceitas como a regra, o padrão que foi dado no monte; e não devemos ir além da seguinte expressão, para podermos nos justificar: "Está escrito". A reforma estará no curso certo quando o cerimonial corruptível for reduzido à sua instituição fundamental.

(1) Ele mostra, com a citação de uma profecia das Escrituras, o que o Templo deveria ser, e o seu propósito: "A minha casa será chamada casa de oração", uma citação de Isaías 56.7. Observe que todas as instituições cerimoniais deveriam ser subservientes às obrigações morais. A casa de sacrifícios deveria ser uma casa de oração, pois essa era a essência e a alma de todos os serviços. O templo era, de uma maneira especial, santificado para ser uma casa de oração, pois ele não apenas era o lugar para a adoração, mas o seu meio, de modo que as orações feitas naquela casa, ou voltadas a ela, tinham uma promessa de aceitação especial (2 Cr 6.21), como sendo uma tipificação de Cristo. Por isso Daniel olhava naquela direção em oração; e, nesse sentido, nenhuma casa, ou nenhum lugar, é, agora, e nem pode ser, uma casa de oração, pois Cristo é o nosso templo; mas, de alguma maneira, os lugares indicados para as nossas reuniões religiosas podem ser chamados de "lugares de oração" (At 16.13).

(2) Jesus mostra, com uma repreensão das Escrituras, como eles tinham usado mal o Templo, e tinham corrompido o seu objetivo. "Vós a tendes

convertido em covil de ladrões” – uma citação de Jeremias 7.11: “É, pois, esta casa, que se chama pelo meu nome, uma caverna de salteadores aos vossos olhos?” Quando a piedade dissimulada se torna o manto e o disfarce da iniqüidade, pode-se dizer que a casa de oração se torna um covil de ladrões, onde estes espreitam e se escondem. Os mercados freqüentemente são covis de ladrões, tantos são os costumes corruptos e as trapaças que existem na compra e venda; mas os mercados no templo certamente o são, pois os que roubam de Deus a sua honra são os piores ladrões (Ml 3.8). Os sacerdotes viviam, e com abundância, do altar; mas, não satisfeitos com isso, encontraram outras maneiras e outros métodos para extrair dinheiro das pessoas; e por isso aqui Cristo os chama de ladrões, pois eles extorquiam o que não lhes pertencia.

II Ali, no Templo, Ele curou os cegos e os coxos (v. 14). Quando havia expulsado do Templo os que compravam e vendiam, Ele convidou os cegos e os coxos a entrar nele, pois Ele “enche de bens os famintos, mas despede vazios os ricos”. Cristo, no seu Templo, com as suas palavras ali pregadas, e em resposta às orações ali feitas, cura aqueles que são espiritualmente, e também fisicamente, cegos ou coxos. É bom ir ao Templo quando Cristo está ali, Ele que, ao mostrar-se zeloso pela honra do seu Templo, ao expulsar aqueles que o profanam, também se mostra gracioso com aqueles que o buscam humildemente. Os cegos e os coxos foram impedidos de entrar no palácio de Davi (2 Sm 5.8), mas foram admitidos na casa de Deus, pois a pompa e a honra do seu Templo não está naquelas coisas de que, supostamente, consiste a magnificência dos palácios dos príncipes. Dos palácios, os cegos e os coxos devem manter distância, mas do Templo de Deus, somente os ímpios e os profanos. O Templo foi profanado e mal utilizado ao ser transformado em mercado, mas recebeu graça e honra quando foi transformado em hospital; fazer o bem na casa de Deus é mais honroso e mais conveniente do que ter algum lucro financeiro ali. A cura de Cristo foi uma resposta verdadeira à pergunta: “Quem é este?” As obras de Jesus testificam mais dele do que as hosanas; e as curas realizadas por Ele, no Templo, foram o cumprimento de uma promessa das Escrituras: “A glória desta última casa será maior do que a da primeira”.

Ali também Ele calou as queixas que os principais dos sacerdotes e os escribas fizeram quanto à aclamação com que Ele foi saudado (vv. 15,16).

Aqueles que deveriam ter sido os mais dispostos a honrar Jesus, eram os seus piores inimigos.

1. Eles estavam intimamente irritados com as obras maravilhosas que Ele fazia. Eles não podiam negar que se tratavam de verdadeiros milagres, e por isso foram francos em sua indignação, como em Atos 4.16; 5.33. As obras que Cristo fazia testemunhavam à consciência de todos os homens. Se eles tivessem algum bom senso, não deixariam de admitir o quanto eram milagrosas; e se tivessem alguma boa natureza, não poderiam deixar de louvar a sua misericórdia; mas, como estavam decididos a se oporem a Ele, por causa dessas obras, eles o invejaram e se indignaram contra Ele.

2. Eles questionaram abertamente as hosanas que os meninos clamavam no Templo. Eles pensavam que essa honra dada a Ele fosse uma honra que não lhe pertencia, e que parecia ostentação. Os homens orgulhosos não podem suportar que qualquer pessoa, além deles mesmos, receba honra, e ficam inquietos apenas com os elogios justos a homens que os merecem. Assim, Saul invejou Davi devido aos cânticos das mulheres; e "quem parará perante a inveja?" Quando Cristo é mais honrado, os seus inimigos ficam mais profundamente insatisfeitos.

Recentemente, vimos Cristo preferindo os cegos e os coxos aos compradores e aos vendedores; aqui, nós o vemos (v. 16) tomando o partido das crianças, contra os sacerdotes e os escribas.

Observe que: (1) As crianças estavam no Templo, talvez brincando. Não é de admirar, quando os administradores fazem dele um "mercado", que as crianças façam dele um lugar de entretenimento; mas nós preferimos pensar que muitas delas estivessem adorando ali. Observe que é bom levar as crianças desde cedo à casa de oração, pois delas é o Reino dos céus. Devemos ensinar as crianças a acompanhar os costumes da santidade, pois isso será útil para conduzi-las ao poder da santificação. Cristo tem ternura pelas ovelhas do seu rebanho.

(2) Elas clamavam "Hosana ao Filho de Davi". Elas tinham aprendido isso com os adultos. As crianças dizem e fazem aquilo que ouvem os outros dizerem, e vêem os outros fazerem; elas imitam com muita facilidade, e por isso deve-se tomar muito cuidado, para dar-lhes bons exemplos, e não maus. *Maxima debetur puero reverentia – O nosso relacionamento com as crianças deve ser conduzido com extremo cuidado.* As crianças irão aprender com aqueles que convivem com elas, seja amaldiçoar e praguejar, seja orar e

louvar. Os judeus, desde cedo, ensinavam os seus filhos a carregar ramos na Festa dos Tabernáculos, e a cantar Hosana; mas Deus os ensina a aplicar isso a Cristo. Observe que a expressão de louvor “Hosana ao Filho de Davi” é muito adequada às bocas das criancinhas, que devem aprender, desde jovens, a linguagem de Canaã.

(3) O nosso Senhor Jesus não somente permitiu, mas ficou muito satisfeito com a aclamação, e citou uma passagem das Escrituras que se cumpria nesse momento (Sl 8.2), e que era adequada: “Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor?”. Alguns acreditam que esta citação seja uma referência às crianças se unindo às aclamações do povo, e aos cânticos das mulheres com que Davi foi honrado quando voltou do massacre dos filisteus, e por isso é muito adequadamente aplicados aqui às hosanas com as quais era saudado o Filho de Davi, agora que estava iniciando o seu conflito com Satanás, aquele Golias. Considere que: [1] Cristo está tão longe de se sentir embaraçado com a adoração das criancinhas, que Ele as nota (e as crianças gostam muito de ser notadas), e fica satisfeito com elas. Se Deus pode ser honrado por meninos e criancinhas de peito, que são, na melhor hipótese, a esperança, muito mais pelas crianças que já cresceram, se tornaram adultos, alcançaram a maturidade, e assim já têm uma boa capacidade. [2] O louvor é perfeito quando vem dessas bocas. Há algo especial no louvor e na glória oferecida a Deus quando as criancinhas participam de sua exaltação. O louvor seria considerado deficiente e imperfeito se elas não participassem dele. Isso constitui um incentivo para que as crianças sejam boas desde cedo, e também para que os seus pais lhes ensinem uma importante lição: o trabalho de nenhuma delas será inútil. No Salmo 8.2, está escrito: “Tu suscitaste força”. Observe que Deus aperfeiçoa o louvor, suscitando força às bocas dos meninos e criancinhas de peito. Quando grandes coisas são produzidas por instrumentos fracos e improváveis, Deus é muito honrado, pois o seu “poder se aperfeiçoa na fraqueza”. A insegurança dos meninos e das criancinhas de peito é amparada pelo poder divino. Aquilo que se segue no salmo, “para fazeres calar o inimigo e vingativo”, era muito aplicável aos sacerdotes e aos escribas; mas Cristo não fez essa aplicação, deixando que eles mesmos a fizessem.

Por fim, Cristo, tendo dessa maneira silenciado os principais dos sacerdotes e os escribas, “deixou-os” (v. 17). Ele os deixou prudentemente, para que eles não o prendessem antes que fosse chegada a sua hora. E Ele os deixou com

justiça, porque eles tinham ignorado o favor da sua presença. Com a nossa insatisfação aos louvores dedicados a Cristo, o afastamos de nós. Ele os deixou, porque eram incorrigíveis, e foi para a cidade de Betânia, que era um lugar mais calmo e afastado; não tanto para poder dormir sem ser perturbado, mas para poder orar sem ser perturbado. Betânia ficava a aproximadamente dois quilômetros de Jerusalém; para lá, Ele se dirigiu a pé, para mostrar que, quando cavalgava, Ele o fazia apenas para cumprir as Escrituras. Ele não se exaltou com as hosanas do povo, mas, como se as tivesse esquecido, logo retornou à sua maneira simples e cansativa de viajar.

A Maldição sobre a Figueira Estéril

vv. 18-22

Considere:

I Cristo retornou a Jerusalém pela manhã (v. 18). Alguns pensam que Ele saiu da cidade à noite, porque, por temor aos homens poderosos, nenhum dos seus amigos ali podia recebê-lo; mas, tendo trabalho para realizar ali, Ele voltou. Nunca podemos ser afastados do nosso dever, seja pela maldade dos nossos adversários, seja pela aspereza dos nossos amigos. Embora Jesus soubesse que nessa cidade a prisão e o sofrimento o esperavam, nenhuma dessas coisas o impediu. Paulo fez como Ele, quando foi para Jerusalém "ligado pelo Espírito" (At 20.22).

II Ao voltar, Ele "teve fome". Ele era um homem, e sujeito às fraquezas da natureza; era um homem ativo, e tão decidido a realizar o seu trabalho, que negligenciava o seu alimento, e saía em jejum; pois o zelo pela casa de Deus realmente o consumia, e o seu alimento e a sua bebida eram fazer a vontade do seu Pai. Ele era um homem pobre, e não tinha suprimentos; era um homem que não se preocupava com a sua satisfação, pois Ele estaria disposto a comer figos verdes crus como café da manhã, quando seria mais adequado que tivesse comido alguma coisa quente.

Portanto, Cristo teve fome, para ter a oportunidade de realizar esse milagre, amaldiçoando e secando a figueira estéril, e para poder nos dar um exemplo da sua justiça e do seu poder, duas coisas muito instrutivas.

1. Observe a justiça de Jesus (v. 19). Ele dirigiu-se à figueira esperando encontrar frutos, porque ela tinha folhas; mas, ao não encontrar nenhum fruto, Ele a condenou a uma esterilidade eterna. Esse milagre tinha o seu significado, assim como outros dos seus milagres. Todos os milagres de Cristo, até aqui, tinham sido realizados para o bem do homem, e provavam o poder da sua graça e da sua bênção (a entrada dos demônios nos porcos foi apenas uma permissão); tudo o que Ele fazia era para o bem e para o consolo dos seus amigos, nada para o terror ou o castigo dos seus inimigos; mas então, por fim, para mostrar que a Ele compete todo o julgamento, e que Ele é capaz não somente de salvar, mas também de destruir, Ele deu um exemplo do poder da sua ira e maldição; porém, não sobre nenhum homem, ou mulher, ou criança, porque o grande dia da sua ira ainda não era chegado, mas sobre uma árvore inanimada. Isto é dado como exemplo: “Aprendei, pois, esta parábola da figueira” (cap. 24.32). O escopo é o mesmo da parábola da figueira (Lc 13.6).

(1) Essa maldição sobre a figueira estéril representa a condição dos hipócritas em geral, e por isso nos ensina: [1] Que o fruto das figueiras é o que se pode esperar daquelas que têm folhas. Cristo procura o poder da religião naqueles que a professam; o gosto por ela, naqueles que a demonstram. Quanto às uvas da videira que é plantada numa colina frutífera, Ele as anseia, a sua alma deseja os primeiros frutos maduros. [2] As expectativas justas de Cristo em relação aos mestres eminentes são freqüentemente frustradas e desapontadas. Ele vem a muitos, procurando frutos, e somente encontra folhas; e Ele descobre isso. Muitos dizem estar vivos, mas não estão realmente vivos. Adoram a forma da santidade, mas negam o seu poder. [3] O pecado da não-frutificação é punido, com justiça, com a maldição e com a praga da esterilidade: “Nunca mais nasça fruto de ti”. Assim como uma das principais bênçãos, e que foi a primeira, é: “Frutificai”, também uma das mais tristes maldições é: “Nunca mais nasça fruto de ti”. Assim, o pecado dos hipócritas se transforma na sua punição; eles não produzem o bem, e, portanto, não produzirão nada. Aquele que não produzir frutos, e continuar assim, perderá a sua honra e o seu consolo. [4] Uma profissão falsa e hipócrita normalmente seca neste mundo, e esse é o efeito da maldição de Cristo; a figueira que não tinha frutos, logo perdeu as suas folhas. Os hipócritas podem parecer plausíveis durante algum tempo, mas, não tendo princípios, não tendo raízes em si mesmos, a sua profissão

resulta em nada; os dons se secam, a graça entra em decadência, o crédito da profissão declina e se afunda, e a falsidade e a tolice do fingidor ficam evidentes a todos os homens.

(2) Isso representa a situação da nação e do povo judeu em particular. Eles eram uma figueira plantada no caminho de Deus, como uma igreja. Considere: [1] O desapontamento que eles trouxeram ao nosso Senhor Jesus. Ele veio entre eles esperando encontrar frutos, algo que pudesse satisfazê-lo. Ele ansiava por isso. Não que desejasse um presente, Ele não precisava disso, mas sim de frutos que pudessem ser abundantes para uma boa causa. Mas as suas expectativas foram frustradas; Ele encontrou somente folhas. Eles chamavam Abraão de seu pai, mas não faziam as obras de Abraão; eles professavam estar esperando o Messias prometido, mas, quando Ele veio, eles não o receberam. [2] A maldição que Ele lhes infligiu: que nenhum fruto cresceria entre eles, ou seria colhido deles, como uma igreja ou como um povo, desde então e para sempre. Nenhum bem jamais veio deles (exceto das pessoas que, entre eles, tinham fé) depois que rejeitaram a Cristo. Eles se tornaram cada vez piores; a cegueira e a insensibilidade os acometeram, e cresceram entre eles, até que foram banidos do templo, despovoados e destruídos, e a sua casa e a sua nação, arrancadas; a sua beleza se desfigurou, os seus privilégios, os seus ornamentos, o seu templo e o sacerdócio e os sacrifícios e as festas, e todas as glórias da sua religião e da sua condição, caíram, como folhas no outono. Como a figueira secou imediatamente, depois que eles tinham dito: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”! E o Senhor, uma vez mais, foi justo a esse respeito.

2. Observe o poder de Cristo. O versículo anterior está ligado ao exemplo, mas é mais amplamente explicado. Cristo pretende orientar os seus discípulos no uso dos seus poderes.

(1) Os discípulos admiraram o efeito da maldição de Cristo (v. 20): “maravilharam-se”. Nenhum poder poderia ter feito isso, exceto o dele, que falava e realizava. Eles se maravilharam com a prontidão. “Como secou imediatamente a figueira?” Não havia causa visível para a figueira murchar, mas tinha sido uma destruição secreta, um verme na sua raiz; não somente as suas folhas secaram, mas todo o corpo da árvore; ela murchou imediatamente e ficou como uma madeira seca. As maldições do Evangelho são, por isso, as mais terríveis, pois trabalham de maneira imperceptível e silenciosa, como um fogo não espalhado, mas efetivamente.

(2) Cristo capacitou os discípulos a fazerem a mesma coisa, pela fé (vv. 21,22), quando disse (Jo 14.12): “fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas”.

Considere: [1] A descrição dessa fé que realiza maravilhas: “Se tiverdes fé e não duvidardes”. Duvidar do poder e da promessa de Deus é a grande transgressão que deteriora a eficiência e o sucesso da fé. Alguns interpretam essa frase como: “Se tiverem fé, e não discutirem; não discutirem entre si mesmos, não discutirem com a promessa de Deus; se não duvidarem da promessa” (Rm 4.20); pois, se agirmos de outra forma, a nossa fé será deficiente. A promessa de Deus é certa, e a nossa fé deve ser tão certa quanto a promessa; devemos ter fé e confiança.

[2] O poder e a superioridade dessa verdade expressos de maneira figurada: “Se a este monte disserdes” – o monte das Oliveiras –: “ergue-te... assim será feito”. Existe uma razão particular para Jesus falar dessa maneira sobre esse monte, pois havia uma profecia de que o monte das Oliveiras, que está diante de Jerusalém, seria fendido pelo meio e removido (Zc 14.4). Qualquer que fosse o objetivo dessas palavras, deve haver a mesma expectativa de fé, por mais impossível que pareça. Mas esse é um provérbio, dando a entender que nós devemos crer que nada é impossível a Deus, e, portanto, que aquilo que Ele prometeu certamente se realizará, embora, para nós, pareça impossível. Entre os judeus, havia um elogio aos seus rabinos cultos, segundo o qual eram “removedores de montanhas”, isto é, eles podiam solucionar as maiores dificuldades; então isso poderia ser feito pela fé na Palavra de Deus, que faz acontecer coisas maravilhosas e estranhas.

[3] A maneira e os métodos de exercer essa fé, e de fazer o que deve ser feito com ela: “Tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis”. A fé é a alma, e a oração é o corpo; juntas, elas deixam o homem completo para qualquer serviço. A fé, se correta, irá estimular a oração; e a oração não será correta se não se originar da fé. Esta é a condição para receber o que pedimos: orar e crer – “tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis”. Os pedidos feitos em oração não devem ser negados; as expectativas da fé não serão frustradas. Nós temos muitas promessas a esse respeito proferidas pelos lábios do nosso Senhor Jesus, e todas incentivam a fé (que é a principal graça de um cristão) e a oração (que é o principal dever de um cristão). Basta pedir e receber, crer e receber. E o que mais? Observe que a promessa abrange todas as coisas que pudermos pedir (“tudo o que pedirdes”); isto é,

como cada uma das condições de um contrato. O texto se refere a todas as coisas, em geral; porém, seja qual for a petição em questão, ele está se referindo às coisas em particular. Embora o geral inclua o particular, ainda assim tal é a tolice da nossa falta de fé que, embora pensemos que estamos de acordo com as promessas em geral, fugimos quando o assunto são os detalhes em particular. Assim, para que possamos ter “a firme consolação”, isto é expresso de modo copioso: “tudo o que pedirdes”.

Cristo É Questionado quanto à sua Autoridade

vv. 23-27

O Senhor Jesus (como também o apóstolo Paulo, depois dele) pregou o seu Evangelho “com grande combate”. A sua primeira aparição foi numa discussão com os doutores no Templo, quando Ele tinha doze anos de idade; e aqui, pouco tempo antes da sua morte, nós o vemos envolvido em controvérsias. Neste sentido, Ele era como Jeremias, um “homem de contenda”; não antagonizando, mas sendo antagonizado. Os que mais discutiam com Ele eram os principais dos sacerdotes e os anciãos, os juízes de duas cortes distintas. Os principais dos sacerdotes presidiam a corte eclesiástica, em todas as questões do Senhor, como são chamadas; os anciãos do povo eram juízes das cortes civis, nas questões temporais. Veja uma idéia de ambas em 2 Cr 19.5,8,11. Os dois grupos se uniram para atacar a Cristo, pensando que podiam fazer com que Ele ofendesse a um grupo ou ao outro. Veja como essa geração estava lamentavelmente degenerada, quando os governadores, tanto da igreja como do estado, que deveriam ter sido os maiores promotores do reino do Messias, foram os seus maiores adversários! Aqui nós os vemos perturbando a Cristo quando Ele estava pregando (v. 23). Eles não recebiam os ensinos de Jesus, nem deixavam que os demais os recebessem. Considere:

I Assim que Jesus entrou em Jerusalém, Ele se dirigiu ao Templo, embora tivesse sido insultado ali no dia anterior. Ele se posicionou em meio aos inimigos, no local mais perigoso; ainda assim, para lá Ele foi, pois ali, mais do que em qualquer outro lugar em Jerusalém, Ele tinha uma excelente

oportunidade de fazer o bem às almas. Embora Ele viesse à cidade com fome, e tivesse ficado desapontado com o café da manhã junto à figueira estéril, aparentemente Ele foi direto ao Templo, como alguém que preza as palavras da boca de Deus, a pregação delas, mais do que o seu alimento (Jó 23.12).

II Ele estava ensinando no Templo. Ele o havia chamado de "casa de oração" (v. 13), e aqui o vemos pregando ali. Observe que nas assembléias solenes dos cristãos, a oração e a pregação devem andar juntas, e nenhuma deve atrapalhar a outra, ou invadir a área uma da outra. Para ter comunhão com Deus, devemos não somente falar com Ele em oração, mas ouvir o que Ele tem a nos dizer, por meio da sua palavra. Os ministros devem se dedicar tanto à palavra quanto à oração (At 6.4). Agora que Cristo estava ensinando no Templo, cumpria-se uma passagem das Escrituras (Is 2.3): "Vinde… à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos". Os sacerdotes da época freqüentemente ensinavam ali o bom conhecimento do Senhor, mas nunca tinham tido um professor como esse.

III Quando Cristo estava ensinando o povo, os sacerdotes e os anciãos vieram até Ele, e o desafiaram a mostrar de onde vinha a sua autoridade e quem tinha dado tal autoridade a Ele. A mão de Satanás estava nisso, para atrapalhá-lo na sua obra. Observe que não deixa de ser um problema para um ministro fiel ser afastado ou desviado da pregação prática e pura por uma inevitável necessidade de se envolver em controvérsias. No entanto, algum bem resultou desse mal, pois houve a oportunidade de Cristo dissipar as objeções contra si que lhe eram apresentadas, para maior satisfação dos seus seguidores; e, embora os seus adversários pensassem que o poder que tinham o silenciaria, Ele, com a sua sabedoria, os silenciou.

Nessa argumentação com eles, podemos observar:

1. Como se dirigiram a Ele, com a insolente exigência: "Com que autoridade fazes isso? E quem te deu tal autoridade?" Se eles tivessem considerado os seus milagres de maneira apropriada, e o poder sob o qual Ele os realizava, não precisariam ter feito essa pergunta; mas precisavam ter alguma coisa a dizer para proteger uma infidelidade obstinada. "Você, que entra em triunfo em Jerusalém, que recebe as hosanas do povo, que controla o Templo, que expulsa aqueles que tinham licença para estar aqui, licença dada pelas autoridades do Templo, a quem é pago um aluguel; você está aqui

ensinando uma nova doutrina. De onde você recebeu autoridade para fazer isso? De César, ou do sumo sacerdote, ou de Deus?" Observe que é bom que todos aqueles que assumem a responsabilidade de agir com autoridade se façam, a si mesmos, esta pergunta: "Quem nos deu esta autoridade?" Pois, a menos que um homem esteja limpo na sua própria consciência a esse respeito, ele não poderá agir com qualquer consolo ou esperança de ser bem-sucedido. Aqueles que se precipitam antes de terem a devida permissão, agem sem a bênção de Deus (Jr 23.21,22).

Cristo havia falado disso freqüentemente, e o havia provado, sem contradições. Nicodemos, um mestre em Israel, tinha reconhecido que Ele era um mestre enviado por Deus (Jo 3.2); mas, nessa ocasião, quando a questão já tinha sido tão completamente esclarecida e definida, eles vêm a Ele com a mesma pergunta. (1) Na ostentação do seu próprio poder, como principais dos sacerdotes e anciãos, que se julgavam como tendo autoridade para interpelá-lo dessa maneira. Com que arrogância eles perguntaram: "Quem te deu tal autoridade?", dando a entender que Ele não poderia ter nenhuma autoridade, porque não tinha autoridade concedida por eles (1 Rs 22.24; Jr 20.1). É comum que as pessoas que mais abusam do poder sejam as que o buscam com mais afinco, e as que mais se orgulham e se satisfazem com qualquer coisa que se pareça com o exercício desse poder. (2) Eles queriam confundi-lo e lhe armar uma cilada. Se Jesus se recusasse a responder a essa pergunta, eles o julgariam por *Nihil dicit – Ele não diz nada*. Iriam condená-lo se ficasse em silêncio. E iriam insinuar ao povo que o seu silêncio era uma confissão tácita de que Ele era um usurpador. Se Ele invocasse uma autoridade de Deus, eles exigiriam, como já tinham feito anteriormente, um sinal do céu, ou fariam da sua defesa o seu crime, e por isso o acusariam de blasfêmia.

2. Ele respondeu a essa pergunta com outra, o que os ajudaria a respondê-la por si mesmos (vv. 24,25): "Eu também vos perguntarei uma coisa". Ele se recusou a dar-lhes uma resposta direta, para que não se aproveitassem disso, usando-a contra Ele; mas lhes respondeu com uma pergunta. Aqueles que são enviados "como ovelhas ao meio de lobos" precisam ser "prudentes como as serpentes"; o coração do sábio pondera antes de responder. Nós precisamos dar uma "razão para a esperança que há em nós", não somente com mansidão, mas também com temor (1 Pe 3.15), com cuidado prudente, para que a verdade não seja danificada, nem corramos algum perigo.

Essa pergunta se refere ao batismo de João Batista (referindo-se aqui a todo o seu ministério, à pregação juntamente com o batismo): “Donde era? Do céu ou dos homens?” Ele deveria ser de um desses dois lugares. Ou tudo o que ele fazia era da sua própria cabeça, ou ele tinha sido enviado por Deus para fazê-lo. O argumento de Gamaliel se baseia nisto (At 5.38,39): “Este conselho é de homens, ou é de Deus”. Embora aquilo que é declaradamente mau não possa ser de Deus, ainda assim aquilo que é aparentemente bom pode ser dos homens, ou de Satanás, pois ele até mesmo “se transfigura em anjo de luz”. Essa pergunta não era, de maneira nenhuma, uma trama para fugir da pergunta deles, mas:

(1) Se eles respondessem à pergunta de Jesus, isso responderia a deles: se eles dissessem, contra as suas consciências, que o batismo de João era dos homens, seria uma resposta fácil, João não fez nenhum milagre (Jo 10.41), Cristo fez muitos; mas se eles dissessem, como não poderiam deixar de reconhecer, que o batismo de João era do céu (o que se supunha nas perguntas feitas a ele, João 1.21: És tu Elias? És tu o profeta?), então a sua pergunta estaria respondida, pois ele dava testemunho de Cristo. Observe que as verdades aparecem sob a luz mais clara quando são consideradas na sua devida ordem; a solução das perguntas anteriores será a chave para a resposta da pergunta principal.

(2) Se eles se recusassem a responder, esse seria um bom motivo pelo qual Ele não deveria oferecer nenhuma prova da sua autoridade a homens que eram obstinadamente preconceituosos contra a convicção mais forte; isso não seria nada mais do que atirar pérolas aos porcos. Assim, “Ele apanha os sábios na sua própria astúcia” (1 Co 3.19), e aqueles que não ficarem convencidos das verdades mais claras serão convencidos da maldade mais vil, primeiramente contra João, e depois contra Cristo; e nos dois casos, contra Deus.

3. Como eles se confundiram e chegaram a um beco sem saída; eles conheciam a verdade, mas não a admitiam. E assim foram aprisionados pela mesma cilada que tinham armado para o nosso Senhor Jesus. Considere:

(1) Como eles pensaram entre si, não a respeito dos méritos da causa, nem das provas que havia da origem divina do batismo de João. Não, a sua preocupação era como ter uma boa argumentação contra Cristo. Eles se preocupavam com duas cosias no seu raciocínio: a sua credibilidade e a sua segurança. Estas são as mesmas coisas que constituem o objetivo principal

daqueles que procuram os seus próprios interesses.

[1] Eles consideram a sua própria credibilidade, que colocariam em perigo, se admitissem que o batismo de João era de Deus; pois então Cristo poderia lhes perguntar, diante de todas as pessoas: “Então, por que não o crestes?” E admitir que uma doutrina é de Deus, e ainda assim não recebê-la e aceitá-la, é o maior absurdo e a maior iniqüidade de que um homem pode ser acusado. Muitos que não são impedidos, pelo medo de pecar, de negligenciar e opor-se àquilo que sabem ser verdadeiro e bom, são impedidos, pelo mesmo medo da vergonha, de reconhecer o que é verdadeiro e bom, naquilo que eles negligenciam, e ao que se opõem. Sendo assim, eles rejeitam o conselho de Deus, contra si mesmos, ao não se submeterem ao batismo de João, e ficam sem desculpas.

[2] Eles consideram a sua própria segurança, o problema de se exporem aos rancores e aos ressentimentos do povo, se dissessem que o batismo de João era dos homens: “Tememos o povo, porque todos consideram João como profeta”. Parece, então, em primeiro lugar, que o povo tinha sentimentos mais verdadeiros a respeito de João do que os principais dos sacerdotes e os anciãos, ou, pelo menos, era mais livre e fiel ao declarar os seus sentimentos. Essas pessoas, de quem diziam, no seu orgulho, que não conheciam a lei e eram malditas (Jo 7.49), aparentemente conheciam o Evangelho, e eram benditas. Em segundo lugar, que os principais dos sacerdotes e os anciãos eram reverenciados pelas pessoas comuns, o que era uma evidência de que as coisas estavam desordenadas entre eles, e as invejas mútuas estavam exacerbadas; que o governo tinha se tornado detestável, insolente, odiando e desprezando o povo, e se cumpria a passagem das Escrituras: “Eu vos fiz desprezíveis e indignos” (Ml 2.8,9). Se eles tivessem conservado a sua integridade, e cumprido o seu dever, eles teriam conservado a sua autoridade, e não precisariam temer o povo. Algumas vezes percebemos que o povo os temia, e isto lhes servia de razão pela qual não confessavam a Cristo (Jo 9.22; 12.42). Aqueles que estudavam somente para serem temidos pelas pessoas, não podiam deixar de temer as pessoas. Em terceiro lugar, que normalmente o estado de espírito das pessoas comuns consiste em serem zelosas pela honra que consideram sagrada e divina. Se elas consideravam João como um profeta, elas não iriam suportar que se dissesse que o seu batismo era dos homens; as disputas mais acaloradas eram sempre sobre as coisas sagradas. Em quarto lugar, que os principais dos sacerdotes e os anciãos não chegavam

a negar abertamente a verdade, até mesmo contra a convicção das suas próprias mentes, não por temor a Deus, mas puramente por temor ao povo. Assim como o temor aos homens pode levar pessoas boas a uma armadilha (Pv 29.25), também algumas vezes pode impedir que as pessoas más sejam excessivamente más, para que não morram "fora do seu tempo" (Ec 7.17). Muitas pessoas más seriam muito piores do que são, se o fizessem.

(2) Como eles responderam ao nosso Salvador, e desistiram da pergunta. Eles confessaram claramente: "Não sabemos", isto é, não diremos; *ouk oi damen – nunca soubemos*. Isso era uma grande vergonha para aqueles que pretendiam ser líderes do seu povo, e por seu trabalho eram obrigados a tomar conhecimento de tais coisas – quando não confessavam o seu conhecimento, eram obrigados a confessar a sua ignorância. E, a propósito, quando eles disseram: "Não sabemos", eles mentiram, pois sabiam que o batismo de João era de Deus. Existem muitos que têm mais medo da vergonha de mentir do que de pecar, e por isso não têm vergonha de falar o que sabem que não é verdade a respeito dos seus próprios pensamentos e conhecimentos, dos seus interesses e intenções, ou da sua lembrança ou esquecimento das coisas, porque sabem que ninguém poderá censurá-los nesses assuntos.

Assim, Cristo evitou cair na armadilha que eles tinham armado para Ele, e se justificou na recusa a satisfazê-los: "Nem eu vos digo com que autoridade faço isso". Se eles eram tão maus, a ponto de não acreditarem, ou não confessarem que o batismo de João era do céu (embora ele obrigasse ao arrependimento, este grande dever, e declarasse que o Reino de Deus era chegado, esta grande promessa), eles não eram capazes de ouvir nada a respeito da autoridade de Cristo; pois homens de tal disposição não poderão ser convencidos da verdade. Não. Eles só conseguirão ser provocados por ela; portanto, aquele que é ignorante, que continue ignorante. Aqueles que detêm, com injustiça, as verdades que conhecem (seja por não professá-las, ou por não se comportarem de acordo com elas), têm justamente negadas outras verdades que procuram (Rm 1.18,19). Tire o talento daquele que o enterrou; aqueles que não quiserem enxergar, não enxergarão.

A Parábola dos Dois Filhos

vv. 28-32

Assim como Cristo instruía os seus discípulos por meio de parábolas (o que tornava mais fácil a instrução), algumas vezes Ele também convencia os seus adversários por meio de parábolas. Isso aproxima a reprovação e faz com que os homens, pelo menos aqueles que estão conscientes, censurem a si mesmos. Dessa maneira, Natã convenceu Davi por meio de uma parábola (2 Sm 22.1), e a mulher de Tecoa o surpreendeu da mesma maneira (2 Sm 14.2). As parábolas de reprovação recorrem às próprias pessoas que erraram, e as julgam a partir das suas próprias bocas. Pelo que podemos entender das primeiras palavras, isto é o que Cristo pretende aqui (v. 28): “Mas que vos parece?”

Nesses versículos, temos a parábola dos dois filhos enviados para trabalhar na vinha, cujo objetivo é mostrar que aqueles que não reconheciam que o batismo de João era de Deus envergonhavam-se diante, até mesmo, dos publicanos e das meretrizes, que o sabiam e que o reconheciam. Aqui está:

I A parábola, que representa dois tipos de pessoas. Aqueles que provam ser melhores do que se esperava, representados pelo primeiro dos filhos; e outros, que prometem ser melhores do que provam ser, representados pelo segundo filho.

1. Eles tinham o mesmo pai, o que significa que Deus é o Pai comum de toda a humanidade. Existem dádivas que todos nós, de igual maneira, recebemos dele, e obrigações que todos nós, de igual maneira, temos para com Ele. “Não temos nós todos um mesmo Pai?” Sim, e ainda assim existe uma imensa diferença entre as personalidades dos homens.

2. Os dois receberam a mesma ordem: “Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha”. Os pais não devem criar seus filhos na ociosidade; nada é mais agradável, e também mais pernicioso, para a juventude, do que isso (Lm 3.27). Deus quer que os seus filhos trabalhem, embora todos eles sejam seus herdeiros. Esta ordem é dada a cada um de nós. Considere: (1) O trabalho da religião, em que nós devemos nos envolver, por vocação, é um trabalho na vinha, elogiável, lucrativo e agradável. Devido ao pecado de Adão, nós fomos expulsos para trabalhos comuns, e para comer as ervas dos campos; mas com a graça do nosso Senhor Jesus, nós somos convocados para trabalhar outra vez na vinha. (2) O chamado do Evangelho para trabalhar na vinha exige obediência imediata: “Filho, vai trabalhar hoje”, enquanto ainda é hoje, porque “a noite vem, quando ninguém pode trabalhar”. Nós não

fomos enviados ao mundo para estar ociosos, nem recebemos a luz do dia para brincarmos; por isso, se temos a intenção de fazer alguma coisa por Deus e pelas nossas almas, por que não agora? Por que não hoje? (3) A exortação para ir trabalhar hoje na vinha, que "argumenta conosco como filhos" (Hb 12.5): "Filho, vai trabalhar". Esta é a ordem de um Pai que traz consigo autoridade e, ao mesmo tempo, afeto, um Pai que se compadece dos seus filhos, e conhece a sua estrutura, e não os sobrecarrega (Sl 103.13,14), um Pai que "poupa a seu filho que o serve" (Ml 3.17). Se trabalharmos na vinha do nosso Pai, trabalharemos para nós mesmos.

3. Os dois filhos tiveram comportamentos muito diferentes.

(1) Um dos filhos fez melhor do que tinha prometido, provou ser melhor do que se esperava. A sua resposta foi má, mas as suas ações foram boas.

[1] Aqui está a resposta exterior que esse filho deu ao seu pai; ele disse claramente: "Não quero". Veja a que estágio de imprudência chega a natureza corrupta de um homem, a ponto de dizer: "Não quero", como resposta à ordem de um Pai. A recusa a uma ordem como essa, de um Pai como esse, mostra que eles são filhos insolentes e teimosos. Aqueles que não se curvam, certamente não se envergonharão; se eles tivessem algum grau de modéstia em si mesmos, não poderiam dizer: "Não quero" (Jr 2.25). As desculpas são más, mas as negações diretas são piores; porém, essas recusas categóricas freqüentemente se chocam com os chamados do Evangelho. Em primeiro lugar, alguns gostam do seu conforto, e não querem trabalhar; eles vivem no mundo como leviatã nas águas, para folgar (Sl 104.26); eles não gostam de trabalhar. Em segundo lugar, os seus corações se preocupam tanto com os seus próprios campos, que eles não estão propensos a ir trabalhar na vinha de Deus. Eles gostam mais dos negócios do mundo do que dos negócios da sua fé. Assim, alguns, pelas delícias dos sentidos, e outros, pelas atividades do mundo, são impedidos de realizar aquela grande obra para a qual foram enviados ao mundo, e dessa maneira, passam o dia inteiro ociosos.

[2] Vemos aqui a feliz mudança de idéia, e da conduta do primeiro filho, depois de pensar um pouco: "Mas, depois, arrependendo-se, foi". Observe que há muitas pessoas que no início são más, teimosas, voluntariosas e pouco promissoras, mas que posteriormente se arrependem e se corrigem, e caem em si. Há alguns que Deus escolheu, e que são tolerados por muito tempo em sua rebelião; alguns dentre nós foram assim (1 Co 6.11). Estes se destinam a padrões de grandes sofrimentos (1 Tm 1.16). Depois, ele se arrependeu. O

arrependimento é *metanoia – um pensamento posterior*; e *metameleia – uma preocupação posterior*. Antes tarde do que nunca. Observe que quando ele se arrependeu, ele foi; este é um "fruto digno de arrependimento". A única evidência do arrependimento da nossa resistência anterior é concordar imediatamente e partir para o trabalho; e então, o que passou será perdoado, e tudo ficará bem. Veja que Pai bondoso Deus é; Ele não se ressente da afronta das nossas recusas, como poderia fazê-lo, justamente. Aquele que disse ao seu pai, face a face, que não faria o que ele lhe pedia, merecia ser atirado para fora de casa e deserdado; mas o nosso Deus "espera para ter misericórdia", e, apesar das nossas antigas tolices, se nós nos arrependermos e nos corrigirmos, Ele irá nos aceitar de uma forma bastante favorável. Bendito seja Deus, nós estamos sob uma aliança que dá lugar a esse tipo de arrependimento.

(2) O outro filho disse melhor do que fez, prometeu ser melhor do que provou ser; a sua resposta foi boa, mas as suas ações, más. O pai, "dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo" (v. 30). O chamado do Evangelho, embora muito diferente, é, na realidade, o mesmo para todos nós, e nos é transmitido com o mesmo teor. Todos nós temos as mesmas ordens, os mesmos compromissos, os mesmos incentivos, embora para alguns eles sejam "cheiro de vida para vida", para outros, "cheiro de morte para morte". Considere:

[1] Como esse segundo filho prometeu corretamente. "Respondendo ele, disse: Eu vou, senhor". Observe que é conveniente que os filhos falem de maneira respeitosa com seus pais. Isto é parte daquela honra que o quinto mandamento exige. Ele professa uma obediência imediata: "Eu vou"; ele não diz: "Eu irei daqui a pouco", mas: "Imediatamente, senhor, pode confiar nisso, eu vou agora mesmo". Esta é a resposta que nós devemos dar, do fundo do coração, sinceramente, a todos os chamados e mandamentos da Palavra de Deus (veja Jr 3.22; Sl 27.8).

[2] Como ele fracassou em realizar o que tinha prometido: "e não foi". Observe que existem muitos que proferem boas palavras, e fazem, na religião, boas promessas que se originam de boas motivações para o presente; porém, ficam apenas nisso, não vão mais além e, dessa forma, não fazem nada. Dizer e fazer são duas coisas diferentes. E há muitos que dizem e não fazem; esta é uma acusação específica aos fariseus (cap. 23.3). Muitos, com a sua boca, mostram muito amor, mas os seus corações vão em outra direção.

Eles (os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo) tinham uma boa intenção em serem religiosos, mas se deparavam com alguma coisa que devia ser feita, que era difícil demais, ou com alguma coisa de que deviam se separar, que era querida demais, e desta forma os seus objetivos não levavam a nenhum resultado. Botões e flores não são frutos.

II Uma pergunta geral sobre a parábola: “Qual dos dois fez a vontade do pai?” (v. 31). Ambos tiveram as suas falhas, um deles foi rude, e o outro foi falso – a variedade de respostas que os pais, às vezes, encontram nos diferentes espíritos dos seus filhos, e têm a necessidade de uma grande dose de sabedoria e graça para saber qual é a melhor maneira de manejá-los. Mas a pergunta é: Qual dos dois foi o melhor, e o que menos falhou? E isto se resolveu prontamente; o primeiro, porque as suas ações foram melhores que as suas palavras, e o seu final, melhor que o seu começo. Isto eles tinham aprendido com o bom senso da humanidade; é muito melhor lidar com alguém que, na prática, será melhor que a sua palavra, do que com alguém que não será capaz de cumprir a sua palavra. E, com este objetivo, eles (os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo) tinham aprendido com o relato que Deus faz da regra do seu julgamento (Ez 18.21-24): “Se o ímpio se converter de todos os seus pecados”, ele será perdoado; e se o homem justo se afastar da sua justiça, ele será rejeitado. O conteúdo de todas as Escrituras nos permite compreender que são aceitos, como realizando a vontade do Pai, aqueles que, após compreenderem que não entenderam ou não obedeceram a sua vontade, arrependem-se e então fazem o melhor que podem.

III Uma aplicação particular ao assunto em questão (vv. 31,32). O principal objetivo da parábola é mostrar como os publicanos e as meretrizes, que nunca falavam do Messias e do seu reino, ainda assim aceitavam a doutrina e se sujeitavam à disciplina de João Batista, o precursor de Jesus, ao passo que os sacerdotes e os anciãos, que estavam cheios de expectativas do Messias, e pareciam muito dispostos a estar de acordo com o que Ele determinava, desprezaram João Batista, e foram contrários aos desígnios da missão de Jesus. Mas a parábola tem um outro alcance; os gentios, às vezes, eram desobedientes, tendo sido, por muito tempo, filhos da desobediência, da mesma maneira que o filho mais velho (Tt 3.3,4); porém, quando o Evangelho lhes foi pregado, eles se tornaram obedientes à fé, enquanto os

judeus, que diziam: “Eu vou, Senhor”, faziam boas promessas (Êx 24.7; Js 24.24), mas não iam; eles somente lisonjeavam a Deus com os seus lábios (Sl 78.36).

Na aplicação que Cristo fez dessa parábola, observe:

1. Como Ele prova que o batismo de João era do céu, e não dos homens. “Se vocês não disserem”, diz Cristo, “devem ao menos saber que poderiam dizer”:

(1) O objetivo do seu ministério: “João veio a vós no caminho de justiça”. Para saber se João recebeu do céu a sua comissão, basta recordar a regra do teste: “Pelos seus frutos os conhecereis”; os frutos das suas doutrinas, os frutos das suas obras. Observe apenas os seus métodos, e você poderá acompanhar tanto a sua ascensão como a sua tendência. Era evidente que João tinha vindo “no caminho de justiça”. No seu ministério, ele ensinava as pessoas a se arrependerem, e a realizar obras de justiça. Nas suas palavras, ele era um grande exemplo de severidade, de seriedade, e de desprezo pelo mundo, renunciando-se a si mesmo, e fazendo o bem a todos. Por isso Cristo se submeteu ao batismo de João, porque lhe convinha “cumprir toda a justiça”. Se João veio, dessa maneira, no caminho da justiça, poderiam eles ignorar que o seu batismo era do céu, ou ter qualquer dúvida disso?

(2) O sucesso do seu ministério: “Os publicanos e as meretrizes o creram”. João Batista fez um enorme bem entre os piores tipos de pessoas. O apóstolo Paulo prova o seu apostolado com o selo do seu ministério (1 Co 9.2). Se Deus não tivesse enviado João Batista, Ele não teria coroado as suas obras com um sucesso tão maravilhoso, nem teria sido tão essencial, como foi, para a conversão das almas. Se os publicanos e as meretrizes acreditavam no que João dizia, certamente a mão de Deus estava com ele. O benefício das pessoas é o melhor testemunho de um ministro.

2. Como Ele os reprova pelo seu desprezo ao batismo de João, que, por temerem a multidão, não estavam dispostos a reconhecer. Para repreendê-los, Ele coloca diante deles a fé, o arrependimento e a obediência dos publicanos e das meretrizes, o que piorava a sua descrença e a sua impenitência. Como o Senhor mostra em Mateus 11.21, os menos prováveis se arrependeriam. Aqui também os menos prováveis se arrependeram realmente.

(1) Os publicanos e as meretrizes eram como o primeiro filho na parábola, de quem se esperava pouca religiosidade. Eles não prometiam nenhum bem, e aqueles que os conheciam não esperavam deles nenhum bem. Em geral, o seu

temperamento era rude, e as suas palavras, depravadas e corruptas; e, ainda assim, muitos deles foram transformados pelo ministério de João, que veio no espírito e no poder de Elias (veja Lc 7.29). Estes impuros representavam o mundo gentílico; pois, como observa o Dr. Whitby, os judeus, em geral, classificavam os publicanos junto com os pagãos; e os pagãos eram representados, pelos judeus, como meretrizes, e homens nascidos de prostituição (Jo 8.41).

(2) Os escribas e os fariseus, os principais dos sacerdotes e os anciãos, e, na verdade, a nação judaica de maneira geral eram como o outro filho, que disse boas palavras. Eles faziam uma profissão especial da religião; ainda assim, quando o reino do Messias lhes foi trazido, pelo batismo de João, eles o desprezaram, deram-lhe as costas – na verdade, levantaram os sapatos para esmagá-lo. Um hipócrita é convencido e convertido com mais dificuldade do que um pecador inveterado; se alguém se mantiver apoiado em uma aparência de santidade, esta se tornará uma das fortalezas de Satanás, pela qual ele se oporá ao verdadeiro poder da santidade. Estes eram agravos da sua falta de fé: [1] O fato de João ser uma pessoa tão excelente, que veio a eles "no caminho de justiça". Quanto melhores os meios, maior será o resultado, se não perfeito. [2] O fato de que, quando viram os publicanos e as meretrizes entrarem antes deles no Reino dos céus, eles não se arrependeram nem creram, nem mesmo posteriormente. Eles não eram, de maneira nenhuma, incitados a uma santa emulação (Rm 11.14). Os publicanos e as meretrizes receberão graça e glória, e nós não as compartilharemos? Aqueles que são inferiores a nós serão mais santos e mais felizes do que nós? Eles não tinham a inteligência e a graça que tinha Esaú, que foi levado a tomar providências adicionais às que tinha tomado, pelo exemplo do seu irmão mais jovem (Gn 28.6). Esses sacerdotes orgulhosos, que se diziam líderes, não desejavam seguir as instruções do Senhor, embora assim pudessem entrar no Reino dos céus, mesmo que após os publicanos. "Por causa do seu orgulho", eles não procuravam seguir a Deus e a Cristo (Sl 10.4).

A Parábola dos Lavradores Maus

vv. 33-46

Essa parábola define claramente o pecado e a destruição da nação judaica; os judeus e os seus líderes são os lavradores; e o que é dito para condená-los,

é dito para advertir a todos os que desfrutam dos benefícios da igreja visível, para que não se limitem aos princípios elevados, mas ao temor.

I Aqui temos os privilégios da nação judaica, representados pelo arrendamento da vinha aos lavradores; eles eram como arrendatários de Deus, o Grande Pai de família, e sujeitos a Ele. Observe:

1. Como Deus estabeleceu uma igreja no mundo para si. O Reino de Deus sobre a terra é aqui comparado a uma vinha, dotada de todas as coisas necessárias para uma administração e aproveitamento vantajosos dela. (1) Ele plantou uma vinha. A igreja é a "plantação do Senhor" (Is 61.3). A formação de uma igreja, por si só, é um trabalho, como a plantação de uma vinha, o que exige custos e cuidados. É a videira que a destra de Deus plantou (Sl 80.15), que "a plantou de excelentes vides" (Is 5.2), uma "vide excelente" (Jr 2.21). A própria terra produz espinhos e arbustos espinhosos, mas as vinhas precisam ser plantadas. A existência de uma igreja se deve ao favor distinto de Deus, e à sua manifestação a alguns, e não a outros. (2) Ele circundou-a de um valado. Observe que a igreja de Deus no mundo está sob a sua proteção especial. Assim como Jó estava cercado de todos os lados (Jó 1.10), há, ao redor da igreja, a vinha do Senhor, um valado, um muro de fogo (Zc 2.5). Onde Deus tiver uma igreja, esse é, e sempre será, um lugar merecedor de sua atenção especial. O concerto da circuncisão e a lei cerimonial eram uma cerca, ou um muro separador ao redor da nação judaica, e ele foi derrubado por Cristo. Além disso, o Senhor Jesus indicou uma ordem e uma disciplina do Evangelho que serviriam como uma cerca de separação da sua igreja. Ele não desejava que a sua vinha fosse comunitária, mas queria impedir que aqueles que estivessem fora dela pudessem ter acesso a ela quando e como quisessem. O Senhor também não desejava que ela fosse isenta de regras, mas queria impedir que aqueles que estivessem dentro dela pudessem açoitá-la quando quisessem. Assim, Ele se preocupou em estabelecer limites ao redor desse monte santo. (3) Ele "construiu nela um lagar, e edificou uma torre". O altar dos holocaustos era o lagar, ao qual todas as ofertas eram trazidas. Deus instituiu regulamentações em sua igreja, para a devida supervisão e para a promoção da sua frutificação. O que mais poderia ter sido feito para torná-la mais conveniente?

2. A maneira como Ele confiou esses privilégios visíveis da igreja ao povo judeu, especialmente aos seus principais sacerdotes e anciãos: Ele a arrendou

para eles, como lavradores, não porque Ele precisasse deles, da maneira como os fazendeiros precisam de arrendatários, mas porque assim poderia testá-los, e ser honrado por eles. Quando Deus foi conhecido em Judá, e o seu nome foi engrandecido, quando eles foram levados para serem seus, por povo, e por nome, e por louvor (Jr 13.11), quando Ele revelou a sua Palavra a Jacó (Sl 147.19), quando o concerto da vida e da paz foi celebrado com Levi (Ml 2.4,5), então essa vinha foi arrendada. Veja uma simplificação desse arrendamento (Ct 8.11,12). O Senhor da vinha teria "mil peças de prata" (compare com Is 7.13); o lucro principal seria dele, mas os arrendatários teriam duzentas, um incentivo competente e cômodo. E então, ele se ausentou para uma terra longínqua. Quando Deus, em uma manifestação visível, estabeleceu a religião judaica no monte Sinai, Ele também se afastou, de maneira similar; eles não tinham mais a visão aberta, mas tinham recebido a Palavra escrita. Eles também podem ter imaginado que Ele tivesse ido a uma nação distante, como Israel, quando fez o bezerro, imaginando que Moisés tivesse ido embora. Eles afastavam de si mesmos o dia mal, utilizando os recursos de que dispunham.

II A expectativa de Deus com o arrendamento a esses lavradores (v. 34). Era uma expectativa razoável, pois "quem planta a vinha e não come do seu fruto?" Observe que Deus espera os frutos daqueles que desfrutam dos privilégios da igreja, tanto os ministros quanto o povo, de maneira proporcional. 1. As suas expectativas não tinham pressa. Ele não exigiu um pagamento adiantado, embora tivesse tido tantos gastos com a vinha, mas esperou que chegasse o tempo dos frutos, como quando João pregava que era chegado o Reino dos céus. Deus espera para ter misericórdia, espera para nos dar tempo. 2. Eles não eram nobres, não mostravam ter uma moral elevada. Ele não exigiu que eles viessem, correndo perigos, sob pena de perder a concessão, caso se atrasassem, mas Ele lhes enviou os seus servos, para lembrá-los do seu dever, e do dia do pagamento, e para ajudá-los a colher os frutos e enviar-lhe a sua parte. Esses servos eram os profetas do Antigo Testamento, que foram enviados, algumas vezes diretamente, aos judeus, para repreendê-los e instruí-los. 3. Eles não eram pessoas difíceis; o problema era apenas "receber os frutos". Ele não exigiu mais do que eles conseguiam produzir, mas apenas uma porção dos frutos, que Ele mesmo tinha plantado, em observância às leis e aos estatutos que Ele lhes tinha dado. O que poderia

ser mais razoável? Israel era uma vinha vazia, ou melhor, ela tinha se tornado a planta degenerada, a vide estranha, e produzia uvas bravas.

III A maldade dos lavradores ao maltratarem os mensageiros que lhes tinham sido enviados.

1. Quando Ele lhes enviou os seus servos, eles os maltrataram, embora os servos representassem o próprio senhor, e falassem em seu nome. Os chamados e as reprovações da Palavra, se não envolverem, irão apenas exasperar. Veja aqui o que aconteceu, na prática, com os fiéis mensageiros de Deus: (1) Eles sofreram; foram perseguidos da mesma maneira como "os profetas" foram perseguidos. Estes foram odiados com ódio cruel. Não somente os desprezaram e censuraram, mas os trataram como os piores malfeitores – eles os feriram, e os mataram, e os apedrejaram. Eles feriram Jeremias, mataram Isaías e apedrejaram Zacarias, o filho de Joiada, no Templo. Se aqueles que vivem devotamente em Cristo Jesus sofrem perseguições, muito mais aqueles que levam outros a esse tipo de vida. Uma disputa de Deus com os judeus estava relacionada à maneira como maltrataram os seus profetas (2 Cr 36.16). (2) Competia a eles sofrer nas mãos dos arrendatários do seu Senhor. Os lavradores que os trataram dessa maneira eram os principais dos sacerdotes e os anciãos, que se sentavam na cadeira de Moisés, que professavam religião e relacionamento com Deus; eram os inimigos mais amargos dos profetas do Senhor, expulsando-os, e matando-os, e dizendo: "O Senhor seja glorificado" (Is 66.5; veja Jr 20.1,2; 26.11).

Considere: [1] Como Deus perseverou na sua bondade para com eles. Ele enviou outros servos, em maior número que os primeiros, mas esses também foram maltratados. Ele lhes tinha enviado João Batista, e eles o tinham decapitado; e ainda assim, Ele lhes enviou os seus discípulos, para preparar o seu caminho. Oh!, As riquezas da paciência e da tolerância de Deus, ao continuar com a sua igreja, em um ministério desprezado e perseguido! [2] Como eles persistiram na sua maldade. A esses servos, eles fizeram a mesma coisa que tinham feito aos primeiros. Um pecado abre caminho para outro do mesmo tipo. Aqueles que estão embriagados com o sangue dos santos, acrescentam a embriaguez à sede, a ainda pedem: Dá, dá.

2. Por fim, Ele lhes enviou o seu Filho. Nós vimos a bondade de Deus, nos seus envios, e a maldade dos lavradores, ao maltratar os servos; mas no final,

os dois lados se excederam.

(1) Nunca a graça pareceu mais graciosa do que ao enviar o Filho. Isto foi feito no final. Observe que todos os profetas foram precursores e arautos de Cristo. Ele foi enviado por último; pois se nada mais funcionasse com eles, certamente isso funcionaria; por isso, Ele foi deixado para o *ratio ultima – o último recurso*. "Terão respeito a meu filho", e por isso Eu o enviarei. Observe que é razoável esperar que o Filho de Deus, quando viesse aos seus, fosse reverenciado; e reverenciar a Cristo seria um princípio poderoso e efetivo de produtividade e de obediência, para a glória de Deus. Se eles apenas reverenciassem o Filho, o objetivo teria sido alcançado. "Terão respeito a meu filho", pois Ele vem com mais autoridade que os servos; àquele a quem todos os homens honrarem se deverá o juízo (veja Jo 5.22,23). Há maior perigo em rejeitá-lo do que em desprezar a lei de Moisés.

(2) O pecado nunca havia se manifestado de uma forma tão terrível quanto o seria através da atitude de maltratar o Filho de Deus, o que deveria acontecer dentro de dois ou três dias. Considere:

[1] Como tudo foi planejado (v. 38). Eles planejaram tudo quando viram o Filho, quando veio aquele que o povo reconhecia e seguia como o Messias, que receberia o arrendamento, ou tomaria os bens; isto atingia a sua propriedade (a propriedade que eles tinham arrendado), e eles decidiram dar um golpe ousado para defendê-la, e para preservar a sua riqueza e grandeza, removendo do caminho aquele que era o único obstáculo para eles, o seu único rival. "Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo". Pilatos e Herodes, os príncipes deste mundo, não sabiam disso, pois se tivessem sabido, "nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Co 2.8). Porém, os principais dos sacerdotes e os anciãos sabiam que esse era o herdeiro, pelo menos alguns deles; e por isso disseram: "Vinde, matemo-lo". Muitos são mortos devido àquilo que possuem. A razão principal por que tinham inveja dele, e por isto o odiavam e temiam, era o seu interesse pelo povo e as suas hosanas. Se Ele fosse eliminado, eles esperavam que esses louvores fossem direcionados para si mesmos. Eles pensaram que Ele deveria morrer para salvar o povo dos romanos (Jo 11.50); mas, na verdade, Ele deveria morrer para salvar o povo da hipocrisia e da tirania daqueles líderes religiosos. O esperado reino do Messias certamente traria esta libertação. Ele expulsa os compradores e vendedores do Templo; por isso, "matemo-lo". E, como em um caso desses o direito sobre as propriedades certamente deve passar a pertencer àqueles que

as ocupam, “apoderemo-nos da sua herança”. Eles pensaram que, se pelo menos conseguissem se livrar desse Jesus, conduziriam a todos na igreja, sem qualquer controle, poderiam impor as tradições que desejassem e forçar as pessoas a se submeterem ao que quisessem. Assim, eles “juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido”; mas aquele que está no céu ri por vê-los atirando contra si mesmos; pois, enquanto eles pensavam em matá-lo, e tomar a sua herança, Ele foi receber, por meio da sua cruz, a sua coroa, e Ele os esmigalhará com uma vara de ferro, e se apoderará da sua herança (Sl 2.2,3,6,9).

[2] Como esse plano de conspiração foi executado (v. 39). Eles estavam tão decididos a matá-lo, procurando cumprir o seu objetivo de garantir a sua própria pompa e o seu poder, e Ele estava tão decidido a morrer, para cumprir o seu desígnio de derrotar Satanás e salvar os seus eleitos, que não é de admirar que eles o prendessem dentro de pouco tempo, e o assassinassem, quando fosse chegada a sua hora. Embora o poder romano o condenasse, a culpa ainda é dos principais dos sacerdotes e dos anciãos, pois eles foram não apenas os promotores, mas os agentes principais, e cometeram o maior pecado. “Tomando-o vós” (At 2.23). Considerando-o indigno de viver, pois não desejavam que Ele vivesse, eles o arrastaram para fora da vinha, para fora da santa igreja, cuja chave, supostamente, eles tinham, e para fora da cidade santa, pois Ele “padeceu fora da porta” (Hb 13.12). Tudo se passou como se aquele que era a maior glória do seu povo, Israel, tivesse sido a vergonha e a reprovação da nação. Assim, aqueles que perseguiram os servos, perseguiram o Filho; os homens tratam os ministros de Deus assim como também tratariam o próprio Cristo, se Ele estivesse em seu meio.

IV Aqui é mencionada a ruína dos lavradores maus, pela própria boca dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo (v. 40,41). Jesus lhes pergunta: “Quando, pois, vier o Senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?” Ele lhes pergunta, para a condenação ainda mais severa deles, para que, “conhecendo a justiça de Deus” contra aqueles que fazem tais coisas, eles pudessem ser ainda mais inescusáveis. Observe que os procedimentos de Deus são tão irrepreensíveis, que é necessário apenas um apelo aos próprios pecadores a respeito da justiça de tais procedimentos. Deus é justificado quando fala. Eles puderam prontamente responder: “Dará afrontosa morte aos maus”. Observe que muitos podem, com facilidade,

prever as funestas conseqüências dos pecados dos outros, mas não ver qual será o seu próprio fim.

1. O nosso Salvador, na sua pergunta, diz que o "Senhor da vinha" virá e acertará as contas com eles. Deus é o "Senhor da vinha"; a propriedade é dele, e Ele fará com que saibam disto aqueles que agora governam sobre a sua herança, como se pertencesse a eles. O Senhor da vinha virá. Os perseguidores dirão, no seu íntimo: Ele retarda a sua vinda, Ele não está vendo, Ele não exige nada. Mas eles irão descobrir que, embora Ele os tolere bastante, Ele não os tolerará sempre. O consolo dos santos e dos ministros maltratados é o fato de que o Senhor está próximo, de que o "Juiz está à porta". Quando Ele vier, o que fará com aqueles que vivem de forma carnal? O que Ele fará com os cruéis perseguidores? Eles serão chamados para o ajuste de contas; esse será o dia deles, mas Ele "vê que vem chegando o seu dia".

2. Na sua resposta, eles imaginam que será um acerto de contas terrível; o crime parece ser muito sério, vocês podem ter certeza de que:

(1) Ele "dará afrontosa morte aos maus"; o destino deles é a sua destruição. *Kakous kakos apolesei – Malos male perdet.* Que os homens nunca esperem fazer o mal, e se saírem bem. Isto se cumpriu com os judeus, naquela infeliz destruição que lhes foi trazida pelos romanos, e que aconteceu aproximadamente depois de quarenta anos; e uma destruição sem paralelos, em que houve as mais tristes circunstâncias agravantes. Isto se cumprirá sobre aqueles que andam na iniqüidade; o inferno é a destruição eterna, e será uma destruição pior do que todas as demais. Imagine a situação daqueles que desfrutaram a maior parte dos privilégios da igreja, e se descuidaram da sua própria salvação. Os hipócritas e os perseguidores sofrerão terrivelmente no inferno.

(2) Ele "arrendará a vinha a outros lavradores". Observe que Deus terá uma igreja no mundo, apesar da falta de merecimento e da oposição de muitos que recebem os seus privilégios. A falta de fé e a reprovação do homem não tornarão a Palavra de Deus sem efeito. Se alguém não a aceitar, outro o fará. As migalhas dos judeus eram o banquete dos gentios. Os perseguidores podem destruir os ministros, mas não podem destruir a igreja. Os judeus imaginavam que, sem dúvida, eles eram o povo de Deus, e assim a sabedoria e a santidade lhes pertenciam. E se eles fossem desarraigados, para que Deus precisaria de uma igreja neste mundo? Mas quando Deus usa qualquer pessoa

para sustentar o seu nome, não é porque Ele precise desta pessoa, nem porque Ele esteja em dívida para com ela. Ainda que fôssemos destruídos, tornando-nos um motivo de espanto, Deus poderia edificar uma igreja próspera sobre as nossas ruínas, pois Ele nunca se confunde quanto ao que deve fazer pelo seu grandioso nome, a despeito daquilo que possa acontecer conosco, com o nosso lugar, e com a nossa nação.

VO exemplo e a aplicação desse conceito pelo próprio Cristo, dizendo-lhes, com efeito, que tinham julgado de forma correta.

1. Jesus dá um exemplo, referindo-se a uma passagem das Escrituras que assim foi cumprida (v. 42): “Nunca lestes nas Escrituras”. Sim, sem dúvida, eles as liam e cantavam freqüentemente, mas não as tinham levado em consideração. Nós perdemos o benefício daquilo que lemos por falta de reflexão. A passagem citada por Jesus é Salmo 118.22,23, o mesmo contexto de onde os meninos tomaram as suas hosanas. A mesma palavra que traduz louvor e consolo aos amigos e seguidores de Cristo, transmite condenação e terror aos seus inimigos. A Palavra de Deus é uma espada de dois gumes. Esta passagem: “A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo”, exemplifica a parábola anterior, especialmente na parte que se refere a Cristo.

(1) A rejeição da pedra pelos edificadores é a mesma coisa que os maus tratos dos lavradores ao Filho que lhes foi enviado. Os principais dos sacerdotes e os anciãos eram os edificadores, e tinham a supervisão da religião dos judeus, que era o edifício de Deus; e eles não iriam conceder um lugar a Cristo no seu edifício, não iriam aceitar a sua doutrina nem as suas leis na sua constituição; eles o deixaram de lado, como um vaso quebrado e desprezado, uma pedra que serviria somente como pedra de tropeço.

(2) O fato de essa pedra chegar a ser cabeça de esquina é a mesma coisa que arrendar a vinha a outros lavradores. Aquele que foi rejeitado pelos judeus foi aceito pelos gentios, e por aquela igreja onde não existe distinção entre circuncisão e incircuncisão, onde “Cristo é tudo em todos”. A sua autoridade sobre a igreja cristã, e a sua influência sobre ela, o fato de Ele governar sobre ela, como a sua Cabeça, e de que a une, como a Cabeça de Esquina, são os grandes símbolos da sua exaltação. Assim, apesar da maldade dos sacerdotes e dos anciãos, Ele dividiu uma porção com os grandes (“Com os poderosos, repartirá ele o despojo”), e recebeu o seu reino, embora eles não desejassem

que Ele reinasse sobre eles.

(3) A mão de Deus estava em tudo isso: “Pelo Senhor foi feito isso”. Até mesmo a sua rejeição pelos edificadores judeus se deu com o conselho e o conhecimento prévio de Deus Pai. Ele permitiu e ordenou isso; o Senhor Jesus também assumiu a posição de Pedra Angular. A sua mão direita e o seu santo braço fizeram tudo isso acontecer; foi o próprio Deus que “o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome”; e “é coisa maravilhosa aos nossos olhos”. A maldade dos judeus que o rejeitaram é espantosa. Como é que os homens podem ter tamanho preconceito contra os seus próprios interesses! (veja Is 29.9,10,14). A honra que lhe foi dada pelo mundo gentílico, apesar dos maus tratos que o seu próprio povo lhe dirigiu, é algo maravilhoso. O mesmo ocorre com o fato de que aquele que os homens desprezaram e abominaram foi adorado por reis! (Is 49.7). Mas “foi o Senhor que fez isto”.

2. Jesus aplica a parábola a eles, e a aplicação é a vida da pregação.

(1) Ele aplica a sentença que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo tinham determinado (v. 41), voltando-a contra eles mesmos; não a sua primeira parte, que dizia respeito à infeliz destruição dos lavradores (Ele não queria falar disto), mas a sua parte final, sobre arrendar a vinha a outros; porque embora ela parecesse má aos judeus, ela era boa para os gentios. Perceba:

[1] Que os judeus ficarão sem igreja: “O Reino de Deus vos será tirado”. Esta demissão dos lavradores representa a mesma destruição que a destruição da vinha “para que sirva de pasto” (Is 5.5). Aos judeus, por muito tempo, tinham pertencido a adoção e a glória (Rm 9.4), a eles foram confiadas as “palavras de Deus” (Rm 3.2), o depósito sagrado da religião revelada, e o privilégio de serem o povo que se chama pelo nome de Deus no mundo (Sl 76.1,2). Mas já não será mais assim. Eles não eram apenas improdutivos, no uso dos seus privilégios, mas, com essa desculpa, se opunham ao Evangelho de Cristo, e desta maneira perderam tais privilégios, não tardando muito até que eles fossem removidos. Observe que é justo o fato de Deus remover os privilégios da igreja daqueles que não apenas pecam contra eles, mas que pecam tendo estes privilégios (Ap 2.4,5). O Reino de Deus foi removido dos judeus, não somente pelos julgamentos temporais que lhes aconteciam, mas também pelos julgamentos espirituais a que estavam sujeitos, pela sua cegueira de espírito, pela sua insensibilidade de coração, e pela sua

indignação com o Evangelho (Rm 11.8-10; 1 Ts 2.15).

[2] Que os gentios serão aceitos. Deus não precisa nos pedir permissão para que Ele tenha uma igreja no mundo; embora a sua vinha seja desarraigada de um lugar, Ele encontrará outro para plantá-la. Ele a dará *ethnei – ao mundo gentio*, que produzirá frutos. Aqueles que não eram um povo, e não tinham obtido misericórdia, se tornaram os favoritos do Céu. Este é o mistério que tanto influenciou o bem-aventurado Paulo (Rm 11.30,33), e que tanto revoltou os judeus (At 22.21,22). Com a primeira plantação de Israel, em Canaã, a derrota dos gentios foi a riqueza de Israel (Sl 135.10,11), e, portanto, na sua extirpação, a queda de Israel foi a riqueza dos gentios (Rm 11.12). Ele a dará "a uma nação que dê os seus frutos". Cristo sabe, de antemão, quem irá produzir frutos usando os meios do Evangelho; porque toda a nossa produtividade é um trabalho das suas próprias mãos, e todas as suas obras são conhecidas de Deus Pai. Eles produzirão frutos melhor do que os judeus o fizeram. Deus recebeu mais glória da igreja do Novo Testamento do que da sua congregação do Antigo Testamento. Porque quando Ele modifica alguma coisa, não a modifica para que tenha perdas.

(2) Ele aplica as Escrituras que tinha citado (v. 42) para o terror deles (v. 44). Esta "pedra que os edificadores rejeitaram" está destinada "para a queda de muitos, em Israel". E temos aqui a destruição de dois tipos de pessoas cujas quedas estão comprovadamente ligadas a Cristo.

[1] Alguns, por ignorância, tropeçam em Cristo devido ao seu estado de humilhação. Quando essa Pedra está na terra, onde os edificadores a deixam, eles, com a sua cegueira e com os seus descuidos, caem sobre ela, e se destróem. A ofensa que dirigem a Cristo não o ofenderá mais do que o ferimento que uma pedra sofre por parte daqueles que nela tropeçam. Mas eles ferirão a si mesmos; eles cairão, e serão quebrantados, e enlaçados, e presos (Is 8.14; 1 Pe 2.7,8). A incredulidade dos pecadores será a sua destruição.

[2] Outros, por meio da maldade, se opõem a Cristo e o desafiam no seu estado de exaltação, quando essa Pedra já é cabeça de esquina; e neles ela cairá, pois eles a colocam sobre suas próprias cabeças, como os judeus fizeram com este desafio: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos"; e isto os reduzirá a pó. A primeira parte parece referir-se ao pecado e à destruição de todos os infiéis. Este é o pecado maior, e a pior ruína, dos perseguidores, que vão contra tudo e persistem neste comportamento. O reino

de Cristo será uma pedra pesada para todos aqueles que tentarem se livrar dela, ou tirá-la do seu lugar (veja Zc 12.3). Essa Pedra, cortada do monte sem o auxílio de mãos, rompeu e esmiuçou todo o poder de oposição (Dn 2.34,35). Alguns entendem isso como uma alusão ao costume dos judeus de apedrejar até à morte. Os criminosos eram, primeiramente, atirados com violência, de uma plataforma elevada, sobre uma grande pedra, o que deveria feri-los muito; mas depois os judeus atiravam outra grande pedra sobre eles, o que deveria esmagá-los, reduzindo-os a pedacinhos. De uma maneira ou de outra, Cristo irá destruir completamente todos aqueles que lutarem contra Ele. Se eles forem tão intrépidos, a ponto de a queda sobre a pedra não os destruir, ainda assim outra pedra irá cair sobre eles, e os destruirá. Ele ferirá os reis, encherá as nações de cadáveres (Sl 110.5,6). Jamais alguém endureceu o seu coração contra Deus e, ainda assim, prosperou.

Finalmente, consideremos a recepção que essas palavras de Cristo tiveram entre os principais dos sacerdotes e os anciãos que ouviam as suas parábolas.

1. Eles "entenderam que falava deles" (v. 45), e que naquilo que tinham dito (v. 41), eles tinham somente descrito a sua própria destruição. Observe que uma consciência culpada não precisa de acusador, e, às vezes, irá poupar um ministro do dever de dizer: "Tu és este homem". *Mutato nomine, de te fabula narratur – A fábula fala de você, é só modificar o nome*. Tão rápida e poderosa é a Palavra de Deus, e ela discerne tão bem os pensamentos e as intenções do coração, que é fácil para os homens maus (se a consciência não estiver insensibilizada) perceber que ela está falando deles.

2. Eles pretenderam prender a Jesus. Quando aqueles que ouvem a reprovação do mundo percebem que ela está falando deles, se isso não lhes fizer bem, certamente lhes causará muitas mágoas. Se eles não se compungirem em seus corações com convicção e contrição (At 2.37), eles se enfurecerão com indignação (At 5.33).

3. Eles não o fizeram por receio do povo, que consideravam Jesus um profeta, embora não o considerassem como o Messias. Isto serviu para assustar os fariseus. O medo que sentiam do povo os tinha impedido de falar mal de João (cap. 5.26), e aqui, de fazer mal a Jesus. Observe que Deus tem muitas maneiras de restringir a ira, como também de fazer com que a ira do homem redunde em seu louvor (Sl 76.10).

CAPÍTULO 22

Este capítulo é a continuação das palavras de Cristo no Templo, dois ou três dias antes da sua morte. As suas palavras desses dias são abundantemente registradas, por terem importância e conseqüências especiais. Neste capítulo, temos: I. Ensinamentos, por meio da parábola da ceia das bodas, a respeito da rejeição dos judeus e do chamado dos gentios (vv. 1-10) e, por meio do destino do homem que não estava trajado com veste nupcial, do perigo da hipocrisia na profissão do cristianismo (vv. 11-14). II. Discussões com os fariseus, os saduceus e os escribas, que se opunham a Cristo: 1. A respeito do pagamento de tributos a César (vv. 15-22). 2. A respeito da ressurreição dos mortos e do estado futuro (vv. 23-33). 3. A respeito do grande mandamento da lei (vv. 34-40). 4. A respeito da relação entre o Messias e Davi (vv. 41-46).

A Parábola da Ceia das Bodas

vv. 1-14

Aqui temos a parábola dos convidados ao jantar das bodas. O texto sagrado registra que Jesus (v. 1) tornou a falar em parábolas, não respondendo ao que os seus oponentes tinham dito (pois eles haviam sido silenciados), mas ao que eles pensaram, quando desejaram uma oportunidade para prendê-lo (cap. 21.46). Cristo sabe como responder aos pensamentos dos homens, pois Ele tem o poder de discerni-los. Ou ainda Ele respondeu, isto é, Ele prosseguiu com o seu discurso com o mesmo objetivo; pois essa parábola representa a oferta do Evangelho, e a recepção que ele encontra, da mesma maneira que a parábola anterior, mas com outra analogia. A parábola da vinha representa o pecado dos governantes que perseguiam os profetas; ela também mostra o pecado do povo, que, de maneira geral, negligenciava a mensagem, enquanto os seus líderes estavam perseguindo os mensageiros.

I Os preparativos do Evangelho aqui são representados por um jantar que um rei ofereceu para celebrar as bodas do seu filho; assim é o Reino dos céus, assim é a provisão feita para as almas preciosas, no novo concerto e por meio dele. O Rei é Deus, um grande Rei, o Rei dos reis. Então:

1. São as bodas do seu Filho. Cristo é o Esposo, a igreja é a esposa; o dia do Evangelho é o dia do seu casamento (Ct 3.11). Contemplem pela fé a igreja do primogênito, aqueles que estão escritos no céu, e foram dados a Cristo por

Ele, de quem eles eram; e neles vemos a esposa do Cordeiro (Ap 21.9). O concerto do Evangelho é um concerto de casamento entre Cristo e os crentes, e é um casamento feito por Deus. Esse lado da analogia é somente mencionado, e não detalhado aqui.

2. Há um jantar preparado para essas bodas (v. 4). Todos os privilégios da filiação à igreja, e todas as bênçãos do novo concerto, o perdão dos pecados, a graça de Deus, a paz de consciência, as promessas do Evangelho, e todas as riquezas ali contidas, dão acesso ao trono da graça, aos consolos do Espírito e a uma bem fundamentada esperança na vida eterna. Estes são os preparativos desse jantar, um céu sobre a terra, e um céu, no céu, em breve. Deus preparou esse jantar no seu conselho, no seu concerto. É um jantar que denota os privilégios atuais no nosso dia, além do jantar à noite, em glória.

(1) É uma festa. Os preparativos do Evangelho tinham sido profetizados como os de uma festa (Is 25.6), uma festa com animais gordos, e caracterizados como as muitas festas da lei cerimonial (1 Co 5.8). Uma festa é um dia de alegria (Et 9.17); assim também é o Evangelho; é uma festa contínua. Bois e cevados foram mortos para essa festa; nada de delicadezas, mas comida substancial; suficiente, e da melhor. O dia de uma festa é um dia de matança, ou de sacrifícios (Tg 5.5). Os preparativos do Evangelho estão todos baseados na morte de Cristo, em seu próprio sacrifício. Uma festa foi feita para o amor, ela é uma festa de reconciliação, um símbolo da boa vontade de Deus em relação aos homens. Ela foi feita para a alegria (Ec 10.19), ela é uma festa de regozijo. Ela foi feita para a plenitude; o desígnio do Evangelho era encher todas as almas famintas com boas coisas. Ela foi feita para a comunhão, para conservar a relação entre o céu e a terra. Nós somos convidados para o banquete do vinho, para podermos dizer quais são as nossas súplicas, quais são os nossos pedidos.

(2) É um jantar de bodas. Os jantares de bodas normalmente são abundantes, gratuitos e alegres. O primeiro milagre que Cristo realizou foi providenciar uma provisão abundante para uma festa de bodas (Jo 2.7), e certamente Ele não desejaria que lhe faltasse provisão na sua própria festa de bodas, quando chegassem as bodas do Cordeiro, e a esposa estivesse pronta, um jantar vitorioso e triunfante (Ap 19.7,17,18).

(3) É um jantar real de bodas; é um banquete de um rei (1 Sm 25.36), nas bodas, não de um servo, mas de um filho. Então, Ele, como Assuero, mostrará as riquezas da glória do seu reino (Et 1.4). A provisão feita para os

crentes no concerto da graça não é algo que vermes indignos, como nós, tenhamos motivos para esperar, mas algo que é conveniente que o Rei da glória ofereça. Ele dá a si mesmo; pois Ele se dá para ser para eles *El Shaddai – um Deus que é suficiente*, uma festa de verdade para a alma.

II Os chamados e as ofertas do Evangelho são representados por um convite para esse jantar. Aqueles que oferecem um banquete comemorativo devem ter convidados a quem agraciar com o jantar. Os convidados de Deus são os filhos dos homens. “Senhor, que é o homem”, para ser dignificado dessa maneira! Os que foram convidados primeiro foram os judeus; onde quer que o Evangelho seja pregado, esse convite é feito. Os ministros são os servos que são enviados com os convites (Pv 9.4,5).

Considere que: 1. As pessoas são chamadas, convidadas para as bodas. Os convites são enviados a todos aqueles que ouvem o som alegre do Evangelho. Os servos que trazem os convites não escrevem os nomes dos convidados em um papel; não há necessidade disso, uma vez que ninguém está excluído, exceto aqueles que se excluem voluntariamente. Aqueles que são convidados para o jantar são convidados para as bodas; pois todo aquele que participa dos privilégios do Evangelho deve comparecer respeitosamente diante do Senhor Jesus, como amigo fiel e servo humilde do Esposo. Eles são convidados para as bodas, para que possam ir e encontrar o Esposo; pois é a vontade do Pai que todos os homens honrem ao Filho.

2. As pessoas são chamadas, pois no Evangelho não há apenas propostas graciosas, mas também persuasões graciosas. Nós persuadimos os homens e lhes rogamos da parte de Cristo (2 Co 5.11,20). Veja o quanto o coração de Cristo está preocupado com a felicidade das nossas pobres almas! Ele não somente provê para elas, em consideração às suas necessidades, mas manda chamá-las, em consideração à sua fraqueza e descuido. Quando os convidados não quiseram comparecer, o rei enviou outros servos (v. 4). Quando os profetas do Antigo Testamento não conseguiram convencê-los, nem João Batista, nem o próprio Cristo – que lhes disse que os preparativos estavam prontos (era chegado o Reino de Deus) –, os apóstolos e os ministros do Evangelho foram enviados, depois da ressurreição de Cristo, para lhes dizer que o reino era chegado, que estava tudo pronto, e para persuadi-los a aceitar o convite. Alguém poderia pensar que teria sido suficiente dar a entender aos homens que eles tinham permissão de vir, e que seriam bem-

vindos; que, durante a solenidade das bodas, o rei deixaria as portas abertas; mas, como o homem não discerne naturalmente, e, portanto, não deseja as coisas do Espírito de Deus, somos pressionados a aceitar o convite mediante as persuasões mais poderosas, atraídos com as cordas humanas e com todos os laços do amor. Se a repetição do convite nos comover: “E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida” (Ap 22.17). Se o motivo do chamado nos comover: “Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto”. O Pai está preparado para nos aceitar; o Filho, para interceder por nós; o Espírito, para nos santificar; o perdão está pronto; a paz está pronta; o consolo está pronto; as promessas estão prontas, como fontes de água viva; as regulamentações estão prontas, como grandes canos para transporte de água; os anjos estão prontos para nos servir; as criaturas estão prontas para serem nossas aliadas; as providências estão prontas para trabalhar para o nosso bem; e o céu, por fim, está pronto para nos receber. Está tudo pronto. E nós não estamos? Toda essa preparação está feita para nós, e ainda há lugar para alguma dúvida quanto à maneira como seremos recebidos, se viermos de maneira adequada? Venha, portanto, venha às bodas; nós vos exortamos a que “não recebais a graça de Deus em vão” (2 Co 6.1).

III A fria recepção que o Evangelho freqüentemente encontra entre os filhos dos homens, representada pela fria recepção que esse convite encontrou, e pela recepção que os mensageiros encontraram, em que tanto o próprio rei como o noivo são ofendidos. Isso reflete, basicamente, os judeus, que rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos; mas também se refere ao desprezo que, em todas as épocas, será dedicado ao Evangelho de Cristo, e à oposição que ele enfrentará.

1. O convite foi desprezado de maneira imoral (v. 3): “não quiseram vir”. Observe a razão pela qual os pecadores não vêm a Cristo, nem à salvação que é dada por Ele. Não é porque eles não possam, mas porque não querem (Jo 5.40): “Não quereis vir a mim”. Isso irá agravar a infelicidade dos pecadores, pois poderiam ter tido uma grande felicidade se viessem; mas foi uma obra deles mesmos a atitude de se recusarem a vir. “Quis eu…, e tu não quiseste”. Mas isso não era tudo (v. 5): “não fazendo caso”. Eles pensaram que não valia a pena ir. Pensaram que os mensageiros faziam mais alvoroço que o

necessário; por mais que eles destacassem os preparativos, os convidados festejariam muito bem em suas próprias casas. Fazer pouco de Cristo, e da grande salvação operada por Ele, é o pecado destruidor do mundo. Eles foram negligentes. Multidões perecem, eternamente, por simples descuido, não por terem qualquer aversão direta às questões das suas almas, mas por uma indiferença predominante, e por uma despreocupação com tais questões.

E a razão pela qual fizeram pouco do jantar das bodas foi que eles tinham outras coisas com que se preocupavam mais; seguiram seus caminhos, “um para o seu campo, outro para o seu negócio”. Observe que os negócios e o lucro das coisas do mundo provam ser, para muitos, um grande obstáculo ao fechamento com Cristo; nenhum deu as costas para o jantar, mas todos ofereceram alguma desculpa plausível (Lc 14.18). As pessoas do campo tinham as suas fazendas para cuidar, onde sempre há uma coisa ou outra para fazer; as pessoas da cidade precisavam cuidar das lojas, e se preocupar com as questões financeiras; eles precisavam comprar, vender, e ter lucro. É verdade que tanto os fazendeiros quanto os comerciantes precisam ser diligentes nos seus negócios, mas não a ponto de se verem impedidos de fazer da fé o seu principal negócio. Essas coisas lícitas nos destróem, quando são manejadas de maneira imprópria, quando somos tão cuidadosos e preocupados com tantas coisas, a ponto de negligenciarmos a única coisa necessária. Observe que tanto a cidade quanto o campo têm as suas tentações; o comércio tem algumas, enquanto as fazendas têm outras. Desse modo, a despeito de qualquer coisa do mundo que tenhamos em nossas mãos, a nossa preocupação deve ser manter isso fora dos nossos corações, para que não se interponha entre nós e Cristo.

2. Os mensageiros foram maltratados de forma vil; os que sobraram, isto é, aqueles que não foram ao campo nem aos seus negócios, não eram nem lavradores nem comerciantes, mas eclesiásticos. Eram os escribas e os fariseus, os principais dos sacerdotes; eram os perseguidores. Eles tomaram os servos e os ultrajaram, e os mataram. Isto, na parábola, é incompreensível. Como puderam ser tão rudes e bárbaros, como essas pessoas, com os servos que vieram convidá-los a uma festa; mas, na aplicação da parábola, era verdade; aqueles cujos pés deveriam ter sido bonitos, porque traziam as boas-novas de festas solenes (Na 1.15), foram tratados como a escória de todos (1 Co 4.13). Os profetas e João Batista já tinham sido maltratados dessa maneira, e os apóstolos e ministros de Cristo deviam esperar a mesma coisa.

Os judeus, direta ou indiretamente, eram os agentes da maioria das perseguições contra os pregadores do Evangelho. Um testemunho dessa verdade é a história dos Atos dos Apóstolos, que retrata os seus sofrimentos.

IV A destruição completa que viria sobre a igreja e a nação dos judeus é aqui representada pela vingança que o rei, irado, enviou contra esses insolentes dissidentes (v. 7). Ele se encolerizou. Os judeus, que tinham sido o povo do amor e da bênção de Deus, ao rejeitarem o Evangelho, tornaram-se a geração da sua ira e maldição. A ira de Deus caiu sobre eles até ao fim (1 Ts 2.16). Considere aqui:

1. Qual foi o pecado que produziu a destruição: o fato de eles terem assassinado os servos. Não se diz que Ele destruiu os que desprezaram o seu convite, mas que destruiu os homicidas, os que tinham matado os seus servos. Como se Deus tivesse mais zelo pela vida dos seus ministros do que pela honra do seu Evangelho. Aquele que os toca, toca a menina dos seus olhos. Observe que a perseguição dos ministros fiéis de Cristo merece a imputação da culpa, mais que qualquer outra coisa. Encher Jerusalém de sangue inocente foi o pecado de Manassés que o Senhor não quis perdoar (2 Rs 24.4).

2. Qual foi a destruição que veio: Ele enviou “os seus exércitos”. Os exércitos romanos eram os seus exércitos, que Ele convocou, que Ele enviou contra o povo da sua ira, e a ordem era destruí-lo (Is 10.6). Deus é o Senhor dos exércitos dos homens, e faz deles o uso que quiser, para servir aos seus próprios objetivos, embora eles não o percebam, nem o seu coração assim o imagine (Is 10.7; veja Mq 4.11,12). Com seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade. Isto indica, muito claramente, a destruição dos judeus e o incêndio de Jerusalém, pelos romanos, quarenta anos mais tarde. Nenhuma época jamais viu uma destruição maior do que aquela, nem efeitos mais diretos do fogo e da espada. Embora Jerusalém tivesse sido uma cidade santa, a cidade que Deus tinha escolhido para lhe dar o seu nome, bonita por condição, a alegria de toda a terra, ainda assim aquela cidade agora tinha se tornado uma prostituta, e a justiça não mais habitava ali, mas os homicidas, os piores homicidas (como diz o profeta, Is 1.21). Assim, o julgamento caiu sobre ela, e a destruição não teve remédio; e isso serve de exemplo a tudo o que se opuser a Cristo e ao seu Evangelho. A vingança à oposição ao seu concerto foi uma obra do Senhor.

VO repovoamento da igreja, com o convite aos gentios, é aqui representado pela realização do jantar com convidados ajuntados dos caminhos (vv. 8-10).

Aqui temos: 1. O comentário do dono da festa a respeito daqueles que tinham sido convidados primeiro (v. 8). As bodas estão preparadas, isto é, o concerto da graça está preparado para ser firmado, há uma igreja preparada para ser fundada; mas aqueles que tinham sido convidados, isto é, os judeus, a quem pertenciam o concerto e as promessas, motivo pelo qual eram convidados primeiro às festas de cevados, não eram dignos. Eles eram completamente indignos e, com o seu desprezo por Cristo, tinham perdido todos os privilégios a que tinham sido convidados. Não é devido a Deus que os pecadores perecem, mas a si mesmos. Assim, quando a antiga nação de Israel estava próxima de Canaã, a terra prometida estava preparada, como também o leite e o mel. Mas a sua falta de fé, a sua murmuração e o desprezo por aquela terra agradável, impediram que eles entrassem na terra prometida e as suas carcaças pereceram no deserto; e essas coisas lhes aconteceram para que nos demos por avisados (1 Co 10.11; Hb 3.16-4.1).

2. A comissão que ele deu aos servos, de convidar a outras pessoas. Os habitantes da cidade (v. 7) tinham recusado. “Ide, pois, às saídas dos caminhos”, os caminhos dos gentios, que, a princípio, os mensageiros deviam evitar (cap. 10.5). Dessa maneira, com a queda dos judeus, a salvação chegou aos gentios (Rm 11.11,12; Ef 3.8). Cristo terá um reino no mundo, embora muitos rejeitem a graça e resistam ao poder de tal reino. Mesmo que Israel não se una ao seu reino, ele será um reino glorioso. A oferta de Cristo, a salvação aos gentios, foi: (1) Imprevista e inesperada; uma surpresa aos homens dos caminhos, que receberiam um convite para um banquete de bodas. Os judeus souberam do Evangelho muito tempo antes, e esperaram o Messias e o seu reino. Mas para os gentios, tudo isso era novidade, coisas que nunca tinham ouvido antes (At 17.19,20), e, conseqüentemente, coisas que eles não podiam sequer imaginar que pudessem lhes pertencer. Veja Is 65.1,2. (2) Foi universal e sem diferenciação. “Ide..., e convidai para as bodas a todos os que encontrardes”. Os caminhos são lugares públicos, e ali a Sabedoria clama (Pv 1.20). “Convidem os que passam pelos caminhos, convidem a qualquer pessoa (Jó 21.29), altivo e humilde, rico e pobre, escravo e livre, jovem e velho, judeu e gentio; digam a todos que eles serão bem-vindos aos privilégios do Evangelho, nos termos do Evangelho; quem

desejar, que venha, sem exceção".

3. O sucesso desse segundo convite; se alguns não vierem, outros virão (v. 10); eles "ajuntaram todos quantos encontraram". Os servos obedeceram às suas ordens. Jonas foi enviado aos caminhos, mas estava tão preocupado com a honra da sua nação, que evitou a missão. Mas os apóstolos de Cristo, embora fossem judeus, preferiram o serviço a Cristo ao respeito pela sua nação; e o apóstolo Paulo, embora lamentando pelos judeus, engrandeceu o seu trabalho como o apóstolo dos gentios. Eles reuniram todos. O desígnio do Evangelho é: (1) Reunir as almas, não somente a nação dos judeus, mas todos os filhos de Deus que estão dispersos, no estrangeiro (Jo 11.52), as ovelhas que não pertencem a este aprisco (Jo 10.16). As almas foram reunidas em um corpo, em uma família, em uma corporação. (2) Reunir as almas na ceia das bodas, para prestar seu respeito e reverência a Cristo, e para participar dos privilégios do novo concerto. Onde houver distribuição de alimentos e gêneros de primeira necessidade, ali os pobres estarão reunidos.

Os convidados reunidos eram: [1] Uma multidão, todos, tantos quantos puderam encontrar; tantos, que a festa nupcial ficou repleta de convidados. Os escolhidos dos judeus estão contados, mas aqueles que eram das outras nações não se podiam contar; eram uma multidão muito grande (Ap 7.9. veja Is 60.4,8). [2] Uma multidão variada, tanto de bons quanto de maus; alguns que, antes da sua conversão, eram sérios e tinham boas intenções, como os gregos religiosos (At 17.4) e Cornélio; outros que tinham sido pecadores, como os coríntios (1 Co 6.11). "Tais fostes alguns de vós" (versão ARA); ou alguns que, depois da sua conversão, provaram ser maus, que não se voltaram ao Senhor com todo o seu coração, mas com fingimento; outros que foram sinceros e justos, e provaram ser o tipo certo. Os ministros, ao lançarem a rede do Evangelho, abrangem tanto os peixes bons quanto os maus; mas o Senhor sabe quais são aqueles que lhe pertencem.

VI O caso dos hipócritas – que estão na igreja, mas que não pertencem a ela, que têm fama de que vivem, mas que não estão realmente vivos – é representado pelo convidado que não estava trajado com vestes nupciais, um dos maus que estavam junto com os bons. Aqueles que não alcançam a salvação de Cristo, não são apenas aqueles que se recusam a assumir a profissão da religião, mas também os que não são sinceros nessa profissão de fé. A respeito desse hipócrita, observe:

1. Como ele foi descoberto (v. 11).

(1) O rei entrou para ver os convidados, para dar as boas-vindas àqueles que tinham vindo preparados, e para afastar os que não tinham se preparado para vir. Note que o Deus do céu observa, em especial, aqueles que professam a religião e têm um lugar e um nome na igreja visível. O nosso Senhor Jesus anda no meio dos castiçais de ouro, e por isso conhece as suas obras. Veja Ap 2.1,2; Ct 7.12. Que isto seja, para nós, uma advertência contra a hipocrisia, o fato de que os disfarces logo serão descobertos, e todo homem se mostrará com as suas verdadeiras características. Temos um incentivo para a nossa sinceridade o fato de que Deus é testemunha dela.

Esse hipócrita não estava usando uma veste nupcial, e não foi descoberto até que o próprio rei entrou para ver os convidados. Note que é prerrogativa de Deus conhecer os que são sinceros em sua profissão de fé, e aqueles que não o são. Nós podemos ser enganados pelos homens, de uma maneira ou de outra, mas Ele não. O dia do juízo será o grande dia das revelações, quando todos os convidados serão apresentados ao Rei: então Ele irá separar os preciosos dos vis (cap. 25.32). Nessa ocasião, os segredos de todos os corações serão manifestos, e poderemos discernir, de maneira inequívoca, entre os justos e os maus, o que agora não é fácil fazer. Todos os convidados devem se preocupar em se preparar para o escrutínio, e considerar como irão suportar o olho penetrante do Deus que investiga todos os corações.

(2) Imediatamente depois de entrar, o rei percebeu o hipócrita. “Viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial”; embora fosse apenas um, ele logo o percebeu; não há esperança de conseguir, em meio a uma multidão, esconder-se da justiça divina; ele não estava trajado com veste nupcial; ele não estava vestido para uma cerimônia nupcial; ele não estava vestido com as suas melhores roupas. Muitos vêm à festa das bodas sem uma veste nupcial. Se o Evangelho é a festa das bodas, então a veste nupcial é uma condição do coração e um modo de vida agradáveis ao Evangelho e à nossa profissão dele, dignos da vocação à qual fomos chamados (Ef 4.1), como convém ao Evangelho de Cristo (Fp 1.27). A justiça dos santos, a sua verdadeira santidade e santificação, e Cristo, feito justiça neles, são o linho fino (Ap 19.8). Esse homem não estava nu, nem estava maltrapilho; ele estava vestido de alguma maneira, mas não com uma veste nupcial. Aqueles que se revestem do Senhor Jesus, que têm um estado de espírito cristão, que são adornados com graças cristãs, que vivem pela fé em Cristo, e para quem Ele é

tudo, aqueles, e somente aqueles, têm a veste nupcial.

2. O seu julgamento (v. 12); e aqui podemos observar:

(1) Como ele foi acusado (v. 12): “Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial?” Uma pergunta assustadora a alguém que estava secretamente orgulhoso do lugar que tinha na festa. “Amigo”. Esta é uma palavra penetrante; um amigo aparente, um amigo fingido, alguém que professa ser amigo, aquele que finge mediante vários laços e ardis. Observe que existem muitos, na igreja, que são falsos amigos de Jesus Cristo, que dizem que o amam, enquanto os seus corações não estão com Ele. “Como entraste aqui?” Ele não repreende os servos por terem permitido a sua entrada (a veste nupcial é uma coisa interior; os ministros agem de acordo com aquilo que percebem), mas questiona a sua presunção por entrar, quando ele sabia que o seu coração não era justo. “Como você reivindica uma participação nos benefícios do Evangelho, quando você não tem respeito pelas regras do Evangelho? Quem é você para declarar os meus estatutos?” (Sl 50.16,17). Esse tipo de pessoa macula a festa, desonra o esposo, afronta os amigos e se arruina; e, por isso: “Como entraste aqui?” Observe que está chegando o dia em que os hipócritas serão chamados para responder por todas as suas invasões arrogantes nas regulamentações do Evangelho, e por usurparem os privilégios do Evangelho. “Quem requereu isso de vossas mãos?” (Is 1.12). Deve-se prestar contas pelos sábados negligenciados e pelos sacramentos mal-utilizados, e o julgamento exigirá uma ação contra todos aqueles que receberem a graça de Deus em vão. “Como você vem à mesa do Senhor, numa ocasião como esta, sem se humilhar, sem se santificar? O que faz com que você se sente diante dos profetas de Deus, como o seu povo, uma vez que o seu coração está cheio de cobiça? Como você entrou aqui? Não foi pela porta, mas de alguma outra maneira, como um bandido e um ladrão. Foi uma entrada tortuosa, uma apropriação sem direito a um título”. Note que é bom que aqueles que têm um lugar na igreja sempre façam esta pergunta a si mesmos: “Como é que eu entrei aqui? Eu tenho uma veste nupcial?” Se nós nos julgássemos, desta maneira, não seríamos julgados.

(2) Como ele se condenou: “Ele emudeceu”, *ephimothe – ele estava amordaçado* (essa foi a palavra utilizada, 1 Co 9.9). O homem ficou mudo com a acusação, sendo condenado pela sua própria consciência. Aqueles que vivem na igreja, e que morrem sem Cristo, não terão nenhuma palavra para dizer em defesa própria no julgamento do grande dia; eles não terão

desculpas. Se eles disserem: Temos comido e bebido na tua presença (Lc 13.26), isto será equivalente a dizer que são culpados; pois o crime de que são acusados é o de se colocarem na presença de Cristo, e à sua mesa, antes de serem chamados. Aqueles que nunca ouviram uma palavra sobre essa festa de bodas terão mais para dizer em sua defesa; o seu pecado será mais justificável, e a sua condenação mais tolerável do que a daqueles que vêm à festa sem a veste nupcial, pecando, desta forma, contra a luz mais clara e o amor mais precioso.

3. A sentença (v. 13): “Amarrai-o de pés e mãos”.

(1) Ele deve ser amarrado, como o são os malfeitores condenados; deve ser algemado e acorrentado. Pode-se esperar que aqueles que não trabalham, nem andam como deveriam, sejam amarrados de pés e mãos. Existe uma obrigação neste mundo, por parte dos servos e dos ministros, de suspender as pessoas que andam desordenadamente, para o prejuízo da fé cristã, o que é chamado de “ligar” estas pessoas (cap. 18.18). Ligá-las, para que não participem das cerimônias especiais e dos privilégios especiais da sua filiação à igreja; ligá-las, para o julgamento justo de Deus. No dia do julgamento, os hipócritas serão amarrados; os anjos os lançarão ao fogo (cap. 13.41,42). Os pecadores condenados são amarrados de pés e mãos por uma sentença irreversível; isto significa a mesma coisa que a existência do grande abismo; eles não podem resistir à sua punição, nem anulá-la.

(2) Ele dá a ordem para que o homem seja removido da festa das bodas: “Levai-o”. Quando aparece a maldade dos hipócritas, eles devem ser levados da comunhão dos crentes, devem ser extirpados como galhos secos. Isto evidencia a punição da perda no outro mundo. Eles serão afastados do rei, do reino, e da festa das bodas: “Apartai-vos de mim, malditos”. A sua desgraça será pior, pois (como o capitão sem fé, 2 Rs 7.2) verão toda essa abundância com os seus próprios olhos, mas não sentirão o seu sabor. Observe que aqueles que andam como indignos do seu cristianismo perdem toda a felicidade cujo direito reivindicam arrogantemente, e louvam a si mesmos com uma expectativa infundada.

(3) Ele é enviado a uma deprimente masmorra: “Lançai-o nas trevas exteriores”. O nosso Salvador aqui, sem emoção, passa dessa parábola para aquilo que dá a entender que é a destruição dos hipócritas no outro mundo. O inferno é as trevas exteriores, as trevas fora do céu, que é a terra da luz; ou é a escuridão completa, a escuridão até o último estágio, sem o menor raio ou

fagulha de luz, ou esperança dela, como a escuridão do Egito; a escuridão que pode ser sentida; uma terra completamente escura, como a própria escuridão (Jó 10.22). Observe que os hipócritas vão, da luz do próprio Evangelho, até à escuridão completa; e o inferno será realmente o inferno para eles, uma condenação mais intolerável. “Ali haverá pranto e ranger de dentes”. Isto o nosso Salvador freqüentemente usa como parte da descrição dos tormentos do inferno, que aqui são representados não tanto pela própria infelicidade quanto pelo ressentimento que os pecadores terão dela; haverá pranto, uma expressão de grande tristeza e angústia, não um jorro de lágrimas que dá alívio imediato, mas um choro constante, que é um tormento contínuo. E o ranger de dentes é uma expressão de grande fúria e indignação; eles serão como um antílope selvagem na rede, cheio do furor do Senhor (Is 51.20; 8.21,22). Portanto, devemos ouvir e temer.

Finalmente, a parábola conclui com as palavras admiráveis que tivemos anteriormente (cap. 20.16). Muitos são chamados, mas poucos escolhidos (v. 14). Dos muitos que são convidados para a festa das bodas, se você deixar de lado todos aqueles, como os não-escolhidos, que fazem pouco caso dela, e abertamente preferem outras coisas a ela; se, a seguir, você deixar de lado todos aqueles que professam a fé, mas cujo estado de espírito e o teor de suas conversas são uma constante contradição ao que professam; se você deixar de lado todos os profanos, e todos os hipócritas, você irá descobrir que são poucos, muito poucos, os que são escolhidos. Muitos são chamados ao jantar das bodas, mas há poucos escolhidos para trajar a veste nupcial, isto é, para a salvação, pela santificação do Espírito. Esta é a porta estreita, e o caminho estreito, que poucos encontram.

A Pergunta sobre os Tributos

vv. 15-22

Não foi o menor dos sofrimentos de Cristo o fato de Ele suportar a contradição dos pecadores contra si mesmo, e sofrer ciladas armadas para ele por aqueles que procuravam uma maneira de eliminá-lo mediante alguma desculpa. Nesses versículos, vemos o Senhor ser atacado pelos fariseus e pelos herodianos, com uma pergunta sobre o pagamento de tributos a César. Considere:

I Qual foi o desígnio a que eles se propunham. “Consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra.” Até aqui, os seus encontros tinham sido principalmente com os principais dos sacerdotes e os anciãos, homens de autoridade que confiavam mais no seu poder do que na sua política, e o questionavam a respeito da sua comissão (cap. 21.23). Mas agora Ele está diante de outro grupo; os fariseus irão verificar se eles conseguem lidar com Ele com a instrução na lei e na casuística que possuem, e farão um *tentamen novum – um novo julgamento* contra Ele. Observe que é inútil que os homens melhores e mais sábios pensem que, com a sua ingenuidade, ou com os seus interesses, ou com a sua habilidade, ou até mesmo com a sua inocência e integridade, conseguirão escapar ao ódio e à má vontade dos homens maus, ou se esconder da disputa das línguas. Veja como são incansáveis os inimigos de Cristo e do seu reino, na sua oposição!

1. Eles consultaram entre si. Havia sido predito, a seu respeito, que os príncipes juntos se mancomunariam contra Ele (Sl 2.2), e assim “eles perseguem os profetas”. “Vinde, e maquinemos projetos contra Jeremias” (veja Jr 18.18; 20.10). Observe que quanto mais tramas e maquinações existirem para o pecado, pior será. Existe um “ai” particular para aqueles que intentam a iniqüidade (Mq 2.1). Quanto mais talento iníquo houver na invenção de um pecado, mais má vontade haverá em sua realização.

2. O que eles desejavam era surpreendê-lo em alguma palavra. Eles o viam, livre e ousado, expressando o seu pensamento, e esperavam com isso conduzi-lo a um ponto conveniente para que tivessem alguma vantagem contra Ele. Este tinha sido o procedimento antigo dos agentes e emissários de Satanás, o de fazer do homem um criminoso por uma palavra, uma palavra mal colocada, ou errada, ou mal interpretada. Uma palavra, embora planejada de modo inocente, mas corrompida por insinuações forçadas: dessa maneira, eles armaram laços “ao que repreende na porta” (Is 29.21), e são os maiores professores, como também os maiores agitadores, de Israel: dessa maneira, “o ímpio maquina contra o justo” (Sl 37.12,13).

Havia duas maneiras pelas quais os inimigos de Cristo poderiam se vingar e se livrar dele: isto podia acontecer pela lei, ou pela força. Pela lei, eles não conseguiriam fazê-lo, a menos que o tornassem odioso para o governo civil; pois não era lícito que eles matassem qualquer pessoa (Jo 18.31), e as autoridades romanas não queriam se preocupar com questões de palavras, de nomes, e da lei dos judeus (At 18.15). Pela força, eles não poderiam fazê-lo, a

menos que o tornassem odioso para o povo, que sempre era as mãos, fossem quem fossem os cabeças, de tais atos de violência, chamados de pulsação dos rebeldes. Mas o povo considerava Cristo como um profeta, e por isso os seus inimigos não conseguiam incitar a multidão contra Ele. Agora (como a velha serpente era, desde o início, mais sagaz do que qualquer outro animal), o desígnio era levá-lo a um dilema tal, que Ele precisaria se fazer suscetível ao desagrado da multidão dos judeus, ou dos magistrados romanos. Não importa que lado da questão Ele adote, Ele ficará contra alguém, e assim eles conseguirão o seu intento, fazendo com que a sua própria língua testemunhe contra Ele.

II A pergunta que fazem a Ele, de acordo com o seu objetivo (vv. 16,17). Tendo planejado esta maldade em segredo, numa trama fechada, por trás das cortinas, eles a colocaram em prática sem perda de tempo. Considere:

1. As pessoas que eles empregaram: não o fizeram eles mesmos, para que não se suspeitasse do objetivo, e para que Cristo não se colocasse mais em guarda; mas enviaram os seus discípulos, que pareciam menos tentadores e mais aprendizes. Os homens maus nunca desejarão usar instrumentos iníquos para realizar as suas tramas perversas. Os fariseus têm os seus discípulos às suas ordens, para realizar por eles qualquer missão, e falar como eles falariam. E eles têm isso em mente quando se mostram tão empenhados em fazer prosélitos.

Com os seus discípulos, eles enviaram os herodianos, um grupo de judeus que era a favor de uma submissão entusiástica e completa ao imperador romano, e a Herodes, seu representante. Eles viviam da tarefa de conciliar as pessoas com este governo, e pressionavam a todos para que pagassem esse tributo. Alguns opinam que eles eram os cobradores do imposto da terra, assim como os publicanos eram os cobradores da alfândega. Eles foram com os fariseus até Cristo, com esse pretexto para a sua trama, pois embora os herodianos exigissem o pagamento do imposto, e os fariseus o negassem, os dois grupos estavam desejosos de levar a questão a Cristo, como o juiz mais adequado para decidir a disputa. Como Herodes era obrigado, pela concessão da soberania, a se encarregar do tributo, esses herodianos, ao ajudá-lo a fazer isso, ajudavam a torná-lo querido pelos seus grandes amigos de Roma. Os fariseus, por outro lado, zelavam pela liberdade dos judeus, e faziam o que podiam para torná-los impacientes com o jugo romano. Se Ele estimulasse o

pagamento do tributo, os fariseus incitariam o povo contra Ele; se Ele proibisse o pagamento, os herodianos incitariam o governo contra Ele. Observe que é comum ver aqueles que estão em oposição entre si permanecerem em oposição contra Cristo e o seu reino. As raposas de Sansão olhavam para todos os lados, mas se encontravam em um tição (veja Sl 83.3,5,7,8). Se eles eram unânimes na oposição, nós também não deveríamos ser unânimes na defesa dos interesses do Evangelho?

2. O preâmbulo, com o qual eles apresentavam, de modo plausível, a questão; ele era altamente elogioso ao nosso Salvador (v. 16). “Mestre, bem sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade”. É comum que os projetos mais iníquos sejam encobertos com os pretextos mais plausíveis. Mesmo que eles tivessem se dirigido a Deus com a mais séria das perguntas e a mais sincera das intenções, não conseguiriam ter se expressado melhor. Aqui há ódio encoberto com engano, e um coração maligno que se expressa com lábios fervorosos (Pv 26.23); como Judas, que beijou e traiu, e como Joabe, que beijou e matou.

Mas: (1) O que eles disseram a respeito de Cristo era correto; quer eles soubessem disso ou não, bendito seja Deus, nós o sabemos.

[1] Que Jesus Cristo era um Mestre verdadeiro: “és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade”. Pois Ele é verdadeiro, o Amém, a Testemunha fiel. Ele é a própria Verdade. Quanto à sua doutrina, o assunto dos seus ensinos era o caminho de Deus, o caminho em que Deus exige que nós caminhemos, o caminho do dever que leva à felicidade. Este é o caminho de Deus, que estava na verdade. Ele mostrava ao povo o caminho certo, o caminho que eles deveriam seguir. Ele era um professor habilidoso, e conhecia o caminho de Deus; e um professor fiel, que se certificaria de nos mostrar o caminho (veja Pv 8.6-9). Este é o caráter de um bom professor, o de pregar a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade, e não suprimir, corromper ou estender nenhuma verdade, por favor ou afeto, ódio ou boa vontade, por um desejo de agradar ou medo de ofender a qualquer pessoa.

[2] Que Ele era um Reprovador corajoso. Na pregação, Ele não se preocupava com ninguém, Ele não dava importância à censura ou aos sorrisos de ninguém, Ele não bajulava, Ele não temia, nem os importantes, nem as multidões, pois Ele não se preocupava com a pessoa do homem. No seu julgamento evangélico, Ele não conhecia rostos. O Leão da tribo de Judá

por ninguém torna atrás (Pv 30.30), não se afasta da verdade, nem do seu trabalho, porque não teme os mais poderosos. Ele repreende com eqüidade (Is 11.4), e nunca com parcialidade.

(2) Embora o que eles dissessem fosse verdade, ainda assim não havia nada além de bajulação e traição nas suas intenções. Eles o chamaram de Mestre, quando estavam planejando tratá-lo como o pior dos malfeitores. Eles fingiram ter respeito por Ele, quando pretendiam enganá-lo. Afrontaram a sua sabedoria como homem, muito mais a sua onisciência como Deus, da qual Ele tinha tão freqüentemente dado provas incontestáveis. Imaginaram que conseguiriam pressioná-lo com essas desculpas, e que Ele não conseguiria enxergar os seus pensamentos. Este é o ateísmo mais grosseiro, a maior tolice do mundo, pensar que é possível conseguir enganar a Cristo, que sonda os corações (Ap 2.23). Aqueles que tentam zombar de Deus nada conseguem, exceto enganar a si mesmos (Gl 6.7).

3. A proposta da questão: “Que te parece?” Como se tivessem dito: “Muitos homens têm diversas opiniões sobre este assunto; é uma questão que está relacionada com a prática, e que acontece todos os dias; vamos ver o seu pensamento, livremente, sobre o assunto: ‘é lícito pagar o tributo a César ou não?’” Isto implica em uma questão adicional: César tem o direito de exigi-lo? A nação dos judeus, aproximadamente cem anos antes, tinha sido conquistada pela espada romana, e, como outras nações, tinha sido submetida ao jugo romano, e se tornado uma província do império. Assim sendo, impostos, tributos e alfândega eram exigidos da nação, e, algumas vezes, dinheiro para eleições. Com isso, parecia que o cetro tinha sido removido de Judá (Gn 49.10), e, portanto, se eles tinham compreendido os sinais dos tempos, deveriam ter concluído que Siló tinha vindo, e que ou este era Ele, ou deveriam encontrar outro que tivesse mais probabilidade de sê-lo.

A pergunta era se era lícito pagar voluntariamente esses tributos, ou se eles não deveriam insistir mais na questão da antiga liberdade da sua nação, e não sujeitar-se ao pagamento? O fundamento da dúvida era o fato de que eles eram a descendência de Abraão, e não deveriam consentir em servir a ninguém (Jo 8.33). Deus lhes tinha dado uma lei que dizia não haver estranhos sobre eles. Isto não implicava que eles não deveriam se submeter voluntariamente a nenhum príncipe, estado ou potestade que não fossem a sua própria nação e religião? Este era um engano antigo, que surgia daquele orgulho e daquele espírito arrogante que trazem a destruição e a queda.

Jeremias, na sua época, embora falasse em nome de Deus, não conseguiu derrotá-los, nem persuadi-los a se sujeitarem ao rei da Babilônia; e a sua obstinação nessa questão foi, então, a sua destruição (Jr 27.12,13). Agora, mais uma vez, eles tropeçavam na mesma pedra, e era a mesma questão que, alguns anos depois, trouxe a sua destruição final pelas mãos dos romanos. Eles interpretaram mal o sentido, tanto do preceito como do privilégio, e, deturpando a Palavra de Deus, lutaram contra a sua providência, quando deveriam ter beijado o bordão e aceitado o castigo da sua iniqüidade.

No entanto, com essa pergunta, eles esperavam confundir a Cristo, e, independentemente da maneira como Ele solucionasse a questão, deixá-lo exposto à fúria, fosse dos invejosos judeus, fosse dos invejosos romanos. Eles estavam prontos para triunfar, como Faraó estava pronto para triunfar sobre Israel quando o deserto o prendeu, e a sua doutrina resultaria injuriosa aos direitos da igreja, ou prejudicial aos reis e às províncias.

III A sabedoria do Senhor Jesus desfez essa armadilha.

1. Ele a descobriu (v. 18). Ele conheceu “a sua malícia”; pois certamente “debalde se estenderia a rede perante os olhos de qualquer ave” (Pv 1.17). Uma tentação percebida já está derrotada pela metade, pois o nosso maior perigo está nas serpentes sob a erva verde; e Ele disse: “Por que me experimentais, hipócritas?” Observe que não importa o disfarce que o hipócrita coloque sobre si, o nosso Senhor Jesus vê através dele. Ele percebe toda a maldade que está nos corações daqueles que fingem, e pode facilmente condená-los por isso, e apresentá-la diante deles. Ele não pode ser impressionado, como nós freqüentemente somos, por adulações e boas intenções. Aquele que sonda os corações pode chamar todos os hipócritas pelo nome, como Aías fez com a mulher de Jeroboão (1 Rs 14.6): “Por que te disfarças assim?” “Por que me experimentais, hipócritas?” Os hipócritas tentam a Jesus Cristo, colocam à prova o seu conhecimento, para ver se Ele consegue descobri-los nos seus disfarces; eles colocam à prova a sua santidade e a sua verdade, para ver se Ele permite que eles façam parte dessa igreja; mas se aqueles de antigamente que tentassem a Cristo – quando Ele se revelava apenas por ameaças – seriam destruídos por serpentes, de uma punição muito pior serão considerados dignos aqueles que o tentarem agora, na era do Evangelho de luz e amor! Aqueles que supõem que podem tentar a Cristo certamente descobrirão que Ele é muito severo para com eles, e que

Ele tem olhos penetrantes demais para não ver, e olhos puros demais para não odiar a maldade disfarçada dos hipócritas, que se escondem nas profundezas para tentar ocultar dele as suas idéias.

2. Ele se esquivou; o fato de que Ele os condenou por hipocrisia pode ter servido como resposta (essas perguntas capciosas e maldosas merecem uma censura, não uma resposta). Mas o nosso Senhor Jesus deu-lhes uma resposta completa à sua pergunta, e apresentou-a com um argumento suficiente para apoiá-la, e também para estabelecer uma regra para a sua igreja quanto ao tema, evitando ofender, e rompendo a armadilha.

(1) Ele os forçou, antes que se dessem conta, a confessarem a autoridade de César sobre eles (vv. 19,20). Ao lidar com aqueles que são capciosos, é bom apresentar as nossas razões, e, se possível, razões de força moral confessada, antes de apresentarmos a nossa decisão. Assim, a evidência da verdade pode silenciar seus oponentes com a surpresa, pois eles só mantêm a sua guarda contra a própria verdade, e não contra a sua razão: “Mostrai-me a moeda do tributo”. Ele não tinha nada seu para convencê-los; aparentemente, Ele não tinha nem uma moeda, pois, por nossa causa, Ele se esvaziou e tornou-se pobre. Ele desprezou a riqueza deste mundo, e assim nos ensinou a não supervalorizá-la. Ele não tinha prata nem ouro. Por que, então, devemos cobiçar tantas coisas, abarrotando-nos de dívidas? Os romanos exigiam o pagamento do seu tributo com o seu próprio dinheiro, que era corrente entre os judeus naquela época, e que, portanto, é chamado de dinheiro do tributo. Jesus não menciona nenhuma moeda, exceto o dinheiro do tributo, para mostrar que Ele não se importava com coisas dessa natureza, nem se preocupava com elas; o seu coração se dedicava a coisas melhores, ao reino de Deus e às riquezas e à justiça dele, e o nosso coração deveria fazer o mesmo. Eles lhe apresentaram um dinheiro, um centavo romano, de prata, com valor aproximado de meio centavo de dólar americano, a moeda mais comum da época; ela tinha gravada a imagem e a inscrição do imperador, o que era a garantia de fé pública do valor das peças assim gravadas. Esse era um método usado pela maioria das nações para facilitar a circulação do dinheiro. A cunhagem de moedas sempre foi considerada como um ramo das prerrogativas, uma flor da coroa, uma prerrogativa pertencente aos poderes soberanos. E a admissão daquele como o dinheiro bom e legítimo de uma nação é uma submissão implícita a tais poderes, e um reconhecimento dele em questões financeiras. Como a nossa constituição é oportuna, e como

somos felizes, nós, que vivemos em uma nação onde, embora a imagem e a inscrição sejam de outros, a propriedade é das pessoas, sob a proteção das leis, e podemos dizer que aquilo que temos é nosso!

Cristo lhes perguntou: “De quem é esta efígie e esta inscrição?” Eles disseram que era de César, e assim condenaram por falsidade aqueles que diziam que nunca foram dominados por ninguém; e confirmaram o que mais tarde disseram: “Não temos rei, senão o César”. Há uma lei no Talmude judeu que diz que “é rei da nação aquele cuja moeda é corrente na nação”. Alguns entendem que a inscrição na moeda era uma lembrança da conquista da Judéia pelos romanos, *anno post captam Judaea – o ano posterior à captura da Judéia*, e eles também admitiram isso.

(2) Com isso, Ele concluiu a legitimidade do pagamento de tributos a César (v. 21): “Dai, pois, a César o que é de César”; não: “Pagai-o a ele” (como eles tinham dito no versículo 17), mas: “Devolvei-o; Restitui-o”, ou: “Restaurai-o. Se César enche as bolsas, que César as comande. Agora é tarde demais para discutir o pagamento de tributos a César, pois vos tornastes uma província do império; e quando uma relação é admitida, a sua obrigação deve ser cumprida. Devolvei a todos o que lhes é devido, e, particularmente, pagai os tributos a quem eles forem devidos”. Com esta resposta:

[1] Ele não ofendeu ninguém. Foi para a honra de Cristo e da sua doutrina que Ele não agiu como um juiz ou um divisor em questões dessa natureza, mas deixou-as como as encontrou, pois o seu reino não é deste mundo, e nisso Ele deu um exemplo aos seus ministros, que lidam com as coisas sagradas. Eles não devem se intrometer em questões relacionadas a assuntos seculares, não devem se atrapalhar com controvérsias a esse respeito, mas devem deixá-las àqueles que estão relacionados com elas. Os ministros que se preocupam com o seu trabalho e agradam ao seu mestre não devem se envolver nas questões desta vida; eles deixam a orientação do Espírito de Deus e a escolta da sua providência quando saem do seu caminho. Cristo não discute o título do imperador, mas impõe uma submissão pacífica aos poderes vigentes. O governo, portanto, não tinha motivos para se ofender com a sua determinação, mas somente para agradecer-lhe, pois isso fortalecia o interesse de César junto ao povo que via Jesus como um Profeta. Porém, tal foi o atrevimento dos seus perseguidores, que, embora Ele tivesse lhes dito expressamente que deveriam dar a César o que era de César, eles o acusaram dizendo que o Senhor os havia proibido de dar o tributo a César (Lc 23.2).

Quanto ao povo, os fariseus não podiam acusá-lo, porque eles mesmos tinham, antes que percebessem o que estavam fazendo, dado as premissas, e era tarde demais para evitar a conclusão. Observe que, embora a verdade não procure esconderijos fraudulentos, algumas vezes ela precisa de uma administração prudente, para evitar que alguém seja ofendido.

[2] Os seus adversários foram reprovados. Em primeiro lugar, alguns deles desejavam que Ele dissesse que era ilícito pagar tributos a César, para que tivessem uma desculpa para guardar o seu dinheiro. Assim, muitos evitavam aquilo que deveriam fazer, argumentando se podiam fazê-lo ou não. Em segundo lugar, todos deixavam de cumprir as suas obrigações para com Deus, e por isso foram reprovados; enquanto estavam inutilmente discutindo sobre as suas liberdades civis, eles tinham perdido a vida e o poder da religião, e precisavam ter em mente a sua obrigação para com Deus, ao lado daquela que tinham para com César.

[3] Os seus discípulos foram instruídos, e foram deixadas regras para a igreja.

Em primeiro lugar, observemos que a religião cristã não é inimiga do governo civil, mas sua amiga. O reino de Cristo não se choca com os reinos da terra, nem interfere neles, em nada que pertença à sua jurisdição. Por Cristo, reinam os reis.

Em segundo lugar, é dever dos súditos dar aos magistrados aquilo que, segundo as leis da sua nação, lhes é devido. Os poderes mais elevados, sendo colocados para o bem-estar público, a proteção dos súditos e a conservação da paz, têm direito, como conseqüência disso, a uma justa proporção da riqueza pública e da renda da nação. “Por essa razão também pagais tributos, atendendo sempre a isto mesmo” (Rm 13.6). E, sem dúvida, é um pecado maior enganar ao governo do que enganar a uma pessoa. Embora seja a constituição que determine o que é de César, ainda assim, quando isto é determinado, Cristo nos obriga a pagar. O meu casaco me pertence, pela lei dos homens; mas será um ladrão, pela lei de Deus, aquele que o tomar de mim.

Em terceiro lugar, quando nós damos a César as coisas que são de César, também devemos nos lembrar de dar a Deus as coisas que pertencem a Deus. Se as nossas bolsas são de César, as nossas consciências são de Deus. O Senhor disse: “Dá-me, filho meu, o teu coração”. Deus deve ter o lugar mais íntimo e o lugar mais importante em nosso coração. Devemos dar a Deus

aquilo que lhe é devido, tanto do nosso tempo como dos nossos bens. Ele deve ter a sua parte, assim como César deve ter a dele; e se os mandamentos de César interferirem nos de Deus, nós devemos obedecer a Deus, e não aos homens.

Por fim, observe como eles se impressionaram com essa resposta: “maravilharam-se e, deixando-o, se retiraram (v. 22). Eles admiraram a sua sagacidade por descobrir e evitar uma armadilha que eles julgaram estar tão bem planejada. Cristo é, e sempre será, o Maravilhoso, não somente para os seus queridos amigos, mas também para os seus inimigos frustrados. Poderíamos pensar que eles deveriam ter se maravilhado e seguido a Jesus; deveriam ter se maravilhado e se sujeitado a Ele. Há muitas pessoas a cujos olhos Deus é maravilhoso, mas não precioso. São aqueles que admiram a sua sabedoria, mas não se guiarão por ela; admiram o seu poder, mas não se sujeitarão a ele. Eles seguem o seu caminho, como pessoas envergonhadas, e fazem uma retirada inglória. Quando o estratagema é derrotado, eles abandonam o campo. Observe que ninguém consegue nada de bom ao contender com Cristo.

A Questão a respeito do Casamento

vv. 23-33

Encontramos aqui a discussão de Cristo com os saduceus a respeito da ressurreição; isso aconteceu no mesmo dia em que Ele foi atacado pelos fariseus sobre o pagamento do tributo. Satanás estava então mais ocupado do que nunca, para irritá-lo e perturbá-lo; esta foi uma hora de tentação (Ap 3.10). A verdade, assim como ela é em Jesus, ainda encontra contradições, em um lugar ou outro. Considere aqui:

I A oposição que os saduceus faziam a uma grande verdade da religião. Eles diziam: Não existe ressurreição, da mesma maneira como há alguns tolos que dizem: Não existe Deus. Esses hereges eram chamados saduceus, por causa de um homem chamado Sadoque, um discípulo de Antígono Sochaeus, que viveu cerca de duzentos e oitenta e quatro anos antes do nascimento do nosso Salvador. Eles eram fortemente censurados, por autores da sua própria nação, como homens de palavras vis e corrompidas, às quais os seus princípios os conduziram. Eles eram, em número, a menor entre todas as

seitas dos judeus, mas geralmente eram pessoas de posição. Assim como os fariseus e os essênios pareciam seguir Platão e Pitágoras, também os saduceus tinham muito do gênio de Epicuro. Eles negavam a ressurreição; diziam que não existe um estado futuro, que não existe uma vida após esta. Diziam que, quando o corpo morre, a alma é aniquilada, e morre com ele; diziam que não existe condição de recompensas nem de punição no outro mundo; nenhum julgamento vem do céu ou do inferno. Sustentavam que não existe espírito (exceto Deus, At 23.8), nada além de matéria e movimento. Eles não podiam admitir a inspiração divina dos profetas, como também nenhuma revelação do céu, exceto aquilo que o próprio Deus falou, no Monte Sinai. Então, a doutrina de Cristo trazia aquela grande verdade da ressurreição e de uma condição futura, muito além do que já tinha sido revelado, e por isso os saduceus, de uma maneira particular, se colocavam contra ela. Os fariseus e os saduceus eram antagônicos, porém, juntos, se aliavam contra Cristo. O Evangelho de Cristo sempre sofreu com os hipócritas e invejosos cerimoniais e supersticiosos, de um lado, e os deístas e descrentes profanos, do outro. Os primeiros maltratavam, e os últimos desprezavam a divindade, mas ambos negavam o seu poder.

II A objeção que fizeram contra a verdade, que foi tomada de um suposto caso de uma mulher que teve sete maridos sucessivamente. Então, eles assumem que, se houver uma ressurreição, deve haver um retorno ao estado em que estamos agora, e às mesmas circunstâncias, como o ano platônico imaginário. Se isto for verdade, será um absurdo intransponível para essa mulher, numa condição futura, ter sete maridos; ou ainda um problema insuperável, pois de qual deles ela seria esposa? Daquele que foi o seu primeiro marido, ou daquele que foi o último? Daquele a quem ela mais amou, ou daquele com quem viveu mais tempo?

1. Eles sugerem a lei de Moisés nessa questão (v. 24). “Se morrer alguém, não tendo filhos, o seu irmão se casará com a viúva” (Dt 25.5); isto era praticado (Rt 4.5). Era uma lei política, baseada na constituição particular da nação judaica, para preservar a distinção de famílias e heranças, pois as duas coisas eram de especial preocupação para aquele governo.

2. Eles propuseram um caso sobre esse estatuto. Não é relevante se era um caso verídico, ou se era somente uma pergunta hipotética. E se não tinha realmente ocorrido, era possível que ocorresse. Era o caso de sete irmãos que

se casaram com a mesma mulher (vv. 25-27). Esse caso supõe:

(1) A desolação que algumas vezes a morte provoca em famílias quando o assunto é comissão. Com que freqüência uma fraternidade inteira é destruída em pouco tempo; raramente (como acontece nesse caso) de acordo com a idade (a terra das trevas não respeita nenhuma ordem), mas montões sobre montões; ela reduz famílias que tinham se multiplicado muito (Sl 107.38,39). Onde havia sete irmãos crescidos e adultos, na condição de homens, havia uma família com grandes possibilidades de ser edificada; e, ainda assim, esta numerosa família não deixa filhos nem sobrinhos, nem algum remanescente nas suas moradas (Jó 18.19). Podemos então dizer: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam”. Que ninguém tenha de antemão a certeza do progresso e da perpetuidade de seus nomes e de suas famílias, a menos que possam fazer um concerto de paz com a morte, ou ter um acordo com a sepultura.

(2) A obediência à lei daqueles sete irmãos, embora tivessem o poder de recusa, sob pena de uma censura (Dt 25.7). Observe que as providências desanimadoras não devem nos impedir de cumprir o nosso dever, porque nós devemos ser regidos pelas leis, não pelos acontecimentos. Muitos diriam que o sétimo, que se arriscou a casar-se por último com a viúva, era um homem valente. Eu diria que, se ele fez isso puramente por obediência a Deus, era um homem bom, e alguém que tinha consciência do seu dever.

Mas, no final, a mulher também morreu. A sobrevivência é apenas um adiamento; aqueles que vivem mais tempo, e enterram os seus amigos e vizinhos, um após o outro, não adquirem a imortalidade. Não, o seu dia chegará. O cálice amargo da morte prossegue, e, mais cedo ou mais tarde, todos nós deveremos beber dele (Jr 25.26).

3. Eles propõem uma dúvida nesse caso (v. 28): “Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?”. Como se dissessem: “Você não pode dizer de qual deles ela será, e por isso devemos concluir que não existe ressurreição”. Os fariseus, que professavam crer na ressurreição, tinham noções muito grosseiras e carnais a respeito dela, e a respeito da condição futura. Eles esperavam encontrar ali, como os islâmicos, no seu paraíso, as delícias e os prazeres da vida animal, o que talvez levasse os saduceus a negar a sua existência; pois nada dá maior vantagem ao ateísmo e à infidelidade do que a natureza carnal daqueles que fazem da religião, seja nas suas profissões ou nas suas expectativas, um servo dos seus apetites sensuais e dos seus interesses seculares. Enquanto aqueles que estão errados negam a verdade, aqueles que são supersticiosos a traem. Então, fazendo essa objeção, eles passam à hipótese

dos fariseus. Não é estranho que as mentes carnais tenham noções muito falsas a respeito de coisas espirituais e eternas. O homem natural não compreende essas coisas, porque lhe parecem loucura (1 Co 2.14). Que a verdade esteja sob uma forte luz, e apareça em sua força plena.

III A resposta de Cristo a essa objeção. Reprovando a ignorância, e corrigindo o engano daqueles homens, Ele mostra que a objeção é fraudulenta e pouco convincente, além de não ser conclusiva.

1. Ele reprova a ignorância deles (v. 29): “Errais”. Erram profundamente, no julgamento de Cristo, aqueles que negam a ressurreição e uma condição futura. Cristo reprova aqui com a mansidão da sabedoria, e não é rígido com eles (qualquer que seja o seu motivo), como algumas vezes foi com os principais dos sacerdotes e os anciãos: “Errais, não conhecendo as Escrituras”. A ignorância é a causa do erro. Aqueles que estão nas trevas, perdem o caminho. Os padrões de erro, portanto, resistem à luz, e fazem o que podem para afastar a chave do conhecimento. “Errais, não conhecendo as Escrituras”. A ignorância é a causa do erro sobre a ressurreição e a condição futura. O que há nesses exemplos particulares, os mais sábios e os melhores não conhecem; não aparece o que nós seremos, é uma glória que ainda será revelada; quando nós falamos da condição de almas separadas, da ressurreição do corpo, e da felicidade e infelicidade eternas, estamos logo perdidos. Não conseguimos ordenar as nossas palavras, por causa das trevas, mas isto é algo em que nós não somos deixados nas trevas. Bendito seja Deus, nós não somos; e aqueles que negam isso são culpados de uma ignorância grosseira e voluntária. Parece que havia alguns saduceus, alguns tolos como esses, entre os cristãos que professavam a fé: “Como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?” (1 Co 15.12), e alguns que realmente negaram que ela existe, transformando-a em uma alegoria, dizendo que a ressurreição já havia ocorrido. Considere:

(1) Eles não conhecem o poder de Deus. Isso levaria os homens a concluírem que poderia haver uma ressurreição e uma condição futura. Observe que a ignorância, a descrença ou a crença fraca no poder de Deus está no fundo de muitos erros, particularmente no caso daqueles que negam a ressurreição. Quando aprendemos sobre a existência da alma, e a sua condição durante a separação do corpo, e especialmente de um corpo morto, que está há muito tempo no túmulo, e se transforma em uma poeira comum e indistinta, que ressuscitará transformado em um corpo glorioso (1 Co 15.35-38), e viverá, e se

moverá, e agirá outra vez, estamos prontos para dizer: Como isso pode acontecer? A natureza expressa tudo isso numa máxima: *A privatione ad habitum non datur regressus – Os hábitos ligados a uma condição de existência se extinguem, irremediavelmente, com a própria condição.* Se um homem morre, ele viverá outra vez? Homens vãos, por não compreenderem como isso pode acontecer, questionam a verdade; ao passo que, se nós crermos firmemente em Deus Pai todo-poderoso, se crermos que nada é impossível para Deus, todas essas dificuldades desaparecerão. Devemos nos apegar, portanto, em primeiro lugar, ao fato de que Deus é onipotente, e pode fazer aquilo que Ele desejar; e não haverá, então, lugar para dúvidas, pois Ele fará aquilo que prometeu. E, sendo assim, por que deveria ser algo incrível o fato de Deus ressuscitar os mortos? (At 26.8). O poder dele excede, em muito, o poder da natureza que Ele mesmo criou.

(2) Eles não conhecem as Escrituras, que decididamente afirmam que haverá uma ressurreição e uma condição futura. O poder de Deus, determinado e empenhado na sua promessa, é a base sobre a qual se edifica a fé. As Escrituras falam, claramente, que a alma é imortal, e que existe outra vida depois desta; este é o escopo tanto da lei quanto dos profetas, "que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos" (At 24.14,15). Jó sabia disso (Jó 19.26), Ezequiel previu isso (Ez 37.12), e Daniel predisse isso claramente (Dn 12.2). Cristo ressuscitou, de acordo com as Escrituras (1 Co 15.4), e nós também ressuscitaremos. Aqueles, portanto, que negam isso, não analisaram as Escrituras, ou não crêem nelas, ou não aceitaram o seu verdadeiro sentido e significado. A ignorância em relação às Escrituras traz o crescimento dos enganos, que se tornam abundantes.

2. O Senhor Jesus corrige o engano (v. 30) e essas idéias grosseiras que eles tinham sobre a ressurreição e a condição futura, e fixa essas doutrinas sobre uma base verdadeira e duradoura. A respeito da condição, observe:

(1) Não é como a condição em que nós estamos agora, sobre a terra: "nem casam, nem são dados em casamento". Na nossa situação atual, o casamento é necessário; ele foi instituído em inocência; a despeito de qualquer intromissão ou negligência que tenha havido por parte de outras instituições, ele nunca foi deixado de lado, nem o será, até o fim dos tempos. No mundo antigo, eles se casavam e eram dados em casamento; os judeus, na Babilônia, mesmo quando eram proibidos de ter outros rituais, ainda tinham que tomar suas esposas (Jr 29.6). Todas as nações civilizadas tiveram um senso da obrigação do concerto de casamento, que é o requisito para a satisfação dos desejos, e para a correção

das limitações da natureza humana. Mas na ressurreição, não há oportunidade para o casamento, pois nos corpos glorificados não haverá nenhuma distinção de sexos, que alguns curiosamente defendem (os antigos estão divididos em suas opiniões a esse respeito). Porém, se houver ou não uma distinção, certamente não haverá conjunção. Onde Deus será tudo, não é necessário haver nenhuma outra ajuda; o corpo será espiritual, e não terá desejos carnais que precisem de satisfação. Quando o corpo místico estiver completo, não haverá mais oportunidades para se procurar uma semente de piedosos, que foi uma das finalidades da instituição do casamento (Ml 2.15). No céu, não haverá decadência de indivíduos, e, portanto, não haverá comida nem bebida, não haverá decadência das espécies, e, portanto, não haverá casamento; onde não haverá mais morte (Ap 21.4), não haverá a necessidade de mais nascimentos. O estado conjugal é uma composição de alegrias e preocupações. Aqueles que nele entram são ensinados a considerá-lo como sujeito a mudanças, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença; e por isso ele é adequado a este mundo misto e mutante. Mas no inferno, onde não há alegria, a voz do esposo e a voz da esposa não serão mais ouvidas. E também no céu, onde tudo é alegria, e não há preocupação, nem dor, nem problemas, não haverá casamento. No céu, as alegrias dessa condição são puras e espirituais, e surgem do casamento de todos eles com o Cordeiro; mas não haverá casamentos entre os salvos.

(2) É como a condição dos anjos que estão agora no céu; os salvos “serão como os anjos no céu”. Serão, isto é, sem dúvida serão assim. Eles já são assim em Cristo, sua Cabeça, que os levou assentados consigo nos lugares celestiais (Ef 2.6). Os espíritos dos homens justos já aperfeiçoados pertencem à mesma corporação dos muitos milhares de anjos (Hb 12.22,23). O homem, na sua criação, foi feito menor que os anjos (Sl 8.5), mas na sua completa redenção e renovação, será como os anjos; puro e espiritual, como os anjos, conhecedor e amoroso, como esses abençoados serafins, sempre louvando a Deus como eles, e com eles. Os corpos dos santos ressuscitarão incorruptíveis e gloriosos, como os veículos, não compostos, daqueles espíritos puros e santos (1 Co 15.42 etc.), rápidos e fortes como eles. Por isso, devemos desejar e nos esforçar para fazer a vontade de Deus, como os anjos fazem no céu, porque esperamos, em pouco tempo, ser como os anjos, que estão sempre contemplando o rosto do nosso Pai. Ele não diz nada sobre o estado dos maus na ressurreição, mas, como conseqüência, estes deverão ser como os demônios, cuja vontade realizaram.

IV O argumento de Cristo que confirma essa grande verdade da ressurreição e d um estado futuro. Como a questão é de grande importância, Ele não julga suficiente (como em outras discussões) descobrir a falácia e a astúcia da objeção, muito menos a sua sofisticação.Antes, o Senhor respalda a verdade com um sólido argumento. Pois Cristo traz o julgamento à verdade, assim como à vitória, e capacita os seus seguidores a darem uma razão para a esperança que está neles. Considere:

1. De onde Ele tomou o seu argumento? Das Escrituras; elas são o grande armazém, ou arsenal, de onde podemos nos equipar com armas espirituais, ofensivas e defensivas. Nela está escrito sobre a espada de Golias. Não tendes lido o que Deus vos declarou? Observe: (1) Aquilo que as Escrituras dizem é o que Deus diz. (2) O que foi dito a Moisés, foi dito a nós; foi dito e escrito para o nosso aprendizado. (3) É nosso interesse ler e ouvir o que Deus disse, porque Ele está falando conosco. Foi dito a vocês, judeus, em primeiro lugar, pois a vocês foram confiados os oráculos de Deus. O argumento é retirado dos livros de Moisés, pois eram os únicos que os saduceus aceitavam, como alguns pensam, ou, pelo menos, aceitavam principalmente esses livros como escrituras canônicas. Cristo, portanto, tomou a sua prova dessa fonte indiscutível. Os últimos profetas têm provas mais expressas de uma condição futura do que a lei de Moisés; pois embora a lei de Moisés suponha a imortalidade da alma e uma condição futura como princípios daquilo que é chamado religião natural, nenhuma revelação expressa é feita pela lei de Moisés, porque grande parte daquela lei era peculiar a este povo, e, portanto, era guardada como leis municipais, com promessas e ameaças temporais, e a revelação mais expressa de um estado futuro estava reservada para os últimos dias. Mas o nosso Salvador encontra um argumento muito sólido a favor da ressurreição, até mesmo nos textos de Moisés. Há muitas Escrituras “sob o solo” que devem ser “escavadas”.

2. Qual foi o seu argumento (v. 32): “Eu sou o Deus de Abraão”. Esta não era uma prova expressa, *totidem verbis – em tantas palavras*, e ainda assim era um argumento conclusivo. As conseqüências das Escrituras, se corretamente deduzidas, devem ser compreendidas como Escrituras, pois foram escritas para aqueles que têm o uso da razão.

O argumento tem a finalidade de provar:

(1) Que existe uma condição futura, outra vida depois desta, na qual o justo será verdadeira e constantemente feliz. Isto é provado através daquilo que Deus disse: “Eu sou o Deus de Abraão”.

[1] Deus, para ser o Deus de alguém, pressupõe alguns privilégios e felicidade muito extraordinários; a menos que nós conheçamos plenamente o que Deus é, não poderemos compreender as riquezas destas palavras: “Eu vos serei por Deus”, isto é, um Benfeitor, com todo o meu poder. O Deus de Israel é Deus para Israel (1 Cr 17.24), um Benfeitor espiritual, pois Ele é o Pai dos espíritos, e abençoa com bênçãos espirituais. Ele é o Benfeitor suficiente, o Deus que é suficiente, o Deus completo, e o Benfeitor eterno, pois Ele é o Deus eterno, e será, para aqueles que estão em concerto com Ele, o Deus eterno. Estas palavras, Deus dizia freqüentemente a Abraão, Isaque e Jacó; e elas tinham a função de ser uma recompensa pela sua fé e obediência singular, ao deixarem a nação, atendendo ao chamado de Deus. Os judeus tinham um profundo respeito por esses três patriarcas, e estenderiam ao máximo a promessa que Deus lhes tinha feito.

[2] É evidente que esses bons homens não tiveram uma felicidade extraordinária, nesta vida, como poderia ser o cumprimento de palavras tão grandes quanto essas. Eles foram estrangeiros na terra das promessas, vagando, atormentados com a fome; eles não tiveram um pedaço de chão que fosse seu, exceto um sepulcro, o que os levou a procurar alguma coisa além desta vida. Nas alegrias presentes, eles ficaram muito aquém dos seus vizinhos, que eram estranhos ao concerto. O que havia neste mundo que os distinguia, tanto a eles como aos herdeiros da sua fé, de outras pessoas, algo mínimo, proporcional à dignidade e à distinção desse concerto? Se nenhuma felicidade estivesse reservada a esses grandes e bons homens, no outro lado da morte, aquelas palavras melancólicas do pobre Jacó, quando já velho (Gn 47.9) “poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida” teriam sido uma reprovação eterna à sabedoria, à bondade e à fidelidade daquele Deus que tinha, tão freqüentemente, chamado a si mesmo de Deus de Jacó.

[3] Por isso, certamente deve existir um estado futuro, no qual, assim como Deus irá viver para sempre, para ser eternamente recompensador, também Abraão, Isaque e Jacó viverão para serem recompensados eternamente. O que o escritor aos Hebreus disse (Hb 11.16) é uma chave para esse argumento. Ele estava falando da fé e da obediência dos patriarcas na terra da sua peregrinação. Ele acrescenta, portanto, que Deus não se envergonha de ser chamado de seu Deus, porque Ele lhes deu uma cidade, uma cidade celestial, dando a entender que se Ele não tivesse lhes provido tão bem no outro mundo, considerando como eles viveram neste, Ele se envergonharia de se chamar de seu Deus. Mas o Senhor não está envergonhado, pois fez muito por eles; e isso

mostra a verdadeira intenção do Senhor, e a completa extensão de suas bênçãos.

(2) Que a alma é imortal, e o corpo ressuscitará novamente, para se unir a ela. Se a questão anterior foi esclarecida, esta vem em seguida; mas, da mesma maneira, isto pode ser provado, considerando a época em que Deus o disse. Foi para Moisés na sarça, muito tempo depois que Abraão, Isaque e Jacó estavam mortos e enterrados, e Deus não disse: “Eu fui”, nem: “Eu era”, mas: “Eu sou” o Deus de Abraão. “Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos”. Ele é um Deus vivo, e transmite influências vitais àqueles para quem Ele é Deus. Se, quando Abraão morreu, o seu ser tivesse sido aniquilado, da mesma maneira teria havido um fim na relação de Deus com ele, como seu Deus. Mas naquela época, quando Deus falou com Moisés, Ele era o Deus de Abraão, e, portanto, Abraão devia estar vivo, o que prova a imortalidade da alma em um estado de bênção. E isto, por conseqüência, sugere a ressurreição do corpo, pois existe uma inclinação da alma humana para o seu corpo, como para tornar uma separação final e eterna inconsistente com a bênção daqueles que têm a Deus como o seu Deus. O conceito dos saduceus era de que a união entre o corpo e a alma é tão íntima que, quando o corpo morre, a alma morre com ele. Sob a mesma hipótese, se a alma vive, como certamente ela vive, o corpo deve, em alguma época, viver com ela. Além disso, o Senhor é para o corpo, que é uma parte essencial do homem; existe um concerto com o pó, que deve ser recordado, caso contrário o homem não será feliz. A preocupação que os patriarcas mortos tinham com os seus ossos, na fé, é uma evidência de que tinham alguma expectativa da ressurreição dos seus corpos. Mas essa doutrina estava reservada para uma revelação mais ampla, depois da ressurreição de Cristo, que foi feito as primícias dos que dormem.

Por fim, temos o resultado dessa discussão. Os saduceus emudeceram (v. 34), e se envergonharam. Eles pensaram que, com a sua sutileza, poderiam envergonhar a Cristo, quando estavam, na realidade, preparando a vergonha para si mesmos. Mas a multidão ficou maravilhada “da sua doutrina” (v. 33). 1. Porque era novidade para eles. Observe como foi a exposição das Escrituras para eles, quando ficaram maravilhados com ela, como se fosse um milagre ouvir a promessa fundamental aplicada a essa grande verdade; eles tinham escribas lamentáveis, pois se não o fossem, isso não teria sido novidade para eles. 2. Porque havia algo de muito bom e grandioso nessas palavras. A verdade freqüentemente se mostra mais brilhante, e é mais admirada, quando sofre oposição. Observe que muitos opositores se silenciam, e muitos ouvintes

se maravilham, sem serem convertidos pelos opositores; mas até mesmo no silêncio e na maravilha das almas não-santificadas Deus engrandece a sua lei, engrandece o seu Evangelho e torna ambos honoráveis.

O Significado dos Mandamentos

vv. 34-40

Aqui está o sermão que Cristo fez a um fariseu, doutor da lei, sobre o grande mandamento da lei. Considere:

I A aliança dos fariseus contra Cristo (v. 34). Eles ouviram que Ele tinha emudecido os saduceus, que Ele os calou, embora o discernimento deles não estivesse esclarecido. Os fariseus se reuniram, não para expressar ao Senhor a gratidão dos membros de seu partido – como deveriam ter feito, por causa de sua eficaz afirmação e confirmação da verdade contra os saduceus, os inimigos comuns de sua religião –, mas para desafiá-lo, na esperança de conquistar a reputação de confundir aquele que tinha confundido os saduceus. Eles estavam mais contrariados com o fato de Cristo ter sido honrado do que agradecidos pelo fato de os saduceus terem sido silenciados. Estavam mais preocupados com a sua própria tirania e tradição –, a que Cristo tinha se oposto –, do que com a doutrina da ressurreição e da condição futura, à qual os saduceus se opuseram. Observe que é um exemplo da inveja e da maldade farisaica estarmos descontentes com a afirmação de uma verdade confessada, quando esta é feita por aqueles de quem não gostamos; isto é o mesmo que sacrificar o bem que poderia beneficiar um povo, devido a ressentimentos particulares e preconceitos. O abençoado Paulo pensava de outra maneira (Fp 1.18).

II A pergunta que o doutor da lei fez a Cristo. Os doutores da lei eram estudantes das leis de Moisés, e também as ensinavam, como os escribas; mas alguns opinam que, neste aspecto, eles diferiam um pouco destes últimos, já que lidavam mais com as questões práticas do que os escribas; eles estudavam e professavam a divindade casuística. Este doutor fez uma pergunta ao Senhor, desafiando-o; mas, conforme vemos na narrativa da história por Marcos, aquele homem não tinha qualquer intuito de armar-lhe uma cilada, pois Cristo lhe disse: “Não estás longe do Reino de Deus” (Mc 12.34). Ele só desejava saber o que o Senhor diria, estabelecendo um pequeno diálogo com

Ele, a fim de satisfazer a sua curiosidade, bem como a de seus amigos.

1. A pergunta foi: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?” Uma pergunta desnecessária, sabendo-se que todas as ordens da Lei de Deus são grandiosas (Os 8.12), e a sabedoria que vem de cima é sem parcialidade, e sem parcialidade na Lei (Ml 2.9); assim, é necessário obedecer todos os mandamentos. Porém, é verdade que existem alguns mandamentos que são os princípios dos oráculos de Deus, sendo também mais amplos e abrangentes que outros. O nosso Salvador fala das questões mais importantes da Lei (cap. 23.23).

2. O intuito era testá-lo, ou tentá-lo. Testar não tanto o seu conhecimento, mas sim o seu julgamento. Esta era uma questão discutida entre os críticos da Lei. Alguns consideravam a lei da circuncisão como o grande mandamento; outros, a lei do sábado judeu; outros, a lei dos sacrifícios. Tudo dependia de como eram afetados, respectivamente, e de como dedicavam o seu zelo; então eles testariam o que Cristo diria sobre essa questão, esperando incitar o povo contra Ele, caso não respondesse de acordo com a opinião comum; e se Ele enaltecesse algum mandamento, eles fariam com que parecesse que Ele estivesse menosprezando os demais. A questão era suficientemente inofensiva e parece, comparando com o texto em Lucas 10.27,28, que esse era um ponto condenado entre os doutores da lei, que o amor a Deus e ao nosso próximo é o grande mandamento e a soma de todos os outros, e que Cristo tinha aprovado esta interpretação. Assim, ao lançarem essa pergunta ao Senhor, isto parece ter mais uma conotação insolente de querer discipulá-lo como uma criança do que o intuito malicioso de discutir com Ele como um adversário.

III A resposta de Cristo a essa pergunta. Foi conveniente para nós que essa pergunta tivesse sido feita a Ele, a fim de que tivéssemos a sua resposta. Não é desonra para os grandes homens responder perguntas óbvias. Nesse momento, Cristo nos recomenda como grandes mandamentos aqueles que não são tão restritos; eles são grandes porque abrangem outros mandamentos. Considere:

1. Quais são esses grandes mandamentos (vv. 37-39); não as leis judiciais, que não poderiam ser as melhores, agora que o povo judeu, a quem pertenciam, era tão insignificante; não as leis cerimoniais, que não poderiam ser as melhores, agora que estavam ficando velhas e prontas a desaparecer; nem qualquer preceito moral em especial; mas o amor a Deus e ao nosso próximo, que são a origem e a fundação de todos os demais mandamentos, e

que (supõe-se) permanecerão.

(1) Toda a lei se cumpre em uma palavra, e esta palavra é amor. Veja Rm 13.10. Toda obediência começa na afeição, nos sentimentos, e nada na religião será feito corretamente, se não for feito primeiro nesse âmbito. O amor é a afeição mais importante, que fornece a lei e dá base para o descanso; e, por essa razão, como um forte principal, deve ser primeiramente defendida e protegida por Deus. O homem é uma criatura idealizada para amar; assim, conseqüentemente, a lei está escrita no coração, e esta é a lei do amor. Amor é uma palavra pequena e doce; e se esse for o cumprimento da lei, certamente o jugo do mandamento será muito fácil de suportar. Amor é descanso e satisfação da alma; se caminharmos neste velho e bom caminho, encontraremos descanso.

(2) O amor de Deus é o primeiro e o maior mandamento de todos, e o resumo de todos os mandamentos da primeira tábua. Uma atitude própria do amor é a complacência; o bem é o objeto próprio do amor. E Deus, sendo infinitamente, originalmente e eternamente bom, deve ser amado em primeiro lugar, e nada mais nem ninguém mais deve ser tão amado quanto Ele. Nada pode estar ao seu lado, exceto aquilo que for amado por Ele. O amor é a primeira coisa e a grande coisa que Deus requer de nós; por isso, é a primeira e grande coisa que devemos dedicar a Ele.

Aqui somos orientados:

[1] A amar a Deus como o nosso Deus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração”. O primeiro mandamento é: “Não terás outros deuses diante de mim”. Isto sugere que nós devemos ter o Senhor como nosso Deus, o que irá despertar o nosso amor por Ele. Aqueles que fizeram do sol e da lua os seus deuses, os amaram (Jr 8.2; Jz 18.24). Amar a Deus como o nosso Deus é amá-lo porque Ele é nosso, nosso Criador, nosso Dono e nosso Governante, e conduzirmo-nos a Ele como o nosso Deus, com obediência a Ele e dependendo dele. Nós devemos amar ao Senhor nosso Deus, que está reconciliado conosco, e fazê-lo nosso através da aliança de Jesus Cristo; esta é a base do nosso relacionamento com Deus.

[2] A amá-lo de todo o nosso coração, e de toda a nossa alma, e de todo o nosso pensamento. Alguns entendem que isso significa uma única coisa: amá-lo com todas as nossas forças. Outros as diferenciam: o coração, a alma e o pensamento são a vontade, os afetos e o entendimento; ou as faculdades vital, afetiva e intelectual. O nosso amor a Deus deve ser um amor sincero, e não somente de palavras e língua, como é o amor daqueles que dizem que o amam,

mas seus corações não estão com Ele. Deve ser um amor forte, e nós devemos amá-lo no grau mais intenso; assim como devemos louvá-lo, também devemos amá-lo com tudo o que há em nós (Sl 103.1). Este deve ser um amor singular e superlativo; nós devemos amá-lo mais do que a qualquer outra pessoa ou coisa; é este o caminho que os nossos afetos devem percorrer. O coração deve estar unido para amar a Deus, em oposição a um coração dividido. Todo o nosso amor é pouco quando pensamos no que deveríamos oferecer a Ele, e por isso todas as forças da alma devem ser dedicadas e direcionadas a Ele. “Este é o primeiro e grande mandamento”; a obediência a este mandamento é a fonte da obediência a todos os demais. E a nossa obediência será aceitável quando fluir do amor.

(3) Amar o nosso próximo como a nós mesmos é o segundo grande mandamento (v. 39). É como aquele primeiro, e inclui todos os preceitos da segunda tábua, bem como os da primeira. Ele é semelhante ao primeiro mandamento, pois está baseado nele, e nasce dele. E um amor correto pelo nosso irmão, que nós vemos, é, ao mesmo tempo, um exemplo e uma evidência do nosso amor por Deus, que nós não vemos (1 Jo 4.20).

[1] Fica implícito que amamos a nós mesmos, e devemos fazê-lo. Porém, existe um amor próprio que é corrupto, que é a raiz dos maiores pecados, e deve ser deixado de lado e abandonado. Mas existe um amor próprio que é natural, e é a regra do maior dever. Ele deve ser preservado e santificado. Nós devemos amar a nós mesmos, isto é, devemos ter uma consideração correta da dignidade da nossa própria natureza, e uma preocupação adequada pelo bem-estar da nossa própria alma e do nosso próprio corpo.

[2] Está prescrito que devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos. Devemos honrar e estimar todos os homens, e não devemos fazer mal ou ofender a nenhum deles; devemos ter boa vontade com todos, e bons desejos para todos; e, se tivermos oportunidade, devemos fazer o bem a todos. Devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos, de uma forma verdadeira e sincera, sob as várias circunstâncias da vida. Na verdade, em muitas ocasiões, devemos renunciar a nós mesmos para o bem do nosso próximo, tornando-nos servos do bem-estar dos outros. Devemos estar dispostos a nos dedicar a eles, e a dar a nossa vida pelos nossos irmãos.

2. Observe qual é a importância e a grandeza desses mandamentos (v. 40): “Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”, isto é, eles são a soma e o significado de todos aqueles preceitos relacionados à religião prática, que estão escritos nos corações dos homens pela natureza, revividos

por Moisés, e apoiados e reforçados pela pregação e pelos escritos dos profetas. Tudo depende da lei do amor; remova-a, e tudo cai ao chão e se reduz a nada. Os rituais e os cerimoniais devem dar lugar a esses dois mandamentos, como ocorre com todos os dons espirituais, pois o amor é o caminho mais excelente. Este é o espírito da lei, que a anima, o cimento da lei, que a acompanha, é a raiz e a origem de todas as outras obrigações, o compêndio de toda a Bíblia, não somente da lei e dos profetas, mas também do Evangelho, supondo apenas que esse amor seja o fruto da fé, e que nós amemos a Deus em Cristo, e ao nosso próximo, em nome dele. Tudo depende desses dois mandamentos, como o efeito que ocorre tanto na sua eficiência quanto na sua causa final; pois o cumprimento da lei é amor (Rm 13.10), e o fim da lei é a caridade (1 Tm 1.5). A lei do amor é o prego, é o prego no lugar certo, fixado pelos mestres das congregações (Ec 12.11), do qual pende toda a glória da lei e dos profetas (Is 22.24), um prego que nunca será arrancado; pois deste prego depende eternamente toda a glória da nova Jerusalém. O amor nunca falha. A esses dois grandes mandamentos, portanto, os nossos corações devem se render como a um molde; à defesa e à evidência desses dois mandamentos, dediquemos o nosso zelo, e não noções, nomes e conflitos de palavras, como se estas fossem as coisas poderosas de que dependem a lei e os profetas, e a elas o amor a Deus e ao nosso próximo devesse ser sacrificado; pois é ao poder controlador dos mandamentos que todas as demais coisas devem se curvar.

Os Fariseus São Silenciados

vv. 41-46

Os fariseus tinham feito muitas perguntas a Cristo, pensando que com elas iriam expô-lo, mas, no final, expuseram apenas a si mesmos. Porém, agora Ele lhes faz uma pergunta, e a faz quando estão reunidos (v. 41). Ele não separou um deles do grupo, mas, para envergonhá-los ainda mais, Ele fala com todos eles juntos, quando estão reunidos e tramando contra Ele, e ainda assim os confunde. Deus se alegra em confundir os seus inimigos quando eles estão mais fortalecidos. Ele lhes dá todas as vantagens que podem desejar, e ainda assim os vence. “Alvoroçai-vos,… e sereis quebrantados” (Is 3.9,10). Aqui:

I Cristo lhes propõe uma pergunta que eles poderiam facilmente responder; era uma pergunta sobre o seu próprio discipulado. “Que pensais vós do

Cristo? De quem é filho?” Isto eles podiam responder com facilidade: o Filho de Davi. Esta era a perífrase comum do Messias; eles o chamavam de Filho de Davi. Assim os escribas, que explicavam as Escrituras, lhes tinham ensinado, baseando-se em Salmos 89.35,36: Não mentirei a Davi. A sua descendência durará para sempre” (Is 9.7), “sobre o trono de Davi”. E Isaías 11.1: “Brotará um rebento do tronco de Jessé”. O concerto da realeza, feito com Davi, era um exemplo do concerto da redenção, feito com Cristo, que, como Davi, foi feito rei através de um juramento, e primeiramente se humilhou e depois cresceu. Se Cristo era o Filho de Davi, Ele era verdadeiramente homem. Israel disse: “Dez partes temos no rei”; e Judá disse: “Eis que somos teus ossos e tua carne”. Que parte temos nós, então, no Filho de Davi, que tomou para si a nossa natureza?

“Que pensais vós do Cristo?” Eles lhe tinham feito perguntas, uma depois da outra, sobre a lei; mas Ele vem e lhes propõe uma pergunta sobre a promessa. Muitos estão tão cheios da lei que se esquecem de Cristo; como se as suas obrigações pudessem salvá-los sem o mérito e a graça do precioso Salvador. Cada um de nós deve se preocupar seriamente em perguntar a si mesmo: “O que penso a respeito de Cristo?” Alguns não pensam nada a respeito dele, Ele não está em todos os seus pensamentos, na verdade não está em nenhum deles; alguns pensam pouco, e outros quase não pensam sobre Ele. Mas para aqueles que crêem, Ele é precioso; e como são preciosos, então, os pensamentos sobre Ele! Enquanto as filhas de Jerusalém não pensam mais em Cristo do que em qualquer outro esposo, a igreja, a noiva, pensa nele como o maioral de dezenas de milhares.

II Ele vê uma dificuldade com a resposta deles, que eles não puderam resolver com facilidade (vv. 43-45). Muitos podem tão prontamente afirmar a verdade, pensando que têm conhecimentos suficientes para se orgulhar, e quando são chamados para confirmar a verdade e para defendê-la, mostram que têm ignorância suficiente para se envergonhar. A objeção que Cristo levantou foi: Se Cristo é Filho de Davi, “como é, então, que Davi, em espírito, lhe chama Senhor?” Com isto, Ele não pretendia armar-lhes uma cilada, como eles tinham feito com Ele, mas desejava instruí-los em uma verdade em que eles se recusavam a crer, de que o Messias esperado é Deus.

1. É fácil ver que Davi chama a Cristo de Senhor, e o faz em espírito, sendo divinamente inspirado, e agindo influenciado por um espírito de profecia, pois o Espírito do Senhor falou por ele (2 Sm 23.1,2). Davi era um daqueles homens santos que falava como se impulsionado pelo Espírito Santo,

especialmente ao chamar a Cristo de Senhor; pois, naquela época, como ainda hoje (1 Co 12.3), ninguém podia dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo. Mas para provar que Davi, em espírito, chamava a Cristo de Senhor, ele cita o Salmo 110.1, que os próprios escribas entendiam que se referia a Cristo; é certo que o profeta aqui fala dele, e de nenhum outro homem. E esse é um resumo profético da doutrina de Cristo, que o descreve realizando as tarefas de um Profeta, Sacerdote e Rei, tanto na sua humilhação quanto na sua exaltação.

Cristo cita o versículo inteiro, o que mostra o Redentor, na sua exaltação: (1) Assentado à direita de Deus. O fato de estar assentado indica tanto repouso quanto comando; assentar-se à direita de Deus sugere honra suprema e poder soberano. Veja com que grandiosas palavras isto é expresso (Hb 8.1); está assentado nos céus à destra do trono da Majestade (veja Fp 2.9; Ef 1.20). Ele não tomou essa honra para si mesmo, mas teve direito a ela, pelo concerto com o seu Pai, e recebeu-a dele, por comissão, e aqui está esta comissão. (2) Subjugando seus inimigos. Ali Ele se sentará, até que todos tenham sido feitos seus amigos, ou escabelo para os seus pés. A mente carnal, onde quer que esteja, é inimiga de Cristo; e será subjugada na conversão das pessoas desejosas, que são chamadas aos pés dele (esta é a expressão, Is 41.2), e na confusão dos seus adversários impenitentes, que serão o escabelo de seus pés, assim como os reis de Canaã que estavam sob os pés de Josué.

Mas esse versículo é citado porque Davi chama o Messias de seu Senhor: “Disse o Senhor ao meu Senhor”. Isto nos dá a entender que nas Escrituras explicadas nós devemos observar e aperfeiçoar não apenas o que é o escopo e o principal sentido de um versículo, mas as palavras e as expressões pelas quais o Espírito decide expressar este sentido, que freqüentemente têm um significado muito útil e instrutivo. Aqui está uma boa observação sobre a expressão “meu Senhor”.

2. Não é fácil, para aqueles que não crêem na divindade do Messias, esclarecer o que parece um absurdo, se Cristo é o Filho de Davi. É incoerente que o pai fale do seu filho, que o predecessor fale do seu sucessor, como seu Senhor. Se Davi o chama de Senhor, isto fica estabelecido (v. 45) como a *magis notum – a verdade mais evidente*, pois tudo o que é dito sobre a humanidade e a humilhação de Cristo deve ser edificado e interpretado de maneira coerente com a verdade da sua natureza divina, e do seu domínio. Nós devemos nos apegar a isto, ao fato de que Ele é o Senhor de Davi, e a partir daí explicar que Ele é Filho de Davi. As aparentes diferenças nas Escrituras, como

aqui, podem não apenas ser explicadas, mas contribuir para a beleza e a harmonia do conjunto. *Amicae scripturarum lites, utinam et nostrae – As diferenças que se observam nas Escrituras são do tipo amigável.* Como Deus desejaria que as nossas diferenças fossem desse mesmo tipo!

III Aqui temos o sucesso desse teste gentil que Cristo fez do conhecimento dos fariseus, em dois aspectos:

1. Isso os confundiu (v. 46); ninguém podia lhe responder uma palavra. Ou era por ignorância que eles não sabiam, ou por impiedade que eles não reconheciam, que o Messias era Deus; e esta verdade era a única chave que podia destravar a dificuldade em questão. O que aqueles rabinos não podiam responder, bendito seja Deus, o cristão mais simples, que é levado ao entendimento do Evangelho de Cristo agora, pode explicar: que Cristo, sendo Deus, era o Senhor de Davi, e Cristo, sendo homem, era o filho de Davi. Isto Ele não explicou, mas reservou até que a prova estivesse completa pela sua ressurreição. Mas nós temos isso integralmente explicado por Ele, na sua glória (Ap 22.16): "Eu sou a Raiz e a Geração de Davi". Cristo, sendo Deus, era a Raiz de Davi; Cristo, sendo homem, era a Geração de Davi. Se nós não nos apegarmos a esta verdade, de que Jesus Cristo é, acima de tudo, o Deus bendito para sempre, teremos dificuldades inexpugnáveis. E bem podia Davi, o seu ancestral, chamá-lo de Senhor; assim como Maria, que foi escolhida para ser a sua mãe neste mundo, depois de tê-lo concebido, chamou-o de Senhor e Deus, e de seu Salvador (Lc 1.46,47).

2. Isso os silenciou, como também a todos os outros que procuravam uma oportunidade de atacá-lo; desde aquele dia, ninguém mais ousou interrogá-lo, fazer-lhe perguntas capciosas, tentadoras e enganadoras. Observe que Deus glorificará a si mesmo ao silenciar muitos, em cuja salvação Ele não poderá se glorificar. Muitos são convencidos, mas não são convertidos pela Palavra. Se eles tivessem se convertido, teriam lhe feito mais perguntas, especialmente aquela grande pergunta: "O que devemos fazer para que sejamos salvos?" Mas, como não puderam vencer a discussão, eles não falariam mais com Ele. Porém, dessa maneira, todos os que seguirem o seu Mestre serão convencidos, como os fariseus e doutores da lei o foram, da desigualdade nessa discussão.

CAPÍTULO 23

No capítulo anterior, analisamos os sermões do nosso Salvador aos escribas e aos fariseus; aqui, temos o seu sermão a respeito deles, ou melhor, contra eles. I. Jesus permite o trabalho deles (vv. 2,3). II. Ele adverte os seus discípulos para que não imitem a hipocrisia e o orgulho deles (vv. 4-12). III. Ele exibe uma acusação contra eles, por vários crimes e contravenções graves, corrompendo a lei, opondo-se ao Evangelho, e por traições tanto a Deus quanto aos homens; e cada item, Ele inicia com um "ai" (vv. 13-33). IV. Ele condena Jerusalém e prediz a destruição da cidade e do Templo, especialmente pelo pecado da perseguição (vv. 34-39).

Os Escribas e os Fariseus São Condenados

vv. 1-12

Não vemos Cristo, em todas as suas pregações, tão severo com outras pessoas quanto com esses "escribas e fariseus". A verdade é que nada está em oposição mais direta ao espírito do Evangelho do que o temperamento e os costumes daquela geração de homens, que mascaravam orgulho, materialismo e tirania, sob um manto e pretexto de religiosidade. Mas esses eram os ídolos e os queridos do povo, que pensava: Se apenas dois homens forem ao céu, um deles deve ser um fariseu. Então Cristo orienta o seu discurso à multidão, e aos seus discípulos (v. 1), para corrigir os seus enganos a respeito desses escribas e fariseus, mostrando como eles realmente eram, e, dessa maneira, removendo o preconceito que alguns, entre as multidões, tinham alimentado contra Cristo e a sua doutrina, porque ela era combatida por aqueles homens da sua igreja, que se chamavam de guias do povo. Note que é bom conhecer o verdadeiro caráter dos homens, para que não nos impressionemos com nomes poderosos, títulos e pretensões ao poder. As pessoas precisam saber dos "lobos" (At 20.29,30), dos "cães" (Fp 3.2), dos "obreiros fraudulentos" (2 Co 11.13), para que possam saber como levantar as suas defesas. E não somente a multidão, mas até mesmo os discípulos precisam desses avisos, pois os bons homens podem ter seus olhos deslumbrados com a pompa mundana.

Nesse discurso:

I Cristo permite o trabalho deles, de explicar a lei: "Os escribas e fariseus" (isto é, todo o sinédrio, que estava à frente do governo religioso, do que eram todos chamados escribas, e alguns deles, fariseus) estão assentados "na

cadeira de Moisés" (v. 2), como professores públicos e intérpretes da lei; e sendo a lei de Moisés a lei civil do seu Estado, eles eram como juízes, ou como um tribunal de juízes – ensinar e julgar pareciam ser equivalentes, comparando 2 Crônicas 17.7,9 com 2 Crônicas 19.5,6,8. Eles não eram os juízes itinerantes, que faziam o circuito, mas o tribunal que deliberava nas apelações, nos veredictos especiais ou nas decisões enganosas, pela lei; eles estavam assentados na cadeira de Moisés, não no seu papel de mediador entre Deus e Israel, mas somente no seu papel de presidente da suprema corte (Êx 18.26). Ou ainda podemos aplicar essas palavras não ao sinédrio, mas aos outros fariseus e escribas, que explicavam a lei e ensinavam as pessoas como aplicá-la a situações particulares. O "púlpito de madeira", assim como tinha sido feito para Esdras, que realmente foi um "escriba" na lei de Deus (Ne 8.4), aqui é chamado de "cadeira de Moisés", porque Moisés tinha um deles em cada cidade (esta é a expressão em Atos 15.21), e naqueles púlpitos era lido; este era o seu trabalho, e era justo e honrado; era necessário que houvesse alguns em cuja boca as pessoas pudessem buscar a lei (Ml 2.7). Considere: 1. Muitos bons lugares estão cheios de homens maus; não é novidade que os mais vis dos homens sejam exaltados, até mesmo na cadeira de Moisés (Sl 12.8), e, quando isto acontece, os homens não são tão honrados pela cadeira quanto a cadeira é desonrada pelos homens. Todavia, aqueles que se assentavam na cadeira de Moisés eram tão indignamente degenerados, que era tempo que surgisse o grande Profeta, alguém como Moisés, para erigir outra cadeira. 2. Trabalhos e poderes bons e úteis não devem, portanto, ser condenados e abolidos porque, às vezes, caem em mãos de homens maus, que os usam mal. Por isso, não devemos derrubar a cadeira de Moisés porque escribas e fariseus se apoderaram dela; em vez de fazer isso, deve-se deixar "crescer ambos juntos até à ceifa" (cap. 13.30).

Aqui Ele conclui (v. 3): "'Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem'. Enquanto eles estiverem assentados na cadeira de Moisés, isto é, lendo e pregando a lei que foi dada por Moisés" (que, como antes, continuava em pleno vigor, força e virtude), "e julgando de acordo com aquela lei, devereis dar ouvidos a eles, pois eles vos recordam a palavra escrita". Os escribas e fariseus viviam de estudar as Escrituras, e estavam familiarizados com a sua linguagem, história e costumes, e o seu estilo e fraseologia. Cristo queria que o povo fizesse uso da ajuda que eles lhe davam para compreender as Escrituras, e agisse de maneira correspondente. Enquanto os seus comentários realmente exemplificassem o texto, e não o corrompessem; enquanto eles deixassem

claro, e não vazio, o mandamento de Deus, eles deveriam ser observados e obedecidos, mas com precaução e com um juízo de sabedoria. Note que não devemos pensar mal das boas verdades que estão sendo pregadas por maus ministros; nem de boas leis que são executadas por maus magistrados. Embora seja mais desejável ter o nosso alimento trazido por anjos, ainda que Deus nos envie o alimento por intermédio de corvos, se ele for bom e íntegro, nós devemos tomá-lo e agradecer a Deus por ele. O nosso Senhor Jesus disse isso para evitar a objeção que muitos estariam dispostos a fazer às suas palavras seguintes, como se, ao condenar os escribas e os fariseus, Ele desejasse desprezar a lei de Moisés e afastar as pessoas dela; pois Ele não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la. Observe que é sábio evitar as exceções que podem ser feitas com reprovações justas, especialmente quando existe oportunidade de distinguir entre os trabalhadores e o seu trabalho, para que o "ministério não seja censurado", quando os ministros o são.

II Ele condena os homens. Ele tinha ordenado que a multidão fizesse o que escribas e fariseus diziam; mas aqui Ele anexa um aviso para não fazer o que eles faziam, para que se acautelassem do seu fermento. "Não procedais em conformidade com as suas obras". Suas tradições eram suas obras, eram seus ídolos, as obras de seu capricho. Ou: "Não procedais de acordo com seu exemplo". As doutrinas e os costumes são coisas que devem ser experimentadas, e, se houver oportunidade, devem ser cuidadosamente separadas e distinguidas; e da mesma maneira como não devemos aceitar doutrinas corruptas, em nome de quaisquer práticas louváveis daqueles que as ensinam, também não devemos imitar nenhum mau exemplo, em nome de doutrinas plausíveis daqueles que as definem. Os escribas e fariseus se orgulhavam tanto da bondade das suas obras quanto da ortodoxia dos seus ensinamentos, e esperavam ser justificados por isso; era a oração que eles faziam (Lc 18.11,12). Mas essas coisas, que eles valorizavam tanto, eram abominações aos olhos de Deus.

Aqui, como também nos versículos seguintes, o nosso Salvador especifica diversas particularidades das obras dos escribas e fariseus, mostrando que não devemos imitá-los. De maneira geral, eles são acusados de hipocrisia, dissimulação ou fraude na religião; um crime que não pode ser levado ao tribunal dos homens, porque nós podemos julgar somente de acordo com a aparência externa; mas Deus, que sonda o coração, pode condenar de hipocrisia, e nada lhe é mais desagradável, pois Ele deseja a verdade.

Nesses versículos, eles são acusados de quatro transgressões.

1. O que eles faziam e o que eles diziam eram duas coisas diferentes. O que eles faziam não estava de acordo, de maneira nenhuma, com a sua pregação ou com a sua profissão: “porque dizem, e não praticam”. Eles ensinam, da lei, aquilo que é bom, mas a sua conduta perpetra a mentira, e eles parecem ter encontrado outro caminho para o céu, para si mesmos, que não é o caminho que mostram aos outros. Veja isso exemplificado e demonstrado a eles, Romanos 2.17-24. Os pecadores mais imperdoáveis são aqueles que se permitem os pecados que condenam nos outros, ou piores. Isto toca especialmente os maus ministros, que seguramente terão a sua parte destinada com os hipócritas (cap. 24.51). Pois será que pode haver hipocrisia maior do que ensinar aos outros aquilo que deve ser crido e feito, se quem o ensina não crê naquilo, e desobedece, destruindo no seu comportamento aquilo que edificam na sua pregação? Quando no púlpito, pregam tão bem que é uma pena que tenham que sair de lá; mas fora do púlpito, vivem de maneira tão má que é uma pena que tenham que subir ao púlpito; como sinos, que chamam os outros à igreja, mas eles mesmos não vão; ou postes com lâmpadas de mercúrio, que indicam o caminho aos outros, mas ficam parados. Estes serão julgados a partir das suas próprias bocas. Isto se aplica a todos aqueles que dizem e não fazem; que fazem uma profissão de fé plausível, mas não vivem de acordo com aquela profissão; que fazem boas promessas, mas não as cumprem; que estão cheios de palavras bonitas, e podem apresentar a lei a todos os que estão ao seu redor, mas não possuem boas obras; grandes oradores, porém maus praticantes. “A voz é a voz de Jacó, porém as mãos são as mãos de Esaú”. Eles falam bem: “Eu vou, senhor”; mas não se pode confiar neles, pois “sete abominações há no seu coração”.

2. Eles eram muito severos ao impor aos outros aquelas coisas às quais eles não estavam dispostos a submeter-se (v. 4): “atam fardos pesados e difíceis de suportar”, não apenas insistindo sobre as mínimas circunstâncias da lei, que é chamada de “jugo” (At 15.10), e obrigando a sua observância com mais rigidez e severidade do que o próprio Deus o fez (ao passo que a máxima dos advogados é *Apices juris son sunt jura – Meros detalhes da lei não são a lei*), mas também fazendo acréscimos à sua palavra, e impondo as suas próprias invenções e tradições, sob as mais pesadas punições. Eles se compraziam em mostrar a sua autoridade e exercer a sua faculdade dominante, governando sobre a herança de Deus e dizendo à alma dos homens: “Abaixa-te, para que passemos sobre ti”. Eles testemunham os seus muitos acréscimos à lei do

quarto mandamento, com que tornaram o sábado um fardo sobre os ombros dos homens, quando deveria ser a alegria de seus corações. Assim, com “rigor e dureza”, estes pastores dominam o rebanho, como antigamente (Ez 34.4).

Mas veja a sua hipocrisia: “Eles, porém, nem com o dedo querem movê-los”. (1) Eles não praticavam aquelas coisas que impunham sobre os outros; eles obrigavam o povo a uma rigidez na religião à qual eles mesmos não se curvavam; mas, secretamente, transgrediam as suas próprias tradições, que publicamente obrigavam. Eles eram indulgentes com o seu próprio sentimento de orgulho por ensinarem a lei aos outros; mas quando se tratava do seu comportamento, procuravam a sua própria comodidade. Assim foi dito, para censura dos sacerdotes papistas, que eles jejuam com vinho e alimentos deleitosos, enquanto obrigam o povo a jejuar com pão e água, e se esquivam das penitências que impõem aos leigos. (2) Eles não aliviavam as pessoas, no que dizia respeito a essas coisas, nem moviam um dedo para aliviar a sua carga, mesmo vendo que era excessiva. Eles eram capazes de fazer adições frívolas à lei de Deus, e ensiná-la assim, e não diminuíam nada das suas próprias imposições, nem perdoavam sequer as menores falhas, nos menores detalhes. Eles não permitiam que nenhum tribunal diminuísse a rigidez da sua lei comum. Como era contrária a isso a prática dos apóstolos de Cristo, que permitiam aos outros o uso da liberdade cristã e, em benefício da paz e da edificação da igreja, negavam-na a si mesmos! Eles não colocavam nenhuma carga além das necessárias; pelo contrário, procuravam diminuí-las (At 15.28). Com que cuidado Paulo poupa aqueles a quem escreve! (1 Co 7.28; 9.12).

3. Tudo o que faziam na religião era para exibição, e não pelo seu conteúdo (v. 5): “fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens”. Nós devemos fazer obras tão boas que aqueles que as vêem possam glorificar a Deus; mas não devemos proclamar as nossas boas obras, com o objetivo de que os outros as vejam e nos glorifiquem, que é a acusação que o nosso Salvador aqui faz aos fariseus, de maneira geral, como já tinha feito antes, nos exemplos particulares de oração e esmolas. Tudo o que eles queriam era ser objeto de louvor dos homens, e portanto os seus esforços deviam ser vistos pelos homens, para fazer um bom espetáculo para a carne. Nos deveres da religião que estavam diante dos olhos dos homens, ninguém era tão constante e abundante quanto eles; mas naquilo que estava entre Deus e as suas almas, no isolamento de suas câmaras, e nos recessos de seus corações, eles dispensavam a si mesmos da mais pura obediência. A religiosidade lhes dava um nome para viver, que era tudo o que eles queriam, e por isso não se preocupavam com o

poder dela, que é essencial para a vida. Aquele que faz tudo para ser visto, não faz nada adequado.

Jesus especifica duas coisas que eles faziam para que os homens vissem.

(1) “Trazem largos filactérios” – pequenos rolos de papel ou pergaminho, onde estavam escritos, com grande delicadeza, quatro parágrafos da lei (Êx 13.2-11; 13.11-16; Dt 6.4-9; 11.13-21). Eram costurados com couro, e eram usados sobre suas cabeças e braços esquerdos. Era uma tradição dos anciãos que tinha a sua referência em Êxodo 13.9 e Provérbios 7.3, onde as expressões parecem ser figurativas, sugerindo nada além de nós termos que ter em mente as coisas de Deus tão cuidadosamente como se elas estivessem entre os nossos olhos. Os fariseus faziam esses filactérios grandes, para que pudessem parecer mais santos, rígidos e entusiasmados pela lei do que os outros. É uma ambição graciosa cobiçar ser realmente mais santo que os outros, mas é uma ambição arrogante cobiçar parecer assim. É bom sentir bastante piedade verdadeira, mas não exceder as suas demonstrações externas, pois o exagero é, corretamente, considerado como sendo um plano (Pv 27.14). É o pretexto da hipocrisia que faz mais tumulto do que é necessário no serviço externo; mais do que é necessário para provar ou aprimorar os bons afetos e as disposições da alma.

(2) “Alargam as franjas das suas vestes”. Deus ordenou que os judeus fizessem franjas nas vestes (Nm 15.38), para distingui-los das outras nações, e para lembrá-los de que eram um povo peculiar; mas os fariseus não estavam satisfeitos em ter as suas franjas iguais às das outras pessoas (o que poderia servir ao desígnio de Deus), mas as suas deviam ser mais largas do que as normais, para atender ao seu desejo de serem observados; como se eles fossem mais religiosos do que os outros. Mas aqueles que aumentam os seus filactérios e as franjas das suas vestes enquanto os seus corações se encolhem e se esvaziam do amor a Deus e ao seu próximo, embora possam então enganar os outros, só enganarão, no final, a si mesmos.

4. Eles gostavam da proeminência e da superioridade, e se orgulhavam extremamente delas. O orgulho era o pecado reinante dos fariseus, o pecado que mais facilmente os assediava, e contra o qual o Senhor aproveitava todas as oportunidades para testemunhar.

(1) O Senhor descreve o orgulho deles (vv. 6,7). Eles amavam e cobiçavam:

[1] Os lugares de honra e respeito. Em todas as aparições públicas, como ceias, e nas sinagogas, eles esperavam e recebiam, para alegria dos seus corações, os primeiros lugares e as primeiras cadeiras. Eles tomavam os

lugares dos outros, e tinham precedência, como pessoas de grande mérito. E é fácil imaginar a complacência que recebiam, eles amavam ter a proeminência (3 Jo 9). O que é condenado não é possuir os primeiros lugares, ou sentar-se nas melhores cadeiras (alguém precisa se sentar nelas), mas gostar disso; entretanto, muitos homens valorizam uma cerimônia tão pequena quanto sentar-se nos lugares mais visíveis, entrar primeiro, ficar junto à parede, ou do melhor lado, com o objetivo de se valorizarem. Eles procuram conseguir essas coisas, e sentem ressentimentos quando não as conseguem; isto nada mais é do que fazer um ídolo de si mesmo. Cair de joelhos e adorar este ídolo é o pior tipo de idolatria! Isto seria ruim em qualquer lugar, mas especialmente nas sinagogas. Aqueles que procuram a honra para si mesmos quando comparecem para dar glória a Deus, e para se humilhar diante dele, realmente desprezam a Deus, em vez de servi-lo. Davi preferiria estar à porta da casa de Deus; ele estava assim distante de cobiçar o principal lugar ali (Sl 84.10). É uma evidência de orgulho e hipocrisia quando as pessoas não se preocupam em ir à igreja, a menos que possam parecer elegantes e marcar presença ali.

[2] Títulos de honra e respeito. Eles amavam “as saudações nas praças”, amavam ver as pessoas tirando os chapéus para saudá-los, e mostrando-lhes respeito quando os encontravam nas ruas. Oh! Como isso os contentava, e alimentava seu humor vão, *digito monstrari et dicier, Hic est – ser apontados, e ter isto dito deles: Este é ele, ter o caminho aberto* para eles entre a multidão na praça: “Abram caminho, um fariseu está vindo!”, e ser saudados com o título pomposo de “Rabi, Rabi!”. Isto era comida e bebida e guloseima para eles; e eles tinham tanta satisfação com isso quanto Nabucodonosor teve com o seu palácio, quando disse: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?” As saudações não teriam lhes feito tanto bem, se não tivessem estado nas praças, onde todos podiam ver o quanto eram respeitados, e o quanto eram considerados na opinião das pessoas. Foi pouco tempo antes da época de Cristo que os mestres judeus, os mestres de Israel, tinham adotado o título de Rabi, Rab, ou Raban, que significa grande, ou muito, e era interpretado como *Doutor, ou Meu senhor*. E eles enfatizavam tanto o título, que criaram uma máxima que dizia que “aquele que saúda o seu mestre e não o chama de Rabi, faz com que a divina majestade se afaste de Israel”. Eles colocavam muita religiosidade naquilo que era apenas uma questão de boas maneiras! O fato de aquele que é instruído na Palavra demonstrar respeito àquele que lhe ensina representa um elogio suficiente por parte daquele que demonstra o respeito; mas o fato de aquele que ensina a gostar disso, e exigir isso, inchando-se de

orgulho com isso e se desagradando se isso for omitido, é pecaminoso e abominável; e, em vez de ensinar, ele precisa aprender a primeira lição da escola de Cristo, que é a humildade.

(2) Jesus aconselha os seus discípulos para que não sejam como eles; nisso, eles não devem seguir as suas palavras. “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre” (v. 8).

Aqui está: [1] Uma proibição do orgulho. Eles aqui são proibidos:

Em primeiro lugar, de exigir títulos de honra e autoridade para si mesmos (vv. 8-10). Isto se repete duas vezes: “não queirais ser chamados Rabi… nem vos chameis mestres”; não que seja ilícito prestar respeito civil àqueles que estão acima de nós no Senhor; na verdade, trata-se de um exemplo da honra e da estima que temos obrigação de mostrar a eles; mas: 1. Os ministros de Cristo não devem apreciar o nome Rabi, ou Mestre, para se diferenciarem das demais pessoas. Não está de acordo com a simplicidade do Evangelho, o fato de eles cobiçarem ou aceitarem a honra que têm os que estão nos palácios dos reis. 2. Eles não devem pressupor a autoridade e o domínio sugeridos nesses nomes, eles não devem ser imperiosos nem dominantes sobre seus irmãos, nem sobre a herança de Deus, como se tivessem controle sobre a fé dos cristãos. Todos devem receber deles aquilo que eles receberam do Senhor; mas, em outras coisas, eles não devem tornar as suas opiniões e vontades uma regra e um padrão para todos os demais, e não devem apresentá-los como se trouxessem, de forma implícita, a necessidade de obediência. As razões para essa proibição são:

(1) “Um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo” (v. 8), e outra vez no versículo 10. Observe que: [1] Cristo é o nosso Mestre, nosso professor, nosso guia. George Herbert, quando mencionava o nome de Cristo, normalmente acrescentava: Meu Mestre. [2] Somente Cristo é nosso Mestre, os ministros são apenas aceitos na escola. Somente Cristo é o Mestre, o grande Profeta, a quem devemos ouvir, e por quem devemos ser governados, cuja palavra deve ser um oráculo e uma lei para nós. “Em verdade, eu vos digo” deve ser suficiente para nós. E uma vez que somente Ele é o nosso Mestre, se os seus ministros se estabelecerem como ditadores, e pretenderem ter uma supremacia e uma infalibilidade, estarão praticando uma usurpação ousada daquela honra de Cristo, que Ele não dará a ninguém mais.

(2) “Todos vós sois irmãos”. Os ministros são irmãos, não somente entre si, mas de todo o povo; e por isso é ruim que eles sejam mestres, uma vez que não há ninguém para ser dominado por eles, exceto seus irmãos; sim, e todos nós

somos jovens irmãos, caso contrário os mais velhos poderiam reivindicar ser "os mais excelentes em alteza e poder" (Gn 49.3). Mas para evitar isso, o próprio Cristo é "o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). "Vocês são irmãos", como são também todos discípulos do mesmo Mestre. Os colegas de escola são irmãos, e, como tal, devem ajudar-se, uns aos outros, para aprender a lição, mas isto não significa, de maneira nenhuma, permitir que um dos alunos suba ao lugar do Mestre, e conduza a escola. Se nós somos todos irmãos, não devemos, muitos de nós, ser mestres (Tg 3.1).

Em segundo lugar, eles são proibidos de atribuir tais títulos a outros (v. 9): "A ninguém na terra chameis vosso pai". Que ninguém seja o pai da sua religião, isto é, o seu fundador, autor, diretor e governador. Os nossos pais segundo a carne devem ser chamados de pais, e, como tais, devemos prestar-lhes reverência; mas somente Deus deve ser considerado o Pai do nosso espírito (Hb 12.9). A nossa religião não deve se originar de nenhum homem, nem depender de qualquer homem. Nós nascemos de novo para a vida espiritual e divina, "não de semente corruptível, mas… pela palavra de Deus"; não "da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus". A vontade do homem não é a origem da nossa religião, e também não deve ser o que a governa. Não devemos *jurare in verba magistri – jurar aos ditames de nenhuma criatura*, nem que se trate da mais sábia, nem da melhor, nem prender a nossa fé à manga de qualquer homem, porque não sabemos como ele a conduzirá. O apóstolo Paulo se chama de pai para aqueles de cuja conversão ele foi um instrumento (1 Co 4.15; Fm 10), mas ele não deseja ter domínio sobre eles, e usa esse título para sugerir, não autoridade, mas afeto: por isso, ele não os considera devedores, mas seus "filhos amados" (1 Co 4.14).

A razão dada é: "Um só é o vosso Pai, o qual está nos céus". Deus é o nosso Pai, e Ele é tudo na nossa religião. Ele é a sua fonte, e o seu fundador; a sua vida, e o seu Senhor; somente dele, como origem, deriva a nossa vida espiritual, e somente dele ela depende. Ele é o "Pai das luzes" (Tg 1.17), aquele que é "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos" (Ef 4.6). Tendo Cristo nos ensinado a dizer: "Pai nosso, que estás nos céus", não chamemos de pai a nenhum homem sobre a terra; nenhum homem, porque o homem é um verme, e o filho do homem é um bicho, talhado da mesma rocha que nós. Isto ocorre especialmente sobre a terra, pois o homem sobre a terra é um verme pecador. Não existe um só homem sobre a terra que faça o bem e que não peque; por isso, ninguém está apto para ser chamado de pai.

[2] Aqui está um preceito de humildade e de submissão mútua (v. 11): “O maior dentre vós será vosso servo”. Não somente se chamará assim (sabemos que existe aquele que se intitula *Servus servorum Dei – Servo dos servos de Deus*, mas age como Rabi, e pai, e mestre, e *Dominus Deus noster – O Senhor nosso Deus*, porém não o é) mas o será. Interprete isto como uma promessa: Será considerado o maior, e estará mais elevado na graça de Deus, aquele que for mais submisso e servil. Ou como um preceito: Aquele que subir a qualquer lugar de dignidade, confiança e honra, na igreja, seja seu servo (algumas cópias apresentam *esto* em lugar de *estai*); que ele não pense que essa patente de honra seja uma ordem de comodidade. Não. Aquele que é maior não é um senhor, mas um ministro. O apóstolo Paulo, que conheceu o seu privilégio tão bem como um dever, embora “sendo livre para com todos”, ainda assim se fez “servo de todos” (1 Co 9.19). E o nosso Mestre freqüentemente insistiu com os seus discípulos para que fossem humildes e renunciassem a si mesmos, que fossem moderados e condescendentes, e que fossem abundantes em todos os ofícios do amor cristão, embora fossem simples, e os mais simples de todos, e disso Ele nos deu o exemplo.

[3] Aqui está uma boa razão para tudo isso (v. 12). Considere:

Em primeiro lugar, a punição destinada aos orgulhosos: “O que a si mesmo se exaltar será humilhado”. Se Deus lhes der o arrependimento, eles serão humilhados aos seus próprios olhos, e se detestarão por isso; se não se arrependerem, mais cedo ou mais tarde serão humilhados perante o mundo. Nabucodonosor, do auge do seu orgulho, foi levado para junto dos animais. Herodes, para ser um jantar para os vermes. E a Babilônia, que se sentava como rainha, para ser espanto entre as nações. Deus tornou “desprezíveis e indignos” os sacerdotes orgulhosos e ambiciosos (Ml 2.9), e o profeta que ensina a falsidade, “a cauda” (Is 9.15). Mas se os homens orgulhosos não tiverem sinais de humildade colocados sobre si neste mundo, chegará o dia em que eles ressuscitarão “para vergonha e desprezo eterno” (Dn 12.2). “O Senhor… retribui com abundância aos soberbos” (Sl 31.23).

Em segundo lugar, a dignidade e a honra que são direcionadas ao humilde. “O que a si mesmo se humilhar será exaltado”. A humildade é um ornamento “precioso diante de Deus”. Neste mundo, os humildes têm a honra de serem aceitos pelo Deus santo, e respeitados por todos os homens bons e sábios; de serem qualificados, e freqüentemente chamados para os mais honrosos serviços; pois a honra é como a sombra, que foge daquele que a persegue e tenta agarrá-la, mas segue aqueles que fogem dela. No entanto, no outro

mundo, com o seu Deus, e com a condescendência dos seus irmãos, os humildes serão exaltados, para herdar o trono da glória. Eles não serão apenas reconhecidos, mas coroados diante dos anjos e dos homens.

Os Crimes dos Fariseus

vv. 13-33

Nesses versículos, temos oito “ais” dirigidos diretamente contra os escribas e os fariseus, pelo nosso Senhor Jesus Cristo, como o ruído de trovões ou os relâmpagos do Monte Sinai. Três “ais” já fazem parecer muito assustador (Ap 8.13; 9.12), mas aqui há oito “ais”, em oposição às oito bem-aventuranças (cap. 5.3). O Evangelho tem os seus “ais”, assim como a lei, e as maldições do Evangelho são as piores, entre todas as maldições. Estes “ais” são os mais notáveis, não somente por causa da autoridade, mas por causa da humildade e da bondade daquele que os denunciou. Ele veio para abençoar, e se comprazia em abençoar; mas se a sua ira se inflama, certamente há motivo para tanto. E quem fará alguma súplica a favor daquele contra quem o grande Intercessor se pronuncia? Um “ai” de Cristo é um “ai” sem remédio.

Aqui está o refrão do cântico, e é um refrão pesado: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!”. Considere: 1. Os escribas e fariseus eram hipócritas; é nisto que se resume todo o restante da sua má personalidade; esse era o fermento que dava sabor a tudo o que eles faziam e diziam. Um hipócrita é um ator na religião (este é o significado básico da palavra); ele personifica ou interpreta o papel de alguém que ele não é, nem poderá ser, ou talvez que ele não é, nem deseja ser. 2. Esses hipócritas estão numa condição e num estado lamentável. “Ai dos... hipócritas”. O fato de Jesus dizer isto mostra que o caso deles era lamentável; enquanto eles vivessem, a sua religião seria inútil; quando morressem, a sua ruína seria grande.

Cada um desses “ais” contra os escribas e os fariseus tem uma razão anexa a ele, contendo um crime de que eles são acusados, provando a sua hipocrisia e justificando o julgamento de Cristo sobre eles; pois os “ais”, as maldições pronunciadas por Jesus, nunca são infundadas.

I Eles são inimigos declarados do Evangelho de Cristo, e, conseqüentemente, da salvação das almas dos homens (v. 13): Eles “fecham aos homens o Reino dos céus”, isto é, eles faziam tudo o que podiam para impedir que as

pessoas cressem em Cristo e, dessa maneira, entrassem no seu reino. Cristo veio para abrir o Reino dos céus, isto é, para nos mostrar um “novo e vivo caminho” para entrar nele, para levar os homens a serem súditos desse Reino. Mas os escribas e os fariseus, que se assentavam na cadeira de Moisés, e pretendiam ter a chave do conhecimento, deviam ter contribuído com a sua ajuda, abrindo aquelas Escrituras do Antigo Testamento que apontavam para o Messias e o seu reino, no seu sentido verdadeiro e adequado; aqueles que eram responsáveis por explicar Moisés e os profetas deviam ter mostrado às pessoas como estes testificavam a respeito de Cristo, mostrar que as semanas de Daniel estavam se esgotando, que o cetro se afastava de Judá, e que, portanto, aquela era a ocasião para a aparição do Messias. Desta maneira, eles poderiam ter facilitado aquela grandiosa obra, e ajudado milhares de pessoas a irem ao céu. Mas, em vez disso, eles fecharam o Reino dos céus; eles se empenharam em forçar a observância da lei cerimonial, que estava sendo abolida; em suprimir as profecias, que então se cumpriam; e em criar e nutrir, nas mentes das pessoas, preconceitos contra Cristo e a sua doutrina.

1. Eles mesmos não entrariam: “Creu nele, porventura, algum dos principais ou dos fariseus?” (Jo 7.48). Não. Eles eram orgulhosos demais, para curvar-se à sua pobreza, formais demais, para serem compatíveis com a sua simplicidade; eles não gostavam de uma religião que insistia tanto na humildade, na renúncia de si mesmo, no desprezo ao mundo e na adoração espiritual. O arrependimento era a porta de entrada a esse Reino, e nada podia ser mais desagradável para os fariseus, que se justificavam e se admiravam, do que arrepender-se, isto é, acusar e humilhar e abominar a si mesmos. Por isso eles mesmos não entrariam; mas isso não era tudo.

2. Eles não deixavam “entrar aos que estão entrando”. É ruim nos mantermos afastados de Cristo, mas é pior manter os outros afastados dele. No entanto, este é o procedimento normal dos hipócritas; eles não gostam que alguém vá além deles na religião, ou que seja melhor que eles. O fato de eles mesmos não entrarem era um obstáculo para muitos, pois, como eles atraíam tão grande interesse das pessoas, as multidões rejeitavam o Evangelho somente porque os seus líderes faziam isso; mas, além disso, eles se opunham tanto a Cristo receber os pecadores (Lc 7.39) quanto aos pecadores receberem a Cristo. Eles deturparam a sua doutrina, opuseram-se aos seus milagres, discutiram com os seus discípulos, e o descreveram, e às suas instituições e à sua economia, perante o povo, da maneira mais negativa e falsa que se podia imaginar. Eles vociferaram a sua excomunhão contra aqueles que o confessavam, e usaram

todo o seu talento e poder a serviço da sua maldade contra Ele. Assim, eles fecharam o Reino dos céus, pois aqueles que quisessem entrar nele deviam fazê-lo por meio da violência (cap. 11.12), e forçar a entrada (Lc 16.16) em meio a uma multidão de escribas e fariseus, e todas as dificuldades e todos os obstáculos que eles pudessem imaginar para colocar em seu caminho. Como é bom, para nós, que a nossa salvação não esteja confiada às mãos de qualquer homem ou grupo de homens deste mundo! Se assim fosse, estaríamos arruinados. Aqueles que fecham a igreja fechariam também o céu, se pudessem; mas a maldade dos homens não pode tornar sem efeito a promessa de Deus aos seus escolhidos; graças a Deus, não pode.

II Eles faziam da religião e do modelo de santidade um disfarce e um pretexto para as suas práticas e os seus desejos ambiciosos (v. 14). Observe aqui:

1. Quais eram os seus procedimentos mal-intencionados: eles “devoravam as casas das viúvas”, seja hospedando-se, e aos seus auxiliares, ali, para entretenimento, que deve ser o melhor para homens da estirpe deles, seja insinuando-se nos seus afetos, conseguindo desta maneira a função de administradores das suas propriedades, o que fazia delas presas fáceis, pois quem iria pensar em chamar para prestar contas alguém como eles? O que eles desejavam era enriquecer, e sendo este o seu objetivo final e principal, todas as considerações de justiça e retidão eram deixadas de lado, e até mesmo as casas das viúvas eram sacrificadas em nome disso; portanto, eles se apegavam a elas para torná-las suas presas. Eles devoravam aquelas a quem, segundo a lei de Deus, eram particularmente obrigados a proteger, ajudar e socorrer. Há um “ai” no Antigo Testamento para aqueles que faziam das viúvas suas presas (Is 10.1,2); e Cristo, aqui, o apóia, com seu “ai”. Deus é “juiz de viúvas”; elas são a sua preocupação especial, Ele firma a sua herança (Pv 15.25) e adota a sua causa (Êx 22.22,23); mas essas eram aquelas cujas casas os fariseus devoravam em grandes quantidades, tanta ambição tinham eles de encher seus ventres com os tesouros da impiedade! O fato de devorarem indica não apenas ambição, mas crueldade na sua opressão, descrita em Miquéias 3.3: “comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele”. E sem dúvida eles faziam tudo isso sob pretextos de lei, pois eram tão habilidosos ao fazê-lo que isso era aceito sem censuras, e de maneira nenhuma diminuía a veneração do povo por eles.

2. Qual era o pretexto sob o qual disfarçavam esses procedimentos mal-intencionados: “sob pretexto de prolongadas orações”. Muito longas,

realmente, se for verdade o que alguns dos autores judeus nos dizem, que eles passavam três horas consecutivas nas formalidades da meditação e da oração, e faziam isto três vezes ao dia, o que é mais do que uma alma justa, consciente de ser íntima com Deus no seu dever, ousa pretender fazer normalmente; mas para os fariseus isso era fácil, pois eles nunca se preocupavam com o dever e sempre se preocupavam com a aparência externa. Com esses artifícios, eles conseguiam a sua riqueza, e conservavam a sua grandeza. Não é provável que essas longas orações fossem extemporâneas, pois (como observa Baxter) os fariseus tinham o dom da oração muito mais do que os discípulos de Cristo o tinham; mas eles tinham formas determinadas de oração para usar entre si, e que eles repetiam, da mesma maneira como os romanistas rezam o terço. Aqui Cristo não condena as longas orações como sendo, por si mesmas, hipócritas; o problema é que estavam orando como uma forma de se sobressair em relação às outras pessoas. E se não houvesse, nessas orações, uma grande aparência, como se fossem algo muito bom, elas não poderiam ter sido usadas como um instrumento para tamanho fingimento. Além disso, a "capa" necessária para encobrir procedimentos tão mal-intencionados precisava ser muito espessa. O próprio Cristo passava "a noite em oração a Deus", e nós somos instruídos a orar sem pressa de parar. Onde há muitos pecados a confessar, e muitas necessidades, por cuja satisfação orar, e muitas bênçãos para agradecer, existe oportunidade para longas orações. Mas as longas orações dos fariseus eram constituídas de repetições vãs e (este era o seu objetivo) eram um pretexto. Com elas, eles conseguiam ter a reputação de homens piedosos e devotos, que amavam a oração e eram os favoritos do Céu; e com isso, as pessoas eram levadas a crer que não era possível que homens assim as enganassem. Portanto, feliz a viúva que conseguisse um fariseu para administrar os seus bens, e ser guardião dos seus filhos! Dessa maneira, enquanto eles pareciam estender a proteção do céu, com as asas da oração, os seus olhos, como os da ave de rapina, estavam todo o tempo sobre a sua presa na terra, a casa de uma viúva ou outra que lhes fosse conveniente. Assim, a circuncisão foi o disfarce da ambição dos siquemitas (Gn 34.22,23); o pagamento de um voto em Hebrom foi o pretexto da rebelião de Absalão (2 Sm 15.7); um jejum em Jezreel permitiu o assassinato de Nabote; e a extirpação de Baal foi o escabelo da ambição de Jeú. Os sacerdotes romanistas, com a desculpa de longas orações pelos mortos, missas e lamentações, além de outras práticas pecaminosas, enriqueceram devorando a casa das viúvas e dos órfãos. Note que não é novidade que a santidade seja utilizada para fins de exibição, como

pretexto para esconder enormes abusos e pecados. Mas a piedade dissimulada, por mais que seja aceita agora, será computada como dupla iniqüidade, “no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens”.

3. A condenação que recebem por isso: “sofrereis mais rigoroso juízo”. Observe que: (1) Existem graus de desgraça; há alguns cujo pecado é mais imperdoável, e cuja ruína, portanto, será mais intolerável. (2) Os pretextos da religião, com que os hipócritas disfarçam ou desculpam o seu pecado agora, irão, em pouco tempo, agravar as suas condenações. Tal é o engano do pecado, que a mesma coisa pela qual os pecadores esperam expiar e conciliar os seus pecados se voltará contra eles, e fará os seus pecados ainda mais pecaminosos. Mas é triste para o criminoso quando a sua defesa prova o seu crime, e os seus apelos (Em teu nome nós profetizamos, e em teu nome fizemos longas orações) aumentam a acusação contra eles.

III Enquanto eram tão inimigos da conversão das almas ao cristianismo, os escribas e fariseus eram muito empenhados na distorção dela, nos ensinos da sua seita. Eles fecham o Reino dos céus para aqueles que se voltam para Cristo, mas, ao mesmo tempo, percorrem o mar e a terra para fazer prosélitos para si mesmos (v. 15). Observe aqui:

1. O esforço elogiável deles para fazer prosélitos para a religião judaica, não somente prosélitos de porta, que se obrigavam a nada mais que a observância dos sete preceitos dos filhos de Noé, mas prosélitos de justiça, que adotavam integralmente todos os ritos da religião judaica, pois era isto o que eles queriam. Para tanto, para conseguir alguém assim, ainda que fosse apenas um, eles percorriam o mar e a terra, teciam planos ardilosos, e os executavam, e cavalgavam, e corriam, e mandavam chamar, e escreviam, e trabalhavam incansavelmente. E qual era o seu objetivo? Não a glória de Deus, e o bem das almas, mas que eles pudessem ter o crédito de fazer prosélitos, e a vantagem pecaminosa de transformar estes prosélitos em presas. Considere que: (1) Fazer prosélitos, se para a santidade verdadeira e séria, e se com boa intenção, é um bom trabalho, bastante digno de preocupação e de esforços extremos. Tal é o valor das almas, que nada deve ser julgado como demais para ser feito, para salvar uma alma da morte. O empenho dos fariseus aqui pode mostrar a negligência de muitos dos quais se esperava que agissem com melhores princípios, mas que não se esforçarão para propagar o Evangelho. (2) Para fazer um prosélito, o mar e a terra precisam ser percorridos. Todos os caminhos e meios devem ser tentados; primeiro, um caminho, e depois, outro.

Eles não perdiam de vista o fato de que se o objetivo fosse alcançado, eles seriam bem pagos. (3) Os corações carnais raramente evitam os esforços necessários para dar prosseguimento aos seus objetivos carnais. Quando é necessário fazer um prosélito para que este lhes seja útil, eles percorrem o mar e a terra para consegui-lo, em vez de ficarem desapontados.

2. A maldita impiedade daqueles homens ao atormentarem os seus prosélitos. Eles o transformam em um discípulo de fariseu, e ele absorve todas as noções de um fariseu. Assim, "depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós". Observe que: (1) Os hipócritas, embora se julguem herdeiros do céu, são, no juízo de Cristo, os filhos do inferno. A sua hipocrisia nasce do inferno, pois o diabo é o pai da mentira; e a tendência da sua hipocrisia é em direção ao inferno, que é o lugar ao qual eles pertencem, a herança de que são herdeiros; eles são chamados "filhos do inferno", por causa da sua inimizade enraizada ao Reino dos céus, o que foi o princípio e o talento do farisaísmo. (2) Embora todos os que maldosamente se opõem ao Evangelho sejam filhos do inferno, alguns são duas vezes mais que os outros, mais furiosos e teimosos e malignos. (3) Os prosélitos pervertidos são, normalmente, os mais teimosos; os alunos superam os seus mestres: [1] Na preocupação com as cerimônias. Os fariseus enxergavam a tolice das suas próprias imposições, e em seus corações sorriam ao ver a obediência daqueles que se sujeitavam a elas; mas os seus prosélitos ansiavam por elas. Observe que mentes fracas normalmente admiram aqueles espetáculos e aquelas cerimônias que os homens sábios não podem deixar de desprezar (embora, para fins públicos, eles os admitam). [2] Na fúria contra o cristianismo. Os prosélitos prontamente se impregnavam dos princípios que os seus líderes ardilosos não deixavam de possuir, e se tornavam extremamente fervorosos contra a verdade. Os inimigos mais amargos que os apóstolos encontraram, em todos os lugares, foram os judeus helenistas, que eram, principalmente, prosélitos (At 13.45; 14.2-19; 17.5; 18.6). Paulo, um discípulo dos fariseus, era excessivamente mau contra os cristãos (At 26.11), enquanto o seu mestre, Gamaliel, parece ter sido mais moderado.

IV O fato de procurarem os seus próprios benefícios mundanos e a sua própria honra, mais que a glória de Deus, os colocava cunhando uma distinção falsa e não justificável, com a qual eles conduziam as pessoas a enganos perigosos, particularmente na questão dos juramentos; o que, como uma evidência de um sentido universal de religião, era, por todas as nações,

considerado sagrado (v. 16): “Condutores cegos!” Observe que: 1. É triste pensar em quantos estão sob a orientação de pessoas que são, elas mesmas, cegas, que se responsabilizam por mostrar aos outros aquele caminho que elas mesmas, voluntariamente, ignoram. Todos “os seus atalaias são cegos” (Is 56.10), e muito freqüentemente as pessoas adoram que seja assim, e dizem a quem vê: Não vejam. Mas a situação piora quando os líderes do povo o conduzem ao erro (Is 9.16). 2. Embora seja muito triste a situação daqueles cujos guias são cegos, a dos próprios guias cegos é ainda mais lamentável. Cristo profere um “ai” para os guias cegos, que têm de responder pelo sangue de tantas almas.

Para provar a cegueira deles, Ele fala especificamente da questão dos juramentos, e mostra que eles eram uns casuístas corruptos.

(1) Ele apresenta a doutrina que eles ensinavam.

[1] Eles permitiam juramentos por criaturas, desde que estivessem consagradas ao serviço de Deus e tivessem um relacionamento especial com Ele. Eles permitiam juramentos pelo templo e pelo altar, que, embora fossem obras das mãos dos homens, eram destinados a ser instrumentos para a honra de Deus, e eles, como humanos, não poderiam compartilhar dela. Um juramento é um apelo a Deus, à sua onisciência e justiça; e fazer este apelo a qualquer criatura é colocar essa criatura no lugar de Deus. Veja Dt 6.13.

[2] Eles faziam diferença entre um juramento “pelo templo” e um juramento “pelo ouro do templo”; um juramento pelo altar e um juramento pela oferta sobre o altar; faziam os últimos obrigatórios, mas não os primeiros. Aqui havia uma dupla maldade. Em primeiro lugar, havia alguns juramentos que eles dispensavam e dos quais faziam pouco, e reconheciam que um homem não era obrigado a afirmar a verdade nem cumprir uma promessa. Eles não deveriam jurar pelo Templo nem pelo altar, mas, se jurassem, seriam enganados pelas palavras da sua boca. Uma doutrina que infringe as regras da fé em algum aspecto ou ocasião não pode ser uma doutrina do Deus da verdade. Os juramentos são instrumentos afiados, e não se deve brincar com eles. Em segundo lugar, eles preferiam o ouro ao Templo, e a oferta ao altar, para incentivar as pessoas a trazerem ofertas ao altar, e ouro aos tesouros do Templo, com o que eles esperavam lucrar. Aqueles que tinham feito do ouro a sua esperança, e cujos olhos estavam cegos pelas ofertas em segredo, eram grandes amigos do Corbã, e sendo o lucro a sua santidade, por meio de mil artifícios eles faziam a religião submeter-se aos seus interesses mundanos. Os guias corruptos fazem as coisas serem pecados ou não, conforme servirem aos

seus objetivos, e colocam uma ênfase muito maior naquilo que diz respeito ao seu próprio ganho do que naquilo que é para a glória de Deus e para o bem das almas.

(2) O Senhor mostra a tolice e o absurdo dessa diferença (vv. 17-19): “Insensatos e cegos!”. É no sentido de uma repreensão necessária, e não uma repreensão irada, que Cristo os chamou de insensatos. Deve nos bastar a palavra de sabedoria para mostrar a tolice das opiniões e dos procedimentos pecaminosos. Mas quanto à atribuição do caráter de pessoas em particular, deixemos isso a Cristo, que conhece o que há no homem, e nos proibiu de chamar alguém de “louco”, ou seja, de insensato.

Para condená-los por sua insensatez, Jesus pergunta aos escribas e fariseus, “qual é maior: o ouro [os vasos e ornamentos de ouro, ou o ouro do tesouro] ou o templo, que santifica o ouro..., a oferta ou o altar, que santifica a oferta?”. Qualquer pessoa diria: *Propter quod aliquid est tale, id est magis tale – Tudo deve ser qualificado da maneira como as coisas são qualificadas, e com a intensidade adequada.* Aqueles que juravam pelo ouro do Templo o encaravam como sendo sagrado. Mas o que é que o tornava sagrado, exceto a santidade do Templo, para cujo serviço ele era apropriado? E por isso o Templo não pode ser menos sagrado do que o ouro, mas deve ser mais sagrado; pois “o menor é abençoado pelo maior” (Hb 7.7). O Templo e o altar eram definitivamente dedicados a Deus, o ouro e as ofertas, apenas secundariamente. Cristo é nosso altar (Hb 13.10), nosso templo (Jo 2.21); pois é Ele que santifica todas as nossas ofertas e as considera agradáveis (1 Pe 2.5). Aqueles que colocam as suas próprias obras no lugar da justiça de Deus, na justificação, são culpados dos absurdos dos fariseus, que preferiam a oferta ao altar. Cada cristão fiel é um templo vivo, e em virtude disso as coisas comuns são santificadas a ele: “todas as coisas são puras para os puros” (Tt 1.15), e “o marido descrente é santificado pela mulher” (1 Co 7.14).

(3) Ele corrige o engano (vv. 20-22) reduzindo todos os juramentos que eles tinham inventado ao verdadeiro objetivo de um juramento, que é expressar algo em nome do Senhor. Desse modo, um juramento pelo Templo, ou pelo altar, ou pelo céu, será formalmente mau, mas ainda assim obrigará a pessoa que jurar. *Quod fieri non debuit, factum valet – Compromissos que não deveriam ter sido assumidos, ainda assim, quando feitos, são obrigatórios.* Um homem nunca irá se beneficiar do seu próprio erro.

[1] Aquele que jura pelo altar, não deve pensar em remover a obrigação do juramento, dizendo: “O altar é apenas madeira, e pedra, e bronze”, pois o seu

juramento será interpretado mais fortemente contra si mesmo, porque ele era culpável, e a obrigação do juramento será preservada, *ut res potius valeat quam pereat – a obrigação é fortalecida, e não destruída.* Portanto, um juramento pelo altar será interpretado como um juramento não só pelo altar, mas por todas as coisas que fazem parte dele. Pois os direitos são transmitidos juntamente com o principal. Jurar pelas coisas que são oferecidas a Deus sobre o altar é o mesmo que chamar o próprio Senhor Deus como testemunha, pois trata-se do altar de Deus; e aquele que vai ao altar, vai a Deus (Sl 43.4; 26.6).

[2] Aquele que jura pelo Templo, se compreender o que está fazendo, não pode deixar de compreender que a base para o respeito ao Templo não é a beleza do Templo, mas o fato de o Templo ser a casa de Deus, dedicada ao seu serviço, o lugar em que Ele escolheu colocar o seu nome. Portanto, quando alguém jura pelo Templo, está jurando por aquele que ali habita. Ali Ele se agradou de uma maneira peculiar, para manifestar-se, e dar sinais da sua presença, de modo que aquele que jurar pelo Templo, jura por aquele que disse: “Este é o meu repouso… aqui habitarei”. Os bons cristãos são templos de Deus, o Espírito de Deus habita neles (1 Co 3.16; 6.19), e Deus assume o que é feito a eles como sendo feito a si mesmo. Aquele que entristece uma alma graciosa, entristece também o Espírito que nela habita (Ef 4.30).

[3] Se um homem jura pelo céu, ele peca (cap. 5.34), mas não será liberado da obrigação do seu juramento. Não. Deus o fará saber que o céu por que ele está jurando é o seu trono (Is 66.1); e aquele que jura pelo trono, apela para aquele que está assentado sobre ele. Da mesma maneira como Ele se ressente da afronta que lhe é feita sob a forma do juramento, certamente também irá vingar a afronta maior que lhe é feita pela violação do juramento. Cristo não permite a evasão de um juramento solene, por mais plausível que seja.

V Eles eram muito rígidos e precisos nos menores detalhes da lei, mas descuidados e relaxados nas questões mais importantes (vv. 23,24). Eles eram “parciais na aplicação da lei” (Ml 2.9, versão RA), escolhiam o seu dever segundo estivessem interessados ou fossem afetados. A obediência sincera é universal, e aquele que, com um princípio correto, obedece a qualquer dos preceitos de Deus, terá respeito a todos eles (Sl 119.6). Mas os hipócritas, que agem na religião por si mesmos, e não por Deus, não farão mais na religião do que servir a si mesmos. A parcialidade dos escribas e fariseus aparece aqui, em dois exemplos:

1. Eles observavam os deveres menores, mas omitiam os maiores; eles eram muito precisos no pagamento de dízimos, pagando até mesmo os da “hortelã, do endro e do cominho”, cuja exatidão não lhes custaria muito. Assim apregoavam a sua própria justiça. Os fariseus se orgulhavam disso, dizendo: “Dou os dízimos de tudo quanto possuo” (Lc 18.12). Mas é provável que eles tivessem os seus próprios fins para servir, e encontrassem nestes a sua própria satisfação; pois os sacerdotes e os levitas, a quem os dízimos eram entregues, estavam defendendo os seus próprios interesses, e sabiam quando e como retribuir as gentilezas recebidas. Pagar dízimos era a sua obrigação, e o que a lei exigia. Cristo lhes diz que eles não devem deixar de fazer isso. Observe que todos devem, em suas posições, contribuir para o sustento e a manutenção de um ministério permanente; reter os dízimos é roubar a Deus (Ml 3.8-10). Aqueles que são instruídos na Palavra, e não transmitem àqueles que os ensinam que amam um “evangelho barato”, são até mesmo piores que os fariseus.

Mas aquilo de que Cristo os condena aqui é o fato de eles desprezarem as questões mais importantes da lei, “o juízo, a misericórdia e a fé”; e a sua disposição de pagar os dízimos era, se não uma reparação diante de Deus, pelo menos uma desculpa com o objetivo de mitigar aos homens a omissão naquelas questões. Todas as coisas da lei de Deus são importantes, porém as mais importantes são aquelas que mais expressam a santidade interior no coração – é nos exemplos de renúncia a si mesmo, de desprezo pelo mundo, e de resignação a Deus que está a vida da religião. Juízo e misericórdia em relação aos homens e a fé em relação a Deus são as questões mais importantes da lei, as coisas boas que o Senhor nosso Deus exige de nós (Mq 6.8): “Que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” Esta é a obediência que é melhor do que o sacrifício ou o dízimo; o juízo é preferível ao sacrifício (Is 1.11). Ser justo com os sacerdotes no seu dízimo, e trapacear e enganar a todos os demais, é apenas zombar de Deus, e enganar a nós mesmos. A misericórdia também é preferível ao sacrifício (Os 6.6). Alimentar aqueles que engordam com a oferta ao Senhor e, ao mesmo tempo, fechar as entranhas da compaixão a uma irmã ou irmão que está nu e privado do alimento diário, pagar o dízimo da hortelã ao sacerdote e negar uma migalha a Lázaro é ficar aberto àquele julgamento sem misericórdia, que é a recompensa daqueles que pretenderam julgar, e não mostraram misericórdia; nem o julgamento e a misericórdia irão servir sem a fé na revelação divina; pois Deus deseja ser honrado nas suas

verdades, bem como nas suas leis.

2. Eles evitavam pecados menores, mas cometiam os maiores (v. 24): “Condutores cegos!” Assim Jesus os tinha chamado antes (v. 16), pelos seus ensinamentos corruptos; aqui Ele os chama assim pela sua vida devassa, pelo exemplo que estavam dando, assim como pela sua doutrina; e nisto também eles eram cegos e parciais: “Coais um mosquito e engolis um camelo”. Na sua doutrina, eles coavam mosquitos, advertindo as pessoas contra as menores violações da tradição dos anciãos. Na sua prática, eles coavam mosquitos, arremessados contra eles, com um aparente temor, como se detestassem enormemente o pecado, e tivessem medo dele, em última instância; mas eles não criavam problemas com aqueles pecados que, em comparação, eram como um camelo em relação a um mosquito – quando eles devoravam as casas das viúvas, eles realmente engoliam um camelo; quando deram a Judas o preço do sangue inocente, e ainda tiveram escrúpulos de colocar o dinheiro devolvido no tesouro (cap. 27.5); quando não entraram na audiência, por medo de serem contaminados, mas ficaram à porta e gritaram contra o santo Jesus (Jo 18.28); quando discutiam com os discípulos, por comerem com as mãos por lavar, e para cumprir o Corbã, ensinavam as pessoas a infringir o quinto mandamento. Eles coavam mosquitos, ou coisas menores, e engoliam camelos. Não é o receio de um pequeno pecado que Cristo reprova aqui; se é um pecado, ainda que seja apenas um mosquito, deve ser coado. Mas Cristo reprova o fato de que faziam isto e então engoliam um camelo. A hipocrisia aqui condenada consiste em ser supersticioso nas menores questões da lei e ser profano nas maiores.

VI Eles eram dedicados a uma religiosidade exterior, e não a uma religiosidade interior. Eles eram mais desejosos e solícitos para parecer piedosos aos homens do que para obter uma aprovação junto a Deus. Isto é exemplificado por duas coisas semelhantes.

1. Eles são comparados a um recipiente que está limpo do lado de fora, mas todo sujo por dentro (vv. 25,26). Os fariseus mesclavam a religião com aquilo que, na melhor hipótese, era apenas uma questão de decência, como, por exemplo, a limpeza dos copos (Mc 7.4). Eles tinham o cuidado de comer as suas refeições em copos e pratos limpos, mas não se preocupavam com o fato de conseguirem o seu alimento por extorsão, e, diga-se de passagem, pelas maiores extorsões possíveis. Que tolice seria para um homem lavar somente o exterior de um copo, que será olhado, deixando sujo o interior, que será usado;

assim fazem aqueles que somente evitam pecados escandalosos, que manchariam a sua reputação entre os homens, mas se permitem uma maldade de coração, que os torna odiosos ao Deus puro e santo. Com referência a isso, observe:

(1) O costume dos fariseus. Eles limpam o exterior. Naquilo que poderia ser observado pelo povo, eles pareciam muito exatos, e realizavam as suas intrigas maldosas com tamanha habilidade, a ponto de a sua maldade não levantar suspeitas; as pessoas geralmente os consideravam como homens bons. Mas por dentro, nos recessos dos seus corações e na intimidade das suas vidas, eles estavam cheios "de rapina e de iniqüidade"; de violência e libertinagem (segundo o Dr. Hammond), isto é, injustiça e intemperança. Embora pudessem parecer devotos, não eram nem equilibrados nem justos. O seu íntimo era verdadeiras maldades (Sl 5.9); somos realmente aquilo que somos interiormente.

(2) A regra que Cristo dá, em oposição a esse costume (v. 26), é dirigida aos cegos fariseus. Eles pensavam que eram os que viam na terra, mas (Jo 9.39) Cristo os chama de cegos. Note que, na opinião de Cristo, são cegos aqueles que (por mais que enxerguem bem em outras coisas) são estranhos, e não inimigos, à maldade dos seus próprios corações; que não vêem, e não odeiam o pecado secreto que habita ali. A ignorância de si mesmo é a ignorância mais vergonhosa e prejudicial (Ap 3.17). A regra é: "Limpa primeiro o interior do copo e do prato". O principal cuidado de cada um de nós deveria ser lavar os nossos corações da malícia (Jr 4.14). Note que o principal de um cristão está no seu interior, e ele deve estar limpo da sujeira do espírito. Afetos e tendências corruptos, os desejos secretos que se escondem na alma, sem ser vistos e observados, estes devem ser mortificados e dominados em primeiro lugar. Os pecados que sondam o coração, dos quais o olho de Deus é apenas uma testemunha, devem ser conscientemente evitados.

Observe o método prescrito: "Limpa primeiro o interior"; não apenas o interior, mas este primeiro. Se for tomado o devido cuidado a este respeito, o exterior também ficará limpo. Motivos externos e incentivos podem manter limpo o exterior, enquanto o interior está sujo. Mas se a graça renovadora e santificadora limpar o interior, isto terá uma influência sobre o exterior, pois o princípio que comanda o ser está no interior. Se o coração estiver bem limpo, tudo está bem, pois dele procedem as saídas da vida; as erupções serão eliminadas naturalmente; se o coração e o espírito se renovarem, haverá uma renovação de vida; aqui, portanto, cada um de nós deve começar consigo

mesmo; primeiramente, devemos limpar o que está dentro de nós. Somente após esta etapa é que seremos realmente bem-sucedidos.

2. Eles são comparados a “sepulcros caiados” (vv. 27,28).

(1) Eles são bonitos por fora, como os sepulcros, “que por fora realmente parecem formosos”. Alguns interpretam isto como uma referência ao costume dos judeus de caiar os sepulcros, somente para chamar a atenção sobre eles, especialmente se estiverem em lugares incomuns, para que as pessoas os evitem, por causa da contaminação cerimonial contraída ao tocar um sepulcro (Nm 19.16). E fazia parte da incumbência dos supervisores dos caminhos reparar essa caiação quando estivesse decaindo. Os sepulcros eram, assim, visíveis (2 Rs 23.16,17). A formalidade dos hipócritas, pela qual eles estudam para serem elogiados pelo mundo, apenas faz com que os homens sábios e bons tomem mais cuidado para evitá-los, por medo de serem contaminados por eles. “Guardai-vos dos escribas” (Lc 20.46). Na verdade, isto é uma alusão ao costume de caiar os sepulcros das pessoas importantes, para seu embelezamento. Está dito aqui (v. 29) que os escribas e fariseus adornavam “os monumentos dos justos”; assim como para nós é usual erigir monumentos sobre os sepulcros das pessoas importantes, e espalhar flores sobre os túmulos de amigos queridos. Mas a justiça dos escribas e dos fariseus era como os adornos de um sepulcro, ou o vestir de um cadáver, somente para exibição. O ponto alto da sua ambição era parecer justos diante dos homens e ser aplaudidos e admirados por eles. Mas:

(2) Eles eram sujos por dentro, como os sepulcros, “cheios de ossos de mortos e de toda imundícia”. Tão vis são os nossos corpos quando a alma os abandona! Assim estavam eles, “cheios de hipocrisia e de iniqüidade”. A hipocrisia é a pior de todas as iniqüidades. É possível que aqueles que têm os corações cheios de pecado tenham a vida livre de culpas, e pareçam ser muito bons. Mas de que irá nos ajudar ter a boa palavra dos nossos companheiros servos, se o nosso Mestre não disser: “Bem está?” Quando todos os outros sepulcros estiverem abertos, o interior desses sepulcros caiados será visto, e os ossos dos mortos, e toda a imundícia, serão trazidos para fora e expostos diante do exército do céu (Jr 8.1,2). Pois chegará o dia em que Deus irá julgar, não as exibições, mas os segredos dos homens. E será de pouco consolo, para aqueles que têm a sua parte com os hipócritas, lembrarem-se da maneira louvável e plausível como foram para o inferno, aplaudidos por todos os seus conhecidos.

VII Eles fingiam sentir muito carinho pela lembrança dos profetas que estavam mortos, enquanto odiavam e perseguiam aqueles que estavam com eles. Isso é deixado para o final, porque era a pior característica do seu caráter. Deus zela pela sua honra nas suas leis e cerimônias, e se ressente se elas forem profanadas e deturpadas, mas Ele freqüentemente expressa um zelo igual pela sua honra nos seus profetas e ministros, e se ressente ainda mais se alguém os trata mal ou os persegue; portanto, quando o nosso Senhor Jesus chega a esse ponto, Ele fala mais completamente do que sobre qualquer outro (vv. 29-37); pois o que toca um de seus ministros, toca o seu ungido, e "toca na menina do seu olho". Aqui, observe:

1. O respeito que os escribas e fariseus fingiam sentir pelos profetas que já estavam mortos (vv. 29,30). Este era o verniz, aquilo que lhes dava a aparência exterior de justos.

(1) Eles honravam os restos mortais e relíquias dos profetas, edificavam os seus túmulos e adornavam os seus sepulcros. Aparentemente, os lugares onde estavam enterrados eram conhecidos, e a sepultura de Davi estava entre eles (At 2.29). Havia um título sobre a "sepultura do homem de Deus" (2 Rs 23.17), e Josias julgou que era suficientemente respeitoso não mover os seus ossos (v. 18). Mas eles faziam mais que isso, eles reconstruíam e adornavam os sepulcros. Considere, então: [1] Como um exemplo da honra dada aos profetas mortos, que, enquanto viviam, eram considerados párias, e era dito falsamente, a seu respeito, todo o tipo de coisas ruins. Note que Deus pode arrancar, até mesmo de homens maus, um reconhecimento da honra da piedade e da santidade. Deus honrará aqueles que o honram; e às vezes o Senhor usará, para isto, aqueles de quem só se pode esperar o desprezo (2 Sm 6.22). A memória dos justos é abençoada, enquanto os nomes daqueles que os odiavam e perseguiam é coberto de vergonha. A honra da constância e da determinação no caminho do dever será uma honra duradoura; e aqueles que agirem de acordo com a vontade de Deus serão manifestados na consciência daqueles que estão ao seu redor. [2] Como um exemplo da hipocrisia dos escribas e fariseus, que lhes prestavam respeito. Observe que as pessoas carnais podem facilmente honrar as lembranças dos ministros fiéis que morreram, porque não podem censurá-los, nem perturbá-los, quanto aos seus pecados. Os profetas mortos eram videntes que não viam, e isso eles toleravam bem; eles não atormentavam os escribas e fariseus, como as testemunhas vivas o faziam, aquelas que dão testemunho *viva voce – com uma voz viva* (Ap 11.10). Eles podem respeitar os escritos dos profetas mortos, que lhes dizem o que eles

deveriam ser. *Sit divus, modo non sit vivus – Que haja santos, mas que não vivam aqui.* O respeito extravagante que a igreja de Roma presta à lembrança dos santos mortos, especialmente aos mártires, dedicando dias e lugares aos seus nomes, guardando os seus restos como relíquias, orando a eles e fazendo ofertas às suas imagens, enquanto se embriagam com o sangue dos santos da sua época, é uma prova manifesta de que eles não apenas sucederam, mas superaram os escribas e fariseus numa religião hipócrita e falsificada que edifica os sepulcros dos profetas, mas detesta a doutrina deles.

(2) Eles protestaram contra o assassinato dos profetas (v. 30): "Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles". Eles nunca teriam consentido em silenciar Amós, e aprisionar Micaías, ou prender Hanani ao tronco, e Jeremias na masmorra, apedrejar Zacarias, zombar de todos os mensageiros do Senhor e maltratar os seus profetas. Não. Não eles. Eles antes prefeririam perder suas mãos direitas a fazer qualquer dessas coisas. "Que é teu servo, que não é mais do que um cão?" E ainda assim, nessa ocasião, eles estavam planejando assassinar a Cristo, de quem todos os profetas haviam testificado. Eles pensavam que se tivessem vivido na época dos profetas, os teriam ouvido e obedecido alegremente, mas eles se rebelaram contra a luz que Cristo trouxe a este mundo. Porém é certo que um Herodes e uma Herodias para João Batista teriam sido como um Acabe e uma Jezabel para Elias. Note que a falsidade dos corações pecadores aparece muito no fato de que, embora eles acompanhem a corrente dos pecados da sua própria época, eles imaginam que teriam nadado contra a corrente dos pecados de antigamente. Apoiavam-se no fato de que, se tivessem tido as oportunidades de outras pessoas, as teriam aproveitado com mais lealdade; se tivessem passado pelas tentações de outras pessoas, teriam resistido a elas mais vigorosamente; mas eles não aproveitam as oportunidades que têm, nem resistem às tentações que sofrem. Às vezes, pensamos que se tivéssemos vivido quando Cristo estava na terra, nós o teríamos seguido com constância; não o teríamos desprezado e rejeitado, como eles fizeram. Mas Cristo, por meio do seu Espírito, da sua Palavra, e dos seus ministros, ainda não foi mais bem tratado.

2. A inimizade e oposição dos escribas e fariseus a Cristo e ao seu Evangelho, apesar disso, e a destruição que traziam a si mesmos e à sua geração (vv. 31-33). Considere:

(1) A acusação provada: "Vós mesmos testificais". Observe que os pecadores não podem esperar escapar ao julgamento de Cristo por falta de provas contra

eles, quando é fácil encontrá-los testemunhando contra si mesmos; e as suas próprias alegações não somente serão rejeitadas, mas transformadas para a sua condenação, e as suas próprias línguas se voltarão “contra si mesmos” (Sl 64.8).

[1] Pela própria confissão deles, a maior maldade dos seus antepassados foi matar os profetas; de modo que eles conheciam esse pecado, e foram culpados da mesma coisa. Observe que aquele que condena o pecado nos outros, e apesar disso permite o mesmo pecado, ou pior, em si, é, de todos os outros, o mais imperdoável (Rm 1.32–2.1). Eles sabiam que não deviam ter sido parceiros dos perseguidores, contudo eram seus seguidores. Estas contradições agora irão se somar às condenações do grande dia. Cristo coloca outra construção sobre a edificação que fizeram nos sepulcros dos profetas, diferente da que eles pretendiam; pois, ao embelezar os sepulcros, eles esperavam estar justificando os seus assassinos (Lc 11.48), porém estavam persistindo no pecado.

[2] Pela própria confissão deles, esses perseguidores notórios eram seus ancestrais: “Sois filhos dos que mataram os profetas”. Eles não queriam dizer nada além do fato de que eram seus filhos, por sangue e por natureza. Mas Cristo volta isso contra eles, pois eles o eram por espírito e disposição: Vocês são filhos desses pais, e assim satisfarão os desejos deles. Eles são, como vocês dizem, seus pais, e vocês *patrizare – se parecem com seus pais*, e este pecado é o que corre no sangue de vocês. “Vós sois como vossos pais” (At 7.51). Eles vieram de uma raça perseguidora, eles eram uma “semente de malignos” (Is 1.4), levantados em lugar de seus pais (Nm 32.14). A maldade, a inveja e a crueldade nasciam com eles, e eles as tinham adotado como princípio, como seus pais tinham feito (Jr 44.17). E aqui se observa (v. 30) com que cuidado eles mencionam a relação: “Eles eram nossos pais, que mataram os profetas, e eram homens de honra e poder, cujos filhos e sucessores somos nós”. Se eles tivessem detestado a maldade dos seus ancestrais, como deviam ter feito, não teriam se preocupado tanto em chamá-los de seus pais; pois não existe crédito em ser parente de perseguidores, embora eles tenham muita dignidade e domínio.

(2) A condenação que eles recebem. Aqui:

[1] Cristo passa a entregá-los ao pecado, como pessoas incorrigíveis (v. 32): “Enchei vós, pois, a medida de vossos pais”. Se Efraim se uniu aos ídolos, e não deseja ser transformado, que seja abandonado. “Quem está sujo suje-se ainda”. Cristo sabia que eles estavam tramando a sua morte e que em poucos

dias isto se realizaria. “Bem”, disse Ele, “continuai com o vosso plano, segui o vosso caminho, caminhai no caminho do vosso coração e segundo o que os seus olhos vêem, e vede qual será o resultado. ‘O que fazes, faze-o depressa’. Vós apenas enchereis a medida da culpa, que irá transbordar num dilúvio de ira”. Observe que, em primeiro lugar, existe uma medida de culpa para ser preenchida, antes que a completa destruição caia sobre as pessoas e as famílias, as igrejas e as nações. Deus tolera muito tempo, mas chegará a ocasião em que Ele não mais poderá suportar (Jr 44.22). Nós lemos sobre a medida dos amorreus que devia ser cheia (Gn 15.16), sobre a seara da terra já madura para a foice (Ap 14.15-19), e sobre os pecadores tratando perfidamente, e acabando perfidamente tratados (Is 33.1). Em segundo lugar, os filhos enchem a medida dos pecados dos seus pais, depois de mortos, quando persistem no mesmo comportamento. Aquela culpa nacional que traz a destruição nacional é feita do pecado de muitos, em diversas épocas, e nas sucessões das sociedades existe um placar em andamento; pois Deus adequadamente examina a iniqüidade dos pais nos filhos que seguem os seus passos. Em terceiro lugar, perseguir a Cristo, e ao seu povo e aos seus ministros, é um pecado que enche a medida da culpa de uma nação mais depressa que qualquer outro. Foi isto que trouxe a ira sem remédio sobre os pais (2 Cr 36.16), e a máxima ira também sobre os seus filhos (1 Ts 2.16). Essa era a quarta transgressão, da qual, quando acrescida às outras três, o Senhor “não retirará o castigo” (Am 1.3,6,9,11,13). Em quarto lugar, é justo que Deus entregue essas pessoas aos desejos dos seus próprios corações, aquelas que tão obstinadamente persistem na gratificação desses desejos. Quanto àqueles que se precipitam à destruição, que as suas rédeas sejam enroladas aos seus pescoços, sendo esta a condição mais triste que um homem pode ter nesta vida, antes de ir para o inferno.

[2] O Senhor Jesus continua a entregá-los à destruição como irrecuperáveis, a uma destruição pessoal no outro mundo (v. 33): “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” Estas eram palavras estranhas saídas da boca de Cristo, de cujos lábios se derramava a graça. Mas Ele pode falar de terror, e o fará, e nessas palavras Ele explica e resume os oito “ais” que tinha denunciado contra os escribas e fariseus.

Aqui está, em primeiro lugar, a sua descrição: “Serpentes!” Cristo dirige insultos? Sim, mas isso não nos permite fazer o mesmo. Ele sabe, infalivelmente, o que há no homem, e sabia que eles eram sutis como serpentes, abrindo caminho sobre a terra, alimentando-se de pó; eles tinham

uma aparência plausível, mas interiormente eram malignos, tinham veneno sob suas línguas, a semente da velha serpente. Eles eram uma “raça de víboras”, eles e os que tinham vindo antes deles. Eles e os que os acompanhavam eram uma geração de adversários envenenados, enfurecidos e malévolos de Cristo e do seu Evangelho. Eles amavam que os homens os chamassem “Rabi, Rabi”, mas Cristo os chama de “serpentes” e “víboras”, pois Ele dá aos homens as suas reais personalidades, e se alegra de desprezar os orgulhosos.

Em segundo lugar, a sua destruição. Jesus representa a condição deles como sendo muito triste, e de certa maneira, desesperada: “Como escapareis da condenação do inferno?” O próprio Cristo pregou o inferno e a destruição, pelo que os seus ministros sempre foram censurados por aqueles que não queriam ouvir falar deste assunto. Considere que: 1. A condenação do inferno será o temido fim de todos os pecadores impenitentes. Essa condenação vinda de Cristo era ainda mais terrível do que vinda de todos os profetas e ministros que já tinham vivido, pois Ele é o Juiz em cujas mãos estão “as chaves da morte e do inferno”. Ao dizer que eles estavam condenados, Ele os estava condenando. 2. Existe uma maneira de escapar dessa condenação, e está sugerida aqui; alguns serão salvos da ira futura. 3. Dentre todos os pecadores, aqueles que têm o espírito dos escribas e fariseus são provavelmente os que menos escaparão dessa condenação. Pois o arrependimento e a fé são necessários para escapar. E como é que o arrependimento e a fé serão trazidos a essas pessoas, que têm a si mesmas em tão elevado conceito, e têm tanto preconceito contra Cristo e o seu Evangelho? Como poderão ser curados e salvos, se não podem suportar que a sua ferida seja examinada, nem que o bálsamo de Gileade seja aplicado sobre ela? Os publicanos e as meretrizes, que conheciam a sua doença e procuravam o Médico, tinham mais probabilidade de escapar à condenação do inferno do que aqueles que, embora estivessem no caminho expresso para o inferno, estavam certos de que estavam a caminho do céu.

A Culpa e a Destruição de Jerusalém

vv. 34-39

Nós deixamos os guias cegos caídos na vala, sob a condenação de Cristo, na condenação do inferno; vejamos o que acontecerá com os seguidores cegos do povo judeu, e em especial, com Jerusalém.

I Jesus Cristo deseja ainda testá-los com os meios da graça: “Eu vos envio profetas, sábios e escribas”. A conexão é estranha. “Vós sois uma ‘raça de víboras’, provavelmente não escapareis “da condenação do inferno”; poderíamos pensar que a seguir viria: “Portanto, nunca mais haverá um profeta enviado a vós”. Mas não: “Portanto, ‘eu vos envio profetas’, para ver se finalmente ainda podeis ser transformados, ou para vos considerar imperdoáveis e para justificar a Deus, que vos designará a ruína”. Portanto, aqui está a introdução com uma observação: “eis que”. Considere que:

1. É Cristo quem os envia: “eu vos envio”. Com isso, Ele declara que é Deus, que tem poder para dotar e comissionar profetas. É um ato de Rei. Ele os envia como embaixadores, para tratar conosco dos problemas das nossas almas. Depois da sua ressurreição, Ele cumpriu essa promessa, quando disse que estava enviando os discípulos (Jo 20.21). Embora, naquele momento, o Senhor estivesse revestido de uma aparência humilde, a Ele havia sido confiada essa grande autoridade.

2. Ele os enviou primeiro aos judeus: “Eis que eu vos envio”. Eles começaram em Jerusalém e, aonde quer que fossem, eles observavam esta regra, de estender a oferta da graça do Evangelho primeiro aos judeus (At 13.46).

3. Aqueles que Ele envia são chamados de “profetas”, “sábios” e “escribas”. Nomes do Antigo Testamento para agentes do Novo Testamento; para mostrar que os ministros enviados a eles então não seriam inferiores aos profetas do Antigo Testamento, nem ao sábio Salomão, nem a Esdras, o escriba. Os ministros extraordinários, que, nos primeiros tempos, eram inspirados divinamente, eram como os profetas comissionados diretamente do céu; os ministros normalmente nomeados, que existiam naquela época, e ainda continuam na igreja, e continuarão até o fim dos tempos, são como os sábios e escribas, para guiar e instruir as pessoas nos assuntos de Deus. Ou podemos interpretar os apóstolos e evangelistas como sendo os profetas e sábios, e os pastores e professores como sendo os escribas, “instruídos acerca do Reino dos céus” (cap. 13.52), pois o ofício de um escriba era honroso até que os homens o desonraram.

II Jesus prevê e prediz o mau tratamento que os seus mensageiros irão encontrar entre os escribas e fariseus. “‘A uns deles matareis e crucificareis’. E ainda assim, Eu os enviarei”. Cristo sabe de antemão como os seus servos serão maltratados e ainda assim Ele os envia, e atribui a cada um a

sua medida de sofrimentos. Mas Ele não os ama menos, para expô-los dessa maneira, pois Ele deseja glorificar a si mesmo através dos sofrimentos deles, e assim eles também serão glorificados com Ele. Ele irá contrabalançar os sofrimentos, embora não os evite. Observe:

1. A crueldade desses perseguidores: “A uns deles matareis e crucificareis”. Eles não têm sede de nada além do sangue, o sangue da vida; o seu desejo não se satisfaz com nada, exceto a destruição daqueles enviados por Deus (Êx 15.9). Eles mataram os dois Tiagos, crucificaram Simão, o filho de Clopas, e espancaram Pedro e João; assim os membros participaram dos sofrimentos da Cabeça. Jesus foi morto e crucificado, e eles também. Os cristãos devem esperar “resistir até ao sangue”.

2. O seu esforço incansável. “E os perseguireis de cidade em cidade”. À medida que os apóstolos iam de cidade em cidade, para pregar o Evangelho, os judeus os desviavam, e perseguiam, e suscitavam perseguição contra eles (At 14.9; 17.13). Aqueles que não criam, na Judéia, eram inimigos mais amargos do Evangelho que qualquer outro incrédulo (Rm 15.31).

3. O pretexto de religião nessas atividades: “A outros deles açoitareis nas vossas sinagogas”. A sinagoga era o seu lugar de adoração, onde eles mantinham as suas cortes eclesiásticas; assim, eles faziam como se fosse um serviço religioso; expulsavam-nos e diziam: “O Senhor seja glorificado” (Is 66.5; Jo 16.2).

III O Senhor lhes atribui os pecados dos seus pais, porque eles os imitavam: “Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra” (vv. 35,36). Embora Deus tolere por muito tempo uma geração perseguidora, Ele não a tolerará para sempre. O abuso da paciência produz uma ira muito maior. Quanto mais tempo os pecadores vierem acumulando tesouros de iniqüidade, mais profundos e completos serão os tesouros da ira; e a sua destruição será como a destruição das fontes profundas.

Considere: 1. A extensão dessa atribuição: ela inclui todo o sangue dos justos, derramado sobre a terra, isto é, o sangue derramado em nome da justiça, que foi todo acumulado no tesouro de Deus, e nem uma gota dele se perdeu, pois é precioso (Sl 72.14). Ele começa o registro com “o sangue de Abel, o justo”, pois então esta *aera martyrum – era de mártires* começou; ele é chamado de “Abel, o justo”, pois ele “alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons” (Hb 11.4). Como o martírio entrou cedo no mundo! O primeiro que morreu, morreu pela sua religião, e “depois de

morto, ainda fala". O seu sangue não somente gritou contra Caim, mas continua a gritar contra todos os que trilham o caminho de Caim, e odeiam e perseguem o seu irmão, porque as suas obras são justas. Ele acrescenta a ele o "sangue de Zacarias, filho de Baraquias" (v. 36), não o profeta Zacarias (como alguns interpretaram), embora ele fosse filho de Baraquias (Zc 1.1), nem Zacarias, o pai de João Batista, como dizem outros; mas, como é mais provável, Zacarias, o filho de Joiada, que foi morto "no pátio da casa do Senhor" (2 Cr 24.20,21). O seu pai é chamado Baraquias, que tem o mesmo significado que Joiada, e é usual entre os judeus que a mesma pessoa tenha dois nomes: "que matastes", ou seja, os desta nação, embora não desta geração. Isto é especificado, porque essa exigência foi especificamente mencionada (2 Cr 24.22), como também no caso da de Abel. Os judeus imaginavam que o cativeiro tinha sido suficiente para expiar a culpa, mas Cristo lhes comunica que esta ainda não havia sido completamente expiada, e assim permanecia a contagem de anos. E alguns pensam que isso é mencionado com uma indicação profética, pois houve um Zacarias, o filho de Baruque, de quem Josefo falou (*War*, liv. 5, cap. 1), que foi um homem bom e justo, e que foi morto no Templo pouco antes da sua destruição pelos romanos. O arcebispo Tillotson opina que Cristo faz uma alusão à história do primeiro Zacarias, das Crônicas, e, ao mesmo tempo, prevê a morte desse posterior, mencionado por Josefo. Embora o segundo tenha sido assassinado pouco antes que viesse a destruição, é verdade que eles o teriam assassinado, de modo que tudo deve ser computado em conjunto, desde o primeiro até o último.

2. O efeito: "Todas essas coisas hão de vir"; toda a culpa desse sangue, todo o seu castigo, tudo isto virá sobre esta geração. A desgraça e a ruína que viriam sobre eles seriam tão grandes que, embora considerando o mal dos seus próprios pecados, pareceriam um somatório geral de toda a maldade dos seus ancestrais, especialmente das suas perseguições, com as quais Deus declara que essa ruína tem uma relação especial. A destruição será tão terrível, que será como se Deus os tivesse, de uma vez por todas, condenado, por todo o sangue dos justos que foi derramado no mundo. "Todas essas coisas hão de vir sobre esta geração", o que dá a entender que virão rapidamente; alguns deles estariam vivos para ver isso. Observe que, quanto mais doloroso e próximo estiver o castigo do pecado, mais alto será o chamado para o arrependimento e a correção.

IV Jesus lamenta a maldade de Jerusalém, e corretamente os lembra dos muitos tipos de ofertas que Ele lhes tinha feito (v. 37). Veja com que preocupação Ele fala da cidade: “Jerusalém, Jerusalém”. A repetição é enfática, e evidencia abundância de compaixão. Um dia ou dois antes disso, Cristo havia chorado por Jerusalém, agora Ele suspirava e gemia por ela. Jerusalém, o lugar de Paz (que é o que o nome significa), seria lugar de guerra e confusão. Jerusalém que tinha sido “o gozo de toda a terra”, seria então um assobio, e um espanto, e um provérbio. Jerusalém, que tinha sido uma cidade unida, seria então destruída pelos próprios tumultos internos. Jerusalém, o lugar que Deus tinha escolhido para ali colocar o seu nome, seria abandonada à pilhagem e aos ladrões (Lm 1.1; 4.1). Mas por que o Senhor irá fazer tudo isso a Jerusalém? Por quê? “Jerusalém gravemente pecou” (Lm 1.8).

1. Ela perseguiu os mensageiros de Deus: “Matas os profetas e apedrejas os que te são enviados”. Jerusalém é especialmente acusada desse pecado, porque ali ficava o sinédrio, ou o grande conselho, que considerava as questões da igreja, e por isso um profeta não poderia morrer fora de Jerusalém (Lc 13.33). É verdade que eles não tinham então o poder de condenar nenhum homem à morte, mas eles matavam os profetas em meio a tumultos, cercavam-nos, como fizeram com Estêvão, e mobilizavam as autoridades romanas para matá-los. Em Jerusalém, onde o Evangelho foi pregado pela primeira vez, também ali foi perseguido pela primeira vez (At 8.1), e naquele lugar estava o quartel-general dos perseguidores; dali, eram emitidas ordens a outras cidades, e para ali, os santos eram trazidos presos (At 9.2). O “apedrejamento” era uma sentença de morte usada somente entre os judeus. Segundo a lei, os falsos profetas e os enganadores deviam ser apedrejados (Dt 13.10), e usando a mesma lei, eles levavam à morte os verdadeiros profetas. Observe que o artifício de Satanás sempre foi voltar contra a igreja a mesma artilharia que foi originalmente plantada em defesa dela. Marque os verdadeiros profetas como sendo enganadores, e os que professam verdadeiramente a religião como sendo hereges e cismáticos, e será fácil persegui-los. Havia abundância de outros tipos de maldade em Jerusalém, mas esse era o pecado que mais se evidenciava, e o pecado mais visado por Deus ao trazer sobre eles a destruição, como visto em 2 Reis 24.4; 2 Crônicas 36.16. Observe que Cristo fala no tempo presente do verbo: “matas... e apedrejas”; pois tudo o que eles tinham feito, e tudo o que ainda iriam fazer, era do conhecimento de Cristo.

2. Ela recusou e rejeitou a Cristo, e às ofertas do Evangelho. Essa primeira atitude era um pecado sem remédio; a segunda, era o mesmo que agir contra o

remédio. Aqui temos: (1) A maravilhosa graça de Cristo para eles: “Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas”. As ofertas da graça do Evangelho são assim generosas e condescendentes, até mesmo para os filhos de Jerusalém; embora esta cidade fosse má, os seus habitantes, os pequeninos, não foram excluídos.

[1] A graça proposta era a reunião dessas pessoas. O desejo de Cristo é reunir as pobres almas, reuni-las, removendo-as de suas perambulações, trazê-las para casa, para si, como o centro da unidade, pois “a ele se congregarão os povos”. Ele teria levado toda a nação judaica à igreja, e assim os teria reunido a todos (assim como os judeus costumavam falar de prosélitos) sob as asas da Divina Majestade. Isto é aqui exemplificado por uma analogia simples: “como a galinha ajunta os seus pintos”. Cristo os teria reunido, em primeiro lugar, com um afeto terno, como o da galinha, que tem, por instinto, uma preocupação particular pela sua cria. O desejo de Cristo de reunir as almas vem do seu amor (Jr 31.3). Em segundo lugar, com o mesmo objetivo. “A galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas”, para a proteção e a segurança deles, assim como calor e conforto. As pobres almas têm em Cristo abrigo e também alívio. Os pintinhos, quando são ameaçados por aves de rapina, correm naturalmente para a galinha, à procura de abrigo; talvez Cristo se refira a esta promessa (Sl 91.4): “Ele te cobrirá com as suas penas”. Cristo trará salvação “debaixo das suas asas” (Ml 4.2); isto é mais do que a galinha pode fazer pelos seus pintinhos.

[2] A presteza de Cristo em conceder essa graça. As suas ofertas são, em primeiro lugar, inteiramente gratuitas. “Quis eu”. Jesus Cristo está verdadeiramente disposto a receber e salvar as pobres almas que vêm até Ele. Ele não deseja a sua destruição, mas se alegra com o seu arrependimento. Em segundo lugar, muito freqüentes. “Quantas vezes”. Cristo freqüentemente vinha a Jerusalém, pregando e realizando milagres ali. E o significado de tudo isso era que Ele gostaria de tê-los reunido. Ele registrou quantas vezes os seus chamados foram repetidos. Cada vez que ouvimos o som do Evangelho, cada vez que sentimos os esforços do Espírito, também podemos entender que Cristo está nos trazendo para mais perto de si.

[3] A rejeição voluntária da graça de Jesus por parte de Jerusalém: “Tu não quiseste!” Com que ênfase a sua teimosia se opõe à misericórdia de Cristo! “Quis eu... e tu não quiseste”. Ele desejava salvá-los, mas eles não queriam ser salvos por Ele. Observe que o fato de os pecadores não serem reunidos sob as asas do Senhor Jesus se deve exclusivamente às suas más intenções. Eles não

gostaram dos termos nos quais Cristo se propôs a reuni-los; eles adoravam os seus pecados e também tinham certeza de que eram justos; eles não se sujeitariam nem à graça de Cristo, nem ao seu governo, e assim se rompeu a tentativa de acordo.

V Ele fala do destino de Jerusalém (vv. 38,39): “Eis que a vossa casa vos ficará deserta”. Tanto a cidade quanto o Templo, a casa de Deus e as casas dos habitantes, tudo seria arrasado. Mas o significado particular diz respeito ao Templo, de que eles se orgulhavam e que lhes tinha sido confiado; aquele monte sagrado, que os fazia tão arrogantes. Observe que aqueles que não forem reunidos pelo amor e pela graça de Cristo serão consumidos e espalhados pela sua ira: “Quis eu... e tu não quiseste”. “Israel não me quis. Pelo que eu os entreguei aos desejos do seu coração” (Sl 81.11,12).

1. A casa deles ficará deserta: “A vossa casa vos ficará deserta”. Cristo estava então saindo do Templo, e nunca mais voltou a ele, mas, com essas palavras, o entregou à destruição. Eles teriam aquele Templo para si mesmos. Cristo não tinha lugar ali, nem se interessavam por Ele. “Bem”, disse Jesus, “o Templo então fica com vocês; façam bom proveito dele; nunca mais terei alguma coisa a ver com ele”. Eles tinham feito do Templo uma “casa de vendas”, e um “covil de ladrões”, e assim sendo, ficaria para eles. Pouco tempo depois disso, ouviu-se a voz no Templo: “Vamos partir daqui”. Quando Cristo partiu, “Icabô, foi-se a glória”. A cidade também foi deixada para eles, destituída da presença e da graça de Deus. Ele já não era mais um muro de fogo ao redor deles, nem a glória entre eles.

2. Ela ficará desolada: “vos ficará deserta”. Ela ficará *ermos – um deserto*. (1) Imediatamente depois da partida de Cristo, o Templo se tornou, aos olhos de todos aqueles que não estavam fora de si, um lugar muito triste e melancólico. A partida de Cristo transforma o lugar mais bem enfeitado e abastecido em um deserto, mesmo em se tratando do Templo, o lugar para onde afluía o maior número de pessoas. Pois que consolo pode haver em um lugar onde Cristo não está? Embora possa haver ali uma multidão com outros contentamentos, se a presença espiritual especial de Cristo não estiver ali, aquela alma, aquele lugar, se torna um deserto, uma terra de trevas, como as próprias trevas. Isto é o resultado dos homens rejeitando a Cristo, e afastando-o de si. (2) O templo, não muito tempo depois disso, foi destruído e arrasado, e não sobrou pedra sobre pedra. A sorte dos inimigos de Jerusalém seria então a sorte de Jerusalém, que tornaria a cidade “um montão de pedras, e de uma

cidade forte, uma ruína" (Is 25.2), de uma cidade exaltada, humilhada até o chão (Is 26.5). O Templo, aquela casa sagrada e bela, ficou destruído. Quando Deus se retira, todos os inimigos invadem o lugar.

Finalmente, aqui está o último adeus que Cristo dá a eles e ao seu Templo. "Desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!" Isto indica:

1. Que Cristo estava se separando deles. Estava chegando a hora em que Ele deixaria este mundo, para ir para junto do seu Pai, e não mais seria visto. Depois da sua ressurreição, Ele foi visto apenas por algumas poucas testemunhas escolhidas, e elas não o viram por muito tempo, pois Ele logo passou para o mundo invisível, e ali permanecerá "até aos tempos da restauração de tudo", quando a sua frase de recepção na sua primeira vinda será repetida com aclamações: "Bendito o que vem em nome do Senhor!" Cristo não será visto novamente, até quando Ele vier sobre as nuvens, quando todo olho o verá (Ap 1.7). E então, mesmo aqueles que, na sua época, o rejeitaram e o traspassaram, se alegrarão por estar entre os seus adoradores, quando todo joelho se dobrará diante dele, mesmo aqueles que tinham se dobrado a Baal, e até mesmo aqueles que foram obreiros da iniqüidade. Estes clamarão: "Senhor, Senhor", e reconhecerão, quando a sua ira for despertada, que bem-aventurados são todos aqueles que depositaram nele a sua confiança. Nessa época por vir, teremos a nossa sorte com aqueles que disseram: "Bendito o que vem?" Façamos parte desse grupo hoje, e estejamos entre aqueles que verdadeiramente o adoram, aqueles que verdadeiramente dão as boas-vindas a Jesus Cristo.

2. Que eles continuavam cegos e obstinados: “Não me vereis mais”, isto é, não verão que Eu sou o Messias (pois, por outro lado, eles o viram sobre a cruz), não verão a luz da verdade a respeito dele, nem as coisas que pertencem à sua paz, até que digam: “Bendito o que vem”. Eles nunca ficariam convencidos. A segunda vinda de Cristo é que os convencerá; então será tarde demais para se interessar por Ele, e nada terá sobrado, exceto “uma certa expectação horrível de juízo”. Considere que: (1) A cegueira deliberada é freqüentemente punida com a cegueira judicial. Se eles não desejam ver, não verão. Com essas palavras, Jesus conclui a sua pregação pública. Depois da sua ressurreição, que era “o sinal do profeta Jonas”, eles não teriam nenhum outro sinal, até que pudessem ver “o sinal do Filho do Homem” (cap. 24.30). (2) Quando o Senhor vier “com milhares de seus santos”, Ele irá convencer a todos, e irá fazer com que os mais orgulhosos dos seus inimigos reconheçam que Ele é o Messias, e eles serão considerados mentirosos por Ele. Aqueles que não vieram antes, atendendo ao seu chamado, serão, então, forçados a partir com a sua maldição. Os principais dos sacerdotes e os escribas não gostaram de ver as crianças cantando “hosana” a Cristo, mas está chegando o dia em que os perseguidores orgulhosos estarão na situação dos mais humildes e dos mais pobres sobre os quais eles pisam. Aqueles que agora censuram e ridicularizam as hosanas dos santos, em breve pensarão de outra maneira. Por isso, seria melhor que pensassem assim hoje. Alguns acreditam que isso se refere à conversão dos judeus à fé em Cristo; então eles o verão, e o reconhecerão, e dirão: “Bendito o que vem”; mas isso parece ter um alcance mais amplo, pois a manifestação completa de Cristo e a condenação dos pecadores estão reservadas para ser a glória do último dia.

CAPÍTULO 24

A pregação de Cristo era, principalmente, prática; mas neste capítulo, temos um sermão profético, uma predição de coisas futuras. Apesar disso, Ele tinha uma tendência prática, e o seu objetivo não era satisfazer a curiosidade dos seus discípulos, mas orientar as suas consciências e conduta, e por isso a sua conclusão é uma aplicação prática. A igreja sempre teve profecias particulares, além de promessas genéricas, tanto para orientação quanto para incentivo dos crentes; mas podemos

observar que Cristo pregou esse sermão profético no final do seu ministério, assim como o Apocalipse é o último livro do Novo Testamento, e os livros proféticos do Antigo Testamento são os últimos, para nos dar a entender que precisamos estar bem fundamentados nas verdades e nos deveres, e estas coisas precisam estar bem digeridas antes que possamos mergulhar nas coisas que são obscuras e difíceis; muitos se confundem, começando a sua Bíblia pela extremidade errada. Neste capítulo, temos: I. O motivo desse sermão (vv. 1-3). II. O próprio sermão, no qual temos: 1. A profecia de diversos acontecimentos, especialmente referentes à destruição de Jerusalém e à ruína completa da igreja e da nação judaica, que não eram iminentes, e que se completariam cerca de quarenta anos depois; os prefácios de tal destruição, e os acontecimentos simultâneos e posteriores a ela; e, olhando mais adiante, a vinda de Cristo, no final dos tempos, e a consumação de todas as coisas, do que este sermão era um símbolo e uma imagem (vv. 4-31). 2. A aplicação prática dessa profecia, para o despertar dos seus discípulos, para que se preparassem para essas coisas grandiosas e terríveis (vv. 32-51).

Predições Terríveis

vv. 1-3

Aqui, temos:

I Cristo deixando o Templo, e concluindo o seu trabalho público ali. Ele havia dito, no final do capítulo anterior: “A vossa casa vos ficará deserta”; e aqui Ele cumpre suas palavras: “Jesus ia saindo do templo”. A expressão é notável; Ele não apenas saiu do Templo, mas partiu dele, deu-lhe o seu último adeus. Ele partiu, para nunca mais voltar ali. E imediatamente segue-se uma predição da sua destruição. Observe que aquela casa realmente é deixada deserta quando Cristo parte. “Ai deles, quando deles me apartar” (Os 9.12; veja Jr 6.8). Então era a hora de lamentar a sua Icabô, “Foi-se a glória”, “retirou-se deles o seu amparo”. Três dias depois disso, o véu do Templo se rasgou; quando Cristo o deixou, tudo ali tornou-se “comum e impuro”; mas Cristo não partiu, até que eles o

expulsassem; não os rejeitou, até que eles o rejeitassem primeiro.

II O sermão particular de Jesus aos seus discípulos. Ele deixou o Templo, mas não deixou os doze, que seriam a semente da igreja cristã, enriquecida pela expulsão dos judeus. Quando Ele deixou o Templo, os seus discípulos também o deixaram, e aproximaram-se dele. Observe que é bom estar onde Cristo está, e abandonar aquilo que Ele abandona. Eles aproximaram-se dele para serem instruídos em particular, quando a sua pregação pública estivesse concluída, pois "o segredo do Senhor é para os que o temem". Ele tinha falado à multidão sobre a destruição da instituição judaica sob a forma de parábolas, que aqui, como normalmente fazia, Ele explica aos seus discípulos. Observe:

1. "Aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo". Era uma estrutura muito bonita, e majestosa, uma das maravilhas do mundo; nenhum custo foi poupado, nenhum tipo de arte foi deixado de lado, para torná-lo suntuoso. Embora ele não se comparasse ao Templo de Salomão, e fosse pequeno no início, ele realmente cresceu mais tarde. Ele era ricamente adornado com ofertas, às quais contínuos acréscimos eram feitos. Eles mostraram a Cristo essas coisas, e desejaram que Ele também as observasse:

(1) Porque eles mesmos estavam muito satisfeitos com elas, e esperavam que Ele também estivesse. Eles tinham vivido principalmente na Galiléia, distantes do templo, raras vezes o tinham visto, e, portanto, estavam grandemente tocados de admiração por ele, e pensaram que Jesus admiraria toda essa glória, tanto quanto eles (Gn 31.1); e eles queriam que Ele se distraísse (depois da sua pregação, e da sua tristeza, que eles viam que talvez quase o esmagasse) olhando à sua volta. Observe que até mesmo os homens bons são capazes de ficar excessivamente impressionados com a pompa exterior e a alegria, e de supervalorizá-las, até mesmo nas coisas de Deus; quando deveriam estar, como Cristo estava, insensíveis a isso, e considerá-las com desprezo. O Templo era verdadeiramente glorioso, mas: [1] A sua glória estava suja e manchada com o pecado dos sacerdotes e do povo; aquela doutrina maléfica dos fariseus, que preferiam o ouro ao Templo que o santificava, era suficiente para desfigurar a beleza de todos os ornamentos do Templo. [2] A sua glória era eclipsada e destruída pela presença de Cristo nele, pois Ele era a glória "desta última casa" (Ag 2.9),

de modo que o edifício não tinha glória, em comparação com esta glória que se sobressaía.

Ou: (2) Porque lamentavam que esta casa ficasse deserta. Eles lhe mostraram as estruturas, como se pudessem motivá-lo a reverter a sentença; "Senhor, não permita que esta casa santa e bela, onde os nossos pais o louvaram, fique deserta". Eles se esqueceram de quantas providências, a respeito do Templo de Salomão, tinham evidenciado quão pouco Deus se importava com esta glória externa que eles tanto tinham admirado. Deus se preocupava mais com as pessoas; se eram boas ou más (2 Cr 7.21). Essa casa, que é exaltada, o pecado destruirá. Cristo tinha, recentemente, considerado as almas preciosas, e chorado por elas (Lc 19.41). Os discípulos consideram as estruturas pomposas, e estão prontos a chorar por elas. Nisso, como em outras coisas, os pensamentos do Senhor não são como os nossos. Era uma fraqueza, e pobreza de espírito, dos discípulos, preocuparem-se tanto com as lindas estruturas; isto era uma infantilidade. *Animo magno nihil magnum – Para uma grande mente, nada é grande demais.* Sêneca.

2. Cristo, em seguida, prediz a destruição completa que estava por vir a este lugar (v. 2). Observe que uma previsão confiante da desfiguração de toda a glória mundana irá nos ajudar para que deixemos de admirá-la e supervalorizá-la. O corpo mais bonito, em breve, será alimento de vermes, e o edifício mais bonito, um monte de ruínas. E então nós colocaremos os nossos olhos naquilo que, em breve, não mais existirá, e dedicaremos tanta admiração àquilo que, dentro de pouco tempo, consideraremos com tanto desprezo? "Não vedes tudo isto?" Eles queriam que Cristo considerasse essas coisas, e se importasse tanto com elas como eles se importavam. Ele queria que eles estivessem tão mortos para essas coisas como Ele estava. Existe uma visão dessas coisas que nos fará bem; vê-las de modo a ver através delas, e ver o fim delas.

Cristo, ao invés de reverter as suas palavras, as confirma: "Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada".

(1) Ele fala disso como uma destruição certa. "'Eu vos digo'. Eu, que sei o que Eu digo, e sei como fazer cumprir o que Eu digo. Aceitai a minha palavra, pois isto irá acontecer. Eu, o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, vos digo isto". Como todo o julgamento pertence ao Filho, as ameaças, assim como as promessas, são nele sim; e por ele o Amém (Hb 6.17,18; 2

Co 1.20).

(2) Ele fala disso como uma destruição completa. O Templo não será somente despojado, e saqueado, e desfigurado, mas será completamente demolido e devastado: “Não ficará aqui pedra sobre pedra”. Na construção do segundo Templo, chamou-se a atenção para a colocação de pedra sobre pedra (Ag 2.15); e aqui, na destruição, para não deixar pedra sobre pedra. A história nos conta que isto se cumpriu mais tarde; pois embora Tito, quando tomou a cidade, tivesse feito tudo o que podia para preservar o Templo, não conseguiu impedir que os soldados furiosos o destruíssem completamente; e isto foi feito a tal ponto, que Turno Rufo arou o local onde ele tinha estado; assim se cumpriu esta passagem das Escrituras (Mq 3.12): “Por causa de vós, Sião será lavrado como um campo”. E depois disso, na época de Juliano, o Apóstata (quando ele incentivou os judeus a reconstruírem o Templo, em oposição à religião cristã), aquilo que restava das ruínas foi completamente destruído, para nivelar o terreno, para uma nova fundação; mas a tentativa foi frustrada pela milagrosa erupção de fogo no terreno, que destruiu a fundação que eles tinham lançado, e assustou os construtores. Esta predição da destruição final e irreparável do Templo inclui uma predição do fim do sacerdócio levítico e da lei cerimonial.

3. Os discípulos, não discutindo nem a verdade nem a justiça dessa sentença, nem duvidando do seu cumprimento, perguntam mais especificamente sobre quando isso viria a acontecer, e sobre os sinais de que isso estivesse próximo (v. 3). Observe:

(1) Quando eles fizeram essa pergunta: em particular, quando Ele estava “assentado no monte das Oliveiras”. Provavelmente, Ele estava voltando para Betânia, e ali sentou-se, para descansar. O monte das Oliveiras estava voltado diretamente para o Templo, e dali Ele podia ter uma visão geral do Templo, a alguma distância. Ali Ele sentou-se, como um Juiz no tribunal, tendo o templo e a cidade diante de si, como na corte; e assim Ele passou a sua sentença sobre eles. Nós lemos (Ez 11.23) sobre a remoção da glória do Senhor do Templo para o monte; assim Cristo, o grande Shequiná, aqui vai para este monte.

(2) Qual foi a pergunta propriamente dita: “Quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” Aqui há três perguntas.

[1] Alguns pensam que todas essas perguntas apontam para uma única coisa – a própria destruição do templo e o fim da organização religiosa e da

nação judaicas, de que o próprio Cristo tinha falado como sendo a sua vinda (cap. 26.28), e que seriam a consumação dos tempos (pois assim pode ser interpretado), o final daquela dispensação. Ou pensam que a destruição do Templo precisa ser o fim do mundo. Se aquela construção fosse destruída, o mundo não poderia continuar; pois os rabinos costumavam dizer que a casa do santuário era um dos sete motivos pelos quais o mundo fora criado; e eles pensavam que o mundo não sobreviveria ao Templo.

[2] Outros opinam que a pergunta: "Quando serão essas coisas?" se refere à destruição de Jerusalém, e as outras duas se referem ao fim do mundo, ou a vinda de Cristo pode se referir à fundação do seu reino mencionado no Evangelho, e o fim do mundo ao dia do juízo. Eu estou inclinado a pensar que a sua pergunta não ia além do evento que Cristo então predizia; mas parece, por outras passagens, que os discípulos tinham idéias muito confusas sobre os eventos futuros, de modo que talvez não seja possível atribuir nenhum significado seguro a essa pergunta.

Mas Cristo, na sua resposta, embora não corrija expressamente os enganos dos seus discípulos (isto deverá ser feito através do derramamento do Espírito), ainda vai além da pergunta deles, e instrui a sua igreja, não somente a respeito dos grandes acontecimentos daquela época, da destruição de Jerusalém, mas também a respeito da sua segunda vinda, no final dos tempos, sobre o que Ele passa, de maneira imperceptível, a falar aqui, e de que Ele fala claramente no próximo capítulo, que é uma continuação desse sermão.

Predições Terríveis

vv. 4-31

Os discípulos tinham perguntado sobre a época: "Quando serão essas coisas?" Cristo não lhes deu nenhuma resposta, não lhes disse depois de quantos dias e anos a sua predição se cumpriria, pois não nos "pertence saber os tempos" (At 1.7), mas eles tinham perguntado: "Que sinal haverá?" A esta pergunta, Ele responde de maneira completa, pois nós estamos preocupados em conhecer "os sinais dos tempos" (cap. 16.3). A profecia, basicamente, diz respeito aos eventos próximos da destruição de Jerusalém, o fim da igreja e da nação judaicas, o chamado dos gentios, e o

estabelecimento do reino de Cristo no mundo; mas assim como as profecias do Antigo Testamento, que têm uma referência imediata às questões dos judeus e às revoluções na sua nação, sob o exemplo delas, estas profecias vão mais adiante, referindo-se à igreja do Evangelho e ao reino do Messias, e desta maneira são expostas no Novo Testamento, e as expressões que são encontradas nessas predições são peculiares a ele, e não se aplicam a nada mais. Sendo assim, esta profecia, como símbolo da destruição de Jerusalém, refere-se até ao juízo geral, e como é usual nas profecias, algumas passagens são mais aplicáveis aos acontecimentos do presente, e outras, aos do futuro; e no seu final, como é usual, ela aponta mais particularmente para o futuro. Deve-se notar que o que Cristo diz aqui aos seus discípulos tende mais a despertar a sua precaução do que a satisfazer a sua curiosidade; mais para prepará-los para os eventos que iriam acontecer, do que para lhes dar uma idéia distinta dos próprios eventos. Este é aquele bom conhecimento dos tempos que todos nós deveríamos procurar obter, para deduzir o que Israel deveria fazer; e assim essa profecia é de uso duradouro para a igreja, e assim será, até o final dos tempos; pois “o que foi, é o que há de ser” (Ec 1.5,6,7,9), e a série, conexão, e presságios dos eventos são praticamente os mesmos que eram naquela época; para que sobre a profecia deste capítulo, que aponta para aquele evento, possam ser feitos prognósticos morais, e os sinais dos tempos possam ser discernidos de modo que o coração do homem sábio possa saber como melhorar.

I Aqui Cristo prediz o aparecimento de enganadores. Ele começa com um aviso: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane”. Eles esperavam ouvir quando essas coisas aconteceriam, esperavam ser aceitos para participar desse segredo; mas esse aviso serve para refrear a sua curiosidade: “O que isto interessa a vocês? Cuidem dos seus deveres, sigam-me e não se deixem convencer a deixar de me seguir”. Aqueles que são mais curiosos a respeito dos assuntos secretos que não lhes dizem respeito são mais facilmente impressionáveis pelos enganadores (2 Ts 2.3). Os discípulos, quando ouviram que os judeus, seus mais inveterados inimigos, seriam destruídos, poderiam estar correndo o risco de um excesso de segurança. “Não”, diz Cristo, “vocês estão mais expostos de outras maneiras”. Os enganadores são inimigos mais perigosos à igreja do que os perseguidores.

Três vezes, nesse sermão, Ele menciona o aparecimento de falsos profetas, o que era: 1. Uma predição da ruína de Jerusalém. Aqueles que mataram os verdadeiros profetas foram, com justiça, deixados para ser enganados pelos falsos profetas; e aqueles que crucificaram o verdadeiro Messias, foram deixados para ser ludibriados e destruídos pelos falsos Cristos e Messias imaginários. O aparecimento deles seria a ocasião da divisão do povo em partidos e facções, o que tornaria a sua destruição mais fácil e rápida; e o pecado dos muitos que eram deixados de lado por eles ajudou a completar a medida. 2. Um teste para os discípulos de Cristo, que, portanto, estava de acordo com a sua situação de experiência, "para que os que são sinceros se manifestem".

A respeito desses enganadores, observe aqui:

(1) Os pretextos sob os quais eles apareceriam. Satanás age maliciosamente quando aparece como um anjo de luz; o pretexto de um bem maior é, freqüentemente, o que encobre o mal maior.

[1] Apareceriam "falsos profetas" (vv. 11-24). Os enganadores fingiriam ter inspiração divina, uma missão imediata e um espírito de profecia, quando tudo isso era uma mentira. Assim eles tinham sido anteriormente (Jr 23.16; Ez 13.6), como havia sido predito (Dt 13.3). Alguns pensam que os enganadores aqui indicados eram pessoas que tinham se estabelecido como professores na igreja, e tinham conquistado reputação por sê-lo, mas posteriormente traíram a verdade que tinham ensinado e se voltaram para o erro; e de pessoas assim, o perigo é ainda maior, porque elas são mais insuspeitas. Um falso traidor nas tropas pode causar mais mal que mil arquinimigos de fora.

[2] Apareceriam falsos Cristos: "Muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo" (v. 5), estes assumirão o nome peculiar a Ele, dizendo: "Eu sou o Cristo" – "falsos cristos" (v. 24). Havia, naquela época, uma expectativa geral pelo aparecimento do Messias; falava-se dele como sendo aquele que viria; mas quando Ele realmente veio, a nação o rejeitou; disso, aqueles que tinham ambição de serem famosos se aproveitaram, e se passaram por Cristo. Josefo fala de diversos impostores deste tipo, entre essa ocasião e a destruição de Jerusalém; um Teudas, que foi derrotado por Cóspio Fado. Outro, por Félix, outro, por Festo. Dosetheus disse que era o Cristo profetizado por Moisés. *Origen adversus Celsum.* Veja At 5.36,37. Simão, o mágico, fingiu ter "a grande virtude de Deus" (At 8.10). Nos anos

posteriores, houve pessoas que fingiram como ele; um deles, cerca de cem anos depois de Cristo, chamava a si mesmo de *Bar-cochobas – O filho de uma estrela*, mas, na verdade, era *Bar-cosba – O filho de uma mentira*. Aproximadamente cinqüenta anos antes, Sabbati-Levi tinha se estabelecido como Messias no império turco, e foi muito querido pelos judeus; mas dentro de pouco tempo, foi revelada a sua tolice. A religião papista, na verdade, estabelece um falso Cristo. O papa se apresenta, em nome de Cristo, como seu substituto, mas invade e usurpa todos os seus ofícios, e passa a ser seu rival; e como tal, torna-se seu inimigo, um enganador, e um anticristo.

[3] Esses falsos Cristos e falsos profetas teriam seus agentes e emissários trabalhando em todos os lugares, para atrair pessoas (v. 23). Então, quando os problemas públicos forem grandes e ameaçadores, e as pessoas estiverem procurando qualquer coisa que se pareça com libertação, Satanás irá se aproveitar e impor-se a elas. Eles dirão: Eis aqui o Cristo, ou: Ei-lo ali; mas não acreditem neles: o verdadeiro Cristo não luta, não clama, nem foi dito sobre Ele: “Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali”! (Lc 17.21), portanto, se alguém disser isso sobre Ele, considere que é uma tentação. Os eremitas, cuja religião é vivida em uma vida monástica, dizem: Ele está no deserto; os sacerdotes, que dizem que a hóstia consagrada é Cristo, dizem: Ele está *en tois tameiois – nos armários*, no interior da casa. “Eis que Ele está neste santuário, naquela imagem”. Desta maneira, alguns se apropriam da presença espiritual de Cristo, em benefício de um grupo ou de uma crença, como se tivessem o monopólio de Cristo e do cristianismo; e assim pensam que o reino de Cristo deve erguer-se e cair, viver e morrer, com eles. “Eis que Ele está nesta igreja, ou naquele concílio”. Mas “Cristo é tudo em todos”, e assim não é possível ficar dizendo que Ele está aqui ou ali; pois Ele vai ao encontro do seu povo com uma bênção em todos os lugares onde Ele registra o seu nome.

(2) A prova que eles ofereceriam por fazer o bem com esses pretextos: eles “farão tão grandes sinais e prodígios” (v. 24). Não seriam milagres verdadeiros, aqueles que são um selo divino, e com os que se confirma a doutrina de Cristo; portanto, se alguém tentar nos atrair por tais sinais e prodígios, nós devemos recorrer àquela regra dada antigamente (Dt 13.1-3): “Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver

falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, porquanto o Senhor, vosso Deus, vos prova". Mas esses eram "prodígios de mentira" (2 Ts 2.9), operados por Satanás (com a permissão de Deus), que é "o príncipe das potestades do ar". Não foi dito: Eles realizarão milagres, mas sim: Eles farão grandes sinais. Eles nada são, além de um espetáculo; ou influenciam a credulidade dos homens por falsas narrativas, ou enganam os seus sentidos com truques de prestidigitação, ou artes de adivinhação, como faziam os mágicos do Egito com seus encantos.

(3) O sucesso que eles teriam nos seus esforços:

[1] Eles "enganarão a muitos" (v. 5), e novamente no versículo 11. Observe que o diabo e os seus instrumentos podem vencer ao enganar pobres almas; poucos encontram a porta estreita, mas muitos são atraídos para o caminho mais largo; muitos serão influenciados pelos seus sinais e prodígios, e muitos serão atraídos pelas esperanças de libertação dos seus sofrimentos. Observe que nem milagres nem multidões são sinais seguros de uma verdadeira igreja; pois "toda a terra se maravilhou após a besta" (Ap 13.3).

[2] Eles, "se possível fora, enganariam até os escolhidos", v. 24. Isto sugere, em primeiro lugar, o poder da ilusão. Este poder será tal, que muitos serão fascinados por ele (tão forte será a corrente), mesmo aqueles que julgavam que iriam resistir. O conhecimento dos homens, os dons, o estudo, a situação eminente, e o longo tempo de profissão de fé, nada irá protegê-los; mas, apesar deles, muitos serão enganados; nada, exceto a graça onipotente de Deus, de acordo com o seu eterno objetivo, será uma proteção. Em segundo lugar, a segurança dos eleitos em meio ao perigo, que é sugerida pelas palavras: "se fora possível", dando a entender, claramente, que isto não é possível, pois eles estão protegidos pelo poder de Deus, para que o propósito de Deus, de acordo com a eleição, possa persistir (Hb 6.4,5,6). Se os escolhidos de Deus fossem enganados, a escolha de Deus seria derrotada, o que não é imaginável, pois aos que Ele "predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.30). Eles foram dados a Cristo, e de todos os que lhe foram dados, Ele não perderá nenhum (Jo 10.28). Grotius interpretou isso como significando a maior dificuldade em afastar os cristãos primitivos da sua religião, e cita que isto era usado

proverbialmente por Galen. Quando ele queria expressar algo que era muito difícil e moralmente impossível, ele dizia, “é mais fácil afastar um cristão de Cristo”.

(4) Os avisos repetidos que o nosso Salvador dá aos seus discípulos, para que se acautelem contra eles. Ele lhes deu avisos para que pudessem estar vigilantes (v. 25): “Eis que eu vo-lo tenho predito”. Aquele que é avisado de que será atacado, poderá se salvar, como fez o rei de Israel (2 Rs 6.9,10). Observe que os avisos de Cristo têm o objetivo de despertar a nossa vigilância, e embora os eleitos sejam preservados do engano, eles serão preservados através do uso dos meios indicados, e de uma devida consideração aos avisos da Palavra. Nós somos protegidos, pela fé, pela fé na Palavra de Cristo, daquilo que Ele nos adverte com antecedência.

[1] Não devemos crer naqueles que dizem: “Eis que o Cristo está aqui ou ali” (v. 23). Nós cremos que o Cristo verdadeiro está à destra de Deus, e que a sua presença espiritual está onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome; não devemos crer, portanto, naqueles que tentam nos afastar de um Cristo no céu, dizendo que Ele está em algum lugar aqui na terra; ou que tentam nos afastar da igreja universal na terra, dizendo que Ele está aqui, ou que está ali; “não acrediteis”. Observe que não existe maior inimigo da fé verdadeira do que a credulidade vã. O simples crê em cada palavra, e persegue cada clamor. *Memneso apistein – Tomem cuidado para continuar crendo.*

[2] Não devemos seguir aqueles que dizem: “Eis que ele está no deserto”, ou: “Eis que ele está no interior da casa” (v. 26). Não devemos dar ouvidos a todo fingidor e empírico, nem seguir a todos os que erguem o dedo para nos indicar um novo Cristo e um novo Evangelho. “Não os sigam, pois se o fizerem, vocês estarão correndo perigo de serem levados por eles; por isso, não permaneçam no caminho do mal, não sejam “levados em roda por todo vento de doutrina”; a vã curiosidade de muitos homens em segui-los os levou a uma apostasia fatal; a sua força, nessa situação, consiste em permanecer quietos, para que tenham o coração estabilizado com graça”.

II O Senhor prediz guerras e grandes perturbações entre as nações (vv. 6,7).

Quando Cristo nasceu, havia uma paz universal no império, o templo do deus Jano estava fechado; mas não pense que Cristo veio para trazer paz, ou dar prosseguimento àquela paz (Lc 12.51). Não, a sua cidade e o seu muro

devem ser construídos até mesmo em tempos difíceis, e até mesmo as guerras contribuirão para o avanço da sua obra. Desde a ocasião em que os judeus rejeitaram a Cristo, e Ele deixou a casa deles desolada, a espada nunca deixou esta casa, a espada do Senhor nunca se aquietou, porque Ele lhe tinha dado uma incumbência contra a nação hipócrita e contra o povo da sua ira, e com ela Ele trouxe a ruína deles.

Aqui temos: 1. Uma predição dos eventos da época: Em breve, "ouvireis de guerras e de rumores de guerras". Quando houver guerras, elas serão ouvidas; pois cada peleja do guerreiro se dá com confuso ruído (Is 9.5). Veja como é terrível (Jr 4.19): "Tu, ó minha alma... ouviste o alarido da guerra". Nem mesmo os quietos na terra, e os menos curiosos sobre as coisas novas, podem deixar de ouvir os mensageiros da guerra. Deus tem uma espada pronta para vingar a disputa do seu concerto, do seu novo concerto, e assim se "levantará nação contra nação", isto é, uma parte ou província da nação judia contra outra, cidade contra cidade (2 Cr 15.5,6); e na mesma província e cidade, um grupo ou facção se levantará contra outro, de modo que eles se devorarão, e serão despedaçados, um contra o outro (Is 9.19-21).

2. A recomendação do dever da época: "Olhai, não vos assusteis". É possível ouvir notícias tão tristes, e não se assustar? Mas quando o coração está firme e confiante em Deus, ele fica em paz e não se amedronta, nem pelas más novidades das guerras e rumores de guerras, nem pelo alarido de: Armai-vos, armai-vos. "Não vos assusteis", *me throeithe – não vos sintais confusos nem emocionados*; não sofrais, como uma mulher grávida, com medo; *cuidai para que não – orate*. Observe que existe a necessidade de um cuidado e uma vigilância constantes para não perturbar o coração quando há guerras no exterior; e é contra o desejo de Cristo que o seu povo tenha corações perturbados, mesmo em tempos tumultuados.

Nós não devemos nos perturbar, por duas razões:

(1) Porque sabemos que devemos esperar por isso. Os judeus devem ser punidos, a destruição deve ser trazida sobre eles; com isto, a justiça de Deus e a honra do Redentor devem ser confirmadas; "porque é mister que isso tudo aconteça". A palavra saiu da boca de Deus, e ela será cumprida no seu tempo. Observe que a consideração da imutabilidade do conselho divino, que governa todos os eventos, deveria compor e aquietar os nossos espíritos, aconteça o que acontecer. Deus está apenas realizando aquilo que

nos foi designado, e a nossa perturbação desordenada é uma discussão interpretativa com aquela designação. Devemos, portanto, aquiescer, porque "é mister que isso tudo aconteça". Não somente *necessitate decreti – como o produto do conselho divino*, mas também *necessitate medii – como um meio para alcançar um fim*. A casa antiga deve ser derrubada (embora isto não possa ser feito sem ruído, poeira e perigo), para que a nova construção possa ser edificada; as coisas móveis (e malfeitas) devem ser removidas, "para que as imóveis permaneçam" (Hb 12.27).

(2) Porque devemos esperar o pior: "Ainda não é o fim". O fim dos tempos ainda não chegou, e, enquanto existir o tempo, nós devemos esperar problemas, e o fim de uma aflição será apenas o início de outra; ou: "Ainda não é o fim desses sofrimentos; deve haver mais julgamentos além daquele utilizado para derrubar o poder judaico; mais cálices de ira devem ser derramados; somente um 'ai' já passou, outros 'ais' estão por vir, mais flechas ainda deverão ser atiradas da aljava de Deus; portanto, não se perturbem, não dêem lugar ao medo e à perturbação, não afundem sob a carga atual, mas, em lugar disso, reúnam toda a força e a coragem que vocês tiverem, para enfrentar o que ainda está à sua espera. Não se perturbem por ouvir de guerras e rumores de guerras. Pois o que acontecerá com vocês, quando vierem as fomes e as pestes?" Se, para nós, somente o "ouvir tal notícia causará grande turbação" (Is 28.19), como será sentir o golpe, quando ele tocar o osso e a carne? "Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos? Se tão-somente numa terra de paz estás confiado, que farás na enchente do Jordão?" (Jr 12.5).

III Ele prediz outros julgamentos que Deus enviaria em um futuro mais próximo: "fomes, e pestes, e terremotos". A fome freqüentemente é o resultado da guerra, e a peste, da fome. Estes foram os três julgamentos dos quais Davi devia escolher um; e ele estava numa dificuldade séria, pois não sabia qual deles era o pior: mas que desolação terrível eles provocam, quando todos eles recaem juntos sobre um povo! Além da guerra (que já é suficiente), haverá:

1. "Fome", representada pelo "cavalo preto", sob o "terceiro selo" (Ap 6.5,6). Nós lemos sobre uma fome na Judéia, pouco tempo depois da época de Jesus, que empobreceu muito a nação (At 11.28), mas a pior fome

aconteceu em Jerusalém, durante o cerco (veja Lm 6.9,10).

2. “Pestes”, representadas pelo “cavalo amarelo”, e a morte assentada sobre ele, e o inferno que o seguia, sob o “quarto selo” (Ap 6.7,8). Isto destrói sem distinção, e em pouco tempo amontoa cadáveres.

3. “Terremotos, em vários lugares”, ou de um lugar a outro, perseguindo aqueles que fogem deles, “como fugiram do terremoto nos dias de Uzias” (Zc 14.5). Algumas vezes, os terremotos causaram grande desolação, nos últimos tempos e antigamente; eles foram a causa da morte de muitas pessoas, e o terror de outras. Nas visões do Apocalipse, pode-se notar que os terremotos são prenúncios do bem, e não do mal, para a igreja (Ap 6.12; compare Ap 6.15; 11.12,13,19; 16.17-19). Quando Deus assombrar terrivelmente a terra (Is 2.21), será para sacudir dela os ímpios (Jó 38.13), e para apresentar o “Desejado de todas as nações” (Ag 2.6,7). Mas aqui eles são mencionados como julgamentos terríveis, e apenas “o princípio das dores”, *odinon – das dores de parto*, rápidas, violentas, e também tediosas. Observe que quando Deus julgar, Ele vencerá; quando Ele começar com a sua ira, Ele acabará (1 Sm 3.12). Quando olhamos adiante, para a eternidade de infelicidade que está diante dos obstinados que recusam a Cristo e ao seu Evangelho, podemos verdadeiramente dizer, a respeito dos maiores julgamentos temporais: Eles são apenas o princípio das dores; ainda que as coisas sejam ruins em meio a esses juízos, serão piores depois deles.

IV Ele prediz a perseguição do seu próprio povo e dos seus ministros, uma apostasia geral, e uma conseqüente decadência na religião (vv. 9,10,12). Considere:

1. A predição da própria cruz (v. 9). Note que entre todos os eventos futuros, nós mais nos preocupamos, embora normalmente com um pouco de ansiedade, em saber mais dos nossos sofrimentos do que qualquer outra coisa. Então, quando houver as fomes e as pestes, os incrédulos as atribuirão aos cristãos, fazendo delas um pretexto para persegui-los. *Christianos ad leones – Os cristãos, aos leões*. Cristo havia dito aos seus discípulos, quando os enviou pela primeira vez, acerca dos sofrimentos que eles iriam passar; mas até então, eles tinham passado por poucos sofrimentos, e por isto Ele os relembra de que quanto menos eles tivessem sofrido, mais aflições teriam que cumprir (veja Cl 1.24).

(1) Os santos serão “atormentados”, sendo amarrados e presos, cruelmente ridicularizados e açoitados, como o bendito apóstolo Paulo (2 Co 11.23-25); não seriam mortos diretamente, mas mortos em todo o tempo, em mortes freqüentes, mortos de modo a se sentirem morrendo, “feitos espetáculo ao mundo” (1 Co 4.9,11).

(2) Eles serão “mortos”. Tão cruéis são os inimigos da igreja, que nada menos que o sangue dos santos poderá satisfazê-los, do qual eles são sedentos, e bebem e espalham, como água.

(3) Eles serão “odiados de todas as gentes” por causa do seu nome, como Ele lhes tinha dito antes (cap. 10.22). O mundo estava, de modo geral, influenciado pela malignidade e pela inimizade aos cristãos; os judeus, embora odiados pelos pagãos, nunca foram perseguidos por estes como os cristãos foram perseguidos pelos judeus; os cristãos eram odiados pelos judeus que estavam dispersos nas nações, eram o alvo comum da maldade do mundo. O que devemos pensar deste mundo, quando os melhores homens eram os mais maltratados nele? É a causa que faz o mártir, e o consola; era por causa de Cristo que eles eram odiados dessa maneira; o fato de eles professarem e pregarem o seu nome incitava as nações dessa maneira contra eles; o diabo, percebendo um ataque fatal lançado contra o seu reino, e “sabendo que já tem pouco tempo”, desceu “com grande ira”.

2. “O escândalo da cruz” (vv. 10-12). Satanás trabalha pelos seus próprios interesses através da força dos braços e das suas armas, embora Cristo, no final, traga a glória para si por meio dos sofrimentos do seu povo e dos seus ministros. Três resultados ruins da perseguição são aqui preditos.

(1) A apostasia de alguns. Quando a profissão do cristianismo começar a custar caro para os homens, então muitos se ofenderão, se debaterão com a sua profissão de fé, e por fim a deixarão; eles começarão a entrar em conflitos com a sua religião, serão indiferentes a ela, se cansarão dela, e no final se revoltarão contra ela. Considere: [1] Não é novidade (embora seja estranho) que aqueles que conheceram o caminho da justiça se afastem dele. Paulo sempre reclama dos desertores, que começaram bem, mas foram impedidos por alguma coisa. Eles estavam conosco, mas saíram de nós, porque jamais foram nossos verdadeiramente (1 Jo 2.19). Isto já nos foi dito anteriormente. [2] Os tempos de sofrimento são tempos de agitação; e na tempestade, caem alguns daqueles que estavam em pé no tempo bom, como os ouvintes cujos corações são como os pedregais (cap. 13.21). Muitos, que

não precisam da ajuda de outros, seguirão a Cristo nos dias de sol, e o deixarão nos dias escuros e nublados. Eles gostarão da sua religião se puderem tê-la a um custo baixo, e estarão dispostos a perseverar nela se as exigências forem mínimas; mas quando a sua profissão de fé passar a lhes custar alguma coisa, eles a abandonarão imediatamente.

(2) A maldade dos ímpios. Quando a perseguição está na moda, a inveja, a inimizade e a maldade estão estranhamente difundidas nas mentes dos homens, por contágio: e a caridade, a ternura e a moderação são consideradas raridades que fazem do homem um pássaro manchado. Então, eles "trair-se-ão uns aos outros", isto é, aqueles que traiçoeiramente abandonaram a sua religião, irão odiar e trair aqueles que aderirem a ela, por quem fingiram sentir amizade. Os apóstatas, em geral, foram os mais amargos e violentos perseguidores. Observe que os tempos de perseguição são tempos de descobrimento. Os lobos em peles de ovelhas se livrarão do seu disfarce, e aparecerão como lobos; eles "trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão [ou odiarão]". Os tempos serão necessariamente perigosos, quando a traição e o ódio – duas das piores coisas que pode haver, porque são diretamente opostas a duas das melhores (a verdade e o amor) – serão predominantes. Isto parece se referir ao tratamento bárbaro que as diversas facções entre os judeus dedicavam umas às outras; e aqueles que devoravam o povo de Deus como comiam pão, foram, com justiça, deixados para se morderem e se devorarem uns aos outros, até que se consumissem uns aos outros. Estas palavras também podem se referir aos danos causados aos discípulos de Cristo por aqueles que estavam mais próximos a eles, como descrito em Mateus 10.21: "E o irmão entregará à morte o irmão".

(3) O declínio geral e o esfriamento de muitos (v. 12). Em tempos enganadores, quando surgem os falsos profetas, e em tempos de perseguição, quando os santos são odiados, deve-se esperar duas coisas:

[1] A "multiplicação" da iniqüidade. Embora o mundo sempre esteja mergulhado na maldade, ainda existem ocasiões em que pode-se dizer que a iniqüidade abunda de uma maneira especial; como quando ela é mais abrangente do que é usual, como no mundo antigo, quando "toda carne havia corrompido o seu caminho" (Gn 6.12); e quando é mais excessiva do que é usual, quando "a violência se levanta em vara de impiedade" (Ez 7.11), de modo que o inferno parece estar solto em blasfêmias contra Deus,

e em inimigos aos santos.

[2] A diminuição do amor. Isto é conseqüência da multiplicação da iniqüidade: “por se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos se esfriará”. Isto pode ser entendido de maneira geral, referindo-se à santidade séria e verdadeira, que é resumida no amor. É bastante comum que os professores da religião esfriem na sua profissão de fé quando os maus se aquecem na sua maldade. Como a igreja de Éfeso, que, em tempos difíceis, deixou o seu primeiro amor (Ap 2.2-4). Ou isto pode ser entendido, de maneira mais particular, como referindo-se ao amor fraternal. Quando a iniqüidade abunda, a iniqüidade enganadora, a iniqüidade perseguidora, o amor normalmente esfria. Os cristãos começam a se intimidar, e a suspeitar uns dos outros; os afetos se distanciam, as distâncias se criam, formam-se grupos e, desta maneira, o amor resulta em nada. O diabo é o acusador dos irmãos, não somente para os seus inimigos, o que faz abundar a iniqüidade perseguidora, mas entre si, o que faz com que o amor de muitos esfrie.

Isto fornece uma perspectiva melancólica dos tempos, pois haverá uma grande decadência de amor. Porém, em primeiro lugar, trata-se do amor de “muitos”, mas não de todos. Nos piores tempos, Deus tem os seus remanescentes que conservam a sua integridade, e retêm o seu zelo, como nos tempos de Elias, quando ele pensava ter sido abandonado. Em segundo lugar, este amor esfriou, mas não morreu; ele diminuiu, mas não se extinguiu. Existe vida na raiz, que se exibirá quando o inverno terminar. A nova natureza pode esfriar, mas não por muito tempo, pois se fosse assim, ela iria degenerar e desaparecer.

3. O consolo administrado em referência a este escândalo da cruz, pelo apoio do povo do Senhor que está sob ela (v. 14): “aquele que perseverar até ao fim será salvo”. (1) É consolador, para aqueles que desejam o bem da causa de Cristo em geral, que, embora muitos se magoem, ainda assim alguns irão perseverar até o fim. Quando vemos tantos se afastando, temos a tendência de temer que a causa de Cristo vá afundar por falta de quem a apóie, e o seu nome seja abandonado e esquecido por falta de quem o professe; mas mesmo “neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça” (Rm 11.5). Aqui se trata do mesmo tempo a que esta profecia faz referência; um remanescente que não é “daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma”; eles perseveram até o fim, até o fim das suas vidas, até o fim do atual estado de

experiência, ou até o fim deste tempo de provações e sofrimentos, até o último encontro, embora eles sejam chamados a resistir até ao sangue. (2) É consolador, para aqueles que realmente perseveram desta maneira até o fim, e sofrem por causa da sua perseverança, saber que serão salvos. A perseverança ganha a coroa, por meio da graça, e ela a usará. Eles serão salvos. Talvez eles possam ser resgatados dos seus problemas, e sobrevivam a eles confortavelmente neste mundo; mas o que se pretende aqui é a eterna salvação. Aqueles que perseveram até o fim dos seus dias, alcançarão o fim da sua fé e esperança, a salvação de suas almas (1 Pe 1.9; Rm 2.7; Ap 3.20). A coroa da glória irá indenizar a todos; e uma forte consideração por ela, em fé, nos capacitará a escolher morrer em uma estaca, com os perseguidos, em vez de viver em um palácio, com os perseguidores.

V O Senhor prediz a pregação do Evangelho a todo o mundo (v. 14). "Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo… e então virá o fim". Observe aqui: 1. Ele é chamado de Evangelho do Reino, porque ele revela o reino da graça, que leva ao reino da glória; ele estabelece o reino de Cristo neste mundo; e nos assegura o outro mundo. 2. Este Evangelho, mais cedo ou mais tarde, deverá ser pregado em todo o mundo, a todas as criaturas, e todas as nações deverão ser ensinadas por ele; pois é nele que Cristo se mostra como a "salvação até aos confins da terra". Para este fim, o dom de línguas era "as primícias do Espírito". 3. O Evangelho será pregado "em testemunho a todas as gentes"; ou seja, ele é a declaração fiel do pensamento e da vontade de Deus a respeito do dever que Deus exige de um homem, e da recompensa que o homem pode esperar de Deus. É um "testemunho" (1 Jo 5.11) para aqueles que crêem, de que eles serão salvos, e contra aqueles que persistem na incredulidade, de que serão condenados. Veja Mc 16.16. Mas como esta verdade é mostrada aqui?

(1) Aqui está sugerido que era necessário que todo o mundo que se conhecia na época ouvisse a pregação do Evangelho, ou pelo menos ouvisse falar dele, antes da destruição de Jerusalém; isto era necessário para que a instituição do Antigo Testamento não se dissolvesse completamente até que o Novo Testamento estivesse bem estabelecido, tivesse uma base considerável, e começasse a formar uma imagem. Nesse contexto, era melhor que houvesse um grupo que buscasse a Deus, mesmo que de uma forma corrompida e degenerada, do que não haver ninguém que o fizesse.

Dentro de quarenta anos depois da morte de Cristo, a “voz” do Evangelho tinha chegado aos confins do mundo (Rm 10.18). O apóstolo Paulo pregou integralmente o Evangelho “desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico”; e os outros apóstolos não foram ociosos; a perseguição dos santos em Jerusalém ajudou a dispersá-los, de modo que eles foram a todos os lugares, anunciando o Evangelho (At 8.1-4). E quando as notícias do Redentor alcançassem todas as partes do mundo, então o fim da nação judaica ocorreria. Assim, aquilo que eles pensavam evitar, condenando Jesus à morte, foi precisamente o que procuraram. Todos creram nele, e vieram os romanos, e tiraram o seu lugar e a sua nação (Jo 11.48). Paulo disse que o Evangelho estava em “todo o mundo”, e havia sido “pregado a toda criatura” (Cl 1.6-23).

(2) Da mesma maneira, está sugerido que mesmo em tempos de tentação, dificuldades e perseguição, o Evangelho do reino será pregado e propagado, e irá abrir o seu caminho em meio à maior oposição. Embora os inimigos da igreja se acalorem, e o amor de muitos dos seus amigos esfrie, ainda assim o Evangelho será pregado. E mesmo então, quando muitos caírem pela espada e pelo fogo, e muitos agirem malvadamente, e forem corrompidos por adulações, aqueles que realmente conhecem ao seu Deus serão fortalecidos para realizar as maiores proezas, instruindo a muitos (veja Dn 11.32,33; e veja um exemplo em Fp 1.12-14).

(3) O que, aparentemente, se pretende aqui é dar a entender que o fim do mundo ocorrerá quando o Evangelho tiver realizado o seu trabalho no mundo, e não antes disso. O Evangelho será pregado, e a palavra será transmitida, mesmo depois que vocês estiverem mortos; para que todas as nações, sejam as primeiras ou as últimas, possam apreciar ou recusar o Evangelho; e “então virá o fim”, quando o reino será entregue a Deus Pai, quando o mistério de Deus será concluído, o corpo espiritual será completado, e as nações forem convertidas e salvas, ou condenadas e silenciadas pelo Evangelho. Então virá o fim, de que Ele tinha falado anteriormente (vv. 6,7), não antes, não até que estes conselhos intermediários se cumpram. O mundo permanecerá enquanto existir algum dos eleitos de Deus que não tiver sido chamado; mas quando estiverem todos reunidos, ele se incendiará imediatamente.

Ele prediz, mais particularmente, a destruição que viria sobre o povo dos judeus, a sua cidade, o seu Templo e a sua nação (v. 15ss.). Aqui Jesus chega mais perto de responder às perguntas dos discípulos sobre a destruição do Templo, e o que Ele disse aqui será útil para eles, tanto para o seu comportamento quanto para o seu consolo, referindo-se àquele grande evento. Ele descreve os diversos estágios daquela calamidade, como é usual em uma guerra.

VI

1. Os romanos trarão "a abominação da desolação" ao "lugar santo" (v. 15). Considere que: (1) Alguns entendem que uma imagem, ou estátua, colocada no Templo por alguns dos governantes romanos, e que era muito ofensiva aos judeus, os levou a se rebelarem, e desta maneira trouxe a desolação sobre eles. A imagem de Júpiter (um dos deuses do Olimpo), que Antíoco mandou colocar sobre o altar de Deus, é chamada *Bdelygma eremoseos – A abominação da desolação,* a mesma palavra usada aqui pelo historiador (1 Macabeus 1.54). Desde o cativeiro na Babilônia, nada era, nem poderia ser, mais desagradável para os judeus do que uma imagem no lugar santo, como se pode perceber pela poderosa oposição que eles fizeram quando Calígula se ofereceu para colocar a sua estátua ali, o que teria tido conseqüências fatais, se não tivesse sido evitado, e a questão apaziguada, pelo comportamento de Petrônio. No entanto, Herodes colocou a imagem de uma águia sobre a porta do Templo e, dizem alguns, a estátua de Tito foi colocada dentro do Templo. (2) Outros preferem explicar isso com o trecho paralelo (Lc 21.20): "quando virdes Jerusalém cercada de exércitos". Jerusalém era a cidade santa, Canaã era a terra santa, e o monte Moriá, que está próximo de Jerusalém, pela sua proximidade com o Templo, era, de uma maneira especial, considerado solo sagrado; o exército romano estava acampado na região ao redor de Jerusalém, e isto teria sido a abominação que produziu a desolação. A terra de um inimigo é considerada como "a terra de que te enfadas" (Is 7.16), de modo que um exército inimigo, para um povo fraco, mas voluntarioso, pode perfeitamente ser chamado de abominação. Diz-se que isto se refere a Daniel, que falou mais claramente do Messias e do seu reino que qualquer outro dos profetas do Antigo Testamento. Ele fala de uma "abominação desoladora", o que seria feito por Antíoco (Dn 11.31; 12.11), mas isto a que se refere o nosso Salvador nós temos na mensagem trazida pelo anjo (Dn 9.27) do que aconteceria no final de setenta semanas, muito tempo depois da anterior; pois com o aumento

das abominações, ou, como diz a anotação na margem, com os exércitos abomináveis (o que esclarece a profecia), Ele trará a desolação. Exércitos de idólatras podem ser chamados de exércitos abomináveis; e alguns pensam que os tumultos, insurreições, facções e sedições abomináveis, na cidade e no Templo, podem, pelo menos, ser interpretados como parte da abominação causando desolação. Cristo lembra aos discípulos a profecia de Daniel, para que eles possam ver como a destruição da sua cidade e do seu Templo foi mencionada no Antigo Testamento, o que confirmaria a sua predição e, ao mesmo tempo, removeria a ira da sua profecia. Da mesma maneira, eles poderiam, a partir de então, começar a contar o tempo logo depois da morte do Messias, o príncipe. O pecado cometido quando os judeus o rejeitaram e a certeza da destruição são uma desolação determinada. Assim como Cristo, pelos seus preceitos, confirmou a lei, também pelas suas predições Ele confirmou as profecias do Antigo Testamento, e isto será útil para a comparação de ambas.

Tendo sido feita referência a uma profecia, que normalmente é obscura, Cristo insere este lembrete: “Quem lê, que entenda”. Aquele que lê a profecia de Daniel, compreenda que ela deverá se cumprir então, dentro de pouco tempo, na destruição de Jerusalém. Observe que aqueles que lêem as Escrituras, devem se esforçar para entendê-las, caso contrário a sua leitura terá pouco propósito. Nós não podemos utilizar aquilo que não compreendemos. Veja Jo 5.39; At 8.30. O anjo que trouxe esta profecia a Daniel o estimulou para que a conhecesse e entendesse (Dn 9.25). E nós não devemos perder a esperança de entender, nem mesmo as profecias obscuras; a maior profecia do Novo Testamento é chamada de “revelação”, e não de segredo. Agora as coisas reveladas pertencem a nós; portanto, elas devem ser investigadas com humildade e diligência. Também podemos compreender não apenas as Escrituras que falam dessas coisas, mas pelas Escrituras devemos compreender os tempos (1 Cr 12.32). Observemos e prestemos atenção; assim alguns interpretam isso. Que nos asseguremos de que, apesar das esperanças vãs com as quais as pessoas iludidas se alimentam, os exércitos abomináveis trarão desolação.

2. Os meios de preservação que os homens sérios deveriam empregar (vv. 16,20): “Os que estiverem na Judéia, que fujam”. A conclusão é que não existe outra maneira de se salvar, exceto fugir. Nós podemos interpretar isto:

(1) Como uma predição da própria ruína – que ela seria impossível de evitar; que seria impossível, mesmo para os corações mais corajosos, resistir a ela, ou lutar contra ela. Eles devem recorrer à última opção, sair do caminho. Isto indica aquilo em que Jeremias tanto insistia, embora em vão, quando Jerusalém estava sitiada pelos caldeus, que seria inútil resistir, mas que seria prudente render-se e capitular; assim também Cristo aqui, para mostrar o quanto seria inútil resistir a isso, convida todos a seguir o seu conselho.

(2) Nós podemos interpretar isso como uma orientação aos seguidores de Cristo quanto ao que fazer, o que não significa uma aliança com aqueles que lutaram e guerrearam contra os romanos pela preservação da sua cidade e nação, somente para que pudessem consumir a riqueza de ambas nos seus desejos (pois o apóstolo se refere a essa mesma questão – as lutas dos judeus contra o poder romano, alguns anos antes da sua destruição final, Tg 4.1-3). Mas que eles concordem com o que foi dito, e que saiam rapidamente da cidade e do país, como se estivessem abandonando um cavalo que está caindo ou um navio naufragando, como Ló saiu de Sodoma e como Israel deixou as tendas de Datã e Abirão. Ele lhes mostra:

[1] Para onde deveriam fugir ao sair da Judéia: “para os montes”. Não os montes ao redor de Jerusalém, mas aqueles nos lugares distantes, que lhes serviriam de abrigo, não tanto pela sua resistência, mas pelo seu isolamento. Está dito que Israel se dispersará pelos montes (2 Cr 18.16; veja também Hb 11.38). Haveria maior segurança entre os covis dos leões, e os montes dos leopardos, do que entre os sediciosos judeus ou os furiosos romanos. Note que em tempos de perigo iminente, não apenas é lícito, mas também é nosso dever, procurar a nossa própria preservação por todos os meios bons e honestos, e se Deus nos abre uma porta, nós devemos usá-la para escapar, do contrário não estaremos confiando em Deus, mas tentando-o. Pode haver uma ocasião em que mesmo aqueles que estão na Judéia, onde Deus é conhecido e o seu nome também, precisem fugir para os montes; e desde que nós saiamos somente do caminho do perigo, e não do caminho do dever, nós podemos confiar que Deus proverá um refúgio para os seus desterrados (Is 16.4,5). Em tempos de calamidade pública, quando fica claro que não temos utilidade em casa e podemos estar mais seguros em outro lugar, a Providência nos convida a fugir. Aquele que fugir poderá lutar outra vez.

[2] A pressa que eles devem ter (vv. 17,18). A vida estará em perigo, em perigo iminente, o açoite surgirá de repente, e, portanto, “quem estiver sobre o telhado”, quando soar o alarme, “não desça a tirar alguma coisa de sua casa”, para cuidar das suas coisas, mas desça o mais rapidamente possível, para fugir; e também “quem estiver no campo”, encontre o caminho mais acertado para fugir imediatamente, e não “não volte atrás a buscar as suas vestes”, ou para tirar coisa alguma de sua casa, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque o tempo que ele perderia para empacotar as suas coisas iria atrasar a sua fuga. Observe que quando a morte está à porta, atrasos são perigosos. Isto foi recomendado a Ló: “Não olhes para trás de ti”. Aqueles que estão convencidos da infelicidade de uma condição de pecado, e da destruição que os espera nessa condição, e, conseqüentemente, da necessidade de fugir em direção a Cristo, devem se apressar, para que, depois de todas essas convicções, eles não pereçam eternamente por causa de atrasos. Em segundo lugar, porque carregar as suas vestes, e outras coisas de valor, iria sobrecarregá-lo, e obstruir a sua fuga. Os sírios, na sua fuga, lançaram fora suas vestes (2 Rs 7.15). Numa ocasião como esta, nós devemos dar graças se as nossas vidas forem poupadas, ainda que não possamos salvar nada do que é nosso (Jr 45.4,5). Pois “a vida é mais do que o mantimento” (cap. 6.25). Aqueles que carregam menos coisas, têm a fuga mais segura. *Cantabit vacuus coram latrone viator – Aquele que viaja sem dinheiro não tem nada a perder para os ladrões*. Foi para os seus próprios discípulos que Cristo recomendou que deixassem a sua casa e as suas roupas, pois eles tinham uma morada no céu, tinham um tesouro ali, e roupas duráveis, que o inimigo não lhes poderia roubar. *Omnia mea mecum porto – Eu levo comigo tudo o que tenho*, disse Bias, o filósofo, na sua fuga, de mãos vazias. Aquele que tem a graça no seu coração a leva consigo, mesmo quando despojado de tudo.

Aqueles a quem Cristo disse isso não viveram para ver esse dia funesto, nenhum dos doze, exceto João, e apenas ele; eles não precisaram se esconder nos montes (Cristo os escondeu no céu), mas eles deixaram a orientação aos seus sucessores na fé, que a obedeceram, e ela foi útil para eles; pois quando os cristãos de Jerusalém e da Judéia viram a destruição que se aproximava, todos fugiram para uma cidade chamada Pella, no outro lado do rio Jordão, onde ficaram em segurança; de modo que, entre os muitos milhares que pereceram na destruição de Jerusalém, não havia

nenhum cristão. Veja Euseb., *Eccl. Hist.*, liv. 3, cap. 5. Assim "o avisado vê o mal, e esconde-se" (Pv 22.3; Hb 11.7). Este aviso não foi mantido em segredo. O Evangelho de Mateus foi publicado muito tempo antes da destruição, para que outros pudessem se beneficiar dessa orientação; mas aqueles que pereceram por não crerem nisso, tornaram-se um exemplo daqueles que perecerão eternamente por causa da sua descrença nas advertências que Cristo expressou a respeito da ira futura.

[3] Para quem esta ocasião seria difícil (v. 19): "Ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!" As palavras proferidas por Cristo, por ocasião da sua morte, se referem a esse mesmo evento (Lc 23.29): "Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!" Bem-aventurados aqueles que não têm filhos, para não verem o assassinato deles; todavia, mais infelizes são aquelas cujos ventres estão gerando, e que estão amamentando: elas, entre todas as outras, são as que estarão na situação mais melancólica. Em primeiro lugar, a fome seria mais grave e lamentável para elas, quando vissem a língua do que mama pegada pela sede na boca, e elas mesmas seriam mais cruéis que avestruzes no deserto (Lm 4.3,4). Em segundo lugar, a espada seria mais terrível para elas, por estar em uma mão que seria movida por algo pior que a fúria brutal. Seria um parto terrível, quando as mulheres grávidas viessem a ser cortadas ao meio pelo conquistador enfurecido (2 Rs 15.16; Os 13.16; Am 1.13), ou as crianças fossem levadas ao matador (Os 9.13). Em terceiro lugar, a fuga seria também mais aflitiva para elas. As mulheres grávidas não podem se apressar, nem percorrer grandes distâncias; a criança que amamenta não pode ficar para trás, ou, se pudesse: "Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho… que se não compadeça dele?" Se a criança for levada, ela retarda a fuga da mãe, e assim arrisca a vida dela, e corre o perigo da fuga de Mefibosete, que ficou coxo devido a uma queda que sofreu durante a fuga da sua ama (2 Sm 4.4).

[4] O que eles deveriam pedir em oração naquela ocasião: "Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado" (v. 20). Observe que, em geral, é conveniente que os discípulos de Cristo, em tempos de problemas e calamidades, estejam em oração, pois isto é um bálsamo para todas as feridas; nenhuma ocasião deixará de ser apropriada, mas será especialmente apropriada quando eles sofrerem aflições de todos os lados.

Não existe remédio, mas você deve fugir; a orientação já é pública e é um decreto, para que Deus não seja tentado a afastar a sua ira, nem mesmo que Noé, Daniel e Jó estejam diante dele. Isto deve bastar para nós, não falemos mais no assunto, mas nos esforcemos para fazer o melhor; e mesmo que não consigamos, pela fé, orar para que não sejamos forçados a fugir, ainda assim devemos orar para que as circunstâncias da fuga sejam ordenadas graciosamente, para que, embora o cálice não possa ser afastado de nós, os prejuízos do juízo possam ser reduzidos. Observe que Deus dispõe das circunstâncias dos eventos, e isto, de uma maneira ou de outra, algumas vezes provoca uma grande alteração. Por isso, os nossos olhos devem estar sempre voltados a Ele. O fato de Cristo os convidar a orar a favor disso dá a entender o seu propósito de conceder-lhes tal coisa; e numa calamidade geral, nós não devemos negligenciar uma gentileza circunstancial, mas considerar e reconhecer que a situação poderia ter sido pior. Cristo sugere ainda aos seus discípulos que orem por si mesmos, e por seus amigos, para que, se eles forem forçados a fugir, possam fazê-lo na época mais conveniente. Observe que quando se espera problemas a uma grande distância, é bom ter de antemão um estoque de orações. Os discípulos devem orar, em primeiro lugar, para que a sua fuga, se for a vontade de Deus, não aconteça no inverno, quando os dias são curtos, o tempo, frio, as estradas, sujas, e, portanto, a viagem será muito desconfortável, especialmente para famílias inteiras. Paulo apressa Timóteo para vir vê-lo antes do inverno (2 Tm 4.21). Note que embora o bem-estar do corpo não deva ser levado em conta acima de tudo, ele deve ser devidamente considerado. Embora devamos tomar o que Deus nos envia, e quando Ele envia, nós devemos orar contra inconveniências para o corpo, e somos incentivados a fazer isso, pois “o Senhor é para o corpo”. Em segundo lugar, para que a fuga não ocorra num sábado. Não no sábado judaico, porque viajar nesse dia seria ofensivo àqueles que estavam irados com os discípulos por colherem as espigas nesse dia. Não no sábado cristão, porque ser forçado a viajar nesse dia seria uma tristeza para um cristão. Isto sugere o desígnio de Cristo, de que um descanso semanal fosse observado pela sua igreja depois da pregação do Evangelho a todo o mundo. Não sabemos de nenhum dos rituais da igreja judaica, que eram puramente cerimoniais, sobre o qual Cristo tenha expressado qualquer preocupação, porque eles seriam todos abolidos; mas o Senhor freqüentemente expressava uma

preocupação pelo sábado. Isto sugere, da mesma maneira, que o sábado, basicamente, deve ser observado como um dia de descanso de viagens e do trabalho terreno; mas que, de acordo com a sua própria explicação do quarto mandamento, obras necessárias eram lícitas no sábado, como essa, de fugir de um inimigo para salvar a própria vida. Se não fosse lícito, Ele teria dito: “Aconteça o que acontecer, não fujam no sábado, mas permaneçam, ainda que morram por causa disso”. Nós não devemos cometer o menor pecado para escapar ao maior problema. Mas isto sugere, da mesma maneira, que é muito desagradável que um bom homem seja privado de qualquer obra de necessidade por causa do serviço solene e da adoração a Deus. Nós devemos orar para que possamos ter “sábados” tranqüilos e despreocupados, não tendo nenhum outro trabalho no dia que consagramos à oração e à adoração ao Senhor. Assim poderemos nos preocupar com o Senhor, sem distrações. Era desejável, se eles tivessem que fugir, que pudessem ter o benefício e o consolo de um sábado para ajudá-los a suportar as suas cargas. Fugir no inverno é incômodo para o corpo, mas fugir no sábado é incômodo para a alma; ainda mais quando alguém se lembra dos dias passados, como no Salmo 42.4.

3. Os grandes problemas que se seguiriam imediatamente (v. 21): “Haverá, então, grande aflição”; então, quando a medida da iniqüidade está completa; então, quando os servos de Deus estão selados e protegidos, então vem os problemas. Nada pode ser feito contra Sodoma até que Ló tenha chegado a Zoar, e então podemos procurar fogo e enxofre imediatamente. “Haverá, então, grande aflição”. Grande, realmente, quando dentro da cidade as pragas e a fome se enfureceram, e (pior do que qualquer coisa) houve facção e divisão, de modo que a espada de cada homem estava contra o seu companheiro. Foi então, e ali, que as mãos das mulheres desprezíveis esfolaram os seus próprios filhos. Fora da cidade, estava o exército romano, pronto para engoli-los, com uma ira especial contra eles, não somente como judeus, mas como judeus rebeldes. A guerra foi o único dos três julgamentos dolorosos de que Davi foi isento. Mas seria isso o que destruiria os judeus. E houve fome e pestes extremas, além da guerra. A obra *History of the Wars of the Jews* (História das Guerras dos Judeus), de Josefo, contém mais passagens trágicas do que, talvez, qualquer outra história.

(1) Foi uma desolação incomparável, “como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais”. Muitas cidades e reinos foram desolados, mas nenhum com uma desolação como essa. Os pecadores ousados não devem pensar que Deus fez o pior que podia fazer. Ele pode aquecer a fornalha sete vezes e ainda outras sete vezes mais quente, e o fará, quando vir abominações maiores e ainda maiores. Os romanos, quando destruíram Jerusalém, estavam destituídos da honra e da virtude dos seus ancestrais, o que tornou as suas vitórias mais fáceis de serem obtidas. E a determinação e teimosia dos próprios judeus contribuíram muito para o aumento da tribulação. Não é de admirar que a destruição de Jerusalém tenha sido uma destruição sem paralelos, quando o pecado de Jerusalém foi um pecado sem paralelos – a crucificação de Cristo por eles. Quanto mais próximo alguém está de Deus, em profissão de fé e privilégios, maior e mais grave será o julgamento divino sobre tal pessoa, se usar mal os seus privilégios, e for falso à sua profissão de fé (Am 3.2).

(2) Foi uma desolação que, se continuasse por muito tempo, seria intolerável, de modo que “nenhuma carne se salvaria” (v. 22). A morte chegaria tão triunfante, de tantas maneiras funestas, e com tantos ajudantes, que não haveria como escapar, mas, em algum momento, todos seriam mortos. Aquele que escapasse a uma espada, cairia por outra (Is 24.17,18). A estimativa que Josefo faz daqueles que foram mortos em diversos lugares soma mais de dois milhões de pessoas. “Nenhuma carne se salvaria”. Ele não diz: “Nenhuma alma se salvaria”, pois a destruição da carne pode ser “para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”. Mas a vida temporal será sacrificada com tal profusão, que se poderia pensar que, se isto durasse algum tempo, o fim seria completo.

Mas há uma palavra de consolo em meio a todo este terror – que, “por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias”, não significa menos do que Deus tinha determinado (pois “o que está determinado será derramado sobre o assolador”, Dn 9.27), porém menos do que Ele poderia ter decretado, se Ele tivesse lidado com eles de acordo com os seus pecados. Menos do que o inimigo teria desejado, pois ele teria eliminado a todos, se Deus, que o usa para servir aos seus próprios objetivos, não tivesse contido a sua ira. Menos do que teria imaginado alguém que julga de acordo com as probabilidades humanas. Observe que: [1] Em tempos de calamidade geral, Deus manifesta o seu favor aos eleitos remanescentes; as

suas jóias, que Ele então irá reunir; o seu tesouro particular, que Ele irá proteger, quando os restos forem abandonados aos espoliadores. [2] A abreviação das calamidades é uma benignidade que Deus freqüentemente concede para o bem dos eleitos. Em vez de reclamar que as nossas aflições duram tanto tempo, se nós levarmos em consideração nossos defeitos, veremos motivos para sermos gratos porque elas não duram para sempre; quando as coisas estão ruins para nós, é conveniente que digamos: “Bendito seja Deus, porque não são piores. Bendito seja Deus, porque isto não é uma desgraça infernal, interminável e irremediável”. Foi uma igreja aflita que disse: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos”, e isto ocorre para o bem dos eleitos, para que o seu espírito não caia antes deles (se Ele desejasse combater para sempre), e para que eles não sejam tentados a oferecer as suas mãos, se não o seu coração, à iniqüidade.

E então vem o aviso repetido, que já foi apresentado antes, de tomar cuidado para não se deixar enganar por falsos Cristos e falsos profetas (v. 23ss.), que lhes prometeriam a libertação, como os profetas mentirosos da época de Jeremias (Jr 14.13; 23.16,17; 27.16; 28.2), mas os iludiriam. Os tempos de grande tribulação são tempos de grandes tentações, e por isso nós precisamos dobrar a nossa guarda. Se disserem: “Eis que o Cristo está aqui ou ali”, e irá nos libertar dos romanos, “não lhe deis crédito”, isto são apenas palavras. Tal libertação não deve ser esperada, e tampouco tal libertador.

VII O Senhor Jesus lhes prediz a repentina propagação do Evangelho no mundo, próxima a essa época de grandes eventos (vv. 27,28): “Assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem”. Isto surge aqui como um antídoto contra o veneno desses enganadores, que diziam: “Eis que o Cristo está aqui ou ali”; compare com Lucas 17.23,24: “Não vades, nem os sigais, porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do Homem no seu dia”.

1. Isto parece, primeiramente, referir-se à sua vinda para estabelecer o seu reino espiritual no mundo. Onde o Evangelho veio com a sua luz e o seu poder, ali veio o Filho do Homem, e de uma maneira bastante contrária à dos enganadores e falsos Cristos, que vinham se infiltrando no deserto, ou nas casas (2 Tm 3.6). Cristo vem, não com “espírito de temor, mas de

fortaleza, e de amor, e de moderação". O Evangelho seria notável por duas coisas:

(1) A sua rápida pregação. Ele voará como o relâmpago; assim o Evangelho será pregado e propagado. O Evangelho é luz (Jo 3.19), e neste aspecto, não é como o relâmpago, que é um brilho repentino, e já se vai, pois ele é a luz do sol, e a luz do dia; mas é como o relâmpago nos seguintes aspectos:

[1] É uma luz vinda do céu, como o relâmpago. É Deus, e não o homem, que envia os relâmpagos, e os comanda, para que possam ir e dizer: "Eis-nos aqui" (Jó 38.35). É Deus que os envia (Jó 37.3). Para o homem, é um dos milagres da natureza, acima do seu poder de realização, e um dos mistérios da natureza, acima da sua capacidade de compreender. O relâmpago vem do céu. "Os seus relâmpagos alumiam o mundo" (Sl 97.4).

[2] É visível e evidente, como o relâmpago. Os enganadores mantinham as suas profundezas com Satanás no deserto e nas casas, afastando a luz. Os hereges eram chamados de *lucifugae – os que evitam a luz*. Mas a verdade não procura os cantos, embora algumas vezes possa ser forçada a ir até eles, como a mulher no deserto, embora "vestida do sol" (Ap 12.1,6). Cristo pregava o seu Evangelho abertamente (Jo 18.20), e os seus apóstolos, "sobre os telhados" (cap. 10.27), não "em qualquer canto" (At 26.26). Veja Sl 98.2.

[3] O Evangelho foi repentino e surpreendeu o mundo, como o relâmpago. Os judeus realmente tinham tido predições sobre ele, mas para os gentios ele foi completamente inesperado, e veio sobre eles com uma energia incalculável, por mais prevenidos que estivessem. Foi uma luz vinda das trevas (cap. 4.16; 2 Co 4.6). Nós lemos sobre as armas sendo dissipadas pelos raios (2 Sm 22.15; Sl 144.6). Os poderes das trevas foram dissipados e vencidos pelo relâmpago do Evangelho.

[4] Ele se propaga por todos os lugares, e de maneira rápida e irresistível, como o relâmpago, que surge, supõe-se, do leste (está escrito que Cristo sobe "da banda do sol nascente", ou seja, do leste, Ap 7.2; Is 41.2), em direção ao oeste. A propagação do cristianismo a tantos países distantes, de diversas línguas, com instrumentos tão improváveis, destituído de todas as vantagens seculares, e enfrentando tanta oposição, e em tão pouco tempo, foi um dos maiores milagres que já se realizou para a sua confirmação. Aqui estava Cristo sobre o seu cavalo branco, sugerindo rapidez, além de

força, e prosseguindo, “saiu vitorioso e para vencer” (Ap 6.2). A luz do Evangelho nasceu com o sol e prosseguiu com ele, para que os seus raios chegassem “aos confins do mundo” (Rm 10.18). Compare com Sl 19.3,4. Embora ele fosse combatido, ele nunca poderia ficar confinado a um deserto, ou a uma casa, como estavam os enganadores; mas dessa maneira, de acordo com o que disse Gamaliel, provou que era de Deus, que não poderia ser desfeito (At 5.38,39). Cristo fala de mostrar-se até o ocidente, porque ele se propagou mais efetivamente naqueles países que estão ao oeste de Jerusalém, como observa o Sr. Herbert, na sua igreja militante. Com que rapidez a luz do Evangelho alcançou a ilha da Grã-Bretanha! Tertuliano, que escreveu no século II, observa isto: *Britannorum in accessa Romanis loca, Christo tamen subdita – A estabilidade da Grã-Bretanha, embora inacessível aos romanos, foi ocupada por Jesus Cristo.* Esta foi uma obra do Senhor.

(2) Outra coisa notável a respeito do Evangelho era o seu estranho sucesso naqueles lugares onde ele se propagou. Ele reunia multidões, não por nenhuma compulsão externa, mas como se fosse por um instinto, uma tendência natural, como a que traz as aves de rapina às suas presas, “pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias” (v. 28), e onde Cristo é pregado, as almas se reúnem para ouvir. Alguém poderia pensar que a ascensão de Cristo, deixando a terra, e a pregação do Cristo crucificado deveriam afastar todos os homens do Senhor. Porém, ocorrerá o contrário. Ele atrairá todos a si (Jo 12.32), de acordo com a profecia de Jacó, “e a ele se congregarão os povos” (Gn 49.10). Veja Is 60.8. As águias estarão onde o cadáver estiver, pois ele é alimento para elas, é um banquete para elas; “onde há mortos, ela aí está” (Jó 39.30). Sabe-se que as águias possuem uma estranha astúcia e prontidão de olfato para encontrar a presa, e se lançam a ela rapidamente (Jó 9.26). Assim, aqueles cujos espíritos Deus estimula serão efetivamente atraídos a Jesus Cristo, para se alimentarem dele. Para onde deve ir a águia, a não ser para a presa? Para onde deve ir a alma, a não ser para Jesus Cristo, que tem “as palavras de vida eterna”? As águias irão distinguir o que é adequado para elas daquilo que não o é; assim também, aqueles que têm os sentidos espirituais treinados, irão diferenciar a voz do bom Pastor daquela de um malfeitor ou ladrão. Os santos estarão onde o Cristo verdadeiro está, e não onde estão os falsos Cristos. Isto se aplica ao desejo pela presença de Cristo e pela comunhão com Ele, que

estão em cada alma. Onde Ele estiver, em suas atividades, ali os seus servos deverão decidir ficar. Um princípio vivo de graça é um tipo de instinto natural que está em todos os santos, e que os atrai a Cristo para que se alimentem dele.

2. Alguns interpretam esses versículos como referindo-se à vinda do Filho do Homem para destruir Jerusalém (Ml 3.1,2,5). Naquele evento, houve uma exibição tão extraordinária de poder e justiça divinos, que ele é chamado de vinda de Cristo.

Aqui se sugerem duas coisas a este respeito:

(1) Que para a maioria das pessoas isso seria tão inesperado como um relâmpago, que, na verdade, avisa do trovão que o segue, mas é surpreendente por si só. Os enganadores dizem: “Eis que o Cristo está aqui”, para nos libertar; ou: Ele está ali, como se fosse um ser criado pelos seus próprios caprichos. Mas antes que eles se dêem conta, a ira do Cordeiro, o Cristo verdadeiro, os prenderá, e eles não conseguirão escapar.

(2) Que isso pode ser tão esperado quanto o vôo da águia até os cadáveres. Embora eles se afastem do dia do mal, ainda assim a desolação virá tão certamente quanto as aves de rapina voam até um cadáver, que está exposto, em campo aberto. [1] Os judeus eram tão corruptos e degenerados, tão vis e maldosos, que tinham se tornado um cadáver, detestáveis ao justo julgamento de Deus; eles também eram tão facciosos e sediciosos, e provocavam tanto os romanos, de tantas maneiras, que eles tinham se tornado ofensivos aos seus rancores, e eram uma presa convidativa para eles. [2] Os romanos eram como uma águia, e a insígnia dos seus exércitos era uma águia. Diz-se que o exército dos caldeus voou “como águias que se apressam à comida” (Hc 1.8). A destruição da Babilônia do Novo Testamento é representada por um chamado às aves de rapina, para que comessem e se banqueteassem da carne dos mortos (Ap 19.17,18). Conhecidos malfeitores terão os seus olhos devorados pelos “pintãos da águia” (Pv 30.17); os judeus serão presos, mortos e não serão sepultados (Jr 7.33; 16.4). [3] Os judeus não poderão se proteger dos romanos, assim como um cadáver não pode se proteger das águias. [4] A destruição encontrará os judeus onde eles estiverem, da mesma maneira como as águias sentem o odor da sua presa. Note que quando um povo, pelo seu pecado, se transforma em cadáver, pútrido e repulsivo, nada se pode esperar, exceto que Deus envie águias, para devorá-lo e destruí-lo.

3. Isso é bastante aplicável ao dia do juízo, à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo nesse dia, e à "nossa reunião com Ele" (2 Ts 2.1). Veja aqui:

(1) Como Ele virá: "Como o relâmpago". Já era chegada a sua hora de passar "deste mundo para o Pai". Por isso, aqueles que procuram Cristo não devem ir ao deserto, nem ao interior das casas, nem ouvir a qualquer pessoa que faça um sinal com o dedo, convidando-os a uma visão de Cristo; mas devem olhar para cima, pois "a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador" (Fp 3.20). Ele virá "com as nuvens", como faz o relâmpago, "e todo olho o verá", pois se diz que é natural que todas as criaturas vivas voltem os seus rostos em direção ao relâmpago (Ap 1.7). Cristo irá aparecer para todo o mundo, de uma extremidade do céu até a outra; nada poderá se esconder da luz e do calor daquele dia.

(2) Como os santos se reunirão a Ele. Da mesma maneira como as águias se aproximam do cadáver, por instinto natural e com a maior rapidez e diligência imagináveis. Os santos, quando forem levados até a glória, serão levados "sobre asas de águias" (Êx 19.4), e sobre asas de anjos. Eles "subirão com asas como águias", e, como elas, renovarão a sua juventude.

VIII Jesus prediz a sua segunda vinda, no final dos tempos (vv. 29-31): "O sol escurecerá" etc.

1. Alguns entendem que isso se refere somente à destruição de Jerusalém e da nação judaica. O escurecimento do sol, da lua e das estrelas sugere o eclipse da glória naquela nação, as suas convulsões e a confusão geral que acompanhou tal desolação. Grandes mortes e devastação eram assim anunciadas no Antigo Testamento (como em Is 13.10; 34.4; Ez 32.7; Jl 2.31); ou o sol, a luz e as estrelas podem significar o Templo, Jerusalém e as cidades de Judá, que seriam todos destruídos. O "sinal do Filho do Homem" (v. 30) significa uma manifestação notável do poder e da justiça do Senhor Jesus, vingando o seu próprio sangue naqueles que lançaram a culpa sobre si mesmos, e sobre seus filhos; e o ajuntar dos "seus escolhidos" (v. 31) significa a libertação dos remanescentes desse pecado e dessa destruição.

2. Mas isso parece se referir mais à segunda vinda de Cristo. A destruição dos inimigos particulares da igreja é típica da derrota completa de todos eles; portanto, o que realmente acontecerá naquele grande dia pode ser aplicado metaforicamente a essas destruições. Mas nós precisamos prestar atenção ao seu escopo principal. E se todos nós estivermos de acordo em

esperar a segunda vinda de Cristo, que necessidade haverá de atribuir significados tão tensos, como fazem alguns, a esses versículos, que falam dela com tanta clareza, e também a outras passagens das Escrituras, especialmente quando Cristo está aqui respondendo a uma pergunta sobre a sua vinda no fim do mundo? Cristo nunca teve receio de falar sobre este assunto com os seus discípulos.

A única objeção a isso é o fato de que está dito que a segunda vinda acontecerá "logo [ou imediatamente] depois da aflição daqueles dias"; mas, quanto a isso: (1) É normal, no estilo profético, falar de coisas grandiosas e certas como estando próximas, somente para expressar a sua grandeza e certeza. Enoque falou da segunda vinda de Cristo como algo ao seu alcance: "Eis que é vindo o Senhor" (Jd 14). (2) "Um dia para o Senhor é como mil anos" (2 Pe 3.8). A Palavra de Deus nos traz uma urgente exortação sobre esse dia, que também pode ser interpretado como estando muito próximo. A tribulação daqueles dias inclui não apenas a destruição de Jerusalém, mas todas as outras tribulações que a igreja deve enfrentar; não apenas a sua cota nas calamidades que as nações sofreriam, mas também as que seriam peculiares a ela mesma. Enquanto as nações estiverem destroçadas com as guerras, e as igrejas com cismas, ilusões e perseguições, nós não podemos dizer que a tribulação daqueles dias esteja terminada; toda a situação da igreja na terra é militante, e nós devemos confiar nisso; mas quando a tribulação da igreja estiver terminada, a sua peleja, concluída, e a luta e os sofrimentos de Cristo tiverem se cumprido, então poderemos esperar pelo fim.

A respeito da segunda vinda de Cristo, aqui está predito:

[1] Que haverá uma transformação nas coisas criadas, grande e surpreendente, e particularmente nos corpos celestes (v. 29). "O sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz". A lua brilha com uma luz emprestada, e, portanto, se o sol, de quem ela toma emprestada a sua luz, se escurecer, ela naturalmente fracassará, e falirá. "As estrelas cairão do céu"; elas perderão a sua luz, e desaparecerão, e será como se elas tivessem caído; e "as potências dos céus serão abaladas". Isto sugere:

Em primeiro lugar, que haverá uma grande mudança, para fazer novas todas as coisas. Então haverá a "restauração de tudo", quando os céus não serão deixados de lado como um trapo, mas serão mudados como uma veste, para serem usados em uma maneira melhor (Sl 102.26). Eles

“passarão com grande estrondo”, para que possa haver “novos céus” (2 Pe 3.10-13).

Em segundo lugar, será uma mudança visível, e todo o mundo deverá percebê-la; pois um escurecimento assim, do sol e da lua, não pode deixar de ser notado; e será uma mudança notável, pois os corpos celestiais não são tão sujeitos a alterações como o são as criaturas deste mundo inferior. Os dias do céu e a continuidade do sol e da lua são usados para expressar o que é duradouro e imutável (como em Sl 89.29); ainda assim, eles serão abalados.

Em terceiro lugar, haverá uma transformação universal. Se o sol escurecer, e as potências do céu forem abaladas, a terra não poderá deixar de se transformar em uma masmorra, e a sua fundação tremerá. “Gemei, faias, porque os cedros caíram”. Quando as estrelas do céu caírem, as pessoas não deverão se espantar se os “montes perpétuos” se esmiuçarem, e se “outeiros eternos” se encurvarem. A natureza irá sustentar um choque e uma convulsão gerais, que não serão obstáculos para a alegria do céu e o regozijo da terra “ante a face do Senhor”, quando vier a “julgar a terra” (Sl 96.11,13). Eles estarão como se houvesse glória na tribulação.

Em quarto lugar, o escurecimento do sol, da lua e das estrelas, que foram criados para governar o dia e a noite (que é o primeiro domínio que encontramos de cada criatura, Gn 1.16-18), significa a aniquilação de “todo império e toda potestade e força” (mesmo aqueles que parecem ser bastante antigos e muito úteis), para que o reino possa ser entregue a Deus Pai, e “para que Deus seja tudo em todos” (1 Co 15.24,28). O sol escureceu por ocasião da morte de Cristo, pois aquele acontecimento foi, de certa maneira, “o juízo deste mundo” (Jo 12.31), um indício do que acontecerá no juízo final.

Em quinto lugar, a gloriosa aparição do nosso Senhor Jesus, que então irá se mostrar como o resplendor da glória de seu Pai, e a expressa imagem da sua pessoa”, irá escurecer o sol e a lua, assim como o brilho de uma vela fica mais fraco sob os raios do sol do meio-dia; eles não terão glória, “por causa desta excelente glória” (2 Co 3.10). Então “a lua se envergonhará, e o sol se confundirá”, quando Deus aparecer (Is 24.23).

Em sexto lugar, o sol e a lua escurecerão, porque não haverá mais lugar para eles. Para os pecadores, que escolhem a sua parte nesta vida, todo consolo será negado eternamente. Eles não terão nem uma gota d’água, e

nem um raio de luz. Agora Deus faz com que o seu sol se erga sobre a terra, mas então: *Interdico tib sole et luna – Eu proíbo que vocês recebam a luz do sol e da lua.* As trevas devem ser a parte deles. Aos santos, que preferiram ter o seu tesouro no céu, será dada tal luz de alegria e consolo, que irá exceder a luz do sol e da lua; a luz do sol e da lua serão inúteis. Que necessidade haverá de lâmpadas, quando formos para junto da Fonte da luz, sim, para junto do Pai das luzes? Veja Is 60.19; Ap 22.5.

[2] Que quando aparecer "no céu o sinal do Filho do Homem" (v. 30), ou seja, o próprio Filho do Homem, eles "verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu". Na sua primeira vinda, Ele foi posto para "sinal que é contraditado" (Lc 2.34), mas na sua segunda vinda, um sinal que será admirado. Ezequiel era um filho do homem, dado por sinal (Ez 12.6). Alguns interpretam isto como uma predição dos anunciadores e precursores da sua vinda, avisando da sua chegada: Uma luz brilhante diante dele, e o fogo consumidor (Sl 50.3; 1 Rs 19.11,12), os raios de luz saindo de sua mão, onde, durante muito tempo, havia sido o esconderijo da sua força (Hc 3.4). É um conceito infundado de alguns dos antigos, que este sinal do Filho do Homem seja o sinal da cruz, exibido como uma bandeira. Certamente será um sinal claramente convincente, que irá eliminar a infidelidade, e encherá de vergonha os rostos dos que diziam: "Onde está a promessa da sua vinda?"

[3] Que então "todas as tribos da terra se lamentarão" (v. 30). Veja Apocalipse 1.7. "Todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele"; entre todas as tribos e famílias da terra, algumas se lamentarão, pois a maior parte irá tremer com a sua chegada, enquanto os restantes, os eleitos, tanto das famílias como das tribos, irão levantar as cabeças com alegria, sabendo que a sua redenção se aproxima, e também o seu Redentor. Observe que, mais cedo ou mais tarde, todos os pecadores se lamentarão. Os pecadores penitentes confiam em Cristo, e choram por uma sorte piedosa; e aqueles que semeiam com lágrimas, em breve irão colher com alegria. Os pecadores impenitentes verão aquele a quem traspassaram, e embora riam agora, irão chorar e lamentar por uma sorte diabólica, com horror e desespero intermináveis.

[4] Que "verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória". Considere, em primeiro lugar, que o juízo do grande dia será confiado ao Filho do Homem, tanto para a sua realização quanto

como recompensa da sua grande missão por nós, como Mediador (Jo 5.22,27). Em segundo lugar, que o Filho do Homem, naquele dia, virá "sobre as nuvens do céu". Grande parte do relacionamento perceptível entre o céu e a terra se dá pelas nuvens; elas estão entre eles como o *medium participationis – o meio de participação*, atraídas da terra para o céu, purificadas pelo céu, e posicionadas sobre a terra. Cristo ascendeu ao céu sobre uma nuvem, e de igual maneira virá outra vez (At 1.9,11). "Eis que vem com as nuvens" (Ap 1.7). As nuvens serão o carro do grande Juiz (Sl 104.3), a sua roupa (Ap 10.1), o seu pavilhão (Sl 18.11), o seu trono (Ap 14.14). Quando o mundo foi destruído pela água, o julgamento veio nas nuvens dos céus, pois as janelas dos céus se abriram; assim será, também, quando ele for destruído pelo fogo. Cristo andou diante de Israel em uma nuvem, que tinha um lado resplandecente e outro escuro. Assim também será a nuvem em que Cristo virá no grande dia. Ela trará tanto consolo quanto terror. Em terceiro lugar, que Ele virá "com poder e grande glória". A sua primeira vinda ocorreu em fraqueza e grande simplicidade (2 Co 13.4). Mas a sua segunda vinda será com poder e glória, em conformidade com a dignidade da sua pessoa e também com os objetivos da sua vinda. Em quarto lugar, que Ele será visto com olhos físicos, na sua vinda. Portanto, o Filho do Homem será o Juiz, para que Ele possa ser visto, para que fiquem ainda mais confusos os pecadores, que o verão como Balaão viu, "mas não de perto" (Nm 24.17). Eles o verão, mas não como seu. Isto se acrescenta ao tormento daquele pecador condenado que "viu ao longe Abraão". "É este aquele que nós desprezamos, e rejeitamos, e contra quem nos rebelamos? Aquele que nós crucificamos? Aquele que podia ter sido o nosso Salvador, mas será o nosso inimigo para sempre?" O "Desejado de todas as nações" será, então, o seu temor.

[5] Que "ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta" (v. 31). Considere, em primeiro lugar, que os anjos serão os ajudantes de Cristo na sua segunda vinda, eles são chamados de "seus anjos", o que prova que Ele é Deus, e Senhor dos anjos; eles deverão auxiliá-lo. Em segundo lugar, que estes ajudantes serão empregados por Ele como oficiais no tribunal do julgamento daquele Dia. Eles agora são "espíritos ministradores", enviados por Ele (Hb 1.14), e será assim naquela ocasião. Em terceiro lugar, que a sua ministração será iniciada com um "rijo clamor de trombeta", para despertar e alarmar um mundo adormecido. Esta trombeta é mencionada em

1 Coríntios 15.52 e 1 Tessalonicenses 4.16. Quando a lei foi entregue, no monte Sinai, o som da trombeta foi particularmente terrível (Êx 19.13, 16), mas será muito mais terrível no grande Dia. Pela lei, as trombetas deviam ser tocadas para a "convocação da congregação" (Nm 10.2), para louvar a Deus (Sl 81.3), na oferta de sacrifícios (Nm 10.10) e ao proclamar o ano do jubileu (Lv 25.9). Portanto, é muito adequado que haja o som de uma trombeta no último dia, quando a congregação geral será convocada, quando os louvores a Deus serão gloriosamente celebrados, quando os pecadores cairão, como sacrifícios à justiça divina, e quando os santos entrarão no seu eterno jubileu.

[6] Que se ajuntarão "os seus escolhidos desde os quatro ventos". Observe que na segunda vinda de Jesus Cristo, haverá uma congregação geral de todos os santos. Em primeiro lugar, somente os "escolhidos" se ajuntarão, os eleitos remanescentes, que são poucos, em comparação com os muitos que são apenas chamados. Este é o fundamento da felicidade eterna dos santos, o fato de que são os eleitos de Deus. O dom do amor segue, por toda a eternidade, as características do amor que existe desde a eternidade. E "o Senhor conhece os que são seus". Em segundo lugar, os anjos serão empregados para ajuntá-los, como servos de Cristo, e como amigos dos santos; nós conhecemos a tarefa que lhes foi dada (Sl 50.5). "Congregai os meus santos"; na verdade, será dito a eles: *Habetis fratres – Estes são seus irmãos*; pois os eleitos "são iguais aos anjos" (Lc 20.36). Em terceiro lugar, eles se ajuntarão "de uma à outra extremidade dos céus". Os eleitos de Deus estão dispersos (Jo 11.52). Há eleitos em todos os lugares, em todas as nações (Ap 7.9); mas quando chegar o dia desse grande ajuntamento, nenhum deles estará faltando. A distância física não manterá ninguém fora do céu, se a distância afetiva não o fizer. *Undique ad coelos tantundem est viae – O céu é igualmente acessível de qualquer lugar.* Veja Mateus 8.11; Isaías 43.6; 49.12.

A Parábola da Figueira. Predições Terríveis. O Dever da Vigilância. O Bom e o Mau Administrador

vv. 32-51

Aqui temos a aplicação prática da predição anterior. De maneira geral, nós devemos esperar e estar preparados para os eventos aqui preditos.

I Nós devemos esperá-los. "'Aprendei, pois, esta parábola da figueira' (vv. 32,33). Agora aprendei que uso fazer das coisas que ouvistes; observai e conhecei os sinais dos tempos, comparando-os com as predições da Palavra, para, a partir daqui, poderem prever o que está à porta, para que possais prover de maneira adequada". A parábola da figueira nada mais é que isso, o seu germinar e o seu florescer são um presságio do verão; pois assim como as cegonhas no céu, também as árvores no campo conhecem o seu tempo. O início da realização das causas secundárias nos assegura do seu progresso e da sua perfeição. Assim, quando Deus começa a cumprir profecias, Ele alcança o seu objetivo. Existe uma série determinada nas obras da providência, assim como existe nas obras da natureza. Os sinais dos tempos são comparados com os prognósticos da "face do céu" (cap. 16.3), e também aqui, com os da face da terra – quando ela se renova, nós prevemos que o verão se aproxima, não imediatamente, mas depois de algum tempo. Quando "os ramos se tornam tenros", nós podemos esperar, por exemplo, os ventos de março e as chuvas de abril em nosso país, antes da vinda do verão. No entanto, temos a certeza de que o verão se aproxima. Da mesma maneira, nós podemos confiar que quando o dia do Evangelho amanhecer, por meio dessa variedade de eventos que o Senhor nos revelou, o dia perfeito virá. As coisas reveladas devem acontecer em breve (Ap 1.1). Elas devem acontecer na sua própria ordem, na ordem indicada para elas. "Sabei que ele está próximo". Jesus não diz aqui o que está próximo, mas é aquilo que está nos corações dos seus discípulos, e sobre o que eles fazem perguntas, e pelo que anseiam. O Reino de Deus está próximo, como está dito na passagem paralela (Lc 21.31). Note que quando as árvores da justiça começam a brotar e florescer, quando o povo de Deus promete fidelidade, é um feliz presságio de bons tempos. Neles, Deus inicia a sua obra, preparando primeiro os seus corações. E então Ele prosseguirá com o seu plano; pois, no que diz respeito a Deus, a sua obra é perfeita, e Ele a avivará no meio dos anos.

Quanto aos eventos preditos aqui, temos algo a esperar.

1. Cristo nos assegura aqui da certeza desses acontecimentos (v. 35): "O céu e a terra passarão". Eles ainda continuam a existir em nossos dias, de

acordo com as ordens de Deus; mas não continuarão para sempre (Sl 102.25,26; 2 Pe 3.10). “Mas as minhas palavras não hão de passar”. Note que a palavra de Cristo é mais confiável e duradoura do que o céu e a terra. “Diria ele e não o faria?” Nós podemos edificar com mais segurança sobre a palavra de Cristo do que sobre as colunas do céu, ou as fortes fundações da terra; pois quando elas estiverem trêmulas e cambaleantes, e não existirem mais, a palavra de Cristo ainda permanecerá, e estará em pleno vigor, em plena força e virtude (veja 1 Pe 1.24,25). É mais fácil o céu e a terra passarem do que alguma letra da palavra de Cristo não se cumprir (Lc 16.17. Compare com Is 54.10). O cumprimento dessas profecias pode parecer ter sido atrasado, e os eventos intervenientes podem parecer não estar em conformidade com elas, mas não pense que por isso a Palavra de Deus terá desmoronado, pois ela nunca passará; mesmo que ela não se cumpra, nem na época ou da maneira como prescrevemos; ainda assim, no tempo de Deus, que é o melhor tempo, e da maneira de Deus, que é a melhor maneira, certamente ela se cumprirá. Cada palavra de Cristo é muito pura, e, conseqüentemente, muito confiável.

2. O Senhor Jesus os instrui aqui quanto à época em que essas coisas aconteceriam (vv. 34,36). Quanto a isso, o sábio Grotius bem observa que existe uma distinção evidente feita entre *tauta* (v. 34) e *ekeine* (v. 36), “essas coisas” e “daquele dia e hora”, o que irá ajudar a esclarecer essa profecia.

(1) Quanto a essas coisas, as guerras, os enganos e as perseguições aqui preditos, e em particular, a destruição da nação judaica: ‘“Não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam’ (v. 34). Há aqueles que agora estão vivos que verão Jerusalém destruída, e o fim da instituição judaica”. Como isso poderia parecer estranho, o Senhor apóia este fato com uma afirmação solene. ‘“Em verdade vos digo’. Vós tendes a minha Palavra; estas coisas estão às portas”. Cristo freqüentemente fala da proximidade daquela desolação, para tocar as pessoas e estimulá-las a se prepararem para ela. Pode haver provações e dificuldades diante de nós, na nossa época, maiores do que estamos cientes. Os mais velhos não sabem que filhos de Anaque podem estar reservados para os seus próprios encontros.

(2) “Porém daquele Dia e hora” que porá um fim no tempo, “ninguém sabe” (v. 36). Por isso, tomem cuidado para não confundir estes dias, como

eles faziam, baseando-se nas palavras de Cristo e nas epístolas dos apóstolos,inferindo que o dia de Cristo já estava perto (2 Ts 2.2). Não, não estava; esta geração e muitas outras irão passar antes que cheguem aquele dia e aquela hora. Observe: [1] Existe um determinado dia e hora para o julgamento que há de vir; ele é chamado de Dia do Senhor, porque é fixado de maneira imutável. Nenhum dos julgamentos de Deus é adiado *sine die – sem a fixação de um dia determinado.* [2] Este dia e esta hora são um grande segredo.

Prudens futuri temporis exitum
Caliginosa nocte premit Deus.
Mas o céu prudentemente escondeu da vista humana
Os decretos obscuros do destino futuro,
E semeou as suas sementes na profundeza das noites. – Horácio.

Nenhum homem o sabe; nem o mais sábio, pela sua sagacidade, nem o melhor, por qualquer descoberta divina. Todos nós sabemos que haverá este dia, mas ninguém sabe quando isso acontecerá; nem os anjos, embora a sua capacidade de conhecimento seja grande, e as suas oportunidades de terem essa informação sejam vantajosas (eles habitam na fonte de luz), e embora eles devam ser empregados na solenidade daquele dia, nem por isso sabem quando será: “ninguém sabe,... mas unicamente meu Pai”. Este é um dos segredos que pertencem ao Senhor, nosso Deus. A incerteza da ocasião da vinda de Cristo é, para aqueles que são vigilantes, um cheiro de vida para vida, e os torna ainda mais vigilantes; mas para aqueles que são descuidados, é um cheiro de morte para morte, e os torna ainda mais descuidados.

II Para essa finalidade, nós devemos esperar esses eventos: para que possamos nos preparar para eles, e aqui temos um aviso contra a segurança e a sensualidade, que farão dele um dia realmente funesto para alguns (vv. 37-41). Nesses versículos, nos é dada uma idéia do Dia do Juízo, que pode servir para nos chocar e despertar, para que não durmamos, como os outros.

Será um dia surpreendente, e um dia separador.

1. Será um dia surpreendente, como o dilúvio foi para o mundo antigo (vv. 37-39). O que Ele pretende descrever aqui é a postura do mundo com a vinda do Filho do Homem. Além da sua primeira vinda, para salvar, Ele tem outra vinda, para julgar. Ele disse (Jo 9.39): “Eu vim a este mundo para juízo”; e para juízo Ele virá, pois todo julgamento foi confiado a Ele, tanto o da Palavra quanto o da espada.

Isto se aplica:

(1) A julgamentos temporais, particularmente àquele que então se precipitava sobre a nação e o povo judeus. Embora eles tivessem recebido muitos avisos, e tivesse havido muitos prodígios que eram presságios desse juízo, ainda assim ele os encontrou seguros, gritando: “Paz e segurança” (1 Ts 5.3). O cerco a Jerusalém foi realizado por Tito, quando era Páscoa e eles estavam em meio à sua felicidade. Como os homens de Laís, eles viviam despreocupados quando a destruição os atacou (Jz 18.7,27). A destruição da Babilônia, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, surge quando ela disse: “Eu serei senhora para sempre” (Is 47.7-9; Ap 18.7). Por isso as pragas vêm em um momento, em um dia. Observe que a incredulidade dos homens não tornará as ameaças de Deus sem efeito.

(2) Ao juízo eterno; assim é chamado o julgamento do Grande Dia (Hb 6.2). Embora Enoque tenha dado avisos, ainda assim, quando ele vier, será inesperado para a maioria dos homens. Os últimos dias, que são mais próximos daquele dia, irão produzir escarnecedores que dirão: “Onde está a promessa da sua vinda?” (2 Pe 3.3,4; Lc 18.8). Assim será quando o mundo que existe agora for destruído pelo fogo; pois assim foi, quando o mundo antigo, tendo sido inundado com água, pereceu (2 Pe 3.6,7). Cristo mostra então qual era o espírito e a postura do mundo antigo, quando veio o dilúvio.

[1] Eles eram sensuais e mundanos; comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento. Não está dito que eles estavam matando, roubando, prostituindo-se e blasfemando (estes eram realmente os crimes horríveis de alguns, entre os piores; a terra estava cheia de violência), mas eles estavam, todos eles, exceto Noé, sem esperança no mundo, e sem considerar a Palavra de Deus; e isto os destruiu. Observe que a negligência universal da religião é um sintoma mais perigoso, para qualquer pessoa, do que exemplos particulares, aqui e ali, de uma ousada falta de religiosidade. Comer e beber são coisas necessárias à preservação da vida do homem;

casar-se e dar-se em casamento são coisas necessárias à preservação da humanidade. Mas, *Licitus perimus omnes – Estas coisas lícitas nos destróem,* se forem realizadas de forma ilícita. Em primeiro lugar, eles eram irracionais, desordenados e buscavam exclusivamente os prazeres dos sentidos, e os ganhos do mundo; estavam completamente domimados por essas coisas, *esan trogontes – eles estavam comendo*; quanto a essas coisas, eles viviam de uma forma elementar, como se não existissem para nenhuma outra finalidade, a não ser comer e beber (Is 56.12). Em segundo lugar, eles eram irracionais. Estavam completamente atentos ao mundo e à carne, quando a destruição estava à porta, destruição da qual tinham tido tantos avisos. Estavam comendo e bebendo, quando deveriam estar se arrependendo e orando. Deus, pelo ministério de Noé, os convocou a chorarem e a se lamentarem, para que, mais tarde, tivessem alegria e satisfação. Isto era, para eles, como depois o foi para Israel, um pecado imperdoável (Is 22.12,14), especialmente porque eles o faziam desafiando aqueles avisos, pelos quais deviam ter despertado. "'Comamos e bebamos, que amanhã morreremos'; se é preciso ter uma vida curta, que seja alegre". O apóstolo Tiago fala disso como sendo o costume geral dos judeus ricos antes da destruição de Jerusalém. Quando deviam estar chorando e pranteando por suas misérias, que sobre eles haveriam de vir, eles estavam se deleitando e cevando seus corações, como num dia de matança (Tg 5.1,5).

[2] Eles estavam seguros e despreocupados, e não o perceberam, até que veio o dilúvio (v. 39). Não o perceberam! Certamente, eles não podiam ter deixado de saber. Deus, por meio de Noé, não tinha lhes dado muitos avisos disso? Ele não os tinha convidado ao arrependimento, enquanto os aguardava em sua longanimidade? (1 Pe 3.19,20). Mas eles não o perceberam, isto é, eles não creram; eles podiam ter sabido, mas não quiseram saber. Observe que, quanto àquilo que nós conhecemos das coisas que pertencem à nossa paz eterna, se não o mesclarmos com a fé, e o aperfeiçoarmos, é como se não tivéssemos conhecido. O fato de eles não conhecerem acompanha o fato de comerem, beberem, e se casarem; pois, em primeiro lugar, eles eram sensuais, porque eram seguros. A razão pela qual as pessoas são tão ansiosas na busca, e tão envolvidas nos prazeres deste mundo, é que não conhecem, nem crêem, nem consideram a eternidade em que estão prestes a entrar. Se nós soubéssemos, de modo

adequado, que todas estas coisas em breve serão dissolvidas, e que certamente devemos sobreviver a elas, não concentraríamos nossos olhos e corações sobre elas, não tanto como o fazemos. Em segundo lugar, eles eram seguros, porque eram sensuais; eles não sabiam que o dilúvio se aproximava, porque estavam comendo e bebendo; eles estavam tão dominados pelas coisas visíveis e presentes, que não tinham tempo nem coragem para se preocuparem com as coisas não vistas, embora tivessem sido avisados delas. Assim como a segurança fortalece os homens na sua sensualidade brutal, também a sensualidade os "embala" na sua segurança carnal. Eles não o perceberam, até que veio o dilúvio. 1. O dilúvio veio, embora eles não o antevissem. Observe que aqueles que não querem aprender pela fé, aprenderão experimentando a ira de Deus, que lhes será revelada, do céu, contra a sua impiedade e injustiça. O dia do mal nunca está tão distante que os homens não possam afastá-lo ainda mais. 2. Eles não o perceberam, até que foi tarde demais para evitá-lo, como poderiam ter feito se o tivessem percebido a tempo, o que tornava tudo ainda mais lamentável. Os juízos são mais terríveis e espantosos para aqueles que se sentem seguros, e para os que zombaram deles.

Temos a aplicação disso, a respeito do mundo antigo, nas seguintes palavras: "Assim será também a vinda do Filho do Homem", isto é: (1) Nessa condição, Ele encontrará pessoas comendo e bebendo, e não esperando por Ele. Observe que a segurança e a sensualidade provavelmente serão as epidemias dos últimos dias. Todos tosquenejam e adormecem, e à meia-noite o esposo vem. Todas sem vigiar, e descansadas. (2) O Senhor virá a eles com esse poder, e com esse objetivo. Da mesma maneira como o dilúvio levou os pecadores do mundo antigo de uma forma irresistível e irrecuperável, também os pecadores seguros, que zombaram de Cristo e da sua vinda, serão levados pela ira do Cordeiro, quando vier o grande dia da sua ira, que será como a vinda do dilúvio; uma destruição da qual não se pode fugir.

2. Este será um dia separador (vv. 40,41): "Haverá dois no campo". Isto pode ser aplicado de duas maneiras:

(1) Nós podemos aplicar essa palavra ao sucesso do Evangelho, especialmente na sua primeira pregação. Ele dividiu o mundo; alguns creram nas coisas que foram ditas, e foram levados até Cristo; outros não creram, e foram abandonados para perecer na sua incredulidade. Aqueles da

mesma idade, do mesmo lugar, capacidade, emprego e condição, no mundo, que moíam no mesmo moinho, os da mesma família, aqueles que estavam unidos pelo mesmo laço de casamento – um deles será chamado, e o outro será deixado na tristeza da amargura. Essa é aquela divisão, aquele fogo de dissensão que Cristo veio trazer (Lc 12.49,51). Isso torna a graça gratuita ainda mais obrigatória do que diferenciadora; a nós, e não ao mundo (Jo 14.22), ou melhor, a nós, não àqueles que estão no mesmo campo, no mesmo moinho, na mesma casa.

Quando a destruição se abateu sobre Jerusalém, uma distinção foi feita pela Divina Providência, de acordo com o que havia sido feito anteriormente pela divina graça. Pois todos os cristãos entre eles estavam salvos de perecer naquela calamidade, por proteção especial do Céu. Se dois deles estavam trabalhando juntos no campo, e um deles era um cristão, ele era levado a um lugar de abrigo, e tinha a sua vida conservada como um despojo, ao passo que os outros eram deixados para a espada do inimigo. Se apenas duas mulheres estivessem moendo no moinho, e se uma delas pertencesse a Cristo, embora fosse apenas uma mulher, uma pobre mulher, uma serva, ela seria levada a um lugar de abrigo, e a outra seria abandonada. Assim os mansos da terra estariam escondidos no dia da ira do Senhor (Sf 2.3), fosse no céu, ou sob o céu. Observe que a preservação diferenciada, em tempos de destruição geral, é um sinal especial do favor de Deus, e assim deve ser reconhecida. Se nós estamos a salvo quando milhares caem à nossa direita e à nossa esquerda, se nós não somos consumidos quando outros o são à nossa volta, de modo que nós somos como tições arrancados do fogo, temos razão para dizer que isso é misericórdia de Deus, e uma grande misericórdia.

(2) Nós podemos aplicar isso à segunda vinda de Jesus Cristo, e à separação que se fará naquele dia. Ele havia dito anteriormente (v. 31) que os escolhidos serão reunidos. Aqui Ele nos diz que, para que isso aconteça, eles serão diferenciados daqueles que estão mais próximos a eles neste mundo; aqueles que são chamados e escolhidos são levados à glória; os demais são abandonados para que pereçam por toda a eternidade. Aqueles que dormem no pó da terra, na mesma sepultura, com as cinzas misturadas, ressuscitarão, uns para “a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno” (Dn 12.2). Esta palavra é aplicada aqui àqueles que estiverem vivos. Cristo virá de forma inesperada, encontrará as pessoas ocupadas com seus

afazeres usuais no campo e no moinho; e então, conforme sejam eles vasos de misericórdia preparados para a glória, ou vasos da ira preparados para a perdição, este fato acontecerá com eles. Um será levado para encontrar o Senhor e os seus anjos nos ares, para estar eternamente com Ele e com eles; o outro será deixado para Satanás e os seus demônios, que, depois de Cristo ter reunido os seus, varrerão o resíduo. Isto tornará a condenação dos pecadores ainda mais grave, o fato de outros serem removidos do seu meio para a glória, e eles serem deixados para trás. E isto transmite abundante consolo ao povo do Senhor. [1] Eles são humildes e desprezados no mundo, como o servo no campo, ou a mulher no moinho (Êx 11.5)? Ainda assim, eles não serão esquecidos, nem negligenciados naquele dia. Os pobres no mundo, os ricos em fé, são os herdeiros do Reino. [2] Eles estão dispersos por lugares distantes e improváveis. Onde ninguém esperaria encontrar os herdeiros da glória? No campo, no moinho? Ainda assim, os anjos os encontrarão (escondidos como Saul, quando devem ser entronizados), e dali os levarão. E é justo que se diga que eles serão mudados, pois será uma grande mudança; ir para o céu, em vez de arar e moer. [3] Eles são fracos e incapazes de se dirigirem ao céu? Eles serão levados, ou tomados, assim com Ló foi tirado de Sodoma por uma graciosa violência (Gn 19.16). Cristo nunca perderá aqueles que já são dele, aqueles de quem Ele já se apossou. [4] Eles estão misturados com outros, relacionados com eles, nas mesmas casas, sociedades, e trabalhos materiais? Que isto não desencoraje nenhum verdadeiro cristão. Deus sabe como separar o precioso do vil, o ouro e o lixo no mesmo monte, o trigo e a palha na mesma eira.

III Há aqui uma exortação geral a nós, para que vigiemos e estejamos preparados para aquele dia que se aproxima, uma exortação reforçada por diversas considerações importantes (vv. 42ss).Considere:

1. A tarefa exigida: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir...estai vós apercebidos (vv. 42,44).

(1) “Vigiai, pois” (v. 42). Observe que vigiar é o maior dever e interesse de todos os discípulos de Cristo, que devem estar e se manterem despertos, para que possam cuidar da sua vida. Assim como um estado ou comportamento pecaminoso é comparado a dormir, como estando desacordado e inativo (1 Ts 5.6), também um estado ou comportamento de graça é comparado a vigiar e despertar. Nós devemos esperar a vinda do

nosso Senhor, a nós, em particular, na nossa morte, depois da qual segue-se o juízo, que é o grande dia para nós, o fim do nosso tempo; e a sua vinda no final de todos os tempos, para julgar o mundo, o grande dia para toda a humanidade. Vigiar implica não somente em crer que o nosso Senhor virá, mas também desejar que Ele venha, estar sempre pensando na sua vinda, e procurá-la como sendo certa e próxima, embora a sua ocasião seja desconhecida. Vigiar pela vinda de Cristo é manter aquele espírito de graça e aquela disposição mental com que devemos estar desejosos de que o nosso Senhor, quando vier, nos encontre. Vigiar é estar ciente das primeiras notícias da sua chegada, para que possamos imediatamente atender às suas ordens, e nos apresentarmos ao dever de encontrá-lo. Vigiar é uma atitude que ocorre, supostamente, à noite, que é o horário de dormir; enquanto nós estivermos neste mundo, a noite estará conosco, e precisaremos nos esforçar para nos mantermos despertos.

(2) “Estai vós apercebidos também”. Nós despertaremos em vão, se não estivermos preparados. Não é suficiente procurar tais coisas; devemos, portanto, viver de forma diligente (2 Pe 3.11,14). Nós teremos o nosso Senhor, a quem deveremos acompanhar, e assim precisaremos ter as nossas lâmpadas prontas. Há uma causa para ser julgada, e nós devemos ter a nossa apelação já preparada e assinada pelo nosso Advogado; uma prestação de contas para fazer, e devemos ter as nossas contas já declaradas e equilibradas. Existe uma herança que esperamos receber, e nós devemos estar preparados, dignos de participar dela (Cl 1.12).

2. As razões que nos induzem a essa vigilância e preparação diligente para aquele dia; e são duas.

(1) Porque o dia da vinda do nosso Senhor é completamente incerto. Esta é a razão imediatamente anexa à dupla exortação (vv. 42,44), e é exemplificada por uma comparação (v. 43). Consideremos:

[1] Que não sabemos a que hora há de vir o nosso Senhor (v. 42). Nós não sabemos o dia da nossa morte (Gn 27.2). Podemos saber que temos apenas pouco tempo de vida (“O tempo da minha partida está próximo”, 2 Tm 4.6), mas não podemos saber quanto tempo teremos, pois as nossas almas estão continuamente em nossas mãos. Também não podemos saber quanto tempo de vida nos resta, pois pode acabar sendo menos do que esperávamos; muito menos sabemos o dia fixado para o grande juízo. A respeito dos dois dias, nós somos mantidos na incerteza, para que possamos, todos os dias,

esperar por aquilo que poderá vir qualquer dia; nunca podemos nos orgulhar de mais um ano (Tg 4.13), não, nem do retorno do amanhã, como se este nos pertencesse (Pv 27.1; Lc 12.20).

[2] Que Ele há de vir à hora em que não pensamos (v. 44). Embora exista tal incerteza quanto à hora, não há nenhuma incerteza quanto à sua vinda. Embora não saibamos quando Ele virá, temos plena certeza de que Ele virá. As suas palavras de despedida foram: “Certamente, cedo venho”. As suas palavras: “Certamente venho”, nos compelem a esperá-lo. As suas palavras: “Cedo venho”, nos compelem a estar sempre esperando por Ele; pois isto nos deixa numa condição de expectativa. “À hora em que não penseis”, isto é, nesta hora, quando não estão prontos nem preparados, quando nem imaginam (v. 50); ou melhor, numa hora, naquela em que a maioria consideraria improvável. O esposo veio quando as prudentes estavam dormindo. É conveniente à nossa condição atual que estejamos sob a influência de uma expectativa geral e constante, em vez da influência de presságios e prognósticos particulares, que, às vezes, somos tentados, inutilmente, a desejar e esperar.

[3] Para que os filhos deste mundo sejam, conseqüentemente, sábios na sua geração, para que, se souberem de um perigo próximo, se mantenham despertos e mantenham a sua guarda contra este. O Senhor nos mostra isso em um exemplo particular (v. 43). Se o pai de família soubesse que um ladrão viria em certa noite, e a certa vigília da noite (pois a noite era dividida em quatro vigílias, de três horas cada uma), e tentaria arrombar a sua casa, ainda que fosse a vigília da meia-noite, quando ele teria mais sono, ainda assim estaria acordado, ouviria todos os ruídos em todos os cantos, e estaria preparado para oferecer ao ladrão a resistência adequada. Embora nós não saibamos exatamente quando o nosso Senhor virá, ainda assim, sabendo que Ele virá, e que virá sem demora, e sem nenhum outro aviso além dos que Ele já deu em sua Palavra, é interesse nosso vigiar sempre. Observe, em primeiro lugar, que cada um de nós tem uma casa para manter, que está exposta; tudo o que temos está nesta casa. Esta casa é a nossa própria alma, que nós devemos conservar com toda a diligência. Em segundo lugar, o dia do Senhor vem inesperadamente, como um ladrão. Cristo decide vir quando Ele é menos esperado, para que os triunfos dos seus inimigos possam ser convertidos na maior vergonha deles, e os temores dos seus amigos se transformem na maior alegria. Em terceiro

lugar, se Cristo, quando vier, nos encontrar adormecidos e despreparados, a nossa casa será invadida e nós perderemos tudo o que tivermos, não injustamente, para um ladrão, mas por um processo justo e legal. A morte e o juízo tomarão tudo o que os despreparados tiverem, para seu prejuízo irreparável e completa destruição. Por isso, devemos estar preparados; "estai vós apercebidos também"; tão preparados, em todos os momentos, como o bom homem da casa estaria à hora em que esperasse o ladrão; nós devemos vestir a armadura de Deus para que possamos não apenas permanecer naquele dia mau, mas para que, como mais que vencedores, possamos repartir os despojos.

(2) Porque o resultado da vinda do nosso Senhor será muito feliz e consolador para aqueles que forem encontrados preparados, mas muito triste e assustador para os demais (vv. 45ss.). Isto é representado pela situação diferente do servo bom e do mau, quando o seu senhor vem para acertar as contas com eles. Será bom ou mau para nós, por toda a eternidade; tudo depende de sermos encontrados preparados ou despreparados, naquele dia, pois Cristo dará a cada um segundo as suas obras. Esta parábola, que conclui o capítulo, se aplica a todos os cristãos, que são, por profissão e obrigação, servos de Deus. Mas ela parece destinada, em especial, como uma advertência aos ministros, pois o servo de que se fala é um administrador. Observe o que Cristo diz aqui:

[1] A respeito do servo bom. O Senhor mostra aqui que aquele é um administrador da casa; sendo assim, ele deveria ser fiel e prudente; e se fosse assim, seria eternamente bem-aventurado. Aqui há boas instruções e bons incentivos aos ministros de Cristo.

Em primeiro lugar, temos aqui o seu lugar e trabalho. Ele é aquele que o Senhor tornou administrador da sua casa, para dar o sustento a cada um a seu tempo. Observe: 1. A igreja de Cristo é a sua casa, ou família. Ele é o Pai e Mestre. É a casa de Deus, uma família que toma o nome de Cristo (Ef 3.15). 2. Os ministros do Evangelho são nomeados administradores nessa casa. Não como príncipes (Cristo advertiu contra isso), mas como administradores, ou outros encarregados subordinados; não como senhores, mas como guias; não para prescrever novos caminhos, mas para mostrar e conduzir nos caminhos que Cristo indicou. Este é o significado de *hegoumenoi*, que traduzimos: governando sobre vós (Hb 13.17). Como supervisores, não para interromper nenhum novo trabalho, mas para

orientar e acelerar a obra que Cristo ordenou; este é o significado de *episcopoi – bispos*. Eles são governantes por Cristo; qualquer poder que eles tenham deriva dele, e ninguém pode tomá-lo deles, ou reduzi-lo. Jesus é aquele a quem Deus Pai fez governante; e Cristo tem o poder de fazer ministros. Eles são governantes sob Cristo, agindo subordinados a Ele; e governantes para Cristo, para o progresso do seu reino. 3. O trabalho dos ministros do Evangelho é de dar à casa de Cristo o seu sustento a seu tempo, como administradores, e por isso eles têm as chaves da casa. (1) O seu trabalho é dar, e não tomar para si mesmos (Ez 34.8), mas dar à família o que o Mestre trouxe, distribuir o que Cristo comprou. E aos ministros foi dito: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (At 20.35). (2) Trata-se de dar sustento, e não a lei (isto é função de Cristo), mas transmitir à igreja essas doutrinas, que, se devidamente digeridas, serão alimento para as almas. Eles devem dar, não o veneno das falsas doutrinas, não as pedras das doutrinas duras e infrutíferas, mas o sustento que é saudável e que faz bem. (3) O sustento deve ser dado a seu tempo, *en kairo – enquanto há tempo para isso;* quando vier a eternidade, será tarde demais; nós precisamos trabalhar enquanto é dia: isto é, sempre que houver qualquer oportunidade; ou no tempo indicado, continuamente, conforme exija o dever de cada dia.

Em segundo lugar, a sua liberação desse ofício. O bom servo, se assim o preferir, será um bom administrador; pois:

1. Ele é fiel; os administradores devem ser fiéis (1 Co 4.2). Aquele a quem algo é confiado, deve ser confiável; e quanto mais lhe é confiado, mais se espera dele. É uma coisa boa e grandiosa que é confiada aos ministros (2 Tm 1.14); e eles precisam ser fiéis, como Moisés também o foi (Hb 3.2). Cristo considera os ministros que são fiéis, e somente eles (1 Tm 1.12). Um ministro fiel de Jesus Cristo é alguém que deseja sinceramente a honra do seu Mestre, não a sua própria; este transmite integralmente a Palavra de Deus, não as suas próprias fantasias e idéias; ele segue as instituições de Cristo e adere a elas; considera os mais humildes, reprova os mais poderosos e não respeita a aparência das pessoas.

2. Ele é sábio para compreender o seu dever e a ocasião apropriada para ele. E para guiar o rebanho é necessária não apenas a integridade do coração, mas a habilidade das mãos. A honestidade pode ser suficiente para um bom servo, mas a sabedoria é necessária para um bom administrador;

pois orientar é um trabalho frutífero.

3. Ele trabalha, como exige o seu cargo. O ministério é uma boa obra, e aqueles que têm este trabalho sempre têm alguma coisa para fazer; eles não devem permitir-se descansar, nem deixar o trabalho inacabado, nem descuidadamente passá-lo a outros, mas precisam estar trabalhando, e trabalhando para alcançar os objetivos do seu trabalho, dando sustento à casa, cuidando dos seus deveres e não se envolvendo no que não lhe diz respeito; trabalhando como o Mestre ordenou, como importa ao cargo, e como exige a situação da família; não conversar, mas trabalhar. Este era o lema que o Sr. Perkins usava: *Minister verbi es – Você é um ministro da Palavra*. Não apenas *Age – Trabalhe, mas Hoc age – Trabalhe assim*.

4. Ele é encontrado trabalhando quando chega o seu Mestre, o que indica: (1) Constância no seu trabalho. A qualquer hora em que chegue o seu Mestre, ele será encontrado ocupado com o trabalho. Os ministros não devem deixar lacunas no seu tempo, para que o Senhor não os encontre parados por ocasião da sua volta. Assim como para o Deus benigno o fim de uma misericórdia é o início de outra, também para um homem bom, um bom ministro, o fim de um dever é o início de outro. Quando tentaram persuadir Calvino a diminuir os seus deveres ministeriais, ele respondeu, com ressentimento: "Vocês desejam que o meu Mestre me encontre ocioso?" (2) Perseverança no seu trabalho, até a chegada do Senhor. "Retende-o até que eu venha" (Ap 2.25). "Persevera nestas coisas" (1 Tm 4.16; 6.14). Persevere até o fim.

Em terceiro lugar, a recompensa destinada ao servo fiel, em três aspectos:

1. Ele será notado. Isto está indicado nestas palavras: "Quem é, pois, o servo fiel e prudente?" Isto dá a entender que poucos têm esta qualidade; um administrador tão fiel e prudente será um entre mil. Àqueles que se distinguirem pela humildade, diligência e sinceridade no seu trabalho, Cristo, no grande dia, honrará e distinguirá através da glória que lhes será conferida.

2. Ele será bem-aventurado. “Bem-aventurado aquele servo”; e Cristo, ao dizer isto, o torna bem-aventurado. “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor” (Ap 14.13). Mas há uma bênção especial garantida àqueles que se mostram administradores fiéis, e são encontrados trabalhando. Ao lado da honra daqueles que morrem no campo de batalha, sofrendo por Cristo, como os mártires, está a honra daqueles que morrem no campo de trabalho, arando, e semeando, e colhendo, por Cristo.

3. Ele será preferido (v. 47); [Ele] “o porá sobre todos os seus bens”. A alusão é ao caminho dos grandes homens: se os administradores da sua casa se conduzem bem, eles normalmente os preferem para que sejam os administradores das suas propriedades. Assim José foi preferido na casa de Potifar (Gn 29.4,6). Mas a maior honra que o senhor mais gentil já fez aos seus servos mais experimentados neste mundo não é nada, quando comparada ao peso da glória que o Senhor Jesus irá conferir aos seus servos fiéis e vigilantes, no mundo vindouro. O que aqui é dito, em comparação, é a mesma coisa dita, mais claramente, em João 12.26: “Meu Pai o honrará”. E os servos de Deus, quando assim preferidos, serão perfeitos em sabedoria e santidade, para sustentar o peso daquela glória, para que estes servos não representem perigo, quando reinarem.

[2] A respeito do servo mau, temos aqui:

Em primeiro lugar, a descrição que é dada a respeito dele (vv. 48,49), onde temos o infeliz com as suas características. A mais vil das criaturas é um homem mau, o mais vil dos homens é um mau cristão, e o mais vil entre eles é um mau ministro. *Corruptio optimi est pessima – O que é melhor, quando corrompido, torna-se o pior.* A maldade nos profetas de Jerusalém é verdadeiramente uma coisa horrível (Jr 23.14). Aqui está:

1. A causa da sua maldade, que é uma descrença prática na segunda vinda de Cristo. Ele diz no seu coração: o meu Senhor atrasa a sua vinda; e por isso começa a pensar que Ele nunca virá, e que abandonou a sua igreja. Considere que: (1) Cristo sabe o que dizem, nos seus corações, aqueles que com seus lábios clamam: “Senhor, Senhor”, como este servo. (2) A demora da vinda de Cristo, embora seja um exemplo gracioso da sua paciência, é muito mal interpretada pelas pessoas más, cujos corações, desta maneira, se endurecem, com os seus métodos de iniqüidade. Quando a vinda de Cristo é considerada duvidosa, ou algo que está a uma distância imensa, o coração do homem se torna inteiramente disposto a praticar o mal (Ec 8.11). Veja Ez 12.27. Aqueles

que caminham pelos seus sentidos estão prontos para falar, a respeito do Jesus invisível, como o povo falou sobre Moisés, quando ele se demorou no monte, depois da sua peregrinação: “Não sabemos o que lhe sucedeu” portanto “levanta-te, faze-nos deuses”; o mundo é um deus, o nosso ventre é um deus, qualquer coisa pode ser um deus, porém nunca será o Deus verdadeiro.

2. As particularidades da sua iniqüidade. E esses são pecados de primeira grandeza; o ímpio é um escravo das suas paixões e dos seus apetites.

(1) Aqui ele é acusado de perseguição. Ele começa a espancar os seus conservos. Veja que: [1] Até mesmo os administradores mais importantes da casa devem considerar os servos da casa como seus conservos, e por isso estão proibidos de agir como se fossem senhores deles. Se o anjo se considerava conservo de João (Ap 19.10), não é de admirar que João tivesse aprendido a se considerar um irmão dos cristãos das igrejas da Ásia (Ap 1.9). [2] Não é novidade ver maus servos ferindo os seus conservos; tanto cristãos em particular quanto ministros fiéis. Ele os fere, seja porque eles o reprovam, seja porque eles não o reverenciam; não dizem o que ele diz, e não fazem o que ele faz, agindo contra as suas consciências: ele os fere com a língua, da mesma maneira como eles feriram o profeta (Jr 18.18). E se ele tiver poder nas mãos, ou puder pressionar aqueles que o têm, como os dez chifres sobre a cabeça da besta, isso continuará. Pasur, o sacerdote, feriu o profeta Jeremias, e o meteu no tronco (Jr 20.2). Aqueles que se insurgem contra Deus têm descido até ao profundo, na matança (Os 5.2). Quando o administrador fere os seus conservos, o faz deturpando a autoridade do seu Mestre, e no seu nome. Ele diz: “O Senhor seja glorificado” (Is 66.5), mas ele virá a saber que não poderia ter feito afronta pior ao seu Mestre.

(2) Profanação e imoralidade. Ele começa a comer e a beber com os bêbados. [1] Ele se associa aos piores pecadores, se relaciona com eles, é íntimo deles. Ele caminha sob a orientação deles, segue o caminho deles, senta-se na cadeira deles e canta as canções deles. Os bêbados são os companheiros, alegres e joviais, e aqueles a quem ele prefere, e por isso ele fortalece a sua iniqüidade. [2] Ele age como eles; “come, e bebe e folga”, assim consta no texto de Lucas. Isto é uma introdução a todos os tipos de pecado. A embriaguez é uma iniqüidade dominante; aqueles que são seus escravos, nunca são senhores de si mesmos em qualquer outro aspecto. Os perseguidores do povo de Deus normalmente têm sido os homens mais

maldosos e imorais. As consciências dos perseguidores, quaisquer que sejam os argumentos, normalmente são as mais corruptas e pervertidas. De que não se embriagam aqueles que se embriagam com o sangue dos santos? Esta é a descrição de um mau ministro, que, apesar disso, ainda pode ter os dons do ensino e do discurso sobre os demais; e, como foi dito sobre alguns, este tipo de obreiro pode pregar tão bem no púlpito, que seja uma pena que ele deva sair dali, e ainda assim viver de maneira tão má fora do púlpito, que seja uma pena que ele deva subir ali.

Em segundo lugar, é apresentada a sua condenação (vv. 50,51). A "capa" e o caráter dos maus ministros não os protegem da condenação, mas a agrava grandemente. Eles não podem reivindicar que estejam fora do alcance ou da jurisdição de Cristo, nem da jurisdição dos magistrados civis; os clérigos não possuem nenhum benefício no tribunal de Cristo. Considere:

1. A surpresa que irá acompanhar a sua condenação (v. 50): "Virá o senhor daquele servo". Então: (1) O fato de nós adiarmos os pensamentos sobre a vinda de Cristo não irá adiar a sua vinda. Não importa com o quê alguém procure se iludir; o seu Senhor virá. A descrença do homem não tornará sem efeito aquela grande promessa, ou ameaça (você pode chamá-la como quiser). (2) A vinda de Cristo será uma surpresa terrível para os pecadores seguros e descuidados, especialmente para os maus ministros: "virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera". Aqueles que desprezaram os avisos da Palavra, e calaram os avisos das suas próprias consciências, a respeito do juízo futuro, não podem pretender esperar quaisquer outras advertências; serão considerados como tendo recebido suficientes avisos legais, tenham estes sido aceitos ou não; e não se pode acusar a Cristo de nenhuma injustiça se Ele vier repentinamente, sem qualquer aviso. Ele já nos falou a este respeito anteriormente.

2. A severidade da sua condenação (v. 51). Ela não é mais severa do que justa, mas é uma condenação que traz a destruição completa, envolta por duas palavras terríveis: morte e condenação.

(1) Morte. O seu Senhor o separará, *dikotomesei auton*, "Ele o separará da terra dos vivos", da congregação dos justos, irá separá-lo para o mal; esta é uma definição de maldição (Dt 29.21). Ele o derrubará, como uma árvore que sobrecarrega o solo; talvez isto seja uma alusão à sentença freqüentemente usada na lei: "Esta alma será extirpada do seu povo", o que sugere uma extirpação completa. A morte separa um bom homem, assim como um

escolhido é separado para ser enxertado em um rebanho melhor; mas ela também separa um homem mau, assim como um galho seco é separado quando o fogo o separa deste mundo. Ou, como podemos interpretar, Ele o separará, isto é, separará o corpo da alma, enviará o corpo à sepultura, para ser uma presa dos vermes, e a alma para o inferno, para ser uma presa dos demônios; e assim o pecador é separado. Na morte, a alma e o corpo de um homem temente e obediente a Deus se separam da maneira adequada; a primeira é alegremente levada à presença de Deus, e o segundo é deixado para a terra. Mas a alma e o corpo de um homem iníquo, na morte, são separados, pois para eles a morte é o rei dos terrores (Jó 18.14). O mau servo se divide entre Deus e o mundo, entre Cristo e Belial, entre a sua profissão de religião e os seus desejos; portanto, com justiça, ele também será dividido.

(2) Condenção. Ele "destinará a sua parte com os hipócritas", e será uma porção miserável, pois "ali haverá pranto". Observe que: [1] Há um lugar e um estado de miséria perpétua no outro mundo, onde não há nada, exceto pranto e ranger de dentes; o que expressa a tribulação e a angústia da alma sob a indignação e a ira de Deus. [2] A sentença divina designará este lugar e estado como a porção daqueles que, por seu próprio pecado, foram preparados para ele. Até àquele de quem Ele disse, que dizia que Ele era o seu Senhor, designará, desta maneira, a sua porção. Aquele que agora é o Salvador, será, então, o Juiz, e o estado perpétuo dos filhos dos homens será como Ele designar. Eles, que escolhem o mundo por sua porção nesta vida, terão o inferno por sua porção na outra vida. "Esta, da parte de Deus, é a porção do homem ímpio" (Jó 20.29). [3] O inferno é o lugar apropriado para os hipócritas. Este servo perverso tem sua porção com os hipócritas. Eles são, como eram, os proprietários livres, outros pecadores são meramente como moradores com eles, e têm somente uma porção da sua miséria. Quando Cristo desejava expressar o mais severo castigo no outro mundo, Ele o chamava de "a porção dos hipócritas". Se houver algum lugar no inferno mais ardente que outro, como é provável que haja, ele será a parte daqueles que têm a forma, mas odeiam o poder da piedade. [4] Os ministros perversos terão a sua porção no outro mundo com os piores dos pecadores, certamente com os hipócritas, e com justiça, pois eles são os piores dos hipócritas. O sangue de Cristo, que eles têm, por suas profanações, pisado sob os seus pés, e o sangue das almas, que eles têm, por sua deslealdade, trazido sobre as suas cabeças, os oprimirão naquele lugar de tormento. "Filho, lembra-te", será

como o corte de uma palavra a um ministro, se ele perecer, como a qualquer outro pecador. Que eles, portanto, que pregam aos outros, temam, para que eles mesmos não sejam reprovados.

CAPÍTULO 25

Neste capítulo, estão a continuação e a conclusão do sermão profético do nosso Salvador, que teve início no capítulo anterior, a respeito da sua segunda vinda e do fim do mundo. Esse foi o seu último sermão de advertência, como o de João 14.15,16 foi de consolo aos seus discípulos. Eles precisavam dos dois, num mundo com tanta tentação e tanto sofrimento, como é este. A aplicação desse sermão é: "Vigiai, pois, e estai apercebidos também". Prosseguindo com essas sérias advertências de despertar, neste capítulo temos três parábolas cujo escopo é o mesmo. Elas têm a função de nos despertar a todos para uma maior preocupação e diligência, para que nos preparemos para a segunda vinda de Cristo, que foi mencionada em todas as suas despedidas à sua igreja, como na sua despedida antes da sua morte (Jo 14.2), na da sua ascensão (At 1.11), e na da conclusão do cânone das Escrituras (Ap 22.20). Cabe a nós nos prepararmos para a vinda de Cristo: I. Para que possamos, então, estar preparados para comparecer diante dele; e isto é apresentado na parábola das dez virgens (vv. 1-13). II. Para que possamos, então, estar preparados para prestar contas a Ele; e isto é apresentado na parábola dos três servos (vv. 14-30). III. Para que possamos, então, estar preparados para receber dele a nossa sentença final, e que ela possa ser de vida eterna; e isto é apresentado em uma descrição mais clara do processo do Juízo Final (vv. 31-46). Estes temas devem ser considerados com muito cuidado, porque afetarão a cada um de nós por toda a eternidade.

A Parábola das Dez Virgens

vv. 1-13

Nesta passagem:

I Aquilo que deve ser ilustrado é "o Reino dos céus", o estado de coisas sob o Evangelho, o reino externo de Cristo, sua administração e o seu sucesso.

Algumas das parábolas de Cristo nos mostraram como são as coisas agora, na recepção do Evangelho (cap. 13). Esta nos diz como será quando o mistério de Deus for concluído, e o reino for entregue ao Pai. A administração do governo de Cristo, com relação aos preparados e aos despreparados no grande Dia, pode ser ilustrada por essa comparação; ou ainda que o reino será estabelecido para os seus próprios súditos. Os que professam o cristianismo serão, então, semelhantes a essas dez virgens, e assim serão distinguidos.

II Ele é ilustrado por uma solenidade de casamento. Era um costume, às vezes usado entre os judeus daquela época, que o esposo viesse, com os seus amigos, tarde da noite, à casa da esposa, onde ela o esperava, com as suas damas de honra; que, ao receber o aviso da chegada do esposo, deviam sair com lâmpadas nas mãos, para iluminar o caminho dele até a casa, com cerimônia e formalidade, para a celebração das núpcias com grande júbilo. E alguns pensam que nessas ocasiões normalmente havia “dez virgens”; pois os judeus nunca fundavam uma sinagoga, realizavam circuncisão, celebravam a páscoa ou contraíam matrimônio, a menos que houvesse dez pessoas presentes. Boaz, quando se casou com Rute, teve dez testemunhas (Rt 4.2). Nessa parábola:

1. O esposo é o nosso Senhor Jesus Cristo; assim Ele é representado no Salmo 45, e freqüentemente no Novo Testamento. Isto evidencia o seu amor singular e superlativo à sua esposa, a igreja, e o seu concerto, fiel e inviolável, com ela. Agora os crentes são casados com Cristo (Os 2.19), mas a solenidade das bodas é reservada para o grande Dia, quando a noiva, a esposa do Cordeiro, já estiver pronta (Ap 19.7,9).

2. As virgens são aqueles que professam a religião, são os membros da igreja; mas aqui são representadas como as suas damas de companhia (Sl 45.14), em outra passagem, como seus filhos (Is 54.1), como seus ornamentos (Is 49.18). Elas devem ser apresentadas como virgens puras a Cristo (2 Co 11.2). O esposo é um rei; assim sendo, essas virgens são damas de honra, virgens sem número (Ct 6.8), embora aqui esteja dito que são dez.

3. A função dessas virgens é ir encontrar o esposo, o que será tanto sua alegria quanto seu dever. Elas devem servir o esposo quando Ele chegar, e neste ínterim, esperar por Ele. Veja aqui a natureza do cristianismo. Como cristãos, nós professamos que: (1) Somos servos de Cristo, para honrá-lo, como o Esposo glorioso, para sermos para Ele um nome e um louvor,

especialmente quando Ele vier para ser glorificado nos seus santos. Nós devemos segui-lo como os servos honrados fazem com seus mestres (Jo 12.26). Sustentar a nossa adesão ao Nome, e oferecer louvor ao Jesus exaltado; esta é a nossa função. (2) Esperamos a Cristo, e esperamos pela sua segunda vinda. Como cristãos, nós professamos não apenas crer e buscar, mas também amar e desejar, a volta de Cristo, e agir levando-a em consideração. A segunda vinda de Cristo é o centro onde se encontram todas as linhas da nossa fé. Em direção a ela, a totalidade da vida divina tem uma referência e uma tendência constantes.

4. A principal preocupação das virgens é levar as lâmpadas nas mãos quando se unirem ao esposo, desta maneira honrando-o e servindo-o. Observe que os cristãos são filhos da luz. O Evangelho é luz, e aqueles que o recebem devem não apenas ser iluminados por ele, mas devem resplandecer como luzes, e oferecer esta luz (Fp 2.15,16). Isto deve ocorrer de maneira geral.

A respeito dessas dez virgens, podemos observar:

(1) As suas personalidades diferentes, bem como a prova e a evidência deste fato.

[1] “Cinco delas eram prudentes, e cinco, loucas” (v. 2). E “a sabedoria é mais excelente do que a estultícia, quanto a luz é mais excelente do que as trevas”, assim disse Salomão, um juiz competente (Ec 2.13). Observe que aqueles que têm a mesma profissão de fé e denominação entre os homens, podem, apesar disto, ter personalidades muito diferentes aos olhos de Deus. Os cristãos sinceros são as virgens prudentes, e os hipócritas são as virgens loucas, da mesma maneira como, em outra parábola, eles são representados por edificadores prudentes e loucos. Note que são verdadeiramente prudentes ou loucos os que o são nas questões das suas almas. A religião verdadeira é a sabedoria verdadeira; o pecado é loucura, mas especialmente o pecado da hipocrisia, pois os maiores loucos são os que se julgam sábios, e os piores pecadores são os que fingem ser justos. Alguns observam, com base no igual número de virgens prudentes e loucas, o decoro generoso (expressão do arcebispo Tillotson) que Cristo observa, como se Ele esperasse que o número de crentes verdadeiros fosse aproximadamente igual ao dos hipócritas, ou, pelo menos, nos ensinasse a esperar o melhor, com relação aos que professam a religião, e a pensar neles com uma inclinação generosa. Porém, ao julgarmos a nós mesmos, devemos nos lembrar de que a porta é estreita, e

poucos a encontram; ao julgar os outros, devemos nos lembrar de que o Capitão da nossa salvação traz muitos filhos à glória.

[2] A evidência do caráter estava naquilo a que elas deveriam prestar atenção; e é com base nisto que elas são julgadas.

Em primeiro lugar, estavam as loucas, que “tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo” (v. 3). Elas tinham apenas azeite suficiente para que as suas lâmpadas ardessem no presente, para as aparências, como se tivessem a intenção de encontrar o esposo; mas não tinham consigo nenhuma vasilha ou garrafa de azeite para utilizar, caso o esposo demorasse. Essas hipócritas:

1. Não têm princípios. Elas têm uma lâmpada de profissão de fé nas mãos, mas não têm, nos seus corações, aquele estoque de conhecimento sólido, disposições enraizadas e resoluções firmes, que são necessárias para conduzi-las em meio aos serviços e às provações da condição atual. Elas agem sob a influência de estímulos externos, mas não têm vida espiritual; como um comerciante que se estabelece sem um estoque, ou como a semente no solo rochoso, à qual falta a raiz.

2. Elas não têm a perspectiva do que há de vir, nem fazem provisões para isso. Elas traziam as lâmpadas para uma exibição no presente, mas não tinham azeite para uso futuro. Esta negligência é a ruína de muitos que professam a fé; eles só se preocupam em se mostrar elogiosos àqueles que estão à sua volta, com quem conversam hoje, e não em se tornar aprovados por Cristo, diante de quem deverão comparecer; como se algumas de suas atitudes fossem suficientes, desde que se mostrassem suficientes para o tempo presente. Diga-lhes das coisas que ainda não são vistas, e você será como Ló aos seus genros, considerado um zombador. Elas não fazem provisão para o futuro, como faz a formiga, nem lançam um “fundamento para o futuro” (1 Tm 6.19).

Em segundo lugar, estavam as prudentes, que “levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas” (v. 4). Elas tinham um bom princípio, que conservaria a sua profissão de fé. 1. O coração é a vasilha, com que devemos alimentar a nossa sabedoria; pois, de um bom tesouro, boas coisas devem ser tiradas; mas se a raiz estiver podre, a flor será pó. 2. A graça é o azeite que nós devemos ter nessa vasilha. No Tabernáculo, havia uma constante provisão do azeite para a luminária (Êx 35.14). A nossa luz deve brilhar diante dos homens em forma de boas obras, mas isto não pode acontecer, nem irá durar, a menos que exista um princípio ativo fixo no coração, de fé

em Cristo, e de amor a Deus e aos nossos irmãos. E com base neste princípio, nós devemos agir em tudo o que fazemos na religião, visando o que está à nossa frente. Aquelas que levavam azeite em suas vasilhas, o fizeram supondo que talvez o esposo pudesse se atrasar. Observe que ao esperar por alguma coisa, é bom preparar-se para o pior, armazenar para um longo cerco. Mas lembre-se de que este azeite que mantém as lâmpadas ardendo é obtido do castiçal de Jesus Cristo, a grande e boa Oliveira, através dos "canudos de ouro" dos rituais, como foi representado naquela visão (Zc 4.2,3,12), que está explicada em João 1.16: "Todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça".

(2) A falha de todas, durante o atraso do esposo: "Tosquenejaram todas e adormeceram" (v. 5). Aqui, observe:

[1] O esposo se atrasou, isto é, ele não veio tão cedo como elas esperavam. Aquilo que nós esperamos como algo certo, nos inclinamos a pensar que será muito próximo; muitos, na época dos apóstolos, imaginaram que era chegado o Dia do Senhor, mas não foi assim. Quanto a nós, Cristo parece se atrasar, mas na verdade Ele "não tardará" (Hc 2.3). Existe uma boa razão para o atraso do Esposo; há muitas deliberações e propostas intermediárias a serem cumpridas, todos os eleitos devem ser convocados, a paciência de Deus deve se manifestar, e a paciência dos santos deve ser posta à prova, a colheita da terra deve ser feita, e também deve ser feita a colheita do céu. Mas ainda que Cristo se atrase em relação à nossa forma de considerar o tempo, Ele não se atrasará de fato, e virá no devido tempo.

[2] Enquanto ele demorava, aquelas que esperavam por ele se descuidaram, e se esqueceram do que estavam esperando. Todas elas cochilaram e dormiram, como se tivessem desistido de esperar por ele. "Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?" (Lc 18.8). Houve alguns que deduziram que se tratava de uma vinda súbita, por ser um fato que ocorreria com toda certeza. Assim, quando as suas expectativas não se concretizaram, passaram a questionar a veracidade da promessa de sua vinda. As virgens prudentes cochilaram, e as loucas adormeceram; assim alguns as distingeum; no entanto, todas elas falharam. As virgens prudentes deixaram as suas lâmpadas ardendo, mas não ficaram acordadas. Observe que muitos bons cristãos, quando já têm muito tempo de fé, tornam-se negligentes quanto aos seus preparativos para a segunda vinda de Cristo. Eles interrompem as suas preocupações, diminuem o seu zelo, as suas graças não

são mais tão vivas, nem as suas obras são perfeitas aos olhos de Deus. E embora não percam todo o amor que sentem pelo Senhor, perdem o primeiro amor. Se foi difícil para os discípulos vigiar com Cristo durante uma hora, seria muito mais difícil vigiar com Ele durante a vida toda. “Eu dormia,”, diz a esposa, “mas o meu coração velava”. Observe que, em primeiro lugar, elas cochilaram, e depois adormeceram. Note que um passo descuidado e negligente abre caminho para outro. Aqueles que se permitem cochilar, dificilmente conseguirão deixar de adormecer; por isso, é necessário temer o início da decadência espiritual. *Venienti occurrite morbo – Prestem atenção aos primeiros sintomas da doença.* Os antigos, em geral, interpretavam o cochilar e o adormecer das virgens como a sua morte; todas morreram, as prudentes e as loucas (Sl 49.10), antes do Dia do Juízo. Assim o interpreta Ferus: *Antequam veniat sponsus omnibus obdormiscendum est, hoc est, moriendum – Antes da vinda do Esposo, todos devem adormecer, isto é, morrer*, como também Calvino. Mas eu penso que isso deve ser interpretado exatamente como lemos.

(3) A convocação surpreendente que elas ouvem, para se unirem ao esposo (v. 6): “À meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo!” Observe: [1] Ainda que Cristo demore muito tempo, Ele virá, por fim; ainda que Ele pareça lento, a sua vinda é garantida. Na sua primeira vinda, Ele foi esperado por muito tempo, por aqueles que esperavam a consolação de Israel; mas Ele veio na “plenitude dos tempos”. Também a sua segunda vinda, ainda que pareça demorar muito tempo, não está esquecida; os inimigos de Cristo irão descobrir, para sua desvantagem, que a abstenção não significa desobrigação; e os seus amigos irão descobrir, para o seu conforto, que “a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá... porque certamente virá, não tardará” (Hc 2.3). O ano dos redimidos está fixado, e virá. [2] A vinda de Cristo se dará na nossa “meia-noite”, ou seja, quando menos estivermos esperando por Ele, e estivermos mais dispostos a fazer o nosso repouso. A sua vinda para o alívio e consolo do seu povo certamente ocorrerá quando o bem pretendido parecer estar mais longe; e a sua vinda para acertar as contas com os seus inimigos ocorrerá quando eles pensarem que o dia do mal está mais distante de si mesmos. Foi à meia-noite que os primogênitos do Egito foram destruídos, e o povo de Israel, libertado (Êx 12.29). A morte sempre vem quando é menos esperada. A alma é solicitada “esta noite” (Lc 12.20). Cristo virá quando Ele quiser, para mostrar a sua soberania; e não nos

dará a conhecer quando isso acontecerá, para nos ensinar qual é o nosso dever. [3] Quando Cristo vier, nós deveremos nos apresentar para encontrá-lo. Como cristãos, nós devemos estar atentos a todos os movimentos do Senhor Jesus, e estar sempre em sua presença. Quando Ele vier até nós por ocasião da nossa morte, nós devemos deixar o corpo, deixar o mundo, para encontrá-lo com afetos e obras da alma apropriadas às revelações que então esperaremos que Ele faça sobre si mesmo. “Saí-lhe ao encontro” é uma convocação para aqueles que estão sempre preparados, para que estejam verdadeiramente prontos. [4] A primeira notícia da chegada de Cristo, e a convocação para ir encontrá-lo, será um despertamento: “Ouviu-se um clamor”. A sua primeira vinda não foi observada, nem disseram: “Eis aqui o Cristo, ou: Ei-lo ali”; Ele “estava no mundo... e o mundo não o conheceu”; mas a sua segunda vinda terá toda a observação de todo o mundo: “Todo olho o verá”. Haverá um clamor do céu, pois Cristo descerá com um brado: Ressuscitem, vocês, mortos, e venham para o juízo; e também haverá um brado da terra, um brado “aos montes e aos rochedos” (Ap 6.16).

(4) A reação de todas as virgens em resposta a esta convocação (v. 7): “Todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas”, cortaram a parte queimada dos pavios, e as encheram de azeite, e foram, com toda a prontidão, se colocar na posição adequada para esperar o esposo. Observe que: [1] Isto, no caso das virgens prudentes, evidencia uma verdadeira preparação para a vinda do Esposo. Até mesmo os que estão mais preparados para a morte, têm, com os seus sinais imediatos, algum trabalho a fazer, para verdadeiramente se prepararem, para que possam ser achados em paz (2 Pe 3.14), trabalhando, (cap. 24.46) e não serem achados nus (2 Co 5.3). Será um dia de investigação e de indagações, e nos compete pensarem como seremos encontrados. Quando virmos a aproximação do dia, deveremos nos dedicar à questão da morte com toda a seriedade, renovando o nosso arrependimento pelo pecado, a nossa adesão ao concerto, o nosso adeus ao mundo; e as nossas almas serão levadas em direção a Deus, da forma mais adequada. [2] No caso das virgens loucas, isto evidencia uma confiança vã, e uma presunção da benevolência da sua condição, e do seu preparo para o mundo por vir. Observe que até mesmo as graças falsas servirão para que um homem faça uma exibição quando vier a morrer, assim como terá feito durante toda a sua vida; as esperanças do hipócrita brilham quando ele está expirando, como um relâmpago antes da morte.

(5) A aflição em que estavam as virgens loucas, por precisarem de azeite (vv. 8,9). Isso evidencia: [1] A apreensão que alguns hipócritas têm pela sua infeliz condição, até mesmo deste lado da morte, quando Deus abre os seus olhos para verem a loucura dos seus atos, e que eles mesmos estão morrendo com uma mentira na sua mão direita. Ou, por outro lado: [2] a verdadeira infelicidade da sua condição do outro lado da morte, e no juízo; quão distante a sua profissão de fé – bonita, mas falsa – estará de lhes ajudar em qualquer coisa no grande dia; veja o que resulta disso.

Em primeiro lugar, as suas lâmpadas se apagaram. As lâmpadas dos hipócritas sempre se apagam nesta vida; quando aqueles que começaram no espírito, terminam na carne, e a hipocrisia irrompe em uma apostasia aberta e clara (2 Pe 2.20). A profissão murcha, e a sua credibilidade é perdida; as esperanças enfraquecem, e todo o seu consolo se perde. “Quantas vezes sucede que se apaga a candeia dos ímpios?” (Jó 21.17). Muitos hipócritas conservam a sua credibilidade, e o consolo da sua profissão de fé, desta maneira, e até o final. Mas o que acontecerá “quando Deus lhe arrancar a sua alma?” (Jó 27.8). Se a sua candeia não se apagar diante dele, ela se apagará sobre ele (Jó 18.5,6). Ele jazerá em tormentos (Is 50.11). Os ganhos de uma profissão hipócrita de fé não acompanharão um homem ao julgamento (cap. 7.22,23). As lâmpadas se apagam, quando a esperança do hipócrita prova ser como a teia de aranha (Jó 8.11ss.), e como o expirar da alma (Jó 11.20), como o mulo de Absalão, que o deixou pendurado no carvalho (2 Sm 18.9).

Em segundo lugar, elas precisavam de azeite para as lâmpadas quando saíssem. Note que aqueles que absorvem pouca graça verdadeira, certamente precisarão de mais, em alguma ocasião. Uma profissão exterior de fé que seja bem aceita pode levar longe um homem, mas não o fará ir até o final; pode iluminá-lo neste mundo, mas a umidade do vale da sombra da morte apagará esta fraca luz.

Em terceiro lugar, elas ficariam alegremente agradecidas às virgens prudentes se estas lhes dessem um pouco do conteúdo das suas vasilhas: “Dai-nos do vosso azeite”. Note que está chegando o dia em que os hipócritas carnais gostariam de ser encontrados na condição de verdadeiros cristãos. Aqueles que agora detestam a rigidez da religião, irão, diante da morte e do juízo, desejar os seus sólidos consolos. Existem aqueles que não se preocupam em viver a vida dos justos, mas que querem morrer como morrem os justos. Está chegando o dia em que aqueles que agora olham com desprezo

os santos humildes e contritos, irão se interessar alegremente por eles, e valorizarão como seus melhores amigos e benfeitores aqueles que eles agora colocam com os cães do seu rebanho. “Dai-nos do vosso azeite”. “Falem bem de nós”, dizem alguns; mas não haverá lugar para fiadores no grande dia, pois o Juiz conhece qual é o verdadeiro caráter de cada homem. Mas não é bom que eles sejam levadas a dizer: Dai-nos do vosso azeite? Sim; porém: 1. Este pedido é motivado por uma necessidade concreta. Observe que aqueles que não vêem a sua necessidade de graça no presente, quando ela iria santificá-los e governá-los, verão a sua necessidade de graça no futuro, quando ela iria salvá-los. 2. Ele vem tarde demais. Deus lhes teria dado o azeite, se eles tivessem pedido a tempo; mas não há compra quando o mercado está fechado, não há oferta quando as luzes se apagam.

Em quarto lugar, as companheiras lhes negaram uma parte do seu azeite. É um triste presságio de rejeição, por parte de Deus, quando são assim rejeitados pelos bons homens. As prudentes responderam: “Não”. Esta negação categórica não está no original consultado, mas foi acrescentada pelos tradutores; estas virgens prudentes preferem dar um motivo, sem uma recusa positiva (como fazem muitos), a dar uma recusa positiva, sem um motivo. Elas estavam inclinadas a ajudar as suas companheiras em aflição, mas: “Nós não devemos, não podemos, não ousamos, fazer isso”, “não seja caso que nos falte a nós e a vós”; a caridade começa em casa; mas “ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós”. Observe: 1. Para ser salvo, é preciso ter a graça. Embora nós nos beneficiemos da comunhão dos santos, e a fé e as orações dos outros possam contribuir para o nosso benefício, ainda assim a nossa própria santificação é indispensavelmente necessária para a nossa salvação. Os justos viverão pela sua fé. Todo homem prestará contas de si mesmo, e, por isso, que cada homem prove a sua própria obra; pois ele não poderá conseguir outro para se apresentar por ele, nesse dia. 2. Aqueles que têm mais graça não têm graça de sobra; tudo o que nós temos mal é suficiente para nós mesmos, para que nos apresentemos diante de Deus. Os melhores precisam tomar emprestado de Cristo, mas não têm nada para emprestar a nenhum dos seus companheiros. A igreja de Roma, que sonha com obras realizadas além da obrigação, e a imputação da justiça dos santos, se esquece de que foi prudente que as virgens prudentes compreendessem que elas tinham somente azeite suficiente para si mesmas, e nada para as demais. Mas observe que essas virgens prudentes não censuram as loucas pela sua

negligência, nem se vangloriam da sua própria previsão, tampouco as atormentam com sugestões que as levariam ao desespero, mas lhes dão o melhor conselho para a situação: “Ide, antes, aos que o vendem”. Note que aqueles que lidam de modo tolo com as questões das suas almas merecem piedade, e não insultos. Pois quem fez com que você se diferenciasse? Os ministros cuidam daqueles que não se importaram com Deus ou com a própria alma durante todos os seus dias, mas estão no leito de morte, e como nunca é tarde para o verdadeiro arrependimento, lhes recomendam que se arrependam, e que se voltem para Deus, e se aproximem de Cristo. Porém, como o arrependimento tardio raramente é verdadeiro, existem aqueles que apenas agem como essas virgens prudentes agiram com as loucas, procurando fazer o melhor possível em meio a uma situação tão ruim. Os ministros só podem lhes dizer o que deve ser feito, se não for tarde demais, mas a possibilidade de a porta se fechar antes que isto seja feito é um risco indescritível. Este é um bom conselho, que será extremamente proveitoso se for aceito a tempo: “Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós”. Note que aqueles que desejam a graça, devem recorrer aos meios da graça, atentando para eles. Veja Is 55.1.

(6) A chegada do esposo, e o resultado do caráter diferente das virgens prudentes e das loucas. Veja o resultado disso:

[1] “Tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo”. Observe que quanto àqueles que postergam a sua grande obra, deixando-a para o final, há uma probabilidade de mil para um de que eles não terão tempo de fazê-la. A obtenção da graça é uma obra que leva tempo, e não pode ser realizada com pressa. Ainda que a pobre alma desperta se dedique, sobre o leito de morte, ao arrependimento e à oração, em terrível confusão, ela dificilmente saberá por onde começar, ou o que fazer primeiro, e nessa hora vem a morte, vem o juízo e a obra está inacabada, e o pobre pecador está arruinado para sempre. Este é o resultado de ter que ir comprar azeite, quando a pessoa precisaria usá-lo, e de ter que tentar obter a graça, quando precisaria usá-la.

“Chegou o esposo”. Note que o nosso Senhor Jesus virá ao seu povo, no grande Dia, como um esposo. Ele virá vestido com pompa e riqueza, para reunir-se com os seus amigos. Agora que o Esposo nos foi tirado, nós jejuamos (cap. 9.15), mas então haverá um banquete eterno. Então o Esposo levará a sua esposa para estar onde Ele estiver (Jo 17.24), e se alegrará com a sua noiva (Is 62.5).

[2] “As que estavam preparadas entraram com ele para as bodas”. Observe, em primeiro lugar, que ser glorificado eternamente é entrar com Cristo para as bodas, é estar na sua presença, e na mais íntima comunhão com Ele, em uma condição eterna de repouso, alegria e abundância. Em segundo lugar, que irão para o céu no futuro aqueles que se prepararem aqui para o céu, que forem preparados para isso mesmo, e somente estes estarão ali (2 Co 5.5). Em terceiro lugar, que a característica repentina da morte e da vinda de Cristo até nós, nesta ocasião, não será obstáculos para a nossa felicidade, se tivermos nos preparado bem.

[3] “Fechou-se a porta”, como é normal quando todos os que podem entrar já chegaram. Fechou-se a porta, em primeiro lugar, para assegurar aqueles que estão do lado de dentro; para que, tendo sido feitos colunas no templo de Deus, dele nunca mais saiam, Ap 3.12. Adão foi colocado no paraíso, mas a porta ficou aberta, e ele voltou a sair; mas quando os santos glorificados são colocados no paraíso celestial, a porta se fecha para que não saiam. Em segundo lugar, para excluir os que estão do lado de fora. A condição dos santos e dos pecadores, então, será fixada de maneira inalterável, e aqueles que estiverem do lado de fora, nesta ocasião, ficarão do lado de fora para sempre. A porta é estreita, mas está aberta; mas então ela será fechada e trancada, e se abrirá um grande abismo. Isto é semelhante ao caso da porta da arca, que foi fechada depois que Noé entrou. Noé e aqueles que estavam dentro da arca foram, desta maneira, preservados; porém todos os demais foram, finalmente, abandonados.

[4] As virgens loucas chegaram quando era tarde demais (v. 11): “Depois, chegaram também as outras virgens”. Observe, em primeiro lugar, que existem muitos que tentarão entrar no céu quando for tarde demais; como o profano Esaú queria “ainda depois herdar a bênção”. Deus e a fé que Ele mesmo propôs serão glorificados por essas solicitações tardias, embora os pecadores não sejam salvos por elas. É para a honra do Senhor que, com fervorosa e importuna oração, aqueles que agora a desprezam, em breve correrão para ela, e então não a chamarão de lamuriosa e enganosa. Em segundo lugar, a vã confiança dos hipócritas os levará muito longe nas suas expectativas de felicidade. Eles irão até a porta do céu, e pedirão para entrar, porém isto não lhes será permitido; serão levados até a porta do céu por um conceito irreal que lhes diz que a sua condição é uma boa condição, mas, na realidade, serão lançados no inferno.

[5] Elas foram rejeitadas, como foi Esaú (v. 12): “Digo que vos não conheço”. Observe que todos nós devemos nos preocupar em “buscar ao Senhor enquanto se pode achar”, pois virá um tempo em que Ele não será encontrado. Houve um tempo em que o pedido: “Senhor, Senhor, abra-nos a porta”, teria tido bons resultados, em virtude daquela promessa: “Batei, e abrir-se-vos-á”; mas agora é tarde demais. A sentença está solenemente comprometida com as palavras: “Em verdade, vos digo”, o que significa nada menos do que o Senhor jurar, na sua ira, que eles nunca entrarão no seu repouso. Isto evidencia que Ele decidiu, e que eles foram silenciados diante desta decisão.

Por fim, aqui está uma conclusão prática, que se extrai dessa primeira parábola (v. 13): “Vigiai, pois”. Nós já lemos esta palavra antes (cap. 24.42), e aqui ela se repete como a advertência mais necessária. Considere que: 1. A nossa maior obrigação é vigiar e cuidar dos assuntos relativos à nossa alma com a máxima diligência e circunspeção. Estejam despertos, e estejam vigilantes. 2. Uma boa razão para que estejamos vigilantes é o fato de que a ocasião da vinda do nosso Senhor é muito incerta; nós não sabemos nem o dia, nem a hora. Por isso, devemos estar preparados todos os dias, e todas as horas, e não deixar a nossa vigília em nenhum dia do ano, e em nenhuma hora do dia. Temamos ao Senhor todos os dias, e o dia inteiro.

A Parábola dos Talentos

vv. 14-30

Nesse trecho, temos a parábola dos “talentos” que foram entregues a três servos. Isto sugere que nós estamos em uma situação de trabalho e negócios, assim como a parábola anterior sugere que nós estamos em uma situação de expectativa. Aquela mostrou a necessidade de uma preparação constante, esta mostra a necessidade de verdadeira diligência no nosso trabalho e serviço atuais. Naquela, nós somos incentivados a proceder bem para as nossas próprias almas; nesta, a nos dedicarmos para a glória de Deus e o bem dos outros.

Nesta parábola: 1. O Mestre é Cristo, que é o Dono e Proprietário absoluto de todas as pessoas e coisas, e de uma maneira especial, da sua igreja; nas suas mãos, Ele tem todas as coisas. 2. Os “servos” são os cristãos, os seus próprios servos; assim eles são chamados; nascidos na sua casa, comprados

com o seu dinheiro, dedicados ao seu louvor, e empregados em seu trabalho. É provável que isto se destine especialmente aos ministros, que são os que o auxiliam mais de perto, e são enviados por Ele. O apóstolo Paulo freqüentemente dizia ser um servo de Jesus Cristo. Veja 2 Tm 2.24.

De maneira geral, há três pontos importantes nesta parábola:

I O que foi confiado a esses servos. O homem "entregou-lhes os seus bens". Tendo lhes indicado o que deviam fazer (pois Cristo não quer que os servos estejam ociosos), ele lhes deixou algo para fazer. Observe que: 1. Os servos de Cristo têm e recebem tudo dele; pois eles mesmos não têm nenhum valor, nem têm nada que possam chamar de seu, exceto o pecado. 2. O que nós recebemos de Cristo é para que trabalhemos para Ele. Os nossos privilégios têm a intenção de nos dar trabalho. A "manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil". 3. Seja o que for que nós recebemos para usar para Cristo, ainda assim a propriedade é dele; nós somos apenas inquilinos na sua terra, "despenseiros da multiforme graça de Deus" (1 Pe 4.10). Considere aqui:

(1) Em que oportunidade os talentos foram confiados a estes servos. O seu mestre estava "partindo para fora da terra", para um lugar distante. Isto está explicado em Efésios 4.8: "Subindo ao alto… deu dons aos homens". Observe que: [1] Quando Cristo subiu ao céu, Ele era como um homem partindo para um lugar distante; isto é, Ele partiu, com o propósito de estar ausente por muito tempo. [2] Quando partiu, Ele se preocupou em dotar a sua igreja com todas as coisas necessárias para ela durante a sua ausência pessoal. Considerando a sua partida, Ele confiou à sua igreja verdades, leis, promessas e poder; isto era o *parakatatheke – o grande depósito* (como é chamado, 1 Tm 6.20; 2 Tm 1.14), "o bom depósito" que nos foi confiado; e Ele enviou o seu Espírito para capacitar os seus servos a ensinar e professar essas verdades, a colocar em vigor e observar essas leis, a aprimorar e aplicar essas promessas e a exercer e empregar esse poder, ordinária ou extraordinariamente. Assim Cristo, na sua ascensão, entregou os seus bens à sua igreja.

(2) Em que proporção os bens foram confiados. [1] Ele entregou "talentos". Um talento de prata, em nossa moeda, é estimado como sendo 353 libras, onze xelins e dez centavos e meio, segundo o versado Bispo Cumberland. Observe que os dons de Cristo são ricos e valiosos. A compra que Ele fez,

com o seu próprio sangue, tem um valor elevado demais; este valor é inestimável. [2] Ele deu mais a alguns, a outros, menos. “A um deu cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade”. Quando a Divina Providência faz uma diferença nas habilidades dos homens, quanto à mente, corpo, situação, relações e interesses, a graça divina reparte os dons espirituais de maneira correspondente, mas ainda assim a habilidade, em si mesma, vem de Cristo. Observe, em primeiro lugar, que todos receberam pelo menos um talento, e isto não é uma quantia inicial desprezível para um pobre servo. A nossa alma é o único talento que cada um de nós recebe, e é a favor dela que devemos trabalhar. *Hoc nempe ab homine exigiture, ut prosit hominibus; si fieri potest, multis; si minus, paucis; si minus, proximis, si minus, sibi: nam cum se utilem caeteris efficit, commune agit negotium. Et si quis bene de se meretur, hoc ipso aliis prodest quod aliis profuturum parat – É dever de um homem fazer-se benéfico àqueles que o rodeiam; a um grande número de pessoas, se possível; mas se isto lhe for negado, às pessoas de suas relações mais íntimas, ou, pelo menos, a si mesmo. Aquele que é útil aos outros, pode ser considerado um bem comum. E quem quer que se habilite à sua própria aprovação, será útil para os demais, pois está se formando naqueles hábitos que irão resultar a seu favor.* Sêneca, *De Otio Sapient.* Em segundo lugar, nem todos receberam a mesma coisa, pois não tinham as mesmas habilidades e oportunidades. Deus age livremente, conforme a sua própria vontade, e reparte “particularmente a cada um como quer”; alguns são mais talhados para trabalhos de determinado tipo, outros, de outro tipo, como membros do corpo natural. Quando o dono da casa terminou de resolver essas questões, “ausentou-se logo para longe”. O nosso Senhor Jesus, quando terminou de entregar as suas instruções aos seus apóstolos, como alguém que tem pressa de partir, foi para o céu.

II Temos aqui um relato da maneira diferente de administrar e aprimorar o que foi confiado (vv. 16-18).

1. Dois dos servos trabalharam bem.

(1) Eles foram diligentes e leais; eles saíram “imediatamente a negociar com eles” (v. 16, versão RA). Eles utilizaram o dinheiro que lhes tinha sido confiado da maneira devida, aplicando-o em bens, e obtendo o retorno; tão logo o seu mestre tinha partido, imediatamente se aplicaram aos seus negócios. Aqueles que têm muito trabalho a fazer, como todo cristão tem,

precisam iniciá-lo rapidamente, e não perder tempo. Eles saíram e negociaram. Observe que um cristão verdadeiro é um negociante espiritual. Estes negócios são chamados de mistérios, “e, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade”; é como um comércio de manufaturas; existe algo a ser feito nos nossos corações, para o bem de outros. É um comércio, uma atividade mercantil; nós abrimos mão das coisas de menor valor para nós em troca de coisas de maior valor; é um comércio de sabedoria (Pv 3.15; cap. 13.45). Um negociante é aquele que, tendo se decidido por este ofício, e se esforçado para aprendê-lo, se dedica ao seu negócio, direciona tudo o que tem para o sucesso do seu empreendimento, deixa todos os demais assuntos dependentes dele, e vive com o que ganha com o seu ofício. É assim que um verdadeiro cristão age no trabalho da religião; nós não temos um estoque nosso, com que negociar, mas negociamos como intermediários, com o estoque do nosso Mestre. Os dons da mente – o raciocínio, a inteligência, o estudo – devem ser usados em subserviência à religião; as alegrias terrenas – as propriedades, a credibilidade, os interesses, o poder, as preferências – devem ser aprimorados para a honra de Cristo. As ordenanças do Evangelho e as nossas oportunidades de observá-las – a Bíblia, os ministérios, os sacramentos devem ser aprimoradas para a finalidade para a qual foram instituídas. A nossa comunhão com Deus deve ser mantida por meio delas, e os dons e as graças do Espírito devem ser exercidos; e isto significa negociar com os nossos talentos.

(2) Eles foram bem-sucedidos. Eles dobraram o que tinham, e em pouco tempo lucraram cem por cento. “O que recebera cinco talentos negociou com eles e granjeou outros cinco talentos”. Nem sempre somos bem-sucedidos quando negociamos os nossos talentos com os outros; no entanto, a atitude de negociar será positiva para nós mesmos (Is 49.4). Observe que “a mão dos diligentes enriquece” em graças, consolos, e tesouros de boas obras. Existe um grande trabalho a ser feito na religião, e a este devemos dedicar muito empenho.

Observe que o lucro foi proporcional ao que os servos tinham recebido. [1] Daqueles a quem Deus entregou cinco talentos, Ele espera o lucro de cinco, e uma colheita abundante onde Ele semeou com abundância. Quanto mais dons uma pessoa tiver, mais deverá se esforçar para multiplicá-los. Aqueles que têm um grande estoque para administrar precisam fazer o mesmo. [2] Daqueles a quem Ele deu apenas dois talentos, Ele espera somente o lucro de

dois, o que pode incentivar aqueles que estão situados em uma esfera de utilidade inferior e mais estreita; se eles se dispuserem a trabalhar bem, de acordo com o melhor da sua capacidade e oportunidade, eles serão aceitos, ainda que não trabalhem tão bem quanto os outros.

2. O terceiro agiu mal (v. 18): “O que recebera um foi, e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor”. Embora a parábola represente que apenas um, em três, não foi leal, ainda assim, em uma história que responde a esta parábola, encontramos a desproporção de maneira totalmente oposta, quando dez leprosos foram limpos, nove deles esconderam o talento, e somente um voltou para dar glória (Lc 17.17,18). O servo infiel foi aquele que recebeu apenas um talento. Sem dúvida, há muitos que recebem cinco talentos, e enterram todos eles; são aqueles que possuem grandes capacidades, grandes pontos positivos, porém não os utilizam na obra de Deus. Mas Cristo nos indica: (1) Que se aquele que tinha somente um talento teve de prestar contas por tê-lo enterrado, muito mais serão considerados ofensores aqueles que têm mais, que têm muitos, e os enterram. Se aquele que tinha pouca capacidade foi lançado nas trevas porque não aprimorou o que tinha, “de quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar” as suas maiores vantagens? (2) Aqueles que têm menos a fazer para Deus, freqüentemente fazem menos do que devem fazer. Alguns fazem do fato de que não têm as mesmas oportunidades de servir a Deus que outros têm uma desculpa para a sua negligência; e porque não têm os recursos para fazer o que dizem que farão, eles não fazem o que sabemos que poderiam fazer, e assim se sentam, e não fazem nada. Realmente agrava a sua negligência o fato de que quando têm apenas um talento para administrar, eles o negligenciam.

Ele “cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor”, temendo que fosse roubado. Ele não o gastou mal, nem o empregou mal, não o usurpou, nem o dissipou, mas o escondeu. O dinheiro é como o esterco (assim costumava dizer Lord Bacon); não serve para nada quando está amontoado, mas deve ser espalhado. Há um mal que nós temos visto freqüentemente sob o sol: um tesouro acumulado (Tg 5.3; Ec 6.1,2), que não traz o bem a ninguém. E a mesma coisa acontece com os dons espirituais; muitos os têm, e não os utilizam para a finalidade para a qual eles lhes foram concedidos. Aqueles que têm propriedades, e não dispõem delas nas obras de piedade e caridade; que têm poder e vantagens, e não fazem nada com eles para

promover o Evangelho nos lugares onde vivem; os ministros que têm capacidade e oportunidades de trabalhar bem, mas não despertam o dom que há neles, são aqueles servos negligentes que procuram as suas próprias coisas, em lugar das de Cristo.

Ele escondeu o dinheiro do seu senhor. O dinheiro tinha sido seu, ele poderia ter feito com ele o que desejasse. Contudo, sejam quais forem as capacidades e vantagens que tenhamos, elas não são nossas, nós apenas as administramos, e devemos prestar contas ao nosso Senhor, pois estes dons são dele. Piorava a sua negligência o fato de os seus companheiros se ocuparem do seu negócio e serem bem-sucedidos, e o zelo deles devia ter estimulado o dele. Os outros são ativos, e nós seremos ociosos?

III A prestação de contas (v. 19). 1. A prestação de contas tarda para acontecer. Eles não foram chamados ao ajuste de contas senão "muito tempo depois"; não que o senhor negligenciasse os seus negócios, ou que Deus retarde a sua promessa (2 Pe 3.9). Não, Ele "está preparado para julgar" (1 Pe 4.5), mas tudo deve ser feito no seu tempo e na sua ordem. 2. Mas o dia da prestação de contas chega, por fim: "Veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles". Observe que os despenseiros da multiforme graça de Deus devem, em breve, prestar contas da sua administração. Todos nós prestaremos contas do bem que fizemos às nossas próprias almas, e do bem que fizemos aos outros, com os dons que recebemos. Veja Rm 14.10,11. Considere:

(1) O bom resultado dos servos fiéis; e observe aqui:

[1] Os servos prestando contas (vv. 20,22): "Senhor, entregaste-me cinco talentos"; e outro servo disse: "Entregaste-me dois". "Eis aqui outros cinco talentos que ganhei com eles;" e o outro disse: "Ganhei outros dois".

Em primeiro lugar, os servos leais de Cristo reconhecem, com gratidão, sua concessão a eles. Senhor, o entregaste-me tais e tais coisas. Considere: 1. É bom fazer uma estimativa particular do que recebemos de Deus, para nos lembrarmos do que recebemos, para que possamos saber o que se espera de nós, e possamos produzir resultados correspondentes aos benefícios recebidos. 2. Nós nunca devemos considerar o que aprimoramos, a não ser com uma menção geral do favor de Deus a nós, da honra que Ele depositou em nós, ao nos confiar os seus bens, e àquela graça que é a origem e a fonte de tudo que há de bom em nós, ou que é realizado por nós. Pois a verdade é

que, quanto mais fazemos para Deus, mais estamos em débito para com Ele, por fazer uso de nós, e nos capacitar para o seu serviço.

Em segundo lugar, eles apresentam, como prova da sua lealdade, o que obtiveram. Note que os bons despenseiros de Deus têm alguma coisa a apresentar para provar a sua diligência. “Mostra-me a tua fé pelas tuas obras”. Quem for um bom homem, que o mostre (Tg 3.13). Se formos cuidadosos na administração dos nossos dons espirituais, isto logo ficará visível, e as nossas obras nos seguirão (Ap 14.13). Não que os santos, no grande dia, venham a fazer menção às suas grandes obras. Não, Cristo o fará por eles (v. 35). Mas isto sugere que aqueles que aprimorarem fielmente os seus talentos terão confiança no dia de Cristo (1 Jo 2.28–4.17). E é notável que aquele que tinha apenas dois talentos prestou contas com a mesma disposição que aquele que tinha cinco; pois o nosso consolo, no dia da prestação de contas, será de acordo com a nossa lealdade, e não de acordo com a nossa utilidade; de acordo com a nossa sinceridade, e não com o nosso sucesso; com a retidão dos nossos corações, e não de acordo com o grau das nossas oportunidades.

[2] A aceitação do mestre, e a aprovação da prestação de contas (vv. 21,23).

Em primeiro lugar, o mestre os elogiou: “Bem está, servo bom e fiel”. Observe que a diligência e a integridade daqueles que se mostram os bons e fiéis servos de Jesus Cristo certamente se acharão “em louvor, e honra, e glória” na sua revelação (1 Pe 1.7). Àqueles que reconhecem e honram a Deus agora, Ele irá reconhecer e honrar em breve. 1. Eles serão aceitos: “Servo bom e fiel”. Aquele que conhece agora a integridade dos seus servos, será testemunha dela no grande dia, e aqueles que forem considerados fiéis, assim serão chamados. Talvez eles fossem censurados pelos homens, por serem demasiadamente justos; mas Cristo lhes declarará o seu devido caráter, como servos bons e fiéis. 2. O que eles fizeram será aceito: “Bem está”. Cristo assim irá chamar àqueles bons servos, que trabalharam bem, e somente àqueles; pois é através da “perseverança em fazer bem” que procuramos esta “glória e honra” (Rm 2.7); e se procurarmos, iremos encontrar; se fizermos o que é bom, e o fizermos bem, nós teremos o louvor devido. Alguns mestres são tão mal-humorados que não elogiam os seus servos, ainda que eles realizem muito bem o seu trabalho. Acreditam que não desaprovar já seja uma atitude suficiente. Mas Cristo irá elogiar os seus servos que trabalharem bem; quer os elogios a eles venham dos homens ou não, serão sempre dele. E

se tivermos uma boa palavra do nosso Mestre, não importará tanto o que os nossos conservos digam a nosso respeito. Se ele disser: “Bem está”, nós ficaremos felizes, e o julgamento dos homens representará muito pouco para nós; mas, pensando na situação contrária, só será aprovado aquele que o Senhor elogiar, e não aquele que elogiar a si mesmo, ou que for elogiado por seus vizinhos e amigos.

Em segundo lugar, o Senhor os recompensa. Os servos fiéis de Cristo não serão dispensados com elogios limitados. Não, todo o seu trabalho e toda a sua obra de amor serão recompensados.

Essa recompensa está aqui expressa de duas maneiras:

1. Com uma expressão de acordo com a parábola: “Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei”. É usual, nas cortes dos príncipes e nas famílias de homens poderosos, promover para cargos mais elevados aqueles que foram leais nos cargos mais baixos. Observe que Cristo é um Mestre que irá preferir aqueles seus servos que se portarem bem. Cristo tem uma honra guardada para aqueles que o honram, uma coroa (2 Tm 4.8), um trono (Ap 3.21), um Reino (cap. 25.34). Aqui, eles são pobres; no céu, serão governantes. Os justos terão o domínio. Todos os servos de Cristo são príncipes.

Observe a desproporção entre o trabalho e a recompensa. Existem poucas coisas nas quais os santos são úteis para a glória de Deus, mas existem muitas coisas nas quais eles serão glorificados com Deus. Qualquer missão que recebemos de Deus, qualquer obra que realizamos para Deus neste mundo, é muito pouco, em comparação com o gozo que nos está proposto. Considere todo o nosso serviço, todos os nossos sofrimentos, todos os nossos aperfeiçoamentos, todo o bem que fazemos aos outros, tudo o que fazemos de bom a nós mesmos, e serão apenas umas poucas coisas, quase nada. Estas coisas não são dignas de serem comparadas, nem é adequado que sejam mencionadas, tendo em vista a glória que há de ser revelada.

2. Em outra expressão, que sobressai da parábola para aquilo que ela representa: “Entra no gozo do teu Senhor”. Observe: (1) A condição do bem-aventurado é uma situação de alegria, não somente porque todas as suas lágrimas serão, então, enxugadas, mas porque todas as fontes de consolo lhe serão abertas, e as fontes de alegria arrebentarão e jorrarão. Onde estiverem a visão e a concretização das esperanças que temos em Deus, uma perfeição de santidade, e a sociedade dos bem-aventurados, não pode deixar de haver abundância de alegria. (2) Este gozo é o gozo do seu Senhor; o gozo que Ele

mesmo lhes propiciou; o gozo dos redimidos, comprado com o sofrimento do Redentor. É o gozo que Ele mesmo possui, e que era o seu objetivo quando Ele "suportou a cruz, desprezando a afronta" (Hb 12.2). É o gozo de que Ele mesmo é a fonte e o centro. É o gozo do nosso Senhor, pois é o gozo no Senhor, que é o nosso gozo supremo. Abraão não estava disposto a permitir que o mordomo da sua casa, embora fiel, fosse o seu herdeiro (Gn 15.3), mas Cristo admite os seus servos fiéis no seu gozo, para serem co-herdeiros com Ele. (3) Os santos glorificados entrarão nesse gozo, tomarão a posse completa dele, como faz o herdeiro quando atinge a maioridade, tomando posse das suas propriedades, ou como aqueles que estão preparados e entram na festa das bodas. Aqui o gozo do nosso Senhor entra no coração dos seus santos, no fervor do Espírito. Em breve, eles entrarão nele, e estarão nele por toda a eternidade, como em seu próprio lugar.

(2) A má prestação de contas do servo negligente. Observe:

[1] As suas desculpas (vv. 24,25). Embora tivesse recebido apenas um talento, ele deve prestar contas por aquele talento. O fato de nós recebermos pouco não nos isenta de prestar contas. Ninguém será chamado a prestar contas de mais do que recebeu; porém todos nós deveremos prestar contas daquilo que tivermos.

Em primeiro lugar, veja em que ele confia. Ele vem prestar contas com uma dose de segurança, confiando na explicação que tinha para apresentar, e foi capaz de dizer: "'Aqui tens o que é teu'. Se eu não aumentei o que me foi entregue, como os outros fizeram, pelo menos isto eu posso dizer: Também não diminuí". O servo pensa que isso poderá servir para isentá-lo, se não com elogio, pelo menos com segurança.

Observe que muitos vão ao julgamento com muita segurança, supondo a validade da defesa, que será rejeitada por ser vã e frívola. Os crentes negligentes, que têm receio de fazer demais por Deus, ainda assim esperam sair-se tão bem como aqueles que se empenharam muito na obra de Deus. "Mais sábio é o preguiçoso a seus olhos do que sete homens que bem respondem" (Pv 26.16). Este servo pensou que a sua prestação de contas seria bem aceita, porque ele pôde dizer: "Aqui tens o que é teu". "Senhor, eu não desperdicei os bens, não perdi o meu tempo, não me opus aos bons ministros e à boa pregação. Senhor, eu nunca ridicularizei a minha Bíblia, nunca coloquei a minha inteligência para desafiar o Evangelho, nunca abusei do meu poder para perseguir algum homem bom; eu nunca sufoquei as pessoas à

minha volta, nem incentivei as criaturas de Deus à perdição na embriaguez ou na glutonaria, e nunca, no meu entender, feri qualquer corpo". Muitos que são chamados de cristãos nutrem grandes esperanças em relação ao céu, com base na sua capacidade de produzir uma prestação de contas assim; mas tudo isso não representará nada além de "Aqui tens o que é teu"; como se nada mais fosse exigido, ou pudesse ser esperado.

Em segundo lugar, o que esse servo negligente confessa. Ele reconhece que enterrou o seu talento: "Escondi na terra o teu talento". Ele fala como se isso não fosse uma falta grave; ou melhor, como se ele merecesse um elogio, pela sua prudência em guardar o talento em um lugar seguro, e não correr nenhum risco que envolvesse os recursos de seu senhor. Observe que é comum que as pessoas dêem pouca importância àquilo que será a sua condenação no grande dia. Ou ainda, se ele estava consciente de que esta era uma falha sua, isto sugere com que facilidade os servos negligentes serão condenados no juízo; eles não precisarão que se procure por provas, pois as suas próprias línguas os acusarão.

Em terceiro lugar, qual é a desculpa que ele apresenta: "Eu conhecia-te, que és um homem duro,… e atemorizado. Bons pensamentos sobre Deus produziriam amor, e este amor nos tornaria diligentes e fiéis; mas maus pensamentos sobre Deus produzem medo, e este medo nos torna negligentes e desleais. A sua desculpa evidencia:

1. Os sentimentos de um inimigo: "Eu conhecia-te, que és um homem duro". Isto foi como aquelas más palavras ditas pela casa de Israel: "O caminho do Senhor não é direito" (Ez 18.25). Assim, a sua defesa resulta no seu crime. "A estultícia do homem perverterá o seu caminho" (Pv 19.3), e então, como se isto pudesse consertar a situação, o seu coração se ira contra o Senhor. Isto é disfarçar o pecado, como Adão, que implicitamente atribuiu a culpa ao próprio Deus: "A mulher que me deste por companheira". Note que os corações carnais são capazes de conceber opiniões falsas e maldosas a respeito de Deus, e com elas, persistir com os seus maus costumes. Observe com que confiança ele diz: "Eu conhecia-te". Como ele poderia conhecê-lo tanto? Que injustiça nós ou os nossos pais encontraram nele? (Jr 2.5). Quando Ele nos cansou com o seu trabalho, ou nos enganou com os seus salários? (Mq 6.3). Por acaso Ele foi para nós um deserto ou um lugar de trevas? Por tanto tempo Deus governou o mundo, e muitos podem perguntar, com mais razão do que o próprio Samuel: "A quem defraudei?" ou: "A quem

tenho oprimido?” Será que o mundo todo não sabe do contrário, que Ele está tão longe de ser um Mestre duro, que a terra está cheia da sua bondade; tão longe de colher o que Ele não semeou, que Ele semeia muito onde não colhe nada? Pois Ele faz com “que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos”, e enche “de mantimento e de alegria” o coração daqueles que dizem ao Todo-Poderoso: “Retira-te de nós”. Esta sugestão evidencia a reprovação comum que as pessoas pecadoras lançam a Deus, como se toda a culpa pelos seus pecados e pela sua desgraça estivesse à porta do Senhor, como se o Deus precioso lhes negasse a sua graça. Mas o certo é que ninguém que tenha aprimorado fielmente a graça que possuía, tenha perecido por lhe faltar uma graça especial. Ninguém pode demonstrar que algo mais poderia ter sido feito por uma vinha improdutiva, além do que Deus fez por ela. Deus não age como o Faraó, que exigia a produção de tijolos sem fornecer a palha necessária. Não, qualquer coisa que seja exigida na aliança é prometida na própria aliança, de modo que, se nós perecermos, pereceremos devido às nossas próprias atitudes.

2. O estado de espírito de um servo: “Atemorizado”. Este mau sentimento em relação a Deus nasceu das suas falsas noções sobre Ele, e nada é mais indigno de Deus, nada é maior obstáculo ao nosso dever para com Ele, do que o medo deste servo. Aqui há escravidão e tormento, e se opõe diretamente àquele amor integral que o grande comandante exige. Note que os maus pensamentos a respeito de Deus nos afastam do seu serviço, e nos limitam em relação a Ele. Aqueles que pensarem que é impossível agradar a Deus, e que é inútil servi-lo, não farão nada com o objetivo de promover o Evangelho.

[2] A resposta do seu Senhor a esta desculpa. Isto não lhe terá nenhuma utilidade. Esta desculpa será rejeitada, ou melhor, se voltará contra ele, e ele emudecerá; pois aqui nós temos a sua acusação e a sua condenação.

Em primeiro lugar, a sua acusação (vv. 26,27). Ele é acusado de duas falhas:

1. Negligência: “Mau e negligente servo”. Observe que os servos negligentes são maus servos, e assim serão reconhecidos pelo seu Mestre, pois aquele que é “o negligente na sua obra”, e negligencia o bem que Deus lhe ordenou, é “irmão do desperdiçador”, fazendo o mal que Deus proibiu (Pv 18.9). Aquele que é descuidado na obra de Deus, é parente próximo daquele que se ocupa da obra do diabo. *Satis est mali nihil fecisse boni – Não*

fazer o bem é trazer sobre si mesmo uma culpa muito grave. As omissões são pecados, e devem ser julgadas; a negligência abre caminho para a maldade; todos se tornaram imundos, pois "não há quem faça o bem" (Sl 14.3). Quando a casa está desocupada, o espírito imundo se apossa dela, levando consigo outros sete espíritos piores do que ele. Aqueles que são ociosos nos assuntos da sua alma, não são apenas ociosos, mas algo pior (1 Tm 5.13). Quando os homens dormem, o inimigo semeia ervas daninhas.

2. Autocontradição (vv. 26,27): "Sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei; devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros". Observe que os maus pensamentos que os pecadores têm a respeito de Deus, embora falsos e injustos, estão tão longe de justificar a sua maldade e negligência, que somente irão agravar e aumentar a culpa deles. Isto pode ser interpretado de três maneiras: (1) "Se você supunha que eu fosse um mestre tão severo, você não deveria, por isso, ter sido mais diligente e cuidadoso para me agradar? Se não fosse por amor, que fosse por medo. E por essa razão, você não deveria ter se preocupado com o seu trabalho?" Se "o nosso Deus é um fogo consumidor", devemos nos empenhar para servi-lo. Ou deste modo: (2) "Se você me julgava um mestre severo, e por isso não negociou você mesmo com o dinheiro, por medo de perdê-lo, e ter de arcar com a perda, ainda assim você poderia tê-lo colocado nas mãos dos cambistas, ou dos ourives, poderia tê-lo levado ao banco, e então, na minha chegada, se eu não pudesse ter o melhor lucro através do comércio (como com os demais talentos), pelo menos poderia ter algum lucro, com menor vantagem, e poderia ter recebido o que é meu, com juros" – o que, aparentemente, era um costume comum naquele tempo, e não reprovado pelo nosso Salvador. Note que se não pudermos, ou não quisermos, fazer o que devemos, ainda assim esta desculpa não nos servirá quando se demonstrar que não fizemos o que podíamos e devíamos fazer. Se nós não pudermos encontrar, em nossos corações, a coragem para nos aventurarmos em serviços mais difíceis e arriscados, isto nos justificará por evitarmos aqueles que são mais seguros e fáceis? Alguma coisa é melhor que nada. Se deixarmos de demonstrar a nossa coragem nas iniciativas ousadas, ainda assim precisaremos dar testemunho da nossa boa vontade através de esforços honestos; e o nosso Mestre não desprezará o dia das coisas menores. Ou deste modo: (3) "Se você supunha que eu colho onde não semeei, ainda assim isto não significaria nada para você, pois eu semeei em você, e o talento foi o meu dinheiro que lhe foi

confiado, não somente para guardar, mas para negociar". Observe que no dia da prestação de contas, os servos maus e negligentes serão deixados sem desculpas; as defesas frívolas serão rejeitadas, e toda boca será fechada. E aqueles que agora confiam tanto nas suas próprias justificativas, não terão nenhuma palavra para dizer em sua própria defesa.

Em segundo lugar, a sua condenação. O servo negligente é condenado a:

1. Ser privado do seu talento (vv. 28,29): "Tirai-lhe, pois, o talento". Primeiramente, o senhor dispôs dos talentos como o proprietário absoluto, mas então Ele dispunha deles como um juiz. Ele tira o talento do servo desleal, para puni-lo, e o entrega àquele que foi eminentemente fiel, para recompensá-lo. E nós temos o significado dessa parte da parábola, em razão da sentença (v. 29): "A qualquer que tiver será dado". Isto pode ser aplicado: (1) Às bênçãos da riqueza e das possessões terrenas desta vida. Elas nos são confiadas para serem usadas para a glória de Deus, e para o bem dos que nos rodeiam. Aquele que tem essas coisas, e as usa com essa finalidade, terá abundância; talvez abundância dessas próprias coisas, ou, pelo menos, abundância de consolo nelas, e de coisas melhores. Mas daquele que não as tem, isto é, que tem essas coisas como se não as tivesse, como se não tivesse a capacidade de se alimentar delas, ou de fazer o bem com elas (*Avaro deest, tam quod habet, quam quod non habet – O avarento pode se considerar destituído daquilo que tem, e também daquilo que não tem*), elas lhe serão tiradas. Salomão explica isso (Pv 11.24): "Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros, que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda". Dar aos pobres é negociar com o que temos, e o retorno será grande. O Senhor irá multiplicar a farinha da panela e o azeite da botija. Mas aqueles que são sórdidos, e avarentos, e pouco generosos, irão descobrir que as riquezas que assim foram obtidas "se perdem por qualquer má aventura" (Ec 5.13,14). Às vezes, a Providência, estranhamente, transfere propriedades daqueles que não fazem nenhum bem com elas para aqueles que fazem; aqueles que assim agem "ajunta-as para o que se compadece do pobre" (Pv 28.8). Veja Pv 13.22; Jó 27.16,17; Ec 2.26. (2) Aos meios da graça. Àqueles que são diligentes ao aproveitar as oportunidades que têm, Deus irá aumentá-las, irá colocar diante deles uma porta aberta (Ap 3.8). Mas aqueles que não conhecem o dia da sua visitação, terão as coisas que pertencem à sua paz ocultas dos seus olhos. Como prova disso, veja o que Deus fez a Siló (Jr 7.12). (3) Aos dons comuns do Espírito. Aquele que os tem, e faz o bem com

eles, terá abundância. Esses dons aumentam quando usados, e resplandecem quando são exercitados; quanto mais nós fizermos, mais poderemos fazer pelo Evangelho. Mas aqueles que não despertam o dom que há neles, que não se exercitam de acordo com a sua capacidade, terão os seus dons oxidados, decadentes, e extintos, como um fogo negligenciado. Daquele que não tem um princípio vivo de graça na sua alma lhe serão removidos os dons comuns que possui, da mesma maneira como as virgens loucas saíram, com falta de azeite (v. 8). Assim, o braço do pastor inútil, que ele negligentemente dobrou no seu colo, se secará completamente, e o seu olho direito, que ele descuidada ou voluntariamente fechou, se escurecerá inteiramente, conforme a ameaça descrita em Zacarias 11.17.

2. Ele é condenado a ser lançado "nas trevas exteriores" (v. 30). Nesse trecho:

(1) O seu caráter é o de um "servo inútil". Note que os servos negligentes serão considerados como servos improdutivos, pois não fazem nada com o propósito da sua vinda ao mundo, nada que corresponda à finalidade do seu nascimento ou batismo; não são, de nenhuma maneira, úteis para a glória de Deus, para o bem dos outros, ou para a salvação das suas próprias almas. Um servo negligente é um membro definhado no corpo, uma árvore infrutífera na vinha, um zangão ocioso na colméia, ou seja, ele não serve para nada. De certa maneira, todos nós somos "servos inúteis" (Lc 17.10); não somos de nenhum proveito a Deus (Jó 22.2). Mas para os outros, e para nós mesmos, é necessário que sejamos de algum proveito, pois se não o formos, Cristo não nos reconhecerá como seus servos. Não é suficiente não fazer o mal; nós devemos fazer o bem, devemos produzir frutos, e ainda que Deus não tenha tido proveito nisto, pelo menos Ele será glorificado (Jo 15.8).

(2) A sua condenação é ser lançado "nas trevas exteriores". Nesse ponto, como também naquilo que foi dito aos servos fiéis, o nosso Salvador, imperceptivelmente, se afasta da parábola para entrar no que ela pretendia ensinar, e isto serve como uma chave para o conjunto todo; pois as trevas exteriores, onde há pranto e ranger de dentes, é, nos sermões de Cristo, a perífrase comum para a desgraça dos condenados no inferno. A sua condição é: [1] Muito funesta. São as trevas exteriores. As trevas são desconfortáveis e aterradoras; elas foram uma das pragas do Egito. No inferno, há cadeias de escuridão (2 Pe 2.4). Nas trevas, nenhum homem consegue trabalhar, uma punição adequada para um servo negligente. São as trevas exteriores, que

estão fora da luz do céu, fora do gozo do seu Senhor, no qual os servos fiéis são aceitos; fora do banquete. Compare com Mateus 8.12 e 22.13. [2] Muito triste. Ali há “pranto”, o que evidencia grande tristeza, e “ranger de dentes”, que evidencia grande irritação e indignação. Esta será a parte que caberá ao servo negligente.

O Processo do Último Julgamento

vv. 31-46

Nesse trecho, temos a descrição do processo do Juízo Final no Grande Dia. Há algumas passagens que são alegóricas, como a separação entre as ovelhas e os bodes, e os diálogos entre o juiz e as pessoas julgadas. Mas não existe uma linha de semelhança no sermão, e por isso é preferível que seja chamado de esboço ou esquema do Juízo Final do que de parábola. Aqui está a explicação das parábolas anteriores. E temos então:

I O posicionamento do Juiz no trono (v. 31): “Quando o Filho do Homem vier”. Considere que:

1. Há um julgamento que há de vir, no qual cada homem deverá receber a sentença da condição de eterna felicidade, ou eterna miséria, no campo da recompensa ou retribuição, de acordo com o que fez neste mundo de tentações e provações, e todos serão julgados pelo estatuto do Evangelho eterno.

2. A administração do julgamento do Grande Dia foi entregue ao Filho do Homem; porque por meio dele, Deus julgará o mundo (At 17.31), e todo o julgamento foi confiado a Ele, e por isso o julgamento daquele dia é o centro de tudo. Aqui, como em outras passagens, quando se menciona o Juízo Final, Cristo é chamado de Filho do Homem, porque Ele deverá julgar os filhos dos homens (e o fato de Ele ter, além da natureza divina, a natureza humana, torna-o ainda mais irrepreensível). Por causa de sua maravilhosa condescendência, ao assumir para si a nossa natureza, e tornar-se o Filho do Homem, será recompensado com a sua exaltação naquele dia, e uma honra será colocada sobre a natureza humana.

3. A aparição de Cristo para julgar o mundo será esplêndida e gloriosa. Agripa e Berenice se dirigiram ao trono do julgamento com “muito aparato” (At 25.23); mas aquilo foi (como a palavra original diz) uma grande fantasia.

Cristo assumirá o seu trono em glória verdadeira. Então o Sol da Justiça brilhará no auge de seu esplendor, e o Príncipe dos reis da terra mostrará as riquezas do seu reino glorioso, e a dignidade da sua majestade esplêndida; e todo o mundo verá aquilo em que somente os justos crêem agora, que Ele é o esplendor da glória do seu Pai. Ele não virá somente na glória de seu Pai, mas em sua própria glória, como mediador. A sua primeira vinda foi sob a nuvem escura da obscuridade; a sua segunda vinda será sob a nuvem reluzente da glória. A certeza que Cristo deu aos seus discípulos da sua glória futura talvez tenha ajudado a amenizar, em sua mente, o escândalo da cruz e o seu sofrimento que se aproximava.

4. Quando Cristo vier na sua glória para julgar o mundo, trará todos os seus santos anjos consigo. Esta pessoa gloriosa terá um séqüito glorioso, as suas miríades sagradas, que não serão somente os seus servidores, mas também ministros da sua justiça. Eles virão com Ele não só em grandeza, mas também para servi-lo. Eles devem vir para convocar o tribunal (1 Ts 4.16), para ajuntar os escolhidos (cap. 24.31), para colher o joio (cap. 13.40), para serem testemunhas da glória dos santos (Lc 12.8) e da desgraça dos pecadores (Ap 14.10).

5. Ele então se sentará no trono da sua glória. Ele está agora sentado com seu Pai no seu trono; e é um trono de graça, para o qual podemos ir corajosamente; é um trono de governo, o trono do seu pai Davi. Ele é um sacerdote naquele trono. Mas então Ele se sentará no trono da glória, o trono do julgamento. Veja Dn 7.9-10. O trono de Salomão, embora não houvesse outro igual em nenhum reino, era algo muito pequeno para o Senhor Jesus. Cristo, em seus dias como ser humano, foi acusado e julgado como um prisioneiro no tribunal; mas na sua segunda vinda, Ele se sentará como um juiz no tribunal.

II O aparecimento de todos os filhos dos homens diante dele (v. 32): “Todas as nações serão reunidas diante dele”. Observe que o julgamento do grande dia será um julgamento geral. Todos serão convocados diante do tribunal de Cristo; todos aqueles que viveram em qualquer época no mundo, desde o início até o fim dos tempos; todos de qualquer lugar da terra, mesmo dos cantos mais distantes do mundo, os mais obscuros e distantes; todas as nações, todas as nações dos homens que são feitos do mesmo sangue, que habitam por toda a face da terra.

III Será feita, então, a distinção entre o precioso e o vil. Ele “apartará uns dos outros”, como o joio e o trigo são separados na colheita, o peixe bom do ruim, na margem, o trigo da palha, na eira. O ímpio e o justo aqui habitam juntos, nos mesmos reinos, nas mesmas cidades, igrejas, famílias, e não são distinguíveis uns dos outros; tais são as tristezas dos santos, e tais as hipocrisias dos pecadores. Desta forma, o juízo será um evento importante para ambos, pois naquele dia eles serão apartados e separados para sempre. “Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não o serve” (Ml 3.18). Eles não podem se separar uns dos outros neste mundo (1 Co 1.10), nem ninguém pode separá-los (cap. 13.29); mas o Senhor conhece aqueles que lhe pertencem, e pode separá-los. Esta separação será tão precisa que nem os justos mais insignificantes se perderão na multidão dos pecadores, nem o mais plausível pecador se esconderá na congregação dos justos (Sl 1.5), mas cada um deverá ir para seu próprio lugar. Isto é comparado à separação que o pastor faz entre as ovelhas e os bodes; ela é extraída de Ezequiel 34.17: “Eis que eu julgarei entre gado pequeno e gado pequeno, entre carneiros e bodes”. Observe que: 1. Jesus Cristo é o grande Pastor. Ele agora alimenta o seu rebanho como um Pastor, e em breve distinguirá entre aqueles que são seus e os que não são, assim como Labão separou as suas ovelhas das de Jacó e colocou uma distância de três dias de jornada entre ele e Jacó (Gn 30.35-36). 2. Os justos são como as ovelhas, inocentes, mansas, pacientes, úteis. Os ímpios são como os bodes, um tipo de animal mais desprezível, repugnante e indisciplinado. As ovelhas e os bodes são alimentados no mesmo pasto durante o dia, mas são abrigados em diferentes currais à noite. Com essa divisão, Ele “porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda” (v. 33). Cristo honra os justos, assim como nós demonstramos respeito àqueles que se sentam ao nosso lado direito; mas os ímpios ressuscitarão “para vergonha e dezprezo eterno” (Dn 12.2). Não está dito que Ele colocará os ricos à sua direita, e os pobres à esquerda; os instruídos e nobres à direita, e os incultos e desprezados à esquerda; mas os justos à sua direita, e os ímpios à sua esquerda. Todas as outras divisões e subdivisões serão então abolidas, mas a grande distinção dos homens entre justos e pecadores, santos e ímpios, persistirá para sempre; e a condição imortal dos homens será determinada por ela. Os pecadores tomaram as suas bênçãos, riquezas e honra de maneira ilícita, e por esta razão serão condenados.

IV O processo de julgamento em relação a cada um deles.

1. Em relação aos justos, à direita. A causa deles deve ser concluída primeiro, para que possam ser assessores com Cristo no julgamento dos pecadores, cuja desgraça será agravada quando eles virem Abraão, e Isaque, e Jacó admitidos no Reino de Deus (Lc 13.28). Observe aqui:

(1) A glória conferida a eles. A sentença pela qual eles não somente serão absolvidos, mas também escolhidos e recompensados (v. 34): "Dirá o Rei aos que estiverem à sua direita" Aquele que era o Pastor, o que evidencia a proteção e ternura com a qual Ele fará a sua averiguação, aqui é o Rei, o que evidencia a autoridade por meio da qual Ele pronunciará a sentença. Onde estiver a palavra do Rei, ali haverá poder. Há duas coisas nessa sentença:

[1] O reconhecimento dos justos como benditos do Senhor: "Vinde, benditos de meu Pai". Em primeiro lugar, Ele os pronuncia "benditos"; e as suas palavras, de que eles são benditos, os torna abençoados. A lei os amaldiçoa pelos seus muitos abandonos de causa; mas Cristo, tendo-os redimido da maldição da lei, comprou a bênção para eles, e a colocou sobre eles. Em segundo lugar, "benditos de seu Pai". Censurados e amaldiçoados pelo mundo, mas abençoados por Deus. Da mesma maneira como o Espírito glorifica o Filho (Jo 16.14), também o Filho glorifica o Pai, ao lhe entregar a salvação dos justos como um assunto de importância primordial; todas as nossas bênção nos lugares celestiais vindas a nós de Deus, como o pai de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 1.3). Em terceiro lugar, Ele os convida para vir. Este vir é, na realidade: "Bem-vindos, dez mil vezes bem-vindos para as bênçãos do meu Pai; venham a mim, venham para estar comigo para sempre. Você que me seguiu carregando a cruz, agora caminhe comigo usando a coroa. Os benditos de meu Pai são os bem-amados da minha alma. Aqueles que estiveram a uma distância grande demais de mim; venham, agora, venham para o meu seio, venham para os meus braços, venham para o mais precioso abraço!" Oh! com que alegria isto encherá os corações dos justos nesse dia! Agora nós vamos, com ousadia, ao trono da graça, mas somente então iremos ao trono da glória; e esta palavra assegura que nos será estendido o cetro de ouro, com a certeza de que os nossos pedidos serão concedidos, mesmo que superem a metade do Reino. Agora o Espírito diz: Vinde, na palavra; e a esposa diz: Vinde, em oração; e o resultado disso é uma comunicação harmoniosa; entretanto, a perfeição da felicidade ocorrerá quando o Rei disser: Vinde.

[2] A admissão dos santos à bem-aventurança e ao Reino do Pai: “Possuí por herança o Reino que vos está preparado”.

Em primeiro lugar, a felicidade que eles terão será muito grande. Esta informação nos é dada por aquele que a conhece, pois ela lhe pertence, e Ele a reservou para aqueles que o servem.

1. É um “Reino”. Um reino é considerado como sendo a mais valiosa possessão na terra e inclui a maior riqueza e honra. Aqueles que herdam os reinos usarão todas as glórias da coroa, desfrutarão todos os prazeres da corte e comandarão os tesouros peculiares das províncias; ainda que isto seja somente uma pequena semelhança da felicidade dos santos no céu. Aqueles que aqui são pobres, prisioneiros, considerados como a escória de todas as coisas, herdarão então o Reino (Sl 113.7; Ap 2.26-27).

2. É um Reino “preparado”. A felicidade deve ser grande, porque é o produto dos conselhos divinos. Observe que há uma grande preparação produzida para o entretenimento dos santos no Reino da glória. O Pai o designou a eles em seus pensamentos de amor, e proporcionou-o a eles na grandeza de sua sabedoria e poder. O Filho conseguiu-o para eles, e Ele entra primeiro para preparar o lugar (Jo 14.2). E o bendito Espírito Santo, ao prepará-los para o Reino, está, na verdade, preparando-o para eles.

3. Está preparado para eles. Isto revela: (1) A adequação dessa felicidade. Ela está, em todos os pontos, adaptada à natureza da alma, e à nova natureza de uma alma santificada. (2) A posse e o interesse que eles têm nele. Ele está preparado intencionalmente para eles; não somente para aqueles que são como vocês, mas para vocês, que são chamados por seus próprios nomes; para vocês, pessoal e particularmente, que foram escolhidos para a salvação pela santificação.

4. Está preparado “desde a fundação do mundo”. Esta felicidade foi designada para os santos, e eles para ela, “antes dos tempos dos séculos”, e por toda eternidade (Ef 1.4). O fim, que é executado por último, é o primeiro na intenção. A Infinita Sabedoria tem um objetivo na glorificação eterna dos santos, desde a primeira fundação da criação: “Porque tudo isso é por amor de vós” (2 Co 4.15). Ou isto, denota a preparação do lugar para essa felicidade, que será o assento e a morada dos benditos, que está preparado desde o início da obra da criação (Gn 1.1). Ali, no céu dos céus, as estrelas da alva cantavam juntas alegremente, enquanto era criada a fundação da terra (Jó 38.4-7).

Em segundo lugar, a maneira pela qual eles tomarão posse é muito interessante: eles deverão vir e herdá-lo. Aquilo que recebemos por herança não foi conseguido por nossa aquisição, mas meramente, como os advogados expressam, por um ato de Deus. É Deus que nos faz herdeiros, herdeiros dos céus. Nós alcançamos a herança em virtude da nossa condição de filhos, da nossa adoção; se somos filhos, então somos herdeiros. Um título que se recebe por herança é o título mais doce e mais seguro; e neste caso, ele se refere à possessão na terra de Canaã, que era transferida por herança, e não seria alienada além do ano do Jubileu. Por essa razão, a herança divina é irrevogável e inalienável. Os santos neste mundo são como os herdeiros quando meninos: estão sob os cuidados de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai (Gl 4.1-2); e então lhes será dada a completa possessão daquilo a que agora, por meio da graça, eles têm direito. “Vinde”, e possuí-o por herança.

(2) A razão para isso (vv. 35,36): “Porque tive fome, e destes-me de comer”. Nós não podemos, portanto, deduzir que quaisquer boas palavras nossas merecem a felicidade do céu, por qualquer valor ou excelência intrínseca que haja nelas. A nossa generosidade se estende não a Deus, mas está claro que Jesus Cristo irá julgar o mundo pelas mesmas regras pelas quais Ele o governa, e, sendo assim, irá recompensar aqueles que foram obedientes à lei; e será feita menção à sua obediência, não como seu título, mas como sua evidência de um interesse em Cristo, e no seu resgate. Essa felicidade será concedida aos crentes obedientes, não sobre uma *quantum meruit – uma estimativa de mérito*, o que pressupõe uma proporção entre a obra e a recompensa, mas com base na promessa de Deus, comprada por Jesus Cristo, e o seu benefício assegurado sob certas condições e limitações. A compra e a promessa é que dão o direito; a obediência é apenas a qualificação da pessoa em questão. Pode-se dizer que uma propriedade é obtida mediante uma condição por meio de cessão ou testamento, quando a condição se concretiza em conformidade com a verdadeira intenção do doador ou de quem fez o testamento, tornando-se absoluta; e então, embora o direito esteja baseado exclusivamente na cessão ou no testamento, ainda assim a concretização da condição deve ser dada em evidência, e é isto o que ocorre aqui; pois Cristo é o Autor da salvação eterna, que só é dada àqueles que o obedecem, e que pacientemente continuam procedendo bem.

As boas obras aqui mencionadas são aquelas normalmente chamadas de caridade aos pobres. Muitos estarão à sua direita, porém nunca tiveram como alimentar quem tinha fome, ou vestir quem estava nu, mas foram, eles mesmos, alimentados e vestidos pela caridade de outros. Um exemplo de obediência sincera é colocado para os demais, ensinando nos que, de modo geral, a fé que trabalha através do amor é tudo em todos no cristianismo. “Mostra-me a tua fé pelas tuas obras”, e nada será abundante para uma prestação de contas futura, exceto os frutos da justiça em uma boa conduta agora. As boas obras aqui descritas implicam em três coisas, que devem ser encontradas em todos os que são salvos.

[1] A renúncia de si mesmo, e o desprezo pelo mundo. Considerar as coisas do mundo não traz bons resultados que nos permitam fazer o bem com elas. E aqueles que não possuem os recursos para fazer o bem, devem exibir a mesma disposição, sendo pobres, satisfeitos e alegres. Aqueles que são mortificados para as coisas da terra são aptos a morar no céu.

[2] O amor pelos nossos irmãos; o que é o segundo grande mandamento, o cumprimento da lei, e um excelente preparativo para o mundo em que reina o amor eterno. Nós devemos dar evidências desse amor pela nossa disposição em fazer o bem, e transmitir o Evangelho; os bons desejos não são nada além de zombarias, sem as boas obras (Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17). Aqueles que não têm o que dar, devem mostrar a mesma disposição de alguma outra maneira.

[3] Uma consideração respeitosa por Jesus Cristo, através da fé. O que é aqui recompensado é a ajuda aos pobres, por amor a Cristo, e conforme a sua orientação. Isso confere uma excelência à boa obra, uma vez que através dela nós servimos ao Senhor Jesus, e isto se aplica tanto àqueles que realizam essa obra para viver quanto àqueles que ajudam a conservar vivas outras pessoas. Veja Ef 6.5-7. As boas obras que serão aceitas são aquelas feitas em nome do Senhor Jesus (Cl 3.17).

“Tive fome,” isto é, meus discípulos e seguidores tiveram fome, seja pelas perseguições dos inimigos por eles fazerem o bem, ou pelas dispensações comuns da Providência; pois, nessas coisas, há um único fato para os justos e para os pecadores: E destes de comer a eles. Observe, em primeiro lugar, que a Providência ordena e dispõe as circunstâncias do seu povo neste mundo de variadas maneiras, de modo que enquanto alguns têm condições de propiciar ajuda, outros necessitam dela. Não é novidade para aqueles que se alimentam com as guloseimas do céu ter fome e sede, e lhes faltar o alimento cotidiano;

para aqueles que se sentem à vontade como se estivessem em casa quando estão em Deus, ser estrangeiros em terra alheia; para aqueles que se revestiram de Cristo, necessitar de roupas para se manterem aquecidos; para aqueles que têm almas saudáveis, ter corpos enfermos; e para aqueles que estão na prisão, que Cristo os tenha feito livres. Em segundo lugar, as obras de caridade e beneficência, conforme a nossa capacidade, são necessárias para a salvação; e elas serão ainda mais importantes no julgamento do grande Dia do que normalmente se imagina; elas devem ser as evidências do nosso amor, e da submissão que confessamos em relação ao Evangelho de Cristo (2 Co 9.13). Mas aqueles que não mostram misericórdia, serão julgados sem misericórdia.

Esta razão é modestamente questionada pelos justos, mas é o próprio Juiz que a explica.

1. Ela é questionada pelos justos (vv. 37-39). Não como se eles se recusassem a herdar o reino, ou se envergonhassem das suas boas obras, ou não tivessem o testemunho da consciência em relação a si mesmos; mas: (1) As expressões são alegóricas, com o objetivo de apresentar e gravar essas grandes verdades, de que Cristo tem uma grande consideração pelas obras de caridade, e se agrada especialmente pela generosidade demonstrada ao seu povo, em seu nome. Ou: (2) Elas evidenciam a humilde admiração dos santos glorificados ao encontrar obras tão pobres e sem valor, como são as suas, tão grandemente celebradas e ricamente recompensadas: “Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer?” Observe que as almas que têm graça são capazes de pensar humildemente sobre as suas próprias boas obras, especialmente como sendo indignas de serem comparadas com a glória que há de ser revelada. Longe disso está o estado de espírito daqueles que disseram: “Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso?” (Is 58.3). Os santos no céu perguntarão a si mesmos o que os levou para lá, e se admirarão de que Deus considere tanto a eles, como aos seus serviços. Natanael deve ter chegado a corar ao ouvir o elogio que Cristo lhe fez: “De onde me conheces tu?” (Jo 1.47,48). Veja Ef 3.20. “‘Quando te vimos com fome?’ Nós vimos os pobres, em sofrimento, muitas vezes; mas quando foi que te vimos assim?” Observe que Cristo está mais entre nós do que pensamos que Ele está. Na verdade o Senhor está neste lugar, pela sua Palavra, pelas suas ordenanças, pelos seus ministros, pelo seu Espírito, sim, e pelos seus pobres, e nós não sabemos disso: “Te vi eu estando tu debaixo da figueira” (Jo 1.48).

2. Ela é explicada pelo próprio Juiz (v. 40): “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim *o* fizestes”. As boas obras dos santos, quando apresentadas no grande Dia: (1) Serão todas lembradas; e nem uma das menores delas será ignorada, nem um copo de água fria. (2) Elas serão interpretadas da melhor maneira, e com o melhor significado que lhes puder ser atribuído. Assim como Cristo faz o melhor das fraquezas dos santos, Ele também faz o máximo dos seus serviços.

Nós vemos as recompensas que Cristo tem para aqueles que alimentam os que têm fome, e que vestem os que estão nus. Mas o que será do pobre devoto que não tem recursos para fazer isso? Eles ficarão do lado de fora? Não: [1] Cristo os reconhecerá, até mesmo o menor deles, como seus irmãos. Ele não se envergonhará, nem pensará que possa ser alguma depreciação para si mesmo, chamá-los de irmãos (Hb 2.11). Mesmo nos pícaros da sua glória, Ele não deixará de reconhecer esses seus parentes pobres; Lázaro está ali, no seu seio, como um amigo, como um irmão. É assim que Ele os confessará (cap. 10.32). [2] Ele irá interpretar a gentileza feita aos pobres como tendo sido feita a si mesmo: “A mim o fizestes”. Observe que Cristo abraça a causa do seu povo, e se interessa pelo que interessa a eles, e se considera recebido, amado, e aceito neles. Se o próprio Cristo estivesse entre nós, na pobreza, com que presteza o ajudaríamos? Na prisão, com que freqüência nós o visitaríamos? Nós estamos prontos para invejar a honra que tinham aqueles que o serviam com as suas fazendas (Lc 8.3)? Onde estiverem santos pobres e ministros pobres, ali Cristo estará, pronto para receber neles a nossa bondade, e ela será levada em conta.

2. Aqui está o processo relacionado aos pecadores, aqueles que estão à esquerda. E quanto a isso, nós temos:

(1) A condenação que eles recebem (v. 41). Será uma desgraça estar colocado à esquerda; mas isto não é o pior de tudo. Ele dirá a eles: “Apartai-vos de mim, malditos”. Cada uma dessas palavras transmite terror, como o terror que trouxe a trombeta no monte Sinai, cada vez mais forte, cada inflexão mais e mais dolorosa, e sem nenhum consolo.

[1] Estar tão próximo de Cristo representava alguma satisfação, embora sob o seu olhar reprovador; mas isto já não mais será permitido: “Apartai-vos de mim”. Neste mundo, eles sempre foram chamados para ir a Cristo, para ir até a vida e o repouso, mas se recusaram a ouvir os seus convites; por isso, justamente, eles recebem a ordem de afastar-se de Cristo, pois não vieram a

Ele. “Apartem-se de mim, a Fonte de todo o bem, de mim, o Salvador, e, portanto, de toda a esperança de salvação. Eu nunca mais terei nada a dizer a vocês, nunca mais terei nada a ver com vocês”. Aqui, na terra, eles disseram ao Todo-Poderoso: Aparta-te de nós. Mas ali, Ele selecionará os enganos deles, e lhes dirá: “Apartai-vos de mim”. Observe que afastar-se de Cristo é algo tão ruim, que pode ser considerado o inferno dos infernos.

[2] Se eles devem se afastar, e afastar-se de Cristo, eles não poderiam receber uma bênção na despedida, uma palavra gentil e misericordiosa, pelo menos? Não. “Apartai-vos... malditos”. Aqueles que não vieram a Cristo para herdar uma bênção, devem afastar-se dele sob o peso de uma maldição, aquela maldição da lei que recai sobre todos os que a infringem (Gl 3.10). Como eles gostavam de amaldiçoar, ela também virá sobre eles. Observe que os justos são chamados “benditos de meu Pai”; entretanto, o fato de eles serem benditos se deve puramente à graça de Deus e à sua bênção, mas os pecadores, aqui, são chamados somente de “malditos”, pois a sua condenação vem deles mesmos. Deus os vendeu? Não, eles mesmos se venderam, e se colocaram sob a maldição (Is 50.1).

[3] Se eles devem partir, e partir com uma maldição, eles não podem ir a algum lugar de paz e repouso? Já não será desgraça suficiente para eles lamentar a sua perda? Não. Há uma punição dos sentidos, além da perda; eles devem se afastar para ir para o fogo, para um tormento tão terrível como fogo o é para o corpo, e muito mais. Este fogo é a ira do Deus eterno, prendendo-se às almas e às consciências culpadas dos pecadores, que se tornaram combustíveis para ele. O nosso Deus é um fogo consumidor, e os pecadores caem imediatamente nas suas mãos (Hb 10.31; Rm 2.8,9).

[4] Se é necessário ir para o fogo, não pode ser um fogo leve ou brando? Não, é um fogo “preparado”; um tormento ordenado “desde ontem” (Is 30.33). A condenação dos pecadores freqüentemente é mencionada como um ato de poder divino. Ele tem o poder de lançar no inferno. Nos vasos da ira, Ele torna conhecido o seu poder; isto é uma ”eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder”. Nela, se verá o que um Deus provocado pode fazer para tornar uma criatura provocadora miserável.

[5] Se é ao fogo, a um fogo preparado: Oh!, Que seja apenas de curta duração, que eles apenas passem através do fogo. Não. O fogo da ira de Deus será um fogo eterno; um fogo que, prendendo-se às almas imortais, e atacando-as, nunca poderá se extinguir por falta de combustível; e,

queimando e ardendo pela ira de um Deus imortal, nunca poderá se extinguir, por não ser soprado ou atiçado; e, estando excluídas para sempre as correntezas da misericórdia e da graça, não existe nada que extinga este fogo. Se uma gota de água é negada para esfriar a língua, baldes de água nunca serão concedidos para extinguir esta chama.

[6] Se eles precisam ser condenados a tal condição de desgraça interminável, pelo menos eles não podem ter alguma boa companhia ali? Não, ninguém, exceto "o diabo e seus anjos", seus inimigos declarados, que ajudaram a levá-los a esta infelicidade, e irão vencê-los. Eles serviram ao diabo enquanto viveram, e por isso são justamente condenados a estar onde ele está, assim como aqueles que serviram a Cristo são levados para estar com Ele onde Ele está. É terrível estar em uma casa assombrada por demônios. O que será, então, a companhia deles para sempre? Em primeiro lugar, observe aqui que Cristo sugere que existe alguém que é o príncipe dos demônios, o líder da rebelião, e que o resto deles são os seus anjos, seus mensageiros, com cujo auxílio ele sustenta o seu reino. Cristo e os seus anjos, naquele dia, irão triunfar sobre o dragão e os seus anjos (Ap 12.7,8). Em segundo lugar, está dito que a fogueira está preparada, não necessariamente para os maus, como o reino está preparado para os justos; mas ela, originalmente, se destinava apenas "para o diabo e os seus anjos". Se os pecadores se associarem com Satanás, tolerando os seus desejos, eles poderão agradecer a si mesmos se compartilharem essa desgraça que foi preparada tanto para Satanás como para os seus colaboradores. A respeito disso, Calvino observa que por isso está dito que o tormento dos condenados está "preparado para o diabo e seus anjos", para extirpar toda a esperança de escapar a ele. O diabo e os seus anjos já estão feitos prisioneiros no seu covil, e será que os vermes da terra pensam em escapar?

(2) O motivo dessa condenação. Os julgamentos de Deus são todos justos, e Ele será justificado neles. Ele é o próprio Juiz, e por isso, "os céus anunciarão a sua justiça".

Considere que: [1] Tudo aquilo de que são acusados, e em que se baseia a condenação, é de omissão. Assim como antes, o servo foi condenado, não por gastar o seu talento, mas por enterrá-lo, também aqui. Ele não diz: "Eu tive fome e sede, pois vocês tomaram de mim o meu alimento e a minha bebida; Eu fui um estrangeiro, porque vocês me expulsaram; Eu estava nu, porque vocês me despiram; na prisão, porque vocês me colocaram ali", mas:

“Quando Eu estava passando por estas aflições, vocês foram tão egoístas, ficaram tão absorvidos na sua própria tranqüilidade e no seu próprio prazer, se preocuparam tanto com o seu trabalho e estavam tão pouco dispostos a se separar do seu dinheiro, que vocês não ministraram, como poderiam ter feito, para o meu alívio e socorro. Vocês foram como aqueles amantes dos prazeres, que estavam em tranqüilidade em Sião, e não se afligiram ‘pela quebra de José’ ” (Am 6.4-6). Observe que as omissões são a ruína de milhares de pessoas.

[2] É a omissão de obras de caridade aos pobres. Eles não são condenados por omitir os seus sacrifícios e holocaustos (eles faziam isso abundantemente, Sl 50.8), mas por omitir as questões mais importantes da lei, “o juízo, a misericórdia e a fé”. Os amonitas e moabitas não podiam entrar no santuário, porque não saíram para receber a Israel “com pão e água” (Dt 23.3,4). Observe que a falta de caridade aos pobres é um pecado condenável. Se não formos levados às obras de caridade com a esperança de recompensa, que sejamos influenciados pelo temor da punição, pois aqueles que não mostrarem misericórdia, serão julgados sem misericórdia. Jesus não diz: “Eu estava enfermo, e não me curastes; na prisão, e não me libertastes” (talvez isto fosse mais do que eles poderiam fazer), mas: “Vós ‘não me visitantes’, o que poderíeris ter feito”. Note que os pecadores serão condenados naquele grande Dia pela omissão daquele bem que eles podiam fazer. Mas se a condenação dos não-caridosos era tão terrível, quanto mais intolerável será a condenação dos cruéis, a condenação dos perseguidores! O motivo para essa condenação é:

Em primeiro lugar, a objeção dos prisioneiros (v. 44): “Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede?” Os pecadores condenados, embora não tenham nenhuma defesa que os justifique, em vão irão oferecer desculpas. Agora: 1. A forma do seu apelo evidencia a sua precipitação atual. Eles falaram claramente, como homens apressados: “Quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu”? Eles não se importam em repetir a acusação, como se estivessem conscientes da sua própria culpa, e fossem incapazes de suportar o terror do julgamento. Também não terão tempo para insistir com apelos tão frívolos; pois tudo isso é apenas (como dizemos) “brincar com a corte”. 2. A questão do seu apelo evidencia a sua antiga falta de consideração com aquilo que deveriam ter sabido, mas não souberam até que fosse tarde demais. Aqueles que tinham desprezado e perseguido os

cristãos pobres, não reconheceram que tinham desprezado e perseguido a Cristo. Não, eles nunca pretenderam nenhuma afronta a Ele, nem esperavam que um problema tão grande surgisse disso. Eles imaginaram que era apenas um grupo de pessoas pobres, fracas, enfermas e desprezíveis, que faziam mais barulho do que era necessário sobre o Evangelho, e por isso eles as desprezavam. Mas aqueles que fazem isso virão a saber, seja no dia da sua conversão, como foi o caso de Paulo, ou da sua condenação, como é o caso desses, que era Jesus que eles perseguiam. E se eles dizem: “Eis que o não sabemos; porventura, aquele que pondera os corações não o considerará?” (Pv 24.11,12).

Em segundo lugar, é justificada pelo Juiz, que irá condenar todos os ímpios por todas as duras palavras proferidas contra Ele, quando falam daqueles que são seus (Jd 15). Ele segue a sua regra (v. 45): “Quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim”. Observe que aquilo que é feito contra os fiéis discípulos e seguidores de Cristo, até mesmo o menor deles, o Senhor assume como tendo sido feito contra si mesmo. Ele é reprovado e perseguido na pessoa deles, pois eles são reprovados e perseguidos por amor a Ele, e Ele se aflige por todas as aflições que eles sofrem. Aquele que os toca, toca nele, em uma parte não menos sensível que a menina dos seus olhos.

Por fim, aqui essas duas sentenças são executadas (v. 46). A execução é a vida da lei, e Cristo irá se certificar de que seja feita de acordo com a sentença.

1. Os pecadores serão conduzidos à punição eterna. A sentença será, então, executada rapidamente, e não existe adiamento, não há tempo para se solicitar uma revisão da sentença. A execução dos pecadores é mencionada primeiro; pois primeiro é juntado e queimado o joio. Observe que: (1) A punição dos pecadores, no estado futuro, será uma punição eterna, pois este estado será uma situação inalterável. Não se pode pensar que os pecadores poderiam modificar as suas próprias naturezas. Deus não daria a sua graça para modificá-los, uma vez que neste mundo o Dia da Graça foi mal utilizado, eles resistiram ao Espírito da graça, e os meios da graça foram frustrados e utilizados de forma abusiva. (2) Os pecadores serão obrigados a sofrer aquela punição. Não irão voluntariamente. Não. Eles serão levados da luz às trevas; mas isso evidencia uma irresistível convicção de culpa e um desespero final por misericórdia.

2. Os justos serão levados à vida eterna, isto é, eles herdarão o Reino (v. 34). Observe que: (1) O céu é vida, é só felicidade. A vida da alma resulta da sua união com Deus, por meio da mediação de Jesus Cristo, assim como a vida do corpo resulta da sua união com a alma, por meio do espírito que Deus nos deu. A vida celestial consiste em ver o Senhor Deus e desfrutar a sua presença, em perfeita conformidade com Ele, e em uma comunhão imediata e ininterrupta com Ele. (2) É a vida eterna. Não existe morte que dê fim à própria vida, nem velhice para dar fim ao seu conforto, nem tristeza para amargurá-la. Assim, a vida e a morte, o bem e o mal, a bênção e a maldição, estão diante de nós, para que possamos escolher o nosso caminho. E assim será o nosso fim. Até o pagão tinha alguma noção dessas diferentes condições de bem e mal, no mundo por vir. Cícero, em sua obra *Tusculan Questions*, liv. 1, apresenta Sócrates dizendo: *Duae sunt viae, duplicesque cursus è corpore exeuntium: nam qui se vitiis humanis contaminarunt, et libidinibus se tradiderunt, iis devium quoddam iter est, seclusum à consilio deorum; qui autem se integros castosque servarunt, quibusque fuerit minima cum corporibus contagio, suntque in corporibus humanis vitam imitati deorum, iis ad illos a quibus sunt profecti facile patet reditus – Dois caminhos se abrem diante daqueles que deixam o corpo: aqueles que se contaminaram com vícios humanos, e cederam aos seus desejos, tomam um caminho que os leva para longe da assembléia e do conselho dos deuses; mas os justos e castos, aqueles que foram menos contaminados pela carne, e, ainda no corpo, imitaram os deuses, estes acham fácil retornar aos seres sublimes dos quais vieram.*

CAPÍTULO 26

A narrativa da morte e dos sofrimentos de Cristo é registrada mais específica e completamente por todos os quatro evangelistas do que qualquer parte de sua história. Porque, o que seria mais determinante e desejado de se conhecer do que o Cristo, e este crucificado? E este capítulo inicia essa narrativa memorável. O ano dos redimidos já havia chegado, as setenta semanas já estavam completas, quando a transgressão devia estar extinta, a reconciliação feita, e uma justiça eterna trazida, pela retirada do Messias, o Príncipe (Dn 9.24,26). Essa cena terrível é aqui introduzida para ser lida com reverência e santo temor. Neste capítulo, temos: I. As preliminares, ou prefácios, aos sofrimentos de Cristo. 1. O

aviso prévio dado por Ele aos seus discípulos (vv. 1,2). 2. A conspiração dos príncipes contra Ele (vv. 3-5). 3. A unção de sua cabeça na ceia em Betânia (vv. 6-13). 4. O acordo de Judas com os sacerdotes para traí-lo (vv. 14-16). 5. Cristo comendo a Páscoa com os seus discípulos (vv. 17-25). 6. A instituição da Ceia, e o discurso com os seus discípulos depois dela (vv. 26-35). II. O início de seus sofrimentos, e algumas de suas particularidades. 1. A sua agonia do jardim (vv. 36-46). 2. A prisão dele pelos oficiais, com a ajuda de Judas (vv. 47-56). 3. A sua acusação diante do sumo sacerdote, e a sua condenação no julgamento (vv. 57-68). 4. A negação de Pedro (vv. 69-75).

A Trama dos Príncipes dos Sacerdotes

vv. 1-5

Nesse trecho, vemos: 1. O aviso que Cristo deu aos seus discípulos sobre a aproximação dos seus sofrimentos (vv. 1,2). Enquanto os seus inimigos estavam lhe preparando o mal, Ele estava preparando a si mesmo e aos seus seguidores para isso. Ele, com freqüência, havia lhes falado sobre os seus sofrimentos com certa reserva, mas então lhes fala abertamente: “Daqui a dois dias”. Após muitos avisos anteriores sobre as dificuldades, ainda temos necessidade de novos avisos. Considere:

(1) O momento em que Ele deu esse alarme: quando Ele “concluiu todos esses discursos”. [1] Não até ter terminado tudo o que tinha para dizer. As testemunhas de Cristo não morrem até que terminem de dar o seu testemunho. Quando Cristo havia terminado a sua tarefa como um profeta, Ele iniciou a execução de seu ofício como um sacerdote. [2] Depois de ter terminado esses discursos, que ocorrem imediatamente antes dessa advertência. Ele havia advertido os seus discípulos a esperarem momentos tristes, prisões e aflições, e então lhes diz: “O Filho do Homem será entregue”. A sua intenção era sugerir que eles não deveriam passar por coisas piores do que as que Ele iria passar, e que os sofrimentos dele deveriam ser maiores do que os deles. Os pensamentos de um Cristo sofredor são grandes apoios para um cristão sofredor, que sofre com Ele e por Ele.

(2) O conteúdo do aviso: “O Filho do Homem será entregue”. O fato não só era certo, mas também tão próximo que era como se já tivesse ocorrido. Note que é bom considerar os sofrimentos que ainda estão por vir, como se já

estivessem presentes para nós. Ele seria entregue, porque Judas estava então arquitetando e planejando traí-lo.

2. A conspiração dos príncipes dos sacerdotes, dos escribas e dos anciãos do povo contra a vida do nosso Senhor Jesus (vv. 3-5). Muitas conspirações haviam sido maquinadas contra a vida de Cristo, mas esse plano foi tramado com mais perspicácia do que qualquer outro, pois todas as pessoas eminentes estavam empenhadas nele. Os príncipes dos sacerdotes, que presidiam os assuntos eclesiásticos; os anciãos, que eram juízes em questões civis; e os escribas, que, como doutores da lei, instruíam a ambos – estes compunham o sinédrio, ou o grande concílio que governava a nação, e se aliaram contra Cristo. Considere: (1) O lugar onde eles se reuniram; na sala do sumo sacerdote, que era o centro de sua unidade no projeto maligno. (2) A conspiração em si; prenderem Jesus com dolo e o matarem; nada menos que o seu sangue, o sangue de sua vida, serviria para cumprir o objetivo deles. Os planos dos inimigos de Cristo e de sua igreja foram muito cruéis e sanguinários. (3) A política dos conspiradores: “não durante a festa”. Por que não? Foi em consideração à santidade do momento, ou porque eles não seriam perturbados nos serviços religiosos do dia? Não, mas para que não houvesse alvoroço entre o povo. Eles sabiam que Cristo tinha um grande interesse pelas pessoas comuns, que afluíam em grande número no dia da festa, e haveria o risco de pegarem em armas contra os seus governantes se houvesse uma interferência violenta contra Cristo, a quem eles consideravam como profeta. Eles estavam com medo, não por temor a Deus, mas por temerem o povo; toda a preocupação deles era pela sua própria segurança, e não pela honra a Deus. Mesmo assim, eles procurariam fazer algo; porque era uma tradição dos judeus que criminosos fossem mortos em uma das três festas, especialmente rebeldes e impostores, para que todo o Israel pudesse ver e temer, mas “não durante a festa”.

Cristo Ungido em Betânia

vv. 6-13

Nessa passagem da história, temos:

O gesto singular de gentileza de uma boa mulher ao ungir a cabeça de Jesus (vv. 6,7). Foi em Betânia, uma aldeia perto de Jerusalém, e na casa de Simão,

I o leproso. É provável que Simão tenha sido um dos que foram miraculosamente limpos de lepra pelo Senhor Jesus, e ele expressaria a sua gratidão a Cristo, hospedando-o. Jesus não desprezou a oportunidade de conversar com ele, entrar em sua casa, e cear com ele. Embora ele tenha sido limpo, ainda era chamado de Simão, o leproso. Aqueles que são culpados de pecados escandalosos, descobrirão que, embora o pecado seja perdoado, a reprovação se apegará a eles, e dificilmente será retirada. Acredita-se que a mulher que fez isso tenha sido Maria, a irmã de Marta e Lázaro. E o Dr. Lightfoot pensa que era a mesma que foi chamada de Maria Madalena. Ela tinha um vaso de alabastro, com ungüento de grande valor, o qual derramou sobre a cabeça de Cristo quando Ele se sentou para a refeição. Isso, entre nós, seria um tipo estranho de cumprimento. Mas foi então considerado o mais elevado ato de respeito; porque o odor era muito agradável, e o próprio ungüento era muito refrescante para a cabeça. Davi teve a sua cabeça ungida (Sl 23.5; Lc 7.46). Então, isso pode ser visto:

1. Como um ato de fé em nosso Senhor Jesus, o Cristo, o Messias, o Ungido. Para mostrar que ela cria nele como o ungido de Deus, a quem Deus Pai havia estabelecido como Rei. Ela o ungiu, e fez dele o seu rei. Eles "constituirão sobre si uma única cabeça" (Os 1.11). Isto é "beijar o Filho".

2. Como um ato de amor e respeito por Ele. Alguns pensam que foi ela que amou muito a princípio, e que lavou os pés de Cristo com suas lágrimas (Lc 7.38,47); e que ela não havia deixado o seu primeiro amor, mas que estava então tão apegada às devoções de uma cristã adulta quanto estava nos dias de uma iniciante jovem. Note que onde há o verdadeiro amor a Jesus Cristo no coração, nada será considerado bom demais, nem bom o suficiente, para ser oferecido ao Senhor.

II A ofensa que os discípulos viram nessa ação. Eles se indignaram (vv. 8,9), ficaram aborrecidos ao verem esse ungüento gasto dessa maneira, o qual eles pensavam que poderia ter sido melhor empregado.

1. Veja como eles expressaram a sua indignação por isso. Eles disseram: "Por que este desperdício?" Isto indica:

(1) Falta de carinho por essa boa mulher, ao interpretarem a sua grande bondade (supondo que fosse assim) como sendo um desperdício. A caridade nos ensina a colocarmos a melhor construção em todas as coisas que ela sustentará, especialmente nas palavras e ações daqueles que são "zelosos em

fazer o bem", embora possamos achá-los não tão completamente discretos quanto poderiam ser. É verdade, pode haver um exagero em se fazer o bem; mas nisso devemos aprender a ser cautelosos, para que não cheguemos aos extremos, sendo críticos dos outros; porque aquilo que podemos considerar como uma falta de prudência pode ser aceito por Deus como um exemplo de amor abundante. Não devemos dizer: Estes fazem demais pela religião, fazendo mais do que nós. Antes, devemos procurar fazer tanto quanto eles.

(2) Falta de respeito pelo seu Mestre. O melhor que podemos entender disso é que eles sabiam que o seu Mestre estava perfeitamente indiferente a todos os prazeres dos sentidos. Aquele que tanto se afligiu pela "quebra de José", não se importou de ser ungido com o "mais excelente óleo" (Am 6.6). Portanto, eles pensavam que tais prazeres não surtiam qualquer efeito naquele que sentia tão pouco prazer neles. Mas, fazendo tal suposição, não lhes cabia chamar isso de desperdício, quando perceberam que o Senhor admitiu e aceitou a ação como um sinal de amor de uma pessoa amiga. Devemos prestar atenção para não considerarmos desperdício qualquer coisa que seja dada ao Senhor Jesus, seja pelos outros ou por nós mesmos. Não devemos considerar desperdício o tempo que é gasto no serviço a Cristo, ou o dinheiro gasto em qualquer obra de piedade; pois, embora esses recursos pareçam ser lançados sobre as águas, ou lançados sobre um rio, "depois de muitos dias, o acharás" (Ec 11.1).

2. Veja como eles justificaram a sua indignação pela ação, e por qual pretexto eles o fizeram: "Este ungüento podia vender-se por grande preço e dar-se o dinheiro aos pobres". Não é uma coisa nova que sentimentos ruins sejam ocultados sob uma capa enganadora; que as pessoas se esquivem de obras de piedade sob a aparência de obras de caridade.

III A reprovação que Cristo aplicou aos seus discípulos por se indignarem contra essa boa mulher (vv. 10,11): "Por que afligis esta mulher?" É um grande mal as pessoas boas terem as suas boas obras censuradas e criticadas; e é algo que aborrece muito a Jesus Cristo. Ele aqui defendeu a mulher – bondosa, honesta, zelosa e de boas intenções – contra todos os seus discípulos, embora eles parecessem ter muita razão a favor de si mesmos; é assim que o Senhor vigorosamente advoga a causa dos pequeninos ofendidos (cap. 18.10).

Observe a sua razão: "sempre tendes convosco os pobres". Considere:

1. Há algumas oportunidades de fazer e obter o bem de uma forma constante, e devemos estar sempre atentos a elas. As Bíblias, sempre temos conosco, os dias de adoração ao Senhor, sempre temos conosco, e também os pobres, sempre temos conosco. Note que aqueles que têm um coração inclinado a fazer o bem, nunca precisam reclamar da falta de oportunidades. Nunca deixará de haver pobres na terra de Israel (Dt 15.11). Não podemos deixar de enxergar, neste mundo, alguns que precisam da nossa assistência caridosa, que são objetos do cuidado de Deus, alguns membros pobres de Cristo. O bem que fazemos a esses é considerado, pelo Senhor, como se fosse feito a Ele mesmo.

2. Há outras oportunidades de fazer e obter o bem, mas que ocorrem raramente; elas são poucas e incertas, requerem um cuidado mais peculiar no seu progresso, e devem ter a preferência antes de outras: "'A mim não me haveis de ter sempre', portanto aproveitai a minha presença enquanto a tendes". Note que: (1) A presença física constante de Cristo não deveria ser esperada aqui neste mundo. Convinha que Ele partisse. A sua presença real na Ceia é um conceito crédulo e sem fundamento, e contradiz o que Ele disse aqui: "A mim não me haveis de ter sempre". (2) Às vezes, as obras especiais de piedade e devoção devem tomar o lugar de obras de caridade comuns. Os pobres não devem roubar o lugar de Cristo; devemos fazer o bem a todos, mas especialmente aos irmãos na fé.

IV A aprovação e o elogio ao ato de bondade dessa boa mulher. Quanto mais os seus servos e suas obras são criticados pelos homens, mais o Senhor manifesta a sua aceitação deles. Ele chama isto de "boa ação" (v. 10), e faz mais elogios a isso do que se poderia imaginar. De modo particular:

1. Que o significado da ação era místico (v. 12): "Fê-lo preparando-me para o meu sepultamento". (1) Alguns acham que ela teve essa intenção, e que a mulher entendeu melhor as freqüentes predições de Cristo sobre a sua morte e sofrimentos do que os apóstolos; por essa razão, ela foi recompensada com a honra de ser a primeira testemunha da sua ressurreição. (2) De qualquer modo, Cristo interpretou dessa maneira; e Ele está sempre disposto a fazer o melhor, a entender da melhor maneira as palavras e ações bem-intencionadas das pessoas. Isto foi equivalente ao embalsamamento de seu corpo. Porque não seria possível fazer isso depois da sua morte, devido à sua ressurreição; portanto, foi feito antes. Era adequado que isso fosse feito em algum

momento, para mostrar que Ele ainda era o Messias, mesmo quando parecia ter sido vencido pela morte. Os discípulos acharam que o ungüento que foi derramado sobre a sua cabeça foi desperdiçado. “Mas,” disse Ele “se uma quantidade dessas de ungüento fosse derramada sobre um corpo morto, de acordo com o costume da sua terra, vocês não ficariam indignados, nem o considerariam um desperdício. Mas, na verdade, tudo se passa da seguinte forma: é como se o corpo que ela está ungindo estivesse morto, e a sua bondade é muito oportuna para esse propósito; portanto, em vez de considerarem a sua atitude um desperdício, ela é digna de elogios”.

2. Que a memória desse ato seria honrada (v. 13): “Será referido o que ela fez para memória sua”. Este ato de fé e amor foi tão extraordinário, que os pregadores do Cristo crucificado e os escritores inspirados da história de sua paixão não tiveram escolha senão observar essa passagem, proclamar o seu relato, e perpetuar a sua memória. E uma vez que este fato foi registrado, foi gravado como com uma pena de ferro e chumbo na rocha para sempre, e não poderá ser esquecido. Nenhuma de todas as trombetas da fama soa tão alto e por tanto tempo quanto o Evangelho eterno. Considere: (1) A história da morte de Cristo, embora seja trágica, é o Evangelho, as Boas Novas, porque Ele morreu por nós. (2) O Evangelho seria pregado “em todo o mundo”; não somente na Judéia, mas em todas as nações, para toda criatura. Que os discípulos observem isso, para seu encorajamento, para que o seu som chegue até às extremidades da terra. (3) Embora o Evangelho expresse principalmente a honra de Cristo, a honra de seus santos e de seus servos não está totalmente esquecida. A memória dessa mulher deveria ser preservada, não através da dedicação de uma igreja a ela, ou da celebração de uma festa anual em sua honra, ou da preservação de um pedaço de seu vaso quebrado como uma relíquia sagrada; mas mencionando-se a sua fé e piedade na pregação do Evangelho, para que isso servisse como exemplo aos outros (Hb 6.12). Assim, a honra é revertida ao próprio Cristo, que, tanto neste mundo como no próximo, será glorificado em seus santos, e admirado em todo aquele que crê.

Cristo Ungido em Betânia

vv. 14-16

Imediatamente após um exemplo de grande bondade feita a Cristo, segue-se um exemplo de grande maldade. Há esta mistura de bom e mau entre os seguidores de Cristo. Ele possui alguns amigos fiéis, e outros amigos falsos e dissimulados. O que poderia ser mais desprezível do que esse acordo que Judas aqui fez com os príncipes dos sacerdotes, para lhes entregar o Cristo?

I O traidor foi Judas Iscariotes. Ele é mencionado como *"um dos doze"*, como uma agravação de sua maldade. Quando estava crescendo o número dos discípulos (At 6.1), não seria surpresa se houvesse alguns entre eles que fossem uma vergonha e um problema para o grupo; mas havendo apenas os doze, e um deles sendo um diabo, com certeza nunca deveremos esperar qualquer sociedade perfeitamente pura neste lado do céu. Os doze eram amigos escolhidos de Cristo, que tinham o privilégio de seu favor especial. Eles eram seus seguidores constantes, que tinham o benefício de sua conversa mais íntima. Por todos esses aspectos, tinham motivo para amá-lo e serem verdadeiros com Ele; e mesmo assim, um deles o traiu. Note que nenhuma cadeia de obrigação ou gratidão pode conter aqueles que têm um demônio (Mc 5.3,4).

II Aqui está a oferta que Judas fez aos príncipes dos sacerdotes: ele "foi ter com eles e disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?" (v. 15). Eles não o procuraram, nem lhe fizeram a proposta; eles não poderiam ter pensado que um dos próprios discípulos de Cristo fosse desleal para com o seu Mestre. Note que há alguns entre os seguidores de Cristo que são piores do que qualquer um pode imaginar que sejam, e que só precisam de uma oportunidade para mostrar a sua iniqüidade.

Observe: 1. O que Judas prometeu: "'Eu vo-lo entregarei"; eu vos contarei onde Ele está, me comprometerei a levar-vos até Ele, em uma hora e local convenientes para que possais agarrá-lo sem barulho, ou perigo de um tumulto". Em sua conspiração contra Cristo, era exatamente isso que eles precisavam (vv. 4,5). Eles não ousavam se intrometer com Ele em público, e não sabiam onde encontrá-lo em particular. Aqui estava o problema, e a dificuldade era insuperável; até que Judas veio, e lhes ofereceu o seu serviço. Note que aqueles que se entregam para serem guiados pelo diabo encontram-no mais prestativo do que imaginam para ajudá-los em uma tarefa difícil, como Judas fez com os príncipes dos sacerdotes. Embora os príncipes, por

seu poder e interesse, pudessem matá-lo, quando o tivessem em suas mãos, apenas um discípulo poderia entregá-lo. Note que quanto maior for a profissão que os homens fizerem da religião, e quanto mais forem empregados no seu estudo e serviço, mais oportunidades terão de fazer alguma maldade, se os seus corações não forem retos para com Deus. Se Judas não tivesse sido um apóstolo, ele não poderia ter sido um traidor. Se os homens não tivessem conhecido o caminho da injustiça, não poderiam ter abusado dele.

"E eu vo-lo entregarei". Judas não se ofereceu, nem eles discutiram com ele, para que fosse uma testemunha contra Cristo, embora quisessem uma evidência (v. 59). E se houvesse qualquer coisa que pudesse ser alegada contra Jesus, que pudesse servir como prova de que Ele era um impostor, Judas seria a pessoa mais provável para atestá-la. Mas esta é uma evidência da inocência do nosso Senhor Jesus, que o seu próprio discípulo, que conhecia tão bem a sua doutrina e modo de vida, e que foi desleal a Ele, não poderia acusá-lo de nada criminoso, mesmo que isto pudesse ter servido para justificar a sua traição.

2. O que Judas pediu, em consideração a esse compromisso: "Que me quereis dar?" Essa foi a única coisa que fez Judas trair o seu Mestre. Ele esperava ganhar dinheiro com isso. Seu Mestre não havia lhe dado nenhum motivo, embora soubesse, desde o princípio, que Judas tinha um demônio. Assim, parece que o Senhor lhe demonstrou a mesma bondade que dedicou aos demais, e não colocou nele nenhuma marca de desgraça que podesse ofendê-lo. O Senhor o havia colocado em um posto que lhe agradava, designando-o como aquele que carregava a bolsa, e embora Judas tivesse se apropriado, de forma fraudulenta, dos recursos comuns (porque ele foi chamado de ladrão, Jo 12.6), não encontramos que ele tenha sido chamado a prestar contas disso; nem parece que desconfiasse de que o Evangelho fosse uma fraude. Não, não foi o ódio pelo Mestre, nem qualquer discussão com Ele, mas puramente o amor ao dinheiro; isto, e nada mais, fez de Judas um traidor.

"Que me quereis dar?" Pois bem, o que ele queria? Nem pão para comer, nem roupas para vestir; nem coisas necessárias, nem confortos materiais. Ele não era bem recebido, onde quer que o seu Mestre fosse? Ele não era bem tratado? Ele não foi respeitosamente recebido na ceia em Betânia, na casa de Simão, o leproso, e, um pouco antes, em outra casa, onde ninguém menos

que a própria Marta serviu a mesa? E ainda assim esse miserável ganancioso não conseguiu ficar satisfeito, mas foi desprezivelmente curvar-se aos sacerdotes, dizendo: Que me quereis dar? Note que não é a falta de dinheiro, mas o amor ao dinheiro, que é a raiz de todos os males, e particularmente da apostasia em relação a Cristo. Demas testemunha isso (2 Tm 4.10). Satanás tentou o nosso Senhor com essa isca: “Tudo isto te darei” (cap. 4.9). Mas Judas se ofereceu para ser tentado por isso. Ele pergunta: “Que me quereis dar?”, como se o seu Mestre fosse um produto de que ele pudesse dispor.

III Aqui está o acordo que os príncipes dos sacerdotes fizeram com ele: “E eles lhe pesaram trinta moedas de prata”, isto é, trinta siclos. Parece que Judas se submeteu a eles, e estava disposto a aceitar o que eles estavam dispostos a dar; e aceitou a primeira oferta, para não correr o risco de que a próxima oferta pudesse ser pior. Judas não estava habituado a negociar com valores elevados; portanto, um pouco de dinheiro o satisfez. Pela lei (Êx 21.32), trinta moedas de prata era o preço de um escravo – um belo preço pelo qual Cristo foi avaliado! (Zc 11.13). Não é surpresa que os filhos de Sião, embora comparáveis ao ouro puro, sejam estimados como jarros de barro, quando o próprio Rei de Sião foi tão depreciado. Eles estipularam o preço com ele; *estesan – appenderunt – eles pagaram*, segundo alguns; entregaram-lhe o pagamento em mãos para que ele não desistisse, e para encorajá-lo a trair o Senhor.

IV Aqui está o esforço de Judas, de acordo com o que foi tratado (v. 16). Ele buscava oportunidade para o entregar, e a sua mente ainda estava trabalhando para descobrir como poderia fazer isso de modo eficaz. Note que: 1. É uma atitude muito ímpia buscar oportunidade para pecar, e tramar a maldade; pois isso prova a completa disposição do coração dos homens para fazer o mal deliberadamente. 2. Aqueles que se envolvem em iniqüidades como essa se aprofundam cada vez mais, embora estejam conscientes de que o resultado é sempre muito ruim. Depois de ter feito esse trato maligno, ele teve tempo para se arrepender, e para revogá-lo; mas então, por causa de sua aliança, o diabo tem mais direito sobre ele do que tinha antes, e lhe diz que ele deve ser fiel à sua palavra, embora seja tão desleal ao seu Mestre. O mesmo aconteceu a Herodes, que teve de decapitar João por causa de seu juramento.

A Traição de Judas É Predita

vv. 17-25

Temos aqui um relato da celebração da Páscoa por Cristo. Vivendo sob a lei, Ele se submeteu a todas as ordenanças desta, dentre elas, a Páscoa. Ela era celebrada em memória da libertação e da saída de Israel do Egito, o dia do nascimento desse povo; era uma tradição dos judeus, que nos dias do Messias eles deveriam ser redimidos no mesmo dia de sua saída do Egito. Isto foi cumprido exatamente assim, porque Cristo morreu no dia da Páscoa, no dia em que eles começaram a sua marcha.

I O momento em que Cristo comeu a Páscoa foi o momento usual designado por Deus, e observado pelos judeus (v. 17): “no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos”, que, naquele ano, aconteceu no quinto dia da semana, que é a nossa quinta-feira. Alguns têm sugerido que o nosso Senhor Jesus celebrou a Páscoa nesse momento do dia, antes das outras pessoas. Mas o estudioso Dr. Whitby refutou grandemente essa opinião.

II O local foi particularmente indicado aos discípulos pelo próprio Senhor, após a indagação deles (v. 17). Eles perguntaram: “Onde queres que preparemos a comida da Páscoa?” Talvez Judas tenha sido um dos que fizeram esta pergunta (onde ele comeria a Páscoa), para que pudesse desenvolver a seqüência de seu plano; mas os demais discípulos perguntaram, como sempre, para que pudessem cumprir o seu dever.

1. Eles tinham certeza de que o seu Mestre comeria a Páscoa, embora Ele estivesse, nesse momento, sendo perseguido pelos príncipes dos sacerdotes, que procuravam tirar a sua vida. Aqueles homens sabiam que o Senhor não deixaria de cumprir o seu dever, fosse por temores externos ou internos. Aqueles que não seguem o exemplo de Cristo, e dão uma desculpa para não comparecerem à ceia do Senhor, a nossa Páscoa do Evangelho, alegando que têm muitos problemas e muitos inimigos, estão cheios de cuidados e temores; e se assim for, fica claro que eles têm mais necessidade dessa ordenança, para ajudar a acalmar os seus temores, e ajudá-los a vencer as suas dificuldades, para ajudá-los a perdoar os seus inimigos, e lançar todos os seus cuidados sobre Deus.

2. Eles sabiam muito bem que a preparação para a Páscoa deveria ser feita, e que era incumbência deles, como seus servos, fazer essa preparação: “Onde queres que preparemos...?” Antes das ordenanças solenes, deve haver uma preparação solene.

3. Eles sabiam que o Mestre não tinha uma casa sua onde comer a Páscoa; nisto, como em outras coisas, ele se tornou pobre por nossa causa. Entre todos os palácios de Sião, não havia nenhum para o Rei de Sião; mas o seu reino não era deste mundo. Veja Jo 1.11.

4. Eles não iriam escolher um lugar ao acaso, sem uma instrução dele; por essa razão, receberam uma instrução do próprio Senhor. Ele os enviou a um certo homem (v.18), que provavelmente era um de seus amigos e seguidores, e para a casa deste, o Senhor convidou a si mesmo e aos seus discípulos.

(1) Dizei-lhe: “O meu tempo está próximo”; o Senhor quer dizer o tempo de sua morte, que, em outras passagens, é chamado de sua hora (Jo 8.20; 13.1); o tempo, a hora, fixado no conselho de Deus, sobre o qual estava o seu coração, e do qual Ele tão freqüentemente havia falado. Ele sabia quando viria a sua hora, e estava de acordo; não conhecemos o nosso tempo (Ec 9.12). Portanto, nunca deve faltar a nossa vigilância; o nosso tempo está sempre pronto (Jo 7.6). Portanto, devemos estar sempre prontos. Observe que devido ao fato de seu tempo estar próximo, Ele celebraria a Páscoa. Note que a consideração da proximidade da morte deve nos estimular a um desenvolvimento diligente de todas as nossas oportunidades para a nossa alma. O nosso tempo está próximo, e a eternidade está bem diante de nós? Celebremos então a festa com os pães asmos da sinceridade. Observe que quando o nosso Senhor Jesus convidou a si mesmo para a casa desse bom homem, Ele lhe enviou esta informação: que o seu tempo estava próximo. Note que o segredo de Cristo está com aqueles que o hospedam em seus corações. Compare João 14.21 com Apocalipse 3.20.

(2) Dizei-lhe: “Em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos”. Este foi um exemplo de sua autoridade como o Mestre, que provavelmente esse homem reconhecia. Ele não suplicou, mas ordenou, o uso de sua casa para esse propósito. Deste modo, quando Cristo, por seu Espírito, entra no coração, Ele exige admissão, como aquele a quem o próprio coração pertence e não pode ser negado. E o Senhor ganha a admissão como aquele que tem todo o poder no coração e não pode ser resistido. Se Ele disser: “Eu celebrarei uma festa neste coração”, Ele assim fará; porque Ele opera, e nada

pode lhe impedir. O seu povo estará disposto, porque Ele faz com que esteja assim. “Celebrarei a Páscoa com os meus discípulos”. Note que onde quer que Jesus seja bem recebido, Ele espera que os seus discípulos também o sejam. Quando aceitamos a Deus como o nosso Deus, aceitamos o seu povo como o nosso povo.

III A preparação foi feita pelos discípulos (v. 19): “E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara”. Aqueles que têm a presença de Cristo consigo, na Páscoa do Evangelho, devem observar rigorosamente as suas instruções, e agir conforme o Senhor os instrui: “E prepararam a Páscoa”. Eles mataram o cordeiro no pátio do Templo, assaram-no, providenciaram as ervas amargas, o pão e o vinho, a toalha, e prepararam todas as coisas para essa festa sagrada e solene.

IV Eles comeram a Páscoa de acordo com a lei (v. 20): “Assentou-se”, na posição habitual na mesa, não deitado de lado, porque não seria fácil comer, nem possível beber nesta posição, mas sentando-se ereto, embora talvez sentando-se em um plano mais baixo. A palavra utilizada aqui é a mesma palavra que é usada para a sua posição em outras refeições (cap. 9.10; Lc 7.37; cap. 26.7). Muitos pensam que apenas a primeira Páscoa, no Egito, foi comida com seus lombos cingidos, com os sapatos nos pés, e o cajado na mão, embora tudo isso pudesse ocorrer com os participantes sentados. O fato de Ele se assentar denota a sua serenidade de espírito, quando falou nessa solenidade. “Assentou-se com os doze”; Judas não foi excluído. Pela lei, eles deveriam levar um cordeiro por família (Êx 12.3,4), que não deveria ter menos de dez pessoas, nem mais de vinte. Os discípulos de Cristo eram a sua família. Note que aqueles a quem Deus proveu com famílias, devem ter as suas casas a serviço do Senhor.

V Temos aqui o discurso de Cristo aos seus discípulos na ceia da Páscoa. O tema usual de discurso na ordenança era a libertação de Israel do Egito (Êx 12.26,27); mas a grande Páscoa então está pronta para ser oferecida, e o seu discurso “engole” o antigo (Jr 16.14,15). Aqui está:

1. O anúncio geral que Cristo faz aos seus discípulos do traidor que deveria estar entre eles (v. 21): “Um de vós me há de trair”. Observe que: (1) Cristo sabia disso. Não sabemos que problemas recairão sobre nós, nem quando eles

surgirão; mas Cristo sabia de todos os seus. Este fato prova a sua onisciência, e a grandeza do seu amor, pois Ele conhecia todas as coisas que deveriam lhe sobrevir; contudo, não recuou. Ele previu a traição e a maldade de um dos seus discípulos, e mesmo assim continuou; cuidou daqueles que lhe foram dados, embora soubesse que havia um Judas entre eles; pagou o preço da nossa redenção, embora tenha previsto que alguns negariam o Senhor que os comprou; e derramou o seu sangue, embora soubesse que seria pisado sob os pés como uma coisa profana. (2) Quando houve oportunidade, Ele deixou que aqueles que estavam à sua volta o soubessem. Ele havia lhes falado com freqüência que o Filho do Homem deveria ser traído. Então o Senhor lhes diz que um deles o trairia, e que quando vissem este fato ocorrer, não deveriam ficar surpresos, mas ter a sua fé nele confirmada (Jo 13.19; 14.29).

2. Os sentimentos dos discípulos nessa ocasião (v. 22). Como eles encararam isso?

(1) Eles se entristeceram muito. [1] Eles ficaram extremamente perturbados ao ouvirem que o seu Mestre seria traído. Quando Pedro ouviu isso, ele disse: “Longe de ti”; portanto, isso foi uma grande perturbação a ele e aos demais, ouvir sobre esse evento que se aproximava. [2] Eles ficaram mais perturbados pelo fato de ouvirem que um deles o faria. Seria uma reprovação à fraternidade um apóstolo mostrar-se um traidor, e isto os entristeceu. As almas misericordiosas se entristecem pelos pecados dos outros, especialmente daqueles que fizeram uma profissão de fé que supera aquilo que é comum (2 Co 11.29). [3] Eles ficaram perturbados, acima de tudo, por terem duvidado sobre qual deles seria, e cada um deles estava com medo de ser o traidor. Eles não queriam, como fala Hazael (2 Rs 8.13), ser o cão que faria esta grande coisa. Aqueles que conhecem a força e a sutileza do tentador, e a sua própria fraqueza e loucura, só podem sofrer por si mesmos, ao ouvirem que o amor de muitos esfriará.

(2) Cada um deles começou a dizer: “Porventura, sou eu, Senhor?”

[1] Eles não estavam em condições de suspeitar de Judas. Embora ele fosse um ladrão, parece que havia desempenhado a sua função tão plausivelmente, que aqueles que lhe eram íntimos não sentiam ciúmes dele; nenhum deles olhou com desconfiança para ele, muito menos disseram: “Porventura, é Judas, Senhor?” É possível que um hipócrita passe pelo mundo, não só despercebido, mas também sem levantar suspeitas; como o dinheiro que foi engenhosamente falsificado, e que ninguém questiona.

[2] Eles tinham condições de suspeitar de si mesmos: “Porventura, sou eu, Senhor?” Embora eles não estivessem cientes em si mesmos de qualquer inclinação nesse sentido (este pensamento nunca entrou em suas mentes), eles temiam o pior, e perguntaram àquele que nos conhece melhor do que nós mesmos: “Porventura, sou eu, Senhor?” Pode bem acontecer que os discípulos de Cristo sempre sintam ciúmes, um ciúme benigno, dos outros, especialmente nos tempos de tribulação. Não sabemos com que força podemos ser tentados, nem até onde Deus pode nos deixar ao nosso próprio encargo. Portanto, temos motivos não para sermos arrogantes, mas para temermos. Devemos observar que o nosso Senhor Jesus, pouco antes de instituir a Ceia, colocou os seus discípulos nesse teste e suspeita de si mesmos, para nos ensinar que devemos nos examinar e julgar a nós mesmos, e assim “comer deste pão, e beber deste cálice”.

3. Outras informações lhes foram dadas com relação a esse assunto (vv. 23,24), onde Cristo lhes diz: (1) Que o traidor era um amigo conhecido: “o que mete comigo a mão no prato”, isto é, um daqueles que estavam com ele à mesa. O Senhor menciona isto para mostrar quão grande é o pecado de traição. Note que a mera comunhão externa com Cristo nas ordenanças sagradas é uma grande agravante da nossa falsidade para com Ele. É uma ingratidão desprezível meter com Cristo a mão no prato e, ainda assim, traí-lo. (2) Que isso estava de acordo com as Escrituras, que iriam revelar a sua ofensa. Cristo foi traído por um discípulo? Assim estava escrito (Sl 41.9): “Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar”. Quanto mais virmos o cumprimento das Escrituras nos nossos problemas, mais poderemos suportá-los. (3) Que isso geraria um negócio de muito valor para o traidor: “Ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído”. Isto o Senhor disse, não só para despertar a consciência de Judas, e levá-lo ao arrependimento, e cancelar o seu trato, mas para advertir a todos os outros a tomarem cuidado para não pecarem como Judas. Embora Deus possa servir aos seus próprios propósitos através dos pecados dos homens, isto não torna a condição do pecador menos terrível: “Bom seria para esse homem se não houvera nascido”. Note que a destruição que recai sobre aqueles que traem a Cristo é tão grande, que seria mais vantajoso nunca ter existido do que ser infeliz dessa maneira.

4. A condenação de Judas (v. 25). (1) Ele perguntou: “Porventura, sou eu, Rabi?”, para evitar ser suspeito de culpa por seu silêncio. Ele sabia muito bem que era ele, e ainda assim desejou parecer estranho a tal conspiração. Note que muitos cujas consciências os condenam são muito engenhosos ao se justificarem diante dos homens, e tentam mostrar uma boa aparência, através de expressões como esta: “Porventura, sou eu, Rabi?” Ele podia saber que Cristo sabia, e, mesmo assim, confiou muito em sua cortesia, porque até àquele momento havia escondido a trama; assim, Judas teve o atrevimento de desafiar o Senhor a dizer o que ocorreria. Ou talvez ele estivesse tão subjugado ao poder da infidelidade, que tenha imaginado que Cristo não soubesse da sua conspiração, como aqueles que diziam: “O Senhor não o verá” (Sl 94.7), e perguntavam: “Ele pode julgar através das nuvens negras?” (2) Cristo logo respondeu essa pergunta: “Tu o disseste”, isto é, é como tu dissestes. Isto não é dito tão claramente quanto a palavra de Natã: “Tu és o homem”; mas foi o suficiente para convencê-lo. E se o coração de Judas não estivesse miseravelmente endurecido, poderia ter desistido de sua conspiração quando viu o seu plano descoberto pelo seu Mestre. Note que aqueles que estão planejando trair a Cristo, irão, em um momento ou outro, trair a si mesmos, e as suas próprias línguas cairão sobre eles.

A Instituição da Ceia

vv. 26-30

Temos aqui a instituição da grande ordenança do Evangelho, a Ceia do Senhor, que foi recebida do Senhor. Considere:

I A ocasião em que ela foi instituída: “enquanto comiam”. No momento final da ceia da Páscoa, antes de a mesa ser retirada, porque, como uma festa que está fundamentada em um sacrifício, ela deveria ser instituída no ambiente correto. Cristo é para nós o sacrifício da Páscoa, pelo qual a expiação é feita (1 Co 5.7): “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós”. Essa ordenança é para nós a ceia da Páscoa, pela qual a aplicação é feita, e a comemoração celebrada, tratando-se de uma libertação muito maior do que a de Israel saindo do Egito. Todos os sacrifícios legais de propiciação foram consumados na morte de Cristo, e assim foram abolidos. Da mesma forma, todas as festas legais de regozijo foram consumadas nesse sacramento, e

assim abolidas.

II A instituição em si. Um sacramento deve ser instituído. Ele não faz parte da adoração moral, nem é ditado pela luz natural, mas tem tanto a sua existência como o seu significado a partir de uma instituição, e de uma instituição divina. É prerrogativa daquele que estabeleceu a aliança indicar os selos dela. Conseqüentemente, o apóstolo (1 Co 11.23ss.), no discurso a respeito dessa ordenança, o tempo todo chama Jesus Cristo de o Senhor, porque, como Senhor da aliança, e Senhor da igreja, Ele indicou essa ordenança, na qual:

1. O corpo de Cristo é representado pelo pão. Ele havia dito anteriormente (Jo 6.35): “Eu sou o Pão da vida”, e esse sacramento está construído sobre uma metáfora; assim como a vida do corpo é sustentada pelo pão, que é portanto, colocado para toda a nutrição do corpo (cap. 4.4; 6.11), a vida da alma é sustentada e mantida por intermédio de Cristo.

(1) Ele tomou o pão, *ton arton – o pão.* Algum pão que estava pronto para ser distribuído, e que serviu a este propósito. Foi, provavelmente, pão sem fermento. Mas pelo fato de este detalhe não ser citado, não devemos nos ater a isto, como algumas igrejas gregas o fazem. A atitude de o Senhor tomar o pão foi uma ação solene, provavelmente realizada de uma maneira que deveria ser observada por aqueles que se assentavam com Ele, para que eles pudessem esperar que algo mais do que o comum fosse feito com ele. Assim, o Senhor Jesus foi separado, nos conselhos do amor divino, para a realização da nossa redenção.

(2) Ele o abençoou. O Senhor o separou para esse uso pela oração e pela ação de graças. Não encontramos nenhuma forma estabelecida de palavras usada por Ele nessa ocasião; mas o que Ele disse, sem dúvida nenhuma, estava em harmonia com o assunto em questão, o Novo Testamento pelo qual essa ordenança deveria ser selada e ratificada. Isso foi como a bênção de Deus para o sétimo dia (Gn 2.3), pela qual foi separado para a honra de Deus, e foi ordenado a todos que o observassem devidamente, como um dia abençoado. Cristo podia ordenar a bênção; e nós, em seu nome, somos encorajados a suplicá-la.

(3) Ele “o partiu”, o que denota: [1] O quebrantamento do corpo de Cristo por nós, para que pudesse ser adequado ao nosso uso: “Ele foi moído pelas nossas iniqüidades”, como o trigo é esmiuçado (Is 28.28). Embora nenhum

de seus ossos tenha sido quebrado (porque o seu quebrantamento não o enfraqueceu), a sua carne foi quebrantada em pedaços, e as suas feridas foram multiplicadas (Jó 9.17; 16.14), e isto o fez sofrer. Deus se queixa de que Ele é quebrantado pelo coração corrompido dos pecadores (Ez 6.9). A sua lei é quebrada, a nossa aliança com Ele é quebrada. A justiça exige quebradura por quebradura (Lv 24.20), e Cristo foi quebrantado para satisfazer a esta exigência. [2] O quebrantamento do corpo de Cristo por nós, como o pai de família parte o pão para os filhos. O quebrantamento de Cristo por nós facilita a aplicação; tudo é preparado para nós pelas concessões da Palavra de Deus e pelas operações da sua graça.

(4) Ele o deu aos discípulos, como o Senhor da família, e o Senhor dessa festa. Não é dito que Ele o deu "aos apóstolos", embora eles o fossem, e tivessem sido chamados assim com freqüência antes disso, mas "aos discípulos", porque todos os discípulos de Cristo têm o direito a essa ordenança; e aqueles que forem os seus verdadeiros discípulos terão o benefício dela. No entanto, Ele lhes deu o pão como fez com os pães multiplicados, para que, através deles, fossem distribuídos a todos os outros seguidores.

(5) Ele disse: "Tomai, comei, isto é o meu corpo" (v. 26). O Senhor aqui lhes diz:

[1] O que deveriam fazer com o pão: "'Tomai, comei'. Aceita-o da parte de Cristo quando ele for oferecido a ti, recebe a expiação, aprova-a, consente com ela, alcança os termos nos quais o benefício dela é proposto a ti; sujeita-te à sua graça e ao seu governo". A crença em Cristo é expressa através da atitude de recebê-lo (Jo 1.12), e se alimentar dele (Jo 6.57,58). Apenas olhar para a carne ou para o prato bem guarnecido não nos alimentará. O pão deve ser comido. Assim também devemos nos alimentar da doutrina de Cristo.

[2] Que relacionamento eles deveriam ter com o pão: "Isto é o meu corpo", não *outos – este pão*, mas *touto – este ato de comer e beber*. O ato de crer leva toda a eficácia da morte de Cristo para as nossas almas. "Isto é o meu corpo", espiritual e sacramentalmente. Isto significa e representa o meu corpo. Ele emprega uma linguagem sacramental, como em Êxodo 12.11: "Esta é a Páscoa do Senhor". É baseado no sentido carnal e extremamente errado dessas palavras, que a igreja de Roma constrói a monstruosa doutrina da transubstanciação, pela qual o pão é supostamente transformado na essência do corpo de Cristo, sobrando apenas as propriedades do pão. Esta

afronta a Cristo destrói a natureza do sacramento, e leva a mentira aos nossos sentidos. Nós participamos do sol, não tendo a massa e o corpo do sol colocados em nossas mãos, mas o fazemos pelos raios de sol que são lançados sobre nós; da mesma forma, participamos de Cristo ao participarmos de sua graça, e dos frutos abençoados do partir de seu corpo.

2. O sangue de Cristo é representado pelo vinho. Para tornar essa festa completa, não há somente o pão, para fortalecer, mas também o vinho, para alegrar o coração (vv. 27,28): “E, tomando o cálice”, o cálice da graça, que estava pronto para ser bebido, depois de dar graças, de acordo com o costume dos judeus na Páscoa, Cristo o tomou, e fez dele o cálice sacramental, e assim alterou a sua peculiaridade. Este cálice significava um cálice de bênçãos (assim os judeus o chamavam), e, portanto, o apóstolo Paulo distinguiu com inteligência entre o cálice de bênçãos que nós abençoamos e aquele que eles abençoam. A expressão “dando graças”, nos ensina, não só em toda ordenança, mas em toda parte da ordenança, a termos os nossos olhos fixados em Deus.

O Senhor deu esse cálice aos discípulos:

(1) Com um mandamento: “Bebei dele todos”. Assim Ele recebe os seus convidados à sua mesa, e ordena que todos eles bebam do seu cálice. Por que Ele tão expressamente ordena que todos eles bebam, e que cuidem para que ninguém deixe de beber, e expressa isto mais claramente aqui do que em qualquer outra parte da ordenança? Com certeza, foi porque o Senhor previu como, nas épocas futuras, essa ordenança seria desmembrada pela proibição do cálice aos leigos, com um expresso *non obstante – não obstante* ao mandamento.

(2) Com uma explicação: “Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento”. Portanto, beba com apetite, prazer, porque é uma bebida rica e que traz vida. Até aqui, o sangue de Cristo tinha sido representado pelo sangue dos animais, por sangue real; mas depois de ter sido realmente derramado, foi representado pelo sangue das uvas, um sangue metafórico. Assim o vinho é chamado em uma profecia do Antigo Testamento a respeito de Cristo (Gn 49.10,11).

Observe então o que Cristo disse sobre o seu sangue, que está representado no sacramento.

[1] “Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento”. O Antigo Testamento foi confirmado pelo sangue dos bezerros e dos bodes (Hb

9.19,20; Êx 24.8); mas o Novo Testamento foi confirmado pelo sangue de Cristo, que é aqui distinguido do outro: “Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento”. A aliança que Deus se agrada de fazer conosco, e todos os benefícios e privilégios dela, se devem aos méritos da morte de Cristo.

[2] “É derramado”. Não foi derramado até o dia seguinte, mas o foi então, na hora que deveria ser derramado, como precisava ser feito. “Antes que vocês mesmos venham a repetir esta ordenança, ele será derramado.” Ele estava então pronto para ser oferecido, e o seu sangue seria derramado, como o sangue dos sacrifícios que faziam a expiação.

[3] “É derramado por muitos”. Cristo veio para confirmar um concerto com muitos (Dn 9.27), e a intenção de sua morte estava de pleno acordo com o plano da salvação. O sangue do Antigo Testamento era derramado por alguns. Ele confirmava um concerto, que (disse Moisés) “o Senhor tem feito convosco” (Êx 24.8). A expiação era feita somente pelos filhos de Israel (Lv 16.34). Mas Cristo é uma propiciação pelos pecados de todo o mundo (1 Jo 2.2).

[4] “É derramado... para remissão dos pecados”, isto é, para comprar a remissão dos pecados em nosso favor. A redenção que temos através de seu sangue é a remissão dos pecados (Ef 1.7). A nova aliança que é alcançada e ratificada pelo sangue de Cristo é uma carta de perdão, um ato de imunidade, com o propósito de fornecer uma reconciliação entre Deus e o homem. Porque o pecado era a única coisa que causou a dissolução, e “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hb 9.22). O perdão dos pecados é a grande bênção que é, na Ceia, conferida a todos os crentes verdadeiros; é o fundamento de todas as outras bênçãos, e a fonte do conforto eterno (cap. 9.2,3). A despedida vem então após participarem do fruto da vinha (v. 29). Cristo e os seus discípulos tinham então celebrado juntos, com um pouco de conforto, tanto a festa do Antigo Testamento como a do Novo Testamento, *fibula utriusque Testamenti – o elo entre os dois Testamentos*. Como esses tabernáculos eram agradáveis! Como foi bom estar ali! Nunca houve um céu sobre a terra como nessa mesa. Mas essa situação não era destinada a ser perpétua. O Senhor então lhes disse (Jo 16.16): “Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis”, o que explica o que ocorreu ali.

Em primeiro lugar, Ele se despede dessa comunhão: “Desde agora, não beberei deste fruto da vide”, isto é, agora que Eu já não estou mais no mundo (Jo 17.11). Já bebi o necessário, e me alegro por pensar na partida, alegro-me

por pensar que esta é a última refeição. Adeus a este fruto da vide, a este cálice da Páscoa, a este vinho sacramental. Os santos que morrem se despedem dos sacramentos, e das outras ordenanças da comunhão que eles tanto apreciam neste mundo, com conforto, porque a alegria e a glória em que eles entram superam todas eles; quando o sol nasce, damos adeus às velas.

Em segundo lugar, Ele lhes assegura de um outro encontro feliz no futuro. É uma despedida longa, mas não eterna: "até àquele Dia em que o beba de novo convosco". 1. Alguns entendem estas palavras como uma referência aos encontros que o Senhor teve com os seus discípulos após a sua ressurreição, que foi o primeiro passo de sua exaltação no Reino de seu Pai; e embora, durante aqueles quarenta dias, Ele não tenha conversado com eles tão freqüentemente como havia feito, o Senhor comeu e bebeu com eles (At 10.41), uma atitude que, assim como confirmou a fé deles, sem dúvida confortou grandemente os seus corações, pois eles ficaram maravilhados com isso (Lc 24.41). 2. Outros as entendem como sendo as alegrias e as glórias do estado futuro, das quais os santos tomarão parte na comunhão eterna com o Senhor Jesus, representadas aqui pelos prazeres de um banquete de vinho. Este será o "reino de seu Pai", que será então entregue a ele. O vinho da consolação (Jr 16.7) sempre será novo, nunca insípido ou amargo, como o vinho guardado por muito tempo. Ele nunca será enjoativo ou desagradável, como o vinho se torna para aqueles que beberam demais, mas será sempre fresco. O próprio Senhor Jesus Cristo participará desses prazeres. Essa foi a alegria colocada diante dele, a alegria que Ele tinha em vista, e todos os seus amigos e seguidores fiéis participarão com Ele.

Por fim, aqui está o encerramento da solenidade com um hino (v. 30): "Tendo cantado um hino", ou salmo. Não se sabe ao certo se este era um dos salmos que os judeus geralmente cantavam no encerramento da ceia da Páscoa, o que eles chamavam de o grande Hallel, isto é, o Salmo 113 e os cinco seguintes, ou se era um hino novo mais adequado à ocasião. Eu prefiro pensar no primeiro; se o hino fosse novo, João não teria deixado de registrá-lo. Note que: 1. Cantar os salmos é uma ordenança do Evangelho. A mudança feita por Cristo, cantando o hino no encerramento da Ceia, em vez de cantá-lo no encerramento da Páscoa, claramente sugere que a intenção dele era que a sua igreja continuasse com essa ordenança, pois como ela não teve o seu nascimento com a lei cerimonial, não deveria morrer com ela. 2. É muito adequado cantar após a Ceia, como uma expressão da nossa alegria em Deus

através de Jesus Cristo, e um grato reconhecimento do grande amor com que Deus nos amou nele. 3. Essa atitude não é inoportuna, não, nem mesmo em tempos de tristeza e sofrimento. Os discípulos estavam tristes, Cristo estava entrando em seus sofrimentos, e ainda assim eles puderam cantar um hino juntos. A nossa alegria espiritual não deve ser interrompida pelas aflições externas.

Depois disso, eles saíram para o monte das Oliveiras. O Senhor não ficaria em casa para ser preso, para não colocar o dono daquela casa em dificuldades; nem permaneceria na cidade, para não causar um tumulto; mas Ele se retirou para a terra vizinha, o monte das Oliveiras, o mesmo monte que Davi, em sua aflição, subiu chorando (2 Sm 15.30). Eles tiveram o benefício da luz do luar para essa caminhada, porque a Páscoa sempre era celebrada por ocasião da lua cheia. Note que depois de recebermos a Ceia, é bom que nos retiremos para oração e meditação, para ficarmos a sós com Deus.

A Covardia dos Apóstolos É Predita

vv. 31-35

Temos aqui o discurso de Cristo aos seus discípulos pelo caminho, enquanto estavam indo para o monte das Oliveiras. Observe:

I Uma predição da tribulação que tanto Ele como os seus discípulos iriam então passar. Ele aqui prediz:

1. Uma terrível e triste tempestade prestes a surgir, que os dispersaria (v. 31).

(1) Que todos eles se escandalizariam por causa de Cristo naquela mesma noite; isto é, todos eles ficariam tão assustados com os sofrimentos, que não teriam coragem de se manterem fiéis, mas todos eles desprezivelmente o abandonariam. “Esta noite… em mim”, *en emoi en te nykti taute – por minha causa, mesmo por causa desta noite*; assim poderia ser lido, isto é, por causa do que acontecerá comigo esta noite. Considere: [1] Que escândalos viriam entre os discípulos de Cristo em uma hora de tribulação e tentação. Isso ocorre porque são fracos. Satanás está ocupado. Deus permite os escândalos. Mesmo aqueles cujos corações são retos podem, às vezes, ser surpreendidos por um escândalo. [2] Há algumas tentações e escândalos dos quais os efeitos são gerais e universais entre os discípulos de Cristo: “Todos vós esta noite

vos escandalizareis em mim". Cristo lhes havia recentemente revelado a traição de Judas. Mas Ele não deixou os demais tranqüilos. Embora houvesse apenas um traidor, todos eles seriam desertores. Isto Ele diz para avisar a todos que deveriam vigiar. [3] Temos a necessidade de nos preparar para tribulações repentinas, que podem chegar a uma situação extrema em muito pouco tempo. Cristo e seus discípulos tinham comido a sua ceia a bem juntos, em paz e tranqüilidade; no entanto, aquela mesma noite se mostraria uma noite de escândalo. Com que velocidade uma tempestade pode chegar! Não sabemos o que um dia ou uma noite pode produzir, nem que grande evento pode estar no ventre fértil de um tempo curto (Pv 27.1). [4] A cruz de Cristo é a grande pedra de tropeço para muitos que passam a ser seus discípulos tanto a cruz que Ele suportou por nós (1 Co 1.23) quanto a cruz que somos chamados a carregar por Ele (cap. 16.24).

(2) Que nisso as Escrituras seriam cumpridas: "Ferirei o pastor". Esta é uma citação de Zacarias 13.7. [1] Aqui está o ferimento do Pastor nos sofrimentos de Cristo. Deus desembainha a espada da sua ira contra o Filho de seu amor, e Ele é ferido. [2] A dispersão das ovelhas, conseqüentemente, na fuga dos discípulos. Quando Cristo caiu nas mãos dos seus inimigos, os seus discípulos fugiram, cada um por um caminho; eles pensaram que cabia a cada um arranjar-se por conta própria, e feliz aquele que pudesse ficar o mais longe possível da cruz.

2. Ele lhes dá a perspectiva futura de um ajuntamento confortável novamente, depois dessa tempestade (v. 32): "'Depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós' Embora me abandonais, eu não vos abandonarei; embora caiais, eu cuidarei para que, no final, não caiais de uma forma definitiva; nós nos encontraremos novamente na Galiléia, Eu irei adiante de vós, como o pastor vai adiante das ovelhas". Alguns fazem das últimas palavras daquela profecia (Zc 13.7) uma promessa equivalente a esta aqui: "mas volverei a minha mão para os pequenos". Eles não são trazidos de volta, mas a sua mão é levada a eles. Note que o Capitão da nossa salvação sabe como reagrupar as suas tropas, quando, devido à covardia de seus integrantes, elas são colocadas em desordem.

II A presunção de Pedro, de que ele iria manter a sua integridade apesar daquilo que pudesse acontecer (v. 33): "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei". Pedro tinha muita confiança, e em todas

as ocasiões pôs-se à frente para falar, especialmente para falar de si mesmo. Algumas vezes, isto lhe resultou em benefício, mas em outras vezes, essa atitude o traiu, como aconteceu aqui. Podemos observar:

1. Como Pedro se atou com uma promessa, de que jamais se escandalizaria em Cristo, não só naquela noite, mas em nenhuma ocasião. Se essa promessa fosse feita em uma dependência humilde da graça de Cristo, teria sido uma palavra excelente. Antes da Santa Ceia, o discurso de Cristo levou os seus discípulos a examinarem a si mesmos, e chegaram a dizer: “Porventura, sou eu, Senhor?” Este é o nosso dever preparatório. Após a ordenança, o seu discurso os leva a um comprometimento pessoal de andarem próximos, pois este era o dever subseqüente.

2. Como Pedro se imaginava melhor armado contra a tentação do que qualquer outro, e esta foi a sua fraqueza e loucura: “Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei”. Isto foi pior do que disse Hazael: “O que! É teu servo um cão?” Pois ele supôs que a coisa fosse tão ruim, que nenhum homem o faria. Mas Pedro supõe que fosse possível que alguns, não todos, se escandalizassem, e ainda assim mas ele escaparia ao se comportar melhor do que qualquer outro. Note que isto demonstra uma grande medida de presunção e autoconfiança, pensar que estamos a salvo das tentações, ou livres das corrupções que são comuns aos homens. Em vez disso, devemos dizer: “Se for possível que outros se escandalizem, existe o perigo de que eu também o faça”. Mas aqueles que pensam bem demais a respeito de si mesmos, costumam suspeitar dos outros com muita facilidade. Veja Gl 6.1.

III A advertência específica que Cristo deu a Pedro sobre o que ele faria (v. 34). Pedro imaginava que na hora da tentação ele se sairia melhor do que qualquer um deles, e Cristo lhe diz que ele se sairia pior. A advertência é apresentada com uma afirmação solene: “‘Em verdade te digo’; considera a minha palavra, porque eu te conheço melhor do que tu mesmo”. Ele lhe diz:

1. Que Pedro o negaria. Pedro prometeu que ele não se escandalizaria no Senhor, nem o desertaria. Mas Cristo lhe diz que ele iria além, ele o negaria. Pedro disse: “Ainda que todos... eu nunca”. E ele o fez primeiro que qualquer outro.

2. Com que rapidez ele o faria; “esta noite”, antes de amanhã, não, antes do cantar do galo. As tentações de Satanás são comparadas a dardos (Ef 6.16),

que ferem antes de estarmos cientes; de repente ele os lança. Assim como não sabemos quão perto podemos estar do problema, não sabemos quão perto podemos estar de pecar. Se Deus nos deixasse por nossa própria conta, estaríamos sempre em perigo.

3. Com que freqüência ele o faria: “três vezes”. Ele achava que jamais o faria sequer por uma vez; mas Cristo lhe diz que ele o faria diversas vezes; porque, uma vez que os nossos pés comecem a escorregar, é difícil recuperar a nossa postura de pé outra vez. O início do pecado é como deixar a água fluir.

IV As afirmações repetidas de Pedro quanto à sua fidelidade (v. 35): “Ainda que me seja necessário morrer contigo”. Ele supôs uma forte tentação, quando disse: “Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei”. Mas aqui ele supôs uma tentação mais forte, ao mencionar o perigo de morte: “Ainda que me seja necessário morrer contigo”. Ele sabia o que deveria fazer – melhor morrer com Cristo do que negá-lo. Esta era a condição do discipulado (Lc 14.26); e assim ele pensou no que iria fazer – nunca seria falso para com o seu Mestre, a despeito de quanto isso pudesse lhe custar. No entanto, ficou comprovado que essa afirmação era falsa. É fácil falar da morte com ousadia e tranqüilidade, estando longe dela: “Eu morrerei antes de fazer tal coisa”; mas em uma situação de perigo ninguém age tão rapidamente quanto fala, pois a morte se mostra em suas próprias cores.

Pedro se pronunciou, e os demais assinaram embaixo: “E todos os discípulos disseram o mesmo”. Note que: 1. Há uma tendência dos homens bons serem excessivamente confiantes em sua própria força e estabilidade. Estamos prontos a pensar que somos capazes de lutar contra as mais fortes tentações, realizar os serviços mais severos e perigosos, e suportar as maiores aflições por amor a Cristo; mas assim pensamos porque não conhecemos a nós mesmos. 2. Aqueles que freqüentemente caem logo e de modo mais degradante, são aqueles que estão mais autoconfiantes. Aqueles que estão mais seguros de si mesmos correm mais riscos. Satanás tem mais empenho para seduzir a esses; eles são os que mais baixam a guarda, e Deus os deixa por sua própria conta, para humilhá-los. Veja 1 Co 10.12.

A Agonia no Jardim

vv. 36-46

Até esse ponto, temos visto os preparativos para os sofrimentos de Cristo; agora, vamos entrar na cena sangrenta. Nesses versículos, temos a história de sua agonia no jardim. Esse foi o início das dores para o nosso Senhor Jesus. Então a espada do Senhor começou a ser desembainhada contra o homem que era o seu companheiro. E como a espada deveria estar quieta quando o Senhor deu a ordem? As nuvens tinham se juntado por um tempo, e pareciam negras. Ele havia dito, alguns dias antes: "Agora, a minha alma está perturbada" (Jo 12.27). Mas agora a tempestade começou de forma resoluta. Ele se colocou nessa agonia, antes dos seus inimigos lhe causarem qualquer problema, para mostrar que Ele era uma oferta voluntária; que a sua vida não foi tirada dele, mas que Ele mesmo a deu (Jo 10.18). Considere:

I O lugar onde o Senhor passou por sua imensa agonia; foi em um lugar chamado Getsêmani. O nome significa *torculus olei – um moinho de azeitonas*, uma prensa para azeitonas, como uma prensa de vinho, onde eles pisam as azeitonas (Mq 6.15). E este era o lugar próprio para tal atividade, no pé do monte das Oliveiras. Ali o nosso Senhor Jesus começou a sua paixão; ali Deus Pai se agradou em moê-lo, e esmagá-lo, para que o azeite fresco pudesse fluir dele para todos os crentes, para que pudéssemos tomar parte na raiz e na gordura daquela boa Oliveira. Ali Ele pisou o lagar da ira de seu Pai, e o pisou sozinho.

II A companhia que Ele tinha consigo, quando estava nessa agonia.

1. Ele levou todos os seus discípulos consigo para o jardim, exceto Judas, que estava, nesse momento, ocupado com outra coisa. Embora fosse tarde da noite, perto da hora de dormir, eles permaneceram com Ele, e fizeram essa caminhada ao luar com Ele, como Eliseu, que, quando foi informado que o seu mestre logo seria tirado de sua liderança, declarou que ele não o deixaria, embora tenha acompanhado a sua partida. Assim esses seguem o Cordeiro, aonde quer que Ele vá.

2. Cristo só levou consigo a Pedro, Tiago e João para aquele local do jardim onde sofreu a sua agonia. Ele deixou os demais a uma certa distância, talvez na entrada, com esta ordem: "Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar". Como fez Abraão com o seu moço (Gn 22.5): "Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até ali; e havendo adorado, tornaremos a vós". (1) Cristo foi orar sozinho, embora recentemente Ele tenha orado com os seus

discípulos (Jo 17.1). Note que as nossas orações com as nossas famílias não devem servir como desculpa para não termos as nossas devoções particulares. (2) Ele ordenou que se sentassem ali. Devemos cuidar para não causarmos qualquer perturbação ou interrompermos aqueles que se retiram para uma comunhão particular com Deus. Ele levou esses três consigo, porque eles tinham sido testemunhas da sua glória em sua transfiguração (cap. 17.1,2), e iria prepará-los para serem as testemunhas de sua agonia. Aqueles que estão melhor preparados para sofrer com Cristo são aqueles que, pela fé, viram a sua glória, e que conversaram com os santos glorificados no santo monte. Se sofrermos com Cristo, reinaremos com Ele. E se esperamos reinar com Ele, por que não deveríamos esperar sofrer com Ele?

III A própria agonia em que Ele estava: "Começou a entristecer-se e a angustiar-se muito". Isso é chamado de uma agonia (Lc 22.44), um conflito. Ele não estava sofrendo qualquer dor ou tormento físico, não ocorreu nada que o ferisse; mas, seja lá o que tenha sido, foi algo interior. Ele se perturbou (Jo 11.33). As palavras usadas aqui são muito enfáticas. Ele começou *lupeisthai kai ademonein – a entristecer-se e a consternar-se*. A última palavra significa a tristeza que faz um homem não ser uma boa companhia, e nem desejá-la. Era como se Ele tivesse um peso de chumbo sobre o seu espírito. Os médicos usam uma palavra semelhante a essa para expressar a desordem em que um homem está, como um calafrio, ou o início de uma febre. Então estava cumprido (Sl 22.14): "Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera e derreteu-se dentro de mim". E todas aquelas passagens nos Salmos onde Davi se queixa das tristezas de sua alma (Sl 18.4,5; 42.7; 55.4,5; 69.1-3; 88.3; 116.3), e a queixa de Jonas (cap. 2.4,5).

Mas qual foi a causa de tudo isso? O que foi que o colocou em agonia? Por que estás abatido, ó bendito Jesus, e por que te perturbas? Certamente, não era desespero ou falta de confiança em seu Pai, muito menos qualquer conflito ou luta com Ele. Como o Pai o amava porque Ele sacrificou a sua vida pelas ovelhas, assim Ele se sujeitou inteiramente à vontade de seu Pai. Mas:

1. Ele participou de um encontro com os poderes das trevas; assim Ele sugere (Lc 22.53): "Esta é a vossa hora, e o poder das trevas"; e Ele falou disso pouco antes (Jo 14.30,31). Em outras palavras: "Vem o príncipe deste

mundo. Eu o vejo reunindo as suas forças, e se preparando para um ataque geral; mas ele não tem nada em mim, nenhuma guarnição favorável aos seus interesses, nenhum soldado que mantenha secretamente alguma correspondência com ele; portanto, as suas tentativas, embora ferozes, serão infrutíferas; mas assim como o Pai me deu mandamento, assim eu também vos dou; seja como for, devo travar uma luta com ele, e o campo deve ser completamente ocupado em batalha; portanto, levantai-vos, partamos para o campo de batalha ao encontro do inimigo". Agora é travada uma batalha de perto, em um único combate, entre Miguel e o dragão, corpo a corpo; "agora é o juízo deste mundo"; a grande causa deve ser agora determinada, e a batalha decisiva deve ser travada, na qual o príncipe deste mundo será certamente derrotado e expulso (Jo 12.31). Cristo, quando opera a salvação, é descrito como um campeão assumindo o controle do campo (Is 59.16-18). Então a serpente faz o seu ataque mais feroz à semente da mulher, e direciona a sua picada, a picada mortal, ao seu coração; *animamque in vulnere ponit – e a ferida é mortal.*

2. Ele estava então levando as iniqüidades que o Pai colocou sobre Ele, e com tristeza e espanto concordou com a sua tarefa. Os sofrimentos nos quais Ele estava entrando eram pelos nossos pecados; eles foram feitos para serem enfrentados, e Jesus sabia disso. Assim como somos forçados a nos lamentar particularmente pelos nossos pecados, Ele se entristeceu pelos pecados de todos nós. Então, no vale de Josafá, onde Cristo estava naquele momento, Deus congregou todas as nações, e entrou em juízo com elas na pessoa de seu Filho (Jl 3.2,12). Jesus conhecia a malignidade dos pecados que estavam colocados sobre si, como eram provocantes a Deus Pai, e como eram destruidores ao homem; e sendo todas essas coisas colocadas em ordem diante dele, e sobrecarregadas nele, Jesus começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então as iniqüidades o prenderam, de modo que Ele não podia olhar para cima, como foi predito a seu respeito (Sl 40.7,12).

3. Ele tinha uma perspectiva completa e clara de todos os sofrimentos que estavam diante dele. Ele previu a traição de Judas, a falta de amabilidade de Pedro, a maldade dos judeus, e a ingratidão desprezível que lhe demonstrariam. Ele sabia que, dentro de poucas horas, seria açoitado, cuspido, coroado com espinhos, pregado na cruz. A morte em seus aspectos mais terríveis, a morte em pompa, acompanhada de todos os seus terrores, o olhou na face; e isto o entristeceu, especialmente porque era o salário pelo

nosso pecado, a expiação que Ele havia se incumbido de realizar. É verdade, os mártires que sofreram por Cristo acolheram os maiores tormentos, e as mortes mais terríveis, sem qualquer tristeza e consternação; chamaram as suas prisões de pomares deleitáveis; e um canteiro de chamas chamaram de canteiro de rosas. Mas, então: (1) Cristo rejeita os apoios e confortos que eles tiveram; isto é, Ele negou os confortos a si mesmo, e a sua alma se recusou ser confortada, não em paixão, mas em justiça à sua tarefa. A alegria deles sob a cruz se devia ao favor divino, que, naquele momento, não foi concedido ao Senhor Jesus. (2) Os seus sofrimentos eram de uma outra natureza, diferente do deles. O apóstolo Paulo, ao ser oferecido como um sacrifício e um serviço pela fé dos santos, pode se alegrar e se regozijar com todos eles; mas ser oferecido em sacrifício para fazer expiação pelos pecados é um caso muito diferente. Na cruz dos santos há uma bênção proclamada, que permite que eles se regozijem sob ela (cap. 5.10,12); mas na cruz de Cristo havia uma maldição agregada, que o entristeceu e o angustiou muito. E a sua tristeza na cruz foi o fundamento da alegria que eles sentiam sob a cruz.

IV A sua queixa sobre essa agonia. Encontrando-se sob o ataque dessa paixão, o Senhor se dirige aos seus discípulos (v. 38), e:

1. Ele lhes faz saber de sua condição: “A minha alma está cheia de tristeza até à morte”. Ter um amigo para desabafar, e dar vazão às tristezas, dá um pouco de alívio a um espírito perturbado. Cristo lhes diz: (1) Qual era o centro de sua tristeza; era a sua alma, que agora estava em agonia. Isto prova que Cristo tinha uma verdadeira alma humana; porque Ele sofreu não só em seu corpo, mas em sua alma. Tínhamos pecado tanto contra o nosso corpo como contra a nossa alma; ambos foram usados no pecado, e ambos foram enganados por ele. Portanto, Cristo sofreu na alma, bem como no corpo. (2) Qual era o grau de sua tristeza. Ele estava excessivamente triste, *perilypos – cercado de tristeza por todos os lados*. Era a tristeza no grau mais elevado, “até à morte”. Era uma tristeza mortal, uma tristeza que nenhum homem mortal poderia experimentar e sobreviver. Ele estava pronto para morrer de tristeza; eram tristezas de morte. (3) A sua duração; ela continuará até à morte. “A minha alma estará triste enquanto estiver neste corpo; não vejo nenhuma saída além da morte”. Ele então começou a entristecer-se, e em nenhum momento deixou de sentir essa tristeza, até dizer: “Está consumado”. Então terminou aquela tristeza que começou no jardim. Foi profetizado a

respeito de Cristo que Ele seria um “homem de dores” (Is 53.3). Ele foi assim o tempo todo. Nunca lemos que Ele tenha sorrido; mas todas as suas tristezas até aquele momento eram nada, se comparadas a essa agonia no Getsêmani.

2. Ele encomenda a companhia e o serviço deles: “Ficai aqui e vigiai comigo”. Certamente, Ele estava necessitando de ajuda quando rogou a ajuda deles, mesmo sabendo que seriam apenas consoladores lamentáveis. Mas Ele aqui iria nos ensinar o benefício da comunhão dos santos. É bom ter o auxílio dos nossos irmãos quando, em qualquer momento, estivermos passando por uma agonia; porque “dois é melhor que um”. O que Ele lhes disse, Ele disse a todos: “Vigiai” (Mc 13.37). Não só vigiar por Ele, na expectativa da sua vinda futura, mas vigiar com Ele, na aplicação do nosso trabalho atual.

V O que se passou entre Jesus e o seu Pai quando Ele estava nessa agonia: “Posto em agonia, orava”. A oração nunca está fora de época, mas é especialmente apropriada em meio a uma agonia.

Considere: 1. O lugar onde Ele orou: “Indo um pouco adiante”, se afastou deles, para que a Escritura se cumprisse: “O lagar, eu o pisei sozinho”. Ele se retirou para orar; uma alma perturbada encontra mais alívio quando está sozinha com Deus, pois Ele entende a linguagem inexprimível de suspiros e gemidos. Vale a pena transcrever a observação piedosa de Calvino sobre isso: *Utile est seorsim orare, tunc enim magis familiariter sese denudat Fidelis animus, et simplicius sua vota, gemitus, curas, pavores, spes, et gaudia in Dei sinum exonerat – É útil orar em separado; porque então a alma fiel se desenvolve de modo mais familiar, e apresenta as suas petições, gemidos, cuidados, temores, esperanças e alegrias com maior simplicidade, no seio de Deus.* Cristo aqui nos ensina que a oração em secreto deve ser feita em particular. No entanto, alguns pensam que os discípulos a quem Cristo deixou na entrada do jardim o ouviram; porque foi dito (Hb 5.7) que houve um “grande clamor”.

2. A postura do Senhor na oração: “Prostrou-se sobre o seu rosto”. A sua posição prostrada denota: (1) A agonia em que Ele estava, no extremo de sua tristeza. Jó, em grande tristeza, “se lançou em terra” (Jó 1.20); e uma grande angústia é manifestada pela expressão “revolver-se no pó” (Mq 1.10). (2) Sua humildade em oração. Esta postura era uma expressão de sua *eulabeia* – seu *temor reverente* (mencionado em Hb 5.7), com o qual Ele ofereceu essas orações. Ele o fez nos dias de sua carne, em seu estado de humilhação, ao

qual ele aqui se conciliou.

3. A oração em si; nela, podemos observar três particularidades:

(1) O título com que Ele se refere a Deus: “Meu Pai”. Por mais espessa que a nuvem fosse, o Senhor Jesus podia ver Deus como um Pai através dela. Note que todas as vezes que nos dirigimos a Deus, devemos vê-lo como um Pai, como o nosso Pai; e é especialmente confortável fazer isso quando estamos em agonia. É uma corda de harpa agradável de se tocar em um momento desses: “Meu Pai”. Para onde vai uma criança quando alguma coisa a amedronta, além de seu pai?

(2) O favor que Ele suplica: “Se for possível, passe de mim este cálice”. Ele chama os seus sofrimentos de cálice; não um rio, não um mar, mas um cálice, do qual logo veremos o fundo. Quando estamos passando por dificuldades, devemos fazer delas o mínimo, e não agravá-las. Os sofrimentos do Senhor Jesus poderiam ser chamados de cálice, porque Ele o repartia, como nos banquetes em que um cálice era colocado para cada prato. Ele suplica que este cálice seja passado dele, isto é, que os sofrimentos agora iminentes pudessem ser evitados; ou, ao menos, que eles pudessem ser abreviados. Isto sugere simplesmente que o Senhor Jesus era real e verdadeiramente humano, além de ser Deus, e como um homem ele só poderia ter aversão à dor e ao sofrimento. Este é o primeiro ato, e o simples ato da vontade do homem: afastar-se daquilo que é sensivelmente doloroso para si, e desejar o impedimento e a remoção dele. A lei da autopreservação é impressa na natureza inocente do homem, e domina ali até ser revogada por alguma outra lei. Portanto, Cristo admitiu e expressou uma relutância a sofrer, para mostrar que Ele foi tomado dentre os homens (Hb 5.1), compadeceu-se das nossas fraquezas (Hb 4.15), e foi tentado como nós o somos, porém sem jamais pecar. Note que uma oração de fé contra uma aflição pode muito bem consistir na paciência da esperança sob a aflição. Quando Davi disse: “Emudeci, não abro a minha boca, porquanto tu o fizeste”. As palavras seguintes dele foram: “Tira de sobre mim a tua praga” (Sl 39.9,10). Mas observe a condição: “Se for possível”. Se Deus puder ser glorificado, o homem, ser salvo, e os fins de sua missão, serem atendidos, sem que o Senhor Jesus beba esse cálice amargo, Ele deseja ser dispensado; caso contrário, não. Aquilo que não pudermos fazer em benefício do nosso propósito, devemos considerar como impossível. Cristo fez isso. *Id possumus quod jure possumus – Podemos fazer aquilo que for lícito.* Não podemos e

não devemos fazer nada contra a verdade.

(3) A sua inteira submissão e anuência à vontade de Deus Pai: “Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Não que a vontade humana de Cristo fosse contrária ou oposta à vontade divina; aquela era apenas, em seu primeiro ato, diferente desta. Porém, no segundo ato da vontade, que compara e escolhe, Ele se sujeita espontaneamente. Observe que: [1] O Senhor Jesus, embora tivesse um senso aguçado da amargura extrema dos sofrimentos que iria enfrentar, estava livremente disposto a se sujeitar a eles para a nossa redenção e salvação, e ofereceu-se a si mesmo por nós. [2] O motivo da submissão de Cristo aos seus sofrimentos foi a vontade de seu Pai: “mas como tu queres” (v. 39). Ele fundamenta a sua própria vontade na vontade do Pai, e com isso o problema é totalmente resolvido; portanto, Ele fez o que fez, e o fez com prazer, porque era a vontade de Deus (Sl 40.8). Ele freqüentemente se referia a toda a sua missão como aquilo que o motivava e o sustentava. Essa é a vontade de Deus (Jo 6.39,40). Foi isso que Jesus buscou (Jo 5.30); fazer isso era a sua comida e bebida (Jo 4.34). [3] Em conformidade com esse exemplo de Cristo, devemos beber do cálice amargo que Deus coloca em nossas mãos, não importa quão amargo seja; embora a natureza lute, a graça deve sujeitá-la. Então estaremos dispostos, como Cristo estava, quando as nossas vontades estiverem, em todas as coisas, fundidas na vontade de Deus, embora isso seja sempre desagradável à carne e ao sangue: “Faça-se a vontade do Senhor” (At 21.14).

4. A repetição da oração: “E, indo segunda vez, orou” (v. 42), e deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez (v. 44), e tudo com o mesmo sentido. Porém, como podemos ver aqui, na segunda e na terceira oração Ele não pediu que o cálice pudesse passar dele, como havia feito na primeira. Note que, embora possamos orar a Deus para evitar e remover uma aflição, a nossa tarefa principal, e na qual devemos insistir, deve ser que o Senhor nos dê graça para suportá-la bem. O nosso cuidado deve estar mais direcionado a termos as nossas dificuldades santificadas, e os nossos corações satisfeitos sob elas, do que tê-las removidas. Ele orou, dizendo: “Faça-se a tua vontade”. Note que a oração é a oferta a Deus, não só dos nossos desejos, mas das nossas resignações. Uma oração será aceitável a qualquer hora em que estivermos em aflição. É nessas ocasiões que devemos nos dirigir a Deus, entregando o nosso caminho e o nosso trabalho a Ele: “Faça-se a tua vontade”. Pela terceira vez, Ele disse as mesmas palavras, *ton auton logon* –

a mesma palavra, que é o mesmo assunto ou argumento. As suas palavras tinham o mesmo significado. Temos razão para pensar que isso não foi tudo o que Ele disse, pois parece, pelo versículo 40, que Ele continuou por uma hora em sua agonia e oração; mas, se Ele, de fato, disse algo mais, foi para esse efeito, desaprovando os seus sofrimentos iminentes, porém sujeitando-se à vontade de Deus, que estava contida neles. E podemos estar certos de que o Senhor Jesus não estava limitado a essas expressões.

Mas que resposta Ele teve para essa oração? Certamente, não foi feita em vão. Aquele que sempre o ouvia, não lhe negou uma resposta agora. É verdade, o cálice não passou dele, pois Ele condicionou a petição, e não insistiu nela (se tivesse insistido, pelo que sei, o cálice teria sido passado); mas o Senhor Jesus teve uma resposta para essa oração; pois: (1) Ele foi fortalecido em sua alma, no dia em que clamou (Sl 138.3); e essa foi uma resposta real (Lc 22.43). (2) Ele foi preservado daquilo que temia, que era não ofender a seu Pai pela impaciência e pela falta de confiança, o que o desqualificaria para prosseguir em sua missão (Hb 5.7). Em resposta à sua oração, Deus Pai providenciou para que Ele não falhasse nem ficasse desencorajado.

VI O que se passou entre o Senhor Jesus e os seus três discípulos neste momento; e aqui podemos observar:

1. O erro de que eles eram culpados. Quando Ele estava em sua agonia, triste e abatido, suando, lutando e orando, eles estavam tão pouco preocupados, que não puderam permanecer acordados. Ele se aproxima, e os encontra dormindo (v. 40). A singularidade da situação deveria ter levantado os seus ânimos a uma mudança de atitude agora, para contemplarem essa grande visão da sarça que ardia, e não se consumia; muito mais o seu amor por seu Mestre, e o cuidado deles com relação a Ele, os obrigava a um serviço mais próximo e vigilante. Entretanto, eles estavam tão enfadados, que não puderam manter os olhos abertos. O que seria de nós se Cristo estivesse agora tão sonolento quanto os seus discípulos estavam? É bom que a nossa salvação esteja na mão de alguém que não cochila nem dorme. Cristo os incumbiu de vigiarem consigo, como se esperasse algum socorro da parte deles, mas eles dormiram. Certamente, essa foi a situação mais rude possível. Quando Davi chorou no monte das Oliveiras, todos os seus seguidores choraram com ele (2 Sm 15.30); mas quando o Filho de Davi estava ali em

lágrimas, os seus seguidores estavam dormindo. Os inimigos que o vigiavam estavam bastante acordados (Mc 14.43); mas os seus discípulos, que deveriam ter vigiado com Ele, estavam dormindo. Senhor, que é o homem! Que são os melhores dos homens, quando Deus os deixa por si mesmos! Note que a negligência e a segurança carnal – especialmente quando Cristo está em sua agonia – são grandes erros em qualquer pessoa, mas especialmente naqueles que professam ser mais próximos a Ele. A igreja de Cristo, que é o seu corpo, está freqüentemente em agonia, com lutas externas e temores internos. Estaremos dormindo então, como Gálio, que não se preocupou com nenhuma dessas coisas? Ou estaremos como aqueles (Am 6.6) que ficaram tranqüilos, e não estiveram entristecidos pela aflição de José?

2. O favor de Cristo a eles, a despeito disso. As pessoas que estão sofrendo são muito propensas a serem irritadiças e impacientes com aqueles que estão ao seu redor, e qualquer atitude de negligência é penosamente levada a sério. Mas Cristo, em sua agonia, é manso como sempre, e age tão pacientemente com os seus seguidores como também com o seu Pai, e não tende a levar isso a mal.

Quando os discípulos de Cristo lhe fazem essa desfeita:

(1) Ele se aproximou deles, como se esperasse receber alguma consolação da parte deles; e se eles tivessem em mente o que Cristo lhes havia dito a respeito de sua ressurreição e glória, talvez poderia ter havido alguma ajuda para Ele; mas, em vez disso, eles acrescentaram dor à sua tristeza. Mesmo assim, Ele se aproximou deles, sendo mais cuidadoso com eles do que eles estavam sendo consigo mesmos. Quando o Senhor Jesus estava mais envolvido na situação, Ele se aproximou para cuidar deles; porque aqueles que lhe foram dados estavam em seu coração, quer na vida, quer na morte.

(2) Ele lhes fez uma leve censura, porque é necessário repreendermos aqueles a quem amamos. O Senhor Jesus dirigiu a palavra a Pedro, que costumava falar pelos discípulos; mas agora Pedro ouve por eles. A reprovação foi muito comovente: “Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo?” O Senhor fala como alguém que está espantado por vê-los tão néscios. Cada palavra, quando considerada de perto, mostra a natureza exasperada do caso. Considere: [1] Quem eles eram: “Não pudestes vigiar, meus discípulos e seguidores? Não é de admirar que outros me negligenciem, se a terra está tranqüila e em descanso (Zc 1.11); mas de vós eu esperava coisas melhores”. [2] Quem Ele era: “Vigiai comigo. Se um de vós estivesse

doente e em agonia, seria muito rude não vigiarmos com ele; mas é desobediência não vigiar com o vosso Mestre, que, por muito tempo, tem cuidado do vosso bem, vos tem guiado, alimentado e ensinado, sustentado, e perseverado convosco; tendes vós retribuído a Ele?" Ele despertou de seu sono para ajudá-los quando estavam aflitos (cap. 8.26). E eles não poderiam permanecer acordados, pelo menos para mostrar a boa vontade que tinham em relação a Ele, especialmente considerando que Ele estava sofrendo por eles, enfrentando uma grande agonia por eles? *Jam tua res agiture – Estou sofrendo por vossa causa.* [3] Que coisa pequena o Senhor Jesus esperava deles; apenas que vigiassem com Ele. Se Ele lhes tivesse ordenado que fizessem alguma coisa grande, que enfrentassem uma agonia com Ele, ou que morressem com Ele, eles certamente pensariam em poder tê-lo atendido. No entanto, não puderam atendê-lo quando o Senhor só desejava que eles vigiassem com Ele (2 Rs 5.13). [4] Quão curto era o tempo que Ele esperava que eles vigiassem; ao menos uma hora. Eles não foram colocados de guarda por toda a noite, como o profeta (Is 21.8), mas apenas uma hora. Às vezes, o Senhor Jesus prosseguia durante toda a noite em oração a Deus Pai, mas nesses casos não esperava que os discípulos vigiassem com Ele; só agora, quando Ele tinha apenas uma hora para passar em oração.

(3) Ele lhes deu bons conselhos: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (v. 41). [1] Havia uma hora de tentação se aproximando, e estava muito perto; as dificuldades de Cristo eram tentações que poderiam levar os seus seguidores a não crerem nele e a não confiarem nele, a negá-lo e desertá-lo, e a renunciarem a todo o relacionamento com Ele. [2] Havia o perigo de os discípulos entrarem em tentação, como em um laço ou armadilha; o perigo de entrarem em negociações com a tentação, ou passarem a ter uma boa opinião sobre ela, de serem influenciados por ela, e tenderem a transigir em relação a ela; este é o primeiro passo para ser vencido por ela. [3] O Senhor, portanto, os exorta a vigiar e orar: "Vigiai comigo e orai comigo". Enquanto eles estavam dormindo, perderam o benefício de se juntarem a Cristo em oração. "Vigiai vós mesmos, e orai vós mesmos. Vigiai e orai contra esta tentação presente de sonolência e segurança; orai para que possais vigiar; rogai a Deus por sua graça para vos manter acordados, agora em que há ocasião". Quando estamos sonolentos no culto a Deus, devemos orar, como fez, certa vez, um bom cristão: "O Senhor me livre deste demônio da sonolência!" Senhor, vivifica em mim os teus caminhos. Ou: "Vigiai e orai

contra outra tentação com que possais ser atacados; vigiai e orai para que este pecado não prove a entrada de muitos mais.” Note que quando percebemos que estamos entrando em alguma tentação, temos a necessidade de vigiar e orar.

(4) Ele bondosamente os desculpou: “Na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Não lemos de nenhuma palavra que eles tenham dito em favor de si mesmos (o senso da própria fraqueza deles fez com que se calassem); mas então o Senhor teve uma palavra terna para dizer em favor deles, pois é o ofício dele ser um Advogado; nisso, Ele nos apresenta um exemplo do amor que cobre uma multidão de pecados. Ele considerou a estrutura deles, e não os repreendeu, pois se lembrou de que eles eram apenas carne; e a carne é fraca, embora o espírito esteja pronto (Sl 78.38,39). Considere que: [1] Os discípulos de Cristo, enquanto estiverem aqui neste mundo, têm corpos, como também almas, e um princípio de corrupção persistente, bem como de graça reinante, como Jacó e Esaú no mesmo ventre, cananeus e israelitas na mesma terra (Gl 5.17,24). [2] É a infelicidade e o fardo dos discípulos de Cristo, que os seus corpos não possam acompanhar o ritmo de suas almas em obras de piedade e devoção, mas, por muitas vezes, sejam um obstáculo para eles; que, quando o espírito esteja livre e disposto para aquilo que é bom, a carne lhe seja contrária e indisposta. Isto, o apóstolo Paulo lamenta (Rm 7.25): “Com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado”. A nossa impotência no serviço a Deus é a grande iniqüidade e infidelidade da nossa natureza, e ela surge a partir desses resíduos de corrupção, que são as dores e os fardos constantes do povo de Deus. [3] No entanto, é a nossa consolação que o nosso Mestre considere bondosamente isso, e aceite a disposição do espírito, e se compadeça e perdoe as fraquezas e as enfermidades da carne; pois estamos debaixo da graça, e não debaixo da lei.

(5) Embora eles continuassem enfadados e sonolentos, o Senhor não os repreendeu mais por isso; porque, embora o ofendamos diariamente, Ele não deseja nos repreender continuamente. [1] Quando Ele se aproximou deles pela segunda vez, não encontramos que lhes tenha dito qualquer coisa (v. 43). O Senhor os achou outra vez adormecidos. Poderia se pensar que Ele havia dito o suficiente para mantê-los acordados; mas é difícil nos recobrarmos de um espírito de cochilo. A segurança carnal, quando prevalece uma vez, não é facilmente removida. Os seus olhos estavam carregados, o que sugere que

eles lutaram o quanto puderam, mas foram vencidos pelo sono, como a esposa: “Eu dormia, mas o meu coração velava” (Ct 5.2); portanto, o Mestre os olhou com compaixão. [2] Quando Ele se aproximou pela terceira vez, alertou-os do perigo iminente (vv. 45,46): “Dormi, agora, e repousai”. Alguns pensam que isso foi dito com ironia: “Agora durmam se puderem, durmam se ousarem; Eu não lhes perturbaria se Judas e seu grupo de homens não viessem nos perturbar.” Veja aqui como Cristo lida com aqueles que sofrem ao serem vencidos pela segurança que sentem, e que não serão despertados por ela. Em primeiro lugar, às vezes, Ele os entrega ao poder dela: “Dormi, agora”. Aquele que dorme, continue dormindo. A maldição do cochilo espiritual é o justo castigo do seu pecado (Rm 11.8; Os 4.17). Em segundo lugar, muitas vezes, Ele envia algum juízo alarmante, para despertar aqueles que não seriam tocados pela Palavra; e seria melhor que aqueles que não são alarmados por razões e argumentos ficassem alarmados pelas espadas e lanças do que deixados para perecer em sua segurança. Que aqueles que não crêem sejam forçados a sentir.

Quanto aos discípulos: 1. Seu Mestre os avisou da aproximação iminente de seus inimigos, que provavelmente estavam dentro do campo de visão ou podiam ser ouvidos, porque eles vieram com velas e tochas, e é provável que tenham feito um grande barulho: “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores. E também, eis que é chegado o que me trai”. Note que os sofrimentos de Cristo não eram surpresa para Ele. Ele sabia o que, e quando, iria sofrer. Nesse momento, o extremo de sua agonia já havia passado, ou, ao menos, sido afastado. Enquanto isso, com uma coragem destemida, Ele se dirige ao próximo encontro, como um campeão para o combate. 2. Ele rogou que eles se levantassem, e que partissem. O Senhor não disse: “Levantai-vos, e fujamos do perigo”, mas: “Levantai-vos, partamos ao seu encontro”. Antes de orar, Ele temia os seus sofrimentos, mas agora havia superado os seus temores. Mas: 3. Ele os faz entender a atitude de loucura que era dormir durante o tempo em que deveriam estar se preparando; agora o evento os achou despreparados, e foi um terror para eles.

Cristo É Traído por Judas. O Servo do Sacerdote É Agredido por Pedro. Cristo É Abandonado pelos seus Discípulos

vv. 47-56

Somos informados aqui de como o bendito Senhor Jesus foi apanhado e levado preso. Isto se seguiu imediatamente à sua agonia, enquanto Ele ainda falava; porque desde o início até o fim de sua paixão, Ele não teve a mínima interrupção ou pausa, mas a situação só se agravou. Sua dificuldade, até este ponto, havia sido em seu interior; mas agora o cenário está mudado, agora os filisteus estão sobre ti, bendito Sansão. “O respiro das nossas narinas, o Ungido do Senhor, foi preso nas suas covas” (Lm 4.20).

Agora, com respeito à prisão do Senhor Jesus, observe:

I Quem eram as pessoas que foram empregadas nessa situação. 1. Aqui estava “Judas, um dos doze”, na frente de sua guarda infame; ele foi o guia para aqueles que prenderam Jesus (At 1.16); sem a sua ajuda, eles não poderiam tê-lo encontrado em seu retiro. Observe e se admire; o primeiro que aparece com os seus inimigos é um dos seus próprios discípulos, que, uma ou duas horas antes, estava comendo pão com ele! 2. Aqui estava, com Judas, uma grande multidão, para que a Escritura pudesse ser cumprida: “Senhor, como se têm multiplicado os meus adversários!” (Sl 3.1). Essa multidão era composta, em parte, por um destacamento dos guardas que foi colocado na torre de Antonia pelo governador romano; esses eram gentios, pecadores, como Cristo os chama (v. 45). Os demais eram servos e oficiais do sumo sacerdote, e eram judeus; aqueles que divergiam uns dos outros, puseram-se de acordo contra Cristo.

II Como eles estavam armados para esta empreitada.

1. Com que armas eles estavam armados: eles vieram “com espadas e porretes”. Os soldados romanos, sem dúvida alguma, tinham espadas; os servos dos sacerdotes, aqueles que não possuíam espadas, levaram porretes e varas. *Furor arma ministra – Sua fúria fornecia as suas armas*. Eles não eram tropas regulares, mas uma turba agitada. Mas para que todo esse trabalho? Se eles fossem dez vezes mais em quantidade, não poderiam tê-lo prendido se Ele não tivesse permitido; e, tendo chegado a sua hora de renunciar a si mesmo, toda essa força foi desnecessária. Quando um açougueiro entra no campo para pegar um cordeiro para matar, ele levanta uma milícia e vem armado? Não, ele não precisa disso; no entanto, toda essa

força foi usada para apanhar o Cordeiro de Deus.

2. Com que mandado eles estavam armados. “Eles vinham dos príncipes dos sacerdotes, e anciãos do povo”; essa multidão armada foi enviada por eles para essa missão. Ele foi preso por ordem do grande sinédrio, como uma pessoa que lhes era odiosa. Pilatos, o governador romano, não lhes deu nenhum mandado de busca, porque não tinha inveja de Jesus; mas os homens que fingiam agir em nome da religião, e presidiam os assuntos da sinagoga, é que estavam ativos nessa perseguição, e eram os inimigos mais vingativos que Cristo tinha. Esse era um sinal de que Ele era apoiado por um poder divino, porque Ele não só foi desertado por todos os poderes terrenos, mas foi atacado por eles. Pilatos lançou-lhe isto em rosto: “A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim” (Jo 18.35).

III O modo como isso foi feito, e o que se passou nesse período.

1. Como Judas o traiu; ele fez esse acordo de forma eficiente, e a sua resolução nessa maldade pode envergonhar a todos nós que falhamos naquilo que é bom. Considere:

(1) As instruções que ele deu aos soldados (v. 48): “Ele lhes deu um sinal”; como o comandante do grupo nessa ação, ele dá a palavra ou o sinal. Ele lhes deu um sinal, para que não prendessem por engano um dos discípulos em vez dele, tendo os discípulos recentemente dito, aos ouvidos de Judas, que estariam dispostos a morrer por Ele. Que abundância de cuidados, aqui, para não deixar de prendê-lo: “O que eu beijar é esse”; e quando eles o prenderam, para não deixá-lo fugir: “Prendei-o”; porque Ele algumas vezes tinha escapado daqueles que pensavam tê-lo segurado (Lc 4.29,30). Embora os judeus que freqüentavam o templo o conhecessem, os soldados romanos talvez nunca o tivessem visto, e o sinal tinha a finalidade de orientá-los. E Judas, através de seu beijo, tinha não só a intenção de identificá-lo, mas de detê-lo, enquanto eles viriam por trás, e colocariam as suas mãos sobre Ele.

(2) A saudação hipócrita que ele fez ao seu Mestre. “Ele se aproximou de Jesus”. Se alguma vez o coração mau de Judas pensou em voltar atrás, isso certamente aconteceu naquele momento. Quando veio olhá-lo no rosto, ele deve ter ficado admirado com a sua majestade, ou encantado pela sua beleza. Judas ousa colocar-se diante de sua presença e traí-lo? Pedro negou a Cristo, mas quando o Senhor virou-se e fitou-o, ele vacilou imediatamente. Porém, Judas se coloca diante da face de seu Mestre, e o trai. *Me mihi (perfide)*

prodis? me mihi prodis? – Homem pérfido, me traís em benefício de ti mesmo? Ele disse: “Eu te saúdo, Rabi”. E beijou-o. Parece que o nosso Senhor Jesus tinha por hábito permitir um certo grau de familiaridade consigo, dando-lhes a sua face para beijar depois de eles terem estado ausentes por algum tempo, o que Judas maldosamente usou para facilitar essa traição. Um beijo é um sinal de lealdade e amizade (Sl 2.12). Mas Judas, quando violou todas as leis do amor e do dever, profanou esse sinal sagrado para servir ao seu propósito. Note que há muitos que traem a Cristo com um beijo, e o saúdam, dizendo Rabi. Sob o pretexto de honrá-lo, traem e desprezam os interesses de seu reino. *Mel in ore, fel in corde – Mel na boca, fel no coração. Kataphilein ouk esti philein. Abraçar é uma coisa, amar é outra.* Philo Judaeus. O beijo de Joabe e o beijo de Judas foram muito parecidos.

(3) Como o seu Mestre o recebeu (v. 50).

[1] Ele o chama de amigo. Se Jesus o tivesse chamado de canalha, traidor, maldito, louco, e filho do diabo, não teria dito nada errado; mas Ele nos ensinou, sob a maior provocação, a suportar a amargura e a calúnia, e a mostrar toda mansidão. “Amigo”, porque Judas tinha sido um amigo, e deveria ter sido, e até parecia ser. Assim o Senhor Jesus o repreende, como Abraão, quando chamou de filho o homem rico que estava no inferno. Jesus o chama de amigo, porque Judas promoveu os seus sofrimentos, e assim agiu como seu amigo; ao passo que Jesus chamou a Pedro de Satanás, por tentar impedir os seus sofrimentos.

[2] Ele lhe pergunta: “‘A que vieste?’ É paz, Judas? Explica-te; se tu vens como um inimigo, o que significa este beijo? Se como um amigo, o que significam estas espadas e porretes? A que vieste? Que dano fiz a ti? Em que te desgastei? Qual é a razão da tua presença? Por que não tens tanta vergonha, quanto a manter-se fora da vista, o que poderias ter feito, mesmo comunicando ao oficial onde eu Estava?” Este foi um exemplo de grande insolência, através do qual Judas se mostra atrevido e descarado nessa transação iníqua. Mas é habitual que os apóstatas da religião sejam os seus inimigos mais amargos. Juliano é prova disso. Portanto, Judas fez a sua parte.

2. Como os oficiais e os soldados o prenderam: “Aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus e o prenderam”; eles o fizeram seu prisioneiro. Como não estavam com medo de estender as suas mãos contra o Ungido do Senhor? Podemos muito bem imaginar que mãos rudes e cruéis elas eram, as mãos

que essa multidão bárbara colocou sobre Cristo; e como certamente o trataram de modo tosco, por terem tão freqüentemente ficado desapontados quando procuraram colocar as suas mãos sobre Ele. Eles não poderiam tê-lo prendido, se Ele não tivesse se entregado, e sido entregue "pelo determinado conselho e presciência de Deus" (At 2.23). Aquele que disse a respeito de seus servos ungidos: "Não toqueis nos meus ungidos" (Sl 105.14,15), não poupou a seu Filho ungido, mas o entregou por todos nós; e outra vez, "deu a sua força ao cativeiro, e a sua glória à mão do inimigo" (Sl 78.61). Veja qual foi a queixa de Jó (cap. 16.11): "Entrega-me [ou entregou-me] Deus ao perverso". Esta e outras passagens no livro de Jó tipificam a Cristo.

O nosso Senhor Jesus foi feito prisioneiro, porque Ele seria tratado, em todas as coisas, como um criminoso, punido pelo nosso crime; e como um penhor, Ele seria confiscado pela nossa dívida. O jugo das nossas transgressões estava ligado pela mão do Pai ao pescoço do Senhor Jesus (Lm 1.14). O Senhor Jesus se tornou um prisioneiro, para que pudesse nos colocar em liberdade. Ele disse: "Se pois me buscais a mim, deixai ir estes" (Jo 18.8); e aqueles que Ele liberta certamente estão livres.

3. Como Pedro lutou por Cristo, e sentiu as suas dores. Aqui ele é mencionado apenas como um dos que estavam com Jesus no jardim; mas em João 18.10, somos informados de que foi Pedro quem se distinguiu nessa ocasião. Observe:

(1) A precipitação de Pedro (v. 51). Ele "puxou a espada". Entre todos eles, só haviam duas espadas (Lc 22.38), e parece que uma delas foi deixada com Pedro; e agora ele achou que seria a hora de puxá-la, e deu golpes impetuosos à sua volta como se tivesse feito algo muito importante; mas tudo o que ele fez foi cortar uma orelha de um servo do sumo sacerdote. É provável que Pedro desejasse arrancar-lhe a cabeça, pelo fato de tê-lo visto mais à frente do que os demais que colocavam as mãos em Cristo; mas ele deve ter errado o golpe, decepando então a orelha daquele homem. Porém, se Pedro estivesse lutando, em meu pensamento ele deveria ter antes mirado Judas, e tê-lo marcado como um trapaceiro. Pedro havia falado muito do que faria pelo seu Mestre, e disse que até mesmo sacrificaria a sua vida por Ele; sim, ele faria isso. E agora ele seria tão bom quanto a sua palavra, e arriscaria a sua vida para resgatar o seu Mestre. Até este ponto, ele era louvável por demonstrar um grande zelo por Cristo, por sua honra e segurança. Mas Pedro não agiu de acordo com o conhecimento, nem foi guiado pela discrição, porque: [1] Ele

fez isso sem autorização; alguns dos discípulos realmente perguntaram: “Senhor, feriremos à espada?” (Lc 22.49). Mas Pedro golpeou antes que tivesse uma resposta. Devemos ver não só a nossa boa causa, mas o nosso chamado claro, antes de puxarmos a espada; devemos mostrar com que autoridade fazemos aquilo que fazemos, e quem nos deu esta autoridade. [2] Ele indiscretamente expôs a si mesmo e aos seus companheiros discípulos à fúria da multidão. Porque, o que eles poderiam fazer com apenas duas espadas, contra um bando de homens?

(2) A repreensão que o nosso Senhor Jesus lhe fez (v. 52): “Mete no seu lugar a tua espada”. O Senhor não ordenou aos oficiais e soldados que guardassem as suas espadas, que foram puxadas contra Ele; o Senhor os deixou a critério de Deus Pai, que julga aqueles que estão fora; mas Ele ordena a Pedro que guarde a sua espada, não o censurando, na verdade, pelo que fez, porque foi feito com boa intenção, mas interrompendo a sua ação, estabelecendo que não haja um precedente. A missão de Cristo no mundo é fazer a paz. Note que “as armas da nossa milícia não são carnais, mas espirituais”; e os ministros de Cristo, embora sejam seus soldados, não guerreiam com a carne (2 Co 10.3,4). Isso não significa que a lei de Cristo derrube a lei da natureza ou a lei das nações, na medida que esses códigos se coloquem em defesa de seus direitos e liberdades civis, e de sua religião de uma forma legal; mas ela sustenta a preservação da paz e da ordem pública, proibindo que qualquer pessoa, *qua tales – como tal*, resista aos poderes estabelecidos. Não, temos um preceito geral para que não resistamos ao mal (cap. 5.39), nem Cristo mandará que os seus ministros propaguem a sua religião pela força das armas: *Religio cogi non potest; et defendenda non occidendo, sed moriendo – A religião não pode ser forçada; e deve ser defendida, não matando, mas morrendo.* Lactantii Institut. Assim como Cristo proibiu os seus discípulos de tentarem dominar o mundo através da espada (cap. 20.25,26), aqui Ele proíbe a espada da guerra. Cristo ordenou que Pedro guardasse a sua espada, e nunca lhe ordenou que fizesse uso dela novamente. No entanto, Pedro é culpado, aqui, de fazer isso intempestivamente; havia chegado a hora de Cristo sofrer e morrer. O Senhor sabia que Pedro conhecia isso, e a espada do Pai foi levantada contra Ele (Zc 13.7). Ao puxar a sua espada, Pedro estava dizendo: “Mestre, poupe a ti mesmo”.

Três razões que Cristo dá a Pedro para essa repreensão:

[1] Puxar a espada seria uma atitude perigosa tanto para Pedro como para os seus companheiros discípulos. “Todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão”. Aqueles que usam a violência, cairão pela violência; e os homens apressam e aumentam os seus próprios problemas proferindo ameaças de métodos sangrentos de defesa pessoal. Aqueles que pegam a espada antes de lhes sere dada, que a usam sem um mandato ou autorização, expõem a si mesmos à espada de guerra, ou à justiça pública. Se não tivesse sido pelo cuidado e providência especiais do Senhor Jesus, Pedro e o restante deles, pelo que sei, teriam sido feitos em pedaços imediatamente. Grotius dá um outro sentido provável à expressão do Senhor, como se os oficiais e os soldados que vêm com espadas para prender a Cristo é que fossem morrer pela espada, e não Pedro. “Pedro, você não precisa puxar a espada para puni-los. Deus Pai certamente, em breve, ajustará contas com eles de uma forma severa”. Eles pegaram a espada romana para prender a Cristo, e pela espada romana, não muito tempo depois, eles, o seu lugar, e a sua nação foram destruídos. Portanto, não devemos nos vingar, porque Deus Pai retribuirá (Rm 12.19); portanto, devemos sofrer com fé e paciência, porque os perseguidores serão pagos com a sua própria moeda. Veja Ap 13.10.

[2] Era desnecessário alguém puxar a sua espada em defesa de seu Mestre, pois Ele, agora, se quisesse, poderia convocar a seu serviço todas as hostes celestiais (v. 53). “‘Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?’ Pedro, se Eu fosse desviar estes sofrimentos, poderia fazê-lo facilmente, sem a tua ajuda e sem a tua espada”. Note que Deus não precisa de nós, dos nossos serviços, muito menos dos nossos pecados, para executar os seus propósitos; a nossa falta de confiança e a nossa falta de fé no poder de Cristo é evidenciada quando saímos do caminho da nossa obediência para servir aos seus interesses. Deus pode fazer a sua obra sem nós; se olharmos para os céus, e virmos como Ele é servido ali, poderemos facilmente inferir que, mesmo que sejamos justos, Ele não nos deve nada (Jó 35.5,7). Embora Cristo tenha sido crucificado em fraqueza, essa foi uma fraqueza voluntária. Ele se sujeitou à morte, não porque não pudesse lutar contra ela, mas porque não desejou fazê-lo. Isto remove a ofensa da cruz, e prova que o Cristo crucificado é o poder de Deus. Mesmo agora, na profundidade de seus sofrimentos, o Senhor Jesus poderia convocar a ajuda de legiões de anjos. “Agora”, *arti – já.* “Embora a história já tenha passado, eu ainda poderia, com uma palavra, reverter todas as

coisas". Cristo aqui nos faz saber:

Em primeiro lugar, que grande interesse o Senhor Jesus demonstrou por seu Pai. Eu posso orar a meu Pai, e Ele enviará ajuda do santuário. Eu posso *parakalesai – solicitar de meu Pai esses reforços*. A oração de Cristo tem autoridade. Note que é uma grande consolação para o povo de Deus, quando está cercado de inimigos por todos os lados, ter um caminho aberto em direção ao céu. Se o povo de Deus não puder fazer mais nada, ele pode orar àquele que pode fazer todas as coisas. E aqueles que oram muito em outros momentos, têm uma grande consolação ao orar quando surgem os tempos turbulentos. Observe que Cristo disse não só que Deus poderia lhe enviar tal número de anjos, mas que, se Ele o pedisse, Deus o faria. Embora o Senhor tenha realizado a obra da nossa redenção, parece que se Ele tivesse desejado ser livre, o Pai não o teria impedido. Ele poderia ter se retirado, evitando tamanho sofrimento. Mas o Senhor Jesus amou a sua obra salvadora, e por essa razão Ele não se retiraria; assim, foi apenas com as cordas de seu próprio amor que Ele foi atado ao altar.

Em segundo lugar, que grande interesse Ele tinha pelas hostes celestiais. O Pai "lhe daria agora mais de doze legiões de anjos", perfazendo mais de setenta e dois mil seres celestiais. Observe aqui: 1. Existe uma companhia inumerável de anjos (Hb 12.2). Um destacamento de mais de doze legiões poderia ser cedido para o nosso serviço, e não haveria falta ao redor do trono. Veja Dn 7.10. Eles são dispostos em ordem exata, como as legiões bem disciplinadas; não são uma multidão confusa, mas tropas regulares; todos conhecem o seu posto, e observam a palavra de comando. 2. Essa companhia inumerável de anjos está toda à disposição do nosso Pai celestial, e executa o seu beneplácito (Sl 103.20,21). 3. Essas hostes angelicais estavam prontas para vir em auxílio do nosso Senhor Jesus em seus sofrimentos, se Ele tivesse precisado ou desejado isso. Veja Hb 1.6,14. Eles teriam estado com Ele como estiveram com Eliseu, em carros de fogo e cavalos de fogo, não só para protegê-lo, mas para consumir aqueles que procurassem atentar contra Ele. 4. O nosso Pai celestial deve ser visto e reconhecido em todos os serviços das hostes celestiais: "Ele me daria"; portanto, não devemos orar aos anjos, mas ao Senhor dos anjos (Sl 91.11). 5. É uma questão de conforto para todos os que desejam o bem do reino de Cristo, que haja um mundo de anjos sempre a serviço do Senhor Jesus, e que podem fazer maravilhas. Aquele que possui os exércitos do céu às suas ordens, pode fazer o que lhe agrada entre os

habitantes da terra: “Ele me daria agora”. Veja como o Pai estava pronto a ouvir a oração do Senhor Jesus, e como os anjos estavam prontos a obedecer às suas ordens; eles são servos dispostos, mensageiros alados, eles voam rapidamente. Isto é muito animador para aqueles que desejam intimamente que Cristo seja honrado, e o bem-estar de sua igreja. Será que alguém pensa que tem mais cuidado e preocupação por Cristo e sua igreja, do que o próprio Deus e os seus santos anjos?

[3] Não era hora de fazer qualquer defesa, ou se oferecer para desviar o golpe: “Como, pois, se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?” (v. 54). Foi escrito que Cristo deveria “ser levado como um cordeiro para o matadouro” (Is 53.7). Se o Senhor Jesus chamasse os anjos para lhe auxiliarem, Ele não seria de modo algum levado para o matadouro; se Ele permitisse que os seus discípulos lutassem, Ele não seria levado silenciosamente e sem resistência; portanto, Ele e os seus discípulos deveriam se submeter ao cumprimento das profecias. Note que, em todos os casos difíceis, a Palavra de Deus deve ser conclusiva contra os nossos próprios conselhos, e nada deve ser feito, nada tentado, contra o cumprimento das Escrituras. Se o alívio das nossas dores, a quebra das nossas amarras, a salvação das nossas vidas, não coincidirem com o cumprimento das Escrituras, devemos dizer: “Que seja feita a vontade de Deus, que a sua Palavra seja cumprida, que a sua lei seja louvada e respeitada, a despeito daquilo que nos aconteça”. Assim Cristo deteve a Pedro, quando este quis se colocar como seu defensor, e capitão salva-vidas.

4. Em seguida, somos informados sobre como Cristo resolveu o caso com aqueles que foram buscá-lo (v. 55). Embora não tenha resistido a eles, o Senhor argumentou com eles. Note que condiz com a paciência cristã debater calmamente com os nossos inimigos e perseguidores quando estamos sob os nossos sofrimentos, como aconteceu no caso de Davi e Saul (1 Sm 24.14; 26.18). “Saístes”: (1) Com fúria e hostilidade, como contra um ladrão, como se Eu fosse um inimigo para a segurança pública, e como se sofresse isso merecidamente? Os ladrões atraem para si mesmos o ódio comum; todos ajudarão a deter um ladrão; e então eles caíram sobre Cristo como a escória de todas as coisas. Se Ele tivesse sido a praga de sua nação, não poderia ter sido perseguido com mais empenho e violência. (2) Com todo esse poder e força, como contra o pior dos ladrões, que desafia a lei e a justiça pública, e acrescenta a rebelião ao seu pecado? Saístes, como para prender um

salteador, com espadas e porretes, como se houvesse perigo de resistência; considerando que “matastes o justo; “ele não vos resistiu” (Tg 5.6). Se ele não estivesse disposto a sofrer, seria loucura sair com espadas e porretes, porque eles não poderiam vencê-lo; se Jesus desejasse resistir, teria considerado o ferro como palha, e as suas espadas e porretes teriam sido como a sarça diante do fogo consumidor; mas, estando disposto a sofrer, foi tolice irem assim armados, porque Ele não iria discutir com eles.

Ele posteriormente debate com eles, lembrando-os de como havia se comportado com eles até aquele momento, e eles em relação a Ele. [1] De sua presença pública: “Todos os dias me assentava junto de vós, ensinando no templo”. E: [2] Da conivência pública deles: “E não me prendestes”. Qual o motivo dessa mudança? Eles foram muito irracionais, ao agirem com Ele como o fizeram. Em primeiro lugar, Ele não lhes havia dado motivo para considerá-lo como um ladrão, pois havia ensinado no Templo. E o assunto e a maneira de seu ensino era tal, que o Senhor Jesus foi manifestado na consciência de todos os que o ouviram como sendo um homem bom. As palavras bondosas que saíram de sua boca não foram palavras de um ladrão, nem de alguém que tinha um demônio. Em segundo lugar, Ele não lhes havia dado motivos para que o considerassem como um foragido da lei e da justiça, para que viessem à noite para capturá-lo; se eles tivessem alguma coisa para lhe dizer, poderiam encontrá-lo todos os dias no Templo, pronto para responder a todos os desafios, a todas as acusações, e ali poderiam fazer o que bem entendessem com Ele; porque os príncipes dos sacerdotes tinham a custódia do Templo, e o comando dos guardas que estavam em torno do Templo. Mas vir até Ele assim, clandestinamente, no local de seu retiro, era uma atitude vil e covarde. Desse modo, o maior herói pode ser perversamente assassinado em uma esquina, por alguém que, em campo aberto, tremeria só por encará-lo.

Mas tudo isso aconteceu (vê-se em seguida, v. 56) para que as Escrituras dos profetas pudessem ser cumpridas. É difícil dizer se essas foram as palavras do sagrado historiador, como um comentário sobre essa história, e uma instrução ao leitor cristão, para compará-lo com as Escrituras do Antigo Testamento, que apontavam para esse fato. Ou ainda se foram as palavras do próprio Cristo, como se estivesse expressando o motivo de tudo aquilo estar ocorrendo. Mesmo assim, Ele não poderia deixar de se ressentir por esse tratamento tão vil. Ele precisou se sujeitar à situação para que as Escrituras

dos profetas pudessem se cumprir. O Senhor Jesus havia acabado de fazer uma referência a essa necessidade (v. 54). Note que as Escrituras se cumprem todos os dias; e todas as Escrituras que falam do Messias tiveram o seu pleno cumprimento em nosso Senhor Jesus Cristo.

5. Como Ele foi, em meio a essa aflição, vergonhosamente desertado pelos seus discípulos: “Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram” (v. 56).

(1) Esse foi o pecado deles; e foi um grande pecado para aqueles que haviam deixado tudo para segui-lo, agora deixá-lo por algo que nem sabiam o que era. Houve crueldade nisso, considerando a relação que havia entre eles, os favores que eles haviam recebido da parte dele, e as circunstâncias melancólicas que agora se apresentavam. Houve infidelidade nisso, porque eles haviam prometido solenemente se unir a Ele, e nunca abandoná-lo. Ele havia reivindicado o salvo-conduto deles (Jo 18.8); no entanto, eles não puderam confiar nisso, e fugiram vergonhosamente. Que coisa insensata foi essa; por medo da morte, fugiram daquele a quem conheciam e haviam reconhecido como a Fonte da vida? (Jo 6.67,68). “Senhor, que é o homem”!

(2) Foi parte do sofrimento de Cristo, e acrescentou aflição às suas cadeias, ser dessa maneira desertado, como aconteceu com Jó (cap. 19.13): “Pôs longe de mim a meus irmãos”. E também com Davi (Sl 38.11): “Os meus amigos e os meus propínquos [ou companheiros] afastam-se da minha chaga”. Eles deveriam ter permanecido com o Senhor, para servi-lo e apoiá-lo; e, se fosse necessário, deveriam ser testemunhas favoráveis a Ele em seu julgamento no tribunal. Mas eles traiçoeiramente o desertaram. Algo parecido aconteceu com o apóstolo Paulo, pois, em sua primeira defesa, nenhum homem ficou do lado dele. Porém, havia um mistério nisso. [1] Cristo, como um sacrifício pelos pecados, foi assim abandonado. O cervo que, pela flecha do seu dono, é marcado para ser caçado e abatido é imediatamente abandonado por todo o rebanho. Nisso, Ele foi feito uma maldição por nós, pois foi deixado como alguém que é separado para o mal. [2] Cristo, como o Salvador de almas, ficou assim sozinho. Ele não precisava, e não teve a ajuda de nenhum outro ao operar a nossa salvação. Tudo Ele suportou, e fez tudo sozinho. Ele pisou o lagar sozinho, e como não havia ninguém que o apoiasse, então o seu próprio braço trouxe a salvação (Is 63.3,5). Assim o Senhor, sozinho, conduziu o seu Israel; eles só precisaram “contemplar esta grande salvação” (Dt 32.12).

Cristo no Palácio do Sumo Sacerdote

vv. 57-68

Temos aqui a acusação contra o nosso Senhor Jesus na corte eclesiástica, diante do grande sinédrio. Considere:

I A sessão da corte; os escribas e os anciãos estavam reunidos, embora fossem altas horas da noite, quando as outras pessoas estavam dormindo profundamente em suas camas. Mesmo assim, para satisfazerem a malícia que tinham contra Cristo, negaram a si mesmos esse descanso natural, e ficaram acordados a noite toda, para que estivessem preparados para cair sobre a presa que esperavam que Judas e seus homens lhes trouxessem.

Observe: 1. Quem eram aqueles que estavam reunidos; os escribas, os doutores da lei e os anciãos, os príncipes dos sacerdotes da sinagoga judaica; estes eram os inimigos mais amargos de Cristo, o nosso grande Mestre e Príncipe, sobre quem eles tinham um olhar invejoso, como alguém que reduzia o brilho deles; talvez alguns desses escribas e anciãos não fossem tão maliciosos em relação a Cristo, como eram alguns outros; contudo, concordando com os demais, eles se fizeram culpados. Agora as Escrituras foram cumpridas (Sl 22.16): "O ajuntamento dos malfeitores me cercou". Jeremias reclama de uma reunião de homens traiçoeiros; e Davi reclama de seus inimigos se reunindo contra ele (Sl 35.15).

2. Onde eles estavam reunidos. Na casa de Caifás, o sumo sacerdote; ali eles se reuniram dois dias antes, para tramarem a conspiração (v. 3). Ali eles agora se reuniram outra vez, para executar o plano. O sumo sacerdote era chamado de *Ab-beth-din – o pai da casa de juízo*, mas agora ele é o patrono da impiedade; a sua casa deveria ter sido o santuário da inocência oprimida, mas se tornou o local do trono da iniqüidade; e não é de admirar que esses homens iníquos tenham transformado a própria casa de oração de Deus em um covil de ladrões.

II A postura do prisioneiro no recinto do tribunal; aqueles que haviam lançado mão de Jesus levaram-no, empurrando-o, sem dúvida com violência, conduziram-no como um troféu de sua vitória, como uma vítima para o altar. Ele foi levado a Jerusalém através da porta das ovelhas, pois este era o caminho para entrar na cidade, saindo do monte das Oliveiras; e era

chamada assim porque as ovelhas designadas para o sacrifício eram levadas por aquele caminho até o Templo; muito adequadamente, portanto, Cristo, que é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, é levado por este caminho. Cristo foi levado primeiro ao sumo sacerdote, porque, pela lei, todos os sacrifícios deveriam ser primeiro apresentados ao sacerdote, e entregues em sua mão (Lv 17.5).

III A covardia e o medo de Pedro (v. 58): “Pedro o seguiu de longe”. Isto é apresentado aqui como um prenúncio da história seguinte, quando Pedro nega Jesus. Pedro o abandonou como os demais o fizeram, quando Jesus foi preso, e o que é dito aqui sobre tê-lo seguido é facilmente conciliável com o fato de Pedro tê-lo abandonado; o fato de Pedro ter seguido Jesus não é melhor do que o fato de ter abandonado Jesus; porque:

1. Ele o seguiu, porém “de longe”. Algumas faíscas de amor e preocupação por seu Mestre estavam em seu peito, e por essa razão ele o seguiu; mas o medo e a preocupação pela sua própria segurança prevaleceram, e assim Pedro o seguiu de longe. Note que é um mau presságio quando aqueles que estão dispostos a ser discípulos de Cristo não estão dispostos a ser reconhecidos como tais. Aqui Pedro começou a negar Jesus; pois segui-lo de longe é afastar-se dele pouco a pouco. Há perigo em se afastar, e também em olhar para trás.

2. Pedro o seguiu, e, “entrando, assentou-se entre os criados”. Ele deveria ter subido até o pátio, e servido ao seu Mestre, comparecendo à presença dele. Mas ele entrou onde havia uma fogueira, e assentou-se com os criados, não para calar as críticas, mas para se proteger. Foi uma presunção de Pedro, portanto, a atitude de se lançar à tentação; aquele que age assim sai da proteção de Deus. Cristo havia dito a Pedro que ele não poderia segui-lo agora, e o havia advertido particularmente quanto ao perigo dessa noite; mesmo assim, Pedro iria se aventurar no meio desse grupo de ímpios. O fato de Davi odiar se reunir com malfeitores o ajudou a andar em integridade; ele não se assentava com os ímpios.

3. Pedro seguiu o Senhor, mas só o fez “para ver o fim”, sendo levado mais pela sua curiosidade do que pela sua consciência; ele compareceu como um mero espectador, em vez de participar da situação como um discípulo, uma pessoa envolvida. Ele deveria ter entrado, para prestar a Cristo algum serviço, para trazer a si mesmo alguma sabedoria e graça, observando o comportamento de Cristo sob os seus sofrimentos. Mas Pedro só entrou para observá-lo; não é improvável que Pedro tenha entrado, esperando que Cristo fosse fugir miraculosamente das mãos de seus perseguidores; que, tendo tão recentemente se desviado daqueles que tentavam agarrá-lo, o Senhor agora destruiria aqueles que se assentavam para julgá-lo. E era isso que Pedro tinha vontade de ver; se esse raciocínio estiver correto, seria tolice para Pedro pensar em ver qualquer outro fim além daquele que Cristo havia predito, de que Ele deveria ser morto. Note que é mais necessário que nós nos preparemos para o fim, seja ele qual for, do que indagarmos curiosamente qual será o fim. O evento é de Deus, mas o dever é nosso.

IV O julgamento de nosso Senhor Jesus neste tribunal.

1. Eles buscavam testemunhas contra Ele, embora estivessem decididos – quer estivessem certos ou errados – a condená-lo; no entanto, para dar uma aparência melhor ao julgamento, eles iriam produzir evidências contra o Senhor. Os crimes da competência do seu tribunal eram doutrinas falsas e blasfêmias; e essas coisas eles tentaram provar a fim de condená-lo. Observe aqui:

(1) A busca deles por provas: “Buscavam falso testemunho contra Jesus”; eles o haviam prendido, amarrado, açoitado, e depois de tudo ainda tinham que procurar algo de que acusá-lo, e não podiam mostrar nenhuma causa para a sua prisão e julgamento. Eles se consultaram, pois talvez algum deles pudesse alegar, a partir de seu próprio conhecimento, qualquer coisa contra o Senhor; e assim sugeriram uma calúnia e então outra, de modo que, se alguma fosse verdadeira, pudessem tocar em sua vida. “O homem vão cava o mal” (Pv 16.27). Aqui eles pisam o caminho de seus predecessores, que maquinaram projetos contra Jeremias (Jr 18.18; 20.10). Os líderes da nação judaica proclamaram que, se alguém pudesse dar informações contra o prisioneiro no recinto do tribunal, eles estariam prontos a recebê-las, e naquele momento muitos deram falsos testemunhos contra o Senhor (v. 60).

O governador que dá atenção às palavras mentirosas achará que todos os seus servos são ímpios (Pv 29.12). Este é “um mal que se vê debaixo do sol” (Ec 10.5). Se Nabote deve ser levado para fora, haverá filhos de Belial para jurar contra ele.

(2) O sucesso deles nessa busca; em várias tentativas, eles foram frustrados. Aqueles homens buscaram falsos testemunhos entre si, outros se apresentaram para ajudá-los, e mesmo assim não acharam ninguém que pudesse testemunhar de forma coerente contra o Filho de Deus. Eles não puderam fazer nada nesse sentido, não conseguiram juntar evidências plausíveis, ou dar qualquer aparência de verdade ou consistência às falsas acusações. Além disso, não poderiam fazê-lo, pois eles mesmos se colocaram na posição de juízes. Os motivos alegados eram mentiras palpáveis, que traziam em si as suas próprias contestações. Tudo isso foi revertido para a honra de Cristo, naquele momento em que eles estavam procurando carregá-lo de desgraças.

Mas, finalmente, eles conseguiram duas testemunhas, que, parece, concordaram com as evidências deles, e, portanto, foram ouvidas, na esperança de agora obterem sucesso. As palavras que eles proferiram em juramento contra o Senhor foram que Ele havia dito: “Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias” (v. 61). Então, através disso, eles planejavam acusá-lo: [1] Como um inimigo do Templo, e alguém que buscava a destruição dele, algo que eles não suportavam sequer ouvir; pois eles valorizavam a si mesmos pelo Templo do Senhor (Jr 7.4), e, quando abandonaram os ídolos, fizeram dele um ídolo perfeito. Estêvão foi acusado de falar “contra este santo lugar” (At 6.13,14). [2] Como alguém que lidava com a feitiçaria, ou alguma arte ilícita, com a ajuda da qual Ele poderia levantar o edifício em três dias; eles freqüentemente sugeriam que o Senhor estava aliado com Belzebu. Então, quanto a isso, em primeiro lugar, as palavras foram citadas de forma errada pelos caluniadores. O Senhor disse: “Derribai este templo” (Jo 2.19), sugerindo claramente que Ele falava de um templo que os seus inimigos iriam procurar destruir; eles vêm, e juram que Ele disse: “Eu posso derribar este templo”, como se o plano contra o Templo fosse dele. Ele disse: “Em três dias o levantarei” – *egero auton*, uma palavra usada adequadamente para um templo vivo. Eu o levantarei para a vida. Eles vêm, e juram que Ele disse: “Eu posso” oikodomesai – levantá-lo, o que é usado propriamente para um templo construído. Em

segundo lugar, as palavras foram mal-entendidas. “Ele falava do templo do seu corpo” (Jo 2.21), e talvez quando Ele disse: “este templo”, tenha apontado ou colocado a sua mão sobre o seu próprio corpo; mas eles juraram que Ele se referiu ao Templo de Deus, significando esse santo lugar. Note que houve, e ainda há, uma deturpação das palavras de Cristo para a própria destruição dos caluniadores (2 Pe 3.16). Em terceiro lugar, por pior que eles pudessem julgar o assunto, não se tratava de um crime capital, nem mesmo pela sua própria lei; se fosse um crime capital, Ele teria sido perseguido por isso, quando pronunciou essas palavras em um discurso público alguns anos antes. Não, as palavras eram passíveis de uma construção louvável, e revelam a sua atenção ao Templo; se o Templo fosse destruído, Ele iria se empenhar ao máximo para reconstruí-lo. Mas qualquer coisa que parecesse criminosa serviria para dar aparência à perseguição maliciosa deles. Agora as Escrituras foram cumpridas, pois diziam: “Se levantaram falsas testemunhas contra mim” (Sl 27.12; veja Sl 35.11). “Eu os remi, mas disseram mentiras contra mim” (Os 7.13). Quando somos justamente acusados, é a lei que “nos acusa” (Dt 27.26; Jo 5.45). Satanás e as nossas próprias consciências nos acusam (1 Jo 3.20). As criaturas exclamam contra nós. Então, para nos livrar de todas essas justas acusações, o nosso Senhor Jesus se sujeitou a isso, sendo injusta e falsamente acusado, para que, em virtude de seus sofrimentos, possamos ser capacitados a vencer todos os desafios: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?” (Rm 8.33,34). Ele foi acusado para que não pudesse ser condenado; e se, em qualquer tempo, sofrermos assim, se tivermos todos os tipos de males, não apenas ditos, mas proferidos em falsos juramentos contra nós, lembremo-nos de que não podemos esperar ser tratados melhor que o nosso Mestre.

(3) O silêncio de Cristo sob todas essas acusações, para espanto do tribunal (v. 62). O sumo sacerdote, o juiz da corte, encolerizou-se e disse: “‘Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti?’ Que defesa tu podes fazer? Ou o que tens a oferecer em resposta a esta acusação?” “Jesus, porém, guardava silêncio” (v. 63), não como alguém taciturno, ou como alguém autocondenado, ou como alguém perplexo ou em confusão; não porque Ele buscasse algo para dizer, ou que não soubesse o que dizer, mas para que as Escrituras fossem cumpridas (Is 53.7): “Mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda

perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca". Isto também ocorreu para que Ele pudesse ser o Filho de Davi. Quando os inimigos falaram coisas perversas contra Ele, o Senhor foi como um homem surdo que não ouvia (Sl 38.12-14). Ele ficou em silêncio, porque havia chegado a sua hora. Ele não negaria a acusação, porque estava disposto a se sujeitar à sentença; caso contrário, Ele poderia facilmente silenciá-los e envergonhá-los agora, como havia feito muitas vezes antes. Se Deus entrasse em juízo conosco, ficaríamos sem palavras (cap. 22.12), incapazes de responder a uma de mil coisas (Jó 9.3). Portanto, quando Cristo foi feito pecado por nós, Ele ficou em silêncio, e deixou que o seu sangue falasse (Hb 12.24). Ele permaneceu calado no recinto desse tribunal, para que pudéssemos ter algo a dizer no tribunal de Deus.

Bem, assim o Senhor abre mão de seus direitos; *aliae aggrediendum est viae – um recurso poderia ser impetrado através de algum outro expediente.*

2. Eles examinaram o nosso Senhor Jesus em um juramento como o do *ex officio*; e, visto que eles não puderam acusá-lo, tentarão, em uma atitude contrária à lei da igualdade, fazer com que Ele acuse a si mesmo.

(1) Aqui está o interrogatório apresentado pelo sumo sacerdote.

Considere: [1] A pergunta em si: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus?" Isto é: Tu finges ser Ele? Porque eles não admitirão isso de nenhum modo, seja Ele realmente o que diz ou não; embora o Messias devesse ser o Consolador de Israel, e coisas gloriosas tenham sido ditas a respeito dele no Antigo Testamento, eles estavam tão estranhamente embriagados com a inveja de qualquer coisa que ameaçasse o poder exorbitante e a grandeza deles, que jamais entrariam no exame da questão, se Jesus era o Messias ou não. Nem uma vez sequer consideraram o caso de Ele o ser; eles apenas desejavam que Ele confessasse que se denominava o Messias, para que nisto pudessem condená-lo como um enganador. O que o orgulho e a malícia não levariam os homens a fazer?

[2] A solenidade da proposta: "Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas". Não que aquele homem tivesse qualquer consideração pelo Deus vivo, mas tomou o nome do Senhor em vão; somente assim, ele esperava conseguir a atenção do nosso Senhor Jesus: "Se tu tens qualquer estima pelo nome bendito de Deus, e reverência por sua Majestade, nos diga isto". Se o Senhor Jesus se recusasse a responder quando foi assim conjurado, eles o

acusariam de desprezar o nome bendito de Deus. Assim, os perseguidores dos homens bons freqüentemente tomam vantagem contra eles por suas consciências, como os inimigos de Daniel fizeram contra ele, na questão do seu Deus.

(2) A resposta de Cristo nesse interrogatório (v. 64), no qual:

[1] Ele admite ser o Cristo, o Filho de Deus. “Tu o disseste”; isto é: “É como tu o disseste”. Porque em Marcos foi registrado: “Eu sou”. Até aquele momento, o Senhor raramente havia professado a si mesmo, expressamente, como sendo o Cristo, o Filho de Deus; o teor de sua doutrina revelava isso claramente, e os seus milagres o comprovavam; mas agora, Ele não se omitiria de fazer uma confissão disso. Em primeiro lugar, porque isso teria parecido renegar a verdade da qual Ele entrou no mundo para dar o testemunho. Em segundo lugar, teria parecido que o Senhor estaria recusando os seus sofrimentos, quando Ele sabia que esse reconhecimento daria aos seus inimigos toda a vantagem que eles desejavam contra Ele. Ele, portanto, confessou, para exemplo e estímulo a seus seguidores, quando forem chamados a confessá-lo diante dos homens, sejam quais forem os riscos que isso acarrete. E de acordo com esse padrão, os mártires prontamente confessaram-se cristãos, embora soubessem que deveriam morrer por isso, como os mártires em Thebais (Euseb., *Hist*., 50.8; 100.9). Cristo respondeu sem consideração pela conjuração que Caifás havia usado em nome do Deus vivo, de forma profana; penso que o Senhor Jesus equiparou a conjuração daquele homem com a conjuração que foi expressa pela boca do Diabo (Mc 5.7).

[2] O Senhor então se refere, como prova disso, à sua segunda vinda, e certamente a todo o seu estado de exaltação. É provável que eles olhassem para Ele com um sorriso de escárnio e desdém, quando Ele dizia: “Eu sou”. É possível que tenham pensado: “Como é que um homem como Ele pode dizer que é o Messias, cuja vinda é esperada em meio a tão grande pompa e poder?” Mas é exatamente a isso que o Senhor se refere: “Embora agora vocês me vejam neste estado inferior e abjeto, e achem ridículo que Eu me autodenomine Messias, aproxima-se o dia em que me manifestarei em glória”. “Desde agora” (versão ARA), *ap’ arti – à modo – em breve;* pois a sua exaltação teria início; em apenas alguns dias. Então, o seu reino havia começado a ser estabelecido rapidamente. E no futuro “vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso”, para julgar o mundo; a sua

vinda breve para julgar e destruir a nação judaica tipificaria essa situação futura, sendo até mesmo um penhor dela. Note que os terrores do dia do juízo serão uma convicção sensata da infidelidade mais obstinada, não com a finalidade de conversão (será tarde demais para isso), mas para a confusão eterna. Observe, em primeiro lugar, a quem eles deveriam ver: “o Filho do Homem”. Tendo admitido ser o Filho de Deus, mesmo agora em seu estado de humilhação, o Senhor Jesus fala de si mesmo como o Filho do Homem, em seu estado de exaltação; pois Ele tinha essas duas naturezas distintas em uma só pessoa. A encarnação de Cristo fez dele o Filho de Deus e o Filho do Homem; porque Ele é o “Emanuel, o Deus conosco”. Em segundo lugar, em que postura eles deveriam vê-lo: 1. Assentado à direita do Todo-poderoso, de acordo com a profecia do Messias (Sl 110.1): “Assenta-te à minha mão direita”; algo que denota tanto a dignidade como o domínio ao qual Ele é exaltado. Embora o Senhor Jesus estivesse agora no banco dos réus de um tribunal humano, eles em breve o veriam assentado no trono de Deus. 2. “Vindo sobre as nuvens do céu”; isto se refere a uma outra profecia com relação ao Filho do Homem (Dn 7.13,14) que é aplicada a Cristo (Lc 1.33), quando Ele vem para destruir Jerusalém. Tão terrível foi o juízo, e tão claras as indicações da ira do Cordeiro no juízo, que essa passagem se torna uma aparição visível de Cristo; mas, sem dúvida, essa é uma referência ao juízo geral. O Senhor recorre a esse dia, e os convoca ao comparecimento naquele dia e lugar para responder pelo que eles estavam fazendo agora. Pouco tempo antes, Ele havia falado sobre esse dia aos seus discípulos, para o conforto deles, e havia ordenado que levantassem as suas cabeças com grande expectativa por esse dia (Lc 21.27,28). Então o Senhor fala disso aos seus inimigos, para o terror deles; porque não há nada mais confortante para os justos, e nada mais terrível para os ímpios, do que o julgamento do mundo por Cristo no último dia.

VA sua convicção nesse tribunal: “O sumo sacerdote rasgou as suas vestes”, de acordo com um costume dos judeus, quando ouviam ou viam qualquer coisa feita ou dita que eles considerassem reprovável a Deus (como em Is 36.22; 37.1; At 14.14). Caifás seria considerado um homem extremamente zeloso da glória de Deus (Venha e veja o seu zelo pelo Senhor dos Exércitos); mas, embora ele demonstrasse ter repulsa pela blasfêmia, ele mesmo era o maior blasfemo; ele então se esqueceu da lei

que proíbe o sumo sacerdote de rasgar as suas vestes em qualquer situação. Será que devemos supor que essa era uma situação de exceção?

Observe: 1. O crime do qual o Senhor Jesus foi considerado culpado: blasfêmia. “Blasfemou”; isto é, Ele falou de forma reprovável ao Deus vivo; esta é a noção que temos da blasfêmia. Pelo fato de nós, pelo pecado, termos rejeitado ao Senhor, por essa razão, quando Cristo foi feito pecado por nós, Ele foi condenado como um blasfemo pela verdade que lhes disse.

2. A evidência pela qual eles o acharam culpado: “Para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes, agora, a sua blasfêmia”. Ele reconheceu o fato de que confessou ser o Filho de Deus; e então fizeram disso uma blasfêmia, e o condenaram por sua confissão. O sumo sacerdote triunfa no planejamento do laço que havia lançado. Ele talvez tenha pensado: “Agora eu acho que consegui apanhá-lo”. Assim aconteceria conosco. Portanto, o Senhor foi julgado pelas palavras que saíram de sua própria boca no tribunal, porque estávamos sujeitos a ser julgados no tribunal de Deus. Não há necessidade de testemunhas contra nós; as nossas próprias consciências estão contra nós, valendo mais do que mil testemunhas.

VI A sua sentença e condenação (v. 66).

Aqui está: 1. O apelo de Caifás aos juízes do tribunal: “Que vos parece?” Veja a sua hipocrisia e parcialidade, como são desprezíveis; tendo prejulgado a causa, e declarando-o blasfemo, então, Caifás pergunta como se quisesse saber a opinião de seus irmãos. Mas a atitude de esconder a malícia sempre tão astuciosamente sob a túnica da justiça, de uma forma ou de outra, irá se manifestar. Se ele tivesse tratado o caso de forma justa, deveria ter recolhido os votos dos juízes sucessivamente, e pela ordem, começando pelo menor, dando a sua própria opinião por último. Mas Caifás sabia que pela autoridade de sua posição ele poderia influenciar os demais. Portanto, ao declarar o seu julgamento, ele presume que todos eles tenham a mesma opinião. Ele considera o crime de que acusavam a Cristo como “pró-confesso”, ou seja, como um crime confessado; e o juízo, com relação ao tribunal, também como “pró-confesso”, como um juízo acordado.

2. A concordância com ele. Eles disseram: “É réu de morte”; talvez nem todos eles concordassem com tal sentença; é certo que José de Arimatéia, se esteve presente, discordou (Lc 23.51), assim como Nicodemos. E é

provável que outros também tenham discordado. Porém, a maioria apoiou a sentença; mas, talvez, sendo esse um conselho extraordinário, ou, antes, cabal, ninguém havia sido avisado para estar presente, exceto aqueles que sabiam que ele ocorreria, e assim poderia ser votado *nemine contradicente – unanimemente*. O julgamento foi: “Ele é réu de morte; pela lei Ele merece morrer”. Embora, naquele momento, eles não tivessem poder para matar qualquer homem, por esse julgamento eles tornavam um homem um criminoso entre o povo (*qui caput gerit lupinum – ele carrega a cabeça de um lobo*; assim a nossa lei antiga descreve um criminoso), e assim o expunha à fúria de um tumulto popular, como foi com Estêvão, ou à aclamação contra ele perante o governador, como ocorreu com Cristo. Assim, o Senhor da vida foi condenado à morte, para que, através dele, já não haja nenhuma condenação contra nós.

VII Os abusos e os insultos contra o Senhor, depois da sentença, foram aprovados (vv. 67,68): “Então, cuspiram-lhe no rosto”. Devido ao fato de eles não terem poder para matá-lo, e por não poderem ter a certeza de que prevaleceriam fazendo com que o governador fosse o executor, eles fariam todas as crueldades possíveis, agora que o tinham em suas mãos. Os prisioneiros condenados são tomados sob a proteção especial da lei, à qual eles devem fazer a reparação, e por todas as nações civilizadas têm sido tratados de forma humana; este castigo é suficiente. Mas quando aqueles homens aprovaram a sentença contra o nosso Senhor Jesus, Ele foi tratado como se o inferno tivesse sido lançado sobre Ele, como se Ele não só fosse digno de morte, mas como se isso fosse bom demais para Ele, e fosse indigno da compaixão que é demonstrada ao pior dos malfeitores. Assim, “Ele foi feito uma maldição por nós”. Mas quem eram aqueles que foram assim tão bárbaros? Parece que foram as mesmas pessoas que aprovaram a sentença de morte contra Ele. Eles disseram: “Ele é réu de morte”. Então, cuspiram-lhe no rosto. Os sacerdotes começaram, e então não seria surpresa se os criados, que fariam qualquer coisa para se divertir, e para bajular os seus senhores, continuassem a ação. Veja como eles abusaram de Cristo.

1. Eles cuspiram em seu rosto. Assim, a Escritura foi cumprida (Is 1.6). O Senhor Jesus não escondeu o seu rosto da vergonha e do cuspe. Jó queixou-se desse insulto, e assim ele estava tipificando a Cristo (Jó 30.10): “E no meu rosto não se privam de cuspir”. Esta é a expressão de maior desprezo e

ultraje possível; consideraram-no mais desprezível do que o próprio chão no qual eles cospem. Quando Miriã estava sofrendo de lepra, isto foi considerado uma desgraça para ela, como se o seu pai cuspisse em seu rosto (Nm 12.14). Aquele que se recusasse a edificar a casa de seu irmão deveria ser submetido a essa desonra (Dt 25.9). No entanto, Cristo, quando estava restaurando os declínios da grande família da humanidade, submeteu-se a isso. Aquele rosto que era mais justo que os filhos dos homens, que era branco e rosado, e que os anjos reverenciam, foi, desse modo, abusado de forma imunda pelos mais vis e desprezíveis filhos dos homens. Assim, a confusão foi derramada sobre o seu rosto, para que o nosso rosto não fosse cheio de vergonha e desprezo eternos. Aqueles que agora profanam o seu Nome bendito, abusam de sua Palavra, e odeiam a sua semelhança na vida dos seus santos, o que fazem senão cuspir em seu rosto? Eles fariam ainda pior, se algo pior estivesse ao alcance deles.

2. “E lhe davam murros... e outros o esbofeteavam”. Isto acrescentava dor à vergonha, porque ambos vinham com o pecado. Então a Escritura foi cumprida (Is 1.6): “Eu lhes dei as minhas faces para arrancarem a barba”; e Lamentações 3.30: “Ele dá a face ao que o fere; ele está cheio de reprovação, e mesmo assim fica em silêncio” (v. 28); e Miquéias 5.1: “Ferirão com a vara no queixo ao juiz de Israel”; aqui se lê, na margem: “Eles o feriram com a vara”; porque este é o significado de *errapisan*, e a isso o Senhor se submeteu.

3. Eles o desafiaram a dizer quem o havia agredido, tendo primeiro vendado os seus olhos: “Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu?” (1) Eles se divertiram com Ele, como os filisteus fizeram com Sansão; é doloroso para aqueles que estão aflitos, que as pessoas se divirtam com eles, mas muito mais doloroso é quando as pessoas se divertem com os sofredores e com a sua aflição. Aqui temos o exemplo da maior depravação e degeneração da natureza humana que poderia existir, para mostrar que havia necessidade de uma religião que recuperasse os homens, levando-os a um estado de humanidade. (2) Eles zombaram de seu ofício profético. Eles tinham ouvido alguém lhe chamar de profeta, e que Ele se tornou afamado por fazer revelações maravilhosas; com isso eles o vituperaram, e fingiram fazer um julgamento; como se a onisciência divina devesse se rebaixar à brincadeira mal-intencionada de crianças mal-educadas. Eles colocaram uma afronta semelhante sobre Cristo, brincaram com as Escrituras e as

profanaram, e se divertiram com as coisas santas; agiram como nas festas de Belsazar, em que os vasos do Templo foram profanados.

Pedro Nega Conhecer a Cristo

vv. 69-75

Temos aqui a história de Pedro negando o seu Mestre, e isto é apresentado como parte dos sofrimentos de Cristo. O nosso Senhor Jesus estava agora no pátio do sumo sacerdote, não para ser julgado, mas, antes, para ser atormentado. Nessa situação, teria sido algum conforto para o Senhor ver os seus amigos perto de si. Mas não vemos qualquer um dos seus amigos perto do pátio, exceto Pedro, e teria sido melhor que este tivesse ficado de longe. Observe como Pedro caiu, e como ele se levantou através do arrependimento.

I O seu pecado, imparcialmente narrado aqui, para a honra dos escritores das Escrituras, que agiram fielmente. Observe:

1. A ocasião imediata do pecado de Pedro. Ele estava assentado fora, no pátio, entre os criados do sumo sacerdote. Note que a má companhia é, para muitos, uma ocasião de pecado; e aqueles que desnecessariamente se colocam nessa situação entram no território do Diabo, aventuram-se em seus grupos, e podem esperar ser tentados e pegos em alguma armadilha, como foi Pedro, ou ser ridicularizados e abusados, como foi o seu Mestre. Eles dificilmente podem ter tal companhia, sem culpa ou dor, ou ambas. Aquele que guarda os mandamentos de Deus e a sua própria aliança deve dizer aos malfeitores: “Apartai-vos de mim” (Sl 119.115). Pedro falou de sua própria experiência, quando advertiu os seus novos convertidos a se guardarem da geração rebelde; pois ele quase arruinou a si mesmo por ter se unido a tais homens em apenas uma ocasião.

2. A tentação. Ele foi acusado de ser um dos que andavam com Jesus da Galiléia. Primeiro uma criada, depois uma outra, e então os demais criados o acusaram disso: “Tu também estavas com Jesus, o Galileu” (v. 69). E outra vez: “Este também estava com Jesus, o Nazareno” (v. 71). E outra vez (v. 73): “Verdadeiramente, também tu és deles, pois a tua fala te denuncia”. O dialeto e a pronúncia dele eram diferentes dos outros judeus. Feliz aquele

cuja fala o denuncia como sendo um discípulo de Cristo, aquele que pela santidade e seriedade de seu discurso parece ter estado com Jesus! Observe como eles falam com zombaria de Cristo – Jesus, “o Galileu”, e “o Nazareno”, censurando-o pelo lugar do qual Ele procedia; e como eles falam de Pedro de forma desdenhosa – “este”, como se eles achassem uma coisa reprovável ter um homem assim em sua companhia, e ele foi suficientemente bem servido por ficar entre eles. No entanto, eles não tiveram nada de que acusá-lo, além de dizer que ele estava com Jesus, o que, pensavam, era suficiente para julgá-lo como uma pessoa escandalosa e também suspeita.

3. O pecado em si. Quando Pedro foi acusado de ser um dos discípulos de Cristo, ele o negou, e ficou envergonhado e receoso de ser reconhecido, e faria tudo para convencer aqueles que estavam à sua volta de que ele não conhecia Jesus, nem tinha qualquer interesse por Ele.

(1) Quando isso foi mencionado pela primeira criada, ele disse: “Não sei o que dizes”. Esta foi uma resposta evasiva; ele fingiu não ter entendido a acusação, que não conhecia a pessoa que ela mencionara como Jesus, o galileu, ou o que ela queria dizer com a expressão “estar com Ele”. Assim, ele quis tornar estranho aquilo, que o seu coração era plenamente conhecedor. [1] É uma falha, portanto, descrever enganosamente as nossas próprias apreensões, pensamentos e afeições, para servir a um propósito; fingir que não entendemos, ou não pensamos, ou não nos lembramos, quando, na realidade, entendemos, pensamos e nos lembramos. Essa é uma espécie de mentira à qual estamos mais propensos do que qualquer outra, porque nisso um homem não é facilmente desmentido. Porque quem conhece o espírito de um homem, a não ser ele mesmo? Mas Deus conhece, e devemos nos afastar dessa iniqüidade por temor a Ele (Pv 24.12). [2] É ainda uma falha maior ser tímido com relação a Cristo, esconder o conhecimento que temos dele, e procurar evitar confessá-lo quando somos chamados a fazê-lo; isto é, na realidade, negá-lo.

(2) Diante do segundo ataque, ele disse, direta e claramente: “Não conheço tal homem”, apoiando a afirmação com um juramento (v. 72). Isto era, com efeito, dizer: Eu não o reconheço, não sou cristão; porque o cristianismo é o conhecimento de Cristo. Por que, Pedro? Podes tu olhar aquele Prisioneiro no tribunal, e dizer que não o conheces? Não deixastes tudo para segui-lo? E não fostes um de seus homens de confiança? Não o

conhecestes melhor do que qualquer outro? Não confessastes que Ele é o Cristo, o filho do Deus Bendito? Esquecestes de todos os olhares bondosos e ternos que recebestes dele, e toda a íntima comunhão que tivestes com ele? Podes olhá-lo no rosto, e dizer que não o conheces?

(3) Diante do terceiro ataque, Pedro "começou a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem" (v. 74). Esse foi o pior de todos, porque o caminho do pecado é morro abaixo. Ele praguejou e jurou: [1] Para apoiar o que disse, e ganhar crédito com isso, para que eles não pudessem mais questioná-lo; ele não disse, mas jurou; e mesmo assim o que disse era falso. Note que temos razões para suspeitar da verdade daquilo que é apoiado com juramentos e imprecações precipitadas. Somente as palavras do Diabo precisam das provas do Diabo. Aquele que não for impedido, pelo terceiro mandamento, de zombar do seu Deus, não será impedido, pelo nono mandamento, de enganar o seu irmão. [2] O plano de Pedro era que isso servisse de evidência para ele, de que ele não era um dos discípulos de Cristo, porque essa não era a linguagem deles. Praguejar e jurar eram suficientes para provar que um homem não era discípulo de Cristo; porque tomar o seu nome em vão é a linguagem dos seus inimigos.

Isso está escrito para nos advertir, para que não pequemos à semelhança da transgressão de Pedro; que nós jamais, direta ou indiretamente, neguemos a Cristo, o Senhor que nos comprou, rejeitando as suas ofertas, resistindo ao seu Espírito, escondendo o conhecimento que temos dele, sentindo-nos envergonhados dele e das suas palavras, ou com medo de sofrermos por Ele e com o seu povo sofredor.

4. Os agravos desse pecado. Pode ser útil notar tanto o pecado como os seus agravos, para que possamos observar as transgressões semelhantes em nossos próprios pecados. Considere: (1) Quem ele era: um apóstolo, um dos três primeiros que havia estado em todas as ocasiões, o mais fervoroso para falar de uma maneira que honrasse a Cristo. Quanto maior a profissão que fizermos da religião, maior será o nosso pecado, se em qualquer coisa andarmos de uma forma indigna. (2) Que clara advertência o Mestre havia lhe dado sobre o perigo. Se Pedro tivesse considerado esse assunto como deveria ter feito, não teria caído em tentação. (3) Como ele havia prometido solenemente unir-se a Cristo nessa noite de aflição. Ele havia dito diversas vezes: "Nunca te negarei; não, estou disposto até mesmo a morrer contigo". No entanto, ele quebrou esses laços de comunhão e união, e a sua palavra

foi sim e não. (4) Com que rapidez ele caiu nesse pecado depois da Ceia do Senhor. Ali, receber um penhor inestimável do amor redentor, e, contudo, na mesma noite, antes do amanhecer, não reconhecer o seu Redentor. Isso foi, realmente, mudar de lado rapidamente. (5) Como a tentação foi comparativamente fraca. Não foi o juiz, nem qualquer um dos oficiais da corte, quem o acusou de ser um discípulo de Jesus, mas uma ou duas criadas simples, que provavelmente não tinham a intenção de prejudicá-lo, nem lhe teriam feito qualquer mal se ele tivesse confessado que era um discípulo do Senhor. Isto era correr com homens que vão a pé (Jr 12.5). (6) Com que freqüência ele repetiu as mesmas palavras. Mesmo depois que o galo cantou uma vez, ele continuou dominado pela tentação, e reincidiu no pecado uma segunda e uma terceira vez. Esse é Pedro? Como está caído!

Assim, o seu pecado foi agravado; mas, por outro lado, existe uma atenuante: tudo o que Pedro disse, foi dito em sua precipitação (Sl 116.11). Ele caiu no pecado de surpresa, e não como Judas, que chegou a fazer um planejamento. O coração de Pedro estava contra as palavras que ele proferiu; ele falou muito mal, mas o fez de forma impensada, e antes de se dar conta da gravidade daquilo que estava dizendo.

II O arrependimento de Pedro por seu pecado (v. 75). A forma está escrita para a nossa admoestação, para que não pequemos. Mas, se a qualquer momento formos derrubados, isso está escrito para que imitemos as atitudes corretas, ou seja, para que possamos nos arrepender rapidamente. Agora observe:

1. O que levou Pedro a se arrepender.

(1) O galo cantou (v. 74). Uma contingência comum; mas, tendo Cristo mencionado o cantar do galo na advertência que fez a Pedro, isso propiciou um meio de trazer o apóstolo a si. A palavra de Cristo pode dar um significado a qualquer sinal que Ele resolva escolher. E Ele pode tornar essa palavra muito benéfica para as almas de seu povo. O cantar de um galo é, para Pedro, a voz de alguém que chama para o arrependimento. Para outros, a voz que chama ao arrependimento é a de João Batista. A consciência deve ser, para nós, como o cantar do galo, para nos fazer lembrar daquilo que esquecemos. Quando o coração de Davi o oprimiu, o galo cantou. Onde houver um princípio vivo da graça na alma, embora no momento esteja dominada pela tentação, uma pequena sugestão servirá apenas como um

lembrete – quando Deus o estabelecer – para recuperá-la de um desvio. Aqui foi o cantar de um galo que fez da conversão de uma alma uma ocasião feliz. Às vezes, Cristo vem a cada um de nós, com a sua misericórdia, através do cantar de um galo.

(2) Ele se lembrou das palavras do Senhor. Foi isso que o trouxe a si, e o derreteu em lágrimas de tristeza, com um coração quebrantado. Um senso de sua ingratidão a Cristo, e a consideração superficial que ele havia tido para com a advertência misericordiosa que Cristo havia lhe dado. Note que uma séria reflexão sobre as palavras do Senhor Jesus será um poderoso estímulo ao arrependimento, e ajudará a quebrantar o coração em relação ao pecado. Nada entristece mais um penitente do que saber que ele pecou contra a graça do Senhor Jesus, e contra os sinais do seu amor.

2. Como o seu arrependimento foi expresso: "E, saindo dali, chorou amargamente".

(1) A sua dor era secreta. Ele saiu do pátio do sumo sacerdote, perturbou-se em si mesmo por ter entrado ali, agora que descobrira em que laço havia caído, e saiu dali o mais rápido que pôde. Ele saiu para o vestíbulo (v. 71); e se ele tivesse se retirado logo dali, a sua segunda e terceira negativas teriam sido evitadas; mas então ele entrou novamente. Porém, agora, Pedro saiu e não entrou mais. Ele saiu para algum lugar de solidão e isolamento, onde poderia se lamentar, como as pombas dos vales (Ez 7.16; Jr 9.1,2). Pedro saiu para que não pudesse ser perturbado em suas devoções, nessa triste ocasião. Podemos então ser mais livres em nossa comunhão com Deus quando estamos mais livres da conversa e das atividades deste mundo. Ao chorarmos pelo pecado, encontramos as linhagens chorando à parte, e as suas mulheres chorando à parte (Zc 12.11,12).

(2) Sua dor era séria. Pedro "chorou amargamente". A tristeza pelo pecado não deve ser superficial, mas grande e profunda, como a dor que alguém sente por um filho único. Aqueles que pecaram "docemente", devem chorar amargamente; porque, mais cedo ou mais tarde, o pecado se transformará em amargura. Essa profunda tristeza é necessária, não para satisfazer a justiça divina (um mar de lágrimas não faria isso), mas para evidenciar que há uma verdadeira mudança de atitude, que é a essência do arrependimento, para tornar o perdão mais aceitável, e o pecado, mais repulsivo, no futuro. Pedro, que chorou amargamente por ter negado a Cristo, nunca mais o negou novamente, mas o confessou freqüente e

abertamente, inclusive arriscando a sua própria vida. Desde que disse: “Não conheço tal homem”, Pedro fez com que toda a casa de Israel soubesse, através de sua ousadia, que esse mesmo Jesus era o Senhor e o Cristo. O verdadeiro arrependimento por qualquer pecado será melhor evidenciado pela abundância da graça e do dever contra toda e qualquer atitude pecaminosa. Esse é um sinal do nosso choro, não só amargamente, mas sinceramente. Alguns dos antigos dizem que, enquanto Pedro viveu, ele nunca ouviu um galo cantar sem que começasse a chorar. Aqueles que verdadeiramente se entristeceram pelo pecado, se entristecerão cada vez que se lembrarem dele. No entanto, essa lembrança não deve ser um impedimento para o crescimento de cada pecador arrependido no Senhor. Ela deve, antes, servir para aumentar a alegria que cada um deles sente em Deus, e em sua misericórdia e graça.

CAPÍTULO 27

A história registrada nesse capitulo é muito comovente no que diz respeito ao sofrimento e à morte de nosso Senhor Jesus. Considerando o fato em si, não poderiam ter nos contado uma história mais trágica; ver uma pessoa excelente e inocente ser maltratada desse modo partiria o coração da maioria da humanidade. Mas levando-se em conta o desígnio e o fruto dos sofrimentos de Jesus, ou seja, o Evangelho, é uma boa nova que Cristo tenha sido entregue assim, por nossos pecados; e não há nada pelo que tenhamos mais razões para nos gloriar do que a cruz de Cristo. Nesse capítulo, observe: I. Como Ele foi processado. 1. Sua entrega a Pilatos (vv. 1,2). 2. O desespero de Judas (vv. 3-10). 3. A acusação formal e o julgamento de Cristo diante de Pilatos (vv. 11-14). 4. O clamor do povo contra Ele (vv. 15-25). 5. A sentença lavrada e a autorização assinada para a sua execução (v. 26). II. Como Ele foi executado. 1. Ele foi barbaramente maltratado (vv. 27-30). 2. Levado ao local da execução (vv. 31-33). 3. Lá, cometeram contra Ele todas as indignidades possíveis, e foram lançadas acusações contra ele (vv. 34-44). 4. O céu o olhou com desprezo (vv. 45-49). 5. Muitas coisas incríveis aconteceram no momento de sua morte (vv. 50-56). Ele foi sepultado, e uma guarda foi postada em seu túmulo (vv. 57-66).

O Arrependimento de Judas.
A Confissão de Judas. A Morte de Judas.
O Descarte das Trinta Moedas de Prata

vv. 1-10

Nós deixamos Cristo nas mãos dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos, condenado a morrer, mas eles só podiam mostrar seus dentes; cerca de dois anos antes desse fato, os romanos haviam tomado dos judeus o poder sobre a pena de morte; eles não podiam castigar um homem com a morte, e assim de manhã, bem cedo, outra reunião é realizada, para deliberar sobre o que deveria ser feito. E aqui nos é contado o que aconteceu naquela reunião matutina, depois de eles haverem consultado seus travesseiros durante duas ou três horas.

I Cristo é entregue a Pilatos, para que ele possa executar a sentença que haviam imposto sobre Ele. A Judéia, tendo sido conquistada por Pompeu quase cem anos antes, era desde então tributária de Roma e havia recentemente se tornado parte da província da Síria e subordinada ao governo do seu presidente, sob cuja autoridade havia vários procuradores, que se dedicavam principalmente à coleta de impostos, mas, às vezes, como particularmente no caso de Pilatos, todo o poder do presidente lhes era delegado. Esta era uma clara evidência de que o cetro havia partido de Judá, e que, portanto, agora Siló deve vir, de acordo com a profecia de Jacó (Gn 49.10). Pilatos é descrito pelos escritores romanos daquele tempo como um homem de temperamento severo e arrogante, teimoso e implacável, e extremamente avarento e tirânico. Os judeus tinham grande aversão à sua pessoa, e estavam cansados do seu governo; mas ainda assim fizeram uso dele como o instrumento de sua maldade contra Cristo.

1. Eles manietaram Jesus. Ele foi amarrado quando foi preso pela primeira vez. Mas, ou eles tiraram as amarras quando Ele estava diante do conselho, ou, agora, as adicionaram às anteriores. Tendo-o considerado culpado, eles amarraram suas mãos às costas, como habitualmente o fazem com criminosos condenados. Ele já estava amarrado com os laços de amor pela humanidade, e de sua própria missão; doutra forma, Ele já teria rompido esses laços, como Sansão fez com os dele. Nós estávamos acorrentados com

os laços da iniqüidade, presos nas cordas dos nossos pecados (Pv 10.22); mas Deus havia colocado o jugo de nossas transgressões sobre o pescoço do Senhor Jesus (Is 50.14), para que nós pudéssemos ser libertados pelas suas amarras, assim como somos curados pelos seus açoites.

2. Eles o levaram numa espécie de triunfo, levaram-no como um cordeiro ao matadouro; assim Ele foi levado da prisão e do julgamento (Is 53.7,8). A casa de Caifás ficava a quase uma milha de onde residia Pilatos. Durante todo esse trajeto, eles o conduziram pelas ruas de Jerusalém, enquanto, pela manhã, começaram a ocupar-se em fazer dele um espetáculo para o mundo.

3. Eles o entregaram a Pôncio Pilatos; de acordo com o que Cristo havia dito muitas vezes, que Ele deveria ser entregue aos gentios. Tanto os judeus quanto os gentios eram odiosos perante o julgamento de Deus e unidos pelo pecado, mas Cristo deveria ser o Salvador dos judeus e dos gentios; por essa razão, Cristo foi levado a julgamento por ambos, e ambos tiveram parte em sua morte. Veja como aqueles líderes religiosos corruptos abusaram do magistrado civil, usando-o para executar as suas sentenças perversas e impor as injustiças que eles haviam determinado (Is 10.1). Assim têm sido os reis da terra torpemente enganados pelos poderes papais e condenados ao árduo trabalho de destruir com a espada da guerra, como também com a da justiça, aqueles a quem eles marcaram, de forma certa ou errada, como hereges, para grande prejuízo de seus próprios interesses.

II O dinheiro que eles haviam dado a Judas por trair a Cristo é por ele devolvido, e Judas, em desespero, se enforca. Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos valeram-se disso, ao levar Cristo a julgamento, que seu próprio discípulo o entregou a eles; mas agora, no meio do julgamento, esse trunfo lhes falta, e até mesmo este se torna uma testemunha da inocência de Cristo e um monumento da justiça de Deus; isso serviu: 1. Para a glória de Cristo em meio aos seus sofrimentos, um exemplo de sua vitória sobre Satanás, que havia se apossado de Judas. 2. De aviso para os seus acusadores, e para torná-los ainda mais imperdoáveis. Se os seus próprios corações não estivessem completamente voltados para fazer esse mal, o que Judas disse e fez – seria de se pensar – deveria ter suspendido a acusação.

(1) Veja agora como Judas sentiu remorso: ele não agiu como Pedro, que se arrependeu, creu e foi perdoado: não, ele sentiu remorso, desesperou-se e se perdeu. Agora observe neste ponto:

[1] O que o levou a sentir remorso. Isto ocorreu quando ele percebeu que estava condenado. Judas provavelmente esperava que Cristo conseguisse escapar das mãos deles ou tivesse defendido a sua própria causa no tribunal deles, e tivesse sucesso. E então Cristo ficaria com a glória, os judeus, com a vergonha, e ele, com o dinheiro, e ninguém seria prejudicado. Ele não tinha motivo nenhum para esperar por isso, porque muitas vezes tinha ouvido o seu Mestre dizer que deveria ser crucificado; ainda assim é provável que ele, de fato, esperasse por isso, e quando os fatos não corresponderam à sua vã expectativa, ficou aterrorizado quando viu a forte corrente contra Cristo, e este se submetendo a ela. Note que aqueles que medem as ações pelas suas conseqüências, e não pela lei divina, descobrirão que estão errados em seus atos. O caminho do pecado é uma descida; e se não pudermos nos deter facilmente, menos ainda conseguiremos parar outros a quem induzimos a seguir um caminho pecaminoso. Pode-se dizer que Judas se arrependeu; quer dizer, ele estava cheio de tristeza, angústia e indignação contra si mesmo, ao refletir sobre o que tinha feito. Quando ele ficou tentado a trair o seu Mestre, as trinta moedas de prata pareciam bastante agradáveis e brilhantes, como o vinho, quando é vermelho e empresta a sua cor ao copo. Mas quando a transação foi feita, e o dinheiro, pago, a prata tornou-se entulho, ela mordia como uma serpente e picava como uma víbora. Agora a sua consciência transparecia em sua face: “O que eu fiz! Que tolo, que canalha sou eu, vender por tal ninharia o meu Mestre e todo o consolo e felicidade que tenho nele! Todas essas brutalidades e indignidades cometidas contra Ele são imputáveis a mim; é devido a mim que Ele está preso e condenado, que lhe cospem e esbofeteiam. Não pensei que as coisas chegariam a esse ponto quando fiz aquela maldita barganha; que tolo e ignorante fui eu, tal como um animal”. Agora ele amaldiçoou a bolsa que carregava, o dinheiro que cobiçou, os sacerdotes com quem negociou, e o dia em que nasceu. A lembrança da bondade de seu Mestre para com ele, a qual ele retribuiu de maneira tão desprezível, a profunda misericórdia que ele rejeitou, e as sinceras advertências que havia desprezado, reforçaram suas convicções, e as tornaram ainda mais pungentes. Então ele descobriu que as palavras de seu Mestre eram verdadeiras. Era melhor para aquele “homem que ele nunca tivesse nascido”. Note que o pecado logo mudará o seu sabor. Ainda que seja rolado para baixo da língua como um doce bocado, nas entranhas ele se

transformará em “fel de áspides” (Jó 20.12-14), como no livro de João (Ap 10.9).

[2] Quais eram os indicadores do seu arrependimento?

Em primeiro lugar, ele fez a restituição; ele trouxe de volta aos príncipes dos sacerdotes as trinta moedas de prata quando eles estavam todos juntos, em público. Agora o dinheiro queimava em sua consciência e estava tão enojado dele quanto já estivera afeiçoado. Note que aquilo que é conseguido com iniqüidade nunca fará bem àqueles que o obtém (Jr 13.10; Jó 20.15). Se ele tivesse se arrependido e tivesse devolvido o dinheiro antes de trair a Cristo, poderia tê-lo feito com tranqüilidade, e o teria feito a tempo; mas agora era muito tarde, agora ele não pode fazer isso sem sentir horror, desejando dez mil vezes nunca ter se metido nisso. Veja Tg 5.3. Ele o trouxe de volta. Aquilo que é injustamente obtido não deve ser conservado, porque é uma persistência no pecado através do qual foi conseguido. E manter esses recursos é uma atitude incoerente com o arrependimento. Ele levou o dinheiro para aqueles de quem o obtivera, para que soubessem que ele se arrependeu de sua negociação. Observe que, quanto àqueles que serviram e viciaram outros em seus pecados, quando Deus lhes dá o arrependimento, devem fazer com que aqueles que foram seus cúmplices no pecado o saibam, para que isso possa ser um meio de levá-los ao arrependimento.

Em segundo lugar, ele fez uma confissão (v. 4): “Pequei, traindo sangue inocente”. 1. Para a glória de Cristo, ele declarou que o seu sangue era inocente. Se o Senhor fosse culpado de qualquer prática pecaminosa, Judas, como seu discípulo, certamente o saberia, e, como seu traidor, certamente o teria descoberto; mas ele, livremente e sem ser persuadido a isso, o declarou inocente, diante daqueles que o haviam considerado culpado. 2. Para sua própria vergonha, ele confessa que havia pecado ao trair o sangue do Senhor. Judas não coloca a culpa em ninguém mais. Ele não diz: “Você pecou ao me contratar para fazer isso”; mas assume a culpa por completo: “Eu pequei ao fazer isso”. Até agora, Judas caminhou em direção ao seu arrependimento, mas não para a salvação. Ele confessou, mas não a Deus. Judas não buscou ao Senhor, dizendo: “Pequei, ó Pai, contra o céu”. Ele confessou a traição de sangue inocente, mas não confessou aquele amor exagerado por dinheiro, que era a raiz de seu mal. Existem aqueles que traem a Cristo, e ainda tentam se justificar; e assim ficam abaixo de Judas.

(2) Veja aqui como os príncipes dos sacerdotes e os anciãos acolheram a confissão penitencial de Judas. Eles disseram: “Que nos importa? Isso é contigo”. Ele fez deles seus confessores, e essa foi a absolvição que lhe deram; agiram mais como sacerdotes do diabo do que como sacerdotes do Deus vivo.

[1] Veja aqui com que indiferença eles falaram sobre a traição a Cristo. Judas lhes havia dito que o sangue de Jesus era sangue inocente; e eles disseram: “Que nos importa?” Não significava nada para eles que tivessem ficado sedentos do sangue de Jesus, e contratado Judas para traí-lo, e agora o tivessem condenado a ser derramado injustamente? Isso não significava nada para eles? Isso não servia como freio para a violência de sua acusação, nem os alertava a tomar cuidado com o que estavam fazendo a esse homem justo? Assim fazem os tolos zombando do pecado, como se nenhum dano fosse causado, como se não houvesse nenhum risco ao se cometer as maiores iniqüidades. Dessa forma, muitos dão pouco valor ao Cristo crucificado. O que lhes importa que Ele tenha passado por tais sofrimentos?

[2] Veja aqui a maneira negligente como falaram do pecado de Judas; ele disse: “Pequei”, e eles disseram: “Que nos importa? O que nós temos a ver com o teu pecado, para que nos fales dele?” Note que é insensatez nossa pensarmos que os pecados dos outros nada significam para nós, especialmente aqueles pecados com os quais fomos de algum modo coniventes ou dos quais participamos. Nada significa para nós que Deus seja desonrado; almas, feridas; Satanás, satisfeito; e seus interesses, atendidos; e que nós tenhamos ajudado e sido cúmplices nisso? Se os anciãos de Jezreel, para agradar Jezabel, assassinam Nabote, isso não significa nada para Acabe? Sim, ele matou, pois ele tomou a herança (1 Rs 21.19). A culpa do pecado não é tão facilmente transferida como algumas pessoas pensam. Se havia culpa no caso, eles dizem a Judas, ele tem de cuidar disso, ele deve arcar com isso. Em primeiro lugar, porque ele o entregou a eles. Ele tinha realmente o maior pecado (Jo 19.11); mas isso não significava que eles não tivessem nenhum pecado. Esse é um exemplo comum da falsidade dos nossos corações: atenuar os nossos próprios pecados através do agravamento dos pecados dos outros. Mas o julgamento de Deus é realizado de acordo com a verdade, e não por comparação. Em segundo lugar, porque ele sabia e acreditava que Cristo era inocente. Se ele for inocente, isso é contigo, pois é mais do que nós sabemos; nós o

julgamos culpado, portanto podemos processá-lo como tal. Práticas mal-intencionadas e iníquas são encorajadas por princípios maus, e particularmente por este: que o pecado só é pecado para aqueles que pensam que ele o é; que não há nenhum dano em perseguir um bom homem, se nós o considerarmos um homem mau; mas aqueles que pensam que podem zombar de Deus desse modo enganarão e destruirão a si mesmos.

[3] Veja com que indiferença eles falavam da condenação, terror e remorso que afligiam Judas. Eles estavam felizes em fazer uso dele no pecado, e estavam então muito afeiçoados a ele; ninguém foi mais bem-vindo para eles do que Judas, quando disse: “Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?” Eles não disseram: Que nos importa? Mas agora que o pecado dele o tinha aterrorizado, eles o desprezavam, não tinham nada a lhe dizer, a não ser voltá-lo para seus próprios temores. Por que veio aborrecê-los com suas fantasias melancólicas? Eles tinham mais o que fazer do que prestar atenção nele. Mas porque estavam tão assustados? Em primeiro lugar, talvez eles temessem que as fagulhas da condenação dele, trazidas para bem perto deles, pudessem acender um fogo em suas próprias consciências, e talvez seus lamentos, ao serem ouvidos, alertassem para a sua própria condenação. Note que os pecadores obstinados insistem em levantar a sua guarda contra as condenações; e aqueles que são decididamente impenitentes, olham com desdém para os penitentes. Em segundo lugar, de qualquer forma, eles não estavam interessados em socorrer Judas; quando eles o trouxeram para a armadilha, eles não apenas o abandonaram, mas riram dele. Note que os pecadores condenados encontrarão em seus velhos companheiros de pecado consoladores deprimentes. É comum que aqueles que amam a traição odeiem o traidor.

(3) Aqui está o absoluto desespero ao qual Judas foi conduzido. Se os príncipes dos sacerdotes lhe tivessem prometido que suspenderiam a acusação, isso teria sido de algum conforto para ele; mas, vendo que isso não aconteceria, ele ficou desesperado (v. 5).

[1] Ele atirou as moedas de prata no Templo. Os príncipes dos sacerdotes não pegariam o dinheiro, temerosos de que com isso levassem toda a culpa, cujo fardo eles desejavam que Judas carregasse. Judas não ficaria com ele, pois o fardo era pesado demais para carregar. Então, ele atirou o dinheiro no Templo, pois, quer eles o pegassem ou não, aquilo cairia nas mãos dos

príncipes dos sacerdotes. Veja que coisa terrível o dinheiro se torna quando a culpa do pecado está ligada a ele, ou quando se pensa que este é o caso.

[2] Ele saiu e se enforcou. Em primeiro lugar, *ele retirou-se – anechorese*; retirou-se para algum lugar solitário, como o homem possuído que era impelido aos desertos pelo demônio (Lc 8.29). Ai daquele que está em desespero, e que está só. Se Judas tivesse ido a Cristo, ou a algum de seus discípulos, talvez pudesse ter obtido alívio, por pior que fosse a situação; mas, não obtendo isso junto aos príncipes dos sacerdotes, ele se entregou ao desespero. E o mesmo demônio que, com a ajuda dos sacerdotes, o atraiu para o pecado, com a ajuda deles o conduziu ao desespero. Em segundo lugar, ele se tornou o seu próprio carrasco. Ele se enforcou; ele estava sufocado pela dor, de acordo com o Dr. Hammond. Mas o Dr. Whitby deixa claro que a nossa interpretação está correta. Judas teve a visão e o senso do pecado, mas nenhuma preocupação com a compaixão de Deus em Cristo, e assim ele se consumiu de desgosto em sua iniqüidade. Seu pecado, podemos supor, não era de natureza imperdoável: havia, entre os que foram salvos, alguns que tinham sido traidores de Cristo e assassinos; mas ele concluiu, como Caim, que a sua iniqüidade fora tão grande, que não podia ser perdoada, e preferiu submeter-se à falsa clemência do diabo do que submeter-se à verdadeira misericórdia de Deus. E alguns disseram que Judas pecou mais na falta de esperança na misericórdia de Deus do que em trair o sangue de seu Mestre. Então os terrores do Todo-poderoso começam a se posicionar contra ele. Agora, todas as maldições descritas no livro de Deus entraram como água em suas entranhas, e como azeite, em seus ossos, como foi profetizado com relação a ele (Sl 109.18,19), e o levam a esse movimento desesperado. Para escapar de um inferno dentro de si, ele salta para aquele que estava diante dele, que nada mais era do que o aperfeiçoamento e a perpetuação desse horror e desespero. Ele se atira no fogo para evitar as chamas; mas quão infeliz é a situação em que um homem se lança no inferno em busca de alivio.

Então, nessa história: 1. Nós temos um exemplo do triste fim daqueles de quem Satanás se apossa, e particularmente daqueles que se entregam ao amor pelo dinheiro. Esta é a destruição na qual muitos são submersos por ele (1 Tm 6.9,10). Lembre-se do que aconteceu com os suínos e o traidor dos quais o diabo se apossou; e não dê lugar ao diabo. 2. Nós temos um exemplo da ira de Deus manifestada do céu contra a impiedade e a injustiça

dos homens (Rm 1.18). Assim como na história de Pedro contemplamos a bondade de Deus e os triunfos da graça de Cristo na conversão de alguns pecadores, também na história de Judas observamos a severidade de Deus e os triunfos do poder e da justiça de Cristo na confusão de outros pecadores. Quando Judas, em quem Satanás entrou, se enforcou, Cristo expôs publicamente os principados e as potestades sobre as quais Ele triunfou (Cl 2.15). 3. Nós temos um exemplo dos terríveis efeitos do desespero; ele, muitas vezes, termina em suicídio. A tristeza, mesmo aquela que vem através do pecado, se não estiver de acordo com Deus, opera a morte (2 Co 7.10), o pior tipo de morte; pois, quem pode suportar um espírito ferido? Pensemos o pior que pudermos do pecado, mas não pensemos nele como algo imperdoável; percamos a esperança de ajuda em nós mesmos, mas não na ajuda de Deus. Aquele que pensa em aliviar a sua consciência através da destruição de sua vida, de fato, desafia o Deus Todo-poderoso a fazer o pior. E o suicídio, embora recomendado por alguns moralistas pagãos, é certamente um remédio pior do que a doença, por pior que a doença possa ser. Vamos nos guardar contra as causas e o início da melancolia, e orar: “Senhor, não nos deixe cair em tentação”.

(4) O descarte do dinheiro que Judas trouxe de volta (vv. 6-10). Ele foi usado na compra de um campo, chamado de “campo do oleiro”. Talvez porque algum oleiro o tivesse possuído, ou ocupado, ou vivera próximo a ele, ou porque recipientes de oleiros quebrados eram lançados nele. E esse campo passaria a ser um cemitério para estrangeiros, isto é, prosélitos da religião judaica, que eram de outras nações, e que, tendo vindo a Jerusalém para orar a Deus, acabavam morrendo ali. [1] Parece um exemplo de seu humanismo o fato de eles cuidarem de enterrar os estrangeiros; isso sugere que eles mesmos reconheciam (como Paulo diz, At 24.15) que há uma ressurreição de mortos, tanto de justos como de injustos. Por isso, nós cuidamos dos cadáveres, não apenas por terem sido a habitação de uma alma racional, mas porque deverão ser assim novamente. Mas: [2] Não era exemplo da humildade deles enterrarem estrangeiros em um lugar separado, como se eles não fossem merecedores de serem colocados em seus cemitérios; os estrangeiros devem manter distância, vivos ou mortos, e esse princípio deve se estender à graça: “Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu” (Is 65.5). Os filhos de Sete estavam mais afeiçoados a Abraão – embora ele fosse um estranho entre eles –, quando

lhe ofereceram o mais seleto de seus sepulcros (Gn 23.6). Mas os filhos do estrangeiro, que se juntaram ao Senhor, embora enterrados em separado, se levantarão, na ressurreição, com aqueles que estão mortos em Cristo.

A compra do campo do oleiro não aconteceu no dia em que Cristo morreu (eles estavam muito ocupados para se preocupar com qualquer outra coisa que não fosse capturá-lo), mas aconteceu não muito tempo depois; pois Pedro fala disso logo depois da ascensão de Cristo; todavia, ela está registrada aqui:

Em primeiro lugar, para mostrar a hipocrisia dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos. Eles estavam perseguindo, de forma maldosa, o bendito Senhor Jesus. E agora:

1. Eles hesitam em colocar no caixa, ou no cofre das ofertas do Templo, aquele dinheiro com o qual eles haviam contratado o traidor. Embora talvez o tivessem tirado do caixa fingindo que fosse para o bem público, e embora eles fossem grandes defensores do cofre das ofertas e trabalhassem para atrair toda a riqueza da nação para ele, ainda assim eles não iriam colocar nele aquele dinheiro que era o preço do sangue. Eles consideravam que a contratação de um traidor seria, de algum modo, como o aluguel de uma prostituta; e o preço de um malfeitor (como consideraram o Cristo de Deus) seria, de algum modo, equivalente ao preço de um cachorro, e nenhum desses seria trazido à casa do Senhor (Dt 23.18). Eles preservaram, dessa forma, a sua reputação com as pessoas, convencendo-as de sua grande reverência pelo Templo. Dessa forma, aqueles que eram capazes de engolir um camelo, coavam um mosquito.

2. Eles pensam em reparar o que tinham feito através desse ato público de bondade, ao providenciar um cemitério para estrangeiros, muito embora não às suas próprias custas. Assim, em tempos de ignorância, as pessoas eram levadas a acreditar que construir igrejas e fazer doações para mosteiros seria uma compensação aceitável pelas imoralidades.

Em segundo lugar, para indicar o favor oferecido pelo sangue de Cristo aos estrangeiros e pecadores gentios. Através do preço de seu sangue, um lugar de descanso após a morte é providenciado para eles. É assim que muitos dos antigos se referem a essa passagem. A sepultura é o campo do oleiro, onde os corpos são jogados como restos de vasos quebrados; mas Cristo, pelo seu sangue, comprou-o para aqueles que, ao se confessarem estrangeiros na terra, buscam um lugar melhor. Ele alterou a posse daquele

local (como faz um comprador), de modo que agora a morte é nossa, a sepultura é nossa, uma cama para o nosso descanso. Os alemães, em sua língua, chamam os cemitérios de Campos de Deus; pois neles o Senhor Deus semeia o seu povo como um grão de trigo (Jo 12.24. Veja Os 2.23; Is 26.19).

Em terceiro lugar, para perpetuar a infâmia daqueles que compraram e venderam o sangue de Cristo. Esse campo era comumente chamado de *Acéldama*, o campo de sangue, não pelos príncipes dos sacerdotes, mas pelo povo que tomou conhecimento da confissão de Judas, de que ele havia traído o sangue inocente, embora os príncipes dos sacerdotes nada fizessem a respeito disso. Esses líderes religiosos esperavam enterrar nesse cemitério a lembrança de seu próprio crime. Eles fixaram esse nome sobre o campo *in perpetuam rei memoriam – como um memorial perpétuo.* Note que a Providência Divina tem muitos meios de vincular a vergonha às práticas pecaminosas, até mesmo dos grandes homens, que, embora procurem encobrir a sua vergonha, são colocados sob uma reprovação perpétua.

Em quarto lugar, para que possamos ver como as Escrituras foram cumpridas (vv. 9,10). Então foi cumprida a Palavra que foi dita pelo profeta Jeremias. As palavras mencionadas são encontradas na profecia de Zacarias (Zc. 11.12). Não vamos discutir a razão pela qual elas são aqui atribuídas a Jeremias; mas a credibilidade da doutrina de Cristo não depende disso, pois se mostra perfeitamente divina, embora possa parecer humana quanto aos detalhes da sua descrição. Na versão em siríaco, que é antiga, lê-se somente: “Foi dito pelo profeta”, sem citar ninguém, a partir do que alguns pensam que Jeremias foi acrescentado por algum escriba. Alguns entendem que, como os livros dos profetas estavam organizados em um único volume, que trazia primeiro a profecia de Jeremias, não seria incorreto, *currente calamo – para um copista*, citar qualquer passagem desse volume mencionando apenas o nome do primeiro livro, neste caso Jeremias. Os judeus costumavam dizer que o espírito de Jeremias estava sobre Zacarias, e assim eles eram como um único profeta. Alguns sugerem que isso foi dito por Jeremias, mas escrito por Zacarias; ou que Jeremias escreveu o nono, o décimo e o décimo primeiro capítulo de Zacarias. Nessas circunstâncias, essa passagem do profeta é uma descrição do grande desprezo por Deus existente entre os judeus, e do pouco com que eles lhe retribuíam as dádivas recebidas. Mas aqui aconteceu aquilo que lá era apenas expresso

figurativamente. Os valores em dinheiro são as mesmas trinta moedas de prata; assim eles avaliaram o seu preço, por este preço eles o avaliaram; um preço considerável; e isso é o que foi depositado para o oleiro na casa do Senhor, o que foi aqui literalmente realizado. Observe que entenderíamos melhor os eventos da Providência se estivéssemos mais familiarizados até mesmo com a linguagem e as expressões das Escrituras; pois elas também são, às vezes, escritas tão claramente sob as dispensações da Providência, que aquele que as cumpre as pode ler. O que Davi falou figurativamente (Sl 42.7), Jonas realizou literalmente: “Todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado por cima de mim” (Jn 2.3).

A entrega do valor pelo qual Ele fora avaliado. Essa quantia não foi entregue a Ele, mas como um pagamento pelo campo do oleiro. Isto revela: 1. O elevado valor que deveria ser atribuído a Cristo. O preço foi pago, não por Ele. Não, mas foi dado por Ele e devolvido com desdém, como estando infinitamente abaixo de seu verdadeiro valor. O Salvador não pode ser avaliado de acordo com o ouro de Ofir, e esse presente indescritível (a salvação) também não pode ser comprado com dinheiro. 2. O baixo valor da avaliação que fizeram dele. Alguns dos filhos de Israel estranhamente o depreciaram, quando seu preço alcançou o valor suficiente para comprar o campo do oleiro, um pedaço deplorável e desprezível de terra, que não valia nem a pena considerar. Acrescente-se à vergonha de ter sido comprado e vendido, o fato de o valor envolvido ter sido tão baixo. “Arroja isso ao oleiro”, assim está em Zacarias; aqui se trata de um vendedor desprezível e insignificante, não do comerciante que negocia com coisas de valor. E observe que alguns dos filhos de Israel desse modo o depreciaram; eles, que eram o seu próprio povo, que deveriam saber fazer uma avaliação correta dele, aqueles a quem Ele fora enviado primeiro, de quem Ele era a glória, a quem Ele tinha dado tanto valor e comprado por um preço tão alto. Ele pagou por eles um resgate equivalente ao resgate de muitos reis, e deu, por eles, os países mais ricos (por serem tão preciosos aos seus olhos, Is 43.3,4), a saber, o Egito, a Etiópia, e Sebá; mas eles, por sua vez, ofereceram por Ele o resgate de um escravo (veja Êx 21.32), e o avaliaram apenas como o preço do campo de um oleiro; assim foi aquele sangue pisoteado, aquele que comprou o Reino dos céus para nós. Mas tudo isso ocorreu conforme o Senhor designou; portanto, a visão profética era o que caracterizava esse evento, e assim o próprio evento, bem como os outros

exemplos dos sofrimentos de Cristo, ocorreram pelo conselho e pela presciência de Deus.

Cristo no Tribunal de Pilatos

vv. 11-25

Nós temos aqui um relato do que ocorreu na audiência com Pilatos, quando o bendito Senhor Jesus foi levado para lá, logo pela manhã. Embora não fosse dia de audiência do tribunal, Pilatos imediatamente aceitou que o seu caso fosse trazido perante ele. Aqui temos:

I O julgamento de Cristo diante de Pilatos.

1. A sua acusação formal. Jesus ficou de pé diante do governador, como o prisioneiro fica diante do juiz. Nós não poderíamos ficar de pé diante de Deus por causa de nossos pecados, nem erguer os nossos rostos em sua preciosa presença, se Cristo não tivesse se tornado pecado por nós. Ele foi levado a julgamento para que nós pudéssemos ser perdoados. Alguns acham que isso evidencia a sua coragem e ousadia. Ele se levantou destemido, sem se mover diante da ira deles. Ele, então, ficou de pé nesse julgamento, para que nós pudéssemos ficar de pé no julgamento de Deus. Ele se tornou um espetáculo, como Nabote, quando foi acusado e colocado acima do povo.

2. Sua acusação: “És tu o Rei dos judeus?” Os judeus estavam agora não apenas sob o governo, mas sob uma guarda muito minuciosa das forças romanas, contra as quais eles tinham o mais alto grau de insatisfação; todavia, dessa vez, fingiam ter uma preocupação de servir, acusando Jesus de ser um inimigo de César (Lc 23.2), do que eles não puderam produzir nenhuma outra prova, a não ser que Ele próprio havia recentemente reconhecido ser o Cristo. Agora eles pensavam que quem quer que fosse o Cristo, deveria ser o Rei dos judeus, e deveria livrá-los do poder romano e restabelecer para eles um governo terreno, permitindo-lhes que pisassem sobre todos os seus vizinhos. De acordo com esta quimera, eles acusaram o nosso Senhor Jesus de se passar por Rei dos judeus, em oposição ao jugo romano. É preciso considerar que embora Ele declarasse que era o Cristo, Ele não agiu como eles pensaram que o Cristo agiria. Note que muitos se

opõem à santa religião de Cristo, apoiando-se em um engano quanto à sua natureza; eles a vestem com cores falsas e então lutam contra ela. Eles asseguram ao governador que se Ele declarou que era o Cristo, Ele se declarou Rei dos judeus. Então o governador toma como certo que o objetivo do Senhor Jesus era perverter a nação e subverter o governo. "Tu és rei?" Estava claro que Ele não representava isto *de facto – de fato* "Fazes qualquer reivindicação ao governo, ou pretendes ter o direito de governar os judeus?" Note que a religião sagrada de Cristo teve, freqüentemente, o árduo destino de cair injustamente sob as suspeitas dos poderes civis, como se ela fosse prejudicial aos reis e às províncias, apesar de beneficiar imensamente a ambos.

3. Seu argumento. "'Jesus respondeu: Tu o dizes'. É como tu disseste, embora não como quisestes dizer; Eu sou o Rei, mas não sou como tu suspeitas que eu seja". Assim, diante de Pilatos, Jesus deu um bom testemunho, e não ficou envergonhado ao reconhecer a si mesmo como Rei, embora isso pudesse parecer ridículo. Jesus também não teve medo, embora, nessa ocasião, uma afirmação como essa fosse muito perigosa.

4. A evidência (v. 12). Ele foi acusado pelos príncipes dos sacerdotes. Pilatos não achou culpa alguma nele. A despeito daquilo que tenha sido dito, nada foi provado; portanto, eles compensaram a falta de provas com barulho e violência, e o atacaram com repetidas acusações, as mesmas que eles haviam submetido anteriormente; eles pensavam que pudessem forçar o governador a acreditar através da repetição. Eles tinham aprendido, não apenas a *calumniari – caluniar,* mas a *fortiter calumniari – caluniar com veemência*. Os melhores homens têm sido freqüentemente acusados de cometer os piores crimes.

5. O silêncio do prisioneiro quanto às acusações dos promotores. Ele não respondeu nada: (1) Porque não havia razão; nada foi alegado, exceto aquilo que carregava em si a sua própria impugnação. (2) Ele estava agora absorvido pelo assunto de grande importância que se colocava entre Ele mesmo e o seu Pai, a quem Ele estava se oferecendo em sacrifício para atender às exigências da sua justiça, e no qual Ele estava tão concentrado que não se importava com aquilo que diziam contra si mesmo. (3) A sua hora havia chegado, e Ele se submeteu à vontade de seu Pai: "Não seja como Eu quero, mas como tu queres". Ele sabia qual era a vontade de seu Pai, e então se entregou silenciosamente àquele que julga justamente. Não

devemos – através do nosso silêncio – jogar fora a nossa vida, porque não somos senhores de nossa vida, como Cristo era da dele. Também não podemos saber, como Ele sabia, quando a nossa hora chegará. Mas, por essa razão, devemos aprender a não retribuir injúria com injúria (1 Pe 2.23).

Então: [1] Pilatos o pressionava a dar alguma resposta (v. 13): “Não ouves quanto testificam contra ti?” Podemos identificar a que Pilatos estava se referindo a partir de Lucas 23.3,5 e João 19.7. Pilatos, não tendo nenhuma má intenção contra o Senhor Jesus, estava desejoso de que Ele pudesse provar a sua inocência, e o induz a isso acreditando que Ele podia fazê-lo: “Não ouves?” Sim, Ele ouvia; e Ele ainda ouve tudo o que é testemunhado injustamente contra as suas verdades e caminhos. Mas Ele se mantém em silêncio, porque é o dia de sua paciência; e não responde, como o fará em breve (Sl 50.3). [2] Pilatos se maravilhou com o silêncio de Jesus. Este silêncio não foi interpretado tanto como um desprezo pelo tribunal, mas como um desprezo por si mesmo. Por isso, não foi dito que Pilatos ficou irritado com essa atitude, mas que ficou extremamente maravilhado com isso, como se fosse algo muito incomum. Ele acreditava que o Senhor Jesus era inocente, e talvez tivesse ouvido que nenhum homem jamais havia falado como Ele; e então considerou estranho que Ele não tivesse uma única palavra para dizer em sua defesa. Aqui temos:

II A afronta e a violência do povo, ao pressionar o governador para crucificar a Cristo. Os príncipes dos sacerdotes tinham uma grande influência sobre as pessoas; elas os chamavam de Rabi, Rabi, e faziam deles os seus ídolos, e todas as suas palavras se tornavam oráculos. Esses líderes religiosos usaram isso para incitá-las contra Jesus, e pelo poder da multidão conseguiram o que de outra maneira não alcançariam. Assim sendo, aqui estão dois exemplos das ofensas deles.

1. Sua preferência por Barrabás em detrimento dele, e a escolha de libertá-lo em vez de Jesus.

(1) Parece que se tornara um costume entre os governadores romanos, para homenagear os judeus, honrar a festa da páscoa com a libertação de um prisioneiro (v. 15). Isso, eles pensavam, honrava a festa, e era conveniente para a comemoração da libertação deles. Mas essa era uma invenção deles próprios, e não uma instituição divina, embora alguns pensem que era antiga, e mantida pelos príncipes judeus antes de se

tornarem uma província do império. Seja como for, era um mau costume, uma obstrução à justiça e um estímulo à iniqüidade. Mas a páscoa do Evangelho é celebrada com a libertação de prisioneiros, por aquele que tem, na terra, o poder para perdoar pecados.

(2) O prisioneiro colocado em disputa com o nosso Senhor Jesus foi Barrabás; ele é aqui chamado de prisioneiro notável (v. 16). É provável que ele tivesse alguma reputação e caráter por conta de seu nascimento e educação, ou que tivesse se notabilizado por algo excepcional em seus crimes; não se sabe ao certo se ele era tão famoso a ponto de atrair a preferência das pessoas e assim ser aquele por quem eles provavelmente intercederiam, ou se era tão notavelmente perverso a ponto de se tornar mais repulsivo para eles. Alguns crêem nesta segunda opção, e por isso Pilatos o teria mencionado, assumindo como certo que eles teriam preferido a libertação de qualquer outro à dele. Traição, assassinato e roubo são três dos maiores crimes que são normalmente punidos pela espada da justiça; e Barrabás era culpado de todos os três (Lc 23.19; Jo 18.40). Esse era um prisioneiro realmente notável, cujos crimes eram muito complexos.

(3) A proposta foi feita por Pilatos, o governador (v. 17): “Qual quereis que vos solte?” É provável que o juiz nomeasse os dois, um dos quais o povo deveria escolher. Pilatos lhes propôs a libertação de Jesus; ele estava convencido de sua inocência, e de que a acusação era maldosa; mesmo assim, não teve coragem para absolvê-lo, como deveria ter feito, usando a sua própria autoridade, mas o libertaria através da escolha das pessoas, e assim esperava satisfazer tanto a sua própria consciência como o povo. Considerando que não encontrou nenhuma culpa em Jesus, Pilatos não deveria permitir que o povo o julgasse, nem poderia colocar a sua vida em risco. Mas pequenos truques e artifícios como esse, na tentativa de acertar as coisas e ficar em paz com a consciência e com o mundo, também são práticas comuns por parte daqueles que visam agradar mais aos homens do que a Deus. “Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?”, disse Pilatos. Ele lembrou ao povo de que esse Jesus, cuja libertação ele propunha, era considerado por alguns dentre eles como sendo o Messias, e havia dado provas abundantes de que o era: “Não rejeitem alguém em relação a quem a sua nação tem manifestado tamanha esperança”.

Pilatos se esforçou para absolver Jesus porque sabia que os príncipes dos sacerdotes o haviam entregado por inveja (v. 18); que Jesus não tinha

nenhuma culpa, mas a sua bondade os havia irritado. Por essa razão, ele esperava libertá-lo pela ação do povo, imaginando que optariam pela soltura dele. Quando Saul teve inveja de Davi, este era o predileto do povo; e qualquer um que ouvisse as aclamações com as quais Cristo fora saudado em Jerusalém poucos dias atrás, pensaria dessa forma, e que Pilatos poderia, seguramente, ter entregado esse caso à plebe. Isto seria ainda mais verdadeiro especialmente quando um patife tão notório quanto Barrabás fora colocado como seu rival em uma disputa pela preferência deles. Mas aconteceu o contrário.

(4) Enquanto Pilatos estava tratando do assunto desse modo, ele teve a sua relutância em condenar Jesus confirmada por uma mensagem enviada por sua esposa (v. 19), por medida de precaução: “Não entres na questão desse justo” (e também expressou a razão desta advertência), “porque em um sonho muito sofri por causa dele”. É provável que essa mensagem tenha sido entregue a Pilatos em público, e ouvida por todos aqueles que estavam presentes, pois tinha a intenção de ser um aviso não apenas para ele, mas para todos os acusadores do Senhor Jesus. Observe:

[1] A providência especial de Deus, ao conceder esse sonho à esposa de Pilatos. Não é provável que ela tenha ouvido anteriormente qualquer coisa a respeito de Cristo, pelo menos não até o momento de seu sonho, mas aquela importante mensagem veio diretamente de Deus: talvez ela fosse uma das mulheres honradas e devotas e tivesse algum senso de religiosidade; apesar de Deus se revelar em sonhos para alguns que não possuíam nenhuma comunhão com Ele, como ocorreu com Nabucodonosor. Ela sofreu muitas aflições nesse sonho. Não se sabe se ela sonhou com as crueldades que poderiam ser cometidas contra uma pessoa inocente, ou com os juízos que recairiam sobre aqueles que tivessem qualquer responsabilidade sobre a morte do Senhor, ou até mesmo com ambos. Parece que fora um sonho assustador, e os seus pensamentos a inquietavam, como em Daniel 2.1; 4.5. Observe que o Pai dos espíritos tem muitas maneiras de acionar o espírito dos homens, e pode selar a instrução deles em sonhos ou em visões de noite (Jó 33.15,16). Já para aqueles que têm a Palavra escrita, Deus fala mais comumente através da consciência, quando se está acordado, do que em sonhos, quando o sono profundo cai sobre os homens.

[2] A ternura e o cuidado da esposa de Pilatos, ao enviar essa advertência ao seu marido: “Não entres na questão desse justo”. Em primeiro lugar, esse

era um respeitável testemunho para o nosso Senhor Jesus, atestando que Ele era um homem justo, mesmo quando era perseguido como o pior dos malfeitores. Quando os seus amigos estavam atemorizados para aparecer em sua defesa, Deus fez até mesmo que aqueles que eram estranhos e inimigos falassem a favor dele. Quando Pedro o negou, Judas o confessou; quando os príncipes dos sacerdotes o declararam culpado de morte, Pilatos declarou não ter achado nenhuma culpa nele; quando as mulheres que o amavam ficaram à distância, a esposa de Pilatos, que pouco sabia a respeito dele, demonstrou preocupação por Ele. Note que Deus não deixaria a si mesmo sem testemunhas da verdade e da retidão da sua causa, mesmo quando ela parece estar maliciosamente enfraquecida por seus inimigos, e até mesmo vergonhosamente abandonada, principalmente por seus amigos. Em segundo lugar, essa era uma justa advertência para Pilatos. “Não tenha nada a ver com essa questão que está sendo trazida contra Ele”. Note que Deus tem muitos meios de alertar os pecadores em suas perseguições pecaminosas, e é uma grande graça receber esses alertas da Providência, através de amigos fiéis e de nossas consciências; é também nosso grande dever escutá-los atentamente. Se prestarmos atenção, poderemos ouvir uma preciosa voz quando estivermos caindo em tentação: “Ó, não faça isto! Esta é uma atitude abominável, que o Senhor odeia”. A esposa de Pilatos lhe enviou esse aviso por conta do amor que tinha por ele; ela não temeu uma repreensão dele por intrometer-se naquilo que não lhe dizia respeito; mas o deixaria decidir; ela apenas o alertaria. Observe que este é um exemplo do verdadeiro amor para com os nossos amigos e parentes: fazermos o possível para preservá-los do pecado; e quanto mais íntimos alguns forem de nós, maior afeição teremos por eles, e mais cuidadosos devemos ser para que não permitamos o pecado que se encontra ou que se apóia neles (Lv 19.17). A melhor amizade é aquela que visa o bem da alma. Não nos é dito como Pilatos lidou com isso, e alguns pensam que é provável que ele tenha reagido com algum tipo de zombaria; mas, pela conduta dele contra o Justo, parece que não o levou em conta. Desse modo, as advertências sinceras podem não ser levadas a sério quando são feitas como advertências contra o pecado, mas não serão tão facilmente negligenciadas quando forem consideradas como agravos do pecado.

(5) Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos estavam ocupados durante todo esse tempo em influenciar o povo a favor de Barrabás (v. 20). Eles

persuadiram a multidão tanto por si mesmos como através de seus emissários, a quem eles enviaram em grande número para se misturar entre o povo, para que eles pedissem Barrabás e destruíssem Jesus; eles insinuavam que esse Jesus era um impostor, associado a Satanás, um inimigo da sinagoga e do Templo; que, se Ele fosse deixado em paz, os romanos viriam e tomariam as suas casas e a sua nação; que Barrabás, muito embora fosse um homem mau, e que não despertava o mesmo interesse que Jesus, não podia causar tanto dano. Assim, eles manipularam a turba, que, de outro modo, era bem afeiçoada a Jesus, e, se não estivessem tanto sob o controle de seus sacerdotes, jamais teriam feito uma coisa tão absurda como preferir Barrabás a Jesus. Aqui: [1] Podemos apenas olhar esses perversos sacerdotes com indignação; pela lei, em assuntos de controvérsia entre sangue e sangue, o povo devia ser orientado pelos sacerdotes, e agir segundo o que estes lhes instruíssem (Dt 17.8,9). Eles abusaram indignamente desse grande poder que foi colocado em suas mãos, e os líderes religiosos fizeram com que o povo errasse. [2] Nós só podemos olhar com piedade para as pessoas enganadas. Eu tenho pena da multidão, ao vê-la precipitar-se violentamente em direção a tão grande iniqüidade, ao vê-la dominada dessa forma pelos sacerdotes, caindo na vala com os seus líderes cegos.

(6) Sendo assim excessivamente dominada pelos sacerdotes, ela finalmente fez a sua escolha (v. 21). “Qual destes dois” (disse Pilatos) “quereis vós que eu solte?” Ele esperava ter alcançado o seu objetivo: ver Jesus libertado. Mas, para sua grande surpresa, eles disseram: “Barrabás”; como se os crimes daquele homem fossem menores, e, portanto, ele fosse o que menos merecesse morrer; ou como se os seus méritos fossem numerosos, e por isso ele merecesse mais viver. O clamor por Barrabás era tão generalizado que não havia nenhuma possibilidade de se exigir uma votação entre os candidatos. Ficai surpresos, ó céus, com isso, e tu, terra, ficai terrivelmente amedrontada! Será que alguma vez os homens que fingiram raciocinar, ou crer, já foram culpados de tão imensa loucura, de uma iniqüidade tão horrível! Foi disso que Pedro os acusou tão diretamente (At 3.14): Pedistes que se vos desse um homem homicida. As multidões que escolhem o mundo, em vez de Deus, como seu governante e destino, também escolhem, desse modo, as suas próprias desilusões.

2. Sua pressão fervorosa para que Jesus fosse crucificado (vv. 22,23). Pilatos, estando surpreso pela escolha deles por Barrabás, tinha a esperança de que esta se devesse mais a um afeto por Barrabás do que por uma inimizade em relação a Jesus; e então ele lhes diz: “Que farei, então, de Jesus? Deverei libertá-lo igualmente, para a grande honra de sua festa, ou deixarão para mim essa decisão?” “Não”, todos disseram, “seja crucificado”. Esta era a morte que eles desejavam que o Senhor tivesse, porque era vista como a mais vergonhosa e infame; e eles esperavam, através disso, fazer com que os seus seguidores se sentissem envergonhados de confessá-lo, bem como o seu relacionamento com Ele. Era um absurdo que eles determinassem ao juiz que sentença deveria proferir; mas a sua iniqüidade e a sua ira fizeram com que se esquecessem de todas as regras da ordem e da decência, e transformassem a corte de justiça em uma assembléia barulhenta, turbulenta e sediciosa. Então, a verdade fora jogada na sarjeta, e a justiça não podia entrar em cena; onde se esperava por julgamento, via-se opressão, o pior tipo de opressão; por retidão, via-se um grito, o pior grito que jamais existiu: Crucifica-o, crucifica o Senhor da glória. Embora aqueles que assim gritavam, talvez, não fossem as mesmas pessoas que dias atrás gritavam “Hosana”, ainda assim veja que mudança se operou no pensamento das pessoas em um curto espaço de tempo: quando o Senhor Jesus entrou triunfante em Jerusalém, tão generalizadas eram as aclamações de louvor, que se poderia pensar que Ele não possuía inimigos; mas agora, quando Ele era conduzido em humilhação ao tribunal de Pilatos, os clamores de inimizade eram tão generalizados, que se poderia concluir que Ele não tinha amigos. Tais revoluções existem neste mundo mutável, através do qual o nosso caminho para o céu se estende como o do nosso Mestre, por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, sempre mudando (2 Cor 6.8); para que não possamos ser erguidos pela honra, como se, quando formos louvados e acariciados, tivéssemos ganho o nosso lugar entre as estrelas e devêssemos morrer nele; nem tampouco nos abater ou nos desencorajar pela desonra, como se andássemos no fundo do inferno, do qual não existe redenção. *Bides tu istos qui te laudant; omnes aut sunt hostes, aut (quod in aequo est) esse possunt – Observe aqueles que te aplaudem; ou são todos teus inimigos, ou, o que é equivalente, podem se tornar.* Sêneca, *De Vita Beat.*

Então, quanto a essa exigência, também nos é dito:

(1) Como Pilatos se opôs a ela. Porque, que mal Jesus tinha feito? Esta é uma pergunta apropriada para se fazer antes de censurarmos alguém em um discurso público; e muito mais para um juiz perguntar antes de pronunciar uma sentença de morte. Note que é uma grande honra para o Senhor Jesus o fato de que, embora Ele se dispusesse a sofrer como um malfeitor, nem o seu juiz nem os seus acusadores pudessem provar que Ele tivesse feito qualquer mal. Tinha Ele feito qualquer mal contra Deus Pai? Não, Ele sempre fez aquilo que o agradava. Havia Ele feito qualquer mal contra o governo civil? Não, Ele deu a César o que era de César, e ensinou outros a fazerem o mesmo. Tinha Ele feito qualquer coisa nociva contra a paz pública? Não, Ele não contendeu nem clamou, e o seu reino não veio através de alguma desordem. Havia Ele feito qualquer mal a alguém em particular? A quem Ele enganou? Ele tomou o boi de alguém? Não, bem longe disso, Ele cuidou de fazer o bem. Isto reiterou a afirmação de sua imaculada inocência, indicando claramente que Ele morreu como a expiação pelos pecados dos outros. Pois, se não fosse por nossas transgressões, pelas quais Ele foi ferido dessa forma, por nossos pecados, pelos quais Ele foi entregue, e por ter decidido expiá-los voluntariamente, não vejo como esses extraordinários sofrimentos de uma pessoa que nunca pensou, disse, ou fez qualquer coisa errada, poderiam ser reconciliados com a justiça e a eqüidade da Providência que governa o mundo, e que no mínimo permitiu que isso lhe acontecesse.

(2) Como eles insistiram nisso. Eles gritaram ainda mais: “Seja crucificado!” Eles não tentam mostrar qualquer mal que Ele tenha feito, mas, seja isto certo ou errado, Ele deve ser crucificado. Abandonando todas as pretensões de provar as suas pressuposições, eles decidem manter a conclusão, e a falta de evidências foi compensada por um grande clamor; Pilatos, o juiz injusto, estava cansado dos insistentes pedidos por uma sentença injusta, como aquele juiz da parábola a quem se pedia que fizesse justiça (Lc 18.4,5). Aqui, o processo foi vencido puramente pela gritaria.

III Eis aqui como a culpa do sangue de Cristo recai sobre o povo e os sacerdotes.

1. Pilatos se esforça para livrar-se da responsabilidade (v. 24).

(1) Ele não vê propósito em argumentar. O que ele dissesse: [1] Não faria nenhum bem; ele não poderia controlar nada; ele não poderia convencê-los

de quão injusto e irracional era para ele condenar um homem que ele acreditava ser inocente, e de quem eles não conseguiram provar qualquer culpa. Veja o quanto, às vezes, é forte a torrente de cobiça e ira; nem a autoridade nem a razão conseguirão refreá-la. Pelo contrário: [2] Era mais provável que causasse dano; ele viu que um certo tumulto havia se formado. Essas pessoas rudes e animalescas puseram-se a dizer injúrias, e começaram a ameaçar Pilatos sobre o que fariam se ele não lhes fizesse a vontade; e em que grande incêndio esse fogo pode se tornar, especialmente quando os sacerdotes judeus, aqueles grandes incendiários, sopravam as brasas! Então aquele temperamento turbulento e violento dos judeus pelo qual Pilatos foi intimidado a condenar Cristo, contra a sua consciência, contribuiu mais do que qualquer coisa para a ruína daquela nação, pouco tempo depois; pois as suas freqüentes insurreições fizeram com que os romanos os destruíssem, embora eles as tivessem reduzido, e suas inveteradas disputas internas os tornassem presas fáceis para o inimigo comum. Desse modo, o seu pecado foi a sua ruína.

Observe quão facilmente podemos nos enganar quanto à preferência das pessoas comuns. Os sacerdotes estavam apreensivos de que os seus esforços para prender a Cristo causassem alvoroço, especialmente no dia da festa; mas ficou provado que os esforços de Pilatos para salvá-lo causariam tumultos, e isso em um dia de festa; os sentimentos da multidão são muito incertos.

(2) Isso coloca Pilatos em um grande dilema, entre a sua própria paz de espírito e a paz da cidade; ele se recusa a condenar um homem inocente, e também se recusa a desagradar ao povo e despertar um demônio que não seria controlado tão cedo. Se Pilatos tivesse se mantido firme e resoluto, fiel às sagradas leis da justiça, como deve fazer um juiz, não teria estado em qualquer dificuldade; o fato era claro e indiscutível: um homem em quem não se encontrou nenhuma falha não deveria ser crucificado, qualquer que fosse o pretexto. Também não deve ser cometida uma injustiça para satisfazer qualquer homem ou grupo de homens no mundo; a causa deve ser logo decidida. *Justiça seja feita, ainda que o céu e a terra se unam – Fiat justitia, ruat coelum*. Se “a perversidade procede do perverso” (versão inglesaKJV), mesmo que sejam sacerdotes, ainda assim a minha mão será contra ele.

(3) Pilatos pensa em acertar as coisas e apaziguar o povo, e também a sua própria consciência; ele os atende. Mesmo não reconhecendo a validade de tal sentença, ele a executa, porém tenta se isentar da responsabilidade e da culpa. Precipitam-se sobre tais absurdos e autocontradições, aqueles cujas convicções são fortes, mas as corrupções, mais fortes ainda. Bem-aventurado aquele (diz o apóstolo, Rm 14.22) que não se condena a si mesmo naquilo que aprova; ou, em outras palavras, bem-aventurado aquele que não permite a si mesmo aquilo que condena.

Então Pilatos se esforça para se eximir da culpa:

[1] Através de um gesto; ele apanhou água, e lavou as mãos diante da multidão; não como se ele pensasse com isso, em se purificar de qualquer culpa contraída diante de Deus, mas para se isentar diante do povo, como se isso o livrasse de qualquer culpa nesse assunto; como se ele tivesse dito: "Se isso for feito, testemunhem que isso não é obra minha". Ele tomou emprestado da lei o rito que era utilizado para expiar do povo a culpa por um assassinato não descoberto (Dt 21.6,7); e se valeu disso mais para influenciar o povo com a convicção que ele tinha da inocência do prisioneiro; e, provavelmente, tal era o barulho da ralé, que, se ele não tivesse usado algum sinal surpreendente à vista de todos eles, ele não teria sido ouvido.

[2] Por uma declaração; nessa, em primeiro lugar, ele tenta se eximir da culpa: "Estou inocente do sangue deste justo". Que tolice era essa, condená-lo, e mesmo assim alegar que estava inocente de seu sangue! Para os homens, protestar contra alguma coisa e ainda assim praticá-la nada mais é do que proclamar que eles pecam contra as suas próprias consciências. Muito embora Pilatos professasse a sua inocência, Deus não o exime da culpa (At 4.27). Alguns acreditam que podem se justificar alegando que as suas mãos não fizeram parte do pecado; mas Davi mata pela espada dos filhos de Amom, e Acabe, pela dos anciãos de Jezreel. Pilatos aqui pensa que pode se justificar alegando que o seu coração não estava naquele ato; mas esta é uma afirmação que nunca será admitida. *Protestatio non valet contra factum – Ele protesta em vão contra o ato que, ao mesmo tempo, perpetra.* Em segundo lugar, Pilatos lança a responsabilidade sobre os sacerdotes e o povo: "Considerai isso; se isso deve ser feito, eu não poderei evitar; vós respondereis por isso diante de Deus e do mundo". Note que o pecado é uma criança mal-educada que ninguém está disposto a assumir; e

muitos se enganam com isso, pensando que não arcarão com a culpa se encontrarem alguém sobre quem depositá-la; mas transferir a culpa pelo pecado não é uma coisa fácil, como muitos pensam. A condição daquele que está infectado pela praga não é menos perigosa pelo fato de contrair de outros a infecção, ou por transmitir a infecção para outros; nós podemos ser tentados a pecar, mas não podemos ser forçados a fazê-lo. Os sacerdotes tentaram lançar a culpa sobre Judas: “Isso é contigo”; e agora Pilatos a lança sobre eles: “Considerai isso; pois com a medida com que medirdes sereis medidos.

2. Os sacerdotes e o povo concordam em tomar a culpa para si mesmos; todos eles disseram: “O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos”; nós estamos tão seguros de que não há nem pecado nem perigo em levá-lo à morte, que estamos dispostos a correr o risco. Disseram isso como se a culpa não fosse causar nenhum mal a eles ou aos seus. Eles viram que era o medo da culpa que fez Pilatos hesitar, e ele estava superando esse obstáculo através da ilusão de transferi-la; para impedir o retorno de sua hesitação e para corroborar com aquela ilusão, eles, no calor de sua ira, preferem concordar com isso a perder a presa que tinham em suas mãos, e gritaram: “O seu sangue caia sobre nós”. Então:

(1) Através disso, eles tencionavam compensar Pilatos, isto é, fazer com que ele se considerasse compensado, ao ser ligado à justiça divina, para eximi-lo da culpa. Mas aqueles que estão falidos, ou os mendigos, nunca serão aceitos como a segurança de outros, nem serão tomados como fiadores por eles. Ninguém poderia levar os pecados dos outros, exceto aquele que não tinha nenhum pecado pelo qual responder; é uma missão arrojada e muito grande para qualquer homem servir como garantia por um pecador diante do Deus Todo-poderoso.

(2) Mas eles realmente rogaram ira e vingança sobre si mesmos e seus descendentes. Que declaração desesperada era essa, e quão pouco eles pesaram sobre as terríveis conseqüências dela, ou o abismo de sofrimento que ela traria tanto a eles como aos seus! Cristo lhes tinha dito recentemente que sobre eles viria todo o sangue justo derramado na terra, desde o do justo Abel; mas, como se isso fosse pouco, aqui eles reivindicam para si a culpa pelo derramamento daquele sangue que era o mais precioso de todos, e cuja culpa seria ainda mais pesada. Oh! A ousada presunção dos pecadores obstinados, que estendem as suas mãos contra Deus, e desafiam a sua

justiça! (Jó 15.25,26). Observe:

[1] Como eles eram cruéis em suas imprecações. Eles rogaram a punição desse pecado, não somente sobre si mesmos, mas também sobre seus filhos, mesmo aqueles que ainda não haviam nascido, sem sequer limitar o alcance da maldição, como o próprio Deus, que havia ficado feliz em limitá-la à terceira e quarta gerações. Era loucura estender a maldição a si mesmos, e uma barbaridade incalculável legá-la aos seus descendentes. Certamente, eles eram como avestruzes; eram insensíveis em relação às suas crias, como se não fossem deles. Que herança terrível era essa, de culpa e castigo contra eles e seus herdeiros para sempre, e isso proferido em comum acordo, *nemine contradicents – unanimemente*, como um documento legal de sua autoria, que certamente equivalia a um confisco e anulação da antiga Escritura: "Serei a ti por Deus, e à tua semente". O legado da maldição do sangue do Messias para a sua nação põe fim à herança de bênçãos que viriam desse sangue, e beneficiariam as suas famílias. De acordo com outra promessa feita a Abraão, nele todas as famílias da terra seriam abençoadas. Veja que inimigos malignos os homens podem se tornar para os seus próprios filhos e famílias; aqueles que condenam as suas próprias almas não se importam com quantos poderão arrastar consigo para o inferno.

[2] Como Deus foi justo em sua retribuição, de acordo com essa maldição. Eles disseram: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos"; e Deus disse amém a isto, assim será a vossa maldição; assim como eles adoravam praguejar, assim a maldição viria sobre eles. Os miseráveis remanescentes daquelas pessoas devassas sentem isso até hoje em dia; desde o tempo em que eles lançaram esse sangue sobre si, foram perseguidos com um julgamento após o outro, até que estivessem totalmente devastados, tornados motivo de assombro, espanto, e zombaria; ainda sim, sobre alguns deles, e alguns dos seus, esse sangue veio, não para condená-los, mas para salvá-los; a misericórdia divina, mediante o seu arrependimento e fé, interrompeu essa herança, e então a promessa passou a lhes pertencer novamente, como também aos seus filhos. Deus é melhor para nós e para os nossos do que nós mesmos o somos.

Cristo É Açoitado e Ridicularizado.
Cristo É Escarnecido pelos Soldados

vv. 26-32

Nesses versículos, temos os preparativos para a crucificação de nosso Senhor Jesus Cristo. Aqui:

I A sentença foi lavrada, e assinada a autorização para a sua execução; e isso imediatamente, naquela mesma hora.

1. Barrabás, aquele criminoso notório, foi libertado: se ele não tivesse sido colocado em disputa com Cristo pela preferência do povo, é provável que tivesse morrido por seus crimes; mas aquela situação forneceu os meios para a sua libertação; para indicar que Cristo foi condenado para este propósito, que pecadores, mesmo o maior dos pecadores, poderiam ser libertados. Cristo foi entregue para que pudéssemos ser libertados; a praxe da Providencia Divina é que o resgate do justo é o ímpio, e o resgate do reto, o iníquo (Pv 21.18; 11.18). Neste exemplo sem paralelos da graça divina, o Justo é oferecido como o resgate pelos transgressores; o justo pelos injustos.

2. Jesus foi açoitado; essa era uma punição infame e cruel, especialmente da maneira como era infligida pelos romanos, que não estavam sob a moderação da lei dos judeus, que proibia açoitamentos acima de quarenta chibatadas. Essa punição era mais irracionalmente imposta a alguém que estivesse sentenciado a morrer: os açoites não eram uma introdução aos machados, mas seus substitutos. Desse modo, a Escritura foi cumprida: “Os lavradores araram sobre as minhas costas” (Sl 129.3), “dei as costas aos que me ferem” (Is 50.6), e, “pelas suas pisaduras, fomos sarados” (Is 53.5). Ele foi castigado com açoites, para que nós não fôssemos castigados para sempre com escorpiões.

3. Ele foi, então, entregue para ser crucificado; embora a sua severa punição tenha ocorrido em prol de nossa paz, nenhuma paz é feita, a não ser pelo sangue de sua cruz (Cl 1.20). Conseqüentemente, o açoite não é o bastante. Jesus Cristo deve ser crucificado, um tipo de morte praticado apenas entre os romanos. Esse tipo de execução parece ser o resultado da combinação entre inteligência e crueldade, ambas estendidas ao máximo, para causar a morte no grau mais alto, terrível e miserável. Uma cruz era colocada no solo, nela as mãos e os pés eram pregados, nesses pregos o peso do corpo era pendurado, até que morresse de dor. Essa é a morte a que

Cristo fora condenado, e correspondia ao simbolismo da serpente de metal colocada sobre uma haste. Era uma morte sangrenta, uma morte dolorosa, vergonhosa, amaldiçoada; era uma morte tão deprimente que príncipes piedosos determinaram que aqueles que fossem condenados a ela pela lei, fossem estrangulados primeiro, e então pregados na cruz. Assim Júlio César fez a alguns piratas, Suetônio, livro 1. Constantino, o primeiro imperador cristão, através de um edital, aboliu a aplicação daquela pena entre os romanos, Sozomen, *Hist.*, liv. 1, cap. 8. *Ne salutare signum subserviret ad perniciem – Para que o símbolo da salvação não fosse um instrumento para a destruição da vítima.*

II O bárbaro tratamento que os soldados impuseram ao Senhor, enquanto a sua execução estava sendo preparada. Quando Ele foi condenado, deveriam ter lhe concedido algum tempo para que se preparasse para a morte. Havia uma lei criada pelo senado romano no tempo de Tibério, talvez por conta de queixas contra isso e a possível precipitação, para que a execução de criminosos fosse adiada em pelo menos dez dias depois da sentença (Suetônio, em *Tibério*, cap. 25). Mas nenhum minuto foi concedido ao nosso Senhor Jesus, e Ele mal teve tempo para respirar. Não lhe foi permitido nenhum tempo para pensar; as coisas pioraram cada vez mais e a tempestade continuou sem interrupção.

Quando Ele foi entregue para ser crucificado, isso já seria o suficiente. Aqueles que matam o corpo geralmente se conformam porque não há nada mais que possam fazer. Mas os inimigos de Cristo fariam mais e, se fosse possível, juntariam mil mortes em uma. Embora Pilatos o declarasse inocente, mesmo assim os seus soldados e os seus guardas se concentraram em maltratá-lo, sendo mais influenciados pela fúria do povo contra Ele do que pelo testemunho de seu governante em favor dele. A turba judaica contagiou as tropas romanas. Também é possível que talvez eles o tenham maltratado dessa forma nem tanto por rancor a Ele, mas como uma diversão. Eles entenderam que Ele aspirava uma coroa; ridicularizá-lo com isso proporcionava-lhes um pouco de divertimento e uma oportunidade para alegrarem uns aos outros. Note que é uma atitude de um espírito baixo, servil e sórdido tripudiar sobre aqueles que estão sofrendo, e fazer das desgraças de alguém uma questão de divertimento e folia.

Considere: 1. Onde isso aconteceu: “no pátio”. A casa do governador, que deveria ter sido um abrigo para aqueles que sofressem abusos e maus tratos, tornou-se o teatro dessa barbaridade. Eu gostaria de saber se o governador, que estava tão desejoso de se isentar da responsabilidade pelo sangue desse Justo, sofreu pelo fato de tudo isto ter acontecido em sua casa. Talvez ele não tenha ordenado que isso fosse feito, mas foi conivente; e aqueles que têm autoridade serão responsáveis, não pela maldade que fazem ou ordenam, mas por aquela que não reprimem, quando o poder está em suas mãos. Chefes de famílias não devem tolerar que as suas casas sejam palcos de maus tratos a ninguém, nem que os seus empregados se divirtam com os pecados, ou sofrimentos, ou com a religião dos outros.

2. Quem estava envolvido com isso. Eles reuniram todo o bando, os soldados que cuidariam da execução, todo o regimento (no mínimo quinhentos, porém alguns acreditam que mil e duzentos ou mil e trezentos) compartilharia da diversão. Se Cristo se tornou desse modo um espetáculo, que nenhum de seus seguidores ache estranho ser posto nessa condição (1 Co 4.9; Hb 10.33).

3. Que outras perversidades em especial foram feitas contra o Senhor Jesus.

(1) Eles o despiram (v. 28). A vergonha da nudez veio com o pecado (Gn 3.7); e então Cristo, quando veio para responder pelo pecado, e o removeu, foi despido e submetido àquela vergonha, para que Ele pudesse preparar para nós vestes brancas para nos vestir (Ap 3.18).

(2) Eles o cobriram com um manto escarlate, alguma velha capa vermelha, como as que os soldados romanos usavam, em uma imitação das capas escarlates usadas pelos reis e imperadores. Esta era uma censura pelo fato de Ele ser chamado de Rei. Essa simulação de realeza foi colocada sobre o Senhor quando o seu semblante transmitia uma impressão de miséria e sofrimento; a intenção daqueles algozes era exibi-lo aos espectadores da forma mais ridícula possível. Ainda assim, havia algum mistério nisso. Ele era aquele que tinha as vestes tintas (Is 63.1,2), que lavou as suas vestimentas no vinho (Gn 49.11); por isso, Ele estava coberto com um manto escarlate. Os nossos pecados eram vermelhos como o escarlate e o carmesim. O fato de Cristo ser coberto por um manto escarlate indicava que Ele estava carregando os nossos pecados, para sua vergonha, em seu próprio corpo sobre o madeiro; assim, podemos lavar as nossas

vestes e torná-las brancas, no sangue do Cordeiro.

(3) Eles teceram uma coroa de espinhos e colocaram-na na cabeça do Senhor (v. 29). Eles o fizeram para continuar a escarnecer dele como um rei. Mesmo que eles tivessem planejado fazer isso apenas como vitupério, poderiam ter tecido uma coroa de palha, ou junco; mas eles a planejaram para ser dolorosa para Ele, e para ser, literalmente, aquilo que as coroas são de forma figurada, revestidas com espinhos; aquele que inventou essa crueldade provavelmente se valorizava pela sutileza. Mas havia um mistério nisso: [1] Os espinhos vieram com o pecado, e estes eram parte da maldição que era o produto do pecado (Gn 3.18). Conseqüentemente, Cristo tornando-se maldição por nós, e morrendo para removê-la, sentiu a dor lancinante daqueles espinhos e, além disso, Ele os ata como uma coroa para si (Jó 31.36); porque os seus sofrimentos por nós eram a sua glória. [2] Então, Ele corresponde ao simbolismo do carneiro de Abraão que estava preso entre os arbustos e foi oferecido no lugar de Isaque (Gn 22.13). [3] Os espinhos simbolizam as aflições (2 Cr 33.11). Cristo colocou as aflições em uma coroa. Ele modificou muito a propriedade delas para aqueles que são seus, dando-lhes um motivo para se gloriarem na tribulação, fazendo com que isso lhes sirva como uma medida de glória. [4] Cristo foi coroado com espinhos para mostrar que o seu reino não é deste mundo, nem a glória dele, uma glória terrena. O seu Reino está presente aqui com amarras e aflições, enquanto a sua glória está para ser revelada. [5] Era costume de algumas nações pagãs levar os seus sacrifícios para os altares coroados com grinaldas; esses espinhos eram as grinaldas com as quais esse grande sacrifício foi coroado. [6] Certamente, esses espinhos fizeram com que saísse sangue de sua bendita cabeça, que gotejou por seu rosto como o óleo precioso (tipificando o sangue de Cristo, com o qual Ele consagrou a si mesmo) sobre a cabeça, que desceu sobre a barba, semelhante à barba de Arão (Sl 133.2). Assim, quando Ele veio para desposar o seu amor, a sua pomba, a sua igreja imaculada, a sua cabeça estava cheia de orvalho, e os seus cabelos, das gotas da noite (Ct 5.2).

(4) Eles colocaram uma cana em sua mão direita. Esta se destinava a imitar um cetro, outro símbolo de realeza através do qual zombaram dele. Como se esse fosse um cetro suficientemente bom para um Rei como Ele, como se fosse uma cana agitada pelo vento (cap. 11.7). Eles queriam dizer que um cetro e um reino como esses eram ambos fracos e vacilantes, secos

e sem valor; mas eles estavam completamente enganados, pois o trono dele é eterno e perpétuo, e o cetro do seu reino é um cetro de eqüidade (Sl 45.6).

(5) Eles se ajoelharam diante dele e o escarneceram, dizendo: “Salve, Rei dos Judeus!” Tendo agido como se Ele fosse um rei de mentira, eles fizeram gestos como quem o homenageia, zombando assim de suas pretensões à realeza, como os irmãos de José (Gn 37.8). “Tu, pois, deveras reinarás sobre nós?” Mas, assim como eles foram, mais tarde, forçados a reverenciar José, confirmando os seus sonhos, estes se ajoelhavam com escárnio para com aquele que foi, logo depois disso, exaltado à mão direita de Deus, para que, diante da menção de seu precioso Nome, todo joelho se dobre, ou se submeta diante dele. É inadequado brincar com aquele que mais cedo ou mais tarde virá com toda a seriedade.

(6) Eles cuspiram nele. Dessa maneira, Ele sofreu abusos no pátio do sumo sacerdote (cap. 26.67). A título de homenagem, os subalternos costumavam beijar o soberano, como símbolo de sua submissão; assim, Samuel beijou Saul, e nós somos convidados a beijar o Filho: mas eles, nessa homenagem irônica, em vez de beijá-lo, cospem em sua face; aquela face abençoada que brilha mais que o sol, e diante da qual os anjos cobrem as suas, foi assim profanada. Chega a ser estranho que os filhos dos homens cometessem um ato tão vil, e que o Filho de Deus sofresse tal humilhação.

(7) Eles lhe tiraram a cana, e lhe golpearam com ela na cabeça. Aquilo que eles usaram como o falso símbolo de sua realeza, eles agora utilizam como o verdadeiro instrumento de sua crueldade e da dor que estavam infligindo ao Senhor. Eles o golpearam; é provável que o tenham golpeado sobre a coroa de espinhos, para que estes penetrassem em sua cabeça e o ferissem ainda mais profundamente, o que lhes divertiria ainda mais. Para esses iníquos, a dor do Senhor era o maior prazer. Assim, era Ele desprezado e rejeitado pelos homens; um homem de dores, familiarizado com o sofrimento. Ele passou por todo esse sofrimento e vergonha, para que pudesse comprar para nós a vida, a alegria e a glória eternas.

III A condução dele ao local da execução. Depois de haverem escarnecido e abusado dele pelo tempo que quiseram, eles retiraram a sua capa, para indicar o seu despojamento de toda a autoridade real da qual o haviam investido ao colocá-la nele. Então vestiram-lhe as próprias vestes, porque estavam destinadas a serem compartilhadas pelos soldados que foram

empregados na execução. Eles lhe tiraram a capa, mas não é feita nenhuma menção de que tenham tirado a coroa de espinhos, de que comumente se supõe (embora não haja nenhuma certeza disso) que Ele tenha sido crucificado com ela em sua cabeça; pois, assim como Ele é um Sacerdote em seu trono, Ele era um Rei em sua cruz. Cristo foi levado para ser crucificado com as suas próprias vestes, porque Ele mesmo deveria levar os nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro. E aqui:

1. Eles o levaram para ser crucificado. Ele foi levado como um cordeiro para a matança, como um sacrifício para o altar. Nós bem podemos imaginar como eles o apressaram, e o arrastaram com toda velocidade possível, para que nada os impedisse de satisfazer a sua ira cruel contra o seu precioso sangue. É provável que eles agora o oprimissem com zombarias e reprovações e o tratassem como o refugo de todas as coisas. Eles o levaram para fora da cidade; pois Cristo, para que pudesse santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta (Hb 13.12), como se Ele, que era a glória daqueles que esperavam pela redenção em Jerusalém, não fosse digno de viver entre eles. Ele próprio tinha isso em vista, quando, na parábola, fala de sua expulsão da vinha (cap. 21.39).

2. Eles obrigaram um homem cireneu, Simão, a levar a cruz do Senhor (v. 32). Parece que, a princípio, Ele mesmo carregou a cruz, como Isaque carregou a madeira para o sacrifício, que seria usada para consumi-lo na fogueira. E isso visava, como todos os demais flagelos, causar-lhe tanto dor quanto vergonha. Mas, depois de algum tempo, eles lhe tiraram a cruz, e alguns motivos para isso são os seguintes: (1) Por compaixão por Ele, porque eles perceberam que ela lhe era uma carga muito pesada. Nós mal podemos imaginar que eles levassem isso em consideração; ainda assim, isso nos ensina que Deus leva em conta a resistência do seu povo, e não permitirá que eles sejam tentados acima do que podem suportar. Ele lhes dá algum tempo para respirar, mas eles devem esperar que a cruz retorne, e os intervalos apenas lhes dão um período para se prepararem para o próximo ataque. (2) Talvez tenham agido assim porque Ele não poderia, com a cruz em suas costas, andar tão rápido quanto eles desejavam. Ou ainda: (3) Talvez estivessem receosos diante da possibilidade de que Ele viesse a desfalecer devido ao peso de sua cruz e morrer, impedindo assim as outras maldades que eles pretendiam fazer contra Ele: portanto, mesmo as gentis compaixões dos perversos (que assim parecem ser) são realmente cruéis.

Tirando dele a cruz, eles forçaram Simão cireneu a carregá-la, pressionando-o a ajudar através da autoridade do governador ou dos sacerdotes. Era um vitupério, e ninguém faria isso se não fosse obrigado. Alguns pensam que esse Simão era um discípulo de Cristo, pelo menos um simpatizante dele, e que eles o sabiam e por esse motivo maldosamente o encarregaram de carregar a cruz. Note que todos aqueles que querem ser, comprovadamente, verdadeiros discípulos, devem seguir a Cristo, carregando a sua cruz (cap. 16.24), carregando o seu vitupério (Hb 13.13). Devemos compartilhar dos seus sofrimentos por nós, submetendo-nos pacientemente por amor a Ele a todos os sofrimentos para os quais formos chamados; pois só reinarão com Ele aqueles que sofrerem com Ele. Aqueles que beberem do seu cálice e forem batizados com o seu batismo, se sentarão com Ele em seu Reino.

A Crucificação

vv. 33-49

Temos aqui o relato da crucificação de nosso Senhor Jesus Cristo.

I O lugar onde o nosso Senhor Jesus foi morto.

1. Eles chegaram a um lugar chamado Gólgota, bem perto de Jerusalém, provavelmente o lugar público de execução. Se Jesus tivesse uma casa em Jerusalém, é provável que, para sua maior desgraça, eles o tivessem crucificado diante de sua própria porta. Mas então, no mesmo lugar onde os criminosos eram sacrificados para cumprir a justiça do governo, o nosso Senhor Jesus foi sacrificado para cumprir a justiça de Deus. Alguns pensam que o local era chamado de lugar da caveira porque ali se situava o ossuário público, onde os ossos e crânios dos mortos eram colocados lado a lado, fora do caminho, para que as pessoas não os tocassem e fossem assim contaminadas. Ali jaziam os troféus da vitória da morte sobre multidões de filhos dos homens; mas, ao morrer, Cristo destruiu o poder da morte. Ele adicionou essa circunstância de honra à sua vitória. Ele triunfou sobre a morte, no próprio campo em que a morte reinava.

2. Ali eles o crucificaram (v. 35). Pregaram suas mãos e seus pés na cruz, e então a levantaram, com o Senhor pendurado nela; pois essa era a maneira de os romanos crucificarem. Que os nossos corações sejam tocados pelo sentimento daquela dor cortante que o nosso bendito Salvador suportou, e olhemos para aquele que foi perfurado dessa maneira, e gemeu de tanta dor. Já houve alguma dor como a dele? E, quando contemplarmos a maneira como Ele morreu, observemos o quanto Ele nos amou.

II O tratamento bárbaro e agressivo que eles dispensaram ao Senhor. Eles competiam em sagacidade e malícia para ver quem era superior. Como se a morte, uma morte tão sofrida, não fosse ruim o suficiente, eles contribuíam para aumentar o seu amargor e terror.

1. Pela bebida que eles providenciaram para Ele, antes que fosse pregado à cruz (v. 34). Era comum oferecer um cálice de vinho temperado àqueles que seriam mortos, conforme a orientação de Salomão (Pv 31.6,7): “Dai bebida forte aos que perecem”; mas naquele cálice do qual Cristo estava a ponto de beber, eles misturaram vinagre e fel para torná-lo azedo e amargo. Isso significava: (1) O pecado do homem, que é uma raiz de amargura, que dá fel e absinto (Dt 29.18). O pecador talvez o revolva sob a sua língua como uma migalha, mas para Deus é uva de fel (Dt 32.32). Foi assim para o Senhor Jesus quando Ele tomou sobre si os nossos pecados, e mais cedo ou mais tarde será assim para o próprio pecador; amargura no final da vida, mais amarga do que a morte (Ec 7.26). (2) Representava a ira de Deus, aquele cálice que Deus Pai colocara em sua mão, um cálice amargo, sem dúvida, como a água amarga que trazia a maldição (Nm 5.18). Eles lhe ofereceram essa bebida como fora literalmente previsto (Sl 69.21). E: [1] Ele a provou, tendo assim o pior dela, sentindo o gosto amargo em sua boca. Ele não deixou de provar o cálice da amargura, quando estava expiando toda a nossa predileção pecaminosa pelo fruto proibido. Ele estava provando a morte em todo o seu amargor. [2] Ele não a beberia, pois não queria ter o melhor dela; o Senhor Jesus não queria ter nenhum narcótico para diminuir a sua sensação de dor, pois Ele morreria de um modo que sentisse a morte em toda a sua força. Ele tinha uma grande obra a fazer como o nosso Sumo Sacerdote em seu esforço agonizante.

2. Pela partilha de suas vestes (v. 35). Quando eles o pregaram à cruz, arrancaram as suas vestes, pelo menos a parte de cima; pois, pelo pecado,

ficamos nus, para nossa vergonha, e dessa maneira Ele comprou para nós trajes brancos para nos cobrirmos. Se formos, a qualquer tempo, despidos por Cristo de nossos consolos, suportemos isso pacientemente; Ele foi despido por nossa causa. Os inimigos podem tirar as nossas roupas, mas não podem nos privar de nossos melhores confortos; eles não podem tomar de nós as vestes de louvor. As roupas daqueles que são executados são o pagamento dos carrascos: quatro soldados foram utilizados para crucificar a Cristo, e eles devem, cada um, ter uma parte. A sua veste superior, se dividida, não seria útil para nenhum deles, e por isso resolveram lançar sortes sobre ela. (1) Alguns pensam que a veste era tão fina e rica que valia a pena lutar por ela; mas isso pode não estar de acordo com a pobreza que Cristo aparentava. (2) Talvez eles tivessem ouvido sobre aqueles que haviam sido curados ao tocar a orla de sua roupa, e a considerassem valiosa devido a alguma virtude "mágica" nela existente. Ou ainda (3) Eles esperavam conseguir dinheiro de seus amigos por uma relíquia sagrada como essa. Ou (4) Por escárnio, eles pareciam lhe atribuir o valor das roupas de um rei. Ou (5) Por diversão. Para passar o tempo enquanto aguardavam a sua morte, eles jogavam dados pelas roupas; mas, quaisquer que fossem os seus desígnios, a Palavra de Deus é, nesse fato, cumprida. Em um famoso salmo, de cujas primeiras palavras Cristo fez uso do alto da cruz, está escrito: "Repartem entre si as minhas vestes e lançam sortes sobre a minha túnica" (Sl 22.18). Isto nunca aconteceu a Davi, mas parece antes de tudo uma palavra direcionada a Cristo, de quem Davi falava em espírito. Então, essa parte da humilhação na cruz termina; pois parece ter sido por deliberação e conhecimento prévio de Deus. Cristo se despiu de suas glórias, para dividi-las entre nós.

Eles agora se sentaram e o vigiaram (v. 36). Os príncipes dos sacerdotes foram cuidadosos, sem dúvida, ao colocarem essa guarda, a fim de evitar que o povo, de quem eles ainda tinham muito medo, pudesse se revoltar e resgatá-lo. Mas a Providência assim o determinou, para que aqueles que foram designados para vigiá-lo, com isso se tornassem testemunhas irrepreensíveis dele. Tiveram a oportunidade de ver e ouvir aquilo que arrancou deles esta nobre confissão (v. 54): "Verdadeiramente, este era o Filho de Deus".

3. Pelo título colocado sobre a sua cabeça (v. 37). Era comum justificar o julgamento público e humilhar ainda mais os malfeitores que eram

executados, não apenas colocando um arauto à frente deles para anunciar, mas um manuscrito acima da cabeça deles para informar o crime pelo qual eles sofriam; assim, colocaram sobre a cabeça de Cristo, por escrito, a acusação contra Ele, para avisar ao público porque Ele fora condenado: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”. Isto, eles planejaram para sua vergonha, mas Deus desconsiderou tanto isso, que até mesmo a acusação contra Ele contribuiu para a sua glória. Pois: (1) Nela não havia nenhum crime alegado contra Ele. Não estava escrito que Ele era um pretenso Salvador ou um Rei usurpador, embora eles pensassem assim (Jo 19.21); mas: Este é Jesus, o Salvador; com certeza, isso não era um crime. E a expressão “Este é o Rei dos Judeus” também não é um crime; pois eles esperavam que o Messias fosse assim. Dessa forma, o Senhor Jesus não cometeu nenhuma transgressão, nem mesmo contra os seus próprios inimigos, que estavam na posição de juízes. Ao contrário, (2) Aqui estava uma verdade muito gloriosa declarada a respeito dele, de que Ele é Jesus, o Rei dos judeus, aquele Rei que os judeus esperavam e a quem deviam ter se submetido; de modo que a acusação contra Ele corresponde a isto: que Ele era o verdadeiro Messias e o Salvador do mundo. Aqui vemos algo parecido com o caso de Balaão, quando foi enviado para amaldiçoar Israel, porém os abençoou completamente por três vezes (Nm 24.10), pois Pilatos, em vez de acusar a Cristo como criminoso, o proclamou Rei por três vezes em três inscrições. Desse modo, Deus faz com que os homens sirvam aos seus propósitos, muito mais do que aos propósitos deles.

4. Pelos seus companheiros de sofrimento (v. 38). Havia dois ladrões crucificados com Ele, ao mesmo tempo e no mesmo lugar e sob a mesma guarda; dois assaltantes de estrada ou salteadores, é o significado correto da palavra no texto original. É provável que aquele fosse o dia designado como o dia das execuções; e por isso, eles apressaram o processo de Cristo pela manhã, para que o tivessem pronto para ser executado com os criminosos. Alguns pensam que Pilatos determinou que as coisas fossem feitas desse modo, para que o ato de justiça da execução desses dois ladrões pudesse reparar a injustiça que ele praticou ao condenar a Cristo. Outros, que os judeus o planejaram, para aumentar a ignomínia dos sofrimentos do nosso Senhor Jesus; seja como for, as Escrituras foram cumpridas aqui (Is 53.12): “Ele foi contado com os transgressores”.

(1) Ser crucificado com eles era uma vergonha para Jesus. Embora, enquanto vivo, ficasse separado dos pecadores, na morte eles não foram separados, mas Ele foi obrigado a compartilhar com os mais baixos malfeitores os seus flagelos, como se Ele tivesse sido um parceiro em seus pecados; pois Ele se fez pecado por nós e tomou para si a semelhança da carne pecaminosa. Ele foi, em sua morte, contado entre os transgressores e compartilhou o seu destino com os perversos para que nós, em nossa morte, possamos ser contados entre os santos e ter o nosso destino entre os escolhidos.

(2) Era uma vergonha adicional que fosse crucificado entre os dois, como se Ele tivesse sido o pior dos três, o principal malfeitor; pois, entre três, o meio é o lugar reservado ao chefe. Cada detalhe foi planejado para a sua desonra, como se o grande Salvador fosse, de todos, o maior pecador. Foram, também, concebidos para contrariá-lo e embaraçá-lo, em seus últimos momentos, os gritos, os gemidos e as blasfêmias desses malfeitores, que, provavelmente, fizeram uma gritaria terrível quando foram pregados na cruz. Mas, nesse caso, tudo isso comoveria o próprio Cristo, pois Ele estava presenciando os sofrimentos dos pecadores, e estava padecendo pela salvação deles. Alguns apóstolos de Cristo foram, mais tarde, crucificados – como, por exemplo, Pedro e André –, mas nenhum deles foi crucificado junto com Ele, para que não parecesse que eles tivessem compartilhado com Ele o pagamento do pecado do homem, bem como a compra da vida eterna e da glória. Por isso, Ele foi crucificado entre dois malfeitores que não poderiam contribuir de forma alguma para a dignidade de sua morte. Jesus Cristo, e só Ele, levou os nossos pecados sobre o seu próprio corpo.

5. Pelas blasfêmias e insultos com os quais eles o oprimiram quando estava pendurado na cruz. Porém, não está escrito que eles tenham lançado acusações contra os ladrões que foram crucificados com o Senhor. Seria de se pensar que, quando o pregaram na cruz, tivessem feito o pior possível, e que a maldade tivesse se dissipado: sem dúvida, se um criminoso for colocado no pelourinho ou levado em uma carroça, por ser uma punição inferior à morte, isto geralmente é acompanhado de tais expressões de maus tratos; mas um homem moribundo, mesmo um homem infame, deve ser tratado com compaixão. É uma vingança insaciável, sem dúvida, aquela que não pode ser saciada nem mesmo com a morte, e uma morte tão notável. Mas, para completar a humilhação de nosso Senhor Jesus, e para mostrar

que enquanto estava morrendo Ele carregava a iniqüidade, Ele foi, então, oprimido com acusações. E, pelo que parece, nenhum de seus amigos, que há alguns dias gritavam “Hosana” para Ele, foi visto ousando mostrar algum respeito por Ele.

(1) O povo que passava o insultava. Seu sofrimento extremo e paciência exemplar nessa condição, não os modificava nem os fazia demonstrar piedade; mas aqueles que, por sua gritaria, o conduziram a isso, agora pensavam se justificar através de suas acusações, como se houvessem praticado o bem ao condená-lo. Eles o insultavam: *eblasphemoun – eles disseram blasfêmias contra* Ele; e eram blasfêmias no sentido mais exato, pois estavam falando com maldade daquele que não considerava crime o fato de ser igual a Deus. Considere agora:

[1] As pessoas que o insultavam; aqueles que passavam, os viajantes que seguiam ao longo da estrada, e era uma grande estrada, que ia de Jerusalém a Gibeão. Elas estavam dominadas pelos preconceitos contra Ele, pelos relatos e clamores das pessoas dominadas pelos sacerdotes da religião judaica. Ter uma boa opinião a respeito das pessoas e das coisas que são depreciadas e criticadas em todo lugar é algo difícil, e requer mais dedicação e determinação do que aquelas com que geralmente nos deparamos. Todos tendem a repetir o que diz a maioria, e atirar uma pedra contra aquilo cuja reputação é ruim. *Turba Remi sequitur fortunam semper et odit damnatos – A ralé romana oscila com a vacilante sorte de um homem, e não dá trégua àqueles que estão caindo.* Juvenal.

[2] O gesto que usaram, em desrespeito a Ele, meneando a cabeça; isso indicava o triunfo deles através da sua degradação, e os seus insultos contra Ele (Is 37.22; Jr 18.16; Lm 2.15). A linguagem era: “Eia, sus, alma nossa (Sl 35.25). Desse modo, eles insultavam aquele que era o Salvador de seu país, assim como os filisteus fizeram com Sansão, o destruidor de seu país. Esse mesmo gesto fora profetizado (Sl 22.7): “Eles meneiam a cabeça para mim”. E também o Salmo 109.25.

[3] Os insultos e os escárnios que eles disseram. Estes são registrados aqui.

Em primeiro lugar, eles o censuraram quanto à destruição do Templo. Embora os próprios juízes tivessem percebido que o que Ele dissera fora distorcido (como entendemos em Marcos 14.59), ainda assim eles habilmente espalharam entre o povo, para induzir ao ódio contra Ele, que

era seu objetivo destruir o Templo; nada inflamaria mais o povo contra alguém. E essa não foi a única vez em que os inimigos de Cristo haviam se dado ao trabalho de fazerem os outros pensarem dessa forma sobre a religião e o povo de Deus, cuja acusação eles próprios sabiam ser falsa e injusta: ‘“Tu que destróis o templo’, aquela estrutura enorme e poderosa, usa esse poder para descer agora da cruz, remove esses pregos e salva-te a ti mesmo; se tens o poder que apregoas, esta é a hora adequada para manifestá-lo e demonstrá-lo; pois espera-se que todo homem faça o máximo que puder para salvar a si mesmo”. Isso transformou a cruz de Cristo em um tremendo obstáculo para os judeus; eles a consideraram inconsistente com o poder do Messias. Ele foi crucificado em fraqueza (2 Co 13.4); assim lhes parecia. Mas, sem dúvida, o Cristo crucificado é o Poder de Deus.

Em segundo lugar, eles o censuraram por dizer que era o Filho de Deus: “Se és o Filho de Deus, desce da cruz”. Agora eles usam as palavras do Diabo, aquelas com as quais ele tentou o Senhor no deserto (cap. 4.3,6), e repetem a mesma agressão: “Se és o Filho de Deus”. Eles pensam que Ele deve provar agora que é o Filho de Deus ou nunca o fará; eles esqueceram de que Ele o havia provado pelos milagres que realizou, e, particularmente, ainda o faria ressuscitando dos mortos. Eles se recusavam a esperar pela prova completa, a sua própria ressurreição, a qual o Senhor Jesus havia tantas vezes mencionado. Se eles tivessem percebido realmente que Ele estava dizendo que iria ressuscitar, a humilhação da cruz teria sido antecipada. Este tipo de atitude resulta de julgar as coisas pelos seus aspectos atuais, sem a devida lembrança do que se passou e uma paciente espera pelo que pode acontecer no futuro.

(2) Os príncipes dos sacerdotes e os escribas, os administradores da sinagoga judaica, os anciãos e os governantes o ridicularizaram (v. 41). Eles não pensaram que era suficiente convidar a multidão para fazê-lo, mas deram a Cristo a desonra, e a si mesmos, a diversão, reprovando-o em seus corações. Eles deviam estar no Templo em sua devoção, pois era o primeiro dia da festa dos pães asmos, quando deveria haver uma santa convocação (Lv 23.7); mas estavam aqui, em um lugar de execução, expelindo seu veneno contra o Senhor Jesus. Quão abaixo da grandeza e da seriedade de seu caráter estava isso! Podia qualquer outra coisa levá-los a se tornarem mais desprezíveis e baixos diante do povo? Podia-se pensar que, embora

não temessem a Deus nem respeitassem o homem, ainda assim a prudência deveria lhes ter ensinado, sim, àqueles que tiveram uma grande participação na morte de Cristo, a se manterem o quanto pudessem nos bastidores e ficarem o menos possível à vista; mas nenhuma atitude má é tão ruim a ponto de a malícia não poder se agarrar a ela. Eles foram assim tão baixos, a ponto de causar um grande desgosto a Cristo.E será que devemos temer a aparente humilhação ao nos juntarmos às multidões para glorificar ao Senhor, dizendo: “Se isto é ser vil, de boa vontade me humilharei ainda mais?”.

Duas coisas pelas quais os sacerdotes e os anciãos tentaram censurá-lo.

[1] Disseram que Ele não podia salvar a si mesmo (v. 42). Ele havia sido ofendido anteriormente em seu ministério profético e real, e agora, em seu ministério sacerdotal, como o Salvador. Em primeiro lugar, eles tinham como certo que Ele não podia salvar a si mesmo, e por isso não tinha o poder que alegava ter, quando, na verdade, o Senhor Jesus não se livraria da morte porque morreria para nos salvar. Eles deviam supor: “Ele salvou a outros, portanto poderia salvar a si mesmo. E, se não o faz, é por alguma boa razão”. Mas, em segundo lugar, eles desejavam insinuar que, como Ele, agora, não salvava a si mesmo, toda a sua pretensão de salvar a outros nada mais era do que simulação e ilusão, e era algo que nunca, de fato, fora feito, embora a veracidade de seus milagres fosse demonstrada e estivesse além de qualquer contestação. Em terceiro lugar, eles o repreenderam por afirmar ser o Rei de Israel. Eles sonhavam com a pompa e o poder exterior do Messias, e por isso consideravam a cruz como algo completamente incompatível com o Rei de Israel e inconsistente com tal personagem. Muitas pessoas gostariam do Rei de Israel se Ele descesse da cruz, se eles pudessem ter o reinado dele sem a tribulação pela qual eles devem passar. Mas a questão está resolvida; se não há cruz, não há Cristo, nem coroa. Aqueles que reinariam com Ele, deveriam aceitar sofrer com Ele, pois Cristo e a sua cruz estão ligados um ao outro neste mundo. Em quarto lugar, eles o desafiaram a descer da cruz. E o que seria de nós, então, e da obra da nossa redenção e salvação? Se Ele tivesse sido incitado a descer da cruz por essas zombarias, deixando assim a sua missão incompleta, nós estaríamos arruinados para sempre. Mas o seu amor e resolução imutáveis o colocaram acima dessa tentação, e fortaleceram-no contra ela, de forma que Ele não foi mal-sucedido e nem desanimou. Em quinto lugar, eles prometeram que, se Ele descesse da cruz, eles acreditariam nele. Que Ele lhes dê essa prova de que é o Messias, e eles confessarão que Ele o é. Anteriormente, quando eles exigiram um sinal, Ele lhes disse que o sinal que lhes daria seria não a sua descida da cruz, mas algo que seria uma amostra maior do seu poder: ressuscitar dentre os mortos, algo que não tiveram a paciência de aguardar por dois ou três dias. Se o Senhor tivesse descido da cruz, eles poderiam utilizar o mesmo argumento que usaram quando Ele ressuscitou, dizendo que os seus discípulos vieram à noite e roubaram o seu corpo, ou poderiam dizer que os soldados haviam trapaceado ao pregá-lo na cruz. Mas prometer que acreditaríamos se tivéssemos tais e tais condições e motivos de fé,

conforme condições determinadas por nós mesmos, quando não aproveitamos os desígnios de Deus, não é apenas um exemplo grosseiro da falsidade de nossos corações, mas o triste refúgio, ou melhor, subterfúgio, de uma obstinada infidelidade destruidora.

[2] Disseram que Deus, o seu Pai, não o salvaria (v. 43). Ele confiou em Deus, quer dizer, Ele assim o fingiu; pois disse: “Sou o Filho de Deus”. Aqueles que chamam a Deus de Pai, e a si mesmos de seus filhos, estão declarando a sua confiança nele (Sl 9.10). Agora eles sugerem que Ele apenas decepcionou a si mesmo e a outros, ao se mostrar como sendo tão querido pelos céus; pois, se Ele fosse o Filho de Deus (como os amigos de Jó argumentaram a respeito dele), não teria sido abandonado à mercê de todo esse sofrimento, e muito menos mantido nele. Isto era uma espada em seus ossos, como Davi se queixa em uma condição semelhante (Sl 42.10); e era uma espada de dois gumes, pois foi planejado, em primeiro lugar, para difamá-lo e fazer os espectadores pensarem que Ele era um impostor; como se as suas declarações de que era o Filho de Deus estivessem agora efetivamente desmentidas. Em segundo lugar, para aterrorizá-lo e fazê-lo desconfiar e perder a esperança do amor e do poder de seu Pai; o que, alguns pensam, era o que Ele temia, zelosamente, orando para que não ocorresse e que fosse livre dela (Hb 5.7). Davi se queixou mais dos esforços de seus perseguidores para abalar a sua fé e afastá-lo de sua esperança em Deus do que das suas tentativas de afastá-lo do seu trono e do seu reino. As afirmações deles eram: “Não há salvação para ele em Deus” (Sl 3.2) e “Deus o desamparou” (Sl 71.11). Nisso e em outras coisas, ele tipificou a Cristo. Nessa famosa profecia a respeito de Cristo, Davi menciona as palavras que foram ditas por seus inimigos (Sl 22.8). Ele confiava que o Senhor o libertaria. Certamente, esses sacerdotes e escribas haviam-se esquecido dos seus Salmos, caso contrário não teriam usado as mesmas palavras de uma forma tão exata, para responder ao tipo e á profecia: mas as Escrituras devem ser cumpridas.

(3) Para completar o vitupério, os ladrões que também foram crucificados com Ele não apenas não foram insultados como Ele foi, como se tivessem sido santos quando comparados com Ele, mas, sendo seus companheiros de sofrimento, juntaram-se aos seus acusadores e lhe proferiam insultos face a face. Um deles chegou a dizer: “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós (Lc 23.39). Seria de se pensar que, de todas as pessoas, esse ladrão

tinha menos motivos e deveria ter se preocupado menos em provocar ou ridicularizar a Cristo. Companheiros de sofrimento, ainda que por motivos diferentes, geralmente se solidarizam um com o outro; e poucos, a despeito do que tenham feito anteriormente, gastarão o seu último suspiro com insultos. Mas parece que as maiores mortificações do corpo e as repreensões mais humilhantes da Providência de Deus não mortificarão, por si mesmas, as corrupções da alma, nem conterão as iniqüidades dos perversos, sem a graça de Deus.

Bem, desse modo, tendo o nosso Senhor Jesus tomado para si o encargo de satisfazer a justiça divina pelo mal que o pecado fez no tocante à honra de Deus, Ele o fez sofrendo em sua honra. E Ele o fez não apenas negando a si mesmo o que lhe era devido por ser o Filho de Deus, mas se submetendo à pior indignidade que poderia ser feita ao pior dos homens; porque Ele foi feito pecado por nós. Ele se tornou, assim, uma maldição por nós, para que possamos suportar com mais facilidade as situações mais difíceis, como, por exemplo, se formos acusados injustamente de todo tipo de iniqüidade, por amor à justiça.

III Temos aqui o olhar de censura e reprovação do céu, sob o qual estava o nosso Senhor Jesus em meio a todos esses insultos e indignidades dos homens. Com relação a esse, observe:

1. Como isso foi expresso por um extraordinário eclipse do sol, que se estendeu por três horas (v. 45). Houve trevas *epi pasan ten gen – sobre toda a terra*; assim entende a maioria dos intérpretes, embora haja uma tradução que o limite àquela terra. Alguns povos da Antigüidade recorrem aos anais nacionais relativos a esse eclipse extraordinário na hora da morte de Cristo, como algo bem conhecido e que serviu de aviso àquelas partes do mundo sobre algo extraordinário que estava ocorrendo; como aconteceu com o sol ao retroceder na época de Ezequias. Dizem que Dionísio, em Heliópolis, no Egito, observou essa escuridão e disse: *Aut Deus naturae patitur, aut mundi machina dissolvitur – Ou o Deus da natureza está sofrendo, ou a máquina do mundo está se despedaçando.* Uma luz extraordinária deu a conhecer o nascimento de Cristo (cap. 2.2), e por isso era adequado que uma escuridão extraordinária avisasse sobre a sua morte, pois Ele é a Luz do mundo. As afrontas cometidas contra o nosso Senhor Jesus deixaram os céus atônitos e terrivelmente abalados, e alguns pensam que houve ali alguma confusão; o

sol nunca tinha visto tamanha maldade como essa, e se retirou para não vê-la. Essa escuridão surpreendente e assombrosa foi planejada para fechar a boca daqueles blasfemos que estavam insultando a Cristo enquanto Ele estava pendurado na cruz; e devia parecer que, naquele momento, lançou sobre eles tamanho medo que, embora seus corações não fossem mudados, ainda assim eles se calaram e ficaram em dúvida sobre o que aquilo poderia significar, até que três horas depois as trevas se dissiparam e então (como entendemos pelo v. 47), como o Faraó quando a praga se extinguiu, novamente endureceram os seus corações. Mas o que era realmente pretendido nessa escuridão: (1) O presente conflito de Cristo com as potestades das trevas. Então, o príncipe deste mundo e suas forças, os senhores das trevas deste mundo, seriam expulsos, destruídos e derrotados; e para tornar a vitória de Cristo ainda mais gloriosa, Ele os combate no próprio território deles. O Senhor lhes dá todas as vantagens que poderiam ter contra Ele através dessa escuridão, permite que tomem o vento e o sol, e mesmo assim os confunde e se torna mais que vencedor. (2) Sua presente necessidade de consolos celestiais. Essa escuridão representava aquela nuvem escura sob a qual estava agora a alma humana de nosso Senhor Jesus. Deus faz o seu sol brilhar sobre o justo e o injusto; mas até mesmo a luz do sol foi negada ao nosso Salvador quando Ele se fez pecado por nós. É agradável para os olhos contemplar o sol; mas, como agora a sua alma estava extremamente triste, e o cálice do divino desagrado fora enchido para Ele sem qualquer mistura, até a luz do sol fora afastada. Quando a terra lhe negou um gole de água fresca, o céu lhe negou um raio de luz; tendo que nos libertar das trevas absolutas, Ele próprio, na profundidade de seus sofrimentos, caminha nas trevas e não tem luz (Is 50.10). Durante as três horas pelas quais essa escuridão se estendeu, não se diz que Ele tenha pronunciado qualquer palavra; mas passado esse período, em um silencioso isolamento em sua própria alma, que estava agora em agonia, Jesus lutou com as potestades das trevas e absorveu as sensações da desaprovação de seu Pai, não contra Ele próprio, mas contra o pecado do homem, pelo qual Ele fazia, agora, de sua alma, uma oferta. Nunca houve um período de três horas assim, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra. Nunca houve um cenário tão sombrio e terrível; a crise da importante questão da redenção e da salvação do homem.

2. Como ele se queixou disso (v. 46). Por volta da hora nona, quando começou a clarear, após um longo e silencioso conflito, Jesus gritou: “Eli, Eli, lemá sabactâni”? As palavras estão relatadas na língua aramaica, na qual foram pronunciadas, porque são dignas de atenção redobrada e visam o significado perverso que os seus inimigos colocaram sobre elas, ao substituírem Eli por Elias. Nesse momento, observe aqui:

(1) De onde o Senhor Jesus tomou as suas palavras de dor: do Salmo 22.1. Não é provável (como pensaram alguns) que Ele tenha repetido o salmo inteiro; mesmo assim, o Senhor Jesus aqui insinuou que o Salmo inteiro se aplicava a Ele, e que Davi, em espírito, falava ali da sua humilhação e exaltação. Parece que o Senhor também buscou, nos Salmos, a frase: “Em tuas mãos entrego o meu espírito”, embora Ele pudesse ter se expressado em suas próprias palavras. Assim, Ele nos ensina como a Palavra de Deus é útil para nos direcionar em oração, e para nos recomendar o uso de expressões das Escrituras em nossas orações, o que nos ajudará em nossas fraquezas.

(2) Como o Senhor exprimiu isso em voz alta; o que evidencia a sua dor e angústia extremas, a força da natureza remanescente nele e a grande dedicação de seu espírito nessa prova. Agora as Escrituras estavam cumpridas (Jl 3.15,16). “O sol e a lua se escurecerão. E o Senhor bramará de Sião, e dará a sua voz de Jerusalém”. Davi freqüentemente fala de clamar em voz alta em oração (Sl 55.17).

(3) Qual foi a queixa. “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Uma estranha queixa, vinda dos lábios de nosso Senhor Jesus, que, temos certeza, era o Eleito de Deus, em quem a sua alma se comprazia (Is 42.1), e aquele de quem Ele sempre se agradava. O Pai, como sempre, o amava. E, além disso, Jesus sabia que havia uma razão pela qual o Pai o amava, porque Ele sacrificou a sua vida pelas ovelhas. E o que dizer desse momento em que Jesus se sentia abandonado por Deus Pai em meio aos seus sofrimentos! Certamente, a tristeza nunca foi como essa, que arrancou uma queixa desse tipo daquele que, sendo perfeitamente livre do pecado, nunca poderia ser um terror para si mesmo; mas o coração conhece a sua própria amargura. Não é de admirar que uma queixa como essa fizesse a terra tremer e as pedras se fenderem; pois ela bastaria para fazer com que as duas orelhas de todos aqueles que a ouvissem estremecessem, e deve-se falar dela com grande reverência.

Considere: [1] Que o nosso Senhor Jesus foi, em seus sofrimentos, por algum tempo, abandonado por Deus Pai. Ele mesmo disse isso, e temos a certeza de que falava de sua própria condição. Não que a união entre as naturezas divina e humana estivesse enfraquecida ou abalada, o mínimo que fosse. Não, mas Ele estava, agora, pelo Espírito eterno, oferecendo a si mesmo: não como se houvesse qualquer redução do amor de seu Pai por Ele, ou do seu amor por seu Pai. Temos a certeza de que não havia em sua mente qualquer repugnância a Deus Pai ou qualquer falta de esperança de seu auxílio, nem qualquer tormento do inferno. Mas seu Pai o abandonou; ou seja, em primeiro lugar, Ele o entregou nas mãos de seus inimigos e não veio livrá-lo das mãos deles. O Pai permitiu que as forças das trevas lutassem contra o Senhor Jesus, e que fizessem o pior que podiam, algo pior do que aquilo que fizeram contra Jó. Aqui foi cumprida essa Escritura (Jó 16.11): “Deus me entregou nas mãos dos perversos”. Nenhum anjo é enviado do céu para libertá-lo, e nenhum amigo se levanta por Ele. Em segundo lugar, Deus Pai retirou de Jesus o sentimento confortador da alegria que sentia em relação a Ele. Quando a sua alma ficou perturbada pela primeira vez, Ele teve uma voz do céu para consolá-lo (Jo 12.27,28); quando estava em agonia no jardim, ali apareceu um anjo do céu fortalecendo-o; mas agora o Senhor Jesus não tinha nem um nem outro. Deus Pai escondeu a sua face dele, e por um momento retirou a sua vara e o seu cajado em meio ao vale da sombra da morte. Deus o abandonou, não como abandonou a Saul, deixando-o em um desespero interminável, mas da mesma maneira como às vezes abandonou a Davi, entregando-o a um desânimo ocasional. Em terceiro lugar, Deus Pai permitiu que a alma do Senhor Jesus sentisse a aflição de sua ira contra o homem por causa do pecado. Cristo foi feito pecado por nós, uma Maldição por nós; e, por essa razão, embora Deus o amasse como Filho, Ele o olhou com um semblante sério, como um Fiador. O Senhor Jesus aceitou esses sentimentos de bom grado, e abriu mão de resistir a eles – algo que Ele poderia ter feito. Mas Ele suportou essa parte de sua tarefa, assim como havia feito com todas as outras, mesmo tendo o poder de evitá-la.

[2] Que o abandono de Cristo por seu Pai era o mais doloroso de seus sofrimentos, do qual Ele mais se queixou. Aqui Ele colocou as mais lúgubres entonações de voz. Ele não disse: “Por que estou sendo torturado? E por que sou tratado com desprezo? E por que fui pregado na cruz?” Nem

disse a seus discípulos, quando viraram suas costas para Ele: “Por que me abandonastes?” Mas, quando o seu Pai se distanciou, Ele clamou dessa maneira; pois isto acrescentava amargura à sua aflição e à sua angústia. Isto levou as águas até à alma (Sl 69.1-3).

[3] Que o nosso Senhor Jesus, mesmo quando abandonado dessa maneira pelo seu Pai, o manteve como o seu Deus, apesar disso: “Deus meu, Deus meu; mesmo me desamparando, tu ainda és o meu Pai”. Cristo era o Servo de Deus que estava levando adiante a obra da redenção. Ele deveria satisfazer a justiça do Pai, e através dessa obra Ele seria glorificado e coroado. Por essa razão, Ele chama a Deus Pai de seu Deus; pois estava agora fazendo a vontade dele. Veja Is 49.5-9. Isso o sustentava e o mantinha, de forma que, mesmo na profundidade de seus sofrimentos, Deus era o seu Deus, e assim Ele decide se apegar a essa poderosa verdade.

(4) Veja como os seus inimigos impiedosamente caçoaram e ridicularizaram essa queixa (v. 47). Eles disseram: “Este homem chama por Elias”. Alguns acham que isso foi um engano decorrente do desconhecimento dos soldados romanos, que tinham ouvido falar de Elias e da expectativa dos judeus pela vinda dele, mas desconheciam o significado da expressão “Eli, Eli,” e por isso fizeram esse comentário impensado a respeito dessas palavras de Cristo, talvez não ouvindo a última parte do que Ele dissera devido ao barulho que o povo estava fazendo. Note que muitas das reprovações lançadas sobre a Palavra de Deus e o povo de Deus se originam de enganos grosseiros. As verdades divinas são muitas vezes corrompidas pela ignorância das pessoas em relação à linguagem e ao estilo das Escrituras. Aqueles que ouvem pela metade distorcem aquilo que ouvem. Mas outros pensam que esse era um engano deliberado de alguns dos judeus, que sabiam muito bem o que Ele dissera, mas estavam dispostos a maltratá-lo e divertirem tanto a si mesmos como aos seus companheiros, e apresentá-lo de forma inapropriada como alguém que, sendo abandonado por Deus, é levado a confiar em seres humanos. Talvez estivessem insinuando, desse modo, que aquele que tinha fingido ser o Messias estaria agora satisfeito por estar subordinado a Elias, que se considerava apenas como um anunciador e precursor do Messias. Note que não é novidade que as devoções mais pias dos melhores homens sejam ridicularizadas e distorcidas por escarnecedores profanos; também não devemos considerar estranho que, por várias vezes, aquilo que é bem colocado na oração e na

pregação seja mal-interpretado e utilizado contra nós. Essa mesma distorção aconteceu com as palavras de Cristo, embora jamais alguém tenha falado como Ele.

IV O frio consolo que os seus inimigos lhe forneceram em sua agonia, uma atitude semelhante à de todos os demais.

1. Alguns lhe deram vinagre para beber (v. 48); em vez de água refrescante, para restaurá-lo e renová-lo sob esse pesado ônus, eles o atormentavam com o que não somente aumentava a acusação com que eles o oprimiam, mas representava, também de maneira perceptível, aquele cálice de estremecimento que o seu Pai havia colocado em suas mãos. Um deles correu para buscá-lo, parecendo obsequioso para com Ele, mas, na verdade, estava feliz por ter uma oportunidade de maltratá-lo e afrontá-lo, sentindo-se temeroso de que talvez alguém quisesse arrancá-lo de suas mãos.

2. Outros, com o mesmo propósito de maltratá-lo e abusar dele, comentaram que Ele recorria a Elias (v. 49): "'Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo'. Vem, deixemo-lo a sós, pois a sua situação é desesperadora. Nem o céu nem a terra podem ajudá-lo; não façamos nada, não apressemos nem retardemos a sua morte; Ele apelou a Elias, deixemos que seja socorrido por ele".

A Morte de Cristo

vv. 50-56

Temos aqui, em detalhes, um relato da morte de Cristo e várias passagens memoráveis em relação ao evento.

I A maneira como Ele deu o seu último suspiro (v. 50). Entre a terceira e a sexta hora, ou seja, entre as nove da manhã e o meio-dia, conforme a nossa contagem do tempo, Ele foi pregado na cruz, e logo depois da hora nona, ou seja, entre as três e as quatro da tarde, Ele morreu. Esta era a hora da oferta do sacrifício da tarde, e a hora em que o cordeiro da páscoa era morto. Cristo, a nossa Páscoa, foi sacrificado por nós e ofereceu a si mesmo no entardecer do mundo como um sacrifício a Deus, sacrifício que tinha um

cheiro bom. Foi a essa hora do dia que o anjo Gabriel comunicou a Daniel aquela gloriosa profecia a respeito do Messias (Dn 9.21,24ss.). E alguns pensam que, desde aquele exato momento em que o anjo o pronunciou até esse momento em que Cristo morreu, se passaram apenas setenta semanas, quer dizer, quatrocentos e noventa anos, até esse dia, até essa hora; assim como a partida de Israel do Egito ocorreu ao final de quatrocentos e trinta anos, naquele mesmo dia (Êx 12.41).

Duas coisas são registradas aqui quanto ao modo como Cristo morreu.

1. Que Ele gritou em voz alta, como antes (v. 46). Mas:

(1) Isso era um sinal, após todas as suas dores e cansaço, de que a sua vida era uma vida sadia, e a sua disposição era forte. A voz de homens moribundos é uma das primeiras coisas a falhar; com uma respiração ofegante e uma língua vacilante, algumas poucas palavras sem sentido são ditas com dificuldade, e mais dificilmente ouvidas. Mas Cristo, pouco antes de morrer, falou como um homem no vigor de suas forças, para mostrar que a sua vida não lhe fora arrancada, mas fora por Ele entregue, voluntariamente, nas mãos de seu Pai, como seu próprio ato e vontade. Aquele que tinha força para gritar dessa forma enquanto morria, podia ter se libertado da prisão sob a qual estava, e ter desafiado as forças da morte; mas, para mostrar que pelo Espírito Eterno Ele estava se oferecendo, sendo o Sacerdote e o Sacrifício, Ele gritou em voz alta.

(2) Essa passagem foi significativa. Essa voz alta mostra que Ele atacou os nossos inimigos espirituais com uma coragem desprovida de qualquer temor. Tal coragem e determinação revelam-no como sincero em sua causa, e ousado na batalha. Ele estava agora despojando os principados e as potestades, e com essa voz alta estava manifestando a sua autoridade, como alguém que é poderoso para salvar (Is 63.1). Compare essa passagem com Isaías 52.13,14. Ele agora se curvou com todo o seu poder, como fez Sansão, quando disse: “Morra eu com os filisteus” (Jz 16.30). *Animamque in vulnere ponit – E renuncia à sua vida.* O seu chamado em voz alta, quando morreu, anunciava que a sua morte devia ser propagada e proclamada ao mundo todo; a sua morte diz respeito a toda a humanidade, e assim cada ser humano tem que prestar atenção a ela. O clamor de Cristo era como o toque da trombeta sobre os sacrifícios.

2. Que Ele então entregou o espírito. Esta é a perífrase comum para morrer; para mostrar que o Filho de Deus, sobre a cruz, morreu verdadeira e

corretamente pela violência da dor a que foi submetido. A sua alma foi separada de seu corpo, e assim o seu corpo esteve ali verdadeira e realmente morto. Era correto que Ele, de fato, morresse, pois este era um requisito da obra da salvação; assim estava escrito, tanto nas cartas fechadas dos conselhos divinos como nas cartas abertas das profecias divinas; e, por essa razão, Ele deveria sofrer e morrer. Sendo a morte o castigo pela quebra do primeiro Testamento (Certamente morrerás), o Mediador do Novo Testamento deve fazer a expiação das transgressões através da morte, pois de outra maneira não há remissão (Hb 9.15). Ele havia se encarregado de tornar a sua alma uma oferta pelo pecado; e Ele o fez, quando rendeu o espírito e voluntariamente o entregou.

II Os milagres que acompanharam a sua morte. Considerando que o Senhor Jesus Cristo realizou tantos milagres durante a sua vida, poderíamos esperar a realização de alguns milagres relativos a Ele em sua morte, pois foi registrado que o seu Nome seria Maravilhoso. Se Ele tivesse sido levado, como Elias, em uma carruagem de fogo, isso já teria sido, por si só, um milagre suficiente; mas ser levado da terra através de uma cruz infame era essencial para que a sua humilhação fosse acompanhada da emanação de sinais da glória divina.

1. “E eis que o véu do templo se rasgou em dois”. Essa relação deve ter sido observada com admiração: “Vire-se para o lado e veja esse maravilhoso sinal, e fique maravilhado com ele”. Exatamente quando o nosso Senhor Jesus morria, na hora do sacrifício da tarde, e em um dia solene, quando os sacerdotes estavam oficiando no Templo e podiam ser testemunhas oculares desse milagre, o véu do Templo foi rasgado por uma força invisível; aquele véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo. Eles o haviam condenado por dizer: “Eu derribarei este templo”, interpretando as suas palavras de forma literal; agora, através dessa amostra do seu poder, Ele os fez saber que, se desejasse, poderia ter confirmado o pensamento deles, destruindo o templo de forma literal. Neste, como nos outros milagres de Cristo, havia um mistério.

(1) Havia uma correspondência com o templo do corpo de Cristo, que agora se desintegrava. Esse era o templo verdadeiro, no qual habitava a plenitude de Deus; quando Cristo clamou em voz alta, e entregou o espírito, e assim dissolveu aquele templo, o templo literal fez como um eco àquele

grito e respondeu ao golpe ao rasgar o seu véu. Note que a morte é o evento pelo qual o véu da carne é rasgado; esse é o véu que se interpõe entre nós e o Santo dos Santos. A morte de Cristo foi assim, e a morte dos verdadeiros cristãos também é assim.

(2) Ele revelava e esclarecia os mistérios do Antigo Testamento. O véu do Templo servia para encobrir – como aquele que estava sobre o rosto de Moisés –, e por isso era considerado uma cobertura. Pois qualquer pessoa que visse a mobília do Santo dos Santos sofreria uma grande punição, exceto o sumo sacerdote, e apenas uma vez por ano, com grande cerimônia e através de uma nuvem de fumaça. Isso representava a escuridão dessa dispensação (2 Co 3.13). Mas agora, através da morte de Cristo, tudo foi exposto, e os mistérios foram revelados, de forma que até mesmo aquele que passar correndo poderá interpretar o significado deles. Agora vemos que o propiciatório anunciava Cristo, a grande Propiciação; o pote de maná tipificava Cristo, o Pão da vida. Assim, todos nós, com o rosto descoberto, contemplamos, como em um espelho (o que ajuda a visão, enquanto o véu a prejudica), a glória do Senhor. Os nossos olhos vêem a salvação.

(3) Ele anunciava a união do judeu com o gentio, pela remoção da parede divisória entre eles, representada pela lei cerimonial, pela qual os judeus eram diferenciados de todos os outros povos (como um jardim fechado), trazidos para perto de Deus, enquanto os outros eram mantidos à distância. Cristo, em sua morte, repelia a lei cerimonial, cancelava aquele manuscrito de leis, tirava-o do caminho, pregava-o na cruz, e destruiu assim aquele muro de separação; e, ao abolir essas instituições, eliminou a hostilidade e fez, em si, de dois um único novo homem (assim como dois quartos se transformam em um, e este se torna grande e luminoso ao se derrubar a divisória), dessa forma fazendo a paz (Ef 2.14-16). Cristo morreu para despedaçar todos os véus que separam, e para fazer de todos os povos um só povo em si mesmo (Jo 17.21).

(4) Ele indicava a consagração e demonstração de um novo e vigoroso caminho para Deus. O véu impedia as pessoas de chegarem perto do lugar santíssimo, onde estava a *Shequiná*. Mas o véu rasgado indicava que Cristo, através da sua morte, abriu um caminho para Deus: [1] Para si mesmo. Esse era o grande dia de expiação, quando nosso Senhor Jesus, como o grande Sumo Sacerdote, não pelo sangue de bodes e bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no lugar santíssimo; o véu rasgado

simboliza isso (Hb 9.7ss.). Tendo oferecido o seu sacrifício no tabernáculo externo, o sangue desse devia, agora, ser aspergido sobre o propiciatório que estava dentro do recinto que era separado pelo véu. Portanto: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória”; o Sacerdote da glória. “E o farei aproximar, e ele se chegará a mim” (Jr 30.21). Embora o Senhor Jesus não ascendesse ao lugar santíssimo pessoalmente até quarenta dias mais tarde, ainda assim Ele conquistou imediatamente o direito de entrar, e já tinha uma admissão virtual. [2] Para nós nele: é dessa forma que o apóstolo o emprega (Hb 9.19,20). Nós temos ousadia de entrar no lugar santíssimo, através do novo e vigoroso caminho que Ele consagrou para nós, pelo véu. Ele morreu para nos levar a Deus e, assim, rasgou o véu da culpa e da ira que se interpunha entre nós e Ele, removeu os querubins e a espada inflamada, e abriu o caminho para a árvore da vida. Nós temos agora livre acesso, através de Cristo, ao trono da graça, ou ao trono de Deus, e no futuro teremos acesso ao trono da glória (Hb 4.16; 6.20). Rasgar o véu indicava (como expressa esplendidamente o antigo hino) que, quando Cristo tivesse derrotado a dureza da morte, Ele abriria o Reino dos céus para todos os crentes. Nada pode obstruir ou impedir o nosso acesso ao céu, pois o véu está rasgado; uma porta nos foi aberta no céu (Ap 4.1).

2. A terra de fato estremeceu; não apenas o monte Calvário, onde Cristo foi crucificado, mas a terra toda e os países vizinhos. Esse terremoto indicava duas coisas.

(1) A terrível maldade daqueles que crucificaram a Cristo. A terra, ao tremer sob tal angústia, dava o seu testemunho da inocência daquele que foi perseguido, e contra a impiedade daqueles que o perseguiram. A criação, como um todo, jamais havia gemido sob um fardo tão pesado quanto o da crucificação do Filho de Deus. E os miseráveis culpados que o crucificaram também sentiram esse peso. A terra tremeu, como se temesse abrir a sua boca para receber o sangue de Cristo, que era muito mais precioso do que o sangue de Abel, que ela havia recebido e pelo qual foi amaldiçoada (Gn 4.11,12). Ao mesmo tempo, a terra parecia estar ansiosa para abrir a sua boca e engolir aqueles revoltosos que haviam levado o Senhor à morte, assim como havia engolido a Datã e Abirão por um crime muito menor. Quando o profeta quis expressar o grande aborrecimento de Deus pela iniqüidade dos iníquos, ele perguntou: “Por causa disso, não se comoverá a

terra?” (Am 8.8).

(2) As gloriosas realizações da cruz de Cristo. Esse terremoto indicava o poderoso choque, mas também o golpe fatal, que agora fora desferido contra o reino de Satanás. Tão vigoroso era o ataque que Cristo desferia sobre as potestades do inferno, que (como na antigüidade, quando saiu de Seir, quando marchou pelo campo de Edom) a terra tremeu (Jz 5.4; Sl 68.7,8). Deus fará tremer todas as nações, quando o Desejado de todas as nações vier. Ainda haverá uma ocasião em que todas as coisas serão abaladas, e entendemos que ela está ligada a esse evento (Ag 2.6,21).

3. As rochas se partiram. A parte mais dura e firme da terra sentiu esse choque poderoso. Cristo havia dito que, se as crianças parassem de gritar “Hosana”, as pedras gritariam imediatamente; e agora, de fato, elas o fizeram, proclamando a glória do Jesus sofredor, e se mostraram sensíveis ao mal que lhe fora feito, sim, mais sensíveis do que os judeus de coração endurecido, que também, em breve, ficariam contentes ao encontrar uma abertura em alguma rocha e uma rachadura nas rochas ásperas, para se esconderem do rosto daquele que está assentado sobre o trono. Veja Ap 6.16; Is 2.21. Mas, quando a ira de Deus se derramar como um fogo, as rochas serão por Ele derribadas (Na 1.6). Jesus Cristo é a Rocha; e a quebra daquelas rochas indicava a quebra dessa rocha: (1) Para que, em suas fendas, pudéssemos nos esconder, como Moisés na fenda da rocha em Horebe, para que ali possamos contemplar a glória do Senhor, como ele o fez (Êx 33.22). A pomba de Cristo está oculta nas fendas das penhas (Ct 2.14), ou seja, como aludem alguns, abrigada nas feridas de nosso Senhor Jesus, a Rocha fendida. (2) Para que, de suas fendas, rios da água da vida possam fluir e nos acompanhar no deserto, como ocorreu com a rocha que Moisés feriu (Êx 17.6) e que Deus fendeu (Sl 78.15); e aquela rocha era Cristo (1 Co 10.4). Quando celebramos o memorial da morte de Cristo, nossos corações duros e insensíveis é que devem ser fendidos, e não as nossas vestes. Aquele coração que não se rende à apresentação do Cristo crucificado, nem se derrete em sua presença, é evidentemente mais duro que uma rocha.

4. Os sepulcros se abriram. Esse assunto não foi relatado de forma tão completa como desejaria a nossa curiosidade; pois as Escrituras não pretendiam satisfazê-la; aparentemente, o mesmo terremoto que fendeu as rochas abriu os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam

ressuscitaram. A morte para os santos não é mais do que um descanso do corpo, e o sepulcro é a cama em que dormem. Eles se levantaram pelo poder do Senhor Jesus (v. 53), saíram dos túmulos após a ressurreição dele, e foram para Jerusalém, a cidade santa, e apareceram a muitos. Então, aqui:

(1) Podemos levantar muitas interrogações relativas a isso, as quais não podemos responder, como, por exemplo: [1] Quem eram esses santos que, de fato, ressuscitaram. Alguns pensam que eram os antigos patriarcas, que tiveram o cuidado de pedir para serem sepultados na terra de Canaã, talvez na convicção do benefício dessa ressurreição precoce. Cristo havia recentemente demonstrado a doutrina da ressurreição através do exemplo dos patriarcas (cap. 22.32), e aqui estava uma rápida confirmação de seu argumento. Outros pensam que aqueles que ressuscitaram eram santos que viveram naquela época, em que o Senhor Jesus Cristo viveu em carne, mas que morreram antes dele; como seu pai José, Zacarias, Simeão, João Batista e outros, que eram conhecidos dos discípulos, enquanto viviam, e eram, dessa forma, adequados para servir como testemunhos para eles, em uma aparição posterior. E se supusermos que eles eram os mártires, que, na época do Antigo Testamento, haviam selado as verdades de Deus com o seu sangue, e que foram assim exaltados e reconhecidos? Cristo particularmente os apontou como os seus antecessores (cap. 23.35). Também encontramos (Ap 20.4,5) que aqueles que foram degolados pelo testemunho que deram a respeito de Jesus ressuscitaram antes do restante dos mortos. Aqueles que sofrem com Cristo reinarão primeiro com Ele. [2] Não se sabe ao certo se (como pensam alguns) eles ressuscitaram por ocasião da morte de Cristo e permaneceram em algum lugar, só entrando na cidade depois da ressurreição dele. Ou se (como pensam outros), embora seus sepulcros (que os fariseus haviam construído e adornado, cap. 23.29, e que assim se tornaram notáveis) tenham sido agora destruídos pelo terremoto (pois Deus jamais considera o apreço hipócrita), ainda assim eles não reviveram nem se levantaram até após a ressurreição do Senhor. Parece mais provável que os detalhes sejam mencionados aqui para que o relato seja mais conciso. [3] Alguns pensam que eles ressuscitaram apenas para dar testemunho da ressurreição de Cristo para aqueles a quem apareceram e, terminado o seu testemunho, retiraram-se, novamente, para os seus sepulcros. Mas é mais apropriado à glória deles e de Cristo supor, embora não possamos prová-lo, que eles ressuscitaram como Cristo, para nunca mais morrer, e assim

ascenderam à glória com Ele. O que sabemos com certeza a respeito deles é que a segunda morte não tem poder sobre aqueles que participam da primeira ressurreição. [4] A quem eles apareceram (não para todas as pessoas, mas para muitos), se inimigos ou amigos, de que maneira apareceram, quantas vezes, o que disseram e fizeram, e como desapareceram, são segredos que não nos pertencem; não devemos desejar saber mais do que aquilo que foi escrito. O relato tão breve desse assunto é uma clara indicação, para nós, de que não devemos olhar nessa direção em busca de uma confirmação da nossa fé; temos uma profecia mais detalhada e precisa. Veja Lc 16.31.

(2) Ainda assim, podemos tirar boas lições desse episódio. [1] Que mesmo aqueles que viveram e morreram antes da morte e da ressurreição de Cristo, obtiveram o benefício da redenção através delas, assim como aqueles que viveram depois; pois Ele é o mesmo ontem, hoje, e eternamente (Hb 13.8). [2] Que Jesus, ao morrer, venceu, desarmou e neutralizou a morte. Aqueles santos que ressuscitaram eram verdadeiros troféus da vitória da cruz de Cristo sobre os poderes da morte, que Ele, dessa maneira, expôs publicamente. Tendo, através da morte, destruído aquele que tinha o poder da morte, Jesus, desse modo, levou cativo o cativeiro e foi glorificado nesses cativos retomados, cumprindo neles as Escrituras: “E os resgatarei da morte” (Os 13.14). [3] Que, em virtude da ressurreição de Cristo, os corpos de todos os santos, na plenitude dos tempos, ressuscitarão novamente. Esta era uma garantia da ressurreição universal no último dia, quando todos aqueles que estiverem em sepulturas ouvirão a voz do Filho de Deus. E, talvez, Jerusalém seja por isso chamada aqui de cidade santa, porque os santos, na ressurreição universal, entrarão na nova Jerusalém; esta será, na verdade, aquilo que a Jerusalém terrena era apenas no nome e no simbolismo, a cidade santa (Ap 21.2). [4] Que todos os santos, pela influência da morte de Cristo, e de conformidade com ela, em verdade ressuscitarão da morte do pecado para uma vida de justiça. Eles serão ressuscitados com Ele para uma vida divina e espiritual; eles entrarão na cidade santa, tornando-se seus cidadãos, e habitarão nela. Por essa razão, muitos os consideram como pessoas que não são deste mundo.

III O convencimento de seus inimigos que foram utilizados na execução (v. 54), o que alguns consideram mais um milagre, quando todas as coisas

são analisadas em conjunto. Observe:

1. As pessoas persuadidas; o centurião e aqueles que estavam com ele, vigiando Jesus; um capitão e sua companhia, que estavam de guarda naquela ocasião. (1) Eles eram soldados, uma profissão que comumente endurece as pessoas, e cujos sentimentos não são comumente tão susceptíveis, como outros, às sensações de medo ou piedade. Mas não há espírito tão grande, tão seguro de si, que o poder de Cristo não consiga quebrantar e humilhar. (2) Eles eram romanos, gentios que não conheciam as Escrituras que eram agora cumpridas; ainda assim, parece que só eles ficaram convencidos. Um triste presságio da cegueira que acometeria Israel, quando o Evangelho fosse enviado aos gentios para abrir os seus olhos. Aqui estavam os gentios comovidos, e os judeus, insensíveis. (3) Eles eram os perseguidores de Cristo e aqueles que tinham acabado de insultá-lo, como entendemos a partir de Lucas 23.36. Quando conseguirá Deus, pelo poder que tem sobre as consciências dos homens, modificar o linguajar deles e obter o reconhecimento das suas verdades, para a sua própria glória, da boca daqueles que sussurraram nada além de ameaças, humilhações e blasfêmias!

2. Os meios de seu convencimento; eles perceberam o terremoto, que os assustou, e viram as outras coisas que aconteceram. Estas eram destinadas a reafirmar a glória de Cristo em seus sofrimentos, e tinham como alvo esses soldados, independentemente do impacto que fosse gerado nos outros. Observe que as terríveis manifestações de Deus em sua providência, às vezes, funcionam de forma estranha na persuasão e no despertamento dos pecadores.

3. A expressão desse convencimento em dois aspectos.

(1) O terror que caiu sobre eles; eles temeram grandemente; temeram que talvez fossem enterrados na escuridão ou engolidos no terremoto. Note que Deus pode facilmente afugentar os seus adversários mais ousados, e fazê-los saber que não passam de homens. A culpa coloca medo nos homens. Há aquele que, quando a iniqüidade está presente em abundância em sua vida, nunca tem medo; mas, quando os julgamentos ocorrem em profusão, ele teme, não com cautela, mas apenas com enorme espanto; enquanto há aqueles que não temerão, ainda que a terra se mude (Sl 46.1,2).

(2) O testemunho que foi arrancado deles. Eles disseram: “Verdadeiramente, este era o Filho de Deus”; uma nobre confissão. Pedro

foi abençoado por isso (cap. 16.16,17). Aquela era a questão em discussão, o ponto sobre o qual o Senhor e os seus inimigos haviam entrado em disputa (cap. 26.63,64). Os seus discípulos acreditavam nisso, mas, nesse momento, não se atreviam a admiti-lo; nosso Salvador foi tentado a questioná-lo, quando disse: “Por que me desamparaste?” Os judeus, agora que Ele estava morrendo sobre a cruz, consideravam que estava claramente demonstrado que Ele não era o Filho de Deus, porque não desceu da cruz. Mesmo assim, nesse momento, aquele centurião e os soldados fazem essa confissão de fé cristã: “Verdadeiramente, este era o Filho de Deus”. O melhor de seus discípulos não poderia ter dito algo melhor em qualquer tempo; e, naquela hora, eles não tinham fé nem coragem suficientes para dizer tudo isso. Note que Deus pode preservar e reafirmar a glória de uma verdade quando ela parecer estar aniquilada e em uma situação precária; pois a verdade é magnífica, e prevalecerá.

IV A presença de seus amigos, que foram testemunhas de sua morte (vv. 55,56). Observe:

1. Quem eles eram; muitas dessas pessoas eram mulheres que o seguiram desde a Galiléia. Não eram os seus apóstolos (somente em outra passagem encontramos João junto à cruz, João 19.26), seus corações os desapontaram, e eles não ousaram aparecer, por medo de sofrerem a mesma condenação. Mas aqui havia um grupo de mulheres. Alguns as chamaram de mulheres tolas, pois, com ousadia, apoiaram a Cristo, quando os seus discípulos o haviam abandonado de maneira vil. Note que os membros do sexo mais frágil são, muitas vezes, pela graça de Deus, fortes na fé, para que o poder de Cristo possa se aperfeiçoar na fraqueza. Existiram mulheres mártires que se tornaram famosas por sua coragem e resolução na causa de Cristo. Nessa circunstância, foi dito sobre essas mulheres: (1) Que elas haviam seguido a Jesus desde a Galiléia, por causa do grande amor que tinham por Ele, e do desejo de ouvi-lo pregar; normalmente, só os homens eram obrigados a comparecer na festa para adorar a Deus. Nesse momento, tendo-o seguido por uma jornada tão longa, desde a Galiléia até Jerusalém, o que significava cerca de 130 a 150 quilômetros, elas decidiram não abandoná-lo agora. Note que os nossos trabalhos e sofrimentos anteriores por Cristo devem ser um argumento a nosso favor, desde que seja fielmente mantido até o fim em nosso serviço a Ele. Será que o seguimos até tão longe, e por tanto tempo –

deixamos tantas coisas, temos feito muito e gastado muitos recursos por amor a Ele –, e o abandonaremos agora? (Gl 3.3,4). (2) Que elas o serviram oferecendo recursos de sua própria subsistência, para que o Senhor tivesse o sustento necessário. Quão alegremente elas o serviriam agora, se lhes fosse permitido! Mas, sendo isso proibido, elas decidiram seguí-lo. Note que, quando somos impedidos de fazer o que gostaríamos, devemos fazer o que pudermos, a serviço de Cristo. Agora, Jesus está no céu; e embora esteja longe do alcance de nossa ministração, Ele não está fora do alcance das nossas concepções e práticas de fé. (3) Algumas delas são particularmente citadas; pois Deus honrará aqueles que honrarem a Cristo. Elas se comportaram dessa mesma maneira quando as encontramos, muitas vezes, anteriormente, e foram dignas de elogios por terem se comportado dessa forma até o fim.

2. O que elas fizeram; elas ficaram observando de longe.

(1) Elas ficaram de longe. Não sabemos se o seu próprio medo ou a fúria de seus inimigos as mantinham distantes; de qualquer forma, os sofrimentos de Cristo eram agravados pelo fato de seus amigos e parentes se afastarem de sua chaga (Sl 38.11; Jó 19.13). Talvez elas pudessem chegar mais perto, se quisessem; mas as pessoas boas, quando estão sofrendo, não devem achar estranho se alguns de seus melhores amigos se afastarem delas. Quando Paulo correu um risco iminente, nenhum homem ficou junto a ele (2 Tm 4.16). Se formos olhados de forma estranha, lembremo-nos: o nosso Mestre passou por isso antes de nós.

(2) Elas estavam ali observando, demonstrando assim preocupação e carinho para com Cristo. E, quando foram impedidas de realizar qualquer outro ato de amor a Ele, olharam-no com amor. [1] Era um olhar de tristeza; elas olharam para Ele, agora traspassado, e se condoeram; e, sem dúvida, estavam amarguradas por causa dele. Podemos muito bem imaginar como cortava seus corações vê-lo nesse tormento; e que rios de lágrimas tudo isso arrancou dos olhos delas. Contemplemos com um olhar de fé a Cristo, e a Cristo crucificado, e nos comovamos por aquele grande amor com que Ele nos amou. Mas: [2] esse não era mais do que um olhar; elas o contemplaram, mas não podiam ajudá-lo. Note que, quando Cristo estava sofrendo, os seus melhores amigos nada mais foram do que espectadores e observadores. Na opinião do Sr. Norris, até mesmo os anjos ficaram tremendo ao seu lado. Pois o Senhor Jesus, sozinho, pisou o lagar, e

ninguém dentre os povos estava com Ele; assim o seu próprio braço trouxe a salvação.

O Sepultamento de Cristo

vv. 57-66

Temos aqui um relato do sepultamento de Cristo, bem como da maneira e das circunstâncias em que foi realizado, e é possível observar: 1. A gentileza e a boa vontade de seus amigos, que o colocaram no sepulcro. 2. A maldade e a má vontade de seus inimigos, que foram muito solícitos em mantê-lo ali.

I Seus amigos lhe proporcionaram um sepultamento decente. Observe:

1. De forma geral, que Jesus Cristo foi sepultado; quando a sua preciosa alma partiu para o paraíso, o seu corpo bendito foi depositado nas câmaras do sepulcro, para que correspondesse à tipificação de Jonas, e cumprisse a profecia de Isaías: “E puseram a sua sepultura com os ímpios”. Assim, Ele era como os seus irmãos, em todos os aspectos, exceto no que diz respeito ao pecado (pois Ele jamais pecou), e à questão do retorno ao pó. Ele foi sepultado para que a sua morte fosse ainda mais evidente, e a sua ressurreição fosse ainda mais notável. Pilatos não queria entregar o seu corpo para ser sepultado até que tivesse a plena certeza de que Ele estava realmente morto; enquanto as testemunhas não fossem sepultadas, haveria esperanças quanto a elas (Ap 11.8). Mas Cristo, a Grande Testemunha, está como alguém que é livre e que está entre os mortos, como a vítima de assassinato que descansa na sepultura. Ele foi sepultado, para que pudesse destruir o terror que o ser humano sente em relação ao sepulcro, tornando-o confortável para nós, e assim Ele aqueceu e perfumou para nós aquela cama fria e fétida, e também o fez para que possamos ser sepultados com Ele.

2. As circunstâncias peculiares de seu sepultamento são aqui relatadas.

(1) A hora em que foi sepultado: quando a tarde chegou; a mesma tarde em que Ele morreu, antes do pôr-do-sol, como é comum ao sepultar-se malfeitores. O seu sepultamento não foi postergado até o dia seguinte, pois era sábado; pois enterrar os mortos não é uma ocupação adequada para um dia de descanso ou para um dia de regozijo, como é o sábado.

(2) A pessoa que cuidou do funeral foi José de Arimatéia. Todos os apóstolos haviam fugido e nenhum apareceu para demonstrar respeito pelo seu Mestre, o que os discípulos de João mostraram por este, depois que foi decapitado, quando tomaram o seu corpo e o sepultaram (cap. 14.12). As mulheres que o seguiram não ousaram entrar no sepulcro; então Deus encorajou esse bom homem a fazê-lo; pois Deus encontrará as pessoas certas para cada trabalho que deve ser feito. José era um homem adequado, pois: [1] Ele possuía recursos para fazê-lo, por ser um homem rico. Muitos dos discípulos de Deus eram homens pobres e, dessa forma, estavam mais adaptados a sair pelo país para pregar o Evangelho; mas aqui estava um homem rico pronto para ser empregado em uma tarefa que requeria um homem de posses. Note que a riqueza terrena, embora seja para muitos um obstáculo no caminho da fé, em algumas tarefas na obra de Cristo é uma vantagem e uma oportunidade. E aqueles que a possuem devem ser misericordiosos, utilizando-a para a glória de Deus. [2] José de Arimatéia era muito ligado ao nosso Senhor Jesus, era seu discípulo, e cria nele, embora não o declarasse abertamente. Note que Cristo tem mais discípulos secretos do que sabemos; o Senhor tinha sete mil em Israel (Rm 11.4).

(3) A doação do cadáver conseguida junto a Pilatos (v. 58). José foi até Pilatos, a pessoa a quem era necessário recorrer nesse caso, pois dispunha do corpo; pois, nas coisas que dizem respeito ao poder do magistrado, deve-se manter a devida consideração a esse poder, e nada deve ser feito para desrespeitá-lo. Tudo aquilo que fizermos de bom deverá ser feito pacificamente, e não com tumulto. Pilatos queria entregar o corpo a alguém que o sepultasse de um modo decente. Ele desejava fazer algo que pudesse expiar a culpa de que a sua consciência o acusava, por condenar um inocente. No pedido de José, e na pronta entrega do corpo por Pilatos, uma grande honra foi prestada a Cristo, e ali foi dado um testemunho de sua absoluta integridade.

(4) O envolvimento do corpo em sua mortalha (v. 59). Embora fosse um senador honrado, ele mesmo tirou o corpo, ao que parece com seus próprios braços, do infame e amaldiçoado madeiro (At 13.29); pois, onde há o verdadeiro amor a Cristo, nenhum trabalho será considerado muito baixo ou humilhante. Após apanhá-lo, José de Arimatéia o envolveu em um lençol fino e limpo; pois sepultar em linho era, na época, a prática de praxe, e José a seguiu. Note que devemos cuidar dos cadáveres dos homens justos, pois

há uma glória planejada para eles na ressurreição, e devemos dar testemunho de nossa crença nisso, sepultando os cadáveres de um modo que indique que há um lugar melhor como destino. Este simples ato humanitário, se feito com um propósito de fé, pode ser um exemplo cristão muito bem-vindo.

(5) A colocação do corpo no sepulcro (v. 60). Nesse ponto, não há nada da pompa e solenidade com que os grandes do mundo são levados ao túmulo e sepultados (Jó 21.32). Um funeral privado seria mais adequado àquele Rei cujo Reino chegou sem qualquer pompa.

[1] O Senhor Jesus foi enterrado em um sepulcro emprestado, no sepulcro de José; assim como Ele não teve um lugar que fosse seu, onde pudesse reclinar a sua cabeça enquanto vivia, também não teve o seu próprio sepulcro, em que pudesse descansar o seu corpo quando morresse, o que era uma amostra de sua pobreza material neste mundo. Até nisso pode haver algum tipo de mistério. A sepultura é a herança peculiar do pecador (Jó 24.19). Não há nada que podemos chamar de realmente nosso, a não ser os nossos pecados e os nossos sepulcros: “Eles tornam para sua terra” (Sl 146.4). Quando vamos para o túmulo, vamos para o lugar que é nosso; mas o nosso Senhor Jesus, que não tinha pecado, não tinha o seu túmulo. Ao morrer pelos pecados que lhe foram imputados, era adequado que Ele fosse sepultado em um túmulo emprestado; os judeus determinaram que Ele tivesse a sua sepultura com os ímpios, que fosse sepultado com os ladrões com quem fora crucificado; mas Deus Pai indeferiu esse tipo de plano, determinando que o Senhor Jesus tivesse um sepulcro rico (Is 53.9).

[2] Ele foi colocado em um sepulcro novo, o qual José, provavelmente, planejara para si mesmo; entretanto, não haveria problema que o Senhor o utilizasse, pois ressuscitaria rapidamente. Melhor ainda, nele descansou aquele que mudou a característica da sepultura e certamente deu-lhe uma nova forma, transformando-a de uma cama de especiarias em uma cama de descanso para todos os santos.

[3] Em um sepulcro que foi talhado na rocha. O solo nas redondezas de Jerusalém era geralmente rochoso. Sebna teve seu sepulcro cavado em uma rocha (Is 22.16). A Providência determinou que o sepulcro de Cristo fosse em uma rocha, para que não houvesse espaço para suspeitar-se que os seus discípulos tivessem acesso a ele através de alguma passagem subterrânea ou abrissem caminho através de sua parede traseira, para roubar o corpo; pois

não havia acesso a ele, a não ser através da porta frontal, que era vigiada.

[4] Uma grande pedra foi rolada para a porta do seu sepulcro; isto também estava de acordo com o costume dos judeus ao enterrarem seus mortos, como entendemos pela descrição do túmulo de Lázaro (Jo 11.38), indicando que aqueles que estão mortos ficam separados e desligados de todos aqueles que vivem; se o túmulo era a sua prisão, agora a porta da prisão estava trancada com um ferrolho. A rolagem da pedra para a entrada do sepulcro era, para eles, o equivalente a encher a cova com terra, como fazemos; isso finalizava o funeral. Tendo, assim, depositado em silêncio e com tristeza o que fora o corpo de nosso Senhor Jesus no túmulo, era hora de todos os vivos voltarem para casa, e eles saíram sem qualquer demora. A circunstância mais melancólica nos funerais de nossos amigos cristãos, após colocarmos seus corpos no túmulo escuro e silencioso, é irmos para casa deixando-os para trás; mas ai de nós, pois não somos nós que vamos para casa e os deixamos para trás; não, são eles que partiram para uma casa melhor e nos deixaram para trás.

(6) O grupo que acompanhou o funeral. Era muito pequeno e aparentemente inexpressivo. Aqui não estava presente nenhum dos parentes enlutados para acompanhar o cadáver, não houve qualquer formalidade para honrar a solenidade, mas algumas mulheres virtuosas que estavam realmente de luto, como Maria Madalena e a outra Maria (v. 56). Estas, assim como o haviam acompanhado até a cruz, também o seguiram até o túmulo; como se tivessem se preparado para lamentar, elas assentaram-se defronte do sepulcro, não tanto para encher os seus olhos com a visão do que havia sido feito, mas para esvaziá-los através de rios de lágrimas. Note que o verdadeiro amor a Cristo nos levará a extremos para segui-lo. Nem mesmo a morte é capaz de apagar esse fogo divino (Ct 8.6,7).

II Seus inimigos fizeram o que puderam para impedir a sua ressurreição; aquilo que eles fizeram nesse lugar ocorreu no dia seguinte ao dia da preparação (v. 62). Aquele era o sétimo dia da semana, o sábado judeu, ainda não expressamente chamado assim, mas descrito por essa perífrase, porque estava agora a ponto de dar lugar ao sábado cristão, que começava no dia seguinte. Então: 1. Durante todo aquele dia, Cristo permaneceu deitado no túmulo; tendo trabalhado por seis dias e realizado todo o seu trabalho, no sétimo dia Ele descansou e se revigorou. 2. Naquele dia, os

príncipes dos sacerdotes e os fariseus, quando deveriam estar em suas devoções, pedindo perdão pelos pecados da semana passada, estavam negociando com Pilatos sobre o trancamento do sepulcro e assim acrescentando rebelião ao seu pecado. Eles, que haviam tão freqüentemente discutido com Cristo pelos atos de grande misericórdia naquele dia, estavam agora ocupados com um ato repleto da maior maldade e malícia. Observe aqui:

(1) A abordagem deles diante de Pilatos; eles estavam irritados pelo fato de o corpo ter sido dado a alguém que o sepultaria decentemente; mas, já que deveria ser assim, eles queriam que fosse colocada guarda junto ao sepulcro.

[1] A apresentação do pedido deles: “que aquele enganador” (assim eles chamam aquele que é a própria verdade) havia dito: “Depois de três dias, ressuscitarei”. Ele dissera isso e os seus discípulos se lembravam dessas palavras com exatidão, como a confirmação da sua fé; mas os seus perseguidores as lembravam pela provocação à sua ira e iniqüidade. Assim, a mesma palavra de Cristo para uns tinha o sabor de vida para a vida, e para outros, de morte para a morte. Veja como eles cumprimentam Pilatos com o título de senhor, enquanto acusam a Cristo com o título de enganador. Assim, os maiores caluniadores dos homens justos são, comumente, os mais sórdidos bajuladores dos poderosos.

[2] Isso expõe mais detalhadamente a inveja deles: “Não se dê o que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam: Ressuscitou”.

Em primeiro lugar, o que eles realmente temiam era a ressurreição dele; aquilo que é a maior glória de Cristo e alegria do seu povo é o maior medo dos seus inimigos. Aquilo que enfureceu os irmãos de José contra ele era o presságio de sua elevação e de seu domínio sobre eles (Gn 37.8); e tudo que eles pretendiam e fizeram contra ele teve a finalidade de impedir isso. “Vinde”, dizem eles, “e matemo-lo, e veremos o que será de seus sonhos”. Da mesma forma, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se esforçaram para destruir as predições da ressurreição de Cristo, falando dele como fizeram os inimigos de Davi (Sl 41.8): “E, pois que está deitado, não se levantará mais”; se ele ressuscitasse, todas as medidas deles seriam destruídas. Note que os inimigos de Cristo, mesmo tendo alcançado o seu objetivo, estão com medo de perdê-lo novamente. Talvez os sacerdotes estivessem surpresos com o respeito demonstrado pelo cadáver de Cristo

por José e Nicodemos, dois homens ilustres, e consideraram isso como um presságio ruim; também não conseguem se esquecer de que Ele ressuscitou Lázaro dos mortos, o que lhes causava tanta perplexidade.

Em segundo lugar, eles demonstraram temer que os seus discípulos talvez viessem durante a noite, e o roubassem, o que era algo muito improvável, pois: 1. Eles não tinham tido a coragem de confessar o Senhor enquanto Ele estava vivo, quando podiam ter feito algo de bom por Ele e por si mesmos; e não era provável que a morte dele instilasse a coragem naqueles que se mostraram tão covardes. 2. Que esperança lhes daria roubar o corpo do Senhor e fazer o povo acreditar que ressuscitou? Pois, caso Ele não ressuscitasse, poderia ser considerado um enganador. Os seus discípulos, que haviam abandonado tudo neste mundo por Ele na confiança de uma recompensa no mundo vindouro, seriam os que mais sofreriam com a fraude, e teriam motivos para atirar a primeira pedra contra o Nome dele. Que proveito lhes traria dar andamento a uma trapaça contra si mesmos, roubando o corpo dele e dizendo: “Ressuscitou”, quando, se Ele não ressuscitasse, a fé deles seria vã e eles seriam os mais infelizes de todos os homens? Os príncipes dos sacerdotes temiam que se a doutrina da ressurreição de Cristo fosse pregada e aceita, o último erro seria pior do que o primeiro. Esta expressão proverbial não insinuava nada mais do que isto: Seremos todos arruinados. Eles pensaram ter sido um erro o fato de serem, por tanto tempo, coniventes com a pregação e os milagres de Jesus, erro que eles pensavam ter corrigido ao causarem a sua morte; mas, se as pessoas fossem persuadidas de sua ressurreição, isso estragaria tudo novamente. O interesse do povo por Ele reviveria com Ele, e os interesses daqueles que o haviam tão barbaramente assassinado, naufragariam. Observe que aqueles que se opuserem a Cristo e ao seu Reino não apenas verão as suas tentativas destruídas, mas eles próprios estarão desgraçadamente confusos e envergonhados, pois a sucessão de seus erros, cada um pior do que o outro, terá um erro derradeiro que será o pior de todos (Sl 2.4,5).

[3] Levando isso em consideração, eles humildemente propõem a colocação de uma guarda junto ao sepulcro até o terceiro dia. “Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança”. Pilatos ainda deve ser escravo deles, e o seu poder civil e militar deve estar comprometido em servir à iniqüidade deles. Poderia-se pensar que os prisioneiros da morte não precisassem mais de guardas, e que o túmulo fosse, em si, seguro o

suficiente para contê-los. Mas o que não temerão aqueles que estão conscientes tanto de sua culpa quanto de sua impotência ao resistirem ao Senhor e ao seu Ungido?

(2) A resposta de Pilatos a esse discurso (v. 65). “Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes”. Pilatos estava pronto para agradar aos amigos de Cristo dando-lhes o corpo, e aos seus inimigos, colocando uma guarda em seu sepulcro. Alguns pensam que Pilatos, desejando agradar a todos, talvez risse consigo daquela situação; ao causar tanto alvoroço, de um lado e do outro, a respeito do cadáver de um homem, quem sabe considerasse as esperanças de um lado e os temores do outro, classificando-os igualmente como ridículos. “Tendes a guarda”; ele quer dizer a guarda permanente que era mantida na torre de Antônia. Como resultado disso, ele lhes permite destacar quantos soldados quisessem para esse propósito, como se estivesse envergonhado de se ver envolvido em algo assim. Pilatos deixa que os líderes judeus cuidem totalmente da situação. Penso que esta frase: “Guardai-o como entenderdes”, se parece com uma provocação, ou esteja relacionada: [1] Com os medos deles: “Estejam certos de colocar uma forte guarda para o morto”. Ou, preferivelmente: [2] Com as esperanças deles: “Façam o pior que puderem, testem a sua sagacidade e força ao máximo; mas, se Ele veio da parte de Deus, Ele ressuscitará, apesar de vocês e de todos os seus guardas”. Estou inclinado a pensar que, nessa hora, Pilatos teve uma conversa com o centurião, seu próprio oficial, a quem ele estaria inclinado a perguntar como aquele Justo, a quem ele havia condenado com tanta relutância, morrera. O centurião lhe fez um relato das coisas que o haviam levado a concluir que, verdadeiramente, este era o Filho de Deus; e Pilatos daria mais crédito a ele do que a mil daqueles sacerdotes vingativos, que chamavam o Senhor de enganador. E, se for assim, não é de admirar que ele tacitamente ridicularize o projeto deles, pensando em dar segurança ao sepulcro daquele que havia tão recentemente fendido as rochas e feito a terra tremer. Tertuliano, falando sobre Pilatos, diz: *Ipse jam pro sua conscientia Christianus – Em sua consciência, ele era um cristão.* E é possível que ele pudesse ter tal convicção naquela hora, com base no relato do centurião, e ainda assim jamais estar inteiramente convencido de ser um cristão, como ocorreu com Agripa ou Félix.

(3) O cuidado formidável que eles tomaram, logo em seguida, para dar segurança ao sepulcro (v. 66). Eles selaram a pedra; provavelmente, com o

grande selo do seu sinédrio, com o qual eles contrapunham a autoridade que possuíam, pois quem ousaria romper o selo do estado? Mas não confiando muito nisso, também estabeleceram uma guarda, para evitar que os discípulos do Senhor o roubassem e, se possível, impedissem que Ele saísse do túmulo. Assim eles pretendiam, mas Deus Pai tirou disso algo de bom: aqueles que foram colocados para se oporem à sua ressurreição tiveram a oportunidade de observá-la. Eles o fizeram e contaram o que observaram aos príncipes dos sacerdotes, que com isso se tornaram ainda mais indesculpáveis. Aqui estavam todos os poderes da terra e do inferno combinados para manter Cristo como prisioneiro. Mas todos esses recursos foram vãos quando a sua hora chegou; a morte e todos aqueles filhos e herdeiros da morte não conseguiam mais segurá-lo, não tinham mais domínio sobre Ele. Guardar o sepulcro contra os pobres e fracos discípulos era um disparate, porque era desnecessário; mas pensar em guardá-lo contra o poder de Deus era um disparate muito maior, por ser uma atitude inútil e sem propósito; e ainda assim aqueles iníquos pensaram que haviam procedido sabiamente.

CAPÍTULO 28

Nos capítulos anteriores, vimos o Capitão da nossa salvação travando combate com os poderes das trevas, sendo atacado por eles, e atacando-os vigorosamente. A vitória parecia pairar entre os combatentes. Por fim, ela se inclinou para o lado dos inimigos, e o nosso Campeão caiu diante deles. Deus entregou a sua força ao cativeiro, e a sua glória, à mão do inimigo. Cristo na sepultura é como a arca no templo de Dagom; os poderes das trevas pareciam triunfar, mas então o Senhor despertou como de um sono, e como um valente que o vinho excitasse (Sl 78.61,65). O Príncipe da nossa paz está, nesse capítulo, reunindo as tropas outra vez, saindo da sepultura, um Vencedor, sim, mais que Vencedor, levando cativo o cativeiro. Embora a arca seja prisioneira, Dagom cai diante dela, demonstrando que ninguém pode ficar de pé diante do Deus santo. No entanto, sendo a ressurreição de Cristo um dos fundamentos da nossa fé, é necessário que tenhamos provas infalíveis dela. Destacamos quatro provas nesse capítulo, as quais são algumas dentre muitas, pois Lucas e João apresentam um relato mais completo das provas da ressurreição de

Cristo do que Mateus e Marcos. Aqui está: I. O testemunho de um anjo sobre a ressurreição de Cristo (vv. 1-8). II. A sua própria aparição para as mulheres (vv. 9,10). III. A confissão dos adversários que estavam em guarda (vv. 11-15). IV. O aparecimento de Cristo aos discípulos na Galiléia, e a comissão que Ele lhes deu (vv. 16-20).

A Ressurreição

vv. 1-10

Para a prova da ressurreição de Jesus, temos aqui o testemunho do anjo, e do próprio Mestre, no que diz respeito à ressurreição. Agora podemos pensar que teria sido melhor se o fato tivesse sido organizado assim, que um número competente de testemunhas tivesse estado presente, e tivesse visto a pedra sendo tirada pelo anjo, e o corpo morto revivendo, como as pessoas viram Lázaro sair do túmulo, e então o assunto não seria objeto de disputa. Mas não estabeleçamos algo para a Infinita Sabedoria, que ordenou que as testemunhas de sua ressurreição devessem vê-lo ressuscitado, mas não vê-lo ressuscitar. A sua encarnação foi um mistério; como também foi essa ressurreição, esta nova formação do corpo de Cristo, para o seu estado exaltado. Ele foi, portanto, formado em segredo. “Bem-aventurados aqueles que não viram, e creram”. Cristo deu provas de sua ressurreição que foram comprovadas pelas Escrituras, e pela palavra que Ele havia falado (Lc 24.6,7-44; Mc 16.7); porque aqui devemos “andar por fé, e não por vista”. Aqui temos:

I A ida das mulheres bondosas ao sepulcro.

Observe: 1. Quando elas foram: no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana (v. 1). Isto fixa o dia da ressurreição de Cristo.

(1) Ele ressuscitou ao terceiro dia após a sua morte. Esse foi o dia em que Ele freqüentemente havia pré-estabelecido, e manteve a sua palavra. Ele foi sepultado na noite do sexto dia da semana, e ressuscitou na manhã do primeiro dia da semana seguinte, de forma que permaneceu no túmulo por cerca de trinta e seis ou trinta e oito horas. Ele ficou ali por tanto tempo, para mostrar que estava real e verdadeiramente morto; e não mais tempo

que isso, para que não visse a corrupção. Ele ressuscitou ao terceiro dia, como resposta à tipificação do profeta Jonas (cap. 12.40), e para cumprir aquela profecia (Os 6.2): “Ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele”.

(2) Ele ressuscitou depois do sábado judaico, e aquele era o sábado de Páscoa. Ele permaneceu no túmulo durante todo aquele dia, o que significava a abolição das festas judaicas e as outras partes da lei cerimonial, e que o seu povo deveria eliminar essas observâncias, e não dar atenção a elas, assim como Ele fez quando jazia na sepultura. Cristo, no sexto dia, terminou a sua obra. Ele disse: “Está consumado”. No sétimo dia, Ele descansou, e então no primeiro dia da semana seguinte, agiu como se estivesse começando um mundo novo, e entrando em uma nova obra. Não permitamos, portanto, que homem algum nos julgue agora com respeito a luas novas, ou sábados judaicos, que eram, na verdade, uma sombra das coisas boas que estavam por vir; pois a essência delas era Cristo. Podemos, além disso, observar que o tempo que os santos ficam no túmulo é, para eles, o equivalente a um sábado (assim como era o sábado judaico, que consistia principalmente de descanso físico), porque ali eles repousavam de suas obras (Jó 3.17); e isso se deve a Cristo.

(3) Ele ressuscitou no primeiro dia da semana. No primeiro dia da primeira semana, Deus ordenou que a luz brilhasse na escuridão; nesse dia, portanto, aquele que viria a ser a Luz do mundo brilhou nas trevas da sepultura; e o sábado do sétimo dia, sendo sepultado com Cristo, ressurgiu no sábado do primeiro dia, que é chamado de Dia do Senhor (Ap 1.10). A partir daí, nenhum outro dia é mencionado em todo o Novo Testamento com o mesmo sentido deste. Este dia é freqüentemente mencionado como o dia que os cristãos observavam religiosamente nas assembléias solenes, para a honra de Cristo (Jo 20.19,26; At 20.7; 1 Co 16.2). Se a libertação de Israel da terra do Norte ultrapassou a lembrança da saída do Egito (Jr 23.7,8), muito mais a nossa redenção por Cristo eclipsa a glória das primeiras obras de Deus. O sábado foi instituído como lembrança do aperfeiçoamento da obra da criação (Gn 2.1). O homem, através dessa revolta, causou uma ruptura naquela obra perfeita, que nunca foi perfeitamente reparada até que Cristo ressuscitasse dos mortos, e os céus e a terra fossem outra vez terminados, e as suas hostes desordenadas, realinhadas, e que o dia no qual isso foi feito fosse corretamente abençoado

e santificado, e a partir daí seria o sétimo dia. Aquele que nesse dia ressuscitou dos mortos é o mesmo por quem, e para quem, todas as coisas foram no princípio criadas, e agora são criadas outra vez.

(4) Ele ressuscitou quando começou o amanhecer daquele dia. Tão logo se poderia dizer que o terceiro dia havia chegado, o dia pré-determinado para a sua ressurreição, Ele ressuscitou. Depois de sua retirada do meio do povo, Ele retorna com toda a velocidade conveniente, e interrompe a obra, em justiça, tão bruscamente quanto pode. Ele havia dito aos seus discípulos que, embora por pouco tempo não o veriam, eles o tornariam a ver em breve, e Jesus abreviou esse intervalo tanto quanto possível (Is 54.7,8). Cristo ressuscitou quando já despontava o dia, porque então o oriente do alto outra vez nos visitou (Lc 1.78). A sua paixão começou à noite. Quando Ele foi pendurado na cruz, o sol se escureceu. Ele foi colocado no túmulo no cair da noite. Mas o Senhor ressuscitou quando o sol estava quase nascendo, porque Ele é a resplandecente Estrela da manhã (Ap 22.16), a verdadeira Luz. Aqueles que cedo, pela manhã, se dedicam aos serviços religiosos do sábado cristão, para que possam aproveitar o dia que está à sua frente, seguem assim o exemplo de Cristo, e o exemplo de Davi: “Cedo te buscarei”.

2. Quem eram aquelas que foram ao sepulcro: Maria Madalena e a outra Maria, as mesmas que compareceram ao funeral, e se sentaram à entrada do sepulcro, como antes haviam se sentado ao pé da cruz. Ainda assim, elas procuraram expressar o amor que sentiam por Cristo. Ainda assim, estavam procurando saber mais a respeito dele. Nós o conheceremos cada vez mais, desde que perseveremos em conhecê-lo. Nenhuma citação é feita sobre a possibilidade de a Virgem Maria estar com elas; é provável que o discípulo amado, que a havia levado para a sua própria casa, tenha impedido que ela fosse para o sepulcro para chorar ali. O fato de elas terem ido não só até o sepulcro buscar a Cristo, mas terem entrado no sepulcro, representa o cuidado que o Senhor tem por aqueles que são seus quando esses passam a ter as suas camas nas trevas. Assim como Cristo, no túmulo, foi amado pelos santos, os santos, no túmulo, são amados por Cristo; porque a morte e a sepultura não podem afrouxar o laço de amor que existe entre eles.

3. O que elas foram fazer. Os outros evangelistas dizem que elas foram ungir o corpo. Mateus diz que elas foram ver o sepulcro, ver se estava como elas o haviam deixado. Ouvindo, talvez, mas não tendo certeza, que os

príncipes dos sacerdotes haviam colocado guarda no sepulcro. Elas foram para mostrar a sua boa vontade em uma outra visita aos caros restos mortais de seu amado Mestre, e talvez não sem alguns pensamentos sobre a sua ressurreição, porque elas poderiam não ter esquecido de tudo o que Ele tinha dito sobre isso. Visitas ao túmulo são de grande utilidade para alguns cristãos, e ajudam a torná-lo familiar a eles, e remover o terror dele, especialmente visitas à sepultura do nosso Senhor Jesus, onde podemos ver o pecado enterrado fora da vista, o padrão da nossa santificação, e a grande prova do amor redentor brilhando intensamente mesmo nesta terra de trevas.

II O aparecimento de um anjo do Senhor para elas (vv. 2-4). Temos aqui um relato do modo da ressurreição de Cristo, pelo menos quanto ao que nos era conveniente saber.

1. Houve um grande terremoto. Quando Jesus morreu, a terra que o recebeu agitou-se em temor. Agora que Ele ressuscitou, a terra que o resignou saltou de alegria em sua exaltação. Esse terremoto foi como se as amarras da morte fossem soltas, os grilhões do túmulo se abrissem, e o "Desejado de todas as nações" fosse introduzido (Ag 2.6,7). Esse foi o sinal da vitória de Cristo; por meio dele, foi anunciado que, quando os céus se regozijassem, a terra também poderia se alegrar. Era um modelo do terremoto que se dará na terra por ocasião da ressurreição geral, quando montanhas e ilhas serão removidas, de forma que a terra não possa mais ocultar os seus mortos. Houve um ruído e um rebuliço no vale, quando os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso (Ez 37.7). O reino de Cristo, que agora se estabeleceria, fez a terra tremer, e a abalou terrivelmente. Aqueles que são santificados, e desse modo elevados a uma vida espiritual privilegiada, encontram, enquanto isso acontece, um terremoto em seu próprio seio, como Paulo, que tremeu e ficou espantado.

2. O anjo do Senhor desceu do céu. Os anjos freqüentemente serviram ao nosso Senhor Jesus, em seu nascimento, em sua tentação, em sua agonia; mas na cruz não encontramos nenhum anjo servindo-o. Quando o seu Pai o desamparou, os anjos se afastaram dele; mas agora que Ele está retomando a sua glória que tinha antes da fundação do mundo, então, os anjos do céu o adoram.

3. Ele veio, e removeu a pedra da entrada, e sentou-se sobre ela. O nosso Senhor Jesus poderia, Ele mesmo, remover a pedra por seu próprio poder, mas preferiu que isso fosse feito pelo anjo. Isto significa que, tendo se assegurado de ter feito o pagamento pelos nossos pecados, que foram imputados a Ele, e tendo estado sob prisão em conformidade com essa imputação, Ele não fugiu da prisão, mas teve uma libertação legal e justa, obtida do céu. Ele não fugiu da prisão, mas um oficial foi enviado com o propósito de remover a pedra, e assim abrir a porta da prisão, o que nunca teria sido feito, se Jesus não tivesse feito um pagamento total. Mas, sendo liberto das nossas ofensas, para completar a libertação, Ele foi ressuscitado para a nossa justificação. Ele morreu para pagar a nossa dívida, e ressuscitou para obter a nossa quitação. A pedra dos nossos pecados foi rolada para a entrada do túmulo do nosso Senhor Jesus (revolver uma grande pedra significava assumir uma culpa, 1 Sm 14.33). Mas para demonstrar que a justiça divina foi satisfeita, um anjo foi comissionado para remover a pedra; não que o anjo o tenha ressuscitado dos mortos, da mesma forma que aqueles que retiraram a pedra do túmulo de Lázaro não o ressuscitaram, mas assim ficou patente o consentimento do Céu para a sua libertação, e a alegria do céu na Pessoa de Jesus Cristo. Os inimigos de Cristo haviam selado a pedra, resolvendo, como a Babilônia, não abrir a casa dos seus prisioneiros. “Tirar-se-ia a presa ao valente?” Porque essa era a hora deles; mas todos os poderes da morte e das trevas estão sob o controle do Deus da luz e da vida. Um anjo do céu tem poder para quebrar o selo, embora fosse o grande selo de Israel, e é capaz de remover a pedra, embora seja muito grande. Assim, os cativos dos poderosos são libertados. O fato de o anjo se assentar sobre a pedra, quando ele a havia removido, é notável, e revela um triunfo seguro sobre todos os obstáculos à ressurreição de Cristo. Ali ele se sentou, desafiando todos os poderes do inferno para rolar a pedra para o túmulo outra vez. Cristo eleva o seu lugar de repouso e o seu trono de juízo acima da oposição dos seus inimigos; o Senhor se assenta sobre as águas. O anjo se sentou como um guarda do túmulo, tendo afugentado para longe os guardas ímpios dos inimigos; ele se sentou, esperando as mulheres, e pronto para lhes dar a notícia da ressurreição do Senhor.

4. Que o seu aspecto era como um relâmpago, e as suas vestes, brancas como a neve (v. 3). Essa foi uma representação visível – que classificamos

como esplêndida e célebre – das glórias do mundo invisível, que não conhece diferença de cores. A aparência do anjo sobre os guardas era como relâmpagos; o Senhor vibra os seus raios, e dissipa os (Sl 144.6). A brancura de suas vestes era um emblema não só de pureza, mas de alegria e triunfo. Quando Cristo morreu, a corte do céu se entristeceu, e esse fato foi representado pelo escurecimento do sol; mas quando ele ressuscitou, eles colocaram novamente as vestes de louvor. A glória desse anjo representou a glória de Cristo, para a qual Ele então havia ressuscitado, porque essa é a mesma descrição dele, que foi dada em sua transfiguração (cap. 17.2). Mas quando Ele conversou com os seus discípulos após a sua ressurreição, Ele ocultou isso, e anunciou a glória dos santos na ressurreição deles, quando serão como os anjos de Deus no céu.

5. Que os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos (v. 4). Eles eram soldados que se consideravam insensíveis em relação ao medo. No entanto, a própria visão de um anjo os encheu de temor. Portanto, quando o Filho de Deus se levantou para julgar, os ousados de coração foram despojados (Sl 76.5,9). Note que, assim como a ressurreição de Cristo é a alegria dos seus amigos, ela também é o terror e a confusão dos seus inimigos. Eles ficaram muito assombrados; a palavra *eseisthesan* tem o mesmo significado daquela que foi usada para o terremoto (v. 2), *seismos*. Quando a terra tremeu, esses filhos da terra, que tinham a sua porção nela, tremeram também; porém, aqueles que têm a sua felicidade nas coisas do alto não sentem qualquer temor, mesmo que a terra seja removida. Os guardas ficaram como mortos, quando aquele a quem eles guardavam tornou-se vivo, e aqueles contra quem eles montavam guarda reviveram com ele. Eles foram tomados de terror ao verem a si mesmos frustrados no tocante à sua missão ali. Eles foram colocados ali para manter um homem morto em seu túmulo – certamente, o serviço mais fácil que lhes poderia ter sido atribuído; e, mesmo assim, isso se mostrou difícil demais para eles. Eles foram informados de que deveriam esperar ser atacados por um grupo de discípulos fracos e desanimados, que, por medo deles, logo ficariam muito assombrados e como mortos, mas se sentiram surpreendidos quando se acharam atacados por um anjo poderoso, cujo rosto não ousaram olhar. Assim Deus frustra os seus inimigos, assombrando-os (Sl 9.20).

III A mensagem que esse anjo entregou às mulheres (vv. 5-7).

1. Ele as encoraja contra os seus medos (v. 5). Aproximar-se de túmulos e sepulturas, especialmente em silêncio e solidão, tem algo de assombroso. Quanto mais para aquelas mulheres, que encontraram um anjo no sepulcro; mas logo ele as tranqüiliza, dizendo: "Não tenhais medo". Os guardas ficaram assombrados e como mortos, mas: "Não tenhais medo". Deixe que os pecadores em Sião tenham medo, porque há razão para isso; mas: Não temas, Abraão, nem qualquer um da semente de Abraão. Por que deveriam as filhas de Sara, que fazem o bem, temer algum espanto? (1 Pe 3.6). "Não tenhais medo. Não permitais que a notícia que eu tenho para vos dar seja uma surpresa para vós, porque vos foi dito anteriormente que o vosso Mestre ressuscitaria; não permitais que isso seja um terror para vós, porque a sua ressurreição será a vossa consolação; não temais, pois não vos farei qualquer dano, nem tenho más notícias para vós. 'Não tenhais medo, pois eu sei que buscais a Jesus'. Eu sei que tendes simpatia pela causa. Eu não venho para vos assombrar, mas para vos encorajar." Note que aqueles que buscam a Jesus não têm motivo para ficar com medo; porque, se eles o buscarem diligentemente, o acharão, e o acharão como o seu Redentor generoso. Todas as nossas indagações a respeito do Senhor Jesus, na fé, são observadas e registradas no céu. "Eu sei que buscais a Jesus"; e certamente receberão uma resposta, como essas receberam, com boas palavras, e palavras de conforto. "Buscais a Jesus, que foi crucificado". Ele menciona o fato de Jesus ter sido crucificado, com a intenção de elogiar o amor que elas sentem por Ele. Em outras palavras: "Vós ainda o buscais, embora Ele tenha sido crucificado; mesmo assim, retendes a vossa bondade por Ele". Observe que os verdadeiros crentes amam e buscam a Cristo, não só *embora* Ele tenha sido crucificado, mas *pelo fato de* ter sido crucificado.

2. Ele lhes assegura sobre a ressurreição de Cristo. E havia o suficiente nisso para acalmar os seus temores (v. 6). "Ele não está aqui, porque já ressuscitou". Ouvir que Ele não estava ali não seria uma notícia bem-vinda para aquelas que o buscavam, se não tivesse sido acrescentada a frase: porque "já ressuscitou". Note que é uma questão de conforto para aquelas que buscavam a Cristo, e não o encontravam onde esperavam, o fato de que Ele já tivesse ressuscitado; não o encontramos em um repouso, como poderíamos esperar, porém Ele já ressuscitou. Não devemos dar atenção àqueles que dizem: Cristo está aqui, ou: Ele está ali, porque Ele não está

aqui ou ali; Ele já ressuscitou. Em todas as nossas indagações a respeito de Cristo, devemos nos lembrar de que Ele já ressuscitou; e devemos buscá-lo como aquele que ressuscitou. (1) Não com pensamentos totalmente carnais a respeito dele. Havia aqueles que conheciam a Cristo segundo a carne; mas, de agora em diante, não o conhecem mais assim (2 Co 5.16). É verdade que Ele tinha um corpo completamente humano; mas agora o seu corpo é um corpo glorificado. Aqueles que fazem retratos e imagens de Cristo se esquecem de que Ele não está aqui, porque já ressuscitou; a nossa comunhão com Ele deve ser espiritual, pela fé em sua Palavra (Rm 10.6-9). (2) Devemos buscá-lo com grande reverência e humildade, e uma imensa consideração por sua glória, porque já ressuscitou. Deus o exaltou sobremaneira, e lhe deu um nome que está acima de todo nome, e, portanto, todo joelho e toda alma deve se dobrar diante dele. (3) Devemos buscá-lo com o nosso pensamento nas coisas celestiais. Quando estivermos prontos para fazer deste mundo o nosso lar, e dizer: "Bom é estarmos aqui", lembremo-nos de que o nosso Senhor Jesus não está aqui, porque já ressuscitou, e assim não deixemos que os nossos corações estejam aqui, mas deixemos que eles ressuscitem também, e busquemos as coisas que são do alto (Cl 3.1-3; Fp 3.20).

Duas coisas que o anjo menciona a essas mulheres, para a confirmação de sua fé, no tocante à ressurreição de Cristo.

[1] Sua palavra agora cumprida, da qual elas poderiam se lembrar: "Já ressuscitou, como tinha dito". Isto ele afirma como o próprio objeto de fé: "Ele disse que iria ressuscitar, e vocês sabem que Ele é a própria Verdade; portanto, vocês tinham motivos para esperar que Ele ressuscitasse. E por que seriam relutantes em crer naquilo que Ele disse que ocorreria?" Nunca consideremos estranho aquilo de que a palavra de Cristo tem levantado as nossas expectativas, seja quanto aos sofrimentos do tempo presente, ou à glória que está para ser revelada. Se nos lembrarmos do que Cristo nos disse, não ficaremos surpresos com o que Ele faz conosco. Ao dizer: "Ele não está aqui, porque já ressuscitou", esse anjo está indicando que não está anunciando um outro Evangelho diferente daquele que eles já haviam recebido, porque ele se refere à palavra de Cristo como sendo suficiente para confirmar: "já ressuscitou, como havia dito".

[2] Seu túmulo agora vazio, para o qual elas poderiam olhar: "'Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia'. Compare o que ouviste com aquilo que

estais vendo; juntando essas coisas, crereis. Vede que Ele não está aqui, e lembrando-se do que Ele disse, podeis ficar satisfeitas pelo fato de Ele já ter ressuscitado. Vinde e vede o lugar, e vereis que Ele não está ali, vereis que Ele não poderia ser roubado dali, e, portanto, deveis concluir que Ele já ressuscitou". Note que pode ser útil para nos afetar, e pode ter uma boa influência sobre nós, vir e, com um olhar de fé, ver o lugar onde o Senhor jazia. Vejam ali as marcas do seu amor que Ele tem ali deixado ao rebaixar-se tanto por nós; vejam com que facilidade Ele fez essa cama, e com que alegria, por nós, deitou-se nela. Quando olhamos para dentro do túmulo onde sabemos que teremos de nos deitar, podemos remover o terror que sentimos olhando para dentro do túmulo onde o Senhor jazia; ou, como diz o texto Siríaco, o lugar onde o "nosso Senhor" jazia. Os anjos o têm como seu Senhor, assim como nós; porque toda a família, tanto no céu como na terra, recebe o nome dele.

3. Ele as orienta para que levem a notícia do que aconteceu aos seus discípulos (v. 7): "Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos". É provável que elas desejassem ficar ali com a visão do sepulcro e conversar com os anjos. Era bom estar ali, mas elas tinham recebido uma outra incumbência; esse é um dia de boas notícias, e, embora elas tenham a posse principal do conforto, sendo as primeiras a desfrutar de notícias tão agradáveis, elas não devem ter o monopólio delas, não devem reter a paz deles, assim como aqueles leprosos (2 Rs 7.9). Elas devem ir contar aos discípulos. Observe que a utilidade pública que beneficia os outros deve ser preferida ao nosso próprio prazer e comunhão particular com Deus; porque é mais bem-aventurado aquele que dá, em comparação com aquele que recebe. Observe:

(1) Os discípulos de Cristo devem receber primeiro a notícia. A ordem não é: Ide, dizei aos príncipes dos sacerdotes e aos fariseus, para que eles possam ficar perplexos; mas: Dizei aos seus discípulos, para que eles sejam confortados. Deus antecipa mais a alegria de seus amigos do que a vergonha de seus inimigos, embora esteja reservado para a vida eterna a plena realização de ambos. "Dizei aos seus discípulos"; pode ser que eles não acreditem em vosso relato, no entanto dizei-lhes: [1] Para que eles possam se sentir encorajados sob as suas tristezas e dispersões presentes. Eles sofreram um período terrível, entre a dor e o medo. Que vivificante seria para eles, agora, ouvir que o seu Mestre ressuscitou! [2] Para que eles

mesmos pudessem dar prosseguimento às suas indagações. Esse alarme lhes foi enviado para despertá-los daquela estranha estupidez que os havia agarrado, e para aumentar as suas expectativas. Isso deveria fazer com que buscassem a Cristo, preparando-os para a ocasião em que o Senhor lhes apareceria. As indicações gerais nos levam a buscas mais intensas e profundas. Eles agora ouvirão a respeito dele, porém muito em breve o verão. Cristo se revela gradualmente.

(2) As mulheres são enviadas para lhes anunciar, e assim foi feito; elas foram como apóstolos para os próprios apóstolos. Esta foi uma honra colocada sobre elas, e uma recompensa pela sua fidelidade constante e afetuosa ao Senhor Jesus, na cruz e no túmulo, e uma censura aos discípulos que o abandonaram. Mesmo assim, Deus ainda escolhe as coisas fracas do mundo para confundir as poderosas, e coloca o tesouro, não só em vasos de barro, mas aqui em vasos mais frágeis. Assim como a mulher, sendo enganada pelas sugestões de um anjo mal, caiu em transgressão (1 Tm 2.14), essas mulheres, sendo devidamente informadas pelas instruções de um anjo bom, foram as primeiras a crer na redenção da transgressão pela ressurreição de Cristo. Para que a reprovação por serem do sexo feminino pudesse ser afastada, colocando-as no mesmo nível dos homens, o que é o louvor perpétuo delas.

(3) Elas receberam a ordem de cumprir essa missão imediatamente. Por que, que pressa havia? A notícia não se esfriaria, e seria bem recebida por eles a qualquer momento, não é? Sim, mas eles estavam agora tomados de pesar, e Cristo lhes mandaria apressadamente essa notícia vivificante; quando Daniel estava se humilhando diante de Deus por causa do pecado, o anjo Gabriel voou rapidamente com uma mensagem de conforto (Dn 9.21). Devemos estar sempre prontos e dispostos: [1] A obedecer as ordens de Deus (Sl 119.60). [2] A fazer o bem aos nossos irmãos, levando-lhes conforto, como aqueles que se compadecem de suas aflições. Não podemos dizer: “Vai e torna, e amanhã to darei”; mas devemos ajudar a quem pudermos agora, imediatamente.

(4) Elas foram instruídas a informar aos discípulos de que deveriam encontrá-lo na Galiléia. Houve outras aparições de Cristo a eles antes dessa ocasião na Galiléia. Elas foram repentinas e de surpresa; mas o Senhor teria um encontro solene e público, e lhes avisou com antecedência. Então, a Galiléia foi designada como o local desse encontro geral, a cerca de 130 ou

160 quilômetros de Jerusalém: [1] Como um gesto de bondade para com os seus discípulos que permaneceram na Galiléia, e não subiram (talvez por não poderem subir) até Jerusalém. Ele iria, portanto, para aquela terra, para manifestar-se aos seus amigos ali. “Eu conheço as tuas obras, e onde habitas”. Cristo sabe onde os seus discípulos habitam, e os visitará ali. Observe que a exaltação de Cristo não faz com que Ele se esqueça dos seus discípulos aparentemente mais insignificantes e mais pobres, mas Ele se manifestará com bondade até mesmo para aqueles que estão distantes da sepultura. [2] Em consideração à fraqueza dos seus discípulos – que estavam agora em Jerusalém, que estavam no momento com medo dos judeus, e que não ousavam aparecer publicamente –, esse encontro foi transferido para a Galiléia. Cristo conhece todos os nossos temores, e considera a nossa estrutura. Assim sendo, Ele marcou o seu encontro em um lugar onde haveria um risco muito menor de ocorrência de algum distúrbio.

Por fim, o anjo solenemente afirma, através da sua palavra, a verdade do que lhes havia relatado: “‘Eis que eu vo-lo tenho dito’, podeis estar certas disso, e depender disso. Eu vo-lo tenho dito, e não ousaria dizer uma mentira”. A palavra falada pelos anjos permaneceu firme (Hb 2.2). Deus havia estado habituado, anteriormente, a tornar o seu pensamento conhecido ao seu povo através da ministração de anjos, como na entrega da lei; mas, como Ele planejou nos tempos do Evangelho deixar de lado esse modo de comunicação (pois não foi aos anjos que Ele sujeitou o mundo por vir, nem os designou para serem os pregadores do Evangelho), esse anjo foi enviado agora para certificar os discípulos da ressurreição de Cristo, e assim deixar nas mãos deles o anúncio ao mundo (2 Co 4.7). Ao dizer: “Eis que eu vo-lo tenho dito”, ele se exime da culpa da incredulidade delas, caso não recebessem esse relato, e lança toda a responsabilidade sobre elas: “Eu cumpri a minha missão, e de modo fiel entreguei a minha mensagem; agora vocês precisam olhar para ela e crer nela, assumindo a completa responsabilidade por suas decisões; quer vocês creiam, quer vocês se abstenham, eu lhes tenho dito”. Observe que os mensageiros de Deus que cumprem a sua responsabilidade fielmente podem ter o conforto que resulta dessa atitude, seja qual for o resultado (At 20.26,27).

A saída das mulheres do sepulcro, para anunciar aos discípulos (v. 8). E IV observe:

1. Em que estrutura e estado de espírito elas estavam. Elas saíram “com temor e grande alegria”. Uma mistura estranha, temor e alegria ao mesmo tempo, na mesma alma. Ouvir que Cristo havia ressuscitado foi um motivo de alegria; mas ser levada para dentro do seu túmulo, e ver um anjo, e falar com ele sobre isso, só poderia causar temor. Era uma boa notícia, mas elas estavam com medo de que fosse bom demais para ser verdade. Mas observe que isto foi dito da alegria delas, que era uma grande alegria; não é dito isso quanto ao seu temor. Considere: (1) O temor santo vem acompanhado de alegria. Aqueles que servem ao Senhor com reverência, servem-no com alegria. (2) A alegria espiritual é misturada com tremor (Sl 2.11). É somente o amor e a alegria perfeitos que afastam todo temor.

2. Com que pressa elas agiram. Elas correram. O temor e a alegria agilizaram o ritmo delas, e acrescentaram asas ao seu movimento. O anjo ordenou que fossem imediatamente, e elas correram. Aqueles que são enviados em uma missão de Deus não devem demorar, ou perder tempo; onde o coração está dilatado com as notícias alegres do Evangelho, os pés correrão o caminho dos mandamentos de Deus.

3. Que missão elas receberam. Elas correram a anunciá-lo aos seus discípulos. Não duvidando que essas notícias seriam alegres para eles, as mulheres correram, para consolá-los com os mesmos confortos com que elas mesmas foram consoladas por Deus. Os discípulos de Cristo devem estar dispostos a transmitir uns aos outros as suas experiências de doce comunhão com o céu; devem dizer aos outros o que Deus tem feito por suas almas, e lhes falado. A alegria em Cristo Jesus, como o ungüento na mão direita, irá se revelar, e encher com os seus odores todos os lugares dentro das linhas de sua comunicação. Quando Sansão achou mel, ele o levou para os seus pais.

V O aparecimento de Cristo às mulheres, para confirmar o testemunho do anjo (vv. 9,10). Essas mulheres boas e zelosas não só ouviram a boa notícia a respeito dele, mas foram as primeiras a vê-lo depois da sua ressurreição. O anjo instruiu aqueles que o veriam a ir para a Galiléia. Mas, antes que esse dia chegasse, mesmo aqui, eles buscavam aquele que vive e os vê. Jesus Cristo é freqüentemente melhor do que a sua Palavra, mas

nunca pior. Ele freqüentemente se antecipa, mas nunca frustra as expectativas confiantes do seu povo.

Aqui está: 1. O aparecimento de surpresa de Cristo para as mulheres. “E, indo elas, eis que Jesus lhes sai ao encontro”. As visitas bondosas de Cristo geralmente nos encontram no caminho do dever, e aqueles que usam o que possuem para o benefício dos outros, receberão ainda mais. Essa entrevista com Cristo foi completamente inesperada (Ct 6.12). Cristo está mais perto de seu povo do que eles imaginam. Elas não precisaram descer às profundezas para buscar a Cristo, como se Ele estivesse ali. Ele não estava ali, já havia ressuscitado. Também não precisariam subir aos céus, porque Ele ainda não havia subido; mas Cristo, mesmo estando tão elevado, está bem perto de cada um de nós.

2. A saudação com a qual Ele se dirige a elas: “Eu vos saúdo” – *chairete.* Essa era uma antiga saudação, desejando toda a saúde para aqueles que encontramos; esse é o significado de “Eu vos saúdo”, e é uma expressão grega de saudação, que corresponde à expressão hebraica “Paz seja convosco”. Ela indica: (1) A boa vontade de Cristo em relação a nós e à nossa felicidade, mesmo depois que Ele entrou em seu estado de exaltação. Embora Ele esteja à frente, sempre nos deseja o melhor, e se preocupa muito com o nosso conforto. (2) A liberdade e a familiaridade santa que o Senhor Jesus usou em seu relacionamento com os seus discípulos; porque Ele lhes chama de amigos. Mas a palavra grega significa “Regozijai-vos”. Elas foram tomadas de temor e alegria; o que Ele lhes disse estimulou a alegria delas (v. 9). Elas poderiam se regozijar, e silenciar o seu temor (v. 10): “Não temais”. Note que a vontade de Cristo é que o seu povo seja um povo alegre, e a sua ressurreição lhes proporcione uma alegria abundante.

3. O respeito afetuoso que elas lhe prestaram: “E elas, chegando, abraçaram os seus pés e o adoraram”. Desse modo, elas expressaram: (1) A reverência e a honra que elas tinham por Ele; elas se lançaram aos seus pés, colocaram-se em uma posição de adoração, e o adoraram com humildade e temor piedoso, como o Filho de Deus agora exaltado. (2) O amor e a afeição que elas tinham por Ele; elas o detiveram (Ct 3.4). Quão suaves eram os pés do Senhor Jesus para elas! (Is 52.7). (3) A situação de alegria em que elas estavam, agora que tinham mais essa confirmação de sua ressurreição; elas abraçaram essas notícias. Assim, devemos abraçar a Jesus Cristo, que nos é oferecido através do Evangelho. Com reverência devemos

nos lançar aos seus pés, pela fé devemos nos agarrar a Ele, e com amor e alegria devemos colocá-lo em nossos corações.

4. As palavras encorajadoras que Cristo lhes disse (v. 10). Não encontramos que elas tenham dito qualquer coisa a Ele; seus abraços afetuosos, bem como a sua terna adoração, falaram de um modo suficientemente claro; e o que Ele lhes disse não foi mais do que o anjo já havia dito (vv. 5,7); porque Ele confirmará a palavra dos seus mensageiros (Is 44.26). E o seu modo de confortar o seu povo é falar pelo seu Espírito várias vezes aos seus corações a mesma mensagem que eles ouviram anteriormente através dos seus anjos, os seus mensageiros. Agora observe aqui:

(1) Como o Senhor censura o temor delas: “Não temais”. Elas não devem temer esses avisos repetidos de sua ressurreição, nem temer qualquer dano a partir do ressurgimento de alguém dentre os mortos; porque a notícia, embora estranha, era tanto verdadeira como boa. Note que Cristo ressuscitou dos mortos para silenciar os temores do seu povo, e a notícia da sua ressurreição traz o suficiente para silenciá-los.

(2) Como o Senhor repete a mensagem: “Ide dizer a meus irmãos” que eles devem se preparar para uma viagem à Galiléia, e “lá me verão”. Se houver qualquer comunhão entre as nossas almas e Cristo, é Ele quem marca o encontro, e Ele observará o compromisso. Jerusalém havia perdido a honra da presença de Cristo, e era uma cidade tumultuada; portanto, o Senhor transferiu o encontro para a Galiléia. “Vem, ó meu amado, saiamos ao campo” (Ct 7.11). Mas o que é especialmente observável aqui é que Jesus chama os seus discípulos de seus irmãos. “Ide dizer a meus irmãos”; não só àqueles que eram seus consangüíneos, mas a todos os demais, pois todos eles são seus irmãos (cap. 12.50). Mas Ele nunca os chamou assim antes, fazendo-o apenas depois da sua ressurreição, tanto nessa passagem como em João 20.17. Tendo Ele mesmo, por sua ressurreição, declarado ser o Filho de Deus com poder, todos os filhos de Deus foram assim declarados como sendo seus irmãos. Sendo o Primogênito dos mortos, Jesus se tornou o primogênito entre muitos irmãos, de todos aqueles que são reunidos na semelhança da sua ressurreição. Cristo agora não conversava tão constante e familiarmente com os seus discípulos, como havia feito antes de sua morte; mas, para que não pensassem que Ele havia se tornado um estranho para eles, Ele lhes dá esse título carinhoso: “Ide a meus irmãos”. E assim se

cumprem as Escrituras que, falando de sua entrada em seu estado exaltado, dizem: “Anunciarei o teu nome aos meus irmãos”. Eles o haviam desertado vergonhosamente no momento de seus sofrimentos; mas, para mostrar que Ele poderia perdoar e esquecer, e para nos ensinar a fazer o mesmo, o Senhor não só dá continuidade ao seu propósito de se encontrar com eles, mas os chama de irmãos. Sendo todos seus irmãos, eles eram irmãos uns dos outros, e deveriam se amar como irmãos. O fato de o Senhor os considerar como seus irmãos coloca uma grande honra sobre eles, mas também há um grande exemplo de humildade em meio a essa honra.

A Ressurreição

vv. 11-15

Para mais provas da ressurreição de Jesus Cristo, temos aqui a confissão dos soldados que estavam de guarda; e há duas coisas que fortalecem esse testemunho – que eles foram testemunhas oculares, e eles mesmos viram a glória da ressurreição, algo que ninguém mais viu. Além disso, eles eram inimigos, colocados ali para se oporem e obstruírem a sua ressurreição. Agora observe aqui:

I Como esse testemunho foi dado aos príncipes dos sacerdotes (v. 11): quando as mulheres estavam indo levar a notícia aos discípulos, que iria encher os seus corações de alegria, os soldados foram levar a mesma notícia aos príncipes dos sacerdotes, o que iria encher os seus rostos de vergonha. Alguns da guarda, provavelmente aqueles que estavam no comando, chegando à cidade, levaram para aqueles que os haviam empregado o relatório de seu desapontamento. Eles anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido; contaram-lhes sobre o terremoto, a decida do anjo, a remoção da pedra, e a saída do corpo de Jesus vivo de dentro do túmulo. Assim, o sinal do profeta Jonas foi levado para os príncipes dos sacerdotes com a mais clara e incontestável evidência que poderia existir; e assim os maiores meios de convicção lhes foram apresentados; nós bem podemos imaginar como essa notícia foi uma mortificação para eles, e que, como os inimigos dos judeus, eles se abateram muito em seus próprios olhos (Ne 6.16). Poderia se esperar

justamente que eles agora cressem em Cristo, e se arrependessem de tê-lo matado; mas eles eram obstinados em sua infidelidade, e permaneceram assim.

II Como o fato foi encoberto e sufocado por eles. Eles convocaram uma reunião, e consideraram o que deveria ser feito. Da parte deles, estavam resolvidos a não crer que Jesus havia ressuscitado; mas a preocupação deles era impedir que outros cressem, e impedir que eles fossem envergonhados por causa de sua incredulidade. Eles o entregaram à morte, e não havia nenhum modo de justificar o que haviam feito; assim, nada mais lhes restava, a não ser confrontar as evidências de sua ressurreição. Desse modo, aqueles que se venderam para operar a maldade descobrem que um pecado atrai outro, e que eles mergulharam a si mesmos em uma vil necessidade de acrescentar iniqüidade à iniqüidade, algo que faz parte da maldição dos perseguidores de Cristo (Sl 69.27).

O resultado da conversa deles foi que aqueles soldados deveriam ser subornados de qualquer maneira, para que não contassem a verdade.

1. Eles colocaram dinheiro nas mãos dos soldados. E qual é a maldade que os homens não farão por amor ao dinheiro? Eles deram aos soldados muito dinheiro, provavelmente uma quantia muito maior do que deram a Judas. Esses príncipes dos sacerdotes amavam o seu dinheiro, assim como a maioria das pessoas, e estavam relutantes a se indisporem dele; no entanto, para darem prosseguimento a seu plano malicioso contra o Evangelho de Cristo, eles foram bastante generosos. Eles provavelmente deram aos soldados o que eles pediram, e os soldados sabiam como tirar proveito de uma situação como essa. Os soldados receberam muito dinheiro para divulgar o que sabiam ser uma mentira, enquanto muitos relutam a dar pouco dinheiro para que seja divulgado o que sabem ser a verdade, mesmo tendo uma promessa de serem recompensados na ressurreição dos justos. Não sejamos avarentos em relação a uma boa causa, ao vermos uma causa má ser apoiada tão generosamente.

2. Eles colocaram uma mentira na boca dos soldados (v. 13). “Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram”; uma manobra lamentável é melhor do que nenhuma, mas essa manobra foi realmente desprezível. (1) Essa história inventada era ridícula, trazendo consigo a sua própria contestação. Se eles dormiram, como poderiam saber

alguma coisa do que aconteceu, ou dizer quem foi até o sepulcro? Se qualquer um deles estivesse acordado para observar o que aconteceu, sem dúvida alguma teria acordado todos os demais para impedir que os discípulos fizessem algo; pois essa era a única missão deles. Era totalmente improvável que um grupo de homens pobres, fracos, amedrontados e desanimados fosse se expor em uma atividade tão impensada quanto resgatar um corpo morto. Por que as casas onde eles moravam não foram cuidadosamente vasculhadas, e outros meios usados para descobrir o corpo morto? Mas essa era uma mentira tão fraca que qualquer pessoa a poderia desmascarar facilmente. Mas, se ela alguma vez tivesse sido plausível: (2) Foi uma atitude perversa desses sacerdotes e anciãos contratar os soldados para contar uma mentira deliberada (como se essa tivesse sido uma questão de tão pequena importância), contra as suas consciências. Aqueles que levam outros a cometer um pecado premeditado não sabem o que fazem; pois isso pode corromper a consciência, e ser uma porta de entrada para muitos outros pecados. Mas: (3) considerando que essa atitude teve a intenção de destruir a grande doutrina da ressurreição de Cristo, esse foi um pecado contra o último remédio, e foi, com efeito, uma blasfêmia contra o Espírito Santo, pois imputaram à malícia dos discípulos aquilo que foi feito pelo poder do Espírito Santo.

Mas, para que os soldados não fossem objetos da penalidade que eles sofreriam pela lei romana por dormirem durante uma guarda, pena que era muito severa (At 12.19), os judeus prometeram interceder junto ao governador: “Nós o persuadiremos e vos poremos em segurança”. Nós usaremos os nossos próprios interesses, de forma que ele não perceba a gravidade do fato; e eles, de fato, descobriram como poderiam manipulá-lo facilmente. Se esses soldados realmente tivessem dormido, permitindo assim que os discípulos roubassem o corpo, como o mundo teria que acreditar, os sacerdotes e anciãos teriam sido os primeiros a solicitar junto ao governador que os soldados fossem punidos pela sua traição. Dessa forma, o cuidado deles pela segurança dos soldados mostra claramente que eles divulgaram uma mentira. Eles se comprometeram a protegê-los da espada da justiça de Pilatos, mas não poderiam protegê-los da espada da justiça de Deus, que paira sobre a cabeça daqueles que amam a mentira, e mentem. Eles prometem mais do que podem cumprir ao se comprometerem a salvar um homem de qualquer dano, depois de cometerem um pecado

premeditado.

Pois bem, assim o complô foi executado. Mas, que sucesso isso teve?

[1] Aqueles que estavam dispostos a enganar, pegaram o dinheiro e fizeram como foram instruídos. Eles se importavam tão pouco com Cristo e sua religião quanto os príncipes dos sacerdotes e anciãos; e os homens que não têm nenhuma religião poderiam ficar bastante satisfeitos se vissem o cristianismo ser destruído, e até mesmo ajudariam a destruí-lo, se fosse necessário, para servir à ocasião. Eles pegaram o dinheiro. Era isso a única coisa que os interessava, e nada mais. Observe que o dinheiro é uma isca para a tentação mais maligna; as línguas mercenárias venderão a verdade por ele.

O grande argumento para provar que Cristo é o Filho de Deus é a sua ressurreição. E ninguém poderia ter provas mais convincentes disso do que esses soldados; eles viram o anjo descer do céu, viram a pedra ser removida, viram o corpo de Cristo sair do túmulo, a menos que a consternação que sentiram os tenha impedido. No entanto, eles estavam tão longe de serem convencidos por tudo isso que foram contratados para desacreditá-lo, e impedir que outros cressem nele. Note que sem a operação conjunta do Espírito Santo, nem mesmo as evidências mais sensatas convencerão os homens.

[2] Aqueles que estavam predispostos a ser enganados não só acreditaram, mas propagaram a história. E foi divulgado esse dito entre os judeus, até o dia de hoje. A história falsa foi bem aceita, e atendeu ao seu propósito. Os judeus, que persistiam em sua infidelidade, quando ouviram o argumento da ressurreição de Cristo, ainda tinham esta resposta pronta: “Os seus discípulos vieram, e o roubaram”. A narrativa solene teve esse propósito (como Justino Mártir menciona em seu diálogo com Trifo, o judeu): o grande sinédrio divulgou essa mentira a respeito desse assunto a todos os judeus da dispersão, estimulando-os a uma resistência vigorosa ao cristianismo – disseram que quando eles o haviam crucificado e sepultado, os discípulos vieram à noite, e o roubaram do sepulcro. Assim, planejavam não só derrubar a verdade da ressurreição de Cristo, mas tornar os discípulos odiados no mundo, como os maiores vilões da natureza. Quando uma mentira é levantada, ninguém sabe até onde ela será divulgada, nem por quanto tempo ela irá durar, nem que malefício ela irá provocar. Alguns dão um sentido diferente a essa passagem. “E foi divulgado esse dito”, isto

é, “apesar do artifício dos príncipes dos sacerdotes, desse modo imposto sobre o povo, a trama que havia entre eles e os soldados, e o dinheiro que foi dado para apoiar a trapaça, foi divulgada e sussurrada entre os judeus”. Pois, de um modo ou de outro, a verdade sempre é revelada.

A Comissão Apostólica

vv. 16-20

Esse evangelista exclui várias outras aparições de Cristo relatadas por Lucas e João, e passa rapidamente a tratar daquilo que foi o evento mais solene, prometido e designado várias vezes antes de sua morte, e após a sua ressurreição. Considere:

I Como os discípulos reagiram ao seu aparecimento, o que estava de acordo com a instrução que receberam (v. 16). Eles partiram para a Galiléia, uma longa jornada a percorrer para uma única visão de Cristo, mas valeu a pena. Eles o haviam visto diversas vezes em Jerusalém, no entanto foram para a Galiléia, para vê-lo ali.

1. Porque o Senhor os instruiu a fazer isso. Embora parecesse desnecessário ir para a Galiléia – para ver o Senhor, a quem poderiam ver em Jerusalém, especialmente quando deveriam voltar tão cedo a Jerusalém, antes de sua ascensão –, eles tinham aprendido a obedecer as ordens de Cristo, e não se oporem a elas. Observe que aqueles que iriam manter uma comunhão com Cristo deveriam servi-lo no local que Ele designasse. Aqueles que o obedecem em uma ordenança, devem obedecê-lo em outra; aqueles que o viram em Jerusalém, deveriam ir para a Galiléia.

2. Porque essa deveria ser uma reunião pública e geral. Eles mesmos tinham visto o Senhor, e conversaram com Ele em particular. Mas isso não deveria servir como desculpa para que não comparecessem a uma reunião solene, onde muitos se reuniriam para vê-lo. Observe que a nossa comunhão com Deus, em nossa privacidade, não deve ultrapassar a nossa presença no culto público, conforme as oportunidades que tivermos; porque Deus ama as portas de Sião, e nós devemos fazer o mesmo. O lugar escolhido era uma montanha na Galiléia, provavelmente a mesma montanha na qual o Senhor foi transfigurado. Ali eles se encontraram, em particular, o

que talvez servisse para mostrar o estado exaltado no qual Ele entrou, e os seus avanços em direção ao mundo superior.

II Como eles foram afetados pelo aparecimento de Cristo a eles (v. 17). Agora temos o momento em que Ele foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos (1 Co 15.6). Alguns pensam que eles o viram, a princípio, de uma certa distância, acima, no ar, *ephthe epano – Ele foi visto acima*, por quinhentos irmãos (assim muitos lêem essa passagem), o que deu ocasião para que alguns duvidassem, até que Ele se aproximou (v. 18), e então ficaram satisfeitos. Somos informados:

1. Que eles o adoraram; muitos deles fizeram isso, e parece que todos o fizeram, dando-lhe uma honra divina, que foi sugerida por algumas expressões externas de adoração. Observe que todos aqueles que vêem o Senhor Jesus com um olhar de fé sentem-se obrigados a adorá-lo.

2. Mas alguns duvidaram, alguns que estavam presentes naquela ocasião. Observe que mesmo entre aqueles que adoraram havia alguns que duvidaram. Até mesmo a fé daqueles que são sinceros pode ser ainda muito fraca e inconstante. Eles duvidaram, *edistasan – eles ficaram em suspense*, como os pratos da balança, quando é difícil dizer qual prepondera. Essas dúvidas foram depois disso removidas, e a fé deles cresceu até alcançar a plena convicção, o que foi uma honra para Cristo. Pois, uma vez que os discípulos duvidaram antes de crer, eles não poderiam ser chamados de crédulos, e dispostos a receber quaisquer imposições; porque eles primeiro questionaram, e provaram todas as coisas, e então perseveraram no que era verdadeiro, e no que descobriram que era verdadeiro.

III O que Jesus Cristo lhes disse (vv. 18-20): “E, chegando-se Jesus, falou-lhes”. Embora alguns tenham duvidado, Ele não os rejeitou; porque Ele não “trilhará a cana quebrada”. Ele não ficou de longe, mas se aproximou, e lhes deu provas convincentes de sua ressurreição quando estabilizou a balança oscilante, e fez com que a fé deles triunfasse sobre as suas dúvidas. E, chegando-se Jesus, falou-lhes familiarmente, como um amigo fala com o outro, para que eles ficassem totalmente satisfeitos com a incumbência que Ele estava prestes a lhes dar. Aquele que se aproximou de Deus para lhe falar a nosso favor, se aproxima de nós para nos falar a respeito de Deus. Cristo agora entregou aos seus apóstolos a grande carta-régia do seu Reino

no mundo; estava enviando-os como os seus embaixadores, e aqui lhes dá as suas credenciais.

Ao abrirmos essa grande carta-régia, podemos observar duas coisas:

1. A comissão que o nosso Senhor Jesus recebeu de Deus Pai. Estando prestes a autorizar os seus apóstolos, se alguém perguntasse com que autoridade Ele faz as suas maravilhas, e quem lhe deu esta autoridade, aqui o Senhor nos diz: “É-me dado todo o poder no céu e na terra”; uma palavra muito expressiva, que ninguém além dele poderia pronunciar. Aqui Ele afirma o seu domínio universal como Mediador, que é o grande fundamento da religião cristã. Ele tem todo o poder. Observe: (1) Qual é a origem desse poder. Ele não o assumiu, não o usurpou, mas lhe foi dado. Ele foi legalmente autorizado a utilizá-lo, e foi investido nele, por uma concessão daquele que é a Fonte de todo o ser, e, conseqüentemente, de todo o poder. Deus Pai estabeleceu o Senhor Jesus como o Rei (Sl 2.6), fez com que Ele tomasse posse, e o entronizou (Lc 1.32). Sendo Deus, igual ao Pai, todo o poder era original e essencialmente dele. Mas como Mediador, como Deus-homem, todo o poder lhe foi dado. Em parte em recompensa pela sua obra (porque Ele se humilhou, portanto Deus assim o exaltou), e em parte como cumprimento de seu próprio desígnio. Ele teve esse poder que lhe foi dado sobre toda a carne, para que pudesse dar a vida eterna a todos quantos lhe foram dados (Jo 17.2), para a mais efetiva execução e aperfeiçoamento da nossa salvação. Era desse poder que Ele estava agora mais notoriamente investido; o poder da sua ressurreição (At 13.3). Sim, Ele tinha poder anteriormente, poder para perdoar pecados (cap. 9.6); mas agora todo o poder lhe foi dado. Ele agora receberá para si mesmo um reino (Lc 19.12), para se sentar à mão direita de Deus (Sl 110.1). Tendo-o comprado, nada lhe resta além de tomar posse; este Reino é dele para sempre. (2) Onde é que Ele tem esse poder; no céu e na terra, compreendendo o universo. Cristo é o único Monarca universal, Ele é o Senhor de tudo e de todos (At 10.36). Ele tem todo o poder no céu. Ele tem o poder do domínio sobre os anjos, todos eles são seus humildes servos (Ef 1.20,21). Ele tem o poder da intercessão junto ao seu amado Pai, em virtude de sua satisfação e expiação. Ele intercede, não como um suplicante, mas como um requerente: “Pai, quero”. Ele também tem todo o poder na terra; tendo atendido as exigências de Deus, através do sacrifício da expiação, Ele persuade aos homens, e lida com eles como aquele que tem autoridade, através do ministério da

reconciliação. Ele é, na verdade, em todas as causas e sobre todas as pessoas, o Supremo Mediador e Governador. Por Ele, os reis reinam. Todas as almas são dele, e a Ele todo coração e joelho devem se dobrar, e toda língua deve confessar que Ele é o Senhor. Isto, o nosso Senhor lhes diz, não só para satisfazê-los quanto à autoridade que Ele tinha para comissioná-los, e para conduzi-los na execução de sua comissão, mas para tirar a ofensa da cruz; eles não tinham motivos para se envergonhar do Cristo crucificado, quando o viram assim glorificado.

2. A comissão que Ele dá àqueles a quem Ele envia: “Portanto, ide”. Essa comissão é dada: (1) Primeiramente aos apóstolos, os principais ministros de estado no reino de Cristo, os arquitetos que colocaram o alicerce da igreja. Então aqueles que tinham seguido a Cristo na regeneração, assentaram sobre tronos (Lc 22.30): “Ide”. Não se trata apenas de uma palavra de ordem, como aquela: Filho, vai trabalhar; mas uma palavra de ânimo: Ide, e não temais, não vos enviei? Ide, e fazei este trabalho. Eles não devem se fixar e convocar as nações a ouvi-los; mas devem ir, e levar o Evangelho às portas das nações: “Ide”. Eles demonstravam uma grande afeição pela presença física de Cristo, apoiavam-se nela, e nela edificavam todas as suas alegrias e esperanças. Mas agora Cristo os desobriga de cuidarem de sua Pessoa, e os envia a outras terras para um outro trabalho. Como a águia desperta o seu ninho, move se sobre os seus filhos, para fazer-lhes voar (Dt 32.11), assim Cristo desperta os seus discípulos, para dispersá-los por todo o mundo. (2) Aos seus sucessores, os ministros do Evangelho, cuja missão é transmitir o Evangelho de geração em geração, até o fim do mundo, em termos cronológicos, assim como era a sua missão transmiti-lo de nação em nação, até o fim do mundo, em termos geográficos; e nenhuma dessas tarefas pode ser considerada menos necessária. A promessa do Antigo Testamento de um ministério do Evangelho é feita em termos de sucessão (Is 59.21); e isto deve ser assim entendido. Caso contrário, como Cristo poderia estar sempre com eles até à consumação do mundo? Cristo, em sua ascensão, não só “deu apóstolos e profetas, mas pastores e doutores” (Ef 4.11). Então observe:

[1] Até que ponto a sua comissão é estendida: a todas as nações. “Ide, e ensinai todas as nações”. Não que eles devessem ir todos juntos a todo lugar, mas por consentimento deveriam se dispersar de modo a poderem melhor difundir a luz do Evangelho. Agora isso se mostra claramente como

a vontade de Cristo. Em primeiro lugar, a aliança da peculiaridade, feita com os judeus, deveria agora ser cancelada e abolida. Essa palavra pôs abaixo o muro da divisão, que, por tanto tempo, havia excluído os gentios de uma igreja-estado visível; e, embora os apóstolos – quando foram enviados pela primeira vez – tenham sido proibidos de entrar no caminho dos gentios, agora eles foram enviados a todas as nações. Em segundo lugar, a salvação de Cristo deveria ser oferecida a todos, e ninguém seria excluído, a menos que alguém se excluísse por incredulidade e impenitência. A salvação que eles deveriam pregar é uma salvação comum; qualquer que quiser, venha, e aproveite o benefício da isenção; porque em Cristo Jesus não há nenhuma diferença entre judeus e gregos. Em terceiro lugar, o cristianismo deve estar entrelaçado com as constituições nacionais, de modo que os reinos do mundo se tornem reinos de Cristo.

[2] Qual é a principal intenção dessa comissão: ensinar todas as nações. *Matheteusate* – "*Admita-os como discípulos*; fazei o máximo para fazer das nações, nações cristãs"; não: "Ide às nações, e proclamai o juízo de Deus contra elas, como Jonas a Nínive, e como os outros profetas do Antigo Testamento" (embora tivessem motivo suficiente para esperar por isso, devido à maldade demonstrada pelas nações), mas: "Ide, e ensinai-as". Cristo, o Mediador, ao estabelecer um reino no mundo, traz os povos das nações para serem os seus súditos; estabelecendo uma escola, traz os povos das nações para serem os seus alunos; levantando um exército para a execução da guerra contra os poderes das trevas, alista as nações da terra sob a sua bandeira. A obra que os apóstolos tinham a fazer consistia em estabelecer a religião cristã em todos os lugares, e era um trabalho honrado; as conquistas dos heróis poderosos do mundo não eram nada quando comparadas a isso. Eles conquistaram as nações para si mesmos, e as tornaram infelizes; os apóstolos as conquistaram para Cristo, e as tornaram felizes.

[3] As instruções para executarem essa comissão.

Em primeiro lugar, eles devem admitir discípulos pelo rito sagrado do batismo: "Entrem em todas as nações, preguem o Evangelho aos povos, operem milagres nelas, e persuadam-nas a fazer parte da igreja, trazendo consigo os seus filhos; e então admitam-nos na igreja, lavando-os com água": seja mergulhando-os na água, derramando ou aspergindo água sobre eles. O mais apropriado parece ser o batismo por imersão, já que a palavra

batismo significa imersão. O texto em Isaías 44.3 também é muito importante neste contexto: “Derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade”. O texto em Tito 3.5,6 também menciona o Espírito que o Senhor derramou abundantemente sobre nós. Ezequiel 36.25 fala da água pura que o Senhor derrama sobre nós. O texto em Isaías 52.15 parece ser uma profecia dessa comissão que consiste em alcançar as nações.

Em segundo lugar, esse batismo deve ser administrado em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Isto é: 1. Pela autoridade do céu, e não do homem; porque os seus ministros agem pela autoridade das três pessoas da Trindade. O Pai, o Filho, e o Espírito Santo concordam quanto à nossa criação, como também quanto à nossa redenção; eles têm a sua comissão sob o grande selo do céu, que coloca uma honra sobre a ordenança, embora ao olhar carnal não tenha forma nem beleza, como aquele que o instituiu. 2. Invocando o nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Todas as coisas são santificadas pela oração, e particularmente pelas águas do batismo. A oração da fé obtém a presença de Deus com a ordenança, que é o seu brilho e beleza, a sua vida e eficácia. Mas: 3. É no nome (*eis to onoma*) do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Este conceito foi estabelecido como a síntese dos primeiros princípios da religião cristã, e da nova aliança. E os credos antigos foram redigidos com base nesse conceito. Ao sermos batizados, professamos solenemente: (1) A nossa concordância com a revelação das Escrituras com relação ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Confessamos a nossa crença de que há um Deus, de que existe apenas um Deus, que na Divindade há um Pai, um Filho, e um Espírito Santo. Nós somos batizados, não em nomes, mas em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, o que claramente sugere que estes três são um, e o nome deles é um só. A citação distinta das três pessoas da Trindade, tanto no batismo cristão mencionado aqui como na bênção cristã (2 Co 13.13), é uma prova plena da doutrina da Trindade. Muito tem sido feito para preservar essa doutrina pura e sadia durante todas as eras da igreja; porque nada é maior e mais majestoso do que ela nas assembléias cristãs. (2) O nosso consentimento com uma relação de aliança com Deus, o Pai, o Filho, e o Espírito Santo. O batismo é uma ordenança, isto é, é um juramento; *super sacramentum dicere*, é *falar com base em juramento.* É um juramento de abjuração, pelo qual renunciamos ao mundo e à carne, declarando-os rivais de Deus que competem pelo trono em nossos corações; é um juramento de fidelidade,

pelo qual abandonamos a nossa própria vontade e nos entregamos a Deus, para sermos seus. Isto significa que entregamos ao Senhor o nosso próprio ser, todo o nosso ser, corpo, alma e espírito, para sermos governados pela sua vontade, e sermos felizes desfrutando o seu favor. Assim nos tornamos homens e mulheres de Deus. É assim que honramos ao Senhor. Portanto, o batismo é aplicado à pessoa, garantindo um título de posse que está relacionado às premissas, porque é a pessoa que é dedicada a Deus. [1] O batismo é realizado em nome do Pai, pois cremos que Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (porque esta é a principal intenção aqui), e o nosso Pai. Como o nosso Criador, Sustentador e Benfeitor, a quem, portanto, entregamos a nós mesmos, como o nosso dono e proprietário absoluto, para nos impulsionar, e dispor de nós; como o nosso reitor e governador, para nos governar, como agentes livres, por sua lei; e como o nosso principal bem, e o nosso fim mais elevado. [2] É em nome do Filho, o Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, e correlato ao Pai. O batismo era, de uma maneira particular, administrado em nome do Senhor Jesus (At 8.16; 19.5). No batismo, concordamos, como fez Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (cap. 16.16), e consentimos, como fez Tomé: “Senhor meu, e Deus meu” (Jo 20.28). Aceitamos Cristo como o nosso Profeta, Sacerdote e Rei, e nos entregamos para sermos ensinados, salvos, e governados por Ele. [3] É em nome do Espírito Santo. Crendo na Divindade do Espírito Santo, e em sua ação para executar a nossa redenção, nos entregamos à sua direção e operação, como o nosso santificador, mestre, guia e consolador.

Em terceiro lugar, aqueles que são assim batizados, e admitidos entre os discípulos de Cristo, devem ser ensinados (v. 20): “Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”. Isso denota duas coisas:

1. O dever dos discípulos, de todos os cristãos batizados. Eles devem observar todas as coisas que Cristo ordenou, e, para esse fim, devem se sujeitar ao ensino daqueles que Ele envia. A nossa admissão na igreja visível tem um propósito maior. Quando Cristo nos ensinou, Ele não terminou o seu relacionamento conosco. Ele alista soldados que possam continuar a serem instruídos para o seu serviço.

Todos aqueles que são batizados são, portanto, obrigados: (1) A fazer da ordem de Cristo a sua regra. Há uma lei de fé, e nos é dito que devemos estar debaixo da lei de Cristo; pelo batismo, somos ligados, e devemos obedecer. (2) A guardar o que Cristo ordenou. A devida obediência aos

mandamentos de Cristo requer uma observação diligente; corremos o risco de sofrer grandes prejuízos se não prestarmos uma boa atenção a eles. E em toda a nossa obediência, devemos guardar a ordem, e fazer aquilo que fazemos como se estivéssemos fazendo algo para o Senhor. (3) A guardar todas as coisas que o Senhor Jesus ordenou, sem exceção; todos os deveres morais, e todas as ordenanças instituídas. A nossa obediência às leis de Cristo não será sincera se ela não for universal; devemos fazer a sua vontade de uma forma completa. (4) A se restringir aos mandamentos de Cristo, não diminuindo nem acrescentando nada a eles. (5) A aprender quais são os seus deveres – de acordo com a lei de Cristo – com aqueles a quem Ele designou para serem mestres em sua escola, pois foi para isso que entramos em sua escola.

2. O dever dos apóstolos de Cristo, e seus ministros; ou seja, falar dos mandamentos de Cristo, expô-los aos seus discípulos, expressar-lhes a necessidade de obediência, e auxiliá-los a aplicar os mandamentos gerais de Cristo a casos específicos. Eles devem ensinar os mandamentos, não as suas próprias invenções, mas aquilo que foi instituído por Cristo. Eles devem aderir religiosamente aos mandamentos, e os cristãos devem ser instruídos no conhecimento deles. Um ministério firme é aqui estabelecido na igreja, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à condição de varão perfeito (Ef 4.11-13). Os herdeiros do céu devem estar sob os cuidados de tutores e governadores, até que cheguem à maioridade.

3. Aqui está a segurança que o Senhor concede de sua presença espiritual com eles, na execução dessa comissão: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. Esta promessa grandiosa e preciosa é apresentada com o termo “eis” para fortalecer a fé deles, e fazer com que a observem. “Observem isto: Vocês podem estar seguros dessa promessa, e agir com base nela”. Considere:

(1) O favor que lhes foi prometido: “Eu estou convosco”. Não: Eu estarei convosco, mas: “Eu estou” – *ego eimi.* Assim como Deus enviou a Moisés, Cristo enviou os seus apóstolos, neste nome: “Eu sou”; pelo fato de Jesus Cristo ser Deus, para Ele o passado, o presente e o futuro são a mesma coisa. Veja Ap 1.8. Ele então estava prestes a deixá-los. A sua presença física agora seria tirada deles, e isto os entristeceu; mas Ele lhes assegura da sua presença espiritual, que seria mais útil a eles do que a sua presença física poderia ser. “Eu estou convosco”, isto é, “o meu Espírito está

convosco, o Consolador permanecerá convosco (Jo 16.7). Eu estou convosco, e não contra vós; convosco para vos ajudar, para estar ao vosso lado, e vos defender, como foi dito que Miguel, o nosso príncipe, faz (Dn 10.21). Eu estou convosco, e não ausente de vós, não de longe; Eu sou o socorro bem presente" (Sl 46.1). Cristo agora estava enviando-os para estabelecer o seu reino no mundo, o que seria uma grande tarefa. E então, no momento oportuno, Ele lhes promete a sua presença com eles: [1] Para ajudá-los nas dificuldades que eles provavelmente enfrentariam. "Eu estou convosco, para vos sustentar, para pleitear a vossa causa; convosco em todos os vossos serviços, em todos os vossos sofrimentos, para salvar-vos com conforto e honra. Quando passardes pelo fogo ou pela água, Eu estarei convosco. No púlpito, na prisão, 'eis que Eu estou convosco'". [2] Para que sejam bem-sucedidos nessa grande tarefa: "'Eis que eu estou convosco', para tornar o vosso ministério eficaz no ensino das nações, para a destruição do domínio e das fortalezas de Satanás, e para que possais estabelecer um domínio mais forte para o Senhor Jesus". Seria improvável que eles, por vontade própria, modificassem as constituições nacionais da religião, mudando os procedimentos que haviam sido adotados há tanto tempo; que eles estabelecessem uma doutrina tão diretamente contrária àquilo que era aceito na época, e persuadissem as pessoas a se tornarem os discípulos de um Jesus crucificado. Mas: "Eis que Eu estou convosco", e, portanto, cumprireis vossa missão.

(2) A continuidade do favor, sempre, até a consumação dos séculos.

[1] Eles terão a sua presença constante. Sempre, *pasas tas hemeras – todos os dias*, cada dia. "Eu estarei convosco aos sábados e nos dias da semana; nos dias bons e nos dias maus; nos dias de inverno e nos dias de verão". Não há dia, nem hora do dia, em que o Senhor Jesus não esteja presente com a sua igreja e com os seus ministros; se houvesse esse dia, essa hora, os seus seguidores teriam um problema muito sério. Desde a sua ressurreição, Ele lhes havia aparecido de vez em quando, quem sabe uma vez por semana, e talvez apenas isso. Mas Ele lhes assegura de que eles terão a sua presença espiritual permanentemente consigo, sem qualquer interrupção. Onde quer que estejamos, a Palavra de Cristo estará perto de nós, em nossos lábios, e o Espírito de Cristo perto de nós, em nossos próprios corações. O Deus de Israel, o Salvador, é, às vezes, um Deus que se oculta (Is 45.15), mas nunca um Deus que se ausenta; às vezes, não

podemos enxergá-lo, mas Ele nunca está longe de nós.

[2] Eles terão a sua presença perpétua, até “a consumação dos séculos”. Há um mundo diante de nós, que jamais terá fim, e o seu início está chegando apressadamente; e até lá, a religião cristã, em uma ou outra parte do mundo, será preservada, e a presença de Cristo será contínua com os seus ministros. Eu estou convosco “até à consumação dos séculos”; não apenas com a pessoa de cada um de vós, porque o ser humano morre rapidamente; mas, em primeiro lugar, convosco e com os vossos escritos. Há um poder divino acompanhando as Escrituras do Novo Testamento, não só preservando a sua existência, mas produzindo efeitos maravilhosos por meio deles, que continuarão até o fim dos tempos. Em segundo lugar, convosco e com os vossos sucessores; convosco e com todos os ministros do Evangelho nas várias épocas da igreja; com todos aqueles a quem essa comissão se estende; com todos os que, sendo devidamente chamados e enviados, assim batizam e assim ensinam. Quando a consumação dos séculos chegar, e o reino for entregue a Deus, o Pai, não haverá então nenhuma outra necessidade de ministros e da sua ministração; mas até lá eles continuarão, e as boas intenções da instituição serão respondidas. Essa é uma palavra animadora para todos os ministros fiéis de Cristo, de que o que foi dito aos apóstolos, foi dito a todos eles: “Nunca te deixarei, nem te desampararei”.

Encontramos duas despedidas solenes que o nosso Senhor Jesus fez à sua igreja, e a sua palavra final em ambas é muito animadora. Uma delas ocorreu aqui, quando Ele concluiu a sua conversa pessoal com eles, e então a sua palavra final foi: “‘Eis que eu estou convosco todos os dias’. Eu partirei, mas ainda estou convosco”. A outra despedida ocorreu quando Ele encerrou o cânon das Escrituras pela composição de seu discípulo amado, e então a sua palavra final foi: “‘Certamente, cedo venho’. Eu vos deixo por pouco tempo, mas em breve voltarei para vós” (Ap 22.20). Com isso, fica claro que o Senhor não partiu irado, mas com amor; e a sua vontade é que permaneçamos em nossa comunhão com Ele, mantendo a expectativa que temos em relação a Ele.

Resta ainda mais uma palavra que não deve ser ignorada, o “Amém”. Ela não é uma escrita cifrada, com o único propósito de ser uma palavra de encerramento, como “fim” no término de um livro, mas ela tem o seu significado e a sua importância. 1. Ela revela a confirmação de Cristo em

relação à sua promessa: “Eis que eu estou convosco”. É o seu Amém, em quem todas as promessas são Sim e Amém. Verdadeiramente, “Eu estou”, e estarei convosco. Eu, o Amém, a Testemunha fiel, vos asseguro disso. Ou: 2. Ela revela a concordância da igreja em seu desejo, oração, e expectativa. É o *Amém* do evangelista – *Assim seja*, Senhor bendito. O nosso Amém para as promessas de Cristo as transformam em orações. Cristo prometeu estar presente com os ministros, presente em sua palavra, presente nas reuniões do seu povo, mesmo que apenas dois ou três estejam reunidos em seu nome, e isso todos os dias, até à consumação dos séculos. Digamos Amém com muito entusiasmo; creiamos que será assim, e oremos para que possa ser assim. Senhor, lembra-te desta palavra dada aos teus servos, na qual nos fizeste esperar.

MARCOS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

studamos a evidência apresentada pela primeira testemunha da doutrina e dos milagres do nosso Senhor Jesus. Vamos analisar agora outra testemunha, que pede a nossa atenção. O segundo animal disse: “Vem e vê” (Ap 6.3). Vamos investigar um pouco:

I. A respeito dessa testemunha. O seu nome é Marcos. Marcos era um nome romano, um nome bastante comum, e ainda que não tenhamos motivo para imaginar isso, ele era, de nascimento, judeu. Mas assim como Saulo, quando viajou entre as nações, assumiu o nome romano de Paulo, como também era o de Marcos, e o seu nome judeu talvez fosse Mardocai, segundo Grotius. Nós lemos a respeito de João, cujo segundo nome era Marcos, filho da irmã de Barnabé, e de quem Paulo não gostou no início (At 15.37,38), mas por quem, depois, desenvolveu um grande afeto, e não somente ordenou que as igrejas o recebessem (Cl 4.10), mas mandou buscá-lo para que viesse ser o seu assistente, com o seguinte elogio: Ele “me é muito útil para o ministério” (2 Tm 4.11). Paulo também o menciona entre os seus companheiros cooperadores (Fm 24). Nós lemos a respeito de Marcos, a quem Pedro chama de seu filho, pois o apóstolo foi um instrumento da sua conversão (1 Pe 5.13). Não se sabe se este era o mesmo Marcos citado; se não for, não se sabe qual deles foi o autor deste Evangelho. É uma tradição muito corrente entre os antigos que Marcos escreveu este Evangelho sob a orientação de Pedro, e que o texto foi confirmado pela autoridade de Pedro, segundo Hieron. *Catal. Script. Eccles. Marcus discipulus et interpres Petri, juxta quod Petrum referentem audierat, legatus Roma à fratribus, breve scripsit evangelium – Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, tendo sido enviado de Roma pelos irmãos, escreveu um evangelho conciso;* e Tertuliano disse (*Adv. Marcion.*, liv. 4, cap. 5): *Marcus*

quod edidit, Petri affirmetur, cujus interpres Marcus – Marcos, o intérprete de Pedro, entregou por escrito as coisas que tinham sido pregadas por Pedro. Mas como bem sugere o Dr. Whitby: Por que devemos recorrer à autoridade de Pedro para a confirmação deste Evangelho, ou dizer, com Jerônimo, que Pedro o aprovou e recomendou pela sua autoridade, para que a igreja o lesse, quando, embora seja verdade que Marcos não foi apóstolo, ainda assim temos todas as razões do mundo para pensar que tanto ele como Lucas pertenciam ao grupo dos setenta discípulos, que acompanharam os apóstolos durante todo o tempo (At 1.21). Eles tinham uma tarefa como a dos apóstolos (veja Lucas 10.19, comparando com Marcos 16.18), e é altamente provável que tenham recebido o Espírito Santo juntamente com os apóstolos (At 1.15; 2.1-4). Portanto, será que a validade ou o valor deste Evangelho não são diminuídos em nada, pelo fato de Marcos não ser um dos doze, como Mateus e João eram? Jerônimo diz que, depois da escrita deste Evangelho, Marcos foi para o Egito, e foi o primeiro que pregou o Evangelho em Alexandria, onde fundou uma igreja, para a qual ele era um grande exemplo de vida santa. *Constituit ecclesiam tantae doctrinae et vitae continentiae ut omnes sectatores Christi ad exemplum sui cogeret – Ele embelezou tanto, com a sua doutrina e a sua vida, a igreja que fundou, que o seu exemplo influenciou todos os seguidores de Cristo.*

II A respeito desse testemunho. O Evangelho de Marcos: 1. É muito curto, muito mais curto que o de Mateus, não contém um relato tão completo dos sermões de Cristo como aquele, mas insiste, principalmente, nos seus milagres. 2. Em grande parte, é uma repetição do que lemos em Mateus; várias circunstâncias notáveis foram acrescentadas às histórias ali relatadas, mas não muitos assuntos diferentes. Quando muitas testemunhas são chamadas para provar o mesmo fato, sobre o qual deve ser feito um julgamento, não se julga tedioso, mas altamente necessário, que cada um deles relate o fato com as suas próprias palavras, repetidas vezes, para que com a concordância dos seus testemunhos a verdade possa ser estabelecida, e, portanto, nós não devemos julgar este livro das Escrituras desnecessário, pois ele foi escrito não apenas para confirmar a nossa fé de que “Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”, mas para colocar na nossa mente coisas que já lemos no Evangelho anterior, para que possamos “atentar, com mais diligência” para elas, para que em nenhuma circunstância as deixemos escapar. Mesmo as

mentes puras têm necessidade de serem estimuladas dessa forma, pela recordação. Era adequado que grandes coisas como essas fossem faladas e escritas, uma vez, ou duas, porque o homem é altamente incapaz de percebê-las, e muito apto a esquecê-las. Não existe fundamento para a tradição de que este Evangelho tenha sido escrito primeiro em latim, embora tivesse sido escrito em Roma; ele foi escrito em grego, assim como a epístola do apóstolo Paulo aos romanos, pois o grego era uma língua universal.

CAPÍTULO 1

A narrativa de Marcos não se inicia em uma data tão antiga quanto as de Mateus e Lucas, ou seja, no nascimento do nosso Salvador. Ele principia no batismo de João, de onde logo passa ao ministério público de Jesus Cristo. De acordo com isso, nesse capítulo, nós temos, I. O trabalho de João Batista ilustrado pela profecia a respeito dele (vv. 1-3), e pela sua história (vv. 4-8). II. O batismo de Jesus, e a sua confirmação do céu (vv. 9-11). III. A sua tentação (vv. 12,13). IV. A sua pregação (vv. 14,15,21,22,38,39). V. A convocação dos discípulos (vv. 16-20). VI. As suas orações (v. 35). VII. A realização dos seus milagres. 1. A sua repreensão a um espírito imundo (vv. 23-28). 2. A cura da sogra de Pedro, que sofria com uma febre (vv. 29-31). 3. A cura de todos os que vinham até Ele (vv. 32,34). 4. A cura de um leproso (vv. 40-45).

O Ministério de João Batista

vv. 1-8

Podemos observar aqui:

I Que o Novo Testamento é o divino testamento, ao qual nos unimos acima de tudo o que é humano. O Novo Testamento, que nós promovemos acima daquele que foi designado como Antigo. É o “evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (v. 1). 1. É o Evangelho; é a Palavra de Deus, e esta é fiel e verdadeira (veja Ap 19.9; 21.5; 22.6). É uma “boa palavra”, e muito “digna

de toda a aceitação"; ela nos traz boas-novas, ou seja, notícias muito felizes. 2. É o Evangelho de Jesus Cristo, o Salvador ungido, o Messias prometido e esperado. O Evangelho anterior começou com a "geração de Jesus Cristo", o que era apenas uma informação preliminar. Este Evangelho vai diretamente ao tema central – o Evangelho de Jesus Cristo. É chamado de seu Evangelho, não somente porque Ele é o seu Autor, e se origina dele, mas também porque Ele é o Sujeito do Evangelho, e este Evangelho trata exclusivamente de Jesus Cristo. 3. Esse Jesus é o Filho de Deus. Esta verdade é a base sobre a qual o Evangelho é construído, e ele foi escrito com a finalidade de demonstrar tal verdade; pois se Jesus não fosse o Filho de Deus, a nossa fé seria vã.

II Que a referência do Novo Testamento é o Antigo, e a coerência entre eles.

O Evangelho de Jesus Cristo começa, e veremos que ele se desenvolve exatamente como havia sido escrito pelos profetas (v. 2); pois não é dito "nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer" (At 26.22), o que era muito adequado e poderoso para a condenação dos judeus, pois eles acreditavam que os profetas do Antigo Testamento tinham sido enviados por Deus e deveriam ter evidenciado que eles realmente o eram, dando as boas-vindas ao cumprimento das suas profecias, na época apropriada. Esse Evangelho é útil, a todos nós, para a confirmação da nossa fé, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, pois a harmonia exata que existe entre os dois mostra que ambos têm a mesma origem divina.

As citações aqui foram tomadas emprestadas de duas profecias, a de Isaías, que foi a mais comprida, e a de Malaquias, que foi a última (e havia mais de trezentos anos entre elas); ambas falavam do mesmo significado, a respeito do início do Evangelho de Jesus Cristo, no ministério de João.

1. Malaquias, com quem nos despedimos do Antigo Testamento, falou muito claramente (Ml 3.1) a respeito de João Batista, que devia dar as boas-vindas ao Novo Testamento. "Eis que eu envio o meu anjo ante a tua face" (v. 2). O próprio Cristo tinha observado isso, e o aplicou a João (Mt 11.10), que era o mensageiro de Deus enviado para preparar o caminho para o Cristo.

2. Isaías, o mais messiânico de todos os profetas do AT, começa a parte evangélica da sua profecia com este ponto, que aponta para o início do Evangelho de Cristo (Is 40.3): "Voz do que clama no deserto" (v. 3). Mateus observou isso, e o aplicou a João Batista (Mt 3.3). Mas com a comparação dos dois, podemos observar: (1) Que Cristo, no seu Evangelho, vem a nós,

trazendo consigo um tesouro de graça, e um cetro de governo. (2) Tal é a corrupção do mundo, que existe algo a ser feito, para abrir caminho para Ele, e para remover aquilo que não apenas obstrui, mas se opõe ao seu progresso. (3) Quando Deus enviou o seu Filho ao mundo, Ele se preocupou, e quando Ele o envia aos corações, Ele se preocupa, realmente, em preparar o seu caminho diante dele. Os desígnios da graça do Senhor não serão frustrados; ninguém pode esperar os consolos daquela graça, exceto aqueles que, por convicção do pecado e humilhação por ele, estão preparados para tais consolos, e dispostos a recebê-los. (4) Quando os caminhos que estavam deformados forem endireitados (quando os enganos de julgamento forem retificados, e os caminhos tortuosos forem endireitados), então o caminho estará aberto para os consolos de Cristo. (5) O fato ocorre em um deserto, pois é isso o que este mundo é. O caminho de Cristo e o caminho daqueles que o seguem é preparado. Esse caminho é semelhante ao caminho pelo qual Israel atravessou em Canaã. (6) Os mensageiros da condenação e do terror que vêm para preparar o caminho de Cristo, são os mensageiros de Deus que Ele envia e possui; eles devem ser recebidos como tais. (7) Aqueles que são enviados para “preparar o caminho do Senhor”, em um deserto tão enorme como é este mundo, têm necessidade de gritar, e não se poupar, e de levantar a sua voz como a trombeta.

III Qual foi o princípio do Novo Testamento. O Evangelho começou com João Batista, pois a lei e os profetas eram, até João, a única revelação divina, mas então o Reino de Deus começou a ser anunciado (Lc 16.16). Pedro começa com o batismo de João (At 1.22). O Evangelho não tem início em uma data mais antiga, como o nascimento de Cristo, pois Ele tardou algum tempo para crescer em sabedoria e estatura; e não numa data mais tardia, como a sua entrada no seu ministério público; mas cerca de meio ano antes, quando João começou a pregar a mesma doutrina que Cristo pregaria mais tarde. O seu batismo foi o amanhecer do dia do Evangelho, pois:

1. No modo de vida de João, houve o início de uma tipificação do Evangelho, pois ele exibia grande renúncia de si mesmo, mortificação da carne, um santo desprezo pelo mundo, e uma não conformidade com ele, e tudo isto pode verdadeiramente ser chamado de “Princípio do evangelho de Jesus Cristo” em qualquer alma (v. 6). Ele “andava vestido de pêlos de camelo”, e não com vestuário macio; ao redor dos seus lombos ele tinha, não

um cinto de ouro, mas um “cinto de couro’; e, em desprezo às guloseimas e coisas delicadas, o seu alimento consistia de “gafanhotos e mel silvestre”. Observe que quanto mais nós nos desprendermos do corpo, e vivermos acima do mundo, mais bem preparados estaremos para Jesus Cristo.

2. Na pregação de João e no seu batismo, estavam o princípio das doutrinas e regulamentações do Evangelho, e os seus primeiros frutos. (1) Ele pregava “a remissão dos pecados”, que é o grande privilégio do Evangelho. Ele mostrava às pessoas a necessidade que tinham de obtê-la, pois estariam destruídas se não o fizessem, e que a remissão podia ser conseguida. (2) Ele pregava “o arrependimento”, para a remissão dos pecados. Ele dizia às pessoas que deve haver uma renovação nos seus corações, e uma transformação nas suas vidas; que elas devem abandonar os seus pecados, e voltar-se para Deus, e nestes termos, e não em outros, os seus pecados seriam perdoados. O arrependimento para a remissão dos pecados foi o tema que os apóstolos foram comissionados a pregar em todas as nações (Lc 24.47). (3) Ele pregava a Cristo, e orientava os seus ouvintes a esperar que Ele aparecesse inesperadamente, e a esperar grandes coisas dele. A pregação sobre o Cristo é puro Evangelho, e esta era a pregação de João Batista (vv. 7,8). Como um verdadeiro ministro do Evangelho, ele pregava: [1] A grande preeminência de Cristo. Tão grandioso, tão elevado, é Cristo, que João, embora fosse o maior entre os nascidos de mulher, se julga indigno de ser empregado no trabalho mais humilde junto a Ele, até mesmo de abaixar-se e desatar as correias das suas sandálias. Diligente é aquele que o honra, e que leva os outros a fazerem o mesmo. [2] O grande poder de que Cristo está investido: “Após mim vem aquele que é mais forte do que eu”, e mais forte que os poderosos da terra. Ele “batizará com o Espírito Santo”. Ele pode conceder o Espírito de Deus, e por intermédio desse precioso Espírito, governar o espírito dos homens. [3] A grande promessa que Cristo faz, no seu Evangelho, àqueles que se arrependem, e que têm os seus pecados perdoados: Ele “vos batizará com o Espírito Santo”; eles serão purificados pela sua graça, e revigorados pelo seu consolo. E, por fim, todos aqueles que recebiam a sua doutrina e que se submetiam à sua instituição eram batizados com água, da mesma maneira que os judeus admitiam prosélitos, como sinal de que haviam se purificado pelo arrependimento e pela transformação (que eram os deveres exigidos). Porém Cristo os purificava pela remissão e pela santificação, que eram as bênçãos prometidas. Mais tarde, essa prática se

tornaria uma ordenança do Evangelho. O seu uso por parte de João também era uma antecipação dessa ordenança.

3. No sucesso da pregação de João, e nos discípulos que ele admitia pelo batismo, estava o início da dispensação do Evangelho. João batizava no deserto, e se recusava a ir às cidades; mas "toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele", habitantes tanto da cidade quanto do campo com as suas famílias, e todos eram batizados por ele. Eles se faziam seus discípulos, e se submetiam à sua disciplina. Como sinal disso, eles confessavam os seus pecados e João os aceitava como seus discípulos e, depois, os batizava. Aqui estava o poder da dispensação do Evangelho; o orvalho da sua mocidade, vindo do próprio seio da alva (Sl 110.3). Muitos desses, mais tarde, se tornaram seguidores de Cristo, e pregadores do seu Evangelho, e esse grão de mostarda se tornou uma grande e frondosa árvore.

O Batismo de Jesus

vv. 9-13

Aqui temos uma breve narrativa do batismo e da tentação de Cristo, narrados mais detalhadamente em Mateus, capítulos 3 e 4.

I Seu batismo foi a sua primeira aparição pública, depois de viver muito tempo desconhecido em "Nazaré". Ó, quanto valor oculto existe, neste mundo que está perdido na poeira do desprezo, e não pode ser conhecido, ou envolto no véu da humildade, e não será conhecido! Porém mais cedo ou mais tarde, será conhecido, assim como o valor de Jesus Cristo o foi.

1. Veja com que humildade Ele confessou a Deus Pai, ao vir para ser "batizado por João", pois lhe era conveniente "cumprir toda a justiça". Assim Ele assumiu a "semelhança da carne do pecado", para que, embora Ele fosse perfeitamente puro e imaculado, ainda assim fosse lavado, como se tivesse sido contaminado; e por nós Ele se santificou, para que nós também pudéssemos ser santificados, e batizados com Ele (Jo 17.19).

2. Observe com que honra Deus o confessou, quando Ele se submeteu ao batismo de João. O Senhor honrou todos aqueles que o justificaram através da aceitação do batismo de João (Lc 7.29,30).

(1) Ele "viu os céus abertos". Assim Ele foi reconhecido como sendo o Senhor do céu, e teve um relance da glória e do gozo que lhe estavam

propostos, e assegurados a Ele, como recompensa pela sua missão. Mateus disse: “Eis que se lhe abriram os céus” (Mt 3.16). Marcos disse que Ele “viu os céus abertos”. Muitos têm os céus abertos para recebê-los, mas eles não os vêem. Jesus Cristo não somente tinha uma clara presciência dos seus sofrimentos, mas também da sua glória.

(2) Ele viu “o Espírito, que, como pomba, descia sobre ele”. Observe que quando pudermos ver o céu aberto para nós, então perceberemos o Espírito descendo e trabalhando em nós. A boa obra de Deus em nós é a evidência mais segura da sua boa vontade para conosco, e daquilo que Ele prepara para nós. Justino Mártir disse que quando Jesus foi batizado, um fogo se acendeu no Jordão – e há uma tradição antiga de que uma grande luz brilhou ao redor do lugar. O Espírito traz luz e também calor.

(3) Ele ouviu uma voz cujo objetivo era incentivá-lo a prosseguir em sua missão, e por isso aqui se diz que ela se dirigia a Ele: “Tu és o meu Filho amado”. Deus Pai faz com que Ele saiba: [1] Que Ele não o amou menos por essa condição humilde e pobre à qual Ele tinha se humilhado. Em outras palavras: “Embora destituído e sem reputação, Ele ainda é o meu Filho amado”. [2] Que Ele o amou ainda mais por ter se comprometido com essa missão generosa e gloriosa. Deus se compraz em Jesus, que seria o Mediador de todas as questões controversas entre Ele e o homem. Ele se compraz nele para comprazer-se conosco, nele.

II A sua tentação. O bom Espírito que desceu sobre Ele, “o impeliu para o deserto” (v. 12). Paulo menciona isso como uma prova de que ele recebeu a sua doutrina de Deus, e não dos homens. Assim que foi chamado, não se dirigiu a Jerusalém, mas partiu para a Arábia (Gl 1.17). O afastamento do mundo é uma oportunidade de conversa mais livre com Deus, e por isso deve, às vezes, ser escolhido, por algum tempo, mesmo por aqueles que são convocados para grandes tarefas. Marcos observa essa circunstância de Cristo estar no deserto, dizendo que Ele “vivia entre as feras”. O fato de Jesus não ter sido destroçado pelos animais foi um exemplo do cuidado que o Pai tinha por Ele. Assim, Jesus foi encorajado, entendendo que Deus Pai proveria os alimentos necessários quando Ele tivesse fome. Proteções especiais são sinais de que seremos abastecidos, quando precisarmos. Da mesma maneira, isso indicava a falta de humanidade dos homens daquela geração, em cujo meio Jesus deveria viver. Eles não eram melhores do que os animais no deserto; na

verdade, eram muito piores. Nesse deserto:

1. Os espíritos malignos se ocuparam dele. Ele foi “tentado por Satanás”. Não por quaisquer influências internas (o príncipe deste mundo não tinha nele nada em que pudesse se prender), mas por solicitações externas. A solidão sempre oferece vantagem ao tentador, por isso, “melhor é serem dois do que um”. O próprio Cristo foi tentado, não somente para nos ensinar que ser tentado não é pecado, mas para nos orientar para onde ir, em busca de auxílio, quando formos tentados. Devemos recorrer Àquele que sofreu, sendo tentado. Ele pode nos socorrer perfeitamente quando somos tentados, porque experimentou o sofrimento pessoalmente.

2. Os bons seres celestiais trabalhavam para Ele: “Os anjos o serviam”, fornecendo-lhe tudo aquilo que Ele necessitava, e ajudando-o obedientemente. Observe que o ministério dos anjos bons a nosso favor é uma questão de grande consolo, em contraste com os maldosos desígnios dos anjos maus contra nós – entretanto, o que mais nos favorece é termos o precioso Espírito Santo morando nos nossos corações. Aqueles que o possuem são nascidos de Deus, e enquanto assim estiverem o mal não os tocará, muito menos triunfará sobre eles.

O Início do Ministério de Cristo

vv. 14-22

Aqui temos:

I Uma narrativa geral da pregação de Jesus Cristo na Galiléia. João nos apresenta um relato da sua pregação na Judéia, anterior a esta (caps. 2 e 3), que os demais evangelistas omitiram, relatando principalmente o que ocorreu na Galiléia, porque isso era menos conhecido em Jerusalém. Observe:

1. Quando Jesus começou a pregar na Galiléia: “Depois que João foi entregue à prisão”. Quando João concluiu o seu testemunho, então Jesus começou o seu. Note que o silenciar dos ministros de Cristo não será a supressão do Evangelho de Cristo; se algum deles for posto de lado, outros se erguerão, talvez mais poderosos do que aquele, para prosseguir no mesmo trabalho.

2. O que Ele pregava: “O Evangelho do Reino de Deus”. Cristo veio para estabelecer o Reino de Deus entre os homens, para que eles pudessem ser

levados a se sujeitar ao Reino, e, nele, pudessem obter a salvação. O Senhor Jesus o estabeleceu por meio da pregação do seu Evangelho, e do poder que o acompanha.

Observe: (1) As verdades que Cristo pregava. “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo”. Isto é uma referência ao Antigo Testamento, no qual foi prometido o reino do Messias, e fixado o tempo para a sua apresentação. Eles não eram tão conhecedores dessas profecias, nem observavam tão bem os sinais do tempo, para compreendê-los por si mesmos. Por isso Cristo lhes dá o aviso. “O tempo pré-determinado é chegado, gloriosas descobertas de luz, vida e amor divinos serão feitas agora; uma nova revelação, muito mais espiritual e celestial do que tiveram até agora, está prestes a começar”. Deus observa o tempo; quando o tempo se cumpre, é chegado o Reino de Deus, pois a visão é “para o tempo determinado”, que será pontualmente observado, mesmo que ele ocorra após os nossos dias.

(2) Os grandes deveres que podem ser deduzidos desse fato. Cristo os fez compreender os tempos, para que eles pudessem saber o que Israel deveria fazer. Eles esperavam ansiosamente que o Messias aparecesse com pompa e poder externos, não somente para libertar a nação judaica do jugo romano, mas também para fazê-la dominar todos os seus vizinhos. Por isso pensavam que quando fosse chegado aquele Reino de Deus, precisariam se preparar para a guerra, e para a vitória e a promoção, e para as grandes coisas do mundo; mas Cristo lhes diz, que com a perspectiva de aproximação daquele Reino, eles deviam se arrepender e crer no Evangelho. Eles tinham infringido a lei moral, e não poderiam ser salvos por um concerto de inocência, pois tanto os judeus quanto os gentios são considerados culpados. Portanto, eles devem receber o benefício do concerto da graça, devem se sujeitar a uma lei corretiva, que é o arrependimento diante de Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Eles não faziam uso das salvaguardas prescritas, e por isso deveriam recorrer aos socorros prescritos. Por meio do arrependimento, devemos lamentar e abandonar os nossos pecados, e, por meio da fé, devemos receber o perdão por eles. Por meio do arrependimento, devemos dar glória ao nosso Criador, a quem ofendemos; pela fé, devemos dar glória ao nosso Redentor, que veio para nos salvar dos nossos pecados. Ambos (o arrependimento e a fé) devem andar juntos. Não devemos pensar nem que a transformação das nossas vidas nos irá salvar sem a confiança na justiça e graça de Cristo, nem que confiar em Cristo irá nos salvar sem a

transformação de nossos corações e vidas. Cristo uniu as duas coisas, e não permitiu que o homem considerasse separá-las. Elas devem ajudar-se e favorecer uma à outra. O arrependimento despertará a fé, e a fé fará com que o arrependimento esteja de acordo com o Evangelho; e a sinceridade de ambos, juntos, será evidenciada por uma obediência diligente e conscienciosa a todos os mandamentos de Deus. Dessa maneira, teve início a pregação do Evangelho, e assim ela prosseguiu. O chamado ainda é: “Arrependei-vos, e crede no Evangelho”. Devemos viver uma vida de arrependimento e fé.

II A aparição de Cristo como Mestre, aqui, está próxima do seu chamado aos discípulos (vv. 16-20). Observe que: 1. Cristo terá seguidores. Se Ele estabelecer uma escola, terá alunos; se Ele estabelecer a sua bandeira, terá soldados; se Ele pregar, terá ouvintes. Ele segue um caminho efetivo para assegurar que isso aconteça; pois cada pessoa que o Pai lhe deu, irá, sem dúvida, até Ele. 2. Os instrumentos que Cristo escolheu para usar no estabelecimento do seu reino foram as coisas fracas e loucas do mundo (veja 1 Co 1.27). Ele não escolheu entre os homens do grande sinédrio, nem nas escolas dos rabinos, mas escolheu entre as lonas à beira-mar, para que a excelência do poder pudesse ser completamente de Deus, e não deles, de maneira alguma. 3. Embora Cristo não precise da ajuda do homem, ainda assim Ele se agrada de fazer uso dela para estabelecer o seu Reino, para que Ele possa lidar conosco, não de uma maneira formidável, mas de uma maneira familiar, e para que no seu reino os nobres e os governantes sejamos nós mesmos (Jr 31.21; 2 Cr 23.20). 4. Cristo deposita honra sobre aqueles que, embora sejam pobres no mundo, são diligentes na sua obra, e se amam, uns aos outros; assim eram aqueles que Cristo chamou. Ele os encontrou em atividade, e os empregou juntos.A dedicação e a unidade são benéficas e agradáveis, e ali o Senhor Jesus “ordena a bênção”, até mesmo a bênção maior: “Segue-me”. 5. O dever dos ministros é serem “pescadores” de almas, e conquistá-las para Cristo. Os filhos dos homens, na sua condição natural, estão perdidos, vagando incessantemente no grande oceano deste mundo, e sendo arrastados pela corrente do seu curso; eles são inúteis. Como leviatã nas águas, eles folgam; e freqüentemente, como os peixes do oceano, eles se devoram, uns aos outros. Os ministros, ao pregar o Evangelho, lançam a rede ao mar (Mt 13.47). Alguns são apanhados e levados à praia, mas um número maior escapa. Os pescadores fazem grandes esforços, e se expõem a grandes

perigos. O mesmo acontece com os ministros; e eles têm necessidade de sabedoria. Mesmo que muitas redes lançadas não tragam nada, eles precisam continuar. 6. Aqueles a quem Cristo chamou abandonaram tudo para segui-lo; e pela sua graça, Ele os impele a fazer isso. Não que precisemos sair pelo mundo imediatamente, mas nós devemos nos desapegar do mundo, e abandonar tudo o que for incoerente com o dever que temos em relação a Cristo, e que não pode ser mantido sem que haja um prejuízo para a nossa alma. Marcos chama a nossa atenção para o caso de Tiago e João, que não somente abandonaram o seu pai (como lemos em Mateus), mas também os seus empregados, a quem talvez amassem como seus irmãos, pois eram seus colaboradores e companheiros amistosos. Não somente os parentes, mas também os amigos devem ser abandonados por amor a Cristo, além dos velhos conhecidos. Talvez isso seja uma indicação do carinho que tinham pelo seu pai: eles não o deixaram sem ajuda, pois deixaram os empregados com ele. Grotius pensa que isso é mencionado como uma evidência de que a chamada foi proveitosa para eles. Valeria a pena conservar os servos para ajudarem naquela atividade mediante pagamento, visto que a falta das suas mãos seria grandemente sentida; e então eles os deixaram com seu pai.

III Aqui está uma narrativa particular da pregação de Jesus em Cafarnaum, uma das cidades da Galiléia; pois embora João Batista pregasse no deserto, e o fizesse bem, ainda assim o lugar da pregação é algo indiferente, e estavam ambos realizando o seu dever, e ambos foram úteis. Observe que: 1. Quando Cristo veio a Cafarnaum, Ele imediatamente começou a sua obra ali, e aproveitou a primeira oportunidade para pregar o Evangelho. Aqueles que consideram a quantidade de trabalho que têm para realizar, e o pouco tempo que têm para fazê-lo, se preocupam em não perder tempo. 2. Cristo observava religiosamente o sábado judeu, embora não se prendendo à tradição dos anciãos, sobre todos os detalhes do descanso do sábado, mas (o que era ainda melhor) dedicando-se ao trabalho que realmente deveria ser feito no sábado, e abundando nele, pois para isso foi instituído o descanso do sábado. 3. Os “sábados” devem ser santificados em assembléias religiosas, se tivermos essa oportunidade. É um dia santo, e deve ser honrado com uma santa convocação; assim era desde os tempos mais remotos (At 13.27; 15.21). No sábado, *pois sabbasin – no dia do sábado*, todos os sábados, Jesus ia à sinagoga. 4. Nas assembléias religiosas deve-se pregar o Evangelho, e

aqueles que forem ensinados deverão estar dispostos a aprender a verdade tal qual ela é em Jesus. 5. Cristo não era um pregador desse tipo. Ele não pregava como os escribas, que apresentavam a lei de Moisés de memória, como os meninos da escola elementar repetem as suas lições, mas nunca estão familiarizados com ela (o próprio Paulo, quando era um fariseu, não conhecia a lei), nem influenciados por ela. Ela não vinha do coração, e, portanto, não vinha com autoridade. Mas Cristo ensinava como alguém que tinha autoridade, como alguém que conhecia a mente de Deus e que estava encarregado de declará-la. 6. Na doutrina de Cristo há muita coisa surpreendente; quanto mais a ouvimos, mais motivos temos para admirá-la.

A Expulsão dos Espíritos Imundos

vv. 23-28

Tão logo Cristo começou a pregar, Ele começou a realizar milagres para a confirmação da sua doutrina; e os milagres eram feitos de modo a evidenciar o desígnio e a tendência da sua doutrina, que eram derrotar Satanás e curar as almas enfermas.

Nesses versículos, temos:

I Cristo expulsando "um espírito imundo" de um homem que estava endemoninhado, na sinagoga de Cafarnaum. Essa passagem não está narrada em Mateus, mas sim em Lucas 4.33. "Estava na sinagoga deles um homem com um espírito imundo", *en pneumati akatharto – em um espírito imundo*; pois o espírito tinha o homem sob seu controle, e o fazia cativo da sua vontade. Assim também se diz que o mundo inteiro está cativo *en to ponero – no maligno*. Alguns julgam mais apropriado dizer: O corpo está cativo da alma, pois é governado por ela, e não a alma cativa do corpo. Ele estava cativo de um espírito imundo, assim como um homem está sob a ação de uma febre, ou em um frenesi, praticamente dominado por isso. Observe que o demônio aqui é chamado de "espírito imundo", porque ele perdeu toda a pureza da sua natureza, porque ele age em oposição direta ao Espírito Santo de Deus, e porque com as suas idéias ele contamina o espírito dos homens. Esse homem estava na sinagoga; ele não foi até lá nem para ser ensinado, nem para ser liberto, mas, como julgam alguns, para confrontar a Cristo e opor-se a Ele, e impedir que as pessoas cressem nele. Aqui temos,

1. A fúria que o espírito imundo expressou contra Cristo: na presença de Cristo ele “exclamou”, como alguém que está em agonia, e temeroso de ser desalojado. Assim “os demônios o crêem e estremecem”, têm horror a Cristo, mas não têm esperança nele, nem respeito por Ele. Nós lemos o que ele disse (v. 24). Satanás não pretende capitular a Ele, nem chegar a um acordo com Ele (pois está longe de aliar-se ou compactuar com Ele), mas fala como alguém que conhece a sua própria perdição. (1) Ele o chama de “Jesus Nazareno”. Por mais insignificante que isso possa parecer, ele foi o primeiro a chamá-lo assim, e o fez com o intuito de encher as mentes das pessoas com maus pensamentos a respeito de Jesus, porque não se esperava nada bom vindo de Nazaré. Satanás lançou preconceitos contra o Senhor, como se fosse um enganador, porque todos sabiam que o Messias deveria ser de Belém. (2) Mas uma confissão é arrancada dele: a de que Jesus Cristo é o Santo de Deus, assim como se arrancou da jovem que tinha espírito de adivinhação, a respeito dos apóstolos, que eles eram servos do Deus Altíssimo (At 16.16,17). Aqueles que têm somente uma noção de Cristo, de que Ele é o Santo de Deus, e não têm fé nele, ou amor por Ele, não vão além da confissão. Essa confissão é muito importante, mas é feita até mesmo pelos demônios. (3) Na verdade, ele reconheceu que Cristo era demais para Ele, e que ele não poderia resistir ao poder de Cristo. Entre outras palavras: “Deixe-nos em paz, pois se você nos repreender, nós seremos destruídos. Você não pode nos destruir”. A desgraça dos espíritos malignos consiste no fato de que eles persistem na sua rebelião, mesmo sabendo que isto acabará sendo a sua destruição. (4) Esse espírito imundo deseja não ter nada a ver com Jesus Cristo, pois ele se desespera com a idéia de ser expulso por Ele, e se aterroriza com a idéia de ser destruído por Ele. “Que temos contigo?” Ou seja: “Se você nos deixar em paz, nós o deixaremos em paz”. Veja a linguagem que eles usam, como dizendo ao Todo-poderoso: Afaste-se de nós. Esse, por ser um espírito imundo, odiava e temia a Cristo, porque ele sabia que Ele era o “Santo de Deus”; pois a mente carnal é inimiga de Deus, especialmente inimiga da sua santidade.

2. A vitória que Jesus Cristo obteve sobre o espírito imundo. “Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo”, e isto Ele deixa evidente. Ele não voltará atrás na sua intenção de prosseguir nessa guerra, seja pelas suas adulações, seja pelas suas ameaças. É inútil que Satanás implore e peça: Deixe-nos em paz; o seu poder deve ser destruído, e

o pobre homem deve ser libertado, portanto: (1) Jesus ordena. Assim como ensinava com autoridade, Ele curava com autoridade. Jesus repreendeu o espírito maligno. Ele o censurou e ameaçou, impondo-lhe silêncio: “Cala-te”, *phimotheti – fique amordaçado*. Cristo tinha uma mordaça para esse espírito imundo, tanto para as ocasiões em que ele o adula, como também para quando clama em grande voz. Cristo despreza esse tipo de reconhecimento, e Ele está longe de aceitá-lo. Alguns confessam que Cristo é “o Santo de Deus”, para que sob o disfarce de tal confissão possam prosseguir nos seus desígnios enganadores e maldosos. Mas a sua confissão é uma dupla abominação ao Senhor Jesus, pois ela pede, em seu nome, uma permissão para pecar, e por isso deverá ser silenciada e exibida de forma a envergonhar aqueles que a proferem. Mas isso não é tudo. O demônio não deve apenas se calar, mas também deve deixar o homem. Isso era o que ele temia, ser impedido de continuar fazendo o mal. Mas: (2) O espírito imundo se rende, pois não há mais remédio (v. 26). Ele o agitou, colocando-o em uma forte convulsão, para que alguém pudesse pensar que ele tinha sido despedaçado. Como não pôde tocar em Cristo – mesmo estando furioso contra Ele – Satanás perturbou terrivelmente essa pobre criatura. Dessa maneira, quando Cristo, pela sua graça, liberta as pobres almas das mãos de Satanás, isto não ocorre sem uma grave agitação e um grave tumulto na alma, pois esse inimigo malévolo irá inquietar aqueles a quem não consegue destruir. Ele clamou “com grande voz”, para assustar os espectadores, e para se fazer parecer terrível, como se tivesse pensado que, embora derrotado, estava vencido somente nesse momento, e esperava combater novamente e recuperar o seu terreno.

II A impressão que esse milagre causou na mente das pessoas (vv. 27,28).

1. Ele deslumbrou aqueles que o viram: “Todos se admiraram”. Era evidente, sem quaisquer contradições, que o homem estava endemoninhado. Eles testemunharam a agitação, e a voz alta com que o espírito gritou. Ficou também evidente que ele foi forçado a sair pela autoridade de Jesus Cristo. Isto os surpreendeu, e os levou a imaginar, e a perguntar, entre si: “Que nova doutrina é esta?”. Ela certamente deve ser de Deus, por estar sendo confirmada dessa forma. Certamente Ele tem autoridade para nos dar ordens, pois Ele tem a capacidade de ordenar até mesmo aos espíritos imundos, e eles não podem resistir a Ele, mas são forçados a obedecê-lo. Os exorcistas judeus

fingiam afastar os maus espíritos por encanto ou invocação, mas isto era algo completamente diferente, pois “com autoridade [Ele] ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!” Certamente é do nosso interesse sermos amigos de Jesus Cristo, pois Ele tem o controle dos espíritos infernais.

2. Isso elevou a reputação de Jesus entre todos os que ouviram sobre o ocorrido: “E logo correu a sua fama por toda a província da Galiléia”, que era um terço da terra de Canaã. A história foi comentada por todos, e as pessoas escreviam sobre ela aos seus amigos por toda a nação, juntamente com a observação: “Que nova doutrina é esta?” Assim todos concluíram que Ele era um “Mestre vindo de Deus”, e com esse caráter Ele resplandeceu mais brilhantemente do que se tivesse aparecido com toda a pompa e poder externos com que os judeus esperavam que o seu Messias aparecesse. Dessa forma Ele preparou o seu próprio caminho, agora que João, que tinha sido o seu precursor, estava trancafiado na prisão; e a fama desse milagre se espalhou ainda mais, porque os fariseus, que invejaram a sua fama e trabalharam para eclipsá-la, ainda não tinham proposto a sua insinuação blasfema de que Ele expulsava os demônios porque tivesse um pacto com o príncipe dos demônios.

Cristo Cura muitos Enfermos

vv. 29-39

Nesses versículos, temos:

I Uma narrativa particular de um milagre que Cristo realizou ao curar a sogra de Pedro, que tinha uma febre. Já lemos essa passagem anteriormente, no Evangelho de Mateus. Observe que:

1. Após Cristo ter feito algo que espalhou a sua fama por todas as partes, Ele não se sentou tranqüilamente, como alguns que pensam que podem ficar na cama quando o seu nome está em ascensão. Não. Ele continuou a fazer o bem, pois era este o seu objetivo, e não a sua própria honra. Aqueles que possuem uma boa reputação precisam se manter ativos e atentos para que continuem assim.

2. Quando Cristo saiu da sinagoga, onde tinha ensinado e curado com autoridade divina, Ele ainda conversou de forma familiar com os pobres pescadores que o ajudavam, e não pensou que isso fosse algo indigno dele.

Que esse mesmo pensamento, esse mesmo pensamento humilde, que estava nele, esteja em nós.

3. Ele foi “à casa de Simão” Pedro, provavelmente convidado para o que quer que um pescador pobre pudesse lhe oferecer, e Ele o aceitou. Os apóstolos deixaram tudo para trás por amor a Cristo, para que aquilo que eles tivessem não os afastasse dele. Mas eles queriam que tudo o que pudessem usar trouxesse algum resultado positivo para o Senhor, e para a sua obra.

4. Ele curou a sogra de Pedro, que estava enferma. Onde quer que Cristo chegue, Ele vem para fazer o bem, e se assegurará de pagar ricamente pelo que lhe é oferecido. Observe como foi completa a cura. Quando a febre a deixou, ela não a deixou fraca, como seria usual, mas a mesma mão que a curou, a fortaleceu, de modo que ela foi capaz de servi-los. O objetivo da cura é este, deixar a pessoa capacitada para agir, para que ela possa ministrar a Cristo e a todos os que são seus, em seu nome.

II Um relato geral das muitas curas que Ele realizou, doenças que Ele curou, demônios que expulsou. Isso aconteceu no final da tarde do sábado, “quando já estava se pondo o sol”. Talvez muitas pessoas escrupulosas trouxessem os seus enfermos a Ele até o final do sábado; a fraqueza não os impedia de procurar a Cristo. Embora Ele provasse que era lícito curar nos sábados, ainda assim, se alguém se incomodasse com isso, seria bem-vindo em outra ocasião. Agora observe:

1. Como eram numerosos os pacientes: “Toda a cidade se ajuntou à porta”, como mendigos à busca de esmola. Aquela única cura na sinagoga suscitou essa aglomeração de gente à sua procura. Outras pessoas, bem-sucedidas em Cristo, devem nos incentivar em nossa busca por Ele. “Nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas”; e “a ele se congregarão os povos” (Ml 4.2; Gn 49.10). Observe que Cristo atraía multidões, tanto a uma casa particular, quanto à sinagoga. Onde quer que Ele esteja, ali devem estar os seus servos, e os enfermos para que sejam curados. E no final da tarde do dia santo, quando terminar a adoração pública, nós devemos continuar a servir a Jesus Cristo. O Senhor curava à medida que Paulo pregava, publicamente, e de casa em casa.

2. Que Médico poderoso Ele era. Ele curou todos os que lhe foram trazidos, ainda que fossem muitos. Não era uma doença em particular que Cristo curava, mas Ele curava todos os que estavam doentes de diversas doenças,

pois a sua palavra era um *panpharmacon – um bálsamo para cada ferida*. E aquele milagre em particular que Ele realizou na sinagoga, Ele repetiu na casa de Pedro à noite, pois Ele "expulsou muitos demônios", porém "não deixava falar os demônios, porque o conheciam". Ou, Ele não os deixou falar porque o conheciam (pode-se interpretar assim). Ele não permitiu que eles dissessem nada além do que já tinha sido dito por outro (v. 24): "Bem sei quem és".

III O seu retiro, para a sua adoração em particular (v. 35). Ele orava, orava sozinho, para nos dar um exemplo de oração privativa. Embora, como Deus, as pessoas orassem a Ele, como homem, Ele orava. Embora Ele estivesse glorificando a Deus e fazendo o bem, no seu ministério público, Ele ainda encontrava tempo para ficar sozinho com o seu Pai, e lhe convinha "cumprir toda a justiça". Agora observe:

1. A hora em que Cristo orou. (1) Foi pela manhã, na manhã seguinte ao sábado judeu. Observe que quando termina um "sábado", nós não devemos pensar que podemos interromper a nossa adoração até o "sábado" seguinte. Não. Ainda que não compareçamos à sinagoga, nós devemos ir ao "trono da graça", todos os dias da semana; e na manhã seguinte ao "sábado", em especial, para que possamos preservar as boas impressões desse dia. Essa manhã era a manhã do primeiro dia da semana, que Ele santificou posteriormente, e tornou extraordinária, por ter, também pela manhã, ressuscitado bem cedo. (2) Era muito cedo, ainda estava escuro. Quando os outros estavam dormindo em suas camas, Ele estava orando, como um genuíno Filho de Davi, que procura a Deus bem cedo e lhe dirige suas orações pela manhã; e à meia-noite se levanta para dar graças. Já foi dito: *A manhã é amiga das musas – Aurora Musis amica*; e também não é menos amiga das graças. É nas ocasiões em que o nosso espírito está mais revigorado e vivaz que devemos dedicar tempo aos exercícios de devoção. Aquele que é o primeiro e o melhor, deverá receber de nós o primeiro lugar e o melhor que tivermos.

2. O lugar onde Ele orou. Ele "foi para um lugar deserto", um lugar fora da cidade ou algum jardim afastado ou, ainda, alguma construção isolada. Embora Ele não estivesse correndo o risco de se distrair ou de ser tentado a glórias vãs, ainda assim Ele se retirou, para nos dar um exemplo da sua própria regra: "Quando orares, entra no teu aposento" (Mt 6.6). As orações

privativas devem ser realizadas em privado. Aqueles que tiverem mais atividades em público, e do melhor tipo, algumas vezes devem ficar sozinhos com Deus; devem se retirar, devem ficar a sós para conversar com Deus, e manter a sua comunhão com Ele.

II O seu retorno ao seu ministério público. Os discípulos pensaram que tinham se levantado cedo, mas descobriram que o seu Mestre havia se levantado antes deles, então perguntaram que caminho Ele havia tomado, e o seguiram ao seu lugar de isolamento, e ali o encontraram em oração (vv. 36,37). Eles lhe disseram que muita gente o procurava, que havia muitos enfermos esperando por Ele: "Todos te buscam". Eles estavam orgulhosos com o fato de que o seu Mestre já tivesse se tornado tão popular, e queriam que Ele aparecesse em público, ainda mais nesse lugar, porque era a cidade deles – e nós podemos ser parciais com os lugares que conhecemos e nos quais temos interesses. "Não", disse Cristo, "Cafarnaum não deve ter o monopólio da pregação e dos milagres do Messias". "Vamos às aldeias vizinhas", os povoados próximos dali, "para que eu ali também pregue" e realize milagres, "porque para isso vim", não para ficar continuamente em um lugar, mas para viajar "fazendo o bem". Mesmo os habitantes das aldeias em Israel irão falar da justiça do Senhor (Jz 5.11). Observe que o objetivo de Cristo ainda era aquilo por que Ele veio, e Ele ainda perseguia esse fim. Ele não será levado a desistir disso, nem pelas faltas de oportunidade nem pelas persuasões dos seus amigos; pois (v. 39) Ele "pregava nas sinagogas deles, por toda a Galiléia", e, para ilustrar e confirmar a sua doutrina, Ele "expulsava os demônios". Observe que a doutrina de Cristo é a destruição de Satanás.

A Cura de um Leproso

vv. 40-45

Aqui temos a história da cura de um leproso, o que já vimos antes (Mt 8.2-4). Isto nos ensina:

1. Como nos dirigir a Cristo. Tal como esse leproso, devemos faze-lo: (1) Com grande humildade. Esse leproso veio "rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele" (v. 40). Seja conferindo-lhe a honra divina como Deus, ou talvez um grau de respeito inferior, como a um grande Profeta, isso nos

ensina que todos aqueles que desejam receber graça e misericórdia de Cristo, devem atribuir a Cristo honra e glória, e aproximar-se dele com humildade e reverência. (2) Com uma fé inabalável no seu poder: “Se queres, bem podes limpar-me”. Embora a aparência externa de Cristo fosse pobre, o homem tinha fé no seu poder, o que sugere a sua crença de que Ele fora enviado por Deus. Ele crê especificamente, não de maneira geral. É como se aquele homem dissesse: Tu podes fazer qualquer coisa (como visto em Jo 11.22), e “Podes limpar-me”. Observe que devemos expressar aquilo em que cremos, a respeito do poder de Cristo, aplicando-o ao nosso caso particular: Tu podes fazer isto por mim. (3) Com submissão à vontade de Cristo: “Senhor, se queres”. O leproso menciona a Jesus o seu próprio caso em particular, não como se ele tivesse alguma dúvida quando à disposição de Cristo em ajudar os aflitos em geral, mas com a modéstia que convêm a um pobre solicitante.

2. O que esperar de Cristo. Nós receberemos bênçãos de acordo com a nossa fé. Ele não se dirige a Cristo em uma oração, mas Cristo o atende, como a um pedido. Observe que as confissões sinceras de fé em Cristo, e a submissão a Ele, são as melhores petições de sua misericórdia, e serão bem-sucedidas, de maneira correspondente. (1) Cristo foi “movido de grande compaixão”. Isto está acrescentado aqui, no texto de Marcos, para mostrar que o poder de Cristo é usado, pela sua misericórdia, para o alívio das pobres almas. As suas razões se encontram dentro dele, e nós não temos nada, em nós, que nos recomende aos seus favores; mas a nossa aflição nos torna objetos da sua misericórdia. E aquilo que Ele faz por nós, Ele o faz com toda a ternura possível. (2) Jesus “estendeu a mão, e tocou-o”. O Senhor exerceu o seu poder, e dirigiu-o a essa criatura. Ao curar as almas, Cristo as toca (1 Sm 10.26). Quando uma rainha tocava alguém, ela dizia: “Eu toco, Deus cura”; mas Cristo toca e cura; e Ele sempre faz o bem. (3) Ele disse: “Quero, sê limpo!” O poder de Cristo foi produzido e colocado em ação por uma palavra, indicando de que maneira Cristo realizaria normalmente as curas espirituais: “Enviou a sua palavra, e os sarou” (Sl 107.20; Jo 15.3; 17.17). O pobre leproso condicionou a vontade de Cristo: “Se queres”; mas esta dúvida é logo dirimida: “Quero”. Cristo tem a maior boa vontade para favorecer aqueles que, com a maior boa vontade, se sujeitam à sua vontade. O leproso confiava no poder de Cristo: “Podes limpar-me”. E para mostrar o quanto o seu poder é motivado à ação pela fé do seu povo, Cristo pronuncia as palavras como alguém que tem toda a autoridade: “Sê limpo”. E o poder

acompanhou as suas palavras, e a cura se fez perfeita em um instante. “Logo a lepra desapareceu, e ficou limpo” (v. 42).

3. O que fazer quando recebemos misericórdia de Cristo. Nós devemos, juntamente com os seus favores, receber os seus mandamentos. Quando Cristo curou o leproso, Ele o advertiu “severamente”. A expressão aqui é muito significativa, *embrimesamenos – graviter interminatus – proibindo com ameaças*. Às vezes penso que isso não se refere apenas às instruções que Cristo lhe deu, de não dizer nada a ninguém (v. 44), pois seria uma obrigação; mas que essa também foi uma ordem como a que Ele deu ao homem paralítico que curou (Jo 5.14): “Não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior”; pois a lepra era, normalmente, a punição de alguns pecadores em particular, como nos casos de Miriã, Geazi e Uzias. Quando Cristo o curou, Ele o advertiu, Ele o ameaçou com a conseqüência fatal que ocorreria se pecasse outra vez. O Senhor também lhe recomendou: (1) Que se mostrasse ao sacerdote, para que o sacerdote, pelo seu próprio exame, pudesse ser uma testemunha de Cristo, de que Ele era o Messias (Mt 11.5). (2) Que até que ele tivesse feito isso, não dissesse nada sobre a sua cura a ninguém. É um exemplo da humildade de Cristo e da sua renúncia a si mesmo, o fato de Ele não procurar a sua própria honra: “Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça” (Is 42.2). E é um exemplo para que não procuremos a nossa própria honra (Pv 25.27, versão RA). Ele não devia dizer nada a ninguém, porque isso faria aumentar a multidão que seguia a Cristo, que Ele já julgava grande demais. Não que Cristo não tivesse disposição para fazer o bem a todos, a quantos viessem a Ele; mas Ele faria isso o mais silenciosamente possível, sem ofender o governo, sem perturbar a ordem pública, sem qualquer coisa que parecesse ostentação, ou motivasse a aclamação popular. Eu não sei o que pensar do fato de o leproso divulgar o que tinha acontecido; ocultar o bom caráter e as boas obras dos homens bons é mais conveniente a estes do que aos seus amigos; nós também não nos sentimos obrigados pelas ordens modestas de homens humildes. O leproso deveria ter obedecido às ordens de Jesus; mas, sem dúvida, foi com boas intenções que ele divulgou a cura, e isto não teve outro resultado ruim, exceto aumentar as multidões que seguiam a Cristo a tal nível que Ele não podia mais entrar publicamente nas cidades. Não por causa da perseguição (ainda não havia esse perigo), mas porque a multidão era tão grande que as ruas não a comportariam, obrigando-o a ir a lugares desertos, a um monte (cap. 3.13),

ou para junto do mar (cap. 4.1). Isto mostra como era conveniente para nós que Cristo partisse e enviasse o Consolador, pois a sua presença física só podia estar em um lugar de cada vez. Aqueles que vinham a Ele de todos os lugares não podiam se aproximar dele; mas, pela sua presença espiritual, Ele está com cada membro do seu povo onde quer que este esteja, e alcança as pessoas em todos os lugares.

CAPÍTULO 2

Nesse capítulo, temos: I. Cristo curando um homem paralítico (vv. 1-12). II. Cristo convocando Mateus, da alfândega, e comendo, nessa ocasião, com publicanos e pecadores, e justificando-se por fazer isso (vv. 13-17). III. Cristo justificando os seus discípulos por não jejuarem como os fariseus faziam (vv.18-22). IV. Cristo justificando os seus discípulos por colherem espigas no sábado (vv. 23-28). Todas essas passagens já estudamos antes, nos capítulos 9 e 12 do Evangelho de Mateus.

A Cura de um Paralítico

vv. 1-12

Tendo passado algum tempo pregando no campo, aqui Cristo retorna a Cafarnaum, à sua sede, com a esperança de que, a essa altura, o falatório e a multidão pudessem ter diminuído, de alguma maneira. Agora observe:

I O grande afluxo de gente que o procurava. Embora Ele estivesse “em casa”, na pequena casa de Pedro, ou em algum alojamento que tivesse conseguido, ainda assim as pessoas vieram até Ele assim que se soube de sua presença em casa. Eles não esperaram até que Ele aparecesse na sinagoga, embora pudessem estar certos de que Ele faria isso no sábado, mas imediatamente muitos se ajuntaram a Ele. Onde estiver o rei, ali estará a corte; onde estiver Siló, ali se “congregarão os povos”. Ao procurar oportunidades para as nossas almas, nós devemos nos preocupar em não perder tempo. Um convidava o outro (venha, vamos ver Jesus), de modo que a casa em que Jesus estava não comportava os seus visitantes. Não havia espaço para recebê-los, “nem ainda nos lugares junto à porta eles cabiam”, por serem tão numerosos. Que visão abençoada, ver as pessoas correndo

“como nuvens” até a casa de Cristo, embora fosse apenas uma casa pobre, e “como pombas às suas janelas”!

II A maneira como Cristo os recebia. Ele lhes dava o melhor que havia na sua casa, e melhor do que qualquer outra pessoa. Ele “anunciava-lhes a palavra” (v. 2). Muitos deles, talvez, viessem somente pelas curas, e muitos, talvez, somente por curiosidade, para conseguir vê-lo; mas quando Ele os tinha ali, reunidos, Ele pregava a eles. Embora a porta da sinagoga estivesse aberta para Ele, em horários adequados, Ele não julgava errado pregar em uma casa, em um dia de semana, embora alguns pudessem julgar o lugar inadequado e a hora, imprópria. “Bem-aventurados vós, que semeais sobre todas as águas” (Is 32.20).

III Um pobre paralítico que foi trazido até Ele, para que o ajudasse. O paciente era paralítico, porém não em uma situação como a descrita em Mateus 8.6, que fala de um paralítico “violentamente atormentado”, mas se tratava de alguém completamente incapacitado, de modo que quatro pessoas o trouxeram, sobre uma “cama”, como se ele estivesse sobre um ataúde, carregado por quatro pessoas. O fato de ele precisar ser carregado era a sua desgraça, e traduz o estado calamitoso da vida humana; a caridade daqueles que o carregavam traduz a compaixão que se espera que exista nos filhos dos homens com relação aos seus companheiros em aflição, porque nós não sabemos quando a aflição nos atingirá. Esses parentes ou vizinhos bondosos pensaram que se pudessem apenas levar esse homem uma vez até Cristo, eles não precisariam levá-lo nunca mais a lugar nenhum. Por isso eles se esforçaram para levá-lo até lá; e quando não conseguiram chegar até Ele de outra maneira, eles descobriram o telhado da casa onde Jesus estava (v. 4). Eu não vejo necessidade de concluir que Cristo estivesse pregando no andar superior, pois os judeus que tinham casas imponentes ali tinham os seus oratórios; se fosse assim, com que objetivo a multidão ficaria junto à porta, como costumavam fazer os homens prudentes? (Pv 8.34). Mas eu prefiro imaginar que a casa em que Ele estava era tão pequena e pobre (de acordo com a condição que Jesus tinha então), que não tinha andar superior, mas que sobre o andar térreo somente havia o telhado, e que os que traziam o paralítico, decididos a não se frustrarem, quando não conseguiram passar pela multidão que estava junto à porta, levaram o seu amigo, de alguma maneira,

até o telhado, removeram algumas telhas e dali o baixaram, sobre a sua cama, com cordas, para dentro da casa em que Cristo estava pregando. Isto sugere tanto a fé quanto o fervor deles ao se dirigirem a Cristo. Assim, entendemos que eles eram fervorosos, e não iriam embora, nem permitiriam que Cristo se retirasse sem que os abençoasse (Gn 32.26).

IV A mensagem gentil que Cristo dirigiu a esse pobre enfermo: “Vendo-lhes a fé” – talvez não tanto a fé do enfermo, pois poderia estar tão abatido por sua doença que o exercício da fé estivesse debilitado; mas a fé daqueles que o trouxeram. Na cura do servo do centurião, Cristo prestou atenção a um detalhe da fé do centurião, que não levou o servo a Ele, mas creu que Ele podia curá-lo à distância. Aqui Ele elogia a fé dos amigos, porque trouxeram o seu doente com tanta dificuldade. Note que a fé forte e verdadeira pode operar de maneiras variadas, vencendo, às vezes, as objeções da razão, outras vezes, as objeções da sensatez; mas, seja como for que ela se manifesta, ela será aceita e aprovada por Jesus Cristo. Cristo disse: “Filho, perdoados estão os teus pecados”. O tratamento é muito terno – “Filho” – sugerindo uma preocupação paternal por ele, e também um cuidado paternal. Cristo considera os crentes sinceros como seus filhos. Um filho, e ainda assim, paralítico. Assim, “Deus vos trata como filhos” (Hb 12.7). É um grande estímulo saber que “perdoados estão os teus pecados”. Observe que: 1. O pecado é a causa de quase todas as nossas dores e enfermidades. O objetivo das palavras de Cristo era afastar os pensamentos do paralítico da doença, que era o efeito, e levá-los ao pecado, que era a causa, para que ele pudesse se preocupar com isso, percebendo que tinha sido perdoado. 2. Deus, então, graciosamente remove o espinho e a maldade da enfermidade, perdoando os pecados. A cura de uma enfermidade é, então, realmente uma grande misericórdia, e o caminho para ela foi aberto pelo perdão dos pecados (veja Is 38.17; Sl 103.3). A maneira de remover o efeito, é remover a causa. O perdão dos pecados atinge a raiz de todas as enfermidades, e as cura, ou altera a sua característica.

I A crítica dos escribas ao que Cristo tinha dito, e uma demonstração da irracionalidade da sua crítica. Eles eram os que explicavam a lei, e a sua doutrina, que era verdadeira – ela dizia que era blasfêmia qualquer criatura se responsabilizar pelo perdão dos pecados, e que esta é uma prerrogativa

exclusiva de Deus (Is 43.25). Mas, como é normal com esse tipo de professores, a aplicação daquilo que eles ensinavam era falsa, e era o resultado de sua ignorância e inimizade contra Cristo. É verdade, ninguém "pode perdoar pecados, senão Deus", mas é falso que, por isto, Cristo não possa fazê-lo, pois Ele provou de maneira inequívoca que é Deus e que, portanto, possui o poder divino. Mas Cristo percebeu "logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si"; isto prova que Ele era Deus, e assim confirmava o que devia ser provado, que Ele tinha autoridade para perdoar pecados; pois Ele "sonda as mentes e os corações", e conhece o que há no homem (Ap 2.23; Jo 2.25). Os direitos reais de Deus são inseparáveis, e Aquele que conhece os pensamentos pode perdoar pecados. Há algo que enaltece a graça de Cristo, ao perdoar os pecados: o fato de Ele conhecer os pensamentos dos homens, e por isso saber mais do que qualquer outro pode saber, tanto sobre a iniqüidade dos pecados deles quanto dos seus detalhes, e ainda assim Ele está disposto a perdoar. Aqui Ele prova o seu poder de perdoar pecados, ao demonstrar o seu poder de curar o homem paralítico (vv. 9-11). Ele não teria pretendido fazer uma coisa, se não pudesse ter feito a outra. "Para que saibais que o Filho do Homem", o Messias, "tem na terra poder para perdoar pecados", que Eu tenho este poder, "a ti te digo (paralítico): Levanta-te, e toma o teu leito, e vai para tua casa". Então: 1. Isto era, por si só, um argumento apropriado. Ele não poderia ter curado a doença, que era o efeito, se não pudesse ter removido o pecado, que era a causa. Além disso, a cura das enfermidades que Ele estava realizando era uma imagem do seu perdão dos pecados, pois o pecado é a enfermidade da alma; quando ele é perdoado, a alma é curada. Aquele que podia, com uma palavra, cumprir um sinal, poderia, sem dúvida, realizar o que estava simbolizado pelo sinal. 2. Isto foi apropriado para eles. Esses escribas mundanos estavam mais afetados com o efeito tão adequado de um perdão como a cura da enfermidade (e seriam logo condenados por isso), do que por qualquer outra conseqüência espiritual; portanto, era suficientemente apropriado perguntar: "Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda?" A remoção de uma punição como essa era o perdão do pecado. Aquele que pode ir tão longe quanto à cura, sem dúvida pode aperfeiçoá-la. Veja Isaías 33.24.

VI A cura do homem paralítico, e a impressão que causou às pessoas (v. 12). O paralítico não apenas levantou-se da sua cama, perfeitamente bem, mas, para mostrar que lhe tinha sido restaurada a sua força perfeita, ele tomou o seu leito, porque estava no meio do caminho, e saiu em presença de todos; e "todos se admiraram", como bem podiam, "e glorificaram a Deus", como realmente deviam, "dizendo: Nunca tal vimos". Nunca vimos nada assim; nunca tais maravilhas como esta se realizaram". Observe que as obras de Cristo são sem precedentes. Quando vemos o que Ele faz para curar as almas, nós devemos reconhecer que nunca vimos nada parecido.

Cristo entre os Publicanos e Pecadores

vv. 13-17

Aqui vemos:

I Cristo pregando junto ao mar (v. 13), para onde Ele foi à procura de espaço, porque julgou, depois da segunda experiência, que não havia casa ou rua suficientemente grande para comportar os seus ouvintes; mas à praia poderiam vir quantos quisessem. Com isso, podemos entender que o nosso Senhor Jesus tinha uma voz forte, e podia falar alto, e o fazia; pois "a sabedoria clama" nos lugares onde o povo se reúne. Aonde quer que Ele fosse, ainda que junto ao mar, multidões o seguiam. Onde quer que a doutrina de Cristo seja fielmente pregada, ainda que levada aos lugares mais longínquos do mundo, ou aos desertos, nós devemos segui-la.

II Cristo convocando Levi – que se chamava Mateus e trabalhava na alfândega em Cafarnaum, razão pela qual ele era chamado de "publicano". O seu trabalho o fixou junto ao mar, e para ali Cristo foi, para encontrá-lo, e para convocá-lo. Aqui está dito que esse Levi era "filho de Alfeu", ou Clopas, marido daquela Maria que era irmã ou parente próxima de Maria de Nazaré (Jo 19.25); se isso for verdade, ele seria irmão de Tiago, o menor, e de Judas, e de "Simão, o Zelote", de modo que haveria quatro irmãos entre os apóstolos. É provável que Mateus fosse apenas um jovem extravagante, casa contrário, sendo um judeu, ele nunca teria se tornado um publicano. Apesar disso, Cristo o chamou para que o seguisse. Paulo, embora fosse fariseu, tinha sido um dos maiores pecadores, e ainda assim, foi chamado para ser um

apóstolo. Com Deus, através de Cristo, existe misericórdia para perdoar os maiores pecados, e graça para santificar os maiores pecadores. Mateus, que tinha sido um publicano, tornou-se um evangelista, o primeiro a escrever sobre a vida de Cristo, tendo feito isso da maneira mais completa. Grandes pecados e escândalos antes da conversão não são obstáculos para grandes dons, graças e progressos mais tarde; pois assim Deus pode ser ainda mais glorificado. Cristo se antecipou a ele, com esse chamado. Normalmente Jesus era procurado para as curas do corpo, mas nessas curas espirituais, Ele encontrava aqueles que não o procuravam. O grande mal e o grande perigo da doença do pecado é o fato de que aqueles que estão sujeitos a ele não desejam ser curados.

III A sua conversa familiar com "publicanos e pecadores" (v. 15). Aqui lemos: 1. Que Cristo sentou-se para comer na casa de Levi, que o convidou e aos seus discípulos para o jantar de despedida que ele ofereceu aos seus amigos, quando abandonou tudo para servir a Cristo. Ele ofereceu esse banquete, como Eliseu (1 Rs 19.21), para mostrar não somente com que alegria em si mesmo, mas também com que gratidão a Deus, ele abandonava tudo, obedecendo ao chamado de Cristo. De maneira muito adequada, ele fez, do dia da sua adesão a Cristo, um dia de festa. Isto também era um testemunho do seu respeito por Cristo, e do sentimento de gratidão que ele tinha, devido à sua bondade de retirá-lo da alfândega, como um ramo que é retirado de uma fogueira. 2. Que "muitos publicanos e pecadores" se sentaram à mesa com Cristo na casa de Levi (pois havia muitos que trabalhavam naquela alfândega), e o seguiram. Alguns entendem que eles seguiram a Levi, supondo que, como Zaqueu, ele fosse o principal dos publicanos, e além disso, fosse rico, e por esta razão os inferiores o seguiam por qualquer coisa que pudessem obter. Eu prefiro interpretar que eles seguiam a Jesus por causa das notícias que tinham ouvido a respeito dele. Eles não deixaram tudo, pelas suas consciências, para segui-lo, mas pela curiosidade eles vieram à festa de Levi, para vê-lo; o que quer que os tivesse levado até ali, eles estavam sentados com Jesus e seus discípulos. Os publicanos são, aqui e em outras passagens, considerados como pecadores, os piores pecadores. (1) Porque, normalmente, eles o eram, tão generalizada era a corrupção na realização desse trabalho; oprimindo, exigindo, aceitando subornos ou acréscimos aos impostos, e fazendo falsas acusações (Lc

3.13,14, versão RA). Um publicano honesto era algo tão raro, até mesmo em Roma, que um certo Sabino, que tinha uma boa reputação nesse trabalho, foi, depois da sua morte, honrado com esta inscrição: *Kalos telonesanti – Aqui jaz um publicano honesto*. (2) Porque os judeus sentiam uma particular antipatia por eles e pelo seu trabalho, por ser uma afronta à liberdade da sua nação e uma marca da sua escravidão, e por essa razão eles os chamavam por nomes feios, e julgavam escandaloso ser visto em companhia deles. O nosso bendito Senhor, quando se manifestou em semelhança de carne pecaminosa (se bem que Ele jamais pecou), gostava de conversar com esse tipo de pessoas.

II Como os escribas e fariseus se ofenderam com isso (v. 16). Eles não vieram para ouvi-lo pregar, com o que poderiam ter sido convencidos e edificados, mas vieram, pessoalmente, vê-lo sentar-se com os publicanos e os pecadores, com o que se sentiram provocados. Eles se empenharam em depreciar o Mestre perante os seus discípulos, como sendo um homem de santidade e moral que não estavam de acordo com o seu caráter, e desta maneira, fizeram aos discípulos a seguinte pergunta: “Por que come e bebe ele com os publicanos e pecadores?” Observe que não é novidade que aquilo que é bem feito, e que tem um bom propósito, seja deturpado, e voltado para a reprovação dos melhores e mais sábios homens.

I A justificação que Cristo faz acerca de si mesmo (v. 17). Ele confirmou o que tinha feito, e não se retirou, embora os fariseus estivessem ofendidos, como fez Pedro, mais tarde (Gl 2.12). Note que prezam demais o seu bom nome aqueles que, para preservá-lo perante algumas pessoas agradáveis, recusam um bom trabalho. Cristo não faria isso. Eles pensavam que os publicanos deviam ser odiados. “Não”, disse Cristo, “eles devem ter a nossa misericórdia, eles estão enfermos e precisam de um médico; eles são pecadores, e precisam de um Salvador”. Eles pensaram que o caráter de Cristo o separaria deles. “Não”, disse Cristo, “a minha missão me dirige a eles; eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento. Se o mundo tivesse sido justo, não haveria motivo para a minha vinda, fosse para pregar o arrependimento, ou para comprar a remissão. Eu fui enviado para um mundo pecador, e por isso o meu trabalho está junto àqueles que são os maiores pecadores”. Ou: “Eu não vim para chamar os justos, os

orgulhosos fariseus que se julgam justos, e que perguntam: Em que havemos de tornar? (Ml 3.7) e De que devemos nos arrepender? Mas Eu vim para chamar os pobres publicanos, que se julgam pecadores, e que se alegram por terem sido convidados e incentivados ao arrependimento. É bom lidar com aqueles em quem há esperança. “Maior esperança há no tolo do que em um homem que é sábio aos seus próprios olhos” (Pv 26.12).

O Rigor Hipócrita dos Fariseus

vv. 18-28

Cristo foi levado a justificar a si mesmo, pelo fato de conversar com publicanos e pecadores. Aqui Ele é levado a justificar os seus discípulos; e Ele os justificará e mostrará que eles estão corretos naquilo que fazem, de acordo com a sua vontade.

I Ele os justifica por não jejuarem, quando isto lhes trouxe a reprovação dos fariseus. “Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus?” Eles tinham o costume de jejuar. Os fariseus jejuavam “duas vezes na semana” (Lc 18.12), e provavelmente também faziam isso os discípulos de João. Aparentemente, quando Cristo e os seus discípulos estavam jantando na casa de Levi, era o dia de jejum deles, pois a palavra é *nesteuousi – eles realmente jejuam*, ou *estão jejuando*, o que piora a ofensa. Dessa maneira, os mestres mais rígidos eram aptos a fazer dos seus próprios costumes um padrão, e a censurar e condenar todos aqueles que não os observavam plenamente. Invejosos, eles sugerem que se Cristo esteve entre os pecadores para lhes fazer o bem, como Ele tinha alegado, os discípulos foram para satisfazer os seus apetites, pois eles nunca souberam o que era jejuar, ou renunciar a si mesmos. Observe que a má vontade sempre traz as piores suspeitas.

Jesus Cristo alega duas coisas, como justificativa pelo fato de que os seus discípulos não jejuavam:

1. Que esses eram dias tranqüilos para eles, e o jejum não era tão oportuno agora como viria a ser depois (vv. 19,20). Existe uma ocasião para todas as coisas. Aqueles que se casam devem esperar preocupações e “tribulações na carne”, mas ainda assim, durante a solenidade nupcial, estão felizes, e pensam que é conveniente que assim estejam. Foi absurdo que a mulher de Sansão chorasse diante dele, durante os dias que durou a celebração das

bodas (Jz 14.17). Cristo e seus discípulos eram recém-casados, o esposo ainda estava com eles, as núpcias ainda se celebravam (particularmente, a de Mateus); quando o esposo lhes fosse tirado, e levado a um lugar distante, então seria ocasião de que eles se comportassem como uma viúva, em solidão, e jejuassem.

2. Que esses eram os primeiros dias com eles, e que eles não eram tão capazes de exercer as severas tarefas do Evangelho que surgiriam mais tarde. Os fariseus tinham, durante muito tempo, se acostumado a tais austeridades; e o próprio João Batista veio, não comendo nem bebendo, e assim os seus discípulos, desde o início, estavam acostumados às dificuldades, e achavam mais fácil suportar o jejum rigoroso e freqüente, mas este não era o caso dos discípulos de Cristo. O Mestre deles veio comendo e bebendo, e ainda não os tinha preparado para as dificuldades do Evangelho, pois há tempo para tudo. Sujeitá-los, desde o início, ao jejum freqüente, iria desencorajá-los, e talvez desestimulá-los de seguir a Cristo; isto teria uma conseqüência tão má quanto colocar vinho novo em odres velhos, ou costurar remendo de pano novo em veste velha (vv. 21,22). Observe que Deus graciosamente leva em consideração a estrutura dos novos cristãos que são fracos e tenros, e nós devemos fazer a mesma coisa; não devemos esperar mais do que o trabalho do dia, no seu dia, e aquele dia de acordo com a resistência de cada um; porque não está em nossas mãos conceder a força de que cada um precisa para vencer cada dia. Muitos adquirem uma antipatia por algum tipo de alimento, que em outras circunstâncias seria bom, depois de comê-lo em excesso quando jovens; da mesma maneira, muitos desenvolvem preconceitos contra os exercícios do Evangelho, quando são sobrecarregados por eles, e quando são levados a servir com uma oferta, no seu início. Os cristãos fracos devem evitar se sobrecarregar, e fazer do jugo de Cristo algo diferente do que ele é, ou seja, suave, doce, e agradável.

II Ele os justifica por colher espigas no sábado, coisa que um discípulo dos fariseus não ousaria fazer, pois isso contrariava uma tradição expressa dos anciãos. Neste caso, como no caso anterior, eles refletem sobre a disciplina da escola de Cristo, como se ela não fosse tão rígida como a deles. É comum aqueles que negam o poder da santidade serem zelosos pelas suas próprias cerimônias, e censurarem aqueles que não são influenciados por elas.

Observe: 1. O pobre café da manhã que os discípulos de Cristo tiveram numa manhã de sábado, quando estavam indo à sinagoga (v. 23): Eles colheram espigas, e isto foi tudo o que comeram. Eles estavam tão desejosos das guloseimas espirituais, que se esqueciam até mesmo do seu alimento necessário. A Palavra de Cristo era o seu alimento; o zelo que tinham por ela os consumia. Os judeus criaram uma cerimônia religiosa, pela qual deveriam comer guloseimas aos sábados; mas os discípulos se satisfaziam com qualquer coisa.

2. Como até mesmo isso foi censurado pelos fariseus, com base na suposição de que não era lícito colher espigas no sábado, porque era um trabalho de colheita, e, por isso, servil (v. 24): “Por que fazem no sábado o que não é lícito?” Observe que se os discípulos de Cristo fizerem algo que for ilícito, isto refletirá sobre Cristo, que também será censurado, como ocorreu aqui; e o seu precioso nome será, dessa forma, desonrado. Deve-se observar que, quando os fariseus julgaram que Cristo estava agindo mal, eles o disseram aos discípulos (v. 16). Neste caso, quando julgaram que os discípulos estavam agindo mal, eles se dirigiram a Cristo, como intrigantes que faziam o que podiam para semear a discórdia entre Cristo e os seus discípulos, tentando criar algum tipo de brecha na família.

3. Como Cristo os defendeu por aquilo que fizeram.

(1) Através do exemplo. Eles tiveram um bom precedente, quando Davi comeu os pães da proposição ao sentir muita fome e não haver outro pão (vv. 25,26): “Nunca lestes?” Observe que muitos dos nossos enganos seriam corrigidos, e as nossas censuras injustas aos outros retificadas, se apenas nos lembrássemos do que lemos nas Escrituras; recorrer a elas é extremamente convincente. “Vocês leram que Davi, o homem que era segundo o coração de Deus, quando teve fome, não teve escrúpulos em comer os pães da proposição, que, segundo a lei, ninguém podia comer, exceto os sacerdotes e suas famílias”. A observância aos rituais deve dar passagem às obrigações morais; para que, em caso de necessidade, possa ser feito aquilo que, em outras circunstâncias, não poderia ser feito. Está escrito que Davi o fez “no tempo de Abiatar, sumo sacerdote”, ou pouco tempo antes de Abiatar, que sucedeu a Abimeleque, seu pai, na liderança do sacerdócio, e é provável que naquela época fosse assistente de seu pai, no cargo; e foi ele quem escapou do massacre, e trouxe o éfode a Davi.

(2) Com argumentos. Para fazer com que aceitassem a atitude dos discípulos, de colherem as espigas, era necessário que considerassem:

[1] Por que o sábado foi criado (v. 27): “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do sábado”. Isto nós lemos no Evangelho de Mateus. O sábado é uma instituição sagrada e divina; mas nós devemos recebê-lo e aceitá-lo como um privilégio e um benefício, e não como uma tarefa e um trabalho penoso. Em primeiro lugar, Deus nunca pretendeu que ele fosse uma imposição sobre nós, e por isso nós não devemos fazê-lo assim a nós mesmos. O homem não foi feito por causa do sábado, pois ele foi criado antes da instituição do sábado. O homem foi criado para Deus, e para a sua honra e o seu serviço, e deve preferir morrer a negá-lo; mas ele não foi feito por causa do sábado, de modo a ficar preso pelas regras desse dia, separado daquilo que é necessário para o sustento da sua vida. Em segundo lugar, Deus designou que ele fosse um benefício para nós, e assim devemos considerá-lo, e melhorá-lo. O dia de descanso (no caso dos judeus, o sábado) foi feito por causa do homem. 1. O Senhor sentiu algum tipo de preocupação com os nossos corpos quando instituiu esse dia, para que pudessem descansar e não se esgotassem com as tarefas constantes deste mundo (Dt 5.14): “Para que o teu servo e a tua serva descansem”. Ele designou o descanso do sábado para o repouso dos nossos corpos. Certamente o Senhor nunca o designou para nos impedir, em caso de necessidade, de obter o sustento necessário para o corpo; ele deve ser interpretado de modo a não se contradizer; é um dia para a edificação, e não para a destruição. 2. Ele teve muito mais consideração pelas nossas almas. O sábado foi feito como um dia de descanso, para poder se tornar um dia de trabalho santo, um dia de comunhão com Deus, um dia de louvor e ação de graças; e o descanso das tarefas do mundo é, portanto, necessário, para que possamos nos dedicar intimamente a este trabalho, dedicando todo o tempo a ele, em público ou particularmente. Mas há algum tempo que nos é permitido para o que for necessário, para a adequação dos nossos corpos ao serviço das nossas almas – que estão a serviço de Deus – e à capacitação deles para acompanhá-las nesse trabalho. Veja aqui: (1) A que bom Mestre nós servimos. Todas as suas instituições são para o nosso próprio benefício, e se nós formos prudentes para observá-las estaremos beneficiando a nós mesmos; o maior beneficiado pelo serviço que lhe prestamos não é o Senhor, mas cada um de nós. (2) Qual deve ser o nosso objetivo no trabalho do sábado: o bem das nossas próprias almas. Se o sábado

foi criado por causa do homem, nós poderíamos nos perguntar no final do dia: “Que melhorias a minha vida passou a ter depois deste sábado?” (3) O cuidado que devemos ter para não tornar as nossas práticas religiosas um peso para nós mesmos, ou para os outros, pois Deus ordenou que elas sejam bênçãos. Também não podemos fazer acréscimos aos mandamentos por alguma rigidez irracional, nem tolerar aquelas corrupções que são contrárias aos mandamentos, pois desta maneira faremos dos exercícios um suplício para nós mesmos, quando na realidade deveriam ser um prazer.

[2] Por quem o sábado foi feito (v. 28): “O Filho do Homem até do sábado é senhor”. Por isso, Ele não terá as boas intenções da sua instituição frustradas pelas imposições dos fariseus. Observe que os sábados são “dias do Filho do Homem”. Ele é o Senhor do dia, e em sua honra o sábado deve ser observado. Foi por Ele que Deus Pai criou os mundos, e foi por Ele que o sábado foi instituído. Por Ele, Deus Pai entregou a lei no monte Sinai. O quarto mandamento também era parte de sua lei, e aquela pequena alteração que se fez mais tarde, mudando-o para um dia à frente, para o primeiro dia da semana, teve a finalidade de lembrar a sua ressurreição. Por essa razão, o sábado cristão seria chamado de o Dia do Senhor (Ap 1.10), o Dia do Senhor Jesus Cristo – e o Filho do Homem, Cristo, como Mediador, deve ser sempre considerado o Senhor do sábado. O Senhor enfatizou este argumento ao se justificar, quando foi acusado de ter infringido o sábado (Jo 5.16).

CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, temos: I. A cura que Cristo realizou, no sábado, de um homem que tinha uma mão mirrada, e a aliança dos seus inimigos contra Ele, por causa disso (vv. 1-6). II. A afluência de pessoas de todas as partes a Ele, para serem curadas, e o alívio que todas encontraram nele (vv. 7-12). III. A nomeação dos seus doze apóstolos, para serem seus assistentes, e os pregadores do seu Evangelho (vv. 13-21). IV. A sua resposta às críticas blasfemas dos escribas, que atribuíram o seu poder de expulsar demônios a um pacto com o príncipe dos demônios (vv. 22-30). V. Cristo confessa os seus discípulos como os seus parentes mais próximos e queridos (vv. 31-35).

A Cura de um Homem que Tinha uma das Mãos Mirrada

vv. 1-12

Nesse trecho, como antes, vemos o nosso Senhor Jesus ocupado, trabalhando, primeiro na “sinagoga”, e depois junto ao mar; para nos ensinar que a sua presença não deve estar confinada nem a um lugar nem a outro, mas que onde houver alguns reunidos em seu nome, seja na sinagoga ou em qualquer outro lugar, ali estará Ele, no meio deles. Em cada lugar onde Ele registra o seu nome, Ele encontrará o seu povo, e os abençoará. É a sua vontade “que os homens orem em todo o lugar”. Aqui temos algumas informações do que Ele fez.

I Quando Jesus entrou outra vez na sinagoga, Ele aproveitou a oportunidade que tinha ali, de fazer o bem, e, sem dúvida, de pregar um sermão. Ele realizou um milagre para confirmar isso, ou, pelo menos, para a confirmação da sua verdade, de que é lícito fazer o bem no sábado. Nós já lemos a narrativa em Mateus 12.9.

1. O caso desse doente era lastimável; ele tinha uma mão mirrada, que o tornava impossibilitado de trabalhar para viver. Os que estão nessa condição são os objetos mais adequados de caridade; devemos ajudar àqueles que não podem ajudar a si mesmos.

2. Os presentes foram pouco corteses, tanto ao paciente quanto ao Médico. Em vez de interceder por um pobre conhecido, eles fizeram tudo o que puderam para atrapalhar a sua cura; pois eles deram a entender que, se Cristo o curasse naquele momento, no sábado, eles o acusariam de infringir o sábado. Já teria sido muito pouco razoável, se eles tivessem se oposto a que um médico curasse qualquer pobre corpo em sofrimento, pelos métodos normais; mas muito mais absurdo era opor-se a Cristo, que curava sem nenhum esforço, somente pronunciando uma palavra.

3. Cristo lidou de maneira correta com os espectadores, e lidou com eles primeiro, para tentar evitar que se ofendessem.

(1) Ele trabalhou para convencê-los. Ele pediu que o homem se levantasse (v. 3), para que vendo-o, eles tivessem compaixão dele, e se envergonhassem de considerar a sua cura um crime. E a seguir Ele apelou para as suas próprias consciências. Embora a situação fale por si só, Ele fica satisfeito em

dizer: “É lícito no sábado fazer bem, como Eu desejo que vocês façam, ou fazer mal, como vocês desejam fazer? O que é melhor, salvar a vida ou matar?” Haveria pergunta mais justa? Como eles viram que isso se voltaria contra eles, calaram-se. Observe que são realmente obstinados na sua infidelidade aqueles que, quando não podem dizer nada contra uma verdade, não dirão nada a favor dela; e, quando não podem mais resistir, ainda assim, não se rendem.

(2) Quando eles se rebelaram contra a luz, Ele lamentou a sua teimosia (v. 5), “olhando para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração”. O pecado que Ele visava era a dureza dos seus corações, a sua insensibilidade à evidência dos seus milagres, e a sua determinação inflexível de persistir na descrença. Nós ouvimos o que é dito indevidamente, e vemos o que é feito indevidamente, mas Cristo olha para a raiz da amargura no coração, a sua cegueira e dureza. Observe: [1] Como Ele foi provocado pelo pecado: Ele olhou para eles em redor, pois eram tantos, e tinham se colocado de tal maneira, que o rodeavam. E Ele olhou para eles com indignação. É provável que a sua indignação fosse visível no seu rosto; a sua indignação, como a de Deus Pai, não trazia a menor perturbação a si mesmo, mas continha uma grande provocação de nossa parte. Observe que o pecado dos pecadores é muito desagradável a Jesus Cristo; e o caminho para ficar indignado, e não pecar, é ficar indignado, como Cristo estava, somente com o pecado. Que os pecadores insensíveis tremam ao pensar na indignação com a qual Ele olhará para aqueles que estiverem ao seu redor, em breve, quando vier o grande dia da sua ira. [2] Como Ele se apiedou dos pecadores: Ele condoeu-se “da dureza dos seus corações”; da mesma maneira como Deus lamentou, durante quarenta anos, a dureza dos corações dos seus antepassados, no deserto. Note que é uma grande tristeza para o nosso Senhor Jesus ver pecadores a caminho da sua própria destruição, e obstinadamente contrários aos métodos que Ele preparou para o seu convencimento e recuperação, pois não deseja que ninguém pereça. Esta é uma boa razão porque a dureza dos nossos próprios corações, e dos corações de outros, deve ser uma tristeza para nós.

4. Cristo lidou com o paciente com muita gentileza. Ele lhe pediu que estendesse a mão, e ela foi imediatamente curada. Considere: (1) Cristo, com isso, nos ensinou a prosseguir, com determinação, no caminho do nosso dever, por mais violenta que seja a oposição encontrada. Às vezes nós

devemos renunciar à nossa comodidade, ao nosso prazer e à nossa conveniência, em vez de ofender até mesmo àqueles que se ofendem sem nenhuma razão; mas não devemos renunciar à satisfação de servir a Deus, e de fazer o bem, ainda que alguém se ofenda por isso de uma maneira infundada. Ninguém poderia ser mais delicado para não ofender do que Cristo; mas, em vez de mandar embora esse pobre homem sem ser curado, Ele se arriscou a ofender todos os escribas e fariseus que estavam ao seu redor. (2) Dessa maneira, Ele nos deu uma amostra das curas realizadas pela sua graça nas pobres almas. As nossas mãos estão espiritualmente mirradas, ou secas, a força da nossa alma está enfraquecida pelo pecado, e incapacitada para aquilo que é bom. O grande dia de cura é o sábado, e o lugar de cura é a sinagoga; o poder de cura é o de Cristo. O mandamento do Evangelho é como o que está aqui registrado; e o mandamento é racional e justo. Embora as nossas mãos estejam secas e não sejamos capazes de estendê-las, nós devemos tentar, devemos, da maneira que pudermos, levantá-las a Deus em oração, conservando a posse de Cristo e da vida eterna, e usar os nossos recursos em boas obras. E se fizermos o nosso esforço, poderemos estar certos de que o poder acompanhará a Palavra de Cristo, e Ele realizará a cura. Embora as nossas mãos estejam secas, se não tentarmos estendê-las, não seremos curados por nossa própria culpa; mas se o fizermos, e formos curados, Cristo – com o seu poder e a sua graça – deve receber toda a glória.

5. Os inimigos de Cristo lidaram com Ele de maneira desumana. Uma obra de misericórdia como essa deveria ter suscitado o amor deles por Cristo, e uma obra tão maravilhosa deveria ter despertado a sua fé nele. Mas, em vez disso, os fariseus, que alegavam ser os oráculos do judaísmo, e os herodianos, que alegavam ser os pilares do estado, embora tivessem interesses opostos entre si, se uniram e se aliaram contra Jesus, “procurando ver como o matariam”. Observe que aqueles que sofrem por fazer o bem, apenas sofrem como o seu Mestre sofreu.

II Quando Jesus se retirou “para o mar”, fez ali o bem. Enquanto os seus inimigos procuravam destruí-lo, Ele abandonou o lugar, para nos ensinar que em tempos tumultuados devemos mudar de lugar em prol de nossa própria segurança. Mas veja aqui:

1. Como Ele foi seguido, no seu afastamento. Enquanto alguns tinham tanta inimizade por Ele, a ponto de o fazerem sair da sua região, outros o

valorizavam tanto, que o seguiam para onde quer que Ele fosse, e a inimizade que os seus líderes sentiam por Cristo não diminuía o seu respeito por Ele. “Uma grande multidão” o seguia, de todas as partes da nação; do norte, lugares tão distantes quanto a Galiléia; do sul, tão distantes quanto a Judéia e Jerusalém; e da Iduméia; do outro lado do rio Jordão, do leste; e do oeste, de Tiro e de Sidom (vv. 7,8). Observe: (1) O que os levava a segui-lo: Eram as notícias das “grandes coisas” que Ele fazia a todos os que iam ter com Ele; alguns desejavam ver aquele que tinha feito “tão grandes coisas”, e outros esperavam que Ele lhes fizesse “grandes coisas”. A consideração das grandes coisas que Cristo fez deve nos motivar a ir até Ele. (2) Para que o povo o seguia (v. 10): “Todos quantos tinham algum mal se arrojavam sobre ele, para lhe tocarem”. Aqui as doenças são chamadas de “males”, *mastigas – correções, punições severas*; e este é o objetivo delas, fazer com que percebamos os nossos pecados, para que dessa maneira possamos nos lamentar por eles e ser advertidos a não retornar para eles. Aqueles que estavam sob essas disciplinas vinham a Jesus; esta é a razão pela qual as enfermidades têm a permissão de nos alcançar, para nos incentivar a buscar a Cristo, e a comparecer diante dele como o nosso Médico. Eles “se arrojavam sobre ele”, lutando para ver quem conseguiria chegar mais perto dele, e quem seria atendido primeiro. Eles se ajoelhavam diante dele (segundo o Dr. Hammond), solicitando os seus favores. Eles só desejavam ter a permissão para tocá-lo, crendo que seriam curados, não apenas pelo seu toque neles, mas pelo toque nele; e disso, sem dúvida, eles tinham tido muitas amostras. (3) O que Ele providenciou para estar pronto para atender às pessoas (v. 9): “Ele disse aos seus discípulos”, que eram pescadores e tinham barcos à sua disposição, “que lhe tivessem sempre pronto um barquinho junto dele”, para levá-lo de um lugar a outro, na mesma costa, a fim de que, quando Ele tivesse concluído as coisas necessárias que tinha para fazer em um lugar, Ele pudesse, facilmente, ir a outro, onde a sua presença era exigida, sem ser comprimido pela multidão que o seguia movida pela curiosidade. Os homens prudentes evitam as multidões, tanto quanto possível.

2. Que bem abundante Ele fez aos outros, no seu afastamento. Ele não se afastou para ficar ocioso, nem mandou embora aqueles que rudemente o seguiram quando Ele se retirou, mas aceitou isso com bondade, e deu-lhes aquilo que eles tinham vindo procurar. Ele nunca disse a ninguém que o procurava diligentemente: “Buscai-me em vão”. (1) As doenças eram

efetivamente curadas. Ele curou a muitos, diversos tipos de pacientes, que sofriam de diversos tipos de doenças; embora numerosos, embora variados, Ele os curou. (2) Os demônios foram realmente derrotados; aqueles que estavam possuídos por “espíritos imundos, vendo-o, prostravam-se diante dele”, tremendo na sua presença, não para suplicar o seu favor, mas para abrandar a sua ira, e pelos seus próprios terrores eram obrigados a reconhecer que Ele era o Filho de Deus (v. 1). É triste notar que essa grande verdade era negada por muitos filhos dos homens, que podiam se beneficiar dela, enquanto uma confissão dessa verdade era tão freqüentemente arrancada dos demônios, que não podiam se beneficiar dela. (3) Ao realizar essas grandes coisas, Cristo não procurava aplausos, pois Ele recomendava rigidamente àqueles que eram beneficiados com elas a não divulgarem o que haviam recebido – “ele os ameaçava muito, para que não o manifestassem” (v. 12). O Senhor ordenava que eles não se empenhassem em espalhar as notícias das curas realizadas por Ele, como se fossem anúncios nos jornais, mas permitissem que as suas obras o louvassem, e que a notícia delas se difundisse por si só, e abrisse o seu próprio caminho. Que aqueles que são curados não se entusiasmem em divulgar a bênção recebida, para que isso não alimente o seu orgulho; mas que os espectadores transmitam essa informação. Quando fazemos o que é louvável, e não desejamos ser reverenciados pelos homens por isso, então temos “o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”.

A Eleição dos Doze

vv. 13-21

Nesses versículos, temos:

I A escolha que Cristo fez dos “doze” apóstolos que seriam os seus seguidores e assistentes constantes, e que seriam enviados para outras nações, quando chegasse o momento certo, para pregar o Evangelho. Observe:

1. A introdução a esse chamado ou a essa promoção de discípulos: Ele “subiu ao monte”, com o objetivo de “orar”. Os ministros devem ser separados ou consagrados com solene oração, para que haja o derramamento do Espírito sobre eles. Embora Cristo tivesse autoridade para conceder os

dons do Espírito Santo, ainda assim, para nos dar um exemplo, Ele orou, pedindo-os.

2. A regra que Ele seguiu foi a de sua escolha, e segundo a sua vontade: Ele “chamou para si os que ele quis”. Não aqueles que nós teríamos julgado os mais adequados a ser chamados, considerando a sua aparência e a sua estatura; mas aqueles que Ele julgou adequado chamar, e determinados a se fazerem adequados ao serviço para o qual Ele os chamou. E bendito seja Jesus, porque “pareceu isso bom aos seus olhos”. Cristo chama quem Ele quer, pois Ele tem toda a liberdade, e a sua graça lhe pertence.

3. A eficiência do chamado: Ele os chamou para separá-los da multidão, e para que estivessem com Ele – e eles vieram a Ele. Cristo chama aqueles que lhe foram dados (Jo 17.6); e tudo o que o Pai lhe der, virá a Ele (Jo 6.37). Àqueles que Ele desejou chamar, tornou-os desejosos de vir. O seu povo se apresentará voluntariamente no dia do seu poder (Sl 110.3). Talvez eles viessem a Ele com suficiente disposição, por terem a expectativa de reinar com Ele em pompa e poder temporais; mas quando esse assunto lhes foi esclarecido, ainda assim eles tinham perspectiva de coisas melhores, e jamais diriam que tinham sido enganados a respeito do seu Mestre, nem se arrependeriam de ter deixado tudo para estar com Ele.

4. A finalidade e o objetivo desse chamado: Ele os nomeou (provavelmente pela imposição de mãos, que era uma cerimônia usada entre os judeus) para que estivessem com Ele freqüentemente, para serem testemunhas da sua doutrina, do seu modo de vida, e da sua paciência, para que pudessem conhecê-las plenamente, e fossem capazes de testificar delas. E especialmente para que pudessem confirmar a veracidade dos seus milagres – eles deveriam estar com Ele para receber as suas instruções, para que estivessem capacitados para instruir a outros. Seria necessário tempo para adequá-los para aquilo que Ele os designava; pois eles deveriam ser enviados a pregar; não para pregar antes que fossem enviados, e não para serem enviados antes que estivessem capacitados depois de um longo e íntimo conhecimento de Cristo. Os ministros de Cristo devem estar em constante comunhão com Ele.

5. O poder que Jesus lhes deu de realizar milagres – com isso Ele lhes concedeu uma grande honra, além daquela dos poderosos da terra. Ele os nomeou “para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios”. Isto mostrava que o poder que Cristo tinha de realizar esses

milagres era um poder original, que Ele não o tinha como um servo, mas como um Filho na sua própria casa, e podia conferi-lo a outros, e investi-los dele. Os judeus tinham uma regra na lei: *Deputatus non potest deputare – Aquele que é nomeado por si mesmo, não pode nomear a outros*; mas o nosso Senhor Jesus tem em si a vida, e o Espírito sem medida, e Ele pode dar esse poder até mesmo às coisas fracas e loucas deste mundo.

6. Quantos eram, e os seus nomes. Ele "nomeou doze", de acordo com o número das doze tribos de Israel. Aqui eles não são citados na mesma ordem que está no texto de Mateus, e não por pares, como foram citados ali; mas tanto ali como aqui, Pedro é o primeiro, e Judas o último. Aqui Mateus é citado antes de Tomé, provavelmente tendo sido chamados nesta ordem. Mas na lista que o próprio Mateus elaborou, ele se coloca depois de Tomé; pois estava longe dele insistir na anterioridade da sua consagração. Mas apenas Marcos observa na sua lista dos apóstolos que Cristo chamou Tiago e João de "Boanerges", palavra que significa "filhos do trovão"; talvez eles fossem conhecidos por uma voz forte e autoritária, talvez fossem pregadores vociferantes; ou talvez isso indique o zelo e o fervor dos seus espíritos, que os tornariam mais ativos para Deus do que os seus irmãos. Esses dois (segundo o Dr. Hammond) seriam ministros especiais e eminentes do Evangelho, que é chamado de uma voz que move a terra (Hb 12.26). Mas João, um desses "filhos do trovão", era cheio de amor e ternura, como suas epístolas deixam transparecer, e era o discípulo amado.

7. O isolamento desses discípulos com o seu Mestre, e a sua união íntima com Ele: "E foram para uma casa". Após esse júri ser nomeado, eles ficaram juntos, para ouvir as evidências. Eles foram juntos a uma casa, para definir as ordens do seu conselho recém-criado; e nessa ocasião, provavelmente, a bolsa do dinheiro foi confiada a Judas, fato que o agradou e o deixou à vontade.

II A multidão que acompanhava os movimentos de Cristo (v. 20): "E afluiu outra vez a multidão", sem ser chamada, e pressionando-o inoportunamente, alguns com um encargo, outros com outro. De modo que Ele e seus discípulos não tinham tempo para "nem sequer… comer pão", muito menos para uma refeição completa. Mas Jesus não fechou as suas portas a quem vinha procurá-lo, mas lhes dava as boas-vindas, e dava a cada um deles uma resposta de paz. Aqueles cujos corações se engrandecem na

obra de Deus, podem facilmente tolerar grandes inconveniências para si mesmos, a fim de realizá-la, e preferirão perder uma refeição em qualquer ocasião a deixar escapar uma oportunidade de fazer o bem. É bom quando os ouvintes zelosos e os pregadores zelosos se encontram e se incentivam, uns aos outros. "... desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele" (Lc 16.16). Era uma onda de oportunidades dignas de serem aproveitadas, e os discípulos podiam suportar o adiamento das suas refeições, para aproveitá-las. É bom aproveitarmos as oportunidades enquanto elas passam diante de nós.

III A preocupação dos parentes e amigos de Jesus com Ele (v. 21): Quando os seus amigos de Cafarnaum ouviram como Ele era seguido, e como se empenhava, "saíram para o prender", e para levá-lo para casa, porque diziam: "Está fora de si". 1. Alguns acharam que esse era um cuidado absurdo e ridículo, que se originava mais de uma censura a Ele do que de respeito, e que assim devemos interpretar quando lemos: "Está fora de si". Eles podem ter suspeitado (ou lhes tenha sido sugerido, e eles deram crédito à insinuação) que Ele estivesse sofrendo algum tipo de desequilíbrio, e por isso os seus amigos tentaram prendê-lo, e colocá-lo em um quarto escuro, para fazê-lo recuperar a razão. "Nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5), e estavam dispostos a dar ouvidos a essa má interpretação que alguns faziam do seu grande zelo, e a concluir que Ele não estava em perfeito juízo. E sob esse pretexto, queriam afastá-lo do seu trabalho. Os profetas geralmente são considerados loucos (2 Rs 9.11). 2. Outros interpretaram essa situação como um cuidado bem-intencionado, e assim entendem *exeste* – "*Ele perdeu os sentidos*, Ele não tem tempo sequer para comer pão, e desta maneira a sua resistência diminuirá. Ele será asfixiado pela multidão de pessoas, e terá o seu espírito exausto por falar constantemente, e pelo poder que se esvai dele nos seus milagres. Por isso, vamos forçá-lo, de uma forma amigável, para conseguir que Ele tenha tempo para respirar e descansar. No seu trabalho de pregação, como também no seu trabalho de sofrimento, Ele foi atacado com uma expressão completamente inconveniente: "Mestre, tem compaixão de ti". Aqueles que prosseguem com vigor e zelo na obra do Senhor devem esperar encontrar obstáculos tanto por parte dos desafetos infundados dos seus inimigos, como dos afetos equivocados dos seus amigos. É necessário nos protegermos contra ambos.

A Blasfêmia dos Escribas

vv. 22-30

I Aqui temos a marca herética e insolente que os escribas atribuíram à expulsão dos demônios por Cristo, com o objetivo de desviar e invalidar o seu reconhecimento, e ter um pretexto fraco para não se renderem às evidências. Esses escribas "tinham descido de Jerusalém" (v. 22). Aparentemente teriam empreendido essa longa jornada com o objetivo de impedir o progresso da doutrina de Cristo, tais eram os esforços que faziam para causar problemas. Além disso, vindos de Jerusalém, onde estavam os escribas mais polidos e instruídos, e onde tinham oportunidade de reunir-se contra o Senhor e o seu Ungido, eles tinham grande capacidade de causar problemas. A reputação dos escribas de Jerusalém tinha uma influência não somente sobre as pessoas do campo, mas sobre os escribas do campo. Eles não tinham pensado nessa vil insinuação a respeito dos milagres de Cristo, até que os escribas de Jerusalém a colocaram em suas mentes. Eles não negavam que Ele expulsava os demônios, o que claramente indicava que Ele era enviado por Deus; mas insinuavam: "Tem Belzebu e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios". Aqueles homens queriam dizer que existia uma fraude naquele caso. Estavam dizendo que Satanás não era expulso, mas somente saía por seu próprio consentimento. Não havia nada, na maneira de Cristo expulsar demônios, que desse qualquer motivo para que alguém suspeitasse disso. Ele o fazia "como tendo autoridade"; mas aqueles que decidem não crer nele inventarão muitos pretextos e falsas interpretações dos fatos.

II A resposta racional que Cristo deu à objeção dos fariseus, demonstrando o quanto era absurda.

1. Satanás é tão ardiloso que ele nunca irá abrir mão de quem está possuído por ele: "Se Satanás expulsa Satanás, o seu reino se divide contra si mesmo, e não subsistirá" (vv. 23-26). Jesus chama os fariseus para si, como alguém desejoso de que eles se convençam. Ele os trata com toda a liberdade, amizade e familiaridade que pode existir. Ele se propõe a considerar o caso com eles, "para que toda boca esteja fechada" (Rm 3.19). Estava claro que a doutrina de Cristo declarava guerra ao reino do diabo, e tinha a intenção direta de romper o seu poder, e esmagar o seu interesse pelas almas dos

homens; e estava claro que a expulsão dele, dos corpos das pessoas, confirmava essa doutrina, e a promovia; por isso, não se pode imaginar que houvesse tal desígnio. Todos sabem que Satanás não é louco, e assim não agirá de maneira tão direta contra os seus próprios interesses.

2. Cristo é tão prudente e sábio que, estando engajado em uma guerra, atacará as forças inimigas onde quer que as encontre, seja nos corpos ou nas almas das pessoas (v. 27). Está claro que o desígnio de Cristo é entrar na casa do valente para tomar posse do interesse que ele tem no mundo, saquear os seus bens, e convertê-los ao seu próprio serviço. Portanto, é natural supor que, assim, Ele manietará o valente, irá proibi-lo de falar quando desejar, e de ficar onde quiser, mostrando deste modo que obteve a vitória sobre ele.

III A terrível advertência que Cristo lhes fez, para que prestassem atenção à maneira como proferiam palavras perigosas como essas. Por mais que eles pudessem menosprezá-las, como sendo somente conjecturas, e a linguagem do livre pensar, se eles persistissem nisso, sofreriam conseqüências terríveis. Isso seria considerado um pecado contra o remédio derradeiro, e, conseqüentemente, imperdoável; pois o que poderia levar ao arrependimento do pecado de blasfemar contra Cristo àqueles que afastavam uma convicção tão forte através de um pretexto tão fraco? O Evangelho pode realmente prometer o perdão para os maiores pecados e pecadores, pois Cristo o comprou (v. 28). Muitos daqueles que insultaram a Cristo na cruz (o que era uma blasfêmia contra o Filho do Homem, agravada até o último grau), encontraram misericórdia, e o próprio Cristo orou, dizendo: “Pai, perdoa-lhes”. Mas isso era uma blasfêmia contra o Espírito Santo, pois é pelo Espírito Santo que Cristo expulsa os demônios, e aqueles judeus estavam dizendo: “Tem espírito imundo” (v. 30). Utilizando esse método, eles estavam afrontando e desconsiderando todos os dons do Espírito Santo que foram concedidos depois da ascensão de Cristo, o que não lhes deixaria nenhuma outra evidência, e por isso nunca teriam perdão, mas estariam sujeitos ao “eterno juízo”. Eles corriam o risco iminente de sofrer aquela punição eterna, da qual não havia redenção, nem trégua, nem remissão.

A Família de Cristo

vv. 31-35

Nessa passagem, temos: 1. O desrespeito que os parentes de Cristo, segundo a carne, lhe manifestaram, quando Ele estava pregando (e eles sabiam muito bem quando Ele estava fazendo a obra do Pai). Eles não apenas ficaram do lado de fora, não tendo desejo de entrar e ouvi-lo, como também lhe enviaram uma mensagem, para que Ele viesse ter com eles (vv. 31,32), como se Ele devesse deixar de lado o seu trabalho para dar ouvidos às suas impertinências. É provável que eles não tivessem nada a tratar com Ele, tendo mandado chamá-lo somente com o propósito de obrigá-lo a parar, pensando que, caso contrário, Ele acabaria se matando. Mas Jesus sabia até onde ia a sua resistência, e dava preferência à salvação das almas antes da sua própria vida, e pouco tempo depois deixou isto claro com um testemunho. Era uma coisa sem propósitos, que eles, sob o pretexto de poupá-lo, o interrompessem. E seria ainda pior, caso realmente tivessem algo a tratar com Ele, pois sabiam que Ele preferia o seu trabalho, como Salvador, a qualquer outro assunto.

2. O respeito que Cristo mostrou ter por seus irmãos espirituais nessa ocasião. Como em outras ocasiões, Ele faz uma comparação que menospreza a sua mãe. Essa comparação parecia propositadamente destinada a eliminar o respeito extravagante que os homens, nos tempos vindouros, prestariam a ela. O nosso respeito deve ser orientado e regido pelo de Cristo. Maria de Nazaré, ou a mãe de Jesus, quando considerada apenas em termos de parentesco, não pode se igualar aos crentes normais, a quem Cristo aqui dedica uma honra superlativa, mas deve ser considerada em segundo plano. Porém quando é considerada na condição de crente, Maria se equipara a qualquer outro servo fiel do Senhor. Ele considerou aqueles que estavam junto a si, e declarou que aqueles que não somente ouviam, mas obedeciam à vontade de Deus, eram para Ele como seu irmão, irmã, e mãe, tão estimados, amados e cuidados, como os seus parentes mais próximos (vv. 33-35). Esta é uma boa razão pela qual nós devemos honrar aqueles que temem ao Senhor, e escolhê-los como o nosso povo; por que nós não devemos ser somente ouvintes da Palavra, mas precisamos fazer a obra de Deus, para que possamos compartilhar essa honra com os santos. Certamente é bom ser parente daqueles que estão tão próximos a Cristo, e ter comunhão com aqueles que têm comunhão com Cristo. Ai daqueles que odeiam e perseguem os parentes de Cristo, que são ossos de seus ossos, e carne da sua carne: “Cada um, na aparência, como filhos de um rei” (veja Jz 8.18,19); pois Ele defenderá a sua causa com afinco, e vingará o sangue de cada um deles.

CAPÍTULO 4

Nesse capítulo, temos: I. A parábola da semente, e os quatro tipos de solo (vv. 1-9), com a sua explicação (vv. 10-20), e sua aplicação (vv. 21-25). II. A parábola da semente que crescia gradualmente, mas de modo imperceptível (vv. 26-29). III. A parábola do grão de mostarda, e uma menção geral às parábolas de Cristo (vv. 30-34). IV. O milagre ocorrido quando Cristo repentinamente acalmou uma tempestade no mar (vv. 35-41).

A Parábola do Semeador

vv. 1-20

O capítulo anterior teve início com a entrada de Cristo na sinagoga (v. 1). Esse capítulo se inicia com Cristo ensinando novamente junto ao mar. Ele adotou um método diferente, para que, se possível, todos pudessem ser alcançados e transformados. Para satisfazer as pessoas mais requintadas que tinham lugares excelentes na sinagoga, e não se propunham a ir ouvir um sermão em qualquer outra parte, nem sempre Ele pregava junto ao mar, mas, tendo liberdade, ia freqüentemente à sinagoga e ali ensinava. Mas, para satisfazer aos pobres, à multidão que não tinha lugar na sinagoga, nem sempre Ele pregava ali, mas passava a ensinar junto ao mar, aonde eles podiam vir para ouvir. Desse modo, somos devedores "tanto a sábios como a ignorantes" (Rm 1.14).

Cristo parece ter passado a utilizar aqui uma nova conveniência, que não tinha sido usada antes, embora Ele já tivesse pregado junto ao mar (cap. 2.13). Ele passou a ficar em um barco, ao passo que os seus ouvintes ficavam em terra; e como aquele mar interior de Tiberíades não tinha maré, não havia a oscilação das águas para incomodá-los. Creio que o fato de Jesus Cristo levar a sua doutrina num barco, e dali pregá-la, era um presságio da ocasião em que Ele enviaria o Evangelho às "ilhas das nações" dos gentios, e assim o Reino de Deus "zarparia" (que carregamento rico!) da nação judaica, para ser levado a um povo que produziria mais frutos para ele. Observe aqui:

I O método de ensino que Jesus usava com a multidão (v. 2): Ele "ensinava-lhes muitas coisas por parábolas", ou analogias, que os estimulavam a

ouvir, pois as pessoas gostam de que falem com elas na sua própria língua. Os ouvintes desatentos irão se surpreender com uma comparação simples, tomada de coisas comuns, e irão gravar e repetir a verdade que a comparação se destina a explicar e exemplificar. Mas, a menos que eles se esforçassem para entendê-la, ela somente os divertiria; vendo, eles veriam, e não perceberiam (v. 12). Assim, embora isso satisfizesse a sua curiosidade, era o castigo pela sua ignorância; eles voluntariamente fechavam os seus olhos à luz, e por isso Cristo, com justiça, a coloca oculta na lanterna de uma parábola, que tinha um lado brilhante, voltado para aqueles que a aplicavam e estavam desejosos de serem guiados por ela. Mas para aqueles que só desejavam uma oportunidade de brincar com ela, ela somente fornecia uma centelha de luz, aqui e ali, mas os mandava embora no escuro. É justo que Deus diga, a respeito daqueles que não desejam ver, que eles não perceberão, e esconda a Palavra dos olhos daqueles que somente olham ao seu redor com uma grande dose de desatenção, e nunca olham diante de si com qualquer preocupação pelas coisas que pertencem à sua paz.

II A maneira de explicar que Jesus usou com os seus discípulos: “Quando se achou só, os que estavam junto dele com os doze interrogaram-no acerca da parábola” (v. 10). Eles achavam agradável estar junto a Jesus, quanto mais perto dele, melhor; era bom estar com os doze, conversando com aqueles que eram próximos ao Senhor. E Ele lhes disse que privilégio distinto eles tinham, de se familiarizarem com os mistérios do Reino de Deus (v. 11). Os mistérios do Senhor estavam com eles. Eles aprendiam com aquilo que somente divertia aos demais, e eram levados a crescer no conhecimento, com cada parábola, e a compreender mais sobre o caminho e o método com que Jesus determinou estabelecer o seu reino no mundo, ao passo que os outros eram despedidos, sem aprender nada. Note que aqueles que desejam conhecer “os mistérios do Reino de Deus” devem reconhecer que ele lhes é dado. Eles recebem tanto a luz quando a visão de Jesus Cristo, que, depois da sua ressurreição, abriu as Escrituras e deu-lhes o entendimento (Lc 24.27,45).

Em especial, temos aqui:

1. A parábola do semeador, como já tivemos em Mateus 13.3ss. Jesus começa (v. 3) com: “Ouvi”; e conclui (v. 9) com: “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”. Observe que as palavras de Cristo exigem atenção; e aqueles que a proclamam, da parte do Senhor, podem buscar a sua

autoridade, bem como o avivamento que ela traz. Nós devemos prestar muita atenção, até mesmo àquilo que ainda não compreendemos completa ou corretamente, crendo que isso é tanto compreensível como importante, e que com o tempo viremos a compreender; nós descobriremos mais coisas nas palavras de Jesus Cristo do que a princípio parecia haver.

2. A explicação da parábola aos discípulos. Aqui há uma pergunta que Jesus propõe aos discípulos, antes de explicar a parábola, que não está no texto de Mateus (v. 13): “Não percebeis esta parábola?”. Não percebeis o seu significado? “Como, pois, entendereis todas as parábolas?”. (1) Se vocês não compreendem essa, que é tão clara, como irão compreender outras parábolas, que serão mais obscuras? Se vocês se embaraçam e não encontram explicação para essa parábola, que fala tão claramente do sucesso diferenciado da palavra pregada àqueles que a ouvem, que vocês mesmos podem ver facilmente, como irão compreender as parábolas futuras, que falarão da rejeição dos judeus, e do chamado dos gentios, que são coisas das quais vocês sequer têm idéia? Note que devemos nos incentivar, tanto à oração quanto aos esforços para que possamos obter conhecimento, porque existe uma grande quantidade de coisas que nós temos interesse em conhecer, e se não entendemos nem as verdades mais simples do Evangelho, como poderemos dominar aquelas que são mais difíceis? *Vita brevis, ars longa – A vida é curta, a arte é longa.* “Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos” (Jr 12.5). (2) Se vocês não compreendem essa parábola, cujo objetivo é ensiná-los a ouvir a palavra, para que possam se beneficiar dela, como poderão se beneficiar do que ainda irão ouvir? Essa parábola pretende lhes ensinar a prestar atenção à palavra, e serem influenciados por ela, para que possam compreendê-la. Se vocês não a compreenderem, vocês não saberão como usar a chave pela qual terão permitido o acesso a todo o descanso. Se não compreendemos as regras que devemos observar, para nos beneficiarmos da Palavra, como poderemos nos beneficiar com qualquer outra regra? Observe que antes que Jesus explique a parábola: [1] Ele lhes mostra como era triste o caso daqueles que não tinham acesso ao significado da doutrina de Cristo: “A vós vos é dado saber”, mas não a eles. Será útil valorizarmos os privilégios que temos, como discípulos de Cristo, para considerar o estado deplorável daqueles que não têm tais privilégios, especialmente porque estão fora do caminho normal da conversão. “Para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados”

(v. 12). Somente aqueles que se convertem terão os seus pecados perdoados – e esta é a infelicidade das almas que não se convertem: elas ficam sob o peso da culpa que não foi perdoada. [2] Ele lhes mostra que era vergonhoso eles precisarem dessas explicações da mensagem que ouviam, e não compreenderem a princípio. Aqueles que desejam aprimorar os seus conhecimentos devem ter noção da sua própria ignorância.

Tendo assim preparado os seus ouvintes, Jesus lhes explica a interpretação da parábola do semeador, como já lemos antes, no Evangelho de Mateus. Aqui, vamos somente observar:

Em primeiro lugar, que no grande campo da igreja, a Palavra de Deus é revelada a todos de maneira indiscriminada: "O que semeia, semeia a palavra" (v. 14), semeia-a ao acaso, "sobre todas as águas" (Is 32.20), sobre todos os tipos de solo, sem saber onde ela irá prosperar, ou que fruto ela produzirá. Ele a espalha, para a sua multiplicação. Jesus tinha estado, por algum tempo, semeando a si mesmo, quando viajava ensinando e pregando; agora Ele envia os seus ministros, e semeia por meio da mão deles. Os ministros são os que semeiam; eles precisam da habilidade e da sabedoria do lavrador (Is 28.24-26); eles não devem observar o vento e as nuvens (Ec 11.4,6), mas erguer os olhos para Deus, que "dá a semente ao que semeia" (2 Co 9.10).

Em segundo lugar, que entre os muitos que ouvem a mensagem do Evangelho, e que a lêem, e estão familiarizados com ela, há, comparativamente, apenas poucos que a recebam de um modo que possam produzir frutos dela. Aqui, somente uma em cada quatro sementes irá florescer. É triste pensar na quantidade da preciosa semente da Palavra de Deus que se perde e é semeada em vão; mas virá o dia quando se prestará contas dos sermões perdidos. A muitos que ouviram o próprio Cristo pregando nas suas ruas, mais tarde se pedirá que se apartem dele. Aqueles que dedicam toda a sua religiosidade a ouvir, como se isto fosse suficiente para salvá-los, estão apenas se enganando, e construindo a sua esperança sobre a areia (Tg 1.22).

Em terceiro lugar, muitos são influenciados pela palavra no presente, mas não se beneficiam dela de maneira permanente. Os impulsos de alma que eles têm, em resposta àquilo que ouvem, não passam de uma mera centelha, "qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela" (Ec 7.6). Nós lemos sobre os hipócritas, que têm prazer em saber os caminhos de Deus (Is 58.2); sobre

Herodes, que de boa vontade ouvia a João Batista (cap. 6.20); sobre outros, que se alegravam com a sua luz (Jo 5.35); daqueles para quem Ezequiel era como uma canção de amores (Ez 33.32); e daqueles que aqui são representados pelo solo pedregoso, que recebiam a palavra com alegria, mas não produziam nada.

Em quarto lugar, a razão pela qual a palavra não deixa impressões imperiosas e permanentes nas mentes das pessoas é porque os seus corações não estão devidamente dispostos e preparados para recebê-la. A culpa está nas pessoas, e não na palavra; alguns são ouvintes desatentos e esquecidos, e não se beneficiam em nada com a palavra; ela entra por um ouvido e sai pelo outro. Outros têm as suas convicções fortalecidas pela sua corrupção, e deixam de captar as boas impressões que a palavra deixa neles, de modo que não adquirem nenhum benefício permanente por meio dela.

Em quinto lugar, o diabo está muito ocupado com os ouvintes desatentos e descuidados, assim como as aves procuram a semente que cai no solo; quando o coração, como a estrada, não é arado, não se humilha, quando ele simplesmente está ali para que passem sobre ele, como é o coração daqueles que são grandes companheiros, então o diabo é como as aves; ele vem velozmente e leva a palavra embora, antes que a pessoa se dê conta dela. Quando, portanto, essas aves descerem sobre os sacrifícios, nós devemos tomar cuidado, como fez Abraão, para enxotá-las (Gn 15.11); embora não possamos impedi-las de voar sobre as nossas cabeças, não devemos permitir que elas se aninhem em nossos corações.

Em sexto lugar, muitos que não se escandalizam com facilidade, a ponto de se livrarem de sua profissão de fé, como acontecia com aqueles de solo pedregoso, ainda conseguem ficar chocados e sufocados secretamente, de modo que não muda nada; eles continuam a ter uma profissão de fé estéril, hipócrita, que não produz resultados e assim seguem, com muita probabilidade, para o inferno.

Em sétimo lugar, as impressões que não são guardadas não serão duráveis, mas se esgotarão em tempos de sofrimentos e provações; como pegadas na areia do mar, que desaparecem com a próxima maré alta de perseguição. Quando a iniqüidade é abundante, o amor de muitos aos caminhos de Deus esfria; muitos dos que perseveram na sua fé em dias bons, a perdem nas tempestades; e fazem como aqueles que vão até o mar somente para diversão: retornam quando o vento sopra mais forte. A ruína dos hipócritas é o fato de

não terem raiz; eles não agem a partir de um princípio vivo e fixo; eles não se preocupam com a obra no coração, e, sem isto, a fé não é nada, pois só é cristão aquele que o é interiormente.

Em oitavo lugar, muitos são impedidos de se beneficiar com a Palavra de Deus, devido à abundância que possuem neste mundo. Muitas boas lições de humildade, caridade, renúncia a si mesmo, e caráter celestial, são sufocadas e perdidas por aquela complacência que prevalece no mundo, que eles são propensos a ter, e que lhes sorri. Assim, muitos crentes professos, que, não fosse por isso, poderiam ter produzido algum resultado, provam ser como as vacas magras e as espigas miúdas de Faraó (Gn 41.4,5).

Em nono lugar, aqueles que não estão sobrecarregados com as preocupações do mundo, e os enganos das riquezas, ainda podem perder os benefícios da sua profissão de fé devido aos desejos de outras coisas. Isto é acrescentado no texto de Marcos: Pelo desejo de outras coisas (segundo o Dr. Hammond), um apetite incomum pelas coisas que são agradáveis aos sentidos ou às fantasias. Aqueles que têm pouco no mundo, ainda assim podem se destruir devido à indulgência ao corpo.

Em décimo lugar, os frutos são o que Deus espera e exige daqueles que recebem o Evangelho: frutos, de acordo com as sementes; um estado de espírito, e um modo de vida, de acordo com o Evangelho; as graças cristãs exercidas diariamente, os deveres cristãos devidamente cumpridos. Isto são frutos, e devem ser abundantes em nossa prestação de contas.

Por fim, nenhum bom fruto se deve esperar, a não ser de boas sementes. Se a semente for semeada em solo bom, se o coração for humilde, santo, e ligado às coisas celestiais, haverá bons frutos, e serão abundantes, podendo chegar a cem vezes, como a colheita de Isaque (Gn 26.12).

O Progresso Gradual do Evangelho

vv. 21-34

As lições que o nosso Salvador pretende nos ensinar aqui, por meio de parábolas e expressões figuradas, são as seguintes:

I Que aqueles que são bons devem considerar as obrigações a que estão submetidos, para fazer o bem; isto é, como na parábola anterior, produzir frutos. Deus espera um retorno agradável dos seus dons concedidos a nós, e

um aproveitamento útil dos seus dons em nós; pois (v. 21): “Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do cesto ou debaixo da cama?” Não, mas ela deve ser colocada “no velador”. Os apóstolos foram designados para receber o Evangelho, não somente para si mesmos, mas para o bem dos outros, para transmiti-lo a outros. Todos os cristãos devem ministrar o dom conforme o receberam. Observe que: 1. Dons e graças fazem do homem uma “candeia”; “a lâmpada do Senhor” (Pv 20.27), acesa pelo Pai das luzes. Até mesmo os mais eminentes não passam de lâmpadas, luzes pobres, comparadas com o Sol da Justiça. Uma candeia ilumina pouco à frente, e durante pouco tempo, e facilmente se apaga, e está continuamente ardendo e se gastando. 2. Muitos que são acesos como candeia, colocam-se debaixo da cama, ou debaixo de um cesto: Eles não manifestam a graça em si mesmos, nem a ministram a outros; eles têm bens, e não fazem o bem com eles; possuem os seus membros e sentidos, talvez até mesmo inteligência e estudo, mas ninguém é melhor para eles; eles possuem dons espirituais, mas não os utilizam; como uma vela em uma urna funerária, eles ardem para si mesmos. 3. Aqueles que são acesos como candeias devem se colocar em um velador; isto é, devem aproveitar todas as oportunidades para fazer o bem, utilizando-as para a glória de Deus, e a serviço da comunidade à qual eles pertencem; não nascemos para nós mesmos.

A razão apresentada para isso é: “Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto” (v. 22). Não há tesouro de graças e dons armazenados em ninguém, a não ser com o objetivo de serem transmitidos. Tampouco o Evangelho foi um segredo para os apóstolos, para ficar oculto, mas deve ser levado e divulgado a todo o mundo. Embora Jesus explique as parábolas aos seus discípulos privadamente, ainda assim Ele o fez com o objetivo de torná-las úteis o mais publicamente possível. Ele lhes ensinava para que eles pudessem ensinar; e há uma regra geral, de que o ministério do Espírito seja dado para que todos os homens possam se beneficiar, não somente os próprios, mas também a outros.

II É do interesse de todos os que ouvem a palavra do Evangelho gravarem o que ouvirem, e fazerem bom uso dessa Palavra tão preciosa, porque disso depende a sua felicidade ou a sua desgraça. Aquilo que Jesus tinha dito anteriormente, Ele repete aqui: “Se alguém tem ouvidos para ouvir, que ouça” (v. 23). Devemos dar ao Evangelho de Cristo uma audiência justa, mas

isto não é suficiente, conforme está acrescentado (v. 24): “Atendei ao que ides ouvir”; e dediquem uma consideração adequada àquilo que vocês ouvirem. Considerem o que vocês ouvirem, segundo a interpretação do Dr. Hammond. Aquilo que ouvimos não nos produz nenhum bem, a menos que o levemos em consideração. Especialmente aqueles que precisam ensinar aos outros, devem observar profundamente as coisas de Deus; devem prestar atenção à mensagem que devem transmitir, para que possam ser exatos e precisos. Da mesma maneira devemos prestar atenção ao que ouvimos, provando todas as coisas, para que possamos reter o bem. Devemos ser cautelosos, e ficar em guarda, para que não se aproveitem de nós. Para reforçar esta advertência, considere:

1. Assim como lidamos com Deus, também Deus irá lidar conosco, segundo a explicação que o Dr. Hammond sugere para as palavras: “Com a medida com que medirdes vos medirão a vós”. Se vocês forem servos fiéis ao Senhor, Ele será um Mestre fiel a vocês: Com os sinceros Ele se mostrará sincero (Sl 18.25).

2. Para aproveitarmos os talentos que nos são confiados, nós devemos aumentá-los. Se fizermos uso do conhecimento que possuímos para a glória de Deus e o benefício de outros, ele crescerá sensivelmente, como as ações no mercado; a vocês, que ouvem, mais lhes será dado: “Porque ao que tem, ser-lhe-á dado” (v. 25). Se os discípulos transmitirem à igreja aquilo que receberam do Senhor, eles serão conduzidos de uma forma ainda mais profunda nos segredos do Senhor. Os dons e as graças se multiplicam quando são exercidos, e Deus prometeu abençoar a mão do diligente.

3. Se não usamos o que possuímos, nós o perdemos; pois ao que não tem, ao que não produz nenhum bem com o que tem, e, portanto, o tem em vão, será como se não tivesse, “até o que tem lhe será tirado”. Enterrar um talento é trair a confiança, e é equivalente a um confisco; e os dons e as graças se destroem pela falta de uso.

III A boa semente do Evangelho, semeada no mundo e semeada no coração, gradativamente produz resultados maravilhosos, mas sem estardalhaço (v. 26ss.). Assim é o Reino de Deus; assim é o Evangelho, quando é semeado, e recebido, como semente em solo bom.

1. Ela brotará. Embora pareça perdida e enterrada sob os torrões, ela descobre ou abre o seu caminho através deles. A semente lançada no solo

brotará. Devemos apenas permitir que a Palavra de Deus tenha o lugar que ela merece ter em uma alma, e ela se manifestará, como a sabedoria do alto se manifesta em um bom procedimento. Depois que o trigo é semeado em um campo, com que rapidez a sua superfície se altera! Que aparência alegre e agradável ele tem, quando está coberto de verde!

2. O lavrador não consegue explicar como a semente brota. Este é um dos mistérios da natureza; a semente brota e cresce, "não sabendo ele como" (v. 27). Ele vê que ela cresceu, mas não sabe explicar de que maneira isso aconteceu, ou qual foi a causa e o método do seu crescimento. Da mesma maneira, nós não sabemos como o Espírito, pela palavra, produz uma transformação no coração, não mais do que podemos explicar por que o vento sopra, cujo ruído nós ouvimos, mas não podemos dizer de onde ele vem, nem para onde vai. Sem dúvida alguma, "grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi… crido no mundo" (1 Tm 3.16).

3. O lavrador, depois de semear a semente, nada faz para que ela brote. Ele dorme, e se levanta, de noite ou de dia; vai dormir à noite, se levanta pela manhã, e talvez nem pense no grão que plantou, ou sequer cuide dele, mas cuida dos seus prazeres ou de outros assuntos, e ainda assim a terra produz o fruto por si mesma, segundo o curso normal da natureza, e pelo poder de Deus sobre ela. Da mesma maneira, a palavra da graça, quando é recebida com fé, se torna no coração uma obra de graça, e os pregadores não contribuem em nada para isso. O Espírito de Deus continua trabalhando quando eles adormecem, e não trabalham (Jó 33.15,16), ou quando eles se levantam para cuidar de outros assuntos. Os profetas não vivem para sempre, mas a palavra que eles pregaram está realizando o seu trabalho, mesmo quando eles estão nos túmulos (Zc 1.5,6). O orvalho que faz brotar a semente "não espera pelo homem, nem aguarda filhos de homens" (Mq 5.7).

4. Ela cresce gradualmente: "Primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga" (v. 28). Depois de brotar, ela vai adiante; a natureza segue o seu curso, e o mesmo ocorre com a graça. O interesse de Cristo, tanto no mundo quanto no coração é, e será, um interesse crescente, e embora o princípio seja pequeno, o final crescerá muitíssimo. Embora você não semeie a planta que virá, mas somente o grão desnudo, ainda assim Deus irá dar a cada semente a sua própria planta. Mesmo que a princípio não passe de uma folha tenra, que a geada pode danificar, ou que o pé de alguém pode esmagar, ainda assim ela crescerá até se tornar uma espiga, e até que haja o

grão cheio na espiga. *Natura nil facit per saltum – A natureza não faz nada abruptamente.* Deus realiza o seu trabalho imperceptivelmente, sem estardalhaço, mas de maneira insuperável e sem falhas.

5. Finalmente, ela chega à perfeição (v. 29): "Quando já o fruto se mostra", isto é, quando está maduro, e pronto para ser entregue às mãos do proprietário, "mete-lhe logo a foice". Isto sugere: (1) Que Cristo aceita então os serviços que um coração honesto, partindo de um bom princípio, realiza para Ele. Quando o fruto do Evangelho adquire um lugar na alma, e trabalha nela, Cristo obtém uma colheita de honra para si mesmo (veja João 4.35). (2) Que Ele lhes dará a vida eterna, em retribuição. Quando aqueles que recebem corretamente o Evangelho concluem a sua carreira, chega a colheita, e então eles serão ajuntados como trigo no celeiro de Deus (Mt 13.30), como uma abundância de trigo na sua colheita.

II A obra da graça é pequena e modesta no seu início, mas chega a ser grande e considerável, no final (vv. 30-32): "'A que assemelharemos o Reino de Deus', como agora está sendo estabelecido pelo Messias? Como Eu posso fazer-vos entender os desígnios dele?" Ele fala como alguém que pondera e pesquisa consigo mesmo a maneira de explicá-la com uma comparação eficiente; com que parábola o representaremos? Nós devemos nos basear nos movimentos do sol, ou nas órbitas da lua? Não, a comparação é feita com esta terra, é como um grão de mostarda. Ele já o tinha comparado anteriormente com a semente plantada, e aqui com o grão de mostarda, pretendendo, desta maneira, mostrar:

1. Que o início do Reino de Deus será muito pequeno, como a menor de todas as sementes que há na terra. Quando a igreja cristã foi semeada na terra para Deus, toda ela cabia em uma sala, e o número de membros era de quase cento e vinte pessoas (At 1.15), assim como os filhos de Israel, quando foram ao Egito, eram apenas setenta almas. O trabalho da graça, na alma, é, no início, apenas o dia das pequenas coisas; uma pequena nuvem como a mão de um homem. Nunca houve coisas tão grandiosas empreendidas por uma mão tão pequena, como o discipulado das nações pelo ministério dos apóstolos; nem uma obra que iria alcançar tão grande glória, como a obra da graça nascida de tais inícios, fracos e improváveis. "Quem me gerou estes?"

2. Que a sua perfeição será completa. Quando ela cresce, faz-se a maior de todas as hortaliças. O Reino de Deus no mundo irá crescer e espalhar-se até

os lugares mais remotos da terra, e irá persistir até o final dos tempos. A igreja arrojou grandes ramos, fortes, com grande alcance, e frutíferos. A obra da graça na alma produz frutos poderosos, enquanto está crescendo; mas o que acontecerá quando ela se aperfeiçoar no céu? A diferença entre um grão de mostarda e uma grande árvore não se compara àquela que existe entre um novo convertido na terra, e um santo glorificado no céu (veja João 12.24).

Depois das parábolas especificadas, o historiador conclui com um resumo geral da pregação de Cristo, dizendo que “com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra” (v. 33); provavelmente com a intenção de nos lembrar do relato mais amplo de parábolas desse tipo, que já tivemos antes, no capítulo 13 do Evangelho de Mateus. Ele falava por parábolas, “segundo o que podiam compreender”. Jesus extraía as suas comparações daquelas coisas que lhes eram familiares, e de acordo com a capacidade deles, e as transmitia com expressões claras, condescendendo com a sua capacidade; embora não lhes permitisse conhecer o mistério das parábolas, ainda assim a maneira como Ele se expressava era fácil, e tal que eles podiam, mais tarde, lembrar-se delas, para a sua própria edificação. Mas, nesse caso, “sem parábolas nunca lhes falava” (v. 34). A glória do Senhor é coberta por uma nuvem, e Deus nos fala na língua dos filhos dos homens, para que, ainda que não no início, mas gradativamente, nós possamos compreender o que Ele quer dizer. Os próprios discípulos compreenderiam mais tarde essas palavras de Jesus, cujo significado correto não entendiam a princípio. Mas essas parábolas Ele declarava em particular aos seus discípulos, quando estavam sozinhos: “Tudo declarava em particular aos seus discípulos”. Não podemos deixar de desejar que tivéssemos tido essa explicação, como tivemos na parábola do semeador, mas isso não seria necessário; porque, quando a igreja crescesse, o próprio crescimento nos explicaria essas palavras, sem a necessidade de maiores esclarecimentos.

Jesus e os seus Discípulos na Tempestade

vv. 35-41

Nós já vimos anteriormente esse milagre que Jesus realizou para aliviar os seus discípulos, ao acalmar a tempestade (Mt 8.23ss.); mas aqui ele é narrado de uma maneira mais completa. Observe:

1. Isso aconteceu no mesmo dia em que Ele tinha pregado do barco, e já era tarde (v. 35). Depois de ter estado trabalhando todo o dia, na palavra e na doutrina, em lugar de repousar, Ele se expôs, para nos ensinar a não pensar em um repouso permanente até que cheguemos ao céu. O fim de um trabalho árduo talvez possa ser apenas o início de uma situação muito agitada. Mas observe que o barco que Jesus transformou em púlpito está sob a sua proteção e, ainda que esteja correndo perigo, não pode afundar. Aquilo que Cristo usa, receberá o seu cuidado especial.

2. Ele mesmo propôs zarpar à noite, porque assim não perderia tempo: "Passemos para a outra margem", pois, como descobriremos no próximo capítulo, Ele deveria realizar ali um trabalho. Jesus andava fazendo o bem, e nenhuma dificuldade no caminho poderia atrapalhá-lo. Nós devemos ser igualmente empenhados na sua obra, assim como a nossa geração, de acordo com a vontade do Senhor.

3. Eles não zarparam até que tivessem despedido a multidão, isto é, dado a cada um deles aquilo que tinham vindo procurar, e atendido a todas as suas solicitações. Ele não mandou ninguém para casa, reclamando de o ter procurado em vão. Eles também podem ter dispensado a multidão com uma bênção solene, pois Cristo veio ao mundo não somente para pronunciar a bênção, mas para ordená-la e concedê-la.

4. Os discípulos levaram Jesus "assim como estava", isto é, com a mesma roupa com que estava vestido durante a pregação, sem nenhum manto para colocar sobre Ele, uma peça de vestuário que o Senhor deveria ter tido para se manter aquecido quando foi para o mar à noite, especialmente depois de pregar. Não devemos deduzir que podemos ser descuidados com a nossa saúde, mas podemos aprender a não nos preocuparmos excessivamente com o corpo.

5. A tempestade era tão forte que o barco "já se enchia de água" (v. 37), não porque houvesse algum orifício no barco, mas talvez parcialmente com a chuva, pois a palavra usada aqui significa uma tempestade de vento e chuva; no entanto, como o barco era pequeno, as ondas o golpeavam e ele se encheu de água. Observe que não é novidade que sofra grande perigo o barco no qual estão Jesus e os seus discípulos, Jesus e o seu nome, e o seu Evangelho.

6. "Havia também com ele outros barquinhos" que, sem dúvida, passavam pela mesma aflição e pelo mesmo perigo. Provavelmente, esses barquinhos levavam aqueles que tinham vontade de acompanhar Jesus, para obter o

benefício da sua pregação e dos seus milagres, na outra margem. A multidão foi embora quando Ele foi para o mar, mas havia alguns ali que se aventuraram na água, com Ele. Seguem adequadamente o Cordeiro aqueles que o seguem “para onde quer que vai”. E aqueles que têm esperança de uma felicidade em Cristo devem estar dispostos a assumir a sua sina com Ele, e a correr os mesmos riscos que Ele corre. É possível sair para o mar alegre e corajosamente na companhia de Cristo, ainda que haja previsão de tempestade.

7. Jesus estava dormindo em meio à tempestade, e aqui nós lemos que “Ele estava na popa”, no lugar do piloto: Ele estava no leme, o que dá a entender que, conforme as palavras do Sr. George Herbert:

Quando ventos e ondas fortes atacam o meu barco,
Ele o protege, Ele o manobra,
Mesmo quando o barco parece mais instável.
As tempestades são o triunfo da sua arte;

Ele pode fechar os seus olhos, mas não o seu coração.

Ele tinha ali “uma almofada”, o que poderia encontrar no barco de um pescador. E Ele dormiu, para pôr à prova a fé dos seus discípulos, e para despertá-los para a oração. Com a chegada da provação, a fé deles pareceu fraca, e as suas orações, fortes. Observe que às vezes, quando a igreja está passando por uma tempestade, Jesus parece estar dormindo, despreocupado com os problemas do seu povo, e indiferente às suas orações e não se apresenta para o alívio da igreja. “Verdadeiramente Ele é um Deus que se oculta” (Is 45.15). Mas, da mesma maneira como se tardar, Ele não tardará (Hc 2.3), também quando Ele dorme, Ele não dorme: “aquele que te guarda não tosquenejará. Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel” (Sl 121.3,4). Ele dormia, mas o seu coração velava, como a esposa (Ct 5.2).

8. Os discípulos se encorajaram por terem a presença de Jesus consigo, e pensaram que a melhor maneira de aproveitar essa oportunidade, e apelar para ela, era usarem o remo da oração, mais do que os seus próprios remos. A confiança deles estava no fato de terem o seu Mestre consigo; e o barco onde Jesus estava, embora pudesse ser jogado de uma lado a outro, não podia afundar; a sarça onde Deus está, embora possa arder, não será consumida pelo fogo. César encorajava o comandante do barco que o levava a bordo

com as palavras: *Caesarem vehis, et fortunam Caesaris – Você tem César a bordo, e a sorte de César*. Eles despertaram a Jesus. Se a situação não o exigisse, eles não teriam acordado o seu Mestre, até que Ele o quisesse (Ct 2.7), mas eles sabiam que Ele lhes perdoaria por esse ato. Quando Cristo parece dormir em meio a uma tempestade, Ele é despertado pelas orações do seu povo. Quando não sabemos o que fazer, os nossos olhos devem estar nele (2 Cr 20.12). Nós podemos estar no fim dos nossos recursos, mas não no fim da nossa fé, enquanto tivermos um Salvador assim a quem recorrer. Eles se dirigem a Jesus de uma maneira muito enfática: "Mestre, não te importa que pereçamos?" Confesso que isto parece um pouco rude, como se estivessem repreendendo-o por dormir, e não como se estivessem implorando que Ele despertasse. Não imagino nenhuma desculpa para isso, exceto a grande familiaridade que Ele com satisfação permitia que os seus discípulos tivessem consigo, e a liberdade que Ele lhes concedia; e a aflição em que eles se encontravam, que os colocava em um pavor tal, que eles não sabiam o que diziam. Aqueles que suspeitam que Ele não se preocupa com o seu povo que enfrenta os sofrimentos, fazem muito mal a Jesus. A situação não é esta. Ele não deseja que ninguém pereça, muito menos algum dos seus pequeninos (Mt 18.14).

9. A palavra de ordem com a qual Cristo repreendeu a tempestade, e que nós lemos aqui (v. 39), porém não no Evangelho de Mateus. Ele diz: "Cala-te, aquieta-te", *siopa, pephimoso – faça silêncio, emudeça*. Que o vento não ruja mais, nem o mar se enfureça. Assim Ele acalma o ruído do mar, o ruído das suas ondas; uma ênfase especial é colocada sobre esses ruídos (Sl 65.7; 93.3,4). O ruído é ameaçador e apavorante; que não mais o ouçamos. Isto é: (1) Uma palavra de ordem para nós. Nas ocasiões em que os nossos corações ímpios "são como o mar bravo que se não pode aquietar" (Is 57.20), quando as nossas paixões se inflamam e se descontrolam, devemos pensar que estamos ouvindo a ordem de Cristo, dizendo: "Cala-te, aquieta-te". Não pense de maneira confusa; não fale inadvertidamente, mas faça silêncio; aquiete-se. (2) Uma palavra de conforto para nós. Por mais alto que seja o ruído da tempestade de problemas, por mais forte que ela seja, Jesus Cristo pode tranqüilizá-la com uma palavra. Quando houver lutas exteriores, medos interiores, e o nosso espírito estiver em meio a um tumulto, Ele poderá criar o fruto dos lábios, a paz. Se Ele disser: "Cala-te, aquieta-te", haverá imediatamente uma grande tranqüilidade. Está escrito que Deus tem a

prerrogativa de comandar os mares (Jr 31.35). Portanto, nessa ocasião, Jesus Cristo prova que é Deus. Aquele que criou os mares pode aquietá-los.

10. A reprovação que Jesus faz aos discípulos pelos seus temores está aqui mais detalhada do que no Evangelho de Mateus. Ali temos: “Por que temeis?” (Mt 8.26). Aqui temos: “Por que sois tão tímidos?” Ainda que possa haver causa para algum temor, um temor desse nível não é justificável. Ali está escrito: “Por que sois tão tímidos?” Aqui: “Ainda não tendes fé?” Não que os discípulos estivessem sem fé. Não, eles acreditavam que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus; mas nessa ocasião os seus temores foram tão dominantes que eles pareciam não ter nenhuma fé. Essa situação foi muito incomum, e pareceu que eles não tinham fé. Como vocês podem agir como se não tivessem fé quanto a este problema, a ponto de pensarem que Eu não viria com um auxílio oportuno e efetivo? Aqueles que conseguem pensar que Jesus não se incomoda que o seu povo pereça, podem suspeitar da sua própria fé; e é muito justo que Jesus se entristeça com esta atitude.

Por fim, a impressão que esse milagre provocou nos discípulos, está aqui expressa de modo diferente. No texto de Mateus está escrito: “Aqueles homens se maravilharam”; aqui está escrito que eles “sentiram um grande temor” [assim diz o original]. Então o medo que sentiram foi retificado pela sua fé. Eles sentiram medo dos ventos e do mar, por falta da reverência que deveriam ter tido por Jesus Cristo. Mas quando viram uma demonstração do seu poder sobre si mesmos, eles tiveram menos medo dessas coisas, e o temeram mais. Eles temeram que pudessem ter ofendido a Jesus pelos seus temores incrédulos; por isso procuravam uma maneira de honrá-lo. Eles tinham temido o poder e a ira do Criador, na tempestade, e aquele medo continha tormento e assombro; mas agora eles temiam o poder e a graça do Redentor, na calmaria. Eles temiam o Senhor e a sua bondade, e sentiam prazer e satisfação com isso; e, por conseguinte, deram glória a Jesus Cristo, como os marinheiros do navio em que Jonas viajava, que, quando o mar se acalmou, “temeram… ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor” (Jn 1.16). Esse sacrifício foi oferecido em honra a Cristo. Eles disseram: “Quem é este?” Certamente, mais que um simples homem, pois “até o vento e o mar lhe obedecem”.

CAPÍTULO 5

Nesse capítulo, temos: I. Jesus expulsando uma legião de demônios de um homem endemoninhado, e permitindo que eles entrassem nos porcos (vv. 1-20). II. Jesus curando uma mulher que sofria com um problema de fluxo de sangue, quando ia no caminho para ressuscitar a filha de Jairo (vv. 21-43). Já lemos sobre esses três milagres anteriormente (Mt 8.28ss.; Mt 9.18ss.), mas aqui eles são narrados com mais detalhes.

A Expulsão de uma Legião de Demônios

vv. 1-20

Temos nesse trecho um exemplo de Cristo expulsando uma legião de demônios, e dispondo dela como quis, dando a entender que Ele era mais forte do que ela. Ele fez isso quando estava na "outra margem do mar". Para chegar até esse ponto Ele atravessou uma tempestade. A sua tarefa aqui era resgatar essa pobre criatura das mãos de Satanás, e, depois de ter feito isso, Ele voltou. Da mesma maneira, Ele veio, do céu à terra, e retornou, em meio a uma tempestade, para redimir o restante da humanidade das mãos do Diabo. Embora fosse um pequeno grupo, Ele não julgou os seus esforços como mal aplicados.

No texto de Mateus, está escrito que eram dois homens endemoninhados; aqui está escrito que era "um homem com espírito imundo". Enquanto ali eram dois, aqui havia um, e Marcos não diz que era apenas um, de modo que esta diferença não pode nos causar nenhum problema. É provável que um deles se destacasse mais que o outro, e tivesse dito o que está registrado. Observe aqui:

I A situação infeliz em que se encontrava essa pobre criatura: Ele estava sob o poder de um “espírito imundo”. O demônio havia se apossado dele, e o efeito disso não foi, como acontecia com muitos, uma melancolia silenciosa, mas sim um frenesi irado. Ele era furiosamente louco. A sua situação parece ter sido pior do que a de qualquer dos outros endemoninhados que foram libertos por Cristo.

1. Ele “tinha a sua morada nos sepulcros”, entre as sepulturas dos mortos. Os sepulcros ficavam fora das cidades, “nos lugares assolados” (Jó 3.14). Isto dava ao demônio uma excelente vantagem, pois ai daquele que está só. Talvez o demônio o conduzisse até os sepulcros, para levar as pessoas a fantasiarem que as almas dos mortos se transformavam em demônios e faziam maldades, de modo a se isentarem disso. Tocar em um sepulcro tornava uma pessoa imunda (Nm 19.16). O espírito imundo leva as pessoas a uma condição de contaminação, e assim conserva a sua possessão. Cristo, ao resgatar as almas do poder de Satanás, impede que os vivos estejam entre os mortos.

2. Ele possuía muita força e era incontrolável: “Nem ainda com cadeias o podia alguém prender”. Estar preso em cadeias seria um requisito para garantir tanto o seu próprio bem, quanto a segurança das outras pessoas. Aqueles que são perturbados dessa maneira não podem andar à solta. As cordas não eram capazes de detê-lo, e nem mesmo os “grilhões e cadeias” (vv. 3,4). É muito deplorável a situação daqueles que precisam ser presos dessa maneira – dentre todas as pessoas infelizes deste mundo, eles são os que merecem mais piedade – mas o caso desse homem era o pior de todos, pois nele o demônio agia de uma forma tão forte, que ele não podia ser preso. Isso apresenta a triste condição daquelas almas sobre as quais o demônio tem domínio: os “filhos da desobediência”, em quem os espíritos imundos operam. Alguns pecadores notoriamente voluntariosos são como esse homem perturbado. Todos são, nesse aspecto, como o cavalo e a mula, cuja boca precisa de cabresto e freio, mas alguns são como o jumento selvagem, que não se pode domar. Os mandamentos e as maldições da lei são como cadeias e grilhões, para refrear os pecadores e afastá-los dos seus caminhos ímpios, mas eles quebram e despedaçam as cadeias, e isto é uma evidência do poder do diabo na vida deles.

3. Ele era um terror e um tormento, para si mesmo e para todos ao seu redor (v. 5). O diabo é um senhor cruel para aqueles que são cativos dele, um tirano

genuíno. Essa criatura infeliz “andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras”, lamentando-se da sua situação deplorável, ou furioso e indignado contra o céu. Os homens em estado de frenesi sempre se machucam e se destróem. O que é um homem, quando a razão é destronada e Satanás se senta no trono? Os adoradores de Baal, na sua fúria, feriram a si mesmos, como esse endemoninhado, na sua. A voz de Deus diz: Não cause dano a si mesmo; a voz de Satanás diz: Faça, a si mesmo, todo o dano que puder. Entretanto, ainda assim a Palavra de Deus é desprezada, e a de Satanás, considerada. Alguns entendem que ao dizer que ele se feria com pedras, talvez o significado fosse somente de cortar os pés com as pedras agudas sobre as quais ele corria descalço.

II Ele se dirige a Cristo (v. 6): “Quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o”. Normalmente ele corria para os outros com fúria, mas ele correu para Cristo com reverência. Aquilo que não pôde ser feito com cadeias e grilhões, foi feito pela mão invisível de Cristo. A fúria dele foi subitamente contida. Até mesmo o diabo, nessa pobre criatura, foi forçado a tremer diante de Cristo, e curvar-se a Ele. Também pode ser que o pobre homem tenha vindo e adorado a Cristo, no sentido da necessidade que tinha da sua ajuda; e assim, o poder de Satanás nele e sobre ele foi suspenso no mesmo instante.

III A palavra de ordem que Cristo deu ao espírito imundo, para encerrar a sua possessão (v. 8): “Sai deste homem, espírito imundo”. Ele deixou esse homem desejoso de ser curado quando o capacitou para correr e adorá-lo, e então exerceu o seu poder para curá-lo. Se Cristo trabalha na vida de uma pessoa para que ela ore sinceramente para se libertar de Satanás, Ele realizará esta libertação. Aqui está um exemplo do poder e da autoridade com a qual Cristo ordenava aos espíritos imundos, e eles lhe obedeciam (cap. 1.27). Ele disse: “Sai deste homem”. O objetivo do Evangelho de Cristo é expulsar os espíritos imundos das almas das pessoas: “Sai deste homem, espírito imundo”, para que o Espírito Santo possa entrar, tomar posse do seu coração, e dominá-lo.

II O medo que o demônio sentia de Cristo. O homem correu e adorou a Cristo, mas foi o demônio que estava nele que clamou “com grande voz” (fazendo uso da língua do homem): “Que tenho eu contigo?” (v. 7). Assim

como os outros espíritos imundos (cap. 1.24). 1. Ele chama Deus de “Deus Altíssimo”, ou seja, Deus acima de todos os outros deuses. Deus era conhecido entre os fenícios e outras nações fronteiriças de Israel pelo nome de *Elion – o Altíssimo*; e o demônio o chama por esse mesmo nome. 2. Ele reconhece que Jesus é o Filho de Deus. Observe que não é estranho ouvir as melhores palavras saindo das piores bocas. Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo (1 Co 12.3); ainda assim, um espírito imundo pode tentar articular uma declaração equivalente. Não julguem os homens pelas suas palavras soltas, pois é pelos seus frutos que os conhecereis. A piedade “da boca para fora” é algo fácil. O mais gentil dos hipócritas não pode dizer nada melhor do que chamar Jesus de Filho de Deus; contudo, o próprio Satanás também agiu dessa forma. 3. Ele não tem qualquer poder contra Jesus Cristo: “Que tenho eu contigo?” Não preciso de você, eu não finjo para ninguém; não desejo ter nada a ver com você; não posso ficar em pé diante de você, e não quero cair. 4. Satanás deseja afastar a ira de Jesus: “Conjuro-te” (v. 7), isto é: “Ansiosamente eu lhe suplico, por tudo o que é mais sagrado, eu imploro por Deus, por cuja permissão eu me apossei deste homem, que, ainda que me expulse daqui, você não me faça sofrer, não me impeça de fazer a minha maldade em outro lugar; embora eu saiba que estou condenado, não permita que eu seja enviado às cadeias da escuridão, ou impedido de ir de um lado para o outro, para devorar”.

I A confissão que Jesus obtém desse espírito imundo: o seu nome. Nós não lemos isso no Evangelho de Mateus. Jesus lhe perguntou: “Qual é o teu nome?” Ninguém, exceto Jesus pode chamar todas as estrelas cadentes, assim como as estrelas da alva, pelos seus nomes. Ele exigiu isso, para que os espectadores pudessem ver o vasto número e poder desses espíritos malignos e infernais, como ficou claro, quando a resposta foi: “Legião é o meu nome, porque somos muitos”. Uma legião de soldados, entre os romanos, consistia, segundo alguns, de seis mil homens; outros dizem que eram doze mil e quinhentos homens. Mas o número de uma legião, no caso deles, não é sempre o mesmo de um regimento humano. Isto sugere que os demônios, os poderes infernais, são: 1. Poderes militares. Uma legião consiste de um grande número de soldados armados. Os demônios guerreiam contra Deus e a sua glória, contra Cristo e o seu Evangelho, os homens e a sua santidade e felicidade. Eles são tais, que nós devemos resistir e lutar contra eles (Ef 6.12).

2. Que eles são numerosos. O espírito imundo reconhece, ou melhor, se vangloria de serem muitos: “Somos muitos”; como se ele esperasse ser demasiado para que o próprio Jesus lidasse com ele. Que multidão de espíritos apóstatas havia ali, e todos inimigos de Deus e do homem. Estava ali uma legião em uma única e pobre criatura, opondo-se a Cristo! Há muitos que se levantam contra nós. 3. Que eles são unânimes. São muitos demônios, mas apenas uma legião, envolvida na mesma causa ímpia. Por isso aquela crítica dos fariseus, ao supor Satanás expulsando Satanás, e dividindo-se contra si mesmo, era completamente infundada. Que grande absurdo seria um membro dessa legião trair os demais, pois todos eles disseram, como um único homem: “Que tenho eu contigo?” 4. Que eles são muito poderosos. Quem pode combater uma legião? Nós não somos páreo para os nossos inimigos espirituais, com a nossa própria força; mas “no Senhor e na força do seu poder”, nós somos capazes de combatê-los, ainda que haja legiões deles. 5. Que existe ordem entre eles, como em uma legião. Há principados, potestades e príncipes das trevas deste século, o que sugere que eles são de uma patente inferior. O diabo e os seus anjos; o dragão e os seus; o príncipe dos demônios e os seus súditos: isto torna esses inimigos ainda mais perigosos.

VI O pedido dessa legião: Pediram a Jesus permissão para entrarem em “uma grande manada de porcos” que “andava ali pastando no monte” (v. 11), um daqueles montes que os endemoninhados assombravam (v. 5). O pedido deles foi: 1. Que Ele não os “enviasse para fora daquela província” (v. 10). Não somente que Ele não os enviasse, ou confinasse, à sua prisão infernal, atormentando-os antes do tempo, mas que Ele não os banisse daquele lugar, como poderia fazê-lo – porque por meio desse pobre homem eles tinham aterrorizado muitos naquele lugar, e tinham feito muito mal. Eles pareciam ter uma afeição particular por essa província, ou melhor, um ódio particular por ela – e queriam ter a liberdade de andar pelo resto da “terra e passear por ela”, o que não serviria (Jó 1.7), a menos que lhes fosse permitido pastar nesses montes (Jó 39.8). Mas por que eles queriam permanecer naquela província? Grotius diz: “Porque naquela província havia muitos judeus apóstatas, que tinham deixado o concerto de Deus, e, portanto, tinham permitido que Satanás tivesse poder sobre eles”. E alguns sugerem que, tendo por experiência obtido o conhecimento das disposições e modos das pessoas daquela província, esses demônios poderiam, mais eficazmente, causar-lhes danos, por meio das suas

tentações. 2. Que Ele lhes permitisse entrar nos porcos, pois, destruindo-os, eles tinham esperança de causar mais malefícios às almas de todas as pessoas da província do que entrando no corpo de qualquer pessoa em particular – e nem pediram permissão para fazê-lo, pois sabiam que Cristo não lhes concederia.

VII A permissão que Cristo lhes deu de entrar na manada de porcos, e a destruição imediata dos porcos: “Jesus logo lho permitiu” (v. 13). Ele não proibiu, nem os refreou, mas deixou que fizessem o que tinham em mente. Assim, Ele faria com que os gadarenos vissem que inimigos poderosos e rancorosos são os demônios. Os gadarenos então deveriam fazer de Jesus o seu melhor amigo, pois somente Ele era capaz de controlar e derrotar os demônios, e tinha demonstrado tal poder. Imediatamente os espíritos imundos entraram nos porcos, que segundo a lei mosaica eram criaturas impuras, e gostam muito de atolar-se na lama, que era o melhor lugar para eles. Aqueles que, como os porcos, se atolam na lama dos desejos sensuais, são “morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível” (Ap 18.2), assim como as almas puras são a morada do Espírito Santo. A conseqüência da entrada dos demônios nos porcos foi que todos eles enlouqueceram imediatamente, e “a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar (eram quase dois mil) e afogou-se no mar”. O homem que eles tinham possuído antes apenas se feriu pois Deus havia dito: “Eis que ele está na tua mão; poupa, porém, a sua vida”. Mas aqui nos é dado a entender que, se não tivesse sido libertado, o pobre homem teria se afogado. Veja o quando estamos em dívida para com a providência de Deus e a ministração dos anjos bons, por sermos guardados dos espíritos malignos.

VIII As notícias de todo o ocorrido se espalharam imediatamente por toda a região. Aqueles “que apascentavam os porcos” correram até os proprietários, para prestar contas da sua incumbência (v. 14). Com isso, “saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido”.E: 1. Quando viram que o pobre homem tinha sido curado de um modo maravilhoso, eles sentiram uma veneração por Cristo (v. 15). Eles viram o “endemoninhado, o que tivera a legião”, e o conheciam bem, pois muitas vezes se sentiram assustados apenas por verem-no. Eles ficaram então muito surpresos por vê-lo “assentado, vestido e em perfeito juízo”. Quando Satanás foi expulso, o

homem voltou a si, e voltou a ser ele mesmo, imediatamente. Observe que aqueles que são sérios e sóbrios, e vivem segundo as regras, e com responsabilidade, demonstram que, pelo poder de Cristo, o poder do demônio foi vencido em suas almas. Essa visão os fez temer; ela os assombrou e os forçou a reconhecer o poder de Cristo, e que Ele é digno de ser temido. Mas: 2. Quando eles descobriram que os seus porcos estavam perdidos, eles sentiram antipatia por Cristo, e desejaram a sua ausência, em lugar da sua companhia. Eles "começaram a rogar-lhe que saísse do seu território", pois pensavam que não haveria bem suficiente que Ele pudesse lhes fazer, para compensar pela perda de tantos porcos, possivelmente gordos e prontos para o mercado. Então os demônios tinham o que desejavam, pois não existe maneira melhor para esses espíritos malignos lidarem eficazmente com as almas dos pecadores do que incutir-lhes o amor pelo mundo. Eles temiam alguma punição adicional, se Cristo permanecesse entre eles, embora, se eles somente se afastassem dos seus pecados, Ele teria vida e felicidade para lhes conceder. No entanto, não estando dispostos a se afastarem nem dos seus pecados, nem dos porcos, eles decidiram abandonar o seu Salvador. Assim agem aqueles que, em vez de abandonarem um desejo pecaminoso, lançam de lado o seu interesse por Cristo e as suas expectativas nele. Eles podiam ter argumentado: "Se Ele tem um poder como este, sobre os demônios e todas as criaturas, é bom tê-lo como nosso Amigo; se os demônios tiverem permissão para permanecer na nossa província (v. 10), vamos convencê-lo a permanecer também, pois somente Ele pode controlá-los". Mas, em vez disso, eles pediram que Ele se retirasse. Interpretações equivocadas como esta são o que os corações carnais fazem dos justos juízos de Deus. Em vez de serem atraídos a Ele, como deveriam, elas os colocam a uma distância muito maior. Embora Ele tivesse dito, não "me provoqueis à ira… para que vos não faça mal" (Jr 25.6).

IX Uma narrativa do comportamento do pobre homem depois de ser liberto.

1. Ele desejou poder acompanhar a Cristo (v. 18); talvez, por medo de que o espírito imundo pudesse dominá-lo outra vez, ou para que pudesse receber instruções dele, não tendo também vontade de permanecer entre aquelas pessoas idólatras, que desejavam que Jesus partisse. Aqueles que são libertos de espíritos imundos não podem deixar de desejar intimidade e comunhão com Cristo. 2. Cristo não permitiu que ele o acompanhasse, para que não

parecesse ostentação, e o fez saber que Ele podia protegê-lo e instruí-lo à distância. Além disso, Ele tinha outro trabalho para que o homem realizasse; ele devia ir para casa, para os seus amigos, e anunciar-lhes quão grandes coisas o Senhor lhe tinha feito, para que Cristo pudesse ser honrado, e os seus vizinhos e amigos pudessem ser edificados, e convidados a crer em Cristo. Ele devia chamar a atenção para a misericórdia de Cristo, mais do que para o seu poder, pois é especialmente nisso que Ele é glorificado. Ele devia contar aos seus sobre a compaixão que o Senhor teve por ele, na sua infelicidade. 3. O homem, em um êxtase de alegria, proclamou, a toda a região, "quão grandes coisas Jesus lhe fizera" (v. 20). Essa é uma dívida que nós temos, tanto com Cristo quanto com os nossos irmãos, para que Ele possa ser glorificado, e eles, edificados. E veja qual foi o resultado disso: "Todos se maravilharam"; mas poucos foram além disso. Muitos dos que não podem deixar de se maravilhar com as obras de Jesus não se interessam por Ele, como deveriam.

A Cura da Mulher que Tinha um Fluxo de Sangue

vv. 21-34

Como os gadarenos rogaram que Jesus deixasse a sua província, Ele não ficou ali para perturbá-los mais tempo, mas imediatamente foi, pelo mar, "para o outro lado", da mesma maneira como tinha vindo (v. 21), e ali "ajuntou-se a ele uma grande multidão". Observe que mesmo que alguns rejeitem a Cristo, há outros que o recebem e lhe dão as boas-vindas. Um Evangelho desprezado atravessará as águas, e irá para um local onde será bem recebido. Entre as muitas pessoas que se apresentaram diante de Jesus:

I Aqui está um homem que vem abertamente implorar pela cura de uma criança doente; e esse não é nada menos que "um dos principais da sinagoga", um dos que presidiam a adoração na sinagoga ou, como opinam alguns, um dos juízes da junta judicial que havia em cada cidade, e que era formada por vinte e três pessoas. O seu nome não é revelado no texto de Mateus; aqui, ele é chamado de Jairo, ou Jair (Jz 10.3). Ele se dirigiu a Cristo com grande humildade e reverência, embora fosse um dos principais. Quando o viu, prostrou-se aos seus pés, conferindo-lhe honra como alguém realmente mais importante do que Ele aparentava ser. De maneira muito importuna, ele

lhe suplicou profundamente, como alguém com grande ansiedade, como alguém que não somente valorizava a misericórdia que tinha vindo procurar, mas também sabia que não conseguiria encontrá-la em outra parte. O caso era este: Ele tinha uma filha pequena, de cerca de doze anos de idade, muito querida da família, e ela estava moribunda, mas ele cria que se Jesus viesse, e lhe impusesse as suas mãos, ela retornaria, até mesmo das portas da sepultura. Ele disse, no início, quando veio: ela "está moribunda" (segundo Marcos); mas depois que lhe trouxeram novas notícias, ele disse: Ela "faleceu agora mesmo" (segundo Mateus), mas ainda insiste no seu pedido (veja Lc 8.42-49). Jesus prontamente concordou, e foi com ele (v. 24).

II Aqui está outra pessoa, uma mulher, que veio clandestinamente "roubar" uma cura (se é que se pode assim dizer) para si mesma, e ela conseguiu o alívio que veio buscar. Essa cura se realizou no caminho, quando Jesus estava indo ressuscitar a filha do principal da sinagoga, seguido por uma multidão. Veja como Cristo aproveitava o seu tempo, e não perdia nenhum dos seus preciosos momentos. Muitos dos seus discursos, e alguns dos seus milagres, são encontros à beira do caminho. Nós devemos fazer o bem, não somente quando estamos assentados em casa, mas também quando andamos pelo caminho (Dt 6.7). Agora Observe:

1. O triste caso dessa pobre mulher. Ela tinha um fluxo constante de sangue que já durava doze anos, o que a tinha deixado, sem dúvida, numa grande fraqueza, amargurando o conforto da sua vida e ameaçando causar a sua morte em pouco tempo. Ela teve os melhores conselhos dos médicos que poderia obter, e usou muitos remédios e métodos que eles lhe haviam prescrito. Enquanto ela possuía algo para lhes dar, eles lhe davam esperanças de que podiam curá-la; mas depois que ela gastou tudo o que tinha com eles, disseram que o seu problema era incurável. Veja aqui: (1) Que tudo o que uma pessoa tem será dado pela vida e pela saúde; ela gastou tudo o que tinha com os médicos. (2) É triste o caso daqueles pacientes cujos médicos são a sua pior doença; eles sofrem com os seus médicos, em vez de receber ajuda deles. (3) Aqueles que não melhoram com os remédios, normalmente pioram, e a doença se agrava mais. (4) É normal que as pessoas não se dirijam a Cristo, até terem procurado, em vão, todos os outros que possam ajudar, quando então certamente descobrem que são médicos sem valor. E Cristo será descoberto como um refúgio seguro, mesmo para aqueles que fazem dele o

seu último refúgio.

2. A fé resoluta que a mulher tinha no poder de Cristo de curá-la. Ela disse a si mesma, embora não haja evidência de que ela fosse incentivada por qualquer exemplo precedente: “Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei” (v. 28). Ela creu que Jesus curava, não como um profeta, por um poder derivado de Deus, mas como o Filho de Deus, por um poder inerente a si mesmo. O seu caso era tal que ela não podia contá-lo a Ele publicamente, como os outros faziam com os seus males, e por isso o que ela desejava era uma cura particular. A sua fé era adequada para o seu caso.

3. O resultado maravilhoso produzido: Ela “veio por detrás” dele, “entre a multidão, e tocou na sua vestimenta”, e “... sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal” (vv. 27,29). O fluxo de sangue parou, e no mesmo instante ela se sentiu perfeitamente bem, tão bem como nunca tinha estado na sua vida. Com isso se entende que a cura foi completamente milagrosa – pois aqueles que, em tais circunstâncias, são curados por meios naturais, recuperam a sua saúde lenta e gradualmente, e não *per saltum – de uma só vez*. Mas no que se refere a Deus, a sua obra é perfeita. Observe que aqueles a quem Cristo cura da doença do pecado – que é uma enfermidade até pior do que esse fluxo de sangue – não podem deixar de sentir em si mesmos uma transformação completa, para melhor.

4. A procura de Jesus pela sua paciente oculta, e o incentivo que Ele lhe deu, depois de ser descoberta: Jesus conheceu que “a virtude de si mesmo saíra” (v. 30). Ele soube, não por alguma deficiência de vigor, devido ao esgotamento do seu poder, mas por uma agilidade de espírito para exercer o seu poder, e pelo prazer nato e inseparável que Ele sente ao fazer o bem. E tendo vontade de ver a sua paciente, Ele perguntou, não com desprazer, como alguém ofendido, mas com carinho, como alguém que se interessa: “Quem tocou nas minhas vestes?” Os discípulos, não sem uma demonstração de rudeza e vulgaridade, quase ridicularizaram a pergunta de Jesus (v. 31): “Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou?” Como se Ele tivesse feito uma pergunta inadequada. Jesus ignorou a ofensa, e “olhava em redor, para ver a que isso fizera”; não para que pudesse culpá-la pela sua presunção, mas para poder elogiar e incentivar a sua fé, e para poder, pelo seu próprio ato e pelo seu feito, garantir e confirmar a cura, e ratificar a ela aquilo que ela tinha obtido de forma sub-reptícia. Ele não precisava que ninguém o informasse, pois Ele já tinha os seus olhos sobre ela. Os atos secretos de fé, assim como os

atos secretos de pecado, são conhecidos do Senhor Jesus, e estão sob a sua observação. Se os crentes obtêm o poder de Jesus Cristo através da proximidade que desfrutam dele, Ele sabe disso, e se agrada com isso. A pobre mulher, a seguir, apresentou-se ao Senhor Jesus (v. 33), "temendo e tremendo", sem saber como Ele iria reagir. Observe que os pacientes de Jesus Cristo freqüentemente tremem, quando têm, na verdade, motivos para estar triunfantes. Ela poderia ter vindo corajosamente, com ousadia, sabendo o que tinha sido realizado em sua vida; mas, mesmo sabendo, ela teme e treme. Foi uma surpresa, e ainda não foi, como deveria ter sido, uma surpresa agradável. Ainda assim, ela caiu de joelhos diante dele. Observe que não há nada melhor, para aqueles que temem e tremem, que colocar-se aos pés do Senhor Jesus, humilhar-se diante dele, e dirigir-se a Ele. E ela "disse-lhe toda a verdade". Note que não devemos nos envergonhar de admitir as transações secretas entre Jesus Cristo e as nossas almas; mas, quando isso nos for solicitado, devemos mencionar, para o seu louvor, e para o incentivo de outros, o que Ele fez pela nossa alma, e a experiência que tivemos do poder de cura que é derivado dele. Além disso, a consideração de que nada pode ficar oculto de Cristo deveria nos estimular a confessar tudo a Ele. Veja as palavras de incentivo que Ele disse à mulher (v. 34): "Filha, a tua fé te salvou". Note que Cristo honra a fé, porque a fé o honra. Mas veja como aquilo que é feio na terra, pela fé, é ratificado no céu. Cristo disse: "Sê curada deste teu mal". Observe que se a nossa fé coloca o selo do seu amém ao poder e à promessa de Deus, ao dizer: "Assim é, e assim seja para mim", a graça de Deus irá colocar o selo do seu amém às orações e às esperanças de fé, dizendo: "Assim seja, e assim será para você". Portanto: "'Vai em paz'. Sente-te satisfeita, pois a tua cura realmente veio, ela realmente se realizou, e consola-te com isso". Note que aqueles que são curados das suas enfermidades espirituais, pela fé, têm motivos para ir em paz.

A Filha de Jairo É Ressuscitada pelo Senhor

vv. 35-43

As enfermidades e a morte entraram no mundo pelo pecado e pela desobediência do primeiro Adão; mas pela graça do segundo Adão, ambas são derrotadas. Jesus Cristo, depois de ter curado uma doença incurável, segue adiante, para triunfar sobre a morte, da mesma maneira como no início desse

capítulo Ele havia triunfado sobre um demônio feroz.

I Jairo foi informado da triste notícia de que a sua filha já estava morta, e, portanto, se Jesus fosse como os outros médicos, Ele viria tarde demais. Enquanto há vida, há esperança, e há lugar para o uso de meios; mas quando a vida se vai, não é possível recuperá-la; “para que enfadas mais o Mestre?” (v. 35). Geralmente, o pensamento normal, neste caso, é: “A questão está decidida, a vontade de Deus se fez, e eu me submeto, e aquiesço”; “O Senhor o deu e o Senhor o tomou” (Jó 1.21). “Vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o Senhor se compadecerá de mim, e viva a criança? Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu agora? Poderei eu fazê-la mais voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim” (2 Sm 12.22-23). Com palavras tais, nós devemos nos acalmar nessas ocasiões, para que as nossas almas possam ser como a criança que é desmamada. Mas aqui o caso era extraordinário, a morte de uma criança não encerra a narrativa, como seria usual.

II Jesus encorajou o pai aflito a continuar esperando que o seu pedido, pela sua filha, não fosse em vão. Jesus havia parado para realizar uma cura pelo caminho, mas Ele não permitiria que alguém perdesse devido ao benefício feito a outros: “Não temas, crê somente”. Podemos imaginar Jairo fazendo uma pausa, como se quisesse perguntar a Jesus se deveria continuar ou não. Quando a morte – e não apenas uma enfermidade – está em nossa casa, nós ficamos tão aflitos que não damos lugar para a graça de Deus, para os seus consolos e, conseqüentemente, para as orações dos nossos ministros e amigos cristãos. O Jesus precioso logo direciona a questão: Não tema, nem pense que a minha visita à sua casa não terá um propósito; apenas creia que Eu farei com que essa história seja transformada em um episódio feliz. Observe: 1. Nós não devemos nos desesperar a respeito dos nossos familiares mortos, nem nos entristecer por eles, como aqueles “que não têm esperança”. Veja o que foi dito a Raquel, que não queria ser consolada porque os seus filhos já não existiam: Reprime a voz de choro, e as lágrimas de teus olhos... há esperança, no derradeiro fim, para os teus descendentes... porque teus filhos voltarão”. Portanto, não tema; não esmoreça. 2. A fé é o único remédio contra a tristeza inquietante e o medo em uma ocasião como essa: Que ela os acalme: “Crê somente”. Conserve a confiança em Jesus, dependa dele, e Ele fará o que for

melhor. Creia na ressurreição, e não tenha medo.

III Com um pequeno grupo de pessoas, Jesus entrou na casa onde estava a menina morta. Em meio à multidão que o seguia, Ele havia auxiliado a pobre mulher com fluxo de sangue, e, tendo feito isso, Ele agora se separou da multidão, e "não permitiu que alguém o seguisse" (o acompanhasse, diz o original), exceto os seus três discípulos mais íntimos, Pedro, e Tiago e João. Um número adequado de pessoas para testemunhar o milagre, mas não uma quantidade que, ao ser levada com Ele, pudesse dar idéia de vanglória.

II Ele ressuscitou a menina. As circunstâncias da narrativa aqui são praticamente as mesmas que lemos no texto de Mateus; entretanto, podemos observar aqui:

1. Que a criança era extremamente amada, pois os parentes e vizinhos "choravam muito e pranteavam". É uma grande aflição quando aquilo que brotou como uma flor é logo arrancado, e murcha antes que possa crescer; quando algo se torna em aflição, algo de que já dissemos: "Este nos consolará".

2. Que era evidente, sem dúvida, que a criança estava real e verdadeiramente morta. O fato de as pessoas terem rido de Cristo, zombado dele, porque Ele disse: "A menina não está morta, mas dorme", embora seja altamente repreensível, serve como evidência disso.

3. Que Cristo decidiu que alguns não eram dignos de testemunhar o milagre: aqueles que choravam ruidosamente, e eram tão ignorantes das coisas de Deus, a ponto de não compreendê-lo quando falou da morte como um sono, e aqueles que eram escarnecedores, e tentaram ridicularizá-lo por causa de suas palavras.

4. Que Ele levou os pais da criança para serem testemunhas do milagre. O objetivo do Senhor era o fortalecimento da fé e o consolo deles, pois eram os que realmente sofriam; eles choravam em silêncio.

5. Que Cristo ressuscitou a criança através de uma palavra de ordem que está registrada aqui, e registrada em aramaico, a língua que Ele falou para confirmar aquilo que estava fazendo: "Talitá cumi, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo: levanta-te". Segundo o Dr. Lightfoot, era costume dos judeus, quando ministravam remédios para alguém que estava enfermo, dizerem: Levante-se desta doença, querendo dizer: "Nós desejamos que você consiga

se levantar". Mas para alguém que estava morto, Jesus Cristo disse: Levante-se dos mortos; assim, o Senhor estava dizendo: Eu ordeno que você se levante. Mas não é só isso, pois os mortos não têm o poder de ressuscitar; portanto, o poder acompanha a palavra proferida pelo nosso Salvador para torná-la efetiva. *Da quod jubes, et jube quod vis – Dê o que você ordena, e ordene o que você quiser.* Jesus opera enquanto ordena, e opera através de suas ordens. Por isso que Ele pode ordenar o que desejar, até mesmo que os mortos ressuscitem! Assim é o chamado do Evangelho àqueles que, por natureza, estão "mortos em ofensas e pecados", e não podem ressuscitar daquela morte pelas suas próprias forças, como essa menina. E esta ordem: "Desperta… levanta-te dentre os mortos", não é nem presunçosa, nem inútil, quando seguida da expressão: "Cristo te esclarecerá" (Ef 5.14). É pela palavra de Jesus Cristo que a vida espiritual é dada: "Disse-te:... vive" (Ez 16.6).

6. Que assim que a vida retornou ao corpo da menina, ela "se levantou e andava" (v. 42). A vida espiritual se manifesta quando nós nos levantamos da cama da preguiça e da displicência, e quando caminhamos na fé com uma conduta temente a Deus, em nome de Jesus Cristo, e pelo seu poder – mesmo daqueles que têm doze anos pode-se esperar que caminhem como aqueles a quem Cristo ressuscitou à vida, e não "na vaidade do seu sentido".

7. Que todos os que o viram, e ouviram falar dele, admiraram o milagre, e aquele que o realizou: "Assombraram-se com grande espanto". Eles não podiam deixar de reconhecer que havia no milagre algo extraordinário e muito grandioso, e não sabiam a que atribuí-lo, ou o que deduzir dele. O seu assombro deveria ter produzido uma fé viva, mas limitou-se a uma admiração ou espanto.

8. Que Jesus se empenhou em ocultar esse fato: "Mandou-lhes expressamente que ninguém o soubesse". O milagre era suficientemente conhecido de um grupo adequado de pessoas, mas Jesus não desejava que fosse mais proclamado, porque a sua própria ressurreição deveria ser o grande exemplo do seu poder sobre a morte, e, portanto, a divulgação de outros exemplos deveria ser limitada até que fosse dada aquela grande prova. Uma parte da evidência deve ser ocultada até que a outra parte, onde está a ênfase principal, esteja pronta.

9. Que Cristo cuidou para que dessem algo de comer à menina: "Disse que lhe dessem de comer". Com isso se entende que ela havia ressuscitado não somente à vida, mas a um bom estado de saúde, pois ela recobrara o apetite.

Aqueles que recebem o novo nascimento, e estão na casa de Deus, desejam o leite não falsificado (1 Pe 2.1,2). E pode-se observar que quando Cristo criou o homem, imediatamente lhe deu comida, e comida extraída da terra que Ele criou (Gn 1.29). Da mesma forma, Jesus tinha dado uma nova vida àquela menina, e Ele cuidou para que algo lhe fosse dado para comer, pois se Ele deu a vida, pode-se confiar que Ele dará o sustento, porque "a vida [é] mais do que o mantimento" (Mt 6.25). Quando Cristo dá a vida espiritual, Ele provê o alimento necessário para o sustento e a nutrição dela, até que chegue a vida eterna, pois Ele nunca abandonará a obra das suas próprias mãos, nem desejará fazê-lo.

CAPÍTULO 6

Nesse capítulo, encontramos uma grande variedade de passagens notáveis a respeito do nosso Senhor Jesus que também estão registradas no texto de Mateus; mas há diversas circunstâncias que vemos aqui, e que não encontramos naquele Evangelho. Aqui temos: I. Jesus desprezado pelos seus conterrâneos, porque era um deles, e eles conheciam, ou pensavam conhecer, as suas origens (vv. 1-6). II. O poder que Ele deu aos seus apóstolos sobre os espíritos imundos, e um relato das suas instruções (vv. 7-13). III. A estranha noção que Herodes e outros tinham a respeito de Jesus, e na mesma ocasião temos a história do martírio de João Batista (vv. 14-29). IV. O afastamento de Jesus, para um lugar deserto, com os seus discípulos; as multidões que o seguiram até ali, para receber as suas instruções; e a ocasião em que Ele alimentou cinco mil pessoas, com cinco pães e dois peixes (vv. 30-44). V. Jesus caminhando sobre a superfície do mar até os seus discípulos, e a abundância de curas que Ele realizou do outro lado do lago (vv. 45-56).

O Desprezo Lançado contra Jesus

vv. 1-6

Nesse trecho:

I Cristo faz uma visita "à sua terra", à sua própria província; não o lugar do seu nascimento, mas onde Ele foi criado e educado. Trata-se de Nazaré,

onde estavam os seus parentes. A sua vida tinha corrido perigo, entre eles (Lc 6.29), e ainda assim Ele retornou ao seu meio. De uma maneira tão incomum, Ele espera para conceder a sua graça, e procura a salvação dos seus inimigos. Para onde quer que Ele fosse, embora estivesse em perigo, os seus discípulos o seguiam (v. 1); pois eles tinham abandonado tudo para segui-lo, aonde quer que Ele fosse.

II Ele pregou na sinagoga deles, no sábado (v. 2). Aparentemente, não havia a mesma procura por Ele que havia em outros lugares, de modo que Ele não teve outra oportunidade de pregar, até que chegou o sábado, quando explicou com grande clareza uma passagem das Escrituras. Nas assembléias religiosas, aos domingos (pois o domingo é o sábado cristão), a Palavra de Deus deve ser pregada, de acordo com o exemplo de Jesus Cristo. Nós glorificamos a Deus quando recebemos dele as nossas instruções.

III Eles não podiam deixar de reconhecer aquilo que era muito honroso, no que lhe dizia respeito. 1. Que Ele falava com grande sabedoria, e que esta sabedoria lhe fora dada, pois eles sabiam que Ele não tinha sido instruído. 2. Que Ele realizava muitas maravilhas, e as fazia com as suas próprias mãos, para a confirmação da doutrina que Ele ensinava. Eles reconheciam as duas grandes provas da origem divina do seu Evangelho: a sabedoria divina, que se manifestava como um instrumento, e o poder divino, que era exercido para ratificá-la e recomendá-la. Mas, embora não pudessem negar as premissas, eles não podiam admitir a conclusão.

II Eles procuravam desacreditá-lo, e levantar preconceitos contra Ele nas mentes das pessoas. Toda essa sabedoria, e todas as maravilhas, não tinham importância, porque Ele havia sido educado em casa, nunca tinha viajado, nem estado em nenhuma escola, nem tinha sido educado aos pés de nenhum dos seus doutores (v. 3): “Não é este o carpinteiro?” No texto de Mateus, eles o censuram como sendo o filho do carpinteiro, pois o seu suposto pai, José, exercia esta profissão. Mas, aparentemente, eles puderam ir além disso: “Não é este o carpinteiro?” O nosso Senhor Jesus, provavelmente, trabalhava nessa profissão, com o seu pai, antes de iniciar o seu ministério público, ou pelo menos o ajudava no trabalho em tempo parcial. 1. Assim Ele se humilhava, e se tornava sem reputação, como alguém que assume a forma de servo, e vem

a ser ministro. O nosso Redentor se curvou até esse nível, quando veio para nos redimir do nosso estado inferior. 2. Assim Ele nos ensina a detestar a ociosidade, e a encontrar alguma coisa para fazer neste mundo; e que é melhor assumir atividades humildes e cansativas, que proporcionem nada mais que um modo de vida simples, do que nos entregarmos à preguiça. Nada é mais pernicioso para os jovens do que adquirir o hábito de vagar sem rumo. Os judeus tinham uma boa regra para isso, a de que os seus jovens destinados a ser estudiosos e acadêmicos fossem criados com algum ofício, como Paulo, que fazia tendas, para que pudessem ter alguma atividade para preencher o seu tempo e, se houvesse necessidade, com que ganhar o pão. 3. Assim Ele honra aqueles cuja profissão consiste de trabalhos manuais, e incentiva aqueles que se alimentam do trabalho das suas mãos, embora os homens mais importantes os considerem com desprezo.

Outro motivo da censura deles eram os seus familiares não eminentes: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs?”. E, portanto, embora estivessem maravilhados com a sua doutrina (v. 2), sentiam-se escandalizados com a sua pessoa (v. 3), tinham preconceitos contra Ele, e o consideravam com desprezo, e por essa razão, não recebiam a sua doutrina, embora ela fosse tão bem recomendada. Poderíamos pensar que, se eles não conhecessem a sua origem, mas se Ele tivesse caído entre eles, das nuvens, sem pai, sem mãe, e sem origem, eles o teriam recebido com mais respeito? Na verdade, não; pois, na Judéia, a falta de conhecimento sobre a origem de uma pessoa se tornaria uma objeção contra ela (Jo 9.29): “Mas este não sabemos de onde é”. A incredulidade obstinada nunca aceitará desculpas ou explicações.

I Vejamos como Cristo lidou com esse desprezo.

1. Ele o desculpou, parcialmente, como sendo uma coisa comum, e que podia ser esperada, embora não fosse razoável nem justa (v. 4): “Não há profeta sem honra, senão na sua terra”. Pode haver algumas exceções a essa regra; sem dúvida, alguns podem ter superado esse preconceito, mas normalmente se afirma que os ministros raramente são tão aceitáveis e bem-sucedidos na sua própria terra como entre estrangeiros. A familiaridade nos anos da juventude gera um desprezo; o sucesso de alguém que era inferior gera inveja, e os homens dificilmente colocarão junto com os guias das suas almas aqueles cujos pais eles teriam desdenhado de colocar com os cães do

seu rebanho (veja Jó 30.1). Nesse caso, portanto, isso não deve ser considerado um tratamento áspero, mas um tratamento comum. Mas como aqui se trata do Senhor Jesus Cristo, podemos concluir que a sabedoria será excelente para dirigir se for levada a outro local em que seja aceita.

2. Ele fez algum bem entre eles, apesar do desprezo que lhe dirigiam, pois Ele é “benigno até para com os ingratos e maus”. Ele “curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos”. Note que é uma atitude generosa, e conveniente aos seguidores de Jesus, satisfazerem-se com o prazer e a satisfação que há em fazer o bem, embora lhes seja negado, injustamente, o reconhecimento por isso.

3. Mas Ele não pôde “fazer ali obras maravilhosas”. Pelo menos não tantas quanto em outros lugares, por causa da descrença que prevalecia entre as pessoas, em razão dos preconceitos que os seus líderes instilavam no povo, contra Jesus (v. 5). É uma expressão estranha, como se a descrença atasse as mãos da própria Onipotência. Ele teria feito ali tantos milagres quantos tinha feito em outros lugares, mas não pôde fazê-los, porque as pessoas não o procuravam, nem pediam os seus favores. Ele poderia tê-los transformado, mas eles perderam a oportunidade de serem transformados por Ele. Observe que pela descrença e pelo desprezo a Jesus, os homens interrompem a corrente dos seus favores, e colocam uma tranca na sua própria porta.

4. Ele “estava admirado da incredulidade deles” (v. 6). Nós nunca encontramos Jesus Cristo admirado, exceto pela fé dos gentios, que eram estrangeiros, como o centurião (Mt 8.10), e a mulher de Samaria, e pela descrença dos judeus, que eram seus próprios compatriotas. Observe que a incredulidade daqueles que desfrutam os meios da graça é algo surpreendente, e triste.

5. Ele “percorreu as aldeias vizinhas, ensinando”. Se não pudermos fazer o bem onde desejarmos, nós devemos fazê-lo onde pudermos, e devemos ficar satisfeitos ao ter qualquer oportunidade, ainda que seja apenas nas aldeias, de servir a Cristo e às almas carentes. Algumas vezes, o Evangelho de Cristo encontra melhor recepção nas aldeias do interior, onde há menos riqueza, pompa, júbilo e sutileza, do que nas cidades mais habitadas.

A Comissão Apostólica

vv. 7-13

Nesse trecho, temos:

I A comissão dada aos doze apóstolos, de pregar e realizar milagres. É a mesma sobre a qual já lemos, com mais detalhes, no capítulo 10 do Evangelho de Mateus. Marcos não cita os seus nomes aqui, como Mateus faz, porque ele já o tinha feito anteriormente, quando foram chamados à comunhão com Ele (cap. 3.16-19). Até aqui, eles vinham conversando com Jesus, e se sentavam aos seus pés, ouviam a sua doutrina e viam os seus milagres; mas então Ele decide usá-los na obra. Eles tinham recebido, para que pudessem dar; tinham aprendido, para que pudessem ensinar; e, portanto, Jesus "começou a enviá-los". Eles não precisam estar sempre estudando na academia, para obter conhecimento, mas precisam pregar em vários lugares, para fazerem o bem com o conhecimento que adquiriram. Embora eles ainda não fossem tão capacitados como viriam a ser, ainda assim, segundo a sua capacidade e habilidade atual, eles devem ser enviados para o trabalho, e se aprimorarem depois. Observe aqui:

1. Que Cristo os enviou "de dois a dois". Marcos chama a nossa atenção para isso. Eles deviam ir aos lugares em pares, "para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada" (Mt 18.16); e para que pudessem fazer companhia um ao outro quando estivessem entre estranhos, e pudessem se dar as mãos, e incentivar um do outro; pudessem ajudar-se mutuamente se alguma coisa estivesse errada, e conservar-se mutuamente na virtude. Todo soldado raso tem o seu camarada; e o provérbio: "Melhor é serem dois do que um", é verdadeiro e aprovado. Assim Jesus ensinava os seus ministros a se associarem, e a darem e receberem ajuda.

2. Que Ele "deu-lhes poder sobre os espíritos imundos". Ele os comissionou para atacar o reino do diabo, e os capacitou, como uma amostra de como iriam quebrar o seu domínio nas almas dos homens pela sua doutrina, a expulsá-lo dos corpos daqueles que estivessem possuídos. O Dr. Lightfoot sugere que eles curavam doenças, e expulsavam demônios, pelo Espírito, mas pregavam somente aquilo que tinham aprendido da boca de Jesus.

3. Que Ele "ordenou-lhes" que não levassem provisões consigo, nem mantimentos nem dinheiro, para que, onde quer que chegassem, pudessem se comportar como homens pobres, homens que não eram deste mundo, e por isso pudessem, com a melhor graça, chamar pessoas, deste mundo, para o outro. Quando, em outra ocasião, Ele lhes pediu que tomassem bolsa e alforje

(Lc 22.36), isto não dava a entender (como observa o Dr. Lightfoot) que o seu cuidado por eles fosse menor do que tinha sido, mas que eles encontrariam tempos mais difíceis e pior recepção do que tinham encontrado na sua primeira missão. Nos textos de Mateus e Lucas, os discípulos são proibidos de levar bordões consigo, isto é, pedaços de madeira para luta; mas aqui, no Evangelho de Marcos, eles recebem a instrução de não levar nada, exceto um bordão, isto é, uma bengala, como os peregrinos levavam. Eles não deviam calçar sapatos, mas somente sandálias, que consistiam somente das solas de sapatos, atadas sob os seus pés, algo semelhante a chinelos; eles deviam vestir os trajes mais simples que pudessem, e não deviam levar duas túnicas; pois a sua permanência nesses lugares seria curta, e eles deveriam retornar antes do inverno – aqueles a quem eles pregassem certamente supririam as suas necessidades.

4. Ele os orientou para que, em qualquer cidade a que chegassem, fizessem da casa que os hospedasse primeiro o seu quartel-general (v. 10): “Ficai nela até partirdes dali”. E como vocês sabem que chegam numa missão que é suficiente para lhes tornar bem-vindos, demonstrem essa amabilidade aos amigos que lhes receberem pela primeira vez, crendo que eles não considerarão que vocês estarão sobrecarregando as suas despesas.

5. Ele profere uma maldição muito severa sobre aqueles que rejeitarem o Evangelho pregado por eles (v. 11): “Quando alguns vos não receberem, nem vos ouvirem, saindo dali (se um não ouvir, outro ouvirá), sacudi o pó que estiver debaixo dos vossos pés, em testemunho contra eles”. Que eles saibam que tiveram uma boa oferta de vida e felicidade; que este pó o testemunhe. Mas, como a rejeitaram, não podem esperar receber outra; que recebam o seu próprio pó, pois tal será a maldição sobre eles. Esse pó, como o pó do Egito (Êx 9.9), se transformará em uma praga para eles, e a sua condenação, no grande dia, será mais intolerável do que a de Sodoma, pois os anjos foram enviados a Sodoma, e ali foram maltratados. Ainda assim, isso não trouxe uma culpa e uma destruição tão grandes quanto a que virá pelo desprezo e os maus tratos aos apóstolos de Jesus, que trazem consigo a oferta do Evangelho da graça.

II O comportamento dos apóstolos ao realizarem a sua comissão. Embora eles estivessem conscientes da sua grande fraqueza, e não esperassem nenhuma vantagem secular, ainda assim, em obediência à ordem do seu Mestre, e

confiando no seu poder, eles saíram, como Abraão, sem saber para onde iam. Observe aqui:

1. A doutrina que eles pregavam. Eles “pregavam ao povo que se arrependesse” (v. 12), para que pudessem transformar suas mentes, e modificar suas vidas, em consideração à aproximação do reino do Messias. Observe que o grande desígnio dos que pregam o Evangelho, e a grande tendência da pregação do Evangelho, deveria ser levar as pessoas ao arrependimento, a um novo coração, e a um novo caminho. Eles não divertiam as pessoas com especulações curiosas, mas lhes diziam que deviam arrepender-se de seus pecados, e voltar-se para Deus.

2. Os milagres que eles realizaram. O poder que Jesus lhes deu sobre os espíritos imundos não foi inútil, e eles não o receberam em vão, mas o usaram, pois “expulsavam muitos demônios” (v. 13), e também “ungiram muitos enfermos com óleo, e os curavam”. Alguns pensam que esse óleo era usado como remédio, de acordo com o costume dos judeus; mas eu prefiro pensar que era usado como um sinal de uma cura milagrosa, por indicação de Cristo, embora isso não seja mencionado. E, posteriormente, foi usado por aqueles presbíteros da igreja, a quem, por meio do Espírito, era dado o dom da cura (Tg 5.14). Aqui é certo, e, por essa razão, é provável que fosse ali, que a unção dos enfermos com óleo é reservada àquele extraordinário poder.

A Morte de João Batista

vv. 14-29

Aqui temos:

I As noções absurdas que o povo tinha a respeito do Senhor Jesus (v. 15). Os seus próprios conterrâneos não acreditavam em nada grandioso a seu respeito, porque conheciam os seus pobres irmãos; mas outros, que não estavam sob o poder do mesmo preconceito contra Ele, ainda estavam dispostos a crer em qualquer coisa, exceto que Ele fosse o Filho de Deus, e o verdadeiro Messias. Alguns diziam: “É Elias”, a quem eles esperavam; ou diziam: “É um profeta”, um dos profetas do Antigo Testamento, que ressuscitou e voltou a este mundo; ou alguém “como um dos profetas”, um profeta recentemente surgido, equivalente àqueles do Antigo Testamento.

II A opinião de Herodes a respeito de Jesus. Ele ouviu falar do seu nome e da sua fama, do que Ele dizia, e o que Ele fazia. Herodes disse, em outras palavras: Certamente é João Batista (v. 14). Tão certo como nós estarmos aqui, “este é João, que mandei degolar” (v. 16). Ele “ressuscitou dos mortos”. E embora ele não tenha realizado nenhum milagre quando esteve entre nós, depois de ter sido levado por algum tempo para o outro mundo, ele voltou, com um poder maior, e “por isso estas maravilhas operam nele”.

Considere que: 1. Onde há uma fé ociosa, normalmente existe uma fantasia em ação. O povo dizia: É um profeta ressuscitado dos mortos. Herodes dizia: É João Batista ressuscitado dos mortos. Com isso, parece que a ressurreição de um profeta para realizar maravilhas, era algo esperado, que não era considerado nem impossível nem improvável, e então se suspeitava muito disso, embora não fosse verdade. Mas, posteriormente, quando era verdade, e dizia respeito a Jesus Cristo, e era uma verdade inegavelmente evidenciada, ainda assim foi obstinadamente negada. Aqueles que mais voluntariamente deixam de crer na verdade, normalmente são os que mais acreditam nos enganos e nas fantasias.

2. Aqueles que lutam contra a causa de Deus ficarão frustrados, mesmo quando se considerarem vencedores; eles não podem vencer, pois a palavra do Senhor permanece para sempre. Aqueles que se alegrarão quando as testemunhas forem assassinadas, se aterrorizarão com a mesma intensidade quando depois de três dias e meio elas ressuscitarem (Ap 11.10,11). O pecador impenitente e obstinado “que escapar da espada de Jeú, matá-lo-á Eliseu” (1 Rs 19.17).

3. Uma consciência culpada não precisa de acusador, nem de torturador, exceto ela mesma. Herodes acusa a si mesmo pelo assassinato de João Batista, algo de que talvez ninguém mais ousasse acusá-lo: “Eu o mandei degolar”; e o terror dessa lembrança o levou a imaginar que Jesus fosse João Batista ressuscitado. Ele temeu João Batista, enquanto o profeta estava vivo, e agora, quando pensava ter se livrado dele, o teme dez vezes mais, quando ele está morto. Uma pessoa pode ser assombrada por fantasmas e pensamentos horríveis, assim como pelos horrores de uma consciência acusadora; portanto, aqueles que desejam manter uma paz imperturbável, devem manter “uma consciência sem ofensa” (At 24.16).

4. Poderá haver terrores de forte condenação onde não existir a verdade de uma conversão salvadora. Herodes, que tinha essas noções a respeito de

Cristo, posteriormente tentou matá-lo (Lc 13.31), e o desprezou (Lc 23.11); de modo que ele não seria persuadido, nem mesmo por alguém que tivesse ressuscitado dos mortos; nem mesmo por João Batista ressuscitado dos mortos.

III Uma narrativa introduzida aqui de como Herodes assassinou João Batista, da mesma forma como foi introduzida no texto de Mateus. E aqui, nós podemos observar:

1. O grande valor e a veneração com que Herodes considerou João Batista durante algum tempo, sendo isso relatado somente por este evangelista (v. 20). Aqui podemos ver que longo caminho um homem pode percorrer em direção à graça e à glória, e ainda assim deixar de alcançar ambas, e perecer eternamente.

(1) Ele "temia a João, sabendo que era varão justo e santo". É possível que um homem possa sentir uma grande reverência pelos homens bons, e especialmente pelos bons ministros, sim, e por aquilo que há de bom neles, e ainda assim, ele mesmo ser um homem mau. Observe que: [1] João era um varão justo e santo. Para um homem ser integralmente bom, tanto a justiça quanto a santidade são necessárias; a santidade em relação a Deus, e a justiça em relação aos homens. João estava mortificado para este mundo, e por isso, era um bom amigo, tanto da justiça quanto da santidade. [2] Herodes sabia disso, não somente pelo conhecimento popular, mas por ter tido um relacionamento pessoal com ele. Mesmo os que têm um mínimo de justiça e santidade, ainda podem discerni-las com reverência em outras pessoas. E: [3] Ele, portanto, "temia a João", ele o honrava.A santidade e a justiça exigem veneração, e muitas pessoas, que não são boas em si mesmas, têm respeito por aquelas que o são.

(2) Ele o observava; ele "o guardava com segurança", a salvo da maldade dos seus inimigos (conforme alguns o interpretam); ou, melhor dizendo, ele tinha consideração pelas suas palavras exemplares, e observava aquilo que era louvável nele, e o elogiava, ouvindo-o. Ele dava a entender que observava o que João dizia e fazia.

(3) Ele "o ouvia pregar", com grande condescendência, considerando como era humilde a aparência de João. Ter ouvido o próprio Jesus pregando nas nossas ruas será uma alegação muito pobre, no grande dia (Lc 13.26).

(4) Ele “fazia muitas coisas” que João, na sua pregação, lhe ensinava. Ele não se limitava a ser um “ouvinte da palavra”, mas, em parte, aplicava a palavra. Alguns pecados que João reprovava nele durante a sua pregação, ele abandonou, e aderiu a algumas obrigações; mas não é suficiente fazer algumas coisas, a menos que tenhamos respeito a todos os mandamentos.

(5) Ele o ouvia “de boa vontade”. Ele não o ouvia com terror, como Félix ouviu a Paulo, mas o ouvia com prazer. Existe uma alegria momentânea que um hipócrita pode sentir ao ouvir a palavra. Ezequiel era, para os seus ouvintes, como “uma canção de amores” (Ez 33.32), e aqueles cujos corações são como solo pedregoso recebem a palavra “com alegria” (Lc 8.13).

2. A lealdade de João a Herodes, ao apontar-lhe os seus pecados. Herodes tinha se casado com a mulher do seu irmão Filipe (v. 17). Todo o país, sem dúvida, revoltou-se, considerando o seu ato vergonhoso, e o reprovou; mas João o condenou, dizendo-lhe claramente: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”. Esta era a iniqüidade de Herodes que ele não pôde deixar, mesmo tendo feito muitas coisas que João lhe havia ensinado; e por isso, João lhe fala sobre esse tema em particular. Embora ele fosse um rei, João Batista não o poupou, não mais do que Elias poupou Acabe, quando perguntou: “Porventura, não mataste e tomaste a herança?” Embora Herodes se interessasse por João, e João pudesse temer que as suas palavras francas destruíssem este interesse, ainda assim ele o reprovou; pois “fiéis são as feridas feitas pelo que ama” (Pv 27.6); e embora existam alguns porcos que, voltando-se, despedacem aqueles que lhes atiram pérolas, ainda assim, aquele que “repreende ao homem (se a pessoa repreendida possuir um pouco da compreensão de um homem) achará depois mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua” (Pv 28.23). Embora fosse perigoso ofender Herodes, e ainda mais perigoso ofender Herodias, ainda assim João preferiu correr o risco, a ficar em falta com o seu dever. Observe que os ministros que desejam ser fiéis na obra de Deus não devem temer a face de ninguém. Se tentarmos agradar aos homens, além daquilo que for proveitoso para o bem de sua vida espiritual, não seremos servos de Cristo.

3. As más intenções de Herodias para com João por causa disso (v. 19): Ela “o espiava e queria matá-lo”; mas como não pôde realizar o seu intento, ela conseguiu que ele fosse preso (v. 17). Herodes respeitava João, até que este o atingiu ao reprovar o seu relacionamento com Herodias. Muitos que dizem honrar as profecias, fazem-no somente nas questões mais leves, e amam a boa

pregação, se ela for mantida suficientemente distante do seu pecado benquisto; mas se esse pecado for atingido, eles não poderão suportar. Não é de admirar que o mundo odeie aqueles que testemunham que as suas obras são más. Mas é melhor que os pecadores persigam os ministros agora, por causa da fidelidade deles, do que os amaldiçoem eternamente pela sua infidelidade.

4. O plano traçado para decapitar João. Eu acredito que Herodes estava envolvido pessoalmente no plano, apesar de ter fingido desagrado e surpresa, e que tudo foi tramado entre ele e Herodias, pois o texto bíblico menciona "uma ocasião favorável" (v. 21), ou seja, uma ocasião adequada para cumprirem tal plano. (1) Deveria realizar-se um baile na corte, pelo aniversário do rei, e uma ceia preparada para os "grandes, e tribunos, e príncipes da Galiléia". (2) Para abrilhantar a solenidade, a filha de Herodias deveria dançar publicamente, e Herodes deveria aparentar estar completamente encantado com a sua dança; e se ele assim estiver, aqueles que estiverem com ele à mesa não poderão deixar de se encantar também, como uma expressão de cortesia. (3) O rei, então, deve fazer à jovem uma promessa extravagante, de conceder-lhe qualquer coisa que ela pedisse, até mesmo a metade do seu reino. Ainda assim, se tivesse sido entendido corretamente, não teria sido alcançado o objetivo desejado, pois a cabeça de João Batista valia mais que o seu reino inteiro. A promessa seria selada com um juramento, não havendo como evadir-se dela. Ele jurou a ela, dizendo: "Tudo o que me pedires te darei". Eu não consigo acreditar que ele tivesse feito uma promessa tão ilimitada, a não ser que soubesse o que ela iria pedir. (4) Tendo sido instruída por sua mãe, Herodias, a jovem pediu "a cabeça de João Batista". E ela queria que esta lhe fosse trazida em um prato, como algo bonito com que ela pudesse brincar (vv. 24,25); e não deveria haver demora, não se poderia perder tempo, ela precisava tê-la "imediatamente". (5) Herodes lhe concedeu esse desejo, e a execução se fez imediatamente, enquanto o grupo ainda estava reunido, o que é difícil acreditar que o rei tivesse feito, sem ter decidido a questão anteriormente. Mas ele parece: [1] estar muito hesitante em fazê-lo, e parece que por nada do mundo o teria feito, se não tivesse sido surpreendido em tal promessa. "O rei entristeceu-se muito", isto é, ele pareceu entristecer-se muito, ele disse que estava entristecido, ele parecia estar entristecido; mas era tudo fingimento e hipocrisia, pois ele estava verdadeiramente satisfeito por ter encontrado uma desculpa para tirar João do

seu caminho. *Qui nescit dissimulare, nescit regnare – O homem que não sabe dissimular, não sabe como reinar.* E ainda assim, ele não deixou de sentir tristeza por isso. Ele não conseguiu fazê-lo sem lamentar e relutar muito. A consciência natural não permite que o homem peque com facilidade; a concessão ao pecado já é um tormento; e o que será a reflexão sobre ele? [2] Ele parece estar muito sensibilizado à obrigação do seu juramento. Se a jovem tivesse pedido apenas uma quarta parte do seu reino, eu não duvido que ele teria encontrado uma maneira de fugir ao seu juramento. A promessa foi feita impulsivamente, e não poderia obrigá-lo a fazer algo que fosse injusto. Os juramentos pecaminosos devem ser objetos de arrependimento, e, portanto, não devem ser feitos; pois o arrependimento significa desfazer o que fizemos de modo incorreto, até onde o nosso poder nos permitir. Quando o imperador Teodósio recebia um pedido insistente do pleiteante de uma promessa, ele respondia: "Eu digo que sim, mas não estou prometendo, se isto for algo injusto". Se supusermos que Herodes não sabia de nada sobre o plano quando fez aquela promessa impensada, é provável que ele fosse pressionado a fazê-la por aqueles que estavam junto a ele, somente para continuar com a animação; pois ele o fez por causa dos que estavam com ele à mesa, de cuja companhia ele se orgulhava, e, portanto, fazia qualquer coisa para agradá-los. Assim os príncipes se fazem escravos daqueles cujo respeito eles desejam, e pelo qual se valorizam e se asseguram. Nenhum dos súditos de Herodes sentia maior medo dele do que o próprio Herodes sentia dos seus grandes, e tribunos, e príncipes da Galiléia. O rei enviou um "executor", um soldado da sua guarda. Os tiranos sanguinários têm executores de prontidão, preparados para obedecer aos seus mais cruéis e injustos decretos. Também Saul teve Doegue à sua disposição, para arremeter contra os sacerdotes do Senhor quando os seus próprios criados se recusaram a fazê-lo (1 Sm 22.17,18).

5. Os efeitos disso foram: (1) que a corte ímpia de Herodes ficou toda jubilosa, porque esse profeta os atormentava. A cabeça de João foi um presente à jovem, que a entregou à sua mãe (v. 28). (2) Que os discípulos de João Batista ficaram muito tristes e em lágrimas. Os discípulos de João nem pensavam nisso, mas, quando ouviram sobre o ocorrido, vieram e tomaram o corpo negligenciado e "o puseram num sepulcro", onde Herodes, se assim tivesse desejado, poderia tê-lo encontrado, quando se amedrontou com a ilusão de que João Batista tinha ressuscitado dos mortos.

O Milagre da Multiplicação dos Pães e Peixes

vv. 30-44

Nesses versículos, temos:

I O retorno dos apóstolos que Jesus tinha enviado (v. 7) para pregar e realizar milagres. Eles tinham se dispersado, durante algum tempo, por diversas partes da nação, mas após terem cumprido as suas várias tarefas, por consenso eles se reuniram para comparar seus resultados, e "ajuntaram-se a Jesus", o centro da sua união, para prestar-lhe contas daquilo que tinham realizado de acordo com a sua comissão. Da mesma maneira como o servo que foi enviado para convidar às bodas, ao receber respostas dos convidados, voltou e apresentou ao seu Senhor toda a situação, também os apóstolos fizeram isso. Eles "contaram-lhe tudo, tanto o que tinham feito como o que tinham ensinado". Os ministros devem prestar contas tanto do que fazem quanto do que ensinam, e devem velar tanto pelas suas próprias almas quanto pelas dos outros, como aqueles que hão de dar conta delas (Hb 13.17). Eles não devem fazer nem ensinar nada exceto o que estiverem dispostos a relatar e a repetir ao Senhor Jesus. É um consolo para os ministros fiéis quando podem apelar a Jesus a respeito da sua doutrina e do seu modo de vida, pontos que talvez tenham sido mal-interpretados pelos homens. Ele lhes dá permissão para que falem tudo com Ele, e que apresentem abertamente os seus casos diante dele, que lhe contem todas as coisas, que tratamento receberam, quais foram os seus êxitos, e quais foram as suas decepções.

II A preocupação carinhosa que Jesus teve com o repouso dos discípulos, depois do cansaço que tinham experimentado (v. 31). Ele lhes disse, percebendo que estavam quase exaustos, e sem fôlego: "Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco". Aparentemente, os discípulos de João Batista vieram trazer a Cristo as tristes notícias da morte do seu mestre, praticamente na mesma ocasião em que os seus próprios discípulos vieram com o relato das suas realizações. Observe que Cristo reconhece os temores de alguns e o trabalho árduo de outros, entre os seus discípulos, e providencia alívio adequado para ambos, repouso para aqueles que estão cansados, e refúgio para aqueles que estão amedrontados. Com que bondade e compaixão Jesus lhes diz: Vinde, e repousai! Observe que os

servos mais ativos de Cristo não podem sempre estar no esforço do trabalho, pois têm corpos que exigem descanso, e de algum tempo para respirar. Nós não seremos capazes de servir a Deus sem descansar, de dia e de noite, até chegarmos ao céu, onde ninguém pára de louvá-lo para descansar (Ap 4.8). E o Senhor se preocupa com o corpo, leva a sua estrutura em consideração, e não somente permite tempo para o seu descanso, como também dá ao homem o desejo de descansar. “Vai… povo meu, entra nos teus quartos”. Volte para o seu descanso. E aqueles que trabalham diligente e fielmente podem com alegria retirar-se para descansar. “Doce é o sono do trabalhador”. Mas observe: 1. Cristo os chama para que se retirem para um lugar “à parte”, pois, se houvesse alguém com eles, eles teriam algo a dizer, ou algo a fazer para o bem dessa pessoa; se o objetivo era que eles descansassem, eles deviam estar sozinhos. 2. Ele não os convida para algum hotel agradável no campo, onde houvesse construções agradáveis e elegantes jardins, mas para “um lugar deserto”, onde as acomodações eram muito simples, e que era equipado somente pela natureza, e não pela arte, para o sossego e para o repouso. Mas isto estava de acordo com todas as outras circunstâncias em que Ele se encontrava. Não é de admirar que Aquele que tinha apenas um barco como seu local de pregação, tivesse apenas um deserto como seu lugar de repouso. 3. Ele os chama para descansar somente “um pouco”. Eles não devem descansar muito tempo, somente recuperar o fôlego, e então voltar ao trabalho. Não existe descanso permanente para o povo de Deus, até chegar ao céu. 4. A razão dada para isso não é tanto o fato de eles terem estado em trabalho constante, mas porque eles estavam então sempre com pressa, de modo que não tinham nenhuma ordem no seu trabalho, pois “havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer”. É conveniente que o tempo seja adequadamente definido, e que haja tempo para todas as coisas, e uma grande quantidade de trabalho pode ser realizada com uma grande comodidade. Mas se as pessoas estão continuamente indo e vindo, e não se observa nenhuma regra, nenhum método, será realizada apenas uma pequena quantidade de trabalho, e não sem uma significativa dose de dificuldades. 5. Eles partiram em um barco. Não cruzaram o lago, mas fizeram uma viagem costeira até o deserto de Betsaida (v. 32). Seguir por barco era muito menos cansativo do que teria sido ir por terra. Eles partiram reservadamente, para que pudessem estar a sós. As pessoas de maior exposição pública não podem evitar o desejo de ficarem sozinhas algumas vezes.

III A diligência do povo em seguir Jesus. Era deselegante fazer isso quando Ele os seus discípulos estavam desejosos, por boas razões, de afastar-se; e, apesar de tudo, essas pessoas não são recriminadas, nem mandadas embora, mas são bem recebidas. A não-observância das boas maneiras será facilmente perdoada naqueles que seguem a Cristo, se isso for compensado pela abundância de boas intenções. Eles o seguiram por conta própria, sem terem sido chamados. Não existia um tempo fixado, algum encontro marcado ou algum sino que tenha tocado; mas eles voaram como nuvens, e como pombas às suas janelas. Eles o seguiram saindo das suas cidades, deixando as suas casas e lojas, suas obrigações e seus negócios, para ouvi-lo pregar. Eles o seguiram a pé, embora Ele tivesse partido por mar, e, para colocá-los à prova, pareceu menosprezá-los, e esforçar-se para livrar-se deles, mas ainda assim, eles não o deixaram. Eles correram a pé, e com tanta pressa, que chegaram antes dos discípulos, e aproximaram-se de Jesus desejosos de ouvir a Palavra de Deus. Eles o seguiram, embora para um lugar deserto, desprezível e inconveniente. A presença de Jesus Cristo transforma um deserto em um paraíso.

II A recepção que Jesus lhes deu (v. 34). Quando viu tantas pessoas (uma grande multidão), em vez de sentir desprazer, porque eles o estavam perturbando quando Ele desejava ter mais privacidade, assim como muitos homens bons teriam se sentido, Ele “teve compaixão deles”, e recebeu-os com carinho, porque eles “eram como ovelhas que não têm pastor” – eles pareciam ser bem-intencionados e dóceis como as ovelhas, e desejosos de aprender, mas não tinham pastor, ninguém que os orientasse e conduzisse no caminho certo, ninguém que os alimentasse com a boa doutrina. E assim, por compaixão deles, Ele não somente curou os seus enfermos, como está escrito no Evangelho de Mateus, mas também “começou a ensinar-lhes muitas coisas”, e podemos ter certeza de que eram todas verdadeiras e boas, e importante que eles as aprendessem.

V A provisão que Ele fez para todos eles. Ele generosamente fez, de todos os seus ouvintes, seus convidados, e lhes deu uma acolhida esplêndida. Assim pode-se dizer, porque foi uma acolhida milagrosa.

1. Os discípulos propuseram que eles fossem despedidos e enviados para suas casas. Quando o dia estava quase no fim, e a noite se aproximava, os

discípulos disseram: “O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado, despede-os, para que vão... e comprem pão para si” (vv. 35,36). Os discípulos sugeriram isso a Jesus, mas não sabemos o que a própria multidão disse. Eles não disseram: Mande-nos embora (conquanto certamente tivessem fome), pois eles prezavam as palavras que saíam da boca de Jesus mais do que o alimento necessário para a sobrevivência deles, e se esqueciam de si mesmos quando o estavam ouvindo, mas os discípulos pensaram que seria uma gentileza despedi-los. Observe que as mentes dispostas farão mais, e resistirão por mais tempo naquilo que é bom, do que seria esperado que o fizessem.

2. Jesus ordenou que todos eles fossem alimentados (v. 37): “Dai-lhes vós de comer”. Embora o fato de eles o seguirem impedisse que Jesus e os seus discípulos parassem para comer (v. 31), Ele não os mandaria embora em jejum como uma forma de “vingança”, mas, para nos ensinar a ser generosos com aqueles que são rudes conosco, Ele ordenou que lhes fosse dado alimento. Aquele pão que Jesus e os seus discípulos levaram para o deserto, com o intuito de fazerem uma refeição tranqüila, Ele compartilharia com todos. Assim, Ele estava sendo hospitaleiro. Eles compareceram para receber o alimento espiritual da boca do Mestre, e Ele cuidou para que não lhes faltasse o alimento físico. O caminho do dever é tanto o caminho da segurança, como também o caminho para o suprimento. Deus é Aquele que “passando pelo vale de Baca, faz dele uma fonte; a chuva também enche os tanques. Vão indo de força em força; cada um deles em Sião aparece perante Deus” (Sl 84.6,7). A Providência não deve ser posta à prova; mas quando se confiou devidamente nela, nunca falhou para nenhum dos fiéis servos de Deus, mas revigorou a muitos com um alívio oportuno e surpreendente. Isso tem sido visto freqüentemente “no monte do Senhor, Jeová-jiré (O Senhor proverá)”. O Senhor proverá para aqueles que confiarem nele.

3. Os discípulos objetaram contra a ordem de Jesus, por acharem-na impraticável: “Iremos nós e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer?” Dessa forma, devido à fraqueza da fé deles, em vez de esperar as instruções de Cristo, eles complicam a causa com idéias próprias. A questão era se eles tinham duzentos dinheiros com eles, se a região teria capacidade de fornecer subitamente uma grande quantidade de pão, e se isto seria suficiente para um grupo tão grande. Moisés em certa ocasião assim objetou (Nm 11.22): “Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas que lhes bastem?”. Jesus deixaria que eles percebessem a loucura que estavam

expressando ao fazerem projetos baseados em suas próprias possibilidades, a fim de que pudessem valorizar mais as provisões que Ele tinha para eles.

4. Jesus fez a provisão para a satisfação de todos. Alguém tinha trazido cinco pães consigo, para o abastecimento do seu barco, e dois peixes, talvez pescados enquanto vinham pelo mar. Era este o cardápio. Era pouco para Jesus e os seus discípulos, e ainda assim eles precisavam distribuir, como a viúva doou as suas duas pequenas moedas, e como a igreja extremamente pobre da Macedônia "superabundou em riquezas da sua generosidade". Freqüentemente encontramos Jesus sendo recebido às mesas de outras pessoas, comendo com um amigo, e jantando com outro. Mas aqui o vemos oferecendo um jantar para muitas pessoas, às suas próprias expensas. Isto mostra que, quando outros lhe ministravam com o seu alimento, não era porque Ele não podia se alimentar de outra maneira (se Ele estivesse com fome, não precisaria lhes dizer – Sl 50.12), mas era uma ilustração da sua humildade, à qual Ele se alegrava em se submeter; e, se Ele realizasse milagres para si mesmo, isto não estaria de acordo com a intenção dos milagres. Observe:

(1) A provisão foi comum. Não houve preciosidades, nem variedade, embora Jesus, se assim tivesse desejado, pudesse ter abastecido a sua mesa com elas. Mas assim Ele nos ensina a ficar satisfeitos com o alimento que nos cabe, e não cobiçarmos iguarias e guloseimas. Se tivermos o necessário para suprir a nossas necessidades, não importa se não tivermos para a gula ou para a curiosidade. Deus, em amor, fornece alimento para a nossa fome, mas, na ira, fornece carne para satisfazer os nossos desejos (Sl 78.18). A promessa àqueles que temem ao Senhor é de que verdadeiramente serão alimentados. Ele não disse: "Eles terão um banquete". Se Jesus e os seus discípulos se contentavam com coisas simples, certamente nós também podemos fazê-lo.

(2) Os convidados foram organizados. Eles foram dispostos de modo a se assentarem "em grupos, sobre a erva verde" (v. 39): "Assentaram-se repartidos de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta" (v. 40), para que o alimento pudesse ser distribuído entre eles com mais facilidade e uniformidade. O nosso "Deus não é Deus de confusão", mas de ordem. Assim, tomou-se cuidado para que todos recebessem o suficiente, e ninguém fosse ignorado, nem recebesse mais do que era adequado.

(3) Uma bênção foi ministrada sobre o alimento. Ele "levantou os olhos ao céu, e abençoou". Jesus não chamou um dos seus discípulos para abençoar,

mas o fez Ele mesmo (v. 41); e pelo poder da sua bênção, o pão se multiplicou milagrosamente, e o mesmo ocorreu com os peixes, pois “todos comeram e ficaram fartos”, embora somassem “cinco mil” pessoas (vv. 42,44). Esse milagre foi importante, e mostra que Cristo veio ao mundo para ser o grande Alimentador, assim como o grande Médico, não somente para restaurar como também para preservar e nutrir a vida espiritual. E nele há o suficiente para todos os que vêm até Ele, suficiente para encher a alma, para encher o tesouro; ninguém é despedido vazio da presença de Jesus, exceto aqueles que vêm até Ele cheios de si mesmos.

(4) Um cuidado especial se teve com as sobras, pois delas levantaram “doze cestos cheios”. Embora Jesus tivesse pão suficiente à disposição, Ele nos ensina a não desperdiçar nenhuma das boas criações de Deus. Dessa forma o Senhor nos lembra de que existem muitos que realmente passam necessidades. Nós não conhecemos o futuro, e podemos, em alguma ocasião, precisar daquelas sobras que jogamos fora.

Jesus Caminha sobre o Mar

vv. 45-56

Lemos sobre esse ocorrido também em Mateus 14.22ss., com a diferença de que o relato daquele evangelista, a respeito de Pedro, foi omitido em Marcos. Temos aqui:

I A dispersão do grupo. Jesus ordenou que os discípulos partissem antes, de barco, “a Betsaida”, pretendendo segui-los, segundo eles supunham, por terra. As pessoas se negavam a partir, de modo que mandá-las embora lhe custou algum tempo e esforço. Pois depois que tiveram um bom jantar, eles não tinham pressa em deixá-lo. Precisamos estar cientes de que enquanto estivermos aqui neste mundo, nós não teremos um lugar permanente, nem mesmo quando em comunhão com Jesus Cristo. O banquete eterno está reservado para a condição futura.

II Cristo “foi ao monte para orar”. Observe: 1. Ele orava. Embora Ele tivesse um trabalho de pregação tão grande em suas mãos, ainda assim Ele estava sempre em oração. Ele orava freqüentemente, e por muito tempo, o que é um estímulo para que confiemos na intercessão que Ele faz, por nós, à direita do

Pai – uma intercessão constante. 2. Ele foi orar “sozinho”. Embora o Senhor Jesus não precisasse se retirar para evitar a distração ou a ostentação, ainda assim, para nos dar o exemplo, e para nos estimular nas nossas conversas particulares com Deus, Ele orava sozinho; por falta de um quarto ou de um aposento particular, Ele subiu ao monte para orar. Um homem bom nunca está sozinho quando a sós com Deus.

III Os discípulos estavam passando por uma aflição no mar: “O vento lhes era contrário” (v. 48), de modo que eles lutavam com os remos e não conseguiam seguir adiante. Isto era uma amostra das dificuldades que eles deviam esperar, quando mais tarde Ele os enviasse ao estrangeiro para pregar o Evangelho. Seria como enviá-los ao mar nessa ocasião, com o vento contra eles. Eles “se fatigavam a remar”, trabalhando arduamente e lutando contra uma corrente tão forte. Da mesma maneira, eles deviam esperar ser sacudidos pelas ondas, ser perseguidos pelos seus inimigos; e ao expô-los então aos perigos, Jesus pretendia treiná-los para tais dificuldades, para que eles pudessem aprender a suportar as aflições. Com freqüência a igreja é semelhante a um barco no mar, sacudida pelas tempestades, e sem conforto. Nós podemos ter Jesus ao nosso lado, e ainda assim o vento e a maré contra nós. Mas é um consolo para os discípulos de Jesus, em uma tempestade, saber que o seu Mestre está no monte celestial, intercedendo por eles.

II Jesus lhes fez uma gentil visita por sobre as águas. Ele podia ter verificado os ventos, de onde estava, ou ter enviado um anjo para o socorro deles, mas decidiu ajudá-los com o maior empenho possível, e por isso Ele foi pessoalmente até eles.

1. Ele não veio antes da “quarta vigília da noite”, não antes das três horas da manhã, mas então, Ele “aproximou-se deles”. Mesmo que as visitas de Jesus Cristo ao seu povo demorem algum tempo para acontecer, ainda assim, Ele virá; e a situação extrema deles é a sua ocasião para lhes aparecer com mais freqüência. Embora a salvação possa tardar, ainda assim devemos esperar por ela. Logo ela se manifestará, na quarta vigília da noite, “e não mentirá”.

2. Ele veio “andando sobre o mar”. O mar estava então agitado pelas ondas, e ainda assim Jesus veio, andando sobre ele; embora os rios levantem o seu ruído, o Senhor nas alturas é mais poderoso (Sl 93.3,4). Nenhuma dificuldade pode ser um obstáculo para as graciosas aparições de Cristo ao seu povo,

quando a hora marcada chega. Ele irá encontrar, ou forçar, um caminho através do mar mais tempestuoso, para o resgate dos seus (Sl 42.7,8).

3. Jesus “queria passar adiante deles”, isto é, Ele posicionou-se e seguiu o seu curso, como se quisesse ir adiante, e não tomou conhecimento deles. Ele fez isso para motivá-los a chamar por Ele. Observe que a Providência, quando está agindo de modo destinado propositadamente ao auxílio do povo de Deus, às vezes pode parecer que está lhes dando adeus, e não levando em conta o seu caso. Eles pensavam que Ele teria passado por eles, mas nós podemos ter certeza de que o Senhor não teria feito isso.

4. Eles se assustaram ao ver Jesus, pensando que Ele seria um fantasma: “Todos o viram e perturbaram-se” (v. 50). Eles pensaram que algum espírito os tivesse assombrado e despertado essa tempestade. Freqüentemente nós nos confundimos e nos assustamos com fantasmas, que são criaturas da nossa própria fantasia e imaginação.

5. Ele os incentivou, e acalmou os seus temores, dando-se a conhecer a eles. Ele “falou com eles” amigavelmente, dizendo: “Tende bom ânimo, sou eu; não temais”. Observe: (1) Nós não conhecemos a Jesus, até que Ele se agrade em revelar-se a nós. Sou “eu, o seu Mestre, eu, o seu Amigo, eu, o seu Redentor e Salvador. Sou eu, que vim a uma terra problemática, e agora, a um mar tempestuoso, para cuidar de vocês”. (2) O conhecimento de Jesus Cristo, assim como Ele é em si mesmo e próximo de nós, é suficiente para fazer os seus discípulos se alegrarem até mesmo em uma tempestade, e não temerem mais. “Se assim é, por que sou eu assim?” (Gn 25.22). Se é Jesus que está com você, tenha bom ânimo, não tema. Os nossos temores se acalmarão rapidamente se os nossos enganos forem corrigidos, especialmente os nossos enganos a respeito de Jesus (veja Gn 21.19; 2 Rs 6.15-17). A presença de Jesus entre nós, em um dia tempestuoso, é suficiente para nos dar bom ânimo, embora haja nuvens e escuridão ao nosso redor. Ele disse: “Sou eu”. Ele não lhes diz quem Ele é (não houve oportunidade); eles conheceram a sua voz, assim como a ovelha conhece a voz do seu pastor (Jo 10.4). Com que presteza a esposa diz, repetidas vezes: “Esta é a voz do meu amado!” (Ct 2.8; 5.2). Ele disse: *Ego eimi – Eu sou Ele*, ou *sou eu*; este era o nome de Deus quando Ele veio libertar Israel (Êx 3.14). Também é o nome de Jesus, ao vir libertar os seus discípulos. Quando Jesus disse àqueles que vieram para levá-lo à força: “Sou eu”, eles foram impactados ao ouvi-lo (Jo 18.6). Quando Ele diz àqueles que vêm para levá-lo pela fé: “Sou eu”, eles são elevados, e consolados.

6. Ele caminhou até eles, “subiu para o barco para estar com eles”, e assim os acalmou completamente. Basta que tenhamos o nosso Mestre conosco, e tudo estará bem. E imediatamente depois que Ele subiu ao barco, “o vento se aquietou”. Na tempestade anterior que eles tinham enfrentado, está escrito que Ele “despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te” (cap. 4.39), mas aqui não lemos sobre nenhuma ordem formal, somente que o vento se aquietou de repente. Observe que o nosso Senhor Jesus se certificará de realizar o seu trabalho, sempre, de maneira eficaz, embora nem sempre com a mesma solenidade, e com espectadores. Embora não possamos ler nenhuma ordem dada, ainda assim, se o vento se aquietou, e nós passamos a desfrutar o consolo da calmaria, digamos com confiança: “Isto é porque Cristo está no barco, e a sua ordem foi proferida, ou nós a sentimos (Ct 6.12). Quando formos com Cristo para o céu, o vento cessará imediatamente; não existem tempestades na região superior.

7. Eles ficaram mais surpresos e assombrados com esse milagre do que lhes seria apropriado, e esse sentimento estava na base da sua surpresa, o que era verdadeiramente digno de culpa. Eles “ficaram muito assombrados e maravilhados”, ficaram em um perfeito êxtase, como se isso fosse uma coisa nova e incompreensível, como se Jesus nunca tivesse feito nada semelhante antes, e eles não tivessem motivo para esperar que Ele o fizesse agora. Eles deviam admirar o poder de Jesus e confirmar a sua crença de que Ele era o Filho de Deus. Mas por que toda essa confusão a respeito disso? Porque eles “não tinham compreendido o milagre dos pães”; se eles tivessem dado a ele a sua devida importância, não teriam ficado tão surpreendidos com esse milagre; pois a multiplicação dos pães era uma amostra tão grandiosa do poder de Jesus quanto o seu caminhar sobre as águas. Eles ficaram estranhamente tolos e irracionais, e “o seu coração estava endurecido”, caso contrário eles não teriam julgado tão inacreditável que Jesus pudesse ordenar uma calmaria. É a falta de um conhecimento correto das obras anteriores de Jesus que nos leva a pensar nas suas obras atuais como se nunca tivesse ocorrido nada semelhante antes.

I Quando eles chegaram à terra de Genesaré, que fica entre Betsaida e Cafarnaum, o povo os recebeu muito bem. Os homens daquele lugar imediatamente reconheceram a Jesus (v. 54). Eles sabiam das obras maravilhosas que Ele realizava onde quer que estivesse, e sabiam também que

Ele era um Médico universal. Da mesma maneira, eles sabiam que Ele costumava ficar pouco tempo em cada lugar, e por isso se preocuparam em aproveitar a oportunidade dessa gentil visita que Ele lhes fazia. “Percorrendo toda a terra em redor”, com a máxima rapidez, eles “começaram a trazer em leitos… os que se achavam enfermos”, e não podiam ir por si mesmos. Não havia o perigo de perderem a coragem enquanto esperavam obter uma cura (v. 55). “Onde quer que entrava, ou em cidade, ou em aldeias, ou no campo”, Ele era rodeado de pacientes. As pessoas “apresentavam os enfermos nas praças”, por onde Ele iria passar, “rogavam-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste”, como tinha feito a mulher com o problema do fluxo de sangue, que, aparentemente, utilizou este método de apelo pela primeira vez – “e todos os que lhe tocavam saravam”. Não lemos que eles estivessem desejosos de que Ele os ensinasse, mas somente de que os curasse. Se os ministros forem capazes de curar as doenças físicas das pessoas, que multidões os seguirão! Mas é triste pensar que a maioria dos homens se preocupa mais com os seus corpos do que com as suas almas.

CAPÍTULO 7

Nesse capítulo, temos: I. A argumentação de Cristo com os escribas e os fariseus, a respeito de comer sem lavar as mãos (vv. 1-13); as instruções importantes que Ele deu ao povo naquela ocasião, e as explicações que Ele deu aos seus discípulos (vv. 14-23). II. A cura que Ele realizou na filha da mulher cananéia, que estava endemoninhada (vv. 24-30). III. A cura de um homem que era surdo, e que falava com dificuldade (vv. 31-37).

A Tradição dos Anciãos

vv. 1-23

Um dos grandes objetivos da vinda de Cristo era o de colocar de lado a lei cerimonial que Deus tinha decretado, e não mais utilizá-la. Para dar início a esse processo, o Senhor Jesus começa com a lei cerimonial que os homens tinham formulado e acrescentado à lei criada por Deus, e libera os seus discípulos de obedecê-la. Ele faz isso aqui abertamente, na oportunidade em que os fariseus se ofendem por entenderem que a lei estava sendo violada. Esses fariseus e escribas com quem Ele argumentou tinham “vindo de

Jerusalém” à Galiléia, percorrendo uma distância de cerca de 130 a 160 quilômetros, para discutir com o nosso Salvador, em um lugar onde eles supunham que Ele teria grande interesse e reputação. Se eles tivessem vindo de tão longe para serem ensinados por Ele, o seu zelo teria sido elogiável, mas vir de tão longe para opor-se a Ele, e para verificar o progresso do seu Evangelho, era uma grande iniqüidade. Aparentemente, os escribas e fariseus de Jerusalém pretendiam ter não apenas a proeminência sobre o clero da nação, mas também autoridade sobre ele, e por isso continuavam com as suas visitas, e enviavam inquisidores entre eles, como fizeram com João Batista, quando ele apareceu (Jo 1.19).

Nessa passagem, podemos observar:

I Qual era a tradição dos anciãos. De acordo com ela, todos deveriam lavar as mãos antes de comer; um hábito higiênico, sem mal nenhum. Porém, sendo excessivamente detalhista, essa tradição revela uma preocupação excessiva com o corpo, que é da terra; mas eles aplicavam a religião a esse ritual, e não permitiam que fosse opcional, como era em sua própria natureza; as pessoas deveriam ter a liberdade de fazê-lo ou não, mas eles impunham a sua autoridade, e obrigavam a todos que o fizessem, sob pena de excomunhão. Isso era observado como uma tradição dos anciãos. Os papistas fingem zelar pela autoridade e pela antigüidade da igreja e dos seus cânones, e falam muito em concílios e patriarcas, quando na verdade o que os governa não é nada além da sua própria riqueza, dos seus interesses e domínio. A mesma coisa acontecia com os fariseus.

Aqui temos um relato do costume dos fariseus e de “todos os judeus” (vv. 3,4). 1. Eles lavavam as suas mãos “muitas vezes”. Eles as lavavam *pygme*. Os exegetas tiveram muito trabalho com esta palavra. Alguns dizem que ela significa a freqüência com que as lavavam (que é como nós a traduzimos); outros pensam que ela significa os esforços que eles faziam para lavar as suas mãos: eles as lavavam com muito cuidado, lavavam até os pulsos (segundo alguns); eles erguiam as mãos quando estavam molhadas, para que a água pudesse escorrer até os seus cotovelos. 2. Eles as lavavam, em especial, antes de comer pão, isto é, antes de se sentarem para uma refeição formal, pois era essa a lei. Eles deveriam certificar-se de tê-las lavado antes de comer o pão pelo qual eles pediam uma bênção. Quem quer que comer o pão sobre o qual se profere a bênção: “Bendito seja aquele que produz pão”, deve lavar as suas

mãos antes e depois de comer, caso contrário seria considerado impuro. 3. Eles se preocupavam em lavar as mãos especialmente quando voltavam do mercado; ou, segundo alguns, dos tribunais; isto pode significar qualquer lugar de grande afluxo de gente, onde houvesse pessoas de todos os tipos e, é de supor-se, alguns pagãos ou judeus sob contaminação cerimonial – e pela aproximação com tais pessoas eles se consideravam contaminados, e diziam: “Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu” (Is 65.5). Eles diziam: A lei dos rabinos prescrevia que, se eles lavassem bem as suas mãos pela manhã, sendo isto a primeira coisa que fizessem, isto seria válido para o dia inteiro, se eles ficassem sozinhos; mas, se fossem ver alguém, eles não deveriam, ao voltar, nem comer nem orar, até que tivessem lavado as mãos; assim os anciãos ganharam a reputação de santidade entre as pessoas, e assim eles exerciam e conservavam autoridade sobre as suas consciências. 4. Eles acrescentaram a isso a lavagem dos copos, dos jarros, e dos vasos de metal, que eles suspeitassem ter sido usados por pagãos, além das próprias mesas em que comiam seus pães, e as camas. Existiam muitos casos nos quais, segundo a lei de Moisés, eram indicadas as lavagens; mas eles faziam acréscimos a elas, e obrigavam a observância às suas próprias imposições tanto quanto às instituições de Deus.

II Qual era o costume dos discípulos de Cristo. Eles sabiam qual era a lei, e qual era o procedimento costumeiro, mas eles se conheciam tão bem que não se sentiam obrigados por isso. Eles “comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar” (v. 2). Comer sem lavar as mãos era chamado de comer com mãos impuras. Assim os homens conservavam suas vaidades supersticiosas atribuindo nomes feios a tudo o que os contradissesse. Os discípulos sabiam (provavelmente) que os fariseus os vigiavam e observavam, e ainda assim eles não os adularam, agindo de acordo com as suas tradições, mas usaram da sua liberdade como em outras ocasiões, e comeram o pão sem lavar as mãos; e com isso a sua justiça, embora possa parecer menor, na verdade excedeu a dos escribas e fariseus (Mt 5.20).

III O insulto que os fariseus sentiram. Eles “repreendiam” os discípulos de Jesus (v. 2); censuraram-nos como sendo profanos e relaxados, ou melhor, homens que não se submetiam ao poder da sinagoga, de decretar ritos e cerimônias, e, portanto, eram rebeldes, sectários e cismáticos. Eles foram

fazer uma reclamação contra os discípulos ao seu Mestre, esperando que Ele os repreendesse, e ordenasse que cumprissem a lei. Pois aqueles que são zelosos das suas próprias invenções e imposições, normalmente estão prontos para apelar a Cristo, como se Ele devesse tolerá-las, e como se a sua autoridade devesse se impor para fazer que fossem cumpridas, e para censurar aqueles que não se submetiam a elas. Eles não perguntam: Por que os seus discípulos não fazem o que nós fazemos? (Embora eles quisessem isso, eles desejavam ser o padrão). Mas, perguntam: "Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição dos antigos" (v. 5). A resposta para essa questão era fácil: eles tinham mais entendimento do que todos os seus mestres, mais do que os velhos (Sl 119.99,100).

IV A defesa que Cristo faz dos seus discípulos, em que:

1. Ele argumenta com os fariseus a respeito da autoridade pela qual essa cerimônia foi imposta; e os mais indicados a participar desse debate eram aqueles que mais insistiam na cerimônia. Mas Ele não falou disso publicamente, diante da multidão (como fica claro quando Ele chama a multidão, v. 14), para que não parecesse estar incitando-os à divisão e à insatisfação com os seus governantes, mas tratou do assunto como uma reprovação às pessoas interessadas, pois a lei é: *Suum cuiquea – A cada qual, o que lhe pertence.*

(1) Ele os reprova pela hipocrisia deles, pois fingem honrar a Deus, quando na realidade não tinham este objetivo nas suas práticas religiosas (vv. 6,7): "Este povo honra-me com os lábios", fingindo que é para a glória de Deus que eles impõem essas coisas, para se distinguirem dos pagãos, "mas o seu coração está longe de mim", e é governado por nada além de ambição e cobiça. Eles se consideravam como o santo povo do Senhor seu Deus, quando na realidade isto era a coisa mais distante do seu pensamento. Eles aparentavam temer a Deus com todas as suas práticas religiosas, porém os seus corações não estavam bem com Deus, e isto significava adorar a Deus em vão. Pois o Senhor não ficava satisfeito com tais devoções simuladas, e elas não eram benéficas para eles.

(2) Ele os reprova por colocarem a religião nas invenções e ordens dos seus anciãos e governantes. Eles ensinam "doutrinas que são mandamentos de homens". Em vez de estarem ensinando às pessoas os grandes princípios da religião, estavam impondo os cânones da sua sinagoga, e julgavam se as

pessoas eram ou não judias conforme elas estivessem ou não em conformidade com eles, sem considerar se elas viviam em obediência às leis de Deus ou não. É verdade que havia diversas lavagens impostas pela lei de Moisés (Hb 9.10), cujo objetivo era diferenciar os desejos carnais mundanos daquela purificação interior do coração, que Deus exige como absolutamente necessária para a nossa comunhão com Ele; mas, em vez de fornecer a essência, arrogantemente eles faziam acréscimos à cerimônia, e eram muito detalhistas quanto a lavar copos e vasilhas. Jesus acrescenta, “ensinando doutrinas que são mandamentos de homens” (v. 8). Note que a superstição é algo interminável. Se uma invenção ou instituição humana for aceita, ainda que seja aparentemente tão inocente como era essa sobre lavar as mãos, eis que vem em seguida um grande conjunto, e a porta se abre para “muitas outras coisas semelhantes a estas”.

(3) Ele os censura por deixarem de lado o “mandamento de Deus”, e ignorarem-no, sem insistirem nele nas suas pregações e na sua disciplina. Eles eram coniventes com a infração a esse mandamento, como se ele não devesse mais estar em vigor (v. 8). Observe que o erro das imposições é que freqüentemente aqueles que zelam por elas, têm pouco zelo pelos deveres essenciais da religião, mas podem, satisfeitos, vê-los deixados de lado. Na verdade, eles invalidavam o mandamento de Deus (v. 9). Eles anulavam e aboliam o mandamento de Deus, “invalidando, assim, a palavra de Deus pela vossa tradição” (v. 13). Os estatutos de Deus não somente ficavam esquecidos, como leis antiquadas e obsoletas, mas, na verdade, eram repelidos, para que as suas tradições pudessem ocupar o seu lugar. Eles tinham sido encarregados de explicar a lei, e de colocá-la em vigor; e, sob o pretexto de usar esse poder, eles violaram a lei, e dissolveram os seus laços, destruindo o texto com seus comentários.

Ele lhes dá um exemplo disso em particular, um flagrante: Deus ordenou que os filhos honrem os seus pais, não somente pela lei de Moisés, mas, antes dela, pela lei da natureza; e quem maldisser ou o pai ou a mãe deve ser punido com a morte (v. 10). É fácil deduzir que é dever dos filhos, se os pais são pobres, ajudá-los, conforme a sua capacidade; e se os filhos que maldizem os seus pais merecem a morte, muito mais a merecem aqueles que não os sustentam. Se alguém estivesse de acordo com todos os pontos da tradição dos anciãos, eles descobririam um expediente pelo qual ele poderia ser liberado dessa obrigação (v. 11). Se os pais estivessem em necessidade, e o

filho tivesse os recursos necessários para ajudá-los, mas não tivesse a intenção de fazer isso, ele poderia jurar pelo Corbã, ou seja, pelo “ouro do templo”, e pela “oferta que está sobre o altar”, e assim os seus pais não seriam beneficiados por ele; esse filho não os ajudaria. E, se eles lhe pedissem qualquer coisa, bastava que ele lhes respondesse isso, e seria suficiente. Como se pela obrigação desse juramento iníquo alguém pudesse se liberar da obrigação imposta pela santa lei de Deus. Observe a interpretação do Dr. Hammond: Um antigo cânone dos rabinos diz que os juramentos devem acontecer com referência a coisas ordenadas pela lei, e também a coisas indiferentes, para que, se alguém fizer um juramento (ou um voto) que não possa ser ratificado sem infringir um mandamento, o juramento seja ratificado, e o mandamento violado. Esta opinião está de acordo com a interpretação do Dr. Whitby. Os papistas ensinam uma doutrina como essa, isentando os filhos de qualquer obrigação para com os seus pais, por meio dos seus juramentos (ou votos) monásticos, e da sua admissão à religião, como eles os chamam. O Senhor Jesus conclui: “E muitas coisas fazeis semelhantes a estas”. Onde os homens irão parar, quando tiverem feito com que a Palavra de Deus dê lugar às suas tradições? Esses que avidamente impunham tais cerimônias, no início somente menosprezavam os mandamentos de Deus em comparação com as suas tradições; mas, posteriormente, anulavam os mandamentos de Deus, se estes entrassem em conflito com as suas tradições. Tudo isso, na verdade, Isaías tinha profetizado; aquilo que ele dizia sobre os hipócritas na sua época, aplicava-se também aos escribas e fariseus (v. 6). Observe que quando vemos a iniqüidade dos tempos atuais, e reclamamos dela, se dissermos que os dias passados foram melhores do que estes, estaremos mostrando que não investigamos esse assunto mais a fundo (Ec 7.10). O pior dos hipócritas e malfeitores já teve os seus predecessores.

2. Jesus instrui as pessoas a respeito dos princípios sobre os quais se baseava essa cerimônia. Era necessário que essa parte do seu sermão fosse pública, pois ela tem a ver com os costumes diários, e se destinava a corrigir um grande engano a que o povo era levado pelos seus anciãos. Por isso Ele “chamou a multidão” (v. 14), e pediu que ouvissem e compreendessem. Observe que não é suficiente que as pessoas comuns ouçam; elas também devem compreender o que ouvem. Quando Jesus deseja acabar com a tradição dos fariseus sobre o lavar as mãos antes de comer, Ele ataca a opinião em que ela se baseava. Note que a melhor forma de curar os costumes corruptos é

corrigir as noções corruptas.

O assunto que Jesus vai esclarecer para os escribas e fariseus é em que consiste a contaminação que pode nos destruir (v. 15). (1) Não está no alimento que comemos, ainda que seja consumido sem lavar as mãos; isto é algo externo, que apenas passa pelo interior do homem. Mas: (2) Está no surgimento da corrupção que está em nossos corações; a mente e a consciência se contaminam; a culpa é contraída, e nós nos tornamos odiosos aos olhos de Deus por aquilo que sai de nós. Os nossos maus pensamentos e desejos, palavras e atos, estes nos contaminam, e somente eles. A nossa preocupação, portanto, deve ser a de lavar o nosso coração da maldade.

3. Ele dá aos seus discípulos, em particular, uma explicação das instruções que deu ao povo. Eles lhe perguntaram, quando ficaram a sós, a respeito da parábola (v. 17); pois para eles, aparentemente, isso era uma parábola. Em resposta à pergunta deles: (1) Ele reprova a sua falta de percepção: "Também vós estais sem entendimento?" Vocês também não conseguem perceber, como os fariseus que não conseguem, e não querem, entender? Vocês também não compreenderam? Ele não espera que eles compreendam todas as coisas, mas estava dizendo: Vocês são tão fracos a ponto de não compreenderem isto? (2) Ele lhes explica essa verdade, para que eles possam compreendê-la, e para que creiam nela, pois ela era evidente por si mesma. Algumas verdades se provam sozinhas; basta que sejam corretamente explicadas e compreendidas. Se nós compreendemos a natureza espiritual de Deus e da sua lei, e o que é ofensivo a Ele, e que nos torna inadequados à comunhão com Ele, logo percebemos: [1] Que aquilo que comemos e bebemos não pode nos contaminar, a ponto de exigir qualquer lavagem cerimonial e religiosa; o alimento vai para o estômago, e passa por diversas digestões e secreções designadas pela natureza, e aquilo que podia haver nele, que pudesse contaminar, é eliminado. "Os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros" (1 Co 6.13). Mas: [2] É aquilo que sai do coração, do coração corrupto, que nos contamina. Assim como, pela lei cerimonial, praticamente tudo o que sai de um homem o contamina (Lv 15.2; Dt 23.13), também aquilo que sai da mente de um homem é aquilo que o contamina perante Deus, e pede uma lavagem religiosa (v. 21). É "do interior do coração dos homens", de cuja bondade eles se vangloriam, e que pensam ser a melhor parte em si mesmos, que vem a contaminação, é dali que vem todo o mal. Assim como uma fonte corrupta

gera correntes corruptas, também um coração corrupto gera pensamentos corruptos, desejos e paixões corruptos, e todas aquelas palavras e ações malévolas que são produzidas por eles. São apresentados diversos exemplos, como no texto de Mateus; porém um exemplo que vimos ali, que são os falsos testemunhos, não está incluído aqui; mas sete são mencionados aqui, como acréscimo aos que tivemos ali. Em primeiro lugar, “avarezas”, pois está no plural, *pleonexiai – desejos exacerbados* de conseguir mais riqueza do mundo, e mais satisfações dos sentidos, e ainda mais, pedindo: “Dá, dá”. Conseqüentemente, nós lemos sobre um “coração exercitado na avareza” (2 Pe 2.14). Em segundo lugar, “maldades” – *poneriai*, más intenções, ódio e má vontade, um desejo de fazer o mal, e um prazer pelo mal realizado. Em terceiro lugar, “engano”, que é a maldade disfarçada e encoberta, para que possa realizar-se com mais segurança e eficiência. Em quarto lugar, “dissolução”, aquele modo de falar tolo e grosseiro que o apóstolo condena; “os olhos cheios de adultério” (2 Pe 2.14), e todos os flertes voluntários e devassos. Em quinto lugar, “inveja”, os olhos invejosos, e os olhos cobiçosos, invejando nos outros o bem que lhes fazemos, ou lhes damos (Pv 23.6), ou cobiçando o bem que eles têm. Em sexto lugar, “soberba” – *hyperephania*, a exaltação de nós mesmos, no nosso próprio conceito, acima dos demais, considerando os outros com desprezo e zombaria. Em sétimo lugar, “loucura” – *aphrosyne*, a imprudência, a inconseqüência; alguns a relacionam especialmente à ostentação presunçosa, que o apóstolo Paulo chama de loucura (2 Co 11.1,19), porque aqui ela se alia ao orgulho. Eu prefiro entendê-la como aquela impulsividade no falar e no agir, que é a causa de tanto mal. Os maus pensamentos aparecem primeiro, pois são a origem de toda a nossa concordância com o pecado (uma atitude chamada de comissão); e a irreflexão aparece em último lugar, pois é a fonte de todas as nossas omissões. A respeito de “todos estes males”, o Senhor conclui (v. 23): 1. Que eles procedem de dentro, da natureza corrupta, da mente carnal, do mau tesouro do coração; diz-se, acertadamente, que “o seu íntimo são verdadeiras maldades”, e isto deve ser verdade, uma vez que todos esses males vêm de dentro das pessoas. 2. Que eles “contaminam o homem”; eles deixam o homem inadequado para a comunhão com Deus; eles mancham a sua consciência e, se não forem mortificados e extirpados, irão impedir que os homens entrem na nova Jerusalém, onde não entrará nada impuro.

A Mulher Cananéia

vv. 24-30

Observe aqui:

I Com que humildade Jesus ficava feliz em ocultar-se. Nenhum homem foi tão glorificado como Ele na Galiléia, e, para nos ensinar, embora não declinasse nenhuma oportunidade de fazer o bem, mas não fosse amigo da aclamação popular, Ele, “levantando-se dali, foi para os territórios de Tiro e de Sidom”, onde era menos conhecido. E ali Ele entrou, não em uma sinagoga, ou num lugar de afluxo popular, mas “numa casa”, e não queria que ninguém soubesse disso, porque havia sido dito, a seu respeito: “Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz” (Mt 12.19). Não que Ele não estivesse disposto a pregar e a curar ali, como em outros lugares, o fato é que para isso Ele devia ser procurado. Observe que da mesma maneira como há um momento para aparecer, também há um momento para se retirar. Também é possível que o Senhor não desejasse ser conhecido, porque estava junto às fronteiras de Tiro e Sidom, entre gentios. Ele não queria se entusiasmar e se apresentar a eles, como o fazia às tribos judaicas, pois estava destinado a ser a glória de Israel.

II Com que graça Ele se alegrava por se manifestar, apesar das dificuldades. Embora não viesse a ter uma colheita de curas milagrosas nessas regiões, ainda assim, aparentemente, Ele veio com o objetivo de beneficiar muitas pessoas, permitindo o registro dessa bênção que lemos aqui. Ele “não pôde esconder-se”; pois, embora uma candeia possa ser colocada sob um cesto, o sol não pode. Cristo era conhecido demais para ficar incógnito por muito tempo, oculto em algum lugar. O “óleo de alegria”, com que Ele era ungido, como o ungüento na mão correta, se traía, e enchia as casas com os seus aromas. Aqueles que somente tinham ouvido falar da sua fama, não puderam conversar com Ele, mas logo diriam: “Este deve ser Jesus”. Agora observe:

1. A pobre mulher, em aflição e sofrimento, que procura Jesus: Ela era gentia, grega, separada da comunidade de Israel e estranha aos concertos da promessa. Ela era de origem siro-fenícia, e não era prosélita, de maneira nenhuma, da religião judaica. Ela tinha uma filha, uma menina, que estava endemoninhada. Quantas, e quão terríveis, são as calamidades às quais as

crianças são submetidas! O seu pedido foi: (1) Muito humilde, insistente e inoportuno: “Ouvindo falar dele, foi e lançou-se aos seus pés”. Aqueles que desejam obter misericórdia de Jesus Cristo devem lançar-se aos seus pés, devem entregar-se a Ele, humilhar-se diante dele, e renunciar a si mesmos, para serem governados por Ele. Jesus nunca rejeitou ninguém que caísse aos seus pés, que é o que uma pobre alma sofredora pode fazer, quando não tem a coragem e a confiança de se atirar aos seus braços. (2) Foi muito pessoal. Ela lhe disse o que queria. Jesus dava permissão para que os pobres suplicantes tivessem essa liberdade com Ele: Ela “rogava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio” (v. 26). Note que a maior bênção que podemos pedir a Jesus para os nossos filhos é que Ele destrua o poder de Satanás, isto é, o poder do pecado, nas suas almas; e, em particular, que Ele expulse todo e qualquer espírito imundo que os esteja influenciando, para que eles possam ser templos do Espírito Santo, e para que Ele possa habitar neles.

2. O desencorajamento que ela recebeu dele em resposta à sua súplica (v. 27): “Jesus disse-lhe: Deixa primeiro saciar os filhos”; deixa que os judeus recebam todos os milagres preparados para eles, se houver oportunidade, pois eles são, de uma maneira especial, o povo escolhido de Deus; e não permita que aquilo que é destinado a eles seja lançado àqueles que não pertencem à família de Deus, e que não têm conhecimento dele, ou o interesse que os judeus têm por Ele, e que são como cães em comparação com eles, vis e profanos, e que são como cães para eles, rosnando para eles, rancorosos para com eles, e prontos a prejudicá-los. Observe que quando Jesus vê que a fé dos pobres suplicantes é forte, às vezes Ele se alegra em colocá-la à prova, e testá-la. Mas essas suas palavras: “Deixa primeiro saciar os filhos”, sugerem que havia misericórdia reservada para os gentios, e não estava longe; pois os judeus já começavam a ficar saciados do Evangelho de Cristo, e alguns deles tinham pedido que Ele “saísse do seu território”. Os filhos começam a brincar com os alimentos; e as suas sobras, aquilo que eles não querem, será um banquete para os gentios. Os apóstolos seguiam esta regra: “Deixa primeiro saciar os filhos”, permita-se que os judeus tenham a primeira oferta, e se as suas almas saciadas não quiserem esse favo de mel, nós nos voltaremos “para os gentios”!

3. A resposta que a mulher deu às palavras de Jesus que eram contra ela, e a maneira como as aproveitou, para que fossem a seu favor (v. 28). Ela disse: “Sim, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as

migalhas dos filhos". Em outras palavras: "Eu sei que é verdade que o pão dos filhos não deve ser lançado aos cachorrinhos, mas a eles nunca foram negadas as migalhas daquele pão, na verdade elas lhes pertencem, e eles têm um lugar debaixo da mesa, para que possam estar preparados para recebê-las. Eu não estou pedindo um pão, não, nem uma fatia, somente uma migalha; não me negue isto". Ela não diz isso desvalorizando a misericórdia, nem fazendo pouco de si mesma, mas enaltecendo a abundância ou as curas milagrosas com que os judeus tinham se banqueteado, segundo ela ouvia, em comparação com uma única cura que era apenas como uma migalha. Os gentios não vinham em multidões, como os judeus; ela veio sozinha. Talvez ela tivesse ouvido falar da ocasião recente quando Jesus havia alimentado cinco mil pessoas de uma só vez, depois da qual, quando eles tinham reunido todos os pedaços, era impossível que não houvessem sobrado algumas migalhas para os cachorrinhos.

4. A concessão que Jesus imediatamente fez ao seu pedido. Ela é humilde? É sincera? "Por essa palavra, vai"; estou concedendo aquilo que você veio buscar: "o demônio já saiu de tua filha" (v. 29). Isso nos incentiva a orar e não desfalecer, a perseverar em oração até o fim, sem duvidar; a visão até ao fim falará, e não mentirá. Quando Jesus Cristo diz que algo se fez, isto se torna realidade, imediatamente. O mesmo ocorreu em outras ocasiões, quando o Senhor disse: "Seja feito conforme a tua fé". Nesse caso (v. 30), ela voltou para casa, confiando na palavra de Jesus, de que a sua filha estava curada. E assim ela a encontrou, "pois o demônio já tinha saído". Observe que Jesus pode derrotar Satanás à distância, e não era somente quando os demônios o viam que se rendiam ao seu poder (como cap. 3.11), mas também quando não o viam, pois o Espírito do Senhor não se limita, nem é limitado. Ela encontrou a sua filha, não em algum estado de agitação, mas muito tranqüila, "deitada sobre a cama", repousando, esperando pelo retorno de sua mãe, para comemorar com ela a bênção de estar tão bem.

A Cura de um Surdo e Gago

vv. 31-37

Jesus raramente ficava muito tempo em um único lugar, pois Ele sabia onde estava o seu trabalho, e procurava as oportunidades de realizá-lo. Depois de curar a filha da mulher cananéia, Ele já tinha feito tudo o que devia fazer

naquele lugar, e, portanto, deixou aquela região imediatamente, e retornou “ao mar da Galiléia”, onde estava a sua residência habitual. Mas Ele não voltou diretamente para lá, mas deu a volta “pelos confins de Decápolis”, que fica do outro lado do Jordão. O nosso Senhor Jesus percorria longas distâncias, como essa, quando viajava fazendo o bem.

Nesse trecho, temos a história de uma cura realizada por Jesus que não está registrada por nenhum dos outros evangelistas; trata-se da cura de um homem que era surdo e gago.

I O seu caso era triste (v. 32). “Trouxeram-lhe um surdo”; alguns pensam que era surdo de nascença, e neste caso devia também ser mudo, naturalmente. Outros opinam que, devido a alguma perturbação ou acidente, ele tinha ficado surdo, ou, pelo menos, ouvia muito mal, e “falava dificilmente”. Ele era *mogilalos*; alguns crêem que ele era completamente mudo; outros, que ele conseguia falar, mas somente com grande dificuldade, e de modo que os que o ouviam quase não o entendiam. Ele tinha a língua presa, de modo que era incapaz de conversar, e provar tanto do prazer quanto do benefício da conversa. Ele não tinha a satisfação, nem de ouvir o que outras pessoas falavam, nem de poder expressar-se. Aproveitemos essa oportunidade para dar graças a Deus por nos preservar o sentido da audição, especialmente para que possamos ser capazes de ouvir a Palavra de Deus, e a faculdade da fala, especialmente para que possamos ser capazes de proferir louvores a Deus. E olhemos com compaixão para aqueles que são surdos ou mudos, e tratemo-los com grande carinho. Aqueles que trouxeram esse pobre homem a Jesus, “rogaram-lhe que impusesse as mãos sobre ele”, assim como os profetas faziam sobre quem abençoavam no nome do Senhor. Não está escrito que Eles rogaram-lhe que o curasse, mas “que impusesse as mãos sobre ele”, que tomasse conhecimento do seu caso, e exercesse o seu poder de fazer a ele o que desejasse.

II A sua cura foi solene, e algumas das circunstâncias dessa cura foram singulares.

1. Jesus o separou da multidão, “tirando-o à parte” (v. 33). Com freqüência, Ele realizava os seus milagres publicamente, diante de todos, para mostrar que eles poderiam realizar o mais rígido escrutínio e inspeção; mas este Ele realizou particularmente, para mostrar que Ele não procura a sua própria

glória, e para nos ensinar a evitar tudo o que pareça ostentação. Devemos aprender com Jesus a ser humildes, e a fazer o bem quando nenhum olho pode ver – exceto o seu, que tudo vê.

2. Ao realizar essa cura, Ele usou gestos mais significativos do que o usual. (1) Ele "pôs-lhe os dedos nos ouvidos", como se fosse usá-los como seringas, e extraiu o que os estava tapando. (2) Ele cuspiu no seu próprio dedo, e então tocou a língua do homem, como se umedecesse a sua boca, soltando assim aquilo que prendia a sua língua. Isto em nada contribuiu para a sua cura, mas eram somente sinais de que era exercido aquele poder que Jesus tinha em si mesmo para curá-lo, para o incentivo da sua fé, e daqueles que o tinham trazido. Ele usou somente a si mesmo, foram os seus próprios dedos que Ele colocou nos ouvidos do homem, e foi a sua própria saliva que Ele colocou sobre a língua, pois somente Ele cura.

3. Ele "levantou os olhos ao céu", para dar ao seu Pai o louvor por aquilo que tinha feito, pois Ele procurava o seu louvor, e fazia a sua vontade, como Mediador, agindo em dependência dele, e com os olhos voltados para Ele. Assim Ele queria dizer que havia sido devido ao poder divino, um poder que Ele tinha, como o Senhor do céu, e que estava com Ele desde então, que Ele realizou a cura; pois "o ouvido que ouve e o olho que vê, o Senhor os fez a ambos", e pode refazer a ambos (Pv 20.12). Ele também fez com que o seu paciente, que podia ver, embora não pudesse ouvir, olhasse para o céu, pedindo alívio. Moisés, com a sua língua balbuciante, é orientado a olhar na mesma direção (Êx 4.11): "Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?"

4. Ele "suspirou". Não como se encontrasse qualquer dificuldade para realizar esse milagre, ou como se procurasse obter o poder do seu Pai para realizá-lo, mas dessa maneira Ele expressava a sua misericórdia pelas desgraças da vida humana, e a sua solidariedade com os aflitos, nos seus sofrimentos, como alguém que era pessoalmente tocado pelos sentimentos das suas desgraças. No caso desse homem, Ele suspirou, não porque se negasse a conceder-lhe essa bondade, ou o fizesse com relutância, mas por causa das muitas tentações às quais ele estaria exposto, e aos pecados da língua que ele correria o risco de cometer, depois que a sua capacidade de falar lhe fosse devolvida; pecados de que ele estava livre, antes da cura. Era melhor que ele continuasse com a língua presa, a menos que tivesse a graça de refrear a sua boca (Sl 39.1).

5. Jesus disse: “Efatá, isto é, abre-te”. Isto não era nada que se parecesse com um encanto ou um feitiço, como costumam fazer os que têm “espíritos familiares, que chilreiam e murmuram” (Is 8.19). Jesus fala como alguém que tem autoridade, e o poder acompanha a palavra. A expressão “abre-te” servia às duas partes da cura. Que se abram os ouvidos, que se abram os lábios, que ele ouça e fale livremente, e que tudo que impede estas habilidades seja removido. E veio a resposta (v. 35): “Logo se lhe abriram os ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente”. Feliz aquele que, tão logo recebe a sua audição e a sua fala, tem o bendito Jesus tão perto de si, para conversar.

Essa cura foi: (1) uma prova de que Jesus era o Messias, pois tinha sido predito que pelo seu poder os ouvidos dos surdos se abririam, e a língua dos mudos cantaria (Is 35.5,6). (2) Foi uma amostra das transformações realizadas pelo Evangelho nas mentes dos homens. O grande mandamento do Evangelho, e a graça de Cristo para os pobres pecadores, é *Efatá – abre-te*. Grotius assim o explica: “Os impedimentos internos da mente são removidos pelo Espírito de Cristo, assim como os impedimentos do corpo o eram pela palavra do seu poder. Ele abre o coração, como fez com o de Lídia, e dessa maneira abre os ouvidos para receberem a Palavra de Deus, e abre a boca em orações e louvores.

6. Ele ordenou que a cura fosse mantida em segredo, mas ela se tornou de conhecimento público. (1) Foi devido à sua humildade que Ele “ordenou-lhes que a ninguém o dissessem” (v. 36). A maioria dos homens proclamaria a sua própria bondade, ou, pelo menos, desejaria que os outros a proclamassem; mas Jesus, embora não corresse pessoalmente o risco de ficar inchado de orgulho por isso, sabendo que nós corremos esse risco, nos deu um exemplo de renúncia a muitas coisas, especialmente a louvores e aplausos. Nós devemos sentir prazer em fazer o bem, mas não em que isto seja dado a conhecer. (2) Foi por zelo que, embora Ele lhes ordenasse que não dissessem nada, ainda assim o divulgaram, antes que Ele o fizesse. Mas eles tiveram intenções honestas, e, portanto, isso deve ser considerado mais como um ato de indiscrição do que de desobediência (v. 36). Mas aqueles que diziam, e os que ouviam, se admiravam sobremaneira, *hyperperissos – mais do que se pode medir*. Eles ficaram extremamente afetados pelo ocorrido, e era dito por todos, como veredicto comum: “Tudo [Ele] faz bem” (v. 37). Mesmo aqueles que o odiavam e o perseguiam como a um malfeitor estavam dispostos a dar

testemunho dele, não somente de que Ele não fazia mal nenhum, mas de que Ele fazia o bem, um grande bem, e o fazia bem, modesta e humildemente, com muita devoção, e sem cobrar nada, “sem dinheiro e sem preço”. Tudo isso aumentava muito o brilho das suas boas obras. Ele “faz ouvir os surdos e falar os mudos”; e isto é bom. É bom para eles, e é bom para os seus parentes e amigos, para quem sempre tinham sido um peso. Portanto, aqueles que falam mal de Jesus Cristo são imperdoáveis.

CAPÍTULO 8

Nesse capítulo, temos: I. O milagre de Cristo ao alimentar quatro mil pessoas com sete pães e alguns poucos peixes (vv. 1-9). II. A sua recusa em dar aos fariseus um sinal do céu (vv. 10-13). III. A advertência que Ele faz aos seus discípulos para se acautelarem do fermento dos fariseus e de Herodes (vv. 14-21). IV. O seu encontro com o homem cego em Betsaida (vv. 22-26). V. A confissão de Pedro a Ele (vv. 27-30). VI. O aviso que Ele deu aos seus discípulos sobre os seus sofrimentos vindouros (vv. 31-33), e para que se preparassem também para um sofrimento semelhante (vv. 34-48).

Jesus Cristo Alimenta Quatro Mil Pessoas

vv. 1-9

Vimos uma história muito parecida com essa no capítulo seis deste mesmo Evangelho (cap. 6.35), a respeito de um milagre semelhante a esse (Mt 15.32). Aqui há pouco ou nenhum complemento ou alteração quanto às circunstâncias. Contudo, observe:

1. Que o nosso Senhor Jesus era muito seguido: “Havia mui grande multidão” (v. 1). Apesar das habilidades perversas dos escribas e fariseus que tentavam macular Jesus e arruinar a sua influência, as pessoas comuns, que eram mais honestas, e dessa maneira tinham uma sabedoria mais verdadeira do que os seus líderes, conservavam o elevado conceito que tinham dele. Podemos supor que essa multidão era geralmente composta por pessoas mais comuns, com as quais Jesus conversava e estava familiarizado. Assim Ele se humilhou, mostrando que não tinha interesse em alcançar uma grande fama. Desse modo, o Senhor encorajava os mais humildes a virem a Ele para que pudessem receber vida e graça.

2. Aqueles que o seguiam passavam por grandes dificuldades para acompanhá-lo. Eles ficaram com Ele por três dias e não tinham nada para comer, e era uma tarefa difícil conseguir alimento. Que os fariseus nunca digam que os discípulos de Jesus não jejuam. Provavelmente havia alguns que tinham trazido alguma comida de casa; mas a essa altura tudo já teria sido consumido e eles tinham um longo caminho até suas casas. Mesmo assim, eles permaneceram com Jesus e não falavam em deixá-lo até que Ele pensasse em despedi-los. Observe que a verdadeira dedicação não dá importância às dificuldades do caminho. Aqueles que têm um banquete completo para as suas almas podem se contentar com uma pequena provisão para os seus corpos. Um velho ditado entre os puritanos dizia: “Pão caseiro e o Evangelho são alimentos excelentes”.

3. Assim como Jesus se compadece de todos os que estão na miséria e passando necessidades, Ele tem também uma preocupação especial com aqueles que são submetidos às necessidades por sua dedicação e diligência em acompanhá-lo. Jesus disse: “Tenho compaixão da multidão”. Aqueles a quem os orgulhosos fariseus olhavam com desdém, o humilde Jesus olhava com compaixão e ternura; e dessa mesma maneira devemos honrar todos os homens. Mas o que Ele considerou principalmente foi: “Há já três dias que estão comigo e não têm o que comer”. Sejam quais forem as perdas que tivermos, ou as necessidades pelas quais passarmos, em nome e por amor de Jesus, Ele cuidará para que elas sejam compensadas de uma maneira ou de outra. “Aqueles que buscam ao Senhor de nada têm falta” (Sl 34.10). Observe com que simpatia Jesus diz (v. 3): “se os deixar ir em jejum para casa, desfalecerão no caminho”, de fome. Jesus conhece e considera a nossa estrutura. Ele se preocupa com o nosso corpo, e se nós o glorificarmos verdadeiramente seremos alimentados. Ele considerou que muitos tinham vindo de longe e tinham um longo caminho de volta até as suas casas. Quando vemos a multidão seguir a palavra anunciada, é confortável pensar que Jesus conhece a procedência de todos os que vieram, embora não a conheçamos. “Eu sei as tuas obras, e onde habitas” (Ap 2.13). Jesus não teria, de maneira nenhuma, enviado as pessoas para casa em jejum, porque não é seu costume despedir vazios aqueles que o acompanham.

4. As dúvidas dos cristãos às vezes cooperam com a magnificência do poder de Jesus Cristo. Os discípulos não conseguiam imaginar como poderiam satisfazer tantos homens com pão ali no deserto (v. 4). Conseqüentemente,

isso seria maravilhoso; e de fato lhes pareceu ainda mais maravilhoso por saberem que era algo impossível.

5. A ocasião de Jesus agir para o alívio do seu povo é quando as coisas chegam a extremos. Quando estavam prestes a desmaiar, Cristo proveu aquilo que precisavam. Para não convidá-los a segui-lo por causa dos pães, Ele não os forneceria exceto quando estivessem inteiramente enfraquecidos. Então, após alimentá-los, Ele os despediu.

6. A generosidade de Jesus é inexaurível, e, para evidenciar isso, Ele repete esse milagre para mostrar que Ele ainda é o mesmo que auxilia e supre o seu povo que o acompanha. Os seus privilégios são renovados, como nossos desejos e necessidades o são. No milagre anterior, Jesus usou todo o pão que tinha (cinco pães) e alimentou todos os cinco mil convidados; Ele fez a mesma coisa aqui. Embora Ele talvez pudesse ter pensado: "Se com cinco pães eu alimentei cinco mil, com quatro poderia alimentar quatro mil". O Senhor nos ensina a fazer uso das coisas como são e nos acomodarmos a elas; a usar o que temos e a fazer o melhor com os nossos recursos. Aqui, como na dispensação do maná, "não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco" (Êx 16.18).

7. Na casa de nosso Pai, na casa de nosso Mestre, há abundância de pão. Há uma plenitude em Cristo, que Ele transmite a tudo o que passa pelas suas mãos: "Todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça" (Jo 1.16). Não precisam temer a falta os que vivem em Jesus Cristo.

8. É bom que aqueles que seguem a Jesus se mantenham juntos. Os seguidores de Jesus se prolongavam em um corpo, "quatro mil" deles juntos – e Ele os alimentou a todos. As ovelhas de Jesus devem acompanhar o seu rebanho, e seguir os seus passos, e verdadeiramente serão alimentadas.

O Fermento de Herodes e dos Fariseus

vv. 10-21

Jesus ainda está em movimento. Ele visita agora "as regiões de Dalmanuta", para que nenhuma região da nação de Israel pudesse dizer que não tinha recebido a sua presença. Ele chegou de "barco" (v. 10); mas, encontrando lá motivo para disputas, e sem oportunidade de fazer o bem, "tornou a entrar no barco" (v. 13) e voltou. Nesses versículos, vemos:

I Como Ele se recusou a contentar os fariseus, que começaram a desafiá-lo para que lhes desse “um sinal do céu”. Eles se apresentaram com o propósito de disputar com Ele. Não queriam fazer-lhe perguntas com as quais pudessem aprender algo com Ele, mas atormentá-lo com perguntas para que pudessem enganá-lo.

1. Eles exigiram dele “um sinal do céu”, como se os sinais que Ele lhes dera na terra, que lhes eram mais familiares, e podiam ser examinados e investigados, não fossem suficientes. Houve o sinal do seu batismo, a descida da pomba e a voz (Mt 3.16,17). Isto tinha sido bastante público; e se eles tivessem comparecido ao batismo de João como deveriam ter feito, talvez o tivessem visto. Posteriormente, quando Ele estava pregado na cruz, eles exigiram um novo sinal: “desça agora da cruz, para que o vejamos e acreditemos” (cap. 15.32). Dessa forma, a infidelidade inflexível ainda terá algo a dizer, embora seja sempre tão irracional. Eles exigiram esse sinal, para tentá-lo; sem esperanças de que Ele o desse, o que talvez os satisfizesse. Mas eles tinham a expectativa de que Ele não o fizesse, já que isso lhes serviria como pretexto para a infidelidade.

2. Ele os repudiou por suas exigências: “Suspirando profundamente em seu espírito” (v. 12). Ele suspirou (segundo alguns), ficando angustiado pela dureza dos seus corações e pela pequena influência que as suas orações e os seus milagres tinham tido sobre eles. A infidelidade daqueles que, por muito tempo, apreciaram os instrumentos da convicção é uma grande tristeza para o Senhor Jesus. Incomoda a Jesus o fato de os pecadores permanecerem sob as suas próprias luzes, colocando uma tranca em suas próprias portas. (1) Ele os censura por essa exigência: “Por que pede esta geração um sinal?” – esta geração que é tão indigna de que o Evangelho lhe seja trazido e de ter qualquer sinal que o acompanhe; esta geração, que tão avidamente aceita a tradição dos anciãos sem a confirmação de qualquer sinal; esta geração, que, pelo tempo de cálculo das épocas prefixadas no Antigo Testamento, poderia facilmente compreender que nela deve acontecer a vinda do Messias; esta geração que já recebeu tal abundância de sinais misericordiosos e sábios na cura de seus enfermos? Que absurdo é desejarem um sinal! (2) Ele se recusa a atender à exigência deles: “Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum”. Quando Deus falava a determinadas pessoas em um determinado caso, fora do caminho de sua revelação comum, elas eram encorajadas a pedir-lhe um sinal, como Gideão e Acaz. Mas quando Ele fala

para todos em geral, como na lei e no Evangelho, enviando as suas próprias evidências (tanto da lei quanto do Evangelho), é presunção exigir outros sinais além dos que Ele já deu. “Porventura, a Deus se ensinaria ciência” (Jó 21.22). Ele os repudiou e então os deixou, como homens com quem não lhe convinha conversar. Se eles não desejavam ser convencidos, não o seriam; deixem-nos com os seus profundos enganos.

II Como Ele advertiu os seus discípulos contra o fermento dos fariseus e o de Herodes. Observe aqui:

1. Qual foi a advertência (v. 15): “Olhai, guardai-vos”, para que não compartilhem do “fermento dos fariseus”, para que não sigam a tradição dos anciãos, às quais eles são tão devotados, para que não sejam orgulhosos, e hipócritas, e cerimoniosos, como eles. Mateus acrescenta: “e dos saduceus”. Marcos acrescenta: “e de Herodes”. Então alguns concluem que Herodes e seus cortesãos eram, de modo geral, saduceus, isto é, deístas, homens sem religião. Outros dão o seguinte sentido: os fariseus exigem um sinal do céu; e Herodes há muito desejava ver um sinal de Jesus (Lc 23.8). Como o desejo era o mesmo, o fermento dos dois era o mesmo; eles estavam insatisfeitos com os sinais que tinham tido, e queriam outros de sua própria vontade: “Guardai-vos do fermento” (disse Jesus), “estejam convencidos dos milagres que viram, e não anseiem por mais”.

2. Como eles interpretaram mal essa advertência. Parece que dessa vez, ao voltarem para o barco, os discípulos “se esqueceram de levar pão e no barco não tinham consigo senão um pão” (v. 14). Logo, quando Jesus lhes solicitou que se guardassem do fermento dos fariseus, eles entenderam como uma intimação para que não se dirigissem a qualquer fariseu para pedir ajuda quando chegassem ao outro lado, porque recentemente os fariseus tinham se sentido ofendidos porque os discípulos comiam sem lavar as mãos. Eles ponderaram entre si qual deveria ser o significado dessa advertência, e concluíram: “É porque não temos pão”. Ele disse isso para nos censurar por sermos tão descuidados a ponto de sairmos para o mar e andarmos entre estranhos trazendo apenas um pão. Ele queria, na verdade, nos dizer que trouxemos pouca provisão, e por esse motivo passaremos por uma privação. Eles “arrazoavam” – *dielogizonto*, discutiam sobre isso; um disse: “Foi por culpa sua”, e outro disse: “É por sua culpa que estamos tão mal providos nesta viagem”. Assim, a falta de confiança em Deus faz com que os discípulos de

Jesus discutam entre si.

3. A repreensão de Jesus aos discípulos pela inquietude deles quanto a essa questão, pois ela suscitava uma descrença no poder que Ele tinha para lhes dar o alimento, apesar da abundante experiência que haviam tido anteriormente. A repreensão é feita com algum ardor, pois Ele conhecia os seus corações e sabia que eles precisavam ser admoestados com firmeza: “Como não entendeis ainda?” Vocês não compreenderam nem isso, de que já tiveram tantas demonstrações? “Tendes ainda o vosso coração endurecido”, de modo que nada os impressiona, ou os leva à obediência aos desígnios do seu Mestre? “Tendo olhos, não vedes” nem o que está diante dos vossos olhos? “Tendo ouvidos, não ouvis” nem aquilo que já vos foi dito tantas vezes? Oh! Como é estranho que sejais tão estúpidos e insensíveis! “E não vos lembrais?” Isso aconteceu tão pouco tempo atrás, “quando parti os cinco pães entre os cinco mil”, e, logo depois, “os sete entre os quatro mil”! “E não vos lembrais... quantos cestos cheios de pedaços levantastes? Sim, eles se lembravam, e puderam responder que tinham levantado doze cestos na primeira vez, e sete na segunda. E ele lhes disse: “Como não entendeis ainda?” Como se aquele que tinha multiplicado cinco pães, e depois, sete, não pudesse multiplicar um só. Eles pareciam suspeitar que um único pão não era suficiente para o milagre, se Ele pretendia alimentar os seus ouvintes uma terceira vez. Se era isso o que eles pensavam, era um pensamento realmente muito insensato; como se não fosse a mesma coisa para o Senhor, salvar por muitos ou poucos, e como se não fosse tão fácil alimentar cinco mil pessoas com apenas um pão como Ele o fez com cinco. Portanto, era adequado lembrá-los de que as refeições anteriores não somente tinham sido suficientes, mas também tinham tido sobras. Com razão eles são repreendidos por não compreenderem o que Cristo pretendia aqui, e o que eles deviam ter aprendido. Observe que: (1) as experiências que nós tivemos com a generosidade de Deus para conosco no caminho do dever, tornam a nossa falta de confiança nele muito pior, e entristece ao Senhor Jesus sobremaneira. (2) Quando não compreendemos a verdadeira intenção e o verdadeiro significado dos favores de Deus por nós, isto é equivalente a não nos lembrarmos deles. (3) Portanto, sempre estamos subjugados pelas preocupações e descrenças, porque não compreendemos, e não recordamos, tudo o que já conhecemos e já vimos do poder e da bondade do nosso Senhor Jesus. Seria uma grande ajuda considerarmos “os dias antigos”, e estaremos

em falta, tanto com Deus quanto conosco, se não o fizermos. (4) Quando nos esquecemos dos feitos do Senhor, e deixamos de confiar nele, devemos nos repreender severamente por isso, da mesma maneira como Cristo repreende os seus discípulos aqui: “Como não entendi ainda? Tenho ainda o coração endurecido?”

Jesus Restaura a Visão de um Cego

vv. 22-26

Essa cura é narrada somente por Marcos, e há algo singular nessas circunstâncias.

I Aqui “um cego” é trazido até Jesus pelos seus amigos, que pedem que Ele o toque (v. 22). Vemos a fé daqueles que o trouxeram – eles não duvidaram de que apenas um toque da mão de Jesus poderia devolver-lhe a visão. O próprio homem cego não mostrava a mesma veemência, nem a mesma expectativa, pela cura, que outros cegos possuíam. Se aquele que é espiritualmente cego não orar por si mesmo, que os seus amigos e parentes orem por ele, para que Jesus tenha prazer em abençoá-lo.

II Aqui temos Jesus conduzindo esse cego (v. 23). Ele não pediu que os seus amigos o levassem, mas (o que evidencia a sua maravilhosa condescendência), Ele mesmo, “tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia”, para nos ensinar a ser como Jó, “o olho do cego” (Jó 29.15). Nunca um pobre cego teve um Guia como esse. Ele o levou “para fora da aldeia”. Se Jesus desejasse apenas privacidade, Ele poderia tê-lo conduzido para o interior de uma casa, para alguma câmara interior, e poderia tê-lo curado ali; mas Ele pretendia censurar Betsaida pelos prodígios que tinham sido realizados ali, em vão (Mt 11.21), e estava dizendo a ela que, na verdade, era indigna de ter qualquer outro milagre realizado dentro dos seus muros. Talvez Jesus tenha levado o cego para fora da aldeia, para que ele pudesse ter maiores possibilidades em campo aberto de experimentar a sua visão do que teria nas ruas estreitas.

III Aqui está a cura do cego, por aquele Oftalmologista bendito, que veio ao mundo para apregoar vista aos cegos (Lc 4.18,19), e para dar aquilo que

pregava. Nessa cura, podemos observar: 1. Que Cristo usou um sinal: Ele cuspiu nos olhos do cego (cuspiu dentro deles, segundo alguns), e colocou suas mãos sobre eles. Ele poderia tê-lo curado, como havia feito com outras pessoas, com o pronunciar de uma palavra, mas dessa forma Ele se alegrava de auxiliar a fé do homem, que era muito fraca, e ajudá-lo a combater a sua descrença. Esse cuspe representava o colírio com que Jesus unge os olhos dos que estão espiritualmente cegos (Ap 3.18). 2. Que a cura foi gradual, o que não era usual nos milagres de Jesus. Ele "perguntou-lhe se via alguma coisa" (v. 23). O homem devia dizer quais eram as condições da sua visão, para a satisfação daqueles que estavam ao seu redor. E ele levantou os olhos; ele tinha recuperado a visão, o suficiente para poder abrir os olhos; e "disse: Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam". Ele não conseguia distinguir homens de árvores, mas podia perceber que se moviam.Ele tinha alguns lampejos de visão, e entre ele e o céu, pôde perceber um homem, ereto como uma árvore, mas não conheceu a sua feição (Jó 4.16). Mas: 3. A cura foi concluída logo. Jesus nunca faz a sua obra pela metade, nem a abandona, antes de poder dizer: "Está consumado". Ele "tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos", para dispersar as trevas ainda remanescentes, e pediu-lhe que levantasse os olhos novamente, "e já via ao longe e distintamente a todos" (v. 25). Jesus adotou esse método: (1) Porque não queria prender-se a um único método, mas queria mostrar com que liberdade Ele agia, em tudo o que fazia. Ele não curava de acordo com uma regra, e segundo um roteiro, mas de modo variado, conforme julgasse adequado. A Providência chega ao mesmo fim de diversas maneiras, para que o homem possa atender aos seus impulsos com uma fé implícita. (2) Porque ao paciente deveria ser dado segundo a sua fé. Talvez a fé desse homem fosse, a princípio, muito fraca, mas depois ganhou força, e segundo essa fé a cura foi realizada. Não que Jesus sempre seguisse essa regra, mas algumas vezes Ele repreendia dessa maneira aqueles que vinham até Ele duvidando do seu poder. (3) Assim Jesus mostrava como, e de que maneira, são curados pela sua graça aqueles que, por natureza, são espiritualmente cegos. No início, a sua percepção é confusa, eles vêem homens como árvores que andam; mas a luz do justo, "é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4.18). Devemos examinar, então, se vemos algo dessas coisas de que a fé é a essência e a evidência. Também devemos considerar se pela graça vemos alguma coisa delas, e então poderemos esperar ver cada vez mais, pois Jesus Cristo irá

aperfeiçoar, “para sempre os que são santificados”.

IV As instruções que Jesus deu ao homem que Ele havia curado. Ele o instruiu a não contar da sua cura a ninguém na cidade de Betsaida, e mandou que nem mesmo entrasse na cidade, onde provavelmente haveria, à sua espera, alguns que tinham visto Jesus conduzindo-o para fora da aldeia. Esses, tendo sido testemunhas de tantos milagres, não tiveram a curiosidade de segui-lo. Então não foi permitido que se satisfizessem com a visão do homem curado, pois não demonstraram tanto respeito por Jesus, a ponto de dar um passo para fora da aldeia e ver essa cura sendo realizada. Jesus não proíbe que o homem conte sobre a cura a outras pessoas, mas aquele não deveria contar a ninguém da cidade. Desdenhar dos favores de Jesus significa perdê-los, e Ele fará com que as pessoas que agem assim compreendam o valor dos seus privilégios, quando sentirem a falta deles, pois não o saberão de outra forma. Betsaida, no dia da sua visitação, não conheceu as coisas que pertenciam à sua paz, e então elas ficaram ocultas dos seus olhos. Eles não queriam ver, e por essa razão não veriam.

A Confissão de Pedro

vv. 27-38

Já lemos muito a respeito da doutrina que Jesus pregava, e os milagres que Ele realizava, que eram muitos, estranhos, abundantemente confirmados, de diversos tipos, e realizados em diversos lugares, para o assombro das multidões que os testemunhavam. Agora é o momento de fazermos uma pequena pausa, e considerarmos o que significam essas coisas. As maravilhas cuja divulgação Jesus proibia, sendo registradas nesses textos sagrados, passam a ser divulgadas a todo o mundo, a nós, e a todas as gerações. Então, o que nós pensamos delas? Será o registro de tais coisas destinado somente a uma diversão, ou deve nos fornecer material para conversas? Não. Certamente essas coisas foram escritas para que possamos crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). E essas palavras que Jesus disse aos seus discípulos irão nos ajudar a fazer as necessárias reflexões sobre os seus milagres, e a usá-los corretamente. Aqui, nós aprendemos a deduzir três coisas dos milagres que Jesus realizava.

Eles provam que Ele é o verdadeiro Messias, o Filho de Deus, e o Salvador d mundo. As obras que Ele realizou testemunham a esse respeito. E os discípulos, que eram as testemunhas oculares de tais obras, aqui professam a sua crença – e é uma satisfação para nós concluirmos a mesma coisa que eles.

1. Jesus lhes perguntou quais eram as opiniões que as pessoas tinham a seu respeito: “Quem dizem os homens que eu sou?” (v. 27). Observe que embora para nós seja algo sem importância o julgamento que os homens fazem de nós, algumas vezes é bom sabermos o que as pessoas dizem de nós, não para que possamos buscar a nossa própria glória, mas para que possamos perceber os nossos erros. Jesus lhes perguntou não para que Ele pudesse ser informado, mas para que eles pudessem observar por si mesmos, e informar uns aos outros.

2. A resposta que eles deram a Jesus dava a entender claramente o elevado conceito que as pessoas tinham dele. Embora estivessem longe da verdade, ainda assim eles estavam convencidos, pelos milagres realizados por Jesus, que Ele era uma pessoa extraordinária, vinda do mundo invisível, com uma comissão divina. É provável que as pessoas tivessem reconhecido que Ele era o Messias se não tivessem sido dominadas pelos seus mestres, que tinham uma noção de que o Messias deveria ser um Príncipe temporal que apareceria com pompa e poder externos. Mas Jesus não estava de acordo com o padrão deles. Contudo – a despeito do que diziam os fariseus, cuja estrutura estava abalada pela rigidez e pela espiritualidade da doutrina do Senhor Jesus – ninguém entre o povo dizia que Ele era um Enganador, mas alguns diziam que Ele era “João Batista”; outros, que Ele era “Elias”; e outros, que Ele era “um dos profetas” (v. 28). Todos concordavam que Ele era alguém que havia ressuscitado dos mortos.

3. A informação que os apóstolos deram a Jesus sobre seus próprios sentimentos a respeito dele, deixava transparecer a enorme satisfação que eles tinham com Ele, e com o fato de terem deixado tudo para trás para segui-lo, algo de que, depois de algum tempo de experiência, eles não viam razão para arrependimento. “Mas vós quem dizeis que eu sou?” Para esta pergunta, eles tinham uma resposta preparada: “Tu és o Cristo”, o Messias tantas vezes prometido, e tão longamente esperado (v. 29). Ser um cristão verdadeiro é crer sinceramente que Jesus é o Cristo, e agir de acordo com isto. O fato de que Ele realmente é o Cristo aparece claramente nas suas maravilhosas obras. Isso eles sabiam, e deviam, em breve, divulgar e sustentar; mas naquele

momento eles deviam mantê-lo em segredo, até que a evidência estivesse concluída e eles estivessem plenamente qualificados para sustentá-la, pelo derramamento do Espírito Santo. A partir de então poderiam divulgar a toda a casa de Israel, com certeza, "que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36).

II Esses milagres de Jesus eliminam "o escândalo da cruz", e nos asseguram que nela Jesus não foi vencido, mas foi um Vencedor. Agora que os discípulos estão convencidos de que Jesus é o Cristo, eles podem suportar ouvir falar dos seus sofrimentos, sobre os quais Jesus começa então a lhes falar (v. 31).

1. Jesus começou a ensinar aos seus discípulos que Ele deveria padecer muito. Embora eles tivessem superado o erro de pensar que o Messias era um Príncipe temporal, a ponto de crer que o seu Mestre era o Messias, apesar da sua aparência humilde, eles ainda conservavam essa idéia, e esperavam que em breve Ele aparecesse em grande pompa externa, e restaurasse o reino de Israel. E, por isso, para corrigir esse engano, Cristo lhes dá aqui uma perspectiva do oposto, de que Ele devia ser "rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas" (grupo que os discípulos esperavam que viesse a reconhecê-lo e preferi-lo); que, em vez de coroado, Ele devia ser morto, devia ser crucificado, e depois de três dias devia ressuscitar para uma vida celestial, e não mais estar neste mundo. Ele "dizia abertamente estas palavras" (v. 32). Ele falou disso livre e abertamente, e não envolveu as suas palavras em expressões ambíguas. Os discípulos poderiam compreender isso facilmente se não estivessem sob o poder do preconceito: ou, isso sugere que Ele falou disso despreocupadamente, sem nenhum terror, e da mesma maneira desejava que eles ouvissem. Ele disse essas palavras corajosamente, como alguém que não somente sabia que precisava sofrer e morrer, mas que estava determinado a fazê-lo, e tinha feito disso a sua própria obra.

2. Pedro se opôs a isso. "Pedro o tomou à parte e começou a repreendê-lo". Pedro mostrou aqui mais amor que prudência, um zelo por Jesus e pela sua segurança, mas não de acordo com o seu conhecimento. Ele "o tomou" – *proslabomenos auton*. Ele o segurou, como para fazê-lo parar, para impedi-lo; tomou-o em seus braços e o abraçou (segundo a interpretação de alguns). Ele o agarrou, como se estivesse impaciente por ouvir que o seu amado Mestre

sofreria tais coisas; ou o levou para um lado, e começou a repreendê-lo. Essa não era a linguagem da menor autoridade, mas da maior afeição, daquele "ciúme" que sentimos por quem amamos, que "é forte como a morte" (Ct 8.6). O nosso Senhor Jesus permitia que os seus discípulos tivessem liberdade com Ele, mas aqui Pedro tomou uma liberdade excessiva.

3. Jesus o censurou por opor-se (v. 33). Ele se virou, como alguém ofendido, e olhou para os seus discípulos, para ver se os demais tinham o mesmo pensamento e estavam de acordo com Pedro, pois, se estivessem, eles poderiam tomar para si mesmos a censura que Ele estava prestes a fazer a Pedro: "Retira-te de diante de mim, Satanás". Pedro não imaginava que receberia uma repreensão tão contundente por suas gentis palavras dissuasivas, mas talvez esperasse o mesmo elogio pelo seu amor que tinha recebido recentemente pela sua fé. Observe que Jesus vê, em tudo o que dizemos e fazemos, o erro de que não estamos conscientes, e conhece o nosso estado de espírito, mesmo quando nós mesmos não o conhecemos. (1) Pedro falou como alguém que não compreendia corretamente, nem tinha considerado devidamente os objetivos e as instruções de Deus. Ao ver as provas do poder de Jesus, como as que via diariamente, ele poderia concluir que Ele não podia ser obrigado a sofrer, que os mais poderosos inimigos não poderiam vencer Aquele a quem as doenças e a morte, os ventos e as ondas e os próprios demônios eram forçados a obedecer e render-se. E ao observar a sabedoria de Jesus todos os dias, ele poderia concluir que Ele não teria decidido sofrer, exceto por algum objetivo muito glorioso, e, portanto, ele não deveria tê-lo repreendido dessa maneira, mas deveria ter concordado. Ele considerava a morte de Jesus somente como um martírio, como as mortes dos profetas, e pensava que ela poderia ser evitada, se Ele tomasse um pouco de cuidado para não provocar os principais dos sacerdotes, ou não os atrapalhasse. Mas ele não sabia que aquilo que era necessário para a glória de Deus, isto é, a destruição de Satanás e a salvação do homem, era que Deus consagrasse, pelas aflições, o Príncipe da nossa salvação, trazendo assim muitos filhos à glória. Observe que a sabedoria do homem é uma completa loucura quando pretende estabelecer limites aos objetivos divinos. A cruz de Cristo, o grande exemplo do poder e da sabedoria de Deus, era para alguns uma pedra de tropeço; e para outros, loucura. (2) Pedro falou como alguém que não compreendia perfeitamente, nem tinha considerado corretamente a natureza do reino de Cristo. Ele o entendeu como temporal e humano, quando

na verdade é espiritual e divino. “Não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens”, *ou phroneis – tu não te ocupas*; assim a palavra é interpretada (Rm 8.5). Pedro parecia inclinar-se mais às coisas relativas ao mundo inferior, e à vida atual, do que àquelas relativas ao mundo superior, e à vida futura. Importar-se com as coisas dos homens mais do que com as coisas de Deus, com a nossa própria credibilidade, comodidade e segurança, mais do que com a sua glória de Deus e o seu reino, é um pecado muito grave, e a origem de muitos outros pecados, sendo algo muito comum entre os discípulos de Jesus. Tal inclinação aparecerá nos momentos de sofrimento, nos momentos de tentação, quando aqueles para quem as coisas dos homens são mais importantes correrão o risco de cair. *Non sapis – Você não é conhecedor* (assim pode ser interpretado) das “coisas que são de Deus”, mas das “que são dos homens”. É importante considerar a nossa geração, e a nossa prudência nela (Lc 16.8). Se em nosso esforço para evitar problemas evitamos o dever, esta é uma “sabedoria carnal” (2 Co 1.12), e se tornará loucura, no final.

III Esses milagres de Jesus deveriam nos motivar a segui-lo, custe o que custar, não somente porque são confirmações da sua missão, mas porque são explicações do seu desígnio, e da disposição daquela graça que Ele veio nos trazer. O que dava a entender, claramente, que pelo seu Espírito Ele faria, pelas nossas almas cegas, surdas, coxas, leprosas, doentes, endemoninhadas, aquilo que Ele fez pelos corpos daqueles muitos que, sob tais sofrimentos, procuraram-no. Sempre está presente a observação da grande multidão que o seguia, pedindo ajuda, em várias situações. Isso está escrito para acreditemos que Ele é o grande Médico de almas, e possamos nos tornar seus pacientes, e submeter-nos à sua dieta. Aqui Ele nos conta sob que termos nós podemos ser aceitos. Ele chamou a si a multidão, para ouvi-lo, a multidão que modestamente permaneceu a alguma distância enquanto Ele estava nessa conversa particular com os seus discípulos. É isso que todos devem se preocupar em conhecer, e considerar, se esperam que Jesus Cristo cure as suas almas.

1. Eles não devem ser indulgentes com a comodidade do corpo, pois (v. 34) “Se alguém quiser vir após mim”, como essas pessoas, que vêm pedir curas para o corpo, “negue-se a si mesmo”, e viva uma vida de autonegação, mortificação e desprezo pelo mundo. Não pretenda ser o seu próprio médico,

mas renuncie a toda a confiança em si mesmo e na sua própria justiça e no seu próprio poder, “e tome a sua cruz”, conformando-se ao exemplo de um Jesus crucificado, e aceitando a vontade de Deus em todos os sofrimentos sob os quais se encontra, “e siga-me”, assim como muitos fizeram, e a quem Jesus curou. Aqueles que desejam ser pacientes de Jesus devem cooperar com Ele, conversar com Ele, receber instruções e repreensões dele, como faziam aqueles que o seguiam, e devem decidir-se a nunca abandoná-lo.

2. Eles não devem preocupar-se. Não devem estar solícitos pela vida do corpo, a ponto de não conseguirem conservá-la sem abandonar a Jesus (v. 35). Somos convidados, pelas palavras e ações de Jesus, a segui-lo? Vamos nos sentar e considerar os custos. Devemos considerar se preferimos os nossos benefícios com Jesus à própria vida, se conseguimos suportar a idéia de perder a nossa vida por Jesus e pelo Evangelho. Quando o diabo está atraindo os discípulos e servos, ele esconde o pior, ele lhes conta apenas a respeito dos prazeres, e não dos perigos, de servi-lo: Vocês certamente não morrerão. Mas o que existe de perigo e problemas no serviço a Jesus, Ele nos revela de antemão, nos conta que vamos sofrer e talvez morrer lutando por sua causa; também apresenta as dificuldades, não menores, mas maiores do que normalmente se mostram, de modo que Ele lida de maneira justa conosco, e não teme que conheçamos o pior, porque os benefícios de trabalhar na sua obra são suficientemente abundantes para compensar as dificuldades, se os compararmos com imparcialidade. Em resumo:

(1) Nós não devemos temer a perda das nossas vidas, se isto acontecer pela causa de Jesus (v. 35): “Qualquer que quiser salvar a sua vida”, rejeitando a Jesus e recusando-se a vir até Ele, ou desonrando-o e negando-o depois de tê-lo aceitado como seu Salvador, “perdê-la-á”, ou seja, perderá o conforto da sua vida natural, a raiz e a fonte da sua vida espiritual, e todas as suas esperanças de vida eterna. Este será um arranjo péssimo para si mesmo. “Mas qualquer que perder a sua vida”, verdadeiramente disposto a perdê-la, a arriscá-la, a desistir dela quando não puder conservá-la sem negar a Jesus, “esse a salvará”, será um vencedor indescritível, pois a perda da sua vida se converterá, para ele, em uma vida melhor. Para aqueles que perdem a vida a serviço do seu governo e país, considera-se um tipo de recompensa terem suas lembranças honradas e suas famílias protegidas e sustentadas. Mas o que é isso em comparação com a recompensa que Jesus dá, a vida eterna, a todos os que morrem por Ele?

(2) Nós devemos temer a perda da nossa alma, sim, ainda que com isso ganhássemos o mundo inteiro (vv. 36,37): “Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo”, e toda a riqueza, toda a honra e todo o prazer que há nele, negando a Cristo, “e perder a sua alma?”. “É verdade”, disse o bispo Hooper, na noite anterior ao seu martírio, “que a vida é doce, e a morte é amarga, mas a morte eterna é mais amarga, e a vida eterna é mais doce”. Assim como a felicidade no céu com Cristo é suficiente para contrabalançar a perda da própria vida por Ele, assim também o ganho de todo o mundo, no pecado, não é suficiente para contrabalançar a destruição da alma pelo pecado.

Ele nos mostra a conseqüência fatal que os homens enfrentarão por aquilo que fazem para salvar as suas vidas, e ganhar o mundo (v. 38): “Qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele”. Em Mateus 10.33, lemos algo parecido com isso, mas aqui está expresso de maneira mais completa. Observe: [1] a desvantagem em que se encontra a causa de Jesus Cristo neste mundo: o fato de que ela deve ser reconhecida e professada por uma geração adúltera e pecadora; tal é a geração da humanidade, prostituindo-se, afastando-se de Deus, nos abraços impuros do mundo e da carne, persistindo na iniqüidade. Algumas gerações, alguns lugares, são mais adúlteros e pecadores, como aqueles em que Jesus vivia; em tal geração, a causa de Jesus encontra oposição e é destruída, e aqueles que a reconhecem estão expostos à reprovação e ao desprezo, e são ridicularizados e criticados. [2] Há muitos que, embora não possam deixar de reconhecer que a causa de Jesus Cristo é uma causa justa, se envergonham dela, devido à censura que resulta de professá-la; eles se envergonham do seu relacionamento com Jesus, e se envergonham do crédito que não podem deixar de dar às suas palavras; eles não conseguem suportar o fato de que são discriminados e desprezados, e por isso deixam de lado a sua fé e seguem a corrente da apostasia predominante. [3] Chegará o dia em que a causa de Jesus Cristo aparecerá tão brilhante e resplandecente quanto agora parece ser humilde e desprezível. Quando o Filho do Homem “vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos”, como a verdadeira *Shekinah*, o brilho da glória do seu Pai, o Senhor dos anjos. [4] Quanto àqueles que se envergonham de Cristo neste mundo em que Ele é desprezado, também Ele se envergonhará deles naquele mundo onde Ele é eternamente adorado. Não compartilharão com Ele a sua glória

futura aqueles que não estiverem dispostos a compartilhar com Ele hoje o seu vitupério.

CAPÍTULO 9

Nesse capítulo, temos: I. A Transfiguração de Jesus no monte (vv. 1-13). II. A ocasião em que Ele expulsou o demônio de uma criança, algo que os discípulos não conseguiram fazer (vv. 14-29). III. A predição que Ele fez dos seus sofrimentos e da sua morte (vv. 30-32). IV. A repreensão aos seus discípulos, por discutirem quem seria o maior (vv. 33-37), e a João, por censurar alguém que expulsava demônios em nome de Jesus, e não o seguia com eles (vv. 38-41). V. O sermão de Jesus aos seus discípulos sobre o perigo de ofender a algum dos seus pequeninos (v. 42) e de tolerar em nós mesmos aquilo que é uma ofensa e uma oportunidade de pecar (vv. 43-50), assuntos sobre os quais já lemos algumas passagens antes, nos capítulos 17 e 18 do Evangelho de Mateus.

A Transfiguração

vv. 1-13

Nesse trecho temos:

I Uma predição do Reino de Deus que se aproxima (v. 1). A predição consiste em que: 1. O Reino de Deus viria, e viria de modo a ser visto. Esse reino se estabelecerá no mundo mediante a completa destruição do regime judaico, que estava no seu caminho. Isto consistiria na restauração do Reino de Deus entre os homens, o reino que tinha sido perdido pela infeliz degeneração tanto dos judeus quanto dos gentios. 2. O reino viria com poder, de modo a abrir o seu próprio caminho, e derrotar a oposição que se fizesse a ele. Ele viria com poder, quando se realizaria a vingança sobre os judeus por crucificarem a Jesus, e quando derrotaria a idolatria do mundo gentílico. 3. Ele viria enquanto alguns dos presentes ainda estivessem vivos: “Dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte”, a mesma coisa que lemos em Mateus 24.34: “não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam”. Aqueles que estavam ali com Jesus o veriam, ao passo que os demais não conseguiriam discernir que se tratava do Reino de Deus, pois ele

viria sem ser percebido.

II Uma amostra daquele reino, na Transfiguração de Jesus, “seis dias” depois que Cristo falou daquela predição. Ele tinha começado a falar aos seus discípulos da sua morte e dos seus sofrimentos; e, para evitar que se magoassem, Ele lhes dá esse vislumbre da sua glória, para mostrar que os seus sofrimentos eram voluntários. E que dignidade e glória o poder da sua Pessoa colocaria sobre eles, para que não se desviassem devido ao “escândalo da cruz”.

1. Isso aconteceu no cume de um “alto monte”, como o diálogo que Moisés teve com Deus, que se deu no topo do monte Sinai, e como a perspectiva de Canaã que ele teve no topo do monte Pisga. Diz a tradição: “Foi no topo do monte Tabor que Cristo se transfigurou”; se for assim, as Escrituras se cumpriram, “o Tabor e o Hermom regozijam-se em teu nome” (Sl 89.12). O Dr. Lightfoot, observando que o último lugar em que encontramos Jesus foi em Cesaréia de Filipe, que ficava longe do monte Tabor, prefere pensar que era um monte alto de que Josefo fala, perto de Cesaréia.

2. As testemunhas desse acontecimento foram Pedro, Tiago e João. Estes eram os três que deveriam dar testemunho na terra, em resposta a Moisés, Elias e à voz do céu, os três que deveriam dar um testemunho vindo do céu. Jesus não levou todos os discípulos com Ele, porque o acontecimento devia ser privativo. Assim como existem privilégios diferenciados que são dados aos discípulos, e não ao mundo, também há privilégios para alguns discípulos, e não para outros. Todos os santos são pessoas próximas a Jesus, mas algumas estão no seu seio. Tiago foi o primeiro dos doze a morrer por Jesus, e João viveu mais que todos eles, para ser a última testemunha da sua glória. Ele escreveu (Jo 1.14): “Vimos a sua glória”; e o mesmo fez Pedro (2 Pe 1.16-18).

3. A maneira como aconteceu: Ele “transfigurou-se diante deles”. Ele lhes apareceu de uma maneira diferente da usual. Era uma mudança nas circunstâncias, embora a substância continuasse a mesma, e era um milagre. Mas a transubstanciação, a mudança de substância, com todas as circunstâncias permanecendo iguais, não é um milagre, mas uma fraude e uma impostura, uma obra que Jesus nunca realizou. Veja de que grandes mudanças os corpos humanos são capazes, quando Deus se alegra por honrá-los, e Ele o fará com os corpos dos santos, na ressurreição. Ele se transfigurou diante deles; é provável que essa transformação tenha sido gradual, de glória

em glória, para que os discípulos, que o observavam todo o tempo, tivessem a evidência mais clara e segura que poderiam ter de que essa gloriosa aparição não era outra além do próprio bendito Jesus, e não havia engano nem ilusão nisso. João parece fazer referência a isso (1 Jo 1.1) quando se refere à Palavra da vida, que tinham visto com seus próprios olhos, e que tinham contemplado. “As suas vestes tornaram-se resplandecentes”. Mesmo que o Senhor estivesse usando vestes escuras, e até mesmo de cor preta, elas estavam “em extremo brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear”.

4. Os companheiros de Jesus nessa glória foram Moisés e Elias (v. 4): Eles apareceram conversando com Ele, não para ensiná-lo, mas para dar testemunho dele, e para que Ele os ensinasse. Em função disso, podemos inferir que há conversa e comunicação entre santos glorificados, e que eles possuem meios de conversar uns com os outros que não podemos compreender. Moisés e Elias viveram em épocas muito distantes entre si, mas isso não atrapalha a ordem do céu, em que os primeiros serão os últimos, e os últimos, os primeiros, isto é, todos unidos em Cristo.

5. O grande prazer que os discípulos sentiram ao ter essa visão, e ouvir essa conversa, é expressado por Pedro, o porta-voz dos outros. Ele disse: “Mestre, bom é que nós estejamos aqui” (v. 5). Embora Jesus estivesse transfigurado, e conversando com Moisés e Elias, ainda assim Ele deu permissão para que Pedro falasse com Ele e tivesse a mesma liberdade que estava acostumado a ter com Ele. Observe que o nosso Senhor Jesus, na sua exaltação e glória, não diminui em nada a sua bondade condescendente para com o seu povo. Muitos, quando estão na sua grandeza, obrigam os seus amigos a conservarem distância, mas mesmo junto ao Jesus glorificado os verdadeiros crentes têm acesso com ousadia, e liberdade de expressão diante dele. Mesmo nessa conversa celestial houve lugar para que Pedro acrescentasse as suas palavras, que foram: “Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três cabanas”, que seja este o lugar do nosso repouso para sempre. Note que as almas graciosas reconhecem que é bom estar em comunhão com Jesus, é bom estar junto dele, é bom estar sobre o monte com Ele, ainda que seja um lugar frio e solitário, é bom estar aqui, afastado do mundo, e a sós com Jesus. E se é bom estar com Jesus transfigurado sobre uma montanha, com Moisés e Elias, como será bom estar com Jesus glorificado no céu, com todos os santos! Mas, observe que enquanto Pedro desejava estar aqui, ele esquecia da necessidade

que havia da presença de Cristo e da pregação dos seus apóstolos, entre o povo. Nesse mesmo momento, os demais discípulos precisavam imensamente dele (v. 14). Observe que quando as coisas estão bem conosco, nós somos capazes de ser descuidados com os outros, e na plenitude da nossa alegria, nos esquecemos das necessidades de nossos irmãos. Foi uma fraqueza de Pedro preferir uma comunhão privativa com Deus à utilidade pública. Paulo está disposto a permanecer na carne, em vez de partir para o monte da glória (embora ele seja muito melhor) quando julga que isto é necessário para a igreja (Fp 1.24,25). Pedro falou de edificar três tabernáculos distintos para Moisés, Elias e Jesus, o que não foi bem planejado, pois para uma perfeita harmonia entre a lei, os profetas e o Evangelho, é conveniente que um único tabernáculo abrigue a todos eles. Eles devem habitar juntos, em união. Mas ele pode ser desculpado por qualquer incoerência no que disse, pois todos estavam muito “assombrados”; e ele, por sua parte, não sabia o que dizia (v. 6), não sabia como o que estava acontecendo iria terminar.

6. A voz que veio do céu era uma confirmação da intermediação de Jesus (v. 7). “Desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra”, e que os abrigava. Pedro tinha falado de fazer tabernáculos para Jesus e os seus amigos; mas veja como a sua idéia foi superada enquanto ele falava. Essa nuvem era para a sua proteção, dispensando a necessidade de tabernáculos (Is 4.5). Enquanto ele falava dos seus tabernáculos, Deus trouxe o seu tabernáculo, não criado por mãos humanas. Dessa nuvem (que era apenas uma sombra da excelente glória de que Pedro está falando, de onde essa voz veio), ouviu-se: “Este é o meu Filho amado; a ele ouvi”. Deus o reconhece, e o aceita, como seu Filho amado, e está disposto a aceitar-nos nele. Nós devemos, então, reconhecê-lo e aceitá-lo como o nosso amado Salvador, e devemos renunciar a nós mesmos para que sejamos governados por Ele.

7. A visão, que tinha o objetivo único de apresentar a voz, depois que ela foi ouvida, desapareceu (v. 8). De repente, “tendo olhado ao redor”, como homens maravilhados, procurando ver onde estavam, tudo havia desaparecido, “ninguém mais viram”. Elias e Moisés haviam desaparecido, e somente Jesus estava com eles, e não mais transfigurado, mas como costumava ser. Observe que Jesus não abandona a alma, ao passo que as alegrias e consolos extraordinários a abandonam. Embora manifestações mais perceptíveis e arrebatadoras possam retirar-se, os discípulos de Jesus têm, e sempre terão, a sua presença consigo, mesmo até o fim do mundo, e nisto eles devem confiar. Devemos agradecer a Deus pelo nosso pão de cada dia, e não esperar um banquete contínuo neste lado do céu.

8. Nessa passagem temos a conversa entre Jesus e os seus discípulos, quando desceram do monte.

(1) Ele lhes ordenou que mantivessem esse assunto em segredo, até que Ele “ressuscitasse dos mortos”, o que completaria a prova da sua missão divina, e então esse acontecimento deveria ser apresentado com o restante das evidências (v. 9). Além disso, estando Ele agora na sua apresentação humilde, não haveria nada a observar que pudesse estar em desacordo com tal situação, pois Ele se acomodava a todas as situações. Essa ordem de silêncio aos discípulos seria, da mesma maneira, útil para eles, para evitar que se vangloriassem da intimidade em que tinham sido admitidos, para que não se inchassem de orgulho pela grandeza das revelações. Para o homem, ser impedido de contar sobre os seus progressos é uma penitência; mas isso também pode ajudar a manter o orgulho longe dele.

(2) Os discípulos estavam perplexos com o que poderia significar a ressurreição dos mortos. Eles não conseguiam conceber nenhuma noção da morte do Messias (Lc 18.34), e por isso estavam propensos a pensar que a ressurreição de que Ele falava era figurada – a sua ressurreição do seu estado humilde atual para a dignidade e domínio que eles esperavam. Mas ainda que fosse assim, aqui está outra coisa que os confundia (v. 11): “Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?”, segundo a ordem definida nas profecias do Antigo Testamento? Mas Elias estava morto, e Moisés, também. Esse problema foi suscitado porque os escribas os tinham ensinado a esperar pela pessoa de Elias, quando a profecia dizia respeito a alguém com o espírito e o poder de Elias. Observe que a interpretação equivocada das Escrituras é um grande empecilho à recepção da verdade.

(3) Jesus lhes deu a explicação da profecia a respeito de Elias (vv. 12,13): “Em verdade Elias virá primeiro e todas as coisas restaurará”; e (embora vocês não compreendam isto), como está profetizado a respeito do Filho do Homem, Ele deve “padecer muito e ser aviltado”. E embora os escribas não lhes digam isto, as Escrituras o dizem, e vocês têm muita razão para esperar tanto uma coisa quanto a outra, e não estranhar nenhuma delas; mas quanto a Elias, digo que “Elias já veio”. E se vocês pensarem um pouco, compreenderão de quem estou falando, daquele a quem fizeram tudo o que quiseram; o que se referia ao mau tratamento que tinham dado a João Batista. Muitos dos antigos, e principalmente os autores papistas, opinam que, além da vinda de João Batista com o espírito de Elias, ele mesmo, pessoalmente, deve ser esperado, com Enoque, antes da segunda vinda de Cristo, e conseqüentemente a profecia de Malaquias será mais plenamente cumprida do que considerando somente João Batista. Mas isto é fantasia sem fundamentos; o verdadeiro Elias, assim como o verdadeiro Messias prometido, já vieram. E nós não devemos procurar por ninguém mais. O que está escrito sobre ele não se refere ao fato de que lhe fizeram tudo o que quiseram, mas somente à sua vinda. Ele veio, e fez tudo de acordo com o que estava escrito a seu respeito.

A Expulsão de um Espírito Imundo

vv. 14-29

Aqui temos o relato de Jesus expulsando o demônio de uma criança, narrada de maneira ligeiramente mais completa do que em Mateus 17.14ss. Observe aqui:

I A volta de Jesus aos seus discípulos, e o estado de perplexidade em que os encontrou. Ele deixou de lado as suas vestes de glória, e veio cuidar da sua família, e investigar o que tinha acontecido com ela. A glória de Cristo, no alto do monte, não faz com que Ele se esqueça dos interesses da sua igreja, que está lá embaixo, e que Ele visita com grande humildade (v. 14). E Ele veio em um momento muito oportuno, quando os discípulos estavam confusos, sem encontrar a saída para o problema em que se encontravam. Os escribas, que eram inimigos declarados, tanto de Jesus quanto dos discípulos, tinham conseguido uma vitória contra eles. Um menino endemoninhado lhes tinha sido trazido, e eles não conseguiram expulsar-lhe o demônio, motivo pelo qual os escribas os insultaram, e isto se projetou no seu Mestre, e eles triunfaram, como se tivessem ganhado o dia. O Senhor Jesus encontra os escribas discutindo com os discípulos, diante da multidão; talvez alguns desses ouvintes estivessem começando a ficar chocados com isso. Também Moisés, quando desceu do monte, encontrou o acampamento de Israel em grande desordem; ou seja, Jesus Cristo e Moisés logo fizeram falta. O retorno de Jesus foi muito bem-vindo, sem dúvida, pelos discípulos, mas o oposto para os escribas. Porém, o fato de que a multidão "ficou espantada" chama a atenção; talvez as pessoas estivessem prestes a dizer: Quando a este Jesus, "não sabemos o que lhe aconteceu"; mas quando viram que Ele voltava para eles, ficaram espantados (algumas cópias acrescentam *kai exephobethesan – e ficaram amedrontados*); e correndo para Ele (algumas cópias, em lugar de *prostrechontes*, trazem *proschairontes – cumprimentando*-o, ou dando-lhe as boas-vindas), "o saudaram". É fácil explicar por que eles deviam estar felizes por vê-lo; mas por que ficaram espantados, muito espantados, quando o viram? Provavelmente, poderia haver alguma coisa incomum na sua aparência. Assim como o rosto de Moisés resplandecia quando ele desceu do monte, o que fez que as pessoas tivessem medo de aproximar-se dele (Êx 34.30), talvez ocorresse, de alguma maneira, a mesma coisa com o rosto de Jesus, até certo ponto; pelo menos, em vez de parecer fatigado, havia uma vivacidade e uma animação maravilhosa na sua aparência, que os

espantaram.

II O caso que confundiu os discípulos é trazido diante de Jesus. Ele perguntou aos escribas, que, como Ele sabia, sempre atormentavam os seus discípulos, e zombavam deles em todas as oportunidades: “Que é que discutis com eles?” Qual é a discussão, agora? Os escribas não responderam nada, pois ficaram perturbados com a presença de Cristo; os discípulos não responderam nada, pois se consolaram com a chegada do seu Senhor, e agora deixavam tudo para Ele. Mas o pai do menino explicou o caso (vv. 17,18). 1. Esse menino estava possuído por um “espírito mudo”. Ele sofria quedas, e tinha convulsões. A sua situação era muito triste, pois, quando a convulsão o apanhava, o espírito o despedaçava, atirando-o a convulsões tão violentas que quase o partiam em pedaços. E, o que era muito mortificante para ele mesmo, e assustador para os que estavam ao seu redor, ele “espuma, e range os dentes”, como alguém que estava sofrendo dores, e em grande desgraça; e embora as convulsões durassem pouco, elas o deixavam tão fraco que ele estava se consumindo, e parecendo um esqueleto; a sua carne “vai-se secando”, este é o significado da palavra (Sl 102.3-5). Isso representava um sofrimento constante para um pai carinhoso. 2. Os discípulos não conseguiram dar-lhe nenhum alívio. O pai disse: “roguei aos teus discípulos que o expulsassem”, e eles o teriam feito de bom grado, mas não puderam, e por isso o Senhor não poderia ter chegado em melhor hora: “Mestre, trouxe-te o meu filho”.

III A repreensão que Ele fez a todos (v. 19): “Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei ainda?” O Dr. Hammond opina que isso foi dito aos discípulos, reprovando-os por não exercerem o poder que Ele lhes tinha dado, e porque eles não jejuaram e oraram, como em alguns casos Ele lhes tinha ordenado que fizessem. Mas o Dr. Whitby entende que isso foi uma repreensão aos escribas, que se alegraram com esse desapontamento que os discípulos tiveram, e esperavam destruí-los através dele. Jesus os chama de “geração incrédula”, e fala como alguém que está cansado de estar com eles, e de tolerá-los. Nós nunca ouvimos Jesus reclamar: “Até quando estarei nesta situação humilde? Até quando terei que tolerar isto?” Mas: “Até quando estarei com estas pessoas incrédulas? Até quando os tolerarei ainda?”

IV A condição deplorável em que se encontrava a criança quando foi trazida até Jesus, e a triste apresentação que o pai fez do seu caso. Quando o menino viu a Jesus, entrou em convulsão; “logo o espírito o agitou com violência”, e o perturbou (segundo o Dr. Hammond), como se o demônio pudesse desafiar a Cristo, e esperasse que o caso seria difícil demais também para Ele, podendo conservar a sua possessão, apesar dele. “Caindo o endemoninhado por terra, revolvia-se, espumando”. Nós podemos dar outro significado, ou seja, o demônio se enfureceu, e sentiu uma fúria ainda maior, porque sabia que tinha “pouco tempo” (Ap 12.12). Jesus perguntou: “Quanto tempo há que lhe sucede isto?” E, aparentemente, a doença era muito antiga; ela o acometia “desde a infância” (v. 21), o que tornava o caso ainda mais triste, e a cura, mais difícil. Todos nós somos, por natureza, “filhos da desobediência”, em quem o espírito do mal trabalha, e tem feito isto desde a nossa infância; pois “a estultícia está ligada ao coração do menino”, e nada, exceto a poderosa graça de Cristo, pode expulsá-la.

V Os exemplos prementes que o pai do menino apresenta a Jesus, pedindo-lhe a cura (v. 22): “Muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o destruir”. Observe que o diabo visa a destruição daqueles em quem ele trabalha e governa, e procura “a quem possa tragar”. “Mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos”. O leproso confiou no poder de Jesus, mas colocou um “se” – dependendo da sua vontade (Mt 8.2); “se quiseres, podes”. Esse pobre homem pediu pessoalmente a boa vontade de Jesus, mas colocou um “se” sobre o seu poder, porque os discípulos, que expulsavam demônios em nome de Jesus, tinham ficado inseguros nesse caso. Assim, Jesus sofre na sua honra devido às dificuldades e tolices dos seus discípulos.

VI A resposta que Jesus deu ao pedido do pai do menino (v. 23): “Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê”. Aqui: 1. De maneira implícita, Ele coloca em xeque a fraqueza da fé desse pai. Ele entregou o caso ao poder de Cristo, dizendo: “Mas, se tu podes fazer alguma coisa...”. Isto reflete a falta de poder dos discípulos; mas Jesus devolve o caso a ele, e o faz questionar a sua própria fé, fazendo-o arcar com o desapontamento da falta de fé: “Se tu podes crer”. 2. Graciosamente, Ele incentiva a força do desejo dele: “Tudo é possível”, tudo parecerá possível, “ao que crê” no

poder de Deus, para quem todas as coisas são possíveis; ou, Tudo será feito, pela graça de Deus, àquele que crer na promessa de Deus, que parecia completamente impossível. Observe que quando lidamos com Jesus Cristo, muita coisa depende da nossa fé, e muita coisa é prometida. Você pode crer? Você ousa crer? Você está disposto a entregar tudo nas mãos de Deus? Entregar a Ele todos os seus interesses espirituais, e os seus interesses temporais? Você consegue encontrar coragem para fazer isso? Se conseguir, não é impossível que, embora tenha sido um grande pecador, você possa se reconciliar; embora você seja muito inferior e indigno, você pode ir para o céu. “Se tu podes crer”, é possível que o seu coração endurecido possa ser suavizado, as suas enfermidades espirituais possam ser curadas; e, fraco como você está, também poderá ser capaz de suportar até o fim.

VII A profissão de fé que o pobre homem fez, como conseqüência das palavras do precioso Salvador (v. 24): Ele clamou: “Eu creio, Senhor!” Eu estou completamente convencido, tanto do teu poder quanto da tua piedade; a minha cura não será impedida pela falta de fé. “Eu creio, Senhor!” Ele acrescenta uma oração, pedindo que a graça o capacite a crer, mais firmemente, nas certezas que tinha da capacidade e boa vontade que Jesus tem para salvar: “Ajuda a minha incredulidade”. Observe: 1. Mesmo aqueles que, pela graça, podem dizer: “Eu creio, Senhor”, têm razões para se queixar da sua incredulidade; porque não conseguem tão prontamente aplicar a si mesmos, e ao seu próprio caso, a palavra de Jesus como deveriam, e não conseguem confiar nela tão entusiasticamente. 2. Aqueles que se queixam de incredulidade, devem elevar os olhos para Jesus Cristo, pedindo-lhe que os ajude a superá-la, e que a sua graça seja suficiente para eles. “Ajuda a minha incredulidade”, ajude-me e perdoe-me por isso, ajude-me com poder contra isso; ajude-me, acrescentando à minha fé a tua graça, cujo poder é aperfeiçoado na fraqueza.

VIII A cura do menino, e a derrota do demônio enfurecido que o dominava. Jesus viu que “a multidão concorria”, esperando ver o resultado dessa prova de habilidade, e por isso não conservou o suspense por mais tempo, mas repreendeu o espírito maligno, “o espírito imundo”, como pode ser traduzido, conforme outras passagens. Observe: 1. A ordem que Jesus deu a esse espírito imundo: “Espírito mudo e surdo” (que fazes

esse pobre menino mudo e surdo, ouvirás a tua condenação, e não poderás dizer nada contra ela), “sai dele e não entres mais nele”. Que ele não apenas saia dessa convulsão, mas que as convulsões nunca mais retornem. Observe que aqueles que Cristo cura, Ele o faz eficazmente. Satanás pode sair por si mesmo, e mais tarde recuperar a possessão; mas se Cristo o expulsar, Ele o manterá fora da vida da pessoa. 2. Como o espírito imundo reagiu. Ele ficou ainda mais irado, gritou e machucou o menino, agitando-o com tal violência, que “ficou o menino como morto”. Ficou patente e notório quão pouco disposto o inimigo estava de sair da vida do menino, quão exasperado com o poder superior de Cristo, quão maldoso para com a criança, e quão desejoso de matá-la. “Muitos diziam que estava morto”. Assim, a agitação na qual se encontra uma alma, quando o poder de Satanás sobre ela é destruído, pode, talvez, ser assustadora no presente, mas abre a porta para o consolo duradouro. 3. Como o menino se recuperou perfeitamente (v. 27): “Jesus, tomando-o pela mão”, *kratesas – segurou-o com firmeza*, e o ergueu, e ele se levantou e se recuperou, e tudo ficou bem.

IX A razão que Jesus deu aos seus discípulos para o fato de eles não conseguirem expulsar esse demônio. Eles lhe perguntaram, privadamente, por que não tinham conseguido, para que aquilo que lhes tinha faltado pudesse ser compensado em outra ocasião, e eles não se envergonhassem publicamente outra vez; e Ele lhes disse (v. 29): “Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum”. Ainda que possa haver outras diferenças, nenhuma aparece entre esse e outros tipos de demônios, exceto o fato de que o espírito imundo vinha tendo uma possessão sobre esse pobre menino há muito tempo, e isso fortalecia o seu interesse, e confirmava a sua posse. Quando os maus hábitos estão enraizados por longo uso começam a pedir remédios, como as doenças crônicas que dificilmente são curadas. “Pode o etíope mudar a sua pele?” (Jr 13.23). Os discípulos não devem pensar em realizar as suas obras sempre com igual facilidade; algumas tarefas exigem mais do que um esforço normal; mas Cristo pode, pronunciando uma palavra, realizar aquilo que eles só podem superar por meio da oração e do jejum.

Os Apóstolos São Repreendidos

vv. 30-40

Nessa passagem:

I Jesus prediz os seus sofrimentos que se aproximavam. Ele passou “pela Galiléia” mais depressa do que o normal, e “não queria que alguém o soubesse” (v. 30). Por ter realizado muitas obras poderosas entre eles, em vão, eles não seriam convidados a vê-lo e a beneficiar-se dele, como outros tinham sido. A época dos seus sofrimentos se aproximava, e por isso Ele desejava alguma privacidade por algum tempo, e conversar somente com os discípulos, para prepará-los para as provações que viriam (v. 31). Ele lhes disse: “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens [pelo determinado conselho e presciência de Deus] e matá-lo-ão” (v. 31). O fato de Ele ter sido entregue nas mãos de verdadeiros demônios, que o angustiaram, não tinha sido tão estranho; mas é inexplicável o fato de os homens – que têm razão para ter um grande amor por Ele e que deveriam demonstrar este amor – serem tão maldosos para com o Filho do Homem, que veio para redimi-los e salvá-los. Mas ainda assim devemos observar que, quando Jesus falou da sua morte, Ele sempre falou da sua ressurreição, que afastava dele a vergonha, e devia ter afastado a tristeza dos seus discípulos. Mas eles “não entendiam esta palavra” (v. 32). As palavras eram suficientemente claras, mas eles não conseguiam aceitar o fato, e, portanto, imaginavam que elas tivessem algum significado místico que eles não compreendiam, “e receavam interrogá-lo”, não porque não conseguissem acesso a Ele, ou porque Ele fosse rude com quem o consultasse, mas porque eles não desejavam conhecer a verdade, ou porque sabiam que seriam repreendidos pela sua dificuldade em aceitar o fato. Muitos permanecem ignorantes porque têm vergonha de perguntar.

II Ele repreende os seus discípulos, por se enaltecerem. Quando chegou a Cafarnaum, Ele perguntou, privadamente, aos seus discípulos, o que eles estavam “discutindo pelo caminho” (v. 33). Ele sabia muito bem qual era o assunto da discussão, mas queria que eles lhe dissessem, e assim faria com que confessassem a falha e a tolice que demonstravam nesse assunto. Observe: 1. Todos nós devemos esperar ser chamados para prestar contas ao nosso Senhor Jesus a respeito daquilo que acontece neste estado de

transição e experiência em que estamos. 2. Nós devemos, de uma maneira particular, ser chamados para prestar contas sobre o que dissemos entre nós, pois por nossas palavras nós seremos justificados ou condenados. 3. Assim como as nossas conversas sobre nós mesmos, também, e em especial, as nossas discussões, serão todas questionadas novamente, e nós seremos chamados a prestar contas sobre elas. 4. Dentre todas as discussões, Jesus se certificará de chamar os seus discípulos a prestar contas pelas suas discussões sobre precedência e superioridade. Este era o assunto da discussão, "qual era o maior" (v. 34). Nada poderia ser mais contrário aos dois grandes mandamentos do Reino de Deus – aos ensinos da sua escola e às instruções do seu exemplo – que são a humildade e o amor, do que desejar a honra do mundo e disputá-la. Ele aproveitou todas as oportunidades para corrigir esse estado de espírito prejudicial, tanto porque esse nascia de um conceito falso do reino, como se fosse deste mundo, e também porque diminuía a honra e corrompia a pureza do Evangelho. E assim como o Senhor previa, esse seria o veneno da igreja.

Considere: (1) Eles desejaram ocultar esse erro (v. 34), e "calaram-se". Assim como eles não ousaram perguntar (v. 32), porque estavam envergonhados de reconhecer a sua ignorância, aqui também eles não puderam responder, porque estavam envergonhados de reconhecer o seu orgulho. (2) Jesus desejava corrigir esse erro deles, e trazê-los a um estado de espírito melhor, e por esse motivo Ele se sentou, para que pudesse ter uma conversa solene e completa com eles sobre esse assunto: "Assentando-se, chamou os doze e disse-lhes": [1] Que a ambição e o fingimento de dignidade e domínio, em vez de levá-los a conseguir a promoção no seu reino, iriam apenas adiar a sua promoção: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos"; e "o que a si mesmo se humilhar será exaltado". [2] Que não existe nenhuma preferência ou honra humana a ser obtida junto ao Senhor, mas apenas uma oportunidade, e uma obrigação de conseguir mais trabalho e condescendência: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o… servo de todos". "Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja", pois ele precisa, como fez o apóstolo Paulo, trabalhar mais abundantemente, e fazer-se "servo de todos". [3] Aqueles que são mais humildes e que mais renunciam a si mesmos, mais se parecem com Cristo, e serão mais carinhosamente reconhecidos por Ele. Isto Ele lhes ensinou por meio de uma simbologia: Ele tomou nos braços uma criança, que nada tinha

de orgulho e ambição. *Vejam, disse Ele: “Qualquer que receber uma destas crianças em meu nome a mim me recebe”. Àqueles de disposição humilde, mansa e meiga, Eu irei reconhecer e aceitar, e incentivar que todos façam o mesmo, e o que for feito a eles será interpretado como sendo feito a mim mesmo, e também ao meu Pai, pois “qualquer que a mim me receber recebe não a mim, mas ao que me enviou”, e isto será considerado a seu favor, e recompensado com juros.

III O Senhor os repreende por desprestigiarem a todos, exceto a si mesmos.

Enquanto estão discutindo entre si qual deles deveria ser o maior, não permitem que aqueles que não estejam em comunhão com eles sejam alguma coisa. Observe:

1. O relato de João a Jesus sobre a proibição que tinham imposto sobre uma pessoa, para que não usasse o nome de Cristo, porque não pertencia ao seu grupo. Embora eles estivessem envergonhados de reconhecer as suas disputas por uma promoção, eles parecem ser orgulhar desse exercício da sua autoridade, e esperavam que o seu Mestre não apenas os justificasse nesse aspecto, mas os elogiasse; e esperavam que Ele não os culpasse por desejarem ser grandes, quando eles usavam o seu poder para conservar a honra do colegiado sagrado. João lhe disse: “Mestre, vimos um que, em teu nome, expulsava demônios, o qual não nos segue” (v. 38). (1) Era estranho que essa pessoa, que não era um professo discípulo e seguidor de Cristo, ainda assim tivesse poder para expulsar demônios em seu nome, pois isto parecia ser peculiar àqueles a quem Ele tinha chamado (cap. 6.7). Mas alguns opinam que ele poderia ser um discípulo de João Batista, que fazia uso do nome de Messias, não como alguém que já tinha vindo, mas que estava vindo, sem saber que Jesus era o próprio Messias. Parece que ele fazia uso do nome de Jesus, crendo que Ele era o Cristo, como os demais discípulos. E por que Ele não recebeu este poder de Cristo, cujo Espírito, como “o vento, assopra onde quer”, sem um chamado como o que os apóstolos tiveram? E talvez houvesse mais pessoas assim. A graça de Cristo não está presa à igreja visível. (2) Era estranho que alguém que expulsasse demônios em nome de Cristo não se unisse aos apóstolos, e não seguisse a Jesus com eles, mas continuasse agindo separadamente deles. Nada sabemos que o impedisse de segui-los, exceto o fato de que ele não estivesse disposto a abandonar tudo e seguir a Cristo; e, se fosse este o caso,

era um conceito errado. A situação não parecia ser correta, e, portanto, os discípulos proibiram o homem de fazer uso do nome de Cristo como eles faziam, a menos que ele o seguisse, como eles. Isso foi como o pedido que Josué fez, a respeito de Eldade e Medade, que profetizavam no arraial, e não subiam, com os demais, à porta do tabernáculo: “Senhor meu, Moisés, proíbe-lho” (Nm 11.28), detenha-os, silencie-os, porque isto é um cisma. Por isso nós podemos pensar que não seguem Cristo de maneira nenhuma, aqueles que não o seguem conosco, e que não fazem nada correto os que não fazem exatamente como nós fazemos; mas “o Senhor conhece os que são seus”, ainda que estejam dispersos; e esse exemplo nos traz um aviso necessário para prestarmos atenção, e não sermos levados por um excesso de zelo pela unidade da igreja, e por aquilo que sabemos que é certo e bom; a não nos opormos àquilo que pode levar ao crescimento da igreja, e ao progresso dos seus verdadeiros interesses.

2. A repreensão que Jesus lhes fez por isso (v. 39). Jesus disse: “Não lho proibais”, nem a qualquer outra pessoa que aja de maneira semelhante. Isso foi como a repreensão que Moisés fez a Josué: “Tens tu ciúmes por mim?” (Nm 11.29). Observe que aquilo que é bom e promove o bem, não deve ser proibido, embora possa haver algum defeito ou irregularidade na maneira como é realizado. Expulsar os demônios, destruindo dessa maneira o reino de Satanás; fazê-lo em nome de Jesus, reconhecendo assim que Ele é enviado de Deus; honrá-lo como a Fonte da graça; pregar o arrependimento dos pecados, e anunciar a Cristo, são coisas boas, coisas excelentes, que não devem ser proibidas a ninguém, pelo simples motivo de que aqueles que o fazem não seguem ao Senhor juntamente conosco. Se Cristo for anunciado, Paulo se regozija e se regozijará, mesmo que ele seja eclipsado por isso (Fp 1.18). Jesus apresenta dois motivos para que isso não seja proibido. (1) Porque não devemos supor que qualquer homem que faça uso do nome de Cristo para realizar milagres, blasfeme o seu nome, como faziam os escribas e fariseus. Realmente, havia aqueles que, em nome de Jesus, expulsavam demônios, e ainda assim, em outros aspectos, praticavam iniqüidades; mas eles não falavam mal de Jesus. (2) Porque mesmo não estando em comunhão, enquanto estivessem de acordo em combater Satanás sob a bandeira de Jesus, eles deveriam considerar-se, uns aos outros, como estando do mesmo lado, apesar das diferenças. “Quem não é contra nós é por nós” A respeito da grande controvérsia entre Jesus e

Belzebu, o Senhor tinha dito: “Quem não é comigo é contra mim” (Mt 12.30). Aquele que não quiser ter Cristo, terá Satanás. Mas quanto àqueles que têm a Cristo – embora não nas mesmas circunstâncias que nós, mas que o seguem, embora não conosco – nós devemos reconhecer que, apesar de serem diferentes de nós, não estão contra nós. Portanto, estão do nosso lado, e nós não devemos representar nenhum obstáculo à sua utilidade.

A Dor Deve Ser Preferida ao Pecado

vv. 41-50

Nesse trecho:

I Jesus Cristo promete uma recompensa a todos aqueles que forem, de alguma maneira, gentis com os seus discípulos (v. 41): “Qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão”. Observe: 1. É honra e felicidade para os cristãos o fato de pertencerem a Cristo; eles se uniram a Ele, e são reconhecidos por Ele; eles usam o uniforme da sua família, ou melhor, eles têm um relacionamento ainda mais próximo: eles são membros do seu corpo. 2. Aqueles que pertencem a Cristo podem, às vezes, ser reduzidos a tais condições, a ponto de se satisfazerem com um copo de água fria. 3. O socorro aos pobres de Cristo, em suas aflições, é uma boa obra, e será bem computado. Ele o aceita, e irá recompensá-lo. 4. Qualquer gentileza feita aos pobres de Cristo deve ser feita como a Ele, e porque eles pertencem a Ele; pois é isto o que santifica a bondade, e a valoriza aos olhos de Deus. 5. É por esse motivo que não devemos proibir e desencorajar aqueles que estão servindo aos interesses do Reino de Deus, embora não sejam completamente semelhantes a nós, em pensamentos e meios. Aqui é apresentada uma razão pela qual não devem ser impedidos aqueles que expulsam os demônios em nome de Cristo, embora não o sigam; pois (conforme a paráfrase do Dr. Hammond): “Não são apenas as grandes e eminentes realizações que são feitas por vocês – meus constantes servos e discípulos – que são aceitas por mim, mas até o último grau de fé sincera e desempenho cristão, que expressem a menor gentileza, como dar um copo de água a um discípulo meu, por ser meu, serão aceitos e

recompensados”. Se Cristo reconhece a gentileza feita a nós como um serviço a Ele, devemos reconhecer os serviços a Ele como gentilezas feitas a nós, e incentivá-las, ainda que feitas por aqueles que não o seguem conosco.

II Jesus ameaça aqueles que escandalizam os seus pequeninos, aqueles que voluntariamente os levam ao pecado, ou lhes causam problemas (v. 42). Qualquer que entristecer um cristão verdadeiro, ainda que seja o mais fraco deles, que se opuser à sua entrada no caminho de Deus, ou desencorajar ou obstruir o seu progresso neste caminho, que o impedir de fazer o bem, ou levá-lo a cometer pecado, “melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma grande pedra de moinho e que fosse lançado no mar”. O seu castigo será imenso, e a morte e a destruição da sua alma serão mais terríveis do que a morte e a destruição do seu corpo. Veja Mateus 18.6.

III Ele adverte a todos os seus seguidores para que tomem cuidado para não destruir as suas próprias almas. Essa caridade deve começar em casa. Se tomarmos cuidado para não fazer nada que impeça os outros de fazer o bem, ou que lhes dê oportunidade para pecar, muito mais cuidado nós devemos tomar para evitar qualquer coisa que nos afaste do nosso dever, ou que nos conduza ao pecado; e devemos nos separar do que pode nos levar a isso, por maior que seja o valor que possa ter para nós. Nós o lemos duas vezes no Evangelho de Mateus (cap. 5.29,30 e 18.8,9). Aqui, o conselho é mais insistente; certamente isso exige a nossa séria consideração, e por isso a insistência. Observe:

1. A situação suposta, de que a nossa própria mão, ou olho, ou pé, nos escandalize: de que a corrupção impura que toleramos é tão querida para nós quanto um olho ou uma mão; ou que aquilo que é para nós como um olho ou uma mão se tornou uma tentação invisível ao pecado, ou a oportunidade para ele. Imagine que aquilo que é querido se torna um pecado, ou o pecado se torna algo querido. Imagine que nós não podemos conservar o que nos é querido, porque será uma armadilha e uma pedra de tropeço; imagine que nós devemos nos separar disso, ou de Deus e de uma boa consciência.

2. A solução prescrita no caso: cortar a mão e o pé, lançar fora o olho, mortificar o desejo querido, matá-lo, crucificá-lo, deixar de alimentá-lo, não

fazer provisão para ele. Que os ídolos, que são coisas agradáveis, sejam lançados fora como coisas detestáveis. Afaste-se daquilo que é uma tentação, por mais agradável que seja. É necessário que a parte que gangrenou seja extirpada, para a preservação do resto. *Immedicabile vulnus ense recidendum est, ne pars sincera trahatur – A parte que está ferida de modo incurável deve ser amputada, para que as partes saudáveis não se contaminem.* Devemos nos submeter à dor, para não sermos levados à destruição; devemos renunciar àquilo que não puder ser destruído.

3. A necessidade de agir desse modo. A carne deve ser mortificada, para que possamos entrar "na vida" (vv. 43,35), no Reino de Deus (v. 47). Embora ao abandonarmos o pecado possamos, no presente, nos sentir como se estivéssemos coxos ou mutilados (isto pode parecer uma força que nos é imposta, e pode nos criar algum desconforto), ainda assim é uma atitude que beneficia a vida; e os homens darão tudo o que tiverem pela sua vida – esta atitude nos beneficia em relação ao reino, agimos desse modo por causa do Reino de Deus, que não podemos obter de outro modo. Esses coxos e mutilados trarão em si mesmos as marcas do Senhor Jesus. Essas serão, no seu reino, cicatrizes de honra.

4. O perigo de não agir corretamente. O resultado é que, ou o pecado deve morrer, ou nós devemos morrer. Se continuarmos com essa Dalila no nosso seio, ela nos trairá; se formos governados pelo pecado, seremos inevitavelmente arruinados por ele; se desejarmos manter as nossas duas mãos, e os dois olhos, e os dois pés, seremos lançados no inferno com eles. O nosso Salvador freqüentemente nos lembra do nosso dever, com a consideração dos tormentos do inferno, perigos aos quais nos arriscamos, se continuarmos no pecado. Com que ênfase de terror essas palavras são repetidas aqui, três vezes, "onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga". Estas palavras são uma citação de Isaías 66.24. (1) As reflexões e as repreensões da consciência do pecador são o bicho, o verme que não morre, que irá aderir à alma condenada como os vermes ao cadáver, e a devorarão, e não a deixarão jamais. "Filho, lembra-te", esta palavra acompanha o tormento; e quão terrível será a "mordida" desta palavra (Pv 5.12,13): "Como aborreci a correção!" A alma, que é o alimento desse bicho, não morre; o bicho se alimenta dela, e ela permanece com ele – portanto, nenhum deles morre. Os pecadores condenados estarão, eternamente, acusando-se, condenando-se, e reprovando a si mesmos pelas

suas próprias loucuras, que, por mais que agora estejam bem com eles, no final “morderão como a cobra e, como o basilisco, picarão”. (2) A ira de Deus sobre uma consciência culpada e contaminada é o fogo que nunca se apaga; pois é a ira do Deus vivo, o Deus eterno, em cujas mãos “horrenda coisa é cair”. Não existem operações do Espírito da graça sobre as almas dos pecadores condenados; portanto, não há nada que altere a natureza do combustível, que assim permanecerá para sempre. Tampouco existe alguma aplicação dos méritos de Cristo a essa situação; portanto não há nada que diminua ou extinga a violência do fogo. O Dr. Whitby mostra que a eternidade dos tormentos do inferno não é somente uma crença constante da igreja cristã, mas também tinha sido a da congregação judaica. Josefo disse: Os fariseus afirmavam que as almas dos pecadores deveriam ser punidas com o castigo eterno; e que para eles estava reservada uma prisão perpétua. E Filo disse: A punição dos pecadores é viver morrendo para sempre, e estar sempre com dores e sofrimentos que nunca cessarão.

Os dois últimos versículos são um pouco difíceis, e os intérpretes não concordam quanto ao seu significado; porque cada um em geral, ou melhor, cada um dos que forem lançados no inferno, “será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal”. Por isso, “tende sal em vós mesmos”. [1] A lei de Moisés obrigava que cada sacrifício devia ser salgado com sal, não para preservá-lo (pois seria imediatamente consumido), mas porque era o alimento da mesa de Deus, e nenhuma carne é ingerida sem sal; isto era exigido particularmente nas ofertas de manjares (Lv 2.13). [2] A natureza do homem, sendo corrupta, e como tal, sendo chamada de carne (Gn 6.3; Sl 78.39), de alguma maneira deve ser salgada, para que possa ser um sacrifício a Deus. Por exemplo, salgar um peixe – e, creio eu, salgar outras coisas também – é chamado de curá-lo ou defumá-lo. [3] A nossa principal preocupação deve ser apresentarmo-nos como sacrifícios vivos para a graça de Deus (Rm 12.1), e, para sermos aceitos, nós devemos ser salgados com sal, os nossos desejos corruptos devem ser dominados e mortificados, e nós devemos ter, em nossas almas, um aroma de graça. Assim, as ofertas ou os sacrifícios dos gentios eram considerados aceitáveis, sendo santificados pelo Espírito Santo, assim como eram salgados os sacrifícios (Rm 15.16). [4] Aqueles que têm o sal da graça devem deixar transparecer que o têm, que eles têm o sal em si mesmos, um princípio vivo da graça em seus corações, que soluciona todas as disposições corruptas. Este princípio cura

tudo o que há na alma e que tende à putrefação, e que iria ofender ao nosso Deus, ou às nossas próprias consciências, como o alimento sem sabor. As nossas palavras devem ser sempre temperadas com a graça, temperadas com este sal, para que nenhuma mensagem corrupta possa sair da nossa boca, mas que nós possamos detestá-la tanto quanto detestaríamos colocar alimento podre em nossas bocas. [5] Assim como esse sal da graça irá conservar as nossas consciências livres de transgressões, também irá conservar da mesma maneira a nossa conduta com os outros, para que possamos não ofender a nenhum dos pequeninos de Cristo, mas possamos estar em “paz, uns com os outros”. [6] Nós não devemos somente possuir esse sal da graça, mas devemos sempre conservar a sua função e o seu sabor, pois se esse sal se tornar insulso, se um cristão se revoltar contra o cristianismo, se ele perder o seu sabor, e não estiver mais sob a influência e o poder do cristianismo, o que poderá recuperá-lo, ou “com que” se haveria de “salgar?” Estas preciosas palavras foram registradas em Mateus 5.13. [7] Aqueles que não se apresentam como sacrifícios vivos da graça de Deus se tornarão eternos sacrifícios da sua justiça, e como não desejaram honrá-lo, Ele se fará honrar através deles. Eles não serão salgados com o sal da graça divina, não permitirão que isso subjugue os seus desejos corruptos; não, eles não se submeterão à operação, não suportarão o desgaste que é necessário para devorar a carne orgulhosa. Isto seria, para eles, como cortar uma mão, ou lançar fora um olho; e por isso, no inferno, eles serão salgados com o fogo. Brasas acesas se espalharão sobre eles (Ez 10.2), como o sal sobre a carne, e enxofre (Jó 18.15), como o fogo e o enxofre choveram sobre Sodoma; os prazeres em que eles viveram irão devorar a sua carne, como se fosse fogo (Tg 5.3). A dor de mortificar a carne agora não deve mais ser comparada com a punição por não mortificá-la, mas com o sal que queima. E como o Senhor Jesus tinha dito que o fogo do inferno não se extinguirá, alguém poderia objetar que o combustível não durará para sempre. Mas aqui Ele sugere que, pelo poder de Deus, esse combustível durará eternamente, pois aqueles que forem lançados no inferno descobrirão que o fogo não tem somente a qualidade corrosiva do sal, mas também a sua qualidade conservante; por isso ele é usado para representar aquilo que é duradouro. Um concerto (ou pacto) de sal é um concerto eterno, e a esposa de Ló, transformada em uma coluna de sal, tornou-se um monumento permanente da vingança divina. Tendo em vista que esse

certamente será o destino daqueles que não crucificarem a carne com as suas concupiscências, nós devemos – conhecendo esse terror do Senhor – ser persuadidos a agir conforme a sua preciosa Palavra.

CAPÍTULO 10

Nesse capítulo, temos: I. A discussão de Jesus com os fariseus a respeito do divórcio (vv. 1-12). II. A terna recepção que Ele deu às criancinhas que eram trazidas até Ele, para que as abençoasse (vv. 13-16). III. O teste do homem rico, que perguntou o que deveria fazer para ganhar o céu (vv. 17-22). IV. As suas palavras para os discípulos, naquela ocasião, sobre o perigo das riquezas (vv. 23-37), e os benefícios de se fazer pobre por amor a Ele (vv. 28-31). V. O aviso repetido que Ele deu aos seus discípulos sobre os seus sofrimentos e a sua morte, que se aproximava (vv. 32-34). VI. O conselho que Ele deu a Tiago e a João para pensarem em sofrer com Ele, em vez de só pensarem em reinar com Ele (vv. 15-45). VII. A cura de Bartimeu, um pobre cego (vv. 46-52). O conteúdo de todas estas passagens nós já vimos antes, nos capítulos 19 e 20 do Evangelho de Mateus.

O Divórcio

vv. 1-12

O nosso Senhor Jesus era um pregador itinerante. Ele não permanecia por muito tempo no mesmo lugar, pois a sua igreja era toda a terra de Canaã, e por isso Ele queria visitar todas as partes dela, e dar instruções àqueles que estivessem nos seus cantos mais afastados. Aqui nós o vemos no território da Judéia, no extremo leste do Jordão, da mesma maneira como o encontramos, há pouco tempo, no extremo oeste, perto de Tiro e Sidom. Assim era o seu circuito, como o do sol, de cuja luz e de cujo calor nada se esconde. Aqui nós o vemos:

I Procurado pelas pessoas (v. 1). Onde quer que Ele estivesse, elas o seguiam em multidões; elas vieram até Ele, outra vez, como já tinham feito quando Ele tinha estado nessa região anteriormente, e, segundo o seu

costume, Ele os ensinou, outra vez. Observe que pregar era o procedimento constante de Jesus; era o que Ele estava acostumado a fazer e, onde quer que estivesse, Ele fazia conforme o seu costume. No texto de Mateus está escrito: “E curou-as ali”; aqui está escrito: “tornou a ensiná-los”. O objetivo das curas que Ele realizava era confirmar a sua doutrina, e recomendá-la, e o objetivo da sua doutrina era explicar as suas curas, e exemplificá-las. Ele “tornou a ensiná-los”. Observe que mesmo aqueles a quem Cristo ensinou têm necessidade de serem ensinados outra vez. Tal é a plenitude da doutrina cristã, que sempre há algo a mais para aprender; e tal é o nosso esquecimento, que precisamos ser lembrados daquilo que já sabemos.

II Aqui vemos Jesus disputando com os fariseus, que invejavam o progresso do seu exército espiritual, e faziam tudo o que podiam para impedi-lo e atrapalhá-lo; para distraí-lo, confundi-lo e criar preconceitos contra Ele.

Aqui temos: 1. Uma pergunta que eles propuseram sobre o divórcio (v. 2): “É lícito ao homem repudiar sua mulher?” Seria uma boa pergunta, se tivesse sido bem colocada e com um desejo humilde de conhecer a opinião de Deus nesse assunto; mas eles a propuseram, “tentando-o”, procurando uma oportunidade contra Ele, e uma oportunidade de expô-lo, qualquer que fosse o lado que Ele tomasse nessa questão. Os ministros devem estar vigilantes, para que, sob o pretexto de pedir conselhos, não lhes preparem armadilhas.

2. A resposta de Jesus a eles, com uma pergunta (v. 3): “Que vos mandou Moisés?” Ele lhes fez esta pergunta com a finalidade de dar testemunho do seu respeito pela lei de Moisés, e para mostrar que Ele não tinha vindo para destruí-la. Para incentivar neles um respeito universal e imparcial pelos escritos de Moisés e comparar alguns deles com outros.

3. A resposta correta que eles deram do que encontravam na lei de Moisés, expressamente a respeito de divórcio (v. 4). Jesus perguntou: “Que vos mandou Moisés?” Eles admitem que Moisés somente tolerava, ou permitia, que um homem escrevesse à sua esposa uma carta de divórcio, e a repudiasse (Dt 24.1): “Ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa”, para nunca retornar.

4. A resposta que Jesus deu à pergunta deles, na qual Ele persiste na doutrina que tinha estabelecido neste caso (Mt 5.32): “Qualquer que

repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério". E para esclarecer isso, Ele demonstra:

(1) Que a razão pela qual Moisés, na sua lei, permitia o divórcio era tal, que eles não deveriam fazer uso da permissão. Pois era somente "pela dureza do vosso coração" (v. 5); para que, se não tivessem permissão de se divorciar de suas esposas, não as matassem. Deste modo, ninguém deve repudiar a esposa, exceto aqueles que estão dispostos a admitir que os seus corações estão tão endurecidos a ponto de precisarem dessa permissão.

(2) Que a explicação que Moisés, nessa história, nos dá sobre a instituição do casamento admite o motivo para o divórcio, que equivale à sua proibição. De modo que se a pergunta é: "Que vos mandou Moisés?" (v. 3), a resposta deve ser: Embora ele permitisse o divórcio aos judeus com uma condição especial, ainda assim, por uma razão eterna, ele o proibia a todos os filhos de Adão e Eva, e é de acordo com isso que devemos viver.

Moisés nos diz: [1] Que Deus criou "macho e fêmea", um macho e uma fêmea; de modo que Adão não podia repudiar a sua esposa e tomar outra, pois não havia outra para tomar, o que dava a entender, a todos os seus filhos, que eles também deviam proceder desta maneira. [2] Quando esse homem e essa mulher foram, pela autoridade de Deus, unidos pelo sagrado casamento, a lei era: "deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unir-se-á a sua mulher" (v. 7). Isto dá a entender não somente a intimidade do relacionamento, como também a sua perpetuidade; ele se unirá à sua mulher de tal maneira a não se separar dela. [3] O resultado do relacionamento é que, embora sejam duas pessoas, "serão os dois uma só carne" (v. 8). A união entre eles é a mais íntima possível e, como expressa o Dr. Hammond, é uma coisa sagrada que não deve ser violada. [4] Deus pessoalmente os uniu. Ele não se limitou, como Criador, a equipá-los para que fossem consolo e ajuda, um para o outro, mas também, na sua sabedoria e bondade, determinou que aqueles que se unem desta maneira, vivam juntos, em amor, até que a morte os separe. O casamento não é uma invenção dos homens, mas uma instituição divina, e por isso deve ser respeitada religiosamente, e ainda mais, porque é uma imagem da união espiritual e inseparável entre Cristo e a sua igreja.

A partir de tudo isso, Jesus conclui que o homem não deve se separar da esposa à qual Deus o uniu. A união feita pelo próprio Deus não deve ser desfeita com facilidade. Aqueles que se divorciam de suas esposas por

qualquer ofensa fariam bem em considerar o que aconteceria com eles se Deus decidisse lidar com eles da mesma maneira. Veja Isaías 1.1; Jeremias 3.1.

5. As palavras de Jesus aos seus discípulos, privadamente, sobre esse assunto (vv. 10-12). Era uma vantagem que eles tivessem a oportunidade de conversar pessoalmente com Jesus, não somente sobre os mistérios do Evangelho, mas também sobre os deveres morais, para maiores esclarecimentos. Nada mais é mencionado aqui sobre essa reunião privativa, exceto a lei que Cristo estabeleceu nesse caso – de que é adultério que um homem repudie a sua esposa e se case com outra; é adultério contra a mulher que ele repudia, é um dano a ela, uma ruptura do seu contrato com ela (v. 11). Ele acrescenta: “Se a mulher deixar a seu marido”, isto é, fugir dele, ou mesmo deixá-lo mediante o seu consentimento, “e casar com outro, adultera” (v. 12). E de nada lhe servirá a desculpa de dizer que o fez com o consentimento do seu marido. A sabedoria e a graça, a santidade e a caridade reinantes no coração, tornarão esses mandamentos confortáveis. Porém à mente carnal eles podem ser como um jugo pesado.

O Amor de Cristo pelas Criancinhas

vv. 13-16

Dar atenção às crianças pequenas é considerado uma indicação de um espírito bondoso e terno. E isto era notável em Jesus, o que é um incentivo não somente às crianças para que se apresentem a Cristo ainda pequenas, mas também aos adultos, que são conscientes da sua fragilidade e infantilidade. Os adultos, devido às suas múltiplas inseguranças, muitas vezes estão desamparados e são de pouca utilidade para algum trabalho que envolva grande habilidade e responsabilidade, como ocorre com as criancinhas. Aqui temos:

I As crianças trazidas a Cristo (v. 13). Seus pais, ou quem quer que estivesse cuidando delas, trouxeram-nas a Ele, para que Ele as tocasse, em sinal da sua bênção sobre elas. Não se sabe se elas precisavam de alguma cura física, nem que pudessem ser ensinadas: mas, parece que: 1. Elas tinham o cuidado daqueles que estavam principalmente preocupados

com as suas almas, a sua melhor parte, e esta deveria ser a principal preocupação de todos os pais pelos seus filhos, pois esta é a parte principal, e tudo estará bem com elas, se estiver bem com as suas almas. 2. Eles acreditaram que a bênção de Cristo faria bem às suas almas, e por isso as trouxeram a Ele, para que Ele as pudesse tocar, sabendo que Ele podia tocar os seus corações, quando nada que os seus pais lhes dissessem, ou lhes fizessem, pudesse alcançá-las. Nós podemos apresentar os nossos filhos a Cristo, agora que Ele está no céu, pois de lá Ele consegue alcançá-las com a sua bênção. Conseqüentemente, podemos aplicar a fé à plenitude e à extensão da sua graça, às gentis insinuações que Ele sempre pronunciou a favor da descendência dos fiéis, ao teor do concerto com Abraão e à promessa que é dirigida a nós e aos nossos filhos; especialmente a grande promessa do derramamento do seu Espírito sobre a nossa posteridade, e a sua bênção sobre os nossos descendentes (Is 44.3).

II A maneira como os discípulos desencorajaram a vinda das crianças a Jesus. “Os discípulos repreendiam aos que lhas traziam”; como se tivessem certeza de que sabiam a opinião do seu Mestre sobre esse assunto, embora Ele os tivesse recentemente avisado a não desprezarem os pequeninos.

III O incentivo que Jesus deu à atitude de trazer as crianças. 1. Ele não gostou nem aprovou a atitude dos seus discípulos, que estavam afastando as crianças: “Vendo isso, indignou-se” (v. 14). O que vocês pretendem? Vocês vão me impedir de fazer o bem, de fazer o bem para a próxima geração, para as ovelhas do rebanho? Jesus se indigna com os seus próprios discípulos, quando eles impedem que alguém venha até Ele, ou que tragam os seus filhos a Ele. 2. Ele ordenou que elas fossem trazidas à sua presença, e nada deveria ser dito ou feito para impedi-las. Deixem que as crianças, tão jovens quanto possível, venham a mim, que me façam os seus pedidos, e que recebam as minhas instruções. As crianças são, desde cedo, bem-vindas ao trono da graça, com seus Hosanas. 3. Ele as reconheceu como membros da sua igreja, assim como tinham sido da congregação judaica. Ele veio para estabelecer o Reino de Deus entre os homens, e aproveitou a oportunidade para declarar que este reino aceitava as criancinhas como súditas, e lhes deu o direito aos privilégios de súditas.

Na verdade, o Reino de Deus deve ser assegurado para elas – elas devem ser aceitas quando são criancinhas, para que no futuro possam ter a segurança de ostentar o nome de Cristo. 4. Deve haver um pouco do ânimo e da disposição das crianças em todos aqueles que Jesus irá reconhecer e abençoar. Nós devemos "receber o Reino de Deus como uma criança" (v. 15), isto é, nós devemos ser influenciados por Cristo e sua graça do mesmo modo como as crianças o são pelos seus pais, pelas babás e pelos professores. Nós devemos ser curiosos, como crianças, e devemos aprender como crianças (que é a idade de aprender), e ao aprender, devemos crer. *Oportet discentem credere – Um aprendiz deve crer.* A mente de uma criança é como um papel em branco (*tabula rasa – completamente em branco*), você pode escrever nela o que quiser; assim deve ser as nossas mentes para o lápis do bendito Espírito Santo. As crianças devem obedecer a ordens; nós, também. "Senhor, que queres que faça?" Nós devemos receber o Reino de Deus como fez o jovem Samuel: "Fala, Senhor, porque o teu servo ouve" (1 Sm 3.9). As crianças confiam na sabedoria e nos cuidados dos seus pais, são carregados nos seus braços, vão aonde eles as mandam, e aceitam o que eles lhes dão; da mesma maneira, nós devemos receber o Reino de Deus, com uma humilde submissão a Jesus Cristo, e uma fácil confiança nele, tanto de força quanto de justiça, para orientação, provisão e uma porção do reino. 5. Ele recebeu as crianças, e lhes concedeu o que queriam (v. 16): "Tomando-as nos seus braços", como sinal da sua terna preocupação por elas, "e impondo-lhes as mãos", como era desejado, "as abençoou". Veja como Ele excedeu aos desejos dos pais; eles imploraram que Ele as tocasse, mas Ele fez mais do que isto. (1) Ele as tomou "nos seus braços". Aqui se cumpriam as Escrituras (Is 40.11): "Entre os braços, recolherá os cordeirinhos e os levará no seu regaço". O próprio Jesus, certa ocasião, esteve nos braços do velho Simeão (Lc 2.28). E agora Ele tomava nos braços essas crianças, não reclamando dessa carga (como fez Moisés, quando lhe foi dito que levasse Israel, aquela criança impertinente e irritante, "ao colo, como o aio leva o que cria", Números 11.12), mas se mostrando feliz por isso. Se levarmos as nossas crianças a Cristo, da maneira correta, Ele as levará, não somente nos braços do seu poder e da sua providência, mas também nos braços da sua misericórdia e graça (como em Ez 16.8); por baixo delas estarão os "braços eternos". (2) Ele impôs as mãos sobre elas, indicando a concessão do seu Espírito sobre

elas (pois era a mão do Senhor), e a consagração delas para si. (3) O Senhor as abençoou com as bênçãos espirituais que só Ele veio dar. Felizes serão os nossos filhos se tiverem apenas a bênção do Mediador como a sua porção. É verdade que nós não lemos que Ele tenha batizado essas crianças. O batismo não se estabeleceu inteiramente como a porta de admissão dos adultos à igreja até depois da ressurreição de Cristo; mas Ele confirmou a sua filiação visível, e com outro sinal concedeu essas bênçãos sobre elas, bênçãos que agora devem ser transmitidas e conferidas pelo batismo, na idade adequada, o selo da promessa que é para nós e para os nossos filhos.

Um Jovem Promissor não Alcança o Céu

vv. 17-31

Aqui está um encontro promissor entre Cristo e "um jovem", assim ele é descrito (Mt 19.20,22), como também "um príncipe" (Lc 18.18), uma pessoa de alto nível. No texto de Marcos há algumas circunstâncias que não lemos no texto de Mateus, que tornam muito promissora a apresentação desse jovem perante Cristo.

1. O jovem "correu para Ele", o que indicava a sua humildade. Ele deixou de lado a seriedade e a grandeza de um governante quando veio até Jesus – assim também ele manifestou a sua veemência e inconveniência; ele correu como alguém que tinha pressa e ansiava por conversar com Jesus. Ele tinha então uma oportunidade de consultar esse grande Profeta, sobre os assuntos que pertenciam à sua paz, e não deixaria escapar a oportunidade.

2. Ele veio a Jesus acompanhado por mais pessoas. Ele não insistiu em ter uma conversa particular com Ele, à noite, como fez Nicodemos, embora também fosse um governante. Mas quando o encontrou na rua, aproveitou a oportunidade para se aconselhar com Ele, e não se envergonhou (Ct 8.1).

3. Ele se ajoelhou diante dele, como sinal da grande veneração que tinha por Jesus, como um mestre vindo de Deus, e do seu fervoroso desejo de ser ensinado por Ele. Ele "se ajoelhou" diante do Senhor Jesus, como alguém que não somente o reverencia agora, mas também o obedeceria sempre; ele dobrou os joelhos como alguém que dobraria a alma para Ele.

4. A maneira como o jovem se dirigiu a Jesus foi séria e grave: "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" A vida eterna era algo em que

ele acreditava, embora fosse, então, negada pelos saduceus, que eram um grupo dominante. Ele pergunta o que deve fazer agora, para que possa ser feliz para sempre. A maioria dos homens quer saber sobre o bem que podem ter neste mundo (Sl 4.6), qualquer bem. Ele pergunta sobre o bem que pode ser feito neste mundo, para obter o gozo do bem maior no outro mundo. Ele não pergunta: Quem nos mostrará o bem? mas "Quem nos tornará dispostos a fazer o bem?" Ele pergunta sobre a felicidade no caminho do dever; o *summum bonum – o bem supremo* que Salomão buscava era aquilo "que seria melhor que os filhos dos homens fizessem" (Ec 2.3). Essa foi: (1) Uma pergunta muito séria, por si só – era sobre coisas eternas, e a sua própria preocupação com essas coisas. Observe que aqui começa a haver alguma esperança para as pessoas – quando começam a perguntar com interesse o que podem fazer para alcançar o céu. (2) Uma pergunta proposta à pessoa certa, alguém que era plenamente adequado para respondê-la, pois era "o Caminho, a Verdade e a Vida", o verdadeiro caminho para a vida, para a vida eterna; que veio do céu com o objetivo, primeiro de expor por nós, e depois expor para nós; primeiro preparar, e depois dar a conhecer, o caminho para o céu. Observe que aqueles que desejam saber o que devem fazer para ser salvos, devem se apresentar a Cristo fazendo-lhe perguntas sobre a vida de fé. É peculiar à religião cristã pregar sobre a vida eterna, indicando o caminho para ela. (3) A pergunta foi feita com um bom propósito: conseguir orientação. Nós encontramos essa mesma pergunta proposta por um doutor da lei, não ajoelhado, mas em pé (Lc 10.25), com o mau propósito de discutir com Jesus. Ele o tentou, dizendo: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Cristo olha mais para as boas intenções do que para as boas palavras.

5. Jesus incentivou essa pergunta: (1) Estimulando a fé do jovem (v. 18). Ele o chamou de "Bom Mestre". Jesus desejava que ele quisesse dizer que considerava a Ele [Jesus] como Deus, pois ninguém há bom senão um, que é Deus, e "um será o seu nome" (Zc 14.9). A palavra Deus em inglês (God) sem dúvida tem afinidade com a palavra "bom" (good). Assim como os hebreus chamavam a Deus por um nome que lembrava o seu poder, *Elohim*, o Deus todo-poderoso, também nós o chamamos por um nome que lembra a sua bondade, o bom Deus. (2) Orientando os seus procedimentos (v. 19). "Tu sabes os mandamentos"; sabes quais são e o que significam. O Senhor menciona os mandamentos da segunda tábua, que prescrevem o nosso dever

para com o nosso próximo. Ele inverte a ordem, colocando o sétimo mandamento antes do sexto, para dar a entender que o adultério não é um pecado menos atroz que o próprio assassinato. O quinto mandamento aqui é mencionado por último, como se devesse ser especialmente recordado e observado, para que nos conservemos para os demais. No lugar do décimo mandamento: "Não cobiçarás", o nosso Salvador aqui diz: "Não defraudarás". *Me apostereses*, isto é, diz o Dr. Hammond: "Descansarás satisfeito com o que é teu, e não tentarás fazê-lo crescer através da diminuição daquilo que pertence aos outros". Não progredir ou enriquecer prejudicando a qualquer outra pessoa é uma lei justa.

6. O jovem parecia adequado para o céu, estando livre de quaisquer infrações claras aos mandamentos divinos. Até então, ele tinha sido capaz de fazer isso, de alguma maneira (v. 20): "Mestre, tudo isso guardei desde a minha mocidade". Ele pensava ter feito isso, e os seus vizinhos e amigos também pensavam a mesma coisa. Observe que a ignorância da extensão e da natureza espiritual da lei divina faz com que as pessoas suponham estar em uma condição melhor do que realmente estão. Paulo pôde sobreviver sem a lei. Mas quando entendeu que ela era espiritual, o apóstolo entendeu também que ele era carnal (Rm 7.9,14). No entanto, aquele que pôde dizer que estava livre do pecado vergonhoso foi mais longe que muitos no caminho para a vida eterna. Mas embora não saibamos de nada por nós mesmos, nem por isso somos justificados (1 Co 4.4).

7. Jesus sentiu carinho por ele: "Jesus, olhando para ele, o amou" (v. 21). O Senhor estava satisfeito por ver que o jovem tinha vivido de uma maneira inofensiva, e feliz por ver que ele queria descobrir como poderia viver melhor. Jesus ama particularmente ver os jovens, e ricos, procurando o caminho para o céu, com os seus rostos voltados para lá.

II Aqui vemos a separação dolorosa entre Jesus e o jovem rico.

1. Jesus lhe deu uma ordem cuja finalidade era testá-lo. A reação do jovem a essa ordem evidenciaria se ele desejava a vida eterna sinceramente, e se empenhava para obtê-la. Ele parecia desejar profundamente isso, e, se assim fosse, ele estaria sendo o que deveria ser; mas será que ele realmente a desejava? Que ele faça o teste. (1) Ele consegue encontrar coragem para afastar-se das suas riquezas, apresentando-se para o serviço a Cristo? Ele possuía muitas propriedades, e então, no início da igreja cristã, a

necessidade exigiria que aqueles que tivessem propriedades as vendessem, e depositassem o dinheiro aos pés dos apóstolos; e como ele iria se desfazer delas? (At 4.34,35). Depois de algum tempo, a tribulação e a perseguição surgirão, por causa da Palavra; e ele poderá ser forçado a vender as suas propriedades, ou tê-las tiradas de si. E como ele se sentirá? Ele deve saber logo do pior; se ele não vier nesses termos, é melhor acabar com as suas pretensões; é melhor que ele saiba tudo desde o início. “Vende tudo quanto tens”, tudo que esteja além do necessário para o seu sustento. Provavelmente, ele não tinha família para sustentar; portanto, que ele seja um pai para os necessitados, e que faça deles seus herdeiros. Todo homem, de acordo com a sua capacidade, deve ajudar os pobres, e satisfazer-se, quando houver oportunidade, de ajudá-los, ainda que com dificuldades. A riqueza do mundo nos é dada não apenas para nos ajudar a suportar as nossas cargas neste mundo, de acordo com o nosso lugar nele, mas como um talento a ser usado e empregado aqui para a glória do nosso grande Mestre. Foi Ele que ordenou que tivéssemos os pobres sempre conosco, como aqueles que em seu nome recebem as nossas doações. (2) Poderá ele encontrar a coragem necessária para desempenhar os mais severos e caros serviços aos quais ele pode ser chamado, como um discípulo de Jesus Cristo, confiando que o Senhor lhe concederá uma recompensa no céu? Ele pergunta a Jesus o que mais deve fazer, além do que já fez, para obter a vida eterna, e Jesus o faz verificar se ele realmente tem aquela firme crença na vida eterna que ele parece ter, e se a valoriza como aparenta. Ele realmente crê que existe um verdadeiro tesouro no céu, suficiente para compensar por tudo o que ele pode deixar, ou perder, ou entregar a Jesus Cristo? Estará ele disposto a lidar com Jesus na base da confiança? Poderá ele dar-lhe crédito pelo que Ele merece, e estará disposto a carregar a cruz atual, na expectativa de uma coroa futura?

2. Ao ouvir essas palavras, o jovem se retirou (v. 22). Ele ficou “triste” com essas palavras. Ficou triste porque não poderia ser um seguidor de Cristo sob termos mais fáceis do que deixar tudo para segui-lo; porque ele não poderia tomar posse da vida eterna e também conservar as suas posses temporais. Mas como não poderia estar à altura dos termos do discipulado, ele foi correto a ponto de não ter mais pretensões a respeito dele, e “retirou-se triste”. Aqui aparecia a verdade da questão (Mt 6.24): “Não podeis servir a Deus e a Mamom”; enquanto servisse a Mamom, ele estaria, na verdade,

desprezando a Cristo, assim como fazem todos aqueles que preferem o mundo a Ele. O jovem pede aquilo que o interessou no mercado, e se retira entristecido, e o deixa, porque não pode consegui-lo pagando o preço que lhe convinha. Esse vocabulário nos leva a pensar em uma barganha. Meros impulsos não são suficientes para que alguém tenha um perfeito casamento. A ruína desse jovem foi o fato de ter muitos bens; assim "a prosperidade dos loucos os destruirá", e aqueles que passam os seus dias na riqueza são tentados a dizer a Deus: "Retira-te de nós", ou aos seus corações: Retira-te de Deus.

III Aqui estão as palavras de Jesus Cristo aos seus discípulos. Nós somos tentados a desejar que Jesus tivesse abrandado as palavras que atemorizaram esse jovem rapaz e o fizeram desistir de segui-lo, e, com uma explicação, tivesse removido a aspereza da situação. Mas Ele conhece o coração de todos os homens. O Senhor não podia aceitá-lo como seu seguidor, porque ele era um homem rico, e um governante; se ele quiser ir embora, que vá. Jesus Cristo não ficará com alguém que se sente contrariado, que o sirva contra a sua própria vontade. Portanto, não vemos que Jesus o tenha chamado de volta, mas que aproveitou essa oportunidade para instruir os seus discípulos sobre dois aspectos.

1. A dificuldade de salvação daqueles que têm abundância das riquezas deste mundo – porque poucos são aqueles que, tendo muito, são persuadidos a abandonar as suas riquezas materiais por amor a Cristo, ou a entregá-las para que sejam usadas para fazer o bem.

(1) Jesus afirma isso aqui. Ele olhou para os seus discípulos, porque queria que todos eles prestassem atenção ao que Ele dizia, para que com isso formassem corretamente os seus julgamentos, e corrigissem os seus enganos a respeito da riqueza do mundo, que eles podiam estar superestimando: "Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!" (v. 23). Eles têm muitas tentações para combater, e muitas dificuldades para superar, que os pobres não têm. Mas Jesus se explica (v. 24), quando chama os discípulos de "filhos", porque como filhos deviam ser ensinados por Ele, e receber dele coisas melhores do que aquelas que esse jovem considerou mais valiosas do que Cristo. E embora o Senhor lhes tivesse dito: "Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!", aqui Ele lhes diz que o perigo não estava tanto no fato de ter

riquezas, mas na confiança que muitos depositam nas riquezas esperando proteção, provisão e o recebimento da sua parte, dizendo ao seu ouro aquilo que eles só poderiam dizer ao seu Deus: “Tu és a minha confiança” (Jó 31.24). Aqueles que valorizam dessa maneira a riqueza deste mundo nunca serão convencidos a valorizar corretamente a Cristo e à sua graça. Aqueles que têm muitas riquezas, mas não colocam nelas a sua confiança e conseguem ver a inutilidade delas e a sua completa insuficiência para fazer uma alma feliz, terão superado as dificuldades e poderão se separar delas facilmente por amor a Cristo. Mas se aqueles que têm poucas riquezas concentrarem os seus corações no pouco que têm, e colocarem nisto a sua felicidade, elas os afastarão de Jesus Cristo. Jesus reforça esta afirmativa (v. 25): “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus” – um rico que confia nas riquezas, ou que tenha a tendência de confiar nelas. A desproporção aqui parece ser tão grande (embora quanto maior for, mais atenderá à intenção), que alguns se esforçaram para aproximar um pouco mais as dimensões do camelo e do fundo de uma agulha. [1] Alguns imaginam que pudesse existir alguma portinhola, ou porta, para a entrada em Jerusalém, comumente conhecida pelo nome de “fundo de agulha”, por suas pequenas dimensões, pela qual um camelo não poderia passar, a menos que fosse descarregado e colocado de joelhos, como os camelos de Gênesis 24.11. Assim também um rico não poderia entrar no céu, a menos que estivesse disposto a separar-se da carga da riqueza deste mundo, e curvar-se aos deveres de uma religião humilde, passando, desta forma, pela porta estreita. [2] Outros sugerem que a palavra traduzida por “camelo”, às vezes significa “corda” ou “cabo”, que, embora não possa passar pelo furo de uma agulha, ainda assim tem alguma afinidade com ele. Um homem rico, em comparação com o pobre, é como uma corda comparada a um fio, mais forte, mas não tão flexível, e não passará pelo furo de uma agulha, a menos que seja destrançada. Também o homem rico deve ser desembaraçado de suas riquezas, e então haverá alguma esperança para ele, de que filamento por filamento ele consiga passar pelo furo da agulha; caso contrário ele não servirá para nada, exceto para ser lançado em terra.

(2) Essa verdade era muito surpreendente para os discípulos: Eles “se admiraram destas suas palavras” (v. 24). Eles ficaram extraordinariamente surpreendidos, e disseram entre si: “Quem poderá, pois, salvar-se?” Eles

sabiam quais eram, de maneira geral, os sentimentos dos mestres judeus, que afirmavam que o Espírito de Deus escolhe residir em homens ricos; na verdade, eles conheciam a abundância de promessas que havia, no Antigo Testamento, de boas coisas temporais. Da mesma maneira, eles sabiam que há os ricos, e que os demais estão dispostos a sê-lo, e que aqueles que são ricos têm maiores oportunidades de fazer o bem, e por isso ficaram assombrados ao ouvir que seria tão difícil que os ricos fossem para o céu.

(3) Jesus Cristo os tranqüilizou, referindo-se ao poder do Deus todo-poderoso de auxiliar até mesmo os ricos a superar as dificuldades que estão atrapalhando a sua salvação (v. 27): Olhando para eles, para captar a sua atenção, Ele disse: “Para os homens é impossível”; os ricos não podem, com o seu talento ou a sua determinação, superar essas dificuldades; mas não é impossível para a graça de Deus, “porque para Deus todas as coisas são possíveis”. Se os justos têm dificuldades para ser salvos, muito mais podemos dizer dos ricos. Portanto, quando os ricos conseguem ir para o céu, eles devem dar toda a glória a Deus, que trabalhou neles, tanto para que desejassem como para que conseguissem chegar lá.

2. A grandeza da salvação daqueles que têm apenas um pouco neste mundo, e o abandonam por Jesus Cristo. Ele diz isso na ocasião em que Pedro menciona aquilo que ele e os demais discípulos tinham deixado para segui-lo. Pedro disse: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos” (v. 28). Vocês fizeram bem, disse Cristo, e no final será provado que foi benéfico para vocês mesmos; vocês serão abundantemente recompensados. E não somente serão indenizados aqueles que deixaram um pouco, mas também aqueles que deixaram muito, fosse tanto quanto tinha esse jovem que não conseguiu persuadir-se a deixar tudo por Cristo; ainda assim eles terão mais do que o equivalente ao que deixaram. (1) Aparentemente, a perda será grande. Ele especifica: [1] A riqueza deste mundo. As casas vêm primeiro, e depois os campos: se um homem deixa a sua casa, que seria a sua moradia, e os seus campos, que seriam o seu sustento, ele se torna um mendigo e um sem-teto. Essa era a escolha dos santos sofredores; adeus às casas e aos campos, por mais que fossem convenientes e desejáveis, como a herança de seus pais, em troca da casa do céu, e da herança dos santos na luz, onde há muitas mansões. [2] Os familiares. Pai e mãe, esposa e filhos, irmãos e irmãs. Neles, tanto quanto em qualquer bênção temporal, se encerra o conforto da vida; sem eles, o mundo seria um deserto; ainda

assim, quando precisamos escolher entre abandoná-los ou a Cristo, nós devemos nos lembrar que temos um relacionamento mais íntimo com Cristo do que com qualquer outra criatura, e para estar bem com Ele, nós devemos ficar satisfeitos em romper com todo o mundo, e dizer ao nosso pai e à nossa mãe, como disse Levi: “Nunca os vi”. A maior prova para a perseverança de um bom homem é quando o seu amor por Cristo entra em competição com um amor que é lícito, ou melhor, que é seu dever. É fácil um homem abandonar um desejo por Cristo, pois ele possui algo dentro de si que se ergue contra isso. Mas abandonar pai, irmãos, mulher, por Cristo, isto é, abandonar aqueles que ele sabe que deve amar, é algo muito difícil. E ainda assim ele deve fazer isso, em vez de negar ou desonrar a Cristo. Grande assim é a perda; mas ela acontece por Cristo, para que Ele possa ser honrado, e pelo Evangelho, para que possa ser promovido e propagado. Não é o sofrimento, mas a causa, que faz o mártir. E, portanto: (2) O benefício será grande. [1] Eles receberão “cem vezes tanto”, já neste tempo, em casas e irmãos e irmãs; não em espécie, mas naquilo que for equivalente. Ele terá conforto abundante enquanto viver, suficiente para compensar por todas as suas perdas. O seu relacionamento com Cristo, a sua comunhão com os santos, e o seu direito à vida eterna, serão para ele irmãos, e irmãs, e casas, e todo o resto. A providência de Deus deu a Jó o dobro do que ele tinha tido, mas os cristãos sofredores terão cem vezes, nos confortos do Espírito, compensando os confortos que possuíam. Mas, observe que aqui em Marcos está acrescentada a expressão “com perseguições”. Mesmo quando ganham, por Cristo, devem esperar sofrer por Ele; e não estarão fora do alcance da perseguição, até que cheguem ao céu. Ou melhor, as perseguições parecem estar aqui entre o que se recebe no tempo presente; pois a vocês é dado, não somente crer em Cristo mas também sofrer pelo seu nome; mas isto não é tudo. [2] Eles terão a vida eterna no século futuro. Se eles recebem cem vezes mais neste mundo, poderiam pensar que não deveriam ser incentivados a esperar nada mais. Mas, como se fosse uma questão sem importância, eles teriam a vida eterna incluída nessa negociação, o que é uma compensação maior do que dez vezes, dez mil vezes todas as suas perdas. Mas, como eles falavam tanto em terem deixado tudo por Cristo, e realmente lhes era mais do que conveniente fazê-lo, Ele lhes diz, embora eles tivessem sido chamados primeiro, que deveria haver discípulos chamados depois deles que teriam preferência a eles. Como o

apóstolo Paulo, que surgiu fora do devido tempo, e ainda assim trabalhou muito mais que todos os demais apóstolos (1 Co 15.10). Assim “muitos primeiros serão derradeiros, e muitos derradeiros serão primeiros”.

Jesus Prediz os seus Sofrimentos

vv. 32-45

Nesse trecho, temos:

I A predição de Jesus acerca dos seus próprios sofrimentos. Ele reforçava muito esse ponto, ainda que aos ouvidos dos seus discípulos soasse muito cruel e desagradável.

1. Veja aqui como Jesus era corajoso. Quando “iam no caminho, subindo para Jerusalém”, Jesus “ia adiante deles”, como o capitão da nossa salvação, que então se completaria por meio dos sofrimentos (v. 32). O Senhor mostrava assim que Ele mesmo seguia adiante na sua missão, mesmo que fosse chegada a pior parte dela. Quando era chegada a hora, Ele disse: “Eis-me aqui”. Ele estava longe de recuar, pois agora, mais do que nunca, Ele seguia adiante. Jesus “ia adiante deles”, e eles “maravilhavam-se”. Agora eles começavam a considerar a quais perigos iminentes estavam se arriscando, quando subiam a Jerusalém; o quanto o Sinédrio, que ali estava, era malévolo para com o seu Mestre e para eles mesmos, e eles estavam prontos a tremer só de pensar nisso. Portanto, para dar-lhes coragem, Jesus “ia adiante deles”. Venham, disse Ele, certamente vocês irão aventurar-se por onde o seu Mestre se aventura. Observe que quando nos vemos entrando em sofrimentos, é encorajador saber que o nosso Mestre vai adiante de nós. Ou, Ele “ia adiante deles”, e por isso eles se maravilhavam; eles se admiravam de ver com que alegria e entusiasmo Ele prosseguia, embora soubesse que iria sofrer e morrer. Note que a coragem e a perseverança em prosseguir com a sua missão pela nossa salvação sempre maravilhou a todos os seus discípulos.

2. Veja aqui como os discípulos estavam temerosos e acovardados. Enquanto seguiam a Jesus, eles “seguiam-no atemorizados”, temendo por si mesmos, sentindo-se apreensivos pelo perigo que eles mesmos corriam; e com razão deviam estar envergonhados de estar amedrontados assim. A

coragem do seu Mestre deveria ter lhes infundido coragem.

3. Veja aqui o método que Ele utilizou para tranqüilizar os seus temores. Ele não tentou fazer a coisa melhor do que era, nem alimentá-los com esperanças de que Ele pudesse escapar ao perigo, mas lhes disse, outra vez, o que sempre lhes tinha dito antes, “as coisas que lhe deviam sobrevir”. Ele conhecia o pior, e por isso prosseguiu corajosamente, e os deixaria conhecer o pior. Vinde, “não temais”, pois: (1) Não há remédio; a questão está decidida, e não pode ser evitada. (2) Somente o Filho do Homem irá sofrer; era chegada a hora do seu sofrimento, e Ele cuidaria da segurança dos seus discípulos. (3) Ele “ressuscitará”. A questão dos seus sofrimentos resultaria gloriosa para Ele, e benéfica para todos os que lhe pertencem (vv. 33,34). O modo e os detalhes dos sofrimentos de Cristo são mais amplamente preditos aqui do que em qualquer outra das predições – Ele “será entregue”, por Judas, “aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas”; eles “o condenarão à morte” mas, como não têm o poder de executá-lo, “o entregarão aos gentios”, às autoridades romanas, e elas “o escarnecerão, e açoitarão, e cuspirão nele, e o matarão”. Cristo predizia perfeitamente não somente a sua própria morte, mas todas as circunstâncias agravantes dela, e ainda assim seguia adiante, para encontrá-la.

II A repreensão que Ele fez a dois de seus discípulos, pelo ambicioso pedido que lhe fizeram. Essa história é muito semelhante à que lemos em Mateus 20.20. Mas ali está escrito que a mãe deles fez o pedido, aqui eles mesmos o fazem. Ela os apresentou e fez o pedido, e então eles a apoiaram, e concordaram com o pedido.

Observe: 1. Assim como, por um lado, existem alguns que não usam os grandes incentivos que Jesus nos deu em oração, por outro lado, também existem alguns que abusam deles. Ele tinha dito: “Pedi, e dar-se-vos-á”. E pedir as grandes coisas que Ele prometeu significa uma fé elogiável, mas era uma presunção condenável a desses discípulos, de fazer uma exigência tão ilimitada ao seu Mestre: “Queremos que nos faças o que pedirmos”. Seria melhor que o deixássemos fazer por nós o que Ele julgar adequado, pois Ele “é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos” (Ef 3.20).

2. Nós devemos tomar muito cuidado com a maneira como fazemos promessas genéricas. Jesus não se comprometeu a fazer o que eles

pedissem, mas quis saber deles o que desejavam: “Que quereis que vos faça?” Ele os deixaria prosseguir com o seu pedido, para que pudessem se envergonhar de tê-lo feito.

3. Muitos foram levados a uma armadilha por falsas noções acerca do Reino de Deus, como se ele fosse deste mundo, e como os reinos das potestades deste mundo. Tiago e João chegam à seguinte conclusão: se Jesus ressuscitar, Ele deverá ser um rei, e se Ele for um rei, os seus apóstolos deverão ser nobres, e um deles, de bom grado, será o *Primus par regni – O primeiro dos nobres do reino*, e outro estará ao seu lado, como José, na corte de Faraó, ou Daniel, na de Dario.

4. A honra deste mundo é uma coisa cintilante, com a qual os olhos dos próprios discípulos de Cristo ficaram, muitas vezes, fascinados. Mas ser bons deveria ser a nossa preocupação, mais do que parecer grandiosos, ou ter alguma proeminência.

5. A nossa fraqueza e falta de perspectiva aparecem tanto nas nossas orações quanto em qualquer outra coisa. Não podemos dar ordens com as nossas palavras quando falamos com Deus, tanto a respeito dele quanto a nosso respeito. É loucura fazer exigências a Deus, mas nos submetermos a Ele é uma atitude sábia.

6. É a vontade de Cristo que nós nos preparemos para os sofrimentos, e deixemos que Ele cuide de nos recompensar por eles. Ele não precisa ser lembrado, como precisou Assuero, dos serviços do seu povo, nem consegue esquecer a obra da sua fé e de seu trabalho de caridade. A nossa preocupação deve ser a de termos sabedoria e graça para sabermos como sofrer com Ele, e então confiarmos que Ele possibilitará a melhor maneira de reinarmos com Ele. O Senhor também definirá quando, e onde, e quais serão os graus da nossa glória.

III A repreensão de Jesus aos demais discípulos, pelo desconforto deles com o pedido de Tiago e João. Eles começaram a ficar muito descontentes, a indignarem-se contra Tiago e João (v. 41). Eles ficaram irritados com os dois por pedirem preferência, não porque isto não fosse conveniente aos discípulos de Cristo, mas porque cada um deles esperava tê-la. Quando o cínico pisou sobre o jaez (manto do cavalo) de Alexandre, com a expressão: *Calco fastum Alexandri – Agora eu piso sobre o orgulho de Alexandre*, foi oportunamente repreendido com: *Sed Majori fastu – Mas*

com um orgulho ainda maior do que o seu próprio. Assim eles descobriram a sua própria ambição, através do seu desagrado pela ambição de Tiago e João; e Jesus aproveitou essa ocasião para adverti-los quanto a isso, e a todos os seus sucessores, no ministério do Evangelho (vv. 42-44). Ele os chamou a si de uma maneira familiar, para dar-lhes o exemplo de condescendência, mesmo quando estava reprovando a sua ambição, e para ensiná-los a nunca manter os seus discípulos à distância. Ele lhes mostra:

1. Que o mundo geralmente abusa ou usa mal o domínio (v. 42): Que eles pareciam dominar os gentios, que têm o nome e o direito de governar; eles exercem soberania sobre outros, e este é o objetivo do seu estudo, não tanto para protegê-los e cuidar do seu bem-estar quanto para exercer autoridade sobre eles. Eles serão obedecidos, desejando ser arbitrários e ter a sua vontade realizada em todos os aspectos. *Sic volo, sic jubeo, stat pro ratione voluntas – Assim eu desejo, assim eu ordeno; o meu prazer é a minha lei.* A sua preocupação é o que os seus súditos farão para sustentar a sua própria pompa e grandeza, não o que eles farão pelos súditos.

2. Que, portanto, isso não deve ser aceito na igreja: “Entre vós não será assim”; aqueles que estiverem aos seus cuidados deverão ser como ovelhas sob os cuidados do pastor, que deve guiá-las e alimentá-las, e deve ser um serviçal para elas, não como cavalos sob o comando do cocheiro, que os faz trabalhar e os espanca, e obtém os seus pagamentos com eles. Aquele que pretende ser grande e poderoso, ao invés de se lançar a uma dignidade e a uma dominação secular, deverá ser “servo de todos”. Ele será humilde e desprezível aos olhos de todos os que são sábios e bons: “o que a si mesmo se exaltar será humilhado”. Ou, em outras palavras, aquele que desejar ser verdadeiramente grande e importante, deverá se entregar integralmente a fazer o bem a todos, deverá se curvar aos serviços mais humildes, e trabalhar nos serviços mais duros. Não somente serão mais honrados no futuro, como também são mais honrados agora, aqueles que são mais úteis. Para convencê-los disso, Jesus apresenta o seu próprio exemplo diante deles (v. 45). “O Filho do Homem se submete primeiro às maiores dificuldades e aos maiores perigos, e depois entra na sua glória, e vocês podem esperar conseguir algo tão elevado de outra maneira, ou tendo mais facilidade ou honra do que Ele?”. (1) Ele assume “a forma de servo”. Ele “não veio para ser servido”, e atendido, “mas para servir”, e conceder a sua graça. (2) Ele se apresenta de modo obediente à morte, e ao seu domínio, pois Ele dá “a

sua vida em resgate de muitos". Pois Ele morreu para o benefício de todas as pessoas que o aceitarem como Senhor e Salvador; e será que nós não deveremos nos esforçar para viver de um modo que beneficie os salvos?

Os Olhos de Bartimeu São Abertos

vv. 46-52

Essa passagem da história está de acordo com a de Mateus 20.29ss., mas ali fala-se de dois homens cegos, ao passo que aqui e em Lucas 18.35, somente um deles é mencionado. Mas se havia dois, havia um. Aqui ele é mencionado pelo nome, pois era um mendigo cego muito conhecido; ele se chamava Bartimeu, isto é, filho de Timeu. Alguns pensam que isto quer dizer "filho de um homem cego". Ele era o filho cego de um pai cego, o que tornava o caso ainda pior, e a cura ainda mais maravilhosa, e mais adequada para exemplificar as curas espirituais e físicas realizadas pela graça de Cristo, não somente naqueles que nascem cegos, mas naqueles que nascem daqueles que são cegos.

I Esse homem cego estava "assentado... mendigando", como ocorre hoje em dia. Observe que aqueles que pela providência de Deus não têm capacidade de ganhar a vida pelo seu próprio trabalho, e não têm outros meios de subsistência, são as pessoas mais adequadas à caridade, e deve-se cuidar adequadamente delas.

II Ele clamou ao Senhor Jesus, pedindo misericórdia: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!" A desgraça é objeto de misericórdia. Bartimeu recomenda o seu próprio caso infeliz à compaixão do Filho de Davi, de quem tinha sido predito que, quando viesse para nos salvar, os olhos dos cegos seriam abertos (Is 35.5). Ao nos dirigirmos a Cristo pedindo ajuda e cura, nós devemos considerá-lo como o Messias prometido, o Guardião da misericórdia e da graça.

III Jesus o incentivou a esperar que encontraria misericórdia, pois Ele parou, e mandou que chamassem o mendigo cego. Nós nunca devemos ficar parados diante de um obstáculo no nosso caminho, quando se trata de

fazer o bem. Aqueles que estavam com ele, que o tinham desencorajado no início, talvez fossem as pessoas que representavam então o gracioso chamado de Cristo: “Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama”. E se Ele te chama, Ele irá te curar. Observe que o gracioso convite que Cristo nos faz, de irmos até Ele, são grandes incentivos para a nossa esperança, de que seremos bem-sucedidos se o fizermos, e receberemos o que viemos pedir. Deixemos que os culpados, os vazios, os tentados, os famintos, os desnudos, tenham consolo, pois Ele os chama para serem perdoados, abastecidos, socorridos, alimentados, vestidos, para terem tudo o que a sua situação exigir.

IV O pobre homem, então, fez o melhor que pôde naquela oportunidade de contato com Cristo; ele lançou de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus (v. 50). Ele lançou longe tudo o que poderia fazê-lo cair, ou que poderia, de alguma maneira, impedi-lo de ir até Jesus, ou de retardar os seus movimentos. Aqueles que desejam ir a Jesus devem lançar fora a veste da sua auto-suficiência, devem se despir de toda a arrogância, e devem se libertar de todo o peso, e de todo o pecado que, como longas vestes, tão de perto nos rodeiam (Hb 12.1).

V O favor particular que o cego pediu era que os seus olhos fossem abertos, para que ele pudesse trabalhar para viver, e pudesse deixar de ser um peso para os outros. É algo muito desejável termos a capacidade de ganhar o nosso próprio pão; e tendo Deus dado aos homens os seus membros e sentidos, é uma vergonha que estes, pela sua loucura e preguiça, se façam cegos e coxos.

VI Ele recebeu essa graça. Os seus olhos se abriram (v. 52), e Marcos aqui acrescenta duas coisas, que dão a entender: 1. Como Cristo lhe concedeu uma graça dupla, colocando a honra do milagre na fé do homem: “A tua fé te salvou”; a fé em Cristo, como o Filho de Davi, na sua misericórdia e no seu poder. Não foi a tua impertinência, mas a tua fé colocando Cristo em ação, ou melhor, Cristo colocando a tua fé em ação. As dádivas mais confortáveis são aquelas que recebemos através da nossa fé. 2. Como é que aquele homem conseguiu para si mesmo uma graça dupla: “E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho”. Com isto, entendemos

que o homem estava completamente curado, que não precisava mais de alguém para o guiar, mas podia seguir sozinho. Com isto ele evidencia o sentimento de gratidão que teve pela bondade que Jesus lhe demonstrou, isto é, quando pôde ver, foi este o uso que ele fez da sua visão: ele seguiu ao Senhor Jesus Cristo. Não é suficiente vir a Cristo para pedir a cura espiritual e física; mas, quando somos curados, devemos continuar a segui-lo, para que possamos honrá-lo e receber instruções dele. Aqueles que têm uma boa visão espiritual podem enxergar em Cristo a beleza que efetivamente os atrairá, fazendo com que o sigam.

CAPÍTULO 11

Chegamos agora à Semana da Paixão, à semana em que Jesus morreu, e aos grandes acontecimentos dela. I. A entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (vv. 1-11). II. A maldição sobre a figueira infrutífera (vv. 12-14). III. A expulsão, do templo, daqueles que o transformaram em um local de comércio (vv. 15-19). IV. O diálogo do Senhor com os seus discípulos no tocante ao poder da fé e à eficácia da oração, por ocasião do definhamento da figueira que Ele amaldiçoou (vv. 20-26). V. Sua resposta àqueles que questionavam a sua autoridade (vv. 27-33).

A Entrada de Jesus em Jerusalém

vv. 1-11

Temos aqui a história da entrada pública de Jesus em Jerusalém, quatro ou cinco dias antes de sua morte. E ele entrou assim, abertamente, na cidade: 1. Para demonstrar que não tinha medo do poder e da maldade de seus inimigos em Jerusalém. Ele não entrou furtivamente, incógnito, na cidade, como alguém que não se atrevia a mostrar a face; não, eles não precisaram enviar espiões para procurá-lo, ele veio de uma forma notória. Isto seria um estímulo para os seus discípulos que eram tímidos, e que se sentiam atemorizados pela idéia do poder e da ira de seus inimigos. Que eles vissem com que bravura o seu Mestre desafiava a todos eles. 2. Para mostrar que Ele não estava perturbado ou preocupado com pensamentos sobre a aproximação de seus sofrimentos. Ele veio, não apenas publicamente, mas

alegremente, e com aclamações de júbilo. Embora o Senhor estivesse agora se preparando para a batalha e colocando a armadura, já estando plenamente seguro de uma completa vitória. Ele triunfa em meio a uma situação que, aos olhos humanos, seria uma derrota.

I A aparência desse triunfo era muito ruim. Ele cavalgava sobre um jumentinho, um animal insignificante que não causava boa impressão; e, sendo apenas um jumento sobre o qual nunca um homem havia montado, podemos supor que era bruto e não domesticado, e não apenas isso, mas rude e incontrolável, e poderia perturbar e desonrar a cerimônia. Esse jumento também era emprestado. Jesus atravessou a água em um barco emprestado, comeu a ceia da páscoa em um aposento emprestado, foi sepultado em um sepulcro emprestado, e cavalgava então em um jumento emprestado. Os cristãos não devem desdenhar o ficar em débito uns com os outros, e quando houver necessidade, pedir algo emprestado, pois o nosso Mestre o fez. Ele não tinha arreios ricamente enfeitados; os discípulos lançaram as suas vestes sobre o jumentinho, e então Ele montou o animal (v. 7). As pessoas que estavam presentes eram pessoas pobres, e toda a demonstração que eles podiam fazer era estender as suas vestes pelo caminho (v. 8), como costumavam fazer na festa dos Tabernáculos. Todos esses eram símbolos de sua humilhação; mesmo quando não lhe prestavam atenção, Ele era notado por seus poucos recursos. E esses são ensinamentos para nós não ambicionarmos as coisas altas, mas nos acomodarmos às humildes. Quão ruim é para os cristãos se apoderarem de bens, enquanto Jesus estava tão longe de qualquer afinidade com isso!

II A essência desse triunfo era muito profunda; não apenas porque era um cumprimento das Escrituras (que não é mencionada aqui, como o é em Mateus), mas porque havia vários raios da glória de Cristo irradiando no meio de toda essa simplicidade. 1. Jesus mostrou o conhecimento que possui das coisas distantes – e o seu poder sobre a vontade dos homens – quando enviou os seus discípulos em busca do jumentinho (vv. 1-3). Através disso, parece que Ele pode fazer qualquer coisa e que nenhum pensamento pode ser ocultado dele. 2. Ele demonstrou o controle que tem sobre as criaturas ao montar um jumento que nunca fora montado. A sujeição da parte inferior da criação ao homem é comentada e se aplica ao

Senhor Jesus Cristo (Salmos 8.5,6, comparados com Hebreus 2.8), pois é devida a Ele e à sua mediação, para que tenhamos todo beneficio remanescente da concessão que Deus fez ao homem, de uma soberania neste mundo inferior (Gn 1.28). E talvez Jesus, ao cavalgar o filho de uma jumenta, tenha dado um exemplo do seu poder sobre o espírito do homem, pois o homem nasce como a cria do jumento montês (Jó 11.12). 3. O jumentinho foi trazido de um lugar onde dois caminhos se encontravam (v. 4). É como se Jesus quisesse mostrar que veio para dirigir os homens no caminho certo, sim, que Ele veio dar a direção correta àqueles que tinham dois caminhos diante de si, e corriam o risco de escolher o errado. 4. Jesus recebeu alegres hosanas do povo; ou seja, tanto as boas vindas que eles lhe deram, como também os seus bons votos de prosperidade para o seu reino (v. 9). Foi Deus quem colocou nos corações dessa gente o grito de Hosana. Aquela multidão não fora levada a isso por algum truque ou manipulação, como aqueles que mais tarde gritaram: Seja crucificado, seja crucificado. Jesus se considera honrado pela fé e pelos louvores da multidão, e é Deus quem leva o povo a louvá-lo e honrá-lo além das suas próprias intenções.

(1) Eles o saudaram (v. 9): “Bendito o que vem”, o *ho erchomenos*, *aquele que deveria vir*, tantas vezes prometido, por tanto tempo esperado. Ele vem em nome do Senhor, como o embaixador de Deus para o mundo. Seja Ele Bendito: que Ele receba os nossos louvores e os nossos melhores sentimentos. Ele é o bendito Salvador, e traz bênçãos para nós, e bendito seja Aquele que o enviou. Que Ele seja bendito em nome do Senhor, e que todas as nações e todas as gerações o chamem de Bendito, e o exaltem e o glorifiquem em pensamento e palavra.

(2) Eles bendisseram o seu intento (v. 10). Eles acreditavam que, apesar da sua aparência simples, Ele tinha um reino que deveria ser brevemente estabelecido no mundo, que era o reino de seu pai Davi (o pai do seu país), o reino que fora prometido a ele e à sua semente para sempre; um reino que viria em nome do Senhor, apoiado por uma autoridade divina. Bendito seja esse reino; que ele se estabeleça, que seja fundado, que venha pelo seu poder, e que todo governo, principado, e potestade contrários sejam derrubados; que ele siga conquistando, e vencendo. Hosana a esse reino; que seja próspero; que toda felicidade esteja presente nele. O significado correto de hosana é aquele que encontramos em Apocalipse 7.10. A salvação pertence ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao

Cordeiro; prosperidade e sucesso à religião, tanto a natural quanto a revelada, Hosana nas alturas. Louvado seja o nosso Deus, que está nos mais altos céus, acima de tudo e de todos, e que é o Deus bendito para sempre. Seja louvado por seus anjos, que estão nos céus; que os nossos brados de hosanas sejam ecos aos deles.

Jesus, assim acompanhado, assim aclamado, entrou na cidade, e foi diretamente para o templo. Aqui não havia nenhum banquete de vinho preparado por hospitalidade a Ele, nem qualquer refeição; mas Ele imediatamente se dedicou ao seu trabalho, pois isso era a fonte da sua satisfação, a sua "comida e a sua bebida". Ele foi para o templo para que as Escrituras se cumprissem: "E, de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais... Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á, afinando e purificando a prata" (Ml 3.1-3). Ele entrou no templo, e examinou a situação do templo (v. 11). Ele olhou todas as coisas à sua volta, mas por enquanto não disse nada. Ele viu ali muita desordem, mas permaneceu em silêncio (Sl 50.21). Embora pretendesse contê-las, Ele não iria fazer isso repentinamente, para que não parecesse que fez isso de forma imprudente. Por aquela noite, o Senhor deixou as coisas ficarem como estavam, pretendendo, na manhã seguinte, dedicar-se às reformas necessárias e aproveitar o dia que teria pela frente. Nós podemos estar seguros de que Deus vê toda a iniqüidade que existe no mundo, embora em determinado momento o Senhor não faça caso dela, nem a lance fora. O Senhor Jesus Cristo, tendo feito as suas observações sobre o que viu no templo, retirou-se à noite para a casa de um amigo em Betânia, porque lá Ele estaria mais distante do barulho da cidade, e longe de ser suspeito de planejar comandar um tumulto.

A Figueira Infrutífera É Amaldiçoada

vv. 12-26

Nesse trecho, temos:

A maldição sobre a figueira infrutífera. O Senhor tinha um lugar de descanso bastante conveniente em Betânia, e foi para lá em vários momentos de repouso. Mas o seu trabalho permanecia em Jerusalém, e por essa razão para lá Ele retornou pela manhã, na hora do trabalho. E Ele estava tão concentrado em seu trabalho que saiu de Betânia sem tomar o café da manhã, do qual Ele sentiu falta antes que tivesse ido longe, e teve fome (v. 12) – pois o Senhor Jesus estava sujeito a todas as fraquezas de nossa natureza, porém jamais pecou. Encontrando-se faminto, Ele se dirigiu a uma figueira, que viu a certa distância, e que estando bem enfeitada com folhas verdes fazia-o esperar encontrá-la carregada com alguns frutos. Mas ali o Senhor não encontrou nada a não ser folhas. Ele esperava encontrar algum fruto, pois embora a estação de colheita dos figos estivesse próxima, ainda não havia chegado; de modo que não se podia alegar que ela tivesse frutos e que houvessem sido apanhados e levados. A época ainda não havia chegado. Ele não encontrou nenhum fruto, nem mesmo brotos, pois realmente não era a época de figos, e parece que aquele não era um bom ano para figos. Mas essa era pior do que qualquer figueira, pois não havia nela sequer um figo, embora ela fosse tão cheia de folhas. Contudo, Cristo desejava fazer dela um exemplo, não para as árvores, mas para os homens daquela geração, e por isso a amaldiçoou com aquela maldição que é o oposto da primeira bênção: “Frutificai”. O Senhor lhe disse: “Nunca mais coma alguém fruto de ti” (v. 14). Doçura e bom fruto são, na parábola de Jotão, o louvor da figueira (Jz 9.11), e a sua utilidade para o homem; isto para ela é preferível a ser elevada acima das árvores. Ser então privada disso era uma dolorosa maldição. Essa situação pretendia ser um símbolo e uma ilustração da destruição pela qual passou a congregação judaica, para a qual o Senhor Jesus Cristo veio, buscando frutos, mas não encontrou nenhum (Lc 13.6,7). E embora a nação de Israel não tenha sido imediatamente cortada – mesmo que a sua condenação estivesse expressa na parábola – de acordo com a história, a cegueira e o endurecimento de coração lhe sobreveio (Rm 11.8,25), de forma que daqui por diante eles se tornaram inúteis. Os discípulos ouviram a sentença que Jesus proferiu contra essa figueira, e prestaram bastante atenção. Tanto as bênçãos quanto as maldições que vêm dos lábios de Cristo devem ser observadas e lembradas.

II A expulsão dos comerciantes que freqüentavam o templo, e daqueles que fizeram dele uma via pública. Nós não cremos que Jesus tenha encontrado comida em outro lugar, quando não a encontrou na figueira; mas o zelo pela casa de Deus o consumiu, e fez com que Ele se esquecesse de si mesmo. Jesus foi para Jerusalém faminto como estava, e se dirigiu diretamente ao templo, e começou a corrigir aqueles abusos que Ele havia observado no dia anterior, para mostrar que quando o Libertador veio a Sião, a sua missão era desviar de Jacó as impiedades (Rm 11.26). E Ele veio não para destruir o templo – como foi falsamente acusado – mas para purificá-lo e limpá-lo, e trazer a sua igreja ao seu antigo estado de retidão.

1. Jesus expulsou os vendedores e os compradores, derrubou as mesas dos cambistas (e lançou o dinheiro ao chão, o local mais adequado para isso), e derrubou as cadeiras dos que vendiam pombas. Isso o Senhor fez como alguém que tem autoridade, como um filho em sua própria casa. A imundície da filha de Sião é removida, não por força, nem por poder, mas pelo espírito de julgamento e pelo espírito de fervor. E Ele o fez sem oposição; porque o que Ele fez era obviamente correto e bom, mesmo na consciência daqueles que haviam sido coniventes com aquelas atividades e as estimulavam, porque ganhavam dinheiro dessa forma. Note que esse episódio pode ser um encorajamento para reformistas zelosos: a eliminação das corrupções e a punição dos abusos freqüentemente acabam sendo um trabalho mais fácil do que se imaginava. Tentativas cautelosas, às vezes, são mais bem-sucedidas do que esperávamos, não existindo aqueles leões que temíamos encontrar pelo caminho.

2. Ele não consentiria que qualquer homem levasse algum vaso, qualquer tipo de bens ou mercadorias através do templo, ou de qualquer de suas áreas, por ser esse o caminho mais curto, e lhes pouparia o trabalho de contorná-lo (v. 16). Os judeus reconheciam que esse era um dos exemplos do respeito devido ao templo: não fazer do monte da casa, ou do pátio dos gentios, uma estrada ou passagem pública, ou entrar nele com qualquer pacote.

3. O Senhor deu uma boa razão para isso – estava escrito: “A minha casa será chamada por todas as nações casa de oração” (v. 17). Assim estava escrito (Is 56.7). E assim deverá ser conhecida entre todos os povos. Ela será a casa de oração para todas as nações. Era assim em sua primeira instituição. Quando Salomão dedicou o templo, foram levados em conta os

filhos dos estrangeiros (1 Rs 8.41). E foi profetizado que ele deveria ser santificado. Jesus queria que o templo fosse um tipo da igreja cristã: (1) Sendo uma casa de oração. Depois que tinha expulsado os bois e as pombas, que eram criaturas para sacrifício, o Senhor Jesus renovou o compromisso do templo como uma casa de oração, para nos ensinar que quando todos os sacrifícios e ofertas fossem abolidos, os sacrifícios espirituais de oração e louvor continuariam e permaneceriam para sempre. (2) Que deveria ser assim para todas as nações e não apenas para o povo judeu; pois todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo, embora não se trate apenas da semente de Jacó, segundo a carne. Era então intolerável que eles fizessem da casa de oração de Deus um covil de ladrões, o que faria com que as nações a quem eles deveriam ter convidado para ali servirem ao Senhor, tivessem um forte preconceito contra ela. Quando Jesus expulsou os compradores e vendedores no início de seu ministério, Ele apenas os acusou de fazer do templo uma casa de vendas (Jo 2.16); mas agora Ele os acusa de torná-lo um covil de ladrões, porque desde então eles haviam, por duas ocasiões, pego em pedras para apedrejá-lo no templo (Jo 8.59; 10.31), ou porque os comerciantes haviam se notabilizado por enganarem os seus clientes, e tirado partido da ignorância e da necessidade das pessoas do campo, o que não é melhor do que roubo puro e simples. Aqueles que permitem que pensamentos vãos e mundanos se alojem dentro de si mesmos quando estão em suas devoções, transformam a casa de oração em uma casa de comércio; mas aqueles que fazem longas orações a pretexto de devorar as casas das viúvas, transformam-na em um covil de ladrões.

4. Os escribas e os príncipes dos sacerdotes estavam extremamente irritados com isso (v. 18). Eles o odiavam, e detestavam ser corrigidos por Ele; todavia o temiam, receando que Ele em breve causasse a perda de suas cadeiras, e os expulsasse, estando conscientes da profanação e do abuso de poder que estavam praticando na casa de Deus. Eles entendiam que Ele despertava um grande interesse, que todas as pessoas estavam admiradas com a sua doutrina, e que tudo o que Ele dizia era um oráculo e uma lei para eles; e o que Ele não ousaria fazer, ou o que Ele não poderia realizar sendo apoiado dessa forma? Aqueles religiosos, então, não procuraram planejar como poderiam fazer as pazes com o Senhor Jesus, mas como poderiam destruí-lo. Em uma tentativa desesperada como essa, eles só

poderiam temer estar lutando contra Deus. Mas eles não se importavam com o que fosse necessário fazer para manter o seu próprio poder e grandeza.

III O diálogo do Senhor Jesus com os seus discípulos sobre o caso da figueira que secou, aquela que Ele amaldiçoou. Ao cair da noite, como de costume, Ele saiu da cidade (v. 19), para Betânia; mas é provável que tenha sido no escuro, assim eles não puderam ver a figueira. Passando pela manhã seguinte eles viram que a figueira tinha secado desde as raízes (v. 20). Muitas vezes as maldições de Cristo envolvem muito mais do que aquilo que está expresso, conforme os seus efeitos demonstram. A maldição não era nada além de que ela jamais daria frutos outra vez, mas os efeitos vão além; ela secou desde as suas raízes. Se ela não produz frutos, também não produzirá folhas para enganar as pessoas. Agora observe:

1. Como os discípulos foram afetados por isso. Pedro se lembrou das palavras de Jesus, e disse, com surpresa: “Mestre, eis que a figueira que tu amaldiçoaste se secou” (v. 21). Note que as maldições de Cristo têm efeitos admiráveis, fazendo secar aqueles que floresciam como os verdes loureiros. Aqueles a quem Ele amaldiçoa são realmente amaldiçoados. Esse exemplo representa o caráter e a condição da congregação judaica. Dali por diante, os judeus seriam uma árvore estéril desde as raízes; não mais adequada para o fornecimento de alimento, mas apenas como lenha, ou seja, como combustível. A primeira instituição do sacerdócio levítico foi ratificada e confirmada pelo milagre de uma vara seca, a qual em uma noite brotou, floresceu e produziu amêndoas (Nm 17.8), um feliz presságio do florescimento e da frutificação daquele sacerdócio. E então, por um milagre contrário, a expiração daquele sacerdócio era simbolizada pelo definhamento – em uma noite – de uma árvore viçosa; uma punição justa para aqueles sacerdotes que abusaram do sacerdócio. E parecia muito estranho aos discípulos, e até mesmo difícil de acreditar, que os judeus – que haviam sido por tanto tempo declarados por Deus como o seu único povo reconhecido no mundo – pudessem ser assim abandonados; eles não podiam imaginar como aquela figueira podia definhar em tão pouco tempo: mas essa é a conseqüência de se rejeitar a Cristo, e de ser rejeitado por Ele.

2. Os bons ensinos que Jesus lhes ministrou a partir daquela situação; pois quando se trata do ensino do Senhor, até mesmo uma árvore seca pode dar

frutos.

(1) Jesus os ensina, então, a orar com fé (v. 22): “Tende fé em Deus”. Eles ficaram impressionados com o poder da palavra de ordem de Cristo. O Senhor estava lhes ensinando que uma fé ativa introduz um grande poder em nossas orações (vv. 23,24). “Qualquer que disser a este monte” (o Monte das oliveiras, por exemplo): “Ergue-te e lança-te no mar”, tendo uma palavra de Deus, de caráter geral ou particular sobre a qual possa edificar a sua fé, e não duvidar em seu coração, mas crer que aquelas coisas que disser acontecerão de acordo com a garantia que ele tem na Palavra de Deus, “tudo o que disser lhe será feito”. Através da força e do poder de Deus em Cristo, a maior dificuldade poderá ser superada, e tudo será feito. E então (v. 24), “tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis”; e não é só isto, mas crede que vós o recebestes, e que aquele que tem o poder para dá-lo, disse: tê-lo-eis. Eu vos digo, vós o tereis (v. 24). Em verdade vos digo, tê-lo-eis (v. 23). Ora, isso se aplica: [1] Àquela fé na operação de milagres – com a qual os apóstolos e os primeiros pregadores do evangelho eram dotados, bem como nós hoje, que fez e faz maravilhas em coisas naturais, curando os enfermos, ressuscitando os mortos, expulsando os demônios – era e é, realmente, uma remoção de montanhas. O apóstolo Paulo nos ensina que, se não houver amor, não há proveito em fazer essas maravilhas pela fé (1 Co 13.2). [2] Isso pode ser aplicado àquele milagre da fé com a qual todos os verdadeiros cristãos são dotados, e que produz maravilhas nas coisas espirituais. Ela nos justifica (Rm 5.1), remove as montanhas de culpa e as lança nas profundezas do mar, e nunca se levantará contra nós em juízo (Mq 7.19). Ela purifica o coração (At 15.9), e assim remove uma montanha de corrupções, e as torna em campinas diante da graça de Deus (Zc 4.7). É pela fé que o mundo é conquistado, os dardos inflamados de Satanás são apagados, uma alma é crucificada com Cristo e mesmo assim vive; pela fé colocamos o Senhor sempre diante de nós, e vemos Aquele que é invisível, e o temos presente em nossos pensamentos. E ela é eficaz para remover montanhas, pois, na presença do Senhor, na presença do Deus de Jacó, as montanhas não são apenas movidas, mas são removidas (Sl 114.4-7).

(2) A isso é adicionada, aqui, aquela qualificação necessária para que a oração seja eficaz: que nós espontaneamente perdoemos aqueles que têm sido de alguma forma prejudiciais para nós, e sejamos caridosos com todos

os homens (vv. 25,26). “Quando estiverdes orando, perdoai”. Note que ficar de pé não é uma postura imprópria para a oração; ela era usual entre os judeus. Por isso eles relacionavam as suas orações às suas posturas. Quando eles queriam dizer que o mundo era mantido pela oração, eles expressavam este pensamento através da seguinte expressão: *Stationibus stat mundus – O mundo é sustentado por posturas.* Mas os primeiros cristãos geralmente usavam a postura mais humilde e respeitosa de ajoelhar-se, especialmente nos dias de jejum, embora não nos dias em que o Senhor viveu na terra. Quando estivermos orando, devemos nos lembrar de orar pelos outros, especialmente por nossos inimigos e por aqueles que nos ofenderam. Ora, não poderemos orar sinceramente para que Deus lhes faça o bem se nutrimos alguma má intenção contra eles, e se lhes desejarmos o mal. Se nós prejudicarmos alguém, devemos nos reconciliar antes de orarmos (Mt 5.23,24). Mas se alguém nos prejudicou, o caminho é mais curto; devemos perdoar a pessoa imediatamente, e de todo o nosso coração. [1] Porque este é um bom passo em direção à obtenção do perdão para os nossos pecados: perdoe, para que o seu Pai possa lhe perdoar. Quer dizer, para que você esteja qualificado para receber o perdão e que o Senhor possa lhe perdoar sem prejuízo para a sua glória. Se o Senhor permitisse que aqueles que estivessem distantes de serem compatíveis com este padrão, tivessem tal benefício através de sua misericórdia, a sua glória seria maculada. [2] Porque a falta disto é uma barreira à obtenção do perdão para os nossos pecados. Se você não perdoar aqueles que lhe ofenderam, se você os odiar, se guardar rancor, cogitar vingança e aproveitar qualquer ocasião para falar mal deles, tampouco Deus Pai perdoará as suas transgressões. Isto deveria ser lembrado em oração, porque uma grande missão que nós temos para com o trono da graça é orar pelo perdão de nossos pecados. Esta deve ser uma preocupação diária, porque a oração é uma parte imprescindível da nossa vida cotidiana. O nosso Salvador freqüentemente insiste nisso, porque o seu grande desígnio é que os seus discípulos se dediquem a amar uns aos outros.

Os Fariseus Ficam Desorientados

vv. 27-33

Vemos aqui Jesus sendo examinado pelo Sinédrio no que concerne à sua autoridade; porque aqueles homens reivindicavam o poder de chamar os profetas para lhes dar uma explicação com relação à missão que desempenhavam. Eles vieram ao Senhor quando Ele caminhava pelo templo, não para distrair-se, mas para instruir as pessoas, primeiro um grupo e depois outro. Os filósofos peripatéticos eram assim chamados devido ao costume que tinham de caminhar enquanto ensinavam. Os pátios do templo eram adequados para esse propósito. Os homens importantes estavam irritados ao vê-lo seguido e ouvido com atenção, e então vieram a Ele com alguma solenidade, como se o acusassem no tribunal, com esta pergunta: “Com que autoridade fazes tu estas coisas?” (v. 28). Considere então:

I Como eles planejaram, através disso, detê-lo e constrangê-lo. Se eles pudessem comprovar diante do povo que Jesus não tinha uma missão legítima, que Ele não fora devidamente autorizado – embora já fosse tão bem qualificado, e já pregasse tão bem e proveitosamente – eles iriam dizer às pessoas que elas não o deveriam ouvir. Eles fizeram disso o último refúgio de uma incredulidade obstinada. Por estarem decididos a não aceitar a sua doutrina, eles estavam determinados a encontrar alguma falha em sua autorização (ou comissão), e concluiriam que era inválida se não fosse fornecida e ratificada por sua corte. É desse mesmo modo que os papistas procuram resolver a sua controvérsia conosco, questionando a missão de nossos ministros. E se eles pensam que encontram qualquer pretexto para nos desautorizar, consideram que alcançaram o seu objetivo, embora nós tenhamos as Escrituras totalmente do nosso lado. Mas essa é realmente uma questão para a qual todos os que atuam como magistrados, ou como ministros, deveriam estar providos de uma boa resposta, aplicando-a freqüentemente a si mesmos: Com que autoridade faço eu estas coisas? Pois, como podem os homens pregar, a não ser que tenham sido enviados? Ou como podem atuar com conforto, ou confiança, ou esperança de sucesso, exceto se estiverem autorizados? (Jr 23.32).

II Como o Senhor Jesus eficientemente os deteve e os embaraçou com esta pergunta: O que vocês pensam a respeito do batismo de João? Era do céu ou dos homens? Com que autoridade João pregava, e batizava, e reunia

discípulos? Respondei-me (v. 30). Tratem a questão de maneira justa e correta, e me dêem uma resposta categórica. Ao responder a pergunta deles com essa questão, o nosso Salvador declara o quanto a sua doutrina e o seu batismo estavam próximos dos de João; eles tinham a mesma origem, o mesmo propósito e tendência – apresentar o Reino de Deus e o advento do Evangelho. Jesus podia – com muita graça – colocar essa questão para eles, porque haviam enviado uma delegação da própria casa deles para examinar João (Jo 1.19). Então, diz Jesus, qual foi o resultado das investigações que vocês fizeram a respeito de João Batista?

Eles sabiam o que pensavam sobre essa questão; eles só podiam pensar que João Batista era um homem enviado por Deus. Mas a dificuldade era o que diriam sobre isso agora. Homens que não se obrigam a falar o que pensam (que é uma regra incontestável) não conseguem evitar embaraços como esses.

1. Se eles reconhecessem que o batismo de João era do céu – como realmente era – ficariam envergonhados, pois Jesus imediatamente lançaria isso contra eles: Por que então vocês não acreditaram nele, e não receberam o seu batismo? Eles não poderiam tolerar que Jesus dissesse isso, mas poderiam aceitar que as suas consciências assim o dissessem, pois eles tinham uma capacidade de reprimi-las e silenciá-las. Além disso, aquilo que a consciência dissesse, embora pudesse atormentá-los e irritá-los um pouco, não os envergonharia; e eles se sairiam bem, pois tinham as mesmas preocupações de Saul quando estava condenado: honra-me agora diante desse povo (1 Sm 15.30).

2. Se eles dissessem: “Era dos homens, João não era um enviado de Deus, sua doutrina e batismo eram invenções dele próprio”, então estariam se expondo, e o povo estaria pronto para agredi-los, ou pelo menos clamar contra eles; pois todos os homens consideravam que João Batista era realmente um profeta, e por isso não podiam aceitar que ele fosse censurado. Note que existe um medo carnal escravizante, ao qual não somente os súditos mal-intencionados, mas da mesma forma os governantes perniciosos estão sujeitos, do qual Deus faz uso como um meio de manter o mundo em uma relativa ordem, e para suprimir a violência, a fim de que o mundo nem sempre se transforme em um domínio da iniqüidade. Mas através desse dilema ao qual Cristo os levou: (1) Eles estavam confusos e embaraçados, e forçados a fazer uma retirada desonrosa. Ao fingiram

ignorância: “Não sabemos” (e isso era uma humilhação suficiente para aqueles homens orgulhosos), estavam realmente expondo a maior das iniqüidades e más intenções. Nós temos que nos esforçar para fazer, através da nossa boa conduta, aquilo que Jesus fez através de sua sabedoria – tapar a boca à ignorância dos homens loucos (1 Pe 2.15). (2) Cristo saiu honrado daquela situação, e se justificou negando-se a lhes dar uma resposta para aquela exigência arrogante: “Também eu vos não direi com que autoridade faço estas coisas”. Eles não mereciam ser informados, pois estava claro que não estavam interessados na verdade, mas na vitória em meio a uma discussão. O Senhor não precisou lhes dizer nada, pois as obras que Ele estava realizando mostravam claramente que Ele tinha autoridade de Deus Pai para fazer o que fez, já que nenhum homem poderia realizar aqueles milagres, a menos que Deus estivesse em sua vida. Que esperem apenas três ou quatro dias e a sua ressurreição lhes dirá quem lhe deu a sua autoridade, pois através dela Ele será proclamado o Filho de Deus com poder. E pela rejeição que aqueles homens estavam demonstrando em relação ao Senhor Jesus, eles seriam declarados inimigos de Deus.

CAPÍTULO 12

Nesse capítulo, temos: I. A parábola da vinha expondo os lavradores ingratos, representando o pecado e a ruína da congregação judaica (vv. 1-12). II. Jesus Cristo silenciando aqueles que pensavam apanhá-lo em uma armadilha com uma pergunta quanto ao pagamento de tributos a César (vv. 13-17). III. Jesus silenciando os saduceus, que tentavam tornar confusa a doutrina da ressurreição (vv. 18-27). IV. Seu debate com um escriba a respeito do primeiro e maior mandamento da lei (vv. 28-34). V. O embaraço causado aos escribas com uma pergunta sobre Jesus ser o Filho de Davi (vv. 35-37). VI. O alerta que o Senhor deu ao povo, para que se guardasse dos escribas (vv. 38-40). VII. Seu elogio à pobre viúva que lançou suas duas moedas na arca do tesouro (vv. 41-44).

A Vinha e os Lavradores

vv. 1-12

Jesus havia mostrado anteriormente, em parábolas, como Ele projetara estabelecer a sua igreja. Então Ele começa a mostrar, em parábolas, como deixaria de lado a congregação judaica, que poderia ter sido incluída como parte da nova que foi construída sobre as suas ruínas. Nós já vimos essa parábola exatamente como se registra aqui (Mt 21.33). Podemos observar que:

I Aqueles que apreciam os privilégios da igreja visível têm uma vinha deixada a seu encargo, capaz de produzir muitos frutos e de cujos ocupantes se espera, de forma justa, o pagamento de um aluguel. Quando Deus mostrou a sua Palavra a Jacó, os seus estatutos e juízos a Israel (Sl 147.19), ao estabelecer entre eles o seu templo, seu sacerdócio e seus regulamentos, Ele deixou para eles uma vinha que havia plantado. Ele a cercou e nela construiu uma torre (v. 1). Os membros da igreja são os arrendatários de Deus, e eles têm tanto um bom Senhorio quanto um bom contrato, e podem viver bem com isso, exceto por seus próprios pecados.

II Àqueles a quem Deus deixa a sua vinha, Ele envia os seus servos para lembrá-los de suas justas expectativas com relação a eles (v. 2). Ele não foi apressado em suas exigências, nem exigiu demais, pois não mandou fazer a cobrança até que eles pudessem pagar, na época certa. Ele não os pressionou de forma exagerada para que ganhassem dinheiro, mas desejava receber a sua parte no prazo certo.

III É triste pensar no uso desprezível que foi feito dos fiéis ministros de Deus em todas as épocas, por aqueles que desfrutaram os privilégios da igreja e não produziram os frutos que deles eram exigíveis. Os profetas do Antigo Testamento foram perseguidos até por aqueles que agiam sob o nome da congregação do Antigo Testamento. Eles os feriram e os mandaram embora vazios (v. 3); isso era ruim: eles os machucaram e os mandaram embora vergonhosamente afrontados (v. 4). Mas isto ainda não foi o pior: finalmente, eles chegaram a tal clímax de iniqüidade, que os mataram (v. 5).

IV Não era de admirar que aqueles que maltrataram aos profetas, maltratassem ao próprio Cristo. Deus finalmente lhes enviou o seu

Filho, o seu Amado; foi, portanto, uma grande bondade da parte dele, enviá-lo; assim como no caso de Jacó, ao enviar José para visitar os seus irmãos (Gn 37.14). E era de se esperar que eles também respeitassem e amassem Aquele a quem o seu Senhor amava (v. 6): “Eles respeitarão o meu Filho e, por respeito a Ele, pagarão o seu aluguel”. Mas, ao invés de respeitá-lo por ser Ele o filho e herdeiro, eles o odiaram (v. 7). Pelo fato de Jesus – ao chamá-los ao arrependimento e à reforma – ter feito as suas exigências com muito mais autoridade do que haviam feito os profetas, eles ficaram ainda mais irados contra Ele e resolveram matá-lo, para monopolizarem para si todo o poder da igreja, e ter todo o respeito e obediência do povo somente para si: “A herança será nossa, seremos senhores acima de todos e possuiremos todo o poder”. Se eles tivessem reverenciado devidamente ao Filho haveria uma herança que poderia ter sido deles, uma herança celestial; mas eles menosprezaram isso e preferiram ter a sua herança em riqueza, pompa, e poderes deste mundo. Assim, eles o prenderam e o mataram; eles não o haviam feito ainda, mas eles o fariam em breve. E eles o lançaram fora da vinha, eles se recusaram a aceitar o seu Evangelho quando Ele se foi. O precioso Evangelho não estava de maneira nenhuma de acordo com o esquema deles, e, por isso, eles o lançaram fora, com desdém e ódio.

Por esses atos pecaminosos e vergonhosos não se poderia esperar nada mais do que um terrível destino (v. 9): “Que fará, pois, o Senhor da vinha?” É fácil responder esta pergunta, pois não poderia haver afronta maior.

1. Ele virá e destruirá os lavradores a quem desejava salvar. Se eles apenas negassem o fruto, ele não lhes retiraria a propriedade por conta do aluguel, nem os despojaria e desalojaria por falta de pagamento; mas quando eles mataram a seus servos e a seu Filho, o Senhor decidiu destruí-los; e isso foi cumprido quando Jerusalém foi devastada e a nação judaica se tornou uma desolação.

2. Ele dará a vinha a outros. Se Ele não receber deles o aluguel, o receberá de outros, pois Deus não cederá a ninguém por motivo algum. Isto foi cumprido na inclusão dos gentios e na abundância de frutos que o Evangelho produziu em todo o mundo (Cl 1.6). Se alguns daqueles de quem esperávamos o bem se mostraram maus, isso não significa que outros não

poderão ser melhores. Cristo utilizava isso para se encorajar em sua missão. Apesar de Israel não estar unido a Ele, mas unido contra Ele, ainda assim o Senhor seria glorificado (Is 49.5,6), como uma Luz que iluminaria os gentios.

3. A oposição deles à exaltação de Cristo não será nenhum obstáculo (vv. 10,11). A pedra que os edificadores rejeitaram é posta por cabeça de esquina, é altamente superior como Pedra Angular, e de utilização e preponderância necessários como Pedra Fundamental. Deus colocará Cristo como Rei sobre todos, sobre o seu santo monte de Sião. Apesar do plano deles, Ele romperia as suas amarras. E todo o mundo verá e reconhecerá isto como sendo a obra do Senhor, em justiça aos judeus e em compaixão aos gentios. A exaltação de Cristo é a obra de Deus Pai. A sua obra é exaltá-lo em nossos corações, estabelecendo ali o seu trono; e, se isso for feito, só poderá ser maravilhoso aos nossos olhos.

Nesse momento, que efeito essa parábola, cujo intento era condená-los, teve sobre os principais dos sacerdotes e os escribas? Eles sabiam que o Senhor dizia essa parábola contra eles (v. 12). Eles não podiam deixar de ver a si mesmos descritos nela; e era de pensar-se que ela lhes mostrasse que os seus pecados eram tão abomináveis, e sua destruição tão certa e extensa, que eles deveriam convencer-se da necessidade de submeter-se a Cristo e ao seu glorioso Evangelho. Essa parábola deveria tê-los persuadido a se arrependerem; ela deveria pelo menos ter feito com que desistissem de seu propósito maligno contra Ele. Mas, em vez disso: (1) Eles buscavam prendê-lo e fazer dele, imediatamente, seu prisioneiro. Assim cumpririam aquilo que o Senhor acabara de dizer que lhe fariam (v. 8). (2) Nada os impedia quanto a isso, exceto o grande temor que tinham do povo; eles não respeitavam a Jesus, nem tinham qualquer temor a Deus, mas temiam que, se tocassem nele publicamente, a multidão se levantasse, os atacasse e o resgatasse. (3) Eles o deixaram e se foram; como não conseguiam prejudicá-lo, decidiram que Ele não deveria lhes fazer o bem. Por isso se afastaram para não ouvirem a sua poderosa pregação, e talvez serem convertidos e curados. Note que se os preconceitos dos homens não forem vencidos pelas evidências da verdade, eles serão confirmados; e se as corrupções do coração não forem subjugadas pelas firmes repreensões, elas se enfurecerão e se exasperarão. Se o Evangelho não tiver um sabor de vida para a vida, terá um sabor de morte para a morte.

A Questão referente ao Tributo

vv. 13-17

Quando os inimigos de Jesus, que ansiavam por seu sangue, não conseguiram achar um motivo contra Ele pelo que dissera contra eles, tentaram apanhá-lo em uma armadilha, fazendo-lhe perguntas. Aqui o vemos tentado, ou mais propriamente testado, com uma pergunta sobre a licitude do pagamento de tributos a César. Encontramos essa narrativa em Mateus 22.15.

I Os fariseus e os herodianos foram usados nessa disputa com o Senhor, embora fossem homens que nesse assunto tivessem posições opostas. Mas, ainda assim, cooperaram entre si para lutar contra Jesus (v. 13). Os fariseus eram grandes defensores da liberdade dos judeus. Assim, se o Senhor dissesse: É lícito pagar tributo a César, eles inflamariam o povo contra Ele, e os herodianos ardilosamente os apoiariam. Já os herodianos eram grandes defensores do poder romano; assim, se o Senhor desaprovasse o pagamento de tributos a César, eles inflamariam o governador contra Ele. Sim, e os fariseus, contra os seus próprios princípios, se uniriam aos herodianos nisso. Não há nada de novo no fato de alguns – mesmo divergindo em opiniões e credos – se unirem em conluios contra Cristo.

II O pretexto que eles utilizaram foi que desejavam que Ele solucionasse uma questão de consciência, que era de enorme importância naquela conjuntura. E eles fingiram que tinham uma elevada consideração pela sua habilidade de esclarecê-la (v. 14). Eles o saudaram com muito respeito, chamaram-no de Mestre, reconheceram-no como um Professor do caminho de Deus, um Professor que ensinava com verdade, alguém que ensinava o que era bom baseando-se em princípios de verdade, e que não seria levado – por sorrisos nem por olhares de desagrado – a desviar-se um passo sequer dos preceitos de justiça e bondade. “Não te importas com quem quer que seja, nem consideras o exterior dos homens”, não temes irritar o príncipe invejoso por um lado, ou o povo aflito por outro. Tu és verdadeiro e sempre correto, e de modo certo revelas o bem e o mal, a verdade e a falsidade”. Se eles falavam de acordo com o que pensavam a respeito de Cristo, quando

disseram: Sabemos que és correto, então o fato de perseguirem-no e matarem-no como a um enganador foi um pecado contra o conhecimento; eles o conheciam e mesmo assim o crucificaram. Porém, o testemunho de um homem será considerado com maior intensidade contra si próprio, e cada um será julgado pelo que sair de sua boca. Eles sabiam que o Senhor Jesus ensinava o caminho de Deus com verdade, e ainda assim rejeitaram o conselho de Deus, posicionando-se contra si mesmos. As confissões e fingimentos dos hipócritas serão utilizados como prova contra eles, e assim condenarão a si mesmos. Mas se eles não sabiam ou não criam naquilo que estavam dizendo, mentiram para Deus com os seus lábios, e o bajularam com suas línguas.

III A questão que eles colocaram foi: É lícito dar o tributo a César, ou não?

Poderia parecer que eles estivessem desejosos de conhecer o seu dever. Como uma nação que supostamente "praticava a justiça", eles perguntaram a Deus qual seria a prática justa, quando na realidade desejavam apenas saber o que Ele diria, na esperança de que, qualquer que fosse o lado da questão que Ele apoiasse, eles tirariam proveito para acusá-lo. Não há ardil mais adequado para apanhar um ministro em uma armadilha, do que levá-lo a se intrometer em controvérsias relativas aos direitos civis, determinando limites entre o príncipe e os súditos. O que for apropriado deve ser feito; porém o ministro não deve entrar nos méritos de tais questões. Parecia que eles estavam entregando a definição desse assunto a Cristo; e Ele, sem dúvida, tinha toda a capacidade para defini-lo da melhor maneira possível, pois, através dele, os reis reinam e os príncipes decretam a justiça. Mas aqueles homens colocaram a questão da maneira que lhes foi mais conveniente: Daremos ou não daremos? Eles pareciam decididos a apoiar o julgamento dele: "Se disseres que temos de pagar, nós pagaremos, mesmo que nos tornemos mendigos por isso. Se disseres que não temos de pagar, não o faremos, mesmo que nos tornemos traidores por isso". Muitos pareciam desejosos de agir conforme as orientações do Senhor, como aqueles homens arrogantes (Jr 42.20).

IV Jesus decidiu a questão e evitou a cilada ao direcioná-los às concessões já feitas em nível nacional, pelas quais eles estavam impedidos de discutir esse assunto (vv. 15-17). Ele conhecia a hipocrisia deles, a maldade

que tinham contra Ele em seus corações, enquanto com suas bocas mostravam esse falso amor. A hipocrisia, embora nunca manobrada com tamanha habilidade, não consegue ocultar-se do Senhor Jesus. Ele percebe os vasos quebrados que estão escondidos atrás das impurezas da prata. O Senhor Jesus sabia que eles pretendiam apanhá-lo em uma armadilha, e por isso planejou a defesa de forma que eles fossem apanhados e obrigados pelas próprias palavras a fazer aquilo que não queriam fazer, que era pagar os seus impostos honesta e pacificamente, e ainda, ao mesmo tempo, proteger-se contra as suas objeções. Ele os fez reconhecer que a moeda em circulação em sua nação era dinheiro romano, tinha a imagem do imperador em um dos lados e sua inscrição no outro; e, sendo assim: 1. César podia controlar o dinheiro deles em benefício público, pois ele tinha a custódia e o comando do estado, e nessa condição ele deveria ter as suas despesas pagas: “Dai a César o que é de César”. A circulação do dinheiro se origina em César; portanto, o dinheiro deve retornar para ele. Como o dinheiro é dele, deve ser dado a ele. E os estatutos governamentais é que devem definir até que ponto o dinheiro pertence a César e pode ser controlado por ele. O estado tem a obrigação de estabelecer os privilégios reais e os direitos de propriedade dos súditos. 2. César não podia controlar as suas consciências, nem pretendia fazê-lo; ele propôs não fazer qualquer alteração na religião deles. “Paguem, portanto, os seus tributos sem resmungar ou contestar, mas assegurem-se de dar a Deus o que é de Deus”. Talvez o Senhor se referisse à parábola que acabara de expor, na qual Ele os havia condenado por não entregarem ao Senhor os frutos da vinha (v. 2). Muitos que parecem meticulosos ao dar aos homens o que lhes é devido, não se preocupam em dar a Deus a glória devida ao seu precioso Nome. O primeiro lugar em nossos corações e os nossos melhores sentimentos são devidos a Ele, assim como os aluguéis são devidos aos senhorios, e os tributos são devidos a um príncipe. Todos aqueles que ouviram a Jesus se maravilharam com a prudência de sua resposta e a engenhosidade com que evitou a armadilha; mas não creio que aqueles homens mal-intencionados tenham sido persuadidos por ela – como deveriam ter sido – a entregarem a si mesmos e as suas devoções a Deus. Há sermões dignos de elogio, mas que não são obedecidos pelos que o ouvem.

A Questão dos Saduceus

vv. 18-27

Os saduceus, que eram os deístas daquela época, atacam o Senhor Jesus, aparentemente não como os escribas, os fariseus e os principais dos sacerdotes, com qualquer desígnio malicioso contra a sua pessoa. Eles não eram fanáticos ou perseguidores, mas céticos e pagãos, e o seu intento era contra a sua doutrina, desejando impedir a propagação dela. Eles negavam que houvesse qualquer ressurreição e mundo espiritual, qualquer condição de recompensa ou castigo após a morte: agora, Jesus estava ocupado em demonstrar e comprovar aquelas verdades notáveis e fundamentais que eles negavam, e havia levado a noção delas a um ponto a que nunca tinham sido levadas antes; por isso eles decidiram que tentariam tornar a doutrina dele confusa.

I Veja aqui o método que eles utilizam para tentar confundir as coisas. Eles citam a antiga lei, pela qual se um homem morresse sem deixar descendência, seu irmão era obrigado a desposar a sua viúva (v. 19). Eles supõem a ocorrência de um caso em que, de acordo com a lei, sete irmãos foram, sucessivamente, os maridos de uma mulher (v. 20). É provável que esses saduceus, de acordo com a sua habitual blasfêmia, pretendessem ridicularizar, através dessa atitude, aquela lei, e assim colocar toda a estrutura da instituição mosaica em descrédito, como absurda e inconveniente em sua prática. Aqueles que negam as verdades divinas geralmente se fixam na tentativa de depreciar as leis e os regulamentos divinos. Mas isso foi só de passagem; a intenção deles era desmascarar a doutrina da ressurreição; pois eles supunham que se houvesse uma condição futura, esta deveria ser semelhante à atual e então, pensam eles, a doutrina ficaria sem opção, ou com essa insuperável condição absurda de uma mulher ter sete maridos ou então com a dificuldade insolúvel de definir de quem ela será esposa. Veja a sutileza com que esses hereges tentam minar a verdade; eles não negam a ressurreição, nem dizem: Não pode haver ressurreição; não, eles não parecem duvidar dela, nem dizem: Se houver uma ressurreição, de quem ela será a esposa? Eles agem como o demônio, que disse a Cristo: Se és o Filho de Deus... Mas, mesmo sendo esses brutos

do campo mais sutis do que a própria serpente, eles fingem reconhecer a verdade, como se não fossem saduceus, não, não eles. Quem disse que eles negavam a ressurreição? Eles consideravam como certa a existência de uma ressurreição, e se deveria pensar que desejavam esclarecimentos a respeito dela, quando realmente estavam planejando um golpe fatal e pensavam que o realizariam. Note que o ardil usual dos hereges e dos saduceus é complicar e tentar confundir a verdade, o que eles não têm o descaramento de negar.

II Veja agora o método que Cristo emprega para esclarecer e demonstrar essa verdade que eles tentavam obscurecer e abalar. Esse era um assunto de grande importância, e por isso Cristo não o trata superficialmente, mas estende-se nele, para que, se eles não pudessem ser corrigidos, outros não fossem contaminados, mas fossem confirmados.

1. Ele acusa os saduceus de errarem, e coloca a culpa na ignorância deles. Eles, que caçoavam da doutrina da ressurreição, como alguns fazem atualmente, julgavam-se os únicos sábios, por serem os únicos livre-pensadores, quando de fato eram os insensatos em Israel, e os pensadores mais escravizados e preconceituosos do mundo. “Porventura não errais vós?” Vós mesmos não podeis deixar de estar cientes disso, bem como das causas dos vossos erros. (1) Porque vós não conheceis as Escrituras. Não que os saduceus não tivessem lido as Escrituras, e talvez não as conhecessem de antemão; mesmo assim podia-se dizer que, na verdade, eles não conheciam as Escrituras, pois eles não conheciam o sentido e o significado delas, dando-lhes falsas interpretações. É possível que eles não aceitassem as Escrituras como a Palavra de Deus, e colocassem os seus próprios raciocínios deturpados em oposição a elas, crendo somente naquilo que podiam ver. Note que um correto conhecimento das Escrituras, como a fonte da qual flui toda a religião revelada, e a base sobre a qual está edificada, é a melhor defesa contra todo e qualquer erro. Guarde a verdade, a verdade contida nas Escrituras, e ela te guardará. (2) Porque vós não conheceis o poder de Deus. Eles não podiam deixar de saber que Deus é onipotente, mas não aplicavam essa doutrina a esse tema, desistiam da verdade em favor das dúvidas quanto à sua possibilidade, dúvidas que seriam todas respondidas se eles apenas se apegassem à doutrina da onipresença de Deus, segundo a qual nada é impossível. Aquilo que Deus

falou uma vez, nós estamos preocupados em ouvir duas vezes; ouvir e acreditar, ouvir e aceitar – o poder pertence a Deus (Sl 62.11; Rm 4.19-21). O mesmo poder que fez a alma e o corpo e os manteve juntos, enquanto estavam unidos, pode manter o corpo inteiro e a alma ativa, quando estão separados, e pode reuni-los novamente: eis que o braço do Senhor não está encolhido. O poder de Deus – observado no retorno da primavera (Sl 104.30), na revivificação do trigo (Jo 12.24), na restauração de um povo abjeto à sua prosperidade (Ez 37.12-14), na miraculosa ressurreição de tantos à vida, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e especialmente na ressurreição de Cristo (Ef 1.19,20) – é a garantia da nossa ressurreição, e ela se dará através desse mesmo poder (Fp 3.21); segundo o poder eficaz através do qual o Senhor é capaz de sujeitar a si todas as coisas.

2. Ele põe de lado toda a força da objeção deles, ao colocar a doutrina da condição futura sob a luz da verdade (v. 25): “Quando ressuscitarem dos mortos, nem casarão, nem se darão em casamento”. É uma tolice perguntar: “De qual dos sete, será a mulher?” Pois a relação entre marido e mulher, embora instituída no paraíso terreno, não será reconhecida no celestial. Os muçulmanos e pagãos esperam prazeres sensuais em seu paraíso de tolos, mas os cristãos têm a informação verdadeira – que a carne e o sangue não herdarão o Reino de Deus (1 Co 15.50); e esperam por coisas melhores – a completa satisfação no amor e na semelhança de Deus (Sl 17.15). Os salvos serão como os anjos de Deus que estão no céu, e sabemos que eles não têm esposas nem filhos. Não é de admirar que alguns se confundam com absurdos intermináveis, ao avaliarem as suas idéias do mundo espiritual de acordo com as coisas que pertencem ao mundo dos sentidos.

III Ele constrói a doutrina da condição futura, e da bem-aventurança dos justos nessa condição, com base no pacto de Deus com Abraão, que Deus se aprazia em reconhecer como permanecendo válido após a morte de Abraão (vv. 26,27). Ele recorre às Escrituras: “Não tendes lido no livro de Moisés?” Temos alguma vantagem ao lidar com aqueles que leram as Escrituras, embora muitos que as leram, deturpem-nas como esses saduceus para sua própria destruição. Nesse momento, Jesus os remete ao que Deus Pai diz a Moisés na sarça: Eu sou o Deus de Abraão; não apenas, Eu o fui, mas, Eu o sou; Eu sou a herança e a alegria de Abraão, o Deus todo-poderoso para ele. Note que é absurdo pensar que a relação de Deus com

Abraão seria permanente e solenemente reconhecida como tal, se Abraão fosse exterminado ou se o Deus vivo fosse a herança e a alegria de um homem que está morto e que devesse permanecer assim para sempre; por essa razão deve-se concluir: 1. Que a alma de Abraão existe e age em uma condição separada do corpo. 2. Que, por essa razão, em uma hora qualquer, o corpo deve se levantar novamente; pois há uma ligação tão íntima da alma humana com o seu corpo, tornando uma separação total e eterna inconsistente com o bem-estar e repouso, muito mais com a bem-aventurança e felicidade daquelas almas que têm o Senhor como seu Deus. Sobre todo o assunto, o Senhor Jesus conclui: Cometeis, portanto, um grande erro. Aqueles que negam a ressurreição erram grandemente, e precisam ser informados disso.

O Escriba Promissor

vv. 28-34

Os escribas e fariseus eram (embora maus em outros aspectos) inimigos dos saduceus. Nesse ponto era de se esperar que, quando ouvissem Jesus argumentar tão bem contra os saduceus, eles o encorajassem, como fizeram com Paulo, quando se mostrou contrário aos saduceus (At 23.9). Mas isso não aconteceu, pois o Senhor Jesus não concordava com eles quanto aos rituais religiosos: ter concordado com eles naquilo que era essencial, de forma alguma lhe granjearia o respeito deles. Temos aqui apenas um relato sobre um deles, um escriba, que tinha tanta civilidade a ponto de prestar atenção à resposta de Jesus Cristo aos saduceus, reconhecendo que o Senhor havia respondido bem e com muita objetividade (v. 28); e temos motivos para esperar que ele não tenha se juntado aos outros escribas na perseguição a Jesus; pois aqui temos o seu apelo de esclarecimento a Jesus. E isso ocorreu de uma forma que lhe caiu bem; não tentando a Jesus, mas querendo aprofundar o seu conhecimento com Ele.

I O Senhor perguntou: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” (v. 28). Ele não se refere ao primeiro por ordem, mas ao primeiro em importância e dignidade: “Qual é o mandamento a que devemos, de maneira especial, nos ater, e sobre o qual a nossa obediência estabelecerá

um alicerce para que possamos guardar todos os restantes?” Não que qualquer dos mandamentos de Deus seja pequeno (todos eles são mandamentos do grande Deus), mas alguns são maiores do que outros, são noções morais e não apenas rituais, e de alguns podemos dizer: Eles são os maiores de todos.

II Jesus deu uma resposta direta a essa pergunta (vv. 29-31). Àqueles que desejam – sinceramente – ser orientados quanto ao seu dever, Jesus guiará no discernimento e ensinará o seu caminho. Ele lhe diz:

1. Que o grande mandamento entre todos, o qual sem dúvida engloba a todos, é amarmos a Deus de todo o nosso coração. (1) Onde há um princípio preponderante na alma, há uma disposição para cumprir todas as outras obrigações. O amor é o sentimento que comanda a alma; o amor de Deus é a principal bênção na alma renovada. (2) Onde não há este princípio, não é feito nada que seja bom, ou feito corretamente, ou aceito, e também não se faz nada que tenha uma extensa duração. Amar a Deus com todo o nosso coração, efetivamente, nos afastará e protegerá de todas as coisas que rivalizam com Ele pelo trono em nossas almas e nos engajará em todas as coisas através das quais Ele possa ser reverenciado e com as quais Ele se deleitará. Onde este princípio comandar e tiver a supremacia, nenhum mandamento será opressivo. Aqui em Marcos, nesse momento, o nosso Salvador antepõe a esse mandamento a notável verdade doutrinária sobre a qual ele está construído (v. 29): “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”; se crermos nisso firmemente, conseqüentemente o amaremos de todo o nosso coração. Ele é Jeová, aquele que tem em si mesmo todas as perfeições agradáveis; Ele é o nosso Deus, a quem somos ligados e gratos; portanto, devemos amá-lo, direcionando a Ele o nosso afeto, mostrar abertamente o amor que sentimos por Ele, e nos comprazermos nele. Além disso, Ele é o único Senhor; por isso, Ele deve ser amado com todo o nosso coração; só Ele tem todo o direito sobre nós e, portanto, deve ser o Único a ter controle sobre nós. Se Ele for o único, os nossos corações devem ser um com Ele. E como não há outro Deus, nenhum rival deve ser aceito junto com Ele no trono.

2. Que o segundo grande mandamento é amarmos ao nosso próximo como amamos a nós mesmos (v. 31), tão verdadeira e sinceramente como amamos a nós mesmos, conforme o mesmo modelo de amor que temos por nós

mesmos. Devemos demonstrar isso, agindo para com as outras pessoas da mesma forma como agiríamos em relação a nós mesmos. Devemos amar a Deus mais do que a nós mesmos, pois Ele é Jeová, um ser infinitamente melhor do que nós. E devemos amá-lo com todo o nosso coração, pois Ele é o único Senhor, e não há outro como Ele. Assim, devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos, pois o nosso próximo tem a mesma natureza que nós temos; os nossos corações são moldados da mesma forma, e o meu próximo e eu somos parte do mesmo corpo, da mesma sociedade, a da humanidade. E caso se trate de um irmão cristão, da mesma sociedade sagrada, maior será a obrigação. Não nos criou um mesmo Deus? (Ml 2.10). Não nos redimiu um mesmo Cristo? Jesus pode muito bem dizer: “Não há outro mandamento maior do que estes”; pois neles toda a lei é cumprida. E se nos conscientizarmos de que devemos obedecê-los, todos os outros casos de obediência seguirão naturalmente.

III O escriba concordou com o que Cristo disse, e confirmou o que fora dito (vv. 32,33). 1. Ele elogia a decisão de Jesus sobre essa questão: “Muito bem, Mestre, e com verdade disseste...”. As afirmativas de Jesus não necessitavam das confirmações do escriba; mas esse escriba, sendo um homem de autoridade, pensou que demonstraria algum respeito pelo que Cristo dissera, se elogiasse as suas palavras. Isto, de fato, será usado como evidência contra aqueles que o perseguiram como a um enganador: que um deles, até mesmo um de seus próprios escribas, reconhecera que o Senhor Jesus dissera a verdade, e a dissera bem. Dessa forma, devemos endossar as palavras de Cristo, confirmando constantemente o nosso apoio, declarando que elas são verdadeiras. 2. Ele faz comentários sobre as palavras do Senhor. Jesus citara a notável doutrina de que o Senhor nosso Deus é o único Senhor; mas ele não só concordou com isso, como acrescentou, em outras palavras: Não há outro além dele; e por isso não devemos ter outro Deus. Isso exclui qualquer rival contra Jesus, e lhe assegura, por completo, o trono do coração. Jesus formulara a notável lei que nos mostra que devemos amar a Deus com todo o nosso coração; e isso, Ele também explica – que é amá-lo com o entendimento, como aqueles que conhecem as razões abundantes que temos para amá-lo. O nosso amor a Deus, além de completo, deve ser um amor inteligente; devemos amá-lo com todo o entendimento, *ex holes tes syneseos – com o entendimento completo*; todos

os nossos poderes e faculdades de raciocínio devem ser postos a serviço da atitude de dirigir o nosso amor a Deus. Jesus disse que amarmos a Deus e ao nosso próximo é o maior de todos os mandamentos. Sim, diz o escriba, é melhor, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios, mais aceitável para Deus, e pesará mais a nosso favor. Havia aqueles que sustentavam que a lei dos sacrifícios era o maior de todos os mandamentos; mas esse escriba concordou de imediato com o nosso Salvador, nisto – que a lei do amor a Deus e ao nosso próximo é maior do que a lei do sacrifício, até mesmo que a dos holocaustos, que eram realizados exclusivamente para a glória de Deus.

II Cristo aprovou o que aquele homem disse, e o encorajou a continuar perguntando (v. 34). 1. Ele reconheceu que havia compreendido bem, até o ponto em que chegara; até então, tudo bem. Jesus percebeu que ele respondera com prudência, e ficou ainda mais satisfeito com isso, pois Ele havia recentemente se encontrado com tantos, até mesmo com escribas, homens letrados, que responderam sem prudência, como se não possuíssem entendimento, nem mesmo desejando ter algum entendimento. Ele respondeu *nounechos – como alguém que tem inteligência*; como um homem racional e inteligente, como alguém que tinha uma percepção própria a respeito do Senhor Jesus; como alguém cujo entendimento não estivesse obscurecido, cujo julgamento não fosse tendencioso, e cuja prudência não estivesse limitada pelos preconceitos que dominavam os outros escribas de uma forma tão forte. Aquele homem respondeu como alguém que permitia a si mesmo liberdade e tempo para pensar, como alguém que havia pensado no assunto. 2. Ele reconheceu que estava pronto para progredir ainda mais: “Não estás longe do Reino de Deus, o reino da graça e da glória; estás em um caminho que pode te levar a te tornares um cristão, um discípulo de Cristo. Pois a doutrina de Cristo insiste firmemente nessas coisas, e é direcionada e tem uma tendência direta a te conduzir a isso”. Note que há esperança para aqueles que fazem bom uso da luz que possuem, andando pela senda a que esta os conduz, para que pela graça de Deus possam ir além, através das claras revelações que Deus lhes fizer. Não nos é dito o que aconteceu a este escriba, mas desejamos muito que ele tenha aceitado o conselho que Jesus lhe deu nessa oportunidade. Também desejamos que após ter sido instruído pelo próprio Senhor sobre o grande

mandamento da lei de Moisés, aquele homem tenha sido – para sua própria satisfação – informado pelo Senhor, ou pelos seus discípulos, sobre o maior mandamento do Evangelho. No entanto, se ele não o fez, mas simplesmente parou por aqui, sem ir mais adiante, não devemos considerar isso estranho; pois há muitos que não estão longe do Reino de Deus, e ainda assim nunca o alcançam. Agora, seria de se pensar que isso levasse muitos a consultá-lo: mas o efeito foi contrário. Ninguém, depois disso, ousou fazer-lhe qualquer pergunta; tudo que o Senhor dissera fora dito com tamanha autoridade e majestade, que todos o temeram; aqueles que desejavam aprender tinham vergonha de perguntar e aqueles que pretendiam contestar maliciosamente, tinham medo de perguntar.

Cristo, o Filho e o Senhor de Davi

vv. 35-40

Nesse trecho:

I Jesus Cristo mostra ao povo como os escribas eram fracos e imperfeitos em suas pregações, e incapazes de resolver as dificuldades que encontravam nas Escrituras do Antigo Testamento, as quais se propunham a explicar. Disto o Senhor dá um exemplo, que não é relatado de forma tão completa aqui como em Mateus. Jesus estava ensinando no templo: muitas das coisas que Ele disse não foram escritas; mas chamamos a atenção para esta, pois nos encorajará a indagar a respeito de Cristo, e a perguntar a Ele; pois ninguém pode ter o conhecimento correto a respeito dele a não ser através dele; um ensino como esse não poderia ser ministrado pelos escribas, que logo chegariam a um beco sem saída.

1. Eles diziam ao povo que o Messias deveria ser filho de Davi (v. 35), e estavam certos. Ele não apenas descenderia de sua carne, mas ocuparia o seu trono (Lc 1.32). O Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai. As Escrituras diziam isso com freqüência, mas o povo entendia essa Palavra de acordo com o que diziam os escribas; assim, as verdades de Deus devem ser preferencialmente citadas a partir das nossas Bíblias e não a partir da opinião dos nossos pastores, pois é na Bíblia Sagrada que está a origem delas. *Dulcius ex ipso fonte bibuntur aquae – As águas são mais doces*

quando extraídas diretamente da fonte.

2. Embora aqueles judeus não pudessem lhes dizer como, era muito adequado para Davi, em Espírito, no Espírito de profecia, chamá-lo de seu Senhor, exatamente como ele o faz (Sl 110.1). Eles haviam ensinado ao povo – como uma honra para a sua nação – que, no que se refere ao Messias, que Ele deveria ser descendente da sua família real. Mas eles não tiveram o cuidado de lhes ensinar aquilo que estaria relacionado à honra do próprio Messias – que Ele seria o Filho de Deus e, como tal, e não de outra forma, o Senhor de Davi. Dessa forma, eles tinham a verdade registrada em seus cânones, porém não a seguiam, viviam na iniqüidade, e a obediência que apresentavam ao Evangelho, bem como à lei do Antigo Testamento, era apenas parcial. Eles eram capazes de dizer e provar que o Cristo deveria ser filho de Davi. Mas se alguém contestasse – Como então, o próprio Davi o chama de Senhor? – eles não saberiam como escapar da força dessa objeção. Note que aqueles que não eram dignos de se sentar na cadeira de Moisés, que pensavam que eram capazes de pregar a verdade, não são de forma alguma capazes – apesar de a pregarem – de defendê-la e de convencer os seus opositores.

Ora, isso feriu os sentimentos dos escribas, terem a sua ignorância exposta dessa maneira, e, sem dúvida, os incitou ainda mais contra Jesus; mas o povo o ouvia de boa vontade (v. 37). O que Ele pregava era surpreendente e comovente; e embora isso refletisse contra os escribas, era instrutivo para aqueles que nunca tinham ouvido uma pregação igual. Provavelmente havia algo mais do que a autoridade e o encanto comuns em sua voz e em sua maneira de dizer as coisas, que o tornava atraente ao afeto do povo em geral. Pois não ficamos sabendo de alguém que tenha sido forçado a crer nele e a segui-lo, mas Ele era, para eles, como uma canção graciosa e que podia ser bem tocada em um instrumento, assim como Ezequiel fora para os seus ouvintes (Ez 33.32). E talvez alguns desses tenham gritado: “Crucificai-o”, assim como Herodes ouviu João Batista de bom grado, e mesmo assim lhe cortou a cabeça.

II Ele alerta o povo para que todos tomem cuidado, e não tolerem que os escribas tirem vantagem deles e os contaminem com a sua vaidade e hipocrisia. Ele lhes dizia em sua doutrina: “Acautelai-vos dos escribas (v. 38), guardai-vos, não aceiteis os seus juízos estranhos, nem as opiniões

equivocadas das pessoas a respeito deles". A lista de acusações contra eles é longa, conforme disposto no texto paralelo de Mateus 23; aqui ela está resumida.

1. Eles gostavam de aparentar que eram muito importantes; pois andavam em roupas longas, que se estendiam até os seus pés, e com elas andavam pelas ruas, como príncipes, juízes ou magistrados. Andar com essas vestimentas não era pecado, mas o seu amor por elas, orgulhando-se delas, valorizando-se por isso, exigindo respeito por isso, dizendo (devido aos seus longos vestidos) como Saul disse a Samuel: "Honra-me diante deste povo" – isto era um produto do orgulho. Jesus Cristo preferia que os seus discípulos andassem com os seus lombos cingidos.

2. Eles gostavam de aparentar que eram muito bons; pois oravam, faziam longas orações, como se fossem muito íntimos dos céus e como se tivessem algum acordo com os céus. Eles tomavam o cuidado de que os outros soubessem que eles estavam orando, que as suas orações fossem longas, o que, pensam alguns, indicava que eles oravam não somente por si mesmos, mas pelos outros, e nesse aspecto eram muito detalhistas e muito pródigos; isto eles faziam por ambição, para parecer que amavam a oração, não apenas por amor a Deus a quem, por meio dela, fingiam glorificar, mas por amor ao seu próximo a quem, através dela, fingiam ser úteis.

3. Eles tinham, aqui, o objetivo de se promover: cobiçavam e adoravam o aplauso; adoravam as saudações nas praças e as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros assentos nas ceias. Essas coisas satisfaziam uma vã ilusão; pensavam que receber do povo essas coisas seria a expressão do apreço por parte daqueles que os conheciam, e que assim também ganhariam o respeito daqueles que não os conheciam.

4. Aqui tinham o propósito de enriquecer. Eles devoravam as casas das viúvas, tornavam-se donos dos bens delas através de um truque ou outro. Para se protegerem de alguma suspeita de desonestidade eles colocavam a máscara da piedade; e para que não pudessem ser considerados tão tuins quanto os piores, eram cuidadosos para parecerem tão bons quanto os melhores. Permita-se pensar o pior a respeito da fraude e da opressão que praticavam. As suas longas orações se tornavam, desta forma, profanas e vergonhosas. Porém jamais pensemos o pior a respeito das orações mais breves e das orações mais longas – desde que feitas com humildade e sinceridade – devido ao mau uso que alguns fizeram delas. Mas assim como

a iniqüidade, mascarada com uma exibição de piedade, é uma iniqüidade dobrada, assim a condenação será duplamente grave; estes receberão uma grande condenação; maior do que a daqueles que vivem sem oração; maior do que aquela que receberiam pelo mal feito às pobres viúvas, por terem-no feito de maneira camuflada. Note que a condenação dos hipócritas será a maior dentre todas.

Jesus Elogia a Pobre Viúva

vv. 41-44

Essa passagem da história não está registrada em Mateus, mas está presente aqui e em Lucas; é o elogio de Cristo à pobre viúva, que lança duas moedas na arca do tesouro, o que o nosso Salvador, ocupado como estava com a pregação, encontrou tempo para notar. Observe que:

I Existia um fundo público de caridade, para o qual se levavam contribuições, e do qual eram feitas distribuições; uma caixa de esmolas, e ela estava no templo; pois as obras de caridade e os atos de piedade, muito adequadamente, andam juntos. Onde Deus é glorificado pela nossa adoração, é apropriado que Ele também seja glorificado pelo alívio dado aos seus pobres; e muitas vezes encontramos orações e esmolas associadas, como em Atos 10.2,4. É bom instalar recipientes públicos de caridade para convidar e direcionar as mãos privadas a doarem aos pobres; além disso, é bom para aqueles que puderem juntar recursos, que ponham à parte conforme a prosperidade que Deus lhes concedeu (1 Co 16.2), para que eles tenham alguma coisa, separada de antemão para tais usos, pronta para dar quando a oportunidade de caridade se apresentar.

II Jesus Cristo estava atento a isso. Ele sentou-se defronte da arca do tesouro e observava o povo lançar as suas ofertas; o Senhor não estava se lamentando por não ter nada para depositar, nem por não ter ao seu dispor aquilo que era lançado, mas estava observando o que era depositado. Note que o nosso Senhor Jesus observa a contribuição que damos para usos piedosos e caridosos. Ele observa se damos com generosidade ou de forma mesquinha; se com alegria ou com relutância e má vontade; mais ainda, Ele

olha para o coração; Ele observa sob quais princípios agimos e quais são os nossos pontos de vista ao darmos ofertas e esmolas. O Senhor enxerga se o fazemos por amor a Ele, ou apenas para sermos vistos pelos homens.

III Ele viu muitos que eram ricos lançando grandes somas: e era uma bela visão ver pessoas ricas caridosas, ver tantas pessoas ricas que eram assim, e vê-las não apenas lançar, mas lançar muito. Note que aqueles que são ricos devem dar abundantemente; se Deus nos dá com abundância, Ele espera que demos abundantemente aos pobres; e não basta aos ricos dizerem que eles dão tanto quanto os outros, que talvez tenham muito menos, mas eles devem dar em proporção aos seus bens; e se as oportunidades de caridade não se apresentarem por si mesmas, eles devem procurá-las, o que exige esforço, e a atitude de idealizar atitudes generosas.

II Havia uma pobre viúva que atirou duas moedas, que totalizavam “cinco réis” (v. 42); e o nosso Senhor Jesus a elogiou grandemente; chamou a si os seus discípulos e os convidou a prestarem atenção naquilo (v. 43). O Senhor lhes disse que ela mal podia dispor daquilo que dera, ela mal tinha para si mesma, aquele era todo o seu dinheiro, tudo do que dispunha para se sustentar durante aquele dia, e talvez uma grande parte do que havia obtido com o seu trabalho no dia anterior; e Ele sabia que ela o fez por uma verdadeira inclinação para a caridade. Ele considerou essa pequenina oferta como muito maior do que tudo que os outros colocaram, do que as pessoas ricas lançavam; pois elas deitavam do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza, deu o que possuía (v. 44). Neste momento, muitos estariam prontos para censurar esta pobre viúva e pensar que ela fizera mal; por que ela daria aos outros, quando mal tinha para si própria? A caridade começa em casa; ou, se ela quisesse fazer a doação, por que não a entregou a alguma pessoa pobre que ela conhecia? Que motivo haveria para entregá-la ao tesouro para o livre uso pelos principais dos sacerdotes que, temos razão para temer, eram parciais ao fazerem uso daqueles recursos? É difícil encontrar alguém que não censuraria essa viúva, e igualmente difícil esperar encontrar alguém que agiria como ela. Mas o nosso Salvador a elogia, e por isso temos a certeza de que ela agiu muito bem e sabiamente. Se Jesus diz “Muito bem” não importa quem diga o contrário; e por esta razão, nós devemos aprender: 1. Que dar esmolas é algo muito bom e altamente

agradável ao Senhor Jesus; e se formos humildes e sinceros ao fazê-lo, Ele com bondade as aceitará, embora em algumas circunstâncias não sejam feitas com muita sabedoria. 2. Aqueles que pouco possuem devem tirar as esmolas do seu pouco. Aqueles que vivem do seu trabalho, “da mão à boca”, ou “aqueles que trabalham hoje para comer amanhã”, devem repartir com o que tem necessidade (Ef 4.28). 3. É muito bom para nós que nos contenhamos e neguemos a nós mesmos, para que sejamos capazes de dar mais aos pobres; negarmos a nós mesmos não apenas as coisas supérfluas, mas até as conveniências, por amor à caridade. Deveríamos – em muitos casos – nos submeter à privação, para que pudéssemos suprir as necessidades de outros; isto é amar ao nosso próximo como a nós mesmos. 4. As obras de caridade devem ser encorajadas, pois elas trazem bênçãos para toda a nação; e embora possa haver alguma má administração delas, mesmo assim, isto não é uma boa razão para não contribuirmos com a nossa quota. 5. Embora possamos dar pouco para a caridade, ainda assim, se for dado de acordo com a nossa possibilidade, e entregue de bom coração, será aceito por Cristo, que exige que as contribuições sejam feitas de acordo com as posses de um homem, e não de acordo com o que ele não tem; duas moedas contarão a favor e serão contabilizadas – se dadas de forma correta – como se tivessem sido duas libras. 6. Honramos a caridade quando damos não apenas conforme a nossa possibilidade, mas acima dela, como as igrejas da Macedônia, cuja profunda pobreza abundou em riquezas de sua generosidade (2 Co 8.2,3). Uma atitude digna de honra é aquela em que, com alegria, provemos para outros, tirando das provisões que seriam utilizadas para as nossas próprias necessidades – como fez a viúva de Sarepta por Elias, e o Senhor Jesus Cristo por seus mais de cinco mil convidados – crendo que o Senhor nosso Deus proverá para nós de alguma outra forma.

CAPÍTULO 13

Aqui temos a essência daquele sermão profético que o nosso Senhor Jesus pregou, apontando para a destruição de Jerusalém e a consumação de todas as coisas; foi um dos seus últimos sermões, e não *ad populum – para o povo*, mas *ad clerum – para o clero*. Foi um sermão proferido em particular, somente para quatro dos seus discípulos, com quem estava o

seu segredo. Aqui temos: I. A ocasião da sua predição – os seus discípulos admirando a estrutura do templo (vv. 1,2), e a pergunta que fizeram a respeito da época da desolação deles (vv. 3,4). II. As predições propriamente ditas: 1. Do aparecimento dos enganadores (vv. 5,6,21-23). 2. Das guerras entre as nações (vv. 7,8). 3. Da perseguição aos cristãos (vv. 9-13). 4. Da destruição de Jerusalém (vv. 14-20). 5. Do fim do mundo (vv. 24-27). III. Algumas indicações gerais a respeito do tempo para eles (vv. 28-32). IV. Algumas deduções práticas de tudo isso (vv. 33-37).

A Predição da Destruição do Templo

vv. 1-4

Aqui podemos ver:

I Como muitos dos próprios discípulos de Jesus tinham a tendência de apreciar as coisas que pareciam grandiosas, e que foram consideradas, durante muito tempo, como sagradas! Eles tinham ouvido o Senhor Jesus Cristo reclamar daqueles que tinham feito do templo um “covil de ladrões”; e, ainda assim, quando Ele deixou o templo, devido à iniqüidade que ali permanecia, eles o convidaram para que se apaixonasse, tanto quanto eles, pela estrutura e pelos adornos do templo. Um deles lhe disse: “Mestre, olha que pedras e que edifícios!” (v. 1). Nós nunca vimos nada parecido na Galiléia; ó, não deixe este belo lugar.

II Como Jesus valoriza pouco a pompa exterior, quando não existe a verdadeira pureza! “Vês estes grandes edifícios?” (diz Ele) e os admiras? Pois eu vos digo, chegará o tempo em que “não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada” (v. 2). E a suntuosidade da estrutura não representará nenhuma segurança, nem motivará qualquer compaixão do Senhor Jesus por ela. Ele considera, com compaixão, a destruição de almas preciosas, e chora por elas, pois a elas Ele atribuiu grande valor; mas nós não o vemos considerando com compaixão as ruínas de uma construção magnífica, quando é levado a sair dela pelo pecado, pois isto tem pouco valor para Ele. Com que pouca preocupação Ele diz: “Não ficará pedra

sobre pedra!” Grande parte da resistência do templo se devia ao tamanho das pedras, e se estas fossem derribadas, nenhum traço, nenhuma lembrança dele permaneceria. Enquanto alguma parte permanece de pé, pode haver alguma esperança de recuperá-lo; mas que esperança pode haver quando não fica pedra sobre pedra?

III Quão natural é desejarmos saber das coisas futuras, e quando acontecerão! Nós somos mais curiosos sobre o futuro do que sobre os nossos deveres. Os seus discípulos não sabiam como digerir o seu ensino sobre a destruição do templo, que eles pensavam que seria o palácio real do seu Mestre, e no qual eles esperavam ter a sua promoção, recebendo postos de honra. Por isso eles estavam sofrendo, até que o encontraram a sós, e lhe perguntaram sobre esse assunto. Quando Ele retornava a Betânia, Ele se sentou “no monte das Oliveiras, defronte do templo”, de onde tinha uma visão completa dele; e ali quatro dos discípulos lhe perguntaram, em particular, o que Ele quis dizer quando falou da destruição do templo, que eles tinham compreendido tão pouco quanto as predições da sua própria morte, pois era igualmente incoerente com o que eles pensavam. Provavelmente, embora esses quatro tenham feito a pergunta, o sermão de Cristo, em resposta a ela, foi ouvido pelo restante dos discípulos, ainda que privadamente, isto é, longe da multidão. A pergunta deles foi: “Quando serão essas coisas?” Eles não questionam – pelo menos, não parecem questionar – se essas coisas acontecerão ou não (pois o seu Mestre tinha dito que iriam acontecer), mas estão propensos a esperar que isso ainda demore muito tempo. Ainda assim, eles não perguntam especificamente o dia e o ano (nisso eles foram humildes), mas dizem: “Dize-nos... Dize-nos... que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir”. Que presságios haverá dessas coisas, e como poderemos identificar a sua chegada?

Grandes Sofrimentos São Preditos

vv. 5-13

O nosso Senhor Jesus, em resposta à pergunta dos discípulos, se prepara, não tanto para satisfazer a curiosidade deles quanto para orientar as suas

consciências. Ele não esclarece a respeito da ocasião ou da época, coisa que o Pai conserva em seu poder, e que não lhes cabia saber; mas lhes dá os avisos que eram necessários, com referência aos eventos que em breve iriam acontecer.

I Eles devem tomar cuidado para não serem enganados pelos enganadores e impostores que em breve iriam aparecer (vv. 5,6): “Olhai que ninguém vos engane”; para que, tendo encontrado o verdadeiro Messias, vocês não o percam novamente na multidão de impostores, ou sejam seduzidos a aceitar outros, em rivalidade com Ele. “Muitos virão em meu nome” (não em nome de Jesus, mas de Cristo), dizendo: “Eu sou o Cristo”; e desta maneira estarão reivindicando as dignidades a que somente Eu tenho direito. Depois que os judeus tivessem rejeitado o verdadeiro Cristo, eles estariam expostos a muitos falsos cristos que se imporiam a eles, mas nunca antes disto. Esses falsos cristos “enganarão a muitos”; por isso: “Olhai que ninguém vos engane”. Observe que quando muitos são enganados, devemos despertar e olhar por nós mesmos.

II Eles devem se precaver para que não se perturbem com os rumores de guerras, com que poderiam se alarmar (vv. 7,8). O pecado inicia as guerras, e eles vêm dos desejos dos homens. Mas às vezes as nações se desgastam com as guerras, mais do que em outras ocasiões; assim seria então. Cristo nasceu no mundo quando havia uma paz geral, mas pouco tempo depois que Ele deixasse o mundo, haveria um estado geral de guerra: “Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino”. E o que seria daqueles que deveriam pregar o Evangelho a todas as nações? *Inter arma silent leges – Em meio ao choque das armas, a voz da lei não é ouvida*. Mas “não vos perturbeis”. 1. Isto não deverá ser surpresa para vocês; vocês devem esperar por isto, e estas coisas precisam acontecer, pois Deus as designou para que os seus objetivos se cumpram. Por meio das guerras (das quais Josefo nos dá um relato detalhado em sua obra *Wars of the Jews*), Deus punirá os judeus pelas iniqüidades que praticaram. 2. Não se aterrorizem, como se os seus interesses corressem o risco de ser destruídos, ou o seu trabalho, obstruído por estas guerras; elas não lhes dizem respeito, e, portanto, vocês não precisam ficar apreensivos quanto a qualquer dano produzido por elas. Observe que aqueles que desprezam os

sorrisos do mundo, e não os cortejam e cobiçam, podem desprezar as carrancas do mundo e não devem temê-las. Se não procurarmos subir com aqueles que sobem no mundo, porque deveríamos temer cair com aqueles que caem no mundo? 3. Isto não deve ser considerado como um sinal da chegada do fim do mundo, pois ainda não será o fim (v. 7). Não julguem que estas guerras trarão “o fim” do mundo; não, há outros acontecimentos intermediários a serem cumpridos entre este fim e o fim de todas as coisas, que estão designados a preparar vocês para o fim, mas não apressá-lo para que aconteça antes do devido tempo. 4. Isto não deverá ser considerado como se com estas coisas Deus tivesse feito o pior; não, Ele tem mais flechas na sua aljava, e elas estão orientadas contra os perseguidores: “Quando ouvirdes de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis”, pois “isso será o princípio de dores”; portanto, em vez de ficarem perturbados por elas, vocês devem se preparar para o pior; pois “haverá terremotos em diversos lugares” – que enterrarão multidões nas ruínas das suas próprias casas – e “haverá fomes” – pelas quais muitos dos pobres irão perecer pela falta de alimento – além de problemas e tumultos; de modo que não haverá paz para aquele que sai nem para o que entra. O mundo está repleto de perturbações, mas “não vos perturbeis”; fora há lutas, fora há temores, mas não temam aquilo que o mundo teme. Observe que se os discípulos de Cristo não tiverem cometido nada que os torne culpados, poderão desfrutar uma santa segurança e serenidade de espírito quando tudo ao seu redor estiver na maior desordem.

III Eles devem tomar cuidado para que não sejam afastados de Cristo, e do seu dever para com Ele, devido aos sofrimentos que deverão encontrar, por amor a Jesus. Uma vez mais, Ele diz: “Olhai por vós mesmos” (v. 9). Embora vocês possam escapar à espada da guerra, melhor do que alguns dos seus vizinhos, porque vocês não têm interesse nas disputas públicas, não se sintam seguros; vocês estarão expostos à espada da justiça, mais do que os outros, e os grupos que discutem uns com os outros, se unirão contra vocês. Tomem cuidado, portanto, para que vocês não se enganem com as esperanças de prosperidade exterior, e com um reino temporal como aquele com que vocês vêm sonhando, quando é passando por muitas tribulações que vocês entrarão no Reino de Deus. Tomem cuidado para que não se exponham desnecessariamente aos problemas, e não atraiam problemas

sobre si mesmos. Tomem cuidado com o que vocês fazem e dizem, pois haverá muitos olhos observando vocês. Considere que:

1. Que tipos de problemas eles devem esperar.

(1) Eles serão odiados por todos os homens: isto já é problema suficiente! O fato de ser odiado causa pensamentos dolorosos para o espírito humano e os frutos de tal ódio devem ser uma irritação constante; aqueles que são mal-intencionados, serão prejudiciais. Eles eram odiados, não por alguma coisa errada neles, ou algo incorreto que tivessem feito, mas pelo nome de Cristo, porque eles eram chamados pelo seu nome, recorriam ao seu nome, pregavam o seu nome, e realizavam milagres em seu nome. O mundo os odiava, porque Ele os amava.

(2) Os seus próprios parentes os trairiam, aqueles que eram mais próximos deles, e em quem, naturalmente, eles confiavam para a sua proteção: Eles trairão vocês, denunciarão vocês e serão seus perseguidores. Se um pai tiver um filho cristão, ele perderá a sua afeição natural, será engolido pelo fanatismo, e irá trair o seu próprio filho, entregando-o aos seus perseguidores, como se ele fosse um adorador de outros deuses (Dt 13.6-10).

(3) Os líderes da igreja imporão sobre eles a sua reprovação. Vocês serão entregues ao grande Sinédrio em Jerusalém, e aos tribunais inferiores e consistórios em outras cidades, e serão açoitados nas sinagogas, com quarenta golpes de uma só vez, como se fossem criminosos, infratores da lei que se lê na sinagoga. Não é novidade que os soldados da artilharia da igreja, por meio da traição dos seus oficiais, se voltem contra alguns dos seus melhores amigos.

(4) “Governadores e reis” usarão o seu poder contra eles. Por não terem o poder de ordenar a execução de ninguém, os judeus irão incitar os poderes dos romanos contra os cristãos, assim como incitaram Herodes contra Tiago e Pedro; e conseguirão que vocês sejam executados, como inimigos do império. Eles devem resistir ao sangue, e resistirão.

2. O que eles terão para seu consolo, em meio a essas grandes e terríveis tribulações.

(1) Que a missão para a qual eles tinham sido convocados teria que continuar e prosperar, apesar de toda esta oposição que eles encontrariam (v. 10): “Importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações” – antes da destruição de Jerusalém o som dele deveria chegar a

toda a terra; não somente a toda a nação dos judeus, mas a todas as nações da terra. É consolador para aqueles que sofrem pelo Evangelho o fato de que, ainda que eles sejam esmagados e subjugados, o Evangelho não o será; o Evangelho continuará a ganhar terreno, vencendo tudo e todos que lhe forem contrários.

(2) Que os seus sofrimentos, em lugar de atrapalhar o seu trabalho, deveriam incentivá-lo: “Sereis apresentados ante governadores e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho” (v. 9); isto lhes dará oportunidade de pregar o Evangelho àqueles aos quais vocês forem levados como criminosos, e aos quais, de outra maneira, vocês não teriam acesso. Dessa maneira, o fato de que o apóstolo Paulo fosse levado perante Félix, e Festo, e Agripa, e Nero, foi um testemunho para eles, a respeito de Cristo e do seu Evangelho. Ou, como podemos interpretar, servirá de testemunho contra eles, tanto contra os juízes quanto contra os perseguidores, que perseguem com a fúria mais extrema aqueles que são não apenas inocentes mas também excelentes pessoas. O Evangelho é um testemunho para nós a respeito de Cristo e do céu. Se nós o recebermos, ele será um forte testemunho a nosso favor – ele nos justificará e nos salvará; caso contrário, será um testemunho contra nós, no grande dia.

(3) Que, quando eles fossem “apresentados ante governadores e reis, por amor de mim (Cristo)”, eles teriam a ajuda especial do céu, para defender a causa de Cristo e a sua própria (v. 11): “não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer”. Não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer, de modo a obter o favor dos homens; a sua causa é justa e gloriosa, e não precisa do apoio de discursos longos e premeditados; “mas o que vos for dado naquela hora, isso falai”; o que quer que lhes seja sugerido, e colocado em suas mentes, e em suas bocas (*pro re nata – em um impulso repentino*), falem, e não se preocupem se as suas palavras serão bem-sucedidas; “porque não sois vós os que falais” – vocês não falarão pelo poder da sua própria sabedoria, consideração e determinação – “mas o Espírito Santo” é que falará através de cada um de vós. Observe que aqueles a quem Cristo chama para que sejam os seus advogados, receberão as suas instruções completas: e quando estivermos engajados a serviço de Cristo, poderemos confiar no auxílio do Espírito de Cristo.

(4) Que o céu, no final, compensará tudo: Vocês enfrentarão uma grande dificuldade no seu caminho, mas tenham coragem, a sua luta se concluirá, e o seu testemunho se realizará, e “quem perseverar até ao fim, esse será salvo” (v. 13). A perseverança ganha a coroa. A salvação aqui prometida é mais do que a libertação do mal, é uma bênção eterna, que será uma recompensa abundante por todos os seus serviços e sofrimentos. Tudo isto está escrito em Mateus 10.17ss.

A Grande Tribulação

vv. 14-23

Os judeus, rebelando-se contra os romanos, e perseguindo os cristãos, estavam precipitando a sua própria ruína, com eficiência e merecimento, e estavam colocando Deus e também os homens contra si mesmos (veja 1 Ts 2.15). Aqui temos a predição daquela destruição que se abateria sobre eles, menos de quarenta anos depois dessa ocasião – nós já lemos isso antes (Mt 24.15ss.). Observe que:

I O que é predito aqui a respeito disso.

1. Que os exércitos romanos atacariam a Judéia, e cercariam Jerusalém, a cidade santa. Isto seria a “abominação da assolação” ou “abominação da desolação”, que os judeus abominavam, e pelo que eles seriam assolados. A nação do seu inimigo é chamada de “a terra de que te enfadas” (Is 7.16). Por isso era uma abominação, porque consigo não trazia nada, além da desolação. Eles tinham rejeitado como uma abominação, a Cristo, que teria sido a sua salvação; e agora Deus enviava sobre eles uma abominação que seria a sua desolação, assim descrita pelo profeta Daniel (Dn 9.27): “fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares”. Esse exército estaria onde não devia estar, dentro e ao redor da cidade santa, da qual os pagãos não poderiam ter se aproximado, se Jerusalém não tivesse, antes de mais nada, profanado a coroa da sua santidade. Este é o lamento da igreja (Lm 1.10): “Viu entrar no seu santuário as nações acerca das quais mandaste que não entrassem na tua congregação”; mas o pecado abriu a brecha, pela qual a glória saiu, e a “abominação da desolação” entrou, e ficou onde não deveria. “Quem lê, que entenda”, e se empenhe em interpretar corretamente. As profecias não devem ser claras demais, mas, ao mesmo tempo, devem ser inteligíveis para aqueles que as procuram; e a melhor maneira de entendê-las é comparando-as umas com as outras, e, por fim, com o acontecimento.

2. Que quando o exército romano entrasse na nação, não haveria segurança em nenhum lugar, exceto fugindo do país, com a maior rapidez. Seria inútil lutar, os inimigos seriam fortes demais para eles; seria inútil esconder-se, os inimigos os encontrariam; e seria inútil render-se, pois os inimigos não lhes concederiam nenhum tipo de misericórdia; um homem não poderá salvar a sua vida, a menos que fuja “para os montes”, fora da Judéia; e que ele responda ao primeiro alarme, e aproveite ao máximo a oportunidade que tiver. O “que estiver sobre o telhado” – tentando dali descobrir os movimentos do inimigo, e perceber que ele se aproxima – “que não desça para casa, nem entre a tomar coisa alguma de sua casa” – pois isto fará com que ele perca tempo, que nessa ocasião será mais precioso que os seus melhores bens, que somente o sobrecarregarão, e atrapalharão a sua fuga. “O que estiver no campo” – e dali perceba a aproximação do inimigo, que fuja como estiver – “que não volte atrás, para tomar a sua veste” (v. 16). Se ele conseguir salvar a sua vida, que reconheça que foi uma boa troca, ainda que não possa salvar nada mais, e dê graças a Deus pelo fato de que,

embora seus bens estejam reduzidos, ele não esteja morto.

3. Que seria muito difícil para as mães e para aquelas que estavam amamentando (v. 17): “Ai das grávidas” – que não tiverem coragem de ir a outros lugares, que não puderem se arranjar sozinhas, que não puderem correr como os outros. E “ai das que criarem naqueles dias” – que não saberão se deixam as crianças para trás, ou se as levam consigo. A vaidade da criatura é tanta que pode haver uma ocasião em que os maiores consolos provarão ser as maiores cargas. Provavelmente, será muito incômodo se forem forçados a fugir “no inverno” (v. 18), quando o tempo e os caminhos estão ruins, quando as estradas são pouco transitáveis, especialmente nas montanhas para quais eles deverão fugir. Se não houver remédio exceto enfrentar o problema, ainda assim nós devemos desejar e orar para que, se for a vontade de Deus, as circunstâncias possam ser organizadas para que mitiguem o problema; e, quando as coisas estiverem ruins, nós devemos considerar que elas poderiam ser piores. Não é bom ser forçado a fugir; mas pior ainda é ser obrigado a fugir no inverno.

4. Que, por toda a nação dos judeus, haverá tal desolação e destruição, como nunca houve nem haverá na história (v. 19): “Naqueles dias, haverá uma aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou” – o tempo e a criação têm o mesmo início – “até agora, nem jamais haverá”; não haverá uma complicação tão grande, nem desgraças tão grandes, que durem tanto tempo, que sejam contínuas. A destruição de Jerusalém pelos caldeus foi terrível, mas essa destruição a excederia. Essa era uma ameaça de um assassinato generalizado de todo o povo judeu. Os romanos os devoravam tão barbaramente e também eles se devoravam uns aos outros, que, se as suas guerras tivessem continuado um pouco mais, “nenhuma carne se salvaria”, nenhum judeu seria deixado vivo. Mas em meio à ira, Deus se lembrou da misericórdia; e: (1) Ele abreviou os dias. Ele abandonou a sua controvérsia, antes que trouxesse um final completo. Em termos de rituais religiosos e de nação, a destruição foi completa, mas muitas pessoas, individualmente, conseguiram salvar a vida quando a tempestade desapareceu. (2) Foi “por causa dos escolhidos” que os dias foram abreviados; muitos dentre eles foram beneficiados por causa dos poucos, dentre eles, que criam em Cristo e que eram fiéis a Ele. Havia uma promessa de que só um resto dele se converteria (Is 10.22), e de que Deus, por causa dos seus servos, não destruiria a todos (Is 65.8); e essas

promessas deviam ser cumpridas. Os escolhidos de Deus “clamam a ele de dia e de noite”, e as suas orações devem ser atendidas (Lc 18.7).

II. As orientações que são dadas aos discípulos, a respeito disso.

1. Eles devem agir pela segurança das suas vidas: Quando vocês virem a nação invadida, e a cidade cercada, não se gabem com pensamentos de que o inimigo irá se retirar, ou de que vocês serão capazes de ficar bem com eles; mas, sem mais deliberações ou demoras, “os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes” (v. 14). Não se envolvam em uma luta que não pertence a vocês; deixem que os cacos entre outros cacos de barro contendam entre si, mas vocês devem sair do navio quando virem que ele está afundando, para não sofrerem a morte dos “incircuncisos de coração”.

2. Eles devem cuidar da segurança das suas almas. Os “enganadores” estarão ativos todo o tempo, pois eles adoram pescar em águas agitadas, e, portanto, vocês devem reforçar a sua guarda: “E, então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo, ou: Ei-lo ali” – vocês sabem que Ele está no céu, e virá novamente no final dos tempos, para julgar o mundo – “não acrediteis”; depois de terem recebido a Cristo, não se deixem atrair às armadilhas de nenhum anticristo: “Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas” (v. 22). Quando o reino evangélico estava se estabelecendo, Satanás reuniu todas as suas forças para combatê-lo, e fez uso de todos os seus truques; e Deus permitiu isso, para pôr à prova a sinceridade de alguns, e para revelar a hipocrisia de outros, e o estado de confusão daqueles que rejeitaram a Cristo, quando Ele lhes foi oferecido. “Se levantarão falsos cristos”, que serão pregados por falsos profetas; ou serão do tipo que, embora não finjam ser Cristos, passarão por profetas, predizendo coisas futuras, e “farão sinais e prodígios” – falsos; “já o mistério da injustiça opera” (2 Ts 2.7). Eles enganarão, “se for possível, até os escolhidos”; tão plausíveis serão os seus fingimentos, e tão habilidosos eles serão para impor-se ao povo, que irão atrair a muitos que tinham sido entusiasmados e zelosos professores da religião, muitos que provavelmente teriam perseverado; pois nada poderá proteger os homens, exceto aquele fundamento de Deus, que continua firme e seguro: “O Senhor conhece os que são seus” – que serão preservados, quando a fé de alguns for derrubada (2 Tm 2.18,19). Eles enganarão, “se for possível, até os escolhidos”; mas não será possível enganá-los; a eleição será obtida, a despeito de quem quer que esteja cego (Rm 11.7). Mas, considerando isso, os discípulos devem ser

cautelosos quanto àqueles nos quais crêem (v. 23): “Mas vós vede...”. Cristo sabia que eles pertenciam ao grupo dos escolhidos, que não poderiam ser enganados, e ainda assim, Ele lhes disse: “Vede”. Uma garantia de perseverança e precauções contra a apostasia são muito coerentes entre si. Embora Cristo diga a eles: “Vede”, não se deve, portanto, concluir que a perseverança deles fosse duvidosa, pois eles eram conservados pelo poder de Deus; e, embora a sua perseverança estivesse garantida, não se deve concluir que essa precaução fosse desnecessária, porque eles deviam continuar usando os meios adequados. Deus os protegerá, mas eles precisam também se proteger. “Eis que de antemão vos tenho dito tudo” – Eu lhes contei sobre esse perigo para que, estando avisados, vocês possam estar precavidos. Eu lhes contei tudo que era necessário que vocês soubessem de antemão, e, portanto, acautelem-se ao ouvir aqueles que fingem ser profetas, e predizem mais do que Eu já disse. A suficiência das Escrituras é um bom argumento para não darmos ouvidos aos que fingem ter inspiração.

A Vinda do Filho do Homem

vv. 24-27

Esses versículos parecem apontar para a segunda vinda de Cristo, a fim de julgar o mundo. Os discípulos, na sua pergunta, tinham confundido a destruição de Jerusalém com “o fim do mundo” (Mt 24.3), o que se baseava em um erro, como se o templo devesse permanecer enquanto o mundo permanecesse. Cristo corrige esse erro, e mostra que o fim do mundo – naqueles dias – naqueles dias sobre os quais vocês estão perguntando, o dia da vinda de Cristo e o dia do julgamento, ocorrerão depois daquela aflição, e não simultaneamente com ela. Aqueles que viverem para ver a nação judaica destruída, que prestem atenção ao que pensam, porque o Filho do Homem não virá visivelmente nas nuvens nessa ocasião; não, Ele virá depois disso. E aqui Ele prediz:

1. O dissolução total da estrutura e construção atuais do mundo, até mesmo daquela parte que parece menos propensa a mudanças, a parte superior, a parte pura e mais refinada: “O sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz”; pois o seu brilho será superado pela glória do Filho do Homem

(Is 24.23). “As estrelas” – que desde o início tinham conservado o seu lugar e movimentos regulares – “cairão do céu”, como folhas do outono; e “as forças que estão nos céus” – os corpos celestiais, os astros fixos – “serão abaladas”.

2. A aparição visível do Senhor Jesus, ao qual foi dado todo o juízo daquele dia (v. 26): “então, verão vir o Filho do Homem nas nuvens”. Provavelmente Ele virá àquele mesmo lugar em que estava assentado, quando disse aquilo; pois as nuvens estão na camada inferior do ar. Ele virá “com grande poder e glória”, de maneira adequada à missão com a qual Ele virá. “Todo olho o verá”.

3. A reunião de todos os escolhidos perante Ele (v. 27): “E ele enviará os seus anjos e ajuntará os seus escolhidos” – “a encontrar o Senhor nos ares” (1 Ts 4.17). Eles se ajuntarão desde os quatro ventos, para que ninguém falte a essa assembléia geral; eles se ajuntarão “da extremidade da terra” – das partes mais distantes de onde estiver estabelecido o tribunal de Cristo – e serão trazidas “até a extremidade do céu”; tão segura, tão rápida e tão fácil será a reunião deles, que nenhum deles deixará de chegar, embora eles sejam ajuntados “desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu”. Um israelita fiel será trazido com segurança, ainda que seja desde o extremo da terra da escravidão até o extremo da terra da promessa.

A Recomendação à Vigilância

vv. 28-37

Aqui temos a aplicação desse sermão profético: Então, aprendam a esperar esses eventos da maneira correta.

I Quanto à destruição de Jerusalém, vocês podem esperar que aconteça muito em breve: “Quando já o seu ramo [da figueira] se torna tenro, e brotam folhas, bem sabeis que já está próximo o verão” (v. 28). Quando as causas secundárias começam a acontecer, nós podemos esperar os seus efeitos na ordem e na ocasião adequadas. Assim, quando vocês virem essas coisas acontecendo, quando vocês virem a nação judaica envolvida em guerras, enganada por falsos cristos e falsos profetas, e atraindo sobre si o

descontentamento dos romanos, especialmente quando os virem perseguindo vocês, por causa do seu Mestre, de maneira coerente com o que eles fizeram quando o levaram à morte, e repetindo todo o seu procedimento, dessa maneira enchendo-se de iniqüidade, então poderão dizer que a sua destruição está perto, que já está às portas, e tomem as suas providências, de maneira adequada. Os próprios apóstolos, na verdade, seriam, todos eles, com exceção de João, retirados antes que chegasse o mal que havia de vir, mas a próxima geração à qual eles deviam treinar viveria para ver isso – e, com essas instruções que Cristo deixou, seriam preservados e protegidos, e não participariam daqueles eventos: "Não passará esta geração" – a geração que então surgia – "sem que todas essas coisas aconteçam" – estas coisas que Eu lhes contei, a respeito de Jerusalém, que terão início em breve. E essa destruição será tão próxima e abrangente, quanto será garantida. O decreto já se iniciou, é uma consumação determinada (Dn 9.27). Jesus Cristo não fala dessas coisas simplesmente para assustá-los. Não. Elas são as declarações do objetivo determinado de Deus: "Passará o céu e a terra" – até o final dos tempos – "mas as minhas palavras não passarão" (v. 31), nenhuma dessas predições deixará de se cumprir com exatidão.

II Quanto ao fim do mundo, não perguntem quando será, pois esta não é uma pergunta que deva ser feita, pois "daquele Dia e hora, ninguém sabe" – é uma questão muito distante dos homens; a ocasião exata é fixada no conselho de Deus, mas não é revelada por nenhuma palavra de Deus a nenhum homem na terra, nem aos "anjos que estão no céu"; os anjos serão avisados no momento oportuno, para se prepararem para auxiliar naquele dia, que será proclamado e que sobrevirá aos filhos dos homens, com o soar de trombetas; mas, na atualidade, os homens e os anjos não conhecem a ocasião exata desse dia, para que ambos possam cumprir as suas funções atuais. Entretanto está escrito também: "Nem o Filho"; mas existe alguma coisa que o Filho desconheça? Na verdade, nós lemos sobre um livro que estava selado, até que o Cordeiro abriu os selos; mas Ele não sabia o que continha o livro, antes que os selos fossem abertos? Ele não compartilhava o segredo da sua Escritura? Havia aqueles, em tempos antigos, que ensinavam, a partir desse texto, que havia algumas coisas que Jesus, como homem, não conhecia, e que eram chamadas *Agnoetae*; eles diziam: "Dizer

isto não era mais absurdo do que dizer que a sua alma humana sentia tristeza e medo"; e muitos dos patriarcas ortodoxos estavam de acordo com esta opinião. Alguns se esquivavam disso, dizendo que Jesus falava essas coisas com moderação prudente, para evitar que os discípulos fizessem mais perguntas; mas a essa explicação, responde um dos antigos: *Não é adequado falar gentilmente quanto a isso – ou dei pany akribologein*, segundo Leôncio, na obra do Dr. Hammond. "E é certo (diz o Arcebispo Tillotson), que Jesus Cristo, sendo Deus, não podia desconhecer nada; mas a sabedoria divina que residia no nosso Salvador, comunicava-se com a sua alma humana, conforme a vontade divina, para que a sua natureza humana pudesse, às vezes, não saber de algumas coisas; por isso se diz que Jesus crescia em sabedoria (Lc 2.52), coisa que não poderia ser dita a respeito dele se a natureza humana de Jesus conhecesse necessariamente todas as coisas, em virtude da sua união com a divindade". O Dr. Lightfoot explica o fato da seguinte maneira: Jesus chama a si mesmo, o Filho, de Messias. Ora, o Messias, como tal, era o Servo do Pai (Is 42.1), enviado e incumbido por Ele, e, como tal, alguém que sempre consulta a vontade e a ordem do seu Pai, e reconhece que por si mesmo não pode fazer coisa nenhuma (Jo 5.19); da mesma maneira, pode-se dizer que por si mesmo Ele não conhecia coisa nenhuma. A revelação de Jesus Cristo foi a que Deus lhe deu (Ap 1.1). Portanto, o Dr. Lightfoot pensa que nós devemos distinguir entre aquelas suas qualidades e perfeições que resultavam da união entre a natureza divina e a humana, e aquelas que se deviam à unção do Espírito. Das primeiras, fluía a infinita dignidade da sua perfeita liberdade de todo pecado; porém das últimas, fluía o seu poder de realizar milagres, e a sua presciência das coisas futuras. Portanto (diz ele), o que devesse ser revelado por Ele à sua igreja, Ele ficava feliz de receber, não da união da natureza humana com a divina, mas por revelação do Espírito, pelo que Ele ainda não conhecia o assunto, mas somente o Pai; isto é, somente Deus, a Divindade; pois (como explica o Arcebispo Tillotson) os termos não são usados aqui pessoalmente, em uma distinção entre o Filho e o Espírito Santo, mas como uma menção da natureza do Pai: *Fons et Principium Deitatis – A Fonte da Divindade*.

III Quanto ao "Dia e hora", a obrigação dos discípulos é vigiar e orar. Por isso o dia e a hora são conservados em segredo, para que vocês possam

se preocupar em estar sempre vigilantes (v. 33): “Olhai”, ou seja, estais de sobreaviso quanto a qualquer coisa que possa deixá-los despreparados para a vinda do seu Mestre, deixando a sua prestação de contas confusa, e também o seu espírito. Vigiem e esperem a sua vinda, para que não os apanhe de surpresa, e orem por aquela graça que é necessária para capacitá-los a isso, pois vocês não sabem quando acontecerá; e preocupem-se em estar preparados para isso todos os dias, pois poderá vir a qualquer dia. Ele exemplifica isso, no encerramento do capítulo, através de uma parábola.

1. O nosso Mestre partiu, e nos deixou, a cada um, algo em confiança, do que somos responsáveis, e de que deveremos prestar contas (v. 34). Ele é como um homem que parte para fora da terra; pois Ele estará fora durante muito tempo. Ele deixou a sua casa na terra, e deixou os seus servos com as suas obras, dando autoridade a alguns, que seriam os supervisores, e trabalho a outros, que seriam os trabalhadores. Aqueles que tinham recebido autoridade, receberam também trabalho, pois aqueles que têm mais poder também têm mais trabalho; e àqueles a quem Ele deu trabalho, Ele deu algum tipo de autoridade, para realizar tal trabalho. E quando saiu, Ele mandou “ao porteiro que vigiasse”, para assegurar que o porteiro estivesse preparado para abrir-lhe a porta no seu regresso; e, nesse meio tempo, que cuidasse de não abrir as portas a ladrões e bandidos, mas somente aos amigos e servos do seu Mestre. Assim o nosso Senhor Jesus, quando ascendeu ao céu, deixou algo para ocupar todos os seus servos, esperando que eles o servissem na sua ausência, e estivessem preparados para recebê-lo na sua volta. Todos têm trabalho para fazer, e alguns têm autoridade para governar.

2. Nós devemos sempre estar vigilantes, esperando a sua volta (vv. 35-37). (1) O nosso Senhor virá, e virá como o “senhor da casa”, para acertar as contas com os seus servos quanto ao seu trabalho e ao aprimoramento que tiveram. (2) Nós não sabemos quando Ele virá; e Ele, muito sabiamente, nos deixou na incerteza, para que pudéssemos estar sempre preparados. Nós não sabemos quando Ele virá, o momento exato: O “Senhor da casa” talvez venha à tarde, talvez às nove horas da noite; ou talvez à meia-noite, ou ao cantar do galo, ou às três da manhã, ou talvez não chegue antes das seis. Isto se aplica à sua vinda para nós em particular, na nossa morte, e também ao juízo eterno. A nossa vida atual é uma noite, uma noite escura, em comparação com a outra vida; nós não sabemos em que

vigília da noite o nosso Mestre virá, se nos dias da nossa juventude, ou da meia idade, ou da velhice; mas, tão logo nascemos, começamos a morrer, e, portanto, tão logo sejamos capazes de esperar qualquer coisa, nós devemos esperar a morte. (3) A nossa grande preocupação deve ser que quando o nosso Senhor vier, Ele não nos encontre dormindo, seguros de nós mesmos, desprevenidos, permitindo-nos comodidade e preguiça, despreocupados do trabalho e do dever, e descuidados da vinda do nosso Senhor; prontos para dizer: Ele não virá, e despreparados para recebê-lo. (4) A sua vinda será realmente "de improviso"; será uma grande surpresa e um grande terror para aqueles que estão descuidados, e adormecidos, pois ela virá como o ladrão de noite. (5) Portanto, é dever indispensável de cada discípulo de Cristo vigiar, estar acordado, e ficar alerta: "E as coisas que vos digo" (v. 37), que Eu digo a todos os doze, ou melhor, a vós, os doze, Eu digo "a todos" os meus discípulos e seguidores; o que Eu digo a vocês desta geração, digo a todos os que crerem, em todas as épocas, através da Palavra que vocês estarão pregando: "Vigiai". Vigiem, esperem a minha segunda vinda, estejam preparados para ela, para que sejam encontrados em paz, sem pecados e irrepreensíveis.

CAPÍTULO 14

Nesse capítulo, tem início a narrativa que Marcos apresenta da morte e dos sofrimentos do nosso Senhor Jesus, com os quais todos nós devemos ter a preocupação em nos familiarizar, não considerando apenas a sua história, mas também o seu mistério. Aqui temos: I. A trama dos principais dos sacerdotes e dos escribas contra Jesus (vv. 1,2). II. A unção sobre a cabeça de Jesus em uma ceia em Betânia, dois dias antes da sua morte (vv. 3-9). III. O acordo que Judas fez com os principais dos sacerdotes, para traí-lo (vv. 10,11). IV. A refeição de Páscoa de Jesus com os seus discípulos, a instituição que Ele fez da Ceia do Senhor, e o seu sermão aos seus discípulos, durante a ceia e depois dela (vv. 12-31). V. A agonia de Jesus no jardim (vv. 32-42). VI. A traição de Judas, e a prisão de Jesus pelos agentes dos principais dos sacerdotes (vv. 43-52). VII. A acusação contra Jesus diante do sumo sacerdote, a sua condenação, e as indignidades cometidas contra Ele naquele julgamento (vv. 53-65). VIII. A negação de Pedro (vv. 66-72). A maior parte dessas

passagens nós já vimos antes, no capítulo 26 do Evangelho de Mateus.

Jesus É Ungido em Betânia. Judas Compromete-se para Trair a Cristo

vv. 1-11

Aqui temos exemplos:

I Da bondade dos amigos de Cristo, e das providências tomadas por respeito e honra a Ele. Jesus tinha alguns amigos, até mesmo em Jerusalém e nas proximidades, que o amavam, e nunca pensaram que poderiam fazer o suficiente por Ele. Entre esses amigos – embora Israel não esteja entre eles – o Senhor Jesus é e sempre será glorioso.

1. Havia um amigo que foi tão gentil a ponto de convidar Jesus para jantar com ele; e Jesus foi gentil a ponto de aceitar o convite (v. 3). Embora Ele tivesse a perspectiva da sua morte que se aproximava, ainda assim Ele não se entregou a um afastamento melancólico, evitando qualquer companhia, mas conversava com os seus amigos tão livremente como sempre.

2. Havia uma amiga que foi tão gentil a ponto de ungir a sua cabeça com um ungüento muito valioso, quando Ele se sentou para comer. Essa foi uma extraordinária demonstração de respeito, prestada por uma boa mulher que pensou que nada seria suficientemente bom para oferecer a Jesus Cristo, e para honrá-lo. Assim se cumpriam as Escrituras: “Enquanto o rei está assentado à sua mesa, dá o meu nardo o seu cheiro” (Ct 1.12). Devemos ungir a Jesus Cristo como nosso Amado, beijá-lo com um beijo afetuoso; e ungi-lo como nosso Soberano, e beijá-lo com um beijo leal. Ele derramou a sua alma na morte por nós, e vamos julgar que algum vaso de ungüento é precioso demais para derramar sobre Ele? Pode-se notar que ela tomou cuidado especial em derramar todo o ungüento sobre a cabeça de Jesus; ela quebrou o vaso (é o que está escrito); mas, uma vez que se tratava de um “vaso de alabastro”, que não quebra facilmente, nem era necessário que fosse quebrado para extrair o ungüento, alguns interpretam que ela agitou o vaso, ou o jogou no chão, para desprender o seu conteúdo, para que pudesse ser extraído com mais facilidade. Ela também pode ter esfregado e raspado tudo o que estava preso a ele. Jesus deve ser honrado com tudo o que

tivermos, e nós não devemos pensar em reter nada. Será que damos a Ele o ungüento precioso do nosso melhor afeto? Que Ele tenha tudo; devemos amá-lo “de todo o coração”.

Agora: (1) Houve aqueles que atribuíram a essa atitude tão bela um significado que não estava à altura do que ela merecia. Eles a classificaram como um “desperdício de ungüento” (v. 4). Por não terem podido encontrar, em seus corações, a coragem de ter uma despesa tão elevada para honrar a Cristo, eles pensaram que aquela que o fez, fosse rica. Observe que “ao louco nunca mais se chamará nobre; e do avarento nunca mais se dirá que é generoso” (Is 32.5); de modo que o nobre e o generoso não sejam chamados de esbanjadores. Eles imaginaram que o ungüento poderia ter sido vendido, e dado aos pobres (v. 5). Mas assim como um ato piedoso relacionado ao Corbã não isenta de uma caridade especial a um pai ou mãe pobres (cap. 7.11), também uma caridade comum aos pobres não isenta de um ato especial de piedade ao Senhor Jesus. “Tudo quanto te vier à mão para fazer [que for bom], faze-o conforme as tuas forças”.

(2) O nosso Senhor Jesus atribuiu a esse ato um significado maior do que, pelo que parece, havia sido tencionado por aquela que o praticou. Provavelmente, ela não tinha outra intenção além de mostrar a grande honra que ela lhe dedicava diante de todo o grupo, e de completar a sua recepção. Mas Jesus o transforma em um ato de grande fé, assim como de grande amor (v. 8): Ela “antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura” como se previsse que a minha ressurreição evitaria que ela fizesse isto depois. Esse rito funerário era um tipo de presságio, ou prelúdio, para a sua morte que se aproximava. Veja como o coração de Jesus estava cheio de pensamentos sobre a sua morte, como tudo tinha uma referência a ela, e com que familiaridade Ele falava dela em todas as ocasiões. É usual que aqueles que estão condenados à morte mandem preparar os seus caixões, e outras providências sejam tomadas para o sepultamento deles, enquanto ainda estão vivos. O Senhor Jesus Cristo encarou a realidade. A morte e o sepultamento de Jesus foram os patamares mais baixos da sua humilhação; portanto, embora Ele se submetesse de bom ânimo a eles, ainda assim Ele teria algumas marcas de honra para acompanhá-los, que poderiam ajudar a remover “o escândalo da cruz”, e que seriam uma indicação de quão “preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos”. Jesus nunca entrou em Jerusalém com o triunfo de um rei humano (mas sim com o do

Messias); Ele foi lá para sofrer; Ele nunca teve a sua cabeça ungida, exceto para o seu sepultamento.

(3) Ele elogiou esse ato de piedade heróica como sendo digno do aplauso da igreja em todos os tempos: “Em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para sua memória” (v. 9). Observe que a honra que acompanha as boas ações, mesmo neste mundo, é suficiente para contrabalançar a reprovação e o desprezo lançados sobre elas. “A memória do justo é abençoada”, e aqueles que “experimentaram escárnios e açoites”, ainda “alcançaram testemunho” (Hb 11.6,39). Assim, essa boa mulher foi recompensada pelo seu vaso de ungüento: *Nec oleum perdidit nec operam – Ela não desperdiçou nem o seu azeite, nem o seu trabalho.* Ela conseguiu, com esse ato, aquele “bom nome” que é melhor do que o “ungüento precioso” (Ec 7.1, versão TB). Aqueles que honram a Cristo serão honrados por Ele.

II Da malícia dos inimigos de Jesus, e dos arranjos que eles fizeram para lhe fazer mal.

1. Os principais dos sacerdotes, inimigos declarados de Jesus, planejavam como o condenariam à morte (vv. 1,2). A Festa da Páscoa estava próxima, e Ele devia ser crucificado nessa festa: (1) Para que a sua morte e os seus sofrimentos fossem mais públicos, e que todo Israel, mesmo os da dispersão, que vinham de todas as partes para a festa, pudessem ser testemunhas da sua morte e das maravilhas que a acompanharam. (2) Para que o antítipo – um modelo de algo futuro – pudesse corresponder àquilo que estava tipificando. Jesus Cristo, a nossa Páscoa, foi crucificado por nós e nos libertou da escravidão ao mesmo tempo em que o cordeiro pascal era sacrificado, e a saída de Israel do Egito era comemorada.

Veja então: [1] Como eram malévolos os inimigos de Jesus. Eles não julgaram que seria suficiente expulsá-lo, ou aprisioná-lo, pois eles desejavam não apenas silenciá-lo, e interromper o seu progresso para o futuro, mas vingar-se dele por todo o bem que Ele tinha feito. [2] Como eles eram sutis. “Não no dia da Festa”, quando o povo está reunido. Eles não dizem: Para que não sejam perturbados nas suas devoções, e afastados delas; mas: “Para que, porventura, se não faça alvoroço entre o povo” (v. 2); para que o povo não se levante e o liberte, e não se lance sobre aqueles que tentarem algo contra Ele. Aqueles que não desejavam nada além do louvor

dos homens temiam, acima de tudo, a ira e o desprazer dos homens.

2. Judas, o inimigo oculto de Jesus, fez um acordo com “os principais dos sacerdotes” para traí-lo (vv. 10,11). Judas é tido como um dos doze que compunham a família de Jesus. Era alguém íntimo dele, treinado para o serviço do reino; e ele foi ter com os principais dos sacerdotes para prestar os seus serviços nessa questão.

(1) O que Judas lhes propôs foi que trairia a Jesus, entregando-o a eles, avisando-os onde e quando poderiam encontrá-lo e prendê-lo, sem causar nenhum alvoroço entre a multidão, que era o que eles temiam se o prendessem quando Ele aparecesse em público, em meio aos seus admiradores. Será que Judas sabia, então, que ajuda eles queriam, e em que ponto eles teriam sido impedidos de prosseguir com as suas idéias? É provável que ele não o soubesse, pois os debates eram realizados secretamente. Eles sabiam que ele tinha a intenção de servi-los e que, ao mesmo tempo, queria adular Jesus. Não, eles não podiam imaginar que qualquer daqueles que eram íntimos do Mestre pudesse ser tão vil; mas Satanás, que entrou em Judas, conhecia a oportunidade que eles tinham para ele, e podia dirigi-lo para que ele se tornasse o guia daqueles que estavam tramando para prender Jesus. Note que o espírito que opera em todos os filhos da desobediência sabe como fazer com que eles se ajudem uns aos outros em um projeto iníquo, e como torná-los insensíveis, crendo na fantasia de que a Providência os favorecerá.

(2) O que Judas propôs a si mesmo era conseguir dinheiro em troca de entregar o Senhor. Ele teve o que desejava quando eles prometeram dar-lhe dinheiro. A cobiça era a principal luxúria de Judas, a sua própria iniqüidade, e que o levou ao pecado de trair ao seu Mestre. O diabo adequou a tentação a isso, e dessa maneira, o conquistou. Não está escrito: “Eles lhes prometeram uma promoção” (ele não tinha ambição disso), mas “prometeram dar-lhe dinheiro”. Veja a necessidade que nós temos de dobrar a nossa guarda contra o pecado que mais “de perto nos rodeia”. Talvez tenha sido a ambição de Judas que o levou, no início, a seguir a Cristo, tendo a promessa de que ele seria o tesoureiro, ou contador, do grupo, e ele amava profundamente manusear dinheiro; e agora que tinha a possibilidade de obter dinheiro do outro lado, ele estava tão disposto a trair Jesus quanto tinha estado disposto a segui-lo. Observe que quando o princípio da profissão religiosa dos homens é carnal e mundana, estando a serviço de um

interesse secular, o mesmo princípio, quando o vento mudar, será a raiz amarga de uma apostasia vil e escandalosa.

(3) Tendo assegurado o dinheiro, ele se dedicou a cumprir a sua parte no trato. Ele procurou uma maneira de poder traí-lo convenientemente, “buscava como o entregaria em ocasião oportuna”, de modo a satisfazer a intenção daqueles que o tinham contratado. Veja a necessidade que temos de nos precaver para que não nos envolvamos em compromissos pecaminosos. Se, em alguma ocasião, estivermos enredados com as palavras da nossa boca, nós devemos nos preocupar em nos livrar rapidamente (Pv 6.1-5). É uma regra na nossa lei, assim como na nossa religião, que um compromisso de fazer algo mau é nulo e vazio; isto deve levar ao arrependimento, e não à realização de um ato iníquo. Veja como o caminho do pecado é descendente – quando os homens estão nele, parecem estar anestesiados; e os instrumentos iníquos que muitos utilizam para colocar em prática os seus desejos pecaminosos, para planejar convenientemente os seus desígnios, no final se mostrarão comprovadamente enganosos.

A Instituição da Ceia do Senhor

vv. 12-31

Nesses versículos, temos:

I A refeição da Páscoa que Cristo fez com os seus discípulos na noite anterior à sua morte – com as alegrias e os consolos dessa cerimônia Ele se preparou para as suas tristezas vindouras, cuja perspectiva não o indispunha a essa solenidade. Observe que nenhuma apreensão de dificuldade, que já tenha vindo ou que esteja por vir, deve nos impossibilitar de comparecer às cerimônias sagradas, quando tivermos oportunidade de participar delas.

1. Jesus fez a refeição da Páscoa na mesma ocasião em que os outros judeus o faziam, como o Dr. Whitby tinha explicado bem, e não, como o Dr. Hammond interpreta, na noite anterior. Foi no primeiro dia daquela Festa, que (considerando todos os oito dias da festa) era chamada de Festa dos Pães Asmos, “quando sacrificavam a Páscoa” (v. 12).

2. Ele instruiu os seus discípulos sobre como encontrar o lugar onde Ele pretendia comer a Páscoa; e assim deu outra prova do seu infalível conhecimento das coisas distantes e futuras (que para nós às vezes parecem completamente improváveis), como já tinha feito quando lhes deu instruções para encontrar a jumenta na qual Ele entrou triunfante (cap. 11.6): “Ide à cidade (pois a refeição de Páscoa devia ser feita em Jerusalém), e um homem que leva um cântaro de água vos encontrará (um servo enviado para buscar água, para limpar os cômodos da casa do seu amo); segui-o. E, onde quer que entrar, dizei ao senhor da casa”, peçam para falar com “o senhor da casa” (v. 14), e peçam que ele lhes mostre um “aposento”. Sem dúvida, os habitantes de Jerusalém tinham aposentos adequados para alugar nessa ocasião àqueles que vinham de fora para passar a Páscoa, e um deles foi usado por Jesus; não a casa de algum amigo, nem alguma casa que Ele tivesse freqüentado anteriormente, pois nesse caso Ele teria dito: “Vão a tal amigo”, ou “Vocês sabem onde nós costumávamos ficar, vão para lá e preparem tudo”. Provavelmente Ele foi aonde não o conheciam, para que pudesse ficar com os seus discípulos sem ser incomodado. Talvez Ele tenha utilizado um sinal, para ocultá-lo de Judas, para que ele não soubesse onde era o lugar, até que ali chegasse; e com tal sinal o Senhor dava a entender que Ele estará no coração puro, isto é, limpo, como água pura. Onde Ele desejar ir, um cântaro de água deverá ir diante dele (veja Is 1.16-18).

3. Ele comeu a refeição da Páscoa em um grande “cenáculo mobiliado”, *estromenon – coberto com tapetes* (segundo o Dr. Hammond). Deve ter sido uma sala de jantar muito bonita. Jesus estava longe de desejar qualquer coisa que parecesse suntuosa quando fazia as suas refeições normais; ao contrário, Ele escolhia o que era caseiro, e sentava-se sobre a relva. Mas quando Ele devia observar uma Festa sagrada, como uma forma de honrá-la Ele providenciaria o melhor lugar possível. Deus não olha para a pompa exterior, mas sim para os sinais e para as expressões da reverência interior a uma instituição divina – e isto deve ser temido. Uma atitude como essa faltava àqueles que, para economizar, negavam a si mesmos o decoro e o esforço para fazer o melhor possível na adoração a Deus.

4. Ele comeu com os doze, que eram a sua família, para ensinar àqueles que têm família, não somente família de filhos, mas família de servos, ou família de alunos, a manterem a religião pura entre si mesmos, e a adorarem

a Deus em conjunto. Se Cristo veio com os doze, então Judas estava com eles, embora ele estivesse, nessa ocasião, planejando trair o seu Mestre; e isto fica claro pelo que está escrito mais adiante (v. 20), que ele estava ali. Ele não faltou, para que não fosse alvo de suspeitas; se o seu lugar estivesse vazio nessa festa, eles poderiam ter dito, como Saul disse, a respeito de Davi: “Não está limpo; certamente, não está limpo” (1 Sm 20.26). Os hipócritas, embora saibam que estão correndo riscos, ainda assim comparecem às cerimônias especiais, para conservar a sua reputação, e encobrir a sua maldade secreta. Jesus Cristo não o excluiu da festa, embora conhecesse a sua maldade, pois ela ainda não tinha se tornado pública e escandalosa. Desejando colocar as chaves do Reino dos céus nas mãos dos homens, que podem julgar somente pela aparência externa, Cristo ordena e ao mesmo tempo incentiva que venham à sua mesa, para que possam apresentar uma profissão de fé justificável, porque eles não conseguirão discernir a “raiz de amargura” até que ela brote.

II O sermão de Jesus aos seus discípulos, enquanto comiam a refeição da Páscoa. É provável que eles tivessem falado, de acordo com o costume nessa festa, sobre a libertação de Israel, saindo do Egito, e a preservação dos primogênitos, e possivelmente estava tão agradável como costumava ser quando eles estavam juntos, até que Jesus lhes disse aquilo que faria com que o estremecimento deles estivesse mesclado com uma grande alegria.

1. Eles estavam alegres com a companhia do seu Mestre; mas Ele lhes diz que muito em breve eles o perderiam: “... um de vós... há de trair-me”; e eles sabiam disso, pois Ele sempre lhes dizia aquilo que viria a seguir – se Ele for traído, a próxima notícia que vocês terão dele é que Ele foi crucificado e está morto. Deus Pai determinou isto para Ele, e Ele concorda com isto: “O Filho do Homem vai, como dele está escrito” (v. 21). Estava escrito nos desígnios de Deus, e estava escrito nas profecias do Antigo Testamento, e nem um jota ou um til de nenhum deles cairá por terra.

2. Eles estavam satisfeitos com a companhia uns dos outros, mas as palavras de Jesus fizeram com que essa alegria cessasse, ao dizer-lhes: “Um de vós, que comigo come, há de trair-me” (v. 18). É provável que o Senhor Jesus tenha dito isso, de certa maneira, para despertar a consciência de Judas, tentando fazer com que se arrependesse da sua iniqüidade, e se

afastasse (pois ainda não era tarde demais) da beira do poço. Mas, aparentemente, aquele que era o maior interessado no aviso, era o menos preocupado com ele. Todos os demais foram afetados por esse aviso. (1) “E eles começaram a entristecer-se”. Assim como a recordação dos nossos primeiros pecados, também o medo de fazer as mesmas coisas novamente freqüentemente amarga o consolo das nossas festas espirituais, e sufocam a nossa alegria. Aqui estavam as ervas amargas, com as quais eles comeram essa refeição de Páscoa. (2) Eles começaram a suspeitar de si mesmos. Eles diziam, “um após outro: Porventura, sou eu, Senhor? E outro: Porventura, sou eu, Senhor?” Eles devem ser elogiados pela sua caridade, porque estavam suspeitando mais de si mesmos do que uns dos outros. Esta é a lei da caridade: esperar pelo melhor (1 Co 13.5-7). Mas em virtude do conhecimento que temos, podemos, com razão, suspeitar mais do mal do que os nossos irmãos. Eles também devem ser elogiados por acatar o que Jesus disse; eles confiaram mais nas palavras dele do que nos seus próprios corações; e, portanto, não dizem: “Eu tenho certeza de que não sou eu”, mas: “Sou eu, Senhor?”. Senhor, veja se existe tal caminho ímpio em nós, tal raiz de amargura, e revele-a para nós, para que possamos extirpar esta raiz e interromper este procedimento vil.

Então, em resposta à pergunta deles, Cristo lhes diz: [1] Aquilo que os deixaria tranqüilos. Não é você, nem você. “É um dos doze, que mete comigo a mão no prato”; o adversário e inimigo é este iníquo, chamado Judas. [2] Aquilo que, poderíamos pensar, deixaria Judas intranqüilo. Se ele prosseguisse na sua empreitada, andaria sobre o fio da espada, pois “Ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído!”; ele está destruído, destruído para sempre; o seu pecado em breve o descobrirá; e seria melhor para ele que nunca tivesse nascido, e não tivesse tido uma existência tão miserável como deve ter tido. É muito provável que Judas se incentivasse com o pensamento de que o seu Mestre sempre dissera que deveria ser traído; e, se isso deveria ser feito, certamente Deus não acharia nada errado naquele que o fizesse, pois quem resiste à sua vontade? Este é o argumento daquele que faz objeções (Rm 9.19). Mas Jesus lhe diz que isso não será desculpa ou refúgio para ele: “Na verdade o Filho do Homem vai, como dele está escrito”, como um cordeiro ao matadouro; “mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído!” A decisão de Deus de permitir que os homens pequem, e de glorificar a si mesmo através de cada

um deles, não exige que eles pequem, nem determina um procedimento específico que eles deverão ter; eles não terão qualquer desculpa para o pecado, nem qualquer alívio para a punição. Jesus foi entregue, na verdade, “pelo determinado conselho e presciência de Deus”; mas, apesar disso, Ele foi crucificado e morto pelas mãos de injustos (At 2.23).

III A instituição da Ceia do Senhor.

1. Ocorreu no final da ceia, quando eles já tinham sido suficientemente alimentados com o cordeiro pascal, para mostrar que na Ceia do Senhor não se tem a intenção de alimentar o corpo; antecedê-la com algo assim é reviver a época de Moisés. Mas trata-se de alimento para a alma somente, e, portanto, é uma pequena parte daquilo que é para o corpo, o suficiente para servir de sinal. Foi no final da ceia de Páscoa que esse rito passou a fazer parte do Evangelho, porém de uma forma que superou a celebração antiga e a colocou de lado. Grande parte da doutrina e do dever da Ceia do Senhor nos são exemplificados pelo cordeiro da Páscoa (Êx 12); pois as instituições do Antigo Testamento, embora não nos obriguem, nos instruem, e nos conduzem ao Evangelho. E o fato de que essas duas cerimônias são ali apresentadas tão próximas, pode ser bom para compará-las, e observar o quanto a Ceia do Senhor é mais curta e simples, em comparação com a Páscoa do Antigo Testamento. O jugo de Cristo é suave e o seu fardo é leve em comparação com os da lei cerimonial, e as suas ordenanças são mais espirituais.

2. A Ceia do Senhor foi instituída através do exemplo do próprio Jesus; não com a cerimônia e a solenidade de uma lei, como o ritual do batismo, depois da ressurreição de Cristo (Mt 28.19), e que está em vigor pela autoridade supramencionada, pelo poder que foi dado a Cristo “no céu e na terra”; mas pelo procedimento do nosso próprio Mestre, porque se destinava àqueles que já eram seus discípulos, e que tinham uma aliança com Ele. Porém é necessário ter bem claro que a Ceia do Senhor é uma obrigação de cada cristão, e deverá continuar em pleno vigor, poder, e virtude até a sua segunda vinda.

3. Ela foi instituída com bênçãos e ações de graças: Os dons da providência considerada “comum” devem ser recebidos com ações de graça (1 Tm 4.4,5), como também os dons da graça especial. O Senhor Jesus abençoou (v. 22), e deu graças (v. 23). Em outras refeições o Senhor estava

acostumado a abençoar e dar graças (cap. 6.41; 8.7) de maneira tão notável, que Ele foi reconhecido por isto (Lc 24.30,31). E Ele fez o mesmo nessa refeição.

4. A instituição foi feita em memória da sua morte; e assim Ele partiu o pão para mostrar como agradava ao Senhor feri-lo; e Ele chamou o vinho, que é o sangue da uva, de “sangue do Novo Testamento”. A morte que Jesus Cristo teve foi uma morte sangrenta, e é feita menção freqüente ao sangue, o sangue precioso, como o orgulho da nossa redenção; pois o sangue é a vida, e que fará expiação pela alma (Lc 17.11-14). O derramar do sangue era a indicação mais perceptível do derramamento da sua alma (Is 53.12). O sangue tem voz (Gn 4.10); e, por isso, o sangue é tão freqüentemente mencionado, porque ele falava (Hb 12.24). E é chamado de “sangue do Novo Testamento”, pois o concerto da graça tornou-se um Testamento, que entrou em vigor pela morte de Jesus Cristo, o testador (Hb 9.16). Está escrito que ele é derramado por muitos, para justificar a muitos (Is 53.11), para trazer muitos filhos à glória (Hb 2.10). Foi suficiente para muitos, e tinha um valor infinito; foi útil para muitos – nós lemos sobre uma grande multidão, a qual ninguém podia contar, na qual todos lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro (Ap 7.9-14); e é uma fonte ainda aberta. Como é consolador para os pobres pecadores arrependidos, que o sangue de Cristo tenha sido derramado por muitos! E, se é por muitos, por que não por mim? Se é pelos pecadores, os pecadores gentios, os principais pecadores, então por que não por mim?

5. Foi instituída para ser uma ratificação do concerto feito conosco nele, e um símbolo da transmissão desses benefícios a nós, benefícios que foram comprados por nós pela sua morte; e por isso Ele partiu o pão para eles (v. 22), e disse: “Tomai, comei”. Ele lhes deu o cálice, e ordenou que bebessem (v. 23). Apliquem a vós mesmos a doutrina do Cristo crucificado, e que ela seja alimento e bebida para as vossas almas, e alívio para vós, e sustento e consolo para a vossa vida espiritual.

6. Ela foi instituída visando a felicidade no céu, para ser desfrutada como um adiantamento, um gozo antecipado, das delícias do céu, e, desta forma, para fazer com que as nossas bocas deixem de gostar de todos os prazeres e delícias dos sentidos (v. 25): “Não beberei mais do fruto da vide” – como algo refrescante para o corpo. Já não quero mais isto. Ninguém, tendo provado as delícias espirituais, continua desejando as sensoriais, pois Ele

disse, o que é espiritual, é melhor (Lc 5.39); mas todo aquele que provou as delícias espirituais, deseja continuamente as eternas, pois Ele disse: Estas são melhores ainda; e, portanto, que eu não beba mais do fruto da vide; ele está morto e sepultado para aqueles que beberam do rio dos prazeres de Deus; mas, Senhor, apresse o dia em que o beberei novo, no Reino de Deus – onde ele será sempre novo e perfeito.

7. Ela se encerrou com um hino (v. 26). Embora Cristo estivesse no meio dos seus inimigos, ainda assim Ele não omitiu, por temor a eles, este doce dever de cantar salmos. Paulo e Silas cantavam, enquanto os prisioneiros os ouviam. Esse era um cântico evangélico, e os tempos do Evangelho são freqüentemente mencionados no Antigo Testamento como tempos de alegria, e o louvor é expresso ao cantar. Esse foi o "canto do cisne" de Jesus, que Ele cantou pouco tempo antes de iniciar a sua agonia; provavelmente se trate do cântico que era normalmente entoado por ocasião da páscoa (Sl 113–118).

IV O sermão de Jesus aos seus discípulos, quando retornavam a Betânia à luz do luar. "Tendo cantado o hino, saíram". Agora era quase hora de dormir, mas o nosso Senhor Jesus estava tão concentrado no seu sofrimento, que não conseguiria entrar na tenda em que habitava, nem subir ao leito em que dormia; não dar sono aos seus olhos, nem repouso às suas pálpebras, quando essa obra ainda estava por realizar (Sl 132.3,4). Os israelitas eram proibidos de sair das suas casas na noite em que comiam a refeição da Páscoa, por temerem a espada do anjo destruidor (Êx 12.22,23). Mas como Cristo, o grande Pastor, devia ser ferido, Ele saiu, propositadamente, para expor-se à espada, como um vencedor; eles fugiram do destruidor, mas Cristo o derrotou, e trouxe a destruição a um fim perpétuo.

1. Aqui Jesus prediz que durante os seus sofrimentos Ele seria abandonado por todos os seus discípulos: "Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim" (v. 27). Eu sei disto. E o que Eu lhes digo agora, não é nada além do que as Escrituras já lhes disseram antes: "Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão". Cristo sabia disso de antemão, e ainda assim os recebeu à sua mesa. Ele vê as falhas e os defeitos dos seus discípulos, e ainda assim não os rejeita. Tampouco devemos nos desestimular de participar da Ceia do Senhor, pelo medo de recair no

pecado mais tarde; mas, quanto maior o perigo que corrermos, mais necessidade teremos de nos fortalecer pelo uso consciente e diligente dos rituais sagrados. Jesus lhes diz que eles se escandalizariam nele, começariam a questionar se Ele era ou não o Messias, quando o vissem subjugado pelos seus inimigos. Até então, eles tinham permanecido com Ele nas suas tentações. Embora às vezes o tivessem ofendido, não tinham se escandalizado nele, nem lhe tinham dado as costas; mas agora a tempestade seria tão mais intensa, que todos eles soltariam as suas âncoras, e estariam correndo risco de um naufrágio. Algumas tentações são mais particulares (como Ap 2.10: “O diabo lançará alguns de vós na prisão”); mas outras são mais genéricas, como, por exemplo, uma “hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo” (Ap 3.10). O ato de ferir o pastor freqüentemente consiste em dispersar as ovelhas. Se os magistrados, os ministros, e os chefes de famílias forem como devem ser, pastores para aqueles que estão sob os seus cuidados, quando algo lhes acontece todo o rebanho sofre, e corre perigo.

Mas Cristo os incentiva com a promessa de que eles se reencontrarão outra vez, retornarão para o seu dever e também para o seu consolo (v. 28): Depois de ressuscitar, “buscarei as minhas ovelhas; e as farei voltar de todos os lugares por onde andam espalhadas” (Ez 34.12). “Depois que eu houver ressuscitado, irei adiante de vós para a Galiléia”. Verei os nossos amigos, e nos alegraremos juntos.

2. Ele prediz que Pedro, em particular, o negaria. Quando eles saíram para ir ao monte das Oliveiras, nós podemos supor que Judas não estava mais com eles (ele teria saído furtivamente), e como conseqüência os demais discípulos começaram a ter pensamentos elogiosos a respeito de si próprios, pois eles tinham ficado com o seu Mestre, enquanto Judas o tinha abandonado. Mas Jesus lhes diz que, embora eles estivessem protegidos – pela sua graça – da apostasia de Judas, ainda assim não tinham nenhum motivo para se orgulhar da sua fidelidade. Observe que embora Deus nos impeça de ser tão maus quanto os piores, ainda assim podemos ficar envergonhados ao pensar que não somos tão bons quanto deveríamos ser.

(1) Pedro está confiante de que não procederia tão mal quanto os demais discípulos poderiam proceder (v. 29): “Ainda que todos se escandalizem” – todos aqui presentes – “nunca, porém, eu”. Ele supõe que não apenas é mais forte que os outros, mas que é muito mais forte, a ponto de conseguir

receber o choque de uma tentação e resistir a ela, sozinho; resistir, embora não tenha ninguém ao seu lado. Pensar bem a nosso respeito, e confiar nos nossos próprios corações, é algo que faz parte de nosso ser.

(2) Cristo diz a Pedro que ele fará algo pior que qualquer um dos outros. Todos eles o abandonarão, mas Pedro o negará; não uma, mas três vezes; e dentro de pouco tempo: “Hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás”; você negará que me conheceu, ou que se relacionou comigo, como alguém envergonhado e temeroso de reconhecer-me.

(3) Pedro reforça o que disse: “Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei”. Ou, em outras palavras, eu ficarei contigo, ainda que isto custe a minha própria vida; e, sem dúvida, ele dizia o que pensava. Judas não disse nada parecido com isso, quando Jesus lhe disse que ele o trairia. Judas pecou intencionalmente, mas Pedro pecou pela surpresa; Judas intentou a iniqüidade (Mq 2.1), enquanto Pedro foi surpreendido nessa ofensa (Gl 6.1). Pedro fez mal em contradizer ao seu Mestre. Se ele tivesse dito, com temor e tremor: “Senhor, dê-me a graça para impedir que eu o negue, não me conduza a esta tentação, liberte-me deste mal”, isto poderia ter sido evitado; mas eles estavam todos muito confiantes; aqueles que tinham perguntado: “Sou eu, Senhor?”, agora diziam: Nunca serei eu. Tendo sido absolvidos do seu medo de trair a Cristo, agora eles estavam seguros. Mas aquele que pensa que está em pé, deve aprender a prestar atenção para não cair; e aquele que se compromete com o Salvador, não se orgulhe como se já tivesse chegado ao céu.

A Agonia no Jardim

vv. 32-42

Aqui Jesus inicia os seus sofrimentos, começando com aqueles que foram os mais amargos de todos os seus sofrimentos – os que afligiam a sua alma. Nós o vemos aqui em sua agonia. Já vimos essa história melancólica no Evangelho de Mateus; essa agonia na alma eram o absinto e o fel da sua aflição e do seu pranto (Lm 3.19); e parece que a tristeza não lhe era forçada, mas Ele a aceitava espontaneamente.

I Ele se afastou para orar. Ele disse aos seus discípulos: “Assentai-vos aqui, enquanto eu oro”. Ele tinha orado com eles havia pouco tempo (Jo 17); e agora Ele lhes diz que fiquem um pouco afastados enquanto Ele se dirige ao seu Pai, para orar sobre a sua tarefa. Observe que as nossas orações com as nossas famílias não são desculpa para que negligenciemos a adoração em particular. Quando Jacó iniciou a sua agonia, primeiramente ele fez passar tudo o que tinha pelo ribeiro, e ficou só, e então “lutou com ele um varão” (Gn 32.23,24), embora ele tivesse orado antes (v. 9), provavelmente com a sua família.

II Até mesmo para esse isolamento Ele levou “consigo a Pedro, e a Tiago, e a João” (v. 33), três testemunhas competentes dessa parte da sua humilhação. Os grandes homens não se preocupam por alguns conhecerem alguma coisa sobre as suas agonias; assim, Ele não se envergonhou de que eles o vissem naquela ocasião. Esses três tinham se gloriado da sua capacidade e desejado sofrer com Ele. Pedro, aqui, neste capítulo, e Tiago e João, em Marcos 10.39; e por isso Jesus os leva para que estejam com Ele, e vejam que luta Ele travou com o batismo de sangue e o cálice amargo, para convencê-los de que eles não sabiam o que estavam dizendo. É adequado que aqueles que são mais confiantes sejam, primeiramente, postos à prova, para que possam perceber a sua própria tolice e fraqueza.

III Ele passou por uma tremenda agitação ali (v. 33). Ele “começou a ter pavor e a angustiar-se” – *ekthambeisthai*, uma palavra que não foi usada por Mateus, mas que é muito significativa; ela indica algo como o “grande espanto e grande escuridão” que caíram sobre Abraão (Gn 15.12), ou melhor, alguma coisa muito pior e muito mais assustadora. Os terrores de Deus se colocaram em fila contra Jesus Cristo, e Ele se permitiu a intensa contemplação deles. Nunca houve tristeza como a que Ele suportou nessa ocasião; e ninguém teve as experiências que Ele teve com as graças divinas da eternidade, e, portanto, ninguém teve, ou poderia ter, a percepção que Ele tinha das graças divinas. E ainda assim não havia a mínima desordem ou irregularidade nessa comoção do seu estado de espírito; os seus sentimentos surgiam de maneira não tumultuada, mas controlada, e como se fossem chamados, pois Ele não tinha uma natureza corrupta para misturar com esses sentimentos, como é o nosso caso. Se a água tem um sedimento

no fundo – embora possa parecer clara quando está parada – quando agitada, ela fica lamacenta; assim também acontece com os nossos sentimentos: somente a água pura em um copo limpo permanece limpa, por mais que seja agitada; e assim era Jesus Cristo. O Dr. Lightfoot julga muito provável que o diabo tenha aparecido agora ao nosso Salvador de uma forma visível, na sua própria forma e na "cor adequada", para aterrorizá-lo e amedrontá-lo, e para remover a sua esperança em Deus Pai (o que ele esperou conseguir quando perseguiu Jó, um precursor de Cristo, para fazê-lo amaldiçoar a Deus, e morrer), e para dissuadi-lo de prosseguir com a sua missão. Jesus Cristo considerava tudo que tentasse afastá-lo da sua missão como tentações vindas de Satanás (Mt 16.23). Está escrito que quando o diabo tentou a Jesus no deserto, ele "ausentou-se dele por algum tempo" (Lc 4.13), com a intenção de travar outra batalha com Ele, e de outra maneira; vendo que não conseguiria, com as suas adulações, atraí-lo para o pecado, ele tentaria, com os seus terrores, assustá-lo, e assim levá-lo ao pecado, anulando o seu desígnio.

IV Na sua agitação Ele proferiu uma triste queixa. Ele disse: "A minha alma está profundamente triste". 1. Ele se fez pecado por nós, e por isto estava tão profundamente triste. O Senhor Jesus conhecia perfeitamente quão malignos eram os pecados pelos quais deveria sofrer; e Ele tinha o maior amor a Deus, que foi ofendido por eles, e o maior amor pelos homens, que estavam destruídos e em perigo por causa deles. Agora que eles se apresentavam diante dele, não é de admirar que a sua alma estivesse profundamente triste. Ele veio a este mundo para levar sobre si mesmo os nossos pecados, e, portanto, estava enfraquecido pelas nossas iniqüidades. 2. Ele se fez maldição por nós; as maldições da lei foram transferidas a Ele, como nosso fiador e representante, não como se estivesse originalmente ligado a nós, mas como alguém que é a própria garantia de uma ação. E quando a sua alma estava assim tão profundamente triste, Ele, de certa maneira, rendeu-se às tristezas, e colocou-se sob a carga, até que, pela sua morte, tivesse satisfeito os requisitos para levar sobre si os nossos pecados. E, dessa maneira, tivesse abolido para sempre a maldição. Ele agora provava a morte (como está escrito que faria, Hb 2.9), uma expressão que não é atenuante, como se Ele apenas a experimentasse, como se apenas sentisse o seu gosto. Não, Ele bebeu até a escória do cálice (Is 51.17,22); a

expressão é, na verdade, exacerbada; isso não foi absorvido por atacado, mas Ele provou todo o seu amargor. Esse é aquele temor de que fala o apóstolo (Hb 5.7), um medo natural da dor e da morte, com o qual é natural que a natureza humana se assuste.

A consideração dos sofrimentos de Cristo na sua alma e a sua tristeza por nós devem nos ser úteis:

(1) Para amargar os nossos pecados. Será que podemos vir a ter um pensamento favorável, ainda que seja ligeiro, sobre o pecado, quando vemos a impressão que o pecado (embora apenas imputado) causou sobre o Senhor Jesus? Pode assentar-se levemente sobre as nossas almas aquilo que veio de uma forma tão pesada sobre a alma dele? Jesus Cristo passou tal agonia pelos nossos pecados, e será que nós nunca sentiremos uma agonia por causa deles? Como devemos considerar Aquele a quem nós oprimimos, a quem perfuramos, e lamentar e amargurar-nos! É conveniente que estejamos profundamente tristes pelo pecado, porque Cristo assim esteve, e nunca zombou dele. Se Jesus Cristo sofreu assim pelo pecado, nós devemos nos armar com o mesmo estado de espírito.

(2) Para adoçar as nossas tristezas. Se as nossas almas, em alguma ocasião, estiverem profundamente tristes devido às aflições do nosso tempo presente, devemos nos lembrar de que o nosso Mestre também esteve assim antes de nós, e “não é o discípulo mais do que o mestre”. Por que nós devemos desejar afastar a tristeza, quando Cristo, por nós, a recebeu, e submeteu-se a ela, e dessa maneira não somente removeu o seu espinho, tornando-a tolerável, mas também tornou-a vantajosa (pois “com a tristeza do rosto se faz melhor o coração”), e colocou doçura nela, e tornou-a consoladora. O bendito apóstolo Paulo era um homem triste, mas, apesar disso, estava sempre se regozijando. Se estivermos profundamente tristes, o pior estado a que poderemos chegar será estarmos tristes até à morte; e este será o fim de todas as nossas tristezas, se tivermos a Cristo; quando os nossos olhos se fecharem, todas as nossas lágrimas serão enxugadas.

V Ele ordenou aos seus discípulos que ficassem com Ele, não porque precisasse da ajuda deles, mas porque desejava que eles o considerassem e recebessem instruções. Ele lhes disse: “Ficai aqui e vigiai”. Ele não tinha dito nada aos outros discípulos, exceto: “Assentai-vos aqui” (v. 32); mas a esses três Ele pede que fiquem e vigiem, como se esperasse

mais deles do que dos outros.

VI Ele se dirigiu a Deus em oração (v. 35): Ele “prostrou-se em terra; e orou”. Foi pouco antes disso que, em oração, Ele levantou os olhos ao céu (Jo 17.1); mas aqui, estando em agonia, Ele “prostrou-se em terra”, adequando-se à sua atual humilhação, e ensinando-os, dessa maneira, a humilhar-nos diante de Deus. Convém que sejamos humildes quando estivermos na presença do Altíssimo. 1. Como Homem, Ele protestava contra os seus sofrimentos, pedindo que, se fosse possível, passasse dele aquela hora (v. 35). Se possível, que a salvação do homem seja realizada sem essa curta, porém aguda, aflição, que nesta hora vou suportar. Nós temos as suas próprias palavras (v. 36): “Aba, Pai”. A palavra siríaca que Cristo usou aqui, e que significa Pai, é conservada para indicar a ênfase que o nosso Senhor Jesus, em sua tristeza, coloca sobre ela, e deseja que nós também coloquemos. É com o mesmo objetivo que o apóstolo Paulo conserva a palavra, colocando-a na boca de todos aqueles que possuem o “espírito de adoção”; eles são ensinados a clamar: “Aba, Pai” (Rm 8.15; Gl 4.6). “Pai, todas as coisas te são possíveis”. Observe que devemos crer que Deus é capaz de fazer até mesmo aquilo que não podemos esperar que seja feito por nós – e quando nos sujeitamos à sua vontade, e recorremos à sua sabedoria e misericórdia, devemos fazê-lo com um reconhecimento e fé no seu poder, entendendo que todas as coisas lhe são possíveis. 2. Como Mediador, Ele concordou com a vontade de Deus a respeito dos seus sofrimentos: “Não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres”. Eu sei que o assunto está definido, e não pode ser alterado; devo sofrer e morrer, dando as boas-vindas ao sofrimento.

VII Ele despertou os seus discípulos, que tinham adormecido enquanto Ele estava orando (vv. 37,38). Ele voltou para cuidar deles, uma vez que eles não cuidaram dele; e “achou-os dormindo”, tão pouca era a preocupação deles com as suas tristezas, as suas queixas e orações. Essa despreocupação dos discípulos era um presságio da ofensa posterior com que feririam a Jesus quando o abandonassem; e o fato de Ele ter, tão pouco tempo atrás, elogiado os seus discípulos por permanecerem com Ele nas suas tentações, embora não deixassem de ter falhas, era uma agravante. Estaria Ele tão disposto a obter o máximo deles, e eles estariam tão

indiferentes quanto a conseguir agradá-lo? Há pouco tempo, eles tinham prometido não se escandalizarem nele; e se importavam tão pouco com Ele? Ele repreendeu a Pedro em particular, pela sua sonolência: "Simão, dormes?" *Kai sy teknon* – "*E tu, meu filho*? Tu, que prometeste tão categoricamente que não me negarias, me desprezas assim? De ti, Eu esperava algo melhor. 'Não podes vigiar uma hora?'" Jesus não tinha pedido que Pedro vigiasse com Ele toda a noite, mas apenas durante uma hora. Agrava a nossa debilidade e inconstância a serviço de Cristo o fato de Ele não nos sobrecarregar de tarefas, não nos fatigar (Is 43.23). Ele não coloca sobre nós nenhuma outra carga que devamos carregar até que Ele venha (Ap 2.24,25); e eis que Ele vem sem demora (Ap 3.11).

Assim como Jesus Cristo repreende aqueles a quem ama, quando eles agem mal, também aconselha e consola aqueles que repreende. 1. Foi um conselho muito prudente e leal, este que Jesus deu aos seus discípulos: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (v. 38). Já era algo ruim dormir quando Jesus estava passando pela sua agonia, mas agora eles estariam entrando em mais tentações, e se não estivessem alertas, e não estivessem, pela oração, com a graça e a força de Deus, eles poderiam fazer algo ainda pior; e realmente fizeram, quando todos eles o abandonaram e fugiram. 2. Foi uma desculpa muito gentil e terna a que Jesus deu, por eles: "O espírito, na verdade, está pronto". Eu sei que está pronto, está disposto. Vocês estariam despertos, de bom grado, mas não conseguem. Isso pode ser interpretado como uma razão para aquela exortação: "Vigiai e orai"; pois, embora o espírito esteja pronto, Eu sei disso (vocês se determinaram, com sinceridade, a nunca se escandalizarem em mim), a carne é fraca, e se vocês não vigiarem e orarem, e não perseverarem, vocês serão oprimidos. A consideração da fraqueza e debilidade da nossa carne deve nos estimular e motivar a vigiarmos e orarmos quando estivermos passando por tentações.

VIII Jesus voltou a se dirigir ao seu Pai (v. 39): "E foi outra vez e orou", dizendo *ton auton logon – a mesma palavra*, ou o mesmo assunto, ou negócio. Ele falou com o mesmo objetivo, e fez isso ainda uma terceira vez. Isto nos ensina que os homens devem orar, e não desfalecer (Lc 18.1). Mesmo que as respostas às nossas orações não venham rapidamente, nós devemos renovar os nossos pedidos, e continuar em oração. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá (Hc

2.3). Paulo, quando foi esbofeteado por um mensageiro de Satanás, orou ao Senhor três vezes, assim como Cristo aqui, antes de obter uma resposta de paz (2 Co 12.7,8). Pouco tempo antes disso, quando Jesus, com a alma perturbada, orou: “Pai, glorifica o teu nome”, recebeu uma resposta imediata, por uma voz do céu: “Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei”; mas agora Ele precisa voltar uma segunda vez, e uma terceira, pois as visitas da graça de Deus, em resposta à oração, vêm, mais cedo, ou mais tarde, de acordo com a sua vontade, para que possamos continuar confiantes.

IX Jesus repetiu as suas visitas aos seus discípulos. Ele deu assim uma amostra do seu cuidado contínuo pela sua igreja, na terra. Mesmo quando ela está meio adormecida, e não inteiramente preocupada consigo mesma, Ele está sempre intercedendo por ela ao seu Pai no céu. Veja como, de modo adequado a um Mediador, Ele vai e volta, entre os dois lados mediados. Ele veio pela segunda vez para junto dos seus discípulos, e “achou-os outra vez dormindo” (v. 40). Veja como as debilidades dos discípulos de Cristo retornam sobre eles, a despeito das suas determinações, e os dominam, apesar da sua resistência; e veja como os nossos corpos guerreiam contra as nossas almas, o que deveria nos fazer esperar ansiosamente por aquele estado bendito no qual eles não serão mais obstáculos para nós. Nessa segunda vez, Ele falou com eles, como antes, mas eles não souberam o que responder; eles estavam envergonhados da sua sonolência, e não tinham nada para dizer como desculpa. Também é possível que estivessem tão dominados por ela que, estando entre o sono e um estado desperto, não sabiam onde estavam, nem o que diziam. Mas, na terceira vez, eles tiveram a permissão de dormir, se quisessem (v. 41): “Dormi agora e descansai”. Eu não preciso mais que vocês vigiem agora; podem dormir, se quiserem. “Basta”. O Evangelho de Mateus não inclui essas palavras. Vocês tiveram avisos suficientes para vigiar, e não os seguiram; e agora vocês verão que têm poucos motivos para se sentirem seguros. *Apekei, Eu os libero* de qualquer outra ajuda; assim alguns interpretam isto. “É chegada a hora”, em que, Eu sei, todos vocês me abandonarão, e até mesmo fugirão. Assim como o Senhor disse a Judas: “O que fazes, faze-o depressa” (Jo 13.27). “Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores”, os principais dos sacerdotes e anciãos;

estes eram os piores pecadores, porque faziam uma profissão de santidade. “Levantai-vos, vamos”; não fiquem cochilando aí. Vamos encontrar o inimigo, pois “eis que está perto o que me trai”; e Eu não devo pensar em fugir. Quando vemos os problemas que se aproximam, precisamos estar despertos e preparados para enfrentá-los.

A Traição de Judas

vv. 43-52

Nesse trecho temos a prisão do nosso Senhor Jesus pelos guardas dos principais dos sacerdotes. Era isso que os seus inimigos desejaram por tanto tempo. Eles sempre quiseram prendê-lo, mas Ele escapava das suas mãos, porque a sua hora não era chegada; nem poderiam tê-lo prendido agora, se Ele não tivesse se entregado livremente. Ele começou a sofrer, primeiro, na sua alma, mas depois, sofreu no seu corpo, para que pudesse compensar o pecado, que começa no coração, mas depois faz dos membros do corpo “instrumentos de iniqüidade”.

I Aqui está um grupo de rudes canalhas, empregados para tomar o nosso Senhor Jesus e fazer dele um prisioneiro: “Uma grande multidão com espadas e porretes”. Não existe maldade tão grande e prejudicial, nem vilania tão horrível, que não possa ser encontrada entre os filhos dos homens como uma ferramenta adequada a ser utilizada, e os homens não terão escrúpulos em empregá-la; quão miseravelmente depravada e viciada é a humanidade. À frente dessa gentalha está Judas, que era um dos doze, um daqueles que tinha, durante tanto anos, conversado intimamente com o nosso Senhor Jesus, tinha profetizado em seu nome, e em seu nome tinha expulsado demônios; e ainda assim, o traiu. Não é novidade que uma profissão de fé muito bonita e plausível termine em uma apostasia vergonhosa e fatal. “Como caíste do céu… filho da alva!” (Is 14.12). Em outras palavras: Quão baixo você desceu, Lúcifer!

II Homens não menos importantes que os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos, que fingiam esperar o Messias e estar preparados para dar-lhe as boas-vindas, enviaram essa multidão, e os puseram a

trabalhar. Mas, quando Jesus veio, e deu provas irrefutáveis de que Ele é Aquele que deveria vir, decidiram destruí-lo sem um julgamento justo nem um exame imparcial, por não tê-los adulado, nem permitido ou apoiado a sua pompa e grandeza, por não ter aparecido como um príncipe temporal, mas tendo estabelecido um reino espiritual, pregando o arrependimento, a transformação, e uma vida santa, direcionando os pensamentos, os desejos e os objetivos dos homens para um outro mundo.

III Judas o traiu com um beijo; abusando da liberdade que Jesus costumava permitir aos seus discípulos, de beijar o seu rosto quando voltassem, depois de terem ficado algum tempo ausentes. Ele o chamou: “Rabi, Rabi. E beijou-o” (v. 45); ele disse: “Rabi, Rabi”, como se estivesse sendo mais respeitoso agora a Ele do que nunca. Para remover para sempre a arrogância de alguém, é suficiente chamá-lo de “Rabi, Rabi” (Mt 23.7), uma vez que esta foi a saudação com a qual Cristo foi traído. Ele ordenou que o prendessem, e o levassem com segurança. Alguns pensam que Judas disse isso com ironia, sabendo que eles não podiam levá-lo com segurança, a menos que Ele assim o desejasse, sabendo que este “Sansão” poderia quebrar as vergas de vimes, como se quebra o fio da estopa ao cheiro do fogo, e escapar. Então Judas teria o dinheiro, e Jesus a honra, e nenhum mal seria feito; e eu pensaria, além disso, que Satanás entrou em Judas, de modo que o objetivo dessa ação foi o pior que se poderia imaginar. Na verdade, ele sempre tinha ouvido o seu Mestre dizer que, sendo traído, deveria ser crucificado, e não tinha razão para pensar de outra maneira.

IV Eles o prenderam, e o fizeram seu prisioneiro (v. 46): “E lançaram-lhe as mãos” – rudes e violentas – “e o prenderam”; triunfantes, provavelmente por terem feito o que tinha sido tentado antes, em vão.

V Pedro agiu em defesa do seu Mestre, e feriu a um dos agressores, estando, nesse momento, consciente da sua promessa, de arriscar a sua vida pelo seu Mestre. Ele foi um dos que ficaram próximos daqueles que estavam com Ele (é o que a palavra significa), um dos três discípulos que estavam com o Senhor no Jardim; ele puxou a espada e atacou, provavelmente com o objetivo de cortar a cabeça, mas errou o golpe, cortando a orelha de um servo do sumo sacerdote (v. 47). É mais fácil lutar

por Cristo do que morrer por Ele; mas os bons soldados de Jesus Cristo vencem, não tirando a vida das pessoas, mas oferecendo a sua própria (Ap 12.11).

VI Jesus discute com aqueles que vieram para prendê-lo, e lhes mostra como era absurda a conduta que tiveram contra Ele. 1. Vieram contra Ele como contra um salteador, quando Ele era inocente de qualquer crime. Ele ensinava todos os dias no templo, e se Ele tivesse qualquer intenção malévola, em alguma ocasião isto teria sido descoberto; na verdade, esses guardas dos principais dos sacerdotes, sendo protetores do templo, supostamente teriam ouvido os seus sermões ali ("Todos os dias estava convosco ensinando no templo"); e Ele não tinha lhes ensinado uma doutrina excelente, mesmo se tratando dos seus inimigos e juízes? Não eram todas as palavras da sua boca sobre a justiça? Havia alguma coisa tortuosa ou perversa nela? (Pv 8.8). Pelos seus frutos, Ele era sabidamente uma boa árvore; por que, então, eles vinham prendê-lo como a um salteador? 2. Vieram para levá-lo assim, de forma privada, quando Ele não tinha vergonha nem medo de aparecer publicamente no templo. Ele não era nenhum daqueles malfeitores que odeiam a luz, e não vêm para a luz (Jo 3.20). Se os seus mestres tinham algo a dizer-lhe, eles podiam encontrá-lo todos os dias no templo, onde Ele estaria pronto para responder a todos os desafios, a todas as acusações; e ali eles podiam fazer o que desejassem com Ele, pois os sacerdotes tinham a custódia do templo, e o comando dos guardas dali: mas vir buscá-lo assim, à meia-noite, e no lugar onde Ele estava retirado, era vil e covarde. Era agir como o inimigo de Davi, que nos lugares ocultos mata o inocente (Sl 10.8). Mas isso não era tudo. 3. Vieram "com espadas e porretes", como se Ele estivesse armado contra o governo, e eles devessem ter a *posse comitatus* para limitá-lo. Não houve necessidade de usar essas armas; mas eles causaram essa comoção: (1) Para proteger-se da ira de alguns; eles vieram armados, porque tinham medo do povo; assim, "se acharam em grande temor, onde temor não havia" (Sl 53.5). (2) Para expô-lo à ira de outros. Vindo "com espadas e porretes" para prendê-lo, eles o apresentavam, para o povo (que se impressionava com isso), como um homem perigoso e turbulento, e assim conseguiam incitá-los contra Ele, e fazê-los clamar: "Crucifica-o, crucifica-o", não tendo outra maneira de obter o que queriam.

VII Ele se resignou de todo esse tratamento injurioso, desonroso, fazendo referência às predições do Antigo Testamento sobre o Messias. Eu não estou acostumado nem o mereço, mas me submeto a isto, “para que as Escrituras se cumpram” (v. 49). 1. Veja aqui a consideração que Jesus tinha pelas Escrituras. Ele suportaria qualquer coisa, para que nem um jota ou til da Palavra de Deus deixasse de se cumprir; e Ele visava as Escrituras, tanto nos seus sofrimentos, quanto na sua glória; pois o que Jesus Cristo está fazendo no comando do mundo, a não ser cumprir as Escrituras? 2. Veja o uso que nós devemos fazer do Antigo Testamento: Nós devemos procurar por Cristo, o verdadeiro tesouro escondido naquele campo – assim como a história do Novo Testamento explica as profecias do Antigo, também as profecias do Antigo Testamento exemplificam a história do Novo.

VIII Todos os discípulos de Jesus, nessa ocasião, abandonaram-no (v. 50): “Deixando-o, todos fugiram”. Eles tinham muita confiança de que ficariam com Ele; mas mesmo os homens bons não sabem o que farão, até que sejam postos à prova. Se tinha sido um grande consolo para Ele, como tinha dado a entender recentemente, o fato de que, até então, eles tinham permanecido com Ele nas suas provações menores (Lc 22.28), podemos imaginar que tristeza representou para Ele quando eles o abandonaram agora, na sua pior provação, quando eles poderiam tê-lo ajudado de alguma maneira – quando Ele foi maltratado, protegendo-o, e quando foi acusado, testemunhando a favor dele. Que aqueles que sofrem por Cristo não estranhem se forem abandonados dessa maneira, e se todos os animais fugirem do cervo ferido; eles não são melhores do que o seu Mestre, nem podem esperar ser tratados de maneira diferente pelos seus inimigos, ou pelos seus amigos. Quando o apóstolo Paulo estava em perigo, ninguém ficou ao seu lado, todos o desampararam (2 Tm 4.16).

IX O barulho deve ter perturbado a vizinhança, e alguns dos vizinhos devem ter corrido riscos devido ao tumulto (vv. 51,52). Esta passagem da história não é apresentada por nenhum dos outros evangelistas. Aqui há um relato de certo jovem, que, aparentemente, não era discípulo de Jesus, nem, como alguns imaginaram, um servo da casa onde Jesus tinha passado a Páscoa, e o seguia para saber o que iria acontecer com Ele (como os filhos dos profetas, quando perceberam que Elias seria levado ao alto, foram vê-lo

à distância – 2 Rs 2.7). Ele deveria ser algum jovem que vivia próximo ao Jardim, talvez na casa à qual pertencia o Jardim. A respeito desse jovem, observe:

1. Como ele saiu da sua cama para testemunhar os sofrimentos de Jesus Cristo. Uma multidão como essa, tão armada, e vindo com tanta fúria, na calada da noite, numa aldeia tranqüila, não poderia deixar de causar uma grande comoção; esse jovem estava tão assustado que talvez tenha pensado na possibilidade de haver algum tumulto ou revolta na cidade, algum alvoroço entre o povo, e teve a curiosidade de ir e ver o que estava acontecendo, e sentia tanta pressa de informar-se, que não pôde esperar para vestir-se, mas cobriu-se com um lençol, como se desejasse aparecer como um fantasma, em roupas de túmulo, para assustar aqueles que o tinham assustado, e correu entre a multidão, com a seguinte pergunta: O que vai acontecer aqui? Depois que lhe disseram, ele sentiu vontade de ver o acontecimento, tendo, sem dúvida, ouvido falar muito sobre a fama desse Jesus; e, por isso, depois que todos os seus discípulos o tinham abandonado, ele continuou a segui-lo, desejoso de ouvir o que Ele iria dizer, e ver o que Ele iria fazer. Alguns opinam que o fato de ele não vestir nada, além desse lençol sobre o seu corpo nu, sugere que ele era um daqueles judeus que faziam uma grande profissão de piedade perante os outros, e, como símbolo disto, entre outros exemplos de austeridade e mortificação do corpo, não usavam roupas, exceto um lençol, que, embora com o objetivo de ser suficientemente modesto, era fino e frio. Mas eu penso que não era isso o que o jovem vestia regularmente.

2. Veja como ele voltou assustado para a sua cama, quando estava em risco de compartilhar dos sofrimentos de Jesus Cristo. Os seus próprios discípulos o tinham abandonado; e esse jovem, não tendo conhecimento dele, embora seguramente pudesse ajudá-lo, é visto completamente desarmado, uma vez que não estava sequer vestido. Porém os jovens soldados romanos, que foram chamados para ajudar, lançaram-lhe as mãos, pois estavam dispostos a tudo. Talvez eles agora estivessem irritados, porque terem permitido que os discípulos fugissem, e como eles estavam fora do seu alcance, eles decidiram prender o primeiro em quem pudessem colocar as suas mãos. Embora esse jovem fosse, talvez, pertencente à seita mais rígida da congregação judaica, ainda assim os soldados romanos não tiveram escrúpulos em maltratá-lo nessa ocasião. Encontrando-se em

perigo, ele largou o lençol que estava nas mãos dos soldados, e fugiu nu. Essa passagem está registrada para mostrar como esse grupo era bárbaro, pois foi enviado para prender a Jesus Cristo, e que os discípulos escaparam de cair nas mãos deles por milagre, pois nada poderia ter impedido isto, exceto o cuidado do seu Mestre por eles: “Se… me buscais a mim, deixai ir estes” (Jo 18.8). Isso também dá a entender que não existe posse ou controle sobre aqueles que são movidos apenas pela curiosidade, e não pela fé e pela consciência, que são qualidades comuns daqueles que seguem a Cristo.

Cristo É Levado à Presença do Sumo Sacerdote

vv. 53-65

Aqui temos a prisão, o julgamento, a acusação e a condenação de Cristo, no tribunal eclesiástico, diante do grande Sinédrio, do qual o sumo sacerdote era o presidente, ou o juiz do tribunal; o mesmo Caifás que, recentemente, tinha declarado que o Senhor Jesus deveria morrer, fosse culpado ou inocente (Jo 11.50). Portanto, esse homem não poderia presidir o julgamento, por ser parcial.

I Cristo é levado rapidamente à casa do sumo sacerdote, ao “pátio” da sua casa, como é chamado, tal era a condição em que ele vivia. E ali, no entanto, na calada da noite, todos “os principais dos sacerdotes, e os anciãos, e os escribas” estavam em segredo, reunidos, prontos para receber a presa; tal era a certeza que tinham disso.

II “Pedro o seguiu de longe”; tal era o grau de covardia a que a sua recente coragem havia sido reduzida (v. 54). Mas quando ele chegou à casa do sumo sacerdote, furtivamente foi se assentar com os servidores, para que não se suspeitasse que ele pertencia a Jesus. A proximidade do fogo do sumo sacerdote não era um lugar adequado, nem os seus servos eram a companhia adequada para Pedro, mas foi assim que ele entrou em tentação.

III Houve grande empenho em procurar, por amor ou por dinheiro, falso testemunho contra Cristo. Eles o tinham prendido como a um salteador,

e agora que Ele estava preso, eles não tinham uma acusação contra Ele, nenhum crime do qual acusá-lo, mas procuravam testemunhos contra Ele. Sondando com perguntas traiçoeiras a alguns, oferecendo subornos a outros, caso o acusassem, e empenhando-se em amedrontar a outros, caso não o fizessem (vv. 55,56). Os principais dos sacerdotes e anciãos eram, segundo a lei, encarregados de acusar e punir as testemunhas falsas (Dt 19.16,17); ainda assim, eram agora os líderes do grupo, e estavam praticando um crime que era, de fato, uma opressão a toda a justiça. E é o momento de gritar: Socorro, Senhor (Sl 12.1, versão RA), quando os médicos de um lugar são os que o perturbam, e quando aqueles que deveriam ser os conservadores da paz e da justiça são os que corrompem a ambas.

IV Ele foi demoradamente acusado de coisas ditas alguns anos atrás, que, da maneira como eram apresentadas aqui, pareciam ameaçar o templo, que era para eles como um ídolo (vv. 57,58). “Mas os testemunhos não eram coerentes” (v. 59), pois um jurava que Ele tinha dito: “Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias” (conforme Mt 26.61). Outro jurava que Ele tinha dito: “Eu derribarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens”; esses dois testemunhos diferiam muito entre si; *oude ise en he martyria – o seu testemunho não era suficiente*, nem equivalente à acusação de um crime digno de morte, segundo o Dr. Hammond. Eles não o acusaram de nada em que pudessem basear uma sentença de morte, nem mesmo aplicando o máximo alcance da lei.

V Ele foi convidado a ser o seu próprio acusador (v. 60): “Levantando-se o sumo sacerdote no Sinédrio, perguntou a Jesus, dizendo: Nada respondes?”. Isto ele disse sob a desculpa de um tratamento justo, mas, na verdade, com um desejo de armar-lhe uma cilada, para que pudessem acusá-lo (Lc 11.53,54; 20.20). Nós bem podemos imaginar com que ar de altivez e desprezo esse orgulhoso sumo sacerdote fez tal questionamento ao nosso Senhor Jesus: “Prisioneiro do tribunal, você ouviu o que foi dito e jurado contra você; o que você tem a dizer em sua defesa?” Satisfeito de pensar que parecia ter silenciado Aquele que, com tanta freqüência, tinha silenciado aqueles que o provocavam. Mas Jesus Cristo não respondeu

nada, para poder nos dar um exemplo: 1. De paciência sob calúnias e falsas acusações: “Quando o injuriavam, não injuriava” (1 Pe 2.23). E: 2. De prudência, quando um homem se torna um criminoso por uma palavra (Is 29.21), e a nossa defesa se torna a nossa acusação. É realmente uma ocasião difícil aquela em que os prudentes mantêm silêncio (para que as coisas não piorem); o melhor que temos a fazer nesses casos é entregar a nossa causa Àquele que julga com justiça. Mas:

VI Quando lhe perguntaram se Ele era o Cristo, Ele confessou, e não negou, que era (vv. 61,62). O sumo sacerdote perguntou a Jesus: “És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?”, pois, como observa o Dr. Hammond , os judeus, quando citavam a Deus, em geral acrescentavam a expressão “Bendito eternamente”; e conseqüentemente, Bendito é o título de Deus, um título peculiar, e aplicado a Cristo (Rm 9.5). E para provar que é o Filho de Deus, Jesus os compromete legalmente à sua segunda vinda: “Vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso”. A este Filho do Homem que agora parece tão indigno e desprezível, que vocês olham e atormentam (Is 53.2,3), vocês irão olhar e tremer, em breve. Alguém poderia pensar que essas palavras, que o nosso Senhor Jesus parece ter proferido com grandeza e majestade não coerentes com a sua aparência atual (pois através da mais espessa nuvem da sua humilhação alguns raios de glória ainda se arremessavam), teriam estarrecido o tribunal; e, pelo menos na opinião de alguns deles, teria resultado em uma objeção, ou uma suspensão do julgamento, e que eles teriam atrasado o processo até que o tivessem considerado melhor. Quando Paulo, no tribunal, falou sobre o Juízo vindouro, o juiz tremeu e adiou o julgamento (At 24.25). Mas esses principais dos sacerdotes estavam tão desgraçadamente cegos pela maldade e pela ira que, como o cavalo correndo para a batalha, zombaram do medo e não se assustaram, nem creram que esse era o som da buzina (Jó 39.19-22,24. Veja também Jó 15.25,26).

VII O sumo sacerdote, a partir da confissão de Cristo, condenou-o por “blasfêmia” (v. 63): Ele “rasgou as suas vestes” – *chitonas autou*. Alguns pensam que isso se refere às vestes pontifícias, que, para maior pompa, ele teria vestido, embora fosse noite, para essa ocasião. Assim como anteriormente, na sua inimizade contra Jesus Cristo, ele tinha se

comportado como se não soubesse nada (Jo 11.51,52), também agora ele agia como quem não sabia o que tinha a obrigação de saber. Se o ato de Saul de rasgar a capa de Samuel tinha a finalidade de significar que o reino se rasgava dele (1 Sm 15.27,28), muito mais o ato de Caifás – de rasgar as suas próprias vestes – significou que o sacerdócio se rasgava dele. O véu rasgado, no momento da morte de Jesus Cristo, significou o fim da antiga dispensação. As vestes de Jesus, mesmo quando Ele foi crucificado, foram conservadas intactas, e não foram rasgadas. O sacerdócio levítico foi rasgado em pedaços e destruído, porém o sacerdócio de Cristo "permanece eternamente", ele é um "sacerdócio perpétuo".

VIII Eles concordaram que Ele era culpado de "blasfêmia", e, como tal, devia ser condenado à morte (v. 64). A questão parecia ser proposta de maneira justa: "Que vos parece?" Mas na realidade era prejulgada, pois o sumo sacerdote tinha dito: "Vós ouvistes a blasfêmia". O sumo sacerdote judeu expressou o seu julgamento primeiro; porém, como presidente do tribunal, ele deveria ter votado por último. Assim, "todos o consideraram culpado de morte"; os amigos que o Senhor Jesus tinha no grande Sinédrio não estavam presentes; é bem provável que não tivessem sido avisados de que esse julgamento seria realizado, mesmo por que não foi obedecido um protocolo de convocação e horários para a realização desse julgamento.

IX Eles começaram a maltratá-lo, e, como os filisteus tinham feito com Sansão, divertiram-se com Ele (v. 65). Aparentemente, alguns dos próprios sacerdotes que o tinham condenado esqueceram-se da dignidade, e também das obrigações da sua posição, e a seriedade que lhes convinha ter, e ajudaram os seus servos a ridicularizar um prisioneiro condenado. Eles se divertiram assim, enquanto esperavam pelo amanhecer, para completar as suas vilanias. Da noite das observâncias (como era chamada a noite da Páscoa), eles fizeram uma noite festiva. Se eles não pensavam que o fato de maltratarem a Cristo os envilecia, será que poderíamos pensar que aquilo que fazemos para honrá-lo pode nos envilecer?

A Queda de Pedro

vv. 66-72

Aqui temos a história da negação de Jesus por Pedro.

1. Ela começou quando Pedro manteve distância do Senhor. Pedro tinha seguido o Senhor de longe (v. 54), e agora estava “embaixo, no átrio” da casa do sumo sacerdote. Há um grupo que está muito próximo de negar a Cristo: São aqueles que têm vergonha de Cristo, que têm vergonha de atender às ordenanças sagradas, que se afastam da comunhão com os outros crentes, e que não gostam de se posicionar abertamente a favor da santidade, do temor e da obediência ao Senhor.

2. Ela foi ocasionada pela sua proximidade com os servos do sumo sacerdote, por estar assentado entre eles. Aqueles que pensam que é perigoso estar na companhia dos discípulos de Cristo, porque podem ser levados a sofrer por Ele, irão achar muito mais perigoso estar na companhia dos seus inimigos, porque podem ser levados a pecar contra Ele.

3. Ele foi posto à prova com a acusação de ser um discípulo de Cristo: “Tu também estavas com Jesus, o Nazareno” (v. 67). “Este é um dos tais” (v. 69). “Verdadeiramente, tu és um deles, porque és também galileu” (v. 70). Ele não estava, aparentemente, sendo desafiado, ou correndo perigo de ser processado como um criminoso por isso, mas estava apenas sendo provocado, e em risco de ser ridicularizado por isso. Enquanto os principais dos sacerdotes estavam atormentando o Mestre, os servos estavam atormentando os discípulos. Às vezes a causa de Cristo parece estar situada no lado perdedor, pois todos têm uma pedra para atirar contra ela, e até mesmo os abjetos se congregam contra ela (veja Sl 35.15). Quando Jó estava numa situação deplorável, ele foi ridicularizado por aqueles que eram “filhos de gente sem nome” (Jó 30.8). Considerando tudo, a prova não podia ser chamada de formidável; era apenas uma criada que casualmente olhou para Pedro e, aparentemente, sem nenhum desejo de causar-lhe qualquer problema, disse: “Tu és um deles”; e a isto ele não precisava ter respondido nada, ou poderia ter dito: “e se eu for, eu espero que isto não seja traição”.

4. O pecado foi muito grave. Ele negou a Jesus diante dos homens, em uma ocasião em que ele deveria tê-lo confessado e honrado, e ter comparecido ao tribunal para testemunhar a seu favor. Jesus sempre procurou avisar os seus discípulos sobre os seus próprios sofrimentos; ainda assim, quando esses sofrimentos chegaram, eles foram para Pedro uma surpresa e um terror tão grande como se ele nunca tivesse ouvido falar deles

anteriormente. Jesus sempre lhes disse que eles deviam sofrer por Ele, deviam tomar as suas cruzes, e segui-lo; mas Pedro sente um medo tão terrível do sofrimento que, com o primeiro alarme, ele irá mentir e jurar, e fazer qualquer coisa para evitá-lo. Quando Jesus era admirado e as multidões o seguiam, Pedro era capaz de reconhecer o Senhor prontamente; mas agora que Jesus está abandonado, e desprezado, e aparentemente destruído, Pedro se envergonha dele, e não consegue declarar que o conhece e que o ama.

5. O seu arrependimento foi muito rápido. Por três vezes Pedro repetiu a sua negação, e a terceira foi a pior delas, pois foi então que ele imprecou e jurou, para confirmar a sua negação; e esse terceiro golpe, que, poderíamos pensar, deveria tê-lo abalado e derrubado, o atemorizou e estimulou. Foi então que o galo cantou pela segunda vez, fazendo com que Ele se lembrasse das palavras do seu Mestre, do aviso que Ele tinha lhe dado, com referência a essa situação do galo cantar duas vezes. Ao lembrar-se disso, Pedro se deu conta do seu pecado, e das suas complicações. E quando refletiu sobre isso, ele chorou. Alguns dizem que Marcos, que escreveu, como crêem alguns, sob a orientação do apóstolo Pedro, fala tão integralmente sobre o pecado de Pedro como qualquer outro, mas fala menos da sua tristeza. Pois Pedro, com modéstia, não desejaria ver a sua tristeza exaltada, e também porque ele pensava que jamais haveria uma tristeza suficientemente grande para compensar um pecado tão terrível. O seu arrependimento é expresso aqui desta maneira: *epibalon eklaie*, que é quando algo deve ser oferecido. Segundo alguns, ele aumentou o choro, tornando a expressão um hebraísmo; ele chorou, e quanto mais pensava no assunto, mais chorava; ele continuou chorando; ele se retirou dali, e chorou; rompeu em lágrimas; lançou-se ao chão, e chorou; cobriu o seu rosto e chorou, segundo alguns; cobriu a cabeça com as roupas, para que não pudessem vê-lo chorar. Ele olhou para o seu Mestre, que se virou e olhou para ele. Esta é a suposição do Dr. Hammond, e parece uma hipótese provável. Outra possibilidade, de acordo com a maneira como interpretamos essa frase, é a seguinte: lembrando-se das palavras de Cristo, ele chorou. Não será suficiente um pensamento passageiro daquilo que é humilhante – nós devemos manter este pensamento. Essas palavras também podem significar que Pedro tomou uma carga sobre si mesmo, trazendo sobre si a perplexidade. Ele fez como o publicano que batia no peito,

lamentando-se pelo pecado (Lc 18.13), e isto resultou no seu pranto amargurado.

CAPÍTULO 15

O que nós lemos sobre os sofrimentos de Cristo, no capítulo anterior, foi apenas o prólogo, ou a introdução; aqui nós temos a continuação deles. Nós o vimos, pela última vez, condenado pelos principais dos sacerdotes. Mas eles só podiam mostrar-lhe os dentes; não podiam mordê-lo. Aqui, nós o vemos: I. Preso e acusado diante de Pilatos, o governador romano (vv. 1-5). II. Recebido aos gritos pela multidão, instigada pelos sacerdotes (vv. 6-14). III. Condenado a ser crucificado imediatamente (v. 15). IV. Provocado e maltratado, sendo motivo de zombaria dos soldados romanos (vv. 16-19). V. Levado ao lugar da execução com toda ignomínia e desgraça possível (vv. 20-24). VI. Pregado na cruz, entre dois ladrões (vv. 25-28). VII. Ofendido e maltratado por todos os que passavam por ali (vv. 29-32). VIII. Abandonado, por algum tempo, pelo seu Pai (vv. 33-36). IX. Morto, e o véu rasgado (vv. 37,38). X. Confirmado e testemunhado pelo centurião e por outros (vv. 39-41). XI. Enterrado no sepulcro de José de Arimatéia (vv. 42-47).

Jesus É Trazido à Presença de Pilatos

vv. 1-14

Nessa passagem, temos:

I Uma reunião realizada pelo grande Sinédrio, para fazer a acusação efetiva do nosso Senhor Jesus. Eles se reuniram logo ao amanhecer para decidir isso, e formaram um grande comitê, para descobrir maneiras de levá-lo à morte; eles não perderam tempo, mas prosseguiram com o seu golpe com grande ansiedade, para que não houvesse um tumulto entre o povo. O empenho incansável das pessoas más em fazer o que é iníquo deve nos envergonhar pela nossa indolência e preguiça em fazer o que é bom. Aqueles que combatem a Cristo e as nossas almas, se levantam cedo. “Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado?”

II A entrega de Jesus, como prisioneiro, a Pilatos. Eles o amarraram. Ele deveria ser o grande sacrifício, e os sacrifícios devem ser atados com cordas (Sl 118.27). Jesus estava amarrado para nos acostumar aos grilhões, e para nos capacitar, como Paulo e Silas, a cantar acorrentados. É bom que sempre nos lembremos do Senhor Jesus amarrado, e que nos prendamos Àquele que foi preso por nós. Eles o conduziram pelas ruas de Jerusalém, para expor ao desprezo Aquele que, enquanto ensinava no templo, apenas um ou dois dias antes, era considerado com veneração; e bem podemos imaginar que triste aparência Ele teria, depois de uma noite de maus tratos como tinha tido; esbofeteado, cuspido, esmurrado e açoitado. O fato de o entregarem às autoridades romanas era um presságio da ruína da congregação judaica, que eles mereceram, e atraíram sobre si mesmos; isto queria dizer que a promessa, o concerto e os oráculos de Deus e da congregação judaica visível, que eram a glória de Israel, e que tinham, durante muito tempo, pertencido a ela, agora seriam entregues aos gentios. Ao entregarem o Rei, eles, na verdade, entregaram o Reino de Deus, que é, digamos, por seu consentimento, retirado deles e entregue a outra nação. Se eles tivessem entregado a Jesus para satisfazer os desejos dos romanos, ou para satisfazer qualquer inveja deles a respeito dele, o assunto teria sido diferente; mas eles conspiraram voluntariamente contra Aquele que era a coroa de Israel, entregando-o àqueles que eram o jugo de Israel.

III O interrogatório de Pilatos (v. 2): “Tu és o Rei dos judeus?” Você realmente pretende ser aquele Messias a quem os judeus esperam como a um príncipe temporal? – Sim, disse Jesus, é como você está dizendo: Eu sou aquele Messias, mas não alguém como eles esperam. O Senhor Jesus é o Rei que governa e protege o seu Israel segundo o espírito (aqueles que são judeus interiormente pela circuncisão do espírito), e o Rei que irá reprimir e punir os judeus carnais que persistem na incredulidade.

IV As acusações apresentadas contra o Senhor Jesus, e o seu silêncio diante delas. Os principais dos sacerdotes esqueceram a dignidade da sua posição, quando se converteram em delatores e, pessoalmente, acusaram a Jesus Cristo de muitas coisas (v. 3) e testemunharam contra Ele (v. 4). Muitos dos profetas do Antigo Testamento acusavam os sacerdotes da sua época de grande iniqüidade, com o que profetizaram acertadamente

sobre esses sacerdotes (veja Ez 22.26; Os 5.1; 6.9; Mq 3.11; Sf 3.4; Ml 1.6; 2.8). A destruição de Jerusalém pelos caldeus ocorreu devido à iniqüidade dos sacerdotes que derramaram o sangue dos justos (Lm 4.13). Observe que os sacerdotes iníquos são, em geral, os piores homens. Quanto melhor alguma coisa é, pior ela fica, depois de corrompida. Os perseguidores leigos sempre foram considerados mais misericordiosos do que os eclesiásticos. Esses sacerdotes eram muito fervorosos e alvoroçados na sua acusação; mas Jesus nada respondia (v. 3). Quando Pilatos insistiu para que o Precioso Jesus mostrasse que era inocente, e desejava que Ele o fizesse (v. 4), ainda assim Ele permaneceu calado (v. 5), nada mais respondeu, algo que Pilatos considerou muito estranho. Ele deu a Pilatos uma resposta direta (v. 2), mas não responderia aos acusadores e às testemunhas, porque as coisas que eles afirmavam eram notoriamente falsas, e Ele sabia que o próprio Pilatos estava convencido de que o eram. Observe que o Senhor Jesus Cristo despertava admiração tanto quando falava, como também quando mantinha silêncio.

VA proposta que Pilatos fez ao povo, de libertar o Senhor Jesus, pois no dia da festa costumava soltar-lhes um preso qualquer que eles pedissem. O povo esperava e exigia que ele fizesse como sempre lhes tinha feito (v. 8). Esse não era um mau costume, e eles queriam que fosse conservado. Pilatos percebeu que os principais dos sacerdotes tinham entregado Jesus por inveja, porque Ele tinha tanta reputação junto ao povo que eclipsava a reputação deles (v. 10). Era fácil perceber, comparando o entusiasmo dos acusadores com a debilidade das provas, que o que os provocava não era que Jesus tivesse alguma culpa, mas a sua bondade. O Senhor Jesus não tinha em si nada prejudicial ou escandaloso, mas somente méritos e glória. Portanto, tendo sabido o quanto a multidão gostava dele, Pilatos pensou que poderia, com segurança, apelar ao povo, que se sentiria orgulhoso de libertá-lo das mãos dos sacerdotes. E assim, Pilatos propôs um meio para que isso fosse feito sem que houvesse o perigo de tumulto: Se eles exigissem que Ele fosse libertado, Pilatos estaria pronto a fazê-lo, e calaria a boca dos sacerdotes com um argumento patente – com o fato de que o povo insistia na sua libertação. Na verdade, havia outro prisioneiro, um homem chamado Barrabás, que era muito querido e que teria alguns votos; mas Pilatos não tinha dúvidas de que Jesus o derrotaria nessa

escolha.

VI Os clamores unânimes e vergonhosos do povo, para condenar Jesus à morte, e, particularmente, para crucificá-lo. Foi uma grande surpresa para Pilatos, quando percebeu que as pessoas estavam tão influenciadas pelos sacerdotes, a ponto de todas concordarem em pedir que Barrabás fosse libertado (v. 11). Pilatos opôs-se a isto o quanto pôde: Que quereis, pois, que faça daquele a quem chamais Rei dos judeus? Não desejais que eu o liberte também? (v. 12). Não, disseram eles, “crucifica-o”. Os sacerdotes tinham colocado esta palavra na boca do povo, que insistia nisso; quando Pilatos objetou: “Mas que mal fez?” (uma pergunta muito importante em um caso como esse), eles não tiveram nenhuma intenção de responder, mas clamaram ainda mais, como se estivessem cada vez mais instigados e irritados pelos sacerdotes: “Crucifica-o, Crucifica-o”. Os sacerdotes, que estavam muito ocupados misturando-se com a multidão, juntamente com os seus servos, com a finalidade de manter o clamor, entendiam que isso forçaria Pilatos a condená-lo, de duas maneiras: 1. Isso poderia levá-lo a pensar que Jesus era culpado, por haver um clamor tão generalizado contra Ele. “Certamente”, poderia pensar Pilatos, “Ele deve ser um homem mau, de quem todo o mundo está cansado”. Então ele poderia concluir que tinha sido mal informado, quando tinha ouvido falar do quanto o povo gostava de Jesus, e que na realidade as coisas não eram assim. Mas os sacerdotes tinham corrido tanto com a acusação, que podemos supor que aqueles que eram amigos de Jesus, e que teriam se oposto a esse clamor, estavam do outro lado da cidade, e nada sabiam a respeito disso. Observe que sempre foi um artifício comum de Satanás, o de colocar a Cristo e à sua religião sob uma má reputação, tentando, desta maneira, destruí-los. Como essa seita – como eles a chamavam – vem a ser combatida em todos os lugares, embora sem razão, então deve-se considerar isso como causa suficiente para condená-la; mas julguemos as pessoas e as coisas pelos seus méritos e pelos padrões da Palavra de Deus, e não prejulguemos segundo a fama comum e o clamor de uma nação. 2. Isso poderia levá-lo a condenar a Jesus para agradar ao povo, e, na verdade, por temor de desagradar ao povo. Embora Pilatos não fosse tão fraco a ponto de ser controlado pela opinião do povo, a ponto de crer que o Senhor Jesus fosse culpado, ainda assim ele era tão iníquo a ponto de ser manejado pela indignação deles, chegando a condenar

alguém que ele mesmo julgava inocente. Pilatos era, portanto, induzido por razões de Estado, e pela sabedoria do mundo. O nosso Senhor Jesus, ao morrer como um sacrifício pelos pecados de muitos, foi vítima da ira de muitos.

Jesus É Insultado e Condenado

vv. 15-21

Vemos aqui que:

I Pilatos, para satisfazer a maldade dos judeus, entrega Jesus para ser crucificado (v. 15). Desejando satisfazer a multidão – fazer o suficiente para eles (é esse o significado da palavra) – e deixá-los tranqüilos, para que ele pudesse acalmá-los, soltou-lhes Barrabás, que era o escândalo e a praga da nação deles, e entregou Jesus – aquele que era a glória e a benção da nação deles – para que fosse crucificado. Embora Pilatos tivesse mandado açoitá-lo anteriormente, esperando que isto satisfizesse a multidão, que não desejaria crucificá-lo, ainda assim ordenou os açoites novamente; pois não é de admirar que aquele que pôde ser persuadido a castigar alguém que era inocente (Lc 23.16), pudesse, gradativamente, ser persuadido a crucificá-lo.

Cristo foi crucificado, pois esta morte era: 1. Uma morte sangrenta, e sem derramamento de sangue não há remissão (Hb 9.22). O sangue é a vida (Gn 9.4); é o condutor dos espíritos animais, é o que conecta a alma ao corpo, de modo que o esvaziamento do sangue é o esvaziamento da vida. Jesus Cristo deveria dar a sua vida por nós, e, portanto, era necessário derramar o seu sangue. É o sangue que fará expiação pela alma (Lv 17.11), e, portanto, em todos os sacrifícios de propiciação, havia os cuidados especiais para o derramamento do sangue, e que este fosse esparzido diante do Senhor. Jesus Cristo derramou o seu sangue para que pudesse cumprir toda a tipologia que lhe dizia respeito. 2. Uma morte dolorosa; as dores eram intensas e agudas, pois a morte atacava os órgãos vitais a partir das partes externas, que respondem mais rápido aos sentidos. Jesus morreu de uma maneira que Ele pudesse sentir que estava morrendo, porque Ele deveria ser, ao mesmo tempo, o sacerdote e o sacrifício. Ele precisava estar ativo ao morrer; porque Ele deveria fazer, da sua vida, uma oferenda pelo pecado. Tully

chama a crucificação de *Teterrimum supplicium – A punição mais tremenda*: Cristo encontraria a morte no seu maior grau de terror, e assim a derrotaria. 3. Uma morte vergonhosa, a morte dos escravos e dos piores malfeitores; assim ela era considerada entre os romanos. A cruz e a vergonha são colocadas lado a lado. Como Deus tinha sido ofendido em sua honra, pelo pecado do homem, é em sua honra que Jesus Cristo faz a compensação, não somente renunciando às honras devidas à sua natureza divina, e despojando-se delas, mas submetendo-se à maior censura e ignomínia que a natureza humana era capaz de suportar. Mas isso ainda não era o pior. 4. Uma morte amaldiçoada; assim era considerada pela lei judaica (Dt 21.23); o pendurado é maldito de Deus, está sob uma marca peculiar do desprazer de Deus. Esse foi o tipo de morte à qual foram condenados os filhos de Saul, quando a culpa pela casa sanguinária do seu pai foi expiada (2 Sm 21.6 – os enforcados e os crucificados eram considerados como "dependurados"). Hamã e seus filhos foram enforcados (Et 7.10; 9.13). Não lemos que nenhum dos profetas do Antigo Testamento tenha sido enforcado; mas agora que Jesus se submeteu a ser pendurado em um madeiro, a censura e a maldição desse tipo de morte estão eliminadas, de modo que não haveria nenhum impedimento ao consolo daqueles que morrem, inocente ou penitentemente, nem haveria nenhuma diminuição; mas, na verdade, um acréscimo à glória daqueles que morrerem como mártires por Jesus Cristo, se forem, como Ele foi, pendurados em um madeiro.

II Pilatos, para satisfazer o desejo de zombaria dos soldados romanos, entregou-o a eles, para que o maltratassem, enquanto eram feitos os preparativos para a execução. Eles convocaram toda a coorte – o regimento que estava em serviço – e levaram-no para dentro do palácio, onde insultaram de maneira vil o nosso Senhor Jesus, chamando-o de rei, da mesma maneira como, na casa do sumo sacerdote, os servos tinham zombado dele, chamando-o de profeta e salvador. 1. Os reis vestem túnicas de cor púrpura ou escarlate? Eles o vestiram de púrpura. Este insulto feito a Jesus Cristo na sua aparência devia ser uma indicação aos cristãos, para que não fizessem das vestes os seus adornos (1 Pe 3.4). Será que uma túnica púrpura ou escarlate – que foi motivo de escárnio e vergonha para Jesus Cristo – poderia ser motivo de orgulho para um cristão? 2. Os reis usam

coroas? Tecendo uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça. Uma coroa de palha, ou de junco, já teria sido brincadeira suficiente; mas isto também era dor. Ele usou a coroa de espinhos que nós merecemos, para que pudéssemos usar a coroa de glória que Ele merece. Nós devemos aprender com esses espinhos, como Gideão ensinou os homens de Sucote a odiarem o pecado, a não ficarem à mercê do pecado, nem sujeitos ao pecado. Devemos permanecer apaixonados por Jesus Cristo, que é aqui um lírio entre espinhos. Se, em alguma ocasião, nós sofrermos com um espinho na carne, que o nosso consolo seja a lembrança de que o nosso Sumo Sacerdote sente as nossas fraquezas, porque conheceu pessoalmente o que significam espinhos na carne. 3. Os reis são saudados por aclamações dos seus súditos, que dizem: “Longa vida ao rei?” Também isto é imitado; eles o saudaram, dizendo: “Salve, Rei dos judeus”; tal príncipe e tal povo eram adequados um ao outro. 4. Os reis têm cetros em suas mãos, símbolos de domínio, assim como a coroa é um símbolo de dignidade; para imitar isto, eles colocaram uma cana na sua mão direita. Aqueles que desprezam a autoridade de Jesus Cristo, como algo que não deve ser observado e obedecido, que não consideram nem os preceitos da sua Palavra nem as ameaças da sua ira, colocam, realmente, uma cana na sua mão; e, na verdade, como esses soldados que o ferem na cabeça com ela, tal é a indignidade que os desobedientes lhe fazem. 5. Os súditos, quando juravam lealdade, tinham o hábito de beijar o seu soberano; e isto eles se ofereceram para fazer, mas, em vez de beijá-lo, cuspiram nele. 6. É costume ficar de joelhos diante do rei; e isto também eles incluíram na zombaria, pois, postos de joelhos, simulavam uma adoração; isto eles fizeram em zombaria, para se divertirem. Pelo pecado nós nos tornamos merecedores da vergonha e do desprezo eternos; e para nos libertar deles, o nosso Senhor Jesus se submeteu a essa vergonha e a esse desprezo, por nós. Assim Ele foi ridicularizado, não nas suas próprias roupas, mas nas de outros, significando que Ele não sofria pelo seu próprio pecado; o crime era nosso, mas a vergonha era dele. Aqueles que fingem se submeter a Jesus Cristo, mas que, ao mesmo tempo, se entregam ao serviço do mundo e da carne, na realidade, estão fazendo a mesma coisa que esses soldados fizeram, quando se ajoelharam diante do Senhor Jesus em uma vil zombaria, e o insultaram, dizendo: “Salve, Rei dos judeus”, quando na realidade diziam: Não temos rei, senão o César (Jo 19.15). Aqueles que dobram os joelhos diante de

Jesus Cristo, mas não dobram a alma, que se aproximam dele com palavras e o honram com os seus lábios, mas seus corações estão longe dele, fazem-lhe a mesma ofensa que esses soldados lhe fizeram.

III Os soldados, à hora indicada, levaram-no do tribunal de Pilatos ao lugar da execução (v. 20), como uma ovelha ao matadouro. Ele foi conduzido pelos obreiros da iniqüidade, embora não tivesse pecado. Mas para que a sua morte, sob o peso da cruz que Ele devia carregar, não impedisse as próximas crueldades que eles tinham em mente, constrangeram um certo Simão Cireneu a levar a cruz por Ele. Simão passava por ali, vindo do campo, sem sequer imaginar a situação que logo o envolveria. Observe que não devemos achar estranho se cruzes nos aparecerem de repente, e nos surpreenderem. A cruz era uma carga realmente incômoda e penosa: mas aquele que a carregou alguns minutos teve a honra de ter o seu nome registrado no Evangelho, e, se não fosse isso, seria uma pessoa obscura. Onde quer que o Evangelho for pregado, essa passagem será mencionada como um memorial para Simão Cireneu. Da mesma maneira, embora nenhuma aflição e nenhuma cruz, no presente, tragam alegria, mas tristeza, no futuro a cruz trará uma coroa de glória àqueles que nela forem exercitados.

A Crucificação

vv. 22-32

Aqui temos o relato da crucificação do nosso Senhor Jesus.

I O lugar onde Ele foi crucificado. Tinha o nome de *Gólgota – o lugar da Caveira*: alguns pensam que esse nome se devia às cabeças dos malfeitores que ali eram cortadas. Era o lugar usual de execução, conforme Tyburn, pois o Senhor Jesus foi, em todos os aspectos, incluído entre os transgressores. Eu não sei como admitir isso, mas muitos dos antigos mencionam, como uma tradição corrente, que nesse lugar foi sepultado o nosso primeiro pai, Adão, e eles julgam que é altamente coerente que Cristo fosse crucificado ali; pois assim como em Adão todos morrem, em Cristo todos viverão. Tertuliano, Orígenes, Crisóstomo e Epifânio (grandes nomes)

observam isso; na verdade, Cipriano acrescenta: *Creditur a piis – Muitas pessoas boas crêem* que o sangue de Cristo crucificado gotejou sobre o esqueleto de Adão, que foi enterrado no mesmo lugar. Uma tradição com um pouco mais de credibilidade diz que este monte Calvário era aquele monte na terra de Moriá (e na terra de Moriá certamente era, pois assim era chamada a região ao redor de Jerusalém), na qual Isaque deveria ser apresentado como uma oferta; e foi feita a oferta de um carneiro em seu lugar; e assim Abraão se referia a essa época de Cristo, quando chamou o lugar de *Jeová-jiré – o Senhor proverá*, esperando que assim ocorresse no monte do Senhor.

II A hora em que Ele foi crucificado: "E era a hora terceira" (v. 25). Ele tinha sido trazido diante de Pilatos aproximadamente à hora sexta (Jo 19.14), de acordo com o sistema romano de horas, que João utiliza, cuja correspondência com o nosso sistema atual indica que eram seis horas da manhã; e então, à hora terceira, segundo o sistema judeu de horas, isto é, aproximadamente às nove horas da manhã, ou pouco tempo depois, eles o crucificaram. Dr. Lightfoot opina que a hora terceira é aqui mencionada para indicar uma agravante à maldade dos sacerdotes: eles estavam aqui, conduzindo Jesus Cristo à morte, embora já tivesse passado a hora terceira, quando deveriam estar em serviço no templo, fazendo as ofertas pacíficas. Era o primeiro dia da festa dos Pães Asmos, quando deveria haver uma congregação geral. Naquela mesma hora, quando deveriam estar, de acordo com o dever da sua posição, presidindo as devoções públicas, eles estavam aqui expelindo a sua maldade contra o Senhor Jesus; e esses eram os homens que pareciam tão zelosos pelo templo, e condenaram a Jesus por pensarem que falou contra ele. Há muitos que fingem estar do lado da igreja, mas não se preocupam com a freqüência com que vão à Casa de Deus, a igreja.

III As indignidades que lhe foram feitas, quando estava pregado na cruz. Como se já não houvesse afrontas suficientes, eles acrescentaram várias outras coisas à sua ignomínia.

1. Como era costumeiro dar vinho às pessoas que eram condenadas à morte, eles o misturaram com mirra, que era amarga e o tornava enjoativo. Ele o provou, mas não o tomou. O Senhor estava disposto a reconhecer que

era amarga, mas não queria nenhum benefício daquela bebida.

2. Como as roupas daqueles que eram executados – assim como acontece na nossa época – eram o pagamento dos executores, os soldados lançaram sortes sobre as suas vestes (v. 24), com dados (como os nossos soldados fazem hoje): divertindo-se, dessa maneira, com a sua infelicidade, e jogando enquanto Ele estava suspenso em dor.

3. Eles colocaram uma inscrição acima da sua cabeça, pela qual pretendiam reprová-lo, mas, na verdade, essa lhe dava honra e justiça: "O Rei dos judeus" (v. 26). Ali não era declarado nenhum crime, somente se reconhecia a sua soberania. Talvez Pilatos desejasse provocar a infelicidade de Cristo como um rei frustrado, ou a dos judeus, que, pela sua impertinência o tinham forçado, contra a sua consciência, a condenar Jesus, como um povo que não merecia ter um rei melhor do que Ele parecia ser. No entanto, Deus pretendia que ela fosse a proclamação do Rei de Israel, do próprio Cristo sobre a cruz; porém Pilatos não sabia a profundidade daquilo que tinha escrito, assim como Caifás não sabia o que tinha dito (Jo 11.51). O Cristo crucificado é o Rei da sua Igreja, o seu Israel espiritual; e mesmo quando Ele estava suspenso na cruz, Ele estava atuando como um Rei, derrotando os seus inimigos, e os do seu povo, e deles triunfou em si mesmo (Cl 2.15). Ele estava escrevendo as suas leis com o seu próprio sangue, e preparando os favores que concederia aos seus súditos. Quando nós olhamos para o Cristo crucificado, devemos nos lembrar da inscrição que foi colocada acima da sua cabeça: Ele é um Rei, e nós devemos renunciar a nós mesmos para sermos seus súditos, como verdadeiros israelitas.

4. Eles crucificaram dois salteadores com Ele, um à sua direita, outro à sua esquerda, e Ele no centro, como o pior dos três (v. 27); tal era o grau de desonra que eles lhe conferiam dessa maneira. E, sem dúvida, esses também o perturbaram. Alguns que foram aprisionados nos cárceres comuns, por terem testemunhado a respeito de Jesus, reclamaram mais da companhia de prisioneiros que amaldiçoavam e praguejavam, do que de qualquer outro sofrimento que tenham vivido na prisão. Junto a esse tipo de pessoas o nosso Senhor Jesus foi crucificado; enquanto viveu, Ele tinha se relacionado com pecadores, quando houve oportunidade, para fazer-lhes bem; e agora, quando estava morrendo, Ele era, com o mesmo objetivo, reunido a eles, pois Ele veio ao mundo e saiu dele para salvar os pecadores,

até mesmo os maiores. Mas Marcos chama a atenção, em particular, para o cumprimento das Escrituras através desse evento (v. 28). Naquela famosa predição dos sofrimentos de Cristo (Is 53.12), estava predito que Ele seria contado com os malfeitores, porque Ele se fez pecado por nós.

5. Os espectadores, isto é, a maioria deles, em vez de se apiedarem de Jesus em meio a essa desgraça, aumentaram-na, insultando-o. Certamente, nunca houve um exemplo de desumanidade tão bárbara, nem mesmo para o pior dos malfeitores: mas assim o demônio exibia a sua máxima fúria, e assim o Senhor se submetia às maiores desonras que lhe podiam ser feitas.

(1) Até mesmo aqueles que passavam, que não tinham nada a ver com o caso, blasfemavam dele (v. 29). Mesmo que os seus corações estivessem tão insensíveis, a ponto da sua compaixão não ser despertada por tal espetáculo, ainda assim eles deveriam ter se contentado em ter a sua curiosidade satisfeita; mas isto não foi suficiente; como se eles não somente estivessem despidos de toda a humanidade, mas fossem demônios sob a forma humana, eles o ridicularizavam, e se expressavam com grande ódio a Ele, e lhe arremessavam as suas flechas, as palavras mais amargas. Os principais dos sacerdotes, sem dúvida, colocavam esse sarcasmo nas bocas: “Tu que derribas o templo e, em três dias, o edificas! Salva-te a ti mesmo e desce da cruz”. Eles comemoraram como se, agora que Ele estava sobre a cruz, não houvesse o perigo de que Ele destruísse o templo; ao passo que Ele estava destruindo o templo do qual falava, e realmente o edificou em três dias; e o templo do qual eles falavam, Ele realmente destruiu, por meio dos homens, que eram a sua espada e a sua mão, poucos anos depois. O perigo está mais pronto a cercar os pecadores justamente quando se sentem mais seguros e tranqüilos, pensando que já não estão mais correndo nenhum risco. O dia do Senhor virá como o ladrão para aqueles que negam a sua vinda, e dizem: Onde está a promessa da sua vinda? E muito mais sobre aqueles que desafiam a sua vinda, dizendo: Apressa-te e conclua a tua obra.

(2) Os principais dos sacerdotes que, tendo sido escolhidos entre os homens, e ordenados para servir aos homens, deveriam ter compaixão até mesmo daqueles que não seguem o caminho correto. Eles deveriam se compadecer ternamente daqueles que estão sofrendo e morrendo (Hb 5.1,2), porém derramavam vinagre, em vez de óleo, nas suas feridas, e conversavam sobre a dor Daquele a quem Deus feriu (Sl 69.26); zombavam Dele, e diziam: “Salvou os outros” – curou e ajudou os outros, e agora

parece que não o fazia pelo seu próprio poder – “e não pode salvar-se a si mesmo”. Eles o desafiavam a descer da cruz, se pudesse (v. 32). Disseram que se vissem apenas isso, acreditariam. Porém não creram quando Ele lhes deu um sinal ainda mais convincente do que esse, quando saiu da sepultura. Esses principais dos sacerdotes podiam agora encontrar outro trabalho: se eles não desejavam cumprir o seu dever no templo, ainda assim poderiam estar trabalhando em algo que não fosse estranho à sua profissão de fé. Embora não oferecessem nenhum conselho ou consolo ao Senhor Jesus, poderiam ter prestado algum auxílio aos ladrões nos seus últimos momentos (os monges e os sacerdotes nos países papistas são muito obsequiosos para com os criminosos mortos na roda, um tipo de morte muito semelhante à morte na cruz); mas eles não acharam que essa fosse uma função deles.

(3) Até mesmo aqueles que estavam crucificados com o Senhor Jesus o ofendiam (v. 32); um deles o fez, mostrando quão miseravelmente endurecido estava o seu coração, até mesmo quando estava nas profundezas da miséria, e às portas da eternidade.

A Crucificação

vv. 33-41

Aqui temos uma narrativa da morte de Cristo, da maneira como os seus inimigos o maltrataram, e como Deus o honrou na sua morte.

I Houve trevas sobre toda a terra (alguns crêem que houve trevas sobre todo o planeta), durante três horas, desde o meio-dia até as três horas da tarde. Então se cumpriam as Escrituras (Am 8.9): “Farei que o sol se ponha ao meio-dia e a terra se entenebreça em dia de luz”; e Jeremias 15.9: “Pôs-se o seu sol sendo ainda de dia”. Os judeus freqüentemente exigiam de Jesus Cristo um sinal do céu; e agora eles tinham um sinal, mas um sinal que significava o cegar dos seus olhos. Foi um sinal das trevas que sobrevieram sobre a sinagoga e a nação judaicas. Eles estavam fazendo tudo o que podiam para extinguir o Sol da justiça, que agora se punha, e cujo renascer eles nunca reconheceriam; e então, o que poderia ser esperado, entre eles, a não ser algo pior do que a escuridão no Egito? Isto queria lhes dizer que as coisas que pertenciam à sua paz estavam agora

ocultas dos seus olhos, e que era chegado o Dia do Senhor, que seria para eles um dia de trevas e tristeza (Jl 2.1,2). Era sob o poder das trevas que eles se encontravam agora, eram as obras das trevas que eles realizavam agora; e assim ocorreria, com razão, a perdição daqueles que preferiam as trevas à luz.

II Quase no final dessas trevas, o nosso Senhor Jesus, na agonia da sua alma, exclamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (v. 34). As trevas significavam a nuvem sob a qual a alma humana de Cristo se encontrava então, quando Ele fazia de si mesmo uma oferta pelo pecado. O Sr. Fox, em sua obra *Acts and Monuments* (vol. 3, p. 160), fala de um certo Dr. Hunter, um mártir na época da rainha Maria, da Inglaterra, que, amarrado a uma estaca, onde seria queimado vivo, proferiu esta curta oração: “Filho de Deus, brilhe sobre mim”; e imediatamente o sol no firmamento brilhou através daquela nuvem escura, atingindo o seu rosto tão em cheio, que ele foi forçado a olhar para o outro lado, e isto lhe foi um grande consolo. Mas ao nosso Senhor Jesus, ao contrário, foi negada a luz do sol, quando Ele estava em meio a esses sofrimentos, para representar a retirada da luz do rosto de Deus. E disso Ele se queixa, mais do que de qualquer outra coisa. Ele não se queixou quando os seus discípulos o abandonaram, mas quando o seu Pai o fez: 1. Porque este abandono feriu o seu espírito; e isto é muito difícil de suportar (Pv 18.14). Foi algo que trouxe as águas à sua alma (Sl 69.1-3). 2. Porque com isso, particularmente, Ele se fez pecado por nós; as nossas iniqüidades tinham merecido a indignação e a ira sobre a alma (Rm 2.8), e, portanto, Jesus Cristo, tendo se tornado um sacrifício, padeceu o quanto foi capaz; e realmente não poderia deixar de suportar o máximo Aquele que tinha estado no seio do Pai desde a eternidade, e que era sempre a sua luz. Esses sintomas da ira divina, à qual Cristo se submetia nos seus sofrimentos, eram como aquele fogo celestial que tinha sido enviado algumas vezes, em casos extraordinários, para consumir os sacrifícios (como em Lv 9.24; 2 Cr 7.1; 1 Rs 18.38), e que era sempre um sinal da aceitação de Deus. O fogo que teria caído sobre o pecador, se Deus não tivesse sido acalmado, caiu sobre o sacrifício, como um sinal de que a sua ira foi realmente aplacada. Por isso agora caía sobre Cristo, e arrancava dele esse clamor amargo. Quando Paulo ia ser oferecido como sacrifício pelo serviço da fé dos santos, ele pôde alegrar-se e

regozijar-se (Fp 2.17); mas é algo diferente ser oferecido como um sacrifício pelos pecados dos pecadores. Então, à hora sexta, e até à nona, o sol se escureceu por um eclipse extraordinário. E se for verdade, como calculam alguns astrônomos, no entardecer desse dia em que Cristo morreu houve um eclipse da lua, que era natural e esperado, com o qual 7/12 da lua se escureceram. Ele continuou das cinco horas da tarde até às sete. Isto é notável, e ainda mais representativo da escuridão que houve então. O sol se escureceu, e a lua não deu a sua luz.

III A oração de Jesus foi ridicularizada por aqueles que estavam ali (vv. 35,36); por Ele ter exclamado: Eli, Eli, ou (conforme o texto de Marcos, de acordo com o dialeto aramaico) “Eloí, Eloí”, eles disseram: “Eis que chama por Elias”, embora soubessem muito bem o que Ele tinha dito, e que queria dizer: “Deus meu, Deus meu”. Assim quiseram sugerir que Ele orava aos santos, ou porque Ele tinha abandonado a Deus, ou porque Deus o tinha abandonado; e com isso eles o tornariam ainda mais detestado pelo povo. Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e a levou até Ele, numa cana: Vamos deixar que Ele refresque a boca com isto, que é uma bebida suficientemente boa para Ele (v. 36). A intenção de quem fez isso era causar mais uma afronta a Ele; e quem quer que tentasse deter aquele que fez isso, somente pioraria a ofensa: Deixe-o em paz; Ele chamou Elias; vamos ver se Elias virá tirá-lo daí; e, se isto não acontecer, nós poderemos concluir que ele também o abandonou.

IV Jesus Cristo novamente exclamou, e assim entregou o seu espírito (v. 37). Ele entregava então a sua alma nas mãos do seu Pai; e embora Deus não se comova com nada físico, esse grande brado representou a grande força e a fervorosa afeição com que Ele o expressou. Tudo isso nos ensina que em tudo o que estivermos relacionados com Deus, reunamos as nossas forças ao máximo, realizando todas as obrigações da religião, particularmente a renúncia a nós mesmos, com todo o nosso coração e com toda a nossa alma. E então, mesmo que não tenhamos voz para poder exclamar com grande voz, como Cristo fez, ainda assim que Deus seja a força do coração, que não falhará. Cristo real e verdadeiramente morreu, pois Ele entregou o seu espírito; a sua alma humana partiu para o mundo dos espíritos, e deixou o seu corpo como um corpo físico feito da terra, sem

vida.

V Exatamente nesse instante em que Jesus Cristo morreu no Calvário, o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo (v. 38). Isto evidenciava muitas coisas: 1. Sobre o terror dos judeus incrédulos; pois esse era um presságio da destruição total da sua sinagoga e nação, que aconteceu pouco tempo depois disso. Foi como uma separação total do cajado e da beleza (pois esse véu era extraordinariamente esplêndido e glorioso, Êx 26.31), e que aconteceu ao mesmo tempo em que mataram Aquele por quem pagaram trinta moedas de prata (Zc 11.10,12), quebrando a aliança que Ele tinha feito com esse povo. Agora era o momento de gritar Icabô – foi-se a glória de Israel. Alguns pensam que a história relatada por Josefo, de que a porta do templo se abriu de per si, com aquelas palavras: Vamos embora daqui, alguns anos antes da destruição de Jerusalém, é a mesma história relatada aqui; mas isto não é provável; no entanto, esta tinha o mesmo significado daquela (Os 5.14): “Eu despedaçarei e ir-me-ei embora”. 2. Isso evidencia uma grande dose de consolo a todos os cristãos fiéis, pois significa a consagração e a abertura, para nós, de um caminho novo e vivo até o Santo dos Santos, por meio do sangue de Jesus.

VI O centurião que comandava o destacamento encarregado de supervisionar a execução se convenceu, e confessou que esse Jesus era o Filho de Deus (v. 39). Uma coisa que o surpreendeu foi que Aquele que exclamou e entregou o espírito tenha sido capaz de bradar dessa maneira estando prestes a morrer. Isso foi algo muito surpreendente. Em todos os tristes espetáculos desse tipo, o centurião nunca tinha observado nada semelhante; e o fato de alguém que tinha forças para gritar dessa maneira, imediatamente entregar o espírito, o fez pensar; e ele disse, para a honra de Cristo, e a vergonha daqueles que o tinham maltratado e assassinado: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”. Mas que razão tinha ele para dizer isso? Eu respondo o seguinte: 1. O centurião tinha várias razões para dizer que o Senhor Jesus tinha sofrido injustamente, e que muitas coisas erradas tinham sido feitas contra Ele. Observe que Ele sofreu por dizer que era o Filho de Deus; e era verdade, Ele realmente o disse. Então, como Ele sofreu injustamente – algo que ficou claro através de todas as circunstâncias do seu sofrimento – logo, o que Ele dizia era verdade, e

Ele era de fato o Filho de Deus. 2. O Senhor Jesus tinha razão de dizer que era o favorito do céu, e alguém com quem o Todo-Poderoso tinha um envolvimento especial, tendo em vista a maneira como o Céu o honrou na sua morte, e desaprovou aqueles que o perseguiram. “Certamente”, pensa o centurião, “esta deve ser alguma pessoa divina, muito amada por Deus”. Ele expressa isso com palavras que indicam a eternidade do Senhor Jesus Cristo, como Deus, e a sua indicação especial para o cargo de Mediador, embora ele não quisesse dizer isto. O nosso Senhor Jesus, até mesmo nas profundezas dos seus sofrimentos e humilhação, era o Filho de Deus, e assim foi confirmado com poder.

VII Ali estavam alguns dos seus amigos, especialmente as boas mulheres, que o ajudavam (vv. 40,41). Havia mulheres olhando de longe: os homens não se atreveram a ser vistos, pois a multidão estava excessivamente furiosa. *Currenti cede furori – Abrir caminho para a torrente furiosa*, pensaram eles, é o melhor conselho agora. As mulheres não ousaram aproximar-se, mas ficaram à distância, dominadas pela dor. Algumas dessas mulheres são mencionadas pelo nome. Maria Madalena era uma delas; ela tinha sido abençoada pelo Senhor Jesus, e devia todo o seu conforto ao seu poder e à sua bondade, pois Ele a libertou da possessão de sete demônios, e, como gratidão por isto, ela achava que nunca poderia fazer nada suficientemente bom por Ele. Maria também estava ali, a mãe de Tiago, o menor, *Jacobus parvus*, é a palavra; provavelmente ele era assim chamado porque era, como Zaqueu, baixo, tinha pouca altura. Esta Maria era a esposa de Cleopas ou Alfeu, irmã de Maria de Nazaré. Estas mulheres tinham seguido a Jesus desde a Galiléia, embora não fossem obrigadas a comparecer à Festa, como eram os homens; mas é provável que elas tenham vindo, na expectativa de que o seu reino temporal iria se estabelecer dentro de pouco tempo, e com muitas esperanças de promoção para si mesmas e para os seus parentes, através dele. Está claro que esta era a esperança da mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20.21). E agora, ver sobre a cruz Aquele que elas pensavam que veriam sobre um trono, não podia deixar de ser um grande desapontamento para elas. Observe que aqueles que seguem a Jesus Cristo esperando grandes coisas neste mundo, através dele, e da profissão da sua religião, provavelmente viverão para se sentirem desapontados e tristes.

O Sepultamento de Cristo

vv. 42-47

Chegamos então ao sepultamento de nosso Senhor Jesus Cristo, um funeral solene e pesaroso. Oh! Possamos nós, pela graça, ser sepultados de maneira semelhante! Observe:

I Como se pediu o corpo de Jesus. Ele estava, como os cadáveres dos malfeitores, à disposição do governo. Aqueles que o levaram apressadamente até à cruz, desejavam que Ele tivesse o seu sepulcro juntamente com os iníquos e maus; mas Deus determinou que Ele o tivesse com os ricos (Is 53.9), e assim foi feito. Aqui, vemos:

1. Quando foi pedido o corpo de Jesus, para o seu sepultamento, e por que houve tanta pressa para o enterro. Era chegada a noite, e "era o Dia da Preparação, isto é, a véspera do Sábado" (v. 42). Os judeus eram mais rígidos na observância do sábado do que de qualquer outra festa; portanto, embora esse dia fosse um dia festivo, ainda assim eles o observavam da maneira mais religiosa, porque era a véspera do sábado. Era naquele dia que eles preparavam as suas casas e mesas para a cerimônia esplêndida e alegre do sábado. Considere que a véspera do sábado deveria ser um dia de preparação para o sábado, não das nossas casas e mesas, mas dos nossos corações, que, tanto quanto possível, deveriam estar livres das preocupações e dos negócios do mundo, e determinados e dispostos para servirmos a Deus e desfrutarmos a sua preciosa presença. Há tanto trabalho para ser feito, e tantos são os benefícios que são obtidos no sábado, que é necessário que nos preparemos para ele no dia anterior; ou melhor, toda a semana deveria ser dividida entre o aproveitamento do sábado anterior e a preparação para o sábado seguinte.

2. Quem pediu o corpo, e cuidou para que o Senhor tivesse um enterro decente, foi José de Arimatéia, que aqui é chamado de senador honrado (v. 43), uma pessoa de caráter e distinção, que ocupava um cargo público de confiança; alguns acreditam que ele trabalhava no governo, e que era um dos conselheiros particulares de Pilatos. Porém outros entendem que o seu cargo deve ter sido na sinagoga; ele era um dos membros do grande Sinédrio dos judeus, ou um dos membros do conselho do sumo sacerdote.

Ele era *euschemon bouleutes – um conselheiro que se comportava de uma forma adequada a alguém que tivesse a sua posição*. São verdadeiramente honrados aqueles, e somente aqueles, que estando em uma posição de poder e confiança, têm consciência do seu dever, e cujo comportamento está de acordo com a sua posição de destaque. Mas aqui está uma característica mais esplendorosa daquele homem; ele era alguém que também esperava o Reino de Deus, o reino da graça na terra, e da glória no céu, o reino do Messias. Observe que aqueles que esperam o Reino de Deus, e esperam participar dos seus privilégios, devem mostrar, pelo seu entusiasmo, que reconhecem a causa de Deus, mesmo quando ela parece ser esmagada e destruída. Note que até mesmo em meio aos senadores honoráveis havia alguns – ou pelo menos um – que esperavam o Reino de Deus, e cuja fé condenará a incredulidade de todos os demais. Deus chamou esse homem para esse serviço necessário, quando nenhum dos discípulos de Cristo poderia – ou ousaria – realizá-lo, não tendo nem dinheiro, nem interesse, nem coragem para isso. José foi a Pilatos com ousadia; embora ele soubesse o quanto isso iria irritar os principais dos sacerdotes, que o tinham censurado tanto. Eles não suportariam ver alguma honra feita ao Senhor Jesus, mas ainda assim ele se encheu de coragem; talvez, no início, ele estivesse um pouco temeroso, mas *tolmesas – enchendo-se de coragem*, ele determinou que demonstraria esse respeito pelos restos mortais do Senhor Jesus, assumindo até mesmo o risco de sofrer o pior da parte dos inimigos do Senhor.

3. Que surpresa foi, para Pilatos, descobrir que Ele já estava morto (talvez Pilatos esperasse que Ele tivesse se salvado, e tivesse descido da cruz). Saber, especialmente, que já estava morto Aquele que parecia ter mais do que um vigor normal; que tão cedo tinha se entregado à morte. Todas as circunstâncias da morte de Jesus Cristo são maravilhosas; pois do princípio ao fim, o seu nome foi chamado Maravilhoso. Pilatos duvidou (assim entendem alguns) de que Ele já estivesse morto, temendo que pudesse ser pressionado, e o corpo fosse descido da cruz ainda com vida, e se recuperasse, quando a sentença era a de ficar suspenso até que o corpo estivesse morto. Por isso, ele chamou o centurião, o seu próprio oficial, e perguntou a ele se já havia muito que tinha morrido (v. 44), se fazia algum tempo desde a última vez que tinham notado algum sinal de vida Nele, alguma respiração ou algum movimento, para que pudessem concluir que

Ele estava irremediavelmente morto. O centurião pôde assegurar-lhe isso, pois tinha observado, particularmente, como o Senhor Jesus entregou o espírito (v. 39). Havia uma Providência especial nisso, no fato de Pilatos ser tão rigoroso ao certificar-se desse fato, para que não houvesse a desculpa de dizer que Ele tinha sido sepultado vivo, o que removeria a veracidade da sua ressurreição; e a verificação foi tão completa e rigorosa, que nunca houve tal objeção. Assim, a verdade de Cristo é, algumas vezes, confirmada até mesmo pelos seus inimigos.

II Como é que o corpo de Jesus foi sepultado. Pilatos deu a José de Arimatéia permissão para descer o corpo da cruz, e fazer o que quisesse com ele. É de admirar que os principais dos sacerdotes não fossem mais rápidos do que ele, e não pedissem antes dele o corpo a Pilatos, e não o expusessem e arrastassem pelas ruas, mas este resto da sua ira Deus refreou, e deu esse privilégio inestimável a José, que saberia valorizá-lo; e os corações dos sacerdotes estavam tão influenciados, que não se opuseram a isso. *Sit divus, modo non sit vivus – Nós não nos incomodamos que Ele seja adorado, desde que não possa reviver.*

1. José comprara um lençol fino para nele envolver o corpo do Senhor, embora em um caso como esse, um lençol velho, que já tivesse sido usado, tivesse sido julgado suficiente. Ao prestarmos os nossos respeitos a Cristo, convém que sejamos generosos, e que o sirvamos com o melhor que puder ser obtido, não com o que puder ser obtido a bom preço.

2. Ele desceu o corpo, ferido e torturado como estava, e o envolveu no lençol, como um tesouro de grande valor. O nosso Senhor Jesus se dispôs a ser entregue por nós de uma forma sacramental na ordenança da Ceia do Senhor, que nós devemos receber da maneira que melhor expresse o nosso amor por Aquele que nos amou e morreu por nós.

3. Ele o depositou em um sepulcro de sua propriedade, em um lugar particular. Às vezes vemos na história dos reis de Judá algo que é como uma mancha na memória dos reis iníquos: o fato de não serem sepultados nos sepulcros dos reis. Embora o único mal que o nosso Senhor Jesus fez foi fazer somente o bem, e a Ele tenha sido dado o trono do seu pai Davi, ainda assim foi sepultado no sepulcro das pessoas comuns, pois não é neste mundo – mas no outro – que o seu descanso seria glorioso. O sepulcro pertencia a José de Arimatéia. Quando Abraão não tinha outra posse na

terra de Canaã, tinha ao menos um sepulcro; mas Cristo não teve sequer isso neste mundo. Esse sepulcro era lavrado numa rocha, pois Cristo morreu para fazer do túmulo um refúgio e um abrigo aos santos; e sendo lavrado numa rocha, é um refúgio forte. Ó, para que vocês me esconderiam no sepulcro! O próprio Cristo é um esconderijo para o seu povo, ou seja, Ele é como um abrigo em uma grande rocha.

4. Ele revolveu uma pedra para a porta do sepulcro, pois esta era a maneira de os judeus serem sepultados. Quando Daniel foi lançado na cova dos leões, uma pedra foi posta sobre a boca da cova, para mantê-lo ali. Assim, o mesmo ocorre aqui, no caso da porta do sepulcro de Cristo; mas nenhuma dessas pedras pôde impedir as visitas dos anjos aos prisioneiros.

5. Algumas das boas mulheres compareceram ao sepultamento, e observaram onde o puseram, para que pudessem vir, depois do sábado, para ungir o corpo, porque não tinham tido tempo de fazê-lo antes. Quando Moisés – o mediador e legislador da nação judaica – foi sepultado, foi tomado um cuidado especial para que nenhum homem soubesse a localização da sua sepultura (Dt 34.6), porque o respeito que o povo tinha por ele os levaria a morrer com ele. Mas quando o nosso grande Mediador e Legislador foi sepultado, o lugar da sua sepultura foi observado de maneira especial, porque Ele deveria ressuscitar; e os cuidados com o seu corpo evidenciam o cuidado que Ele mesmo teria com o seu corpo, a Igreja. Mesmo que ela venha a se parecer – em algumas situações – com um cadáver e um vale cheio de ossos, ela será preservada para uma ressurreição; assim também o serão os corpos dos santos, com cujos restos existe um concerto em vigor, que não será esquecido. As nossas reflexões sobre o sepultamento de Cristo deveriam nos levar a pensar no nosso próprio sepultamento, ajudando-nos a nos familiarizar com o sepulcro. Isto tornaria confortável essa cama que, dentro de pouco tempo, nós teremos na escuridão da morte. As reflexões freqüentes sobre a morte não somente afastam o terror, mas nos estimulam a nos prepararmos para a sepultura, uma vez que ela está permanentemente preparada para nós (Jó 17.1).

CAPÍTULO 16

Nesse capítulo, temos um pequeno relato da ressurreição e ascensão do Senhor Jesus: e as alegrias e os triunfos com os quais supriu todos os

crentes, sendo muito satisfatório para aqueles que simpatizaram e sofreram com Jesus nos capítulos anteriores. Aqui temos: I. A ressurreição de Jesus Cristo noticiada por um anjo às mulheres que vieram ao sepulcro para ungi-lo (vv. 1-8). II. A sua aparição a Maria Madalena, e o relato que ela fez aos discípulos (vv. 9-11). III. A sua aparição aos dois discípulos, que iam para Emaús, e o relato que fizeram aos seus irmãos (vv. 12,13). IV. A sua aparição aos onze e a incumbência que Ele lhes deu para estabelecer o seu reino no mundo, bem como as instruções e credenciais completas para fazê-lo (vv. 14-18). V. A sua ascensão ao céu, a dedicação dos apóstolos ao seu trabalho, e o reconhecimento por parte de Deus Pai a eles, ao desempenharem a obra que lhes fora confiada (vv. 19,20).

A Ressurreição

vv. 1-8

Desde que o sábado foi instituído, nunca houve um sábado como esse, que foi mencionado pelas primeiras palavras deste capítulo. Durante todo o sábado, o nosso Senhor Jesus esteve na sepultura. Para Ele foi um sábado de repouso, mas um sábado silencioso; para os seus discípulos foi um sábado melancólico, que eles passaram em meio a lágrimas e temor. Nunca os ofícios de sábado no templo foram tão abomináveis para Deus como naquele sábado, embora tenham sido freqüentemente assim. Mas agora, os principais dos sacerdotes, que os presidiam, tinham as suas mãos cheias de sangue, do sangue de Cristo. Bem, esse sábado estava terminado, e o primeiro dia da semana é o primeiro dia de um novo mundo. Temos aqui:

I A visita afetuosa das boas mulheres que seguiram a Jesus Cristo, agora feita ao seu sepulcro – não foi uma visita supersticiosa, mas sim piedosa. Elas saíram de suas moradas de manhã bem cedo, ao romper do dia, ou talvez mais cedo; mas, ou elas fizeram uma longa caminhada, ou encontraram algum impedimento, pois o sol já nascia quando chegaram ao sepulcro. Trouxeram alguns aromas doces também, e não vieram somente orvalhar o corpo com suas lágrimas (porque nada poderia reviver mais o seu pesar do que isto), mas para perfumá-lo com seus aromas (v. 1).

Nicodemos havia trazido uma grande quantidade de especiarias secas, mirras e aloés, que serviam para secar as feridas, além de estancar e secar o sangue (Jo 19.39). Mas essas boas mulheres não julgavam que isso havia sido suficiente; elas trouxeram aromas, talvez de outro tipo, e alguns óleos perfumados para ungi-lo. Observe que o respeito que os outros demonstram para com o precioso nome de Cristo não deveria nos impedir de demonstrar também o nosso respeito a Ele.

II A preocupação que tiveram quanto a revolver a pedra, e a superação da preocupação (vv. 3,4). Elas disseram entre si quando caminhavam juntas, e também agora, ao se aproximarem do sepulcro: “Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?” Porque a pedra era muito grande, maior que toda a força delas seria capaz de mover. Se elas tivessem pensado nisso antes de virem, a prudência lhes teria dito que não prosseguissem, a menos que tivessem alguém para acompanhá-las, e alguém que fosse capaz de fazer isso. E havia ainda outra dificuldade maior do que essa: passar pela guarda dos soldados que foram colocados para vigiar o sepulcro. Elas sequer conheciam a dimensão dessa dificuldade; mesmo que elas chegassem antes deles, quando esses guardas chegassem as assustariam e as expulsariam daquele local. Mas o seu amor gracioso por Jesus Cristo as conduziu ao sepulcro; e veja como, ao chegarem ali, as duas dificuldades tinham sido removidas, tanto a pedra, de que elas sabiam, como a guarda, de que não sabiam. Elas viram que a pedra tinha sido revolvida, e esta foi a primeira coisa que as surpreendeu. Observe que aqueles que são conduzidos por um fervor sagrado a buscar a Cristo diligentemente, descobrirão que as dificuldades que aparecem em seu caminho desaparecem de uma forma totalmente estranha, e terão sempre um auxílio superior às suas expectativas.

III A certeza que lhes foi dada por um anjo, de que o Senhor Jesus tinha ressuscitado e deixado o seu sepulcro, e que o tinha deixado ali para contar as boas-novas àqueles que viessem indagar a respeito dele.

1. Elas entraram no sepulcro, pelo menos até um trecho da entrada, e viram que o corpo de Jesus não estava onde o tinham deixado na noite anterior. Ele, que com a sua morte, encarregou-se de pagar as nossas dívidas, com a sua ressurreição conseguiu a nossa quitação, visto que foi

um perdão legal e legítimo, pelo qual parecia que a sua satisfação era aceita para todos os objetivos pretendidos, e a questão em discussão era definida pela evidência incontestável de que Ele é o Filho de Deus.

2. Elas viram um jovem sentado no lado direito do sepulcro. O anjo apareceu à semelhança de um homem, de um jovem; porque os anjos, embora criados no princípio, não envelhecem, e sempre têm a mesma perfeição de beleza e força; e assim serão os santos glorificados, quando forem como os anjos. Esse anjo estava sentado à direita quanto elas entraram no sepulcro, vestido com uma roupa comprida e branca, tal como os grandes homens se vestiam. A visão dele poderia, com justa razão, tê-las encorajado, mas elas estavam assustadas. Da mesma maneira, muitas vezes aquilo que deveria ser motivo de consolo, torna-se um terror para nós devido aos nossos próprios enganos e mal-entendidos.

3. O anjo silenciou os temores delas, assegurando-lhes que havia motivos suficientes para triunfo, e nenhum motivo para o temor (v. 6). Ele lhes disse: “Não vos assusteis”. Note que assim como os anjos se alegram pela conversão dos pecadores, eles também se alegram pelo consolo dos pecadores. Não vos assusteis, pois: (1.) Vocês amam a Jesus Cristo e são fiéis a Ele; portanto, em vez de confusas, vocês deveriam se sentir consoladas. “Buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado”. Observe que a busca das almas crentes por Cristo demonstra uma consideração especial por Ele, como o Senhor crucificado (1 Co 2.2), para que possam conhecê-lo, e a comunhão dos seus sofrimentos. O fato de Ele ter sido levantado da terra é o que atrai todos os homens a si. A cruz de Cristo é o símbolo que todos os gentios procuram. O anjo fala de Jesus como alguém que foi crucificado. Este fato já é passado, essa cena já passou, vocês não devem se fixar tanto nas tristes circunstâncias da sua crucificação, a ponto de não serem capazes de crer nas alegres notícias da sua ressurreição. Ele foi crucificado em fraqueza, mas isto não impediu que Ele pudesse ressuscitar em poder; portanto, vocês, que o buscam, não tenham medo da aparente falta dele. Ele foi crucificado, mas já foi glorificado; e a vergonha dos seus sofrimentos está tão longe de diminuir a glória da sua exaltação, que esta glória expulsa perfeitamente toda a reprovação dos seus sofrimentos. Portanto, depois da sua entrada na glória, Ele nunca lançou nenhum véu sobre os seus sofrimentos, nem se intimidou ou se envergonhou de que alguém falasse a respeito da sua cruz. O anjo aqui

proclama a sua ressurreição, falando dele como Jesus, que foi crucificado. O Senhor menciona a sua própria identidade: “Não temas; eu sou o Primeiro e o Último e o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno” (Ap 1.18). O Senhor Jesus está presente em meio aos louvores do exército celestial como um Cordeiro que havia sido morto (Ap 5.6). (2) Portanto, serão boas notícias para vocês ouvir que, em vez de ungi-lo, morto, vocês podem se alegrar Nele, vivo. Ele ressuscitou, não está aqui, não está morto, mas vive novamente. Nós não podemos ainda mostrá-lo a vocês, mas vocês o verão depois, e eis aqui o lugar onde o puseram. Vocês estão vendo que Ele se foi daqui; não foi roubado pelos seus inimigos, nem pelos seus amigos, mas ressuscitou.

4. Ele ordena que elas corram a contar isso aos seus discípulos. Assim, elas agem como apóstolos para os apóstolos, o que era uma recompensa pelo seu afeto e pela sua fidelidade a Ele, seguindo-o até à cruz, até o sepulcro, e dentro do sepulcro. Elas vieram antes, e foram servidas antes; nenhum dos discípulos ousou se aproximar da sua sepultura, nem obter informações a seu respeito. Havia pouquíssimo perigo de que eles viessem à noite para roubar o seu corpo; prova disso é que ninguém ousou se aproximar dele, exceto poucas mulheres, que não eram capazes sequer de rolar a pedra que estava na porta do sepulcro.

(1) Elas deviam dizer aos discípulos que o Mestre havia ressuscitado. Mas como eles estavam antes de receber uma notícia tão maravilhosa? Aquela ocasião estava sendo muito triste para eles; o seu amado Mestre estava morto, e todas as suas esperanças e alegrias estavam sepultadas na sua sepultura. Eles consideraram a sua causa como perdida, e estavam prontos a cair como presas fáceis nas mãos dos inimigos, de modo que não permanecia nenhum ânimo neles. Estavam no limite da sua sanidade mental, e cada um deles estava imaginando como iria viver e se manter dali por diante. Vão, vão depressa até eles, disse o anjo; digam-lhes que o seu Mestre ressuscitou; isto lhes dará alguma vida e algum ânimo, e impedirá que eles naufraguem em desespero. Observe que: [1] Cristo não se envergonha de ter esses pobres discípulos, não, nem mesmo agora que Ele está no seu estado exaltado; o fato de ser extremamente honrado não faz com que o Senhor se envergonhe deles, pois Ele tem um cuidado especial para que a notícia lhes chegue bem cedo. [2] Cristo não é radical, e não faz

críticas destrutivas àqueles cujos corações são justos para com Ele. Os discípulos o haviam abandonado de uma maneira muito grosseira; mas, ainda assim, o Senhor Jesus dá testemunho da preocupação que tinha em relação a eles. [3] O consolo oportuno deve ser levado àqueles que estão se lamentando pelo Senhor Jesus, e Ele encontrará uma oportunidade para se manifestar a eles.

(2) Elas devem se certificar de contar a boa-nova a Pedro. Marcos chama a atenção para este detalhe, em particular, pois se supõe que ele tenha escrito sob a orientação de Pedro. Se elas contassem aos discípulos, estariam contando a Pedro, pois, como um símbolo do seu arrependimento por desonrar o seu Mestre, ele ainda estava associado com os seus discípulos. Mesmo assim, ele é mencionado em especial: Dizei a Pedro; pois: [1] Será uma boa notícia para ele, será uma notícia mais bem-vinda para ele do que para qualquer dos demais; pois ele está triste pelo pecado, e nenhuma notícia poderá ser mais bem-vinda aos verdadeiros penitentes do que ouvir sobre a ressurreição de Cristo, porque Ele ressuscitou para a sua justificação. [2] Ele sentirá medo, se não tiver a alegria dessas boas-novas. Se o anjo tivesse dito: Ide, dizei aos seus discípulos, o pobre Pedro estaria pronto para suspirar e dizer: “Mas duvido que eu consiga me considerar como um deles, pois eu neguei o Senhor, e mereço ser negado por Ele”. Para evitar isto: “Vão até Pedro, especialmente a ele, e digam-lhe que ele será tão bem-vindo como qualquer um dos demais; Pedro verá o Senhor Jesus na Galiléia”. Observe que uma visão de Cristo será muito bem-vinda a alguém que sente um verdadeiro arrependimento, e aquele que estiver verdadeiramente arrependido será muito bem-vindo à presença de Cristo; pois existe uma grande alegria no céu por cada pecador que se arrepende.

(3) Elas devem dizer a todos eles, e particularmente a Pedro, que vão encontrá-lo na Galiléia, como Ele lhes havia dito (Mt 26.32). Durante a viagem à Galiléia, eles teriam tempo de se recompor, e recordar aquilo que Ele sempre tinha lhes dito, que Ele sofreria e morreria, e que no terceiro dia ressuscitaria; porém, estando em Jerusalém, entre estranhos e inimigos, eles não conseguiam se recuperar do terror em que estavam, nem se recompor para a devida recepção de notícias melhores. Observe: [1] Todos os encontros entre Jesus Cristo e os seus discípulos são marcados por Ele. [2] Cristo nunca se esquece dos seus compromissos, mas se certifica de ir ao encontro do seu povo com a bênção prometida em cada lugar onde Ele

registra o seu nome. [3] Em todos os encontros entre Jesus Cristo e os seus discípulos, é Ele que chega primeiro. Ele vai adiante de vós.

IV O relato que as mulheres fizeram desse acontecimento aos discípulos (v. 8). Elas saíram apressadamente, fugindo do sepulcro, para chegar aos discípulos tão rápido quanto pudessem, trêmulas e maravilhadas. Veja quão inimigos somos de nós mesmos e do nosso próprio consolo, por não considerarmos nem mesclarmos a fé com aquilo que Jesus nos disse. Jesus sempre lhes dizia que ressuscitaria ao terceiro dia; se elas tivessem prestado atenção, e dado crédito a essa preciosa mensagem, elas teriam vindo ao sepulcro, esperando encontrá-lo ressuscitado, e teriam recebido as notícias da sua ressurreição com uma certeza jubilosa, e não com todo esse terror e assombro. Mas, recebendo a ordem de ir contar aos discípulos, porque eles deveriam divulgar essas boas-novas ao mundo todo, elas não contariam a ninguém mais. Elas não divulgariam nada a ninguém que encontrassem pelo caminho, pois tinham medo, medo de que fosse bom demais para ser verdade. Note que os nossos temores inquietantes freqüentemente nos impedem de fazer aquele serviço a Jesus e às almas dos homens que poderíamos oferecer se a fé e a alegria da fé estivessem fortalecidas em nossa vida.

Cristo Aparece a Maria Madalena e a Dois Discípulos

vv. 9-13

Nesse trecho, temos um breve relato de duas das aparições de Cristo, e da pouca credibilidade que a notícia delas obteve junto aos discípulos.

I Ele apareceu a Maria Madalena, a ela, primeiro, no jardim, do que temos uma narrativa especial em João 20.14. Foi dela que o Senhor expulsou sete demônios; muito lhe foi perdoado, e muito lhe foi dado e feito por ela, e ela muito o amou. Jesus lhe concedeu esta grande honra: ela foi a primeira que o viu depois da sua ressurreição. Quanto mais nos apegarmos a Cristo, e quanto mais próximos dele quisermos ser, mais cedo poderemos esperar vê-lo, inclusive aprendendo mais a seu respeito.

Agora: 1. Ela traz aos discípulos a notícia do que tinha visto; não somente aos onze, mas aos demais que o seguiam, os quais estavam tristes e chorando (v. 10). Esse era o momento do qual Jesus lhes tinha falado, em que eles chorariam e se lamentariam (Jo 16.20). Esta era, sem dúvida, uma evidência do grande amor que eles tinham por Jesus Cristo, e do profundo sentimento de tristeza que tomou conta deles devido à morte do Senhor. Mas quando os seus lamentos tinham durado uma ou duas noites, o consolo retornou, como Jesus tinha prometido; outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará (Jo 16.22). Melhor notícia não poderia ser trazida aos discípulos que estavam em lágrimas, do que a da ressurreição de Jesus Cristo. E nós devemos nos empenhar em consolar os discípulos que se lamentam, transmitindo-lhes as nossas experiências, e aquilo que nós já vimos em Cristo.

2. Eles não conseguiram acreditar nas notícias que ela lhes trazia. Eles ouviram que Jesus vivia e que tinha sido visto por ela. A história era suficientemente plausível, e ainda assim eles não acreditaram. Eles não diziam que ela tinha inventado essa história, ou planejado enganá-los; mas temiam que ela estivesse impressionada, e que o fato de ela ter visto o Senhor não passasse de uma fantasia. Se eles tivessem acreditado nas freqüentes predições da ressurreição do Senhor, que Ele mesmo lhes fez, não estariam então tão descrentes acerca dessa notícia.

II Ele apareceu a dois dos discípulos, que iam para o campo (vv. 12). Isto se refere, sem dúvida, àquilo que está narrado com mais detalhes em Lucas 24.13ss., sobre o diálogo que houve entre Jesus e os dois discípulos que iam a Emaús. Aqui está escrito que Ele se manifestou a eles em outra forma, com roupas diferentes das que usava normalmente, vestido como um viajante. Observe que no jardim, com outras roupas, Maria Madalena o confundiu com o jardineiro; mas o fato de que Ele tinha realmente a sua própria aparência, fica evidente pela informação de que os olhos deles estavam como que fechados, para que não o reconhecessem. E quando os seus olhos foram abertos, eles o reconheceram imediatamente (Lc 24.16-31). Então:

1. Essas duas testemunhas deram o seu testemunho como prova da ressurreição de Cristo: “indo estes, anunciaram-no aos outros” (v. 13). Estando satisfeitos, eles estavam desejosos de dar aos seus irmãos a mesma

satisfação que tinham tido, para que pudessem ser consolados como eles tinham sido.

2. O testemunho deles não obteve a credibilidade de todos: “Nem ainda estes creram”. Eles suspeitaram que os olhos dos dois discípulos também os tinham enganado. Havia uma sábia providência nisso. As provas da ressurreição de Jesus Cristo foram apresentadas gradualmente, e, desta forma, aceitas cuidadosamente, para que a certeza com a qual os apóstolos deviam pregar esta doutrina posteriormente, quando arriscassem tudo para fazer a obra do Senhor, pudesse ser plenamente satisfatória. Nós temos mais razões para crer naqueles que vieram a crer tão lentamente: se eles tivessem aceitado o fato imediatamente, poderiam ser vistos como crédulos ou até mesmo precipitados, e o seu testemunho não poderia ser considerado de uma forma tão enfática. Mas a sua descrença inicial mostra que eles só vieram a crer posteriormente, depois de terem mais provas, quando então passaram a ter uma forte convicção.

A Aparição de Cristo aos Onze

vv. 14-18

Nesse trecho, temos:

I A convicção que Jesus Cristo deu aos seus apóstolos, da verdade da sua ressurreição (v. 14). Ele apareceu pessoalmente a eles, quando estavam todos reunidos, quando se assentavam para comer, o que lhe deu uma oportunidade de comer e beber com eles, para a satisfação completa deles (veja At 10.41). E mesmo quando Ele se manifestou a eles, lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, pois mesmo no encontro geral na Galiléia alguns duvidaram, como lemos em Mateus 28.17. Observe que as evidências da verdade do Evangelho são tão completas, que aqueles que não as recebem podem, com razão, ser repreendidos pela sua incredulidade; e isto não se deve a nenhuma fraqueza ou deficiência nas provas, mas à dureza dos seus corações, à sua falta de sensibilidade e à sua estupidez. Embora até então não tivessem visto o Senhor por si mesmos, eles são repreendidos, com justa razão, por não terem crido naqueles que já o tinham visto ressuscitado; e talvez a incredulidade deles se devesse, em

parte, ao orgulho dos seus corações, pois podem ter pensado: “Se Ele tivesse realmente ressuscitado, a quem o Senhor se agradaria de dar a honra de manifestar-se, a não ser a nós?”. E se Ele os deixa em segundo plano, e se mostra a outros antes, eles não podem crer que seja Ele. Assim, muitos deixam de crer na doutrina de Cristo, porque pensam ser algo inferior para eles dar crédito a outros que Ele tenha escolhido para serem as suas testemunhas, e aqueles que divulgarão a sua Palavra. Observe que, no grande dia, não podemos dar uma desculpa para a nossa infidelidade, dizendo: “Nós não o vimos depois que ressuscitou”, pois nós devemos crer no testemunho daqueles que o viram.

II A incumbência que o Senhor Jesus lhes deu de estabelecerem o seu reino entre os homens, por meio da pregação do seu Evangelho, as boas-novas da reconciliação com Deus, por meio de um Mediador. Agora observe:

1. A quem eles deveriam pregar o Evangelho. Até aqui, eles tinham sido enviados somente às ovelhas perdidas da casa de Israel, e estavam proibidos de ir pelo caminho das gentes (gentios), ou de entrar em qualquer cidade dos samaritanos (Mt 10.5). Mas agora, a comissão deles é ampliada, e eles têm autorização para ir a todo o mundo, a todas as partes do mundo, do mundo habitável, e pregar o Evangelho de Jesus Cristo a toda criatura, tanto aos gentios como aos judeus; a toda criatura humana que seja capaz de recebê-lo. “Informem-lhes a respeito de Jesus Cristo, da história da sua vida, morte, e ressurreição; instruam-nos sobre o significado e o objetivo dessas coisas, e sobre os benefícios que os filhos dos homens têm, ou podem ter, através delas. E convidem-nos, sem exceção, a vir e compartilhar esses benefícios. Isto é o Evangelho. Que ele seja pregado em todos os lugares, a todas as pessoas”. Esses onze homens não podiam pregar pessoalmente o Evangelho a todo o mundo, e muito menos a toda criatura que houvesse nele; mas eles, e os outros discípulos, que eram setenta, com aqueles que posteriormente se juntariam a eles, deveriam se dispersar em diversas direções, e, para onde quer que fossem, deveriam levar consigo o Evangelho. Eles deveriam enviar outros àqueles lugares aos quais não pudessem ir pessoalmente, e, em resumo, dedicar as suas vidas a enviar essas boas-novas para todas as partes do mundo, com a maior fidelidade e o maior cuidado possíveis, não como uma diversão, mas como uma mensagem solene de Deus aos homens, e como um meio de fazer os

homens felizes. “Contem a tantos quantos puderem, e digam que contem a outros; é uma mensagem de interesse universal, e, por isso, deve ter uma acolhida universal, porque ela oferece uma acolhida universal”.

2. Qual é o resumo do Evangelho que eles devem pregar (v. 16): “Apresentem ao mundo a vida e a morte, o bem e o mal. Digam aos filhos dos homens que todos eles estão em uma condição de infelicidade e perigo, condenados pelo seu príncipe, e derrotados e escravizados pelos seus inimigos”. Isto está implícito no fato de serem salvos, coisa de que não precisariam se não estivessem perdidos. “Vão, e digam a eles”: (1) “Que, se eles crerem no Evangelho, e se entregarem para ser discípulos de Jesus Cristo; se eles renunciarem ao demônio, ao mundo e à carne, e forem devotados a Jesus Cristo como seu profeta, sacerdote, e rei, e a Deus, em Cristo, como seu Deus em concerto, evidenciando, pela sua constante adesão a este concerto, a sua sinceridade, eles serão salvos da culpa e do poder do pecado. O pecado não os governará mais; ele não os destruirá. Aquele que for um verdadeiro cristão será salvo, através de Cristo”. O batismo era designado como o rito inaugural, pelo qual aqueles que aceitavam a Cristo passavam a pertencer a Ele; mas aqui o objetivo está mais direcionado ao significado do que ao sinal, pois Simão, o Mágico, creu e foi batizado, mas não foi salvo (At 8.13). Crer no Senhor Jesus com o coração, e confessá-lo com a boca (Rm 10.9), parece ser a mesma coisa que está indicada aqui. Isto também significa que nós devemos estar em conformidade com as verdades do Evangelho, e com os termos do Evangelho. (2) “Se eles não crerem, se não receberem a informação que Deus dá a respeito do seu Filho, não poderão esperar nenhum outro caminho de salvação, mas inevitavelmente perecerão; eles serão condenados pela sentença de um Evangelho desprezado, somado à de uma lei infringida”. E é isto que o Evangelho é, é boas novas, o fato de que nada além da incredulidade poderá destruir o homem. A falta de fé é um pecado contra a cura. O Dr. Whitby observa aqui que aqueles que “deduzirem que a semente recém-nascida dos crentes não tem a possibilidade do batismo, porque não pode crer, devem também deduzir que não poderão ser salvos; pois, para a salvação, a fé é mais expressamente exigida do que o batismo. E que na última frase o batismo está omitido, porque não é simplesmente a falta do batismo, mas a negligência desdenhosa dele, que torna os homens culpados de condenação; de outra forma, as crianças seriam condenadas

pelos erros ou profanações de seus pais".

3. O poder de que eles deveriam estar revestidos, para a confirmação da doutrina que deveriam pregar (v. 17): "E estes sinais seguirão aos que crerem". Isto não significa que todos os que crerem serão capazes de produzir esses sinais, mas aqueles que estiverem empenhados na propagação da fé, e na atração de outros a ela; pois os sinais se destinam àqueles que não crêem (veja 1 Co 14.22). Aumenta muito a glória e a evidência o fato de que os pregadores não somente realizavam milagres pessoalmente, mas concediam a outros um poder de realizar milagres, poder este que seguia alguns dos que criam, aonde quer que eles fossem pregar. Eles realizavam milagres em nome de Cristo, o mesmo Nome no qual foram batizados, em virtude do poder obtido dele, e alcançado através da oração. Alguns sinais em especial são mencionados. (1) Eles expulsarão demônios; este poder era mais comum entre os cristãos do que entre outras pessoas, e durava mais tempo, como podemos deduzir pelos testemunhos de Justino Mártir, Orígenes, Irineu, Tertuliano, Minúcio Félix, e outros, citados por Grotius a respeito dessa passagem. (2) Eles "falarão novas línguas", que nunca tinham aprendido, ou conhecido; e isto era tanto um milagre (um milagre sobre a mente), para a confirmação da verdade do Evangelho, como um meio de transmitir o Evangelho entre todas aquelas nações que não o tinham ouvido. Alguns entendem que isso evitou que os pregadores fizessem um grande esforço para aprender as línguas; e, sem dúvida, aqueles que, por milagre, receberam o domínio das línguas, receberam o domínio completo delas e de toda a sua elegância nativa, que era adequada tanto para ensinar quanto para influenciar, o que muito lhes recomendava, bem como a sua pregação. (3) Eles "pegarão nas serpentes". Esta promessa se cumpriu na vida de Paulo, que não foi ferido pela víbora que lhe acometeu a mão, o que foi reconhecido pelos bárbaros como um grande milagre (At 28.5,6). Os cristãos não serão feridos por aquela geração de víboras entre as quais vivem, nem pela malícia da velha serpente. (4) "Se beberem alguma coisa mortífera" – por imposição dos seus perseguidores – "não lhes fará dano algum": muitos exemplos deste milagre são encontrados na história da igreja cristã. (5) Eles não serão somente protegidos contra ferimentos, mas também serão capacitados a fazer o bem aos outros; "imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão", como tinha acontecido com as multidões pelo toque curativo do seu Mestre. Muitos dos

presbíteros da igreja tinham esse poder, como se pode ver em Tiago 5.14, onde, como um sinal instituído dessa cura milagrosa, eles recebem a instrução de ungir os enfermos com azeite em nome do Senhor Jesus. Com que certeza de sucesso eles podiam viajar, realizando a obra que lhes fora confiada, tendo credenciais como essas para apresentar!

A Ascensão

vv. 19-20

Vemos aqui: 1. Jesus Cristo recebido no céu (v. 19): Depois que o Senhor disse o que tinha a dizer aos seus discípulos, Ele subiu ao céu, em uma nuvem; disto nós temos um relato especial em Atos 1.9. Ele não só foi admitido, como teve acesso total ao seu reino celestial. Ele foi recebido com cerimônia, com aclamações das hostes celestiais em voz alta, e se assentou à direita de Deus Pai. O Senhor então se sentou em uma postura de repouso, pois concluiu a sua obra. Ao mesmo tempo, o Senhor Jesus se sentou em uma postura de governante, pois agora Ele tomou posse do seu reino. Ele se assentou à direita de Deus Pai, o que indica a dignidade soberana que Ele reassumiu, e o poder universal que lhe foi restituído. Tudo o que Deus Pai faz a nosso respeito, tudo o que Ele nos dá, ou recebe de nós, é por meio do seu Filho. Agora o Senhor Jesus é glorificado com a glória que Ele tinha antes do mundo.

2. Dois eventos são colocados juntos. O primeiro é Jesus Cristo sendo recebido neste mundo inferior, e sendo crido no mundo. O segundo é Jesus Cristo sendo recebido acima, na glória (1 Tm 3.16). (1) Aqui temos os apóstolos trabalhando diligentemente pelo Senhor. Tendo partido, pregaram por todas as partes. Embora a doutrina que pregassem fosse espiritual e celestial, e diretamente contrária ao espírito e ao gênio do mundo, e embora ela encontrasse forte oposição, e fosse completamente destituída de todo o apoio e de todos os benefícios seculares, ainda assim os seus pregadores não estavam nem temerosos nem envergonhados; eles trabalharam tanto na propagação do Evangelho que dentro de poucos anos o som maravilhoso dele chegou até aos confins do mundo (Rm 10.18). (2) Aqui temos Deus Pai cooperando efetivamente com eles, para tornar o seu trabalho bem-sucedido, confirmando a Palavra com os sinais que se seguiam. Isto ocorria

parcialmente pelos milagres que eram realizados nos corpos das pessoas, que eram selos divinos da doutrina cristã, e parcialmente pela influência que esta bênção tinha sobre as mentes das pessoas, por meio da obra do Espírito de Deus (veja Hb 2.4). Estes eram, adequadamente, sinais que seguiam a Palavra – a transformação do mundo, a destruição da idolatria, a conversão dos pecadores, e o consolo dos santos. E estes sinais ainda seguem a pregação da Verdade, e estarão cada vez mais presentes para a honra de Cristo e para o bem da humanidade. O evangelista ora, e nos ensina a dizer: “Amém!” Amado Pai celestial, que o teu Nome seja santificado, e que o teu reino venha.

LUCAS

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

ós estamos agora entrando na obra de outro evangelista. Seu nome é Lucas, que alguns pensam ser uma contração de Lucílio, nascido em Antioquia, como Jerônimo. Alguns pensam que ele foi o único, de todos os autores das Escrituras, que não tinha origem em Israel. Ele era um judeu prosélito e como supõem alguns, converteu-se ao cristianismo pelo ministério do apóstolo Paulo em Antioquia e, depois da vinda deste à Macedônia (At 16.10), foi seu companheiro constante. Ele se dedicava ao estudo e à prática da medicina; por isto, Paulo o chama de “Lucas, o médico amado”, Colossenses 4.14. Alguns dos pretensos autores clássicos nos dizem que ele era um pintor que fez um quadro da virgem Maria. Mas o Dr. Whitby opina que não há nada que certifique o contrário, e, portanto é provável que ele fosse um dos setenta discípulos, e um seguidor de Cristo quando Ele esteve aqui na terra; e, se for assim, ele seria um israelita nativo. Eu não vejo como se pode objetar contra isto, exceto por algumas tradições incertas dos antigos, sem comprovação, sobre as quais não podemos nos basear, e contra as quais podem se opor os testemunhos de Orígenes e Epifânio, que afirmam que ele era um dos setenta discípulos. Supõe-se que ele teria escrito este Evangelho quando acompanhava o apóstolo Paulo em suas viagens, e sob a sua orientação – e alguns crêem que este é o irmão de quem Paulo fala (2 Co 8.18), “cujo louvor no evangelho *está* espalhado em todas as igrejas”; como se o significado aqui fosse, que ele era celebrado em todas as igrejas, por ter escrito este Evangelho; e que Paulo pode querer dizer isto quando se refere algumas vezes ao seu Evangelho, como em Romanos 2.16. Mas não há fundamento nenhum para isto. O Dr. Cave observa que sua maneira de escrever é precisa e exata, o seu estilo é polido e elegante, sublime e elevado, ainda que claro; e que ele se expressa com um grego mais puro do que o que

será encontrado em outros autores da história sagrada. Assim, ele relata diversas coisas mais copiosamente do que os demais evangelistas, e assim ele trata em especial daquelas coisas que se relacionam com a obra sacerdotal de Cristo. Não se sabe ao certo onde este Evangelho foi escrito, nem a época aproximada. Alguns pensam que ele tenha sido escrito em Acaia, durante as viagens de Lucas com Paulo, dezessete anos (alguns dizem vinte e dois anos) depois da ascensão de Cristo; outros pensam que ele foi escrito em Roma, algum tempo antes que ele escrevesse a sua história dos Atos dos Apóstolos (que é a continuação deste livro), quando estava ali com Paulo, quando este era prisioneiro, e pregava na sua própria casa alugada, informação que conclui o Livro de Atos; e quando Paulo diz que somente Lucas estava com ele, 2 Timóteo 4.11. Quando estava voluntariamente confinado com Paulo, ele aproveitou o tempo para compilar estas duas histórias (e há muitos outros textos excelentes que a igreja tem, graças a uma prisão). Se isto for verdade, o Evangelho terá sido escrito aproximadamente vinte e sete anos depois da ascensão de Cristo, e no quarto ano do governo de Nero. Diz São Jerônimo: Ele morreu quando tinha oitenta e quatro anos de idade, não tendo nunca se casado. Alguns dizem que ele foi martirizado; mas, se isto aconteceu, não se sabe ao certo onde nem quando. Tampouco se deve dar muito crédito às tradições cristãs, a respeito dos autores do Novo Testamento, não mais do que às tradições judaicas a respeito dos autores do Antigo Testamento.

CAPÍTULO 1

A narrativa que este evangelista nos oferece (ou melhor, Deus nos oferece, por meio dele) da vida de Cristo tem início em uma data anterior aos textos de Mateus ou de Marcos. Temos motivos para agradecer a Deus por todos eles, assim como por todos os dons e por todas as graças dos ministros de Cristo, quando um compensa o que falta no outro, enquanto todos juntos alcançam uma harmonia. Neste capítulo, temos: I. O prefácio de Lucas ao seu Evangelho, ou a sua dedicatória ao seu amigo Teófilo, vv. 1-4. II. A profecia e a história da concepção de João Batista, que foi o

precursor de Cristo, vv. 5-25. III. A anunciação da virgem Maria, ou o aviso que foi dado a ela, de que seria a mãe do Messias, vv. 26-38. IV. O encontro de Maria, a mãe de Jesus, e Isabel, a mãe de João, quando ambas estavam grávidas destes filhos, e as profecias que ambas proferiram naquela ocasião, vv. 39-56. V. O nascimento e a circuncisão de João Batista, seis meses antes do nascimento de Cristo, vv. 57-66. VI. O cântico de louvor de Zacarias, dando graças pelo nascimento de João, e esperando o nascimento de Jesus, vv. 67-79. VII. Um breve relato da infância de João Batista, v. 80. E estes versículos fazem mais do que nos propiciar uma narrativa interessante. Eles nos conduzem ao entendimento do mistério da divindade, Deus manifestado na carne.

O Prefácio do Evangelista

vv. 1-4

Prefácios e dedicatórias de saudação, a linguagem da adulação e o alimento e o combustível do orgulho, são com razão condenados pelos prudentes e bons, mas isto não necessariamente significa que aqueles que são úteis e instrutivos devam ser desvalorizados; este é o caso, pois aqui Lucas dedica o seu Evangelho ao seu amigo Teófilo, não na qualidade de seu benfeitor, embora ele fosse um homem de honra, para proteger este texto, mas na qualidade de seu aluno, para estudá-lo, e agarrar-se a ele. Não se sabe ao certo quem era este Teófilo; o nome quer dizer amigo de Deus; alguns pensam que não se refere a nenhuma palavra em particular, mas a todos os que são amigos de Deus; o Dr. Hammond menciona que alguns dos antigos mantêm para si esta interpretação; e então isto nos ensina, que aqueles que são verdadeiros amigos de Deus receberão de todo coração o Evangelho de Cristo, cujo desígnio e tendência é conduzir-nos a Deus. Mas deve-se entender que se trata de uma pessoa em particular, provavelmente um magistrado, pois Lucas lhe atribui o mesmo título de respeito com que Paulo se dirigiu a Festo, o governador, *kratiste* (At 26.25), que ali é traduzido como “potentíssimo Festo”, e aqui como “excelentíssimo Teófilo”. Observe que o Evangelho não destrói a civilidade e as boas maneiras, mas nos ensina, de acordo com os costumes no nosso país, a honrar aqueles a quem a honra é devida.

Observe aqui:

I Por que Lucas escreveu este Evangelho. É certo que ele foi levado pelo Espírito Santo, não somente às Escrituras, mas a escrever este precioso Evangelho. Mas, nos dois casos, ele foi conduzido como uma criatura racional, e não como uma mera máquina. Assim Lucas considerou:

1. Que as coisas sobre as quais ele escrevia eram coisas em que certamente todos os cristãos acreditavam, e, portanto, eram coisas sobre as quais eles deveriam ser instruídos, para que pudessem conhecer aquilo em que acreditavam, e eram coisas que seriam transmitidas à posteridade (pois então haveria tanto interesse nelas quanto agora); e, para tanto, tinham que estar registradas por escrito, que é a maneira mais segura de transmissão para as gerações futuras. Ele não escreveu sobre questões de controvérsias duvidosas, coisas sobre as quais os cristãos podem facilmente divergir uns dos outros e hesitar, mas sobre as coisas que são e devem ser cridas com segurança, *pragmata peplerophoremena – as coisas que foram realizadas* (segundo alguns), que Cristo e os seus apóstolos realizaram, e em circunstâncias tais de modo a fornecer uma garantia total de que foram realmente realizadas, de modo que alcançaram uma credibilidade estabelecida e duradoura. Observe que embora não seja a fundação da nossa fé, é uma base dela o fato de que os assuntos do nosso credo são coisas em que se crê há muito tempo. A doutrina de Cristo é algo pelo que milhares dos homens mais sábios e mais generosos arriscaram as suas almas com a maior certeza e satisfação.

2. Que era necessário que houvesse uma declaração ordenada destas coisas; que a história da vida de Cristo fosse organizada e colocada por escrito, para a maior certeza da sua transmissão. Quando as coisas estão organizadas, nós sabemos melhor onde encontrá-las para nosso próprio uso, e como conservá-las para benefício de outras pessoas.

3. Que havia muitos que se dedicaram a publicar narrativas sobre a vida de Cristo, muitas pessoas bem intencionadas, que tinham bons propósitos e agiam bem, e o que elas publicaram tinha sido bom, embora não tivesse sido feito sob inspiração divina, nem tão bem feito como poderia ter sido, e nem destinado à perpetuidade. Observe: (1) A obra dos outros no Evangelho de Cristo, se fiel e honesta, deve ser elogiada e incentivada, e não desprezada, ainda que possa ser acusada de muitas deficiências. (2) O serviço dos outros

a Cristo não deve ser considerado como excedente ao nosso, mas deve ser estimulado.

4. Que a verdade das coisas sobre as quais ele escrevesse, fosse confirmada pelo testemunho de concordância daqueles que eram testemunhas competentes e irrepreensíveis. Aquilo que já tinha sido publicado por escrito, e o que ele iria publicar agora, estava de acordo com aquilo que fora transmitido oralmente, repetidas vezes, por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e "ministros da palavra", v. 2. Observe: (1) Os apóstolos eram ministros da palavra de Cristo, que é a Palavra (assim alguns o interpretam), ou da doutrina de Cristo; eles, tendo-a recebido pessoalmente, ministravam-na a outros, 1 João 1.1. Eles não tinham um Evangelho para criar como mestres, mas um Evangelho para pregar como ministros. (2) Os ministros da palavra foram testemunhas oculares das coisas que pregavam, e, inclusive, testemunhas auditivas. Eles mesmos ouviram a doutrina de Cristo, e viram os seus milagres, e não os conheceram por informações, de segunda mão; e, portanto, eles não podiam deixar de contar, com a maior certeza, as coisas que tinham visto e ouvido, Atos 4.20. (3) Eles eram testemunhas desde o princípio do ministério de Cristo, v. 2. Jesus tinha os seus discípulos ao seu lado quando realizou o seu primeiro milagre, João 2.11. Eles o acompanharam todo o tempo em que Ele entrou e saiu entre eles (At 1.21), de modo que não somente ouviram e viram tudo o que bastava para lhes confirmar a sua fé, mas, se houvesse alguma coisa que a perturbasse, eles teriam tido oportunidade para descobrir. (4) O Evangelho escrito, que nós temos até os nossos dias, concorda exatamente com o Evangelho que foi pregado nos primeiros dias da igreja. (5) Que ele mesmo tinha uma perfeita compreensão das cosias sobre as quais escreveu, desde o início, v. 4. Alguns pensam que aqui está uma reflexão tácita sobre aqueles que tinham escrito antes dele, pelo fato de que eles não tinham uma compreensão perfeita das coisas que tinham escrito e, portanto, "Eis-me aqui, envia-me a mim" – *facit indignatio versum – a minha ira impele a minha pena*; ou, sem refletir sobre eles, Lucas assevera a sua própria capacidade para esta missão: "Pareceu-me também a mim conveniente… havendo-me já informado minuciosamente de tudo", *anothen – do alto*; assim eu penso que deve ser traduzido; pois se ele tivesse querido dizer a mesma coisa com "desde o princípio" (v. 2), como a nossa tradução dá a entender, ele teria usado a mesma palavra. [1] Ele tinha diligentemente

investigado estas coisas, tinha se “informado minuciosamente” (esta é a palavra), assim como se diz que os profetas do Antigo Testamento “inquiriram e trataram diligentemente”, 1 Pedro 1.10. Ele não tinha aceitado as coisas tão facilmente e superficialmente como outros que escreveram antes dele, mas dedicara-se a se informar sobre os detalhes. [2] Ele tinha recebido seu conhecimento, não somente por tradição, como outros, mas por revelação, confirmando a tradição, e assegurando que ele estaria livre de qualquer erro ou engano no seu registro. Ele buscou o conhecimento no alto (é o que a palavra dá a entender), e de lá ele o obteve; assim, como Eliú, que “de longe” buscou o seu “conhecimento” (veja Jó 36.3, versão RA). Ele escreveu sua história da mesma maneira como Moisés escreveu a dele, sobre as coisas transmitidas pela tradição, mas confirmadas pela inspiração. [3] Portanto, uma vez que ele havia se “informado minuciosamente”, ele tinha uma perfeita compreensão destas coisas. Ele as conhecia *akribos – com precisão*, com exatidão. “Tendo recebido o conhecimento do alto, me pareceu conveniente transmiti-lo”, pois um talento como este não deve ser enterrado.

II Observe por que Lucas enviou o Evangelho a “Teófilo”: Eu lhe escrevi estas coisas não para que você possa dar reputação ao trabalho, mas para que você possa ser edificado por ele, (v. 4): “Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado.” 1. Está implícito que Teófilo fora instruído sobre estas coisas, antes do seu batismo, ou logo depois, ou ambas as hipóteses, de acordo com a lei, Mateus 28.19,20. Provavelmente Lucas o batizara, e sabia o quão instruído ele estava; *peri hon katechethes – a respeito daquilo com que você foi catequizado*; esta é a palavra; os cristãos de maior conhecimento começavam sendo catequizados (ou discipulados). Teófilo era uma pessoa de qualidade, talvez de família nobre; e mais esforços devem ser empreendidos com tais pessoas quando são jovens, para ensiná-las os princípios dos oráculos de Deus, para que possam ser fortalecidas contra as tentações, e capacitadas para as oportunidades, sim, aos que têm uma elevada condição no mundo. 2. A intenção era que ele conhecesse a certeza destas coisas, compreendendo-as mais claramente e crendo mais firmemente. Existe uma certeza no Evangelho de Cristo, existe algo sobre o que podemos edificar; e aqueles que são bem instruídos nas coisas de Deus quando são jovens, mais tarde devem procurar diligentemente conhecer a certeza de tais

coisas – conhecer não somente aquilo em que cremos, mas saber por que cremos nisto, para que possam ser capazes de dar “a razão da esperança” que há em nós.

A Aparição de um Anjo a Zacarias. A Predição do Nascimento de João Batista. A Incredulidade de Zacarias

vv. 5-25

Os dois evangelistas anteriores concordaram em iniciar o Evangelho com o batismo de João, e o seu ministério, que teve início cerca de seis meses antes do ministério público do nosso Salvador (e agora, quando as coisas se aproximavam de uma crise, seis meses era muito tempo, ao passo que antes era muito pouco); e por isto este evangelista, desejando fornecer um relato mais particular daquilo que tinha sido revelado a respeito da concepção e do nascimento do nosso Salvador, decide fazer isto desde a concepção e o nascimento de João Batista, que nos dois aspectos foi o seu precursor e o seu arauto, uma estrela da manhã para o Sol da Justiça. O evangelista decide isto, não somente porque normalmente se considera satisfatório e interessante conhecer algo sobre a origem e os primeiros dias daqueles que posteriormente provam ser grandes homens, mas também porque, no início da história destes dois, houve muitas coisas milagrosas, e presságios daquilo que mais tarde foi comprovado. Nestes versículos, o nosso inspirado historiador começa já na concepção de João Batista. Observe aqui:

I A informação dos seus pais (v. 5): Eles viveram “no tempo de Herodes, rei da Judéia”, que era um estrangeiro e representante dos romanos que, recentemente, fizeram da Judéia uma província do império. Esta observação é importante para mostrar que o cetro já estava fora de Judá, e, portanto, era o momento da vinda de Siló, de acordo com a profecia de Jacó, Gênesis 49.10. A família de Davi tinha desaparecido, e agora deveria ressurgir, e florescer novamente, no Messias. Observe que ninguém deve perder a esperança de que o Evangelho reviva e floresça, mesmo quando as liberdades civis estão perdidas. A nação de Israel estava escravizada, e então surge a glória de Israel.

O pai de João Batista era um sacerdote, um filho de Arão. Seu nome era “Zacarias”. Nenhuma família no mundo foi tão honrada por Deus quanto as de Arão e de Davi. Com uma, foi celebrado o concerto do sacerdócio; com a outra, o da realeza. Ambas haviam perdido esta honra, mas, ainda assim, o Evangelho novamente honra as duas, nos seus últimos dias. A de Arão, em João Batista; e a de Davi, em Cristo. E, logo depois, ambas se extinguiram e desapareceram. Cristo pertencia à casa de Davi; e seu precursor, à de Arão, pois seu serviço e sua influência sacerdotais abriram caminho para a autoridade e dignidade reais de Cristo. Este Zacarias era “da ordem de Abias”. Quando, na época de Davi, a família de Arão multiplicou-se, ele a dividiu em vinte e quatro ordens para a realização regular dos trabalhos, para que eles nunca pudessem ser negligenciados por falta de sacerdotes, ou absorvidos por alguns poucos. A oitava destas ordens era a de Abias (1 Cr 24.10), que descendia de Eleazar, o filho mais velho de Arão; mas o Dr. Lightfoot sugere que muitas das famílias dos sacerdotes se perderam no cativeiro, de modo que depois do seu retorno, outras assumiram o seu lugar, conservando os nomes dos chefes das ordens respectivas. A esposa deste Zacarias era também uma das filhas de Arão, e o seu nome era “Isabel”, o mesmo nome de “Eliseba”, mulher de Arão, Êxodo 6.23. Os sacerdotes (segundo Josefo) eram muito cuidadosos em se casar com alguém da sua própria família, para que pudessem conservar a dignidade do sacerdócio, sem qualquer mistura.

O que se observa a respeito de Zacarias e Isabel é:

1. Que eles formavam um casal muito religioso e temente a Deus (v. 6): “Eram ambos justos perante Deus”; eles eram justos aos olhos de Deus, cujo julgamento, nós temos certeza, “é segundo a verdade”; eles eram justos, sinceramente e realmente. Eles eram realmente tão justos aos olhos de Deus, quanto Noé era, na sua geração, Gênesis 7.1. Eles estavam de acordo com Ele, e Ele se alegrava graciosamente de aceitá-los. É uma felicidade quando aqueles que se unem pelo matrimônio também estão unidos ao Senhor; e é especialmente necessário que os sacerdotes, os ministros do Senhor, sejam, com os seus cônjuges, “justos perante Deus”, para que sirvam de “exemplo ao rebanho”, e alegrem seus corações. Eles viviam “irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor”. (1) O fato de que eram “justos perante Deus” se evidenciava pelo curso e pelo teor das suas condutas; eles demonstravam isto, não pelo que diziam, mas pelas suas

obras; pelo caminho no qual andavam, e pela lei que seguiam. (2) Eles eram da mesma espécie, pois estavam de acordo nas suas devoções e nas suas condutas. Eles andavam não somente de acordo com as cerimônias do Senhor, que estavam relacionadas à adoração divina, mas com os mandamentos do Senhor, que estão relacionados com todos os exemplos de boa conduta, e devem ser considerados. (3) Eles eram universais na sua obediência – não que nunca tivessem deixado de realizar o seu dever, mas estavam em constante cuidado e empenho para realizá-lo. (4) Portanto, embora eles não deixassem de ter pecado, eram, apesar disto, irrepreensíveis; ninguém poderia acusá-los de nenhum pecado declarado e escandaloso; eles viviam de maneira honesta e inofensiva, como os ministros e as suas famílias devem procurar viver, de uma maneira especial, para que o ministro não seja alvo de repreensão.

2. Que eles tinham sido um casal sem filhos, por muito tempo, v. 7. “Os filhos são uma herança do Senhor”. Mas há muitos dos seus herdeiros casados aos quais esta herança é negada. Os filhos são bênçãos valiosas e desejáveis; mas muitos dos que são justos perante Deus, se tivessem filhos, não os criariam no temor a Ele, e por isto não recebem esta benção, ao passo que os homens “mundanos” se “fartam de filhos” (Sl 17.14, versão RA), e “fazem sair as suas crianças como a um rebanho”, Jó 21.11. Isabel era estéril, e eles começaram a achar que nunca teriam filhos, pois ambos eram “avançados em idade”. Muitas mulheres bem mais jovens do que Isabel já não eram mais férteis, e já haviam deixado de procriar. Muitas pessoas eminentes nasceram de mães que passaram muito tempo sem ter filhos, como, por exemplo, Isaque, Jacó, José, Sansão, Samuel, e aqui também João Batista, o que tornou o seu nascimento ainda mais notável e uma bênção ainda mais valiosa para os seus pais; e para mostrar que quando Deus faz com que o seu povo espere muito tempo pela misericórdia, às vezes Ele se alegra por recompensá-lo pela sua paciência, dobrando o valor da bênção quando ela finalmente vem.

II A aparição de um anjo ao seu pai, Zacarias, quando estava ministrando no templo, vv. 8-11. Zacarias, o profeta, foi o último personagem do Antigo Testamento que conversou com anjos, e Zacarias, o sacerdote, o primeiro, no Novo Testamento. Observe:

1. Zacarias trabalhava a serviço de Deus (v. 8). Ele “exercia o sacerdócio, diante de Deus, na ordem da sua turma”; era a sua semana de trabalho, e ele estava trabalhando. Embora a sua família não estivesse formada, nem crescendo, ainda assim ele tinha a consciência de realizar o trabalho no seu próprio lugar e dia. Mesmo que não obtenhamos as bênçãos desejadas, ainda assim devemos realizar os trabalhos a nós atribuídos, e, na nossa realização diligente e constante, poderemos esperar que a misericórdia e o consolo virão, afinal. Coube a Zacarias oferecer o incenso pela manhã e à noite, pois aquela era a sua semana de trabalho, assim como a outros sacerdotes foram atribuídos outros trabalhos, da mesma maneira. Os trabalhos eram distribuídos por sorte, para que alguns não pudessem recusá-los e outros absorvê-los, e para que, tendo vindo do Senhor a distribuição, eles pudessem ter a satisfação de um chamado divino ao trabalho. Esta não era a queima de incenso do sumo sacerdote no dia da expiação, como alguns equivocadamente imaginaram, pensando, com isto, descobrir a época do nascimento do nosso Salvador; mas está claro que era a queima do incenso diário no “altar do incenso” (v. 11), que ficava “no templo” (v. 9), e não no lugar santíssimo, onde entrava o sumo sacerdote. Os judeus dizem que o mesmo sacerdote não queimava o incenso duas vezes todos os dias que lhe cabiam (havia muitos deles), pelo menos, nunca dentro da mesma semana. É muito provável que este fosse um sábado, porque havia uma “multidão” presente (v. 10), o que normalmente não acontecia em um dia de semana, e assim Deus honra o seu próprio dia. E mesmo que o Dr. Lightfoot conclua, com a ajuda dos calendários judeus, que esta ordem de Abias caía no décimo sétimo dia do terceiro mês, o mês Sivã, que corresponde a parte do mês de maio e parte do de junho, é bom que se observe que as passagens da lei e dos livros dos profetas que eram lidos, neste dia, nas sinagogas, estavam completamente de acordo com o que se estava fazendo no templo; especificamente, a lei dos nazireus (Nm 6), e a concepção de Sansão, Juízes 13.

Enquanto Zacarias estava oferecendo incenso dentro do templo, “toda a multidão do povo estava fora, orando”, v. 10. O Dr. Lightfoot diz que estavam constantemente no templo, à hora da oração, os sacerdotes da turma que servia então; e, se fosse sábado, estariam também aqueles da turma que tinha servido na semana anterior, e os levitas que serviam sob a coordenação dos sacerdotes, e os homens do posto, como eram chamados pelos rabinos,

que eram os representantes do povo, para impor as suas mãos sobre os sacrifícios, e muitos, além disto, movidos pela devoção, deixavam os seus trabalhos seculares, naquela ocasião, para estar presentes ao serviço a Deus. Todos eles formavam uma grande multidão, especialmente aos sábados e nos dias festivos. Todos eles oravam pelos seus sacrifícios (uma oração mental, pois a sua voz não era ouvida), quando, pelo soar de um sino, eles tomavam conhecimento de que o sacerdote tinha entrado para oferecer incenso. Observe aqui: (1) Que o verdadeiro Israel de Deus sempre foi um povo de oração; e a oração é a grande e principal parte do serviço pelo qual nós honramos a Deus, recebemos os seus favores e conservamos a nossa comunhão com Ele. (2) Que quando os rituais e cerimoniais estão acontecendo em toda a sua força, como neste caso, em que estavam oferecendo incenso, os deveres morais e espirituais devem acompanhá-los, sendo especialmente observados. Davi sabia que quando estivesse longe do altar, a sua oração poderia ser ouvida sem o incenso, pois podia ser apresentada diante de Deus como o incenso, Salmos 141.2. Mas, quando estivesse perto do altar, o incenso não poderia ser aceito sem a oração, pois isto seria semelhante a uma casca sem o seu conteúdo. (3) Que não é suficiente que nós estejamos onde Deus é adorado, se os nossos corações não acompanharem a adoração, e não acompanharem o ministro, em todas as partes do serviço. Ainda que ele queime tão bem o incenso, na oração mais pertinente, ponderada e vivaz, se nós não estivermos, ao mesmo tempo, orando em concordância com ele e de conformidade com ele, de que isto nos servirá? (4) Todas as orações que oferecemos a Deus, na sua casa, são aceitáveis e bem sucedidas, somente em virtude do incenso da intercessão de Cristo no templo de Deus, no alto. Parece haver uma alusão a este costume no serviço do templo (Ap 8.1,3,4), pois lemos que se fez silêncio no céu, assim como no templo, por quase meia hora, enquanto as pessoas estavam silenciosamente elevando os seus corações a Deus em oração, e que apareceu um anjo, o anjo do concerto, que ofereceu muito incenso com as orações de todos os santos diante do trono. Não poderemos nos beneficiar da intercessão de Cristo se não orarmos, e se não orarmos em nosso espírito, e continuarmos perseverando na oração. Nem podemos esperar que a melhor das nossas orações obtenha aceitação e traga uma resposta de paz, exceto pela mediação de Cristo, que vive para sempre, intercedendo por nós.

2. Quando estava trabalhando, Zacarias foi honrado com a presença de um mensageiro, um mensageiro especial, enviado a ele, vindo do céu (v. 11): “Um anjo do Senhor lhe apareceu”. Alguns observam que nós nunca lemos sobre um anjo aparecendo no templo, com uma mensagem de Deus, exceto este único, para Zacarias, porque Deus tinha outras maneiras de dar a conhecer a sua vontade, como Urim e Tumim, e por uma voz suave que saía entre os querubins; mas a arca e o oráculo não estavam no segundo templo, e, por isto, quando uma mensagem precisou ser enviada a um sacerdote do Templo, um anjo foi empregado para fazê-lo, e deste modo o Evangelho devia ser apresentado, pois ele, como a lei, foi entregue, a princípio, pelo ministério dos anjos, sobre cuja aparição nós lemos nos Evangelhos e no Livro de Atos. Mas o desígnio, tanto da lei quanto do Evangelho, trazido à perfeição, era estabelecer outro meio de correspondência, mais espiritual, entre Deus e o homem. Este anjo ficou “em pé, à direita do altar do incenso”, no seu lado norte – segundo o Dr. Lightfoot, à direita de Zacarias; compare com Zacarias 3.1, onde Satanás estava à direita de Josué, o sumo sacerdote, para se opor a ele; mas Zacarias tinha um anjo bom em pé, à sua direita, para encorajá-lo. Alguns pensam que este anjo apareceu, vindo do lugar santíssimo, o que o levou a estar em pé à direita do altar.

3. A impressão que a visita do anjo causou em Zacarias (v. 12): Quando Zacarias o viu, ficou muito surpreso, até chegou a sentir terror, pois “turbou-se, e caiu temor sobre ele”, v. 12. Embora ele fosse “justo perante Deus”, e irrepreensível na sua conduta, ainda assim ele não pôde deixar de sentir apreensão ao ver alguém cuja aparência e brilho adjacente evidenciava ser mais do que humano. Desde que o homem pecou, a sua mente é incapaz de suportar a glória de tais revelações e a sua consciência tem medo das más notícias que tais revelações lhe trazem; nem mesmo o próprio Daniel pôde suportá-la, Daniel 10.8. Por esta razão, Deus decide se comunicar conosco por meio de homens como nós mesmos, cujo terror não nos provocará medo.

III A mensagem que o anjo tinha para lhe transmitir, v. 13. Ele começou a sua mensagem, de uma maneira como os anjos normalmente o faziam, utilizando a expressão “Não temas”. Talvez Zacarias nunca tivesse tirado a sorte de queimar incenso antes; e, sendo um homem muito sério e consciencioso, podemos imaginá-lo cheio de atenção para fazê-lo bem, e talvez, quando viu o anjo, ele tivesse sentido medo de que o anjo tivesse

vindo para censurá-lo por algum engano ou falha; “Não”, diz o anjo, “não tenha medo, eu não lhe trago más notícias do céu”. Não tenha medo, mas acalme-se, mantenha um espírito equilibrado e sereno para receber a mensagem que eu tenho para lhe transmitir. Vejamos de que se trata.

1. As orações que ele sempre fazia, agora receberiam uma resposta de paz: “Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida”. (1) Se o anjo se refere particularmente à oração por um filho, para formar a sua família, devem ser as orações que Zacarias tinha feito anteriormente, pedindo esta bênção, na época em que ainda podia ter filhos; mas podemos supor que, como agora ele e sua mulher já tinham uma idade avançada, eles tivessem desistido de esperar por um filho, e tivessem deixado de orar pedindo esta bênção. Como naquela situação vivida entre o Senhor Deus e Moisés, a eles já lhes bastava, e não falaram mais a Deus sobre este assunto, Deuteronômio 3.26. Mas Deus, agora, ao conceder esta bênção, volta a considerar as orações que Zacarias tinha feito por tanto tempo, pela sua esposa, e com ela, assim como Isaque, pela sua, e com ela, Gênesis 25.21. Observe que as orações dos crentes são arquivadas no céu, e não são esquecidas, ainda que aquilo pelo que se ora não seja imediatamente concedido. As orações feitas quando somos jovens e recém chegados ao mundo podem ser atendidas quando estivermos velhos, e prestes a deixar o mundo. Mas: (2) Se o anjo se refere às orações que Zacarias estava fazendo agora, e oferecendo com este incenso, podemos supor que elas estivessem de acordo com o seu dever neste lugar, pelo Israel de Deus e pelo seu bem estar, e pelo cumprimento das promessas que lhes feitas a respeito do Messias e da vinda do seu reino: “A tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho”, que será o precursor do Messias. Alguns dos próprios autores judeus dizem que o sacerdote, ao queimar o incenso, orava pela salvação de todo o mundo; e agora esta oração seria ouvida. Ou: (3) De modo geral, “As orações que você faz agora, e todas as suas orações, são aceitas por Deus, e formam um memorial diante dele” (como o anjo disse a Cornélio, quando o visitou em oração, Atos 10.30,31); “e este é o sinal de que você é aceito por Deus, Isabel dará à luz um filho”. Observe que é um grande consolo, para as pessoas que oram, saber que as suas orações são ouvidas; e são duplamente doces as bênçãos que são dadas em resposta a uma oração.

2. Ele terá um filho, na sua adiantada idade. Ele o terá com Isabel, sua esposa, que tinha sido estéril durante tanto tempo, para que por este

nascimento que estava próximo de ser milagroso, as pessoas pudessem ser preparadas para receber e crer no nascimento de um bebê de uma virgem, que era algo completamente milagroso. Ele recebe as instruções quanto ao nome que deve dar ao seu filho: “E lhe porás o nome de João”; em hebraico, Johanan, um nome que encontramos freqüentemente no Antigo Testamento: que quer dizer gracioso. Os sacerdotes devem suplicar “o favor de Deus” (Ml 1.9), e abençoar o povo, Números 6.25. Zacarias estava agora orando assim, e o anjo lhe diz que a sua oração foi ouvida, e ele terá um filho, que, como símbolo de que a sua oração foi ouvida, ele deverá chamar Gracioso, ou, o Senhor será gracioso, Isaías 30.18,19.

3. Este filho será a alegria da sua família e de todos os seus parentes, v. 14. Ele será outro Isaque, o seu riso; e alguns pensam que esta é, pelo menos em parte, a intenção do seu nome, João. Ele será uma criança bem-vinda. “Terás prazer e alegria”. Observe que as bênçãos que foram esperadas durante muito tempo, quando vêm, por fim, são ainda mais agradáveis. “Ele será um filho no qual você terá alegrias. Muitos pais, se pudessem prever como serão os seus filhos, em lugar de se alegrarem com o seu nascimento, desejariam que eles nunca tivessem nascido; mas Eu lhe digo como será o seu filho, e então você não precisará se alegrar com tremor no seu nascimento, como os melhores precisam fazer, mas poderá se alegrar com triunfo”. E “muitos se alegrarão no seu nascimento”; todos os parentes se alegrarão, e todos os que desejam o bem da família, porque ele virá para a honra e o consolo da família, v. 58. Todas as pessoas boas irão se alegrar pelo fato de que um casal tão temente a Deus como Zacarias e Isabel terá um filho, porque eles lhe darão uma boa educação, e assim se poderá esperar que o menino se torne uma bênção pública à sua geração. E talvez muitos se alegrem por um instinto inexplicável, como um presságio dos dias alegres que o Evangelho trará.

4. Este filho será um favorito distinto do céu, e uma bênção distinta para a terra. A honra de ter um filho não é nada em comparação com a honra de ter um filho como este.

(1) Ele “será grande diante do Senhor”. São verdadeiramente grandes aqueles que o são aos olhos de Deus, não aqueles que o são aos olhos de um mundo vão e carnal. Deus o manterá continuamente diante do seu rosto, o empregará a seu serviço e o enviará nas suas missões; e isto fará com que ele seja verdadeiramente grande e honorável. Ele será “um profeta... muito mais

do que profeta", e neste sentido, considerando todos aqueles que são nascidos de mulher, não apareceu alguém maior do que João Batista, Mateus 11.11. Ele viverá muito afastado do mundo, fora da vista do homem, e quando fizer uma aparição pública, será muito humilde; mas ele será muito importante, e será grande diante do Senhor.

(2) Ele será um nazireu, consagrado a Deus, separado de tudo o que contamina; como símbolo disto, de acordo com a lei dos nazireus, ele "não beberá vinho, nem bebida forte" – ou, melhor, nem vinho velho nem novo, pois muitos opinam que a palavra aqui traduzida como bebida forte significa algum tipo de vinho, talvez aqueles que nós chamados de "vinho caseiro" ou qualquer outra bebida intoxicante. Ele será como foi Sansão, pelo preceito divino (Jz 13.7), e Samuel, pelo voto da sua mãe (1 Sm 1.11), um nazireu durante toda a sua vida. É mencionado como um grande exemplo da graça de Deus ao seu povo, o fato de que Ele dentre seus filhos levantasse profetas e dentre os seus jovens, nazireus (Am 2.11), como se aqueles que eram designados para ser profetas fossem treinados sob a disciplina dos nazireus; Samuel e João Batista o foram; o que dá a entender que aqueles que desejam ser eminentes servos de Deus, e empregados em serviços eminentes, devem aprender a levar uma vida de autonegação e mortificação, devem estar mortos para os prazeres da carne, e devem conservar as suas mentes afastadas de tudo o que as escurece e perturba.

(3) Ele será abundantemente capacitado e qualificado para estes grandes e eminentes serviços aos quais, no devido tempo, será chamado: "será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe", e assim que for possível manifestar-se-á deste modo. Observe: [1] Aqueles que desejam ser cheios do Espírito Santo precisam ser temperantes, e não devem ser dados ao uso de vinho e bebidas fortes, pois a moderação e o equilíbrio são as virtudes que os tornam adequados para a comunhão com Deus. "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Efésios 5.18. [2] É possível que o Espírito Santo trabalhe nas crianças, mesmo desde o útero das suas mães, pois João Batista, mesmo então, estava cheio do Espírito Santo, que tomou posse do seu coração desde cedo; e vemos um exemplo precoce disto quando ele saltou no ventre de sua mãe, de alegria, pela aproximação do Salvador. Posteriormente ele pareceu ter sido santificado desde pequeno. Deus tinha prometido derramar o seu precioso Espírito sobre a posteridade dos crentes (Is 44.3), e a evidência de uma dedicação de si mesmos a Deus,

tão cedo, é o fruto desta grande bênção, Isaías 44.4, 5. Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes adolescentes que nós sabemos que também receberam, como nós, o Espírito Santo (At 10.47), e têm a semente da graça semeada em seus corações? Porém quanto a muitos adultos nada podemos garantir; veja, por exemplo, o caso de Simão, o mágico.

(4) Ele será um importante instrumento para a conversão de muitas almas a Deus, e para prepará-las para receber e aceitar o Evangelho de Cristo, vv. 16,17.

[1] Ele será enviado aos "filhos de Israel", à nação dos judeus, a quem o Messias também foi enviado em primeiro lugar, e não aos gentios; a toda a nação, e não somente à família dos sacerdotes, com os quais, embora ele mesmo pertencesse àquela família, não vemos que tivesse qualquer intimidade ou influência em particular.

[2] Ele irá adiante do Senhor, seu Deus, isto é, adiante do Messias, que eles esperavam que fosse, não o seu Rei, no sentido em que se entendia normalmente, um príncipe temporal para a sua nação, mas o seu Senhor e o seu Deus, para governá-los e defendê-los, e para ajudá-los de uma maneira espiritual, pela sua influência nos seus corações. Tomé sabia disto – quando disse a Cristo, "Senhor meu, e Deus meu!" – melhor do que Natanael, que disse, "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel". João irá adiante dele, um pouco antes dele, para anunciar a sua chegada, e para preparar as pessoas para recebê-lo.

[3] Ele irá "no espírito e poder de Elias". Isto é, em primeiro lugar, Ele será um homem como Elias foi, e fará o trabalho que Elias fez – irá, como ele, pregar a necessidade de arrependimento e transformação para uma geração muito corrupta e degenerada – irá, como ele, ser corajoso e zeloso ao reprovar o pecado e dar testemunho contra ele até mesmo para os maiores, e será odiado e perseguido por isto por um Herodes e sua Herodias, assim como Elias foi odiado e perseguido por um Acabe e sua Jezabel. Ele será conduzido, no seu trabalho, como Elias foi, pelo Espírito e poder divinos, que irão coroar seu ministério de maravilhoso êxito. Assim como Elias seguiu adiante dos profetas autores do Antigo Testamento, e fez com que se iniciasse aquele período notável da dispensação do Antigo Testamento, com um pequeno escrito (2 Cr 21.12), também João Batista seguiu adiante de Cristo e seus apóstolos, e iniciou a dispensação do Evangelho pregando a

essência da doutrina e a responsabilidade das pessoas para com o Evangelho: “Arrependei-vos”. Esta importante mensagem visava conduzir as pessoas ao reino do céu. Em segundo lugar, ele será aquela mesma pessoa que foi profetizada por Malaquias, sob o nome de Elias (Ml 4.5), que seria enviada antes do dia do Senhor. “Eis que eu vos envio o profeta Elias”, não “Elias, o tisbita” (como a versão Septuaginta, corrompida, apresenta, para favorecer as tradições dos judeus), mas um profeta “no espírito e virtude de Elias”, como o anjo aqui explica.

[4] Ele “converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus”, irá predispor os seus corações para que recebam o Messias, e lhe dêem as boas-vindas, despertando neles um sentimento do pecado e um desejo de justiça. Tudo aquilo que tiver a tendência de verdadeiramente nos afastar da iniqüidade – como, por exemplo, a pregação e o batismo de João – nos conduzirá a Cristo, como nosso Senhor e nosso Deus; pois aqueles que, pela graça, são transformados para se livrarem do jugo do pecado, isto é, do domínio do mundo e da carne, em breve serão persuadidos a tomar sobre si o jugo do Senhor Jesus.

[5] Ele converterá “o coração dos pais aos filhos”, isto é, o coração dos judeus aos gentios; ajudará a derrotar os preconceitos arraigados que os judeus têm contra os gentios – o que foi feito pelo Evangelho, que prevaleceu, e foi iniciado por João Batista. João veio como uma testemunha para que todos, por meio dele, pudessem crer. Ele batizava e ensinava os soldados romanos tanto quanto os judeus fariseus, curava o orgulho e a confiança daqueles judeus que se gloriavam de ter Abraão como seu pai, e lhes dizia que mesmo das pedras Deus poderia suscitar filhos a Abraão (Mt 3.9), o que tencionava curar a inimizade deles em relação aos gentios. O Dr. Lightfoot observa: Os profetas constantemente se referem à igreja dos gentios como filhos da igreja dos judeus, Isaías 54.5,6,13; 60.4,9; 62.5; 66.12. Quando os judeus, que aceitavam a fé em Cristo, fossem trazidos à comunhão com os gentios que também aceitaram ao Senhor, então o coração dos pais se converteriam aos filhos. E ele “os rebeldes, à prudência dos justos”, isto é, ele irá apresentar o Evangelho, pelo qual, os gentios, que agora são desobedientes e rebeldes, se converterão, não aos seus pais, os judeus, mas à fé em Cristo, aqui chamada de “prudência dos justos,” em comunhão com os judeus crentes; ou, Ele converterá “o coração dos pais aos filhos”, isto é, os corações dos velhos e dos jovens, será essencial para trazer

pessoas de todas as idades para que sejam tementes a Deus, para que trabalhem em uma grande reforma na igreja judaica, para removê-los de uma religião tradicional e de rituais, onde eles tinham estado, trazendo-os a uma vida substancial e séria com Deus. E o resultado disto será que os inimigos serão mortos e a discórdia terminará, e aqueles que estão em posições divergentes, sendo unidos por este batismo, se reconciliarão uns com os outros. Isto está de acordo com o relato que Josefo faz de João Batista, em *Antiq.*, liv. 18, cap. 7: “Ele era um bom homem, e ensinava aos judeus o exercício da virtude, da piedade em relação a Deus, e da justiça de uns para com os outros, e que eles deveriam se congregar e se unir através do batismo”. Josefo também disse: “As pessoas o seguiam, e se deleitavam extremamente com a sua doutrina”. Assim ele converteu os corações dos pais e dos filhos a Deus, e uns para com os outros, convertendo os rebeldes à prudência dos justos. Em primeiro lugar observe que a verdadeira religião é a sabedoria dos homens justos, diferentemente da sabedoria do mundo. Sermos religiosos é, ao mesmo tempo, a nossa sabedoria e o nosso dever; nisto existe tanto eqüidade quanto prudência. Em segundo lugar, não é possível que apenas aqueles que foram descrentes e desobedientes possam converter-se à prudência dos justos, a graça divina pode derrotar a maior ignorância e o maior preconceito. Em terceiro lugar, o grande desígnio do Evangelho consiste em trazer as pessoas de volta a Deus, e aproximá-las, umas das outras, e com esta missão João Batista foi enviado. Na menção que é feita por duas vezes, do fato de que ele convertia as pessoas, parece haver uma alusão ao nome tisbita, que é dado a Elias, e que, segundo a opinião de alguns, não indica a região ou cidade de sua origem, mas tem um significado designativo. Portanto, a tradução seria Elias, o “convertedor”, alguém que era muito usado, e com muito êxito, no trabalho de conversão. Diz-se, portanto, que o Elias do Novo Testamento converteu muitos, ou fez com que muitos se voltassem ao Senhor, seu Deus.

[6] Desta maneira, ele preparará “um povo bem disposto” para o Senhor, disporá corretamente o pensamento das pessoas para que recebam a doutrina de Cristo, para que possam estar preparadas para os consolos da sua vinda. Em primeiro lugar, observe que todos os que desejam se dedicar ao Senhor, e ser felizes nele devem ser primeiramente preparados e dispostos para Ele. Nós devemos ser preparados pela graça do Senhor, neste mundo, para a glória que haverá no mundo porvir. Ou seja, devemos passar dos terrores da

lei para os consolos do Evangelho; e do espírito de escravidão para o Espírito de adoção. Em segundo lugar, nada tem uma tendência mais direta para preparar as pessoas para Cristo do que a doutrina do arrependimento, que precisa ser recebida e obedecida. Quando o pecado se mostra extremamente doloroso, Cristo se mostra extremamente precioso.

IV A descrença de Zacarias sobre a predição do anjo, e a punição que ele recebeu por esta descrença. Ele ouviu tudo o que o anjo tinha a dizer, e deveria ter curvado a sua cabeça e adorado ao Senhor, dizendo, “Eis aqui o servo do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra”; mas não foi isto que aconteceu. Aqui vemos:

1. O que disse Zacarias em sua incredulidade, v. 18. “Disse, então, Zacarias ao anjo: Como saberei isso?” Este não era um humilde pedido para a confirmação da sua fé, mas uma objeção irritante contra aquilo que lhe tinha sido dito, que era completamente inacreditável; como se ele dissesse, “Não há como me fazer crer nisto”. Ele não podia deixar de perceber que era um anjo que tinha falado com ele; a mensagem transmitida tinha uma referência às profecias do Antigo Testamento, trazendo consigo muitas evidências. Há muitos exemplos, no Antigo Testamento, de pessoas que tiveram filhos quando já tinham idade avançada, e ainda assim Zacarias não pôde crer que teria este filho da promessa: “Pois eu já sou velho, e minha mulher”, não somente foi estéril durante toda a sua vida, mas agora também está “avançada em idade”, e não é provável que venha a ter filhos. Portanto, ele precisa ter um sinal, caso contrário, não acreditará. Embora a aparição de um anjo, que não era usada há muito tempo na igreja, fosse sinal suficiente, embora ele tivesse recebido esta notícia no templo, no lugar dos oráculos de Deus, onde ele teria razão para pensar que nenhum anjo mau pudesse aparecer a ninguém, embora isto lhe tivesse sido dito quando ele estava orando e oferecendo incenso, e embora uma fé firme naquele grande princípio da religião de que Deus é todo poderoso, e que para Ele nada é impossível (o que nós devemos não apenas saber, mas também ensinar aos outros), fosse suficiente para calar todas as objeções, ainda assim, considerando o seu próprio corpo e considerando demais o da sua esposa, diferentemente do caso do filho de Abraão, ele “duvidou da promessa”, Romanos 4.19,20.

2. Como a sua incredulidade foi silenciada, e como ele se calou por causa dela.

(1) O anjo o faz calar-se, confirmando a sua autoridade. Zacarias pergunta, “Como saberei isto?” Que ele saiba pelo seguinte: “Eu sou Gabriel”, v. 19. o anjo dá o seu nome à sua profecia, como se a assinasse com a sua própria mão, *teste meipso – você tem a minha palavra*. Algumas vezes os anjos se recusam a dizer os seus nomes, como o anjo que apareceu a Manoá e sua esposa; mas este anjo disse prontamente, “Eu sou Gabriel”, o que quer dizer mensageiro de Deus, ou homem de Deus, dando a entender que o Deus que lhe deu permissão para dizer isto era capaz de cumpri-lo. Ele também se dá a conhecer pelo nome para esclarecer as novidades sobre a vinda do Messias, enviadas a Daniel pelo “varão Gabriel”, Daniel 8.16; 9.21. “Eu sou o mesmo que foi enviado naquela ocasião, e agora sou enviado com a mesma intenção”. Eu sou Gabriel, que “assisto diante de Deus”, um assistente imediato do trono de Deus. Os primeiros ministros de estado, na corte persa, são descritos como os “que viam a face do rei”, Ester 1.14. “Embora eu esteja falando com você, aqui, eu permaneço na presença de Deus. Eu sei que Ele tem os olhos sobre mim, e não ouso dizer mais do que tenho permissão para dizer. Mas eu declaro que “fui enviado a falar-te”, com o objetivo de “dar-te estas alegres novas”, que, sendo tão dignas de toda a aceitação, você deveria receber com alegria.

(2) O anjo realmente o faz calar-se, exercendo o seu poder: Para que não possa mais objetar, você ficará mudo, v. 20. Se você precisa ter um sinal para sustentar a sua fé, será um sinal que também será uma punição pela sua descrença: “Ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que estas coisas aconteçam”, v. 20. Você ficará mudo e também surdo, pois a mesma palavra significa a mesma coisa, e fica claro que juntamente com a sua fala ele perdeu também a sua audição, pois seus amigos lhe falavam “por acenos” (v. 62), assim como ele a eles, v. 22. Ao fazê-lo ficar mudo: [1] Deus lidou com Zacarias com justiça, porque ele tinha objetado à palavra de Deus. Aqui podemos aproveitar a oportunidade para admirar a paciência de Deus e a sua tolerância conosco, pois nós, que freqüentemente falamos para desonrá-lo, não ficamos mudos, como ficou Zacarias, como teríamos ficado, se Deus tivesse lidado conosco de acordo com os nossos pecados.

[2] Deus lidou com ele bondosamente, e com muito carinho e graça. Pois, em primeiro lugar, assim, Ele impediu que Zacarias proferisse mais palavras

com descrença e pouca confiança. Se ele pensa o mal e não consegue fechar a sua boca, nem refreá-la, Deus o fará. É melhor não dizer nada do que “falar perversidades.” Em segundo lugar, assim ele confirmou a sua fé; estando incapacitado para falar, ele é capaz de pensar melhor. Se, pelas repreensões que sofremos pelo nosso pecado, nós somos levados a dar mais credibilidade à palavra de Deus, não temos motivos para reclamar delas. Em terceiro lugar, assim ele foi impedido de divulgar a visão, e de gabar-se dela, o que ele poderia ter feito, embora ela estivesse designada para o momento presente, e para ficar armazenada em seu coração como um segredo. Em quarto lugar, foi uma grande bênção, o fato de que as palavras de Deus se cumprissem no seu devido tempo, apesar da falta de confiança pecaminosa de Zacarias. A incredulidade dos homens não tornará sem efeito as promessas de Deus; elas se cumprirão no seu devido tempo, e o homem não permanecerá mudo para sempre, mas somente até o dia em que estas coisas acontecerem, quando os seus lábios se abrirão para que a sua boca possa expressar o louvor a Deus. Assim, embora Deus corrija com açoites a iniqüidade do seu povo, ainda assim Ele não remove a sua afetuosa bondade.

VO retorno de Zacarias para junto do povo, e à sua família, e a concepção deste filho da promessa, o filho da sua velhice.

1. O povo estava esperando que Zacarias saísse do templo, porque ele devia pronunciar a bênção sobre eles em nome do Senhor. E embora ele ficasse no templo mais tempo do que de costume, o povo não foi embora sem a bênção, como é comum nas congregações cristãs, mas esperou por ele, e “maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo”, com medo de que alguma coisa estivesse errada, v. 21.

2. “E, saindo ele, não lhes podia fala”, v. 22. Ao sair do templo ele devia ter dispensado a congregação com uma bênção, mas estava mudo e não podia fazê-lo, para que as pessoas se lembrassem de esperar pelo Messias, que pode dar a bênção que realmente abençoa, e por quem “serão benditas todas as nações da terra”. O sacerdócio de Arão deve, por pouco tempo, ficar calado e ser deixado de lado, para preparar o caminho para a chegada de uma nova esperança.

3. Ele moveu-se para dar-lhes a entender “que tivera alguma visão”, por alguns sinais estranhos que fez, pois ele “falava por acenos e ficou mudo”, v. 22. Isto nos representa a fraqueza e a deficiência do sacerdócio levítico, em

comparação com o sacerdócio de Cristo e a dispensação do Evangelho. O Antigo Testamento fala por sinais, nos dá alguns indícios das coisas divinas e celestiais, mas de maneira imperfeita e incerta; ele nos fala por acenos, mas permanece mudo. É o Evangelho que nos fala de maneira nítida, e nos dá uma visão clara daquilo que no Antigo Testamento era visto “por espelho, em enigma.”

4. Ele se ausentou de sua casa nos dias do seu ministério, pois como a sua função era oferecer o incenso, ele podia fazer isto, embora estivesse mudo e surdo. Se não pudermos realizar a obra de Deus tão bem como deveríamos, ainda assim, se a realizarmos tão bem quanto pudermos, Deus nos aceitará na sua obra.

5. Então, ele retornou para sua família, e sua esposa concebeu, vv. 23,24. Ela concebeu pela virtude da promessa, e, sendo sensível a ela, “por cinco meses, se ocultou”. Ela ocultou-se em casa, e ocultou-se em particular, e não foi para o exterior tal como costumava fazer: (1) Para que ela não causasse a si mesma algum prejuízo, como também não ocasionasse seu aborto, ou qualquer dano à concepção. (2) Para que ela não contraísse alguma contaminação cerimonial que pudesse entrincheirar-se contra a condição de nazireu do seu filho, lembrando a ordem dada à mãe de Sansão, em um caso semelhante, e aplicando-a a si mesma. Ela não deve tocar coisa alguma impura enquanto está com um filho do nazireado, Juízes 13.14. E embora sejam mencionados cinco meses, por causa do que seguiu-se no sexto mês, ainda assim podemos supor que ela cuidou de si mesma, de maneira semelhante, durante todo o tempo da sua vida com a criança. (3) Alguns pensam que foi em um excesso de modéstia que ela se ocultou, envergonhada porque deveria dizer que em uma idade avançada criaria um filho. Terá ela prazer, sendo velha, também sendo velho seu senhor? Gênesis, 18.12. Ou foi em sinal da sua humildade, para que pudesse não parecer jactar-se da honra que Deus tinha colocado sobre ela. (4) Ela se ocultou para consagração, para que pudesse despender seu tempo em oração e louvor. Os santos são “encondidos de Deus”. Ela apresenta esta razão para sua retirada. “‘Assim me fez o Senhor’. Não somente de modo gracioso, dando-me um filho, mas de modo honroso, dando-me tanto um filho como um que deve ser um nazireu” (pois assim seu marido pode ter, por meio da escrita, indicado a ela). “Ele ‘destruiu o meu opróbrio entre os homens’”. A fecundidade era vista como uma grande bênção entre os judeus, por causa das promessas de

crescimento da sua nação, e da ascenção do Messias entre eles, de modo que era uma grande desgraça ser estéril. E aqueles que o eram, embora sempre inocentes, eram considerados culpados de algum grande pecado desconhecido, pelo qual foram castigados. Agora Isabel triunfa, de modo que não somente este opróbrio é afastado, mas uma grande glória é colocada sobre ela no lugar dele: “Assim me fez o Senhor”, além de qualquer pensamento ou expectativa minha, “nos dias em que atentou em mim”. Observe que nos procedimentos graciosos de Deus para conosco, devemos observar suas atenções graciosas sobre nós. Ele nos tem olhado atentamente com compaixão e favor, e, portanto, tem, desta maneira, tratado conosco.

O Nascimento de Cristo É Predito

vv. 26-38

Aqui nós somos informados de tudo o que era adequado que soubéssemos, a respeito da encarnação e da concepção do nosso bendito Salvador, seis meses depois da concepção de João. O mesmo anjo, Gabriel, que tinha sido enviado para dar a conhecer a Zacarias o propósito de Deus, a respeito do seu filho, também é enviado aqui; pois nisto, a mesma obra gloriosa de redenção, que tinha tido início naquela ocasião, tem continuidade. Assim como os anjos maus não são os redimidos, também os anjos bons não são os redentores, mas eles são empregados pelo Redentor como seus mensageiros, e seguem alegremente nas suas missões, porque eles são os servos humildes do seu Pai, e amigos sinceros e bem intencionados dos seus filhos.

I Aqui temos informações sobre a mãe do nosso Senhor, de quem Ele nasceria, e, embora não devamos orar a ela, ainda assim, devemos louvar a Deus por ela.

1. O seu nome era “Maria”, o mesmo nome de “Miriã”, a irmã de Moisés e Arão. O nome quer dizer exaltada, e ela realmente devia ser muito exaltada, favorecida assim, acima de todas as filhas da casa de Davi.

2. Ela era uma filha da família real, descendente direta de Davi, e ela mesma, assim como todos os seus amigos sabiam disso, pois ela tinha o título e a personalidade da casa de Davi, embora fosse pobre e humilde; e foi capacitada, pela providência de Deus, e pela preocupação com os judeus, a

preservar a sua genealogia, a organizá-la, e enquanto a promessa do Messias estava por se cumprir, isto merecia ser observado. Mas agora já não é necessário mencionar os humildes que descendem de pessoas honradas.

3. Ela era uma “virgem”, pura e imaculada, e estava noiva de um homem da mesma linhagem real, como ela, embora de condição humilde; de modo que havia (como era adequado que houvesse) uma igualdade entre eles; o nome dele era “José”; ele também pertencia à linhagem de Davi, Mateus 1.20. A mãe de Cristo era uma virgem, porque Ele não deveria nascer pela concepção comum, mas por uma concepção milagrosa; era necessário que fosse assim, para que, embora Ele compartilhasse a natureza do homem, não compartilhasse a corrupção de tal natureza. Mas Ele nasceu de uma virgem noiva, preparada para o casamento, e que já tinha estabelecido um contrato, para dar honra à situação conjugal, para que ela não pudesse ser motivo de desprezo (o que era uma ordenança referente à inocência) diante do requisito do Redentor ser nascido de uma virgem.

4. Ela vivia em “uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré”, uma região remota da nação, desprovida de uma reputação de religiosidade ou cultura, mas que era vizinha dos pagãos, e portanto era chamada de Galiléia dos gentios. O fato de que Cristo tivesse seus familiares residindo ali dá a entender uma graça reservada para o mundo gentílico. E o Dr. Lightfood observa que Jonas era galileu, de nascimento, e Elias e Eliseu muito conhecedores da Galiléia, tendo sido famosos profetas dos gentios. O anjo foi enviado a ela, a Nazaré. Observe que nenhuma distância ou inconveniência de lugar será prejudicial àqueles a quem Deus tem graças e bênçãos reservadas. O anjo Gabriel leva a sua mensagem a Maria em Nazaré, na Galiléia, tão alegremente quanto levou a Zacarias, no templo em Jerusalém.

II As palavras que o anjo disse a ela, v. 28. Nós não sabemos o que Maria estava fazendo, de que se ocupava, quando o anjo lhe apareceu, mas ele a surpreendeu com esta saudação, “Salve, agraciada”. Isto pretendia suscitar nela: 1. A valorização de si mesma. Embora seja muito raro que qualquer pessoa precise receber fagulhas no seu seio com tais desígnios, ainda assim, para aqueles que, como Maria, se preocupam somente com a sua humilde situação, há ocasião para isto. 2. Uma expectativa de boas notícias, não do estrangeiro, mas do alto: Desígnios do céu, sem dúvida, bênçãos incomuns

para alguém a quem um anjo cumprimenta com tanto respeito, “Salve, agraciada”, *chaire – alegre-se*; esta era a forma usual de saudação, que expressa uma consideração por ela, como também uma boa vontade para com ela, e também um desejo de bem estar e prosperidade.

(1) Ela é dignificada: Salve “agraciada”. Deus, ao lhe escolher para ser a mãe do Messias, colocou sobre você uma honra peculiar, acima da de Eva, que foi “a mãe de todos os viventes”. A Vulgata Latina traduz assim *gratia plena – cheia de graça*, e daí se entende que ela possuía mais das graças inerentes ao Espírito do que qualquer outra mulher pudesse ter. Embora não se saiba com certeza se isto significa que ninguém tinha o favor singular feito a ela, ao ser preferida para conceber e gerar o nosso bendito Senhor – uma honra que, uma vez que Ele deveria ser a descendência da mulher, alguma mulher deveria possuir, não por mérito pessoal, mas simplesmente por pura graça – ela é escolhida. “Assim é, ó Pai, porque assim te aprouve”.

(2) Ela tem em si a presença de Deus: “O Senhor é contigo”; embora você seja pobre e humilde, e talvez agora esteja imaginando como irá ganhar a vida e sustentar uma família, estando casada. Com estas palavras o anjo despertou a fé de Gideão (Jz 6.12): “O Senhor é contigo”. Não se deve perder a esperança por nada, nem da realização de algum serviço, nem da obtenção de nenhuma bênção, ainda que seja muito grande, se tivermos a Deus conosco. Estas palavras devem tê-la recordado da profecia de Isaías: “Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” (Is 7.14), mas por que ela?

(3) Ela tem a bênção de Deus sobre si: “Bendita és tu entre as mulheres”. Você não será assim considerada somente entre os homens, mas realmente o será. Você, que é tão favorecida neste instante, pode esperar ser abençoada em outros aspectos. Ela mesma explica isto (v. 48), “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Compare isto com o que Débora disse sobre Jael, outra mulher que teve a glória de Deus em sua vida (Jz 5.24), “Bendita seja sobre as mulheres nas tendas.”

III A consternação em que ela ficou, com esta saudação (v. 29). Quando viu o anjo, e toda a glória que o rodeava, ela “turbou-se” com a visão, e ainda mais com as suas palavras. Se ela fosse uma jovem orgulhosa e ambiciosa, que tivesse grandes ambições e ficasse lisonjeada com a expectativa de grandes coisas no mundo, ela teria ficado satisfeita com as palavras do anjo,

teria se inchado de orgulho e (como podemos pensar que ela era uma jovem de muito bom senso), teria tido uma resposta pronta, cheia de significado. Mas, em vez disto, ela se perturbou, por não encontrar em si mesma nada que merecesse ou prometesse tais grandes coisas; e ela se perguntou "que saudação seria esta". Seria do céu ou dos homens? Seria para diverti-la? Seria uma armadilha para ela? Seria uma brincadeira com ela? Ou haveria alguma coisa substancial e de valor nela? Mas, entre todos os pensamentos que Maria teve, quanto a que tipo de saudação seria esta, eu penso que ela não teve a mais vaga idéia de que ela seria usada como oração, como tem acontecido por tantos séculos, pelas gerações corruptas, degeneradas e anticristãs da igreja, e que seria repetida talvez dez vezes mais do que a oração do Senhor; é assim, na igreja de Roma. Mas as suas considerações nesta ocasião dão uma idéia muito útil às jovens, quando saudadas, para que considerem e examinem nas suas mentes que tipo de saudação estão recebendo, de onde ela vem, e qual é o seu propósito, para que possam recebê-la de maneira adequada, estando sempre prevenidas.

IV A própria mensagem que o anjo tinha para transmitir a ela. O anjo lhe dá algum tempo para pensar; mas, observando que isto apenas aumentava a sua perplexidade, ele prossegue com a sua missão, v. 30. Ela não respondeu ao que ele disse, e portanto ele confirma: "Maria, não temas". Eu não tenho outro objetivo, exceto lhe assegurar que "achaste graça diante de Deus", mais do que você imagina, assim como existem muitos que pensam que acharam a graça de Deus, e têm uma idéia que ultrapassa aquilo que realmente ocorreu. Observe que aqueles que acham graça diante de Deus não devem permitir que se infiltrem temores inquietantes de desconfiança. Você tem a graça de Deus? Não tema, ainda que o mundo não lhe veja com bons olhos. Deus está a seu favor? Não importa quem esteja contra você.

1. Embora seja virgem, ela terá a honra de ser mãe. "Eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus", v. 31. A Eva foi dito que, embora ela tivesse a honra de ser "a mãe de todos os viventes", ainda assim havia uma mortificação que iria suavizar aquela honra: O fato de que o seu desejo seria para o seu marido, e ele a dominaria, Gênesis 3.16. Mas Maria tem uma honra que não é suavizada.

2. Embora viva na pobreza e na obscuridade, ainda assim ela terá a honra de ser a mãe do Messias; o seu filho se chamará Jesus – o Salvador,

exatamente alguém de quem o mundo precisa, e não alguém como os judeus esperam.

(1) Ele será um aliado muito próximo do mundo superior. Ele “será grande”, verdadeiramente grande, incontestavelmente grande, e “será chamado Filho do Altíssimo”, o Filho de Deus, que é o Altíssimo, da mesma natureza. Assim como o filho tem a mesma natureza que o pai, cada filho é querido para o seu pai; o Filho de Deus também é muito querido para o seu Pai. Ele será chamado, corretamente, de “Filho do Altíssimo”, pois Ele mesmo é Deus “sobre todos, Deus bendito eternamente”, Romanos 9.5. Observe que aqueles que são filhos de Deus, mesmo que somente por adoção e regeneração, são verdadeiramente grandes, e por isto se preocupam em ser verdadeiramente bons, 1 João 3.1; 2.1,2.

(2) Ele será o preferido, a maior dignidade do mundo inferior, do mundo em que vivemos, pois, embora nascido sob as circunstâncias mais desfavoráveis possíveis, e aparecendo sob a “forma de servo”, ainda assim “o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai”, v. 32. O anjo explica a Maria que ela pertencia à casa de Davi e que, portanto, uma vez que nem a lei *Salique* nem o direito de primogênitura ocorriam na transmissão do seu trono, não era impossível que ela pudesse gerar um herdeiro para ele. Portanto era ainda mais fácil crer nisto quando um anjo do céu lhe dizia que ela o faria, para que o cetro que estava afastado há tanto tempo daquela família antiga e honorável, agora retornasse a ela, para permanecer nela, não pela sucessão, mas pela mesma mão, até a eternidade. O seu povo não lhe dará o trono, não reconhecerá o seu direito de governar sobre eles; mas o Senhor Deus lhe dará o direito de governar sobre eles, e o colocará como o seu Rei sobre o “santo monte Sião”. O anjo assegura a Maria: [1] Que o seu reino será espiritual: Ele “reinará eternamente na casa de Jacó”, não “a Israel segundo a carne”, pois eles não se envolveram nos seus interesses, nem continuaram, por muito tempo, sendo um povo – portanto, seria um reino espiritual, a casa de Israel “segundo a promessa”, sobre a qual Ele deveria governar. [2] Que o seu reino será eterno: Ele reinará eternamente, e “o seu Reino não terá fim”. Já tinha se passado muito tempo desde o reinado temporal da casa de Davi, e em breve a nação de Israel chegaria ao fim. Outras coroas não duram de geração em geração, mas a de Cristo, sim, Provérbios 27.24. O Evangelho é a última dispensação; não devemos procurar nenhuma outra.

V A informação adicional que o anjo transmite a Maria, respondendo à sua pergunta a respeito do nascimento deste príncipe.

1. A pergunta que ela faz é apropriada: “Como se fará isto?”, v. 34. Como eu posso conceber um filho na atualidade (pois foi isto o que o anjo quis dizer), se eu “não conheço varão”? Deverá ser de outra maneira, e não pelo modo normal de concepção? Se for assim, diga-me “como se fará isto?” Ela sabia que o Messias devia nascer de uma virgem; e, se ela devia ser a sua mãe, ela queria saber como isto aconteceria. Estas não eram palavras resultantes da sua falta de confiança, ou de qualquer dúvida sobre o que o anjo lhe havia dito, mas de um desejo de receber mais orientação.

2. A resposta que ela recebe é satisfatória, v. 35. (1) Ela irá conceber pelo poder do “Espírito Santo”, cuja obra é santificar, e portanto, santificar a virgem, para este propósito. O Espírito Santo é chamado de “virtude do Altíssimo”. Ela pergunta “como se fará isto? Isto é suficiente para ajudá-la a superar as dificuldades que parecem existir. Um poder divino o realizará, não o poder de um anjo empregado para isto, como em outros milagres. Mas, o poder do próprio “Espírito Santo”.

(2) Ela não deve fazer perguntas a respeito da maneira como isto se realizará, pois o Espírito Santo, sendo “a virtude do Altíssimo”, irá cobri-la “com a sua sombra”, como a nuvem cobriu o tabernáculo quando a glória de Deus tomou posse dele, para escondê-lo daqueles que poderiam – com excessiva curiosidade – observar o que acontecia, “bisbilhotando” os seus mistérios. A formação de cada bebê no útero, e a entrada do espírito da vida nele, são mistérios da natureza; ninguém conhece “o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da que está grávida”, Eclesiastes 11.5. Nós fomos formados no oculto, Salmos 139.15,16. A formação do menino Jesus é um mistério ainda maior, sem controvérsia, “grande é o mistério da piedade”, Deus manifestado em carne, 1 Timóteo 3.16. É uma coisa nova criada na terra (Jr 31.22), a cujo respeito nós não devemos cobiçar conhecer além do que está escrito.

(3) A criança que ela irá conceber é santa, e portanto não deve ser concebida da maneira normal, porque ela não deverá compartilhar da corrupção e da contaminação comuns à natureza humana. O bebê é mencionado enfaticamente como “o Santo”, como nunca houve; e Ele será chamado de “Filho de Deus”, como o Filho de Deus por geração eterna, o que indica como Ele será formado pelo Espírito Santo, nesta concepção. A

sua natureza humana deveria ser produzida desta maneira, como era adequado que fosse, pois se uniria à natureza divina.

3. É um incentivo a mais para a fé de Maria a notícia de que a sua prima Isabel, embora avançada em idade, está grávida, v. 36. Aqui se inicia uma época de milagres, e, portanto, não fique surpresa: aqui está um deles, entre os seus parentes; ele é verdadeiramente grande, embora não tão grande como aquele que você, Maria, está desfrutando. É normal que Deus prossiga realizando milagres. Vocês realizarão milagres maiores do que estes. Embora Isabel fosse, pelo lado paterno, "das filhas de Arão" (v. 5), pelo lado materno ela podia ser da casa de Davi, pois entre estas duas famílias sempre havia casamentos, como sinal da unidade da realeza e do sacerdócio do Messias. "É este o sexto mês para aquela que era chamada estéril". Isto sugere, como crê o Dr. Lightfoot, que todos os exemplos no Antigo Testamento, de mulheres que tiveram filhos depois de serem estéreis por muito tempo (algo que estava acima da natureza), tiveram a finalidade de preparar o mundo para crer no milagre de uma virgem esperando um filho (o que era contra a natureza). Portanto, mesmo no nascimento de Isaque, Abraão viu o dia de Cristo, e previu um milagre como este, o nascimento de Cristo. O anjo assegura isto a Maria (que Isabel sua prima está grávida), para incentivar a sua fé, e conclui com aquela grande verdade, de certeza indubitável, e uso universal, "Porque para Deus nada é impossível" (v. 37), e, se nada é impossível, então isto não é. Abraão, portanto, "não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé", no poder divino, Romanos 4.20,21. Nenhuma palavra de Deus deve ser inacreditável para nós, enquanto nenhuma obra é impossível para Ele.

VI A concordância de Maria com a vontade de Deus, a seu respeito, v. 38.

Ela se considera: 1. Uma crente sujeita à autoridade divina: "Eis aqui a serva do Senhor". Senhor, eu estou ao Teu serviço, à Tua disposição, para fazer o que me ordenares. Ela não objeta quanto ao perigo de colocar o seu casamento a perder, e manchar a sua reputação, mas deixa o assunto nas mãos de Deus, e se submete completamente à sua vontade. 2. Uma crente na expectativa da graça divina. Ela não está somente satisfeita de que isto aconteça, mas humildemente deseja que aconteça: "Cumpra-se em mim segundo a tua palavra". Ela não podia desprezar, ou ser indiferente, a uma bênção como esta; e nós devemos buscar aquilo que Deus prometeu; pela

oração, nós devemos dar o nosso Amém, ou “que assim seja”, à promessa. “Lembra-te [e cumpra] da palavra dada ao teu servo, na qual me fizeste esperar”. Nós devemos, assim como Maria fez aqui, orientar os nossos desejos de acordo com a Palavra de Deus, e nela basear as nossas esperanças. “Cumpra-se em mim segundo a tua palavra”; exatamente assim, e não de outra maneira.

Em seguida, “o anjo ausentou-se dela”. Tendo concluído a missão para a qual tinha sido enviado, ele retornou, para prestar contas dela, e receber novas instruções. A relação com os anjos sempre era transitória, e terminava logo; porém, no mundo porvir, será constante e permanente. Geralmente, se supõe que foi neste exato instante que a virgem concebeu, pela virtude do Espírito Santo sobre ela, como uma sombra, mas como as Escrituras conservam decoroso silêncio a este respeito, não nos cabe investigar e, muito menos afirmar nada.

O Encontro entre Maria e Isabel. O Cântico de Maria

vv. 39-56

Aqui temos o encontro entre as duas felizes mamães, Isabel e Maria. O anjo, informando a Maria da graça concedida à sua prima Isabel (v. 36), propiciou este encontro; e, às vezes, reunir pessoas boas para comparar as suas experiências é um trabalho melhor do que parece. Aqui está:

I A visita que Maria fez a Isabel. Maria era a mais jovem das duas, e a que esperava bebê há menos tempo; e, portanto, para este encontro, era mais adequado que Maria fizesse a viagem, não insistindo na preferência que a maior dignidade da sua concepção lhe dava, v. 39. Ela levantou-se, e deixou seus afazeres, para cuidar deste assunto, mais importante. “Naqueles dias e naquele tempo” (como está explicado em Jeremias 33.15; 50.4), um dia ou dois depois que o anjo a tinha visitado, tendo dedicado algum tempo antes da viagem, como se supõe, para a sua devoção, ou indo rapidamente à casa da sua prima, onde teria mais tempo, e mais ajuda, na família de um sacerdote. Ela foi, *meta spoudes – com atenção*, diligência e rapidez, não como os jovens normalmente viajam e visitam os seus amigos, para se distrair, mas para se informar. Ela foi “a uma cidade de Judá’, na parte montanhosa; não

se sabe o nome, mas comparando esta descrição com Josué 21.10,11, parece ser Hebrom, pois esta cidade estava “na região montanhosa de Judá”, e pertencia aos sacerdotes, os filhos de Arão – para lá dirigiu-se Maria, apressada, embora fosse uma viagem longa, de muitas dezenas de quilômetros.

1. O Dr. Lightfoot oferece uma hipótese de que Maria devia conceber o nosso Salvador ali, em Hebrom, e talvez isto lhe tivesse sido indicado pelo anjo, ou de alguma outra maneira, e por isto ela foi apressadamente para lá. Ele acha provável que Siló, da tribo de Judá, e a semente de Davi, devesse ser concebida em uma cidade de Judá e de Davi, pelo fato do Senhor dever nascer em Belém, outra cidade que pertencia a ambas. Foi em Hebrom que a promessa foi feita a Isaque, e a circuncisão foi instituída. Aqui (diz o Dr. Lightfoot), Abraão teve a sua primeira terra, e Davi, a sua primeira coroa. Ali estão enterrados os três casais, Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacó e Léia, e, como afirmam os antigos, Adão e Eva. Portanto, ele opina que está singularmente de acordo com a harmonia e o consentimento que Deus usa nas suas obras, que a promessa começasse a ocorrer pela concepção do Messias em meio àqueles patriarcas a quem ela foi feita. Eu não acho que esta conjetura seja impossível, mas acrescento, para apoiá-la, o que Isabel disse (v. 45), “Hão de cumprir-se as coisas”; como se ainda não tivessem sido cumpridas, mas devessem se cumprir ali.

2. Em geral, supõe-se que Maria foi para lá para confirmar sua fé, pelo sinal que o anjo lhe dera (a gravidez da sua prima), e para comemorar com a sua amada irmã. Além disto, ela foi para lá, talvez, para que pudesse ficar mais isolada das pessoas, ou para que pudesse estar em companhia mais agradável do que poderia estar, em Nazaré. Nós podemos supor que ela não dera a conhecer a nenhum de seus vizinhos de Nazaré a mensagem que recebera do céu, mas desejava conversar sobre algo em que ela já refletira mil vezes, e não conhecia nenhuma pessoa no mundo com quem pudesse conversar livremente sobre isto, exceto a sua prima Isabel, e por isto correu para ela. Observe que é muito benéfico e confortável para aqueles que têm uma boa obra de graça iniciada nas suas almas, alicerçada em Cristo, conversar com aqueles que estão na mesma situação, para que possam trocar experiências. Eles descobrirão que, assim como na água o rosto reflete o rosto, o mesmo ocorre com o coração de cada homem (o coração de um reflete o coração do outro), e com a vida de cada cristão (a vida de um reflete

a vida do outro).

II O encontro entre Maria e Isabel. Maria “entrou em casa de Zacarias”; mas ele estando mudo e surdo, provavelmente ficava em seus aposentos, e não via ninguém; e por isto, ela “saudou a Isabel” (v. 40), disse a ela que viera fazer-lhe uma visita, para saber da sua condição, e alegrar-se pela alegria dela.

Quando elas se encontraram, para a confirmação da fé de ambas, aconteceu algo muito extraordinário. Maria soube que Isabel estava grávida, mas aparentemente Isabel não tinha sido informada que a sua prima Maria fora designada para ser a mãe do Messias; e, portanto, o conhecimento que ela parece ter tido deste fato deve ter-lhe vindo por uma revelação, o que seria um grande incentivo para Maria.

1. “A criancinha saltou no seu ventre”, v. 41. É muito provável que Isabel já estivesse grávida há várias semanas (pois já era o seu sexto mês), e sentisse a criança mover-se com freqüência; mas este movimento da criança não foi normal, e isto a alertou para esperar algo muito extraordinário, *eskirtese*. Esta é a mesma palavra usada na Septuaginta (Gn 25.22), na passagem que diz que Jacó e Esaú lutavam dentro do útero de Rebeca, e em Salmos quando se menciona que os montes saltando, Salmos 114.4. O bebê saltou como se desse um sinal à sua mãe, de que ele estava diante daquele cujo precursor ele deveria ser, adiantado cerca de seis meses, em ministério e em existência; ou, era o efeito de uma forte impressão causada na mãe. Agora começava a cumprir-se o que o anjo havia dito ao seu pai (v. 15): que “será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe”, e talvez o próprio João Batista fizesse referência a isto, quando disse (Jo 3.29), “O amigo do esposo... alegra-se muito com a voz do esposo”, que foi ouvida não apenas por ele, mas também pela sua mãe.

2. Isabel, pessoalmente, “foi cheia do Espírito Santo”, ou o Espírito de profecia, pelo qual, assim como pelas sugestões particulares do Espírito Santo com que estava cheia, ela pôde compreender que o Messias estava próximo. Nele a profecia reviveria, e por intermédio dele o Espírito Santo seria abundantemente derramado, mais do que nunca, de acordo com as expectativas daqueles que esperavam “a consolação de Israel”. A agitação incomum do bebê no seu útero era um sinal de emoção extraordinária do seu espírito, sob um impulso divino. Observe, aqueles que Cristo visita

graciosamente podem saber, por estar cheios do Espírito Santo, que, “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”.

III A acolhida que Isabel, pelo Espírito de profecia, dá a Maria, a mãe do nosso Senhor; não como uma amiga comum, que faz uma visita comum, mas como alguém de quem nasceria o Messias.

1. Isabel se congratula pela honra concedida a Maria, e embora talvez não soubesse disto até este momento, ela a reconhece com a maior certeza e satisfação. Ela “exclamou com grande voz”, o que, de maneira nenhuma (como pensam alguns) dá a entender que houvesse algum tipo de separação entre elas. Este fato demonstra que Isabel estava exultante de alegria, e disse algo que não se importava que alguém mais soubesse. Ela disse, “Bendita és tu entre as mulheres”, as mesmas palavras que o anjo tinha dito (v. 28), pois assim esta vontade de Deus, a respeito da honra ao Filho, seria feita na terra, assim como no céu. Mas Isabel acrescenta uma razão: Bendita és tu, porque “bendito é o fruto do teu ventre”; foi deste fato que Maria derivou esta dignidade excelente. Isabel era esposa de um sacerdote, e já idosa, mas ela não reclama que sua parenta, muitos anos mais jovem que ela e inferior por várias maneiras, tivesse a honra de conceber, na sua virgindade, e ser mãe do Messias, enquanto a honra conferida a si mesma era muito menor; ela se alegra com isto, e fica satisfeita, como o seu filho ficou, mais tarde, porque aquele que viria após João, foi antes de João, João 1.27. Observe que embora não possamos deixar de reconhecer que recebemos mais graças de Deus do que merecemos, não devemos, de maneira nenhuma, invejar aqueles que recebem mais graças do que nós, ou bênçãos maiores do que as nossas.

2. Isabel reconhece a condescendência de Maria, ao fazer-lhe esta visita (v. 43): “De onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?” Observe: (1) Ela chama a virgem Maria de mãe do seu Senhor (assim como Davi, em espírito, chamava o Messias de seu Senhor), pois ela sabia que Ele seria Senhor de tudo e de todos. (2) Ela não somente lhe dá as boas vindas à sua casa, embora talvez Maria viesse em circunstâncias humildes, mas considera esta visita uma grande bênção, da qual ela se julgava indigna. “De onde me provém isso a mim?” Ela diz verdadeiramente, e não como um cumprimento, “Esta é uma graça maior do que eu poderia ter esperado”. Observe que aqueles que são cheios do Espírito Santo não consideram os seus próprios méritos, mas consideram as bênçãos de Deus. O

seu filho, João Batista, disse, com o mesmo significado, “Vens tu a mim?” (Mt 3.14).

3. Ela lhe dá a conhecer o que aconteceu com o bebê no seu ventre, nestas boas vindas (v. 44): “Você certamente traz notícias extraordinárias, e bênçãos extraordinárias; pois tão logo a sua saudação chegou aos meus ouvidos, não somente o meu coração saltou de alegria, embora eu não soubesse imediatamente por que razão, mas o bebê no meu ventre, que não era capaz de saber, também saltou”. Ele saltou de alegria, porque o Messias, cujo arauto ele deveria ser, tinha vindo visitá-lo pessoalmente. Isto serviu para fortalecer a fé de Maria, pois havia certezas, como estas, dadas a outras pessoas; e seria, em parte, o cumprimento do que tinha sido predito antes, de que haveria alegria universal perante a face do Senhor, quando Ele viesse, Salmos 98.8,9.

4. Ela elogia a fé de Maria, e a incentiva (v. 45): “Bem-aventurada a que creu”. As almas que crêem são almas bem-aventuradas, e assim serão consideradas, finalmente; esta bem-aventurança vem por meio da fé, como até mesmo a bem-aventurança de ser parente de Cristo, e tê-lo formado em nossa alma. São bem-aventurados aqueles que crêem na Palavra de Deus, “pois hão de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor foram ditas”. Observe que a certeza inviolável da promessa é a felicidade indubitável daqueles que edificam sobre ela, e esperam tudo dela. A fidelidade de Deus é a bênção da fé dos santos. Aqueles que experimentaram o cumprimento das promessas de Deus incentivarão outros a esperar que Ele também seja tão bom para eles: Eu lhe direi o que Deus fez pela minha alma.

IV O cântico de louvor de Maria, nesta ocasião. A profecia de Isabel foi um eco à saudação de Maria. E este cântico é um eco ainda mais forte à profecia, e mostra que Maria não estava menos cheia do Espírito Santo do que Isabel. Podemos supor que a bendita virgem entra, muito fatigada devido à sua viagem, mas se esquece disto, e é inspirada com vida nova, vigor e alegria, com a confirmação que encontra para a sua fé. Por uma repentina inspiração e exaltação, ela descobre que isto estava designado para ser a sua missão aqui – e embora esteja exausta, ela agirá como o servo de Abraão: ela não comerá nem beberá até que tenha contado a sua missão.

1. Aqui estão as expressões de alegria e louvor, e Deus é o único destinatário do louvor, e o centro da alegria. Alguns comparam este cântico

com aquele que a mulher de mesmo nome, Miriã, a irmã de Moisés, entoou, pela saída triunfante de Israel do Egito, e a sua travessia triunfante pelo Mar Vermelho; outros pensam que a melhor comparação é com o cântico de Ana, pelo nascimento de Samuel, que, como este, passa de uma graça familiar a uma bênção pública e geral. Este louvor começa como aquele, “O meu coração exulta no Senhor”, 1 Samuel 2.1. Observe como Maria aqui fala de Deus:

(1) Com grande reverência, e respeito por Ele, sendo o Senhor: “A minha alma engrandece ao Senhor”. Eu nunca o vi tão grandioso como agora; eu o vejo como alguém que é bom demais. Observe que aqueles que recebem as bênçãos, e somente aqueles, são, conseqüentemente levados a pensar de maneira mais elevada e honorável a respeito de Deus, ao passo que existem aqueles cuja prosperidade e promoções os levam a dizer, “Quem é o Todo-poderoso, para que nós o sirvamos?” Quanto mais honra Deus coloca, de alguma maneira, sobre nós, mais honra devemos nos empenhar para dar a Ele; e só seremos aceitos para exaltar ao Senhor quando as nossas almas o exaltarem, junto com tudo aquilo que houver em nós. A obra de louvor deve ser uma obra da alma.

(2) Com grande complacência nele, como seu Salvador. “O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”. Isto parece ser uma referência ao Messias, cuja mãe ela estava destinada a ser. Ela o chama de Deus, seu Salvador, pois o anjo tinha lhe dito que Ele seria “Filho do Altíssimo”, e o seu nome deveria ser Jesus, o Salvador; isto ela memorizou, e aplicou a si mesma. Ele é Deus, meu Salvador. Até mesmo a mãe do nosso Senhor têm a necessidade de vê-lo como o seu Salvador, e estaria perdida se não o enxergasse desta forma. E ela se gloria mais naquela felicidade que ela tinha em comum com todos os crentes, do que em ser a sua mãe, o que era uma honra peculiar a ela. Isto está de acordo com a preferência que Cristo tem para com os crentes obedientes, acima de sua mãe e de seus irmãos, veja Mateus 12.50; cap. 11.27,28. Observe que aqueles que têm a Cristo como seu Deus e Salvador têm um grande motivo para alegrar-se, para alegrar-se em espírito, que é alegrar-se como Cristo (cap. 10.21), com um grande gozo espiritual.

2. Aqui se atribuem causas justas para esta alegria e louvor.

(1) Por ela mesma, vv. 48,49. [1] O seu espírito se alegrou no Senhor, por causa das coisas generosas que Ele tinha feito por ela – a sua condescendência e compaixão por ela. Ele “atentou na humildade de sua

serva”, isto é, Ele a considerou com piedade, pois assim se usa, normalmente, a expressão. “Ele me escolheu para esta honra, apesar da minha condição tão enormemente humilde, pobre e obscura”. Ou melhor, a expressão parece dar a entender não somente que se faz uma alusão à família de Gideão, Juízes 6.15, mas que a família de Maria era pobre em Judá, mas também que ela era a menos importante na casa do seu pai. É como se estivesse sujeita a algum desprezo em particular, e execrada entre seus parentes, injustamente negligenciada, e marginalizada na família; e Deus coloca esta honra sobre ela, para compensar abundantemente o desprezo. Eu prefiro sugerir isto, pois nós encontramos alguma coisa semelhante a esta honra, colocada sobre outras pessoas, e com a mesma consideração. Por Deus ter visto que Léia era odiada, Ele abriu a sua madre, Gênesis 29.31. Por Ana ter sido provocada, irritada, e insultada por Penina, Deus lhe deu um filho, 1 Samuel 1.19. Aqueles a quem os homens oprimem e desprezam, Deus, às vezes, movido de compaixão por eles, especialmente se suportaram tudo pacientemente, os promove e demonstra preferência por eles; veja Juízes 11.7. A mesma coisa aconteceu no caso de Maria. E, se Deus atenta para a humildade dela, Ele não somente dá uma amostra da sua graça a toda a humanidade, a quem Ele recorda a sua condição humilde, como diz o salmista (Sl 126.23), mas assegura a ela uma honra duradoura (pois a honra que Deus concede, não se desvanece): “Desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada; me julgarão uma mulher feliz, promovida, e altamente privilegiada. Todos os que aceitam a Cristo e ao seu Evangelho dirão, “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste!” (cap. 11.27). Isabel a tinha chamado de bendita mais de uma vez: “Mas isto não é tudo”, diz Maria, “todas as gerações de gentios, e também dos judeus, também me chamarão assim”. [2] A sua alma “engrandece ao Senhor”, por causa das grandes coisas que Ele fez por ela (v. 49): “Porque me fez grandes coisas o Poderoso”. Realmente, é uma grande coisa, que uma virgem possa conceber. Uma grande coisa, realmente, que o Messias, que tinha sido prometido à igreja há tanto tempo, e há tanto tempo era esperado pela igreja, agora viesse a nascer. É a virtude do Altíssimo que se manifesta em tudo isto. Ela acrescenta, “E Santo é o seu nome”; também Ana cantou, “Não há santo como é o Senhor”, frase que ela explica com as palavras seguintes, “porque não há outro fora de ti”, 1 Samuel 2.2. Deus é um ser em si mesmo, e assim Ele se manifesta, especialmente na obra da nossa redenção. Aquele

que é poderoso, aquele cujo nome é Santo, “me fez grandes coisas”. Coisas gloriosas se podem esperar, vindas Daquele que é ao mesmo tempo poderoso e santo, que pode fazer qualquer coisa, e fará todas as coisas bem e para o melhor.

(2) Pelos outros. Maria, sendo a mãe do Messias, torna-se um tipo de pessoa pública, possui uma personalidade pública, e, portanto, revestida do espírito, conseqüentemente, olha ao seu redor, olha diante de si, e observa que Deus lida de várias maneiras com os filhos dos homens (v. 50 e seguintes), como no caso de Ana (1 Samuel 2.3 e versículos seguintes). Nisto, ela se refere especialmente à vinda do Redentor, e a Deus manifestando-se nesta ocasião.

[1] É uma verdade absoluta que Deus tem misericórdia reservada para todos aqueles que reverenciam a sua majestade, e que consideram a sua soberania e autoridade da maneira devida. Mas isto nunca foi tão evidente quanto quando Ele enviou o seu Filho ao mundo, para nos salvar (v. 50): “A sua misericórdia é... sobre os que o temem”; sempre foi assim; o Senhor sempre considerou com uma graça especial aqueles que elevam os olhos para Ele com temor filial. Mas Ele manifestou a sua misericórdia, como nunca tinha feito antes, quando enviou o seu Filho para apresentar uma justiça eterna, e realizar uma salvação eterna, para aqueles que o temem, e isto, “de geração em geração”; pois existem privilégios do Evangelho que são transmitidos por herança, tencionados para a perpetuidade. Aqueles que temem a Deus, como seu Criador e Juiz, são incentivados a ter esperanças de misericórdia nele, por meio do seu Mediador e Advogado; e nele a misericórdia é concedida a todos os que temem a Deus, a misericórdia que perdoa, a misericórdia que cura, a misericórdia que aceita, a misericórdia que coroa, “de geração em geração”, enquanto houver mundo. Em Cristo, Deus tem misericórdia para tantos quantos o buscarem.

[2] Normalmente se observa que Deus, na sua providência, despreza os soberbos e honra os humildes; e isto Ele fez de modo notável em toda a organização da obra de redenção do homem. Assim como Deus tinha, com a sua misericórdia por Maria, se apresentado também poderoso (v. 48, 49), Ele tinha, com a sua misericórdia por aqueles que o temem, mostrado poder “com o seu braço”. Em primeiro lugar, no decorrer da sua providência, o seu método usual é interceptar as expectativas dos homens, e proceder de maneira bastante diferente daquela que eles esperam. Os homens orgulhosos

esperam ter tudo diante de si, ter as coisas à sua maneira e de acordo com a sua vontade; mas Ele “dissipa os soberbos no pensamento de seu coração”, rompe suas medidas, destrói os seus projetos, ou melhor, os humilha e rebaixa, por aquelas mesmas instruções com que eles pensavam progredir e se estabelecer. Os poderosos pensam estar seguros nos seus tronos pela força, mas Ele os humilha, e derruba os seus tronos; ao passo que, por outro lado, aqueles que estão humilhados, que perdem a esperança de progredir, e não pensam em nada exceto serem sempre humildes, são maravilhosamente exaltados. Esta observação a respeito da honra também, da mesma maneira, vale, a respeito das riquezas; muitos que eram tão pobres, a ponto de não terem pão para si mesmos e para as suas famílias, por alguma reviravolta surpreendente da Providência a seu favor, são “cheios de bens”; ao passo que, por outro lado, aqueles que eram ricos, e não pensavam que o amanhã pudesse ser diferente de hoje, que as suas montanhas permaneceriam fortes e jamais seriam movidas, são estranhamente empobrecidos, e despedidos vazios. Esta foi a mesma coisa que Ana observou e enalteceu no seu cântico, aplicando-a ao seu caso e ao da sua adversária (1 Sm 2.4-7), e que exemplifica muito bem esta situação. Compare também com Salmos 107.33-41; 113.7-9; e Eclesiastes 9.11. Deus se alegra por desapontar as expectativas daqueles que prometem a si mesmos grandes coisas neste mundo, e por superar as expectativas daqueles que prometem a si mesmos apenas um pouco; sendo um Deus justo, a sua glória é humilhar aqueles que se exaltam e espalham o terror para se assegurarem. E, sendo um Deus bom, a sua glória é exaltar aqueles que se humilham, e dizer palavras de consolo àqueles que o temem. Em segundo lugar, isto se manifesta especialmente nos métodos da graça do Evangelho.

1. Nas honras espirituais que o Senhor concede. Quando os orgulhosos fariseus fossem rejeitados, e os publicanos e pecadores entrassem no reino do céu, à frente deles – quando os judeus, que seguiam a lei da justiça, não alcançassem a misericórdia, e os gentios, que nunca pensaram nisto, conseguissem alcançar a justiça (Rm 11.30,31) – quando Deus escolhesse não os sábios segundo a carne, nem os poderosos, ou os nobres, para pregar o Evangelho, e plantar o cristianismo no mundo, mas as coisas loucas e fracas do mundo, e as que tinham sido desprezadas (1 Co 1.26,27) – então Ele “dissiparia os soberbos”, e “deporia os poderosos”, somente “elevando os humildes”. Quando fosse destruída a tirania dos principais dos sacerdotes

e anciãos, que tinham dominado muito tempo sobre os herdeiros de Deus, e esperavam fazê-lo para sempre – e os discípulos de Cristo, um grupo de pobres pescadores desprezados, pelo poder neles investido, fossem levados a se sentar em tronos, julgando as doze tribos de Israel, quando for quebrado o poder das quatro monarquias; e o reino do Messias, aquela pedra cortada do monte sem uso de mãos encher a terra – então os soberbos serão dissipados, e os humildes serão elevados.

2. Nas riquezas espirituais que o Senhor concede, v. 53. (1) Àqueles que admitem a sua necessidade de Cristo, e anseiam pela justiça e pela vida nele, Ele enche de bens, das melhores coisas. Ele lhes dá livremente, e eles serão fartos das bênçãos que Ele dá. Aqueles que estão fracos e sobrecarregados encontrarão descanso com Cristo, e aqueles que têm sede serão chamados para beber dele, pois somente eles saberão como valorizar os seus dons. Para a "alma faminta todo amargo *é* doce", o maná é o manjar dos anjos; e para os sedentos, a água limpa é "mel saído da rocha". (2) Aqueles que são ricos, que não têm fome, que, como Laodicéia, pensam que não precisam de nada, estão cheios de si mesmos e da sua própria justiça, e pensam que são suficientes para si mesmos – a estes o Senhor manda embora da sua porta, eles não são bem-vindos junto a Ele, Ele os despede vazios. Eles vieram cheios de si mesmos, e são mandados embora sem Cristo. Ele os envia aos deuses aos quais eles serviram, à sua própria força e justiça, em que confiaram.

[3] Sempre se esperou que o Messias fosse, de uma maneira especial, a força e a glória do seu povo, Israel, e Ele realmente o é, de uma maneira peculiar (v. 54): Ele "auxiliou a Israel, seu servo", *antelabeto*. Ele os tomou pela mão, e ajudou a levantar os que estavam caídos e não podiam fazê-lo sozinhos. Aqueles que estão subjugados sob o peso de um concerto de inocência rompido, recebem a ajuda das bênçãos de um concerto de graça renovado. A vinda do Messias, em quem havia ajuda para os pobres pecadores, foi a maior benignidade que poderia ser feita, a maior ajuda que poderia ser dada ao seu povo, Israel, e o que o engrandece, isto é,

Em primeiro lugar, o fato de que é em recordação da sua misericórdia, a misericórdia da sua natureza, a misericórdia que Ele tem armazenada para o seu servo, Israel. Enquanto esta bênção tardava, o seu povo, que esperava por ela, freqüentemente estava pronto a perguntar, "Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?" Mas agora Ele dava a entender que não havia se esquecido,

mas tinha se lembrado da sua misericórdia. Ele se lembrou da sua misericórdia anterior, e repetiu a eles, em bênçãos espirituais, aquilo que lhes tinha dado antes, em graças temporais. Ele se "se lembrou dos dias da antiguidade" – "Onde está aquele que os fez subir do mar", sair do Egito? (Is 63.11). Ele fará a mesma coisa novamente, pois aquilo foi um exemplo.

Em segundo lugar, este é o cumprimento da sua promessa. É uma misericórdia não apenas designada, mas declarada (v. 55). Ele disse "aos nossos pais", que a Semente da mulher iria ferir a cabeça da serpente (Gn 3.15), que Deus iria habitar "nas tendas de Sem" (Gn 9.27); e particularmente a Abraão, que na sua semente seriam "benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Estes receberiam as melhores bênçãos, as bênçãos eternas. E aqui há uma referência à semente que será eterna, isto é, a sua semente espiritual, pois a sua semente carnal foi arrancada um pouco depois disto. Observe que Deus sempre cumprirá, de forma completa e perfeita, tudo aquilo que Ele disse, e tudo aquilo que Ele prometeu. O que Ele disse aos pais se cumprirá na semente deles; na semente da sua semente, através de bênçãos que durarão para sempre.

Finalmente, o retorno de Maria a Nazaré (v. 56). Ela retornou depois de ter estado com Isabel durante três meses, de modo a ficar plenamente satisfeita a seu respeito e à sua gravidez, sendo assim confirmada pela sua prima Isabel. Alguns pensam que, embora o seu retorno seja aqui mencionado antes de Isabel dar à luz – porque o evangelista concluiu este trecho a respeito de Maria antes de prosseguir com a história de Isabel – que Maria teria ficado até que a sua prima tivesse dado à luz; para que pudesse ajudá-la, e estar com ela enquanto ela estivesse de repouso, e tivesse a sua própria fé confirmada pelo completo cumprimento da promessa de Deus a respeito de Isabel. Mas a maioria se prende à ordem da história tal como está escrita, entendendo que ela retornou novamente quando se aproximava a época de Isabel dar à luz, porque ainda desejava um isolamento. Portanto, ela não estaria ali quando o nascimento deste filho da promessa atraísse um grande número de pessoas a casa. Aqueles em cujos corações Cristo é formado passam a apreciar os momentos em que ficam a sós e em silêncio, mais do que costumavam fazê-lo.

O Nascimento de João Batista

vv. 57-66

Nestes versículos, temos:

I O nascimento de João Batista, v. 57. Embora ele tivesse sido concebido por milagre no útero, ele permaneceu no útero, de acordo com o curso normal da natureza (assim como aconteceu com o nosso Salvador): “E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho”. As bênçãos prometidas devem ser esperadas, pois serão recebidas quando for o tempo apropriado para que elas venham, e não antes disto.

II A grande alegria que havia entre todos os conhecidos da família, nesta extraordinária ocasião (v. 58): “Os seus vizinhos e parentes ouviram sobre isto”; pois todos comentavam sobre o assunto, como sendo algo próximo de um milagre. O Dr. Lightfoot observa que Hebrom era habitada por sacerdotes da família de Arão, e que eles eram os parentes aqui mencionados; e os campos e aldeias vizinhas eram habitados pelos filhos de Judá, que eram os vizinhos. Estas pessoas revelaram: 1. Um respeito piedoso por Deus. Eles reconheceram que Deus tinha “usado para com ela de grande misericórdia”. Para Isabel era uma bênção ter a reprovação que havia sobre si removida, uma bênção ver a sua família formada, e ainda mais, sendo uma família de sacerdotes, tementes a Deus, e servindo a Ele. Muitas coisas colaboraram para tornar esta bênção grandiosa – o fato de que Isabel tinha sido estéril por muito tempo, agora estava velha, mas especialmente o fato de que a criança seria “grande diante do Senhor”. 2. Uma grande consideração e amizade por Isabel. Quando ela se alegrou, eles “alegraram-se com ela”. Nós devemos nos alegrar com a prosperidade dos nossos amigos e vizinhos, e agradecer a Deus pelos seus consolos, assim como pelos nossos.

III A discussão que houve entre eles, a respeito do nome que seria dado ao bebê (v. 59): “Ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino”, como Deus havia ordenado. Foi ali, em Hebrom, que a circuncisão foi instituída; e Isaque, que, como João Batista, nasceu por promessa, foi um dos primeiros a ser submetido a ela, pelo menos aquele a quem ela se destinava, em primeiro lugar. Aqueles que se alegraram pelo nascimento da criança se reuniram por ocasião da sua circuncisão. Observe que o maior consolo que podemos ter

em relação aos nossos filhos é entregá-los a Deus, e reconhecer a relação deles com Ele, através do concerto. O batismo dos nossos filhos em uma idade em que estejam conscientes de sua vida cristã deve ser, para nós, um motivo de maior alegria do que o seu nascimento.

Era o costume dar aos filhos os seus nomes quando eram circuncidados, porque quando Abrão foi circuncidado, Deus lhe deu um novo nome, e o chamou de Abraão; e não é inadequado que os filhos não tenham um nome oficial, até que sejam apresentados e entregues a Deus pelo nome. Veja:

1. Alguns propuseram que ele fosse chamado pelo nome do seu pai, Zacarias. Nós não temos nenhum exemplo, nas Escrituras, de que o filho devesse levar o nome do pai. Mas talvez isto fosse um costume recente entre os judeus. Assim como acontece em nossos dias, talvez eles pretendessem, desta maneira, honrar o pai, que tinha poucas probabilidades de ter outro filho.

2. A mãe se opôs, respondendo, “será chamado João”; tendo sabido, pela inspiração do Espírito Santo (como é mais provável), ou por informação por escrito do seu marido, que Deus tinha determinado que este seria o seu nome (v. 60): Ele “será chamado João” – Gracioso – porque ele apresentará o Evangelho de Cristo, no qual a graça de Deus resplandece mais brilhante do que nunca.

3. Os parentes objetaram contra esta escolha (v. 61): “Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome”; se ele não pode ter o nome do seu pai, que tenha o nome de algum dos seus parentes, que considerará como um ato de respeito, ter uma criança nascida por milagre como esta, com o seu nome. Observe que assim como aqueles que têm amigos devem se mostrar amistosos, também aqueles que têm parentes têm obrigações para com eles, com toda a consideração que normalmente se deve ter para com estes.

4. Eles apelaram ao pai, numa tentativa de conhecer a sua opinião; pois era função dele dar o nome à criança, v. 62. Eles lhe “perguntaram por acenos” (e assim entendemos que ele estava surdo, além de mudo); talvez o pai estivesse aparentemente despreocupado, caso contrário alguém teria pensado que eles deveriam, a princípio, ter-lhe pedido que escrevesse o nome do seu filho, se ele tivesse comunicado alguma coisa por escrito depois de ter ficado mudo. No entanto, eles prolongaram a discussão até onde puderam, e lhe deram a entender qual era o problema, e que somente ele poderia decidir; em seguida, ele lhes pediu, por acenos, que lhe dessem uma “tabuinha de

escrever", onde escreveu as palavras: "O seu nome é João", v. 63. Observe que Zacarias não disse "será João", nem "eu quero que seja João", mas "é João". O assunto já foi decidido; o anjo lhe tinha dado este nome. Observe que como Zacarias não podia falar, ele escreveu. Quando os ministros são silenciados, não podendo pregar, ainda farão o bem enquanto não tiverem atadas as suas mãos, ou seja, desde que possam escrever. Muitos dos mártires na prisão escreveram cartas para seus amigos, cartas que foram de grande utilidade; o apóstolo Paulo fez isto. O fato de Zacarias ter escolhido o mesmo nome que Isabel tinha escolhido foi uma grande surpresa para os amigos: "E todos se maravilharam"; pois estes não sabiam que, embora devido à surdez e mudez de Zacarias o casal não podia conversar, ambos eram guiados pelo único e pelo mesmo Espírito. Também é possível que eles tenham se maravilhado por ele ter escrito tão bem, algo que ele provavelmente não tinha feito antes (a situação sob a qual ele se encontrava podia ser semelhante a um tipo de paralisia).

5. Conseqüentemente, ele recuperou a fala (v. 64): "Logo a boca se lhe abriu". A duração pré-fixada para a sua mudez era "até ao dia" em que estas coisas acontecessem (v. 20); não todas as coisas relativas ao ministério de João, mas aquelas relativas ao seu nascimento e a escolha do seu nome (v. 13). Este tempo estava terminado, conseqüentemente o impedimento foi removido, e Deus lhe permitiu abrir a boca novamente, como tinha feito com Ezequiel, Ezequiel 3.27. O Dr. Lightfoot compara este caso de Zacarias com o de Moisés, Êxodo 4.24-26. Moisés, por desconfiança, está correndo risco de vida, assim como Zacarias, pelo mesmo erro, fica mudo; mas, depois da circuncisão do seu filho, e de recuperar a sua fé, ali, como aqui, o perigo é removido. A incredulidade tinha fechado a sua boca, e agora a fé a abre novamente; ele crê, e por isto, fala. Davi fica sob a culpa da concepção do seu filho até alguns dias depois do seu nascimento; então o Senhor remove o seu pecado: devido ao seu arrependimento, a criança não morrerá. Também aqui, Zacarias não mais estará mudo. "E, logo, a boca se lhe abriu e a língua se lhe soltou. E falava louvando a Deus. Observe que, quando Deus abre nossos lábios, nossas bocas devem expressar-lhe louvor. Não poder falar, é equivalente a não usar a fala para louvar a Deus, pois, a nossa língua é o nosso instrumento mais glorioso quando é usada para a glória de Deus".

6. Estas coisas foram divulgadas por toda a nação, e todos os que as ouviam se maravilhavam, vv. 65,66. Os sentimentos das pessoas não devem

ser menosprezados, mas observados. Aqui vemos: (1) Que “em todas as montanhas da Judéia foram divulgadas todas essas coisas”. Foi feito um relato de todas estas coisas, e dado a conhecer ao mundo, imediatamente. (2) Que “todos os que as ouviam as conservavam em seu coração”: “Veio temor sobre todos os seus vizinhos”. Se não tivermos uma “boa esperança”, como devemos ter, edificada sobre o Evangelho, podemos esperar que as notícias a respeito dele nos encham de temor. Eles creram e temeram, quando deviam ter crido e triunfado. (3) Isto fez crescer as expectativas das pessoas a respeito desta criança, e as impeliu a observá-la, para ver o que ela iria se tornar. Elas guardaram estes presságios em seus corações, armazenando-os na mente e na memória, como se previssem que no futuro teriam oportunidade de recordar-se deles. Observe as coisas (antigas e novas) que ouvimos, que podem vir a ser úteis, devemos guardar, para que possamos apresentá-las para o benefício de outros, e para que, quando se concretizarem, possamos olhar para os presságios e dizer: “Isto é o que podíamos esperar”. Eles refletiam e diziam entre si: “Quem será, pois, este menino?” Qual será o fruto quando estes são os brotos, ou melhor, quando a raiz brota de um solo tão seco? Observe que quando os filhos vêm ao mundo, é muito incerto o que eles serão, embora algumas vezes tenha havido indicações de algo grandioso, como no nascimento de Moisés, Sansão, Samuel, e agora no de João. E nós temos razão para pensar que algumas pessoas que faziam parte do povo viveram até a época em que João iniciou o seu ministério público, e que puderam se lembrar destas coisas, e relatá-las a outras, contribuindo muito para a grande multidão que o seguia.

Finalmente, está escrito, “E a mão do Senhor estava com ele”; isto é, ele estava sob a proteção especial do Todo-Poderoso, desde o seu nascimento, como alguém designado a algo grandioso e considerável, e houve muitos exemplos disto. Da mesma maneira, parecia que o Espírito estava trabalhando na sua alma desde o início. Tão logo ele começou a falar ou andar, era possível perceber nele algo muito extraordinário. Observe que Deus tem maneiras de operar na vida das crianças desde a sua infância, maneiras que nós não somos capazes de reconhecer. O Senhor Deus é quem sabe como santificar a alma de cada pessoa que nele crê.

O Cântico de Zacarias

vv. 67-80

Aqui temos o cântico com o qual Zacarias louvou a Deus quando a sua boca se abriu. Aqui está escrito que ele profetizou (v. 67), e ele realmente o fez, no sentido mais exato de profetizar; pois ele previu coisas futuras a respeito do reino do Messias, de que todos os profetas dão testemunho. Observe:

I Como ele estava qualificado para isto: Ele "foi cheio do Espírito Santo", investido de uma quantidade e um grau além do normal, para este objetivo; ele foi divinamente inspirado. Deus não somente perdoou a sua incredulidade e desconfiança (o que está representado pela libertação da punição), mas, como uma amostra da graça abundante aos crentes, Ele o encheu do Espírito Santo, e colocou a sua honra sobre ele, para usá-lo em benefício desta honra.

II Qual foi o tema deste cântico. Aqui não se diz nada sobre as questões privadas da família, o afastamento de uma reprovação e o nascimento de uma reputação, pelo nascimento desta criança, embora, sem dúvida, ele tenha encontrado tempo para dar graças a Deus por isto, com a sua família; mas neste cântico ele se dedica completamente ao reino do Messias, e às bênçãos que ele introduziria. Ele podia ter pouca satisfação com a fertilidade da sua videira, e a esperança das suas plantas de oliveira, se não tivesse previsto o bem de Jerusalém, a paz sobre Israel, e as bênçãos de ambas desde Sião, Salmos 128.3,5,6. As profecias do Antigo Testamento são freqüentemente expressas na forma de louvores e novos cânticos, e assim é a profecia do início do Novo Testamento: "Bendito o Senhor, Deus de Israel". "Ele será chamado o Deus de toda a terra" (Is 54.5); mas Zacarias, falando da obra de redenção, o chama de "Senhor Deus de Israel", porque a Israel tinham sido dadas as promessas, as profecias e as amostras da redenção, e a ela as primeiras ofertas e propostas de redenção seriam feitas. Israel, sendo um povo escolhido, era uma amostra dos eleitos de Deus de todas as nações, a quem Deus visava em particular, ao enviar-lhes o Salvador; e, portanto, Ele é aqui chamado de "Senhor Deus de Israel".

Aqui Zacarias bendiz a Deus:

1. Pela obra de salvação que seria realizada pelo próprio Messias, vv. 68-75. Isto é o que o enche, quando ele é cheio do Espírito Santo, e é disto que se enchem todos os que têm o Espírito de Cristo.

(1) Ao enviar o Messias, Deus fez uma visita de graça ao seu povo, a quem por muitos anos Ele tinha parecido negligenciar, afastando-se deles. Ele os visita como amigo, para tomar conhecimento do seu caso. Está escrito que Deus visitou o seu povo escravizado quando os libertou (Êx 3.16; 4.31), e visitou o seu povo faminto quando lhes deu pão, Rute 1.6. Freqüentemente, Ele lhes enviava algo, por meio dos seus profetas, e ainda tinha mantido uma correspondência com eles; mas agora Ele os visitava pessoalmente.

(2) Ele realizou a redenção para eles: Ele "remiu o seu povo". Esta foi a missão pela qual Cristo veio ao mundo, para remir aqueles que estavam vendidos ao pecado, e vendidos, sob o pecado. Até mesmo o povo de Deus, o seu Israel, o seu filho, o seu primogênito, o seu recém-nascido, precisa ser redimido, e estará perdido, se não o for. Cristo os redime, por preço, das mãos da justiça de Deus, e os redime, pelo poder, das mãos da tirania de Satanás, assim como Israel saiu do Egito.

(3) Ele cumpriu o concerto da realeza, feito com o mais famoso príncipe do Antigo Testamento, isto é, Davi. Coisas gloriosas foram ditas sobre a sua família; e ele, sendo poderoso, poderia prestar alguma ajuda para que o seu nome fosse exaltado, e a sua descendência perpetuada, Salmos 89.19,20,24,29. Mas esta família tinha sido, durante muito tempo, rejeitada e aborrecida, Salmos 89.38. Agora, aqui, ela é glorificada, de acordo com a promessa – e a força de Davi novamente brotará; pois (Sl 132.17), "Nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi, seu servo" (v. 69), ali, onde ela era prometida e deveria brotar. Davi é chamado de servo de Deus, não somente como um bom homem, mas como um rei que governou de acordo com a vontade de Deus; e ele foi um instrumento da salvação de Israel, sendo empregado no governo de Israel; assim, Cristo é o autor da eterna redenção somente daqueles que obedecem a Ele. Em Cristo, e somente nele, existe salvação para nós, e é uma "salvação poderosa"; pois: [1] É uma salvação honorável. Ela se eleva acima de todas as outras salvações, que não se podem comparar com ela: nela, estão tanto a glória do Redentor quanto a dos redimidos, e os seus nomes exaltados com honra. [2] É uma salvação abundante. É uma cornucópia – uma salvação abundante na qual nós somos abençoados com bênçãos espirituais, em coisas celestiais,

com abundância. [3] É uma salvação poderosa: A força do animal está no seu chifre. O Senhor levantou a salvação de modo a derrubar os nossos inimigos espirituais, e nos proteger deles. Nos carros desta salvação, o Redentor irá adiante e prosseguirá, vencendo, e rumo à vitória completa.

(4) Ele cumpriu todas as preciosas promessas feitas à igreja pelos mais famosos profetas do Antigo Testamento (v. 70): "Como falou pela boca dos seus santos profetas". A sua doutrina de salvação, por meio do Messias, é confirmada, com um apelo aos profetas, e a grandeza e a importância desta salvação são, desta maneira, evidenciadas e engrandecidas. É a mesma coisa que eles falavam, e que, portanto, deve ser esperada e bem recebida. É aquela salvação da qual eles "inquiriram e trataram diligentemente" (1 Pe 1.10,11), que, portanto, não deve ser menosprezada nem diminuída. Deus está fazendo agora aquilo de que Ele falou há muito tempo. Portanto, "Cale-se, toda a carne, diante do Senhor", e preste toda a atenção ao Senhor. Veja: [1] Como eram sagradas as profecias a respeito desta salvação. Os profetas que as transmitiam eram "santos profetas", que não enganavam, e cujo objetivo era promover a santidade entre os homens; e era o próprio Deus Santo que falava por meio deles. [2] Como a promessa era antiga: "Desde o princípio do mundo". Quando Deus prometeu, no princípio do mundo, que a Semente da mulher iria ferir a cabeça da serpente, esta promessa ecoava o fato de Adão ter dado à sua mulher o nome de Eva (Vida), pelo bem da sua Semente. Eva chamou o seu primeiro filho de Caim, dizendo, "Alcancei do Senhor um varão"; e também foi abençoada por ter tido outro filho, "Sete". Noé foi chamado de "descanso" (este é o significado do seu nome), e predisse que Deus habitaria nas tendas de Sem. E não foi muito tempo depois do novo início do mundo, com Noé, que foi feita a Abraão a promessa de que em sua semente "todas as nações da terra" seriam benditas. [3] Que maravilhosa harmonia, que maravilhoso conjunto percebemos que eles formam. Deus disse a mesma coisa a todos eles, e por isto se diz que é *dia stomatos*, não pelas bocas, mas pela boca dos profetas, pois todos eles falam de Cristo como se tivessem uma só boca.

O que era esta salvação que tinha sido profetizada?

Em primeiro lugar, a libertação da maldade dos nossos inimigos: *soterian ex echthron hemon* – a salvação "dos nossos inimigos", do meio deles, e do poder "de todos os que nos aborrecem" (v. 71); é a salvação do pecado, e do domínio de Satanás sobre nós, tanto pelas corrupções internas quanto pelas

tentações externas. Os judeus carnais esperavam ser libertados do jugo romano, mas os indícios eram de que haveria uma redenção de outra natureza. “Ele salvará o seu povo dos seus pecados”, para que estes não mais tenham domínio sobre eles, Mateus 1.21.

Em segundo lugar, é uma restauração do favor de Deus: “para manifestar misericórdia a nossos pais”, v. 72. O Redentor não somente ferirá a cabeça da serpente que era a responsável pela nossa ruína, mas também nos restituirá à misericórdia de Deus, e nos recolocará no seu concerto. Ele nos trará, como se fosse a um paraíso novamente, o que era representado pelas promessas feitas aos patriarcas, e pelo santo concerto que fez com eles, o “juramento que jurou a Abraão, nosso pai”, v. 73. Observe: (1) Que o que foi prometido aos pais, e se realiza para nós, é misericórdia, pura misericórdia; nada na promessa se deve a mérito nosso (nós merecemos a ira e a maldição), mas somente à misericórdia de Deus, que nos designou graça e vida: *ex mero motu – pela sua própria boa vontade*, Ele nos amou, porque quis nos amar. (2) Deus tinha como objetivo o seu concerto, o seu santo concerto, aquele concerto feito com Abraão: Eu serei por Deus a ti e à tua semente (veja Gn 17.7). Esta semente tinha, na verdade, perdido este concerto pelas suas transgressões; Ele parecia ter se esquecido deste concerto, devido às calamidades que caíram sobre a semente; mas agora Ele se lembrará, deixará claro que Ele se lembra, pois neste concerto se fundamentam todas as suas restituições de misericórdia, Levítico 26.42: “Também do meu concerto com Abraão me lembrarei”.

Em terceiro lugar, é uma qualificação, e um incentivo para servirmos a Deus. Este foi “o juramento que jurou a Abraão, nosso pai” – de conceder-nos poder e graça para servi-lo, de uma maneira aceitável a Ele, e de uma maneira confortável para nós, vv. 74,75. Aqui parece haver uma alusão à libertação de Israel, da escravidão do Egito, que, Deus diz a Moisés, foi feita de acordo com o concerto que Ele tinha feito com Abraão (Êx 3.6-8), e que este era o seu objetivo ao tirá-los do Egito, que pudessem servir a Deus neste monte, Êxodo 3.12. Observe que o grande desígnio da graça do Evangelho não é nos isentar de servirmos a Deus, mas de nos engajar a servi-lo, e nos incentivar a fazê-lo. Sob esta noção, o cristianismo sempre foi considerado como uma bênção que tem a finalidade de nos tornar realmente religiosos, admitir-nos na obra de Deus, nos impelindo e estimulando a fazê-la. Portanto, nós somos libertados do jugo de ferro do pecado para que os

nossos pescoços possam ser colocados sob o jugo suave e leve do Senhor Jesus. As mesmas ataduras que Ele soltou, nos prendem fortemente a Ele, Salmos 116.16. Desta maneira, nós podemos: (1) Servir a Deus “sem temor” – *aphobos*. Portanto, nós estamos colocados em um estado de segurança santa para que possamos servir a Deus com santa segurança e tranqüilidade de espírito, como aqueles que se acalmam dos temores do mal. Deus deve ser servido com um temor filial, um temor reverente e obediente, um temor estimulante, mas não com um medo servil, como aquele do servo negligente, que o vê como um Mestre duro e irracional; não com o medo que tem tormento e assombro em si; não com o medo de um espírito lícito; um “espírito de escravidão”, mas com a coragem de um espírito evangélico, o “espírito de adoção”. (2) Servir a Deus “em santidade e justiça”, o que inclui todo o dever de um homem com relação a Deus e ao seu próximo. É a intenção e, ao mesmo tempo, a tendência direta do Evangelho, renovar em nós aquela imagem de Deus segundo a qual o homem foi criado, que consistia de justiça e verdadeira santidade, Salmos 50.14. (3) Servir “diante dele”, nos deveres da imediata adoração a Ele, quando nos apresentamos diante do Senhor, para servi-lo, como aqueles que sempre se dedicam a Ele, e vêem que Ele os observa – Ele observa o nosso homem interior, que está servindo diante dele. (4) Servir a Deus “todos os dias da nossa vida”. O desígnio do Evangelho é nos engajar, com constância e perseverança, a serviço de Deus, mostrando-nos quanta coisa depende de que não recuemos, e mostrando-nos como Cristo nos ama até o fim, e, desta maneira, incentivando-nos a amá-lo até o fim.

2. Zacarias bendiz a Deus pelo trabalho de preparação desta salvação, que deveria ser feito por João Batista (v. 76): “Tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo”, ainda que agora tenhas apenas oito dias de idade. Jesus Cristo é o Altíssimo, pois Ele é Deus sobre todos, “bendito eternamente” (Rm 9.5), como o seu Pai. João Batista foi o profeta de Jesus, assim como Arão foi o profeta de Moisés (Êx 7.1); o que João disse, foi como sua boca; o que ele fez, foi como seu arauto. As profecias tinham deixado de ser concedidas por muito tempo, mas em João elas reviveram, assim como tinha acontecido com Samuel – que foi filho de uma mulher idosa, como também o foi João – depois de uma longa pausa. O trabalho de João seria:

(1) Preparar as pessoas para a salvação, pregando o arrependimento e a transformação, como grandes tarefas do Evangelho: “Hás de ir ante a face do Senhor”, um pouco antes dele, para “preparar os seus caminhos”, para avisar às pessoas para que abram lugar para Ele, e se preparem para recebê-lo. Que tudo o que possa obstruir o seu progresso, ou dificultá-lo, ou impedir que as pessoas venham até Ele, seja removido, veja Isaías 40.3,4. “Todo vale será exaltado, e todo monte e todo outeiro serão abatidos”.

(2) Dar às pessoas uma idéia geral da salvação, para que possam saber, não apenas o que fazer, mas também o que esperar; pois a doutrina que ele pregava era que era chegado o reino do céu. Há duas coisas das quais devemos saber que esta salvação consiste:

[1] O perdão daquilo que nós fizemos de errado. É a salvação pela remissão dos pecados. Aqueles pecados que impedem a salvação e, pelos quais, todos nós estamos propensos à destruição e à condenação, v. 77. João Batista levou as pessoas a compreenderem que, embora a sua situação fosse infeliz, devido ao pecado, ela não era desesperadora, pois o perdão podia ser obtido, pela misericórdia de Deus (“pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus”, são as palavras exatas). Não havia nada em nós, exceto um caso lamentável, que nos recomendasse à compaixão divina.

[2] A orientação para agir melhor no futuro. A salvação do Evangelho não somente nos incentiva a esperar que as obras das trevas sejam perdoadas, mas nos fornece uma luz clara e verdadeira, pela qual nós podemos endireitar os nossos passos. Nela, “o oriente do alto nos visitou” (v. 78); e isto também se deve às “entranhas da misericórdia do nosso Deus”. Cristo é *anatole – a estrela da manhã*, o Sol que nasce, Malaquias 4.2. O Evangelho traz consigo a luz (Jo 3.19), não nos deixa vagando nas trevas da ignorância pagã, ou nos exemplos de luar do Antigo Testamento, mas nele o dia amanhece; com João Batista, a luz começou a surgir, mas cresceu rapidamente, e foi “brilhando mais e mais até ser dia perfeito”. Nós temos tanta razão para dar as boas-vindas ao dia do Evangelho, porque desfrutamos dele, quanto eles tinham de dar as boas-vinhas à manhã, pela qual tinham esperado tanto tempo. Em primeiro lugar, o Evangelho é descoberta; ele nos mostra porque estávamos antes nas trevas (v. 79); ele alumia “os que estão assentados em trevas”, pela “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo”. A estrela da manhã visitou este mundo escuro para converter os gentios à luz, Atos 26.18. Em segundo lugar, é um

renascimento; ele traz a luz aos “que estão assentados em sombra de morte”, como prisioneiros condenados na masmorra, para trazer-lhes as notícias de um perdão, da oportunidade de buscar o perdão; ele proclama a abertura da prisão (Is 61.1), e traz a luz da vida. Como é agradável esta luz! Em terceiro lugar, ele é orientação: Ele dirige “os nossos pés pelo caminho da paz”, aquele caminho que irá nos trazer paz, por fim. Não é somente uma luz para os nossos olhos, mas também lâmpada para os nossos pés (Sl 119.105); ele nos leva pelo caminho da reconciliação com Deus, para mantermos uma comunhão confortável; aquele caminho de paz de que, quando pecadores, nos afastamos e não conhecemos (Rm 3.17), nem teríamos conhecido por nós mesmos. No último versículo nós temos um breve relato dos primeiros anos de João Batista. Embora ele fosse filho de um sacerdote, ele não subiu, como Samuel, quando era criança, para servir diante do Senhor; pois ele devia preparar o caminho para um sacerdócio melhor. Mas nós lemos aqui,

1. Sobre a sua superioridade, quanto ao homem interior: “O menino crescia” nas capacidades da mente, muito mais do que as outras crianças; para que se robustecesse em espírito; tivesse um julgamento poderoso e uma decisão firme. A razão e a consciência (ambas são a lâmpada do Senhor) eram tão fortes nele que ele tinha as faculdades inferiores, do apetite e da paixão, completamente subjugada a elas. Com isto, se percebe que ele estava cheio do Espírito Santo; pois aqueles que são fortes no Senhor são fortes em espírito.

2. Sobre a sua obscuridade, quanto ao homem exterior: Ele “esteve nos desertos”; não que ele vivesse como um eremita; isolado da sociedade dos homens. Não. Nós temos razão para acreditar que ele subisse a Jerusalém nas festas, e freqüentasse a sinagoga aos sábados, mas a sua moradia constante era em alguma das casas isoladas que havia no deserto de Zife, ou Maom, que vimos na história de Davi. Ali ele passava a maior parte do seu tempo, em contemplação e devoção, e não teve a sua educação nas escolas, nem aos pés de um rabino. Observe que muitos têm qualificações de grande utilidade, mas estão enterrados vivos; e muitos dos que estão há muito tempo enterrados, são designados, e são adequados, para uma utilidade muito maior, no final; como João Batista, que “esteve nos desertos” somente “até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel”, quando tinha trinta anos de idade. Note que há um tempo pré-fixado para a manifestação daquelas bênçãos que estão reservadas para Israel; a visão delas se dará no “tempo

determinado, e até ao fim falará, e não mentirá”.

CAPÍTULO 2

Neste capítulo, temos um relato do nascimento e da infância do nosso Senhor Jesus, pois a sua concepção, e o nascimento e a infância do seu precursor já tinham sido assunto do capítulo anterior. Aqui, o Primogênito vem ao mundo; vamos encontrá-lo com nossas hosanas, Bendito o que vem. Aqui temos: I. O lugar do seu nascimento, e outras circunstâncias, que provavam que Ele era o verdadeiro Messias, e alguém como nós necessitávamos, mas não alguém como os judeus esperavam, vv. 1-7. II. O aviso do seu nascimento aos pastores daquela região, levado por um anjo; o cântico de louvor que os anjos entoaram naquela ocasião, e a propagação da notícia do seu nascimento pelos pastores, vv. 8-20. III. A circuncisão de Cristo, e o nome que lhe foi dado, v. 21. IV. A apresentação do menino Jesus no templo, vv. 22-24. V. Os testemunhos de Simeão, e Ana, a profetisa, a respeito dele, vv. 25-39. VI. O crescimento e a capacitação de Cristo, vv. 40-52. VII. Seu comparecimento à Páscoa, aos doze anos de idade, e a sua conversa com os doutores no templo, vv. 41-51. E isto, juntamente com o que já encontramos (capítulos 1 e 2 do Evangelho de Mateus), é tudo o que sabemos a respeito do nosso Senhor Jesus, até que Ele iniciou a sua obra pública, aos trinta anos de idade.

O Nascimento de Cristo

vv. 1-7

Agora era chegado o momento em que Deus iria enviar o seu Filho, “nascido de mulher”, e sujeito à lei; e tinha sido predito que Ele nasceria em Belém. Aqui temos um relato que contém a época, o lugar e o modo em que isto aconteceu.

I A época em que o nosso Senhor Jesus nasceu. Podemos compreender várias coisas nestes versículos, que nos indicam que era o momento adequado.

1. Ele nasceu na época do apogeu da quarta monarquia, justamente quando ela tinha se tornado, mais do que qualquer uma das três anteriores, uma

monarquia universal. Ele nasceu nos dias de César Augusto, quando o império romano chegava mais longe do que jamais tinha chegado, incluindo a Pártia para um lado, e a Bretanha, do outro; por isto era, então, chamado de *Terraram orbis imperium – O império de toda a terra*; e aqui este império é chamado de "todo o mundo" (v. 1), pois dificilmente haveria alguma parte do mundo civilizado que não estivesse incluída nele. Esta era a ocasião em que deveria nascer o Messias, de acordo com a profecia de Daniel (Dn 2.44): "Nos dias desses reis" – os reis da quarta monarquia – "o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído."

2. Ele nasceu quando a Judéia tinha se tornado uma província do império, e deveria, então, pagar impostos a ele; com isto, fica evidente que, quando todo o império romano pagava impostos, os judeus também deveriam pagar, como os demais. Jerusalém tinha sido conquistada por Pompeu, o general romano, aproximadamente sessenta anos antes, que concedeu o controle da igreja a Hircano, mas não o governo do estado; gradativamente, este foi sendo reduzido cada vez mais, até que agora, estava de maneira geral bastante subjugado aos romanos; pois a Judéia era governada por "Cirênio, o governador romano da Síria" (v. 2): os autores romanos o chamam de Sulpício Quirino. Agora, justamente nesta situação, o Messias deveria nascer, pois esta foi a profecia de Jacó, quando estava prestes a morrer: "O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló", Gênesis 49.10. Este era o primeiro alistamento que era feito na Judéia, o primeiro sinal distintivo da sua submissão, e por isto agora Siló devia vir, para estabelecer o seu reino.

3. Há ainda outra circunstância, com relação à época, que está implícita neste alistamento geral de todos os súditos do império, que é o fato de que agora havia uma paz universal no império. O templo de Jano agora estava fechado, como nunca estaria, se houvesse qualquer guerra em andamento; e este era o momento adequado para o nascimento do Príncipe da paz, nos dias em que as espadas fossem convertidas em enxadas (Mq 4.30).

II. O lugar onde o nosso Senhor Jesus nasceu é digno de comentários. Ele nasceu em "Belém"; assim tinha sido predito (Mq 5.2), assim diziam os escribas (Mt 2.5, 6), e assim dizia o povo, João 7.42. O nome do lugar era significativo. Belém significa "casa de pão"; um lugar adequado para o nascimento daquele que é o Pão da vida, o Pão que desceu do céu. Mas isto

não era tudo; Belém foi a cidade de Davi, onde ele nasceu, e portanto ali deveria nascer aquele que era o Filho de Davi. Sião também era chamada de cidade de Davi (2 Sm 5.7), mas Cristo não nasceu ali; pois Belém era aquela cidade de Davi, onde ele nasceu na pobreza, para ser um pastor; e esta cidade o nosso Salvador, quando se humilhou, escolheu para ser o local do seu nascimento; não Sião, onde Davi governou com poder e prosperidade, e que não seria um modelo para a igreja de Cristo, o monte Sião. Assim, quando Maria estava grávida, e próxima do momento de dar à luz, a Providência determinou que, por ordem do imperador, todos os súditos do império romano deveriam alistar-se; isto é, eles deveriam fornecer os seus nomes às autoridades responsáveis, e deveriam se registrar e alistar, de acordo com as suas famílias, que é o significado adequado da palavra aqui usada; o fato de que devessem pagar impostos era apenas secundário. Supõe-se que eles professavam a submissão ao império romano, fosse por algumas palavras determinadas, ou, pelo menos, pelo pagamento de algum pequeno tributo, alguns centavos, digamos, como símbolo da sua lealdade, como se fossem inquilinos do império. Assim os judeus eram vassalos registrados, e chegaram a esta condição precária de vida devido ao seu próprio procedimento.

De acordo com este decreto, os judeus, que eram escrupulosos na distinção das suas tribos e famílias, cuidavam para que no seu alistamento houvesse uma atenção especial para preservar a lembrança delas. Em uma atitude tola, eles se preocupam em salvar a sombra, quando tinham perdido a essência.

O decreto de Augusto se destinava a satisfazer o seu orgulho de saber quantos compunham o seu povo, e proclamar este número ao mundo, ou, com intenções políticas, fortalecer o interesse que o império atraía, e fazer com que o seu governo aparentasse ser ainda mais formidável; mas a Providência fez outro uso dele. “Todo o mundo” estaria envolvido no alistamento, somente para que José e Maria pudessem se alistar. Isto os levou de Nazaré, na Galiléia, a Belém, na Judéia, porque eles pertenciam à casa e à família de Davi (vv. 4,5); e, talvez, sendo pobres e humildes, eles julgassem a realeza da sua origem mais como um peso e um gasto, do que como uma questão de orgulho. Porque é difícil supor que cada judeu (as mulheres e os homens) fosse obrigado a viajar à cidade de onde eram os seus ancestrais, e se alistassem ali, agora, em uma época em que eles não se prendiam tanto aos laços das suas tribos, como antigamente; isto pode ser apresentado como

uma conjetura de que esta grande exatidão fosse usada somente com a família de Davi, a cujo respeito, provavelmente, o imperador deu ordens especiais, pois tinha sido a família real, e ainda era mencionada como tendo assim sido designada, de modo que ele pudesse saber quantos eram, e que poder tinham. Vários objetivos da Providência estavam sendo satisfeitos através disto.

1. Com este decreto, Maria foi trazida, grávida, a Belém, para ali dar à luz, de acordo com o que tinha sido predito; apesar de que ela tivesse planejado ficar em Nazaré. Veja como o homem planeja, mas Deus é quem tem a decisão final. E como a Providência organiza todas as coisas para o cumprimento das Escrituras, e faz uso do que os homens planejam para servir aos seus próprios propósitos, muito além da sua intenção, para servir aos propósitos de Deus.

2. Com isto, ficava claro que Jesus Cristo pertencia à descendência de Davi; pois o que traz a sua mãe a Belém, agora, exceto o fato de que ela pertence à "casa e família de Davi?" Isto era uma questão material que precisava ser provada, e exigia uma prova autêntica como esta. Justino Mártir e Tertuliano, dois dos primeiros defensores da religião cristã, apelam para estes alistamentos ou registros do império romano como prova de que Cristo nasceu na casa de Davi.

3. Também ficava claro que Ele nasceu "debaixo da lei" (Gl 4.4); pois Ele tornou-se um súdito do império romano tão logo nasceu, "servo dos que dominam", Isaías 49.7. Muitos supõem que, tendo nascido na época do alistamento, Ele foi registrado, juntamente com o seu pai e a sua mãe, o que explica como Ele "aniquilou-se a si mesmo" e assumiu a "forma de servo". Em vez de ter reis pagando tributos a Ele, quando veio ao mundo Ele mesmo se fez um pagador de tributos.

III As circunstâncias do nascimento do Senhor foram muito humildes, estando sob todas as possíveis marcas de desprezo. Ele era, realmente, um filho primogênito, mas era pouca honra ser o primogênito de uma mulher pobre como era Maria, que não tinha uma herança à qual Ele tivesse direito como primogênito, exceto o que havia no seu nascimento.

1. Ele esteve sujeito a algumas humilhações comuns a outras crianças: Ele foi envolto em panos, assim como as outras crianças, quando eram recém-nascidas, como se Ele pudesse ser contido, ou precisasse ser bem

resguardado. Aquele que faz da escuridão um envolvedouro para o mar, foi envolto em panos, Jó 38.9. O Pai eterno tornou-se um filho do tempo, e os homens disseram àquele, cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade: “Bem sabemos de onde este é”, João 7.27. O Ancião de dias tornou-se uma criança, e viveu a vida na terra.

2. Ele sofreu humilhações peculiares a si mesmo.

(1) Ele nasceu em um estábulo. Este filho de Davi, que era a glória da casa do seu Pai, não tinha nenhuma herança que pudesse utilizar, nem mesmo na cidade de Davi, nem um amigo que pudesse hospedar a sua mãe aflita, com alojamentos onde ela pudesse repousar. Cristo nasceu em um estábulo, para indicar que Ele veio ao mundo somente para aqui residir provisoriamente, como em uma estalagem, e para nos ensinar a fazer a mesma coisa. Uma estalagem recebe todos os que chegam, e também Cristo faz a mesma coisa. Ele arvora a bandeira do amor como sua marca, e quem quer que venha a Ele de maneira nenhuma Ele lançará fora; mas, diferentemente de outras estalagens, Ele recebe aqueles que chegam “sem dinheiro e sem preço”. Tudo é gratuito.

(2) Ele foi deitado numa manjedoura; o lugar onde o gado é alimentado. Por não haver lugar na estalagem, e por falta de alojamento, não, por falta do indispensável, Ele foi colocado em uma manjedoura, em vez de num berço. A palavra que nós traduzimos como “panos” alguns julgam derivar de uma palavra que significa rasgar, e deduzem que Ele estava tão longe de ter um bom conjunto de roupa de cama, que é possível que as suas próprias fraldas estivessem rasgadas. O fato de que Ele nasceu em um estábulo e foi colocado em uma manjedoura, é um exemplo: [1] Da pobreza dos seus pais. Se eles fossem ricos, haveria lugar para eles; mas como eram pobres, eles precisavam se arranjar como podiam. [2] Da corrupção e da degeneração das boas maneiras, naquela época, que faziam com que uma mulher com reputação de virtude e honra fosse tratada de maneira tão bárbara. Se houvesse algum sentimento humanitário entre eles, eles não teriam levado uma mulher em trabalho de parto a um estábulo. [3] Foi um exemplo da humilhação do nosso Senhor Jesus. Pelo pecado, nós nos tornamos como um bebê exilado, desamparado e miserável; e Cristo foi um bebê assim. Assim, o Senhor Jesus se revelou como aquele que foi tipificado por Moisés, o grande profeta e legislador do Antigo Testamento, que, quando bebê, foi colocado em um cesto feito de juncos, assim como Cristo, em uma manjedoura. Cristo

desta maneira despreza toda a glória deste mundo, e nos ensina a fazer o mesmo. Uma vez que os seus não o receberam, não estranhemos que não nos recebam.

Anjos Aparecem aos Pastores. A Visita dos Pastores a Cristo

vv. 8-20

As circunstâncias mais pobres da humilhação de Cristo foram, desde o início, acompanhadas de algumas descobertas da sua glória, para compensá-las, e para remover a ofensa; pois mesmo quando Ele se humilhou, Deus, de alguma maneira, o exaltou e lhe deu sinais da sua futura exaltação. Quando o vemos “envolto em panos e deitado numa manjedoura”, nós somos tentados a dizer, “Certamente, este não pode ser o Filho de Deus”. Mas vendo o seu nascimento acompanhado por um coro de anjos, podemos dizer, “Certamente, este não pode ser outro senão o Filho de Deus”, a cujo respeito foi dito, quando introduzido no mundo. “E todos os anjos de Deus o adorem”, Hebreus 1.6.

No Evangelho de Mateus, nós lemos um relato da notícia da chegada deste embaixador, deste príncipe do céu, aos magos, que eram gentios, levada por uma estrela; aqui, nós lemos sobre a notícia dada aos pastores, que eram judeus, por um anjo. Deus decide falar a cada um de nós com a linguagem com que estamos mais familiarizados.

I Veja como os pastores foram empregados; eles estavam no campo naquela comarca – próximos a Belém – e “guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho”, v. 8. O anjo não foi enviado aos principais dos sacerdotes, ou aos anciãos (eles não estavam preparados para receber esta notícia), mas a um grupo de pobres pastores, que eram como Jacó, homens simples, que moravam em tendas, e não como Esaú, caçadores perspicazes. Os patriarcas eram pastores. Moisés e Davi, particularmente, foram chamados do trabalho do pastoreio para governar o povo de Deus; e com este exemplo, Deus mostrava que Ele ainda tinha uma bênção para aqueles que tinham um trabalho tão inocente. Moisés recebeu a notícia da libertação de Israel do Egito, quando estava apascentando um rebanho, e a estes pastores, que, provavelmente eram homens piedosos e devotos, foi trazida a notícia de uma

salvação ainda maior. Observe: 1. Eles não estavam dormindo em suas camas, quando esta notícia chegou até eles (embora muitos tivessem recebido grande sabedoria do céu quando dormiam em suas camas), mas estavam no campo, vigilantes. Aqueles que desejam ter notícias de Deus devem estar vigilantes. Eles estavam completamente despertos, e por isto não poderiam ser enganados quanto ao que viam e ouviam, como podem ser os que estão meio adormecidos. 2. Eles se dedicavam, neste momento, não a atos de devoção, mas aos deveres da sua profissão; eles estavam vigiando o seu rebanho, para protegê-lo dos ladrões e dos animais predatórios; provavelmente, era verão, quando eles mantinham o gado ao ar livre durante a noite, como se faz hoje em dia, e não os guardavam nos estábulos. Observe que nós não somos inacessíveis às visitas divinas quando estamos sensatamente empregados em uma profissão honesta, e permanecemos com Deus nela.

II Veja como eles se surpreenderam com a aparição do anjo (v. 9): "E eis que um anjo do Senhor veio sobre eles", *epeste – ficou (ou pairou)* sobre eles; muito provavelmente, no ar, acima das suas cabeças, como vindo diretamente do céu. Está escrito, "um anjo", como se fosse o mesmo anjo que apareceu repetidas vezes no capítulo anterior, o anjo Gabriel, que se movia rapidamente, mas não se tem certeza disto. A vinda do anjo sobre eles dá a entender que eles não faziam idéia disto, nem o esperavam, pois as visitas da graça nos são feitas para que sejamos abençoados, e ocorrem quando não as esperamos. Para que pudessem ter certeza de que este era um anjo do céu, eles viram e ouviram a glória do Senhor ao seu redor; de modo a tornar a noite tão brilhante quanto o dia, uma glória como a que era usada para acompanhar a aparição de Deus, uma glória celestial, ou uma glória extremamente grandiosa, cujo resplendor ofuscante eles não podiam suportar. Isto lhes causou "grande temor", os deixou consternados, como se temessem más notícias. Embora tenhamos consciência de que temos muita culpa, nós temos razões para esperar que nem todo mensageiro do céu traga uma mensagem de ira.

III Qual era a mensagem que o anjo deveria transmitir aos pastores, vv. 10-12. 1. Ele ordena que os seus temores sejam suspensos: "Não temais", pois eu não tenho nada a dizer que vocês precisem temer; vocês não devem

temer os seus inimigos, e nem temer os seus amigos. 2. Ele lhes traz uma notícia que lhes causará muita alegria: “Eis aqui vos trago novas de grande alegria”. Eu declaro isto solenemente, e vocês têm razão para receber bem esta notícia, pois ela trará alegria a todo o povo, e não somente ao povo dos judeus. “Na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (v. 11); o Salvador que há tanto tempo é esperado. Jesus é o Cristo, o Messias, o Ungido; Ele é o Senhor, o Senhor de tudo; Ele é um príncipe soberano; ou melhor, Ele é Deus, pois o Senhor, no Antigo Testamento, significa Jeová. Ele é o Salvador, e será o Salvador somente para aqueles que o aceitarem como seu Senhor. Nasceu o Salvador, nasceu hoje; e, como isto é motivo de grande alegria para todo o povo, não deve ser mantido em segredo, vocês podem proclamá-lo, podem contar a quem quiserem. Ele nasceu no lugar onde estava predito que Ele nasceria, “na cidade de Davi”; e Ele nasceu para vocês; a vocês, judeus – Ele é enviado, em primeiro lugar, para abençoar vocês; a vocês, pastores, ainda que sejam pobres e humildes no mundo. Isto se refere a Isaías 9.6, “Um menino nos nasceu, um filho se nos deu”. A vocês, homens, não a nós, anjos; Ele não assumiu a natureza dos anjos. E é motivo de alegria, realmente, a todo o povo, uma grande alegria. Aquele que foi esperado por tanto tempo veio afinal. Que o céu e a terra se alegrem diante do Senhor, pois Ele veio. 3. Ele lhes dá um sinal para a confirmação da sua fé nesta notícia. “Como vocês irão encontrar esta criança em Belém, que agora está cheia de descendentes de Davi? Vocês o encontrarão com este sinal: “achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”, onde certamente nenhum recém-nascido jamais esteve”. Eles esperavam ouvir “Vocês o encontrarão (embora seja bebê, envolto em mantos, e deitado na melhor casa da cidade), deitado com pompa, com uma grande quantidade de criados vestidos com ricos uniformes”. E não, “achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”. Quando Cristo estava aqui, na terra, Ele se distinguia e se notabilizava tanto pelo seu poder, como pelos exemplos da sua humilhação.

IV O cântico de louvor dos anjos a Deus, e os louvores dos homens, nesta solene ocasião, vv. 13,14. A mensagem mal tinha sido transmitida por um anjo (que era suficiente para expressá-la), e subitamente havia, “com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais”; suficiente, podemos ter certeza, para formar um coro, que foi ouvido pelos pastores, um coro de louvor a

Deus; certamente, o seu cântico não era como aquele (Ap 14.3), que "ninguém podia aprender", pois o seu objetivo era que todos o aprendêssemos. 1. Que Deus receba a honra desta obra: "Glória a Deus nas alturas". A boa vontade de Deus para com os homens, manifestada no envio do Messias, resulta no seu louvor; e os anjos, nas alturas celestiais, embora não tenham um interesse imediato nisto, celebram em sua honra, Apocalipse 5.11,12. "Glória a Deus", cuja bondade e cujo amor determinaram esta graça, e cuja sabedoria a planejou de tal maneira, que este atributo divino não seja glorificado à custa de outro, mas que esteja assegurada e promovida a honra de todos. Outras obras de Deus são para a sua glória, mas a redenção do mundo é para a sua glória nas alturas. 2. Que os homens se alegrem com isto: "Paz na terra, boa vontade para com os homens!" A boa vontade de Deus, enviando o Messias, trouxe paz a este mundo inferior, destruiu a inimizade que o pecado tinha produzido entre Deus e o homem, e restabeleceu uma correspondência pacífica. Se Deus está em paz conosco, disto resulta toda a paz: a paz de consciência, a paz com os anjos, a paz entre os judeus e os gentios. A paz aqui significa todo o bem, todo o bem que nos chega a partir da encarnação de Cristo. Todo o bem que nós temos, ou esperamos, se deve à boa vontade de Deus; e, se nós tivermos o seu consolo, Ele deve receber a glória por isto. Nenhuma paz e nenhum bem devem ser esperados de uma maneira incoerente com a glória de Deus; por nenhuma forma de pecado, e de nenhuma maneira, exceto por meio de um Mediador. Aqui a paz foi proclamada com grande solenidade; quem desejar, venha e receba o seu benefício. E a paz na terra, a boa vontade para com os homens (conforme algumas versões), *en anthropois eudokias*; será destinada aos homens que também demonstrarem ter uma boa vontade para com Deus, e desejarem ser reconciliados. Deus tem boa vontade para com os homens, que são os recipientes da sua misericórdia. Veja como os anjos se comovem pelo homem, e pelo seu bem estar e felicidade; como eles ficam felizes com a encarnação do Filho de Deus, embora Ele não tivesse tomado a natureza deles; e nós não deveríamos ficar muito mais comovidos? Estas palavras são confiáveis, confirmadas por um incontável número de anjos, e dignas de toda a aceitação: Que a boa vontade de Deus para com os homens é a glória de Deus nas alturas, e a paz na terra.

A visita que os pastores fizeram ao Salvador recém-nascido. 1. Eles V conversaram entre si, a este respeito, v. 15. Enquanto os anjos estavam entoando o seu hino, eles somente podiam assistir; mas, “ausentando-se deles os anjos para o céu” (pois os anjos, quando apareciam, nunca tinham uma permanência longa, mas retornavam ao céu tão logo tivessem cumprido seu dever), “Disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém”. Observe que quando já não esperamos mais mensagens extraordinárias do mundo superior, devemos nos preparar para aproveitar as vantagens que temos, confirmando a nossa fé, e mantendo a comunhão com Deus neste mundo inferior. E corroborar pela observação e experiência não é reflexo do testemunho dos anjos, nem de um testemunho divino. Mas, observe que estes pastores não expressam dúvida, “Vamos ver se realmente isto é verdade”, mas falam com certeza, “Vejamos isso que aconteceu”; pois que espaço há para dúvidas, quando o Senhor os “fez saber”? “A palavra falada pelos anjos permanece firme” e inquestionável (veja Hb 2:2). 2. Eles “foram apressadamente”, v. 16. Eles não perderam tempo, mas foram apressadamente ao lugar ao qual, provavelmente, o anjo os orientou com mais detalhes do que está registrado (“Vão ao estábulo desta estalagem”); e ali “acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura”. A pobreza e a humildade em que encontraram a Cristo, o Senhor, não foi um choque para a sua fé, pois eles sabiam o que era viver uma vida de confortável comunhão com Deus, em circunstâncias muito pobres e humildes. Nós temos motivos para pensar que os pastores contaram a José e Maria sobre a visão dos anjos que tinham tido, e o cântico dos anjos que tinham ouvido, o que lhes deve ter sido um grande incentivo, maior do que se a visita lhes tivesse sido feita pelas melhores senhoras da cidade. E é provável que José e Maria tivessem contado aos pastores as visões que tinham tido, a respeito da criança; e assim, contando uns aos outros as suas experiências, eles fortaleceram enormemente a fé uns dos outros.

VI O cuidado que os pastores tiveram em divulgar o ocorrido (v. 17): Depois de ver o menino Jesus, embora não vissem nada na criança que pudesse levá-los a crer que Ele era Cristo, o Senhor, ainda assim as circunstâncias, por mais humildes que fossem, estavam de acordo com o sinal que o anjo lhes tinha dado, e eles ficaram completamente satisfeitos. E, como disseram os leprosos (2 Rs 7.9, “Não fazemos bem; este dia é dia de

boas-novas, e nos calamos"), também eles fizeram saber a todos toda a história que lhes tinha sido contada, pelos anjos e por José e Maria, acerca do menino: que Ele era o Salvador, Cristo, o Senhor; que nele há paz na terra, e que Ele tinha sido concebido pelo poder do Espírito Santo, e nascido de uma virgem. Isto eles contaram a todos, e estavam de acordo no seu testemunho a este respeito. E se agora, quando Ele está no mundo, o mundo não o conhece, é a nossa própria culpa, pois eles o divulgaram de maneira suficiente. Que impressão isto causou ao povo? Ora, verdadeiramente, "todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam", v. 18. Os pastores eram homens simples, diretos e honestos, e não podiam ser considerados culpados de qualquer desejo de impor-se aos outros; portanto, o que os pastores tinham dito, provavelmente era verdade, e, se era verdade, eles não podiam deixar de se maravilhar com isto, com o fato de que o Messias nascesse em um estábulo e não em um palácio, que os anjos trouxessem notícias disto a pobres pastores, e não aos principais dos sacerdotes. Eles se maravilharam, mas não quiseram saber nada mais sobre o Salvador, nem o dever que tinham para com Ele, ou os benefícios que teriam com Ele, mas deixaram o assunto diminuir, como se fosse fogo de palha. Oh, a surpreendente tolice dos homens daquela geração! Com razão as coisas que pertenciam à sua paz estavam ocultas aos seus olhos, quando eles, assim, voluntariamente, fechavam os olhos a elas.

VII O uso que aqueles que creram nestas bênçãos fizeram delas. 1. Maria fez delas assunto para a sua meditação particular. Ela dizia pouco, mas "guardava todas essas coisas, conferindo-as em seu coração", v. 19. Ela reunia as evidências, e as guardava, para compará-las com as revelações que posteriormente lhe seriam feitas. Assim como ela tinha permitido silenciosamente que Deus esclarecesse a sua virtude, quando ela estava sob suspeita, ela também permite, silenciosamente, que Deus traga a público a sua honra, agora que estava oculta; e é suficiente satisfação para ela descobrir que, se ninguém mais toma conhecimento do nascimento do seu filho, os anjos tomam. Observe que as verdades de Cristo são dignas de ser/em guardadas; e a maneira de guardá-las em segurança é ponderar sobre elas. A meditação é a melhor amiga da lembrança. 2. Os pastores fizeram "destas coisas" o assunto dos seus louvores em público. Mesmo que os outros não se influenciassem por estas coisas, eles estavam influenciados (v.

20): “Voltaram os pastores glorificando e louvando a Deus”, como tinham feito os anjos celestiais. Mesmo que os outros não considerassem a notícia que os pastores lhes traziam, Deus aceitaria os louvores que eles lhe ofereciam. Eles louvaram a Deus, pelo que tinham ouvido do anjo, e pelo que tinham visto, o bebê na manjedoura, envolto apenas em panos, quando eles chegaram, exatamente como lhes tinha sido dito. Eles deram graças a Deus por terem visto a Cristo, embora na profundeza da sua humilhação. Assim como posteriormente a cruz de Cristo foi para alguns uma tolice e um obstáculo, também esta manjedoura o foi. Mas outros viram nela, e admiraram, e louvaram, a sabedoria e o poder de Deus.

A Apresentação de Cristo no Templo

vv. 21-24

O nosso Senhor Jesus tornou-se carne tendo “nascido de mulher, nascido sob a lei”, Gálatas 4.4. Ele não somente estava, sendo filho de uma das filhas de Adão, sob a lei da natureza, mas, sendo o filho de uma das filhas de Abraão, sob a lei de Moisés. Ele se submeteu a este jugo, embora fosse um jugo pesado, e “a sombra dos bens futuros”. Embora as instituições da lei fossem “rudimentos fracos e pobres”, e “rudimentos do mundo”, como o apóstolo se refere a elas (Gl 4.3; 4.9), Cristo se submeteu a elas, para que pudesse, com a melhor graça, anulá-las e eliminá-las para nós.

Aqui nós temos dois exemplos de que Ele estava sob aquela lei, e se submetia a ela.

I. Ele foi circuncidado no dia exato indicado pela lei (v. 21): “Quando os oito dias foram cumpridos”, sete noites depois do dia do seu nascimento, eles o circuncidaram. 1. Embora esta fosse uma operação dolorosa (“certamente me és um esposo sanguinário”, disse Zípora a Moisés, “por causa da circuncisão”, Êxodo 4.25,26), ainda assim Cristo se submeteu a ela, por nós; na verdade, Ele se submeteu a ela, para dar-nos um exemplo da sua obediência, desde o início, da sua obediência até o sangue. Assim Ele derramou algumas gotas do seu sangue, que, mais tarde, Ele derramou em correntezas púrpura. 2. Embora, supostamente, Ele fosse um estranho, por meio desta cerimônia Ele era admitido ao concerto com Deus, não obstante Ele sempre tivesse sido o seu Filho amado. Na verdade, embora

supostamente, Ele fosse um pecador, que precisava ter a sua impureza removida, embora Ele não tivesse nenhuma impureza ou nenhum acúmulo de maldade a ser removido, ainda assim Ele se submeteu a este rito; Ele se submeteu a isto, porque queria ser feito à semelhança, não somente da carne, mas da carne do pecado, Romanos 8.3. 3. Embora com a circuncisão Ele se transformasse em um homem "obrigado a guardar toda a lei" (Gl 5.3), ainda assim Ele se submeteu a ela; Ele se submeteu a isto, porque queria assumir a forma de servo, ainda que fosse nascido livre. Cristo foi circuncidado: (1) Para que pudesse ser considerado da descendência de Abraão, e daquela nação de quem, no que diz respeito à carne, Cristo se originou, e para que tomasse a descendência de Abraão, Hebreus 2.16; 9.5. (2) Para que pudesse ser considerado o remidor de nossos pecados, e o responsável pela nossa segurança. A circuncisão (diz o Dr. Goodwin) era o certificado, segundo o qual nós nos reconhecíamos como devedores da lei; e Cristo, ao ser circuncidado, foi como se tivesse iniciado o seu empreendimento de tornar-se pecado por nós. A lei cerimonial consistia, em grande parte, de sacrifícios; Cristo, desta maneira, se obrigou a oferecer, não o sangue de touros ou bodes, mas o seu próprio sangue, algo que ninguém que tinha sido circuncidado antes dele foi forçado a fazer. (3) Para que pudesse justificar e honrar a dedicação da semente recém-nascida da igreja a Deus, através daquela cerimônia que é o selo do concerto, e da justiça, que é pela fé, como era a circuncisão (Rm 4.11), e como é o batismo. E, certamente, sua circuncisão aos oito dias de nascido, faz muito pela dedicação da semente dos crentes pelo batismo, na sua juventude, assim como o seu batismo aos trinta anos de idade o faz por aqueles que se batizam em uma idade adulta. A mudança da cerimônia não altera a sua essência.

Na ocasião da sua circuncisão, de acordo com o costume, Ele recebeu o seu nome: "Foi-lhe dado o nome de Jesus", ou Josué, pois o seu nome foi dado, "pelo anjo", à sua mãe Maria antes que Ele fosse concebido no útero (cap. 1.31), e ao seu suposto pai, José, posteriormente, Mateus 1.21. [1] Era um nome comum entre os judeus, assim como era o nome de João (Cl 4.11), e com isto Ele se fazia "semelhante aos [seus] irmãos". [2] Era o nome de dois homens eminentes semelhantes a Ele, no Antigo Testamento, Josué, o sucessor de Moisés, que foi comandante de Israel, e conquistador de Canaã; e Josué, o sumo sacerdote, que foi coroado propositadamente, para que pudesse representar a Cristo como um sacerdote no seu trono, Zacarias

6.11,13. [3] Isto era muito significativo em sua missão. Jesus significa Salvador. Ele seria denominado, não pelas glórias da sua natureza divina, mas pelos seus desígnios graciosos, como Mediador; Ele traz a salvação.

II Ele foi apresentado no templo. Isto foi feito para cumprir a lei, e na ocasião indicada pela lei, quando Ele tinha quarenta dias de idade, quando se cumpriram os dias da purificação de Maria, v. 22. Muitas versões, inclusive autênticas, substituem *auton* por *autes*, ou seja, “os dias da purificação deles” (como a Versão RA), da purificação tanto da mãe quanto da criança, pois assim devia ser, de acordo com a lei; e o nosso Senhor Jesus, embora não possuísse impureza da qual purificar-se, ainda assim submeteu-se a isto, como já tinha feito com a circuncisão, porque Ele se fez pecado por nós; e para que, assim como pela circuncisão de Cristo nós possamos ser circuncidados, em virtude da nossa união e comunhão com Ele, com uma circuncisão espiritual, não feita por mão (Cl 2.11), também na purificação de Cristo nós pudéssemos ser espiritualmente purificados da imundície e corrupção que trouxemos ao mundo conosco. Segundo a lei:

1. O menino Jesus, sendo um primogênito do sexo masculino, foi apresentado ao Senhor, em um dos pátios do templo. A lei está aqui reproduzida (v. 23): “Todo macho primogênito será consagrado ao Senhor”, porque, por um decreto especial de proteção para os israelitas, os primogênitos dos egípcios foram assassinados pelo anjo destruidor; para que Cristo, como primogênito, fosse um sacerdote, por um direito mais garantido do que aquele da casa de Arão. Cristo foi “o primogênito entre muitos irmãos”, e foi “consagrado ao Senhor”, como nenhum outro tinha sido; mas, ainda assim, Ele foi apresentado ao Senhor como qualquer outro primogênito, e não de qualquer outra maneira. Embora Ele tivesse recentemente saído do seio do Pai, ainda assim Ele foi apresentado a Ele pelas mãos de um sacerdote, como se Ele fosse um estranho, que precisasse de alguém que o apresentasse. O fato de que Ele foi apresentado ao Senhor agora significou que Ele se apresentou ao Senhor como Mediador, quando estava destinado a aproximar-se dele, Jeremias 30.21. Mas, de acordo com a lei, Ele foi resgatado, Números 18.15. “Os primogênitos dos homens resgatarás”, e “a tua avaliação dum varão será de cinco siclos de prata”, Levítico 27.6; Números 18.16. Mas, provavelmente em caso de pobreza, o sacerdote tinha permissão de receber menos, ou talvez nada; pois nenhuma menção a isto é feita aqui. Cristo foi apresentado ao Senhor, não para ser levado de volta, pois Ele foi levado à porta de Deus, para servi-lo para sempre (Êx 21.6); e embora Ele não seja deixado no templo, como Samuel, para ministrar ali, ainda assim, como Samuel, Ele é consagrado ao Senhor por toda a sua vida, e para servi-lo no verdadeiro templo “não feito por mãos de homens”, Marcos 14.58.

2. A mãe trouxe a sua oferta, v. 24. Quando ela apresentasse o seu filho ao Senhor, esse filho que seria o supremo sacrifício, ela poderia ter sido dispensada de fazer qualquer outra oferta. Mas, assim está disposto na lei do Senhor, a lei que ainda estava em vigor. E, portanto, isto deve ser feito, ela deve oferecer “um par de rolas ou dois pombinhos”. Se tivesse recursos, ela deveria ter trazido um “um cordeiro por holocausto”, e “um pombinho para expiação do pecado”; mas, sendo pobre, e não podendo pagar o preço de um cordeiro, ela traz duas rolas, uma para o holocausto, e a outra para a expiação dos pecados (veja Lv 12.6,8), para nos ensinar, sempre que nos dirigirmos a Deus, e particularmente nestas ocasiões especiais, a dar graças a Deus pelas suas bênçãos a nós, e também a reconhecer, com tristeza e

vergonha, os nossos pecados contra Ele; com as duas atitudes, nós devemos dar glória a Ele, e nunca nos faltarão motivos para elas. Cristo não foi concebido e nascido no pecado, como as outras pessoas, e não havia, no seu caso, a mesma oportunidade que havia nos outros casos; mas, por ter nascido sob a lei, Ele se sujeitou a Ela. Assim, lhe foi conveniente “cumprir toda a justiça”. Muito mais conveniente é, ao melhor dos homens, participar da confissão do pecado; pois “Quem poderá dizer: Purifiquei o meu coração? ”

Cristo e Simeão no Templo. Ana no Templo

vv. 25-40

Mesmo quando Cristo se humilha, ainda é honrado, para contrabalançar a ofensa. Para que não nos impressionemos com a pobreza do seu nascimento, os anjos o honraram; e agora, para que não nos impressionemos com a sua apresentação no Templo, como qualquer outra criança nascida em pecado, e sem nenhuma solenidade peculiar a Ele, mas, sem alarde, e em meio a outras crianças, Simeão e Ana agora o honram, pela inspiração do Espírito Santo.

I O testemunho que Simeão lhe dá é muito honorável, e este testemunho foi tanto uma reputação para o menino quanto um incentivo para os seus pais, e poderia ter sido uma feliz iniciação dos sacerdotes para uma intimidade com o Salvador, se estes sentinelas não estivessem cegos. Observe aqui:

1. A informação que nos é fornecida a respeito deste Simeão: Ele vivia em Jerusalém, e era conhecido por ser “justo e temente a Deus”. Alguns homens instruídos, que têm profundo conhecimento dos autores judeus, dizem que houve, nesta época, um Simeão, um homem muito conhecido em Jerusalém, o filho de Hillel, e o primeiro a quem foi dado o título de Rabban, o maior título que era dado aos seus doutores, e que foi dado somente a sete deles. Ele sucedeu ao seu pai Hillel, como presidente do conselho que o seu pai tinha fundado, e do grande Sinédrio. Os judeus dizem que ele era dotado de um espírito profético, e que tinha sido expulso do Sinédrio por ter testemunhado contra a opinião corrente dos judeus a

respeito de reino temporal do Messias; e, da mesma maneira, observam que não há menção dele na sua Mishna, ou livro de tradições, o que dá a entender que ele não foi adepto daquelas tolices. Uma objeção contrária a esta conjetura é o fato de que, nesta época, o seu pai, Hilel, ainda estava vivo, e ele mesmo viveu por muitos anos depois disto, como fica evidente pelas histórias dos judeus; mas, quanto a isto, aqui não está dito que ele fosse velho; e as suas palavras: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”, indicam que ele estava preparado para morrer agora, mas não se pode concluir que, por isto, ele realmente morreu dentro de pouco tempo. O apóstolo Paulo viveu muitos anos depois de ter dito que a sua morte estava próxima, Atos 20.25. Outra objeção se refere ao fato de que o filho de Simeão era Gamaliel, um fariseu e inimigo do cristianismo; mas, quanto a isto, não é novidade que um amigo fiel de Cristo tivesse como filho um fariseu fanático.

As informações que temos aqui sobre Simeão dizem que: (1) Ele era justo e devoto, “justo” com relação aos homens, e “temente a Deus”; estas duas qualidades sempre devem andar juntas, e cada uma delas deve auxiliar a outra, mas nenhuma poderá compensar a deficiência da outra. (2) Ele esperava “a consolação de Israel”, isto é, a vinda do Messias, pois somente nele a nação de Israel, que agora estava miseravelmente subjugada e oprimida, encontraria consolação. Cristo não somente é o autor do consolo do seu povo, mas também a essência e a base dele, o consolo de Israel. Ele era esperado há muito tempo, e aqueles que acreditavam que Ele viria, continuavam aguardando-o, desejando a sua vinda, e esperando com paciência; e eu quase disse, com algum grau de impaciência, que estavam esperando que Ele viesse logo. Simeão sabia, pelos livros, como Daniel, que era chegado o tempo, e, portanto, agora havia uma expectativa maior do que nunca. Os judeus incrédulos, que ainda estão esperando aquele que já veio, usam como um juramento, ou uma declaração solene, as palavras: Isto e aquilo acontecerão, assim como eu espero ver a consolação de Israel. Observe que “a consolação de Israel” deve ser esperada, e vale a pena esperar por ela, e será muito bem-vinda àqueles que esperaram por ela, e continuam esperando. (3) “O Espírito Santo estava sobre ele”, não somente como um Espírito de santidade, mas como um Espírito de profecia; ele estava cheio do Espírito Santo, e por isto tinha a capacidade de falar das coisas que estavam acima de si mesmo. (4) Uma graciosa promessa tinha

sido feita a ele, de que “não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor”, o Messias, v. 26. Ele se perguntava a que tipo de tempo o Espírito de Cristo, os profetas do Antigo Testamento se referiam, e se ele seria chegado agora; e ele recebeu este oráculo (pois é isto o que a palavra quer dizer) que “não morreria antes de ter visto” o Messias, “o Ungido do Senhor”. Observe que aqueles que tiveram, por fé, uma visão de Cristo, e somente aqueles, podem encarar a morte com coragem, e olhá-la nos olhos, sem terror.

2. A oportuna vinda de Simeão ao templo, na ocasião em que Cristo foi apresentado ali, v. 27. Justamente nesta ocasião, quando José e Maria trouxeram a criança, para registrá-la, como se fosse, no livro da igreja, entre os recém-nascidos, Simeão entrou no templo, por orientação do Espírito. O mesmo Espírito que tinha lhe possibilitado esta esperança, agora possibilitava o êxtase desta alegria. Ele ouviu um sussurro junto ao seu ouvido “Vá agora ao templo, e verá o que tanto deseja ver”. Observe que aqueles que desejam ver a Cristo devem ir ao seu templo; pois “de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais”, Ele virá nos encontrar, e ali devemos estar preparados para encontrá-lo.

3. A abundante satisfação com que Simeão recebeu esta visão: “Ele o tomou em seus braços” (v. 28), ele o abraçou com o maior afeto imaginável, o colocou junto ao peito, tão perto do seu coração quanto era possível, do coração que continha toda a alegria que podia caber dentro de si. Ele o tomou em seus braços, para apresentá-lo ao Senhor (assim interpretam alguns), com a função dos pais ou a do sacerdote; pois vários dos antigos dizem que ele era um sacerdote. Quando lemos as informações que o Evangelho nos dá a respeito de Cristo com uma fé viva, e a oferta de Cristo que ele nos apresenta, com amor e resignação, então nós tomamos a Cristo nos braços. Simeão tinha tido uma promessa de que veria o Cristo; mas o que acontece é mais do que tinha sido prometido: ele o toma “em seus braços”.

4. A solene declaração que Simeão faz: Ele “louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”, vv. 29-32.

(1) Ele tem uma perspectiva agradável quanto a si mesmo e (o que é uma grande realização) está bastante acima do amor pela vida e do medo da morte; ou melhor, ele chegou a um desprezo sagrado pela vida, e um desejo da morte: “Senhor, podes despedir em paz o teu servo… pois já os meus olhos viram a tua salvação”, cuja visão me tinha sido prometida antes de

morrer. Aqui temos: [1] Um reconhecimento de que Deus tinha sido tão bom quanto a sua palavra; “nem uma só palavra caiu de todas as suas boas palavras”, como reconhece Salomão, 1 Reis 8.56. Observe, ninguém que teve esperança nas palavras de Deus já se envergonhou da sua esperança. [2] Um agradecimento por isto. Ele louvou a Deus porque tinha visto em seus braços, aquela salvação que “muitos profetas e reis desejaram ver… e não o viram”. [3] Uma confissão da sua fé, de que o menino nos seus braços era o Salvador, a própria Salvação; a sua salvação, a salvação que Deus Pai indicou, a salvação que Ele preparou com um grande e cuidadoso planejamento. E, embora esta vinda estivesse sendo esperada por tanto tempo, ela ainda estava em preparação. [4] Uma despedida deste mundo: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”; pois já os meus olhos foram abençoados com esta visão, eles já podem se fechar e não ver nada mais neste mundo. “Os olhos não se fartam de ver” (Ec 1.8), até que tenham visto a Cristo. Este mundo considera como coitado aquele que tem Cristo em seus braços e a salvação nos seus olhos! Agora, adeus a todos os meus amigos e parentes, a todos os meus prazeres e a todo o meu trabalho aqui, até mesmo ao próprio templo. [5] E uma saudação de boas-vindas à morte: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo”. Observe que a morte é uma partida, pois a alma se separa do corpo, do mundo dos sentidos ao mundo dos espíritos. Nós não devemos partir até que Deus nos dispense, pois nós somos seus servos e não devemos deixar o seu serviço até que tenhamos cumprido o nosso tempo. A Moisés tinha sido prometido que ele veria Canaã, e então morreria; mas ele orou, pedindo que esta promessa se modificasse, Deuteronômio 3.24,25. A Simeão tinha sido prometido que ele não veria a morte antes que tivesse visto a Cristo; e ele está preparado para interpretar isto além do que tinha sido dito, como querendo dizer que, quando tivesse visto a Cristo, ele deveria morrer: Senhor, que assim seja, diz ele, agora me deixe partir. Veja aqui, em primeiro lugar, como é confortável a morte de um bom homem! Como um servo de Deus, ele parte do lugar do seu trabalho, para o lugar do seu descanso. Ele parte em paz, em paz com Deus, em paz com a sua própria consciência; em paz com a morte, reconciliado com ela, familiarizado com ela. Ele parte, segundo a palavra de Deus, assim como Moisés, “conforme o dito do Senhor” (Dt 34.5): a palavra de ordem Levanta-te e morre; a palavra da promessa, “Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo”. Em segundo lugar, em que se

baseia este consolo? “Pois já os meus olhos viram a tua salvação”. Isto sugere mais do que uma grande tranqüilidade com a visão, como a de Jacó (Gn 46.30), “Morra eu agora, pois já tenho visto o teu rosto”. Isto sugere uma expectativa convicta de uma situação de felicidade no outro lado da morte, por meio desta salvação que agora ele tinha visto, que não somente remove o terror da morte, mas o transforma em ganho, Filipenses 1.21. Observe que aqueles que recebem a Cristo podem receber a morte.

(2) Ele tem uma perspectiva agradável a respeito do mundo e da igreja. Esta salvação será:

[1] Uma bênção para o mundo. Ela está “perante a face de todos os povos”, não para ficar escondida em um canto, mas para tornar-se conhecida; para ser uma “luz para alumiar as nações” (os gentios) que estavam nas trevas – eles terão o conhecimento dele, e de Deus, e do outro mundo, por seu intermédio. Isto é uma referência a Isaías 49.6, “também te dei para luz dos gentios”; pois Cristo veio para ser a luz do mundo, não uma vela no castiçal dos judeus, mas o “Sol da Justiça”.

[2] Uma bênção para a igreja: a “glória de teu povo Israel”. Era uma honra para a nação dos judeus que o Messias brotasse de uma das suas tribos, e nascesse, e vivesse, e morresse, entre eles. E daqueles que eram israelitas verdadeiramente da Israel espiritual, Ele era, verdadeiramente, a glória, e assim será perpetuamente, Isaías 60.19. Eles o glorificarão. “No Senhor será justificada e se gloriará toda a descendência de Israel”, Isaías 45.25. Quando Cristo ordenou aos seus apóstolos que pregassem o Evangelho a todas as nações, Ele se fez uma “luz para alumiar as nações”, os gentios; e quando Ele acrescentou, “começando por Jerusalém”, Ele se fez a glória do seu povo, Israel.

5. A predição que Simeão proferiu a respeito desta criança, com a sua bênção, a José e a Maria: “se maravilharam das coisas que dele se diziam”, v. 33. E por estarem comovidos com isto, tendo a sua fé fortalecida com o que estavam ouvindo, aqui mais algumas palavras lhes são ditas.

(1) Simeão lhes mostra a razão que eles tinham para se alegrar; pois ele os abençoou (v. 34), ele disse que eram bem-aventurados aqueles que tinham a honra de conhecer esta criança, e que eram encarregados de criá-la. Ele orou por eles, para que Deus os abençoasse, e que outros o fizessem também. Eles tinham motivos para alegrias, pois esta criança seria, não apenas um consolo e uma honra para eles, mas também uma bênção para

todos. Ele “é posto para queda e elevação de muitos em Israel”, isto é, para a conversão a Deus de muitos que estão mortos e sepultados no pecado, e para o consolo em Deus de muitos que estão submersos e perdidos em tristezas e desespero. Aqueles para cuja queda Ele vem, podem ser os mesmos que Ele vem para ressuscitar. Ele vem *eis ptosin kai anastasin – para derrubá-los, para ressuscitá-los*; para humilhá-los e rebaixá-los, e remover deles toda a confiança em si mesmos, para que possam ser exaltados pela confiança em Cristo; Ele fere e depois cura. Lembre-se de Paulo, que cai e se levanta novamente.

(2) Ele lhes mostra, além disto, a razão que eles tinham para alegrar-se com tremor, de acordo com o conselho dado aos antigos, com referência ao reino do Messias, Salmos 2.11. Para que José e Maria, em particular, não fossem exaltados com a abundância das revelações, aqui está um espinho para a sua carne, algo para acalmar a sua alegria; e isto é algo de que nós, às vezes, precisamos.

[1] É verdade, Cristo será uma bênção para Israel; mas há aqueles, em Israel, que Ele deve derrubar, cujas corrupções serão provocadas, que sentirão preconceito e ira contra Ele, e se sentirão ofendidos, e cuja destruição e ruína será agravada pela revelação de Jesus Cristo; muitos, que extrairão para si veneno do bálsamo de Gileade, e separarão de suas almas a Rocha da salvação, aqueles para quem esta preciosa Pedra fundamental será uma pedra de tropeço. Isto se refere à profecia (Is 8.14, 15), Ele será um santuário para alguns, e uma armadilha para outros, 1 Pedro 2.7, 8. Observe que assim é agradável pensar em quantas pessoas existem para quem Cristo, e seu Evangelho, são um “cheiro de vida para vida”, também é triste pensar em quantas pessoas existem para quem ele é um “cheiro de morte para morte”. Ele é um sinal, para ser admirado por alguns, mas por outros, por muitos, será um sinal contraditado. Ele teve muitos olhos sobre si, durante o tempo do seu ministério público, Ele foi um sinal, mas Ele teve muitas línguas contra Ele, a contradição e a reprovação dos pecadores, Ele foi continuamente criticado e maltratado. E o resultado disto será que “os pensamentos de muitos corações serão revelados” (v. 35), isto é, nesta ocasião, os homens manifestar-se-ão e descobrirão, e desta maneira irão se diferenciar. Os bons desejos e as boas intenções nas mentes de alguns serão revelados pela sua aceitação a Cristo, e intimidade com Ele; as corrupções e más intenções secretas de outros, que, não fosse por isto, não pareceriam

tão más, serão reveladas pela sua inimizade com Cristo e pela sua ira contra Ele. Os homens serão julgados pelos pensamentos dos seus corações, os seus pensamentos a respeito de Cristo; eles estão com Ele, ou com os seus adversários? A Palavra de Deus discerne “os pensamentos e intenções do coração”, e é através dela que nós conhecemos a nós mesmos, e seremos julgados no futuro.

[2] E verdade, Cristo será um consolo para a sua mãe; mas ela não deve se orgulhar muito disto, pois “uma espada traspassará também a tua própria alma”. Ele será um Jesus sofredor; e, em primeiro lugar, Maria deverá sofrer com Ele, por solidariedade, mais do que qualquer um dos seus amigos, devido à proximidade da sua relação e a força do seu afeto por Ele. Quando Ele foi maltratado, isto foi uma espada nos seus ossos. Quando ela ficou ao lado da cruz, e o viu morrer, podemos perfeitamente pensar que a sua dor interior era tanta que se poderia dizer, Uma espada traspassou a sua alma, perfurou-a até o coração. Em segundo lugar, ela deverá sofrer por Ele. Muitos interpretam isto como sendo uma predição do martírio de Maria; e alguns dos antigos dizem que esta frase se cumpriu no seu martírio. Observe que em meio aos nossos maiores prazeres e progressos neste mundo, é bom que saibamos que sofrimentos e aflições continuam em nós.

II Ele chama a atenção de uma mulher chamada Ana, “a profetisa Ana”, para que uma pessoa de cada sexo pudesse dar testemunho dele, pois tanto homens quanto mulheres são convidados a crer nele para que possam ser salvos. Observe:

1. A informação fornecida aqui a respeito desta Ana, sobre quem era ela. Ela era: (1) Uma profetisa; o Espírito de profecia, que tinha desaparecido de Israel durante trezentos anos, agora começava a reviver. Talvez isto apenas queira dizer que ela era alguém que tinha compreensão das Escrituras acima das outras mulheres, e se dedicava a instruir as mulheres mais jovens sobre as coisas de Deus. Embora fosse uma geração muito degenerada da igreja, Deus não ficaria sem testemunha. (2) Ela era “filha de Fanuel”; o nome do seu pai (segundo Grotius) é mencionado, para nos recordar o Peniel, de Jacó (Gn 32.30), para que agora o mistério fosse revelado, quando em Cristo nós veremos Deus face a face, e as nossas vidas serão preservadas; e o seu nome, Ana, significa “graça”. (3) Ela era “da tribo de Aser”, que era da Galiléia. Alguns pensam que isto é mencionado para refutar aqueles que

diziam, “Da Galiléia nenhum profeta surgiu”, mas assim que as profecias se reiniciaram, elas vieram da Galiléia. (4) Ela “era já avançada em idade”, uma “viúva, de quase oitenta e quatro anos”. Alguns crêem que fazia oitenta e quatro anos que ela era viúva, e sendo assim, ela seria consideravelmente mais velha, acima de cem anos de idade; outros, em vez de supor que uma mulher tão idosa seria capaz de jejuar e orar como ela fazia, supõem que ela tinha somente oitenta e quatro anos de idade, e era viúva há muito tempo. Embora ela tivesse ficado viúva ainda jovem, tendo vivido com o seu marido apenas sete anos, ela nunca voltou a se casar, e continuou viúva até morrer, o que é mencionado em seu louvor. (5) Ela “não se afastava do templo”, sendo moradora ou, pelo menos, ajudando no templo. Alguns pensam que ela residia nas instalações do templo, em um abrigo para pobres, mantido pela caridade do templo; ou, sendo uma profetisa, ela residia ali, em um lugar adequado para que a consultassem, e para aconselhar aqueles que desejavam conhecer a vontade de Deus; outros pensam que a expressão “não se afastava do templo” significa apenas que ela estava ali constantemente, nos horários do serviço divino – quando alguma boa obra devesse ser realizada, ela estava disposta a ajudar. E é muito provável que ela tivesse um alojamento de sua propriedade, entre os edifícios próximos ao templo; e, além da sua presença constante à adoração pública, realizava abundantes devoções em particular, “servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia”. Não tendo emprego secular em que trabalhar, ou já tendo passado da idade para isto, ela se dedicava completamente às suas devoções, e não somente jejuava duas vezes por semana, mas sempre viveu uma vida mortificada, e passava em exercícios religiosos o tempo que os outros passavam comendo, bebendo e dormindo. Ela não somente observava os horários de oração, como também orava “de noite e de dia”; estava sempre em uma atitude de oração, vivia uma vida de oração, se dedicava à oração, proferia freqüentes orações curtas e fervorosas, fazia longas orações solenes e era muito particular nas orações intercessórias. E com estes procedimentos, ela servia a Deus; era isto que valorizava e aperfeiçoava estes procedimentos. Os fariseus jejuavam freqüentemente, e faziam longas orações, mas eles serviam a si mesmos, e ao seu próprio orgulho e ambição, com os seus jejuns e orações; mas esta boa mulher não somente fazia o que era bom, mas também o fazia com base em um bom princípio, e para um bom fim; ela servia a Deus, visando a sua

honra, jejuando e orando. Observe: [1] A devoção é algo em que devemos ser constantes; outros deveres são adequados, de vez em quando, mas nós devemos orar sempre. [2] É uma visão agradável ver os cristãos mais idosos abundantes em atos de devoção, como aqueles que não estão cansados de fazer o bem, que não julgam que são superiores a estas atividades, ou que já as realizaram o suficiente, mas que sentem cada vez mais prazer nelas, e cada vez mais necessidade delas, até que cheguem ao céu. [3] Aqueles que são diligentes e fiéis para aproveitar a luz e os meios de que dispõem, receberão mais revelações. Ana é enormemente recompensada pela sua constância, durante tantos anos, no templo.

2. O testemunho que ela deu a respeito do nosso Senhor Jesus (v. 38): Ela entrou no instante em que a criança estava sendo apresentada, e Simeão estava falando a respeito do menino; ela, que sempre estava no templo, não podia perder esta oportunidade.

Assim: (1) Ela deu “graças a Deus”, da mesma maneira que Simeão, talvez exatamente igual a ele, desejando agora partir em paz. Observe que aquele a quem Cristo se dá a conhecer tem razões suficientes para dar graças ao Senhor por uma bênção tão grande; e nós deveríamos nos incentivar a este dever, pelos louvores e pelas bênçãos de outros; por que não deveríamos dar graças da mesma maneira que eles, e por eles? Ana concordou com Simeão, e ajudou a compor a harmonia. Ela confessou ao Senhor (assim se pode interpretar); ela fez uma profissão aberta da sua fé, a respeito deste menino.

(2) Sendo uma profetisa, falou aos demais a respeito dele: Falou dele a todos aqueles que acreditavam que o Messias viria, e que com Ele esperavam a redenção em Jerusalém. A redenção era necessária, esperada e desejada; a redenção de Jerusalém, pois dali sairia a palavra do Senhor, Isaías 2.3. Havia alguns em Jerusalém que esperavam a redenção; mas apenas alguns, pois Ana, aparentemente, conhecia a todos os que esperavam com ela o Messias; ela sabia onde encontrá-los, ou eles sabiam onde encontrá-la, e ela lhes contou as boas novas, lhes contou que tinha visto ao Senhor; e estas eram excelentes notícias, as notícias do seu nascimento, assim como, posteriormente, seriam as da sua ressurreição. Observe que aqueles que conhecem a Cristo pessoalmente devem fazer tudo o que puderem para que outras pessoas também o conheçam.

Finalmente, aqui está um curto relato da infância do nosso Senhor Jesus.

1. Onde Ele a passou, v. 39. Terminada a cerimônia de apresentação da criança, e de purificação da mãe, eles retornaram à Galiléia. Lucas não menciona mais nada a respeito deles, até que estivessem de volta à Galiléia; mas no Evangelho de São Mateus (capítulo 2), vemos que, saindo de Jerusalém, eles voltaram a Belém, onde os magos do Oriente os encontraram, e ali permaneceram até terem sido instruídos a fugir para o Egito, para escapar à maldade e à fúria de Herodes; e, retornando depois da morte de Herodes, foram instruídos a ir para a sua antiga moradia, em Nazaré, de onde tinham estado ausentes provavelmente alguns anos. Ela é aqui chamada de "sua cidade", porque eles tinham vivido ali por muito tempo, e os seus parentes estavam ali. Foi ordenado que Ele saísse de Jerusalém, porque o seu reino e o seu sacerdócio não deveriam ter nenhuma afinidade com o governo atual da nação ou da igreja dos judeus. Ele é enviado a um lugar obscuro e desprezível; pois nisto, assim como em outras coisas, Ele devia se humilhar e aniquilar-se a si mesmo.

2. Como Ele a passou, v. 40. Em todas as coisas, lhe era conveniente ser semelhante aos seus irmãos, e por isto Ele passou a infância como as outras crianças, embora sem pecado; ou melhor, com indicações manifestas de uma divina natureza em si. Como as outras crianças, Ele cresceu em estatura física, e aperfeiçoou a compreensão da sua alma humana, para que o seu corpo natural pudesse ser um modelo do seu corpo espiritual que, embora animado por um Espírito perfeito, ainda assim faz o aumento de si mesmo, até chegar a "varão perfeito", Efésios 4.13,16. Mas: (1) Enquanto as outras crianças são frágeis em entendimento e determinação, Ele se fortalecia em espírito. Pelo Espírito de Deus, a sua alma humana foi dotada de um vigor extraordinário, e todas as suas faculdades realizavam as suas funções de uma maneira extraordinária. Ele raciocinava com veemência, e o seu juízo era objetivo e penetrante. (2) Enquanto as outras crianças têm tolices nos seus corações, que se manifestam em tudo o que dizem ou fazem, Ele estava cheio de sabedoria, não devido a qualquer vantagem de instrução ou educação, mas pela obra do Espírito Santo; tudo o que Ele fazia e dizia era sabiamente feito e sabiamente dito, para a sua idade. (3) Enquanto as outras crianças mostravam que a corrupção da natureza estava nelas, e o joio do pecado crescia juntamente com o trigo da razão, Ele deixava transparecer que nada além da graça de Deus estava nele (o trigo crescia sem joio) e que, enquanto as outras crianças eram, por natureza,

filhos da ira, Ele era enormemente amado, e cheio da graça de Deus; pois Deus o amava, e o apreciava, e tinha um carinho especial por Ele.

Cristo Assentado com os Doutores

vv. 41-52

Aqui temos a única passagem registrada da história do nosso bendito Salvador, desde a sua infância até o dia em que Ele se manifestou a Israel, provavelmente aos vinte e nove anos de idade, e por isto desejamos aproveitá-la ao máximo, pois é inútil desejar que tivéssemos outras. Aqui temos:

I A ida de Cristo com "seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa", vv. 41,42. 1. Era o costume freqüente da família comparecer a estas festividades, em conformidade com a lei, embora fosse uma longa viagem, e eles fossem pobres e talvez não pudessem, sem dificuldades, arcar com as despesas desta viagem. Observe que as cerimônias públicas devem ser freqüentadas, e nós não devemos negligenciar a reunião com outros membros, como fazem alguns. As ocupações terrenas devem abrir espaço para as preocupações espirituais. José e Maria tinham um filho na sua casa que podia ensiná-los melhor do que todos os rabinos de Jerusalém; ainda assim, para lá eles foram, devido ao costume da festa. O Senhor ama as portas de Sião mais do que todas as habitações de Jacó, e nós devemos sentir o mesmo. Nós temos razões para supor que José também subisse, da mesma maneira, para a festa de Pentecostes e dos Tabernáculos; pois todos os varões deviam comparecer três vezes ao ano, mas Maria, somente na Páscoa, que era a maior das três festas, e que continha uma grande tipologia do Evangelho. 2. O menino Jesus, tendo já doze anos, subiu com eles. Os doutores da lei judeus dizem que aos doze anos os filhos precisam começar a jejuar, de tempos em tempos, para que possam aprender a jejuar para o dia da expiação; e aos treze anos de idade o filho começa a ser considerado um filho do mandamento, isto é, ele se torna obrigado a cumprir os mesmos deveres religiosos dos adultos, tendo sido, desde a sua infância, em virtude da circuncisão, um filho da aliança. Não está registrado quando foi a primeira vez em que o Senhor Jesus subiu a Jerusalém para adorar na festa

da Páscoa. É provável que Ele já tivesse feito isto alguns anos antes, tendo espírito e sabedoria superiores ao que seria normal em sua idade; e todos deveriam estar presentes à adoração pública, para que pudessem ouvir com entendimento, Neemias 8.2. As crianças que são entusiasmadas com outras coisas, devem ser conduzidas com sabedoria para que se entusiasmem com as coisas de Deus. É para a honra de Cristo que as crianças devem comparecer à adoração pública, e Ele se alegra com suas hosanas; e as crianças que, na sua infância, foram dedicadas a Deus, devem ser convidadas, depois de crescidas, a virem à Páscoa do Evangelho, à Ceia do Senhor, para que possam, por vontade própria, se unir ao Senhor.

II A permanência de Cristo em Jerusalém, depois da saída dos seus pais, sem que eles o soubessem. Através desta atitude, Ele desejava dar uma primeira indicação da obra que Ele veio realizar.

1. Os seus pais não retornaram antes que “aqueles dias” estivessem “terminados”; eles tinham permanecido ali durante todos os sete dias da festa, embora não fosse absolutamente necessário que eles permanecem além dos dois primeiros dias, depois dos quais muitos iram para casa. Observe que é bom permanecer até o final de uma cerimônia, como é conveniente àqueles que dizem, “Bom é estarmos aqui”, e não se apressar para sair, como se fôssemos como Doegue, “detido perante o Senhor”.

2. “Ficou o menino Jesus em Jerusalém”, não porque não desejasse ir para casa, ou porque se envergonhasse da companhia dos seus pais, mas porque tinha coisas para fazer ali, e com isto faria com que seus pais soubessem que Ele tinha um Pai no céu, a quem Ele devia obediência, mais do que a eles; e o seu respeito ao Pai celestial não deve ser interpretado como desrespeito a seus pais terrenos. Alguns supõem que Ele permaneceu no templo, pois era o costume dos judeus piedosos, na manhã em que retornavam para suas casas, ir, em primeiro lugar, ao templo, para adorar a Deus; ali Jesus se demorou, e encontrou o que fazer, até que seus pais o encontraram novamente. Ou, talvez Ele tivesse ficado na casa onde estavam hospedados, ou na casa de algum amigo (uma criança como Ele não podia deixar de ser a mais querida de todos os que o conheciam, e todos desejariam a sua companhia), e tenha ido ao templo somente à hora da adoração; e foi assim que Ele ficou para trás. Veja, é bom ver os jovens dispostos a habitar na casa do Senhor; assim, eles serão como Cristo.

3. Seus pais “andaram caminho de um dia” sem nenhuma suspeita de que Ele tivesse ficado para trás, pois imaginavam que Ele estaria no grupo, v. 44. Nestas ocasiões, a multidão era muito grande, especialmente no primeiro dia de viagem, e as estradas ficavam cheias de gente; e eles concluíram que Ele estaria vindo com algum dos seus vizinhos, e o procuraram “entre os parentes e conhecidos”, que estavam descendo pela estrada. Por favor, você viu o nosso Filho? ou, Você o viu? Como a pergunta da esposa, “Vistes aquele a quem ama a minha alma?” (Ct 3.3) Era uma jóia que valia a pena procurar. Maria e José sabiam que todos desejavam a companhia de Jesus, e que Ele estaria pronto a fazer o bem entre os seus parentes e conhecidos, mas não o encontraram entre eles, v. 45. Existem muitos, muitos, que são nossos parentes e conhecidos, cujo contato não podemos evitar, em cujo meio encontramos muito pouco, ou nada, de Cristo. Quando não tiveram notícias dele neste grupo, e nem no outro que viajava, ainda assim tiveram esperança de encontrá-lo no lugar onde haviam se hospedado naquela noite; mas ali também não tiveram notícias dele. Compare isto com Jó 23.8,9.

4. Como não o encontraram nos alojamentos, à noite, eles “voltaram”, na manhã seguinte, “a Jerusalém em busca dele”. Observe que aqueles que desejam encontrar a Cristo devem procurá-lo até encontrá-lo; pois no final, Ele será encontrado por aqueles que o procuram, recompensando-os com generosidade. Aqueles que perderam o consolo que tinham em Cristo, e as evidências do seu interesse por Ele, devem considerar consigo mesmos onde, quando, e como, os perderam, e devem retornar ao lugar onde os tiveram pela última vez; devem se lembrar de onde caíram, e se arrependerem, praticando as suas primeiras obras, retornando ao seu primeiro amor, Apocalipse 2.4,5. Aqueles que desejam recuperar a intimidade perdida com Cristo devem ir a Jerusalém, a cidade das nossas solenidades, o lugar onde Ele recebeu o seu nome; devem obedecer a seus mandamentos conforme a Páscoa do Evangelho, para que possam ter a esperança de encontrá-lo.

5. “Passados três dias, o acharam no templo”, em alguma das instalações do templo, onde os doutores da lei realizavam, não os seus tribunais, mas as suas conferências, ou as suas aulas para controvérsia; e ali o encontraram, “assentado no meio dos doutores” (v. 46), não em pé, como alguém que está sendo evangelizado, para ser examinado ou instruído por eles, pois Ele

tinha revelado tantos conhecimentos e tanta sabedoria que eles aceitaram que Ele se sentasse entre eles, como um companheiro ou um membro da sua sociedade. Esta foi uma ocasião em que Ele não somente estava “cheio de sabedoria” (v. 40), mas tinha um desejo de aumentá-la e uma disposição para transmiti-la; e nisto Ele é um exemplo para as crianças e os jovens, que devem aprender, com Cristo, a gostar da companhia daqueles que podem lhes fazer o bem, e preferir ficar entre os doutores a ficar entre os que brincam. Que eles comecem aos doze anos de idade, e ainda mais cedo, a procurar conhecimento, e a associar-se com aqueles que podem instruí-los – desejar instrução na juventude é um presságio promissor e esperançoso. Muitas crianças da mesma idade de Cristo estariam brincando com as outras crianças no templo, mas Ele estava “no templo, assentado no meio dos doutores”. (1) Ele os ouvia. Aqueles que desejam aprender devem ser “prontos para ouvir”. (2) Ele os interrogava. Não sabemos se Ele o fazia como um professor (Ele tinha autoridade para perguntar) ou como aprendiz (Ele tinha humildade para perguntar), ou se como um colega, ou como um companheiro, investigador da verdade, que deve ser descoberta por averiguações mutuamente amistosas. (3) Ele respondia a eles, o que era muito surpreendente e satisfatório, v. 47. E a sua sabedoria e o seu entendimento transpareciam tanto nas perguntas que Ele fazia quanto nas respostas que dava, de modo que “todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas”. Eles nunca tinham ouvido alguém tão jovem, na verdade, nenhum dos seus maiores doutores, falar, com senso, da maneira como Ele falava. Como Davi, Ele tinha mais entendimento que todos os seus mestres, na verdade, mais que os velhos, Salmos 119.99,100. Agora, Cristo exibia alguns raios da sua glória, que imediatamente seriam recolhidos novamente. Ele lhes deu uma dose (segundo Calvino) de sua sabedoria e de seu conhecimento divinos. Eu penso que essa aparição pública de Cristo no Templo, como um professor, foi como o primeiro esforço de Moisés de libertar Israel (sobre o qual Estêvão constrói suas palavras), supondo que os seus irmãos entenderiam, com isto, que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão, Atos 7.24,25. Eles podiam ter recebido a pista, e podiam ter sido libertados então, mas não compreenderam; assim também, eles aqui podiam ter tido Cristo (pelo que eu sei), para iniciar a sua obra agora, mas eles estavam somente admirados, e não compreenderam a pista; portanto, como Moisés, Jesus se retira

novamente para a obscuridade, e eles não ouvem mais falar dele, por muitos anos.

6. A sua mãe falou com Ele sobre isto, em particular. Quando o grupo se dispersou, ela deve tê-lo levado para um lado, onde o interrogou, com uma dose de ternura e afeto, v. 48. José e Maria estavam maravilhados de encontrá-lo ali, e de descobrir que Ele era tão respeitado, tendo sido aceito para sentar-se entre os doutores, e fazer-se notar por eles. José sabia que tinha apenas o nome de pai e, por isto, não disse nada. Mas: (1) A sua mãe lhe disse como tinham ficado ansiosos: "Filho, por que fizeste assim para conosco?" Por que você nos assustou tanto? Eles estavam prontos a dizer, como Jacó, sobre José, "Uma besta-fera o comeu"; ou, Ele caiu nas mãos de algum inimigo ainda mais cruel, que finalmente descobriu que Ele era aquela criança cuja vida Herodes procurou eliminar, há alguns anos. Podemos imaginar que eles fizeram mil suposições a respeito dele, cada uma delas mais assustadora que a anterior. Por que você nos assustou desta maneira? "Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos"; não somente perturbados porque tínhamos perdido nosso Filho, mas envergonhados porque não tínhamos cuidado melhor de você, para trazê-lo conosco. Observe que aqueles que pensam que perderam a Cristo têm permissão para reclamar sua perda. Mas seu pesar não impediu que eles procurassem; eles não se lamentaram, e se sentaram desesperados, mas se lamentaram e procuraram. Observe que se quisermos encontrar a Cristo, nós devemos procurá-lo, lamentando de tê-lo perdido, de termos feito com que Ele se afastasse, e de não o termos procurado mais cedo. Aqueles que o procuram, lamentando, irão encontrá-lo, no final, com uma alegria muito maior. (2) Gentilmente, Ele reprovou a pergunta importuna de seus pais (v. 49): "Por que é que me procuráveis?" Vocês podiam ter certeza de que Eu teria ido para casa, depois de vocês, quando tivesse terminado aquilo que tinha que fazer aqui. Eu não poderia me perder em Jerusalém. Você não sabia que eu deveria estar *en tois tou patros mou*, *na casa de meu Pai*, conforme interpretam alguns. Onde mais deveria estar o Filho, que "fica para sempre em casa?" Eu tinha que estar: [1] Sob o cuidado e a proteção do meu Pai; e por isto vocês deviam ter deixado os meus cuidados aos meus próprios cuidados, e não se sobrecarregarem com isto. Cristo é flecha escondida na aljava do seu Pai, Isaías 49.2. Da mesma maneira, Ele toma conta da sua igreja e, portanto, não devemos nos desesperar a respeito da segurança dela.

[2] A serviço do meu Pai (assim interpretamos): Eu preciso “tratar dos negócios de meu Pai”, e por isto não poderia ir para casa tão cedo quanto vocês foram. Vocês não sabiam disto? Vocês ainda não perceberam isto a meu respeito, que Eu me dediquei ao serviço da fé e da religião e, portanto, devo me ocupar dos seus negócios? Aqui Cristo nos deixou um exemplo; convém, pois, aos filhos de Deus, em conformidade com Cristo, tratar dos negócios do seu Pai celestial, e fazer com que todos os outros negócios cedam lugar para estes. Agora, nós acreditamos compreender muito bem estas palavras de Cristo, porque Ele as explicou com o que tinha feito e dito. Era a sua missão no mundo, e o seu alimento, e a sua bebida, neste mundo, fazer a vontade do seu Pai, e completar a sua obra. Mas naquela ocasião, os seus pais “não compreenderam” estas palavras, v. 50. Eles não compreenderam de quais negócios Ele tinha que tratar para o seu Pai no templo. Eles acreditavam que Ele era o Messias, que devia ter o trono do seu pai, Davi; mas eles pensavam que deviam levá-lo ao palácio real, e não ao templo. Eles não compreenderam seu trabalho profético; e Ele deveria realizar grande parte da sua obra assim.

Finalmente, aqui temos seu retorno a Nazaré. Este vislumbre da sua glória devia ser de curta duração. Já estava terminado, e Ele não insistiu com os seus pais, nem para que viessem e se instalassem em Jerusalém, nem para que o instalassem ali (embora este fosse o lugar para aprimoramento e promoção, onde Ele poderia ter as melhores oportunidades de mostrar a sua sabedoria). Mas, com muita disposição, Ele se retirou para a sua obscuridade em Nazaré, onde por muitos anos esteve vivendo a vida comum, porém sem pecar. Sem dúvida, Ele subia a Jerusalém para adorar nas festas, três vezes ao ano, mas não sabemos se alguma vez Ele voltou ao templo para conversar ali com os doutores; não é improvável que Ele tivesse feito isto. Mas aqui nós lemos que:

1. Ele era sujeito aos seus pais. Embora uma vez, para mostrar que era mais do que um simples homem, Ele tivesse se afastado dos seus pais, para tratar dos negócios do seu Pai celestial, Ele não fez disto um hábito, por muitos anos depois disto, mas “era-lhes sujeito”. Jesus obedecia às suas ordens e ia e vinha conforme eles lhe diziam, e, aparentemente, trabalhava com o seu pai no ofício de carpinteiro. Ele deu às crianças um exemplo para que sejam obedientes e respeitosas aos seus pais, no Senhor. Tendo “nascido de mulher”, Ele estava sob a lei do quinto mandamento, para

ensinar à descendência de crentes que assim deveriam ser para que Ele os aprovasse, como uma descendência fiel. Embora os seus pais fossem pobres e humildes, embora o seu pai fosse apenas o seu suposto pai, ainda assim Ele era sujeito a eles; embora Ele estivesse fortalecido no espírito, e cheio de sabedoria, ou melhor, embora Ele fosse o Filho de Deus, ainda assim era sujeito aos seus pais; como, então, responderão aqueles que, sendo tolos e fracos, ainda assim são desobedientes aos seus pais?

2. A sua mãe, embora não compreendesse perfeitamente as palavras do seu Filho, ainda assim as guardava no coração, esperando que no futuro elas lhe fossem explicadas, e então ela as compreenderia completamente, e saberia como fazer uso delas. Ainda que possamos negligenciar as palavras dos homens, por serem obscuras (*Si non vis intelligi debes negligi – Se não for compreensível, não tem valor*), não devemos pensar a mesma coisa a respeito das palavras de Deus. Aquilo que, a princípio, é obscuro, para que não saibamos o que fazer pode, no futuro, ficar claro e fácil; portanto, nós devemos guardá-lo para o futuro. Veja João 2.22. Nós podemos, em outra ocasião, encontrar uso para aquilo que não nos parece ter utilidade agora. Um aluno memoriza aquelas regras gramaticais cujo uso ele não compreende no presente, porque lhe foi dito que no futuro elas lhe terão utilidade; a mesma coisa nós devemos fazer com as palavras de Cristo.

3. Ele se aprimorou, progrediu, causando admiração (v. 52): Ele “crescia em sabedoria, e em estatura”. Ele não poderia crescer nas perfeições da sua natureza divina; mas aqui a referência é à sua natureza humana. O seu corpo crescia em estatura e em volume, Ele estava na idade de crescimento; e a sua alma crescia em sabedoria, e em todos os dons de uma alma humana. Embora a Palavra Eterna estivesse unida à alma humana desde a sua concepção, ainda assim a divindade que residia nele se manifestava gradativamente na sua humanidade, *ad modum recipientis – de acordo com a sua capacidade*. À medida que as faculdades da sua alma humana ficavam cada vez mais capacitadas, os dons que Ele recebia da natureza divina eram transmitidos, mais e mais. E Ele crescia “em graça para com Deus e os homens”, isto é, em todas aquelas graças que o faziam aceitável a Deus e aos homens. Desta maneira, Cristo se adaptou ao seu estado de humilhação, para que, tendo concordado em ser um bebê, uma criança, e um jovem, a imagem de Deus brilhasse mais forte nele quando crescesse. Esta glória do Pai brilhava ainda mais na vida de Jesus quando Ele cresceu,

já não sendo mais um bebê ou uma criança. Observe, então, que à medida que os jovens crescem em estatura, devem crescer também em sabedoria; e, ao crescerem em sabedoria, crescerão no favor de Deus e dos homens.

CAPÍTULO 3

Não se tem informação sobre o nosso Senhor Jesus, desde os seus doze anos de vida até a sua entrada no trigésimo ano. Freqüentemente pensamos que seria uma satisfação e um benefício para nós, se tivéssemos diários, ou pelo menos anuários, do que acontecia com Ele; mas nós temos à nossa disposição a Infinita Sabedoria do Senhor para nos ser transmitida. E se não nos aprimorarmos através desta preciosa sabedoria, podemos ter a certeza de que tampouco nos aprimoraríamos mais se tivéssemos aqueles tipos de registro da vida do Senhor. A grande intenção dos evangelistas era nos dar um relato do Evangelho de Cristo, no qual devemos crer, e pelo qual temos a esperança da salvação. O Evangelho teve início com o ministério e o batismo de João; portanto, os evangelistas se apressam em nos fazer um relato destes fatos tão importantes. Talvez nós pudéssemos desejar que Lucas tivesse omitido tudo o que já tinha sido relatado por Mateus e Marcos, e tivesse escrito somente o que era novidade, assim como tinha feito nos seus dois primeiros capítulos. Mas era a vontade do Espírito que algumas coisas fossem estabelecidas não somente pela boca de duas testemunhas, mas pela boca de três; e não devemos julgar que se trate de uma repetição desnecessária, e nem o faremos, se renovarmos as nossas reflexões sobre estes assuntos, com os sentimentos adequados. Neste capítulo, temos: I. O início do batismo de João, e o seu alvo e a sua intenção, vv. 1-6. A exortação que ele faz à multidão (vv. 7-9), e as instruções especiais que ele dava àqueles que desejavam saber o que tinham que fazer, vv. 10-14. II. A notícia que ele lhes deu, sobre a chegada do Messias (vv. 15-18), à qual se acrescenta (embora isto tenha acontecido depois do que vem a seguir), a menção ao seu aprisionamento, vv. 19,20. III. A vinda de Cristo para ser batizado por João, e o início da realização da sua obra profética, vv. 21,22. IV. A árvore genealógica de Jesus, registrada até Adão, vv. 23-38.

O Ministério de João Batista

vv. 1-14

O batismo de João apresenta uma nova dispensação, e era necessário que tivéssemos uma narrativa especial dele. Coisas gloriosas foram ditas a respeito João, que seria um eminente favorito do Céu e uma grande bênção para a terra (cap. 1.15,17), mas nós o perdemos nos desertos e lá ele permaneceu “até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel” (cap. 1.80). E agora finalmente esse dia amanhece, e foi um dia de boas-vindas para aqueles que esperaram por ele, mais do que foi para aqueles que esperaram pela manhã. Observe aqui:

I A data do início do batismo de João, isto é, quando foi que ele apareceu. Este fato foi mencionado aqui, e não foi observado pelos outros evangelistas, para que a verdade do fato pudesse ser confirmada pela fixação exata do tempo. E esta data é determinada:

1. Com base no governo dos pagãos, sob o qual estavam sujeitos os judeus, para mostrar que eram um povo dominado, e conseqüentemente, o momento adequado para que o Messias viesse e estabelecesse um reino espiritual e eterno sobre as ruínas de toda a dignidade e todo o domínio temporal de Davi e Judá.

(1) Com base no reinado do imperador romano; foi “no ano quinze do império de Tibério César”, terceiro dos doze Césares, um homem muito mau, dado à avareza, embriaguez e crueldade; esse homem foi mencionado em primeiro lugar (explica o Dr. Lightfoot), para que isto possa nos ensinar, de certa maneira, o que esperar desta cidade cruel e abominável, onde Satanás reinou em todas as épocas e sucessões. O povo judeu, após uma longa luta, tinha sido transformado, há pouco tempo, em uma província do império, e estava sob o domínio deste Tibério; e esta nação, que já tinha tido grande importância juntamente com várias nações que lhe pagavam impostos, nos reinados de Davi e Salomão, é agora uma parte desprezível e insignificante do império romano, e mais menosprezada do que exultada.

Em quo discordia cives,
Perduxit miseros.

Que efeitos terríveis fluem da discórdia civil!

O legislador estava afastado de Judá neste momento (Gn 49.10); e, como evidência disto, seus atos públicos são datados com base no reinado do imperador romano e, por isso, Siló deverá vir.

(2) Eles eram datados com base nos governos dos vice-reis que governaram nas diversas partes da Terra Santa sob o domínio do imperador romano. Isto foi uma outra marca da sua servidão, por serem todos estrangeiros, o que revelava uma mudança dolorosa para aquele povo, cujos governadores costumavam ser "do meio deles" (Jr 30.21), e isto era a sua glória. Como se escureceu o ouro! [1] Pilatos era o governador, presidente ou procurador, da Judéia. Alguns escritores atribuíram a ele a característica de ser um homem cruel, do tipo que não tinha escrúpulos quando se tratava de mentir. Seu reinado foi ruim, e finalmente foi substituído por Vitélio, presidente da Síria, e enviado a Roma para responder pela sua má administração. [2] Os outros três são chamados de tetrarcas, alguns acreditam que isto se devesse às regiões que eles comandavam, cada um deles representando uma quarta parte daquilo que estava completamente sob o comando de Herodes, o Grande. Por outro lado, outros crêem que eles eram assim chamados em função do posto honorário que ocupavam no governo; eles tinham os governos do quarto lugar, ou governos da quarta categoria; o imperador ocupava a primeira; o procônsul, que governava uma província, a segunda; o rei, a terceira; e o tetrarca, a quarta, de acordo com o Dr. Lightfoot.

2. Por meio do governo dos judeus pelos próprios judeus, para mostrar que eram um povo corrupto e que, por causa disso, era chegado o momento da vinda do Messias para corrigi-los, v. 2. "Anás e Caifás" eram os "sumos sacerdotes". Deus havia designado que deveria haver apenas um sumo sacerdote por vez, mas aqui havia dois para servir mal, cada um no seu turno: um cumpriria um ano e o outro o ano seguinte; assim dizem alguns. Um era o sumo sacerdote e o outro o *sagan*, como os judeus o chamavam, que oficiava no lugar deste, quando estivesse incapacitado; ou, segundo outros, um era o sumo sacerdote e representava Arão, ou Caifás; Anás, o outro, era *nasi*, ou o presidente do Sinédrio e representava Moisés. Mas para nós há somente um sumo sacerdote, o Senhor de todos, a quem todo julgamento foi confiado.

II A origem e a tendência do batismo de João

1. A origem dele era do céu: Veio “a palavra de Deus a João”, v. 2. Ele recebeu autorização plena e instruções completas de Deus para fazer o que fez. Esta expressão é a mesma que foi usada em relação aos profetas do Antigo Testamento (Jr 1.2); porque João era um profeta, ou melhor, mais do que um profeta, e nele reviveu a profecia que há muito tinha sido interrompida. Não nos foi dito como a palavra do Senhor veio a João: se por meio de um anjo, como para o seu pai, ou se por meio de um sonho, ou ainda por meio de uma visão ou uma voz, mas foi para sua satisfação e deveria ser para a nossa. Aqui João é chamado de “filho de Zacarias”, para nos reportar ao que o anjo disse ao seu pai quando lhe assegurou que ele teria esse filho. A palavra do Senhor veio a ele “no deserto”; pois aqueles a quem Deus qualifica, Ele os encontrará, seja onde for. Assim como a palavra do Senhor não está confinada numa prisão, ela também não está perdida em um deserto. A palavra do Senhor chegou a Ezequiel entre os cativos do rio Quebar, e ao apóstolo João na ilha de Patmos. João Batista era filho de um sacerdote e estava iniciando o seu trigésimo ano de vida; e conseqüentemente, de acordo com os costumes do templo, deveria ser admitido aos serviços do templo, que deveria estar freqüentando como candidato há 5 anos. Mas Deus o chamou para um ministério mais honrado, e então o Espírito Santo o admitiu aqui, uma vez que ele não tinha se inscrito aos registros do templo: “João, filho de Zacarias”, começou o seu ministério nesta ocasião.

2. O objetivo e propósito de seu ministério era libertar todas as pessoas da sua região dos seus pecados, e encaminhá-las a Deus, v. 3. Em primeiro lugar, ele veio a “toda a terra ao redor do Jordão”, a região em que ele residia, a parte da região que Israel ocupou em primeiro lugar, quando entrou na Terra Prometida sob o comando de Josué; ali foi exibido o estandarte do Evangelho pela primeira vez. João residia na parte mais solitária da região: mas, quando a palavra de Deus veio a ele, saiu dos desertos e veio para a região habitada. Aqueles que estão felizes em seu isolamento devem mudar esta situação alegremente quando Deus os chama para lugares altamente povoados. Ele saiu do deserto e percorreu toda a região com um comportamento distinto, pregando um novo batismo; não uma seita ou grupo, mas um credo ou sinal distinto. O sinal, ou cerimônia, tal como era usado comumente entre os judeus, era lavar com água, por

meio do qual os convertidos eram às vezes admitidos, ou feitos discípulos de alguns grandes mestres; mas o significado disso era o “arrependimento, para o perdão dos pecados”; isto é, todos que se submeteram ao seu batismo:

(1) Eles foram, por meio do batismo, obrigados a se arrepender de seus pecados, a se arrepender do que tinham feito erroneamente e a não fazer mais isto. Eles professavam o arrependimento, preocupados em ser sinceros na sua profissão de fé; e prometiam não pecar mais, preocupados com o dever de cumprir aquilo que tinham prometido. Ele os prendeu, não à prática cerimoniosa que era imposta pela tradição dos anciãos, mas à transformação das suas mentes, à mudança dos seus comportamentos, para livrá-los completamente de todas as suas transgressões e criar-lhes novos corações para que vivessem uma nova vida. O objetivo do Evangelho, que começava agora, era tornar os homens tementes a Deus, santos e celestiais, humildes e mansos, comedidos e castos, justos e honestos, caridosos e gentis, e bons em cada relacionamento. Eles tinham sido o oposto disto. Portanto, o arrependimento consiste nesta mudança.

(2) Desta maneira, eles tinham assegurado o perdão dos pecados, com o seu arrependimento. Assim como o batismo que João administrava os obrigava a não se submeterem ao poder do pecado, ele também lhes assegurava uma libertação graciosa e pleiteável da culpa pelo pecado. “Convertei-vos de todas as vossas transgressões, e a iniqüidade não vos servirá de tropeço”; de acordo com a palavra do Senhor, pelos profetas do Antigo Testamento, Ezequiel 18.30.

III O cumprimento das Escrituras no ministério de João. Os outros evangelistas tinham feito referência ao mesmo texto aqui citado, o de Isaías 40.3. “Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías”, que ele ouviu de Deus, e que ele falou por Deus, estão escritas estas palavras para todas as gerações futuras. Entre elas, lemos que haveria a voz de alguém clamando no deserto; e João é esta voz, uma voz clara e distinta, uma voz forte, uma voz enfática; ele clama, “Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas”. A função de João é preparar o caminho para a recepção do Evangelho nos corações do povo, trazer as pessoas a uma condição na qual Cristo lhes possa ser bem-vindo, e elas possam ser bem-vindas a Cristo. Lucas amplia a citação que Mateus e Marcos tinham

feito, e aplica as seguintes palavras, de modo semelhante, ao ministério de João (vv. 5, 6), “Todo vale se encherá”. O Dr. Hammond interpreta estas palavras como uma predição da desolação que cairia sobre o povo judeu, pela sua infidelidade – a terra seria aplanada pelos pioneiros do exército romano, e seria arrasada por ele, e haveria, então, uma distinção visível, feita entre os impenitentes, de um lado, e aqueles que haviam recebido o Evangelho, do outro. Mas isto parece mais se referir ao Evangelho de Cristo, do qual era a introdução. 1. Os humildes serão enriquecidos com a graça: “Todo vale”, calado e úmido, “se encherá” e “será exaltado”. 2. Os orgulhosos serão humilhados; os autoconfiantes que se erguem sobre os seus próprios lombos, e os arrogantes que erguem os seus próprios narizes, serão considerados com desprezo: “Se abaixará todo monte e outeiro”. Se eles se arrependerem, serão trazidos ao pó; se não, ao inferno mais profundo. 3. Os pecadores serão convertidos a Deus: Os caminhos tortuosos, e os espíritos tortuosos se endireitarão; pois, embora ninguém possa endireitar o que Deus fez torto (Ec 7.13), ainda assim Deus, pela sua graça, pode endireitar aquilo que o pecado tornou tortuoso. 4. As dificuldades, que eram empecilhos e desencorajamentos no caminho para o céu, serão removidas: “Os caminhos escabrosos se aplanarão”; e aqueles que amam a lei de Deus têm “muita paz... e para eles não há tropeço” (Sl 119.165). O Evangelho tornou o caminho para o céu plano e fácil de ser encontrado, suave e confortável para nele caminhar. 5. A grande salvação será revelada de maneira mais completa do que nunca, e a sua descoberta se espalhará (v. 6): “Toda carne verá a salvação de Deus”; não somente os judeus, mas também os gentios. Todos a verão; eles a terão diante de si, e oferecida a si, e alguns de todas as nações a verão, a receberão, e terão os seus benefícios. Quando se abre o caminho para o Evangelho até o coração, “Levando cativo todo entendimento [altivo] à obediência de Cristo”, fazendo o nivelamento da alma e a remoção de todas as obstruções que estão no caminho de Deus e da sua graça, então cada um deve se preparar para receber a salvação de Deus.

IV As advertências e exortações gerais que João fez a todos aqueles que se submetiam ao seu batismo, vv. 7-9. No Evangelho de Mateus, está escrito que ele pregou estas palavras a muitos dos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo (Mt 3.7-10); mas aqui está escrito que ele as disse “à

multidão que saía para ser batizada por ele", v. 7. Este era o objetivo da sua pregação a todos os que vinham a ele, e ele não a modificou como uma lisonja aos fariseus e saduceus, quando vieram, mas lidou com eles da mesma maneira como com qualquer dos seus ouvintes. E, assim como ele não adulava os grandes, também não elogiava a multidão, nem lhes fazia qualquer recepção, mas proferia as mesmas condenações ao pecado e os mesmos avisos sobre a ira à multidão que tinha proferido aos saduceus e fariseus; pois, se eles não tinham as mesmas falhas, eles tinham outras, igualmente más. Observe aqui:

1. Que a humanidade culpada e corrompida se tornou uma "raça de víboras"; não somente envenenada, mas venenosa; odiosa a Deus, odiando-se uns aos outros. Isto amplia a paciência de Deus, na continuação da humanidade sobre a terra, sem destruir este ninho de víboras. Ele o fez uma vez, com a água, e o fará novamente, com o fogo.

2. Esta raça de víboras é, com razão, aconselhada "a fugir da ira que está para vir", que certamente estará diante deles, se continuarem como estão; e o fato de que eram uma multidão não será, de nenhuma maneira, a sua segurança, pois não representará, a Deus, nem reprovação nem perda, o fato de eliminá-los. Nós não somente somos advertidos sobre a sua ira, mas também nos é indicado o caminho para fugirmos dela, se nos preocuparmos a tempo.

3. Não há maneira de "fugir da ira que está por vir", exceto pelo arrependimento. Aqueles que se submetiam ao batismo do arrependimento evidenciavam que tinham sido aconselhados a "fugir da ira que está por vir", e que tinham aceitado o conselho; e nós, pelo nosso batismo, professamos que fugimos de Sodoma, por medo do que está por vir sobre ela.

4. Aqueles que professam o arrependimento estão muito preocupados em viver como penitentes (v. 8): "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento", caso contrário, apesar das suas confissões de arrependimento, não será possível escapar à ira que há de vir. Pelos frutos do arrependimento, se saberá se o arrependimento foi sincero ou não. A mudança no nosso espírito se evidenciará pela mudança do nosso comportamento.

5. Se não formos realmente santos, tanto no coração quanto na vida, a nossa profissão de religião e relacionamento com Deus e a sua igreja não

nos terá nenhuma utilidade: “Não comeceis” a inventar desculpas para fugir a este grande dever do arrependimento. “Não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai”. De que nos adianta sermos filhos de pais tementes a Deus, se não lhe formos tementes? De que nos serve estar no seio da igreja, se não tivermos o vínculo do concerto?

6. Portanto, nós não temos razão para confiar nos nossos privilégios externos, e na nossa profissão de religião, porque Deus não precisa de nós, nem dos nossos serviços, mas pode, efetivamente, conseguir o que quiser, pela sua própria honra e pelos seus interesses, sem nós. Se formos arrancados e destruídos, Ele pode suscitar para si mesmo uma igreja, de onde for mais improvável – Ele pode “suscitar filhos a Abraão” até mesmo das “pedras”.

7. Quanto maiores as confissões de arrependimento que fizermos, e maiores os auxílios e os incentivos que nos forem dados para o arrependimento, mais próxima e amarga será a nossa destruição, se não produzirmos “frutos dignos do arrependimento”. Agora que tem início a pregação do Evangelho, agora que é chegado o reino do céu, agora que já está posto o machado à raiz das árvores, as ameaças aos maus e impenitentes são mais terríveis do que antes, assim como os incentivos aos penitentes são agora mais consoladores. Agora que vocês têm um bom comportamento, dediquem-se a cuidar de si mesmos.

8. Todas as árvores infrutíferas serão lançadas no fogo; este é o lugar mais indicado para elas: “Toda árvore, pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo”. Se ela não dá frutos, para a honra da graça de Deus, que ela sirva como combustível, para a honra da sua justiça.

V. As instruções especiais que João deu a diversos grupos de pessoas, que lhe faziam perguntas a respeito do que deviam fazer: a “multidão”, os “publicanos” e os “soldados”. Alguns dos fariseus e saduceus vieram ao seu batismo; mas nós não lemos que eles tivessem perguntando, “Que devemos fazer?” Eles pensavam que sabiam o que tinham que fazer, tão bem quanto ele poderia lhes dizer, ou estavam determinados a fazer o que quisessem, não importando o que ele lhes dissesse. Mas a “multidão”, os “publicanos” e os “soldados”, que sabiam o que tinham feito de errado, e que deviam procurar fazer melhor, e que tinham consciência da sua grande ignorância e falta de conhecimento da lei divina, foram particularmente questionadores:

“Que devemos fazer?” Observe: 1. Aqueles que são batizados devem ser ensinados, e aqueles que os batizam devem se preocupar em ensiná-los, se tiverem oportunidade, Mateus 28.19,20. 2. Aqueles que professam e prometem arrependimento de maneira geral devem evidenciar isto por exemplos particulares de transformação, de acordo com a sua posição e condição. 3. Aqueles que desejam realizar o seu dever precisam desejar conhecer o seu dever, e investigar a respeito dele. As primeiras palavras que Paulo disse, quando se converteu, foram: “Senhor, que queres que faça?” Estas pessoas aqui não perguntam: “E deste que será?”, mas: “Que devemos fazer?” Quais frutos do arrependimento nós devemos produzir? João dá a resposta a cada grupo, de acordo com a sua posição e condição.

(1) Ele diz à multidão qual é o seu dever, que é a caridade (v. 11): “Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem”, dando ou emprestando, pelo menos, para aquecê-lo. Talvez ele visse, entre os seus ouvintes, alguns que estavam excessivamente vestidos, enquanto outros estavam prestes a morrer em seus trapos, e ele encarrega aqueles que possuíam o supérfluo de contribuir para o alívio daqueles que não tinham o essencial. O Evangelho exige misericórdia, e não sacrifício; e o seu objetivo é nos motivar a fazer todo o bem que pudermos. Alimentos e roupas são o sustento da vida; aquele que tem alimento sobrando, dê àquele que não possui o “mantimento cotidiano”, assim como aquele que tem roupas sobrando. Nós somos apenas administradores daquilo que possuímos, e devemos usar os nossos recursos conforme a orientação do nosso Mestre.

(2) Ele diz aos publicanos qual é o seu dever, a arrecadação dos impostos para o imperador (v. 13): “Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado”. Eles devem agir com justiça, entre o governo e os comerciantes, e não oprimir o povo na cobrança de impostos, nem, de nenhuma maneira, torná-los mais pesados ou incômodos do que a lei já os fez. Eles não deveriam pensar que, por ser o seu trabalho vigiar para que o povo não defraudasse o imperador, eles poderiam, pelo poder que lhes era investido, sobrecarregar o povo; como alguns que têm apenas um pouco de poder estão dispostos a usá-lo de maneira errada: Não. Sigam fielmente seu livro de taxas, e considerem suficiente que vocês arrecadem a César as coisas que são de César, e não se enriqueçam arrecadando mais. A receita pública deve ser aplicada a serviço do povo, e não para satisfazer a avareza de pessoas em particular. Observe que ele não ordena que os publicanos deixem o seu

trabalho, e não façam mais a arrecadação; o emprego é, por si mesmo, lícito e necessário, mas devemos ser justos e honestos nele.

(3) Ele diz aos “soldados” o que devem fazer, v. 14. Alguns pensam que estes soldados pertenciam à nação e religião judaicas; outros acreditam que eram romanos; pois não era provável que os judeus servissem aos romanos, nem que os romanos confiassem aos judeus as suas guarnições na sua própria nação; assim sendo, este é um dos primeiros casos de gentios aceitando o Evangelho e submetendo-se a ele. Os militares raramente parecem interessados em religião; ainda assim, estes se submeteram até mesmo à profissão rígida de João Batista, e desejaram receber instruções dele: “E nós, que faremos?” Aqueles que, mais que os outros homens, têm as suas vidas em suas mãos, e freqüentemente estão próximos da morte, se preocupam em descobrir o que devem fazer para que possam ter a paz. Respondendo a esta pergunta, João não lhes pede que abaixem as armas, e sejam desertores, mas os aconselha contra os pecados dos quais os soldados freqüentemente são culpados; pois este é um dos frutos do arrependimento: conservar-se afastado da sua iniqüidade. [1] Eles não deveriam agir de maneira injuriosa às pessoas em cujo meio estavam aquartelados, e às quais dominavam: “A ninguém trateis mal”. A vossa função é manter a paz, e evitar que haja violência entre os homens; mas vocês não devem tratar mal a ninguém. Não perturbem a ninguém (é o significado da palavra); não causem medo às pessoas; pois a espada da guerra, assim como a da justiça, deve ser um terror somente para os malfeitores, e uma proteção para os que agem bem. Não sejam rudes nas áreas próximas ao seu acampamento. Vocês não devem extorquir dinheiro das pessoas, atemorizando-as. Não derramem o sangue da guerra, na paz; não tratem com incivilidade nenhum homem ou mulher, nem participem das devastações bárbaras que às vezes os exércitos provocam. Não “defraudeis”, isto é, não denunciem ao governo ninguém, se for falsamente, para conseguir subornos e elogios. [2] Eles não devem prejudicar os seus companheiros; pois alguns julgam que esta advertência, para não defraudar ou acusar falsamente, tem especial referência a eles: Não se apresentem para reclamar de algum companheiro aos seus superiores, procurando vingar-se daquele que lhes causou algum ressentimento, ou prejudicar os que estão acima de vocês, para conseguir os seus postos. Não oprimam a ninguém; este é o significado, segundo alguns, da palavra usada pela Septuaginta, em diversas passagens do Antigo

Testamento. [3] Eles não devem ser dados aos motins, nem discutir com seus generais sobre o seu pagamento: “Contentai-vos com o vosso soldo”. Enquanto vocês receberem o que foi combinado, não reclamem dizendo que deveriam ganhar mais. É o descontentamento com o que têm que torna os homens opressivos e ofensivos; aqueles que nunca pensam que têm o suficiente, não terão escrúpulos quanto às práticas mais irregulares para conseguir mais, mesmo que estejam defraudando a outros. É uma regra, para todos os servos, que eles fiquem satisfeitos com seus salários; pois aqueles que permitem a si mesmos sofrer descontentamentos, se expõem a várias tentações. E aproveitar ao máximo o que se tem é uma atitude sábia.

A Prisão de João Batista

vv. 15-20

Agora estamos nos aproximando da aparição pública do nosso Senhor Jesus: o Sol não chegará muito tempo depois da estrela da manhã. Aqui vemos:

I As pessoas aproveitavam, com o ministério e o batismo de João, para pensar no Messias e pensar que Ele já estaria à porta, já teria chegado. Assim o caminho do Senhor era preparado, e as pessoas eram preparadas para dar as boas-vindas a Cristo; pois, quando se despertam as expectativas dos homens, aquilo que é o objeto da sua expectativa se torna duplamente aceitável. Ao observar a doutrina excelente que João Batista pregava, o poder divino que a acompanhava, e a tendência que ela tinha de transformar o mundo, as pessoas: 1. Começaram imediatamente a considerar que era chegada a hora do Messias se apresentar. O cetro estava afastado de Judá, pois eles não tinham rei, a não ser César; ou melhor, e o legislador também estava longe dos seus pés, pois Herodes tinha recentemente aniquilado com o Sinédrio. As setenta semanas de Daniel estavam chegando ao fim, portanto, apenas três ou quatro anos depois desta ocasião, o reino do céu deveria se manifestar imediatamente, cap. 19.11. Nunca a nação corrupta dos judeus tinha precisado mais de uma reforma, ou a sua nação sofredora tinha precisado mais de uma libertação, do que agora. 2. O seu próximo pensamento foi: “Este não é aquele que viria?” Todos os homens de

conhecimento pensavam, ou raciocinavam, em seus corações, a respeito de João, se, porventura, seria o Cristo. Ele realmente não apresentava nada da pompa e grandeza exteriores nas quais eles, de maneira geral, esperavam que o Messias aparecesse; mas a sua vida era rígida e santa, a sua pregação era poderosa e tinha autoridade, e, portanto, “por que não podemos pensar que este é o Messias, e que em breve ele irá se livrar deste disfarce e aparecerá em toda a glória?” Observe que aquilo que faz as pessoas meditarem, raciocinarem consigo mesmas, prepara o caminho para Cristo.

II Como João repudiou todas as pretensões da honra de ser, ele mesmo, o Messias, mas confirmou as expectativas do povo, quanto àquele que realmente era o Messias, vv. 16,17. A função de João, como um arauto ou precursor, era avisar que o “Reino de Deus”, e que o Rei daquele reino, eram chegados; e por isto, quando ele tinha dito a todos os tipos de pessoas o que elas deviam fazer (“vocês precisam fazer isto, e vocês devem fazer aquilo”), ele lhes diz mais uma coisa, que todos eles devem fazer: eles devem esperar o Messias, que irá aparecer muito em breve. E isto serve como uma resposta às suas reflexões e aos seus debates sobre ele (João Batista). Embora não conhecesse os pensamentos deles, ao declarar isto, João respondeu a eles.

1. João declara que o máximo que ele podia fazer era batizá-los “com água”. Ele não tinha acesso ao Espírito, não podia lhe dar ordens, nem utilizá-lo; ele só podia exortá-los ao arrependimento, e assegurar-lhes o perdão, depois do arrependimento. João Batista não podia realizar o arrependimento neles, nem lhes conceder a remissão.

2. Poderíamos dizer que João Batista entrega o povo a Jesus Cristo, cujo caminho ele tinha sido enviado para preparar, e a quem ele estava disposto a transferir toda a atenção e afeição das pessoas. Ninguém mais continuaria debatendo se João era ou não o Messias, mas todos procurariam aquele que realmente o era.

(1) João reconhece que o Messias tem uma excelência maior do que a sua, e que Ele era, em todas as coisas, preferível a ele: O Messias é aquele “a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias”. Ele não se julga digno de ser o menor dos servos do Messias, de ajudá-lo a calçar e a tirar suas sandálias. João era um profeta, “muito mais do que profeta”, mais do que qualquer dos profetas do Antigo Testamento; mas Cristo era um

profeta, mais que João, pois os profetas, e João entre eles, profetizavam pelo Espírito de Cristo e pela graça de Cristo, 1 Pedro 1.10,11. Esta era uma grande verdade, que João tinha vindo pregar; mas a maneira como ele a expressou evidencia a sua humildade, não apenas fazendo justiça ao Senhor Jesus, mas também o honrando: Ele é aquele de quem eu não sou digno de me aproximar, nem como um servo. E é desta maneira, elevada, que nos é adequado falar de Cristo, e desta maneira humilde, de nós mesmos.

(2) João Batista reconhece que Cristo possui um poder maior do que ele: Ele "é mais poderoso do que eu", e faz aquilo que eu não consigo fazer, tanto para o consolo dos fiéis quanto para o terror dos hipócritas e impostores. Eles pensavam que havia um poder maravilhoso que acompanhava João; mas o que era aquele poder em comparação com o poder de que Jesus viria revestido? [1] João não consegue fazer nada, além de batizar "com água", como símbolo de que eles se purificavam e se livravam das impurezas; mas Cristo pode, e irá, batizar "com o Espírito Santo". Ele pode permitir que o Espírito limpe e purifique o coração, não somente como a água remove a sujeira do exterior, mas como o fogo expurga a sujeira do interior, e derrete o metal, para que possa ser usado em um novo molde. [2] João pode somente pregar uma doutrina distinta, e por meio das palavras e do sinal separar os preciosos dos vis. Mas Cristo tem, na sua mão, a pá com a qual Ele pode separar perfeitamente o trigo da palha, e o fará. Ele limpará completamente a sua eira; pois é sua, e por isto Ele a limpará, e irá expulsar da sua igreja os judeus incrédulos e impenitentes, e confirmará na sua igreja todos aqueles que o seguem fielmente. [3] João só pode falar de consolo àqueles que recebem o Evangelho e, como outros profetas, dizer aos justos que tudo ficará bem com eles; mas Jesus Cristo lhes dará o consolo. João pode somente prometer que eles ficarão em segurança; mas Cristo lhes dará a segurança: Ele "ajuntará o trigo no seu celeiro"; as pessoas boas, sérias e firmes Ele reunirá, agora, na sua igreja na terra, que será composta destas pessoas, e em breve Ele as reunirá na sua igreja no céu, onde estarão para sempre abrigadas. [4] João pode somente ameaçar os hipócritas, e dizer às árvores infrutíferas que elas serão cortadas e lançadas no fogo; mas Cristo pode cumprir esta ameaça; àqueles que são como a palha, leves e inúteis, e sem valor, Ele queimará "com fogo que nunca se apaga". Aqui, João se refere a Malaquias 3.18; 4.1,2: "Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o

ímpio. Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno".

O evangelista conclui o seu relato da pregação de João com um "*et caetera*" (v. 18): "Muitas outras coisas também anunciava ao povo", que não estão registradas. Em primeiro lugar, João era um pregador apaixonado. Ele *parakalon – exortava*, suplicava; ele esclarecia as coisas aos seus ouvintes, seguia fielmente a sua doutrina, como alguém sincero. Em segundo lugar, ele era um pregador prático. Grande parte da sua pregação consistia de admoestação (ou exortação), despertando os ouvintes aos seus deveres, orientando-os nisto, e não lhes divertindo com assuntos de mera especulação. Em terceiro lugar, ele era um pregador popular. Embora tivesse escribas e fariseus, homens de grande instrução, comparecendo ao seu ministério, e saduceus, homens de pensamento livre, como diziam ser, ainda assim ele se dirigia "ao povo", *pros ton laon – aos leigos*, e se acomodava à capacidade deles, como se estivesse se comprometendo a ser bem sucedido entre eles. Em quarto lugar, ele era um pregador evangelista, pois é isto o que quer dizer a palavra aqui usada – *euengelizeto – ele pregava o Evangelho* ao povo; em todas as suas exortações, ele orientava o povo a Cristo, e estimulava e incentivava as expectativas que tinham dele. Quando incentivamos fortemente as pessoas a assumirem os seus deveres, precisamos dirigi-las a Cristo, para que recebam tanto a justiça de Deus quanto a força necessária para servi-lo. Em quinto lugar, João Batista era um pregador fecundo: "Muitas outras coisas também anunciava", *polla men kai hetera – muitas coisas, e diferentes coisas*. Ele pregou muito, sem evitar declarar todo o conselho de Deus; e ele variou a sua pregação, para que aqueles que não eram alcançados, e tocados, e transformados por uma verdade, pudessem sê-lo por outra.

III Que ponto final foi posto à pregação de João! Quando ele estava em plena atividade, prosseguindo e sendo bem sucedido, foi aprisionado pela maldade de Herodes (vv. 19,20): "Sendo... Herodes', o tetrarca, "repreendido por ele", não somente por viver incestuosamente com a mulher do seu irmão, Filipe, mas pelos muitos outros males que tinha feito (pois aqueles que são maus em uma ocasião normalmente também o são em muitas outras), não pôde suportar isto, mas desenvolveu uma antipatia por João Batista, pelas suas palavras sinceras, e acrescentou esta maldade a todas as outras, superando esta a todas as demais, e colocou "João num

cárcere", colocou aquela luz ardente e brilhante debaixo de um cesto. Por Herodes não conseguir suportar a repreensão de João Batista, outros seriam privados dos benefícios da sua instrução e dos seus conselhos. Algum bem ele pôde fazer àqueles que tiveram acesso a ele, quando estava na prisão; mas nada comparável ao que poderia ter feito, se tivesse tido a liberdade de viajar pela nação, como tinha feito antes. Nós não podemos pensar nesta atitude de Herodes sem a maior compaixão e lamentação, nem na permissão que Deus deu para que isto acontecesse sem admirar a profundeza dos conselhos divinos, os quais não podemos compreender. Deve ser silenciado aquele que é a "voz do que clama no deserto"? Deve ser encerrado na prisão um pregador que deveria estar no templo? Mas assim a fé dos seus discípulos devia ser posta à prova; assim a descrença daqueles que o rejeitaram devia ser punida; assim ele devia ser o precursor de Cristo, tanto na pregação quanto no sofrimento. E assim, tendo estado durante aproximadamente um ano e meio preparando as pessoas para Cristo, agora João Batista deve ceder o lugar a Ele; pois tendo nascido o Sol, a estrela da manhã deve, naturalmente, desaparecer.

A Genealogia de Cristo

vv. 21-38

O evangelista mencionou o aprisionamento de João antes do batismo de Cristo, embora ele viesse a acontecer quase um ano depois do batismo de Cristo, porque desejava concluir a história do ministério de João, e depois iniciar a do ministério de Cristo. Aqui, temos:

I Um curto relato do batismo de Cristo, que tinha sido mais detalhado no Evangelho de São Mateus. Jesus veio para ser batizado por João, e assim o foi, vv. 21,22.

1. Está escrito "que, como todo o povo se batizava", também Jesus foi batizado: todos os que estavam presentes naquela ocasião. Cristo desejava ser batizado por último, entre as pessoas comuns, depois deles; assim Ele se humilhou e se aniquilou, como um dos últimos, ou melhor, menor que os últimos. Ele viu que as multidões estavam preparadas para recebê-lo, e então Ele apareceu.

2. Aqui se observa que Cristo estava “orando” quando foi batizado, o que não está no texto de Mateus. Ele não confessou os pecados, como os outros, porque Ele não tinha nenhum para confessar; mas Ele orou, como os outros, para que pudesse, assim, conservar a comunhão com o seu Pai. Observe que a graça interior e espiritual da qual os sacramentos são os sinais externos e visíveis, deve ser alcançada pela oração; e, portanto, a oração deve sempre acompanhar os sacramentos. Nós temos razões para pensar que agora Cristo estava orando pela manifestação do amor de Deus por Ele, que se seguiu imediatamente ao seu batismo. Ele orava para a revelação do amor do seu Pai por Ele, e pela vinda do Espírito. O Senhor Jesus Cristo recebeu tudo o que lhe pertencia por meio da oração: “Pedi, e dar-se-vos-á” etc. Assim, o próprio Senhor Jesus estava disposto a honrar a oração, ligando-nos a ela, e nos incentivando a praticá-la constantemente.

3. Enquanto Ele orava, “o céu se abriu”. Aquele que, pelo seu poder, abriu as águas, para abrir o caminho para Canaã, agora, pelo seu poder, abriu o ar, outro elemento fluido, para fazer a correspondência com a Canaã celestial. Assim, abriu-se para Cristo, e por Ele, para todos nós, um “novo e vivo caminho” para o Santo dos Santos (ou Santuário); o pecado nos fechou o céu, mas a oração de Cristo o abriu novamente. A oração é um ritual que abre o céu: “Batei, e abrir-se-vos-á”.

4. “O Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba”. O nosso Senhor Jesus agora iria receber porções maiores do Espírito do que antes, que iriam qualificá-lo para o seu ofício profético, Isaías 61.1. Quando Ele começou a orar, “o Espírito Santo desceu sobre ele”. Isto se expressa, aqui, por uma notável evidência do encorajamento que o Senhor demonstrou em relação à realização da sua obra, e ao cumprimento das palavras de João Batista. Pois foi dito a João que, através deste sinal, ele saberia quem era o Cristo. O Dr. Lightfoot sugere que o Espírito Santo desceu em uma forma corpórea para que pudesse ser revelado como uma essência pessoal, de fato como uma pessoa, e não meramente como uma operação da divindade: e assim (diz o Dr. Lightfoot) se fez uma demonstração perceptível, completa e clara da Trindade, no início do Evangelho. E ela se fez, muito adequadamente, por ocasião do batismo de Cristo, que deveria fazer do ritual do batismo um sinal da profissão de fé na doutrina da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

5. Ouviu-se uma voz do céu, de Deus Pai, da “magnífica glória” (de acordo com 2 Pe 1.17), “Tu és Meu Filho amado”. Aqui, e no Evangelho de Marcos, as palavras foram ditas a Cristo; no texto de Mateus, as palavras falavam dele: “Este é o Meu Filho amado”. O significado é o mesmo; a intenção era de ser um aviso para João, e para tal foi expressa adequadamente com, “Este é o meu Filho amado”; e, da mesma maneira, era uma resposta à oração de Cristo, e para tal foi expressa adequadamente com, “Tu és”. Tinha sido predito, a respeito do Messias: Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho, 2 Samuel 7.14. Eu “lhe darei o lugar de primogênito”, Salmos 89.27. Também tinha sido predito que Ele seria o Eleito de Deus, em quem se compraz a sua alma (Is 42.1); e, conseqüentemente, aqui está declarado, “Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido”.

II Uma longa apresentação da genealogia de Cristo, que já tinha sido relatada, mais resumidamente, por Mateus. Aqui temos:

1. A sua idade: Ele “começava a ser de quase trinta anos”. A mesma idade que tinha José, quando esteve diante da face de Faraó (Gn 41.46), Davi, quando começou a reinar (2 Sm 5.4), e a mesma idade em que os sacerdotes podiam iniciar a plena execução do seu ofício, Números 4.3. O Dr. Lightfoot opina que está claro, pelo modo de expressão aqui usado, que Ele tinha apenas vinte e nove anos, recém completados, e estava iniciando o seu trigésimo ano, no mês Tisri. Depois disto, Ele viveu três anos e meio, e morreu quando tinha trinta e dois anos e meio. Três anos e meio, a duração do ministério de Cristo, é um período de tempo muito importante nas Escrituras. Por três anos e meio o céu se cerrou, na época de Elias, cap. 4.25; Tiago 5.17. Esta era a meia semana na qual o Messias deveria confirmar a aliança, Daniel 9.27. Este período é expresso nos textos proféticos como um tempo, tempos e metade de um tempo (Dn 12.7; Ap 12.14); e por quarenta e dois meses, e mil duzentos e sessenta dias, Apocalipse 11.2,3. É o tempo determinado para que as testemunhas profetizem, vestidas de pano de saco, em conformidade com a pregação de Cristo, na sua humilhação, com a mesma duração.

2. A sua genealogia, v. 23 e seguintes. Mateus já tinha nos fornecido uma parte desta informação. Mateus não retrocede além de Abraão, mas Lucas vai até Adão. Mateus desejava mostrar que Cristo era filho de Abraão, em

quem seriam “benditas todas as famílias da terra”, e que Ele era herdeiro do trono de Davi; e, portanto, ele começa em Abraão, e traz a genealogia até Jacó, que era o pai de José (marido de Maria), e o herdeiro da casa de Davi. Mas Lucas, desejando mostrar que Cristo era a semente da mulher, que feriria a cabeça da serpente, traça a sua genealogia retrocedendo até Adão, e começa com Eli, que foi o pai, não de José, mas da virgem Maria. E alguns sugerem que o fragmento que os nossos tradutores inserem aqui não está correto, e que não deveria ser interpretado assim, ou seja, que José era o filho de Eli, mas sim Jesus; Jesus era o filho de José, de Eli, de Matate, etc., e Ele, isto é Jesus, era o filho de Sete, de Adão, de Deus, v. 38. A diferença entre os dois evangelistas na genealogia de Cristo sempre foi um obstáculo para os incrédulos que criticam a palavra, mas ela foi removida pelos esforços de homens instruídos, tanto nos primeiros tempos da igreja, quanto posteriormente, nos quais nos baseamos. Mateus traça a genealogia a partir de Salomão, cuja descendência natural terminava em Jeconias, sendo os direitos legais transferidos a Salatiel, que era da casa de Natã, outro filho de Davi, cuja descendência Lucas segue aqui, deixando de fora todos os reis de Judá. É bom que a nossa salvação não dependa da nossa capacidade de solucionar todos estes problemas, e que a autoridade divina dos Evangelhos não se enfraqueça por causa deles; pois acreditamos que os evangelistas não devam ter escrito estas genealogias por seu próprio conhecimento, nem por inspiração divina, mas, devem tê-las copiado dos registros autênticos das genealogias entre os judeus, os livros das proclamações, ou dos arautos, que eles eram obrigados a seguir; e nestes livros, eles encontraram a genealogia de Jacó, o pai de José, como está apresentada por Mateus; e a genealogia de Eli, o pai de Maria, como está apresentada por Lucas. E este é o significado de *hos enomizeto* (v. 23), não, “como se cuidava”, referindo-se somente a José, mas *uti sancitum est lege – como está registrado nos livros*, como descobrimos pelos registros; pelos quais vemos que Jesus era Filho de Davi, tanto por parte de pai quanto de mãe, conforme extratos dos seus próprios registros, que poderiam ter sido comparados, naquele tempo, com os originais, e os evangelistas não precisariam ter uma preocupação além desta; se eles tivessem divergido nisto, não teriam provado o que pretendiam. O fato deste assunto não ter sido objeto de contradição naquele tempo é suficientemente satisfatório para nós, agora que é uma cópia fiel. Também é importante observar que, embora aqueles registros das

genealogias judaicas tivessem permanecido por trinta ou quarenta anos depois destes extratos – um tempo suficiente para justificar os evangelistas neste aspecto – todos eles foram perdidos e destruídos com a nação judaica; e agora já não existe mais qualquer oportunidade ou possibilidade de contradição.

Uma dificuldade ocorre entre Abraão e Noé, que nos causa alguma perplexidade, vv. 35,36. Está escrito que Salá era filho de Cainã, e este, filho de Arfaxade, mas Salá era filho de Arfaxade (Gn 10.24; 11.12), e ali não se encontra nenhum homem chamado Cainã. Mas, quanto a isto, é suficiente dizer que os Setenta Intérpretes, que, antes da época do nosso Salvador, traduziram o Antigo Testamento para o grego, inseriram este Cainã por razões que eles mesmos conheciam; e Lucas, escrevendo entre os judeus helênicos, viu-se obrigado a fazer uso daquela tradução, e a usou como a encontrou.

A genealogia é concluída com: "... filho de Adão, filho de Deus" (versão RA). (1) Alguns dizem que isto se refere a Adão, de maneira muito peculiar, ele era filho de Deus, tendo sido, mais do que qualquer outro da sua descendência, descendente de Deus pela Criação. (2) Outros dizem que esta é uma referência a Cristo, e assim interpretam que as últimas palavras desta genealogia evidenciam a sua natureza divina e humana. Ele era Filho de Adão, e também Filho de Deus, para que pudesse ser um Mediador adequado entre Deus e os filhos de Adão, e pudesse fazer com que os filhos de Adão se tornassem, por seu intermédio, filhos de Deus.

CAPÍTULO 4

Deixamos a Cristo recentemente batizado, e reconhecido por uma voz do céu e a descida do Espírito Santo sobre si. Agora, neste capítulo, temos: I. Uma preparação adicional dele para o seu ministério público através de sua tentação no deserto, da qual tivemos o mesmo relato anteriormente em Mateus, vv. 1-13. II. O início de sua obra pública na Galiléia (vv. 14,15), particularmente: 1. Em Nazaré, a cidade na qual Ele foi criado (vv. 16-30), do qual não tivemos nenhum relato antes em Mateus. 2. Em Cafarnaum, onde, tendo pregado com autoridade (vv. 31,32), Ele expulsou um demônio de um homem que estava possuído (vv. 40,41), e então partiu e fez o mesmo em outras cidades da Galiléia, vv. 42-44.

A Tentação no Deserto

vv. 1-13

As últimas palavras do capítulo anterior, de que Jesus era o Filho de Adão, revelam-no como a semente da mulher; sendo assim, temos o Senhor aqui, de acordo com a promessa, pisando na cabeça da serpente, frustrando e derrotando o diabo em todas as suas tentações, que por uma única tentação havia frustrado e derrotado os nossos primeiros pais. Portanto, no início da guerra, Jesus fez represálias a ele, e venceu aquele que no passado havia sido o vencedor.

Nesta história da tentação de Cristo, observe:

I Como Ele foi preparado e equipado para ela. Aquele que permitiu a tribulação proveu aquilo de que o Senhor Jesus precisava para vencer; porque embora não saibamos que exercícios possam estar diante de nós, nem para que encontros podemos estar reservados, Cristo sabia, e teve aquilo que era necessário; e Deus faz o mesmo por nós, e esperamos dele tudo o que nos é necessário.

1. Ele estava cheio do Espírito Santo, que havia descido sobre Ele como uma pomba. O Senhor Jesus tinha agora medidas maiores de dons, graças e consolações do Espírito Santo do que antes. Note que aqueles que estão cheios do Espírito Santo é que estão bem armados contra as tentações mais fortes.

2. Ele havia retornado do Jordão recentemente, onde foi batizado, e reconhecido por uma voz do céu como sendo o Filho Amado de Deus; e assim Ele foi preparado para este combate. Note que quando tivermos a mais consoladora comunhão com Deus, e as descobertas mais claras de seu favor a nós, podemos esperar que Satanás nos ataque (o navio mais rico é o prêmio do pirata), e que Deus permitirá que ele faça isso, para que o poder de sua graça possa ser manifestado e exaltado.

3. Ele foi levado pelo Espírito ao deserto, pelo Espírito bom, que o conduziu como um campeão para o campo, para lutar contra o inimigo que Ele certamente iria derrotar. O fato de ser levado ao deserto: (1) Deu alguma vantagem ao tentador; porque ali ele o teve sozinho, sem a companhia de amigos, por cujas orações e conselhos o Senhor Jesus poderia

ser ajudado na hora da tentação. Ai daquele que está sozinho! Ele poderia dar vantagem a Satanás, pois conhecia a sua própria força; mas nós não podemos, pois conhecemos a nossa própria fraqueza. (2) Ele ganhou alguma vantagem para si durante este jejum de quarenta dias no deserto. Podemos supor que o Senhor estava totalmente concentrado em sua própria consagração, e em consideração à sua tarefa, e à obra que Ele tinha diante de si; que Ele passou todo o seu tempo em uma conversa imediata e íntima com o seu Pai, como Moisés no monte, sem qualquer desvio, distração, ou interrupção. De todos os dias da vida de Cristo na carne, estes parecem ter se aproximado mais da perfeição da vida angelical e da vida celestial, e isto o preparou para os ataques de Satanás. Aqui o Senhor Jesus foi fortalecido contra eles.

4. Ele continuou jejuando (v. 2): E naqueles dias não comeu coisa alguma. Este jejum foi totalmente miraculoso, como o jejum de Moisés e de Elias, e o revela, como a eles, um profeta enviado por Deus. É provável que este episódio tenha ocorrido no deserto de Horebe, o mesmo deserto no qual Moisés e Elias jejuaram. Assim como ao se retirar para o deserto, Ele se mostrou perfeitamente indiferente ao mundo, por seu jejum Ele se mostrou perfeitamente indiferente ao corpo; e Satanás não pode dominar facilmente aqueles que se desprendem e morrem para o mundo e para a carne. Quanto mais mantivermos a nossa carne em sujeição, menos vantagens Satanás terá contra nós.

II Como o Senhor Jesus foi atacado por uma tentação atrás da outra, e como Ele derrotou o plano do tentador em cada ataque, e se tornou mais do que vencedor. Durante os quarenta dias, Ele foi tentado pelo diabo (v. 2), não por uma sugestão interior, porque o príncipe deste mundo não tinha nada em Cristo, e assim não tinha como injetar qualquer coisa nele, mas por solicitações exteriores, talvez com a aparência de uma serpente, como tentou os nossos primeiros pais. Mas no final de quarenta dias Satanás se aproximou mais, e fez o que estava ao seu alcance, ao perceber que o Senhor Jesus estava com fome, v. 2. Provavelmente, o nosso Senhor Jesus começou a olhar ao redor entre as árvores, para ver se poderia achar algo que fosse comestível, quando então o diabo aproveitou a ocasião para lhe fazer a sua proposta.

1. Ele o tentou a não confiar no cuidado de seu Pai em relação a Ele, e a agir por conta própria, e a ajudar-se a si mesmo provendo o sustento de uma maneira que o seu Pai não havia designado (v. 3): Se tu és o Filho de Deus, como a voz do céu declarou, dize a esta pedra que se transforme em pão. (1) "Eu te aconselho a fazer isto; porque Deus, se é teu Pai, se esqueceu de ti, e demorará muito antes que Ele envie corvos ou anjos para te alimentar". Se começarmos a pensar em sermos os nossos próprios escultores, e vivermos pela nossa própria previsão, sem dependermos da providência divina, se quisermos obter riquezas pelo nosso poder e pela força das nossas mãos, podemos considerar isto como uma tentação de Satanás, e devemos conseqüentemente rejeitá-la; pensar em ser independente de Deus é um conselho de Satanás. (2) "Eu te desafio, se tu o podes; se não o fizeres, direi que não és o Filho de Deus; porque João Batista disse recentemente que Deus pode suscitar, das pedras, filhos a Abraão, que é o maior; portanto, tu não tens o poder do Filho de Deus, se não transformares as pedras em pão para ti mesmo, quando necessitares. E este é um milagre menor". Assim, o próprio Deus foi tentado no deserto: Poderá Deus preparar uma mesa no deserto? Poderá dar pão? Salmos 78.19,20.

Agora: [1] Cristo não cedeu à tentação; Ele não transformaria aquelas pedras em pães; não, embora estivesse com fome; Em primeiro lugar, porque Ele não faria o que Satanás lhe ordenou que fizesse, pois isto seria como se tivesse havido um pacto entre o Senhor e o príncipe dos demônios. Note que não devemos fazer nada que se pareça com a atitude de dar lugar ao diabo. Os milagres foram operados para a confirmação da fé, e o diabo não tinha fé para ser confirmada; portanto o Senhor Jesus não faria isto por ele. Ele operou os seus sinais na presença dos seus discípulos (Jo 20.30), e particularmente o início de seus milagres, transformando água em vinho, o que Ele fez para que os seus discípulos pudessem crer nele (Jo 2.11); mas aqui no deserto o Senhor Jesus não tinha nenhum discípulo em sua companhia. Em segundo lugar, Ele operou milagres para a ratificação de sua doutrina, e, portanto, até que começasse a pregar, Ele não começaria a operar milagres. Em terceiro lugar, Ele não operaria milagres para si mesmo e para o seu próprio sustento, para que não parecesse impaciente pela fome, porquanto o Senhor Jesus não veio para agradar a si mesmo, mas para sofrer a dor, e esta seria apenas uma dor entre outras. Ele também mostraria que não agradou a si mesmo, e iria, antes, transformar água em vinho para

crédito e conveniência de seus amigos, e não pedras em pão para o seu próprio sustento, mesmo que isto parecesse necessário. Em quarto lugar, Ele reservaria a prova de ser o Filho de Deus para mais adiante, e preferia ser censurado por Satanás por se comportar como fraco, e incapaz de fazê-lo, do que ser persuadido por Satanás a fazer o que lhe convinha fazer. Desse modo, o Senhor Jesus foi censurado por seus inimigos como se não pudesse salvar a si mesmo, e descer da cruz, quando Ele de fato poderia ter descido; mas não o faria, porque não convinha que o fizesse. Em quinto lugar, Ele não faria nada que parecesse falta de confiança em seu Pai, não agiria separadamente dele, e não faria qualquer coisa que estivesse em desacordo com a sua condição atual. Sendo, em todas as coisas, feito como os seus irmãos, o Senhor Jesus iria, como os outros filhos de Deus, viver na dependência da Providência e da promessa divina. Ele confiaria em Deus Pai, fosse para enviar a provisão necessária ao deserto, ou para levá-lo à cidade que deveria habitar onde haveria mantimento, como costumava fazer (Sl 107.5-7). E assim, quando o Senhor Jesus tivesse terminado estes quarenta dias de jejum, o Pai iria supri-lo, embora Ele estivesse com fome naquele momento.

[2] O Senhor Jesus respondeu utilizando as Escrituras (v. 4): Está escrito. Esta é a primeira palavra registrada como sendo falada por Cristo depois da instalação de seu ofício profético; e é uma citação do Antigo Testamento, para mostrar que Ele veio para declarar e manter a autoridade das Escrituras como algo que não se pode controlar; Satanás não é capaz de controlá-la. E embora o Senhor Jesus tivesse o Espírito sem medida, e tivesse uma doutrina própria para pregar e uma religião para fundar, ela estava de acordo com Moisés e os profetas. O Senhor Jesus estabelece os escritos destes homens como uma regra para si mesmo, e nos recomenda que os tenhamos como uma resposta a Satanás e às suas tentações. A Palavra de Deus é a nossa espada, e a fé nesta preciosa Palavra é o nosso escudo; devemos, portanto, ser poderosos nas Escrituras, e seguirmos nesta força, avançarmos, e continuarmos na nossa batalha espiritual, conhecendo o que está escrito, porque ela é para o nosso aprendizado, para o nosso uso. O texto das Escrituras que o Senhor Jesus menciona é Deuteronômio 8.3. Em outras palavras: “O homem não viverá só de pão. Eu não preciso transformar as pedras em pão, porque Deus Pai pode enviar o maná para o meu sustento, assim como Ele fez por Israel; o homem pode viver de toda

Palavra de Deus, e ser alimentado por aquilo que Ele determinar". Como é que Cristo pode ter vivido confortavelmente durante estes últimos quarenta dias? Não pelo pão, mas pela Palavra de Deus, pela meditação sobre esta Palavra, e pela comunhão com ela, e com Deus nela e por ela; e de uma maneira que Ele ainda pudesse viver, embora agora Ele começasse a ter fome. Deus tem muitas maneiras de sustentar o seu povo, sem os meios comuns de subsistência. Portanto, não se deve em nenhuma circunstância perder a confiança nele, mas em todo o tempo devemos depender dele, no caminho da obediência. Se faltar o alimento, Deus pode tirar o apetite, ou dar graus de paciência que permitam que um homem ria da assolação e da fome (Jó 5.22). O Senhor também pode tornar os legumes e a água mais nutritivos do que toda a porção do manjar do rei (Dn 1.12, 13), permitindo que o seu povo se alegre nele, mesmo que a figueira não floresça, Habacuque 3.17. Uma crente vigorosa disse que fez das promessas a sua refeição nas ocasiões em que sofreu a escassez de alimentos.

2. O diabo tentou Jesus a aceitar dele o reino, o qual, como o Filho de Deus, Ele esperava receber de seu Pai, e glorificá-lo, vv. 5-7. Este evangelista coloca esta tentação em segundo lugar, a qual Mateus colocou por último, e que, parece, foi realmente a última; mas Lucas estava absorto por ela, como a mais maligna e a mais violenta, e, portanto, se apressou em citá-la. Na tentação do diabo aos nossos primeiros pais, ele lhes apresentou o fruto proibido, primeiro como bom para se comer, e então como agradável aos olhos; e eles foram dominados por estes dois encantamentos. Satanás aqui primeiro tentou a Cristo para transformar pedras em pão, que seria bom para se comer, e então lhe mostrou os reinos do mundo e a sua glória, que eram agradáveis aos olhos; mas em ambas estas coisas o Senhor Jesus venceu Satanás, e talvez tendo isto em vista, Lucas muda a ordem. Agora observe:

(1) Como Satanás procurou conduzir esta tentação, para persuadir Cristo a se tornar tributário a ele, e receber o seu reino das mãos dele.

[1] Satanás trouxe ao Senhor uma perspectiva de todos os reinos do mundo em um momento, uma representação visionária deles, como ele pensava ser mais provável de cativar, e parecer uma perspectiva real. Para obter melhor êxito, ele o levou para este propósito a um alto monte; e, devido ao fato de em seguida, depois da tentação, encontrarmos a Cristo do outro lado do Jordão, alguns acreditam que provavelmente o diabo o tenha

levado ao topo do Pisga, de onde Moisés tem a visão de Canaã. O fato de que este foi apenas um espectro que o diabo, como príncipe do poder dos ares, aqui apresentou ao nosso Salvador, é confirmado pela circunstância que Lucas aqui faz notar, que tudo se passou em um momento; enquanto que, se um homem toma a perspectiva de apenas uma nação, ele deve fazê-lo sucessivamente, deve se virar, e observar primeiro uma parte e então a outra. Assim o diabo pensou em impor sobre o nosso Salvador uma falácia – a *deceptio visus*; ao procurar fazê-lo crer que poderia lhe mostrar todos os reinos do mundo, Satanás o levaria a uma opinião de que ele poderia lhe dar todos estes reinos.

[2] Ele ousadamente alegou que todos estes reinos lhe foram entregues, que ele tinha poder para dispor deles e de toda a glória deles, e dá-los a quem quisesse, v. 6. Alguns acreditam que aqui ele se fez passar por um anjo de luz, e que, como um dos anjos que foi colocado sobre os reinos, ele tinha comprado, ou conquistado, todos os demais, e, portanto, lhe foi confiada a disposição de todos eles, e, em nome de Deus, Satanás os daria ao Senhor Jesus, sabendo que eles foram criados para Ele; mas o impedimento era esta condição, que ele deveria se prostrar e adorá-lo, o que um anjo bom jamais teria exigido nem admitido, e o Senhor jamais o faria, nem sequer por coisas muito maiores do que estas, Apocalipse 19.10; 22.9. Mas eu prefiro acreditar que Satanás reivindicou este poder por ser o próprio demônio, e que este poder lhe foi entregue não pelo Senhor, mas pelos reis e pelo povo destes reinos, que deram o seu poder e honra ao diabo, Efésios 2.2. Por isso ele é chamado de deus deste mundo, e príncipe deste mundo. Foi prometido ao Filho de Deus que ele deveria ter as nações por sua herança, Salmos 2.8. “Por que”, diz o diabo, “as nações são minhas, são meus súditos e devotos; no entanto, serão tuas, eu as darei a ti, sob a condição de me adores por elas, e digas que elas são as recompensas que dei a ti, como outros fizeram antes de ti (Os 2.12), e consintas em tê-las sob o meu domínio.”

[3] Satanás exigiu dele honra e adoração: Portanto, se tu me adorares, tudo será teu, v. 7. Em primeiro lugar, Satanás deseja que o Senhor o adore. Talvez ele não queira dizer nunca mais adorar a Deus Pai, mas adorá-lo junto com a adoração oferecida a Deus Pai; porque o diabo sabe, que se ele conseguir apenas uma vez se fazer sócio, logo será o único proprietário. Em segundo lugar, Satanás faria um contrato com o Senhor Jesus, de que

quando, de acordo com esta promessa, Ele tomasse posse dos reinos deste mundo, não faria nenhuma alteração nas religiões do mundo, mas toleraria as nações como havia feito até aquele momento, permitindo que sacrificassem aos demônios (1 Co 10.20). Por esta proposta, o Senhor Jesus deveria ainda manter o culto aos demônios no mundo, e então deixá-lo tomar todo o poder e a glória dos reinos se lhe agradasse. Que a riqueza e a grandeza desta terra fiquem para quem quiser; porém, quanto a Satanás, este nada terá se não tiver o coração dos homens, bem como os seus sentimentos e a sua adoração. O diabo só pode operar nos filhos da desobediência, e é assim que ele eficazmente os devora.

(2) Como o nosso Senhor Jesus triunfou sobre esta tentação. Ele deu à tentação uma repulsa terminante, e a rejeitou com veemência (v. 8): "Vai-te, Satanás, não suporto a menção disto. O que? Adorar o inimigo do Deus a quem eu vim servir? e do homem a quem eu vim salvar? Não, Nunca farei isto." Uma tentação como esta não era para ser analisada, mas recusada imediatamente; o assunto foi liquidado com uma única palavra, Está escrito: Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a Ele servirás; e não somente isto, mas somente a Ele adorarás; a Ele e a nenhum outro. Portanto, Cristo não adorará a Satanás, e quando tiver os reinos do mundo entregues a si por seu Pai, como espera em breve receber, jamais permitirá que qualquer adoração ao diabo continue neles. Onde quer que chegue o seu Evangelho, tudo o que for maligno será perfeitamente arrancado e abolido. Cristo não fará nenhum acordo com o diabo. O politeísmo e a idolatria deverão sucumbir, quando se levantar o reino de Cristo. Os homens devem se converter do poder de Satanás para Deus, do culto aos demônios para o culto ao único Deus vivo e verdadeiro. Esta é a grande lei divina que Deus restabelecerá entre os homens, e por sua santa religião reduzirá o homem à obediência: só Deus deve ser adorado e servido; portanto, qualquer que toma qualquer criatura como objeto de culto religioso – mesmo que seja um santo ou um anjo, ou a própria virgem Maria – frustra diretamente o desígnio de Cristo, e cai no paganismo.

3. O diabo o tentou a ser o seu próprio assassino, em uma presunçosa confiança da proteção de seu Pai, da qual Ele não tinha nenhuma garantia. Observe:

(1) O que o diabo pretendia com esta tentação: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, v. 9. [1] Ele queria que Cristo buscasse uma nova

prova de que era o Filho de Deus, como se a prova que o seu Pai havia lhe dado, pela voz do céu, e a descida do Espírito sobre Ele não fossem suficientes. Isto seria uma desonra para Deus, como se Ele não tivesse escolhido o meio mais adequado de lhe dar esta garantia; e teria sido uma falta de confiança de que o Espírito habitava nele, o que era a maior prova e a prova mais convincente de que o Senhor Jesus era o Filho de Deus, Hebreus 1.8,9. [2] Ele queria que Cristo buscasse um novo método de proclamar e anunciar isto ao mundo. O diabo, na verdade, sugere que o Senhor Jesus foi confirmado como sendo o Filho de Deus em uma região afastada, na companhia de pessoas comuns, que compareceram ao batismo de João, e que estas honras foram proclamadas nestas condições desfavoráveis; mas se Ele agora declarasse no pináculo do templo, em meio a todas as pessoas importantes que compareciam ao serviço no templo, que Ele era o Filho de Deus, e então, para prová-lo, se lançasse de lá de cima e saísse ileso, com certeza seria recebido por todos como um mensageiro enviado do céu. Assim Satanás teria feito com que o Senhor Jesus buscasse honras conforme um plano diabólico (desprezando tudo o que Deus havia feito a respeito dele), e assim se manifestasse no templo de Jerusalém. Porém Deus Pai planejou que o Senhor Jesus se manifestasse mais entre os penitentes de João, por quem a sua doutrina seria mais bem recebida do que pelos sacerdotes. [3] É provável que o diabo tivesse alguma esperança de que, embora não pudesse lançá-lo abaixo, causando-lhe algum dano, pudesse convencê-lo a se lançar abaixo, e a queda poderia ser a sua morte; então o diabo o teria finalmente fora do caminho.

(2) Como o diabo apoiou e reforçou esta tentação. Ele fez a sua sugestão dizendo, “Está escrito”, v. 10. Cristo havia citado as Escrituras contra ele; e ele achou que estaria em pé de igualdade com Cristo, e mostraria que podia citar as Escrituras tanto quanto o Senhor. Os hereges e sedutores têm procurado perverter as Escrituras, utilizando textos isolados e fora de contexto, para cometer as piores iniqüidades. Mandará aos seus anjos, acerca de ti, se tu fores seu Filho, que te guardem e que te sustentem nas mãos. E agora que Jesus estava no pináculo do templo, poderia esperar especialmente esta ministração de anjos; porque, sendo o Filho de Deus, o templo era o lugar adequado onde Ele deveria estar (cap. 2.46). E, além disto, se algum lugar debaixo do sol tivesse uma guarda de anjos constantemente, deveria ser este lugar, Salmos 68.17. É verdade, Deus

prometeu a proteção de anjos para nos encorajar a confiar nele, não para tentá-lo; a promessa da presença de Deus está conosco, e junto com ela está também a promessa da ministração dos anjos; mas esta promessa referente aos anjos não vai além da promessa da presença do Senhor: Eles te guardarão quando estiveres andando pelo caminho, onde estiver o teu caminho, mas não se presumires voar nos ares.

(3) Como o diabo foi frustrado e derrotado na tentação, v. 12. Cristo citou Dt 6.16, onde é dito, Não tentareis o Senhor, vosso Deus, desejando um sinal para a prova da revelação divina, quando ele já entregou o que é suficiente; porque assim fez Israel, quando tentaram a Deus no deserto, dizendo, Ele nos deu água tirando-a da pedra, mas será que também é capaz de nos dar carne? Disto Cristo seria culpado se dissesse: Deus Pai certamente provou que sou o seu Filho, enviando o Espírito sobre mim, a maior bênção. Mas, será que Ele também poderia me dar uma bênção menor do que esta, dando ordem aos seus anjos a meu respeito?

III Qual foi o resultado e o desfecho deste combate, v. 13. O nosso Redentor vitorioso manteve o seu fundamento, e saiu vencedor, não só por si mesmo, mas também por nós.

1. O diabo esvaziou a sua aljava, e assim acabou toda a tentação. Cristo lhe deu a oportunidade de dizer e fazer tudo o que podia contra si; ele permitiu que o diabo tentasse toda a sua força, e mesmo assim o derrotou. Cristo sofreu, sendo tentado, até que toda a tentação terminou? E não devemos esperar passar por todas as nossas aflições, atravessando a hora da tentação que nos está reservada?

2. O diabo então deixou o campo de batalha: Ausentou-se dele. O diabo viu que era inútil atacar o Senhor Jesus; ele não tinha nada nele para que os seus dardos inflamados o atingissem; o Senhor não tinha nenhum ponto cego, nenhuma parte fraca ou desprotegida em seu muro; por esta razão, Satanás desistiu do caso. Observe que se resistirmos ao diabo, ele fugirá de nós.

3. No entanto, o diabo prosseguiu em sua maldade contra o Senhor, e partiu decidido a atacá-lo novamente; ele ausentou-se, mas por algum tempo, *achri kairou – até uma outra hora*, ou até o dia em que deveria outra vez ser solto contra Ele, não como um tentador, para fazê-lo pecar. O diabo tentaria golpear a cabeça do Senhor, mas seria totalmente derrotado; mas

como um perseguidor, o diabo procuraria fazer com que o Senhor sofresse através das atitudes de Judas e de outros instrumentos perversos a quem ele empregou. O diabo feriria o calcanhar do Senhor, conforme lhe foi dito (Gn 3.15) que deveria fazer, e que faria, mas a própria cabeça do diabo seria esmagada. Ele se ausenta agora até que chegue aquele dia que Cristo chama de poder das trevas (cap. 22.53), quando o príncipe deste mundo viria outra vez, João 14.30.

Cristo na Sinagoga de Nazaré. O Senhor É Expulso de Nazaré

vv. 14-30

Depois que Cristo venceu o espírito maligno, Ele revelou o quanto estava sob a influência do Espírito bom; e tendo se defendido contra os ataques do diabo, Ele agora começa a agir ofensivamente, e a fazer aqueles ataques sobre o reino das trevas através de suas pregações e milagres, bênçãos a que o diabo não poderia resistir nem repelir. Observe:

I O que é dito aqui em geral sobre a sua pregação, e a recepção que ela teve na Galiléia, uma parte remota do país, distante de Jerusalém; foi uma parte da humilhação de Cristo o fato dele ter começado o seu ministério ali.

Mas: 1. De lá Ele veio pela virtude do Espírito. O mesmo Espírito que o qualificou para o exercício de seu ofício profético, o inclinou fortemente a ele. O Senhor Jesus não iria esperar por um chamado dos homens, porque Ele tinha a luz e a vida em si mesmo. 2. Ali Ele ensinou em suas sinagogas, em seus lugares de culto público, onde eles se reuniam, não, como no templo, para serviços cerimoniais, mas para os atos morais de devoção, para ler, expor e aplicar a Palavra, para orar e louvar, e para a disciplina da congregação; estas coisas passaram a ser mais freqüentes desde o cativeiro, quando o culto cerimonial estava próximo de expirar. 3. Ao agir desta forma, o Senhor alcançou uma elevada reputação. E a sua fama correu por todas as terras em derredor (v. 14), e foi uma boa fama; porque (v. 15) Ele era louvado por todos. Todos o admiravam, e o exaltavam; eles nunca tinham ouvido uma pregação como esta em toda a sua vida. Agora, a princípio, Ele não enfrentou desprezo ou contradição; todos o glorificavam,

e não havia ninguém que o difamasse.

II Sobre a sua pregação em Nazaré, a cidade onde Ele foi criado; e a recepção que o Senhor teve ali. E aqui somos informados sobre como Ele pregou ali, e como foi perseguido.

1. Como Ele pregou ali. Nisto observe:

(1) A oportunidade que o Senhor Jesus teve para pregar: Ele chegou a Nazaré quando havia ganhado uma reputação em outros lugares, talvez esperando que ao menos o desprezo e o preconceito com os quais os seus compatriotas o consideravam, poderiam ter desaparecido. Ali Ele aproveitou a oportunidade para pregar: [1] Na sinagoga, o lugar adequado, onde havia sido o seu costume comparecer quando não era tão conhecido, v. 16. Devemos dedicar tempo para comparecermos ao culto público de adoração a Deus. Mas, agora que o Senhor Jesus havia iniciado o seu ministério público, Ele pregou ali. Este sábio Pescador lançaria a sua rede onde quer que a multidão de peixes estivesse. [2] No sábado, a ocasião apropriada que os judeus piedosos despendiam, não em um mero descanso cerimonial do trabalho terreno, mas na dedicação a Deus e ao seu culto, desde a época em que passaram a freqüentar as escolas dos profetas nas luas novas e aos sábados. Note que é bom mantermos o costume de servir ao Senhor em um dia específico, que no Novo Testamento é o domingo cristão, realizando assembléias solenes de adoração ao Senhor nosso Deus.

(2) O chamado que o Senhor Jesus tinha para isso. [1] Ele se levantou para ler. Eles tinham em suas sinagogas sete leitores todos os sábados, o primeiro era um sacerdote, o segundo um levita, e os outros cinco eram israelitas daquela sinagoga. Freqüentemente encontramos Cristo pregando em outras sinagogas, mas nunca lendo, exceto nesta sinagoga em Nazaré, da qual Ele tinha sido um membro durante muitos anos. Agora o Senhor Jesus oferecia o seu serviço, como Ele talvez tivesse feito com freqüência; o Senhor leu uma das lições dos profetas, Atos 13.15. Note que a leitura das Escrituras é um trabalho muito adequado para ser realizado nas assembléias religiosas, e o próprio Cristo não considerou uma desonra o fato de participar dela. [2] O livro do profeta Isaías foi entregue ao Senhor Jesus por aquele que tinha autoridade na sinagoga ou pelo ministro mencionado (v. 20), de forma que Ele não foi nenhum intruso, mas estava devidamente autorizado *pro hac vice* nesta ocasião. A segunda lição para aquele dia

estava na profecia de Isaías, e eles lhe deram este volume para ler.

(3) O texto sobre o qual o Senhor Jesus pregou. Ele se levantou para ler, para nos ensinar a necessidade de reverência ao lermos e ao ouvirmos a Palavra de Deus. Quando Esdras abriu o livro da lei, todo o povo se pôs em pé (Ne 8.5); assim fez Cristo aqui, quando leu no livro dos profetas. Agora que o livro lhe foi entregue: [1] Ele o abriu. Os livros do Antigo Testamento estavam, de certa forma, fechados até que Cristo os abriu, Isaías 29.11. Digno é o Cordeiro que foi morto, de pegar o livro e abrir os selos; pois Ele pode abrir, não só o livro, mas o entendimento. [2] Ele achou o lugar que foi designado para ser lido naquele dia, e não necessitava ser guiado; Ele logo o achou, e o leu, e o tomou como o seu próprio texto. Agora, o seu texto foi tomado de Isaías 61.1,2, o qual é aqui citado na íntegra, vv. 18,19. Houve uma providência neste episódio, tendo em vista que aquela porção das Escrituras deveria ser lida naquele dia. Ela fala muito claramente a respeito do Messias, a ponto deles serem indesculpáveis se não o reconhecessem, porque ouviam as vozes dos profetas lidas todo o sábado, testemunhando a respeito dele, Atos 13.27. Este texto apresenta um relato completo da missão de Cristo, e da obra que Ele veio realizar neste mundo. Observe:

Em primeiro lugar, como O Senhor Jesus foi qualificado para o trabalho: O Espírito do Senhor é sobre mim. Todos os dons e graças do Espírito foram outorgados a Ele, não por medida, como a outros profetas, mas sem medida, João 3.34. Ele veio pela virtude do Espírito, v. 14.

Em segundo lugar, Como Ele foi comissionado: Pois que me ungiu e enviou-me. A sua qualificação extraordinária elevou-se a uma comissão; o fato de ter sido ungido significa ser adequado para a tarefa como também chamado para ela. Deus unge aqueles que Ele elege para qualquer serviço: Uma vez que Ele me enviou, Ele enviou o seu Espírito comigo.

Em terceiro lugar, qual era a sua obra. Ele foi qualificado e comissionado:

1. Para ser um grande profeta. Ele foi ungido para pregar; isto é mencionado três vezes aqui, pois esta era a obra que Ele agora estava iniciando. Observe: (1) A quem Ele deveria pregar: aos pobres; àqueles que eram pobres no mundo, a quem os doutores judeus desdenhavam, não os ensinavam, e falavam deles com desprezo; aos que eram pobres de espírito, aos mansos e humildes, e àqueles que estavam verdadeiramente tristes pelo pecado: por eles o Evangelho e a graça serão bem recebidos, e eles os terão,

Mateus 11.5. (2) O que o Senhor Jesus deveria pregar. Em geral, Ele deve pregar o Evangelho. Ele é enviado *euangelizesthai – para evangelizá-los*; não só para pregar a eles, mas para tornar esta pregação efetiva; para trazer o evangelho não só aos seus ouvidos, mas aos seus corações, e moldá-los conforme o seu propósito. Três coisas que Ele deve pregar:

[1] Liberdade aos cativos. O evangelho é uma proclamação de liberdade, como aquela que beneficiou Israel no Egito e na Babilônia. Pelos méritos de Cristo, os pecadores podem ser libertados das cadeias da culpa, e pelo seu Espírito e pela sua graça da servidão da corrupção. É uma libertação da pior das escravidões pela qual serão beneficiados todos aqueles que estiverem desejosos de fazer de Cristo a sua Cabeça, e de serem governados por Ele.

[2] Dar vista aos cegos. Ele veio não só pela Palavra de seu Evangelho para trazer luz para aqueles que estavam nas trevas, mas pelo poder da sua graça, para dar vista aos cegos; não só ao mundo gentílico, mas a toda alma pecadora que não está somente na servidão, mas em cegueira, como Sansão e Zedequias. Cristo veio para nos dizer que Ele tem um colírio para nós; para termos este colírio só é necessário que o peçamos. Se a nossa oração for: Senhor, que os nossos olhos possam ser abertos, a sua resposta será: Receba a tua visão.

[3] O ano aceitável do Senhor, v. 19. Ele veio para deixar o mundo saber que Deus, a quem eles haviam ofendido, estava disposto a se reconciliar com eles, e a aceitá-los em novos termos; que ainda havia uma maneira de tornar o serviço deles aceitável a Ele; que há agora um tempo de boa vontade para com os homens. Esta bênção faz alusão ao ano da libertação, ou do jubileu, que era um ano aceitável para os servos, que estavam agora sendo colocados em liberdade; aos devedores, contra os quais todas as ações foram anuladas; e para aqueles que haviam hipotecado as suas terras, porque então retornariam a elas. Cristo veio para tocar a trombeta do jubileu; e bem-aventurados foram aqueles que ouviram o som festivo, Salmos 89.15. Era um tempo aceitável, porque era um dia de salvação.

2. Cristo veio para ser um grande Médico; porque Ele foi enviado para curar os quebrantados de coração, para consolar e curar as consciências aflitas, para dar paz àqueles que estavam perturbados e humilhados pelos pecados, e sob o medo da ira de Deus contra eles por causa desta situação. O Senhor veio para trazer descanso para aqueles que estavam cansados e oprimidos sob o fardo da culpa e da corrupção.

3. Para ser um grande Redentor. Ele não só proclama a liberdade aos cativos, como fez Ciro aos cativos na Babilônia (Quem quer que desejar, poderá subir), mas o Senhor coloca em liberdade aqueles que são oprimidos. Ele, pelo seu Espírito, os inclina e capacita para fazerem uso da liberdade concedida, como até então nenhum deles havia feito, exceto aqueles cujo espírito Deus despertou, Esdras 1.5. Ele veio em nome de Deus Pai para pagar a dívida dos pobres pecadores que eram devedores e prisioneiros da justiça divina. Os profetas só puderam proclamar a liberdade; mas Cristo, como alguém que possui autoridade, como alguém que tinha poder na terra para perdoar pecados, veio para colocar o povo em liberdade; portanto, esta frase é acrescentada aqui. O Dr. Lightfoot pensa que os judeus permitiram que os seus leitores comparassem Escritura com Escritura, em sua leitura, para que tivessem a explicação exata do texto. Cristo a acrescentou a partir de Isaías 58.6, onde foi expresso o dever do ano aceitável, que consistia em permitir que os oprimidos fossem postos em liberdade, e a frase que a Septuaginta usa é a mesma desta.

(4) Aqui está a aplicação que o Senhor Jesus Cristo faz deste texto a si mesmo (v. 21): Quando Ele terminou de ler, fechou o livro, e tornou a dá-lo ao ministro, ou assistente, e assentou-se, de acordo com o costume dos judeus que eram doutores da lei; Ele se assentava diariamente no templo, ensinando, Mateus 26.55. Agora, Ele iniciou o seu discurso da seguinte forma: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”. Isto, que Isaías escreveu por meio de profecia, Eu vos li, e agora se tornou um fato histórico. Ela agora começou a ser cumprida através da introdução do ministério público de Cristo; agora, no relatório que eles ouviram de sua pregação e milagres em outros lugares; agora, na sua pregação a eles, na própria sinagoga deles. É muito provável que Cristo tenha prosseguido, e mostrado particularmente como esta Escritura foi cumprida na doutrina que Ele pregou a respeito do reino dos céus que estava às portas. Ele estava anunciando a liberdade aos cativos, a vista aos cegos, a cura aos enfermos, e todas as bênçãos do ano aceitável do Senhor. Muitas outras palavras de graça saíram de sua boca, das quais estas foram o início; porque Cristo freqüentemente pregava longos sermões, dos quais temos apenas curtas narrações. Isto foi o suficiente para introduzir um ponto muito importante: Hoje se cumpriu esta Escritura. Note: [1] Todas as Escrituras do Antigo Testamento, que deveriam ser cumpridas no Messias, tiveram seu

cumprimento total no Senhor Jesus, o que prova abundantemente que Ele era aquele que deveria vir. [2] Convém observar o cumprimento das Escrituras nas providências de Deus. As obras de Deus são os cumprimentos não só de sua palavra que está oculta aos homens, mas também de sua palavra revelada; comparar as Escrituras com as providências de Deus é uma atitude que nos ajudará a compreender tanto as Escrituras como as providências.

(5) Aqui está a atenção e a admiração daqueles que estavam na sinagoga.

[1] A atenção deles (v. 20): E os olhos de todos na sinagoga (e, provavelmente, havia muitos presentes) estavam fitos nele, com grande expectativa sobre o que Ele diria, tendo ouvido tanto a respeito dele. Note que é bom, ao ouvir a Palavra, manter o olhar fixo no ministro por quem Deus está nos falando; porque, assim como os olhos influenciam o coração, geralmente o coração segue os olhos, e está vagando, ou está fixo – isto ocorre de fato. Ou, antes, aprendamos assim a manter os olhos fixos em Cristo, que nos está falando através do ministro. O que diz o nosso Senhor a nós, seus servos?

[2] A sua admiração (v. 22): E todos lhe davam testemunho de que Ele falava admiravelmente bem, e com propósito. Todos o elogiavam, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca. No entanto, como parece ao que se segue, eles não creram nele. Note que é possível que aqueles que são admiradores de bons ministros e de uma boa pregação, possam ainda assim não ser cristãos verdadeiros. Observe, em primeiro lugar, o que eles admiraram: As palavras de graça que saíam da sua boca. As palavras de graça; boas palavras, e faladas de um modo comovente. Note que as palavras de Cristo são palavras de graça, porque a graça se derramou em seus lábios (Sl 45.2), e aqui temos palavras de graça derramadas deles. E estas palavras de graça devem deixar as pessoas maravilhadas; o nome de Cristo é Maravilhoso, e Ele é maravilhoso em sua graça, nas palavras de sua graça, e no poder que acompanha estas palavras. Nós bem podemos nos maravilhar de que Ele fale tais palavras de graça a desgraçados e miseráveis como nós, homens imersos no pecado. Em segundo lugar, o que foi que aumentou a admiração deles e que foi a consideração de sua origem: E diziam: Não é este o filho de José? Portanto, alguém de origem tão humilde e de educação tão insignificante? Alguns a partir desta sugestão passaram talvez a se maravilhar ainda mais pelas suas

palavras de graça, concluindo que Ele devia tê-las aprendido diretamente de Deus, pois sabiam que ninguém mais o havia ensinado; porém outros, talvez, diante desta consideração, corrigiram a sua admiração por suas palavras de graça, e concluíram que não poderia haver nada realmente admirável nelas, por mais que parecesse, pelo fato dele ser filho de José. Pode alguma coisa grande, ou digna aos nossos olhos, vir de alguém tão insignificante?

(6) A antecipação de Cristo da objeção que Ele sabia que estava na mente de muitos dos seus ouvintes. Observe:

[1] Qual era a objeção (v. 23): “Sem dúvida, me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo. Porque sabeis que sou o Filho de José, seu vizinho, esperareis que eu deva operar milagres entre vós, como tenho feito em outros lugares; como alguém esperaria que um médico, se ele for capaz, deva curar, não só a si mesmo, mas aqueles que fazem parte de sua família e fraternidade”. A maior parte dos milagres de Cristo foram curas. “Agora, porque todos os doentes em Tua própria cidade não devem ser curados, assim como aqueles que tens curado em outras cidades?” Eles precisavam ser curados de sua incredulidade: “Agora, por que a doença da incredulidade, se esta for na verdade uma doença, não deve ser curada naqueles que estão em sua própria cidade, assim como naqueles que vivem em outras cidades? Seja feito aqui também, em Tua própria terra, aquilo que ouvimos que foi feito em Cafarnaum, e de que muito se falou”. Eles estavam satisfeitos com as palavras de graça de Cristo, só porque esperavam que estas fossem apenas a introdução para algumas de suas obras maravilhosas. Eles queriam ter os seus coxos, cegos, enfermos e leprosos curados e ajudados, para que a carga de sua cidade pudesse ser aliviada; e esta era a principal coisa para a qual eles olhavam. Eles consideravam a sua própria cidade tão digna de ser o palco de milagres quanto qualquer outra; e por que Ele não deveria fazer ali as mesmas maravilhas que estava fazendo em qualquer outro lugar? E por que os seus vizinhos e conhecidos não deveriam ter o benefício de sua pregação e de seus milagres, em vez de quaisquer outros?

[2] Como o Senhor Jesus responde a esta objeção contra o curso de ação que Ele tomou.

Em primeiro lugar, por um motivo claro e positivo Ele não faria de Nazaré o seu quartel-general (v. 24), porque geralmente considera-se

verdadeiro que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria, pelo menos não tão bem, nem com tanta probabilidade de fazer o bem, como em algum outro país; a experiência confirma isso. Quando profetas foram enviados com mensagens e milagres de misericórdia, poucos de seus próprios compatriotas, que conheciam a sua origem e educação, foram capazes de recebê-los. Assim diz o Dr. Hammond. A familiaridade gera o desprezo; e somos propensos a pensar de uma forma comum principalmente naqueles com cuja conversa estamos acostumados; e aqueles que eram bem conhecidos quando estavam vivendo a sua vida e a sua privacidade, dificilmente serão devidamente honrados como profetas. Aquilo que é artificial e custoso costuma ser mais estimado do que aquilo que é “de casa”, mesmo que a diferença em excelência seja patente. Isto também surge da inveja que os vizinhos geralmente têm uns dos outros; um vizinho não pode suportar ver algum outro como seu superior, principalmente se há pouco tempo o considerava como seu inferior. Por esta razão, Cristo se recusou a operar milagres ou a fazer qualquer coisa extraordinária em Nazaré, por causa dos preconceitos enraizados que eles tinham contra Ele ali.

Em segundo lugar, por exemplos pertinentes de dois dos mais famosos profetas do Antigo Testamento, que escolheram dispensar os seus favores entre os estrangeiros em vez de fazê-lo entre os seus próprios compatriotas, e que, sem dúvida, tiveram a direção divina para agir desta forma. 1. Quando houve uma fome na terra, Elias foi sustentado por uma viúva de Serepta, uma cidade de Sidom. Esta mulher era estrangeira para a nação de Israel, vv. 25,26. Consideremos a história que temos registrada em 1 Reis 17.9, e versículos seguintes. Foi dito ali que o céu foi cerrado por três anos e seis meses, ao passo que também foi dito (1 Rs 18.1) que no terceiro ano Elias se apresentou diante de Acabe, e houve chuva; mas este não foi o terceiro ano da seca, mas o terceiro ano em que Elias foi sustentado pela viúva de Serepta. Assim como o Senhor Deus aqui iria se mostrar um Pai dos órfãos, e um Juiz das viúvas, Ele iria mostrar que é rico em misericórdia para com todos, até mesmo para com os gentios. 2. Eliseu limpou Naamã, o siro, de sua lepra, embora ele fosse um siro, e não só um estrangeiro, mas um inimigo de Israel (v. 27). Havia muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu – quatro particularmente – que levaram a notícia de que os sírios levantaram o cerco de Samaria com precipitação, e

deixaram o despojo de suas tendas para enriquecer Samaria, quando o próprio Eliseu estava na cidade sitiada. Este também foi o cumprimento de sua profecia; veja 2 Reis 7.1,3, e versículos seguintes. Ainda assim não encontramos que Eliseu os tenha purificado, nem mesmo por uma recompensa pelo serviço que prestaram, e pelas boas notícias que trouxeram, mas apenas o sírio recebeu o milagre; porque ninguém além dele teve fé para se apresentar ao profeta para receber a cura. O próprio Cristo encontrou uma fé maior entre os gentios do que em Israel. E aqui o Senhor Jesus menciona estes dois casos, para mostrar que não concedeu o favor dos seus milagres por respeito privado, mas de acordo com o sábio propósito de Deus. E o povo de Israel poderia, com justiça, ter dito a Elias ou a Eliseu aquilo que os nazarenos disseram a Cristo: Médico, cura-te a ti mesmo. Cristo operou os seus milagres entre os israelitas, embora não entre os seus concidadãos, enquanto estes grandes profetas operaram os seus milagres entre os gentios. Embora os exemplos dos santos não transformem más ações em boas ações, eles ajudarão a esclarecer a mente das pessoas reprováveis.

2. Como o Senhor Jesus foi perseguido em Nazaré.

(1) Aquilo que os provocou foi o fato dele destacar o favor que Deus Pai mostrou aos gentios através de Elias e Eliseu: E todos, ouvindo essas coisas, se encheram de ira (v. 28). Todos eles estavam irados; uma grande mudança desde o versículo 22, quando eles se maravilhavam pelas palavras de graça que saíam da sua boca. Os sentimentos e as opiniões da multidão se mostram, assim, muito incertos e volúveis. Se eles tivessem mesclado a fé com aquelas palavras de graça do Senhor Jesus Cristo, pelas quais se maravilharam, teriam sido despertados por estas suas últimas palavras para prestarem atenção e não desperdiçarem as suas oportunidades. Mas aqueles homens só permitiram que as preciosas palavras do Salvador agradassem aos seus ouvidos, ao invés de penetrarem em seu ser, transformando a vida de cada um deles; o resultado foi que estas palavras irritaram os seus ouvidos e as suas corrupções. Eles estavam furiosos porque aquele a quem conheciam como o filho de José, se comparou àqueles grandes profetas, e os comparou com os homens daquela geração corrompida que se prostrou diante de Baal. Mas o que especificamente os exasperou foi o fato dele ter sugerido que Deus tinha reservado alguma bondade aos gentios. Os judeus não poderiam, de forma alguma, tolerar um pensamento como este, Atos

22.21. Os seus ancestrais piedosos se deleitavam pela esperança de agregar os gentios ao povo de Deus (assim testemunham muitos dos salmos de Davi, como também as profecias de Isaías); mas esta raça degenerada, que tinha perdido o direito de fazer parte da aliança, odiava pensar que qualquer outro povo pudesse ou devesse ser aceito.

(2) Eles foram provocados a ponto de atentarem contra a sua vida. Este foi um julgamento severo, que representou uma amostra do tratamento que foi dado ao Senhor quando Ele veio para os seus, e eles não o receberam. [1] Eles se levantaram contra o Senhor Jesus de uma maneira tumultuada, interromperam o seu discurso e a si mesmos em suas devoções, não sendo capazes de ficar até o final do culto na sinagoga. [2] Eles o expulsaram da cidade, como alguém indigno de ter residência entre eles, embora ali Ele tivesse se estabelecido por tanto tempo. Eles expulsam do meio deles o Salvador e a salvação, como se Ele tivesse sido a escória de todas as coisas. Se o Senhor Jesus tivesse invocado o fogo dos céus sobre eles, teria sido justo! Mas este era o dia de sua paciência. [3] Eles o levaram até o cume do monte, com o propósito de dali o precipitarem, como se fosse alguém indigno de viver. Embora soubessem como Ele tinha vivido de maneira inofensiva por tantos anos entre eles, e como a sua conversa havia sido brilhante, foram injustos. Embora tivessem ouvido sobre a sua fama, somente agora se maravilharam por suas palavras de graça. Para que agissem de uma forma justa deveriam ter lhe concedido uma audiência justa e a liberdade de se explicar; mas eles o empurraram em uma fúria popular, ou, antes, em um frenesi, para matá-lo de uma maneira extremamente bárbara. Às vezes estavam prontos para apedrejá-lo pelas boas obras que fez (Jo 10.32), e aqui queriam matá-lo por não fazer as boas obras que esperavam dele. A violência se elevou a tal ponto de perversidade.

(3) Contudo, o Senhor escapou; Ele se retirou porque sua hora ainda não havia chegado. Ele, passando pelo meio deles, retirou-se. Ou, cegou-lhes, como Deus Pai fez com os sodomitas e sírios, ou atou suas mãos, ou os encheu de confusão, para que não pudessem fazer o que planejavam; porque a sua obra não estava terminada, mas tinha apenas começado. A sua hora ainda não havia chegado; mas quando ela veio, Ele se entregou voluntariamente. Eles o expulsaram, e Ele se retirou. Ele teria reunido Nazaré, mas eles se recusaram a aceitar a sua obra; por esta razão, a casa deles ficou desolada. O fato de ser “Jesus de Nazaré” acrescentou uma

reprovação ao Senhor, pois aquele não era apenas um lugar de onde nenhuma coisa boa era esperada, mas era um lugar perverso e rude, que se mostrou cruel para com Ele. No entanto, havia uma providência naquela cidade; Ele não deveria ser muito respeitado pelos homens de Nazaré, pois isto teria parecido uma conspiração entre Jesus e os seus antigos conhecidos; mas agora, embora muitos não o tenham recebido, houve, de fato, aqueles que o receberam.

Expulsão de um Demônio. Partida de Cristo de Cafarnaum

vv. 31-44

Quando Cristo foi expulso de Nazaré, Ele foi para Cafarnaum, uma outra cidade da Galiléia. Nós já tivemos, anteriormente, o relato que temos nestes versículos sobre a sua pregação e sobre os seus milagres ali (Mc 1.21, e versículos seguintes). Observe:

I A sua pregação: Ele os ensinava aos sábados, v. 31. Ao ouvir a palavra pregada, como um mandamento de Deus, nós adoramos a Deus, e esta é uma obra apropriada para os dias de repouso. A pregação de Cristo afetou muito o povo (v. 32); eles se admiravam da sua doutrina, havia uma autoridade em cada palavra que Ele dizia, e revelações admiráveis foram feitas a eles através dela. A doutrina em si era admirável, não só por vir de alguém que não tinha tido uma formação aprimorada. A sua palavra tinha poder; havia uma força imponente nela, e um poder operante a acompanhava alcançando a consciência dos homens. Por exemplo, a doutrina que Paulo pregou era comprovadamente de Deus, e veio em uma demonstração do Espírito e de poder.

II Os seus milagres. Deles nós temos aqui:

1. Dois particularmente especificados, mostrando Cristo como:

(1) Um dominador e vencedor de Satanás no mundo da humanidade e nas almas das pessoas, através do seu poder para expulsá-lo dos corpos daqueles a quem este havia possuído; porque para este propósito o Senhor Jesus se manifestou, para que pudesse destruir as obras do diabo.

Observe: [1] O diabo é um espírito imundo, a sua natureza é diretamente contrária à do Deus Puro e Santo, e ele se degenerou em relação àquilo que foi a princípio. [2] Este espírito imundo opera nos filhos dos homens; nas almas de muitos, como também nos corpos dos homens. [3] É possível que aqueles que estão dominados pelo poder e pela operação de Satanás ainda possam ser encontrados na sinagoga, entre os adoradores de Deus. [4] Até mesmo os demônios sabem e crêem que Jesus Cristo é o Santo de Deus, o Enviado de Deus, e que Ele é Santo. [5] Eles crêem e tremem. Este espírito imundo exclamou em alta voz, sob uma certa aparência temerosa quanto ao juízo, mostrando-se apreensivo de que Cristo tivesse vindo agora para destruí-lo. Os espíritos imundos estão sujeitos a pavores contínuos. [6] Os demônios não têm nada a ver com Jesus Cristo, nem desejam ter qualquer coisa a ver com Ele; o Senhor Jesus não assumiu uma natureza semelhante à dos anjos. [7] Cristo tem o diabo em sujeição. O Senhor Jesus o repreendeu, dizendo, Cala-te; Ele pronunciou esta palavra com poder: *phimotheti – fique em silêncio*. Cristo não só impôs o silêncio, mas fechou a boca do diabo, e o forçou a ficar calado contra a sua vontade. [8] Na vitória sobre o poder de Satanás, o inimigo que foi derrotado mostra a sua malícia, e Cristo, o vencedor, mostra a sua graça dominante. Aqui, em primeiro lugar, o diabo mostrou o que teria feito quando lançou a sua vítima por terra no meio do povo, com força e violência, como se fosse despedaçá-la. Mas, em segundo lugar, Cristo mostrou o poder que Ele tem sobre toda potestade das trevas, na medida em que Ele não só forçou o diabo a deixar a sua vítima, mas a deixá-la sem feri-la, sem dar o golpe derradeiro, sem causar a dor final. Satanás causará o maior ferimento que puder àquele a quem não puder destruir. Mas isto é um consolo; ele não pode prejudicá-los mais do que a medida permitida por Cristo. Não, ele não lhes fará qualquer dano real. Ele saiu, sem lhe fazer mal; isto é, o pobre homem estava bem em um instante, embora o demônio o tenha deixado com tanta violência, que todos os que estavam presentes pensaram que ele o tivesse despedaçado. [9] O poder de Cristo sobre os demônios era universalmente reconhecido e adorado, v. 36. Ninguém duvidou da veracidade do milagre; foi evidente, longe de qualquer contradição, e nada foi sugerido para diminuir a glória do milagre, porque todos eles ficaram espantados, dizendo: Que palavra é esta? Aqueles que fingiam expulsar demônios agiam com abundância de encantamentos e palavras de magia, para pacificar o demônio, e fazê-lo

adormecer, como se isto fosse possível; mas Cristo lhes dava ordens com autoridade e poder, e eles não podiam contestar nem resistir. Até mesmo o príncipe das potestades do ar está sujeito ao Senhor Jesus, e treme diante dele. [10] Este episódio, como tantos outros, conferiu a Cristo uma grande reputação, e trouxe, como resultado, a divulgação da sua fama. Este exemplo do seu poder, que alguns hoje em dia menosprezam, foi exaltado por aqueles que foram testemunhas oculares do milagre (e estes não eram tolos, mas homens importantes naquela sociedade), e foi considerado como algo que o exaltou grandemente (v. 37). Através deste relato, a sua fama se divulgava mais do que nunca por todos os lugares em redor daquela comarca. O nosso Senhor Jesus, quando iniciou o seu ministério público, era o assunto de todas as conversas, mais do que em épocas posteriores, quando a admiração das pessoas desapareceu com o término da empolgação inicial.

(2) Cristo mostrou que é capaz de curar todo e qualquer tipo de enfermidade. No princípio, o Senhor Jesus atacou a raiz da miséria do homem, que era a inimizade de Satanás, a origem de toda a iniqüidade. Nisto, o Senhor Jesus golpeia um dos ramos mais difundidos dela, uma das calamidades mais comuns da vida humana, e estas são as enfermidades do corpo, que entraram com o pecado; são situações comuns que trazem dificuldades nesta vida, e contribuem tanto quanto qualquer outra coisa para tornar os nossos poucos dias repletos de problemas. O nosso Senhor Jesus veio para tirar o aguilhão que estas coisas representam, e, como indicação desta intenção, quando Ele estava na terra, escolheu confirmar a sua doutrina através destes milagres. Na maior parte de seus milagres, vemos o Senhor removendo as enfermidades. De todas as enfermidades do corpo, nenhuma é mais comum e mais fatal a pessoas adultas do que as febres; elas vêm repentinamente, e repentinamente interrompem o número de meses de vida dos homens; elas são às vezes epidêmicas, e matam milhares de pessoas em pouco tempo. Agora vemos o Senhor Jesus Cristo curando uma febre através de uma palavra falada; o local onde o milagre aconteceu foi à casa de Simão; a pessoa que recebeu o milagre foi a sogra de Pedro, vv. 38,39. Observe: [1] Cristo é um hóspede que pagará bem por sua estadia; aqueles que lhe oferecem as boas vindas em seus corações e em suas casas, não serão perdedores por causa dele; Ele vem com a cura. [2] Até mesmo as famílias que Cristo visita podem ter os seus membros acometidos por

enfermidades. Até mesmo as casas que são abençoadas pelos seus favores característicos estão sujeitas às calamidades comuns desta vida. A sogra de Pedro estava enferma, sofrendo uma febre. E no caso de Lázaro, foi-lhe dito: Senhor, eis que aquele a quem tu amas está enfermo. [3] Até mesmo as pessoas boas podem, às vezes, ser exercitadas com as mais agudas aflições, de uma forma mais dolorosa do que outras: A sogra de Pedro estava enferma com muita febre, uma febre muito aguda, alta e ameaçadora; talvez tenha atacado a sua cabeça, fazendo-a delirar. As febres mais moderadas podem, gradualmente, se mostrar perigosas; mas esta foi a princípio uma febre alta. [4] Nenhuma idade pode isentar as pessoas das enfermidades. É provável que a sogra de Pedro fosse muito idosa; no entanto, estava com febre. [5] Quando os nossos parentes estão doentes, devemos recorrer a Cristo, pela fé e pela oração, em favor deles: Rogaram-lhe por ela; e existe uma promessa particular de que a oração de fé beneficiará o enfermo. [6] Cristo tem uma terna preocupação pelo seu povo quando eles estão enfermos e aflitos: Ele se inclinou para ela, como alguém que está preocupado com ela, e que tem compaixão por seu estado. [7] Cristo tinha, e ainda tem, um poder soberano sobre as doenças do corpo: Ele repreendeu a febre, e falando uma palavra ordenou que ela a deixasse, e esta a deixou. Ele diz às enfermidades, Vá, e elas se vão; Venha, e elas vêm; e ele ainda pode repreender a febre, mesmo que seja uma febre muito alta. [8] Isto prova que as curas de Cristo eram milagrosas, que elas foram feitas instantaneamente: Ela se levantou logo. [9] Onde Cristo dá uma nova vida, como recuperação da enfermidade, Ele planeja e espera que esta seja realmente uma nova vida, gasta mais do que nunca no seu serviço, para a sua glória. Se as enfermidades forem repreendidas, e nós nos levantarmos do nosso leito de enfermidade, deveremos nos colocar imediatamente a serviço do Senhor Jesus Cristo. [10] Aqueles que servem a Cristo devem estar prontos para servir a todos os que são seus, por amor a Ele: Ela servia não só àquele que a havia curado, mas àqueles que rogaram por ela. Devemos procurar ser gratos àqueles que oram por nós.

2. Um relato geral e abundante de muitos outros milagres do mesmo tipo, que Cristo operou.

(1) Ele curou a muitos que estavam enfermos, sim, todos aqueles que lhe rogaram, sem exceção; e isto aconteceu ao pôr-do-sol (v. 40), na noite daquele sábado que Ele havia passado na sinagoga. Note que é bom fazer a

obra do sábado, abundar no trabalho do dia, em algum bom trabalho ou outro, mesmo que trabalhemos até o pôr-do-sol. Devemos agir como aqueles que classificam o sábado e a sua atividade como um deleite. Observe que o Senhor curou todos aqueles que estavam enfermos, tanto pobres quanto ricos, embora estivessem sofrendo várias doenças diferentes; assim, não havia espaço para a suspeita de que Ele só tivesse poder para curar algumas doenças específicas. Ele tinha o remédio para todo e qualquer mal. O sinal que o Senhor Jesus usava ao curar era a imposição de mãos sobre cada um deles. Ele não levantava as mãos na direção deles, porque Ele tinha em si mesmo a autoridade para curar. Ele curava por seu próprio poder. E assim, o Senhor Jesus honrou este sinal que foi posteriormente usado na concessão do Espírito Santo.

(2) O Senhor Jesus expulsava os demônios de muitos que estavam possessos, v. 41. Muitas confissões eram arrancadas dos demônios. Eles diziam frases como: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Porém pronunciavam estas palavras clamando com ira e indignação; eram confissões pronunciadas em meio a grande desespero, e assim não poderiam ser consideradas como evidências. O Senhor Jesus Cristo os repreendeu, e não permitiu que testemunhassem que Ele é o Cristo, para que ficasse claro que Ele os venceu, e que não fez nenhum tipo de acordo com Satanás.

3. Aqui temos sua saída de Cafarnaum, vv. 42,43.

(1) O Senhor Jesus se retirou, por algum tempo, para um lugar tranqüilo. Ele permitiu a si mesmo um breve descanso. Observe que o Senhor Jesus não se mostrava preocupado pelo fato de poucos o servirem, mas Ele estava muito feliz por aqueles que o serviam. No entanto, o Senhor nunca deixou de trabalhar arduamente. Em algumas ocasiões Ele se dirigiu ao deserto durante o dia, não para viver como um eremita, mas para estar a sós com Deus Pai por alguns momentos, exercitando a comunhão que todos aqueles que desempenham um ministério público precisam ter com o Pai. A falta desta comunhão faz com que o ministério seja pobre, e aqueles que o desempenham se sintam extremamente solitários.

(2) O Senhor Jesus saiu outra vez para os lugares onde a multidão o procurava, e para a obra que Ele tinha a fazer ali. Embora um lugar deserto possa ser um retiro conveniente, esta não é uma residência conveniente, porque não fomos enviados a este mundo para vivermos para nós mesmos. Não estamos aqui apenas para desfrutar o melhor da vida, mas para

glorificarmos a Deus e fazermos o bem em nossa geração. [1] O povo solicitou ao Senhor, com veemência, que Ele permanecesse em Cafarnaum. O povo gostava muito do Senhor Jesus; eu suspeito que eles gostassem dele por ter curado as enfermidades que tinham, e não tanto pelo fato do Senhor ter pregado que se arrependessem dos pecados que praticavam. Eles o buscavam, e indagavam para onde Ele tinha ido; e, embora fosse em um lugar deserto, eles foram para junto dele. Um deserto não é um deserto se ali estivermos com Cristo. Eles o detinham, para que não se ausentasse deles; assim, se Ele partisse, não seria por falta de convite para ficar. Seus antigos vizinhos em Nazaré o haviam expulsado, mas os seus novos conhecidos em Cafarnaum o importunavam muito para que continuasse com eles. Note que os ministros de Cristo não devem se sentir desestimulados quando alguns os rejeitarem, porque eles encontrarão outros que os receberão bem, acolhendo a sua mensagem com sinceridade e amor. [2] O Senhor Jesus preferiu difundir a luz do seu Evangelho a muitos lugares, do que fixá-lo em um único lugar, para que ninguém possa ter a pretensão de ser a igreja-mãe das demais. Embora o Senhor tenha sido bem recebido em Cafarnaum, fazendo um grande número de milagres ali, Ele também precisava anunciar o Evangelho em outras cidades; e Cafarnaum não deveria insistir em sua permanência ali. Aqueles que desfrutam os benefícios do Evangelho devem desejar que outros também venham a compartilhar estes benefícios. Ninguém deve ambicionar algum tipo de exclusividade ou monopólio. E os ministros que não são expulsos de algum lugar devem estar conscientes de que precisam pregar em vários locais para que possam ser cada vez mais úteis à obra do Senhor. Embora o Senhor Jesus Cristo não tenha pregado em vão na sinagoga de Cafarnaum, Ele não ficaria restrito a uma ocasião bem sucedida, mas também pregaria nas sinagogas da Galiléia, v. 44. *Bonum est sui diffusivum – aquilo que é bom, se difunde por si só*. É bom para nós que o nosso Senhor Jesus não tenha se ligado a nenhum lugar ou povo; porque onde estiverem dois ou três reunidos em seu Precioso Nome, ele estará no meio deles; e mesmo na Galiléia dos gentios a sua presença especial está nas sinagogas cristãs.

CAPÍTULO 5

Neste capítulo, temos: I. Cristo pregando para o povo fora do barco de Pedro, por necessidade de um púlpito melhor, vv. 1-3. II. A recompensa que Ele deu a Pedro pelo empréstimo de seu barco, uma pesca miraculosa com rede. Através desta pesca, o Senhor sugeriu a Pedro e aos seus companheiros o seu plano de fazê-los apóstolos, pescadores de homens, vv. 4-11. III. A cura de um leproso, vv. 12-15. IV. Um breve relato de sua devoção particular e de seu ministério público, vv. 16,17. V. A cura de um paralítico, vv. 18-26. VI. O chamado de Levi, o publicano, e a conversa com os publicanos nesta ocasião, vv. 27-32. VII. A justificativa de Jesus por seus discípulos não jejuarem com tanta freqüência quanto os discípulos de João, e como faziam os fariseus, vv. 33-39.

O Chamado de Pedro, Tiago e João

vv. 1-11

Quanto à cronologia, este trecho da história ocorreu antes dos dois milagres que tivemos no final do capítulo anterior, e é o mesmo que foi narrado mais brevemente por Mateus e Marcos, em que Cristo chama Pedro e André para serem pescadores de homens, Mateus 4.18, e Marcos 1.16. Eles não haviam relatado esta grande pesca com rede naquele momento, tendo apenas em vista o chamado de seus discípulos; mas Lucas nos apresenta esta história como um dos muitos sinais que Jesus fez na presença de seus discípulos, que não foram escritos nos livros anteriores, João 20.30,31. Observe aqui:

I Que vastas multidões compareceram à pregação de Cristo: Apertando-o a multidão para ouvir a palavra de Deus (v. 1), de tal modo que nenhuma casa os poderia conter, Ele foi forçado a levá-los para junto do lago para que pudessem ser lembrados da promessa feita a Abraão, que a sua semente seria como a areia que está na praia do mar (Gn 22.17). No entanto, apenas um remanescente deles seria salvo, Romanos 9.27. O povo se congregava em torno dele (este é o significado da palavra); eles demonstravam respeito pela sua pregação, embora não sem alguma rudeza à pessoa dele, a qual era muito desculpável; pois eles o apertavam. Alguns considerariam isto um

desrespeito a Ele, ser assim aclamado pelos populares, quando nenhum dos príncipes ou dos fariseus cria nele; mas o Senhor Jesus o considerava uma honra, pois as suas almas eram tão preciosas quanto as almas das pessoas importantes, e o seu objetivo é levar – nem tanto os poderosos – mas muitos filhos a Deus. Foi predito a respeito do Senhor Jesus que o povo o seguiria. Cristo era um pregador popular; e embora Ele fosse capaz – aos doze anos – de disputar com os doutores, Ele escolheu – aos trinta – pregar para a multidão dos populares. Veja como o povo apreciava uma boa pregação, embora debaixo de todas as desvantagens externas: eles apertavam para ouvir a Palavra de Deus. Eles puderam perceber que era a Palavra de Deus, pelo poder e pelas evidências divinas que a acompanhavam, e então ambicionavam ouvi-la.

II Que circunstâncias pobres Cristo teve para pregar: Ele estava junto à praia do lago de Genesaré (v. 1), em um nível com a multidão, de forma que muitas pessoas não podiam vê-lo ou ouvi-lo; Ele estava misturado com eles, e todos se esforçavam para chegar perto dele. Ele estava sendo apertado, e corria o risco de ser pressionado para dentro da água: o que Jesus deveria fazer? Não parece que os seus ouvintes tivessem qualquer plano de lhe darem alguma distância, mas havia dois barcos, ou barcos de pesca, que foram levados do mar para a praia. Um pertencia a Simão e André, e o outro a Zebedeu e seus filhos, v. 2. A princípio, Cristo viu Pedro e André pescando a certa distância (assim Mateus nos conta, cap. 4.18); mas o Senhor esperou até que eles chegassem a terra, e até que os pescadores, isto é, os servos, se afastassem deles após lavarem as suas redes. Então Cristo entrou em um dos barcos, que pertencia a Simão, e solicitou que ele o emprestasse para que servisse como um púlpito. Embora o Senhor pudesse ter dado ordens, Ele preferiu, por causa do seu amor, pedir que o barco fosse afastado da terra a uma pequena distância, o que dificultaria que o Senhor fosse ouvido, mas Ele quis assim, para que pudesse ser mais bem visto. Quando o Senhor Jesus é levantado, Ele atrai os homens a si. A sabedoria clama no cume das alturas, Provérbios 8.2. Isto sugere que Cristo tinha uma voz forte (sua voz é realmente forte, porque até mesmo os mortos a ouvem), e que não desejava beneficiar a si próprio. Ali Ele se assentou, e do barco ensinou à multidão o bom conhecimento do Senhor.

III Que amizade particular Cristo, logo em seguida, iniciou com estes pescadores. Eles tinham tido alguma conversa com Ele anteriormente, que começou no batismo de João (Jo 1.40,41); eles estiveram com Ele em Caná da Galiléia (Jo 2.2), e na Judéia (Jo 4.3); mas naquele momento eles ainda não tinham sido chamados a servi-lo constantemente. Portanto, aqui os temos em seu chamado, e agora eles foram chamados para uma comunhão mais íntima com Cristo.

1. Quando Cristo terminou de pregar, Ele ordenou a Pedro que se dedicasse ao negócio de sua vocação outra vez: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar, v. 4. Não era sábado, e, portanto, assim que a pregação acabou, Ele os mandou trabalhar. O tempo gasto nos dias de semana nas práticas públicas da religião não passa de um pequeno obstáculo para nós, mas é sem dúvida um grande avanço na disposição do pensamento, e nos beneficia em nossos negócios terrenos. Com que alegria podemos exercer os deveres da nossa vocação quando estivemos no monte com Deus; é dali que recebemos uma bênção dupla em nossas atividades terrenas: elas são santificadas pela Palavra e pela oração! É nossa sabedoria e obrigação lidar com as nossas práticas religiosas de forma que elas possam favorecer os nossos negócios terrenos. Também devemos administrar os nossos negócios terrenos para que eles não sejam inimigos das nossas práticas religiosas.

2. Pedro serviu a Cristo em sua pregação. Cristo irá acompanhá-lo em sua pesca. Ele ficou com Cristo na praia, e agora Cristo irá ao mar com ele. Note que aqueles que são seguidores constantes de Cristo, têm-no como um guia constante em sua vida.

3. Cristo ordenou a Pedro e aos seus companheiros de pesca que lançassem as suas redes para pescar, o que eles fizeram, em obediência a Ele, embora tivessem trabalhado a noite toda, e não apanhado nada, v. 4, 5. Podemos observar aqui:

(1) Como a atividade deles havia sido melancólica: “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, quando deveríamos ter estado dormindo em nossas camas, nada apanhamos; o nosso trabalho foi doloroso”. Alguém teria pensado que isto poderia ter servido como uma desculpa para não ouvirem a pregação do Mestre; mas eles tinham um amor tão grande pela Palavra de Deus, que ela era – depois de uma noite cansativa – mais revigorante e reanimadora para eles, do que os cochilos mais suaves. Porém eles não deixam de mencionar esta particularidade a Cristo, quando Ele ordena que saiam para pescar novamente. Note: [1] Algumas vocações são muito mais fatigantes do que outras, além de serem mais perigosas; no entanto, a Providência ordenou assim para o bem comum, que não haja nenhuma vocação útil que seja desmotivadora, mas alguém sempre tem um talento para desempenha-la. Aqueles que desenvolvem os seus negócios, e obtêm abundância por meio deles com grande facilidade, devem pensar com compaixão naqueles que não conseguem ter tanto êxito, mas que lutam com grande fatiga, e dificilmente conseguem uma vida confortável através do seu trabalho. Quando tivermos descansado a noite toda, não nos esqueçamos daqueles que trabalharam a noite toda, como Jacó, quando guardava as ovelhas de Labão. [2] A chamada é sempre muito laboriosa, e é bom ver pessoas dedicadas a ela, fazendo o melhor dela; Cristo escolheu estes pescadores, que eram esforçados, para estarem junto a si. Aqueles que tinham assim aprendido a suportar as adversidades, eram os mais adequados para serem escolhidos como bons soldados de Jesus Cristo. [3] Até mesmo aqueles que são mais diligentes em suas atividades, freqüentemente encontram decepções; eles trabalharam a noite toda, mas não apanharam nada; porque a corrida nem sempre é vencida pelos mais rápidos. Deus quer que sejamos diligentes, que o obedeçamos com pureza, dependendo da sua bondade; o Senhor não quer que a nossa confiança esteja na garantia do sucesso terreno. Devemos cumprir nosso dever, deixando que o Senhor nosso Deus cuide dos resultados. [4] Quando estivermos cansados da nossa atividade terrena, e sobrecarregados com os nossos assuntos terrenos, podemos nos aproximar de Cristo, pois somos bem-vindos à sua preciosa

presença. Devemos apresentar nosso caso diante Daquele que, com todo amor, tomará conhecimento das nossas aflições.

(2) Como a obediência deles estava pronta para aceitar a ordem de Cristo; “Mas, porque mandas, lançarei a rede.” [1] Embora tivessem trabalhado a noite toda, se Cristo lhes der uma ordem, eles estarão prontos para renovar os seus esforços, porque sabem que aqueles que esperam nele renovarão as suas forças, da mesma forma que o trabalho é renovado em suas mãos. Eles terão um novo suprimento de graça, suficiente para que façam cada novo serviço que lhes for designado pelo Senhor. [2] Embora não tivessem apanhado nada na pescaria anterior, se Cristo agora mandou que lançassem as suas redes para pescar, eles podem esperar apanhar alguma coisa. Note que não devemos desistir abruptamente das chamadas que recebemos, devido ao fato de não termos, nelas, o sucesso que prometemos a nós mesmos. Os ministros do Evangelho devem continuar a lançar a rede, mesmo que talvez tenham trabalhado muito e não apanhado nada. Devemos ser sempre gratos ao Senhor, mantendo-nos incansáveis em nossos trabalhos árduos, mesmo que não vejamos o sucesso destes. [3] Eles consideravam a Palavra de Cristo, e dependiam dela: “Mas, porque mandas, lançarei a rede”; em outras palavras, “Mas, porque tu ordenaste, e me encorajaste, lançarei a rede”. Seguindo as ordens de Cristo, e as orientações da sua Palavra, seremos sempre bem-sucedidos.

4. A grande quantidade de peixes que eles apanharam era tão superior ao que conheciam, que foi considerada um milagre (v. 6). E, fazendo assim, retiraram do mar uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede – mesmo assim, por mais estranho que pareça, eles não perderam sua pesca. Foi uma quantidade de peixes tão grande, que eles não tiveram mãos suficientes para puxá-la; mas foram obrigados a acenar aos seus companheiros, que estavam a certa distância – fora do alcance de sua voz – para irem ajudá-los, v. 7. Mas a maior evidência da grandiosidade da pesca é que eles encheram ambos os barcos com peixes, a ponto de sobrecarregá-los, e começaram a ir a pique, de forma que os peixes quase se perderam outra vez devido ao peso. Assim, aquela abundante quantidade de bens, tirada da água, quase voltou para o seu lugar de origem. Suponhamos que estes barcos tivessem a capacidade de cinco ou seis toneladas cada um; que quantidade enorme de peixes foi necessária não apenas para encher, mas para sobrecarregar, dois barcos como estes!

Agora, por esta grande quantidade de peixes: (1) Cristo quis mostrar o seu domínio. Ele tem todo o domínio dos mares, e da terra seca; tanto da riqueza do mar como também das suas ondas. Assim, o Senhor Jesus mostraria que é o Filho do Homem sob cujos pés todas as coisas foram colocadas; e particularmente os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares, Salmos 8.8. (2) Aqui o Senhor Jesus quis confirmar a doutrina que Ele havia acabado de pregar no barco de Pedro. Podemos supor que as pessoas que ouviram o sermão na praia, tendo uma noção de que o pregador era um profeta enviado por Deus, acompanharam cuidadosamente os seus movimentos depois disso, e permaneceram parados por lá para verem o que Ele faria em seguida; e este milagre que se seguiu imediatamente, seria uma confirmação para a fé deles, mostrando que Ele era, no mínimo, um Mestre que veio de Deus. (3) Ele quis aqui retribuir a Pedro pelo empréstimo de seu barco; porque o Evangelho de Cristo agora, como a sua arca anteriormente na casa de Obede-Edom, certamente retribuirá, de forma rica, qualquer favor bondoso. Ninguém fechará as portas ou acenderá debalde o fogo na casa de Deus, Malaquias 1.10. As recompensas de Cristo por serviços feitos em seu nome são abundantes, são superabundantes. (4) O Senhor Jesus quis aqui dar uma amostra do sucesso de sua embaixada àqueles que seriam os seus embaixadores para o mundo. E embora possam, por algum tempo, e em um lugar em particular, trabalhar e não apanhar nada, eles devem ser instrumentos para levar Cristo a muitos, e apanhar muitos na bondosa rede do Evangelho.

5. A impressão que esta miraculosa pesca causou em Pedro foi extraordinária.

(1) Todos os envolvidos estavam espantados, e ainda mais espantados por estarem envolvidos. Todos os pescadores estavam espantados por causa da pesca que haviam feito (v. 9); todos eles estavam surpresos; e quanto mais pensavam nisto, e em todas as suas circunstâncias, mais eles ficavam admirados. Eles se sentiam como que atingidos por um raio, ao pensarem nisto. O mesmo ocorreu com Tiago e João, que eram companheiros de Simão (v. 10), e pelo que parece, não estavam tão familiarizados com Cristo antes disso, como estavam Pedro e André. Agora eles eram os mais afetados com isso: [1] Porque eles entendiam este milagre melhor do que os outros. Todos aqueles que estavam bem familiarizados com este mar – e é provável que tenham feito a sua travessia por muitos anos – jamais tinham visto uma

pesca tão grande de peixes tirados dele, nem nada parecido com isto, nada que sequer se aproximasse disto. Portanto, não poderiam ser tentados a diminuí-la, como outros poderiam, sugerindo que havia sido algo acidental neste momento, e que poderia ter acontecido a qualquer momento. Isto confirma grandemente a evidência dos milagres de Cristo, de que aqueles que estavam mais familiarizados com aquele local e suas condições eram os que estavam mais admirados. [2] Pelo fato de serem os mais interessados nisto, e os maiores beneficiados por isto. Pedro e os seus companheiros foram os beneficiados por esta tão grande quantidade de peixes; foi um rico prêmio para eles, e assim isto os comoveu, e a sua alegria foi um auxiliador para a sua fé. Note que quando as obras maravilhosas de Cristo são para nós, em particular, obras de graça, então elas infundem a nossa fé em sua doutrina de uma maneira toda especial.

(2) Pedro, acima de todos os demais, estava tão espantado que se prostrou aos pés de Jesus, tendo estado na popa de seu barco, e disse, como em estado de êxtase, como se não soubesse onde estava: Senhor, ausenta-te de mim, porque sou um homem pecador, v. 8. Não que ele temesse que o peso dos peixes fosse afundá-lo por ser um homem pecador, mas porque ele se considerava indigno do favor e da presença de Cristo em seu barco, reconhecendo que, como pecador, merecia mais o terror do que o conforto. Esta palavra de Pedro veio do mesmo princípio seguido por aqueles que, sob o Antigo Testamento, tão freqüentemente diziam que temiam e tremiam muito diante das manifestações extraordinárias da glória e da majestade divina. Esta foi a linguagem da humildade e da renúncia de Pedro, e não tinha o menor vestígio do dialeto dos demônios, “Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus?” [1] O seu reconhecimento foi muito justo, e faz com que todos nós digamos: Senhor, sou um homem pecador. Note que até mesmos os melhores homens são homens pecadores, e devem estar prontos a reconhecer quem são em todas as ocasiões. Porém, acima de tudo, devemos reconhecer especialmente a Jesus Cristo; porque a quem mais, além Daquele que entrou no mundo para salvar os pecadores, os homens pecadores devem se consagrar? [2] A sua inferência disto era algo que poderia ter sido justo, embora não devesse ser realmente assim. Se eu for um homem pecador, como realmente sou, devo dizer urgentemente: “Venha a mim, Senhor, ou deixe-me ir a ti; caso contrário eu, que sou imperfeito, serei para sempre imperfeito”. Mas, considerando os motivos que os

homens pecadores têm para tremer diante do Santo Senhor Deus, e para temer a sua ira, Pedro está de fato desculpado, pois entendemos que ele tenha, no sentido de seu próprio pecado e iniqüidade, exclamado de repente: Ausenta-te de mim. Note que àqueles a quem Cristo planeja admitir como os seus companheiros mais íntimos, Ele primeiro deixa conscientes de que merecem ser colocados à maior distância dele. Todos nós devemos nos considerar homens pecadores, e assim Jesus Cristo poderia, de forma justa, se ausentar de nós; mas ai de nós se Ele nos deixar, se o Salvador se afastar do homem pecador.

6. A ocasião que o Senhor Jesus Cristo teve, a partir deste episódio, para expressar a Pedro (v. 10), e logo depois a Tiago e João (Mt 4.21), o seu propósito de torná-los seus apóstolos, e instrumentos para levar a sua salvação ao mundo. Ele disse a Simão – o qual era o mais surpreso dentre eles com esta pesca prodigiosa – em outras palavras: “Verás e farás coisas maiores do que estas; não temas; não deixes que isto te espante; não temas que, depois de ter feito esta honra a ti, seja tão grande que jamais te faça mais; não, de agora em diante, serás pescador de homens, apanhando-os na rede do Evangelho, o que será um exemplo maior do poder do Redentor, e do seu favor a ti. Aquele será um milagre muito mais espantoso, e muito mais vantajoso do que este”. Quando pela pregação de Pedro três mil almas foram, em um dia, acrescentadas à igreja, então ele pôde perceber a tipologia que o Senhor estava utilizando nesta grande pesca.

Em último lugar, a despedida dos pescadores da sua profissão, a fim de servirem a Cristo constantemente (v. 11): E, levando os barcos para a terra, em vez de procurarem compradores para os seus peixes, para que pudessem tirar o maior proveito deste milagre, eles deixaram tudo e seguiram o Senhor; estavam mais solícitos a servirem aos interesses de Cristo do que a servirem quaisquer interesses seculares próprios. Devemos observar que eles deixaram tudo para seguir a Cristo, quando a profissão deles prosperava em suas mãos mais do que nunca, e tinha tido um sucesso incomum. Devemos nos sentir gratos ao Senhor quando as nossas riquezas aumentarem. E quando isto acontecer, devemos resistir à tentação de colocar nelas os nossos corações. Precisamos estar sempre prontos a deixar algo em benefício do serviço a Cristo, fazendo-o sempre com alegria e ações de graças.

A Cura de um Leproso

vv. 12-16

Aqui está:

I A cura de um leproso, vv. 12-14. Tivemos esta narrativa tanto em Mateus como em Marcos. Aqui foi dito que ela ocorreu em uma daquelas cidades (v. 12); ela aconteceu em Cafarnaum. Mas o evangelista não citou o seu nome, talvez pela possibilidade de haver algum reflexo sobre o governo da cidade pelo fato de um leproso ter permanecido nela. Foi dito que este homem estava cheio de lepra; ele sofria desta enfermidade em um grau avançado, algo que representa adequadamente a nossa impureza devido ao pecado. Nós estamos cheios desta lepra; do topo da nossa cabeça até a planta dos nossos pés não há nenhuma saúde em nós. Agora, aprendamos aqui:

1. O que devemos fazer quanto à nossa lepra espiritual. (1) Devemos buscar a Jesus, perguntar por Ele, nos familiarizar com Ele, e considerar como preciosas as descobertas que fazemos a respeito de Cristo através do Evangelho, pois são as descobertas mais aceitáveis e mais bem vindas que poderíamos fazer. (2) Devemos nos humilhar diante dele, como este leproso; ao vermos Jesus, devemos nos prostrar sobre o nosso rosto. Devemos nos envergonhar da nossa impureza, e, neste sentido, devemos corar ao levantarmos os nossos rostos diante do Santo Jesus. (3) Devemos desejar, fervorosamente, ser limpos da imundície, e curados da doença – o pecado – que nos torna inadequados para a comunhão com Deus. (4) Devemos crer firmemente na capacidade e na suficiência de Cristo para nos purificar: Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me, embora eu esteja cheio de lepra. Sem dúvida esta purificação deve ser feita pelo mérito e pela graça de Cristo. (5) Devemos ser perseverantes em oração, pedindo ao Senhor a misericórdia que perdoa e a graça que renova. Aquele homem se prostrou sobre o seu rosto e lhe rogou; aqueles que precisam ser limpos deveriam considerar esta bênção como um favor pelo qual vale a pena lutar. (6) Devemos nos entregar à boa-vontade de Cristo: Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me. Aquele homem não se expressou deste modo devido ao seu acanhamento, ou a alguma desconfiança quanto à boa-vontade de

Cristo, mas pela sua submissão. Ele estava entregando tanto a si mesmo como o seu caso à vontade – à boa-vontade – de Jesus Cristo.

2. O que podemos esperar de Cristo, se nos dedicarmos a Ele. (1) Nós o acharemos muito condescendente, e pronto a tomar conhecimento do nosso caso (v. 13). E ele, estendendo a mão, tocou-lhe. Quando Cristo, de uma forma espontânea, visitou este mundo leproso, um mundo que não o buscava, Ele mostrou o quanto deveria descer para fazer o bem. O fato de tocar o leproso foi uma condescendência maravilhosa; mas nós recebemos uma misericórdia ainda maior quando Ele mesmo é tocado pelo sentimento das nossas enfermidades. (2) Nós o encontraremos muito compassivo, e pronto para nos aliviar, pois Ele disse, em outras palavras: “Eu quero abençoar e abençoarei; nunca duvide disto. Jamais lançarei fora aquele que vier a mim para ser curado”. Ele está tão disposto a curar as almas leprosas, quanto elas podem estar desejosas de serem limpas. (3) Nós o acharemos completamente suficiente, capaz de nos curar, e de nos purificar, embora estejamos sempre tão cheios desta lepra repugnante. Uma palavra e um toque de Cristo resolveram o problema: E logo a lepra desapareceu dele. Se Cristo disser, “Quero, sê justificado, sê santificado”, estará feito; porque Ele tem poder na terra para perdoar pecados, e poder para dar o Espírito Santo, 1 Coríntios 6.11.

3. O que o Senhor exige daqueles que são purificados, v. 14. Cristo enviou a sua Palavra e nos curou? (1) Devemos ser muito humildes (v. 14): E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Entendemos que isto não o proibia de contar o seu testemunho para a honra de Cristo, mas ele não deveria contar o episódio para a sua própria honra. Aqueles a quem Cristo curou e limpou devem saber que Ele o fez para que a vanglória seja excluída para sempre. (2) Devemos ser muito agradecidos, reconhecendo a graça divina com toda a gratidão possível: Mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação, o que Moisés determinou. Cristo não exigiu que lhe fosse dado um pagamento, mas que aquele homem oferecesse a Deus Pai um sacrifício de louvor. O Senhor Jesus estava longe de usar o seu poder em detrimento da lei de Moisés. (3) Devemos perseverar em nossa obediência e em nosso dever: Procure o sacerdote, e aqueles que cooperam com ele. Foi no templo que o Senhor Jesus encontrou o homem a quem curou, João 5.14. Aqueles que, por quaisquer aflições, forem impedidos de praticar as ordenanças públicas, devem, quando a aflição for removida, cumpri-las o mais

diligentemente possível, praticando-as com toda a constância.

4. A utilidade pública de Cristo aos homens e a sua comunhão particular com Deus; estas coisas são colocadas juntas aqui, para que uma dê brilho à outra.

(1) Embora ninguém nunca tivesse tanto prazer em seus retiros quanto Cristo, Ele passava muito tempo com a multidão, para fazer o bem, v. 15. Embora o leproso devesse ficar totalmente calado, a cura não poderia ser escondida, de forma que a sua fama se propagava ainda mais. Quanto mais Jesus procurava se ocultar sob um véu de humildade, mais o povo o notava; porque a honra é como uma sombra, que foge daqueles que a perseguem (porque o homem buscar a sua própria glória, não é glória), mas segue aqueles que a recusam, e se afastam dela. Quanto menos os homens falam coisas boas de si mesmos, mais os outros falarão deles. Mas Cristo considerava uma honra pequena que a sua fama se propagasse; Ele preferia muito mais que as multidões fossem trazidas à sua gloriosa presença para receber os seus benefícios. [1] Os benefícios de sua pregação. Eles se aglomeravam para ouvi-lo, e para receber instruções dele a respeito do Reino de Deus. [2] Os benefícios de seus milagres. Eles vinham para ser curados das suas enfermidades; isto os convidava a vir para ouvi-lo, confirmava a sua doutrina, e a recomendava.

(2) Embora ninguém nunca tenha feito tanto bem em público, o Senhor Jesus encontrava tempo para fazer os seus retiros de piedade e devoção (v. 16). Ele se retirava para os desertos e ali orava; não que Ele precisasse evitar a distração ou a ostentação, mas Ele nos daria um exemplo, de que precisamos ordenar as circunstâncias da nossa devoção de forma a nos guardarmos contra ambas. Também seremos sábios se ordenarmos os nossos assuntos e o nosso trabalho público. E assim, algum trabalho que façamos de forma privada não violará nem interferirá nas demais atividades que desempenhamos. Note que a oração em secreto deve ser realizada secretamente; e aqueles que sempre têm tanto a fazer, mesmo que estejam envolvidos nas melhores atividades deste mundo, devem manter os seus momentos de oração, reservando tempo para estar a sós com Deus.

A Cura de um Paralítico

vv. 17-26

Aqui temos:

I Um relato geral da pregação e dos milagres de Cristo, v. 17. 1. Em um daqueles dias, Ele estava ensinando. Não era um sábado, senão este detalhe provavelmente teria sito mencionado, mas em um dia da semana; seis dias trabalharás, não só para o mundo, mas para a alma, e para o bem-estar dela. Pregar e ouvir a Palavra de Deus são boas obras, se forem bem feitas, qualquer dia da semana, bem como aos sábados. Este bonito episódio não ocorreu na sinagoga, mas em uma casa particular; porque até mesmo ali onde de forma comum conversamos com os nossos amigos, não é impróprio dar e receber boas instruções. 2. Ali o Senhor Jesus ensinou, e curou (como antes, v. 15). E o poder do Pai estava presente para curar – *en eis to iasthai autous; Era poderoso para curá-los* – este glorioso poder era exercido e aplicado para curá-los, curar aqueles a quem o Senhor Jesus ensinava (podemos entender assim), curar as suas almas, curá-los de suas enfermidades espirituais, e dar-lhes uma nova vida, uma nova natureza. Note que aqueles que recebem a Palavra de Cristo com fé encontrarão um poder divino acompanhando esta Palavra, para curá-los. Isto ocorre, porque Cristo veio com as suas consolações para curar os quebrantados de coração, cap. 4.18. O poder do Senhor está presente com a Palavra, presente com aqueles que oram por ela e se submetem a ela, presente para curá-los. Isto também pode significar (e assim é aceito de modo geral) a cura daqueles que estavam enfermos no corpo, e que vinham ao Senhor Jesus em busca da cura. Cristo não precisava buscar o seu poder quando havia uma necessidade, pois o seu glorioso poder estava sempre presente para curar. 3. Havia algumas pessoas ilustres nesta reunião, e, parece, mais que o habitual: E estavam assentados ali fariseus e doutores da lei, não assentados aos seus pés, para aprender dele; pois neste caso eu deveria estar disposto a aceitar a frase seguinte como se referindo àqueles de quem se fala imediatamente antes (o poder do Senhor estava presente para curá-los). E por que a Palavra de Cristo não poderia alcançar os seus corações? Mas, pelo que se segue (v. 21), parece que eles não foram curados, mas criticaram o Senhor Jesus Cristo. Este fato nos leva a compreender que esta palavra se referia a outras pessoas presentes, não a eles; porque eles se assentaram como pessoas desinteressadas, como se a Palavra de Cristo nada fosse para eles. Aqueles homens se assentaram como espectadores,

censores, e espiões, para apanhar algo em que pudessem basear uma reprovação ou acusação. Quantas pessoas existem no meio de nossas reuniões, onde o Evangelho é pregado, que não se assentam submetendo-se à Palavra, mas se assentam indiferentes! A Palavra para eles é como uma história que lhes é contada, não como uma mensagem que lhes é enviada; eles querem que preguemos diante deles, não que preguemos para eles. Estes fariseus e escribas (ou doutores da lei) tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, e da Judéia, e de Jerusalém; eles vieram de todas as partes da nação. É provável que tenham combinado de se encontrar nesta hora e local, para verem que observações poderiam fazer a respeito de Cristo, como também daquilo que Ele dizia e fazia. Eles estavam em uma conspiração, como aqueles que disseram, Vinde, e maquinemos projetos contra Jeremias, e firamo-lo com a língua, Jeremias 18.18. Denunciai, e o denunciaremos, Jeremias 20.10. Observe que Cristo deu prosseguimento ao seu trabalho de pregar e curar, embora tenha visto estes fariseus e doutores da igreja judaica assentados; o Senhor sabia que eles o desprezavam, e procuravam apanhá-lo em alguma armadilha, porém jamais se intimidou, nem se incomodou.

II Um relato específico da cura do homem que estava paralítico, e que foi registrado pelos dois evangelistas anteriores: vamos, portanto, apenas observar de modo breve:

1. As doutrinas que nos são ensinadas e confirmadas através da história desta cura. (1) O pecado é a fonte de toda doença, e o perdão dos pecados é o único fundamento sobre o qual uma recuperação da doença pode confortavelmente ser construída. Eles apresentaram o homem doente a Cristo, e Ele disse: “Homem, os teus pecados te são perdoados” (v. 20). Esta é a bênção que todos devem prezar mais, e buscar em primeiro lugar. Em outras palavras: “Porque se os teus pecados te forem perdoados, mesmo que a doença continue, tudo em tua vida ocorrerá por misericórdia; mas se eles não forem perdoados, mesmo que a doença seja removida, tudo transcorrerá em meio à ira”. As cordas da nossa iniqüidade são os laços da nossa aflição. (2) O fato de Jesus Cristo ter poder na terra para perdoar pecados, é confirmado por uma prova incontestável: Ele cura as enfermidades. Era isto que se queria provar (v. 24). Para que saibais e creiais que o Filho do Homem tem na terra – embora agora esteja em seu estado de humilhação –

poder para perdoar pecados, e para libertar os pecadores do castigo eterno do pecado, sob os termos do Evangelho, Ele disse ao paralítico: Levanta-te, toma a tua cama e vai para a tua casa. E assim, aquele homem foi curado imediatamente. Cristo reivindica uma das prerrogativas do Rei dos reis quando se propõe a perdoar pecados, e é esperado de forma justa que Ele produza uma boa prova disto. “Bem”, Ele disse, em outras palavras, “vou colocar o problema da seguinte forma: aqui está um homem acometido de paralisia, por causa de seu pecado; se eu não curar com uma palavra falada a sua doença instantaneamente, o que não pode ser feito pela natureza ou pela arte, mas puramente pelo poder e eficácia imediatas do Deus da natureza, então digam que eu não sou autorizado para a prerrogativa de perdoar pecados, e assim não sou o Messias, não sou o Filho de Deus e o Rei de Israel; mas, se eu o curar, vocês devem reconhecer que eu tenho poder para perdoar pecados”. Então a situação foi colocada sob um julgamento justo, e uma única palavra de Cristo o determinou. Ele apenas disse, Levanta-te, toma a tua cama, e aquela doença crônica teve uma cura instantânea; e o homem que estivera enfermo levantou-se logo diante deles. Todos eles deviam reconhecer que não poderia haver nenhuma fraude ou mentira nisto. Aqueles que o haviam trazido poderiam atestar que aquele homem era, antes, completamente coxo; aqueles que o viram poderiam atestar como ele estava agora perfeitamente bem, de tal modo que ele tinha força suficiente para tomar e carregar a cama sobre a qual vivia deitado. Como é bom para nós que esta doutrina tão consoladora do Evangelho – que Jesus Cristo, o nosso Salvador e Redentor, tem poder para perdoar pecados – seja tão bem atestada! (3) Que Jesus Cristo é Deus. Ele se manifesta assim: [1] Conhecendo os pensamentos dos escribas e fariseus (v. 22) – e este conhecimento dos pensamentos das pessoas é uma prerrogativa exclusiva de Deus. Estes escribas e fariseus sabiam como esconder das outras pessoas os seus pensamentos, e manter as suas fisionomias como as da maioria dos homens. E provavelmente estavam fazendo isto nesta ocasião, porque começaram a arrazoar em seus corações. [2] Fazendo aquilo que os pensamentos deles reconheciam que só poderia ser feito por Deus (v. 21): Quem pode perdoar pecados, diziam eles, senão Deus? Mas foi como se Cristo dissesse: “Eu provarei que posso perdoar pecados;” e o que se segue, então, exceto a prova de que Ele é Deus? Que iniqüidade terrível aqueles homens praticaram ao acusarem o Senhor de proferir a pior

das blasfêmias, quando, na realidade, Ele proferiu a melhor e a mais importante das bênçãos: “Os teus pecados te são perdoados”!

2. Os deveres que nos são ensinados e recomendados através desta história. (1) Em nossas súplicas a Cristo, devemos ser muito insistentes e urgentes: esta é uma evidência de fé que é muito agradável a Cristo, e tem um resultado bastante positivo. Aqueles que eram os amigos do homem paralítico procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante de Cristo (v. 18); e, quando foram frustrados em sua tentativa, eles não desistiram de sua determinação; mas quando não puderam entrar pela porta, por causa da multidão, eles retiraram as telhas da casa, e baixaram o pobre paciente através do telhado, até ao meio, diante do Senhor Jesus, v. 19. Através desta atitude, Jesus Cristo viu a fé deles, v. 20. Agora, aqui Ele nos ensinou (e é bom que aprendamos a lição) a colocarmos o melhor de nós em palavras e ações, pois estas darão testemunho da nossa fé. Quando o centurião e a mulher de Canaã não se importaram de modo algum em levar à presença de Cristo os pacientes pelos quais intercediam, mas creram que Ele poderia curá-los à distância, o Senhor elogiou a fé deles. Mas embora nestes casos parecesse haver uma noção diferente das coisas, e uma compreensão de que era necessário que o paciente fosse levado à sua presença, Ele não censurou nem condenou a fraqueza deles, não lhes perguntou, “Por que vocês causam esta perturbação à reunião? Vocês estão em um grau de infidelidade a ponto de pensar que eu não o curaria, embora ele estivesse do lado de fora?” Mas o Senhor, que é nobre, agiu da melhor forma, e viu a fé deles mesmo através desta ação. É um conforto saber que servimos a um Senhor que está disposto a fazer o melhor por nós. (2) Quando estamos doentes, devemos estar mais preocupados em ter os nossos pecados perdoados, do que em ter a nossa enfermidade removida. Através das palavras do Senhor Jesus Cristo a este homem, aprendemos que, ao buscarmos em Deus a saúde, devemos começar buscando o perdão dos nossos pecados. (3) Devemos louvar ao Senhor pelas misericórdias que nos trazem tamanha consolação. O homem foi para a sua casa glorificando a Deus, v. 25. Ao Senhor pertencem os escapes da morte, e neles, portanto, Ele deve ser glorificado. (4) Os milagres que Cristo operou foram extraordinários para aqueles que os viram, e devemos glorificar a Deus por eles, v. 26. Eles disseram, “Hoje vimos prodígios”. Em outras palavras, “Prodígios tais como nunca vimos antes, nem os nossos pais antes de nós; eles são coisas totalmente novas”. E

assim glorificaram a Deus, que tinha enviado à sua terra um benfeitor como Este; e ficaram cheios de temor, com grande reverência a Deus, com uma persuasão zelosa de que este era o Messias e que Ele não foi tratado por sua nação como deveria ser. Isto poderia ser uma prova da ruína do seu estado final; talvez eles tivessem alguns pensamentos como estes que os encheram de temor, e uma grande preocupação por si mesmos.

A Chamada de Mateus e o Incentivo à Vigilância

vv. 27-39

Todas estas preciosas palavras, exceto o último versículo, foram registradas em Mateus e Marcos; não é a história de nenhum milagre na natureza operado pelo nosso Senhor Jesus, mas é um relato de algumas das maravilhas de sua graça, que, para aqueles que entendem as coisas do modo certo, são mais do que provas irrefutáveis de que Cristo foi enviado por Deus.

I Foi uma maravilha de sua graça que Ele pudesse chamar um publicano, da recebedoria, para ser seu discípulo e seguidor, v. 27. Foi uma condescendência maravilhosa o fato do Senhor ter admitido pobres pescadores para esta honra, homens da mais baixa posição; mas muito mais maravilhoso foi o fato dele ter admitido publicanos, homens da pior reputação, homens de má fama. Nisto Cristo humilhou a si mesmo, e se manifestou em semelhança de carne pecadora. Através disso ele se expôs, e recebeu a odiosa reputação de ser um amigo de publicanos e pecadores.

II Foi uma maravilha de sua graça que o chamado tenha sido eficaz, e se tornado assim imediatamente, v. 28. Embora aqueles que trabalhavam nesta atividade geralmente tivessem pouca inclinação para a religião, este publicano, por causa de sua religião, deixou um bom lugar na recebedoria (o que era provavelmente o seu meio de vida, e que lhe trazia uma ótima posição financeira e muito respeito), levantou-se, e seguiu a Cristo. Não há coração duro demais quando o Espírito e a graça de Cristo entram em ação, nem quaisquer dificuldades no caminho da conversão de um pecador que possam ser consideradas insuperáveis ao seu poder.

III Foi uma maravilha de sua graça que Ele não só admitisse um publicano convertido em sua família, mas que ficasse na companhia de publicanos não convertidos, para que pudesse ter uma oportunidade de fazer o bem por suas almas; o Senhor se justificou nisto, como um fato que estava de acordo com o grande plano de sua vinda para o mundo. Aqui está certamente uma maravilha da graça do Senhor. Cristo se incumbe de ser o Médico das almas que estão perturbadas pelo pecado, prontas a morrer de perturbação (curar é seu ofício, v. 31). Ele tem uma consideração particular pelos enfermos, pelos pecadores como seus pacientes, pecadores despertados e persuadidos, que enxergam a necessidade que têm do Médico. Ele veio chamar os pecadores ao arrependimento, sim, até mesmo os piores pecadores, e é através deste arrependimento que Ele lhes garante o perdão, v. 32. Estas são realmente notícias felizes, que trazem grande alegria.

IV Foi uma maravilha de sua graça que Ele tenha suportado tão pacientemente a contradição dos pecadores contra si mesmo e seus discípulos, v. 30. Ele não expressou o seu ressentimento pelos sofismas dos escribas e fariseus, como de forma justa poderia ter feito, mas lhes respondeu com razão e mansidão. E em vez de aproveitar esta ocasião para mostrar o seu desprazer contra os fariseus, como posteriormente o fez, ou para recriminá-los, o Senhor aproveitou esta ocasião para mostrar a sua compaixão pelos pobres publicanos e encorajá-los. Estes eram um outro tipo de pecadores.

V Foi uma maravilha de sua graça que, na disciplina sob a qual treinou os seus discípulos, o Senhor considerou a estrutura deles, e ajustou o serviço que prestariam à posição e à força que tinham, bem como às circunstâncias em que eles estavam. Os seus adversários tentaram apontar, como uma falta em sua conduta, o fato do Senhor não ter feito os seus discípulos jejuarem tão freqüentemente quanto os discípulos dos fariseus e de João Batista jejuavam, v. 33. O Senhor Jesus deu mais ênfase àquilo que era a alma do jejum: a mortificação do pecado, a crucificação da carne, e viver uma vida de renúncia. Estas práticas são muito melhores do que o jejum físico e as penitências corporais, assim como a misericórdia é melhor que o sacrifício.

VI Foi uma maravilha de sua graça o fato de Cristo ter reservado as provaçõe de seus discípulos para os seus últimos dias, quando, por sua graça, eles estavam mais bem preparados e adequados para elas, do que estavam no princípio. Agora eles eram como os filhos das bodas, quando o noivo está com eles, quando têm a fartura e a alegria, e todo dia é um banquete. Cristo era bem recebido onde quer que fosse, e os discípulos, por sua causa, encontravam pouca ou nenhuma oposição; mas isto não duraria para sempre. Dias viriam, porém, em que o esposo lhes seria tirado, v. 35. Quando Cristo os deixar com seus corações cheios de tristeza, suas mãos cheias de trabalho, e o mundo cheio de inimizade e ódio contra eles, então, naqueles dias, jejuarão; então não serão tão bem alimentados quanto são agora. Sofremos fome e sede, e estamos nus, 1 Coríntios 4.11. Eles então farão mais jejuns religiosos do que fazem agora, porque a Providência os chamará a isso; eles então servirão ao Senhor com jejuns, Atos 13.2.

VII Foi uma maravilha de sua graça que Ele os tenha exercitado de acordo com a força que possuíam. Ele não colocaria um remendo novo em uma veste velha (v. 36), nem vinho novo em odres velhos (vv. 37,38). Tão logo que os chamou do mundo, o Senhor não os colocaria sob o rigor e a austeridade da disciplina, para que não ficassem tentados a fugir. Quando Deus tirou Israel do Egito, Ele não os levou pelo caminho dos filisteus, para que não se arrependessem quando vissem a guerra, e voltassem para o Egito, Êxodo 13.17. Assim, Cristo treinaria os seus seguidores gradualmente até que estivessem de acordo com a disciplina da sua família; porque nenhum homem, tendo bebido o vinho velho, de repente, diretamente, desejará o novo, ou o apreciará, mas dirá: “O velho é melhor”, porque terá se acostumado a ele, v. 39. Os discípulos serão tentados a achar o seu antigo modo de vida melhor, até que sejam gradualmente treinados para este caminho a que foram chamados. O Senhor também pode estar adotando o seguinte procedimento: “Devo deixar que eles se acostumem por algum tempo às práticas religiosas, e então abundarão nelas tanto quanto os mais consagrados o fazem; mas não devo ser precipitado com eles”. Calvino toma isto como uma admoestação aos fariseus para não se vangloriarem de seus jejuns, e do ruído e exibição que eles faziam através desta prática. Eles não deveriam desprezar os discípulos do Senhor pelo fato deles não se caracterizarem da mesma forma; porque a profissão de fé que

os fariseus faziam era, na verdade, pomposa e festiva, como o vinho novo que é borbulhante e espumante, enquanto que todos os homens sábios dizem: “O velho é melhor”, porque, embora ele não mostre um aspecto tão bom no cálice, é mais caloroso no estômago e mais saudável. Os discípulos de Cristo, embora não tivessem tamanha forma de santidade quando comparados aos fariseus, tinham muito mais do poder da santificação.

CAPÍTULO 6

Neste capítulo nós temos a exposição da lei moral de Cristo, a qual Ele veio não para destruir, mas para cumprir e aperfeiçoar através de seu Evangelho. I. Aqui está uma prova da legitimidade das obras essenciais de caridade no dia de sábado, a prévia justificativa por seus discípulos colherem espigas e a posterior justificação de si mesmo por curar a mão mirrada de um homem naquele dia, vv. 1-11. II. Seu retiro para uma oração em secreto, v. 12. III. A convocação dos doze discípulos, vv. 13-16. IV. A cura das várias enfermidades de um grande número de pessoas que recorreram a Ele, vv. 17-19. V. O sermão que Ele pregou para seus discípulos e para a multidão orientando-os em seu dever tanto para com Deus quanto para com os homens, vv. 20-49.

As Obras de Misericórdia São Apropriadas ao Sábado

vv. 1-11

Já estudamos essas duas passagens da história tanto em Mateus quanto em Marcos, e elas foram colocadas juntas por ambos evangelistas (Mt 12.1; Mc 2.23; 3.1) porque, embora tenham ocorrido em ocasiões diferentes, ambas foram concebidas para retificar erros dos escribas e dos fariseus no tocante ao descanso físico no sábado, um mandamento sobre o qual impunham uma grande ênfase e exigiam maior rigor do que o Legislador pretendeu. Aqui:

I Cristo justifica os seus discípulos por terem suprido uma necessidade pessoal naquele dia – colheram espigas de milho quando estavam famintos. A versão AV, em inglês, atribui uma data a esta história, o segundo sábado depois do primeiro (v. 1). Este é, como o Dr. Whitby

acredita que está bem claro, o primeiro sábado depois do segundo dia dos pães asmos, a partir do qual eles contam as sete semanas para a festa de Pentecostes; o primeiro dos quais eles chamavam *Sabbaton deuteroproton*, o segundo *deuterodeuteron*, e assim por diante. Bendito seja Deus por não precisarmos ser críticos neste assunto. Quer esta circunstância seja mencionada para indicar que este sábado era considerado como tendo alguma distinção especial, o que agravava a transgressão dos discípulos, ou apenas para indicar que, sendo o primeiro sábado depois da oferta das primícias, era a estação do ano quando o milho estava quase maduro, isto não é importante. Podemos observar: 1. Em momento algum os discípulos de Cristo devem ser rigorosos e excessivamente cuidadosos em sua dieta, em termos cerimoniais, especialmente no dia do Senhor, que para os cristãos é o domingo, mas devem ficar satisfeitos e ser gratos pelo que conseguirem. Esses "discípulos iam arrancando espigas e… as comiam" (v. 1); um pouco lhes foi suficiente e, aquela refeição estava longe de ser refinada ou apetitosa. 2. Muitos daqueles que são culpados dos maiores crimes estão prontos a criticar outros pelas mais inofensivas e inocentes atitudes, v. 2. Os fariseus discutiram com eles em relação a fazerem aquilo que *não* era "lícito fazer nos sábados", quando era de seu próprio costume alimentar-se maravilhosamente aos sábados mais do que em todos os outros dias. 3. Jesus Cristo justificará seus discípulos, quando eles forem injustamente criticados, e admitirá e concordará com eles em muitas coisas que os homens lhes dizem que não lhes é permitido fazer. Quão bom é, para nós, que os homens não sejam nossos juízes e, que Cristo é o nosso Advogado! 4. As obrigações cerimoniais podem ser desconsideradas, em casos de necessidade, como se prescindiu da apropriação dos pães da proposição pelos sacerdotes, quando Davi foi levado pela Providência a uma condição muito difícil, na qual ou ele se apossava daqueles pães ou ficava sem nada, vv. 3,4. E, se as próprias ordenanças de Deus podem ser colocadas de lado em prol de um beneficio maior, muito mais as tradições dos homens! 5. As obras que visam atender as necessidades são particularmente permitidas no dia de repouso. Mas devemos tomar cuidado para não transformar essa liberdade em licenciosidade e abusar das concessões e condescendências de Deus em prejuízo do culto e da adoração que prestamos ao Senhor nosso Deus neste dia. 6. Embora o Senhor Jesus Cristo permita as obras que visam atender as necessidades no dia do Senhor,

é preciso que saibamos e nos lembremos de que esse é o seu dia, e, portanto deve ser dedicado ao seu serviço, e à sua honra (v. 5): “O Filho do Homem é senhor até do sábado”. No reino do Redentor, o dia de sábado deve ser transformado em um “dia do Senhor”; suas características devem ser alteradas em alguns aspectos, e isso precisa ser observado principalmente em honra ao Redentor, como havia sido antes em honra ao Criador, Jeremias 16.14,15. Como prova disso, ele deverá ter não apenas um novo nome, o dia do Senhor (mesmo assim, não esquecendo o antigo, pois ele ainda é um dia de descanso e adoração), mas será transferido para um novo dia, o primeiro dia da semana – o domingo.

II Jesus se justifica por fazer obras de misericórdia, em benefício das pessoas, no sábado. Observe aqui: 1. Cristo “entrou na sinagoga” em um dia de sábado. Note que é nosso dever consagrar no mínimo um dia da semana para participarmos de cultos de adoração ao Senhor. No dia do repouso – o domingo, para os cristãos – deve haver uma reunião sagrada; e o nosso lugar não deve estar vazio sem que haja uma razão muito boa. 2. Na sinagoga, no sábado, Ele ensinava. Dar e receber ensinamentos de Cristo, é uma ocupação muito apropriada para o sábado judaico e para uma sinagoga. Cristo aproveitava todas as oportunidades para ensinar não apenas os seus discípulos, mas a multidão. 3. O paciente de Cristo era um de seus ouvintes. “Um homem que tinha a mão direita mirrada” aproximou-se para aprender com Cristo. Não parece que ele tivesse qualquer expectativa de ser curado por Ele. Mas aqueles que são curados pela graça de Cristo devem estar desejosos de aprender a sua doutrina. 4. Entre aqueles que eram ouvintes da excelente doutrina de Cristo e testemunhas oculares de seus gloriosos milagres, havia os que vinham com nenhum outro objetivo senão o de provocar discussões com Ele, v. 7. Os escribas e os fariseus, não lhe avisaram a tempo (o que deviam ter feito por honra e justiça como ficaria bem para adversários nobres) que se Ele curasse no dia de sábado, eles interpretariam isso como uma violação do quarto mandamento, pois este era um caso sem precedentes (ninguém jamais curou como Ele o fez). Mas eles o olhavam com má intenção, como os leões olham suas presas – se Ele curasse no dia de sábado, eles encontrariam uma acusação contra Ele, e o surpreenderiam com um processo judicial religioso. 5. Jesus Cristo não estava nem envergonhado nem temeroso em admitir os propósitos da sua

graça, diante daqueles que Ele sabia que os confrontavam v. 8. Ele conhecia seus defeitos, e o que eles planejavam e ordenou ao homem, “Levanta-te e fica em pé”, testando dessa maneira a fé e a coragem do paciente. 6. Ele questionou os próprios adversários e as convicções da consciência natural. Será que o objetivo do quarto mandamento era impedir que os homens fizessem o bem no dia de sábado, o bem que decidissem fazer com as suas mãos, para o qual eles têm uma oportunidade, e que não pode de forma alguma ser adiado para um outro momento? (v. 9): “É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal?” Os homens maus não são tão paradoxais e contrários à razão quanto os perseguidores, que planejam fazer o mal aos homens que fazem o bem. 7. Ele curou o pobre homem e restituiu-lhe o uso de sua mão direita, apenas pronunciando palavras, embora soubesse que seus inimigos não só ficariam ofendidos, mas tirariam proveito disso contra Ele, v. 10. Não devemos nos afastar do nosso dever ou da nossa ocupação pela opressão com a qual nos deparamos. 8. Seus adversários “ficaram cheios de furor” contra Ele, v. 11. Em vez de ficarem convencidos por esse milagre, como deveriam ter ficado, de que Ele era um mestre vindo de Deus – em vez de amá-lo como a um benfeitor para a humanidade – eles “ficaram cheios de furor”, irritados porque não podiam fazê-lo ter medo de praticar o bem, ou impedir o crescimento de seu interesse pelas enfermidades das pessoas. Eles ficaram furiosos com Cristo, furiosos com o povo, furiosos consigo mesmos. A ira é uma loucura breve, porém a maldade é uma loucura longa. A maldade deles era de um tipo impotente, uma maldade especialmente contrariada. Ao ver que não puderam impedir a realização desse milagre, eles “conferenciavam sobre o que fariam a Jesus” – que outro meio poderiam adotar para acabar com Ele. Nos causa admiração e espanto ver que os filhos dos homens são capazes de se mostrar tão maus ao procederem de uma forma tão vil como esta, e que o Filho de Deus fosse tão paciente a ponto de suportar tudo isso.

A Escolha dos Doze Apóstolos

vv. 12-19

Nestes versículos temos o Senhor Jesus a sós, em família, e em público; e nas três oportunidades agindo conforme a sua vontade.

I Nós o vemos orando a Deus, a sós, v. 12. Este evangelista menciona freqüentemente os retiros de Cristo para nos dar um exemplo de oração a sós pela qual mantemos diariamente nossa comunhão com Deus, e sem a qual é impossível que a alma possa evoluir. Naqueles dias em que seus inimigos estavam cheios de ódio contra Ele, e estavam conferenciando sobre o que lhe fariam, Ele saiu para orar. Esta atitude foi tipificada por Davi (Sl 109.4): “Em paga do meu amor, são meus adversários; mas eu faço oração”. Observe: 1. Ele estava sozinho com Deus. Ele “subiu ao monte a orar”, onde não seria perturbado ou interrompido. Nós nunca estamos mais sós do que quando estamos assim sozinhos. Parece-me muito incerto o pensamento de alguns, de que houvesse algum lugar conveniente construído nessa montanha para pessoas religiosas se retirarem para as suas devoções particulares, e que aquele oratório ou local de oração seja indicado aqui por *he proseuche tou theou*. Ele subiu ao monte em busca de privacidade, e por essa razão, provavelmente, não iria a um lugar freqüentado por outras pessoas. 2. Ele ficou muito tempo sozinho com Deus: Ele “passou a noite em oração a Deus”. Alguns pensam que meia hora é um tempo longo demais para dedicarmos às nossas devoções particulares; mas Cristo permaneceu a sós durante a noite inteira em meditação e oração. Nós temos muitos assuntos para apresentar diante do trono da graça, e deveríamos nos comprazer muito na comunhão com Deus. E devido a essas duas razões, devemos dedicar longos períodos à oração.

II Nós o temos nomeando seus acompanhantes imediatos como sua família, que deveriam ser constantes ouvintes da sua doutrina e testemunhas oculares de seus milagres – para que no futuro pudessem ser enviados como apóstolos, seus mensageiros para o mundo, para pregar seu Evangelho e estabelecer nele a sua igreja, v. 13. Depois que Ele havia permanecido a noite toda em oração, poder-se-ia pensar que quando fosse dia, Ele descansaria e dormiria um pouco. Mas não foi assim. Logo que amanheceu, Ele “chamou a si os seus discípulos”. Servindo a Deus, nossa grande preocupação deveria ser não perder tempo, mas fazer, do fim de um bom trabalho, o início de outro. Os ministros cristãos devem ser ordenados mais com oração do que com simples solenidades. O número de apóstolos era doze: Ele “escolheu doze deles”. Os seus nomes estão registrados aqui – é a terceira vez que nós os encontramos, e em cada uma das três passagens a

ordem deles difere. Este exemplo serve para ensinar tanto aos ministros quanto aos cristãos em geral a não serem exigentes quanto à primazia, nem ao dá-la nem ao recebê-la, mas olhar para ela como algo sem importância; não importa quem seja mencionado primeiro, e quem seja mencionado depois. Aquele que em Marcos é chamado Tadeu, e em Mateus "Lebeu, apelidado Tadeu", é aqui chamado de "Judas, filho de Tiago", o mesmo que escreveu a epístola de Judas. Simão é chamado de "Simão, chamado Zelote", talvez por seu grande zelo pela religião. No tocante a esses doze aqui nomeados nós temos razão para dizer, como a rainha de Sabá disse dos criados de Salomão: "Bem-aventurados os teus homens, e bem-aventurados estes teus servos, que estão sempre diante de ti e ouvem a tua sabedoria!" Homem nenhum havia sido tão privilegiado como estes, e ainda assim um deles tinha um demônio, e demonstrou ser um traidor (v. 16). Apesar disso, quando o escolheu, Cristo não se enganou a respeito dele.

III Nós o vemos curando e orando em público, os dois tipos de trabalho entre os quais Ele dividia seu tempo, v. 17. Ele desceu do monte com os doze, e "parou num lugar plano", pronto para receber aqueles que recorressem a Ele. Ali estavam reunidos próximos a Ele, naquele momento, não apenas "um grande número de seus discípulos" que costumavam estar a serviço dele, mas também "grande multidão do povo de toda a Judéia, e de Jerusalém". Embora a região da Galiléia em que Cristo estava agora ficasse bem distante de Jerusalém, e apesar de em Jerusalém haver abundância de rabinos famosos que tinham grande reputação e uma poderosa influência, mesmo assim estas pessoas vieram para ouvir a Cristo. Elas vieram também "da costa marítima de Tiro e de Sidom". Ainda que aqueles que viviam lá fossem geralmente homens de negócios, e embora vivessem próximo à fronteira com os cananeus, havia, por toda parte, aqueles que eram influenciados por Cristo e afeiçoados a Ele. 1. Esta multidão veio para ouvi-lo e Ele pregou para ela. Aqueles que não tinham uma boa pregação por perto, preferiam viajar para longe para ouvir uma. Eles não queriam ficar sem ouvir a Palavra de Deus. Vale a pena ir muito longe para ouvir a Palavra de Cristo, e deixar outras coisas de lado por amor a ela. 2. Eles vieram para serem curados por Jesus e Ele os curou. Alguns tinham doenças no corpo e alguns na alma; alguns tinham doenças, alguns tinham demônios; mas tanto os primeiros quanto os últimos eram curados

ao recorrer a Cristo, pois Ele tinha poder sobre doenças e demônios (vv. 17,18), sobre as causas e os efeitos. Parece que aqueles que não tinham nenhuma doença específica da qual se queixar, também consideravam que tocar no Senhor Jesus traria uma grande confirmação e renovação para a sua saúde física, e encontravam ainda mais vigor ao compartilhar aquela virtude que saia dele; pois (v. 19) “toda a multidão procurava tocar-lhe”, tanto aqueles que estavam com saúde bem como os que estavam doentes. O Senhor Jesus aceitou o gesto de fé deles. Ele curou a todos. E quem – dentre aqueles que estavam lá – não precisava por uma razão ou por outra, ser curado? Existe uma plenitude de graça em Cristo, e uma virtude de curar. Ela está pronta para emanar dele; isso é o suficiente para todos, e é o suficiente para cada um em particular.

Bênçãos e Aflições

vv. 20-26

Aqui começa um discurso prático de Cristo que se estende até o fim do capítulo, a maior parte do qual é encontrada no sermão do monte (Mateus 5 a 7). Alguns pensam que ele foi pregado em alguma outra ocasião e em outro lugar, e existem outros casos de Cristo pregando as mesmas coisas, ou com o mesmo significado em diferentes oportunidades. Mas é provável que este seja apenas um resumo daquele sermão, expresso pelo evangelista, e talvez aquele que está registrado em Mateus também seja um resumo – o início e a conclusão são praticamente os mesmos. E a história da cura do servo do centurião vem logo depois, tanto naquele registro quanto aqui, mas este não é um detalhe decisivo. Nesses versículos nós temos:

I Bênçãos declaradas sobre os santos em aflição, como bem-aventurados, embora o mundo tenha pena deles (v. 20): Levantando ele os olhos para os seus discípulos, não apenas os doze, mas todos aqueles que os acompanhavam (v. 17), dirigiu seu discurso a eles; pois, após curar o doente na planície, Ele subiu novamente ao monte para pregar. Ali Ele se sentou, como alguém que tem autoridade; lá “aproximaram-se dele os seus discípulos” (Mt 5.1), e para eles Ele direcionou o seu sermão – Ele o aplicava a eles e os ensinava a aplicá-lo a si próprios. Quando estabeleceu

este fato como uma verdade: “Bem-aventurados os pobres de espírito”, Ele acrescentou: “Bem-aventurados vós, os pobres”. Todos os crentes que aceitam para si os mandamentos do Evangelho e vivem por eles, podem tomar as promessas do Evangelho para si e viver de acordo com elas. E a aplicação, conforme está aqui, parece especialmente planejada para encorajar os discípulos em relação aos prováveis sofrimentos e dificuldades que encontrarão ao seguirem a Cristo.

1. “Vocês são pobres, deixaram tudo para me seguir, estão satisfeitos por viverem comigo de ofertas, e nunca devem esperar ter qualquer distinção humana por me servir. Vocês devem trabalhar arduamente e lutar, assim como os pobres; mas são bem-aventurados em vossa pobreza, e isto não prejudicará, de forma alguma, a felicidade de vocês. Pelo contrário, vocês são bem-aventurados por isso, todas as vossas perdas serão compensadas, pois o Reino de Deus é de vocês; todas as consolações e bênçãos do seu reino aqui e todas as glórias e alegrias do seu reino na vida futura serão de vocês. Ou, melhor ainda, já são de vocês”. Os pobres em Cristo são “ricos na fé”, Tiago 2.5.

2. “Vocês que agora têm fome (v. 21), não são fartos como os outros são, e muitas vezes se levantam famintos. As suas refeições são muito reduzidas, ou vocês ficam tão concentrados no trabalho que não têm tempo para comer pão. Vocês se contentam com uns poucos grãos de milho, como se fosse a carne servida na refeição; dessa forma vocês estão famintos neste mundo; mas no outro mundo serão saciados, não terão mais fome, não terão mais sede:”

3. “Vocês que agora choram, estão freqüentemente em lágrimas, lágrimas de arrependimento, lágrimas de compaixão. Vocês pertencem àqueles tristes de Sião. Mas são bem-aventurados; as suas tristezas atuais não são prejudiciais à futura alegria de vocês, mas preparatórias para ela: “Haveis de rir”. Vocês têm triunfos guardados, vocês estão semeando em lágrimas e brevemente “segarão com alegria”, Salmo 126.5, 6. Aqueles que agora sofrem por amor ao Senhor ou à sua Palavra, estão acumulando tesouros para si, ou, melhor, Deus está acumulando tesouros para eles; e está chegando o dia em que as suas bocas se encherão de riso e os seus lábios de louvor, Jó 8.21.

4. “Vocês agora se submetem à má vontade do mundo. Vocês podem esperar todo tipo de tratamento vil que um mundo vingativo pode lhes dar

pelo amor que vocês têm por Cristo – porque vocês servem a Ele e a seus interesses. Vocês devem esperar ser odiados pelos homens maus, porque a doutrina e a vida de vocês os culpam e condenam; e aqueles que agora têm o poder da igreja em suas mãos os separarão, os forçarão a se separarem, e então os excomungarão por agirem desse modo, e os colocarão sob as mais infames condenações. Eles os chamarão de anátema, como transgressores escandalosos e incorrigíveis. Eles o farão com toda gravidade e solenidade possível, com pompa e ostentação de apelos ao Céu, para fazer o mundo acreditar, e quase vocês mesmos, que isto seja ratificado no céu. Desse modo eles se esforçarão para tornar vocês odiosos aos outros e um terror para si mesmos". Supõe-se que essa seja a idéia correta de *aphorisosin hymas* – "expulsar-vos-ão das sinagogas". "E eles que não têm essa autoridade, não deixarão de mostrar sua maldade no mais alto grau do seu poder; pois eles os acusarão, os responsabilizarão pelos crimes mais perversos dos quais vocês são completamente inocentes, se concentrarão em dizer contra vocês todo o mal que vocês não merecem; Eles rejeitarão o nome de vocês como mau, o nome de vocês como cristãos, como apóstolos; eles farão tudo o que puderem para tornar esses nomes abomináveis". Esta é a aplicação da oitava beatitude, Mateus 5.10-12.

"Um tratamento como esse parece insuportável; mas vocês serão bem-aventurados quando forem assim tratados". Isto está muito longe de privar vocês da felicidade, e na realidade a aumentará. É uma honra para vocês, como é para um bravo herói, ser utilizado nas guerras a serviço de seu príncipe: "Folgai nesse dia, exultai", v. 23. Não apenas suportem isso, mas triunfem nisso. Pois: (1) "Vocês são, através disso, altamente dignificados no reino da graça, porque são tratados como os profetas o eram antes de vocês. Portanto, não só não precisam se envergonhar disso, como podem se alegrar justamente nisso, pois será para vocês uma evidência de que andam no mesmo espírito, e nos mesmos passos; que estão empenhados na mesma causa, e empregados no mesmo serviço em que eles mesmos foram empregados". (2) "Vocês serão abundantemente recompensados por isso no Reino da glória – não apenas as obras que vocês realizaram para Cristo, mas também os sofrimentos serão levados em conta: "grande o vosso galardão no céu". Aventurem-se em vossos sofrimentos, em uma plena convicção de que a glória do céu compensará abundantemente todas essas aflições; de forma que, embora vocês possam perder por causa de Cristo, no final vocês

não serão perdedores por causa dele”.

II Os tormentos (ou os “Ais”) revelam os pecadores prósperos como pessoas infelizes, embora o mundo os inveje. Não tivemos isto em Mateus. Pode parecer que a melhor interpretação desses tormentos comparados com as bênçãos antecedentes seja a parábola do rico e Lázaro. Lázaro tinha a bem-aventurança daqueles que são pobres, que têm fome e que choram, e agora, portanto, no seio de Abraão todas as promessas feitas àqueles que assim viveram, se cumpriram na vida dele. Mas o homem rico teve os tormentos aqui citados uma vez que ele tinha o caráter daqueles a quem esses tormentos são infligidos.

1. Aqui está um “ai” para aqueles que são ricos, isto é, que confiam nas riquezas, que têm abundância da riqueza terrena, e, ao invés de servirem a Deus com ela, servem às suas luxúrias; ai deles, porque já receberam a sua consolação, aquela na qual depositaram a sua felicidade, e desejaram ficar com ela como herança, v. 24. Eles já receberam seus benefícios em vida, o que, em seu julgamento, eram as melhores coisas, e tudo de melhor que possivelmente poderiam receber de Deus. “Vocês que são ricos são tentados a colocar os seus corações em um mundo sorridente, e a dizer: ‘Alma, descansa’ nos braços dele, ‘Este é o meu repouso para sempre; aqui habitarei’; então, ‘ai de vós’”. (1) É a loucura das pessoas terrenas que fazem das coisas deste mundo – que são concebidas apenas para a sua conveniência – a sua consolação. Satisfazem-se com elas, orgulham-se delas, e fazem delas o seu paraíso na terra; e para elas os consolos de Deus são pequenos e sem importância. (2) A sua miséria consiste em serem despojadas delas, perdendo então a sua consolação. Que saibam, para seu terror, que quando são separadas dessas coisas, existe um final de todo o seu consolo, um derradeiro final, e nada restará para eles a não ser angústia e tormento perpétuos.

2. Eis aqui um “ai” para aqueles que estão fartos (v. 25), cujos corações superabundam em imaginações (Sl 73.7), que têm seus ventres preenchidos com os tesouros ocultos deste mundo (Sl 17.14), que, quando têm tudo em abundância, acham que têm o suficiente, e pensam: “Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta”, Apocalipse 3.17. “Já estais fartos! Já estais ricos!”, 1 Coríntios 4.8. Eles estão cheios de si mesmos, sem Deus e sem Cristo. Ai dos tais, porque eles terão fome, eles brevemente serão

despojados e esvaziados de todas as coisas das quais tanto se orgulham; e, quando deixarem para trás, neste mundo, todas as coisas que são a sua plenitude, eles levarão consigo tais desejos e luxúrias, pois o mundo para o qual vão não satisfará as suas vontades. Porque todos os prazeres dos sentidos, dos quais eles estão repletos agora, no inferno serão negados, e no céu serão substituídos.

3. Eis aqui um tormento para aqueles que agora riem, que têm sempre disposição para estar alegres, e sempre algo com o que se divertir; que não conhecem outra alegria senão daquela que é carnal e sensual, que não conhecem nenhum outro uso dos bens deste mundo senão meramente ceder àquela alegria sensual carnal que expulsa de seus pensamentos a tristeza, até mesmo a tristeza que vem de Deus, e estão sempre se entretendo com o riso dos tolos. Ai dos tais, porque é só por agora, por pouco tempo que eles riem; eles lamentarão e chorarão em breve, lamentarão e chorarão eternamente, em um mundo onde não existe nada além de lamento e pranto infinitos, sem descanso, e tristeza irremediável.

4. Eis aqui um "ai" para aqueles de quem todos os homens falam bem, isto é, que fazem de ganhar elogios e aplausos dos homens sua única e maior preocupação, que se valorizam por isso mais do que pelo favor e pela aceitação de Deus (v. 26): "Ai de vós"; ou seja, se você pregar de forma que ninguém fique aborrecido, será um mau sinal indicando que você não é fiel à sua crença, e às almas dos homens. Pois o seu propósito deverá ser falar às pessoas sobre as suas falhas, e, se você o fizer como se deve, obterá aquela má vontade que nunca elogia. Os falsos profetas que elogiavam os pais de vocês em suas maldades, que profetizavam coisas agradáveis para eles, eram afagados e deles se falava bem; e, se vocês forem da mesma maneira exaltados, serão merecidamente suspeitos de proceder desonestamente como eles o faziam. Nós devemos desejar ter a aprovação daqueles que são sábios e bons, e não ser indiferentes ao que as pessoas dizem de nós; assim como devemos desprezar as afrontas, do mesmo modo devemos desprezar os elogios dos tolos em Israel.

Exortações à Justiça e à Misericórdia

vv. 27-36

Estes versículos estão em harmonia com Mateus 5.38, até o final daquele capítulo: “Mas a vós, que ouvis” (v. 27), a todos vós que ouvis, e não somente aos discípulos, porque estas lições são de interesse universal. Quem tem ouvidos ouça. Aqueles que diligentemente ouvem atentamente a Cristo descobrirão que Ele tem algo a lhes dizer, que vale a pena ouvi-lo. As lições que Cristo nos ensinou aqui são:

I Que devemos dar a cada um aquilo que for devido, e sermos honestos e justos em todos os nossos procedimentos (v. 31): “Como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhes vós também”; pois isso significa amar a nosso próximo como a nós mesmos. Devemos fazer aos outros aquilo que quereremos, dentro do possível, que eles nos façam, em justiça ou caridade. Devemos agir como se eles estivessem em nossa posição e nós na deles e procurar fazer-lhes o que gostaríamos que nos fizessem. Devemos colocar as nossas almas no lugar das deles, e então nos apiedarmos e os socorrer, como desejaríamos e esperaríamos de forma justa, que se compadecessem de nós e nos socorressem.

II Que devemos ser desprendidos em dar àqueles que necessitam (v. 30): “Dá a qualquer que te pedir”, a qualquer pessoa que seja objeto de caridade, que precise das coisas indispensáveis, aquilo que você tenha meios de suprir com os seus recursos. Dê àqueles que não são capazes de ajudar a si mesmos, àqueles que não tenham parentes em condições de ajudá-los. “Cristo desejava que os seus discípulos estivessem prontos a repartir e desejosos de compartilhar até onde pudessem, nas situações ordinárias e também além de suas possibilidades, nas necessidades extraordinárias”.

III Que devemos ser generosos, perdoando aqueles que de alguma forma nos prejudicaram.

1. Não devemos ser radicais em exigir nossos direitos quando estes nos são negados: “Ao que te houver tirado a capa, à força ou desonestamente, não o proíba através de qualquer meio violento; “nem a túnica recuses”, v. 29. Deixa que ele a leve também ao invés de brigar por ela. E (v. 30), “ao que tomar o que é teu” – ao que tomar os teus bens (assim o Dr. Hammond pensa que esta palavra deveria ser interpretada), que os tomar emprestados

ou os tomar de você em confiança, “não lho tornes a pedir”. Se a Providência o tornar insolvente, não tire proveito da lei contra ele, é preferível perder a sufocá-lo, Mateus 18.28. “Se um homem fugir, estando em débito com você, levando consigo os seus bens, não se sinta perplexo, nem se inflame contra ele”.

2. Não devemos nos vingar quando um erro é cometido contra nós: “Ao que te ferir numa face”, em vez de tomar uma atitude contra ele, ou enviar uma cobrança ou levá-lo diante da justiça, “oferece-lhe também a outra”; isto é, “ignore, embora desse modo possas estar atraindo para si outro golpe semelhante àquele, o que é freqüentemente alegado como desculpa para se tirar proveito da lei em uma situação como esta. Ao que te ferir numa face, em vez de lhe desferir outro golpe, esteja pronto para receber outro dele, ou seja, “deixe que Deus defenda a sua causa, e sente-se em silêncio sob a afronta”. Quando assim procedermos, Deus ferirá nos queixos os nossos inimigos – que também são inimigos dele – para quebrar os dentes aos ímpios (Sl 3.7). Porque o Senhor disse: “Minha é a vingança”, e Ele agirá quando nos conscientizarmos de que a vingança lhe pertence.

3. Devemos fazer bem a quem nos faz mal. Isso é o que o nosso Salvador planeja especificamente nos ensinar nestes versículos, como uma lei característica da sua religião, e uma ramificação do seu aperfeiçoamento.

(1) Devemos ser amáveis para com aqueles que nos aborrecem. Não devemos apenas amar nossos inimigos e ter boa vontade para com eles, mas devemos fazer o bem a eles, estar preparados para prestar qualquer ajuda tanto para eles, se o caso deles o requerer, e estiver no nosso alcance fazê-lo, como para qualquer outra pessoa. Devemos nos preocupar em mostrar através de ações firmes, se houver oportunidade, que não temos má intenção nem pensamos em vingança contra eles. Eles nos amaldiçoam, falam mal de nós, e nos desejam o mal? Fazem eles, maliciosamente, uso de nós por meio de ações ou palavras? Esforçam-se eles para nos tornar desprezíveis ou abomináveis? Abençoemo-los, e oremos por eles, falemos bem deles, o melhor que pudermos, desejemos a eles o bem, especialmente para suas almas, e sejamos seus intercessores junto a Deus. Isso se repete no verso 35: “Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei o bem”. Para tornar esta difícil tarefa atraente para nós, ela é descrita como algo generoso, e um objetivo que poucos alcançam. Não há nada de incomum em amar àqueles que nos amam, nada excepcional para os discípulos de Cristo, porque os pecadores

amarão aqueles que os amam. Não há nenhuma abnegação nisso; nada mais é do que agir de acordo com a natureza, mesmo em seu estado corrompido, e não requer nenhum esforço (v. 32): Não há recompensa para nós em amar aqueles que nos tratam como lhes tratamos. “E (v. 33) “se fizerdes bem aos que vos fazem bem” e retribuir sua generosidade, esta é uma prática comum de respeito e gratidão; e, portanto, “que recompensa tereis?” Que prestígio vocês geram para o nome de Cristo, ou que reputação trazem a Ele? Pois “também os pecadores”, que nada sabem sobre Cristo e sua doutrina, “fazem o mesmo”. Nesse caso convém a vocês fazer algo mais extraordinário e notável, algo que sobrepuje os seus vizinhos. Vocês devem fazer o que os pecadores não farão, aquilo que nenhum dos princípios deles pode pretender alcançar: Vocês devem retribuir o mal com o bem; não que qualquer recompensa nos seja devida, mas para que vocês sirvam como nome e louvor para o nosso Deus, e assim Ele seja glorificado.

(2) Devemos tratar bem àqueles de quem não esperamos nenhum beneficio (v. 35): “Emprestai, sem nada esperardes”. Espera-se dos ricos que emprestem aos pobres um pouco de dinheiro para suas necessidades, para comprar o pão de cada dia para eles e suas famílias, ou para mantê-los fora da prisão. Em tal situação, devemos emprestar com a determinação de não exigir juros pelo que emprestamos, como podemos muito legitimamente cobrar daqueles que tomam dinheiro para com ele comprar mais do que necessitam, ou para com ele negociar. Mas isso não é tudo; devemos emprestar embora tenhamos razão para suspeitar que perderemos o que emprestarmos, emprestar para aqueles que são tão pobres que não é provável que sejam capazes de nos pagar. Este mandamento é mais bem ilustrado pela lei de Moisés (Dt 15.7-10), que obrigava os israelitas a emprestarem para um irmão pobre tanto quanto ele necessitasse, mesmo que o ano da remissão estivesse próximo. Aqui estão duas razões para essa generosa caridade:

[1] Isso resultará em nosso benefício; pois grande será o nosso galardão, v. 35. O que é dado, ou gasto, ou emprestado, e perdido na terra, por um princípio verdadeiro de caridade, nos será compensado no outro mundo, de uma forma indescritível, muito superior àquilo que podemos imaginar. Vocês não só serão reembolsados, como também recompensados, muito recompensados; será dito a vocês: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino”.

[2] Isso redundará em nossa honra; porque nisso nos pareceremos com Deus em sua bondade – o que é a maior das glórias: “Sereis filhos do Altíssimo”, sereis reconhecidos por Ele como seus filhos, sendo como Ele. Uma das glórias de Deus consiste em que Ele seja “benigno até para com os ingratos e maus”, conceda as dádivas da providência até mesmo para os piores dos homens, que o estão provocando diariamente e se rebelando contra Ele, e usando essas mesmas dádivas para a sua desonra. Conseqüentemente Ele sugere (v. 36): “Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso”; isso explica Mateus 5.48: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai”. “Imitai vosso Pai nessas coisas que são as suas mais resplandecentes perfeições”. Aqueles que, assim como Deus, são misericordiosos, mesmo com “os ingratos e maus”, são perfeitos como Deus o é. Dessa maneira Ele está generosamente satisfeito em aceitar isso, embora seja infinitamente insuficiente. A caridade é chamada de “o vínculo da perfeição”, Colossenses 3.14. Isso deveria nos comprometer firmemente a ser misericordiosos com os nossos irmãos, até mesmo com aqueles que nos ofendem, não apenas porque Deus é misericordioso com eles, mas, porque Ele é misericordioso conosco, embora fôssemos e sejamos ingratos e maus – “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos”.

Exortações à Justiça e à Sinceridade

vv. 37-49

Nós já estudamos antes, em Mateus, todas essas palavras de Cristo; algumas delas no capítulo 7, outras em outros trechos. Eram palavras que Cristo usava freqüentemente. Elas só precisaram ser mencionadas, era fácil aplicá-las. Grotius acredita que não devamos ser críticos ao procurar coerência aqui: elas são palavras que valem ouro, como os provérbios ou parábolas de Salomão. Observemos aqui:

I Nós devemos ser muito honestos em nossas criticas aos outros, porque nós mesmos precisamos de alguma tolerância: “Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados, v. 37. Exercitem com os outros a caridade que “não suspeita mal”, que “tudo sofre, tudo crê, tudo

espera, tudo suporta”; e outros exercitarão essa caridade com vocês. Deus não julgará nem condenará vocês – os homens também não”. Aqueles que são misericordiosos para com a reputação dos outros, encontrarão aqueles que serão misericordiosos para com a sua própria reputação.

II Se tivermos um espírito generoso e pronto a perdoar, nós mesmos colheremos os benefícios disso: “Perdoai e sereis perdoados” (v. 37, versão RA). Se perdoarmos as afrontas feitas a nós, outros perdoarão as nossas inadvertências. Se perdoarmos as transgressões dos outros contra nós, Deus perdoará as nossas transgressões contra Ele. E Ele não será menos atento aos generosos que concebem coisas generosas (v. 38): “Dai, e ser-vos-á dado”. Deus, em sua providência, vos recompensará; isso é emprestado a Ele, e Ele não é injusto para se esquecer disso (Hb 6.10), Ele o pagará. Os homens nos retribuirão generosamente; pois Deus freqüentemente faz uso dos homens como instrumentos não apenas de sua vingança, mas de sua justiça recompensadora. Se nós, de uma maneira correta, dermos aos outros quando precisam, Deus tornará os corações dos outros propensos a nos dar quando precisarmos, e nos darão generosamente, “boa medida, recalcada, sacudida e transbordando”. Aqueles que semearem plenamente colherão plenamente. A quem Deus recompensa, Ele o faz abundantemente.

III Nós devemos esperar ser tratados como tratamos aos outros: “Com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo”. Aqueles que tratam duramente aos outros devem reconhecer, como Adoni-Bezeque o fez (Jz 1.7), que Deus é justo – se outros os tratam duramente, eles podem esperar ser pagos com sua própria moeda; mas aqueles que tratam benignamente aos outros têm razão para esperar que quando surgir a oportunidade, Deus levantará amigos que os tratarão amavelmente. Embora a providência não siga sempre esta regra, porque as recompensas plenas estão reservadas para o outro mundo, ainda assim, comumente, ela segue uma proporção suficiente para nos dissuadir de todos os atos de severidade, e nos encorajar em todos os atos de bondade.

IV Aqueles que se colocam sob a orientação dos ignorantes e falsos são passiveis de perecer com eles (v. 39): “Pode, porventura, um cego guiar

outro cego?” Podem os fariseus, que estão cegos pelo orgulho, preconceito e intolerância, conduzir os cegos ao caminho certo? “Não cairão ambos na cova?” Como podem eles esperar qualquer outra coisa? Aqueles que são conduzidos pelas opiniões, caminhos e costumes habituais deste mundo são eles próprios cegos, e são conduzidos por cegos, e perecerão com o mundo que está assentado em trevas. Aqueles que ignorantemente, e a esmo, seguem a multidão para fazer o mal, seguem o cego no longo caminho que leva muitos à destruição.

V Os seguidores de Cristo não podem esperar melhor tratamento no mundo do que teve seu Mestre, v. 40. Não devem prometer a si mesmos mais glória ou prazeres neste mundo do que Cristo teve, nem visar a pompa terrena e a grandeza que Ele nunca ambicionou, mas sempre recusou; também não devem contaminar o seu poder com coisas seculares que Ele não admitiria. Mas qualquer que se mostrar perfeito, um discípulo determinado, deve ser como o seu Mestre – morto para o mundo e para qualquer coisa inerente a ele, como o seu Mestre; deve viver uma vida de trabalho e abnegação como o seu Mestre o fez, deve se fazer servo de todos; se humilhar, labutar, e fazer todo o bem que puder, e então será um discípulo completo.

VI Aqueles que tomam para si a tarefa de repreender e corrigir os outros, estão preocupados em considerar a situação como se eles próprios fossem inocentes, irrepreensíveis, e inculpáveis, vv. 41,42. 1. Estes com muito má vontade criticam os erros dos outros, e não estão conscientes de suas próprias falhas. É muito paradoxal que alguns pretendam ser perspicazes ao enxergar as pequenas falhas nos outros, como um argueiro no olho, enquanto eles mesmos são tão completamente insensíveis que não são capazes de reparar na trave que está em seu próprio olho. 2. Aqueles que se esquecem de que a caridade transformadora começa em casa, são totalmente incapazes de ajudar a corrigir outros. Como você pode oferecer a sua ajuda para tirar o argueiro do olho do seu irmão (o que requer um bom olho como também uma boa mão), quando você mesmo tem uma trave em seu próprio olho, e não se queixa disso? 3. Estes que pensam ser úteis para as almas dos outros deveriam primeiro demonstrar que são cuidadosos quanto às suas próprias almas. Ajudar a tirar o argueiro do olho de nosso

irmão é algo bom, entretanto, nós devemos nos qualificar para isso começando por nós mesmos – a correção das nossas próprias vidas pode, pela influência de nosso exemplo, contribuir para que outros corrijam as suas.

VII Podemos esperar que as palavras e as ações dos homens sejam de acordo com a maneira como eles são, de acordo com os seus corações, e de acordo com os seus princípios.

1. O coração é a árvore, e as palavras e ações são os frutos, que são de acordo com a natureza da árvore, vv. 43,44. Se um homem for realmente um bom homem – se ele tiver o princípio da graça em seu coração, e a tendência e a propensão predominantes da sua alma forem voltadas para Deus e para o céu, embora ele possa não ser abundante em frutos, embora alguns de seus frutos sejam ruins, e embora ele possa às vezes ser como uma árvore no inverno (ainda que não produza maus frutos), embora ele possa não fazer ao próximo todo o bem que deveria, mesmo assim – ele não fará o mal em qualquer circunstância importante. Se ele não puder corrigir os maus costumes, ele não corromperá os bons. Se o fruto que um homem produzir for mau, se a sua devoção tender a perverter a mente e a conduta, se a sua conduta for má, se ele for um beberrão ou adúltero, se for um praguejador ou mentiroso, se ele for, em qualquer instância, injusto ou desnaturado, seu fruto estará corrompido, e podemos estar certos de que ele não é uma boa árvore. Por outro lado, uma árvore má não dá bom fruto, embora ela possa produzir folhas verdes; “pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos”. Você pode, se quiser, prender figos em espinheiros, e pendurar um cacho de uvas em abrolhos, mas eles nem são, nem podem ser, o produto natural das árvores; portanto tampouco você pode esperar qualquer boa conduta justamente daqueles que têm um mau caráter. Se o fruto for bom, você pode concluir que a árvore também o é; se a conduta e a linguagem forem santas, divinas e normais, embora não possamos infalivelmente conhecer o coração, podemos ainda caridosamente esperar que a pessoa esteja vivendo uma vida correta na presença de Deus. Pois toda árvore é conhecida por seus frutos. Mas a pessoa má falará vilezas (Is 32.6), e aqui a experiência dos modernos concorda com o que diz “o provérbio dos antigos: Dos ímpios procede a impiedade”, 1 Samuel 24.13.

2. O coração é o tesouro, e as palavras e as ações são os frutos ou o produto desse tesouro, v. 45. Já vimos isso em Mateus 12.34,35. O amor de Deus e de Cristo reinante no coração define um homem como um bom homem; e um homem poder realizar aquilo que é bom, consiste em um bom tesouro. Mas onde reina o amor do mundo e da carne existe um mau tesouro no coração, a partir do qual um homem perverso está continuamente gerando aquilo que é mau; e através daquilo que é exposto você pode saber o que está no coração, assim como pode saber o que está em um recipiente (água ou vinho, por exemplo), pelo que é tirado dele, João 2.8. “Da abundância do coração fala a boca” – o que normalmente fala a boca, fala com gosto e prazer, geralmente concorda com o que é íntimo e mais elevado no coração: aquele que fala da terra é da terra, João 3.31. Isto não significa que um homem bom não possa deixar escapar uma palavra má, e um homem mal intencionado não possa fazer uso de uma palavra boa para servir a um propósito mau. Mas, na maioria das vezes, o coração é como as palavras que são proferidas: fútil ou sério. Em vista disso, estamos interessados em ter os nossos corações cheios, não apenas com o bem, mas com a abundância do bem.

VIII Não é suficiente ouvir as palavras de Cristo, devemos praticá-las; não basta confessar nosso relacionamento com Ele, como seus servos, devemos obedecê-lo conscientemente.

1. Chamá-lo “Senhor, Senhor”, como se estivéssemos inteiramente sob seu comando e tivéssemos nos devotado ao seu serviço, é afrontá-lo, se não estivermos conscientes de obedecer à sua vontade e servir aos interesses do seu Reino. É como se aqueles que estivessem agindo assim estivessem escarnecendo de Cristo, como aqueles que com desprezo disseram, “Salve, Rei dos judeus”. A situação é a mesma se o chamamos freqüentemente de Senhor, Senhor e ainda assim vivemos de acordo com os nossos próprios corações, e enxergamos as coisas à nossa própria maneira. Por que nós o chamamos Senhor, Senhor, em oração (compare com Mateus 7.21,22), se não obedecemos aos seus mandamentos? “O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável” (Pv 28.9).

2. Enganamos a nós mesmos se pensarmos que uma profissão limitada de fé ou de religião nos salvará, ou que ouvir as palavras de Cristo sem praticá-las nos levará ao céu. O Senhor Jesus ilustra este assunto através de uma

similitude (vv. 47-49), que mostra:

(1) Que só fazem o bem por suas almas e pela sua eternidade, e seguem o caminho que os ajudará nos tempos de provação, aqueles que não apenas vêm a Cristo como a fonte da sabedoria e ouvem as suas palavras, mas as praticam, pensam e falam, e em tudo agem de acordo com as regras estabelecidas pelo Evangelho. Eles são como uma casa construída sobre a rocha. Estes são aqueles que se esforçam em sua vida com Deus, como aqueles que cavam profundamente e alicerçam a sua esperança em Cristo, que é a rocha eterna (e nenhum homem pode colocar algum outro fundamento). Esses são aqueles que se previnem para o futuro, que se preparam para o pior, que "entesouram para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna", 1 Timóteo 6.19. Aqueles que assim procedem fazem o bem a si mesmos; pois: [1] Eles manterão a sua integridade em tempos de tentação e perseguição; enquanto outros descaem de sua própria firmeza (como a semente no solo pedregoso), eles estarão firmes no Senhor. [2] Eles manterão seu consolo, paz, esperança e alegria, em meio as maiores angústias. As tormentas e torrentes de aflição não os abalarão, porque seus pés estão firmes sobre uma rocha, uma rocha mais alta do que eles. [3] O seu bem-estar perpétuo está assegurado. Eles estão seguros quanto à morte e ao juízo. Os crentes obedientes são guardados para a salvação pelo poder de Cristo, através da fé, e nunca perecerão.

(2) Que aqueles que não vão além de simplesmente ouvir as palavras de Cristo, e não vivem de acordo com elas, estão apenas se preparando para uma decepção fatal: "O que ouve e não pratica (que sabe qual é o seu dever, mas vive negligenciando-o), é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces". Ele agrada a si mesmo com esperanças que não têm sustentação, e suas esperanças falharão quando ele mais precisar do consolo delas, e quando esperar o cumprimento delas. Quando a corrente se abater impetuosamente sobre a sua casa, ela cairá; a areia sobre a qual está construída será levada pelas águas, e a casa desabará imediatamente – o mesmo acontecerá com a esperança do hipócrita quando Deus levar a sua alma, mesmo que ele tenha tido algum ganho nesta terra. Isso é como a teia da aranha, e como entregar o espírito.

CAPÍTULO 7

Neste capítulo, temos: I. Cristo confirmando a teoria que havia pregado no capítulo anterior, com dois milagres gloriosos – a cura de alguém à distância, que era o servo de um centurião (vv. 1-10), e a ressurreição de alguém que estava morto, o filho da viúva em Naim, vv. 11-18. II. Cristo confirmando a fé de João – que estava agora na prisão – e de alguns de seus discípulos, ao enviar-lhe um breve relato dos milagres que realizou, em resposta a uma pergunta que recebera dele (vv. 19-23). O Senhor também acrescenta um testemunho honroso a respeito de João, e uma crítica justa aos homens daquela geração pelo desprezo que tinham por ele e pela sua doutrina, vv. 24-35. III. Cristo confortando uma pobre penitente que recorreu a Ele, totalmente em lágrimas em devota tristeza pelo pecado. O Senhor lhe assegurou que os seus pecados foram perdoados. Ele também explicou o motivo do tratamento preferencial que demonstrou a ela, diante das críticas de um fariseu arrogante, vv. 36-50.

A Cura do Servo do Centurião

vv. 1-10

Existem algumas diferenças entre esta história da cura do servo como relatada aqui, e como foi relatada em Mateus 8.5, e versículos seguintes. Lá fora dito que o centurião se aproximou de Cristo; aqui é dito que ele enviou primeiro alguns dos anciãos dos judeus à sua presença (v. 3), e depois alguns outros amigos, v. 6. Mas existe uma regra através da qual dizemos que fazemos algo, mesmo que o façamos através de outra pessoa – *Quod facimus per alium, id ipsum facere judicamur.* O centurião pode ter dito o que desejava através de seus representantes, assim como um homem que toma posse de uma propriedade através de seu advogado. Mas é provável que o próprio centurião tenha vindo por último, quando Cristo lhe disse (Mt 8.13): Vai, e como creste te seja feito.

Foi dito aqui que este milagre foi realizado por nosso Senhor Jesus depois que Ele havia terminado todos os seus discursos perante o povo, v. 1. O que Cristo dizia, Ele o dizia em público, a despeito de quem quer que viesse ouvi-lo: Eu falei abertamente ao mundo, João 18.20. Agora, para dar uma prova inegável da autoridade da sua palavra pregada, o Senhor dá aqui uma

prova incontestável do poder e da eficácia de sua palavra de cura. Aquele que tem o poder supremo sobre o reino da natureza, a ponto de expulsar as enfermidades, sem dúvida tem tal poder sobre o reino da graça, podendo impor mandamentos que sejam desagradáveis à carne e ao sangue e obrigar, sob os maiores castigos, que eles sejam cumpridos. Este milagre foi realizado em Cafarnaum, onde a maioria dos poderosos atos de Cristo foi realizada, Mateus 11.23. Observe agora:

I O servo do centurião, que estava doente, era estimado pelo seu senhor, v. 2. Era uma honra para o servo – que por sua diligência e lealdade e uma manifesta preocupação por seu senhor e seus interesses, bem como por si mesmo e pelos seus – que ele confiasse a si mesmo à estima e ao amor de seu senhor. Os servos devem se preocupar em se tornar pessoas estimadas pelos seus senhores. Da mesma forma, é uma importante qualidade saber dar valor a um bom servo. Muitos senhores, que são arrogantes e presunçosos, consideram como uma generosidade suficiente para com os melhores servos, o fato de não os repreenderem com severidade, de não os agredirem fisicamente, e de não serem cruéis com eles. Mas, na realidade, os senhores devem ser gentis e bons para com os seus servos, cuidando sempre de seu bem estar e conforto.

II Aquele senhor, ao ouvir falar de Jesus, recorreu a Ele, v. 3. Os senhores devem, pois, cuidar com zelo de seus servos quando estes estão doentes, e não negligenciá-los. Este centurião pediu que Cristo fosse curar o seu servo. Nós podemos, agora, através de orações sinceras e fervorosas, recorrer a Cristo no céu, e devemos fazê-lo quando as enfermidades estão em nossas famílias; pois Cristo continua sendo o grande Médico.

III Ele enviou alguns dos anciãos dos judeus a Cristo, para que expusessem o caso e pedissem por ele, considerando esta atitude como mais respeitosa a Cristo do que se ele mesmo tivesse ido, pois ele era um gentio incircunciso. Assim sendo, aquele homem certamente pensou que Cristo, sendo um profeta, não se dignaria a falar com ele. Por essa razão, ele enviou judeus, a quem o Senhor Jesus reconheceria como os preferidos do Céu; e não foram judeus comuns, mas anciãos dos judeus. Eram homens que tinham autoridade entre o povo; assim, a dignidade dos mensageiros

honraria aquele a quem eles foram enviados. Balaque, por exemplo, enviou príncipes a Balaão.

IV Os anciãos judeus foram vigorosos intercessores pelo centurião: eles procuraram o Senhor Jesus imediatamente (v. 4), suplicaram com muita insistência, pedindo pelo centurião o que ele não pediria para si próprio, alegando que ele era digno que isso lhe fosse concedido. Eles entendiam que se algum gentio estava qualificado para receber tal favor, certamente era ele. O centurião disse: Não sou digno de uma visita do Senhor Jesus (Mt 8.8), mas os anciãos dos judeus o consideravam merecedor da cura; neste caso, vemos que a honra conservará e defenderá o humilde de espírito. Louve-te o estranho, e não a tua boca. Mas aquilo em que eles insistiram em particular foi que, embora fosse um gentio, ainda assim ele era um sincero simpatizante da nação e da religião judaica, v. 5. Eles pensaram que este argumento seria necessário com Cristo, e que a remoção dos preconceitos era necessária para o Senhor tanto quanto era para eles. Eles teriam um forte preconceito contra aquele homem por ser um gentio, um romano, e um oficial do exército; portanto, mencionaram alguns detalhes: 1. Que aquele centurião gostava do povo judeu: Ele ama a nossa nação (o que poucos gentios faziam). Ele provavelmente tinha lido o Antigo Testamento, o que teria lhe trazido, facilmente, um grande apreço pela nação judaica, como uma nação favorecida pelos Céus, mais do que todos os outros povos. Note que até mesmo os conquistadores e aqueles que estão no poder devem ter afeição pelos conquistados, e por aqueles sobre quem eles têm algum poder. 2. Que ele gostava da religião deles: Ele havia construído para eles uma nova sinagoga em Cafarnaum. É possível que a sinagoga deles tivesse se deteriorado, ou não fosse suficientemente grande para acomodar as pessoas, e que os habitantes não tivessem habilidade para construir uma outra. Com isto, aquele oficial testemunhava a sua veneração pelo Deus de Israel. A sua convicção de que ele era o único Deus vivo e verdadeiro, e o seu desejo, como o de Dario, pelas orações ao Deus de Israel, Esdras 6.10. Este centurião construiu uma sinagoga às suas próprias custas e provavelmente utilizou seus soldados – que estavam na fortaleza – para construí-la, para evitar que ficassem ociosos. Note que construir locais dedicados à adoração ao Senhor é uma obra muito boa, como também um exemplo de amor a Deus e ao seu povo. E aqueles que fazem boas obras desse tipo são dignos

de duplicada honra.

V O Senhor Jesus Cristo estava pronto para demonstrar a sua grande bondade para com o centurião. Ele os acompanhou prontamente (v. 6), embora se tratasse de um gentio; pois é Ele o Salvador somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, dos gentios também, Romanos 3.29. O centurião não se considerava digno de ir ter com Cristo (v. 7), mas ainda assim Cristo o considerava digno de ser visitado; pois aqueles que se humilharem serão exaltados.

VI Quando foi informado de que Cristo estava lhe dando a honra de ir à sua casa, o centurião deu mais provas tanto de sua humildade quanto de sua fé. Dessa forma, as graças dos santos são estimuladas pela proximidade de Cristo em relação a si mesmos. Agora, quando Ele não estava longe da casa, e o centurião soube disso, em vez de preparar a sua casa para recepcioná-lo, ele envia amigos ao seu encontro, com novas expressões: 1. De sua humildade: Senhor, não te incomodes, pois eu não sou digno de tal honra, porque sou um gentio. Isto evidencia não somente o baixo conceito que tinha de si mesmo, apesar da grandeza de sua personalidade, mas a sua elevada consideração por Cristo, apesar do seu aspecto simples neste mundo. Ele sabia como honrar um profeta de Deus, mesmo que fosse desprezado e rejeitado pelos homens. 2. De sua fé: Senhor, não te incomodes, pois sei que não há razão; o Senhor pode curar o meu servo sem que entre sob o meu telhado, através do poder onipotente do qual nenhum pensamento pode se ocultar. Dize uma palavra e o meu servo sarará. Como este centurião estava longe da ilusão de Naamã, de que o Senhor viria até ele, ficaria de pé e passaria a sua mão sobre o paciente, e assim o restauraria, 2 Reis 5.11. Ele ilustra a sua crença através de uma comparação extraída de sua própria profissão de fé, e está confiante de que Cristo pode facilmente ordenar à doença que se retire, assim como ele mesmo, na qualidade de oficial romano, pode comandar qualquer um de seus soldados. Aquele homem cria que o Senhor poderia delegar a um anjo a cura deste seu servo, com a mesma facilidade com que ele poderia enviar um soldado em uma missão, v. 8. Cristo tem um poder soberano sobre todas as criaturas e todas as suas ações, e pode mudar o curso da natureza conforme lhe aprouver. O Senhor pode consertar os desarranjos do mundo e dos homens,

e reparar a decadência que ocorre nos corpos humanos; pois todo o poder lhe é dado.

VII O nosso Senhor Jesus estava maravilhosamente satisfeito com a fé do centurião, e o elogiou ainda mais por ser um gentio. E tendo a fé do centurião, dessa maneira, honrado a Cristo, veja como Ele a homenageou (v. 9). Ele se voltou, como alguém maravilhado, e disse para a multidão que o seguia: Nem ainda em Israel tenho achado tanta fé. Note que Cristo fará com que aqueles que o seguem observem e prestem atenção aos grandiosos exemplos de fé que são, às vezes, colocados diante deles – especialmente quando tais exemplos são encontrados entre aqueles que não seguem a Cristo tão de perto como outros alegam seguir – para que possamos nos envergonhar pela força de sua fé, quando comparada com a fraqueza e a oscilação da nossa.

VIII A cura foi realizada de forma perfeita e imediata (v. 10). Aqueles que foram enviados sabiam que tinham cumprido a sua missão, e por isso retornaram. Eles então encontraram o servo são, e sem qualquer resquício de sua doença. Cristo tomará conhecimento dos casos aflitivos de pobres servos, e estará disposto a aliviá-los; pois não há, para Ele, acepção de pessoas. Os gentios não estão excluídos do benefício da sua graça. Talvez este tenha sido um exemplo daquela fé que seria encontrada entre os gentios quando o Evangelho fosse anunciado; uma fé maior do que aquela que havia entre os judeus.

A Viúva de Naim

vv. 11-18

Temos, aqui, a história de Cristo ressuscitando o filho de uma viúva em Naim – que estava morto e sendo carregado para ser sepultado – da qual Mateus e Marcos não haviam feito qualquer menção. Mateus, de forma apenas superficial, havia mencionado na resposta de Cristo aos discípulos de João, que os mortos estavam sendo ressuscitados, Mateus 11.5. Observe:

Onde e quando este milagre foi realizado. Foi no dia seguinte àquele em I que o Senhor havia curado o servo do centurião, v. 11. Cristo praticava o bem diariamente, e nunca teve motivos para se queixar de que desperdiçara um dia. Este milagre foi realizado perto da porta de uma pequena cidade ou vila, chamada Naim, que não estava distante de Cafarnaum, provavelmente a mesma cidade que também era chamada de Nais, e que foi mencionada por Jerônimo.

II Quem o testemunhou. Este milagre foi amplamente evidenciado e testificado, pois foi feito à vista de duas multidões que se encontraram no portão da cidade, ou próximo a ele. Havia uma multidão de discípulos e outras pessoas acompanhando o Senhor Jesus Cristo (v. 11), e uma multidão de amigos e vizinhos acompanhando o funeral do jovem, v. 12. Dessa forma, havia um número de pessoas suficiente para atestar a veracidade deste milagre, que fornecia uma grande prova da divina autoridade de Cristo, que era maior do que a cura de enfermidades; pois não há nenhum meio natural, nem algum poder natural pelos quais os mortos possam ressuscitar.

III Como este milagre foi realizado pelo nosso Senhor Jesus.

1. A pessoa ressuscitada foi um jovem, ceifado pela morte no início de seus dias – um caso comum; o homem surge como uma flor e é podado. Foi certificado e testificado por todos que ele estava, de fato, morto. Os opositores não poderiam dizer que haveria algum tipo de fraude no caso; pois Cristo estava entrando na cidade, e não o tinha visto até o momento em que o encontra sobre o esquife. Ele foi levado para fora da cidade; pois os cemitérios dos judeus ficavam fora das suas cidades, e a alguma distância destas. Este jovem era o filho único de sua mãe, e ela era uma viúva. Ela dependia dele para cuidar dela na velhice. Mas agora ele era alguém em quem ela não poderia mais se apoiar; isto pode acontecer a qualquer homem na flor da idade. Quão numerosas, quão variadas, e quão calamitosas são as tribulações dos aflitos neste mundo! Que vale de lágrimas é este mundo! É uma Boquim, um lugar de pranteadores! Podemos muito bem imaginar quão profunda era a tristeza dessa pobre mãe por seu único filho (esta tristeza é descrita como a expressão da maior das tristezas – Zacarias 12.10), e era ainda mais profunda por ser ela uma viúva. Aquela pobre

mulher foi se separando gradativamente daqueles que lhe eram próximos e queridos, e agora o seu bem-estar chegava ao fim. Muitas pessoas da cidade estavam com ela, apresentando as suas condolências pela sua perda, e confortando-a.

2. Cristo mostrou a sua piedade e o seu poder ao ressuscitá-lo, para que pudesse dar uma amostra de ambos, que brilham tão gloriosamente na redenção do homem.

(1) Veja quão afetuosa é a sua compaixão para com os aflitos (v. 13). Quando o Senhor viu a pobre viúva acompanhando o seu filho à sepultura, ele se compadeceu dela. Aqui, nenhum apelo foi feito ao Senhor em favor dela, nem sequer que ele lhe dirigisse algumas palavras de conforto, mas, *ex mero motu* – ele estava preocupado com ela puramente por sua natureza bondosa. A situação era comovente, e ele a considerou piedosamente. O seu olhar comovido tocou o seu coração; e então o meigo Salvador disse àquela pobre mulher: Não chores. Note que Cristo se preocupa com aqueles que estão de luto, com os infelizes, e muitas vezes cuida deles concedendo-lhes as bênçãos da sua bondade. Ele se incumbiu da tarefa da nossa redenção e salvação, pelo seu amor e pela sua compaixão, Isaías 63.9. Que idéia encantadora isto nos dá da compaixão do Senhor Jesus, e da multiplicidade de suas afetuosas misericórdias, que podem ser muito confortantes para nós, a qualquer hora em que estivermos aflitos! Que as pobres viúvas encontrem conforto para as suas tristezas nisto: Cristo tem piedade delas e conhece as suas almas em meio às adversidades. E, se outros menosprezam as aflições delas, podemos ter a certeza de que Ele não age assim. Cristo disse: Não chores. E Ele – e ninguém mais – podia dar àquela pobre mulher uma razão para isso: Não chores por um filho morto, pois ele em breve voltará a viver. Este era um argumento peculiar ao caso dela; ainda assim existe um motivo comum a todos aqueles que dormem em Jesus, que possui a mesma força contra a tristeza desenfreada e excessiva causada pela morte – que eles ressuscitarão, e esta é uma ressurreição em glória. Por isso, não devemos sofrer como aqueles que não têm esperança, 1 Tessalonicenses 4.13. Que Raquel, que chora por seus filhos, reprima as lágrimas de seus olhos, pois haverá uma esperança no final – diz o Senhor – de que os seus filhos voltarão para a sua terra, Jeremias 31.17. Que os nossos sentimentos nessa hora de tristeza sejam restringidos e direcionados ao Senhor, pela consideração que temos pela compaixão de Cristo.

(2) Veja como as suas ordens triunfam até mesmo sobre a própria morte (v. 14): Ele chegou e tocou o esquife no qual ou sobre o qual o cadáver se estende; pois para Ele isso não seria uma contaminação. Com isto o Senhor Jesus insinuava aos carregadores que não deveriam prosseguir; Ele tinha algo a dizer ao jovem morto. Libertá-lo de descer à cova; Já achei resgate, Jó 33.24. Em seguida, aqueles que o transportavam ficaram parados, e provavelmente desceram o esquife de seus ombros até o chão, e abriram o caixão, se estava fechado; e então com solenidade, como alguém que tinha autoridade e a quem pertenciam os assuntos da morte, Jesus disse: Mancebo, a ti te digo: Levanta-te. O jovem estava morto, e não poderia se levantar através de suas próprias forças (como aqueles que estão espiritualmente mortos em transgressões e pecados). Mesmo assim, não era nenhum absurdo para Cristo ordenar que ele se levantasse, enquanto o poder acompanhava aquela palavra que colocava vida nele. O chamado do Evangelho para todos, para os jovens em particular, é: Levanta-te, levanta-te dos mortos e Cristo te dará luz e vida. O domínio de Cristo sobre a morte foi evidenciado pelo efeito imediato da sua palavra (v. 15). Aquele que estava morto sentou-se. Temos a graça de Cristo? Vamos mostrá-la. Outra evidência de vida foi que ele começou a falar; pois sempre que Cristo nos dá vida espiritual, Ele abre os lábios em oração e louvor. E, finalmente, o Senhor não obrigaria este jovem, a quem dera uma nova vida, a acompanhá-lo como seu discípulo, para servi-lo (embora ele lhe devesse sua própria existência), muito menos como um troféu ou espetáculo em sua honra, mas o entregou à sua mãe, para que cuidasse dela, como convém a um jovem dedicado. Pois os milagres de Cristo são milagres de piedade, e este fora um notável ato de misericórdia para esta viúva; agora ela estava confortada, de acordo com o tempo que havia estado aflita e muito mais, pois ela podia agora considerar este filho como um favorito especial do Céu, com maior prazer do que se ele não tivesse morrido.

IV A influência que este milagre teve sobre o povo (v. 16). E o temor se apoderou de todos; assustou a todos ver um morto se levantar subitamente de seu caixão em plena rua, pela ordem de um homem. Estavam todos impressionados e maravilhados com este milagre e glorificaram a Deus. O Senhor e a sua bondade, bem como o Senhor e sua grandeza devem ser temidos. A conclusão que eles tiraram disso foi: Um

grande profeta se levantou entre nós, o grande profeta que há muito esperamos; sem dúvida, Ele é alguém inspirado por Deus, que pode soprar a vida dentro dos mortos, e através dele e na Pessoa dele Deus visitou o seu povo, para remi-lo, como era esperado, cap. 1.68. Isto seria, sem dúvida, a vida dentre os mortos para todos aqueles que esperavam a consolação de Israel. Quando os mortos são ressuscitados desse modo para a vida espiritual, por um poder divino que está de acordo com o Evangelho, devemos glorificar a Deus, e considerar isso como uma bondosa visita do precioso Senhor ao seu povo. O relato deste milagre foi transmitido: 1. De uma forma geral, por toda a região (v. 17): E correu dele esta fama – de que era um profeta notável – por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha, e por toda a Galiléia, que era a região próxima. Muitos souberam disso, mas ainda assim nem todos creram nele e se entregaram a Ele. Muitos que ouvem o Evangelho de Cristo, não deixam que o seu prazer e o seu sabor fluam em suas almas. 2. Em particular, sendo cuidadosamente levado a João Batista, que agora estava na prisão (v. 18). Os seus discípulos vieram e lhe anunciaram todas essas coisas, para que ele agora soubesse que, embora estivesse preso, a Palavra do Senhor não estava limitada. A obra de Deus prosseguia, embora João estivesse concluindo o seu ministério, que fora tão importante.

A Mensagem de João para Jesus e o Ministério de João e o de Cristo

vv. 19-35

Toda essa dissertação a respeito de João Batista foi ocasionada por ter mandado perguntar se o Senhor Jesus era ou não o Messias. Esta passagem foi relatada aqui e em Mateus 11.2-19.

I Temos aqui a mensagem que João Batista enviou a Cristo, e a resposta que lhe foi dada. Observe:

1. A pergunta mais importante que fizeram a Cristo é se Ele era aquele que viria para redimir e salvar os pecadores, ou se a humanidade deveria esperar outro, vv. 19,20. Eles certamente pensaram: Temos a certeza de que Deus prometeu que um Salvador virá, um Salvador ungido; temos a certeza

de que Ele cumprirá o que prometeu, quando o tempo chegar. Se este Jesus for o Messias prometido, nós o aceitaremos, e não esperaremos outro; caso contrário, permaneceremos em nossa esperança. E mesmo que Ele demore, nós o aguardaremos.

2. A fé do próprio João Batista, ou pelo menos de seus discípulos, precisava ser confirmada neste assunto; pois o Senhor Jesus ainda não havia declarado publicamente que era efetivamente o Cristo. E, além disso, Ele não permitiria que os seus discípulos, que sabiam que Ele o era, falassem disso até que as provas de que Ele o era estivessem completas em sua ressurreição. Os grandes da igreja judaica não o haviam reconhecido, e Ele não havia conquistado qualquer poder que pudesse colocá-lo sobre o trono de seu pai, David. Nenhuma parte do poder e do esplendor material e humano que eles esperavam que o Messias aparentasse era visto nele; portanto, não é de se estranhar que eles tenham perguntado: És tu o Messias? Entendemos que o Senhor tinha tamanha credibilidade junto ao povo que eles tinham a certeza de que se Ele não o fosse, os instruiria sobre quem deveriam esperar.

3. Cristo deixou que as suas próprias obras o glorificassem junto à porta, dissessem quem e o que Ele era, provando os fatos. Enquanto os mensageiros de João estavam presentes, Ele realizou muitas curas milagrosas, o que talvez revele que eles permaneceram apenas uma hora com Ele. E que grande quantidade de obras Cristo realizou em tão pouco tempo! v. 21. Ele curou muitas pessoas de suas enfermidades e flagelos físicos, e também as libertou de espíritos malignos que afetavam a mente ou com a loucura ou com a melancolia. E a muitos que eram cegos, Ele deu a visão. O Senhor Jesus multiplicou as curas para que não houvesse espaço para se suspeitar de uma fraude; e depois (v. 22) Ele lhes ordenou que fossem contar a João o que tinham visto. E assim puderam facilmente argumentar, como até mesmo o povo fazia (João 7.31): Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito? Essas curas, que eles o viram realizar, não eram apenas confirmações de sua autoridade, mas explicações dela. O Messias deve vir para curar um mundo enfermo, para dar luz e visão àqueles que estão em trevas, e para reprimir e derrotar os espíritos malignos. Vedes que Jesus faz isso aos corpos das pessoas; portanto deveis concluir que Ele é aquele que o faz com as almas das pessoas, e não precisais esperar outro. Aos seus milagres realizados no reino

natural, Ele acrescenta este que é realizado no reino da graça (v. 22): Aos pobres anuncia-se o Evangelho. Sabiam eles que isto seria feito pelo Messias; pois Ele fora ungido para pregar boas novas aos mansos (Is 61.1), e para salvar as almas dos pobres e necessitados, Salmos 72.13. Julgai, portanto, se sois capazes de esperar por qualquer outro que corresponda de uma forma mais completa às características do Messias, e aos grandiosos objetivos de sua vinda.

4. Ele lhes dá um indício do perigo em que as pessoas estavam ao se predisporem contra Ele, apesar das evidentes provas de que Ele é o Messias (v. 23): Bem-aventurado aquele que em mim não se irritar, ou se não escandalizar. Estamos aqui em uma condição de julgamento e provação. E é adequado a tal condição que, assim como há argumentos suficientes para confirmar a verdade para aqueles que são honestos e imparciais em sua procura por ela, e tenham suas mentes preparadas para aceitá-la, assim também devam existir dificuldades para ocultar a verdade daqueles que são negligentes, materialistas e carnais. A educação de Cristo em Nazaré, o fato de residir na Galiléia, a pobreza de sua família e de seus parentes, sua pobreza, e a indignidade de seus seguidores – estes e outros fatos similares eram empecilhos para muitos. Nem mesmo a grande quantidade de milagres que Ele realizava poderia ajudá-los. Aquele que não é dominado por estes preconceitos pode se considerar abençoado, pois é sábio, humilde e bem-intencionado. Este é um sinal de que Deus o abençoou, pois é pela sua graça que ele supera esses obstáculos; e aqueles que assim procederem serão verdadeiramente abençoados, abençoados em Cristo.

II Temos aqui o grande elogio que Cristo fez a João Batista; não enquanto os seus mensageiros estavam presentes (para que não parecesse que ele o bajulava), mas depois que eles se retiraram (v. 24), para sensibilizar as pessoas a respeito dos benefícios que elas usufruíam através do ministério de João, dos quais foram privados devido ao seu aprisionamento. Agora deveriam considerar o que saíram a ver no deserto, aquele sobre quem tanto se falara, e a respeito de quem havia uma admiração tão grande e generalizada. Venham, diz Cristo, Eu vos direi.

1. Ele era um homem de perseverança inabalável, um homem firme e constante. João não era uma cana abalada pelo vento, primeiro em uma direção, depois em outra, mudando conforme o vento; ele era firme como

uma rocha, não volúvel como uma cana. Se ele pudesse ter se dobrado como uma cana para Herodes, e tivesse agido de acordo com o tribunal, ele poderia ser um favorito ali; mas nenhuma dessas coisas o movia.

2. Ele era um homem de espírito de sacrifício sem igual, um notável exemplo de mortificação e desprezo pelo mundo. Ele não era um homem trajado em vestimentas delicadas, nem vivia em delícias (v. 25); mas, pelo contrário, João vivia no deserto e se vestia e alimentava de forma compatível. Em vez de enfeitar e mimar o corpo, ele o mantinha sob controle e o subjugava.

3. Ele era um profeta, recebera a sua incumbência e as suas instruções diretamente de Deus, e não do homem ou pelo homem. Ele era um sacerdote de nascença, mas isso nunca é considerado; pois a sua glória como profeta eclipsava a de seu sacerdócio. Além disso, ele era mais, muito mais do que um profeta (v. 26), do que qualquer dos profetas do Antigo Testamento; pois eles falaram a respeito de Cristo de longe, mas ele falava do Senhor como se estivesse à sua porta.

4. Ele era o anunciador e o precursor do Messias, e ele mesmo fora profetizado no Antigo Testamento (v. 27). Este é aquele sobre quem está escrito (Ml 3. 1): Eis que eu envio o meu anjo diante da tua face. Antes que Deus Pai enviasse o próprio Mestre, Ele enviou um mensageiro para avisar sobre a sua vinda, e preparar o povo para recebê-lo. Se o Messias viesse como um príncipe temporal, tendo a aparência que os judeus carnais esperavam, o seu mensageiro deveria aparecer com a pompa de um general ou com o esplendor de um mestre de armas. Mas a ausência disto era uma indicação prévia suficientemente clara da natureza espiritual do reino de Cristo. O mensageiro que Ele enviou antes de si para preparar o seu caminho, pregou o arrependimento e uma mudança dos corações e da vida dos homens. Certamente esse reino que estava sendo profetizado, não era deste mundo.

5. João era, de acordo com este relato, tão notável que realmente não havia um profeta maior do que ele. Os profetas eram os maiores entre os nascidos de mulheres, mais nobres que reis e príncipes, e João era o maior de todos os profetas. A nação não era consciente do homem de valor inestimável que havia nela, quando João Batista começou a pregar e batizar. E, ainda assim, o menor no reino de Deus é maior do que ele. Alguns entendem que menor dos ministros do Evangelho, que recebeu a graça do

Senhor para ser habilidoso e leal em seu trabalho, ou o menor entre os apóstolos e os primeiros pregadores do Evangelho, sendo empregados sob uma dispensação mais perfeita, estão em um ministério mais nobre do que o de João Batista. O menor entre aqueles que seguem ao Cordeiro, de longe excede o maior entre aqueles que foram antes dele. Aqueles que vivem sob a dispensação do Evangelho têm, portanto, muito mais pelo que responder.

III Temos aqui a justa censura aos homens daquela geração, que não foram transformados nem pelo ministério de João Batista nem pelo do próprio Senhor Jesus Cristo.

1. Cristo mostra aqui com que desprezo João Batista era tratado, enquanto estava pregando e batizando. (1) Aqueles que de fato demonstravam algum respeito por João nada mais eram do que pessoas que faziam parte do povo simplório, e que, aos olhos da parte lasciva da humanidade, eram mais precisamente uma vergonha para ele do que um crédito, v. 29. Aqueles que eram literalmente o povo – a multidão vulgar, de quem é dito: Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita (Jo 7.49), e os publicanos, homens de má fama, sendo geralmente homens de moralidade nociva, ou assim considerados – esses eram batizados com o batismo de João, e se tornavam seus discípulos. E estes, embora sendo gloriosos monumentos da graça divina, não exaltavam João aos olhos do mundo; mas pelo seu arrependimento e correção, justificavam a Deus, justificavam a sua conduta e a sua sabedoria por designar alguém como João Batista para ser o arauto do Messias. E, deste modo, eles fazem parecer que este era o melhor método que poderia ser utilizado, pois não fora em vão para eles, nem para os outros. (2) Os grandes homens da sinagoga e da sua nação, os cultos e os políticos, que poderiam lhe dar algum crédito aos olhos do mundo, fizeram-lhe todo tipo de afronta que puderam; eles com certeza ouviram João, mas não foram batizados por ele, v. 30. Os fariseus, que tinham a maior reputação pela religiosidade e devoção, e os doutores da lei que eram celebrados por seu estudo e especialmente por seu conhecimento das Escrituras, rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos. Eles o anularam, eles receberam a graça de Deus em vão no que diz respeito ao batismo de João. O Senhor Deus, ao enviar aquele mensageiro entre eles, tinha o bondoso propósito de lhes fazer o bem, e planejara a sua salvação através disso. E se eles tivessem concordado com o conselho de Deus, esta

salvação tão preciosa estaria disponível para eles, e a teriam para sempre; mas eles o rejeitaram, não o acataram, e esta foi uma atitude contrária a eles mesmos, para a sua própria destruição. Eles ficaram sem o benefício que o Senhor havia planejado para eles; e não apenas isso, mas perderam a graça de Deus, colocaram uma tranca em sua própria porta, e, ao rejeitarem aquele discípulo que deveria prepará-los para o reino do Messias, excluíram a si mesmos dele, e não apenas excluíram a si mesmos, mas impediram a outros, servindo-lhes como um empecilho no caminho.

2. Ele mostra aqui a notável perversão dos homens daquela geração em suas objeções insidiosas, tanto contra João como contra Cristo, e os preconceitos que tinham contra eles.

(1) Eles fizeram, dos métodos que Deus utilizou para fazer-lhes o bem, um objeto de escárnio (v. 31): A quem, pois, compararei os homens desta geração? O que posso considerar como suficientemente absurdo para representá-los? Eles são, pois, como crianças sentadas em uma praça, que não se ocupam de nada sério, mas brincam tanto quanto podem. Agem como se Deus estivesse apenas brincando com eles, em todos os métodos que emprega para lhes fazer o bem. Como crianças que estão juntas na praça (v. 32), eles se desviam como se tudo não passasse de uma brincadeira, e não se comovem com tudo o que o Senhor lhes procura fazer, como se fosse apenas um cerimonial. Esta é a causa da destruição de muitos; eles jamais conseguem se convencer a tratar com seriedade os interesses de suas almas. Os anciãos, sentados no sinédrio, nada mais eram do que crianças sentadas na praça, tão desinteressados em relação às coisas que diziam respeito à sua paz eterna, como se não passassem de brincadeiras de crianças. Ó, a espantosa estupidez e vaidade do mundo cego e ímpio! O Senhor os desperta de sua segurança.

(2) Eles ainda encontravam uma coisa ou outra para criticar. [1] João Batista era um homem austero e reservado, que vivia de uma forma muito solitária, e que deveria ser admirado por ser tão humilde, sóbrio e altruísta. Ele deveria ser ouvido com atenção, pois era um homem pensativo e contemplativo; mas isto, que era a sua honra, foi transformado em motivo de reprovação. Pelo fato de não ter vindo comendo nem bebendo tanto quanto os outros, nem de forma tão abundante e alegre quanto os outros, alguns diziam: Tem demônio; ele é um homem melancólico, está possuído como os endemoninhados que moram entre as sepulturas, embora não seja

tão feroz. [2] O nosso Senhor Jesus era mais aberto à conversação; Ele veio comendo e bebendo, v. 34. Ele andava e comia com fariseus, embora soubesse que eles não tinham nenhuma consideração por Ele. O Senhor agia da mesma forma com os publicanos, embora soubesse que eles não favorecessem a sua reputação; ainda assim, na esperança de fazer o bem tanto a uns quanto a outros, o Senhor Jesus conversava livremente com eles. Assim, fica claro que os ministros de Cristo podem apresentar temperamentos e atitudes diferentes, modos muito diferentes de pregar e viver, e ainda assim serem bons e valorosos. Há diversidade de dons, mas cada um deles é concedido para também ser eficaz, e cooperar com o todo. Dessa forma, nenhum servo ou serva do Senhor deve se tornar um padrão absoluto para todos os demais (pois este padrão é o próprio Senhor Jesus Cristo), nem julgar duramente aqueles que não agirem exatamente como eles. João Batista deu o seu testemunho a respeito de Cristo, e Cristo elogiou João Batista, embora fossem opostos um ao outro em muitas características de seu modo de vida. Mas os inimigos comuns de ambos censuravam os dois. Os mesmos homens que haviam declarado João como alguém que tinha uma mentalidade insana por ter vindo sem comer nem beber, declararam o nosso Senhor Jesus como alguém que tinha hábitos deturpados, porque veio comendo e bebendo. Eles disseram que Ele era um comilão e bebedor de vinho. Aqueles que são mal intencionados jamais elogiam. Observe a malícia das pessoas perversas, e como elas dão a pior interpretação a tudo que encontram no Evangelho, em seus pregadores, e naqueles que professam a fé. Elas pensam que, com isto, conseguem depreciá-los; mas, na verdade, estão destruindo a si mesmas.

3. Ele mostra que, apesar disto, Deus será glorificado na salvação de uns poucos escolhidos (v. 35): A sabedoria é justificada por todos os seus filhos. Existem aqueles que são propensos à sabedoria como seus filhos, e serão levados pela graça de Deus a se submeter às regras e ao comando da sabedoria. E, assim, a sabedoria é justificada pelos meios que utiliza para induzi-los a essa submissão; pois, para eles, estes são eficazes, e nisso parecem bem escolhidos. Os filhos da sabedoria são unânimes neste ponto. Todos eles confiam nos métodos da graça que são escolhidos pela sabedoria divina, e jamais têm uma opinião ruim a respeito desses métodos ao serem ridicularizados por causa de algum deles.

Cristo na Casa do Fariseu

vv. 36-50

Não foi registrado quando e onde esta passagem da história ocorreu; este evangelista não observa a ordem temporal na sua narrativa tanto quanto os outros; mas ela surge aqui, na ocasião em que Cristo é criticado por ser amigo de publicanos e pecadores, para mostrar que Ele conversava com eles apenas para o bem deles, para convencê-los a se arrependerem. E aqueles que Ele permitia que o ouvissem eram transformados, ou estavam em um caminho promissor para sê-lo. Em Lucas não foi dito quem era essa mulher que testemunhou aqui uma afeição tão grande por Cristo; diz-se comumente que era Maria Madalena, mas há alguns que não concordam com esta opinião. Mas ela é descrita (cap. 8.2 e Mc 16.9) como sendo aquela de quem Cristo havia expulsado sete demônios. Esta particularidade não é mencionada aqui. Portanto, esta é uma questão para discussão. Agora, observe aqui:

I A polida hospitalidade dada a Cristo por um fariseu, e a sua aceitação cortês dessa hospitalidade (v. 36). Um dos fariseus desejava que comesse consigo, porque pensava que seria uma honra para ele ter tal convidado à sua mesa, ou porque a companhia do Senhor seria um entretenimento para ele, para a sua família, e para os seus amigos. Parece que este fariseu não cria em Cristo, pois ele não o reconhecia como um profeta (v. 39). Mas ainda assim o Senhor Jesus aceitou o seu convite, entrou em sua casa, e se sentou para comer, para que eles pudessem ver que Ele tomava com os fariseus a mesma liberdade que tomara com os publicanos, na esperança de lhes fazer o bem. E aqueles que têm sabedoria e graça suficientes para instruí-los e discutir com eles, podem se arriscar mais do que outros no meio de um grupo preconceituoso contra Cristo e sua religião, como este.

II O notável respeito que uma pobre pecadora penitente demonstrou pelo Senhor Jesus, enquanto Ele estava à mesa na casa do fariseu. Era uma mulher da cidade, que era uma pecadora, uma gentia, uma prostituta. Suspeito que ela fosse conhecida como tal, sendo então mal afamada. Ela sabia que Jesus se sentara à mesa na casa do fariseu, e tendo sido convertida

do seu curso de vida pecaminoso pelas pregações dele, ela veio para reconhecer as suas obrigações para com o Senhor. Ela não tinha nenhuma outra oportunidade de fazer isso de qualquer outra maneira, a não ser lavando os pés dele, e ungindo-os com algum ungüento perfumado que trouxera consigo para esse propósito. A maneira de se sentarem à mesa era tal que os seus pés ficavam parcialmente atrás deles. Neste momento, esta mulher não olhou para o rosto de Cristo, mas veio por trás dele e fez o papel de uma criada, cuja função era preparar os ungüentos e lavar os pés dos convidados (1 Sm 25.41).

Agora, no que esta boa mulher fez, podemos observar:

1. A sua profunda humilhação pelo pecado. Ela ficou atrás dele, chorando; os seus olhos haviam sido as entradas e as passagens para o pecado, e agora ela os transforma em fontes de lágrimas. A sua face que costumava, talvez, estar coberta de maquilagem, está agora repleta de lágrimas. Seu cabelo agora usado como toalha, antes era trançado e enfeitado. Temos motivos para pensar que ela tivera sofrido muito por pecar; mas agora que ela tivera uma oportunidade de vir à presença de Cristo, ela se lembrara do quanto a ferida sangrara. Ela se recordava de seu sofrimento; as lembranças foram reavivadas. Note que convém aos penitentes, sempre que se aproximarem de Cristo, reviverem de um modo santo a dor e vergonha que sentiram pelo pecado ao se reconciliarem, Ezequiel 16.63.

2. O seu intenso amor pelo Senhor Jesus. Foi nisto que o Senhor Jesus prestou especial atenção: Ela muito amou, vv. 42,47. Ela lavou os pés do Senhor em sinal de sua pronta aceitação do cargo mais humilde, pelo qual poderia prestar-lhe honra. Além disso, ela os lavou com suas lágrimas, lágrimas de alegria; ela estava feliz por se encontrar tão próxima de seu Salvador, a quem a sua alma amava. Ela beijou os pés dele, como se fosse indigna de beijar a face do Senhor, ou que Ele beijasse a sua face. Esta situação era diferente de Cantares 1.2. Era um beijo de adoração, e também de afeição. Ela então enxugou os pés do Senhor com seus cabelos, como alguém que está inteiramente dedicado a honrá-lo. Os seus olhos tinham vertido lágrimas para lavá-los, e o seu cabelo foi uma toalha para secá-los. E ela ungiu os pés do Senhor com ungüento, reconhecendo-o, desta maneira, como sendo o Messias, o Ungido. Ela ungiu os seus pés como um sinal de seu consentimento com o desígnio de Deus de ungir a sua cabeça com o óleo de alegria. Note que todos os verdadeiros penitentes têm um

grande amor pelo Senhor Jesus.

III Como os fariseus levaram Cristo a mal, por aceitar o respeito que esta pobre penitente lhe prestava (v. 39). O anfitrião dizia consigo (uma idéia mesquinha, pois Cristo sabia o que ele pensava): Se este homem fosse profeta, bem saberia que esta mulher é uma pecadora, é uma gentia, é uma mulher de má fama. Por essa razão, se Ele tivesse tanta santidade não toleraria que ela chegasse tão perto de si; pois pode alguém com tal caráter se aproximar de um profeta, e seu coração não se revoltar contra isso? Veja como é próprio das almas mesquinhas e arrogantes pensar que as outras deveriam ser tão soberbas e críticas como elas próprias. Se ela tivesse tocado Simão, ele teria dito: Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu (Is 65.5); e ele pensava que Cristo deveria dizer o mesmo.

IV A justificativa que o Senhor Jesus Cristo expressou em relação àquilo que a mulher fizera por Ele, e a razão pela qual a aceitou. Cristo sabia o que o fariseu dizia consigo mesmo, e deu-lhe uma resposta: Simão, uma coisa tenho a dizer-te, v. 40. Embora fosse gentilmente acolhido à sua mesa, o Senhor o condenou pelo que vira de injusto nele, e não toleraria o pecado dele. Cristo tem algo a dizer àqueles contra quem Ele tem alguma coisa; o seu Espírito os repreenderá. Simão está ansioso por ouvi-lo, e diz: Dize-a, Mestre. Embora não conseguisse crer que Jesus fosse um profeta (por não ser tão perfeito e preciso como Simão se considerava), ainda assim consegue saudá-lo com o título de Mestre, juntamente com aqueles que gritam Senhor, Senhor, mas não fazem aquilo que Ele diz. Cristo, em sua resposta ao fariseu, justifica o fato da seguinte forma: – É verdade que esta mulher foi uma pecadora: Ele o sabe; mas ela é uma pecadora perdoada, o que pressupõe que ela seja uma pecadora arrependida. O que ela lhe fizera era a expressão de seu notável amor por seu Salvador, por quem seus pecados foram perdoados. Se ela, que fora uma pecadora tão notável, foi perdoada, era razoável esperar-se que ela amasse ao seu Salvador mais do que os outros, e fornecesse maiores provas disso do que os outros. E se este era o fruto do seu amor, resultante da consciência do perdão de seus pecados, convinha a Ele aceitá-lo, e não ficava bem para o fariseu escandalizar-se por esta razão. Neste momento, Cristo tem um objetivo

adicional. O fariseu estava em dúvida se Ele é ou não um profeta; e mais do que isto, ele de fato o negava. Mas Cristo demonstra que Ele é mais do que um profeta, pois Ele é aquele que tem, na terra, o poder de perdoar os pecados, e a quem são devidos o amor e a gratidão, o reconhecimento dos pecadores arrependidos que são perdoados. Agora, nesta sua resposta:

1. Através de uma parábola, o Senhor força Simão a reconhecer que quanto mais pecadora tivesse sido esta mulher, maior seria o amor que ela deveria lhe demonstrar ao serem perdoados os seus pecados, vv. 41-43. Um homem tinha dois devedores insolventes, e um deles lhe devia dez vezes mais do que o outro. Ele, com muita liberalidade, perdoou a ambos e não recorreu à lei contra eles, não mandou que eles e seus filhos fossem vendidos, nem os entregou aos atormentadores. Agora ambos estavam conscientes do notável benefício que haviam recebido; mas qual deles o amará mais? Certamente, diz o fariseu, aquele a quem ele mais perdoou; e nisto ele julgou corretamente. Agora, nós, ao sermos obrigados a perdoar, assim como somos e esperamos ser perdoados, podemos, a partir daqui, aprender as obrigações que existem entre o devedor e o credor.

(1) O devedor, se tiver algo a pagar, deve prestar uma satisfação ao seu credor. Ninguém pode considerar qualquer coisa como sua ou desfrutar confortavelmente dela, a não ser quando as suas dívidas estão pagas.

(2) Se Deus, em sua providência, tiver incapacitado o devedor de pagar a sua dívida, o credor não deve ser rigoroso com ele, nem levá-lo ao extremo rigor da lei, mas deve perdoá-lo voluntariamente. *Summum jus est summa injuria – A lei levada ao extremo rigor torna-se injusta.* Que o credor impiedoso leia esta parábola, (Mateus 18.23, e versículos seguintes) e trema; pois aqueles que não demonstrarem misericórdia, serão julgados sem misericórdia.

(3) O devedor que encontrou credores misericordiosos deve ser muito grato a eles; e, se ele não puder recompensá-los de outra maneira, deve amá-los. Alguns devedores insolventes, ao invés de serem gratos, são maldosos para com os credores que perdem por sua causa; estes são incapazes de lhes dirigir uma boa palavra, apresentando apenas queixas, ao passo que os que perdem é que têm o direito de falar. Mas esta parábola fala de Deus como o Criador (ou melhor, do próprio Senhor Jesus, pois é Ele que perdoa e que é amado pelos devedores) e os pecadores são os devedores. Dessa forma, podemos aprender aqui: [1] Que o pecado é uma

dívida, e os pecadores são devedores do Deus Todo-Poderoso. Como seres humanos, temos uma dívida, uma dívida de obediência aos preceitos da lei. E pelo não pagamento, como pecadores, nos tornamos sujeitos à punição. Não é como não pagarmos um aluguel; a situação vai mais além, é como se desperdiçássemos os benefícios de nosso Senhor, e assim nos tornássemos devedores. Deus tem uma ação contra nós pelo prejuízo que lhe causamos, e pela nossa omissão no cumprimento dos nossos deveres para com Ele. [2] Que alguns têm uma dívida maior para com Deus – por causa do pecado – do que outros: Um devia quinhentos dinheiros e o outro cinqüenta. O fariseu era o que menos devia, ainda assim também era um devedor, e devia mais do que pensava. Ele chegava a pensar que, de certa forma, Deus era seu devedor, cap. 18.10,11. Esta mulher, que fora uma pecadora escandalosa e notória, era a grande devedora. Alguns pecadores são mais devedores do que outros. Há alguns que se tornam os maiores devedores devido a várias circunstâncias agravantes, como, por exemplo, aqueles que pecaram de maneira mais aberta e escandalosa, que pecaram contra a maior luz e o maior entendimento. Estes são os que recebem mais advertências e um grande convencimento, além de mais misericórdias e meios para que abracem a salvação. [3] Que, seja a nossa dívida maior ou menor, ela será sempre maior do que somos capazes de pagar: eles não tinham com que pagar, nada com que pudessem fazer uma compensação. A dívida é grande demais; não temos com que pagar. Prata e ouro não pagarão a nossa dívida, e nem mesmo sacrifícios e ofertas o poderão fazer. Ainda que oferecêssemos milhares de carneiros, não poderíamos pagar. Nenhuma justiça própria a pagará, não, nem o nosso arrependimento e obediência no futuro; pois se trata daquilo a que já estamos obrigados, e é Deus quem opera o perdão dentro de cada um de nós. [4] Que o Deus do céu está pronto para perdoar, e perdoar sinceramente os pobres pecadores, sob as condições do Evangelho, embora a dívida deles seja imensa. Se nos arrependermos e crermos em Cristo, a nossa iniqüidade não será a nossa ruína, não será acrescentada à nossa conta. Deus proclamou o seu Nome generoso e misericordioso, e está pronto para perdoar os pecados; e, tendo seu Filho comprado o perdão para os crentes penitentes, o seu Evangelho lhes promete isso, e o seu Espírito o sela e lhes dá o seu consolo. [5] Que aqueles que têm os seus pecados perdoados são compelidos a amar aquele que os perdoou; e quanto mais lhes for perdoado, mais eles devem amá-lo.

Quanto mais pecadores todos tenham sido antes da conversão, maiores santos deverão ser depois desta. Eles devem se preocupar em fazer tudo o que puderem por amor a Deus, e os seus corações devem estar em plena obediência. Quando o Saulo perseguidor se tornou o Paulo pregador, ele trabalhou com mais afinco.

2. Ele aplica esta parábola às diferentes disposições e condutas do fariseu e da pecadora com relação a Cristo. Embora o fariseu não admitisse que Cristo fosse um profeta, Cristo parece estar disposto – ao menos para expressar a parábola – a admitir que ele estivesse em uma condição justificada, e que fosse alguém perdoado, embora menos lhe fosse perdoado. Ele realmente demonstrou algum amor por Cristo, ao convidá-lo para ir à sua casa, mas nada comparado ao que aquela pobre mulher demonstrou. “Observe”, Cristo lhe diz, em outras palavras: “Ela é alguém a quem muito foi perdoado; portanto, de acordo com o teu julgamento, seria de se esperar que ela amasse muito mais do que tu. E parece que é isto que está acontecendo. Vês tu esta mulher? (v. 44). Tu a contemplas com desprezo, mas considere como ela é uma amiga mais gentil comigo do que tu; Será que eu deveria, então, aceitar a tua gentileza e recusar a dela?” (1) “Tu sequer mandaste vir uma bacia de água na qual poderia lavar meus pés, quando entrei cansado e empoeirado pela minha caminhada, o que teria sido um alívio para mim. Mas esta mulher fez muito mais: ela lavou os meus pés com lágrimas, lágrimas de afeição por mim, lágrimas de aflição pelo pecado, e os enxugou com os cabelos de sua cabeça, em sinal de seu grande amor por mim”. (2) “Tu sequer beijaste a minha face” (que era uma expressão comum de carinhosas e cordiais boas-vindas a um amigo); “mas esta mulher não tem cessado de me beijar os pés (v. 45), expressando, dessa maneira, um amor humilde e afetuoso”. (3) “Tu não me providenciaste um pouco de óleo – como é habitual – para ungir a minha cabeça; mas ela aplicou um vaso de ungüento precioso sobre os meus pés (v. 46). Assim, ela lhe superou em muito”. O motivo pelo qual algumas pessoas culpam a religião pelas dores e gastos dos cristãos zelosos, é que elas próprias não desejam se aproximar da verdadeira fé, mas decidem se apoiar em alguma religião fácil e barata.

3. O Senhor Jesus silenciou a crítica do fariseu: “Te digo”, Simão, “que os seus muitos pecados lhe são perdoados”, v. 47. O Senhor reconhece que ela fora culpada de muitos pecados: Mas eles lhe são perdoados, e por isso não

é impróprio para mim, de forma alguma, aceitar a gentileza dela. Eles são perdoados, porque ela muito amou. Portanto, esta situação deve ser interpretada da seguinte forma: ela amou muito. E fica claro, pelo teor do discurso de Cristo, que amar muito era não a causa, mas o efeito de ter sido perdoada, e da sua reconfortante consciência deste fato. Pois nós amamos a Deus, porque Ele nos amou primeiro; Ele não nos perdoou porque nós o amamos primeiro. Mas aquele a quem pouco é perdoado, como a ti, Simão, este pouco ama, como fazes. Através disso, o Senhor insinuou ao fariseu que o amor dele por Cristo era tão pequeno que Ele tinha motivos para questionar se ele o amava com toda sinceridade, e, conseqüentemente, se realmente os seus pecados – embora comparativamente menores – lhe foram perdoados. Em vez de invejarmos os maiores pecadores pela misericórdia que encontram junto a Cristo através do arrependimento, devemos nos encorajar – através do seu exemplo – a nos questionar se estamos realmente perdoados, e se de fato amamos a Cristo.

4. O terno Senhor silenciou os temores daquela mulher que, provavelmente, ficara desanimada pela conduta do fariseu; porém, mesmo assim, ela não se entregaria ao desânimo, a ponto de se afastar. (1) Cristo lhe disse: Os teus pecados te são perdoados, v. 48. Note que, quanto mais expressamos nossa tristeza pelo pecado e nosso amor por Cristo mais clara evidência temos do perdão de nossos pecados, pois é através da experiência de uma graça operada em nós, que adquirimos a segurança de que um ato de graça foi realizado em nós. Quão bem ela fora paga por seus sofrimentos e gastos, ao ser dispensada com esta sentença de Cristo: Os teus pecados te são perdoados! E como esta palavra seria eficiente, evitando que ela voltasse a pecar! (2) Embora estivessem presentes aqueles que questionavam a Cristo – em seus pensamentos – assim como outros haviam feito (Mt 9.3), por ousar perdoar os pecados e declarar os pecadores absolvidos (v. 49), ainda assim, Ele defendeu o que havia dito. Pois assim como o Senhor havia anteriormente provado que tinha poder para perdoar pecados – ao curar o paralítico – Ele não daria aqui importância às contestações. Ele agora mostraria, da mesma forma, que tinha prazer em perdoar os pecados, e este é o seu deleite; Ele adora falar de perdão e paz aos arrependidos. Ele disse à mulher: A tua fé te salvou, v. 50. Isto confirmava e dobrava a consolação dela por ter os seus pecados perdoados, e por ter sido justificada pela sua fé. Todas essas expressões de sofrimento

pelo pecado e de amor a Cristo, eram os efeitos e os produtos da fé. E, por essa razão, assim como a fé, entre todas as graças, dá maior glória a Deus, da mesma forma, Cristo entre todas as graças, coloca maior glória sobre a fé. Note que aqueles que sabem que a fé que possuem os salvou, podem partir em paz, podem ir se regozijando pelo caminho.

CAPÍTULO 8

A maior parte deste capítulo é uma repetição de diversas passagens da pregação e dos milagres de Cristo, os quais vimos antes em Mateus e Marcos; todos eles são de tamanha importância, que vale a pena repeti-los, e assim eles são repetidos, de forma que não pela boca de apenas uma, mas de três testemunhas, cada palavra possa ser estabelecida. Aqui temos: I. Um relato geral da pregação de Cristo, e de como Ele teve a subsistência para si mesmo e sua numerosa família pelas contribuições caridosas de pessoas boas, vv. 1-3. II. A parábola do semeador, e os quatro tipos de terra, com a sua explicação, e algumas inferências disto, vv. 4-18. III. A preferência que Cristo deu aos seus discípulos obedientes, antes de seus parentes mais próximos segundo a carne, vv. 19-21. IV. Jesus apazigua uma tempestade no mar, com uma palavra falada, vv. 22-25. V. Jesus expulsa uma legião de demônios de um homem que foi possuído por eles, vv. 26-40. VI. A cura da mulher que tinha um fluxo de sangue, e a ressurreição da filha de Jairo, vv. 41-56.

O Ministério de Cristo

vv. 1-3

Aqui a Palavra de Deus nos diz:

I O que Cristo abraçou como a atividade constante de sua vida – a pregação; nesta obra Ele foi infatigável, e andava fazendo bem (v. 1), depois disso – *en to kathexes ordine – no tempo ou método certo*. Cristo iniciou a sua obra e se ocupava dela regularmente. Ele observou uma série ou ordem de atividades, de forma que o fim de uma boa obra era o início de outra. Agora observe aqui: 1. Onde Ele pregou: Ele andava – *diodeue* –

peragrabat. Ele era um pregador itinerante, não se restringia a um único lugar, mas difundia os raios de sua luz. *Circumibat – Ele fazia o seu percurso*, como um juiz, tendo encontrado a sua pregação talvez mais aceitável onde ela era nova. Ele andava de cidade em cidade, de forma que ninguém poderia alegar ignorância. Aqui o Senhor estabeleceu um exemplo para os seus discípulos; eles deveriam atravessar as nações da terra, como Ele fez nas cidades de Israel. Ele não se limitou às cidades, mas entrou nas aldeias, entre o povo simples do campo, para pregar aos habitantes das aldeias, Juízes 5.11. 2. O que Ele pregou: o Senhor pregou e anunciou o Evangelho do Reino de Deus, que agora seria estabelecido entre eles. O Evangelho do Reino de Deus são as boas novas de alegria que Cristo veio trazer; para dizer aos filhos dos homens que Deus queria colocar sob a sua proteção todos aqueles que estivessem dispostos a se voltar à sua fidelidade. Ele trazia uma boa notícia ao mundo: havia esperança deles serem restaurados e reconciliados. 3. Quem eram os seus companheiros: E os doze iam com Ele, não para pregar se Ele estivesse presente, mas para aprender dEle o que e como pregar a partir dali, e, se fosse a ocasião, serem enviados a lugares onde Ele não poderia ir. Felizes foram estes seus servos que ouviram a sua sabedoria.

II De onde vinha o sustento necessário da vida: Ele vivia da generosidade de seus amigos. Havia algumas mulheres que freqüentemente acompanhavam o seu ministério, e o serviam com as suas fazendas, vv. 2,3. Algumas delas têm os seus nomes citados; mas havia muitas outras, que foram zelosamente tocadas pela doutrina de Cristo, e que se achavam obrigadas por justiça a cooperar com a divulgação da sua Palavra, pois elas mesmas foram grandemente beneficiadas; e também o faziam por caridade, esperando que muitas outras pessoas também pudessem ser beneficiadas pela doutrina.

1. Elas haviam sido, em sua maioria, pacientes de Cristo, e eram os monumentos de seu poder e misericórdia; elas haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades. Algumas delas haviam estado com as suas mentes perturbadas, haviam estado melancólicas. Outras sofreram enfermidades em seus corpos, e Ele havia curado a todas com o seu grande poder. O Senhor Jesus é um médico tanto do corpo como da alma, e aqueles que são curados por Ele devem considerar como podem lhe fazer algum

tipo de retribuição. Devemos sempre servi-lo, para que possamos estar prontos a nos dirigirmos a Ele em busca de ajuda, quando precisarmos de outras bênçãos; e somos obrigados por gratidão a servir tanto ao Senhor Jesus como ao seu Evangelho, pois Ele nos salvou, e o fez através do Evangelho.

2. Uma delas era Maria Madalena, de quem saíram sete demônios; um número certo descrevendo uma situação tão errada. Alguns pensam que ela seria uma das que tinham sido muito ímpias, e então podemos supor que ela fosse a mulher pecadora mencionada pouco antes, cap. 7.37. O Dr. Lightfoot, encontrando em alguns dos escritos dos talmudistas que Maria Madalena significava “Maria a trançadora de cabelos”, pensa que esta designação é aplicável a ela, e que teria sido notada, nos dias de sua iniqüidade e infâmia, por trançar os cabelos, algo que era oposto a se vestir com modéstia, 1 Timóteo 2.9. Mas, embora ela tenha sido uma mulher sem modéstia, encontrou misericórdia em seu arrependimento e conversão, e tornou-se um dos zelosos discípulos de Cristo. Note que o maior dos pecadores não deve perder a esperança de perdão; e quanto pior uma pessoa foi antes de sua conversão, mais ela deve se esforçar para fazer algo por Cristo. Uma outra possibilidade é que ela tenha sido, anteriormente, alguém que havia se sentido muito melancólica, e então seria Maria, irmã de Lázaro, que era uma mulher de espírito triste, que poderia ter sido oriunda de Magdala, mas que se mudou para Betânia. Mas o Dr. Lightfoot argumenta que Maria Madalena esteve presente na crucificação de Cristo e em sua sepultura; e, se ela não foi Maria, a irmã de Lázaro, aqueles que faziam parte do grupo dos que desfrutavam a amizade e predileção de Cristo de uma forma mais próxima não estiveram presentes naquela ocasião, ou os evangelistas não registraram a sua presença, nem a de outros. Embora alguns apresentem objeções a esta idéia, Maria Madalena é contada como estando entre as mulheres que seguiram Jesus desde a Galiléia (Mt 27.55,56); enquanto Maria, irmã de Lázaro, tinha a sua residência em Betânia.

3. Uma outra delas era Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes. Ela tinha sido sua mulher, mas (segundo alguns) era agora uma viúva, e fôra deixada em boa situação financeira. Por outro lado, se ela não era viúva, e se era agora a mulher de Cuza, temos motivos para pensar que seu marido, embora tivesse os favores da corte de Herodes, tinha recebido o Evangelho,

e estava muito desejoso de que a sua mulher fosse tanto uma ouvinte de Cristo como uma contribuinte de seu ministério.

4. Havia muitas delas que o serviam com suas fazendas. Este foi um exemplo da pobreza e da condição de necessidade à qual o nosso Salvador se humilhou, bem como da grande humildade e condescendência que ele aceitou. Embora sendo rico, por amor a nós Ele se fez pobre, e viveu de ofertas voluntárias. Que nenhum de nós despreze a caridade de seus vizinhos e amigos, quando a Providência nos colocar em dificuldades; mas aceitemos e sejamos agradecidos por isto, como um favor. Cristo preferiu ser devedor aos seus amigos e conhecidos, aceitando deles o sustento para si e para os seus discípulos, do que ser um fardo para os estranhos nas cidades e aldeias em que Ele foi pregar. Note que aqueles que são ensinados na Palavra têm o dever de compartilhar todas as coisas boas com aqueles que os ensinam; e aqueles que são generosos e alegremente honram ao Senhor com a sua fazenda, trazem uma bênção sobre ela.

A Palavra do Semeador

vv. 4-21

O parágrafo anterior começou com um relato da atividade de Cristo pregando (v. 1); e este começa com um relato da disposição que o povo tinha para ouvir, v. 4. Ele foi para todas as cidades, para pregar; assim eles, pode-se pensar, ficavam satisfeitos por ouvirem-no quando Ele chegava em suas próprias cidades (e eram muitos). Mas aqui havia gente vindo ter com Ele de todas as cidades, não querendo esperar até que Ele viesse até eles, e não consideravam que já tinham ouvido o suficiente quando Ele os deixava, mas iam ao seu encontro quando estava caminhando na direção deles, e o seguiam quando ia embora. Esta situação não fez com que o Senhor considerasse que já não precisaria ir até as cidades destas pessoas, porque, embora um grande número viesse, ainda havia alguns em cada cidade que não o conheciam. Portanto, assim vemos a maravilhosa condescendência que o Senhor lhes mostrará; porque Ele foi achado por aqueles que não o buscavam, Isaías 65.1.

Parece que aqui temos uma grande afluência, o ajuntamento de uma grande multidão, uma grande quantidade de peixes entre os quais se

lançaria a rede; e o Senhor estava tão preparado e desejoso de ensinar quanto eles estavam de aprender. Agora, nestes versículos, temos:

I Regras e cuidados necessários e excelentes para ouvir a Palavra, na parábola do semeador, e a explicação e a aplicação dela, tudo o que tivemos duas vezes antes mais amplamente. Quando Cristo apresentou esta parábola: 1. Os discípulos estavam curiosos com respeito ao seu significado, v. 9. Eles lhe perguntaram: Que parábola é esta? Note que devemos ansiar veementemente por saber o verdadeiro intento, e toda a extensão da palavra que ouvimos, para que não sejamos enganados, nem deficientes em nosso conhecimento. 2. Cristo os deixou conscientes de que grande vantagem era para eles o fato de terem a oportunidade de conhecer o mistério e o significado de sua Palavra, um privilégio que outros não tiveram: A vós é dado conhecer, v. 10. Note que aqueles que recebessem as instruções de Cristo deveriam saber e considerar que privilégio é ser instruído por Ele, que privilégio distinto é ser conduzido para a luz (e que luz!), enquanto outros são deixados em trevas (e que trevas!). Felizes somos nós, e para sempre devedores da graça que nos é concedida gratuitamente, tendo em vista que aquilo que é uma parábola para outros – com a qual eles apenas se distraem – é uma verdade clara para nós, pela qual somos iluminados e governados, e em cujos moldes somos abençoados.

Agora, quanto à parábola em si, e à sua explicação, observe:

(1) O coração do homem é como a terra para a semente da Palavra de Deus; é capaz de recebê-la, e de gerar frutos dela. Mas, a menos que esta semente seja semeada nela, não produzirá nada de valor. Portanto, o cuidado deve juntar a semente com a terra. Para que propósito temos a semente nas Escrituras, se ela não for semeada? E para que propósito temos a terra em nossos próprios corações, se ela não for semeada com a semente?

(2) O sucesso da semeadura está completamente de acordo com a natureza e a disposição da terra – ou seja, se ela está ou não preparada para receber a semente. A Palavra de Deus tem, para nós, um sabor de vida para a vida, ou de morte para a morte.

(3) O diabo é um inimigo sutil e iníquo, que tem como principal atividade impedir que nos beneficiemos da Palavra de Deus. Ele tira a palavra dos corações dos ouvintes descuidados, para que não creiam e sejam salvos, v. 12. Isto é acrescentado aqui para nos ensinar: [1] Que não podemos ser

salvos a menos que creiamos. A Palavra do Evangelho não será uma Palavra salvadora para nós, e a menos que ela seja mesclada com a fé. [2] Que, portanto, o diabo faz todo o possível para impedir que creiamos, para fazer com que não creiamos na Palavra quando a lemos e a ouvimos; ou, se prestarmos atenção nela no momento, ele tenta nos fazer esquecê-la, desviando-nos dela (Hb 2.1). Ou ainda, se nos lembrarmos dela, o inimigo procura fazer com que criemos preconceitos em nossas mentes contra ela, ou desviemos o nosso pensamento dela para alguma outra coisa. E tudo isso para que não creiamos e sejamos salvos, para que não creiamos e nos alegremos, enquanto o próprio inimigo crê e treme.

(4) Onde a Palavra de Deus é ouvida de forma negligente, há, geralmente, um desprezo colocado sobre ela. Foi acrescentado aqui na parábola, que a semente que caiu junto do caminho foi pisada, v. 5. Aqueles que intencionalmente fecham os seus ouvidos para a Palavra, na verdade pisam-na sob os seus pés; eles desprezam o mandamento do Senhor.

(5) Aqueles sobre os quais a Palavra causa alguma impressão, mas que não são profundos e permanentes o bastante, mostrarão a sua hipocrisia em um tempo de aflição; eles são como a semente que é semeada sobre a rocha, e por esta razão as suas raízes não podem se aprofundar, v. 13. Estes crêem por algum tempo; a profissão de fé que demonstram chega a ser, de certo modo, promissora. Mas, no tempo da tentação, eles se desviam de seus bons começos. Quando surgem as tentações – através dos sorrisos ou das caras fechadas do mundo – elas os dominam facilmente.

(6) Os prazeres desta vida são como espinhos perigosos e nocivos que sufocam a boa semente da Palavra. Há um acréscimo aqui (v. 14) que não foi registrado nos escritos dos outros evangelistas. Aqueles que não estão enredados pelos cuidados desta vida, nem são seduzidos pelo engano das riquezas, mas que se vangloriam de estar mortos para tudo isto, podem, mesmo assim, ser afastados do céu por uma indolência afetada, e também pelo amor à tranqüilidade e ao prazer. Os deleites dos sentidos podem arruinar a alma, mesmo os deleites lícitos, quando a eles se dá uma liberdade exagerada, e quando são satisfeitos de uma forma excessiva.

(7) Não é suficiente que o fruto seja produzido, mas ele deve chegar à perfeição; ele deve estar totalmente maduro. Se não estiver, é como se não houvesse fruto algum produzido; porque a expressão infrutífero, em Mateus e Marcos, é o mesmo que não dar fruto com perfeição, no texto de Lucas.

Por factum non dicitur quod non perseverat – a perseverança é necessária para a perfeição de um trabalho.

(8) A boa terra, que produz bom fruto, é um coração honesto e bom, bem preparado para receber instruções e mandamentos (v. 15); um coração livre das corrupções do pecado, e firmemente fixado em Deus e na obediência, um coração reto, um coração terno, e um coração que treme pela Palavra. Este é um coração honesto e bom, que, tendo ouvido a Palavra, a compreende (assim está em Mateus), a recebe (assim está em Marcos), e a guarda (assim está aqui, em Lucas), como a terra não só recebe, mas guarda o alimento ou remédio.

(9) Onde quer que a Palavra seja bem guardada, haverá frutos produzidos com paciência. Isto também é acrescentado aqui. É necessário exercer a paciência, esperar pacientemente; ter paciência para passar pela tribulação e pela perseguição que podem surgir por causa da Palavra; paciência para continuar fazendo o bem até o fim.

(10) Em consideração a tudo isto, devemos prestar atenção à maneira como ouvimos (v. 18); prestar atenção nas coisas que impedirão que nos beneficiemos pela Palavra que ouvimos, vigiar os nossos corações ao ouvirmos, e prestar atenção para que elas não nos traiam. Devemos prestar atenção para não ouvirmos negligentemente e desrespeitosamente, para que, qualquer que seja a situação, não abriguemos o preconceito contra a Palavra que ouvimos. Também devemos prestar atenção à estrutura do nosso espírito depois de termos ouvido a Palavra, para não perdermos aquilo que ganhamos.

II Instruções necessárias que são dadas àqueles que são designados para pregar a Palavra, e para aqueles que também a ouviram. 1. Aqueles que receberam o dom devem ministrá-lo. Os ministros que possuem a incumbência do Evangelho que lhes foi entregue, aqueles que se beneficiaram pela Palavra e estão assim qualificados a beneficiar a outros, devem se considerar como candeias acesas. Os ministros (nas pregações solenes e cheias de autoridade), e os crentes em geral (em discursos familiares e fraternais), devem difundir a sua luz, pois uma candeia não pode ser coberta com um vaso, nem posta debaixo da cama, v. 16. Os ministros e os cristãos em geral devem ser luzes no mundo, anunciando a Palavra da vida. A sua luz deve brilhar diante dos homens; eles não só

devem ser bons, mas devem fazer o bem. 2. Devemos esperar que aquilo que agora é feito em oculto, e que vem de fontes invisíveis, seja em breve manifestado e venha a se tornar amplamente conhecido, v. 17. Aquilo que lhe foi entregue em oculto, deve ser manifestado por você mesmo; porque o nosso Mestre não nos deu talentos para serem enterrados, mas para serem negociados. Que aquilo que agora está escondido se torne conhecido; porque se não for manifestado por você, será manifestado contra você, e assim será produzida uma evidência da sua traição. 3. Os dons que possuímos continuarão conosco, ou serão tirados de nós, de acordo com o que fizermos, ou não fizermos; faça uso deles para a glória de Deus, e para a edificação dos nossos irmãos: A qualquer que tiver lhe será dado, v. 18. Aquele que tem dons, e faz o bem com eles, terá mais; aquele que enterra o seu talento, o perderá. Daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado, como está registrado em Marcos; até o que parece ter, como está em Lucas. Note que a graça que foi perdida era apenas uma graça aparente, nunca foi verdadeira. Os homens apenas parecem ter o que não usam, e as aparências de religião serão perdidas e confiscadas. Eles saíram de nós, mas não eram de nós, 1 João 2.19. Procuremos ter a graça e a sinceridade como a raiz de tudo aquilo que for encontrado em nós; esta é uma boa parte que jamais deverá ser tirada daqueles que a possuem.

III Um grande encorajamento é dado àqueles que se mostram fiéis ouvintes da Palavra, e que trabalham como executores da obra, através de um exemplo particular do respeito de Cristo aos seus discípulos. O Senhor preferia mais os seus discípulos aos seus parentes mais próximos (v. 19-21). Esta passagem da história foi registrada por duas vezes antes desta. Observe: 1. Que multidão seguia a Cristo. Não havia como se aproximar do mestre devido à aglomeração das pessoas que o serviam. E embora estivessem tão aglomerados, ninguém seria excluído da sua congregação. 2. Alguns dos seus parentes mais próximos estavam menos solícitos para ouvirem-no pregar. Em vez de ficarem do lado de dentro – o que poderiam ter feito facilmente se tivessem chegado a tempo – desejando ouvi-lo, eles permaneceram do lado de fora, desejando vê-lo. É provável que sentissem um medo insensato: talvez pensassem que o Senhor passaria um tempo muito longo falando, e não quisessem interrompê-lo, obrigando-o a fazer um intervalo. 3. Jesus Cristo preferia estar ocupado em sua obra, do que

conversar com os seus amigos. Ele não deixaria a sua pregação para falar com a sua mãe e com os seus irmãos, porque fazer a obra de Deus Pai era a sua comida e a sua bebida. 4. Cristo se alegra em reconhecer como os seus parentes mais próximos e mais queridos, aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam; eles são, para Ele, mais do que sua mãe e seus irmãos.

O Poder de Cristo sobre os Ventos e sobre os Demônios

vv. 22-39

Temos aqui duas provas ilustrativas do poder do nosso Senhor Jesus, que tivemos antes – o seu poder sobre os ventos, e o seu poder sobre os demônios. Veja Marcos 4 e 5.

I O seu poder sobre os ventos, sobre os poderes dos ares que são um grande terror para os homens, especialmente sobre o mar, e o motivo da morte de grandes multidões. Observe:

1. Cristo ordenou aos seus discípulos que se pusessem ao mar, para que Ele pudesse mostrar a sua glória sobre a água, acalmando as ondas, e praticar um ato de bondade para com o homem endemoninhado do outro lado do lago: Ele entrou num barco com os seus discípulos, v. 22. Aqueles que observam as ordens de Cristo podem ficar certos de sua presença. Se Cristo envia os seus discípulos, ele vai com eles. E estes podem se aventurar – com segurança e ousadia – em qualquer lugar a que Cristo os enviar. O Senhor lhes disse: Passemos para a outra banda do lago; porque Ele tinha uma obra a realizar ali. Ele poderia ter ido por terra, percorrendo uma distância aparentemente menor; mas o Senhor escolheu ir pelo lago, para que pudesse mostrar suas maravilhas nas águas.

2. Aqueles que saem para navegar em meio a uma calmaria, e sob a Palavra de Cristo, devem se preparar para alguma tempestade, como também para enfrentar o perigo extremo nesta tempestade. E sobreveio uma tempestade de vento no lago (v. 23), como se estivesse ocorrendo ali, e em nenhum outro lugar. E naquele momento, o barco deles foi tão agitado que se encheu de água, e a vida deles passou a correr um sério risco. Talvez o diabo, que é o príncipe da potestade do ar, e que levanta ventos com a permissão de Deus, tivesse suspeitado, a partir de algumas palavras que Cristo poderia ter dito, que o Senhor vinha agora sobre o lago com o propósito de expulsar aquela legião de demônios do pobre homem que estava do outro lado. Portanto, é possível que o diabo tenha levantado esta tempestade sobre o barco em que o Senhor estava, pretendendo, se possível, tê-lo afundado, impedindo aquela poderosa vitória do Evangelho. Mas esta tentativa fracassou, e o Evangelho mais uma vez triunfou.

3. Cristo adormeceu durante a tempestade, v. 23. Ele necessitava de algum descanso físico, e decidiu aproveitar o período em que isso menos atrapalharia o seu trabalho. Os discípulos de Cristo podem realmente ter a sua presença bondosa consigo no mar, em meio a uma tempestade, e ainda

assim parecer que Ele está dormindo. O Senhor pode não aparecer imediatamente para lhes trazer o alívio, nem mesmo quando as coisas parecerem ter chegado ao seu ponto mais extremo. Desse modo Ele testará a fé e a paciência deles, e fará com que despertem através da oração, o que tornará a sua libertação ainda mais bem-vinda quando finalmente chegar.

4. Uma queixa a Cristo sobre a nossa situação de perigo, e sobre a aflição em que a sua igreja se encontra, é suficiente para fazê-lo despertar, e aparecer a nós, v. 24. Eles exclamaram: Mestre, Mestre, estamos perecendo! O modo correto de termos os nossos temores silenciados é levá-los a Cristo, e colocá-los diante dele. Aqueles que com sinceridade chamam o Senhor Jesus Cristo de Mestre, e com fé e fervor o invocam como o seu Mestre, podem ficar seguros de que Ele não os deixará perecer. Não haverá alívio para as pobres almas que estão sob um senso de culpa, e um medo da ira, até que se cheguem a Cristo, chamando-o de Mestre, e dizendo: “Se tu não me ajudares serei rapidamente destruído”.

5. O interesse de Cristo é acalmar tempestades, da mesma forma que o interesse de Satanás é provocá-las. O Senhor Jesus pode trazer a bonança; Ele tem feito isto; Ele tem prazer em fazer isto; porque Ele veio para proclamar a paz sobre a terra. Ele repreendeu o vento e a fúria das águas, e estes imediatamente cessaram (v. 24). Neste episódio o Senhor não agiu como em outras ocasiões, trazendo uma solução gradual; mas aqui se fez uma grande bonança repentinamente. Assim, Cristo mostrou que, embora o diabo queira ser o príncipe das potestades do ar, até mesmo ali o Senhor Jesus Cristo o mantém preso em grilhões.

6. Quando os nossos perigos se findam, convém que assumamos a vergonha pelos nossos próprios medos, e demos a Cristo a glória pelo seu poder. Quando Cristo acalmou a tempestade, todos se alegraram com a bonança, Salmos 107.30. E então: (1) Cristo lhes repreende por seu medo excessivo: Onde está a vossa fé? v. 25. Note que muitos dos que possuem uma fé verdadeira têm que procurá-la nos momentos em que precisam utilizá-la. Eles tremem, e se sentem desencorajados se outras dificuldades extras lhes sobrevêm. Se algo pequeno os desanima, então onde está a fé deles? (2) Eles lhe dão a glória devida ao seu poder: E eles, temendo, maravilharam-se. Agora a tempestade tinha passado. E aqueles que a haviam temido, com muita razão temeram aquele que a tinha apaziguado, e diziam uns aos outros: Quem é este? Eles também poderiam ter dito: Quem

é Deus como tu? Porque aplacar o ruído dos mares, o ruído das suas ondas, é uma prerrogativa exclusiva de Deus, Salmos 65.7.

II O seu poder sobre o diabo, o príncipe da potestade do ar. Na passagem seguinte da história, o Senhor trava uma luta com o diabo, que pode ser considerada mais próxima do que aquela que ocorreu quando o Senhor deu ordens aos ventos. Neste momento, depois que os ventos foram acalmados, eles foram levados ao seu porto desejado, e navegaram para a terra dos gadarenos, e ali chegaram à praia (v. 26,27). E logo o Senhor se encontrou com o objeto de sua missão. O Senhor Jesus deu tanto valor àquela vida, que considerou que valeria a pena atravessar a tempestade para libertá-la.

A partir desta história podemos aprender muito a respeito deste mundo de espíritos infernais e malignos. Mesmo sabendo que estes espíritos nem sempre trabalhem do mesmo modo que foi relatado nesta passagem, estamos todos constantemente preocupados em nos proteger deles.

1. Estes espíritos malignos são muito numerosos. Aqueles que haviam tomado este homem em possessão se autodenominavam Legião (v. 30), porque tinham entrado nele muitos demônios; ele estava possuído por demônios há muito tempo, v. 27. Mas talvez aqueles que há muito tempo o possuíam, prevendo que o nosso Salvador os fossem atacar, e descobrindo que não tinham podido impedi-lo através da tempestade que haviam provocado, recrutou ajudantes, pretendendo fazer deste embate uma batalha decisiva. Eles esperavam agora causar grande dificuldade para aquele que havia expulsado tantos espíritos imundos, e causar-lhe uma derrota. Eles eram – ou pelo menos pensavam que eram – uma legião, que requer um grande esforço para ser superada como um exército com bandeiras. E agora desejavam ter ao menos o título que a vigésima legião do exército romano – que por muito tempo permaneceu aquartelada em Chester – recebera: *legio victrix – uma legião vitoriosa*.

2. Eles têm uma inimizade inveterada pelo homem, bem como por todas as suas conveniências e confortos. Este homem em quem os demônios haviam entrado, e que o prendiam há muito tempo, estando sob a sua influência, não andava vestido nem habitava em qualquer casa (v. 27), embora roupas e uma habitação sejam duas das coisas necessárias para o sustento da vida. Além disto, devido ao fato do homem ter um medo natural das habitações dos mortos, eles forçavam este homem a habitar nos

sepulcros, para torná-lo um grande terror para si mesmo como também para todos aqueles que estavam ao seu redor. Assim, a sua alma tinha tantos motivos quanto a alma de qualquer homem para estar cansado de sua vida, preferindo até mesmo o estrangulamento e a morte.

3. Eles são muito fortes, ferozes e ingovernáveis. Eles odeiam e desprezam ser coibidos: E assim, tentavam manter aquele homem preso com grilhões e cadeias, para que não causasse danos aos outros nem a si mesmo; porém ele quebrava as prisões, v. 29. Note que aqueles que são ingovernáveis por qualquer pessoa, demonstram que estão sob o governo de Satanás. “Quebremos as suas prisões”; esta é a linguagem daqueles que estão nessa condição. Estes utilizam esta frase até mesmo para Deus Pai e Cristo, seus melhores amigos, que não os prenderiam por nenhum outro motivo que não fosse para o seu próprio bem. Aquele moço era impelido pelo diabo. Aqueles que estão sob o governo de Cristo são conduzidos suavemente com cordas humanas e com laços de amor; porém aqueles que estão sob o governo do diabo são impelidos com grande violência.

4. Eles ficam enfurecidos contra o nosso Senhor Jesus, porém sentem um grande pavor e terror dele. Quando o homem – de quem eles tinham se apossado, e que falavam como o tendo dominado – viu o Senhor Jesus, exclamou com alta voz como em agonia, e prostrou-se diante dele, para demonstrar a sua fúria, e reconhecê-lo como sendo o Filho do Deus Altíssimo, que estava infinitamente acima dele e que é invencível. Mas o diabo protestou, declarando que não tinha nenhuma ligação ou associação com o Senhor Jesus (o que seria suficiente para calar os sofismas blasfemos dos escribas e fariseus). Que tenho eu contigo? Os demônios não tinham qualquer inclinação para servir a Cristo, nem a expectativa de receber algum benefício da parte dele. Que temos nós contigo? Mas eles temiam seu poder e a sua ira: Peço-te que não me atormentes. Eles não dizem, Peço-te que me salves, mas apenas, “não me atormentes”. Veja aqui a linguagem daqueles que apenas temem o inferno como um lugar de tormento, mas que não têm o desejo de viver no céu, que é um lugar de santidade e amor.

5. Eles estão perfeitamente sujeitos ao comando, e debaixo do poder do nosso Senhor Jesus; e eles sabiam disso, porque lhe rogavam que não os mandasse *eis ton abysson – para o abismo*, o lugar de seu tormento. Aqui eles reconheceram que o Senhor Jesus poderia facilmente e justamente

mandá-los para tal lugar. Ó que conforto é este para o povo do Senhor, que todos os poderes das trevas estão sob o domínio e o controle do Senhor Jesus! Ele os tem a todos em algemas. Ele pode mandá-los ao seu próprio lugar, quando bem quiser.

6. Eles sentem prazer em fazer maldades, e na prática de todo tipo de iniqüidade. Quando descobriram que não havia alternativa, mas que deveriam deixar este pobre homem, eles rogaram que pudessem entrar em uma manada de porcos, v. 32. Quando o diabo, a princípio, colocou o homem em um estado miserável, ele trouxe igualmente uma maldição sobre toda a criação, e assim a criação se tornou sujeita ao ódio e à inimizade. E aqui, como um exemplo de seu ódio extensivo, como não podiam destruir o homem, os demônios destruiriam os porcos. Se não podiam feri-los em seus corpos, iriam feri-los em seus bens, pois, às vezes, as perdas financeiras trazem uma grande tentação aos homens, para que se desviem de Cristo, como ocorreu aqui. O Senhor Jesus Cristo permitiu que eles entrassem nos porcos, para mostrar claramente aos habitantes daquela região o tipo e a extensão do dano que o diabo poderia lhes causar, se Ele permitisse. Logo que os demônios saíram do homem, entraram nos porcos; e logo que eles entraram nos porcos, a manada se precipitou violentamente de um despenhadeiro no lago, e se afogou. É um milagre de misericórdia, quando aqueles a quem Satanás possui não são levados à destruição e à perdição. Este, e outros exemplos, mostram que o leão que ruge e o dragão vermelho buscam tudo aquilo e todos aqueles a quem possam tragar.

7. Quando o poder do diabo é quebrado em qualquer alma, esta alma se recupera, e volta à condição correta. Isto pressupõe que aqueles de quem Satanás toma posse já não têm a posse de si mesmos. Depois de ser liberto, o homem de quem haviam saído os demônios estava sentado aos pés de Jesus, v. 35. Enquanto estava sob o poder do diabo, aquele jovem estava pronto a se lançar contra o Senhor Jesus, ou até mesmo a fugir da gloriosa presença dele. Mas agora ele se senta aos pés do Senhor, o que é um sinal de que recobrou o seu juízo. Aqueles que são possuídos por Deus são preservados por Ele, e dele recebem o domínio próprio, sentindo o prazer de viver. Mas aqueles que são possuídos por Satanás, têm estas duas bênçãos roubadas de sua vida. Deixemos, então, que o poder do Senhor nosso Deus esteja em nossas almas, e deixemos que aquele que tem todo o direito sobre os nossos corações viva em nós. Entreguemos ao Senhor nosso

Deus os nossos corações; porque nunca temos tanta liberdade e domínio próprio como quando somos dele.

Vejamos agora qual foi o efeito deste milagre de expulsar aquela legião de demônios deste homem.

(1) Que efeito este episódio teve sobre o povo daquela terra que tinha perdido os seus porcos: E aqueles que os guardavam, fugiram e foram anunciá-lo nas cidades e nos campos (v. 34), talvez com o propósito de enfurecer o povo contra Cristo. E eles também lhes contaram várias coisas: como aquele endemoninhado fora liberto (v. 36); que os demônios tiveram a permissão para entrar nos porcos; que o Senhor Jesus foi capaz de cometer um ato "injusto", como se Cristo não pudesse ter libertado o homem das mãos dos demônios, exceto entregando-lhes os porcos. E assim o povo saiu para ver o que tinha acontecido, e para averiguar; e eles temeram (v. 35); estavam possuídos por um grande temor (v. 37). Eles estavam surpresos e admirados com aquele fato, e não sabiam o que dizer. Pensavam mais na destruição dos porcos do que na libertação do seu pobre vizinho aflito, e na libertação de toda aquela região do terror de sua loucura, pois aquele jovem havia se tornado um incômodo público. E assim, toda a multidão rogou que Cristo se retirasse deles com medo de que Ele pudesse trazer algum juízo sobre eles; porém, na verdade, ninguém que deseje abandonar seus pecados e se entregar ao Senhor Jesus precisa ter medo dele. Mas Cristo aceitou a palavra deles: E, entrando Ele no barco, voltou. Aqueles que amam mais os seus porcos perdem o seu Salvador e a esperança que podem ter nele.

(2) Que efeito isto teve sobre o pobre homem que tinha se recuperado. Ele desejou a companhia de Cristo, tanto quanto os outros a temeram; ele rogou a Cristo que o deixasse estar consigo, assim como outros que tinham sido curados de espíritos malignos e de enfermidades (v. 2), para que Cristo pudesse ser para ele um protetor e mestre, e para que ele pudesse ser para Cristo um nome e um louvor. Ele não estava disposto a permanecer entre aqueles gadarenos rudes e brutos que queriam que Cristo os deixasse. Ó não se junte a minha alma com estes pecadores! Mas Cristo não o levaria consigo; o Senhor o mandou para casa, para que anunciasse entre aqueles que o conheciam as grandes coisas que Cristo havia feito por ele, para que pudesse ser uma bênção para a sua terra, com a mesma intensidade que havia sido um fardo para ela. Às vezes devemos abrir mão da satisfação e

até mesmo dos benefícios e confortos espirituais, para ganharmos uma oportunidade de sermos úteis às almas dos outros. Talvez Cristo soubesse que, quando o ressentimento pela perda dos porcos tivesse passado um pouco, eles estariam dispostos a considerar o milagre, e assim deixariam que o homem entre eles fosse um monumento permanente, e um lembrete do que havia acontecido.

A Cura do Fluxo de Sangue e a Ressurreição da Filha do Príncipe da Sinagoga

vv. 40-56

Cristo foi expulso pelos gadarenos; eles estavam aborrecidos com Ele, e queriam se livrar dele. Mas quando o Senhor atravessou o lago, e retornou aos galileus, eles o receberam com alegria, desejavam e esperavam pelo seu retorno, e lhe deram as boas vindas com todo o coração quando Ele voltou, v. 40. Se alguns não aceitarem os favores que Cristo lhes oferece, outros os aceitarão. Se os gadarenos não ficaram impressionados, haveria muitos entre eles para quem Cristo seria glorioso. Após fazer a sua obra do outro lado do lago, o Senhor voltou e encontrou trabalho a ser feito no lugar de onde tinha saído; uma nova obra de cura, libertação e salvação. Nunca faltará ocasião para aqueles que se dispuserem a fazer o bem. Sempre haverá algum necessitado perto de nós.

Temos aqui dois milagres interligados, como foram registrados em Mateus e Marcos – a ressurreição da filha de Jairo, e a cura da mulher que tinha um fluxo de sangue, quando o Senhor estava indo para a casa de Jairo em meio a uma multidão. Temos aqui:

I Um pedido público feito a Cristo por um príncipe da sinagoga – chamado Jairo – em favor de sua filha pequena, que estava muito doente, e, na concepção de todos aqui, estava à morte. Este pedido foi muito humilde e reverente. Embora fosse um príncipe, Jairo se prostrou aos pés de Jesus, reconhecendo o Senhor como um príncipe que estava acima dele. Jairo era muito insistente. Ele rogava que o Senhor Jesus entrasse em sua casa. Ele não tinha a fé – pelo menos não tinha o mesmo pensamento – do centurião que desejou que Cristo apenas proferisse a palavra de cura de longe. Mas

Cristo atendeu o seu pedido; Ele o acompanhou. A fé forte será aplaudida, porém a fé fraca não será rejeitada. É indispensável ter a presença de Cristo nas casas onde a enfermidade e a morte estão presentes. Quando Cristo estava se dirigindo à casa de Jairo, a multidão o apertava; alguns estavam ali por curiosidade, para vê-lo, e outros por afeição a Ele. Não nos queixemos da multidão, da aglomeração, da pressa, desde que estejamos a caminho do nosso dever, fazendo o bem; mas, sob outros aspectos, todo homem sábio se afastará o quanto puder de situações como esta.

II Aqui está uma súplica secreta feita a Cristo por uma mulher enferma, que tinha um terrível fluxo de sangue. Esta enfermidade tinha sido a causa do definhamento de seu corpo, e do consumo de todos os seus bens. Ela gastara com os médicos todos os seus haveres, e nunca tinha melhorado, v. 43. A natureza de sua enfermidade era tal que ela não poderia fazer uma queixa pública dela (uma atitude que estava de acordo com a modéstia do sexo feminino, uma timidez natural em relação a um assunto como este). Ela aproveitou esta oportunidade para se aproximar de Cristo, em meio à multidão; e quanto mais gente estivesse presente, mais provável seria que ela ficasse oculta. A sua fé era muito grande; ela não duvidava de que apenas um toque na orla das vestes do Senhor bastaria para que obtivesse dEle a cura da enfermidade que a afligia. Ela o considerava como uma fonte tão abundante de misericórdias, que se "roubasse" uma cura, Ele sequer sentiria falta dela. É assim que muitas almas pobres são curadas, ajudadas e salvas por Cristo. Elas estão perdidas no meio da multidão, e ninguém sequer repara que estão presentes. A mulher sentiu uma mudança imediata – para melhor – em seu corpo, e que a sua enfermidade havia sido curada, v. 44. Assim como os crentes têm uma comunhão confortável com Cristo, eles também têm comunicações confortáveis com Ele em particular – secretamente. Esta é uma comida que o mundo não conhece, e uma alegria em que nenhum estranho é capaz de se intrometer.

III Aqui está a descoberta da cura secreta, para a glória tanto do médico como do paciente.

1. Cristo nota que há uma operação de cura: De mim saiu virtude, v. 46. Aqueles que foram curados pela virtude que emana de Cristo devem reconhecê-la, porque Ele sabe de todas as coisas. Ele fala disto aqui, não na

forma de uma queixa, como se aqui tivesse sido enfraquecido ou enganado, mas de um modo complacente. Ele sentiu prazer por saber que dEle saiu virtude para fazer o bem, e não a concedeu de má vontade aos mais inferiores; eles eram tão bem recebidos quanto a luz e o calor do sol. O Senhor é uma fonte transbordante; por esta razão, a sua virtude não se finda. Ela é abundante e inesgotável.

2. A pobre paciente reconhece o seu caso, e o benefício que recebeu: Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo, e prostrou-se ante ele, v. 47. Note que a consideração deste fato, de que não podemos nos ocultar de Cristo, deve nos levar a derramar os nossos corações diante dele, mostrando ao Senhor todos os nossos pecados e todas as nossas dificuldades. Ela se aproximou tremendo, porém mesmo assim a sua fé a salvou, v. 48. Note que poderá haver tremor onde houver uma fé salvadora. Ela declarou diante de todo o povo a causa pela qual havia tocado o Senhor: ela cria que um toque a curaria, e foi exatamente isto que aconteceu. Os pacientes de Cristo devem comunicar as suas experiências uns aos outros.

3. O Grande Médico confirma a cura que ela recebeu, e a despede com seu conforto: Tem bom ânimo, filha, tua fé te salvou; vai em paz, v. 48. Jacó obteve a bênção de Isaque clandestinamente e por meio de um estratagema. Mas, quando a fraude foi descoberta, Isaque a confirmou intencionalmente. Ela foi obtida sorrateira e ardilosamente, mas foi garantida e reforçada sem subterfúgios. Assim foi a cura aqui. No caso de Jacó, ele desejava a bênção, e foi abençoado; e no caso desta mulher, ela desejava a cura, e foi curada.

IV Aqui está um estímulo para Jairo não duvidar do poder de Cristo, embora a sua filha já estivesse morta, e aqueles que lhe trouxeram a notícia o aconselhassem a não incomodar mais o Mestre a respeito dela: Não temas, disse Cristo, crê somente. Note que a nossa fé em Cristo deve ser ousada e corajosa, assim como o nosso zelo por Ele. Aqueles que estão dispostos a fazer qualquer coisa pelo Senhor Jesus podem ter a certeza de que Ele fará grandes coisas por eles, sim, muito mais do que eles sejam capazes de pedir ou pensar. Quando o paciente está morto não há espaço para a oração, ou o uso de quaisquer meios para trazê-lo à vida, mas, aqui, embora a menina estivesse morta, bastava crer e tudo ficaria bem. *Post mortem medicus – chamar o médico depois da morte* é um absurdo; mas

não é um absurdo *post mortem Christus – chamar a Cristo depois da morte*.

VOs preparativos para a ressurreição da menina. 1. A escolha que Cristo fez das testemunhas que deveriam ver a operação do milagre. Uma multidão o seguiu, mas talvez ela fosse rude e barulhenta; no entanto, não seria adequado deixar que uma multidão assim entrasse na casa de um cavalheiro, especialmente agora que a família estava imersa em tristeza; portanto, o Senhor os mandou de volta, e não o fez por temer deixar que o milagre passasse pelo escrutínio deles; porque Ele ressuscitou a Lázaro e ao filho da viúva publicamente. O Senhor não levou ninguém consigo, além de Pedro, Tiago e João, aquele triunvirato de discípulos com quem Ele tinha mais intimidade, desejando que estes três, com os pais, fossem os únicos espectadores do milagre, pois formavam um número competente para atestar a sua veracidade. 2. A repulsa que o Senhor expressou em relação aos pranteadores. E todos choravam e a pranteavam; porque parece que ela era uma menina muito agradável e promissora, e querida não só pelos pais, mas por todos os vizinhos. Mas Cristo lhes disse: Não choreis; não está morta, mas dorme. O Senhor queria dizer, no caso dela em particular, que ela não estava definitivamente morta, mas que logo seria ressuscitada, de forma que seria para os seus amigos como se ela tivesse dormido por algumas horas. Mas isto é aplicável a todos os que morrem no Senhor; portanto, não devemos nos entristecer por eles como aqueles que não têm esperança, porque a morte é apenas um sono para eles, não só como um descanso de todos os trabalhos pesados dos seus dias e do tempo; mas haverá uma ressurreição, pela qual caminharemos e viveremos para todas as glórias da eternidade. Esta foi uma palavra consoladora que Cristo disse a estes pranteadores, ainda que eles maldosamente achassem um absurdo, tentando ridicularizar a sua Palavra, e rissem dele; mas o Senhor não lhes disse mais nada, para não lançar pérolas aos porcos. Eles eram ignorantes sobre as Escrituras do Antigo Testamento, e zombavam da atitude de chamar a morte de sono, como se fosse uma coisa absurda. No entanto, este bem foi evidenciado a partir do comentário maldoso daqueles incrédulos, e assim a veracidade do milagre foi mostrada; porque eles sabiam que ela estava morta, eles estavam certos disso, e assim nada menos do que um poder divino poderia restaurar a vida da menina. Não encontramos nenhuma resposta que o Senhor lhes tenha dado; mas Ele logo se explicaria

– e espero que isto lhes tenha trazido a convicção de que precisavam – para que jamais rissem outra vez de qualquer palavra que Ele dissesse. Mas o Senhor colocou a todos para fora, v. 54. Eles eram indignos de ser as testemunhas desta operação de maravilhas; aqueles que durante o seu choro estavam tão alegremente dispostos a rir do Senhor pelo que Ele disse, poderiam ter encontrado algo que lhes despertasse o riso de júbilo através da obra maravilhosa que o Senhor fez; portanto, foram, de modo justo, colocados para fora.

VI. O retorno da menina à vida, após uma breve visita à congregação dos mortos: Ele, pegando-lhe na mão (como fazemos a alguém a quem acordamos, e ajudamos a levantar), chamou-a, dizendo: Levanta-te, menina! v. 55. Desse modo, a mão da graça de Cristo acompanha aqueles que são chamados pela sua Palavra, para torná-los eficazes. Aqui está expresso o que foi apenas sugerido pelos outros evangelistas, que o seu espírito voltou; a sua alma voltou para reanimar o seu corpo. Isto claramente prova que a alma existe e age em um estado de separação do corpo, e que, portanto, é imortal; que a morte não apaga esta candeia do Senhor, mas a tira de uma lanterna escura. Não é, como Grotius bem observa, o *krasis* ou o temperamento do corpo, ou qualquer coisa que morra com ele; mas é *anthypostaton ti – algo que subsiste por si só,* e que, após a morte, está em outro lugar, diferente do lugar em que o corpo está. Não somos informados, neste texto sagrado, sobre o local onde a alma desta menina esteve neste intervalo; mas sabemos que ela esteve nas mãos do Pai dos espíritos, a quem todas as almas retornam por ocasião da morte. Quando o seu espírito voltou, ela se levantou, e demonstrou estar viva através de seus movimentos, e também através de seu apetite; porque Cristo mandou que lhe dessem de comer. Assim como as crianças recém nascidas, aqueles que são recém ressuscitados desejam o alimento espiritual, para que por ele possam crescer. No último versículo, não precisamos ficar admirados por encontrarmos os seus pais maravilhados. Mas, se isto sugere que somente eles estivessem assim – e não os curiosos que tinham rido de Cristo em uma atitude de zombaria – podemos muito bem ficar admirados pela estupidez deles, o que talvez tenha sido o motivo de Cristo ter mandado que os pais da menina não dissessem a ninguém o que havia sucedido. O Senhor também o fez para dar um exemplo da sua humildade.

CAPÍTULO 9

Neste capítulo temos: I. A comissão que Cristo entregou aos seus doze apóstolos para saírem por algum tempo para pregar o Evangelho, e confirmá-lo com milagres, vv. 1-6. II. O terror de Herodes à grandeza crescente do nosso Senhor Jesus, vv. 7-9. III. A volta dos apóstolos a Cristo, o seu retiro com eles em um lugar de isolamento, a grande afluência de pessoas a eles apesar disso, e a alimentação de cinco mil homens com cinco pães e dois peixes, vv. 10-17. IV. O discurso de Cristo com os seus discípulos a respeito de si mesmo e de seus próprios sofrimentos por eles, e os sofrimentos deles por Ele, vv. 18-27. V. A transfiguração de Cristo, vv. 28-36. VI. A cura de um jovem lunático, vv. 37-42. VII. O repetido aviso que Cristo deu aos seus discípulos sobre seus sofrimentos iminentes, vv. 43-45. VIII. A censura sobre a ambição de seus discípulos (vv. 46-48), e por eles tentarem monopolizar o poder sobre os demônios para si mesmos, vv. 49,50. IX. A repreensão que Ele lhes deu por um ressentimento excessivo de uma afronta que lhe foi feita por uma aldeia de samaritanos, vv. 51-56. X. A resposta que o Senhor deu a vários que estavam inclinados a segui-lo, mas não com uma inclinação atenciosa, zelosa, e sincera, vv. 57-62.

A Missão dos Doze Apóstolos

vv. 1-9

Temos aqui:

I O método que Cristo utilizou para anunciar o seu Evangelho, para difundir e reforçar a sua luz. Ele mesmo viajou, pregando e curando; mas Ele só podia estar em um lugar, não podendo, portanto, estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Assim sendo, agora o Senhor enviou os seus doze discípulos a outras terras, e neste momento já estavam muito bem instruídos sobre a natureza da presente dispensação, sendo capazes de instruir outros e entregar a eles o que haviam recebido do Senhor. O Senhor permite que eles se dispersem, alguns por um caminho e outros por outro, para anunciar o Reino de Deus, que agora estava sendo instalado pelo Messias, tornando as

pessoas familiarizadas com a natureza espiritual e a sua tendência, persuadindo-os a abraçar os seus interesses, e a fazerem parte dele. Para a confirmação de sua doutrina, por ela ser nova e surpreendente, e muito diferente do que foram ensinados pelos escribas e fariseus, e por depender de como os homens a receberiam ou não, o Senhor os capacitou a operar milagres (vv. 1,2): Ele lhes deu virtude e poder sobre todos os demônios, para subjugá-los, e expulsá-los, embora fossem tão numerosos, tão sutis, tão ferozes, e tão obstinados. Cristo planejou uma total destruição do reino das trevas, e, portanto, deu-lhes poder sobre todos os demônios. Ele os autorizou e os nomeou igualmente para curarem enfermidades, curarem os enfermos, o que os tornaria bem-vindos onde quer que chegassem, não só para convencer as pessoas em seus julgamentos, mas para ganhar suas afeições. Esta foi a comissão deles. Agora observe:

1. O que Cristo os instruiu a fazer, ao executarem esta comissão neste momento, quando não iriam longe ou ficariam fora por muito tempo. (1) Eles não deveriam ser solícitos para conseguir a estima do povo através da aparência exterior. Agora que começaram a se estabelecer por conta própria, eles não deveriam se vestir, nem procurar parecer diferentes do que foram enquanto o seguiam; eles deveriam ir como estavam, e não mudar as suas roupas, nem colocarem calçados novos. (2) Eles deveriam depender da Providência, e da bondade de seus amigos, para supri-los com o que lhes fosse necessário. Eles não deveriam levar consigo nem pão, nem dinheiro, crendo que não passariam necessidades. Cristo não queria que os seus discípulos tivessem vergonha de receber a generosidade de seus amigos, mas, antes, esperassem por ela. No entanto, o apóstolo Paulo não viu motivos para seguir esta regra, no período em que trabalhou com as suas mãos para não ser um fardo para os outros. (3) Eles não deveriam trocar de hospedagem, como suspeitando que aqueles que os recebessem estivessem fartos deles; eles não tinham motivos para isso, porque a arca é um hospede que sempre paga bem por sua hospitalidade: “Em qualquer casa que entrardes, ficai ali (v. 4), que as pessoas possam saber onde vos encontrar, que os vossos amigos possam saber que vós não estais relutantes em servi-los, e que os vossos inimigos possam saber que vós não estais com vergonha nem com medo de enfrentá-los; ficai ali até sairdes daquela cidade; ficai com aqueles com quem estiverdes habituados.” (4) Eles deveriam demonstrar autoridade, e advertir aqueles que os rejeitassem, bem

como consolar aqueles que os recebessem, v. 5. “Se houver algum lugar que não vos receber, se os magistrados vos negarem admissão e ameaçarem vos tratar como vadios, deixai-os, não insistais com eles, nem corrais perigo entre eles, mas ao mesmo tempo entregai-os ao juízo de Deus por isso; sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. “Isto será como uma evidência contra eles, de que os mensageiros do Evangelho estiveram entre eles para lhes fazer um oferta justa de graça e paz; a evidência será este pó que deixaram para trás de si; para que, quando eles perecerem finalmente em sua infidelidade, o seu sangue permaneça sobre as suas próprias cabeças. Sacudi o pó dos vossos pés, como que para dizer que vós abandonais a cidade deles, e que não tendes mais nada a ver com eles.

2. O que eles fizeram, na execução desta comissão (v. 6): Eles saíram da presença do seu Mestre; no entanto, tinham a sua presença espiritual consigo, seus olhos e seus braços indo juntamente com eles. E, tendo tamanho apoio ao seu trabalho, eles percorreram todas as aldeias, dentro dos circuitos que lhes foram designados, anunciando o Evangelho e fazendo curas por toda a parte. O trabalho deles era o mesmo do seu Mestre: fazer o bem tanto às almas como aos corpos.

II Temos aqui a perplexidade e a aflição de Herodes por causa disso. A transmissão do poder de Cristo àqueles que foram enviados em seu Nome, e que agiam pela sua autoridade, era uma prova admirável e convincente de que Ele era o Messias, acima de qualquer outra coisa; que Ele não só podia operar milagres, mas também capacitar outros a operar milagres. Isto fez divulgar a sua fama mais do que qualquer coisa, e tornou os raios deste Sol da justiça mais fortes pelo reflexo deles mesmos da terra, de homens tão simples e iletrados como eram os apóstolos, que não tinham mais nada que os abonasse, ou que levantasse qualquer expectativa em relação a si mesmos, além do fato de que tinham estado com Jesus, Atos 4.13. Quando a terra vê estes homens curando os enfermos em nome de Jesus, isto faz soar um alarme. Agora observe:

1. As várias especulações que isto levantou entre o povo. Embora eles não pensassem corretamente, não podiam deixar de pensar honradamente a respeito do nosso Senhor Jesus. O povo podia perceber que Ele era uma pessoa extraordinária, alguém vindo de um outro mundo; eles podiam pensar que João Batista, que tinha sido recentemente perseguido e morto

por causa de Deus, ou um dos antigos profetas, que haviam sido perseguidos e mortos há muito tempo por esta causa, havia ressuscitado, para ser recompensado pelos seus sofrimentos, e assim esta honra estaria sendo colocada sobre ele; ou que Elias, que foi levado vivo para o céu em um carro de fogo, tinha aparecido como um enviado do céu, vv. 7,8.

2. A grande perplexidade que isto gerou na mente de Herodes: Quando ele ouviu tudo o que era feito por Cristo, a sua consciência culpada se estampou em seu rosto, e estava pronto a concluir com eles que João Batista havia ressuscitado dos mortos. Ele pensava que havia se livrado de João, e que jamais seria perturbado por ele novamente; mas, parece que pensou que estivesse enganado. João ressuscitou ou aqui está um outro com o seu espírito e poder, porque Deus nunca ficará sem testemunha. “O que farei agora?” Disse Herodes. “A João mandei eu degolar; quem é, pois, este? Ele está continuando a obra de João, ou veio se vingar da morte de João? João batizava, mas ele não batiza; João não fazia milagres, mas ele faz e, portanto, parece mais tremendo do que João”. Note que aqueles que se opõem a Deus se acharão cada vez mais constrangidos. No entanto, Herodes procurava ver o Senhor, para averiguar se Ele se parecia ou não com João; mas ele logo poderia ser aliviado de sua dor, se fosse apenas informado daquilo que milhares já sabiam, que Jesus pregava, e operava milagres, muito antes de João ser degolado, e que, portanto, não poderia ser João ressuscitado dos mortos. Herodes procurava vê-lo; e por que não foi vê-lo? Provavelmente, porque considerava que seria se rebaixar, tanto ir vê-lo como pedir para que alguém o fizesse; ele já tinha tido o bastante por parte de João, e não gostaria de ter que se envolver com outro reprovador de pecados. Herodes desejava vê-lo, mas não sabemos se ele acabou fazendo isso, até que o viu em seu tribunal; e então ele, com os seus soldados, desprezou-o, cap. 23.11. Se Herodes tivesse executado as suas convicções agora, indo vê-lo, quem sabe se uma mudança feliz poderia ter sido operada em sua vida? Mas, tendo agora se demorado, seu coração foi endurecido, e quando ele por fim o viu, estava com tantos preconceitos contra o Senhor quanto qualquer incrédulo.

A Multidão Alimentada Milagrosamente

vv. 10-17

Temos aqui:

I O relato que os doze deram ao seu Mestre do sucesso de seu ministério. Eles não ficaram fora muito tempo; mas, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito, como servos que haviam sido mandados em uma missão. Eles lhe disseram o que tinham feito, e que, se tivessem falhado em alguma coisa, poderiam reparar os erros da próxima vez.

II O isolamento deles, para uma pequena pausa: Ele, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto, para que eles pudessem ter algum descanso do trabalho e para não ficarem sempre sob um esforço grande demais. Note que aquele que designou servos e servas para poder descansar, também quer que os seus servos descansem. Aqueles que estão nas posições mais públicas, e que são mais úteis publicamente, devem às vezes se isolar em particular, tanto para o repouso de seus corpos, para restabelecê-los, como também para adequar as suas mentes – pela meditação – às suas tarefas públicas.

III A afluência do povo para Ele, e a bondosa recepção que o Senhor lhes deu. Eles o seguiram, embora fosse para um lugar deserto; porque o local onde Cristo está jamais é um deserto. E, embora eles aqui tenham perturbado o repouso que Ele pretendia para si mesmo e para os seus discípulos, Ele os recebeu, v. 11. Note que o zelo piedoso pode desculpar um pouco de rudeza; isto aconteceu com Cristo, e deve acontecer conosco. Embora eles tenham vindo de forma inoportuna, Cristo lhes deu o que eles foram buscar. 1. Ele lhes falava do Reino de Deus, das leis deste reino com o qual eles deveriam estar ligados, e dos privilégios deste reino no qual eles deveriam ser abençoados. 2. Ele sarava aqueles que precisavam de cura, e eles lhe rogavam conforme a necessidade que tinham. Embora as doenças fossem sempre crônicas e incuráveis pelos médicos, e os pacientes fossem em sua maioria pobres e simples, Cristo os curava. Há cura em Cristo para todos os que necessitam dela, seja para a alma ou para o corpo. Cristo ainda tem poder sobre as doenças físicas, e cura o seu povo que necessita de cura. Às vezes ele vê que precisamos da enfermidade para o bem das nossas almas, mais do que a cura para o alívio dos nossos corpos, e então devemos

estar dispostos – por algum tempo, porque há necessidade – a passar por aflições; mas, quando Ele vir que precisamos de cura, nós a teremos. A morte é sua serva, para curar os santos de todas as enfermidades. O Senhor cura as enfermidades espirituais por suas graças, por suas consolações, e tem para cada uma aquilo que o caso requeira; só Ele tem o alívio necessário para cada problema.

IV A provisão abundante que Cristo providenciou para a multidão que o ouvia. Com cinco pães e dois peixes, Ele alimentou cinco mil homens. Já tivemos esta narrativa por duas vezes, e a encontraremos novamente; é o único milagre do nosso Salvador que foi registrado por todos os quatro evangelistas. Apenas observemos alguns pontos: 1. Aqueles que diligentemente servem a Cristo no caminho da obediência, e aqui renunciam ou se expõem, ou são levados a se esquecerem de si mesmos e de suas conveniências exteriores por seu zelo pela casa de Deus, são tomados sob o seu cuidado especial, e podem depender de *Jeová-Jiré – O Senhor proverá*. Ele não quer ver aqueles que o temem, e que o servem fielmente, desprovidos de quaisquer coisas boas de que precisem. 2. O nosso Senhor Jesus tinha um espírito livre e generoso. Os seus discípulos disseram: Despede a multidão, para que achem o que comer; mas Cristo disse, “Não, dai-lhes vós de comer”; vamos servir aquilo que tivermos, recebendo a todos como bem-vindos. Assim o Senhor ensinou tanto aos ministros como aos cristãos a serem hospitaleiros sem murmurações, 1 Pedro 4.9. Aqueles que só têm um pouco, façam o que puderem com este pouco, sabendo que esta é a maneira de se fazer mais pelos outros. Existem aqueles que compartilham aquilo que possuem, e, mesmo assim, os seus bens aumentam. 3. Jesus Cristo não tem somente o remédio, mas o alimento, para todos aqueles que pela fé recorrerem a Ele. O Senhor não só cura aqueles que precisam de cura, sarando as doenças da alma, mas também alimenta aqueles que precisam ser alimentados, supre a vida espiritual, alivia as suas necessidades, e satisfaz os seus desejos. Deus tem suprido não só para salvar a alma de perecer com suas doenças, mas para alimentar a alma com a vida eterna, fortalecendo-a com todos os exercícios espirituais. 4. Todos os dons de Cristo devem ser recebidos pela igreja de uma maneira regular e ordenada; Fazei-os assentar, em grupos de cinqüenta em cinqüenta, v. 14. Observe aqui o número de cada grupo que Cristo

designou para uma melhor distribuição dos alimentos, e também para facilitar a contagem do número de convidados. 5. Quando estamos recebendo os nossos confortos como seres humanos, devemos olhar para o céu. Cristo fez assim, para nos ensinar a fazer o mesmo. Devemos reconhecer que os recebemos de Deus, e que somos indignos de recebê-los, que somos devedores por todos eles – e por todo o conforto que temos neles – à mediação de Cristo, por quem a maldição é removida, e a aliança de paz é estabelecida. Também precisamos reconhecer que dependemos da bênção de Deus sobre eles para que se tornem úteis a nós, e devemos desejar esta bênção. 6. A bênção de Cristo fará com que um pouco dure muito. O pouco que o homem justo possui é melhor do que as riquezas de muitos ímpios; e assim, uma refeição de legumes é melhor do que um boi gordo. 7. Cristo sacia aqueles a quem Ele alimenta. Quando Ele abençoa alguém, Ele lhes dá o suficiente; assim como há nele o bastante para todos, há o bastante para cada um. Ele reabastece cada alma faminta, satisfazendo-a abundantemente com a bondade de sua casa. Aqui os fragmentos foram mencionados, para nos assegurar de que na casa do nosso Pai há pão o suficiente, e de sobra. Estando nele, nós não seremos privados de nada, nem passaremos necessidades.

O Testemunho Iluminado de Pedro. A Renúncia É Ordenada

vv. 18-27

Nestes versículos, temos o Senhor Jesus Cristo falando com os seus discípulos sobre as grandes coisas que diziam respeito ao Reino de Deus; e uma única circunstância deste discurso é notada aqui, a qual não tivemos nos outros evangelistas – que Cristo estava orando em particular, e estavam com Ele os discípulos, quando o Senhor iniciou este discurso, v. 18. Observe: 1. Embora Cristo tivesse muito trabalho público para fazer, Ele encontrava algum tempo para conversar em particular com o seu Pai, e com os seus discípulos. 2. Quando Cristo ficava sozinho, ele orava. É bom que aproveitemos a nossa solidão para a devoção, sabendo que, quando estamos sozinhos, podemos não estar sozinhos, mas podemos ter o Pai conosco. 3. Quando Cristo ficava sozinho, orando, os seus discípulos ficavam com Ele, para se juntarem a Ele em sua oração; de forma que esta era uma família de

oração. Os empregados deveriam orar com os seus patrões, os pais com os seus filhos, os senhores com os seus servos, e os professores e tutores deveriam fazer o mesmo com os seus alunos e pupilos. 4. Cristo orou com eles antes de examiná-los, para que eles pudessem ser instruídos e motivados a responder a Ele, através de suas orações por eles. Aqueles a quem damos instruções devem ser apoiados pelas nossas orações. Ele lhes fala:

I A respeito de si mesmo; e pergunta:

1. O que o povo dizia a seu respeito: Quem diz a multidão que eu sou? Cristo sabia mais do que eles, mas queria deixar os seus discípulos conscientes – pelos erros dos outros a seu respeito – de como eles eram felizes por serem levados ao conhecimento dele e da verdade a seu respeito. Devemos notar a ignorância e os erros dos outros, para que possamos ser mais agradecidos àquele que se manifestou a nós, e não ao mundo, e que também pode ter compaixão deles. Devemos fazer o que pudermos para ajudá-los e ensiná-los no caminho melhor. Eles dizem ao Senhor que conjecturas a respeito dele eles tinham ouvido em sua conversa com as pessoas comuns. Os ministros saberiam como adequar melhor as suas instruções, reprovações e conselhos ao caso de pessoas comuns, se eles apenas conversassem mais freqüentemente e familiarmente com elas; eles então seriam mais capazes de dizer o que é certo, retificando as suas noções, corrigindo as suas irregularidades, e removendo os seus preconceitos. Quanto mais próximo o médico estiver de seu paciente, melhor ele saberá o que fazer com ele. Alguns diziam que Ele era João Batista, que foi degolado pouco tempo antes; outros Elias, ou um dos antigos profetas; declaravam qualquer coisa, exceto a sua verdadeira identidade.

2. O que eles diziam dele. Agora veja que vantagem as pessoas têm através do discipulado: um conhecimento melhor do Senhor. “Nós sabemos quem és”, diz Pedro, “graças a ti ó Mestre; sabemos que tu és o Cristo de Deus, o Ungido de Deus, o Messias prometido”. É uma questão de conforto indescritível a nós que o nosso Senhor Jesus seja o ungido de Deus, porque assim Ele possui autoridade e habilidade inquestionáveis para a sua tarefa; pois o fato de ser o Ungido significa tanto que Ele é designado como qualificado para isso. Agora poderia se esperar que Cristo fosse ordenar aos

seus discípulos, que estavam tão completamente notificados e assegurados desta verdade, que anunciassem isto a todas as pessoas que encontrassem; mas não; admoestando-os, o Senhor mandou que a ninguém referissem isso, porque há um tempo para todas as coisas. Após a sua ressurreição, que completou a prova deste fato, Pedro proclamou no templo que, a esse Jesus, a quem eles crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo (At 2.36). Mas a evidência por enquanto não estava pronta para ser apresentada, e, portanto, deveria ser ocultada; por esse motivo, alguns concluem que esta crença não era necessária, naquele momento, para a salvação.

II A respeito dos seus próprios sofrimentos e da sua morte, dos quais Ele tinha dito pouco. Agora que os seus discípulos estavam bem estabelecidos na crença de que Ele era o Cristo, e eram capazes de suportar uma informação como esta, Ele fala destas coisas expressamente, e com grande segurança, v. 22. Isto é revelado como o motivo por que eles ainda não deveriam anunciar que Ele era o Cristo, porque as maravilhas que ocorreriam pela sua morte e ressurreição seriam as provas mais convincentes de que Ele era o Cristo de Deus. Foi por sua exaltação à mão direita do Pai que Ele foi totalmente declarado como o Cristo, e pelo envio do Espírito logo em seguida (At 2.33); e então deveriam esperar até que isso ocorresse.

III A respeito dos sofrimentos deles por Cristo. Eles deveriam procurar não pensar em como evitar os sofrimentos dele, mas, antes, em se preparar para seus próprios sofrimentos.

1. Devemos nos acostumar a todos os exemplos de renúncia e paciência, v. 23. Este é o melhor preparativo para o martírio. Devemos viver uma vida de renúncia, mortificação, e desprezo em relação ao mundo. Não devemos ser indulgentes com nossa tranqüilidade e com nosso apetite, porque então será difícil suportar o trabalho árduo, as fadigas, e a necessidade, por Cristo. Estamos sujeitos diariamente à aflição, e devemos nos ajustar a ela, e concordar com a vontade de Deus para ela, e devemos aprender a suportar as dificuldades. Freqüentemente nos deparamos com cruzes no caminho da obediência; e, embora não devamos forçá-las sobre as nossas próprias cabeças, quando elas se apresentam no nosso caminho, devemos tomá-las, carregá-las após Cristo, e agirmos da melhor maneira possível.

2. Devemos preferir a salvação e a felicidade de nossas almas antes de qualquer interesse secular, seja ele qual for. Considere isto: (1) Que aquele que preserva a sua liberdade ou bens, seu poder ou preferência, ou, para salvar sua vida, nega a Cristo e suas verdades, intencionalmente engana a sua consciência, e peca contra Deus. Este, não só não será um salvo, mas um indescritível perdedor, nesta questão, quando lucro e prejuízo vierem a ser pesados: "Qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á", perderá aquilo que é infinitamente mais valioso: sua alma preciosa. (2) Devemos firmemente crer também que, se perdermos a nossa vida por nos mantermos fiéis a Cristo e à nossa religião, a salvaremos para a nossa indescritível vantagem; pois seremos abundantemente recompensados na ressurreição do justo, quando teremos outra vez uma vida nova e eterna. (3) Que ganhar o mundo inteiro, se tivéssemos que abandonar a Cristo, e nos envolver com os interesses do mundo, estaria tão longe de compensar a perda e a ruína eterna da alma, que não haveria proveito algum, v. 25. Se pudéssemos ganhar toda a riqueza, honra e prazer do mundo, negando a Cristo, ainda que quando fizéssemos isso, perdêssemos a nós mesmos por toda a eternidade, e fôssemos finalmente expulsos, que proveito o nosso ganho terreno nos traria? Observe que em Mateus e Marcos a questão terrível é o homem perder a sua própria alma; aqui é perder a si mesmo, o que claramente sugere que a nossa alma é o nosso próprio ser. *Animus cujusque is est quisque – A alma é o homem*; e vai bem ou mal conosco de acordo com que vai bem ou mal com a nossa alma. Se elas perecerem para sempre, sob o peso de sua própria culpa e corrupção, é certo que nós pereceremos. O corpo não pode ser feliz se a alma for infeliz no outro mundo; mas a alma pode ser feliz embora o corpo seja grandemente afligido e oprimido neste mundo. Se um homem for expulso, e *zemiotheis – se ele for ferido* – ou se ele for castigado, *si mulctetur – se ele tiver uma multa sobre a sua alma* pela sentença justa de Cristo, cuja causa e interesse ele desertou traiçoeiramente – se ele for sentenciado a perder todas as suas bênçãos, e a penalidade for executada, onde estará o ganho? Qual será a esperança?

3. Portanto, jamais devemos nos envergonhar de Cristo e de seu Evangelho, nem de qualquer desonra ou reprovação que possamos passar por termos sido fiéis a Ele, v. 26. Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, e com razão. Quando o serviço e a honra a Cristo exigiram seu testemunho e

esforço, Ele os negou, porque o interesse por Cristo era um interesse desprezado, e em todo lugar caluniado; portanto, o cristão só poderá esperar pela perfeição naquele grande dia, quando o seu caso exigir o testemunho de Cristo em seu favor. Mas Cristo se envergonhará de reconhecer como seu este espírito covarde, terreno e desprezível, e dirá, “Ele não é dos meus; ele não me pertence”. Assim como Cristo teve um estado de humilhação e um estado de exaltação, a sua causa também os tem. Aqueles, e somente aqueles, que estão dispostos a sofrer com a sua causa quando ela sofrer, reinarão quando ela reinar; mas aqueles que não podem encontrar em seus corações motivos para participar de sua desonra, dizendo, se ela for desprezível, serei mais desprezível ainda, certamente não terão sua parte com ela em seus triunfos. Observe, aqui, como Cristo – para apoiar a si mesmo e aos seus seguidores sob as desonras presentes – fala magnificamente do brilho da sua segunda vinda, vivendo a perspectiva de que Ele iria suportar a cruz, desprezando a vergonha. (1) Ele virá em sua própria glória. Isto não foi mencionado em Mateus e Marcos. Ele virá na glória que tem como Mediador, toda a glória que o Pai restaurou a Ele, a qual Ele tinha com Deus Pai antes que os mundos existissem, e que Ele tinha depositado e penhorado para cumprir a sua missão, e recebido de volta depois de ter passado por todo o seu sacrifício. Agora, glorifica-me tu, ó Pai, João 17.4,5. O Senhor Jesus virá em toda aquela glória que o Pai lhe conferiu quando o colocou à sua mão direita, e o entregou à igreja para ser o Cabeça de todas as coisas; em toda a glória que é devida a Ele como aquele que nos declarou a glória de Deus, e o autor da glória de todos os santos. Esta é a sua própria glória. (2) Ele virá na glória de seu Pai. O Pai julgará o mundo através dele, tendo-lhe entregue todo o juízo; portanto, o Pai o reconhecerá publicamente no juízo como o esplendor de sua glória, e a imagem expressa de sua gloriosa Pessoa. (3) Ele virá na glória dos santos anjos. Todos eles o servirão, e a Ele ministrarão, e acrescentarão todas as coisas que puderem ao brilho de sua aparência. Que Pessoa o bendito Senhor Jesus será naquele dia! Se cremos, jamais devemos nos envergonhar dEle e de suas palavras em nossos dias.

Em último lugar, Ele virá para os encorajar a sofrer por Ele. O Senhor Jesus lhes garantiu que o Reino de Deus em breve seria estabelecido, apesar da grande oposição que viria contra ele, v. 27. “Embora a segunda vinda do Filho do Homem esteja há uma grande distância, o Reino de Deus virá em

seu poder na era presente, enquanto alguns aqui ainda estiverem vivos". Eles viram o Reino de Deus quando o Espírito foi derramado, quando o Evangelho foi anunciado em todo o mundo, e as nações foram trazidas a Cristo por meio dele; eles viram o Reino de Deus triunfar sobre as nações gentílicas na sua conversão, e sobre a nação judaica na sua destruição.

A Transfiguração

vv. 28-36

Temos aqui a narrativa da transfiguração de Cristo, que teve o propósito de manifestar um pouco da sua glória, na qual Ele virá para julgar o mundo, da qual Ele recentemente esteve falando, o que era, conseqüentemente, um estímulo para que os seus discípulos sofressem por amor a Ele, e que nunca se envergonhassem dele. Tivemos este relato anteriormente em Mateus e Marcos, e é bem digno de ser repetido a nós, e reconsiderado por nós, para a confirmação da nossa fé no Senhor Jesus, como o resplendor da glória do Pai e a luz do mundo, para que as nossas mentes sejam cheias de pensamentos elevados e honrosos a respeito dele, não obstante o fato do Senhor Jesus estar vestido com um corpo, e nos dando alguma idéia da glória à qual Ele entrou em sua ascensão, e na qual Ele agora aparece dentro do véu. Este lindo episódio da transfiguração também serviu para aumentar e estimular as nossas esperanças e expectativas a respeito da glória que está reservada para todos os crentes no estado futuro.

I Aqui está uma circunstância da narrativa que parece divergir dos outros dois evangelistas que a relataram. Eles disseram que este episódio ocorreu seis dias após as palavras anteriores; Lucas diz que foram quase oito dias depois, isto é, foi naquele mesmo dia da semana, sete noites antes, seis dias inteiros de intervalo, e era o oitavo dia. Alguns pensam que o episódio ocorreu à noite, e os discípulos estariam sonolentos, como em sua agonia, e pelo fato de ser noite, a sua aparência estaria ainda mais brilhante. Se foi durante a noite, a contagem do tempo seria mais duvidosa e incerta; provavelmente, durante a noite, entre os dias sétimo e oitavo, tendo, portanto, um intervalo de quase oito dias em relação às palavras anteriores.

II Aqui estão diversas circunstâncias acrescentadas e explicadas, que são muito substanciais.

1. Somos aqui informados de que Cristo teve esta honra colocada sobre si quando estava orando: Ele subiu ao monte a orar, como fazia com freqüência (v. 28). E, enquanto estava orando, Ele foi transfigurado. Cristo foi exaltado quando se humilhou a ponto de orar. Ele sabia, de antemão, que isto havia sido designado para Ele naquele momento, e assim o busca através da oração. O próprio Senhor Jesus Cristo solicitou os favores que estavam propostos para si, e prometidos a si: Pede-me, e eu te darei, Salmos 2.8. E assim Ele pretendeu colocar uma honra sobre o dever de orar, e recomendá-la a nós. É um dever transfigurador e transformador; se os nossos corações forem elevados e aumentados nela, como para ver a glória do Senhor, seremos transformados de glória em glória, na mesma imagem, 2 Coríntios 3.18. Pela oração nós alcançamos a sabedoria, a graça e a alegria, que fazem o rosto brilhar.

2. Lucas não usa a palavra transfigurado – *metamorphothe* (que Mateus e Marcos usaram), talvez porque ela tenha sido muito usada na teologia pagã, mas faz uso da frase equivalente, *to eidos tou prosopou heteron – o aspecto de seu semblante estava diferente do que tinha anteriormente* (transfigurou-se a aparência do seu rosto); o seu rosto brilhou muito mais do que o rosto de Moisés, quando este desceu do monte; e as suas vestes ficaram brancas e mui resplandecentes: foi *exastrapon – brilhante como um raio* (uma palavra usada apenas aqui), de forma que o Senhor parecia estar completamente vestido de luz, como se estivesse usando a luz como uma veste.

3. Foi dito em Mateus e Marcos que Moisés e Elias apareceram a eles; aqui é dito que eles apareceram com glória, para nos ensinar que os santos que partiram estão em glória, estão em um estado glorioso; eles brilham em glória. Como o Senhor estava em glória, eles apareceram com Ele em glória, como em breve acontecerá com todos os santos.

4. Somos aqui informados sobre o assunto da conversa entre Cristo e os dois grandes profetas do Antigo Testamento: Eles falavam da sua morte, a qual havia de se cumprir em Jerusalém. *Elegon ten exodon autou – seu êxodo, sua partida; isto é, a sua morte*. (1) A morte de Cristo é chamada aqui de sua saída, sua partida do mundo. Alguns entendem que Moisés e Elias falaram disto com Ele tendo esta noção, para consolá-lo, e para tornar a perspectiva do sofrimento e da morte mais fácil para a sua natureza

humana. A morte dos santos é o seu êxodo, a sua saída do Egito deste mundo, a sua libertação de uma casa de servidão. Alguns pensam que a ascensão de Cristo está incluída aqui em sua partida; porque a saída de Israel do Egito foi uma saída em triunfo, da mesma forma que foi a saída do Senhor quando deixou a terra em direção do céu. (2) Ele deveria partir, porque assim estava determinado; o ponto em questão estava imutavelmente fixado no conselho de Deus, e não poderia ser alterado. (3) O Senhor deveria cumprir esta parte de seu plano divino em Jerusalém, embora residisse por mais tempo na Galiléia. A razão disto é que os seus inimigos mais rancorosos estavam em Jerusalém, e ali se situava o Sinédrio, que se reservava o direito de julgar os profetas. (4) Moisés e Elias falaram disto, para sugerir que os sofrimentos de Cristo, e a sua entrada em sua glória, eram o tema de que Moisés e os profetas haviam falado; veja cap. 24.26,27; 1 Pedro 1.11. (5) O nosso Senhor Jesus, mesmo em sua transfiguração, estava desejando entrar em uma conversa a respeito de sua morte e de seus sofrimentos, para nos ensinar que as meditações sobre a morte – por se tratar da nossa saída deste mundo para o outro – nunca são inoportunas. Devemos falar a respeito deste assunto sempre que desejarmos, sem nos exaltar, pois recebemos as bênçãos do Senhor gratuitamente. Em meio às nossas maiores glórias na terra, lembremo-nos de que aqui não temos uma cidade duradoura.

5. Somos informados aqui – e não o fomos anteriormente – que os discípulos estavam carregados de sono, v. 32. Quando a visão começou, Pedro, Tiago e João estavam sonolentos, e propensos a dormir. Há várias possibilidades: era tarde da noite, ou eles estavam cansados, ou foram perturbados em seu descanso na noite anterior; ou talvez uma atmosfera muito tranqüila, ou alguns sons doces e melodiosos, que os colocaram em cochilos tão suaves e relaxantes, fossem uma introdução da visão; ou talvez a sonolência se devesse a uma despreocupação que poderia ser considerada um pecado: quando Cristo estava orando com eles, eles não consideraram a sua oração como deveriam ter feito, e, para serem punidos por causa disso, foram deixados para dormir agora, quando Ele começou a ser transfigurado, e assim perderam uma oportunidade de ver como aquela obra maravilhosa foi operada. Estes três estavam agora dormindo, e Cristo estava em sua glória. Eles também estiveram sonolentos quando Ele esteve em sua agonia; veja a tendência ao erro e à fraqueza da natureza humana, mesmo nos

melhores homens, e que necessidade temos da graça de Deus. Nada poderia afetar mais a estes discípulos, poderia se pensar, do que as glórias e as agonias de seu Mestre, e ambas em seu grau máximo; no entanto, nem uma nem outra serviu para mantê-los acordados. Temos uma grande necessidade de orar a Deus pedindo a sua graça estimulante, para nos tornar não só vivos, mas vivificados! Contudo, para que os discípulos pudessem ser testemunhas competentes deste sinal do céu – para aqueles que exigiam um sinal – após um tempo eles se recompuseram, e ficaram perfeitamente acordados; e então tiveram uma visão exata de todas aquelas glórias, de forma que foram capazes de dar um relato específico, como um deles o faz, de tudo quanto se passou quando estiveram com Cristo no santo monte, 2 Pedro 1.18.

6. Aqui é observado que foi quando Moisés e Elias estavam prestes a partir, que Pedro disse: Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três tendas. Desse modo, freqüentemente não nos conscientizamos do valor das nossas misericórdias até que estejamos prestes a perdê-las; nem ambicionamos e buscamos a sua permanência até que estejam partindo. Pedro disse isto, não sabendo o que dizia. Não sabem o que dizem aqueles que falam em fazer tendas na terra para santos glorificados no céu, que possuem moradas melhores no templo de lá, e com toda a certeza desejam permanecer nelas.

7. Aqui é acrescentado, a respeito da nuvem que os cobriu com a sua sombra, que eles, entrando na nuvem, temeram. Esta nuvem foi um sinal da presença mais peculiar de Deus. Foi em uma nuvem que o Deus do passado encheu o Tabernáculo e o templo, e, quando a nuvem cobriu o Tabernáculo, Moisés não pôde entrar (Êx 40.34,35), e quando ela encheu o templo, os sacerdotes não puderam permanecer para ministrar por causa dela, 2 Crônicas 5.14. Esta era a nuvem, e não é de se admirar que os discípulos temessem entrar nela. Mas nunca tenha medo de entrar na nuvem com Jesus Cristo; porque Ele certamente lhe manterá em segurança.

8. A voz que veio do céu está aqui, e em Marcos, relatada não tão completamente quanto em Mateus: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi; embora as palavras, em quem me comprazo, que temos tanto em Mateus como em Pedro, não estejam expressas, elas estão implícitas na frase, Este é o meu Filho amado; o Filho a quem Deus Pai ama, e em quem Ele se compraz, formam o mesmo sentido; nós somos aceitos no Amado.

Em último lugar, É dito aqui que os apóstolos tiveram a visão em particular. Por aqueles dias não contaram a ninguém, reservando esta revelação para uma outra oportunidade, quando as evidências de que Cristo é o Filho de Deus seriam completadas no derramamento do Espírito, e quando aquela doutrina seria anunciada a todo o mundo. Assim como há um tempo para falar, há um tempo para calar. Todas as coisas são belas e úteis a seu tempo.

Um Espírito Maligno É Expulso

vv. 37-42

Esta passagem da história em Mateus e Marcos vem imediatamente após a passagem da transfiguração de Cristo, e a conversa com os seus discípulos depois disso; mas aqui é dito ser no dia seguinte, descendo eles do monte, o que confirma a conjectura de que Cristo foi transfigurado durante a noite, e, parece que embora eles não tenham feito tendas como Pedro propôs, encontraram algum abrigo para repousar durante toda a noite, pois foi apenas no dia seguinte que eles desceram do monte. Então o Senhor encontrou alguma desordem entre os discípulos, embora não tão graves quanto aquilo que Moisés encontrou quando desceu do monte. Quando homens sábios e bons estão em seus isolamentos aprazíveis, eles fariam bem em considerar se não estão sendo requisitados em seus locais públicos.

Nesta narrativa, observe: 1. O quanto as pessoas estavam ansiosas por receberem a Cristo em seu retorno. Embora Ele tivesse estado ausente apenas por pouco tempo, lhes saiu ao encontro uma grande multidão, como, em outras ocasiões, muitas pessoas o seguiram; porque assim foi predito a respeito dele, que a Ele o povo se ajuntaria. 2. O quanto o pai do jovem lunático foi insistente com Cristo, pedindo a sua ajuda (v. 38): Mestre, peço-te que olhes para meu filho; este é o pedido, e é um pedido muito modesto; um olhar de compaixão de Cristo é suficiente para resolver todas as coisas. Aproximemo-nos de Cristo e levemos os nossos filhos até Ele, para que todos possamos receber um olhar do Senhor. A sua alegação é, porque ele é o único que eu tenho. Aqueles que têm muitos filhos podem atenuar a sua aflição devido a um deles, através do conforto que têm nos demais; no entanto, se for um filho único que está em sofrimento, a aflição

neste pode ser atenuada com o amor de Deus, que deu o seu Filho unigênito por nós. 3. O quanto o caso do jovem era deplorável, v. 39. Ele estava sob o poder de um espírito maligno, que o tomava; e as enfermidades desta natureza são mais terríveis do que as que surgem meramente por causas naturais; quando o ataque o tomava sem qualquer aviso, ele de repente clamava, e muitas vezes seus gritos estridentes tinham perfurado o coração de seu terno pai. Este espírito mau o despedaçava, e o quebrantava, e só o largava depois de muita dificuldade, e partia com tormento mortal. Ó as aflições dos aflitos deste mundo! E que dano Satanás provoca onde ele domina! Mas feliz é aquele que tem acesso a Cristo! 4. Quão deficientes eram os discípulos em sua fé. Embora Cristo tenha lhes dado poder sobre os espíritos imundos, eles não puderam expulsar este espírito maligno, v. 40. Eles não confiavam no poder que receberam e do qual deveriam tirar as suas forças, ou na comissão que lhes foi dada, ou ainda não se exercitaram em oração como deveriam ter feito; por isto Cristo os reprovou. Ó geração incrédula e perversa! O Dr. Clarke entende esta expressão como se o Senhor estivesse dizendo aos seus discípulos: “Ainda estais sem fé e cheios de falta de confiança, de forma que não podeis desempenhar a tarefa que eu vos dei?” 5. Quão eficaz foi a cura que Cristo operou neste jovem, v. 42. Cristo pode fazer por nós aquilo que os seus discípulos não podem fazer: o Senhor Jesus repreendeu o espírito imundo quando ele estava mais furioso. O demônio derribou, convulsionou, e retorceu a sua vítima, como se estivesse querendo despedaçá-la. Mas uma palavra de Cristo curou o menino, e reparou completamente o dano que o diabo lhe havia causado. E é aqui acrescentado que o Senhor o entregou novamente ao seu pai. Note que quando os nossos filhos se recuperam de alguma doença, devemos recebê-los como se fossem entregues a nós outra vez, recebê-los como se tivessem ressuscitado, e como quando os recebemos pela primeira vez. É reconfortante recebê-los da mão de Cristo, vê-lo entregando-os a nós novamente: “Aqui está, tome esta criança e seja agradecido; tome-a, e crie-a para mim, para que ela me sirva e viva em minha presença, pois você a recebeu outra vez de mim. Tome-a, mas não coloque excessivamente o teu coração sobre ela; busque-me sempre em primeiro lugar”. Com estes cuidados, os pais devem receber os seus filhos das mãos de Cristo, e então devem colocá-los novamente em suas preciosas mãos, sentindo o conforto do Senhor em seus corações.

A Ambição dos Discípulos É Reprovada

vv. 43-50

Aqui podemos observar:

I A impressão que os milagres de Cristo causaram em todos aqueles que os viram (v. 43): Todos eles ficaram maravilhados com o poder de Deus, o qual eles puderam ver em todos os milagres que Cristo operou. Note que as obras poderosas de Deus são espantosas, especialmente aquelas que são operadas pela mão do Senhor Jesus; pois Ele é o poder de Deus, e o seu nome é Maravilhoso. A sua maravilha foi universal: elas deixaram a todos maravilhados. As suas causas eram universais: eles se maravilharam com todas as coisas que Jesus fez; todas as suas ações tinham em si alguma coisa incomum e surpreendente.

II O anúncio que Cristo deu aos seus discípulos de seus sofrimentos iminentes: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, homens perversos, homens do pior caráter; eles terão permissão de abusar dele por prazer. Isto é sugerido aqui, e é expresso pelos outros evangelistas: Eles o matarão. Mas o que é peculiar aqui é: 1. A conexão disto com o que aconteceu imediatamente antes, a admiração com que as pessoas foram tomadas ao verem os milagres de Cristo (v. 43): Maravilhando-se todos de todas as coisas que Jesus fazia, disse aos seus discípulos... Eles tinham um conceito otimista do seu reino temporal, e que Ele deveria reinar, e eles com Ele, em pompa e poder seculares; e agora eles pensavam que este grande poder do Senhor iria facilitar as coisas, e o interesse do povo que foi ganho através dos seus milagres iria contribuir para isso. Portanto, Cristo, que sabia o que estava em seus corações, aproveita esta ocasião para lhes dizer outra vez o que já lhes havia dito antes: que Ele estava longe de ter homens entregues em suas mãos, como um dominador humano, e que Ele é que deveria ser entregue nas mãos dos homens. Longe de viver em uma situação de honra humana, o Senhor deveria morrer aparentemente em desgraça. E assim, todos os seus milagres, e o interesse que estes despertaram nos corações das pessoas, não impedirão que isso aconteça. 2. O prefácio solene com o qual o assunto é apresentado: “Ponde vós estas palavras em vossos

ouvidos; dai uma atenção especial ao que eu digo, e misturai a fé a isso; não permitais que as noções que tendes do reino temporal do Messias impeçam os vossos ouvidos de ouvirem, nem vos tornem indispostos a crerem nisso. Aceitai o que eu vos digo, e sujeitai-vos a isso". Deixem que estas palavras caiam em seus corações; assim se lê no siríaco e no árabe. A palavra de Cristo não nos é proveitosa, a menos que deixemos que ela caia em nossas mentes e corações. 3. A estupidez inexplicável dos discípulos com relação a esta predição dos sofrimentos de Cristo. Foi dito, em Marcos, que eles não entenderem esta palavra. Era bastante clara, mas eles se recusavam a entendê-la no sentido literal, porque ela não estava de acordo com a noção deles; e eles não podiam entender em qualquer outro sentido, e tinham medo de perguntar ao Senhor, para que não ficassem desiludidos e fossem despertados de seu sonho prazeroso. Mas é acrescentado aqui que isto foi ocultado a eles, e assim não perceberam, pela fraqueza de sua fé, e pelo poder da predisposição. Não podemos achar que isto lhes foi ocultado por misericórdia, para que eles não fossem consumidos pela tristeza excessiva por esta perspectiva; mas que foi um paradoxo, porque eles assim o fizeram para si mesmos.

III A censura que Cristo fez aos seus discípulos, por estarem disputando entre si quem seria o maior, vv. 46-48. Já tivemos esta passagem antes, e, por pior que seja a situação, devemos tratar do assunto outra vez. Observe aqui:

1. Ambição por honra, e competição por superioridade e precedência, são os pecados que mais facilmente envolvem os discípulos de nosso Senhor Jesus, pelos quais eles merecem ser severamente repreendidos; estas coisas procedem de corrupções que eles devem se preocupar grandemente em sujeitar e mortificar, v. 46. Aqueles que esperam ser grandes neste mundo geralmente olham para coisas muito altas, e nada lhes satisfará se não forem os maiores; isto os expõe a muitas tentações e dificuldades, das quais estão a salvo aqueles que estão satisfeitos por serem pequenos, por serem menores, sim, menos que o mínimo.

2. Jesus Cristo está perfeitamente familiarizado com os pensamentos e intenções dos nossos corações: Ele conhecia o pensamento deles, v. 47. Para Ele, os pensamentos são palavras e os sussurros são exclamações em voz alta. Esta é uma boa razão para mantermos um controle rígido dos

nossos pensamentos, porque Cristo os reconhece com rigor.

3. Cristo manda que os seus discípulos ambicionem a honra que deve ser obtida através de uma humildade tranqüila e condescendente, e não naquilo que se espera obter por meio de uma ambição inquieta e ansiosa. Cristo tomou uma criança, e colocou-a junto a si, v. 47 (porque Ele sempre expressou carinho e bondade pelos pequeninos), e lhes mostrou esta criança como um exemplo. (1) Eles deveriam ter o temperamento de uma criança, humilde e tranqüila, e fácil de lidar; não deveriam ter a pompa, a grandeza, ou os títulos elevados do mundo, mas deveriam estar como mortos para estas coisas, assim como esta criança; que eles não tivessem mais malícia contra os seus rivais e competidores do que tinha esta criança. Que cada um deles estivesse disposto a ser o menor, se isto contribuísse de alguma forma para a sua missão e utilidade. Eles deveriam se submeter ao ofício mais inferior, se, por meio deste, pudessem fazer o bem. (2) Que eles se convencessem de que este era o caminho para a dignidade; pois isto os recomendaria à estima dos seus irmãos. Portanto, aqueles que amassem a Cristo, os receberiam em seu nome, porque eles se assemelhavam muito a Ele, e eles da mesma forma recomendariam a si mesmos ao seu favor, porque Cristo aceitaria a bondade feita a eles como se fosse feita a si mesmo: Qualquer que receber esta criança, ou um pregador do Evangelho que tenha a mesma disposição de uma criança como esta, coloca o seu respeito no lugar certo, e me recebe; e que honra maior do que esta um homem pode alcançar neste mundo, de ser recebido pelos homens como mensageiro de Deus e de Cristo, e de ter a Deus Pai e a Cristo em si mesmo? Todos os discípulos humildes de Jesus Cristo têm esta honra, e, assim, aqueles que forem os menores entre eles é que serão verdadeiramente grandes.

IV. A censura que Cristo deu aos seus discípulos por desencorajarem alguém que o honrava e o servia, mas que não pertencia ao seu grupo, e que não só não era um dos doze, nem um dos setenta, mas que não era alguém que alguma vez tenha se associado a eles, ou os acompanhado, mas que por ouvir falar ocasionalmente de Cristo, creu nele, e fez uso de seu nome com fé e súplica de uma maneira séria, para a expulsão de demônios. Agora: 1. Este homem eles repreenderam e coibiram; eles não queriam que ele orasse e pregasse, embora fosse para a honra de Cristo, embora fizesse o

bem para os homens e enfraquecesse o reino de Satanás, porque ele não seguia a Cristo com eles; ele andava separado da igreja deles, não era ordenado como eles eram, não lhes prestava respeito, nem lhes estendia a destra de comunhão. Agora, se qualquer sociedade de cristãos neste mundo tivesse motivos para fazer calar aqueles que não eram de seu grupo, os doze discípulos neste momento tinham; no entanto: 2. O Senhor Jesus Cristo os censurou pelo que eles fizeram, e os advertiu a não fazerem aquilo novamente, nem a qualquer que professasse ser sucessor dos apóstolos: "Não o proibais (v. 50), antes, encorajai-o, pois ele está trabalhando no mesmo propósito que vós, embora, por razões que não conheceis, ele não esteja me seguindo convosco; e ele vos encontrará na mesma extremidade, embora não vos acompanhe no mesmo caminho. Bem fazeis ao realizardes a obra a que fostes chamados, mas isso não quer dizer que este esteja cometendo um erro. Cometeis um erro ao tentardes proibi-lo, porque quem não é contra nós é por nós, e por esta razão devemos lhe dar apoio." Não precisamos perder nenhum dos nossos amigos, ainda mais porque temos tão poucos amigos, e tantos inimigos. Estes podem ser achados como fiéis seguidores de Cristo, e, como tais, podem ser aceitos por Ele, embora não sigam ao Senhor conosco. Veja Marcos 9.38,39. Que grandes erros seriam evitados na igreja – mesmo na daqueles que se vangloriam do relacionamento que têm com Cristo, e se mostram ciumentos por amor a Ele – se esta passagem fosse devidamente considerada!

Os Samaritanos se Recusam a Receber a Cristo. O Zelo Equivocado de Tiago e João

vv. 51-56

Esta passagem não é apresentada por nenhum dos outros evangelistas, e parece entrar aqui por motivo de sua afinidade com o que veio antes, porque nisto também Cristo repreendeu os discípulos, quando eles demonstraram ciúmes por causa dele. Ali, sob a aparência de zelo por Cristo, eles desejavam silenciar e coibir os separatistas; aqui, sob a mesma aparência, eles desejavam que os infiéis fossem mortos; e assim, tanto naquele como neste caso, Cristo os repreendeu, pois um espírito de intolerância e perseguição é diretamente contrário ao espírito de Cristo e do

cristianismo. Observe aqui:

I A presteza e a resolução do nosso Senhor Jesus, ao prosseguir em sua grande tarefa em favor da nossa redenção e salvação. Disto temos um exemplo, v. 51: Quando chegou o tempo em que deveria ser recebido no céu, o Senhor Jesus manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. Observe: 1. Havia um tempo determinado para os sofrimentos e para a morte do nosso Senhor Jesus. E Ele sabia muito bem quando seria, e tinha uma previsão clara e certa disso, mas, no entanto, estava tão longe de se afastar deste caminho, que foi então que Ele apareceu em público e se ocupou ainda mais do que antes, sabendo que o seu tempo era curto. 2. Quando viu que os seus sofrimentos e a sua morte se aproximavam, o Senhor Jesus olhou através e além deles, para a glória que deveria se seguir; Ele olhou tudo isso como o tempo em que deveria ser recebido acima, na glória (1 Tm 3.16), recebido nos mais altos céus, para ser entronizado ali. Moisés e Elias falaram de sua morte como a sua saída deste mundo, o que a tornou menos difícil de ser enfrentada; mas Ele foi além, e a considerou como a sua trasladação para um mundo melhor, o que a tornava muito desejável. Todos os bons cristãos podem formar para si a mesma noção da morte, e chamar a isso de ser recebido no céu, para estar com Cristo onde Ele está; e quando o tempo deles serem recebidos no céu estiver próximo, que eles ergam as suas cabeças, sabendo que a sua redenção está próxima. 3. Nesta perspectiva de alegria colocada diante de si, o Senhor Jesus manifesta o firme propósito de ir a Jerusalém, o lugar onde iria sofrer e morrer. Ele estava totalmente determinado a ir, e não seria dissuadido; Ele foi diretamente a Jerusalém, porque era ali agora que o seu interesse estava, e não parou em outras cidades, nem fez rodeios. Se tivesse feito algum percurso evangelístico, como geralmente fazia, Ele poderia ter evitado passar por Samaria. O Senhor foi alegremente e corajosamente para Jerusalém, embora soubesse o que iria enfrentar ali. Ele não hesitou nem ficou sem desencorajado, mas foi firme como uma pedra, sabendo que seria não só justificado, mas glorificado (Is 1.7); Ele não seria abatido, mas recebido no céu. Como isso deve nos envergonhar, pela nossa relutância em fazermos algo para Cristo e sofrermos por Ele! Damos as costas, e viramos a nossa face para o outro lado do serviço daquele que com firme propósito enfrenta toda a oposição, para levar a obra da nossa salvação até o fim.

II A grosseria dos samaritanos em certa aldeia (cujo nome não foi mencionado, pois não foram merecedores de uma honra como esta) que não quiseram recebê-lo, nem permitir que Ele pernoitasse em sua cidade, embora em seu caminho passasse por ela. Observe aqui: 1. Como o Senhor foi educado com eles: Ele mandou mensageiros diante da sua face, alguns dos seus discípulos, que foram preparar uma pousada, e saber se Ele poderia ter lugar para acomodar a si mesmo e aos que o acompanhavam entre eles; porque o Senhor não queria ofender, ou causar qualquer constrangimento pelo número de seus seguidores. Ele mandou alguns para que preparassem os detalhes para Ele, não por pompa, mas por conveniência, e para que a sua chegada não fosse uma surpresa. 2. Como eles foram rudes com ele, v. 53. Eles não o receberam, não permitiram que ele entrasse em sua aldeia, mas ordenaram aos seus guardas que o mantivesse longe. Ele teria pago por tudo o que tivesse consumido, e teria sido um hóspede generoso entre eles, lhes teria feito o bem, e teria pregado o Evangelho a eles, como havia feito pouco tempo antes em uma outra cidade de samaritanos, João 4.41. O Senhor teria sido – se eles desejassem – a maior bênção que já teria chegado à aldeia deles, mas, no entanto, eles o proibiram de entrar. Seu Evangelho e seus ministros freqüentemente enfrentaram um tratamento como este. Agora, o motivo era porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém; eles observaram, por seus movimentos, que Ele estava indo naquela direção. A grande controvérsia entre os judeus e os samaritanos era sobre o lugar de adoração – se Jerusalém ou o Monte Gerizim perto de Sicar; veja João 4.20. E a controvérsia era tão ardente entre eles que os judeus não se comunicavam com os samaritanos, nem estes com os judeus, João 4.9. No entanto, podemos supor que eles não negavam hospedagem a outros judeus entre eles, quando subiam para a festa; porque se esta fosse a prática constante deles, Cristo não teria tentado isto, e teria sido um grande transtorno para alguns dos galileus irem a Jerusalém por qualquer outro caminho que não através de Samaria. Mas eles estavam particularmente enfurecidos contra Cristo, que era um mestre famoso, por reconhecer e aderir ao templo em Jerusalém, quando os sacerdotes daquele templo eram seus inimigos ferrenhos. Assim, é possível que os samaritanos esperassem que o Senhor tivesse sido atraído a ir ao templo samaritano e a adorar ali, o que lhes traria uma reputação excelente; mas quando viram que Cristo seguiria para

Jerusalém, apesar de toda a oposição dos judeus, eles não quiseram lhe demonstrar qualquer gentileza comum que provavelmente usaram anteriormente para com o Senhor em outras viagens.

III O ressentimento que Tiago e João expressaram diante desta afronta, v. 54. Quando ouviram esta mensagem que lhes foi trazida, estes dois ficaram imediatamente inflamados. Eles julgaram que nada lhes serviria além do destino de Sodoma. E assim queriam que uma ampla destruição viesse sobre a aldeia deles: “Senhor!” — Eles disseram — “Queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?”

1. Aqui havia, na verdade, algo louvável, pois eles demonstraram: (1) Uma grande confiança no poder que haviam recebido de Jesus Cristo; embora isto não tenha sido particularmente mencionado em sua comissão, eles poderiam, com uma palavra falada, mandar vir fogo do céu. *Theleis eipomen* – Permitas que falemos a palavra, e a ação será feita. (2) Um grande zelo pela honra de seu Mestre. Eles ficaram muito ofendidos pelo fato de que àquele que fazia o bem, onde quer que fosse, e que encontrava sempre uma recepção cordial, fosse negada – por uma parcela de reles samaritanos – a generosidade habitual necessária àqueles que estão em viagem. Eles não podiam pensar nisso sem sentir uma forte indignação pelo fato de seu Mestre ser assim desrespeitado. (3) Uma submissão à vontade de seu Mestre, e o forte desejo de agradá-lo. Eles não farão nada, a não ser que Cristo lhes dê permissão: Queres que façamos? (4) Uma consideração pelos exemplos dos profetas que foram antes deles. Como é que Elias fez? Eles não teriam pensado em fazer uma coisa dessas, se Elias não tivesse feito isto contra os soldados que vieram prendê-lo, por duas vezes, 2 Reis 1.10,12. Tiago e João pensaram que este precedente seria a sua garantia; temos a tendência de aplicar mal os exemplos de homens bons, e de pensarmos em nos justiçar através deles nas liberdades irregulares que damos a nós mesmos, mesmo quando os nossos casos não são paralelos aos deles.

2. Mas embora houvesse algo certo no que disseram, havia muito mais erros, pois: (1) Esta não foi a primeira vez, dentre várias, que o nosso Senhor Jesus havia sido desse modo afrontado. Os nazarenos o expulsaram de sua cidade, e os gadarenos desejaram que Ele saísse de sua costa; no entanto, o Senhor nunca invocou qualquer juízo sobre eles, mas suportou a

injúria pacientemente. (2) Estes eram samaritanos, de quem nada melhor poderia se esperar, e que talvez tivessem ouvido que Cristo havia proibido os seus discípulos de entrarem em qualquer das cidades dos samaritanos (Mt 10.5). Portanto, a atitude deles foi tão ruim quanto a daqueles que já conheciam mais a respeito de Cristo, e que tinham recebido tantos favores dele. (3) Talvez, apenas alguns da cidade não conhecessem nada a respeito de Cristo, e estes teriam lhe enviado aquela mensagem rude. Pois é provável que muitos na cidade, se tivessem ouvido que Cristo estava tão perto deles, teriam ido encontrá-lo e recebê-lo; mas será que o Senhor deixaria a cidade toda em cinzas pela maldade de alguns? Seriam os justos destruídos com os ímpios? (4) O Mestre jamais havia invocado fogo do céu, nem mesmo nas ocasiões mais difíceis. Ele também havia se recusado a dar aos fariseus qualquer sinal do céu quando estes o exigiram (Mt 16.1,2); e por que eles deveriam pensar em apresentar este sinal? Tiago e João eram os dois discípulos a quem Cristo havia chamado de Boanerges – filhos do trovão (Mc 3.17); e será que isto não era o bastante para eles? Será que também queriam ser filhos do raio? (5) O exemplo de Elias não se aplicava à situação. Elias foi enviado para mostrar os terrores da lei, e dar provas disso, e testemunhar como um reprovador ousado contra as idolatrias e maldades da corte de Acabe. Convinha a ele – e era o suficiente – ter o seu comissionamento assim provado; mas uma dispensação da graça seria agora apresentada, à qual aquela terrível demonstração da justiça divina não seria absolutamente adequada. O arcebispo Tillotson sugere que o fato de estarem agora perto de Samaria, onde Elias invocou o fogo do céu, poderia ter ajudado a se lembrarem daquele evento. Quem sabe estivessem no mesmo lugar; mas, embora o lugar até pudesse ser o mesmo, os tempos eram outros.

IV A censura que ele deu a Tiago e João por seu zelo violento e feroz (v. 55): Voltando-se, porém, repreendeu-os; porque o Senhor repreende e disciplina aqueles a quem ama, particularmente pelo que fazem. O Senhor corrige aquilo que é irregular e que não convém aos seus servos, mesmo que se trate de alguma atitude que esteja disfarçada sob a aparência do zelo por Ele.

1. Ele lhes mostra, em particular, o erro que os dois discípulos estavam cometendo: Vós não sabeis de que espírito sois, isto é: (1) “Vós não sabeis

de que espírito mau e de que disposição má, sois; quanto há de orgulho, paixão, e vingança pessoal cobertos por este pretenso zelo pelo seu Mestre." Note que pode haver muita corrupção escondida, e se agitando também nos corações das pessoas boas, e elas mesmas não se darem conta disso. (2) "Vós não sabeis de que espírito bom, diretamente contrário a este, sois". Certamente ainda tendes que aprender, embora estejais aprendendo há muito tempo, qual é o espírito de Cristo e do cristianismo. Não fostes ensinados a amar os vossos inimigos, e a abençoar aos que vos amaldiçoam, e a invocar a graça do céu, e não o fogo do céu, sobre eles? Vós não sabeis como a vossa disposição é contrária, aqui, ao propósito do Evangelho a que vos deveis entregar. Vós não estais agora debaixo da dispensação da servidão, do terror, e da morte, mas debaixo da dispensação do amor, da liberdade, e da graça, que foi apresentada com a proclamação de paz na terra e boa vontade para com os homens, com os quais deveis trabalhar, não lançando sobre eles maldições como estas, pois são opostas à vossa chamada.

2. Ele lhes mostra o propósito e a tendência geral da sua religião (v. 56): O Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. Ele planejou propagar a sua santa religião através do amor e da bondade, e de tudo o que é cativante e afável, não pelo fogo, espada, sangue e morte; mas pelos milagres de cura, e não por pragas e milagres de destruição, como ocorreu quando Israel foi tirado do Egito. Cristo veio para aniquilar as inimizades, não para fomentá-las. Estão certamente destituídos do espírito do Evangelho aqueles que defendem a maldição e o extermínio pela violência e perseguição a todos quantos não pensam e agem como eles, que não podem – com uma boa consciência – dizer o que dizem, e fazer o que fazem. Cristo veio não só para salvar as almas dos homens, mas também para salvar as suas vidas – um testemunho desta realidade são os testemunhos dos muitos milagres que Ele operou para a cura das enfermidades que de outra forma teriam sido mortais. Por estes testemunhos, e também por milhares de outros exemplos de benevolência, entendemos que Cristo mandou que os seus discípulos fizessem o bem a todos, empregando o máximo de suas forças. Eles não devem ferir ninguém, mas precisam atrair os homens para a sua igreja com cordas humanas e com laços de amor, não pensando em forçar os homens a isso com a vara da violência ou com os açoites da língua.

VA sua partida desta aldeia. Cristo não iria puni-los por sua grosseria, e também não insistiria no seu direito de viajar pela estrada (que era tão livre para ele como para os seus vizinhos). O Senhor não tentaria forçar a sua passagem, mas calmamente e pacificamente foi para uma outra aldeia, onde o povo não era tão mesquinho e fanático, e ali revigorou suas forças, e continuou a viagem. Note que, quando uma corrente de oposição é forte, a atitude mais sábia é sair de seu caminho, em vez de contender com ela. Se alguém for muito rude, em vez de nos vingarmos, devemos experimentar se outros não serão mais educados.

Todas as Coisas Devem Ser Deixadas por Amor a Cristo

vv. 57-62

Temos aqui um relato de três outras pessoas que se ofereceram para seguir a Cristo, e as respostas que Cristo deu a cada uma delas. Dos dois primeiros tivemos um relato em Mateus 19.21.

IAqui vemos um que está extremamente ansioso para seguir a Cristo imediatamente, mas que parece ter sido demasiadamente precipitado, impetuoso e imprudente, não tendo refletido e analisado o custo de tal atitude.

1. Ele faz a Cristo uma promessa muito grande (v. 57): Indo eles pelo caminho, subindo para Jerusalém, onde se esperava que Cristo fosse aparecer primeiro em sua glória, disse-lhe um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. Esta deve ser a decisão de todos aqueles que serão realmente achados como discípulos de Cristo; eles seguem o Cordeiro onde quer que Ele vá (Ap 14.4), mesmo que seja através do fogo e da água, sofrendo prisões e morte.

2. Cristo lhe dá uma advertência necessária, não prometendo grandes coisas no mundo para aqueles que o seguem, mas, ao contrário, estes devem contar com a pobreza e a insignificância; porque o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.

Podemos considerar isto: (1) Como uma demonstração da condição muito baixa em que o nosso Senhor Jesus viveu neste mundo. Ele não só não possuía os deleites e ornamentos que os grandes príncipes geralmente

possuíam, mas nem mesmo as acomodações para as meras necessidades como até mesmo as raposas e as aves do céu têm. Veja a que grau de pobreza o nosso Senhor Jesus se submeteu por nós, para aumentar o valor e o mérito de seu pagamento, e para comprar para nós uma grande porção da graça, para que nós, pela sua pobreza, pudéssemos ser ricos, 2 Coríntios 8.9. Ele, que fez todas as coisas, não fez uma habitação pra si mesmo nesta terra durante a sua missão, nem uma casa que fosse sua onde pudesse reclinar a sua cabeça; mas estava trabalhando incansavelmente para preparar uma moradia excelente para os outros. Ele aqui se denomina Filho do Homem, um Filho de Adão, um participante da carne e do sangue. Ele se gloria na sua condescendência em relação a nós, não só pela insignificância da nossa natureza, mas pela condição mais inferior nesta natureza, para testificar do seu amor por nós, e para nos ensinar um desprezo santo por este mundo e pelas coisas grandes nele, e uma consideração contínua pelo outro mundo. Cristo assim era pobre, para santificar e suavizar a pobreza para o seu povo. Os apóstolos não tiveram um lugar de habitação certo (1 Co 4.11); uma situação que eles poderiam suportar melhor sabendo que o seu Mestre também não o teve; veja 2 Samuel 11.11. Podemos nos sentir satisfeitos por passarmos as mesmas necessidades e privações que Cristo passou. (2) Como uma proposição que deve ser considerada por aqueles que pretendem ser seus discípulos. Se tivermos a intenção de seguir a Cristo, devemos colocar de lado os pensamentos das coisas grandes no mundo, e não contar com outras riquezas. Devemos fazer do céu a nossa religião, decidindo não aceitar nada menos que isso. Não misturemos a profissão de fé do cristianismo com as vantagens seculares; Cristo separou estas coisas, então não pensemos em juntá-las; ao contrário, devemos esperar entrar no Reino dos Céus através de muitas tribulações, devemos negar a nós mesmos, e levar a nossa cruz. Cristo diz a este homem com que ele devia contar se o seguisse: passar frio e desconforto, ser mal tratado, e viver em meio a um forte desprezo; se ele não pudesse se submeter a isso, que não se propusesse a seguir a Cristo. Parece que esta palavra fez com que o homem desse um passo para trás. Mas as palavras mais severas não serão um empecilho ou uma falta de estímulo para aqueles que conhecem o que há em Cristo e no céu; colocando todas as coisas na balança, saberemos que vale a pena servir ao Senhor Todo-Poderoso.

II Aqui está outro, que parece decidido a seguir a Cristo, mas que pede um dia, v. 59. A este homem Cristo primeiro convocou; o Senhor lhe disse, Segue-me. Aquele que se ofereceu para seguir fugiu quando ouviu falar das dificuldades inerentes a isso; mas este homem a quem Cristo convocou, embora tenha hesitado a princípio, como parece, depois cedeu; assim se confirma a Palavra de Cristo, Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, João 15.16. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre (isto está de acordo com aquela faísca ardente expressa nos versículos anteriores), mas de Deus, que demonstra misericórdia, que dá a chamada, e a torna efetiva, como fez com este homem. Observe:

1. A desculpa que ele deu: “Senhor, deixa que primeiro eu vá enterrar meu pai. Eu tenho um pai idoso em casa, que não viverá muito mais, e que precisará de mim enquanto viver; deixe-me ir e cuidar dele até que morra, e assim lhe terei prestado o meu último serviço de amor; e então farei qualquer coisa”. Podemos ver três tentações aqui. Corremos o risco de ser atraídos e impedidos de seguir a Cristo por culpa destas tentações, contra as quais, portanto, devemos nos guardar: (1) Somos tentados a descansar em um discipulado amplo, no qual podemos estar soltos, e não nos envolvermos, desistindo de ser firmes e constantes. (2) Somos tentados a adiar aquilo que sabemos que devemos fazer, que é nosso dever, deixando nossa obrigação para alguma outra hora. Quando tivermos nos livrado dos cuidados e das dificuldades, e tivermos resolvido os nossos assuntos, e conseguido bens até certo nível, então começaremos a pensar em ser religiosos; e assim fraudamos todo o nosso tempo, fraudando o tempo presente. (3) Somos tentados a pensar que o nosso dever para com os nossos familiares nos desculpará ou nos justificará para não cumprirmos o dever que temos em relação a Cristo. Esta é, na verdade, uma desculpa plausível: “Deixe que eu vá sepultar o meu pai – deixe-me cuidar da minha família, e sustentar os meus filhos, e então pensarei em servir a Cristo”. Mas o Reino de Deus e a sua justiça devem ser buscados em primeiro lugar; eles devem estar em primeiro lugar em nosso pensamento e em nossa vida.

2. A resposta de Cristo a esta tentativa de justificação (v. 60): Deixe que os mortos enterrem os seus mortos. Suponha (o que não é provável) que não haja ninguém além dos mortos para enterrar os seus mortos, ou que não haja ninguém além daqueles que estão velhos e morrendo – que são como os mortos – e que aparentemente não servem para nenhum outro serviço; no

entanto, tu tens outro trabalho a fazer. Vá e anuncie o Reino de Deus. Não que Cristo queira que os seus seguidores ou os seus ministros sejam antinaturais; a nossa religião nos ensina a ser gentis e bons em todos os relacionamentos, a mostrarmos piedade em casa, e retribuirmos aos nossos pais todo o bem que nos fizeram. Mas não devemos fazer destes ofícios uma desculpa que nos isente do dever que temos para com Deus. Se o relacionamento mais próximo e mais estimado que tivermos no mundo ficar no nosso caminho, nos afastando de Cristo, é necessário termos um zelo que nos faça esquecer pai e mãe, como fez Levi, Deuteronômio 33.9. Este discípulo foi chamado para ser um ministro; portanto, não deveria se envolver com os assuntos deste mundo, 2 Timóteo 2.4. E há uma regra que devemos obedecer: sempre que Cristo nos chamar para qualquer dever, não devemos consultar a carne e o sangue, Gálatas 1.15,16. Nenhuma desculpa deve ser admitida contra uma obediência imediata ao chamado de Cristo.

III Aqui está outro que está disposto a seguir a Cristo, mas que precisa de um pouco de tempo para falar com seus amigos sobre isso.

Observe: 1. Seu pedido de dispensa, v. 61. Ele disse em outras palavras: “Senhor, eu te seguirei; eu não planejo nenhuma outra coisa, estou determinado a fazê-lo; mas deixe que me despeça primeiro dos que estão em minha casa”. Isto parecia razoável; foi o que Eliseu desejou quando Elias o chamou. “Deixa-me beijar meu pai e minha mãe”. E isto lhe foi permitido. Mas o ministério do Evangelho tem a preeminência sobre qualquer outra atividade, e o seu serviço é mais urgente do que o dos profetas. Portanto, aqui, isto não seria permitido. Permita-me *apotaxasthai tois eis ton oikon mou – Deixa-me ir e colocar em ordem meus assuntos domésticos e dar instruções a respeito deles*; assim alguns entendem aquele pedido. Agora, o que estava errado nisto é: (1) Que ele considerava seguir a Cristo como coisa melancólica, incômoda e perigosa; era para ele como se fosse morrer e, portanto, precisava despedir-se de todos seus amigos para nunca mais vê-los, ou nunca vê-los com qualquer conforto; ao passo que, ao seguir a Cristo, ele poderia ser mais um conforto e uma bênção para eles se tivesse continuado com eles. (2) Que o homem parecia ter, em seu coração, mais interesses terrenos do que deveria ter. O seu coração estava repleto de coisas que não estariam de acordo com a obediência e o desempenho do dever que aquele homem teria como um seguidor de Cristo. Ele parecia ter

um grande anelo por seus parentes e interesses familiares, e não poderia se separar facilmente e adequadamente deles, mas eles se apegaram a ele. Pode ser que ele tenha se despedido deles uma vez, mas relutou em partir sem se despedir novamente; portanto, deveria se despedir deles mais uma vez, provavelmente por estarem em sua casa. (3) Que ele estava disposto a enfrentar uma tentação quanto ao seu propósito de seguir a Cristo. Ir e se despedir daqueles que estavam em sua casa seria se expor às mais fortes solicitações imagináveis para alterar a sua decisão; porque todos eles seriam contra isso, e iriam rogar e suplicar que ele não os deixasse. Agora, seria uma presunção da parte dele se lançar em tal tentação. Aqueles que resolvem andar com o seu Criador, e seguir o seu Redentor, devem decidir que não irão negociar com o tentador.

2. A repreensão que Cristo lhe fez por causa deste pedido (v. 62): “Aquele que, lançando mão do arado, e pretendendo fazer um bom trabalho arando a terra, olha para trás – para trás de si – deixa a terra sem ser lavrada com seu arado, e a terra que ele possivelmente vier a lavrar não será adequada para ser semeada. Assim tu, se tens o propósito de me seguir e colher as vantagens daqueles que assim fazem, não deves olhar para trás, para uma vida terrena, como se estivesses ansiando por ela novamente. Se olhares para trás, como a mulher de Ló que olhou para Sodoma, tu não estarás apto para o Reino de Deus”. (1) “Tu não serás uma terra apta para receber a boa semente do Reino de Deus se estiveres assim dividido, trabalhando pela metade, sem demonstrar uma dedicação completa.” (2) “Tu não serás um semeador apto a espalhar a boa semente do reino se não puderes segurar o arado de uma forma melhor e mais adequada”. Arar a terra é uma atividade que tem sua função na semeadura. Assim como aqueles que são como uma terra fechada não estão aptos para receber a semente dos confortos divinos; aqueles que não sabem como abrir a terra que não está cultivada não são aptos para trabalhar na semeadura. O grande problema é que aqueles que não estão preparados e colocam a mão no arado, estarão sempre olhando para trás, pensando em abandonar a obra de Deus. Note que aqueles que começam a fazer a obra de Deus devem tomar a decisão de continuar nela, caso contrário não desempenharão sua tarefa com sucesso. Olhar para trás gera uma inclinação a voltar, e esta volta leva à perdição. Não são aptos para o céu aqueles que, tendo colocado seus rostos em direção ao céu, olham ao redor. Mas aquele – e somente aquele – que perseverar até o fim,

será salvo.

CAPÍTULO 10

Neste capítulo temos: I. A grande comissão que Cristo deu aos setenta discípulos para anunciar o Evangelho, e para confirmá-lo por milagres; e as instruções completas que o Senhor lhes deu sobre como agirem na execução de suas comissões, e grandes estímulos nesse particular, vv. 1-16. II. O relatório que os setenta discípulos fizeram ao seu Mestre do sucesso de sua missão, e sua conversa logo em seguida, vv. 17-24. III. A conversa de Cristo com um doutor da lei a respeito do caminho para o céu, e as instruções que o Senhor lhe deu através de uma parábola, sobre quem era seu próximo. Devemos oferecer bondade a quantos pudermos, e receber a bondade de todos aqueles que quiserem nos fazer o bem, vv. 25-37. IV. A estada de Cristo na casa de Marta, a censura que Ele fez a ela sobre os seus cuidados com as coisas do mundo, e o seu elogio a Maria pelo cuidado que tinha para com sua alma, 38-42.

A Missão dos Setenta

vv. 1-16

Temos aqui o envio dos setenta discípulos, dois a dois, em diversas partes da região, para anunciarem o Evangelho, e para operarem milagres naqueles lugares que o próprio Cristo designou que visitassem, para prepararem a sua estada. Isto não é observado pelos outros evangelistas; mas as instruções aqui dadas a eles são, em boa parte, as mesmas daquelas que foram dadas aos doze. Observe:

I O número deles: eles eram setenta. Assim como na escolha dos doze apóstolos Cristo tinha em mente os doze patriarcas, as doze tribos, e os doze príncipes das doze tribos, aqui Ele tinha em mente os setenta anciãos de Israel. Muitos subiram com Moisés e Arão ao monte, e viram a glória do Deus de Israel (Êx 24.1,9), e muitos foram depois disso escolhidos para ajudar a Moisés no governo, a fim de que o Espírito de profecia viesse sobre eles, Números 11.24,25. As doze fontes de água e as setenta

palmeiras que estavam em Elim eram uma figura dos doze apóstolos e dos setenta discípulos, Êxodo 15.27. Eles eram setenta anciãos dos judeus que foram empregados por Ptolomeu, rei do Egito, para traduzir o Antigo Testamento para o grego; desde então esta tradução é chamada de Septuaginta. O grande Sinédrio consistia deste número. Agora:

1. Estamos felizes por descobrir que Cristo teve tantos seguidores qualificados para serem enviados; o trabalho dele jamais foi em vão, embora o Senhor tenha encontrado muita oposição. Note que o interesse de Cristo é um interesse crescente, e os seus seguidores, como Israel no Egito, embora afligidos se multiplicarão. Estes setenta, embora não o servissem de forma tão próxima e tão constantemente quanto os doze, eram, no entanto, os ouvintes constantes de sua doutrina, as testemunhas dos seus milagres, e criam nele. Aqueles três mencionados no final do capítulo anterior poderiam ter feito parte destes setenta, se tivessem se dedicado com mais fervor ao que deveriam fazer. Estes setenta são aqueles de quem Pedro fala como “os varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós,” e faziam parte dos cento e vinte ali mencionados, Atos 1.15,21. Podemos supor que muitos destes que foram os companheiros dos apóstolos, de quem lemos em Atos e nas Epístolas, faziam parte destes setenta discípulos.

2. Estamos felizes por descobrir que havia trabalho para tantos ministros, e ouvintes para tantos pregadores; assim o grão da semente de mostarda começou a crescer, e o sabor do fermento a se espalhar pela refeição, para a fermentação do todo.

II O trabalho e a atividade deles: Ele os mandou de dois em dois, para que pudessem fortalecer e encorajar um ao outro. Se um cair, o outro o ajudará a levantar-se. Ele os mandou, não a todas as cidades de Israel, como fez com os doze, mas, apenas, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir (v. 1), como seus precursores; e devemos supor, embora não esteja registrado, que Cristo logo em seguida foi a todos estes lugares em que agora os enviou, embora Ele pudesse ficar apenas por pouco tempo em um lugar. Duas coisas eles foram ordenados a fazer, o mesmo que Cristo fez onde quer que tenha ido: 1. Eles deviam curar os enfermos (v. 9), curá-los em nome de Jesus, o que faria com que as pessoas desejassem ver este Jesus, e estivessem prontas a receber aquele cujo Nome era tão poderoso. 2.

Eles deviam anunciar a chegada do Reino de Deus, a sua chegada até eles: “Dizei-lhes: É chegado a vós o Reino de Deus, e agora sereis admitidos nele, se apenas olhardes ao vosso redor. Agora é o dia da vossa visitação, sabei e entendei”. É bom estarmos conscientes das nossas vantagens e oportunidades, para que possamos aproveitá-las. Quando o Reino de Deus chega até nós, devemos prosseguir, indo de encontro a ele.

III As instruções que ele lhes dá.

1. Eles deviam partir com oração (v. 2); e, em oração: (1) Deviam estar devidamente cientes das necessidades das almas dos homens, e requeriam sua ajuda. Eles deviam olhar em volta, e ver como era grande a seara, que abundância de gente precisava ouvir o Evangelho, uma multidão que estava disposta a recebê-lo, que tinha neste momento as suas expectativas aumentadas pela vinda do Messias e de seu reino. Havia grãos prontos para cair e se perder pela falta de mãos para recolhê-los. Note que os ministros deveriam se esforçar sob uma profunda preocupação pelas almas preciosas, considerando-as como as riquezas deste mundo, que deveriam ser alcançadas por Cristo. Eles devem igualmente estar preocupados pelo fato dos obreiros serem poucos. Os mestres judeus eram, na verdade, muitos, mas eles não eram obreiros; eles não juntavam almas para o Reino de Deus, mas para o seu próprio interesse e partido. Note que aqueles que são bons ministros desejam que haja mais ministros bons, porque há trabalho para muitos mais. É comum que os negociantes não se importem com quão poucos existam em seu próprio negócio; mas Cristo queria que os seus trabalhadores, em sua vinha, considerassem uma questão de queixa quando os trabalhadores fossem poucos. (2) Eles deviam desejar, sinceramente, receber a sua missão de Deus, que o Senhor os enviasse como obreiros de sua seara. Ele é o Senhor da seara, e assim deviam desejar que Ele enviasse outros; porque, se Deus os enviar, eles podem esperar que Ele os acompanhe e lhes dê pleno êxito. Que eles digam, portanto, como o profeta (Is 6.8): Eis-me aqui, envia-me a mim. É desejável recebermos a nossa comissão de Deus, e então poderemos prosseguir com ousadia.

2. Eles deviam partir com uma expectativa de dificuldade e perseguição: “Eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos; mas ide, e fazei o melhor que puderdes. Os vossos inimigos serão como lobos, sanguinários e cruéis, e prontos a vos destruir; em suas ameaças e insultos, eles serão como

lobos uivadores para vos aterrorizar; em suas perseguições, eles serão como lobos vorazes para vos despedaçar. Mas vós deveis ser como cordeiros, pacíficos e pacientes, mesmo sendo uma presa fácil". Teria sido muito difícil, portanto, serem enviados como ovelhas ao meio de lobos, se o Senhor não os tivesse dotado com o seu espírito e a sua coragem.

3. Eles não deviam se sobrecarregar com provisões, como se fossem em uma longa viagem, mas deviam depender de Deus e de seus amigos para prover o que lhes fosse necessário: "Não leveis bolsa para dinheiro, nem alforje ou mochila para roupas ou mantimentos, nem sandálias novas (como antes para os doze, cap. 9.3); e a ninguém saudeis pelo caminho." Esta ordem Eliseu deu ao seu servo, quando ele o enviou para ver o filho morto da sunamita, 2 Reis 4.29. Não que Cristo quisesse que seus ministros fossem rudes, anti-sociáveis e mal-educados; mas: (1) Eles deviam andar como homens apressados, que tinham os seus lugares específicos determinados, onde deviam entregar a sua mensagem. Eles deveriam se dirigir diretamente àqueles lugares, não deveriam se atrasar ou retardar com cerimônias ou cumprimentos desnecessários. (2) Eles deviam andar como homens de negócios, negócios relacionados a um outro mundo, nos quais deviam estar concentrados. Portanto, não deviam se envolver em conversas sobre assuntos seculares. *Minister verbi est; hoc age – Tu és um ministro da palavra; cuide do teu ofício*. (3) Eles deviam andar como homens sérios e contritos. Era o costume dos pranteadores, durante os primeiros sete dias de seu pranto, não saudar a ninguém, Jó 2.13. Cristo era um homem de dores e familiarizado com a dor; e convinha que por este e outros sinais os seus mensageiros se parecessem com Ele, e igualmente se mostrassem afetados pelas calamidades da humanidade que vieram para aliviar, e tocados por um sentimento em relação a estas.

4. Eles deviam mostrar, não só a sua boa vontade, mas a boa vontade de Deus, a todos de quem eles se aproximassem, e deixassem as questões e os sucessos a critério daquele que conhece os corações, vv. 5,6.

(1) A ordem que lhes foi dada: Em qualquer casa onde entrassem, deviam dizer: Paz seja nesta casa. Aqui: [1] Eles deveriam entrar em casas particulares; porque, não sendo admitidos nas sinagogas, eram forçados a pregar onde pudessem ter liberdade. E, como a sua pregação pública era realizada nas casas, era de lá que eles as transmitiam. Assim como o seu Mestre, eles pregavam de casa em casa em todas as cidades que visitavam,

Atos 5.42; 20.20. A igreja de Cristo foi, a princípio e em boa parte de sua história, uma igreja que se reunia nas casas. [2] Eles são instruídos a dizer, “Paz seja nesta casa, a todos debaixo deste telhado, a esta família, e a todos os que pertencem a ela”. Paz seja convosco era a forma comum de saudação entre os judeus. Eles não deviam usá-la com formalidade, de acordo com o costume, para aqueles a quem eles encontrassem no caminho, porque deveriam usá-la com solenidade àqueles em cujas casas entrassem: “A ninguém saudeis pelo caminho como cumprimento, mas àqueles, em cujas casas entrardes, dizei paz seja convosco, com seriedade e com sinceridade; porque esta saudação é mais que um cumprimento”. Os ministros de Cristo entram no mundo todo, para dizer, em nome de Cristo, Paz seja convosco. Primeiro, devemos propor a paz a todos, pregar a paz através de Jesus Cristo, proclamar o Evangelho da paz, a aliança da paz, a paz na terra, e convidar os filhos dos homens a virem e aproveitarem o seu benefício. Em segundo lugar, devemos orar para que todos tenham paz. Devemos sinceramente desejar a salvação das almas das pessoas para as quais pregamos, e oferecer estes desejos a Deus em oração; e pode ser bom avisá-los de que nós oramos por eles, e os abençoamos em nome do Senhor.

(2) O sucesso deveria ser diferente, de acordo com as diferentes disposições daqueles para quem eles pregavam e por quem oravam. A sua paz deveria ou não repousar sobre a casa: tudo dependia dos seus moradores. Se fossem filhos da paz ou não. *Recapitur ad modum recipientis – A qualidade do receptor determina a natureza da recepção.* [1] “Encontrareis alguns que são os filhos da paz, que pelas operações da graça divina buscam os desígnios do conselho divino, estão prontos para aceitar a palavra do Evangelho na sua luz e no seu amor, e tornar os seus corações como cera macia para receber as suas impressões. Estes estão qualificados para receber os confortos do Evangelho, que traz a operação de uma boa obra de graça. E, a estes, a vossa paz deve descobrir e repousar sobre eles; as vossas orações por eles serão ouvidas, as promessas do Evangelho serão confirmadas a eles, os seus privilégios conferidos a eles, e o fruto de ambos permanecerá e continuará com eles – uma boa parte que não lhes será tirada”. [2] “Vós encontrareis outros que não estarão dispostos, de modo algum, a ouvir ou dar atenção à vossa mensagem, casas inteiras que não têm nenhum filho da paz”. Agora, como é certo que a nossa paz não virá sobre estes, eles não têm parte nem porção na questão; a bênção que repousa

sobre os filhos da paz jamais repousará sobre os filhos de Belial. Aqueles que não guardarem a aliança, não poderão esperar pelas bênçãos da aliança. Mas em uma situação como esta, nossa paz voltará para nós; isto é, sentiremos um conforto por termos cumprido o nosso dever para com Deus, e por termos demonstrado a nossa confiança. As nossas orações, como as de Davi, voltarão para o nosso seio (Sl 35.13) e seremos designados para continuarmos na obra. A nossa paz voltará para nós, não só para ser desfrutada por nós mesmos, mas para ser transmitida a outros, àqueles que encontrarmos mais adiante, aqueles que são filhos da paz.

5. Eles deviam receber a bondade daqueles que lhes dessem de comer e beber, e os recebessem bem, vv. 7,8. “Aqueles que receberem o Evangelho receberão a vós que o pregais, e serão hospitaleiros; não deveis pensar em aumentar bens, mas podeis depender da generosidade para terdes a subsistência”. Além disto: (1) “Não sejais tímidos; não suspeiteis da hospitalidade, nem tenhais medo de serdes um fardo a eles, mas comei e bebei com alegria do que vos puserem diante; porque, qualquer que seja a bondade que eles vos mostrarem, será apenas uma pequena retribuição pela bondade que fazeis a eles, ao levardes as boas novas da paz. Sereis merecedores, porque digno é o obreiro de seu salário. O obreiro na obra do ministério será digno, se ele na verdade for um obreiro; e esta cooperação não é um ato de caridade, mas de justiça, na vida daqueles que são ensinados na Palavra. Estes devem cuidar daqueles que os instruem.” (2) “Não sejais exigentes na vossa dieta: Comei e bebei do que eles tiverem (v. 7), comei do que vos puserem diante, v. 8. Sede agradecidos pela comida simples, e não acheis defeitos, mesmo que não sejam as melhores refeições”. Não convém que os discípulos de Cristo desejem guloseimas. Assim como o Senhor não os prendeu aos jejuns supersticiosos dos fariseus, Ele também não permitiu que tivessem os banquetes luxuriosos dos epicureus. É provável que Cristo aqui se referisse às tradições dos anciãos sobre a sua comida. Eram tantas tradições, que aqueles que as observavam se tornavam extremamente críticos, e assim dificilmente se podia colocar um prato e os alimentos diante deles, pois sempre havia algum escrúpulo ou crítica a esse respeito. Mas Cristo não queria que eles considerassem estas coisas, mas que comessem o que lhes fosse oferecido, não fazendo nenhuma pergunta por causa da consciência.

6. Eles deviam denunciar os juízos de Deus contra aqueles que os rejeitassem, bem como à sua mensagem: “Se entrardes em alguma cidade, e vos não receberem, se não houver ali ninguém disposto a dar atenção à vossa doutrina, deixai-a, v. 10. Se eles não vos receberem em suas casas, saí por suas ruas advertindo-os”. Ele lhes instrui (cap. 9.5) a fazerem como Ele havia instruído os apóstolos: “Dizei a eles, não com raiva, ou escárnio, ou ressentimento, mas com compaixão pelas suas pobres almas que perecem, e um santo temor da ruína que eles estão trazendo sobre si mesmos: Até o pó que da vossa cidade se nos pegou sacudimos sobre vós, v. 11. Deles não recebais nenhuma bondade, não sejais devedores deles. O profeta do Senhor que aceitou a comida de um profeta em Betel pagou um preço elevadíssimo, 1 Reis 13.21,22. Dizei-lhes que vós não carregareis convosco o pó da cidade deles; que eles fiquem com o pó, porque eles são pó”. Isto será um testemunho para os mensageiros de Cristo, de que eles estiveram ali de acordo com a ordem do seu Mestre. Diante da recusa daquelas pessoas obstinadas, eles estarão absolutamente justificados, e a sua missão estará cumprida. Mas será um testemunho contra aqueles que não oferecerem qualquer hospitalidade aos mensageiros de Cristo, nem água para lavarem os pés. Eles foram forçados a limpar o pó de seus pés sacudindo-os. “Mas dizei-lhes claramente, para que não tenham dúvidas: O Reino de Deus é chegado a vós. Aqui vos é feita uma oferta justa; se não desfrutardes o seu benefício, a culpa será vossa. O Evangelho é trazido às vossas portas; se fechardes as vossas portas contra ele, o vosso sangue será sobre a vossa própria cabeça. Agora que o Reino de Deus já é chegado a vós, se não o aceitardes, o vosso pecado será indesculpável, e a vossa condenação intolerável”. Note que quanto melhores as ofertas que tivermos da graça e da vida de Cristo, por mais teremos que responder em um outro dia, se as menosprezarmos: Mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade, v. 12. Os sodomitas na verdade rejeitaram a advertência que lhes foi trazida por Ló; mas rejeitar o Evangelho é um crime hediondo, e será castigado com a justa medida naquele dia. O Senhor está se referindo ao dia do juízo (v. 14). Porém o Senhor o menciona utilizando a expressão “naquele dia”, para lhe dar ênfase, porque é o último e grande dia, o dia em que devemos prestar contas por todos os dias do tempo. E precisamente naquele dia serão determinados todos os nossos dias seguintes, na eternidade.

Nesta ocasião, o evangelista repete:

(1) O destino específico daquelas cidades em que as obras poderosas de Cristo foram feitas, Mateus 11.20, e versículos seguintes. Corazim, Betsaida e Cafarnaum, todas fazendo fronteira com o mar da Galiléia, onde Cristo era mais conhecido. Estes são os lugares aqui mencionados. [1] Estas cidades desfrutaram os maiores privilégios. As maravilhas de Cristo foram feitas nelas, e todas as obras foram boas; foram obras de misericórdia. Elas foram aqui elevadas até o céu, não só dignificadas e honradas, mas colocadas em um caminho adequado, para serem felizes; elas foram colocadas perto do céu. Somente um meio externo poderia trazê-las a esta posição. [2] O propósito de Deus ao favorecê-las deste modo, era trazê-las ao arrependimento e a uma mudança de vida, fazer com que elas se assentassem em sacos de panos grosseiros e cinzas, tanto para a humilhação pelos pecados que cometeram, como também em humildade e em uma sujeição mansa ao governo de Deus. [3] Eles frustraram este propósito e receberam a graça de Deus em vão. Foi sugerido que eles não se arrependeram. Nem mesmo diante de todos os milagres de Cristo puderam pensar o melhor a respeito do Senhor, e o pior a respeito dos pecados. Eles não geraram frutos compatíveis com as vantagens que desfrutaram. [4] Havia motivos para pensar – moralmente falando – que, se Cristo tivesse ido para Tiro e Sidom, cidades gentílicas, e lhes tivesse pregado a mesma doutrina e operado entre eles os mesmos milagres que fez nestas cidades de Israel, eles teriam se arrependido já há muito. O seu arrependimento teria sido muito rápido, e em saco de pano grosseiro e cinza, por ter sido tão profundo. Agora, para entender a sabedoria de Deus, ao dar os meios da graça para aqueles que não os aproveitariam, e negá-los àqueles que poderiam aproveitá-los, devemos esperar pelo grande dia em que todas as coisas serão descobertas. [5] O destino daqueles que, deste modo, recebem a graça de Deus em vão, será terrível. Aquelas cidades que foram então elevadas até ao céu, não fazendo uso de sua elevação, serão abatidas até o inferno, lançadas abaixo com vergonha e desonra. Elas tentarão entrar no céu, em meio a uma multidão de doutores, mas em vão; elas serão abatidas – para o seu sofrimento e desapontamento eternos – nas profundezas do inferno. E o inferno será realmente um inferno para elas. [6] No Dia do Juízo, Tiro e Sidom serão mais bem tratadas, e haverá mais tolerância para elas do que para aquelas cidades.

(2) A regra geral pela qual Cristo iria se guiar, ao enviar os seus ministros: A maneira como as pessoas tratarem os discípulos ou ministros do Senhor será a maneira como Ele considerará que estão tratando a Ele mesmo, v. 16. Aquilo que for feito ao embaixador estará sendo feito ao príncipe que o enviou. [1] “Quem vos ouve, e considera o que dizeis, a mim me ouve, e com isso me honra”. Mas: [2] “Aquele que vos rejeita, na verdade a mim me rejeita, e será contado como tendo lançado uma afronta contra mim; este está rejeitando aquele que me enviou”. Note que aqueles que desprezam a religião cristã, na verdade colocam um desrespeito sobre a religião natural, que é perfectiva. E aqueles que rejeitam os fiéis ministros de Cristo – embora não os odeiem e não os persigam, aqueles que pensam neles com desprezo, considerando-os inferiores, dando as suas costas ao seu ministério – serão considerados desprezadores de Deus e de Cristo.

O Sucesso dos Setenta

vv. 17-24

Cristo enviou os setenta discípulos, enquanto estava subindo a Jerusalém para a festa dos tabernáculos. Ele subiu, não abertamente, mas como em oculto (Jo 7.10), tendo enviado para outra terra uma parte tão grande de sua comitiva; e o Dr. Lightfoot pensa que isto foi antes de seu retorno da festa, e enquanto Ele ainda estava em Jerusalém, ou Betânia. Por isso teria sido difícil (por estar ali, v. 38), pelo menos para alguns deles, voltar até Ele. Agora aqui somos informados:

I Que relato eles lhe deram do sucesso de sua expedição: Voltaram os setenta com alegria (v. 17); não reclamando da fadiga de suas jornadas, nem da oposição e do desencorajamento com que eles se depararam, mas alegres com o seu sucesso, especialmente por terem expulsado muitos espíritos imundos: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam. Embora apenas a cura dos enfermos seja mencionada em seu comissionamento (v. 19), não há dúvida de que a expulsão de demônios estava incluída, e nisto eles tiveram um sucesso maravilhoso. 1. Eles dão a Cristo a glória por todo este resultado positivo: É através do Teu Nome. Note que todas as nossas vitórias sobre Satanás são obtidas pelo poder que

vem de Jesus Cristo. Devemos, em seu Nome, entrar na disputa com os nossos inimigos espirituais, e, sejam quais forem as vantagens que ganharmos, Ele deve ter todo o louvor; se a obra for feita em seu Nome, a honra será devida ao seu Nome. 2. Eles se alegram com o conforto que há nisto; eles falam deste assunto com um ar de exultação: Até os demônios, aqueles inimigos poderosos, se nos sujeitam. Note que os santos não têm maior alegria ou satisfação em quaisquer de seus triunfos do que quando triunfam sobre Satanás. Se os demônios se nos sujeitam, quem pode nos resistir?

II Que aceitação eles acharam no Senhor, e como Ele recebeu este relato.

1. Ele confirmou o que eles disseram, por concordar com a sua própria observação (v. 18): “O meu coração e os meus olhos acompanharam vocês; eu notei o sucesso que tiveram, e vi Satanás, como um raio, cair do céu”. Note que Satanás e o seu reino caem diante da pregação do Evangelho. “Entendam como é”, disse Cristo, “enquanto vocês ganham terreno, o diabo perde terreno.” Ele cai como um raio do céu, tão repentinamente, tão irrecuperavelmente, tão visivelmente, que todos podem percebê-lo, e dizer, “Veja como o reino de Satanás cambaleia, veja como ele tropeça.” Eles triunfaram ao expulsarem demônios dos corpos das pessoas; mas Cristo vê e se alegra pela queda do diabo devido ao interesse que Ele tem pelas almas dos homens. E assim temos uma referência ao seu poder nos lugares celestiais, Efésios 6.12. Ele prevê isto como sendo apenas um desejo do que agora deveria ser feito em breve, e que já havia começado – a destruição do reino de Satanás no mundo pela eliminação da idolatria e pela conversão das nações à fé em Cristo. Satanás cai do céu quando cai do trono nos corações dos homens, Atos 26.18. E Cristo previu que a pregação do Evangelho, que voaria como o raio através do mundo, onde quer que fosse derrubaria o reino de Satanás. Agora é expulso o príncipe deste mundo. Alguns têm dado um outro sentido a isso – tendo em vista a queda dos anjos – como se o propósito aqui fosse advertir estes discípulos, para que o sucesso deles não os tornasse soberbos: “Eu vi os anjos se tornarem demônios por causa do orgulho; este foi o pecado pelo qual Satanás foi expulso do céu, onde ele havia sido um anjo de luz. Eu vi, e vos dou um aviso para que não vos ensoberbeçais pelo orgulho, para não cairdes na condenação do diabo, que caiu pelo orgulho”, 1 Timóteo 3.6.

2. Ele repetiu, ratificou, e aumentou o comissionamento deles: Eis que vos dou poder para pisar serpentes, v. 19. Note que para aquele que possui, e usa bem o que possui, mais lhe será dado. Eles haviam empregado seu poder vigorosamente contra Satanás, e agora Cristo lhes confia um poder maior. (1) Um poder ofensivo, poder para pisar serpentes e escorpiões, demônios e espíritos malignos, a antiga serpente: “Esmagareis a cabeça da serpente em meu Nome”, de acordo com a primeira promessa, Gênesis 3.15. Vinde, calcai os vossos pés nos pescoços destes inimigos; pisareis estes leões e serpentes onde quer que vos encontreis com eles; vós os calcareis debaixo dos vossos pés, Salmos 91.13. Pisareis todos os poderes do inimigo; e o Reino do Messias será estabelecido em todos os lugares sobre as ruínas do reino de Satanás. Assim como os demônios se vos sujeitam agora, eles ainda vos serão sujeitos. (2) Um poder defensivo: “Nada vos fará dano algum; nem serpentes, nem escorpiões, se fordes castigados com eles ou lançados em prisões e calabouços entre eles; não sereis feridos pelas criaturas mais venenosas,” como aconteceu com Paulo (At 28.5), como é prometido em Marcos 16.18. “Se os homens perversos forem como as serpentes para vós, e habitardes entre estes escorpiões (como Ez 2.6), podereis desprezar a fúria deles, e pisar neles; isto não precisará vos perturbar, pois eles não têm nenhum poder contra vós, além do que eles receberam do alto; eles podem fazer barulho, mas não podem ferir”. Podeis brincar sobre a toca da áspide, pois a própria morte não ferirá nem destruirá, Isaías 11.8,19; 25.8.

3. Ele os instruiu a canalizarem a sua alegria para o motivo certo (v. 20): “Não vos alegreis porque se vos sujeitam os espíritos, por serem assim, e por continuarem assim. Não vos alegreis nisso meramente como se fosse a vossa honra, e uma confirmação da vossa missão, e como se isso vos colocasse em um grau acima das outras pessoas boas. Não vos alegreis somente nisso, ou principalmente nisso, mas alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus, porque sois escolhidos de Deus para a vida eterna, e sois os filhos de Deus pela fé.” Cristo, que conhecia os conselhos de Deus, podia lhes dizer que os seus nomes estavam escritos nos céus, porque é no livro da vida do Cordeiro que eles estão escritos. Todos os crentes são, pela graça, eleitos para a herança de filhos, e receberam a adoção de filhos, e o Espírito de adoção, que é o desejo desta herança. E assim são incluídos entre a sua família; agora isto é motivo de alegria,

alegria muito maior do que expulsar demônios. Note que o poder de serem feitos filhos de Deus deve ser mais valorizado do que o poder de operar milagres; porque lemos daqueles que no nome de Cristo expulsaram demônios, como fez Judas, mas que não serão reconhecidos por Cristo no grande dia. Mas aqueles cujos nomes estão escritos nos céus jamais perecerão; eles são as ovelhas de Cristo, a quem será dada a vida eterna. As graças da salvação devem gerar mais alegria do que os dons espirituais; o amor santo é um caminho mais excelente do que o falar em línguas.

4. O Senhor Jesus ofereceu uma ação de graças solene ao seu Pai, por empregar pessoas tão simples como seus discípulos, em um serviço tão elevado e honroso, vv. 21,22. Já vimos este assunto anteriormente (Mt 11.25-27), mas apenas aqui é mostrado que nesta hora Cristo se alegrou. Convinha que esta hora específica fosse mencionada, porque houve poucas como ela, porque Ele era um homem de dores. Naquela hora em que viu Satanás cair, e ouviu do bom sucesso de seus ministros, Ele se alegrou. Note que nada alegra tanto o coração do Senhor Jesus quanto o progresso do Evangelho, e o fracasso de Satanás, através da conversão das almas. A alegria de Cristo era uma alegria sólida e substancial, uma alegria interior: Ele se alegrou no espírito; mas a sua alegria, como as águas profundas, não faziam ruído; era uma alegria que um estranho não perceberia. Antes de se dedicar a render ações de graças a seu Pai, Ele se alegrou; pois, assim como o louvor de gratidão é a linguagem genuína da alegria santa, também a alegria santa é a raiz e a fonte do louvor de gratidão. Há duas coisas pelas quais o Senhor Jesus dá graças:

(1) Pelo que foi revelado pelo Pai através do Filho: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, v. 21. Em todas as nossas adorações a Deus, devemos tê-lo em vista, tanto como o Criador do céu e da terra quanto o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, tendo nele o nosso Pai. Agora, aquilo pelo que Ele dá graças é: [1] Que os conselhos de Deus em relação à reconciliação do homem consigo foram revelados a alguns dos filhos dos homens, que poderiam também ensinar a outros. E foi Deus que, por seu Filho, falou estas coisas a nós e por seu Espírito as revelou em nós; Ele revelou o que havia sido mantido em oculto desde o princípio do mundo. [2] Que os conselhos de Deus foram revelados às criancinhas, àqueles que tinham poucos talentos e capacidades, cuja origem e educação não tinha nada que fosse promissor, que eram apenas crianças no entendimento, até

que Deus pelo seu Espírito elevou as suas faculdades, e lhes proveu deste conhecimento, e lhes concedeu a habilidade necessária para transmiti-lo. Temos motivos para agradecer a Deus, nem tanto pela honra que Ele colocou sobre estas criancinhas, mas pela honra que Ele trouxe a si mesmo ao aperfeiçoar o poder em meio à fraqueza humana. [3] Que, ao mesmo tempo em que o Senhor revelou estes conselhos às criancinhas, Ele os escondeu dos sábios e entendidos, dos filósofos gentios, e dos rabinos judeus. Ele não lhes revelou as particularidades do Evangelho, nem os empregou para anunciar o seu reino. Graças sejam dadas a Deus pelos apóstolos não terem sido trazidos das escolas daqueles homens; pois, em primeiro lugar, eles teriam a tendência de misturar as suas noções com a doutrina de Cristo, o que os teria corrompido, como posteriormente ficou comprovado. Porque o cristianismo foi muito corrompido pela filosofia platônica nos seus primeiros séculos, pelos peripatéticos nos séculos seguintes, e pelos mestres judaizantes no seu primeiro estabelecimento. Em segundo lugar, se os rabinos e filósofos tivessem sido feitos apóstolos, o sucesso do Evangelho teria sido atribuído ao conhecimento e sabedoria deles, e à força de suas argumentações e eloqüência; portanto, eles não deveriam ser empregados, para que não dessem tanta importância a si mesmos, para que outros não lhes atribuíssem uma importância indevida. Eles foram excluídos pela mesma razão que o exército de Gideão foi reduzido: Ainda muito povo há, Juízes 7.4. Paulo, na verdade, foi criado como um estudioso entre os sábios e entendidos; mas ele se tornou uma criancinha quando se tornou um apóstolo, e deixou de lado as palavras tentadoras da sabedoria humana, esqueceu-se de todas elas, e não mostrou nem usou qualquer outro conhecimento além de Cristo, e Este crucificado, 1 Coríntios 2.2,4. [4] Que Cristo aqui agiu por meio da soberania: Assim é, ó Pai, porque assim te aprouve. Se Deus dá a sua graça e o conhecimento de seu Filho a alguns que menos provavelmente o teriam, e não o dá a outros que acharíamos mais bem capacitados a tê-lo, isto deve nos satisfazer: assim aprouve a Deus, cujos pensamentos estão infinitamente acima nos nossos. Ele escolhe confiar a divulgação do seu Evangelho às mãos daqueles que com uma energia divina o farão prosperar, em vez de confiá-lo às mãos daqueles que com a habilidade humana o farão fracassar.

(2) O que estava oculto entre o Pai e o Filho, v. 22. [1] A vasta confiança que o Pai depositou no Filho: Tudo por meu Pai me foi entregue, toda

sabedoria e conhecimento, todo poder e autoridade, toda graça e consolação que estão reservados para o remanescente escolhido; tudo foi entregue nas mãos do Senhor Jesus. Nele toda a plenitude deve habitar, e dele deve se derivar: Ele é o grande mandatário que administra todos os interesses do Reino de Deus. [2] O bom entendimento que há entre o Pai e o Filho, e as suas consciências mútuas, a que nenhuma criatura pode ser admitida: Nenhum homem sabe quem é o Filho, nem qual é o seu pensamento, exceto o Pai, que o teve no princípio de seus caminhos, antes das suas obras da antiguidade (Pv 8.22), nem quem é o Pai, nem quais são os seus conselhos, exceto o Filho, que estava em seu seio desde a eternidade, foi por Ele criado, e era diariamente o seu deleite (Pv 8.30), e aquele a quem o Filho pelo Espírito irá revelar. O Evangelho é a revelação de Jesus Cristo. Ao Senhor Jesus devemos todas as revelações que nos foram feitas sobre a vontade de Deus para a nossa salvação. E aqui o Senhor Jesus nos diz que tudo lhe foi confiado, o que é um grande prazer para si mesmo, pelo qual Ele é muito grato a Deus Pai.

5. Ele disse aos seus discípulos como era bom que eles tivessem tido estas coisas reveladas a si mesmos, vv. 23,24. Tendo se dirigido ao seu Pai, o Senhor Jesus se volta aos seus discípulos, com o propósito de deixá-los sensibilizados do quanto era para a felicidade deles, bem como para a glória e honra de Deus, que eles conhecessem os mistérios do reino e que fossem empregados para levar outros ao conhecimento destes, considerando: (1) Como este é um passo para algo melhor. Embora o simples conhecimento destas coisas não salve, ele nos coloca no caminho da salvação: Bem-aventurados são os olhos que vêem as coisas que vemos. Deus a esse respeito os abençoa; e, se não se entregarem ao pecado, esta será uma bênção eterna para eles. (2) Este é um grande passo, acima dos daqueles que vieram antes, mesmo os maiores santos, e aqueles que eram os mais favoritos do céu: “Muitos profetas e justos” (assim está em Mateus 13.7), muitos profetas e reis (assim está aqui), “desejaram ver e ouvir aquelas coisas que tendes compartilhado diariamente, e não as viram nem as ouviram”. A honra e a felicidade dos santos do Novo Testamento em muito excedem as dos profetas e dos reis do Antigo Testamento, embora eles também fossem altamente favorecidos. As idéias gerais que os santos do Antigo Testamento tinham – de acordo com as sugestões que lhes foram dadas – das graças e das glórias do Reino do Messias, fizeram com que eles

desejassem milhares de vezes que a sua porção tivesse sido reservada para estes dias abençoados, e que pudessem ver a essência daquelas bênçãos, das quais viam apenas frágeis sombras. Note que a consideração das grandes vantagens que temos à luz do Novo Testamento, acima das que tiveram aqueles que viveram nos dias do Antigo Testamento, deve despertar a nossa diligência no seu aprimoramento; porque, se não fizermos assim, a nossa condenação será agravada pela falta de aprimoramento.

Quem É o nosso Próximo

vv. 5-37

Temos aqui o diálogo de Cristo com um doutor da lei acerca de alguns pontos de consciência, com os quais todos nós nos preocupamos em ser corretamente informados. Eles aqui são mencionados pelo Senhor Jesus Cristo, embora as perguntas tivessem sido propostas com más intenções.

INós nos preocupamos em saber que coisas boas devemos fazer nesta vida, a fim de alcançarmos a vida eterna. Uma pergunta com este objetivo foi proposta ao nosso Salvador por um certo doutor da lei, ou escriba, apenas com o propósito de tentá-lo, não com o desejo de ser instruído por Ele, v. 25. O doutor da lei se levantou e lhe perguntou, Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Se Cristo tivesse qualquer coisa peculiar para prescrever, através desta pergunta Ele a mostraria, e talvez exporia o homem por isso; se não, Ele exporia a sua doutrina como desnecessária, uma vez que não daria nenhuma outra instrução para obter a felicidade além daquilo que eles já tinham recebido; ou talvez ele não tivesse nenhum propósito malicioso contra Cristo, como alguns dos escribas tinham, e apenas quisesse ter uma pequena conversa com o Senhor, assim como as pessoas que vão à igreja para ouvir o que o ministro dirá. Esta era uma boa pergunta: O que farei para herdar a vida eterna? Mas a pergunta perdeu toda a sua bondade quando foi proposta com uma má intenção, ou com uma intenção muito maligna. Note que não basta falar das coisas de Deus, e perguntar sobre elas, mas devemos fazê-lo com uma preocupação adequada. Se falarmos de vida eterna, e o caminho para ela, de uma maneira despreocupada, meramente como um assunto de conversa,

especialmente como uma matéria de discussão, apenas tomaremos o nome de Deus em vão, como o doutor da lei fez aqui. Agora, tendo começado esta pergunta, observe:

1. Como Cristo o fez responder sobre o que a lei divina ordenava, e o instruiu a seguir na direção dela. Embora conhecesse os pensamentos e intenções de seu coração, Cristo não lhe respondeu de acordo com a leviandade da pergunta, mas de acordo com a sabedoria e a bondade da pergunta que fez. Ele lhe respondeu com uma pergunta: Que está escrito na lei? Como lês? v. 26. Ele veio para sabatinar a Cristo, e para conhecê-lo; mas Cristo o sabatinou, e fez com que o homem conhecesse a si mesmo. Cristo fala com ele como um doutor da lei, como alguém que conhece a lei: os estudos relativos à sua profissão de fé iriam informá-lo; se ele praticasse o seu conhecimento, não ficaria sem a vida eterna. Note que será de grande utilidade para nós, em nosso caminho para o céu, considerar o que está escrito na lei, e o que lemos ali. Devemos recorrer às nossas Bíblias, à lei, enquanto ela está agora na mão de Cristo, e andar no caminho que nos é mostrado ali. É uma grande misericórdia que tenhamos a lei escrita, que a tenhamos desse modo apresentada com toda a certeza, e que assim ela possa ir mais longe, seja mais divulgada, e dure mais tempo. Tendo-a escrita, é nosso dever lê-la, lendo-a com entendimento, e guardando o que lemos como um tesouro, para que quando houver oportunidade, possamos ser capazes de dizer o que está escrito na lei, e como a lemos. A isto devemos recorrer; por isto devemos testar as doutrinas e acabar com as disputas; este deve ser o nosso oráculo, o nosso fundamento, a nossa pedra de toque, a nossa regra, o nosso guia. O que está escrito na lei? Como lemos? Se houver luz em nós, ela estará relacionada a esta luz.

2. Que bom relato ele apresentou da lei, dos principais mandamentos da lei, na observância da qual devemos nos firmar se quisermos herdar a vida eterna. Ele não atribuiu a si mesmo, como fez o fariseu, as tradições dos anciãos; mas, como um bom leitor textual, se ateve aos dois primeiros e maiores mandamentos da lei, dos quais pensamos que devam ser os mais rigidamente observados a fim de obtermos a vida eterna, e que incluíam todos os demais, v. 27. (1) Devemos amar a Deus de todo o nosso coração, devemos considerá-lo como o melhor dos seres, o mais afável, e infinitamente perfeito e excelente; Ele é aquele por quem nos submetemos às maiores obrigações, tanto por gratidão como por interesse. Devemos

estimá-lo, e nos valorizar pela nossa exaltação a Ele; devemos ter prazer nele, e nos dedicar inteiramente a Ele. O nosso amor a Ele deve ser sincero, cordial e fervoroso; deve ser um amor superlativo, um amor que seja tão forte quanto a morte, mas um amor inteligente, de forma que possamos ser capazes de apresentar seus fundamentos e razões. Deve ser um amor inteiro. Deve ter nossas almas por inteiro, e deve ser servido com tudo o que está dentro de nós. Não devemos amar nada e ninguém mais do que amamos a Ele, mas aquilo que amamos deve ser por Ele e em subordinação a Ele. (2) Devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos, o que devemos fazer facilmente se amarmos a Deus mais do que a nós mesmos, como devemos fazer. Devemos desejar o bem a todos e não desejar o mal a ninguém; devemos fazer todo o bem que pudermos no mundo, e não prejudicar a ninguém. E devemos fixar como uma regra a nós mesmos, fazer aos outros o que desejamos que façam conosco ou para nós; e isto é amar ao próximo como a nós mesmos.

3. A aprovação por parte de Cristo ao que o homem disse, v. 28. Embora ele tenha ido para tentá-lo, o que ele disse que era bom, e Cristo o elogiou: Respondeste bem. O próprio Cristo ratificou a estes como os dois grandes mandamentos da lei (Mt 22.37): ambos concordaram com isso. Aqueles que praticam o bem e aqueles que falam coisas boas terão o mesmo louvor. Até aqui, tudo está bem; mas a parte mais difícil desta tarefa ainda deverá ser cumprida: “Faze isso e viverás; tu herdarás a vida eterna.”

4. O cuidado para evitar a condenação que estava, agora, prestes a se confirmar sobre ele. Quando Cristo disse, Faze isso e viverás, ele começou a se conscientizar de que Cristo pretendia obter dele um reconhecimento de que não fez isso, e, portanto, a pergunta sobre o que deveria fazer, para que caminho ele deveria olhar, para ter os seus pecados perdoados. Também era necessário um reconhecimento de que ele não podia fazer isso de um modo perfeito, para o futuro, por algum esforço próprio. Portanto, era necessária uma pergunta de como ele poderia conseguir a força que lhe permitisse fazer isso; mas ele queria justificar a si mesmo. Portanto, aquele homem já não tinha interesse na continuidade daquele diálogo, mas disse, como outro (Mt 19.20): Todas essas coisas tenho feito desde a minha mocidade. Note que muitos fazem boas perguntas tendo o propósito de se justificar e não de se informar, querendo, antes, soberbamente, mostrar o que é bom neles do que de forma humilde enxergar o que é mau em si mesmos.

II Estamos preocupados em saber quem é o nosso próximo, a quem pelo segundo grande mandamento somos obrigados a amar. Esta é uma outra pergunta deste doutor da lei, que ele iniciou apenas para que pudesse se livrar da primeira, para que Cristo não o forçasse, na sua busca, a condenar-se, quando estava resolvido a justificar-se a si mesmo. Quanto a amar a Deus, ele não estava mais disposto a dizer coisa alguma a esse respeito; mas, quanto ao seu próximo, ele estava certo de que nesse ponto ele havia cumprido a lei, porque sempre havia sido muito bondoso e respeitoso a todos os que estavam à sua volta. Agora observe:

1. Qual era a noção corrupta dos mestres judeus nesta questão. O Dr. Lightfoot cita as palavras daqueles homens sobre este tema: “Onde Ele diz, Amarás o teu próximo, ele exclui todos os gentios, porque eles não são o nosso próximo, mas somente aqueles que são da nossa própria nação e religião”. Eles não condenariam um israelita à morte por matar um gentio, porque ele não era seu próximo: na verdade eles dizem que não deveriam matar um gentio com quem não estavam em guerra; mas, se eles vissem um gentio em perigo de morte, pensavam que não tinham nenhuma obrigação de ajudar a salvar a sua vida. Estas inferências ímpias eles tiravam da santa aliança de peculiaridade pela qual Deus os havia distinguido, e, abusando dela dessa maneira, eles haviam perdido o direito a ela; Deus de forma justa lhes tirou o direito, e transferiu os favores da aliança para o mundo gentílico, ao qual eles brutalmente negavam os favores comuns.

2. Como Cristo corrigiu esta noção desumana, e mostrou, através de uma parábola, que não podemos considerar como o nosso próximo somente aquele de quem precisamos receber bondade, e que esteja pronto a nos mostrar a bondade de que precisamos. Portanto, devemos considerar como nosso próximo todos aqueles que precisarem da nossa bondade, e devemos lhes mostrar uma bondade sincera, embora eles não sejam da nossa própria nação e religião. Agora observe:

(1) A parábola em si, que representa para nós um pobre judeu em circunstâncias aflitivas, socorrido e cuidado por um bom samaritano. Vejamos aqui:

[1] Como ele foi maltratado por seus inimigos. O homem honesto estava viajando pacificamente em seus negócios lícitos pela estrada, e era uma grande estrada que levava de Jerusalém a Jericó, v. 30. A menção destes lugares sugere que era um fato verdadeiro, e não uma parábola;

provavelmente havia acontecido recentemente, exatamente como está aqui relatado. As ocorrências da Providência nos proveriam de muitas instruções boas, se as observássemos cuidadosamente e as aproveitássemos, e seriam equivalentes às parábolas formadas com o propósito de instruir, e seriam ainda mais eficientes. Este pobre homem caiu nas mãos dos ladrões. Não foi revelado se os ladrões eram árabes saqueadores que viviam de despojos, ou alguns miseráveis devassos de sua própria nação, ou alguns dos soldados romanos, que, apesar da rígida disciplina de seu exército, fizeram esta maldade. Mas eles foram muito bárbaros; não só tomaram o seu dinheiro, mas o despiram de suas roupas, e, para que a vítima não pudesse ser capaz de persegui-los, ou apenas para satisfazer uma disposição cruel (do contrário, que proveito haveria em seu sangue?) eles espancaram o homem, e o deixaram meio morto, prestes a morrer como conseqüência dos seus ferimentos. Podemos aqui conceber uma justa indignação em relação aos salteadores, que se despojaram de toda a humanidade, e que são como animais brutos e naturais, animais de rapina, feitos para serem tomados e destruídos; e, ao mesmo tempo, não podemos deixar de pensar com compaixão nas vítimas que caem nas mãos de homens tão perversos e irracionais, e estejamos prontos para ajudá-las, quando estiver ao nosso alcance. Temos grandes motivos para agradecer a Deus pela nossa preservação dos perigos causados pelos ladrões!

[2] Como ele foi desprezado por aqueles que deveriam ter sido seus amigos, que não só eram homens da sua própria nação e religião, mas um era sacerdote e o outro um levita, homens de caráter e posição públicos; eles eram homens de santidade professada, cujos ofícios os obrigavam à ternura e compaixão (Hb 5.2), que deveriam ter ensinado a outros o seu dever como em um caso como este, que era livrar aqueles que foram deixados para morrer. No entanto, eles não fizeram isso. O Dr. Lightfoot nos diz que muitos dos sacerdotes tinham a sua residência em Jericó, e assim subiam para Jerusalém quando chegava o seu turno, a ocasião em que deveriam desempenhar o seu ofício ali, e então voltavam, o que ocasionava uma abundância de sacerdotes que iam e vinham por este caminho, e de levitas que os auxiliavam. Eles estavam andando por este caminho, quando viram o pobre homem ferido. É provável que eles tenham ouvido seus gemidos, e não puderam deixar de perceber que, se ele não fosse ajudado, pereceria rapidamente. O levita não só o viu, mas se aproximou e o

observou, v. 32. Mas eles passaram de largo; quando viram sua situação, afastaram-se o máximo que puderam, como se tivessem tido a pretensão de dizer, “Veja, não o conhecemos”. É triste quando aqueles que deveriam ser exemplos de caridade são prodígios de crueldade, e quando aqueles que deveriam abrir as entranhas da compaixão pelos outros, mostrando as misericórdias de Deus, deixam de demonstrar as suas próprias misericórdias.

[3] Como ele foi socorrido e cuidado por um estranho, um certo samaritano, da nação que, dentre todas as outras, os judeus mais desprezavam e detestavam, e com quem não mantinham relações. Este homem tinha alguma humanidade em si, v. 33. O sacerdote teve o seu coração endurecido contra alguém de seu próprio povo, mas o samaritano teve o seu coração aberto para alguém que fazia parte de outro povo. Quando ele o viu, teve compaixão dele, e não levou em consideração de que nação o homem ferido era. Embora fosse um judeu, era um homem, e um homem em aflição, e o samaritano aprendeu a honrar a todos os homens; ele não sabe quando a situação deste pobre homem poderá ser a sua própria, e, por esta razão, sente compaixão por ele, como ele mesmo desejaria e esperaria que tivessem compaixão dele se estivesse na mesma situação. O fato de este grande amor ser encontrado em um samaritano talvez gerasse uma admiração tão grande quanto aquela que Cristo sentiu pela grande fé que encontrou em um romano, e em uma mulher de Canaã, embora a compaixão seja um sentimento que o Senhor colocou no homem, enquanto a fé é uma obra da graça divina na vida de cada ser humano. A compaixão deste samaritano não era uma compaixão ociosa; ele não pensou o bastante para dizer, “Seja curado, seja ajudado” (Tg 2.16); mas ele fez um esforço, e estendeu a sua mão também a esta pobre criatura necessitada, Isaías 58.7,10; Provérbios 31.20. Veja como este bom samaritano era amigável. Primeiro, ele foi até o pobre homem, de quem o sacerdote e o levita passaram de largo; ele perguntou, sem dúvida, como ele havia ficado nessa condição deplorável, e compadeceu-se dele. Em segundo lugar, ele fez o papel do médico, por falta de um melhor. Atou-lhe as feridas, provavelmente fazendo uso de seu próprio linho para este fim; aplicou azeite e vinho, os quais talvez ele tivesse consigo; vinho para lavar o ferimento, e azeite para abrandá-lo, e fechá-lo. Ele fez tudo o que pode para aliviar a dor, e evitar o perigo de suas feridas, como alguém cujo coração

sangrava com aquela vítima. Em terceiro lugar, ele o colocou sobre a sua própria cavalgadura, e foi ele mesmo a pé, e o levou para uma estalagem. É uma grande misericórdia haver estalagens na estrada, onde podemos ser supridos, pelo nosso dinheiro, de todas as conveniências necessárias à alimentação e ao descanso. Talvez o samaritano, se não tivesse se deparado com este obstáculo, teria chegado naquela noite até o destino de sua viagem; mas, em compaixão a este pobre homem, ele paga uma estalagem para que o homem fique ali por algum tempo. Alguns acreditam que o sacerdote e o levita fingiram que não podiam permanecer para ajudar o pobre homem, porque estavam com pressa para ir prestar o seu serviço no templo em Jerusalém. Supomos que o samaritano estava cuidando de seus negócios; mas ele entendeu que, tanto o seu próprio negócio como o sacrifício a Deus, também deveriam dar lugar a um ato de misericórdia como esse. Em quarto lugar, o samaritano tomou conta dele na estalagem, colocou-o na cama, deu-lhe uma alimentação adequada, e o devido auxílio; e ainda pode ser possível que tenha orado pelo homem ferido. Em quinto lugar, como se ele fosse o seu próprio filho, ou alguém a quem ele tinha a obrigação de cuidar, quando o deixou na manhã seguinte, deixou dinheiro com o hospedeiro, para ser gasto para o seu uso, e deu instruções caso fossem necessários mais recursos. Dois dinheiros, de acordo com o valor da época, era uma boa soma; no entanto, aqui estava uma parte do pagamento para todas as suas despesas. Tudo isto foi bondoso e generoso, e tanto quanto se esperaria de um amigo ou de um irmão; no entanto, aqui isto é feito por um estranho e estrangeiro.

Agora, esta parábola é aplicável a um outro propósito, além daquele para o qual ela foi destinada; ela apresenta, de forma excelente, a bondade e o amor de Deus nosso Salvador para com o homem pecador e miserável. Nós éramos como este pobre viajante em aflição. Satanás, o nosso inimigo, nos roubou, nos despiu, nos feriu; assim foi o mal que o pecado nos fez. Nós estávamos por natureza mais do que meio mortos; estávamos duas vezes mortos, em transgressões e pecados. Éramos totalmente incapazes de ajudarmos a nós mesmos, porque estávamos sem forças. A lei de Moisés, como o sacerdote e o levita, os ministros da lei, olha para nós, mas não tem compaixão de nós, não nos dá qualquer alívio, passa de largo, como não tendo nem piedade nem poder para nos ajudar; mas então chega o bendito Senhor Jesus, aquele bom samaritano (os seus oponentes assim o

chamaram, tentando censurá-lo: Ele é um samaritano). Ele tem compaixão de nós, Ele trata nossas feridas que sangram (Sl 147.3; Is 61.1), aplicando não azeite e vinho, mas algo que é infinitamente mais precioso: o seu próprio sangue. Ele cuida de nós, e pede para colocarmos todas as despesas da nossa cura em sua conta; e fez tudo isso embora não fosse um de nós, até que se agradou – por sua condescendência voluntária – de fazer-se um de nós, mas infinitamente superior a nós. Isto louva as riquezas do seu amor, e obriga cada um de nós a dizer: "Quanto lhe devemos, e com que poderíamos pagar uma dívida tão grande?"

(2) A aplicação da parábola. [1] A verdade contida na parábola é exortada a partir dos lábios do próprio doutor da lei. "Então diga-me," disse Cristo, "qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores (v. 36), o sacerdote, o levita, ou o samaritano? Qual destes fez o papel do próximo?" A isto o doutor da lei não quis responder da maneira que deveria ter feito: "Sem dúvida, foi o samaritano"; mas ele preferiu dizer, em outras palavras: "O que usou de misericórdia para com ele; sem dúvida, ele foi um bom próximo para o homem, e muito prestativo, e eu só posso dizer que foi uma boa ação salvar a vida de um judeu honesto." [2] O dever inferido a partir da parábola pressiona a própria consciência do doutor da lei: Vai e faze da mesma maneira. O dever de relacionamento é mútuo e recíproco; os títulos de amigos, irmãos, próximo, como Grotius aqui classifica, *ton pros ti – ligam igualmente ambos os lados*: se um lado for ligado, o outro não pode ficar solto, como é concordado em todos os contratos. Se um samaritano faz bem em ajudar um judeu em aflição, certamente um judeu não faz bem se ele se recusar igualmente a ajudar um samaritano em aflição. *Petimusque damusque vicissim – Estes ofícios bondosos devem ser recíprocos*. "Portanto, vá e faça como fez o samaritano, sempre que se oferecer ocasião: mostre misericórdia àqueles que precisam da tua ajuda, e faça-o voluntariamente, e com preocupação e compaixão, embora eles não sejam da tua própria nação e da tua própria profissão de fé, ou da tua própria opinião e comunhão na religião. Deixe que a sua caridade seja, portanto, extensiva, antes de vangloriar-se de ter cumprido com o grande mandamento de amar ao seu próximo." Este doutor da lei se valorizava muito por causa do seu aprendizado e conhecimento da lei, e pensava ter confundido o Senhor Jesus Cristo; mas Cristo o manda para uma escola samaritana, para

aprender o seu dever: “Vai e faze da mesma maneira.” Note que é o dever de cada um de nós, em nossos lugares, e de acordo com a nossa capacidade, socorrer, ajudar, e aliviar todos aqueles que estejam em aflição e passando necessidades. Este é, particularmente, um dever dos doutores da lei; e aqui devemos superar muitos que se mostram orgulhosos por serem sacerdotes e levitas.

Marta e Maria

vv. 38-42

Podemos observar nesta história:

I A acolhida que Marta deu a Cristo e a seus discípulos em sua casa, v. 38. Observe:

1. A chegada de Cristo à aldeia onde Marta morava: E aconteceu que, indo eles (Cristo e seus discípulos juntos) de caminho, entrou numa aldeia. Esta aldeia era Betânia, perto de Jerusalém, para onde Cristo estava agora se dirigindo, e Ele tomou este caminho. Note que: (1) O nosso Senhor Jesus andava fazendo o bem (At 10.38), espalhando a sua influência e raios benignos como a verdadeira luz do mundo. (2) Onde quer que Cristo fosse, os seus discípulos o acompanhavam. (3) Cristo honrava as aldeias com a sua presença e favor, e não somente as cidades grandes e populosas. Ele escolheu a privacidade, mas também se comprazia da pobreza das pessoas.

2. A sua recepção na casa de Marta: Uma certa mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa, e fez com que o Senhor se sentisse bem-vindo, porque era ela quem cuidava da casa. Note: (1) O nosso Senhor Jesus, quando estava aqui na terra, era tão pobre que precisava ser sustentado por seus amigos, que lhe ofereciam o suficiente para a sua subsistência. Embora Ele fosse o Rei de Sião, não tinha moradia própria nem em Jerusalém e nem perto dali. (2) Havia alguns que eram amigos particulares de Cristo, a quem Ele dedicava mais atenção do que a seus outros amigos, e a eles ele visitava muito freqüentemente. Ele amava esta família (Jo 11.5), e freqüentemente ficava hospedado na casa dela. As visitas de Cristo são os sinais do seu amor, João 14.23. (3) Houve aqueles que bondosamente receberam a Cristo em suas casas quando o Senhor esteve aqui na terra. Esta é chamada a casa

de Marta, porque, provavelmente, ela era uma viúva, e cuidava da casa. Embora fosse caro hospedar a Cristo porque Ele não ia sozinho, mas levava os seus discípulos consigo, Ele não se importava com o custo envolvido nesta situação (como poderíamos gastar melhor nossos recursos que não seja no serviço a Cristo?). Embora nessa época fosse perigoso hospedá-lo, especialmente tão perto de Jerusalém, aquela família não se importava com o risco que pudesse correr por causa do seu precioso Nome. Embora muitos o rejeitassem, e não quisessem recebê-lo, havia alguém que o recebia de bom grado. Embora Cristo receba oposição em todos os lugares, há, no entanto, um remanescente a quem Ele é querido, e que é querido por Ele.

II A atenção que Maria, a irmã de Marta, deu à palavra de Cristo, v. 20. 1. Ela ouviu a sua palavra. Parece que o nosso Senhor Jesus, assim que entrou na casa de Marta, mesmo antes que a acolhida lhe fosse feita, começou a sua grande obra de anunciar o Evangelho. Ele imediatamente tomou o assento com solenidade; pois Maria sentou-se para ouvi-lo, o que sugere que foi um discurso contínuo. Note que um bom sermão nunca é o pior para ser pregado em uma casa; e as visitas dos nossos amigos devem ser assim tratadas, para que eles tenham um proveito espiritual. Maria, tendo esta preciosidade colocada à sua disposição, sentou-se para aproveitar, não sabendo quando poderia ter uma outra oportunidade. Visto que Cristo se mostra pronto para falar, devemos nos mostrar prontos para ouvir. 2. Maria se sentou para ouvir, o que denota uma atenção muito próxima. A mente dela estava tranqüila, e ela resolveu ater-se a isso: não para apanhar uma palavra de vez em quando, mas para receber tudo o que Cristo lhe entregasse. Ela se sentou aos seus pés, como os estudiosos aos pés de seus professores quando lêem as suas palestras; por isso é dito que Paulo foi criado aos pés de Gamaliel. Sentarmo-nos aos pés de Cristo, quando ouvimos a sua Palavra, significa uma prontidão para recebê-la, além de uma submissão e da completa resignação à direção dela. Devemos nos sentar aos pés de Cristo ou seremos feitos o seu escabelo; mas, se nos sentamos com Ele, aos seus pés, agora, nos sentaremos com Ele no seu trono, em breve.

III O cuidado de Marta com os afazeres domésticos: Marta, porém, andava distraída em muitos serviços (v. 40), e este foi o motivo de Marta não

estar onde Maria estava – sentada aos pés de Cristo, para ouvir a sua Palavra. Ela estava providenciando as coisas necessárias para acolher bem a Cristo e aqueles que estavam com Ele. Talvez ela não tenha recebido nenhum aviso antes de sua chegada, e poderia estar desprevenida, mas estava cuidando para ter tudo pronto para esta ocasião; ela não tinha convidados assim todos os dias. Quem cuida de casa sabe o cuidado e agitação exigidos, quando um grande banquete está prestes a ser organizado. Observe aqui:

1. Algo louvável, que não deve ser ignorado. (1) Aqui estava um respeito louvável ao nosso Senhor Jesus; pois temos motivos para pensar que não foi por ostentação, mas puramente para testificar de sua boa vontade para com Ele, que ela fez este banquete. Note que aqueles que verdadeiramente amam a Cristo considerarão que os gastos feitos em sua honra serão sempre bem aplicados. (2) Aqui estava um cuidado louvável com os afazeres domésticos. Parece, a partir do respeito demonstrado pelos judeus a esta família (Jo 11.19), que eles eram pessoas de alguma qualidade e distinção; no entanto, a própria Marta não considerava uma afronta colocar as mãos no serviço à família, quando havia oportunidade ou necessidade de fazê-lo. Note que é dever daqueles que são responsáveis pelas suas famílias zelar bem pelos seus modos em sua casa. A vaidade das posses materiais e o amor à preguiça tornam muitas famílias negligentes.

2. Aqui estava algo culpável, a que também devemos prestar atenção. (1) Ela gostava muito de servir. Seu coração estava envolvido nisso, ter um banquete muito suntuoso e esplêndido; grande fartura, grande variedade, e grande exatidão, de acordo com os costumes do local. Ela estava preocupada, *peri pollen diakonian – com tanto serviço*. Observe que não convém aos discípulos de Cristo causar muita impressão pelo serviço, exibir variedades, guloseimas e supérfluos ao comer e beber; que necessidade há de servir tantos alimentos diferentes, quando muito menos seria satisfatório? (2) Ela estava sobrecarregada com isso; *periespato – ela estava distraída com isso*. Note que quaisquer que sejam os cuidados que a providência de Deus lançar sobre nós, não devemos ficar sobrecarregados com eles, nem ficar perturbados e perplexos por causa deles. O cuidado é bom e é uma obrigação; mas os embaraços são pecados e loucuras. (3) Ela estava então sobrecarregada com a tarefa de servir quando deveria estar com a sua irmã, assentada aos pés de Cristo para ouvir a sua Palavra.

Observe que os assuntos terrenos são, então, um laço para nós quando nos impedem de servir a Deus e de obter o bem para as nossas almas.

IV A queixa que Marta fez a Cristo contra a sua irmã Maria, por não ajudá-la nesta ocasião, no serviço da casa (v. 40): “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude.” Agora:

1. Esta queixa de Marta pode ser considerada como uma revelação de seu interesse terreno: foi a linguagem de seu cuidado e embaraço desmedidos. Ela fala como alguém que está furiosa com sua irmã, caso contrário, ela não teria incomodado a Cristo com o problema. Note que o exagero dos cuidados e ambições das coisas deste mundo é, freqüentemente, uma ocasião de perturbação nas famílias e de luta e contenda nos relacionamentos. Além disso, aqueles que estão ansiosos pelo mundo têm a tendência de culpar e censurar aqueles que não agem assim; e enquanto eles se justificam em seu mundanismo, e julgam os outros pela sua utilidade a eles em suas buscas terrenas, estão prontos a condenar aqueles que se entregam ao exercício da religião, como se negligenciassem a chance principal, como a chamam. Marta, estando nervosa com a sua irmã, apelou para Cristo, e queria que Ele dissesse que ela fazia muito bem em ficar nervosa. Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Ela falou como se Cristo tivesse, às vezes, expressado que estava ternamente preocupado com ela, e com as suas facilidades e confortos, e não quisesse que ela passasse por tanto trabalho árduo e por tantas dificuldades; e assim, ela esperava que Ele fosse agora ordenar que sua irmã fizesse uma parte do serviço. Quando Marta estava preocupada, ela desejava que Maria, Cristo, e todos os demais se preocupassem também; caso contrário, ela não ficava satisfeita. Note que nem sempre aqueles que se apressam em recorrer a Deus estão no seu direito; devemos, portanto, prestar atenção, para que em nenhum momento esperemos que Cristo resolva as nossas contendas injustas e infundadas. Podemos, alegremente, lançar sobre o Senhor Jesus os cuidados que Ele permite que venham sobre nós; mas não aqueles cuidados que insensatamente trazemos sobre nós mesmos. Ele será o benfeitor dos pobres e feridos, mas não dos turbulentos e injuriosos.

2. A censura feita por Marta desencorajava a piedade e a devoção de Maria. Marta deveria tê-la elogiado por isso, deveria ter dito que ela estava no seu direito; mas, em vez disso, ela a condena por não cumprir o seu

dever. Note que não é uma coisa estranha para aqueles que são zelosos na religião se depararem com obstáculos e falta de estímulo por parte daqueles que estão ao seu redor; isto não ocorre somente através da oposição dos inimigos, mas também através da culpa e da censura dos seus amigos. O jejum de Davi, e a sua dança diante da arca, foram criticados como se fossem atitudes erradas.

VA reprovação que Cristo expressou a Marta pelo seu cuidado desmedido, v. 41. Ela apelou ao Senhor, e Ele proferiu um juízo contra ela: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária.

1. Ele a reprovou, embora fosse, naquele momento, seu convidado. A falha dela foi um excesso de solicitude para servi-lo, e ela esperava que o Senhor a justificasse neste ponto; no entanto, Ele a censurou publicamente por isso. Note que o Senhor Jesus Cristo repreende e disciplina todos aqueles a quem Ele ama. Até mesmo aqueles que forem queridos para Cristo serão repreendidos e disciplinados se alguma coisa estiver errada em suas vidas. É como se o Senhor dissesse: Contudo... tenho algo contra ti.

2. Quando o Senhor a reprovou, Ele a chamou pelo seu nome, Marta; porque as reprovações têm uma probabilidade maior de surtir efeito quando são feitas em particular, aplicadas a pessoas e casos específicos, como a reprovação de Natã a Davi: Tu és o homem. O Senhor repetiu o nome dela, Marta, Marta; Ele fala com seriedade, e profundamente preocupado com o bem estar dela. Aqueles que se envolvem com os cuidados desta vida não são facilmente libertados. Devemos chamá-los diversas vezes: ó terra, terra, terra, ouça a palavra do Senhor.

3. O Senhor a reprovou pelo fato dela estar preocupada e perturbada com muitas coisas. O Senhor não se agradava dela querer agradá-lo com um banquete rico e esplêndido, e por ela estar perplexa para prepará-lo para Ele; enquanto Ele nos ensina a não sermos sensuais no uso das coisas, também nos ensina a não sermos egoístas ao desejar que os outros sejam incomodados, não importa quem ou quantos, para que possamos ser gratificados. Cristo a reprova, tanto pela intensidade de seu cuidado (“Tu estás preocupada e ansiosa, dividida e perturbada pelo teu cuidado”), e por sua extensão, “com muitas coisas; tu te envolves com muitas distrações, e assim estás perturbada com muitas coisas. Pobre Marta, tu tens muitas

coisas de que se queixar, e isto te deixa irritada, embora sejam as coisas que menos importam". Note que os cuidados ou dificuldades exagerados sobre muitas coisas neste mundo são erros comuns entre os discípulos de Cristo; isto é muito desagradável a Cristo, e é por isso que eles estão freqüentemente sujeitos às reprimendas da Providência. Se eles se queixam sem nenhuma causa justa, é justo que o Senhor permita que passem a ter algo de que possam se queixar.

4. Aquilo que agravava o pecado e a tolice do cuidado que Marta demonstrava, era que apenas uma coisa era necessária. É uma fraca interpretação que alguns fazem sobre estas palavras, que, enquanto Marta estava se preocupando em prover muitos pratos de comida, havia ocasião somente para um, um seria suficiente. *Há necessidade de apenas uma coisa – henos de esti chreia*. Se assim aceitarmos, estas palavras nos fornecerão uma regra de moderação, para não gostarmos muito de variedades e gulodices, mas ficarmos satisfeitos em nos sentarmos para comer um único prato de comida, ou a metade dele, Provérbios 23.1-3. Há uma interpretação forçada, que foi dada por alguns dos antigos: A unidade é necessária, em oposição às distrações. Há necessidade de um único coração para servir à Palavra, um coração que não esteja dividido e apressado de um lado para outro, como estava o coração de Marta neste momento. A única coisa necessária é, certamente, aquilo que Maria escolheu – assentar-se aos pés de Cristo, para ouvir a sua Palavra. Ela estava ansiosa com muitas coisas, quando deveria se dedicar a apenas uma; o temor e a obediência ao Senhor unem o coração que o mundo tinha dividido. As muitas coisas pelas quais ela estava ansiosa eram desnecessárias, enquanto que a única coisa que ela negligenciou era necessária. O cuidado e o trabalho de Marta eram bons no momento e no lugar adequados. Mas, agora ela tinha uma outra coisa para fazer, que era indescritivelmente mais necessária, e que, portanto, deveria ser feita primeiro. Era algo muito mais importante. Ela esperava que Cristo culpasse Maria por não fazer o que ela fazia, mas o Senhor a culpou por não fazer o que Maria fazia. Estamos certos de que o julgamento de Cristo está de acordo com a verdade. Chegaria o dia em que Marta desejaria ter feito o que Maria fez.

VI A aprovação e o elogio de Cristo a Maria por sua séria piedade: Maria escolheu a boa parte. Maria não disse nada em defesa própria; mas, uma

vez que Marta apelou a Cristo, desejando a Ele recorrer, ela deverá agir de acordo com a decisão dele. E aqui temos o desfecho.

1. Maria havia, de forma justa, dado preferência ao que lhe parecia ser o mais necessário, porque só uma coisa é necessária. Esta única coisa que ela havia feito: entregar-se à direção de Cristo e receber a lei de seus santos lábios. Note que uma séria piedade é uma coisa necessária, é a única coisa necessária; porque nada sem isso nos servirá realmente neste mundo, e nada, além disso, nos acompanhará até o outro mundo.

2. Ela tinha feito aqui, sabiamente, o bem para si mesma. Cristo justificou Maria contra os clamores de sua irmã. Embora possamos ser censurados e condenados pelos homens por causa da nossa piedade e zelo, o nosso Senhor Jesus tomará partido ao nosso lado: Mas tu responderás, Senhor, por mim. Não condenemos então o zelo piedoso de ninguém, para que não coloquemos Cristo contra nós; e nunca fiquemos desanimados se formos censurados pelo nosso zelo piedoso, porque temos Cristo por nós. Note que, mais cedo ou mais tarde, Maria será justificada pela escolha que fez, como também todos aqueles que fizeram esta escolha, e se mantiveram firmes nela. Mas isto não foi tudo; o Senhor a elogiou por sua sabedoria: Ela escolheu a boa parte. Maria escolheu estar com Cristo, para ter a sua parte nEle; ela escolheu o melhor negócio, e a melhor felicidade, e agiu de acordo com o melhor modo de honrar a Cristo e de agradá-lo, ao receber a sua gloriosa Palavra em seu coração. Isto foi o diferente do que Marta fez, ao preparar o banquete em sua casa. Note: (1) Ter parte com Cristo é ter uma boa parte; é uma parte para a alma e para a eternidade, a parte que Cristo dá aos seus favoritos (Jo 13.8), que são participantes de Cristo (Hb 3.14), e participantes com Cristo, Romanos 8.17. (2) É uma parte que jamais será tirada daqueles que a possuem. Uma porção nesta vida certamente será tirada de nós, em algum ponto distante, quando formos tirados desta vida; mas nada nos separará do amor de Cristo, e da nossa parte nesse amor. Nem os homens nem os demônios poderão tirá-la de nós, e Deus e Cristo não desejarão tirá-la. (3) É a sabedoria e o dever de cada um de nós escolher esta boa parte: escolher o serviço a Deus, o favor de Deus para a nossa felicidade, e termos o nosso interesse em Cristo, a fim de obtermos estas preciosas bênçãos. Em casos específicos devemos escolher aquilo que tem uma tendência à religião, considerando que o melhor para nós será aquilo que for o melhor para a nossa alma. Maria tinha uma escolha a fazer:

participar dos cuidados de Marta, e ganhar a reputação de uma boa dona de casa, ou assentar-se aos pés de Cristo e ser aprovada como uma discípula zelosa; e, através de sua escolha neste particular, Cristo julga a sua escolha de maneira geral. (4) Aqueles que escolherem esta boa parte, não só terão o que escolherem, mas terão sua escolha elogiada no grande dia.

CAPÍTULO 11

Neste capítulo: I. Cristo ensina seus discípulos a orar, e os incentiva e encoraja a serem freqüentes, urgentes e insistentes na oração, vv. 1-13. II. Ele responde plenamente as imputações blasfemas dos fariseus, que o acusavam de expulsar os demônios em virtude de uma aliança e associação com Belzebu, o príncipe dos demônios, e mostra o absurdo e a maldade disto, vv. 14-26. III. Ele mostra que a honra dos discípulos obedientes é maior que aquela de sua própria mãe, vv. 27-28. IV. Ele repreende os homens daquela geração por sua infidelidade e obstinação, não obstante todos os meios de convicção que lhes foram oferecidos, vv. 29-36. V. Ele reprova severamente os fariseus e as consciências daqueles que se submetiam a eles, e, por odiarem e perseguirem aqueles que testemunhassem contra a maldade deles, v. 37-54.

Os Discípulos São Ensinados a Orar

vv. 1-13

A oração é uma das grandes leis da religião natural. É um bruto, um monstro, o homem que nunca ora, que nunca dá glória a seu Senhor, nem sente seu favor, nem reconhece sua dependência dele. Um grande propósito do cristianismo, por conseguinte, é nos assistir em oração, para reforçar a nossa obediência, para nos instruir nela, e nos encorajar a esperarmos as vantagens que nos alcançam por meio dela. Agora, aqui:

I Encontramos o próprio Cristo orando num certo lugar, provavelmente onde Ele costumava orar, v. 1. Como Deus, orava-se a ele; como homem, Ele orava; e, embora fosse o Filho, aprendeu esta obediência. Este evangelista notou particularmente, mais do que qualquer outro, que Cristo orava freqüentemente: quando foi batizado (cap. 3.21), Ele estava orando; Ele se retirava para os desertos, e ali orava (cap. 5.16); Ele subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus (cap. 6.12); Ele estava orando em particular (cap. 9.18); logo depois, subiu ao monte a orar, e, estando Ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto (cap. 9.28,29); e aqui Ele estava a orar num certo lugar. Portanto, como um legítimo filho de Davi, Ele

orava (Salmo 109.4). Não sabemos se Cristo estava agora orando sozinho, e os discípulos apenas soubessem que Ele estava orando, ou se Ele estava orando com eles. É mais provável que eles estivessem junto com Ele.

II Seus discípulos rogaram-lhe que os instruísse na oração. Quando Ele estava orando, eles pediram: "Senhor, ensina-nos a orar". Note que os dons e as graças dos outros devem nos estimular a desejarmos o mesmo. Seu zelo deve provocar em nós uma santa imitação e competição; por que não fazermos o mesmo que eles? Observe que eles se aproximaram do Senhor com este pedido, quando Ele terminou de orar; porque eles não iriam perturbá-lo, enquanto Ele estivesse em oração; não com esta boa intenção. Tudo é belo a seu tempo. Um dos seus discípulos, em nome dos demais, e talvez pela indicação deles, disse: "Senhor, ensina-nos". Note que embora Cristo seja inclinado a ensinar, Ele o fará por ter sido solicitado, e os seus discípulos deviam ouvir com atenção a sua instrução.

Agora: 1. O pedido deles é: "Senhor, ensina-nos a orar; dá-nos uma regra ou modelo pelo qual devamos nos guiar em oração, e coloque palavras na nossa boca". Note que convém que os discípulos de Cristo roguem a Ele que lhes ensine a orar. *Senhor, ensina-nos a orar*, é em si uma boa oração, e uma oração muito necessária, porque é coisa difícil orar bem. E é somente Jesus Cristo que pode nos ensinar como orar, por sua palavra e por seu Espírito. "Senhor, ensina-me o que devo dizer ao orar; Senhor, estimula-me e anima-me para o dever; Senhor, mostra-me pelo que orar; Senhor, dá-me graça na oração, para que eu possa servir a Deus Pai de forma aceitável em oração; Senhor, ensine-me a orar com palavras adequadas; dá-me uma boca e sabedoria em oração, para que eu possa falar como devo; ensine-me o que direi."

2. O pedido deles é: "Como também João ensinou aos seus discípulos. João tomou o cuidado de instruir seus discípulos neste dever necessário, e nós queremos ser ensinados como eles foram, pois temos um Mestre melhor do que João". A noção do Dr. Lightfoot a esse respeito é: "Enquanto as orações dos judeus eram geralmente adorações, e louvores a Deus, e doxologias, João ensinou aos seus discípulos orações que estavam mais repletas de petições e súplicas; porque é dito deles que eles *deeseis poiountai – fazem orações*, cap. 5.33. A palavra significa que estas orações eram propriamente peticionarias". "Agora, Senhor, ensina-nos isto, para ser

acrescentado às ações de graças ao nome de Deus Pai com que estamos acostumados desde nossa infância". De acordo com este sentido, Cristo realmente os ensinou ali uma oração que consistia totalmente de petições, até mesmo omitindo a doxologia que foi anexada; e o Amém, que era geralmente dito na ação de graças (1 Co 14.16), e nos Salmos, é acrescido somente às doxologias. Este discípulo não precisava ter recorrido ao exemplo de João Batista: Cristo estava mais preparado para ensinar do que João Batista jamais esteve, e particularmente ensinou a orar melhor do que João poderia ensinar aos seus discípulos.

III Cristo lhes deu instruções, em boa parte do mesmo modo que tinha feito anteriormente, em seu sermão no monte, Mateus 6.9, e versículos seguintes. Não podemos achar que eles tivessem se esquecido disso, mas que eles deveriam ter instruções adicionais e mais completas, e ele não tinha, até aquele momento, achado oportuno dar-lhes alguma; quando o Espírito fosse derramado do alto sobre eles, iriam encontrar todos os seus pedidos expressos nestas poucas palavras, e seriam capazes, em suas próprias palavras, de discorrer e de se estenderem sobre elas. Em Mateus, Ele os havia instruído a orar assim: "Quando orardes, dizei", o que sugere que a oração do Senhor tinha o propósito de ser usada tanto como uma forma de oração, quanto como um guia.

1. Há algumas diferenças entre a oração do Senhor em Mateus e Lucas, pelo que parece não ter sido o propósito de Cristo que nos limitássemos a estas mesmas palavras, porque então não teria havido nenhuma variação. Aqui está uma diferença somente na tradução, e que não deveria ter ocorrido, pois não há nenhuma diferença no original, e está na terceira petição: "Tanto na terra, como no céu", mas, as palavras são as mesmas, e estão na mesma ordem que constam em Mateus. Mas há uma diferença na quarta petição. Em Mateus oramos: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Aqui, "Dá-nos cada dia nosso pão cotidiano" – *kath hemeran*. Dia a dia, isto é: "Dá-nos cada dia o pão que nossos corpos necessitam, ao requererem-no;" e, não, "Dá-nos neste dia pão para muitos dias por vir;" mas, assim como os israelitas tiveram o maná, "Tenhamos o pão hoje para hoje, e amanhã para amanhã;" pois assim, podemos ser mantidos em uma dependência contínua de Deus, como as crianças dependem de seus pais, e possamos ter as nossas misericórdias novas de sua mão diariamente. Para que possamos nos achar

sob novas obrigações para fazermos o trabalho de cada dia no próprio dia, de acordo com o dever que o dia exige, para termos de Deus o sustento de cada dia no próprio dia, e de acordo com a necessidade que o dia exige. Aqui está igualmente alguma diferença na quinta petição. Em Mateus, temos: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos”. Aqui temos: “Perdoa-nos nossos pecados”. O que prova que nossos pecados são as nossas dívidas. “Pois também nós perdoamos”. Não que perdoar aqueles que nos ofenderam possa fazer com que mereçamos o perdão de Deus, ou que seja um incentivo para que Ele nos perdoe (Ele perdoa por amor ao seu nome, e por amor ao seu Filho); mas esta é uma qualificação muito necessária para o perdão. E, se Deus operou o perdão em nós, podemos pleitear esta operação de sua graça para reforçar as nossas petições pelo perdão dos nossos pecados: “Senhor, perdoa-nos, pois tu mesmo nos inclinaste a perdoar aos outros”. Há um outro acréscimo aqui; pleiteamos não só em geral, Nós perdoamos aos nossos devedores, mas também fazemos um pedido particular: “Nós professamos perdoar a cada um que esteja em débito conosco, sem exceção. Assim perdoamos aos nossos devedores como não tendo maldade ou má vontade com ninguém, mas um amor verdadeiro a todos, sem qualquer exceção”. Aqui também a doxologia no encerramento está totalmente omitida, e o Amém; pois Cristo os deixaria com a liberdade de usar esta ou qualquer outra doxologia tirada dos salmos de Davi. Também pode ser que o Senhor tenha deixado uma lacuna aqui, para ser preenchida por uma doxologia mais peculiar às instituições cristãs, atribuindo glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

2. Contudo, a oração é, em essência, a mesma; e aqui, portanto, iremos apenas reunir algumas lições gerais que vêm dela.

(1) Que em oração devemos buscar a Deus como os filhos buscam a um Pai, um Pai comum a nós e a toda a humanidade, mas, de uma forma peculiar, um Pai a todos os discípulos de Jesus Cristo. Portanto, em nossas petições tanto por nós próprios como pelos outros, aproximemo-nos dele com uma ousadia humilde, confiando em seu poder e bondade.

(2) Que ao mesmo tempo, e nas mesmas petições que dirigimos a Deus por nós próprios, devemos incluir conosco todos os filhos dos homens, como criaturas de Deus e nossos companheiros da mesma natureza. Um princípio básico da caridade universal, e da humanidade cristã santificada, deve nos acompanhar e nos ditar muitas coisas ao longo de toda esta oração, a qual é

assim formulada para ser acomodada a este nobre princípio.

(3) Que a fim de confirmar o hábito da mentalidade celestial em nós, que deve atuar e nos governar em todo o curso das nossas conversas, devemos, em todas as nossas devoções, como um gesto de fé, olhar para o céu, e visualizar o Deus a quem oramos como o nosso Pai que está no céu, de forma que possamos tornar o mundo superior mais familiar a nós, e que possamos nos tornar mais bem preparados para o estado futuro.

(4) Que em oração, bem como na essência da nossa vida, devemos buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, atribuindo honra ao seu Nome, ao seu Nome santo, e poder ao seu governo, tanto a respeito da sua providência no mundo quanto da sua graça na igreja. Que tanto um quanto o outro possam ser mais e mais manifestados, e nós e os outros possamos ser mais manifestadamente trazidos à sujeição a ambos!

(5) Que os princípios e as práticas do mundo superior, do mundo invisível (do qual, portanto, só pela fé somos informados), são do grande mundo original – o *archetypon*, ao qual devemos desejar que os princípios e práticas deste mundo inferior, tanto nos outros como em nós mesmos, possam ser mais semelhantes. Estas palavras, Tanto na terra, como no céu, referem-se a todas as três primeiras petições: “Pai, que o teu nome seja santificado e glorificado, e que o teu reino domine, e que a tua vontade seja feita nesta terra que está agora separada do teu serviço, como é no céu distante, que é inteiramente dedicado ao teu serviço.”

(6) Que aqueles que fielmente e sinceramente pensam no Reino de Deus e na sua justiça, possam esperar humildemente que todas as demais coisas, até a Infinita Sabedoria que é boa, lhes sejam acrescentadas, e eles possam orar com fé. Se nosso principal desejo e cuidado forem que o nome de Deus possa ser santificado, que o seu reino venha, e que a sua vontade seja feita, podemos então nos aproximar ousadamente do trono da graça pedindo o pão de cada dia, o qual será então santificado a nós quando formos santificados a Deus, e Deus for santificado por nós.

(7) Que nas nossas orações por bênçãos passageiras devemos moderar os nossos desejos, limitando-os àquilo que precisarmos para a nossa subsistência. A expressão usada aqui – “de cada dia” – é a mesma que pão cotidiano; portanto, alguns pensam que devamos procurar um outro significado para a palavra *epiousios*, além do significado de cotidiano que lhe damos, e que ela significa o nosso pão necessário, o pão que é

apropriado para o desejo da nossa natureza, o fruto que é tirado da terra para os nossos corpos que são feitos da terra, e que são terrenos, Salmos 104.14.

(8) Que os pecados são dívidas que estamos contraindo diariamente; portanto, devemos orar todos os dias pelo perdão. Não estamos atrasados em nosso “aluguel” todos os dias por omissões do dever e obrigações, mas estamos diariamente incorrendo na penalidade da lei, assim como na penalidade da nossa dívida, por nossas omissões. Todo dia acrescenta à soma da nossa culpa, e é um milagre de misericórdia que recebamos tanto ânimo para irmos todos os dias ao trono da graça, para orarmos pelo perdão dos nossos pecados, como quem busca diariamente o alívio de uma enfermidade. Deus multiplica o perdão mais de setenta vezes sete.

(9) Que não temos nenhum motivo para esperar, nem podemos orar com qualquer confiança, que Deus iria perdoar os pecados que cometemos contra Ele, se não perdoarmos sinceramente – e a partir de um verdadeiro princípio cristão de caridade – aqueles que a qualquer momento nos afrontaram ou nos caluniaram. Mesmo que as palavras da nossa boca sejam esta bela oração a Deus, se a meditação do nosso coração ao mesmo tempo for, como é freqüentemente, malícia e vingança aos nossos irmãos, não seremos aceitos, nem poderemos esperar uma resposta de paz.

(10) Que as tentações para pecar devem ser temidas e condenadas por nós como a ruína pelo pecado; e deve ser a nossa preocupação e oração fazer com que o poder do pecado seja quebrado em nós para que tenhamos a culpa do pecado removida de nós; e, embora a tentação possa ser uma coisa encantadora, afável e lisonjeira, devemos estar firmes com Deus para que não sejamos levados a ela, e assim não sejamos levados por ela a pecar, para que não sejamos destruídos pelo pecado.

(11) Que devemos depender de Deus, e buscá-lo, para o nosso livramento de todo o mal; e devemos orar, não só para que não sejamos deixados à nossa própria sorte avançando para o mal, mas para que não sejamos entregues a Satanás, que traria todo o mal sobre nós. O Dr. Lightfoot entende isto como ser livrado do maligno, isto é, do diabo, e sugere que devamos orar particularmente contra as aparições do mal e suas possessões. Os discípulos foram ordenados a expulsar demônios; portanto, deveriam orar para que pudessem ser guardados do ódio particular que o diabo certamente teria contra eles.

IV Ele desperta e estimula a importunação, o fervor e a constância em oração mostrando:

1. Que a importunação irá longe no nosso trato com os homens, vv. 5-8. Suponha que um homem, em uma emergência repentina, vai para tomar emprestado um ou dois pães de um vizinho, em uma hora inoportuna da noite, não para si mesmo, mas para o seu amigo que chegou inesperadamente para visitá-lo. O seu vizinho estará relutante em atendê-lo, porque ele o acordou com a sua batida na porta, e o deixou aborrecido, e ele tem muito a dizer para se desculpar. A porta está fechada e trancada, seus filhos estão dormindo na cama, no mesmo quarto que ele, e, se ele fizer barulho, os perturbará. Os seus servos estão dormindo, e ele não pode fazê-los ouvir; e, de sua própria parte, ele se resfriará se levantar para atendê-lo. Mas o seu vizinho não aceitará o não como resposta; portanto, continua ainda a bater, e lhe diz que fará isso até conseguir o que foi buscar; de forma que o vizinho deve dar-lhe, para se ver livre dele. Ele se levantará, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister. O Senhor conta esta parábola com o mesmo propósito de quando fala em 18.1: O dever de orar sempre e nunca esmorecer. Não que Deus possa ser convencido pela importunação; não podemos ser um fardo para Ele, nem conseguiremos mudar os seus conselhos. Nós prevalecemos junto aos homens pela importunação porque isto é desagradável a eles, mas prevalecemos com Deus porque Ele se agrada desta importunação. Agora, esta semelhança pode ser útil a nós:

(1) Para nos guiar em oração. [1] Devemos nos chegar a Deus com ousadia e confiança para pedir aquilo que precisamos, como um homem faz na casa de seu vizinho ou amigo, que, ele sabe, o ama, e tende a ser bondoso para ele. [2] Devemos rogar por pão, por aquilo que é necessário, e que não podemos passar sem. [3] Devemos nos chegar a Ele pela oração a favor dos outros, assim como a favor de cada um de nós. Este homem não foi procurar pão para si mesmo, mas para o seu amigo. O Senhor aceitou Jó, enquanto ele estava orando pelos seus amigos (Jó 42.10). Não podemos buscar a Deus por um motivo mais agradável quando o buscamos pedindo graça para nos capacitar a fazer o bem, para alimentarmos a muitos com os nossos lábios, para acolher e edificar aqueles que vêm até nós. [4] Podemos nos apresentar diante de Deus com mais ousadia em uma dificuldade, se esta for uma dificuldade em que não tenhamos nos envolvido pela nossa própria

loucura e negligência, mas à qual a Providência tenha nos conduzido. Este homem não teria precisado de pão se o seu amigo não tivesse chegado inesperadamente. Podemos alegremente lançar de volta, sobre a Providência, o cuidado que a Providência lançar sobre nós. [5] Devemos continuar a insistir em oração, e vigiar do mesmo modo, com toda perseverança.

(2) Para nos encorajar em oração. Se a importunação podia prevalecer assim com um homem que estava com raiva por causa dela, muito mais com um Deus que é infinitamente mais bondoso e pronto para fazer o bem a nós. O Senhor está sempre mais disposto a nos ajudar do que estamos uns para com os outros, e não está com raiva pela nossa importunação, mas a aceita, especialmente quando é por misericórdias espirituais que somos importunos. Se Ele não responder as nossas orações imediatamente, Ele o fará no momento certo, desde que continuemos a orar.

2. Que Deus prometeu nos dar o que lhe pedirmos. Nós temos não só a bondade da natureza para nos consolar, mas a palavra que Ele falou (v. 9,10): “Pedi, e dar-se-vos-á; aquilo que você pediu, ou algo que for equivalente. Ou ainda podemos ter o espinho na carne removido, ou receber graça suficiente para suportá-lo”. – Já tivemos isto antes, Mt 7.7,8. Eu vos digo. Nós recebemos a promessa da própria boca de Cristo, que conhece a mente de seu Pai, e em quem todas as promessas são sim e amém. Nós não só devemos pedir, mas devemos buscar, e neste sentido, devemos reforçar as nossas orações com as nossas tentativas; e, ao pedir e buscar, devemos continuar a insistir, ainda batendo na mesma porta, e por fim prevaleceremos, não só pelas nossas orações de comum acordo, mas pelas nossas orações particulares. Qualquer que pede recebe, até mesmo o santo mais simples, desde que peça com fé. Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, Salmo 34.6. Quando pedimos a Deus as coisas que Cristo nos instruiu aqui a pedir, para que seu Nome venha a ser santificado, para que o reino possa vir, e que sua vontade seja feita. Nestes pedidos devemos ser importunos, não devemos jamais deixar de pedir, de dia ou de noite; não devemos ficar em silêncio, nem dar a Deus qualquer descanso, até que confirme e até que coloque Jerusalém por louvor na terra, Isaías 62.6,7.

V Ele nos dá tanto a instrução como o ânimo na oração a partir da consideração da nossa relação com Deus como nosso Pai. Aqui está:

1. Um apelo às entranhas e afetos dos pais terrenos: “Qualquer de vós que for um pai, e conheça o coração de um pai, que tenha a afeição de um pai por um filho e o cuidado com um filho, diga-me, se seu filho pedir pão no café da manhã, ele lhe dará uma pedra para comer? Se ele pedir um peixe para o jantar (quando for dia de peixe), ele lhe dará por peixe uma serpente? Ou, se ele pedir um ovo para o jantar (um ovo antes de ir para a cama), será que o pai lhe oferecerá um escorpião? Vós sabeis que não podeis ser tão antinaturais com os vossos próprios filhos”, vv. 11,12.

2. Uma aplicação disto às bênçãos do nosso Pai celestial (v. 13): “Se vós, sendo maus, dão, e sabem como dar, boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito”. Ele dará coisas boas. Assim está em Mateus. Observe:

(1) A instrução que o Senhor nos dá quanto ao que devemos pedir em oração. Devemos pedir o Espírito Santo, não só o necessário para que oremos bem, mas como inclusivo em todas as coisas boas pelas quais devemos orar; não precisamos mais tentar ser felizes por meio de nossos próprios esforços, porque o Espírito é aquele que opera em nossa vida espiritual, e Ele é o penhor da vida eterna. Note que o dom do Espírito Santo é um dom pelo qual cada um de nós deve orar sincera e constantemente.

(2) O encorajamento que Ele nos dá para esperarmos ser atendidos nesta oração: Dará o Pai celestial. É no seu poder que é dado o Espírito; Ele tem todas as coisas boas para conceder, envoltas nesta concessão do Espírito. Mas isto não é tudo; esta é a sua promessa, o dom do Espírito Santo faz parte da aliança, Atos 2.33,38, e está aqui inferido na presteza dos pais em suprir as necessidades de seus filhos, e em satisfazer os seus desejos, quando eles são naturais e próprios. Se um filho pedir uma serpente, ou um escorpião, o pai, por bondade, lhe negará. Mas não acontecerá o mesmo se ele pedir o que for necessário; aí sim, lhe será concedido. Quando os filhos de Deus pedem o Espírito, eles na verdade pedem pão; porque o Espírito é o sustentáculo da vida; Ele é o Autor da vida da alma. Se nossos pais terrenos, embora maus, são tão bons para nós, se eles, embora fracos, são tão inteligentes, que não só dão, mas dão com discrição, dão o que é melhor, da melhor maneira e no melhor tempo, muito mais o nosso Pai celestial, que excede infinitamente os pais da nossa carne tanto em sabedoria quanto em bondade, nos dá seu Espírito Santo. Se os pais terrenos desejam investir na educação de seus filhos, a quem eles planejam deixar seus bens, muito mais

nosso Pai celestial dará o Espírito Santo a seus filhos, a todos aqueles a quem Ele predestinou para a herança de filhos.

Cristo É Acusado de se Associar com Satanás. A Vigilância É Incentivada

vv. 14-26

A essência destes versículos que tivemos em Mateus 12.22, e seguintes. Cristo está aqui dando uma prova geral da sua missão divina, através de uma prova particular de seu poder sobre Satanás, através de sua vitória, o que era uma indicação do seu grande plano de entrar no mundo; o Senhor veio para destruir as obras do diabo. Aqui ele também dá uma amostra do sucesso desta tarefa. Ele está aqui expulsando um demônio que tornou o pobre homem mudo: em Mateus somos informados que ele era cego e mudo. Quando o demônio foi forçado a sair pela palavra de Cristo, o mudo falou imediatamente, ecoando a Palavra de Cristo, e os lábios daquele homem foram abertos para manifestar o louvor ao Senhor. Agora:

I Alguns foram afetados positivamente por este milagre. As pessoas maravilharam-se; elas se admiraram com o poder de Deus e, especialmente, que ele fosse exercido pela mão de alguém que tinha uma aparência tão comum. O Messias, que estava fazendo sua obra, não tinha a pompa do Messias que eles esperavam.

II Outros ficaram ofendidos pelo milagre, e, para justificar a infidelidade que demonstravam, sugeriram que foi em virtude de uma associação com Belzebu, o príncipe dos demônios, que o Senhor fez um milagre tão notório, v. 15. Parece que no reino do diabo há chefes, o que pressupõe que haja subalternos. Agora eles devem ter dito, ou pelo menos pensado, que havia uma correspondência estabelecida entre Cristo e o diabo, que o diabo deveria ter a vantagem na maior parte e ser vitorioso no final; mas, para este fim, em casos específicos, ele deveria ceder a vantagem a Cristo e retirar-se por consentimento. Alguns, para comprovar esta sugestão, e para confrontar a evidência do poder miraculoso de Cristo, o desafiaram a dar-lhes um sinal do céu (v. 16), para confirmar sua doutrina por algum aparecimento nas

nuvens, como foi no monte Sinai quando a lei foi dada. Como se um sinal do céu, não desaprovado por nenhuma sagacidade da parte deles, não pudesse, também, ter sido dado por um pacto ou conluio com o príncipe da potestade do ar, que opera com poder e maravilhas mentirosas. Isto não teria trazido nenhum prejuízo aos interesses dos incrédulos; mas o milagre realizado pelo Senhor era, realmente, um incômodo para eles. Note que a infidelidade obstinada nunca deixará de dizer algo com a finalidade de se escusar, mesmo que seja algo frívolo e absurdo. Agora, Cristo dá uma resposta completa e direta a este sofisma deles; na qual Ele mostra:

1. Que não se pode de modo algum imaginar que um príncipe tão sutil quanto era Satanás, concordaria alguma vez com medidas que tivessem uma tendência tão direta à sua própria deposição, e a destruição de sua própria situação privilegiada, vv. 17,18. Eles guardavam para si as suas opiniões contrárias, com medo de falar, para que não fossem respondidos ou frustrados; mas Jesus conhecia seus pensamentos, mesmo quando eles pensavam que podiam ocultá-los diligentemente. Assim, o Senhor lhes disse, em outras palavras: “Vós não podeis deixar de ver a falta de fundamento e, conseqüentemente, a maldade desta acusação. Porque este é um princípio permitido, confirmado pela experiência de todos os dias, que nenhum interesse que esteja dividido contra si mesmo possa subsistir. Nem mesmo o interesse mais público de um reino, nem o interesse privado de uma casa ou família. Se um ou outro forem divididos contra si mesmo, não poderá subsistir. Com isso, Satanás agiria contra si mesmo. Não só pelo milagre que o expulsava dos corpos das pessoas, mas, muito mais pela doutrina que explica e confirma o milagre que foi operado, e que tinha uma tendência direta sobre a ruína dos interesses de Satanás nas mentes dos homens, mortificando o pecado, e convertendo os homens ao serviço de Deus. Agora, se Satanás estivesse então dividido contra si mesmo, ele apressaria a sua própria ruína. Não é possível supor que o inimigo tenha algum interesse em fazer com que seu próprio domínio seja tão sutilmente destruído, pois ele estava lutando para seu próprio estabelecimento, e sempre se mostrou empenhado para fazer seu reino maligno subsistir.”

2. Que era uma atitude maldosa e muito parcial imputarem ao Senhor um pacto com Satanás, o qual, no entanto, eles aplaudiam e admiravam em outros que eram de sua própria nação (v. 19): “Por quem os expulsam vossos filhos? Alguns de seus próprios parentes, como judeus, e alguns de seus

próprios seguidores, como fariseus, agiram em nome do Deus de Israel, para expulsar demônios, e eles nunca foram acusados desta combinação infernal da qual eu estou sendo acusado". Note que é uma hipocrisia flagrante condenar, naqueles que nos reprovam, aquilo que, no entanto, permitimos naqueles que nos bajulam.

3. Que, ao se posicionarem contra a convicção deste milagre, eles eram inimigos de si próprios, permaneciam em suas próprias trevas, e colocavam um obstáculo diante de sua própria porta, pois apartavam de si mesmos o Reino de Deus (v. 20): "Se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, como vós podeis ter a certeza que eu faço, certamente, a vós é chegado o Reino de Deus, o Reino do Messias é oferecido a vós, bem como todas as suas vantagens; e, se vós não o receberdes, será por vossa conta e risco". Em Mateus é dito pelo Espírito de Deus; aqui, pelo dedo de Deus; o Espírito é o braço do Senhor, Isaías 53.1. As suas obras maiores e mais poderosas foram operadas pelo seu Espírito; mas, se o Espírito nesta obra é chamado de o dedo do Senhor, isto talvez possa sugerir como Cristo poderia facilmente derrotar Satanás, mesmo com o dedo de Deus Pai, exercitando o poder divino em um grau menor e mais baixo do que em muitos outros casos. Ele não precisava desnudar seu braço eterno. No instante em que o Senhor quiser, aquele leão rugidor é esmagado, como uma mariposa, com um toque de um dedo. Talvez esta seja uma alusão ao reconhecimento dos magos de Faraó, quando foram derrotados (Êx 8.19): Isto é o dedo de Deus. "Agora, se o Reino de Deus for chegado a vós, e fordes achados lutando contra ele através destes sofismas e blasfêmias, o próprio Senhor virá sobre vós como uma força vitoriosa que não podereis suportar."

4. Que o fato do Senhor expulsar demônios era realmente a destruição deles e de seu poder, porque isto confirmava uma doutrina que tinha uma tendência direta à ruína do reino das trevas, vv. 21,22. Talvez tivesse havido alguns que expulsaram demônios inferiores através de um pacto com Belzebu seu chefe, mas sem qualquer dano ou prejuízo real a Satanás e seu reino, que perdia de um modo, mas ganhava de outro. O diabo e tais exorcistas brincavam de prisioneiro de guerra, como dizemos, e, enquanto a última esperança de seu exército perdia terreno, o corpo principal assim ganhava terreno; o interesse de Satanás pelas almas dos homens não foi nem um pouco enfraquecido por esta situação. Mas, quando Cristo expulsava demônios, Ele não precisava fazer isso por nenhum pacto com eles, porque

Ele sempre foi e sempre será mais forte do que eles, e podia fazê-lo pela força. O Senhor o faz para destruir o poder de Satanás e acabar com seus planos ousados e iníquos. A doutrina e a graça de Deus quebram o poder do pecado, e assim dispersam o corpo principal de Satanás, tiram dele toda a sua armadura, e repartem os seus despojos, algo que nenhum demônio já fez ou fará. Agora, isto é aplicável às vitórias de Cristo sobre Satanás tanto no mundo quanto nos corações das pessoas em particular. Este poder acompanhava a pregação deste bendito Evangelho, e ainda a acompanha. E assim podemos observar aqui:

(1) A condição miserável de um pecador não convertido. Em seu coração, que convinha ser a habitação de Deus, o diabo tem seu palácio. E, todos os poderes e faculdades da alma, sendo empregados pelo maligno no serviço ao pecado, são os seus bens. Note: [1] O coração de todo pecador não convertido é o palácio do diabo, onde ele reside e onde ele governa, e o local em que ele opera nos filhos da desobediência. O coração é um palácio, uma habitação nobre; mas o coração impuro é o palácio do diabo. A sua vontade é obedecida, seus interesses são atendidos, e a milícia está em suas mãos; ele usurpa o trono que há na alma. [2] O diabo, como um valente armado, guarda este palácio, faz tudo o que pode para mantê-lo para si mesmo, e tenta fortalecê-lo contra Cristo. Todos os preconceitos com os quais ele endurece os corações dos homens contra a verdade e a santidade são as fortalezas que ele ergue para guardar seu palácio; este palácio é a sua guarnição. [3] Há uma espécie de paz no palácio de uma alma não convertida, enquanto o diabo, como um valente armado, o guarda. O pecador tem uma boa opinião a respeito de si mesmo, é muito seguro e alegre, não tem dúvidas com relação à bondade do seu estado, nem qualquer medo do juízo futuro; ele lisonjeia a si mesmo aos seus próprios olhos, e proclama a paz para si mesmo. Antes de Cristo aparecer, tudo era tranqüilo, porque tudo caminhava em uma só direção; mas a pregação do Evangelho perturbou a paz do palácio do diabo.

(2) A maravilhosa mudança que é feita na conversão, que é a vitória de Cristo sobre o seu usurpador. Satanás é um valente armado, mas nosso Senhor Jesus é mais forte do que ele, como Deus, e como Mediador. Se falarmos de força, ele é forte; mais são os que estão conosco do que os que estão contra nós. Observe: [1] A maneira desta vitória: Ele o ataca de surpresa, quando os seus bens estão em paz e o diabo pensa que tudo é seu

para sempre, e o domina. Note que a conversão de uma alma a Deus é a vitória de Cristo sobre o diabo e seu poder nesta alma, restaurando a alma à sua liberdade, e recuperando o seu próprio interesse nela e no domínio sobre ela. [2] As evidências desta vitória. Primeiro, Ele tira-lhe toda a armadura em que confiava. O diabo é um adversário confiante; ele confia em sua armadura, como Faraó em seus rios (Ez 29.3); mas Cristo o desarma. Quando o poder do pecado e da corrupção na alma é quebrado, quando os erros são corrigidos, os olhos abertos, o coração humilhado e mudado, e tornado sério e espiritual, então a armadura de Satanás é tirada. Em segundo lugar, Ele reparte os despojos; ele se apodera deles para si. Todos os dons naturais da mente e do corpo, os bens, poder, interesse, que antes eram usados no serviço ao pecado e a Satanás, são agora convertidos ao serviço de Cristo e empregados para Ele. No entanto, isto não é tudo; o Senhor faz uma distribuição deles entre os seus seguidores, e, tendo derrotado Satanás, compartilha com todos os crentes o benefício desta vitória. Conseqüentemente, Cristo sugere que, visto que toda a instrução de sua doutrina e milagres deveria quebrar o poder do diabo, aquele grande inimigo da humanidade, era o dever de todos juntarem-se a Ele e seguirem a sua direção, receberem o seu Evangelho e se envolverem com entusiasmo nos interesses dEle; porque de outra forma eles seriam justamente considerados como estando do lado inimigo (v. 23): Quem não é comigo é contra mim. Portanto, aqueles que rejeitaram a doutrina de Cristo e menosprezaram os seus milagres, foram considerados adversários dele, e pessoas que lutam pelos interesses do diabo.

5. Que havia uma imensa diferença entre a saída do diabo por um pacto, e ser expulso pelo grandioso poder de Cristo. Aqueles a quem Cristo expulsou nunca mais entraram outra vez, pois esta foi a ordem do Salvador (Mc 9.25). Mas, se o diabo tivesse saído, sempre que ele achasse apropriado entraria novamente, pois este é o modo do espírito imundo, quando ele voluntariamente e com algum propósito sai de um homem, vv. 24-26. O príncipe dos demônios pode perder terreno de forma intencional, pode dar ordens às suas forças para que se retirem, ou que façam uma simulação, para colocar a pobre alma enganada em uma emboscada; mas Cristo, quando derrota o inimigo na vida de alguém, impõe ao diabo uma derrota total e final. Nesta parte do argumento, o nosso Salvador tem mais uma intenção, que é representar o estado daqueles que receberam ofertas justas – entre

quem, e em quem Deus começou a quebrar o poder do diabo e destruir o seu reino – mas eles rejeitam o seu conselho contra si mesmos, e caem em um estado de sujeição a Satanás. Aqui nós temos:

(1) A condição de um hipócrita formal, seu lado brilhante e seu lado obscuro. Seu coração permanece como a casa do diabo. Ele o chama de sua propriedade, e detém seu interesse nele. Contudo: [1] O espírito imundo saiu. Ele não foi expulso pelo poder da graça que converte. Não houve aquela violência que o Reino dos céus sofre, mas ele saiu, retirou-se por um tempo, de forma que o homem não parecia estar sob o poder de Satanás como anteriormente, nem prosseguiu com suas tentações. Satanás se foi, ou transformou-se em um anjo de luz. [2] A casa é varrida de sujeiras comuns, por uma confissão forçada dos pecados, como a de Faraó – uma contrição fingida, como a de Acabe, – e uma mudança parcial, como a de Herodes. Há aqueles que escaparam das corrupções do mundo, contudo ainda se mantêm sob o poder do deus deste mundo, 2 Pedro 2.20. A casa está varrida, mas não está lavada. E Cristo disse: “Se eu te não lavar, não tens parte comigo”. A casa deve ser lavada, e não poderá mais pertencer ao inimigo. Varrer é uma atitude que apenas tira o pó que está solto, enquanto o pecado que envolve o pecador, o querido pecado, não é tocado. Ela está varrida da sujeira patente aos olhos do mundo. Mas não está inspecionada e revisada quanto à sua imundície secreta, Mateus 23.25. Ela está varrida. Mas a lepra está na parede, e estará lá até que algo seja feito. [3] A casa está adornada com dons e graças comuns. Ela não está mobiliada com nenhuma graça verdadeira, mas adornada com as figuras de todas as graças. Simão o Mago está adornado com a fé; Balaão, com bons desejos; Herodes, com um respeito por João; os fariseus, com muitas exibições exteriores. Ela está adornada, mas é como um caco de vaso de barro coberto com refugo de prata: é tudo tinta e verniz, irreal e passageiro. A casa está adornada, mas a propriedade não está alterada; nunca foi entregue a Cristo, nem habitada pelo Espírito. Portanto, prestemos atenção: o homem pode ter muitas coisas e, mesmo assim, podem lhe faltar outras tantas que são não apenas importantes, mas essenciais.

(2) Aqui está a condição de um apóstata final, em quem o diabo retorna depois de ter saído: Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele (v. 26); um número certo para alguém que passa a sofrer uma condição incerta. Foi dito que sete demônios foram expulsos de Maria

Madalena. Sete espíritos malignos estão em oposição aos sete espíritos de Deus, Apocalipse 3.1. É dito que estes demônios são piores do que o primeiro. Parece que nem mesmo os demônios são todos iguais em maldade; provavelmente, os graus de sua maldade, agora que eles estão caídos, sejam o inverso dos graus de sua santidade enquanto estavam no céu. Quando o demônio quer provocar um dano de modo mais eficiente, ele emprega aqueles que são mais nocivos do que ele mesmo. Estes entram sem qualquer dificuldade ou oposição; eles são bem recebidos, e habitam ali; ali eles trabalham, e ali dominam; e o último estado daquele homem é pior do que o primeiro. Note: [1] A hipocrisia é uma estrada que leva rapidamente à apostasia. Se o coração permanecer voltado aos interesses do pecado e de Satanás, as demonstrações e sombras não levarão a lugar nenhum. Aqueles que não posicionarem o seu coração corretamente, não resistirão firmes por muito tempo. Onde os refúgios secretos do pecado são mantidos, sob a capa de uma profissão de fé visível, a consciência é corrompida, Deus é provocado a retirar sua graça controladora, e o hipócrita escondido geralmente prova ser um notório apóstata. [2] O último estado deste homem é pior do que o primeiro, tanto com relação ao pecado quanto ao castigo. Os apóstatas são geralmente os piores homens, os mais fúteis e devassos, os mais ousados e provocadores. Suas consciências estão cauterizadas, e seus pecados, quando comparados aos de todos os outros, são os mais graves. Deus freqüentemente coloca marcas de seu desagrado sobre eles neste mundo, e no porvir eles receberão a maior condenação. Portanto ouçamos, temamos, e permaneçamos firmes em nossa integridade.

Louvor e uma Bênção

vv. 27,28

Nós não tivemos esta passagem nos registros dos outros evangelistas, nem podemos inferir, como faz o Dr. Hammond, que se trate da passagem onde a mãe e os irmãos de Cristo desejavam falar com Ele (porque este evangelista também relatou este evento em 8.19), mas contém uma interrupção como aquela. E, como naquele episódio, o Senhor aproveita a ocasião para dar instrução.

1. O elogio que uma mulher afetuosa, honesta e com boas intenções fez ao nosso Senhor Jesus, ao ouvir suas palavras excelentes. Enquanto os escribas e fariseus desprezaram e blasfemaram contra suas palavras, esta boa mulher (e provavelmente ela era uma mulher de alguma qualidade) as admirou, como também a sabedoria e o poder com que o Senhor falava: E aconteceu que, dizendo ele essas coisas (v. 27), com uma força e evidência convincentes, certa mulher do grupo ficou tão fascinada por ouvir como o Senhor desconsertara os fariseus, e os vencera, e os envergonhara, e se livrara de suas vis insinuações, que não pôde deixar de exclamar: "Bem-aventurado o ventre que te trouxe. Que homem admirável e excelente és! Com certeza nunca houve alguém nascido de mulher que fosse maior ou melhor: feliz a mulher que o tem como filho. Eu teria me considerado muito feliz por ter sido a mãe de alguém que fala como nenhum outro homem jamais falou, que possui tanto da graça do céu em si, e que é uma bênção tão grande nesta terra." Estas palavras soaram muito bem, expressando sua elevada estima por Cristo, e isto por causa de sua doutrina; e não era errado que isto refletisse a honra de Maria, sua mãe, porque concordava com o que ela própria havia dito (1.48): Todas as gerações me chamarão bem-aventurada; alguns eram daquela geração, até mesmo daquela geração tão má. Note que para todos os que crêem na Palavra de Cristo, a pessoa de Cristo é preciosa, e Ele é uma honra, 1 Pedro 2.7. No entanto, devemos ser cuidadosos para que, como esta boa mulher, não aumentemos a honra daqueles que foram seus parentes naturais. Pois assim estaríamos conhecendo o Senhor segundo a carne, e de agora em diante não devemos mais conhecê-lo assim.

2. Nesta ocasião, Cristo aproveitou para proclamar que são mais felizes aqueles que são seus seguidores fiéis e obedientes, do que aquela que o gerou e o criou. Ele não nega o que esta mulher disse, nem recusa respeito à sua mãe, mas leva o pensamento daquela mulher para aquilo que era uma consideração mais elevada, com a qual ela deveria se preocupar mais: "Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam", v. 28. Ele os considera assim. E, ao dizer que eles são assim, os torna assim, e nós precisamos entendê-lo. Isto tem, em parte, o propósito de ser uma cesura para ela, por dar tanta importância à sua presença física e à sua natureza humana e, em parte, também serve como um estímulo para que aquela mulher pudesse esperar poder ser tão feliz quanto sua própria mãe – cuja

felicidade ela estava prestes a invejar – se ouvisse a Palavra de Deus e a guardasse. Note que, embora seja um grande privilégio ouvir a Palavra de Deus, somente aqueles que a ouvirem e a guardarem, que a guardarem na memória, e se firmarem nela como seu caminho e regra é que serão verdadeiramente bem-aventurados, isto é, benditos do Senhor.

O Sinal do Profeta Jonas

vv. 29-36

A palavra de Cristo nestes versículos mostra duas coisas:

I Qual é o sinal que podemos esperar de Deus para a confirmação da nossa fé. A prova maior e mais convincente de Cristo ter sido enviado por Deus, e que eles ainda deveriam aguardar, depois dos muitos sinais que Ele lhes havia dado, era a ressurreição de Cristo dos mortos. Aqui está:

1. Uma reprovação ao povo por exigir outros sinais além daqueles que já lhes haviam sido dados em abundância: A multidão tinha se ajuntado (v. 29), uma multidão muito grande, esperando mais ter sua curiosidade satisfeita por seus milagres, do que ter suas consciências informadas pela doutrina de Cristo. O Senhor Jesus Cristo sabia o que havia levado tamanha multidão a se reunir; eles foram buscar um sinal, eles foram para observar, para terem algo de que falar quando fossem para casa. Aquela era uma geração má, à qual nada iria despertar e convencer, nem mesmo as mais sensíveis demonstrações do poder e da bondade divina.

2. Uma promessa de que um sinal ainda deveria lhes ser dado, diferente de qualquer outro que já havia sido apresentado; o sinal do profeta Jonas, que em Mateus é explicado como significando a ressurreição de Cristo. Assim como Jonas – sendo lançado ao mar, e permanecendo ali por três dias, e então ressurgindo vivo e anunciando o arrependimento aos ninivitas – foi um sinal para eles, através do qual se converteram de seus maus caminhos. Também a morte e a ressurreição de Cristo, e a pregação do seu Evangelho ao mundo gentílico logo após este fato, foi um último aviso para a nação judaica. Se eles forem provocados a um ciúme santo através disso, será bom; mas, se isto não funcionar, eles não encontrarão nada além de uma completa destruição. O Filho do Homem será um sinal para essa geração (v. 30), um

sinal que está falando a eles, embora estejam falando contra este sinal tão precioso e maravilhoso.

3. Uma advertência para que eles aproveitassem este sinal; porque se não aproveitassem, estariam por sua conta e risco. (1) A rainha do Sul levantar-se-ia no Dia do Juízo contra eles, e os condenaria por sua incredulidade, v. 31. Ela era uma estranha para a nação de Israel; contudo deu crédito, prontamente, ao relatório que ouviu das glórias de um rei de Israel. E apesar dos preconceitos que somos inclinados a ter contra os estrangeiros, ela veio das partes mais longínquas da terra para ouvir a sua sabedoria, não só para satisfazer a sua curiosidade, mas para adquirir conhecimento, especialmente a respeito do verdadeiro Deus e sua adoração; e isto foi registrado para a sua honra. E eis que alguém infinitamente maior que Salomão estava ali, *pleion Solomontos – alguém que é mais do que um Salomão está aqui*; isto é, conforme o Dr. Hammond, alguém muito superior em sabedoria, e que tinha uma doutrina mais divina e celestial do que havia em todas as palavras e escritos de Salomão. No entanto, estes judeus devassos não deram nenhuma importância àquilo que Cristo lhes disse, embora estivesse no meio deles. (2) Os ninivitas se levantariam no Dia do Juízo contra eles, e condenariam a impenitência que demonstraram (v. 32). Os ninivitas converteram-se através da pregação de Jonas; mas aqui está pregando alguém que em muito excede a Jonas, é mais poderoso e convincente, e traz a ameaça de uma ruína muito mais penosa do que a de Nínive. No entanto, ninguém parece estar espantado com isso, para se converter de seus maus caminhos, como fizeram os ninivitas.

II Qual é o sinal que Deus espera de nós para que a nossa fé seja evidenciada, e que é a prática séria da religião em que professamos crer, e uma prontidão para receber as verdades divinas, quando trazidas a nós em suas próprias evidências. Agora observe:

1. Eles tinham a luz com todas as vantagens que poderiam desejar. Porque Deus, tendo acendido a luz da candeia do Evangelho, não a colocou em um lugar oculto, ou debaixo do alqueire. Cristo não pregava nas esquinas. Os apóstolos receberam instruções para pregarem o Evangelho a toda criatura e, tanto Cristo como seus ministros – a Sabedoria e as suas virgens – clamam nos lugares principais e de maior afluência, v. 33. É um grande privilégio que a luz do Evangelho seja colocada em um velador, para que todos os que

entrarem possam ver, e possam ver através dele onde estão e para onde estão indo, e qual é o verdadeiro, certo e único caminho para a felicidade.

2. Tendo a luz, a preocupação deles era ter a visão, do contrário a que propósito eles teriam a luz? Se o objeto for muito claro, e o órgão não estiver saudável e certo, jamais seremos os melhores: A candeia do corpo é o olho (v. 34), que recebe a luz da candeia quando ela é trazida para a sala. Assim a luz da alma é o entendimento e o julgamento, e seu poder de discernir entre o bem e o mal, a verdade e a falsidade. Agora, assim como é a candeia, também a luz da revelação divina é para nós, e somos beneficiados por ela; é um aroma de vida para a vida, ou de morte para a morte. (1) Se este olho da alma for simples, se ele vir claramente, vir as coisas como elas são, e julgar imparcialmente a respeito delas, se ele mirar somente a verdade, e buscá-la por amor a ela, e não tiver nada tenebroso – aparências e intenções – todo o corpo, isto é, toda a alma, será luminosa, receberá e abrigará o Evangelho. Este precioso Evangelho levará para dentro da alma o conhecimento e a alegria. Isto denota a mesma coisa que a parábola da boa terra, recebendo a palavra e entendendo-a. Se nosso entendimento aceitar o Evangelho em sua plena luz, ela encherá a alma, e tem o bastante para enchê-la. E, se a alma for assim cheia com a luz do Evangelho, não tendo nenhuma parte em trevas – se todas as suas forças e capacidades forem sujeitas ao governo e à influência do Evangelho, e nada for deixado impuro – então toda a alma será luminosa, cheia de santidade e consolação. Ela era apenas trevas, mas agora é luz no Senhor, como quando o brilho forte de uma candeia ilumina com seu esplendor, v. 36. Note que o Evangelho entrará nas almas cujas portas e janelas estiverem completamente abertas para recebê-lo; e onde ele for, levará a luz consigo. Mas: (2) Se o olho da alma for mau – se o julgamento for subornado e predisposto por disposições corruptas e maldosas da mente, pelo orgulho e pela inveja, pelo amor ao mundo e aos prazeres sensuais – se o entendimento for prejulgado contra as verdades divinas, e decidido a não aceitá-las, embora trazidas com evidências tão convincentes – não é de se admirar que todo o corpo, toda a alma, esteja em trevas, v. 34. Como eles podem ter instrução, informação, direção e conforto, do Evangelho, contra o qual intencionalmente fecham os seus olhos? E que esperança há nisso? Que remédio há para eles? A conseqüente inferência, portanto, é: Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas, v. 35. Veja que o olho da mente não seja cegado pela

parcialidade, pelo prejulgamento, e por objetivos pecaminosos. Seja sincero em sua busca da verdade, e pronto para recebê-la na luz, no amor, e no poder da Palavra de Deus; e não seja como os homens desta geração a quem Cristo pregou, que nunca desejaram sinceramente conhecer a vontade de Deus, nem tiveram o propósito de fazê-lo. Portanto, não é de admirar que eles andem em trevas, vaguem infinitamente, e estejam eternamente perdidos.

Ais São Proclamados sobre aquela Geração. Os Fariseus e os Doutores da Lei São Reprovados

vv. 37-54

Cristo, aqui, diz muitas coisas a um fariseu e seus convidados, em uma conversa particular à mesa, o que depois disse em um discurso público no templo (Mt 23). Porque o que Ele disse em público e em particular eram a mesma palavra. Ele não diria em uma esquina aquilo que não repetiria e defenderia na grande congregação. Estas censuras que o Senhor fazia a qualquer tipo de pecador em geral, Ele lhes aplicaria em particular quando se encontrasse com eles; porque Ele era, e é, a Testemunha fiel. Aqui está:

I A ida de Cristo a um banquete com um fariseu que muito educadamente o convidou para ir a sua casa (v. 37); E, estando ele ainda falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele. O convite era para ir imediatamente, pois era hora do jantar. Estamos dispostos a esperar que o fariseu estivesse tão feliz com o discurso de Cristo que desejava mostrar-lhe respeito, querendo ter mais da sua companhia. Portanto, lhe fez este convite e verdadeiramente lhe deu as boas vindas. No entanto, temos motivos para suspeitar que houve uma má intenção quando o seu discurso diante do povo foi interrompido. Eles queriam ter uma oportunidade de apanhá-lo em uma armadilha, e tirar das palavras do Senhor alguma coisa que pudesse servir como acusação e censura, vv. 53,54. Não conhecemos o pensamento completo deste fariseu que convidou o Senhor para aquele jantar; mas, a despeito de qual fosse, Cristo o conhecia: se ele tiver uma má intenção, saberá que Cristo não o teme; se sua intenção for boa, saberá que Cristo quer lhe fazer o bem; então o Senhor entrou, e assentou-se à mesa. Note que os discípulos de Cristo devem aprender com Ele a ser sociáveis, e não mal-

humorados ou taciturnos. Embora tenhamos necessidade de ser cautelosos com as companhias que temos, não precisamos ser rígidos, nem devemos, portanto, sair do mundo.

II O que fez o fariseu ofender-se com Cristo, como ocorria às vezes com os discípulos de Cristo, por causa desse tipo de gente, por não se lavar cerimonialmente antes do jantar, v. 38. Ele admirou-se de que um homem de sua santidade, um profeta, um homem de tanta devoção, e de uma conversa tão severa, se assentasse para comer, e não lavasse primeiro suas mãos conforme a lei cerimonial, especialmente tendo recentemente saído de um grupo grande de pessoas. Ali na mesa do fariseu, sem dúvida, todas as acomodações estavam preparadas para isso, de forma que ele não precisava temer ser um incômodo; e o próprio fariseu e todos os seus convidados, sem dúvida, se lavaram conforme a lei, de forma que ele não poderia ser diferente. Por que não se lavar? Que mal teria ocorrido se o Senhor tivesse se lavado cerimonialmente? Isto não estava estritamente ordenado pelos cânones da religião humana criada por aqueles homens? Estava, e, por esta razão, Cristo não quis fazê-lo, porque queria testemunhar contra eles. Aqueles religiosos presumiam que tinham o poder de impor mandamentos religiosos, mandamentos que Deus não lhes havia ordenado. A lei cerimonial consistia em diversas lavagens, mas esta não era nenhuma delas. Portanto, Cristo não a praticaria, nem como um ato de complacência para com o fariseu que o convidara, nem pelo fato de saber que a recusa à prática deste ritual causaria uma ofensa.

III A censura impetuosa que Cristo, nesta ocasião, fez aos fariseus, sem pedir perdão nem mesmo ao fariseu que o havia convidado; porque não devemos fazer lisonjas aos nossos melhores amigos por qualquer coisa que seja maligna.

1. Ele os reprova por misturarem a religião com coisas que são apenas exteriores, e que são observadas pelos homens, enquanto as coisas que dizem respeito à alma não só eram adiadas, mas eliminadas; sim, exatamente aquelas que são observadas por Deus, vv. 39, 40. Agora note aqui: (1) O absurdo de que eles eram culpados: “Vós, fariseus, limpais o exterior do corpo e do prato com água, mas não limpais os vossos corações da maldade; estes estão cheios de cobiça e malícia, cobiça dos bens dos

homens, e malícia contra os homens bons.” Jamais podem ser considerados servos asseados aqueles que lavam somente o exterior da taça na qual o seu senhor bebe, ou do prato em que ele come, e não tomam o cuidado de limpar o interior, a sujeira que imediatamente afeta a comida e a bebida. A estrutura ou a disposição do pensamento em todo serviço religioso é como o interior da taça e do prato; a sua impureza contamina os serviços. Portanto, se nos esforçarmos para nos manter livres da perversidade, porém vivermos sob o domínio da iniqüidade espiritual, estaremos cometendo uma grande afronta contra Deus. Seria algo tão ruim quanto um servo entregar a taça na mão de seu senhor, limpa de toda a poeira por fora, mas, por dentro, repleta de teias e aranhas. Rapina e maldade, isto é, mundanismo, vinganças, rancor e desprezo reinantes, que os homens acham que podem cobrir com alguma capa e coberta, são os pecados perigosos e amaldiçoadores de muitos que tornaram limpa a parte de fora da taça quanto aos pecados mais grosseiros, e escandalosos, e indesculpáveis que estão ligados à prostituição e à embriaguez. (2) Um exemplo particular do absurdo disso: “Loucos! O que fez o exterior não fez também o interior? v. 40. O Deus que designou na lei de Moisés diversas lavagens cerimoniais, com as quais procurais vos justificar em suas práticas e imposições, não designou também que deveis limpar e purificar os vossos corações? Aquele que fez as leis para aquilo que é exterior, não pretendeu algo para o interior mesmo nestas leis? E, por outras leis, Ele não mostra como considera pouco a purificação da carne, e livrar-se da sujeira dela, se o coração não for limpo?” Ou, será que aqui não há uma referência a Deus não apenas como o Legislador (o que as palavras parecem dizer), mas como o Criador? Deus, que fez estes corpos que dele recebemos (e eles são espantosamente maravilhosos), não nos fez também estas almas, que são ainda mais espantosamente maravilhosas? Agora, uma vez que o Senhor fez a ambos, Ele de forma justa espera que cuidemos dos dois. Portanto, não é necessário apenas lavar o corpo que o Senhor formou, tendo as mãos limpas como um gesto de honra à sua obra, mas é preciso lavar o espírito, do qual Ele é o Pai. Precisamos que nosso coração esteja livre da lepra que assola a tantos.

A isso Ele acrescenta uma regra para tornar nossas necessidades pessoais – como criaturas – claras para nós (v. 41): “Em vez de lavar cerimonialmente vossas mãos antes de comer, dai, antes, esmola daquilo que tiverdes” (*ta enonta – daquilo que estiver colocado diante de vós, daquilo que tiverdes*

convosco); “Deixe que os pobres tenham sua porção daí, e então todas as coisas estarão limpas para vós, e podereis usá-las confortavelmente”. Aqui está uma clara alusão à lei de Moisés, pela qual constava que certas porções do aumento de sua terra deveriam ser dadas aos levitas, aos estrangeiros, aos órfãos, e às viúvas. E, quando isso fosse feito, o que estava reservado para seu próprio uso estaria limpo para eles, e eles poderiam, com fé, orar pedindo uma bênção sobre esta parte, Deuteronômio 26.12-15. Então poderemos, com conforto, desfrutar os dons da abundância de Deus, quando enviarmos porções àqueles para quem nada está preparado, Neemias 8.10. Jó não comeu seu bocado sozinho, mas os órfãos também comeram dele. E, assim, tudo estava limpo para ele (Jó 31.17). Estar limpo significa ser permitido, ter uma autorização para ser usado, e somente então poder ser usado confortavelmente. Note que aquilo que temos não é nosso, a menos que Deus nos tenha dado o direito de possuir; e só podemos possuir alguma coisa depois de termos oferecido ao Senhor a parte que lhe é devida. E é através da nossa liberalidade para com os pobres, que conseguimos liberdade para desfrutar de nossa comodidade.

2. Ele os reprova por darem muita ênfase a coisas insignificantes, e negligenciarem os assuntos mais importantes da lei, v. 42. (1) Com estas leis que diziam respeito apenas aos meios da religião, eles eram muito cuidadosos, além de bastante precisos na sua observância, como particularmente no caso daquelas que se referiam à manutenção dos sacerdotes: Dizimais a hortelã, e a arruda. Eles pagavam em espécie e o total, e não despediam os sacerdotes com um *modus decimandi* ou com algum tipo de acordo desvantajoso. Através disso, eles ganharam uma reputação junto ao povo como rígidos observadores da lei, e lucravam através dos sacerdotes, que muitas vezes tinham o poder de lhes fazer algum bem; e assim, não seria de se admirar se os sacerdotes e os fariseus planejassem como fortalecer as mãos uns dos outros. Agora, Cristo não os condena por serem tão minuciosos no pagamento dos dízimos (eles realmente deveriam fazê-lo), mas por pensarem que isto faria a expiação pela negligência que demonstravam em relação aos seus deveres mais importantes; porque: (2) Eles não obedeciam às leis que diziam respeito às coisas essenciais da religião. Eles ignoravam o juízo e o amor de Deus, nem se conscientizavam de que deveriam dar aos homens o que lhes era devido, dando a Deus os seus corações.

3. O Senhor os reprova pelo orgulho e pela vaidade que demonstravam, bem como pela precedência e pelo louvor dos homens que eles sempre buscavam (v. 43): “Amais os primeiros assentos nas sinagogas” (ou conselhos onde os anciãos reuniam-se para governar); se não tiverdes estes assentos, os ambicionareis; se os tiverdes, sereis orgulhosos por causa deles. E, além disso, amais as saudações nos locais públicos, para serdes elogiados pelo povo. Amais aqueles que, muitas vezes, tiram o chapéu e se ajoelham diante de vós. O que está sendo reprovado não é o fato de sentarem-se nos primeiros lugares, ou de serem cumprimentados, mas o fato de amarem tudo isso.

4. Ele os reprova pela hipocrisia que demonstravam, e por disfarçarem a maldade de seus corações e vidas com pretensões enganadoras (v. 44): “Vós sois como as sepulturas cobertas de relva, que, portanto, não aparecem, e os homens que sobre elas andam não o sabem. E assim contraem a poluição cerimonial que a lei estipulou para aqueles que tocassem uma sepultura”. Estes fariseus estavam, interiormente, repletos de abominações, como uma sepultura que guarda corpos em estado de putrefação; estavam cheios de cobiça, inveja e malícia. No entanto, eles ocultavam isso de uma forma tão perspicaz, através de uma profissão exterior de devoção, que a verdadeira condição de seus corações permanecia oculta. Desta forma, aqueles que conversavam com eles e seguiam sua doutrina, eram corrompidos pelo pecado, contaminados com as suas corrupções e falta de moral. No entanto, por demonstrarem uma certa religiosidade, as pessoas não suspeitavam do perigo que aqueles homens ofereciam. O contágio se estabelecia, e as pessoas eram insensivelmente contaminadas; e aquelas que eram assim infectadas nunca pensavam o pior sobre si mesmas.

IV O testemunho que ele deu também contra os doutores da lei e os escribas, que tinham como negócio interpretar a lei de acordo com a tradição dos anciãos. Os fariseus também faziam isto, para observar a lei de acordo com esta tradição.

1. Houve alguém daquela profissão de fé que se ressentiu com o que o Senhor disse contra os fariseus (v. 45): “Mestre, quando dizes isso também nos afrontas a nós, pois somos escribas; somos nós, portanto, hipócritas?” Note que é uma coisa comum que pecadores soberbos considerem as repreensões como reprovações, e chamem-nas deste modo. Porém, a

sabedoria daqueles que desejam ter seus pecados mortificados consiste em fazerem um bom uso das reprovações que vêm até mesmo de más intenções, transformando-as em repreensões. Se pudermos, desta maneira, ouvir nossos erros, e consertá-los, será bom. Mas, por outro lado, a loucura daqueles que estão ligados aos seus pecados, e decididos a não abandoná-los, consiste em fazerem um mau uso das admoestações fiéis e amistosas que lhes são dadas. Estas admoestações vêm do amor, e têm a finalidade de provocar suas paixões servindo como repreensões; assim, os transgressores procuram fugir daqueles que os repreendem, e se justificam como se estivessem rejeitando uma reprovação. Por esta razão, o profeta queixou-se (Jr 6.10): A palavra de Senhor é para eles coisa vergonhosa; não gostam dela. Este doutor da lei advogou a causa do fariseu e, assim, se fez participante de seus pecados.

2. Nosso Senhor Jesus, em conseqüência disso, os repreendeu (v. 46): Ai de vós também, doutores da lei; e outra vez (v. 52): Ai de vós, doutores da lei. Eles se bendiziam pela reputação que tinham entre o povo, que os tinham como homens felizes, porque estudavam a lei, e eram sempre conhecedores dela, e tinham a honra de instruir o povo no conhecimento dela. Mas Cristo proferiu ais contra eles, porque o Senhor não vê como o homem vê. O homem foi repreendido por ter tomado as dores do fariseu, e por discutir com Cristo, por tê-los censurado. Note que aqueles que discutem por causa das repreensões que são dirigidas a outros, e suspeitam que elas são reprovações dirigidas a eles, só conseguem, com esta atitude, os seus próprios ais.

(1) Os doutores da lei são reprovados por tornarem os serviços da religião mais difíceis de suportar aos outros, porém mais fáceis para eles; assim, contrariavam aquilo que Deus fez (v. 46): “Vós carregais os homens com cargas difíceis de transportar, pelas vossas tradições, que os amarra a muitos trabalhos de escravidão que Deus nunca sequer recomendou. E fazeis isto para mostrar a vossa autoridade, e para manter o povo em temor; porém vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas,” isto é: [1] “Está claro que não imporeis carga alguma sobre vós mesmos, nem vos atareis com as restrições com as quais estorvais os outros”. Eles pareceriam, pelas barreiras que fingiam fazer em torno da lei, que eram muito severos quanto à observância da lei; mas, se as pessoas pudessem ver as suas práticas, descobririam que eles não apenas desconsideram as barreiras quando se trata de si mesmos, e também não cumprem a lei em si. Diz-se

que os líderes da igreja romana têm o mesmo comportamento com os penitentes em seu meio. [2] “Vós não aliviareis as cargas daqueles sobre os quais tendes poder; vós não tocareis nelas, isto é, ou as revogareis ou as dispensareis quando achardes que são difíceis demais de carregar e cruéis para o povo”. Eles entrariam com as duas mãos para dispensar um mandamento de Deus, mas nenhum dedo para aliviar o rigor de quaisquer das tradições dos anciãos.

(2) Eles são reprovados por fingirem uma veneração pela memória dos profetas a quem seus pais mataram, quando na verdade odiavam e perseguiam os profetas de seus próprios dias, que lhes eram enviados com a mesma missão, para convocá-los ao arrependimento, e guiá-los a Cristo, vv. 47-49. [1] Estes hipócritas, dentre outras falsas aparências de piedade, construíram as sepulturas dos profetas; isto é, eles erigiram monumentos sobre os seus túmulos, em honra a eles, provavelmente com grandes inscrições contendo elogios elevados. Eles não eram tão supersticiosos a ponto de venerarem as suas relíquias, ou acharem que as suas devoções eram as mais aceitáveis a Deus por serem oferecidas nos túmulos dos mártires; eles não queimavam incenso ou oravam por eles, ou pleiteavam seus méritos junto a Deus; eles não acrescentavam esta iniqüidade à sua hipocrisia; mas, como se reconhecessem ser os filhos dos profetas, seus herdeiros e executores, eles consertavam e embelezavam os monumentos sagrados para a sua memória piedosa. [2] Apesar disso, eles teriam uma inimizade inveterada com aqueles que, em seus próprios dias, viessem a eles no espírito e poder daqueles profetas; e, embora ainda não tivessem tido a oportunidade de levá-los para longe, no entanto logo o fariam, porque a Sabedoria de Deus disse, isto é, o próprio Cristo ordenaria isso, e agora o previu, que eles perseguiriam e matariam os profetas e apóstolos que lhes fossem enviados. Portanto, a sabedoria de Deus os julgaria, e revelaria a hipocrisia odiosa deles, enviando-lhes profetas para censurá-los por seus pecados e adverti-los dos juízos de Deus. Estes profetas se mostrariam apóstolos, ou mensageiros enviados do céu, através de sinais, e maravilhas, e dons do Espírito Santo. Ou, “Eu lhes enviarei profetas sob a distinção e título de apóstolos, que, no entanto, deterão uma autoridade tão boa quanto qualquer dos antigos profetas detiveram; e a estes eles não só irão se opor, mas açoitar, perseguir e matar”. Cristo previu isto, e, contudo, não fez o contrário do que convinha à Sabedoria de Deus ao enviá-los, porque Ele

sabia como trazer glória a si mesmo na questão, através das recompensas reservadas, no estado futuro, tanto para os perseguidores como para os perseguidos. [3] Portanto, Deus colocará de forma justa uma outra construção sobre a edificação que fizeram dos túmulos dos profetas; esta será diferente do que se imaginaria que eles pretendiam, e será interpretada como a aprovação que demonstraram quanto às ações de seus pais (v. 45). Porque, uma vez que por suas ações presentes pareceu que eles não tinham nenhum valor verdadeiro para os seus profetas, a construção de suas sepulturas terá este significado, que eles resolveram manter em seus túmulos aqueles a quem os seus pais haviam encaminhado para a morte. Josias, que tinha um valor real para os profetas, achou conveniente não perturbar a sepultura do homem de Deus em Betel: Ninguém mexa nos seus ossos, 2 Reis 23.17,18. Se estes doutores da lei levarem o assunto adiante, e construírem as suas sepulturas, parecerá que estarão fazendo um re-trabalho, que dará ocasião para que se suspeite de uma má intenção em suas atitudes, e que tal ação tem a intenção de ocultar algum planejamento contra a própria profecia. É como o beijo de um traidor, como aquele que abençoa seu amigo com uma voz alta; porém, levantando-se de manhã bem cedo, isto será uma maldição para ele, Provérbios 27.14. [4] Que eles não devem esperar nada além de serem considerados como aqueles que enchem a medida da perseguição, vv. 50,51. Eles mantêm a situação como se fizessem parte de uma sucessão, e assim são responsáveis pelas dívidas de seus pais, daqueles que estiveram engajados na perseguição aos profetas desde o princípio, desde o sangue de Abel, quando o mundo começou, até o de Zacarias, e assim por diante até o fim do estado judeu; tudo isso será requerido desta geração, esta última geração dos judeus, cujo pecado em perseguir os apóstolos de Cristo excederia qualquer dos pecados daquele tipo de que seus pais eram culpados, e assim trariam a ira sobre si mesmos, ao extremo, 1 Tessalonicenses 2.15,16. Sua destruição pelos romanos foi tão terrível que poderia ser considerada o cumprimento da vingança de Deus sobre aquela nação perseguidora.

(3) Eles são reprovados por se oporem ao Evangelho de Cristo e, por fazerem tudo o que podiam para obstruir seu progresso e seu sucesso, v. 52. [1] Eles não haviam, de acordo com o dever de sua posição, explicado fielmente ao povo aquelas Escrituras do Antigo Testamento que apontavam para o Messias. Se o povo fosse conduzido pelos doutores da lei ao correto

entendimento, todos teriam abraçado prontamente o Senhor Jesus Cristo e sua doutrina; mas, em vez disso, aqueles líderes religiosos perverteram estes textos, e lançaram uma névoa diante dos olhos do povo, através de seus brilhos corruptos; e isto é chamado de tirar a chave do conhecimento. Em vez de usarem esta chave em benefício do povo ajudando-os a usá-la corretamente, eles a esconderam deles; isto é chamado, em Mateus, de fechar o reino dos céus para os homens, o que significa excluí-los deste reino, Mateus 23.13. Note que aqueles que tiram a chave do conhecimento fecham o Reino dos Céus aos seus semelhantes. [2] Eles mesmos não abraçam o Evangelho de Cristo, embora pela sua familiaridade com o Antigo Testamento, não poderiam deixar de saber que o tempo foi cumprido, e que o Reino de Deus estava às portas; eles enxergaram as profecias cumpridas naquele reino que o nosso Senhor Jesus estava prestes a estabelecer; contudo, eles mesmos não entrariam neste maravilhoso reino. [3] Aqueles que estavam entrando sem qualquer direção e ajuda da parte daqueles líderes religiosos, sofriam uma pressão extra: os líderes faziam todo o possível para impedi-los e desencorajá-los, ameaçando expulsá-los da sinagoga, trazendo, assim, um grande terror sobre aqueles inocentes. É ruim que alguém seja contra a revelação de Deus; porém, pior ainda é ser inimigo dela.

Por fim, na conclusão do capítulo somos informados de como os escribas e fariseus tramaram, de forma rancorosa e maldosa, atrair o Senhor para uma armadilha, vv. 53, 54. Eles não podiam suportar aquelas reprovações que deveriam reconhecer como sendo justas; mas o que Ele havia dito contra eles em particular não produziria uma ação, nem poderiam aceitar qualquer acusação criminal. Portanto, tudo se passava como se, pelo fato de suas reprovações terem sido contundentes, eles esperassem irritá-lo até uma reação intempestiva, para que o Senhor baixasse a guarda. Assim, eles começaram a incitá-lo veementemente, começaram a ser muito violentos com Ele, e provocá-lo para fazê-lo falar de muitas coisas, começaram a lhe propor perguntas perigosas, esperando alguma coisa que pudesse servir para o plano que tinham de torná-lo odioso ao povo, ou ofensivo ao governo, ou ambas as coisas. Assim, eles buscavam ocasião contra Ele, como os inimigos de Davi que todos os dias deturpavam suas palavras, Salmos 56.5. Os homens maus procuram fazer o mal. Observe que os reprovadores fiéis do pecado devem esperar ter muitos inimigos, e têm a necessidade de

colocar uma grande vigilância diante da porta de seus lábios, por causa de seus observadores que estão à espreita procurando um vacilo. O profeta queixa-se daqueles de seu tempo que transformam um homem em um ofensor por causa de uma palavra, e colocam uma armadilha para aquele que reprova na porta, Isaías 29.21. Para que possamos suportar as aflições deste tipo com paciência, e superá-las com prudência, consideremos aquele que resistiu a tais contradições dos pecadores contra si mesmo.

CAPÍTULO 12

Neste capítulo, temos diversos discursos excelentes de nosso Salvador sobre várias ocasiões, muitas das quais possuem o mesmo significado que tivemos em Mateus, ao se tratar de ocasiões semelhantes. Porque podemos supor que nosso Senhor Jesus pregou as mesmas doutrinas, e impôs os mesmos deveres, várias vezes, na presença de várias pessoas. Em nossa opinião, é possível que algum dos evangelistas as tenha tomado como tendo sido entregues em momentos diferentes. Portanto, precisamos ter preceito sobre preceito, linha sobre linha. Aqui: I. Cristo adverte os seus discípulos a se guardarem da hipocrisia, e da covardia ao professarem o cristianismo e ao pregarem o bendito Evangelho, vv. 1-12. II. O Senhor alerta contra a cobiça, por ocasião de uma investida contra si, e ilustra esta advertência através de uma parábola sobre um homem rico que foi repentinamente interrompido pela morte em meio aos seus projetos e esperanças terrenas, vv. 13-21. III. Ele encoraja os seus discípulos a lançarem todo o seu cuidado sobre Deus Pai, e viverem tranqüilos em uma dependência de sua providência, e os exorta a fazerem da religião a sua principal atividade, vv. 22-34. IV. Ele os incita à vigilância pela vinda de seu Mestre, da consideração da recompensa daqueles que então forem achados fiéis, e o castigo daqueles que forem achados infiéis, vv. 35-48. V. Ele os avisa que poderão esperar dificuldades e perseguições, vv. 49-53. VI. O Senhor adverte o povo a observar e aproveitar o dia de suas oportunidades, e a fazer a paz com Deus a tempo, vv. 54-59.

A Exortação de Cristo aos seus Apóstolos

vv. 1-12

Encontramos aqui:

I Um grande auditório que havia se reunido para ouvir o Senhor Jesus Cristo pregar. Os escribas e fariseus procuraram acusá-lo, e prejudicá-lo; mas o povo, que não estava sob a tendência de seus preconceitos e ciúmes, ainda o admirava, o servia, e o honrava. Nesse ínterim (v. 1), enquanto o Senhor estava na casa do fariseu, discutindo com aqueles que procuravam apanhá-lo em alguma armadilha, o povo se reuniu para um sermão vespertino, um sermão após o jantar, após jantar com o fariseu; e o bondoso Senhor não queria desapontá-los. Embora no sermão pela manhã, quando tinham se ajuntado (cap. 11.29), Ele os tivesse reprovado severamente como uma geração maligna que pedia um sinal, eles renovaram o comparecimento aos seus sermões; as pessoas poderiam suportar mais as suas reprovações, do que os fariseus. Quanto mais os fariseus lutassem para afastar as pessoas de Cristo, maior seria o rebanho que se uniria a Ele. Aqui estavam muitos milhares de pessoas, de sorte que se atropelavam umas às outras, esforçando-se para ficarem nos primeiros lugares, para poderem ouvi-lo. É muito agradável ver as pessoas assim aglomeradas para ouvir a Palavra do Senhor, arriscando-se a sofrer inconveniência e perigo, em vez de perderem a oportunidade que estava sendo concedida às suas almas. “Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, às suas janelas?” Isaías 60.8. Quando a rede é lançada onde há uma multidão tão grande de peixes, pode-se esperar que muitos sejam acrescentados ao reino do céu.

II As instruções que o Senhor deu aos seus seguidores, enquanto este auditório o ouvia.

1. O Senhor começou com uma advertência contra a hipocrisia. Isto Ele disse aos seus discípulos em primeiro lugar; aos doze e aos setenta. Estas foram suas recomendações mais peculiares dirigidas a sua família, a seu grupo. Portanto, Ele os advertiu particularmente, tratando-os como filhos amados. Eles fizeram uma profissão de fé mais aberta e mais direta do que os outros, e a hipocrisia era, naquele ponto, o pecado que mais os ameaçava. Eles deveriam pregar aos outros; e, se prevaricassem, corrompessem a Palavra e agissem enganosamente, a hipocrisia seria pior neles do que nos outros. Além disso, havia um Judas entre eles, que era um hipócrita, e Cristo sabia disso. Judas tinha, nesta ocasião, uma oportunidade para despertar;

caso contrário, ele se tornaria indesculpável. Os discípulos de Cristo foram, pelo que sabemos, homens especiais no mundo da época, mas precisaram ser advertidos contra a hipocrisia. Cristo disse-lhes isto, quando toda esta grande multidão estava ouvindo-o, em vez de falar em particular, quando estivesse sozinho com eles. Assim, o Senhor acrescentou um peso maior à advertência, deixando que o mundo soubesse que Ele não aprovaria a hipocrisia de modo algum, ainda mais em seus próprios discípulos. Agora observe:

(1) A descrição do pecado contra o qual o Senhor os adverte: A hipocrisia é o fermento dos fariseus. [1] Ela é o fermento e espalha-se como o fermento, introduz-se no homem inteiramente, e em tudo o que ele fizer. Ela cresce e azeda como o fermento, faz os homens incharem com o orgulho, deixa-os azedos através da malícia, e faz com que seu serviço seja inaceitável a Deus. [2] É o fermento dos fariseus: "É o pecado em que eles mais se acham envolvidos. Acautelai-vos para que não os imiteis; não tenhais o mesmo espírito que eles; não dissimuleis no cristianismo como eles fazem no judaísmo; não façais da vossa religião uma capa para a iniqüidade, como eles fazem com a deles".

(2) Uma boa razão contra a hipocrisia: "Nada há encoberto que não haja de ser descoberto", vv. 2,3. "É inútil esconder, pois, mais cedo ou mais tarde, a verdade será revelada; e uma língua mentirosa só é eficaz por pouco tempo. Se em trevas falardes o que vos é impróprio, aquilo que for incoerente com a vossa profissão pública, à luz será ouvido. De um modo ou de outro tudo será descoberto. As aves dos céus levarão a voz (Ec 10.20), e a vossa loucura e falsidade será manifestada". A iniqüidade que está oculta sob uma aparência de piedade será descoberta, talvez neste mundo – como foi a de Judas, e a de Simão o mágico – ou mais tarde, naquele grande Dia do Juízo, quando tudo o que estiver encoberto – como os segredos dos corações dos homens – será manifesto, Eclesiastes 12.14; Romanos 2.16. Se a religião dos homens não vencer e curar a maldade de seus corações, ela não servirá sempre como uma capa. Está chegando o dia em que os hipócritas serão despidos de suas folhas de figueira.

2. A isto o Senhor acrescentou uma recomendação. Eles deveriam ser fiéis à confiança que neles fora depositada, e não poderiam traí-la através de algum temor covarde e desprezível. Alguns fazem dos versículos 2 e 3 uma advertência para que eles não escondam as coisas nas quais haviam sido

instruídos, e que foram empregados para anunciar ao mundo. “Não importa se os homens ouvirão ou abster-se-ão; diga-lhes a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade. Pregai o que vos tem sido dito, e o que tendes falado entre vós, particularmente, e nas esquinas, aquilo que pregais publicamente, não vos importando com quem quer que se ofenda; porque, se agradardes aos homens, não sereis servos de Cristo, nem podereis agradá-lo”, Gálatas 1.10. Mas isto não era o pior: este era provavelmente um motivo de sofrimento, embora nunca de esmorecimento: que eles, portanto, se armem de coragem; e diversos argumentos são apresentados aqui para revesti-los de coragem com uma santa decisão em sua obra. Considere:

(1) “O poder dos vossos inimigos é um poder limitado (v. 4): E digo-vos, amigos meus” (os discípulos de Cristo são seus amigos, Ele os chama de amigos, e lhes dá o seu conselho amigo), “não temais, não vos perturbeis com temores atormentadores do poder e da fúria dos homens”. Observe que aqueles a quem Cristo reconhece como sendo seus amigos não precisam ter medo de nenhum inimigo. “Não temais os que matam o corpo. Que não seja o poder dos escarnecedores, nem mesmo dos assassinos, que vos desvie da vossa obra. Porque vós, que aprendestes a triunfar sobre a morte, podeis dizer até mesmo aos perseguidores mais cruéis que façam o pior, pois, depois disso não há mais nada que possam fazer. A alma imortal viverá, estará feliz, e terá prazer em si mesma e em Deus, e desafiará todos os perseguidores”. Note bem, estes inimigos não podem causar nenhum dano real aos discípulos de Cristo; portanto, aqueles que só podem matar o corpo não devem ser temidos; porque eles só podem mandar o corpo para o seu descanso, e a alma para a sua alegria eterna.

(2) Deus deve ser mais temido do que os homens mais poderosos: “Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer (v. 5): para poderdes temer menos aos homens, temei mais a Deus. Moisés vence seu temor da ira do rei, estando muito atento àquele que é invisível. Reconhecendo a Cristo, podereis incorrer na ira dos homens, que não podem ir além de vos matar (e sem a permissão de Deus eles não podem fazer isso); mas negando a Cristo, e não o reconhecendo, incorrereis na ira de Deus, que tem o poder de vos mandar para o inferno. E não há como resistir a isso. Agora, dos dois males, o menor é ser escolhido; e o maior, é ser aterrorizado. Portanto, digo-vos, temei ao Senhor”. “É verdade”, disse aquele mártir, o Bispo Hooper, “a vida é doce, e a morte amarga; mas a vida eterna é mais doce, e a morte eterna mais

amarga”.

(3) As vidas dos bons cristãos e dos bons ministros estão sob o cuidado particular da Providência divina, vv. 6,7. Para nos encorajar em tempos de dificuldade e perigo, devemos recorrer aos nossos primeiros princípios, e edificar sobre eles. Agora, a crença firme da doutrina da providência universal de Deus, e seu alcance, nos serão satisfatórios, quando, a qualquer momento, estivermos em perigo, e nos encorajará a confiar em Deus no caminho do dever. [1] A Providência reconhece as mais insignificantes criaturas, como, por exemplo, os passarinhos. “Embora eles sejam de tão pequena importância, de forma que cinco passarinhos são vendidos por dois ceitis, nenhum deles é esquecido por Deus, que os alimenta e nota sua morte. Agora, mais valeis vós do que muitos passarinhos; portanto, podeis estar certos de que não estais esquecidos, embora presos, embora banidos, embora esquecidos por vossos amigos; muito mais preciosa aos olhos do Senhor é a morte dos santos do que a morte dos passarinhos”. [2] A Providência reconhece até mesmo os menores interesses dos discípulos de Cristo: “Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados (v. 7); muito mais estão contados vossos suspiros e vossas lágrimas, e as gotas do vosso sangue, que derramais por amor ao nome de Cristo. Um registro é feito de todas as perdas, para que elas possam ser – e sem dúvida serão – recompensadas de forma indescritível para vosso proveito.”

(4) “Vós sereis reconhecidos ou rejeitados por Cristo, no Dia do Juízo. Tudo depende da atitude que tereis agora, se o reconhecerdes ou não”, vv. 8,9. [1] Para nos exortar a confessarmos a Cristo diante dos homens, a despeito daquilo que possamos perder ou sofrer por causa da nossa fidelidade a Ele. E como isto pode nos custar caro, somos assegurados de que aqueles que confessarem a Cristo agora serão reconhecidos por Ele no grande Dia do Juízo diante dos anjos de Deus, para o conforto e honra eternos de cada um deles. Jesus Cristo confessará não só que sofreu por eles, e que eles terão os benefícios dos seus sofrimentos, mas que eles sofreram por Ele, e que seu reino e interesse na terra foram beneficiados pelos sofrimentos deles. E que honra maior poderiam receber? [2] Para impedir que neguemos a Cristo, e que abandonemos covardemente suas verdades e caminhos, somos aqui assegurados de que aqueles que negarem a Cristo, e traiçoeiramente o deixarem, a despeito daquilo que possam salvar através desta atitude – mesmo que seja a própria vida, e o que quer que eles possam

ganhar com isso, mesmo que seja um reino – ao final serão grandes perdedores, porque serão negados diante dos anjos de Deus. Cristo não os reconhecerá e eles não serão dele. O Senhor não lhes mostrará qualquer favor, o que gerará terror e desprezo eternos a cada um deles. Pela ênfase colocada sobre serem confessados ou negados diante dos anjos de Deus, parece uma parte considerável da felicidade dos santos glorificados que eles não só serão achados justos, mas serão elevados na estima dos santos anjos. Eles os amarão, os honrarão e os reconhecerão, se forem servos de Cristo. Os anjos são seus conservos, e os consideram como companheiros. Porém, de modo contrário, uma parte considerável da infelicidade dos pecadores condenados será que os santos anjos os abandonarão, e serão testemunhas, não só da desgraça deles, como aqui, mas de sua completa miséria, pois os pecadores não salvos serão atormentados na presença dos santos anjos (Ap 14.10), que não lhes darão nenhum alívio.

(5) A missão na qual eles logo seriam enviados era da mais elevada e definitiva importância para os filhos dos homens, a quem eles foram enviados, v. 10. Eles deveriam ser ousados ao pregar o Evangelho, pois um destino mais doloroso e mais pesado atingiria aqueles que os rejeitassem (depois que o Espírito foi derramado sobre eles, o que seria o último método de convencimento), pior do que o destino daqueles que rejeitam o próprio Cristo, e se opõem a Ele: “Obras maiores do que estas ele fará, e, conseqüentemente, maior será o castigo daqueles que blasfemarem dos dons e das operações do Espírito Santo em vós. Qualquer que falar uma palavra contra o Filho do Homem, tropeçando na insignificância de sua aparência, falando dele com desrespeito e desprezo, ainda poderá ter alguma desculpa: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Mas àquele que blasfemar contra o Espírito Santo – que blasfemar contra a doutrina cristã, e maldosamente se opuser a ela, após o derramamento do Espírito e da sua confirmação de que Cristo foi glorificado (At 2.33; 5.32) – será negado o privilégio do perdão dos pecados; estes não terão nenhum benefício de Cristo e de seu Evangelho. Podeis sacudir o pó de vossos pés e lançá-lo contra aqueles que assim fizerem, abandonando-os e considerando-os como incuráveis. Eles perderam o direito ao arrependimento e à remissão que Cristo foi exaltado para dar, e que fostes comissionados a pregar”. Este pecado, sem dúvida, é mais ousado, e, conseqüentemente, o caso torna-se mais grave durante a continuidade dos extraordinários dons e operações do

Espírito na igreja, que tinham como objetivo ser um sinal para aqueles que não cressem, 1 Coríntios 14.22. Houve esperança para aqueles que, embora não convencidos a princípio, admiraram estes preciosos dons e operações. Mas aqueles que blasfemaram deles foram abandonados.

(6) Os discípulos receberiam o suficiente para comparecer diante de qualquer tribunal perante o qual fossem convocados. O Senhor lhes daria a palavra adequada para a ocasião, e seriam bem sucedidos de uma forma honrada, vv. 11,12. O mártir fiel a Cristo não só tem sofrimentos a passar, mas um testemunho a dar, uma boa confissão em forma de testemunho, e está preocupado em fazê-lo da melhor forma possível, para que a causa de Cristo não seja prejudicada, embora ele sofra por isso. E, se este for o caso, que o cristão o entregue ao Senhor Deus: "Quando vos conduzirem às sinagogas, às autoridades da igreja e às cortes judaicas, ou perante magistrados e potestades, autoridades gentílicas, governantes, para serdes examinados sobre a vossa doutrina – qual é, e qual é a prova dela – não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder." [1] "Para que possais salvar a vós mesmos. Não estudeis por qual artifício ou retórica podereis apaziguar os juízes, ou através de que brechas na lei escapareis. Se for a vontade de Deus Pai que saiais da situação, e o vosso tempo não tiver chegado, Ele vos libertará de forma eficaz." [2] "Para que possais servir ao vosso Mestre, tende isto como objetivo, mas não estejais perplexos sobre isso, porque o Espírito Santo, como um Espírito de sabedoria, vos ensinará o que vos convenha falar, e como falar, para que tudo seja para a honra de Deus e de sua causa."

O Apego às Coisas Materiais É Denunciado

vv. 13-21

Temos, nestes versículos:

I A súplica que foi feita a Cristo, de uma forma muito inoportuna, por um de seus ouvintes, desejando que o Senhor interviesse entre ele e seu irmão em uma questão que dizia respeito aos bens da família (v. 13): "Mestre, dize a meu irmão; fale como um profeta, fale como um rei, fale com autoridade. Ele é alguém que terá consideração ao que disseres. Dize a ele que reparta

comigo a herança". Agora: 1. Alguns pensam que seu irmão lhe fez algo de errado, e que ele recorreu a Cristo para lhe fazer justiça, porque sabia que um processo poderia ser muito custoso. Seu irmão era alguém a quem os judeus chamavam de Ben-hamesen – um filho da violência, que não só tomava sua própria parte dos bens, mas a do seu irmão também e, forçosamente, a retinha. Há irmãos assim no mundo, que não possuem nenhum senso seja de justiça natural ou de afeição natural, que fazem de presa aqueles de quem deveriam cuidar e a quem deveriam proteger. Aqueles que são assim injustiçados têm a Deus para recorrer; o Senhor executará juízo e justiça em favor daqueles que são oprimidos. 2. Outros pensam que ele tinha a intenção de fazer mal a seu irmão, e queria que Cristo o ajudasse. Como a lei dava ao irmão mais velho uma porção dobrada dos bens, e o pai não poderia dispor ele mesmo do que possuía exceto através desta lei (Dt 21.16,17), ele queria que Cristo alterasse a lei, e obrigasse seu irmão – que talvez até seguisse ao Senhor Jesus Cristo de longe – a dividir a herança igualmente com ele, na partilha de terra, meio a meio, e assim recebesse tanto quanto o seu irmão mais velho. Suspeito que esse tenha sido o caso, porque Cristo aproveita a ocasião para advertir contra a cobiça, *pleonexia* – um desejo de ter mais, mais do que Deus em sua providência nos conferiu. Este não era um desejo lícito de receber o que era seu, mas um desejo pecaminoso de receber mais do que lhe cabia.

II A recusa de Cristo em intervir nesta questão (v. 14): Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós? Em questões desta natureza, Cristo não assumiria um poder legislativo para alterar a lei das heranças, que já estava estabelecida, nem um poder judicial para solucionar controvérsias a respeito delas. Ele poderia ter feito o papel de juiz, e de advogado, assim como fazia o papel de médico, e ter dado fim aos casos na lei de forma tão feliz quanto dava fim às doenças; mas o Senhor não fez isso, porque esta não era a sua missão: Quem me pôs a mim por juiz? Ele provavelmente se referiu ao insulto feito a Moisés por seus irmãos no Egito, com o qual Estevão repreendeu os judeus, Atos 7.27,35. "Se eu fizesse isso, vocês me censurariam como fizeram com Moisés: Quem te constituiu juiz ou repartidor?" Aquele que corrige o erro do homem, não aceitará o seu pedido (este era *coram non judice* – não estava perante o juiz adequado), e assim o precioso Salvador se nega a considerar o projeto de lei daquele homem. Se

ele tivesse vindo até o Senhor desejando que Ele o ajudasse em sua busca pela herança celestial, Cristo teria lhe dado a sua melhor ajuda; mas, quanto a esta questão, o Senhor declara que não iria se envolver: Quem me pôs a mim por juiz? Observe que Jesus Cristo não é nenhum usurpador; Ele não tomou nenhuma honra e nenhum poder para si mesmo, além do que lhe foi dado, Hebreus 5.5. Ele podia dizer com que autoridade fazia todas as coisas que fazia, e quem lhe deu esta autoridade. Agora isto nos mostra qual é a natureza e a constituição do Reino de Cristo. É um reino espiritual, e não um reino deste mundo. 1. Este reino não interfere com os poderes civis, nem tira a autoridade das mãos dos príncipes. O cristianismo deixa a questão como a encontrou, para que seja tratada pelo poder civil. 2. Este reino não se intromete nos direitos civis. Ele obriga todos a fazerem justiça, de acordo com as leis de eqüidade estabelecidas. Mas o domínio não é fundamentado na graça. 3. Este reino não encoraja as nossas expectativas de obtermos vantagens terrenas através da nossa religião. Se este homem for um discípulo de Cristo, e esperar que em consideração a isso Cristo deva lhe dar os bens de seu irmão, ele está enganado; as recompensas dos discípulos de Cristo são de uma outra natureza. 4. Este reino não encoraja nossas disputas com nossos irmãos, e a sermos rigorosos e exaltados em nossos pedidos. Mas, antes, por amor à paz, devemos abrir mão dos nossos direitos. 5. Este reino não permite que os ministros se embaracem com os negócios desta vida (2 Tm 2.4), como, por exemplo, deixar a Palavra de Deus para servir mesas. Há aqueles cujo trabalho é esse; que isso seja deixado para eles, *Tractent fabrilia fabri – Cada trabalhador deve desempenhar a sua própria atividade*.

III A advertência necessária que Cristo aproveitou para fazer aos seus ouvintes. Embora o Senhor não tenha vindo para ser um repartidor dos bens dos homens, Ele veio para ser um guia de suas consciências em relação aos bens. O Senhor deseja que todos tomem cuidado para não abrigarem este princípio corrupto que eles viam que era, nos outros, a raiz de tantos males. Aqui está:

1. A advertência em si (v. 15): Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, *horate* – "observai-vos a vós mesmos, mantende um olho extremamente cuidadoso sobre os vossos próprios corações, para que princípios avarentos não entrem neles furtivamente; e *phylassesthe* – preservai-vos a vós

mesmos, mantende uma atadura severa sobre os vossos próprios corações, para que os princípios avarentos não os dominem, nem estabeleçam sua lei neles. A avareza é um pecado contra o qual precisamos vigiar constantemente. Portanto, precisamos ser freqüentemente alertados contra ela.

2. O motivo dela, ou um argumento para reforçar esta advertência: “Porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui”; isto é, “a nossa felicidade e conforto não dependem de termos uma grande quantidade da riqueza deste mundo”. (1) A vida da alma, sem dúvida alguma, não depende dela, e a alma é o homem. As coisas do mundo não se ajustarão à natureza de uma alma, nem suprirão suas necessidades, nem satisfarão seus desejos, nem durarão tanto quanto ela. (2) A vida do corpo e a felicidade deste não consistem na abundância destas coisas. Porque muitos que vivem contentes e tranqüilos, e atravessam o mundo muito confortavelmente, possuem apenas um pouco da riqueza dele (um jantar de ervas com amor santo é melhor do que um banquete de coisas gordurosas). Por outro lado, muitos que vivem miseravelmente, possuem uma quantidade muito grande das coisas deste mundo; estes possuem abundância, no entanto não têm nenhum conforto; eles privam a sua alma do bem, Eclesiastes 4.8. Muitos que possuem abundância estão descontentes e desassossegados, como Acabe e Hamã. E que bem a sua abundância lhes proporciona?

3. A ilustração disto através de uma parábola, sendo que sua importância é mostrar a loucura das coisas carnais deste mundo enquanto vivem, e sua miséria quando morrem. Também há o propósito não só de censurar aquele homem que veio até Cristo com um pedido a respeito de seus bens, enquanto não tinha nenhum cuidado com a sua alma e com o outro mundo, mas de reforçar esta advertência necessária a todos nós, para nos guardarmos da avareza. A parábola nos mostra a vida e a morte de um homem rico, e deixa que julguemos se este homem era feliz.

(1) Aqui está um relato de sua riqueza e abundância terrenas (v. 16): A herdade de um homem rico tinha produzido em abundância, *chora – regio – o campo*. Ele possuía todo um campo para si mesmo, era senhor de si mesmo; ele era um pequeno príncipe. Observe que a sua riqueza consistia muito dos frutos da terra, pois até o rei se serve do campo, Eclesiastes 5.9. Ele possuía uma grande quantidade de terras, e suas terras eram frutíferas; ele queria muito ter mais, e teve. Note bem, a fertilidade da terra é uma

grande bênção, mas é uma bênção que Deus sempre dá abundantemente a homens perversos, para os quais ela se torna um laço, para que não possamos pensar em julgar o seu amor ou ódio por aquilo que está diante de nós.

(2) Aqui estão as obras de seu coração, em meio à sua abundância. Somos informados do que ele pensava, daquilo que havia no coração daquele homem, v. 17. Observe, o Deus do céu conhece e observa o que quer que pensemos, e devemos prestar contas a Ele por isso. Ele é tanto um discernidor quanto um juiz dos pensamentos e intentos do coração. Erraremos se imaginarmos que alguns pensamentos estão escondidos, enquanto outros estão livres. Observemos aqui:

[1] Quais eram seus cuidados e suas preocupações. Quando ele viu uma colheita extraordinária em sua terra, em vez de agradecer a Deus por ela, ou de regozijar-se pela oportunidade que isto lhe daria para fazer mais o bem, ele se aflige com este pensamento: Que farei? Não tenho onde recolher meus frutos. Ele fala como alguém que está em falta, e cheio de perplexidade. Que farei agora? O mendigo mais pobre no campo, que não sabia onde conseguir comida, não teria dito uma palavra mais ansiosa. O cuidado perturbador é o fruto comum de uma abundância deste mundo, e o erro comum daqueles que têm recursos em abundância. Quanto mais os homens possuem, mais perplexidade eles têm por causa disso, e mais solícitos eles ficam para manter o que possuem e para acrescentar a isso, como poupar e como gastar; de forma que nem mesmo a abundância de riquezas fará com que durmam, por pensarem no que farão com o que possuem e como disporão de seus recursos. O homem rico parece falar com um suspiro, Que farei? E se você perguntar: Por quê? Qual é o problema? Verdadeiramente ele tinha abundância de riquezas, e precisava de um lugar para colocá-las; isso é tudo.

[2] Quais eram seus projetos e propósitos, que eram o resultado de suas preocupações, sendo estas, na verdade, absurdas e loucas (v. 18): “Farei isso, e é a coisa mais sábia que eu posso fazer: derribarei os meus celeiros, porque eles são muito pequenos, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens, e então ficarei tranqüilo.” Agora aqui, em primeiro lugar, foi loucura dele chamar os frutos da terra de suas novidades e seus bens. Ele parece colocar uma ênfase prazerosa nisto, “minhas novidades e os meus bens”; ao passo que o que temos nos é apenas emprestado para o nosso uso, pois a propriedade ainda é de Deus. Somos

apenas administradores dos bens do Senhor, inquilinos à sua escolha na terra do nosso Senhor. O meu grão (disse Deus) e o meu mosto (ou vinho), Oséias 2.8,9. Em segundo lugar, foi loucura dele armazenar o que tinha, e então pensar que tudo estaria bem. Ali recolherei tudo; como se nada devesse ser dado aos pobres, nada para a família, nada para os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas, mas tudo devesse ir para o grande celeiro. Em terceiro lugar, foi loucura dele permitir que a sua mente se elevasse à estatura da sua condição. Quando a sua terra produziu mais abundantemente do que de costume, ele não deveria falar de celeiros maiores, como se o ano seguinte devesse ser tão fértil quanto este – ou quem sabe muito mais abundante. O mesmo celeiro que era pequeno demais neste ano, poderia se tornar grande demais no ano seguinte. Anos de fome geralmente se seguem a anos de fartura, como aconteceu no Egito; portanto, seria melhor guardar uma boa quantidade destes grãos para as eventualidades. Em quarto lugar, foi loucura dele pensar em amenizar a sua preocupação edificando novos celeiros, porque a construção deles só iria aumentar a sua preocupação; sabem disto aqueles que conhecem a atividade de construção. O modo que Deus prescreve para a cura do cuidado excessivo é certamente bem sucedido, mas o modo de agir do mundo apenas o aumenta. Além disso, quando aquele homem tomou esta decisão, ainda havia outras preocupações que o afligiriam; quanto maiores forem os celeiros, maiores serão as preocupações, Eclesiastes 5.10. Em quinto lugar, foi loucura dele planejar e resolver tudo isso de forma absoluta e sem reservas. Farei isso: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores; sim, isso farei. Aquele homem não expressou uma condição que é muito necessária: Se o Senhor quiser, e se vivermos, Tiago 4.13-15. Projetos peremptórios são projetos loucos; porque o nosso tempo está nas mãos de Deus, e não nas nossas, e nós não sabemos, como Ele, o que acontecerá amanhã.

[3] Quais eram suas esperanças e expectativas agradáveis, quando tivesse êxito nestes projetos. “E direi à minha alma, confiando nesta segurança, quer Deus diga isso ou não: alma, marque o que eu digo, tens em depósito muitos bens, para muitos anos nestes celeiros; agora descansa, come, bebe e folga” v. 19. Aqui também aparece a sua loucura, tanto no desfrute de sua riqueza como na busca dela. Primeiro, foi loucura dele colocar o seu conforto em sua abundância até que tivesse levado a cabo os seus projetos a esse respeito. Quando ele tivesse edificado celeiros maiores, e os enchido (que

será uma obra que exigirá tempo), então ele descansará; não poderia ele ter feito isso agora? Grotius aqui cita a história de Pyrrhus, que estava planejando se tornar o senhor da Sicília, África, e de outros lugares, através de suas vitórias. Bem, diz seu amigo Cyneas, e o que devemos fazer então? *Postea vivemus*, ele diz: "Então viveremos"; *At hoc jam licet*, diz Cyneas, Podemos viver agora se quisermos. Em segundo lugar, foi loucura dele estar confiante de que seus bens estariam em depósito por muitos anos, como se seus celeiros maiores fossem se mostrar mais seguros do que aqueles que ele tinha; em apenas uma hora eles poderiam ser queimados e destruídos junto com tudo o que estava depositado neles. Isto talvez pudesse ocorrer através de um raio, contra o qual não há defesa. Alguns anos podem fazer uma grande mudança; a traça e a ferrugem podem corroer, ou ladrões podem invadir e roubar. Em terceiro lugar, foi uma loucura da parte dele contar com certo descanso depois de ter em depósito uma abundante riqueza deste mundo, ao passo que há muitas coisas que podem deixar as pessoas intranqüilas em meio à sua maior abundância. Uma mosca morta pode estragar todo um pote de ungüento precioso. A dor e a doença do corpo, desentendimentos nos relacionamentos, e especialmente uma consciência culpada, podem roubar o sossego de um homem, que possui muita riqueza deste mundo. Em quarto lugar, foi loucura dele não pensar em fazer nenhum outro uso da sua fartura do que comer e beber, e folgar; saciar a carne, e gratificar o apetite sexual, sem qualquer pensamento de fazer o bem aos outros, e de ser colocado com isso em uma condição melhor para servir a Deus e a sua geração: como se vivêssemos para comer, e não comêssemos para viver, e a felicidade do homem consistisse em nada mais do que ter todas as gratificações dos sentidos concluídas no maior grau de prazer. Em quinto lugar, foi a maior loucura de todas dizer tudo isso para a sua alma. Se ele tivesse dito, Corpo, descansa, pois tens em depósito muitos bens, para muitos anos, isto teria algum sentido; mas a alma, que é imortal, separada do corpo, não estava de modo algum interessada em um celeiro cheio de grãos ou em uma bolsa cheia de ouro. Se ele fosse um porco, poderia se sentir gratificado pela satisfação de comer e beber; mas o que é isso para a alma de um homem, que tem exigências e desejos que jamais poderão ser satisfeitos pelas coisas deste mundo? Este é o grande absurdo de que os filhos deste mundo são culpados: eles procuram satisfazer a alma com a riqueza do mundo, e com os prazeres dos sentidos.

(3) Aqui está a sentença de Deus sobre tudo isso; e estamos certos de que este juízo está de acordo com a verdade. Ele disse a si mesmo, disse à sua alma, Descansa. Se Deus também tivesse dito isto, o homem teria sido infeliz. É o seu Espírito que testifica com o espírito dos crentes para fazê-los descansar. Mas Deus disse exatamente o contrário; e é por este juízo que nós devemos ficar de pé ou cair, e não pelo juízo que fazemos de nós mesmos, 1 Coríntios 4.3,4. Os seus vizinhos falavam bem dele (Sl 10.3), louvavam-no por fazer o bem para si mesmo (Sl 49.18); mas Deus disse que ele fez o mal para si mesmo: Louco, esta noite te pedirão a tua alma, v. 20. Deus disse a ele, isto é, decretou isto a respeito dele, e o deixou saber, ou por sua consciência ou por alguma providência reveladora, ou por ambas. Isto foi dito quando ele estava na plenitude de sua abastança (Jó 20.22), quando aconteceu de seus olhos despertarem em sua cama com seus cuidados e planos sobre aumentar os seus celeiros, não lhes acrescentando mais um ou dois compartimentos, que poderiam servir para atender o seu propósito, mas derribando-os e edificando outros maiores, o requisito para satisfazer a sua fantasia. Quando ele estava planejando isto, e já havia tomado uma decisão, e então se tranqüilizou e adormeceu novamente com um sonho agradável de desfrutar por muitos anos seus progressos presentes, então Deus declarou a sua sentença a respeito daquele homem. Desse modo Belsazar foi tomado de terror pela mão que escrevia na parede, em meio à sua alegria. Agora observe o que Deus disse:

[1] O caráter que o Senhor lhe atribuiu: Louco, tu Nabal, fazendo alusão à história de Nabal, o louco (Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele), cujo coração ficou sem vida como uma pedra, enquanto ele estava regalando-se na abundância de sua provisão para seus tosquiadores de ovelhas. Note bem, mundanismos carnais são loucuras, e está chegando o dia em que Deus os chamará pelo seu próprio nome: loucos. E eles reconhecerão que são assim.

[2] A sentença que Deus lhe impôs, uma sentença de morte: “Esta noite te pedirão a tua alma, e então o que tens preparado para quem será?” Ele pensava que possuía bens que seriam seus por muitos anos, mas deveria se separar deles naquela noite; pensava que ele mesmo poderia desfrutar deles, mas deveria deixá-los para aquele a quem ele não conhecia. Observe que a morte dos mundanos e carnais é miserável em si mesma, e terrível a eles.

Primeiro, é uma força, um ataque; é a requisição da alma, a alma com a qual estás fazendo tanta loucura; o que tens tu a ver com uma alma, tu que não sabes usá-la melhor? “Te pedirão a tua alma”; isto sugere que ele está relutando em deixá-la. Um homem bom, que tirou seu coração deste mundo, alegremente entrega sua alma na morte, e a abandona; mas um homem mundano a tem arrancada de si com violência; é um terror para ele pensar em partir deste mundo. “Te pedirão a tua alma”. Deus a requererá. Ele requererá que se preste contas dela. “Homem, mulher, o que fizestes com vossas almas. Prestem contas de vossa mordomia”. Eles irão; isto é, os anjos maus como os mensageiros da justiça de Deus. Assim como os anjos bons recebem almas piedosas para levá-las até a sua alegria, os anjos maus recebem as almas ímpias para levá-las até o lugar de tormento; eles a requererão como uma alma culpada para ser castigada. O diabo pede a tua alma como sendo dele, porque, na verdade, ela se entregou a ele.

Em segundo lugar, é uma surpresa, uma força inesperada. É noite, e os terrores à noite são terríveis. A hora da morte de um homem bom é de dia; é a sua manhã. Mas é noite para um mundano, uma noite escura; ele é abatido em dores. É esta noite, esta noite presente, sem demora; não há pagamento de fiança, ou solicitação de prorrogação por um dia. Nesta noite agradável, quando tu estás prometendo a ti próprio muitos anos pela frente, agora deves morrer, e ir a juízo. Tu estás te banqueteando com a idéia de muitos dias alegres, e muitas noites alegres, e muitos banquetes alegres; mas, no meio de tudo, aqui está o fim, Isaías 21.4.

Em terceiro lugar, é deixar todas estas coisas para trás junto com aquilo que foi alcançado, aquilo pelo que trabalharam, e prepararam para o futuro com fartura de trabalho árduo e preocupação. Eles devem deixar para trás todas as coisas em que depositaram sua felicidade, e edificaram sua esperança, e de onde levantaram suas expectativas. Sua glória não os acompanhará (Sl 49.17), mas sairão do mundo nus como entraram nele, e não aproveitarão nada do que acumularam, nem na morte, nem no juízo, nem em seu estado eterno.

Em quarto lugar, é deixar os seus bens para aqueles a quem não conhecem: “Então para quem será? Não tens certeza, e não sabes se teus bens serão para quem não planejaste, teus filhos e parentes, se eles serão sábios ou tolos (Ec 2.18,19), se eles bendirão a tua memória ou a amaldiçoarão, se serão uma boa reputação para tua família ou um fracasso, se farão o bem ou o mal

com o que lhes deixardes, se o manterão ou desperdiçarão. Não, tu não sabes, mas aqueles para quem tu planejaste podem ser impedidos de usufruir deles, e assim estes bens podem ser dados a uma outra pessoa em quem tu sequer pensavas. E embora tu saibas para quem deixastes, tu não sabes para quem eles deixarão, ou a cujas mãos os teus bens acabarão sendo entregues". Se muitos homens pudessem prever para quem sua casa seria dada depois de sua morte, eles teriam preferido queimá-la a embelezá-la.

Em quinto lugar, é uma demonstração de sua loucura. Os mundanos e carnais serão loucos enquanto viverem: Este caminho deles é sua loucura (Sl 49.13); mas sua loucura torna-se mais evidente quando eles morrem: No seu fim, far-se-á um insensato (Jr 17.11); porque então fica demonstrado que eles sofreram para juntar tesouros em um mundo do qual sairiam, mas não tiveram a preocupação de juntar tesouros no mundo para onde estavam indo, o mundo onde permanecerão eternamente.

Finalmente, aqui está a aplicação desta parábola (v. 21): Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus. É um louco, alguém que foi julgado por Deus, e considerado louco. E, assim, este homem é declarado publicamente: louco. Este é o caminho e o fim de tal homem. Observe aqui:

1. A descrição de um homem cujos únicos interesses são terrenos: Ele junta tesouros para si mesmo, para o corpo, para o mundo, para si mesmo em oposição a Deus, para o seu próprio eu que deveria ser negado. (1) É seu erro considerar que a sua carne seja a sua própria pessoa, como se o corpo fosse o homem. Se o "eu" (a essência do ser) for corretamente afirmado e entendido, é somente o verdadeiro cristão que junta tesouros para si mesmo, e age sabiamente de forma a beneficiar a si mesmo, Provérbios 9.12. (2) O pecador erra ao fazer de sua principal atividade a ganância por ajuntar para a carne, acumulando riquezas passageiras para si mesmo. Todo o seu trabalho é para a sua boca (Ec 6.7), ao fazer uma provisão para a carne. (3) O seu erro é considerar estas coisas como seu tesouro, porque elas serão utilizadas para o mundo, para o corpo, e para a vida que existe agora. Estas são as riquezas em que os ímpios confiam, e os recursos que eles gastam, as riquezas para as quais eles dirigem as suas afeições. (4) O maior erro de todos é que ele não se preocupa em ser rico para com Deus, rico de acordo com o critério de Deus. O fato de Deus nos considerar ricos nos torna ricos (Ap 2.9), ricos nas coisas de Deus, ricos na fé (Tg 2.5), ricos em boas obras,

ricos nos frutos de justiça (1 Tm 6.18), ricos nas graças, nas consolações, e nos dons espirituais. Muitos que têm abundância deste mundo são completamente destituídos daquilo que irá enriquecer as suas almas, que os farão ricos para com Deus, ricos para a eternidade.

2. A loucura e a infelicidade de um homem cujos únicos interesses são terrenos: Assim é aquele. O nosso Senhor Jesus Cristo, que sabe qual será o fim das coisas, nos informou aqui qual será o seu fim. Note bem, é uma loucura indescritível da maioria dos homens idealizar e buscar as riquezas deste mundo mais do que as riquezas do outro mundo, aquilo que é meramente para o corpo e para o tempo, mais do que aquilo que é para a alma e para a eternidade.

O Cuidado Excessivo É Reprovado

vv. 22-40

O nosso Senhor Jesus está aqui enfatizando algumas lições necessárias e úteis aos seus discípulos, as quais Ele havia lhes ensinado anteriormente, e depois teve a oportunidade de reforçar. Porque eles precisam ter preceito sobre preceito, e linha sobre linha: “Portanto, devido ao fato de tantos serem arruinados pela avareza através de um apego excessivo às riquezas deste mundo, vos digo, meus discípulos, acautelai-vos disso”. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, 1 Timóteo 6.11. O mesmo conselho é válido para os homens do mundo.

I O Senhor os exorta a não ficarem apreensivos com os cuidados perturbadores e desconcertantes pelas coisas necessárias para a manutenção da vida: Não estejais apreensivos pela vossa vida, v. 22. Na parábola anterior Ele havia nos dado aviso contra o ramo da avareza do qual os ricos estão em maior perigo; ou seja, uma complacência sensual quanto à abundância dos bens deste mundo. Agora os seus discípulos poderiam pensar que não estavam correndo este risco, pois eles não tinham fartura nem variedade em que pudessem se gloriar. Portanto, o Senhor aqui os adverte contra um outro ramo da avareza, ao qual eles estão mais sujeitos à tentação, o de terem apenas um pouco neste mundo (que, na melhor hipótese, era o caso dos discípulos, muito mais agora que haviam deixado

tudo para seguir a Cristo), sentindo uma ansiosa solicitude pelas coisas que são necessárias para a manutenção da vida: “Não estejais apreensivos pela vossa vida, seja pela preservação dela, se estiver em perigo, ou pela provisão que deve ser feita para ela, seja de comida ou de roupas, o que comereis ou o que vestireis”. Esta é a advertência que o Senhor havia enfatizado, Mateus 6.25 e versículos seguintes. E os argumentos usados aqui são em boa parte os mesmos, tendo como propósito o nosso encorajamento para lançarmos todo o nosso cuidado sobre Deus, que é o modo correto de nos tranqüilizarmos. Considere então:

1. Deus, que tem feito o máximo por nós, é aquele de quem podemos depender para fazermos o mínimo. Ele, sem qualquer preocupação ou previsão nossa, nos deu a vida e um corpo. Portanto, podemos alegremente deixar que Ele forneça o alimento para o sustento da vida, e roupas para a preservação do corpo.

2. Deus, que alimenta as criaturas inferiores, é aquele de quem podemos depender para alimentar os bons cristãos. “Confiai em Deus para o alimento, pois ele alimenta os corvos (v. 24); eles nem semeiam, nem segam, eles não se preocupam nem sofrem de antemão para suprir as suas necessidades. No entanto, eles são alimentados, e nunca perecem por falta de sustento. Agora considerai quanto mais valeis vós do que as aves, do que os corvos. Confiai em Deus para as roupas, pois ele veste os lírios (vv. 27,28). Eles não fazem qualquer preparação para terem as suas próprias vestes: eles não trabalham, nem fiam. A raiz na terra é uma coisa nua e sem ornamentos, e, mesmo assim, quando a flor cresce, ela parece ser maravilhosamente bela. Agora, se Deus tem assim vestido a flor, que é uma coisa que perece e desaparece, quanto mais vestirá os seus filhos. Deus vos vestirá de acordo com a vossa necessidade, e com roupas que servem à vossa natureza, como ocorre no caso deles”. Quando Deus alimentou Israel com o maná no deserto, Ele também cuidou de suas roupas; porque embora não lhes tenha fornecido roupas novas (e as suas vestes se resumiam a uma única veste) o Senhor providenciou para que aquelas que eles usavam não envelhecem, Deuteronômio 8.4. Assim ele vestirá o Israel espiritual; mas que eles não sejam homens de pequena fé. Observe que os nossos cuidados excessivos são provenientes da fraqueza da nossa fé, porque uma crença poderosa e prática na completa suficiência de Deus, na sua relação de aliança conosco como Pai, e especialmente nas suas promessas preciosas – com relação tanto

a esta vida como à vida por vir – seria poderosa, em Deus, para demolir as fortes influências destas imaginações perturbadoras e desconcertantes.

3. As nossas preocupações são inúteis, vãs, e insignificantes. Portanto, é loucura condescender com elas. Elas não nos concederão os nossos desejos, e, por esta razão, não devem tirar a nossa tranqüilidade (v. 25): “E qual de vós, sendo solícito, pode acrescentar um côvado à sua estatura (ou mesmo um centímetro)? Qual de vós poderia acrescentar à sua idade um ano ou sequer uma hora? Agora, se nem ainda podeis as coisas mínimas, se não está em vosso poder alterar a vossa estatura, por que ficar ansiosos por outras coisas, as quais estão completamente fora do vosso poder, e sobre as quais é necessário que confiemos na providência de Deus?” Observe que, assim como acontece com a nossa estatura – como também com a nossa condição – é nossa sabedoria aceitá-la como ela é, e fazer o melhor que possamos; porque a atitude de nos irritarmos, de nos exasperarmos, criticarmos e nos preocuparmos, não mudará nada.

4. Uma busca excessiva e ansiosa das coisas deste mundo, mesmo das coisas necessárias, não é algo que convenha aos discípulos de Cristo (vv. 29,30): “A despeito daquilo que outros façam, não pergunteis o que haveis de comer ou o que haveis de beber. Não andeis inquietos com preocupações confusas, nem vos canseis com trabalhos constantes. Não vos apresseis em perguntar o que haveis de comer ou beber como os inimigos de Davi que vagueavam buscando o que comer (Sl 59.15) ou como a águia que, de longe, descobre a sua presa, Jó 39.29. Que os discípulos de Cristo, portanto, não apenas trabalhem pelo alimento, mas peçam-no a Deus todos os dias; que eles não tenham mentes duvidosas; *me meteorizesthe – Não sejam como os meteoros no ar*, que são lançados aqui e ali por todo vento; não subam ou caiam, como eles, mas mantenham uma constância em si mesmos; sejam equilibrados e firmes, e tenham seus corações fixos; não vivam em suspense cuidadoso; não deixem que suas mentes fiquem continuamente perplexas entre a esperança e o medo, permanecendo sempre angustiados”. Que os filhos de Deus não fiquem apreensivos; porque:

(1) Isto seria agir como os filhos deste mundo: “Porque os gentios do mundo buscam todas essas coisas, v. 30. Aqueles que só buscam os cuidados do corpo, e não os da alma, só para este mundo, e não para o porvir, não olham além daquilo que comerão e beberão; e, não tendo um Deus totalmente suficiente para buscar e em quem confiar, eles se sobrecarregam

com cuidados ansiosos sobre estas coisas. Mas isto não vos convém. Vós, que fostes chamados deste mundo, não deveis vos conformar com este mundo, nem andar no caminho deste povo, Isaías 8.11,12. Quando os cuidados excessivos dominam a nossa vida, devemos pensar: “O que sou eu, um cristão ou um pagão? Batizado ou não batizado? Sendo um cristão batizado, será que devo me igualar aos gentios, unindo-me a eles naquilo que buscam?”

(2) É desnecessário que eles estejam apreensivos com os cuidados pelas coisas necessárias para o sustento da vida; porque eles têm um Pai no céu que sempre cuida deles, que toma conta deles: “Vosso Pai sabe que necessitais delas, e considera isto, e suprirá todas as vossas necessidades de acordo com as riquezas da sua glória. Pois Ele é o vosso Pai, que vos fez sujeitos a estas coisas; portanto, Ele mesmo usará sua compaixão e suprirá todas elas. Vosso Pai, que vos sustenta, vos educa e reserva uma herança para vós, portanto, Ele cuidará para que não vos falte nada”.

(3) Eles têm coisas melhores para pensar e buscar (v. 31): “Buscai, antes, o Reino de Deus, e pensai nisto, vós, meus discípulos, que deveis anunciar o Reino de Deus; deixai o vosso coração permanecer na vossa obra, tomando um grande cuidado para fazê-la bem, e isto irá, efetivamente, desviar vossos pensamentos dos cuidados excessivos com as coisas do mundo. E que toda alma a ser salva busque o Reino de Deus, pois é somente nele que elas estarão salvas. Procurai entrar nele, procurai prosperar nele; buscai o Reino da graça, sendo sujeitos a ele. Buscai o Reino da glória, para que sejais príncipes nele; e então todas essas coisas vos serão acrescentadas. Pensai nos assuntos da vossa alma com diligência e cuidado, e então confiai a Deus todos os vossos outros assuntos.”

(4) Eles têm coisas melhores para esperar: Não temas, ó pequeno rebanho, v. 32. É necessário que os medos sejam suprimidos, para que os cuidados excessivos sejam banidos. Nas situações em que ficamos assustados e apreensivos por algum mal que possa vir, nos colocamos além da nossa capacidade de evitá-lo e, em várias situações, talvez isto seja apenas fruto de nossa própria imaginação. Portanto não temais, ó pequeno rebanho, mas mantende a esperança até o fim; porque ao vosso Pai agradou dar-vos o Reino. Nós já tivemos esta palavra consoladora em Mateus. Note bem: [1] O rebanho de Cristo neste mundo é pequeno. Suas ovelhas são poucas e fracas. A igreja é uma vinha, um jardim, um lugar pequeno se comparado ao

deserto deste mundo, como Israel (1 Rs 20.27), que era como dois pequenos rebanhos de cabritos, enquanto os sírios enchiam o país. [2] Embora este seja um rebanho pequeno, de número bastante reduzido, e, portanto, esteja em constante perigo de ser dominado por seus inimigos, a vontade de Cristo é que eles não temam: “Não temais, ó pequeno rebanho, mas considerai-vos seguros debaixo da proteção e da conduta do grande e bom Pastor, e sossegai.” [3] Deus tem um Reino reservado para todos aqueles que pertencem ao pequeno rebanho de Cristo, uma coroa de glória (1 Pe 5.4), um trono de poder (Ap 3.21). Estas são riquezas inalcançáveis, que muito excedem os tesouros peculiares dos reis e províncias. As ovelhas à mão direita são chamadas para vir e herdar o Reino. O Reino será dos salvos para sempre. Cada um deles terá seu lugar neste Reino glorioso. [4] O Reino é dado de acordo com aquilo que agrada ao Pai. Isto é do agrado do vosso Pai. Este Reino não é dado por dívida, mas de graça, uma graça gratuita, uma graça soberana. E mesmo assim, ele é dado porque pareceu bem ao precioso Pai. O Reino é dele e, será que Ele não pode fazer o que quiser com aquilo que é seu? [5] As esperanças e expectativas de fé do Reino devem calar e acabar com os temores do pequeno rebanho de Cristo neste mundo. “Não temais as dificuldades, porque, embora devam vir, elas não se colocarão entre vós e o Reino, que é certo, e que está perto” (Este não é um mal do qual valha a pena tremer ao se pensar, pois ele não pode nos separar do amor de Deus). “Não tenhais medo de passardes necessidades daquilo que vos for bom, porque, se for do agrado do vosso Pai vos dar o Reino, não precisareis duvidar de que Ele vos sustentará mesmo em meio às maiores dificuldades.”

II O Senhor os exortou a não se esquecerem de trabalhar por suas almas, ajuntando tesouros no céu, vv. 33,34. Aqueles que têm feito isto podem ficar muito tranqüilos em meio a todos os acontecimentos da vida.

1. “Libertai-vos deste mundo, e de todos os vossos bens nele: Vendei o que tendes e dai esmolas”, isto é, “em vez de procurardes com que aliviar aqueles que estão verdadeiramente necessitados, vendei aquilo que tendes e que seja supérfluo, tudo o que podeis poupar do vosso sustento e de vossas famílias, e dai aos pobres. Vendei o que tendes, se achardes que seja um obstáculo, um empecilho ao serviço de Cristo. Não considereis a vós mesmos destruídos, se por serdes multados, presos, ou banidos por causa do testemunho de Jesus, fordes forçados a vender vossos bens, mesmo que

sejam a herança de vossos pais. Não vendais simplesmente para juntar o dinheiro, para poderdes ganhar mais a partir dele através da usura; mas vendei e dai esmolas. Aquilo que for dado como esmola, de uma maneira correta, estará sendo investido da melhor maneira possível, e seus resultados estarão em plena segurança.

2. “Colocai vossos corações no outro mundo, e vossas expectativas naquele mundo. Fazei para vós bolsas que não envelheçam, que não se esvaziem. Que estas bolsas não estejam repletas de ouro, mas de graça no coração e de boas obras na vida; estas são as bolsas que durarão para sempre”. A graça nos acompanhará no outro mundo, porque ela está tecida na alma; e nossas boas obras nos seguirão, porque Deus não é injusto para se esquecer delas. Estas coisas serão tesouros no céu, que nos enriquecerão na eternidade. (1) É um tesouro que não se esgotará. Podemos dispor dele na eternidade, e ele não será, de modo algum, mínimo. Este tesouro será muito grande, a ponto de não podermos enxergar seus limites. (2) Este tesouro não corre o risco de nos ser roubado, porque nenhum ladrão aproxima-se dele; o que está depositado no céu está fora do alcance dos inimigos. (3) É um tesouro que não se estragará por ser mantido, e não pode ser gasto nem desperdiçado; a traça não o rói, como acontece com as roupas que agora usamos. Agora, em vista disso, parece que depositamos nosso tesouro no céu se nossos corações estiverem lá enquanto estivermos aqui (v. 34), se pensarmos muito no céu e mantivermos nossos olhos nele, se nos inspirarmos com as esperanças dele e nos mantivermos pasmados com o temor de não alcançarmos o objetivo maior. Mas, se vossos corações forem colocados na terra e nas coisas dela, devemos temer que tenhamos nosso tesouro e nossa porção nela, e assim estaremos em falta ao partirmos dela.

III O Senhor os exorta a se prepararem, e se manterem de prontidão para a vinda de Cristo, quando todos aqueles que depositaram os seus tesouros no céu entrarão no seu gozo, v. 35, e seguintes.

1. Cristo é o nosso Mestre e Senhor, e nós somos os seus servos, não só servos trabalhadores, mas servos que lhe atendem, servos que lhe prestam honra, obedecendo a Ele e as suas ordens: Se qualquer homem me serve, que ele me siga. Siga o Cordeiro onde quer que Ele vá. Mas isto não é tudo: eles devem prestar-lhe honra ao servi-lo, e ao esperar a sua volta. Devemos ser como homens que esperam pelo seu Senhor, que vigiam enquanto ele

está fora, para que estejamos prontos para recebê-lo.

2. Cristo, o nosso Mestre, embora agora não esteja conosco, virá outra vez, voltará das bodas, da preparação das núpcias, para concluí-las em casa. Os servos de Cristo estão agora em um estado de expectativa, aguardando ansiosamente o aparecimento glorioso de seu Mestre e Senhor, fazendo todas as coisas vislumbrando isto, e para este propósito. Ele virá para reconhecer seus servos e levá-los para si. E, sendo este um dia crítico, haverá duas possibilidades: estarão com Ele, ou as portas serão fechadas para eles. Tudo depende da forma como forem achados naquele dia.

3. O dia e a hora da volta do nosso Mestre e Senhor são incertos. Mas sabemos que este fato ocorrerá em um momento que podemos chamar de noite; será em altas horas da noite, pois Ele por muito tempo retardou a sua volta, e muitos terão desistido de esperá-lo. Sua volta poderá ocorrer na segunda vigília, pouco antes da meia-noite, ou na terceira vigília, logo após a meia-noite, v. 38. A sua vinda a nós, na nossa morte, tem uma data e hora que não conhecemos. E, para muitos, esta será uma grande surpresa; porque virá o Filho do Homem à hora que não imaginais (v. 40), sem dar aviso prévio. Isto indica não só a incerteza da hora da sua vinda, mas da segurança dominante da maior parte dos homens, que estão e estarão descuidados, e totalmente despercebidos dos avisos que lhes foram dados. Desta forma, a despeito da data e da hora da vinda do Senhor, sabemos que Ele virá em uma hora que ninguém sequer imagina.

4. O que o Senhor espera e exige de seus servos, é que eles estejam prontos para abrir a porta para Ele imediatamente, quando quer que venha (v. 36); isto é, que eles estejam prontos para recebê-lo, ou, antes, para serem recebidos por Ele. Que eles sejam achados como seus servos, na postura que lhes convém, com seus lombos cingidos, indicando que os servos estão prontos para ir aonde quer que seu senhor lhes mandar, e fazer o que o mestre lhes ordenar. Eles devem ter suas longas vestes arrumadas de uma forma que não os prejudiquem (pois, do contrário, ficariam penduradas em torno deles, atrapalhando-os). Suas candeias devem estar acesas, com a finalidade de iluminar o caminho de seu mestre quando entrar em casa, e assim possa subir à sua câmara.

5. Serão felizes aqueles servos que forem achados preparados, e em boa posição, quando o seu Senhor vier (v. 37): Bem-aventurados aqueles servos que, após esperarem por muito tempo, continuarem em posição de espera,

até a hora em que o seu Senhor vier, e forem achados vigiando em sua primeira abordagem, em sua primeira batida na porta. E outra vez (v. 38): Bem-aventurados aqueles servos, porque esta será a hora de sua honra. Aqui está um exemplo da honra que lhes será feita, uma honra que dificilmente é encontrada entre os homens: Os fará assentar à mesa, e, chegando-se, os servirá. Porque o noivo servir a noiva à mesa não é incomum; mas servir aos servos não é o hábito dos homens. No entanto, o Senhor Jesus Cristo estava entre os seus discípulos como aquele que servia. E, certa vez, Ele deu um exemplo de extrema humildade, para mostrar a sua condescendência: cingiu-se, e os serviu, depois de ter lavado os pés de todos (Jo 13.4,5). Este ato demonstrou a alegria com a qual os salvos serão recebidos no outro mundo pelo Senhor Jesus, que partiu antes para preparar lugar para eles, e lhes disse que Deus Pai os honrará, Jo 12.26.

6. Somos, portanto, mantidos na incerteza a respeito da hora exata da sua vinda, para que possamos estar sempre preparados; porque ninguém pode ser elogiado por se manter pronto para um ataque, se souber de antemão a hora exata em que este ataque será desferido. Se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão – ainda que este homem fosse sempre descuidado – vigiaria e não deixaria minar a sua casa, e assim teria afugentado o ladrão, v. 39. Mas não sabemos a que hora o alarme soará para nós. Assim, nós nos preocupamos em vigiar a todo momento, para nunca ficarmos desprevenidos. Isto também pode sugerir a situação miserável daqueles que estão despreocupados e descrentes em relação a esta grande questão. Se o pai de família tivesse sido avisado do perigo de ser roubado naquela noite, ele teria ficado acordado, e guardado a sua casa. Mas sabemos que o dia da vinda do Senhor será como um ladrão de noite, para confusão e ruína de todos os pecadores que se sentem seguros, e que por esta razão não vigiam nem vigiarão. Mesmo que os homens não queiram cuidar de suas casas, sejamos sábios para as nossas almas: Portanto, estai vós também apercebidos, tão preparados quanto o pai de família estaria se soubesse a que hora havia de vir o ladrão.

A Vigilância e o Esforço São Enfatizados

vv. 41-53

Aqui está:

I A pergunta que Pedro fez ao Senhor Jesus Cristo por ocasião da parábola anterior (v. 41): “Senhor, dizes essa parábola a nós que somos os teus seguidores constantes, a nós que somos ministros, ou também a todos os que vêm para serem ensinados por ti, a todos os que ouvem, e a todos os cristãos de um modo geral?” Pedro era, agora, como freqüentemente, o porta-voz dos discípulos. Temos motivos para bendizer a Deus por haver alguns homens ousados, que têm o dom da oratória. Estes homens não devem se deixar levar pelo orgulho. Agora, Pedro deseja que Cristo se explique, e que indique o objetivo da parábola anterior. Ele a chama de parábola, porque não era apenas figurativa, mas importante, sólida, e instrutiva. Senhor, disse Pedro, ela é destinada a nós, ou a todos? A isto Cristo dá uma resposta direta (Mc 13.37): E as coisas que vos digo, digo-as a todos. No entanto, entendemos que os apóstolos estavam principalmente preocupados com estas palavras. Observe que todos nós temos o interesse de assumir como nosso aquilo que Cristo, em sua Palavra, dirige a nós. E, assim, devemos perguntar: Dizes isso a nós? A mim? Então fala, Senhor, porque o teu servo ouve. Esta palavra pertence a mim? Então fala ao meu coração.

II A resposta de Cristo a essa pergunta, e que foi dirigida a Pedro e aos demais discípulos. Aquilo que Cristo disse anteriormente não estava relacionado apenas a eles, mas a todos os cristãos, pois todos devem vigiar e orar pela vinda de Cristo, como seus servos. No entanto, aquilo que vem a seguir é particularmente dirigido aos ministros, que são os mordomos ou os despenseiros na casa de Cristo. Agora, o nosso Senhor Jesus aqui lhes diz:

1. Qual era o dever deles como mordomos e a dimensão da confiança que fora depositada neles. (1) Eles são estabelecidos como administradores da casa de Deus, subordinados a Cristo, que é o dono da casa. Os ministros recebem uma autoridade de Cristo para pregar o Evangelho, e administrar as ordenanças de Cristo, aplicando os selos da aliança da graça. (2) A tarefa deles é dar aos filhos, e aos servos de Deus, sua porção do alimento, que é apropriada para eles e que lhes foi designada. Eles ministram as repreensões e as consolações àqueles a quem estas pertencerem, respectivamente. *Suum cuique – a cada um dos seus*. Isto é manejar corretamente a Palavra da verdade, 2 Timóteo 2.15. (3) Os ministros precisam dar o alimento ao povo

no tempo devido, no momento e da maneira que forem mais adequados à disposição e à condição daqueles que devem ser alimentados. Eles precisam ter sempre uma palavra oportuna para aqueles que estiverem cansados. (4) Nisto eles devem mostrar que são fiéis e sábios. Fiéis ao seu Mestre, pois é através dEle que esta grande confiança repousa sobre cada um deles. Eles também devem ser fiéis aos seus conservos, pois a confiança que receberam deve beneficiar a estes. Eles também precisam ser sábios para que aproveitem e desenvolvam as oportunidades de honrar o seu Senhor e Mestre, servindo à família do Senhor, que é a família da fé. Os ministros devem ser tanto habilidosos como fiéis.

2. Qual seria a felicidade deles, se fossem aprovados como fiéis e sábios (v. 43): Bem-aventurado aquele servo: (1) Que está fazendo, e que não é ocioso, nem indulgente quanto à sua tranqüilidade. Até mesmo os príncipes da casa devem comportar-se como se fossem servos de todos. (2) Que está fazendo assim, fazendo o que deveria fazer, dando-lhes sua porção de comida, através da pregação pública e da aplicação pessoal. (3) Que for achado fazendo assim quando o Senhor vier; que perseverar até o fim, apesar das dificuldades que possa enfrentar no caminho. Agora, sua felicidade é ilustrada pela honra de um mordomo que foi aprovado dentro do grau de serviço mais baixo e mais limitado; ele terá a honra de passar a um grau mais amplo e mais elevado (v. 44): Sobre todos os seus bens o porá. Esta foi a honra na corte de Faraó. Observe que os ministros que obtém a misericórdia do Senhor para serem fiéis obterão outra misericórdia: a de serem abundantemente recompensados por sua fidelidade, no dia do Senhor.

3. Que resultado terrível haveria se eles fossem traiçoeiros e infiéis, vv. 45,46. Se aquele servo começar a ser briguento e profano, ele será chamado a prestar contas, e será severamente punido. Já vimos tudo isso em Mateus; portanto, aqui devemos apenas observar algumas particularidades: (1) A atitude de considerar a segunda vinda de Cristo como um evento distante é a causa de todas as irregularidades que nos trazem um pensamento terrível: Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir... A paciência de Cristo é muito freqüentemente mal interpretada, como se fosse um atraso de sua parte, que traz desânimo ao seu povo e estímulo aos seus inimigos. (2) Os perseguidores do povo de Deus estão geralmente entregues à falsa segurança e à sensualidade; eles começam a espancar seus conservos, e a comer, e a beber, e a embriagarem-se, mostrando-se totalmente

despreocupados com os seus próprios pecados ou com os sofrimentos dos seus irmãos, como o rei e Hamã, que se sentou para beber quando a cidade de Susã estava perplexa. Assim, eles bebem para afogar os clamores de suas próprias consciências, e livrarem-se deles. De outro modo, estes clamores tumultuariam a vida deles de forma incontrolável. (3) A morte e o juízo serão extremamente terríveis para todas as pessoas ímpias, mas, especialmente, aos ministros iníquos. Será uma surpresa para eles: numa hora em que eles não sabem. Será a decisão judicial que os condenará à miséria interminável. Eles serão separados, e sua parte será designada com os infiéis.

4. Que agravo seria do pecado e do castigo deles, conhecerem suas obrigações e não as terem cumprido (vv. 47,48): E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites, cairá sob um castigo mais doloroso; mas o que não a soube e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. Seu castigo, em consideração a isso, será suavizado. Aqui parece haver uma alusão à lei, que fazia uma distinção entre os pecados cometidos por ignorância, e os pecados cometidos por presunção (Lv 5.15, e versículos seguintes; Nm 15.29, 30), como também à outra lei que dizia respeito ao número de açoites infligidos a um criminoso, que deveria estar de acordo com a natureza do crime, Deuteronômio 25.2,3. Agora: (1) A ignorância de nosso dever é uma atenuação do pecado. Aquele que não soube a vontade de seu senhor, através da indiferença e da negligência, e não tendo tais oportunidades como alguns outros tiveram de vir ao conhecimento dela, e fez coisas dignas de açoites, será castigado, porque poderia ter sabido melhor sua obrigação, mas receberá poucos açoites; sua ignorância o desculpa em parte, mas não totalmente. Portanto, devido à ignorância, os judeus mataram a Cristo (At 3.17; 1 Co 2.8), e Cristo pleiteou o perdão para eles através desta alegação: Eles não sabem o que fazem. (2) O conhecimento de nosso dever é um agravo de nosso pecado: aquele servo que soube a vontade de seu senhor e, no entanto, fez sua própria vontade, será castigado com muitos açoites. Deus, de forma justa, infligirá uma punição mais rigorosa sobre este por ter abusado dos meios de conhecimento que lhe foram concedidos, dos quais os outros fariam melhor uso. Porque uma atitude como esta demonstra um alto grau de intenção de pecar, e desprezo contra o conhecimento; de um castigo muito mais doloroso

então estes serão achados dignos, além dos muitos açoites que as suas próprias consciências lhes infligirão! Filho, lembre-se. Aqui está um bom motivo para este acréscimo: qualquer a quem muito for dado, muito se lhe pedirá, especialmente quando é dado em confiança, pois todos deverão prestar contas. Estes que têm maiores habilidades de pensamento do que outros, mais conhecimento e aprendizado, mais familiaridade e relações com as escrituras, a eles muito é dado, e a sua prestação de contas estará de acordo com tudo o que receberam.

III Um outro discurso a respeito dos seus próprios sofrimentos, os quais o Senhor esperava, e a respeito dos sofrimentos dos seus seguidores. O Senhor ordenou que eles vivessem com a expectativa de poderem sofrer a qualquer momento. Falando de um modo geral, o Senhor declarou (v. 49): Vim lançar fogo na terra. Através disso alguns entendem a pregação do Evangelho, e do derramamento do Espírito, do fogo santo; isto Cristo veio lançar com o propósito de purificar o mundo, para purgar a impureza, para queimar o joio, e já estava aceso. O Evangelho tinha começado a ser anunciado; alguns prefácios ali estavam relacionados ao derramamento do Espírito. Cristo batizou com o Espírito Santo e com fogo; este Espírito desceu como línguas repartidas. Mas, pelo que se segue, parece que o Senhor estava mencionando o fogo da perseguição. Cristo não é o seu Autor, como ocorre com o pecado dos incendiários, os perseguidores; mas Ele o permite, Ele o comissiona, como um fogo purificador para o teste dos perseguidos. Este fogo já estava aceso na inimizade dos judeus carnais com Cristo e seus seguidores. “Que mais quero, se já está aceso? O que fazes, faze depressa. Se já está aceso, que mais quero? Devo esperar que se apague? Não, porque ele deve atingir a mim mesmo, e a todos os meus seguidores, e isto redundará em uma grande glorificação a Deus Pai.”

1. O próprio Senhor deveria sofrer muitas coisas; Ele deveria atravessar este fogo que já estava aceso (v. 50): Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo. As aflições são comparadas tanto com o fogo quanto com a água, Salmos 66.12; 69.1,2. Os sofrimentos de Cristo foram representados por ambos. O Senhor chama-os de batismo (Mt 20.22) porque Ele mesmo foi regado e espargido com eles, assim como Israel que foi batizado na nuvem, mergulhado nela, e também foi batizado no mar, 1 Coríntios 10.2. Ele deve ser espargido com o seu próprio sangue, e com o

sangue dos seus inimigos, Isaías 63.3. Veja aqui: (1) A previsão de Cristo de seus sofrimentos. Ele sabia o que ia passar, e a necessidade de passar por isso: Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo. Ele chama seus sofrimentos por um nome que os abrandam. É um batismo, não um dilúvio. Eu devo ser mergulhado neles, não afogado; e por um nome que os santificam, porque batismo é um nome que os santifica, porque batismo é um ritual sagrado. Cristo, em seus sofrimentos, dedicou-se a si mesmo para a honra de seu Pai, e consagrou-se a si mesmo como um sacerdote para sempre, Hebreus 7.27,28. (2) O desejo ansioso de Cristo por seus sofrimentos: Como me angustio até que venha a cumprir-se! Ele anelava pela hora em que deveria sofrer e morrer, tendo em vista a razão gloriosa de seus sofrimentos. É uma alusão a uma mulher em trabalho de parto, que está em dores para dar à luz, e dá boas-vindas às suas dores, porque elas apressam o nascimento da criança. Ela deseja que estas dores sejam agudas e fortes, para que o trabalho seja abreviado. Os sofrimentos de Cristo eram o trabalho de parto de sua alma, algo pelo que Ele alegremente passou, na esperança de que, através deles, veria a sua semente, Isaías 53.10,11. Podemos ver com que intensidade seu coração estava colocado sobre a redenção e a salvação do homem.

2. Ele diz a estes que estavam ao seu redor que eles também deveriam suportar aflições e dificuldades (v. 51): “Cuidais vós que vim trazer paz à terra, que vim para vos dar uma posse pacífica da terra, e uma prosperidade exterior na terra?” Podemos entender que eles estavam prontos a nutrir um pensamento como esse, que eles pensaram nesta possibilidade, que o Evangelho teria uma aceitação universal, que as pessoas iriam abraçá-lo unanimemente, e que, assim, tornar-se-iam pregadores tranqüilos e grandes, e que Cristo, se não lhes desse pompa e poder, dar-lhes-ia pelo menos a paz. E, em relação a este particular, eles foram encorajados por diversas passagens do Antigo Testamento que falam da paz do Reino do Messias, algo que eles estavam dispostos a entender como uma paz exterior. “Mas”, disse Cristo, “estais enganados. O acontecimento declarará o contrário; portanto não vos enganeis com a ilusão de um paraíso de tolos. Vós descobrireis:”

(1) “Que o efeito da pregação do Evangelho será a dissensão”. O propósito do Evangelho, e sua tendência própria, é unir os filhos dos homens uns aos outros, uni-los em um amor santo. E, se todos o recebessem, este seria o seu

efeito. Mas existirão multidões que não só não o receberão, mas que se oporão a ele. Estas multidões terão suas corrupções exasperadas por ele, e enfurecer-se-ão por causa daqueles que o aceitarem. Isto prova não a causa, mas a ocasião da dissensão. Enquanto o homem fortemente armado guardava seu palácio, no mundo gentílico, seus bens estavam em paz; tudo estava tranqüilo, pois tudo caminhava em uma só direção. Os grupos de filósofos concordavam muito bem, e assim acontecia com os adoradores de diferentes divindades; mas, quando o Evangelho foi anunciado, e muitos foram iluminados por ele, e se converteram do poder de Satanás a Deus, então houve uma perturbação, um barulho e um abalo, Ezequiel 37.7. Alguns se destacaram por abraçar o Evangelho, e outros ficaram furiosos por causa daqueles que o fizeram. Sim, e entre aqueles que receberiam o Evangelho haveria diferentes sentimentos nas menores coisas, algo que provocaria dissensões; e Cristo permitiria isto para fins santos (1 Co 11.18), para que os cristãos possam aprender e praticar a tolerância mútua, Romanos 14.1,2.

(2) “Que esta dissensão alcançará as famílias, e que a pregação do Evangelho dará ocasião à discórdia entre os familiares mais próximos” (v. 53): O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai, quando um se tornar cristão e o outro não; porque aquele que se torna cristão será zeloso por argumentos e palavras carinhosas para que o outro também se torne um servo do Senhor, 1 Coríntios 7.16. Tão logo Paulo se converteu, ele já passou a argumentar a favor do Evangelho, Atos 9.29. Aquele que continua na incredulidade será provocado, e odiará e perseguirá aquele que por sua fé e obediência testifica contra, e condena, a sua incredulidade e desobediência. Um espírito de intolerância e perseguição romperá os laços mais fortes de parentesco e afeto natural; veja Mateus 10.35; 24.7. Até mesmo mães e filhas se desentendem sobre religião; e aqueles que não crêem são tão violentos e insultuosos que estão prontos a entregar nas mãos dos perseguidores sanguinários aqueles que crêem, embora do contrário fossem muito próximos e estimados deles. Encontramos no livro de Atos que, onde quer que o Evangelho tenha chegado, a perseguição foi insuflada; em todo lugar ele foi criticado, e não houve nenhum alvoroço pequeno naquele caminho. Portanto, os discípulos de Cristo não devem prometer a si mesmos a paz na terra, pois eles são enviados como ovelhas ao meio de lobos.

A Reconciliação com Deus

vv. 54-59

Tendo dado aos seus discípulos sua lição sobre os versículos anteriores, aqui Cristo se volta para o povo, e lhe dá a sua lição, v. 54. Ele também falou ao povo. O Senhor pregou *ad populum – ao povo*, bem como *ad clerum – ao clero*. De uma forma geral, o Senhor queria que eles fossem tão sábios nos assuntos relativos às suas almas, como eram nos assuntos externos. Ele especifica duas coisas:

I Eles devem aprender a discernir o caminho que Deus tem para eles, para que possam se preparar adequadamente. Eles eram sábios a respeito do tempo, e observando os ventos e as nuvens podiam prever quando haveria chuva, e quando haveria calor (vv. 54,55). E, de acordo com a previsão que faziam do tempo, eles recolhiam a palha e os grãos, ou levavam-nos para outra terra, e se equipavam para uma jornada. Até mesmo no que diz respeito às mudanças do tempo, Deus nos dá aviso do que está vindo, e a arte da observação da natureza tem melhorado através da utilização de barômetros. Os prognósticos aqui referidos tinham sua origem em repetidas observações da série de causas: a partir daquilo que já aconteceu, conjeturamos aquilo que acontecerá. Veja o benefício da experiência: observando podemos prever. Aquele que é sábio observa e aprende. Veja agora:

1. As particularidades das passagens: “Quando vedes a nuvem que vem do ocidente” (o texto hebraico diria, do mar), “talvez a princípio não seja maior do que a mão de um homem (1 Rs 18.44), mas dizeis, Lá vem chuva, e assim sucede. E quando observais o vento sul soprar, dizeis: Haverá calor” (porque os paises quentes da África não ficam longe do sul da Judéia), “e geralmente assim sucede;” no entanto, a natureza não se limita a estes sinais, e então, às vezes, erramos nos nossos prognósticos.

2. As inferências delas (v. 56): “Hipócritas, que fingis ser sábios, mas que na verdade não sois, e que fingis esperar o Messias e o seu Reino” (porque a maior parte dos judeus o esperava). “Não estando dispostos a recebê-lo e a aceitá-lo, não sabeis, então, discernir este tempo, discernir que agora é o tempo, de acordo com as indicações dadas nas profecias do Antigo

Testamento, para o aparecimento do Messias. Também não sabeis que, de acordo com os sinais que foram dados sobre o Messias, Eu o Sou? Por que não sabeis que tendes agora uma oportunidade que não tereis por muito tempo – e que podereis nunca mais ter outra vez – de assegurar a vós mesmos a participação no Reino de Deus, e os privilégios deste Reino?" Agora é o tempo aceitável; agora ou nunca. É uma loucura e miséria do homem que ele não conheça o seu tempo, Eclesiastes 9.12. Esta foi a ruína dos homens daquela geração: eles não conheciam o dia da sua visitação, cap. 19.44. Mas o coração de um homem sábio discerne o tempo e o juízo; esta foi a sabedoria dos homens de Issacar, que tinham um entendimento dos tempos, 1 Crônicas 12.32. O Senhor acrescenta, "E por que, embora não tenhais estes altos alarmes, não julgais também por vós mesmos o que é justo? v. 57. Não sois apenas estúpidos e desinformados nos assuntos que tratam puramente da revelação divina, e não considerais os sinais que vos são dados, mas permaneceis nos ditames da própria da lei da natureza, e da sua luz". O cristianismo tem a razão e a consciência natural ao seu lado; e, se os homens se permitissem a liberdade de julgar o que é justo, eles logo descobririam que todos os preceitos de Cristo a respeito de todas as coisas estão certas, e que não há nada mais justo em si, nem nos conviria melhor, do que nos submetermos a estes preceitos, sendo governados por eles.

II Eles devem se apressar para fazer a paz com Deus a tempo, antes que seja tarde demais, vv. 58,59. Já vimos isto em outra ocasião, Mateus 5.25,26. 1. Supomos que a nossa sabedoria nos nossos assuntos temporais seja a atitude de nos unirmos com aqueles com quem não podemos disputar, concordar com o nosso adversário nos melhores termos possíveis, antes que a justiça seja executada, e sejamos deixados ao rigor da lei: "Quando vais com teu adversário ao magistrado, a quem o recurso é feito, e sabes que ele tem uma vantagem contra ti e corres o risco de ser preso, tu sabes que a ação mais prudente é resolver a questão entre ti e o teu adversário; procura livrar-te dele no caminho, ser dispensado, para que não suceda que te conduza ao juiz, e a execução seja feita de acordo com a lei". Os homens sábios não permitirão que as suas contendas cheguem a uma situação extrema, mas eles as resolverão a tempo. 2. Façamos isso, portanto, nos assuntos da nossa alma. Pelo pecado fazemos com que o Senhor Deus se torne o nosso adversário, provocamos o seu desprazer contra nós, e Ele possui, ao seu

lado, tanto o direito quanto o poder; de forma que não há propósito em pensarmos em continuar com a controvérsia com Ele, seja no tribunal ou em batalha. Cristo, a quem todo o juízo está entregue, é o magistrado diante do qual somos levados às pressas; se formos julgados em seu tribunal, e insistirmos na nossa própria justificação, a causa certamente se encaminhará contra nós, o Justo Juiz nos entregará ao meirinho – os ministros da justiça – e seremos lançados na prisão do inferno. A dívida será executada em um nível máximo; embora não possamos pagar totalmente a dívida, ela será continuamente cobrada, até que o derradeiro ceitil seja pago, e aqui estamos falando de eternidade. Os sofrimentos de Cristo foram curtos, no entanto o valor deles fez com que a nossa dívida fosse totalmente paga. Nos sofrimentos dos pecadores condenados, aquilo que está faltando em valor deve ser completado através de uma duração eterna. Agora, considerando isto, procuremos nos livrar das mãos de Deus como um adversário, passando para as mãos de Deus como o Pai perfeito, e isto enquanto estamos no caminho; esta é a principal ênfase contida nesta palavra. Enquanto estamos vivos, estamos no caminho; e o nosso tempo é agora, pelo arrependimento e pela fé em Cristo (que é o Mediador e também o Magistrado), para que esta questão seja completamente resolvida em nossa vida, enquanto isto pode ser feito, antes que seja tarde demais. Assim, Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, e deseja que sejamos reconciliados; não importa quem sejamos neste mundo, Ele quer que sejamos reconciliados. Agarremo-nos no braço do Senhor que está estendido em uma oferta misericordiosa, para que possamos fazer a paz, e assim teremos a paz (Is 27.4,5), porque não poderemos andar junto com Deus até que estejamos de acordo com Ele, plenamente reconciliados com o nosso Senhor.

CAPÍTULO 13

Neste capítulo temos: I. O bom aproveitamento que Cristo fez da notícia que lhe levaram a respeito de alguns galileus, que haviam sido recentemente massacrados por Pilatos, quando estavam sacrificando no templo de Jerusalém, vv. 1-5. II. A parábola da figueira estéril, pela qual somos advertidos a gerar frutos, após o arrependimento ao qual o Senhor havia nos conclamado na passagem anterior, vv. 6-9. III. A cura que Cristo deu a uma mulher enferma em um sábado, e a sua justificativa, vv.

10-17. IV. Uma repetição das parábolas do grão de mostarda e do fermento, vv. 18-22. V. A resposta do Senhor Jesus à pergunta sobre o número de salvos, vv. 23-30. VI. A desconsideração que ele coloca sobre a maldade e as ameaças de Herodes, e o destino de Jerusalém, vv. 31-35.

O Assassinato dos Galileus

vv. 1-5

Temos aqui:

I A notícia recente que levaram a Cristo sobre a morte de alguns galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios, v. 1. Consideremos:

1. O que foi esta história trágica. Ela é relatada aqui de forma sucinta, e não é encontrada na obra de nenhum dos historiadores da época. Josefo, na verdade, menciona que Pilatos matou alguns samaritanos, que, sob a condução de um líder faccioso, estavam se encaminhando de uma maneira tumultuosa para o Monte Gerizim, onde ficava o templo dos samaritanos; mas não podemos de modo algum aceitar que aquela história seja a mesma aqui relatada. Alguns pensam que estes galileus eram da facção de Judas Gaulonita, também chamado de Judas da Galiléia (At 5.37), que repudiou a autoridade de César e se recusou a pagar tributos a ele. Ou talvez sendo galileus, fossem apenas suspeitos de serem daquela facção, e assim teriam sido mortos de forma violenta, porque aqueles que estavam associados com aquele embusteiro estavam fora de seu alcance. Como os galileus estavam sujeitos a Herodes, é provável que este ultraje cometido contra eles por Pilatos tenha ocasionado a rixa que havia entre Herodes e Pilatos, conforme lemos em Lucas 23.12. Não somos informados quanto ao número deles; talvez fossem apenas alguns contra quem Pilatos tivesse algum ressentimento em particular (e portanto a história é ignorada por Josefo). Mas a circunstância observada é que ele misturou o sangue deles com os seus sacrifícios no pátio do templo. Embora talvez tivessem motivos para temer a maldade de Pilatos, eles não iriam, sob pretexto deste temor, se manter afastados de Jerusalém, para onde a lei os obrigava a subir com os seus sacrifícios. O Dr. Lightfoot pensa que provavelmente eles mesmos estivessem sacrificando (o que era permitido, pois o trabalho do sacerdote,

eles diziam, começava com a aspersão do sangue), e que os oficiais de Pilatos se aproximaram deles de surpresa, exatamente no momento em que eles estavam desprevenidos (pois os galileus eram homens valorosos, e geralmente estavam bem armados). E assim, aqueles soldados misturaram o sangue dos sacrificadores com o sangue dos sacrifícios, como se isto fosse igualmente aceitável a Deus. Nem a santidade do lugar, nem a santidade do trabalho seriam uma proteção contra a fúria de um juiz injusto, que não temia a Deus nem respeitava o homem. O altar, que costumava ser um santuário e um lugar de abrigo, agora se tornou um laço e uma armadilha, um lugar de perigo e matança.

2. Por que a história foi relatada neste momento ao nosso Senhor Jesus. (1) Talvez meramente como uma questão de informação, supondo que Cristo não a tivesse ouvido antes, e como algo que eles lamentavam, e que criam que Ele também lamentaria; porque os galileus eram seus compatriotas. Note que devemos observar as providências tristes, e o conhecimento delas deve ser transmitido a outros, para que tanto eles como nós possamos ser devidamente afetados por elas, e fazer delas um bom uso. (2) Talvez seu propósito fosse uma confirmação do que Cristo havia dito no final do capítulo anterior, a respeito da necessidade de fazer a nossa paz com Deus em tempo, antes de sermos entregues ao meirinho, isto é, à morte, e então lançados na prisão, quando será tarde demais para fazer acordos: “Agora”, dizem eles, “Mestre, aqui está um exemplo recente de alguns que foram repentinamente entregues ao meirinho, que foram levados pela morte quando não esperavam por ela; portanto, precisamos estar realmente preparados”. Note que devemos observar as providências de Deus e, através delas, poderemos compreender sua Palavra, e também reforçá-la em nossos corações. (3) Talvez eles quisessem provocá-lo – sendo Ele mesmo da Galiléia, e um profeta, e alguém que tinha um grande interesse por aquela terra – com a finalidade de descobrirem como poderiam se vingar de Herodes pela morte destes galileus. Se eles tinham algum pensamento deste tipo, estavam bastante enganados; porque Cristo estava agora subindo a Jerusalém, para ser entregue nas mãos de Pilatos. O seu precioso sangue não seria misturado com os seus sacrifícios, mas seria o próprio sacrifício. (4) Talvez isto lhe tivesse sido dito para impedi-lo de subir a Jerusalém, para adorar (v. 22), para que Pilatos não lhe fizesse aquilo que havia feito com aqueles galileus. Talvez houvesse nestas palavras uma outra sugestão.

Talvez Pilatos tenha feito alguma insinuação contra aqueles galileus, em defesa de sua crueldade. Ele pode ter alegado que eles foram sacrificar como fez Absalão, com um propósito sedicioso, tendo o sacrifício como um mero pretexto para levantar uma rebelião. Agora, para que Pilatos não prosseguisse com suas atrocidades, eles acharam aconselhável que o Senhor Jesus Cristo ficasse, naquele momento, fora do caminho. (5) A resposta de Cristo sugere que eles lhe disseram isto como uma alusão maldosa. Eles poderiam estar dizendo que, embora Pilatos fosse injusto ao matá-los, sem dúvida eles eram secretamente homens maus, caso contrário Deus não teria permitido que eles fossem mortos brutalmente por Pilatos. Isto foi muito odioso, pois, em vez de considerá-los mártires por morrerem prestando sacrifícios a Deus, talvez sofrendo por sua devoção, eles supunham, sem qualquer fundamento ou prova, que os galileus eram malfeitores. E eles podem ter dito isto por nenhum outro motivo além de não serem de seu grupo e denominação, talvez por divergirem deles, ou por terem algum tipo de diferença com eles. Este destino deles, que poderia ter sido avaliado de uma forma favorável e honrosa, foi considerado por aqueles homens como um justo juízo de Deus, embora, sequer, soubessem a razão pela qual estava sendo infligido.

II A resposta de Cristo a este relato, no qual:

1. Ele o apoiou com uma outra história, que, como esta, apresentou um exemplo de pessoas sendo levadas por uma morte repentina. Não fazia muito tempo que a torre de Siloé havia caído, e houve dezoito pessoas que morreram e foram enterradas sob os seus escombros. A conjectura do Dr. Lightfoot é que esta torre era adjacente ao tanque de Siloé, que era o mesmo que o tanque de Betesda, e que pertencia aos pátios que ficavam perto do tanque, no qual as pessoas incapacitadas jaziam, esperando o movimento das águas (Jo 5.3). Este estudioso acredita que aqueles que foram mortos eram alguns deles, ou alguns daqueles que neste tanque costumavam se purificar para o serviço do templo, porque ficava perto deste. Seja quem fossem, esta foi uma história triste. No entanto, nós, freqüentemente, ouvimos falar de acidentes melancólicos como este; *porque assim como os passarinhos se prendem com os laços, assim se enlaçam também os filhos dos homens no mau tempo, quando cai de repente sobre eles*, Eclesiastes 9.12. As torres, que foram construídas para segurança, são provas freqüentes da destruição

dos homens.

2. O Senhor advertiu seus ouvintes a não fazerem um mau uso destes eventos e similares, nem aproveitarem oportunidades como estas para censurarem grandes sofredores, como se eles fossem, portanto, considerados grandes pecadores: Cuidais vós que esses galileus, que foram mortos sacrificando, foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo, vv. 2,3. Talvez aqueles que lhe contaram a história dos galileus fossem judeus, e ficassem felizes com qualquer coisa que lhes fornecesse um ponto de reflexão sobre os galileus. Portanto, Cristo os lembrou da história dos homens de Jerusalém, que tiveram um fim prematuro; pois, com a medida que medirmos, seremos medidos. Em outras palavras, “Vocês supõem que aqueles dezoito que encontraram a morte através da torre de Siloé, enquanto, talvez, estivessem esperando sua cura do tanque de Siloé, fossem devedores da justiça divina acima de todos os homens que habitam em Jerusalém? Não, eu vos digo que não eram”. Seja isto favorável ou contrário a nós, devemos permanecer nesta regra: não podemos julgar os pecados dos homens por seus sofrimentos neste mundo. Porque muitos são lançados na fornalha como ouro para serem purificados, não como a impureza ou a palha que é consumida. Portanto, não devemos ser severos demais em nossas censuras contra aqueles que são mais afligidos do que os seus vizinhos, como os amigos de Jó fizeram ao censurá-lo, *para que não condenemos a geração dos justos*, Salmos 72.14. Se desejarmos julgar, teremos motivos suficientes para julgar a nós mesmos. Na verdade, não podemos conhecer o amor nem o ódio através de tudo aquilo que passa perante nossa face, *porque tudo sucede igualmente a todos*, Eclesiastes 9.1,2. Se seguíssemos um raciocínio equivocado, poderíamos concluir que os opressores, como Pilatos e outros, de cujo lado estão o poder e o sucesso, são os maiores santos. E assim os maiores oprimidos seriam aqueles galileus, e tantos outros que estão em lágrimas e não possuem nenhuma consolação. Assim, os sacerdotes e levitas que serviam no altar seriam os maiores pecadores. Façamos, em nossas censuras aos outros, o mesmo que gostaríamos que fizessem a nós; porque assim como fizermos, nos farão a nós. *Não julgueis, para que não sejais julgados*, Mateus 7.1.

3. Nestas histórias, o Senhor Jesus instituiu um chamado ao arrependimento, acrescentando a cada uma delas uma palavra de

despertamento e advertência: Se não vos arrependerdes, todos, de igual modo, perecereis, vv. 3-5. (1) Isto sugere que todos nós merecemos perecer tanto quanto eles mereceram, e se tivéssemos sido tratados de acordo com os nossos pecados, de acordo com a iniqüidade das nossas “coisas santas”, o nosso sangue há muito tempo teria sido misturado com os nossos sacrifícios pela justiça de Deus. Isto pode moderar a nossa censura, não só por sermos pecadores, mas por sermos pecadores tão grandes quanto eles. E temos muitos pecados de que nos arrepender, assim como eles tiveram muitos pecados pelos quais os críticos pensaram que tiveram que sofrer. (2) Que, portanto, devemos nos arrepender, nos lamentar pelo que temos feito de errado, não fazendo mais isso. Os juízos de Deus sobre os outros são chamados expressivos para que nos arrependamos. Veja como Cristo aproveitou todas as coisas para incentivar o cumprimento daquele grande dever para o qual Ele veio não só ganhar espaço, e dar esperanças, mas para impô-lo sobre os seus seguidores – isto é, que nos arrependamos. (3) Este arrependimento é o modo pelo qual podemos evitar que pereçamos, e este é um modo seguro. Assim, a iniqüidade não será a nossa ruína. Mas este é o único modo pelo qual podemos ser salvos. (4) Que, se não nos arrependermos, certamente pereceremos, como aconteceu com outros antes de nós. Alguns colocam, de igual modo, uma ênfase sobre a frase e a aplicam em relação à destruição que estava vindo sobre o povo judeu e, particularmente, sobre Jerusalém, que foi destruída pelos romanos na época de sua páscoa. E assim como os galileus, os habitantes de Jerusalém tiveram seu sangue misturado com seus sacrifícios. E muitos deles, tanto em Jerusalém como em outros lugares, foram destruídos pela queda dos muros e edifícios que foram demolidos em redor de seus ouvidos, como aqueles que morreram pela queda da torre de Siloé. Mas, certamente, é muito mais que isto. A não ser que nos arrependamos, pereceremos eternamente, como muitos perecem neste mundo. O mesmo Jesus que nos chama ao arrependimento pelo fato de o Reino dos céus estar próximo, ordena que nos arrependamos porque do contrário todos pereceremos. Assim, Ele colocou diante de nós a vida e a morte, o bem e o mal, e solicita que façamos nossa escolha. (5) O perecimento – na impenitência – daqueles que foram mais rigorosos e severos ao julgarem os outros, será, de um modo especial, bastante agravado.

A Figueira Estéril

vv. 6-9

Esta parábola tem o propósito de reforçar aquela palavra de advertência que veio imediatamente antes: “Se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis; a não ser que mudeis o vosso comportamento, sereis destruídos, como uma figueira estéril; a não ser que gereis frutos, sereis cortados.”

I Esta parábola em primeiro lugar se refere à nação e ao povo judeu. Deus os escolheu como o seu povo, os tornou um povo próximo a si, deu-lhes vantagens por conhecerem e servirem a Ele acima de qualquer outro povo, e esperava um retorno de dever e obediência correspondente da parte deles. Se eles se voltassem para o seu louvor e honra, Ele os teria considerado como frutos; mas eles desapontaram as expectativas de Deus; não fizeram sua obrigação; foram uma reprovação em vez de serem um mérito à sua profissão de fé. E assim, de forma justa, o Senhor determinou abandoná-los, e eliminá-los, privá-los de seus privilégios, excluí-los da igreja e do povo; mas, pela intercessão de Cristo, assim como ocorreu com Moisés no passado, o Pai bondosamente lhes deu mais tempo e misericórdia; os experimentou, como era de se esperar, um outro ano, enviando os seus apóstolos entre eles, para chamá-los ao arrependimento, e em nome de Cristo lhes oferecer o perdão, através do arrependimento. Alguns deles se arrependeram, e geraram frutos, e com estes tudo foi bem; mas o corpo da nação continuou impenitente e infrutífero, e a destruição sem remédio veio sobre eles: cerca de quarenta anos depois eles foram cortados e lançados no fogo, como João Batista lhes havia dito (Mt 3.10), sobre cujas palavras esta parábola se estende.

II Ainda assim, sem dúvida, ela tem uma outra referência, e tem o objetivo de despertar todos aqueles que desfrutam os meios da graça, e os privilégios da igreja visível, cuidando para que o temperamento de suas mentes, e a essência de suas vidas sejam correspondentes às suas profissões de fé e oportunidades, porque este é o fruto exigido. Agora observe aqui:

1. As vantagens que esta figueira possuía. Ela foi plantada em uma vinha, em um solo melhor e, onde recebia mais cuidado e dava mais trabalho do que as outras figueiras, e geralmente, crescia, não em vinhas (estas são para as videiras), mas perto do caminho, Mateus 21.19. Esta figueira pertencia a um certo homem, que cuidava dela às suas custas. Note que a igreja de Deus é a sua vinha, distinta daquela que é comum e que está cercada, Isaías 5.1,2. Nós somos figueiras plantadas na vinha através do nosso batismo; temos um lugar e um nome na igreja visível, e este é o nosso privilégio e felicidade. É um favor distinto: o Senhor não tratou as outras nações deste mesmo modo.

2. A expectativa do dono em relação a ela: Ele foi procurar nela fruto, e tinha motivos para esperar por isso. Ele não enviou alguém, mas foi pessoalmente, o que sugere o seu desejo de encontrar frutos. Cristo veio a este mundo, veio para o que era seu, para os judeus, buscando frutos. Note que o Deus do céu exige e espera frutos daqueles que têm um lugar em sua vinha. Ele tem o seu olhar fixo sobre aqueles que desfrutam o Evangelho, para ver se eles vivem à altura; Ele busca evidências de que eles recebem e fazem aquilo que é bom por meio da graça que usufruem. Folhas não servirão, mesmo que clamem Senhor, Senhor; flores não servirão, mesmo que comecem bem e prometam beleza; eles devem ter frutos. Nossos pensamentos, palavras e ações devem estar de acordo com o Evangelho, com sua luz e amor.

3. O desapontamento da sua expectativa: Não o achando – ou seja – não encontrando absolutamente nada, nenhum figo. Note que esta palavra refere-se ao pensamento de todos aqueles que desfrutam os privilégios do Evangelho, e, no entanto, não fazem absolutamente nada para honrar a Deus, nem responder ao propósito dos privilégios que lhes foram conferidos; este é um desapontamento para o Senhor e uma dor para o Espírito de sua graça.

(1) O Senhor aqui reclama da figueira como o seu vinhateiro: Venho procurar fruto, mas estou desapontado – não o encontro; procuro uvas, mas vejo uvas selvagens. Ele está entristecido com esta geração.

(2) Ele se irrita com ela, fazendo duas considerações: [1] Que Ele havia esperado muito tempo, e que estava desapontado. Como não estava animado em suas expectativas, esperando apenas frutos, não muitos frutos, então ficou irritado, pois vinha há três anos, ano após ano: aplicando isto aos judeus, o Senhor veio em um período antes do cativeiro, em um outro

período depois deste, e em um outro na pregação de João Batista e do próprio Cristo. Esta palavra também pode se referir aos três anos do ministério público de Cristo, que estava agora expirando. De um modo geral, isto nos ensina que a paciência de Deus se estende até à longanimidade com muitos que desfrutam o Evangelho, e não produzem frutos a partir dele; e esta paciência é terrivelmente abusada, o que provoca Deus a uma severidade muito maior. Quantas vezes, Deus vem a muitos de nós – muitos múltiplos de três anos – procurando frutos, mas não acha nada, ou quase nada, ou encontra uma situação pior do que não ter frutos! [2.] Que esta figueira não só não produzia frutos, mas trazia ainda mais prejuízos; ela ocupava a terra inutilmente; ela ocupava o espaço de uma árvore frutífera, e era prejudicial a todos aqueles que estavam à sua volta. Note que aqueles que não fazem o bem geralmente prejudicam outras pessoas pela influência de seu mau exemplo. Eles entristecem e desanimam aqueles que são bons; eles endurecem e encorajam aqueles que são maus. E quanto mais espaço de terra ela ocupar, maior será o erro, principalmente se for uma árvore alta, grande, e que se alastra; e também se for uma árvore antiga, que existe há muito tempo.

4. A sentença que lhe foi dada: Corta-a. Ele disse isso ao vinhateiro, a Cristo, a quem todos os juízos são entregues, aos ministros que em seu nome devem declarar esta sentença. Note que nenhuma outra coisa deve ser esperada com relação a árvores estéreis além de serem cortadas. Assim como a vinha infrutífera é derribada, e transformada em pasto (Is 5.5,6), *as árvores infrutíferas na vinha são retiradas e se secam*, João 15.6. Ela é cortada pelos juízos de Deus, especialmente juízos espirituais, assim como aqueles que foram infligidos sobre os judeus que não creram, Isaías 6.9,10. Ela é cortada pela morte, e lançada no fogo do inferno; e com boa razão, pois por que ocuparia a terra inutilmente? Que razão há para se ocupar um lugar na vinha sem um propósito?

5. A intercessão do vinhateiro por ela. Cristo é o grande Intercessor; Ele vive sempre intercedendo. Os ministros são intercessores; aqueles que cuidam da vinha devem interceder por ela. Devemos orar pelas pessoas para as quais pregamos, porque devemos nos entregar à Palavra de Deus e à oração. Agora observe:

(1) Pelo que Ele ora. O Senhor está pedindo ao Pai um adiamento da sentença: Senhor, deixa-a este ano. Ele não roga, “Senhor, jamais permita

que ela seja cortada", mas, "Senhor, agora não. Senhor, não removas o vinhateiro, não retenhas o orvalho, não arranques a árvore". Note: [1] Deseja-se que a sentença da árvore estéril seja adiada. Alguns ainda não possuem a graça necessária para se arrepender. No entanto é uma grande misericórdia a eles o fato de terem um período para se arrepender, assim como foi para o mundo antigo ter 120 anos para fazer a sua paz com Deus. [2] Devemos a Cristo, o grande Intercessor, o fato das árvores estéreis não serem cortadas imediatamente; se não fosse pela sua interposição, o mundo inteiro teria sido cortado devido ao pecado de Adão; mas o Senhor Jesus Cristo disse, Senhor, deixa-a; e é Ele que sustenta todas as coisas. [3] Somos encorajados a orar a Deus pelo adiamento misericordioso da sentença das figueiras estéreis: "Senhor, deixe-as; mantenha-as ainda enquanto elas estão em sua provação; suporte-as um pouco mais, e continue sendo misericordioso". Portanto, devemos nos colocar na brecha, para desviarmos a ira. [4] Os adiamentos de misericórdia ocorrem apenas por um tempo; Deixe-a este ano, um tempo curto, mas um tempo suficiente para fazer a prova. Como Deus tem suportado muito tempo, podemos esperar que Ele ainda suporte, por sua bondade, um pouco mais, mas não podemos esperar que Ele suporte uma situação errada para sempre. [5] Os adiamentos podem ser obtidos pelas orações dos outros por nós, mas o mesmo não ocorre quando se trata de perdão; precisamos ter a nossa própria fé, e arrependimento, e orações, caso contrário não teremos o perdão.

(2) Como Ele se compromete a aproveitar este adiamento, se for obtido: Até que eu a escave e a esterque. Note: [1] Em geral, as nossas orações devem ser sempre apoiadas pelos nossos esforços. O vinhateiro parece dizer, "Senhor, pode ser que eu tenha deixado a desejar naquilo que é a minha parte; mas deixe-a este ano, e eu farei mais do que tenho feito em relação à sua utilidade". Portanto, em todas as nossas orações devemos rogar a graça de Deus, com uma humilde decisão de fazer a nossa obrigação, caso contrário estaremos tentando zombar de Deus, mostrando que não valorizamos corretamente as misericórdias pelas quais oramos. [2] Em particular, quando oramos a Deus pedindo graça para nós ou para os outros, devemos seguir as nossas orações com diligência no uso dos meios da graça. O vinhateiro se compromete a fazer a sua parte, e assim ensina os ministros a fazerem a parte deles. Ele irá escavar e estercar aquela árvore. Os cristãos que não geram frutos devem ser despertados pelos terrores da lei. Eles

escavam a terra estéril, e então são encorajados pelas promessas do Evangelho, que são calorosas e fecundas, e que funcionam como o melhor adubo para as árvores. Ambos os métodos devem ser tentados; um funciona como uma preparação para o outro, e assim se alcança o resultado desejado.

(3) Sobre que base ele deixa a questão: “Vamos tentar isso, fazendo o que pudermos com ela por mais um ano; e, se der fruto, ficará”, v. 9. “É possível que ela ainda possa produzir frutos. Ainda há esperança”. Nesta esperança, o proprietário terá paciência com ela, e o vinhateiro se esforçará por ela. E se alcançarem o sucesso desejado, ambos ficarão satisfeitos por ela não ter sido cortada. A palavra ficará não está no original, mas a expressão é abrupta: Se der fruto! – apresente a frase como bem lhe aprouver, de forma a expressar quão maravilhosamente bem satisfeitos, tanto o proprietário como o vinhateiro ficarão. Se ela der frutos, haverá motivo de júbilo; teremos alcançado aquilo que queríamos alcançar. Mas esta situação não pode ser mais bem expressa do que quando dizemos: ficará. Note que se após um longo período de esterilidade os professores de religião estéreis se arrependerem, e se converterem, e produzirem frutos, descobrirão que tudo estará bem. Deus ficará satisfeito, porque Ele será louvado; as mãos dos ministros serão fortalecidas, e estes penitentes serão a sua alegria agora e a sua coroa em breve. Haverá alegria no céu por isso; a terra não será mais ocupada, mas melhorada, a vinha será embelezada, e as árvores boas nela serão aproveitadas. Quanto à árvore em si, é bom para ela; ela não só não será cortada, mas receberá bênçãos de Deus (Hb 6.7); ela será purificada, e dará mais frutos, porque o Pai é o lavrador (Jô 15.2). E ela será finalmente transplantada da vinha na terra, para o paraíso celestial.

Mas Ele acrescenta: E, se não, depois a mandarás cortar. Observe aqui: [1] Que, embora Deus suporte muito tempo, Ele não suportará os ensinadores infrutíferos para sempre. A sua paciência terá um fim. E se alguém abusar dela, Ele dará lugar a uma ira que não terá fim. As árvores estéreis certamente serão finalmente cortadas, e lançadas no fogo. [2] Quanto mais tempo Deus esperar, e quanto maior for o custo desta espera para eles, maior será a sua destruição; ser cortada mais tarde, depois de todas estas expectativas em relação a ela, depois de todo este debate a seu respeito, certamente será triste, e agravará a condenação. [3] Embora seja um trabalho necessário, e que será feito, cortar é um trabalho em que Deus não sente prazer. Observe, aqui, que o proprietário disse ao vinhateiro: “Corta-a,

porque ela ocupa a terra inutilmente". "Não", disse o vinhateiro, em outras palavras, "se no fim isto precisar ser feito, a mandarás cortar; mas que a minha mão não seja sobre ela." [4.] Aqueles que agora intercedem pelas árvores estéreis, e se esforçam por elas e com elas, ficarão até mesmo contentes por vê-las cortadas se elas persistirem na sua inutilidade, e não terão mais nenhuma palavra a dizer a favor elas. Seus melhores amigos não apenas concordarão mas aprovarão e aplaudirão o justo juízo de Deus, no dia da sua manifestação, Apocalipse 15.3,4.

A Cura de uma Mulher Debilitada

vv. 10-17

Aqui está:

I A cura milagrosa de uma mulher que há muito tempo sofria de um espírito de enfermidade. O nosso Senhor Jesus passava os seus sábados nas sinagogas, v. 10. Devemos ter a consciência de fazer isso, quando tivermos a oportunidade, e não pensarmos que podemos passar o nosso dia de descanso em casa lendo um bom livro; porque as reuniões religiosas são uma instituição divina, à qual devemos dar nosso testemunho, mesmo que cultuemos ao Senhor somente dois ou três dias da semana. E, quando estava em uma das sinagogas no sábado, *Ele ensinava – en didaskon*. Isto denota um ato contínuo; Ele ainda ensinava conhecimento ao povo. Ele estava em seu ambiente quando estava ensinando. Agora, para confirmar a doutrina que o Senhor ensinava, recomendando-a como fiel e digna de toda a aceitação, Ele operou um milagre, um milagre de misericórdia.

1. O objeto de caridade que se apresentou foi uma mulher na sinagoga que tinha um espírito de enfermidade há dezoito anos, v. 11. Ela tinha uma enfermidade, que um espírito maligno, pela permissão divina, tinha trazido sobre ela, de forma tal que andava curvada por causa de fortes convulsões, e não podia de modo algum se endireitar. E, tendo estado neste estado por tanto tempo, a doença era incurável; ela não podia ficar ereta, o que é considerado a honra do homem sobre os animais. Observe que embora ela sofresse desta enfermidade, pela qual estava muito deformada, e que fazia com que ela parecesse desprezível – e não somente isso, mas, como é de se

supor, os movimentos deveriam ser muito dolorosos para ela – ela foi à sinagoga no sábado. Note que até mesmo as enfermidades do corpo, a menos que sejam realmente graves, não devem nos impedir de participar dos cultos públicos; pois Deus pode nos ajudar, além das nossas expectativas.

2. A oferta da cura para alguém que não a buscava, indica a misericórdia e a graça antecipadas de Cristo: E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, v. 12. Não parece que ela tenha feito qualquer apelo a Ele, ou que tivesse qualquer expectativa a respeito dele; mas antes que ela clamasse ou pedisse algo, Ele respondeu. Ela veio até Ele para ser ensinada, e para receber o bem para a sua alma, e então Cristo proporcionou este alívio para a sua enfermidade física. Note que aqueles que colocam em primeiro lugar o cuidado por suas almas, atribuindo a esta tarefa uma posição principal, favorecem, semelhantemente, os verdadeiros interesses de seus corpos, porque outras bênçãos lhes serão acrescentadas. Cristo, em seu Evangelho, chama e convida as pessoas sofredoras a buscarem-no, para que possam obter a cura de que precisam, e assim não sofram mais sob o peso das enfermidades espirituais. E, uma vez que nos chama, Ele sem dúvida nos ajudará quando o buscarmos.

3. A cura operada eficazmente e imediatamente demonstra o seu grande poder. Ele impôs as mãos sobre ela, e disse, em outras palavras: “Mulher, estás livre da tua enfermidade; embora tu tenhas por muito tempo vivido sob o peso dela, tu estás finalmente livre”. Aqueles que estão, há muito tempo, aflitos devido a uma enfermidade crônica, não precisam se desesperar. Deus pode finalmente libertá-los. Mesmo que pareça que Ele esteja demorando a agir, devemos esperar pelas suas providências. Embora ela estivesse sob um espírito de enfermidade, um espírito maligno, o poder de Cristo é superior ao de Satanás, e é mais forte do que ele. Embora ela não pudesse se endireitar de modo algum, Cristo podia endireitá-la, e capacitá-la a se endireitar sozinha. Aquela que andava curvada foi imediatamente endireitada, e as Escrituras foram cumpridas (Sl 146.8): O Senhor levanta os abatidos. Esta cura representa a obra da graça de Cristo sobre a alma das pessoas. (1) Na conversa dos pecadores. Os corações impuros estão sob este espírito de enfermidade; eles estão deformados, as faculdades da alma estão fora do lugar e fora de ordem; eles estão curvados para as coisas que estão abaixo. *O curvae in terram animae!* Eles não podem – de modo algum – se endireitar para Deus e para o céu; a inclinação da alma, em seu estado

natural, é exatamente o oposto. Estas almas deformadas não buscam a Cristo; mas Ele as chama para si, impõe a sua mão de poder e graça sobre elas, pronuncia uma palavra de cura para elas, pela qual Ele as livra de suas enfermidades, as endireita, as coloca em ordem, as eleva acima das considerações terrenas, e direciona os seus interesses e objetivos para o céu. Embora o homem não possa endireitar o que Deus fez torto (Ec 7.13), a graça de Deus pode endireitar aquilo que o pecado, na vida do homem, entortou. (2) Na consolação das pessoas boas. Muitos dos filhos de Deus estão, há muito tempo, sujeitos a um espírito de enfermidade, um espírito de servidão que, através da dor e do medo existentes, mantém suas almas abatidas e perturbadas dentro deles. Eles são afligidos, são grandemente encurvados, andam lamentando todo o dia, Salmo 38.6. Mas Cristo, pelo seu espírito de adoção, os livra desta enfermidade no tempo devido, e os levanta.

4. O efeito presente desta cura sobre a alma da paciente, como também sobre o seu corpo. Ela glorificou a Deus, deu-lhe o louvor pela sua cura. Todo o louvor é devido a Ele. Quando as almas curvadas são endireitadas, elas o demonstram glorificando a Deus.

II A indignação sentida pelo príncipe da sinagoga, como se o nosso Senhor Jesus tivesse cometido um crime hediondo ao curar esta pobre mulher. Ele se indignou com este ato de bondade e misericórdia, porque foi feito no sábado, v. 14. Poderia se pensar que o milagre o convenceria, e que a circunstância do milagre ser feito no sábado não poderia ter servido como um obstáculo para a sua a convicção. Mas que luz pode brilhar tão clara e tão forte, a ponto de um espírito de fanatismo e inimizade contra Cristo e o seu Evangelho não servir para fechar os olhos dos homens? Nunca foi feita uma honra como esta – que Cristo agora tinha feito – na sinagoga em que aquele homem era o príncipe. E mesmo assim ele se indignou. Ele, na verdade, não teve o atrevimento de discutir com Cristo; mas censurou a multidão, e esta censura refletiu em Cristo. “Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vindes para serdes curados e não no dia de sábado”. Veja aqui como ele queria tornar triviais os milagres que Cristo operava, como se fossem coisas corriqueiras, e não mais do que aquilo que curandeiros e charlatões faziam todos os dias: Vocês podem vir e ser curados a qualquer dia da semana. As curas de Cristo eram, aos seus olhos, coisas insignificantes e comuns. Veja também como ele torce a lei, extrapolando o

próprio intuito da lei, ou qualquer conjectura justa que pudesse ser colocada sobre ela, ao classificar a cura – ou a bênção de ser curado através de um toque da mão, ou de uma palavra falada – como uma obra proibida no sábado. Esta era evidentemente a obra de Deus; e, quando Deus ordenou que não trabalhássemos em um dia da semana, Ele incluiu a si mesmo nesta ordem? A mesma palavra em hebraico significa tanto piedoso como misericordioso (*chesed*), o que indica que as obras de misericórdia e caridade são, de certo modo, obras de piedade (1 Tm 5.4), e, portanto, muito adequadas aos sábados.

III A justificativa que o Senhor Jesus Cristo apresenta para a obra que Ele havia feito (v. 15): Respondeu-lhe, porém, o Senhor, como havia respondido a outros que de igual modo o criticaram: Hipócrita. Cristo, que conhece o coração dos homens, pode chamar de hipócritas aqueles a quem jamais poderíamos chamar assim, pois seria uma presunção de nossa parte. Nós devemos julgar de forma caridosa, e só podemos julgar de acordo com a aparência exterior. Cristo sabia que aquele homem tinha uma verdadeira inimizade contra Ele e contra o seu Evangelho. O principal da sinagoga apenas disfarçou isto através de um falso zelo pelo sábado, e quando ordenou que a multidão viesse durante os outros seis dias da semana para ser curada, ele na verdade não queria que ela fosse curada em dia algum. Cristo poderia ter lhe dito isto, mas Ele permite que aquele homem argumente com ele; então:

1. O Senhor então menciona como exemplo uma prática comum entre os judeus, que nunca era censurada, que consistia em dar de beber ao gado no sábado. O gado que é mantido no estábulo é desprendido e levado para beber água, todos os sábados. Seria uma coisa cruel não fazer isto; porque um homem misericordioso tem consideração pela vida dos seus animais, dos seus próprios animais que o servem. Deixar o gado descansar no sábado, em jejum, seria pior do que fazê-lo trabalhar. O gado dos ninivitas no seu dia de jejum, não teve a permissão de se alimentar nem de beber água, Jonas 3.7.

2. O Senhor aplica este fato ao caso presente (v. 16): “Deve-se mostrar compaixão pelo boi e pelo jumento no sábado, dedicando-lhes tempo e esforço, para serem desprendidos da manjedoura, levados talvez por um longo caminho para beberem água, e então voltarem outra vez. E será que esta mulher, com apenas uma imposição de mãos e uma palavra falada, não

deve ser libertada de um agravo muito maior do que o gado sofreria se passasse um dia sem água?" Consideremos, então: (1) "Ela é uma filha de Abraão e está, assim, relacionada com uma pessoa de quem vocês todos se orgulham. Ela é irmã de vocês. Será que se deve negar a ela um favor que vocês concedem a um boi ou a um jumento, dispensando um pouco da suposta severidade do sábado? Ela é uma filha de Abraão e, portanto, tem o direito de receber as bênçãos do Messias, o pão que pertence aos filhos". (2) Ela é alguém a quem Satanás mantinha presa. O Senhor Jesus a ajudou no momento da aflição; portanto, este não foi somente um ato de caridade para com a pobre mulher, mas de piedade da parte de Deus; o Senhor quebrou o poder do diabo, e o frustrou. (3) Ela estava nesta condição deplorável há dezoito anos. Portanto, agora que há uma oportunidade de libertá-la, isto não deveria ser adiado nem sequer por mais um dia, como gostariam, pois nenhum deles considerava que uma aflição de dezoito anos – vivida por outra pessoa – fosse longa demais.

IV O efeito diferente que esta situação teve sobre aqueles que ouviram o Senhor. Ele havia deixado bem claro que isto não só era lícito, mas que era altamente adequado e próprio curar esta pobre mulher no sábado, e assim publicamente na sinagoga, para que todos eles pudessem ser testemunhas do milagre. E agora observe:

1. Que confusão isto foi para a malícia dos seus perseguidores: E, dizendo Ele isso, todos os seus adversários ficaram envergonhados (v. 17); eles foram silenciados, e ficaram aborrecidos por isso, pois não tinham sequer uma palavra para dizer a favor de si mesmos. Esta não foi uma vergonha que trouxe o arrependimento, mas, antes, indignação. Note que mais cedo ou mais tarde, todos os adversários de Cristo, de sua doutrina, e de seus milagres, serão envergonhados.

2. Que confirmação isto foi para a fé de seus amigos: E todo o povo, que tinha uma percepção melhor das coisas, e que julgava mais imparcialmente do que os príncipes, se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas pelo Senhor Jesus. A vergonha de seus inimigos era a alegria de seus seguidores; o aumento do interesse das pessoas pelo Senhor Jesus era motivo de reações opostas: alguns se aborreciam, enquanto outros se alegravam. As coisas que Cristo fez foram coisas gloriosas; todas elas foram assim, e, embora estivessem agora encobertas, foram reveladas, e por isso

devemos nos alegrar nelas. Tudo aquilo que honra a Cristo é um conforto para os cristãos.

A Viúva de Naim

vv.18-22

Aqui está:

I O progresso do Evangelho predito em duas parábolas que vimos anteriormente, Mateus 13.31-33. O Reino do Messias é o Reino de Deus, pois ele expressa a sua glória; este reino era, porém, um mistério, e as pessoas geralmente estavam em trevas, sujeitas a erros a respeito dele. Observe que quando descrevemos uma coisa para aqueles que não a conhecem, escolhemos fazê-lo por semelhanças. “Você não conhece essa pessoa, mas eu lhe direi com quem ela se parece”; então Cristo aqui mostra a que é semelhante o Reino de Deus (v. 18): “A que compararei o Reino de Deus? (v. 20). Ele será algo bem diferente daquilo que vocês esperam. A dinâmica do Reino de Deus será diferente; a sua estrutura e a maneira como as coisas se processam nele serão muito diferentes daquilo que vocês conhecem”. 1. “Vocês esperam que ele pareça grande, e que chegue à sua perfeição repentinamente; mas vocês estão enganados. Ele é semelhante ao grão de mostarda, uma coisa pequena, que ocupa pouco espaço, que forma uma figura pequena, e que é pouco promissora; no entanto, quando plantada em um solo adequado para recebê-la, ela cresce e se torna uma grande árvore”, v. 19. Talvez muitos fossem preconceituosos contra o Evangelho, e relutassem em prestar obediência a ele, pelo fato do seu começo ter sido muito pequeno; talvez estivessem prontos para dizer, a respeito de Cristo: Este homem pode nos salvar? E talvez dissessem, a respeito do seu Evangelho: Será que ele nos levará a alguma coisa produtiva? Cristo agora iria remover este preconceito, assegurando-os de que embora o seu começo fosse pequeno, no final o Evangelho cresceria grandemente; para que muitos entrassem, passassem a voar com asas, como numa nuvem, para se aninharem em seus ramos com mais segurança e satisfação do que nos ramos da árvore de Nabucodonosor, Daniel 4.21. 2. “Vocês esperam que o Evangelho abra o seu caminho por meios externos, conquistando nações e sobrepujando exércitos, mas ele deve atuar como o fermento, silenciosamente e insensivelmente, e sem qualquer força ou violência, v. 21. Um pouco de fermento levada toda a massa; assim, a doutrina de Cristo espalhará o seu sabor de uma forma discreta pelo mundo da humanidade; e nisto ele triunfa, pois o sabor do seu conhecimento se difunde inexplicavelmente em todos os lugares, além do que alguém poderia ter esperado, 2 Coríntios 2.14. Mas é necessário dar-lhe tempo, esperar a questão da pregação do Evangelho ao mundo, e assim vocês descobrirão

que ele faz maravilhas e altera a propriedade das almas dos homens. O todo será gradualmente levedado. É como o caso da massa e do fermento; a massa está preparada para receber o seu sabor".

II Foi registrado o progresso da jornada de Cristo em direção a Jerusalém: E percorria as cidades e as aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém, v. 22. Aqui encontramos Cristo como um itinerante, mas como um pregador itinerante, percorrendo as cidades em direção a Jerusalém, para participar da festa dos pães asmos, que acontecia no inverno, um período em que era desconfortável viajar. No entanto, Ele estava disposto a cuidar dos negócios de seu Pai. Portanto, quaisquer que fossem as cidades e aldeias pelas quais pudesse passar, Ele as abençoaria proferindo um ou dois sermões, não só nas cidades, mas também nas aldeias. Seja o que for que a Providência nos traga, devemos nos esforçar para fazer todo o bem que pudermos.

Curiosidade Satisfeita. Condenação dos Ensinadores Pecaminosos

vv. 23-30

Temos aqui:

I Uma pergunta feita ao nosso Senhor Jesus. Não sabemos quem fez a pergunta, se um amigo ou um inimigo; porque Ele deu uma grande liberdade para lhe fazerem perguntas, como também respondeu os pensamentos e intenções do coração. A pergunta foi: "São poucos os que se salvam?" *v. 23: ei oligoi hoi sozomenoi – E se os salvos forem poucos?* Mestre, ouvi dizer que tu disseste isto: É verdade?" 1. Talvez esta fosse uma pergunta capciosa. Alguém lhe fez a pergunta, tentando-o, com o propósito de apanhá-lo em uma armadilha e assim diminuir a sua reputação. Se o Senhor dissesse que muitos seriam salvos, eles o reprovariam como sendo negligente demais, acusando-o de fazer da salvação uma coisa insignificante; se poucos, eles iriam reprová-lo como sendo rigoroso e puritano. Os doutores judeus diziam que todo o Israel deveria ter um lugar no mundo por vir; e será que Ele ousaria contradizer este ensino? Aqueles

que têm tirado proveito de uma nação corrupta estão prontos a torná-la o padrão pelo qual se possa medir os juízos de todos os homens; e em nada os homens revelam mais a sua ignorância, presunção e parcialidade, do que ao julgarem a salvação dos outros. 2. Talvez a pergunta tenha sido feita por curiosidade, ou como uma boa especulação. O Senhor tinha discutido este assunto recentemente com os seus companheiros, e todos eles concordaram em encaminhar a questão a Cristo. Observe que muitos são mais inquisitivos com respeito a quem será salvo, e quem não será salvo, do que sobre o que eles mesmos devem fazer para que sejam salvos. As pessoas geralmente perguntam: “Será que este e aquele podem ser salvos?” Mas é melhor que possamos ser salvos sem saber detalhes a respeito da vida dos outros, detalhes que realmente não nos interessam. 3. Talvez fosse uma pergunta ocasionada pela admiração. Ele havia notado como a lei de Cristo era rigorosa, e como o mundo era mau. Assim, comparando-as, ele exclama, “Quão poucos serão salvos!” Note que temos motivos para nos admirar por causa de um fato curioso: a palavra de salvação é enviada a muitos, porém ela só é realmente uma palavra salvadora para poucos. 4. Talvez fosse uma pergunta investigadora: “Se há poucos que são salvos, e então? Que influência isto deveria ter sobre mim?” Note que todos nós temos a responsabilidade de entender seriamente a grande verdade de que poucos serão salvos.

II A resposta de Cristo a esta pergunta, que nos instrui quanto ao uso que devemos fazer desta verdade. O nosso Salvador não deu uma resposta direta a esta indagação, porque Ele veio para guiar a consciência dos homens, e não para matar a curiosidade deles. Não pergunte, “Quantos serão salvos?” mas, a despeito de quantos sejam, “Eu serei um deles?” Não pergunte, “O que acontecerá com este ou com aquele, e o que este homem fará?” mas, “O que farei, e o que acontecerá comigo?” Agora, na resposta de Cristo, observe:

1. Uma exortação e uma direção vivificantes: Porfiai por entrar pela porta estreita. Estas importantes palavras não são dirigidas apenas àquele que fez a pergunta, mas a todos nós, pois ela está no plural: Porfiai vós. Note: (1) Todos aqueles que serão salvos devem entrar pela porta estreita, devem sofrer uma mudança no homem como um todo, o que não significa menos do que nascer de novo, e devem se submeter a uma rígida disciplina. (2)

Aqueles que querem entrar pela porta estreita devem porfiar por entrar. Chegar ao céu é uma questão difícil, e uma bênção que não será conquistada sem uma grande quantidade de cuidado e esforço, de dificuldade e diligência. Devemos nos esforçar na presença de Deus em oração, lutar como Jacó, além de combatermos contra o pecado e Satanás. Devemos nos esforçar em todas as obrigações da fé; nos esforçar em nossos próprios corações, *agonizesthe – estar em agonia*; "Devemos nos esforçar como aqueles que correm por um prêmio; que possamos nos estimular e empenhar ao máximo."

2. Diversas considerações que despertam, para reforçar esta exortação. Ó, que todos nós possamos ser despertados e vivificados por elas! Elas são considerações que servirão para responder a pergunta, São poucos os que se salvam?

(1) Pense em quantos se esforçam pela salvação, e contudo perecem porque não fazem o bastante, e você dirá que há poucos que serão salvos e que isto nos causa uma grande ansiedade para nos esforçarmos: Muitos procurarão entrar e não poderão; eles procuram, mas não se esforçam. Note que o motivo pelo qual muitos carecem de graça e glória é porque eles repousam em uma procura preguiçosa daquilo que não será alcançado sem um árduo esforço. Eles possuem uma boa idéia de felicidade, e uma boa opinião de santidade, e tomam algumas boas atitudes em direção a ambas. Mas as suas convicções são fracas; eles não consideram o que sabem e aquilo em que crêem, e, conseqüentemente, seus desejos são frios, e suas tentativas ineficazes, e não há força ou firmeza em suas decisões. E assim eles não alcançam, e perdem o prêmio, porque não persistem. Cristo prova isto em sua própria palavra: "Eu vos digo". E podemos confiar em sua palavra, porque Ele conhece tanto os conselhos de Deus como os corações dos filhos dos homens.

(2) Pense no dia distinto que está vindo e nas decisões daquele dia, e você dirá que há alguns que serão salvos e que devemos nos preocupar e nos esforçar. *O pai de família se levantará, e cerrará a porta, v. 25*. Cristo é o pai de família, e reconhecerá a todos os que freqüentam a sua casa e são criados dela, examinará aqueles que vêm e vão, e aqueles que passam e repassam. Agora parece que Ele está deixando que as coisas aconteçam livremente; mas está chegando o dia em que Ele se levantará, e cerrará a porta. Que porta? [1] Uma porta de distinção. Agora, dentro do templo da

igreja há professores carnais que adoram no pátio externo, e professores espirituais que adoram dentro do véu; entre estes a porta está aberta, e eles se encontram promiscuamente nas mesmas performances exteriores. Mas, quando o *pai de família se levantar*, a porta será fechada entre eles, para que aqueles que estejam no *pátio externo* possam ser mantidos do lado de fora, e deixados para serem *pisados pelos gentios*, Apocalipse 11.2. Quanto àqueles que estão sujos, feche a porta sobre eles, e deixe que eles se sujem ainda; para que aqueles que estão dentro possam ser mantidos do lado de dentro, e para que aqueles que são santos possam ser ainda mais santos. A porta é fechada para fazer uma separação entre os preciosos e os vis, para que os pecadores não possam mais permanecer na congregação dos justos. Então será possível voltar e discernir entre eles. [2] Uma porta de negação e exclusão. A porta de misericórdia e graça há muito tempo permanecia aberta para eles, mas não entrariam por ela, não seriam devedores do favor desta porta; eles esperavam subir de uma outra forma, e chegar ao céu por seus próprios méritos. Portanto, quando o pai de família se levantar ele irá de forma justa cerrar a porta; que eles não esperem entrar por ela, mas julguem a si mesmos. Assim, quando Noé estava seguro na arca, Deus fechou a porta, para excluir todos aqueles que dependiam de seus próprios abrigos no dilúvio que se aproximava.

(3) Pense em quantos estavam muito confiantes de que seriam salvos, mas que serão rejeitados no dia do julgamento. A confiança que possuem os enganará, e assim você dirá que há poucos que serão salvos e que todos nós deveremos nos esforçar. Considere: [1] Que segurança eles tinham da admissão, e como a esperança deles os levou para longe, até à porta do céu. Ali eles ficam de fora e batem à porta, batem como se tivessem autoridade. Batem como aqueles que pertencem à casa, dizendo: “Senhor, Senhor, abre-nos, porque pensamos que temos direito de entrar; nos aceite dentre aqueles que são salvos, porque nos juntamos a eles”. Note que muitos são destruídos por uma esperança infundada do céu, da qual nunca duvidaram ou suspeitaram. Portanto concluem que o seu estado é bom, devido ao fato de nunca terem duvidado. Eles chamam a Cristo de Senhor, como se fossem seus servos. E como prova de sua importunação, eles falam em dobro, Senhor, Senhor. Desejam entrar por esta porta que anteriormente haviam menosprezado, e agora entrariam alegremente entre estes cristãos sérios a quem haviam desprezado secretamente. [2] Que base eles tinham para esta

confiança. Vejamos qual é sua alegação, v. 26. Primeiro, Eles tinham sido convidados de Cristo, tinham tido um diálogo íntimo com Ele, e tinham participado de seus favores: Temos comido e bebido na tua presença, em tua mesa. Judas comeu pão com Cristo, molhando-o com Ele no prato. Há hipócritas que, sob o disfarce de sua profissão exterior de fé, recebem a ceia do Senhor, e nela participam do pão dos filhos, como se fossem filhos. Em segundo lugar, Eles tinham sido ouvintes de Cristo, tinham recebido instruções dele, e estavam bem familiarizados com a sua doutrina e a sua lei: "Tu tens ensinado nas nossas ruas – um favor distinto, que poucos tinham, e que com certeza poderia ser tomado como uma promessa de favor distinto agora; Pois será que tu nos ensinarias, e não nos salvarias?" [3] Como a confiança deles os reprovará, e todas as suas alegações serão rejeitadas como frívolas. Cristo lhes dirá, Não sei de onde vós sois, v. 25. E outra vez (v. 27), Digo-vos que não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim. Ele não nega que o que eles alegavam fosse verdadeiro; eles haviam comido e bebido em sua preciosa presença, porém no mesmo instante em que tinham comido do seu pão, levantaram contra Ele o seu calcanhar. Ele havia ensinado em suas ruas, e eles haviam desprezado a sua instrução e não se sujeitariam a ela. Portanto, em primeiro lugar Ele não os reconhece: "Não sei de onde vós sois; vós não pertenceis à minha família". O Senhor conhece aqueles que são seus, mas não conhece aqueles que não são dele, e não tem nada a ver com eles: "Não sei de onde vós sois. Vós não sois meus, vós não sois do alto, não sois ramos da minha casa, da minha vinha". Em segundo lugar, Ele os descarta: Apartai-vos de mim. Apartar-se de Cristo é o inferno do inferno. A parte principal da infelicidade dos amaldiçoados. "Apartai-vos da minha porta, aqui não há nada para vós, não, nem uma gota de água". Em terceiro lugar, Ele lhes atribui um caráter que é o motivo desta sentença: Vós todos os que praticais a iniqüidade. Esta é a ruína deles: sob um pretexto de piedade, mantinham um refúgio secreto de pecados, e faziam o trabalho enfadonho e escravizante do diabo, mantendo uma aparência de cristãos. [4] Quão terrível será o castigo deles (v. 28): Ali haverá choro e ranger de dentes, o grau máximo de dor e indignação. E aquilo que é a sua causa, e que contribui com ela, é uma visão da felicidade daqueles que são salvos: Quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus; e vós lançados fora. Observe aqui, em primeiro lugar, que os santos do Antigo Testamento estão no Reino de Deus; estes

foram beneficiados pelo Messias que morreu e ressuscitou, porque eles viram o seu dia à distância e isto refletiu a consolação sobre eles. Em segundo lugar, que os pecadores do Novo Testamento serão lançados fora do Reino de Deus. Isto sugere que eles estarão forçando a entrada, e presumirão a sua admissão, porém em vão. Eles serão lançados fora envergonhados, não tendo parte ou porção nele. Em terceiro lugar, que a visão da glória dos santos será um grande agravo da infelicidade do pecador; eles então verão o Reino de Deus de longe, e nele contemplarão os profetas a quem odiaram e desprezaram, e eles mesmos, embora estivessem certos de entrarem no reino, serão lançados fora. Esta é a principal razão pela qual *rangerão os dentes*, Salmos 112.10.

(4) Pense em quem são aqueles que serão salvos: E virão do Oriente, e do Ocidente, e os derradeiros serão os primeiros, vv. 29,30. [1] Pelo que Cristo disse, parece que apenas poucos serão salvos dentre aqueles que pensamos ser os mais prováveis, e que parecem ser os mais justos. No entanto, ninguém diga que o Evangelho é pregado em vão; pois mesmo que Israel não seja reunido, Cristo será glorioso. Virão muitos de todas as partes do mundo gentílico que serão admitidos no reino da graça neste mundo, e da glória no mundo porvir. Então está claro que, quando chegarmos ao céu, encontraremos muitos que sequer pensávamos encontrar naquele maravilhoso lugar, e talvez sentiremos a falta de muitos que verdadeiramente esperávamos encontrar ali. [2] Aqueles que se assentam no Reino de Deus, esforçaram-se para chegar ali, pois vieram de longe – do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul; eles tinham passado por diferentes climas, tinham atravessado muitas dificuldades e desânimos. Isto mostra que aqueles que entrarão neste reino deverão se esforçar, como a rainha de Sabá, que veio das partes mais longínquas da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. Aqueles que viajam agora a serviço de Deus e da fé, em breve se assentarão para repousar no Reino de Deus. [3] Muitos que aparentemente iriam para o céu ficarão frustrados; e outros que pareciam rejeitados, e lançados para fora do caminho, vencerão e exibirão este prêmio. Portanto, cabe a nós nos esforçarmos para entrar. Sejamos incitados – como Paulo desejava que os judeus pudessem ser – a uma santa emulação, pelo estímulo e disposição dos gentios, Romanos 11.14. Serei superado pelos meus aprendizes? Eu, que comecei primeiro, e que estive mais perto, perderei o céu, enquanto outros, menos prováveis, entrarão

nele? Se esta bênção é alcançada através do esforço, por que não devo me esforçar?

A Mensagem de Cristo a Herodes

vv. 31-35

Aqui está:

I Uma sugestão a Cristo do perigo que corria por causa de Herodes, agora que Ele estava na Galiléia, dentro da jurisdição de Herodes (v. 31): Uns fariseus (porque havia membros desta seita espalhados por toda a nação) vieram a Cristo, fingindo amizade e uma preocupação pela sua segurança, e lhe disseram: Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te. Em outras palavras, É melhor você se retirar para que ele não lhe faça o que fez com João. Alguns pensam que estes fariseus não tinham nenhum motivo para dizer isto, que Herodes não havia pronunciado qualquer palavra neste sentido. Aqueles judeus teriam forjado esta mentira para expulsá-lo da Galiléia, onde o povo demonstrava um interesse grande e crescente pelo Senhor Jesus. Eles queriam que o Senhor fosse para a Judéia, onde sabiam que havia aqueles que realmente buscavam a sua vida. Mas como a resposta de Cristo foi dirigida ao próprio Herodes, parece que os fariseus tinham motivos para dizer o que disseram. Herodes poderia estar enfurecido contra Cristo, planejando algum ato iníquo, devido ao testemunho honroso que o Senhor havia dado tanto a respeito de João Batista, como da doutrina do arrependimento que João pregava. Herodes estava disposto a se livrar de Cristo e tirá-lo de seus domínios; e como não conseguiu matá-lo, esperava que Ele se retirasse devido a esta mensagem ameaçadora.

II O desafio de Cristo à fúria de Herodes e também à dos fariseus; Ele não teme nem um nem outro: Ide e dizei àquela raposa, v. 32. Ao chamá-lo de raposa, o Senhor lhe atribui o seu verdadeiro caráter; porque ele era sutil como uma raposa, famoso por sua artimanha, e perfídia, e baixeza, e rapina (como se diz de uma raposa) longe de seu próprio covil. E, embora este seja um caráter sombrio e vil, não foi Cristo quem o deu. O Senhor Jesus também não violou a lei, que dizia: Não falarás mal do governante do teu

povo. Cristo era um profeta, e os profetas sempre tiveram plena liberdade de falar ao reprovarem príncipes e homens ilustres. Porém Cristo era mais do que um profeta, Ele é o Rei, o Rei dos reis, e até mesmo o maior dos homens estava sujeito a Ele. Portanto lhe convinha chamar este rei orgulhoso pelo próprio nome; mas não devemos tomar isto como exemplo para nós. “Ide e dizei àquela raposa, sim, e a esta raposa também” (pois assim está no original, *te alopeki taute*); “aquele fariseu, seja lá quem for, que sussurra isto ao meu ouvido, seja avisado de que eu não o temo, nem considero suas ameaças”. Porque: 1. “Eu sei que devo morrer, e devo morrer em breve; eu espero por isso, e conto com isso, no terceiro dia”, isto é, “muito breve; a minha hora está próxima”. Note que será de grande ajuda para nós, acima do medo da morte, e daqueles que detém o poder da morte, nos familiarizarmos com a morte, esperá-la, pensar nela, falar sobre ela, e vê-la de perto. “Se Herodes me matar, ele não me surpreenderá.” 2. “Eu sei que a morte não me trará nenhum prejuízo, pois ela foi a minha escolha; portanto, diga-lhe que não tenho medo dele; quando Eu morrer, serei aperfeiçoado. Terei então consumado a parte mais difícil da minha missão; terei concluído o assunto de que vim tratar;” *teleioumai – serei consagrado*. Foi dito que quando Cristo morreu, Ele santificou a si mesmo; Ele consagrou a si mesmo em seu ofício sacerdotal, através do seu próprio sangue. 3. “Eu sei que nem Herodes nem ninguém pode me matar até que Eu tenha feito a minha obra. Ide e dizei a ele que eu não dou valor à sua fúria impotente. Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã,” isto é, “agora e por algum tempo ainda, apesar dele e de todas as suas ameaças. Eu devo andar, eu devo continuar em minha jornada planejada, e Herodes não tem poder para me impedir. Devo percorrer vários lugares, como costumo fazer, pregando e curando, hoje, amanhã, e depois de amanhã”. Note que é bom observarmos o tempo que temos à nossa frente como sendo realmente escasso, dois ou três dias talvez possam ser o máximo, para que possamos ser assim estimulados a fazer a obra do dia em seu dia. E é uma grande consolação para nós – com relação ao poder e à malícia dos nossos inimigos – saber que eles não têm nenhum poder para nos expulsar, desde que Deus tenha algum trabalho para fazermos. As testemunhas não foram assassinadas antes que tivessem terminado seu testemunho. 4. “Eu sei que Herodes não pode me fazer nenhum mal, não só porque o meu tempo ainda não chegou, mas porque o lugar designado para

a minha morte é Jerusalém, uma cidade que não está dentro de sua jurisdição". Um profeta não pode morrer fora de Jerusalém, isto é, em nenhum outro lugar além de Jerusalém. Se um verdadeiro profeta fosse morto em outra cidade, ele seria acusado de ser um falso profeta. Agora, ninguém experimentava ou julgava os profetas além do grande Sinédrio, que sempre se reunia em Jerusalém. Esta era uma causa da qual as cortes inferiores não tomavam conhecimento; portanto, se um profeta fosse morto, isto deveria acontecer em Jerusalém.

III O seu lamento por Jerusalém, e a sua denúncia de ira contra a cidade, vv. 34,35. Este assunto está registrado em Mateus 23.37-39. Alguns pensam que talvez isto não tenha sido dito agora na Galiléia, mas o evangelista, não pretendendo apresentar estas palavras em seu próprio lugar, as insira aqui, na ocasião em que Cristo mencionou que a sua morte ocorreria em Jerusalém.

Note: 1. A iniqüidade de pessoas e locais que mais eminentemente do que outros professam uma religiosidade em relação a Deus é, de modo particular, ainda mais provocante e contristante ao Senhor Jesus. Quão pateticamente Ele fala do pecado e da ruína desta cidade santa! Ó Jerusalém! Ó Jerusalém! 2. Se aqueles que desfrutam uma grande quantidade de meios da graça não forem beneficiados por estes, serão freqüentemente predispostos contra eles. Estes são os que não ouvem os profetas, nem recebem aqueles a quem Deus lhes envia, matando e apedrejando estes servos do Senhor. Se as corrupções dos homens não forem dominadas, elas serão provocadas. 3. Jesus Cristo se mostrou disposto e desejoso de receber e confortar as pobres almas que viessem a Ele, colocando-as sob a sua proteção: Quantas vezes, quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, com tanto cuidado e carinho! 4. O motivo pelo qual os pecadores não são protegidos e sustentados pelo Senhor Jesus – como os pintinhos o são pela galinha – é que eles não querem: Eu quis, eu quis freqüentemente, e não quiseste. A boa vontade e a disposição de Cristo agravam a má vontade dos pecadores, deixando o seu sangue sobre as suas próprias cabeças. 5. A casa que Cristo deixa, fica desolada. O Templo – embora ricamente adornado, embora muito freqüentado – ficará deserto, se Cristo o abandonar. Ele deixou o Templo para os judeus; eles tinham feito do templo um ídolo. O Senhor

permitiu que se apropriassem deste ídolo, e fizessem o melhor que pudessem com ele. Cristo não os incomodaria mais. 6. Cristo – de modo muito justo – se retira daqueles que o mandam embora. Eles não seriam reunidos por Ele; e, assim, o próprio Senhor lhes disse: “Não me vereis mais, não me ouvireis mais”. Moisés disse algo muito parecido ao Faraó, quando este o proibiu de estar em sua presença, Êxodo 10.28,29. 7. O juízo do grande dia convencerá, efetivamente, os incrédulos que agora não serão convencidos: “Então direis, Bendito aquele que vem”, isto é, “estareis felizes por estardes entre aqueles que dizem estas palavras, porém não me vereis como o Messias até que seja tarde demais.”

CAPÍTULO 14

Neste capítulo temos: I. A cura que nosso Senhor Jesus operou em um homem hidrópico, em um sábado, e sua justificativa a esse respeito contra aqueles que se ofenderam por Ele ter feito um milagre nesse dia, vv. 1-6. II. Uma lição de humildade dada àqueles que eram ambiciosos, desejando os lugares de maior destaque, vv. 7-11. III. Uma lição de caridade àqueles que jantavam com os ricos, e que não alimentavam os pobres, vv. 12-14. IV. O sucesso do Evangelho não predito na parábola dos convidados que foram chamados a uma ceia, significando a rejeição dos judeus e de todos os outros que colocavam os seus corações neste mundo, e a festa dos gentios e de todos os que vêm para serem satisfeitos com Cristo, vv. 15-24. V. A grande lei do discipulado é estabelecida, com uma advertência a todos os que serão discípulos de Cristo para se incumbirem deliberadamente e com consideração, e particularmente aos ministros, para que retenham o seu sabor, vv. 25-35.

A Cura de um Hidrópico

vv. 1-6

Nesta passagem da história encontramos:

I Que o Filho do Homem veio comendo e bebendo, conversando intimamente com todos os tipos de pessoas; não rejeitando a companhia

de publicanos, embora eles fossem de má fama. O Senhor também não rejeitava os fariseus, embora eles o tratassem com má vontade, mas aceitava os convites amistosos tanto de uns como dos outros, para que, se possível, pudesse fazer o bem a ambos. Aqui Ele entrou na casa de um dos principais dos fariseus, um príncipe, talvez, e um magistrado em sua terra, para comer pão no sábado, v. 1. Veja como Deus é favorável a nós, de forma que Ele nos concede tempo, mesmo em seu próprio dia, para a reabilitação física; e como devemos ser cuidadosos para não abusarmos desta liberdade, ou transformá-la em licenciosidade. Cristo foi ali apenas para comer pão, para ter um pouco de descanso como era necessário no sábado. Nossas refeições, em nosso dia de repouso cristão, devem, com um cuidado especial, ser guardadas contra qualquer tipo de excesso. Nestes dias, devemos fazer como Moisés e Jetro fizeram: comer pão diante de Deus (Êx 18.12). E, como é dito a respeito dos primeiros cristãos, no dia do Senhor devemos comer e beber como aqueles que devem orar novamente antes de ir descansar, para que não estejamos inadequados para o serviço ao Senhor.

II Que o Senhor Jesus andou fazendo o bem. Onde quer que entrasse, o Senhor buscava oportunidades para fazer o bem, e não só beneficiava aqueles que surgiam em seu caminho. Aqui estava um certo homem hidrópico, v. 2. Não encontramos que este tenha se oferecido, ou que tenha sido apresentado ao Senhor pelos seus amigos para que fosse um dos pacientes de Cristo, mas Cristo antecipou-se e lhe concedeu as bênçãos de sua bondade. E antes que o homem o chamasse, o bondoso Senhor lhe respondeu. Observe que é uma coisa feliz estar onde Cristo está, estar na presença dEle, mesmo que não sejamos apresentados a Ele. É provável que este homem sofresse de hidropisia em um grau elevado, e parecesse estar bastante inchado por causa disso. Provavelmente ele tivesse algum parentesco com o fariseu, e estivesse hospedado em sua casa. Esta possibilidade nos parece mais provável do que considerar que ele tenha sido um convidado.

III Que o Senhor resistiu à oposição dos pecadores contra si: Eles o estavam observando, v. 1. Parece que o fariseu que o convidou fez isto com a intenção de confrontá-lo em alguma discussão; se foi assim, Cristo sabia disso, e foi mesmo assim, porque Ele sabia que era suficientemente

sábio (Ele é a fonte da sabedoria!) para enfrentar o mais sutil deles, e sabia como ordenar os seus passos com um olho em seus observadores. Aqueles que são observados precisam ser cautelosos. Como observa o Dr. Hammond, é contrário a todas as leis da hospitalidade procurar vantagem contra alguém que você chamou para ser seu convidado, porque este passa a estar sob a sua proteção. Estes doutores da lei e fariseus, como o passarinheiro que fica aguardando para apanhar os pássaros em armadilhas, ficaram calados, e agiram silenciosamente. Quando Cristo lhes perguntou se eles achavam lícito curar no sábado (e aqui é dito que Ele lhes respondeu, porque foi uma resposta aos seus pensamentos; os pensamentos são palavras para Jesus Cristo), eles não disseram nem sim nem não, porque a intenção deles era colher informações contra o Senhor, e não serem informados por Ele. Eles não quiseram dizer que era lícito curar, porque então ficariam impossibilitados de lhe imputar isto como um crime. No entanto, a situação era tão clara e evidente que eles não puderam, por vergonha, dizer que não era lícito. Note bem que os homens bons têm sido freqüentemente perseguidos por fazer aquilo que nem mesmo seus perseguidores, se estes permitissem que suas consciências falassem, poderiam deixar de reconhecer como sendo lícito e bom. Cristo fez muitas obras boas, pelas quais eles apedrejaram tanto a Ele como o seu precioso nome.

IV Que Cristo não seria impedido de fazer o bem pela oposição e contradição dos pecadores. Ele o tomou, o curou, e o despediu, v. 4. Alguns pensam que, talvez, o Senhor o tenha levado para uma outra sala, e o tenha curado ali, porque o Senhor Jesus não queria se promover, tal era sua humildade. E também não desejava provocar seus adversários, tal era sua sabedoria, e a mansidão de sua sabedoria. Observe que, embora não devamos ser desviados da nossa obrigação pela malícia dos nossos inimigos, devemos ordenar as circunstâncias dela, de forma a torná-la a menos ofensiva. Há também outra possibilidade: Ele o tomou, isto é, impôs suas mãos sobre ele, para curá-lo; *epilabomenos*, *complexus – ele o abraçou, tomou-o em seus braços*, grande e pesado como era (pois as pessoas hidrópicas geralmente são assim), e restaurou a sua forma. A cura de um hidrópico, assim como de qualquer outro enfermo ou de qualquer outra enfermidade, alguém poderia pensar, deve ser gradual. No entanto,

Cristo curou até mesmo aquela doença, curou-a perfeita e imediatamente. Então o despediu, para que os fariseus não se lançassem sobre ele por ter sido curado. Não obstante, fosse completamente inofensivo. Por quais absurdos não seriam estes homens, como eram mesmo, culpados?

V Que o nosso Senhor Jesus não fez nada além daquilo que Ele poderia justificar, para a condenação e confusão daqueles que discutiram com Ele, vv. 5,6. Ele ainda respondeu aos seus pensamentos, e fez calar – através da vergonha – aqueles que antes se calaram por astúcia, através de um apelo à sua própria prática, o que Ele costumava fazer em tais ocasiões, para que pudesse lhes mostrar como estavam condenando a si mesmos, ao condená-lo: Qual de vocês será o que, caindo-lhe num poço, por acidente, em um sábado, o jumento, ou o boi, não o tire logo? Será que algum de vocês não tiraria o animal rapidamente desta situação difícil, sem esperar que o sábado acabe, para que este não morra? Observe que não é tanto devido à compaixão pela pobre criatura que eles fazem isso, mas pelo seu próprio interesse. É o seu próprio boi, ou o seu próprio jumento, que vale dinheiro, e por esta razão eles dispensarão a lei do sábado para salvá-lo. Agora esta era uma evidência da hipocrisia deles; não era por nenhuma consideração verdadeira ao sábado que eles procuravam criticar o Senhor Jesus Cristo por ter curado no sábado (isto era apenas um pretexto), mas porque na verdade eles estavam furiosos com as boas obras miraculosas que Cristo operou, e com a prova que dessa maneira o Senhor dava de sua missão divina. Eles também se enfureciam por causa do interesse que o Senhor assim despertava entre o povo. Muitos podem facilmente dispensar a obediência ao Senhor devido aos seus próprios interesses, mas assim perderão a oportunidade de glorificar a Deus e de fazer o bem aos seus irmãos. Este pergunta os fez calar: E nada lhe podiam replicar sobre isso, v. 6. Cristo será sempre justificado quando falar. E toda boca deve se calar diante dele.

A Humildade É Recomendada

vv. 7-14

O nosso Senhor Jesus nos dá um exemplo de discurso útil e edificante em nossas mesas, quando estamos na companhia dos nossos amigos.

Descobrimos que quando Ele está apenas na companhia de seus discípulos, que eram a sua própria família, à mesa, a sua conversa com eles era boa, e servia para a edificação. E não somente isto, mas, quando estava em companhia de estranhos, e até mesmo com inimigos que o observavam, o Senhor aproveitava a ocasião para reprovar neles o que via de errado, e para instruí-los. Embora os ímpios estivessem diante dele, o Senhor não se calava acerca do bem (como fez Davi, Salmos 39.1,2), porque, apesar da provocação, Ele não tinha o coração quente dentro de si, nem o seu espírito estava perturbado. Não podemos permitir qualquer comunicação corrupta em nossas mesas, como também a conversa dos escarnecedores hipócritas em banquetes. Devemos ir além de uma conversa inofensiva e comum, aproveitando a ocasião da bondade de Deus que nos é oferecida em nossas mesas para falarmos bem dele, e aprendermos a espiritualizar as coisas comuns. Os lábios dos justos devem alimentar a muitos. Nosso Senhor Jesus estava entre pessoas de qualidade. Entretanto, como alguém que não respeitava a aparência das pessoas:

I Ele aproveita a ocasião para reprovar os convidados por lutarem para conseguir os primeiros assentos, e assim nos dá uma lição de humildade.

1. O Senhor observou como estes doutores da lei e fariseus tinham uma predileção pelos primeiros assentos, próximos da cabeceira da mesa, v. 7. Ele havia repreendido este tipo de comportamento (cap. 11.43). Aqui, o Senhor repreende pessoas específicas, porque Cristo dará a cada um o que lhe pertence. Ele reparou como eles escolhiam os primeiros assentos. Todo homem, ao entrar, chegava-se o mais perto possível dos melhores assentos. Note bem que, mesmo nas ações comuns da vida, o olhar de Cristo está sobre nós. E Ele observa o que fazemos, não só em nossas reuniões religiosas, mas em nossas mesas. E faz observações sobre isso.

2. Ele observou como aqueles que estavam aspirando as melhores posições, freqüentemente, expunham-se, e saíam com uma crítica. Ao passo que, aqueles que eram modestos, e se assentavam nos últimos assentos, ganhavam freqüentemente respeito por esta atitude. (1) Aqueles que, quando entram, assumem os primeiros lugares, podem talvez ser rebaixados, e forçados a descer para dar lugar a pessoas mais dignas, vv. 8,9. Observe que isto deve nos fazer parar para avaliar a estima elevada que temos de nós mesmos, e pensar em quantos há que são mais dignos do que

nós, não só em respeito às dignidades terrenas, mas aos méritos e conquistas pessoais. Em vez de ficarmos orgulhosos de que tantos dêem o lugar a nós, devemos nos manter humildes por haver tantos a quem devamos dar o nosso lugar. O Senhor das bodas colocará em ordem seus convidados, e não tolerará que o mais digno seja mantido fora do lugar que lhe é devido. Portanto, Ele ousará colocar mais para baixo aquele que o usurpou. Dê o lugar a este homem; e isto será uma desgraça diante de toda a companhia para aquele que seria considerado mais digno do que realmente é. Note bem, o orgulho trará vergonha, e por fim trará a queda. (2) É provável que, aqueles que se contentam com os lugares menos elevados, sejam os mais dignos e honrados (v. 10): “Vai e assenta-te no derradeiro lugar, como que tendo a certeza de que o teu amigo, que te convidou, tem convidados a chegar que são de posição e qualidade superiores às suas. Mas, talvez, isto não seja assim, e então será dito a ti. Amigo, assenta-te mais para cima. O Senhor das bodas será, assim, justo para contigo e não te deixará na extremidade inferior da mesa, porque foste modesto ao te assentares ali”. Observe que o caminho para subir bem alto é começar de baixo, e isto recomenda um homem àqueles que estão ao seu redor: “Tu terás honra e respeito diante daqueles que se assentam contigo. Eles verão a ti como um homem honrado, além daquilo que eles a princípio pensavam; e a honra parecerá mais brilhante vindo da obscuridade. Eles igualmente verão a ti como um homem humilde, que é a maior honra de todas. O nosso Salvador aqui faz referência ao conselho de Salomão (Pv 25.6, 7), Não te ponhas no lugar dos grandes; porque é melhor que te digam: Sobe para aqui. Do que seres humilhado. O Dr. Lightfoot cita uma parábola dos rabinos, um pouco semelhante a esta: “Três homens,” ele disse, “foram convidados para um banquete. Um sentou-se no lugar mais alto, dizendo, eu sou um príncipe. Outro se sentou a seu lado dizendo: eu sou um homem sábio. O outro no lugar mais baixo, dizendo, eu sou um homem humilde. O rei colocou o homem humilde assentado no lugar mais alto, e colocou o príncipe no lugar mais baixo.”

3. O Senhor aplicou este exemplo de uma forma geral, e queria que todos nós aprendêssemos a não nos importarmos com as coisas elevadas, mas nos contentarmos com as coisas simples, tanto por outras razões, como por esta, porque o orgulho e a ambição são vergonhosos diante dos homens: “porque qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado”; mas a humildade e a

renúncia pessoal são realmente honrosas: “Aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado”, v. 11. Vemos em outros exemplos que o orgulho de um homem o abaterá, mas a honra exaltará o humilde de espírito. E antes da honra, está a humildade.

II Ele aproveita a ocasião para reprovar o senhor da ceia por convidar tantas pessoas ricas, que tinham recursos para jantar muito bem em casa, quando ele deveria, antes, ter convidado os pobres, ou, o que seria bom, ter enviado porções àqueles para quem nada foi preparado, e que não poderiam se dar ao luxo de uma boa refeição. Veja Neemias 8.10. O nosso Salvador aqui nos ensina que o uso do que temos em obras de caridade é melhor, e terá um proveito melhor do que o uso em obras de generosidade e em serviços domésticos grandiosos.

1. “Não ambiciones banquetear os ricos. Não chames teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos”, v. 12. Isto não proíbe que se agrade a estes. Pode haver ocasião para isso, para o cultivo de amizade entre parentes e vizinhos. Mas: (1) “Não faças disso um hábito comum. Gasta nisso o mínimo que puderes, para que não possas incapacitar-te a ti mesmo para gastardes teus recursos de modo muito melhor, dando esmolas. Oferecer um banquete a pessoas ricas é algo muito caro e incômodo. O que se gasta com uma ceia para os ricos pode proporcionar muitas refeições para os pobres”. Salomão disse: O que dá ao rico certamente empobrecerá, Provérbios 22.16. “Dá” (disse Plínio, *Epist.*) “aos teus amigos. Mas que sejam os teus amigos pobres, e não aqueles que não precisam de ti.” (2) “Não tenhas orgulho disso”. Muitos fazem banquetes apenas para se exibir, como fez Assuero (Et 1.3,4), e não é nenhuma reputação a eles, pensam, se não tiverem pessoas de qualidade para jantar com eles, e assim roubam suas famílias, para satisfazer a sua extravagância. (3) “Não tenhas como meta ser recompensado com a mesma moeda”. Isto é o que nosso Salvador classifica como erro ao se fazerem tais banquetes: “Fazes isto geralmente na esperança de serdes convidado por eles, e, assim, uma recompensa te será dada. Tu serás gratificado com tantas guloseimas e variedades quanto serviste aos teus amigos. E isto alimentará a tua sensualidade e luxúria, e tu realmente não ganharás nada no final.”

2. “Anseie aliviar os pobres (vv. 13,14): Quando fizeres convite, em vez de proveres a ti mesmo com o que é raro e bom, enche a tua mesa com

abastança de alimentos simples e saudáveis, que não serão tão caros, e convide os pobres e aleijados, os quais não têm nada com que viver, nem são capazes de trabalhar para sustentarem-se. Estes são objetos de caridade; eles são necessitados; dê a eles, e eles te recompensarão com orações; eles irão louvar as tuas provisões, que os ricos, talvez, desprezem. Eles partirão, e agradecerão a Deus por ti; quando os ricos forem embora, te criticarão. Não digas que tu és um perdedor, porque eles não podem te recompensar, ou que tiveste prejuízo; não, isto é planejado em benefício do teu melhor interesse, e tem a melhor garantia, porque tu serás recompensado na ressurreição dos justos". Haverá uma ressurreição dos justos, um estado futuro dos justos. Há um estado de felicidade reservado para estes no outro mundo; e podemos estar certos de que o caridoso será lembrado na ressurreição dos justos, porque as esmolas são obras de justiça. As obras de caridade talvez possam não ser recompensadas neste mundo, porque as coisas deste mundo não são as melhores coisas. Portanto, Deus não retribui aos melhores homens com estas coisas; mas eles de forma alguma perderão sua recompensa; eles serão recompensados na ressurreição. Será descoberto que as viagens mais longas trazem os retornos mais ricos, e que os caridosos não serão perdedores, mas ganhadores indescritíveis que terão sua recompensa adiada até à ressurreição.

Os Convites Generosos. A Ceia Desprezada

vv. 15-24

Aqui está um outro discurso do nosso Salvador, no qual Ele espiritualiza a ceia para a qual Ele foi convidado, que é uma outra maneira de manter uma boa conversa em meio a ações comuns.

I A ocasião do discurso foi dada por um dos convidados, que, quando Cristo estava ensinando sobre como proceder em ceias, lhe disse, Bem aventurado o que comer pão no Reino de Deus (v. 15), o que, alguns nos dizem, era um dito comum entre os rabinos.

1. Mas com que propósito este homem faz este comentário? (1) Talvez este homem, observando que Cristo reprovou primeiro os convidados e depois o senhor da casa, temendo que Ele fosse irritar o grupo, fez este

comentário para mudar de assunto. Ou: (2) Admirando as boas normas de humildade e caridade que Cristo agora tinha apresentado, mas perdendo a esperança de vê-las alcançando o presente estado degenerativo das coisas, ele anseia pelo Reino de Deus, quando estas e outras boas leis prevalecerão, e declara bem-aventurados aqueles que terão um lugar naquele Reino. Ou: (3) Tendo Cristo mencionado a ressurreição dos justos como uma recompensa por atos de caridade aos pobres, o homem aqui confirma o que o Senhor disse, “Sim, Senhor, aqueles que forem recompensados na ressurreição dos justos, comerão pão no Reino, e esta é uma recompensa maior do que ser convidado de novo para a mesa do maior homem da terra”. Ou: (4) Observando Cristo em silêncio, depois de ter apresentado as lições anteriores, ele estava disposto a trazê-lo para mais uma conversa, por ter ficado tão maravilhosamente satisfeito com aquilo que o precioso Salvador disse; e o homem não conhecia nada que mais provavelmente envolveria o Senhor Jesus do que a menção do Reino de Deus. Observe que até mesmo aqueles que não têm a capacidade de conduzir uma boa conversa, deveriam introduzir uma palavra de vez em quando, para dar apoio à conversa, e ajudá-la a se desenvolver.

2. Agora, o que este homem disse foi uma verdade clara e reconhecida, e foi citada muito apropriadamente no momento em que eles estavam sentados à mesa; porque devemos aproveitar a ocasião das coisas comuns para pensar e falar das coisas celestiais e espirituais que nas Escrituras são comparáveis a elas, porque esta é uma das finalidades de se tomar emprestado as analogias delas. E será bom para nós, quando estivermos recebendo os dons da providência de Deus, considerarmos as situações para que possamos levar em conta os dons de sua graça, que são as melhores coisas. Este pensamento será muito oportuno quando estivermos participando dos revigoramentos físicos: Bem-aventurado o que comer pão no Reino de Deus. (1) No Reino da graça, no Reino do Messias, cujo estabelecimento era aguardado naquela ocasião, ou em breve. Cristo prometeu aos seus discípulos que eles comeriam e beberiam com Ele em seu Reino. Aqueles que participam da ceia do Senhor, estão comendo pão no Reino de Deus. (2) No Reino de glória, na ressurreição. A felicidade do céu é uma ceia eterna; bem-aventurados serão aqueles que se assentarem naquela mesa, de onde não se levantarão mais.

II A parábola que o nosso Senhor Jesus apresenta nesta ocasião, v. 16 e seguintes. Cristo se junta ao homem bom no que ele diz: “É bem verdade, Bem-aventurados são aqueles que participam dos privilégios do Reino do Messias. Mas, quem são estes que desfrutarão este privilégio? Vós judeus, que pensais ter o monopólio dele, de modo geral o rejeitareis, e os gentios serão os maiores participantes dele”. O Senhor mostra esta realidade através de uma parábola, porque se tivesse dito isto claramente, os fariseus não teriam tolerado. Agora, na parábola podemos observar:

1. A graça e a misericórdia gratuita de Deus, brilhando no Evangelho de Cristo; aparecem:

(1) Na rica provisão que Ele proporcionou às pobres almas, para a sua alimentação, descanso, e diversão (v. 16): Um certo homem fez uma grande ceia. Há uma provisão em Cristo e na graça do Evangelho que será comida e uma ceia para a alma do homem que conhece as suas próprias capacidades, para a alma de um pecador que conhece as suas próprias necessidades e misérias. É chamada de ceia, porque naquelas terras a hora do jantar era a principal hora dos banquetes, a ocasião em que os negócios do dia estavam acabados. A manifestação da graça do Evangelho ao mundo era o anoitecer do dia do mundo; e o gozo da plenitude desta graça no céu está reservado para o anoitecer do nosso dia.

(2) No convite misericordioso que nos foi feito para que participemos desta provisão. Aqui está: [1] Um convite gera: Ele convidou a muitos. Cristo convidou toda a nação e todo o povo judeu para participar dos benefícios de seu Evangelho. Há uma provisão suficiente para tantos quantos quiserem; ela foi profetizada como uma festa para todos os povos, Isaías 25.6. Cristo, no Evangelho, não só mantém uma boa casa, mas Ele também mantém uma casa aberta. [2] Um lembrete específico foi dado, quando a hora da ceia estava chegando; o servo foi enviado para lembrá-los da ceia: Vinde, que já tudo está preparado. Quando o Espírito foi derramado, e a igreja do Evangelho foi plantada, aqueles que antes foram convidados foram solicitados mais de perto a entrar imediatamente: Já tudo está preparado, a descoberta total do mistério do Evangelho já está feita, todas as ordenanças do Evangelho estão agora instituídas, a sociedade dos cristãos já está incorporada, e, a bênção que coroa tudo – o Espírito Santo – já foi concedida à igreja do Senhor. Esta é a convocação que nos é feita agora: “Já tudo está preparado, agora é a hora aceitável; é agora, e não

demorou muito; é agora, e não demorará muito; é um período da graça que logo terminará. Portanto, venham agora; não demorem; aceitem o convite; considerem-se bem-vindos; comam, ó amigos; bebam, sim bebam abundantemente, ó amados."

2. A recepção fria que a graça do Evangelho encontra. Os convidados recusaram o convite. Eles não disseram diretamente e claramente que não queriam ir, mas todos à uma começaram a se escusar, v. 18. Esperava-se que todos eles em um só consenso fossem para a boa ceia, por serem tão gentilmente convidados para ela; quem teria recusado um convite desse? No entanto, ao contrário da lógica, todos encontraram algum pretexto para não comparecer. Isto indica a desconsideração geral da nação judaica para aceitar a Cristo e as ofertas de sua graça, e o desprezo com que trataram o seu convite. Isto também sugere a relutância que há na maioria das pessoas em aceitar o chamado do Evangelho. Eles não podem, por vergonha, admitir a sua recusa, mas querem ser escusados: todos eles agem de uma forma inadequada; alguns alegam falta de tempo, e outros dão uma resposta improvisada. Porém não precisariam criar subterfúgios, e não deveriam procurar desculpas; deveriam aceitar tão rico convite. Outros declararam que precisavam servir aos ídolos de suas vidas; e nisto eles foram unânimes. (1) Aqui estavam dois que eram negociantes, que estavam com tanta pressa de partir e ver o que compraram, que não podiam encontrar tempo para ir a esta ceia. Um havia comprado terras. Ele havia comprado um campo, que representava para ele uma boa barganha, e precisava ver se tinha sido ou não um bom negócio; portanto, rogo-te que me hajas por escusado. O seu coração estava tão envolvido em aumentar o seu patrimônio que ele não pôde ser gentil com o seu amigo nem bom consigo mesmo. Note bem que aqueles que têm os seus corações cheios das coisas do mundo, e que gostam de aumentar o seu patrimônio com casas e campos, têm os seus ouvidos surdos ao convite do Evangelho. Mas que desculpa frívola esta! Ele poderia ter adiado a visita ao seu novo campo até o dia seguinte, se assim quisesse, e o teria encontrado no mesmo lugar e situação em que estava agora. Um outro havia comprado animais para a sua terra. "Comprei cinco juntas de bois para lavrar a terra e devo ir agora e experimentá-los, ver se eles servem para o meu propósito; portanto, rogo-te que me hajas por escusado". O primeiro sugere uma complacência excessiva para com o mundo. Este é o cuidado e a preocupação excessivos com o mundo, que afastam as pessoas

de Cristo e de sua graça; ambos sugerem uma preferência ao corpo acima da alma, e com as coisas temporais acima das coisas eternas. Observe que é um crime o fato de darmos desculpas pela nossa desconsideração às tarefas a que somos chamados: isto é sinal de que há convicções que são obrigações, mas não uma tendência do nosso coração e da nossa vontade. Estas coisas aqui, que eram o motivo das desculpas, eram: [1] Coisas pequenas, e de pequena preocupação. Seria melhor que eles tivessem dito, "Sou convidado a comer pão no Reino de Deus, e assim devo ser escusado de ir ver o campo ou os bois." [2] Coisas lícitas. Note que as coisas lícitas em si, quando o coração está envolvido demais nelas, provam ser obstáculos fatais à fé e à religião – *Licitus perimus omnes*. É algo muito difícil lidar com os nossos assuntos terrenos de forma que eles não possam nos desviar das buscas espirituais; e esta deve ser a nossa principal preocupação. (2) Aqui estava um que era recém-casado, e não poderia deixar a sua esposa para ir à ceia, não, nem por uma vez (v. 30): Casei, e, portanto, em suma, não posso ir. Ele finge não poder, quando, na verdade, não quer ir. Assim muitos fingem que estão incapacitados para as obrigações da fé e da religião quando, na verdade, têm uma aversão a elas. Ele se casou. É verdade que aquele que se casava era justificado pela lei por não ir para a guerra no primeiro ano (Dt 24.5), mas isto o isentaria de subir às festas do Senhor, às quais todos os homens deveriam comparecer anualmente? Estas escusas jamais isentariam alguém de comparecer à festa maior, que é a festa do Evangelho, da qual as outras eram apenas tipos. Observe que os nossos sentimentos pelos nossos familiares freqüentemente demonstram que são um obstáculo para nós no cumprimento dos nossos deveres a Deus. A desculpa de Adão foi: A mulher que tu me deste me persuadiu a comer; mas na situação que estamos analisando, a desculpa foi: A mulher me persuadiu a não comer. Ele poderia ter ido e levado a sua mulher consigo; ambos seriam bem-vindos.

3. O relatório que foi levado ao senhor da ceia – da afronta que lhe foi feita por seus amigos a quem ele havia convidado, e que agora mostravam como o tinham em pouca estima (v. 21): Aquele servo voltou, e mostrou ao seu senhor essas coisas. Contou-lhe com surpresa que ele provavelmente cearia sozinho, porque os convidados que foram chamados, embora tivessem sido avisados com bastante antecedência para que pudessem tratar de seus assuntos adequadamente, estavam agora ocupados em outros

afazeres. Ele não tornou a história nem melhor nem pior, mas a relatou exatamente como ocorreu. Observe que os ministros devem prestar contas do sucesso de seu ministério. Eles devem fazê-lo constantemente, diante do trono da graça. Ao analisarem o esforço de suas almas, eles devem ir a Deus prestando as suas ações de graças; se eles pensarem que estão se esforçando em vão, devem ir a Deus com as suas queixas. Eles farão exatamente isto no futuro, no tribunal de Cristo: Eles servirão como testemunhas contra aqueles que insistem e morrem em sua incredulidade, para provar que foram devidamente convidados. Os ministros também testemunharão a respeito daqueles que aceitaram o chamado: Eis aqui os filhos que me deste. O apóstolo faz uma exortação urgente, mostrando que esta é uma razão pela qual as pessoas devem dar ouvidos à Palavra de Deus que lhes é enviada através dos ministros do Senhor; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas, Hebreus 13.17.

4. O justo ressentimento do pai de família: Ele ficou indignado, v. 21. Observe a ingratidão daqueles que desprezam as ofertas do Evangelho. E o desrespeito que eles colocam, desse modo, sobre o Deus do céu, é uma provocação muito grande a Ele, e o Senhor com justa razão fica indignado. A misericórdia abusada se transforma na maior ira. A sentença que Ele lhes impôs foi: Nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia. Esta foi como a sentença dada ao Israel infiel, quando desprezaram a terra deleitosa: Deus jurou em sua ira que eles não entrariam em seu repouso. Observe que a graça desprezada perde o seu direito, como aconteceu com a primogenitura de Esaú. Aqueles que não têm a Cristo quando podem, não o terão quando quiserem. Se aqueles que foram convidados desprezarem o convite, terão seu acesso proibido; quando a porta se fechar, não será permitido que as virgens loucas entrem.

5. O cuidado que foi tomado para prover a mesa com convidados, como também com comida. “Sai depressa” (disse ele ao servo) “pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui não os negociantes que estão saindo da coletoria, nem os comerciantes que estão fechando as suas lojas; eles desejarão ser escusados (um está indo para a contabilidade para fazer a sua escrita em seus livros, um outro para a taberna para beber uma garrafa com seu amigo); mas, que possas convidar aqueles que se alegrarão por vir, traze os pobres e aleijados, os mancos e os cegos; traze os mendigos comuns”. Os servos não se opõem ao fato de que será uma desonra para o seu senhor e

sua casa ter tais convidados em sua mesa; porque eles conhecem o seu pensamento, e logo juntam muitos convidados deste tipo: Senhor, feito está como mandaste. Muitos dos judeus – não dos grupos dos escribas e fariseus – são levados para dentro, como estes com quem Cristo estava jantando. Porém, os escribas e fariseus pensavam que seriam os convidados mais prováveis para a mesa do Messias. Mas, os publicanos e pecadores é que receberam esta honra; estes são os pobres e os aleijados. No entanto, ainda há lugar para mais convidados, e uma provisão suficiente para todos eles: "Sai desta vez pelos caminhos e atalhos. Sai pelo campo, e traze os andarilhos, ou aqueles que estão retornando agora à noite do seu trabalho no campo, das beiras de estrada e valas dali, e força-os a entrar, não pela força de armas, mas pela força dos argumentos. Seja cuidadoso com eles; porque neste caso será necessário convencê-los de que o convite é sincero e não uma brincadeira; eles serão tímidos e modestos, e dificilmente acreditarão que serão bem-vindos. Portanto, seja insistente com eles e não os deixe até que os tenha convencido". Isto se refere ao chamado dos gentios, para quem os apóstolos haveriam de se voltar quando os judeus recusassem a oferta, e com eles a igreja se encheu. Agora observe que: (1) A provisão feita para as almas preciosas no Evangelho de Cristo não parecerão ter sido feitas em vão; porque, se alguns a rejeitam, outros aceitarão, agradecidos, a sua oferta. Cristo se conforta com isso: que, embora Israel não seja congregado, Ele será glorificado, como uma luz aos gentios, Isaías 49.5,6. Deus terá uma igreja no mundo, embora haja aqueles que não sejam reunidos a este grupo; porque a incredulidade do homem não pode tornar a promessa de Deus ineficaz. (2) Aqueles que são muito pobres e insignificantes no mundo serão tão bem-vindos à presença de Cristo quanto os ricos e grandes; e muitas vezes o Evangelho tem maior sucesso entre aqueles que vivem sob as desvantagens terrenas, como os pobres, os que têm deficiências físicas, como os aleijados, e os mancos, e os cegos. Cristo aqui se refere claramente ao que Ele havia acabado de dizer, com relação a nós, para convidarmos para a nossa mesa os pobres e os aleijados, os mancos e os cegos, v. 13. Em consideração à aprovação que o Evangelho de Cristo dá aos pobres, devemos nos esforçar para ser caridosos com eles. Sua condescendência e compaixão em relação a eles, devem obrigar as nossas. (3) Muitas vezes o Evangelho tem o maior sucesso entre aqueles que são menos prováveis de terem seu benefício, e cuja submissão a ele era menos esperada. Os

publicanos e as meretrizes entrariam no Reino de Deus antes dos escribas e fariseus; assim, há últimos que serão primeiros, e há primeiros que serão últimos. Não sejamos confiantes em relação àqueles que estão em maior evidência, nem percamos a esperança em relação àqueles que são menos promissores. (4) Os ministros de Cristo devem ser tanto ativos como insistentes ao convidarem as pessoas para a ceia do Evangelho: “Sai depressa (v. 21); não perca tempo, porque já tudo está preparado. Chama-os a vir hoje, enquanto ainda há tempo; e força-os a entrar, abordando-os gentilmente, e atraindo-os com cordas humanas e com laços de amor.” Nada pode ser mais absurdo do que lançar um argumento para compelir as consciências dos homens, ou melhor, para compelir os homens contra as suas consciências, nos assuntos ligados à fé em Deus: “Receberás a ceia do Senhor, ou serás multado, preso, e arruinado em tua propriedade.” Certamente a intenção aqui não foi uma compulsão violenta, mas uma insistência baseada apenas na razão e no amor; porque as armas da nossa batalha não são carnais. (5) Embora muitos tenham sido trazidos para participar dos benefícios do Evangelho, ainda há lugar para mais; porque as riquezas de Cristo são inescrutáveis e inextinguíveis; nele há o suficiente para todos, e o suficiente para cada um; e o Evangelho não exclui ninguém que não se exclua a si mesmo. (6) Embora a casa de Cristo seja grande, ela por fim se encherá; isto acontecerá quando o número dos eleitos for completado, e forem trazidos todos aqueles que lhe foram dados.

A Necessidade de Renunciar a si mesmo

vv. 25-35

Veja como Cristo, em suas palavras, contextualizava sua mensagem em relação àqueles a quem Ele falava, e deu a cada um a sua parte do alimento. Aos fariseus Ele pregou humildade e caridade. Ele está nestes versículos dirigindo seu discurso à multidão que se aglomerava ao redor, e parecia zelosa em o seguir; e a sua exortação a eles é que entendam os termos do discipulado, antes de efetuarem a profissão dele, considerando aquilo que estavam fazendo. Veja aqui:

Como as pessoas eram zelosas ao seguirem a Cristo (v. 25): Ia com Ele uma I grande multidão, muitos por amor e, talvez, um número ainda maior por companhia, porque onde houver muitas pessoas, outras tantas se aglomerarão. Aqui estava uma multidão mista, como aquela que foi com Israel na saída do Egito; podemos esperar que haja sempre a mesma situação na igreja. Portanto será necessário que os ministros façam uma cuidadosa separação entre os preciosos e os vis.

II O zelo e a atenção que o Senhor espera dos seus seguidores. Às vezes, aqueles que se comprometem a seguir a Cristo devem contar com o pior, e estar preparados apropriadamente.

1. O Senhor lhes diz qual é o pior com que eles devem contar. Em boa parte, eles poderiam esperar enfrentar muitas coisas que o próprio Senhor havia enfrentado antes deles, e por amor a eles. Ele sabia que eles queriam ser seus discípulos, para que pudessem estar qualificados a uma posição honrosa em seu Reino. Eles esperavam que Ele dissesse, “Se qualquer homem vier a mim, e for meu discípulo, terá riquezas e honras em abundância; Eu mesmo, sozinho, farei dele um grande homem”. Mas o Senhor lhes diz o contrário.

(1) Eles deveriam estar dispostos a abandonar aquilo que prezavam muito; deste modo, deveriam ir a Ele afastados de todos os confortos que agradam à criatura, estando mortos para eles, deixando-os alegremente em vez de abandonarem o seu interesse por Cristo, v. 26. Um homem não pode ser discípulo de Cristo a menos que aborreça seu pai, sua mãe, e sua própria vida. Ele não será sincero, constante e perseverante, a menos que ame mais a Cristo do que qualquer coisa neste mundo. Ele deverá estar disposto a deixar aquilo que pode e deve deixar, desde que este tipo de sacrifício possa ser um motivo de glorificação ao Senhor Jesus Cristo (assim como os mártires, que não amaram as suas vidas, mas foram fiéis até à morte). Também é necessário deixar tudo aquilo que possa ser como uma tentação, pois assim recebemos a capacidade de servir melhor a Cristo. Dessa forma, Abraão deixou a sua própria terra, e Moisés a corte de Faraó. Nenhuma menção é feita aqui de casas e terras; a filosofia ensina o homem a olhar estas coisas com desprezo; mas o cristianismo leva isto a um nível mais elevado. [1] Todo homem bom ama seus familiares. No entanto, se ele for um discípulo de Cristo, podem ocorrer algumas diferenças e ele pode não se

dar com alguns; assim foi dito que Léia foi preterida enquanto Raquel foi mais amada. Não que as pessoas devam ser odiadas em qualquer grau, mas nosso conforto e satisfação nelas devem ser perdidos e eliminados através de nosso amor a Cristo, como aconteceu com Levi, quando disse a respeito de seu pai, Nunca o vi, Deuteronômio 33.9. Quando nosso dever para com nossos pais competirem com nosso dever evidente para com Cristo, devemos dar-Lhe a preferência. Se tivermos que escolher entre negar a Cristo ou ser banidos do convívio com nossas famílias e parentes (como foram muitos dos primeiros cristãos), devemos antes perder a companhia deles do que perder o favor do Senhor. [2] Todo homem ama a sua própria vida, e nenhum homem jamais a odiou; e não podemos ser discípulos de Cristo, se não o amarmos mais do que à nossa própria vida. Podemos até ter uma vida angustiada pela escravidão cruel, ser eliminados por mortes cruéis, porém jamais podemos desonrar a Cristo, ou abandonar quaisquer de suas verdades e caminhos. A experiência dos prazeres da vida espiritual, e a crença nas esperanças e perspectivas da vida eterna, tornarão esta palavra tão dura, um pouco mais suave. Quando a tribulação e a perseguição surgirem por causa da Palavra, então podemos saber que estamos sendo provados; amamos mais a Cristo ou aos nossos familiares e à nossa vida? No entanto, mesmo em dias de paz, este assunto é às vezes trazido à prova. Aqueles que não se dispõem a servir a Cristo, e a aproveitar as oportunidades de comunhão com Ele, e se envergonham de confessá-lo por medo de ofenderem um parente ou amigo, ou de perderem um cliente, dão motivos para que se suspeite que eles amam mais a si mesmos do que a Cristo.

(2) Que eles devem estar dispostos a suportar aquilo que era muito pesado (v. 27): E qualquer que não levar sua cruz, como fizeram aqueles que foram condenados a serem crucificados, em submissão à sentença e em uma expectativa de sua execução, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo; isto é (diz o Dr. Hammond), este não é por mim; e o meu serviço que, certamente, traz consigo a perseguição, não será desempenhado por pessoas deste tipo. Embora os discípulos de Cristo não sejam todos crucificados, todos levam sua cruz como se contassem com a possibilidade de serem crucificados. Eles devem ficar contentes por receberem uma má reputação, e serem carregados de infâmia e desgraça; porque nenhum nome é mais ignominioso do que *Furcifer – aquele que leva o patíbulo*. Ele deve

levar sua cruz, e seguir a Cristo; isto é, ele deve levá-la no caminho de sua obrigação, sempre que ela aparecer neste caminho. Ele deve levá-la, quando Cristo o chamar para ela; e, ao levá-la, deve ter Cristo em vista, e ser encorajado por Ele, e viver na esperança de ter uma recompensa da parte dele.

2. O Senhor os exorta a contar com isso, e então considerar. Visto que Ele tem sido tão justo para conosco nos dizendo claramente quais as dificuldades que enfrentaremos ao segui-lo, sejamos também justos conosco, avaliando a questão seriamente antes de assumirmos uma profissão de fé. Josué obrigou o povo a considerar o que fizeram quando prometeram servir ao Senhor, Josué 24.19. É melhor nunca começar do que não proceder; portanto, antes de começarmos, devemos considerar que jamais devemos abandonar nossa chamada. Isto é agir racionalmente, como cabe ao homem, e como fazemos em outras situações. A causa de Cristo produz um exame minucioso. Satanás mostra aquilo que parece melhor, mas esconde aquilo que é realmente o pior, porque o seu melhor não compensará o seu pior. Mas em se tratando de Cristo, o melhor que o Senhor Jesus tem a oferecer compensará abundantemente qualquer dificuldade que venhamos a enfrentar. A consideração disto é necessária para a perseverança, especialmente em períodos de sofrimento. Nosso Salvador, aqui, ilustra a necessidade disso por meio de duas analogias, a primeira mostrando que devemos considerar os custos da nossa religião, e a segunda mostrando que devemos considerar os perigos dela.

(1) Quando assumimos uma profissão de fé, somos como um homem que idealiza edificar uma torre. Portanto, é necessário considerar o custo da realização desta obra (vv. 28-30): Qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos? E ele deve ter a certeza de contar com muito mais do que os seus trabalhadores lhe dizem que ela custará. Ele deve comparar o custo com os recursos que tem disponíveis em sua bolsa, para que não seja escarnecido por não conseguir terminá-la. Observe: [1] Todos aqueles que assumem uma profissão de fé idealizam edificar uma torre, não como a Torre de Babel, que estava em oposição ao céu, e que assim foi deixada sem ser terminada; mas eles devem estar em obediência ao céu, e é assim que devem ter a sua pedra fundamental estabelecida. Comece por baixo, e coloque os alicerces profundamente; assente-os na rocha, e faça um trabalho seguro, e então olhe para o alto,

para os mais altos céus. [2] Aqueles que pretendem edificar esta torre devem se sentar e fazer as contas dos gastos. Eles devem considerar que isto lhes custará a mortificação de seus pecados, até mesmo das suas luxúrias mais queridas; isto lhes custará uma vida de renúncia e vigilância, e uma série constante de deveres santos; isto pode, talvez, lhes custar a sua reputação entre os homens, seus bens e liberdade, e tudo que lhes é caro neste mundo, até mesmo a própria vida. E mesmo que nos custe tudo isso, o que é isso em comparação com o custo que o Senhor Jesus Cristo pagou para comprar as vantagens da fé para nós, que as recebemos sem dinheiro e sem preço? [3] Muitos que começam a edificar esta torre não prosseguem neste trabalho, não perseveram nisso, e esta é a sua loucura; eles não têm coragem e decisão, não possuem um princípio enraizado e fixado, e assim não realizam nada. É verdade que nenhum de nós tem o suficiente para terminar esta torre, mas Cristo disse: A minha graça te basta, e esta graça não faltará a nenhum de nós, se a buscarmos e fizermos uso dela. [4] Nada é mais vergonhoso do que a situação daquele que começou bem na religião, mas que interrompeu a jornada da fé. Todos irão escarnecer dele com um motivo justo, como tendo perdido todo o seu trabalho até aquele momento por falta de perseverança. Quem age desta forma perde o que tem ganhado (2 Jo 8), e tudo o que tem feito e sofrido passa a ser em vão, Gálatas 3.4.

(2) Quando idealizamos ser discípulos de Cristo, somos como um homem que vai para a guerra, e, assim, deve considerar os riscos envolvidos nesta decisão, e as dificuldades que deverão ser enfrentadas, vv. 31,32. Um rei que declara guerra contra um príncipe vizinho considera se ele tem forças para sair ao seu encontro; se não, ele colocará de lado os seus pensamentos de guerra. Note bem: [1] O estado de um cristão neste mundo é um estado militar. Não é a vida cristã uma batalha? Temos muitas situações em nosso caminho, que devem ser disputadas a golpes de espada; devemos lutar a cada passo que damos, pois os nossos inimigos espirituais são incansáveis em sua oposição. [2] Devemos considerar se podemos resistir à dureza que um bom soldado de Jesus Cristo deve esperar e com a qual deve contar, antes de nos alistarmos sob a bandeira de Cristo; se somos capazes de enfrentar as forças do inferno e da terra, que vêm contra cada um de nós com a força de vinte mil soldados. [3] Dentre as duas opções é melhor que os fracos e preguiçosos façam um acordo da melhor forma possível com o mundo, do que fingir renunciar e, depois, quando surgirem a tribulação e a

perseguição por causa da Palavra, voltarem a ele. Aquele jovem que não pôde encontrar em seu coração um modo de deixar os seus bens para seguir a Cristo, fez melhor em partir triste do que ter ficado com Ele, fingindo.

Esta parábola é aplicável de uma outra forma, e pode ser tomada como tendo o propósito de nos ensinar a começar rapidamente a ser religiosos, em vez de começarmos cautelosamente; e pode ter o mesmo significado de Mateus 5.25, “Concilia-te depressa com o teu adversário”. Observe primeiro que aqueles que persistem no pecado fazem guerra contra Deus. A guerra mais antinatural e injustificável. Eles se rebelam contra a sua soberania lícita, cujo governo é perfeitamente justo e bom. Em segundo lugar, o pecador mais orgulhoso e mais ousado não é páreo para Deus. A desproporção de força é muito maior do que aquela aqui suposta entre dez mil e vinte mil. Nós provocamos o Senhor Deus ao ciúme? Somos mais fortes do que Ele? Não, certamente não. Quem conhece o poder da sua ira? Em consideração a isso, é nosso interesse nos reconciliarmos com Ele. Não precisamos enviar as condições desejadas de paz; elas são oferecidas a nós, e são irrepreensíveis, e altamente vantajosas. Devemos nos familiarizar com elas, e ficar em paz. Faça isso a tempo, enquanto o outro ainda está no caminho, porque a demora nesses casos é altamente perigosa, e faz com que seja difícil recorrer posteriormente.

Mas a aplicação desta parábola aqui (v. 33) é para a consideração que deve ser exercida quando assumimos uma profissão de fé. Salomão disse que com conselhos prudentes se faz a guerra (Pv 20.18); porque aquele que tira a espada luta até o fim. Assim, com bons conselhos se entra em uma profissão de fé, como aqueles que sabem que, a menos que você abandone tudo o que tem, não poderá ser um discípulo de Cristo; isto é, a menos que você conte com a possibilidade de abandonar tudo e consentir com isso, porque todos aqueles que viverem piamente em Cristo Jesus deverão sofrer perseguições, mas ainda assim continuarão a viver piamente.

3. Ele os alerta contra a apostasia e a degeneração do pensamento e do verdadeiro espírito e temperamento cristão, pois isto os tornaria totalmente inúteis, vv. 34,35. (1) Os bons cristãos são o sal da terra, especialmente os bons ministros (Mt 5.13); e este sal é bom e de grande utilidade; por suas instruções e exemplos eles temperam a todos com quem conversam, para impedir que eles apodreçam, para vivificá-los, e lhes dar sabor. (2) Os cristãos degenerados, que, em vez de deixarem o que possuem no mundo,

abandonarão a sua profissão de fé, e então naturalmente se tornarão carnais, mundanos, e totalmente destituídos de um espírito cristão, serão como o sal que perdeu o seu sabor, como aquele que os químicos chamam de *caput mortuum, que têm todo o seu sal extraído de si*, que é a coisa mais inútil e sem valor do mundo. Algo assim não possui qualquer virtude ou boa propriedade. [1] Ele jamais pode ser recuperado: Com que se adubará? Não podes adubá-lo. Isto sugere que é extremamente difícil, na verdade praticamente impossível, recuperar um apóstata, Hebreus 6.4-6. Se o cristianismo não prevalecer para curar os homens de seu mundanismo e sensualidade pecaminosa, se este remédio tiver sido tentado em vão, deve-se concluir que não há esperança para o caso destes. [2] Ele não serve para nada. Não serve, como o esterco, para a terra, para adubá-la, nem será melhor se for colocado na estrumeira para se decompor; não se pode conseguir nada dele. Um professor de religião cuja mente e cujas maneiras são depravadas, será o animal mais insípido que poderá existir. Se falar das coisas de Deus, das quais ele tinha algum conhecimento, será tão inconveniente que para nada servirá: é como uma parábola na boca de um tolo. [3] Ele é abandonado: Os homens o lançam fora, como algo de que não têm mais nada a aproveitar. Tais professores escandalosos devem ser expulsos da igreja, não só porque eles perderam o direito a todas as honras e privilégios que cabem aos membros da igreja, mas porque há o perigo dos outros serem infectados por eles. O nosso Salvador conclui este assunto com um chamado que deve ser observado por todos, e todos devem ser advertidos por ele: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Agora, será que a faculdade da audição poderia ser mais bem aplicada do que ao prestarmos atenção à Palavra de Cristo, e particularmente às advertências que Ele nos deu do risco de apostasia que corremos, e do perigo de sermos alcançados por ela?

CAPÍTULO 15

Maus modos, dizemos, geram boas leis. Assim, neste capítulo, a murmuração dos escribas e fariseus pela graça de Cristo, e pelo favor que Ele demonstrou aos publicanos e pecadores, deu oportunidade para uma descoberta mais plena desta graça, do que talvez do contrário deveríamos ter tido nestas três parábolas contidas neste capítulo. O escopo de todas é

o mesmo: mostrar, não só o que Deus havia dito e jurado no Antigo Testamento, que Ele não sentia prazer na morte e destruição dos pecadores. Mas, que tinha muito prazer no seu retorno e arrependimento, e se regozija no acolhimento misericordioso que lhes dá em razão disso. Aqui está: I. A indignação que os fariseus sentiram por Cristo ter conversado com homens pagãos e publicanos, e pregado o seu Evangelho a eles, vv. 1,2. II. A justificativa do Senhor. O plano do Senhor e a tendência das pessoas; muitos tinham sentido o seu efeito, que era levá-los ao arrependimento e a uma mudança de vida. E não deveria haver um serviço mais agradável e mais aceitável a Deus. O Senhor Jesus o mostra nas parábolas: 1. Da ovelha perdida que foi levada para casa com alegria, vv. 4-7. 2. Da dracma perdida que foi achada com alegria, vv. 8-10. 3. Do filho perdido que havia sido pródigo, mas que retornou à casa de seu pai, e que foi recebido com grande alegria, embora o seu irmão mais velho, como estes escribas e fariseus, tenha ficado ofendido com isso, vv. 11-32.

A Ovelha e a Dracma Perdidas

vv. 1-10

Aqui está:

I A presença diligente dos publicanos e pecadores no ministério de Cristo. *Uma grande multidão de judeus o acompanhava* (cap. 14.25) com tanta certeza de admissão no Reino de Deus, que Ele achou necessário lhes dizer algo que iria abalar as suas vãs esperanças. Aqui, multidões de publicanos e pecadores se chegavam a Ele com um temor humilde e modesto de serem rejeitados, e assim o Senhor considerou necessário encorajá-los, especialmente porque pessoas arrogantes e soberbas os desaprovavam. Os publicanos coletavam o tributo pago aos romanos. Alguns talvez fossem maus, mas todos eles eram diligentemente taxados com uma má reputação, por causa dos preconceitos da nação judaica contra as suas atribuições. Eles eram, às vezes, classificados junto com as meretrizes (Mt 21.32); aqui e em outras passagens eram classificados como pecadores. Eles eram, abertamente, corruptos que negociavam com meretrizes. Eram conhecidos

devassos. Alguns pensam que o termo pecadores, aqui, tinha o significado de pagãos, e que Cristo estava agora do outro lado do Jordão, ou na Galiléia dos gentios. Talvez estes tenham se chegado quando a multidão dos judeus que o havia seguido tivesse partido (por ocasião do discurso expresso no encerramento do capítulo anterior); desse modo, os gentios passaram a ouvir os apóstolos depois que os judeus os haviam rejeitado. Eles se chegavam ao Senhor Jesus com medo de se aproximarem mais do que apenas o suficiente para que pudessem ouvir. Eles se chegavam a Ele, não como alguns faziam, para solicitar curas, mas para ouvir a sua doutrina excelente. Note que todas as vezes que nos aproximarmos de Cristo devemos ter a intenção de ouvi-lo; ouvir as instruções que Ele nos dá, e as suas respostas às nossas orações.

II A indignação que os escribas e fariseus sentiram com isso. Eles murmuraram, e passaram a reprovar o nosso Senhor Jesus: *Este recebe pecadores e come com eles*, v. 2. 1. Eles estavam enfurecidos pelo fato dos meios da graça terem sido concedidos aos publicanos e pecadores, pelo fato de serem chamados ao arrependimento, e serem encorajados a esperar o perdão assim que se arrependessem; pois os escribas e fariseus julgavam o caso dos gentios desesperador, e pensavam que ninguém além dos judeus tivesse o privilégio de se arrepender e ser perdoado, embora os profetas tivessem pregado o arrependimento às nações. Eles não perceberam que Daniel pregou o arrependimento a Nabucodonosor. 2. Eles consideravam um absurdo da parte de Cristo, e uma incoerência com a respeitabilidade de seu caráter, familiarizar-se com aquele tipo de pessoas, admiti-los em sua companhia e comer com eles. Eles não poderiam, por vergonha, condená-lo por pregar a eles, embora isto fosse exatamente o que mais os enfurecia; portanto, eles o reprovavam por comer com eles, o que era mais expressamente contrário à tradição dos anciãos. A censura recairá não só sobre as pessoas mais inocentes e mais excelentes, mas sobre as ações mais inocentes e mais excelentes, e não devemos achar isso estranho.

III A justificação de Cristo a esse respeito, mostrando que quanto piores fossem estas pessoas a quem Ele pregava, mais glória redundaria a Deus, e mais alegria haveria no céu, se por sua pregação eles fossem levados ao arrependimento. Seria uma visão mais agradável no céu ver

gentios levados a adorar o verdadeiro Deus, do que ver judeus na mesma situação. Seria uma visão mais agradável ver publicanos e pecadores viverem um tipo de vida obediente, do que ver escribas e fariseus viverem uma vida assim. O Senhor ilustra este fato através de duas parábolas, que têm a mesma explicação.

1. A parábola da ovelha perdida. Algo semelhante nos foi apresentado em Mateus 18.12. Ali o propósito foi mostrar o cuidado que Deus tem pela preservação dos santos, como a razão pela qual não devermos ofende-los; aqui o propósito é mostrar o prazer que Deus sente pela conversão dos pecadores, como a razão pela qual devemos nos regozijar. Temos aqui:

(1) O caso de um transgressor que segue em caminhos pecaminosos. Ele é como uma ovelha perdida, uma ovelha extraviada; ele está perdido de Deus, que não tem a honra e o serviço que deveriam ser-lhe prestados por ele; está perdido do rebanho, que não tem comunhão com ele; perdido de si mesmo: ele não sabe onde está, vagueia sem rumo, está continuamente exposto aos animais de rapina, sujeito a sustos e terrores, longe do cuidado do pastor, necessitado dos pastos verdejantes. E, por si só, não é capaz de encontrar o caminho de volta ao aprisco.

(2) O cuidado que o Deus do céu tem pelos pobres pecadores errantes. Ele continua a cuidar das ovelhas que não se extraviaram.Elas estão seguras no deserto. Mas há um cuidado particular a ser empreendido por esta ovelha perdida; E, embora Ele tenha cem ovelhas, um rebanho considerável, não perderá aquela única, mas vai à sua procura, e mostra uma abundância de cuidados: [1] Ao encontrá-la. Ele a segue, perguntando por ela, e procurando-a, até que a encontra. Deus segue os pecadores apóstatas com os chamados de sua Palavra e com os esforços do seu Espírito, até que por fim eles sejam levados a pensar em voltar. [2] Ao levá-la para casa. Embora Ele a encontre cansada, e talvez inquieta e extenuada por causa de suas peregrinações, e incapaz de ser guiada para casa, Ele não a deixa para morrer, e diz: “Não me incomodo por carregá-la para casa”. Ele a põe sobre os seus ombros, e com muito carinho e esforço, a conduz para o aprisco. Isto é bem aplicável à grande obra da nossa redenção. A humanidade desviou-se de seu caminho, Isaías 53.6. O valor de toda a humanidade para Deus era semelhante ao daquela única ovelha para aquele que tinha cem. Que perda teria sido para Deus se todas elas tivessem sido deixadas à morte? Há um mundo de anjos santos que são como as noventa e nove

ovelhas, um rebanho nobre. No entanto Deus envia o seu Filho *para buscar e salvar o que se havia perdido*, cap. 19.10. Está escrito que Cristo junta os cordeiros em seus braços, e os carrega em seu seio, denotando sua compaixão e carinho pelos pobres pecadores. Aqui está escrito que Ele os coloca sobre os seus ombros, denotando o poder com o qual Ele os apóia e sustenta; aqueles a quem Ele carrega sobre os seus ombros jamais poderão perecer.

(3) O prazer que Deus sente pelos pecadores que voltam arrependidos. Ele os coloca sobre os seus ombros, cheio de júbilo por não ter perdido o trabalho de busca; e a alegria é maior porque começara a perder a esperança de achá-la. Então, convoca os amigos e vizinhos, os pastores que guardam os seus rebanhos à sua volta, dizendo-lhes: *Alegrai-vos comigo*. Talvez entre as canções pastorais que os pastores costumavam cantar houvesse uma para uma ocasião como esta, da qual estas palavras poderiam ser o refrão: *Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida*; enquanto nunca cantavam: *Alegrai-vos comigo, porque não perdi nenhuma ovelha*. Observe, Ele a chama sua ovelha, apesar de desgarrada, uma ovelha que vagava perdida. Ele possui o direito a ela (todas as almas são minhas), e Ele as reivindicará como sua propriedade, e recuperará o que é seu por direito. Portanto, Ele mesmo vai atrás dela: *Eu a achei*; Ele não mandou um servo, mas o seu próprio Filho, o Grande e Bom Pastor, que achará o que procura, e será achado daqueles que o buscarem.

2. A parábola da dracma perdida. (1) Aqui quem perde é supostamente uma mulher, que se entristecerá grandemente pela sua perda, e se alegrará muito ao encontrar o que havia perdido, talvez mais do que aconteceria com um homem. Portanto, estes detalhes servem melhor ao propósito da parábola. Ela tem dez dracmas, e delas perde apenas uma. Deixemos que pensamentos elevados da bondade divina nos acompanhem – apesar da pecaminosidade e miséria do mundo da humanidade – sugerindo que haja nove criaturas para uma na criação de Deus que retenham a sua integridade, nas quais Deus é louvado, e nunca foi desonrado. Na parábola anterior esta proporção seria de noventa e nove para uma. Ó, que seres incontáveis, pelo que sabemos miríades incontáveis de seres, que nunca se perderam, e que nunca se desviaram das leis e das finalidades da sua criação! (2) O que está perdido é uma moeda de prata, *uma dracma – a quarta parte de um siclo*. A alma está sendo representada pela *prata*, que tem o seu valor intrínseco; não

um metal inferior, como o ferro ou o chumbo, mas a prata, cujas minas são minas nobres. A palavra hebraica para prata é tirada do fato dela ser tão desejável. É uma moeda de prata, por isso a dracma é desejada; ela é estampada com a imagem e a inscrição de Deus, e portanto deve ser entregue a Ele. No entanto, ela era comparativamente de pequeno valor, sugerindo que se um homem pecador for deixado para morrer, Deus não perderia nada (mas estejamos contentes porque Deus não pensa assim; Ele valoriza cada pessoa!). Esta dracma de prata estava perdida no pó; uma alma mergulhada no mundo, dominada pelo amor a ele, e pelos cuidados dele, é como uma moeda no pó; qualquer um diria: É uma pena que ela permaneça ali. (3) Mostra-se aqui muito cuidado e esforço na busca da moeda. A mulher acende uma candeia para olhar atrás da porta, debaixo da mesa, e em todos os cantos da casa; ela varre a casa, e procura com diligência até a achar. Isto representa as diversas maneiras e métodos que Deus usa para levar as almas perdidas para a sua própria casa: Ele acendeu a candeia do Evangelho, não para mostrar a si mesmo o caminho até nós, mas para nos mostrar o caminho até Ele, para que pudéssemos nos descobrir. Ele varreu a casa através das convicções da Palavra; Ele busca com diligência, o seu coração está empenhado no trabalho de trazer as almas perdidas para si mesmo. (4) Aqui é apresentada uma grande alegria por encontrá-la: *Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida*, v. 9. Aqueles que se alegram desejam que os outros se alegrem com eles; aqueles que ficam felizes querem que ou outros fiquem felizes com eles. Ela estava alegre por ter achado a moeda, embora fosse gastá-la na festa para a qual convidou as amigas. O repentino prazer de encontrá-la a coloca, naquele momento, em um estado de euforia; *eureca, eureca – eu achei, eu achei*, esta é a linguagem da alegria.

3. A explicação destas duas parábolas, que trazem o mesmo significado (v. 7, 10): Assim haverá alegria no céu, diante dos anjos de Deus, por um pecador que se arrepende, como aconteceu com aqueles publicanos e pecadores, com pelo menos alguns deles (e, se apenas um deles se arrependesse, Cristo consideraria que tudo teria valido a pena), mais do que por um grande número de justos que não necessitam de arrependimento. Observe:

(1) O arrependimento e a conversão de pecadores na terra é motivo de alegria e de júbilo no céu. É possível que os maiores pecadores sejam

levados ao arrependimento. Enquanto há vida há esperança, e não se deve ficar desesperado com o pior; e se os piores pecadores se arrependerem e se converterem, encontrarão misericórdia. No entanto, isto não é tudo: [1] Deus se alegrará em lhes mostrar misericórdia, considerará a sua conversão um retorno por todo o esforço empregado em benefício deles. Há sempre alegria no céu. Deus se alegra em todas as suas obras, mas particularmente nas obras de sua graça. Ele se alegra por fazer o bem aos pecadores penitentes, com todo o seu coração e com toda a sua alma. Ele não só se alegra com a conversão das igrejas e das nações, mas mesmo com um pecador que se arrepende, embora seja apenas um. [2] Os anjos bons se alegrarão pela misericórdia mostrada aos pecadores, não se queixando disso, embora aqueles que tinham a mesma natureza deles, e que pecaram, tivessem sido deixados para perecer, e nenhuma misericórdia lhes tivesse sido mostrada. Estes pecadores que se arrependem, que foram tão maus e tão vis, são recebidos no céu em comunhão com os anjos, e logo se tornam como eles, passando a ser semelhantes a eles. A conversão dos pecadores é a alegria dos anjos, e eles alegremente se tornam espíritos ministradores para servi-los para o seu bem, através da sua conversão. A redenção da humanidade é motivo de alegria na presença dos anjos. Eles cantam Glória a Deus nas alturas, cap. 2.14.

(2) Há mais alegria por um pecador que se arrepende, e passa a ser religioso em seu curso de vida que era notoriamente maligno e perverso, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. [1] Há mais alegria pela redenção e salvação dos homens caídos do que pela preservação e confirmação dos anjos que permanecem, e que na verdade não necessitam de arrependimento. [2] Há mais alegria pela conversão dos pecadores da Galiléia, e dos publicanos que agora ouviam Cristo pregar, do que por todos os louvores e devoções, e por todos os “Graças te dou ó Deus”, dos fariseus, e dos outros judeus que justificavam a si mesmos. Estes pensavam que não precisavam de arrependimento, e que Deus se alegrava abundantemente neles, e lhes daria glória, como aqueles que mais o honravam. Mas Cristo lhes diz o contrário, que Deus era mais louvado, e se alegrava mais com o coração quebrantado e penitente de um daqueles pecadores desprezados, do que por todas as longas orações que os escribas e fariseus faziam; aqueles eram homens que não podiam ver nada incorreto em si mesmos. [3] Há mais alegria pela conversão de um pecador tão

grande, um fariseu como Paulo tinha sido em seu tempo, do que pela conversão normal de alguém que sempre agiu bem e de forma decente, e que comparativamente não necessita de arrependimento, não precisa de uma mudança geral de vida, como necessitam aqueles grandes pecadores. Não é bom se desviar; mas a graça de Deus, tanto no poder como na compaixão desta graça é mais manifestada na recuperação de grandes pecadores do que na condução daqueles que nunca se desviaram. E, muitas vezes, aqueles que foram grandes pecadores antes de sua conversão, depois provam o bem de forma mais eminente e zelosa. Paulo é um exemplo deste caso; portanto, nele Deus foi grandemente glorificado, Gálatas 1.24. Aqueles a quem muito foi perdoado, muito amarão. Estamos falando de acordo com a maneira dos homens. Somos mais tomados por uma alegria sensível pela recuperação do que tínhamos perdido, do que pela manutenção daquilo que sempre temos desfrutado. Por exemplo, geralmente ficamos mais felizes pela saúde após a doença do que pela saúde sem a doença. É como estarmos mortos, e voltarmos a viver. Uma vida constantemente religiosa pode ser, em si, algo muito valioso; contudo, uma conversão repentina de um curso mau e de um caminho pecaminoso, pode gerar um prazer ainda mais surpreendente. Agora, se há esta alegria no céu pela conversão dos pecadores, então os fariseus eram completamente estranhos a um espírito celestial, pois faziam tudo o que podiam para impedi-la e se entristeciam com ela. Eles se mostraram exasperados com Cristo enquanto Ele estava fazendo uma obra que era, de todas as outras, a mais grata ao Céu.

O Filho Pródigo

vv. 11-32

Temos aqui a parábola do filho pródigo, e o seu escopo é o mesmo das parábolas anteriores. Ela mostra como é agradável a Deus a conversão dos pecadores, dos grandes pecadores, e como Ele está pronto a receber e acolher a estes, quando se arrependem. Mas as circunstâncias da parábola mostram de forma muito maior e mais completa as riquezas da graça do Evangelho do que as anteriores mostraram, têm mostrado, e mostrarão enquanto o mundo existir. A utilidade do precioso Evangelho – aos pobres

pecadores, tanto para guiá-los como para encorajá-los a se arrependerem e se voltarem a Deus – tem um valor inestimável. Agora:

I A parábola representa Deus como um Pai comum para toda a humanidade, para toda a família de Adão. Todos somos seus descendentes, *temos um único Pai, e um único Deus nos criou*, Malaquias 2.10. Dele nós recebemos a nossa existência, nele nós ainda a temos, e dele recebemos nosso sustento. Ele é o nosso Pai, porque nos educa e compartilha conosco, e nos colocará em seu testamento, ou nos deixará de fora, de acordo com o nosso procedimento, ou seja, se formos, ou não, filhos obedientes a Ele. O nosso Salvador aqui sugere àqueles fariseus orgulhosos que estes publicanos e pecadores, a quem eles assim desprezavam, eram seus irmãos, participantes da mesma natureza, e que, portanto, deveriam se alegrar com qualquer bondade que lhes fosse demonstrada. *Deus não é somente Deus dos judeus, mas também é o Deus dos gentios* (Rm 3.29): *o mesmo Senhor sobre todos, que é rico em misericórdia para com todos aqueles que o invocam.*

II Ela representa os filhos dos homens de diferentes aspectos, embora todos estejam ligados a Deus como seu Pai. Ele tinha dois filhos, um deles um jovem sério, reservado e austero, sóbrio, mas nem um pouco bem humorado com aqueles que viviam à sua volta; uma pessoa assim permaneceria firme em sua educação, e não seria removido dela facilmente. Mas o outro filho era volúvel e inconstante, impaciente com as restrições, gostava de perambular, e sentia o desejo de tentar a sua sorte. Se ele caísse em mãos erradas, provavelmente se tornaria um devasso, apesar de sua educação virtuosa. Agora este último representa os publicanos e pecadores, a quem Cristo está tentando levar ao arrependimento, e também os gentios, a quem os apóstolos deveriam ser enviados a pregar o arrependimento. O primeiro representa os judeus em geral, e particularmente os fariseus, pessoas que o Senhor Jesus estava tentando reconciliar com a graça de Deus que é oferecida e conferida aos pecadores.

O filho mais novo é o pródigo, cujo caráter e exemplo, aqui, têm o propósito de representar um pecador. Ele está representando cada um de nós em nosso estado natural, mas, especialmente, o estado de alguns. Agora devemos observar em relação a ele,

1. A sua vida desregrada, e a sua perambulação, quando aquele filho era um pródigo, como também as extravagâncias e misérias em que ele caiu. Somos informados sobre vários detalhes:

(1) Qual foi o pedido que aquele jovem fez ao seu pai (v. 12): Ele disse ao pai, de forma orgulhosa e bastante atrevida: “Pai, dá-me” – ele poderia ter colocado um pouco mais de doçura em suas palavras, e ter dito, Rogo que me dês, ou, Senhor, por favor, dá-me; mas ele faz uma exigência imperiosa – Dá-me a parte da fazenda que me pertence; não tanto quanto julgares apropriado me conceder, mas aquilo que me cabe por direito. Note que é ruim, e o começo de algo ainda pior, quando os homens consideram os dons de Deus como dívidas. Dá-me a minha parte, toda a minha parte como filho, aquilo que me pertence; e não, Prova-me com um pouco, e veja como eu consigo administrar isto, e, desta maneira, me entregue mais a título de confiança. Mas aquele moço estava dizendo, em outras palavras, Dê-me agora a posse de tudo, e eu não esperarei nada no futuro, nada quando morreres. Note que a grande loucura dos pecadores, e o que os arruína, é se sentirem satisfeitos por terem a sua porção imediatamente. Eles têm um forte desejo de receber coisas boas agora, nesta vida. Eles olham somente para as coisas que são vistas, que são temporais, e cobiçam somente uma gratificação imediata, mas não têm nenhuma preocupação quanto à felicidade futura, quando tudo aqui estiver gasto e acabado. E por que ele desejava ter a sua porção da herança em suas próprias mãos? Para que pudesse se dedicar a algum negócio, e negociar com ela, e então ganhar mais? Não, ele não tinha nenhum pensamento deste tipo. Mas ele pode ter tido vários pensamentos: [1] Ele estava cansado do governo de seu pai, da boa ordem e disciplina da família de seu pai, e gostava daquela que é falsamente chamada de liberdade. Mas, na verdade, esta é a maior escravidão, pois é uma liberdade para pecar. Veja a loucura de muitos jovens que são educados religiosamente, mas são impacientes quanto aos limites de sua educação, e nunca se consideram donos de si mesmos, pessoas que têm o controle de si mesmas, até terem quebrado todos os laços com Deus, e desatado todos as cordas; e, em troca destas, eles se amarraram com as cordas de suas próprias luxúrias. Aqui está a origem da apostasia dos pecadores em relação a Deus; eles não permitirão ser amarrados com as regras do governo de Deus; eles mesmos serão como deuses, não conhecendo outro certo e errado que não seja aquilo que lhes agrada. [2]

Ele desejava sair dos limites da vista de seu pai, pois isto sempre foi algo que o incomodava, e que freqüentemente lhe trazia alguma reprovação. No fundo da impiedade dos ímpios estão uma timidez em relação a Deus, e uma disposição para não crer em sua onisciência. [3] Ele estava desconfiado da administração de seu pai. Ele mesmo queria administrar o que lhe pertencia, pois pensava que seu pai estaria economizando para si mesmo como uma garantia para o futuro, e, por esta razão, o limitava em suas despesas atuais, e aquele jovem não gostava disto. [4] Ele era orgulhoso quanto a si mesmo, e tinha um grande conceito sobre a sua própria suficiência. Ele pensava que se tivesse a sua porção da herança em suas próprias mãos, poderia administrá-la melhor que o seu pai, e assim teria mais lucros. Há mais jovens arruinados pelo orgulho do que por qualquer tipo de luxúria. Os nossos primeiros pais se arruinaram, bem como a todos os seus descendentes, por causa de uma ambição tola de serem independentes, e de não serem devedores nem mesmo a Deus; e este mesmo sentimento está no fundo da persistência dos pecadores em seu pecado – eles querem ser absolutamente auto-suficientes.

(2) Quão bom o seu pai foi para ele: E ele repartiu por eles a fazenda. Aquele pai calculou o que tinha para repartir entre os seus filhos, e deu ao filho mais novo a sua parte, oferecendo ao mais velho a sua, que deveria ser uma porção dobrada. Mas parece que o mais velho desejou que o seu pai ainda a guardasse consigo, e podemos ver que ele foi beneficiado por ter uma atitude tão nobre (v. 31): Todas as minhas coisas são tuas. Ao preferir manter algo reservado com o seu pai, o mais velho ganhou todas as coisas. O pai deu ao filho mais novo aquilo que ele lhe pediu, e o filho não tinha nenhum motivo para reclamar de que algo estivesse errado na partilha; ele teve tanto quanto esperava, e talvez até mais. [1] Desse modo, agora ele poderia ver a bondade de seu pai, como estava disposto a agradá-lo e tranqüilizá-lo, e que não era um pai maldoso como o filho parecia querer representar quando buscou alguma desculpa para partir. [2] Assim, o filho pródigo logo veria a sua própria loucura, e reconheceria que não era um administrador tão hábil quanto pensava ser. Note que Deus é um Pai bondoso para todos os seus filhos, e dá a cada um deles a vida, e o fôlego, e todas as coisas, mesmo para os maus e ingratos, *dieilen autois ton bion – Ele compartilhou a vida com eles*. Deus, ao nos dar a vida, está nos colocando em condições de servi-lo e glorificá-lo.

(3) Como ele administrou sua própria vida, após ter recebido sua parte em suas próprias mãos. Ele passou a gastá-la o mais rápido que pode e, como os pródigos geralmente fazem, em pouco tempo tornou-se um errante: Poucos dias depois, v. 13. Note que se Deus alguma vez nos deixar por nossa própria conta, não demorará muito para que nos afastemos dele. Quando o freio da graça restritiva é tirado, nós logo partimos da sua gloriosa presença. O filho mais novo determinou que deveria partir naquele momento. E, para isso, juntou tudo o que pôde. Pecadores que se desviam de Deus estão arriscando tudo o que possuem.

Agora a condição do pródigo nesta sua perambulação representa para nós um estado pecaminoso, este estado miserável no qual o homem está caído.

[1] Um estado pecaminoso é um estado de abandono e afastamento em relação a Deus. Em primeiro lugar, o próprio pecado é uma apostasia em relação a Deus. Ele partiu da casa de seu pai. Os pecadores fogem de Deus; eles vivem dissolutamente longe dEle; eles se revoltam com a lealdade a Ele, como um servo que foge de seu serviço, ou uma esposa que traiçoeiramente deixa o seu marido. E eles dizem a Deus, Aparta-te. Eles se afastam dele o quanto podem. O mundo é a terra longínqua na qual eles estabelecem a sua residência, e se sentem em casa; e neste serviço e prazer eles desperdiçam todas as suas coisas. Em segundo lugar, ficar afastado de Deus é uma desgraça para cada pecador, pois o Senhor é a Fonte de todo o bem. Os pecadores vão ficando cada vez mais longe dele. O que é o próprio inferno, além de ficar longe de Deus?

[2] Um estado pecaminoso é um estado de gastos: Ali ele desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente (v. 13), gastando-a com as meretrizes (v. 30), e em pouco tempo ele havia gastado tudo, v. 14. Ele comprou roupas caras, gastou grandes quantias em comida e bebida, banqueteou-se associado com aqueles que o ajudaram a dar um fim – em pouco tempo – a tudo o que tinha. Quanto a este mundo, aqueles que vivem dissolutamente desperdiçam o que têm, e terão muito pelo que responder, por gastarem, com as suas luxúrias, aquilo que deveria ser para o sustento necessário deles mesmos e de suas famílias. Mas isto deve ser aplicado espiritualmente. Aqueles que pecam voluntariamente desperdiçam o seu patrimônio; pelo fato de empregarem mal os seus pensamentos e todo o poder de suas almas, gastam mal o seu tempo e todas as suas oportunidades. Eles não só enterram, mas defraudam os talentos que recebem, com os quais deveriam

negociar em benefício da honra de seu Senhor. E os dons da Providência, que tinham o propósito de capacitá-los para servirem a Deus, e com os quais eles deveriam fazer o bem, tornam-se o alimento e o combustível das suas luxúrias. A alma que se torna escrava tanto do mundo quanto da carne, desperdiça a sua fazenda, e vive dissolutamente. Um único pecador é capaz de destruir muitos bens, Eclesiastes 9.18. Os bens que ele destrói são valiosos, e nenhum deles lhe pertence. Ele desperdiça os bens do seu Senhor, pelos quais deverá prestar contas.

[3] Um estado pecaminoso é um estado de necessidade: Quando gastou tudo com as meretrizes, elas o abandonaram para buscarem outra presa. E houve naquela terra uma grande fome, tudo era escasso e caro, e então começou a padecer necessidades, v. 14. Note que o desperdício intencional traz um triste estado de necessidade. Uma vida dissoluta, com o passar do tempo – e talvez em pouco tempo – leva o homem a ter falta de um pedaço de pão, especialmente quando tempos maus apressam as conseqüências de uma má administração.Uma boa gerência teria feito uma provisão para tais ocasiões. Isto representa a miséria dos pecadores, que jogaram fora as próprias bênçãos e misericórdias que recebem, assim como o favor de Deus, o seu interesse em Cristo, as intercessões do Espírito, e as admoestações da consciência; estas coisas eles trocaram pelo prazer dos sentidos, e pela riqueza do mundo, e então estão prontos para perecer pela falta delas. Os pecadores carecem das coisas que fazem bem à alma; eles não têm nem comida nem roupa para ela, nem qualquer provisão para o futuro. Um estado pecaminoso é como uma terra onde a fome reina, uma fome severa e poderosa. Porque o céu é como o latão (os orvalhos dos favores e das bênçãos de Deus são retidos, e passamos necessidade das coisas boas, se Deus negá-las a nós), e a terra é como ferro (o coração do pecador, que deveria gerar coisas boas, está seco e estéril, e não há nada de bom nele). Os pecadores são desgraçadamente e miseravelmente pobres; e, o que agrava ainda mais esta triste situação, é que eles mesmos se colocam nesta condição, e se mantêm nela recusando os suprimentos que lhes são oferecidos.

[4] Um estado pecaminoso é um estado servil e vil. Quando a vida dissoluta deste jovem o levou a padecer necessidades, a sua necessidade o levou à servidão. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, v. 15. A mesma vida ímpia que antes foi representada por viver dissolutamente é

aqui representada por viver de forma servil; porque os pecadores são perfeitos escravos. O diabo é o cidadão daquela terra; porque ele está tanto na cidade como no campo. Os pecadores juntam-se a ele, contratam-se para o seu serviço, para fazerem a obra dele, para estarem às suas ordens, para dependerem dele para o sustento, e para que possam ter uma porção. Aqueles que cometem pecados são servos do pecado, João 8.34. Como este jovem nobre rebaixou-se e se depreciou, quando se empregou em um serviço tão baixo e sob as ordens de um senhor como esse! Ele o mandou para os seus campos, não para alimentar ovelhas (havia algum crédito neste trabalho; Jacó, Moisés, e Davi, cuidavam de ovelhas), mas para apascentar porcos. O negócio dos servos do diabo é fazer provisões para a carne, para satisfazer as concupiscências desta, e isto não é melhor do que alimentar porcos gananciosos, sujos e barulhentos; e como as almas racionais e imortais poderiam se desgraçar mais?

[5] Um estado pecaminoso é um estado de insatisfação perpétua. Quando o pródigo começou a padecer necessidades, ele pensou em ajudar a si mesmo indo trabalhar; e ele deveria estar contente com a provisão que não a casa, mas o campo, fornecia; mas esta é uma provisão pobre: E desejava encher o seu estômago, satisfazer a sua fome, e alimentar o seu corpo, com as bolotas que os porcos comiam, v. 16. O jovem senhor se colocou em uma boa situação, fazendo par com os porcos! Note que os pecadores, quando se afastam de Deus, e prometem a si mesmos a satisfação, ficarão certamente desapontados; eles trabalham naquilo que não pode satisfazer, Isaías 55.2. Aquilo que é a pedra de tropeço da sua iniqüidade nunca fartará a sua alma, nem encherá as suas entranhas, Ezequiel 7.19. Bolotas são alimento para os porcos, não para os homens. A riqueza do mundo e os entretenimentos dos sentidos servirão para os corpos; mas o que são estas coisas para as almas preciosas? Elas não servem à sua natureza, nem satisfazem os seus desejos, nem suprem as suas necessidades. Aquele que se associa com estas coisas se apascenta de vento (Os 12.1), apascenta-se de cinzas, Isaías 44.20.

[6] Um estado pecaminoso é um estado que não pode esperar alívio de nenhuma criatura. Este pródigo, quando não conseguiu ganhar o seu pão através do trabalho, começou a mendigar; mas ninguém lhe dava nada, porque eles sabiam que havia trazido a miséria sobre si mesmo, e porque era devasso e insuportável a todos; um pobre assim recebe menos compaixão. Isto, na aplicação da parábola, sugere que aqueles que se

afastam de Deus não podem ser ajudados por nenhuma criatura. Em vão clamam ao mundo e à carne (aqueles deuses aos quais serviram); eles têm aquilo que envenena a alma, mas não têm nada para a alimentar e nutrir. Se tu recusares a ajuda de Deus, como é que alguma criatura poderá te ajudar?

[7] Um estado pecaminoso é um estado de morte: Este meu filho estava morto, vv. 24, 32. Um pecador não está morto somente na lei, pois está debaixo da sentença de morte, mas morto no estado também, morto em transgressões e pecados, destituído de vida espiritual; sem união com Cristo, sem os seus sentidos espirituais exercitados, sem vida com Deus, e portanto morto. O pródigo na terra longínqua estava morto para o seu pai e para a sua família, separado deles, como um membro amputado do corpo ou um ramo cortado da árvore, e, portanto, morto, e por sua própria culpa.

[8] Um estado pecaminoso é um estado perdido: Este meu filho tinha-se perdido – perdido para tudo o que era bom – perdido para toda a virtude e honra – perdido para a casa de seu pai; eles não tinham nenhuma alegria por causa dele. As almas que estão separadas de Deus são almas perdidas; perdidas como um viajante que está fora de seu caminho. E, se a infinita misericórdia não impedir, logo estará perdido como um navio que está afundado no mar, perdido de forma irrecuperável.

[9] Um estado pecaminoso é um estado de loucura e frenesi. Isto é sugerido na expressão (v. 17), “Caindo em si”, que sugere que ele tinha estado fora de si. Com certeza ele estava assim quando deixou a casa de seu pai, e muito mais neste estado quando se chegou a um dos cidadãos daquela terra. Foi dito que a loucura está no coração dos pecadores, Eclesiastes 9.3. Satanás tomou posse da alma; e que loucura furiosa era a daquele que estava possuído por uma Legião! Os pecadores, como aqueles que estão loucos, destroem-se com loucas concupiscências e, ainda ao mesmo tempo, enganam-se com loucas esperanças; e eles são, dentre todas as pessoas doentes, os maiores inimigos de sua própria cura.

2. Temos aqui seu retorno de sua perambulação, seu retorno penitente para o seu pai. Quando ele foi levado para a última extremidade, então refletiu consigo mesmo quão melhor seria voltar para casa. Note que não devemos ficar desesperados com o pior; porque enquanto há vida, há esperança. A graça de Deus pode amolecer o coração mais endurecido, e trazer uma feliz reviravolta para a corrente de corrupção mais forte. Agora observe aqui:

(1) Qual foi a ocasião de seu retorno e arrependimento. Foi a sua aflição; quando ele estava padecendo necessidades, então caiu em si. Note que as aflições, quando santificadas pela graça divina, demonstram ser meios felizes de converter pecadores do erro de seus caminhos. Por elas o ouvido é aberto para a disciplina e o coração é disposto a receber instruções; e elas são provas sensatas tanto da vaidade do mundo quanto dos danos do pecado. Aplique isto espiritualmente. Quando descobrimos a insuficiência das criaturas para nos fazer felizes, e já tentamos em vão todas as outras maneiras de alívio para as nossas pobres almas, então está na hora de pensarmos em voltar para Deus. Quando vemos que, exceto Cristo, os consoladores são miseráveis e os médicos não têm valor para uma alma que geme sob a culpa e o poder do pecado, e que nenhum homem nos dá o que precisamos, então devemos, certamente, buscar a Jesus Cristo.

(2) Qual foi o preparativo para isso; foi a reconsideração. Ele disse, dentro de si mesmo, ele argumentou consigo mesmo, quando recuperou o seu juízo: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão! Note que a reconsideração é o primeiro passo para a conversão, Ezequiel 18.28. Ele reconsidera, e se converte. Reconsiderar é nos recolhermos em nós mesmos, refletirmos sobre nós mesmos, compararmos uma coisa com outra, e decidirmos corretamente. Agora observe o que foi que ele considerou.

[1] Ele considerou quão ruim era a sua condição: Eu aqui pereço de fome. Não só, “Estou com fome”, mas, “Pereço de fome, porque não vejo como poderia esperar um alívio”. Note que os pecadores só virão a ser servos de Cristo quando se virem prestes a perecer no serviço do pecado; e a consideração disso deve nos levar a Cristo. Mestre, salva-nos, pois perecemos. E embora sejamos levados a Cristo desse modo, Ele não nos rejeitará, nem achará uma desonra sermos forçados a ir a Ele, mas, antes, honrado por ser requisitado em um momento desesperador.

[2] Ele considerou quão melhor poderia ser voltar: Quantos trabalhadores de meu pai, os mais inferiores em sua família, os próprios servos da casa, têm abundância de pão, em uma casa boa que ele possui! Note, em primeiro lugar, que na casa do nosso Pai há pão para toda a sua família. Isto foi ensinado através dos doze pães da proposição, que estavam constantemente sobre a mesa santa no santuário, um pão para cada tribo. Em segundo lugar, há pão suficiente e em abundância, suficiente para todos, suficiente para cada um, suficiente para ceder àqueles que se juntarem aos empregados,

suficiente até mesmo para ceder a outrem como uma caridade. Ainda assim há espaço; há as migalhas que caem de sua mesa, com as quais muitos estariam contentes e agradecidos. Em terceiro lugar, até mesmo os trabalhadores na família de Deus são bem providos; os mais símplices que forem admitidos em sua família, para fazer a sua obra, e depender de suas recompensas, serão bem providos. Em quarto lugar, a consideração deste fato deve encorajar os pecadores, que se desviaram de Deus, a pensar em voltar para Ele. Assim a adúltera raciocina consigo mesma, quando fica desapontada com seus novos amantes: Ir-me-ei e tornar-me-ei a meu primeiro marido, porque melhor me ia, então, do que agora, Oséias 2.7.

(3) Qual foi o propósito disso. Uma vez que a sua condição é tão ruim, e pode ser melhorada voltando para o seu pai, a sua consideração chega, por fim, a esta conclusão: Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai. Note que os bons propósitos são coisas boas; mas, mesmo assim, as boas atitudes são todas consideradas.

[1] Ele determinou o que fazer: Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai. Ele não perderá mais tempo considerando isso, mas sem demora se levantará e partirá. Embora ele esteja em uma terra longínqua, muito distante da casa de seu pai, retornará. Cada passo de apostasia de Deus deve ser um passo de volta em retorno a Ele. Embora o jovem tenha estado trabalhando para um dos cidadãos daquela terra, ele não coloca nenhuma dificuldade para romper o acordo com ele. Não somos devedores à carne. Não estamos debaixo de nenhuma obrigação de avisar nossos capatazes egípcios, mas somos livres para deixar o serviço quando assim desejarmos. Observe com que resolução ele fala: “Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai: Estou decidido que farei isto, não importa o que seja necessário, em vez de ficar aqui e morrer de fome.”

[2] Ele decidiu o que iria dizer. O verdadeiro arrependimento é levantar-se, e ir até Deus: Eis que venho a ti. Mas que palavras levaremos conosco? Ele aqui considera o que dizer. Note que todas as vezes que nos dirigirmos a Deus, é bom pensarmos com antecedência no que diremos, para que possamos levar nossa causa diante dele, e encher nossa boca com argumentos. Nós temos liberdade de expressão, e devemos pensar seriamente em como podemos usar esta liberdade ao máximo. Contudo, não podemos abusar dela. Observemos o que ele se propôs a dizer.

Em primeiro lugar, Ele confessaria a sua falta e loucura: Pequei. Note, visto que todos nós pecamos, nos cabe muito bem reconhecer que pecamos. A confissão do pecado é requerida e insistida, como uma condição necessária para a paz e o perdão. Se alegarmos que somos inocentes, nos colocaremos em um julgamento pela aliança de inocência, a qual certamente irá nos condenar. Se alegarmos que somos culpados, com um coração contrito, penitente e obediente, recorreremos à aliança da graça, que oferece perdão àqueles que confessarem os seus pecados.

Em segundo lugar, o jovem reconheceria a sua falta como grave, e ficaria tão longe de atenuar o problema, a ponto de colocar um fardo sobre si mesmo: Pequei contra o céu e perante ti. Que aqueles que são desobedientes aos seus pais terrenos pensem nisso; eles pecam contra o céu e perante Deus. As ofensas contra eles são ofensas contra Deus. Pensemos todos nisso: sendo o nosso pecado excessivamente acentuado, devemos nos apresentar excessivamente tristes por causa dele. 1. O pecado é cometido como uma atitude de desprezo pela autoridade que Deus tem sobre nós: Pecamos contra o céu. Deus aqui é chamado de céu, significando que Ele é exaltado nas alturas acima de nós, e que Ele domina sobre nós, pois o céu governa tudo e todos. A malignidade do pecado é dirigida para o alto; é contra o céu. É dito que o pecador arrogante pôs a sua boca contra os céus, Salmos 63.9. No entanto, isto é uma malícia impotente, porque não podemos ferir os céus. É uma malícia tola; o que é lançado contra os céus cairá sobre a cabeça daquele que o lançar, Salmos 7.16. O pecado é uma afronta ao Deus do céu, é o confisco das glórias e das alegrias do céu que o pecador arrependido poderia desfrutar, e uma contradição dos propósitos do reino dos céus. 2. O pecado é cometido em desprezo ao olhar de Deus que está sobre nós: Pequei contra o céu e perante ti. Pequei sob o teu olhar, pelo que não poderia haver afronta maior contra o Senhor.

Em terceiro lugar, Ele iria julgar e condenar a si mesmo por isso, reconhecendo que perdeu todos os privilégios da família: Já não sou digno de ser chamado teu filho, v. 19. Ele não nega o parentesco (porque isto era tudo o que ele tinha para confiar), mas reconhece que o seu pai poderia, com justo motivo, negar o parentesco, e fechar a sua porta contra ele. O jovem tinha recebido, por sua própria exigência, a porção dos bens que pensava que lhe pertencia, e não tinha motivos para esperar por mais nada. Note que cabe aos pecadores reconhecerem-se como indignos de receber

qualquer favor da parte de Deus, humilhando-se e rebaixando-se diante dele.

Em quarto lugar, o jovem iria, entretanto, suplicar para ser admitido na família, mesmo que no cargo mais inferior dela: Faze-me como um dos teus trabalhadores: isto já será bom o suficiente, e bom demais para mim. Note que os verdadeiros penitentes têm um elevado apreço pela casa de Deus, e pelos seus privilégios, e ficarão felizes em qualquer lugar, contanto que possam estar dentro dela, nem que sejam apenas como porteiros, Salmos 84.10. Se for imposto a ele – como uma mortificação – que se sente com os servos, ele não só se sujeitará a isso, mas considerará um privilégio, em comparação com o seu estado presente. Aqueles que retornam a Deus – contra quem se revoltaram – só podem desejar de um modo ou de outro serem empregados por Ele, e colocados na posição de servi-lo e honrá-lo: Faze-me como um dos teus trabalhadores, para que eu possa mostrar que amo a casa do meu pai tanto quanto a desprezei.

Em quinto lugar, em tudo isto ele iria ver o seu pai como um pai: “Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai.” Note que enxergar a Deus como um Pai, e o nosso Pai, será de grande utilidade em nosso arrependimento e retorno a Ele. Isto tornará genuína a nossa tristeza pelo pecado, tornará fortes as nossas decisões contra o pecado, e nos encorajará a esperar o perdão. Deus tem prazer em ser chamado de Pai tanto pelos penitentes como pelos suplicantes. Não é Efraim um filho querido?

(4) Como é que o jovem colocou este propósito em prática: E, levantando-se, foi para seu pai. Ele colocou em prática a sua boa decisão sem demora; ele bateu enquanto o ferro estava quente, e não adiou o pensamento para algum momento mais conveniente. Note que é nosso interesse concluir rapidamente as nossas convicções. Dissemos que iríamos nos levantar e ir? Levantemo-nos e vamos imediatamente. Ele não parou na metade do caminho, fingindo estar cansado, e que não poderia ir além; mas, mesmo fraco e aflito como estava, ele foi até o fim em seu propósito. “Se voltares, ó Israel, diz o Senhor, para mim voltarás; e, se tirares as tuas abominações de diante de mim, não andarás mais vagueando” (Jr 4.1). Em outras palavras, Israel deveria voltar a fazer as suas primeiras obras.

3. Temos aqui sua recepção e a acolhida que recebeu junto a seu pai: Ele foi para seu pai; mas, ele foi bem recebido? Sim, entusiasticamente bem recebido. E, a propósito, este é um exemplo para os pais cujos filhos foram

tolos e desobedientes. Se eles se arrependerem, e se sujeitarem, os pais não devem ser ríspidos e severos com eles, mas devem ser governados pela sabedoria que vem do alto, que é suave e facilmente concedida quando pedida. Com isso, os pais precisam ser seguidores de Deus, misericordiosos como Ele. Mas tudo isto tem o propósito principal de demonstrar a graça e a misericórdia de Deus aos pobres pecadores que se arrependem e voltam para Ele, e a prontidão do Senhor para perdoá-los. Agora, observe aqui:

(1) O grande amor e a grande afeição com que o pai recebeu o filho: E, quando ainda estava longe, viu-o o pai, v. 20. Ele expressou a sua bondade antes do filho expressar o seu arrependimento; pois Deus nos concede antecipadamente as bênçãos de sua bondade. Mesmo antes de pedirmos, Ele responde; porque Ele sabe o que está nos nossos corações. Eu disse, confessarei, e tu perdoarás. Como são vivas as imagens apresentadas aqui! [1] Aqui estavam olhos de misericórdia, e estes olhos tinham uma visão rápida: Quando ainda estava longe, viu-o o pai, antes de qualquer outro de sua família ter-se dado conta dele, como se do topo de alguma torre alta ele estivesse olhando na direção do caminho pelo qual o seu filho tinha partido, com um pensamento assim, “Ó, como eu gostaria de ver ao longe aquele meu filho desventurado voltando para casa!” Isto sugere o desejo de Deus pela conversão dos pecadores, e a sua prontidão em encontrar aqueles que vêm em sua direção. Ele procura homens, quando eles se desviam dEle, para ver se voltarão para Ele, e está atento à mínima inclinação deles em sua direção. [2] Aqui estavam as entranhas da misericórdia, e estas entranhas estavam se revolvendo dentro dele. Assim, o pai estava se compadecendo pela visão de seu filho: ele se moveu de íntima compaixão. A miséria é o objeto da piedade, mesmo a miséria de um pecador; embora ele a tenha trazido sobre si mesmo, Deus se compadece. Angustiou-se a sua alma por causa da desgraça de Israel, Oséias 11.8 e Juízes 10.16. [3] Aqui estavam pés de misericórdia, e estes pés andaram rapidamente: Correndo. Isto denota como Deus é rápido para mostrar misericórdia. O filho pródigo veio devagar, debaixo de um fardo de vergonha e medo; mas o pai carinhoso correu para encontrá-lo, oferecendo o seu encorajamento. [4] Aqui estavam braços de misericórdia, e estes braços esticaram-se para abraçá-lo: *Lançou-se-lhe ao pescoço*. Embora culpado e merecendo ser castigado, embora sujo, e recém-chegado de alimentar porcos, de forma que qualquer um que não tivesse as mais fortes e mais ternas compaixões que

um pai teria relutado em tocá-lo, ele, assim, o toma em seus braços, e o coloca em seu seio. Os verdadeiros penitentes são tão queridos para Deus, e são assim bem-vindos ao Senhor Jesus. [5] Aqui estavam lábios de misericórdia, e estes lábios estavam pingando como um favo de mel: *O beijou*. Este beijo não só assegurou que o jovem era bem-vindo, mas selou o seu perdão; as suas primeiras loucuras serão todas perdoadas, e não serão mencionadas contra ele, nem uma palavra é dita a título de censura. Este foi como o beijo de Davi em Absalão, 2 Samuel 14.33. E isto sugere como o Senhor Jesus está pronto, livre e ansioso por receber e acolher os pobres pecadores que se arrependem e voltam, de acordo com a vontade de seu Pai.

(2) A submissão penitente que o pródigo demonstrou a seu pai (v. 21): E o filho lhe disse: *Pai! Pequei*. Assim como é louvável a bondade que o bom pai mostrou antes que o pródigo expressasse seu arrependimento, também é louvável o arrependimento que expressou depois que seu pai lhe mostrou tanta bondade. Quando recebeu o beijo que selou seu perdão, ele disse: *Pai, pequei*. Note que mesmo aqueles que receberam o perdão de seus pecados, e o sentimento reconfortante do perdão, devem ter em seus corações uma sincera contrição e, com suas bocas, devem fazer uma confissão penitente disso, mesmo daqueles pecados que têm motivos para esperar que estejam perdoados. Davi escreveu o salmo 55 depois que Natã disse: “O Senhor tirou o teu pecado, tu não morrerás”. Mas o sentimento reconfortante do perdão do pecado deve aumentar a nossa dor por ele; e esta é uma dor evangélica sincera que é aumentada por esta reconsideração. Veja Ezequiel 16.63: Para que te envergonhes, quando me reconciliar contigo. Quanto mais virmos a presteza com que Deus nos perdoa, mais contritos deveremos estar, e mais afastados do pecado deveremos nos manter.

(3) A esplêndida provisão que este pai bondoso fez para o pródigo que retornava. Ele prosseguiu em sua submissão, mas encontramos uma palavra que ele havia proposto dizer (v. 19) mas não disse (v. 21), e era, Faze-me como um dos teus trabalhadores. Não podemos pensar que ele tenha se esquecido, muito menos que ele tenha mudado de idéia, ou que agora se mostrasse menos desejoso de estar na família ou menos disposto a ser um trabalhador ali, do que quando fez este propósito; mas o seu pai o interrompeu; ele foi impedido de prosseguir: “Espere, filho, não fales mais da tua indignidade, tu és cordialmente bem-vindo, e, embora indigno de ser chamado de filho, será tratado como um filho precioso, como um filho que

nos traz alegria". Aquele que é assim acolhido, a princípio não precisa pedir para ser tratado como um trabalhador. O mesmo ocorreu quando Efraim se queixou; Deus o consolou, Jeremias 31.18-20. É estranho que aqui não haja nenhuma palavra de repreensão: Por que você não ficou com as suas meretrizes e com os seus porcos? Você jamais poderia ter encontrado o caminho de casa até ser golpeado com a sua própria vara. Não, aqui não há nada assim; isto sugere que, quando Deus perdoa os pecados dos verdadeiros penitentes, Ele os esquece, não se lembra mais deles. Não haverá nenhuma lembrança contra eles, Ezequiel 18.22. Mas isto não é tudo; aqui uma provisão rica e nobre é feita para ele, de acordo com o seu nascimento e qualidade, muito além do que ele fez ou daquilo que poderia esperar. Ele teria achado suficiente, e teria ficado muito agradecido, se o seu pai tivesse apenas notado a sua presença, e lhe oferecido para ir à cozinha, e comer o seu jantar com os seus servos. Mas Deus abençoa aqueles que voltam à sua obediência, e se lançam sobre a sua misericórdia, tratando-os muito melhor do que são capazes de pedir ou pensar. O pródigo foi para casa entre a esperança e o medo, medo de ser rejeitado e esperança de ser recebido; mas seu pai não só foi melhor para ele do que os seus medos, mas melhor para ele do que as suas esperanças – não só o recebeu, mas o recebeu com respeito.

[1] Ele foi para casa em trapos, e seu pai não só o vestiu, mas o adornou. Ele disse aos servos, todos os que serviam ao seu senhor, notando que o seu filho tinha chegado, Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho. As piores roupas velhas na casa poderiam ter servido, e elas teriam sido boas o bastante para ele; mas o pai não pede uma capa, mas uma túnica, a roupa dos príncipes e homens célebres, a melhor roupa – *ten stolen ten proten*. Aqui há uma dupla ênfase: "Aquela túnica, aquela túnica principal, vocês sabem a qual eu me refiro;" a primeira túnica (assim isto pode ser lido); a roupa que ele usava antes de sair de casa. Quando os apóstatas se arrependem e fazem as suas primeiras obras, eles devem ser recebidos e vestidos em suas primeiras roupas. "Trazei aqui aquela roupa, vesti-lho; ele ficará envergonhado ao vesti-la, e pensará que não fica bem àquele que vem para casa em roupas tão sujas, mas vesti-lho, e não a ofereçam meramente a ele; e ponde-lhe um anel na mão, um anel de sinete, com as armas da família, como um sinal de que ele foi reconhecido como um membro da família". As pessoas ricas usavam anéis, e seu pai por meio dele quis

demonstrar que embora seu filho tenha gastado uma porção, pelo seu arrependimento, o pai tinha a intenção de lhe dar uma outra. Ele voltou para casa descalço, seus pés talvez estivessem doloridos pela viagem, e portanto, Ponde-lhe sandálias nos pés, para que ele se sinta confortável. Assim a graça de Deus provê para os verdadeiros penitentes. Primeiro, a justiça de Cristo é a túnica, aquela túnica principal, com a qual eles são vestidos; eles vestem o Senhor Jesus Cristo, são vestidos com o Sol da Justiça. A túnica de justiça é a veste de salvação, Is 61.10. Uma nova natureza é esta melhor túnica; os verdadeiros penitentes são vestidos com ela, e são completamente santificados. Em segundo lugar, o penhor do Espírito, pelo qual somos selados para o dia da redenção, é o anel na mão. Depois que você creu, você foi selado. Aqueles que são santificados são adornados e dignificados, são colocados no poder, como aconteceu com José quando Faraó lhe deu um anel: “Ponde-lhe um anel na mão, para que este seja diante dele um memorial da bondade de seu pai, para que ele nunca possa se esquecer”. Em terceiro lugar, a preparação no Evangelho da paz é como os calçados para os nossos pés (Ef 6.15), de forma que, comparados com estes que são mencionados aqui, significa (disse Grotius) que Deus, quando recebe os verdadeiros penitentes, em seu favor, usa-os em sua obra para convencer e converter outros através de suas instruções, ou ao menos através de seus exemplos. Davi, quando for perdoado, ensinará aos transgressores os caminhos de Deus; e Pedro, quando for convertido, fortalecerá os seus irmãos. Isto também pode sugerir que eles prosseguirão alegremente, e decididos, no caminho da religião, como um homem faz quando tem calçados nos seus pés. Ele será capaz de fazer muito mais do que faria se estivesse descalço.

[2] Ele voltou para casa com fome, e seu pai não só o alimentou, mas lhe ofereceu um banquete (v. 23): “Trazei o bezerro cevado, que foi engordado em estábulo, e por muito tempo reservado para alguma ocasião especial, e matai-o, para que meu filho possa ser satisfeito com o melhor que temos”. Carne fria poderia ter servido, ou os restos da última refeição; mas lhe será servida carne fresca e carne quente. E, na opinião do seu pai, o bezerro cevado jamais poderia ter sido oferecido em uma situação mais importante. Note que há uma comida excelente provida pelo nosso Pai celestial para todos aqueles que se levantam e vão a Ele. O próprio Cristo é o Pão da Vida; a sua carne com certeza é alimento, e o seu sangue com certeza é

bebida. Nele há um banquete para as almas, um banquete abundante. Esta foi uma grande mudança para o pródigo, que pouco tempo antes desejava encher o seu estômago com bolotas. Como serão doces as provisões da nova aliança, e os sabores de seus confortos, para aqueles que têm buscado a satisfação na criatura! Agora aquele jovem voltou a desfrutar as bênçãos de seu lar. As suas próprias palavras foram transformadas em bem: Na casa do meu pai há abundância de pão.

(4) A grande alegria e júbilo que foram gerados pelo seu retorno. O bezerro cevado foi trazido com o propósito de não ser somente um banquete para ele, mas uma festa para a família: Comamos e alegremo-nos, pois este é um dia bom; porque este meu filho estava morto, quando estava vagueando, mas o seu retorno é como a vida surgindo dos mortos; ele reviveu. Pensávamos que ele estivesse morto, não tendo ouvido nada sobre ele por muito tempo, mas eis que ele vive; ele estava perdido, desistimos dele considerando-o perdido, ficamos desesperados querendo notícias dele. Mas agora ele foi achado. Note: [1] A conversão de uma alma do pecado a Deus é o ressurgimento desta alma da morte para a vida. É como achar aquilo que parecia estar perdido; é uma mudança grande, maravilhosa e feliz. O que estava morto, em si, é tornado vivo; o que estava perdido para Deus e para a sua igreja é achado, e o que era inútil torna-se proveitoso, Filemom 11. É uma mudança como esta que ocorre sobre a face da terra por ocasião da volta da primavera. [2] A conversão dos pecadores é grandemente agradável ao Deus do céu, e todos aqueles que pertencem à sua família devem se regozijar por causa dela. Os que estão no céu se regozijam, e os que estão na terra devem se regozijar. Observe que foi o pai que começou a se alegrar, e que fez com que todos os demais se regozijassem. Portanto, devemos nos alegrar pela conversão dos pecadores, porque isto cumpre o propósito de Deus. Neste processo são levados a Cristo aqueles a quem o Pai lhe havia dado, e em quem Ele será glorificado para sempre. Nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus (1 Ts 3.9). Paulo disse, em outras palavras, que os crentes eram o seu gozo diante de nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Pai da família, 1 Tessalonicenses 2.19. A família obedeceu ao pai. Eles começaram a se alegrar. Note que os filhos e os servos de Deus devem ser um só com Ele. Eles devem ser afetados pelas coisas, assim como Ele o é.

4. Temos aqui a queixa e a indignação do irmão mais velho, que é descrita por causa da reprovação dos escribas e fariseus, para lhes mostrar a loucura e a impiedade do seu descontentamento pelo arrependimento e conversão dos publicanos e pecadores, e do favor que Cristo lhes mostrou. E ele apresenta a sua indignação de uma forma que não agrava o problema, mas ainda lhes concede os privilégios do irmão mais velho: os judeus tinham estes privilégios (embora os gentios fossem favorecidos), porque a pregação do Evangelho deve começar em Jerusalém. Cristo, quando os censurou por suas faltas, dirigiu-se a eles de forma branda, para acalmá-los e fazê-los agir de um modo agradável em relação aos pobres publicanos. Mas através das palavras do irmão mais velho, aqui, podemos entender aqueles que realmente são bons, e que têm sido assim desde a juventude, e que nunca se desviaram para nenhum caminho dissoluto na vida. Estes, comparativamente, não precisam de arrependimento (embora isto não signifique que não tenham pecados. Eles também precisam do perdão e da salvação em Cristo). E estas palavras de encerramento – Filho, tu sempre estás comigo – são aplicáveis sem qualquer dificuldade, mas não aos escribas e fariseus. Agora, com relação ao irmão mais velho, observe:

(1) Como ele foi tolo e rabugento por ocasião da recepção de seu irmão, e como ficou indignado. Parece que ele estava fora, no campo, quando o seu irmão chegou, e no momento que ele voltou para casa a alegria já tinha começado. Quando o irmão mais velho chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. Ele também pode ter chegado quando o jantar estava sendo preparado, ou até mesmo depois que eles tinham comido e estavam satisfeitos, v. 25. Ele perguntou o que era aquilo (v. 26), e foi informado de que seu irmão tinha vindo, que seu pai lhe fizera um banquete para lhe dar as boas-vindas ao lar, e que havia grande alegria por tê-lo recebido são e salvo, v. 27. Há apenas uma única palavra no original, ele o havia recebido – *hygiainonta – com saúde*, bem tanto no corpo quanto na mente. O pai o recebeu não só com saúde física, mas na condição de um penitente, de volta ao seu juízo perfeito, e bem reconciliado com a casa de seu pai, curado de seus vícios e de sua disposição devassa; caso contrário, ele não teria sido recebido são e salvo. Agora, isto ofendeu o irmão mais velho no grau mais elevado. Ele se indignou e não queria entrar (v. 28), não só porque estava decidido a não participar da alegria, mas porque queria mostrar o seu descontentamento com tudo aquilo, e estava sugerindo ao seu pai que ele

não deveria ter recebido o seu irmão mais novo. Isto mostra uma falta que é comum:

[1] Nas famílias dos homens. Aqueles que sempre foram um conforto para os seus pais, pensam que possuem o monopólio dos favores de seus pais, que têm o direito de ser muito contundentes com aqueles que têm transgredido, e não aceitam a bondade dos seus pais para com os transgressores.

[2] Na família de Deus. Aqueles que são comparativamente inocentes raramente sabem como ter compaixão daqueles que são manifestadamente penitentes. Aqui temos a linguagem desta situação, expressa nas palavras do irmão mais velho (vv. 29, 30). E tudo isto foi escrito como uma advertência àqueles que, pela graça de Deus, se guardam do pecado e dos escândalos, e se mantêm no caminho da justiça e da sobriedade, para que não pequem de uma forma semelhante a esta transgressão. Observemos as particularidades da situação. Em primeiro lugar, aquele irmão mais velho se vangloriava de si mesmo e de sua própria justiça e obediência. Ele não só não tinha abandonado a casa de seu pai, como fez o seu irmão, mas agia como se fosse um servo nela, e tinha feito isso por muito tempo. “Eis que te sirvo há tantos anos, sem transgredir o teu mandamento”. Note que é bastante comum que aqueles que são melhores que seus vizinhos vangloriem-se disso; sim, e se vangloriam disso perante o próprio Deus, como se Ele estivesse em dívida para com eles por causa disso. Estou propenso a pensar que este irmão mais velho disse mais do que era verdade, quando alegou, com tamanha vaidade, que nunca havia transgredido os mandamentos de seu pai. Ele deixa esta dúvida no ar; se fosse tão obediente, não teria sido tão obstinado como estava se mostrando agora diante das súplicas de seu pai. No entanto, admitiremos isso comparativamente; ele não havia sido tão desobediente quanto o seu irmão. Como os homens bons têm a necessidade de prestar atenção ao orgulho, à corrupção que surge das cinzas de outras corrupções! Aqueles que há muito tempo têm servido a Deus, e se guardam dos pecados flagrantes, têm muito pelo que ser humildemente agradecidos, e não possuem nada de que possam se vangloriar de forma orgulhosa. Em segundo lugar, o mais velho se queixou de seu pai, como se seu pai não tivesse sido tão bondoso quanto deveria ter sido com ele, que tinha sido tão obediente: Nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Agora ele estava irritado,

caso contrário não teria feito esta reclamação; pois, sem dúvida, se ele tivesse pedido tal coisa, a qualquer hora, poderia tê-la de imediato. E temos motivos para pensar que ele não desejava isso, mas o fato do pai ter matado o bezerro cevado fez com que ele fizesse esta reflexão impertinente. Quando os homens estão dominados por uma paixão, eles estão propensos a refletir de um modo que não fariam se estivessem em seu perfeito juízo. Ele tinha sido alimentado na mesa de seu pai, e havia por diversas vezes se alegrado com ele e com a família; mas o seu pai jamais havia lhe dado algo como um cabrito, que era uma pequena prova de amor quando comparado com o bezerro cevado. Note que aqueles que pensam de forma exaltada a respeito de si mesmos e de seus serviços são propensos a pensar de forma severa a respeito de seu mestre, e de forma maldosa a respeito de seus favores. Devemos nos considerar totalmente indignos das misericórdias que Deus considerou adequadas para nos dar, muito mais do que daquelas que Ele pensou que não seriam adequadas. Portanto não devemos reclamar. Ele teria tido um cabrito, para se alegrar com os seus amigos de fora, enquanto que o bezerro cevado que ele invejou tanto foi dado ao seu irmão, não para se alegrar com os seus amigos de fora, mas com a família em casa; a alegria dos filhos de Deus deve ser desfrutada com o seu pai e com a sua família, em comunhão com Deus e seus santos, e não com outros amigos. Em terceiro lugar, ele ficou muito irritado contra o seu irmão mais novo, e foi severo demais no que pensou e disse em relação a ele. Algumas pessoas boas são propensas a serem surpreendidas nesta falta, e a se entregarem demais a esta, olhando com desdém para aqueles que não preservaram a sua reputação tão limpa quanto elas fizeram, e de serem ranzinzas e mal-humorados em relação a eles, embora tenham dado uma evidência muito boa de seu arrependimento e conversão. Este não é o Espírito de Cristo, mas é o espírito dos fariseus. Observemos os exemplos disso. 1. Ele não queria entrar, a menos que o seu irmão fosse colocado para fora; uma casa só não teria lugar para os dois irmãos, nem mesmo a casa de seu pai. Esta linguagem era a dos fariseus (Is 65.5): Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu; e (cap. 18.11) Não sou como os demais homens, nem ainda como este publicano. Note que embora devamos evitar a associação com os pecadores por quem corremos o risco de ser infectados, não devemos ser tímidos na companhia de pecadores penitentes, por que esta associação pode ser benéfica. O irmão mais velho viu que o seu pai

havia admitido a entrada de seu irmão na casa, e por esta razão ele não entraria. Observe que estaremos pensando bem demais a nosso próprio respeito se não pudermos encontrar em nossos corações a disposição para receber aqueles a quem Deus já recebeu, admitindo-os em favor, amizade, e comunhão conosco. Isto também se aplica àqueles a quem o Senhor nosso Deus está disposto a conceder algum favor, àqueles que são levados à amizade e à comunhão com Ele. 2. O mais velho não queria chamá-lo de irmão; mas este teu filho, uma palavra que soa de forma arrogante, e que refletiria diretamente sobre o seu pai, como se a sua indulgência o tivesse tornado um pródigo: Ele é teu filho, o teu querido. Note que esquecer o parentesco que temos com os nossos irmãos, como irmãos, e não reconhecê-lo, é uma atitude que está na raiz de todas as negligências dos nossos deveres para com eles, e também das nossas contradições em relação a estes deveres. Demos às nossas relações, tanto na carne como no Senhor, os títulos que lhes pertencem. Que os ricos chamem os pobres de irmãos, e que os inocentes também chamem os penitentes por este título. 3. Ele agrava as faltas de seu irmão, e as torna piores, tentando instigar o seu pai contra ele: “Este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes”. É verdade que ele havia gastado sua própria porção da herança loucamente (se foi com as meretrizes ou não, não nos foi dito antes, talvez esta tenha sido apenas a linguagem do ciúme e a má vontade do irmão mais velho), mas não era verdade que ele havia desperdiçado *toda* a fazenda do seu pai. Aquele senhor ainda tinha um bom patrimônio. Agora, isto mostra como somos propensos – ao censurarmos nossos irmãos – a tornar as coisas piores, e a descrever as situações sob as cores mais fortes. Isto não é o que esperamos que outros façam em relação a nós, nem aquilo que o nosso Pai celestial faria em relação a nós, pois Ele não age de uma forma radical em relação às iniqüidades que já foram perdoadas. Ele perdoa e esquece (Is 38.17; Jr 31.34). 4. O filho mais velho mostrou que estava ressentido pela bondade que seu pai demonstrou ao pródigo: “Mataste-lhe o bezerro cevado, como se ele fosse o filho que deveria ser”. Note que é errado invejar os penitentes pela graça que recebem da parte de Deus, e ter um olho mau pelo fato de o Senhor ser bom. Assim como não devemos invejar aqueles que foram os piores pecadores, e, que receberam as dádivas da providência comum (Não permita que teu coração inveje os pecadores), não devemos invejar aqueles que foram os piores pecadores, e que receberam os

dons do amor da aliança, quando se arrependeram. Não devemos invejá-los pelo perdão, pela paz e pelo conforto que receberam, nem por qualquer dom extraordinário que Deus lhes conceda, pois estes os tornam eminentemente aceitáveis e úteis. Paulo, antes de sua conversão, tinha sido um pródigo, tinha desperdiçado a fazenda de seu Pai celestial através do estrago que fez na igreja. Entretanto, depois de sua conversão, recebeu medidas maiores da graça, e foi colocada sobre ele uma honra maior do que a dos outros apóstolos. Eles, que eram os irmãos mais velhos, que serviram a Cristo, quando Paulo os perseguia. E que não tinham em momento algum transgredido os mandamentos do Senhor, não o invejaram por suas visões e revelações, nem por sua utilidade mais extensa, mas glorificaram a Deus pela vida de Paulo. Este tipo de atitude deve ser um exemplo para nós. Ela é o inverso da atitude deste irmão mais velho.

(2) Vejamos agora como o pai foi favorável e amigável em suas maneiras em relação ao filho mais velho, quando este foi tão amargo e mal-humorado. Isto é tão surpreendente quanto aquilo que já comentamos anteriormente. Parece-me que a misericórdia e a graça do nosso Deus em Cristo brilham quase tão forte na sua atitude terna e gentil com os santos impertinentes – representados aqui pelo irmão mais velho – quanto antes em sua recepção dos pecadores pródigos quando se arrependem – representados aqui pelo irmão mais novo. Os próprios discípulos de Cristo tinham muitos defeitos, e eram homens sujeitos às mesmas paixões que atraíam os outros. Mesmo assim, Cristo os tratou como a ama que cria os seus filhos. Veja 1 Tessalonicenses 2.7.

[1] Como o irmão mais velho recusou-se a entrar, seu pai saiu e instava com ele, dirigindo-lhe palavras amenas e boas, e desejava que ele entrasse. Ele poderia, de forma, justa ter dito: “Se ele não quer entrar, permaneça do lado de fora. Fechemos as portas, e que ele procure uma pousada onde puder achar. Não é esta a minha própria casa? E não posso deixar entrar quem eu quiser? O bezerro cevado não é meu? E não posso fazer com ele o que eu quiser?” Mas, aquele homem não agiu assim. Da mesma forma como foi ao encontro do filho mais novo, ele agora sai ao encontro do filho mais velho, não mandando um servo com uma mensagem gentil, mas foi pessoalmente. Agora, em primeiro lugar, esta narrativa tem o propósito de nos apresentar a bondade de Deus; como o Senhor foi inexplicavelmente gentil e cativante para com aqueles que foram inexplicavelmente

intransigentes e provocantes. Ele argumentou com Caim: “Por que te iraste?” Ele suportou os costumes de Israel no deserto, Atos 13.18. Com que suavidade Deus argumentou com Elias, quando o profeta estava aflito (1 Rs 19.46), e especialmente com Jonas, cujo caso foi muito semelhante a este aqui, porque aquele servo de Deus estava perturbado por causa do arrependimento de Nínive, e por causa da misericórdia mostrada a ela – exatamente como o irmão mais velho agiu aqui. E as perguntas – “É razoável esse teu ressentimento?” e, “Não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive?” – não são diferentes das admoestações que o pai expressa ao seu filho mais velho no texto que estamos estudando. Em segundo lugar, ela tem a finalidade de ensinar a todos os superiores a serem brandos e gentis para com aqueles que estão em uma posição inferior à sua. Eles devem agir desta forma mesmo quando estiverem errados, não tentando se justificar com veemência, pois nada poderia ser mais provocador. No entanto, mesmo neste caso, os pais não devem provocar a ira dos filhos, e os senhores devem se abster das ameaças; ambos devem mostrar toda mansidão.

[2] Seu pai lhe afirmou que a bondosa recepção que ofereceu ao seu irmão mais novo, não foi uma censura a ele, nem deveria ser considerado como um preconceito em relação a ele (v. 31): “Nunca foste tratado de um modo pior, e nunca tiveste menos. Filho, tu sempre estás comigo; a recepção que ofereci ao teu irmão não significa qualquer rejeição a ti, nem o que é dado a ele representa qualquer diminuição do que pretendo dar a ti. Tu ainda permaneces com o direito ao *pars enitia* (assim a nossa lei o chama), a porção dobrada (assim a lei judaica o chamava); tu serás *haeres ex asse* (assim a lei romana o chamava); todas as minhas coisas são tuas, por um título irrevogável”. Se o pai não lhe deu um cabrito para que se alegrasse com seus amigos, ele lhe permitira comer em sua mesa continuamente; e é melhor sermos felizes com nosso Pai no céu, do que nos alegrarmos com qualquer amigo que tenhamos neste mundo. Note em primeiro lugar que a felicidade indescritível de todos os filhos de Deus é que permaneçam na casa de seu Pai, e que estejam para sempre com Ele. Eles vivem neste mundo pela fé; e viverão assim no mundo porvir com muito gozo. E tudo o que Ele possui é deles; porque, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, Romanos 8.17. Em segundo lugar, portanto, não devemos invejar os outros pela graça de Deus que lhes é concedida, porque não teremos

menos pelo fato de serem abençoados; o Deus a quem servimos é infinito, e por esta razão os seus recursos também são infinitos. Se formos crentes verdadeiros, tudo o que Deus é, e tudo o que Ele possui, é nosso. E, se os outros forem crentes verdadeiros, tudo o que Ele é, e tudo o que Ele possui, será deles também. Contudo, não teremos menos pelo fato do Senhor nosso Deus lhes conceder as suas bênçãos. É como aqueles que andam na luz e no calor do sol; eles têm todo o benefício que podem ter dele, contudo, não recebem menos pelo fato dos outros receberem a mesma quantidade de sol. Cristo, em sua igreja, pode ser comparado com aquilo que é dito a respeito da alma no corpo: é *tota in toto – tudo no todo*. No entanto, Ele também é *tota in qualibet parte – o todo em cada parte*.

[3] Seu pai lhe deu uma boa razão para esta alegria incomum na família: "Era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos", v. 32. Ele podia ter insistido com base na sua própria autoridade: "Era minha vontade que a família se alegrasse e se regozijasse". *Stat pro ratione voluntas – A razão é minha, eu quero que seja assim.* Mas isto não convém, mesmo àqueles que têm autoridade para sustentar e apelar para isto em cada ocasião, o que somente o faz vulgar e comum, sendo melhor apresentar uma razão convincente, como o pai faz aqui: Era justo, e muito conveniente, que nos alegrássemos pelo retorno de um filho pródigo, mais do que pela constância de um filho obediente. Pois, embora este seja uma bênção maior para uma família, ainda assim aquele é um prazer mais considerável. Qualquer família seria muito mais arrebatada com alegria na ressurreição de um filho morto para a vida, sim, ou no restabelecimento de um filho de uma doença que fosse considerada mortal, do que pela continuidade da vida e da saúde de muitos filhos. Observe que Deus será justificado quando falar, e toda carne, mais cedo ou mais tarde, estará calada diante dele. Nós não encontramos que o irmão mais velho tenha feito alguma contestação ao que seu pai disse, o que sugere que ele estava inteiramente satisfeito, e aquiesceu à vontade do seu pai, e foi apropriadamente reconciliado com seu irmão pródigo. E seu pai lembrou-lhe que ele era seu irmão: "Este teu irmão". Observe que um homem bom, embora não tenha tal domínio de si mesmo em todas as ocasiões, como para conter seu temperamento, ainda assim, com a graça de Deus, restabelecerá seu temperamento. Ainda que ele caia, não permanecerá completamente prostrado. Mas quanto aos escribas e fariseus, para cuja convicção isto foi primeiramente planejado, pelo que parece,

continuaram com o mesmo desafeto para com os pecadores dos gentios, e para com o Evangelho de Cristo, porque era pregado a eles.

CAPÍTULO 16

O objetivo do discurso de Cristo neste capítulo é despertar e estimular a todos nós a usarmos este mundo e não abusarmos dele, de forma a administrarmos todos os nossos bens e prazeres aqui, para que eles possam nos favorecer e não agir contra nós no outro mundo; porque eles farão uma coisa ou outra, de acordo com a maneira como os usarmos agora. I. Se fizermos o bem com eles, e dispusermos do que tivermos em obras de piedade e caridade, iremos colher o benefício disso no mundo por vir; e isto o Senhor mostra na parábola do mordomo infiel, que negociou de forma tão justa os bens de seu senhor que, quando foi dispensado de sua mordomia, pode se valer de uma vida confortável. Na parábola em si temos (vv. 1-8) sua explicação e sua aplicação (vv. 9-13), e também o desprezo que os fariseus expressaram pela doutrina que Cristo lhes pregou, pelo qual Ele os reprovou veementemente, acrescentando algumas outras palavras importantes, vv. 14-18. II. Se, em vez de fazermos o bem com nossos prazeres terrenos, os tornamos o alimento e o combustível de nossas concupiscências, de nossa luxúria e sensualidade, e negarmos o alívio aos pobres, certamente pereceremos eternamente, e as coisas deste mundo, que foram assim abusadas, apenas nos acrescentarão infelicidade e tormento. Isto o Senhor mostra em outra parábola, a do homem rico e Lázaro, que tem igualmente mais uma intenção, que é despertar a todos nós para que levemos a sério a advertência que nos foi dada pela palavra escrita, e não esperemos mensagens imediatas do outro mundo, vv. 19-31.

O Mordomo Infiel

vv. 1-18

Nos enganaremos se imaginarmos que o propósito da doutrina e da santa religião de Cristo é nos entreter com noções dos mistérios divinos ou nos distrair com noções das misericórdias divinas. Não, a revelação divina de

ambas as coisas no Evangelho tem o propósito de nos envolver e nos estimular à prática dos deveres cristãos, como também ao dever da beneficência e de fazer o bem àqueles que tiverem necessidade de qualquer coisa que tivermos ou pudermos fazer por eles. A isto nosso Salvador está nos exortando, nos lembrando de que somos apenas mordomos da multiforme graça de Deus. E uma vez que fomos infiéis em várias situações, e perdemos o direito ao favor de nosso Senhor, é sabedoria nossa pensar como podemos – de uma forma ou de outra – fazer um bom proveito daquilo que temos no mundo. As parábolas não devem ser forçadas além de seu propósito principal, e, portanto, não devemos daí inferir que qualquer um possa nos ajudar se estivermos sob a indignação do nosso Senhor, mas que, de forma geral, devamos dispor do que tivermos em obras de piedade e caridade para que possamos encontrar novamente o conforto do outro lado da morte e do túmulo. Se estivermos dispostos a agir com sabedoria, deveremos ser diligentes e zelosos para que possamos empregar as nossas riquezas nos atos de piedade e caridade, a fim de promovermos o nosso futuro e eterno bem-estar. Devemos observar como os homens mundanos são diligentes e zelosos ao empregarem os seus recursos em benefício de um lucro temporal, fazendo a maior amizade possível com as riquezas, e assegurando outros interesses seculares. Assim diz o Dr. Clarke. Agora consideremos:

I A parábola em si, na qual todos os filhos dos homens são representados como mordomos do que possuem neste mundo. E somos, realmente, apenas mordomos. Seja o que for que tivermos, devemos estar conscientes de que tudo pertence a Deus; temos apenas o privilégio de usar as coisas, e isto de acordo com a instrução do nosso grandioso Senhor, e para a sua honra. O rabino Kimchi, citado pelo Dr. Lightfoot, diz, “Este mundo é uma casa; o céu é o telhado; as estrelas as luzes; a terra, com seus frutos, um pano de mesa; o Senhor da casa é o santo e bendito Deus; o homem é o mordomo, em cujas mãos os produtos desta casa são entregues. Se o homem se comportar bem, achará favor aos olhos do seu Senhor; se não, ele será dispensado da sua mordomia.” Agora:

1. Aqui está a desonestidade deste mordomo. Ele dissipou os bens do seu senhor, defraudando-o, e fazendo mau uso deles, ou através da negligência fez com que eles se perdessem e fossem arruinados. Por isso ele foi acusado

perante o seu senhor, v. 1. Todos nós somos passíveis da mesma acusação. Não fizemos as devidas benfeitorias àquilo que Deus nos confiou neste mundo, mas pervertemos o seu propósito; e, para que não sejamos por isso julgados pelo nosso Senhor, devemos julgar a nós mesmos.

2. A dispensa de sua função. O seu senhor o chamou, e disse, “Que é isso que ouço de ti? Eu esperava coisas melhores de ti”. Ele fala como alguém que está triste por se achar desapontado com o seu mordomo, e sob a necessidade de dispensá-lo de seu serviço. O mordomo fica perturbado por ouvir isto; mas não pode negar, e, portanto, não há remédio; ele deve prestar contas e logo se retirar, v. 2. Agora, isto tem o propósito de nos ensinar: (1) Que em breve todos nós seremos dispensados da nossa mordomia neste mundo; não devemos desfrutar para sempre as coisas que desfrutamos agora. A morte virá, e nos dispensará da nossa mordomia, nos destituirá das habilidades e oportunidades que agora temos de fazer o bem, e outros assumirão os nossos lugares e terão os benefícios que temos agora. (2) Que a dispensa da nossa mordomia na morte é justa, e é o que merecemos, porque desperdiçamos os bens do nosso Senhor, e desse modo perdemos o nosso cargo de confiança; de forma que não poderemos reclamar de nada que nos for feito. (3) Que quando a nossa mordomia for tirada de nós, deveremos prestar contas dela ao nosso Senhor: Após a morte, segue-se o juízo. Somos bastante advertidos tanto da nossa dispensa como da nossa prestação de contas, e devemos estar freqüentemente pensando nelas.

3. Sua sabedoria posterior. Agora ele começou a considerar, Que farei? v. 3. Ele teria feito bem se tivesse considerado isto antes de se lançar tão insensatamente para fora do seu posto por causa da sua infidelidade; mas, quando se trata de considerar e analisar nossa vida e nosso procedimento, podemos ter a certeza de que uma frase bem conhecida é aplicável: “Antes tarde do que nunca”. Note bem, visto que todos nós recebemos o aviso de que em breve devemos ser dispensados da nossa mordomia, estamos preocupados em considerar o que faremos então. O mordomo precisa viver; então, de que modo ele ganhará o seu sustento? (1) Ele sabe que não tem tal grau de diligência em si para ganhar a vida através do trabalho: “Cavar não posso; não posso ganhar o meu pão através do meu esforço”. Mas por que ele não pode cavar? Não parece que ele seja velho ou coxo; mas a verdade é que ele é preguiçoso. O seu “não posso” é um “não quero;” a incapacidade em questão não é uma incapacidade natural, mas moral. Se o seu senhor,

quando o dispensasse da sua mordomia, o tivesse mantido em seu serviço como um trabalhador, e lhe dado uma tarefa, teria feito com que ele cavasse. Ele não pode cavar, porque não estava acostumado com isso. Agora isto sugere que não podemos ganhar o sustento para as nossas almas através de algum trabalho a favor deste mundo; e também não podemos trazer nenhum benefício às nossas almas através de qualquer habilidade própria. (2) Ele sabe que não possui tal grau de humildade para conseguir o seu pão mendigando: De mendigar tenho vergonha. Esta era a linguagem do seu orgulho, como o formador de sua indolência. Aqueles a quem Deus, em sua providência, incapacitou de se ajudarem, não devem se envergonhar de pedir auxílio aos outros. Este mordomo tinha mais motivos para estar envergonhado por enganar o seu senhor, do que por mendigar o seu pão. (3) Ele então se propõe a fazer amizade com os devedores do seu senhor, ou com os seus arrendatários que estavam atrasados com seus aluguéis, e que haviam sido – por ele mesmo – avisados de que precisavam pagar as dívidas: “Eu sei o que hei de fazer, v. 4. O meu senhor está me expulsando desta casa. Não tenho uma propriedade para onde possa ir. Sou conhecido dos arrendatários do meu senhor, lhes fiz muitos favores, e agora lhes farei mais um, o que assim fará com que eles me recebam em suas casas, concedendo-me a melhor refeição que puderem. E assim, enquanto eu viver, ou pelo menos até que eu possa me arranjar melhor, me hospedarei com eles, e irei de uma casa boa para outra”. Agora, o modo como ele iria conseguir a amizade deles era descontando uma parte considerável de suas dívidas para com o seu senhor, e dando por sua conta um desconto superior ao que teriam se negociassem diretamente com o credor. Desse modo, ele foi até um que devia cem medidas de azeite (com este produto ele pagaria o seu aluguel): Toma a tua conta, ele disse, e assentando-te já, escreve cinqüenta (v. 6); assim ele reduziu a sua dívida pela metade. Observe que ele estava com pressa de fazer isto: “assenta-te já, e faça isto, para que não sejamos pegos negociando, e haja alguma desconfiança”. Ele procurou um outro, que devia ao seu senhor cem alqueires de trigo, e da sua conta ele descontou uma quinta parte, e lhe pediu que escrevesse oitenta (v. 7); ele provavelmente fez o mesmo com outros, abatendo mais ou menos de acordo com a bondade que esperava receber de cada um deles. Veja aqui como os nossos bens terrenos são coisas incertas; eles são ainda mais incertos para aqueles que têm muitos bens, que transferem para os outros

todo o cuidado com eles, e assim lhes dão poder para enganá-los; são senhores que não desejam ter o trabalho de ver os seus bens com os seus próprios olhos, e muito menos de cuidar daquilo que possuem. Veja também que a deslealdade é encontrada até mesmo entre aqueles em quem a confiança está depositada. Como é difícil encontrar alguém em quem a nossa confiança possa ser depositada! Deus é e sempre será verdadeiro, mas todo homem é mentiroso. Embora este mordomo esteja sendo dispensado por negociar de forma desonesta, ele ainda age deste modo. Corrigir um defeito é algo difícil demais para os homens, mesmo sendo suficientemente inteligentes para isso.

4. A aprovação disto: E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, v. 8. Isto pode se referir ao senhor dele, o senhor daquele servo, que, embora não pudesse deixar de sentir ira por sua desonestidade, ficou satisfeito com sua ingenuidade e com a política que praticou em benefício próprio. Mas, considerando o fato deste modo, as palavras da segunda parte do versículo devem ter sido proferidas por nosso Senhor; desta forma, penso que a totalidade destas palavras se refere ao mordomo infiel. É como se o Senhor Jesus Cristo estivesse dizendo: "Agora, elogie um homem assim, que sabe fazer o bem a si mesmo, que sabe aproveitar uma oportunidade presente, e sabe prover para uma necessidade futura". Cristo não o louva por ter agido falsamente em relação ao seu senhor, mas por ter agido prudentemente em relação a si mesmo. No entanto, talvez aqui ele também tenha feito o bem ao seu senhor, agindo apenas de forma justa com os arrendatários. Ele sabia que negociação difícil eles tinham tido, de forma que os arrendatários não conseguiam pagar os seus aluguéis, mas, sendo prejudicados pelo seu rigor, foram colocados em atraso, e assim tanto eles como suas famílias provavelmente seriam arruinados. Em consideração a isto, o mordomo, agora, ao sair, agiu como deveria ter agido tanto por justiça como por caridade, não só aliviando-os quanto às suas dívidas, mas abatendo o aluguel para o futuro. 'Quanto deves' pode significar, "Qual é o valor do teu aluguel? Venha, eu farei uma negociação mais leve, mas não mais leve do que deverias ter". Aquele mordomo só deve ter visado os interesses de seu senhor, mas agora começa a considerar os arrendatários, imaginando que poderia conseguir o favor deles já que havia perdido o favor do seu senhor. O abatimento no aluguel deles seria uma bondade duradoura, e que mais provavelmente os

conquistaria. Seria muito melhor do que abater somente as suas dívidas. Agora, esta sua previsão de que conseguiria uma vida confortável neste mundo, envergonha a nossa displicência em relação ao mundo porvir: Os filhos deste mundo, que escolhem e têm as suas porções nele, são mais sábios para a sua geração, agem com mais consideração, e consultam melhor seus interesses e vantagens terrenas, do que os filhos da luz, que desfrutam o Evangelho, em sua geração; isto é, no tocante às suas almas e à eternidade. Note que: (1) A sabedoria das pessoas mundanas em relação a este mundo deve ser imitada por nós no que diz respeito às nossas almas: o princípio delas consiste em aproveitar suas oportunidades, fazer primeiro o que for mais necessário, tanto no verão como na colheita que armazenam para o inverno. Elas fazem um bom negócio quando lhes é oferecido, confiando naquilo que é verdadeiro e não naquilo que é falso. Como seria bom se fôssemos sábios assim nos nossos assuntos espirituais! (2) Os filhos da luz são geralmente sobrepujados pelos filhos deste mundo. Não que os filhos deste mundo sejam verdadeiramente sábios; eles só o são em sua geração. Mas nisto eles são mais sábios do que os filhos da luz; porque, embora sejamos informados de que em breve seremos dispensados de nossa mordomia, agimos como se fôssemos ficar aqui para sempre, e como se não houvesse uma outra vida depois dessa, e não somos tão cuidadosos como este mordomo foi para prover o sustento para o futuro. Embora sejamos filhos da luz, daquela luz para a qual a vida e a imortalidade são trazidas pelo Evangelho, não podemos deixar de ver um outro mundo diante de nós. Também não podemos deixar de nos preparar para ele, dedicando nossos melhores esforços e melhores sentimentos à vida eterna.

II A aplicação desta parábola, e as inferências extraídas dela (v. 9): “E eu vos digo: a vós, meus discípulos” (esta parábola é dirigida a eles, v. 1), “embora tenhais pouco neste mundo, considerai como podeis fazer o bem com tão pouco”. Observe:

1. O que o Senhor Jesus nos exorta aqui é que nos preparemos para nossa confortável recepção na felicidade do outro mundo, fazendo bom uso de nossos bens e prazeres neste mundo: “Granjeais amigos com as riquezas da injustiça, assim como o mordomo com os bens de seu senhor granjeou amigos: a saber, os arrendatários do seu senhor”. É a sabedoria dos homens deste mundo administrar o dinheiro para ter o benefício dele

posteriormente, e não apenas para o momento presente; portanto, eles depositam para ganhar juros, compram terras com ele, colocam os seus recursos neste ou naquele investimento. Agora devemos aprender com eles a usar o nosso dinheiro para que possamos ter um melhor proveito posteriormente no outro mundo, assim como eles fazem na esperança de terem um melhor proveito posteriormente neste mundo; portanto, lança o teu pão sobre as águas, porque, depois de muitos dias, o acharás, Eclesiastes 11.1. E no nosso caso, embora o que possuímos sejam os bens do nosso senhor, uma vez que dispomos deles entre os arrendatários e para o proveito deles, podemos e devemos agir de forma sábia. Isto está muito longe de ser considerado, pelo nosso Senhor, como uma coisa errada, pois Ele a considera como um dever e como uma norma para nós mesmos. Note: (1) As coisas deste mundo são as riquezas da injustiça, ou a falsa riqueza, não só por serem freqüentemente conseguidas através de fraudes e injustiças, mas porque aqueles que confiam nelas em busca de satisfação e felicidade certamente serão enganados; pois as riquezas são coisas perecíveis, e desapontarão aqueles que depositarem nelas as suas expectativas. (2) Embora não possamos confiar nestas riquezas de injustiça quando se trata de nossa felicidade, elas podem e devem ser usadas em subserviência à nossa busca daquilo que é a nossa felicidade. Embora não possamos encontrar a verdadeira satisfação nelas, podemos fazer amigos com elas, não por meio de compra ou mérito, mas por recomendação. Dessa forma podemos fazer de Deus e de Cristo nossos amigos através delas, fazer dos anjos e dos santos nossos amigos, e fazer dos pobres nossos amigos. Isto é algo muito desejável: sermos favorecidos na prestação de contas e no estado futuro. (3) Na morte todos nós devemos desaparecer, *hotan eklipete – quando sofrermos um desaparecimento (ou eclipse)*. A morte nos oculta. Diz-se que um negociante desaparece quando fracassa. Todos nós então devemos desaparecer por algum tempo; a morte fecha a loja, sela as mãos. Todos os nossos confortos e prazeres na terra desaparecerão conosco; a carne e o coração desaparecem. (4) Nossa maior preocupação deveria ser a seguinte: termos a certeza de que quando desaparecermos na morte, seremos recebidos nas moradas eternas no céu. As moradas no céu são eternas, não são feitas por mãos humanas, mas durarão para todo o sempre, 2 Coríntios 5.1. Cristo partiu antes, para preparar um lugar para aqueles que são seus, e está ali pronto para recebê-los; o seio de Abraão está pronto para

recebê-los. E, quando uma guarda de anjos os conduz até lá, um coral de anjos está pronto para recebê-los. Os santos pobres que partiram antes para a glória, receberão aqueles que neste mundo ajudaram a suprir as suas necessidades. (5) Este é um bom motivo pelo qual devemos usar o que temos no mundo para a honra de Deus, e para o bem dos nossos irmãos: para que assim possamos, com estes recursos, entesourar um bom fundamento, uma boa segurança, um bom alicerce para o futuro, para a eternidade por vir. Veja 1 Timóteo 6.17-19, que explica este ponto.

2. Com que argumentos o Senhor enfatiza esta exortação, para que abundemos em obras de piedade e caridade.

(1) Se não fizermos um uso correto dos dons da providência de Deus, como poderemos esperar do Senhor aqueles confortos presentes e futuros que são os dons da sua graça espiritual? O nosso Salvador aqui compara estas coisas, e mostra que, embora o nosso uso fiel das coisas deste mundo não possa nos tornar merecedores de qualquer favor da mão de Deus, a nossa infidelidade no uso delas pode ser justamente contada como uma perda do direito da graça que é necessária para nos levar à glória. Isto é o que o nosso Salvador mostra aqui, vv. 10-14.

[1] As riquezas deste mundo são as menores; a graça e a glória são as maiores. Agora, se formos infiéis no mínimo, se usarmos as coisas deste mundo para outros propósitos que não sejam aqueles para os quais elas nos foram dadas, pode-se com motivo justo temer que sejamos também infiéis nos dons da graça de Deus, que também os recebamos em vão; portanto, elas nos serão negadas. Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito. Aquele que serve a Deus, e faz o bem, com o seu dinheiro, servirá a Deus, e fará o bem, com os talentos mais nobres e valiosos da sabedoria e da graça, e com os dons espirituais, e penhores do céu; mas aquele que enterra o único talento que possui da riqueza deste mundo, jamais aproveitará os cinco talentos das riquezas espirituais. Deus retém a sua graça das pessoas avarentas e mundanas mais do que imaginamos.

[2] As riquezas deste mundo são enganosas e incertas; elas são as riquezas da injustiça, que estão se afastando rapidamente de nós. E, se quisermos ter qualquer proveito delas, devemos nos colocar em movimento rapidamente; se não fizermos isso, como poderemos esperar que as riquezas espirituais nos sejam confiadas, sim, aquelas que são as únicas riquezas verdadeiras? v. 11. Estejamos convencidos disto, que são verdadeiramente ricos, e muito

ricos, os que são ricos na fé, e ricos em relação a Deus, ricos em Cristo, nas promessas, e nos penhores do céu; portanto, ajuntemos a nossa riqueza neles, esperemos nossa parte deles, e assim consideremos em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e, então, quando as outras coisas nos forem acrescentadas, utilizemo-las *in ordine ad spiritualia – com uma referência espiritual*, para que, usando-as bem, possamos nos apropriar rapidamente das riquezas verdadeiras, e possamos ser qualificados para receber ainda mais graça de Deus; porque Deus dá ao homem que é bom diante dEle – isto é, um homem caridoso e generoso – sabedoria, conhecimento, e alegria (Ec 2.26). Isto é, a um homem que é fiel nas riquezas da injustiça, Ele dá as verdadeiras riquezas.

[3] As riquezas deste mundo são de outro homem. Elas são *ta allotria*, *algo que não nos pertence*; porque elas são estranhas à alma e à sua natureza, como também ao seu interesse. Elas não nos pertencem; porque elas são de Deus; o seu título de propriedade é anterior e superior ao nosso; a propriedade permanece nas mãos dEle, nós somos apenas usufrutuários. Elas são de um outro homem; nós as temos de outro; nós as usamos para outro. E que proveito tem o dono de seus bens que crescem, além de vê-los com os seus olhos? Pois enquanto eles são aumentados, outras pessoas também passam a comê-los; e logo deverão deixá-los para outros, e não sabem para quem. Mas as riquezas espirituais e eternas são nossas (elas entram na alma que se torna possuída por elas) e se tornam inseparáveis; elas são a boa parte que jamais nos será tirada. Se nos apropriarmos de Cristo, das suas promessas, e do céu, teremos o que verdadeiramente poderemos chamar de nosso. Mas como poderemos esperar que Deus nos enriqueça com estas dádivas tão preciosas se não o servirmos com os nossos bens terrenos, dos quais somos apenas mordomos?

(2) Não temos nenhum outro modo de provar que somos servos de Deus, exceto nos entregando tão inteiramente ao seu serviço como se estivéssemos nos dedicando a obter riquezas, isto é, como se estivéssemos lutando por todo o nosso ganho terreno. Isto nos será muito útil ao servirmos ao nosso amado e querido Senhor (v. 13). Nenhum servo pode servir a dois senhores, cujas ordens são tão incompatíveis quanto as de Deus e das riquezas. Se um homem amar o mundo, e for leal a ele, aborrecerá a Deus e o desprezará – este é um fato inevitável. Ele fará com que todas as suas pretensões em termos de religião se sujeitem aos seus

interesses e planos seculares, e as coisas de Deus serão feitas com a finalidade de ajudá-lo a servir e buscar ao mundo. Mas, por outro lado, se um homem se dispuser a amar a Deus, servindo-o com fidelidade, pode-se dizer que ele, em comparação com aquele que amar as riquezas, aborrecerá o mundo e o desprezará (sempre que Deus e o mundo entrarem em conflito). Ele fará com que todos os seus negócios e sucessos no mundo, de uma forma ou de outra, se tornem proveitosos para o seu desenvolvimento no assunto da religião; e as coisas do mundo serão feitas para ajudá-lo a servir a Deus, e cooperarão para a sua salvação. O assunto é colocado aqui de forma clara diante de nós: Não podeis servir a Deus e a Mamom. Seus interesses estão tão divididos, que seus serviços jamais poderão ser combinados. Se, portanto, estivermos determinados a servir a Deus, deveremos rejeitar e renunciar o serviço ao mundo.

3. Somos aqui informados sobre a recepção que esta doutrina de Cristo encontrou entre os fariseus, e que reprovação Ele lhes fez.

(1) Os fariseus zombavam dele, v. 14. Os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas essas coisas, e não podiam contradizê-lo, mas tentavam escarnecer dele. Consideremos isto: [1] Como o pecado deles, e o fruto de sua avareza, que era o principal pecado que tinham, sua própria iniqüidade. Observe que muitos que fazem uma grande profissão de fé, que têm muito conhecimento e abundam no exercício da devoção, são, no entanto, destruídos pelo amor ao mundo; coisa alguma pode endurecer mais o coração contra a palavra de Cristo. Estes fariseus avarentos não podiam suportar que alguém tocasse neste ponto. Esta era a sua Dalila, a sua querida concupiscência; por isto eles zombavam dele, *exemykterizon auton – eles fungaram seus narizes para ele*, ou tentaram assoar os seus narizes diante dele como um gesto ofensivo. Esta é uma expressão de máximo escárnio, e de um desdém inimaginável; a Palavra do Senhor é para eles coisa vergonhosa, Jeremias 6.10. Eles riram dele por se opor de uma forma tão forte à opinião e ao modo de agir do mundo, por tentar recuperá-los de um pecado no qual eles estavam decididos a permanecer. Observe que esta é uma atitude comum para estes que procuram escarnecer da Palavra de Deus, e que decidem que não serão governados por ela; mas, no final, eles descobrirão que ela não pode ser eliminada assim. [2] Como o sofrimento dele. O nosso Senhor Jesus suportou não só a oposição dos pecadores, mas o seu desprezo; eles procuravam zombar dele todos os dias. Ele, que falou

como nenhum outro homem jamais falou, foi caçoado e ridicularizado, para que seus ministros fiéis, cuja pregação foi injustamente zombada, não se sentissem desencorajados. Não é desgraça para um homem ser caçoado, mas sim merecer ser caçoado. Os apóstolos de Cristo foram escarnecidos, e não é de admirar; o discípulo não é maior do que o seu Senhor.

(2) Cristo os reprovou de forma justa; não por tentarem zombar dele (pois Ele sabia como desprezar a vergonha), mas por enganarem a si mesmos através de uma aparência e de um aspecto de piedade, quando, na realidade, desconheciam seu poder, v. 15. Aqui está:

[1] A aparência exterior enganosa deles; aqueles homens capciosos tinham uma aparência grandiosa. Primeiro, eles se justificavam a si mesmos diante dos homens; eles negavam qualquer mal que lhes fosse atribuído, até mesmo pelo próprio Cristo. Eles criam que eram admirados como homens de singular santidade e devoção, e se justificavam nesta crença: “Vós sois os que fazeis isto, o que ninguém jamais fez. O vosso negócio consiste em cortejar a opinião dos homens, e que, certa ou errada, vos justificará diante do mundo; sois famosos por isto”. Em segundo lugar, eles eram altamente estimados entre os homens. Os homens não só os isentavam de qualquer culpa sob a qual estivessem, mas os louvavam, e os tinham em veneração, não só como homens bons, mas como os melhores dentre os homens. Suas opiniões eram estimadas como oráculos, suas instruções como leis, e suas práticas como prescrições invioláveis.

[2] O interior odioso deles, que estava sob o olhar de Deus: “Ele conhece vosso coração, e, para Ele, isto é uma abominação; porque vosso coração está cheio todo tipo de iniqüidade”. Observe, em primeiro lugar, que é loucura justificarmo-nos diante dos homens, pensando que isto é suficiente para nos defender, e sermos bem-sucedidos no julgamento do grande dia, de forma que os homens não conheçam nenhum mal em nós; porque Deus, que conhece nossos corações, conhece nosso mal que ninguém mais pode conhecer. Isto deveria medir o valor que temos para nós mesmos, e a confiança que temos de que Deus conhece os nossos corações, e quanto engano existe ali, porque temos motivos de sobra para nos humilharmos e desconfiarmos de nós próprios. Em segundo lugar, é loucura julgarmos as pessoas e as coisas pela opinião dos homens a respeito delas, e descermos com a corrente de uma avaliação vulgar; porque aquilo que é elevado entre os homens, conforme as aparências exteriores, talvez seja uma abominação

diante de Deus, que vê as coisas como elas são, e cujo juízo, estamos certos, é de acordo com a verdade. Ao contrário, há aqueles a quem os homens desprezam e condenam e que são aceitos e aprovados por Deus, 2 Coríntios 10.18.

(3) O Senhor Jesus passou a se dirigir aos publicanos e pecadores como os candidatos que mais provavelmente seriam os objetos da operação do seu Evangelho, do que aqueles fariseus avarentos e presunçosos (v. 16): "A Lei e os Profetas duraram até João, e a dispensação do Antigo Testamento, que estava limitada a vós, judeus, continuou; até que João Batista apareceu a vós, que parecíeis ter o monopólio da justiça e da salvação, e estais envaidecidos com isto, e isto vos confere uma elevada estima entre os homens, que vos consideram como os maiores estudantes da lei e dos profetas." Mas, desde que João Batista apareceu, o Reino de Deus é anunciado. Esta é a dispensação do Novo Testamento, que não avalia os homens por serem doutores da lei, mas todo homem entra no reino do Evangelho, gentios bem como judeus, e nenhum homem se considera tão bom ou merecedor de tamanha misericórdia a ponto de deixar que suas qualidades passem adiante de si, ou de permanecer até que os príncipes e os fariseus o conduzam por este caminho. Esta não chega a ser uma constituição nacional política como era o governo judaico, quando a salvação era somente dos judeus; mas é como uma preocupação pessoal específica. E, assim, todo homem que está convencido de que tem uma alma para salvar, e uma eternidade para a qual deve se preparar, se esforça para entrar, para que o seu acesso ao céu não seja barrado por causa de alguma ninharia ou lisonja". Alguns dão este sentido a esta palavra; eles zombavam de Cristo ou falavam com desprezo das riquezas, porque pensavam da seguinte forma: Não havia muitas promessas de riquezas e outras coisas temporais boas na lei e nos profetas? E grande parte dos melhores servos de Deus não era composta por muito ricos, como Abraão e Davi? "É verdade," disse Cristo, "assim foi, mas agora que o Reino de Deus começou a ser anunciado, as coisas tomam um novo rumo: agora bem-aventurados são os pobres, os que choram, e os que são perseguidos." Os fariseus, para retribuírem ao povo pela opinião elevada que tinham deles, permitiam que tivessem uma religião insignificante, fácil e formal. "Mas," disse Cristo, "agora que o Evangelho é anunciado, os olhos das pessoas são abertos. E como não podem ter, agora, uma veneração pelos fariseus, como

vinham tendo, eles não podem se satisfazer com tal indiferença na religião, como haviam sido instruídos, mas se lançam com uma santa violência para dentro do Reino de Deus". Observe que aqueles que querem ir para o céu devem padecer, devem lutar contra a corrente, devem produzir uma forte impressão na multidão que está indo na direção contrária.

(4) No entanto, o Senhor ainda protesta contra a idéia de que Ele tivesse qualquer pretensão de invalidar a lei (v. 17): É mais fácil passar o céu e a terra, *parelthein – extinguirem-se*, embora os fundamentos da terra e os pilares do céu estejam tão firmemente estabelecidos, do que cair um til da Lei. A lei moral é confirmada e ratificada, e nenhum til da lei cai; os deveres impostos por ela ainda são deveres; os pecados proibidos por ela ainda são pecados. De fato, os seus preceitos são explicados e reforçados pelo Evangelho, e também são considerados espirituais. A lei cerimonial é aperfeiçoada através dos aspectos do Evangelho; nenhum til da lei cai, porque ela se acha impressa no Evangelho, onde, embora a sua força seja como uma lei retirada, a sua figura como um tipo brilha muito intensamente, conforme testemunha a epístola aos Hebreus. Havia algumas coisas que eram consentidas pela lei, com a finalidade de evitar danos maiores. Esta permissão foi, na verdade, removida pelo Evangelho, mas sem qualquer detrimento ou depreciação da lei, porque os reduziu assim à intenção fundamental da lei, como no caso do divórcio (v. 18), algo que já vimos anteriormente, Mateus 5.32; 19.9. Cristo não permitirá divórcios, porque o seu Evangelho tem o propósito de atingir a raiz amarga dos apetites e paixões corruptas dos homens, para matá-las, e arrancá-las. Portanto, não deveria haver mais tamanha indulgência como aquela que foi permitida pela lei, porque, quanto maior for a indulgência, mais impetuosos e obstinados os transgressores se mostrarão.

O Rico e Lázaro

vv. 19-31

Assim como a parábola do filho pródigo nos apresenta a graça do Evangelho, que é encorajadora a todos nós, esta nos apresenta a ira futura, e é destinada a nos despertar. E aqueles que estão profundamente adormecidos no pecado, não serão despertados por ela. Os fariseus

caçoaram do sermão de Cristo contra o mundanismo; agora esta parábola tem o propósito de calar os zombadores. A tendência do Evangelho de Cristo é tanto nos reconciliar com a pobreza e a aflição, quanto nos armar contra as tentações do mundanismo e da lascívia. Agora esta parábola, abrindo a cortina, e nos deixando ver qual será o fim de ambos no outro mundo, vai muito longe ao julgar estas duas grandes intenções. Esta parábola não é como as outras parábolas de Cristo, nas quais as coisas espirituais são representadas pelas ilustrações emprestadas das coisas terrenas, como as do semeador e da semente (exceto a das ovelhas e dos bodes), a do filho pródigo, e certamente todas as demais, exceto esta. Mas aqui as coisas espirituais são representadas em uma narrativa ou descrição da condição diferente dos bons e dos maus neste mundo e no porvir. No entanto, não precisamos considerá-la como a história de uma ocorrência específica, mas como algo que é verdadeiro todos os dias: as pessoas cristãs que são pobres e piedosas, a quem os homens rejeitam e menosprezam, morrem em suas misérias, e vão para o gozo e alegria celestiais, o que se torna mais agradável a elas devido às suas dores anteriores. Ela também mostra que os epicureus ricos, que vivem na luxúria e que não têm compaixão dos pobres, morrem, e vão para um estado de tormento insuportável, o que é mais aflitivo e terrível a eles por causa da vida dissoluta que viveram; e que não há nenhum alívio de seus tormentos. Esta é uma parábola? Que ilustração existe nisto? Na verdade, o diálogo entre Abraão e o homem rico é somente uma ilustração da descrição, para torná-la mais eficaz, como o diálogo entre Deus e Satanás na história de Jó. Nosso Salvador veio para nos fazer conhecer o outro mundo, e para nos mostrar a relação que este mundo tem com aquele; e aqui é isto o que acontece. Nesta descrição (porque entendo que devo chamá-la assim) podemos observar:

I A condição diferente de um rico ímpio e de um pobre piedoso, neste mundo. Sabemos que alguns dos que morreram, assim como os judeus do passado, estavam prontos para fazer da prosperidade uma das marcas de uma igreja verdadeira, de um homem bom e de um favorito do céu, e assim dificilmente tinham algum pensamento favorável a respeito de um homem pobre. Cristo corrigiu este erro em todas as ocasiões, e também o fez aqui, de forma plena, onde temos,

1. Um homem ímpio, que para sempre será um miserável, mesmo tendo atingido o auge da prosperidade neste mundo (v. 19): Havia um homem rico. Do latim geralmente o chamamos de *Dives – um homem rico*. Mas, como o Bispo Tillotson observa, não lhe é dado nenhum nome, como acontece com o homem pobre, porque teria sido odioso ter dado o nome a qualquer homem rico em particular em uma descrição como esta, porque poderia ser gerada uma propensão à má vontade. Mas há outros comentaristas que observam que Cristo não daria àquele homem rico a honra de mencionar o seu nome. É possível que ele chamasse as suas terras pelo seu próprio nome, pensando que este permaneceria por muito mais tempo do que o nome do mendigo que jazia à sua porta; porém ocorreu o contrário; o nome do crente pobre está aqui preservado, enquanto o nome do rico que não serviu ao Senhor foi sepultado no esquecimento. Agora, somos informados a respeito deste homem rico:

(1) Que ele se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e que este era o seu adorno. Ele tinha linho finíssimo por prazer. Não há dúvida de que a sua roupa estava limpa, todos os dias; linho para a noite, e linho para o dia. Ele tinha púrpura por pompa, porque esta era a vestimenta dos príncipes, o que fez com que alguns supusessem que Cristo tinha Herodes em vista neste ponto de sua mensagem. Ele nunca aparecia em público, dentro ou fora de sua casa, sem uma grande suntuosidade.

(2) Ele vivia todos os dias regalada e esplendidamente. A sua mesa estava farta com todas as variedades de guloseimas que a natureza e a arte poderiam fornecer; a sua mesa era ricamente adornada com pratos caros, e talheres de ouro ou prata; seus servos, que serviam às mesas, vestiam ricos uniformes; e ele, sem dúvida, entendia que os convidados à sua mesa admiravam todo aquele aparato. Bem, e que mal havia em tudo isso? Não é pecado ser rico, não é pecado usar púrpura e linho finíssimo, nem ter uma mesa farta, se a condição de um homem o permitir. Nem somos informados de que ele tenha ganhado este patrimônio através de alguma fraude, opressão, ou extorsão. Também não foi dito que ele estivesse bêbado, ou que tenha embebedado os outros; mas: [1] Cristo iria aqui mostrar que um homem pode ter abundância de riquezas, e pompa, e prazeres deste mundo, e ainda assim se deitar e perecer para sempre sob a ira e da maldição de Deus. Não podemos deduzir a partir da vida regalada dos homens que, ou Deus os ama por lhes dar tanto, ou que eles amem a Deus pelo fato de Deus

lhes dar tanto; a felicidade não consiste nestas coisas. [2] Que a fartura e o prazer são uma tentação perigosa, e, para muitos, fatal. A luxúria, a sensualidade, e o esquecimento de Deus e do mundo vindouro são tentações mortais. Este homem poderia ter sido feliz se não tivesse tido grandes bens e prazeres. [3] Que a indulgência para com o corpo, a ociosidade e o prazer, são a ruína de muitas almas, e de seus interesses. É verdade que é lícito comer uma boa comida e vestir boas roupas; mas também é verdade que estas coisas podem se tornar, facilmente, o alimento e o combustível do orgulho e da luxúria, e assim se transformam em pecados para nós. [4] Que nos banquetearmos em particular ou com os nossos amigos, esquecendo-nos, ao mesmo tempo, dos sofrimentos dos pobres e dos aflitos, são atitudes muito provocantes a Deus; estas atitudes trazem a condenação à alma. O pecado deste homem rico não era a sua roupa ou a sua alimentação, mas querer tudo para si mesmo.

2. Aqui está um homem piedoso, e que para sempre será feliz, mesmo em meio à adversidade e à aflição (v. 20): Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro. Um mendigo com este nome, eminentemente devoto, e em grande aflição, era provavelmente bem conhecido entre as pessoas boas daquela época. Um mendigo, supostamente alguém como Eleazar, ou Lázaro. Alguns pensam que Eleazar era um nome próprio para qualquer homem pobre, porque significa a ajuda de Deus, a quem eles devem recorrer, por estarem destituídos de qualquer outra ajuda. Este homem pobre foi reduzido ao último extremo, como miserável, quanto às coisas exteriores, como podemos supor que um homem seja neste mundo.

(1) O seu corpo estava repleto de chagas, como Jó. Ser doente e fraco no corpo é uma grande aflição; mas as chagas são muito mais dolorosas para o paciente, e mais repulsivas para aqueles que estiverem ao seu redor.

(2) Ele era obrigado a mendigar o pão, e se contentar com as migalhas que conseguia às portas dos ricos. Ele sentia tanta dor e era tão coxo que não podia se locomover por conta própria, mas era carregado por alguém que tinha compaixão dele, e assim jazia à porta do rico. Observe que aqueles que não são capazes de ajudar os pobres com suas bolsas, devem ajudá-los em suas dores; aqueles que não podem lhes dar uma moeda, devem lhes dar uma ajuda; aqueles que não têm recursos para ajudá-los, devem levá-los àqueles que os têm. Lázaro, em sua aflição, não possuía nada com que se sustentar, não conhecia ninguém a quem recorrer, e nem mesmo a sinagoga

local cuidava dele. Este é um exemplo da degeneração da igreja judaica nesta época: que um homem piedoso como Lázaro pudesse morrer pela falta do alimento que lhe era necessário. Agora observe:

[1] As suas expectativas quanto à mesa do homem rico: Ele desejava se alimentar com as migalhas, v. 21. Ele não procurava ter um prato de sua mesa, embora devesse ter tido um, e um dos melhores; mas ficaria agradecido pelas migalhas que estavam debaixo da mesa, aquilo que sobrava da mesa do rico; ou seja, aquilo que sobrava para seus cachorros. Os pobres usam as súplicas, e devem ficar satisfeitos com aquilo que conseguirem através delas. Agora, isto é observado para mostrar, em primeiro lugar, qual era a aflição, e qual era a disposição do homem pobre. Ele era pobre, mas também era pobre de espírito, ou seja, alguém que consegue manter a sua felicidade em meio à pobreza. Ele não ficava na porta do rico reclamando, gritando, e fazendo barulho, mas permanecia silenciosamente e modestamente desejando alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico. Este homem miserável era um homem bom, e gozava do apreço de Deus. Observe que, muitas vezes, o destino de alguns dos santos e servos mais queridos de Deus é serem grandemente afligidos neste mundo, enquanto muitos ímpios prosperam, e têm abundância (veja Salmos 73.7,10,14). Aqui está um filho da ira e um herdeiro do inferno sentado na casa, vivendo suntuosamente; e um filho do amor e um herdeiro do céu jazendo à porta, morrendo de fome. E deve então o estado espiritual dos homens ser julgado pela sua condição exterior? Em segundo lugar, analisemos qual era a disposição do rico em relação a ele. Não somos informados se ele o maltratava, ou lhe proibia de estar à sua porta, ou lhe prejudicava de alguma maneira, mas podemos deduzir que o rico o desprezava; ele não tinha nenhuma consideração pelo pobre, e não se importava com ele. Aqui estava um objeto real de caridade, e muito comovente, que falava por si só; e se apresentava ao rico em sua própria porta. O pobre tinha um bom caráter e uma boa conduta, e tudo o que poderia recomendá-lo. Pouca coisa já seria uma grande bondade para ele; no entanto, o rico não fez caso dele, não ordenou que ele fosse recebido e alojado no celeiro, ou em algum dos edifícios externos, mas deixou-o jazer ali. Note bem, não é o bastante não oprimir e não menosprezar os pobres; seremos considerados mordomos infiéis dos bens de nosso Senhor, no grande dia, se não os socorrermos e se não os aliviarmos. A razão que foi

expressa para que alguém tenha o destino mais terrível é: Tive fome, e não me destes de comer. Eu me pergunto como estes ricos que já leram o Evangelho de Cristo, e creram nele, podem ter tanta falta de consideração, como freqüentemente têm, pelas necessidades e misérias dos pobres e aflitos.

[2] O uso que ele fazia dos cães: Os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas. O rico mantinha um canil de cães de caça, ou talvez de outros cães, para a sua diversão, e para satisfazer suas vontades, e estes eram alimentados fartamente, enquanto o pobre Lázaro não conseguia o suficiente para sobreviver. Observe que aqueles que alimentam seus cães, mas negligenciam os pobres, terão muito pelo que responder na vida futura. E é um grande agravo da falta de caridade de muitas pessoas ricas o fato de gastarem com seus caprichos e tolices aquilo que poderia suprir a necessidade e alegrar o coração de muitos bons cristãos que se encontram em aflição. Estes ofendem a Deus, e demonstram um desprezo pela natureza humana, por mimarem os seus cães e cavalos, deixando as famílias dos seus vizinhos pobres morrerem de fome. Agora estes cães vinham e lambiam as chagas do pobre Lázaro; isto pode ser entendido, em primeiro lugar, como um agravo de sua miséria. Suas chagas estavam sangrando, o que atraiam os cães para as lamberem, como fizeram com o sangue de Nabote e Acabe, 1 Reis 21.19. E lemos sobre a língua dos cães mergulhada no sangue dos inimigos, Salmos 68.23. Os cães atacaram Lázaro enquanto ele ainda estava vivo, como se já estivesse morto, e não tivesse forças para mantê-los afastados; nenhum dos servos do homem rico se mostrou suficientemente prestativo para afastá-los. Os cães eram como seu senhor, e pensavam que estavam vivendo suntuosamente enquanto se regalavam com o sangue humano. Uma outra possibilidade é entender esta situação como um alívio para Lázaro em meio à sua miséria; *alla kai, o senhor* [o homem rico] *tinha o coração duro em relação a ele*, mas os cães vinham e lambiam-lhe as chagas, e isto as amolecia e abrandava. Não foi dito que eles as sugavam, mas que as lambiam, o que era bom para eles. Os cães superaram o seu dono, sendo melhores e mais bondosos para com o pobre Lázaro.

II Aqui está a condição diferente do pobre piedoso, e deste rico ímpio, depois da morte. Até este ponto o rico parece ter a vantagem, mas *Exitus*

acta probat –Esperemos um pouco, para vermos o fim disso.

1. Ambos morreram (v. 22): O mendigo morreu, e morreu também o rico. A morte é o destino comum dos ricos e dos pobres, dos piedosos e dos ímpios; eles estão sob esta sentença. Um morreu em toda a sua plenitude, e o outro na amargura de sua alma; mas eles juntamente jazem no pó, Jó 21.26. A morte não beneficia nem o rico por suas riquezas, nem o pobre por sua pobreza. Os santos morrem para que possam ter as suas dores terminadas, e assim possam entrar em seu gozo. Os pecadores morrem, para que possam prestar contas. Cabe tanto aos ricos como aos pobres se prepararem para a morte, porque ela aguarda a ambos. *Mors sceptra ligonibus Aequat – A morte funde o cetro com a pá.*

Aequo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres.
Com um ritmo igual, o destino é imparcial.
Bate nos portões do palácio, assim como na porta da cabana.

2. O mendigo morreu primeiro. Deus freqüentemente tira as pessoas piedosas deste mundo, enquanto deixa os ímpios ainda viverem. Era uma vantagem para o mendigo que este fim rápido fosse colocado em suas misérias; e, visto que ele não podia encontrar nenhum outro abrigo ou lugar de descanso, ele foi ocultado na sepultura, onde os cansados estão em repouso.

3. O rico morreu e foi sepultado. Nada é dito sobre o enterro do pobre. Talvez cavaram um buraco em qualquer lugar, e jogaram o seu corpo dentro, sem qualquer solenidade; ele foi enterrado da mesma forma que se enterra um jumento; para aqueles que deixaram que os cães lambessem as suas chagas, seria bom que não deixassem os cães roerem os seus ossos. Mas o rico teve um funeral pomposo, de corpo presente, teve um cortejo de pranteadores para acompanhá-lo até o seu túmulo, e um monumento majestoso colocado sobre ele; provavelmente teve um testemunho fúnebre em seu louvor, repleto de elogios ao seu modo de vida esbanjador, e da boa mesa que ele mantinha, o que seria elogiado por aqueles que se banquetearam com ele. É dito do ímpio que ele é levado à sepultura sem pequena cerimônia, e colocado no túmulo, e que os torrões do vale lhe são doces, Jó 21.32,33. Como é estranha a cerimônia fúnebre diante da

felicidade do homem neste mundo!

4. O mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. Como a honra feita à sua alma, por esta escolta para o seu repouso, excede a honra feita ao rico, pelo transporte do seu corpo com tanta magnificência até a sua sepultura! Observe: (1) Sua alma existia em um estado de separação do corpo. Ela não morreu, nem adormeceu com o corpo; sua vela não foi apagada com ele; mas estava viva, e agiu, e sabia o que fazia, e o que era feito com ela. (2) A sua alma foi removida para um outro mundo; ela voltou para Deus que a deu, para o seu país de origem; isto é sugerido por ela ter sido levada. O espírito de um homem vai para cima. (3) Os anjos tomaram conta dele; ele foi levado pelos anjos. Os anjos são espíritos ministradores para aqueles que hão de herdar a salvação, não só enquanto vivem, mas quando morrem, e recebem uma ordem a respeito deles, para sustentá-los em suas mãos, não só em suas jornadas na terra, mas em sua grande jornada para o seu lar no céu, para serem seus guias e seus guardas em meio a regiões desconhecidas e inseguras. A alma do homem, se não estiver acorrentada a esta terra e obstruída por ela, como estão as almas não santificadas, tem em si uma virtude elástica, pela qual salta para as alturas, assim que se livra do corpo; mas Cristo não entregará aqueles que são seus a isso, mas enviará mensageiros especiais para buscá-los para si mesmo. Apenas um anjo seria suficiente, mas aqui há mais, tantos quantos foram enviados a Elias. Amasis, rei do Egito, tinha o seu carro puxado por reis; mas o que era aquela honra diante desta? Os santos sobem em virtude da ascensão de Cristo; mas esta escolta de anjos é acrescentada para lhes conferir pompa e decoro. Os santos serão levados para casa, não só em segurança, mas com honra. O que eram aqueles que transportaram o rico no funeral – embora, provavelmente, fossem do primeiro escalão – comparados com aqueles que transportaram Lázaro? Os anjos não se incomodavam em tocá-lo, porque as suas chagas estavam em seu corpo, não em sua alma; ela foi apresentada a Deus sem mácula, nem ruga, ou nenhuma coisa assim. “Agora, benditos anjos”, disse um bom homem acabando de expirar, “agora venham e cumpram o vosso ofício”. (4) A alma foi levada para o seio de Abraão. Os judeus expressavam a felicidade dos justos na morte de três formas: eles vão para o jardim do Éden: eles vão para estar debaixo do trono de glória; e eles vão para o seio de Abraão, e é isto que o nosso Salvador utiliza aqui. Abraão era o pai dos fiéis; e onde é

que as almas dos fiéis deveriam se reunir com aquele que, como um pai carinhoso, os coloca em seu seio, especialmente na sua primeira vinda, para dar-lhes as boas-vindas, e revigorá-los quando recentemente chegam vindos das dores e das fadigas deste mundo? Ele foi levado para o seu seio, isto é, para cear com ele, porque nas ceias os convidados se reclinam no seio uns dos outros; e os santos no céu se sentam com Abraão, Isaque, e Jacó. Abraão era um homem grande e rico; no entanto, no céu ele não despreza a atitude de colocar o pobre Lázaro em seu seio. Os santos ricos e pobres se encontram no céu. Este pobre Lázaro, que não poderia ser admitido dentro da propriedade do rico, é conduzido à sala do banquete, para dentro da câmara, do palácio celestial; e ele é colocado no seio de Abraão; sim, aquele de quem o rico glutão zombava colocando-o com os cães de seu rebanho.

5. A notícia seguinte que você ouve a respeito do rico, após o relato de sua morte e sepultamento, é que no inferno ele levantou os seus olhos, estando em tormentos, v. 23.

(1) O seu estado é muito miserável. Ele está no inferno, no Hades, na condição das almas separadas, e ali está na máxima miséria e angústia possíveis. Assim como as almas dos fiéis, imediatamente após serem libertadas do fardo da carne, estão em alegria e felicidade, os ímpios e as almas não santificadas, imediatamente após serem separados dos prazeres da carne pela morte, estão em miséria e tormento eternos, inúteis, e irremediáveis, e que serão em muito aumentados e completados na ressurreição. Este homem rico havia se dedicado inteiramente aos prazeres do mundo dos sentidos, esteve totalmente envolvido com eles, e considerava-os a sua porção; portanto, ele estava totalmente inadequado para os prazeres do mundo dos espíritos; para uma mente carnal como a dele, estes não seriam realmente prazeres, e ele não poderia provar deles. Portanto, ele estava naturalmente excluído deles. No entanto, isto não é tudo; ele teve um coração duro para com os pobres de Deus. E assim, ele não só está separado da misericórdia, mas enfrenta um julgamento sem misericórdia, e recebe uma punição de sentidos bem como uma punição que é uma grande perda.

(2) A miséria da sua condição é agravada pelo seu conhecimento da felicidade de Lázaro: Ele ergue os olhos, e vê Abraão ao longe, e Lázaro no seu seio. É a alma que está em tormentos, e são os olhos da mente que são

erguidos. Ele agora começou a considerar o que havia acontecido com Lázaro. Ele não o encontra onde ele mesmo está, não, ele o vê claramente, e com a mesma certeza, como se o visse com os seus olhos físicos, ao longe, no seio de Abraão. Já lemos, anteriormente, sobre este agravo das misérias dos perdidos (cap. 13.28): Quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora. [1] Ele viu Abraão ao longe. Ver Abraão deveria ser uma visão agradável; mas vê-lo ao longe foi uma visão atormentadora. Perto de si ele via demônios e companhias amaldiçoadas, visões aterrorizantes e dolorosas; ao longe ele via Abraão. Note bem, toda visão no inferno é agravante. [2] Ele viu Lázaro em seu seio. Aquele mesmo Lázaro a quem ele havia olhado com desprezo e escárnio, como não sendo digno de ser notado por ele, ele agora vê preferido, em uma condição digna de ser invejada. A visão dele trouxe à sua memória sua conduta cruel e bárbara em relação a Lázaro; e a visão dele nesta felicidade tornou a sua própria miséria mais dolorosa.

III Aqui está um relato do que se passou entre o rico e Abraão no estado separado, um estado de separação um do outro, e de ambos deste mundo. Embora seja provável que não haja nem haverá qualquer diálogo ou conversa entre os santos glorificados e os pecadores condenados, isto é muito adequado, e é geralmente feito em descrições, especialmente quando tem o propósito de ser patético e comovente. Estes diálogos têm a função de representar qual será o pensamento e o sentimento tanto de um como de outro. E uma vez que encontramos pecadores amaldiçoados atormentados na presença do Cordeiro (Ap 14.10), e os servos fiéis de Deus observando aqueles que transgrediram a aliança, ali onde os seus vermes não morrem, e o fogo não se apaga (Is 66.23,24), um diálogo como este não é incoerente. Agora, neste diálogo temos,

1. O pedido que o rico fez a Abraão para a diminuição do seu atual estado miserável, v. 24. Vendo Abraão ao longe, o rico clamou a ele, em alta voz, resolutamente, como alguém que está em meio à dor e à infelicidade, misturando gritos agudos com suas súplicas, para lhes impor uma compaixão comovente. Aquele que costumava ordenar em voz alta agora suplica em voz alta, mais alto do que Lázaro jamais suplicou em sua porta. Todas as músicas de suas orgias e festas transformaram-se em lamentações. Observe aqui:

(1) O título que ele dá a Abraão: Abraão, meu pai. Note bem, há muitos no inferno que podem chamar Abraão de pai, que eram a semente de Abraão segundo a carne, e muitos que eram, em nome e profissão de fé, os filhos da aliança feita com Abraão. Talvez o rico, em sua alegria carnal, tivesse zombado de Abraão e da história de Abraão, como fazem os zombadores dos últimos dias; mas agora ele lhe dá um título de respeito, Abraão, meu pai. Observe que está chegando o dia em que os homens ímpios alegrar-se- ão em puxar conversa com os justos, reivindicando um parentesco com eles, embora agora os desprezem. Abraão nesta descrição representa Cristo, porque é a Ele que todo o juízo está entregue, e aquilo que Abraão expressa aqui é o seu pensamento. Aqueles que agora desprezam a Cristo em breve lhe dirão: Senhor, Senhor.

(2) A representação que o homem faz de sua atual condição deplorável: Estou atormentado nesta chama. É do tormento de sua alma que ele se queixa; portanto, este fogo operará sobre as almas. Este fogo é a ira de Deus, que atinge a consciência culpada; tal fogo é o terror da mente, e as reprovações de um coração que se acusa e se condena. Nada é mais doloroso e terrível para o corpo do que ser atormentado com fogo; através disto, portanto, as misérias e as agonias das almas amaldiçoadas são representadas.

(3) O seu pedido a Abraão, em consideração a este estado miserável: Tem misericórdia de mim. Note que está chegando o dia em que aqueles que não dão importância à misericórdia divina suplicarão veementemente por ela. Ó, misericórdia, misericórdia, quando o dia da misericórdia se acabar, e as ofertas de misericórdia não forem mais feitas. Aquele que não teve misericórdia de Lázaro, agora espera que Lázaro tenha misericórdia dele; “porque”, ele pensa, “Lázaro tem uma natureza melhor do que aquela que eu já tive”. O favor específico que ele suplica é: Manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua. [1] Aqui ele se queixa especificamente do tormento de sua língua, como se fosse mais atormentado ali do que em qualquer outra parte; esta era a punição do pecado. A língua é um dos órgãos da fala, e pelo tormento dela ele é lembrado de todas as palavras maldosas que havia falado contra Deus e contra o homem, as suas palavras de maldição, palavras torpes e de blasfêmias, todas as suas palavras duras e sujas; por suas palavras ele é condenado, e, portanto, em sua língua ele é atormentado. A língua é

também um dos órgãos do paladar, e, assim, os seus tormentos lhe lembrarão do seu paladar excessivo quanto aos deleites dos sentidos, que ele havia rolado para debaixo de sua língua. [2] Ele deseja uma gota de água para refrescar sua língua. Ele não diz, “Pai Abraão, manda que eu seja liberto deste estado miserável, ajuda-me a sair desta cova”, porque ele estava desesperado por causa disto; mas ele pede a menor coisa que poderia ser pedida, uma gora de água para refrescar sua língua por um momento. [3] Alguns suspeitam que aquele homem pudesse ter uma má intenção em relação a Lázaro; que se pudesse tê-lo ao seu alcance, ele o impediria de voltar ao seio de Abraão. O coração que está cheio de ira contra Deus está cheio de ira contra o povo de Deus. Mas nós pensaremos mais caridosamente mesmo sobre um pecador condenado, supondo que ele pretendia aqui demonstrar respeito por Lázaro, como alguém a quem ele agora alegremente seria devedor. Ele cita o seu nome, porque o conhece, e pensa que Lázaro não lhe negará esta boa ação por causa da sua antiga ligação. Grotius aqui cita Platão descrevendo os tormentos das almas ímpias, e dentre outras coisas ele diz: Eles estão se enfurecendo continuamente contra aqueles a quem mataram, ou que foram de alguma maneira injuriosos, convocando-os a perdoarem os erros que lhes foram feitos. Observe que se aproxima o dia em que aqueles que agora odeiam e desprezam o povo de Deus se disporiam a receber a bondade deles alegremente.

2. A resposta que Abraão deu ao seu pedido. De um modo geral, podemos dizer que suas petições não foram concedidas. Ele não lhe daria nenhuma gota de água para refrescar sua língua. Observe que os condenados, no inferno, não terão a mínima redução ou diminuição de seus tormentos. Se nós agora aproveitarmos o dia das nossas oportunidades, poderemos ter uma satisfação plena e duradoura nas correntes de misericórdia; mas se agora alguém desprezar a oferta, será em vão, no inferno, esperar a mínima gota de misericórdia. Veja como este homem rico é pago com a sua mesma moeda. Àquele que negou uma migalha, é negada uma gota. Agora é dito a cada um de nós: Pedi, e dar-se-vos-á; mas, se deixarmos passar este tempo aceitável, poderemos pedir, e não nos será dado. Mas isto não é tudo; se Abraão só tivesse dito, “Não terás nada para diminuir o teu tormento”, teria sido triste; mas aquilo que ele diz mostra que seu tormento iria aumentar, e a chama tornar-se-ia ainda mais quente, porque, no inferno, tudo será

atormentador.

(1) Ele o chama de filho, um título bondoso e gentil, mas que aqui só serve para agravar a negação do seu pedido, pois fecha a ele as entranhas da compaixão de um pai. Ele havia sido um filho, mas um filho rebelde, e agora um filho abandonado e repudiado. Veja a loucura daqueles que confiam nessa alegação: Nós temos Abraão por nosso pai. É provável que haja, no inferno, alguém a quem Abraão chame de filho, mas que ficará ali para sempre.

(2) Abraão faz com que ele se lembre de como havia sido tanto a sua própria condição, como a condição de Lázaro, durante o período de vida de ambos: Filho, lembra-te; esta é uma palavra penetrante. As lembranças das almas condenadas serão os seus atormentadores, e a consciência será então despertada e estimulada a cumprir a sua função, o que aqui eles não permitiriam que acontecesse. Nada trará mais combustível para as chamas do inferno do que a expressão: Filho, lembra-te. Agora os pecadores são convocados a se lembrar, mas não se lembram, não se lembrarão, e encontrarão maneiras de evitar isso. “Filho, lembra-te do teu Criador, do teu Redentor, lembra-te do teu derradeiro fim”. Mas eles podem se fazer de surdos para estes momentos importantes, e se esquecerem daquilo de que se lembram. Com motivo justo, portanto, o seu estado miserável e eterno surgirá a partir da expressão: Filho, lembra-te. E nesta ocasião já não poderão mais se fazer de surdos. Que toque de sino terrível será este aos ouvidos daqueles que não forem salvos: “Filho, lembra-te de quantos avisos te foram dados para não vires a este lugar de tormentos, e não lhes deste a devida atenção. Lembra-te das justas ofertas que te foram feitas, ofertas de vida e glória eternas, que tu não aceitaste!” Mas, vejamos do que ele é lembrado: [1] Lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida. Abraão não diz que ele abusou de seus bens, mas que os recebeu: “Lembra-te de que benfeitor generoso Deus foi para ti, como esteve pronto para te fazer o bem; tu não podes, portanto, dizer que Ele te deve alguma coisa, não, nem uma gota de água. O que Ele te deu, tu recebeste, e isto foi tudo; tu jamais declaraste que recebeste dEle todas estas coisas, com uma atitude de gratidão e reconhecimento. Muito menos fizeste alguma retribuição agradecida por elas ou em benefício da melhoria delas; tu foste a sepultura das bênçãos de Deus, na qual elas foram enterradas, e não o campo delas, no qual elas foram semeadas. Tu recebeste os teus bens; tu os recebeste, e

os usaste, como se fossem de tua propriedade, e tu não prestaste contas de tudo isto. Ou, antes, estas foram as coisas que escolheste como teus bens, que eram aos teus olhos as melhores coisas, com que tu te satisfazias, e que utilizavas apenas em benefício próprio. Tu tiveste comida, bebida, roupas das mais ricas e excelentes, e nestas coisas colocaste a tua felicidade; elas eram a tua recompensa, a tua consolação, o dinheiro pelo qual trabalhaste, e que tiveste. Te dedicaste a alcançar bens para a tua vida passageira, e não pensaste nas coisas melhores que poderias ter na outra vida, que é eterna; portanto, não tens motivos para esperar por elas. O dia dos teus bens, o dia das coisas boas, é passado e já se foi; e agora é o dia dos teus males, o dia das conseqüências de todas as tuas más ações. Já bebeste a última gota da taça da misericórdia que poderias esperar como tua porção; e ali não resta nada além da taça da ira sem mistura.” [2] “Lembra-te também dos males que Lázaro recebeu. Tu invejas a felicidade dele aqui; mas pensa na grande porção de misérias que ele teve em sua vida. Tu tiveste mais bens do que se poderia pensar que um homem tão mau tivesse, enquanto Lázaro teve os males que ninguém poderia pensar que um homem tão bom tivesse. Ele recebeu seus males; ele os suportou pacientemente, recebeu-os das mãos de Deus, como aconteceu com Jó (cap. 2.10: Receberemos o bem de Deus e não receberíamos o mal?). Ele os recebeu como um remédio prescrito para a cura das suas doenças espirituais, e a cura foi efetuada.” Assim como os ímpios só têm coisas boas nesta vida, e na morte eles são separados para sempre de todo o bem, da mesma forma as pessoas piedosas só têm coisas más nesta vida, e na morte são postas, para sempre, longe do alcance delas. Agora, Abraão, lembrando-o de todas estas coisas, desperta sua consciência para lembrá-lo de como ele havia agido em relação a Lázaro, quando estava se regalando com os seus bens e Lázaro gemendo com os seus males. Ele não pode se esquecer de que naquela ocasião não quis ajudar Lázaro; então, como é que poderia esperar que Lázaro agora o ajudasse? Se depois disso Lázaro tivesse ficado rico, e ele pobre, Lázaro teria pensado ser seu dever ajudá-lo, e não repreendê-lo por sua indelicadeza anterior. Mas, no estado futuro de recompensa e retribuição, aqueles que são agora tratados – tanto por Deus como pelo homem – de uma maneira melhor do que merecem, podem esperar que todo homem seja recompensado de acordo com as suas obras.

(3) Ele o deixa ciente da atual felicidade de Lázaro, e da sua própria infelicidade: Mas agora as mesas estão viradas, e assim deverão permanecer para sempre; agora este é consolado, e tu, atormentado. Aquele homem não precisava ser informado de que estava sendo atormentado; ele sentia isto por sua conta. Ele também sabia que alguém que estivesse no seio de Abraão só poderia ser consolado ali. No entanto, Abraão lhe informa isso, para que ele pudesse, comparando uma coisa com a outra, observar a justiça de Deus, ao dar em paga tribulação àqueles que atribulam o seu povo, e descanso para aqueles que são atribulados, 2 Tessalonicenses 1.6,7. Observe: [1] O céu é consolação, e o inferno é tormento: o céu é alegria, o inferno é pranto, gemido e dor em níveis inimagináveis. [2] A alma, assim que deixa o corpo, vai imediatamente para o céu ou para o inferno, para a consolação ou para o tormento. Ela não dorme, nem entra em algum purgatório. [3] O céu será realmente o céu para aqueles que vão para lá através de muitas e grandes calamidades neste mundo. Este será maravilhoso para aqueles que tinham graça, mas que tinham pouco do seu conforto aqui (talvez as suas almas se recusassem a ser consoladas). No entanto, quando eles dormem em Cristo, podemos verdadeiramente dizer, “Agora eles estão consolados: agora todas as suas lágrimas são enxugadas, e todos os seus temores desaparecem”. No céu há consolação eterna. Por outro lado, o inferno será realmente o inferno para aqueles que vão para lá em meio ao desfrute de todos os deleites e prazeres dos sentidos. Para eles a tortura é maior, uma vez que as calamidades temporais são descritas como se fossem uma mulher mimosa e delicada, que não colocaria a planta de seus pés sobre a terra por mimo e delicadeza, Deuteronômio 28.56.

(4) Ele lhe assegura que era inútil pensar em ter qualquer alívio por intermédio de Lázaro; porque (v. 26), Além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, uma separação intransponível, de grande profundidade, de forma que não pode haver qualquer comunicação entre os santos glorificados e os pecadores condenados. [1] O santo mais bondoso no céu não pode fazer uma visita à congregação dos mortos e condenados, para consolar ou aliviar qualquer um que tenha sido seu amigo, anteriormente, aqui na terra. “Aqueles que quisessem passar daqui para aí, não poderiam; eles não podem deixar de vislumbrar a face de seu Pai, nem a obra que está em torno de seu trono, para ir buscar água para ti; isto não faz parte de suas atribuições. Eles não têm esta autorização.” [2] O pecador

mais ousado no inferno não pode forçar passagem para fora daquela prisão, e não pode transpor aquele grande abismo. Eles não podem vir até nós a partir de lá. Não se deve esperar que consigam atravessar porque a porta da misericórdia está fechada, a ponte está demolida; não há saída sob livramento condicional ou fiança, não, nem por uma hora. Neste mundo, bendito seja Deus, não há um abismo estabelecido entre um estado de natureza e a graça, mas podemos atravessar de um lado para o outro, do pecado para Deus. Mas para aqueles que morrem em seus pecados, que se lançam na cova da destruição, não há saída. É um poço no qual não há água, e fora do qual não há redenção. O decreto e o conselho de Deus fixaram este abismo que ninguém pode superar, nem modificar. Este fato abandona esta criatura miserável ao desespero; agora é tarde demais para qualquer mudança de sua condição, ou para qualquer alívio, mesmo que mínimo: isto poderia ter sido evitado a tempo, mas agora já não pode ser remediado e assim será por toda a eternidade. A condição dos pecadores condenados está fixada por uma sentença irreversível e imutável. Uma pedra é rolada para a porta da cova, e não pode ser rolada de volta, no sentido inverso.

3. O outro pedido que ele tinha a fazer ao seu pai Abraão, não para si mesmo. Sua boca se calou, e ele não teve nenhuma palavra a dizer em resposta à negativa de Abraão ao seu pedido por uma gota de água. Os pecadores condenados são informados de que a sentença sob a qual estão é justa, e não podem aliviar seu próprio estado miserável fazendo uma objeção contra ela. E, visto que não consegue obter uma gota de água para resfriar sua língua, podemos supor que ele mordia a língua de dor, como é dito daqueles sobre os quais uma das taças da ira de Deus é derramada, Apocalipse 16.10. Podemos supor que os gritos e clamores que ele estava proferindo eram horríveis; mas, tendo uma oportunidade de falar com Abraão, ele a aproveita em favor de seus parentes e amigos a quem deixou para trás, uma vez que já percebeu que não receberá nada em seu próprio benefício. Agora, quanto a isto:

(1) Ele roga que Lázaro possa ser enviado à casa de seu pai, com uma missão: Rogo-te, pois, ó pai, v. 27. Ele invoca Abraão mais uma vez, e neste pedido se mostra insistente: “Rogo-te. Não me negues isto”. Quando estava na terra, aquele homem podia rogar e ser ouvido, mas agora ele roga em vão. “Portanto, pelo fato de teres negado meu primeiro pedido,

certamente serás compassivo de forma a não me negar este;" ou, "Portanto, devido ao fato de haver um grande abismo fixado, visto que não há saída uma vez que se entra aqui, ó envie Lázaro para que impeça que eles venham para cá;" ou, "Embora haja um grande abismo colocado entre nós, não há nenhum abismo entre ti e eles; portanto, envie Lázaro daí para eles. Rogo-te que o mandes à casa de meu pai; ele conhece bem onde fica, já esteve ali diversas vezes, pois lhe negávamos as migalhas que caíam da nossa mesa. Ele sabe que tenho cinco irmãos lá; se ele aparecer para eles, eles o conhecerão, e considerarão aquilo que ele disser, porque o conheciam como um homem honesto. Permita que Lázaro testifique a eles; deixe que ele lhes fale sobre a condição em que estou aqui, e que fui trazido a esse lugar por causa da luxúria e da sensualidade, e pela minha falta de compaixão para com os pobres. Permita que ele lhes advirta a não seguirem os meus passos, nem continuarem no caminho ao qual eu lhes conduzi, e no qual lhes deixei, a fim de que não venham também para este lugar de tormento, v. 28. Alguns observam que ele só fala de cinco irmãos, de onde supõem que aquele homem não tinha filhos, caso contrário os teria mencionado; o fato de não ter filhos para sustentar e, mesmo assim, ser tão avarento era um agravante. Agora ele queria que seus familiares abandonassem seu caminho pecaminoso. Ele não diz, "Dá-me licença para ir até eles, para que eu possa testificar a eles", porque sabia que havia um abismo fixado, e não tinha a esperança de receber uma permissão tão favorável para si mesmo; a sua ida iria assustá-los a ponto de enlouquecê-los; mas, "Manda Lázaro, cujas palavras serão menos terríveis. O testemunho de Lázaro será suficiente para assustá-los o bastante para que parem de pecar". Agora ele desejava que a destruição deles fosse impedida, em parte por carinho a eles, por quem ele tinha uma afeição natural; ele conhecia o temperamento deles, suas tentações, sua ignorância, sua infidelidade, sua desconsideração, e desejava impedir a destruição para a qual eles estavam se encaminhando rapidamente. Mas era em parte por carinho a si mesmo, porque a vinda deles até ele, para aquele lugar de tormento, só iria agravar seu estado miserável, pois ele havia ajudado a lhes mostrar o caminho para aquela condenação terrível e irreversível. A visão que ele tinha de Lázaro, salvo e junto a Abraão, também ajudava a agravar seu estado miserável. Quando os companheiros de pecado vierem a compartilhar a desgraça, como o joio amarrado em molhos e destinados ao fogo, eles serão um terror uns aos

outros.

(2) Abraão também lhe nega este favor. Não há nenhum pedido concedido àqueles que estão no inferno. Aqueles que fazem da petição do rico a Abraão uma justificativa para rogarem aos santos que partiram, estão cometendo um erro gravíssimo. Observe que, na busca de provas e exemplos, estes estão cometendo um erro irreparável, pois aquele homem condenado não foi atendido em nenhuma de suas petições. Portanto, não é possível que se sintam estimulados a seguir o exemplo de alguém que recebeu um sonoro não a todos os seus pedidos. Abraão mostra que eles estão livres para aceitar o testemunho de Moisés e dos profetas, pois este é o meio comum de convencimento e conversão; eles têm a palavra escrita, podendo lê-la e ouvir a sua leitura. “Que eles atendam à preciosa Palavra da profecia, porque Deus não deixará de utilizar o método comum de sua graça por causa eles”. Aqui está o privilégio deles: Eles têm Moisés e os profetas; eles também têm um dever imprescindível: “Que eles os ouçam, e misturem as palavras que estão ouvindo à fé, e isto será suficiente para impedir que cheguem ao lugar de tormento em que estás”. Diante desta declaração tão explícita, parece que há evidências suficientes no Antigo Testamento, nos escritos de Moisés e dos profetas, para convencer aqueles que os ouvirão imparcialmente, sendo informados de que há uma outra vida depois desta, e um estado de recompensas e castigos para os homens bons e maus. Era disto que o rico queria que os seus irmãos tivessem certeza, e por isso eles deveriam ouvir e obedecer aos escritos de Moisés e dos profetas.

(3) Ele vai além em sua súplica (v. 30): “Não, Abraão, meu pai, permita que eu insista neste pedido. É verdade que eles têm a Moisés e aos profetas, e, se eles apenas lhes dessem a atenção devida, isto seria suficiente; mas eles não lhes dão a atenção devida, nem a darão; no entanto, pode-se esperar que, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam, e este seria um método de convencimento ao qual eles se mostrariam mais sensíveis. Eles estão acostumados a Moisés e aos profetas, e assim não lhes darão a devida consideração; mas se Lázaro fosse ter com eles, isto seria uma coisa nova, e mais espantosa; certamente isto os levaria a se arrependerem, e a mudarem seus hábitos e modos de vida, que são tão maus”. Observe que os homens insensatos têm a tendência de pensar que qualquer método de convencimento é melhor do que aquele que Deus escolheu e designou.

(4) Abraão insiste sobre a rejeição dele, com uma razão conclusiva (v. 31): "'Se não ouvem a Moisés e aos Profetas', e não querem acreditar no testemunho nem acolher a advertência que eles dão, 'tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite'. Se eles não consideram a revelação pública, que é confimada por milagres, tampouco serão influenciados por um testemunho particular a eles mesmos." [1] O assunto foi há muito tempo determinado, como prova, que Deus falaria por meio de Moisés e, assim, por profetas, e não por mensageiros imediatos do céu. Israel escolheu isto no Monte Sinai, porque não podia suportar os terrores de tais comunicações. [2] Um mensageiro dentre os mortos não poderia dizer mais do que o que está dito nas Escrituras, nem dizer com mais autoridade. [3] Haveria, em cada coisa mínima, tanta razão para suspeitar que fosse uma fraude ou uma ilusão como para suspeitar que as Escrituras o sejam, e muito mais. E, sendo infiéis em um caso, certamente seriam em outro. [4] O mesmo poder da corrupção que abre caminho através das convicções da palavra escrita certamente triunfaria sobre aquelas deixadas por um testemunho da parte dos mortos. E, embora um pecador pudesse ser amedontrado, a princípio, por tal testemunho, quando o pavor estivesse sobre ele, voltaria prontamente à sua dureza. [5] A Escritura é agora o meio ordinário de Deus nos fazer conhecida sua mente, e ela é suficiente. É presunção, de nossa parte, prescrever algum outro meio, nem temos qualquer base para esperar ou orar para que a graça de Deus opere sobre nós em algum outro meio separado daquele, e no tempo em que aquele é rejeitado e posto à parte. O que nosso Salvador disse aqui foi, logo depois, verificado nos judeus incrédulos, que não ouviriam Moisés e os profetas, Cristo e os apóstolos, e então não seriam persuadidos, ainda que Lázaro ressuscitasse dentre os mortos (e talvez tenha sido com alguma perspicácia em relação a eles que Cristo chamou este pobre homem de Lázaro), na verdade, deliberaram para levá-lo à morte, e tampouco seriam persuadidos por Ele, ainda que Ele também ressuscitasse dentre os mortos. Quando Êutico foi ressuscitado para a vida, o público que estava presente continuou a ouvir Paulo pregar, mas não voltou a inquirir dele, Atos 20.10,11. Que nós, portanto, não desejemos visões e aparições, nem nos dirijamos aos mortos, mas "à lei e ao testemunho" (Is. 8.19,20), pois essa é a firme palavra da profecia, na qual podemos confiar.

CAPÍTULO 17

Neste capítulo temos: I. Alguns discursos específicos que Cristo dirigiu a seus discípulos, nos quais Ele os ensina a tomarem cuidado para não escandalizarem, e para perdoarem aqueles que pecassem contra eles (vv. 1-4), os estimulam a orar pelo aumento de sua fé (vv. 5,6), e então os ensina a humildade, a despeito de qualquer que fosse o serviço que eles prestassem a Deus, vv. 7-10. II. A cura de dez leprosos, e o agradecimento que Ele recebeu de apenas um deles, sendo este um samaritano, vv. 11-19. III. Seu discurso aos discípulos – por ocasião de uma pergunta dos fariseus – sobre quando o Reino de Deus deveria vir, vv. 20-37.

O Tratamento dos Escândalos

vv. 1-10

Somos ensinados aqui:

I Que fazer vir escândalos é um grande pecado, e que cada um de nós deve evitar e cuidadosamente vigiar contra isso, vv. 1,2. Não podemos esperar que os escândalos não venham, considerando a perversidade e a rebeldia que existe na natureza do homem, e os sábios propósitos e conselhos de Deus, que executarão sua obra até mesmo através destes escândalos, e trará o bem a partir do mal. É quase impossível que não venham escândalos e, portanto, devemos nos preocupar em agir corretamente; mas ai daquele por quem vierem, pois sua condenação será pesada (v. 2), mais terrível do que a dos piores malfeitores que são condenados a serem lançados ao mar, pois eles perecem sob uma carga de culpa mais pesada do que uma pedra de moinho. Isto inclui um ai: 1. Aos perseguidores, que provocam danos aos menores dos pequeninos de Cristo, através de palavras ou ações, pelas quais eles são desencorajados de servir a Cristo, e de cumprir seu dever, ou passam a correr o risco de se desviar. 2. Aos sedutores, que corrompem as verdades de Cristo e suas ordenanças e, assim, perturbam as mentes dos discípulos; pois eles são aqueles através de quem os escândalos vêm. 3. Para aqueles que, sob a profissão do nome de cristão, vivem

escandalosamente e, desse modo, enfraquecem os laços e entristecem os corações do povo de Deus; pois, por eles os escândalos vêm, e isto não é nenhuma redução de sua culpa, nem será seu castigo, pois é impossível que não venham escândalos.

II Que o perdão das ofensas é um grande dever, e que cada um de nós deve ter consciência disto (v. 3): “Olhai por vós mesmos”. Isto pode se referir ao que vem antes, ou ao que se segue: Tomem cuidado para não fazer tropeçar um destes pequenos. Os ministros devem ter muito cuidado para não dizer ou fazer qualquer coisa que possa ser um desencorajamento, ou para enfraquecer os cristãos. Há necessidade de grande cautela, e eles devem falar e agir com muita consideração, por temor a isto: ou, “Quando teu irmão pecar contra ti, te causar qualquer dano, te desrespeitar ou te ofender, se ele for cúmplice de qualquer dano que te for feito em tua propriedade ou à tua reputação, olha por ti mesmo nesse momento, para que não entres em uma paixão; para que, quando teu espírito for provocado, não fales inadvertidamente, e precipitadamente jures que te vingarás (Pv 24.29): Como ele me fez a mim, assim lhe farei a ele. Cuidado com o que dizes nesse momento, para que não digas algo impróprio.”

1. Se você recebeu a permissão para repreendê-lo, você é instruído a fazer isso. Não esconda o ressentimento, mas dê vazão a ele. Diga-lhe suas faltas. Mostre-lhe em que ele não agiu bem, nem de forma justa com você, e, pode ser, você perceberá (e você deve estar muito disposto a perceber) que se enganou a respeito dele, que não foi um pecado contra você, ou que houve uma intenção, mas um equívoco, e então você pedirá o seu perdão por entendê-lo mal; como em Josué 22.30,31.

2. Você é instruído, quando do arrependimento dele, a perdoá-lo, e a se reconciliar perfeitamente com ele. Se ele se arrepender, perdoa-lhe; esqueça a ofensa, jamais pense nela outra vez, muito menos o censure por isto. Mesmo que ele não se arrependa, você não deve guardar rancor contra ele, nem pensar em vingança; mas, se tal pessoa nem sequer disser que se arrepende, você não é obrigado a ficar tão à vontade e familiar com ela como já esteve. Se ela for culpada de um pecado grosseiro, tendo ofendido a comunidade cristã da qual é membro, deixe que seja reprovada por seu pecado de forma séria, porém branda. E, quando esta pessoa se arrepender, deverá ser recebida com amizade e comunhão outra vez. O apóstolo chama

isto de perdão, 2 Coríntios 2.7.

3. Você deve repetir isto toda vez que a pessoa repetir seu pecado, v. 4. “Se acontecesse de ele ser tão negligente, ou tão insolente, a ponto de pecar contra ti sete vezes no dia, e com a mesma freqüência, professar-se arrependido de sua falta, e prometer não pecar mais dessa maneira, continue a perdoá-lo”. *Humanum est errare – Errar é humano*. Note que os cristãos devem ter um espírito perdoador, devem estar dispostos a fazer o melhor por todos, e fazer com que as coisas sejam tranqüilas em torno de si mesmos; devem estar prontos a amenizar as faltas, e não a agravá-las; e devem dar um jeito de mostrar que perdoaram uma ofensa, assim como os outros mostram que se ressentem dela.

III Que todos nós temos necessidade de ter nossa fé fortalecida, porque, quando esta graça cresce, todas as outras graças crescem. Quanto mais firmemente crermos na doutrina de Cristo, e quanto mais confiarmos na graça de Cristo, melhor será para nós, sempre. Agora, observe aqui: 1. O pedido que os discípulos fizeram a Cristo, para o fortalecimento de sua fé, v. 5. Os próprios apóstolos, como são aqui denominados, embora fossem os primeiros representantes do reino de Cristo, mesmo assim reconheciam a fraqueza e a deficiência de sua fé, e viam a necessidade que tinham da graça de Cristo para o desenvolvimento dela. Eles disseram ao Senhor, em outras palavras: Acrescenta-nos a fé, e aperfeiçoa o que falta nela. Deixe que as descobertas da fé sejam mais claras, os desejos da fé mais fortes, a dependência da fé mais firme e estabelecida, as dedicações da fé mais completas e resolutas, e os prazeres da fé mais agradáveis. Note que o aumento da nossa fé é o que devemos desejar fervorosamente, e devemos oferecer este desejo a Deus em oração. Alguns pensam que eles fizeram esta súplica a Cristo por ocasião da imposição do dever de perdoar as ofensas: “Senhor, acrescenta-nos a fé, ou jamais seremos capazes de colocar em prática um dever tão difícil quanto este”. A fé na misericórdia perdoadora de Deus nos capacitará a superar as maiores dificuldades que se encontrarem no caminho do perdão aos nossos irmãos. Outros pensam que foi em alguma outra ocasião, quando os apóstolos tiveram a dificuldade de realizar algum milagre, e foram reprovados por Cristo pela fraqueza de sua fé, como em Mateus 17.16, e versículos seguintes. Eles deveriam suplicar – àquele que os julgou culpados – a graça para que pudessem ser restaurados;

a Ele eles clamam: Senhor, acrescenta-nos a fé. 2. A certeza que Cristo lhes dá sobre a maravilhosa eficácia da verdadeira fé (v. 6): “Se tivésseis fé como um grão de mostarda, tão pequena quanto um grão de mostarda... mas a vossa fé é ainda menor que o mínimo; ou, se fosse tão penetrante quanto um grão de mostarda, tão pungente, tão empolgante a todas as outras raças, como mostarda para os espíritos humanos”, e portanto usada em benefício de paralíticos, “vós poderíeis fazer maravilhas muito além do que fazeis agora; nada poderia ser difícil demais para vós, e poderíeis fazer todas as coisas que fossem para a glória de Deus, e para a confirmação da doutrina que pregais, sim, mesmo que fosse o transporte de uma árvore da terra para o mar”. Veja Mateus 17.20. Assim como para Deus nada é impossível, também todas as coisas são possíveis ao que crê.

IV Que, seja o que fizermos no serviço a Cristo, devemos ser muito humildes, e não imaginar que podemos merecer qualquer favor de sua mão, ou reivindicar isto como uma dívida. Nem mesmo os próprios apóstolos, que fizeram muito mais por Cristo do que os outros, deveriam pensar que desse modo o Senhor se tornou seu devedor. 1. Todos nós somos servos de Deus (seus apóstolos e ministros o são de um modo especial), e, como servos, somos destinados a fazer tudo o que pudermos para a sua honra. Toda a nossa força e todo o nosso tempo devem ser empregados para Ele; porque não pertencemos a nós mesmos, nem estamos à nossa própria disposição, mas oferecemos a nossa vida ao nosso Mestre. 2. Como servos de Deus, cabe a nós preenchermos o nosso tempo com o dever, e vários trabalhos nos estão designados; devemos fazer do fim de um serviço o início de outro. O servo que esteve lavrando, ou apascentando o gado, no campo, quando chega em casa à noite ainda tem trabalho a fazer; ele deve servir à mesa, vv. 7,8. Quando somos empregados nos deveres de uma conversa de fé, isto não nos escusará dos exercícios da devoção; quando estamos trabalhando para Deus, ainda devemos estar esperando em Deus. Devemos esperar nele e servi-lo continuamente. 3. Nosso principal cuidado aqui deve ser cumprir o dever de nossa relação, e deixar que o Mestre nos dê o conforto dela, quando e como Ele considerar apropriado. Nenhum servo espera que seu senhor lhe diga, Chega-te e assenta-te à mesa. Já fizemos o suficiente durante nosso dia de trabalho. Preocupemo-nos em terminar nossa tarefa, e em fazermos tudo muito bem feito, e então a

recompensa virá no tempo certo. 4. É adequado que Cristo seja servido antes de nós: Prepare-me a ceia, cinja-se, e sirva-me, até que tenha comido e bebido. Os cristãos duvidosos dizem que não podem dar a Cristo a glória de seu amor como deveriam, porque ainda não obtiveram seu conforto; mas isto é errado. Primeiro deixe que Cristo tenha a glória, o sirvamo-lo com os nossos louvores; e então iremos comer e beber no conforto deste amor, e nele há um banquete. 5. Os servos de Cristo, quando forem servi-lo, devem se cingir e se livrar de qualquer coisa que esteja dificultando e obstruindo seu caminho. E se preparar aplicando seu pensamento à continuidade de seu trabalho. Cada um deve concluir a obra em que estiver trabalhando para o Senhor. Para tanto, eles devem "cingir os lombos" de seus pensamentos. Quando tivermos preparado a ceia de Cristo, devemos então nos cingir, e servi-lo. Isto é esperado dos servos, e Cristo poderá exigir isto de nós, mas Ele não insiste nisso. Ele estava entre seus discípulos como alguém que servia, e não veio, como outros mestres, viver com pompa, para ser servido, mas para servir; prova disso é que Ele lavou os pés dos seus discípulos. 6. Os servos de Cristo não merecem nenhum agradecimento pelos serviços prestados a Ele: "Porventura, dá graças ao tal servo? Ele se considera devedor ao servo por isso? Não, de modo algum". Nenhuma boa obra de nossa parte merece qualquer coisa das mãos de Deus. Nós esperamos o favor de Deus, não que por nossos serviços o tenhamos feito devedor a nós, mas, porque, por suas promessas Ele se fez devedor de sua própria honra. E isto podemos pleitear com ele, mas não podemos promover a ação de um *quantum meruit – pleitear algo de acordo com o mérito*. 7. A despeito daquilo que façamos para Cristo – mesmo que talvez façamos mais do que outros– nós o fazemos porque esta é a nossa obrigação. Embora devamos fazer todas as coisas que nos são ordenadas, ai de nós! pois, em muitas, coisas falhamos. Não há nenhuma obra de super-rogação; é apenas o que devemos fazer para obedecer ao primeiro e grande mandamento de amar a Deus com todo o nosso coração e alma, e este mandamento inclui o grau extremo. 8. Os melhores servos de Cristo, até mesmo quando prestam os melhores serviços, devem reconhecer humildemente que são servos inúteis; embora não sejam os servos inúteis que enterram seus talentos, e que serão lançados nas trevas exteriores. Mas eles são inúteis quando se trata das vantagens ou benefícios de que o Senhor Jesus Cristo pode vir a desfrutar através dos serviços por eles prestados. A nossa bondade não se estende a

Deus, e Ele não terá nenhum proveito, nem mesmo se formos justos, Salmos 16.2; Jó 22.2; 35.7. Deus não pode ganhar nada pelos nossos serviços, e assim não pode se tornar devedor por eles. Ele não precisa de nós, e os nossos serviços não podem acrescentar qualquer coisa à sua perfeição. Cabe a nós, portanto, chamarmo-nos de servos inúteis; mas devemos chamar o seu serviço de serviço proveitoso, porque Deus é feliz sem nós, mas nós, sem Ele, jamais seríamos completos.

Os Dez Leprosos

vv.11-19

Temos aqui o relato da cura de dez leprosos, o qual não temos em nenhum dos escritos dos outros evangelistas. A lepra era uma doença que os judeus supunham ser infligida como castigo por algum pecado específico, e supunham ser, mais do que as outras doenças, uma marca do desprazer de Deus; portanto, Cristo, que veio para tirar o pecado, e desviar a ira, tomou o cuidado especial de curar os leprosos que se aproximaram dEle em seu caminho. Cristo estava agora a meio caminho de Jerusalém, em um local onde Ele tinha menos familiaridade em comparação com Jerusalém ou com a Galiléia. Ele estava agora na região fronteiriça entre Samaria e a Galiléia. Ele percorreu este caminho para encontrar estes leprosos e curá-los; pois Ele foi achado por aqueles que não o buscavam. Observe:

I O pedido destes leprosos a Cristo. Eles eram um grupo de dez; porque, embora estivessem isolados da sociedade, da possibilidade de se associarem a outros, aqueles que estavam infectados tinham a liberdade de conversar uns com os outros, o que seria algum conforto para eles, dando-lhes uma oportunidade de trocar idéias, e de se condoerem uns dos outros. Agora observe: 1. Eles saíram ao encontro de Cristo, quando Ele estava entrando numa certa aldeia. Eles não só permaneceram quando Ele já tinha se recuperado por algum tempo da fadiga de sua viagem, mas vieram ao seu encontro quando Ele entrou na cidade, cansado como estava; mesmo assim Ele não os expulsou, nem postergou o atendimento que poderia dar à causa deles. 2. Eles permaneceram afastados, sabendo que pela lei a sua doença os obrigava a manter distância. Um senso da nossa lepra espiritual deve nos tornar muito humildes em todas as nossas abordagens a Cristo. Quem somos nós, para nos aproximarmos daquele que é infinitamente puro? Nós somos impuros. 3. O pedido deles foi unânime, e muito insistente (v. 13): E levantaram a voz, estando de longe, e clamaram, Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós. Aqueles que esperam a ajuda de Cristo devem reconhecê-lo como seu Mestre, permanecendo às suas ordens. Se Ele é o Mestre, Ele é Jesus Cristo, o Salvador; esta, e não outra, é a sua identidade. Eles não pedem especificamente para serem curados de sua lepra, mas dizem: Tem misericórdia de nós; e isso é suficiente para contarmos com as compaixões de Cristo, porque elas não falham. Eles ouviram a fama deste Jesus (embora Ele não fosse tão conhecido naquela região), e isso os encorajou a suplicar a Ele; e bastava que apenas um deles começasse a lhe dirigir palavras tão simples, que todos iriam se unir neste clamor.

II Cristo os enviou ao sacerdote, para serem examinados por aquele que era o juiz da lepra. Ele não lhes disse positivamente que seriam curados, mas mandou que fossem e se mostrassem aos sacerdotes, v. 14. Esta era uma prova de sua obediência, e era adequado que fossem provados dessa maneira, como a prova de Naamã em um caso semelhante: Vá e lave-se no Jordão. Note que aqueles que esperam os favores de Cristo devem aceitar o seu modo e método. Alguns destes leprosos talvez estivessem prontos a discutir por causa da instrução: “Que ele cure ou diga que não curará, em vez de nos mandar aos sacerdotes em uma missão tola”; mas, persuadidos

pelos demais, todos eles foram se apresentar ao sacerdote. Como a lei cerimonial ainda estava em vigor, Cristo tomou o cuidado de que ela fosse observada, e sua reputação mantida, e a honra devida fosse prestada aos sacerdotes em coisas que diziam respeito à função que desempenhavam. Mas, provavelmente, o Senhor teve aqui um outro propósito, que foi obter o julgamento e o testemunho dos sacerdotes sobre a perfeição da cura. Este episódio também serviu para despertar os sacerdotes e outros, levando-os a se informar melhor a respeito Daquele que tinha o poder divino sobre as doenças físicas.

III E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos, e assim valeu a pena serem examinados pelo sacerdote, e receberem um certificado de que haviam sido curados. Observe que então podemos esperar que Deus nos encontre com misericórdia quando formos achados no caminho do dever. Se fizermos o que pudermos, Deus não deixará de fazer por nós o que não pudermos fazer. Ide, cumpri as ordenanças instituídas; ide e orai, e lede as Escrituras: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes; ide e exponde vosso caso a um ministro fiel e, embora os meios não vos curem, Deus vos curará no uso diligente destes meios.

IV Um deles, e apenas um, voltou glorificando a Deus, v. 15. Este, vendo que estava são, em vez de se dirigir ao sacerdote, para ser por ele declarado curado, e então ficar livre de seu isolamento – que era o que todos os demais queriam – voltou para aquele que era o Autor de sua cura, a quem desejava glorificar por ela, antes de receber o seu benefício. Ele parece ter sido muito sincero e terno em seus agradecimentos: Glorificando a Deus em alta voz, reconhecendo que a cura veio originalmente dEle; e assim levantou a sua voz em glorificação, como havia feito em seus clamores, v. 13. Aqueles que receberam a misericórdia de Deus devem anunciá-la aos outros, para que estes também possam glorificar a Deus, e possam ser encorajados a confiar nEle através das experiências deles. Mas ele também se dirigiu a Cristo dando-lhe graças de uma forma especial (v. 16): E caiu aos seus pés, colocou-se na posição mais humilde e reverente que pôde, e deu-lhe graças. Note que devemos dar graças pelos favores que Cristo nos concede, e particularmente pela nossa recuperação das enfermidades; e devemos ser rápidos ao retribuirmos ao nosso Amado Senhor com o nosso louvor. Não

devemos adiar esta ação, para que o tempo não apague o nosso senso de misericórdia. Cabe a nós, também, sermos humildes em nossas ações de graças, bem como em nossas orações. Cabe à semente de Jacó – como também aconteceu com ele – considerar-se indigno até mesmo da menor das misericórdias de Deus, quando cada um deles as recebe, como também quando estão buscando-as.

V Cristo notou este que, desse modo, havia se destacado dos demais; porque parece que ele era um samaritano, enquanto os demais eram judeus, v. 16. Os samaritanos eram separatistas da igreja judaica, e não possuíam o puro conhecimento e a adoração a Deus entre si, como os judeus possuíam. No entanto, foi um deles que glorificou a Deus quando os judeus se esqueceram de fazê-lo, ou quando se recusaram a fazê-lo. Agora, observe aqui:

1. A observação especial que Cristo fez dele, por ter voltado para agradecer, e da ingratidão daqueles que compartilharam a mesma misericórdia – pois aquele que era um estranho para a comunidade de Israel foi o único que voltou para dar glória a Deus, vv. 17,18. Veja aqui: (1) Como Cristo é rico em fazer o bem: Não foram dez os limpos? Aqui estava uma cura coletiva, um hospital inteiro curado através de uma única palavra falada. Note que há uma abundância de virtude curadora e purificadora no sangue de Cristo, suficiente para todos os seus pacientes, embora sejam tantos. Aqui, dez homens foram limpos de uma só vez; nunca receberemos uma graça menor pelo fato de outras pessoas a compartilharem. (2) Como somos pobres em nossas retribuições: “E onde estão os nove? Por que eles não voltaram para agradecer?” Isto sugere que a ingratidão é um pecado muito comum. Dos muitos que recebem a misericórdia de Deus, há poucos, apenas pouquíssimos, que voltam para dar graças de uma maneira correta (escassamente um em dez), e que procuram retribuir de acordo com o benefício que receberam. (3) Como aqueles de quem menos se espera se mostram freqüentemente mais agradecidos. Um samaritano agradece, e um judeu não. Assim muitos que professam uma religião revelada são sobrepujados, e bastante envergonhados, por alguns que são governados apenas pela religião natural, não só no valor moral, mas em piedade e devoção. Isto serve aqui para agravar a ingratidão daqueles judeus de quem Cristo fala, como se o Senhor se sentisse ofendido pelo fato de sua bondade

ter sido tão desrespeitada. E isto sugere como Ele se ressente – com justiça – pela ingratidão do mundo da humanidade, por quem Ele tinha feito e ainda faria tanto, e de quem recebeu e receberia tão pouco.

2. O grande estímulo que Cristo lhe deu, v. 19. Os demais tiveram sua cura, e esta não foi revogada, como poderia ter sido, de forma justa, pela ingratidão que demonstraram. Eles agiram de uma forma errada, mesmo tendo um exemplo tão bom de gratidão apresentado diante de si mesmos; mas aquele que voltou para agradecer ao Senhor teve a sua cura confirmada particularmente com um elogio: A tua fé te salvou. Os demais foram curados pelo poder de Cristo, como um gesto de compaixão pela aflição deles, e em resposta à sua súplica. Mas aquele que demonstrou a sua gratidão foi salvo pela sua fé, e, devido a esta fé, o Senhor Jesus Cristo o enxergou de uma forma diferente dos outros. Note que as misericórdias temporais são então dobradas e aumentadas em valor para nós quando são concedidas através das orações de fé, e retribuídas por meio de louvores com fé.

O Avanço do Reino de Cristo. A Destruição de Jerusalém

vv. 20-37

Temos aqui um discurso de Cristo a respeito do Reino de Deus, isto é, o Reino do Messias, que em breve seria estabelecido, e do qual havia grande expectativa.

I Aqui está a indagação dos fariseus a esse respeito, o que ocasionou este discurso. Eles perguntaram quando havia de vir o Reino de Deus, formando uma noção dele como um reino temporal, que deveria fazer com que a nação judaica avançasse acima das nações da terra. Eles estavam impacientes para ouvir alguma notícia de sua aproximação; eles provavelmente entenderam que Cristo havia ensinado os seus discípulos a orar pela vinda deste reino, e eles por muito tempo vinham anunciando que ele estava às portas. “Agora”, dizem os fariseus, “Quando chegará este dia glorioso? Quando veremos este reino há tanto tempo almejado?”

II A resposta de Cristo a esta indagação, foi dirigida primeiramente aos fariseus, e depois aos seus próprios discípulos, que sabiam melhor como compreendê-lo (v. 22). E o Senhor nos diz aquilo que disse a ambos.

1. Que o Reino do Messias seria um reino espiritual, e não temporal e exterior. Eles perguntaram quando ele viria. “Vocês não sabem o que perguntam”, disse Cristo; “ele pode vir, e vocês não se darem conta dele”. Porque ele não tem uma aparência exterior, como os outros reinos têm, os avanços e revoluções que são notados pelas nações da terra, e que enchem os jornais; eles esperavam que este Reino de Deus seria assim. “Não”, disse Cristo: (1) “Ele terá uma chegada silenciosa, sem pompa, sem barulho; ele não vem com alarde”, *meta paratereseos – com aparência exterior*. Eles desejavam ter sua curiosidade satisfeita a respeito do seu tempo, do qual Cristo não lhes dá nenhuma resposta, mas terão os seus enganos corrigidos com relação à sua natureza: “Não cabe a vós conhecer os tempos deste reino, estas são coisas secretas, que não pertencem a vós; mas as grandes intenções deste reino, estas são coisas reveladas”. Quando o Messias, o Príncipe, vier para estabelecer o seu reino, eles não dirão, Ei-lo aqui, ou Ei-lo ali, como quando um príncipe avança para visitar os seus territórios. Em uma situação como esta, todos dizem: ele está aqui, ou, ele está ali; porque onde o rei está, também está a corte. Cristo não virá com todo este falatório; ele não será estabelecido neste ou naquele lugar específico; nem a corte deste reino estará aqui ou ali; nem estará aqui ou ali como diz respeito aos habitantes, ou o lugar em que residem, como se isso fosse colocá-los mais perto ou mais longe deste reino. Aqueles que limitam o cristianismo e a igreja a este lugar ou àquela região, clamam, Ei-lo aqui, ou Ei-lo ali. Esta é a atitude do cristianismo católico em seus propósitos; e é assim que agem aqueles que fazem da prosperidade e da pompa exterior uma marca da verdadeira igreja. (2) “Ele tem uma influência espiritual: O Reino de Deus está dentro de vós”. Ele não é deste mundo, João 18.36. Sua glória não cativa os homens, mas afeta seus espíritos, e seu poder está acima de suas almas e consciências; deles ele recebe homenagens, e não só de seus corpos. O Reino de Deus não mudará a condição exterior dos homens, mas seus corações e suas vidas. Então ele vem quando torna humildes, sérios e celestiais, os que eram orgulhos, vãos e carnais, – quando ele afasta do mundo aqueles que estavam apegados ao mundo; e assim passam a buscar o Reino de Deus nas revoluções do coração, e não nas revoluções do governo

civil. O Reino de Deus está entre vós; assim consta em algumas versões da Bíblia Sagrada. Vocês perguntam quando ele virá, e não se dão conta de que ele já começou a ser estabelecido no meio de vocês. O Evangelho é pregado, é confirmado pelos milagres, é abraçado pelas multidões, de forma que ele está na sua nação, embora não esteja nos seus corações. Note que a loucura de muitos inquiridores que estão curiosos a respeito dos tempos por vir, é que eles procuram e esperam que no futuro venha aquilo que, de fato, já está entre eles.

2. Que o estabelecimento deste reino era uma obra que encontraria muita oposição e interrupção, v. 22. Os discípulos pensavam que deveriam fazer de tudo, e esperavam uma série constante de sucessos em seu trabalho; mas Cristo lhes diz que seria o contrário: Dias virão, antes de terdes terminado o vosso testemunho e feito o vosso trabalho, em que desejareis ver um dos dias do filho do Homem (um dia como temos agora), um dia de prosperidade e progresso do Evangelho, e não o verão. A princípio, realmente tereis um sucesso maravilhoso (assim eles tiveram, quando milhares foram acrescentados à igreja em um dia); mas não penseis que será sempre assim; não, sereis perseguidos e espalhados, silenciados e presos, para que não tenhais oportunidades de pregar o Evangelho sem medo, como tendes agora; as pessoas se esfriarão em relação a ele, quando desfrutarem dele por algum tempo, de forma que não vereis tais colheitas de almas reunidas a Cristo mais tarde, como a princípio, nem tais multidões arrebanhando-se a Ele como pombas em suas janelas. Isto projeta os seus discípulos a épocas futuras; eles devem esperar muito desapontamento; o Evangelho não será sempre pregado com igual liberdade e sucesso. Ministros e igrejas estarão, às vezes, sob limitações externas. Mestres serão removidos para as esquinas, e reuniões solenes serão dispersas. Então eles desejarão ver os dias de oportunidade de que desfrutaram anteriormente, dias de sábado, dias de cultos, dias de pregação, dias de oração; estes são os dias do Filho do Homem, nos quais ouvimos dele, e conversamos com ele. Pode chegar um dia em que venhamos a desejar, em vão, estes dias. Deus nos ensina a conhecer o valor de tais misericórdias através da necessidade delas. Cabe a nós, enquanto elas são contínuas, valorizá-las, e nos dias de fartura guardar recursos para os anos de fome. Às vezes eles estarão sob limitações internas, e não terão os sinais da presença do Filho do Homem consigo, como já tiveram. O Espírito é retirado deles; eles não vêem seus

sinais; o anjo não desce para agitar as águas; há uma grande estupidez entre os filhos dos homens, e um grande desinteresse entre os filhos de Deus; então eles desejarão ver estes dias de vitória e triunfo do Filho do Homem como viram às vezes, quando Ele se apresentou com o seu arco e com a sua coroa, conquistando e pronto para conquistar, mas eles não o verão. Note que não devemos pensar que a igreja e a causa de Cristo estejam perdidas por nem sempre serem igualmente visíveis e dominantes.

3. Que Cristo e o seu reino não devem ser buscados nesse ou naquele lugar específico, mas o seu aparecimento será geral em todos os lugares imediatamente (vv. 23,24): “E dir-vos-ão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Aqui está aquele que livrará os judeus das mãos dos romanos opressores, ou ali está aquele que livrará os cristãos das mãos dos judeus opressores; aqui está o Messias, e ali está o profeta; aqui neste monte, ou ali em Jerusalém, achareis a igreja verdadeira. Não vades, nem os sigais; não sigais tais sugestões. O Reino de Deus não foi criado para ser a glória de apenas um único povo, mas para dar luz aos gentios; porque como o relâmpago ilumina de repente e irresistivelmente desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do Homem no seu dia.” (1) “Os juízos que deverão destruir a nação judaica, devastá-la, e livrar os cristãos dela, voarão como relâmpago pela terra, devastarão tudo de uma extremidade a outra; e aqueles que são marcados por esta destruição não podem mais evitá-la, nem se opor a ela, assim como não podem evitar e se opor à luz de um relâmpago.” (2) “O Evangelho que deverá estabelecer o Reino de Cristo no mundo voará como um relâmpago pelas nações. O Reino do Messias não será uma coisa local, mas deve ser dispersa em todas as direções sobre a face de toda a terra; ele brilhará desde Jerusalém até todas as partes em redor, e isto em um instante. Os reinos da terra serão levedados pelo Evangelho antes que eles se dêem conta disso”. Os troféus das vitórias de Cristo serão levantados sobre as ruínas do reino do diabo, mesmo nas nações que jamais poderiam ser colocadas sob o jugo romano. O propósito do estabelecimento do Reino de Cristo não era tornar grande uma única nação, mas tornar boas todas as nações – algumas, ao menos, dentre todas as nações; e este ponto deve ser entendido, embora as nações se enfureçam, e os reis da terra se proponham a lutar contra este reino com todo o seu poder.

4. Que o Messias devia sofrer antes de reinar (v. 25): “Mas, primeiramente, convém que ele padeça muito, coisas muito duras, e seja

reprovado por esta geração. E, se Ele seria tratado assim, seus discípulos deveriam esperar não menos que padecer e também serem rejeitados por amor a Ele". Eles pensavam que teriam o Reino do Messias estabelecido com um esplendor exterior: "Não", disse Cristo, "devemos ir, através da cruz, para a coroa. O Filho do Homem deve padecer muitas coisas. Dor, vergonha e morte, são estas muitas coisas. Ele deve ser rejeitado por esta geração de judeus incrédulos, antes de ser abraçado por outra geração de gentios crentes, para que o seu Evangelho possa ter a honra de triunfar sobre a maior oposição daqueles que deveriam ter lhe dado a maior assistência; e assim ficará claro que a excelência do poder pertence a Deus, e não ao homem; porque, embora Israel não seja reunido, o Senhor será glorioso até os confins da terra."

5. Que o estabelecimento do Reino do Messias iria introduzir a destruição da nação judaica, a quem Ele encontraria em um profundo sono de segurança, e afogada em sensualidade, assim como estava o mundo antigo nos dias de Noé, e Sodoma nos dias de Ló, v. 26, e seguintes. Observe:

(1) Como havia sido com os pecadores anteriormente, e em que condição os juízos de Deus, dos quais eles haviam sido bem advertidos, por fim os encontraram. Olhe para o mundo antigo, quando toda carne havia corrompido o seu caminho, e a terra estava repleta de violência. Aprofundemo-nos um pouco mais, e pensemos no que aconteceu com os homens de Sodoma, que eram extremamente impiedosos e pecadores diante do Senhor. Agora observe, com relação a estas coisas: [1] Que eles foram claramente avisados da ruína que estava vindo si mesmos por causa de seus pecados. Noé foi um pregador da justiça para o mundo antigo; assim também foi Ló para os sodomitas. Eles lhes deram avisos oportunos daquilo que estaria no final de seus maus caminhos, e que não demoraria a acontecer. [2] Que eles não consideraram o aviso que lhes fora dado, não lhe deram crédito, nem atenção. Eles estavam muito seguros, continuavam com seus negócios tão despreocupados quanto se possa imaginar; comiam, bebiam, entregavam-se aos seus prazeres, e nem se preocupavam com mais nada, além de satisfazerem a carne. Eles contavam com a perpetuação de seu estado atual de prosperidade; por esta razão casavam-se e davam-se em casamento, para que as suas famílias pudessem ser constituídas. Todos eles estavam muito alegres; assim também estavam os homens de Sodoma, e muito ocupados também: compravam, vendiam, plantavam e edificavam.

Estas coisas eram lícitas, mas o problema é que eles pensavam nelas de uma forma excessiva, e seus corações estavam totalmente envolvidos nelas, de forma que eles não estavam de modo algum preparados para as ameaças dos juízos. Ao invés de agirem como os homens de Nínive – jejuando e orando, arrependendo-se e convertendo-se, ao serem advertidos da aproximação do juízo – eles continuaram seguros, comendo carne e bebendo vinho, quando Deus os estava conclamando ao jejum, ao lamento e ao pranto, Isaías 22.12,13. [3] Que eles continuaram em sua segurança e sensualidade, até que veio o juízo predito. Até o dia em que Noé entrou na arca, e Ló saiu de Sodoma, nada que lhes fora dito ou feito serviu para alarmá-los ou despertá-los. Note que embora a estupidez dos pecadores em um caminho pecador seja tão estranha quanto indesculpável, não devemos achar isso estranho, porque não é algo sem exemplo. Este é o velho caminho que os homens ímpios trilharam; eles foram para o inferno tosquenejando, como se a sua maldição estivesse tão entorpecida quanto eles. [4] Que Deus cuidou da preservação daqueles que eram seus, que criam e temiam, e aceitaram a advertência que transmitiram aos outros. Noé entrou na arca, e ali ele estava seguro; Ló saiu de Sodoma, e assim saiu do caminho da destruição. Se alguns correrem desatentos e precipitados para a destruição, isto não será prejuízo para a salvação daqueles que crêem. [5] Que eles ficaram surpresos com a ruína que não temiam, e foram engolidos por ela, para seu indescritível horror e espanto. Veio o dilúvio, e destruiu a todos os pecadores do mundo antigo; fogo e enxofre vieram, e destruíram todos os pecadores de Sodoma. Deus tem muitas flechas em sua aljava, e as utiliza para fazer guerra a seus súditos rebeldes, porque Ele o pode fazer de modo eficaz. Mas o propósito especial aqui é mostrar que destruição terrível e surpreendente acontecerá com aqueles que estão seguros e que dão lugar à sensualidade de uma forma escandalosa e pecaminosa.

(2) Como ainda será com os pecadores (v. 30): Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar. Quando Cristo vier para destruir a nação judaica, por meio dos exércitos romanos, a nação, de uma forma geral, será achada sob uma segurança e estupidez reinante que será semelhante a esta. Eles têm o aviso dado por Cristo agora, e o terão repetido pelos apóstolos depois dele, como tiveram por Noé e Ló; mas tudo será em vão. Eles continuarão se sentindo seguros, continuarão em sua negligência e oposição a Cristo e ao seu Evangelho, até que todos os cristãos sejam

retirados do meio deles e tenham ido para um lugar de refúgio. Deus preparará para eles um lugar do outro lado do Jordão, e então um dilúvio de juízos fluirá sobre eles, e destruirá todos os judeus incrédulos. Poderia se pensar que este discurso do nosso Salvador, que foi público, e não muito tempo depois anunciado ao mundo, deveria tê-los despertado; mas não despertou, porque os corações daquele povo estavam endurecidos, a ponto de levá-los à destruição. De igual modo, quando Jesus Cristo vier para julgar o mundo, no fim dos tempos, os pecadores serão achados na mesma postura segura e descuidada, totalmente indiferentes à aproximação do juízo que, portanto, virá sobre eles como um laço; e de igual modo os pecadores de todas as épocas continuam sentindo-se seguros em seus maus caminhos, e não se lembram de seu destino final, nem da conta que deverão prestar. Ai daqueles que estiverem tranqüilos em Sião.

6. Que deveria ser o cuidado de seus discípulos e seguidores se distinguirem dos judeus incrédulos naquele dia, e, deixando-os, bem como a sua cidade e campo, para salvarem a si mesmos, deveriam fugir assim que recebessem o sinal que lhes seria dado, de acordo com as instruções que estavam recebendo. Que eles se retirem, como Noé para a sua arca, e Ló para o seu Zoar. Queríamos sarar a Jerusalém, a antiga Babilônia, mas ela não sarou; portanto, fugi do meio da Babilônia, e livre cada um a sua alma, Jeremias 51.6,9. (1) A fuga deles de Jerusalém deveria ser rápida, e não deveria ser retardada por nenhuma preocupação com assuntos deste mundo (v. 31): “Quem estiver no telhado, tendo seus utensílios em casa, quando o alarme for dado, não desça a tomá-los, tanto por não poder dispor de tanto tempo, como porque carregar suas coisas só trará dificuldades e retardará sua fuga”. Que ninguém pense em suas coisas nesta hora, pois ter a própria vida poupada em uma ocasião como esta será quase um milagre de misericórdia. Será melhor deixar suas coisas para trás do que ficar e cuidar delas, e perecer com os incrédulos. Convém que façam o que Ló e a sua família receberam ordens para fazer: Fuja por tua vida. Salvem-se desta geração rebelde. (2) Quando eles tivessem perpetrado a sua fuga, não deveriam pensar em voltar (v. 32): “Lembrai-vos da mulher de Ló”; tomem aviso pela situação dela, não só para fugir de Sodoma (porque assim Jerusalém se tornou, Isaías 1.10), mas perseverar na sua fuga. E não olhem para trás, como ela fez; não relutem em deixar um lugar que está marcado para a destruição, seja lá quem for ou o que for que vocês deixarem para

trás, mesmo que seja precioso para vocês. Aqueles que deixaram a Sodoma de sua vida, sigam em frente sem lançar um olhar saudoso para ela. Que eles não olhem para trás, para que não sejam tentados a voltar; não, para que não construam um retorno no coração, ou uma evidência de que o coração foi deixado para trás. A mulher de Ló foi transformada em uma estátua de sal, para que pudesse permanecer como um monumento permanente do desprazer de Deus contra os apóstatas, que começam no espírito e terminam na carne. (3) Não haveria nenhum outro modo de salvarem suas vidas além de abandonarem os judeus, e, se pensassem em se salvar através de uma coalizão com eles, descobririam no final que estariam perdidos (v. 33): Qualquer que procurar salvar sua vida, declinando de seu cristianismo e unindo-se aos judeus, perdê-la-á com eles e perecerá na calamidade comum. Mas, qualquer que estiver disposto a arriscar sua vida com os cristãos, sobre o mesmo fundamento que se arriscaram, para tomar sua parte com eles na vida e na morte, salvará sua vida, porque terá a certeza da vida eterna. Naquele momento, este será um modo mais provável de salvar sua vida do que o daqueles que se envolvem em um fundamento judaico, ou que têm a certeza de sua segurança. Note que aqueles que confiam em Deus, e andam no caminho do dever, agem melhor.

7. Que todos os bons cristãos deveriam certamente escapar, porém muitos deles não fariam nada além de se poupar desta destruição, vv. 34-36. Quando os juízos de Deus estiverem devastando tudo, Ele tomará uma atitude efetiva para preservar aqueles que são seus, através de providências notáveis distinguindo entre eles e os outros que estiverem perto deles: dois numa cama, um será tomado; o outro será deixado; um capturado em meio ao fogo e colocado em um lugar de segurança, enquanto o outro é deixado para perecer em uma ruína comum. Note que embora a espada devore tanto um quanto ao outro, e todas as coisas pareçam ocorrer igualmente a todos, cedo ou tarde será revelado que o Senhor conhece aqueles que são seus e os que não são, e sabe como resgatar os preciosos em meio aos perversos. Estamos certos de que o Juiz de toda a terra fará o melhor; portanto, quando Ele enviar um juízo com o propósito de vingar a morte de seu Filho sobre aqueles que o crucificaram, Ele cuidará que nenhum daqueles que o glorificaram, e que se gloriaram em sua cruz, sejam levados pelo juízo.

8. Que esta obra de distinção, de divisão, e de discriminação será realizada em todos os lugares, até onde o Reino de Deus se estenda, v. 37. Onde,

Senhor? Eles haviam indagado acerca do tempo, e Ele não satisfez a curiosidade deles com nenhuma informação a esse respeito. Eles, então, o experimentaram com outra pergunta: “Onde, Senhor? Onde estarão a salvo aqueles que serão tomados? Onde perecerão aqueles que serão deixados?” A resposta é proverbial, e pode ser explicada a fim de responder a cada aspecto da pergunta: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias. (1) Onde estiverem os ímpios, que estão marcados para a perdição, eles serão descobertos pelos juízos de Deus; porque onde quer que um cadáver esteja, as aves de rapina sentirão o cheiro, e o atacarão. Tendo os judeus se tornado uma carcaça morta e putrefata, odiosa à santidade de Deus e ofensiva à sua justiça, onde quer que aquela geração incrédula esteja, os juízos de Deus se lançarão sobre eles, como as águias fazem com a presa: A tua mão alcançará todos os teus inimigos (Sl 21.8), mesmo que coloquem os seus ninhos entre as estrelas, Obadias 4. Os soldados romanos caçarão os judeus em todos os seus recantos e fortalezas, e ninguém escapará. (2) Onde quer que os justos estejam, aqueles que estão marcados para a preservação, eles ficarão felizes por serem levados a participar do gozo de Cristo. Assim como a dissolução da igreja judaica será estendida a todas as partes, o mesmo acontecerá com a constituição da igreja cristã. Onde quer que Cristo estiver, os crentes se juntarão a Ele, e se encontrarão nele, como águias sobre a presa, sem serem guiados ou sem que alguém lhes mostre o caminho, mas somente pelo instinto da nova natureza. Agora Cristo está onde seu Evangelho, e suas ordenanças, e a sua igreja estiverem: Porque onde dois ou três estiverem reunidos em seu Nome, Ele estará no meio deles, e ali, portanto, outros estarão reunidos a Ele. O Reino do Messias não deve ter um lugar específico para sua metrópole, da mesma forma que Jerusalém servia à igreja judaica, uma cidade para a qual todos os judeus deveriam afluir; mas, onde estiver o corpo, onde o Evangelho for pregado e as ordenanças forem ministradas, ali afluirão as almas piedosas, ali eles encontrarão a Cristo e, pela fé, se banquetearão nele. Onde quer que Cristo registre seu Nome, Ele encontrará seu povo, e os abençoará, João 4.21, e versículos seguintes; 1 Timóteo 2.8. Muitos bons intérpretes entendem o ajuntamento dos santos como Cristo no reino de glória: “Não perguntem onde o cadáver estará, e como se achará o caminho, pois o povo estará sob uma direção infalível; todo o povo será reunido àquele que é sua vida, a Cabeça que os vivifica, e o centro da sua unidade.”

CAPÍTULO 18

Neste capítulo temos: I. A parábola da viúva insistente, criada para nos ensinar o fervor na oração, vv. 1-8. II. A parábola do fariseu e do publicano, criada para nos ensinar a humildade, e a humilhação pelo pecado, em oração, vv. 9-14. III. O favor de Cristo a crianças que foram levadas até Ele, vv. 15-17. IV. O teste de um jovem rico que tinha a intenção de seguir a Cristo; se ele amava mais a Cristo ou suas riquezas; sua reprovação neste teste; e o discurso de Cristo aos seus discípulos nesta ocasião, vv. 18-30. V. A predição de Cristo de sua própria morte e sofrimentos, vv. 31-34. VI. A restauração da vista a um cego, vv. 35-43. E, já tivemos estas quatro passagens anteriormente, em Mateus e Marcos.

O Juiz Iníquo

vv. 1-8

Esta parábola tem a sua chave pendurada na porta; o sentido e o plano dela são prefixados. Cristo a disse com esta intenção, para nos ensinar que os homens deveriam orar sempre e nunca desfalecer, v. 1. Supõe-se que todo o povo de Deus compõe-se de pessoas de oração. Todos os filhos de Deus mantêm tanto um contato constante como um contato ocasional com Ele, enviando-lhe as suas orações de forma regular, e também em cada situação de emergência. É nosso privilégio e honra podermos orar. É nosso dever; devemos orar, pecamos se negligenciamos esta bênção. Este deve ser o nosso trabalho constante; devemos orar sempre, é o que o dever de todos os dias exige. Devemos orar, e nunca nos cansar de orar, nem pensar em parar de orar até que as nossas orações sejam recebidas em meio ao louvor eterno. Mas o que parece ser particularmente pretendido aqui, é nos ensinar a constância e a perseverança em nossos pedidos por algumas misericórdias espirituais que estamos buscando, com relação a nós ou à igreja de Deus. Quando estivermos orando pedindo forças contra os nossos inimigos espirituais, as nossas luxúrias e corrupções – que são os nossos piores inimigos – devemos persistir em oração, devemos orar e não desfalecer, porque não buscaremos a face de Deus em vão. Assim, devemos igualmente em nossas orações, pedir a libertação do povo de Deus das mãos de seus perseguidores e opressores.

I Cristo mostra, através de uma parábola, o poder da importunação entre os homens – que serão dominados por ela, quando nada mais os influenciar – para fazerem o que é justo e certo. Ele lhe dá um exemplo de uma causa honesta que teve êxito diante de um juiz iníquo, não por retidão ou compaixão dela, mas puramente por meio da importunação. Observe aqui: 1. O mau caráter do juiz que estava em certa cidade. Ele não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Ele não tinha absolutamente nenhuma preocupação por sua consciência ou por sua reputação. Não temia a ira de Deus contra si, nem a censura dos homens a seu respeito. Ele não se importava em cumprir o seu dever para com Deus, nem para com o homem; ele era um perfeito estranho tanto para a piedade como para a honra, e não tinha noção de nenhuma delas. Não é estranho que aqueles que rejeitaram o temor ao seu Criador sejam totalmente indiferentes aos seus semelhantes; onde não existe o temor a Deus, nenhuma coisa boa deve ser esperada. Tal predomínio da falta de religiosidade e da falta de humildade é ruim em qualquer pessoa, porém muito pior em um juiz, que tem em sua mão um grande poder. Ao utilizar este poder, ele deveria ser guiado pelos princípios de religião e justiça; pois, se não for, em vez de fazer o bem com o seu poder, ele estará correndo o risco de fazer o mal. A impiedade no lugar do juízo foi um dos males mais cruéis que Salomão viu debaixo do sol, Eclesiastes 3.16. 2. O caso aflito de uma pobre viúva que precisou fazer o seu apelo ao juiz, por estar sendo maltratada e defraudada por alguém que pensava em vencê-la com poder e terror. Ela manifestadamente tinha o direito a seu favor; mas, parece que, ao solicitar que lhe fosse feita justiça, ela não se deteve às formalidades da lei, mas fazia uma solicitação pessoal ao juiz todos os dias talvez em sua própria casa, clamando: Faze-me justiça contra o meu adversário; não que ela desejasse vingança por qualquer coisa que o adversário tivesse feito contra ela, mas que ele fosse obrigado a restituir os bens dela que estavam em suas mãos, e que ninguém mais pudesse oprimi-la. Note que as viúvas pobres têm, freqüentemente, muitos adversários que cruelmente se aproveitam de seu estado de fraqueza e desamparo para invadir os seus direitos, e defraudá-las do pouco que possuem. E os magistrados são particularmente ordenados, não só a não fazer violência às viúvas (Jr 22.3), mas a fazer justiça ao órfão e tratar da causa das viúvas (Is 1.17), e serem seus patronos e protetores. Assim, eles agem como deuses, porque o Senhor Deus é assim, Salmos 68.5. 3. A

dificuldade e a falta de estímulo que ela encontrou em seu caso: E por algum tempo, não quis. De acordo com a sua prática habitual, ele a reprovou, não deu atenção à sua causa, mas consentiu com todo o mal que o adversário dela lhe fez; porque ela não tinha nenhum suborno para oferecer àquele iníquo, nenhum homem importante a quem ele admirasse para falar por ela, de forma que ele não se inclinava a reparar as suas injustiças. E ele mesmo estava consciente do motivo de sua lentidão, e só podia reconhecer dentro de si mesmo que nem temia a Deus nem respeitava ao homem. É triste que um homem conheça os seus próprios erros, e não se preocupe em corrigi-los. 4. Conseguir o que queria importunando continuamente este juiz injusto (v. 5): "Como esta viúva me molesta, me causa uma dificuldade contínua, eu ouvirei a sua causa, e lhe farei justiça; nem tanto para que o seu clamor não me traga uma má fama, mas para que o seu clamor não me aborreça; porque ela está decidida a não me dar descanso até que seja atendida. Portanto, eu o farei, para me poupar de todo este transtorno". Assim ela conseguiu que a justiça fosse feita através de um anseio contínuo; ela suplicava na porta do juiz, o seguia nas ruas, o solicitava em julgamentos abertos, e a sua súplica era: Faze-me justiça contra o meu adversário. O juiz injusto foi obrigado a atendê-la, para se ver livre dela; porque a sua consciência, mesmo sendo tão má, não o levaria a mandá-la para a prisão por considerar que a sua insistência fosse uma afronta ao tribunal.

II O Senhor emprega esta parábola para encorajar o seu povo a orar com fé e fervor, e perseverar nesse particular.

1. Ele lhes assegura que Deus Pai, por fim, será misericordioso para com eles (v. 6): Ouvi o que diz o injusto juiz, como ele reconhece ter sido vencido pela importunação constante, e Deus não fará justiça aos seus escolhidos? Observe:

(1) O que é que eles desejam e esperam: que Deus fizesse justiça aos seus escolhidos. Note: [1] Há um povo no mundo que é o povo de Deus, os seus eleitos, um povo de sua escolha, um povo escolhido. E o Senhor tem um cuidado especial em tudo o que faz por eles; isto se deve ao fato de serem seus escolhidos. O Senhor assume uma responsabilidade em relação àqueles que Ele escolhe. [2] Os escolhidos de Deus enfrentam muitos transtornos e oposição neste mundo; há muitos adversários que lutam contra eles; Satanás é o seu grande adversário. [3] O que é desejado e esperado é que Deus os

preserve e os proteja, e que a sua mão opere neles; que Ele assegure o interesse da igreja no mundo e a sua graça em cada coração.

(2) O que é exigido do povo de Deus a fim de obter isto: eles devem clamar a Ele de dia e de noite; não que o Senhor precise da queixa deles, ou que possa ser movido por suas súplicas, mas Ele lhes atribuiu este dever, e lhes prometeu agir com misericórdia. Devemos ser específicos ao orarmos contra os nossos inimigos espirituais, como fez o apóstolo Paulo: Por isto eu roguei ao Senhor três vezes, que isto pudesse se afastar de mim; como esta viúva importuna. Senhor, mortifique esta corrupção. Senhor, me arme contra esta tentação. Devemos nos preocupar com as igrejas perseguidas e oprimidas, e orar para que Deus lhes faça justiça, e as coloque em segurança. E nisto devemos ter muita urgência; devemos clamar com um desejo ardente; devemos clamar de dia e de noite, como aqueles que acreditam que a sua oração será finalmente ouvida. Devemos lutar com Deus, como aqueles que sabem valorizar a bênção, e que não terão uma resposta negativa. O povo que ora a Deus é admoestado a não se cansar de clamar, Isaías 62.6,7.

(3) Que falta de estímulo eles talvez possam enfrentar em suas orações e expectativas. O Senhor pode ser muito paciente com eles, e pode não se manifestar a eles no momento que esperam, em resposta às suas orações. Ele é *makrothymon ep autois* – o Senhor exerce a paciência para com os adversários do seu povo, e não se vinga deles. E Ele exercita a paciência do seu povo, e não peleja imediatamente por eles em algumas circunstâncias. Ele foi muito paciente em relação ao clamor devido aos pecados dos egípcios que oprimiam Israel, e devido ao clamor e às dores daqueles que eram oprimidos.

(4) Que garantia eles têm de que a misericórdia virá finalmente, embora ela possa demorar, e como é apoiada pelo que o juiz injusto disse: Se esta viúva prevaleceu sendo importuna, muito mais prevalecerão os escolhidos de Deus. Porque: [1] Esta viúva era uma estranha, não tendo qualquer relacionamento com o juiz; mas o povo que suplica a Deus é o seu povo escolhido, a quem Ele conhece, e ama, em quem tem prazer, e com quem sempre se preocupa. [2] Ela era apenas uma, mas o povo suplicante de Deus é composto por muitos, e todos vão a Ele com o mesmo propósito, e concordam em pedir o que precisam, Mateus 18.19. Assim como os santos no céu cercam o trono de glória unidos por seus louvores, os santos na terra

cercam o trono da graça unidos por suas orações. [3] Ela foi até um juiz que ordenou que ela mantivesse distância; nós vamos a um Pai que ordena que nos aproximemos dele com ousadia, e nos ensina a clamar, Aba, Pai. [4] Ela foi até um juiz injusto; nós vamos a um Pai justo (Jo 17.25), que pensa em sua própria glória e no conforto das suas pobres criaturas, especialmente aquelas que estão em aflição, como viúvas e órfãos. [5] Ela foi até este juiz puramente por sua própria conta; mas o próprio Deus está empenhado na causa que estamos solicitando; e podemos dizer, Vem, ó Senhor, pleiteie a tua própria causa; e o que farás ao teu grande Nome? [6] Ela não tinha amigos para falar por ela, e acrescentar força à sua petição, e usar de influência a seu favor mais que ela própria; mas nós temos um Advogado junto ao Pai, o seu próprio Filho, que vive para interceder por nós, e que tem um interesse poderoso e dominante no céu. [7] Ela não tinha nenhuma promessa de que as coisas seriam agilizadas, não, nem qualquer estímulo; mas nós temos o cetro de ouro à nossa disposição, somos admoestados a pedir, com a promessa de que seremos atendidos. [8] Ela podia ter acesso ao juiz apenas em certas ocasiões; mas nós podemos clamar a Deus de dia e de noite, a qualquer hora, e assim podemos esperar prevalecer pela importunação. [9] A importunação dela era irritante ao juiz, e ela poderia temer que ele se colocasse contra ela; mas a nossa importunação é agradável a Deus; a oração do justo é o seu prazer, e, portanto, podemos esperar, será mais eficaz, se for uma oração efetiva e fervorosa.

2. Ele lhes sugere que, apesar disso, começarão a ficar cansados de esperar por Ele (v. 8): “Porém, embora tais garantias sejam dadas – de que Deus fará justiça aos seus escolhidos – quando vier o Filho do Homem, porventura achará fé na terra?” O Filho do Homem virá para fazer justiça aos seus escolhidos, para defender a causa do seu povo ferido em todas as épocas, e no grande dia Ele virá finalmente para julgar as controvérsias de Sião. Agora, quando Ele vier, achará fé na terra? A pergunta sugere uma forte negativa: Não, não achará; Ele mesmo prevê isto.

(1) Isto supõe que é somente na terra que há motivos para se ter fé; porque os pecadores no inferno estão sentindo aquilo em que se recusaram a crer, e os santos no céu estão desfrutando daquilo em que creram.

(2) Isto supõe que a fé é a grande qualidade que Jesus Cristo procura. Ele abaixa seus olhos sobre os filhos dos homens, e não pergunta, Há inocência? mas, Há fé? Ele indaga sobre a fé daqueles que lhe pedem curas.

(3) Isto supõe que se houvesse fé, embora tão pequena, ele a descobriria, e a acharia. Seus olhos estão sobre o crente mais fraco e mais obscuro.

(4) É predito que, quando Cristo vier para defender a causa do seu povo, ele achará apenas pouca fé em comparação com o que se poderia esperar. Isto é: [1] Em geral, Ele encontrará apenas poucas pessoas boas, poucas que sejam realmente e verdadeiramente boas. Muitas têm a forma e o aspecto de piedade, mas poucas têm fé, são sinceras e honestas; Ele encontrará pouca fidelidade entre os homens; faltam os fiéis, Salmos 12.1,2. Mesmo até o fim dos séculos ainda haverá ocasião para a mesma queixa. O mundo não ficará melhor, não enquanto estiver se tratando deste período. Este período é mau, e será mau, e o pior de todos será aquele que antecederá a vinda de Cristo; os últimos tempos serão os mais perigosos. [2] Em particular, o Senhor encontrará poucos que tenham fé no tocante à sua vinda. Quando vier fazer justiça aos seus escolhidos, o Senhor olhará se não há qualquer fé para ajudar e apoiar, e se admirará por não encontrá-la, Isaías 59.16; 63.5. Isto sugere que Cristo, tanto em suas vindas específicas para o alívio de seu povo, quanto em sua vinda geral no final dos tempos, pode, e irá, retardar a sua vinda até que, em primeiro lugar, as pessoas ímpias comecem a desafiá-la, e a dizer, Onde está a promessa de sua vinda? 2 Pedro 3.4. Eles o desafiarão a vir (Is 5.10; Am 5.19); e a sua demora os endurecerá na impiedade em que vivem, Mateus 24.48. Em segundo lugar, até mesmo o seu próprio povo começará a perder as esperanças, e a concluir que Ele nunca virá, por não ter vindo de acordo com os cálculos e estimativas que eles fizeram. O tempo determinado pelo Senhor Deus para aparecer ao seu povo é aquele em que as coisas chegarão ao último extremo, quando Sião começar a dizer, O Senhor me abandonou. Veja Isaías 49.14; 40.27. Mas este é o nosso conforto; que, quando o tempo designado chegar, parecerá que a incredulidade do homem não tornou a promessa de Deus sem efeito.

O Fariseu e o Publicano

vv. 9-14

O alcance desta parábola está igualmente prefixado, e somos informados (v. 9) sobre quem eles eram, a quem ela foi dirigida, e por quem foi avaliada. Ele a criou para o convencimento de alguns que confiavam em si mesmos,

crendo que eram justos, e desprezavam os outros. Eles agiam como se tivessem: 1. Uma grande presunção a respeito de si mesmos, e de sua própria bondade; eles se achavam tão santos quanto precisavam ser, e mais santos do que todos os seus vizinhos. E achavam que poderiam servir de exemplo a todos eles. Mas isto não era tudo; 2. Eles tinham uma grande confiança em si mesmos diante de Deus, e não só tinham uma opinião muito elevada de sua própria justiça, mas contavam com seus supostos méritos, sempre que se dirigiam a Deus, como quando faziam as suas súplicas. Eles confiavam em si mesmos crendo que eram justos; eles pensavam que haviam feito de Deus seu devedor, e que poderiam exigir qualquer coisa dele; e: 3. Eles desprezavam os outros, e olhavam para eles com superioridade, como se os outros não fossem dignos de serem comparados com eles. Agora, Cristo, através desta parábola, iria mostrar a loucura deles, e que desse modo eles se excluíam da aceitação do Senhor Deus. Esta pregação é chamada de parábola, embora não haja nenhuma semelhança nela; mas é, antes, uma descrição dos diferentes temperamentos e linguagens de dois grupos: (a) daqueles que orgulhosamente justificam a si mesmos, e (b) daqueles que humildemente condenam a si mesmos. Aqui também fica patente a diferença da postura destes dois grupos diante de Deus. E vemos isto todos os dias.

I Aqui estão os dois, dirigindo-se a Deus no dever de oração no mesmo lugar e hora (v. 10). Dois homens subiram ao templo (porque o templo ficava sobre a colina) para orar. Não era a hora da oração pública, mas eles foram ali para oferecer as suas devoções pessoais, como era costume das pessoas boas naquela época, quando o templo não era apenas o lugar, mas o meio de adoração. E o Senhor Deus havia prometido, em resposta ao pedido de Salomão, que, qualquer que fosse a oração feita de modo correto dentro daquela casa, ela seria aceita. Cristo é o nosso templo, e é a Ele que devemos ter em vista em todas as súplicas que dirigirmos a Deus. O fariseu e o publicano foram ambos ao templo, orar. Note que entre os adoradores de Deus, na igreja invisível, há uma mistura de bons e maus, de alguns que são aceitos por Deus, e de alguns que não são; e assim tem sido desde que Caim e Abel levaram as suas ofertas para o mesmo altar. O fariseu, orgulhoso como era, não podia pensar em ficar sem a oração; nem o publicano, humilde como era, poderia sequer pensar em se excluir dos benefícios da

oração; mas temos motivos para pensar que eles se apresentavam ao Senhor com opiniões diferentes. 1. O fariseu foi ao templo para orar porque era um lugar público, mais público que as esquinas das ruas. Portanto, ele deveria ter muitos olhos sobre si, que elogiariam a sua devoção, algo que seria talvez mais do que o esperado. O caráter dos fariseus que foi exposto por Cristo – de que todas as obras que eles faziam visavam que eles fossem vistos pelos homens – nos dá motivos para esta suspeita. Note que os hipócritas mantêm as demonstrações externas somente para acumular ou ganhar crédito. Há alguns a quem vemos todos dias no templo, e que, podemos temer, não veremos no grande dia à mão direita de Cristo. 2. O publicano foi ao templo porque este lugar fora designado como a casa de oração para todos os povos, Isaías 56.7. O fariseu foi ao templo em busca de um elogio; o publicano, para tratar de seus interesses; o fariseu, para fazer a sua exibição; o publicano, para fazer os seus pedidos. Agora, Deus vê com que disposição e objetivo nós o servimos nas santas ordenanças, e nos julgará de forma adequada.

II Aqui estão as palavras do fariseu a Deus (porque não podemos chamar isto de oração): Estando em pé, orava consigo... (vv. 11,12). Em algumas versões, lemos: Colocando-se de pé, orava assim... Aquele homem estava totalmente centrado em si mesmo, não via nada além de si mesmo, de seu próprio louvor, e não enxergava a glória de Deus. É possível que ele se colocasse em pé em algum lugar visível, onde se destacasse; ou, colocando-se em grande pompa e formalidade, ele orava. Agora o que ele aqui tinha a dizer mostra:

1. Que ele confiava em si mesmo, crendo ser justo. O fariseu disse muitas coisas boas a respeito de si mesmo, e supunha que fossem verdadeiras. Ele pensava que estava livre dos pecados grosseiros e escandalosos; achava que não era roubador, nem explorador, que não oprimia os devedores ou inquilinos, mas que era justo e bondoso com todos os que dependiam dele. Ele alegava que não era injusto em nenhum dos seus assuntos; ele não agia mal com ninguém; ele pensava que podia dizer, como Samuel, De quem tomei boi ou jumento? Ele não era adúltero, mas possuía seu vaso em santificação e honra. No entanto, isso não era tudo; ele jejuava duas vezes por semana, em parte por obrigação, em parte por devoção. Os fariseus e seus discípulos jejuavam duas vezes por semana, segunda-feira e quinta-

feira. Assim ele glorificava a Deus com o seu corpo: no entanto, isso não era tudo. Ele dava os dízimos de tudo quanto possuía, de acordo com a lei, e assim glorificava a Deus com os seus bens terrenos. Agora, tudo isto era muito bom e recomendável. Miserável é a condição daqueles que não alcançam a justiça deste fariseu: no entanto, ele não foi aceito; e por que não? (1) O fato de dar graças a Deus por isso, embora seja em si uma coisa boa, parece ser uma mera formalidade. Ele não diz, “Pela graça de Deus eu sou o que sou,” como Paulo disse, mas desaponta com um desrespeitoso, “Ó Deus, graças te dou”, que tem como objetivo apenas introduzir uma ostentação orgulhosa e vangloriosa de si mesmo. (2) Ele se vangloria disto, e se estende com prazer nesse assunto, como se todo o seu interesse no templo fosse dizer ao Deus Todo-poderoso o quanto ele mesmo era bom; e ele está pronto a dizer, com estes hipócritas de quem lemos (Is 58.3), “Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso?” (3) Ele confiava nisto como sendo justiça, e não só mencionava, mas pleiteava, como se através disso fosse merecedor de algo das mãos de Deus, tendo-o tornado seu devedor. (4) Aqui não há sequer uma palavra de oração em tudo o que ele disse. Ele subiu ao templo a orar, mas se esqueceu dessa tarefa; estava tão cheio de si mesmo e de sua própria bondade que pensava que não precisava de nada, não, nem mesmo do favor e da graça de Deus, que, ao que parece, ele não julgava valer a pena pedir.

2. Que ele desprezava os outros. (1) Ele considerava toda a humanidade insignificante, exceto a si mesmo: Graças te dou, porque não sou como os demais homens. Ele fala indistintamente, como se ele fosse melhor que qualquer outra pessoa. Podemos ter motivos para agradecer a Deus por não sermos como alguns homens, que são notoriamente iníquos e vis. Mas falar indiscriminadamente assim, como se apenas nós fôssemos bons, e todos à nossa volta fossem réprobos, é julgar de forma genérica. (2) Ele considerava este publicano particularmente insignificante, um homem a quem ele havia deixado para trás, provavelmente, no pátio dos gentios, e a cuja companhia se juntou por acaso ao entrar no templo. Ele sabia que este era um publicano, e, assim, concluiu sem compaixão que ele era um roubador, injusto, e tudo o que era desprezível. Supondo que tivesse sido assim, e que ele soubesse disso, o que ele tinha a ver com isso? Será que ele não poderia pronunciar as suas orações (e isto era tudo o que os fariseus faziam) sem reprovar o seu próximo? Ou isto fazia parte do seu “Ó Deus, graças te dou?”

Tinha ele tanto prazer na maldade do publicano quanto na sua própria bondade? Não poderia haver uma evidência mais clara do que esta, não só da necessidade de humildade e caridade, mas de grande orgulho e malícia.

III Aqui estão as palavras do publicano a Deus, que eram o contrário das palavras do fariseu. Elas estavam tão repletas de humildade e humilhação, quanto as palavras do fariseu estavam repletas de orgulho e ostentação; tão cheias de arrependimento pelo pecado, e de um sincero desejo da presença de Deus, quanto as do outro eram cheias de confiança em si mesmo e em sua própria justiça e suficiência.

1. O publicano expressou seu arrependimento e humildade no que fez; e seu gesto, quando se referiu às suas devoções, foi expressivo de grande seriedade e humildade, e a demonstração própria de um coração quebrantado, penitente e obediente. (1) Ele estava de pé, de longe. O fariseu estava de pé, mas cercou-se do maior número de pessoas possível, na parte superior do pátio; o publicano manteve distância debaixo de um senso de sua indignidade para se aproximar de Deus, e talvez por medo de ofender o fariseu, a quem ele observou olhar desdenhosamente para ele, e de perturbar as suas devoções. Com isso, aquele homem reconheceu que Deus poderia de forma justa vê-lo de longe, e mandá-lo a um estado de distância eterna de si, e que foi um grande favor que Deus se agradasse em admiti-lo tão perto de si. (2) Ele nem ainda queria levantar os olhos ao céu, quanto mais as mãos, como era costume na oração. Ele na verdade levantou o seu coração a Deus nos céus, em desejos santos, mas, através da vergonha e da humilhação dominantes, ele não levantou os seus olhos em santa confiança e coragem. As suas iniqüidades são mais numerosas do que os cabelos de sua cabeça, como uma carga pesada, de forma que ele não é capaz de olhar para cima, Salmos 40.12. O abatimento de seu semblante é uma indicação do abatimento de sua mente, que foi levada a pensar a respeito do pecado. (3) Ele batia no peito, em uma santa indignação contra si mesmo, pelo pecado: “Assim queria bater neste meu coração perverso, a fonte venenosa da qual fluem todas as correntes de pecado, se eu pudesse chegar perto dela”. O coração do pecador primeiro bate nele em uma reprovação penitente, 2 Samuel 24.10. O coração de Davi o abateu. Pecador, o que tu fizeste? E então ele bate em seu coração com remorso penitente: Ó homem desgraçado que sou! Foi dito que Efraim bateu em sua coxa, Jeremias 31.19. Os grandes

pranteadores são representados batendo em seus peitos, Naum 2.7.

2. Ele expressou isto no que disse. A sua oração foi curta. O medo e a vergonha impediram que ele dissesse muito; suspiros e gemidos sufocaram as suas palavras; mas o que ele disse tinha um propósito: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador. E bendito seja Deus por termos esta oração registrada como uma oração respondida, e por termos a certeza de que aquele que orou assim foi para a sua casa justificado. E nós também o seremos, através de Jesus Cristo, se fizermos esta oração, como ele fez: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador. Que o Deus de infinita misericórdia tenha misericórdia de mim, porque, se Ele não tiver, estarei perdido para sempre, e serei infeliz para sempre. Senhor Deus, tenha misericórdia de mim, porque tenho sido cruel para mim mesmo." (1) Ele reconhece que é um pecador por natureza, por prática, culpado diante de Deus. Eis que sou mau, o que responderei a ti? O fariseu nega ser um pecador; nenhum de seus vizinhos pode acusá-lo, e ele não vê motivo algum para acusar-se de qualquer coisa errada; ele está limpo, ele está puro em relação ao pecado. Mas o publicano não dá a si mesmo nenhum outro caráter além de pecador, um réu confesso no tribunal de Deus. (2) Ele não depende de nada além da misericórdia de Deus, que é a única coisa em que ele confia. O fariseu havia insistido no mérito de seus jejuns e dízimos; mas o pobre publicano rejeita todo pensamento de mérito, e corre para a misericórdia como a sua cidade de refúgio, e se apodera das pontas dos chifres deste altar. "A justiça me condena; nada irá me salvar exceto a misericórdia, e somente a misericórdia". (3) Ele sinceramente ora rogando o benefício desta misericórdia: "Ó Deus, tenha misericórdia, de mim, seja favorável a mim; perdoe meus pecados; reconcilie-se comigo; coloque-me em seu favor; receba-me misericordiosamente; ame-me pela sua bondade e graça". Ele vem como um mendigo pedindo esmolas, que está pronto a morrer de fome. Ele provavelmente repetiu esta oração com sentimentos renovados, e talvez tenha dito mais com o mesmo sentido, talvez tenha feito uma confissão específica de seus pecados, e mencionado as misericórdias específicas de que necessitava, e que esperava de Deus; mas ainda assim este era o refrão da canção: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador.

IV Aqui está a aceitação do publicano por parte do Senhor Deus. Nós temos visto como estes dois homens se dirigiram a Deus de forma diferente;

vale a pena agora perguntar como eles se saíram. Havia aqueles que iriam enaltecer o fariseu, pelos quais ele iria para a sua casa aplaudido, e que iriam olhar com desprezo para este publicano desprezível e lamurioso. Mas nosso Senhor Jesus, a quem todos os corações estão abertos, de quem todos os desejos são conhecidos, e de quem nenhum segredo está oculto, que está perfeitamente familiarizado com todos os procedimentos na corte do céu, nos assegura que este pobre publicano, penitente e de coração quebrantado, foi para a sua casa justificado, enquanto o fariseu, não. O fariseu pensava que se um deles, e não o outro, devia ser justificado, certamente devia ser ele em vez do publicano. “Não”, disse Cristo, “Digo-vos, eu afirmo com a máxima segurança, vos declaro com a máxima consideração, digo-vos, é o publicano em vez do fariseu”. O fariseu orgulhoso vai embora, rejeitado por Deus. Suas ações de graças estão longe de serem aceitas, pois são uma abominação. Ele não é justificado, seus pecados não são perdoados, e ele não é liberto da condenação. O fariseu não é aceito como justo à vista de Deus, porque ele é muito justo aos seus próprios olhos; mas o publicano, ao se dirigir humildemente ao céu, obtém a remissão de seus pecados, e aquele a quem o fariseu não colocaria com os cães de seu rebanho, Deus coloca com os filhos de sua família. O motivo para isso é que a glória de Deus consiste em resistir ao soberbo, e a dar graça ao humilde. 1. Os homens orgulhosos, que a si mesmos se exaltam, são adversários de Deus, e, portanto, serão certamente humilhados. Deus, em seu diálogo com Jó, recorre a essa prova de que Ele é Deus, que Ele olha para todo soberbo, e humilha-o, Jó 40.12. 2. Os homens humildes, que a si mesmos se humilham, estão sujeitos a Deus, e serão exaltados. Deus tem uma preferência reservada para aqueles que consideram as suas bênçãos como favores, não para aqueles que as exigem como dívidas. Aquele que for humilde será exaltado no amor de Deus, e na comunhão com Ele. Será exaltado na satisfação que terá em si mesmo, e será, finalmente, exaltado até o céu. Veja como o castigo é a resposta ao pecado: Qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado. Veja como a recompensa é a resposta ao dever: Qualquer que a si mesmo se humilhar será exaltado. Veja também o poder da graça de Deus ao trazer o bem a partir do mal; o publicano havia sido um grande pecador, e da grandeza do seu pecado foi trazido à grandeza de seu arrependimento; “Do comedor saiu comida” (Jz 14.4). Veja, ao contrário, que o poder da maldade de Satanás traz o mal a partir do bem. Era bom que

o fariseu não fosse roubador, nem injusto; mas o diabo o tornou orgulhoso disso, e esta foi a sua ruína.

A Atenção de Cristo às Crianças

vv. 15-17

Já tivemos esta passagem tanto em Mateus como em Marcos. E de uma forma muito adequada, ela está registrada depois da história do publicano, como uma confirmação da verdade que seria ilustrada por aquela parábola: qualquer que se humilhar será aceito por Deus, e honrado, e, para estes, Cristo tem bênçãos reservadas, as melhores e mais preciosas bênçãos. Observe aqui: 1. Aqueles que são abençoados em Cristo devem desejar que os seus filhos também sejam abençoados nEle, e devem, com isso, testificar da verdadeira honra que têm através de Cristo. Eles precisam fazer uso dela, e do verdadeiro amor que têm por seus filhos, devido à preocupação que sentem a respeito de suas almas. Eles lhe trouxeram crianças, muito jovens, incapazes de ir e vir, crianças não desmamadas, como pensam alguns. Ninguém é tão pequeno ou tão jovem que não possa ser levado a Cristo, pois Ele, que é maravilhoso e precioso, sabe como demonstrar a sua bondade àqueles que não são capazes de lhe prestar algum serviço. 2. Um só toque misericordioso de Cristo é capaz de tornar nossos filhos felizes. Eles também lhe traziam crianças, para que o Senhor as tocasse como um sinal da aplicação de sua graça e do seu Espírito sobre elas, porque isto sempre abre caminho para sua bênção, que eles igualmente esperavam: veja Isaías 44.3, “Derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes”. 3. Não é estranho para aqueles que fazem as suas petições a Jesus Cristo, por si mesmos ou pelos seus filhos, encontrar alguma falta de estímulo, até mesmo por parte daqueles que deveriam lhes dar apoio e encorajamento. E os discípulos, vendo isso, devem ter pensado: Se isto for admitido, trará infindáveis transtornos para o nosso Mestre; e assim eles os repreendiam, e os reprovavam. A esposa se queixou dos guardas, Cantares 3.3; 5.7. 4. O Mestre convida muitas pessoas a quem os discípulos censuram: Jesus chamou-as para si, quando, pela repreensão dos discípulos, elas estavam se retirando. Elas não apelaram para o Mestre por causa da atitude dos discípulos, mas o Mestre reconheceu a sua causa

desprezada. 5. O pensamento e a vontade de Cristo é que as crianças sejam levadas a Ele, e apresentadas como sacrifícios vivos em sua honra: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais”; não permitam que alguma coisa os atrapalhe, pois eles serão tão bem recebidos quanto qualquer adulto. A promessa é para nós, e para a nossa semente; portanto, aquele que tem em suas mãos a dispensação das bênçãos prometidas, as concederá a cada um de nós. 6. Os filhos daqueles que pertencem ao reino de Deus também pertencem a este reino, assim como os filhos de homens livres também são livres. Se os pais forem membros da igreja visível, os filhos também serão; porque, se a raiz for santa, os ramos também serão. 7. Deste modo, os filhos são tão bem-vindos a Cristo, que os adultos mais bem-vindos são aqueles que têm a disposição que pode ser encontrada nos pequeninos (v. 17): Qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança – isto é, receber os benefícios dele com humildade e gratidão, não fingindo merecê-los como fez o fariseu, mas reconhecendo-se alegremente como um devedor da graça gratuita que lhe trouxe tamanhos benefícios, como fez o publicano – ou seja, a menos que um homem seja trazido a esta situação de renúncia, ele de maneira alguma entrará no reino. Eles devem receber o Reino de Deus como crianças, receber os seus bens por descendência e herança, e não através de uma compra. Eles devem chamar esta bênção de dádiva de seu Pai.

As Riquezas como um Obstáculo Espiritual

vv. 18-30

Nestes versículos temos:

I O diálogo de Cristo com um príncipe, que tinha um bom pensamento que precisava ser dirigido pelo Senhor no caminho para o céu. Neste diálogo, podemos observar:

1. É uma bênção poder ver pessoas de grande distinção no mundo se destacarem das outras de mesma posição, por sua preocupação a respeito de suas almas e da vida eterna. Lucas nota que aquele moço era um príncipe. Poucos príncipes tinham qualquer apreço por Cristo, mas aqui estava um que o tinha; não nos é informado se ele era um príncipe da igreja ou do

governo, mas ele era alguém investido em autoridade.

2. A grande pergunta que cada um de nós está preocupado em fazer, é o que faremos para chegar ao céu, o que temos de fazer para herdar a vida eterna. Isto implica em crer na existência de uma vida eterna depois desta. Os ateus e infiéis não crêem. É necessário ter uma preocupação, que o mundo indiferente, e irracional, não tem; e disposição para concordar com quaisquer termos de que possamos ter certeza. Esta não é a atitude daqueles que são decididamente dedicados ao mundo e à carne.

3. Aqueles que herdarão a vida eterna deverão se submeter a Jesus Cristo como seu Senhor, seu Mestre e ensinador; este é o significado do termo empregado aqui (*didaskale*). Ele é seu Senhor e seu Governante, e é assim que eles certamente o conhecerão. Não há como aprender o caminho para o céu, exceto na escola de Cristo, através daqueles que se dedicam a servir ao Senhor, e que permanecem agindo desta forma.

4. Aqueles que vão a Cristo aceitando-o como seu Senhor e Mestre, devem crer nEle para terem não só uma missão divina, mas a bondade divina na sua vida. Cristo faria este príncipe saber que se ele achasse correto chamá-lo de bom, na verdade estaria chamando-o de Deus, e que Ele na verdade o era (v. 19): “Por que me chamas bom? Sabei que ninguém há bom, senão um, que é Deus; E tu, então, me consideras como Deus? Se for assim, estás certo”.

5. Nosso Senhor, o próprio Cristo, não alterou o caminho para céu em relação ao que era antes de sua vinda, mas, apenas tornou-o mais claro, fácil, confortável, e uma bênção concedida para nosso alívio, no caso de darmos qualquer passo em falso. Sabes os mandamentos. Cristo não veio para destruir a lei e os profetas, mas para estabelecê-los. Queres herdar a vida eterna? Governa-te pelos mandamentos.

6. Os deveres da segunda lista devem ser observados conscientemente, para a nossa felicidade, e não devemos pensar que qualquer ato de devoção, mesmo que seja plausível, compensará a negligência deles. Nem é suficiente nos mantermos longe das violações grosseiras destes mandamentos, mas devemos conhecer estes mandamentos – como Cristo os explicou em seu sermão no monte – com a sua extensão e natureza espiritual, e assim devem ser observados.

7. Os homens consideram-se inocentes porque são ignorantes; o mesmo também ocorreu com este príncipe. Ele disse, “Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade”, v. 21. A exemplo do fariseu, ele não

estava ciente de suas falhas, v. 11. Ele se vangloriou de ter começado, bem cedo, a trilhar o caminho da justiça, de ter continuado nele até aquele dia, e de não ter tido nenhum caso de transgressão. Ele estava familiarizado com a extensão e a natureza espiritual da lei divina, e com as operações de seu próprio coração. Mas se aquele rapaz tivesse sido discípulo de Cristo por algum tempo, e aprendido com o Senhor, ele provavelmente teria dito o contrário: “Todas essas coisas tenho transgredido desde a minha mocidade, em pensamentos, palavras e obras.”

8. As grandes características pelas quais devemos testar a nossa condição espiritual são as seguintes: como nos posicionamos diante de Cristo e dos nossos irmãos, deste mundo e do mundo celestial; por estas coisas esse homem foi testado. Porque: (1) Se tiver um verdadeiro afeto por Cristo, ele o seguirá, aceitará a sua doutrina, e se submeterá à sua disciplina, custe o que custar. Não herdará a vida eterna quem não estiver disposto a ter parte com o Senhor Jesus, a seguir o Cordeiro onde quer que vá. (2) Se tiver um verdadeiro afeto por seus irmãos, ele distribuirá recursos necessários aos pobres, quando houver oportunidade. Estes são os receptores destes recursos, que foram designados pelo Senhor Deus. (3) Se ele considerar este mundo insignificante, como deveria, ele não se importará em vender o que possui, se houver uma necessidade para isso, para o alívio dos pobres, conforme a orientação e direção de Deus. (4) Se pensar de forma elevada no outro mundo, como deveria, ele não desejará nada mais do que ter um tesouro no céu, e considerará isto uma recompensa suficiente e abundante por tudo o que lhe sobrou, ou perdeu, ou gastou por amor a Deus neste mundo.

9. Há muitos que possuem grandes coisas que são, em si mesmas, muito louváveis, e mesmo assim perecem pela falta de uma só coisa, assim como este príncipe aqui; ele rompeu com Cristo neste ponto. Ele gostou muito de todos os termos propostos pelo Senhor, exceto deste que iria fazer uma separação entre ele e os seus bens: Nisto, eu rogo a ti, me desculpe. Se esta for a barganha, não há barganha.

10. Muitos são relutantes em deixar a Cristo, mas, no entanto, o deixam. Após uma longa luta entre as suas convicções e as suas corrupções, as suas corrupções vencem no final; eles lamentam muito não poderem servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo. Mas, se um deles deve ser abandonado, será o seu Deus, e não o seu ganho terreno.

II O diálogo de Cristo com os seus discípulos nesta ocasião, no qual podemos observar: 1. As riquezas são um grande obstáculo – para muitos – no caminho para o céu. Cristo notou a relutância e o arrependimento com os quais o jovem rico o deixou. Jesus viu que ele ficara muito triste, e o próprio Senhor certamente se entristeceu por ele; mas por esse motivo o Senhor Jesus infere: Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! v. 24. Se este príncipe tivesse tido tão pouco neste mundo quanto Pedro, Tiago e João tiveram, penso que ele provavelmente teria deixado tudo para trás para seguir a Cristo, como eles fizeram. Mas o fato de ter um grande patrimônio exerceu uma grande influência sobre o jovem, e ele escolheu antes deixar a Cristo do que se colocar debaixo da obrigação de se desfazer de seus bens através de ações caridosas. Cristo declara a dificuldade de salvação dos ricos de forma muito enfática: é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus, v. 25. Esta é uma expressão proverbial que denota que alguma coisa é extremamente difícil. 2. Há nos corações de todas as pessoas um apego geral a este mundo, e às coisas dele; e desde que Cristo impôs esta condição para a salvação, de que devemos nos desapegar deste mundo, é realmente muito difícil para qualquer um chegar ao céu. Se nós devemos vender tudo, ou deixar a Cristo, logo quem pode salvar-se? v. 26. Muitos não consideram o que Cristo pediu como algo difícil e excessivo. É muito justo que aqueles que esperam uma felicidade eterna no outro mundo estejam dispostos a abandonar tudo o que for valioso para si mesmos neste mundo, devido à expectativa que têm do porvir. Mas eles sabem como o coração da maioria dos homens está excessivamente apegado a este mundo, e se mostram prontos a perder as esperanças de que sejam trazidos à disposição correta. 3. Há dificuldades no caminho da nossa salvação. Estas jamais poderiam ser superadas, exceto pela pura onipotência, pela graça de Deus que é o Todo-Poderoso, aquele a quem todas as coisas são possíveis e que excede todo poder e sabedoria que por Ele mesmo foram criados. As coisas que são impossíveis para os homens – e é totalmente impossível que os homens operem uma mudança em seus próprios espíritos, convertendo-se do mundo para Deus (pois isto seria como dividir o mar, e dividir o Jordão) – são possíveis para Deus. A sua graça pode operar sobre a alma, bem como alterar a sua tendência e predisposição, e dando-lhe uma inclinação contrária; e é Ele que opera em nós tanto o querer quanto o realizar. 4. Há

uma propensão em nós de falarmos demais do que deixamos e perdemos, do que fizemos e sofremos, por amor a Cristo. Isto aparece em Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos, v. 28. Quando houve oportunidade, ele não pode evitar a atitude de louvar os seus próprios sentimentos por Cristo, bem como os dos seus irmãos, por terem deixado tudo para segui-lo. Mas, disto devemos nos distanciar; não devemos nos vangloriar, mas devemos, antes, reconhecer que não vale a pena mencionar determinadas coisas, como a vergonha de termos tido qualquer dificuldade para o arrependimento, e talvez algum desejo de voltar atrás depois de nos arrependermos. 5. O que quer que tenhamos deixado, ou gasto, por amor a Cristo, será, sem falta, abundantemente recompensado tanto neste mundo como no por vir, apesar das nossas fraquezas e enfermidades (v. 29, 30). Ninguém há que tenha deixado os confortos de seus bens e de sua família pelo Reino de Deus, prestando os seus serviços a este reino ou beneficiando-o de algum modo, e não haja de receber muito mais neste mundo, nas graças e confortos do Espírito de Deus, nos prazeres da comunhão com Deus e de uma boa consciência. Estas são vantagens que, para aqueles que sabem como as valorizar e melhorar, compensarão, abundantemente, todas as perdas. No entanto, isso não é tudo; no mundo vindouro eles receberão a vida eterna. Ela é o maior benefício, e parece que era esta gloriosa vida que o jovem príncipe desejava em seu coração.

Os Sofrimentos de Cristo São Preditos

vv. 31-34

Aqui está:

I O anúncio que Cristo fez aos seus discípulos de seus sofrimentos e de sua morte iminente, e suas conseqüências gloriosas, das quais Ele mesmo tinha uma perfeita visão e presciência. O Senhor achou necessário contar-lhes, para que não fossem grandes surpresas e terrores para eles. Há duas coisas que não estão registradas nos relatos dos outros evangelistas: 1. Os sofrimentos de Cristo são aqui mencionados como o cumprimento das Escrituras. Com muita consideração Cristo lhes explicou a situação, e faria com que o compreendessem: Todas as coisas que foram escritas pelos

profetas a respeito do Filho do Homem, especialmente os sofrimentos que Ele deveria enfrentar, serão cumpridas. Note que o Espírito de Cristo, nos profetas do Antigo Testamento, testificou anteriormente seus sofrimentos, e a glória que se lhes havia de seguir, 1 Pedro 1.11. Isto prova que as Escrituras são a Palavra de Deus, pois elas tiveram seu exato e completo cumprimento; e Jesus Cristo foi enviado por Deus Pai, pois elas tiveram seu cumprimento nele. Era Ele quem deveria vir, pois tudo o que foi predito a respeito do Messias foi verificado nele; e o Senhor Jesus submeter-se-ia a qualquer coisa para que as escrituras pudessem se cumprir, para que nem um jota ou til caísse ao chão. Isto faz com que o escândalo da cruz cesse, e coloca honra sobre ela. Assim estava escrito, e assim convinha a Cristo sofrer. E assim ocorreu com Ele. 2. A ignomínia e a desgraça, feitas a Cristo em seus sofrimentos, são aqui enfatizadas. Os outros evangelistas haviam dito que ele deveria ser escarnecido; mas aqui foi acrescentado que Ele seria injuriado, *hybristhesetai* – ele será carregado de afronta e desprezo, receberá sobre si toda a reprovação possível. Esta era a parte dos seus sofrimentos pela qual, de um modo espiritual, Ele satisfez a justiça de Deus. A causa de tudo isto foi a injúria que lhe tínhamos feito, contra a sua honra, através dos nossos pecados. Aqui está um exemplo particular da desgraça que lhe foi infligida: cuspiram no Senhor. Isto havia sido especificamente predito, Isaías 1.6. Mas aqui, como sempre, quando Cristo falou de seus sofrimentos e morte, Ele predisse a sua ressurreição como aquilo que tiraria tanto o terror como a reprovação de seus sofrimentos: Ao terceiro dia, Ele ressuscitará.

II A confusão que envolveu os discípulos por causa destas palavras. Isto era tão contrário às noções que eles haviam tido do Messias e do seu reino, uma frustração de suas expectativas a respeito de seu Mestre, e uma quebra de todas as suas medidas, que eles não podiam entender mais nada, v. 34. Seus preconceitos eram tão fortes que eles não queriam entender as palavras literalmente, e não podiam entendê-las de outra forma; assim sendo, eles não entenderam nada. Este era um mistério, era um enigma para eles, e deveria ser assim. Os discípulos consideraram que aquela situação jamais poderia ser conciliada com a glória e a honra do Messias, e com o propósito de estabelecer seu reino. Esta palavra lhes estava encoberta, *kekrymmenon ap auton*, era apócrifa para eles, e não a poderiam receber. Eles haviam lido o Antigo Testamento muitas vezes, mas jamais puderam enxergar nele

qualquer coisa que seria cumprida através da desgraça e morte do precioso Messias. Eles estavam tão impressionados com as profecias que falavam de sua glória, que fizeram vistas grossas para aquelas que falavam de seus sofrimentos. Os escribas e os doutores da lei deveriam tê-los instruído a notar estas passagens, incluindo-as em seus credos e discipulados, tanto quanto as outras; mas elas não serviam para os seus planos e esquemas, e, por esta razão, foram deixadas de lado. Note que, assim, estas foram as pessoas que erraram, porque leram suas Bíblias pela metade, e foram parciais tanto em se tratando da lei como também dos escritos dos profetas. Eles só consideravam as coisas aprazíveis, Isaías 30.10. Portanto, agora podemos – ao ler as profecias que ainda irão se cumprir – ter elevadas expectativas a respeito do estado glorioso da igreja nos últimos dias. Mas nós devemos ter o cuidado de não ignorar propositalmente as dificuldades, o estado em que ela se veste de saco no deserto. Precisamos nos acautelar para que não venhamos a pensar que as tribulações terminaram, e que nada está reservado para nós exceto dias tranqüilos. Se não considerarmos a situação de forma correta quando a tribulação e a perseguição surgirem, nós não as entenderemos, nem saberemos das decisões que já foram tomadas por nosso Senhor, embora nos seja dito tão claramente quanto possível que deveremos entrar no Reino de Deus através de muitas tribulações.

O Senhor Jesus Restaura a Visão a um Cego

vv. 35-43

Cristo não veio só para trazer luz para um mundo de trevas, e então colocar diante de nós os objetos que devemos ter em vista, mas também para dar vista às almas cegas e, curando o órgão, permitir que eles vejam estes objetos. Como uma prova disto, Ele curou muitos de sua cegueira física; temos agora um relato de um daqueles que foram beneficiados pelo amoroso Senhor, um homem que Ele curou nas proximidades de Jericó. Marcos nos dá o relato de um, e lhe cita o nome, um homem que o Senhor curou quando estava saindo de Jericó, Marcos 10.46. Mateus fala de dois aos quais o Senhor curou quando estava saindo de Jericó, Mateus 20.29-30. Lucas diz que este episódio ocorreu *en to eggizein auton* – quando o Senhor estava perto de Jericó, o que poderia ser quando Ele estava saindo da cidade, bem

como quando ele estava entrando nela. Observe:

I Este pobre cego estava assentado junto do caminho, mendigando, v. 35. Parece que ele não era apenas cego, mas pobre, não possuía nada para o seu sustento, nem qualquer pessoa que o sustentasse; este era o símbolo mais adequado do mundo da humanidade que Cristo veio curar e salvar; eles são, portanto, infelizes e miseráveis, porque são tanto pobres como cegos, Apocalipse 3.17. Ele se assentava mendigando, porque era cego, e não podia trabalhar para o seu sustento. Note que, aqueles aos quais a providência de Deus de alguma forma incapacitou para conseguirem seu próprio pão, devem ser aliviados pela caridade. Tais objetos de caridade junto do caminho não devem ser ignorados por nós. Cristo, aqui, lança um olhar favorável a um mendigo comum, e, embora haja trapaceiros entre eles, não se deve, portanto, pensar que todos sejam assim.

II Ouvindo o barulho da multidão que passava, ele perguntou que era aquilo, v. 36. Não tivemos uma situação semelhante, antes. Isto nos ensina que é bom ser inquiridor, e que aqueles que agem assim, uma hora ou outra se beneficiam disso. Aqueles que querem sua visão devem fazer melhor uso de sua audição, e, quando não puderem ver com seus próprios olhos, devem, fazendo perguntas, fazer uso dos olhos de outra pessoa. Assim fez este cego, e por esse meio veio a entender que Jesus de Nazaré passava, v. 37. É bom estarmos no caminho de Cristo; e, quando tivermos uma oportunidade de nos dirigirmos a Ele em súplicas, não a devemos deixar passar.

III Sua oração tem, em si, muita fé e fervor: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! v. 38. Ele reconhece o Senhor Jesus Cristo como sendo o Filho de Davi, o Messias prometido; ele crê que Jesus é o Salvador; ele crê que Jesus é capaz de ajudá-lo e socorrê-lo, e veementemente suplica o seu favor: “Tem misericórdia de mim, perdoe os meus pecados, tenha compaixão do meu estado miserável”. Cristo é o Rei misericordioso; aqueles que rogarem a Ele como o Filho de Davi, o acharão assim, e poderão pedir tudo aquilo de que precisarem, quando orarem dizendo, *Tem misericórdia de mim*; porque a misericórdia de Cristo inclui todas as coisas.

IV Aqueles que pedem resolutamente os favores e as bênçãos de Cristo não serão postos de lado na busca deles, mesmo que enfrentem oposições e censuras. Aqueles que acompanhavam o Senhor repreenderam aquele homem cego, como se estivesse incomodando o Mestre, sendo barulhento e impertinente, e lhe ordenaram que se calasse. Mas ele continuou com a sua petição, de forma que a repreensão que lhe deram funcionou apenas como uma represa para uma grande torrente, que fez com que seus brados aumentassem muito mais; ele clamava ainda mais, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Aqueles que desejam vencer através da oração devem ser importunadores em suas orações. Esta história, no final do capítulo, sugere a mesma coisa que a parábola no começo do capítulo: que os homens devem orar sempre, sem jamais desfalecer.

V Cristo encoraja os pobres mendigos, a quem os homens reprovam, e os convida a virem a si, e está pronto a recebê-los, e a dar-lhes as boas vindas: Jesus mandou que lho trouxessem. Note que Cristo tem mais carinho e compaixão por aqueles que rogam, aflitos, do que qualquer um dos seus seguidores teria. Embora Cristo estivesse no meio de sua jornada, Ele parou, e mandou que lho trouxessem. Aqueles que repreenderam o homem cego deveriam, agora, dar-lhe as mãos para encaminhá-lo a Cristo.

VI Embora Cristo conheça – profundamente e completamente – todas as nossas necessidades, Ele quer ouvi-las de nós (v. 41): Que queres que te faça? Ao apresentarmos nosso caso diante de Deus, como uma descrição específica de nossas necessidades e fardos, aprendemos a valorizar a misericórdia que estamos buscando; e é necessário que façamos isso, senão não estaremos preparados para recebê-la. Este homem derramou a sua alma diante de Deus, quando disse, “Senhor, que eu veja”. Nós também devemos ser muito específicos em nossas orações, em ocasiões específicas.

VII A oração da fé, guiada pelas promessas encorajadoras de Cristo, e baseada nelas, não será em vão; não, ela não só receberá uma resposta de paz, mas de honra (v. 42). Cristo disse, Vê; a tua fé te salvou. A verdadeira fé produzirá fervor na oração, e ambos receberão a abundância dos frutos dos favores de Cristo. E estes são duplamente confortáveis quando chegam dessa maneira, quando somos salvos pela fé.

VIII A graça de Cristo deve ser reconhecida com gratidão, para a glória de D v. 43. 1. O próprio mendigo – que teve a sua visão restaurada – seguiu a Cristo, glorificando a Deus. Cristo operou este milagre para glorificar seu precioso Pai. E aqueles a quem Ele curou lhe agradaram ainda mais quando louvaram a Deus Pai. O mesmo ocorrerá com aqueles que louvarem a Cristo e o honrarem: eles estarão agradando muito ao Senhor Deus; porque, ao confessarmos que Jesus Cristo é o Senhor, nós estamos glorificando a Deus Pai. Se seguirmos a Cristo, estaremos glorificando a Deus Pai, como fizeram aqueles cujos olhos foram abertos. 2. As pessoas que viram isto não puderam deixar de dar louvores a Deus, que havia dado tal poder ao Filho do Homem, e por Ele tinha conferido tais favores aos filhos dos homens. Note que devemos dar louvores a Deus por suas misericórdias aos outros, bem como pelas misericórdias que são concedidas a nós mesmos.

CAPÍTULO 19

Neste capítulo, temos: I. A conversão de Zaqueu, o publicano de Jericó, vv. 1-10. II. A parábola sobre as minas que o rei confiou a seus servos, e sobre seus cidadãos rebeldes, vv. 11-27. III. A entrada triunfal de Cristo (pois foi um triunfo) em Jerusalém; e sua lamentação em antecipação à destruição daquela cidade, vv. 28-44. IV. Seu ensino no Templo, e a expulsão dos que ali vendiam e compravam, vv. 45-48.

A Conversão de Zaqueu

vv. 1-10

Muitos, sem dúvida, eram convertidos à fé em Cristo, dos quais nenhum registro existe nos Evangelhos; mas a conversão da alguns, cujo caso tinha em si algo extraordinário, está registrada, como é o caso de Zaqueu. Cristo ia passando por Jericó, v. 1. Esta cidade tinha sido construída sob uma maldição, ainda assim Cristo a honrou com sua presença, pois o Evangelho remove a maldição. Embora ela não devesse ter sido reconstruída, ainda assim não era um pecado viver nela, uma vez que fora reedificada. Cristo estava indo para o outro lado do Jordão, a Betânia, uma cidade próxima de Jerusalém, para ressuscitar Lázaro. Quando Ele se dirigia a algum lugar para realizar alguma boa obra, fazia muitas outras pelo caminho. Fazia o bem às

almas e aos corpos das pessoas. Aqui temos um exemplo do primeiro caso. Observe:

I Quem era este Zaqueu, e o que fazia. O seu nome indica que ele era judeu. *Zaccai* era um nome comum entre os judeus. Havia um famoso rabino, aproximadamente nesta época, com este nome. Observe: 1. Sua profissão, e a posição que ele ocupava. Ele era “um chefe dos publicanos”, uma espécie de arrecadador geral. Outros publicanos trabalhavam subordinados a ele; ele era, como alguns pensam, cobrador de alfândega. Nós lemos com freqüência sobre os publicanos vindo até Cristo. Mas aqui estava um, que era chefe dos publicanos. Era uma pessoa de autoridade, e que investigava sobre Jesus. Deus tem os seus entre todos os tipos de pessoas. Cristo veio para salvar até mesmo o chefe dos publicanos. 2. Sua condição no mundo era muito considerável: Ele “era rico”. Os publicanos inferiores eram, normalmente, homens com poucos recursos, e inferiores no mundo; mas este que era chefe dos publicanos tinha conseguido um grande patrimônio. Recentemente, Cristo tinha mostrado como era difícil, para os ricos, entrar no reino de Deus, mas agora Ele produz um exemplo de um homem rico que estava perdido, e foi achado, e que não foi, como o filho pródigo, levado a passar necessidades.

II A maneira como ele se colocou no caminho de Cristo, e qual foi o motivo de encontrá-lo. 1. Ele tinha grande curiosidade de ver Jesus, saber que tipo de homem Ela era, tendo ouvido falar muito sobre Ele, v. 3. É natural que nós procuremos encontrar, se pudermos, aqueles cuja fama encheu nossos ouvidos, podendo, inclusive, imaginar que existe alguma coisa de extraordinário nestes encontros; pelo menos, nós poderemos dizer que vimos este ou aquele grande homem. Mas o olho não se satisfaz em ver. Nós devemos agora procurar ver a Jesus com os olhos da fé, para ver quem é Ele. Devemos nos dirigir às ordenanças sagradas com isto em mente: “Queremos ver Jesus” (veja Jo 1.21). 2. O publicano não conseguia satisfazer a sua curiosidade neste aspecto, porque era de pequena estatura, e a multidão era grande. Cristo não procurava se exibir, não era carregado nos ombros dos homens (como o papa em procissão), para que todos pudessem vê-lo. Nem Ele nem o seu reino vieram com estardalhaço. Ele não passava em carruagem aberta, como fazem os príncipes, mas, como um de nós, Ele se

perdia em uma multidão; pois este era o dia da sua humilhação. Zaqueu era de pequena estatura, e todos à sua volta eram mais altos que ele, de modo que ele não conseguia ver a Jesus. Muitos que têm pequena estatura têm grandes almas, e são vivos de espírito. Quem não preferiria ser um Zaqueu a um Saul, embora este fosse, desde os ombros para cima, mais alto que todos ao seu redor? (1 Sm 9.2) Que aqueles que são de pequena estatura não se preocupem em acrescentar côvados a ela, mas sim em crescer na graça e no conhecimento do Senhor. 3. Por não querer desapontar a sua curiosidade, ele esqueceu da sua seriedade, como chefe dos publicanos, e correu adiante, como um menino, e subiu em uma figueira brava, para ver Jesus. Observe que aqueles que desejam sinceramente uma visão de Cristo irão usar os meios adequados para obter uma visão dele, e irão atravessar dificuldades e oposição, dispostos a empenhar-se ao máximo para vê-lo. Aqueles que são muito pequenos devem aproveitar todas as vantagens que puderem para subir até onde tenham uma visão de Cristo, não se envergonhando de reconhecer que precisam destas vantagens, e que elas lhes são suficientes. Que os de pequena estatura jamais percam a esperança; cada um pode ser ajudado a alcançar os pontos mais altos da fé e da vida com Deus.

III A maneira como Cristo o percebeu, o chamado que lhe fez, para que se conhecessem (v. 5), e a eficácia deste chamado, v. 6. 1. Cristo convidou-se à casa de Zaqueu, sem duvidar de que seria sinceramente bem recebido ali; na verdade, onde Cristo chega, da mesma maneira como Ele traz a sua própria festividade consigo, também Ele traz a sua própria recepção. Ele abre o coração, e o prepara para recebê-lo. Cristo olhou para cima, e viu Zaqueu. Ele veio para dar uma olhada em Cristo, decidido a observá-lo, mas não fazia idéia de que seria notado por Cristo. Esta era uma honra grande demais, e muito além do que ele merecia, para que ele pudesse imaginar-se recebendo-a. Veja como Cristo o presenteou com as bênçãos de sua bondade, e superou suas expectativas. E veja como Ele encorajava princípios muito fracos, e os ajudava a ir adiante. Aquele que se determinar a conhecer a Cristo, será conhecido por Ele; aquele que somente é persuadido a vê-lo, será somente aceito em uma conversa com Ele. Observe que àqueles que são fiéis no pouco, lhes será confiado mais. E, às vezes, aqueles que vêm para ouvir a palavra de Cristo, como Zaqueu, somente por curiosidade, têm as suas consciências despertadas, e seus corações

transformados, além do que imaginavam. Cristo o chamou pelo nome, Zaqueu, pois Ele conhece seus eleitos pelo nome; eles não estão no seu livro? Zaqueu poderia perguntar, como fez Natanael (Jo 1.48), “De onde me conheces tu?” Mas, antes que ele subisse na figueira brava, Cristo o viu, e o conheceu. Ele pediu a Zaqueu que descesse depressa. Aqueles a quem Cristo chama devem descer, devem humilhar-se, e não pensar em subir ao céu por qualquer justiça própria; e devem apressar-se em descer, pois os atrasos são perigosos. Zaqueu não deve hesitar, mas apressar-se; ele sabe que a possibilidade de receber um visitante como este em sua casa não é uma questão que precise ser analisada. Ele deve descer, pois Cristo pretende, neste dia, ir à sua casa, e ficar uma ou duas horas com ele. Eis que o Senhor Jesus está à porta e bate. 2. Zaqueu ficou dominado pela alegria de ter tal honra conferida à sua casa (v. 6): “E, apressando-se, desceu e recebeu-o com júbilo”; e o fato de que o recebesse em sua casa era uma indicação e um sinal de que o recebia em seu coração. Observe que quando Cristo nos chama, nós devemos nos apressar em atender o seu chamado. E, quando Ele vem a nós, devemos recebê-lo alegremente. “Levantai, ó portas, as vossas cabeças”. Nós podemos receber alegremente aquele que traz todo o bem consigo, e que, quando se apossa da alma, abre fontes de alegria que jorrarão até a eternidade. Com tanta freqüência Cristo nos diz, “Abre-me”; porém nós, como a esposa, damos desculpas! (Ct 5.2). 3. A prontidão de Zaqueu em receber a Cristo irá nos envergonhar. Nós não temos a Cristo para entrar em nossas casas, mas temos os seus discípulos, e o que se faz a eles, Ele interpreta como sendo feito a si mesmo.

IV A ofensa que o povo sentiu com este agradável encontro entre Cristo e Zaqueu. Aqueles judeus críticos e de alma limitada murmuravam, dizendo que Ele seria “hóspede de um homem pecador”, *para hamartolo andri – ao lado de um homem pecador*; e não eram eles mesmos homens pecaminosos? Não era a missão de Cristo no mundo buscar e salvar os pecadores? Mas eles julgam que Zaqueu é um pecador além de todos os homens que residem em Jericó, um pecador com o qual não era adequado se relacionar. Mas era muito injusto culpar a Cristo por entrar na sua casa, pois: 1. Embora Zaqueu fosse um publicano, e muitos dos publicanos fossem homens maus, não se deve concluir que todos eram assim. Nós devemos prestar atenção ao condenar homens na sua totalidade, ou por fama comum,

pois no tribunal todo homem será julgado como é. 2. Embora ele tivesse sido um pecador, não se deve concluir que agora ele fosse tão mau como já tinha sido. Embora saibamos que a vida passada de alguém tem sido má, Cristo pode saber que sua condição atual é boa. Deus dá lugar ao arrependimento, e nós também devemos fazê-lo. 3. Embora ele fosse um pecador, as pessoas não deveriam culpar a Cristo por ir até ele, porque Ele não corria risco de ser ferido por um pecador, mas tinha grandes esperanças de fazer o bem a um pecador. Para onde deve ir o médico, se não aos enfermos? No entanto, veja como algo que é bem feito pode ser mal interpretado.

V As provas que Zaqueu deu a conhecer, de que, embora tivesse sido um pecador, agora era um penitente, e um verdadeiro convertido, v. 8. Ele não esperava ser justificado por suas obras, como o fariseu que se vangloriava daquilo que tinha feito, mas, com estas boas obras, ele deseja, por intermédio da graça de Deus, evidenciar a sinceridade da sua fé e do seu arrependimento. E aqui ele declara qual é seu objetivo: ele fez esta declaração em pé, para que pudesse ser visto e ouvido por aqueles que murmuravam sobre a vinda de Cristo sua casa. Com a boca se faz confissão tanto do arrependimento quanto da fé. Ele se levantou, o que indica que ele fez a declaração deliberadamente, e solenemente, como um voto a Deus. Ele se dirigiu a Cristo, e não ao povo (eles não seriam os seus juízes), mas ao Senhor, e ele se levantou, como se estivesse no seu tribunal. O que nós fazemos, que é bom, devemos fazer como se fosse para Ele; devemos apelar a Ele, e nos fazermos aceitos por Ele, na nossa integridade, em todos os nossos bons objetivos e resoluções. Zaqueu dá a entender que existe uma transformação no seu coração (que é o arrependimento), pois existe uma transformação no seu caminho. Suas resoluções são os mandamentos da segunda tábua, pois Cristo, em todas as ocasiões, coloca grande ênfase nelas, e elas são tais, que são adequadas à sua condição e ao seu caráter, pois nelas aparece melhor a verdade do nosso arrependimento.

1. Zaqueu tinha um bom patrimônio, e, embora estivesse, até agora, acumulando tesouros para si mesmo, e fazendo o mal a si mesmo, agora ele decide que, para o futuro, ele estará completamente orientado a Deus, e fará o bem aos outros: “Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens”. Ele não disse, “Eu darei, em testamento, quando morrer”, mas “eis

que dou” (agora). Provavelmente ele tinha ouvido sobre a ordem de Cristo, quando pôs à prova outro homem rico, de que vendesse o que tinha, e desse aos pobres (Mt 19.21), e como o jovem rompeu com Cristo por causa disto. “Mas eu não serei assim”, diz Zaqueu; “Eu concordo com isto desde a primeira palavra; embora até aqui eu tenha sido pouco caridoso com os pobres, agora eu os aliviarei, e darei ainda mais, por ter negligenciado com esta responsabilidade por tanto tempo, darei a metade dos meus bens”. Esta é uma proporção bastante grande, para ser separada para obras de piedade e caridade. Os judeus costumavam dizer que uma quinta parte da renda anual de um homem era uma quantia bastante justa para ser dedicada a usos pios, e a orientação da lei era de uma quantia aproximadamente igual a esta, mas Zaqueu iria além disto, e daria a metade aos pobres, o que o obrigaria a reduzir todas as suas despesas extravagantes, e esta redução lhe permitiria ajudar a muitos, com o que lhe era supérfluo. Se nós fôssemos apenas mais moderados e abnegados, nós seríamos mais caridosos; e, se nos satisfizéssemos com pouco, teríamos mais para dar àqueles que são necessitados. Isto ele menciona aqui, como um fruto de seu arrependimento. Observe que é muito adequado que os convertidos a Deus sejam caridosos com os pobres.

2. Zaqueu estava consciente de que não tinha obtido tudo o que tinha de maneira justa e honesta, mas alguma coisa por meios indiretos e ilícitos – e daquilo que ele tinha obtido por tais meios, ele promete fazer a restituição: “Se eu tomei alguma coisa de alguém, por falsa acusação, ou se eu prejudiquei a alguém no exercício do meu trabalho, sendo um publicano, extraindo mais do que era devido, eu prometo restituir quadruplicado”. Esta era a restituição que um ladrão devia fazer, Êxodo 22.1. (1) Ele parece reconhecer plenamente que tinha agido mal; o seu trabalho, como publicano, lhe deu oportunidade de agir mal, subjugando os comerciantes para bajular o governo, e receber os seus favores. Os verdadeiros penitentes reconhecem não somente a sua culpa geral diante de Deus, mas esta, em particular, se refletirá sobre aquilo que era a sua própria iniqüidade, e que, por razão do seu trabalho neste mundo, os oprimia violentamente. (2) Ele parece reconhecer que tinha agido mal, por falsas acusações; esta era a tentação dos publicanos, sobre a qual João Batista os tinha advertido de maneira particular, cap. 3.14. Eles tinham a atenção do governo, e tudo deveria ser feito de forma a contribuir para o aumento da renda. Esta linha de

pensamento e comportamento permitia que eles se vingassem de quem quisessem; bastava que tivessem algum tipo de má vontade para com aqueles que quisessem prejudicar. (3) Ele promete restituir quadruplicado, tudo o que ele pudesse recordar, ou encontrar nos seus livros, que ele tivesse feito para prejudicar a alguém. Ele não diz, “Se eu for processado, e obrigado a isto, eu farei a restituição” (alguns são honestos quando não podem evitar); mas não, ele o fará voluntariamente: será a minha responsabilidade. Observe que aqueles que estão convencidos de ter prejudicado alguém, não conseguem evidenciar a sinceridade do seu arrependimento, a não ser fazendo a restituição. Observe que ele não pensa que dar metade dos seus bens aos pobres irá expiar o mal que ele fez. Deus detesta que aquilo é roubado seja oferecido como oferta de holocausto, e nós devemos, primeiro, fazer justiça, e depois amar a misericórdia. Não é caridade, mas hipocrisia, dar aquilo que não é nosso; e nós não devemos reconhecer que seja nosso aquilo que não obtivemos honestamente, nem que algo seja nosso, até que todas as nossas dívidas estejam pagas, e a restituição pelo mal tenha sido feita.

VI A aprovação e aceitação de Cristo da conversão de Zaqueu. Esta conversão era a evidência de que o Senhor não poderia ser questionado por ser um convidado de um homem pecador, vv. 9,10.

1. Zaqueu é declarado agora como um homem feliz. Agora ele se afastou do pecado e voltou-se para Deus; agora ele recebeu a Cristo na sua casa, e se tornou um homem honesto, caridoso e bom: “Hoje, veio salvação a esta casa”. Agora que ele está convertido, ele está verdadeiramente salvo, salvo dos seus pecados, da culpa devida a eles, do poder deles; todos os benefícios da salvação são seus. Cristo veio à sua casa e, onde Cristo entra, traz consigo a salvação. Ele é, e será o autor da salvação eterna a todos os que o aceitam, como Zaqueu. Mas isto não é tudo. “Hoje, veio salvação a esta casa”. (1) Ao se tornar um convertido Zaqueu será, mais do que tinha sido, uma bênção para a sua casa. Ele trará os meios da graça e da salvação à sua casa, pois agora ele é realmente um filho de Abraão, e, portanto, como Abraão, irá ensinar a sua casa a observar o caminho do Senhor. Aquele que tem uma ambição desmedida para ganhar dinheiro traz problemas à sua própria casa, e traz uma maldição sobre ela, mas aquele que é caridoso para com os pobres traz a generosidade à sua própria casa, e traz uma bênção

sobre ela, no mínimo a salvação temporal, Salmo 112.3. (2) Quando Zaqueu foi levado ao próprio Cristo, a sua família também se relacionou com Cristo, e os seus filhos foram admitidos como membros da sua igreja. Assim, a salvação veio à sua casa, pois ele é um filho de Abraão. Por esta razão, Zaqueu estava interessado no concerto de Deus com Abraão, aquela bênção de Abraão que vem sobre os publicanos, sobre os gentios, por meio da fé. E Deus será Deus para eles e para os seus filhos; portanto, quando ele crê, a salvação vem à sua casa, como veio mais tarde à casa do carcereiro a quem foi dito, "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa", Atos 16.31. Zaqueu era, por nascimento, um filho de Abraão mas, por ser um publicano, era considerado um pagão; eles são colocados no mesmo nível, Mateus 18.17. E sendo considerado pagão, os judeus se envergonhavam de relacionar-se com ele, e esperavam que Cristo também se sentisse assim. Mas Jesus mostra que, sendo um verdadeiro penitente, Zaqueu se torna *rectus in curia – justo no tribunal*, tão com filho de Abraão como se nunca tivesse sido um publicano, o que, portanto, não deve ser mencionado contra ele.

2. O que Cristo tinha feito para torná-lo, em particular, um homem feliz, estava em conformidade com o grande desígnio e a grande intenção da sua vinda a este mundo, v. 10. Com o mesmo argumento Ele tinha, anteriormente, justificado o seu relacionamento com os publicanos, Mateus 9.13. Ali Ele alegava que tinha vindo para chamar os pecadores, ao arrependimento; aqui, que Ele veio para buscar e salvar o que se havia perdido, *to apololos – os perdidos*. Observe: (1) A situação deplorável dos filhos dos homens. Eles estavam perdidos e, aqui, toda a humanidade é mencionada, como um único corpo. Observe que toda a humanidade, devido à Queda, tornou-se um mundo perdido; perdido como uma cidade está perdida quando adere aos rebeldes, como um viajante está perdido quando perde a trilha no deserto, como um homem doente está perdido quando a sua enfermidade é incurável, ou como um prisioneiro está perdido quando recebe a condenação. (2) O desígnio gracioso do Filho de Deus: Ele "veio buscar e salvar", buscar para salvar. Ele veio do céu à terra (uma longa viagem) para buscar o que se havia perdido (que errou o caminho e se desgarrou), e trazê-lo de volta (Mt 18.11,12), e para salvar "o que se havia perdido", que estava perecendo, e de certa maneira, destruído e extirpado. Cristo se encarregou da causa quando era dada por perdida; encarregou-se

de trazer aqueles que estavam perdidos para Deus e para toda a bondade. Observe que Cristo veio a este mundo perdido para buscá-lo e salvá-lo. Seu desígnio era salvar, quando não havia outra salvação. Para prosseguir com o seu desígnio, Ele buscou, usou todos os meios prováveis para realizar esta salvação. Ele busca aqueles que não merecem ser buscados. Ele busca aqueles que não o buscam, e que não perguntam por Ele, da maneira como fez aqui.

O Nobre e seus Servos

vv. 11-27

O nosso Senhor Jesus agora está a caminho de Jerusalém, para a sua última Páscoa, quando Ele deveria sofrer e morrer. Aqui nós vemos:

I Como as expectativas de seus amigos foram elevadas nesta ocasião: Eles pensaram que o reino de Deus se manifestaria imediatamente, v. 11. Os fariseus esperavam o reino nesta época (cap. 17.20), e, aparentemente, também os próprios discípulos de Cristo. Mas, tanto um grupo como o outro tinha uma noção equivocada sobre o reino. Os fariseus pensavam que ele se estabeleceria por algum príncipe ou potentado temporal. Os discípulos pensavam que seu Mestre iria estabelecê-lo, mas, com pompa e poder temporais, pois com o poder que Ele tinha de realizar milagres, eles sabiam que Ele o estabeleceria em breve, quando desejasse. Jerusalém, concluíram eles, deve ser a sede do seu reino, e, portanto, agora que Ele está indo diretamente para lá – eles não duvidam nem um pouco que dentro de pouco tempo eles o veriam no trono ali. Observe que até mesmo os bons homens são sujeitos a enganos a respeito do reino de Cristo, e a formar noções equivocadas sobre ele. Alguns estão propensos a pensar que haverá uma manifestação imediata daquilo que, na realidade, está reservado para o futuro.

II Como as expectativas dos discípulos foram corrigidas, e retificados os enganos sobre os quais as suas expectativas se fundamentavam; e isto Jesus faz por meio de três situações:

1. Eles esperavam que Ele apareceria em sua glória imediatamente, mas Ele lhes diz que ainda não se instalará publicamente no seu reino, por um bom tempo. Ele é como “certo homem nobre”, *anthropos tis eugenes – um homem de nascimento nobre* (segundo o Dr. Hammond), pois Ele é o Senhor do céu, e tem direito, por nascimento, ao reino; mas ele vai a uma terra remota, a fim de tomar para si um reino. Cristo deve ir para o céu, para ali se assentar à direita do Pai, e para receber dele honra e glória, antes que seja derramado o Espírito pelo qual o seu reino se estabelecerá na terra, e antes que a igreja seja estabelecida por Ele no mundo gentio. Ele deve receber o reino, e voltar depois. Cristo retornou quando o Espírito foi derramado, quando Jerusalém foi destruída, ocasião na qual esta geração, tanto os amigos quanto os inimigos com quem Ele tinha se relacionado pessoalmente, já teriam desaparecido completamente pela morte, tendo sido encaminhados à prestação de contas. Mas o retorno aqui mencionado é aquele do Grande Dia, o qual nós ainda estamos esperando. Aquilo que eles pensavam que apareceria imediatamente, Cristo lhes diz que não aparecerá até que Ele próprio, o Senhor Jesus Cristo, que é levado ao céu, retorne; veja Atos 1.11.

2. Eles esperavam que seus apóstolos e auxiliares mais próximos fossem promovidos à dignidade e honra, que todos fossem feitos príncipes, e nobres, conselheiros particulares e juízes, e tivessem toda a pompa e dignidade da corte e da cidade. Mas Cristo aqui lhes diz que, em vez disto, Ele os designava para que fossem homens dedicados a uma tarefa; eles não devem esperar nenhuma promoção neste mundo, além daquela que a própria cidade poderia ter. Ele os deixaria com um bem nas mãos, que eles mesmos poderiam empregar, para servir a Ele e aos interesses do seu reino entre os homens. Esta é a verdadeira honra de um cristão e um ministro: Se formos como devemos ser, verdadeiramente ambiciosos pelas coisas de Deus, o próprio Senhor nos capacitará a considerar todas as honras temporais com um santo desprezo. Os apóstolos tinham sonhado com o privilégio de se sentar à direita e à esquerda de Jesus no seu reino, desfrutando de tranqüilidade depois do seu trabalho árduo, e de honra depois do desprezo que lhes estava sendo direcionado, e se alegravam com este sonho; mas Cristo lhes diz algo que, se eles entendessem corretamente, os encheria de cuidados, preocupações, e pensamentos graves, em vez destas aspirações com as quais eles enchiam as suas mentes.

(1) Agora, eles têm muito trabalho a fazer. Seu Mestre os deixa, para ir receber o seu reino, e, na partida, ele dá, a cada um deles, uma mina (as anotações à margem das nossas Bíblias comuns nos dizem que se trata de uma quantia equivalente, na atualidade, a aproximadamente três libras e meia coroa); isto significa a mesma coisa que os talentos, na parábola correspondente a esta (Mateus, capítulo 25), todos os dons com os quais os apóstolos de Cristo foram investidos, e todas as vantagens e habilidades que eles tinham para servir os interesses de Cristo neste mundo, e outros, tanto ministros quanto cristãos, como eles, em menor escala. Mas talvez isto esteja representado assim na parábola para torná-los mais humildes; a sua honra neste mundo é somente a dos negociantes – e não a dos comerciantes de primeira classe, que têm grandes estoques para começar – mas a dos pobres negociantes, que devem tomar muito cuidado e fazer grandes esforços para conseguir algo com aquilo que têm. Ele deu estas minas aos seus servos, não para que comprassem ricos uniformes, muito menos mantos, e uma esplêndida carruagem, para que eles mesmos se exibissem, como esperavam, mas as deu com esta recomendação: “Negociai até que eu venha”. Ou, como pode ser mais bem traduzido, Ocupem-se até que eu venha, *Pragmateusasthe – Ocupem-se*. É este o significado da palavra. Vocês estão sendo enviados para pregar o Evangelho, para estabelecer a igreja de Cristo no mundo, para trazer as nações à obediência da fé, e para edificá-las nesta preciosa Palavra. Vocês receberão poder para fazer isto, pois serão cheios do Espírito Santo, Atos 1.8. Quando Cristo assoprou sobre os onze discípulos e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo (Jo 20.22), Ele lhes entregou as dez minas. “Agora”, disse Ele, “trabalhem e façam disto um negócio. Tenham bom ânimo, e perseverem nisto. Dediquem-se a fazer todo o bem que puderem às almas dos homens, para uni-las a Cristo”. Observe que: [1] Todos os cristãos têm negócios para fazer por Cristo neste mundo, e os ministros, em especial – os primeiros não foram batizados, nem os últimos ordenados para ficar na ociosidade. [2] Aqueles que são chamados para trabalhar para Cristo são dotados por Ele dos dons necessários para o seu trabalho. E, por outro lado, daqueles a quem Ele dá poder, Ele espera serviço. Ele entrega as minas com esta recomendação. Trabalhem, negociem. “A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”, 1 Coríntios 12.7. E “cada um administre aos outros o dom como o recebeu”, 1 Pedro 4.10. [3] Nós devemos continuar a trabalhar até que nosso

Mestre venha, sejam quais forem as dificuldades ou a oposição com que nos depararmos. Somente aqueles que perseverarem até o fim serão salvos.

(2) Eles terão que prestar contas em breve. Estes servos serão chamados à presença do Senhor para mostrar que uso fizeram dos dons com que foram dignificados, que serviço realizaram para Cristo, e que bem realizaram às almas dos homens, para que fique formalizado o que cada homem ganhou no trabalho. Observe: [1] Aqueles que trabalham diligentemente e lealmente a serviço de Cristo serão ganhadores. Nós não podemos dizer a mesma coisa a respeito dos negócios do mundo. Muitos homens trabalhadores resultaram perdedores. Mas, aqueles que trabalham para Cristo serão ganhadores, embora Israel não tenha se deixado ajuntar, ainda assim eles serão glorificados. [2] A conversão das almas é o prêmio deles: Cada convertido verdadeiro é um ganho para Jesus Cristo. Os ministros são apenas seus agentes, e a Ele devem prestar contas de quais peixes apanharam com a rede do Evangelho, quais convidados persuadiram a vir ao banquete das bodas, isto é, o que eles obtiveram com o trabalho. Observe:

Em primeiro lugar, a boa prestação de contas feita por alguns dos servos, e a aprovação do Mestre. Aqui estão apresentados dois exemplos, vv. 16,19. 1. Ambos tinham obtido lucro considerável, mas não da mesma maneira; um deles tinha ganhado dez minas com o seu trabalho, e o outro, cinco. Aqueles que são diligentes e fiéis no serviço a Cristo são normalmente abençoados, tornando-se bênçãos aos lugares onde vivem. Eles verão o trabalho da sua alma e que não se empenharam em vão. E ainda assim, todos os que são igualmente fiéis, não são igualmente bem sucedidos. E, talvez, embora ambos sejam fiéis, possamos concluir que um deles se empenhou mais, e se dedicou mais ao seu trabalho do que o outro, e conseqüentemente foi mais bem sucedido. O bendito Paulo certamente era alguém como este servo que ganhou dez minas, o dobro do que qualquer outro tinha ganhado, pois ele trabalhou mais abundantemente do que todos os demais, e pregou plenamente o Evangelho de Cristo. 2. Os dois servos reconheceram sua obrigação para com o Mestre, por lhes ter confiado esta capacidade e estas oportunidades para servi-lo: Senhor, não foi o meu trabalho, mas sim a sua mina que ganhou dez minas. Observe que Deus deve receber a glória por todos os nossos ganhos; “Ó Senhor Deus, a ti somente, e não a nós, seja dada a glória” (Sl 115.1, versão NTLH). Paulo, que ganhou as dez minas, reconheceu: “Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça para comigo

não foi vã; antes, trabalhei… todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo", 1 Coríntios 15.10. Ele não ousaria dizer o que ele tinha feito, mas o que Deus tinha feito por ele, Romanos 15.18. 3. Os dois servos foram elogiados por sua fidelidade e por seu empenho: "Bem está, servo bom", v. 17. E ao outro, Ele disse a mesma coisa, v. 19. Observe que aqueles que fazem o que é bom, receberão elogios da mesma forma. Aja bem, e Cristo irá lhe dizer: Bem está; e, se Ele disser Bem está, não importa se alguém disser outra coisa. Veja Gênesis 4.7. 4. Eles foram promovidos, proporcionalmente ao lucro que tinham obtido: "Porque no mínimo foste fiel" – sem pensar: "é indiferente, ficar sentado, imóvel, e ir negociar com uma mina, o que pode alguém fazer com uma quantia tão pequena?", mas, humildemente e honestamente se dedicou a aproveitar aquilo – "sobre dez cidades terás a autoridade". Observe que estão preparados para crescer os que se satisfazem em começar por baixo. Aqueles "que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição", 1 Timóteo 3.13. Aqui, duas coisas são prometidas aos apóstolos: (1) Que quando eles tiverem se empenhado para plantar muitas igrejas, eles terão a satisfação e a honra de presidi-las, e governá-las. Eles receberão grande respeito, e serão objeto do amor e da estima de bons cristãos. "O que guarda a figueira comerá do seu fruto" (Pv 27.18), e aqueles "que trabalham na palavra e na doutrina" serão "estimados por dignos de duplicada honra" (1 Tm 5.17). (2) Que, quando eles tiverem servido à sua geração, segundo a vontade de Cristo, ainda que passem por este mundo desprezados e maltratados, e talvez morram sob desgraça e perseguição, como aconteceu com os apóstolos, ainda assim, no outro mundo, eles reinarão, como reis com Cristo, se assentarão com Ele no seu trono, e terão poder sobre as nações, Apocalipse 2.26. A felicidade do céu será um progresso muito maior para um bom ministro ou cristão do que seria para um pobre negociante, que com muito esforço conseguiu dez minas, para ser feito governador de dez cidades. Aquele que tinha ganhado somente cinco minas teve autoridade sobre cinco cidades. Isto dá a entender que existem graus de glória no céu. Todo vaso estará cheio, da mesma maneira, mas não terão todos o mesmo tamanho. E os graus da glória estarão de acordo com a utilidade que tivermos para o Senhor aqui na terra.

Em segundo lugar, a má prestação de contas que fez um deles, e a condenação que recebeu, por sua preguiça e deslealdade, vv. 20 e seguintes. 1. Ele admitiu que não tinha negociado com a minha que tinha recebido (v.

20): “Senhor, aqui está a tua mina”; é verdade, eu não obtive mais, mas também não perdi; eu a “guardei num lenço” – em segurança. Isto representa a indiferença daqueles que têm dons, mas nunca se dedicam a fazer o bem com eles. É indiferente a eles, se os interesses do reino de Cristo naufragam ou nadam, se vão para a frente, ou para trás; no que lhes diz respeito, eles não se preocupam com isto, não se esforçam, não se preocupam, não correm riscos. Estes são os servos que guardam a sua mina em um lenço, que pensam que é suficiente dizer que não fizeram mal ao mundo – mas não fizeram bem. 2. Ele se justificou na sua omissão, com uma declaração que piorou as coisas (v. 21): “Tive medo de ti, que és homem rigoroso”, *anthropos austeros ei*. Rigoroso é a palavra grega; um homem rígido: “Tomas o que não puseste”. Ele pensou que seu mestre impunha uma dificuldade aos meus servos, quando exigia e esperava o aproveitamento das suas minas, e que estava colhendo o que não tinha semeado; quando, na realidade, Ele colhia onde tinha semeado, e, como o lavrador, esperava, em proporção ao que tinha semeado. Ele não tinha razão para temer a austeridade do seu mestre, nem culpar as suas expectativas, mas isto era uma mera simulação, uma desculpa frívola e infundada para a sua preguiça, que não havia maneira de dissimular. Observe que as declarações dos professores ou pregadores preguiçosos – quando vierem para serem examinados – se destinarão mais à sua vergonha do que à sua justificação. 3. A sua desculpa se volta contra ele: “Mau servo, pela tua boca te julgarei”, v. 22. Ele será condenado pelo seu crime, mas se autocondenará pela sua própria declaração. Se você considerar que Eu espero o lucro do seu trabalho, se você tivesse tido alguma consideração pelo meu interesse, para que eu tivesse o maior lucro possível, você poderia ter colocado o dinheiro no banco, aplicando-o em algum fundo, para que eu pudesse ter, não apenas o que já era meu, mas o meu com juros, o que, ainda que fosse pouco, teria algum valor. Se ele não negociou por medo de perder o principal, e assim, ter que prestar contas ao seu Senhor por tê-lo perdido, que foi o que ele pretendeu, ainda assim, não seria desculpa para que ele não aplicasse a juros, onde não houvesse risco. Observe que quaisquer que sejam os pretextos dos professores ou pregadores, como desculpa de sua preguiça, a verdadeira razão é uma indiferença reinante para com os interesses de Cristo e do seu reino, e sua frieza resultante. Eles não se preocupam com o fato de que o Evangelho se firme, ou perca terreno, desde que eles possam apenas

viver comodamente. 4. A mina é tirada dele, v. 24. É adequado que aqueles que não usam os seus dons, os percam, e que aqueles que negociam de maneira desleal não sejam mais merecedores de confiança. Aqueles que não servem ao seu Mestre com o que Ele lhes concede, por que deveriam ter permissão de ter proveito disto? “Tirai-lhe a mina.” 5. A mina é dada àquele que tinha dez minas. Quando os espectadores objetaram contra isto, porque ele já tinha recebido muito (“Senhor, ele tem dez minas”, v. 25), a resposta foi (v. 26): “A qualquer que tiver ser-lhe-á dado”. É a lei da justiça. (1) Que aqueles que foram mais esforçados sejam mais incentivados, e que aqueles que se dedicaram a fazer o bem tenham as suas oportunidades de fazê-lo ampliadas, e sejam colocados em uma esfera mais elevada e mais abrangente de utilidade. Àquele que tem, mais será dado, para que ele possa ter a capacidade de ganhar mais. (2) Que aqueles que têm seus dons e não lhes dão nenhum objetivo, como se não os tivessem, que não fazem nenhum bem com eles, sejam destituídos deles. Àqueles que se empenham para aumentar a graça que têm, Deus distribuirá mais. Aqueles que a negligenciam, e permitem que ela diminua, só podem esperar que Deus faça isto, também. Cristo faz esta advertência necessária aos seus discípulos para que, enquanto estão procurando honras na terra, não negligenciem seu trabalho, e não deixem de alcançar sua felicidade no céu.

3. Outra coisa que eles esperavam era que, quando o reino de Deus se manifestasse, o corpo da nação judaica imediatamente ficaria de acordo com ele, e se submeteria a ele, e toda a sua aversão a Cristo, e ao seu Evangelho, iriam desaparecer imediatamente; mas Cristo lhes diz que, depois da sua partida, a maioria deles continuaria na sua obstinação e rebelião, e isto seria a sua destruição. Isto está apresentado aqui: (1) Nas mensagens que os seus concidadãos enviavam ao seu senhor, v. 14. Eles não somente tinham se oposto a ele, enquanto estava na obscuridade. mas, quando foi à glória, para ser investido do seu reino, eles continuaram com a sua inimizade a Ele, protestando contra o seu domínio, dizendo, “Não queremos que este reine sobre nós”. [1] Isto se cumpriu através da infidelidade preponderante dos judeus, depois da ascensão de Cristo, e do estabelecimento do reino do Evangelho. Eles não desejavam submeter os seus pescoços ao jugo do Senhor, nem tocar o topo do seu cetro dourado. Eles disseram, “Rompamos as suas ataduras,” Salmos 2.1-3; Atos 4.26. [2] Esta é a linguagem de todos os que não crêem. Eles poderiam alegrar-se de que Cristo podia salvá-los,

mas eles não o desejavam reinando sobre eles. E Cristo é Salvador somente daqueles sobre os quais Ele é um príncipe, e daqueles que estão dispostos a obedecê-lo.

(2) Na condenação que eles receberam na volta do seu senhor: “Quanto àqueles meus inimigos…”, trazei-os aqui”, v. 27. Quando seus súditos fiéis forem promovidos e recompensados, então Ele se vingará dos seus inimigos, e, em particular, da nação judaica, cuja destruição aqui está descrita. Quando Cristo tiver estabelecido o seu reino do Evangelho, e conferido reputação ao ministério do Evangelho, então Ele virá para acertar as contas com os judeus; então será recordado que eles tinham particularmente repudiado o seu ministério real, e protestado contra ele, quando disseram, “Não temos rei, senão o César” (Jo 19.15), e não o reconheciam como seu rei. Eles apelaram a César, e a César irão; César será a sua destruição. Então, o reino de Deus apareceu quando a vingança se abateu sobre aqueles inimigos irreconciliáveis de Cristo e do seu governo; eles serão trazidos diante dele, e mortos. Nunca houve tantas mortes, em nenhuma guerra, como nas guerras dos judeus. Esta nação viveu para ver o cristianismo vitorioso no mundo gentio, apesar da sua inimizade e oposição a ele, e então foi eliminada, como lixo. A ira de Cristo caiu sobre eles até o fim (1 Ts 2.15, 16), e a sua destruição contribuiu muito para a honra de Cristo e a paz da igreja. Mas isto se aplica a todos os demais, que persistem na sua infidelidade, e que, sem dúvida, perecerão nela. Observe: [1] A destruição total será, certamente, o destino de todos os inimigos de Cristo – no dia da vingança, todos eles serão trazidos diante dele, e serão mortos. Tragam-nos aqui, para dar um espetáculo aos santos e anjos; veja Josué 10.22,24. Tragam-nos aqui, para que possam ver a glória e a felicidade de Cristo e de seus seguidores, aos quais eles odiaram e perseguiram. Tragam-nos aqui, para que sejam rejeitadas suas alegações e, recebam a sentença, segundo seus méritos. Trazei-os aqui e matai-os diante de mim, como Agague, diante de Samuel. O Salvador que eles desprezaram, permanecerá, e os verá mortos, e não intercederá em seu favor. [2] Aqueles que não tiverem Cristo reinando sobre si, serão considerados seus inimigos, e tratados como tais. Estamos dispostos a pensar que ninguém é inimigo de Cristo, a não ser os perseguidores do cristianismo, ou pelo menos os escarnecedores. Mas podemos ver que aqueles que quiserem ser senhores de si mesmos serão considerados como os que sentem aversão pelos termos da salvação, e que

não se submeterão ao jugo de Cristo. Observe que quem não for regido pela graça de Cristo, será, inevitavelmente, destruído pela ira de Cristo.

A Entrada de Cristo em Jerusalém

vv. 28-40

Aqui temos o relato da entrada de Cristo, com algum triunfo (pois assim foi) em Jerusalém, o mesmo relato que já lemos anteriormente, nos textos de Mateus e Marcos; portanto, aqui, vamos somente observar:

I Jesus Cristo estava disposto e entusiasmado a sofrer e a morrer por nós. Ele seguiu adiante, constrangido em seu espírito, a Jerusalém, sabendo muito bem as coisas que lhe iriam acontecer ali, e ainda assim, Ele "ia caminhando adiante, subindo para Jerusalém", v. 28. Ele ia à frente do grupo, como se desejasse ardentemente chegar ali, sem demora, ansioso por trabalhar, por entrar no campo e iniciar a ação. Ele esteve tão disposto a sofrer e morrer por nós, e será que nós retrocedemos quando se trata de qualquer serviço que possamos realizar por Ele?

II Não era, de nenhuma maneira, incoerente, nem com a humildade de Cristo, ou com o seu atual estado de humilhação, fazer uma entrada pública em Jerusalém um pouco antes de morrer. Assim Ele conseguiu ser mais notado, para que a ignomínia da sua morte pudesse parecer maior.

III Cristo tem direito ao domínio sobre todas as criaturas e pode usá-las quando e como desejar. Nenhum homem tem uma propriedade, no seu patrimônio, sobre Cristo, mas o seu direito é anterior e superior. Cristo mandou buscar uma jumenta e seu filhote, do seu proprietário e senhor, quando teve oportunidade para que estes o servissem, e pudessem fazê-lo, pois todos os animais da floresta pertencem a Ele, e os animais domesticados, também.

IV Cristo tem os corações de todos os homens, tanto sob seus olhos, quanto na sua mão. Ele pôde influenciar aqueles a quem pertenciam a jumenta e o jumentinho, para que permitissem que eles os levassem, bastando que

dissessem que o Senhor precisava deles.

V Aqueles que vão cumprir missões dadas por Cristo, têm garantido o bom êxito (v. 32): Aqueles que foram enviados, encontraram o que Jesus lhes dissera que encontrariam, e os proprietários dispostos a abrir mão deles. É um consolo para os mensageiros de Cristo, o fato de que eles encontrarão o que foram buscar, conforme a necessidade do Senhor e da sua obra.

VI Os discípulos de Cristo, que iam buscar para Ele, com outros, aquilo que Ele desejava utilizar, e que eles não possuíam, não deviam pensar que isto era suficiente, mas, o que quer que eles tivessem e com que Ele pudesse ser servido e honrado, com isto eles deveriam estar prontos a servi-lo. Muitos, que não desejam ter nenhuma despesa, podem desejar servir a Cristo às custas de outros. Mas estes discípulos não somente apanharam o jumentinho para Ele, como também lançaram sobre ele suas próprias vestes, desejando que elas fossem usadas como os arreios enfeitados que Ele usaria.

VII O triunfo de Cristo é o motivo do louvor de seus discípulos. Quando Cristo já chegava perto de Jerusalém, Deus despertou, de repente, o coração de toda a multidão dos discípulos, não somente dos doze, mas de muitos mais, que eram discípulos de forma mais geral, para que se regozijassem e louvassem a Deus (v. 37). E o fato de espalharem suas roupas pelo caminho (v. 36) era uma expressão normal de grande júbilo, como ocorria na Festa dos Tabernáculos. Observe: 1. Qual era o motivo, ou a causa, de sua alegria e louvor. Eles louvaram a Deus “por todas as maravilhas que tinham visto”, todos os milagres que Cristo tinha realizado, especialmente a ressurreição de Lázaro, que é mencionada em particular, João 12.17,18. Este trouxe outros à lembrança, pois os milagres e as graças mais recentes devem fazer com que nos lembremos dos milagres e das graças que recebemos há mais tempo. 2. Como eles expressaram sua alegria e seu louvor (v. 38): Bendito “Bendito o Rei que vem em nome do Senhor!” Cristo é o rei; Ele vem em nome do Senhor, revestido de autoridade divina, comissionado pelo céu a entregar a lei e um tratado de paz. Bendito seja Ele. Louvemos a Ele, que Deus prospere seu trabalho. Ele é bendito para sempre, e nós falaremos bem dele. Paz no céu. Que o Deus do céu envie paz e

sucesso à sua missão, e então haverá “glória nas alturas”. E isto contribuirá para a glória do Deus altíssimo; e os anjos, os gloriosos habitantes do mundo superior, lhe darão a glória. Compare este cântico dos santos na terra, com o dos anjos, cap. 2.14. Os dois estão de acordo em dar “glória [a Deus], nas alturas”. Nisto se concentram os louvores de ambos; os anjos dizem, “Paz na terra”, alegrando-se com os benefícios que os homens, na terra, têm, por Cristo; os santos dizem, “Paz no céu”, alegrando-se com os benefícios que os anjos têm, por Cristo. Tal é a comunhão que temos com os santos anjos que, assim como eles se alegram com a paz na terra, também nós nos alegramos com a paz no céu, a paz que Deus faz nas suas alturas (Jó 25.2). E assim, todos nós estamos em Cristo, que reconciliou todas as coisas em si mesmo, tanto na terra como no céu.

VIII O triunfo de Cristo, e os alegres louvores dos seus discípulos devido a este triunfo são o motivo da irritação dos orgulhosos fariseus, que são inimigos de Cristo, e do seu reino. Na multidão, havia alguns fariseus que estavam longe de acompanhá-los neste louvor e adoração. Eles estavam furiosos com os discípulos do Senhor. Pensavam que Cristo, sendo um famoso exemplo de humildade, não aceitaria aclamações como estas; assim, esperavam que Ele repreendesse seus discípulos, v. 39. Mas é honroso para Cristo mostrar que Ele ignora o desdém dos orgulhosos, e aceita os louvores dos humildes.

IX Quer os homens louvem a Cristo ou não, Ele será louvado, e deverá ser louvado (v. 40): “Se estes se calarem” – e não cantarem os louvores do reino do Messias – “as próprias pedras clamarão” – para que Cristo não deixe de ser louvado. Isto se cumpriu, na verdade, integralmente: Quando os homens ofendiam a Cristo na cruz, em lugar de louvá-lo, e seus próprios discípulos afundavam em um profundo silêncio, a terra tremeu, e as pedras fenderam-se. Os fariseus desejavam silenciar os louvores a Cristo, mas não tiveram sucesso, pois assim como Deus pode, das pedras, suscitar filhos a Abraão, também pode, das bocas destes filhos, tirar o perfeito louvor.

A Destruição de Jerusalém É Predita e Lamentada

vv. 41-48

O grande Embaixador do céu faz aqui sua entrada pública em Jerusalém, não para ser respeitado ali, mas para ser rejeitado. Ele sabia em que ninho de víboras estava lançando-se e, ainda assim, veremos aqui dois exemplos de seu amor por este lugar, e de sua preocupação com ele.

I As lágrimas que Ele derramou, pela tão próxima destruição da cidade (v. 41): “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela”. Provavelmente, isto aconteceu quando Ele estava descendo do monte das Oliveiras, de onde tinha uma visão completa da cidade, toda a sua extensão, e os vários edifícios suntuosos que havia nela –seus olhos afetaram seu coração, e seu coração afetou seus olhos. Aqui vemos:

1. O espírito terno que havia em Cristo. Nós nunca lemos que Ele risse, mas freqüentemente o encontramos em lágrimas. Neste mesmo lugar, seu pai, Davi, chorou, e também aqueles que estavam com ele, embora todos fossem guerreiros. Estas são situações nas quais não causa menosprezo, aos homens mais fortes, esvair-se em lágrimas.

2. Que Jesus Cristo chorou em meio ao seu triunfo. Chorou quando todos ao seu redor estavam alegres, para mostrar quão pouco Ele se entusiasmava com o aplauso e as aclamações do povo. Desta maneira, Ele desejava nos ensinar que devemos nos alegrar com tremor, como se não nos alegrássemos. Se a Providência não ofuscar a graça de nosso triunfo, nós próprios, possivelmente, o faremos com nossas angústias.

3. Que Ele chorou sobre Jerusalém. Observe que existem cidades sobre as quais se deve chorar, e nenhuma deveria ser mais lamentada do que Jerusalém, que tinha sido a cidade santa, e a alegria de toda a terra, se fosse destruída. Mas, por que Cristo chorou ao ver Jerusalém? Terá sido porque “ali estava a cidade na qual Ele deveria ser traído, e preso, açoitado e cuspido, condenado e crucificado?” Não, Ele mesmo nos explica a razão de suas lágrimas.

(1) Jerusalém não tinha aproveitado o dia de suas oportunidades. O Senhor Jesus chorou, e disse: “Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia” – enquanto o Evangelho aqui é pregado, e a salvação te é oferecida por ele; se tu, pelo menos, refletisses, e compreendesses “o que à tua paz pertence” – a paz que podes ter com Deus, e a garantia do teu bem estar espiritual e eterno – mas “não conheceste o tempo da tua visitação”, v. 44. Sua maneira de falar é brusca: “Se conhecesses!” Alguns interpretam esta frase como aquela,

“Ah! Se o meu povo me tivesse ouvido!”, Salmos 81.13; Isaías 48.18. Ou, se tu conhecesses; como no episódio da figueira, cap. 13.9. Como isto teria sido bom para ti! Ou, “Se tivessem sabido, vocês teriam chorado por si mesmos, e Eu não teria motivos para chorar por vocês, mas, em vez disto, me alegraria”. As palavras que o Senhor Jesus diz, atribuem à própria Jerusalém toda a responsabilidade pela destruição iminente que ela sofreria. Observe: [1] Há coisas que pertencem à nossa paz, que todos nós temos interesse em conhecer e compreender: a maneira como se faz a paz, as ofertas de paz que são feitas, os termos sob os quais nós podemos ter o benefício da paz. As coisas que pertencem à nossa paz são aquelas coisas que estão relacionadas com nosso bem-estar, tanto no presente como no futuro; devemos nos dedicar a conhecer estas coisas. [2] Existe um tempo de visitação, quando as coisas que pertencem à nossa paz podem nos ser dadas a conhecer, para um bom objetivo. Quando desfrutarmos plenamente dos meios da graça, e tivermos a palavra de Deus vigorosamente pregada a nós, quando o Espírito Santo estiver em nós, e nossas próprias consciências estiverem atemorizadas e alertas, então será o tempo da visitação, que nós deveremos aproveitar. [3] Se, no final deste seu dia forem abertos os olhos daqueles que, por muito tempo, negligenciaram o tempo da sua visitação, e eles refletirem sobre si mesmos, ainda será possível que tudo fique bem com eles. Aqueles que vierem à vinha perto da hora undécima não serão rejeitados. [4] A surpreendente tolice das multidões que aproveitam os meios da graça: O fato de não aproveitarem o dia de suas oportunidades lhes trará conseqüências fatais. As coisas da sua paz lhes são reveladas, mas eles não se importam com elas, nem as levam em consideração. Escondem os olhos delas, como se não fossem merecedoras de serem notadas. Eles não se dão conta do tempo e do dia fixados para a salvação, e permitem que eles lhes escapem e pereçam, devido ao mero descuido. Ninguém é tão cego como aquele que não quer ver. Nem tem as coisas da sua paz mais certamente encobertas aos seus olhos, do que aqueles que lhes dão as costas. [5] O pecado e a tolice daqueles que persistem no desprezo pela graça do Evangelho são uma grande tristeza ao Senhor Jesus, e também devem ser para nós. Ele olha com os olhos cheios de lágrimas para as almas perdidas, que continuam impenitentes, e que rumam diretamente para a própria destruição. Ele preferiria que eles dessem meia-volta e vivessem, em lugar de continuarem no caminho que estão e morrerem, pois Ele não deseja que

ninguém pereça.

(2) Jerusalém não pode escapar ao dia de sua desolação. As coisas da sua paz estão agora, de certa maneira, encobertas aos seus olhos. E estarão completamente encobertas, em breve. Pouco tempo depois disto, o Evangelho foi pregado a eles pelos apóstolos. Toda a casa de Israel foi chamada para saber, definitivamente, que Cristo era a sua paz (At 2.36), e multidões se convenceram e se converteram. Mas, quanto ao corpo da nação, e sua liderança, eles estavam encerrados sob a descrença. “Deus lhes deu espírito de profundo sono”, Romanos 11.8. Eles eram tão preconceituosos e enfurecidos contra o Evangelho, e contra aqueles poucos que o tinham aceitado, que somente um milagre da divina graça (como aquele que converteu a Paulo) poderia operar sobre eles. E não se poderia esperar que tal milagre se realizasse, e assim foram, com razão, entregues à imparcialidade e à dureza da justiça. As coisas da paz não estão encobertas aos olhos das pessoas em particular; mas parece tarde demais para pensar, agora, na nação dos judeus se tornando uma nação cristã, aceitando a Cristo. Portanto, eles estão destinados à destruição que Cristo aqui prevê e prediz, como uma conseqüência segura de sua rejeição a Cristo. Observe que negligenciar a grande salvação, freqüentemente traz os juízos temporais sobre um povo. Assim aconteceu com Jerusalém, menos de quarenta anos depois disto, quando tudo o que Cristo predisse aqui, cumpriu-se com exatidão. [1] Os romanos sitiaram a cidade, cavaram um fosso ao seu redor, cercaram-na e mantiveram seus habitantes presos em seu interior por todos os lados. Josefo relata que Tito ergueu, com extrema rapidez, uma muralha que circundava a cidade, e eliminou todas as esperanças de fuga. [2] Eles a derrubaram ao chão. Tito ordenou a seus soldados que escavassem a cidade, e toda a sua área foi nivelada, com exceção de três torres (veja a história das guerras dos judeus, de Josefo, liv. 5, cap. 27; liv. 7, cap. 1). Não apenas a cidade, mas também os cidadãos foram derrubados (a ti e a teus filhos) pelo cruel massacre que sofreram. Praticamente, não sobrou pedra sobre pedra. Isto, porque tinham crucificado a Cristo. Isto, porque eles não conheceram o dia da sua visitação. Que as outras cidades e nações recebam esta advertência!

II O zelo que Jesus mostrou pela purificação do Templo. Embora ele devesse ser destruído dentro de pouco tempo, não era motivo para que

não se cuidasse dele, enquanto isto.

1. Cristo o limpou daqueles que o profanavam: “Entrando no Templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam”, v. 45. Com isto (embora Ele fosse representado como um inimigo do templo, e este foi o crime de que Ele foi acusado diante do sumo sacerdote), Ele demonstra que tinha um amor pelo Templo mais verdadeiro do que aqueles que tinham a mesma veneração pelo seu corbã, o seu tesouro, como se fosse algo sagrado, pois a sua glória estava mais na sua pureza do que na sua riqueza. Cristo deu razões para desalojar os mercadores do Templo, v. 46. O Templo é casa de oração, consagrado para a comunhão com Deus: os compradores e vendedores fizeram dele um covil de salteadores, pelos negócios fraudulentos que eram realizados ali, o que, de nenhuma maneira, devia ser permitido, pois seria uma distração para aqueles que vinham até ali para orar.

2. O Senhor Jesus deu ao templo o melhor uso que jamais lhe havia sido dado, pois “todos os dias ensinava no templo”, v. 47. Observe que não é suficiente que a corrupção de uma igreja seja expurgada, mas a pregação do Evangelho deve ser incentivada. Agora, quando Cristo pregava no Templo, observe aqui: (1) Como os líderes da sinagoga se mostravam rancorosos contra Ele. Como eram persistentes em procurar uma oportunidade, ou melhor, um pretexto, para prejudicá-lo (v. 47): Os “principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo”, o grande Sinédrio, aqueles que deveriam ter seguido Jesus, e convocado o povo para que também o seguisse, procuravam destruí-lo, e levá-lo à morte. (2) Que grande respeito o povo tinha por Ele. “O povo pendia para Ele, escutando-o”. O Senhor Jesus passou a maior parte de seu tempo pregando e ensinando nas cidades, vilarejos e aldeias. Ele não pregou muitas vezes no Templo; mas, quando o fez, o povo lhe dedicou grande respeito, comparecendo à sua pregação com diligência, e não perdendo a oportunidade de ouvi-lo, comparecendo com carinho e não perdendo nem uma só palavra. Alguns assim interpretam: Todo o povo, ao ouvi-lo, ficou do seu lado; e assim, isto surge como uma razão muito apropriada pela qual os seus inimigos não conseguiram encontrar nada que pudessem fazer contra Ele; eles viam o povo pronto para atacá-los, se lhe fizessem algum mal. Até a chegada de sua hora, o interesse que as pessoas tinham por Ele o protegeu; mas, quando sua hora chegou, a influência dos principais dos sacerdotes sobre o povo o levou

à morte.

CAPÍTULO 20

Neste capítulo, temos: I. Resposta de Cristo aos principais dos sacerdotes a respeito de sua autoridade, vv. 1-8. II. Parábola da vinha, arrendada aos lavradores injustos e rebeldes, vv. 9-19. III. Resposta de Cristo à pergunta que lhe fizeram a respeito de ser lícito pagar tributo a César, vv. 20-26. IV. Sua defesa daquela grande doutrina fundamental das instituições judaicas e cristãs: a ressurreição dos mortos e a condição futura, diante das críticas tolas dos saduceus, vv. 27-38. V. O desconcerto que Ele causou aos escribas, com uma pergunta a respeito de o Messias ser o Filho de Davi, vv. 39-44. VI. O conselho que Ele deu aos seus discípulos, para que se guardassem dos escribas, vv. 45-47. Todas estas passagens, nós já lemos antes nos Evangelhos de Mateus e Marcos e, por este motivo, não necessitamos estudá-las aqui, exceto os detalhes que não havia naqueles textos.

Os Inimigos de Cristo Ficam Desconcertados

vv. 1-8

Nesta passagem da história, nada é acrescentado àquilo que já lemos nos textos dos outros evangelistas, exceto no primeiro verso onde lemos:

I Que naqueles dias Ele estava “ensinando o povo no Templo e anunciando o evangelho”. Observe que Cristo era um pregador do seu próprio Evangelho. Ele não somente nos comprou a salvação, mas também a deixou disponível para nós. O que é uma grande confirmação da verdade do Evangelho, e nos dá abundante incentivo para que a recebamos, pois recebê-la é um sinal de que o coração de Cristo estava nela. Da mesma maneira, confere honra aos pregadores do Evangelho, e ao seu trabalho, o fato de que eles sejam desprezados por um mundo vão – isto honra aos pregadores comuns do Evangelho. Cristo era condescendente com a habilidade das pessoas para pregar o Evangelho, e as ensinava. E, observe que quando Ele estava pregando o Evangelho ao povo, foi interrompido desta maneira. Observe que Satanás e seus ajudantes fazem tudo o que podem para impedir

a pregação do Evangelho ao povo, pois nada enfraquece mais o interesse do reino de Satanás.

II Que está escrito que seus inimigos “sobrevieram” a Ele – *epestesan*. Esta palavra é usada somente aqui, e dá a entender:

1. Que eles pensavam surpreendê-lo com esta pergunta; eles vieram até Ele, repentinamente, esperando encontrá-lo desprovido de uma resposta, como se isto não fosse algo em que Ele mesmo tivesse pensado.

2. Que eles pensavam que o amedrontariam com esta pergunta. Eles vieram sobre Ele, como um bloco, com violência. Mas como Ele poderia amedrontar-se com a ira dos homens, quando Ele tinha o poder de refreá-la, e transformá-la, para seu louvor? Desta mesma história, podemos aprender: (1) Que não se deve julgar estranho, se até mesmo aquilo que é evidente, for disputado, e inquirido, como uma coisa duvidosa, por aqueles que tapam os seus olhos para a luz. Os milagres de Cristo mostravam claramente com que autoridade Ele fazia estas coisas e fundamentava a sua comissão; e é isto que aqui está sendo investigado. (2) Aqueles que questionam a autoridade de Cristo, por não terem sido discipulados nos mais claros e evidentes princípios do Evangelho, terão a sua tolice manifestada a todos os homens. Cristo respondeu a estes sacerdotes e escribas com uma pergunta a respeito do batismo de João, uma pergunta simples, à qual o mais humilde entre as pessoas comuns conseguiria responder: era do céu ou dos homens? Todos eles sabiam que era do céu; não havia nada nele que tivesse uma característica ou tendência terrena, pois era todo celestial e divino. E esta pergunta os desconcertou, e os confundiu, e serviu para envergonhá-los perante o povo. (3) Não é estranho que aqueles que são regidos pela reputação e pelos interesses seculares, retenham as verdades mais simples, e sufoquem e reprimam as mais fortes convicções, como faziam estes sacerdotes e escribas, que, para proteger sua credibilidade, não reconheciam que o batismo de João era do céu, e não tinham outro motivo pelo qual não diziam que era dos homens, exceto porque temessem a multidão. Que bem se pode esperar de homens que têm uma mentalidade como esta? (4) Aqueles que enterram o conhecimento que possuem, têm, com razão, negado qualquer conhecimento adicional. Era justo que Cristo se recusasse a prestar contas da sua autoridade àqueles que sabiam que o batismo de João era do céu, e não criam nele, nem reconheciam o seu conhecimento, vv. 7,8.

Os Lavradores e a Vinha

vv. 9-19

Cristo contou esta parábola contra aqueles que estavam decididos a não reconhecer a sua autoridade, embora a evidência dela fosse tão completa e convincente – e ela vem, muito oportunamente, mostrar que ao questionarem a sua autoridade, eles perderam a deles. O fato de renegarem o Senhor da sua vinha era um cancelamento do seu arrendamento da vinha, e a suspensão de todos os seus direitos.

I A parábola não apresenta aqui nada além do que tivemos antes, nos Evangelhos de Mateus e Marcos. O seu escopo consiste em mostrar que a nação dos judeus, ao perseguir os profetas, e, de maneira especial, o próprio Cristo, levou Deus a remover deles todos os privilégios da igreja, e a abandoná-los à destruição. Esta parábola nos ensina: 1. Que aqueles que desfrutam dos privilégios da igreja visível são como inquilinos e lavradores que têm uma vinha da qual cuidar, e um aluguel a pagar por ela. Deus, ao estabelecer a religião revelada e ordens instituídas no mundo, plantou uma vinha, que Ele arrenda às pessoas entre as quais está o seu Tabernáculo, v. 9. E estas pessoas têm trabalho a fazer na vinha, um trabalho necessário e constante, mas agradável e lucrativo. Embora o homem estivesse, devido ao pecado, condenado a cultivar o solo, aqueles que têm um lugar na igreja são restaurados àquele que era o trabalho de Adão na inocência, cuidar do jardim, e conservá-lo; pois a igreja é um paraíso, e Cristo é a árvore da vida que há nele. Os inquilinos também devem apresentar os frutos da vinha ao Senhor da vinha. Há aluguéis a serem pagos, e serviços a serem realizados, que, embora não sejam proporcionais ao valor da área, ainda assim devem ser realizados e pagos. 2. Que o trabalho dos ministros de Deus é convocar aqueles que desfrutam os privilégios da igreja, para que produzam frutos que estejam de acordo com a vocação a que foram chamados. Eles são os inquilinos de Deus, encarregados da colheita, de lembrar os lavradores das suas dívidas, ou melhor, lembrá-los de que eles têm um Senhor que espera ter notícias deles, e receber alguma espécie de reconhecimento da dependência que eles têm dele, e das obrigações para com Ele, v. 10. Os profetas do Antigo Testamento foram enviados com esta missão à igreja

judaica: exigir dela a obrigação e a obediência que ela devia a Deus. 3. Que sempre foi a sorte dos servos fiéis de Deus, serem desprezivelmente maltratados pelos seus próprios arrendatários; eles foram espancados e tratados de maneira vergonhosa por aqueles que decidiram enviá-los de volta vazios. Aqueles que estão decididos a não cumprir sua obrigação para com Deus não podem suportar ser convocados para fazê-la. Alguns dos melhores homens do mundo tiveram os piores maus tratos, por seus melhores serviços. 4. Que Deus enviou seu Filho ao mundo, para continuar com o mesmo trabalho que tinham os profetas: colher os frutos da vinha para Deus. E poderíamos pensar que Ele teria sido reverenciado e bem recebido. Os profetas falavam como servos: "Assim diz o Senhor"; mas Cristo, como Filho, falava como o seu Pai: "Em verdade, vos digo". Conceder-lhes uma honra como esta, de enviar o seu Filho (alguém poderia pensar), deveria tê-los conquistado. 5. Que aqueles que rejeitam os ministros de Deus rejeitariam o próprio Cristo, se Ele viesse até eles; pois isto foi provado, e descoberto, uma vez que os perseguidores e assassinos dos seus servos, os profetas, eram perseguidores e assassinos dele mesmo. Eles disseram: "Este é o herdeiro. Vinde, matemo-lo". Quando mataram os servos, outros servos foram enviados. "Mas, se nós provocarmos a morte do Filho, nunca haverá outro Filho que seja enviado, e então não seremos mais perturbados com estas exigências; nós poderemos tomar posse tranqüilamente da vinha, para nós mesmos". Os escribas e fariseus prometeram a si mesmos que, se conseguissem remover Cristo do caminho, eles seriam, para sempre, mestres da igreja judaica; e, por isto, eles deram o ousado passo, eles o expulsaram da vinha, e o mataram. 6. Que o fato de que conduzissem Cristo à morte completava a sua iniqüidade, e trazia sobre eles a destruição irremediável. Nada mais poderia ser esperado, além do fato de que Deus destruísse estes lavradores perversos. Eles começaram não pagando o aluguel, mas depois passaram a espancar e matar os servos, e, finalmente, o seu próprio Mestre. Observe que aqueles que vivem negligenciando o seu dever para com Deus não conhecem o nível de pecado e destruição com que se deparam.

II Para a aplicação da parábola, aqui está acrescentada a súplica – que não lemos antes – que eles fizeram à condenação que está incluída na parábola (v. 16): "Ouvindo eles isso, disseram: Não seja assim!", *Me genoito – Que*

isto não aconteça, pode-se interpretar assim. Embora eles não pudessem deixar de reconhecer que para um pecado como este, tal punição era justa, eles não conseguiram suportar ouvir isto. Observe que é um exemplo da tolice e da estupidez dos pecadores que eles permaneçam e perseverem nos seus caminhos de pecado, embora, ao mesmo tempo, tenham a previsão e o temor da destruição que se encontra no final destes caminhos. E veja o engano a que eles se submetem, pensando que poderiam evitar a destruição através de um frio "Não seja assim", quando, na verdade, não poderiam fazer nada para evitá-la; mas isto tornará sem efeito a ameaça? Não, eles verão qual palavra prevalecerá, se a de Deus ou a deles. Observe o que Cristo disse, em resposta a esta infantil deprecação da sua destruição. 1. Ele olhou para eles. Somente este evangelista observa isto, v. 17. Ele olhou para eles com piedade e compaixão, lamentando vê-los enganando a si mesmos, para a sua própria destruição. Ele olhou para eles, para ver se eles se envergonhavam da sua própria tolice, ou se podia discernir, em suas fisionomias, algum indício de abrandamento. 2. Ele os lembrou das Escrituras: "Que é isto, pois, que está escrito?" Como vocês podem escapar ao julgamento de Deus, quando não podem evitar a exaltação daquele a quem vocês desprezam e rejeitam? A palavra de Deus disse, "A pedra que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça da esquina". O Senhor Jesus será exaltado para estar à direita do Pai. Ele tem todo o juízo e todo o poder conferidos a si. Ele é a pedra fundamental, e a pedra angular da igreja; e, sendo assim, os seus inimigos não podem esperar nada além da própria destruição. Pois aqueles que o desprezam, os que são contrários a Ele, e que se escandalizam nEle, serão destruídos, isto será a sua destruição; mas quanto àqueles que não somente o rejeitaram, mas o odiaram e perseguiram, como fizeram os judeus, Ele cairá sobre eles e os deixará em pedaços, os reduzirá a pó. A condenação dos perseguidores vingativos será muito mais amarga do que a dos incrédulos despreocupados.

Finalmente, nós lemos como os principais dos sacerdotes e os escribas ficaram exasperados com esta parábola (v. 19): Eles "entenderam que contra eles dissera esta parábola"; e realmente a dissera contra eles. Uma consciência culpada não precisa de acusador; mas eles, em vez de ceder às convicções da consciência, se enfureceram contra aquele que despertou este leão adormecido em seus seios, e procuravam lançar mão dele naquela mesma hora. A sua corrupção rebelou-se contra as suas convicções e

conseguiu a vitória. E não foi porque eles tivessem algum medo de Deus ou da sua ira diante dos seus olhos, mas foi somente porque temiam o povo, que eles não se atiraram ao rosto dele, e não o pegaram pela garganta. Eles estavam prontos para cumprir as suas palavras: “Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo”. Observe que, quando os corações dos filhos dos homens estão dispostos a fazer o mal, os mais justos avisos, tanto do pecado que estão prestes a cometer, quanto das conseqüências dele, não os impressionam. Cristo lhes diz que, em vez de beijar o Filho de Deus, eles iriam matá-lo, ao que eles poderiam ter dito, “Que é teu servo, que não é mais do que um cão?” Mas na verdade, eles dizem o seguinte: Realmente; vamos fazê-lo agora. E, embora eles protestem contra a punição do pecado, no instante seguinte eles estão planejando a realização dele.

Os Inimigos de Cristo Ficam Desorientados

vv. 20-26

Aqui temos Cristo evitando uma armadilha que seus inimigos lhe haviam preparado, propondo-lhe uma pergunta sobre tributos. Já lemos esta passagem anteriormente, tanto no texto de Mateus quanto no de Marcos. Aqui temos:

I A cilada armada para Jesus, que é narrada aqui com mais detalhes do que nos outros textos. O plano era entregá-lo “à jurisdição e poder do governador”, v. 20. Eles não podiam condená-lo à morte pela lei, nem de outra maneira, a não ser por um tumulto popular, coisa em que não podiam confiar; e, como não podiam ser seus juízes, eles voluntariamente condescenderam em ser seus acusadores, informando-se contra Ele. Eles esperavam obter o que desejavam, se conseguissem apenas inflamar o governador contra Ele. Observe que é um truque comum dos perseguidores dos líderes da igreja fazer dos poderes seculares as ferramentas para a sua maldade, e obrigar os reis da terra a realizarem o trabalho duro e sujo. Estes reis da terra, se não tivessem sido instigados, teriam permitido que os seus vizinhos vivessem tranqüilamente ao seu lado, como Pilatos permitiu que Cristo vivesse, até que os principais dos sacerdotes e os escribas o trouxeram. Mas desta maneira, a palavra de Cristo deveria ser cumprida pela

maldita política daqueles homens – para que Ele pudesse ser entregue nas mãos dos gentios.

II As pessoas que eles usaram. Mateus e Marcos nos contam que eram discípulos dos fariseus, e que incluíam alguns herodianos. Aqui temos a informação adicional de que eram “espias que se fingiam de justos”. Observe que não é novidade que os homens maus aparentem ser homens justos, e que disfarcem os projetos mais malévolos com os pretextos mais plausíveis e aceitáveis. O diabo pode se transformar em anjo de luz. E um fariseu pode aparecer vestido de discípulo de Cristo, e falar como tal. Um espia deve apresentar-se disfarçado. Estes espias aparentam apreciar o julgamento de Cristo, e confiar nele, como se fosse um oráculo e, portanto, fingem desejar seu conselho por uma questão de consciência. Observe que os ministros devem se preocupar em ficar em guarda contra aqueles que aparentam ser homens justos, e ser prudentes como serpentes quando estão no meio de uma raça de víboras e escorpiões.

III A pergunta que eles fizeram a Jesus, e com a qual esperavam fazê-lo cair na armadilha. 1. Seu prefácio é muito cortês: “Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente”, v. 21. Assim eles pensavam adulá-lo, levando-o a uma descuidada liberdade e abertura com eles, conseguindo, assim, o seu intento. Aqueles que são orgulhosos, e que adoram ser elogiados, serão levados a fazer qualquer coisa por aqueles que apenas os adulam e falam gentilmente com eles; mas estavam muito enganados aqueles que pensavam que conseguiriam, desta maneira, dominar o humilde Jesus. Ele não se alegrava com o testemunho de tais hipócritas, nem se considerava honrado por eles. É verdade que Ele não aceita a todos, mas também é verdade que Ele conhece os corações de todos, e conhecia os deles, e as sete abominações que ali havia, embora eles aparentassem ser justos. É verdade que o Senhor Jesus ensinava o caminho de Deus, verdadeiramente; mas sabia que aqueles que vinham para apanhá-lo em alguma palavra, e não para aceitá-la, eram indignos de serem ensinados por Ele. 2. Sua pergunta era muito interessante: “É-nos lícito (isto é acrescentado por Lucas) dar tributo a César” – nós, judeus; nós, a semente de Abraão nascida livre; nós, que pagamos o tributo do Senhor, devemos dar tributo a César? O seu orgulho e a sua cobiça os faziam odiar ter que pagar

tributos, e por isso eles faziam esta pergunta (sobre isto ser lícito ou não). Se Cristo dissesse que era lícito, o povo não gostaria, pois eles esperavam que aquele que dizia ser o Messias, em primeiro lugar, os libertasse do jugo romano, e os apoiasse, negando tributos a César. Mas se Ele dissesse que não era lícito, como eles esperavam que Ele dissesse (pois se Ele não pensasse assim, entenderiam que Ele não poderia ser tão amado pelo povo, como era), então teriam alguma coisa de que acusá-lo ao governador, e isto era o que eles queriam.

IV A fuga de Cristo, da armadilha que tinham preparado para Ele: Ele entendeu a astúcia deles, v. 23. Observe que aqueles que são mais ardilosos em seus desígnios contra Cristo e o seu Evangelho não conseguem, nem com toda a sua arte, escondê-los do conhecimento dEle. Ele consegue ver através dos disfarces mais políticos, e assim escapar da mais perigosa armadilha; pois, na verdade, “debalde se estenderia a rede perante os olhos de qualquer ave”, Provérbios 1.17. Ele não lhes dá uma resposta direta, mas os repreende por se oferecerem para provocá-lo: “Por que me tentais?” e pediu uma moeda, uma moeda comum entre os comerciantes: “Mostrai-me uma moeda”; e perguntou-lhes a quem pertencia o dinheiro, qual imagem trazia, quem a cunhava. Eles responderam, “De César”. “Muito bem”, disse Cristo, em outras palavras, “vocês deveriam, antes de mais nada, ter perguntado se era lícito pagar e receber com o dinheiro de César entre vocês mesmos, e admitir que este é o instrumento do seu comércio. Mas, tendo reconhecido isto, de comum acordo, vocês concluíram, pelo seu próprio ato, e, sem dúvida, que devem dar tributo àquele que lhes ofereceu esta conveniência para o seu comércio, protegendo-o e emprestando a sanção da sua autoridade, atribuindo, assim, valor ao seu dinheiro”. “Dai, pois, a César o que é de César”. “Nas questões civis, vocês devem se submeter às autoridades civis, e sendo assim, se César os protege nos seus direito civis, por leis e pela administração da justiça, vocês devem pagar tributo a ele; mas nas questões sagradas, somente Deus é o seu Rei. Vocês não são obrigados a ter a mesma religião de César; vocês devem dar ‘a Deus, o que é de Deus’, devem adorar a Ele, e a nenhuma imagem dourada que César edifique” – e nós devemos adorá-lo da maneira como Ele indicou, e não de acordo com as invenções de César. Somente Deus tem autoridade para dizer, “Dá-me, filho meu, o teu coração”, Provérbios 23.26.

VA confusão em que se viram colocados, v. 26. 1. A armadilha se quebrou eles “não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo”. Eles não conseguiram agarrar-se a nada que pudesse inflamar nem o governador nem o povo contra Ele. 2. Cristo é honrado – até mesmo a ira do homem foi feita para honrá-lo. Eles se maravilharam com a sua resposta, pois foi muito discreta e irrepreensível, e tal evidência daquela sabedoria e sinceridade faziam brilhar o rosto. 3. Suas bocas se fecharam: “Maravilhados com sua resposta, calaram-se”. Eles não conseguiram nada para objetar, e não lhe perguntaram mais nada, para que Ele não os envergonhasse e não os expusesse.

A Crítica dos Saduceus

vv. 27-38

Esta conversa com os saduceus nós já lemos antes, exatamente como aqui, exceto que a descrição que Cristo faz da condição futura é aqui um pouco mais completa. Observe:

IEm todas as gerações, houve homens de mentes corruptas, que se empenharam em subverter os princípios fundamentais da religião revelada. Assim como agora existem deístas, que se dizem “livres-pensadores”, mas que, na realidade, são “falsos-pensadores”; também houve saduceus no tempo do nosso Salvador, que desafiaram a doutrina da ressurreição dos mortos, e a vida do mundo futuro, embora isto tivesse sido claramente revelado no Antigo Testamento, e fossem temas da fé judaica. Os saduceus negavam que existisse qualquer ressurreição, qualquer condição futura, e este pode ser o significado de *anastasis*; não somente não há retorno do corpo à vida, como também não há continuidade de vida para a alma, não há um mundo de espíritos, não há condição de recompensa e retribuição pelo que foi feito no corpo. Se todos estes conceitos forem removidos, a religião perde todo o seu sentido.

IIÉ comum que aqueles que desejam minar qualquer verdade de Deus a compliquem, e a encham de dificuldades. Foi isto que estes saduceus fizeram. Quando eles desejaram enfraquecer a fé das pessoas na doutrina da

ressurreição, eles propuseram uma pergunta sobre esta hipótese, que eles pensavam que não poderia ser respondida satisfatoriamente de nenhuma maneira. O caso talvez fosse trivial, pelo menos poderia ser – era o caso de uma mulher que havia tido sete maridos. Na ressurreição, de qual deles ela seria a esposa? Entretanto, não era importante de quem ela tinha sido, pois quando a morte coloca um fim a uma relação, ela não é retomada.

III Existe uma grande diferença entre a situação dos filhos dos homens na terra e a dos filhos de Deus no céu; uma imensa diferença entre este mundo e aquele; e nós nos prejudicamos, e prejudicamos a verdade de Cristo, quando formamos a noção daquele mundo espiritual segundo os nossos prazeres atuais neste mundo dos sentidos.

1. "Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento", *hyioi tou aionos toutou* – os filhos desta época, desta geração, tanto os bons quanto os maus, se casam e dão seus filhos em casamento. Grande parte do que temos que fazer neste mundo é criar e construir famílias, e sustentá-las. Grande parte do nosso prazer neste mundo está nos nossos parentes, nossas esposas e nossos filhos; a natureza tende a isto. O casamento foi instituído para o consolo da vida humana, nesta condição na qual nós temos corpos humanos. Da mesma maneira, ele também é uma solução contra a fornicação, para que os desejos naturais não se tornem brutais, mas estejam controlados. Os filhos deste mundo estão morrendo e deixando a cena, e por isto eles se casam e dão os seus filhos em matrimônio, para que possam dotar o mundo da humanidade dos recrutas necessários, para que quando uma geração morrer, outra possa ocupar o seu lugar. Eles também o fazem para que tenham uma descendência a quem possam deixar o fruto do seu trabalho, especialmente para que os eleitos de Deus, em gerações futuras, possam ser apresentados; o Senhor busca uma semente de piedosos que é gerada através do casamento (Ml 2.15), uma semente que servirá ao Senhor, e que será uma geração para Ele.

2. O mundo futuro é bastante diferente. Ele é chamado de "mundo vindouro" com o objetivo de ênfase e eminência. Observe que existe mais do que um mundo; um mundo atual e visível, e um mundo futuro e invisível; e é o interesse de cada um de nós comparar os dois mundos, este mundo e aquele mundo, e dar a preferência dos nossos pensamentos e preocupações ao mundo que merecê-las. Agora, observe:

(1) Quem serão os habitantes daquele mundo: Serão aqueles considerados dignos de obtê-lo, isto é, os que têm interesse no mérito de Cristo, que o comprou para nós, e têm uma santa adequação para aquele mundo, que é realizada neles pelo Espírito, cuja função é nos preparar para ele. Eles não têm um merecimento legal, por conta de qualquer coisa que haja neles, ou que seja feita por eles, mas um merecimento evangélico, por conta do preço inestimável que Cristo pagou pela redenção da possessão adquirida. É um merecimento imputado, pelo qual nós somos glorificados, assim como a justiça imputada, com a qual nós somos justificados; *kataxiothentes – eles são feitos de uma forma adequada àquele mundo*. O desagrado que existe na natureza corrupta é removido, e as disposições da alma são ajustadas, pela graça de Deus, em conformidade com aquela condição. Eles são, pela graça, feitos e considerados dignos de obter aquele mundo; isto sugere alguma dificuldade em alcançá-lo, e o perigo de não conseguir. Então devemos lutar e nos esforçar para que possamos obtê-la. Eles obterão a ressurreição dos mortos, isto é, a bendita ressurreição; pois a ressurreição da condenação (a que Cristo se refere, Jo 5.29), é uma ressurreição para a morte, a segunda morte, a morte eterna. Esta morte é ainda mais grave do que a morte que conhecemos neste mundo.

(2) Qual será a feliz condição dos habitantes daquele mundo, nós não conseguimos expressar nem imaginar, 1 Coríntios 2.9. Veja o que Cristo diz sobre ele, aqui. [1] Eles “nem hão de casar, nem ser dados em casamento”. Aqueles que entraram na alegria do seu Senhor são completamente tomados por ela, e não precisam da alegria que o esposo tem através da sua esposa. O amor naquele mundo de amor é completamente angelical, e assim sendo, eclipsa e perde os mais puros e mais agradáveis amores com que nos alegramos neste mundo dos sentidos. Onde o próprio corpo será um corpo espiritual, os prazeres dos sentidos serão todos banidos; e onde existe uma perfeição de santidade, não há lugar para o casamento como um impedimento ao pecado. Na nova Jerusalém não entra nada imundo. [2] Eles “já não podem mais morrer”; e isto é dito como uma razão pela qual eles não se casam. Neste mundo em que morremos, é necessário que exista o casamento, para preencher as vagas deixadas pela morte; mas, onde não há enterros, não há necessidade de casamentos. Isto coroa o consolo daquele mundo, pois ali não existe morte, o que mancha toda a beleza, e amortece todo o consolo deste mundo. Aqui reina a morte, mas ali ela está para

sempre excluída. [3] Eles “são iguais aos anjos”. Os outros evangelistas escreveram, “serão como os anjos” – *os angeloi*, mas aqui está escrito que eles “são iguais aos anjos”, *isangeloi* – amigos dos anjos; eles têm uma glória e uma felicidade que em nada é inferior à dos santos anjos. Eles terão a mesma visão, estarão empregados no mesmo trabalho, e compartilharão das mesmas alegrias que os santos anjos. Os santos, quando chegarem ao céu, serão naturalizados. E embora sejam naturalmente estranhos ao céu, obtiveram esta liberdade através do pagamento de uma grande fortuna, que Cristo pagou por eles. Agora eles têm, em todos os aspectos, os mesmos privilégios daqueles que são nascidos na liberdade, a saber, os anjos que são os nativos e aborígines deste lugar. Eles serão companheiros dos anjos, e conversarão com estes espíritos benditos que os amam profundamente, e com um grupo incontável, do qual agora passaram a fazer parte em fé, esperança e amor. [4] Eles são “filhos de Deus”, e desta maneira são como os anjos, que são chamados de filhos de Deus. Na herança dos filhos, a adoção dos filhos será concluída. Por isto está escrito que os crentes esperam “a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”, Romanos 8.23. Pois até que o corpo seja resgatado do sepulcro, a adoção não se completa. Agora somos filhos de Deus, 1 João 3.2. Nós temos a natureza e a disposição de filhos, que não será perfeita, no entanto, até que cheguemos ao céu. [5] Eles são os filhos da ressurreição, isto é, são capacitados para as tarefas e as alegrias da condição futura; eles nasceram para aquele mundo, pertencendo àquela família, tiveram aqui a sua educação para aquele mundo, e ali receberão a sua herança. Eles são “filhos de Deus”, sendo “filhos da ressurreição”. Observe que Deus só reconhece como seus filhos aqueles que são “filhos da ressurreição”, que nascem do alto, que são aliados do mundo dos espíritos, e preparados para aquele mundo; os filhos daquela família.

IV É uma verdade indubitável que existe outra vida depois desta, e houve importantes revelações desta verdade nos primeiros tempos da igreja (vv. 37,38): Moisés mostrou, junto da sarça, que os mortos hão de ressuscitar, quando chama ao Senhor Deus – assim como o Senhor se chamava – “Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó”. Abraão, Isaque e Jacó estavam mortos para o nosso mundo. Eles haviam deixado este mundo muitos anos antes, e seus corpos transformaram-se em pó na cova de Macpela. Como, então, poderia Deus dizer, em vez de Eu era, “Eu

sou o Deus de Abraão”? É absurdo que o Deus vivo e a Fonte de vida continuasse referindo-se a eles como seu Deus, se não havia mais nada deles, além do que estava naquela cova, indistinguível do pó comum. Portanto, nós devemos concluir que eles estariam existindo em outro mundo, pois “Deus não é Deus de mortos, mas de vivos”. Aqui, Lucas acrescenta, “porque para ele vivem todos”, isto é, todos aqueles que, como Abraão, Isaque e Jacó, são verdadeiros crentes. Embora eles estejam mortos, ainda assim, vivem. Suas almas, que retornaram ao Deus que as deu a eles (Ec 12.7), vivem para Ele, como Pai dos espíritos, E seus corpos viverão novamente, no final dos tempos, pela virtude de Deus; pois Ele chama as coisas que não são como se já fossem, pois Ele é o Deus que vivifica os mortos, Romanos 4.17. Mas, ainda há mais: quando Deus diz ser o Deus destes patriarcas, Ele quer dizer que Ele era a sua felicidade e o seu dote, um Deus que bastava a eles (Gn 17.1), o seu grandíssimo galardão, Gênesis 15.1. Fica claro, com base na história, que Deus nunca fez por eles, neste mundo, algo que pudesse corresponder ao verdadeiro intento e à completa extensão daquela grande missão. Portanto, é necessário que haja outra vida depois desta, na qual Ele fará isto por eles, o que resultará no cumprimento completo daquela promessa, de que Ele será o seu Deus, na plenitude e na força desta Palavra. E o Senhor pode muito bem fazer tudo isto e muito mais, pois para Ele todos vivem, e Ele tem os recursos necessários para fazer feliz toda alma que viver para Ele. O Senhor é suficiente para todos, e é suficiente para cada um.

Os Escribas Ficam Confundidos

vv. 39-47

Os escribas eram estudiosos da lei, e a explicavam para o povo, eram homens que tinham uma reputação de sabedoria e honra, mas, na sua grande maioria, eram inimigos de Cristo e do seu Evangelho. Aqui temos alguns escribas que o seguem, e nestes versos temos quatro coisas a respeito deles, que já vimos antes:

I Nós os vemos aqui elogiando a resposta que Cristo deu aos saduceus, a respeito da ressurreição: “Alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste

bem", v. 39. Cristo teve o testemunho de seus adversários, de que tinha falado muito bem. Portanto, os escribas eram seus inimigos, porque Ele não se posicionava em conformidade com as tradições dos anciãos, mas ainda assim, quando defendeu as práticas fundamentais da religião, e manifestou-se em defesa delas, até mesmo os escribas elogiaram seu desempenho, e reconheceram que Ele tinha falado muito bem. Muitos que se dizem cristãos não têm, na realidade, este espírito.

II Aqui nós os vemos assombrados com Cristo, e sua sabedoria e autoridade (v. 40): "Não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma" – porque eles diziam que Ele era severo demais com todos os que contendiam com Ele. Seus próprios discípulos, embora fracos, mas desejosos de receber sua doutrina, lhe faziam qualquer pergunta; mas os saduceus, que contradiziam e criticavam sua doutrina, não ousavam fazer-lhe nenhuma pergunta.

III Aqui nós os vemos desconcertados, e sem saída, com uma pergunta a respeito do Messias, v. 41. Estava claro, por várias Escrituras, que Cristo devia ser o Filho de Davi; até mesmo um cego sabia disto (cap. 18.39); e além disso, estava claro que Davi chamava o Messias de seu Senhor (vv. 42,44), seu proprietário, governante, e benfeitor: "Disse o Senhor ao meu Senhor". Deus disse isto ao Messias, Salmos 110.1. Mas, "se Davi lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" Se Ele é o seu Senhor, por que dizemos que Ele é seu Filho? Isto Cristo deixou para a consideração dos escribas, mas eles não puderam conciliar esta aparente contradição. Graças a Deus, nós podemos; porque Cristo, como Deus, era o Senhor de Davi, mas Cristo, como homem, era Filho de Davi. Ele é a Raiz e a Geração de Davi, Apocalipse 22.16. Por sua natureza humana, Ele é a geração de Davi, um ramo da sua família; por sua natureza divina, Ele é a Raiz de Davi, ou seja, Davi recebeu do Senhor Jesus a sua existência e vida, e toda a provisão da graça.

IV Nós os vemos aqui descritos com as suas piores características, além de um aviso público dado aos discípulos, para que se guardassem deles, vv. 45-47. Nós lemos isto, exatamente como aqui, em Marcos 12.38, e mais detalhadamente no capítulo 23 de Mateus. Cristo recomenda aos seus discípulos que se guardem dos escribas, isto é:

1. “Tomem cuidado para não ser levados ao pecado por eles, para não aprender seus caminhos, e para não agir conforme seus preceitos. Tomem cuidado com o espírito que os governa. Não sejam, na igreja cristã, como eles são na igreja judaica”.

2. “Tomem cuidado para não ser perturbados por eles”, com o mesmo sentido que Ele tinha dito antes (Mt 10.17), “Acautelai-vos, porém, dos homens, porque eles vos entregarão aos sinédrios”; “Guardai-vos dos escribas” – pois eles farão a mesma coisa. Cuidado com eles, pois: (1) São soberbos e presumidos. Eles “querem andar com vestes compridas”, como aqueles que não precisam trabalhar (pois os homens de negócios andavam com as roupas presas por um cinturão), e como aqueles que têm posses e um lugar de destaque na sociedade. *Cedant arma togae – que as armas se rendam à roupa*. Eles “amam as saudações nas praças”, para que todos possam ver o respeito que lhes é prestado; e se orgulham da preferência que lhes é dada em todos os lugares de grande presença de público. Ele “as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes”, e, quando sentados neles, se contemplam com grande arrogância, e contemplam todos ao seu redor com grande desprezo. “Estou assentada como rainha”, Apocalipse 18.7. (2) Eles são avarentos e opressores, e fazem da sua religião um disfarce para o crime. Eles “devoram as casas das viúvas”, controlam as suas propriedades, e então, com alguma artimanha, se apossam delas, ou vivem sustentados por elas, e comem o que elas têm – as viúvas são uma presa fácil para eles, porque podem ser enganadas por seus pretextos aparentemente plausíveis: pois fazem, “por pretexto, largas orações”. Esta expressão talvez se refira às longas orações que aqueles homens faziam com as viúvas quando elas estavam sofrendo, como se tivessem não apenas um interesse compassivo por elas, mas também piedoso, e assim conseguiam cair nas graças delas, e desta forma traziam o seu dinheiro e os seus bens às suas mãos. A homens assim devotos certamente se pode confiar uma tremenda quantidade de riquezas; o problema é que eles prestarão conta delas da maneira que julgarem adequado.

Cristo lhes diz, em poucas palavras, qual é o seu destino: “Estes receberão maior condenação”, uma condenação dobrada, tanto por abusarem das pobres viúvas, cujas casas devoram, quanto por usarem mal a religião, e particularmente a oração. Eles usavam a oração como um pretexto para

prosseguir de maneira mais plausível com os seus projetos mundanos perversos. Mas a devoção fingida é uma iniqüidade dobrada.

CAPÍTULO 21

Neste capítulo, temos: I. Uma viúva pobre atraindo a atenção de Cristo, e sendo elogiada por Ele por lançar duas moedas na arca do tesouro, vv. 1-4. II. Uma predição de eventos futuros, a seu próprio respeito, em resposta às perguntas dos discípulos, vv. 5-7. 1. Uma predição daquilo que iria acontecer entre a sua época e a destruição de Jerusalém – o surgimento de falsos cristos, guerras sangrentas e perseguições aos seguidores de Cristo, vv. 8-19. 2. Predição da destruição propriamente dita, vv. 20-24. 3. Predição da segunda vinda de Jesus Cristo, para julgar o mundo, sob o tipo e a figura da sua primeira vinda, vv. 25-33. III. Uma aplicação prática, sob forma de advertência e conselho (vv. 34-36), e um relato da pregação de Cristo e da presença do povo na sua pregação, vv. 37,38.

Cristo Elogia a Viúva Pobre

vv. 1-4

Nós já lemos esta breve passagem histórica no Evangelho de Marcos. Ela está registrada duas vezes, para nos ensinar: 1. Que a caridade para com os pobres é uma questão fundamental no Evangelho. Nosso Senhor Jesus aproveitava todas as oportunidades para elogiá-la e recomendá-la. Há pouco, Ele tinha mencionado a barbárie dos escribas, que devoravam viúvas pobres (cap. 20); e, talvez isto indique que ela era ainda mais grave, pois as viúvas pobres eram as legítimas e as melhores destinatárias dos fundos públicos, que eram geridos pelos escribas. 2. Que Jesus Cristo tem os olhos em nós, para observar o que damos aos pobres, e com que contribuímos para obras de devoção e caridade. Cristo, embora atento à sua pregação, ergueu os olhos, para ver quais ofertas eram lançadas na arca do tesouro, v. 1. Ele observa se damos em quantidade e de forma generosa, proporcionalmente ao que possuímos, ou se somos mesquinhos e sorrateiros ao fazê-lo; na verdade, os seus olhos vão mais além, Ele observa se damos com generosidade e com boa vontade, ou se o fazemos de má vontade e com

relutância. Isto deve nos provocar o medo de deixar de cumprir o nosso dever neste aspecto; os homens podem ser enganados com desculpas que Cristo sabe que são frívolas. E isto deveria nos incentivar a ser abundantes na nossa doação, sem desejar que os homens saibam disso; é suficiente que Cristo saiba; Ele vê em segredo, e irá recompensar abertamente. 3. Que Cristo observa e aceita a caridade dos pobres de uma maneira especial. Aqueles que não têm nada para dar podem ainda assim, realizar uma grande caridade ministrando aos pobres, e ajudando-os, e pedindo por aqueles que não têm como se sustentar, nem como pedir para si mesmos. Mas aqui estava uma mulher que era pobre, e ainda assim doou o pouco que tinha ao tesouro. Eram apenas duas pequenas moedas – uma quantia ínfima; mas Cristo a enalteceu como uma caridade superior a todas as demais: “lançou mais do que todos esta pobre viúva”. Cristo não a culpa pela imprudência de dar aquilo que iria lhe fazer falta, nem pela vaidade de fazer uma doação ao tesouro juntamente com os ricos; mas elogiou a sua generosidade e a sua disposição em participar com o pouco que tinha, para a glória de Deus, atitude que nascia da crença e da confiança de que a providência de Deus iria cuidar dela. *Jehovah-jireh – O Senhor proverá*. 4. Que, não importando o que seja chamado de oferta a Deus, nós devemos respeitá-la, e contribuir alegremente, dentro das nossas possibilidades, ou melhor, além delas. As moedas foram lançadas juntamente com as ofertas a Deus. O que é doado para o apoio do ministério e para a transmissão e a propagação do Evangelho, a educação dos jovens, a libertação de prisioneiros, a ajuda às viúvas e aos estrangeiros, e o sustento das famílias pobres, é doado como ofertas a Deus e assim será aceito e recompensado.

A Predição dos Julgamentos

vv. 5-19

Veja aqui:

I Com que admiração alguns falaram sobre a pompa e o esplendor externos do templo, inclusive alguns dos próprios discípulos de Cristo; e eles chamaram a sua atenção para a maneira como ele era “ornado de formosas pedras e dádivas”, v. 5. O exterior estava construído com formosas pedras, e

o seu interior era embelezado e enriquecido com os presentes que eram oferecidos com este objetivo, e ficavam suspensos nele. Os discípulos pensaram que o seu Mestre estaria tão impressionado com estas coisas como eles, e lamentaria a destruição do templo tanto quanto eles lamentavam. Quando falamos sobre o templo, devemos falar da presença de Deus nele, e das ordenanças de Deus nele administradas, e a comunhão que o seu povo tem com Ele ali. É triste, quando nós falamos da igreja, permitir que as nossas palavras se concentrem nas suas pompas e nos seus ganhos, e na dignidade e no poder das suas autoridades e dos seus líderes; pois "a filha do rei é toda ilustre no seu palácio" (Sl 45.13).

II Com que desprezo Cristo falou sobre a decoração do templo, e com que certeza falou que tudo seria destruído dentro de pouco tempo (v. 6): "Quanto a estas coisas que vedes" – estas coisas formosas de que vocês tanto gostam – "dias virão" – e alguns dos que vivem agora viverão para ver – "em que se não deixará pedra sobre pedra que não seja derribada". Este edifício, que parece tão bonito que nem se poderia imaginar, e que parece tão forte que se poderia pensar que nada conseguiria derribá-lo, será completamente destruído; e isto acontecerá tão logo o templo espiritual da igreja do Evangelho (a essência daquela sombra) começar a florescer no mundo. Se nós, pela fé, pudéssemos prever a explosão e a degeneração de toda a glória externa, nós não a admiraríamos como aqueles que não podem ver, ou não desejam ver à sua frente.

III Com que curiosidade os que estão à volta de Jesus perguntam sobre a ocasião em que esta grande desolação terá lugar: "Mestre, quando serão, pois, essas coisas?" (v. 7). É natural que desejemos conhecer as coisas futuras e quando elas acontecerão (o que não nos cabe saber), quando devemos perguntar qual é o nosso dever, com a perspectiva destas coisas, e como podemos nos preparar para elas (o que devemos saber). Eles perguntam que sinal haverá quando estas coisas estiverem para acontecer. Eles não pedem um sinal atual, que confirme a predição propriamente dita, e que os induza a crer nela (a palavra de Cristo era suficiente), mas perguntam quais sinais futuros indicarão o cumprimento iminente da predição, pelos quais eles se lembrariam dela. Cristo os tinha ensinado a observar estes "sinais dos tempos."

IV A maneira clara e completa como Cristo responde às suas perguntas, até onde era necessário orientá-los no seu dever; pois todo conhecimento é desejável, desde que a intenção seja colocá-lo em prática.

1. Eles devem esperar ouvir sobre o surgimento de falsos cristos e falsos profetas, e sobre a divulgação de falsas profecias (v. 8): “Virão muitos em meu nome”. Ele não quer dizer, em nome de Jesus, embora houvesse alguns enganadores que fingiam ter recebido missões dele (como em Atos 19.13), mas usurpando o título e o caráter do Messias. Muitos fingiram ser os que iriam libertar a nação judaica dos romanos, e determinar o tempo em que aconteceria esta libertação, e desta maneira as multidões eram atraídas a uma armadilha, para sua destruição. Eles dirão, *hoti ego eimi – Eu sou Ele*, ou *Sou Eu*, como se assumissem este nome intransferível de Deus, pelo qual Ele se fez conhecer quando veio libertar Israel do Egito, “Eu Sou”; e, para incentivar as pessoas a segui-los, eles acrescentavam, “Aproxima-se o tempo em que o reino será restaurado a Israel, e todos os que me seguirem tomarão parte nele”. Quanto a isto, o Senhor lhes dá uma advertência muito necessária: (1) “Vede que não vos enganem”; não imaginem que Eu mesmo virei em glória aparente, para tomar posse dos tronos dos reinos. Não. Vocês não devem esperar nada parecido com isto, pois o meu reino não é deste mundo. Quando eles perguntaram, preocupados e ansiosos, “Mestre, quando serão, pois, essas coisas?” a primeira palavra que Cristo lhes disse foi, “Vede que não vos enganem”. Observe que aqueles que mais perguntam sobre as coisas de Deus (embora seja muito bom fazer isto) correm o maior risco de serem enganados, e têm maior necessidade de estar vigilantes. (2) “Não vades, portanto, após eles”. Vocês sabem que o Messias já veio, e que não devem procurar por nenhum outro; e, portanto, não ajam como se tivessem dado ouvidos a eles, nem se relacionem com eles. Se nós temos certeza de que Jesus é o Cristo, e a sua doutrina é o Evangelho de Deus, devemos ser surdos a todas as insinuações de outro Cristo e de outro Evangelho.

2. Nós devemos esperar ouvir falar de grandes alvoroços nas nações, e muitos julgamentos terríveis serão infligidos sobre os judeus e seus vizinhos. (1) Haverá guerras sangrentas (v. 10): “Levantar-se-á nação contra nação”, uma parte da nação judaica contra outra, ou toda a nação contra os romanos, e ainda as guerras dos fins dos tempos. Incentivados pelos falsos cristos, eles se empenharão, perversamente, para se libertarem do jugo romano, tomando armas contra as autoridades romanas – quando eles

rejeitaram a liberdade com a qual Cristo os teria libertado, eles foram abandonados à sua própria sorte, para agarrar a sua liberdade civil de maneiras que eram pecaminosas, e que, portanto, não poderiam ser bem sucedidas. (2) Haverá terremotos, “grandes terremotos”, em vários lugares – que não somente iriam assustar as pessoas, mas também destruiriam cidades e casas, e enterrariam a muitos sob as suas ruínas. (3) Haverá “fomes e pestilências”, os resultados comuns das guerras, que destrói os frutos da terra, e, expondo os homens ao mau tempo e reduzindo-os à má alimentação, causa doenças infecciosas. Deus tem várias maneiras de punir um povo provocador. Os quatro tipos de julgamentos de que os profetas do Antigo Testamento tão freqüentemente falam são também assunto de ameaça pelos profetas do Novo Testamento; pois, embora os julgamentos espirituais sejam mais comumente infligidos nos tempos do Evangelho, ainda assim Deus faz uso também de julgamentos temporais. (4) “Haverá também coisas espantosas e grandes sinais do céu”, aparições incomuns nas nuvens, cometas e estrelas brilhantes, que assustarão os espectadores comuns. Tudo isto sempre foi considerado como algo ameaçador, e um anúncio de alguma coisa ruim. Quando a isto, o aviso que Ele lhes dá, é, “Não vos assusteis”. Outros se assustarão com estas coisas, mas não vos assusteis, v. 9. Quanto às “coisas espantosas”, não permitam que elas assustem vocês, que olham além dos céus visíveis, para o trono do governo de Deus, nas alturas. Não “vos espanteis com os sinais dos céus; porque com eles se atemorizam as nações”, Jr 10.2. E, quanto às “fomes e pestilências”, vocês estão nas mãos de Deus, que prometeu aos que são seus que, “nos dias de fome se fartarão”, e que Ele os protegerá da “peste perniciosa”; portanto, confiem nEle, e “não temais”. Na verdade, quando vocês ouvirem sobre as guerras, quando lá fora houver batalhas e aqui dentro houver temores, ainda assim “não vos assusteis”; vocês sabem o pior que qualquer destes julgamentos poderá fazer a vós, e, por isto, não tenham medo deles; pois: [1] É de seu interesse aproveitar estes acontecimentos o máximo que puderem, pois todos os seus temores não poderão modificá-los: “É necessário que isso aconteça primeiro”; não há remédio; será prudente que vocês se acomodem a estas coisas. [2] O pior ainda estará por vir; não se enganem com uma fantasia de que em breve vocês verão o final destes problemas, não, não tão cedo como vocês imaginam: “O fim não será logo”, não de repente. “Não vos assusteis”, pois, se começardes a vos desencorajar tão rapidamente,

como podereis suportar aquilo que ainda está à vossa frente?

3. Eles devem esperar ser, eles mesmos, os sinais e prodígios em Israel. A perseguição aos discípulos será um prognóstico da destruição da cidade e do templo, que Jesus tinha predito. Não, este seria o primeiro sinal da aproximação da sua destruição: “Mas, antes de todas essas coisas, lançarão mão de vós”. O julgamento terá início na casa de Deus; vocês devem sofrer antes, para avisá-los, para que, se tiverem alguma consideração, possam considerar: “Se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco?” Veja 1 Pe 4.17, 18. Mas isto não é tudo; isto deve ser considerado não somente como o sofrimento dos perseguidos, mas também como o pecado dos perseguidores. Antes que o julgamento de Deus caia sobre eles, eles completarão a sua iniqüidade, lançando mão de vocês. Observe que a destruição de um povo sempre tem início no seu pecado; e nada inicia uma destruição mais certa ou amarga do que o pecado da perseguição. Quando a ira de um povo contra os servos de Deus chega a um nível máximo, é sinal de que a ira de Deus se abaterá sobre este povo com uma intensidade máxima. Quanto a isto:

(1) Cristo lhes revela as aflições que eles deverão sofrer, por amor ao seu nome, em conformidade com o que Ele já lhes havia dito quando os chamou para segui-lo (Mateus 10). Eles deveriam saber o preço de segui-lo, para que pudessem avaliar as suas possibilidades; mas deveriam segui-lo, porque o Senhor sustenta cada um dos seus servos. O apóstolo Paulo, que foi o que mais trabalhou e mais sofreu dentre todos os apóstolos (não estando agora entre eles), certamente ouviu falar do que o próprio Cristo revelou que ele deveria padecer pelo seu precioso Nome (At 9.16) – é necessário que todos aqueles que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus esperem perseguições. Os cristãos, tendo sido originalmente judeus, e ainda preservando uma veneração igual à dos judeus pelo Antigo Testamento e por todos os fundamentos daquela religião, divergindo somente nas cerimônias, podiam estar esperando algum tipo tolerância por parte dos judeus. Mas Cristo lhes diz que não esperem por isto: Não, eles serão os primeiros a perseguir vocês. [1] Eles usarão contra vocês o próprio poder que têm na religião: Eles “vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas” – para que vocês sejam açoitados ali, e estigmatizados com os anátemas deles. [2] Eles incitarão os magistrados contra vocês: Eles vos entregarão “às prisões e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por amor do meu nome”,

para que vocês sejam punidos por eles. [3] Os seus próprios parentes irão trair vocês (v. 16): “Até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues”; de modo que vocês não saberão em quem confiar, ou onde estarão em segurança. [4] A religião de vocês se tornará um crime de morte, e vocês deverão “resistir até ao sangue”. E “e matarão alguns de vós”. Vocês devem estar tão longe de esperar honra e riqueza, a ponto de não esperar nada além da morte, nas suas formas mais aterrorizantes, a morte em toda a sua terrível pompa. [5] “De todos sereis odiados por causa do meu nome”. Isto é pior que a própria morte, e se cumpriu quando os apóstolos foram, não somente condenados à morte, mas foram feitos espetáculo ao mundo, e considerados “o lixo deste mundo” e “a escória de todos” – aquilo que todos odeiam, 1 Co 4.9, 13. Eles eram odiados por todos os homens, isto é, por todos os homens maus, que não suportavam a luz do Evangelho (porque ela revelava as suas más ações), e, portanto, odiavam aqueles que traziam aquela luz. Os ímpios gostariam de se lançar sobre estes homens, para despedaçá-los. O mundo pecador, que odeia ser transformado, odeia a Cristo, o grande Reformista, tudo o que é seu, e todos aqueles que amam o seu precioso Nome. Os principais da igreja judaica – sabendo muito bem que se o Evangelho conquistasse os judeus, o poder que eles tinham usurpado e envilecido chegaria ao fim – ergueram todas as suas forças contra ele, e encheram as mentes do povo com preconceitos contra ele; desta maneira, fizeram com que a multidão odiasse os pregadores e ensinadores do Evangelho.

(2) Jesus os incentiva a suportar as suas provações, e prosseguir no seu trabalho, apesar da oposição que encontrassem.

[1] Deus trará glória, a si mesmo e a eles, pelos seus sofrimentos: “E vos acontecerá isso para testemunho”, v. 13. O fato de vocês serem assim perseguidos publicamente, fará vocês mais conhecidos e a sua doutrina e os seus milagres mais procurados; o fato de vocês serem conduzidos diante de reis e governadores lhes dará uma oportunidade de pregar o Evangelho a eles, que, não fosse por isto, nunca teriam oportunidade de ouvi-lo. O fato de vocês sofrerem coisas tão severas, e serem tão odiados pelos piores homens, homens com as vidas mais depravadas, será um testemunho de que vocês são bons, caso contrário vocês não teriam homens tão maus como seus inimigos; a sua coragem, alegria, e perseverança durante os sofrimentos, será um testemunho a seu favor, de que vocês crêem naquilo

que pregam, que vocês são sustentados por um poder divino, e que o Espírito de Deus e a glória divina estão em vocês.

[2] Deus estará ao seu lado, e reconhecerá e ajudará vocês, nas suas provações; vocês são seus defensores, e receberão suas instruções, vv. 14, 15. Em lugar de colocar seus corações para trabalhar, para planejar uma resposta às informações, denúncias, artigos, acusações e interrogatórios, que serão apresentados contra vocês no tribunal eclesiástico, e também no civil, vocês devem tranqüilizar os seus corações, enfatizar a eles: "Proponde, pois, em vosso coração não premeditar como haveis de responder" – não confiem na sua própria inteligência e ingenuidade, na sua própria prudência e política, e não percam a confiança nos auxílios imediatos e extraordinários da graça divina. Não pensem em obter sucesso na causa de Cristo, como poderiam obter numa causa própria, pelos seus próprios meios e pela sua dedicação, com a ajuda comum da divina Providência, mas prometam a si mesmos, pois Eu prometo a vocês, a ajuda especial da graça divina: "Eu vos darei boca e sabedoria". Isto prova que Cristo é Deus; pois é prerrogativa de Deus dar sabedoria, e foi Ele quem criou a boca do homem. Observe, em primeiro lugar, que a boca e a sabedoria equipam um homem completamente, tanto para o serviço quanto para os sofrimentos; a sabedoria para saber o que dizer, e a boca com a qual se diz o que deve ser dito. É uma grande felicidade ter tanto os meios quanto as palavras com os quais se pode honrar a Deus e fazer o bem; ter em mente um tesouro que contém coisas velhas e novas, e uma porta através da qual tudo isto pode ser expresso. Em segundo lugar, que aqueles que defendem a causa de Cristo podem confiar que Ele lhes dará boca e a sabedoria, seja como for que eles sejam chamados a defendê-la, especialmente quando forem conduzidos diante de magistrados, por causa do seu nome. Não está escrito que Ele irá enviar um anjo do céu para responder por eles, embora pudesse fazer isto, mas que Ele lhes dará "boca e sabedoria", para capacitá-los a responder por si mesmos, o que lhes confere grande honra. Isto exige que eles façam uso dos dons e graças que Cristo lhes concede, o que traz ainda mais glória a Deus, pois assim o inimigo e vingativo são silenciados através da boca das crianças e dos que mamam. Em terceiro lugar, quando Cristo dá às suas testemunhas boca e sabedoria, elas são capacitadas para falar, tanto por Ele quanto por si mesmas, aquilo que todos os seus adversários não podem contradizer nem resistir, de modo que se calam, e ficam confusos. Isto se cumpriu

notavelmente logo após o derramamento do Espírito, por cujo intermédio Cristo deu aos seus discípulos esta boca e esta sabedoria, quando os apóstolos foram conduzidos diante dos sacerdotes e governantes, e responderam a eles de modo a deixá-los envergonhados, Atos 4,5 e 6.

[3] Vocês não sofrerão nenhum dano real por todas as aflições que impuserem a vocês (v. 18): “Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça”. Alguns deles perderiam as cabeças, e não perderiam um cabelo? É uma expressão proverbial, que indica a maior garantia e segurança imagináveis; é freqüentemente usada, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, com este sentido. Alguns pensam que ela se refere à preservação da vida de todos os cristãos que viviam entre os judeus quando foram destruídos pelos romanos; os historiadores nos contam que nenhum cristão pereceu naquela destruição. Outros associam estas palavras às mortes de multidões na causa de Cristo, e a interpretam de maneira figurada com o mesmo sentido com que Cristo disse, “Quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á”. “Não perecerá um único cabelo da vossa cabeça”, mas, em primeiro lugar, Eu tomarei conhecimento disto. Com esta finalidade Ele tinha dito (Mt 10.30), “Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”; e é feito um registro deles, de modo que nenhum deles perecerá, pois o Senhor tem em suas mãos o controle de todas as coisas. Em segundo lugar, tudo será levado em consideração. Nós não computamos o que foi perdido ou pereceu, nem aquilo que foi planejado para o alcance de bons objetivos, e que trará grandes benefícios. Se entregarmos o nosso próprio corpo por causa do nome de Cristo, ele não perecerá, mas estará nas melhores mãos. Em terceiro lugar, cada cristão será abundantemente recompensado. Quando vocês contabilizarem lucros e perdas, descobrirão que nada pereceu, mas, ao contrário, vocês terão grandes ganhos nos consolos atuais, especialmente nas alegrias de uma vida eterna. Deste modo, embora pareça que sejamos perdedores por amor a Cristo, no final não seremos, nem poderemos ser perdedores por amarmos a Ele.

[4] Portanto, é seu dever e interesse, em meio aos seus próprios sofrimentos, e aos da nação, conservar uma santa sinceridade e serenidade de espírito, que sempre os fará sentir-se bem (v. 19): “Na vossa paciência, possuí a vossa alma”; obtenham e conservem o controle das vossas almas. Alguns interpretam isto como uma promessa, “Vocês poderão possuir, ou possuirão as suas almas”. O significado é o mesmo. Observe que, em

primeiro lugar, é nosso dever e nosso interesse, em todas as ocasiões, especialmente em tempos de perigo e provações, assegurar a posse das nossas almas; não somente para que não sejam destruídas e perdidas para sempre, mas para que não sejam perturbadas nestas situações, nem a nossa posse dela perturbada e interrompida. “Possuí a vossa alma”, sejam os seus próprios senhores, conservem a autoridade e o domínio da razão, e controlem os tumultos da paixão, para que nem a tristeza nem o medo possam dominar vocês, nem remover a sua posse e o seu prazer. Em tempos difíceis, quando não podemos conservar a posse de nada mais, devemos nos assegurar do que pode ser assegurado, e conservar a posse da nossa alma. Em segundo lugar, é pela paciência, a paciência cristã, que conservamos a posse da nossa alma. Em tempos de sofrimento, a paciência deve estar em guarda com a finalidade de preservar a nossa alma. Assim conservaremos as nossas almas em integridade e segurança, afastando todas aquelas impressões que trariam irritação e destemperos.

A Predição dos Julgamentos

vv. 20-28

Tendo dado aos discípulos uma idéia dos tempos (do que aconteceria durante aproximadamente os próximos trinta e oito anos), agora Jesus passa a mostrar-lhes em que todas aquelas coisas iriam culminar, ou seja, a destruição de Jerusalém, e a completa dispersão da nação judaica, o que seria um pequeno dia de juízo, um precursor da segunda vinda de Cristo, que não foi tão comentada aqui como na passagem correspondente (Mateus 24), mas somente examinada rapidamente; pois a destruição de Jerusalém seria como a destruição do mundo para aqueles cujos corações estão presos a ele.

I Ele diz aos discípulos que eles veriam “Jerusalém cercada de exércitos” (v. 20), os exércitos romanos; e, quando vissem isto, poderiam concluir que a sua desolação estava próxima, pois o cerco terminaria inevitavelmente nesta destruição, embora pudesse ser um longo cerco. Observe que assim como na misericórdia, também no julgamento, quando Deus começa, Ele chega ao fim.

II Ele lhes faz uma advertência, dizendo que, ao verem um certo sinal, as pessoas deveriam fugir, para sua própria segurança (v. 21): “Então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes” –“os que estiverem no meio da cidade” (de Jerusalém), “que saiam” – antes que a cidade seja cercada, e (como poderíamos dizer atualmente), antes que se abram as trincheiras. E, “os que estiverem nos campos, que não entrem nela” – pensando que ali estarão mais seguros. Abandonem a cidade e a nação, vendo que Deus as abandonou e entregou à destruição. “Sai dela, povo meu”.

III Ele prediz a terrível destruição que aconteceria à nação judaica (v. 22): Estes são os “dias de vingança”, tão freqüentemente preditos pelos profetas do Antigo Testamento, que iriam completar a destruição deste povo provocativo. Todas as suas predições agora seriam cumpridas, e o sangue de todos os mártires do Antigo Testamento agora seria requerido. Tudo o que foi escrito deve se cumprir completamente. Depois dos dias da paciência tanto tempo maltratada, virão os “dias de vingança”, pois os adiamentos não significam perdões. A grandeza desta destruição é apresentada: 1. Pela imposição da pena. É a “ira sobre este povo”, a ira de Deus, que fará arder este fogo devorador e consumidor. 2. Pelo terror particular que será o das mulheres grávidas, e das pobres mães que têm filhos pequenos. Ai delas, não somente porque estão mais sujeitas ao medo, e menos capazes de fugir para a sua própria segurança, mas também porque será um verdadeiro tormento para eles, o pensamento de ter gerado e criado filhos para os assassinos. 3. Pela confusão geral que haverá por toda a nação. Haverá grande aflição na terra, pois os homens não saberão que caminho tomar, nem como sobreviver.

IV Ele descreve a conseqüência das lutas entre os judeus e os romanos, e qual será o resultado, no final. Em resumo: 1. Multidões “cairão a fio de espada”. Calcula-se que nestas guerras dos judeus, caíram pela espada cerca de um milhão e cem mil pessoas. E o cerco de Jerusalém foi, na verdade, uma execução militar. 2. Os demais, “serão levados cativos”; não a uma nação, como quando foram derrotados pelos caldeus, que lhes deram uma oportunidade de permanecer juntos, mas “para todas as nações”, o que impossibilitou que eles entrassem em contato, uns com os outros, e muito menos se reunissem. 3. A própria Jerusalém foi “pisada pelos gentios”. Os

romanos, depois de terem se apossado dela, a deixaram bastante destruída, como uma cidade rebelde e má, prejudicial a reis e províncias, e, por isto, odiosa para eles.

V Ele descreve os grandes temores que o povo em geral virá a sentir. Haverá averá sinais no sol, e *na* lua, e *nas* estrelas, e, na terra... pelo bramido do mar e das ondas" – em terríveis tempestades, como não tinham sido conhecidas, e acima da operação normal de causas naturais. O efeito disto será uma confusão universal, e consternação sobre a terra, "angústia das nações, em perplexidade", v. 25. O Dr. Hammond entende as nações como os diversos governos ou tetrarquias da nação judaica, a Judéia, Samaria e Galiléia; estas serão levadas aos últimos extremos, Os homens desmaiarão de terror (v. 26), *apopsychonton anthropon – os homens estarão desalentados*, abatidos, desanimados, esvaindo-se de medo. Assim, são mortos todo o dia aqueles por cujas mãos os apóstolos de Cristo o foram (Rm 8.36), isto é, eles passam todo o dia temerosos de serem mortos; afundando-se sob aquilo que está sobre eles, e ainda tremendo de medo do pior, e na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Quando o julgamento começa na casa de Deus, não termina ali; será como se o mundo estivesse em pedaços; e onde alguém poderá estar em segurança, então? "Os poderes do céu serão abalados", e assim os pilares da terra não podem deixar de tremer. Assim a atual política judaica – religião, leis e governo – será completamente dissolvida por uma série de calamidades inigualáveis, em meio à mais completa confusão, segundo o Dr. Clarke. Mas o nosso Salvador faz uso destas expressões figuradas porque, no final dos tempos, isto realmente se realizará, quando os céus se retirarão como um livro que se enrola (Ap 6.14), e todos os seus poderes não somente se abalarão, mas se romperão, e a terra e as obras que nela estão se queimarão, 2 Pedro 3.10,12. Assim como neste dia teve lugar todo o terror e a destruição dos judeus incrédulos, também assim o grande dia será para todos os incrédulos.

VI Ele indica que isto será uma espécie de aparição do Filho do homem: "Então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória", v. 27. A destruição de Jerusalém foi, de uma maneira particular, um ato de julgamento de Cristo, o julgamento que é conferido ao Filho do homem. O Evangelho de Cristo nunca poderia ser completamente

estabelecido, sem a destruição do templo e a abolição do sacerdócio levítico e da administração levítica, depois dos quais, mesmo os judeus convertidos, e também muitos dos gentios ainda estavam saudosos, suspirando por tudo aquilo, até que foram destruídos. E assim tudo isto também poderia, com razão, ser considerado como uma tipologia da vinda do Filho do homem, com poder e grande glória, ainda que invisível, mas nas nuvens; pois na execução de julgamentos como estes, as nuvens e as trevas estão presentes. Isto era: 1. Uma evidência da primeira vinda do Messias; assim alguns interpretam. Então os judeus incrédulos terão a confirmação, quando já for tarde demais, de que Jesus era o Messias. Aqueles que não quiseram vê-lo chegando no poder da sua graça para salvá-los, serão forçados a vê-lo, vindo no poder da sua ira, para destruí-los; aqueles que não quiseram tê-lo reinando sobre eles, o verão em triunfo. 2. Foi um lampejo da sua segunda vinda; como um sinal. Então, nos terrores deste dia, eles verão o Filho do homem vindo numa nuvem, e todos os terrores do último dia. Eles verão uma amostra dele, uma pálida imagem dele. Se este é tão terrível, como será aquele?

VII Ele incentiva todos os discípulos fiéis, em referência aos terrores daquele dia (v. 28): “Quando essas coisas começarem a acontecer” – quando Jerusalém estiver sitiada, e tudo estiver contribuindo para a destruição dos judeus – “olhai para cima” – quando todos os demais estiverem olhando para baixo, olhai para o céu, com fé, esperança e oração – “e levantai a vossa cabeça” – com alegria e confiança, “porque a vossa redenção está próxima”. 1. Quando Cristo veio para destruir os judeus, Ele veio para redimir os cristãos que eram perseguidos e oprimidos por eles; então as igrejas tiveram descanso. 2. Quando Ele vier para julgar o mundo, no último dia, Ele irá redimir todos os que são seus de todas as injustiças sofridas. E a visão deste dia é tão agradável a todos os cristãos fiéis quanto é terrível para os infiéis, incrédulos e ateus. A própria morte assim será; quando os crentes virem este dia se aproximando, eles poderão levantar suas cabeças com alegria, sabendo que a sua “redenção está próxima”, e eles serão levados ao seu Redentor.

VIII Aqui está uma palavra de predição que olha além da destruição da nação judaica, o que não é fácil de compreender; nós a temos no v. 24:

“Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem”. 1. Alguns entendem que isto se refere ao passado; como o Dr. Hammond. Os gentios, que conquistaram Jerusalém, conservarão a sua posse e ela será puramente gentílica, “até que os tempos dos gentios se completem”, até que uma grande parte do mundo gentílico tenha se tornado cristã. E então, depois que Jerusalém tiver sido reconstruída pelo imperador Adriano, com todos os judeus excluídos dela, muitos dos judeus se tornarão cristãos, irão se unir aos cristãos gentios, para estabelecer uma igreja em Jerusalém, que irá florescer ali, durante muito tempo. 2. Outros opinam que isto se refere ao futuro, como o Dr. Whitby. Jerusalém será dominada pelos gentios, de uma maneira ou de outra, na sua maior parte, até que chegue o tempo em que as nações ainda sem religião irão aceitar a fé cristã, quando os reinos deste mundo se tornarão reinos cristãos, e então todos os judeus serão convertidos. Jerusalém será habitada por eles, e nem eles, nem a sua cidade, continuará a ser pisada pelos gentios.

A Predição dos Julgamentos

vv. 29-38

Aqui, concluindo o seu sermão:

I Cristo recomenda aos seus discípulos que observem os sinais dos tempos, os quais eles poderiam avaliar, se observassem as instruções dadas anteriormente, com tanta segurança e certeza como poderiam julgar a chegada do verão, pelo brotar das árvores, vv. 29-31. Assim como no reino da natureza existe uma cadeia de eventos, também no reino da providência existe uma seqüência de eventos, um após o outro. Quando vemos uma nação enchendo a medida da sua iniqüidade, podemos concluir que a sua destruição está próxima; quando vemos a destruição dos perseguidores se aproximando, podemos, a partir disto, concluir que o reino de Deus já é chegado, e que quando a oposição que este precioso reino recebe for removida, ele ganhará terreno. Assim como podemos legitimamente prognosticar a mudança das estações quando causas secundárias começam a trabalhar, também podemos, na disposição dos eventos, esperar alguma coisa incomum quando Deus já estiver despertado na sua santa morada (Zc 2.13); então devemos nos aquietar, e contemplar a salvação do Senhor.

II Ele recomenda que eles não considerem estas coisas duvidosas nem distantes (pois não teriam a impressão correta delas), mas como seguras e muito próximas. A destruição da nação judaica: 1. Estava próxima (v. 32): "Não passará esta geração até que tudo aconteça". Alguns deles estariam vivos para ver isto; alguns dos que agora ouviam a predição. 2. Era certa. A sentença era irreversível; era uma destruição determinada; o decreto já tinha sido promulgado (v. 33): "Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar"; na verdade, certamente o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras, não; sejam aceitas ou não, elas se cumprirão, e "nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra", 1 Samuel 3.19.

III O Senhor os adverte contra a confiança excessiva em si mesmos, e os exageros em termos de sensualidade, pois através destas coisas eles

poderiam se incapacitar para os tempos de provação que se aproximavam, que então resultariam em uma grande surpresa e em um grande terror para eles (vv. 34,35): “Olhai por vós”. Esta é a ordem dada a todos os discípulos de Cristo: Olhem por vocês mesmos – para que não sejam dominados por tentações, nem traídos pelas suas próprias corrupções. Observe que não podemos estar seguros se tivermos uma confiança excessiva em nós mesmos. É interesse nosso, em todas as ocasiões, mas muito especialmente em algumas, ter muita precaução. Veja aqui: 1. Qual é o perigo que corremos: de que o dia da morte e do juízo venha sobre nós, de improviso, quando não o esperarmos, e não estivermos preparados para ele; para que, quando formos chamados para encontrar o nosso Senhor, não esteja mais distante dos nossos pensamentos aquilo que sempre deve estar próximo dos nossos corações, para que isto não venha como uma armadilha; pois assim virá, sobre a maioria dos homens que habitam a terra, e que se preocupam somente com as coisas terrenas, e não se relacionam com o céu – para eles, será como uma armadilha. Veja Eclesiastes 9.12. Para eles, será o terror e a destruição; e esta situação os colocará sob um medo inexprimível, e os conduzirá a um destino ainda mais amedrontador. 2. Qual é o nosso dever, considerando este perigo: Nós devemos nos acautelar para que os nossos corações não sejam sobrecarregados, para que eles não estejam atribulados, e desta maneira, incapacitados e inadequados para fazer o que deve ser feito em preparação para a morte e o julgamento. Nós devemos nos precaver contra duas coisas, para que nossos corações são se sobrecarreguem com elas: (1) A satisfação dos desejos do corpo, e a indulgência a nós mesmos na satisfação excessiva dos sentidos: “Olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria, de embriaguez” – do consumo exagerado de comida e bebida, não somente pela culpa resultante, mas também pela má influência que tais desordens do corpo têm sobre a mente; elas tornam os homens cegos e inconscientes quanto ao seu dever, inanimados e apáticos no seu dever; elas embotam a consciência, e fazem com que a mente não se deixe influenciar pelas coisas que são mais importantes. (2) A desenfreada busca das boas coisas deste mundo. Cuidem para que o vosso coração não esteja sobrecarregado com “os cuidados da vida”. A advertência anterior se refere ao laço daqueles que se entregam aos prazeres; este é o laço dos homens de negócios, que desejam ser ricos. Nós devemos nos precaver dos dois lados, para que não somente quando vier a

morte, mas em qualquer ocasião, o nosso coração não esteja sobrecarregado desta maneira. As nossas precauções contra o pecado, e o nosso cuidado com as nossas almas, devem ser constantes.

IV Ele lhes recomenda que se preparem e estejam prontos para este grande dia, v. 36. Veja aqui: 1. Qual deve ser nosso objetivo: Que sejamos "havidos por dignos de evitar todas essas coisas que hão de acontecer"; que, quando os julgamentos de Deus estiverem em andamento, nós possamos ser preservados da sua severidade; que possamos estar livres da calamidade geral, ou que não nos aconteça o que acontecer a outros; que no dia da morte possamos escapar ao seu aguilhão, que é a ira de Deus e a condenação do inferno. Ainda assim, devemos almejar não somente escapar a tudo isto, mas também "estar em pé diante do Filho do Homem"; não somente ser absolvidos diante dele como nosso Juiz (Sl 1.5), ter coragem no dia de Cristo (que se pressupõe, por termos escapado a todas estas coisas), mas estar em pé diante dele, comparecer diante dele, como nosso Senhor e Mestre, estar continuamente diante do seu trono, e servi-lo, dia e noite, no seu templo, (Ap 7.15), vendo sempre a sua preciosa face, como os anjos, Mateus 18.10. Os santos aqui são considerados merecedores, como antes, cap. 20.35. Deus, pela boa obra de sua graça neles, os torna merecedores desta felicidade, e, pela boa vontade da sua graça em relação a eles, os considera dignos dela: mas, como diz Grotius, uma grande parte do nosso merecimento reside no reconhecimento da nossa falta de merecimento. 2. Quais devem ser as nossas ações, com estes objetivos: "Vigiai, pois, em todo o tempo, orando". A vigilância e a oração devem andar juntas, Neemias 4.9. Aqueles que desejam escapar da ira vindoura, e assegurar as alegrias futuras, devem vigiar e orar, e devem fazer isto sempre, devem fazer disto a ocupação constante de suas vidas: (1) Para manter a guarda. Estejam vigilantes contra o pecado, vigilantes a cada tarefa, e ao aproveitamento de cada oportunidade de fazer o bem. Estejam despertos, e continuem assim, esperando a vinda do nosso Senhor, para que possam estar preparados para recebê-lo, dando-lhe as boas-vindas. (2) Para conservar a sua comunhão com Deus: Orem sempre – estejam sempre dispostos a cumprir este dever; reservem momentos definidos para isto; façam isto abundantemente; orem em todas as ocasiões. Aqueles que viverem uma vida de oração neste mundo, serão considerados merecedores

de viver uma vida de louvor no mundo porvir.

VNos dois últimos versos, temos um relato de como Cristo se ocupou durante estes três ou quatro dias, entre a sua entrada triunfal em Jerusalém, e a noite na qual foi traído. 1. “De dia, ensinava no templo”. Cristo pregava nos dias de semana, além dos sábados. Ele era um orador infatigável; Ele pregava diante da oposição, e em meio àqueles que Ele sabia que procuravam uma oportunidade contra Ele. 2. “À noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras” – há aproximadamente 2 quilômetros da cidade, hospedado na casa de um amigo. É provável que Ele tivesse alguns amigos na cidade, que alegremente lhe teriam dado hospedagem, mas Ele tinha vontade de se afastar do ruído da cidade à noite, para que pudesse ter mais tempo para a sua devoção particular, agora que era chegada a sua hora. 3. Pela manhã, bem cedo, Ele estava novamente no templo, onde pregava um sermão matinal para aqueles que estavam dispostos a comparecer: “E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir” (v. 38). Todos eles vinham muito cedo pela manhã – corriam ao templo, como pombas às suas janelas, para ouvi-lo, embora os principais dos sacerdotes e os escribas estivessem fazendo tudo o que podiam para levá-los a pensar mal a respeito dele. Às vezes, o gosto que as pessoas sérias, honestas e simples têm pela boa pregação, é mais valorizado e considerado do que a opinião dos inteligentes e instruídos, e dos poderosos.

CAPÍTULO 22

Todos os evangelistas, mesmo quando omitem algo, nos dão um relato particular da morte e ressurreição de Cristo, porque Ele morreu por nossos pecados, e ressuscitou para a nossa justificação; este evangelista narra este relato de maneira tão completa como os outros, e inclui muitas circunstâncias e passagens que não lemos antes. Neste capítulo, temos: I. O plano para prender Jesus, e a participação de Judas nele, vv. 1-6. II. A refeição de Páscoa de Cristo com seus discípulos, vv. 7-18. III. A instituição da Ceia do Senhor, vv. 19,20. IV. O sermão de Cristo aos seus discípulos depois da Ceia, sobre alguns deles, vv. 21-38. V. A sua agonia no jardim, vv. 39-46. VI. A prisão de Cristo, com a ajuda de Judas, vv.

47-53. VII. A negação de Pedro, vv. 54-62. VIII. Os insultos feitos a Cristo por aqueles que o tinham em custódia, e seu julgamento e a condenação, no tribunal eclesiástico, vv. 63-71.

A Traição de Judas

vv. 1-6

O ano dos redimidos é chegado – o que tinha sido fixado desde a eternidade nos conselhos divinos, e por muito tempo procurado por aqueles que aguardavam a consolação de Israel, depois de muitos séculos, finalmente chegou, Isaías 63.4. E deve-se observar que, foi no primeiro mês daquele ano que se realizou a redenção – tanta pressa tinha o Redentor de cumprir a sua missão, que se resignou até que ela estivesse cumprida. Foi no mesmo mês, e na mesma época do mês (o "princípio dos meses", Êx 12.2), que Deus, por intermédio de Moisés, libertou Israel do Egito, para que o antítipo pudesse responder ao tipo. Aqui Cristo é entregue, quando a Festa dos Pães Asmos estava perto, v. 1. O mesmo tempo antes desta festa, quando eles começavam a fazer os preparativos para ela, aqui é usado para nos oferecer os preparativos da nossa Páscoa. Aqui, temos:

I Os inimigos declarados de Jesus tramando (v. 2): Os principais dos sacerdotes, homens que queriam ser conhecidos por sua "santidade", e os escribas, homens de entendimento, procurando a maneira como poderiam matá-lo, pela acusação de impostor. Se eles pudessem ter realizado a sua vontade, isto já teria sido feito, mas eles temiam o povo, e ainda mais, vendo agora o seu diligente comparecimento à sua pregação.

II Um discípulo traidor aliando-se a seus inimigos, partindo em auxílio deles: Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes. Aqui ele é descrito como sendo um dentre o digno e distinto grupo dos doze. Poderíamos nos admirar de que Cristo, que conhecia todos os homens, admitisse um traidor àquele grupo, e que um daquele grupo, que não podia deixar de conhecer a Cristo, pudesse ser tão vil, a ponto de traí-lo; mas Cristo tinha um propósito sábio e santo ao aceitar Judas como discípulo, e aqui leremos como aquele que conhecia a Cristo tão bem, ainda assim veio a traí-lo: "Entrou, porém,

Satanás em Judas", v. 3. Isto foi obra do diabo que, ferindo a cabeça de Cristo, pensou ter destruído a sua missão; mas isto provou ser somente um ferimento no seu calcanhar. Quando alguém trai a Cristo, as suas verdades, ou os seus caminhos, podemos ter a certeza de que Satanás é que dispôs a pessoa a agir desta forma. Judas sabia o quão desejosos os principais dos sacerdotes estavam, de colocar as mãos em Cristo, e que não podiam fazê-lo com segurança sem a ajuda de alguém que conhecesse o lugar do seu retiro, como ele (Judas) conhecia. Portanto, ele mesmo foi, e lhes fez a proposta, v. 4. Observe que é difícil dizer se mais prejuízo é causado ao reino de Cristo pelo poder e pela política dos seus inimigos declarados, ou se pela traição e interesses próprios dos que se dizem seus amigos. Na verdade, sem estes últimos seus inimigos não conseguiriam seu intento, como conseguiram. Quando vemos Judas aliado aos principais dos sacerdotes, podemos ter certeza de que algum mal está sendo planejado; não é para o bem que eles estão unindo os seus raciocínios.

III O resultado do acordo entre Judas e os principais dos sacerdotes. 1. Judas precisa lhes entregar Cristo, deve levá-los a um lugar onde possam prendê-lo sem risco de tumulto, e com isto eles ficariam satisfeitos. 2. Eles devem dar uma quantia em dinheiro a Judas para fazê-lo, e com isto ele ficaria satisfeito (v. 5): Eles "convieram em lhe dar dinheiro". Feito o acordo, Judas procurou a oportunidade de traí-lo. Provavelmente, ele indagou, furtivamente, de Pedro e João, que eram mais íntimos do Mestre do que ele, onde Ele estaria a determinada hora, e para onde Ele iria depois da Páscoa, e eles não foram espertos o suficiente para desconfiar dele. De uma maneira ou de outra, em pouco tempo ele obteve a vantagem que procurava, e fixou hora e lugar onde isto seria feito, com a ausência da multidão, e sem tumultos.

A Celebração da Páscoa

vv. 7-20

Oh, que esperançosa perspectiva nós tivemos de Cristo fazendo uma grande quantidade de bem por meio da sua pregação durante o período da Festa dos Pães Asmos, que durava sete dias, quando as pessoas estavam ali

todas as manhãs, e bem cedo pela manhã, tão atentas a ouvi-lo! Mas aqui isto chega ao final. Ele deve iniciar um trabalho de outra natureza: neste, no entanto, Ele trará mais bem do que no outro, pois os dias de sofrimentos de Cristo, ou os da sua igreja, não são dias vazios e ociosos. Aqui, temos:

I A preparação que foi feita para a refeição de Páscoa de Cristo com os seus discípulos, no mesmo dia dos Pães Asmos, quando a páscoa devia ser sacrificada, de acordo com a lei, v. 7. Cristo nasceu debaixo da lei, e observava as suas ordenanças, particularmente esta da Páscoa, para nos ensinar a observar da mesma maneira as suas instituições do Evangelho, em particular a da Ceia do Senhor, e não negligenciá-las. É provável que Ele tenha ido ao templo para pregar pela manhã, quando enviou Pedro e João por outro caminho à cidade, para preparar a Páscoa. Aqueles que têm cooperadores para fazer por eles as suas tarefas seculares, não devem pensar que isto permite que fiquem ociosos; é conveniente que eles se dediquem a tarefas espirituais, ou sirvam ao público. Ele orientou os seus cooperadores sobre onde deviam ir (vv. 9, 10): Eles devem seguir um homem levando um cântaro de água, e este deverá ser o guia deles até a casa. Cristo poderia ter descrito a casa para eles; provavelmente era uma casa que eles conheciam, e Ele podia não ter dito nada além de: Vão até a casa de Fulano, ou a uma casa em tal rua, com tal detalhe, etc. Mas Ele os orientou desta maneira, para ensiná-los a confiar na conduta da Providência, e segui-la, passo a passo. Eles foram, sem saber para onde estavam indo, nem a quem seguiam. Tendo chegado à casa, eles deviam pedir ao dono da casa que lhes mostrasse um cômodo (v. 11), e ele faria isto prontamente, v. 12. Não fica claro se a casa era de um amigo, ou uma casa pública; mas os discípulos encontraram seu guia, e a casa, e o cômodo, exatamente como Ele lhes tinha dito (v. 13). Não precisam temer um desapontamento aqueles que seguem a palavra de Cristo. De acordo com as instruções que tinham recebido, eles conseguiram preparar tudo para a Páscoa, v. 11.

II A cerimônia da Páscoa, de acordo com a lei. Quando chegou a hora em que eles deveriam cear, Jesus sentou-se, provavelmente à cabeceira da mesa, e os doze apóstolos com Ele, inclusive Judas – é possível que aqueles cujos corações estão cheios de Satanás, e todas as formas de maldade, possam ainda prosseguir com uma profissão aparente de religião, e possam

ser encontrados realizando cultos exteriores. E, enquanto a maldade estiver no coração, e não irromper em algo ofensivo, não devem ser negados a esta pessoa os privilégios externos de sua crença. Embora Judas já fosse culpado de um claro ato de traição, este ato não era ainda de conhecimento público, e Cristo permite que ele se sente com os demais para a Páscoa. Observe:

1. Como Cristo dá as boas-vindas a esta Páscoa, para nos ensinar que devemos receber da mesma maneira sua Páscoa, a Ceia do Senhor, e comparecer a ela com vontade (v. 15): “Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça”. Ele sabia que esta ceia deveria ser o prólogo aos seus sofrimentos, e por isto Ele a desejava, porque estaria em conformidade com a glória do seu Pai e a redenção do homem. Ele se alegrava em cumprir até mesmo esta parte da vontade de Deus a seu respeito, como um Mediador. Podemos hesitar diante de qualquer serviço por aquele que estava tão disposto a realizar a obra da nossa salvação? Veja o amor que Ele sentia por seus discípulos: Ele desejou comer com eles, para que pudesse passar algum tempo com eles, juntos, somente eles e ninguém mais, para uma conversa em particular, que não puderam ter em Jerusalém, exceto nesta ocasião. Agora, Ele estava prestes a deixá-los, mas tinha grande desejo de comer esta refeição de Páscoa com eles antes de seus sofrimentos, como se o consolo desta refeição o conduzisse mais entusiasmado pelos seus sofrimentos, e os tornasse mais fáceis para Ele. Observe que a nossa Páscoa do Evangelho, que recebemos pela fé em Jesus Cristo, será um excelente preparativo para sofrimentos, e provações e a própria morte.

2. Como Cristo, com esta ceia de Páscoa, se despede de todas as Páscoas, representando desta maneira que Ele está anulando todas as ordenanças da lei cerimonial, entre as quais esta ordenança da Páscoa era uma das primeiras e uma das mais importantes (v. 16): “Não a comerei mais” – mas ela continuará a ser celebrada pelos meus discípulos – “até que ela se cumpra no Reino de Deus”. (1) Isto se cumpriu quando Cristo, a nossa Páscoa, foi sacrificado por nós, 1 Coríntios 5.7. Portanto, este tipo e sombra foram deixados de lado, porque agora, no reino de Deus, era chegada a essência que os substituiria. (2) Isto se cumpriu na Ceia do Senhor, uma ordenança do reino do Evangelho, no qual a Páscoa se cumpria, e que os discípulos, depois do derramamento do Espírito, celebravam com freqüência, como vemos em Atos 2.42,46. Eles a comeram, e pode-se dizer que Cristo comeu com eles, devido à comunhão espiritual que eles tinham

com Ele nesta ordenança. Ele ceou com eles, e eles com Ele, Apocalipse 3.20. Mas: (3) O cumprimento completo desta comemoração de liberdade se dará no reino da glória, quando toda a Israel espiritual de Deus será libertada da escravidão da morte e do pecado, e tomará posse da terra da promessa. O que Jesus disse, a respeito de comer o cordeiro pascal, Ele repete, ao beber o vinho da Páscoa, o cálice da bênção, ou o da ação de graças, no qual todo o grupo se comprometeu com o Mestre da festa, no final da Ceia de Páscoa. Ele tomou este cálice, de acordo com o costume, e deu graças pela libertação de Israel do Egito, e a preservação dos seus primogênitos, e então disse, “Tomai-o e reparti-o entre vós”, v. 17. Não está escrito, a respeito do cálice sacramental – que com certeza tinha muito mais importância e valor do que o cálice da Páscoa, pois o Novo Testamento estava fundamentado no sangue do Senhor – que em seguida Ele o entregasse a cada um particularmente, para ensiná-los a fazer uma aplicação pessoal dele às suas próprias almas. Mas, quanto ao cálice pascal, que deve ser abolido, é suficiente dizer, “Tomem-no, e compartilhem-no entre si do modo que desejarem, pois não terão mais a oportunidade de usá-lo”, v. 18. “Já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus” – até que o Espírito seja derramado, e então vocês, na Ceia do Senhor, irão comemorar uma redenção muito mais gloriosa, na qual tanto a libertação do Egito quanto a comemoração da Páscoa eram tipos e figuras. O reino de Deus está agora tão próximo de ser estabelecido que vocês não precisarão mais comer ou beber, até que ele chegue. A morte de Cristo, no dia seguinte, deu início a este precioso reino. Assim como Cristo, com uma grande satisfação, abandonou todas as festas legais (que cessaram, naturalmente, com a Páscoa), substituindo-as pelas do Evangelho – e, aqui, estamos tratando tanto das festas espirituais quanto das sacramentais – também os bons cristãos, quando são chamados para passar da igreja militante para a triunfante, podem e devem, alegremente, substituir até mesmo suas refeições espirituais – e muito mais as sacramentais – pelo banquete eterno.

III A instituição da Ceia do Senhor, vv. 19,20. A Páscoa e a libertação do Egito eram sinais típicos e proféticos de um Cristo que viria, que, morrendo, nos libertaria do pecado e da morte, e da tirania de Satanás; mas “nunca mais se dirá: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra

do Egito” (Jr 16.14); uma libertação muito maior irá eclipsar o brilho daquela, e, por isto a Ceia do Senhor foi instituída, para ser um sinal comemorativo, ou um memorial, de um Cristo já vindo, que, ao morrer, nos libertou; e a sua morte, de uma maneira especial, nos é apresentada nesta ordenança.

1. O partir do corpo de Cristo como um sacrifício por nós é aqui comemorado pelo partir do pão – os sacrifícios sob a lei eram chamados de “O pão do nosso Deus” (Lv 21.6,8,17): “Isto é o meu corpo, que por vós é dado”. E aqui foi instituída uma comemoração sobre aquele sacrifício, ao qual nós devemos comparecer e receber o seu benefício e consolo. Este pão que é dado por nós, nós é dado para ser alimento para a nossa alma, pois nada pode ser mais substancial e satisfatório para a nossa alma do que a doutrina da expiação dos pecados por Cristo, e a certeza do nosso interesse nesta expiação; este pão que foi partido e dado por nós, para expiar a culpa pelos nossos pecados, é partido e dado a cada um de nós, para satisfazer o desejo das nossas almas. E isto nós fazemos, em memória do que Ele fez por nós quando morreu por nós, e como um memorial do que nós fazemos, ao nos tornarmos participantes com Ele, e ao nos unirmos a Ele em um concerto eterno; como a pedra que Josué indicou como testemunho, Josué 24.27.

2. O derramamento do sangue de Cristo, pelo qual se fez a expiação (pois o sangue fazia expiação pela alma, Levítico 17.11), representado pelo vinho no cálice; e este cálice de vinho é um sinal e um símbolo do Novo Testamento, ou novo concerto, estabelecido conosco. Ele comemora a compra do concerto, pelo sangue de Cristo, e confirma as promessas do concerto, que nele são todas Sim e Amém (2 Co 1.20). Isto será revigorante e renovador para as nossas almas, como o vinho que traz alegria ao coração. Em todas as nossas comemorações do derramamento do sangue de Cristo, nós devemos considerá-lo como sendo derramado por nós; nós precisávamos dele, esperamos ter os benefícios dele: Ele “me amou e se entregou a si mesmo por mim”. E em todas as nossas considerações sobre o Novo Testamento, devemos nos concentrar no sangue de Cristo, que deu a vida e a existência ao Novo Testamento, e que nos sela em todas as promessas que nele estão contidas. Se não fosse pelo sangue de Cristo, nós nunca teríamos o Novo Testamento; e, se não fosse pelo Novo Testamento, nós nunca teríamos conhecido o significado do sangue que foi derramado

por Cristo.

Os Discípulos São Avisados. A Fraqueza de Pedro É Predita

vv. 21-38

Temos aqui o sermão de Cristo aos seus discípulos, depois da Ceia, do qual grande parte é apresentada pela primeira vez aqui (no Evangelho de João encontraremos outros acréscimos). Devemos tomar a atitude do Senhor como um exemplo, para edificarmos a nossa família e os nossos amigos com palavras como estas quando estivermos com eles à mesa. Esta é uma atitude boa e útil para a edificação, e que pode ministrar graça aos ouvintes. Mas especialmente depois de termos estado à mesa do Senhor, devemos utilizar este procedimento de ter boas conversas cristãs para que nos mantenhamos em uma condição adequada. Os assuntos sobre os quais Cristo fala aqui são de grande importância, e atendem especificamente ao objetivo da edificação na fé.

I Ele falou com eles a respeito daquele que iria traí-lo, que estava presente. 1. Ele informa que o traidor estava agora entre eles, e que era um deles, v. 21. Ao colocar este trecho depois da instituição da Ceia do Senhor, embora Mateus e Marcos o tivessem colocado antes da Ceia, Lucas parece deixar claro que Judas recebeu a Ceia do Senhor, comeu o pão e bebeu o cálice; pois, depois de terminada a solenidade, Cristo disse, “Eis que a mão do que me trai está comigo à mesa”. Aquelas mãos que tinham comigo pão com Cristo, ainda assim o traíram. 2. Ele prediz que a traição irá se realizar (v. 22): “Na verdade, o Filho do Homem vai segundo o que está determinado”, vai ao lugar onde Ele será traído; pois Ele é entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, caso contrário, Judas não conseguiria entregá-lo. Cristo não foi levado aos seus sofrimentos, mas dirigiu-se a eles alegremente. Ele disse, “Eis que venho.” 3. Ele ameaça o traidor: “Ai daquele homem por quem é traído!”. Observe que nem a paciência dos santos sob seus sofrimentos, nem o conselho de Deus a respeito de seus sofrimentos, será qualquer desculpa para aqueles que têm alguma participação nestes, ou que os perseguem. Embora Deus tenha determinado que Cristo seria traído, e Ele mesmo tenha alegremente se submetido a isto,

ainda assim o pecado e a punição de Judas não são, de maneira nenhuma, menores. 4. Jesus leva os demais discípulos a suspeitar de si mesmos, ao dizer que o traidor era um deles, sem dizer qual (v. 23): Eles “começaram a perguntar entre si” – a se questionar, a fazer uma pergunta a si mesmos – “qual deles seria o que havia de fazer isso” – quem poderia ser tão vil para um Mestre tão bom. A pergunta não foi, É você? Ou, É Fulano? mas, “Sou eu?”

II A respeito da disputa que havia entre eles, por preferência ou supremacia.

1. Veja qual era a disputa: Qual deles parecia ser o maior. Esta e tantas disputas entre os discípulos, por dignidade e domínio, antes do derramamento do Espírito sobre eles, eram um triste presságio das disputas semelhantes, e do apego pela supremacia nas igrejas, depois que o Espírito fosse provocado a deixá-los. Como isto é incoerente com o versículo anterior! Ali eles se perguntavam quem seria o traidor, e aqui, quem seria o príncipe. Um exemplo de humildade, como aquele, e um exemplo de orgulho e vaidade, como este, poderiam ser encontrados nos mesmos homens, tão próximos um do outro? É como água doce e amarga, jorrando ao mesmo tempo, da mesma fonte. Que contraditório é o coração enganador dos homens!

2. Veja o que Cristo disse a respeito desta disputa. Ele não foi ríspido com eles, como seria de se esperar (pois já os tinha repreendido freqüentemente quanto a este mesmo assunto), mas mostrou-lhes com brandura quão pecaminosa e tola era esta disputa.

(1) Era equivalente a fazê-los como os “reis dos gentios”, que apreciam a pompa e o poder mundanos, v. 25. Eles dominam os seus súditos, e às vezes procuram dominar também os príncipes que estão próximos a eles – embora sejam tão bons quanto eles mesmos – se não os julgarem tão fortes quanto a si mesmos. Observe que a dominação é mais adequada aos “reis dos gentios” do que aos ministros de Cristo. Mas, observe que aqueles que exercem autoridade e se responsabilizam por cuidar do governo e legislar, são chamados de *Benfeitores – Euergetas.* Eles se autodenominam desta forma, e assim os seus aduladores os chamam, como também aqueles que se dispõem a servir os seus interesses. Supõe-se que fossem benfeitores, e desta maneira eles deviam ser admitidos para governar. Na verdade, supõe-se que ao exercer autoridade eles eram benfeitores. Embora eles, na

realidade, servissem a si mesmos, eles eram considerados como servidores da sua nação. Houve um Ptolomeu que tinha por sobrenome *Euergetes* – O Benfeitor (Ptolomeu Evérgeta). O nosso Salvador, ao tomar conhecimento desta disputa, expressa: [1] Que fazer o bem é mais honroso do que parecer grande; pois estes príncipes – que eram o terror dos poderosos – não seriam chamados assim, mas seriam chamados de benfeitores dos necessitados. Deste modo, pela própria confissão deles, alguém que seja um benfeitor para a sua nação é muito mais valorizado do que um governante da sua nação. [2] Que fazer o bem é a maneira mais segura de ser grande, caso contrário aqueles que desejavam ser governantes não desejariam tanto ser chamados de benfeitores. Portanto, Ele queria que os seus discípulos cressem que a sua maior honra seria fazer todo o bem que pudessem no mundo. Eles realmente seriam os benfeitores do mundo, trazendo o Evangelho a ele. O Senhor queria que eles se sentissem valorizados por terem este título, ao qual eles realmente teriam direito, e não necessitariam, então, disputar qual seria o maior, pois todos eles seriam grandes distribuidores de bênçãos à humanidade, mais do que os reis da terra, que a governam. Se eles tiverem o que é, declaradamente, a maior honra, a de serem benfeitores, eles desprezarão a menor – ser governantes.

(2) Esta disputa não os faziam semelhantes aos discípulos de Cristo, nem ao próprio Cristo: “Não sereis vós assim”, v. 26,27. Nunca houve a intenção de que vocês governassem de nenhuma outra maneira, a não ser pelo poder da verdade e da graça, a intenção era que vocês servissem. Quando os líderes da igreja se apegam à pompa externa e ao poder, e se acumulam de interesses e influências seculares, eles degradam o seu trabalho. Este é um exemplo de degeneração como o de Israel, quando eles desejaram um rei como as nações que estavam ao seu redor, quando o Senhor era o seu Rei. Veja aqui: [1] Qual é a norma que Cristo dá aos seus discípulos: “O maior entre vós” – aquele que for sênior, aquele que deve ter a preferência, devido à sua idade – “seja como o menor” – tanto em termos de inferioridade de lugar (que ele aquiesça em sentar-se com os mais jovens, e seja livre e familiar com eles) quanto em termos de trabalho e esforço. Nós dizemos: *Juniores ad labores, seniores ad honores – Que os jovens trabalhem, e que os mais velhos recebam honras*. Mas que os mais velhos se esforcem, assim como os mais jovens; que a sua idade e honra, em lugar de lhes permitir a acomodação, os leve ao trabalho dobrado. “E quem governa”, *ho*

hegoumenos – o presidente do grupo ou assembléia, que seja como quem serve, *hos ho diakonon – como o diácono*; que ele se curve aos mais humildes e cansativos trabalhos para o bem público, se houver oportunidade. [2] Qual o exemplo que Ele mesmo deu a esta norma: “Pois qual é maior? Quem está à mesa, ou quem serve? Quem serve, ou quem é servido? Agora, Cristo estava entre seus discípulos exatamente como alguém que servia. Ele estava tão longe de assumir uma pompa, ou de acomodar-se, comandando o serviço de seus discípulos a si mesmo, que estava pronto para desempenhar qualquer ofício de gentileza e serviço por eles. Testemunhe Cristo lavando os pés dos discípulos. Assumirão a forma de príncipes aqueles que se dizem seguidores Daquele que assumiu a forma de servo?

(3) Eles não devem lutar por honra e grandeza terrenas, porque Ele tem honras melhores reservadas para eles, de outra natureza; um reino, um banquete, um trono, para cada um deles, no sentido de que todos eles tenham a mesma participação, e não tenham oportunidade de lutar por algum tipo de primazia, vv. 28-30. Observe aqui:

[1] O elogio de Cristo aos seus discípulos, pela sua lealdade a Ele – isto era honra suficiente para eles, eles não precisavam procurar por nenhuma honra maior. As palavras são ditas com um ar de louvor e elogios: “Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações”. Vocês são aqueles que ficaram ao meu lado quando outros me abandonaram e voltaram as costas para mim. Cristo teve suas tentações: Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens, reprovado e ofendido, e suportou a contradição dos pecadores. Mas os seus discípulos continuaram com Ele, e se afligiram com todas as suas aflições. Era apenas uma pequena ajuda que eles podiam prestar-lhe, ou um pequeno serviço que podiam realizar para Ele; apesar disto, Ele interpretou como um ato de bondade o fato de que permanecessem com Ele, e aqui Ele reconhece a sua bondade – embora fosse pela ajuda da sua própria graça que eles tinham permanecido. Os discípulos de Cristo tinham sido muito imperfeitos nos seus deveres. Nós os percebemos culpados de muitos enganos e muitas fraquezas: eles eram muito tolos e esquecidos, e freqüentemente cometiam erros estúpidos. Mas ainda assim o seu Mestre ignora e se esquece dos erros que cometeram; Ele não os censura pelas suas fraquezas, mas lhes dá este memorável testemunho: “Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas

tentações". Assim Ele os elogia, ao se separar deles, para mostrar o quão desejoso Ele está de fazer o melhor por estes corações que Ele sabe que são retos para com a sua bendita Pessoa.

[2] A recompensa que Ele lhes designou pela sua fidelidade: Eu vos destino, *diatithemai*, Eu vos deixo um reino como herança. Ou, Eu destino a vocês (assim como meu Pai mo destinou), um reino, para que vocês possam comer e beber à minha mesa. Compreenda, em primeiro lugar, o que deveria ser feito por eles neste mundo. Deus deu ao seu Filho um reino entre os homens, a igreja do Evangelho, da qual Ele é a Cabeça, viva, dinâmica, governante. Este reino, Ele destinou aos seus apóstolos e os seus sucessores no ministério do Evangelho, para que possam aproveitar os consolos e privilégios do Evangelho, ajudar a transmiti-lo aos outros pelas ordenanças do Evangelho, assentar-se em tronos como membros da igreja, não somente de forma declarada, mas encorajadora, julgando as tribos de Israel que persistem na sua infidelidade, e denunciando a ira de Deus contra eles, e governando a Israel do Evangelho, a Israel espiritual, pela disciplina instituída da igreja, administrada com bondade e amor. Esta é a honra reservada para vocês. Ou, em segundo lugar, o que deveria ser feito por eles no outro mundo, que, na minha opinião, é o significado principal. Que eles prossigam com seus serviços neste mundo; as suas promoções serão no outro. Deus irá dar-lhes o reino, no qual eles podem ter certeza de ter: 1. As mais ricas iguarias, pois eles comerão e beberão à mesa de Cristo no seu reino, ao qual Ele já tinha se referido, vv. 16, 18. Eles compartilharão estas alegrias e estes prazeres, que serão a recompensa pelos seus serviços e sofrimentos. Eles terão uma satisfação completa da alma, vendo a Deus e desfrutando a sua gloriosa presença; e então terão a melhor associação, como em um banquete, na perfeição do amor. 2. As mais altas dignidades: Vocês não somente terão provisões na mesa real, como Mefibosete à mesa de Davi, mas serão promovidos ao trono real: "Lhe concederei que se assente comigo no meu trono", Apocalipse 3.21. No grande dia, vocês se sentarão nos tronos, como assessores de Cristo, para aprovar e elogiar o seu julgamento às doze tribos de Israel. Se o mundo deve ser julgado pelos santos (1 Co 6.2), muito mais a igreja.

III A respeito da negação de Pedro. Nesta parte do sermão, podemos observar:

1. O aviso geral que o Senhor Jesus Cristo dá a Pedro sobre os desígnios do diabo para ele e para os demais apóstolos (v. 31): “Disse também o Senhor: Simão, Simão” – preste atenção ao que Eu digo; “Eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo”. Pedro, que ao falar com Cristo costumava ser o porta-voz de todos os demais discípulos, aqui se torna os ouvidos dos demais; e o aviso que devia ser dado a todos eles (“de todos sereis odiados por causa do meu nome”) é dirigido a Pedro, porque ele era o principal interessado, pois estava sendo, de maneira particular, atacado pelo tentador: “Satanás vos pediu”. Provavelmente Satanás tinha acusado os discípulos perante Deus Pai, de serem mercenários ao seguirem a Cristo, dizendo que só desejavam enriquecer e progredir neste mundo, da mesma forma que tinha acusado Jó. “Não”, disse Deus, “eles são homens honestos, e íntegros”. “Dê-me permissão para tentá-los”, diz Satanás, “e Pedro, em especial”. Ele desejou tê-los para poder testá-los, para que pudesse mostrar que eles eram palha e não trigo. Os problemas que agora lhes surgiam eram testes, iriam testar o que havia neles: mas isto não era tudo. Satanás desejou testá-los com suas tentações, e esforçou-se, por meio destes problemas, a levá-los ao pecado, à perda e à confusão, como o trigo, quando peneirado para separar a palha, ou melhor, para eliminar o trigo e deixar somente a palha. Observe que Satanás não podia testá-los, a menos que Deus lhe desse permissão: Ele desejava tê-los, assim como pediu a Deus a permissão para testar e tentar a Jó. *Exetesato – Ele desafiou vocês*, ele se comprometeu a provar que vocês são um grupo de hipócritas, especialmente Pedro, o mais ousado de vocês. Alguns sugerem que Satanás pediu permissão para tentá-los, como uma punição por terem disputado quem seria o maior, uma situação em que Pedro talvez tenha sido brando demais: “Deixe-os comigo, que eu vou tentá-los por causa disto”.

2. O incentivo especial que Jesus deu a Pedro, com referência a esta tentação: “Eu roguei por ti”, porque, embora ele deseje conquistar todos vocês, ele tem permissão de fazer o seu ataque mais forte somente sobre você, você será atacado mais violentamente. “Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” – para que ela não desfaleça, completamente e finalmente. Observe: (1) Se a fé for mantida no momento de tentação, embora possamos cair, ainda assim não seremos derrubados completamente. A fé irá “apagar todos os dardos inflamados do maligno”. (2) Embora possa haver muitas falhas na fé dos verdadeiros crentes, ainda

assim isto não representará um fracasso total e definitivo da sua fé. É a sua semente, a sua raiz, que permanece neles. (3) É devido à mediação e à intercessão de Jesus Cristo que a fé dos seus discípulos, embora algumas vezes tristemente abalada, não é destruída. Se fossem deixados à sua própria sorte, eles fracassariam; mas eles são mantidos pelo poder de Deus e pela oração de Cristo. A intercessão de Cristo não é apenas genérica, por todos os que crêem, mas também por alguns crentes em especial (Eu roguei por ti). Isto é um incentivo para que nós roguemos por nós mesmos, e também um compromisso para que também oremos pelos outros.

3. A incumbência que o Senhor dá a Pedro, de ajudar aos outros, assim como Ele mesmo foi ajudado por Deus: “Tu, quando te converteres, confirma teus irmãos”; quando você for recuperado pela graça divina, e for trazido ao arrependimento, faça o que puder para recuperar a outros; quando você encontrar aqueles que estão vacilando na fé, impeça-os de fracassar, empenhe-se em confirmar a fé deles, e se esforce para estabelecê-la. Quando você tiver alcançado a misericórdia do próprio Deus, incentive outros a terem a esperança de que eles também irão encontrar misericórdia. Observe: (1) Aqueles que caíram no pecado precisam ser convertidos dele; aqueles que se viraram para o lado devem retornar; aqueles que abandonaram o seu primeiro amor devem praticar as suas primeiras obras. (2) Aqueles que pela graça são convertidos do pecado devem fazer tudo o que puderem para fortalecer os irmãos que estão em pé, e impedir que caiam; veja Salmos 51.11-13; 1 Timóteo 1.13.

4. A resolução declarada de Pedro, de ser fiel a Cristo, não importando o custo (v. 33): “Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte”. Esta era uma grande declaração, e ainda assim eu não creio que ele tencionasse dizer nada mais, nesta ocasião, e pensava que conseguiria cumpri-la, também. Judas nunca protestou assim à menção de negar a Cristo, embora freqüentemente fosse avisado disto; porque o seu coração estava tão completamente decidido para o mal como o de Pedro era contrário ao mal. Observe que todos os verdadeiros discípulos de Cristo desejam sinceramente segui-lo, onde quer que Ele vá, e para onde quer que Ele os leve, ainda que seja para uma prisão, ainda que seja para fora deste mundo.

5. A predição expressa de Cristo, de que Pedro iria negá-lo três vezes (v. 34): “Digo-te, Pedro” (você não conhece o seu próprio coração, mas é preciso que você seja deixado à sua própria sorte por algum tempo, para

que o conheça e nunca venha a confiar nele novamente) “que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces”. Observe que Cristo nos conhece melhor do que nós mesmos, e conhece o mal que há em nós (e que será feito por nós), do qual nós mesmos nem suspeitamos. É bom para nós que Cristo saiba em que somos fracos, melhor do que nós sabemos, e, portanto, onde introduzir graça suficiente; é bom que Ele saiba até onde uma tentação poderá prevalecer, e, portanto, quando dizer, Até aqui ela poderá ir, e não além.

IV A respeito da condição de todos os discípulos.

1. O Senhor chama a atenção deles, a respeito do que tinha ocorrido, v. 35. Ele tinha reconhecido que eles tinham sido servos fiéis a Ele, v. 28. Agora Ele espera, na sua despedida, que eles reconheçam que Ele tinha sido um Mestre bom e preocupado com eles, desde o momento em que eles deixaram tudo para segui-lo: “Quando vos mandei sem bolsa… faltou-vos, porventura, alguma coisa?” (1) Ele reconhece que os tinha enviado em uma condição muito pobre e limitada, descalços e sem dinheiro em suas bolsas, porque eles não deveriam ir muito longe, nem ficar fora por muito tempo; e Ele desejava ensiná-los, desta maneira, a confiar na Providência de Deus e, depois dela, na bondade de seus amigos. Se Deus nos envia ao mundo desta forma, devemos nos lembrar bem desta lição, agindo com toda a humildade. (2) Vemos que eles admitem que, apesar disto, não tinha lhes faltado nada; eles viveram com tanta abundância e conforto como sempre; e eles realmente reconhecem isto: “Nada, Senhor” – “bastante tenho recebido e tenho abundância”. Observe: [1] É bom que freqüentemente revisemos as providências de Deus a nosso respeito, todos os nossos dias, e observemos como passamos pelas dificuldades com as quais nos deparamos. [2] Cristo é um bom Mestre, e o seu serviço é um bom serviço; pois embora os seus servos possam, às vezes, ser humilhados, ainda assim Ele os ajudará; e embora Ele os ponha à prova, ainda assim Ele não os abandonará; Ele é o nosso *Jehovah-jireh.* [3] Devemos nos considerar bem guiados, e não devemos reclamar, mas ser gratos, se tivermos tido o suporte necessário na vida, mesmo que não tenhamos tido guloseimas nem supérfluos, embora tenhamos vivido em dificuldades financeiras, e dependendo da bondade de nossos amigos. Os discípulos viviam de caridade, e ainda assim não reclamavam de que o seu sustento fosse precário, mas reconheciam, para a

honra do seu Mestre, que era suficiente; não lhes faltava nada.

2. Ele lhes dá um aviso sobre uma grande e próxima alteração nas suas circunstâncias. Pois: (1) Aquele que era o seu Mestre estava agora iniciando os seus sofrimentos, que Ele freqüentemente havia predito (v. 37): “Vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado”, isto é, Ele deve sofrer e morrer como um malfeitor, e na companhia de alguns dos piores malfeitores. Isto é o que ainda deve ser cumprido, depois de todo o resto, e então as coisas a meu respeito, as coisas escritas a meu respeito, terão chegado ao final; e então Eu direi, “Está consumado”. Observe que pode representar o consolo dos cristãos sofredores, assim como o do Cristo sofredor, saber que os seus sofrimentos foram preditos, e determinados nos conselhos do céu, e em breve trarão as alegrias do céu. Estes sofrimentos estavam determinados para eles, e terão um fim, e terminarão bem, eternamente bem. (2) Portanto, eles devem esperar problemas, e não devem pensar agora em ter uma vida tão cômoda e fácil como tinham tido; não, o cenário irá se alterar. Agora eles devem, de certa maneira, sofrer com o seu Mestre; e, quando Ele tiver partido, eles devem esperar sofrer como Ele. Não é o servo mais do que o seu Senhor. [1] Agora, os discípulos não devem mais esperar que os seus amigos sejam tão bondosos e generosos com eles, como tinham sido; e, portanto, “Agora, aquele que tiver bolsa, tome-a”, pois esta lhes poderá ser útil, inclusive para guardar alimentos e outros itens necessários. [2] Agora eles devem esperar que os inimigos sejam mais violentos contra eles do que tinham sido, e eles precisarão de provisões, e também de víveres: Aquele que não tiver espada com a qual se defender contra salteadores e assassinos (2 Co 11.26), irá sentir muito a sua falta, e estará pronto para desejar, em uma ou outra ocasião, que tivesse vendido a sua roupa para comprar uma espada. Aqui se pretende apenas mostrar que os tempos podem ser muito perigosos, de modo que ninguém se julgue seguro se não tiver uma espada ao lado. Mas a espada do Espírito é a espada que os discípulos de Cristo devem portar. Tendo Cristo sofrido por nós, nós devemos nos armar com o mesmo pensamento (1 Pe 4.1), nos armar com a expectativa de problemas, para que eles não sejam uma surpresa para nós, e, com uma santa resignação à vontade de Deus, não devemos nos opor a eles, como se fossem algo estranho – e então estaremos tão bem preparados como se tivéssemos vendido um casaco para comprar uma espada. Os discípulos,

então, investigam que armas tinham, e descobrem que tinham, entre si, duas espadas (v. 38), das quais uma era de Pedro. Os galileus geralmente viajavam com espadas. Cristo não usava nenhuma, mas não era contrário a que os seus discípulos as usassem. Mas Ele dá a entender o quão pouco desejava que eles dependessem delas, quando diz, “Basta”, e alguns pensam que o Senhor o disse de maneira irônica: Duas espadas para doze homens! Vocês estão, realmente, fortemente armados quando os nossos inimigos estão agora vindo contra nós em grandes multidões, e cada um deles tem uma espada! Mas duas espadas são suficientes para aqueles que não precisam de nenhuma, já que o próprio Deus, o Todo-Poderoso, é o escudo do seu socorro e a espada da sua alteza, Deuteronômio 33.29.

A Agonia no Jardim

vv. 39-46

Aqui temos a terrível história da agonia de Cristo no Jardim, pouco antes que Ele fosse traído, passagem que foi detalhadamente relatada pelos demais evangelistas. Aqui, Cristo se entrega àquela parte da sua missão na qual Ele faria da sua alma uma oferta pelo pecado. Ele afligiu a sua própria alma com a tristeza pelo pecado que Ele deveria expiar. Ele sentia a ira de Deus que era direcionada aos homens, que se tornaram detestáveis pelos pecados que praticaram. Aceitando se tornar um sacrifício voluntário, o Senhor Jesus Cristo tomou sobre si as conseqüências do pecado. O fato de o sacrifício ser consumido pelo fogo do céu era o sinal e a garantia da sua aceitação. Desta forma, Cristo entrou na arena, enfrentando os poderes das trevas: O Senhor lhes deu todas as vantagens que eles poderiam desejar, e ainda assim os derrotou.

I O que nós temos nesta passagem, que já lemos antes, é: 1. Que quando Cristo saiu, embora fosse noite, e fosse uma longa caminhada, os seus discípulos (onze deles, pois Judas os tinha deixado) o seguiram. Tendo permanecido com Ele até aqui, em suas tentações, eles não o deixariam agora. 2. Que Ele foi ao lugar onde tinha por hábito ficar isolado, o que dá a entender que Cristo estava acostumado a isolar-se. Ele ficava freqüentemente sozinho, para nos ensinar a fazer o mesmo, para termos

liberdade de conversar com Deus e com os nossos corações. Embora Cristo não tivesse um lugar para onde se retirar, exceto um Jardim, ainda assim Ele se retirou. Este deve ser o nosso procedimento, particularmente depois de termos estado à mesa do Senhor – temos uma obra para fazer, que exige que passemos algum tempo a sós. 3. Que Ele exortou os seus discípulos para que orassem, para que, embora a provação próxima não pudesse ser evitada, ainda assim eles conseguissem não entrar na tentação ao pecado; para que, quando estivessem em meio ao maior terror e perigo, ainda assim não se sentissem inclinados a abandonar a Cristo, nem dar um passo sequer nesta direção: “Orai, para que não entreis em tentação.” 4. Que Ele se afastou deles, e Ele mesmo orou. Eles tinham missões que vieram do trono da graça, e Jesus tinha a dele. Portanto, era conveniente que eles orassem em separado, assim como às vezes, quando tinham missões conjuntas, oravam juntos. Ele se apartou deles cerca de um tiro de pedra, que alguns interpretam como sendo aproximadamente cinqüenta ou sessenta passos, e ali Ele se pôs de joelhos (como está escrito aqui), no chão duro; mas os outros evangelistas dizem que em seguida o Senhor se prostrou sobre o seu rosto, e então orou para que, se fosse a vontade de Deus Pai, este cálice de sofrimento, este cálice amargo, pudesse ser afastado dele. Esta era a linguagem daquele inocente terror do sofrimento, que, sendo realmente e verdadeiramente um Homem, o Senhor Jesus não poderia deixar de ter em sua natureza. 5. Que, sabendo que era a vontade de seu Pai que sofresse e morresse, e, como a questão havia sido estabelecida – que tamanho sofrimento era necessário para a nossa redenção e salvação – o Senhor Jesus retirou imediatamente este pedido, não insistiu nele, mas resignou-se à vontade do seu Pai celestial: “Todavia, não se faça a minha vontade” – nem a vontade da minha natureza humana – “mas a tua”. No rolo do livro está escrito de mim: Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu, Salmos 40.7,8. 6. Que os seus discípulos estavam dormindo enquanto Ele estava orando, quando deviam, eles mesmos, estar orando, v. 45. “Levantando-se da oração, foi ter com os seus discípulos e achou-os dormindo”, indiferentes à sua tristeza; mas veja que significado favorável aqui é dado a este fato, coisa que não lemos nos textos dos outros evangelistas: eles estavam dormindo “de tristeza”. A grande tristeza que sentiam, devido às funestas despedidas que seu Mestre estava fazendo esta noite, deixara seus espíritos exaustos, e eles estavam muito entorpecidos e

pesados, o que (como já era tarde), lhes trazia a necessidade de dormir. Isto nos ensina a considerar ao máximo as fraquezas dos nossos irmãos; e, se houver uma causa mais difícil ou urgente do que outra, não devemos nos esquecer de agir com generosidade e caridade. 7. Que, quando Ele os despertou, então os exortou a orar (v. 46): “Por que estais dormindo?” Por que vocês se permitem dormir? “Levantai-vos, e orai”. Livrem-se da sua sonolência, para que possam estar dispostos a orar, e orem, pedindo a graça, para que possam ser capazes de livrar-se da sua sonolência. Este foi como o chamado do mestre do navio a Jonas, na tempestade (Jn 1.6): “Levanta-te, invoca o teu Deus”. Quando nos encontramos, seja pelas nossas circunstâncias externas, ou pela nossa disposição interna, entrando em tentação, nos compete levantar-nos e orar dizendo: Senhor, ajude-me nesta hora de necessidade. Mas:

II Há três informações nesta passagem que não estavam presentes nos textos dos demais evangelistas:

1. Que, quando Cristo estava em sua agonia, “apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava”, v. 43. (1) Foi um exemplo da profunda humilhação do nosso Senhor Jesus, o fato de precisar da ajuda de um anjo, e a aceitar. A influência da natureza divina se retirou nesta hora, e então, quanto à sua natureza humana, durante algum tempo Ele foi inferior aos anjos, e pôde receber a ajuda deles. (2) Embora não tenha sido libertado dos seus sofrimentos, ainda assim Ele foi fortalecido e apoiado sob estes sofrimentos, e isto era equivalente. Se Deus proporciona os ombros à carga, nós não teremos nenhuma razão para reclamar, sempre que Ele se agradar de colocar alguma carga sobre nós. Davi reconhece que esta é uma resposta suficiente para a sua oração, no dia da aflição, quando Deus fortaleceu a sua alma, e a mesma coisa acontece com o Filho de Davi, Salmos 138.3. (3) Os anjos ministraram ao Senhor Jesus no seu sofrimento. Ele podia ter tido legiões de anjos para libertá-lo; na verdade, um único anjo poderia tê-lo feito, poderia ter perseguido e derrotado todo o bando de homens que vieram para prendê-lo. Mas o Senhor só utilizou o seu serviço para se fortalecer; e esta mesma visita que este anjo lhe fez agora – na sua dor, quando os seus inimigos estavam despertos e os seus amigos, adormecidos – foi um sinal oportuno da graça divina, como um grande fortalecimento para Ele. Mas isto não foi tudo: provavelmente o anjo lhe disse alguma

coisa, para fortalecê-lo; lembrou-lhe de que os seus sofrimentos tinham por objetivo a glória do seu Pai, a sua própria glória, e a salvação daqueles que lhe foram dados. Penso que aquele anjo o lembrou da alegria, da semente que Ele veria; com isto e com sugestões semelhantes, ele o incentivou a prosseguir com entusiasmo; e o que consola, fortalece. Talvez o anjo tenha feito alguma coisa para lhe dar forças, enxugado o seu suor e as suas lágrimas; talvez lhe tenha dado algo para saciar a sede, como depois da tentação; talvez o tenha tomado pelo braço, e ajudado o Senhor a se levantar do chão, ou o tenha sustentado, quando Ele estava prestes a desmaiar. E através destes serviços do anjo, o Espírito Santo estava *enischyon auton, dando-lhe forças*; pois é isto o que esta expressão significa. De fato, agradou ao Senhor feri-lo, ou moê-lo; mas ainda assim, será que Deus Pai ainda lutou com o Senhor Jesus com a grandeza do seu poder? Não, mas cuidou dele (Jó 23.6), e o fortaleceu, como tinha prometido, Salmos 89.21; Isaías 49.8; 50.7.

2. Que, posto em agonia, Ele orava mais intensamente. v. 44. À medida que a sua tristeza e perturbação cresciam sobre si, Ele se tornou mais persistente na oração. Isto não significa que antes disto houvesse qualquer frieza ou indiferença nas suas orações, mas agora havia uma veemência maior nelas, o que foi expresso pela sua voz e pelos seus gestos. Observe que a oração, embora nunca seja inoportuna, é particularmente oportuna quando estamos em agonia; e quanto mais fortes são as nossas agonias, mas vívidas e freqüentes devem ser as nossas orações. Agora Cristo, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas, foi ouvido quanto ao que temia (Hb 5.7). E, no seu temor, o Senhor Jesus lutou da mesma forma que Jacó lutou com o anjo.

3. Que, na sua agonia, o seu suor era como grandes gotas de sangue, que corriam até o chão. O suor nasceu com o pecado, e foi um ramo da maldição, Gênesis 3.19. E, por isto, quando Cristo se fez pecado e uma maldição por nós, Ele sofreu um suor lúgubre, para que no suor da sua face nós possamos comer o pão, e para que Ele possa santificar a adoçar todas as nossas provações. Existe alguma discussão, entre os críticos, quanto ao fato deste suor somente se comparar a gotas de sangue, sendo muito mais espesso do que normalmente são as gotas de suor, pelo fato dos poros do corpo estarem mais abertos do que normalmente, ou se o sangue dos vasos capilares se misturou com este suor, de modo que tivesse cor de sangue, e

pudesse verdadeiramente ser chamado de um suor sangrento. Entendemos que o seu suor se transformou em grandes gotas de sangue. Alguns interpretam esta como sendo uma das vezes em que Cristo derramou o seu sangue por nós, pois sem o derramamento de sangue não há remissão. Todos os poros estavam como uma ferida aberta, e o seu sangue manchou toda a sua roupa. Isto mostrava o sofrimento da sua alma. Agora Ele estava a céu aberto, numa estação fria, sobre o chão frio, a uma hora avançada da noite, situações em que, poderíamos pensar, teriam sido insuficientes para provocar o suor; mas agora Ele exibe um suor que traduz a agonia extrema em que Ele se encontrava.

A Traição de Judas

vv. 47-53

Satanás, descobrindo que seus intentos de aterrorizar nosso Senhor Jesus, e de privá-lo da posse de sua própria alma (que é seu método usual), foram frustrados, recorre à força e às armas, e traz um grupo ao jardim para prendê-lo. O próprio Satanás estava com eles. Aqui temos:

I A identificação de Cristo, feita por Judas. Aqui aparece um numeroso grupo de pessoas, e Judas ia adiante dele, pois ele era o guia daqueles que prenderam a Jesus; eles não sabiam onde encontrá-lo, mas Judas os trouxe ao lugar certo – quando chegaram ao jardim, eles não sabiam qual deles era Jesus, mas Judas lhes disse que aquele a quem ele beijasse era Jesus; assim sendo, Judas chegou-se a Jesus para o beijar, de acordo com a liberdade e familiaridade usuais que o Senhor Jesus permitia aos seus discípulos. Lucas chama a atenção à pergunta que Cristo faz a Judas, que nós não lemos nos textos dos demais evangelistas: “Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?” O que? É este o sinal? v. 48. Deverá o Filho do Homem ser traído, como se alguma coisa pudesse ser ocultada dele, e como se um plano contra Ele pudesse ser seguido sem o seu conhecimento? Deverá um dos seus próprios discípulos traí-lo, como se Ele tivesse sido um Mestre duro com eles, ou merecesse a maldade das mãos deles? Deve Ele ser traído com um beijo? Deve o sinal da amizade ser o instrumento da traição? Alguma vez um símbolo de amor tinha sido tão profanado e insultado? Observe que

nada pode ser uma afronta ou tristeza maior para o Senhor Jesus do que ser traído, e traído com um beijo, por aqueles que professam ter um relacionamento com Ele, e afeto por Ele. Fazem isto aqueles que, sob o pretexto de zelar pela sua honra, perseguem os seus servos – aqueles que, sob o manto de uma aparente afeição pela honra da graça gratuita, desferem um golpe na raiz da santidade, e das boas conversações. Existem muitos exemplos de Cristo sendo traído com um beijo por aqueles que, sob a forma de santidade, lutam contra o seu poder. Seria bom que a própria consciência daqueles que assim agem lhes propusesse a mesma pergunta que Cristo aqui propõe a Judas: “Com um beijo trais o Filho do Homem?” E Ele não se ressentirá? Ele não se vingará disto?

II Os esforços que os discípulos empreenderam para a sua proteção (v. 49):

“Vendo os que estavam com ele o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada?” O Senhor nos permitiu ter duas espadas, agora podemos fazer uso delas? Nunca houve ocasião mais apropriada – e com que propósito nós as temos, se não as usarmos? Eles fizeram a pergunta como se não devessem sacar a espada sem a ordem do seu Mestre, mas estavam com muita pressa e muito inflamados para esperar uma resposta. Mas Pedro, mirando a cabeça de um dos servos do sumo sacerdote, errou o golpe, e cortou-lhe a orelha direita. Assim como Cristo, ao jogar ao chão aqueles que vieram para levá-lo, mostrou o que poderia ter feito, também Pedro, com esta façanha, mostrou o que ele também teria feito por uma causa tão boa, se tivesse tido permissão. Os outros evangelistas nos dizem qual foi a repreensão que Cristo fez a Pedro por causa disto. Aqui, Lucas nos diz: 1. Como Cristo desculpou o golpe: “Deixai-os; basta”, v. 51. O Dr. Whitby crê que o Senhor Jesus diz isto aos inimigos que tinham vindo para levá-lo, para acalmá-los, para que não se sentissem provocados por este gesto a ponto de atacar os discípulos, de cuja proteção Ele se encarregava: Esqueçam esta injúria e afronta; ela não teve a minha permissão, e nenhum outro golpe será desferido. Embora Cristo tivesse o poder para derrubá-los, e matá-los, ainda assim Ele os trata bem e, de certa maneira, pede o seu perdão por um ataque feito contra eles por um dos seus seguidores, para nos ensinar a dirigir boas palavras até mesmo aos nossos inimigos. 2. Como Ele curou o ferimento, o que era uma reparação mais do que suficiente para a injúria: “Tocando-lhe a orelha, o curou”; prendeu-lhe a orelha à cabeça

novamente, para que o homem não fosse embora estigmatizado, embora isto fosse merecido. Com isto, Cristo lhes deu uma prova: (1) Do seu poder. Aquele que pôde curar podia destruir, se assim o desejasse, o que os deveria ter compelido a se submeterem a Ele. Se eles tivessem atacado a Pedro como represália, Ele imediatamente o teria curado; e o que poderia um pequeno regimento fazer, que um cirurgião como Este não pudesse, imediatamente, em se tratando de ajudar os doentes e feridos? (2) De sua misericórdia e bondade. Aqui Cristo deu um exemplo notável da sua própria regra de fazer o bem àqueles que nos odeiam, assim como Ele posteriormente fez, orando por aqueles que nos usam de maneira maldosa. Aqueles que retribuem o mal com o bem fazem como Cristo fez. Alguém poderia pensar que esta generosa amostra de bondade deveria tê-los conquistado, que tais brasas, amontoadas sobre as suas cabeças deveriam tê-las derretido, para que não tivessem prendido como a um malfeitor aquele que tinha se mostrado um benfeitor tão notável; mas os seus corações estavam endurecidos.

III A censura de Cristo aos oficiais do destacamento que tinha vindo para prendê-lo, mostrando o quanto era absurdo que eles viessem fazendo todo este ruído e confusão, vv. 52, 53. Mateus escreveu que isto foi dito à multidão. Lucas nos diz que foi dito aos principais dos sacerdotes e capitães do templo, estes últimos comandando as diversas ordens de sacerdotes, e que portanto aqui estão entre os principais dos sacerdotes e os anciãos, de modo que todos que se prestaram a esta obra odiosa eram eclesiásticos, trabalhadores do templo; e alguns do primeiro escalão também se rebaixaram tanto, a ponto de serem vistos neste movimento. Veja aqui:

1. Como Cristo considera, com eles, o seu modo de agir. Que motivo havia para que eles saíssem na calada da noite, “com espadas e porretes”? (1) Eles sabiam que Jesus era alguém que não iria resistir, nem incitaria a multidão contra eles; Ele nunca tinha feito nada parecido com isto. Por que, então, saístes “como para deter um salteador?” (2) Eles sabiam que Ele era alguém que não iria fugir às escondidas, pois estava diariamente com eles no templo, no seu meio, e nunca procurava se esconder. Eles também não tentavam colocar as mãos nEle. Antes de chegar a sua hora seria tolice cogitarem prendê-lo; e, agora que a sua hora era chegada, era tolice fazerem toda esta confusão para prendê-lo.

2. A maneira como Cristo entende a maneira de agir deles; e isto nós não lemos anteriormente: “Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas”. Por mais duro que possa parecer ser exposto desta maneira, Eu me submeto, pois assim foi determinado. Esta é a hora que lhes foi permitida, para que realizem a sua vontade contra mim. Existe uma hora designada para o meu acerto de contas. O poder das trevas, Satanás, o governante das trevas deste mundo, recebe a permissão de fazer o pior que possa, de ferir o calcanhar da semente da mulher, e Eu decido aquiescer: que ele faça o pior que possa. “O Senhor se rirá dele, pois vê que vem chegando seu dia” – sua hora, Salmos 37.13. Que isto nos acalme sob a preponderância dos inimigos da igreja; que isto nos acalme, na hora da morte, porque: (1) É apenas uma hora que é permitida ao triunfo do nosso adversário, um período curto e limitado. (2) É a hora deles, que lhes é indicada, e na qual eles terão a permissão de testar sua força, para que a onipotência possa ser ainda mais glorificada através da sua queda. (3) Neste breve período, é o poder das trevas que comanda, e as trevas devem dar passagem à luz, e o poder das trevas deve se submeter ao Príncipe da Luz. Cristo estava disposto a esperar pelos seus triunfos, até que a sua batalha estivesse concluída, e nós devemos fazer o mesmo.

A Queda de Pedro

vv. 54-62

Aqui temos a melancólica história de Pedro negando o Mestre quando foi levado à presença do sumo sacerdote, e daqueles que faziam parte da trama – que estavam prontos para receber a sua presa e para preparar a evidência para a sua acusação, tão logo nascesse o dia, diante do concílio, o grande Sinédrio, v. 66. Mas aqui não se chama a atenção, como nos textos dos outros evangelistas, para Cristo sendo submetido a um interrogatório diante do sumo sacerdote – somente está escrito que Ele tinha sido levado à casa do sumo sacerdote, v. 54. Mas o modo de expressão deve ser observado. Eles “prendendo-o, o levaram e o meteram em casa”, o que eu penso que é semelhante ao que foi dito sobre Saul (1 Sm 15.12): Ele “fez volta, e passou, e desceu”; e sugere que, mesmo depois de terem prendido a sua vítima, eles estavam confusos, e, temendo o povo, ou melhor, tomados por

um terror interior sobre o que tinham visto e ouvido, eles o levaram pelo caminho mais longo, ou ainda, não sabiam por qual caminho o levariam, tal a pressa que sentiam internamente. Observe:

I A queda de Pedro. 1. Ela começou com o seu modo furtivo de agir. Ele seguiu a Cristo, quando o Senhor foi levado prisioneiro; isto estava correto, e mostrava uma preocupação pelo Mestre. Mas ele o seguiu de longe, para que estivesse fora de perigo. Pedro pensou que poderia endireitar a questão seguindo a Cristo, e assim satisfaria a sua consciência; mas só estava disposto a segui-lo à distância, para que pudesse resguardar a sua reputação, e manter a sua própria segurança. 2. Ela prosseguiu quando ele manteve a distância, e se juntou aos servos do sumo sacerdote, quando devia estar junto ao seu Mestre. Os servos acenderam um fogo no meio do pátio, e se sentaram juntos, para conversar sobre a sua expedição noturna. Provavelmente Malco estava entre eles, e Pedro sentou-se junto a eles, como se fosse um deles, pelo menos ele pensava que seria assim. 3. A sua queda, propriamente dita, ocorreu quando ele nega ter qualquer conhecimento de Cristo, e qualquer relacionamento com Ele, desonrando-o, porque agora Ele estava em aflição e perigo. Ele foi acusado por uma simples criada aborrecida, que pertencia à casa, de ser um servo deste Jesus, sobre o qual havia agora tanto alvoroço. Ela olhou para ele melancolicamente, quando ele estava assentado junto ao fogo, somente porque ele era um estranho, alguém que ela não tinha visto antes. E concluiu que, a esta hora da noite, não haveria ninguém neutro ali e, sabendo que ele não fazia parte dos acompanhantes do sumo sacerdote, concluiu que era um dos que seguiam a Jesus ou, talvez, elas tivesse estado, em alguma ocasião, olhando ao seu redor no Templo, e tivesse visto Jesus ali, e Pedro com Ele, auxiliando-o, e lembrou-se dele: “Este também estava com Ele”, disse ela. E Pedro, assim como não teve coragem de admitir a acusação, também não teve a inteligência e presença de espírito para rejeitá-la, como poderia ter feito de várias maneiras, e desta maneira ele a nega, sem rodeios, e de modo claro: “Mulher, não o conheço”. 4. A sua queda se repetiu uma segunda vez (v. 58): Depois de algum tempo, antes que tivesse tido tempo de recompor-se, outro o viu e disse: “Tu és também deles” – tão furtivamente como está sentado aqui, entre os servos do sumo sacerdote. Não eu, disse Pedro; “Homem, não sou”. E uma terceira vez, cerca de uma

hora mais tarde (pois, diz o tentador, “Quando ele está caindo, vamos derrubá-lo; vamos continuar com os golpes, até que ele esteja em uma situação irrecuperável”), outro, confiantemente, afirma, e vigorosamente confirma: “Também este verdadeiramente estava com ele” – e que negue, se puder, pois todos podem perceber – “pois também é galileu”. Mas aquele que disse uma mentira uma vez, é fortemente tentado a persistir nela; o começo daquele pecado é como a água jorrando. Pedro agora não somente nega que é um discípulo de Cristo, mas também nega que saiba qualquer coisa a respeito dele (v. 60): “Homem, não sei o que dizes”; eu nunca ouvi falar deste Jesus.

II Pedro se ergue novamente. Veja como, felizmente, ele se recuperou, ou melhor, a graça de Deus o recuperou. Veja como isto aconteceu:

1. O galo cantou exatamente quando ele estava, pela terceira vez, negando conhecer a Cristo, e isto o sobressaltou, e o fez pensar. Observe que pequenos acidentes podem acarretar grandes conseqüências.

2. O Senhor se virou e olhou para Pedro. Esta circunstância não é apresentada nos textos dos outros evangelistas, mas é uma circunstância muito importante. Cristo aqui é chamado de Senhor, pois havia muito conhecimento divino, poder e graça transparecendo nesta situação. Observe que embora Cristo estivesse de costas para Pedro, e submetendo-se a julgamento (ocasião em que, poderíamos pensar, Ele teria outra coisa com que se preocupar), ainda assim Ele soube tudo o que Pedro disse. Note que Cristo observa o que dizemos e fazemos mais do que nós pensamos que Ele pode observar. Quando Pedro negou a Cristo, ainda assim Cristo não o negou, embora Ele pudesse, com razão tê-lo repudiado, e nunca ter olhado para ele novamente, mas tê-lo negado diante do seu Pai. É bom para nós que Cristo não lide conosco da mesma maneira como nós lidamos com Ele. Cristo olhou para Pedro, sem duvidar que Pedro logo se daria conta disto; pois Ele sabia que, embora Pedro o tivesse negado com os lábios, ainda assim os seus olhos ainda se voltavam para Ele. Observe que embora Pedro agora fosse culpado de uma grande ofensa, que era muito provocativa, ainda assim Cristo não o intimou, para não envergonhá-lo nem revelar quem ele era. O Senhor apenas lhe dirigiu um olhar cujo significado ninguém, exceto Pedro, compreenderia, e este olhar dizia muitas coisas. (1) Era um olhar convincente. Pedro tinha dito que não conhecia a Cristo.

Cristo voltou-se, e olhou para ele, como se dissesse, Você não me conhece, Pedro? Olhe-me nos olhos, e diga que não me conhece. (2) Era um olhar de reprovação. Nós podemos supor que Ele olhou para Pedro e franziu a testa, ou de alguma maneira mostrou o seu desprazer. Imaginemos como é a fisionomia zangada com que Cristo, com razão, olha para nós, quando pecamos. (3) Era um olhar de censura e recriminação. O que é isto, Pedro, você me nega agora, quando deveria se levantar e dar testemunho de mim? Você é um discípulo? Logo você, que foi o primeiro a confessar que Eu sou o Filho de Deus, e que prometeu solenemente que nunca me negaria? (4) Era um olhar misericordioso. Ele olhou para Pedro com ternura. Pobre Pedro, como é fraco o seu coração! Como você cai, e se destrói, se Eu não o ajudo! (5) Era um olhar de orientação. Cristo o orientou com o olhar, deu-lhe uma pista para que ele deixasse este grupo lamentável, para que se afastasse, e pensasse um pouco; e então, em breve, Pedro saberia o que teria que fazer. (6) Era um olhar significativo. Ele significava a transmissão da graça ao coração de Pedro, para capacitá-lo ao arrependimento – sem este olhar o cantar do galo não o teria levado ao arrependimento, nem o fariam os meios externos, sem a graça especial e eficiente. Este olhar era acompanhado de poder, para modificar o coração de Pedro, e fazê-lo cair em si, fazendo-o retomar o seu juízo perfeito.

3. Pedro lembrou-se das palavras do Senhor. Observe que a graça de Deus opera na Palavra de Deus, e por ela, trazendo-a à mente e esclarecendo-a na consciência, e também produz na alma uma agitação feliz. *Tolle et lege – Tomem, e leiam.*

4. Então, “saindo Pedro para fora, chorou amargamente”. Um único olhar de Cristo o consumiu em lágrimas de tristeza piedosa, pelo pecado. Há pouco a vela tinha se apagado, e então uma coisa pequena a acendeu novamente. Cristo olhou para os principais dos sacerdotes, e não lhes causou impressão nenhuma. O mesmo aconteceu com Pedro, em quem permanecia a divina semente que operava em sua vida. Não foi somente o olhar de Cristo, mas também a graça de Deus Pai que estava no Senhor Jesus Cristo, que recuperou Pedro e o capacitou novamente a seguir ao Senhor.

Cristo Sofre Abusos e Insultos

vv. 63-71

Aqui lemos, como antes, nos outros Evangelhos:

I Como o nosso Senhor Jesus foi maltratado pelos servos do sumo sacerdote. Os servos abjetos, rudes e bárbaros, se reuniram contra Ele. Os homens que detinham Jesus – que o tinham sob custódia, até que se instalasse o tribunal – "zombavam dele, ferindo-o" (v. 63), não o deixando repousar nenhum minuto, embora Ele não tivesse dormido a noite toda. Nem deixaram que se acalmasse, pois Ele tinha sido levado apressadamente ao seu julgamento, e não tinham lhe dado nenhum tempo para se preparar para ele. Eles zombaram dele: esta noite tão infeliz para o Senhor Jesus seria uma noite feliz para eles; e o bendito Jesus, como Sansão, foi escarnecido na corte. Eles lhe vendaram os olhos, e então, de acordo com o jogo comum que os jovens têm entre si, feriram-no no rosto, e continuavam fazendo isto, até que Ele dissesse o nome da pessoa que o tinha ferido (v. 64). Esta atitude vil tinha a finalidade de afrontar o seu trabalho profético, e o conhecimento das coisas secretas que diziam que Ele possuía. Não lemos que Ele tenha dito qualquer coisa, mas que suportou tudo; o inferno estava à solta, e Ele suportou o pior dele. Não poderia ter sido feita uma indignidade maior ao bendito Jesus, mas esta foi apenas um exemplo entre muitas; pois "outras muitas coisas diziam contra ele, blasfemando", v. 65. Aqueles que o condenaram por blasfemar eram os mais vis blasfemos que já existiram.

II A maneira como Ele foi acusado e condenado pelo grande Sinédrio, que consistia dos anciãos do povo, os principais dos sacerdotes e os escribas, que saíram da cama rapidamente e se reuniram logo que amanheceu, aproximadamente às cinco horas da manhã, para levar este caso a juízo. "Nas suas camas, intentam a iniqüidade e maquinam o mal; à luz da alva o praticam", Malaquias 2.1. Eles não teriam se levantado tão cedo, para realizar nenhuma boa obra. Aqui nós temos apenas um curto relato do seu julgamento no tribunal eclesiástico.

1. Eles lhe perguntaram, "És tu o Cristo?" Seus seguidores, de maneira geral, acreditavam que Ele era o Cristo, mas os seus acusadores não podiam provar isto, uma vez que Ele nunca tinha dito isto *totidem verbis – com muitas palavras*, e por isto insistiam para que Ele admitisse isto diante

deles, v. 67. Se eles lhe tivessem feito esta pergunta com a disposição de admitir que Ele era o Cristo, e de recebê-lo, conseqüentemente, se Ele pudesse dar evidências suficientes disto, estaria tudo certo, e estaria tudo bem entre eles para sempre. Mas eles lhe fizeram a pergunta determinados a não crer nele, mas com o desejo de lhe armar uma cilada.

2. Com razão, o Senhor Jesus reclamou dos maus tratos e do comportamento injusto para Consigo, vv. 67,68. Todos eles, como judeus, professavam esperar o Messias, e esperá-lo nesta época. Nenhum outro apareceu, nem tinha aparecido, que pretendesse ser o Messias. Ele não tinha concorrente, nem era provável que tivesse algum. Ele tinha dado provas surpreendentes de estar acompanhado por um poder divino, o que tornava as suas queixas muito dignas de uma investigação livre e imparcial. Era apenas justo que estes líderes do povo o tivessem levado ao seu conselho e o interrogassem como um candidato ao Messianato, e não ao tribunal, como um criminoso. Mas, o Senhor diz: (1) Se Eu lhes disser que sou o Cristo, e lhes der tais provas convincentes disto, vocês já estão decididos a não crer. Por que a causa deveria ter sido trazida perante vocês, que já a pré-julgaram, e estão decididos – esteja a questão certa ou errada – a derrubá-la e a condená-la? (2) Se Eu lhes perguntar quais são as suas objeções às provas que Eu oferecer, vocês não irão me responder. Aqui Ele faz referência ao silêncio deles quando Ele lhes propôs uma pergunta, que os teria levado a reconhecer a sua autoridade, cap. 20.5-7. Eles não eram juízes justos, nem contestantes justos; mas, quando se sentiam incomodados com um argumento, preferiam manter silêncio a admitir que estavam completamente equivocados: “Não me respondereis, nem me soltareis”; se Eu não fosse o Cristo, vocês deveriam responder aos argumentos com os quais Eu provo que o Sou. Mas, sendo Eu o Cristo, vocês deveriam me soltar; porém não farão nenhuma das duas coisas.

3. Ele os lembrou da sua segunda vinda, como prova completa de que Ele era o Cristo, para o desconcerto deles, uma vez que não desejavam agora aceitar esta prova, que os condenaria (v. 69): “Desde agora, o Filho do Homem se assentará” – e assim será visto – “à direita do poder de Deus” – e então vocês não precisarão mais perguntar se Ele é ou não o Cristo.

4. Com isto, eles deduziram que Ele se estabelecia como o Filho de Deus, e lhe perguntaram se Ele era ou não (v. 70): “Logo, és tu o Filho de Deus?” Ele se chamou de Filho do Homem referindo-se à visão de Daniel, do Filho

do Homem que dirigiu-se ao ancião de dias, Daniel 7.13,14. Mas eles compreenderam a ponto de saber que, se Ele era o Filho do Homem, era também o Filho de Deus. “És tu?” Isto parece mostrar que a crença da igreja judaica era que o Messias seria ao mesmo tempo o Filho do Homem e o Filho de Deus.

5. Ele admite ser o Filho de Deus: “Vós dizeis que eu sou”; ou seja, “Sim, Eu sou, exatamente como vocês estão dizendo”. Compare estas palavras com Marcos 14.62: “E Jesus disse-lhe: Eu o sou”. Isto confirma o testemunho que Cristo dá a respeito de si mesmo, de que Ele é o Filho de Deus. E Ele manteve este testemunho, mesmo sabendo que iria sofrer por mantê-lo.

6. Nisto eles baseiam a sua condenação (v. 71): “De que maior testemunho necessitamos?” Era verdade, eles não precisavam de nenhum outro testemunho para provar que Ele tinha dito que é o Filho de Deus. Eles tinham ouvido estas belas palavras da sua própria boca; mas eles não precisariam de uma prova de que Ele não o era, antes de condená-lo como blasfemo, por dizer que o era? Eles não tinham noção de que era possível que Ele realmente fosse o Messias, e, assim sendo, que culpa horrível trariam sobre si mesmos, ao condená-lo à morte? Não, eles não sabiam, nem desejavam compreender. Eles não podem julgar possível que Ele seja o Messias, embora estivesse tão evidentemente revestido do poder e da graça divina. Se Ele não aparecer, como eles esperam, com pompa e grandeza mundanas, não o reconhecerão. Com os olhos cegos pela admiração destas coisas, eles se lançam a esta perigosa acusação, como o cavalo que entra na batalha.

CAPÍTULO 23

Este capítulo continua e conclui a história dos sofrimentos e da morte de Cristo. Aqui temos: I. A sua apresentação diante de Pilatos, o governador romano, vv. 1-5. II. Seu interrogatório diante de Herodes, que era tetrarca da Galiléia, igualmente sujeito aos romanos, vv. 6-12. III. A luta de Pilatos com o povo, para libertar Jesus, os seus repetidos testemunhos a respeito da inocência dele, mas, finalmente, a sua rendição à insistência do povo, condenando Jesus a ser crucificado, vv. 13-25. IV. Um relato do que aconteceu enquanto Jesus era levado para ser crucificado, e as suas

palavras às pessoas que o seguiam, vv. 26-31. V. Um relato do que aconteceu no local da execução, e as indignidades feitas a Ele, vv. 32-38. VI. A conversão de um dos ladrões, enquanto Cristo estava na cruz, vv. 39-43. VII. A morte de Cristo, e os prodígios que a acompanharam, vv. 44-49. VIII. O seu sepultamento, vv. 50-56.

Cristo diante de Pilatos e de Herodes. Cristo É Acusado e Insultado

vv. 1-12

O nosso Senhor Jesus foi condenado como um blasfemo no tribunal espiritual, mas esta era a maldade mais impotente que este tribunal podia fazer; pois, embora o tivessem condenado, eles sabiam que não podiam levá-lo à morte, e por isto tomaram outro caminho.

I Eles o levaram diante de Pilatos. Toda a multidão deles se levantou, quando viram que não podiam ir adiante com Ele neste seu tribunal, e o levaram a Pilatos, embora não fosse dia de julgamento, de veredictos ou de sessões; e exigiram justiça contra Ele, não como um blasfemo (que não era um crime que Pilatos reconhecesse), mas como uma pessoa descontente com o governo romano, o que eles, em seus corações, não consideravam crime algum, ou, se fosse um crime, eles mesmos seriam muito mais condenáveis do que Ele era; somente isto poderia reverter a situação e atender ao objetivo da sua maldade – e é digno de nota que o suposto crime, pelo qual eles empregaram os poderes romanos para destruir a Cristo, era o crime real pelo qual os poderes romanos, pouco tempo depois, os destruiriam.

1. Aqui está a acusação feita contra Ele (v. 2), na qual eles fingiam zelar por César, somente para cair nas graças de Pilatos, mas era somente maldade contra Cristo, e nada mais. Eles o apresentaram, falsamente: (1) Como levando o povo a rebelar-se contra César. Era verdade, e Pilatos sabia disto, que havia um mal estar generalizado do povo sob o jugo romano, e que eles só desejavam uma oportunidade para livrar-se deste jugo; agora, eles desejavam fazer Pilatos crer que este Jesus estava ativo, fomentando este descontentamento geral, do qual, se a verdade fosse conhecida, eles

mesmos eram os instigantes e cúmplices: “Havemos achado este pervertendo a nossa nação”; como se converter a nação ao governo de Deus fosse pervertê-la do governo civil; quando nada é mais propenso a fazer bons súditos dos homens do que fazê-los fiéis seguidores de Cristo. Cristo tinha ensinado, em especial, que eles deviam dar tributo a César, embora Ele soubesse que havia aqueles que se sentiriam ofendidos por Ele por isto; e, ainda assim, aqui Ele é falsamente acusado, de proibir de dar tributo a César. A inocência não é barreira contra a calúnia. (2) Como fazendo-se rival de César, embora a verdadeira razão pela qual eles o rejeitavam, e não o reconheceram como o Messias, fosse o fato dele não se apresentar em pompa e poder mundanos, e não se estabelecer como um príncipe temporal, não se oferecendo para fazer nada contra César; ainda assim, é disto que eles o acusam, de ter dito que Ele mesmo é Cristo, um rei. Ele realmente disse que era Cristo, e, sendo assim, também um rei, mas não um rei que quisesse perturbar César. Quando os seus seguidores o quiseram fazer rei (Jo 6.15), Ele o recusou, embora, em virtude dos muitos milagres que realizava, César jamais poderia concorrer com Ele.

2. A sua defesa à acusação: “Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos judeus?” (v. 3). A isto Ele respondeu, “Tu o dizes”; isto é, “E como você diz. Eu tenho direito ao governo da nação judaica, mas rivalizando com os escribas e fariseus – que tiranizam o povo em questões de religião – e sem rivalizar com César, cujo governo diz respeito somente aos interesses civis”. O reino de Cristo é completamente espiritual, e não interfere com a jurisdição de César. Ou, “Tu o dizes”; mas podes prová-lo? Que evidências tens disto? Todos os que o conheciam sabiam do contrário, que Ele nunca pretendeu ser o rei dos judeus, em oposição a César como governador supremo, ou aos governadores que eram enviados por ele, mas exatamente o oposto.

3. A declaração de Pilatos, da inocência de Jesus (v. 4): Ele disse aos principais dos sacerdotes, e ao povo que parecia acompanhá-los na acusação, “Não acho culpa alguma neste homem”. Quaisquer que sejam as brechas da sua lei de que Ele possa ser culpado, eu não tenho interesse em investigar, e não encontro nada nEle que prove que Ele seja ofensivo à nossa corte.

4. A fúria e ira contínua dos acusadores, v. 5. Em vez de se acalmar pela declaração que Pilatos faz da inocência de Jesus, e considerar, como deviam

ter feito, se não estavam trazendo sobre si mesmos a culpa de sangue inocente, eles ficaram ainda mais exasperados, excessivamente ferozes. Nós não julgamos que eles tenham nenhum fato em particular para apresentar, muito menos qualquer evidência para prová-lo, mas eles decidem continuar com ruído e confiança, e dizem, ainda que não possam provar isto: Ele "alvoroça o povo" – a rebelar-se contra César – "ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui". Ele alvoroçava o povo, mas não era para nada faccioso ou incitador, mas para tudo o que era virtuoso e digno de louvor. Ele realmente ensinava, mas eles não podiam acusá-lo de ensinar nenhuma doutrina que tendesse a perturbar a paz pública, nem deixar o governo constrangido ou com inveja.

II Eles o acusaram diante de Herodes. 1. Pilatos o remeteu, e à sua causa, ao tribunal de Herodes. Os acusadores tinham mencionado a Galiléia, a parte norte de Canaã. "Ora", pergunta Pilatos, "Ele é daquela região? Ele é um galileu?" v. 6. "Sim", dizem deles, "ali é a sua sede; ali Ele passou a maior parte da vida". "Então vamos enviá-lo a Herodes", disse Pilatos, "pois Herodes está agora na cidade, e é adequado que ele tome conhecimento da causa desse Jesus, uma vez que Ele pertence à jurisdição de Herodes". Pilatos já estava cansado da causa, e desejoso de tirá-la das suas mãos, e este parece ter sido o verdadeiro motivo de enviá-lo a Herodes. Mas Deus ordenou assim, para que o cumprimento das Escrituras fosse mais evidente, segundo Atos 4.26, 27, onde o que foi dito de Davi ("Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido", Sl 2.2), está expressamente dito como sendo cumprido em Herodes e em Pôncio Pilatos. 2. Herodes tinha muita vontade de interrogá-lo (v. 8): "Quando viu a Jesus, alegrou-se muito" – e talvez ainda mais, porque o viu como um prisioneiro, o viu amarrado. Ele tinha ouvido muitas coisas sobre Ele na Galiléia, onde os seus milagres, durante algum tempo, foram o assunto da nação; e ele desejava vê-lo, não por qualquer afeto que sentisse por Ele ou por sua doutrina, mas por pura curiosidade; e foi somente para satisfazer esta curiosidade que ele esperava ver algum milagre realizado por Ele, que lhe serviria de assunto enquanto vivesse. Com esta finalidade, ele o interrogou sobre muitas coisas, para que finalmente pudesse trazê-lo a algum ponto no qual Ele pudesse mostrar o seu poder. Talvez Herodes o tivesse sondado sobre coisas ocultas, ou coisas

futuras, ou a respeito das curas das doenças. Mas Cristo nada lhe respondia; nem iria satisfazê-lo com a realização de um único milagre. Ao mendigo mais pobre, que pedisse um milagre para o alívio da sua necessidade, isto nunca era recusado; mas para este príncipe orgulhoso, que pedia um milagre meramente para satisfazer a sua curiosidade, é recusado. Ele poderia ter visto a Cristo e às suas obras maravilhosas muitas vezes, na Galiléia, e não quis, e portanto agora é justo dizer: Agora ele deseja vê-los, e não os verá; eles estão ocultos dos seus olhos, porque ele não conheceu o dia da sua visitação. Herodes pensou, agora que o tinha prendido, que poderia ordenar um milagre; mas os milagres não devem ser considerados como benefícios de pouco valor, nem a Onipotência deve estar à disposição de caprichos – nem mesmo dos caprichos dos maiores potentados da terra. 3. Os seus acusadores se apresentaram contra Ele diante de Herodes, pois eles eram incansáveis na acusação: ali estavam, “acusando-o com grande veemência” (v. 10), impudentemente e ousadamente, é o significado da palavra. Eles desejavam levar Herodes a crer que Ele tinha envenenado também a Galiléia com as suas idéias incitadoras. Observe que não é novidade que os bons homens, e os bons ministros, que são amigos verdadeiros e úteis do governo civil, sejam falsamente acusados como sendo facciosos e incitadores, e inimigos do governo. 4. Herodes o tratou muito mal: “Herodes, com os seus soldados” – seus auxiliares e oficiais – “desprezou-o”; Eles o reduziram a nada; é este o significado da palavra. Terrível maldade! Reduzir a nada aquele que criou todas as coisas. Eles escarneceram dele, como alguém que era um tolo; pois eles sabiam que Ele tinha realizado muitos milagres, para favorecer a outros, e por que agora Ele não realizaria nem um único milagre, para favorecer a si mesmo? Ou, eles escarneceram dele, como alguém que tinha perdido o seu poder, e tinha se tornado tão fraco quanto os outros homens. Herodes, que tinha conhecido João Batista, e tinha também mais conhecimento de Cristo do que Pilatos tinha, foi mais maldoso com Cristo do que Pilatos havia sido; pois o conhecimento, sem a graça, apenas torna os homens mais talentosamente malévolos. Herodes “vestiu-o de uma roupa resplandecente” – alguma roupa de cores berrantes, como um falso rei; e assim ensinou aos soldados de Pilatos a fazer a Ele as mesmas indignidades, posteriormente. Ele foi o líder destes maus tratos. 5. Herodes “tornou a enviá-lo a Pilatos”, e esta provou ser uma oportunidade para que se fizessem amigos, “pois, dantes,

andavam em inimizade um com o outro”. Herodes não conseguiu ver um milagre, mas não desejou condená-lo, nem como um malfeitor, e por isto o enviou de volta a Pilatos (v. 11). Ao enviar-lhe o prisioneiro de volta, ele estava retribuindo a civilidade e o respeito a Pilatos; e este compromisso mútuo, com as mensagens que transitavam entre eles nesta ocasião, os levaram a um melhor entendimento entre si do que tinham tido recentemente, v. 12. Eles tinham estado em inimizade, provavelmente depois das matanças dos galileus, por Pilatos, pois os galileus eram súditos de Herodes (Lc 13.1), ou alguma outra questão de controvérsia, como normalmente ocorre entre os príncipes e grandes homens. Observe como aqueles que brigavam entre si ainda conseguiram unir-se contra Cristo – da mesma maneira como Gebal, Amom, e Amaleque, que embora desunidos entre si, se aliaram contra o Israel de Deus, Salmos 83.7. Cristo é o grande pacificador; tanto Pilatos como Herodes reconheceram a sua inocência, e o fato de que estivessem de acordo quanto a isto sanou os seus desentendimentos em outras áreas.

Barrabás É Preferido a Cristo

vv. 13-25

Aqui temos o bendito Jesus perseguido pela multidão, e levado à cruz na tempestade de uma agitação e um tumulto popular, provocados pela maldade e pelos artifícios dos “principais dos sacerdotes”, como agentes do príncipe das potestades do ar.

I Pilatos protesta solenemente, dizendo crer que Cristo não fez nada digno de morte ou de prisão. E, crendo nisto, ele deveria imediatamente tê-lo inocentado, e não somente isto, deveria também tê-lo protegido da fúria dos sacerdotes e da multidão, e ter obrigado os seus acusadores a um bom comportamento, devido à sua conduta insolente. Mas, sendo ele mesmo um homem mau, não teve nenhum sentimento de bondade em relação a Cristo, e, como já tinha se tornado odioso, estava com medo de desagradar, fosse ao imperador ou ao povo; e por isto, por falta de integridade, ele reuniu os principais dos sacerdotes, e os líderes, e o povo (que ele deveria ter dispersado, por formar uma assembléia tumultuada e incitadora, proibindo

que se aproximassem dele), e ouviu o que eles tinham a dizer. Pilatos ouviu aqueles aos quais deveria ter feito ouvidos moucos, pois ele via claramente o espírito que os motivava (v. 14): Vocês me trouxeram este homem, e, por ter um grande respeito por vocês, eu o interroguei, diante de vocês, e ouvi tudo o que vocês alegavam contra Ele; porém não identifiquei nada de errado: “Nenhuma culpa... acho neste homem”; vocês não podem provar as coisas das quais o acusam.

II Pilatos recorre a Herodes, a respeito de Cristo (v. 15): “A ele vos remeti”. Ele supostamente conhece mais de Jesus do que eu conhecia, e ele o enviou de volta, sem condená-lo de nada, ou com nenhum sinal do seu desprazer; na sua opinião, os seus crimes não são passíveis de morte. Ele riu dele, como sendo um homem fraco, mas não o estigmatizou, como sendo um homem perigoso. Herodes concluiu que o tumulto seria, para Ele, um lugar melhor do que o tribunal.

III Pilatos se propôs a libertá-lo, desde que eles consentissem. Ele deveria ter feito isto sem pedir permissão a eles, *Fiat justitia, ruat caelum – Que a justiça seja feita, embora os céus fiquem desolados*. O medo dos homens leva muitos a esta armadilha; embora a justiça deva ser feita, embora o céu e a terra estejam de acordo, eles farão algo injusto, contra as suas consciências, em vez de se colocarem contra todos. Pilatos declara Jesus inocente, e, portanto, tem a intenção de libertá-lo; mas, para agradar o povo: 1. Pilatos soltaria o Senhor Jesus, como se fosse um malfeitor, devido à necessidade que tinha de soltar um preso (v. 17); de modo que em lugar de soltá-lo por um ato de justiça, sem se dever algo a alguém, ele o soltaria por um ato de graça, e não estaria em dívida com o povo por causa disto. 2. Ele o castigaria, e o soltaria. Se nenhuma culpa era encontrada nele, por que Ele deveria ser castigado? Existe tanta injustiça em açoitar quanto em crucificar um homem inocente; isto não poderia ser justificado pela pretensão de que isto satisfaria o clamor do povo, e tornaria objeto da sua piedade aquele que não devia ser objeto da sua inveja. Nós não devemos fazer o mal para que possa haver o bem.

IV O povo escolheu soltar Barrabás, um sujeito infeliz, que não tinha nada que o recomendasse às suas graças, exceto a ousadia dos seus crimes.

Ele fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade e de um homicídio (entre todos os crimes dos homens, o menos perdoável), e, apesar disto, este criminoso foi preferido a Cristo: “Fora daqui com este e solta-nos Barrabás”, vv. 18,19. E não é de admirar que um homem como este seja o preferido de uma multidão como esta, um homem que realmente era incitador, em lugar daquele que era realmente leal e falsamente acusado de sedição.

V Quando Pilatos insistiu, pela segunda vez, para que Cristo fosse solto, eles clamaram, “Crucifica-o! Crucifica-o!” vv. 20,21. Eles não somente o desejavam morto, mas desejavam também que Ele tivesse uma morte extremamente terrível; nada serviria para eles, a menos que Ele fosse crucificado: “Crucifica-o! Crucifica-o!”

VI Quando Pilatos, pela terceira vez, argumentou com eles, para mostrar-lhes como isto era irracional e injusto, eles foram ainda mais categóricos e ofensivos (v. 22): “Mas que mal fez este?” Digam qual é o seu crime. “Não acho nele culpa alguma de morte” – nem vocês podem dizer qual causa de morte encontraram nEle; e por isto, se vocês apenas permitirem – “Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei”. Mas a fúria popular, quanto mais é lisonjeada, mais furiosa se torna; houve exemplos com altos brados, com grandes ruídos ou clamores, não pedindo, mas exigindo, que Ele fosse crucificado; como se eles tivessem o mesmo direito, na festa, de exigir a crucificação de alguém que era inocente e de libertar alguém de era culpado.

VII Pilatos se rende, no final, à sua insistência. A voz do povo, e a dos principais dos sacerdotes, prevaleceu, e foi muito dura para Pilatos, e o levou a agir de maneira contrária às suas convicções e inclinações. Ele não teve coragem de ser contrário a uma corrente tão forte, mas ordenou que fosse feito o que eles exigiam, v. 24. Aqui “o juízo se tornou atrás, e a justiça se pôs longe”, por temor da fúria popular. “A verdade anda tropeçando pelas ruas, e a eqüidade não pode entrar”, Isaías 59.14. Esperava-se “juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor”, Isaías 5.7. Isto está repetido no v. 25, com a circunstância agravante da libertação de Barrabás: Pilatos “soltou-lhes o que fora lançado na prisão por uma

sedição e homicídio", e com isto, estaria fortalecido na sua maldade, e causaria ainda mais problemas, porque o povo assim tinha desejado, pedindo, como se fossem um; mas "entregou Jesus à vontade deles", e ele não poderia ter lidado de maneira mais bárbara com Ele, entregando-o à vontade deles – daqueles que o odiavam com um ódio completo, e cujas misericórdias eram a crueldade.

A Crucificação

vv. 26-31

Aqui temos o bendito Jesus, o Cordeiro de Deus, levado como um cordeiro para o matadouro, para o sacrifício. É estranha a rapidez com que eles conduziram o seu julgamento; como eles conseguiram realizar tanto trabalho, em tão pouco tempo, embora tivessem homens tão importantes com quem tratar, com quem uma audiência era, normalmente, uma questão de tempo. Ele foi trazido diante dos principais dos sacerdotes ao romper do dia (cap. 22.66), depois foi levado a Pilatos, em seguida a Herodes, e de volta a Pilatos; e parece ter havido uma longa disputa entre Pilatos e o povo, a respeito dele. Ele foi açoitado, e coroado com espinhos, e tratado de maneira injuriosa, e tudo isto foi feito no decorrer de quatro ou cinco horas, ou seis, no máximo, pois Ele deveria ser crucificado entre nove horas da manhã e meio-dia. Os perseguidores de Cristo decidiram não perder tempo, por temerem que os seus amigos, do outro lado da cidade, pudessem vir a saber o que eles estavam fazendo, e tentassem resgatá-lo. Nunca ninguém foi tão afugentado do mundo como Cristo, mas Ele próprio tinha dito, "Um pouco, e não me vereis" (Jo 16.16); um pouco, realmente muito pouco. Quando eles o conduzem para a morte, vemos:

I Um homem que carregou a cruz, chamado Simão, um cireneu, que provavelmente era amigo de Cristo, e por isto era conhecido, e isto lhe foi feito como uma repreensão: "Puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus" (v. 26), para que Jesus não desmaiasse sob o peso dela, e morresse, escapando assim às demais demonstrações de maldade que eles tinham em mente. Era um ato de piedade; porém uma piedade cruel, em forma de alívio.

II Muitos que pranteavam – verdadeiros pranteadores, que o seguiam, e que batiam nos peitos e o lamentavam. Estes não eram somente os seus amigos e simpatizantes, mas as pessoas comuns, que não eram seus inimigos, e que foram tomadas de compaixão por Ele, porque tinham ouvido a sua fama e tinham ouvido que homem excelente Ele era, e que tinham motivos para pensar que Ele sofria injustamente. Isto atraiu uma grande multidão que o seguia, como é comum nas execuções, especialmente no caso daqueles que foram pessoas de distinção: "seguia-o grande multidão de povo e de mulheres" (v. 27), alguns levados por piedade, outros por curiosidade, mas também estes (assim como aqueles que eram seus amigos particulares e conhecidos) "batiam nos peitos e o lamentavam". Embora houvesse muitos que o criticassem e insultassem, ainda havia muitos que o valorizavam, e sentiam piedade dele, e lamentavam por Ele, e compartilhavam dos seus sofrimentos. A morte do Senhor Jesus pode, talvez, provocar afetos naturais em muitos que são estranhos aos afetos devotos; muitos que não conhecem a Cristo lamentam por Ele, e lamentam não amá-lo, acima de tudo. Agora nós lemos o que Cristo disse a estes pranteadores. Embora fosse possível pensar que Ele deveria estar completamente absorto e preocupado consigo mesmo, ainda assim Ele encontrou tempo e ânimo para tomar conhecimento das lágrimas destas pessoas. Cristo morreu pranteado, e Ele tem um recipiente para as lágrimas daqueles que o prantearam. Ele se voltou para estas pessoas, embora elas fossem estranhas a Ele, e lhes disse que não chorassem por Ele, mas por si mesmas. Ele redirecionou o lamento delas, v. 28.

1. Ele lhes dá uma orientação geral, a respeito dos seus lamentos: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim". Não que elas devessem ser recriminadas, por chorar por Ele, mas sim elogiadas; estariam, realmente, muito endurecidos os corações que não fossem afetados com tais sofrimentos de uma pessoa como Ele. Mas elas não devem chorar somente por Ele (estas lágrimas eram infrutíferas); em vez disto, elas deviam chorar por si mesmas, e por seus filhos, pensando na destruição que iria se abater sobre Jerusalém, que algumas delas viveriam para ver e participar das calamidades, ou pelo menos os seus filhos, com os quais deveriam se preocupar. Observe que quando, com olhos de fé, observamos Cristo crucificado, nós devemos chorar, não por Ele, mas por nós mesmos. Não devemos considerar a morte de Cristo como a morte de uma pessoa comum,

de cuja infelicidade nós nos apiedamos, nem de um amigo comum, de quem provavelmente nos despedimos. A morte de Cristo foi um fato peculiar; foi a sua vitória e o seu triunfo sobre os seus inimigos; foi a nossa libertação, e a compra da vida eterna para nós. E, por isto, devemos chorar, não por Ele, mas pelos nossos pecados, e pelos pecados dos nossos filhos, que foram a causa da sua morte; e chorar de medo (estas eram as lágrimas aqui aconselhadas) das desgraças que traremos a nós mesmos, se desprezarmos o seu amor e rejeitarmos a sua graça, como fez a nação judaica, o que lhes causou a destruição aqui predita. Quando os nossos parentes e amigos queridos morrem em Cristo, nós não temos razão para chorar por eles, pois eles se livraram da carga da carne, foram aperfeiçoados em santidade, e entraram em repouso e gozo perfeitos; devemos chorar por nós mesmos, e por nossos filhos, por ainda estarmos em um mundo de pecados, tristezas e armadilhas.

2. Ele lhes dá uma razão especial pela qual elas devem chorar por si mesmas, e pelos seus filhos: “Porque eis que hão de vir dias” tristes sobre a sua cidade: ela será destruída, e vocês estarão envolvidas na destruição geral. Quando os próprios discípulos de Cristo lamentavam, de uma maneira devota, o fato de que Ele os deixaria, Ele enxugou as suas lágrimas com a promessa de que Ele os veria novamente, e eles deveriam alegrar-se, João 16.22. Mas, quando estas filhas de Jerusalém o lamentavam somente com uma tristeza terrena, Ele redireciona as suas lágrimas, e lhes diz que tinham um outro motivo pelo qual chorar. “Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai”, Tiago 4.9. Há pouco tempo, Ele mesmo tinha chorado sobre Jerusalém, e agora Ele lhes pede que chorem por ela. As lágrimas de Cristo devem nos motivar a chorar. Que as filhas de Sião, que reconhecem que Cristo é o seu rei, se alegrem nEle, pois Ele vem para salvá-las; mas que as filhas de Jerusalém, que somente choram por Ele, mas não o aceitam como seu rei, chorem e tremam, ao pensar na sua vinda para julgá-las. Agora, a destruição de Jerusalém é aqui predita por duas frases proverbiais que podem ser usadas de forma muito adequada, ambas evidenciando que o castigo seria terrível, a ponto de desejarem aquilo que as pessoas normalmente temem: elas desejariam ser estéreis, e ser enterradas vivas. (1) Elas iriam desejar ser estéreis. Embora normalmente as mulheres que não tinham filhos invejassem as que tinham (como Raquel invejou Léia), aquelas que tivessem filhos iria descobrir que eles eram tal empecilho para

a tentativa de fuga, e tal infelicidade, quando estivessem desmaiando de fome, ou feridos pela espada, que elas invejariam aquelas que não tinham filhos, e diriam: “Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram” – não geraram crianças para serem entregues ao assassino, ou para serem tiradas de suas mãos. Isto não apenas seria ruim para aquelas que estivessem, na ocasião, grávidas ou amamentando, como Cristo tinha dito (Mt 24.19), mas seria terrível também para aquelas que tinham tido filhos, e que os amamentavam, filhos que agora estavam vivos. Veja Oséias 9.11-14. Veja a vaidade da criatura, e a incerteza dos seus consolos; pois as mudanças da Providência podem ser tais, a nosso respeito, que as mesmas coisas que aproveitamos como as maiores bênçãos podem se tornar as maiores cargas, preocupações e tristezas para nós. (2) Elas desejariam ser enterradas vivas: “Começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos!”, v. 30. Estas palavras também se referem a uma passagem em uma profecia anterior, Oséias 10.8. Elas desejarão poder se esconder nas cavernas mais escuras, para que possam escapar ao ruído destas calamidades. Elas desejarão abrigo sob quaisquer termos, ainda que correndo o risco de serem esmagadas. Esta será a linguagem, especialmente dos grandes homens poderosos, Apocalipse 6.16. Aqueles que não buscam a Cristo, procurando refúgio, e não se colocam sob a sua proteção, pedirão, em vão, que os montes e os outeiros os abriguem da sua ira.

3. O Senhor Jesus lhes mostra como era fácil deduzir esta desolação, a partir dos seus sofrimentos: “Se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco?” (v. 31). Alguns pensam que isto é tomado de Ezequiel 20.47: “Um fogo… consumirá toda árvore verde e toda árvore seca”. Estas palavras podem ser aplicadas: (1) Mais particularmente à destruição de Jerusalém, que Cristo aqui predisse, e que os judeus, ao levá-lo à morte, trouxeram sobre si mesmos: Se eles (os judeus, e os habitantes de Jerusalém) fazem estas coisas à árvore verde, se eles maltratam desta maneira uma pessoa inocente e excelente pelas suas boas obras, como podem esperar que Deus lide com eles depois de terem feito isto – eles, que se tornaram uma árvore seca, uma geração corrupta e pecadora, que não serve para nada? Se este é o seu pecado, qual deverá ser, na sua opinião, a sua punição? Ou, podemos interpretar da seguinte maneira: Se eles (os romanos, seus juízes e seus soldados) maltratam desta maneira a Mim, que não lhes fiz nenhuma provocação, que sou para eles como uma árvore verde, com a qual vocês

parecem estar muito enfurecidos, o que eles farão contra Jerusalém, e contra a nação judaica, que lhes fizeram tantas provocações, e que se tornaram como uma árvore seca, que serve como combustível para o fogo dos seus ressentimentos? Se Deus tolera que estas coisas sejam feitas a Mim, o que Ele indicará que seja feito àquelas árvores estéreis das quais sempre se disse que seriam cortadas e lançadas no fogo? Mateus 3.10; 7.19. (2) Estas palavras podem ser aplicadas, de maneira mais generalizada, a todas as revelações da ira de Deus contra o pecado e os pecadores: Se Deus me entrega a sofrimentos como estes, porque Eu me fiz um sacrifício pelo pecado, o que Ele fará com os próprios pecadores? Cristo era uma árvore verde, frutífera e florescente; se estas coisas eram feitas a Ele, nós podemos, com isto, deduzir o que teria sido feito a toda a raça humana, se Ele não tivesse interferido, e o que será feito com aqueles que continuarem sendo árvores secas, apesar de tudo o que é feito para torná-los frutíferos. Se Deus fez isto ao Filho do seu amor, não tendo encontrado nEle nenhum pecado, o que Ele fará com a geração da sua ira, quando encontrar o pecado reinante entre eles? Se o Pai permitiu que estas coisas fossem feitas à árvore verde, por que deveria se negar a fazê-las às árvores secas? Observe que a consideração dos amargos sofrimentos do nosso Senhor Jesus devem nos motivar a nos maravilharmos com a justiça de Deus, e a tremer diante dele. Os melhores santos, comparados com Cristo, são árvores secas; se Ele sofreu, por que nós esperaríamos não sofrer? E qual será, então, a condenação dos pecadores?

A Crucificação

vv. 32-43

Nestes versículos, temos:

I Diversas passagens que lemos antes, nos textos de Mateus e Marcos, a respeito dos sofrimentos de Cristo. Nós lemos: 1. Que havia dois outros homens, malfeitores, levados com Ele ao local de execução, que, provavelmente, tinham estado durante algum tempo sob a condenação à morte, e que tinham sido designados a morrer neste dia, o que provavelmente foi o pretexto para tanta pressa no julgamento de Cristo –

para que Ele e estes dois malfeitores pudessem ser executados juntos, com uma única solenidade. 2. Que Ele foi crucificado em um lugar chamado Calvário, *Kranion*, o nome grego para "Gólgota" – "o lugar chamado a Caveira". Um lugar desonroso, para aumentar a desonra dos seus sofrimentos. Mas este lugar foi significativo, pois aqui Ele triunfou sobre a morte, como quem triunfa sobre a sua própria degradação. Ele foi crucificado. As suas mãos e os seus pés foram pregados à cruz disposta sobre o solo, e depois erguida, e fixada na terra, ou em algum dispositivo construído para recebê-la. Esta era uma morte mais dolorosa e vergonhosa do que qualquer outra. 3. Que Ele foi crucificado entre dois malfeitores, como se tivesse sido o pior dos três. Assim, Ele não somente foi tratado como um transgressor, mas também contado com eles, considerado o pior deles. 4. Que os soldados empregados na execução confiscaram as suas vestes como sendo a sua comissão, e as repartiram entre si, segundo a sorte: "Repartindo as suas vestes, lançaram sortes". Alguns entendem que o seu valor era tão pequeno que, se divididas, não valeriam praticamente nada; e, por isto, lançaram sortes. Outros pensam o inverso; que eram vestes tão caras que valia a pena lançarem sortes. 5. Que, quando Ele estava erguido na cruz, Ele foi insultado, criticado e tratado com todo desprezo e desrespeito imagináveis. Era estranho que tanta barbaridade fosse encontrada na natureza humana: "O povo estava olhando", nem um pouco preocupado, mas satisfeito com o espetáculo; e os príncipes, que, com base no seu trabalho nos fariam pensar que eram homens de bom senso e homens honrados, estavam no meio da multidão, e o ridicularizavam, para incitar, os que estavam ao seu redor, a fazer o mesmo; e eles diziam: "Aos outros salvou; salve-se a si mesmo". Assim Ele foi criticado pelas boas obras que tinha realizado, como se, realmente, fosse por causa delas que eles o estivessem crucificando. Eles triunfaram sobre Ele, como se o tivessem derrotado, embora Ele mesmo fosse mais do que um vencedor. Eles o desafiaram a salvar-se da cruz, quando Ele estava salvando a outros pela cruz: "Se este é o Cristo, o escolhido de Deus", salve-se a si mesmo. Eles sabiam que o Cristo era o escolhido de Deus, designado por Ele, e amado por Ele. Se Ele, sendo o Cristo, pode libertar a nossa nação dos romanos (e eles não conseguiam imaginar outra idéia do Messias, a não ser esta), que Ele liberte a si mesmo dos romanos que agora o têm nas mãos. Assim os príncipes judeus zombaram dele, como se estivesse subjugado pelos

romanos, em vez de subjugá-los. Os soldados romanos “escarneciam dele”, como o rei dos judeus: “Um povo adequado para um príncipe como este, e um príncipe adequado para um povo como este”. Eles escarneciam dele (vv. 36,37); eles se divertiam com Ele, e brincavam com os seus sofrimentos; e quando estavam bebendo vinagre (um tipo de vinho bastante amargo), que geralmente era repartido entre eles, triunfantemente lhe perguntaram se Ele beberia com eles, ou se comprometeria com eles. E disseram: “Se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo”; pois, assim como os judeus o tinham condenado sob a noção de um falso Messias, também os romanos o fizeram, sob a noção de um falso rei. 6. Que a inscrição acima da sua cabeça, estabelecendo o seu crime, era: “Este é o Rei dos Judeus”, v. 38. Ele é levado à morte por fingir ser o rei dos judeus; foi isto o que eles quiseram dizer; mas Deus pretendia que esta fosse uma declaração de quem Ele realmente era, apesar da sua desgraça atual: Ele é o rei dos judeus, o rei da igreja, e sua cruz, é o caminho para sua coroa. Estas palavras estavam escritas naquelas três línguas que eram chamadas de línguas cultas: grego, latim (também chamada de língua romana) e hebraico, pois os mais instruídos são aqueles que conheceram a Cristo. Estavam escritas nestas três línguas, para que pudessem ser lidas por todos os homens; mas Deus desejou que isto significasse que o Evangelho de Cristo seria pregado a todas as nações, começando em Jerusalém, e que fosse lido em todas as línguas. A filosofia dos gentios tornou a língua grega famosa; as leis e o governo romano tornaram a língua latina famosa; e o hebraico as superava, por causa do Antigo Testamento. Nestas três línguas, Jesus Cristo é proclamado Rei. Os jovens estudantes, que estão se esforçando para dominar estas três línguas, devem ter o objetivo de, ao usá-las, poderem melhorar o conhecimento que têm a respeito de Cristo.

II Aqui há duas passagens que não lemos nos outros Evangelhos, e são duas passagens muito notáveis.

1. A oração de Cristo pelos seus inimigos (v. 34): “Pai, perdoa-lhes”. Depois de ter sido pregado na cruz, e antes de morrer, Cristo pronunciou sete frases notáveis, e esta é a primeira delas. Uma das razões pela qual Ele morreu a morte na cruz era porque assim Ele poderia ter a liberdade de falar até o fim, e desta maneira glorificar o seu Pai, e edificar aqueles que estavam à sua volta. Imediatamente depois de ter sido pregado à cruz, ou

enquanto o estavam pregando, Ele fez esta oração, na qual, observe:

(1) O pedido: “Pai, perdoa-lhes”. Poderíamos pensar que Ele deveria ter orado, “Pai, destrua-os; que o Senhor olhe para isto, e se vingue”. O pecado de que eles agora eram culpados poderia, com razão, ser considerado imperdoável, e com razão poderiam ter sido excluídos, pessoalmente, da expiação pelo pecado. Mas não, estes foram objeto de uma oração especial. Agora Ele intercede pelos transgressores, como havia sido predito (Is 53.12), e isto deve ser acrescentado à sua oração (Jo 17), para completar a amostra que Ele deu de sua intercessão no “interior do véu”. Sendo aquela a favor dos santos, enquanto esta foi feita a favor dos pecadores. As palavras de Cristo sobre a cruz, assim como seus sofrimentos, tinham uma intenção além do que parecia. Esta era uma frase de mediação, e que explicava a intenção e o significado de sua morte: “Pai, perdoa-lhes”, não somente a estes, mas a todos os que se arrependerem, e crerem no Evangelho”. E Ele não pretendia que estes fossem perdoados, sob nenhuma outra condição. “Pai, é para isto que Eu estou agora sofrendo e morrendo – é para que os pobres pecadores possam ser perdoados”. Observe: [1] A grande dádiva, pela qual Cristo morreu para comprar e conseguir para nós, é o perdão dos pecados. [2] Cristo intercede por todos aqueles que se arrependem e crêem na virtude da sua expiação, para que tenham o perdão dos pecados. O seu sangue diz: “Pai, perdoa-lhes”. [3] Os maiores pecadores podem, por meio de Cristo, através do seu arrependimento, esperar encontrar misericórdia. Embora eles fossem os seus perseguidores e assassinos, Ele orou: “Pai, perdoa-lhes.”

(2) A justificativa: “Porque não sabem o que fazem”; pois, se soubessem, não o teriam crucificado, 1 Coríntios 2.8.8. Havia um véu sobre a sua glória e outro sobre a compreensão deles; e como eles poderiam ver através de dois véus? Eles desejavam o seu sangue sobre eles e sobre os seus filhos: mas, se soubessem o que tinham feito, teriam voltado atrás no seu desejo. Observe: [1] Aqueles que crucificaram a Cristo não sabiam o que estavam fazendo. Aqueles que falam mal do Evangelho, falam mal daquilo que não conhecem, porque não desejam conhecer. [2] Existe um tipo de ignorância que, em parte, pode desculpar o pecado: a ignorância devida à falta de meios de conhecimento, ou de uma capacidade de receber instrução, ou ainda devida aos infortúnios da educação, ou à inadvertência. Aqueles que crucificaram a Cristo foram mantidos na ignorância pelos seus governantes,

e tinham incitados em si mesmos preconceitos contra Ele. De modo que, em tudo o que fizeram contra Cristo e a sua doutrina, eles pensavam que estavam fazendo um serviço a Deus, João 16.2. Este comportamento é digno de piedade, e de oração. Esta oração de Cristo foi atendida pouco tempo depois, quando muitos daqueles que participaram da sua morte foram convertidos, pela pregação de Pedro. Isto é escrito também como exemplo para nós. Em primeiro lugar, nós devemos, na oração, chamar a Deus de Pai, e devemos nos dirigir a Ele com reverência e confiança, como filhos dirigindo-se a um pai. Em segundo lugar, a maior bênção que devemos implorar a Deus, tanto para nós mesmos quanto para outros, é o perdão dos pecados. Em terceiro lugar, nós devemos orar pelos nossos inimigos, e por aqueles que nos odeiam e perseguem, devemos atenuar as suas ofensas e não agravá-las, assim como fazemos com as nossas (“Não sabem o que fazem” – “bem pode ser que fosse [um] erro”); e nós devemos ser fervorosos ao orar a Deus pelo perdão dos pecados de nossos inimigos – os pecados que eles cometem contra nós. Este é o exemplo de Cristo da sua própria regra (Mt 5.44,45, “Amai a vossos inimigos”); e isto fortalece muito a regra, pois, se Cristo amou e orou por tais inimigos, que inimigos nós podemos ter, aos quais não sejamos compelidos a amar e pelos quais não devamos orar?

2. A conversão do malfeitor sobre a cruz – que é um notável exemplo do triunfo de Cristo sobre os principados e as potestades, mesmo quando Ele parece ser derrotado por eles. Cristo foi crucificado entre dois malfeitores, e neles estão representados os diferentes aspectos que a cruz de Cristo teria sobre os filhos dos homens, dos quais ela se aproxima na pregação do Evangelho. Eles eram malfeitores, culpados diante de Deus. A cruz de Cristo é, para alguns, “cheiro de vida para vida”, para outros, “cheiro de morte para morte”. “É loucura para os que perecem”, mas para os que são salvos, é “poder de Deus e sabedoria de Deus”.

(1) Aqui estava um destes malfeitores, que ficou insensível até o fim. Ao lado da cruz de Cristo, ele blasfemava dele, como os outros estavam fazendo (v. 39), ele disse: “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós”. Embora ele estivesse agora sofrendo dores e agonia, e no vale da sombra da morte, ainda assim, isto não humilhou o seu espírito orgulhoso, nem o ensinou a falar com respeito a este seu companheiro de sofrimentos. Mesmo que você batesse num tolo até quase matá-lo, ainda assim ele continuaria

tão tolo como antes (Pv 27.22, versão NTLH). Os problemas, por si só, não irão produzir uma transformação em um coração malévolo, mas às vezes eles provocam a corrupção que poderíamos pensar que eles deveriam mortificar. Este malfeitor desafia Cristo a salvar a Ele mesmo e a eles também. Observe que há alguns que têm a impudência de reclamar ou blasfemar contra Cristo, e, apesar disto, têm a confiança de esperar ser salvos por Ele. Isto não é correto. E para concluir o assunto têm a ousadia de pensar que, se Ele não os salvar, não deve ser considerado como o Salvador.

(2) Aqui estava outro malfeitor, que, no final, se abrandou. Está escrito, nos textos de Mateus e Marcos, que os salteadores "que com ele foram crucificados o injuriavam". Alguns interpretam estes como símbolos dos demais, mas outros pensam que ambos o insultaram no início, até que o coração de um deles foi maravilhosamente transformado, e com ele, também a sua linguagem, de repente. Este malfeitor, prestes a cair nas mãos de Satanás, foi arrebatado, como um tição tirado do fogo, e fez um monumento de misericórdia e graça divinas, e Satanás foi deixado bramando como leão desapontado sem a sua presa. Isto não é nenhum incentivo para adiar o arrependimento até a hora da morte, ou esperar que então se encontrará misericórdia; pois, embora seja certo que nunca é tarde para o verdadeiro arrependimento, é igualmente certo que o arrependimento tardio é raras vezes verdadeiro. Ninguém pode ter a certeza de que terá tempo para o arrependimento na hora da morte; antes, todo homem deveria ter a certeza de que não poderá ter os benefícios que teve este salteador penitente, pois o seu caso foi totalmente extraordinário. Ele nunca tinha tido nenhuma oferta de seguir a Cristo, nenhum dia de graça, até aquele momento. Ele foi designado a ser um exemplo singular do poder da graça de Cristo, agora, na hora em que ele estava crucificado. Cristo, tendo derrotado Satanás na destruição de Judas e na preservação de Pedro, ergue este novo troféu da sua vitória sobre ele, na conversão deste malfeitor, como uma amostra do que Ele podia fazer. Notaremos que o caso é extraordinário, se observarmos,

[1] As extraordinárias operações da graça de Deus sobre ele, que se apresentam no que ele disse. Aqui foram dadas muitas evidências, em um curto período de tempo, de uma transformação abençoada, realizada nele, de modo que mais não poderiam ser dadas, em tão pouco tempo.

Em primeiro lugar, veja o que ele disse ao outro malfeitor, vv. 40,41. 1. Ele o criticou por provocar a Cristo, como alguém que é desprovido do temor a Deus, e como não tendo nenhum senso de religiosidade ou de fé: “Tu nem ainda temes a Deus?” Isto dá a entender que era o temor a Deus que o impedia de acompanhar a multidão, na realização deste mal. “Eu temo a Deus, e por isto não ouso fazer isto; e você, não teme?” Todos os que tiveram os seus olhos abertos, podem ver que a base da maldade dos malignos é o fato de que eles não têm o temor a Deus diante dos seus olhos. “Se você tivesse alguma humanidade, não insultaria alguém que é o seu companheiro em sofrimentos; nós estamos na mesma condição; você também é um homem à beira da morte, e, por isto, não importa o que estas pessoas malévolas façam, não é adequado que você maltrate um homem à morte”. 2. Ele reconhece que merece o que lhe estão fazendo: “Nós, na verdade, com justiça”. É provável que ambos estivessem sofrendo pelo mesmo crime, e, portanto, ele falou com mais segurança: “Recebemos o que os nossos feitos mereciam”. Isto engrandece a graça divina, como agindo de uma maneira distinta. Estes dois foram companheiros no pecado e no sofrimento, no entanto um deles é salvo, e o outro perece; dois homens que tinham andado juntos, até aqui, e agora um deles é levado, e o outro deixado. O malfeitor não diz: *Você*, na verdade, com justiça, mas *Nós*. Observe que os verdadeiros penitentes reconhecem a justiça de Deus em todas as punições pelo seu pecado. Deus agiu bem, mas nós agimos mal. 3. Ele crê que Cristo estava sofrendo injustamente. Embora Ele tivesse sido condenado em dois tribunais, e tivesse sido caçado como se fosse o pior dos malfeitores, ainda assim, este salteador penitente está convencido, pelo seu comportamento nos seus sofrimentos, que Ele *não havia feito nada de errado, ouden atopon – nada absurdo, ou inadequado ao seu caráter*. Os principais dos sacerdotes o queriam crucificado entre os dois malfeitores, como um deles: mas este salteador tem mais bom senso do que eles, e reconhece que Jesus não é um deles. Se ele tinha ouvido falar de Cristo e das suas maravilhosas obras, não está claro, mas o Espírito da graça o iluminou com este conhecimento, e o capacitou a dizer: “Este nenhum mal fez”.

Em segundo lugar, veja o que ele disse ao nosso Senhor Jesus: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino”, v. 42. Esta é a oração de um pecador à beira da morte, para o Salvador à beira da morte. Era a honra

de Cristo receber uma oração como esta, embora Ele estivesse sobre a cruz, censurado e ofendido. Era a felicidade do salteador orar assim – talvez ele nunca tivesse orado antes, e agora era ouvido, e salvo, no seu último suspiro. Enquanto houver vida, haverá esperança; e enquanto houver esperança, haverá lugar para a oração. 1. Observe a fé demonstrada por ele nesta oração. Na sua confissão do pecado (v. 41), aquele homem revelou arrependimento em relação a Deus. Na sua petição, aquele homem revelou fé em relação ao nosso Senhor Jesus Cristo. Ele reconhece que Jesus é o Senhor, e que tem um reino, e que iria para este reino. Ele também reconhece que o Senhor Jesus tem toda a autoridade neste reino, e que seriam felizes aqueles a quem Ele favorecesse. E o fato dele crer nisto e confessar tudo isto era uma grande coisa, nesta hora. Cristo estava agora nas profundezas da desgraça, abandonado pelos seus próprios discípulos, aviltado pela sua própria nação, sofrendo como um usurpador, sem receber qualquer livramento por parte de seu Pai. Ele fez esta confissão antes que ocorressem os prodígios que honravam os sofrimentos de Jesus Cristo, e que maravilharam o centurião; nem ainda em Israel temos achado tanta fé. Aquele homem creu que existe uma outra vida depois desta, e desejou ser feliz na outra vida. Ele não agiu como o outro salteador, que queria ser salvo da cruz, recebendo apenas um benefício terreno, sem compreender o profundo valor da crucificação do Senhor Jesus, do Cristo inocente e imaculado. 2. Observe a sua humildade nesta oração. Tudo o que ele pede é: “Senhor, lembra-te de mim”. Ele não pede, Senhor, dê-me preferência (como tinham feito os discípulos, Mt 20.21). Embora tendo uma honra que nenhum dos discípulos de Cristo tinha tido, de beber o cálice de Cristo, e de ser batizado com o seu batismo, fosse à sua direita ou à sua esquerda nos seus sofrimentos (quando os seus próprios discípulos o tinham abandonado), aquele homem poderia ter tido a pretensão de pedir, como eles, para se sentar à sua direita ou à sua esquerda, no seu reino. A comunhão nos sofrimentos poderia trazer este benefício, Jeremias 52.31,32. Mas aquele homem estava longe de pensar isto. Tudo o que ele pede é: “Senhor, lembra-te de mim”, pedindo a Cristo, desta maneira, que se lembrasse dele. Este é um pedido como aquele que José fez ao copeiro-mor, “Lembra-te de mim” (Gn 40.14), e foi ainda mais bem sucedido; o copeiro-mor se esqueceu de José, mas Cristo se lembrou deste salteador arrependido. 3. Há um ar de impertinência e de fervor na sua oração. Pode-

se dizer que ele praticamente expele a sua alma nela: “Senhor, lembra-te de mim, e eu terei o suficiente; eu não desejo mais nada; nas Tuas mãos entrego o meu caso”. Observe que ser lembrado por Cristo, agora que Ele está no seu reino, é o que nós devemos desejar ansiosamente e pelo que devemos orar, e isto será suficiente para assegurar a nossa vida e a nossa morte. Cristo está no seu reino, intercedendo. “Senhor, lembre-se de mim, e interceda por mim”. Ele reina ali. “Senhor, lembre-se de mim, e reine em mim, pelo seu Espírito”. Ele está preparando lugar para aqueles que são seus. “Senhor, lembre-se de mim, e prepare um lugar para mim; lembre-se de mim na morte, lembre-se de mim na ressurreição”. Veja Jó 14.13.

[2] A concessão extraordinária da graça de Cristo a ele: “Disse-lhe Jesus”, em resposta à sua oração, “Em verdade te digo” – Eu, o Amém, a Testemunha fiel, Eu digo Amém a esta oração, Eu ordeno que assim seja. Na verdade, concederei mais do que me foi pedido – “hoje estarás comigo no Paraíso”, v. 43. Observe:

Em primeiro lugar, a quem isto foi dito: ao salteador penitente, a ele, e não ao seu companheiro. Cristo na cruz é como Cristo no trono; pois agora vem o julgamento deste mundo – um deles parte com uma maldição, o outro, com uma bênção. Embora o próprio Cristo estivesse agora em meio à maior luta e agonia, ainda assim Ele teve uma palavra de consolo para dizer ao pobre penitente que se comprometeu com Ele. Observe que até mesmo os grandes pecadores – se forem verdadeiros penitentes – por meio de Cristo não somente obtêm o perdão dos seus pecados, mas também um lugar no paraíso de Deus, Hebreus 9.15. O fato de que os rebeldes e traidores não serão somente perdoados, mas preferidos desta maneira, enaltece as riquezas da graça gratuita.

Em segundo lugar, por quem isto foi dito. Esta foi outra palavra de mediação proferida por Cristo, embora em uma ocasião especial, mas também com uma intenção geral de explicar a verdadeira intenção e o verdadeiro significado dos seus sofrimentos. Ele morreu tanto para comprar o perdão dos pecados para nós (v. 34), como também para comprar a vida eterna para nós. Com estas palavras nós somos levados a compreender que Jesus Cristo morreu para abrir o reino do céu a todos os crentes penitentes e obedientes. 1. Aqui, Cristo nos comunica que Ele estava indo para o paraíso. Alguns utilizam o termo *hades* para designar *o mundo invisível.* A sua alma estava sendo levada para o lugar das almas separadas; não para o

lugar dos condenados, mas para o paraíso, o lugar dos abençoados. Com isto, Ele nos assegura que a sua expiação foi aceita, e que o Pai estava satisfeito com Ele, caso contrário Ele não teria ido para o paraíso; este era o início da alegria apresentada diante dele, e com esta perspectiva Ele se consolou. Ele foi, pela cruz, à coroa, e não devemos pensar em ir de nenhuma outra maneira, ou de nos aperfeiçoarmos, exceto pelos sofrimentos. 2. Ele comunica a todos os penitentes que, quando morrerem, estarão com Ele ali. Agora, Ele é como um sacerdote, comprando para eles esta felicidade, e está disposto, como um Rei, a concedê-la a eles, quando estiverem preparados e prontos para ela. Veja aqui como a felicidade do céu nos é apresentada. (1) É um paraíso, um jardim de prazeres, o paraíso de Deus (Ap 2.7), aludindo ao jardim do Éden, no qual os nossos primeiros pais foram colocados, quando eram inocentes. No segundo Adão, recebemos a restituição de tudo o que tínhamos perdido através do primeiro Adão, e mais, um paraíso celestial, ao invés de um paraíso terreno. (2) É estar com Cristo ali. Esta é a felicidade do céu, ver a Cristo, sentar-se com Ele, e compartilhar da sua glória, João 17.24. (3) É imediatamente posterior à morte: “Hoje estarás comigo” – esta noite, antes de amanhã. A alma dos fiéis, depois de ser libertada da carga da carne, imediatamente se encontra em alegria e felicidade. O espírito dos homens justos é imediatamente tornado perfeito. Lázaro parte, e imediatamente é consolado. Paulo parte, e imediatamente está com Cristo, Filipenses 1.23.

A Crucificação

vv. 44-49

Nestes versículos, temos 3 questões:

I A morte de Cristo glorificada pelos milagres que a acompanharam. Somente dois são aqui mencionados dos quais já tivemos uma narrativa anterior. 1. O escurecimento do sol ao meio-dia. Era aproximadamente a hora sexta, ou seja, de acordo com nossos cálculos, meio-dia, e “houve trevas em toda a terra até à hora nona”. Houve o eclipse do sol e ao mesmo tempo o ar estava excessivamente nublado, e ambos contribuíram para esta densa escuridão, que continuou por três horas e não três dias como a que

tinha ocorrido no Egito. 2. O rompimento do véu do templo. O primeiro prodígio aconteceu nos céus; porém este, no templo; pois tanto os céus como a terra eram as casas de Deus, e já que o Filho de Deus tinha sido desta maneira maltratado, elas não poderiam deixar de ficar indignadas e isto representa a sua indignação. Este rompimento do véu representou o cancelamento da lei cerimonial, que era uma barreira de divisão entre judeus e gentios, e também de todas as outras dificuldades e desalentos em nossa aproximação a Deus, para que pudéssemos nos dirigir com ousadia ao trono da graça.

II A morte de Cristo interpretada (v. 46) pelas palavras que Ele proferiu do fundo da sua alma. Jesus clamou com grande voz, dizendo, “Por que me desamparaste?” Isto nós lemos nos Evangelhos de Mateus e Marcos, e, aparentemente, Ele disse isto em voz alta também, para mostrar a sua veemência, e para que todas as pessoas pudessem tomar conhecimento disto: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. 1. Ele se apropriou das palavras do seu pai Davi (Sl 31.5), não porque precisasse colocar palavras em seus lábios, mas decidiu fazer uso delas para mostrar que era o Espírito de Cristo que testemunhava aos profetas do Antigo Testamento, e que Ele veio para cumprir as Escrituras. Cristo morreu com as Escrituras em seus lábios. Assim Ele nos orienta a fazer uso da linguagem das Escrituras ao nos dirigirmos a Deus. 2. Ao se dirigir a Deus, Ele o chama de Pai. Quando se queixa de ter sido desamparado, Ele brada, *Eli*, *Eli – Deus meu, Deus meu*; mas, para mostrar que a terrível agonia de sua alma estava acabando agora chama Deus “Pai”. Enquanto entregava a sua vida e alma por nós, por nós Ele o chamou Deus Pai, para que por meio dele pudéssemos ser reconhecidos como filhos. 3. Cristo usou estas palavras em um sentido peculiar como Mediador. Neste momento Ele oferecia a sua alma por expiação dos nossos pecados (Is 53.10), dava a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.28); pelo Espírito eterno, se oferecia a si mesmo (Hb 9.14). Ele foi o sacerdote e também o sacrifício; as nossas almas foram resgatadas e Ele deve pagar o resgate. O valor deve ser pago e entregue nas mãos de Deus, a parte ofendida pelo pecado – a Deus. Cristo tinha se comprometido a fazer a plena expiação a Deus. Agora, com estas palavras, Ele oferece o sacrifício, como se estivesse colocando a sua mão sobre a própria cabeça (como se fazia nos sacrifícios, conforme a lei de Moisés, Levítico 8.14)

envolvendo-o; *tithemi* – “Eu o *deposito*, Eu o deposito em suas mãos. Pai, aceite a minha vida e a minha alma pelas vidas e almas dos pecadores por quem morri”. O *animus offerentis – a boa vontade do ofertante*, era requisito para a aceitação da oferta. Agora Cristo expressa a sua alegre disposição de se oferecer, como Ele tinha feito, quando isto lhe foi proposto pela primeira vez (Hb 10.9,10): “Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade…” e nesta vontade “temos sido santificados”. 4. Cristo assim expressa a sua dependência de seu Pai quanto à sua ressurreição – o reencontro da sua alma e do seu corpo. Ele confia o seu espírito às mãos do seu Pai, para ser recebido no Paraíso e retornar no terceiro dia. Com isto parece que o nosso Senhor Jesus, que tinha um verdadeiro corpo humano, também tinha uma alma, que na morte passou a existir em um estado de separação do corpo, e assim Ele foi feito semelhante aos seus irmãos; esta alma Ele depositou nas mãos de seu Pai, submeteu-a à sua custódia, repousando na esperança de que ela não seria deixada no *hades*, em seu estado de separação do corpo – não por tanto tempo a ponto do corpo passar pela corrupção ou pela decomposição. 5. Cristo desta maneira nos deixou um exemplo, adequou as palavras de Davi ao propósito dos santos à morte, e, podemos dizer, as santificou no seu uso. Na morte, o nosso maior cuidado deveria ser com nossas almas, e na verdade não podemos mais oferecer-lhes bem-estar além de entregá-las neste momento nas mãos de Deus, como um Pai, para serem santificadas e regidas pelo seu Espírito e pela sua graça, e na hora da morte entregá-las nas suas mãos para que se tornem perfeitas em santidade e felicidade. Nós devemos mostrar que estamos livremente dispostos a morrer, que cremos firmemente em uma outra vida depois desta e que estamos desejosos dela, dizendo, “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

III A agonia de Cristo beneficiou aqueles que o acompanharam, pela impressão que lhes causou.

1. O centurião que tinha o comando da guarda foi muito afetado pelo que viu, v. 47. Ele era um romano, um gentio, um estranho às consolações de Israel; e ainda assim, ele glorificou a Deus. Ele nunca tinha visto tais exemplos maravilhosos de poder divino, e por isto aproveitou a ocasião para adorar a Deus como o Todo-Poderoso, dando um testemunho a respeito Daquele que estava sofrendo com tanta paciência: “Na verdade, este

homem era justo" – e foi injustamente condenado à morte. A manifestação do poder de Deus para honrá-lo, era uma evidência clara da sua inocência. O testemunho do centurião nos textos de Marcos e Mateus vai mais além: "Verdadeiramente, este era o Filho de Deus". Mas neste caso, isto quer dizer a mesma coisa; pois, se Jesus era um homem justo, Ele disse a verdade quando disse que era o Filho de Deus; e, portanto, este testemunho a respeito de si mesmo deve ser admitido, pois, se fosse falso, Ele não seria um homem justo.

2. Os espectadores desinteressados não puderam deixar de se interessar. Isto é observado somente aqui, v. 48. Todas as pessoas que tinham vindo para ver, como é usual nestas ocasiões, assistindo a tudo o que era feito, não puderam deixar de voltar para casa muito sérias, não importando como chegassem a suas casas: Eles "voltavam batendo nos peitos." (1) Eles levaram tudo muito a sério, para a ocasião. Eles consideraram uma coisa malévola tê-lo levado à morte, e não puderam deixar de pensar que algum tipo de julgamento de Deus iria se abater sobre a sua nação por causa disto. Provavelmente estas pessoas tinham estado entre aquelas que tinham clamado, "Crucifica-o, crucifica-o", e quando Ele foi pregado à cruz, o ofenderam e blasfemaram contra Ele; mas agora eles estavam tão aterrorizados com as trevas, o terremoto, e a maneira incomum como Ele expirou, que não somente as suas bocas tinham se calado, mas também as suas consciências estavam assustadas, e, em remorso pelo que tinham feito – como o publicano, batiam sobre os seus próprios corações, como os que têm indignação por si mesmos. Alguns pensam que este foi um passo positivo em direção à boa obra que posteriormente foi realizada para o benefício deles, quando se compungiram em seus corações, Atos 2.37. (2) Ainda assim, aparentemente, a impressão logo se desvaneceu: Eles batiam em seus peitos, e voltavam. Eles não mostraram nenhum sinal de respeito por Cristo, nem se preocuparam mais com Ele, mas foram para casa; e nós temos motivos para temer que, dentro de um curto período de tempo, eles praticamente se esqueceram deste episódio. Assim muitos dos que vêem Cristo evidentemente crucificado entre eles, na palavra e nos sacramentos, são um pouco afetados na ocasião, mas isto não permanece; eles batem nos peitos, e voltam. Eles vêem o rosto de Cristo no reflexo das ordenanças, e o admiram; mas vão embora, e imediatamente esquecem o tipo de homem que Ele é, e a razão que devem ter para amá-lo.

3. Os seus amigos e seguidores foram obrigados a manter distância, e ainda assim se aproximaram o máximo que podiam, para ver o que era feito (v. 49): “Todos os seus conhecidos” – todos que o conheciam e aos quais Ele conhecia, estavam de longe, por temer que, caso se aproximassem, seriam considerados a favor dele; isto foi parte dos seus sofrimentos, assim como os de Jó (Jó 19.13): “Pôs longe de mim a meus irmãos, e os que me conhecem deveras me estranharam”. Veja Salmos 88.18. E as mulheres que o seguiam desde a Galiléia estavam vendo estas coisas, sem saber como entendê-las, nem tão preparadas, como deveriam ter estado, para interpretá-las como determinados prelúdios à sua ressurreição. Agora Cristo era como um sinal, a ser contraditado, como Simeão tinha predito, para que se manifestassem os pensamentos de muitos corações, cap. 2.34,35.

O Sepultamento de Cristo

vv. 50-56

Temos aqui a narrativa do sepultamento de Cristo. Ele deve ser trazido não somente à morte, mas ao “pó da morte” (Sl 22.15), de acordo com a sentença (Gn 3.19, versão RA): “Ao pó tornarás”. Observe:

I Quem o sepultou. Os seus conhecidos se mantiveram distantes. Eles não tinham nem dinheiro para buscá-lo, nem coragem para suportar o ódio que enfrentariam por sepultá-lo decentemente; mas Deus preparou alguém que tinha ambas as condições, “um homem por nome José”, v. 50. A sua reputação era a de ser um “homem de bem e justo”, um homem de reputação imaculada pela virtude e piedade, não somente justo com todos, mas bom com todos os que precisavam dele (e os cuidados em sepultar os mortos, assim como se tornam a esperança da ressurreição dos mortos, representam um exemplo de bondade e beneficência); ele era uma pessoa de virtude, um conselheiro, senador, membro do Sinédrio e um dos anciãos da igreja judaica. Tendo dito isto sobre ele, é necessário acrescentar que, embora pertencesse ao grupo de pessoas que conduziram Cristo à morte, ainda assim ele “não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros” (v. 51), embora fosse realizado pela maioria, mas apresentou o seu protesto e não seguiu a multidão para fazer o mal. Observe que o conselho ou ato do

mal ao qual não damos o nosso consentimento, não será computado como nosso ato. Na verdade, Ele não somente discordou abertamente daqueles que eram inimigos de Cristo, mas concordou secretamente com aqueles que eram seus amigos: Ele mesmo “esperava o Reino de Deus”; ele acreditava nas profecias do Antigo Testamento, sobre o Messias e o seu reino e esperava a realização delas. Este foi o homem que nesta ocasião, aparentemente, mostrou o verdadeiro respeito para com o Senhor Jesus. Observe que há muitos homens que são sinceros e leais aos interesses de Cristo embora não façam qualquer demonstração publica disso. Estes, muitas vezes, estão mais dispostos a lhe prestar determinados serviços verdadeiros quando há oportunidade, do que outros que causam maior impressão exterior, do que aqueles que todos sabem que o servem.

II O que ele fez em relação ao sepultamento de Jesus. 1. Ele dirigiu-se a Pilatos, o juiz que tinha condenado o Senhor Jesus, e pediu o seu corpo, já que estava à disposição de Pilatos; e, embora pudesse ter reunido um grupo suficiente para roubar o corpo por meio de violência, ele optou pela maneira normal, e o fez pacificamente. 2. Ele o desceu da cruz, aparentemente, com suas próprias mãos e “envolveu-o num lençol”. Os evangelistas nos dizem que era costume dos judeus enrolar o corpo dos mortos, como se fazia com os bebês até pouco tempo atrás, e que a palavra usada aqui tem muito significado; aquele pedaço de linho fino, que ele trouxe inteiro, mas que cortou em muitos pedaços para este fim. Está escrito a respeito de Lázaro: “tendo as mãos e os pés ligados com faixas”, João 11.44. As mortalhas são, para os santos, como as faixas para os bebês, que ficarão pequenas para eles, e serão abandonadas quando vierem a ser homens perfeitos.

III Em que lugar Ele foi sepultado. “Num sepulcro escavado numa penha”, para que a prisão do túmulo pudesse ser forte, como a igreja, quando ela teve que andar em trevas e teve o seu caminho circundado por pedras lavradas, Lamentações 3.2, 9. Mas era um sepulcro “onde ninguém ainda havia sido posto”, porque Ele foi sepultado de tal maneira como nunca ninguém antes dele fora sepultado – Ele ressuscitaria ao terceiro dia pelo seu próprio poder; e Ele iria triunfar sobre o túmulo como nunca nenhum homem o fez.

IV Quando Ele foi sepultado. No Dia da Preparação, quando amanhecia o sábado, v. 54. Isto é considerado como uma das razões pelas quais eles apressaram o funeral – “amanhecia o sábado”, o que lhes requereria atenção para outro trabalho, a preparação para o sábado, a preparação para receber o sábado. Observe que o pranto não deve impedir a semeadura. Embora estivessem em lágrimas pela morte de Cristo, ainda assim deveriam se aplicar à santificação do sábado; e quando o sábado amanhecesse, a preparação deveria ter sido feita. As nossas tarefas terrenas devem ser bem ordenadas, para que não nos afastem das atividades espirituais, e as nossas afeições divinas devem ser estimuladas para que possam nos fazer prosseguir nestas.

V Quem compareceu ao funeral: Nenhum dos discípulos, mas somente as mulheres que tinham vindo com ele da Galiléia (v. 55), aquelas, permaneceram ao lado dele enquanto estava pendurado na cruz. Elas o seguiram em prantos, sem dúvida, e viram o sepulcro, onde se situava, qual era o caminho para se chegar até ele, e como foi posto o seu corpo. Elas foram levadas a isso, não por curiosidade, mas pelo seu afeto pelo nosso Senhor Jesus, que era forte como a morte e que muitas águas não poderiam apagar. Foi um funeral silencioso, não solene e mesmo assim o seu repouso foi glorioso.

VI Que preparação foi feita para embalsamar o seu corpo após o sepultamento (v. 56): “Voltando elas, prepararam especiarias e ungüentos”, o que era uma evidência maior do seu amor do que da sua fé; porque, se elas tivessem se lembrado e acreditado no que Ele tão freqüentemente lhes havia dito, que ressuscitaria no terceiro dia, teriam aliviado os seus sofrimentos e esforços, sabendo que em pouco tempo haveria uma grande honra ao seu corpo, pela glória da sua ressurreição, uma honra maior do que elas poderiam lhe dedicar com os seus mais preciosos ungüentos. Mas, ocupadas como estavam com a preparação, repousaram no sábado, e não fizeram nenhum trabalho depois disso, não somente em conformidade com os costumes de sua nação, mas conforme o mandamento do seu Deus. Embora o dia de adoração e repouso tenha sido alterado mais tarde, naquela ocasião o sábado ainda estava em plena força: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar”.

CAPÍTULO 24

Nosso Senhor Jesus desceu gloriosamente à morte, apesar da maldade dos seus inimigos, que fizeram tudo o que podiam para tornar a sua morte desonrosa; mas Ele ressuscitou, ainda mais gloriosamente, e neste capítulo temos um relato de sua ressurreição – e as provas e evidências da ressurreição de Cristo são mais detalhadamente relatadas por este evangelista do que foram por Mateus e Marcos. Aqui temos: I. A certeza, dada por dois anjos, às mulheres que visitaram o sepulcro, de que o Senhor Jesus tinha ressuscitado, conforme sua própria palavra, da qual os anjos as lembram (vv. 1-7), e o relato aos apóstolos, vv. 8-11. II. A visita que Pedro fez ao sepulcro, e o que ele descobriu ali, vv. 12. III. O encontro de Cristo com os dois discípulos que iam para Emaús, e seu ato de fazer-se conhecido a eles, vv. 13-35. IV. Sua aparição aos onze discípulos, no final do mesmo dia, vv. 36-49. V. O adeus que Ele lhes deu, a sua ascensão ao céu e a alegria e o louvor dos seus discípulos, que Ele deixou para trás, vv. 50-53.

A Ressurreição

vv. 1-12

A maneira como a alma e o corpo de Cristo foram unidos, na sua ressurreição, é um mistério, um dos grandes segredos que não pertencem a nós; mas as provas infalíveis da sua ressurreição, de que Ele realmente ressuscitou dos mortos, e, desta maneira, provou ser o Filho de Deus, são reveladas, e pertencem a nós e aos nossos filhos. Algumas destas razões, nós temos aqui nestes versículos, os quais narram a mesma coisa que já lemos nos textos de Mateus e Marcos.

ITemos aqui a afeição e o respeito que as boas mulheres que tinham seguido a Cristo demonstram a Ele, depois dele ter sido morto e sepultado, v. 1. Tão logo puderam, depois de terminado o sábado, elas foram ao sepulcro, para embalsamar o seu corpo, não para removê-lo do lençol no qual José o tinha envolvido, mas para ungir a cabeça e o rosto, e talvez as mãos e os pés feridos, e para espalhar especiarias sobre o corpo, e

ao seu redor; assim como é usual, para nós, espalhar flores ao redor dos corpos e dos túmulos de nossos amigos – para demonstrar a nossa boa vontade em relação à remoção da deformação da morte, se pudéssemos fazê-lo, e para torná-los, de alguma maneira, menos repulsivos para aqueles que estão ao seu redor. O zelo destas boas mulheres para com Cristo realmente continuava. Elas não se desfizeram das especiarias que, com grande esforço, haviam preparado na noite anterior ao sábado, imaginando, depois de pensar no assunto: Para que servirá isto? Ao contrário, elas levaram as especiarias ao sepulcro na manhã seguinte ao sábado, muito cedo. Esta é uma norma de caridade: “Cada um contribua segundo propôs no seu coração”, 2 Coríntios 9.7. Aquilo que ofertamos a Cristo, deve ser usado na obra dele. É feita menção aos nomes destas mulheres: “Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago” – aparentemente, eram mulheres sérias e maduras. Também está escrito que havia outras com elas, v. 10. Estas, que não tinham participado da preparação das especiarias, foram com as primeiras ao sepulcro; era como se o número de amigos de Cristo tivesse aumentado quando Ele esteve morto, João 12.24,32. As filhas de Jerusalém, quando viram como a esposa procurava o seu Amado, tiveram vontade de procurá-lo com ela (Ct 6.1), assim também aconteceu com estas outras mulheres. O zelo de algumas motiva a outras.

II A surpresa que tiveram, quando encontraram a pedra removida, e o sepulcro, vazio (vv. 2,3): Elas ficaram “perplexas a esse respeito” (v. 4), pois era razão para alegria o fato de que a pedra tivesse sido removida do sepulcro (parecia que Ele tinha recebido uma permissão legal para sair), e que não encontrassem “o corpo do Senhor Jesus”. Parecia que Ele tinha feito uso de sua libertação, e tinha saído do sepulcro. Observe que bons cristãos freqüentemente ficam perplexos com aquilo que deveria incentivá-los e consolá-los.

III Vemos também o relato claro que elas tiveram da ressurreição de Cristo, feito por dois anjos que lhes apareceram “com vestes resplandecentes”, não somente brancas, mas brilhantes, e que lançavam um grande brilho ao redor delas. Elas primeiramente viram um anjo, fora do sepulcro, que imediatamente entrou no sepulcro e sentou-se com um segundo anjo. Eles sentaram-se “onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés”

– é importante observar a harmonia dos evangelistas quanto a esta passagem. As mulheres, quando viram os anjos, tiveram medo de que eles trouxessem más notícias para elas; mas, em vez de perguntar-lhes, elas "abaixaram o rosto para o chão", para procurar pelo seu querido Mestre no sepulcro. Elas teriam preferido encontrá-lo em sua mortalha, a encontrar os próprios anjos em suas vestes resplandecentes. Um Jesus morto tem mais beleza, aos olhos dos crentes, do que os próprios anjos. Estas mulheres, como a esposa de Cantares, quando encontrada pelos guardas (e os anjos são chamados de guardas, veja Mateus 27.66), não falam de outra coisa com eles, exceto: "Vistes aquele a quem ama a minha alma?" (Ct 3.3) Aqui: 1. Os anjos censuram as mulheres, pela tolice da procura que elas estavam fazendo: "Por que buscais o vivente entre os mortos?", v. 5. Com isto, é dado testemunho de que Cristo está vivo – "de quem se testifica que vive" (Hb 7.8), e de que é o consolo de todos os santos, "Porque eu sei que o meu Redentor vive", Jó 19.25; como Ele vive, nós também viveremos. Com isto é feita uma crítica àqueles que procuram por Ele entre os mortos, que procuram por Ele entre os heróis mortos que os gentios adoram – como se Ele fosse apenas um deles – que procuram por Ele em uma imagem, ou em um crucifixo, obras das mãos dos homens, ou entre tradições não escritas, e as invenções dos homens; e realmente, todos aqueles que esperam felicidade e satisfação na criatura, ou perfeição neste estado imperfeito, podem ser considerados como procurando "o vivente entre os mortos." 2. Os anjos asseguram às mulheres que Ele ressuscitou (v. 6): "Não está aqui, mas ressuscitou" – ressuscitou pelo seu próprio poder; Ele deixou o seu túmulo, para nunca mais retornar a ele. Estes anjos eram testemunhas competentes, pois tinham sido enviados do céu com ordens relacionadas à ressurreição de Jesus. E nós temos certeza de que o seu relato é verdadeiro; eles não mentem. 3. Eles lembram às mulheres das próprias palavras de Cristo: "Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia". Se tivessem acreditado na predição como deveriam, elas teriam facilmente acreditado no acontecimento em si, quando viesse a suceder; e, portanto, para que as notícias não fossem uma surpresa para elas (como pareciam ser), os anjos repetem a elas o que Cristo sempre dizia: "Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores", e embora isto fosse realizado pelo conselho e presciência de Deus, ainda assim aqueles que provocaram este fato não puderam se eximir da culpa ao fazê-

lo; eles pecaram. Jesus havia dito que Ele deveria ser crucificado. Certamente, elas não poderiam ter se esquecido daquilo que com tanta tristeza viram se cumprir; e isto não traria à sua memória o que Ele lhes disse depois daquelas palavras, "... ao terceiro dia, ressuscite?" Observe que estes anjos do céu não trazem nenhum novo Evangelho, mas fazem com que as mulheres se recordem (como fazem os anjos das igrejas) das palavras de Cristo, mostrando como aproveitá-las e aplicá-las.

IV A satisfação das mulheres com este relato, v. 8. As mulheres pareceram concordar: "E lembraram-se das suas palavras", quando foram trazidas à sua mente, e concluíram que, se Ele havia ressuscitado, isto não era mais do que elas tinham razão para esperar; e agora elas se envergonhavam dos preparativos que tinham feito, para embalsamar no terceiro dia aquele que sempre tinha dito que no terceiro dia ressuscitaria. Observe que uma recordação oportuna das palavras de Cristo irá nos ajudar a compreender corretamente a sua providência.

V O relato que elas trouxeram aos apóstolos sobre o ocorrido: "Voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais" discípulos de Cristo, v. 9. Aparentemente, eles não estavam reunidos, em um só corpo; eles estavam espalhados, cada um na sua cidade, talvez dois ou três juntos no mesmo alojamento, mas um contava a outros, e estes contavam a outros, de modo que, dentro de pouco tempo, naquela manhã, todos eles souberam disto. Mas nós lemos (v. 11) como a notícia foi recebida: "As suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram". Eles pensaram que era apenas fantasia das mulheres, e a atribuíram ao poder da imaginação; pois eles também tinham se esquecido das palavras de Cristo, e precisavam ser lembrados delas – não somente o que Ele lhes havia dito estando na Galiléia, algum tempo atrás, mas o que Ele tinha dito há pouco tempo, na noite em que foi traído: "Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis". Não é possível deixar de ficar surpreso com a tolice destes discípulos – que tinham tantas vezes professado que criam que Cristo era o Filho de Deus, e o verdadeiro Messias, que tantas vezes tinham ouvido que Ele deveria morrer e ressuscitar, e então entrar na sua glória; que o tinham visto, mais de uma vez, ressuscitado os mortos – tão relutantes em crer que Ele tivesse ressuscitado. Eles experimentaram em

sua própria vida uma situação que foi traduzida através de uma reclamação: “Quem deu crédito à nossa pregação?” Eles sempre se lembrariam de que houve um tempo em que esta reclamação poderia ter sido feita contra eles mesmos.

VI A investigação que Pedro realizou em seguida, v. 12. Aparentemente, foi Maria Madalena que trouxe a notícia a ele (veja João 20.1,2, onde esta história da sua corrida ao sepulcro está mais particularmente relatada). 1. Pedro correu ao sepulcro, depois de ter ouvido o relato, talvez envergonhado de si mesmo, por pensar que Maria Madalena teria estado ali antes dele; e, talvez, ele não estivesse tão disposto a ir até lá se as mulheres não lhe tivessem contado, entre outras coisas, que os guardas tinham saído de lá. Muitos que se movem rapidamente, quando não há perigo, mostram-se hesitantes quando vêem a chegada deste. Agora, Pedro correu para o sepulcro, o mesmo Pedro que dias antes fugira de seu Mestre. 2. Ele olhou no sepulcro, e observou como estavam arrumados em ordem, dobrados e colocados ali, os lençóis com que Cristo tinha sido envolto, mas o corpo não estava. Ele foi muito específico ao fazer estas observações, como se preferisse mais crer nos próprios olhos que no testemunho dos anjos. 3. Ele retirou-se, pensando, sem entender: “Retirou-se, admirando consigo aquele caso”. Se tivesse lembrado das palavras de Cristo, até mesmo isto seria suficiente para provar a ele que Cristo tinha ressuscitado dos mortos; mas, tendo esquecido, ele somente fica admirado com o fato, e não sabe como interpretá-lo. Há muitas coisas que nos desconcertam e nos causam perplexidade, que seriam tanto claras quanto lucrativas, se s apenas compreendêssemos corretamente as palavras de Cristo, e as lêssemos.

Os Discípulos a Caminho de Emaús

vv. 13-35

Esta manifestação de Cristo aos dois discípulos que iam para Emaús foi mencionada, mas apenas mencionada, anteriormente (Mc 16.12). Aqui ela está narrada com mais detalhes. Ela aconteceu no mesmo dia em que Cristo ressuscitou, o primeiro dia do novo mundo que ressuscitou com Ele. Um destes dois discípulos era Cleopas, ou Alfeu, que os antigos diziam ser

irmão de José, o pai terreno de Cristo; quem era o outro, não se sabe. Alguns pensam que era Pedro. Pode parecer, realmente, que Cristo apareceu em particular a Pedro naquele dia, sobre quem os onze comentavam entre si (v. 34), e Paulo menciona, 1 Coríntios 15.5. Mas não poderia ser Pedro um dos dois discípulos, pois ele era um dos onze aos quais os dois discípulos que iam para Emaús retornaram; e, além disto, nós conhecemos Pedro bem demais, para pensar que se ele tivesse sido um dos dois, teria sido ele o interlocutor principal, e não Cleopas. Ele era um dos que estavam associados com os onze, mencionados no verso 9. Nesta passagem da história, podemos observar:

I O caminhar e o falar destes dois discípulos: Eles “iam… para uma aldeia… cujo nome era Emaús”, que se estima que esteja a uma distância de duas horas de caminhada de Jerusalém; aqui está escrito que a distância era de “sessenta estádios”, aproximadamente onze quilômetros, v. 13. Não se sabe se eles iam a Emaús a negócios ou para ver algum amigo. Eu acredito que eles estivessem indo para casa, para a Galiléia, com a intenção de não mais investigar sobre este Jesus. Talvez estivessem pensando em um afastamento, e saíram do seu grupo sem pedir licença ou sem se despedir; pois os relatos trazidos a eles, naquela manhã, sobre a ressurreição do seu Mestre “lhes pareciam como desvario”; e, se assim fosse, não seria de admirar que eles começassem a pensar em aproveitar ao máximo o tempo que estavam gastando a caminho de casa. Mas, enquanto viajavam, eles iam “falando entre si e fazendo perguntas um ao outro”, sobre tudo aquilo que havia sucedido, v. 14. Eles não tiveram coragem de conferir estas coisas e indagar o que devia ser feito em meio aquela situação em Jerusalém, por temor aos judeus; mas, quando tinham saído do alcance dos ouvidos dos judeus, puderam falar sobre o assunto com mais liberdade. Eles conversaram sobre estas coisas, raciocinando a respeito das probabilidades da ressurreição de Cristo; pois, conforme estas fossem manifestadas, eles poderiam seguir em frente, ou retornar a Jerusalém. Observe que convém aos discípulos de Cristo, quando estão juntos, conversar sobre a sua morte e ressurreição; assim um pode aprimorar o conhecimento do outro, reavivar a lembrança do outro, e despertar os interesses devotos do outro.

A boa companhia que eles encontraram no caminho: “O mesmo Jesus se II aproximou e ia com eles” (v. 15). Eles conversavam e argumentavam, e talvez a discussão estivesse acalorada, um deles esperando que o seu Mestre tivesse ressuscitado e estabelecesse o seu Reino, e o outro sem esperanças. O próprio Senhor Jesus se aproximou, como um estranho que, vendo que iam na mesma direção, lhes disse que gostaria da sua companhia. Podemos observar, para nosso encorajamento, que devemos manter as nossas reuniões cristãs, e as conversas edificantes que temos entre nós. Pois mesmo que haja apenas dois cristãos reunidos para um trabalho deste tipo, Cristo virá a eles, e será um terceiro. Quando aqueles que temem ao Senhor falam uns com os outros, o Senhor ouve e presta atenção, e com toda a certeza permanece com eles. Deste modo, duas pessoas assim entrelaçadas em fé e amor se tornam um cordão de três dobras, que não se quebra tão depressa, Eclesiastes 4.12. Em suas conversas e argumentos, eles estavam procurando por Cristo, comparando observações a respeito dele, para que pudessem obter mais conhecimento sobre Ele; e agora Cristo se manifesta a eles. Observe que aqueles que procuram por Cristo irão encontrá-lo. Ele se manifestará àqueles que o procuram, e dará conhecimento àqueles que usam os meios de que dispõem para obter o conhecimento. Quando a esposa perguntou aos guardas a respeito do seu amado, ela afastou-se deles apenas um pouco, e o encontrou, Cantares 3.4. Mas, embora eles tivessem a companhia de Cristo, a princípio eles não se deram conta disto (v. 16): “Os olhos deles estavam como que fechados, para que não o conhecessem”. Aparentemente, houve tanto uma alteração do objeto (pois no texto de Marcos está escrito que agora Ele aparecia sob outra forma), e uma restrição dos órgãos (pois aqui está escrito que os seus olhos estavam sendo controlados por um poder divino); ou, como pensam alguns, houve alguma confusão no ambiente. O ambiente estava disposto de maneira que eles não puderam distinguir quem Ele era. O importante é que tudo transcorreu de uma maneira que eles não o conheceram. Cristo desejou que assim fosse para que pudessem conversar mais livremente com Ele, e Ele com eles, e para que pudessem entender que a sua Palavra, e a sua influência, não dependiam da sua presença física, que os discípulos amavam tanto, e da qual deveriam agora se desacostumar. Ele podia ensiná-los, e aquecer os seus corações por meio de outros que tinham a sua presença espiritual consigo, e que tinham a sua graça acompanhando-os de uma forma

invisível.

III A conversa entre Cristo e estes dois discípulos; Ele os conhecia, porém eles não o reconheceram. Agora Cristo e os seus discípulos – como é usual quando amigos se encontram incógnitos, ou disfarçados – estão trocando perguntas.

1. A primeira pergunta que Cristo faz a eles é a respeito da tristeza que estavam sentindo, a qual se exibia claramente nas suas fisionomias: “Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós e por que estais tristes?” (v. 17). É uma pergunta muito gentil e amistosa. Observe:

(1) Eles estavam tristes. Ficou evidente a um estranho que eles assim se sentiam. [1] Eles perderam seu amado Mestre, e estavam, em sua própria compreensão, bastante desapontados em relação às expectativas que tinham a respeito dele. Eles tinham desistido da causa, e não sabiam que curso tomar para recuperá-la. Observe que os discípulos de Cristo têm motivos para se entristecer quando Ele se afasta deles, e para jejuar quando o Esposo lhes é tirado. [2] Ou eles não sabiam ou não acreditavam que Ele tivesse ressuscitado dos mortos, e por isto ainda estavam tristes. Observe que os discípulos de Cristo às vezes ficam tristes e pesarosos, mesmo quando têm motivos para alegrar-se, mas devido à fraqueza da sua fé eles não podem receber o consolo que lhes é oferecido. [3] Entristecidos, eles estavam conversando a respeito de Cristo. Observe, em primeiro lugar, que é adequado que os cristãos conversem sobre Cristo. Se os nossos corações estivessem tão cheios dele, e daquilo que Ele fez e sofreu por nós, como deveriam estar, a boca falaria da abundância do coração, não somente a respeito de Deus e da sua providência, mas também de Cristo, da sua graça e do seu amor. Em segundo lugar, uma boa companhia e uma boa conversa são um excelente antídoto contra a melancolia dominante. Quando os discípulos de Cristo estavam tristes, eles não saiam sozinhos, mas continuavam da maneira como Ele os tinha enviado, de dois em dois, pois dois é melhor do que um, especialmente em tempos de tristeza. Dar vazão à tristeza pode, às vezes, dar alívio ao entristecido. E conversar sobre os assuntos que nos afligem é algo que pode nos colocar em uma situação melhor. Os nossos amigos podem nos ajudar neste processo. Aqueles que sofrem unidos devem se consolar mutuamente; o consolo às vezes é melhor quando se origina de uma atitude como esta.

(2) Cristo se aproximou deles, e perguntou qual era o assunto da sua conversa, e a causa da sua tristeza: “Que palavras são essas?” Embora Cristo agora tivesse entrado no seu estado de exaltação, ainda sentia ternura pelos seus discípulos e se preocupava com o seu conforto. Ele fala como alguém que se perturba ao ver a melancolia deles: “Por que estão, hoje, tristes os vossos semblantes?” Gênesis 40.7. Observe que o nosso Senhor Jesus percebe a tristeza e o pesar dos seus discípulos e se aflige com as suas aflições. Com isto, Cristo nos ensinou: [1] A conversar. Aqui Cristo inicia uma conversa com duas pessoas sérias. Embora Jesus fosse para eles um estranho, e eles não o conhecessem, eles prontamente aceitaram a conversa. Não é adequado aos cristãos serem rabugentos e tímidos, mas agradar-se da boa companhia. [2] Aqui somos ensinados a ter compaixão. Quando vemos os nossos amigos tristes e pesarosos, nós devemos, como Cristo aqui, tomar conhecimento da sua tristeza, e dar-lhes o melhor consolo e conselho que pudermos: “Chorai com os que choram”, Romanos 12.15.

2. Em resposta a isto, eles fazem a Jesus uma pergunta a respeito da sua estranheza. “És tu só peregrino em Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?” Observe: (1) Cleopas dá uma resposta civilizada. Ele não pergunta com rudeza: “O que você tem a ver com o que nós estamos conversando?”, nem lhe pede que não se intrometa. Observe que nós devemos ser civilizados com aqueles que são civilizados conosco, e nos comportar de maneira gentil com todos, tanto em palavras como em obras. Era um período perigoso para os discípulos de Cristo, mas eles não desconfiaram deste estranho, de que Ele pudesse ter algum desígnio contra eles, de denunciá-los ou de trazer-lhes problemas. A caridade não suspeita mal, não, nem mesmo de estranhos. (2) Seu ser está cheio do próprio Cristo, da sua morte e dos seus sofrimentos, e imagina se todos estarão assim: “O quê? Será você tão peregrino em Jerusalém a ponto de não saber o que foi feito com o nosso Mestre ali?” Observe que são verdadeiros estrangeiros em Jerusalém os que não sabem da morte e dos sofrimentos de Cristo. O que? São elas filhas de Jerusalém, e ainda assim tão pouco familiarizadas com Cristo a ponto de perguntar, “Que é o teu amado mais do que outro amado?” (Ct 5.9). (3) Cleopas tem muita vontade de informar este estranho a respeito de Cristo e de prosseguir na conversa com Ele a este respeito. Ele não queria que ninguém, que homem algum desconhecesse a Cristo. Observe que aqueles que têm o conhecimento de Cristo crucificado devem

fazer tudo o que puderem para transmitir este conhecimento, e levar os outros a conhecer o Senhor Jesus. E é digno de nota que estes discípulos, que estavam tão entusiasmados para instruir o peregrino tenham sido instruídos por Ele; pois àquele que tem, e que usa o que tem, muito mais lhe será dado. (4) Aparentemente, pelo que diz Cleopas, a morte de Cristo causou uma grande comoção em Jerusalém, de modo que não se poderia imaginar que alguém, mesmo sendo um peregrino na cidade, não tomasse conhecimento de um fato tão importante. Este era o assunto da cidade, e o tema de todas as conversas. Assim seria esclarecido, depois do derramamento do Espírito, um fato que viria a ser universalmente conhecido.

3. Cristo, em resposta, perguntou sobre o conhecimento que eles tinham (v. 19): “Ele lhes perguntou: Quais?”, fazendo-se, desse modo, ainda mais peregrino. Observe: (1) O Senhor Jesus Cristo coloca os seus próprios sofrimentos em um patamar inferior quando os compara com a alegria que está diante de si, e que era a recompensa pelos sofrimentos. Agora que Ele estava entrando na sua glória, veja com que despreocupação Ele olha para os seus sofrimentos passados: Quais? Ele tinha motivos para saber quais eram as coisas. Para Ele, eram coisas amargas e pesadas, e ainda assim Ele pergunta: Quais? A tristeza estava esquecida devido à alegria trazida pelo nascimento da criança – neste caso, a nossa salvação. Ele teve prazer nos sofrimentos por nós, para nos ensinar a fazer a mesma coisa por Ele. (2) Àqueles a quem Cristo ensina, Ele examina, para saber o quanto aprenderam. Eles devem dizer a Ele o que eles já sabem, e então Ele lhes dirá qual é o significado destas coisas e os conduzirá aos mistérios de tais coisas.

4. Eles, como conseqüência, deram-lhe um relato particular a respeito de Cristo, e a presente situação das coisas relacionadas a Ele. Observe a história que eles contam, verso 19 e seguintes.

(1) Aqui está um resumo da vida e do caráter de Cristo. As coisas de que eles estão tomados, são a respeito de “Jesus, o Nazareno” (assim, Ele era comumente chamado), que era um profeta, um mestre vindo de Deus. Ele pregou uma doutrina verdadeira e excelente, que tinha, de modo claro, a sua origem no céu, e a sua tendência em direção ao céu. Ele a confirmou através de muitos milagres gloriosos, milagres de misericórdia, de modo que Ele era “poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o

povo”; isto é, Ele era um grande favorito do céu, e uma grande bênção para esta terra. Ele era enormemente amado por Deus e muito apreciado pelo seu povo. Ele tinha grande aceitação com Deus, e uma excelente reputação na nação. Muitos são grandes diante de todo o povo, e são queridos por ele, mas não o são diante de Deus, como os escribas e fariseus; mas Cristo era “poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo”. Os que não sabiam disto eram peregrinos em Jerusalém.

(2) Aqui está uma narrativa simples dos sofrimentos e da morte de Jesus, v. 20. Embora Ele fosse tão apreciado, tanto por Deus quanto pelos homens, ainda assim os principais dos sacerdotes e os governantes, em desprezo a ambos, o entregaram às autoridades romanas, para que fosse condenado à morte, e estas o crucificaram. É estranho que estes dois discípulos não tivessem piorado ainda mais a questão colocando uma acusação maior sobre aqueles que tinham crucificado a Cristo; mas talvez porque estivessem falando com um estranho, eles julgaram prudente evitar qualquer reflexão sobre os principais dos sacerdotes e os governantes, ou quem quer que fosse.

(3) Aqui está uma evidência do desapontamento momentâneo dos discípulos em relação a Jesus, como razão da sua tristeza: “Nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel”, v. 21. Nós fazemos parte daquele grupo que não o considerava um profeta, como Moisés, mas como o próprio Redentor. Havia uma grande expectativa a respeito dele, e grandes coisas eram esperadas dele por parte daqueles que esperavam a redenção, e, nela, a consolação de Israel. Mas, se “a esperança demorada enfraquece o coração” (Pv 13.12), a esperança desapontada, especialmente uma esperança como esta, mata o coração. Mas veja como eles fizeram da morte do Senhor Jesus a base do seu desespero, quando, se tivessem entendido corretamente, ela seria a base segura da sua esperança: “Nós esperávamos (diz o discípulo) que fosse Ele o que remisse Israel”. E não é Ele o que redime Israel? Ou melhor, não é Ele, que pela sua morte, paga o preço da nossa redenção? Para que Ele salvasse Israel dos seus pecados não era necessário que Ele sofresse? Agora, uma vez que a parte mais difícil da sua tarefa já tinha terminado, eles tinham mais razões do que nunca para crer que este era aquele que iria remir Israel – entretanto, agora eles estão dispostos a abandonar a causa.

(4) Aqui está um relato do assombro destes discípulos com referência à ressurreição de Jesus. [1] “É já hoje o terceiro dia” desde que Ele foi crucificado e morto, e este era o dia em que Ele deveria ressuscitar, e o faria com glória e pompa visível, e se mostraria tão publicamente em honra, quanto fora mostrado três dias atrás, em desgraça; mas nós não vemos sinal disto; nada aparece, como esperávamos, para a condenação e desconcerto de seus acusadores, e o consolo de seus discípulos, tudo está quieto. [2] Eles reconhecem que havia uma notícia, entre eles, de que Ele havia ressuscitado, mas parecem falar disto muito ligeiramente e, como se não acreditassem nisto (vv. 22, 23): “algumas mulheres dentre nós nos maravilharam – e isto foi tudo – as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive”; mas nós estamos inclinados a pensar que foi apenas um desvario delas, e não foi nada real, pois os anjos teriam sido enviados aos apóstolos e não às mulheres, e além disso as mulheres são facilmente impressionáveis. [3] Eles reconhecem que alguns dos apóstolos haviam visitado o sepulcro encontrando-o vazio, v. 24: “Porém, não o viram” – e, por isto, temos razões para temer que Ele não tenha ressuscitado, pois, se tivesse, Ele certamente teria se apresentado a eles. E assim, considerando tudo isso, nós não temos maiores razões para pensar que Ele ressuscitou, e, portanto, não temos expectativas nele agora; todas as nossas esperanças foram pregadas na sua cruz, e sepultadas no seu sepulcro.

(5) Nosso Senhor Jesus, embora não tivesse se apresentado pessoalmente a eles, se deu a conhecer a eles, por meio da sua palavra.

[1] Ele os censura por sua insensatez, e pela fraqueza de sua fé nas Escrituras do Antigo Testamento: “Ó néscios e tardos de coração para crer”, v. 25. Quando Cristo nos proibiu de chamar os nossos irmãos de loucos, isto tencionava limitar-nos, para que não fizéssemos críticas pouco razoáveis, mas não de fazer críticas justas. Cristo os chamou de néscios (loucos), não com o significado de homens maus, cujo sentido Ele nos proibiu, mas com o significado de homens fracos. Ele pode chamá-los de loucos, pois Ele conhece nossa loucura, a loucura que está presa em nossos corações. São loucos aqueles que agem contra os seus próprios interesses; isto faziam aqueles que não aceitavam as evidências que lhes eram apresentadas, de que o seu Mestre tinha ressuscitado, deixando de lado este consolo. O que é

condenado neles, como sua loucura, é, em primeiro lugar, a sua lentidão em crer. Os crentes são rotulados como loucos pelos ateus, pelos infiéis, e pelos livres pensadores, e a sua fé mais santa é censurada como sendo uma credulidade afetuosa; mas Cristo nos diz que os tardos de coração para crer são loucos, e são impedidos de crer pelos preconceitos que nunca examinaram imparcialmente. Em segundo lugar, sua lentidão em crer nos textos dos profetas. Ele não os culpa tanto por sua lentidão em crer no testemunho das mulheres e dos anjos, mas por aquilo que era a causa de sua descrença: sua lentidão em crer nos profetas, pois, se tivessem dado aos profetas do Antigo Testamento o peso e a consideração devidos, eles estariam tão certos de que Cristo havia ressuscitado dos mortos naquela manhã (que era o terceiro dia depois da sua morte) quanto estavam do nascer do sol. Pois, a série e sucessão de eventos, como determinados pela profecia, não são menos certas e invioláveis do que os determinados pela providência. Se eles estivessem mais familiarizados com as Escrituras, e os conselhos divinos que foram dados a conhecer nas nelas, eles não estaria sujeitos a tais perplexidades como nós freqüentemente nos envolvemos.

[2] Ele mostra que os sofrimentos de Cristo, que representavam tal empecilho para eles, e que os deixavam incapazes de crer na sua glória, eram, na realidade, o caminho indicado para a sua glória, e Ele não poderia alcançá-la de nenhuma outra maneira (v. 26): “Porventura, não convinha que o Cristo – o Messias – padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?” Não havia sido decretado (e este decreto não havia sido declarado) que o Messias prometido deveria, em primeiro lugar, sofrer, e depois reinar; que Ele deveria ir, através da sua cruz, à sua coroa? Eles nunca tinham lido Isaías 53 e Daniel 9, onde os profetas falam tão claramente dos “sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir?” (1 Pe 1.11). A cruz de Cristo era o ponto que eles não conseguiam entender e aceitar; aqui Ele lhes mostra duas coisas que removem o escândalo da cruz. Em primeiro lugar, que o Messias devia sofrer estas coisas; e portanto os seus sofrimentos não somente não representavam nenhuma objeção contra o fato de que Ele era o Messias, mas na verdade eram prova disto, assim como as aflições dos santos são uma evidência de sua filiação. E eles estavam muito longe de destruir suas expectativas, que eram, na verdade, a fundação das suas esperanças. Ele não poderia ter sido um Salvador, se não tivesse sido um Sofredor. Cristo assumiu a

responsabilidade por nossa salvação voluntariamente; mas, tendo assumido, era necessário que Ele sofresse e morresse. Em segundo lugar, que, depois de ter sofrido estas coisas, Ele entraria na sua glória, o que Ele fez na sua ressurreição; este foi o seu primeiro passo em direção às alturas. Observe que é chamada de sua glória, porque Ele tinha pleno direito a ela, e era a glória que Ele tinha desde a fundação do mundo. Ele deveria entrar em sua glória, pois com isto, assim como com os seus sofrimentos, as Escrituras se cumpririam. Ele deveria sofrer antes, e depois entrar em sua glória. Portanto, o escândalo da cruz é para sempre removido, e nós somos orientados a esperar a coroa de espinhos, e depois, a de glória.

[3] Ele lhes explicou as Escrituras do Antigo Testamento que falavam do Messias, e lhes mostrou como elas se cumpriam em Jesus de Nazaré, e agora podiam lhes dizer mais a seu respeito do que anteriormente (v. 27): “Começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras” – mostrando que os sofrimentos que Ele passara estavam longe de desafiar as profecias das Escrituras a seu respeito, e que na verdade eram cumprimento delas. Ele começou por Moisés, que registrou a primeira promessa, na qual estava claramente predito que o Messias teria seu calcanhar ferido, mas, que, por isto, a cabeça da serpente seria ferida de modo incurável. Observe, em primeiro lugar, que estas são coisas dispersas ao longo de todas as Escrituras, a respeito de Cristo, o que é muito vantajoso que sejam reunidas e organizadas. Não é possível ir longe em nenhuma parte das Escrituras, a menos que se depare com algo que faça referência a Cristo, alguma profecia, alguma promessa, alguma oração, de um tipo ou de outro; pois Ele é o verdadeiro tesouro escondido no campo no Antigo Testamento. Um fio dourado da graça do Evangelho passa por toda a trama do Antigo Testamento. Nas muitas passagens do Antigo Testamento podemos ver sinais do Novo Testamento, que é tão precioso. Em segundo lugar, os assuntos relacionados a Cristo devem ser explicados. O eunuco, embora fosse um estudioso, não pretendia entendê-los, a menos que alguém o orientasse (At 8.31); pois eles eram transmitidos de maneira obscura, de acordo com esta revelação: mas agora que o véu foi removido, o Novo Testamento explica o Antigo. Em terceiro lugar, o próprio Jesus Cristo é aquele que melhor explica as Escrituras, em particular as Escrituras a seu respeito; e mesmo depois da ressurreição, esta foi a maneira pela qual Ele

levou as pessoas ao conhecimento do mistério a seu respeito; não pela introdução de novas noções independentes das Escrituras, mas mostrando como as Escrituras se cumpriam, e levando as pessoas a estudá-las. O próprio Apocalipse é apenas uma segunda parte das profecias do Antigo Testamento, e as tem em vista continuamente. Se os homens não crêem em Moisés e nos profetas, eles são incuráveis. Em quarto lugar, no estudo das Escrituras, é conveniente ser metódico, e estudá-las na ordem correta; pois a luz do Antigo Testamento brilhou gradativamente em direção ao dia perfeito, e é bom observar como, em épocas diversas, e de diferentes maneiras (com as predições subseqüentes aprimorando e esclarecendo as anteriores), Deus falou com os patriarcas, a respeito do seu Filho, por meio do qual Ele agora falou a nós. Aqueles que estudam em primeiro lugar o Livro do Apocalipse, começam a estudar a sua Bíblia pela extremidade errada; mas Cristo aqui nos ensina a começar por Moisés. A conversa deles foi até aqui.

IV Aqui está a revelação que Cristo, finalmente, faz a eles, de si mesmo. Alguns poderiam desejar muito uma cópia do sermão que Cristo lhes pregou ao longo do caminho, da explicação da Bíblia que Ele lhes fez; mas não é considerado adequado que nós o tenhamos – nós temos o seu conteúdo em outras passagens das Escrituras. Os discípulos estão tão encantados com Ele, que pensam que chegaram ao final da sua jornada mais rápido do que imaginavam; mas foi isto mesmo: “Chegaram à aldeia para onde iam” (v. 28), onde, aparentemente, eles tinham decidido passar a noite. E, agora:

1. Eles convidam Jesus para ficar com eles: “Ele fez como quem ia para mais longe”; Ele não disse que ia, mas pareceu a eles que ia para mais longe, e não se dirigiu prontamente à casa dos seus amigos, o que não seria uma atitude decorosa para um estranho, a menos que fosse convidado. Ele teria ido para mais longe, se eles não o tivessem convidado para ficar; de modo que não houve nenhum fingimento neste caso. Se um estranho for tímido, todos sabem o que isto quer dizer; Ele não se imporá, rudemente, à nossa casa ou à nossa companhia; mas, se nós dermos a entender que estamos livremente desejosos de que ele seja o nosso convidado ou nossa companhia, ele não deixa de aceitar o nosso convite, e isto foi o que Cristo fez quando deu a entender que ia para mais longe. Observe que aqueles que

desejam ter Cristo residindo em si, devem convidá-lo, e devem importuná-lo; embora Ele sempre se faça encontrar por aqueles que não o procuram, somente aqueles que o procuram podem ter a certeza de encontrá-lo. E, se Ele parece se afastar de nós, é apenas para provocar a nossa importunação; como aqui, eles "o constrangeram"; os dois o retiveram, com uma insistência gentil e amistosa, dizendo, "Fica conosco'. Note que aqueles que sentiram o prazer e o benefício da comunhão com Cristo não podem deixar de desejar mais da sua companhia, e implorar que Ele não somente caminhe com eles todo o dia, mas também que fique com eles à noite. Quando o dia já chega ao final, e se dirige ao cair da tarde, começamos a pensar em nos retirarmos para o nosso repouso, e então é adequado ter o nosso objetivo em Cristo, e implorar que Ele fique conosco, que se manifeste a nós e que encha as nossas mentes com bons pensamentos a seu respeito, e bons afetos por sua bendita pessoa. Cristo rendeu-se aos apelos dos dois discípulos e "entrou para ficar com eles". Cristo tem esta disposição e esta prontidão para dar mais instruções e consolos àqueles que aprimoram o que receberam. Ele prometeu que se alguém abrisse a porta, para lhe dar as boas-vindas, Ele entraria em sua casa e cearia com ele, Apocalipse 3.20.

2. Ele se manifestou a eles, vv. 30,31. Nós podemos supor que Ele prosseguiu na conversa que tinha iniciado na estrada; pois devemos falar das coisas de Deus assentados em nossa casa, e andando pelo caminho (Dt 11.19). Enquanto se preparava a ceia (o que talvez tenha sido concluído em pouco tempo, a provisão era muito pequena e humilde), é provável que Ele os entretivesse com mensagens boas e edificantes; e assim, sentados para a refeição, eles também estavam sendo alimentados pelos lábios do precioso Senhor. Mas eles ainda não imaginavam que era o próprio Senhor Jesus que estava, durante todo o tempo, falando com eles, até que, finalmente, Ele, com alegria, revelou-se, e, em seguida, retirou-se. (1) Alguns pensam que talvez eles tenham começado a suspeitar que aquele homem fosse o Senhor Jesus, porque, ao sentaram-se para a refeição, Ele assumiu a função de Senhor da ceia, e a realizou de um modo muito parecido com o que costumava fazer entre seus discípulos. E assim eles o distinguiram: "Tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu". Isto Ele fez, com o seu ar usual de autoridade e de afeto, com os mesmos gestos e modos, talvez com as mesmas expressões, ao pedir uma bênção e ao dar o pão a eles. Esta não era uma refeição milagrosa, como aquela dos cinco pães, nem uma

refeição sacramental como a da eucaristia, mas uma refeição comum. Mas Cristo aqui fez a mesma coisa que tinha feito naquelas refeições, para nos ensinar a conservar a nossa comunhão com Deus através dele, em providências comuns e também em ordenanças especiais. O Senhor também nos ensinou a pedir uma bênção e a dar graças em todas as refeições, e a ver o nosso pão de cada dia fornecido e partido para nós pela mão de Jesus Cristo, o Mestre, que não é somente o Senhor da grande família, mas de todas as nossas famílias. Sempre que nos sentarmos para comer, devemos ver Cristo à cabeceira da mesa, receber a nossa refeição como sendo abençoada por Ele, comer e beber para a sua glória, e receber, com alegria e gratidão aquilo que Ele tem prazer em nos conceder, ainda que a provisão seja simples e humilde. Poderemos recebê-la com alegria, se formos capazes de enxergá-la, pela fé, como uma bênção que vem das mãos de Cristo para nós. (2) Imediatamente "abriram-se seus olhos" – e viram quem era – "e o conheceram" – muito bem. O que quer que houvesse, até aqui, ocultando-o deles, agora fora removido. As névoas dissiparam-se, o véu foi removido e, então, eles não tiveram dúvida de que era o Mestre. Ele podia, para cumprir objetivos sábios e santos, vestir-se com aparência de outro, mas ninguém poderia vestir a sua; portanto, deve ser Ele. Veja como Cristo, pelo seu Espírito e graça, se dá a conhecer às almas de seu povo. [1] Ele lhes abre as Escrituras, pois eles deverão dar testemunho dele a quem os procurar, e a quem procurar enxergá-lo na vida deles. [2] Ele os encontra à sua mesa, na ordenança da Ceia do Senhor e, normalmente ali, lhes faz mais revelações de si mesmo, se faz conhecido deles, ao partir o pão. Mas: [3] O trabalho é concluído pela abertura dos olhos das suas mentes, que faz com que caiam as escamas de seus olhos, como aconteceu com Paulo, na sua conversão. Se aquele que dá a revelação não der o entendimento, nós continuaremos nas trevas.

3. Ele desapareceu imediatamente: "Ele desapareceu-lhes". *Aphantos egeneto – Ele se afastou deles*, retirou-se de repente, e desapareceu. Ou, Ele se tornou invisível a eles, se tornou imperceptível para eles. Parece que, embora o corpo de Cristo, depois da sua ressurreição, fosse o mesmo corpo no qual Ele tinha sofrido e morrido, como as marcas nele dão a entender, ainda assim, ele estava tão modificado, a ponto de tornar-se visível ou invisível, conforme Ele julgasse adequado, o que era um passo em direção a tornar-se um "corpo glorioso". Tão logo Ele tinha dado aos seus discípulos

um vislumbre de si, imediatamente Ele desapareceu. Neste mundo nós temos este tipo de visões curtas e passageiras de Cristo: nós o vemos, mas em pouco tempo deixamos de vê-lo outra vez. Quando chegarmos ao céu, as visões que tivermos dele não terão interrupções.

V Aqui está a reflexão que estes discípulos fizeram desta conversa, e o relato que eles fazem dela aos seus irmãos, em Jerusalém.

1. A reflexão que cada um destes dois discípulos fez sobre a influência que as palavras de Cristo tiveram sobre eles (v. 32): Eles disseram um ao outro, “Porventura, não ardia em nós o nosso coração?” “Eu tenho certeza de que o meu, ardeu”, disse ‘um deles; “E o meu também”, disse o outro, “Eu nunca fui tão afetado por nenhuma conversa em toda a minha vida”. Assim, eles não comparam observações tanto quanto comparam corações, na revisão do sermão que Cristo lhes tinha pregado. Eles julgaram que a pregação tinha sido poderosa, mesmo quando não conheciam o pregador. Ela deixou as coisas muito simples e claras para eles; e, além disto, trouxe um calor divino, com uma luz divina às suas almas, além de trazer um ardor aos seus corações, acendendo um fogo sagrado de sentimentos piedosos e devotos neles. Isto é mencionado para a confirmação da fé deles, de que era realmente, como finalmente perceberam, o próprio Jesus que tinha estado conversando com eles, durante todo o tempo. “Como somos tolos – não percebemos antes quem era Ele!” Pois ninguém, a não ser Ele, nenhuma palavra, a não ser a dele, podem fazer os nossos corações arder, como estas palavras fizeram; deve ser Ele que tem a chave para o coração; não poderia ser outro”. Veja aqui: (1) Qual tipo de pregação tem a probabilidade de fazer bem, como a de Cristo? Uma pregação clara, e que seja familiar e de acordo com a nossa capacidade – “pelo caminho, nos falava”; e a pregação das Escrituras: “Quando nos abria as Escrituras”, as Escrituras que se referiam a Ele mesmo. Os ministros devem mostrar ao povo o Evangelho, nas suas Bíblias, e não devem pregar ao povo nenhuma outra doutrina, além da que está ali; eles devem mostrar que eles fazem disto a fonte do seu conhecimento, e a fundação da sua fé. Observe que a explicação das Escrituras que falam de Cristo têm a tendência direta de aquecer os corações de seus discípulos, tanto para motivá-los quanto para consolá-los. (2) O que podemos ouvir e que nos faz bem, como estas palavras que fazem arder o coração? Quando nos sentimos muito afetados pelas coisas de Deus

– especialmente pelo amor que Cristo demonstrou ao morrer por nós, e temos, conseqüentemente, os nossos corações atraídos a Ele com amor, e elevados em desejos santos e devoções – então os nossos corações ardem dentro de nós. Quando os nossos corações se elevarem, e forem como as fagulhas que se dirigem para o alto, em direção a Deus, e quando eles arderem e forem tomados por um santo zelo e por uma indignação contra o pecado – tanto nos outros como em nós mesmos – e nós estivermos, até certo ponto, refinados e purificados com o espírito de justiça e com o espírito de ardor, então poderemos dizer: É por meio da graça que os nossos corações estão inflamados desta maneira.

2. O relato que fizeram deste acontecimento aos seus irmãos em Jerusalém (v. 33): “Na mesma hora – tão tomados pela alegria com a revelação que Cristo fez de si mesmo a eles, não puderam esperar para terminar a sua ceia – levantando-se, voltaram para Jerusalém” – o mais rápido que puderam, embora já fosse quase noite. Se eles tinham tido alguma intenção de encerrar a sua relação com Cristo, isto imediatamente expulsou tais pensamentos das suas mentes, e não houve necessidade de enviá-los de volta ao seu rebanho. Aparentemente, eles tinham pretendido, pelo menos, hospedar-se para passar a noite em Emaús. Mas, agora que viram a Cristo, eles não podiam descansar até que tivessem levado as boas novas aos discípulos, tanto para a confirmação de sua fé trêmula, como para o consolo dos seus espíritos entristecidos, com a consolação com que eles mesmos tinham sido consolados de Deus. Observe que é dever daqueles a quem Cristo se manifestou, fazer com que outros saibam o que Ele fez pelas suas almas. “Quando te converteres – quando tiveres instrução, e consolo – confirma teus irmãos” (cap. 23.32). Estes discípulos estavam convertidos, tinham instrução e consolo, e precisavam ir até seus irmãos, para dar vazão à sua alegria. Além de dar-lhes a satisfação de que o Mestre havia ressuscitado. Observe: (1) Como eles encontraram os discípulos, quando chegaram e se uniram a eles: Eles os encontraram conversando sobre o mesmo assunto e narrando outra prova da ressurreição de Cristo. Eles encontraram os onze, e os que eram os seus companheiros usuais, congregados, tarde da noite, para orar juntos, possivelmente, e para considerar o que devia ser feito nesta situação; e os encontraram dizendo entre si (*legontas*, é o que dizem os onze, não os dois, como fica claro no original), e quando estes dois entraram, repetiram a eles, com alegria e

triunfo, “Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e *já* apareceu a Simão”, v. 34. O fato de que Pedro tinha tido uma visão de Cristo, antes dos demais discípulos, está apresentado em 1 Coríntios 15.5, onde está escrito, [Ele] “foi visto por Cefas e depois pelos doze”. Como o anjo tinha ordenado que as mulheres contassem a Pedro em particular (Mc 16.7), para o seu consolo, era altamente provável que o nosso Senhor Jesus em pessoa se tivesse apresentado a Pedro, embora não tenhamos uma narrativa particular disto, para confirmar as palavras dos seus mensageiros. Isto ele tinha relatado aos seus irmãos; mas, observe, não é Pedro que aqui proclama isto, e que se vangloria disto (ele pensava que isto não era adequado a um penitente), mas os demais discípulos falam disto, exultantes, “Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor”, *ontos – realmente;* agora não resta dúvida, pois Ele apareceu, não apenas às mulheres, mas também a Simão. (2) Como eles apoiaram a evidência, com o relato do que tinham visto (v. 35): “Eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho”. As palavras que Cristo lhes disse ao longo do caminho, tendo tido um maravilhoso efeito e uma maravilhosa influência sobre eles, são aqui mencionadas como “o que lhes acontecera no caminho”; pois as palavras que Cristo profere não são um som vazio, mas são espírito e vida, e maravilhosas coisas são feitas por elas no caminho – poderíamos dizer – quando menos se espera. Eles também contaram como Jesus lhes foi conhecido no partir do pão e então, quando Ele os estava abençoando, Deus lhes abriu os olhos, para que discernissem quem Ele era. Observe que seria muito útil para a revelação e confirmação da verdade, se os discípulos de Cristo comparassem as suas observações e experiências, e expressassem, uns aos outros, o que conhecem, e o que sentem em si mesmos.

A Conversa de Cristo com os Apóstolos

vv. 36-49

Cristo foi visto cinco vezes, no mesmo dia em que ressuscitou: por Maria Madalena, sozinha, no jardim (Jo 20.14); pelas mulheres, quando foram contar aos discípulos (Mt 28.9); por Pedro, sozinho; pelos dois discípulos a caminho de Emaús; e agora, à noite, pelos onze, fato que está relatado nestes versículos, como também em João 20.19. Observe:

I A grande surpresa que esta aparição de Jesus representou para eles. Ele entrou em um momento muito oportuno, quando eles comparavam suas observações a respeito das provas da sua ressurreição: “Falando ele dessas coisas” – e talvez prontos a questionar se as provas produzidas representavam evidências suficientes da ressurreição do seu Mestre, ou não, e como deveriam proceder – “o mesmo Jesus se apresentou no meio deles” – e eliminou a dúvida. Observe que aqueles que melhor usam as suas evidências para o seu consolo podem esperar certezas adicionais, e que o Espírito de Cristo irá testificar aos seus espíritos (como Cristo aqui deu testemunho aos discípulos, e confirmou o testemunho deles) de que eles são filhos de Deus, ressuscitados com Cristo. Observe: 1. O consolo que Cristo lhes deu: “Paz seja convosco’. Isto sugere, de modo geral, que era uma visita gentil que Cristo lhes fazia agora, uma visita de amor e amizade. Embora eles o tivessem abandonado, de maneira muito grosseira, nos seus sofrimentos, ainda assim Ele aproveita a primeira oportunidade de encontrá-los juntos; pois Ele não nos trata como merecemos. Eles não deram crédito àqueles que o tinham visto; por isto, Ele vem pessoalmente, para que eles não permaneçam na sua incredulidade desconsolada. Ele tinha prometido que, depois da sua ressurreição, os veria na Galiléia; mas Ele estava tão desejoso de vê-los, e de dar-lhes esta satisfação, que antecipou o encontro, e os visitou em Jerusalém. Observe que Cristo pode até fazer algo melhor do que prometeu, porém nunca menos. Suas primeiras palavras para eles foram, “Paz seja convosco”, não em forma de saudação, mas de consolo. Esta era uma saudação comum entre os judeus, e Cristo assim desejava expressar a sua familiaridade usual com eles, embora agora Ele tivesse entrado no seu estado de exaltação. Muitos, quando progridem, se esquecem dos seus velhos amigos, e se julgam superiores a eles; mas neste texto vemos Cristo tratando os seus amigos com liberdade, amor e consideração, como sempre. Assim, Cristo, com as suas primeiras palavras, lhes dá a entender que Ele não veio para discutir com Pedro, por tê-lo negado, nem com os demais, por terem se afastado dele; não, Ele veio pacificamente, para lhes dar a entender que Ele os tinha perdoado, e que estava reconciliado com eles. 2. O temor que eles sentiram (v. 37): “Eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito” – porque Ele veio para junto deles sem nenhum ruído, e apareceu no meio deles antes que eles percebessem. A palavra usada em Mateus 14.26 significa um

fantasma, um espectro, uma aparição; mas a palavra usada aqui é *pneuma*, a palavra que quer dizer “um espírito”. Eles supuseram que era um espírito, não vestido com um corpo real. Embora tenhamos uma associação e uma correspondência com o mundo dos espíritos – e estejamos nos encaminhando para viver nele, ainda assim, enquanto estivermos aqui, neste mundo dos sentidos e da matéria – é um terror sabermos que um espírito transforme a sua própria natureza a ponto de se tornar visível a nós, e que converse conosco, pois isto é algo incomum, e é o prenúncio de algo muito extraordinário.

II A grande satisfação que as palavras de Jesus deram aos discípulos, e aqui temos,

1. A repreensão que o Senhor lhes aplicou, pelos seus temores infundados: “Por que estais perturbados, e por que sobem *tais* pensamentos ao vosso coração?” v. 38. Observe aqui: (1) Que, quando em qualquer circunstância, nós estivermos perturbados, podem surgir em nossos corações pensamentos que nos fazem mal. Algumas vezes, a perturbação é o resultado dos pensamentos que surgem em nossos corações; os nossos pesares e temores se originam naquilo que é criado em nossa própria imaginação. Às vezes, os pensamentos que surgem em nossos corações são o resultado da perturbação. Do lado de fora estão as lutas, e do lado de dentro estão os temores. Aqueles que são melancólicos, e que têm a mente perturbada, têm pensamentos que surgem em seus corações, e que refletem uma espécie de desonra a respeito de Deus, e assim criam uma inquietação em si mesmos. Eu não posso vê-lo. O Senhor me abandonou, e se esqueceu de mim. (2) Que muitos dos pensamentos perturbadores que inquietam nossas mentes, surgem de nossos enganos com respeito a Cristo. Aqui, quando viram a Cristo, eles pensaram que tinham visto um espírito, e isto os atemorizou. Nós nos esquecemos de que Cristo é o nosso irmão mais velho, e o imaginamos tão distante de nós quanto o mundo dos espíritos está distante deste mundo, e isto nos aterroriza. Quando Cristo, pelo seu Espírito, nos convence e humilha, quando Ele, pela sua providência, nos prova e nos converte, nós o interpretamos mal, como se Ele desejasse o nosso sofrimento, e isto nos perturba. (3) Que todos os pensamentos perturbadores que surgem em nossos corações em qualquer ocasião são conhecidos do Senhor Jesus, no mesmo instante em que surgem, e eles o

desagradam. Ele repreende os seus discípulos por terem tais pensamentos, e assim nos ensina que devemos repreender a nós mesmos. “Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas em mim?” (Sl 42.5). Por que surgem pensamentos que não são verdadeiros nem bons, que não têm fundamentos nem frutos, mas que impedem a nossa alegria em Deus, nos incapacitam para o cumprimento do nosso dever, dão vantagens a Satanás, e nos privam dos consolos que estão reservados para nós?

2. A prova que Jesus lhes deu, da sua ressurreição, tanto silenciando os seus temores, ao convencê-los de que não era um espírito, quanto confirmando a sua fé, naquela doutrina que eles deviam pregar ao mundo, dando-lhes plena satisfação a respeito da sua ressurreição. Ele lhes dá duas provas:

(1) Ele lhes mostra o seu corpo, em especial as suas mãos e os seus pés. Eles viam que Ele tinha a forma, e os traços, e uma semelhança exata, do seu Mestre; mas não será o seu espírito? “Não”, diz Cristo, “Vede as minhas mãos e os meus pés”; em outras palavras, Vocês estão vendo que Eu tenho mãos e pés, e, portanto, tenho um corpo verdadeiro; vocês estão vendo que Eu posso mover estas mãos e estes pés, e portanto tenho um corpo vivo; e vocês estão vendo as marcas dos pregos em minhas mãos, e nos meus pés, e portanto este é o meu próprio corpo, o mesmo que vocês viram crucificado, e não um corpo emprestado. Ele apresenta este princípio: “Um espírito não tem carne nem ossos”; ele não se compõe de matéria bruta, moldada em vários membros, e consistindo de diversas partes heterogêneas, como são os nossos corpos. Ele não nos diz o que é um espírito (haverá tempo suficiente para descobrirmos isto, quando formos para o mundo dos espíritos), mas nos diz o que um espírito não é: Ele não tem carne nem ossos. Dizendo isto, Ele conclui: Sou eu mesmo, que vocês conheceram com tanta familiaridade, e com quem conversaram tão familiarmente; sou eu mesmo, em quem vocês têm motivos para júbilo, e não temor. Aqueles que conhecem corretamente a Cristo, e que o conhecem como pertencendo a Ele, não terão motivos para se atemorizarem com a sua aparência, quando Ele se aproximar. [1] Ele apela para a sua visão, mostra-lhes as suas mãos e os seus pés, que foram perfurados pelos pregos. Cristo conservou as marcas dos pregos no seu corpo glorificado, para que elas pudessem ser provas de que era Ele mesmo; e Ele desejava que elas pudessem ser vistas. Mais adiante, Ele as mostrou a Tomé, pois Ele não se envergonha dos seus

sofrimentos por nós; poucas razões, então, temos nós, de nos envergonharmos dele, ou dos nossos sofrimentos por amor a Ele. Assim como Ele mostrou suas feridas aos seus discípulos, para reforçar suas instruções a eles, também as mostrou ao seu Pai, para reforçar suas intercessões. O Senhor Jesus é visto no céu como "um Cordeiro, como havendo sido morto" (Ap 5.6). Seu sangue fala (Hebreus 12.24). Ele faz intercessão em virtude da sua satisfação; Ele diz ao Pai, assim como aqui, aos discípulos, "Vede as minhas mãos e os meus pés" (veja, por exemplo, Zacarias 13.6,7). [2] Ele apela para o seu tato: "Tocai-me e vede". Ele não permitiu que Maria Madalena o tocasse naquela ocasião, João 20.17. Mas aqui os discípulos recebem permissão para fazê-lo, para que aqueles que deveriam pregar a sua ressurreição, e sofrer, por fazer isto, pudessem estar abundantemente satisfeitos a este respeito. Ele lhes pediu que o tocassem, para que pudessem convencer-se de que Ele não era um espírito. Se realmente não existiam espíritos, nem aparições de espíritos (como fica claro, por este e por outros exemplos, que os discípulos acreditavam que havia), não seria uma ocasião adequada para que Cristo os corrigisse, dizendo a eles que tais coisas não existiam: mas Ele parece aceitar sem questionar que tinha havido, e que poderia haver, manifestações de espíritos, pois, se não fosse assim, que necessidade haveria de tanto esforço para provar que Ele não era um deles? Havia muitos hereges nos tempos primitivos, ateus – eu quero crer que eles eram – que diziam que Cristo nunca teve nenhum corpo substancial, mas que foi um mero fantasma, que nunca nasceu realmente, nem sofreu verdadeiramente. Sabemos que os Valentinianos, os Maniqueístas e os seguidores de Simão o Mágico tinham noções absurdas como estas. Elas se chamavam *Doketai* e *Phantysiastai*. Bendito seja Deus, estas heresias há muito tempo foram enterradas. E nós sabemos, e temos certeza de que Jesus Cristo não era nem espírito nem fantasma, mas tinha um corpo verdadeiro e real, mesmo depois de sua ressurreição.

(2) Ele come com eles, para mostrar que tinha um corpo real e verdadeiro, e que desejava ficar livremente e familiarmente com os seus discípulos, como um amigo com outro. Pedro coloca uma grande ênfase nisto (At 10.41): "Comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos."

[1] Quando eles viram as suas mãos e os seus pés, ainda estavam sem saber o que dizer: “Não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados...”, v. 41. Foi uma debilidade dos discípulos que fez com que eles ainda não cressem, *eti apistounton auton – eles ainda estavam incrédulos.* O fato dos discípulos terem sido tão lentos para crer na verdade da ressurreição de Cristo, confere a ela muita força. Em vez de roubarem o seu corpo, dizendo, Ele ressuscitou, como sugeriram os principais dos sacerdotes, eles estavam prontos a dizer, repetidas vezes: Ele não ressuscitou. Mas, na verdade, o Senhor havia ressuscitado. O fato de estarem incrédulos a princípio, insistindo para ter as evidências máximas da sua ressurreição, mostra que, quando eles posteriormente creram, e arriscaram tudo o que tinham, esta foi apenas a demonstração mais completa do que tinha acontecido. Mas, embora esta fosse uma fraqueza deles, ainda assim era desculpável; pois ela não se devia a nenhum desprezo às evidências oferecidas, em que eles não creram: mas, em primeiro lugar, eles não creram, por alegria, como Jacó, quando soube que José estava vivo; eles pensaram que a notícia era boa demais para ser verdade. Quando a fé e a esperança são fracas, porque o amor e os desejos são fortes, esta fé fraca será auxiliada, e não rejeitada. Em segundo lugar, eles estavam maravilhados; eles pensaram não somente que era bom demais, mas grandioso demais, para ser verdade, esquecendo tanto as Escrituras quanto o poder de Deus.

[2] Para convencê-los e incentivá-los, o Senhor Jesus pediu comida. Ele se sentou para comer com os dois discípulos em Emaús, mas não está escrito que Ele tivesse comido com eles; agora, para que não surgisse nenhuma objeção, Ele aqui efetivamente comeu com eles e com os demais, para mostrar que o seu corpo tinha realmente e verdadeiramente retornado à vida, embora Ele não comesse ou bebesse, e ficasse constantemente com eles, como tinha feito (e Lázaro fez, depois da sua ressurreição, pois ele não somente retornou à vida, mas à sua condição anterior de vida, para morrer novamente), porque isto não estaria de acordo com a organização do estado ao qual Ele tinha ascendido. “Eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel”, v. 42. O favo de mel, talvez, fosse usado como um molho para o peixe, pois Canaã era uma região abundante em mel. Isto era uma refeição módica; mas, se era a refeição dos discípulos, o seu Mestre comeria como eles, porque no reino do nosso Pai eles comerão como Ele,

comerão e beberão com Ele, no seu reino.

3. A visão que Ele lhes deu da Palavra de Deus, que eles tinham ouvido e lido, pela qual a fé na ressurreição de Cristo se opera neles, e todas as dificuldades são eliminadas. (1) Ele os lembra das palavras que tinham ouvido dele, quando Ele ainda estava com eles, e os lembra, como o anjo tinha feito (v. 44): "São estas as palavras que vos disse – em particular, muitas vezes – estando ainda convosco". Nós compreenderíamos melhor o que Cristo faz, se apenas nos lembrássemos mais do que Ele disse, e tivéssemos apenas o trabalho de comparar as duas coisas. (2) Ele lembra-lhes do que haviam lido no Antigo Testamento, a quem, as palavras que ouviram dele, remetia: "Convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito". Cristo dera-lhes esta pista especial para regular suas expectativas, pois o que quer que encontrassem escrito sobre o Messias no Antigo Testamento, deveria cumprir-se nele – tanto o que estava escrito a respeito de seus sofrimentos como também o que estava escrito sobre o seu reino. Deus tinha reunido as duas coisas na predição, e não era possível pensar que elas pudessem ser separadas no evento. Todas as coisas devem ser cumpridas, até a mais difícil, até a mais pesada, até mesmo o vinagre. Ele não poderia morrer até que tivesse tido tudo isto, inclusive o vinagre, porque não poderia então dizer: "Está consumado". As diversas partes do Antigo Testamento são aqui mencionadas, como contendo, cada uma delas, informações a respeito de Cristo: A "Lei de Moisés", isto é, o Pentateuco, ou os cinco livros escritos por Moisés; "os profetas", que contêm não apenas os livros que são puramente proféticos, mas também aqueles livros históricos que foram escritos por homens dotados pelo Espírito de profecia; os Salmos, que contêm outros textos, que eram chamados de *Hagiógrafa*. Veja em que formas curiosas de escrita Deus já revelava sua vontade desde antigamente. Mas todas procediam de um único Espírito, que, por meio delas, avisou sobre a vinda e o reino do Messias: "A este dão testemunho todos os profetas" (At 10.43). (3) Por meio de uma obra imediata nas suas mentes, da qual eles mesmos não podiam dar-se conta, Jesus lhes possibilitou que captassem a verdadeira intenção e o verdadeiro significado das profecias sobre Cristo no Antigo Testamento, e que vissem todas elas cumpridas nele: "Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras", v. 45. Na sua conversa com os dois discípulos, Ele removeu o véu do texto, abrindo as Escrituras; aqui, Ele removeu o véu dos corações,

abrindo as mentes. Observe aqui: [1] Que Jesus Cristo, pelo seu Espírito, opera na mente dos homens, na mente de todos os que são seus. Ele tem acesso ao nosso espírito, e pode, imediatamente, influenciá-lo. É digna de nota a maneira como agora, depois da sua ressurreição, Ele deu uma amostra das duas grandes operações do seu Espírito sobre o espírito dos homens: esclareceu as faculdades intelectuais, com uma luz divina, quando abriu o entendimento dos seus discípulos, e também revigorou seu poder na vida deles com um calor divino, quando fez os seus corações arderem. [2] Até mesmo os homens bons precisam ter abertos os seus entendimentos; pois embora eles não estejam na escuridão, como muitos estão, por natureza, ainda assim, em alguns aspectos, eles ainda estão nas trevas. Davi ora: "Desvenda os meus olhos... Dá-me entendimento" (Sl 119.18,34). E Paulo, que conhece tanto sobre Cristo, vê a sua necessidade de aprender mais. [3] A maneira pela qual Cristo opera a fé na alma, e ali ganha o trono, é abrindo o entendimento, para discernir as evidências daquelas coisas nas quais se deve crer. Assim, Ele entra na alma pela porta, ao passo que Satanás, como um ladrão e salteador, entra por algum outro caminho. [4] O desígnio de abrir o entendimento tem como finalidade que possamos compreender as Escrituras: Não que possamos ser sábios, além do que está escrito, mas que possamos ser sábios sobre o que está escrito, e possamos, por isto, ser feitos sábios para a salvação. O Espírito na palavra, e o Espírito no coração, dizem a mesma coisa. Os alunos de Cristo nunca aprendem, neste mundo, mais do que aquilo que a sua Bíblia lhes ensina; mas eles precisam aprender progressivamente na sua Bíblia, para que possam crescer mais preparados e poderosos nas Escrituras. Para que possamos ter idéias corretas sobre Cristo, e termos retificados nossos enganos a respeito dele, não é necessário nada mais além do entendimento das Escrituras.

4. As instruções que Ele lhes deu, como apóstolos, que deviam ser empregados no estabelecimento do seu reino no mundo. Eles esperavam, enquanto o seu Mestre estava com eles, que pudessem ser promovidos a posições de honra, e ficaram muito desapontados quanto a isto quando Ele morreu. Não, diz Ele, vocês estão prestes a conseguir estas posições: "Dessas coisas sois vós testemunhas" (v. 48) – para levar a notícia delas a todo o mundo; não somente para narrá-las como notícias, mas para confirmá-las como evidências do julgamento da grande causa que esteve, durante tanto tempo, pendente entre Deus e Satanás; a questão é a expulsão

e a destruição do príncipe deste mundo. Vocês têm, pessoalmente, completa certeza destas coisas, vocês foram testemunhas auditivas e visuais delas; vão, e dêem ao mundo a certeza delas; e o mesmo Espírito que os esclareceu irá com vocês, para esclarecer os demais. Aqui, Ele lhes diz:

(1) O que eles devem pregar. Eles devem pregar o Evangelho, devem pregar o Novo Testamento como o cumprimento completo do Antigo, como a continuação e a conclusão da revelação divina. Eles devem levar as suas Bíblias consigo (especialmente quando pregassem aos judeus); na verdade, Pedro, no seu primeiro sermão aos gentios, os orientou a consultar os profetas (At 10.43), e devem mostrar às pessoas como tudo foi escrito, há muito tempo, a respeito do Messias, e das glórias e graças do seu reino, e então devem contar-lhes como, com o seu conhecimento, tudo isto foi cumprido, no Senhor Jesus.

[1] A grande verdade do Evangelho, a respeito da morte e ressurreição de Jesus Cristo, deve ser divulgada aos filhos dos homens (v. 46): "Assim está escrito" no livro selado dos conselhos divinos, desde a eternidade, o livro que fala sobre o concerto da redenção; e estava escrito no livro aberto do Antigo Testamento, entre as coisas reveladas. Portanto, era conveniente que Cristo padecesse, pois os conselhos divinos deveriam ser cumpridos, e cuidados deviam ser tomados para que nenhuma palavra de Deus caísse por terra. "Vão, e contem ao mundo," em primeiro lugar, que Cristo padeceu, conforme estava escrito a seu respeito. Vão, preguem a Cristo crucificado; não sintam vergonha da sua cruz, não se envergonhem de um Jesus sofredor. Digam o que Ele sofreu, e por que Ele sofreu, e como todas as Escrituras do Antigo Testamento se cumpriram nos seus sofrimentos. Digam que era conveniente que Ele padecesse, que isto era necessário para a remoção do pecado do mundo, e a libertação da humanidade, da morte e da destruição. Convinha que Ele fosse consagrado pelas aflições, Hebreus 2.10. Em segundo lugar, que Ele ressuscitou no terceiro dia, com o que não somente foi removido todo o escândalo da cruz, mas também Ele foi declarado como sendo o Filho de Deus, com poder, e nisto também se cumpriram as Escrituras (veja 1 Co 15.3,4). Vão, digam ao mundo como vocês o viram freqüentemente depois que Ele ressuscitou dos mortos, e como estiveram com Ele. "E eis que vossos olhos vêem" (como José disse aos seus irmãos, quando a sua revelação a eles foi como a ressurreição dos mortos) "que é minha boca que vos fala", Gênesis 45.12. Vão, e digam a

eles, então, que aquele que morreu está vivo, e vive para sempre, e Ele tem "as chaves da morte e do inferno".

[2] O grande dever do Evangelho, que é o arrependimento, deve ser reforçado aos filhos dos homens. O arrependimento do pecado deve ser pregado em nome de Cristo, e por sua autoridade, v. 47. Todos os homens, em todo lugar, devem ser chamados, e ordenados, para que se arrependam, Atos 17.30. "Vão, e digam a todas as pessoas, que o Deus que os fez, e o Senhor que os comprou, espera e exige que, imediatamente depois de receber esta notícia, eles se afastem da adoração dos deuses que fizeram com suas mãos para a adoração do Deus que os fez; e não somente isto, mas que também deixem de servir aos interesses do mundo e da carne – eles devem servir a Deus através de Cristo, devem mortificar todos os hábitos pecaminosos, e abandonar todas as práticas pecaminosas. Seus corações e vidas devem ser transformados, e eles devem ser universamente renovados e restaurados."

[3] O grande privilégio do Evangelho da remissão dos pecados deve ser proposto a todos, e assegurado a todos os que se arrependem e que crêem no Evangelho. Vão, digam a um mundo culpado – que é condenável no tribunal de Deus – que o trono real aprovou um ato de indenização, cujo benefício todos os que se arrependerem, e crerem, terão, e não somente serão perdoados, mas preferidos. Contem-lhes que existe esperança para eles.

(2) A quem eles devem pregar. Para onde eles devem levar estas propostas, e até onde se estende a sua comissão? Aqui, Ele lhes diz: [1] Que eles devem pregar esta preciosa mensagem entre todas as nações. Eles devem se dispersar, como os filhos de Noé, depois do dilúvio, alguns seguindo um caminho, outros, seguindo outro, e levar esta luz com eles, a todos os lugares onde forem. Os profetas tinham pregado o arrependimento e a remissão aos judeus, mas os apóstolos devem pregar estas coisas a todo o mundo. Ninguém será isento das obrigações que o Evangelho coloca sobre os homens, para que se arrependam, nem estará excluído daqueles inestimáveis benefícios que estão incluídos na remissão dos pecados, exceto aqueles que, por sua descrença e impenitência, colocam uma trava na sua própria porta. [2] Que eles devem começar em Jerusalém. Ali eles devem pregar o seu primeiro sermão a respeito do Evangelho – ali a igreja do Evangelho começará a ser formada; ali o dia do Evangelho deverá

amanhecer, e dali esta luz irá brilhar, a luz que deverá chegar aos confins da terra. E por que eles devem começar ali? Em primeiro lugar, porque assim estava escrito, e portanto era conveniente que eles seguissem este método: “De Jerusalém [sairá] a palavra do Senhor”, Isaías 2.3. Veja também Joel 2.32; 3.16; Obadias 21; Zacarias 14.8. Em segundo lugar, porque ali aconteceram os eventos nos quais o Evangelho se fundou. Portanto, ali eles foram, em primeiro lugar, confirmados. E se tivesse havido alguma justa causa para isto, eles poderiam ser contestados e refutados. Tão forte é o brilho da glória do Redentor ressuscitado, que ele enfrenta aqueles inimigos iníquos que o tinham levado a uma morte ignominiosa, e os desafia. “Comecem em Jerusalém, para que os principais dos sacerdotes possam colocar à prova a sua força; eles jamais serão capazes de esmagar o Evangelho, e assim se enfurecerão quando se sentirem desapontados”. Em terceiro lugar, porque Ele nos daria um exemplo adicional de perdão aos inimigos. Jerusalém lhe tinha feito as maiores afrontas imagináveis (tanto os governantes como a multidão), pelas quais esta cidade poderia ter sido, com razão, especificamente excluída da expiação. Mas não, longe disto, a primeira oferta do Evangelho é feita a Jerusalém, e milhares são, em pouco tempo, levados a participar desta graça.

(3) A ajuda que eles teriam na pregação do Evangelho. Esta missão para a qual eles são chamados aqui é uma vasta, uma incumbência muito grande e difícil, especialmente considerando a oposição que este serviço iria encontrar, e os sofrimentos que o acompanhariam. Se, portanto, eles perguntarem, “Para essas coisas, quem é idôneo?”, aqui está uma resposta pronta: “Eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder”, v. 49. Aqui Ele garante que, em pouco tempo, o Espírito seria derramado sobre eles, em maiores quantidades do que nunca, e com isto eles receberiam todos aqueles dons e graças que eram necessários para que realizassem esta grande missão; e, portanto, eles devem permanecer em Jerusalém, e não sair para a missão, até que isto tenha acontecido. Observe: [1] Aqueles que recebem o Espírito Santo são, desta maneira, revestidos de um poder do alto, um poder sobrenatural, um poder acima de qualquer poder que eles tenham, pessoalmente; este poder é do alto, e por isto, atrai a alma para as alturas, e a faz desejar as alturas. [2] Os apóstolos de Cristo nunca poderiam ter plantado o seu Evangelho, e estabelecido o seu reino no mundo, como

fizeram, se não tivessem sido revestidos com tal poder; e as suas realizações extraordinárias provam que havia uma excelência de poder, que os acompanhava. [3] Este poder do alto era a promessa do Pai, a grande promessa do Novo Testamento, assim como a vinda de Cristo foi a promessa do Antigo Testamento. E, se é promessa do Pai, podemos ter certeza de que é inviolável, e o valor daquilo que é prometido é inestimável. [4] Cristo não abandonaria os seus discípulos até que fosse chegada a hora para o cumprimento desta promessa. A descida do Espírito ocorreu apenas dez dias depois da ascensão de Cristo. [5] Os embaixadores de Cristo devem permanecer no local designado até que tenham recebido seu poder, e não devem aventurar-se na sua missão até que tenham recebido instruções e credenciais completas. Embora possamos pensar que nunca houve tanta pressa para a pregação do Evangelho como agora, ainda assim os pregadores devem aguardar até que sejam revestidos com o poder do alto. Eles deveriam permanecer em Jerusalém – mesmo sendo um local perigoso – porque era ali que receberiam a gloriosa promessa do Pai, Joel 2.28.

A Ascensão de Cristo

vv. 50-53

Este evangelista omite o encontro solene entre Cristo e os seus discípulos na Galiléia; mas o que Ele lhes disse ali, e em outros encontros, o autor acrescenta ao que Cristo lhes disse em sua primeira visita realizada na noite do dia em que Ele ascendeu aos céus; e agora nada mais há para acrescentar, exceto a sua ascensão aos céus, da qual temos uma breve narrativa nestes versículos, onde lemos:

I Com que solenidade Cristo se despediu dos seus discípulos. O desígnio de Cristo era reconciliar o céu e a terra e continuar presente na vida dos seus discípulos. Para isso, era necessário que Ele estendesse as suas mãos sobre o céu e a terra. Ele tinha compromissos a cumprir nos dois mundos, e por esta razão veio do céu para a terra em sua encarnação para cumprir as suas obrigações aqui; e, ao terminá-las, retornou ao céu para lá residir e definir com o Pai tudo aquilo que está relacionado conosco. Observe: 1. De onde Ele ascendeu: De Betânia, nas proximidades de Jerusalém, uma cidade

que está junto ao monte das Oliveiras. Lá Ele realizou eminentes serviços para a glória de seu Pai, e entrou em sua glória. Ali ficava o jardim no qual os seus sofrimentos começaram, lá Ele ficou em agonia; e Betânia quer dizer “casa da aflição” ou “casa da miséria”. Aqueles que irão ao céu deverão ascender de lá, da casa dos sofrimentos e da aflição; deveremos partir das agonias para as alegrias. O monte das Oliveiras tinha sido indicado, havia muito tempo, para ser o lugar da ascensão de Cristo: Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, Zacarias 14.4. E ali foi que, um pouco antes, Ele iniciou sua triunfante entrada em Jerusalém, cap. 19.29. 2. Quais foram as testemunhas de sua ascensão: Ele levou os seus discípulos fora, para vê-lo. Provavelmente foi de manhã bem cedo que Ele ascendeu, antes que as pessoas despertassem; porque Ele nunca se apresentou abertamente para as pessoas depois da sua ressurreição, mas somente para testemunhas escolhidas. Os discípulos não o viram ressuscitar na graça, porque a sua ressurreição poderia ser evidenciada quando eles o vissem, vivo, posteriormente; mas eles o viram subir para o céu, porque não poderiam, de outro modo, ter uma demonstração ocular de sua ascensão. Eles foram levados para fora propositalmente, para que o vissem subir. Eles mantiveram os olhos fixos nEle quando subiu, e não olharam em outra direção. 3. Como foi a despedida que o Senhor lhes proporcionou: “Levantando as mãos, os abençoou”. Ele não partiu com qualquer desagrado, mas com amor. Ele deixou uma bênção após si; Ele levantou as suas mãos, como o sumo sacerdote fazia quando abençoava as pessoas; veja Levítico 9.22. Ele abençoou como autoridade, ordenando a bênção que Ele tinha comprado; Ele os abençoou como Jacó abençoou os seus filhos. Os apóstolos eram, agora, os representantes das doze tribos, de maneira que, ao abençoá-los, Jesus abençoou todo o seu Israel espiritual, e colocou o nome de seu Pai sobre eles. Ele os abençoou como Jacó abençoou os seus filhos, e Moisés as tribos, no momento da despedida, para mostrar que, tendo amado os seus que estavam no mundo, Ele os amou até o fim.4. Como Ele os deixou: “Abençoando-os ele, apartou-se deles”; não como se tivesse partido antes de dizer tudo que deveria ser dito, mas para indicar que a sua partida não colocaria um fim à bênção que lhes foi dada, pois a intercessão que Ele foi fazer por todos os seus, no céu, é uma continuação da bênção. Ele começou a abençoá-los na terra, mas foi para o céu onde continuaria a fazê-lo. Cristo estava agora enviando os seus

apóstolos para proclamar o seu Evangelho ao mundo, e lhes deu a sua bênção, não somente a eles, mas para ser conferida em seu nome sobre todos que cressem nele por meio da palavra dos apóstolos; pois nele todas as famílias da terra deveriam ser abençoadas. 5. Como a sua ascensão é descrita. (1) Ele “se apartou deles”, foi tirado de suas vidas, como Elias de Eliseu. Observe que os amigos mais queridos devem partir. Aqueles que nos amam, oram por nós e nos instruem, devem, de alguma forma, partir. Não se deveria contar sempre com a presença física de Cristo neste mundo. Aqueles que o conheceram em carne, de agora em diante não o conhecerão mais assim. (2) Ele foi elevado ao céu; não pela força, mas por sua própria ação. Assim como Ele ressuscitou, também subiu, pelo seu próprio poder, ainda que assistido por anjos. Ele não precisou de carruagem de fogo, nem cavalos de fogo; Ele conhecia o caminho, e, sendo o Senhor do céu, poderia voltar por si mesmo. Ele ascendeu numa nuvem, como o anjo na chama do sacrifício de Manoá, Juízes 13.20.

II Com que alegria os discípulos continuaram a servi-lo, e a servir a Deus por meio dele, mesmo agora que tinha se apartado deles. 1. Eles prestaram uma homenagem ao Senhor Jesus em sua partida, para mostrar que embora estivesse indo para um lugar distante, ainda continuariam sendo os seus súditos sinceros e que estavam desejosos de tê-lo reinando sobre si. Eles o adoraram, v. 52. Observe que Cristo espera adoração daqueles que receberam a sua bênção. Ele os abençoou em sinal de gratidão por o adorarem. Esta demonstração espontânea da glória de Cristo suscitou neles reconhecimento e adoração. Eles sabiam que embora o Senhor Jesus os estivesse deixando, Ele ainda poderia – como de fato fez – receber e apreciar a adoração que eles lhes prestaram; a nuvem que o recebeu e o ocultou não os distanciou dele, nem impediu que o Senhor recebesse e apreciasse o serviço que lhe prestaram. 2. Os discípulos “tornaram com grande júbilo para Jerusalém”. Eles receberam a ordem para permanecer ali, até que o Espírito fosse derramado sobre eles. E assim foram para lá, embora aquela cidade fosse a porta do perigo. Para lá foram e lá permaneceram com grande alegria. Esta foi uma mudança maravilhosa e uma conseqüência da abertura de seus entendimentos. Quando Cristo lhes disse que deveria deixá-los, a aflição encheu-lhes o coração; no entanto, agora que eles o vêem partir, estão repletos de alegria, sendo convencidos,

por fim, de que era conveniente, para eles e para a igreja que Ele partisse, a fim de enviar o Consolador. Observe que a Glória de Cristo é a alegria, a alegria suprema de todos os crentes verdadeiros mesmo quando estão aqui neste mundo; muito mais será quando forem para a nova Jerusalém e o encontrarem em sua glória. 3. Eles abundam em atos de devoção enquanto permanecem na expectativa do cumprimento da promessa do Pai, v. 53. (1) Eles comparecem ao Templo nas horas de oração. Deus não tinha abandonado o Templo completamente, e assim eles também não o fariam. Estavam constantemente no Templo, assim como seu Mestre, quando estava em Jerusalém. “O Senhor ama as portas de Sião”, e nós também devemos amá-las. Alguns supõem que tinham um lugar de encontro, sendo discípulos, em alguma câmara do Templo pertencente a um levita que era muito afeiçoado a eles. Mas outros acreditam que não é provável que isto pudesse ser ocultado dos principais dos sacerdotes, e príncipes do Templo, nem tolerado por eles. (2) Eles sabiam que os sacrifícios do Templo foram substituídos pelo sacrifício de Cristo, mas adoravam ao Senhor no Templo com cânticos e orações. Observe que enquanto esperamos pelas promessas de Deus, devemos sair ao seu encontro com nosso louvor. Louvar a Deus e bendizê-lo é um trabalho que nunca estará fora de moda – e nada prepara melhor a mente e o coração para receberem o Espírito Santo do que a alegria sagrada e o louvor. Os temores são silenciados, as aflições são amenizadas e apaziguadas, e as esperanças são mantidas.

O Amém que encerra o texto deve ter a concordância da igreja e de cada crente que lê o Evangelho, significando uma aprovação das verdades do Evangelho, e uma conformidade sincera de opiniões entre todos os discípulos de Cristo quanto a louvar e bendizer a Deus. Amém. Que Ele seja continuamente louvado e bendito.

JOÃO

UMA EXPOSIÇÃO COM OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

ão é importante investigar quando e onde este Evangelho foi escrito. Nós temos certeza de que ele foi dado por Deus, através de sua inspiração, a João, irmão de Tiago, um dos doze apóstolos, distinguido pelo caráter honorável de um discípulo a quem Jesus amou, um dos três primeiros no apreço do Filho de Davi, escolhido para ser a testemunha dos seus períodos de isolamento, particularmente da sua transfiguração e da sua agonia. Os antigos nos dizem que João viveu mais do que todos os doze apóstolos, e foi o único, entre eles, que teve uma morte natural. Todos os demais foram martirizados. E alguns deles dizem que João escreveu este Evangelho em Éfeso, a pedido dos ministros das diversas igrejas da Ásia, em oposição à heresia em Corinto e aos ebionitas, que julgavam que nosso Senhor era um mero homem. Parece mais provável que ele o tenha escrito antes do seu exílio na ilha de Patmos, pois ali ele escreveu seu livro do Apocalipse, cujo encerramento parece destinado a ser o encerramento do cânon das Escrituras. E, se isto for verdade, seu Evangelho não teria sido escrito depois. Portanto, eu não posso dar crédito àqueles últimos patriarcas que dizem que ele o teria escrito no seu exílio, ou depois de ter retornado dele, muitos anos depois da destruição de Jerusalém, quando ele tinha noventa anos de idade, como afirmou um deles, ou quando tinha cem anos, como disse outro. No entanto, fica claro que ele foi o último dos quatro evangelistas a escrever, e, comparando seu Evangelho com os demais, podemos observar: 1. Que ele relata o que os outros evangelistas tinham omitido. Ele está na retaguarda, e seu Evangelho é como a última guarnição do exército, reúne tudo o que os outros tinham deixado de lado. Assim como houve uma coletânea posterior dos sábios provérbios de Salomão (Pv

25.1), e ainda assim não reuniu tudo o que ele tinha dito, 1 Reis 4.32. 2. Que ele nos transmite mais sobre o mistério daquilo de que os demais evangelistas nos dão somente a história. Era necessário que, primeiro, os eventos fossem estabelecidos, o que foi feito em suas declarações daquelas coisas que Jesus começou tanto a fazer como a ensinar, Lucas 1.1; Atos 1.1. Mas, tendo isto sido feito pela boca de duas ou três testemunhas, João prossegue até a perfeição (Hb 6.1), não lançando de novo o fundamento, mas edificando sobre ele, conduzindo-nos mais para dentro do véu. Alguns dos antigos observam que os outros evangelistas escreveram mais sobre *ta somatika* – os aspectos *corpóreos* de Cristo, mas João escreve sobre *ta pneumatika* – os aspectos *espirituais* do Evangelho, sua vida e alma. Por isto, alguns chamaram este Evangelho de a chave dos evangelistas. É aqui que uma porta se abre no céu, e a primeira voz que ouvimos é: "Sobe aqui", sobe mais. Alguns dos antigos, que supuseram que os quatro animais da visão de João representavam os quatro evangelistas, julgaram que o próprio João seria a águia que voava, pois ele paira muito alto, e com muita clareza contempla as coisas divinas e celestiais.

CAPÍTULO 1

O escopo e objetivo deste capítulo é confirmar nossa fé em Cristo, como sendo o eterno Filho de Deus e o verdadeiro Messias e Salvador do mundo, para que possamos ser levados a recebê-lo e confiar nele, como nosso Profeta, Sacerdote e Rei, e a renunciar a nós mesmos, para sermos governados, ensinados e salvos por Ele. Para conseguir isto, temos aqui: I. Um relato a respeito de Jesus apresentado pelo próprio escritor inspirado, estabelecendo, no início, que ele desejava que todo o seu livro fosse uma prova (vv. 1-5). Isto aconteceu outra vez (vv. 10-14), e ainda uma vez mais, vv. 16-18. II. O testemunho de João Batista a respeito dele (vv. 6-9; e outra vez, v. 15). Mas, de maneira mais completa e particular, vv. 19-37. III. Sua própria apresentação a André e a Pedro (vv. 38-42), a Filipe e a Natanael, vv. 43-51.

A Divindade de Cristo

vv. 1-5

Austin diz (*de Civitate Dei*, liv. 10, cap. 29) que seu amigo Simplício lhe contou que tinha ouvido um filósofo platônico dizer que estes primeiros versículos do Evangelho de João mereciam ser escritos com letras douradas. O erudito Francis Junius, no relato que faz da sua própria vida, conta como, na sua juventude, foi infectado com noções frouxas de religião, e como, pela graça de Deus, foi maravilhosamente recuperado ao ler acidentalmente estes versículos em uma Bíblia que seu pai tinha propositadamente deixado para que ele a encontrasse. Ele diz que observou tanta divindade no argumento, tanta autoridade e majestade no estilo, que sua carne tremeu, e ele foi dominado por tanto assombro, que, durante um dia inteiro, ele mal soube onde estava ou o que estava fazendo. E esta ocasião ele considera o início da sua conversão ao cristianismo. Vamos investigar o que há nestas fortes linhas. O evangelista aqui apresenta a grande verdade que ele deseja provar, que Jesus Cristo é Deus, um com o Pai. Observe:

I De quem ele fala – "o Verbo" (ou "a Palavra") – *ho logos*. Esta é uma expressão peculiar aos textos de João. Veja 1 João 1.1; 5.7; Apocalipse 19.13. Alguns pensam que em Atos 20.32; Hebreus 4.12 e Lucas 1.2 "a palavra" se refere a Cristo. A paráfrase em caldeu muito freqüentemente chama o Messias de *Memra – a Palavra de Jeová*, e fala de muitas coisas no Antigo Testamento, que seriam feitas pelo Senhor, como feitas por aquela Palavra do Senhor. Até mesmo os judeus vulgares aprendiam que a Palavra de Deus era como Deus. O evangelista, no final do seu discurso (v. 18), nos diz claramente por que chama a Cristo de "o Verbo" – porque Ele é o único Filho gerado, que está no seio do seu Pai, e que o declarou. O Verbo compõe-se de duas partes: *logos endiathetos – palavra concebida*; e *logos prophorikos – palavra pronunciada.* O *logos ho eso* e *ho exo*, *ratio* e *oratio – inteligência* e *expressão*. 1. Existe a palavra concebida, isto é, pensada, que é o primeiro e único produto imediato e a impressão da alma (da qual todas as operações são realizadas pelo pensamento), e que está unida à alma. E assim, a segunda pessoa da Trindade é, adequadamente, chamada "o Verbo" (ou "a Palavra"), pois Ele é o primogênito do Pai, a eterna e

essencial sabedoria que o Senhor possuía, assim como a alma gera pensamento, no princípio dos seus caminhos, Provérbios 8.22. Não há nada de que tenhamos mais certeza do que aquilo que pensamos, e ainda assim, nada que desconheçamos mais do que aquilo que pensamos. Quem pode explicar a geração do pensamento na alma? Certamente, então, as gerações e os nascimentos da mente eterna podem ser aceitos como sendo grandes mistérios da Divindade, cujo fundamento nós não podemos compreender, embora apreciemos sua profundeza. 2. Existe a palavra proferida, e esta é a fala, a principal e mais natural indicação da mente. E assim, Cristo é o Verbo, pois, por meio dele, Deus falou-nos nestes últimos dias (Hb 1.1), e nos instruiu para que o escutássemos, Mateus 17.5. Ele nos fez conhecida a mente de Deus, assim como a palavra ou o discurso de um homem dá a conhecer seus pensamentos até o ponto em que ele o desejar, e não além dele. Cristo é chamado "um santo que falava" (veja as observações sobre Daniel 8.13), aquele que falava de coisas ocultas e estranhas. Ele é a Palavra que fala da parte de Deus para nós, e que também fala a Deus a nosso favor. João Batista era a voz, mas Cristo era a Palavra. Sendo o Verbo, Ele é a Verdade, o Amém, a Testemunha fiel do pensamento de Deus.

II O que João fala a respeito de Jesus é suficiente para provar, sem sombra de dúvida, que Ele é Deus. Ele declara:

1. Sua existência no princípio: "No princípio, era o Verbo". Isto evidencia sua existência, não somente antes da sua encarnação, mas antes de todos os tempos. O princípio dos tempos, no qual todas as criaturas foram criadas e trazidas à existência, encontrou este Verbo eterno já existindo. O mundo passou a existir a partir de um instante inicial, na criação, mas o Verbo já existia. A eternidade é normalmente expressa como existindo "antes da fundação do mundo". A eternidade de Deus é descrita assim (Sl 90.2): "Antes que os montes nascessem". Também em Provérbios 8.23. O Verbo existia antes que o mundo existisse. Aquele que existia no princípio nunca teve início, e, portanto, era sempre *achronos – sem princípio de tempo*, segundo Nono.

2. Sua coexistência com o Pai: "O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Que, ao convidarmos alguém para vir a Cristo, esta pessoa não diga que a estamos afastando de Deus, pois Cristo está com Deus, e é Deus. Isto

é repetido no v. 2: aquele em quem cremos, e que pregamos, estava no princípio com Deus, isto é, sempre esteve, desde a eternidade. No princípio, o mundo originou-se de Deus, pois foi criado por Ele, mas o Verbo estava com Deus, sempre com Ele. O Verbo estava com Deus: (1) Em termos de essência e substância, pois o Verbo era Deus: uma pessoa ou substância distinta, pois estava com Deus, e, apesar disto, o mesmo em substância, pois era Deus, Hebreus 1.3. (2) Em termos de complacência e felicidade. Havia uma glória e uma felicidade que Cristo tinha com Deus antes que o mundo existisse (cap. 17.5), o Filho infinitamente feliz desfrutando do seio do seu Pai, e, da mesma forma, das delícias do seu Pai, o Filho do seu amor, Provérbios 8.30. (3) Em termos de conselho e desígnio. O mistério da redenção do homem por este Verbo encarnado esteve oculto em Deus antes de todos os mundos, Efésios 3.9. Aquele que se responsabilizou por nos levar até Deus (1 Pe 3.18) estava, Ele mesmo, desde a eternidade, com Deus, o Pai. Assim, esta grande questão da reconciliação do homem com Deus foi decidida entre o Pai e o Filho desde a eternidade, e Eles estão de pleno acordo quanto a isto, Zacarias 6.13; Mateus 11.27. O Senhor Jesus estava ao lado de Deus, o Pai, como alguém que vive constantemente com Ele, tendo este serviço como seu objetivo maior, Provérbios 8.30. Ele estava com Deus, e por isto se diz que Ele saiu do Pai.

3. Sua interferência na criação do mundo, v. 3. Isto, aqui, está: (1) Afirmado expressamente: “Todas as coisas foram feitas por Ele”. Ele estava com Deus, não somente de modo a estar familiarizado com os conselhos divinos, desde a eternidade, mas para estar ativo nas operações divinas, no princípio do tempo. “Então, eu estava com Ele”, Provérbios 8.30. Pela palavra do Senhor foram feitos os céus (Sl 33.6), e Cristo era a Palavra, o Verbo. Por meio dele, não como um instrumento subordinado, mas como um agente coordenado, Deus fez o mundo (Hb 1.2), não como o trabalhador cria, com seu machado, mas como o corpo vê, com o olho. (2) O contrário é negado: “Sem ele nada do que foi feito se fez”, desde o mais elevado anjo até o verme mais inferior. Deus, o Pai, não fez nada sem Ele na criação. Veja: [1] Isto prova que Ele é Deus: “O que edificou todas as coisas é Deus”, Hebreus 3.4. O Deus de Israel freqüentemente provava que era Deus com isto, como tendo criado todas as coisas (Is 40.12,28; 41.4; veja também Jr 10.11,12). [2] Isto prova a excelência da religião cristã, o fato de que o autor e o fundador da religião é o mesmo que tinha sido o autor e fundador

do mundo. Como deve ser, necessariamente, excelente esta constituição, que deriva sua instituição daquele que é a fonte de toda excelência! Quando adoramos a Cristo, nós adoramos àquele a quem os patriarcas honraram como o Criador do mundo, e em quem todas as criaturas confiam. [3] Isto mostra como Ele estava bem qualificado para a obra da nossa redenção e salvação. O socorro foi colocado sobre aquele que realmente é poderoso, pois foi colocado sobre aquele que fez todas as coisas, e o autor da nossa felicidade é o autor da nossa existência.

4. A vida e a luz estavam originalmente nele: “Nele, estava a vida”, v. 4. Isto prova ainda mais que Ele é Deus, e que está, de todas as maneiras, qualificado para sua missão, pois: (1) Ele tem a vida em si. Ele não é somente o Deus verdadeiro, mas é o Deus vivo. Deus é vida. Ele jura por si mesmo, quando diz: “Assim como Eu vivo”. (2) Todas as criaturas vivas têm sua vida nele. Não somente toda a matéria de sua criação foi feita por Ele, mas também toda a vida que está na criação é derivada dele, e sustentada por Ele. Foi a palavra de Deus que produziu as criaturas que se movimentam, que têm vida, Gênesis 1.20; Atos 17.25. Ele é aquela Palavra pela qual o homem vive mais do que pelo pão, Mateus 4.4. (3) As criaturas racionais têm sua luz oriunda dele. A vida que “era a luz dos homens” vem dele. A vida no homem é alguma coisa maior e mais nobre do que é em outras criaturas; é racional, e não meramente animal. Quando o homem se tornou alma vivente, sua vida era luz, suas capacidades distinguiam-no e o colocavam acima dos animais que perecem. “A alma [ou “espírito”, versão RA] do homem é a lâmpada do Senhor”, e é a Palavra eterna que acende esta lâmpada. A luz da razão, assim como a vida dos sentidos, deriva dele, e depende dele. Isto o prova adequado para empreender nossa salvação, pois a vida e a luz, a vida espiritual e eterna e a luz, são as duas grandes coisas de que o homem caído, que está tão subjugado pelo poder da morte e das trevas, precisa. De quem podemos esperar a luz da revelação divina, a não ser daquele que nos deu a luz da razão humana? E se, quando Deus nos deu a vida natural, esta vida estava no seu Filho, com que disposição nós devemos receber os registros do Evangelho, que mostram que Ele nos deu a vida eterna, e esta vida está no seu Filho!

5. Sua manifestação aos filhos dos homens. Alguém poderia objetar: “Se esta palavra eterna esteve, em geral, na criação do mundo, como é que Ele foi tão pouco observado e considerado?” A isto, Ele responde (v. 5): “E a

luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". Observe:

(1) A revelação da Palavra eterna ao mundo caído, antes mesmo que Ele se manifestasse em carne: "A luz resplandece nas trevas". A luz evidencia a si mesma, e se faz conhecida. Esta luz, de onde vem a luz dos homens, resplandeceu, e resplandece. [1] A Palavra eterna, sendo Deus, resplandece nas trevas da consciência natural. Embora os homens, pela queda, tenham se tornado trevas, ainda assim o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta. Veja Romanos 1.19,20. A luz da natureza é esta luz que resplandece nas trevas. Toda a humanidade tem um sentido inato de algo do poder do Verbo divino, tanto criando quanto ordenando. Se não fosse por isto, a terra seria um inferno, um lugar de escuridão completa. Bendito seja Deus, ainda não é assim. [2] O Verbo eterno, como Mediador, resplandeceu nas trevas dos tipos e figuras do Antigo Testamento, e das profecias e promessas que haviam sobre o Messias, desde o princípio. Aquele que tinha ordenado que a luz deste mundo resplandecesse nas trevas foi, Ele mesmo, durante muito tempo, uma luz que resplandeceu nas trevas. Havia um véu sobre esta luz, 2 Coríntios 3.13.

(2) A incapacidade deste mundo degenerado para receber esta revelação: "As trevas não a compreenderam". A maioria dos homens recebia a graça de Deus, nestas revelações, em vão. [1] O mundo da humanidade não compreendia a luz natural que havia no seu entendimento, e tornou inútil sua imaginação a respeito do Deus eterno e do Verbo eterno, Romanos 1.21,28. As trevas do erro e do pecado superaram, e praticamente eclipsaram, esta luz. "Deus fala uma e duas vezes; porém ninguém atenta para isso", Jó 33.14. [2] Os judeus, que tinham a luz do Antigo Testamento, também não compreenderam a Cristo nela. Assim como havia um véu sobre a face de Moisés, também aqui havia um véu sobre os corações das pessoas. Nas trevas dos tipos e sombras, brilhou a luz, mas eram tantas as trevas do seu entendimento, que eles não puderam vê-la. Por isto, era essencial que Cristo viesse, tanto para corrigir os erros do mundo gentio como para aprimorar as verdades da igreja judaica.

O Testemunho de João Batista. A Encarnação de Cristo

vv. 6-14

O evangelista deseja apresentar João Batista dando um honroso testemunho a respeito de Jesus Cristo. Nestes versículos, antes de fazer isto:

I Ele nos dá algumas informações sobre a testemunha que irá apresentar. Seu nome era João, que significa “gracioso”. Suas palavras eram austeras, mas ele não era menos gracioso por isto. Veja:

1. Aqui nós lemos a respeito dele, de uma forma geral, que era um homem enviado por Deus. O evangelista tinha dito, a respeito de Jesus Cristo, que Ele estava com Deus, e que Ele era Deus. Mas aqui, a respeito de João, ele diz que se tratava de um homem, um mero homem. Deus se agrada de falar conosco por meio de homens como nós mesmos. João era um grande homem, mas era um homem, filho de homem. Era enviado de Deus, um anjo de Deus, assim ele é chamado, Malaquias 3.1. Deus deu a ele tanto sua missão quanto sua mensagem, tanto suas credenciais quanto suas instruções. João não realizou nenhum milagre, nem lemos que tenha tido visões e revelações, mas a rigidez e a pureza da sua vida e doutrina, e a tendência direta de ambas para transformar o mundo e reavivar os interesses do reino de Deus entre os homens, eram indicações claras de que ele era enviado por Deus.

2. Aqui nós lemos quais eram suas funções (v. 7): “Este veio para testemunho”, uma testemunha ocular, uma testemunha líder. Ele veio *eis martyrian – para testemunho*. As instituições legais tinham sido, por muito tempo, um testemunho de Deus na igreja judaica. Por seu intermédio, a religião revelada era acompanhada. Nela, nós lemos sobre o Tabernáculo do testemunho, a Arca do testemunho, a Lei e o testemunho. Mas agora a revelação divina será dirigida a outro canal, agora o testemunho de Cristo é o testemunho de Deus, 1 Coríntios 1.6; 2.1. Deus realmente não deixou a si mesmo sem um testemunho entre os gentios (At 14.17), mas o Redentor não tinha testemunhas a seu favor entre eles. Havia um profundo silêncio a respeito dele, até que João Batista veio para testificar sobre sua bendita pessoa. Observe: (1) O assunto do seu testemunho: “Para que testificasse da luz”. A luz é algo que testemunha por si mesma, e traz sua própria evidência consigo. Mas para aqueles que fecham seus olhos contra a luz, é necessário que haja aqueles que testifiquem dela. A luz de Cristo não precisa do testemunho do homem, mas as trevas do mundo, sim. João era como o vigia noturno que anda pela cidade, proclamando a chegada da luz

da manhã àqueles que têm os olhos fechados, e não desejam observá-la. Ou como aquele vigia que se colocava para dizer àqueles que lhe perguntavam o que houve de noite que “vem a manhã”, e, “se quereis perguntar, perguntai”, Isaías 21.11,12. Ele era o enviado de Deus para dizer ao mundo que o tão esperado Messias era chegado, aquele que seria uma luz para iluminar os gentios, e a glória do seu povo, Israel, e para proclamar que era chegada a dispensação que traria à luz a vida e a imortalidade. (2) O desígnio do seu testemunho: “Para que todos cressem por ele”. Não nele, mas em Cristo, cujo caminho ele tinha sido enviado para preparar. Ele ensinou os homens a olharem através dele, e a passarem, por seu intermédio, a Cristo; através da doutrina do arrependimento do pecado, à doutrina da fé em Cristo. Ele preparou os homens para a recepção de Cristo e do seu Evangelho, despertando-os a uma visão e a uma percepção do pecado, e para que, com os olhos abertos, eles pudessem estar prontos para aceitar os raios de luz divina que, na pessoa e doutrina do Messias, agora estavam prontos para brilhar em seus rostos. Se eles apenas recebessem o testemunho dos homens, logo descobririam que o testemunho de Deus é maior, 1 João 5.9. Veja cap. 10.41. Observe que o objetivo era que todos os homens, por seu intermédio, cressem, sem excluir das gentis e benéficas influências do seu ministério a ninguém que não se excluísse, como faziam as multidões que rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmas, e desta maneira receberam inutilmente a graça de Deus.

3. Aqui somos avisados para não confundir com a luz aquele que somente veio para dar testemunho dela (v. 8): “Não era ele a luz”, que era esperada e prometida, mas somente se colocou para dar testemunho desta grande e soberana luz. Ele era uma estrela, como aquela que guiou os magos para que encontrassem a Cristo, a Estrela da Manhã, mas ele não era o Sol; não era o Esposo, mas um amigo do Esposo; não era o Príncipe, mas seu arauto. Havia aqueles que se acomodavam ao batismo de João, e não iam adiante, como alguns efésios, Atos 19.3. Para corrigir este erro, o evangelista, aqui, ao falar muito honrosamente a respeito de João Batista, ainda assim mostra que ele deveria dar lugar a Cristo. Ele era grande, como o profeta do Altíssimo, mas não era o Altíssimo. Observe que nós devemos tomar o mesmo cuidado para não supervalorizar os ministros, e também para não subvalorizá-los. Eles não são nossos senhores, nem têm domínio sobre nossa fé, mas são ministros pelos quais nós cremos, são administradores da

casa do Senhor. Não devemos assumir uma fé cega em relação à sua conduta, pois eles não são a luz, mas devemos prestar atenção ao seu testemunho, e recebê-lo, pois eles são enviados para dar testemunho da luz. Devemos, então, estimá-los, não fazendo nada diferente disto. Se João fingisse ser aquela luz, ele não teria sido uma testemunha tão fiel daquela luz. Aqueles que usurpam a honra de Cristo perdem a honra de ser servos de Cristo. João era muito útil como uma testemunha da luz, embora não fosse a luz. Até mesmo aqueles que brilham com uma luz emprestada podem ser muito úteis para nós.

II Antes de prosseguir com o testemunho de João, ele retorna para nos dar informações adicionais sobre este Jesus de quem o evangelista estava escrevendo. Tendo mostrado, no início do capítulo, as glórias da sua divindade, aqui ele vem mostrar as graças da sua encarnação, e seus favores ao homem como Mediador.

1. Cristo era a "luz verdadeira" (v. 9). Não como se João Batista fosse uma falsa luz, mas, em comparação com Cristo, ele era uma luz muito pequena. Cristo é a grande luz, e merece ser chamado assim. Outras luzes são apenas figurativamente e equivocadamente assim chamadas. Cristo é a verdadeira luz. A fonte de todo conhecimento e de todo consolo deve, necessariamente, ser a verdadeira luz. Ele é a verdadeira luz, por cuja prova nós não somos remetidos às emanações da sua glória no mundo invisível (os raios com os quais Ele o ilumina), mas aos raios da sua luz que são lançados para baixo, e com os quais este nosso mundo escuro é iluminado. Mas como Cristo ilumina todo homem que vem ao mundo? (1) Pelo seu poder de criação, Ele ilumina todo homem com a luz da razão. Aquela vida, que é a luz dos homens, origina-se nele. Todas as revelações e orientações da razão, todo o consolo que ela nos dá, e toda a beleza que coloca em nós vêm de Cristo. (2) Pela divulgação do seu Evangelho a todas as nações, Ele verdadeiramente ilumina todos os homens. João Batista era uma luz, mas ele iluminava somente Jerusalém e a Judéia, e a região próxima ao Jordão, como uma candeia que ilumina somente uma sala. Porém, Cristo é a luz verdadeira, pois Ele é uma luz que ilumina os gentios. Seu Evangelho eterno deve ser proclamado a toda nação e língua, Apocalipse 14.6. Como o sol, que ilumina todo homem que abrir seus olhos, e receber sua luz (Sl 19.6), ao qual se compara a pregação do Evangelho. Veja Romanos 10.18.

A revelação divina não deve agora ser confinada, como tinha sido, a um povo, mas deve ser difundida a todos os povos, Mateus 5.15. (3) Por obra do seu Espírito e graça, Ele ilumina todos aqueles que são iluminados para a salvação, e aqueles que não são iluminados por Ele perecem nas trevas. Está escrito que a luz do conhecimento da glória de Deus está na face de Jesus Cristo, e é comparada com a luz que no início recebeu a ordem de brilhar nas trevas, e que ilumina todo homem que vem ao mundo. Qualquer que seja a luz que o homem tenha, ele estará em dívida com Cristo por ela, seja esta luz natural ou sobrenatural.

2. Cristo “estava no mundo”, v. 10. Ele estava no mundo, como a Palavra essencial, antes da sua encarnação, sustentando todas as coisas. Mas isto se refere ao fato de que Ele estava no mundo quando assumiu sobre si nossa natureza, e habitou entre nós. Veja cap. 16.28: “Vim ao mundo”. O Filho do Altíssimo estava aqui, neste mundo inferior; aquela luz, neste mundo escuro; aquele santo, neste mundo pecador e corrompido. Ele tinha deixado um mundo de felicidade e glória, e estava aqui, neste mundo melancólico e miserável. Ele assumiu a missão de reconciliar o mundo com Deus, e por isto estava no mundo, para tratar deste assunto e para decidir esta questão, para satisfazer a justiça de Deus para o mundo, e revelar o favor de Deus para o mundo. Ele estava no mundo, mas não era do mundo, e fala com um ar de triunfo quando pode dizer: “Eu já não estou mais no mundo”, cap. 17.11. A maior honra que já foi dada a este mundo, que é uma parte tão inferior e sem valor do universo, é que o Filho de Deus esteve, certa vez, no mundo. E assim como isto deveria engajar nossos afetos às coisas do alto, onde Cristo está, também deveria reconciliar-nos com nossa habitação atual neste mundo, em que Cristo esteve certa vez. Ele esteve no mundo durante algum tempo, mas isto é mencionado aqui como algo já passado, e assim será dito a nosso respeito, dentro de pouco tempo: “Nós estivemos no mundo”. Oh! Que, quando não estivermos mais aqui, possamos estar onde Cristo está! Observe aqui: (1) Que razão Cristo tinha para esperar a mais afetuosa e respeitosa acolhida possível neste mundo: “O mundo foi feito por ele”. Ele veio para salvar um mundo perdido porque era um mundo feito por Ele. Por que Ele não deveria se preocupar em restaurar a luz que tinha sido acesa por Ele mesmo, restaurar uma vida que Ele mesmo tinha infundido, e renovar a imagem que foi, originalmente, cunhada por Ele mesmo? O mundo foi feito por Ele, e, portanto, deve render-lhe

homenagem. (2) A fria recepção que Ele teve, apesar disto: “O mundo não o conheceu”. O grande Criador, Soberano e Redentor deste mundo estava nele, e poucos, ou nenhum, dos habitantes do mundo soube disto. “O boi conhece o seu possuidor”, mas o mundo mais embrutecido não o conheceu. Eles não o aceitaram, não lhe deram as boas-vindas, porque não o conheceram. E eles não o conheceram porque Ele não se deu a conhecer da maneira como eles esperavam – em glória e majestade externas. Seu reino não veio com alarde, porque deveria ser um reino de lutas e provações. Quando Ele vier como Juiz, o mundo o conhecerá.

3. Ele “veio para o que era seu” (v. 11). Não somente ao mundo, que era seu, mas ao povo de Israel, que era particularmente seu, acima de todos os povos. Deles, Ele veio; entre eles, Ele viveu; e a eles, Ele foi enviado, em primeiro lugar. Os judeus eram, nesta época, um povo desprezível. A coroa tinha caído de suas cabeças, mas, em memória do antigo concerto, por mais que fossem maus, e por mais que fossem pobres, Cristo não se envergonhava de considerá-los como seus. *Ta idia* – suas próprias *coisas*, não *tous idious* – suas próprias *pessoas*, como os verdadeiros crentes são chamados, cap. 13.1. Os judeus eram seus, assim como a casa de um homem, e as terras, e os bens são seus, e ele os usa e possui. Mas os crentes são seus, assim como a esposa e os filhos de um homem são seus, e ele os ama e aprecia. Ele veio para os seus, para procurá-los e salvá-los, porque eram seus. Ele foi enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel, pois as ovelhas eram suas. Observe:

(1) Que muitos o rejeitaram: “Os seus não o receberam”. Ele tinha razões para esperar que aqueles que eram seus viessem a dar-lhe uma boa acolhida, considerando como eram grandes as obrigações pelas quais estavam sujeitos a Ele, e como eram boas as oportunidades que tinham de conseguir o conhecimento dele. Eles tinham os oráculos de Deus, que lhes diziam, de antemão, onde e quando esperá-lo, e de que tribo e família Ele nasceria. Ele veio entre Eles, pessoalmente, apresentado com sinais e milagres, sendo Ele mesmo o maior deles, e por isto não está escrito, a respeito deles, como estava, a respeito do mundo (v. 10), que não o conheceram. Mas os seus, embora não pudessem deixar de conhecê-lo, ainda assim não o receberam. Não receberam sua doutrina, não o receberam como o Messias, mas se fortificaram contra Ele. Os principais dos sacerdotes, que eram, de uma maneira particular, os seus (pois os levitas eram a tribo de Deus), foram

líderes deste desprezo que foi direcionado a Ele. Isto era muito injusto, porque eles eram seus, e por isto Ele poderia exigir seu respeito. E era muito grosseiro e ingrato, porque Ele veio a eles para procurá-los e salvá-los, e obter, assim, seu respeito. Observe que muitos que professam pertencer a Cristo, não o recebem, porque não desejam se afastar dos seus pecados, nem tê-lo reinando sobre si.

(2) Que ainda havia alguns que o reconheciam, e que eram fiéis a Ele. Embora os seus não o recebessem, havia aqueles que o receberam (v. 12): "Mas a todos quantos o receberam". Embora Israel não estivesse reunido, ainda assim Cristo era glorioso. Embora o corpo daquela nação persistisse e perecesse na incredulidade, ainda assim houve muitos deles que foram transformados para submeter-se a Cristo, e muitos mais que não pertenciam a este grupo. Observe aqui:

[1] A descrição e a característica do verdadeiro cristão. Ela consiste em que ele receba a Cristo e que creia no seu nome. As últimas atitudes explicam as primeiras. Observe, em primeiro lugar, que ser verdadeiramente um cristão é crer no nome de Cristo, é concordar com a revelação do Evangelho, e estar de acordo com a proposta do Evangelho a respeito dele. Seu nome é Verbo de Deus; o Rei dos reis; o Senhor, Justiça Nossa; Jesus, o Salvador. Crer no seu nome consiste em reconhecer que Ele é o que estes grandes nomes evidenciam, e estar de acordo com isto, para que Ele possa ser tudo isto para nós. Em segundo lugar, crer no nome de Cristo é recebê-lo como um presente de Deus. Nós devemos receber sua doutrina como sendo verdadeira e boa; receber sua lei, como justa e santa; receber suas ofertas, como gentis e benéficas; e devemos receber a imagem da sua graça, e as impressões do seu amor, como o princípio governante dos nossos afetos e ações.

[2] A dignidade e os privilégios do verdadeiro cristão possuem duas partes:

Em primeiro lugar, o privilégio de adoção, que os conduz para junto dos filhos de Deus: "Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus". Até aqui, a adoção pertencia somente aos judeus ("Israel é meu filho, meu primogênito"). Mas agora, pela fé em Cristo, os gentios são os filhos de Deus, Gálatas 3.26. Eles têm poder, *exousian – autoridade*. Pois nenhum homem toma o poder para si mesmo, exceto aquele que é autorizado pela carta de direitos do Evangelho. A eles, Ele concedeu um direito, a eles, Ele

deu esta proeminência. Todos os santos possuem este poder. Observe: 1. É o privilégio indescritível de todos os bons cristãos, o fato de que se tornam filhos de Deus. Eles eram, por natureza, filhos da ira, filhos deste mundo. Se eles devem ser filhos de Deus, eles assim se tornam, assim são feitos. *Fiunt, non nascuntur Christiani – As pessoas não nascem cristãs, mas se tornam cristãs.* – Tertuliano. Vejam que grande caridade é esta, 1 João 3.1. Deus os chama de seus filhos, eles o chamam de Pai, e têm direito a todos os privilégios dos filhos, os do seu caminho e os da sua casa. 2. O privilégio da adoção deve-se inteiramente a Jesus Cristo, Ele deu este poder àqueles que creram no seu nome. Deus é seu Pai, e também o nosso, e é por virtude da nossa adoção por Ele, e pela nossa união com Ele, que nos relacionamos com Deus como nosso Pai. Foi em Cristo que fomos predestinados à adoção. Dele, nós recebemos tanto o caráter quanto o Espírito de adoção, e Ele é o primogênito entre muitos irmãos. O Filho de Deus tornou-se um Filho do homem, para que os filhos e filhas dos homens pudessem se tornar os filhos e filhas do Deus Todo-Poderoso.

Em segundo lugar, o privilégio do novo nascimento (v. 13): “Os quais... nasceram”. Observe que todos os filhos de Deus nascem novamente. Todos os que são adotados, são nascidos novamente. Esta transformação real acompanha sempre a relativa. Sempre que Deus confere a dignidade de filhos, Ele cria a natureza e a disposição de filhos. Os homens não podem fazer isto quando adotam filhos. Aqui temos uma avaliação do modelo deste novo nascimento. 1. Negativamente: (1) Ele não se propaga pela geração natural dos nossos pais. Ele não é de sangue, nem da vontade da carne, nem de semente corruptível, 1 Pedro 1.23. O homem é chamado de carne e sangue, porque ali está seu modelo, mas nós não nos tornamos os filhos de Deus da mesma maneira como nos tornamos os filhos dos nossos pais naturais. Observe que a graça não corre no sangue, como corre a corrupção. O homem corrompido gerou um filho à sua semelhança (Gn 5.3), mas o homem santificado e renascido não gera um filho a esta semelhança. Os judeus vangloriavam-se muito da sua ascendência, e do sangue nobre que corria em suas veias: “Nós somos a semente de Abraão”, e por isto a eles pertencia a adoção, porque eles eram nascidos daquele sangue. Mas esta adoção do Novo Testamento não é encontrada em nenhum relacionamento natural. (2) Ele não se produz pelo poder natural da nossa própria vontade. Assim como não é de sangue, nem da vontade da carne,

também não é da vontade do varão, que opera sob uma impotência moral para determinar o que é bom, de modo que os princípios da vida divina não são plantados por nós. É a graça de Deus que faz com que desejemos ser seus. Nem podem as leis ou textos humanos prevalecer para santificar e regenerar uma alma. Se pudessem, o novo nascimento seria pela vontade do varão. Mas, 2. Positivamente: é de Deus. Este novo nascimento deve-se à Palavra de Deus, como meio (1 Pe 1.23), e ao Espírito de Deus, como o grande e único autor. Os verdadeiros crentes são nascidos de Deus, 1 João 3.9; 5.1. E isto é necessário para sua adoção, pois nós não podemos esperar o amor de Deus, se não tivermos algo da sua semelhança, nem clamarmos pelos privilégios da adoção, se não estivermos sob o poder da regeneração.

4. “O Verbo se fez carne”, v. 14. Isto expressa a encarnação de Cristo mais claramente do que aquilo que foi dito antes. Pela sua divina presença, Ele sempre esteve no mundo, e pelos seus profetas, Ele veio para os seus. Mas vindo a plenitude dos tempos, Ele foi enviado de outra maneira, nascido de mulher (Gl 4.4). Deus manifestado na carne, de acordo com a fé e a esperança do santo Jó: “Ainda em minha carne verei a Deus”, Jó 19.26. Observe aqui:

(1) A natureza humana de Cristo, com a qual Ele se recobriu, e que expressava dois caminhos.

[1] “O Verbo se fez carne”. “Visto como os filhos”, que deviam tornar-se filhos de Deus, “participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas”, Hebreus 2.14. Os socinianos concordam que Cristo é, ao mesmo tempo, Deus e homem, mas dizem que Ele era homem, e foi feito Deus, como Moisés (Êx 7.1), diretamente o oposto ao que diz João aqui, *Theos en – Ele era Deus*, mas *sarx egeneto – Ele se fez carne*. Compare o versículo 1 com este. Isto sugere não apenas que Ele era verdadeiramente um homem, mas que Ele se sujeitou às desgraças e calamidades da natureza humana. Ele se fez carne, a parte mais simples do homem. A carne evidencia a fraqueza do homem, e Ele foi “crucificado por fraqueza”, 2 Coríntios 13.4. A carne significa um homem mortal e morrendo (Sl 78.39), e Cristo foi mortificado na carne, 1 Pedro 3.18. Na verdade, a carne significa o homem corrompido pelo pecado (Gn 6.3), e Cristo, embora fosse perfeitamente santo e inocente, ainda assim manifestou-se em semelhança da carne do pecado (Rm 8.3), e foi feito pecado por nós, 2 Coríntios 5.21. Quando Adão pecou, Deus disse a ele: “És pó”, não somente porque tinha

sido feito do pó da terra, mas porque, pelo pecado, ele tinha se afundado no pó. Sua queda, *somatoun ten psychen*, *transformou-o em corpo,* o fez terreno. Portanto, aquele que se fez maldição por nós, se fez carne, e condenou o pecado na carne, Romanos 8.3. Maravilhe-se com isto, que o Verbo eterno fosse feito carne, quando a carne tinha uma tão má reputação; que aquele que fez todas as coisas se fizesse carne, uma das coisas mais inferiores, e se submetesse àquilo de que Ele se encontrava mais distante. A voz que apresentou o Evangelho clamou: "Toda carne é erva" (Is 40.6), para tornar mais maravilhoso o amor do Redentor, que, para nos redimir e salvar, se fez carne, e murchou como erva. Mas o Verbo do Senhor, que se fez carne, permanece para sempre. Mesmo quando se fez carne, Ele não deixou de ser o Verbo de Deus.

[2] Ele "habitou entre nós", aqui, neste mundo inferior. Tendo assumido a natureza de homem, Ele colocou-se no lugar e na condição de outros homens. O Verbo poderia ter-se feito carne, e habitado entre os anjos. Mas, tendo tomado um corpo do mesmo molde que nós, nele Ele veio, e habitou no mesmo mundo que nós. Ele habitou entre nós; nós, vermes da terra; nós, de quem Ele não precisava; nós, que éramos corruptos e depravados, e revoltados contra Deus. O Senhor Deus veio e habitou até entre os rebeldes, Salmos 68.18. Aquele que tinha habitado entre anjos, aqueles seres nobres e excelentes, veio e habitou entre nós, que somos uma raça de víboras, nós, pecadores, o que era pior para Ele do que a residência de Davi em Meseque e Quedar, ou a de Ezequiel entre escorpiões, ou a da igreja de Pérgamo, que habitava onde estava o trono de Satanás. Quando consideramos o mundo superior, o mundo dos espíritos, como parece inferior e desprezível esta carne, este corpo que nós levamos conosco, e este mundo no qual nossa sorte está lançada, e como é difícil que uma mente contemplativa se reconcilie com eles! Mas uma vez que o Verbo eterno se fez carne, vestiu-se com um corpo, como nós, e habitou neste mundo, como nós, isto colocou uma honra sobre ambos, e deve nos fazer desejar habitar na carne enquanto Deus tenha algum serviço para fazermos, pois Cristo habitou neste mundo inferior, ruim como ele é, até que tivesse terminado o que tinha que fazer aqui, cap. 17.4. Ele habitou entre os judeus, para que se cumprissem as Escrituras: "Habite nas tendas de Sem", Gênesis 9.27. E veja Zacarias 2.10. Mesmo os judeus sendo cruéis com o Senhor Jesus, Ele continuou a habitar entre eles. Embora (como nos contam alguns dos autores antigos) Ele

tivesse sido convidado a um tratamento melhor por Abgar, rei de Edessa, ainda assim Ele não se mudou para nenhuma outra nação. Ele habitou entre nós. Ele estava no mundo, não como um viajante que fica apenas por uma noite, mas Ele habitou entre nós, teve uma longa estada, a expressão original é notável, *eskenosen en hemin – Ele residiu entre nós*, como em um tabernáculo, o que sugere, em primeiro lugar, que Ele habitou aqui em circunstâncias muito humildes, como pastores que habitam em tendas. Ele não habitou entre nós como em um palácio, mas como em uma tenda, pois Ele não tinha onde reclinar a cabeça, e estava sempre se deslocando de um lugar para outro. Em segundo lugar, que sua situação aqui era uma situação militar. Soldados residem em tendas. Ele tinha, há muito tempo, proclamado a guerra com a semente da serpente, e agora Ele toma o campo, pessoalmente, ergue seu estandarte, e arma sua tenda, para prosseguir nesta guerra. Em terceiro lugar, que sua estada entre nós não seria perpétua. Ele habitou aqui como em uma tenda, não como em casa. Os patriarcas, residindo em tabernáculos, "confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra", e procuravam uma pátria melhor, e assim também foi Cristo, dando-nos um exemplo, Hebreus 13.13,14. Em quarto lugar, que assim como antigamente Deus residiu no Tabernáculo de Moisés, na *shekinah* entre os querubins, assim também agora Ele habita na natureza humana de Cristo, que agora é a verdadeira *shekinah*, o símbolo da presença peculiar de Deus. E nós devemos nos dirigir a Deus por meio de Cristo, e dele receber os oráculos divinos.

(2) Os raios da sua glória divina que se lançavam através deste véu de carne: "Vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". Assim como o sol, mesmo eclipsado ou nublado, ainda é a fonte de luz, também Cristo ainda era o brilho da glória do seu Pai, mesmo quando Ele residia entre nós, neste mundo inferior. E ainda que os judeus pensassem de modo desprezível sobre Ele, havia aqueles que viam através do véu. Observe:

[1] Quem eram as testemunhas desta glória: nós, seus discípulos e seguidores, que convivemos mais livremente e familiarmente com Ele. Nós, entre os quais Ele habitou. Outros homens revelam suas fraquezas àqueles com quem têm mais familiaridade, mas não foi assim com Cristo. Aqueles que tinham mais intimidade com Ele, viram principalmente sua glória. Como acontecia com sua doutrina, os discípulos conheciam seus mistérios,

ao passo que outros a recebiam sob o véu das parábolas, assim também acontecia com sua pessoa, eles viam a glória da sua divindade, ao passo que os outros viam somente o véu da sua natureza humana. Ele se manifestou a eles, e não ao mundo. Estas testemunhas formavam um número adequado, eram doze, um júri completo de testemunhas, homens sinceros e íntegros, e distantes de qualquer tipo de plano ou intriga.

[2] Que evidência eles tiveram dela: “Vimos”. Eles não tiveram sua evidência por um relato, em segunda mão, mas foram, eles mesmos, testemunhas oculares das provas sobre as quais construíram seu testemunho de que Ele era o Filho do Deus vivo: “Vimos”. A palavra significa uma visão permanente, que lhes proporcionava uma oportunidade de fazer suas observações. Este mesmo apóstolo explica isto: “O que vos anunciamos da Palavra da vida é o que temos visto com nossos olhos, e o que temos contemplado”, 1 João 1.1.

[3] Que a glória era: “como a glória do Unigênito do Pai”. A glória do Verbo feito carne foi uma glória como convinha ao Unigênito Filho de Deus, e não poderia ser a glória de ninguém, além dele. Observe, em primeiro lugar, que Jesus Cristo é o Unigênito do Pai. Os crentes são os filhos de Deus pela graça especial da adoção e pela graça especial da regeneração. Eles são, de certa forma, *homoiousioi – de uma natureza semelhante* (2 Pe 1.4), e têm a imagem das suas perfeições. Mas Cristo é *homousios – da mesma natureza*, e é a imagem expressa da sua pessoa, e o Filho de Deus, por geração eterna. Os anjos são filhos de Deus, mas Ele nunca disse a nenhum deles: “Hoje te gerei”, Hebreus 1.5. Em segundo lugar, Ele foi declarado como sendo o Unigênito do Pai por aquilo que foi visto da sua glória, quando habitou entre nós. Embora Ele estivesse sob a forma de servo, no que diz respeito às circunstâncias externas, ainda assim, no que diz respeito às graças, sua forma era como aquela do quarto homem no forno de fogo ardente, “semelhante ao filho dos deuses”. Sua glória divina aparecia na santidade e na divindade da sua doutrina. Nos seus milagres, que despertavam em muitos este reconhecimento, de que ele era o Filho de Deus. Ela aparecia na pureza, bondade e caridade de todos os seus relacionamentos. A bondade de Deus é sua glória, e Ele viveu fazendo o bem. Ele falava e agia, em tudo, como uma Divindade encarnada. Talvez o evangelista tivesse uma consideração especial pela glória da sua transfiguração, da qual ele tinha sido uma testemunha ocular. Veja 2 Pedro

1.16-18. Deus, ao chamá-lo de seu Filho Amado, em quem Ele se comprazia, sugeria que Ele era o Unigênito do Pai, mas a evidência completa disto foi dada na sua ressurreição.

[4] Que vantagem tinham aqueles entre os quais Ele habitava. Ele habitou entre eles, “cheio de graça e de verdade”. No antigo Tabernáculo, onde Deus habitava, havia a lei, neste havia a graça; naquele havia tipos, neste havia a verdade. O Verbo encarnado estava, de todas as maneiras, qualificado para sua missão de Mediador, pois Ele estava “cheio de graça e de verdade”, as duas grandes coisas de que os homens caídos necessitam. E isto evidenciava que Ele era o Filho de Deus, tanto quanto o divino poder e a divina majestade que se apresentavam nele. Em primeiro lugar, Ele tinha a plenitude de graça e da verdade para si mesmo. Ele tinha o Espírito sem medida. Ele era cheio de graça, completamente aceitável ao seu Pai, e, portanto, qualificado para interceder por nós; e cheio de verdade, completamente informado das coisas que Ele deveria revelar, e, portanto, adequado para nos instruir. Ele tinha uma plenitude de conhecimento e uma plenitude de compaixão. Em segundo lugar, Ele tinha a plenitude de graça e verdade para nós. Ele recebeu, para que pudesse dar, e Deus se comprazia nele, para que pudesse comprazer-se conosco, nele. E esta era a verdade da tipologia utilizada pelo Senhor.

O Testemunho de João a respeito de Cristo

vv. 15-18

Nestes versículos:

I O evangelista começa novamente a nos fornecer o testemunho de João Batista a respeito de Cristo, v. 15. Ele tinha dito (v. 8) que João Batista tinha vindo testificar. Agora, aqui, ele nos conta que ele realmente testificou. Aqui, observe:

1. Como ele expressou seu testemunho: ele clamou, de acordo com a predição de que ele seria a “voz do que clama”. Os profetas do Antigo Testamento clamavam, para mostrar às pessoas seus pecados. Este profeta do Novo Testamento clama, para mostrar ao povo seu Salvador. Isto sugere: (1) Que foi um testemunho público e aberto, proclamado, para que todos os

tipos de pessoas pudessem tomar conhecimento dele, pois todos têm interesse nele. Os falsos mestres seduzem secretamente, mas a sabedoria proclama seus ditados nos lugares de mais afluxo de público. (2) Que ele foi livre e sincero ao dar este testemunho. Ele gritou como alguém que era profundo conhecedor da verdade da qual testificava, e também influenciado por ela. Aquele que, no ventre da sua mãe, tinha saltado de alegria pela chegada de Cristo, recém-concebido, agora, com semelhante exultação de espírito, dá as boas-vindas à sua aparição pública.

2. Qual foi seu testemunho. Ele lembra o que tinha dito no início do seu ministério, quando tinha orientado o povo a esperar aquele que viria depois dele, de quem ele era o precursor, e nunca pretendeu nada além de levá-los até Ele, e preparar seu caminho. Disto, ele os tinha avisado desde o início. Observe que é muito consolador para um ministro ter o testemunho da sua consciência de que ele iniciou seu ministério com princípios honestos e intenções sinceras, visando somente a glória e a honra de Cristo. Agora, aquilo que ele tinha dito, ele aplica a este Jesus, a quem ele tinha batizado recentemente, e que tinha sido tão notavelmente reconhecido pelo céu: “Este era aquele de quem eu dizia”. João não diz ao povo que em breve apareceria alguém entre eles, e os abandona para que o descubram. Mas nisto, ele foi além de todos os profetas do Antigo Testamento, pois ele especificou especialmente a pessoa: “Este era aquele, o mesmo homem de quem eu lhes falei, e tudo o que eu disse se referia a Ele”. Mas, o que foi que ele disse?

(1) Ele tinha dado a prioridade a este Jesus: “O que vem depois de mim”, em relação à data do seu nascimento e da sua aparição pública, “é antes de mim”. “Aquele que me sucede, pregando e fazendo discípulos, é uma pessoa mais excelente, sob todos os aspectos”. Como o príncipe ou nobre que vem depois tem prioridade sobre o precursor ou cavalheiro que abre caminho para ele. Observe que Jesus Cristo, que seria chamado de “Filho do Altíssimo” (Lc 1.32), tinha prioridade sobre João Batista, que seria chamado somente de “profeta do Altíssimo”, Lucas 1.76. João era um ministro do Novo Testamento, mas Cristo era o Mediador do Novo Testamento. E observe que, embora João fosse um grande homem, e tivesse um grande nome e fosse alvo de muito interesse, ainda assim ele rapidamente deu a prioridade àquele a quem ela pertencia. Note que todos os ministros de Cristo devem dar prioridade a Ele e aos seus interesses,

antes de si mesmos, ou de seus próprios interesses. Terão uma má prestação de contas os que buscam o que é seu, e não o que é de Cristo, Filipenses 2.21. “Ele vem depois de mim, mas tem prioridade sobre mim”. Observe que Deus dispensa seus dons conforme sua vontade, e, muitas vezes, diferentemente do que se espera, como Jacó, que preferiu a mais jovem à mais velha. Paulo superou, em muito, aqueles que estavam em Cristo antes dele.

(2) Aqui ele dá uma boa razão para isto: “Porque [Ele] foi primeiro do que eu”, *protos mou en – Ele foi meu primeiro,* ou *primeiro do que eu*. Ele foi minha primeira Causa, meu original. O “Primeiro” é um dos nomes de Deus, Isaías 44.6. “Ele é primeiro do que eu, é meu primeiro”: [1] Em termos de superioridade: “Ele foi primeiro do que eu, pois antes que Abraão existisse, Ele já era Deus”, cap. 8.58. Na verdade, “Ele é antes de todas as coisas”, Colossenses 1.17. “Eu sou apenas de ontem, Ele é desde a eternidade”. Foi somente naqueles dias que apareceu João Batista (Mt 3.1), mas as aparições do nosso Senhor Jesus são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade, Miquéias 5.2. Isto prova duas naturezas em Cristo. Cristo, como homem, veio depois de João, no que se refere à sua aparição pública. Cristo, como Deus, era antes dele, e como poderia ser Cristo antes dele, exceto por uma existência eterna? [2] Em termos de supremacia: “Ele é meu príncipe”. Assim, alguns príncipes são chamados de “o primeiro”, *proton*. “É aquele para cujo serviço eu fui enviado, é meu Mestre, eu sou seu ministro e mensageiro”.

II Imediatamente, o evangelista volta a falar de Jesus Cristo, e não continua com o testemunho de João Batista, até o versículo 19. O versículo 16 tem uma correlação evidente com o versículo 14, onde o Verbo encarnado era descrito como cheio de graça e de verdade. Aqui, ele faz disto o objeto, não somente da nossa adoração, mas também das nossas graças, porque todos nós recebemos da sua plenitude. Ele recebeu dons para os homens (Sl 68.18), para que pudesse dar dons aos homens, Efésios 4.8. Ele estava cheio, para que pudesse encher a todos (Ef 1.23), para encher nossos tesouros, Provérbios 8.21. Ele tem uma fonte abundante de plenitude: “Todos nós recebemos”. “Todos nós, apóstolos”, segundo alguns comentaristas. Nós recebemos o privilégio deste apostolado, que é a graça, e uma adequação para ele, que é a verdade. Ou, mais exatamente: “Todos

nós, crentes", todos aqueles que o receberam (v. 16), e todos aqueles que receberam algo dele. Observe que todos os verdadeiros crentes recebem da plenitude de Cristo. Os melhores e maiores santos não podem viver sem Ele, os mais humildes e fracos devem viver por Ele. O fato de não termos nada, a menos que o recebamos, exclui a ostentação orgulhosa, e o fato de que nada nos faltará silencia os temores desconcertantes. Vejamos o que nós recebemos.

1. Nós recebemos "graça sobre graça". Tudo o que recebemos por Cristo é resumido nesta única palavra, graça. Nós recebemos *kai charin – a própria graça*, um presente tão grande, tão rico, tão inestimável. Nós recebemos nada menos que a graça. Este é um dom do qual se deve falar com ênfase. Ele é repetido, graça sobre graça, pois para cada pedra neste edifício, assim como para a primeira pedra, devemos clamar: "Graça, graça". Observe:

(1) A bênção recebida. É a "graça", a boa vontade de Deus para conosco, e a boa obra de Deus em nós. A boa vontade de Deus realiza a boa obra, e então a boa obra nos qualifica para outros símbolos da sua boa vontade. Como a cisterna recebe água da plenitude da fonte, os galhos retiram a seiva da plenitude da raiz, e o ar se ilumina da plenitude do sol, assim também nós recebemos graça da plenitude de Cristo.

(2) A maneira como ela é recebida: "Graça sobre graça" – *charin anti charitos*. A frase é singular, e os intérpretes atribuem-lhe sentidos diferentes, cada um dos quais será útil para exemplificar as inescrutáveis riquezas da graça de Cristo. "Graça sobre graça" indica: [1] A liberalidade desta graça. É graça pela graça, segundo Grotius. Nós recebemos graça, não por nós (é bom que saibamos disto), mas pelo Pai, porque pareceu bom aos seus olhos. É um dom segundo a graça, Romanos 12.6. É graça para nós pela graça de Jesus Cristo. Deus agradou-se de Jesus Cristo, e, portanto, agradou-se de nós, nele, Efésios 1.6. [2] A plenitude desta graça. "Graça sobre graça" é abundância de graça, graça sobre graça (segundo Camero), uma graça sobre outra, assim como pele sobre pele é uma pele depois de outra pele, e este conceito alcança até mesmo tudo o que o homem tem, Jó 2.4. É uma bênção derramada, e não haverá espaço para recebê-la, *plenteous redemption*, uma graça é um sinal de mais graça. José significa "Ele acrescenta". A plenitude com que somos preenchidos é tal, que é chamada de plenitude de Deus. Precisamos endireitar nosso coração para que possamos desfrutar da graça de Cristo de uma forma completa. [3] A

utilidade desta graça. “Graça sobre graça” é graça para a promoção e o avanço da graça. Graça a ser exercida por nós mesmos, hábitos graciosos por atos graciosos. Graça a ser ministrada a outros, concessões graciosas para desempenhos graciosos: graça é um talento a ser negociado. Os apóstolos receberam graça (Rm 1.5; Ef 3.8), para poderem administrá-la, 1 Pedro 4.10. [4] A substituição da graça do Novo Testamento no lugar da graça do Antigo Testamento, segundo Beza. E este sentido é confirmado pelo que está escrito a seguir (v. 17), pois o Antigo Testamento tinha a graça em tipo, e o Novo Testamento tem a graça em verdade. Havia uma graça sob o Antigo Testamento, e o Evangelho foi anunciado (Gl 3.8). Mas esta graça foi substituída, e nós temos, em seu lugar, a graça do Evangelho, uma glória excelente, 2 Coríntios 3.10. As revelações da graça são agora mais claras, e as distribuições de graça são muito mais abundantes. Esta é a graça no lugar em que a graça deve estar. [5] Ela traduz o acréscimo e a continuidade da graça. “Graça sobre graça” é uma graça para aprimorar, confirmar e aperfeiçoar outra graça. Nós somos transformados na imagem divina, de glória em glória, de um grau de graça gloriosa a outro, 2 Coríntios 3.18. Aqueles que têm a verdadeira graça recebem ainda mais graça, Tiago 4.6. Quando Deus concede sua graça, Ele diz: “Por enquanto, receba-a em parte”, pois aquele que prometeu jamais falhará. [6] Ela traduz a afabilidade e a conformidade da graça nos santos em relação à graça que está em Jesus Cristo, segundo Sr. Clark. Graça sobre graça é graça em nós, em resposta à graça nele, assim como a impressão sobre a cera corresponde ao selo linha por linha. A graça que nós recebemos de Cristo transforma-nos na mesma imagem (2 Co 3.18), na imagem do Filho (Rm 8.29), na imagem do celestial, 1 Coríntios 15.49.

2. Nós recebemos graça e verdade, v. 17. Ele tinha dito (v. 14) que Cristo era cheio de graça e de verdade. Agora, aqui, ele diz que, por meio dele, graça e verdade vêm a nós. De Cristo, nós recebemos a graça. Esta é uma corda de uma harpa que Ele se alegra em tocar, e Ele não pode deixar de tocá-la. Duas coisas adicionais são observadas neste versículo, a respeito desta graça: (1) Sua preferência sobre a lei de Moisés: “A lei foi dada por Moisés”, e foi uma revelação gloriosa tanto da vontade de Deus para o homem como da sua boa vontade para com o homem. Mas o Evangelho de Cristo é uma revelação muito mais clara, tanto de dever quanto de felicidade. Pois aquilo que foi dado por Moisés era puramente aterrorizador

e ameaçador, e vinculado por punições, uma lei que não podia dar vida, que era dada em abundante terror (Hb 12.18). Mas o que foi dado por Jesus Cristo é de outra natureza, e tem todos os usos benéficos da lei, mas não o terror, pois é graça, graça que ensina (Tt 2.11), graça que reina, Romanos 5.21. É uma lei, mas uma lei reparadora. Os fundamentos do Evangelho são a ternura e o amor, e não os terrores da lei e a maldição. (2) Sua conexão com a verdade: graça e verdade. No Evangelho, temos a revelação das maiores verdades a serem aceitas pelo entendimento, como também da maior graça a ser aceita pela vontade e pelos afetos. São palavras fiéis e merecedoras de toda a aceitação, isto é, é graça e verdade. As ofertas de graça são sinceras, e a elas nós podemos confiar nossas almas. Elas são sérias, pois trata-se de graça e de verdade. É graça e verdade com referência à lei que foi dada por Moisés. Pois é: [1] O cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento. No Antigo Testamento, encontramos sempre a misericórdia e a verdade juntas, isto é, misericórdia segundo a promessa. Também aqui, a graça e a verdade juntas significam graça segundo a promessa. Veja Lucas 1.72; 1 Reis 8.56. [2] A essência de todos os tipos e sombras do Antigo Testamento. Havia um pouco de graça, tanto nas ordenanças que foram instituídas para Israel, quanto nas providências que tiveram lugar a respeito de Israel. Mas eram apenas sombras das boas coisas que viriam, até mesmo da graça que nos seria trazida pela revelação de Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro Cordeiro Pascal, o verdadeiro bode expiatório, o verdadeiro maná. Eles tinham a graça como um quadro pintado por um artista hábil, nós temos a graça em pessoa, isto é, a graça e a verdade. “A graça e a verdade vieram”, *egeneto – fizeram-se.* Esta é a mesma expressão que foi usada (v. 3) a respeito da criação de todas as coisas por Cristo. O conhecimento da lei foi trazido por intermédio de Moisés, mas a revelação da graça e da verdade, bem como a oportunidade de experimentarmos estas preciosas virtudes, deve-se a Jesus Cristo. Esta obra foi feita por Ele, assim como o mundo, no princípio, e é através dele que esta graça e verdade ganham sua consistência.

3. Outra coisa que recebemos de Cristo é uma clara revelação de Deus a nós (v. 18): Ele nos declarou Deus, a quem nenhum homem tinha visto, em nenhuma ocasião. Esta era a graça e verdade que vinham por Cristo, o conhecimento de Deus e um relacionamento com Ele. Observe:

(1) A insuficiência de todas as outras revelações: “Deus nunca foi visto por alguém”. Isto sugere: [1] Que a natureza de Deus, sendo espiritual, torna-o invisível aos olhos físicos, e assim Ele é um ser que ninguém viu, nem pode ver, 1 Timóteo 6.16. Portanto, temos a necessidade de viver pela fé, pela qual vemos aquele que é invisível, Hebreus 11.26. [2] Que a revelação que Deus fez de si mesmo no Antigo Testamento foi muito breve e imperfeita, em comparação com a que Cristo fez dele: “Deus nunca foi visto por alguém”, isto é, o que era visto e sabido a respeito de Deus, antes da encarnação de Cristo, não era nada em comparação com o que agora é visto e conhecido. A vida e a imortalidade são trazidas com uma luz muito mais clara do que antes. [3] Que nenhum dos profetas do Antigo Testamento estava tão qualificado para fazer conhecidas a mente e a vontade de Deus aos filhos dos homens como nosso Senhor Jesus estava, pois nenhum deles tinha visto a Deus, em nenhuma ocasião. Moisés viu a semelhança do Senhor (Nm 12.8), mas foi-lhe dito que não poderia ver sua face, Êxodo 33.20. Porém, há um fato que nos recomenda a santa religião de Cristo, que ela foi fundada por alguém que tinha visto a Deus, e conhecia mais seu pensamento do que qualquer outra pessoa jamais conheceu.

(2) A completa suficiência da revelação do Evangelho, provada pelo seu autor: “O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer”. Observe aqui:

[1] O Senhor Jesus era a pessoa mais indicada para fazer esta revelação, e estava absolutamente qualificado para isto. Ele, e somente Ele, é digno de tomar o livro e de abrir seus selos, Apocalipse 5.9. Pois, em primeiro lugar, Ele é o Filho Unigênito, e quem poderia conhecer o Pai como o Filho? Ou por quem o Pai é mais bem conhecido, senão pelo Filho? Mateus 11.27. Ele é da mesma natureza que o Pai, e, sendo assim, quem o vê, vê o Pai, cap. 14.9. O servo não sabe o que faz seu Senhor tão bem quanto o Filho, cap. 15.15. Moisés era fiel como servo, mas Cristo é fiel como Filho. Em segundo lugar, Ele está no seio do Pai. Ele tinha estado no seu seio desde a eternidade. Quando Ele estava aqui, sobre a terra, ainda assim, como Deus, Ele estava no seio do Pai, e para lá Ele retornou, quando ascendeu. “No seio do Pai”, isto é: 1. No seio do seu amor especial, amado por aquele em quem Ele se comprazia, sendo sempre suas delícias. Todos os santos de Deus estão nas suas mãos, mas seu Filho estava no seu seio, e, portanto, no grau mais elevado em termos de amor. 2. No seio dos seus conselhos secretos.

Assim como havia uma complacência mútua, também havia uma consciência mútua entre o Pai e o Filho (Mt 11.27). Ninguém é tão adequado quanto o Senhor Jesus para tornar Deus, o Pai, conhecido, pois ninguém conhecia seu pensamento como Ele. Nós costumamos dizer que nossos conselhos sagrados estão ocultos no nosso seio (*in pectore*). Cristo tem um acesso privado aos conselhos do seio do Pai. Os profetas se sentariam aos seus pés como alunos, porém Cristo está no seio de Deus, o Pai, como um amigo. Veja Efésios 3.11.

[2] Com que liberdade o Senhor Jesus fez esta revelação: Ele fez conhecer. O pronome "o" não está no texto original. Ele divulgou, a respeito de Deus, aquilo que nenhum homem tinha visto ou sabido, em nenhuma ocasião. Não somente o que estava oculto a respeito de Deus, mas o que estava oculto em Deus (Ef 3.9), *exegesato* – significa uma revelação clara e plena, não por indicações gerais e duvidosas, mas por explicações particulares. Até mesmo aquele que está correndo pode, agora, ler sobre a vontade de Deus e o caminho da salvação. Estas são a graça e a verdade, que vieram através de Jesus Cristo.

O Testemunho de João a respeito de Cristo. João É Interrogado pelos Sacerdotes

vv. 19-28

Aqui temos o testemunho de João, que ele transmitiu aos mensageiros enviados de Jerusalém para interrogá-lo. Observe aqui:

I Quem enviou, e quem foi enviado a João: 1. Aqueles que enviaram foram os judeus de Jerusalém, o grande Sinédrio, ou tribunal supremo, cuja sede estava em Jerusalém. Este tribunal era o representante da religião judaica, e tomava conhecimento de todas as questões relacionadas à religião. Poderíamos pensar que aqueles que eram as fontes de conhecimento, e os guias da igreja, deveriam, por livros, ter compreendido os tempos tão bem, a ponto de saber que o Messias era chegado, e, por isto, deveriam imediatamente ter conhecido aquele que era seu precursor, e prontamente deveriam tê-lo aceito. Mas, em vez disto, eles enviaram mensageiros para interrogá-lo. O aprendizado secular, a honra e o poder

raramente tornam as mentes dos homens dispostas à recepção da luz divina. 2. Os que foram enviados eram: (1) “Sacerdotes e levitas”, provavelmente membros do conselho, homens de erudição, seriedade e autoridade. João Batista era também um sacerdote da semente de Arão, e, portanto, não era adequado que ele fosse interrogado por ninguém, exceto sacerdotes. A respeito do ministério de João, foi profetizado que ele purificaria os Filhos de Levi (Ml 3.3), e por isto eles tinham inveja dele e da sua reforma. (2) Eles eram dos “fariseus”, orgulhosos, juízes de si mesmos, que pensavam não precisar de arrependimento, e por isto não podiam suportar alguém cujo ofício era pregar o arrependimento.

II Em que missão foram enviados: para perguntar sobre João e seu batismo.

Eles não tinham ordenado que levassem João até eles, provavelmente porque temiam o povo, para que o povo, onde João estava, não fosse provocado a um tumulto, ou para que as pessoas onde eles estavam não fossem levadas a conhecê-lo. Eles acreditavam que era bom mantê-lo à distância. Eles investigaram sobre ele: 1. Para satisfazerem sua curiosidade. Como os atenienses inquiriram a respeito da doutrina de Paulo, pelo seu aspecto de novidade, Atos 17.19,20. Tal era o convencimento orgulhoso que eles tinham a seu próprio respeito, que a doutrina do arrependimento lhes era uma doutrina estranha. 2. Para mostrarem sua autoridade. Eles pensaram que pareceriam importantes quando o convocassem para dar explicações, quando inquirissem aquele a quem todos os homens consideravam como profeta, e o denunciassem no seu tribunal. 3. Foi com um desígnio de contê-lo e silenciá-lo, se encontrassem algum fundamento para isto, pois eles sentiam inveja do crescente interesse que ele despertava, e seu ministério não estava de acordo, nem com a dispensação mosaica, sob a qual eles tinham estado durante muito tempo, nem com as noções que eles tinham formado sobre o reino do Messias.

III Qual foi a resposta que ele lhes deu, e sua explicação, tanto de si mesmo quanto do seu batismo, nas quais ele testificou de Cristo.

1. A respeito de si mesmo, e o que ele professou ser. Eles lhe perguntaram: *Sy tis ei – Quem és*? A aparição de João no mundo foi uma surpresa. Ele esteve no deserto até o dia em que se apresentou a Israel. Seu espírito, suas palavras, sua doutrina tinham algo que exigia e obtinha

respeito, mas ele não aparentava, como fazem os enganadores, ser alguém grandioso. Ele estava mais empenhado em fazer o bem do que em parecer grandioso, e, portanto, evitava dizer qualquer coisa a seu respeito, até que foi legalmente interrogado. Falam melhor por Cristo aqueles que menos falam de si mesmos, cujas próprias obras, e não seus próprios lábios, são seus elogios. Ele responde ao seu interrogatório:

(1) De forma negativa. Ele não era aquele grandioso que alguns pensavam que ele era. As testemunhas fiéis de Deus levantam mais sua guarda contra o respeito indevido do que contra o desprezo injusto. Paulo escreve tão calorosamente contra aqueles que o supervalorizavam, e diziam: "Eu sou de Paulo", como contra aqueles que o subvalorizavam, e diziam que sua presença corpórea era fraca, e ele rasgou suas vestes quando foi chamado de deus. [1] O próprio João nega ser o Cristo (v. 20). Ele disse: "Eu não sou o Cristo", que agora era tão esperado. Observe que os ministros de Cristo devem se lembrar de que não são Cristo, e por isto não devem usurpar seus poderes e suas prerrogativas, nem receber os louvores devidos somente a Ele. Eles não são Cristo, e por isto não devem ter soberania sobre a herança de Deus, nem pretender um domínio sobre a fé dos cristãos. Eles não podem criar graça ou paz. Eles não podem iluminar, converter, restaurar ou consolar, pois eles não são Cristo. Observe com que ênfase isto está aqui expresso a respeito de João: "Confessou e não negou; confessou". Isto evidencia sua veemência e fidelidade ao fazer este protesto. Observe que as tentações para orgulhar-nos, e recebermos a honra que não nos pertence, devem ser resistidas com uma grande dose de vigor e sinceridade. Quando João foi considerado o Messias, ele não foi conivente com isto, com um *Si populus vult decipi, decipiatur – Se as pessoas quiserem ser enganadas, que sejam*. Mas, abertamente e solenemente, sem nenhuma ambigüidade, ele confessou: "Eu não sou o Cristo". *Hoti ouk eimi ego ho Christos – Eu não sou o Cristo, não eu.* "Há outro que é chegado, e é Ele, mas eu não sou". O fato dele ter negado que era o Cristo foi classificado como uma confissão, e não como uma negação de Cristo. Observe que aqueles que se humilham, desta maneira, confessam a Cristo, e dão honra a Ele, mas aqueles que não negam a si mesmos, na verdade, negam a Cristo. [2] Ele próprio nega ser Elias, v. 21. Os judeus esperavam que Elias voltasse do céu, e vivesse entre eles, e prometeram a si mesmos grandes coisas quando isto acontecesse. Ouvindo a respeito do caráter de João, da sua doutrina e

do seu batismo, e observando que ele apareceu como alguém vindo do céu, na mesma região do país da qual Elias foi levado ao céu, não é de admirar que eles estivessem prontos a tomá-lo por este Elias. Mas João também recusou esta honra. Ele, na verdade, havia sido profetizado sob o nome de Elias (Ml 4.5), e ele veio no espírito e virtude de Elias (Lc 1.17), e era o Elias que havia de vir (Mt 11.14), mas ele não era a pessoa de Elias, nem aquele Elias que subiu ao céu em um carro de fogo, aquele que encontrou a Cristo na sua transfiguração. Ele era o Elias que Deus tinha prometido, não o Elias sobre o qual eles tinham, tolamente, sonhado. Elias já veio, e não o conheceram (Mt 17.12). Ele nem se fez conhecer como sendo Elias, porque eles tinham prometido a si mesmos um Elias completamente diferente daquele que Deus lhes havia prometido. [3] Ele nega ser aquele profeta, ou o profeta. Em primeiro lugar, ele não era aquele profeta que Moisés disse que o Senhor levantaria do meio dos seus irmãos, semelhante a ele. Se eles se referiam a isto, não precisavam fazer esta pergunta, pois este profeta mencionado por Moisés era o Messias, e João já tinha dito: “Eu não sou o Cristo”. Em segundo lugar, ele não era um profeta como eles esperavam e desejavam, que, como Samuel e Elias, e alguns dos outros profetas, interferiria nas questões públicas, e os libertaria do jugo romano. Em terceiro lugar, ele não era um dos antigos profetas ressuscitado, como esperavam, alguém que viesse antes do Messias, e que fosse como Elias. Em quarto lugar, embora João fosse um profeta, na verdade mais do que um profeta, ele tinha tido sua revelação, não por sonhos e visões, como os profetas do Antigo Testamento tiveram as suas. Sua comissão e obra eram de outra natureza, e pertenciam a outra revelação. Se João tivesse dito que era Elias, e que era um profeta, ele poderia ter provado suas palavras, mas os ministros devem, em todas as ocasiões, expressar-se com extremo cuidado, tanto para não confirmar as pessoas em nenhum engano, como, especialmente, para que não dêem oportunidade para que ninguém pense, a seu respeito, além do que é devido.

(2) De forma afirmativa. O comitê que foi enviado para interrogá-lo insistiu em uma resposta afirmativa (v. 22), insistindo na autoridade daqueles que os tinham enviado, aos quais eles esperavam que ele mostrasse alguma honra: “‘Diga-nos: Quem és?’ Não para que possamos crer, e ser batizados por ti, mas para que demos resposta àqueles que nos enviaram, e que não se diga que fomos enviados em uma missão tola”. João

era considerado um homem sincero, portanto, eles acreditavam que ele não daria uma resposta evasiva ou ambígua, mas seria justo e autêntico, e daria uma resposta clara a uma pergunta clara: “Que dizes de ti mesmo?” E ele fez assim: “Eu sou a voz do que clama no deserto”. Observe:

[1] Ele dá sua resposta com as palavras das Escrituras, para mostrar que as Escrituras se cumpriam nele, e que seu trabalho era sustentado por uma autoridade divina. Aquilo que as Escrituras dizem sobre o ofício do ministério deve estar sempre no pensamento daqueles que têm esta elevada vocação, que devem se considerar como aquilo, e somente aquilo, que a Palavra de Deus os torna.

[2] Ele dá sua resposta com expressões muito humildes, modestas e abnegadas. Ele decide aplicar a si mesmo as Escrituras que evidenciam não sua dignidade, mas seu dever e dependência, que dão alguns indícios a seu respeito: “Eu sou a voz”, como se ele fosse *vox et praeterea nihil – uma mera voz.*

[3] Ele dá tal explicação de si mesmo de modo que seja proveitosa para eles, e possa estimulá-los e despertá-los a ouvi-lo, pois ele era a voz (veja Is 40.3), uma voz para despertar, uma voz expressiva para instruir. Os ministros são apenas a voz, o veículo, pelo qual Deus se agrada em transmitir seu pensamento. O que o apóstolo Paulo e Apolo são, senão mensageiros? Observe que, em primeiro lugar, Ele é uma voz humana. As pessoas estavam preparadas para receber a lei pela voz de trovões, e uma trombeta excessivamente alta, de modo a fazê-las tremer. Mas elas foram preparadas para o Evangelho pela voz de um homem como nós, uma voz “mansa e delicada”, como aquela com que Deus veio a Elias, 1 Reis 19.12. Em segundo lugar, Ele é a voz do que clama, o que evidencia: (1) Sua veemência e insistência ao chamar o povo ao arrependimento. Ele clamava, e não se poupava. Os ministros devem pregar com seriedade, e como aqueles que estão tocados, eles mesmos, por aquelas coisas com as quais desejam tocar os outros. As palavras que se congelam entre os lábios de quem fala certamente não derreterão os corações dos ouvintes. (2) Sua divulgação aberta da doutrina que ele pregava. Ele era a voz do que clama, para que todos os tipos de pessoas pudessem ouvir e perceber. “Não clama, porventura, a Sabedoria?” (Pv 8.1). Em terceiro lugar, era no deserto que esta voz clamava, em um lugar de silêncio e solidão, fora do ruído do mundo e da pressa dos negócios. Quanto mais retirados do tumulto dos

assuntos seculares estivermos, mais preparados estaremos para ouvir a respeito de Deus. Em quarto lugar, o que ele clamava era: “Endireitai o caminho do Senhor”. Isto é: 1. Ele veio para corrigir os enganos do povo a respeito dos caminhos de Deus. É certo que são caminhos retos, mas os escribas e fariseus, com seus acréscimos corruptos à lei, os tinham tornado tortos. Agora, João Batista conclama as pessoas ao retorno à regra original. 2. Ele veio para preparar e predispor as pessoas para a recepção de Cristo e do seu Evangelho. Esta é uma alusão aos arautos de um príncipe ou nobre, que clamam: “Abram caminho”. Observe que quando Deus vem em nossa direção, nós devemos nos preparar para recebê-lo, e deixar que a palavra do Senhor tenha caminho livre. Veja Salmos 24.7.

2. Aqui está seu testemunho a respeito do seu batismo.

(1) A pergunta que o comitê lhe fez a respeito do seu batismo: “Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” v. 25. [1] Eles prontamente entenderam que o batismo era usado adequadamente como uma cerimônia ou rito sagrado, pois a igreja judaica o tinha usado com a circuncisão na admissão de prosélitos, para indicar sua purificação das contaminações no seu estado anterior. Alguns pensam que este símbolo foi usado na igreja cristã para que ela pudesse ser mais aceitável. Mas não devemos nos esquecer de que o batismo foi instituído pelo próprio Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19). Ele não se influenciava pelas inovações, e seus ministros também não devem se influenciar por elas. [2] Eles esperavam que ele fosse usado nos tempos do Messias, porque havia a promessa de que então haveria uma fonte aberta (Zc 13.1), e água pura seria espalhada (Ez 36.25). Aceita-se como fato verdadeiro que Cristo, e Elias, e aquele profeta batizariam, quando viessem para purificar um mundo corrompido. A justiça divina tinha afogado o mundo antigo na sua imundícia, mas a graça divina tinha possibilitado que este novo mundo se limpasse da sua sujeira. [3] Eles desejavam, por isto, saber com que autoridade João batizava. O fato de que ele negasse ser Elias, ou aquele profeta, sujeitou-o a esta pergunta adicional: “Por que batizas?” Observe que não é novidade que a humildade de um homem se volte contra ele, e contribua para o preconceito contra ele. Mas é melhor que os homens se aproveitem dos nossos pensamentos humildes a nosso próprio respeito, para nos espezinhar, do que o Diabo se aproveite dos nossos pensamentos elevados a nosso próprio respeito, para nos tentar ao orgulho e nos arrastar à mesma

condenação que ele sofrerá.

(2) A explicação que ele deu a respeito do seu batismo, vv. 26,27.

[1] Ele reconhecia ser somente o ministro do sinal exterior: “Eu batizo com água”, e isto é tudo. “Eu não sou nada, e não faço nada além daquilo que vocês podem ver; eu não tenho outro título, além de João Batista; eu não posso conceder a graça espiritual que o batismo representa”. Paulo preocupou-se que ninguém pensasse dele mais do que viam que ele era (2 Co 12.6). Assim era João Batista. Os ministros não devem parecer ser mestres.

[2] Ele indicou-lhes aquele que era maior do que ele mesmo, e que faria por eles, se eles assim o desejassem, o que ele não podia fazer: “Eu batizo com água, e este é o máximo alcance da minha comissão. Eu não tenho nada a fazer, exceto, com isto, conduzir vocês até aquele que vem após mim, e confiá-los a Ele”. Observe que a maior tarefa dos ministros de Cristo é conduzir todas as pessoas a Ele. Nós não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor. João deu a este comitê a mesma explicação que ele tinha dado ao povo (v. 15): “Este era aquele de quem eu dizia”. João era constante e uniforme no seu testemunho, não como uma cana agitada pelo vento. O Sinédrio tinha inveja do interesse que ele despertava no povo, mas ele não tem receio de dizer-lhes que há alguém, à porta, que irá além dele. Em primeiro lugar, ele lhes fala da presença de Cristo, entre eles, agora, nesta época: “No meio de vós, está um a quem vós não conheceis”. Cristo estava no meio das pessoas comuns, e era uma delas. Observe: 1. Há muita coisa realmente importante oculta neste mundo. A obscuridade é freqüentemente o que cabe à excelência verdadeira. Os santos são os protegidos de Deus (Sl 83.3), de modo que o mundo não os conhece. 2. O próprio Deus freqüentemente está mais próximo de nós do que temos consciência. “O Senhor está neste lugar, e eu não o sabia”. Eles observavam, na expectativa do Messias: “Ei-lo aqui!” ou: “Ei-lo ali!”, quando o reino de Deus já estava entre eles, Lucas 17.21. Em segundo lugar, ele lhes fala da superioridade de Cristo sobre si mesmo: Ele “vem após mim” e “foi antes de mim”. Isto ele tinha dito anteriormente. Aqui, ele acrescenta: “Do qual eu não sou digno de desatar as correias das sandálias”. “Eu não sou digno de ser mencionado no mesmo dia em que Ele. É uma honra grande demais para mim pretender exercer o trabalho mais humilde para Ele”, 1 Samuel 25.41. Aqueles para quem Cristo é precioso,

consideram seu serviço a Ele, até mesmo as tarefas mais desprezíveis, como uma honra para si mesmos. Veja Salmos 84.10. Se um homem tão grandioso como João se considerava indigno da honra de estar próximo a Cristo, como indignos, então, de tamanha honra, nós deveríamos nos considerar! Poderíamos pensar que estes principais dos sacerdotes e fariseus, depois desta indicação a respeito da chegada e da proximidade do Messias, deveriam imediatamente ter perguntado quem era esta excelente pessoa, e onde estava. E quem melhor poderia dizer-lhes, do que aquele que lhes tinha dado este aviso? Não, eles não pensaram que isto fizesse parte dos seus interesses ou de suas preocupações. Eles tinham vindo para perturbar João, e não para receber nenhuma instrução dele, de modo que sua ignorância era voluntária. Eles podiam ter conhecido a Cristo, e não quiseram.

Finalmente, é mencionado o lugar onde tudo isto aconteceu: “Em Betânia, do outro lado do Jordão”, v. 28. Betânia quer dizer “casa de passagem”. Alguns pensam que era o mesmo lugar onde Israel transpôs o Jordão, rumo à terra prometida, sob a liderança de Josué. Estava aberto o caminho para a nação do Evangelho, por Jesus Cristo. Havia uma grande distância até Jerusalém, do outro lado do Jordão. Provavelmente João pregasse aqui porque o que ele fizesse aqui seria menos ofensivo para o governo. Amós deve ir profetizar no interior, não perto da corte. Mas era triste que Jerusalém afastasse tanto de si as coisas que pertenciam à sua paz. Ele fez esta confissão no mesmo lugar onde estava batizando, para que todos os que buscavam seu batismo pudessem ser testemunhas dela, e ninguém pudesse dizer que não sabia o que pensar dele.

O Testemunho de João a respeito de Cristo

vv. 29-36

Nestes versículos, temos um relato do testemunho de João a respeito de Jesus Cristo, quando deu testemunho aos seus próprios discípulos, que o seguiam. Imediatamente depois de ter sido batizado, Cristo foi rapidamente ao deserto, para ser tentado. E ali esteve durante quarenta dias. Durante sua ausência, João tinha continuado a testificar dele, e a falar ao povo sobre Ele, mas agora, por fim, ele viu a Jesus, que vinha para ele, retornando do

deserto da tentação. Depois de terminado o conflito, Cristo retornou imediatamente a João, que estava pregando e batizando. Cristo foi tentado para nos dar um exemplo e incentivo. E isto nos ensina: 1. Que as dificuldades de uma condição de tentação devem nos incentivar a nos aproximarmos das ordenanças, a entrarmos no santuário de Deus, Salmos 73.17. Nossos combates com Satanás devem nos estimular a nos aproximarmos da comunhão dos santos. Dois são melhores do que um. 2. Que as honras de uma situação vitoriosa não devem nos colocar acima das ordenanças. Cristo tinha triunfado sobre Satanás, e tinha sido auxiliado por anjos, e, ainda assim, depois de tudo, Ele retorna ao lugar onde João estava pregando e batizando. Enquanto nós estivermos deste lado do céu, quaisquer que sejam as visitas extraordinárias da graça divina que possamos ter, em qualquer ocasião, nós ainda devemos nos aproximar dos meios comuns de graça e consolo, e andar com Deus neles. Aqui estão dois testemunhos dados por João a respeito de Cristo, mas os dois significam a mesma coisa.

I Aqui está seu testemunho a respeito de Cristo, no primeiro dia, quando o viu retornando do deserto. E aqui ele testifica quatro coisas a respeito de Cristo, quando o teve diante de seus olhos:

1. Que Ele é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, v. 29. Aqui, aprendemos:

(1) Que Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, o que evidencia que Ele é o grande sacrifício, por cujo intermédio é feita a expiação dos pecados, e o homem se reconcilia com Deus. Entre todos os sacrifícios legais, ele decide fazer alusão aos cordeiros que eram ofertados, não somente porque o cordeiro é um símbolo de mansidão, e Cristo deve ser conduzido como um cordeiro para o matadouro (Is 53.7), mas com uma referência especial: [1] Ao sacrifício diário, que era oferecido todas as manhãs e todas as tardes, continuamente, e que era sempre um cordeiro (Êx 29.38), que era um tipo de Cristo, como a propiciação duradoura, cujo sangue fala continuamente. [2] Ao cordeiro pascal, cujo sangue, sendo espargido sobre a verga das portas, protegeu os israelitas do ataque do anjo destruidor. Cristo é nossa Páscoa, 1 Coríntios 5.7. Ele é o Cordeiro de Deus. Ele foi designado por Deus (Rm 3.25), Ele é dedicado a Ele (cap. 17.19), e Ele é aceito por Ele. Deus se compraz neste precioso Cordeiro. A sorte que caiu sobre o bode

que seria oferecido para expiação do pecado foi chamada de “sorte pelo Senhor” (Lv 16.8,9). Também Cristo, que faria a expiação definitiva do pecado, é chamado de Cordeiro de Deus.

(2) Que Jesus Cristo, como o Cordeiro de Deus, tira o pecado do mundo. Esta era sua missão. Ele manifestou-se “para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”, Hebreus 9.26. João Batista tinha convocado as pessoas para que se arrependessem dos seus pecados, para sua remissão. Aqui ele mostra como, e por intermédio de quem, esta remissão devia ser esperada, qual base para esperança nós temos de que nossos pecados serão perdoados com nosso arrependimento, embora nosso arrependimento não os compense. Nós temos esta base de esperança – Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus. [1] Ele tira o pecado. Sendo o Mediador entre Deus e o homem, Ele tira o que é, acima de qualquer coisa, ofensivo à santidade de Deus, e destrutivo à felicidade do homem. Ele veio, em primeiro lugar, para remover a culpa pelo pecado através do mérito da sua morte, para cancelar o julgamento e reverter a desonra e a condenação, sob as quais a humanidade se encontrava, através de um ato indenizatório, cujo benefício todos os crentes penitentes e obedientes podem reivindicar. Em segundo lugar, para remover o poder do pecado, pelo Espírito da sua graça, de modo que ele não tenha domínio sobre nós, Romanos 6.14. Cristo, como o Cordeiro de Deus, lava-nos dos nossos pecados com seu próprio sangue. Isto é, Ele nos justifica e, ao mesmo tempo, nos santifica, Ele tira o pecado. Ele está *ho airon – Ele está removendo* o pecado do mundo, o que indica não um ato isolado, mas um ato contínuo. Tirar o pecado é seu trabalho e ofício constante, o que é um trabalho de tempo, que jamais será completado até que não haja mais tempo. Ele está sempre tirando o pecado, pela contínua intercessão do seu sangue no céu, e pela contínua influência da sua graça na terra. [2] Ele tira o pecado do mundo. Ele comprou o perdão para todos aqueles que se arrependem, e crêem no Evangelho, não importando a qual país, nação ou língua pertençam. Os sacrifícios legais faziam referência somente aos pecados de Israel, para expiá-los, mas o Cordeiro de Deus foi oferecido como propiciação dos pecados de todo o mundo. Veja 1 João 2.2. Isto é encorajador para nossa fé. Se Cristo tira o pecado do mundo, então por que não tirará meu pecado? Cristo direcionou sua força ao corpo principal do exército do pecado, e golpeou sua raiz visando a derrubada de toda aquela maldade em que o mundo inteiro se encontrava.

Nele, Deus estava reconciliando o mundo com Ele mesmo. [3] Ele faz isto assumindo o pecado sobre si mesmo. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Várias traduções da Bíblia Sagrada trazem esta anotação em sua margem. Ele tomou sobre si nossos pecados, e, sendo assim, Ele o remove da nossa vida. Ele suportou o pecado de muitos, assim como o bode expiatório teve os pecados de Israel colocados sobre sua cabeça, Levítico 16.21. Deus poderia ter tirado o pecado tirando o pecador, que era a forma que Ele utilizava para tirar o pecado no mundo antigo. Mas Ele providenciou uma maneira de eliminar o pecado e poupar o pecador, tornando seu próprio Filho pecado por nós.

(3) Que é nosso dever, com olhos de fé, observar o Cordeiro de Deus removendo assim o pecado do mundo. Veja-o tirando o pecado, e permita que cresça o ódio que sentimos do pecado, e nossa determinação contra ele. Não nos apeguemos àquilo que o Cordeiro de Deus veio para remover, pois Cristo irá remover nossos pecados, ou a nós. Que cresça nosso amor por Cristo, que nos amou, e que em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, Apocalipse 1.5. Seja o que for que Deus se compraz em remover de nós, se além disto Ele remover nossos pecados, nós teremos razão para sermos gratos, e não teremos motivos para reclamar.

2. Que este era aquele de quem ele tinha falado antes (vv. 30,31): “Este é aquele, esta pessoa a quem eu aponto agora, vocês podem ver onde Ele está, este é aquele do qual eu disse: Após mim vem um homem”. Observe: (1) João teve esta honra acima de todos os profetas, pois, enquanto eles falavam dele como alguém que viria, Ele o viu já chegado. “Este é aquele”. Ele o vê agora, o vê de perto, Números 24.17. Esta é a diferença que existe entre a fé atual e a visão futura. Agora nós amamos àquele a quem não vimos. Então nós veremos àquele a quem nossas almas amam, nós o veremos e diremos: “Este é aquele do qual eu disse, meu Cristo, e meu tudo, meu Amado, e meu Amigo”. (2) João chama a Cristo de homem: “Após mim vem um homem” – *aner*, um *homem forte*, como o homem, o Renovo, ou o homem que está à direita de Deus. (3) Ele faz referência ao que ele mesmo tinha dito antes sobre Cristo: “Este é aquele do qual eu disse”. Observe que aqueles que disseram as coisas mais honrosas a respeito de Cristo, nunca terão motivos para retirar o que disseram, mas quanto mais o conhecerem, mais serão confirmados na avaliação que fazem dele. João ainda pensa tão humildemente sobre si mesmo, e de uma forma

tão elevada a respeito de Cristo, como sempre. Embora Cristo não aparecesse com nenhuma pompa externa, ou grandeza, ainda assim João não se envergonha de reconhecer: “Este é aquele [que] era primeiro do que eu”. E era necessário que João lhes apresentasse a pessoa de Cristo desta forma, pois, de outra maneira, eles não teriam acreditado que alguém que tinha uma aparência tão humilde pudesse ser aquele de quem João tinha dito coisas tão grandes. (4) Ele protesta quanto à coligação ou combinação com este Jesus: “E eu não o conhecia”. Embora houvesse algum parentesco entre eles (Isabel era prima de Maria), ainda assim eles não se conheciam. João não conhecia Jesus pessoalmente, até que o viu vindo para seu batismo. Seus estilos de vida tinham sido diferentes. João tinha passado seu tempo no deserto, no isolamento. Jesus, em Nazaré, em um intercâmbio social constante. Não houve correspondência, nem encontros entre eles, para que ficasse claro que o assunto estava sendo completamente realizado pela orientação e disposição do Céu, e não por qualquer desígnio ou concerto das próprias pessoas. E da mesma maneira como ele negou conluio, também negou parcialidade e desonestidade a este respeito. João não poderia ser considerado como alguém que estivesse favorecendo o Senhor Jesus como um amigo, pois não havia amizade nem familiaridade entre eles. Na verdade, assim como ele não poderia ser levado a falar honrosamente a respeito do Senhor, por ser um estranho para Ele, João não podia dizer nada dele, exceto o que recebia do céu, ao qual ele apela, cap. 3.27. Observe que aqueles que são ensinados, crêem e confessam aquele a quem não viram, e bem-aventurados são aqueles que, apesar disso, têm crido. (5) A grande intenção do ministério e do batismo de João era apresentar a Jesus Cristo: “Para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água”. Observe: [1] Embora João não conhecesse a Jesus pessoalmente, ainda assim ele sabia que Ele devia manifestar-se. Observe que nós podemos conhecer a certeza daquilo cuja natureza e intenção nós não conhecemos completamente. Nós sabemos que a felicidade do céu deverá se manifestar a Israel, mas não podemos descrevê-la. [2] A completa certeza que João tinha, de que Cristo seria manifestado, serviu para conduzi-lo com diligência e resolução no seu trabalho, embora ele fosse mantido no escuro quanto aos detalhes: “Vim eu, por isso”. Nossa certeza da realidade das coisas, embora sejam invisíveis, é suficiente para nos incentivar no nosso dever. [3] Deus se revela ao seu povo

gradualmente. A princípio, João não sabia, a respeito de Cristo, nada além de que Ele deveria se manifestar. Confiando nisto, ele veio batizando, e agora é privilegiado com uma visão dele. Aqueles que, pela Palavra de Deus, crêem naquilo que não vêem, em breve verão aquilo em que agora crêem. [4] O ministério da palavra e dos sacramentos não tem outro objetivo, senão conduzir as pessoas a Cristo, e torná-lo cada vez mais manifesto. [5] O batismo com água abre caminho para a manifestação de Cristo, como também pressupõe nossa corrupção e imundície, e significa nossa purificação por aquele que é a "fonte aberta".

3. Que este era aquele sobre o qual o Espírito desceu do céu como uma pomba. Para a confirmação do seu testemunho a respeito de Cristo, aqui ele testemunha a extraordinária aparição na ocasião do seu batismo, na qual o próprio Deus deu testemunho dele. Esta era uma evidência considerável da missão de Cristo. Para nos assegurarmos desta verdade, aqui lemos (vv. 32-34):

(1) Que João Batista a viu: ele "testificou". Não a narrou como uma história, mas solenemente a testificou, com toda a seriedade e solenidade de um testemunho. Ele deu um depoimento disto: "Eu vi o Espírito descer do céu". João não pôde ver o Espírito, mas viu a pomba, que foi um sinal e a representação do Espírito. O Espírito desceu sobre Cristo, para adequá-lo para seu trabalho, e para torná-lo conhecido ao mundo. Cristo foi identificado, não por uma coroa descendo sobre Ele, nem por uma transfiguração, mas pela descida do Espírito sobre Ele, como uma pomba, para capacitá-lo para sua missão. Assim, o primeiro testemunho dado aos apóstolos foi por meio da descida do Espírito sobre eles. Os filhos de Deus são manifestos pelas suas graças. Suas glórias estão reservadas para sua condição futura. Observe: [1] O Espírito desceu do céu, pois "toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto". [2] Ele "desceu do céu como uma pomba" – um símbolo de submissão, mansidão e bondade, o que o torna adequado para ensinar. A pomba trouxe o ramo de oliveira da paz, Gênesis 8.11. [3] O Espírito que desceu sobre Cristo, repousou sobre Ele, como tinha sido predito, Isaías 11.2. O Espírito não o impele de quando em quando, como a Sansão (Jz 13.25), mas sempre. O Espírito foi-lhe dado sem medida. Era prerrogativa de Cristo ter o Espírito sempre sobre si, de modo que Ele não poderia, em nenhuma ocasião, ser encontrado desqualificado para sua obra, nem incapacitado para prover por aqueles que

procuram sua graça.

(2) Que a ele tinha sido dito que esperasse por isto, o que corrobora, e muito, a evidência. Não era uma pura conjectura de João, de que certamente aquele sobre o qual ele visse o Espírito descendo seria o Filho de Deus, mas era um sinal instituído, dado a ele anteriormente, pelo qual ele poderia, com certeza, conhecê-lo (v. 33): "Eu não o conhecia". Ele insiste muito no fato de que ele não o conhecia, não mais do que qualquer outra pessoa, nem por revelação. "Mas o que me mandou a batizar me deu este sinal: Ele é aquele sobre o qual vires descer o Espírito". [1] Veja aqui como eram bons os fundamentos sobre os quais João prosseguiu no seu ministério e batismo, para que pudesse proceder com toda satisfação imaginável. Em primeiro lugar, ele não agiu sem ter sido enviado: Deus o "mandou a batizar". Ele tinha uma autorização do céu para fazer o que fazia. Quando a vocação do ministro é clara, seu consolo é certo, embora seu sucesso nem sempre o seja. Em segundo lugar, ele não agiu sem orientação, pois, quando foi enviado a batizar com água, ele foi orientado àquele que iria batizar com o Espírito Santo. Com esta noção, João Batista foi ensinado a esperar por Cristo, como aquele que daria aquele arrependimento e aquela fé aos quais ele convocava as pessoas, e prosseguiria e completaria esta estrutura abençoada da qual ele agora lançava a fundação. Observe que é um grande consolo para os ministros de Cristo, na sua administração dos sinais exteriores, que aquele de quem eles são ministros conceda a graça que os sinais representam, e assim coloque vida, e alma, e virtude nos seus ministérios. Ele pode falar ao coração o que eles falam aos ouvidos, e soprar sobre os ossos secos aos quais eles profetizam. [2] Veja os fundamentos seguros que ele teve para designar a pessoa do Messias. Anteriormente, Deus lhe tinha dado um sinal, como tinha feito com Samuel a respeito de Saul: "Sobre aquele que vires descer o Espírito". Isto não apenas evitou qualquer engano, como também lhe deu ousadia no seu testemunho. Quando ele teve tal certeza, como esta, ele pôde falar com segurança. Quando João ouviu isto antes, não foi possível evitar que suas expectativas se elevassem, e muito, e, quando o evento respondeu com exatidão a esta predição, sua fé não pôde deixar de ser muito confirmada. E estas coisas estão escritas para que possamos crer.

4. Que Ele é o Filho de Deus. Esta é a conclusão do testemunho de João, em torno do qual se centram todos os detalhes, como o *quod erat*

demonstrandum – o fato a ser demonstrado (v. 34): “E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus”. (1) A verdade afirmada é “que este é o Filho de Deus”. A voz do céu proclamou, e João a reiterou, não somente que Ele batizaria com o Espírito Santo por uma autoridade divina, mas que Ele tinha uma natureza divina. Este é o credo peculiar cristão, de que Jesus é o Filho de Deus (Mt 16.16), e aqui está sua primeira formulação. (2) O testemunho de João a este respeito: “‘Eu vi e tenho testificado’. Não somente agora eu dou testemunho disto, mas o fiz tão logo o vi”. Observe: [1] Que ele se prontificou a testemunhar o que viu, como Pedro e João, Atos 4.20: “Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”. [2] Que ele testificou sobre o que viu. As testemunhas de Cristo eram testemunhas oculares, e, portanto, mais crédito deviam ter. Eles não falavam por ouvir dizer e repetir, 2 Pedro 1.16.

II Aqui está o testemunho de João a respeito de Cristo, no dia seguinte, vv. 35,36. Onde observamos: 1. Ele aproveitou todas as oportunidades que se ofereciam para conduzir as pessoas a Cristo: João viu Jesus passar. Aparentemente, João agora estava afastado da multidão, e estava conversando em particular com dois de seus discípulos. Observe que os ministros devem, não somente na sua pregação pública, mas também nos seus relacionamentos mais reservados, dar testemunho de Cristo, e servir aos seus interesses. Ele viu Jesus, andando a alguma distância, mas não foi encontrá-lo, porque desejava evitar tudo o que pudesse dar a mínima indicação para que se suspeitasse de uma combinação. Ele estava *olhando para Jesus – emblepsas*. Ele olhou firmemente, e fixou seus olhos nele. Aqueles que desejam conduzir outros a Cristo, devem ser diligentes e freqüentes na contemplação a Ele. João tinha visto Cristo antes, mas agora o contemplou com grande atenção e cuidado, 1 João 1.1. 2. Ele repetiu o mesmo testemunho que tinha dado a respeito de Cristo, no dia anterior, embora pudesse ter proferido alguma outra grande verdade a respeito dele. Mas assim ele desejava mostrar que era uniforme e constante no seu testemunho, e coerente consigo mesmo. Sua doutrina era a mesma em particular e em público, como era a de Paulo, Atos 20.20,21. É bom que seja repetido o que já ouvimos, Filipenses 3.1. A doutrina do sacrifício de Cristo removendo o pecado do mundo deve ser especialmente repetida por todos os bons ministros: Cristo, o Cordeiro de Deus, Cristo e este

crucificado. 3. Sua intenção foi especialmente dirigida a estes dois de seus discípulos que estavam com ele. Ele desejava entregá-los a Cristo, pois para esta finalidade ele testificou a respeito de Cristo diante deles, para que deixassem tudo para segui-lo, e assim teriam que deixar João Batista. Ele não considerava ter perdido aqueles discípulos que passaram para Cristo. É, por exemplo, o mesmo caso do professor do colegial, que não considera que perdeu o aluno que passou para a universidade. João reunia discípulos, não para si mesmo, mas para Cristo, para prepará-los para o Senhor, Lucas 1.17. Tão longe ele estava de sentir inveja do interesse crescente que Cristo despertava, que não havia nada que ele pudesse desejar mais. As almas generosas e humildes darão a outros seu devido louvor, sem temer se sentirem diminuídas por isto. Nossa reputação, assim como outras qualidades em nossa vida, não será diminuída se dermos a cada um o que lhes pertence.

O Chamado de André e Pedro

vv. 37-42

Aqui temos a transferência dos dois discípulos de João a Jesus, e um deles chamando um terceiro, e estes foram as primícias dos discípulos de Cristo. Veja como a igreja era pequena no seu início, e como foi o amanhecer do dia das suas coisas grandiosas.

I André e outro que estava com ele foram os dois a quem João Batista indicou a Cristo, v. 37. Quem era o outro, não se sabe. Alguns pensam que era Tomé, comparando com João 21.2. Outros pensam que era o próprio João, o autor deste Evangelho, que tinha o estilo de habilmente ocultar seu nome, cap. 13.23; 20.3.

1. Aqui está a prontidão de ambos em seguir a Cristo: eles ouviram João falando de Cristo como sendo o Cordeiro de Deus, e seguiram a Jesus. Provavelmente, eles tinham ouvido João dizer a mesma coisa no dia anterior, o que, naquele momento, não tinha tido sobre eles o efeito que tinha agora. Veja o benefício da repetição, e da conversa pessoal particular. Eles o tinham ouvido falar de Cristo como sendo o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, e isto os levou a segui-lo. O argumento mais forte

e mais predominante, para que uma alma sensível e despertada siga a Cristo, é o de que é Ele, e somente Ele, que tira o pecado.

2. A gentil maneira como Cristo percebeu a presença deles, v. 38. Eles o seguiam, mas, embora tivesse as costas voltadas para eles, Ele logo percebeu a presença deles, e voltou-se, e os viu seguindo-o. Observe que Cristo percebe logo os primeiros movimentos de uma alma em direção a Ele, e o primeiro passo dado a caminho do céu. Veja Isaías 64.5; Lucas 15.20. Ele não esperou até que eles pedissem permissão para falar com Ele, mas falou antes disto. Qualquer comunhão que exista entre uma alma e Cristo, é Ele que começa a conversa. Ele lhes disse: “Que buscais?” Isto não era uma repreensão pela sua ousadia em penetrar no seu grupo: aquele que veio nos buscar nunca repreendeu ninguém por procurá-lo. Ao contrário do que possa parecer, este é um gentil convite para que façam parte do seu grupo, um convite dirigido àqueles que Ele via acanhados e modestos: “Vamos, o que vocês têm a me dizer? Qual é seu pedido? Qual é sua solicitação?” Observe que aqueles que se dedicam a ensinar as pessoas nas questões das suas almas devem ser humildes, e mansos, e acessíveis, e devem incentivar aqueles que se dirigem a eles. A pergunta que Cristo lhes faz é a que nós deveríamos propor a nós mesmos quando começamos a seguir a Cristo, e assumimos a profissão da sua santa religião: “‘Que buscais?’ O que estais procurando, o que desejais?” Aqueles que seguem a Cristo, e ainda buscam o mundo, ou a si mesmos, ou o elogio dos homens, estão se enganando. “O que buscamos, quando buscamos a Cristo? Nós procuramos um mestre, um soberano, um reconciliador? Quando seguimos a Cristo, nós procuramos a graça de Deus e a vida eterna?” Se nossos olhos estiverem fixos somente nisto, estaremos cheios de luz.

3. A pergunta humilde que fizeram a respeito do lugar de sua moradia: “Rabi, onde moras?” (1) Ao chamá-lo de Rabi, eles indicam que seu desejo, ao segui-lo, era o de serem ensinados por Ele. Rabi significa mestre, um mestre que ensina. Os judeus chamavam de rabi seus doutores, ou homens eruditos. A palavra origina-se de *rab*, *multus* ou *magnus*, um rabi, um grande homem, e alguém que, como dizemos, conhece muitas coisas. Nunca houve um Rabi como nosso Senhor Jesus, um tão grandioso, “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”. Eles seguiram a Cristo para serem seus alunos, e a mesma coisa devem fazer todos aqueles que se dirigem a Ele. João tinha-lhes dito que Ele era o

Cordeiro de Deus. Este Cordeiro é digno de tomar o livro e de abrir seus selos, como um rabi, Apocalipse 5.9. E, a menos que renunciemos a nós mesmos, para sermos sujeitos a Ele, e ensinados por Ele, Ele não tirará nossos pecados. (2) Ao perguntarem onde Ele mora, eles indicam um desejo de conhecê-lo melhor. Cristo era um estrangeiro nesta região, e o que eles queriam saber era onde Ele estava hospedado, pois ali eles o encontrariam no momento oportuno, quando Ele indicasse, para receberem dele sua instrução. Eles não queriam pressioná-lo rudemente, pois isto não era adequado. Civilidade e boas maneiras são adequadas, e até mesmo indispensáveis, àqueles que seguem a Cristo. E, além disto, eles esperavam obter mais dele do que poderiam obter em uma conversa curta, agora, pelo caminho. Eles decidiram se dedicar integralmente, e não superficialmente, à conversa com Cristo. Aqueles que tiveram algum tipo de comunhão com Cristo, não podem deixar de desejar: [1] Uma comunhão adicional com Ele. Eles o seguiam para saber mais sobre Ele. [2] Uma comunhão fixa com Ele, onde possam se sentar aos seus pés, e receber suas instruções. Não é suficiente passar algum tempo com Cristo, de vez em quando. Nós devemos morar com Ele.

4. O convite cortês que Cristo lhes fez para que entrassem no seu alojamento: “Ele lhes disse: Vinde e vede”. Assim devem ser estimulados os bons desejos com relação a Cristo, e a comunhão com Ele. (1) Ele os convida para que entrem no seu alojamento. Quanto mais nos aproximarmos de Cristo, mais veremos da sua beleza e excelência. Os enganadores conservam o interesse dos seus seguidores, mantendo-os à distância, mas o que Cristo desejava, que o recomendava para a estima e o afeto dos seus seguidores, era que eles entrassem e vissem. “Entrem e vejam o alojamento simples que Eu tenho, como Eu me satisfaço com acomodações modestas, para que vocês não esperem nenhuma vantagem deste mundo por me seguir, como esperam aqueles que seguem os escribas e fariseus, e os chamam de rabi. Entrem e vejam com que poderão contar, se me seguirem”. Veja Mateus 8.20. (2) Ele os convida para que venham imediatamente e sem demora. Eles perguntaram onde Ele morava, para que pudessem estar com Ele em uma ocasião mais conveniente, mas Cristo os convida imediatamente, para que venham e vejam. Nunca haverá melhor ocasião do que agora. Com isto, aprendemos: [1] Quanto aos outros, que é melhor trazer as pessoas quando estão dispostas, bater enquanto o ferro está

quente. [2] Quanto a nós, que é sábio aceitar as oportunidades presentes: “Eis aqui agora o tempo aceitável”, 2 Coríntios 6.2.

5. A alegre e (sem dúvida) grata aceitação do convite de Jesus por parte dos dois discípulos: “Foram, e viram onde morava, e ficaram com ele aquele dia”. Se eles tivessem recusado sua oferta, esta teria sido uma demonstração de humildade e bons modos que não lhes teria feito bem. (1) Eles foram com Ele prontamente: “Foram, e viram onde morava”. As almas graciosas aceitam alegremente os convites graciosos de Cristo, como Davi, Salmos 27.8. Eles não perguntaram como poderiam se alojar com Ele, mas deixaram este assunto como uma preocupação secundária, e aproveitaram ao máximo o que encontraram. É bom estar onde Cristo está, seja onde for. (2) Eles estavam tão satisfeitos com o que encontraram, que ficaram com Ele aquele dia (“Mestre, bom é que nós estejamos aqui”), e Ele lhes deu boas vindas. Era já quase a hora décima. Alguns pensam que João calcula de acordo com o sistema romano, e que eram aproximadamente dez horas da manhã, e eles ficaram com Ele até a noite. Outros opinam que João calcula como os demais evangelistas, de acordo com o sistema judaico, e que eram quatro horas da tarde, e eles ficaram com Ele durante aquela noite e o dia seguinte. O Dr. Lightfoot opina que este dia seguinte, que eles passaram com Cristo, era um sábado, e, como já era tarde, eles não puderam ir para casa antes do sábado. Como é nosso dever, onde quer que estejamos, planejar passar nosso dia de repouso de um modo que nos traga algum benefício espiritual, também são abençoados aqueles que, pelo livre exercício da fé, do amor e da devoção, passam seus dias de repouso em comunhão com Cristo. Estes realmente são dias do Senhor, dias do Filho do homem.

II André trouxe seu irmão Pedro a Cristo. Se Pedro tivesse sido o primeiro discípulo de Cristo, os papistas teriam criado um alvoroço. Realmente, mais tarde, ele veio a ser mais eminente em dons, mas André teve a honra de conhecer primeiro a Cristo, e de ter sido o instrumento que trouxe Pedro até Ele. Observe:

1. A informação que André deu a Pedro, com uma intimação para que fosse a Cristo.

(1) Ele o achou: “Este achou primeiro a seu irmão Simão”. O fato de que tenha achado implica que o procurou. Simão tinha vindo com André para o

ministério e batismo de João, e André sabia onde encontrá-lo. Talvez o outro discípulo que estava com ele tivesse saído para procurar algum amigo seu, na mesma ocasião, mas André foi mais bem-sucedido. Ele “achou primeiro a seu irmão Simão”, que tinha vindo somente ouvir a João, mas teve suas expectativas superadas, ele se encontra com Jesus.

(2) Ele lhe disse quem tinham encontrado: “Achamos o Messias”. Observe: [1] Ele fala com humildade. Ele não diz: “Eu encontrei”, tomando para si a honra da descoberta, mas diz: “Achamos”, alegrando-se de ter compartilhado isto com outros. [2] Ele fala de modo exultante, e com triunfo: “Nós encontramos”, esta pérola inestimável, este verdadeiro tesouro, e, tendo-o encontrado, ele proclama isto, como os leprosos, 2 Reis 7.9, pois sabe que ele nunca terá menos de Cristo, se compartilhá-lo com outros. [3] Ele fala de modo inteligente: “Achamos o Messias”, dizendo mais do que já tinha sido dito. João tinha dito: “Ele é o Cordeiro de Deus, e o Filho de Deus”, o que André compara com as Escrituras do Antigo Testamento. E, ao fazer a comparação, conclui que Ele é o Messias prometido aos patriarcas, pois, naquele momento, era chegada a plenitude dos tempos. Desta forma, ao meditar sobre os testemunhos de Deus, ele fala claramente a respeito de Cristo, até mais do que seu mestre havia falado, Salmos 119.99.

(3) Ele o levou a Jesus. Não pretendeu instruí-lo ele mesmo, mas levou-o à fonte, persuadiu-o a vir até Cristo, e apresentou-o. Isto foi: [1] Um exemplo de verdadeiro amor pelo seu irmão, seu próprio irmão, assim ele é mencionado aqui, porque era muito amado por ele. Observe que nós devemos, com um interesse particular, procurar o bem-estar espiritual daqueles com quem nos relacionamos, pois sua relação conosco aumenta a obrigação e motiva a oportunidade de fazer o bem às suas almas. [2] Um resultado da conversa deste dia com Cristo. Observe que a melhor evidência de que aproveitamos os meios da graça é a piedade e a utilidade da nossa conversa posteriormente. Aqui, André estava tão cheio da graça e da preciosa presença do Senhor Jesus, que parecia que tinha estado com Ele no monte, pois seu rosto resplandecia. Ele sabia que havia em Cristo o suficiente para todos, e, tendo sentido que Ele é gracioso, ele não podia descansar até que aqueles a quem ele amava tivessem sentido a mesma coisa também. Observe que a verdadeira graça odeia os monopólios, e ama desfrutar seus tesouros em companhia de outras pessoas.

2. As boas-vindas de Jesus Cristo a Pedro, que não foi menos bem-vindo por ter sido influenciado por seu irmão a vir, v. 42. Observe:

(1) Cristo o chamou pelo nome: “Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas”. Aparentemente, Pedro era um total estranho para Cristo, e sendo assim: [1] O fato de que Ele, à primeira vista, sem fazer nenhuma pergunta, pôde dizer o nome de Pedro, e também do seu pai, era uma prova da sua onisciência. O Senhor conhece os que são seus, e toda a sua história. No entanto: [2] O fato de que Ele, livremente e afavelmente, o chame pelo seu nome, embora Pedro fosse um homem de origem humilde, e *vir mullius nominis – um homem sem nome*, era um exemplo da sua graça condescendente. O fato de que Deus conhecesse a Moisés pelo nome foi um exemplo do seu favor a ele, Êxodo 33.17. Alguns observam o significado destes nomes: *Simão – obediente*; *Jonas – uma pomba*. Um espírito como o de uma pomba obediente qualifica-nos para sermos discípulos de Cristo.

(2) Ele lhe deu um novo nome: “Cefas”. [1] O fato de Cristo lhe dar um nome indica seu favor a ele. Um novo nome indica alguma grande dignidade, Apocalipse 2.17; Isaías 62.2. Com isto, Cristo não somente eliminou a vergonha dos seus familiares humildes e obscuros, como também o adotou na sua família como um dos seus. [2] O nome que Jesus deu a Pedro evidencia sua fidelidade a Cristo: “Tu serás chamado Cefas” (que, em hebraico, significa “uma pedra”), que é, assim, interpretado como Pedro. Considere Atos 9.36: “Tabita, que, traduzido, se diz Dorcas”. O primeiro nome é hebraico, o segundo, grego, e representa uma corça jovem. O temperamento natural de Pedro era impetuoso, vigoroso e resoluto, que eu considero como a principal razão pela qual Cristo o chamou de *Cefas – uma pedra*. Quando, mais adiante, Cristo orou por ele, para que sua fé não esmorecesse, para que ele fosse firme e leal ao próprio Cristo, e, ao mesmo tempo, pediu-lhe que fortalecesse seus irmãos, e se dedicasse a apoiar os outros, o Senhor fez de Pedro aquilo de que aqui o chamou, *Cefas – uma pedra*. Aqueles que vão a Cristo devem se apresentar com uma decisão fixa de serem firmes e constantes para Ele, como uma pedra, que é sólida e firme. E é pela sua graça que eles assim o são. Suas palavras: “Sede firmes”, fazem com que sejam assim. Isto não prova que Pedro fosse a única rocha sobre a qual a igreja seria edificada, nem que o chamado de Tiago e João Boanerges (Mc 3.17) prova que eles fossem os únicos filhos do trovão, ou que o chamado de José Barnabé (At 4.36) prova que ele fosse

o único filho da consolação.

O Chamado de Filipe e Natanael

vv. 43-51

Aqui temos o chamado de Filipe e Natanael.

I Filipe foi chamado imediatamente pelo próprio Cristo, não como André, que foi dirigido a Cristo por João, ou como Pedro, que foi convidado por seu irmão. Deus tem vários métodos de trazer seus escolhidos até Ele. Mas, quaisquer que sejam os meios que Ele usa, Ele não se limita a nenhum deles. 1. Filipe foi chamado de uma maneira antecipada: Jesus "achou a Filipe". Cristo nos procurou, e nos encontrou, antes que fizéssemos quaisquer buscas por Ele. O nome Filipe é de origem grega, e muito usado entre os gentios, o que alguns interpretam como um exemplo da degeneração da igreja judaica nesta época, e sua conformidade com as nações. Mas, ainda assim, Cristo não mudou seu nome. 2. Ele foi chamado "no dia seguinte". Veja de que maneira cuidadosa Cristo se dedica ao seu trabalho. Quando existe trabalho a ser feito para Deus, nós não devemos perder um dia sequer. Contudo, observe que Cristo agora chamava um ou dois por dia, mas depois que o Espírito foi derramado, houve milhares efetivamente chamados em um dia, quando João 14.12 se cumpriu. 3. Jesus quis ir à Galiléia para chamá-lo. Cristo irá encontrar aqueles que lhe são dados, onde quer que estejam, e nenhum deles se perderá. 4. Filipe foi trazido para ser um discípulo pela virtude de Cristo, juntamente com as palavras: "Segue-me". Veja a natureza do verdadeiro cristianismo. Ele consiste em seguir a Cristo, dedicar-se às suas palavras e à sua conduta, acompanhar seus movimentos, e seguir seus passos. Enxergar a eficácia da graça em tudo isto é a base da nossa força. 5. Nós lemos que Filipe era de Betsaida, e André e Pedro também eram, v. 44. Estes eminentes discípulos não receberam honra do lugar onde nasceram, mas refletiram honra sobre este lugar. Betsaida quer dizer "casa de redes", porque era habitada, na sua maioria, por pescadores. Dali, Cristo escolheu discípulos, que seriam dotados com dons extraordinários, e por isto não precisavam das vantagens normais do estudo. Betsaida era um lugar iníquo (Mt 11.21), no entanto ali

havia um remanescente, de acordo com a eleição da graça.

II Natanael foi convidado a ir a Cristo através de Filipe, e muito é dito a respeito dele. E aqui podemos observar:

1. O que aconteceu entre Filipe e Natanael, um episódio em que vemos uma notável mescla de zelo piedoso com fraqueza, como normalmente se encontra em iniciantes, que estão perguntando qual é o caminho para Sião. Aqui temos:

(1) As boas novas que Filipe trouxe a Natanael, v. 45. Como André anteriormente, também Filipe aqui, tendo algum conhecimento de Cristo, não descansa até que manifesta o sentimento de tal conhecimento. Filipe, embora trazido recentemente ao relacionamento com Cristo, corre para procurar Natanael. Observe que quando temos a melhor oportunidade de fazer o bem às nossas próprias almas, ainda assim devemos sempre procurar oportunidades de fazer o bem às almas de outros, lembrando das palavras de Cristo: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber", Atos 20.35. Diz Filipe: "Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na Lei e de quem escreveram os Profetas". Observe aqui: [1] O arrebatamento de alegria em que se encontrava Filipe, depois de conhecer a Cristo: "Nós achamos aquele de quem tanto falamos, a quem tanto esperamos, e que tanto desejamos. Por fim, Ele está aqui, Ele veio, e nós o achamos!" [2] Que vantagem representava, para ele, o fato de que ele conhecesse tão bem as Escrituras do Antigo Testamento, que prepararam sua mente para receber a luz do Evangelho, e fizeram sua apresentação mais fácil: "Aquele de quem Moisés escreveu na Lei e de quem escreveram os Profetas". Aquilo que estava escrito inteiramente, e desde a eternidade, no livro dos conselhos divinos, foi, em parte, em diferentes épocas e de diversas maneiras, copiado no livro das revelações divinas. Coisas gloriosas foram escritas ali a respeito da Semente da mulher, da Semente de Abraão, de Siló, do Profeta semelhante a Moisés, do Filho de Davi, do Emanuel, do Filho do Homem, do Renovo, do Messias, do Príncipe. Filipe tinha estudado estas coisas, e as conhecia muito bem, o que o preparou para receber a Cristo. [3] Os enganos e falhas que ele cultivava: ele chamou a Cristo de "Jesus de Nazaré", quando Ele era de Belém; e de "filho de José", quando Ele era somente seu suposto filho. Os jovens iniciantes na fé estão sujeitos a enganos, que o tempo e a graça de Deus irão retificar. Foi falha sua dizer: "Nós o

achamos”, pois Cristo os achou antes que eles o achassem. Ele ainda não tinha compreendido como fora preso por Cristo Jesus, coisa que Paulo sabia, Filipenses 3.12.

(2) A objeção que Natanael fez contra isto: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (v. 46). Aqui: [1] Sua precaução era elogiável, pois ele não aceitava ligeiramente tudo o que era dito, mas examinava. Nossa regra deve ser: “Examinai tudo”. Mas: [2] Sua objeção originou-se na ignorância. Se ele queria dizer que nada bom podia vir de Nazaré, isto se devia à sua ignorância sobre a graça divina, como se ela influenciasse menos um lugar do que outro, ou se prendesse às observações tolas e de más intenções dos homens. Se ele queria dizer que o Messias, esta grande bênção, não poderia vir de Nazaré, até aí, ele estava certo (Moisés, na Lei, disse que o Messias viria de Judá, e os profetas tinham apontado Belém como o lugar do seu nascimento). Mas então ele seria ignorante quanto à verdade de que este Jesus tinha nascido em Belém, de modo que o erro que Filipe cometeu, ao chamá-lo de Jesus de Nazaré, ocasionou esta objeção. Observe que os enganos dos pregadores freqüentemente dão origem aos preconceitos dos ouvintes.

(3) A curta resposta que Filipe deu a esta objeção: “Vem e vê”. [1] O fato de que Filipe não pudesse dar uma resposta satisfatória à objeção foi uma falha sua, mas este é o caso comum dos novos convertidos. Nós podemos saber o suficiente para satisfazer a nós mesmos, e ainda assim não conseguir dizer o suficiente para silenciar as críticas de um adversário sutil. [2] Por não poder responder pessoalmente à objeção, ele o fez ir procurar aquele que poderia fazê-lo: “Vem e vê”. Não fiquemos discutindo aqui, e criando dificuldades que não conseguiremos superar. Vamos, e conversemos com o próprio Cristo, e estas dificuldades irão desaparecer imediatamente. Observe que é tolice perder tempo em discussões duvidosas, quando este tempo poderia ser mais bem gasto, e com um objetivo muito melhor, no exercício de piedade e devoção. “Vem e vê”. Não: “Vá e veja”, mas: “Venha, e eu irei com você”, como Isaías 2.3; Jeremias 1.5. Neste diálogo entre Filipe e Natanael, podemos observar, em primeiro lugar, que muitas pessoas ficam afastadas dos caminhos do Senhor pelos preconceitos irracionais que criaram contra a religião, com base em alguma circunstância estranha que não vem, de forma nenhuma, ao caso. Em segundo lugar, que a melhor maneira de eliminar os preconceitos que

criamos contra o Evangelho é prová-los, e colocá-los à prova. Não devemos responder sobre algum assunto antes de ouvir sobre ele.

2. O que aconteceu entre Natanael e nosso Senhor Jesus. Ele veio e viu, e isto não foi em vão.

(1) Nosso Senhor Jesus deu um testemunho muito honroso à integridade de Natanael: "Jesus viu Natanael" vir, e o recebeu com um incentivo favorável. Ele disse, sobre Natanael, àqueles que estavam ao seu lado, com o próprio Natanael entre os ouvintes: "Eis aqui um verdadeiro israelita". Observe:

[1] Que Ele o elogiou. Não para adulá-lo, nem inflá-lo com um bom conceito de si mesmo, mas talvez porque soubesse que Natanael era um homem modesto, senão melancólico, alguém que tinha uma idéia severa e humilde a respeito de si mesmo, e estava pronto a duvidar da sua própria sinceridade. E Cristo, com este testemunho, deixa a questão fora de dúvida. Natanael tinha, mais do que qualquer dos candidatos, objetado contra Cristo. Mas Cristo, aqui, mostrou que Ele perdoava isto, e não era necessário apontar o que ele tinha dito indevidamente, porque Ele sabia que seu coração era justo. O Senhor não questionou Natanael, perguntado: "Pode vir alguma coisa boa de Caná (cap. 21.2), uma obscura cidade da Galiléia?" Mas o Senhor, gentilmente, lhe aceita, para nos incentivar a ter esperanças quanto à sua aceitação, apesar das nossas falhas. O Senhor também nos ensina a falar de maneira honrosa daqueles que, sem motivo, falaram sobre nós com desprezo. Se estes merecerem algum tipo de elogio em alguma coisa, devemos lhes dar seu justo louvor.

[2] Que Ele o elogiou pela sua integridade. Em primeiro lugar: "Eis aqui um verdadeiro israelita". É prerrogativa de Cristo conhecer como são os homens verdadeiramente. Nós podemos apenas esperar pelo melhor. Toda a nação era de israelitas, de nome, mas "nem todos os que são de Israel são israelitas" (Rm 9.6). Aqui, no entanto, havia um verdadeiro israelita. 1. Um sincero seguidor do bom exemplo de Israel, cujo caráter era o de um homem sincero, em oposição ao caráter de Esaú, um homem astuto. Ele era um filho autêntico do honesto Jacó, não somente da sua semente, mas também do seu espírito. 2. Uma pessoa que professava sinceramente a fé de Israel. Ele era fiel à religião que professava, e estava à altura dela. Ele era realmente tão bom quanto parecia, e sua prática era da mesma espécie que sua profissão. Só é judeu aquele que o é interiormente (Rm 2.29), e o

mesmo é verdade em relação ao cristão. Em segundo lugar, ele é alguém em quem “não há dolo”. Este é o caráter de um verdadeiro israelita, um verdadeiro cristão: não há dolo para com os homens; um homem sem truques ou ardis; um homem em quem se pode confiar; não há dolo para com Deus, isto é, sincero no seu arrependimento pelo pecado; sincero no seu concerto com Deus; em cujo espírito “não há engano”, Salmos 32.2. Ele não diz sem culpa, mas sem dolo. Embora, em muitas coisas, ele seja tolo e negligente, ainda assim, em nada é falso, nem se afasta de Deus com más intenções; não existe nele nenhuma culpa, aprovada ou permitida; não se disfarça, embora tenha suas manchas: “Eis aqui um verdadeiro israelita”. 1. “Prestem atenção a ele, para que possam aprender seu jeito, e agir como ele”. 2. “Admirem-no. Olhem para ele, e admirem-no”. A hipocrisia dos escribas e fariseus tinha influenciado tanto a igreja e a nação judaica, e sua religião estava tão degenerada em formalidades e políticas de estado, que um verdadeiro israelita era um homem admirado, um milagre da graça divina, como Jó (Jó 1.8).

(2) Natanael fica muito surpreendido com isto, levando Cristo a lhe dar uma nova prova da sua onisciência, e uma lembrança gentil da sua devoção anterior.

[1] Aqui está a humildade de Natanael, que ele deixa escapar face à observação gentil que Cristo tinha prazer em fazer dele: “De onde me conheces tu, a mim, que não mereço que me conheça? Quem sou eu, Senhor Jeová?” (2 Sm 7.18). O fato dele não receber imediatamente o elogio feito pelo Senhor era uma evidência da sua sinceridade. Cristo nos conhece melhor do que nós mesmos nos conhecemos. Nós não sabemos o que há no coração de um homem, ao olharmos para seu rosto, mas todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos de Cristo, Hebreus 4.12,13. Cristo nos conhece? Claro que sim! Então, desejemos conhecê-lo.

[2] Aqui está a manifestação adicional de Cristo a Natanael: “Antes que Filipe te chamasse, te vi eu”. Em primeiro lugar, Ele o faz compreender que o conhecia, e assim manifesta sua divindade. É prerrogativa de Deus conhecer infalivelmente todas as pessoas e todas as coisas. Desta maneira, Cristo provou ser Deus em várias ocasiões. Havia uma profecia a respeito do Messias, de que Ele teria o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor, isto é, julgaria a sinceridade e o grau de temor a Deus das pessoas, e de que Ele não julgaria segundo aquilo que seus olhos vissem, Isaías

11.2,3. Aqui, Ele cumpre esta predição. Veja 2 Timóteo 2.19. Em segundo lugar, antes que Filipe o chamasse, Cristo o viu, debaixo da figueira. Isto manifesta uma gentileza particular para com ele. 1. O olhar do Senhor já se dirigia a Natanael antes mesmo que Filipe o chamasse, antes que Natanael estivesse com Cristo pela primeira vez. Cristo nos conhece completamente, antes mesmo que tenhamos qualquer conhecimento a respeito dele. Veja Isaías 45.4; Gálatas 4.9. 2. Os olhos do Senhor estavam sobre Natanael quando ele estava debaixo da figueira. Este foi um sinal pessoal e particular, que ninguém compreendeu, exceto Natanael: “Quando você estava afastado, debaixo da figueira do seu jardim, e pensava que ninguém podia vê-lo, Eu, então, dirigi meus olhos a você, e vi algo que era muito aceitável”. É muito provável que Natanael, debaixo da figueira, estivesse como Isaque no campo, em meditação, e oração, e comunhão com Deus. Talvez ali, naquele momento, ele tivesse se unido solenemente ao Senhor, em um concerto inviolável. Cristo viu secretamente, e, pela sua observação pública deste fato, o recompensou parcialmente e abertamente. Estar debaixo da figueira indica tranqüilidade e paz de espírito, o que combina muito bem com a comunhão com Deus. Veja Miquéias 4.4; Zacarias 3.10. Natanael, aqui, era um verdadeiro israelita, que, como Israel, lutava com Deus sozinho (Gn 32.24), não orava como os hipócritas, nas esquinas das ruas, mas debaixo de uma figueira.

(3) Com isto, Natanael teve sua fé em Jesus Cristo completamente assegurada, e ela foi expressa nesta nobre declaração (v. 49): “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel”. Isto é, em resumo: “Tu és o verdadeiro Messias”. Observe aqui: [1] Com que firmeza ele creu com o coração. Embora ele tivesse, recentemente, cultivado alguns preconceitos a respeito de Cristo, agora todos eles tinham sido dissipados. Observe que graça de Deus, ao operar na fé, destrói fantasias. Agora, ele já não pergunta: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” Pois ele crê que Jesus de Nazaré é o bem supremo, e o aceita adequadamente. [2] Com que liberdade ele confessou com a boca. Sua confissão é feita sob a forma de uma oração, dirigida ao próprio Senhor Jesus, o que é uma maneira adequada de confessar nossa fé. Em primeiro lugar, ele confessa a obra profética de Cristo, ao chamá-lo de rabi, um título que os judeus normalmente davam aos seus mestres. Cristo é o grande rabi, a cujos pés todos nós devemos ser criados. Em segundo lugar, Natanael confessa a natureza e missão divina de Jesus, ao chamá-lo de Filho de Deus (aquele Filho de Deus mencionado em Salmos 2.7). Embora Ele tivesse forma e aspecto humanos, ainda assim, por ter um conhecimento divino, o conhecimento do coração e de coisas distantes e secretas, Natanael, conseqüentemente, conclui que Ele é o Filho de Deus. Em terceiro lugar, ele confessa: “‘Tu és o Rei de Israel’, aquele Rei de Israel que esperamos por tanto tempo”. Se Ele é o Filho de Deus, Ele é o Rei do Israel de Deus. Quando tão prontamente reconhece e se submete ao Rei de Israel, Natanael prova ser um verdadeiro israelita.

(4) Aqui, Cristo aumenta as esperanças e expectativas que Natanael nutria, de que houvesse algo maior em tudo isto, vv. 50,51. Cristo é muito afetuoso com os novos convertidos, e encorajará os bons inícios, mesmo que frágeis, Mateus 12.20.

[1] Ele aqui anuncia sua aceitação, e (aparentemente) sua admiração pela fé disposta de Natanael: “Porque te disse: vi-te debaixo da figueira, crês?” Ele admira-se de que uma tão pequena indicação do conhecimento divino de Cristo tivesse tal efeito. Isto era um sinal de que o coração de Natanael estava preparado de antemão, caso contrário a obra não teria se realizado tão rapidamente. Observe que é uma honra tanto a Cristo como à sua graça, quando o coração se rende a Ele na primeira convocação.

[2] Ele promete a Natanael auxílios muito maiores, para a confirmação e aumento da sua fé, do que ele tinha tido no início.

Em primeiro lugar, em geral: “Coisas maiores do que estas verás, maiores provas de que Eu sou o Messias”. Os milagres de Cristo e sua ressurreição. Observe: 1. A qualquer que tiver, e fizer bom uso do que tem, ser-lhe-á dado. 2. Aqueles que verdadeiramente crêem no Evangelho, descobrirão que suas evidências crescem continuamente, e verão cada vez mais motivos para crer nele. 3. Quaisquer que sejam as revelações que Cristo se agrade de fazer a seu respeito ao seu povo, enquanto ainda está neste mundo, Ele tem ainda maiores coisas que estas para lhes dar a conhecer, uma glória ainda maior a ser revelada.

Em segundo lugar, em particular: “Não somente você, mas vocês, todos vocês, meus discípulos, para a confirmação de cuja fé isto se destina, verão o céu aberto”. Isto é mais do que dizer a Natanael que ele estava debaixo da figueira. Isto é introduzido com um solene prefácio: “Na verdade, na verdade vos digo”, que exige tanto uma atenção fixa ao que é dito, como sendo algo de muita importância, quanto uma completa aceitação disto, como sendo uma verdade indubitável: “Eu digo isto, e nestas palavras vocês podem confiar, amém, amém”. Ninguém usou estas palavras no início de uma frase, a não ser Cristo, embora os judeus freqüentemente as usassem no final de uma oração, e, às vezes, as duplicassem. É uma declaração solene. Cristo é chamado o “Amém” (Ap 3.15), e alguns assim interpretam aqui: “Eu, o Amém, digo isto a vocês. Eu, a testemunha fiel”. Observe que as certezas que temos da glória a ser revelada são edificadas sobre a palavra de Cristo. Agora veja o que é que Cristo assegura a eles: “Daqui em diante”, ou dentro de pouco tempo, ou antes que passe muito tempo, ou de agora em diante, “vereis o céu aberto”.

a. O título que Cristo aplica a si mesmo aqui é humilde: “O Filho do homem”. Um título freqüentemente aplicado a Ele nos Evangelhos, mas sempre por si mesmo. Natanael o tinha chamado de Filho de Deus e Rei de Israel. Ele se chama de Filho do homem: (*a*) Para expressar sua humildade em meio às honras que lhe são prestadas. (*b*) Para ensinar sua humanidade, em que devemos crer tanto quanto na sua divindade. (*c*) Para indicar seu atual estado de humilhação, para que Natanael não esperasse que este Rei de Israel aparecesse em pompa exterior.

b. Ele prediz grandes coisas aqui: “Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem”. (*a*) Alguns interpretam estas palavras literalmente, como indicando algum evento em particular. Ou: [*a*]

Houve alguma visão da glória de Cristo, na qual isto se cumpriu com exatidão, do que Natanael foi uma testemunha ocular, como Pedro, e Tiago, e João foram da sua transfiguração. Houve muitas coisas que Cristo fez, e em presença dos seus discípulos, que não foram escritas (cap. 20.30), e por que não esta? Ou: [*b*] Isto se cumpriu nas muitas assistências dos anjos ao nosso Senhor Jesus, especialmente na sua ascensão, quando o céu se abriu para recebê-lo, e os anjos subiram e desceram, para auxiliá-lo e honrá-lo, e isto, à vista dos discípulos. A ascensão de Cristo foi a maior prova da sua missão, e confirmou enormemente a fé dos discípulos, cap. 6.62. Ou: [*c*] Pode se referir à segunda vinda de Cristo, para julgar o mundo, quando o céu se abrirá, e todo olho o verá, e os anjos de Deus subirão e descerão ao seu redor, servindo-o. Todos estarão ocupados, e este será um dia trabalhoso. Veja 2 Tessalonicenses 1.10. (*b*) Outros interpretam isto de modo figurado, como falando de uma condição, ou de uma série de coisas que teriam início daqui por diante. E assim podemos interpretar que se refira, ou: [*a*] Aos milagres de Cristo. Natanael creu, porque Cristo, como os profetas da Antiguidade, pôde dizer-lhe coisas secretas. Mas o que é isto? Cristo agora está dando início a uma dispensação de milagres, muito mais grandiosa e maravilhosa do que esta, como se o céu estivesse aberto, e tal poder será exercido pelo Filho do homem, como se os anjos, que excedem em virtude, estivessem continuamente obedecendo suas ordens. Imediatamente depois disto, Cristo começou a realizar milagres, cap. 2.11. Ou: [*b*] À sua mediação, e àquela bendita relação que Ele estabeleceu entre o céu e a terra, em cujo mistério seus discípulos seriam admitidos gradualmente. Em primeiro lugar, por intermédio de Cristo, como Mediador, eles verão o céu aberto. Todos nós agora podemos entrar no santuário pelo seu sangue (Hb 10.19,20). O céu está aberto, para que, pela fé, possamos olhar para seu interior, e, por fim, possamos entrar; para que possamos, agora, contemplar a glória do Senhor, e, daqui por diante, possamos entrar no gozo do nosso Senhor. E, em segundo lugar, eles verão anjos subindo e descendo sobre o Filho do homem. Por intermédio de Cristo, nós temos comunhão com os santos anjos, e nos beneficiamos deste fato. E assim, as coisas no céu e na terra são reconciliadas e reunidas. Cristo é, para nós, como a escada de Jacó (Gn 28.12), pois é por Ele que os anjos continuamente sobem e descem para o bem dos santos.

CAPÍTULO 2

No final do capítulo anterior, nós lemos sobre os primeiros discípulos que Jesus chamou, André e Pedro, Filipe e Natanael. Estas eram as primícias para Deus e para o Cordeiro, Apocalipse 14.4. Agora, neste capítulo, temos: I. A narrativa do primeiro milagre que Jesus realizou, transformando água em vinho, em Caná da Galiléia (vv. 1-11), e sua aparição em Cafarnaum, v. 12. II. O relato da primeira Páscoa que Ele passou em Jerusalém, depois de iniciar seu ministério público. A ocasião em que Ele expulsou os que compravam e vendiam no Templo (vv. 13-17). E o sinal que Ele deu àqueles que discutiam com Ele, pedindo um sinal (vv. 18-22), e também um relato de alguns que quase eram crentes, que o seguiram, por isso, por algum tempo (vv. 23-25), mas Ele os conhecia bem demais para confiar neles.

A Água Transformada em Vinho

vv. 1-11

Aqui temos a história da milagrosa conversão da água em vinho que Jesus realizou em um casamento, em Caná da Galiléia. Havia alguns dispostos a crer em Cristo, e a segui-lo, quando Ele não tinha realizado nenhum milagre, mas não era provável que muitos devessem ser realizados até que Ele tivesse algo com que responder àqueles que perguntavam: “Que sinal nos mostras?” Ele podia ter realizado milagres antes, podia ter feito deles os atos comuns da sua vida, e o entretenimento normal dos seus amigos. Mas, sendo os milagres designados como os selos sagrados e solenes da sua doutrina, Ele começou sem realizar nenhum, até começar a pregar sua doutrina. Agora observe:

I A circunstância sob a qual este milagre foi realizado. Maimônides observa que a honra de Moisés consiste em que todos os milagres que ele realizou no deserto deveram-se à necessidade. Nós precisávamos de alimento, ele nos trouxe o maná, e Cristo também agiu assim. Observe:

1. A data: no “terceiro dia” depois que Ele entrou na Galiléia. O evangelista mantém um diário das ocorrências, pois nenhum dia passava

sem que alguma coisa extraordinária fosse dita ou feita. Nosso Mestre preenchia melhor seu tempo do que seus servos, e nunca se deitava à noite reclamando, como fazia o imperador romano, de que tivesse perdido um dia.

2. O lugar: foi em Caná da Galiléia, na tribo de Aser (Js 19.28), da qual, anteriormente, tinha sido dito que daria “delícias reais”, Gênesis 49.20. Cristo começou a realizar milagres em uma região obscura da nação, distante de Jerusalém, que era o centro público da ação, para mostrar que Ele não procurava a honra dos homens (cap. 5.41), mas honrar os humildes. Sua doutrina e seus milagres não seriam tão combatidos pelos simples e honestos galileus como seriam pelos orgulhosos e preconceituosos rabinos, políticos e aristocratas de Jerusalém.

3. A ocasião propriamente dita foi um casamento. Provavelmente, uma ou as duas famílias eram aparentadas com nosso Senhor Jesus. A mãe de Jesus estava ali, e sem ser considerada convidada, como tinha sido Jesus e seus discípulos, o que sugere que ela era como alguém da família. Observe a honra que Cristo, aqui, coloca sobre a ordenança do casamento. Ele agraciou sua solenidade não somente com sua presença, mas com seu primeiro milagre. O casamento foi instituído e abençoado em inocência, porque, através deste, o Senhor ainda poderia procurar uma semente piedosa. O casamento assemelha-se à união mística entre o Senhor Jesus e sua igreja. O Senhor também previa que, no reino papal, enquanto a cerimônia de casamento seria dignificada de uma forma indevida e transformada em um sacramento, a condição de casado seria indevidamente denegrida, considerada incoerente com qualquer função sagrada. Havia *umas bodas – gamos*, um banquete de bodas, para honrar a solenidade. As bodas eram, normalmente, comemoradas com banquetes (Gn 29.22; Jz 14.10), em sinal de alegria e de respeito amistoso, e para a confirmação do amor.

4. Cristo e sua mãe, e os discípulos, eram convidados importantes nesta comemoração. A mãe de Jesus (este era seu título mais honroso) estava ali. Não sendo feita menção a José, nós concluímos que ele tivesse morrido antes desta ocasião. Jesus foi convidado, e veio, aceitou o convite, e participou do banquete com eles, para nos ensinar a ser respeitosos nos nossos relacionamentos, e sociáveis com as pessoas, ainda que sejam humildes. Cristo devia vir de uma maneira diferente da de João Batista, que

veio não comendo nem bebendo, Mateus 11.18,19. A sabedoria do prudente consiste em estudar como melhorar as relações, em vez de procurar desvalorizá-las.

(1) Havia um casamento, e Jesus foi convidado. Observe: [1] É muito desejável, quando há um casamento, que Jesus Cristo esteja presente. Para ter sua presença espiritual graciosa, para ter o casamento reconhecido e abençoado por Ele. O casamento, então, será verdadeiramente honroso, e aqueles que se casam no Senhor (1 Co 7.39), não se casam sem Ele. [2] Aqueles que desejam ter a Cristo presente no seu casamento, devem convidá-lo por meio da oração, que é a mensageira que deve ser enviada ao céu para buscá-lo. E ele virá: "Chama… e eu responderei". E transformará a água em vinho.

(2) Os discípulos também foram convidados, aqueles cinco que Ele tinha chamado (cap. 1), pois Ele ainda não tinha mais discípulos. Eles eram sua família, e foram convidados com Ele. Eles tinham se colocado sob seus cuidados, e logo descobriram que, embora Ele não tivesse riqueza, tinha bons amigos. Observe: [1] Aqueles que seguem a Cristo se banquetearão com Ele, comerão o que Ele comer, pois o próprio Senhor lhes disse (cap. 12.26): "Onde eu estiver, ali estará também o meu servo". [2] O amor a Cristo é testemunhado por um amor àqueles que são seus, por sua causa. Nossa bondade estende-se não a Ele, mas aos santos. Calvino observa como era generosa a pessoa que ofereceu a festa. Embora pareça ter sido de poucas posses, o anfitrião convidou quatro ou cinco estranhos, quatro ou cinco pessoas a mais do que ele tinha calculado, porque eram seguidores de Cristo, o que mostra, segundo afirma Calvino, que existe mais liberdade, e liberalidade, e verdadeira amizade, nas relações de algumas pessoas humildes do que entre muitas de posição elevada.

II O milagre propriamente dito. Observe nele:

1. Eles sentiram falta de vinho, v. 3. (1) Havia escassez em um banquete. Embora a provisão fosse muita, ainda assim foi toda consumida. Enquanto estamos neste mundo, às vezes nos encontramos em dificuldades, mesmo quando nos achamos na plenitude da nossa suficiência. Se formos pessoas que gastam muito dinheiro, talvez tudo o que tivermos seja gasto antes que percebamos. (2) Havia escassez em um banquete de casamento. Observe que aqueles que, quando se casam, têm que se preocupar com as

coisas do mundo, devem esperar problemas na carne, e podem esperar desapontamentos. (3) Aparentemente, Cristo e seus discípulos foram um dos motivos desta escassez, porque houve mais pessoas presentes do que o esperado quando a provisão foi feita. Mas aqueles que enfrentarem dificuldades por Cristo podem estar certos de que não se arruinarão por causa dele.

2. A mãe de Jesus pediu que Ele auxiliasse seus amigos nesta dificuldade. Nós lemos (vv. 3-5) o que aconteceu entre Cristo e sua mãe nesta ocasião:

(1) Ela o coloca a par da dificuldade em que se encontravam (v. 3). Ela lhe disse: “Não têm vinho”. Alguns opinam que ela não esperava dele nenhuma provisão milagrosa (Ele ainda não tinha realizado nenhum milagre), mas desejava que Ele desse alguma justificativa apropriada ao grupo, que fizesse o possível para salvar a reputação do noivo, e mantivesse sua compostura. Ou (como sugere Calvino) desejava que Ele compensasse a falta de vinho com algumas palavras santas e proveitosas. Mas, o que é mais provável, ela esperava por um milagre, pois sabia que Ele aparecia agora como o grande profeta, como Moisés, que, com freqüência, e no momento oportuno, supria as necessidades de Israel. E, embora este fosse seu primeiro milagre público, talvez algumas vezes Ele a tivesse auxiliado, e ao seu marido, na sua condição humilde. O noivo poderia ter saído para obter mais vinho, mas ela era favorável a ir diretamente à fonte. Observe: [1] Nós devemos nos preocupar com as necessidades e dificuldades dos nossos amigos, e não procurar somente nossas coisas. [2] Nas nossas dificuldades, e nas dificuldades dos nossos amigos, é nosso dever e nossa prudência nos dirigirmos a Cristo em oração. [3] Quando nos dirigirmos a Cristo, nós não devemos exigir nada dele, mas humildemente apresentar nosso caso diante dele, e então nos entregarmos a Ele para que faça como desejar.

(2) Ele a repreendeu por isto, pois considerou a atitude dela mais errada do que costumamos considerar. Caso contrário, Ele não teria lidado com a situação daquela maneira. Aqui, temos:

[1] A repreensão propriamente dita: “Mulher, que tenho eu contigo?” Cristo repreende e castiga aqueles que Ele ama. Ele a chama de mulher, não de mãe. Quando começamos a agir com arrogância, devemos ser lembrados daquilo que somos, homens e mulheres, frágeis, tolos e corrompidos. A pergunta: *ti emoi kai soi*, pode ser interpretada como: O que isto tem a ver

comigo e com você? O que temos nós a ver com a necessidade deles? Mas nós sempre traduzimos: “Que tenho eu contigo?” Como em Juízes 11.12; 2 Samuel 16.10; 2 Reis 3.13; Mateus 8.29. Portanto, a expressão traduz um ressentimento, embora não incoerente com a reverência e submissão que Ele prestava à sua mãe, em conformidade com o quinto mandamento (Lc 2.51). Houve um tempo em que era um louvor para Levi, que ele dissesse ao seu pai: “Nunca o vi”, Deuteronômio 33.9. Mas, neste caso, a atitude do Senhor tinha algumas funções. Em primeiro lugar, uma repreensão à sua mãe, por interferir em um assunto que pertencia exclusivamente à sua divindade, que não dependia dela, e da qual ela não era a mãe. Embora, como homem, Ele fosse filho de Davi, e dela, ainda assim, como Deus, Ele era o Senhor de Davi, e dela, e desejava que ela soubesse disto. Os maiores progressos não devem nos fazer esquecer quem somos e qual é nosso lugar; nem a familiaridade com que o concerto da graça nos aceita deve gerar desprezo, irreverência, ou qualquer tipo ou grau de presunção. Em segundo lugar, era uma instrução aos outros parentes (muitos dos quais estavam presentes aqui), que eles nunca deveriam esperar que Ele tivesse uma consideração especial pelos seus parentes segundo a carne, na realização dos seus milagres, ou que privilegiasse aqueles que, nesta questão, não eram mais para Ele do que as outras pessoas. Nas coisas de Deus, nós não devemos fazer diferenças. Em terceiro lugar, é um notável testemunho contra aquela idolatria na qual Ele previa que sua igreja iria cair, depois de séculos, ao dar honras indevidas à virgem Maria, um crime de que os católicos romanos, como se intitulam, são notoriamente culpados, quando a chamam de rainha do céu, a salvação do mundo, sua mediadora, sua vida e esperança, não apenas confiando no seu mérito e intercessão, mas pedindo que ela ordene que seu Filho lhes faça o bem: *Monstra te esse matrem – Mostre que você é a mãe dele. Jussu matris impera salvatori – Dê esta ordem materna ao Salvador.* Ele diz aqui, expressamente, quando um milagre devia ser realizado, mesmo nos dias da sua humilhação, e sua mãe apenas tacitamente tenciona uma intercessão: “Mulher, que tenho eu contigo?” Isto foi claramente designado para evitar ou agravar esta idolatria grosseira, esta blasfêmia horrível. O Filho de Deus é nomeado como nosso Advogado para com o Pai, mas a mãe do nosso Senhor nunca foi designada para ser nossa advogada para com o Filho.

[2] A razão desta repreensão: “Ainda não é chegada a minha hora” Pois havia a hora certa para tudo o que Cristo fazia, e para tudo o que era feito a Ele. Havia sempre a ocasião fixada, e mais adequada, que era pontualmente observada. Em primeiro lugar: “Minha hora de realizar milagres ainda não é chegada”. Ainda assim, pouco depois, Ele realizou este milagre, antes da hora, porque previu que isto iria confirmar a fé dos seus jovens discípulos (v. 11), o que era a finalidade de todos os seus milagres. De modo que este foi o penhor dos muitos milagres que Ele realizaria quando sua hora fosse chegada. Em segundo lugar: “Minha hora de realizar milagres abertamente ainda não é chegada. Por isto, não falemos disto publicamente”. Em terceiro lugar, segundo Gregório de Nissa: “Não é chegada a hora da minha dispensa da sua autoridade, agora que Eu comecei a atuar como um profeta?”. Em quarto lugar: “Minha hora de realizar este milagre ainda não é chegada”. Sua mãe pediu que Ele os ajudasse quando o vinho começou a escassear (assim pode ser interpretado, v. 3), mas sua hora ainda não seria chegada até que ele tivesse acabado, e a escassez fosse total. Não apenas para evitar qualquer suspeita de mistura do vinho que tinha sobrado com água, mas para nos ensinar que a necessidade extrema do homem é uma oportunidade de Deus de aparecer para a ajuda e o socorro do seu povo. Sua hora é chegada quando nós somos reduzidos à dificuldade extrema, e não sabemos o que fazer. Isto incentivava aqueles que esperavam por Ele a crer que, embora sua hora ainda não fosse chegada, ela chegaria. Observe que a demora da misericórdia não deve ser compreendida como negação à oração. “Até ao fim falará”.

(3) Apesar disto, Maria incentivou a si mesma com expectativas de que Jesus ajudaria seus amigos nesta dificuldade, pois disse aos servos que obedecessem às ordens dele, v. 5. [1] Ela aceitou muito submissa a repreensão, e não replicou. É melhor não merecer repreensão de Cristo, mas depois de recebê-la, é melhor permanecer submisso e tranqüilo, e considerá-la como uma benignidade, Salmos 141.5. [2] Ela manteve sua esperança na misericórdia de Cristo, confiando que Ele iria conceder seu desejo. Quando nos dirigimos a Deus, em Cristo, pedindo misericórdia, duas coisas podem nos desencorajar. Em primeiro lugar, a percepção das nossas próprias tolices e fraquezas: “Certamente orações tão imperfeitas como as minhas não terão êxito”. Em segundo lugar, a percepção das censuras e repreensões do nosso Senhor. A aflição continua, o auxílio tarda,

e Deus parece irado com nossas orações. Este era o caso da mãe do nosso Senhor aqui, e ainda assim ela se encoraja, tendo esperança de que Ele finalmente concederá uma resposta de paz, para ensinar-nos a lutar com Deus pela fé e pelo fervor na oração, mesmo quando Ele parece, em sua providência, estar contra nós. Nós devemos, contra a esperança, crer em esperança, Romanos 4.18. [3] Ela orientou os servos a obedecê-lo imediatamente, e não se dirigirem a ela, como provavelmente eles tinham feito. Ela abandona toda pretensão de influenciar Jesus ou de interceder junto a Ele. Suas almas devem esperar somente nele, Salmos 62.5. [4] Ela lhes disse expressamente que obedecessem às suas ordens, sem discutir ou fazer perguntas. Consciente de ter cometido um erro ao exigir algo dele, ela adverte os servos para que não cometam o mesmo erro, e que estejam atentos tanto à hora quanto à maneira como Ele supriria: "'Fazei tudo quanto ele vos disser', ainda que possam pensar que é inadequado. Se Ele disser: Dêem água aos convidados, quando pedirem vinho, façam isto. Se Ele disser: Despejem o que há no fundo das talhas, façam isto. Ele pode fazer umas poucas gotas de vinho se multiplicarem, tornando-se um grande volume, capaz de satisfazer uma multidão". Observe que aqueles que esperam os favores de Cristo devem, com uma obediência implícita, observar suas ordens. O caminho do dever é o caminho para a misericórdia, e os métodos de Cristo não devem receber objeções.

(4) Cristo, por fim, os supriu milagrosamente. Ele é sempre capaz de agir de uma forma melhor do que prometeu, mas nunca pior.

[1] O milagre propriamente dito foi a transformação de água em vinho, a substância da água adquirindo uma nova forma, e tendo todas as características e qualidades do vinho. Tal transformação foi um milagre, mas a transubstanciação papista, a alteração da substância com as características permanecendo as mesmas, é uma monstruosidade. Com isto, Cristo mostrou ser o Deus da natureza, que faz a terra produzir vinho, Salmos 104.14,15. A extração do suco da uva, todos os anos, da umidade da terra, não é uma obra de poder inferior, embora, estando de acordo com a lei comum da natureza, não é uma obra milagrosa, como esta. O início dos milagres de Moisés deu -se com a transformação da água em sangue (Êx 4.9; 7.20), o início dos milagres de Cristo deu-se com a transformação de água em vinho, o que evidencia a diferença entre a lei de Moisés e o Evangelho de Cristo. A maldição da lei transforma a água em sangue,

consolos comuns em amargura e terror, a bênção do Evangelho transforma água em vinho. Aqui Cristo mostrou que sua missão no mundo era aumentar e melhorar os consolos a todos os crentes, tornando-os verdadeiros consolos. Está escrito que Siló lavará sua veste no vinho (Gn 49.11), a água da lavagem tendo sido transformada em vinho. E o chamado do Evangelho é: “Vinde às águas e comprai vinho”, Isaías 55.1.

[2] As circunstâncias do milagre o enalteceram e livraram de qualquer suspeita de trapaça ou conluio, pois:

Em primeiro lugar, o milagre realizou-se em talhas (v. 6): “Estavam ali postas seis talhas de pedra”. Observe: 1. Para que uso se destinavam estas talhas de pedra: para as purificações legais das contaminações cerimoniais, impostas pela lei de Deus, e muitas mais, pela tradição dos anciãos. Os judeus não comiam sem lavar as mãos muitas vezes (Mc 7.3), e usavam muita água para lavar-se, e esta é a razão pela qual aqui estavam dispostas seis grandes talhas de pedra. Era um ditado entre eles: *Qui multae utitur aquae in lavando, multas consequetur in hoc mundo divitias – Aquele que usa muita água para lavar-se, ganha muita riqueza neste mundo.* 2. Cristo as empregou para um uso bastante diferente daquele para o qual estavam dispostas, para que fossem os receptáculos do vinho milagroso. Assim, Cristo veio para trazer a graça do Evangelho, que é como um vinho, que alegra a Deus e aos homens (Jz 9.13), em vez das sombras da lei, que eram como a água, um elemento de menor valor. Estas eram talhas que nunca tinham sido usadas para armazenar vinho; e de pedra, que não é um material adequado para reter o sabor de líquidos anteriores, se já tivessem contido vinho. “Em cada uma cabiam duas ou três metretas”, duas ou três medidas, batos ou efas. A quantidade não é sabida ao certo, mas é considerável. Nós podemos ter certeza de que a intenção não era que todo o vinho fosse bebido nesta festa, mas era uma gentileza a mais para o novo casal, assim como o azeite multiplicado o foi para a pobre viúva, do qual ela pôde pagar sua dívida e viver do resto, 2 Reis 4.7. Cristo concede suas bênçãos conforme a abundância que Ele possui. Ele nos abençoa de acordo com suas riquezas em glória. O escritor, conforme seu estilo, diz: “Em cada uma cabiam duas ou três metretas”, pois o Espírito Santo teria averiguado qual era a quantidade exata, desta maneira (como Jo 6.19), ensinando-nos a falar cautelosamente, e não confiantemente, das coisas sobre as quais não temos segurança.

Em segundo lugar, as talhas foram cheias até em cima pelos servos, depois da ordem de Cristo, v. 7. Assim como Moisés, o servo do Senhor, quando Deus lhe ordenou, foi até a rocha para extrair água, também estes servos, quando Cristo lhes ordenou, foram à água para obter vinho. Observe que uma vez que nenhuma dificuldade pode opor-se ao braço do poder de Deus, nenhuma improbabilidade deve ser objetada contra sua palavra de ordem.

Em terceiro lugar, o milagre foi realizado de repente, e de uma maneira que o enalteceu enormemente.

a. Tão logo eles tinham enchido as talhas, imediatamente Jesus disse: “Tirai agora” (v. 8), e assim foi feito: (*a*) Sem nenhuma cerimônia, à vista dos espectadores. Poderíamos imaginar, como Naamã, que Jesus tivesse saído e se posto em pé, e tivesse invocado o nome de Deus, 2 Reis 5.11. Não, Ele ficou tranqüilamente no seu lugar, não disse nenhuma palavra, mas desejou, e assim realizou o milagre. Observe que Cristo faz coisas grandiosas e maravilhosas sem alarido, realiza transformações evidentes de uma maneira oculta. Às vezes, Cristo, ao realizar milagres, usava palavras e sinais, mas era por causa daqueles que estavam ao seu redor, cap. 11.42. (*b*) Sem nenhuma hesitação ou incerteza no seu seio. Ele não disse: Tirem agora, e deixem-me provar, questionando se o milagre teria se realizado como Ele queria ou não. Mas com a maior segurança imaginável, embora este fosse seu primeiro milagre, Ele enviou primeiro ao mestre-sala. Assim como Ele sabia o que queria fazer, também sabia o que podia fazer, e não experimentou seu trabalho, mas tudo foi bom, muito bom, mesmo no início.

b. Nosso Senhor Jesus disse aos servos: (*a*) Que tirassem, que não deixassem o vinho na talha, para ser admirado, mas que o tirassem, para ser bebido. Observe: [*a*] Todas as obras de Cristo destinam-se ao uso. Ele não dá ao homem um talento para ser enterrado, mas para ser negociado. Ele transformou sua água em vinho, Ele lhe deu conhecimento e graça? É para nosso benefício, e por isto tire agora. [*b*] Aqueles que desejam conhecer a Cristo devem experimentá-lo, devem acompanhá-lo no uso dos meios comuns, e então poderão esperar uma influência extraordinária. Aquilo que é guardado para todos os que temem a Deus, é realizado para aqueles que confiam nele (Sl 31.19), que, pelo exercício da fé, tiram o que está guardado. (*b*) Que levassem ao mestre-sala. Alguns pensam que este mestre-sala era somente o convidado principal, que se sentava à cabeceira

da mesa. Mas, se fosse assim, certamente nosso Senhor Jesus teria tido este lugar, pois Ele era, sem dúvida, o convidado principal. Porém, parece que outra pessoa tinha o primeiro lugar, provavelmente alguém que o amava (Mt 23.6), e que o tinha escolhido, Lucas 14.7. E Cristo, de acordo com sua própria regra, sentou-se no lugar mais inferior. Mas, embora Ele não fosse tratado como o mestre-sala, Ele foi gentilmente reconhecido como um amigo dos donos da festa. E, se não foi seu idealizador, com certeza deve ser considerado como seu principal benfeitor. Outros julgam que este mestre-sala era o inspetor e monitor do banquete, o mesmo que o *symposiarcha* de Plutarco, cuja função era verificar que todos tivessem o suficiente, e ninguém se excedesse, e não houvesse indecências ou desordens. Observe que um banquete precisa ter um mestre-sala, porque muitos, quando estão em banquetes, não têm controle sobre si mesmos. Alguns opinam que este mestre-sala era o capelão, algum sacerdote ou levita que deveria ordenar uma bênção e dar graças. E Cristo queria que o cálice fosse levado até ele, para que ele o abençoasse e desse graças a Deus por ele, pois os extraordinários sinais da presença e do poder de Cristo não vieram substituir, nem deixar de lado, as regras e os métodos comuns da piedade e da devoção. Toda a religiosidade e fé devem ser direcionados a Cristo.

Em quarto lugar, o vinho que foi milagrosamente providenciado era do melhor tipo, do mais rico, e foi reconhecido pelo mestre-sala do banquete. É certo que foi realmente assim, e não sua imaginação, porque ele não sabia de onde vinha aquele vinho tão excelente, vv. 9,10. 1. Era certo que isto era vinho. O mestre-sala soube disto quando o bebeu, embora não soubesse de onde vinha. Os servos sabiam de onde vinha, mas não o tinham provado. Se o provador tivesse visto o vinho sendo tirado, ou se os servos o tivessem provado, algo poderia ser atribuído à imaginação, mas agora não há lugar para suspeitas. 2. Este era o melhor vinho. Observe que as obras de Cristo se recomendam até mesmo àqueles que não conhecem seu Autor. Os resultados dos milagres sempre são os melhores possíveis. Este vinho era certamente mais encorpado, e tinha um sabor melhor do que o vinho comum. O mestre-sala comenta isto com o esposo, com um ar de satisfação, classificando-o como um vinho incomum. (1) O costume era o oposto. O bom vinho era servido de maneira vantajosa no início de um banquete, quando os convidados têm suas mentes claras, e seus apetites, despertos, e

podem prová-lo e elogiá-lo. Mas, quando já beberam bastante, quando suas mentes estão confusas, e seus apetites, satisfeitos, o vinho bom será desperdiçado se lhes for servido. O pior lhes bastará. Veja a futilidade de todos os prazeres dos sentidos, eles logo são saciados, mas nunca satisfeitos. Quanto mais se desfruta deles, menos agradáveis se tornam. (2) Este esposo favoreceu seus amigos com uma reserva do melhor vinho para o brinde final: “Tu guardaste até agora o bom vinho”. Não sabendo a quem devia agradecer por este bom vinho, ele confere o agradecimento à mesa do esposo. “Ela, pois, não soube que eu é que lhe dei o trigo, e o vinho”, Os 2.8 (versão RA). Veja: [1] Cristo, ao prover esta abundância para os convidados, embora permita um uso animado do vinho, especialmente em ocasiões de alegria (Ne 8.10), ainda assim não invalida sua própria advertência, nem a transgride, ou seja, que nosso coração não deve estar, em nenhuma ocasião, nem mesmo em uma festa de casamento, carregado de glutonaria e de embriaguez, Lucas 21.34. Quando Cristo providenciou tanto vinho bom para aqueles que já tinham bebido bastante, Ele pretendia testar sua sobriedade, e ensiná-los como se comportar tanto na abundância quanto na escassez. A moderação forçada é uma virtude ingrata, mas, se a providência divina nos der abundância das delícias dos sentidos, e a graça divina nos capacitar a usá-las moderadamente, esta será uma abnegação digna de elogios. Ele também pretendia que sobrasse algum vinho para a confirmação da veracidade do milagre, para o aumento da fé de outros. E nós temos motivos para acreditar que os convidados estavam tão bem ensinados, ou pelo menos estavam tão bem impressionados pela presença de Cristo, que nenhum deles consumiu vinho em excesso. Duas considerações, extraídas desta história, podem ser suficientes, em qualquer tempo, para nos fortalecer contra as tentações à intemperança. Em primeiro lugar, que nosso alimento e nossa bebida são dádivas da generosidade de Deus para nós, e devemos nossa liberdade para usá-los, e nosso consolo ao usá-los, à mediação de Cristo. Portanto, é ingrato e ímpio abusar delas. Em segundo lugar, que, onde quer que estejamos, Cristo está nos observando. Nós devemos comer nosso pão diante de Deus (Êx 18.12), e assim não nos alimentaremos sem temor. [2] O Senhor Jesus nos deu uma amostra do método que usa para lidar com aqueles que lidam com Ele, isto é, reservar o melhor para o final. Portanto, eles devem tratar o Senhor com confiança. A recompensa pelos seus serviços e sofrimentos está reservada para o mundo

porvir. É uma glória a ser revelada. Os prazeres do pecado dão sua cor à taça, mas, no final, trazem tristes conseqüências. Porém, os prazeres da religião serão prazeres eternos.

III Na conclusão desta história (v. 11), lemos: 1. Que este foi o princípio dos milagres que Jesus realizou. Muitos milagres tinham se realizado a respeito dele no seu nascimento e batismo, e Ele mesmo foi o maior milagre de todos, mas este foi o primeiro que foi realizado por Ele. Ele podia ter realizado milagres quando argumentou com os doutores, mas sua hora ainda não era chegada. Ele tinha poder, mas era a hora de ocultar seu poder. 2. Que, com isto, Ele manifestou sua glória. Com isto, Ele provou ser o Filho de Deus, e que sua glória é a do Unigênito do Pai. Ele também revelou a natureza e a finalidade da sua obra. O poder de um Deus, e a graça de um Salvador, que apareciam em todos os seus milagres, e particularmente neste, manifestavam a glória do Messias esperado há tanto tempo. 3. Que seus discípulos creram nele. Aqueles a quem Ele tinha chamado (cap. 1), que não tinham visto nenhum milagre, e ainda assim o seguiram, agora viram este milagre, participaram dele, e tiveram sua fé fortalecida. Observe: (1) Até mesmo a fé que é verdadeira, a princípio, é fraca. Os homens mais fortes foram, uma vez, bebês, e assim também foram os cristãos mais fortes. (2) A manifestação da glória de Cristo é a grande confirmação da fé dos cristãos.

Os Mercadores do Templo São Punidos. A Morte e a Ressurreição de Cristo São Preditas

vv. 12-22

Aqui temos:

I A breve visita que Cristo fez a Cafarnaum, v. 12. Esta era uma cidade grande e bastante habitada, a aproximadamente um dia de viagem de Caná. Ela é chamada “sua cidade” (Mt 9.1), porque era sua base na Galiléia, e o pouco descanso que Ele tinha era desfrutado ali. Era um lugar que tinha um grande afluxo de pessoas, e por isto Cristo o escolheu, para que a fama da sua doutrina e dos seus milagres pudesse, dali, espalhar-se mais.

Observe:

1. O grupo que o acompanhou até lá: sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. Onde quer que Cristo fosse: (1) Ele não ia sozinho, mas levava consigo aqueles que se tinham colocado sob sua orientação, para que pudesse instruí-los, e para que pudessem atestar seus milagres. (2) Ele não ia sozinho, mas eles o seguiam, porque gostavam da doçura, fosse da sua doutrina, ou do seu vinho, cap. 6.26. Sua mãe o seguia, embora o Senhor tivesse recentemente dado a entender que, nas obras do seu ministério, não lhe prestaria maior respeito do que a qualquer outra pessoa. Ela o seguia não para interceder junto a Ele, mas para aprender com Ele. O mesmo ocorria com seus irmãos e parentes, que estavam nas bodas e que foram impactados pelo milagre que ali foi feito. Esta também era a situação dos seus discípulos, que o acompanhavam onde quer que Ele fosse. Aparentemente, as pessoas eram mais influenciadas pelos milagres de Cristo no início, do que posteriormente. Parece que se acostumavam com eles, o que os tornava menos estranhos. Se este raciocínio estiver correto, as multidões não o seguiam apenas pelos grandes milagres, mas também pela Palavra que o Senhor lhes pregava, e pela sua preciosa presença, que é sempre tão agradável.

2. Sua permanência ali, que, desta vez, não foi de muitos dias, designava-se somente a dar início às relações que Ele iria aprimorar posteriormente nesse lugar. Cristo ia de um lugar a outro, não desejava confinar sua utilidade a um único lugar, porque muitos precisavam dele. E Ele desejava ensinar seus seguidores a se considerarem somente como temporários neste mundo, e seus ministros, a seguirem as oportunidades, e irem para onde seu trabalho os conduzisse. Nós não vemos agora Cristo nas sinagogas, mas Ele ensinava privadamente seus amigos, e assim iniciou sua obra gradativamente. É bom que os jovens ministros se acostumem aos sermões piedosos e edificantes em particular, para que possam, com a melhor preparação e maior respeito, iniciar seu trabalho público. Ele não ficou muito tempo em Cafarnaum, porque a Páscoa estava próxima, e Ele precisava comemorá-la em Jerusalém, pois tudo é bonito na sua ocasião apropriada. O bem menor deve abrir caminho para o maior, e todas as habitações de Jacó devem dar lugar às portas de Sião .

Ele comemorou a Páscoa em Jerusalém. Esta é a primeira, depois do seu II batismo, e o evangelista registra todas as Páscoas que Ele comemorou desde então, que foram quatro no total, sendo que na quarta Ele sofreu (três anos depois desta), e meio ano tinha se passado desde seu batismo. Cristo, nascido sob a lei, comemorava a Páscoa em Jerusalém. Veja Êxodo 23.17. Assim, Ele nos ensinou, com seu exemplo, uma observância rígida às instituições divinas, e um comparecimento diligente às assembléias religiosas. Ele subiu a Jerusalém, quando a Páscoa estava próxima, para que pudesse estar ali com os primeiros. Ela é chamada de Páscoa dos judeus porque era peculiar a eles (Cristo é nossa Páscoa). Porém, dentro de pouco tempo, Deus não mais a reconheceria como sua. Cristo passava a Páscoa em Jerusalém todos os anos, desde que tinha doze anos de idade, em obediência à lei. Mas agora que Ele tinha iniciado seu ministério público, nós podemos esperar mais dele do que antes, e lemos duas coisas que Ele fez ali:

1. Ele purificou o Templo, vv. 14-17. Observe aqui:

(1) O primeiro lugar em que o encontramos em Jerusalém foi o Templo, e, aparentemente, Ele não fez nenhuma aparição pública até chegar ali. Pois sua presença e pregação ali eram a glória da última casa, que seria maior do que a da primeira, Ageu 2.9. Tinha sido predito (Ml 3.1): “Eis que eu envio o meu anjo”, João Batista. Ele nunca pregou no Templo, mas “de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais”, de repente, depois da aparição de João Batista. De modo que esta era a hora, e o Templo era o lugar, quando e onde o Messias devia ser esperado.

(2) A primeira obra em que o encontramos realizando no Templo foi a purificação dele. Pois assim estava predito (Ml 3.2,3): Ele “assentar-se-á, afinando e purificando… e purificará os filhos de Levi”. Agora era chegado o tempo da reforma. Cristo veio para ser o grande reformador, e, segundo o método dos reis reformistas de Judá, Ele primeiramente eliminou o que estava errado (e esta também era uma obra que deveria ser feita na Páscoa, como no tempo de Ezequias, 2 Crônicas 30.14,15, e Josias, 2 Reis 23.4ss.). Então o Senhor os ensinou a fazer aquilo que era correto. Em primeiro lugar, eles deveriam purgar o fermento velho, e depois preparar a festa, 1 Coríntios 5.7,8. O desígnio de Cristo, ao vir ao mundo, foi reformar o mundo, e Ele espera que todos os que vêm a Ele reformem seus corações e suas vidas, Gênesis 35.2. E isto Ele nos ensinou ao purificar o Templo. Veja aqui:

[1] Quais eram as corrupções que deviam ser eliminadas. Ele encontrou um mercado em um dos pátios do Templo, aquele que era chamado de pátio dos gentios, que estava localizado nas dependências daquele Templo, que fora edificado sobre uma montanha. Ali, em primeiro lugar, eles vendiam bois, e ovelhas, e pombos, para sacrifício. Nós supomos que não eram para uso comum, mas para a conveniência daqueles que vinham de fora e não podiam trazer seus sacrifícios em espécie consigo. Veja Deuteronômio 14.24-26. Este mercado talvez tivesse sido mantido junto ao tanque de Betesda (cap. 5.2), mas foi admitido dentro do Templo pelos principais dos sacerdotes, para lucro profano. Pois, sem dúvida, os aluguéis para estar ali, e os honorários para procurar os animais ali vendidos, e certificar que eles eram sem mancha, representariam uma renda considerável para eles. Grandes corrupções na igreja têm sua raiz no amor ao dinheiro, 1 Timóteo 6.5,10. Em segundo lugar, eles trocavam dinheiro para a conveniência daqueles que vinham de todas as partes do mundo da época, e que deveriam pagar meio siclo, em espécie, todos os anos, como uma "taxa per capita", para a manutenção do serviço do Tabernáculo (Êx 30.12), e, sem dúvida, estes cambistas lucravam muito com esta atividade.

[2] O caminho que nosso Senhor tomou para eliminar estas corrupções. Ele tinha visto estas pessoas no Templo anteriormente, quando estava em uma posição particular, mas nunca se ocupou de expulsá-los, até agora, quando tinha assumido o caráter público de um profeta. Ele não se queixou aos principais dos sacerdotes, pois sabia que eles toleravam tais corrupções. Mas Ele mesmo:

Em primeiro lugar, expulsou do Templo as ovelhas e os bois, e aqueles que os vendiam. Ele nunca usou a força para levar ninguém ao Templo, mas somente para expulsar de lá aqueles que o profanavam. Ele não apreendeu as ovelhas e os bois para si mesmo, não os seqüestrou nem manteve sob custódia, embora Ele os achasse *damage faissant – verdadeiros invasores* da propriedade do seu Pai. Ele apenas os expulsou, e também seus proprietários. Ele fez um azorrague de cordéis, com os quais provavelmente os vendedores tinham conduzido suas ovelhas e bois. Eles certamente tinham atirado estas cordas ao chão, onde Cristo as apanhou. Os pecadores preparam os açoites com os quais eles mesmos serão expulsos do Templo do Senhor. Ele não fez um açoite para castigar os transgressores (suas punições são de outra natureza), mas somente para expulsar os animais. O

Senhor não desejava nada mais nesta reforma. Veja Romanos 13.3,4; 2 Coríntios 10.8.

Em segundo lugar, Ele "espalhou o dinheiro dos cambiadores", *to kerma – os trocados* – o *Nummorum Famulus*. Ao espalhar o dinheiro, Ele mostrou seu desprezo por ele. O Senhor o espalhou lançando-o ao solo. Ao derribar as mesas, Ele mostrou seu descontentamento com aqueles que faziam da religião um assunto de ganho mundano. Os cambistas no Templo são o escândalo do Templo. Observe que, na reforma, é bom fazer o trabalho completo. Ele lançou todos fora do Templo, e não somente espalhou o dinheiro, mas, ao derribar as mesas, expulsou o comércio também.

Em terceiro lugar, Ele disse àqueles que vendiam pombos (sacrifícios dos pobres): "Tirai daqui estes". Os pombos, embora ocupassem menos espaço e fossem um aborrecimento menor do que os bois e as ovelhas, também não deviam ser permitidos ali. Os pardais e as andorinhas eram bem-vindos, pois eram deixados à providência de Deus (Sl 84.3), mas não os pombos, que eram apropriados para o lucro do homem. O templo de Deus não deve ser transformado em um pombal. Mas veja a prudência de Cristo no seu zelo. Quando Ele expulsou as ovelhas e os bois, os proprietários podiam ir atrás deles. Quando Ele espalhou o dinheiro, os proprietários podiam recolhê-lo novamente. Mas, se Ele tivesse soltado os pombos, que voavam, talvez eles não fossem recuperados. Por isto, àqueles que vendiam pombos, Ele disse: "Tirai daqui estes". Observe que a ponderação sempre deve orientar e governar nosso zelo, para que não façamos nada que seja inadequado a nós mesmos, nem danoso a outros.

Em quarto lugar, Ele lhes deu uma boa razão para o que Ele estava fazendo: "Não façais da casa de meu Pai casa de vendas". O motivo da condenação deve acompanhar a força para a correção.

a. Aqui está uma razão pela qual eles não deveriam profanar o Templo, porque era a casa de Deus, e não devia ser transformada em casa de vendas. As mercadorias são boas para permutas, mas não no Templo. Isto era: (*a*) Desviar aquilo que era dedicado à honra de Deus. Isto era sacrilégio, era roubar a Deus. (*b*) Degradar aquilo que era solene e venerável, e torná-lo comum. (*c*) Perturbar e distrair aqueles serviços nos quais os homens deveriam ter uma conduta totalmente solene, séria e aplicada. Era, particularmente, uma afronta aos filhos dos estrangeiros, na sua adoração, serem forçados a estar junto aos bois e às ovelhas, e serem distraídos, na

sua adoração, pelo ruído de um mercado, pois este mercado era mantido no pátio dos gentios. (*d*) Tornar a religião subserviente a um interesse secular, pois a santidade do lugar deveria fazer o mercado progredir, e promover a venda das suas mercadorias. Fazem da casa de Deus uma casa de vendas: [*a*] Aqueles cujas mentes estão repletas de preocupações com os negócios mundanos quando comparecem às atividades religiosas, como estas, Amós 8.5; Ezequiel 33.31. [*b*] Aqueles que realizam trabalhos divinos com a finalidade de obter um lucro sujo, tentando vender os dons do Espírito Santo, Atos 8.18.

b. Aqui está uma razão pela qual Ele se preocupou em purificar o Templo, porque era a casa do seu Pai. E: (*a*) Ele tinha autoridade para limpá-lo, pois Ele era fiel, como um Filho, à sua própria casa, Hebreus 3.5,6. Ao chamar a Deus de seu Pai, Ele indica que era o Messias, de quem estava escrito: "Este edificará uma casa ao meu nome… eu lhe serei por pai", 2 Samuel 7.13,14. (*b*) Ele tinha o zelo de purificá-lo: "É a casa do meu Pai, e por isto Eu não consigo suportar vê-la profanada, e Ele, desonrado". Observe que Deus é nosso Pai celestial. Portanto, como nosso desejo é que seu nome possa ser santificado, vê-lo profanado só pode representar tristeza para nós. A purificação do Templo, desta maneira, pode ser, com razão, incluída entre as obras mais maravilhosas do Senhor Jesus. *Inter omnia signa quae fecit Dominus, hoc mihi videtur esse mirabilius – De todas as obras maravilhosas de Cristo, esta me parece ser a mais maravilhosa* – Hieron. Deve ser considerado que: [*a*] O Senhor fez isto sem a ajuda dos seus amigos. Provavelmente, não teria sido difícil incitar a multidão, que tinha uma grande veneração pelo Templo, contra os que o profanavam, mas Cristo nunca permitiu nada que fosse tumultuado ou desordeiro. Havia algo a defender, mas seu próprio braço o fez. [*b*] Ele o fez sem a resistência de nenhum dos seus inimigos, fossem as próprias pessoas do mercado, ou os principais dos sacerdotes, que lhes tinham dado permissão, e tinham a *posse templi – polícia do Templo* à sua disposição. Mas a corrupção era evidente demais para ser justificada. As próprias consciências dos pecadores são os melhores amigos do reformador. Mas isto não era tudo, havia uma força divina exercida aqui, um poder sobre os espíritos dos homens, e com esta falta de resistência deles, as Escrituras se cumpriram (Ml 3.2,3): "Quem subsistirá, quando ele aparecer?"

Em quinto lugar, aqui está o comentário que seus discípulos fizeram sobre isto (v. 17): “Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará”. Eles estavam um pouco surpresos, no início, por ver aquele que lhes tinha sido indicado como o Cordeiro de Deus em tal irritação, e aquele que eles acreditavam ser o Rei de Israel assumindo tão pouca pompa sobre si mesmo, a ponto de fazer isto pessoalmente. Mas uma passagem das Escrituras veio às suas mentes, e os ensinou a reconciliar este ato com a mansidão do Cordeiro de Deus, e também com a majestade do Rei de Israel. Pois Davi, falando a respeito do Messias, observa seu zelo pela casa de Deus, um zelo tão grande, que praticamente o devorava, a ponto de fazer com que Ele se esquecesse de si mesmo, Salmos 69.9. Observe: 1. Os discípulos conseguiram compreender o significado do que Cristo tinha feito, lembrando-se das Escrituras: “Lembraram-se do que está escrito”. Observe que a palavra e as obras de Deus podem mutuamente explicar e exemplificar umas às outras. As passagens obscuras das Escrituras são explicadas pelo seu cumprimento através da providência, e as providências de difícil compreensão são explicitadas pela comparação com as Escrituras. Veja como é extremamente útil que os discípulos de Cristo sejam preparados e poderosos nas Escrituras, e que tenham a memória repleta das verdades das Escrituras, com as quais estarão capacitados a realizar qualquer boa obra. 2. A passagem das Escrituras de que eles se lembraram era muito adequada: “O zelo da tua casa me devorará”. Davi, neste aspecto, era um tipo de Cristo, que era zeloso da casa de Deus, Salmos 132.2,3. O que ele fez por ela foi com todas as suas forças. Veja 1 Crônicas 29.2. A última parte daquele versículo (Sl 69.9) aplica-se a Cristo (Rm 15.3), assim como a primeira parte deste. Todas as graças que deviam ser encontradas entre os santos do Antigo Testamento estavam eminentemente em Cristo, e particularmente esta, do zelo pela casa de Deus. E estas graças funcionaram como padrões para nós, e tipificaram o Senhor Jesus. Observe: (1) Jesus Cristo era zeloso da casa de Deus, sua igreja. Ele a amava, e estava sempre zeloso da sua honra e bem estar. (2) Seu zelo realmente o devorou. Ele o fez humilhar-se, e desgastar-se, e arriscar-se. “O meu zelo me consumiu”, Salmos 119.139. O zelo pela casa de Deus nos proíbe de levar em conta nossa própria credibilidade, comodidade e segurança, quando elas competem com nosso dever e o serviço a Cristo. E este zelo, às vezes, conduz nossas almas no nosso dever,

de tal maneira, e tão rapidamente, que nossos corpos não conseguem acompanhá-las, e nos tornam tão surdos quanto nosso Mestre foi àqueles que sugeriram: “Poupa a ti mesmo”. Os descontentamentos aqui corrigidos podem parecer pequenos, e tais, que poderiam ser tolerados, mas o zelo de Cristo era tal, que Ele não podia suportar aqueles que compravam e vendiam no Templo. *Si ibi ebrios inveniret quid faceret Dominus! – Se tivesse encontrado bêbados no Templo, como Ele teria ficado ainda mais descontente!* (disse Austin.)

2. Cristo, tendo, desta maneira, purificado o Templo, deu um sinal àqueles que o exigiam, para provar sua autoridade para fazer isto. Observe aqui:

(1) A exigência de um sinal: “Responderam… os judeus”, isto é, a multidão de pessoas, com seus líderes. Sendo judeus, eles deveriam ter ficado ao lado de Jesus e ajudado a defender a honra do seu Templo, mas, em vez disto, eles objetaram contra isto. Observe que aqueles que se dedicam com fervor à obra de reforma devem esperar encontrar oposição. Como não puderam objetar contra o fato em si, eles questionaram sua autoridade para fazê-lo: “‘Que sinal nos mostras’, como prova de autoridade e comissão, para fazeres estas coisas?” A purificação do Templo era, realmente, uma boa obra, mas como Ele podia realizar este trabalho, se não tinha nenhuma função, se não desempenhava nenhum ofício ali? Eles consideraram esta purificação como um ato que deveria ser realizado por alguém daquela jurisdição. Para realizá-lo, Ele deveria provar que era um profeta, e, na verdade, mais que um profeta. Mas o ato em si não seria um sinal suficiente? Sua capacidade de tirar tantas pessoas de seus lugares, sem oposição, era uma prova de sua autoridade. Aquele que estava investido com tal poder divino certamente estava investido em uma comissão divina. O que afligiu estes compradores e vendedores para que fugissem, para que tornassem atrás? Certamente, foi a presença do Senhor (Sl 114.5,7), nada menos que sua presença.

(2) A resposta de Cristo à exigência deles, v. 19. Ele não realizou imediatamente um milagre para convencê-los, mas lhes deu um sinal relativo a algo que ainda aconteceria, cuja verdade deveria aparecer através do evento, de acordo com Deuteronômio 18.21,22.

Veja: [1] O sinal que Ele lhes dá é o da sua própria morte e ressurreição. Ele se refere ao que seria, em primeiro lugar, seu último sinal. Se eles não estivessem convencidos por aquilo que viam e ouviam, que esperassem. Em

segundo lugar, o grande sinal que prova que Ele é o Messias, pois, a seu respeito, estava predito que Ele seria ferido (Is 53.5), tirado (Dn 9.26), e que Ele não veria corrupção, Salmos 16.10. Estas coisas se cumpriram no bendito Jesus, e, por isto, Ele era verdadeiramente o Filho de Deus, e tinha autoridade no Templo, a casa do seu Pai.

[2] O Senhor Jesus prediz sua morte e ressurreição, não em termos claros, como freqüentemente fazia com seus discípulos, mas com expressões figuradas. Como posteriormente, quando Ele apresentou isto como um sinal, e o chamou de sinal do profeta Jonas, desta forma, aqui o Senhor lhes disse: “Derribai este templo, e em três dias o levantarei”. Isto Ele disse em forma de parábola, para que aqueles que eram voluntariamente ignorantes não compreendessem, Mateus 13.13,14. Aqueles que não quiserem ver, não verão. Na verdade, estas palavras figuradas usadas aqui provaram ser tal pedra de tropeço para eles, que foram transformadas em evidência contra Ele no seu julgamento, com a finalidade de provar que Ele era um blasfemo, Mateus 26.60,61. Se eles tivessem, humildemente, perguntado a Jesus qual era o significado do que Ele tinha dito, Ele lhes teria dito, e teria sido um cheiro de vida para vida para eles, mas eles decidiram criticar, e isto provou ser um cheiro de morte para morte. Aqueles que não desejavam ser convencidos, insensibilizaram-se , e a maneira de expressar esta predição provocou o cumprimento da predição propriamente dita. Em primeiro lugar, Ele prediz sua morte devido à maldade dos judeus, nas seguintes palavras: “Derribai este templo”. Isto é: “Vocês irão destruí-lo, Eu sei que irão. Eu permitirei que vocês o destruam”. Observe que Cristo, mesmo no início do seu ministério, tinha uma clara percepção de todos os seus sofrimentos no final, e ainda assim prosseguiu alegremente até o fim. É bom estarmos sempre conscientes dos riscos e dos perigos desde o início das nossas atividades. Em segundo lugar, Ele prediz sua ressurreição pelo seu próprio poder: “Em três dias o levantarei”. Houve outros que foram ressuscitados, mas Cristo ressuscitou a si mesmo. Ele retomou sua própria vida.

[3] Ele decidiu expressar isto com a destruição e a reconstrução do Templo, em primeiro lugar, porque Ele agora iria se justificar através da purificação do Templo, que eles tinham profanado, como se Ele tivesse dito: “Vocês que profanam um templo, destruirão outro. E Eu provarei minha autoridade purificando aquilo que vocês profanaram, e reconstruindo

aquilo que vocês destruíram". A profanação do Templo é a destruição dele, e sua reconstrução é sua ressurreição. Em segundo lugar, porque a morte de Cristo era, verdadeiramente, a destruição do Templo dos judeus. Foi a morte do Senhor que a motivou. E sua ressurreição era a reconstrução de outro templo, a igreja evangélica, Zacarias 6.12. As ruínas do seu lugar e da sua nação (cap. 11.48) eram as riquezas do mundo. Veja Amós 9.11; Atos 15.16.

(3) O que eles responderam: "'Em quarenta e seis anos, foi edificado este templo', v. 20. O trabalho do Templo sempre foi um trabalho demorado, e tu podes fazê-lo tão depressa?" Aqui: [1] Eles mostram ter algum conhecimento. Eles puderam dizer quanto tempo o Templo esteve em construção. O Dr. Lightfoot calcula que foram necessários exatos quarenta e seis anos, a partir da fundação do Templo de Zorobabel, no segundo ano do governo de Ciro, para completar a construção do Templo, no ano 32 de Artaxerxes. E o mesmo período desde que Herodes iniciou a construção deste Templo, no décimo oitavo ano do seu reinado, até esta época, quando os judeus se referiram como exatos quarenta e seis anos: *oikodomethe – este templo foi construído.* [2] Eles mostram mais ignorância, em primeiro lugar, do significado das palavras de Cristo. Observe que os homens freqüentemente incorrem em graves enganos por interpretarem literalmente aquilo de que as Escrituras falam figuradamente. Que abundância de enganos houve quando se interpretou: "Isto é o meu corpo", de uma maneira corpórea e carnal! Em segundo lugar, do poder todo-poderoso de Cristo, como se Ele não pudesse fazer nada além do que qualquer outro homem poderia. Se eles soubessem que tinha sido Ele quem criou todas as coisas em seis dias, eles não teriam julgado tamanho absurdo que Ele construísse um templo em três dias.

(4) Uma justificativa da resposta de Cristo a partir da sua crítica. O problema é solucionado quando se explicam os termos: "Ele falava do templo do seu corpo", v. 21. Embora Cristo tivesse revelado um grande respeito pelo Templo ao purificá-lo, Ele nos dá a entender que sua santidade, da qual Ele era tão zeloso, era apenas típica, e nos conduz à consideração de outro templo, do qual aquele era apenas uma sombra, sendo Cristo a essência, Hebreus 9.9; Colossenses 2.17. Alguns opinam que quando Ele disse: Derribai este templo, Ele teria apontado para seu próprio corpo, ou colocado sua mão sobre ele. No entanto, é certo que Ele "falava

do templo do seu corpo". Observe que o corpo de Cristo é o verdadeiro templo, do qual aquele Templo de Jerusalém era um tipo. [1] Como o Templo, seu corpo havia sido formado sob orientação divina: "Corpo me preparaste", 1 Crônicas 28.19; Hebreus 10.5. [2] Como o Templo, o corpo do Senhor Jesus era uma casa santa. Ele é chamado de santo. [3] Ele era, como o Templo, a habitação da glória de Deus. Ali habitava o Verbo eterno, a verdadeira *shekiná*. O Senhor Jesus é Emanuel, Deus conosco. [4] O Templo era o lugar e o meio de relacionamento entre Deus e Israel. Ali, Deus revelou-se a eles. Ali, eles apresentavam-se, e seus serviços, a Ele. Assim, por intermédio de Cristo, Deus fala conosco, e nós falamos com Ele. Os adoradores adoravam neste lugar, 1 Reis 8.30,35. Também nós devemos adorar a Deus com os olhos em Cristo.

(5) Uma reflexão que os discípulos fizeram depois disto, muito mais tarde, algo inserido aqui para exemplificar a história (v. 22): "Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isso". Nós os encontramos, v. 17, recordando o que havia sido escrito a respeito dele, e aqui estavam se lembrando daquilo que ouviram-no dizer. Observe que as lembranças dos discípulos de Cristo devem ser como o tesouro do bom pai de família, que está repleto de coisas velhas e novas, Mateus 13.52. Agora, observe:

[1] Quando eles se lembraram dessas palavras de Jesus: "Quando [Ele] ressuscitou dos mortos". Ao que parece, eles não tinham, nesta ocasião, compreendido plenamente o significado das palavras de Cristo, pois eles eram apenas bebês em termos de conhecimento, mas eles conservaram as palavras em seus corações, e posteriormente elas se tornaram tanto inteligíveis como úteis. Observe que é bom ouvir sobre o futuro, Isaías 42.23. Os jovens em idade e fé devem armazenar as verdades que, no presente, não compreendem bem, quer seu significado, quer seu uso, pois elas lhes serão úteis no futuro, quando eles tiverem mais conhecimento. Foi dito sobre os alunos de Pitágoras que seus preceitos pareciam congelar neles até que tivessem quarenta anos de idade, e então eles começavam a descongelar. Estas palavras de Cristo também reviveram nas lembranças dos seus discípulos, quando Ele ressuscitou dos mortos. E por que, então? Em primeiro lugar, porque naquela ocasião o Espírito foi derramado para trazer à sua lembrança coisas que Cristo lhes tinha dito, e para deixá-los mais à vontade e prontos para elas, cap. 14.26. No mesmo dia em que

Cristo ressuscitou dos mortos, Ele “abriu-lhes o entendimento”, Lucas 24.45. Em segundo lugar, porque então estas palavras de Cristo se cumpriram. Quando o templo do seu corpo foi destruído, e ressuscitado no terceiro dia, então eles se lembraram destas, entre outras, palavras que Cristo tinha dito a este respeito. Observe que é muito útil para o entendimento das Escrituras observar seu cumprimento. O evento irá explicar a profecia.

[2] O uso que os discípulos fizeram disto: eles “creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito”. Sua fé nestas coisas foi confirmada e recebeu novo apoio e vigor. Eles eram lentos de coração para crer (Lc 24.25), mas tiveram certeza. As Escrituras e a Palavra de Cristo aqui são colocadas lado a lado, não porque elas coincidam e concordem entre si com exatidão, mas porque elas mutuamente exemplificam e fortalecem uma à outra. Quando os discípulos viram tanto o que tinham lido no Antigo Testamento quanto o que tinham ouvido da boca do próprio Cristo, cumprido na sua morte e ressurreição, eles foram mais confirmados na sua fé em ambas as coisas.

O Sucesso do Ministério de Cristo

vv. 23-25

Aqui temos um pequeno relato do sucesso da pregação e dos milagres de Cristo em Jerusalém, enquanto Ele passava a Páscoa ali. Observe:

I Que nosso Senhor Jesus, quando estava em Jerusalém para a Páscoa, pregou e realizou milagres. A fé das pessoas nele indicava que Ele pregava, e está escrito expressamente: “Vendo os sinais que fazia”. Agora Ele estava em Jerusalém, a cidade santa, de onde a palavra do Senhor devia se espalhar. Sua residência era principalmente na Galiléia, e, portanto, quando estava em Jerusalém, Ele estava muito ocupado. A época era uma época santa, uma festa, uma ocasião indicada para o serviço a Deus. Na Páscoa, os levitas ensinavam o bom conhecimento do Senhor (2 Cr 30.22), e Cristo aproveitou esta oportunidade para pregar, quando havia muita gente na cidade, e, desta maneira, Ele reconhecia e honrava a instituição divina da Páscoa.

II Que muitos foram levados a crer no seu nome, a reconhecê-lo como um mestre vindo de Deus, como aconteceu com Nicodemos (cap. 3.2), um grande profeta. E, provavelmente, alguns daqueles que “esperavam a redenção em Jerusalém” creram que Ele era o Messias prometido, tão preparados estavam para dar as boas-vindas à primeira aparição daquela “resplandecente Estrela da manhã”.

III Que Jesus não se comprometeu com eles (v. 24): *ouk episteuen heauton autois – Ele não confiava neles*. É a mesma expressão usada para “crer” nele. De modo que para crer em Cristo devemos nos entregar a Ele e à sua orientação. Cristo não viu motivo para depositar nenhuma confiança nestes novos convertidos em Jerusalém, lugar onde havia tantos inimigos que procuravam destruí-lo, ou: 1. Porque pelo menos alguns deles eram falsos e iriam traí-lo se tivessem uma oportunidade, ou seriam fortemente tentados a fazê-lo. Ele tinha mais discípulos em quem poderia confiar entre os galileus do que entre os habitantes de Jerusalém. Em tempos e lugares perigosos, é prudente ter cuidado quanto a quem você confia, *memneso apistein – aprender a desconfiar*. Ou: 2. Porque eram fracos, e eu espero que esta fosse a pior característica. Não que fossem traidores e desejassem mal a Ele, mas: (1) Eram medrosos, e lhes faltava zelo e coragem, e talvez pudessem temer fazer algo errado. Em tempos de dificuldades e perigos, não se deve confiar nos covardes. Ou: (2) Eram turbulentos, e lhes faltava discrição e controle. Talvez estes, em Jerusalém, tivessem suas expectativas do reino temporal do Messias mais elevadas que as dos outros, e, com esta expectativa, estariam prontos a desferir alguns ataques ousados contra o governo se Cristo tivesse se comprometido com eles e se tivesse colocado para liderá-los. Mas Ele não fez isto, pois seu reino não é deste mundo. Nós devemos ter receio das pessoas turbulentas e inquietas, como nosso Mestre aqui, ainda que professem crer em Cristo, como eles faziam.

IV Que a razão pela qual Ele não se comprometeu com eles devia-se ao fato de que Ele os conhecia (v. 25), conhecia a maldade de alguns e a fraqueza de outros. O evangelista aproveita esta oportunidade para afirmar a onisciência de Cristo. 1. Ele a todos conhecia, não somente seus nomes e rostos, como é possível que nós conheçamos alguns, mas pela sua natureza, suas disposições, seus afetos, desejos, como nós não conhecemos nenhum

homem, e mal conhecemos a nós mesmos. Ele conhece todos os homens, pois sua mão poderosa os criou a todos, seu olhar penetrante vê a todos, vê o interior de todos. Ele conhece seus astutos inimigos, e todos os seus projetos secretos; seus falsos amigos, e suas verdadeiras personalidades; o que eles realmente são, e o que eles fingem ser. Ele conhece aqueles que são verdadeiramente seus, conhece sua integridade, e também conhece suas fraquezas. Ele conhece sua estrutura. 2. Ele "não necessitava de que alguém testificasse do homem". Seu conhecimento não se originava das informações de outros, mas do seu próprio conhecimento infalível. Uma das infelicidades dos príncipes terrenos consiste no fato de que eles precisam ver com os olhos de outros homens, e ouvir com ouvidos de outros homens, e aceitar as coisas como lhes são apresentadas, mas Cristo segue puramente seu próprio conhecimento. Os anjos são seus mensageiros, mas não seus espiões, pois seus olhos passam por toda a terra, 2 Crônicas 16.9. Isto pode nos consolar com referência às acusações de Satanás, pois Cristo não aceitará as informações que Satanás tenta transmitir a respeito do caráter dos homens. 3. "Ele bem sabia o que havia no homem", em pessoas em particular, na natureza e na raça do homem. Ele sabe o que os homens fazem. Cristo sabe o que há neles, Ele põe à prova o coração e os pensamentos mais profundos do homem. Isto é prerrogativa da Palavra essencial e eterna, Hebreus 4.12,13. Nós invadimos sua prerrogativa quando passamos a julgar os corações dos homens. Como é adequado que Cristo seja o Salvador dos homens, muito adequado que Ele seja o médico que tem um conhecimento tão perfeito da situação e do caso de cada paciente, do seu ânimo e do seu destempero. Ele sabe o que há nele! Como é adequado que Ele seja o Juiz de todos! Pois o julgamento daquele que conhece todos os homens, e tudo o que há nos homens, deve, necessariamente, ser de acordo com a verdade.

Este foi o resultado da pregação e dos milagres de Cristo em Jerusalém, nesta viagem. Muitos creram no seu nome (v. 23). O Senhor vem ao seu Templo, e um grande grupo de pessoas o busca. Ele recebe o crédito delas, mas não pode confiar nelas. Porém, no final, "o trabalho da sua alma ele verá".

CAPÍTULO 3

Neste capítulo, temos: I. As palavras de Cristo a Nicodemos, um fariseu, a respeito dos grandes mistérios do Evangelho, sobre os quais aqui Ele o instrui particularmente, vv. 1-21. II. As palavras de João Batista aos seus discípulos a respeito de Cristo, na ocasião da sua vinda à região onde João estava (vv. 22-36), em que ele corretamente e fielmente renuncia aos seus interesses, submetendo toda sua honra ao Senhor.

A Conversa de Cristo com Nicodemos

vv. 1-21

No final do capítulo anterior, nós vimos que poucos foram levados até Cristo em Jerusalém. No entanto, aqui está um deles, uma pessoa considerável. Vale a pena empenhar-se pela salvação, mesmo que seja de uma única alma. Observe:

I Quem era este Nicodemos. “Não são muitos… os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados” (1 Co 1.26). No entanto, alguns o são, e aqui estava um deles. Nem muitos governantes, ou fariseus. Ainda assim: 1. Este era um fariseu, criado para o estudo, um erudito. Que não se diga que todos os seguidores de Cristo não têm estudo ou são homens ignorantes. Os princípios dos fariseus, e as peculiaridades da sua seita eram diretamente contrários ao espírito do cristianismo. Ainda assim, havia alguns em quem até mesmo estes pensamentos elevados eram derrubados e trazidos à obediência a Cristo. A graça de Cristo é capaz de subjugar a mais ferrenha oposição. 2. Ele era um “príncipe dos judeus”, um membro do grande Sinédrio, um senador, um conselheiro privado, um homem de autoridade em Jerusalém. Por mais que as coisas estivessem ruins, havia alguns príncipes com boa inclinação, que, no entanto, faziam pouco bem, porque a corrente contra eles era muito forte. Eles eram dominados pela maioria, e subjugados àqueles que eram corruptos, de modo que não conseguiam fazer o bem que desejavam. Ainda assim, Nicodemos continuou na sua posição, e fazia o que podia, quando não podia fazer o que queria.

II A maneira solene como ele se dirige ao nosso Senhor Jesus Cristo, v. 2. Veja aqui:

1. Quando ele veio: ele “foi ter de noite com Jesus”. Observe: (1) Ele teve uma conversa privativa e particular com Cristo, e não julgou suficiente ouvir seus sermões públicos. Ele decidiu falar com Ele sozinho, quando poderia ter liberdade com Ele. A conversa pessoal com ministros hábeis e fiéis sobre as questões das nossas almas é de grande utilidade para nós, Malaquias 2.7. (2) Ele se dirigiu a Jesus à noite, o que pode ser considerado: [1] Como um ato de prudência e discrição. Durante o dia inteiro, Cristo estava engajado no seu ministério público, e Nicodemos não desejava interrompê-lo, nem esperava que Ele o atendesse, mas observou os horários de Cristo, e o procurou quando Ele estava desocupado. Observe que as vantagens privativas que beneficiam apenas a nós e nossas famílias devem ceder lugar às públicas. O bem maior deve ter preferência sobre o menor. Cristo tinha muitos inimigos, e por isto Nicodemos veio até Ele incógnito, pois se os principais dos sacerdotes ficassem sabendo disto, eles se enfureceriam ainda mais contra Cristo. [2] Como um ato de zelo e diligência. Nicodemos era um homem de negócios, e talvez não tivesse tempo, durante o dia, para fazer uma visita a Cristo. Por esta razão, ele pode ter preferido aproveitar o início da noite, ou ainda mais tarde, do que deixar de conversar com Cristo. Quando os outros estavam dormindo, ele estava adquirindo conhecimento, como Davi em meditação, Salmos 63.6 e 119.148. Provavelmente, isto aconteceu uma noite após ele ter visto os milagres de Cristo, e não desejava negligenciar a primeira oportunidade de seguir suas convicções. Ele não sabia quando Cristo poderia deixar a cidade, nem o que poderia vir a acontecer entre esta festa e a próxima, e por isto desejou não perder tempo. À noite, sua conversa com Cristo seria mais à vontade, e menos sujeita a distúrbios. Estas eram *Noctes Christianae – Noites cristãs*, muito mais instrutivas que as *Noctes Atticae – Noites de Atenas*. Ou [3] Como um ato de medo e covardia. Ele tinha medo, ou vergonha, de ser visto com Cristo, e por isto veio à noite. Quando o Evangelho está fora de moda, existem muitos Nicodemos, especialmente entre os líderes, que têm um afeto por Cristo e por sua religião maior do que se supõe que tenham. Mas observe que, em primeiro lugar, embora ele viesse à noite, Cristo o recebeu bem, aceitou sua integridade e perdoou sua fraqueza. Ele levou em consideração seu temperamento, que talvez fosse temeroso, e a tentação em que ele se encontrava, devido à sua posição e trabalho, e assim ensinou seus ministros a tolerar todas as coisas de todos os

homens, e a incentivar bons inícios, ainda que sejam fracos. Paulo pregava particularmente aos que estavam em estima ou que pareciam de maior influência, Gálatas 2.2. Em segundo lugar, embora ele venha agora à noite, posteriormente, quando houve oportunidade, Ele reconheceu a Cristo publicamente, cap. 7.50; 19.39. A graça que a princípio é apenas um grão de mostarda pode crescer e se tornar uma grande árvore.

2. O que ele disse. Ele não veio falar com Cristo sobre política e questões de estado (embora fosse um príncipe), mas sobre os interesses da sua própria alma e sua salvação, e, sem rodeios, vai direto ao assunto. Ele chama Cristo de Rabi, o que significa um grande homem. Veja Isaías 19.20. "Ele lhes enviará um Redentor e Protetor que os livrará". Um Salvador e um Rabi, é isto o que a palavra quer dizer. Há esperanças para aqueles que têm respeito por Cristo, e pensam e falam honrosamente dele. Ele diz a Cristo o que já sabia: "Bem sabemos que és mestre". Observe: (1) Sua declaração direta a respeito de Cristo: "És mestre vindo de Deus". Não educado ou ordenado pelos homens, como outros mestres, mas sustentado com inspiração e autoridade divinas. Aquele que seria o Príncipe soberano veio, primeiramente, ser um mestre, pois Ele irá governar com a razão, não com rigor, pelo poder da verdade, e não o da espada. A palavra repousava em ignorância e enganos. Os professores judeus eram corruptos e levavam o povo a enganos. É hora do trabalho do Senhor. Ele era um mestre vindo de Deus, de Deus, que é o Pai das misericórdias, por piedade de um mundo obscuro e enganado; de Deus, que é o Pai das luzes e a fonte da verdade, toda a luz e toda a verdade em que podemos aventurar nossas almas. (2) Sua garantia disto: "Bem sabemos", não somente eu, mas também outros. Assim, Nicodemos tinha certeza da divindade do Senhor Jesus, pois ela era clara e evidente. Talvez ele soubesse que havia diversos entre os fariseus e príncipes com quem ele convivia que tinham as mesmas convicções, mas não tinham a graça para admitir isto. Ou podemos supor que ele fala no plural ("sabemos") porque trazia consigo um ou mais de seus amigos e alunos, para receber instruções de Cristo, sabendo que elas seriam de interesse público. "Mestre", diz ele, "nós viemos com um desejo de ser ensinados, de ser seus alunos, pois estamos plenamente convencidos de que és um mestre divino". (3) A base da sua garantia: "Ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele". Aqui: [1] Nós somos assegurados da veracidade dos milagres de Cristo, e do fato de que eles não

eram falsos. Aqui estava Nicodemos, um homem sábio, sensível e curioso, alguém que tinha todos os motivos e oportunidades imagináveis para examiná-los, tão completamente convencido de que eram milagres verdadeiros, que foi levado por eles a agir contra seus próprios interesses, e contra a corrente da sua própria classe, que tinha preconceitos contra Cristo. [2] Nós recebemos a orientação sobre o que deduzir dos milagres de Cristo. Portanto, nós devemos recebê-lo como um "Mestre vindo de Deus". Seus milagres eram suas credenciais. O curso da natureza não podia ser alterado, exceto pelo poder do Deus da natureza, que, temos certeza, é o Deus da verdade e da bondade, e nunca colocaria seu selo sobre uma mentira ou trapaça.

III A conversa entre Cristo e Nicodemos, ou melhor, o sermão que Cristo pregou para ele. Seu conteúdo, e talvez um resumo da pregação pública de Cristo. Veja os versículos 11 e 12. Nosso Salvador aqui fala sobre quatro coisas:

1. A respeito da necessidade e natureza da regeneração, ou do novo nascimento, vv. 3-8. Aqui, devemos considerar isto:

(1) Como uma resposta pertinente às palavras de Nicodemos. Jesus "respondeu", v. 3. Esta resposta foi: [1] Uma crítica ao que Ele viu de falho nas palavras de Nicodemos. Não era suficiente que ele admirasse os milagres de Cristo, e reconhecesse sua missão, ele devia nascer de novo. Está claro que ele esperava o reino do céu, o reino do Messias, que breve se manifestaria. Em breve, ele perceberia o amanhecer deste novo dia, e, de acordo com a noção comum dos judeus, ele espera que isto aconteça com pompa e poder externos. Ele não duvida que este Jesus, que opera estes milagres, ou é o Messias ou seu profeta, e por isto ele tenta agradá-lo, elogiando-o, e assim espera assegurar para si mesmo uma participação nas vantagens do reino. Mas Cristo lhe diz que ele não terá benefícios por esta mudança de situação, a menos que haja uma mudança de espírito, dos princípios e das disposições, o que equivale a um novo nascimento. Nicodemos veio à noite: "Mas isto não é suficiente", diz Cristo. Sua religião deve ser admitida diante dos homens, segundo o Dr. Hammond. Ou: [2] Uma resposta aos desejos que Ele viu nas palavras de Nicodemos. Quando Nicodemos reconheceu que Cristo era um "mestre vindo de Deus", alguém a quem tinha sido confiada uma extraordinária revelação do céu, ele

claramente expressou um desejo de conhecer qual era esta revelação, e uma disposição para recebê-la. E Cristo declara isto.

(2) Como uma declaração afirmativa e veemente de nosso Senhor Jesus: “Na verdade, na verdade te digo”. Eu, o Amém, o Amém, o digo. Assim pode ser interpretado: “Eu, a testemunha fiel e verdadeira”. A questão é decidida de maneira irreversível: a menos que um homem nasça de novo, ele não poderá ver o reino de Deus. “Eu lhe digo isto, embora você seja um fariseu, um mestre em Israel”. Observe:

[1] Qual é o requisito: nascer de novo. Isto é, em primeiro lugar, nós devemos viver uma nova vida. O nascimento é o início da vida. Nascer de novo é começar de novo, como aqueles que até então viveram, ou de maneira muito incorreta, ou com poucos objetivos. Nós não devemos pensar em remendar a antiga construção, mas em começar pela fundação. Em segundo lugar, nós devemos ter uma nova natureza, novos princípios, novos afetos, novos objetivos. Nós devemos nascer de novo, *anothen*, que significa tanto *denuo – novamente*, quanto *desuper – de cima*. 1. Nós devemos nascer de novo, assim é interpretada a palavra, Gálatas 4.9, e *ab initio – desde o princípio*, Lucas 1.3. Após nosso primeiro nascimento, aprendemos a viver no pecado, tornamo-nos corruptos, moldados em pecado e iniqüidade, por isto devemos nos submeter a um segundo nascimento. Nossas almas devem ser remodeladas e vivificadas. 2. Nós devemos nascer de cima, assim a palavra é usada por este evangelista, cap. 3.31; 19.11, e eu entendo que este é o significado desejado aqui, sem excluir o outro, pois nascer de cima pressupõe nascer de novo. Mas este novo nascimento tem sua origem no céu (cap. 1.13) e se dirige ao céu. Significa nascer para uma vida divina e celestial, uma vida de comunhão com Deus e o mundo superior, e, para isto, participar de uma natureza divina e espelhar a imagem do celestial.

[2] A indispensável necessidade do novo nascimento: “Aquele (qualquer pessoa que tenha natureza humana e, conseqüentemente, compartilhe das suas corrupções) que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus, o reino do Messias, iniciado em graça e aperfeiçoado em glória”. A menos que nasçamos de novo, de cima, não poderemos ver o reino de Deus. Isto é, em primeiro lugar, nós não conseguimos compreender sua natureza. Tal é a natureza das coisas que pertencem ao reino de Deus (nas quais Nicodemos desejava ser instruído), que a alma precisa ser remodelada e remoldada, o

homem natural deve se tornar um homem espiritual, antes de ser capaz de recebê-las e compreendê-las, 1 Coríntios 2.14. Em segundo lugar, enquanto estamos no pecado, não podemos receber seu consolo, não podemos esperar nenhum benefício de Cristo e do seu Evangelho, nem compartilhar ou participar dele. Observe que a regeneração é absolutamente necessária para nossa felicidade aqui e no futuro. Considerando o que nós somos por natureza, como somos corruptos e pecadores, e que Deus é a única possibilidade de felicidade para nós, e o que é o céu, no qual está reservada a perfeição da nossa felicidade, fica claro, pela natureza da questão, que devemos nascer de novo, porque é impossível que possamos ser felizes se não formos santos. Veja 1 Coríntios 6.11,12.

Tendo sido estabelecida esta grande verdade da necessidade da regeneração:

a. Ela se torna uma objeção à vida de Nicodemos (v. 4): "Como pode um homem nascer, sendo velho", velho como eu: *geron on – sendo um homem velho*? "Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?" Aqui fica evidente: (*a*) Sua fraqueza em conhecimento. Aquilo que Cristo falava espiritualmente, ele parece ter compreendido de uma maneira física e carnal, como se não existisse outra maneira de regenerar e remoldar uma alma imortal, a não ser remoldando o corpo, e trazendo-o de volta à rocha de onde tinha sido cortado, como se houvesse tal conexão entre corpo e alma, que não haveria maneira de renovar o coração, a menos que se formassem novamente os ossos. Nicodemos, como outros judeus, valorizava a si mesmo, sem dúvida, em grande parte, devido ao seu nascimento e suas dignidades e privilégios – o lugar, a Terra Santa, talvez a cidade santa –, sua linhagem, como a de que Paulo teria se gloriado, Filipenses 3.5. E por isto é uma grande surpresa, para Nicodemos, ouvir Cristo falando de nascer de novo. Poderia ele ser gerado e nascer melhor do que ser gerado e nascer israelita, ou por algum outro nascimento estar em melhor posição para obter um lugar no reino do Messias? Na verdade, eles consideravam um gentio prosélito como tendo nascido de novo, mas não podiam imaginar como um judeu, um fariseu, podia vir a melhorar, nascendo de novo. Por isto, ele pensa, se precisa nascer de novo, deve ser daquela que o gerou primeiro. Aqueles que se orgulham do seu primeiro nascimento dificilmente são trazidos a um novo nascimento. (*b*) Sua vontade de ser ensinado. Ele não dá as costas a Cristo por causa destas

palavras duras, mas sinceramente reconhece sua ignorância, o que dá a entender um desejo de ser mais bem informado. E é assim que eu entendo, e não como se ele tivesse noções grosseiras do novo nascimento de que Cristo falava: “Senhor, faça-me compreender isto, pois é um enigma para mim. Eu sou muito tolo para saber que existe outra maneira para um homem nascer, que não seja da sua mãe”. Quando nós nos deparamos com aquilo que nas coisas de Deus é obscuro, e difícil de entender, nós devemos, com humildade e empenho, continuar nossa procura pelos meios do entendimento, até que Deus as revele para nós.

b. Isto é esclarecido e explicado pelo nosso Senhor Jesus, vv. 5-8. A partir da objeção, Ele aproveita:

(*a*) Para repetir e confirmar o que tinha dito (v. 5): “Na verdade, na verdade te digo”, a mesma coisa que disse antes. Observe que a palavra de Deus não é sim e não, mas sim e amém. O que Ele disse, Ele confirma, não importando quem o contradiga, e Ele não irá retirar nada do que disse, devido à ignorância e aos enganos dos homens. Embora Nicodemos não compreendesse o mistério da regeneração, ainda assim Cristo declara a necessidade dela tão positivamente quanto antes. Observe que é tolice pensar em esquivar-se da obrigação dos preceitos evangélicos, alegando que são incompreensíveis, Romanos 3.3,4.

(*b*) Para explicar e esclarecer o que Ele tinha dito a respeito da regeneração. Para a explicação, Ele mostra:

[*a*] O autor desta transformação abençoada, e quem é que a realiza. Nascer de novo é nascer do Espírito, vv. 5-8. A transformação não se realiza por nenhuma sabedoria ou nenhum poder nosso, mas pelo poder e pela influência do bendito Espírito da graça. É a santificação do Espírito (1 Pe 1.2) e a renovação do Espírito Santo, Tito 3.5. A palavra pela qual Ele opera é segundo sua inspiração, e Ele tem acesso ao coração que deve ser transformado.

[*b*] A natureza desta transformação, e como ela se realiza. Ela é espiritual, v. 6. Aqueles que são regenerados tornam-se espirituais, e refinados, livres do lixo e da sujeira da sensualidade que não segue os padrões de Deus. Os desejos e interesses da alma racional e imortal recuperaram o domínio que deviam ter sobre a carne. Os fariseus concentravam sua religião na pureza exterior, e nas aparências externas, e seria necessária uma transformação poderosa neles, verdadeiramente, nada menos do que um novo nascimento,

para que se tornassem espirituais.

[*c*] A necessidade desta transformação. Em primeiro lugar, aqui Cristo mostra que ela é não apenas necessária, mas essencial, pois nós não estaremos adequados para entrar no reino de Deus até que nasçamos de novo: "O que é nascido da carne é carne", v. 6. Aqui está nossa enfermidade, com suas causas, que são tais, que fica claro que não existe remédio, a não ser que nasçamos de novo. 1. Aqui lemos o que somos: nós somos carne, não somente seres corpóreos, mas corruptos, Gênesis 6.3. A alma ainda é uma substância espiritual, mas tão casada com a carne, tão cativa pelos desejos da carne, tão apaixonada pelas delícias da carne, tão empregada em fazer provisões para a carne, que é, na maioria dos casos, chamada de carne. É carnal. E que comunhão pode haver entre Deus, que é espírito, e uma alma nestas condições? 2. Como viemos a ser isto. Nascemos da carne. Esta é uma corrupção que é gerada conosco, e por isto nós não podemos ter uma nova natureza, mas devemos nascer de novo. A natureza corrupta, que é carne, surge no nosso primeiro nascimento, e, portanto, a nova natureza, que é espírito, deve surgir em um novo nascimento. Nicodemos falou em entrar novamente no ventre da sua mãe e nascer de novo, mas, mesmo que ele pudesse fazer isto, seria com que propósito? Ainda que ele fosse nascido da sua mãe cem vezes, isto não remediaria a questão, pois ainda o que é nascido da carne é carne. Uma coisa pura não pode se originar de uma impura. Ele deve procurar outra origem, deve nascer do Espírito, caso contrário não poderá tornar-se espiritual. Em resumo, o caso é este: embora o homem seja criado para consistir de corpo e alma, ainda assim sua parte espiritual tinha, no início, tanto domínio sobre sua parte corpórea, que ele era chamado de alma vivente (Gn 2.7), mas ao ser indulgente com o apetite da carne, ao comer o fruto proibido, ele prostituiu o justo domínio da alma para a tirania dos desejos sensuais, e não mais foi uma alma vivente, mas carne: "És pó". A alma vivente tornou-se morta e inativa. Desta forma, no dia em que o homem pecou, certamente morreu, e assim tornou-se terreno. Neste estado degenerado, ele gerou um filho à sua própria semelhança. Ele transmitiu a natureza humana, que tinha sido inteiramente depositada em suas mãos, corrupta e depravada, e com a mesma situação penosa, ela se propaga. A corrupção e o pecado estão entrelaçados na nossa natureza. Nós somos formados em iniqüidade, o que torna necessário que a natureza se

transforme. Não basta vestir um novo casaco, ou ter um novo rosto, mas nós devemos nos vestir do “novo homem”, devemos ser novas criaturas. Em segundo lugar, Cristo torna isto ainda mais necessário, pela sua própria palavra: “Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo”, v. 7. 1. Cristo tinha dito isto, e assim como Ele nunca retirou o que disse, nem jamais o fará, também o mundo não pode negar o fato de que nós devemos nascer de novo. Aquele que é o grande Legislador, cuja vontade é uma lei, aquele que é o grande Mediador do novo concerto, e que tem pleno poder para definir os termos da nossa reconciliação com Deus, e da nossa felicidade nele, aquele que é o grande Médico de almas, conhece a situação delas e o que é necessário para a cura, Ele disse: “Necessário vos é nascer de novo”. “Eu disse a você o que diz respeito a todos: Vocês devem, todos vocês, tanto uns como os outros, nascer de novo, não somente as pessoas comuns, mas os príncipes, os mestre de Israel”. 2. Nós não devemos nos maravilhar com isto, pois quando considerarmos a santidade do Deus com quem tratamos, o grande desígnio da nossa redenção, a depravação da nossa natureza, e a constituição da felicidade apresentada diante de nós, não iremos achar que é estranho que tanta ênfase seja colocada sobre a única coisa necessária, que devemos nascer de novo.

[*d*] Esta transformação é exemplificada por duas comparações. Em primeiro lugar, a obra regeneradora do Espírito é comparada com a água, v. 5. Nascer de novo é nascer da água e do Espírito, isto é, do Espírito operando como água. Como a expressão “com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3.11) significa que o Espírito Santo trabalha como fogo. 1. A intenção básica aqui é mostrar que o Espírito, ao santificar uma alma: (1) Limpa-a e purifica-a como água, remove dela a sujeira, pela qual ela se encontrava inadequada para o reino de Deus. É a lavagem da regeneração, Tito 3.5. “Haveis sido lavados”, 1 Coríntios 6.11. Veja Ezequiel 36.25. (2) Refresca-a e revigora-a, como a água faz com o corço perseguido e caçado, e o viajante cansado. O Espírito é comparado com a água, cap. 7.38,39; Isaías 44.3. No início da criação, os frutos do céu eram produtos da água (Gn 1.20), em alusão ao que, talvez, aqueles que nascem de cima são nascidos da água. 2. É provável que Cristo se referisse à ordenança do batismo, que João tinha usado e que Ele mesmo tinha começado a usar. “Vocês devem nascer de novo, do Espírito”, e a regeneração pelo Espírito devia ser representada pela lavagem com água como sinal visível daquela graça

espiritual. Não que todos os que são batizados, e somente eles, sejam salvos, mas sem aquele novo nascimento que é operado pelo Espírito, e representado pelo batismo, ninguém será considerado como súdito privilegiado e protegido do reino do céu. Os judeus não podem participar dos benefícios do reino do Messias, que eles esperaram por tanto tempo, a menos que desistam de todas as expectativas de serem justificados pelas obras da lei, e se submetam ao batismo de arrependimento, o grande dever do Evangelho, para a remissão dos pecados, o grande privilégio do Evangelho. Em segundo lugar, é comparado ao vento: “O vento assopra onde quer... assim é todo aquele que é nascido do Espírito”, v. 8. A mesma palavra (*pneuma*) significa vento e também Espírito. O Espírito desceu sobre os apóstolos em um vento veemente e impetuoso (At 2.2), suas fortes influências sobre os corações dos pecadores são comparadas ao soprar do vento (Ez 37.9), e suas doces influências sobre as almas dos santos, ao vento norte e sul, Cantares 4.16. Esta comparação é usada aqui para mostrar: 1. Que, na regeneração, o Espírito trabalha arbitrariamente, e como um agente livre. O vento assopra onde quer, por nós, e não atende nossa ordem, nem está sujeito ao nosso comando. Deus o comanda. Ele executa sua palavra, Salmos 148.8. O Espírito dispensa suas influências onde, e quando, em quem, e na medida e no grau que desejar, “repartindo particularmente a cada um como quer”, 1 Coríntios 12.11. 2. Que Ele opera de maneira poderosa, e com resultados evidentes: “Ouves a sua voz”. Embora sua causa esteja oculta, seus efeitos são manifestos. Quando a alma é levada a lamentar o pecado, a gemer sob o peso da corrupção, a adorar a Cristo, a clamar “Aba, Pai”, então nós ouvimos o som do Espírito, e vemos que Ele está trabalhando, como em Atos 9.11: “Eis que ele está orando”. 3. Que Ele opera misteriosamente, e de maneiras ocultas e secretas: “Não sabes donde vem, nem para onde vai”. Como ele reúne sua força, e como a gasta, é um mistério para nós. Também a maneira e os métodos de trabalho do Espírito são um mistério. “Por onde passou... o Espírito?” 1 Reis 22.24. Veja Eclesiastes 11.5, e compare com Salmos 139.14.

2. Aqui está um sermão a respeito da certeza e da sublimidade das verdades do Evangelho. O Senhor Jesus Cristo aproveita a fraqueza de Nicodemos para proferi-lo. Aqui temos:

(1) A objeção que Nicodemos ainda fez (v. 9): “Como pode ser isso?” A explicação de Cristo da doutrina da necessidade da regeneração,

aparentemente, não ficou clara para ele. A corrupção da natureza que a torna necessária, e a maneira como o Espírito a torna executável, são mistérios para ele, tanto quanto o próprio evento. Embora, de maneira geral, ele reconhecesse Cristo como um mestre divino, ele ainda se recusava a receber seus ensinamentos, quando não estavam de acordo com as noções que o impregnavam. Desta maneira, muitos professam aceitar a doutrina de Cristo, de uma forma geral, mas, na realidade, não crêem nas verdades do cristianismo, nem se submetem a elas. Estes seguem suas próprias vontades. Cristo será seu professor, desde que eles possam escolher sua lição. Aqui: [1] Nicodemos reconhece ser ignorante do que Cristo quer dizer afinal: "'Como pode ser isso?' Estas são coisas que eu não consigo compreender, minha capacidade não as alcança". Assim, "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura". Ele não somente é alheio a elas, e desta forma elas são obscuras a ele, mas ele também é preconceituoso contra elas, e por isto são loucura para ele. [2] Por esta doutrina ser incompreensível para si (assim ele se satisfazia em torná-la), ele questiona a verdade que há nela, como se, por ser um paradoxo para ele, fosse uma quimera em si mesma. Muitos têm esta opinião sobre sua própria capacidade, a ponto de pensar que aquilo em que eles não conseguem crer não possa ser provado. Eles não conhecem Cristo de uma forma sábia.

(2) A repreensão que Cristo fez, devido à estupidez e ignorância de Nicodemos: "'Tu és mestre de Israel', *didaskalos – um professor*, um tutor, alguém que se senta na cadeira de Moisés, e não somente não está familiarizado com a doutrina da regeneração, mas também é incapaz de compreendê-la?" Isto é uma reprovação: [1] Àqueles que se incumbem de ensinar os outros, e ainda assim eles mesmos são ignorantes e inexperientes na palavra da justiça. [2] Àqueles que passam seu tempo aprendendo e ensinando noções e cerimônias religiosas, detalhes e críticas às Escrituras, e se esquecem daquilo que é prático e que transforma o coração e a vida. Duas palavras na repreensão são muito enfáticas. Em primeiro lugar, o local onde sua sorte tinha sido lançada: em Israel, onde havia tanta abundância de meios de conhecimento, onde estava a revelação divina. Ele podia ter aprendido isto do Antigo Testamento. Em segundo lugar, as coisas de que ele era ignorante: essas coisas, essas coisas necessárias, essas coisas grandiosas, essas coisas divinas. Será que ele nunca tinha lido Salmos

50.5,10; Ezequiel 18.31; 36.25,26?

(3) O sermão de Cristo, como conseqüência disto, sobre a certeza e a sublimidade das verdades do Evangelho (vv. 11-13), para mostrar a loucura daqueles que se fazem alheios a estas coisas, e recomendar que as busquemos. Observe aqui:

[1] Que as verdades que Cristo ensinava eram garantidas. Elas são dignas de absoluta confiança (v. 11): “Nós dizemos o que sabemos”. Nós. A quem Ele se refere, além de si mesmo? Alguns opinam que Ele se referia àqueles que testificavam dele e com Ele na terra, os profetas e João Batista. Eles diziam o que sabiam e tinham visto, aquilo com que estavam plenamente satisfeitos. A revelação divina traz suas próprias evidências consigo. Outros julgam que Ele se referia àqueles que davam testemunho no céu, o Pai e o Espírito Santo. O Pai estava com Ele, o Espírito do Senhor estava sobre Ele, por isto Ele fala no plural, como em João 14.23: “Viremos para ele”. Observe, em primeiro lugar, que as verdades de Cristo são de certeza indubitável. Nós temos todas as razões do mundo para ter certeza de que as palavras de Cristo são palavras fiéis, e em que podemos arriscar nossas almas, pois Ele não somente é uma testemunha digna de crédito, que não faria nada para nos enganar, mas é também uma testemunha competente, que não se deixaria enganar: “Testificamos o que vimos”. Ele não fala do que ouviu dizer, mas fala sobre as evidências mais claras, e, portanto, com a maior certeza. Aquilo que Ele falava sobre Deus, sobre o mundo invisível, sobre o céu e o inferno, sobre a vontade divina a nosso respeito, e os conselhos de paz, era aquilo que Ele conhecia, e tinha visto, pois Ele estava com Deus, o Pai, como alguém que sempre viveu com Ele, Provérbios 8.30. Tudo o que Cristo dizia, Ele dizia com base no seu próprio conhecimento. Em segundo lugar, que a incredulidade dos pecadores é enormemente agravada pela infalível certeza das verdades de Cristo. As coisas são claras e certas, desta maneira, contudo “não aceitais o nosso testemunho”. Haverá multidões de descrentes naquilo em que (por serem tão convincentes as razões da credibilidade) não poderiam deixar de crer!

[2] As verdades que Cristo ensinava, embora transmitidas com linguagem e expressões emprestadas de coisas comuns e terrenas, ainda assim, na sua própria natureza, eram extremamente sublimes e celestiais. Isto é dado a entender no versículo 12: “‘Se vos falei de coisas terrestres’, isto é, se falei das grandes coisas de Deus por meio de similaridades com as coisas

terrenas, para torná-las mais fáceis e compreensíveis, como quando falei do novo nascimento e do vento – se me adaptei às vossas capacidades, e vos falei na vossa própria língua, e não consigo fazer com que entendais minha doutrina –, o que faríeis se Eu me acomodasse à natureza das coisas, e falasse na língua dos anjos, a língua que os mortais não conseguem falar? Se estas expressões familiares são pedras de tropeço, o que poderiam ser as idéias abstratas, e as coisas espirituais, expressas de maneira adequada?" Aqui podemos aprender, em primeiro lugar, a admirar a estatura e a profundidade da doutrina de Cristo. Ela é um grande mistério da piedade. As coisas do Evangelho são coisas celestiais, fora da esfera das indagações da razão humana, e muito mais fora do alcance das suas descobertas. Em segundo lugar, a reconhecer, com gratidão, a condescendência de Cristo, porque Ele se alegra de adequar a forma da revelação do Evangelho às nossas capacidades, a falar conosco como se fôssemos crianças. Ele considera nossa estrutura, o fato de que somos originários da terra, e nosso lugar, pois estamos sobre a terra, e nos fala de coisas terrenas, e faz das coisas concretas o veículo das coisas espirituais, para torná-las mais fáceis e familiares para nós. Isto Ele fez tanto em parábolas quanto em sacramentos. Em terceiro lugar, a lamentar a corrupção da nossa natureza, e nossa grande inaptidão para receber e aceitar as verdades de Cristo. As coisas terrenas são desprezadas porque são vulgares, e as coisas celestiais, porque são abstratas e, aparentemente, de difícil compreensão. Sendo assim, qualquer que seja o método adotado, um ou outro defeito ainda serão encontrados neles (Mt 11.17), mas, apesar disto, a Sabedoria é, e sempre será, justificada através de seus filhos.

[3] Nosso Senhor Jesus, e somente Ele, estava capacitado para nos revelar uma doutrina tão certa e tão sublime: "Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu", v. 13.

Em primeiro lugar, ninguém, exceto Cristo, tinha a capacidade de nos revelar a vontade de Deus para nossa salvação. Nicodemos dirigiu-se a Cristo como a um profeta, mas ele devia saber que Ele é maior do que todos os profetas do Antigo Testamento, pois nenhum deles tinha subido ao céu. Eles escreviam por inspiração divina, e não pelo seu próprio conhecimento. Veja cap. 1.18. Moisés subiu ao monte, mas não ao céu. Nenhum homem tem o conhecimento de Deus e das coisas celestiais como Cristo tem. Veja Mateus 11.27. Não nos cabe pedir instruções ao céu, nós devemos esperar

para receber as instruções que o Céu nos enviar. Veja Provérbios 30.4; Deuteronômio 30.12.

Em segundo lugar, Jesus Cristo é capaz, e é adequado, e está completamente capacitado, para revelar a vontade de Deus para nós, pois é Ele que desceu do céu e que está no céu. Ele tinha dito (v. 12): “Como crereis, se vos falar das celestiais?” Aqui: 1. Ele lhes dá um exemplo destas coisas celestiais de que Ele lhes poderia falar, quando lhes fala de alguém que desceu do céu, e ainda assim é o Filho do homem: “O Filho do homem, que está no céu”. Se a regeneração da alma do homem é um mistério tão grande, o que será, então, a encarnação do Filho de Deus? Estas são verdadeiramente coisas divinas e celestiais. Aqui temos uma indicação das duas naturezas distintas de Cristo, em uma única pessoa: sua natureza divina, na qual Ele desceu do céu; sua natureza humana, na qual, Ele é o Filho do homem; e a união das duas, na qual embora Ele seja o Filho do Homem, também está no céu. 2. Ele lhes dá uma prova da sua capacidade de falar a eles sobre coisas celestiais, e de levá-los aos mistérios do reino do céu, ao dizer-lhes: (1) Que Ele desceu do céu. A relação entre Deus e o homem teve início no alto. O primeiro movimento rumo a ela não subiu desta terra, mas desceu do céu. Nós o amamos, e o chamamos, porque Ele nos amou primeiro, e nos chamou. Isto sugere: [1] A natureza divina de Cristo. Aquele que desceu do céu certamente é mais do que um mero homem, Ele é o Senhor do céu, 1 Coríntios 15.47. [2] Sua íntima familiaridade com os conselhos divinos, pois, vindo da corte do céu, e sendo Deus, Ele tinha estado, desde a eternidade, familiarizado com eles. [3] A manifestação de Deus. Sob o Antigo Testamento, os favores de Deus ao seu povo são expressos pelo seu ouvir do céu (2 Cr 7.14), atender do céu (Sl 80.14), falar do céu (Ne 9.13), enviar do céu, Salmos 57.3. Mas o Novo Testamento nos mostra Deus descendo do céu, para nos ensinar e salvar. O fato de que Ele tenha descido assim é um mistério admirável, pois a Divindade não pode trocar de lugar, nem trazer seu corpo do céu, mas o fato de que Ele condescendesse assim para nossa redenção é uma misericórdia ainda mais admirável. Aqui, Ele enobrece seu próprio amor. (2) Que Ele é o Filho do homem, o Filho do homem de que Daniel falou (Dn 7.13), e que os judeus sempre entenderam que se tratava do Messias. Cristo, ao dizer que é o Filho do homem, mostra que Ele é o segundo Adão, pois o primeiro Adão foi o pai do homem. E de todos os títulos do Antigo Testamento usados para

o Messias, Ele decide fazer uso deste, porque era o que mais expressava sua humildade, e o que mais estava de acordo com sua atual condição de humilhação. (3) Que Ele está no céu. Agora, nesta ocasião, Ele fala com Nicodemos na terra, mas ainda assim, como Deus, Ele faz parte da Divindade, que está no céu. O Filho do homem, como tal, não esteve no céu, até sua ascensão, mas aquele que era o Filho do homem estava agora, pela sua natureza divina, presente em todos os lugares, e particularmente no céu. Desta maneira, o Senhor de glória, como tal, não podia ser crucificado, nem podia Deus, como tal, derramar seu sangue, mas aquela pessoa que era o Senhor da glória foi crucificada (1 Co 2.8), e Deus resgatou a igreja com seu próprio sangue, Atos 20.28. Tão íntima é a união das duas naturezas em uma pessoa, que existe uma comunicação de propriedades. Ele não diz *hos esti*. Deus é *ho on to ourano* – aquele *que é,* e o céu é a habitação da sua santidade.

3. Aqui Cristo fala do grande desígnio da sua própria vinda ao mundo, e da felicidade daqueles que crêem nele, vv. 14-18. Aqui temos a verdadeira essência de todo o Evangelho, esta palavra fiel (1 Tm 1.15), que consiste no fato de que Jesus Cristo veio para buscar e salvar os filhos dos homens da morte, e restaurá-los à vida. Os pecadores são homens mortos, segundo uma consideração dupla: (1) Como alguém que está mortalmente ferido, ou afligido por uma doença incurável, é considerado um homem morto, pois está à morte. E assim Cristo veio para nos salvar, curando-nos, como a serpente de metal curava os israelitas, vv. 14,15. (2) Como alguém que é justamente condenado a morrer por um crime imperdoável é um homem morto, ele está morto na lei. E, em referência a esta parte dos nossos perigos, Cristo veio para nos salvar como um príncipe ou juiz, promulgando um decreto de anistia, ou um perdão geral, sob determinadas condições. Esta salvação é oposta à condenação, vv. 16-18.

[1] Jesus Cristo veio nos salvar, curando-nos, assim como os filhos de Israel que eram feridos por serpentes ardentes eram curados e viviam por olhar para a serpente de metal. Esta história está registrada em Números 21.6-9, e foi o último milagre que o Senhor realizou pelas mãos de Moisés antes da sua morte. Neste tipo de Cristo, podemos observar:

Em primeiro lugar, a natureza mortal e destrutiva do pecado, que é sugerida aqui. A culpa do pecado é como a dor da picada de uma serpente ardente. O poder de corrupção é como o veneno que se espalha por todas as

partes. O Diabo é a antiga serpente, sutil a princípio (Gn 3.1), mas desde então feroz, e suas tentações, dardos violentos; seus ataques, aterrorizadores; suas vitórias, destruidoras. Pergunte às consciências despertas, pergunte aos pecadores condenados, e eles lhe dirão que, não importa como as seduções do pecado possam ser encantadoras, no final ele morde como uma serpente, Provérbios 23.30-32. A ira de Deus contra nós, devido ao pecado, é como aquelas serpentes ardentes que Deus enviou entre o povo, para puni-los por suas murmurações. As maldições da lei são como serpentes ardentes, assim são todos os sinais da ira divina.

Em segundo lugar, o remédio poderoso fornecido contra esta doença fatal. A situação dos pobres pecadores é deplorável, mas é desesperadora? Graças a Deus, não é. Existe bálsamo em Gileade. O Filho do homem é erguido, como a serpente de metal que curou os israelitas feridos foi erguida por Moisés. 1. Foi uma serpente de metal que os curou. O metal é brilhante. Nós lemos sobre os pés de Cristo reluzindo como latão, Apocalipse 1.15. É durável. Cristo também o é . Ela estava moldada na forma de uma serpente ardente, mas não tinha veneno, nem picava, adequadamente representando Cristo, que foi feito pecado por nós, e não conheceu pecado; foi feito à semelhança da carne pecaminosa, mas não foi pecador; tão inofensivo quanto uma serpente de metal. A serpente era uma criatura amaldiçoada, Cristo se fez maldição. A cura deveria lembrá-los do seu mal, e assim, em Cristo, o pecado é apresentado diante de nós da forma mais violenta e terrível possível. 2. Ela foi erguida em uma haste, e o Filho do homem também devia ser levantado. Convinha a Ele, Lucas 24.26,46. Não há remédio agora. Cristo é erguido: (1) Na sua crucificação. Ele foi levantado na cruz. Está escrito que, na sua morte, Ele foi levantado, cap. 12.32,33. Ele foi levantado como um espetáculo, como uma marca, levantado entre o céu e a terra, como se tivesse sido indigno de qualquer um deles, e tivesse sido abandonado por ambos. (2) Na sua exaltação. Ele foi elevado até à destra do Pai, para dar o arrependimento e a remissão. Ele foi levantado na cruz, para depois ser levantado até à coroa. (3) Na divulgação e pregação do seu Evangelho eterno, Apocalipse 14.6. A serpente foi erguida para que todos os milhares de Israel pudessem vê-la. No Evangelho, Cristo é exibido a nós, evidentemente apresentado. Cristo é erguido como um pendão, Isaías 11.10. 3. A serpente foi levantada por Moisés. Cristo nasceu sob a lei de Moisés, e Moisés testificou dele. 4. Sendo assim levantada, era indicada para a cura

daqueles que eram mordidos pelas serpentes ardentes. Aquele que enviou a praga, forneceu o remédio. Ninguém poderia nos redimir e salvar, exceto aquele cuja justiça nos tinha condenado. Foi o próprio Deus que encontrou o resgate, e sua eficácia depende da sua indicação. As serpentes ardentes foram enviadas para punir os israelitas por tentarem a Cristo (segundo diz o apóstolo, 1 Coríntios 10.9), e ainda assim eles foram curados pela virtude emanada dele. Aquele a quem nós ofendemos é nossa paz.

Em terceiro lugar, a maneira de aplicar este remédio, que é pela fé, o que claramente é uma alusão aos israelitas olhando para a serpente de metal, para serem curados por ela. Se algum israelita ferido fosse tão pouco sensível à sua dor e ao seu risco, ou tivesse tão pouca confiança na palavra de Moisés, a ponto de não olhar para a serpente de metal, com razão ele morreria da sua ferida. Mas todos os que olharam para ela ficaram vivos, Números 21.9. Se algum deles desprezasse a doença que lhes acometia devido ao pecado, ou o método de cura através de Cristo, a ponto de não aceitar Cristo nos próprios termos dele, seu sangue seria de sua própria responsabilidade. Ele disse: “Olhai… e sereis salvos” (Is 45.22), olhem e vivam. Nós devemos aceitar a complacência e consentir com os métodos que a Sabedoria Infinita empregou para salvar um mundo culpado, por meio da mediação de Jesus Cristo, como o grande sacrifício e intercessor.

Em quarto lugar, os grandes incentivos que nos são dados pela fé, para olhar para Ele. 1. Ele foi levantado com a finalidade de que seus seguidores pudessem ser salvos, e Ele irá perseverar rumo a este fim. 2. A oferta de salvação que é feita por Ele é geral, para que qualquer pessoa que crer nele, sem exceção, possa beneficiar-se dele. 3. A salvação oferecida é completa. (1) Eles não perecerão, não morrerão pelos seus ferimentos. Embora possam sentir dor e muito medo, a iniqüidade não será sua ruína. Mas isto não é tudo. (2) Eles terão a vida eterna. Eles não somente não morrerão dos seus ferimentos no deserto, mas alcançarão Canaã (onde eles estariam prontos para entrar). Eles desfrutarão do descanso prometido.

[2] Jesus Cristo veio para nos salvar, perdoando-nos, para que não morressemos pela sentença da lei, vv. 16,17. Aqui há Evangelho verdadeiramente, boas novas, o melhor que já veio do céu para a terra. Aqui há muito, aqui há tudo em poucas palavras, a palavra de reconciliação em miniatura, o resumo da redenção.

Em primeiro lugar, aqui está o amor de Deus: Ele deu seu Filho pelo mundo (v. 16), e nisto temos três aspectos: 1. O grande mistério do Evangelho revelado: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”. O amor de Deus, o Pai, é a origem da nossa regeneração pelo Espírito e nossa reconciliação pelo levantamento do Filho. Observe: (1) Jesus Cristo é o Filho unigênito de Deus. Isto engrandece seu amor ao dá-lo por nós, em dá-lo a nós. Uma vez que Ele deu seu Filho unigênito por nós, sabemos que Ele nos ama, o que expressa não apenas sua dignidade em si mesmo, mas o quanto Ele era amado pelo seu Pai. Ele era sempre seu deleite. (2) Para possibilitar a redenção e a salvação do homem, Deus se alegrou em dar seu Filho unigênito. Ele não apenas o enviou ao mundo, com plenos e amplos poderes para negociar uma paz entre o céu e a terra, mas o entregou, isto é, Ele o entregou para que sofresse e morresse por nós, como o grande sacrifício propiciatório ou expiatório. Este fato mostra a razão pela qual Ele deveria ser levantado, pois assim tinha sido determinado e designado pelo Pai, que o entregou com este objetivo, e preparou para Ele um corpo para esta finalidade. Seus inimigos não poderiam ter lançado mão dele, se seu Pai não o tivesse entregado. Embora Ele ainda não estivesse crucificado, ainda assim Ele “foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus”, Atos 2.23. Na verdade, Deus o tinha entregado, isto é, Ele tinha feito dele uma oferta, a todos, e o entregou a todos os verdadeiros crentes, para todos os objetivos e propósitos do novo concerto. Ele o entregou para ser nosso profeta, uma testemunha para o povo, o sumo sacerdote da nossa profissão de fé, para ser nossa paz, para ser o líder da igreja e governar sobre todas as coisas da igreja, para ser para nós tudo o que necessitamos. (3) Aqui Deus elogia seu amor pelo mundo: Deus amou muito o mundo, de maneira muito verdadeira, muito rica. Agora suas criaturas verão que Ele as ama, e as quer bem. Ele tanto amou o mundo de homens caídos como não amou o dos anjos caídos. Veja Romanos 5.8; 1 João 4.10. Veja e maravilhe-se com o fato de que Deus ame tanto um mundo tão indigno! Que o Deus santo ame tanto um mundo perdido com um amor que expressa tamanha boa vontade, quando, se quisesse, seria justo por não considerá-lo com nenhuma complacência. Este era um tempo de amores, verdadeiramente, Ezequiel 16.6,8. Os judeus vaidosamente presumiam que o Messias seria enviado somente por amor à sua nação, para fazê-los triunfar sobre as ruínas dos seus vizinhos, mas Cristo lhes diz que

Ele veio por amor a todo o mundo, aos gentios, além dos judeus, 1 João 2.2. Embora muitos do mundo da humanidade pereçam, o fato de Deus entregar seu Filho unigênito é um exemplo do seu amor por todo o mundo, porque, por meio dele, existe uma oferta geral de vida e salvação feita a todos. Em vista deste precioso amor, as províncias revoltadas e rebeldes devem promulgar uma proclamação de perdão e anistia a todos aqueles que vierem, colocando-se de joelhos e retornando à sua fidelidade. Deus amou tanto o mundo apóstata e decaído, a ponto de enviar seu Filho com esta proposta atraente, de que quem crer nele, quem quer que seja, não perecerá. A salvação tinha sido dos judeus, mas agora Cristo é conhecido como a salvação até os confins da terra. Ele oferece a salvação a todos. A salvação agora é de todos. 2. Aqui está o grande dever do Evangelho, que é crer em Jesus Cristo (aquele a quem Deus deu por nós, aquele que Deus deu a nós), aceitar o presente, e corresponder à intenção de quem o deu. Devemos oferecer uma avaliação e um consentimento sincero, reconhecendo o testemunho que Deus deu a este mundo a respeito do seu Filho. Deus o entregou a nós, para ser nosso profeta, sacerdote e rei, e nós devemos nos entregar para ser governados, ensinados e salvos por Ele. 3. Aqui está o grande benefício do Evangelho: “Para que todo aquele que nele crê não pereça”. Jesus tinha dito isso antes, e aqui o repete. A felicidade indescritível de todos os verdadeiros crentes, pela qual eles estão eternamente em dívida com Cristo, é: (1) Que eles estão salvos das desgraças do inferno, libertados de descer ao poço. Eles não perecerão. Deus removeu seu pecado, eles não morrerão. Um perdão foi comprado, e, desta maneira, a desonra é revertida. (2) Eles têm direito às alegrias do céu: eles terão a vida eterna. O traidor condenado não é apenas perdoado, mas promovido, e tornado um favorito, e tratado como alguém a quem o Rei dos reis se alegra em honrar. “Um sai do cárcere para reinar”, Eclesiastes 4.14. Se somos crentes, então somos filhos, e, se somos filhos, então somos também herdeiros.

Em segundo lugar, aqui está o desígnio de Deus ao enviar seu Filho ao mundo: “Para que o mundo fosse salvo por Ele”. Ele veio ao mundo tendo a salvação como objetivo, com a salvação na sua mão. Portanto, a oferta previamente mencionada de vida e salvação é sincera, e será cumprida para todos os que, pela fé, a aceitarem (v. 17): “Deus enviou o seu Filho ao mundo”, este mundo culpado, rebelde, apóstata. Enviou-o como seu agente

ou embaixador, não como às vezes Ele tinha enviado anjos ao mundo, como visitantes, mas como um residente. Desde que o homem pecou, ele temia a chegada e a aparição de qualquer mensageiro especial do céu, como tendo consciência da culpa, e esperando o julgamento: “Certamente morreremos, porquanto temos visto Deus”. Se, portanto, o próprio Filho de Deus vem, nós nos preocupamos em descobrir em que missão Ele vem: “É de paz?” Ou, como perguntaram a Samuel, tremendo: “De paz é a tua vinda?”. E esta passagem das Escrituras traz a resposta: “É de paz”. 1. Ele não veio para condenar o mundo. Nós teríamos razões suficientes para esperar que Ele viesse para condenar o mundo, pois este é um mundo culpado. É condenado, e que motivo pode ser apresentado pelo qual o julgamento não deva ocorrer, e a execução realizar-se, de acordo com a lei? Aquele “um só” que fez “toda a geração dos homens” (At 17.26) não somente está corrompido com uma doença que passa de pai para filho através de ensinos e exemplos, como a lepra de Geazi, mas está corrompido com uma culpa que passa de pai para filho através de ensinos e exemplos, como a dos amalequitas, com quem Deus guerreava geração após geração. E, com justiça, um mundo como este deve ser condenado. E se Deus tivesse desejado condená-lo, Ele teria anjos ao seu dispor, para derramar os vasos da sua ira, um querubim com uma espada flamejante, pronto para a execução. Se o Senhor tivesse se alegrado em nos matar, Ele não teria enviado seu Filho ao nosso meio. Ele veio com plenos poderes, realmente, para realizar o julgamento (cap. 5.22,27), mas não começou com um julgamento de condenação, não começou com a incriminação, nem usou, contra nós, da vantagem do rompimento do concerto da inocência, mas nos colocou em um novo julgamento diante do trono da graça. 2. Ele veio para que o mundo fosse salvo por Ele, para que uma porta para a salvação pudesse ser aberta ao mundo, e quem desejasse pudesse passar por ela. Deus estava em Cristo “reconciliando consigo o mundo”, e, desta maneira, salvando-o. Uma declaração de anistia é aprovada e publicada, por meio de Cristo uma lei reparadora é feita, e o mundo da humanidade é tratado, não de acordo com os rigores do primeiro concerto, mas de acordo com as riquezas do segundo, para que o mundo fosse salvo por Ele, pois ele nunca poderia ser salvo, senão por Ele. Não existe salvação em ninguém mais. O fato de que Cristo, nosso Juiz, veio não para condenar, mas para salvar, são boas novas para uma consciência condenada, a cura para os ossos

quebrados e as feridas ensangüentadas.

[3] De tudo isto, pode-se concluir o motivo da felicidade dos verdadeiros crentes: “Quem crê nele não é condenado”, v. 18. Embora tenha sido um pecador, um grande pecador, e permaneça condenado (*habes confilentem reum – por sua própria confissão*), ainda assim, pela sua fé, o processo é interrompido, o julgamento é detido e ele não é condenado. Isto indica mais do que um adiamento. O pecador perdoado não é condenado, isto é, ele é absolvido. Ele considera sua libertação (como dizemos), e se não é condenado, é absolvido, *ou krinetai – ele não é julgado*, não é tratado com uma justiça rígida, de acordo com aquilo que seus pecados merecem. O pecador perdoado é acusado, e não pode alegar inocência à acusação, mas ele pode alegar no tribunal, pode alegar *noli prosequi* à acusação, como faz o bendito Paulo: “Quem os condenará?... é Cristo quem morreu”. O pecador perdoado é atormentado, castigado por Deus, perseguido pelo mundo, mas ele não é condenado. A cruz, talvez, seja pesada sobre o pecador perdoado, mas ele está salvo da maldição: condenado pelo mundo, pode ser, mas não condenado com o mundo, Romanos 8.1; 1 Coríntios 11.32.

4. Cristo, no final, fala sobre a condição deplorável daqueles que persistem na incredulidade e na ignorância voluntária, vv. 18-21.

(1) Leia aqui o destino daqueles que não crêem em Cristo: eles já estão condenados. Observe: [1] Como é grande o pecado dos descrentes. Ele é agravado pela dignidade da pessoa a quem eles desprezam. Eles não crêem no nome do Filho unigênito de Deus, que é infinitamente fiel, e merece que creiam nele, é infinitamente bom, e merece ser aceito. Deus nos enviou alguém para nos salvar, alguém que Ele amava muito. E será que Ele não deveria ser amado por nós? Não devemos nós crer no nome daquele que tem “um nome que é sobre todo o nome”? [2] Como é grande a infelicidade dos descrentes: eles já estão condenados, o que significa, em primeiro lugar, uma condenação garantida. Eles serão condenados no julgamento do grande dia com tanta certeza como se já estivessem condenados. Em segundo lugar, uma condenação imediata. A maldição já se apoderou deles. A ira de Deus agora cai sobre eles. Eles já estão condenados, pois seus próprios corações os condenam. Em terceiro lugar, uma condenação fundamentada na sua culpa anterior: eles já estão condenados, pois estão sujeitos à lei por todos os seus pecados. A obrigação da lei está em pleno vigor, poder e virtude contra eles, porque não estão, pela fé, interessados na absolvição

proporcionada pelo Evangelho. Eles já estão condenados, porque não creram. A incredulidade pode ser verdadeiramente considerada como o grande pecado condenador, porque nos deixa sob a culpa de todos os outros pecados. É um pecado contra o remédio, contra nossa defesa.

(2) Leia também o destino daqueles que não desejavam conhecer Jesus, v. 19. Muitas pessoas curiosas têm conhecimento de Cristo e da sua doutrina, mas têm preconceitos contra Ele e não desejam crer nele, ao passo que a maioria está entorpecidamente descuidada e ignorante, e não deseja conhecê-lo. E esta é a condenação, o pecado que os destruiu: "A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz". Aqui, observe: [1] Que o Evangelho é luz e, quando o Evangelho veio, a luz veio ao mundo. A luz dá testemunho de si mesma, e também o Evangelho. Ele prova sua própria origem divina. A luz é descoberta, e "verdadeiramente suave é a luz", e alegra o coração. É "uma luz que alumia em lugar escuro", e um lugar escuro que o mundo realmente não deveria ter. Ela veio a todo o mundo (Cl 1.6), e não está confinada a uma parte dele, como a luz do Antigo Testamento estava. [2] Que a loucura indescritível da maioria dos homens é o fato de que amem mais as trevas do que a luz, mais do que esta luz. Os judeus amavam as sombras escuras da sua lei, e as instruções dos seus guias cegos, mais do que a doutrina de Cristo. Os gentios amavam seus cultos supersticiosos a um Deus desconhecido, a quem adoravam de uma forma absolutamente ignorante, mais do que o culto racional que o Evangelho requer. Os pecadores que estavam casados com seus desejos amavam mais sua ignorância e seus enganos (que justificavam seus pecados) do que as verdades de Cristo, que os teriam afastado dos seus pecados. A apostasia do homem teve início em uma simulação de conhecimento proibido, mas é mantida por uma simulação de ignorância proibida. O homem miserável está apaixonado pela sua doença, pela sua escravidão, e não deseja ser libertado, não deseja ser curado. [3] A verdadeira razão pela qual os homens amam as trevas mais do que a luz é porque suas obras são más. Eles amam as trevas porque pensam que são uma desculpa para suas más obras, e odeiam a luz porque ela lhes tira a boa opinião que têm de si mesmos, mostrando-lhes sua infelicidade e iniqüidade. Sua situação é triste, e, porque estão determinados a não corrigi-la, eles estão decididos a não ver a luz. [4] A ignorância voluntária está tão longe de desculpar o pecado, que será encontrada, no grande dia, agravando

a condenação: “A condenação é esta”, é o que destrói almas, que eles fecham seus olhos para a luz, e não desejam ter um relacionamento com Cristo, nem querem viver seu Evangelho. Eles colocam Deus em uma posição tão desafiadora, que não desejam ter conhecimento dos seus caminhos, Jó 21.14. Nós deveremos prestar contas no julgamento, não somente do conhecimento que tínhamos, e que não utilizamos, mas do conhecimento que poderíamos ter tido, e não desejamos; não somente do conhecimento contra o qual pecamos, mas do conhecimento que afastamos, pecando. Para exemplificar mais, o Senhor mostra (vv. 20,21) que os homens serão influenciados pela luz que Cristo trouxe ao mundo, de acordo com a bondade ou com a maldade que haja em suas vidas e em seus corações.

Em primeiro lugar, não é estranho que aqueles que fazem o mal, e decidem persistir nele, odeiem a luz do Evangelho de Cristo, pois é comum observar que “todo aquele que faz o mal aborrece a luz”, v. 20. Os malfeitores procuram um disfarce, por um sentimento de vergonha e temor da punição. Veja Jó 24.13ss. Obras pecaminosas são obras das trevas. O pecado, desde o início, procurou esconderijo, Jó 31.33. A luz sacode os ímpios, Jó 38.12,13. Desta maneira, o Evangelho é um terror para o mundo ímpio: eles não vêm esta luz, mas se afastam tanto quanto podem, para que suas obras não sejam reprovadas. Observe: 1. A luz do Evangelho é enviada ao mundo, para reprovar as más obras dos pecadores, para torná-las manifestas (Ef 5.13), para mostrar às pessoas suas transgressões, para mostrar que era pecado aquilo que não se pensava ser pecado, e para mostrar-lhes o mal das suas transgressões, para que o pecado, pelo novo mandamento, pudesse parecer excessivamente pecaminoso. O Evangelho tem suas condenações, que abrem caminho para seus consolos. 2. É por este motivo que os malfeitores odeiam a luz do Evangelho. Havia aqueles que tinham agido mal, e que lamentavam por isto, que recebiam esta luz, como os publicanos e as prostitutas. Mas aquele que faz o mal, que o realiza e decide persistir nele, odeia a luz e não pode suportar ouvir falar dos seus erros. Toda esta oposição que o Evangelho de Cristo encontrou no mundo origina-se de corações ímpios, que são influenciados pelo Iníquo. Cristo é odiado por aqueles que amam o pecado. 3. Aqueles que não vêm para a luz evidenciam um ódio secreto da luz. Se eles não tivessem uma antipatia pelo conhecimento que salva, eles não permaneceriam de maneira tão satisfeita

na ignorância que condena.

Em segundo lugar, por outro lado, os corações justos, que são aceitos por Deus na sua integridade, recebem esta luz (v. 21): “Quem pratica a verdade vem para a luz”. Parece, então, que embora o Evangelho tivesse muitos inimigos, ele tinha alguns amigos. É comum observar que a verdade não procura subterfúgios. Aqueles que pensam e agem com honestidade não temem um escrutínio, mas o desejam. Isto se aplica à luz do Evangelho. Como ela condena e aterroriza os malfeitores, assim ela confirma e consola aqueles que andam na sua integridade. Observe aqui: 1. O caráter de um homem bom. (1) É aquele que pratica a verdade, isto é, ele age de modo verdadeiro e sincero em tudo o que faz. Embora, às vezes, ele não consiga fazer o bem, o bem que desejaria fazer, ainda assim ele pratica a verdade, ele deseja honestamente. Ele tem suas fraquezas, mas se apega à sua integridade. Como Gaio, que procedia fielmente (3 Jo 5), como Paulo (2 Co 1.12), como Natanael (cap. 1.47), como Asa, 1 Reis 15.14. (2) Ele é aquele que vem para a luz. Ele está pronto para receber e aceitar a revelação divina, até onde ela assim parecer a ele, qualquer que seja o desconforto que ela possa lhe trazer. Aquele que pratica a verdade deseja conhecer a verdade por si mesmo, e ter suas obras manifestas. O homem bom dedica-se muito à auto-avaliação, e deseja que Deus o esquadrinhe, Salmos 26.2. Ele deseja saber qual é a vontade de Deus, e decide cumpri-la, embora ela possa ser contrária à sua própria vontade e aos seus interesses. 2. Aqui está o caráter de uma boa obra: ela é desempenhada na presença de Deus, em união com Ele por meio de uma fé empenhada na aliança, e em comunhão com Ele através de afetos devotos. Nossas obras, então, são boas, e resistirão ao teste, quando a vontade de Deus for aquilo que as governar, e a glória de Deus for sua finalidade, quando elas forem realizadas no seu poder, por Ele e para Ele, e não para os homens. E se, pela luz do Evangelho, nos ficar manifesto que nossas obras se realizam desta maneira, então nós teremos glória, Gálatas 6.4; 2 Coríntios 1.12.

O Testemunho de João a respeito de Cristo

vv. 22-36

Nestes versículos, temos:

I A ida de Cristo “para a terra da Judéia” (v. 22), onde permaneceu com seus discípulos. Observe: 1. Nosso Senhor Jesus, depois de iniciar seu ministério público, viajou muito e mudou-se freqüentemente, como os patriarcas em suas estadias passageiras. Assim como era uma boa parte de sua humilhação o fato de que Ele não tivesse moradia certa, mas que estivesse em constantes jornadas, como Paulo, este também era um exemplo da sua aplicação incessante no trabalho para o qual Ele veio ao mundo, que Ele viajava muito para realizá-lo. Ele deu muitos passos cansativos para fazer o bem às almas. O Sol da Justiça percorreu um grande circuito para difundir sua luz e calor (Sl 19.6). 2. Ele não tinha o costume de permanecer muito tempo em Jerusalém. Embora freqüentemente fosse até lá, ainda assim Ele retornava rapidamente para o interior, como aqui. Depois disto, e depois de ter conversado com Nicodemos, Ele foi para as terras da Judéia, não somente para ter mais privacidade (apesar do fato de que os lugares e meios desconhecidos melhor se adequavam ao humilde Jesus em sua condição humilde), mas para ser mais útil. Seus milagres e pregações talvez causassem mais alvoroço em Jerusalém, a origem das novidades, mas fizeram um bem menor ali, onde os homens mais consideráveis da igreja judaica tinham mais predominância. 3. Quando veio para a terra da Judéia, seus discípulos o acompanharam, pois estes eram os que continuaram com Ele em suas tentações. Muitos que se reuniram a Ele em Jerusalém não poderiam seguir seus deslocamentos pelas várias localidades que visitava, já que não tinham negócios por lá, mas seus discípulos o acompanharam. Se a arca parte, é melhor partir e segui-la (como fizeram os israelitas, Josué 3.3) do que ficar sem ela, mesmo que ela esteja na própria cidade de Jerusalém. 4. Ali Ele permaneceu com eles, *dietribe – conversou* com eles, *dialogou* com eles. Ele não se afastou para o interior por prazer ou comodidade, mas para conversar livremente com seus discípulos e seguidores. Veja Cantares 7.11,12. Observe que aqueles que estão prontos para seguir a Cristo o encontrarão preparado para ficar com eles. Supõe-se que Ele, nesta ocasião, tenha permanecido por cinco ou seis meses nesta região. 5. Ali Ele batizou. O Senhor admitiu, como discípulos, aqueles que creram nele, que tiveram mais honestidade e coragem do que os de Jerusalém, cap. 2.24. João começou a batizar na terra da Judéia (Mt 3.1), e entendemos que, por esta razão, Cristo começou a pregar ali, pois João

tinha dito que o Messias viria depois dele. Jesus mesmo não batizava, com suas próprias mãos, mas seus discípulos, de acordo com suas ordens e orientações, como parece, cap. 4.2. Porém, o batismo dos seus discípulos era seu batismo. As ordenanças sagradas são de Cristo, ainda que conduzidas por homens fracos.

II A continuidade de João aos seus trabalhos, enquanto teve oportunidades, vv. 23,24. Aqui, lemos:

1. Que João estava batizando. O batismo de Cristo era, por essência, o mesmo de João, porque João testificava de Cristo, e, portanto, eles não se opuseram ou interferiram um com outro. Mas: (1) Cristo iniciou a tarefa de pregação e batismo antes que João as interrompesse, de modo que pudesse estar pronto para receber os discípulos de João, quando este estivesse ausente, pois as rodas devem manter-se em movimento. É um consolo para os homens úteis, quando estão deixando a cena, ver que estão surgindo aqueles que provavelmente irão ocupar seus lugares. (2) João continuou com a tarefa de pregação e batismo, embora Cristo as tivesse assumido, pois ele ainda teria que, de acordo com a providência divina, trabalhar pelos interesses do reino de Deus. Ainda havia trabalho a ser realizado por João, porque Cristo ainda não era amplamente conhecido, nem as mentes das pessoas estavam completamente preparadas para Ele pelo arrependimento. João tinha recebido suas ordens do céu, e deveria prosseguir com sua tarefa até de lá receber uma contra-ordem, e assim receberia a permissão para partir pela mesma mão que lhe tinha dado sua incumbência. Ele não se associou a Cristo, para que não parecesse ter havido uma combinação entre eles, mas continuou com sua tarefa até que a Providência o tirasse de cena. Os melhores dons de alguns não servem às atividades de outros, que resultam desnecessárias e inúteis. Existe trabalho suficiente para todas as mãos. Os ressentidos se sentarão e não farão nada, quando virem que foram eclipsados. Mesmo que tenhamos apenas um talento, devemos prestar contas do uso que fazemos dele, e quando percebermos que nossa vez está passando, ainda devemos continuar até o fim.

2. Que “João batizava também em Enom, junto a Salim”, lugares que não foram mencionados em nenhuma outra passagem, e, por este motivo, os eruditos estão completamente perdidos quanto a onde encontrá-los. Onde quer que fosse este lugar, parece que João deslocava-se de um lugar a outro.

Ele não achou que houvesse alguma virtude no Jordão, porque Jesus foi batizado ali, o que exigiria que ele permanecesse ali, mas quando viu motivo, mudou-se para outras águas. Os ministros devem seguir suas oportunidades. Ele escolheu um lugar em que havia muita água, *hydata polla – muitas águas*, isto é, muitas correntezas de água, de modo que onde quer que ele encontrasse alguém que desejasse se submeter ao seu batismo, a água estaria à mão para batizá-lo, talvez rasa, como é comum onde há muitos córregos, mas do tipo que serviria a seus propósitos. E naquela região abundante de água, isto era algo valioso.

3. Que as pessoas vinham até ele e eram batizadas. Embora não viessem em grandes multidões, como faziam quando ele apareceu pela primeira vez, ele não ficava desalentado, mas ainda havia aqueles que o escutavam e o reconheciam. Alguns opinam que isto se refere a João e também a Jesus: e vinham ali "e eram batizados". Isto é, alguns vinham até João, e eram batizados por ele, alguns a Jesus, e eram batizados por Ele, e como o batismo deles era um só, também eram seus corações.

4. Observa-se (v. 24) que "ainda João não tinha sido lançado na prisão", para justificar a ordem da história, e mostrar que estas passagens aconteceram antes de Mateus 6.12. João nunca desistiu do seu trabalho, enquanto teve sua liberdade. Na verdade, ele parece ter sido mais aplicado, porque previa que seu tempo era curto. Ele ainda "não tinha sido lançado na prisão", mas suspeitava que isto não tardaria a acontecer, cap. 9.4.

III Uma controvérsia entre os discípulos de João e os judeus sobre a purificação, v. 25. Veja como o Evangelho de Cristo não veio trazer paz sobre a terra, mas dissensão. Observe: 1. Quem estava discutindo: os discípulos de João e um judeu que não tinha se submetido ao seu batismo de arrependimento. Os penitentes e impenitentes dividem este mundo pecador. Poderia parecer, neste contexto, que os discípulos de João foram os agressores e lançaram o desafio, e este é um sinal de que eram novos convertidos, e tinham mais zelo do que prudência. As verdades de Deus têm sofrido freqüentemente pela impulsividade daqueles que se incumbem de defendê-las antes de serem capazes de fazê-lo. 2. Qual foi a causa da controvérsia: a "purificação", a lavagem religiosa. (1) Podemos supor que os discípulos de João louvavam seu batismo, sua purificação, como *instar omnium – superior a todos os outros*, e lhe davam preferência como

aperfeiçoando e substituindo todas as purificações dos judeus, e eles estavam certos. Mas os novos convertidos são muito capazes de se vangloriar dos seus feitos, ao passo que aquele que encontra um tesouro deveria escondê-lo até ter certeza de que o tem e não falar muito dele inicialmente. (2) Não há duvida de que os judeus, com muita segurança, aplaudiam as purificações que eram usadas entre eles, tanto aquelas que tinham sido instituídas pela lei de Moisés como aquelas que eram impostas pelas tradições dos anciãos. Para as primeiras, havia a garantia divina, e para as últimas, o costume da igreja. Mas é muito provável que os judeus, nesta controvérsia, quando não puderam negar a excelente natureza e o desígnio do batismo de João, promovessem uma objeção contra o batismo de Cristo, o que deu ensejo para a reclamação que se segue aqui (v. 26): "Aqui está João batizando em um lugar", dizem eles, "e Jesus, ao mesmo tempo, batizando em outro, e por isso o batismo de João, que seus discípulos tanto aplaudem, é, ou: [1] Perigoso, e de conseqüências desastrosas à paz da igreja e do estado, porque se vê que ele abre uma porta para ilimitadas divisões. Agora que João começou, cada pequeno professor irá estabelecer um batismo imediatamente. Ou: [2] Na melhor das hipóteses, é defeituoso e imperfeito. Se o batismo de João, que vocês exaltam desta maneira, tem algo de bom, o batismo de Cristo vai mais além, de modo que vocês já estão eclipsados por uma luz maior, e em breve seu batismo não será mais requisitado". Desta maneira, objeções foram feitas contra o Evangelho originadas pelo avanço e aperfeiçoamento da luz evangelizadora, como se a infância e a virilidade fossem opostas entre si, e a superestrutura, contrária à fundação. Não havia razão para contrapor o batismo de Cristo ao de João, porque ambos estavam de pleno acordo.

IV A queixa que os discípulos de João fizeram ao seu mestre a respeito de Cristo e do seu batismo, v. 26. Eles, estando confundidos pela objeção supracitada, e provavelmente agitados e inflamados por ela, vão até seu mestre e lhe dizem: "Rabi, aquele que estava com você e foi batizado por você agora está estabelecido. Ele está batizando, e todos vão ter com Ele. E você tolera isto?" O desejo de causar controvérsia proporcionou oportunidade para isto. É comum que os homens, quando se encontram presos no calor da disputa, se lancem sobre aqueles que não lhes fazem mal. Se estes discípulos de João não tivessem se comprometido na disputa da

purificação, antes de compreender a doutrina do batismo, talvez tivessem respondido à objeção sem enfurecer-se. Em suas queixas, eles se dirigem respeitosamente ao seu próprio mestre, “rabi”, mas falam com muito desrespeito do nosso Salvador, embora não o nomeiem. 1. Eles sugerem que Cristo, ao batizar, esteja sendo presunçoso e irresponsável, como se João, tendo estabelecido antes seu rito de batismo, devesse ter seu monopólio, e também uma patente pela invenção: “‘Aquele que estava contigo além do Jordão’, como um discípulo seu, veja, e assombre-se, Ele mesmo batiza e tira o trabalho da tua mão”. Assim, as condescendências voluntárias do Senhor Jesus, como a de ser batizado por João, são injustamente e muito desagradavelmente convertidas em reprovação a Ele muitas vezes. 2. Eles sugerem que foi ingratidão a João. Aquele “do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando”, como se Jesus devesse toda a sua reputação ao caráter honrado que João testemunhou sobre Ele, e o tivesse aproveitado de maneira muito indigna para prejudicar a João. Mas Cristo não precisava do testemunho de João, cap. 5.36. Ele refletiu mais honra sobre João do que recebeu dele, e ainda assim é inerente a nós pensarmos que os outros estão mais em débito conosco do que realmente estão. E, além disso, o batismo de Cristo não foi um impedimento, mas, na verdade, um excelente aperfeiçoamento do batismo de João, o qual devia apenas abrir o caminho para o de Cristo. João foi justo com Cristo ao dar testemunho dele, e a resposta de Cristo ao seu testemunho valoriza, em vez de empobrecer, o ministério de João. 3. Eles concluem que seria um eclipse total ao batismo de João: “‘Todos vão ter com ele’. Aqueles que estavam habituados a nos seguir agora vão atrás dele, por isso é hora de ficarmos alertas”. Na verdade, não era de estranhar que todos os homens viessem até Ele. Enquanto Cristo se manifestar, Ele será glorificado. Mas porque deveriam os discípulos de Cristo lamentar isto? Observe que desejar o monopólio da honra e do respeito tem sido, em todos os tempos, a perdição da igreja e a vergonha de seus membros e ministros, como também a disputa de interesses e o zelo pela rivalidade e competição. Nós nos equivocamos se achamos que dons e graças excelentes, e os trabalhos e a utilidade de alguém, representam a diminuição e depreciação para outros que obtiveram misericórdia por serem fiéis, pois o Espírito é um agente livre, “repartindo particularmente a cada um como quer”. Paulo se alegra com a utilidade até mesmo daqueles que se opunham a ele, Filipenses 1.18. Devemos deixar

que Deus escolha, aplique e honre seus próprios instrumentos como quiser. Não devemos ter a cobiça de ser exclusivos.

V Aqui está a resposta de João às queixas que seus discípulos fizeram, v. 27ss. Seus discípulos esperavam que ele se ofendesse com esse fato, como eles, mas a manifestação de Cristo para Israel não era surpresa para João, porém o que ele procurava; não era uma perturbação para ele, mas era o que ele desejava. Por isso, reprovou a queixa, como Moisés: “Tens tu ciúmes por mim?” E aproveitou a ocasião para confirmar os testemunhos que tinha dado anteriormente de Cristo como superior a ele, alegremente entregando e confiando a Ele todos os interesses que tinha em Israel. Neste discurso, o primeiro ministro do evangelho (porque João o era) é um excelente exemplo para todos os ministros, para que se humilhem e exaltem ao Senhor Jesus.

1. João aqui se humilha em comparação a Cristo, vv. 27-30. Quanto mais os outros nos exaltarem, mais deveremos nos humilhar e nos fortalecer contra as tentações de lisonja e aplauso, e a inveja dos nossos amigos pela nossa honra, ao nos lembrarmos de nosso lugar e do que somos, 1 Coríntios 3.5.

(1) João concorda com a disposição divina e se satisfaz com ela (v. 27): “O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu”, de onde “toda boa dádiva vem” (Tg 1.17), uma verdade comum muito aplicável a este caso. Diferentes aplicações estão de acordo com as orientações da Providência divina, diferentes dons são distribuídos de acordo com a graça divina. “Ninguém toma para si essa honra”, Hebreus 5.4. Nós temos uma dependência tão necessária e constante da graça de Deus em todos os movimentos e ações da vida espiritual como temos da providência de Deus em todos os movimentos e ações da vida natural. Isto é apresentado aqui como uma razão: [1] Por que não devemos invejar aqueles que possuem muito mais dons do que nós, ou se movimentam em uma esfera de utilidade mais ampla. João relembra seus discípulos de que Jesus não o teria superado dessa maneira, a menos que tivesse recebido do céu, porque, como homem e Mediador, Ele recebeu dons. E se Deus lhe deu o Espírito sem medida (v. 34), eles deveriam reclamar por isto? A mesma razão vale para com os outros. Se Deus quer dar aos outros mais habilidade e sucesso do que a nós, será que devemos ficar descontentes com isso, e

criticá-lo como sendo injusto, imprudente e parcial? Veja Mateus 20.15. [2] Por que não devemos estar descontentes, mesmo que sejamos inferiores aos outros em dons e utilidade, e sejamos ofuscados por seus méritos. João estava pronto para reconhecer que era um dom, um dom espontâneo do céu, que o fez um pregador, um profeta, um batista. Foi Deus que lhe deu o interesse que despertou no amor e estima das pessoas. E se agora o interesse diminuiu, seja feita a vontade de Deus! Aquele que dá, pode tomar. Aquilo que recebemos do céu, devemos receber como nos foi dado. João nunca tinha recebido uma comissão para realizar um trabalho eterno, mas somente uma incumbência temporária, que logo terminaria, e, portanto, quando ele tivesse terminado seu ministério, poderia alegremente vê-lo ultrapassado. Alguns dão um sentido bem diferente a estas palavras: João tinha se esforçado perante seus discípulos, para ensiná-los a importância que seu batismo tinha para Cristo, que viria após ele, e que tinha a preeminência sobre dele. O Senhor Jesus Cristo faria por eles o que João não poderia fazer, e ainda assim, afinal, eles idolatraram João e relutaram em reconhecer a preeminência de Cristo sobre ele. Bem disse João, “o homem não pode receber”, isto é, compreender, “coisa alguma, se lhe não for dada do céu”. A tarefa dos ministros será totalmente perdida, a menos que a graça de Deus a torne efetiva. Os homens não entendem o que é mais explicado, nem acreditam no que é mais evidente, a menos que lhes seja concedido do céu que entendam e acreditem nisto.

(2) João recorre ao testemunho que tinha dado anteriormente a respeito de Cristo (v. 28): “Vós mesmos me sois testemunhas de que disse, repetidas vezes: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele”. Veja como João era firme e constante no seu testemunho a respeito de Cristo. João não era como uma cana agitada pelo vento. Nem as censuras dos principais dos sacerdotes, nem as adulações dos seus próprios discípulos poderiam fazê-lo modificar suas palavras. Isto serve: [1] Como uma condenação dos seus discípulos, pela irracionalidade da sua queixa. Eles tinham falado do testemunho que seu mestre tinha dado a respeito de Jesus (v. 26): “Agora”, João disse, “vocês não lembram qual foi o testemunho que eu dei? Lembrem-se, e verão sua própria crítica respondida. Eu não tinha dito: Eu não sou o Cristo? Por que, então, vocês me colocam como um rival daquele que realmente o é? Eu não tinha dito: Eu sou enviado adiante dele? Por que, então, parece estranho a vocês que eu me afaste e dê passagem a Ele?” [2]

Como um consolo para si mesmo, pelo fato de nunca ter dado aos seus discípulos nenhuma oportunidade de colocá-lo em competição com Cristo, mas, ao contrário, ele os tinha particularmente advertido contra este engano, embora ele pudesse ter obtido benefícios para si. É uma satisfação para os ministros fiéis quando fazem tudo o que poderiam para evitar quaisquer extravagâncias com que seu povo possa se deparar. João não somente não os tinha incentivado a esperar que ele fosse o Messias, mas lhes tinha dito claramente o contrário, o que agora representava uma satisfação para ele. É uma desculpa comum daqueles que recebem honras indevidas: *Si populus vult decipi, decipiatur – Se o povo quer ser enganado, que seja.* Mas esta é uma máxima ruim para aqueles cujo trabalho é mostrar o erro do povo. "O lábio de verdade ficará para sempre".

(3) João professa a grande satisfação que teve com a manifestação de Cristo e o interesse que Ele desperta. João estava tão longe de lamentar isto, como faziam seus discípulos, que se alegrava com isto. Ele expressa isso (v. 29) com uma comparação elegante. [1] Ele compara nosso Salvador ao esposo: "Aquele que tem a esposa é o esposo". Todos os homens vão a Ele? Está certo, para onde iriam eles? Ele alcançou o trono das afeições dos homens? Quem mais o teria? É seu direito. A quem deve ser trazida a esposa, senão ao esposo? Cristo tinha sido profetizado no Antigo Testamento como um esposo, Salmos 45. O Verbo se fez carne, para que a disparidade da natureza não fosse um obstáculo ao enlace. Existe uma provisão para a purificação da igreja, para que a depravação do pecado não seja um obstáculo. Cristo se casa com sua igreja. Ele tem a esposa, pois Ele tem seu amor, Ele tem o compromisso dela. A igreja está sujeita a Cristo. Enquanto as almas individualmente são devotadas a Ele em fé e amor, também o esposo tem a esposa. [2] Ele se compara ao amigo do esposo, que o assiste, que o honra e serve, que o ajuda a proceder o casamento, fala bem dele, usa seus recursos para seu benefício, alegra-se quando o casamento acontece, e, acima de tudo, quando se chega ao ponto desejado, quando o amigo recebe a esposa. Tudo o que João tinha feito pregando e batizando era para apresentá-lo, e agora que Ele chegou, João tem aquilo que desejava: "O amigo do esposo está ali (versão NTLH), e o ouve. Está ali esperando-o. Alegra-se com a voz do esposo, porque Ele veio às bodas depois de ter sido esperado por muito tempo". Observe que, em primeiro lugar, os ministros fiéis são amigos do esposo, para recomendá-lo aos

interesses e escolhas dos filhos dos homens; para trazer mensagens dele, pois Ele corteja por procuração, e nisto devem ser fiéis a Ele. Em segundo lugar, os amigos do esposo devem estar ali, e ouvir sua voz; devem receber dele suas instruções e cumprir suas ordens; devem desejar ter provas de que Cristo fala neles, e com eles (2 Co 13.3). Esta é a voz do esposo. Em terceiro lugar, o casamento das almas com Jesus Cristo, em fé e amor, é o cumprimento da alegria de todo bom ministro. Se o dia das bodas de Cristo for o dia do júbilo do seu coração (Ct 3.11), este não pode deixar de ser também o dia do júbilo daqueles que o amam e que têm bons desejos em relação à sua honra e ao seu reino. Eles certamente não terão uma alegria maior.

(4) João reconhece que é altamente adequado e necessário que a reputação e o interesse que Cristo desperta progridam, com a diminuição da sua reputação e do interesse que ele desperta (v. 30): “É necessário que ele cresça e que eu diminua”. Se eles se lamentam com a grandeza crescente do Senhor Jesus, eles terão ainda mais oportunidades para lamentar, como têm aqueles que se permitem invejar e imitar. João fala do crescimento de Cristo e da sua própria diminuição, não somente como necessários e inevitáveis, o que não pode ser impedido, e, portanto, deve ser suportado, mas como altamente justo e agradável, e que lhe proporciona completa satisfação. [1] Ele estava muito satisfeito por ver o reino de Cristo avançando: “Ele deve crescer. Vocês pensam que Ele conseguiu muita coisa, mas isto não é nada em comparação com o que Ele irá conseguir”. Observe que o reino de Cristo é, e será, um reino crescente, como a luz da aurora, como o grão de mostarda. [2] Ele não estava nem um pouco descontente com o fato de que o efeito disto seja a diminuição do interesse que ele desperta: “Eu devo diminuir”. As excelências criadas estão sujeitas a esta lei, elas devem diminuir. “A toda perfeição vi limite”. Observe que, em primeiro lugar, o brilho da glória de Cristo eclipsa o brilho de qualquer outra glória. A glória que compete com a de Cristo, a glória do mundo e da carne, decresce e perde terreno na alma à medida que o conhecimento e o amor de Cristo crescem e ganham terreno. Mas aqui se fala daquilo que é subserviente a Ele. À medida que a luz da manhã aumenta, a da estrela da manhã diminui. Em segundo lugar, se nossa diminuição ou humilhação podem, pelo menos, contribuir para a promoção do nome de Cristo, nós devemos nos submeter a elas com alegria, e estar satisfeitos por sermos alguma coisa, ou até mesmo

por não sermos nada, para que Cristo possa ser tudo.

2. Aqui João Batista promove o nome de Cristo, e instrui seus discípulos a respeito dele, para que, em lugar de lamentar que tantos vêm até Ele, eles mesmos possam ir até Ele.

(1) Ele os instrui a respeito da dignidade da pessoa de Cristo (v. 31): "Aquele que vem de cima", que "vem do céu, é sobre todos". Aqui: [1] Ele considera a origem divina de Jesus, o fato de que Ele veio do alto, do céu, o que indica não somente sua origem divina, mas também sua natureza divina. Ele tinha uma existência anterior à sua concepção, uma existência celestial. Ninguém, senão aquele que veio do céu, estava capacitado para nos mostrar a vontade do céu, ou o caminho para o céu. Quando Deus desejou salvar o homem, Ele enviou alguém do alto, seu próprio Filho, Jesus Cristo. [2] Disso, ele deduz a autoridade soberana de Jesus: Ele é sobre todos, sobre todas as coisas e todas as pessoas, Deus sobre todos, bendito para sempre. É uma presunção ousada disputar com Ele a precedência. Quando falamos das honras do Senhor Jesus, nós descobrimos que elas transcendem toda a concepção e expressão, e podemos dizer apenas isto: Ele é sobre todos. Sobre João Batista, está escrito: "Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista" (Mt 11.11). Mas pelo fato de Cristo ter vindo do céu, Ele tinha uma dignidade sobre si, da qual não se despiu ao se tornar carne. Ele ainda é sobre todos. Isto João exemplifica ainda mais, pela insignificância daqueles que desejam competir com Ele: "Aquele que vem da terra é da terra" – *ho on ek tes ges, ek tes ges esti.* Aquele que tem sua origem na terra obtém da terra seu alimento, fala da terra e sua preocupação é com as coisas da terra. Observe que, em primeiro lugar, o homem surge da terra, não somente Adão, no princípio, mas nós também ainda somos formados do lodo, Jó 33.6. Considere a rocha de onde todos fomos cortados. Em segundo lugar, a constituição do homem é, conseqüentemente, terrena. Não apenas seu corpo é frágil e mortal, mas sua alma é corrupta e carnal, e sua tendência e inclinação são em direção às coisas terrenas. Os profetas e apóstolos eram feitos do mesmo molde que os outros homens. Eles eram apenas vasos terrenos, embora tivessem um rico tesouro guardado em si mesmos. E será que eles se levantariam como rivais de Cristo? É até admissível que os cacos contendam com os cacos da terra, mas é inadmissível que contendam com aquele que veio do céu.

(2) Ele os instrui a respeito da excelência e certeza da doutrina de Cristo. Seus discípulos estavam descontentes com o fato de que a pregação de Cristo era mais admirada, e atraía mais gente, do que a de João Batista. Mas ele lhes diz que havia uma boa razão para isto. Pois:

[1] Ele, de sua parte, falava da terra, e também o fazem todos os que são da terra. Os profetas eram homens, e falavam como homens. Por si mesmos, eles poderiam falar somente da terra, 2 Coríntios 3.5. A pregação dos profetas e a de João Batista era inferior e trivial, em comparação com a pregação de Cristo. Como o céu está nas alturas, acima da terra, assim os pensamentos de Cristo estavam acima dos deles. Por intermédio deles, Deus falava na terra, mas em Cristo, Ele falava do céu.

[2] Mas aquele que vem do céu não está somente na sua pessoa, mas também na sua doutrina, acima de todos os profetas que tinham vivido na terra. Ninguém ensina como Ele. A doutrina de Cristo aqui nos é recomendada:

Em primeiro lugar, como infalivelmente segura e certa, e devendo ser recebida de maneira correspondente (v. 32): “Aquilo que ele viu e ouviu, isso testifica”. Veja aqui: 1. O conhecimento divino de Cristo. Ele testificava somente o que tinha visto e ouvido, aquilo de que estava perfeitamente informado e com o que estava completamente familiarizado. Aquilo que Ele revelava sobre a natureza divina e sobre o mundo invisível era o que Ele tinha visto. Aquilo que Ele revelava da mente de Deus era o que Ele tinha ouvido diretamente dele, e não em segunda mão. Os profetas testemunhavam o que lhes era dado a conhecer, em sonhos e visões, pela mediação dos anjos, mas não o que eles tinham visto e ouvido. João era a voz do que clama, que dizia: “Abram caminho para a testemunha, e façam silêncio enquanto a acusação é feita”, mas agora ele deixa que a testemunha apresente pessoalmente seu testemunho, e que o juiz faça pessoalmente a acusação. O Evangelho de Cristo não é uma opinião duvidosa, como uma hipótese ou uma nova noção em filosofia, em que todos têm liberdade de crer ou não, mas é uma revelação do pensamento de Deus, que é verdadeiramente eterno em si mesmo, e de interesse infinito para nós. 2. Sua graça e bondade divinas: aquilo que Ele tinha visto e ouvido, Ele se alegrava em nos dar a conhecer, porque Ele sabia que isto nos interessava intimamente. Paulo não pôde dar testemunho daquilo que tinha visto e ouvido no terceiro céu (2 Co 12.4), mas Cristo sabia como transmitir o que

tinha visto e ouvido. A pregação de Cristo aqui é chamada de seu testemunho, para indicar: (1) Sua evidência convincente. Não era transmitido como notícias, por meio de boatos, mas era testemunhado como uma evidência apresentada em tribunal, com grande atenção e exatidão. (2) A seriedade amorosa com que o testemunho é dado: era dado com preocupação e persistência, como em Atos 18.5.

A partir da certeza da doutrina de Cristo, João aproveita: [1] Para lamentar a infidelidade da maioria dos homens: embora Ele testemunhe aquilo que é infalivelmente verdadeiro, ninguém aceita seu testemunho, isto é, muito poucos, quase ninguém, em comparação com aqueles que o rejeitam. Eles não o recebem, não o ouvem, não prestam atenção a Ele, nem lhe dão crédito. Ele fala deste fato não somente como um motivo de espanto (Quem deu crédito à nossa pregação? Como é estúpida e tola a maior parte da humanidade, que grandes inimigos são de si mesmos!), mas como um motivo de tristeza. Os discípulos de João lamentavam-se por todos os homens irem a Cristo (v. 26). Eles julgavam que Ele tinha seguidores em excesso. Mas João, por sua vez, lamenta o fato de nem todos estarem seguindo o Senhor Jesus. Ele pensava que os seguidores de Cristo eram poucos. Observe que a incredulidade dos pecadores é a tristeza dos santos. Por este motivo, o apóstolo Paulo sentia grande tristeza, Romanos 9.2. [2] Ele aproveita a ocasião para elogiar a fé do remanescente escolhido (v. 33): “Aquele que aceitou o seu testemunho”, e mesmo que poucos, havia alguns que o aceitavam, “esse confirmou que Deus é verdadeiro”. Deus é verdadeiro, mesmo que nós não confirmemos isto. Sempre seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso. Esta verdade não precisa da nossa fé como seu sustento, mas, pela fé, trazemos honra e justiça a nós mesmos ao endossarmos esta verdade, e assim Deus se considera honrado. As promessas de Deus são todas sim e amém. Pela fé, nós damos nosso amém a elas, como em Apocalipse 22.20. Observe que aquele que recebe o testemunho de Cristo aceita não somente a verdade de Cristo, mas a verdade de Deus, pois seu nome é a Palavra de Deus. Os mandamentos de Deus e o testemunho de Cristo são reunidos, Apocalipse 12.17. Ao crer em Cristo, nós confirmamos, em primeiro lugar, que Deus é fiel a todas as promessas que Ele fez a respeito de Cristo, as quais Ele fez por intermédio da boca de todos os seus santos profetas. O que Ele prometeu aos nossos pais foi completamente cumprido, e nem um jota ou til caiu por terra, Lucas

1.70ss.; Atos 13.32,33. Em segundo lugar, que Ele é fiel a todas as promessas que fez em Cristo. Nós confiamos nossas almas à sinceridade de Deus, e nos sentimos satisfeitos porque Ele é fiel. Nós nos dispomos a lidar com Ele em confiança, e a abandonar tudo neste mundo em troca de uma felicidade que está fora do alcance da nossa visão. Com isto, nós honramos enormemente a fidelidade de Deus. Àquele a quem demos crédito, também damos honra.

Em segundo lugar, a doutrina de Cristo nos é recomendada como uma doutrina divina, não sua, mas daquele que o enviou (v. 34): "Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus", as que Ele foi enviado para falar, e foi capacitado para falar, "pois não lhe dá Deus o Espírito por medida". Os profetas eram como mensageiros que traziam cartas do céu, mas Cristo veio como um embaixador, e lida conosco como um embaixador, pois: 1. Ele falava as palavras de Deus, e nada do que Ele dizia tinha característica de fraqueza humana. Tanto o conteúdo quanto a linguagem eram divinos. Ele provou que era enviado de Deus (cap. 3.2), e, portanto, suas palavras devem ser recebidas como as palavras de Deus. Segundo esta regra, nós podemos provar os espíritos: aqueles que falam como oráculos de Deus, e profetizam de acordo com a proporção da fé, devem ser recebidos como enviados de Deus. 2. Ele falava como nenhum outro profeta, pois Deus não lhe dava o Espírito por medida. Ninguém pode falar palavras de Deus sem o Espírito de Deus, 1 Coríntios 2.10,11. Os profetas do Antigo Testamento tinham o Espírito, e em porções diferentes, 2 Reis 2.9,10. Mas enquanto Deus lhes dava o Espírito por medida (1 Co 12.4), Ele o dava a Cristo sem medida. Toda a plenitude estava nele, a plenitude da Divindade, uma plenitude ilimitada. O Espírito não estava em Cristo como em um vaso, mas como em uma fonte, como em um oceano sem fundo. "Os profetas que tinham o Espírito de uma maneira limitada, somente com respeito a alguma revelação em particular, às vezes falavam de si mesmos. Mas aquele que tem o Espírito sempre residente em si, sem restrições, sempre falou as palavras de Deus", segundo o Dr. Whitby.

(3) Ele os instrui a respeito do poder e da autoridade com que Ele está investido, o que lhe dá a proeminência sobre todos os demais, e um nome muito mais excelente que o deles.

[1] Ele é o Filho amado do Pai (v. 35): "O Pai ama o Filho". Os profetas eram fiéis como servos, mas Cristo, como um Filho. Eles eram empregados

como servos, mas Cristo era amado como um Filho, sendo sempre “as suas delícias”, Provérbios 8.30. O Pai comprazia-se nele. Ele não somente o amou, mas Ele o ama. Ele continua com seu amor por Ele, mesmo no seu estado de humilhação, Ele não o ama menos, pela sua pobreza ou pelos seus sofrimentos.

[2] Ele é o Senhor de tudo. O Pai, como evidência do seu amor por Ele, todas as coisas entregou nas suas mãos. O amor é generoso. O Pai tinha tal complacência e tal confiança nele, que o constituiu como o grande feudatário, a quem foi confiada a humanidade. Tendo dado a Ele o Espírito sem medida, Ele lhe deu todas as coisas, pois Ele estava qualificado para ser o Mestre e Administrador de tudo. Observe que é para a honra de Cristo e o indescritível consolo de todos os cristãos, que o Pai colocou todas as coisas nas mãos do Mediador. Em primeiro lugar, todo o poder. Isto está explicado, Mateus 28.18. Todas as obras da criação foram colocadas sob seus pés, todos os assuntos da redenção foram colocados em suas mãos. Ele é o Senhor de tudo. Os anjos são seus servos, os demônios são seus prisioneiros. Ele tem poder sobre toda a carne, os gentios lhe são dados como sua herança. O reino da providência está entregue à sua administração. Ele tem o poder para definir os termos do concerto de paz como o grande plenipotenciário, para governar sua igreja como o grande legislador, para dispensar favores como o grande doador de bênçãos, e para convocar todos a prestar contas como o grande Juiz. Tanto o cetro de ouro quando a vara de ferro foram colocadas nas suas mãos. Em segundo lugar, toda a graça é colocada nas suas mãos como o canal para transmissão. Todas as coisas, todas aquelas boas coisas que Deus pretendia dar aos filhos dos homens, a vida eterna e todos os seus preliminares. Nós não somos dignos de que o Pai coloque estas coisas em nossas mãos, pois nós nos tornamos os filhos da sua ira. Por isto, Ele indicou o Filho do seu amor para ser nosso fiduciário. E as coisas que Ele pretendia para nós, Ele coloca nas mãos do seu Filho, que é digno, e que merece tanto as honras para si mesmo quanto os favores para nós. Elas são colocadas em suas mãos, para serem dadas a nós por Ele. É um grande incentivo para a fé, que as riquezas do novo concerto sejam depositadas em mãos tão seguras, tão gentis, tão boas, as mãos daquele que as comprou para nós, e nos comprou para si mesmo. O Senhor Jesus Cristo é aquele que pode guardar tudo aquilo que Deus, o Pai, e os crentes concordaram em lhe entregar.

[3] Ele é o objeto daquela fé que se torna a grande condição da felicidade eterna, e nisto Ele tem a proeminência sobre todos os demais: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna”, v. 36. Aqui temos a aplicação do que João tinha dito a respeito de Cristo e da sua doutrina, e a conclusão de todo o assunto. Se Deus colocou esta honra sobre o Filho, nós devemos, pela fé, honrá-lo. Assim como Deus oferece e entrega boas coisas a nós, pelo testemunho de Jesus Cristo, cuja palavra é o veículo dos favores divinos, também nós recebemos e participamos destes favores, crendo no testemunho e recebendo a palavra como verdadeira e boa. Esta maneira de receber responde adequadamente àquela maneira de dar. Aqui temos o resumo daquele Evangelho que deverá ser pregado a toda criatura, Marcos 16.16. Aqui temos:

Em primeiro lugar, a condição abençoada de todos os verdadeiros cristãos: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna”. Observe: 1. É característico de todo cristão verdadeiro que ele creia no Filho de Deus. Não somente creia nas suas palavras, creia que o que Ele diz é verdade, mas creia nele, consinta com Ele e confie nele. O benefício do verdadeiro cristianismo é nada menos que a vida eterna. Esta é a bênção que Cristo veio comprar para nós, e nos entregar. Ela não pode ser menos do que a felicidade que uma alma imortal sente na presença de um Deus imortal, e na comunhão com Ele. 2. Os verdadeiros crentes, mesmo agora, têm a vida eterna. Eles não somente a terão no futuro, mas a têm agora. Pois: (1) Eles têm uma grande segurança quanto a esta preciosa promessa. Esta ação é selada e entregue a eles, e assim eles a possuem. Ela é colocada nas mãos do seu guardião, e assim eles a têm, embora seu uso ainda não seja transferido em forma de posse. Eles têm o Filho de Deus, e nele, a vida; e o Espírito de Deus é o penhor desta vida. (2) Eles têm o privilégio de saboreá-la de antemão, na presente comunhão com Deus e nos sinais do seu amor. A glória que desfrutamos de antemão pode ser considerada uma grande graça.

Em segundo lugar, a condição vil e miserável dos incrédulos: “Aquele que não crê no Filho” está condenado, *ho apeithome*. A expressão inclui tanto a incredulidade como a desobediência. Um incrédulo é aquele que não dá crédito à doutrina de Cristo, nem está em sujeição ao governo de Cristo. Assim sendo, aqueles que não forem ensinados nem governados por Cristo: 1. Não podem ser felizes neste mundo, nem no vindouro: ele “não verá a vida”, aquela vida que Cristo veio para dar. Ele não se regozijará com isto,

ele não terá nenhuma perspectiva confortável disto, nunca trará dentro de si a compreensão disto, exceto para agravar sua perda disto. 2. Não podem ser menos miseráveis: “A ira de Deus sobre ele permanece”, sobre o incrédulo. Ele não apenas está sob a ira de Deus, que é tão seguramente a morte da alma quanto seu favor é a vida dela, mas a ira permanece sobre ele. Toda a ira que ele tem acarretado sobre si mesmo, produzida pela violação da lei, se não for removida pela graça do evangelho, está prestes a vir sobre ele. A ira de Deus, em razão de suas transgressões presentes, inflama-se e repousa sobre ele. Dívidas antigas permanecem não liquidadas, e novas dívidas são acrescentadas. Alguma coisa é feita a cada dia para encher a medida, e nada é feito para esvaziá-la. Deste modo, a ira de Deus permanece, pois é acumulada para o dia da ira.

CAPÍTULO 4

Mais do que qualquer outra coisa, a glória da terra de Israel era que ela fosse a terra do Emanuel (Is 8.8), não apenas o lugar de seu nascimento, mas cenário de seus sermões e de seus milagres. Na época de nosso Salvador, essa terra era dividida em três partes: Judéia, ao sul, Galiléia, ao norte, e Samaria, estendendo-se entre elas. Sendo assim, neste capítulo, nós temos Cristo em cada uma das três partes dessa terra. I. Partindo da Judéia, vv. 1-3. II. Passando por Samaria, que, embora tenha sido uma visita *in transitu*, consome, aqui, mais tempo. 1. Sua chegada a Samaria, vv. 4-6. 2. Sua conversa com a mulher samaritana junto a um poço, vv. 7-26. 3. O testemunho que a mulher deu à cidade sobre Ele, vv. 27-30. 4. A conversa de Cristo com seus discípulos enquanto isso, vv. 31-38. 5. A boa repercussão deste fato entre os samaritanos, vv. 39-42. III. Nós o encontramos residindo por algum tempo na Galiléia (vv. 43-46), e lá, a cura realizada por Ele do filho de um nobre que estava às portas da morte, vv. 46-54.

A Viagem de Cristo à Galiléia

vv. 1-3

Lemos sobre a chegada de Cristo à Judéia (cap. 3.22), depois que Ele tinha participado das festividades da Páscoa em Jerusalém. E agora Ele deixou a Judéia quatro meses antes da ceifa, como é narrado aqui (v. 35), de forma que é calculado que Ele permaneceu na Judéia por cerca de seis meses, para edificar sobre os alicerces que João havia estabelecido ali . Não temos nenhuma descrição especifica de seus sermões e milagres realizados ali, mas apenas uma citação geral, v. 1.

I Que Ele fez discípulos. Ele convenceu muitos a abraçar sua doutrina, e a segui-lo como um Mestre vindo de Deus. Seu ministério era bem-sucedido, não obstante a oposição encontrada (Sl 110.2,3). *Mathetas poiei* – significa o mesmo que *matheteuo – fazer discípulos*. Compare com Gênesis 12.5. As almas que eles haviam conquistado, que eles haviam "feito" (esse é o significado da palavra), que eles haviam feito prosélitos. Note que é uma prerrogativa de Cristo fazer discípulos, primeiro para trazê-los aos seus pés, e depois para formá-los e adequá-los à sua vontade. *Fit, non nascitur, Cristianus – Os cristãos são feitos, não nascem assim*. Tertuliano.

II Que Ele batizava aqueles que se tornavam seus discípulos, aceitando-os ao lavá-los com água. Ele mesmo não batizava, mas o fazia por intermédio do ministério dos seus discípulos, v. 2. 1. Ele costumava estabelecer uma diferença entre seu batismo e o de João. João batizava, ele próprio, a todos, pois ele batizava como um servo, e Cristo, como um mestre. 2. Ele se dedicava mais ao trabalho de evangelizar, que era o mais extraordinário, 1 Coríntios 1.17. 3. Ele dignificava seus discípulos, ao autorizá-los e empregá-los para fazerem sua obra, e, neste caso específico, para batizarem. Portanto, o Senhor os educava para realizarem novos serviços. 4. Se Ele próprio tivesse batizado alguns, estes estariam propensos a se valorizar por esse fato, e depreciar os demais. E isso Ele evitava, como Paulo, 1 Coríntios 1.13,14. 5. Ele reservava para si a glória de batizar com o Espírito Santo, Atos 1.5. 6. Ele nos ensina que a eficácia dos sacramentos não depende de qualquer virtude da mão que os ministra, como também que aquilo que é feito por seus ministros, de acordo com sua orientação, Ele reconhece como feito por Ele mesmo.

Que “Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João”. Não apenas mais
III do que João tinha feito até essa ocasião, mas mais do que ele havia feito em qualquer tempo. O discurso de Cristo era mais cativante do que o de João. Seus milagres eram convincentes, e as curas que Ele realizava gratuitamente, muito atraentes.

IV Que os fariseus foram informados disso. Eles ouviram falar das multidões que Ele batizou, pois, desde sua primeira aparição pública, eles o tinham sob uma enciumada observação, e não precisavam de espiões para lhes dar notícias sobre ele. Observe: 1. Quando os fariseus pensaram que estavam livres de João (ele estava preso nessa época), e estavam se regozijando com isso, aparece Jesus, que era para eles um aborrecimento maior do que João já havia sido. As testemunhas de Deus se levantarão sucessivamente. 2. Que o que os angustiava era o fato de Cristo fazer muitos discípulos. O sucesso do Evangelho exaspera seus inimigos, e quando os poderes das trevas estão enfurecidos contra o Evangelho, este é um bom indício de que ele está ganhando terreno.

V Que nosso Senhor Jesus Cristo sabia muito bem quais informações contrárias a Ele haviam sido passadas aos fariseus. É provável que os informantes desejassem manter seus nomes em segredo, e os fariseus estivessem relutantes em terem seus desígnios revelados. Mas ninguém pode cavar tão fundo a ponto de esconder seus propósitos do Senhor (Is 29.15), e Cristo é aqui chamado “o Senhor”. Ele sabia o que havia sido contado aos fariseus, e se o relato excedia ou não a verdade. Sim, Jesus já deveria ter batizado mais do que João. E eles já o viam como alguém formidável. Veja 2 Reis 6.12.

VI Que depois disso nosso Senhor Jesus “deixou a Judéia e foi outra vez para a Galiléia”.

1. Ele “deixou a Judéia”, porque era provável que lá Ele fosse perseguido até à morte. A ira dos fariseus contra Jesus era como aquele plano iníquo para devorar o menino-Deus em sua infância. Para escapar das intenções deles, Cristo deixou a região e foi para onde aquilo que Ele fazia fosse menos irritante do que à vista deles. Pois: (1) Ainda não era chegada sua hora (cap. 7.30), a hora estabelecida nos desígnios de Deus, e nas profecias

do Antigo Testamento, para o Messias morrer. Ele não havia terminado seu testemunho, e por essa razão não se entregaria ou se exporia. (2) Os discípulos que Ele havia reunido na Judéia não eram capazes de suportar dificuldades, e por isso ele não os exporia. (3) Desse modo, Ele deu um exemplo para sua própria regra: “Quando vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra”. Nós não somos chamados para sofrer, enquanto pudermos evitar o sofrimento sem pecar. E, embora não possamos, para nossa própria preservação, mudar nossa religião, ainda assim podemos mudar de lugar. Cristo não se protegeu através de um milagre, mas de uma maneira muito comum aos homens, para assim orientar e encorajar seu povo sofredor.

2. Ele partiu para a Galiléia, porque tinha uma obra para realizar ali, além de ter muitos amigos e menos inimigos naquela região. Ele foi para a Galiléia agora: (1) Porque lá o ministério de João havia preparado o caminho para Ele. Porque a Galiléia, que estava sob a jurisdição de Herodes, era o último cenário do batismo de João. (2) Porque a prisão de João havia aberto espaço para Ele ali. Estando agora aquela luz debaixo do alqueire, o pensamento das pessoas não ficaria dividido entre João e Cristo. Assim, tanto os privilégios quanto as restrições dos bons ministros são para o proveito do Evangelho, Filipenses 1.12. Mas com que finalidade Ele entra para sua segurança na Galiléia? Herodes, o perseguidor de João, não será jamais o protetor de Jesus. Chemnitius aqui comenta: *Pii in haec vitae quos fugiant habent; ad quos vero fugiant ut in tuto sint non habent, nisi ad te, Deus, qui solus regugium nostrum es – Os crentes têm, nesta vida, aqueles a quem podem recorrer; mas eles não tem ninguém a quem possam recorrer que possa lhes dar refúgio, exceto tu, Ó Deus*.

Cristo no Poço de Samaria

vv. 4-26

Temos aqui um relato do bem que Cristo fez em Samaria, quando passou por aquela região a caminho da Galiléia. Os samaritanos, tanto em termos de sangue quanto de religião, eram judeus mestiços, os descendentes daquelas colônias que o rei da Assíria estabeleceu ali depois do cativeiro das dez tribos, com os quais os pobres da terra foram deixados para trás, e aos quais muito outros judeus, mais tarde, se incorporaram. Eles adoravam

apenas o Deus de Israel, a quem edificaram um templo no monte Gerizim, que competia com o de Jerusalém. Havia uma grande inimizade entre os samaritanos e os judeus. Os samaritanos não receberiam Cristo quando vissem que Ele ia para Jerusalém (Lc 9.53). Os judeus pensavam que não poderiam lhe conferir uma reputação pior do que dizer: “Ele é um samaritano”. Quando os judeus eram prósperos, os samaritanos reivindicaram parentesco com eles (Ed 4.2), mas, quando os judeus estavam necessitados, eles se classificavam como medos e persas. Veja Josefo, *Antiq*., liv. 11, cap. 8; liv. 12, cap. 7. Observe:

I A entrada de Cristo em Samaria. Ele ordenou a seus discípulos que não entrassem em qualquer das cidades dos samaritanos (Mt 10.5), isto é, não pregassem o Evangelho, ou operassem milagres. Aqui o Senhor não pregou publicamente, nem operou qualquer milagre, pois sua atenção estava voltada “às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Os benefícios que Ele aqui concedeu foram casuais, eram só migalhas do pão dos filhos que casualmente caíram da mesa do Mestre.

1. Seu caminho da Judéia para a Galiléia passava pelo território da Samaria (v. 4): “Era-lhe necessário passar por Samaria”. Não havia nenhum outro caminho, a menos que Ele desse a volta pelo outro lado do Jordão, que ficava muito longe. Os maus e os profanos estão, no momento, tão mesclados com o Israel de Deus, que, a menos que saiamos do mundo, não podemos evitar tê-los como companhia, 1 Coríntios 5.10. Temos, então, a necessidade da armadura ou da justiça na mão direita e na esquerda, para que não os provoquemos, nem nos contaminemos com eles. Nós não devemos ir a lugares de tentação, senão quando somos obrigados. E não devemos residir neles, mas passar rapidamente por eles. Alguns pensam que Cristo é obrigado a passar por Samaria porque tinha uma boa obra para realizar ali, uma pobre mulher a ser convertida, uma ovelha perdida a ser procurada e salva. Esse era o trabalho para o qual seu coração estava voltado, e a razão pela qual Ele era obrigado a seguir esse caminho. Foi uma alegria para Samaria estar situada no caminho de Cristo, pois isso deu a Ele uma oportunidade de visitá-la. “Passando eu por ti… disse-te:… vive”, Ezequiel 16.6.

2. Seu local de descanso acabou sendo uma cidade de Samaria. Observe:

(1) O lugar descrito. Era chamado Sicar, provavelmente o mesmo que Siquém, um lugar a respeito do qual lemos muito no Antigo Testamento. Os nomes dos lugares são freqüentemente alterados à medida que o tempo passa. Siquém forneceu os primeiros prosélitos que entraram na igreja de Israel (Gn 34.24), e agora é o primeiro lugar onde o Evangelho é pregado fora da comunidade de Israel. Assim o Dr. Lightfoot considera. Este estudioso também entende que o "vale de Acor", que foi dado "por porta de esperança", a esperança para os pobres gentios, margeava essa cidade, Oséias 2.15. Abimeleque foi feito rei aqui. Este era o lugar do trono de Jeroboão. Mas o evangelista, ao falar sobre a história do lugar, chama a atenção para as propriedades que Jacó tivera ali, o que honrava mais este lugar do que suas cabeças coroadas. [1] Aqui ficava a terra de Jacó, "aquela parte do campo que Jacó" deu para seu filho José, cujos ossos foram nela sepultados, Gênesis 48.22; Josué 24.32. Este fato é provavelmente mencionado para sugerir que quando Cristo repousou perto daqui, aproveitou a oportunidade de estar na terra que Jacó deu a José para meditar sobre a boa reputação que os antigos obtiveram pela fé. Jerônimo escolheu morar na terra de Canaã para que, vendo os locais onde os fatos bíblicos aconteceram, pusesse se sentir ainda mais comovido com as histórias das Escrituras. [2] Aqui estava o poço de Jacó, que ele cavou, ou pelo menos usou para si próprio e para sua família. Nós não encontramos nenhuma menção desse poço no Antigo Testamento, mas diz a tradição que essa era a "fonte de Jacó".

(2) A postura do nosso Senhor Jesus nesse lugar: "Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte". Aqui, vemos nosso Senhor Jesus:

[1] Trabalhando sob a fadiga habitual dos viajantes. Ele estava cansado devido à sua viagem. Embora ainda fosse somente a hora sexta, e Ele tivesse cumprido apenas metade do seu dia de viagem, ainda assim Ele estava cansado. Ou porque essa era a hora sexta, o período mais quente do dia. Aqui vemos, em primeiro lugar, que Ele era um verdadeiro homem, e sujeito às fraquezas comuns da natureza humana. O trabalho enfadonho e penoso veio com o pecado (Gn 3.19), e, conseqüentemente, Cristo, tendo se tornado maldição por nós, submeteu-se a ele. Em segundo lugar, que Ele era um homem pobre, de outra forma Ele poderia ter viajado a cavalo ou em uma carruagem. Através desse exemplo de pobreza e penitência, Ele se

humilhou por nós, pois Ele realizou todas as suas viagens a pé. Enquanto os servos andavam a cavalo, príncipes “andavam a pé como servos sobre a terra”, Eclesiastes 10.7. Quando somos transportados com comodidade, devemos pensar no cansaço de nosso Mestre. Em terceiro lugar, parecia que Ele não passava de um homem frágil e de constituição pouco robusta; parecia que seus discípulos não estavam tão cansados quanto Ele, pois eles entraram na cidade sem qualquer dificuldade, enquanto seu Mestre se sentou, e não pôde dar mais um passo adiante. Muitos dos melhores físicos humanos são os mais sensíveis à fadiga, e são os que menos a suportam.

[2] Nós o temos aqui entregando-se ao alívio habitual dos viajantes: “Cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte”. Em primeiro lugar, Ele se sentou junto à fonte, um lugar desconfortável, frio e duro. O Senhor não teve nenhuma almofada, nenhuma rede onde repousar, mas usou o que estava à mão para nos ensinar a não sermos demasiadamente exigentes e desejosos das comodidades desta vida, mas nos contentarmos com as coisas simples. Em segundo lugar, Ele se sentou em uma posição desconfortável; sentou-se *de maneira descuidada – incuriose et neglectim*; ou, ainda, Ele se sentou da mesma maneira que as pessoas que estão cansadas de viajar estão acostumadas a se sentar.

II Sua conversa com uma mulher samaritana é aqui detalhadamente registrada, enquanto sua discussão com os doutores, e sua conversa com Moisés e Elias no monte, estão sepultadas no silêncio. Essa conversa pode ser reduzida a quatro tópicos:

1. A discussão a respeito da água, vv. 7-15.

(1) São informadas as circunstâncias que deram origem a essa conversa.

[1] Então veio uma mulher de Samaria para tirar água. Isso demonstra sua pobreza, ela não tinha nenhum criado para tirar a água, e ela mesma deveria fazer seu esforço. Veja aqui, em primeiro lugar, como Deus reconhece e aprova a diligência humilde e honesta em nosso trabalho. Cristo tornou-se conhecido dos pastores quando estes estavam cuidando de seu rebanho. Em segundo lugar, como a Providência viabiliza propósitos gloriosos através de acontecimentos que para nós parecem fortuitos e acidentais. O encontro dessa mulher com o Senhor Jesus Cristo no poço pode nos fazer lembrar das histórias de Rebeca, de Raquel, e da filha de Jetro, que encontraram homens de Deus, bons maridos, nenhum pior do que Isaque, Jacó e Moisés,

quando vieram ao poço em busca de água. Em terceiro lugar, como a graça preventiva de Deus, algumas vezes, leva as pessoas inesperadamente aos caminhos da conversão e da salvação. Muitas vezes, Ele é achado por aqueles que não o buscam.

[2] “Seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida”. Daqui, podemos tirar uma lição, em primeiro lugar, de justiça e honestidade. Cristo comprava e pagava pela comida que comia, como Paulo, 2 Tessalonicenses 3.8. Em segundo lugar, da nossa dependência diária da Providência: “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã”. Cristo não foi à cidade para comer, mas enviou seus discípulos para buscarem seu alimento. Não porque Ele receava comer em uma cidade samaritana, mas: 1. Porque Ele tinha uma boa obra a realizar junto àquela fonte, que devia ser feita enquanto eles estavam cuidando das provisões. É sábio preencher nossos minutos de inatividade com aquilo que é bom, para que os fragmentos de tempo possam ser aproveitados. Pedro, enquanto o jantar estava sendo preparado, teve um arrebatamento, Atos 10.10. 2. Porque era mais privativo e afastado, mais barato e simples, que sua refeição lhe fosse trazida do que ir à cidade para comer. Talvez sua bolsa tivesse pouco dinheiro, e Ele nos ensinou a economizar, gastar de acordo com o que temos, e não além disso. Pelo menos, Ele nos ensinou a não nos influenciarmos pelas coisas grandes. Cristo podia comer seu jantar tanto junto à uma fonte como na melhor hospedaria da cidade. Devemos nos comportar de acordo com nossas circunstâncias. Sendo assim, isso proporcionou a Cristo uma oportunidade de conversar com essa mulher samaritana sobre assuntos espirituais, e Ele a aproveitou. Ele freqüentemente pregava para multidões que se aglomeravam diante dele para receber ensinamentos. Mas, apesar disso, aqui o Senhor Jesus se digna a ensinar uma única pessoa, uma mulher, uma mulher pobre, uma estranha, uma samaritana, para ensinar seus ministros a fazer o mesmo, como aqueles que sabem que obra gloriosa é ajudar a salvar alguém da morte, ainda que seja apenas uma alma.

(2) Observemos as particularidades desta discussão.

[1] Jesus começa com um humilde pedido por um pouco de água: “Dá-me de beber”. Aquele que por nossa causa se fez pobre, aqui se torna um pedinte, para que aqueles que estão em dificuldades, e não conseguem trabalhar, não tenham vergonha de pedir. Cristo pediu, não apenas porque Ele precisava, e necessitava da ajuda dela para alcançá-la, mas porque se

valeria disso para facilitar uma conversa com a mulher, e nos ensinar a estar dispostos a agradecer pelo pouco, quando isso acontecer. Cristo continua pedindo através de seus pobres, e um copo de água fresca, como esta aqui, dado a estes em seu nome, não ficará sem sua recompensa.

[2] Embora a mulher não tenha recusado o pedido, ela discutiu com Jesus porque Ele não se comportou de acordo com o temperamento de sua própria nação (v. 9): "Como?" Observe, em primeiro lugar, que havia uma hostilidade mortal entre os judeus e os samaritanos: "Os judeus não se comunicam com os samaritanos". Os samaritanos eram os adversários de Judá (Ed 4.1), e prejudiciais a eles em qualquer situação. Os judeus eram extremamente mal-intencionados contra os samaritanos, "olhavam para eles como se eles não tivessem nenhuma participação na ressurreição, excomungavam-nos e amaldiçoavam-nos pelo nome santo de Deus, pela gloriosa Escritura das tábuas da lei, e pela imprecação do alto e do baixo Sinédrio, com a seguinte lei: Que nenhum israelita coma qualquer coisa que seja de um samaritano, pois é como se ele comesse carne de porco". Assim o Dr. Lightfoot interpreta, com base no *Rabbi Tanchum*. Observe que as disputas por causa de religião são geralmente as mais implacáveis. Os homens foram feitos para ter relacionamentos uns com os outros, mas, se devido ao fato de um orar em um templo, e outro em outro, eles negarem os deveres da humanidade, caridade e civilidade geral, serão intragáveis, anormais, insolentes e críticos, e isso a pretexto de zelo pela religião. Estes mostram claramente que, por mais que sua religião possa ser verdadeira, eles não são verdadeiramente religiosos, mas, a pretexto de lutar pela religião, subvertem o objetivo dela. Em segundo lugar, como a mulher estava pronta para reclamar sobre a arrogância e a natureza doentia da nação judaica: "Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim". Através das vestes ou do dialeto, ou de ambos, ela sabia que Jesus era um judeu, e acha estranho que Ele não cometesse os mesmos excessos de revolta contra os samaritanos que os outros judeus. Observe que homens comedidos de todos os lados, como Josué e seus companheiros (Zc. 3.8), são homens dignos de se admirar. Essa mulher deseja saber duas coisas: 1. Por que Ele havia pedido essa gentileza, pois o orgulho dos judeus faria com que suportassem qualquer sofrimento para não ficarem em débito com um samaritano. Era parte da humilhação de Cristo que Ele nascesse na nação judaica, que agora estava não apenas em uma condição difícil, sujeita aos

romanos, mas com uma reputação ruim entre as nações. Com que desdém Pilatos perguntou: “Porventura, sou eu judeu?” Dessa forma, ele se tornou alguém não apenas sem reputação, mas de má reputação. Porém, nisso, o Senhor nos deu um exemplo importante de que devemos nadar contra a corrente das imoralidades triviais. Nós devemos, como nosso Mestre, mostrar bondade e amabilidade, ainda que seja muito típico do caráter da nossa região, ou do temperamento do nosso povo, sermos rabugentos e mal-humorados. Essa mulher esperava que Cristo fosse como os outros judeus, porém é injusto culpar igualmente todos os indivíduos pelos defeitos típicos de toda a comunidade. Não há regra que não tenha exceções. 2. Ela gostaria de saber por que Ele esperava receber essa gentileza de uma samaritana: “Vós, judeus, podeis negá-la a alguém de nossa nação, e porque deveríamos concedê-la a alguém da vossa?” As disputas são disseminadas incessantemente por vingança e retaliação.

[3] Cristo aproveita essa ocasião para instruí-la sobre as coisas divinas: “Se tu conheceras o dom de Deus... tu lhe pedirias”, v. 10. Observe que:

Em primeiro lugar, Ele evita a objeção da mulher, devido à hostilidade entre judeus e samaritanos, e não a leva em consideração. Algumas divergências são melhor resolvidas ao serem ignoradas, e ao se evitar todas as oportunidades de se discutir sobre elas. Cristo converterá essa mulher, não por lhe mostrar que a adoração samaritana era separatista (embora ela realmente o fosse), mas mostrando a falta de conhecimento e imoralidade na vida dela, e a necessidade que ela tinha do Salvador.

Em segundo lugar, Ele fornece a ela um entendimento para que ela tivesse agora uma oportunidade (uma oportunidade mais justa do que ela podia perceber) de conquistar algo que seria um indescritível benefício para ela. Ela, ao contrário dos judeus, não tinha meios de compreender os sinais dos tempos, e por essa razão Cristo lhe diz expressamente que ela estava, agora, na época da graça. Esse era o dia da sua visitação.

a. Ele sugere o que ela deveria saber, mas ignorava: “Se tu conheceras o dom de Deus”, isto é, como as palavras seguintes explicam: “Quem é o que te diz: Dá-me de beber”. “Se tu soubesses quem eu sou”. Ela o via como sendo um judeu, um pobre viajante cansado, mas Ele a faria saber algo mais a respeito dele do que aquilo que aparentava. Observe que: (*a*) Jesus Cristo é o “dom de Deus”, o símbolo mais precioso do amor de Deus para conosco, e o tesouro mais rico de todo o bem para nós; uma dádiva, não

uma dívida que poderíamos cobrar de Deus; não um empréstimo, que Ele cobrará de nós, mas uma dádiva, um dom gratuito, cap. 3.16. (*b*) É um indescritível privilégio ter essa dádiva de Deus proposta e oferecida a nós, e ter uma oportunidade de aceitá-la: "Aquele que é a dádiva de Deus está agora sentado diante de ti, e fala contigo. É Ele quem te diz: Dá-me de beber. Esta dádiva aparece para ti, na forma de alguém que está te pedindo algo". (*c*) Embora Cristo esteja diante de nós, e nos peça algo em seu Evangelho, e através deste, ainda existem multidões que não o conhecem. Estas pessoas não sabem quem é que fala com elas no Evangelho, que diz: "Dá-me de beber". Elas não percebem que é o Senhor que as chama.

b. Ele tem uma expectativa no que diz respeito a ela, do que ela teria feito se soubesse quem Ele era. Ele tinha a certeza de que ela não lhe daria uma resposta rude e mal educada. Pelo contrário, ela estava tão longe de afrontá-lo, que se dirigiria ao Senhor de uma forma amável: "Tu lhe pedirias". Observe que: (*a*) Aqueles que desejam ter qualquer beneficio através de Cristo devem pedir, devem ser determinados em orar a Deus para receber tal benefício. (*b*) Aqueles que têm um correto conhecimento de Cristo o buscarão, e se não o buscamos, este é um sinal de que não o conhecemos, Salmos 9.10. (*c*) Cristo sabe o que aqueles que desejam os meios de conhecimento teriam feito se os tivessem, Mateus 11.21.

c. Ele declara à mulher o que teria feito por ela se ela tivesse recorrido a Ele: "E ele te daria [e não lhe teria censurado, como fazes a mim] água viva". Esta água viva representa o Espírito Santo, que não é como a água no fundo do poço, um pouco da qual Jesus havia pedido, mas como água viva ou corrente, que é muito mais valiosa. Observe que: (*a*) O Espírito da graça é uma água viva. Veja cap. 7.38. Sob essa semelhança, as bênçãos do Messias tinham sido prometidas no Antigo Testamento, Isaías 12.3; 35.7; 44.3; 55.1; Zacarias 14.8. As graças do Espírito, e seus confortos, satisfazem a alma sedenta, que conhece sua própria natureza e necessidade. (*b*) Jesus Cristo pode dar e dará o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, àqueles que lhe pedirem, pois Ele recebeu esta autoridade de Deus, o Pai.

[4] A mulher opõe-se e contesta a benevolente insinuação que Cristo lhe faz (vv. 11,12): "Tu não tens com que a tirar". E, por outro lado: "És tu maior do que Jacó, o nosso pai"? O que Ele falou figurativamente, ela interpretou literalmente. Nicodemos fez o mesmo. Veja que noções

confusas têm, das coisas espirituais, aqueles que estão totalmente absorvidos por aquilo que faz parte do mundo dos sentidos. Ao chamar Jesus de Senhor, ela lhe demonstra algum respeito, mas parece que ela demonstra pouco respeito pelo que Ele disse, pois, neste particular, fez apenas gracejos.

Em primeiro lugar, ela não o acha capaz de provê-la com nenhuma água, não, não essa do poço que está à mão: “Tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo”. Ela disse isso sem conhecer o poder de Cristo, pois aquele que faz os vapores subirem das extremidades da terra não precisa de nada para tirá-la. Mas existem aqueles que confiarão em Cristo até o limite em que puderem vê-lo, e não crerão em sua promessa, a menos que os meios de sua realização sejam visíveis. É como se ficássemos amarrados aos nossos métodos, e não pudéssemos tirar água sem nossos baldes. Ela pergunta com desdém: “’Onde, pois, tens a água viva?’ Eu não vejo de onde possas tirá-la”. Note que as fontes daquela água viva que Cristo tem para aqueles que vêm a Ele são secretas e ocultas. A fonte da vida está oculta em Cristo. Cristo tem o suficiente para nós, embora não vejamos de onde Ele tira tamanhas bênçãos.

Em segundo lugar, ela não achava possível que Ele pudesse provê-la com qualquer água melhor do que aquela que ela podia conseguir, mas Ele não podia: “És tu maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço?”

a.Nós presumimos que a tradição seja verdadeira, que o próprio Jacó, e seus filhos, e gado, realmente beberam daquele poço. E podemos perceber, a partir disso: (*a*) O poder e a providência de Deus, na continuidade das fontes de água de geração a geração, pela circulação constante dos rios, assim como o sangue circula no corpo (Ec 1.7). Talvez o fluxo e refluxo do mar, como as pulsações do coração, contribua com este processo de circulação. (*b*) A simplicidade do patriarca Jacó. Sua bebida era água, e ele e seus filhos bebiam do mesmo poço com seu gado.

b. Ainda que se admita que isso seja verdade, ela estava errada em várias coisas. Como: (*a*) Em chamar Jacó de pai. Que autoridade tinham os samaritanos para se considerarem da semente de Jacó? Eles eram descendentes daquela mistura de gente que o rei da Assíria havia instalado nas cidades da Samaria. O que eles têm a ver com Jacó então? Por serem eles os invasores das propriedades de Israel, e os injustos possuidores das terras de Israel, seriam eles então os herdeiros do sangue e da glória de

Israel? Como eram absurdas essas pretensões! (*b*) Ela está errada em reivindicar esse poço como um presente de Jacó, considerando que, ao dá-lo, ele não fez mais do que Moisés ao dar o maná, cap. 6.32. Mas, desse modo, tendemos a chamar os mensageiros das dádivas de Deus de doadores, olhando também assim para as mãos através das quais elas são passadas, a ponto de nos esquecermos da mão da qual elas vieram. Jacó deu o poço a seus filhos, não aos samaritanos. Do mesmo modo, os inimigos da igreja não só usurpam, mas monopolizam os privilégios da igreja. (*c*) Ela estava errada ao considerar o Senhor Jesus Cristo como alguém que não fosse digno de ser comparado com seu pai Jacó. Uma veneração excessiva pelos costumes antigos faz com que as dádivas de Deus sejam desprezadas pelas pessoas boas dos nossos dias.

[5] Cristo responde a essa crítica, e comprova que a água viva que Ele tinha para dar era muito melhor do que a do poço de Jacó, vv. 13,14. Embora ela falasse perversamente, Cristo não a rejeitou, mas a instruiu e a encorajou. Ele mostrou-lhe:

Em primeiro lugar, que a água do poço de Jacó produzia somente um bem-estar e um suprimento passageiros: “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede”. Ela não é melhor do que qualquer outra água. Ela saciará a sede momentânea, mas a sede voltará, e em algumas horas o homem terá a mesma necessidade e desejo de água que sempre teve. Isso sugere: 1. As debilidades dos nossos corpos nesta condição atual. Eles ainda estão necessitados, e têm sempre um desejo ardente. A vida é uma chama, uma lamparina que, sem um suprimento contínuo de combustível e azeite, logo se apagará. O calor natural consome a si mesmo. 2. As imperfeições de todos os nossos confortos neste mundo. Eles não são duradouros, nem nossa satisfação neles, permanente. Sejam quais forem as águas de conforto das quais bebamos, teremos sede novamente. A comida e a bebida de ontem não servirão para a vida de hoje.

Em segundo lugar, que as águas vivas que Ele daria produziriam uma satisfação e bênção duradouras, v. 14. As dádivas de Cristo parecem mais valiosas quando são comparadas com as coisas deste mundo, pois parecerá não haver comparação entre elas. Quem quer que compartilhe do Espírito da graça, e dos confortos do Evangelho eterno:

a. Nunca terá sede, nunca terá a necessidade de algo mais para satisfazer abundantemente os desejos de sua alma. A pessoa poderá estar desejosa,

mas não estará padecendo. Esta pessoa poderá ter uma sede que é igual a um desejo, e não almejará nada mais do que a presença e a graça de Deus. Ela desejará ter mais e mais de Deus. Porém, ela não terá uma sede que possa se parecer com o desespero.

b. Conseqüentemente, nunca terá sede porque essa água que Cristo proporciona "se fará nele uma fonte de água". Nunca poderá ter sede ao extremo aquele que tem em si mesmo uma fonte de suprimento e satisfação. (*a*) Esta fonte estará sempre pronta a jorrar, pois ela estará nele. O princípio da graça plantado nele é a fonte de seu conforto. Veja cap. 7.38. Um homem bom está satisfeito em si mesmo, pois Cristo habita em seu coração. A unção permanece nele. Ele não precisa se esgueirar pelo mundo em busca de conforto. A obra e o testemunho do Espírito no seu coração lhe fornecem um sólido alicerce de esperança, e uma fonte de alegria transbordante. (*b*) Esta fonte será infalível, pois estará dentro dele. Aquele que tem na mão apenas um balde de água não terá sede enquanto esta durar, mas ele logo estará vazio. Somente os crentes têm dentro de si uma fonte de água transbordante, sempre fluindo. Os princípios e os sentimentos que o santo Evangelho de Cristo cria nas almas daqueles que são colocados sob seu poder são essa fonte de água. [*a*] Ela está jorrando, sempre em movimento, o que evidencia as fortes e vigorosas ações da graça. Se as boas verdades ficam estagnadas em nossas almas, como água parada, elas não correspondem ao propósito da nossa aceitação. Se em nosso coração houver um bom tesouro, então nós deveremos produzir coisas boas. [*b*] Ela está saltando para a vida eterna, o que indica, em primeiro lugar, os objetivos das ações generosas. Uma alma santificada tem sua atenção voltada para o céu, pretende isso, planeja isso, faz tudo por isso, não aceitará nada menos que isso. A vida espiritual salta em direção à sua própria perfeição na vida eterna. Em segundo lugar, a constância dessas ações. Continuará saltando até alcançar a perfeição. Em terceiro lugar, o galardão deles, a vida eterna enfim. A água viva nasce do céu, e, portanto, eleva-se em direção ao céu. Veja Eclesiastes 1.7. E sendo assim, não é essa água melhor do que a do poço de Jacó?

[6] A mulher (alguns pensam que é difícil dizer se por brincadeira ou a sério) pede que Jesus lhe dê um pouco dessa água (v. 15): "Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede". Em primeiro lugar, alguns acham que ela fala com zombaria e ridiculariza o que Cristo tinha dito

como sendo mera bobagem. E, por zombaria, não por desejo, desafia-o a lhe dar um pouco dessa água: “Uma invenção rara. Isso me poupará muito trabalho se eu nunca mais tiver que voltar aqui para tirar água”. Mas, em segundo lugar, outros acham que esse foi um desejo bem intencionado, embora ilógico e ignorante. Ela compreendeu que o Senhor se referia a algo muito bom e proveitoso, e então disse amém, talvez ao acaso. “Seja o que for, que venha. Quem me mostrará algum bem? Facilitar, ou poupar trabalho, é um bem valioso para os pobres trabalhadores. Note: 1. Mesmo aqueles que são fracos e ignorantes podem, ainda assim, ter algumas débeis e hesitantes aspirações em relação a Cristo e suas dádivas, alguns bons desejos de graça e glória. 2. Os corações carnais, em seus melhores desejos, não enxergam nada além de suas finalidades carnais. “Dá-me”, diz ela, não para que eu possa ter a vida eterna (que Cristo propôs), mas “para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá-la”.

2. O próximo tópico da conversa com essa mulher é com relação a seu marido, vv. 16-18. Não foi para deixar de lado a conversa sobre a água da vida que Cristo começou a falar nesse assunto, como muitos que fazem qualquer comentário inoportuno durante uma conversa para que possam abandonar um assunto sério. Mas Ele o fez com um propósito benevolente. O Senhor percebeu que aquilo que Ele havia dito com relação à sua graça e à vida eterna causara pouco impacto sobre ela, porque ela não tinha sido convencida do pecado. Por isso, renunciando à conversa sobre a água viva, Ele empenha-se em despertar a consciência dela, para abrir a ferida da culpa, e então ela entenderia mais facilmente a cura que é ministrada pela graça. E este é o método de lidar com as almas. Elas devem, primeiro, estar cansadas e sobrecarregadas pelo fardo do pecado, e então devem ser levadas a Cristo para descansar. Primeiro se sentem atormentadas até o coração, e então são curadas. Este é o caminho da cura espiritual, e se não procedermos nessa ordem, estaremos começando pelo lado errado.

Observe: (1) A maneira discreta e decente como Cristo introduz essa conversa (v. 16): “Vai, chama o teu marido e vem cá”. Neste momento: [1] A ordem que Cristo deu a ela tinha uma intenção muito boa: “Chama teu marido, para que ele possa lhe ensinar, e ajudar-lhe a entender essas coisas que você ignora”. As mulheres que querem aprender devem perguntar a seus maridos (1 Co 14.35), que devem “coabitar com elas com entendimento”, 1 Pedro 3.7. “Chama teu marido, para que ele possa

aprender contigo, para que então ambos possam juntos ser os herdeiros da graça da vida. Chama teu marido, para que ele possa ser testemunha do que se passa entre nós". Desse modo, Cristo nos ensina a buscar coisas honestas à vista de todos os homens, e ter como objetivo aquilo que for de boa reputação. [2] Como isso tinha uma boa intenção, tinha também um bom propósito, pois Ele aproveitaria a ocasião para trazer o pecado dela à lembrança. É preciso habilidade e prudência ao repreender. Deve-se planejar, como a mulher de Tecoa, 2 Samuel 14.20.

(2) Com que persistência a mulher busca evitar a condenação, e mesmo assim sem perceber se condena, e, antes que esteja ciente, reconhece seu erro. Ela disse: "Não tenho marido". Sua declaração sugeria apenas que ela não se importava mais que se falasse de seu marido, nem que esse assunto fosse mencionado. Ela não faria seu marido ir até lá para que a verdade sobre o assunto não viesse à tona para sua vergonha em conversas adicionais: "Por favor, fale de qualquer outra coisa, pois eu não tenho marido". Seria de se pensar que ela fosse uma serva ou uma viúva, apesar de que, embora não tivesse marido, ela não fosse nem uma coisa nem outra. O pensamento carnal é muito engenhoso e cuidadoso ao esconder o pecado, na tentativa de se afastar e se livrar das condenações.

(3) Com que rigor nosso Senhor Jesus faz a consciência dela entender a condenação. É provável que Ele tenha dito mais do que aquilo que está registrado aqui, porque ela percebeu que o Senhor lhe falara tudo o que ela já tinha feito (v. 29). Mas aquilo que está registrado aqui é relativo aos maridos daquela mulher. Aqui está: [1] Uma narrativa surpreendente de uma conversa sobre o passado dela: "Tiveste cinco maridos". Sem dúvida, não era por sua aflição (o sepultamento de tantos maridos), mas por seu pecado, que Cristo pretendia repreendê-la. Ou ela poderia ter fugido para se casar (como diz a lei), fugido de seus maridos e se casado com outros. Ou sua conduta irresponsável, ímpia e desleal os havia levado a se divorciar dela. Ou ainda, por meios indiretos, ela havia contrariado a lei, e se divorciado deles. Aqueles que não levam a sério práticas escandalosas como essas, e fingem que a culpa se extingue assim que a conversa se encerra, devem se lembrar de que todas as coisas estão registradas diante de Cristo. [2] Uma severa repreensão à sua condição de vida atual: "O que agora tens não é teu marido". Ou ela nunca havia se casado com ele de modo algum, ou ele tinha alguma outra esposa, ou, o que é mais provável,

seu ex-marido ou maridos estavam vivos, de forma que, em resumo, ela vivia em adultério. Observe ainda a suavidade com que Cristo lhe fala sobre isso. Ele não a chama de prostituta, mas lhe diz: “O que agora tens não é teu marido”, e então deixa para sua própria consciência dizer o resto. Note que as repreensões são geralmente mais proveitosas quando são menos ofensivas. [3] Ainda assim, o Senhor Jesus traz uma interpretação melhor do que aquela que ela poderia trazer. A colocação do Senhor elimina as evasivas e os subterfúgios: “Disseste bem: Não tenho marido”. E outra vez: “Isso disseste com verdade”. O que ela pretendeu que fosse a negação de um fato (que ela não considerou como marido a nenhum homem com quem viveu), o Senhor interpretou bondosamente, ou pelo menos considerou as palavras da mulher como uma confissão de culpa. Note que aqueles que desejam ganhar almas devem extrair o melhor delas, de maneira que possam ter a esperança de trabalhar com o lado bom delas, pois, se extraírem o pior delas, certamente provocarão seu lado ruim.

3. O próximo assunto da conversa com essa mulher é concernente ao local de adoração, vv. 19-24. Observe:

(1) Uma questão de consciência proposta a Cristo pela mulher concernente ao local de adoração, vv. 19,20.

[1] O estímulo que ela teve para colocar esta questão: “Senhor, vejo que és profeta”. Ela não nega a verdade daquilo de que Ele a tinha acusado, mas, através de seu silêncio, reconhece a legitimidade da reprovação, nem ficou irritada por isso, como muitos fazem quando são tocados em um ponto sensível. Ela não atribui a repreensão à aversão geral que os judeus sentiam pelos samaritanos, mas (o que é uma coisa rara) consegue suportar ser acusada de um pecado. Mas isto não é tudo, ela vai além. Em primeiro lugar, ela fala respeitosamente a Ele, chamando-o de “Senhor”. Devemos respeitar, dessa maneira, aqueles que nos tratam cordialmente. Esse foi o propósito da brandura de Cristo ao repreendê-la. Ele não usou nenhuma linguagem ofensiva, e então ela também não o fez. Em segundo lugar, ela admite que Ele é um profeta, alguém que tinha uma ligação com o céu. Note que o poder da palavra de Cristo em procurar o coração, e convencer a consciência dos pecados secretos, é uma grande prova de sua autoridade divina, 1 Coríntios 14.24,25. Em terceiro lugar, ela deseja que Ele lhe dê algum ensinamento adicional. Muitos que não ficam irritados com aqueles que os repreendem, nem os insultam, ainda assim têm medo deles e se

afastam do seu caminho. Mas essa mulher desejava conversar um pouco mais com aquele que lhe falou dos seus erros.

[2] A própria questão que ela levantou concernente ao lugar de adoração religiosa em público. Alguns acham que ela a apresentou para livrar-se da conversa relativa a seu pecado. Controvérsias relativas à religião freqüentemente resultam em grandes prejuízos para a religiosidade séria, mas parece que ela a propôs com um bom intento. Ela sabia que devia adorar a Deus, e desejava fazê-lo corretamente, e então, encontrando-se com um profeta, suplica por sua orientação. Observe que é sábio de nossa parte aproveitar todas as oportunidades de adquirir conhecimento nas coisas de Deus. Quando estamos em companhia daqueles que estão preparados para ensinar, devemos nos antecipar a aprender, e a ter uma boa questão pronta para ser apresentada àqueles que estão capacitados a nos fornecer uma boa resposta. Tanto os judeus como os samaritanos concordavam que Deus deve ser adorado (nem mesmo aqueles que eram tão tolos a ponto de adorar falsos deuses, eram tão irracionais a ponto de não adorar ninguém), e que a adoração religiosa é uma questão de grande importância. Os homens não discutiriam a respeito dela se não estivessem preocupados com o assunto. Mas o ponto em divergência era onde eles deveriam adorar a Deus. Observe como ela expõe a questão:

Em primeiro lugar, quanto aos samaritanos: “Nossos pais adoraram neste monte”, perto dessa cidade e desta fonte. Nele, o templo dos samaritanos foi construído por Sambalate, em favor do qual ela sugere: 1. Que qualquer que fosse o templo, o lugar era sagrado. Era o monte Gerizim, o monte no qual as bênçãos foram pronunciadas, e alguns pensam ser aquele no qual Abraão construiu seu altar (Gn 12.6,7), e Jacó o dele, Gênesis 13.18-20. 2. Que poderia alegar direito adquirido: “Nossos pais adoravam aqui”. Ela acha que os samaritanos têm a antiguidade, a tradição, e a sucessão a seu favor. Uma conversa vã freqüentemente se apóia no argumento de que algo foi recebido dos pais, por tradição. Mas ela tinha uma certa razão em se gabar dos seus antigos patriarcas, pois, quando Antíoco perseguiu os judeus, os samaritanos, por medo de compartilhar com eles seus sofrimentos, não apenas abdicaram de qualquer relação com os judeus, mas entregaram seu templo a Antíoco, sob o requisito de que este seria dedicado a Júpiter Olímpio, e chamado por seu nome. Josefo, *Antiq.*, liv. 12, cap. 7.

Em segundo lugar, quanto aos judeus: “Vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar”. Os samaritanos se orientavam com base nos cinco livros de Moisés, e (pensam alguns) reconheciam apenas estes como canônicos. E embora eles ali encontrassem, freqüentemente, a menção sobre o lugar que Deus escolhera, ainda assim eles não o encontravam citado lá; e eles viam o templo em Jerusalém despojado de muitas de suas glórias antigas, e então sentiam-se à vontade para estabelecer outro local, altar contra altar.

(2) A resposta de Cristo a essa questão de consciência, v. 21ss. Aqueles que recorrem a Cristo em busca de instrução, o acharão humilde, para ensinar a humildade à sua maneira. E aqui:

[1] Ele não dá importância à questão com relação ao lugar de adoração, como ela a havia proposto (v. 21): “‘Mulher, crê-me’, como em um profeta, e guarda o que eu digo. Tu esperas que venha a hora em que, por alguma revelação divina, ou algum sinal da providência, essa causa seja decidida a favor de Jerusalém ou do monte Gerizim. Mas eu te digo que a hora vem quando não mais haverá uma questão. Aquilo a que tu foste ensinada a atribuir tanto valor será colocado de lado como algo sem importância”. Observe que deveria nos tranqüilizar em nossas disputas pensar que aquelas coisas que agora nos ocupam, e pelas quais fazemos um alarido, desaparecerão brevemente, e não mais existirão. As coisas pelas quais estamos lutando estão desaparecendo: “A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai”. Em primeiro lugar, é suposto que o objeto de adoração ainda continua o mesmo – Deus, como Pai. De acordo com este conceito, os próprios pagãos adoravam a Deus, e assim o faziam os judeus, e provavelmente os samaritanos. Em segundo lugar, será posto um fim a todas essas minúcias e a todas as divergências quanto ao lugar de adoração. A aproximação do desmantelamento da economia judaica e a ascensão do estado evangélico definirão este assunto por completo, e estabelecerão um ponto comum, de modo que deverá ser algo completamente sem importância se será em qualquer desses lugares ou em algum outro que os homens adorarão a Deus, pois eles não estarão ligados a nenhum lugar, nem aqui nem acolá, mas poderão adorar a Deus em qualquer lugar, e em toda parte. Observe que a adoração a Deus agora, sob o Evangelho, não está mais ligada a algum lugar específico, como no caso da lei de Moisés, mas a vontade de Deus é que os homens orem em todo

lugar, 1 Timóteo 2.8; Malaquias 1.11. Nosso bom senso nos instrui a considerar a decência e a conveniência dos lugares onde adoramos, mas nossa religião não tem preferência por um lugar em relação ao outro, com respeito à santidade e aceitação por parte de Deus. Aqueles que preferem algum local de adoração somente por causa da casa ou construção na qual a adoração está sendo realizada (mesmo que seja tão magnífica e solenemente consagrada como era o templo de Salomão) se esquecem de que hoje o local onde se adora a Deus já não faz mais diferença. Não há mais uma diferença entre Jerusalém, que tinha sido tão conhecida pela sua santidade, e o monte de Samaria, que havia sido tão mal-afamado pela sua impiedade.

[2] Ele coloca ênfase sobre outras coisas, na questão da adoração religiosa. Ao dar tão pouca importância ao local de adoração, Ele não pretendia diminuir nossa preocupação sobre a questão em si, sobre a qual Ele então aproveita a oportunidade para discorrer mais detalhadamente.

Em primeiro lugar, quanto ao estado de divergência daquela época, Ele decidiu contra a adoração dos samaritanos, e em favor da dos judeus, v 22. Ele diz aqui: 1. Que os samaritanos certamente estavam errados, não simplesmente porque adoravam nesse monte, embora a preferência por Jerusalém já estivesse em vigor, o que era pecaminoso, mas porque eles estavam errados quanto ao objeto de sua adoração. Se a adoração em si fosse como deveria ser, sua separação de Jerusalém poderia ter sido aceita, pois os melhores reinos tinham seus lugares altos: “Mas vós adorais o que não sabeis”, ou, “aquele que não conheceis”. Os judeus adoravam o Deus de Israel, o verdadeiro Deus (Ed 4.2; 2 Rs 17.32), mas estavam mergulhados em completa ignorância. Eles o adoravam como o Deus daquela terra (2 Rs 17.27,33), como uma divindade local, como os deuses das nações. Porém, o Senhor Deus deveria ser servido como o único Deus, como o Senhor universal. Observe que a ignorância está muito longe de ser a mãe da devoção, sendo, antes, sua assassina. Aqueles que adoram a Deus na ignorância oferecem animais cegos para sacrifício, e este é o sacrifício de tolos. 2. Que os judeus certamente estavam corretos. Pois: (1) “‘Nós adoramos o que sabemos’. Nós caminhamos em terreno seguro em nossa adoração, pois nosso povo é discipulado e educado no conhecimento de Deus, conforme Ele se revelou nas Escrituras”. Note que aqueles que, através das Escrituras, obtiveram um certo conhecimento sobre Deus (embora não um conhecimento perfeito), podem adorá-lo tranqüilamente e

de maneira aceitável, porque eles sabem o que adoram. Cristo, em outra passagem, condena as distorções da adoração dos judeus (Mt 15.9), e mesmo assim defende a adoração em si. A adoração pode ser verdadeira mesmo onde ela não é genuína e íntegra. Observe que nosso Senhor Jesus estava feliz em se incluir entre os adoradores de Deus: “Nós adoramos”. Embora Ele fosse o Filho (logo, estão livres os filhos), mesmo assim Ele aprendeu a obediência nos dias de sua humilhação. Que os maiores entre os homens não pensem que a adoração a Deus seja algo inferior para eles, pois o próprio Filho de Deus não agiu deste modo. (2) “A salvação vem dos judeus”. Portanto, eles sabem o que adoram, e em que e sobre que bases se apóiam em sua adoração. Não que todos os judeus fossem salvos, nem que não fosse possível que muitos dos gentios e dos samaritanos pudessem ser salvos, pois, em toda nação, aquele que teme a Deus e age com justiça é aceito por Ele. Mas: [1] O autor da salvação eterna vem dos judeus, surge entre eles (Rm 9.5), e é enviado primeiro para abençoá-los. [2] Os meios da salvação eterna são oferecidos a eles. A palavra da salvação (At 13.26) havia sido enviada aos judeus. Foi confiada a eles, e outras nações a receberam através deles. Esta era uma diretriz confiável para eles em suas devoções, e eles a seguiam. Conseqüentemente, eles sabiam a quem adoravam. A eles, foram confiadas as Palavras de Deus (Rm 3.2), e o serviço a Deus (Rm 9.4). Portanto, sendo os judeus tão privilegiados e superiores, competir com eles era uma arrogância dos samaritanos.

Em segundo lugar, Ele descreve a única adoração evangélica que Deus aceitava e com a qual estaria muito satisfeito. Havendo mostrado que o lugar de adoração não tem importância, Ele consegue mostrar o que é necessário e essencial – que adoremos a Deus “em espírito e em verdade”, vv. 23,24. A ênfase não deve ser colocada sobre o lugar onde adoramos a Deus, mas sobre o estado de espírito em que o adoramos. Observe que o modo mais eficaz de diminuirmos as divergências nas questões menores da religião é sermos mais zelosos no tocante às maiores. Acredito que aqueles que diariamente fazem da adoração em espírito o centro de suas preocupações, não devem entrar em divergências nas quais se discute se o Senhor deve ser adorado aqui ou acolá. Cristo havia preferido, de forma justa, a adoração dos judeus à dos samaritanos. Porém, ainda assim Ele aqui sugere a imperfeição dela. A adoração era cerimonial, Hebreus 9.1,10. Os adoradores geralmente não eram espirituais, e desconheciam a parte interior

da adoração divina. Note que é possível que sejamos melhores do que nossos vizinhos, e mesmo assim não sejamos tão bons quanto deveríamos ser. Cabe a nós sermos corretos, não somente quanto ao propósito da nossa adoração, mas na maneira de conduzi-la, e é quanto a isso que Cristo nos instrui aqui. Observe:

a. A grande e gloriosa revolução que deveria introduzir essa mudança: "A hora vem, e agora é" – o dia que estava marcado, referente àquilo que estava determinado desde os dias da Antiguidade, quando deveria vir e o quanto deveria durar. O tempo de sua aparição foi fixado em uma hora. As deliberações divinas são assim exatas e pontuais. O tempo que o Senhor estaria na terra tinha uma duração limitada a uma hora. Observe como está próxima a oportunidade da graça divina, e como ela é urgente, 2 Coríntios 6.2. Essa hora vem, e está vindo na plenitude de sua força, esplendor, e perfeição, ela está agora no embrião e na infância. O dia perfeito está chegando e raiando.

b. A bendita mudança em si. Nos tempos do Evangelho, os verdadeiros adoradores deverão adorar "o Pai em espírito e em verdade". Como criaturas, adoramos o Pai de tudo e de todos. Como cristãos, devemos adorar o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. E a mudança será: (*a*) Na natureza da adoração. Os cristãos adorarão a Deus, não nas práticas cerimoniais da instituição mosaica, mas nas práticas espirituais, consistindo menos no exercício corporal, e mais naquele que é reavivado e revigorado pela força e pela energia divinas. A maneira de adorar que Cristo instituiu é racional e intelectual, e um aprimoramento daqueles ritos exteriores e cerimônias com os quais a adoração do Antigo Testamento era tanto obscurecida quanto obstruída. Esta é chamada a verdadeira adoração, ao contrário daquela, que era típica. Os serviços válidos eram símbolos da verdadeira adoração, Hebreus 9.3,24. Quanto àqueles que se rebelaram em relação ao cristianismo, e voltaram ao judaísmo, é dito que começaram pelo Espírito e acabaram pela carne, Gálatas 3.3. Tal era a diferença entre as instituições do Antigo e do Novo Testamento. (*b*) No temperamento e na disposição dos adoradores. Portanto, os verdadeiros adoradores são bons cristãos, diferenciados dos hipócritas. Todos devem, e irão, adorar a Deus em espírito e em verdade. Isso é dito como sendo (v. 23) sua natureza, e (v. 24) seu dever. Observe que é requerido de todos os que adoram a Deus que o façam em espírito e em verdade. Nós devemos adorar a Deus: [*a*] "Em

espírito”, Filipenses 3.3. Devemos confiar no Espírito de Deus quando precisarmos de força e ajuda, colocando nossas almas sob suas influências e processos. Devemos devotar e empregar nosso próprio espírito a serviço de Deus (Rm 1.9). Devemos adorá-lo com firmeza de pensamento e uma chama de amor, com tudo aquilo que está dentro de nós. O espírito dos salvos é investido de uma nova natureza em oposição à carne, que é a natureza corrompida. E, desse modo, adorar a Deus com nosso espírito é adorá-lo com nossas graças, Hebreus 12.28. [*b*] “Em verdade”, isto é, em sinceridade. Deus requer não apenas nosso íntimo em nossa adoração, mas “a verdade no íntimo”, Salmos 51.6. Nós devemos considerar mais o poder do que a forma, devemos visar a glória de Deus, e não a possibilidade de sermos notados pelos homens. Devemos nos chegar “com verdadeiro coração”, Hebreus 10.22.

Em terceiro lugar, Ele declara as razões porque Deus deve ser adorado dessa maneira:

a. Porque nos tempos do Evangelho, eles, e somente eles, são considerados os verdadeiros adoradores. O Evangelho estabelece um modo espiritual de adoração, de forma que aqueles que professam o Evangelho não são verdadeiros em sua profissão, não correspondem à luz e às leis do Evangelho, se não adorarem a Deus em espírito e em verdade.

b. “Porque o Pai procura a tais que assim o adorem”. Isso indica: (*a*) Que tais adoradores são muito raros e difíceis de ser encontrados, Jeremias 30.21. A porta da adoração espiritual é estreita. (*b*) Que tal adoração é necessária, e é aquela que o Deus do céu exige. Quando Deus vem em busca de seus adoradores, a pergunta não é: “Quem adora em Jerusalém?” Mas: “Quem adorava em espírito?” Esse será o critério. (*c*) Que Deus fica muito satisfeito e aceita bondosamente tal adoração e tais adoradores. “Eu o desejei”, Salmos 132.13,14; Cantares 2.14. (*d*) Que houve e haverá, até o fim, um remanescente daqueles adoradores. Sua procura por tais adoradores implica em torná-los assim. Deus está reunindo para si, em todas as épocas, uma geração de adoradores espirituais.

c. Porque “Deus é Espírito”. Cristo veio para nos trazer a bênção de conhecer a Deus (cap. 1.18), e esta foi a declaração que o Senhor Jesus expressou em relação a Deus, o Pai. Ele o declarou para essa pobre mulher samaritana, porque, geralmente, os mais pobres estão interessados em conhecer a Deus, e com esse desígnio, poderia corrigir os erros dela

relativos à adoração religiosa. Nada contribuirá mais, para a verdadeira adoração, do que o conhecimento apropriado de Deus. Observe que: (*a*) Deus é Espírito, porque Ele é uma mente infinita e eterna, um ser inteligente, incorpóreo, imaterial, invisível e incorruptível. É mais fácil dizer o que Deus não é do que o que Ele é. "Um espírito não tem carne nem ossos", mas quem conhece o modo de ser de um espírito? Se Deus não fosse Espírito, Ele não poderia ser perfeito, nem infinito, nem eterno, nem independente, nem o Pai dos espíritos. (*b*) A espiritualidade da natureza divina é uma boa razão para a espiritualidade da adoração divina. Se não adoramos em espírito a Deus, que é Espírito, nós não damos a Ele a glória devida ao seu nome, e, portanto, não realizamos o ato da adoração, nem podemos esperar obter seu favor e aceitação, e assim nos afastamos da finalidade da adoração, Mateus 15.8,9.

4. O último tópico da conversa de Jesus com essa mulher é relativo ao Messias, vv. 25,26. Observe aqui:

(1) A fé da mulher, através da qual ela esperava o Messias: "Eu sei que o Messias vem" e "quando ele vier, nos anunciará tudo". Ela não tinha nada a objetar contra o que Cristo havia dito. Seu discurso foi, pelo que ela sabia, o que seria apropriado ao Messias então esperado. Apenas dele ela aceitaria isso, e, por enquanto, ela acha melhor deixar sua crença temporariamente pendente. Muitos não dão valor ao que têm em suas mãos porque pensam que têm algo melhor em vista (Pv 17.16), e se iludem com a promessa de que no futuro aprenderão aquilo que negligenciam agora. Observe aqui:

[1] A quem ela espera: "Eu sei que o Messias vem". Os judeus e os samaritanos, embora vivessem em extremo desacordo, concordavam na esperança do Messias e de seu reino. Os samaritanos aceitavam os manuscritos de Moisés, e não desconheciam os profetas, nem as esperanças da nação judaica. Aqueles que menos sabiam, sabiam que o Messias estava para vir. Tão geral e inconteste era a expectativa por Ele, e nesse momento mais elevada do que nunca (pois o cetro havia partido de Judá, as semanas de Daniel estavam perto de terminar), que ela conclui não somente: Ele virá, mas *erchetai* – "*Ele vem*, Ele está próximo": "O Messias (que se chama o Cristo)". O evangelista, embora conserve a palavra hebraica Messias (que a mulher utilizou) em respeito ao idioma sagrado, e à igreja judaica, que a usava livremente, escrevendo para o benefício dos gentios, toma o cuidado de representá-la através de uma palavra grega com o

mesmo significado. Esta palavra designa o Cristo-Ungido, dando um exemplo da regra dos apóstolos de que tudo o que é falado em um idioma desconhecido ou menos comum deve ser interpretado, 1 Coríntios 14.27,28.

[2] O que ela espera dele: "'Ele nos anunciará tudo', nos falará sobre todas as coisas relativas ao serviço de Deus que é necessário que saibamos, nos dirá aquilo que compensará nossos defeitos, retificará nossos erros, e porá um fim às nossas disputas. Ele nos falará sobre o pensamento de Deus de forma clara e completa, e não ocultará nada". E isso implica em um reconhecimento, em primeiro lugar, da deficiência e da imperfeição da revelação que eles agora tinham da vontade divina, e do domínio que eles tinham da adoração divina. Isso não podia levá-los à perfeição, e, portanto, eles esperavam algum grande avanço e aprimoramento em questões de religião, um tempo de reforma. Em segundo lugar, da capacidade do Messias para realizar essa mudança: "'Ele nos anunciará tudo' que queremos saber, e sobre as quais nós discutimos de forma exasperada na escuridão. Ele introduzirá a paz ao nos conduzir para a verdade, e ao dispersar as névoas do erro". Parece que esse era o consolo das pessoas boas naqueles tempos obscuros em que a luz iria surgir. Se eles se achassem perdidos, e em um beco sem saída, era para eles uma satisfação dizer: "Quando o Messias vier, ele nos anunciará tudo". Como pode ser para nós agora com referência à sua segunda vinda: Agora, vemos por espelho' mas então veremos "face a face".

(2) O favor de nosso Senhor Jesus em se fazer conhecido dela: "Eu o sou, eu que falo contigo", v. 26. Cristo jamais se fez conhecido tão expressamente a qualquer outro como Ele se fez aqui a esta pobre samaritana, e ao homem cego (cap. 9.37). Não, não a João Batista, quando ele lhe enviou mensageiros (Mt 11.4,5). Não, não aos judeus, quando eles o desafiaram a dizer-lhes se Ele era o Cristo, cap. 10.24. Mas: [1] Cristo, deste modo, colocaria uma honra sobre os que eram pobres e desprezados, Tiago 2.6. [2] Esta mulher, pelo que sabemos, jamais tinha tido qualquer oportunidade de ver os milagres de Cristo, os quais eram então o método ordinário de convicção. Note que, para aqueles que não têm a vantagem da forma externa do conhecimento e da graça, Deus têm meios secretos de suprir a necessidade deles. Devemos, portanto, julgar caridosamente a respeito de tal coisa. Deus pode fazer com que a luz da graça brilhe no coração mesmo onde Ele não fez a luz do evangelho brilhar na face. [3]

Esta mulher foi preparada para receber tal revelação melhor do que os outros foram. Ela estava cheia da expectativa do Messias, e pronta para receber instrução da parte dele. Cristo se manifestará àqueles que, com um coração honesto e humilde, desejarem conhecê-lo pessoalmente: “Eu o sou, eu que falo contigo”. Veja aqui, em primeiro lugar, como Jesus Cristo estava próximo a ela, embora ela não conhecesse quem Ele era, Gênesis 28.16. Muitos estão lamentando a ausência de Cristo, e desejando por sua presença, quando, ao mesmo tempo, Ele está falando a eles. Em segundo lugar, como Cristo se faz conhecido de nós, falando a nós: “Eu que falo contigo”, tão estreitamente, de maneira tão convincente, com tal segurança, com tal autoridade, “Eu o sou”.

Cristo Junto à Fonte de Samaria

vv. 27-42

Temos aqui o restante da história sobre o que aconteceu quando Cristo estava em Samaria, após a longa conversa que tivera com a mulher.

I A interrupção de sua conversa pela chegada dos discípulos. É provável que muito mais tenha sido falado do que o que é relatado. Mas somente quando a conversa chegou a um ponto crítico, quando Cristo havia se declarado à mulher como sendo o verdadeiro Messias, os discípulos chegaram. “Ó filhas de Jerusalém… não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira”. 1. Eles maravilharam-se de que Cristo conversasse com essa mulher, maravilharam-se de que ele falasse tão seriamente (visto que talvez eles observassem à distância) com uma mulher, uma mulher desconhecida, a sós (Ele costumava ser mais reservado), especialmente com uma samaritana, que não fazia parte das ovelhas perdidas da casa de Israel. Eles pensavam que seu Mestre devia ser tão desconfiado dos samaritanos quanto os outros judeus, o suficiente para que não pregasse o Evangelho a eles. Eles maravilharam-se de que Ele se rebaixasse a falar com uma mulher tão insignificante, esquecendo quão desprezíveis eles próprios eram quando Cristo os chamou inicialmente para se juntarem a Ele. 2. Ainda assim, eles aceitaram aquilo tacitamente. Eles sabiam que era por alguma boa razão, e por algum bom propósito, dos quais Ele não estava obrigado a lhes prestar

contas. E, por isso, nenhum lhe disse: “Que perguntas?” Ou: “Por que falas com ela?” Assim, quando dificuldades peculiares ocorrerem com a Palavra e a providência de Deus, é bom nos satisfazermos com o fato de que, em geral, tudo está bem no que Jesus Cristo diz e faz. Talvez houvesse algo inadequado no fato de eles se maravilharem de que Cristo falasse com a mulher. Isto era como os fariseus se escandalizando com o fato de Ele comer com publicanos e pecadores. Mas, o que quer que eles pensassem, eles nada disseram. “Se imaginaste o mal, põe a mão na boca”, para impedir que esse pensamento mau se torne uma palavra do mal, Provérbios 30.32; Salmos 34.1-3.

A informação que, com alegria, a mulher deu aos seus vizinhos sobre a extraordinária pessoa que ela havia encontrado, vv. 28,29. Observe aqui:

1. Como ela se esqueceu de sua missão junto à fonte, v. 28. Pelo fato de os discípulos terem chegado e interrompido a conversa, e talvez por ela ter notado que eles não estavam contentes com aquilo, ela foi embora. Ela se retirou, em uma atitude de cortesia e civilidade a Cristo, para que Ele tivesse tempo para comer seu jantar. Ela se alegrou pela conversa que teve com Ele, mas não foi rude. Cada coisa é bela em seu momento. Ela supôs que Jesus, ao terminar seu jantar, continuaria em sua jornada, e por isso apressou-se em contar a seus vizinhos para que eles fossem encontrá-lo prontamente. “A luz ainda está convosco por um pouco de tempo”. Veja como ela aproveitou o tempo. Quando um bom trabalho estava completo, ela se dedica a outro. Quando as oportunidades de se realizar o bem cessam, ou são interrompidas, devemos procurar oportunidades de fazer o bem. Quando acabamos de ouvir a palavra, é então o momento de falar sobre ela. Foi dada atenção ao fato de ela ter deixado seu cântaro. (1) Ela partiu por gentileza a Cristo, para que Ele tivesse água para beber. Ele transformou água em vinho para outros, mas não para si próprio. Compare isto com a cortesia de Rebeca para com o servo de Abraão (Gn 24.18), e veja essa promessa, Mateus 10.42. (2) Ela o deixou para que pudesse chegar mais rapidamente à cidade, para levar aos seus habitantes essas boas notícias. Aqueles cujo trabalho é anunciar o nome de Cristo não devem se sobrecarregar ou se enredar com qualquer coisa que os retarde ou impeça de fazer isso. Quando os discípulos foram feitos pescadores de homens, eles renunciaram a tudo. (3) Ela deixou seu cântaro, como alguém indiferente a ele, estando totalmente concentrada em coisas mais importantes. Observe

que aqueles que são trazidos ao conhecimento de Cristo, mostrarão isso através de um completo desprezo por este mundo e pelas coisas dele. E aqueles que são novatos nas coisas de Deus devem ser desculpados, se, no princípio, estiverem tão ocupados com o novo mundo para o qual são levados, que as coisas deste mundo pareçam ser, por algum tempo, negligenciadas. Em um de seus sermões a respeito deste versículo, o Sr. Hildersham, a partir deste exemplo, justifica amplamente aqueles que abandonam seus negócios terrenos durante os dias da semana para ouvir sermões.

2. Como ela tratou sua missão na cidade, uma vez que seu coração estava voltado para esta. Ela foi à cidade e disse “àqueles homens”, provavelmente os membros do conselho da cidade, os homens com autoridade, a quem, possivelmente, encontrou reunidos tratando de algum assunto público. Ou a cada homem que encontrava nas ruas. Ela proclamava nos principais locais de ajuntamento: “Vinde e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura, não é este o Cristo?” Observe:

(1) Como ela foi solícita em fazer com que seus amigos e vizinhos conhecessem a Cristo. Ao encontrar aquele tesouro, ela convocou seus amigos e vizinhos (como Lc 15.9), não apenas para se regozijarem com ela, mas para compartilharem com ela, sabendo que havia o suficiente para enriquecer a si mesma e a todos que quisessem compartilhar com ela. Observe que aqueles que estiveram com Jesus, e encontraram nele consolo, devem fazer tudo que puderem para levar outros a Ele. Já recebemos o privilégio de conhecer o Senhor? Devemos honrá-lo, fazendo com que Ele se torne conhecido por outros. Não podemos dar a nós mesmos uma honra maior. Esta mulher se torna um apóstolo. *Quae scortum fuerat egressa, regreditur magistra evangelica – Aquela que partira como um exemplar de impureza, volta como uma professora da verdade evangélica*, diz Aretius. Cristo dissera a ela que chamasse seu marido, e ela pensou que esta fosse uma autorização suficiente para convocar a todos. Ela foi à cidade, à cidade em que habitava, entre seus parentes e conhecidos. Embora cada homem seja meu próximo, a quem eu tenha a oportunidade de fazer o bem, ainda assim eu tenho maior oportunidade, e por isso estou sob maior obrigação, de fazer o bem aos que moram próximos a mim. Que a árvore seja útil no local onde estiver.

(2) Como ela foi franca e honesta ao avisá-los sobre esse estrangeiro com quem havia se encontrado. [1] Ela conta abertamente a eles o que a induzira a admirá-lo: Ele “me disse tudo quanto tenho feito”. Nada mais é relatado do que aquilo que Ele disse a ela a respeito de seus maridos. Mas não é improvável que Ele lhe tenha falado sobre outros de seus pecados. Ou, ao contar aquilo sobre o que ela sabia que Ele não poderia, por meios normais, ter tomado conhecimento, Ele a convencera de que poderia ter dito tudo aquilo que ela já havia feito. Então, uma vez que Ele tem uma sabedoria divina, esta deve ser a onisciência. Ele disse a ela aquilo que ninguém sabia, exceto Deus e a própria consciência dela. Duas coisas a influenciaram. Em primeiro lugar, a extensão do conhecimento dele. Nós mesmos não conseguimos dizer todas as coisas que já fizemos (muitas coisas passam despercebidas, e mais se passam e são esquecidas), mas Jesus Cristo conhece todos os pensamentos, palavras e atos de todos os filhos dos homens. Veja Hebreus 4.13. Ele disse: “Eu sei as tuas obras”. Em segundo lugar, o poder da sua palavra. O fato de ele ter contado os pecados secretos dela com poder e energia tão inexplicáveis causou nela uma grande impressão de que, tendo sido descoberto um pecado, ela se lembra de todos, e se sente julgada por todos. Ela não diz: “Vinde e vede um homem que me disse coisas estranhas referentes à adoração religiosa e às suas leis, que decidiram a controvérsia entre este monte e Jerusalém, um homem que chama a si mesmo de Messias”. Mas sim: “Vinde e vede um homem que contou-me meus pecados”. Ela se concentra na parte da conversa de Cristo que, seria de se pensar, ela teria mais medo de repetir. Mas as demonstrações reais do poder da Palavra e do Espírito de Cristo estão entre todas as mais persuasivas e convincentes. E o conhecimento de Cristo, ao qual somos levados pela condenação do pecado e pela humilhação, é absolutamente saudável e nos traz a salvação. [2] Ela os convida a sair e ver aquele sobre quem ela expressava uma opinião tão favorável. Não apenas: “Vinde e observai-o” (ela não os convida a vê-lo como a um espetáculo), mas: “Vinde e conversai com Ele. Vinde e ouvi sua sabedoria, como eu fiz, e então pensareis como eu”. Ela não se responsabilizaria por lidar com os argumentos que a haviam convencido, de maneira a convencer a outros. Aqueles que vêem a evidência da verdade não são capazes de fazer com que outros a vejam. Mas: “Vinde e falai com Ele, e encontrareis um poder muito grande em sua palavra, um poder que de longe supera todas as outras

evidências". Observe que aqueles que pouco podem fazer para o convencimento e conversão de outros, podem e devem apresentá-los aos métodos da graça que eles próprios perceberão que são eficazes. Jesus estava, agora, junto ao extremo da cidade. "Vinde vê-lo agora". Quando as oportunidades de receber o conhecimento de Deus são trazidas à nossa porta, não temos nenhuma justificativa para negligenciá-las. Será que não devemos ir além do limiar para ver aquele cujo dia os profetas e reis desejaram ver? [3] Ela decide recorrer a eles, e aos sentimentos deles, quanto ao julgamento. "Não é este o Cristo?" Ela não fala de forma categórica: "Ele é o Messias", por mais nítido que ela tivesse isso em sua mente. Entretanto, ela muito prudentemente menciona o Messias, de quem, de outra forma, eles não teriam pensado, e depois os consulta sobre isso. Ela não imporá sua fé a eles, mas somente a exporá. Através de apelos tão íntegros, porém fortes como estes, a capacidade de julgamento e as consciências dos homens são, às vezes, dominadas antes que eles o percebam.

(3) O sucesso que ela obteve nessa convocação: "Saíram, pois, da cidade e foram ter com ele", v. 30. Embora possa parecer muito improvável que uma mulher de importância tão insignificante, e de caráter tão ruim, tivesse a honra da primeira descoberta do Messias entre os samaritanos, ainda assim agradava a Deus influenciar os corações a prestarem atenção ao relato dela, e a não menosprezá-lo como uma história sem importância. Houve uma ocasião em que os leprosos foram os primeiros a trazer a Samaria as notícias de uma notável salvação, 2 Reis 7.3ss. Eles foram se encontrar com o Senhor Jesus. Não tentaram trazê-lo a si mesmos dentro da cidade, mas em sinal de seu respeito por Ele, e da sinceridade de seu desejo de vê-lo, eles foram até Ele. Aqueles que desejam conhecer a Cristo devem se encontrar com Ele onde quer que Ele esteja.

III A conversa de Cristo com seus discípulos enquanto a mulher estava ausente, vv. 31-38. Veja como nosso Senhor Jesus foi habilidoso em compensar o tempo, em poupar cada minuto, e em preencher as lacunas dele. Enquanto os discípulos iam à cidade, sua conversa com a mulher foi edificante e apropriada à situação dela. Quando ela foi à cidade, seu diálogo com eles não foi menos edificante e adequado ao caso deles. Seria bom se pudéssemos juntar dessa maneira os fragmentos do tempo, para que

nenhum deles se perdesse. Duas coisas são perceptíveis nesta conversa:

1. Como Cristo expressa o prazer que Ele próprio teve em sua atividade. Seu trabalho era procurar e salvar aqueles que estavam perdidos, procurar fazer o bem. Neste momento, nós o encontramos totalmente absorvido. Pois:

(1) Ele deixou de lado sua comida e bebida por seu trabalho. Ao sentar-se junto à fonte, Ele estava cansado e precisava de refrigério, mas esta oportunidade de salvar almas o fez esquecer de sua fadiga e fome. E Ele considerava tão pouco sua comida, que: [1] Seus discípulos foram obrigados a chamá-lo para comê-la: Eles "lhe rogaram", eles o pressionaram, dizendo: "Rabi, come". O fato de os discípulos o chamarem era um exemplo do amor que sentiam por Ele, para que Ele não ficasse fraco e doente por falta de algum sustento. Mas era um exemplo maior do amor de Jesus pelas pessoas o fato de ele precisar ser chamado. Através disso, aprendemos a ter uma santa indiferença até mesmo pelos indispensáveis sustentos da vida, em comparação com as coisas espirituais. [2] Ele se importava tão pouco, que os discípulos pensaram que alguém lhe havia trazido comida na ausência deles (v. 33): "Trouxe-lhe, porventura, alguém de comer?" Ele tinha tão pouco apetite por sua refeição, que eles estavam a ponto de pensar que já tivesse jantado. Aqueles que fazem da religião seu trabalho, quando precisam cuidar de qualquer dos assuntos referentes a ela, dão a estes a preferência antes mesmo da comida. Esta atitude é a mesma do servo de Abraão, que não comeu até que tivesse cumprido sua missão (Gn 24.33), e de Samuel, que não se sentou até que Davi fosse ungido, 1 Samuel 16.11.

(2) Ele fez de seu trabalho, sua comida e bebida. A obra que Ele tinha a fazer entre os samaritanos, a possibilidade que Ele agora tinha de fazer o bem a muitos, isto era comida e bebida para Ele. Era o mais notável prazer e satisfação imaginável. Nunca alguém faminto, ou um epicurista, esperou por um banquete opulento com tanto desejo, nem se alimentou de suas iguarias com tanto prazer, como nosso Senhor Jesus aguardou e aproveitou uma oportunidade de fazer o bem às pessoas. Com referência a isso, Ele diz: [1] Que era uma comida que eles não conheciam. Eles não imaginavam que Ele tivesse qualquer plano ou perspectiva de estabelecer seu Evangelho entre os samaritanos. Este era um benefício e uma misericórdia que eles jamais haviam considerado. Observe que Cristo, através de seu evangelho e

Espírito, faz mais bem às almas dos homens do que seus próprios discípulos percebem ou esperam. Também pode ser dito, a respeito dos bons cristãos, que vivem pela fé, que eles têm uma comida para comer da qual os outros não sabem, a felicidade na qual uma pessoa de fora não pode interferir. Neste momento, essa palavra fez com que perguntassem: “Trouxe-lhe, porventura, alguém de comer?” Nem mesmo seus próprios discípulos estavam aptos a compreendê-lo quando, a partir de um costume material e corporal, Ele usava comparações. [2] Que o motivo pelo qual seu trabalho era sua comida e bebida era por ser o trabalho de seu Pai, a vontade de seu Pai: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou”, v. 34. Observe que, em primeiro lugar, a salvação dos pecadores é a vontade de Deus, e o esclarecimento deles para isso é uma obra do próprio Senhor. Veja 1 Timóteo 2.4. Há um remanescente escolhido cuja salvação é, de maneira especial, sua vontade. Em segundo lugar, Cristo foi enviado ao mundo com a missão de conduzir as pessoas a Deus, para conhecê-lo e serem felizes junto a Ele. Em terceiro lugar, Ele fez dessa obra seu trabalho e deleite. Quando seu corpo precisava de comida, sua mente estava tão ocupada com isso, que Ele esquecia de ambos, a fome e a sede, tanto a comida como a bebida. Nada era mais gratificante para o Senhor Jesus do que fazer o bem. Quando foi chamado para comer, Ele foi fazer o bem, pois esta atitude era sempre sua comida. Em quarto lugar, Ele não só estava, em qualquer ocasião, pronto para fazer seu trabalho, como estava disposto e interessado em realizá-lo e em completá-lo em todos os seus aspectos. Ele determinou-se a nunca abandoná-lo ou renunciar a ele, até que pudesse dizer: “Está consumado”. Muitos se empenham em realizá-los no início, porém não os levam até o fim, mas nosso Senhor Jesus estava concentrado em concluir seu trabalho. Nosso Mestre deixou-nos aqui um exemplo para que possamos aprender a fazer a vontade de Deus, o Pai, como Ele mesmo fez. 1. Com diligência e tenaz aplicação, como aqueles que disso fazem um trabalho. 2. Com deleite e prazer em fazê-lo, como se fosse da nossa natureza. 3. Com constância e perseverança, não apenas concentrando-nos em fazer, mas visando concluir nosso trabalho.

2. Veja aqui como Cristo, havendo expressado o prazer que tinha em seu trabalho, estimula seus discípulos a serem diligentes em seu trabalho. Eles trabalhavam com Ele, e por isso deveriam ser trabalhadores como Ele, e fazerem de seu trabalho sua comida, assim como Ele fazia. O trabalho que

eles tinham para fazer consistia em pregar o Evangelho e estabelecer o reino do Messias. Neste momento, Ele compara este trabalho ao trabalho da ceifa, o ajuntar dos frutos da terra, e esta semelhança Ele preserva durante todo este sermão, vv. 35-38. Observe que o tempo do Evangelho é tempo de colheita, e o trabalho do Evangelho, trabalho de colheita. A ceifa é marcada com antecedência, é aguardada e esperada. Assim acontece com o Evangelho. O tempo da colheita é um tempo atarefado, todas as mãos devem estar no trabalho, cada um deve trabalhar para si, para que possa colher as graças e os confortos do Evangelho. Os ministros devem trabalhar para Deus, colher almas para Ele. O tempo da ceifa é uma oportunidade, um período curto e limitado, que não continua para sempre, e o trabalho da colheita é um trabalho que deve ser executado nesse tempo, ou nunca mais poderá ser feito. Dessa maneira, o tempo de desfrutar o Evangelho é uma época especial, que deve ser aproveitada para seus propósitos, pois uma vez passada, não pode ser trazida de volta. Os discípulos deveriam se unir em uma colheita de almas para Cristo. Agora, Ele sugere aqui três coisas a eles para animá-los a serem diligentes:

(1) Que era um trabalho necessário, e a ocasião para isso muito, urgente e premente (v. 35): “Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa”. Aqui está:

[1] Uma palavra dos discípulos de Cristo referente à colheita de grãos. Há ainda quatro meses, e depois será a colheita, o que pode ser entendido, ou de forma geral: “Vós dizeis, para o encorajamento do semeador na época do plantio, que ainda faltam quatro meses para a colheita”. Para nós, são cerca de quatro meses entre o plantio da cevada e sua colheita, e provavelmente ocorria o mesmo com eles quanto a outros grãos. Ou particularmente: “Agora, nesta época, vós calculais que serão quatro meses até a próxima colheita, conforme o curso normal da providência”. A colheita dos judeus começava na Páscoa judaica, próximo à Páscoa cristã, muito mais cedo no ano do que a nossa, motivo pelo qual parece que esta jornada de Cristo, da Judéia até à Galiléia, ocorreu no inverno, por volta do final de novembro, pois o Senhor viajava em qualquer época para fazer o bem. Deus não nos prometeu apenas uma colheita a cada ano, mas definiu os períodos de colheita, de forma que sabemos quando esperar por ela, e assim podemos tomar as medidas mais adequadas.

[2] Uma palavra de Cristo quanto a ceifa do Evangelho. Seu coração estava tão voltado para os frutos de seu Evangelho quanto os corações dos outros estavam voltados para os frutos da terra, e para isso Ele conduziria os pensamentos de seus discípulos: “Levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa”. Em primeiro lugar, aqui, neste lugar, onde eles agora estavam, havia trabalho de colheita para Ele fazer. Eles pediram que Ele comesse, v. 31. “Comer!”, diz Ele, “Eu tenho outra coisa a fazer, que é mais necessária. Vede as multidões de samaritanos que estão vindo da cidade, por sobre os campos, que estão prontas para aceitar o Evangelho”. Provavelmente, havia muitos mais à vista, agora. A prontidão das pessoas para ouvirem a palavra é um incrível incentivo para que os ministros preguem com diligência e energia. Em segundo lugar, em outros lugares, por toda a região, havia trabalho de colheita para todos eles realizarem. “Considere as regiões, pense no estado, no país, e descobrirá que há multidões tão prontas para aceitar o Evangelho como um campo de trigo totalmente maduro está pronto para ser ceifado”. Os campos estavam agora brancos para a ceifa: 1. Pelas leis de Deus reveladas nas profecias do Antigo Testamento. Agora era a hora em que as pessoas deveriam se congregar a Cristo (Gn 49.10), quando deveria ocorrer uma grande adesão à igreja e suas fronteiras deveriam ser ampliadas, e, por isso, era a época de eles se ocuparem. É de grande alento para nos engajarmos em qualquer trabalho para Deus, entendermos pelos sinais dos tempos que este é o tempo apropriado para esse trabalho, pois, então, ele prosperará. 2. Pela disposição dos homens. João Batista preparou para o Senhor um povo bem disposto, Lucas 1.17. Desde que ele começou a pregar o reino de Deus, “todo homem emprega força para entrar nele”, Lucas 16.16. Este, portanto, era um tempo para os pregadores do Evangelho se dedicarem ao seu trabalho com a máxima vitalidade, de lançarem sua foice, quando a seara estava madura, Apocalipse 14.15. É necessário trabalhar na hora certa, para que este período não seja perdido. Se o trigo que está maduro não for colhido, ele cairá em terra e será perdido, e as aves o comerão. Se as almas que estiverem sob condenação, e possuírem alguma boa inclinação, não forem ajudadas agora, seus princípios de esperança resultarão em nada, e elas serão uma presa para os impostores. Também é fácil trabalhar agora. Quando os corações das pessoas estão prontos, o trabalho é realizado rapidamente, 2 Crônicas 29.36. Só é possível, entretanto, estimular os

ministros a aceitarem as dores na pregação da palavra quando eles notam que as pessoas têm prazer em ouvi-la.

(2) Que era um trabalho produtivo e vantajoso, através do qual eles mesmos se tornariam vencedores (v. 36): “O que ceifa recebe galardão, e assim recebereis vós”. Cristo garantiu que pagará bem àqueles a quem Ele empregar em sua obra, pois Ele nunca fará como Joaquim, que usou os serviços de seu próximo sem paga (Jr 22.13), ou como aqueles que, pela fraude, diminuíram o salário, particularmente, dos que ceifaram seus trigais, Tiago 5.4. Os ceifeiros de Cristo, embora clamem dia e noite, nunca terão motivos para clamar contra Ele, nem para dizer que serviram a um Senhor rude. Aquele que ceifa, não só deve receber, como de fato recebe recompensas. Existe uma recompensa no serviço a Cristo, e o trabalho traz, em si, sua própria recompensa. [1] Os ceifeiros de Cristo produzem frutos: eles ajuntam frutos para a vida eterna. Isto é, eles salvarão tanto a si mesmos como àqueles que os ouvem, 1 Timóteo 4.16. Se o ceifeiro fiel salva sua própria alma, isso já é um fruto abundante para sua conta, é fruto ajuntado para a vida eterna. E se, acima e além disso, ele também for útil na salvação das almas de outros, mais fruto é ajuntado. Almas congregadas para Cristo são frutos, bons frutos, os frutos que Ele procura (Rm 1.13). Estes frutos são ajuntados para Cristo (Ct 8.11,12), são acumulados para a vida eterna. O consolo dos ministros fiéis consiste em que o trabalho deles tenha uma inclinação para a salvação eterna de almas preciosas. [2] Eles se regozijam: “Para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem”. O ministro que é o feliz instrumento do início de um bom trabalho é aquele que semeia, como João Batista. Aquele que é empregado para continuá-lo e aperfeiçoá-lo é o que ceifa, e ambos se regozijarão juntos. Observe que, em primeiro lugar, embora toda a glória do sucesso do Evangelho pertença a Deus, ainda assim os ministros fiéis podem, eles mesmos, encontrar consolo em pregá-lo. Os ceifeiros compartilham a alegria da colheita, embora os frutos pertençam ao mestre, 1 Tessalonicenses 2.19. Em segundo lugar, aqueles ministros que têm diferentes talentos e são usados de diferentes maneiras devem estar tão longe de invejarem uns aos outros, que devem, pelo contrário, se regozijar no sucesso e utilidade uns dos outros. Embora todos os ministros de Cristo não sejam úteis da mesma forma, nem da mesma forma bem-sucedidos, ainda assim, se eles receberem do Senhor a graça de serem fiéis, eles todos

finalmente entrarão juntos no gozo do seu Senhor.

(3) Que era um trabalho fácil, e um trabalho que já chega às suas mãos parcialmente realizado por aqueles que trabalharam antes deles: “Um é o que semeia, e outro, o que ceifa”, vv. 37,38. Isto, às vezes, denota um julgamento doloroso sobre aquele que semeia, Miquéias 6.15; Deuteronômio 28.30: “Tu semearás, mas não segarás”. Como Deuteronômio 6.11: “Casas cheias de todo bem, que tu não encheste”. Assim é aqui. Moisés, e os profetas, e João Batista haviam preparado o caminho para o Evangelho, haviam plantado a boa semente, das quais os ministros do Novo Testamento de fato apenas colheram os frutos. “Eu vos envio a ceifar onde, comparativamente, não trabalhastes”, Isaías 40.3-5. [1] Isto indica duas coisas em relação ao ministério do Antigo Testamento. Em primeiro lugar, que ele estava muito abaixo do ministério do Novo Testamento. Moisés e os profetas plantaram, mas não se poderia dizer que ceifaram, pois eles viram pouco do fruto de seu trabalho. Seus escritos trouxeram mais frutos, e fizeram muito mais bem do que eles poderiam ter feito pessoalmente, pois os frutos de seus ensinos, que estão contidos em seus escritos, têm sido úteis durante séculos, sendo uma bênção a incontáveis gerações. Em segundo lugar, que ele foi muito útil ao ministério de Novo Testamento, e abriu o caminho para este. Os escritos dos profetas, que eram lidos nas sinagogas todo sábado, aumentavam as esperanças das pessoas quanto ao Messias, e, dessa maneira, preparavam-nas para realizarem uma bela recepção a Ele. Não fosse pela semente plantada pelos profetas, esta samaritana não poderia ter dito: “Sabemos que o Messias vem”. Os escritos do Antigo Testamento são, em alguns aspectos, mais úteis a nós do que podiam ser para aqueles para quem foram inicialmente escritos, por serem mais bem entendidos através do seu cumprimento. Veja 1 Pedro 1.12; Hebreus 4.2; Romanos 16.25,26. [2] Isto também indica duas coisas relativas ao ministério dos apóstolos de Cristo. Em primeiro lugar, que era um ministério frutífero: eles eram ceifeiros que segavam em uma volumosa colheita de almas para Jesus Cristo, e em sete anos fizeram mais para o estabelecimento do reino de Deus entre os homens do que os profetas do Antigo Testamento haviam feito em duas vezes esse número de gerações. Em segundo lugar, que era muito facilitado, especialmente entre os judeus, para quem eles foram inicialmente enviados, pelos manuscritos dos profetas. Os profetas semearam em lágrimas, clamando: “Nós

trabalhamos em vão". Os apóstolos segavam com alegria, dizendo: "Graças a Deus, que sempre nos faz triunfar". Observe que muitos bons frutos podem ser colhidos dos trabalhos dos ministros que estão mortos e partiram pelas pessoas que sobrevivem a eles e pelos ministros que os sucedem. João Batista e aqueles que o ajudaram, haviam trabalhado, e os discípulos de Cristo entraram nos trabalhos deles, construíram sobre suas fundações, e colheram os frutos do que eles semearam. Veja o motivo que temos para louvar a Deus por aqueles que foram antes de nós, por suas pregações e seus manuscritos, pelo que eles fizeram e sofreram em seus dias, pois nós entramos em seus trabalhos. Sua dedicação e ajuda tornaram nosso trabalho mais fácil. E os antigos e novos trabalhadores, aqueles que chegaram à vinha na terceira hora e aqueles que vieram na undécima hora, se encontrarão no dia do pagamento. Eles estarão tão distantes de invejarem um ao outro pela glória de seus respectivos serviços, que, tanto aqueles que semearam quanto aqueles que segaram se regozijarão juntos, e o grande Senhor da colheita terá toda a glória.

IV O bom impacto que esta visita que Cristo fez aos samaritanos (*en passant*) lhes causou, e o fruto que agora era colhido entre eles, vv. 39-42. Veja a impressão causada neles:

1. Pelo testemunho da mulher a respeito de Cristo. Embora fosse um testemunho individual, e proferido por alguém que tinha uma reputação ruim, e que se limitou a isto: "Ele me disse tudo quanto tenho feito", mesmo assim, ele causou uma boa influência sobre muitos. Seria de se pensar que, ao Jesus contar à mulher sobre os pecados ocultos dela, os samaritanos ficariam temerosos de virem a Ele, com receio de que Ele lhes falasse sobre os pecados que tinham cometido. Mas eles preferiram se arriscar a isso do que a não conhecerem alguém que tinham motivos para pensar que era um profeta. E eles foram levados a duas coisas:

(1) A acreditar na palavra de Cristo (v. 39): "Muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele, pela palavra da mulher". Eles acreditaram tanto nele, que o tomaram por profeta, e desejavam conhecer o pensamento de Deus através dele. Isto é interpretado, de maneira favorável, como crer nele. E observe: [1] Quem eram os que creram: "muitos dos samaritanos", que não eram da casa de Israel. A fé deles era não apenas uma exacerbação da descrença dos judeus, de quem se esperava algo melhor, mas uma garantia

da fé dos gentios, que receberiam com prazer aquilo que os judeus rejeitaram. [2] O que os incentivou a crer: “pela palavra da mulher”. Veja aqui, em primeiro lugar, como Deus, às vezes, se compraz em utilizar instrumentos muito vulneráveis e improváveis para dar início e levar adiante uma boa obra. Uma pequena camareira encaminhou um grande príncipe a Eliseu, 2 Reis 5.2. Em segundo lugar, que questão importante uma pequena fagulha desperta. Nosso Salvador, ao instruir uma pobre mulher, difundiu esclarecimento para toda uma cidade. Que os ministros não sejam negligentes em sua pregação, ou desanimados nela, pelo fato de seus ouvintes serem poucos e pobres, pois, ao fazer o bem a eles, o bem pode ser transmitido a uma maior quantidade de pessoas, e àqueles que são mais importantes. Se eles ensinarem cada um ao seu próximo, e a cada um de seus irmãos, um grande número poderá aprender uns com os outros. Filipe pregou o Evangelho para um único aristocrata em sua carruagem na estrada, e ele não apenas o aceitou, como o levou para sua região e o propagou ali. Em terceiro lugar, veja como é bom falar de Cristo e das coisas de Deus a partir de nossa própria experiência. Esta mulher podia falar pouco a respeito de Cristo, mas o que ela dizia, dizia com sentimento: “Disse-me tudo quanto tenho feito”. Aqueles que podem dizer o que Deus tem feito por suas almas, são mais propensos a fazer o bem, Salmos 66.16.

(2) Eles foram levados a convidá-lo para ficar entre eles (v. 40): “Indo, pois, ter com ele os samaritanos, rogaram-lhe que ficasse com eles”. Baseados no relato da mulher, eles creram que Ele fosse um profeta, e foram ter com Ele. E, quando o viram, e a miséria de sua aparência e a manifesta pobreza de seu aspecto externo, não diminuíram sua apreciação por Ele e as expectativas relativas a Ele, mas ainda o respeitavam como profeta. Observe que há esperança para aqueles que superam os preconceitos vulgares que os homens têm contra o verdadeiro valor das pessoas que estão em uma condição social inferior. Benditos são aqueles que não se escandalizam em Cristo à primeira vista. Eles estavam tão distantes de se escandalizarem nele, que rogaram para que Ele permanecesse com eles: [1] Para que pudessem testificar sobre o respeito que tinham por Ele, e tratá-lo com o respeito e a gentileza que lhe eram devidos, por causa da sua retidão de caráter. Os profetas e ministros de Deus são bem-vindos para todos aqueles que abraçam o Evangelho com sinceridade, como Lídia, Atos 16.15. [2] Para que pudessem receber

ensinamentos dele. Aqueles que são instruídos a respeito de Deus mostram-se verdadeiramente desejosos de aprender mais e de conhecer melhor a Cristo. Muitos se juntariam a alguém que lhes contasse seu futuro, mas esses se juntaram a alguém que lhes contaria seus erros, lhes falaria de seus pecados e obrigações. O historiador parece colocar ênfase sobre o fato de eles serem samaritanos, como em Lucas 10.33; 17.16. Os samaritanos não tinham a mesma fama dos judeus quanto à religião. Mesmo assim, os judeus que viram os milagres de Cristo o afastaram de si mesmos, enquanto os samaritanos, que não viram seus milagres, nem compartilharam seus favores, quiseram ficar na presença do Senhor. A prova do sucesso do Evangelho nem sempre está de acordo com as probabilidades, e aquilo que se vivencia nem sempre está de acordo com o que se espera. Os samaritanos eram ensinados pela tradição de sua região a serem precavidos ao conversarem com os judeus. Havia samaritanos que se recusavam a permitir que Cristo atravessasse sua cidade (Lc 9.53), porém estes rogaram que Jesus permanecesse com eles. Observe que muito será acrescentado à exaltação de nosso amor por Cristo e pela sua Palavra, se ela vencer os preconceitos da cultura e da tradição, lançando uma forte luz sobre as reprovações dos homens. E agora nos é dito que Cristo concordou com o pedido que estes samaritanos lhe fizeram.

Em primeiro lugar, Ele permaneceu ali. Embora fosse uma cidade de samaritanos, e quase adjacente ao templo deles, ainda assim, quando foi convidado, Jesus ficou ali. Embora Ele estivesse em viagem, e tivesse que ir mais longe, quando teve a oportunidade de fazer o bem, Ele ficou ali. Não é o simples atraso que favorecerá nosso julgamento. Apesar disso, Ele ficou ali por apenas dois dias, pois Ele tinha outros lugares para visitar e outras obras a realizar, e dos poucos dias da permanência de nosso Salvador sobre a terra, aqueles dois dias era o que cabia àquela cidade.

Em segundo lugar, somos informados sobre a impressão que foi causada neles pelas próprias palavras de Cristo, e pela sua conversa pessoal com eles (vv. 41,42). O que Ele disse e fez ali, não é relatado, se Ele curou seus doentes ou não. Mas é sugerido, pelos efeitos, que Ele disse e fez aquilo que os convenceu de que Ele era o Cristo. E as obras de um ministro são melhor descritas pelos seus bons frutos. Ouvir a respeito de Jesus causou um bom impacto, mas agora seus olhos o viam, e o efeito foi: 1. Que o número deles cresceu (v. 41): “Muitos mais creram nele”. Muitos que não foram

persuadidos a irem até Ele fora da cidade, foram mesmo assim levados, quando Ele se aproximou deles, a crer nele. Observe que é um consolo ver um grande número de crentes, e, às vezes, o zelo e presteza de alguns pode ser um meio de incitar muitos, e encorajá-los a uma santa emulação, Romanos 11.14. 2. Que a fé deles aumentou. Aqueles que haviam sido influenciados pelo relato da mulher, agora viam motivo para dizer: “Já não é pelo que disseste que nós cremos”, v. 42. Há três coisas nas quais a fé deles cresceu: (1) Em sua essência, ou naquilo em que eles realmente acreditavam. A partir do testemunho da mulher, eles creram que Ele era um profeta, ou algum extraordinário mensageiro do céu, mas agora que haviam conversado com Ele, eles acreditam que Ele é o Cristo, o Ungido, exatamente aquele que foi prometido aos patriarcas e por eles esperado, e que, sendo o Cristo, Ele é o Salvador do mundo, pois a obra para a qual Ele fora consagrado era a de salvar seu povo dos pecados que praticavam. Eles creram que Ele era o Salvador, não apenas dos judeus, mas do mundo, em que eles tinham a esperança de que os incluísse, embora fossem samaritanos, pois fora prometido que Ele seria a “salvação até à extremidade da terra”, Isaías 49.6. (2) Na certeza. A fé deles agora cresceu até chegar a uma certeza absoluta: “Sabemos que este é verdadeiramente o Cristo”. *Alethos – em verdade.* Não um pretenso Cristo, mas o autêntico. Não um salvador típico, como muitos sob o Antigo Testamento, mas o verdadeiro. É por tamanha certeza das verdades divinas como esta que devemos nos esforçar. Não devemos pensar apenas: “Achamos que é provável e desejamos crer que Jesus possa ser o Cristo”, mas: “Sabemos que este é verdadeiramente o Cristo”. (3) Com base nisto, que era uma espécie de sensação e experiência espiritual: “Agora não é pelo que disseste que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido”. Antes eles haviam crido por causa da afirmação da mulher, e esta fora uma boa atitude, fora um bom passo, mas agora eles encontram um fundamento adicional e mais firme para sua fé: “Agora nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido, e temos ouvido verdades tão esplêndidas e divinas, acompanhadas de tamanha autoridade e manifestação, que estamos completamente convencidos e seguros de que este é o Cristo”. Isto é semelhante ao que a rainha de Sabá disse de Salomão (1 Rs 10.6,7): “Eis que me não disseram metade”. Os samaritanos que acreditaram por causa da afirmação da mulher ganhavam agora uma luz maior, pois a qualquer que tiver será dado. Aquele

que sobre o pouco é fiel, sobre muito será colocado. Neste caso, nós podemos ver como a fé vem através do ouvir. [1] A fé nasce através da escuta dos relatos dos homens. Estes samaritanos, em consideração ao que fora dito pela mulher, creram a ponto de vir e ver, de chegar e experimentar. Dessa maneira, os ensinamentos de pais e pregadores, e o testemunho da igreja e dos nossos vizinhos experientes, recomendam a doutrina de Cristo ao nosso conhecimento, e nos inclinam a considerá-la como altamente verossímil. Porém: [2] Nossa fé atinge seu pleno desenvolvimento, intensidade e maturidade ao ouvirmos o testemunho do próprio Cristo. E isso vai mais adiante, e recomenda sua doutrina à nossa aceitação, e nos compele a crer nela como indubitavelmente certa. Nós somos induzidos a examinar as Escrituras pela afirmação daqueles que nos disseram que nelas encontraram a vida eterna. Porém, quando nós mesmos também a encontramos nelas, experimentamos o poder da Palavra, que é esclarecedor, convincente, regenerador, santificador e consolador. E então cremos, já não pelas afirmações de outras pessoas, mas porque nós mesmos examinamos as Escrituras Sagradas, e assim nossa fé se sustenta não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus, 1 Coríntios 2.5; 1 João 5.9,10.

Desta maneira, a semente do evangelho foi plantada em Samaria. Que efeito houve disto posteriormente, não se torna visível, mas encontramos que, quatro ou cinco anos depois, quando Filipe pregou o evangelho em Samaria, ele encontrou tantos vestígios abençoados desta boa obra agora realizada, que as "multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia", Atos 8.5,6,8. Porém, como alguns foram flexíveis para o bem, assim foram outros para o mal, os quais Simão, o mago, encantou com suas magias mágicas, vv. 9,10.

A Cura do Filho do Nobre

vv. 43-54

Nestes versículos, temos:

I A ida de Cristo para a Galiléia, v. 43. Embora Ele fosse bem-vindo entre os samaritanos tanto quanto seria em qualquer lugar, e fosse bem-sucedido, ainda assim, após dois dias, Ele os deixou, não tanto porque eles fossem samaritanos, e o Senhor não confirmaria os preconceitos daqueles que lhe disseram: "És samaritano" (cap. 8.48), mas porque Ele tinha que pregar a outras cidades, Lucas 4.43. Ele foi para a Galiléia, pois lá Ele passaria a maior parte do seu tempo. E agora, veja aqui:

1. Para onde Cristo foi: para a Galiléia, para a região da Galiléia, mas não para Nazaré, que era, a rigor, sua própria província. Ele viajou entre as aldeias, mas recusou-se a ir a Nazaré, a cidade mais importante, por um motivo apresentado aqui, testificado pelo próprio Jesus, que conhecia o temperamento de seus compatriotas, os corações de todos os homens, e as experiências de todos os profetas, e que é este: "Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria". Observe que: (1) Os profetas devem ser honrados, porque Deus colocou uma honra sobre eles, e nós somos beneficiados por eles. (2) A honra devida aos profetas do Senhor lhes foi muitas vezes negada, e eles foram tratados com desprezo. (3) Esta honra devida lhes é mais freqüentemente negada em sua própria pátria. Veja Lucas 4.24; Mateus 13.57. Não que isso seja universalmente verdadeiro (toda regra tem suas exceções), mas é válido na maioria dos casos. Quando José começou a profetizar, foi muito odiado por seus irmãos; Davi foi desprezado por seu

irmão (1 Sm 17.28); Jeremias foi caluniado pelos homens de Anatote (Jr 11.21); Paulo, por seus conterrâneos judeus; e os parentes de Cristo falavam dele com muito desprezo, cap. 7.5. O orgulho e a inveja dos homens fazem com que eles rejeitem a orientação daqueles que já foram seus colegas de escola e companheiros de brincadeiras. O apetite por novidade, e por aquilo que é irreal e de alto preço, e parece lhes cair do céu, fazem os depreciar aquelas pessoas e coisas a que estão há muito tempo habituados e das quais conhecem a origem. (4) É um grande desânimo para um ministro caminhar entre pessoas que não dão valor a ele ou às suas obras. Cristo não foi a Nazaré porque sabia o pouco respeito com que o tratariam ali. (5) É justo que Deus negue seu Evangelho àqueles que desprezam seus ministros. Aqueles que ridicularizam os mensageiros de Deus, perdem o benefício da mensagem. Mateus 21.35,41.

2. A hospitalidade que Ele encontrou entre os galileus na região (v. 45): “Os galileus o receberam”, deram-lhe boas-vindas e com alegria ouviram sua doutrina. Cristo e seu Evangelho não foram enviados em vão. Se eles não são honrados por alguns, outros os honrarão. E havia um motivo para que esses galileus estivessem tão dispostos a receber a Cristo: “Porque viram todas as coisas que fizera em Jerusalém no dia da festa”, v. 45. Observe: (1) Eles subiram à Jerusalém no dia da festa, a Festa da Páscoa judaica. Os galileus habitavam muito longe de Jerusalém, e seu caminho para lá passava pela região dos samaritanos, que era problemática para um judeu atravessar, pior do que o antigo vale do Baca. Mesmo assim, em obediência ao mandamento de Deus, eles subiram para a festa, e lá conheceram Cristo. Observe que aqueles que são diligentes e constantes quando se trata de participar de cultos públicos, a qualquer hora recebem mais benefícios espirituais do que esperam. (2) Eles viram os milagres que Cristo havia realizado em Jerusalém, e isto tornava tanto o Senhor quanto sua doutrina muito atraentes para a fé e afeição deles. Os milagres foram realizados em benefício daqueles que viviam em Jerusalém. Todavia, os galileus que acidentalmente lá estavam beneficiaram-se mais dos milagres do que aqueles para quem eles foram especialmente planejados. Dessa maneira, a palavra pregada a uma mistura de gente talvez possa instruir ouvintes ocasionais mais do que ao público freqüente.

3. A cidade para a qual Ele foi. Ele escolheu ir para Caná da Galiléia, “onde da água fizera vinho” (v. 46). Ele foi para lá a fim de ver se havia

alguns bons frutos remanescentes daquele milagre, e, se houvesse, para confirmar a fé do povo dali, e regar aquilo que Ele havia plantado. O evangelista menciona este milagre aqui para nos ensinar a manter na memória as obras de Cristo que presenciamos.

II A cura do filho do régulo, que estava doente com uma febre. Esta história não é relatada por nenhum outro evangelista. Ela está inclusa na citação de Mateus 4.23.

Observe: 1. Quem eram o requerente e o paciente: o requerente era um nobre; o paciente era seu filho: “Havia ali um oficial do rei”. *Regulus* (assim é em latim), um pequeno rei. Assim chamado, ou pela grandeza de suas propriedades, ou pela extensão de seu poder, ou pelos direitos pertencentes à sua casa. Alguns entendem isso como indicando seu cargo honorífico – ele era um cortesão em algum escritório próximo ao rei. Outros, como denotando sua facção – ele era um herodiano, um monarquista, um homem com privilégios, alguém que apoiava os interesses dos Herodes, pai e filho. Talvez fosse “Cuza, procurador de Herodes” (Lc 8.3), ou “Manaém, que fora criado com Herodes”, Atos 13.1. Havia santos na casa de César. O pai era um nobre, e, apesar disso, o filho estava doente, pois a nobreza e os títulos de honra não dão às pessoas e familiares segurança contra as investidas da doença e da morte. Cafarnaum, onde morava esse nobre, estava a quinze milhas de Caná, onde Cristo estava agora, mas este sofrimento em sua família o levou a ir tão longe, em busca do Senhor Jesus Cristo.

2. Como o requerente fez seu pedido ao médico. Ouvindo que “Jesus vinha da” Judéia para a Galiléia, e considerando que Ele não vinha em direção a Cafarnaum, mas desviara-se em direção ao outro lado da região, ele mesmo “foi ter com ele e rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho”, v. 47. Veja aqui: (1) Quão compassivo era seu amor por seu filho: assim que ele ficou doente, ele não poupou esforços para ajudá-lo. (2) Seu grande respeito por nosso Senhor Jesus, a ponto de ele mesmo ir buscá-lo, quando poderia ter enviado um servo, e de ter-lhe rogado, quando, como um homem de autoridade, pensariam alguns, ele poderia ter ordenado a presença dele. Os maiores homens, quando vão a Deus, devem se tornar como pedintes, e suplicar *sub forma pauperis – como indigentes.* Quanto à missão que o trouxera, podemos observar uma mistura em sua fé. [1] Havia

sinceridade nela. Ele realmente acreditava que Cristo podia curar seu filho, embora sua doença fosse grave. É provável que houvesse médicos cuidando dele, e talvez o tivessem abandonado, mas ele acreditava que Cristo podia curá-lo, mesmo quando a situação parecia deplorável. [2] Todavia, havia fragilidade em sua fé. Ele acreditava que Cristo podia curar seu filho, mas, como pode parecer, ele pensava que não podia curá-lo à distância, e por isso rogou que Ele descesse e o curasse, aguardando, como fez Naamã, que Ele fosse e colocasse sua mão sobre o paciente, como se não pudesse curá-lo senão por contato físico. Dessa maneira, nós nos inclinamos a limitar o Santo de Israel, e a restringi-lo aos nossos padrões. O centurião, um gentio, um soldado, fora tão forte em sua fé a ponto de dizer: “Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado”, Mateus 8.8. Este nobre, um judeu, suplicou que Cristo descesse, embora, para tanto, fosse necessário um longo dia de viagem. Ele perderia a esperança de uma cura, a menos que o Senhor descesse. Talvez aquele homem, sem perceber, pensasse que tivesse que ensinar a Cristo como trabalhar. Somos incentivados a orar, mas não nos é permitido ordenar: “Senhor, cura-me por tua bondade, mas que o Senhor o faça com uma palavra ou com um toque. Seja feita, em tudo, tua vontade”.

3. A branda repreensão que ele recebeu (v. 48): Jesus lhe disse: “Eu vejo como é. ‘Se não virdes sinais e milagres, não crereis’, como fizeram os samaritanos, embora eles não vissem sinais ou milagres, e por essa razão Eu devo realizar milagres entre vós”. Embora ele fosse um nobre, e estivesse agora aflito por seu filho, e tivesse demonstrado grande respeito por Cristo ao vir de tão longe até Ele, ainda assim, Cristo o repreende. A distinção dos homens no mundo não os isentará das repreensões da palavra ou da providência, pois Cristo não “repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça”, Isaías 11.3,4. Observe que Cristo mostra os pecados e fraquezas daquele homem para prepará-lo para o perdão, e então concede-lhe o pedido. Aqueles a quem Cristo pretende honrar com sua generosidade, Ele primeiro humilha com seus olhares de repreensão. O Consolador deve primeiro convencer. Herodes esperava ver algum milagre (Lc 23.8), e este cortesão tinha a mesma mentalidade, bem como o povo em geral. Agora, vejamos o que é censurado: (1) Que, considerando que haviam escutado, através de relato confiável e incontestável, acerca dos milagres que Jesus havia realizado em outros lugares, eles não acreditariam,

a menos que os vissem com seus próprios olhos, Lucas 4.23. Eles devem ser favorecidos, e devem ser bajulados, ou não serão convencidos. Sua região deve ser agraciada, e sua curiosidade, satisfeita, com sinais e milagres, ou então, embora a doutrina de Cristo esteja suficientemente provada pelos milagres realizados em outro lugar, eles não crerão. Como Tomé, eles não se renderão a qualquer método de convencimento que não seja o que eles determinarem. (2) Que, considerando que eles tinham visto diversos milagres, cuja evidência não conseguiam negar, mas que provavam de maneira competente que Cristo era um mestre vindo de Deus, e que deveriam agora solicitar a Ele uma orientação sobre sua doutrina, a qual por sua superioridade natural os teria levado, suavemente, a acreditar em um aperfeiçoamento espiritual, ao invés disso, eles não se aprofundariam na fé, e seriam como aqueles que eram guiados por sinais e milagres. O poder espiritual da Palavra não os comovia, nem os atraía, mas somente o poder concreto dos milagres. Os milagres são, para os incrédulos, uma necessidade tão grande quanto a profecia o é para os fiéis, 1 Coríntios 14.22. Aqueles que prezam apenas os milagres, e desprezam a profecia, juntam-se aos infiéis.

4. Sua irritante persistência em sua petição (v. 49): “Senhor, desce, antes que meu filho morra”. *Kyrie – Senhor*, assim deve ser traduzido. Nesta réplica dele, temos: (1) Algo que era louvável: ele aceitou a repreensão pacientemente; ele conversou respeitosamente com Cristo. Embora ele fosse um daqueles que se trajavam ricamente, ainda assim ele tolerou a repreensão. Não é privilégio da nobreza estar acima das repreensões da Palavra de Cristo. É, porém, um sinal de bom temperamento e caráter nos homens, especialmente nos homens importantes, quando eles conseguem ouvir a respeito de suas culpas e não se enfurecem. E, como ele não tomou a repreensão como uma afronta, da mesma forma não a considerou como uma recusa, mas persistiu ainda mais em seu pedido, e continuou se esforçando até que fosse bem-sucedido. Talvez ele tenha argumentado desta maneira: “Se Cristo cura minha alma, com certeza ele curará meu filho. Se Ele cura minha incredulidade, Ele curará a febre de meu filho”. Este é o modo que Cristo adota, primeiro para operar em nós, e depois para operar por nós, e haverá esperança se observarmos o Senhor agindo desta forma. (2) Algo que era censurável, e que era sua fraqueza, pois: [1] Ele parece não levar em conta a repreensão que Cristo lhe faz, nada diz a respeito dela, seja

como uma confissão ou desculpa, pois ele está tão tomado pela preocupação com seu filho, que não consegue prestar atenção em mais nada. Observe que a tristeza do mundo é uma grande predisposição contrária aos benefícios que recebemos pela Palavra de Cristo. A preocupação e o cuidado exagerado são espinhos que sufocam a boa semente. Veja Êxodo 6.9. [2] Ele ainda descobriu a fraqueza de sua fé no poder de Cristo. Em primeiro lugar, Ele teve a necessidade de fazer Cristo descer, pensando que, de outra maneira, o Senhor não poderia conceder qualquer benefício ao seu filho. É difícil nos convencermos de que a distância e o tempo não são obstáculos para o entendimento e o poder de nosso Senhor Jesus. Mas assim é, Ele vê muito longe, pois sua palavra, a palavra de seu poder, corre velozmente. Em segundo lugar, Ele acreditava que Cristo podia curar uma criança doente, mas não que Ele pudesse ressuscitar uma criança morta, e por isso pede: “Senhor, desce, antes que meu filho morra”, como se então fosse muito tarde, apesar de Cristo ter, sobre a morte, o mesmo poder que tem sobre as doenças do corpo. Ele se esqueceu de que Elias e Eliseu haviam ressuscitado crianças mortas, e o poder de Cristo é inferior ao deles? Observe a pressa que ele tem: “Desce, antes que meu filho morra”, como se houvesse perigo de Cristo se atrasar. Aquele que crê não se apressa, mas se dirige a Cristo, dizendo: “Senhor, aconteça aquilo que te agradar mais, quando te agradar mais, e como te agradar mais”.

5. A resposta tranqüilizadora que Cristo deu, por fim, ao pedido deste oficial (v. 50): “Vai, o teu filho vive”. Cristo nos dá aqui um exemplo: (1) Do seu poder. Ele mostra que não apenas podia curar com tanta facilidade, mas podia curar sem o transtorno de uma visita. Aqui nada é dito, nada é feito, nada é mandado fazer, e mesmo assim a cura é realizada: “Teu filho vive”. Os raios de cura do Sol da Justiça distribuem influências benignas de um extremo do céu ao outro, e nada se furta ao seu calor. Embora Cristo esteja agora no céu, e sua igreja na terra, Ele pode controlar tudo lá de cima. Este nobre desejava que Cristo descesse e curasse seu filho. Cristo curará seu filho, e não descerá. E, dessa forma, a cura é operada mais cedo, o engano do nobre é corrigido, e sua fé é confirmada, de modo que as coisas foram realizadas da melhor maneira possível, ou seja, da maneira de Cristo. Quando o Senhor nega o que pedimos, Ele dá o que nos é muito mais benéfico. Pedimos por conforto, Ele dá paciência. Observe que seu poder

foi exercido através da sua palavra. Ao dizer: “Teu filho vive”, o Senhor mostrou que tem vida em si mesmo, e poder para ressuscitar a quem desejar. Quando Cristo diz: “Tua alma vive”, sua palavra faz com que a alma se torne realmente viva. (2) De sua misericórdia. Ele notou que o nobre estava sofrendo por seu filho, e seu amor natural se manifestava na sentença: “Antes que meu filho”, meu querido filho, morra. E então Cristo pôs fim à crítica, e assegurou a ele a recuperação de seu filho, pois Ele sabe como um pai se compadece de seus filhos.

6. A crença do nobre na palavra de Cristo: ele creu e foi-se. Embora Cristo não fizesse a vontade do nobre, a ponto de descer com ele, ele fica satisfeito com o método que Cristo adotou, e considera que conseguiu o que queria. Com que rapidez e facilidade aquilo que está faltando em nossa fé é aperfeiçoado pela palavra e poder de Cristo. Ele não vê nenhum sinal ou milagre, e mesmo assim acredita que o milagre foi realizado. (1) Cristo disse: “Teu filho vive”, e o homem acreditou nele. Não apenas acreditou na onisciência de Cristo, de modo que ele tinha certeza de que seu filho havia sido curado, mas na onipotência de Cristo, e que a cura fora efetuada pela sua palavra. O pai havia deixado seu filho à beira da morte. Ainda assim, quando Cristo disse: “Ele vive”, como o pai de todos aqueles que crêem, ele, “em esperança, creu contra a esperança”, e “não duvidou por incredulidade”. (2) Cristo disse: “Vai”, e como uma evidência da sinceridade da sua fé, ele se foi sem mais perturbar a Cristo ou a si mesmo. Ele não pressionou a Cristo para que descesse, não disse: “Mesmo que ele se recupere, ainda assim uma visita será bem-vinda”, não, ele não mais parece ansioso, mas, como Ana, ele segue seu caminho, e seu semblante já não era triste. Como alguém completamente satisfeito, ele não teve pressa em ir para casa, não correu para casa naquela noite, mas retornou vagarosamente, como alguém que estava com seu espírito perfeitamente tranqüilo.

7. A confirmação adicional de sua fé, ao trocar idéias com seus servos em seu retorno para casa. (1) Seus servos encontraram-se com ele trazendo a boa notícia da recuperação do filho, v. 51. Eles, provavelmente, encontraram-no não muito longe de sua própria casa, e, sabendo quais eram as preocupações de seu senhor, desejavam tranqüilizá-lo o mais rápido possível. Os servos de Davi estavam relutantes em contar a ele que seu filho havia morrido. Cristo disse: “Teu filho vive”, e nesse momento, os servos

dizem o mesmo. Boas notícias receberão aqueles que esperam na Palavra de Deus. (2) Ele “perguntou-lhes… a que hora se achara melhor” (v. 52). Não como se duvidasse da influência da palavra de Cristo sobre a cura do filho, mas ele estava desejoso de ter sua fé confirmada, para que pudesse ser capaz de convencer a qualquer um a quem ele mencionasse o milagre, pois este era um detalhe essencial. Observe que: [1] É útil nos abastecermos com todas as provas e evidências que possam existir, que corroboram para fortalecer nossa fé na palavra de Cristo, a fim de que ela possa desenvolver-se até atingir a completa certeza. “Mostra-me um sinal para bem”. [2] A comparação diligente das obras de Cristo com sua palavra será de grande utilidade para confirmarmos nossa fé. Este foi o rumo tomado pelo nobre: ele perguntou aos servos a que hora aquele que estava enfermo começou a melhorar, e eles lhe disseram: “Ontem, às sete horas [alguns entendem que seria a sétima hora, e, portanto, à uma da tarde. Outros pensam que este evangelista se refire às sete horas da noite], a febre o deixou”. Ele não apenas começou a melhorar, mas ficou perfeitamente bem, de repente. Dessa maneira, “entendeu, pois, o pai que era aquela hora a mesma em que Jesus lhe disse: O teu filho vive”. Assim como a Palavra de Deus, bem estudada, nos ajudará a entender suas providências, também a providência de Deus, bem guardada, nos ajudará a entender sua Palavra, pois Deus está a cada dia cumprindo as Escrituras. Duas coisas ajudaram a confirmar a fé deste oficial. Em primeiro lugar, que a recuperação do filho foi imediata, e não gradual. Eles apontam uma hora com precisão: “Ontem”, não por volta, mas às sete horas, “a febre o deixou”. Ela não se reduziu ou começou a ceder, mas ela deixou o enfermo em um instante. A palavra de Cristo não opera como medicamento, que precisa de tempo para atuar e produzir efeito, e talvez cure somente pela espera. Não, com Cristo é *dictum factum – Ele fala e as coisas se realizam.* Ele falou, e a cura começou a ser feita. Em segundo lugar, que foi exatamente na mesma hora em que Cristo lhe falou: “Era aquela hora a mesma”. Os sincronismos e as coincidências dos acontecimentos acrescentam muito à beleza e à harmonia da Providência. Perceba a hora, e o fato em si será mais extraordinário, pois cada coisa é bela em seu tempo. Observe a hora exata para a qual foi prometida a libertação de Israel (Êx 12.41); a hora exata em que se orou pela libertação de Pedro, Atos 12.12. Nas obras dos homens, a distância física é a razão do prolongamento do tempo e da demora no trabalho, mas não é dessa forma

nas obras de Cristo. O perdão, e a paz, e o consolo, e a cura espiritual, que Ele afirma no céu, são, se Ele desejar, realizados e operados na mesma hora nas almas dos crentes, e, quando esses dois fatos forem comparados no grande dia, Cristo será glorificado nos seus santos, e admirado na vida de todos os que crêem.

8. O efeito e conseqüência favoráveis deste fato. Levar a cura para a família trouxe a ela a salvação. (1) O próprio nobre creu. Ele havia crido antes na palavra de Cristo, com respeito a esta situação em particular, mas agora ele cria em Cristo, como o Messias prometido, e se tornou um de seus discípulos. Deste modo, a experiência pessoal do poder e eficácia de uma palavra de Cristo pode ser um meio muito apropriado para apresentar e estabelecer a completa autoridade do controle de Cristo na alma. Cristo possui muitas maneiras de conquistar o coração, e através da concessão de uma graça temporal pode abrir o caminho para coisas melhores. (2) "Toda a sua casa" creu da mesma forma. [1] Por causa do benefício que todos obtiveram do milagre, que preservava o florescimento e as esperanças da família. Isso comoveu a todos, e tornou Cristo benquisto entre eles, e o recomendava aos seus melhores pensamentos. [2] Por causa da influência que o pai da família tinha sobre todos eles. O pai de uma família não pode conceder a fé àqueles pelos quais é responsável, nem forçá-los a crer, mas pode ser fundamental para afastar predisposições externas que obstruam o efeito das evidências, e então mais da metade do trabalho estará feito. Abraão era famoso por isso (Gn 18.19), e também Josué, Josué 24.15. Este era um nobre, e provavelmente tivesse "muita gente ao seu serviço", mas quando ele vai à escola de Cristo, leva consigo todos eles. Que mudança abençoada houve nesta casa, ocasionada pela doença da criança! Isto deveria fazer com que nos resignássemos com as tribulações, pois nós não sabemos as boas coisas que podem resultar delas. É provável que a conversão deste nobre e da sua família em Cafarnaum possa ter favorecido a volta do Senhor Jesus Cristo, que, mais tarde, a estabeleceria como seu quartel-general na Galiléia. Quando homens de posições elevadas aceitam o Evangelho, eles podem se tornar importantes instrumentos para levá-lo para os lugares onde vivem.

9. Aqui está o comentário do evangelista sobre esta cura (v. 54). "Jesus fez este segundo milagre", referindo-se ao de João 2.11, onde a transformação de água em vinho é dita ser o primeiro, que foi logo após seu

primeiro retorno da Judéia, e este, logo após o segundo. Na Judéia, Ele havia realizado muitos milagres, cap. 3.2; 4.45. Eles tiveram a primeira demonstração, mas sendo compelido a sair dali, Ele realizou milagres na Galiléia. Em um ou outro lugar, Cristo será bem recebido. As pessoas podem, se desejarem, impedir a entrada do sol em suas próprias casas, mas não podem impedi-lo de adentrar o mundo. Este é apontado como o segundo milagre: 1. Para nos lembrar do primeiro, realizado no mesmo lugar alguns meses antes. Misericórdias recentes devem reavivar as lembranças de misericórdias anteriores, assim como misericórdias anteriores devem fortalecer nossas esperanças de futuras misericórdias. Cristo mantém o registro de seus favores, quer nós o mantenhamos ou não. 2. Para que saibamos que esta cura ocorreu antes das muitas curas que os outros evangelistas mencionam como tendo sido realizadas na Galiléia, Mateus 4.23; Marcos 1.34; Lucas 4.40. Provavelmente, sendo o paciente o filho de uma pessoa de alto nível, a cura foi mais comentada e levou a Cristo multidões de pacientes. Quando este nobre recorreu a Cristo, multidões o seguiram. Que abundância de bem podem os homens importantes realizar, se forem homens bons!

CAPÍTULO 5

Nos Evangelhos, nós temos um registro fiel de “tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar”, Atos 1.1. Essas duas coisas estão interligadas, porque o que Ele ensinava explicava o que Ele fazia, e o que Ele fazia confirmava o que Ele ensinava. Conseqüentemente, nós temos neste capítulo um milagre e um sermão. I. O milagre foi a cura, e as circunstâncias desta, na vida de um homem paralítico que havia estado doente durante trinta e oito anos, vv. 1-16. II. O sermão consistiu na justificativa de Cristo diante do Sinédrio, quando foi processado como um criminoso por curar o homem no dia de sábado, no qual: 1. Ele afirma sua autoridade como o Messias e Mediador entre Deus e o homem, vv. 17-29. 2. Ele prova isso através do testemunho de seu Pai, de João Batista, de seus milagres e das Escrituras do Antigo Testamento, e condena os judeus por sua descrença, vv. 30-47.

A Cura no Tanque de Betesda

vv. 1-16

Essa cura milagrosa não é registrada por nenhum outro dos evangelistas, que se restringem principalmente aos milagres realizados na Galiléia, mas João relata aqueles realizados em Jerusalém. Com relação a isso, observe:

I A época em que essa cura foi realizada: foi em "uma festa dos judeus", isto é, a da Páscoa, pois era a festa mais celebrada. Cristo, embora residindo na Galiléia, subiu a Jerusalém para a festa, v 1. 1. Porque esta era uma ordenança de Deus, a qual, como um súdito, Ele cumpriria, pois fora imposta sob a lei. Embora, como Filho, Ele pudesse ter pleiteado uma isenção. Desse modo, o Senhor Jesus nos ensinaria a participar das reuniões religiosas, dos cultos ao Senhor, Hebreus 10.25. 2. Porque esta era uma oportunidade de fazer o bem, pois: (1) Havia grandes multidões reunidas em Jerusalém naquele momento. Era um encontro geral, ao menos de todos os pensadores sérios de todas as partes do país, além de prosélitos de outras nações. E a Sabedoria deve clamar nos lugares de grande afluência de pessoas, Provérbios 1.21. (2) Seria de se esperar que elas estivessem em um bom estado de espírito, pois tinham vindo para juntas adorar a Deus e passar o tempo em práticas religiosas. Sendo assim, uma mente propensa à devoção, e isolando-se com vistas aos exercícios de piedade, permanece muito aberta às futuras descobertas da luz e amor divinos, e para ela Cristo será agradável.

II O lugar onde essa cura foi realizada: no tanque de Betesda, que tinha em si uma milagrosa virtude de cura, e que aqui é detalhadamente descrita, vv. 2-4.

1. Onde ele estava situado: "Em Jerusalém… próximo à Porta das Ovelhas", *epi te probatike*. Poderia muito bem ser traduzido como o estábulo das ovelhas, onde o rebanho era mantido, ou a Porta do Gado, sobre a qual lemos em Neemias 3.1, através da qual os rebanhos eram trazidos, como o mercado das ovelhas, onde estas eram vendidas. Alguns acham que este se situava próximo ao Templo, e, se é assim, este foi um espetáculo melancólico, porém produtivo, para aqueles que subiram ao Templo para orar.

2. Como ele era chamado: era um “tanque” (um reservatório ou banho), “chamado em hebreu Betesda” – *casa de misericórdia*. Porque nele aconteciam muitas das misericórdias de Deus para com os doentes e enfermos. Em um mundo de tanta miséria como este nosso, é bom que existam alguns *Betesdas – casas de misericórdia* (remédios contra esses males), para que o cenário não seja totalmente de melancolia. O lugar era um abrigo para pobres, segundo o Dr. Hammond. O Dr. Lightfoot acredita que esse era o viveiro superior (Is 7.3), o viveiro velho, Isaías 22.11, que tinha sido usado para a lavagem de contaminações cerimoniais, cujos alpendres foram construídos a fim de que as pessoas se vestissem e se despissem dentro deles, e que mais tarde se tornara um local de curas.

3. Como ele foi adaptado: havia cinco alpendres, claustros, varandas ou calçadas cobertas, onde jaziam os doentes. Desse modo, a caridade dos homens cooperava com a misericórdia de Deus para o alívio dos enfermos. A natureza fornece os remédios, mas os homens devem fornecer os hospitais.

4. Como ele era freqüentado por doentes e paralíticos (v. 3): “Nestes jazia grande multidão de enfermos”. Quantas são as angústias dos aflitos neste mundo! Como são repletos de queixas todos os lugares, e quantas multidões de pessoas estão incapacitadas! Pode nos fazer bem visitar os hospitais algumas vezes, para que possamos nos valer da oportunidade, a partir das adversidades dos outros, de agradecer a Deus pelo nosso bem-estar. O evangelista especifica três tipos de pessoas enfermas que jazem aqui: cegos, coxos e paralíticos ou de pouca força, em uma parte em particular, como o homem com a mão mirrada, ou completamente paralíticos. Esses são mencionados porque, sendo menos capazes de se locomoverem para dentro da água, permaneciam por mais tempo esperando nos alpendres. Aqueles que estavam enfermos ou acometidos dessas doenças corporais esforçavam-se para vir de longe e tinha paciência para esperar muito tempo por uma cura. Qualquer um de nós teria feito o mesmo, e assim nós devemos fazer. Mas, Oh! Se os homens fossem tão sábios com suas almas, e tão ansiosos para ter suas doenças espirituais curadas! Somos todos, por natureza, impotentes nas coisas espirituais, cegos, coxos e paralíticos, mas uma provisão eficaz é feita para nossa cura, se simplesmente seguirmos as ordens que recebemos do Senhor.

5. Que virtude tinha este tanque para curar essas pessoas incapazes (v. 4). “Um anjo descia”, e “agitava a água”, e “o primeiro que ali descia… sarava de qualquer enfermidade que tivesse”. Que essa estranha virtude no tanque era natural, ou, mais exatamente, artificial, e que era o efeito da lavagem dos sacrifícios que impregnava a água com alguma virtude curativa, mesmo para as pessoas cegas, e que o anjo era apenas um mensageiro, uma pessoa comum, enviada para revolver a água, é completamente infundado. No Templo, havia um recinto exclusivo para a lavagem dos sacrifícios. Os comentaristas concordam, geralmente, que a virtude que esse tanque tinha era sobrenatural. É verdade que nenhum dos autores judeus, que não são econômicos ao relatar as glórias de Jerusalém, faz qualquer menção a este tanque de cura, e talvez a razão do silêncio a seu respeito se deva ao fato de que as curas ali realizadas eram interpretadas como um presságio de que a chegada do Messias estava próxima. E, por essa razão, aqueles que negaram que Ele estava para chegar, habilmente ocultavam tal presságio de sua vinda. Portanto, isso é tudo o que temos a esse respeito. Observe:

(1) A preparação do remédio por um anjo, que descia ao tanque e agitava a água. Anjos são servos de Deus, e amigos da humanidade. E talvez sejam mais efetivos na eliminação de doenças (como os anjos maus em infligi-las) do que temos ciência. Rafael, o suposto nome de um anjo, significa *medicina Dei – remédio de Deus*, ou, mais exatamente, *médico*. Veja a que funções inferiores os santos anjos se submetem para o bem dos homens. Se fizermos a vontade de Deus, como fazem os anjos, devemos considerar que somente o pecado está abaixo de nós. A agitação da água era o sinal dado da descida do anjo, como a marcha pelas copas das amoreiras fora para Davi, e então eles deviam se apressar. As águas do santuário são então curativas quando postas em movimento. Os ministros devem despertar o dom que há em si mesmos. Quando eles são indiferentes e tediosos em seus ministérios, as águas se acalmam, e não são capazes de curar. O anjo descia, para agitar a água, não diariamente, talvez não freqüentemente, mas em um certo tempo. Alguns acreditam que o anjo descia por ocasião das três festas solenes, para abrilhantar aquelas cerimônias. Ou, de vez em quando, como a Sabedoria Infinita considerava adequado. Deus é independente ao conceder seus favores.

(2) A ação do remédio: fosse quem fosse o primeiro que ali entrasse, era curado. Eis aqui: [1] A milagrosa amplitude da virtude quanto às doenças

curadas. Qualquer que fosse a doença, essa água a curava. Banhos naturais e artificiais são tão prejudiciais em alguns casos quanto proveitosos em outros, mas este era um remédio para todas as enfermidades, até mesmo para aquelas que eram incuráveis. O poder dos milagres tem sucesso onde o da natureza sucumbe. [2] Uma milagrosa limitação da virtude quanto às pessoas curadas: aquele que entrasse primeiro tinha a recompensa, isto é, aquele ou aqueles que entrassem imediatamente eram curados, não aqueles que demoravam e entravam depois. Isso nos ensina a observar e a aproveitar nossas oportunidades, e a estarmos atentos, para que não deixemos escapar um momento que pode nunca mais voltar. O anjo agitava as águas, mas os doentes tinham que entrar por sua própria conta. Deus introduziu virtude nas Escrituras e nas ordenanças, pois Ele deseja nos curar, mas, se não fizermos o uso devido destas, não seremos curados, por nossa própria culpa.

E esta é toda descrição que temos desse milagre permanente. É indeterminado quando ele começou e quando cessou. Alguns presumem que ele começou quando Eliasibe, o sumo sacerdote, iniciou a construção do muro em volta de Jerusalém, e o santificou com uma oração, e que Deus afirmou sua aceitação ao conceder essa virtude ao tanque adjacente. Alguns pensam que ele começou naqueles dias, por ocasião do nascimento de Cristo. Enquanto outros entendem que este início ocorreu em seu batismo. O Dr. Lightfoot, ao encontrar em Josefo, *Antiq*., liv. 15, cap. 7, menção de um grande terremoto no sétimo ano de Herodes, trinta anos antes do nascimento de Cristo, supôs, visto que ali costumavam acontecer terremotos durante a descida dos anjos, que esta foi a ocasião em que o primeiro anjo desceu para agitar essa água. Alguns pensam que cessou com esse milagre, outros, com a morte de Cristo. Contudo, é certo que teve um significado piedoso. Em primeiro lugar, era um símbolo da boa vontade de Deus para com aquelas pessoas, e um indício de que, embora eles estivessem há muito sem profetas e milagres, ainda assim Deus não os havia rejeitado. Embora eles fossem agora pessoas oprimidas e desprezadas, e muitas estivessem prontas para dizer: “O que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram?”, Deus, através disso, os fez saber que Ele ainda tinha um beneficio para a cidade das solenidades deles. Nós podemos, através disso, aproveitar a ocasião para reconhecer com gratidão o poder e a bondade de Deus nas águas minerais, que tanto contribuem para a saúde da

humanidade, pois Deus fez as fontes das águas, Apocalipse 14.7. Em segundo lugar, era uma figura do Messias, que é a fonte acessível, e destinava-se a aumentar as expectativas das pessoas sobre aquele que é o Sol da Justiça, que surge com a cura sob suas asas. Essas águas haviam sido usadas antigamente para purificar, agora para curar, para significar tanto a purificação quanto a virtude curativa do sangue de Cristo, aquele banho incomparável, que cura todas as nossas doenças. As águas de Siloé, que enchiam esse tanque, representavam o reino de Davi e de Cristo, o Filho de Davi (Is 8.6). De maneira adequada, então, eles têm agora essa virtude soberana introduzida em si mesmos. A lavagem da regeneração é para nós como o tanque de Betesda, curando nossas doenças espirituais, não em certas épocas, mas sempre. Quem quiser, venha.

III O paciente em quem essa cura foi realizada (v. 5): “Um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo”. 1. Sua doença era dolorosa: ele tinha uma enfermidade, uma fraqueza. Ele havia sido privado do uso de seus membros, ao menos em um lado, como é habitual nas paralisias. É triste ter o corpo tão incapacitado que, em vez de ser o instrumento da alma, ele se torna, até mesmo nos afazeres desta vida, seu fardo. Que razão, então, temos para agradecer a Deus pela força física! Devemos usá-la em prol da obra do Senhor, apiedando-nos daqueles que são prisioneiros das enfermidades. 2. A duração da sua enfermidade era fatigante: “Trinta e oito anos”. Ele estava aleijado durante mais tempo do que muitos vivem. Muitos estão tanto tempo incapacitados para as funções da vida, que, como se queixa o salmista, eles parecem ter sido criados em vão; para sofrer, não para trabalhar; nascidos para estarem sempre agonizando. Será que devemos reclamar de uma noite exaustiva, do ataque de uma enfermidade, nós, que, talvez durante muitos anos, raramente soubemos o que era ficar doente por um dia, enquanto muitas pessoas, melhor do que nós, mal conheceram o que era estar bem por um dia? A nota do Sr. Baxter a respeito deste parágrafo é muito comovente: “Que grande misericórdia era viver trinta e oito anos sob a disciplina benéfica de Deus! Ó meu Deus,” disse o Sr. Baxter, “eu te agradeço pelos cinqüenta e oito anos em que tenho vivido sob uma disciplina semelhante. Como é segura uma vida como esta, quando comparada com uma vida repleta de riquezas e prazeres!”

IV O breve relato da cura e de suas circunstâncias, vv. 6-9.

1. Jesus o viu deitado. Observe que quando Cristo subiu a Jerusalém, Ele não visitou os palácios, mas sim os hospitais, o que é um exemplo de sua humildade, e condescendência, e carinhosa compaixão, e uma indicação do seu grande desígnio em vir ao mundo, que era buscar e salvar os doentes e feridos. Havia uma grande multidão de aleijados pobres aqui em Betesda, mas Cristo fixou seus olhos sobre este, e o separou dos demais, talvez porque ele fosse o mais velho da casa, e estivesse em uma condição mais deplorável do que qualquer um dos demais, e Cristo deleita-se em ajudar os necessitados, e "compadece-se de quem quer". Talvez os companheiros de tribulação desse paralítico o criticassem porque sua cura era freqüentemente frustrada. Por essa razão, Cristo tomou-o por seu paciente. A glória do Senhor Jesus consiste em apoiar e fortalecer os mais fracos, e sustentar aqueles que estão mais fatigados.

2. Jesus sabia quanto tempo o doente estava nessa condição e levou isso em consideração. Aqueles que sofreram durante um longo tempo podem se confortar com o fato de que Deus registra quanto tempo, e conhece nossa disposição de espírito.

3. Ele lhe perguntou: "Queres ficar são?" Uma estranha pergunta feita a alguém que estava doente por tão longo tempo. Alguns realmente não sarariam, porque suas feridas contribuíam para que pudessem mendigar e serviam como um pretexto para sua ociosidade. Mas este homem pobre era incapaz tanto de ir mendigar quanto de trabalhar, e ainda assim Cristo o desafiou: (1) Para expressar sua própria piedade e preocupação por ele. Cristo é afetuosamente inquisitivo no que concerne aos desejos daqueles que estão aflitos, e está disposto a saber qual é o pedido destes: "Que quereis que eu vos faça?" (2) Para testar se ele seria agradecido por uma cura àquele contra quem as pessoas importantes eram tão preconceituosas e outras buscavam prejudicar. (3) Para ensiná-lo a dar valor à misericórdia, e para despertar nele paixão por ela. Nos casos espirituais, as pessoas não estão dispostas a serem curadas de seus pecados, e relutam em abrir mão deles. Se este ponto fosse então alcançado, se as pessoas estivessem dispostas a serem curadas, metade do trabalho estaria feito, pois Cristo está disposto a curar, basta apenas estarmos desejosos de ser curados, Mateus 8.3.

4. O pobre homem incapacitado aproveita essa oportunidade para renovar sua queixa e expor a angústia de seu caso, o que torna sua cura ainda mais gloriosa: “Senhor, não tenho homem algum que… me coloque no tanque”, v. 7. Ele parece interpretar a pergunta de Cristo como uma acusação de descuido e negligência: “Se tivesses intenção de ser curado, terias procurado melhor por teu êxito, e terias entrado na águas curativas há muito tempo”. “Não, Mestre”, disse o pobre homem, “não é por falta de boa vontade que ainda não fui curado, mas de um bom amigo. Eu tenho feito o que posso para me locomover, mas em vão, porque ninguém mais me ajuda”. (1) Ele não pensa em nenhum outro modo de ser curado senão através dessas águas, e não desejava um ato de amizade que não o ajudasse a chegar a elas, por isso, quando Cristo o curou, sua imaginação ou expectativa não puderam contribuir para que percebesse o benefício que estava prestes a receber, pois ele não imaginava tal coisa. (2) Ele se queixa da falta de amigos para ajudá-lo a entrar no tanque: “Não tenho homem algum, nenhum amigo para me fazer esse favor”. Pensar-se-ia que alguns daqueles que haviam sido curados deveriam tê-lo ajudado, mas é comum ao pobre ser desprovido de amigos, nenhum homem se importa com a alma deles. É um verdadeiro exemplo de caridade ajudar os doentes e incapazes naquilo que puder aliviá-los, e assim os pobres são capazes de ser caridosos uns com os outros, e deveriam ser assim, embora nós raramente encontremos quem seja assim. Eu o digo para sua vergonha. (3) Ele lamenta sua infelicidade, que se devia ao fato de que muito freqüentemente, quando ele estava chegando, alguém descia antes dele. Somente um passo entre ele e a cura, e ainda assim ele continua inválido. Ninguém tinha a bondade de dizer: “Seu caso é pior do que o meu. Entre você agora, e eu esperarei uma outra oportunidade”, pois nada supera a velha máxima: *Cada um por si mesmo*. Tendo se decepcionado tantas vezes, ele começa a se desesperar, e agora é a vez de Cristo vir para seu alívio. Ele se deleita em ajudar em casos irremediáveis. Observe como este homem fala moderadamente da crueldade dos outros para com ele, sem qualquer crítica mal-humorada. Como deveríamos ser gratos pela menor gentileza, assim deveríamos ser pacientes sob os maiores desprezos, e, quer sejam nossos ressentimentos sempre justos, ainda assim nossas manifestações devem sempre ser pacíficas. E além disso, observe, para o louvor desse paralítico, que, embora ele tenha esperado tanto tempo em vão, ainda assim ele continuou deitado ao lado do

tanque, esperando que em um momento ou em outro a ajuda viria, Habacuque 2.3.

5. Depois disso, nosso Senhor Jesus o cura pronunciando uma palavra, embora ele nem o pedisse e nem pensasse nisso. Aqui está:

(1) A palavra que Ele disse: “Levanta-te, toma tua cama”, v. 8. [1] Ele é convidado a levantar-se e caminhar. Uma estranha ordem a ser dada a um homem incapaz, que havia estado inválido por um longo tempo. Mas essa palavra divina seria o instrumento de um poder divino. Era uma ordem para que a doença se fosse, para que a natureza se fortalecesse, mas é expressa para ele como uma ordem para que ele se pusesse em movimento. O homem deveria se levantar e caminhar, isto é, tentar fazer isso, e, na tentativa, ele deveria receber força para fazê-lo. A conversão de um pecador é a cura de uma doença crônica. Isto é normalmente feito pela palavra, uma palavra de ordem: “Levanta-te, e anda”. “Converta-se, e viva”. “Crie em si um coração novo”. Que não mais se creia em um poder em nós para fazer, sem a graça de Deus, a distinta graça, mais do que este suposto poder no impotente homem. Mas se ele não tivesse tentado ajudar a si mesmo, ele não teria sido curado, e teria que assumir a culpa. Mesmo assim, isto não implica em que quando ele se levantou e andou, foi através de sua própria força. Não, foi através do poder de Cristo, e ele deve receber toda a glória. Observe que Cristo não ordenou a ele: “Levanta-te e entra nas águas”, mas: “Levanta-te e anda”. Cristo fez por nós aquilo que a lei não pôde fazer, e a deixou de lado. [2] É ordenado que ele recolha sua cama. Em primeiro lugar, para demonstrar que aquela era uma cura perfeita, e puramente milagrosa, pois ele não recuperou sua força gradualmente, mas, da extremidade da fraqueza e impotência, repentinamente alcançou o mais alto grau da força física, de forma que ele era capaz de carregar uma grande carga como qualquer carregador que estivesse acostumado a isso há tanto tempo quanto ele estava desacostumado. Ele, que um minuto atrás não era capaz de se virar em sua cama, no minuto seguinte era capaz de carregar sua cama. O paralítico descrito no Evangelho de Mateus (Mt 9.6) recebeu ordem de ir para sua casa, mas provavelmente esse homem não tinha nenhuma casa para onde ir, o hospital era sua casa. Portanto, é lhe ordenado que se levante e ande. Em segundo lugar, para proclamar a cura e torná-la pública, porque, sendo sábado, quem quer que levasse uma carga pelas ruas seria muito notado, e todos indagariam qual era o significado disso. Através

disso, a notícia do milagre se espalharia, para a glória de Deus. Em terceiro lugar, Cristo assim testemunharia contra a tradição dos anciãos, que haviam estendido a lei do sábado para além das intenções originais, e mostraria igualmente que Ele era o Senhor do sábado, e tinha poder para fazer as alterações que lhe aprouvessem a esse respeito, e para anular a lei. Josué e o exército de Israel marcharam sobre Jericó em um dia de sábado, quando Deus lhes ordenou, e, da mesma forma, este homem carregou sua cama, em obediência a uma ordem. A situação poderia ser tal que, carregar uma cama no sábado poderia se tornar uma obra de misericórdia. Mas aqui era mais, era uma obra de devoção, sendo concebida puramente para a glória de Deus. Em quarto lugar, Jesus testaria, por meio disso, a fé e a obediência de seu paciente. Ao carregar sua cama publicamente, ele se expunha à reprovação do tribunal eclesiástico, e estava sujeito, pelo menos, a ser açoitado na sinagoga. Nessas circunstâncias, irá ele se arriscar a isso em obediência a Cristo? Sim, ele se arriscará. Aqueles que foram curados pela palavra de Cristo devem ser governados por sua palavra, por mais que isso lhes custe.

(2) A eficácia da palavra de Cristo (v. 9): um poder divino a acompanhava, e imediatamente ele "ficou são, e tomou a sua cama, e partiu". [1] Ele sentiu o poder da palavra de Cristo curando-o: "Logo, aquele homem ficou são". Que feliz surpresa foi para o pobre aleijado descobrir-se de repente tão confortável, tão forte, tão capaz de locomover-se! Em que mundo novo estava ele, em apenas um instante! Nada é muito difícil para Cristo fazer. [2] Ele obedeceu ao que o poder da palavra de Cristo lhe ordenou. Ele tomou sua cama e andou, e não se importou com quem o culpou ou o ameaçou por isso. A prova de nossa cura espiritual é nosso levantar e andar. Cristo curou nossas doenças espirituais? Devemos ir onde quer que Ele nos enviar, e aceitar o que lhe agradar planejar para nós, e caminhar adiante dele.

V O que aconteceu com o pobre homem depois que ele foi curado. Aqui nos é dito:

1. O que ocorreu entre ele e os judeus que o viram carregar sua cama no sábado. A cura foi realizada no sábado, e este era o sábado da semana da páscoa, e, portanto um grande dia, cap. 19.31. A obra de Cristo era tal, que ele não precisava estabelecer qualquer diferença entre os dias de sábado e

outros dias, porque Ele estava sempre ocupado com os interesses de seu Pai. Entretanto, Ele realizou muitas curas notáveis no sábado, talvez para encorajar sua igreja a esperar dele, pela observância do dia de repouso cristão*, aqueles favores espirituais que eram caracterizados por suas curas milagrosas. Aqui:

(1) Os judeus discutiram com o homem por carregar sua cama no dia de sábado, dizendo-lhe que isso não era lícito, v. 10. Não está claro se eles eram magistrados, que tinham poder para puni-lo, ou pessoas simples, que só poderiam denunciá-lo, mas era louvável que, embora não soubessem sob qual autoridade ele estivesse agindo daquele modo, eles estivessem zelosos para com a honra do sábado, e não pudessem, com indiferença, vê-lo profanado, como Neemias, Neemias 13.17.

(2) O homem justificou-se no que fez através de uma autoridade que o apoiava, v. 11. “Eu não faço isso com desprezo à lei e ao sábado, mas em obediência a quem, ao me curar, deu-me uma incontestável prova de que é maior do que qualquer um deles. Aquele que pode realizar um milagre como o de me curar, sem dúvida, pode me dar uma ordem para carregar minha cama. Aquele que pode dominar as forças da natureza, sem dúvida, pode prevalecer sobre uma lei positiva, especialmente em uma situação que não estava relacionada à essência da lei. Aquele que foi tão generoso em me curar não seria tão cruel em ordenar que eu fizesse algo pecaminoso”. Cristo, ao curar outro paralítico, demonstrou seu poder para perdoar os pecados, e aqui, para legislar. Se seus perdões são válidos, suas ordens também são, e seus milagres comprovaram ambas as coisas.

(3) Os judeus perguntaram ainda quem lhe dera essa ordem (v.12): “Quem é o homem?” Observe quão habilmente eles ignoraram aquilo que poderia ser um forte motivo para sua fé em Cristo. Eles perguntaram, não por curiosidade: “Quem é esse que te curou?” Embora eles habilmente entendessem aquilo que poderia ser uma base para uma reflexão sobre Cristo (“Quem é o homem que te disse: Toma a tua cama e anda?”), eles, de bom grado, intimariam o paciente a ser uma testemunha contra seu médico, e a ser seu traidor. Em suas perguntas, observe que: [1] Eles decidem olhar Cristo como um mero homem: “Quem é o homem?” Pois, embora Ele já tivesse dado todas as provas convincentes de que era o Filho de Deus, eles haviam decidido que nunca o reconheceriam como tal. [2] Eles resolvem olhar para Ele como um homem mau, e dão como certo que aquele que

ordenou que esse homem carregasse sua cama, qualquer que fosse a autorização divina que pudesse apresentar, era certamente um infrator da lei, e, como tal, eles decidem processá-lo. “Que homem é esse que se atreve a dar tais ordens?”

(4) O pobre homem não tinha condições de prestar-lhes qualquer esclarecimento sobre Jesus: “O que fora curado não sabia quem [Ele] era”, v. 13.

[1] Cristo, quando o curou, era um desconhecido para ele. Provavelmente, ele havia ouvido falar do nome de Jesus, mas não nunca o tinha visto, e por isso não podia dizer que aquele era Ele. Note que Cristo concede muitos favores para aqueles que não o conhecem, Isaías 45.4,5. Ele nos instrui, fortalece, anima, conforta, e nós não sabemos quem Ele é, nem temos consciência do quanto recebemos diariamente através da sua mediação. Esse homem, que desconhecia Cristo, não podia realmente crer que receberia uma cura da parte dele, mas Cristo conhecia as características de sua alma e adequou seu ato de generosidade a elas, como fez para o homem cego em um caso semelhante, cap. 9.36. Nossa aliança e nossa comunhão com Deus originam-se não tanto de nosso conhecimento a respeito dele, mas do conhecimento que Ele tem a respeito de cada um de nós. Nós conhecemos a Deus, ou melhor, somos conhecidos dele, Gálatas 4.9.

[2] Por um determinado período, o Senhor Jesus se manteve incógnito, pois logo que realizou a cura, Ele se retirou. Ele se fez incógnito (assim alguns interpretam), “em razão de naquele lugar haver grande multidão”. Isto é mencionado para mostrar, ou, em primeiro lugar, como Cristo se retirou – misturando-se à multidão, para não ser distinguido de uma pessoa comum. Aquele que era freqüentemente o comandante de milhões de milhões se fez um na multidão. É, às vezes, o destino daqueles que se notabilizam por suas obras serem nivelados à multidão, e passarem despercebidos. Ou, em segundo lugar, que Ele se retirou porque naquele lugar havia uma grande multidão, e Ele habilmente evitou tanto a aclamação daqueles que ficaram admirados com o milagre, e o exaltariam, quanto a crítica daqueles que o reprovariam como um profanador do sábado, e o perseguiriam. Aqueles que são produtivos para Deus em sua geração devem esperar passar de uma reputação boa a uma reputação ruim, e é muito sábio evitar a ambos, para que não sejamos exaltados por um, e desvalorizados pelo outro, acima da medida. Cristo deixou que o próprio

milagre o glorificasse, e que o homem em quem foi realizado o justificasse.

2. O que se passou entre o homem dantes enfermo e nosso Senhor Jesus em seu encontro posterior, v. 14. Observe aqui:

(1) Onde Cristo o encontrou: “no templo”, o lugar público de adoração. Em nosso comparecimento aos cultos públicos, podemos esperar nos encontrar com Cristo, e aperfeiçoar nossa intimidade com Ele. Observe: [1] Cristo foi ao Templo. Embora Ele tivesse muitos inimigos, ainda assim Ele apareceu em público, porque ali Ele prestava seu testemunho às instituições divinas, e tinha a oportunidade de fazer o bem. [2] O homem que fora curado foi ao Templo. Lá, Cristo o encontrou, ao que parece, no mesmo dia em que ele fora curado. Para lá, ele fora diretamente, em primeiro lugar, porque ele, devido à sua enfermidade, havia sido por muito tempo impedido de entrar naquele lugar. Talvez ele não tivesse estado ali por trinta e oito anos, e, por essa razão, tão logo o embargo é cancelado, sua primeira visita será ao Templo, como declara Ezequias que será a sua (Is 38.22): “Qual será o sinal de que hei de subir à Casa do Senhor? Em segundo lugar, porque ele tinha, devido à sua recuperação, uma boa missão para cumprir ali. Ele subiu ao Templo para agradecer a Deus pela sua recuperação. Quando, a qualquer tempo, Deus tiver restaurado nossa saúde, nós devemos nos ocupar naquilo que é dele com louvores solenes (Sl 116.18,19), e quanto antes melhor, enquanto o sentimento de misericórdia é recente. Em terceiro lugar, porque, ao carregar sua cama, ele parecia ter desprezado sábado. Desta maneira, ele mostraria que tinha respeito por ele, e que estava consciente da santificação do sábado naquilo em que sua ênfase principal estava apoiada, que é a adoração pública a Deus. Obras inadiáveis de misericórdia são permitidas, porém, quando elas estiverem terminadas, nós devemos ir para o templo.

(2) O que Jesus lhe disse. Quando Cristo nos cura, há outras coisas que precisam ser feitas. Ele agora se dedica à cura da alma do homem, e também o faz pela palavra. [1] Ele lhe dá uma lembrança de sua cura: “Eis que já estás são”. Ele se achava são, mesmo assim Cristo chama a atenção dele para isso. Contemple, considere seriamente quão rápida, quão estranha, quão barata, e quão confortável foi a cura. Aprecie-a. Contemple-a e maravilhe-se. Lembre-se dela. Permita que as impressões dela permaneçam, e nunca se percam, Isaías 38.9. [2] Ele lhe dá um aviso sobre o pecado, considerando-o: “Já estás são; não peques mais”. Isto indica que sua doença

era uma punição pelo pecado. Se por algum pecado muito escandaloso, ou apenas pelo pecado em geral, não temos como saber, porém sabemos que o pecado, às vezes, é a causa que induz a doença, Salmos 107.17,18. Alguns comentam que Cristo não fez menção de pecado a nenhum de seus pacientes, exceto a este homem incapaz e a outro que estava doente da mesma forma, Marcos 2.5. Enquanto essas doenças crônicas permaneciam, elas impediam a exteriorização de muitos atos pecaminosos, e por isso, quando a deficiência era eliminada, o cuidado era ainda mais necessário. Cristo revela que aqueles que são curados, que são libertados da presente punição concreta pelo pecado, correm o risco de voltar a pecar quando o medo e a moderação terminarem, a não ser que a graça divina seque a fonte. Quando o aborrecimento que apenas represava a correnteza acaba, as águas retornam ao seu curso anterior, e por esse motivo há uma grande necessidade de vigilância, para que, após a cura pela misericórdia, não retornemos outra vez à loucura. O sofrimento do qual fomos curados nos alerta para não mais pecarmos, tendo sentido a dor do pecado. O perdão pelo qual fomos curados é um compromisso de não escandalizarmos aquele que nos curou. Esta é a orientação de toda providência: “Vai-te e não peques mais”. Este homem começou sua nova vida muito esperançosamente no Templo, mesmo assim Cristo achou necessário transmitir-lhe este aviso, pois é comum que as pessoas, quando estão doentes, prometam muito, e quando recém-curadas, façam alguma coisa, mas após algum tempo, esqueçam de tudo. [3] Jesus o adverte do risco, caso ele retornasse à sua antiga rotina pecaminosa: “Para que te não suceda alguma coisa pior”. Cristo, que conhece o coração de todos os homens, sabia que este era um homem que devia temer o pecado. Seria de se pensar que ser aleijado por trinta e oito anos era algo suficientemente ruim. Ainda assim, há algo pior que lhe acontecerá se ele reincidir no pecado, após Deus lhe ter dado um livramento como este, Esdras 9.13,14. O local onde ele se deitava era um local melancólico, mas o inferno é muito mais. A condenação dos apóstatas é algo muito pior do que uma deficiência física de trinta e oito anos.

VI Agora, depois deste encontro entre Cristo e seu paciente, observe nos dois versículos que se seguem: 1. O anúncio que o pobre homem simples fez aos judeus concernente a Cristo, v. 15. Ele “foi e anunciou aos

judeus que Jesus era o que o curara". Temos motivo para pensar que ele planejou isto para a honra de Cristo e o benefício dos judeus, não imaginando que aquele que tinha tanto poder e bondade pudesse ter quaisquer inimigos. Mas aqueles que querem o bem do reino de Cristo devem ter a prudência da serpente, para que não façam mais mal do que bem com seu zelo, e não deitem pérolas aos porcos. 2. A ira e a hostilidade dos judeus contra ele: "Por essa causa, os judeus perseguiram Jesus". Veja: (1) Como era absurda e irracional a hostilidade deles para com Cristo. "Por essa causa", porque Ele havia curado um pobre doente, e assim aliviado o fardo público, às custas do qual é provável que ele havia subsistido. "Por essa causa", eles o perseguiam, porque Ele praticava o bem em Israel. (2) Como isso era sangrento e cruel: eles "procuravam matá-lo". Nada menos do que seu sangue, sua vida, os satisfaria. (3) Como isso era disfarçado com uma aparência de zelo pela honra do sábado, pois este fora o pretenso crime: "Porque [Ele] fazia essas coisas no sábado", como se esta particularidade bastasse para invalidar as melhores e mais divinas ações, e para tornar odioso aquele cujas obras eram, pelo contrário, as mais meritórias. Dessa maneira, os hipócritas muitas vezes acobertam sua verdadeira hostilidade contra o poder da Divindade, através de um falso zelo pela forma desta.

A Discussão de Cristo com os Judeus. Todo Julgamento Foi Entregue a Cristo. O Privilégio Cristão

vv. 17-30

Temos aqui a dissertação de Cristo na ocasião em que foi acusado de ser um infrator do sábado, e esta parece ser a justificativa que o Senhor apresentou perante o Sinédrio, quando foi acusado perante eles. Ela pode ter sido expressa no mesmo dia, e não parece ter sido expressa dois ou três dias depois. Provavelmente, foi no mesmo dia. Observe:

I A doutrina formulada, através da qual Jesus justificou o que fez no dia de sábado (v. 17): Ele "lhes respondeu". Isto sugere a possibilidade de Ele ter sido acusado de alguma coisa. Ou Ele sabia o que eles sugeriram uns aos outros, quando procuravam matá-lo (v. 16), e deu esta resposta: "Meu Pai

trabalha até agora, e eu trabalho também". Em outras ocasiões, em resposta a uma acusação similar, o Senhor lembrou o exemplo de Davi, que comeu o pão da proposição, que pertencia aos sacerdotes que imolavam os sacrifícios, e também o povo dando de beber ao gado no sábado. Porém, aqui Ele vai mais longe e alega o exemplo do seu Pai e sua autoridade divina. Renunciando a todas as outras alegações, Ele insiste naquela que seria *instar omnium – equivalente ao todo*, e mantém-se fiel àquela que Ele havia mencionado em Mateus 12.8: "O Filho do Homem até do sábado é Senhor". Mas aqui Ele a amplia. 1. Ele declara abertamente que é o Filho de Deus, ao chamar Deus de seu Pai, e, sendo assim, sua santidade era inquestionável, e sua soberania era incontestável, e Ele podia fazer a alteração que quisesse na lei divina. Com certeza, eles respeitarão o Filho, o herdeiro de tudo. 2. Ele declara que trabalha junto a Deus. (1) "Meu Pai trabalha até agora". O exemplo do descanso de Deus no sétimo dia, de todo o seu trabalho, está no quarto mandamento e serve como base para nós o guardarmos como o sábado ou o dia de descanso. Agora Deus simplesmente descansava de trabalho semelhante, da mesma forma como fizera nos seis dias anteriores. Porém, Ele trabalha até hoje, Ele está trabalhando todos os dias, dias de sábado e dias da semana, cuidando e regendo todas as criaturas e contribuindo para sua própria glória, através de sua providência universal para todos os movimentos e atividades da natureza. Por isso, quando nos é ordenado que descansemos no dia de repouso, ainda assim não somos impedidos de fazer aquilo que tem a finalidade de glorificar a Deus, como tinha o homem ao carregar sua cama. (2) "Eu trabalho também", Não apenas por isso eu posso trabalhar, como Ele, fazendo o bem nos dias de sábado como nos outros dias, mas eu também trabalho com Ele. Assim como Deus criou todas as coisas através de Cristo, da mesma forma Ele sustenta e governa tudo através dele, Hebreus 1.3. Isto coloca o que Ele faz acima de qualquer contestação. Aquele que é um trabalhador tão formidável deve necessariamente ser um regente incontrolável. Aquele que faz tudo é o Senhor de tudo, e, portanto, Senhor do sábado, tem este poder especial e autoridade que agora afirma ter. E Ele estava a ponto de mostrar ainda mais estes atributos, na mudança do dia do repouso, do sétimo dia da semana para o primeiro dia da semana.

II O escândalo que sua doutrina causou (v. 18): “Os judeus ainda mais procuravam matá-lo”. Sua defesa se tornou seu escândalo, como se, ao se justificar, Ele tivesse tornado o ruim pior. Note que aqueles que não forem iluminados pela palavra de Cristo, se enfurecerão e exasperarão por causa dela, e nada mais atormenta os inimigos de Cristo do que Ele declarar sua autoridade. Veja Salmos 2.3-5. Eles procuravam matá-lo:

1. Porque Ele havia quebrantado o sábado, pois o que quer que Ele diga em sua própria justificação, eles estão resolvidos, seja certo ou errado, a julgá-lo culpado por quebrantar o sábado. Quando a maldade e a inveja fazem o julgamento, a razão e a justiça podem muito bem permanecer caladas no tribunal, pois o que quer que elas possam dizer será, sem dúvida, rejeitado.

2. Não somente isto, mas Ele também havia dito que Deus era seu Pai. Agora, eles fingem que têm zelo pela honra de Deus, como fizeram antes pelo sábado, e acusam a Cristo disso, como se o fato de Ele ter se igualado a Deus fosse um crime monstruoso. Porém, um crime monstruoso teria sido se Ele realmente não o fosse. Este foi o pecado de Lúcifer: “Serei semelhante ao Altíssimo”. E: (1) Isto foi, de maneira correta, inferido do que Ele disse, que Ele era o Filho de Deus, e que Deus era seu Pai, *patera idion – seu próprio Pai*. Seu, como se Ele não fosse de mais ninguém. Ele havia dito que trabalhava com seu Pai, pela mesma autoridade e poder, e, por meio disto, Ele se fez igual a Deus. *Ecce intelligunt Judaei, quod non intelligunt Ariani – Eis que os judeus entendem o que os arianos não entendem*. (2) Ainda assim, o fato de Ele se igualar a Deus foi lhe injustamente atribuído como uma transgressão, pois Ele era e é Deus, igual ao Pai (Fp 2.6). E por isso, em resposta a esta acusação, Cristo não se opõe à insinuação como sendo artificial ou forçada, comprova sua afirmação e mostra que Ele é igual a Deus, em poder e glória.

III O sermão de Cristo sobre este caso, que continua, sem interrupção, até o fim do capítulo. Nestes versículos, Ele explica, e posteriormente confirma, sua autoridade como Mediador e embaixador no pacto entre Deus e o homem. E a glória que a Ele é conferida por meio disto é tal, que ninguém é digno de receber. Assim também o trabalho que por meio disto lhe é confiado é tal, que não é possível para qualquer ser humano levar a cabo, e, portanto, Ele é Deus, igual ao Pai.

1. Em geral. Ele é um com o Pai em tudo o que faz como Mediador, e havia um entendimento perfeitamente virtuoso entre Eles em todos os assuntos. Isto é introduzido com um prefácio solene (v. 19): “Na verdade, na verdade vos digo”. “Eu, o Amém, o Amém, o digo”. Isto implica em que as coisas declaradas são: (1) Muito impressionantes e notáveis, de tal maneira que exigem a mais solene atenção. (2) Muito confiáveis, de tal maneira que exigem um reconhecimento sincero. (3) Que estes são puramente assuntos de revelação divina, coisas que Cristo nos disse, e cujo conhecimento não alcançaríamos de outra forma. Duas coisas Ele diz, de forma geral, relativas à igualdade do Filho com o Pai quanto ao trabalho:

[1] Que o Filho age conforme o Pai (v. 19): “O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai”, pois o Filho faz tais coisas. O Senhor Jesus, como Mediador, é, em primeiro lugar, obediente, à vontade do seu Pai. Tão completamente obediente que Ele por si só não pode fazer coisa alguma, no mesmo sentido em que é dito: “Deus não pode mentir, não pode negar-se a si mesmo”, o que expressa a perfeição de sua verdade, não qualquer imperfeição em sua força. Assim aqui, Cristo era tão inteiramente devotado à vontade de seu Pai, que era impossível para Ele agir separadamente em qualquer coisa. Em segundo lugar, Ele pratica o desígnio do seu Pai. Ele não pode fazer, e não fará nada, exceto o que vir seu Pai fazer. Ninguém pode descobrir a obra de Deus, mas o Filho unigênito, que repousava em seu seio, vê o que Ele faz, está intimamente familiarizado com seus desígnios e tem os planos destes sempre diante de si. O que Ele fez como Mediador, ao longo de todo o seu empreendimento, era a transcrição exata ou a reprodução do que fez o Pai. Ou seja, o que Ele planejou, quando criou o plano da nossa redenção em seus desígnios eternos, e determinou esses padrões em todas as coisas. Estes padrões nunca poderiam ser violados, e jamais precisariam ser modificados. Era a cópia do notável original. A fidelidade de Cristo, como foi a de Moisés, levou-o a fazer tudo de acordo com o modelo que lhe fora mostrado no monte. Isto está expresso no tempo presente, que Ele vê o Pai fazer. Por esta razão, quando Ele esteve aqui na terra, foi dito: Ele está no céu (cap. 3.13), e está no seio do Pai (cap. 1.18). Por sua natureza divina, o Senhor também estava, na mesma hora, completamente ciente daquilo que se passava no céu. O Filho tinha sempre em vista aquilo que o Pai planejou e designou, e já o tinha em vista quando Davi, em espírito, falava dele: “Tenho posto o

Senhor continuamente diante de mim", Salmos 16.8. Em terceiro lugar, ainda assim, Ele é igual ao Pai ao trabalhar, pois sejam quais forem as coisas que o Pai faz, essas também o Filho faz: "Tudo quanto ele [o Pai] faz, o Filho o faz igualmente". Ele fazia as mesmas coisas, não coisas similares, mas *tauta*, as *mesmas* coisas, e Ele as fazia da mesma forma, *homoios*, *igualmente*, com a mesma autoridade, liberdade e sabedoria, com a mesma energia e eficácia. O Pai decreta, rejeita e altera leis positivas? Ele desconsidera o curso da natureza e conhece os corações dos homens? Da mesma forma, o Filho. O poder do Mediador é o poder divino.

[2] Que o Pai se comunica com o Filho, v. 20. Observe:

Em primeiro lugar, a indução a isso: "O Pai ama ao Filho". Ele afirmou: "Este é o meu Filho amado". Ele não tinha apenas boa vontade para com a empreitada, mas uma infinita complacência com o empreiteiro. Cristo era agora odiado pelos homens, alguém que as nações abominavam (Is 49.7), mas Ele se consolava com o fato de saber que seu Pai o amava.

Em segundo lugar, os exemplos do seu amor. Ele o mostra: 1. Naquilo que comunica ao Filho: Ele "mostra-lhe tudo o que [Ele próprio] faz". As leis do Pai ao fazer e governar o mundo são mostradas ao Filho, para que Ele possa utilizar as mesmas ações ao compor e dirigir a igreja, cujo trabalho devia ser uma duplicação da obra da criação e da providência, e é por causa disso chamado "o mundo futuro". Ele lhe mostra todas as coisas *ha autos poiei – que ele faz*, isto é, que o Filho faz, assim pode ser interpretado. Tudo que o Filho faz é por orientação do Pai. Ele lhe mostra. 2. Naquilo que Ele comunicará. Ele lhe mostrará, isto é, o designará e orientará a fazer obras mais notáveis do que estas. (1) Obras de maior poder do que a cura do homem incapaz, pois ele devia ressuscitar os mortos, e devia ressuscitar a si mesmo dos mortos. Através do poder natural, com o uso de recursos, uma doença pode ser curada a tempo, mas a natureza não podia jamais, pela utilização de qualquer meio, em qualquer tempo, ressuscitar os mortos. (2) Obras de maior autoridade do que autorizar o homem a carregar sua cama no sábado. Eles consideravam isto um ousado atentado, mas o que era isto, comparado com a revogação de toda a lei cerimonial e instituição de novas leis que Ele traria em breve: "Para que vos maravilheis!" Neste momento, eles contemplavam as obras de Jesus com desprezo e indignação, porém em breve Ele faria coisas que eles contemplariam com admiração, Lucas 7.16. Muitos são levados a se maravilhar com as obras de Cristo, pelas quais a

glória lhe pertence, que não são persuadidos a crer, o que lhes traria os benefícios delas.

2. Em particular. Ele demonstra sua igualdade com o Pai ao descrever algumas das obras que realiza e que são obras específicas de Deus. Esta lista é expandida, vv. 21-30. Ele faz, e fará, aquilo que seja trabalho relativo ao soberano domínio e jurisdição de Deus – julgar e exercer o juízo, vv. 22-24,27. Estes dois temas estão entrelaçados, estando quase unidos, e o que é dito uma vez, é repetido e incutido. Coloque os dois juntos e eles demonstrarão que aquilo que Cristo disse, quando se igualou a Deus, o Pai, era absolutamente correto.

(1) Observe o que é dito aqui quanto ao poder do Mediador de ressuscitar os mortos e dar vida. Veja: [1] Sua autoridade para fazê-lo (v. 21): "Assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer". Em primeiro lugar, é prerrogativa de Deus ressuscitar os mortos e dar a vida, e foi Ele o primeiro que soprou no homem o fôlego da vida, e assim o fez alma vivente. Veja Deuteronômio 32.30; 1 Samuel 2.6; Salmos 68.20; Romanos 4.17. Através dos profetas Elias e Eliseu, Deus ressuscitou mortos, e isso foi uma confirmação da missão deles. A ressurreição dos mortos nunca se encaixou no caminho habitual da natureza, nem jamais coube no pensamento daqueles que estudaram apenas a extensão do poder da natureza, dos quais um dos axiomas admitidos foi apontado abertamente contra ela: *A privatione ad habitum non datur regressus – A existência, ao ser apagada, não pode ser reacendida.* Por isso, a ressurreição era ridicularizada em Atenas como uma coisa absurda, Atos 17.32. Ela ocorre genuinamente por obra do poder divino e pelo conhecimento dele. O conhecimento da ressurreição ocorre, genuinamente, por meio de uma revelação divina. Os judeus, entretanto, reconheciam a ressurreição. Em segundo lugar, o Mediador é investido desta prerrogativa: Ele "vivifica aqueles que quer", ressuscita a quem lhe agrada, e quando lhe agrada. Ele não vivifica as coisas por necessidade natural, como faz o sol, cujos raios de luz, como se sabe, fazem reviver. Não obstante, Ele age como um agente livre, tem a concessão de seu poder em sua própria mão, e não é jamais constrangido ou reprimido em sua utilização. Assim, como Ele tem o poder, da mesma forma tem a sabedoria e a soberania de Deus, tem "as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18), não como um servo, para abrir e fechar como lhe é ordenado, pois Ele a tem

como a chave de Davi, da qual ele é dono, Apocalipse 3.7. Um príncipe absoluto é descrito por meio da seguinte frase (Dn 5.19): “A quem queria matava e a quem queria dava a vida”. Isto é verdadeiro para Cristo, sem exagero.

[2] Sua capacidade de ressuscitar mortos. Ele tem poder para ressuscitar a quem quiser, assim como faz o Pai, pois Ele tem vida em si mesmo, assim como o Pai, v. 26. Em primeiro lugar, é certo que “o Pai tem a vida em si mesmo”. Ele não apenas é um Ser auto-existente, que não descende ou depende de nenhum outro (Êx 3.14), mas também é o soberano doador da vida. Ele tem o controle da vida em si mesmo, e de todo o bem (pois, às vezes, isto é o que a vida significa). Tudo adveio dele, e é dependente dele. Ele é, para suas criaturas, a fonte da vida, e de todo o bem; criador de suas existências e bem-estar; o Deus vivo, e o Deus de tudo o que vive. Em segundo lugar, é igualmente certo que Ele “deu… ao Filho ter a vida em si mesmo”. Assim como o Pai é o progenitor de toda a vida natural e de todo o bem, sendo o grande Criador, da mesma maneira, o Filho, como o Redentor, é o progenitor de toda a vida espiritual e de todo o bem. Ele é para a igreja, aquilo que o Pai é para o mundo. Veja 1 Coríntios 8.6; Colossenses 1.19. O reino da graça, e toda a vida nesse reino, estão tão inteira e absolutamente nas mãos do Redentor como o reino da providência está nas mãos do Criador. E como Deus, que dá vida a todas as coisas, é o dono de sua própria existência, da mesma forma Cristo, que dá a vida, ressuscitou a si mesmo para a vida através de seu próprio poder, cap. 10.18.

[3] Seu comportamento de acordo com essa autoridade e capacidade. Tendo a vida em si mesmo, e sendo autorizado a ressuscitar a quem quiser, em virtude disso há, de forma correspondente, duas ressurreições realizadas através de sua poderosa palavra, sobre as quais se comenta aqui:

Em primeiro lugar, uma ressurreição que, nas presentes condições, é (v. 29) uma ressurreição da morte do pecado para a vida da justiça, pelo poder da graça de Cristo. “Vem a hora, e agora é”. É uma ressurreição já iniciada, e que deve ser levada mais adiante, quando os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus. Esta ressurreição é claramente diferenciada daquela no versículo 28, que fala da ressurreição no fim dos tempos. Este versículo nada diz, ao contrário daquele, sobre os mortos quanto aos seus méritos, sobre todos eles, e seus destinos. Agora: 1. Alguns pensam que isto se cumpriu naqueles a quem Ele milagrosamente ressuscitou: a filha de Jairo,

o filho da viúva e Lázaro, e é visível que a todos a quem Cristo ressuscitou, fo ilhes dito no momento: “Menina… levanta-te”; “Jovem… Levanta-te”; “Lázaro, vem para fora”. Enquanto aqueles ressuscitados sob o Antigo Testamento foram ressuscitados, não através de uma palavra, mas por outros mecanismos, 1 Reis 17.21; 2 Reis 4.34; 13.21. Alguns entendem isso como relativo aos santos que ressuscitaram com Cristo, mas não lemos a respeito da voz do Filho de Deus chamando-os. Porém: 2. Eu prefiro entendê-lo como relativo ao poder da doutrina de Cristo, pela recuperação e ressurreição daqueles que estavam mortos em ofensas e pecados, Efésios 2.1. Estava chegando a hora quando almas mortas seriam vivificadas pela pregação do Evangelho e pelo espírito de vida de Deus que o acompanha. Talvez fosse assim naquele tempo, enquanto Cristo estava sobre a terra. Isto pode se referir especialmente ao chamado dos gentios, do qual se diz que é como a ressurreição dos mortos, e, pensam alguns, fora representado previamente pela visão de Ezequiel (Ez 37.1), e profetizado: “Os teus mortos viverão”, Isaías 26.19. Mas isto deve ser aplicado a todo o maravilhoso sucesso do Evangelho entre os judeus e os gentios. Uma hora que agora é, e que ainda está chegando, até que todos os eleitos sejam efetivamente chamados. Note que: (1) Os pecadores estão espiritualmente mortos, destituídos de vida, consciência, força e impulsos espirituais, mortos para Deus, infelizes, porém inconscientes de sua desgraça e incapazes de saírem por si mesmos desta condição. (2) A conversão de uma alma a Deus é sua ressurreição da morte para a vida. Ela começa a viver quando começa a viver para Deus, a viver de acordo com Ele, e caminhar em direção a Ele. (3) É pela voz do Filho de Deus que almas são ressuscitadas para a vida espiritual. Isto é realizado pelo seu poder, e esse poder é transmitido e comunicado por sua palavra: “Os mortos ouvirão”, serão compelidos a ouvir, a entender, aceitar e crer na voz do Filho de Deus, a ouvi-la como a voz dele. Depois o Espírito, através dela, dá a vida. Por outro lado, a letra mata. (4) A voz de Cristo deve ser ouvida por nós, para que possamos viver por ela. Aqueles que ouvem e atentam para o que ouvem, viverão. “Ouvi, e a vossa alma viverá”, Isaías 55.3.

Em segundo lugar, é uma ressurreição ainda por vir. Isto é dito nos versículos 28 e 29, e introduzido com as palavras: “’Não vos maravilheis disso’, do que eu disse sobre a primeira ressurreição, não o rejeitai como inacreditável e absurdo, pois no fim dos tempos, todos vereis uma prova

mais concreta e maravilhosa do poder e autoridade do Filho do homem". Assim como sua própria ressurreição estava reservada para ser a prova final e conclusiva de sua designação pessoal, a ressurreição de todos os homens está reservada para ser uma prova semelhante de sua designação, e será executada pelo seu Espírito. Neste momento, observe aqui:

a. Quando será essa ressurreição: "Vem a hora". Ela é pré-determinada, este encontro marcado é bastante exato. O julgamento não está adiado *sine die – para algum momento ainda não escolhido*. Não, Ele marcou um dia. "Vem a hora". (*a*) Ainda não chegou, não é a hora de que se fala no versículo 25, que é chegada, e agora é. Erraram perigosamente aqueles que disseram que a ressurreição era já feita, 2 Timóteo 2.18. Mas: (*b*) Com certeza virá, ela está avançando; está a cada dia mais próxima do que antes; está à porta. A que distância está, nós não sabemos, porém sabemos que ela está infalivelmente definida e inalteravelmente determinada.

b. Quem será ressuscitado: "Todos os que estão nos sepulcros", todos os que morreram desde o início dos tempos, e todos os que morrerão até o fim dos tempos. Foi dito (Dn 12.2): "Muitos... ressuscitarão". Cristo nos fala aqui que aqueles muitos serão todos. Todos terão que comparecer diante do Juiz, e por isso todos devem ser ressuscitados. Cada pessoa, e cada uma delas em seu todo. Cada alma retornará para seu corpo, e cada osso para sua estrutura. O túmulo é a prisão dos corpos mortos, onde eles estão detidos; sua fornalha, onde eles são consumidos (Jó 24.19). Mesmo assim, na esperança da ressurreição deles, podemos chamá-lo de suas camas, onde eles dormem para serem novamente despertados; seu cofre, onde eles estão guardados para que possam ser novamente utilizados. Mesmo aqueles que não são postos em túmulos ressuscitarão, mas, porque muitos são colocados em túmulos, Cristo utiliza essa expressão: "todos os que estão nos sepulcros". Os judeus usavam a palavra *sheol* para túmulo, o que representa a condição dos mortos. Todos os que estão nessa condição ouvirão.

c. Como eles serão ressuscitados. Duas coisas nos são ditas aqui: (*a*) A eficácia dessa ressurreição: eles "ouvirão" sua voz. Isto é, Ele fará com que eles a ouçam, assim como Lázaro ouviu aquela ordem: "Vem". Um poder divino acompanhará esta ordem, para neles colocar vida e permitir que a obedeçam. Quando Cristo ressuscitou, nenhuma voz foi ouvida, nenhuma palavra, dita, pois Ele ressuscitou por seu próprio poder. Mas na ressurreição dos filhos dos homens, nós encontramos três vozes

mencionadas, 1 Tessalonicenses 4.16. O Senhor descerá com um alarido, o alarido de um rei, com a voz do arcanjo. Ou o próprio Cristo, o príncipe dos anjos, ou o comandante-em-chefe, sob as ordens dele, acompanhado dos exércitos celestiais. E com a trombeta de Deus, a trombeta do soldado fazendo soar o alerta de guerra, e a trombeta do juiz proclamando as convocações para o tribunal. (*b*) O efeito disso: eles sairão de seus túmulos, como prisioneiros saindo de suas prisões. Eles ressuscitarão do pó e o sacudirão de si. Veja Isaías 52.1,2,11. Mas isto não é tudo. Eles comparecerão diante do tribunal de Cristo, sairão como aqueles que serão julgados, comparecerão ao tribunal para receber publicamente sua sentença.

d. Para o que eles serão ressuscitados. Para uma condição de felicidade ou sofrimento, de acordo com a atitude que tomaram em relação ao Evangelho da graça de Deus. Eles irão para um estado de recompensa, conforme o que fizeram no estágio de provas.

(*a*) Aqueles que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida. Eles viverão novamente, para viver para sempre. Note que: [*a*] Qualquer que seja o nome pelo qual os homens sejam chamados, ou qualquer que seja aquilo que professem, no grande dia somente serão galardoados aqueles que fizeram o bem, aquilo que agrada a Deus e que é proveitoso para os outros. [*b*] A ressurreição do corpo será uma ressurreição para a vida para todos aqueles, e apenas aqueles, que foram sinceros e resolutos em fazer o bem. Eles não somente serão publicamente absolvidos, como um criminoso perdoado, como dizemos, que recebe sua vida de volta, mas eles serão admitidos na presença de Deus, e isto é vida, aliás, é melhor do que a vida. Eles serão cuidados com os consolos da perfeição. Viver é ser feliz, e eles serão elevados acima do medo da morte. Esta é, sem dúvida, a vida em que a morte será tragada para sempre.

(*b*) Aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para a ressurreição da condenação. Eles viverão novamente, para serem condenados para sempre. Os fariseus pensavam que a ressurreição dizia respeito apenas aos justos, mas aqui Cristo retifica esse engano. Note que: [*a*] Os que fazem o mal, apesar do que aleguem, serão tratados, no dia do julgamento, como homens maus. [*b*] A ressurreição será, para os homens que fazem o mal, que não reverteram através do arrependimento o que fizeram de errado, a ressurreição da condenação. Eles sairão para serem publicamente declarados culpados de rebelião contra Deus, e publicamente sentenciados

ao castigo eterno; para serem sentenciados a isso, e enviados imediatamente a isso sem descanso. Assim será a ressurreição.

(2) Observe o que é dito aqui com relação à autoridade do Mediador para exercer o juízo, vv. 22-24,27. Assim como Ele tem um poder glorioso, da mesma forma tem uma jurisdição autônoma. E quem está mais preparado para presidir as questões importantes da outra vida do que aquele que é o Pai e a fonte da vida? Aqui está:

[1] A comissão ou delegação de Cristo para o cargo de juiz, do qual se fala por duas vezes aqui (v. 22): “o Pai... deu ao Filho todo juízo”, e outra vez (v. 27): “deu-lhe o poder de exercer o juízo”.

Em primeiro lugar, o Pai a ninguém julga. Não que o Pai tenha renunciado à autoridade, mas Ele se apraz em reger através de Jesus Cristo, de modo que o homem não esteja sob o temor de tratar diretamente com Deus, mas tenha o consolo de ter acesso a Ele através de um Mediador. Tendo nos feito, o Senhor pode fazer o que quiser conosco, como o oleiro faz com o barro. Mesmo assim, ele não tira vantagem disso, mas nos atrai para si com os laços humanos. Ele não determina nossa condição perpétua pelo pacto da inocência, nem emprega a vantagem que tem contra nós pela violação desse pacto. O Mediador, tendo tomado para si a tarefa de realizar uma expiação vicária, a questão lhe é apresentada, e Deus está desejoso de assumir um novo pacto, não sob a lei do Criador, mas sob a graça do Redentor.

Em segundo lugar, Ele confiou todo o juízo ao Filho, e o estabeleceu como o Senhor de todos (At 10.36; Rm 14.9), como José, no Egito, Gênesis 41.40. Isto fora profetizado, Salmos 72.1; Isaías 12.3,4; Jeremias 23.5; Miquéias 5.1-4; Salmos 67.4; 96.13; 98.9. Todo juízo é dado ao nosso Senhor Jesus, pois: 1. Ele está encarregado da administração do reino da providência, está sobre todas as coisas (Ef 1.11), sobre todos os homens, 1 Coríntios 12.3. Todas as coisas subsistem por ele, Colossenses 1.17. 2. A Ele, é dado o poder para fazer leis de imediato para obrigar as consciências. “Eu vos digo”, esta é agora a forma como os estatutos do reino do céu funcionam. Seja ela promulgada pelo Senhor Jesus, e pela sua autoridade. Todas as leis agora em vigor têm, necessariamente, o toque do seu cetro. 3. Ele está autorizado a fixar e estabelecer os termos da nova aliança, e a redigir os artigos da paz entre Deus e o homem. É Deus em Cristo que reconcilia o mundo, e a Cristo Ele tem dado o poder para conceder a vida eterna. O livro da vida é o livro do Cordeiro. Pela sua decisão, devemos nos

colocar de pé ou cair. 4. Ele está comissionado para levar avante e concluir a guerra com os poderes das trevas, para expulsar e realizar o julgamento contra o príncipe deste mundo, cap. 12.31. Ele está comissionado não apenas para julgar, mas para pelejar, Apocalipse 19.11. Todos aqueles que lutam por Deus contra Satanás devem se alistar sob seu estandarte. 5. Ele está estabelecido como o único administrador do julgamento do grande dia. Os antigos geralmente interpretavam essas palavras como o ato de coroação de seu poder como juiz. O julgamento final e universal está reservado para o Filho do homem. O tribunal é seu, é o foro de Cristo. A comitiva é sua, de seus poderosos anjos. Ele julgará as causas e dará o veredicto, Atos 17.31.

Em terceiro lugar, Ele também lhe deu autoridade para exercer o juízo, v. 27. Observe: 1. A autoridade com que nosso Redentor é investido: uma autoridade para exercer o juízo. Ele tem não apenas um poder legislativo e judicial, mas também um poder executivo. A frase aqui é usada particularmente para o julgamento de condenação, Judas 15. *Poiesai krisin – para exercer o juízo* sobre todos, o mesmo que tomar vingança, 2 Tessalonicenses 1.8. A destruição dos pecadores contumazes vem da mão de Cristo. Aquele que exerce o juízo sobre eles é o mesmo que realizaria a salvação deles, o que torna a condenação irrepreensível, e não há remédio contra o julgamento do Redentor. A própria salvação não pode salvar aqueles a quem o salvador condena, o que torna a destruição irremediável. 2. De onde Ele recebe essa autoridade: o Pai lhe deu. A autoridade de Cristo, como Mediador, é delegada e derivada. Ele age como o vice-regente do Pai, como o Ungido do Senhor, o Cristo do Senhor. E tudo isso contribui muito para a honra de Cristo, inocentando-o da culpa por blasfêmia ao fazer-se igual a Deus, o Pai. Este é um grande consolo para todos aqueles que crêem, que podem, com insuperável segurança, se entregar por completo a tais mãos.

[2] Aqui estão as razões (razões de estado) pelas quais esta autorização lhe foi dada. Ele tem todos os julgamentos entregues a si por duas razões:

Em primeiro lugar, porque Ele é o “Filho do homem”, o que denota três coisas: 1. Sua humilhação e generosa condescendência. O homem é um verme, o filho do homem, um verme. Apesar disso, esta foi a natureza, esta foi a característica que o Redentor assumiu na execução dos desígnios do amor. Nesta humilhante condição, Ele se sujeitou e se submeteu a todas as mortificações que a acompanham, pois esta era a vontade de seu Pai. Em

recompensa por causa dessa maravilhosa obediência, Deus, o Pai, o exaltou de forma sublime. Porque Ele condescendeu em ser o Filho do homem, seu Pai o fez o Senhor de todos, Filipenses 2.8,9. 2. Sua afinidade e aliança conosco. O Pai lhe entregou a autoridade sobre os filhos dos homens, pois, sendo o Filho do homem, Ele é da mesma natureza daqueles sobre os quais Ele é posto, e, portanto, ainda mais irrepreensível e ainda mais bem-vindo, como Juiz. Seu governador sairá do meio deles, Jeremias 30.21. Disto, esta lei era simbólica. “Dentre teus irmãos porás rei sobre ti”, Deuteronômio 17.15. 3. Que Ele é o Messias prometido. Naquela famosa visão de seu reino e glória, Daniel 7.13,14, Ele é chamado de Filho do homem. E também em Salmos 8.4-6. Fazes com que o Filho do homem “tenha domínio sobre as obras das tuas mãos”. Ele é o Messias, e, portanto, é investido de todo este poder. Os judeus, habitualmente, chamavam o Cristo de Filho de Davi. Porém, Cristo geralmente chamava a si mesmo de Filho do homem, que era o título mais humilde, e que o anunciava como um príncipe e Salvador, não apenas para a nação judaica, mas para toda a raça humana.

Em segundo lugar, “para que todos os homens honrem o Filho”, v. 23. Honrar Jesus Cristo é aqui descrito como o grande desígnio de Deus (o Filho planejava glorificar o Pai, e, portanto, o Pai planejava glorificar o Filho, cap. 12.32), e este é o grande dever de todo homem, em conformidade com esse desígnio. Se Deus fará com que o Filho seja honrado, o dever de todos que o conhecem é honrá-lo. Observe aqui: 1. O respeito que deve ser prestado ao nosso Senhor Jesus: devemos honrar ao Filho, devemos considerá-lo como alguém que deve ser honrado, por conta de suas qualidades transcendentais e da perfeição que Ele tem em si próprio, e das ligações que Ele tem conosco, e devemos procurar honrá-lo por isso; devemos confessar que Ele é o Senhor e adorá-lo; devemos honrar aquele que foi humilhado por nossa causa. 2. A intensidade disso: da mesma maneira como honram ao Pai. Isto pressupõe ser nosso dever honrar ao Pai, pois a religião revelada se baseia na religião natural, e nos instrui a honrar o Pai, a honrá-lo com uma honra divina. Devemos honrar o Redentor com a mesma honra com que honramos o Criador. Estava tão longe de ser uma blasfêmia, para Ele, fazer-se igual a Deus, o Pai, que considerá-lo de outra maneira é a maior ofensa que podemos lhe fazer. As verdades e as leis da religião cristã, da forma como são reveladas, são tão sagradas e honrosas

como as da religião natural, e devem ser igualmente estimadas, pois nós vivemos sob as mesmas obrigações para com Cristo, o Autor de nossa existência, e temos uma dependência necessária da graça do Redentor, como também da providência do Criador, o que é uma base suficiente para esta lei – honrarmos o Filho como honramos o Pai. Para reforçar esta lei, é acrescentado: "Quem não honra o Filho, não honra o Pai", que o enviou. Alguns alegam uma reverência pelo Criador e falam dele com nobreza, não levando o Redentor a sério, falando dele com desdém. Mas saibam estes que as honras e interesses do Pai e do Filho estão tão inseparavelmente entrelaçados e mesclados, que o Pai jamais se considera honrado por qualquer um que afronte o Filho. Note que: (1) As indignidades cometidas contra o Senhor Jesus recaem sobre o próprio Deus, e assim serão interpretadas e consideradas no tribunal do céu. O Filho adere tanto à honra do Pai, a ponto de tomar para si próprio as injúrias lançadas contra Ele (Rm 15. 3). O Pai, por sua vez, não apóia menos a honra do Filho, e se considera atingido pelas ofensas contra Ele. (2) A razão para isso é que o Filho é enviado e autorizado pelo Pai. Foi o Pai quem o enviou. As afrontas a um embaixador causam, de forma justa, o ressentimento ao príncipe que o enviou. E através desta regra, aqueles que verdadeiramente honram o Filho, honram também o Pai. Veja Filipenses 2.11.

[3] Aqui está a regra pela qual o Filho desempenha sua missão, e assim estas palavras parecem surgir (v. 24): aquele que ouve e crê tem a vida eterna. Aqui temos a essência de todo o Evangelho. O prefácio dirige a atenção para algo mais importante, e reconhece uma certeza: "'Na verdade, na verdade vos digo' que a mim, a quem ouvis, todo julgamento é confiado. Eu tenho em meus lábios uma sentença divina. Adotem de mim a natureza cristã, e os privilégios cristãos".

Em primeiro lugar, a natureza de um cristão: "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou". Ser um cristão é verdadeiramente: 1. Ouvir a palavra de Cristo. Não basta estar ao alcance de ouvi-la, mas devemos prestar atenção a ela, como os estudantes agem em relação às instruções de seus professores, e atentar para ela, como servos às ordens de seus senhores. Devemos ouvi-la e obedecê-la, devemos ser fiéis ao Evangelho de Cristo como a regra rígida de nossa fé e prática. 2. Crer naquele que o enviou, pois o desígnio de Cristo é nos fazer ir a Deus. E, assim como Ele é a origem de toda a graça, da mesma forma Ele é o objetivo final de toda a fé. Cristo é

nosso caminho, Deus é nosso descanso. Devemos crer em Deus como aquele que enviou Jesus Cristo, e encomendou a si mesmo à nossa fé e amor, ao manifestar sua glória na face de Jesus Cristo (2 Co 4.6), como seu Pai e nosso Pai.

Em segundo lugar, o estatuto de um cristão, no qual todos os que são cristãos estão interessados. Veja o que conseguimos através de Cristo: 1. Um alvará de perdão: ele não entrará em condenação. A graça do Evangelho é uma completa dispensa do tormento da lei. Um crente não só não ficará sob a condenação eterna, como também não ficará sob condenação agora, não estará sob o risco dela (Rm 8. 1), não entrará em julgamento, e sequer será levado a juízo. 2. Um estatuto de privilégios: ele é levado da morte para a vida, é investido de uma felicidade atual na vida espiritual e designado para uma felicidade futura na vida eterna. O sentido da primeira aliança era: “Faça isto e viva”, o homem que os praticar, viverá por eles. Agora, isto demonstra que Cristo é igual ao Pai, que Ele tem o poder de propor aos que ouvem suas palavras o mesmo benefício proposto àqueles que guardavam a antiga lei, ou seja, a vida. Ouvir e viver, crer e viver, é no que podemos arriscar nossas almas, quando somos incapazes de fazer e viver. Veja cap. 17.2.

[4] Aqui está a justiça de seus procedimentos correspondentes à sua autoridade, v. 30. Sendo todo o juízo entregue ao Senhor Jesus, nós só podemos perguntar como Ele o exerce. E aqui, Ele responde: “O meu juízo é justo”. Todos os atos de autoridade de Cristo, tanto legislativos como judiciários, estão exatamente de acordo com as regras da justiça. Veja Provérbios 8.8. Não podem existir exceções contra quaisquer das determinações do Redentor, e, portanto, assim como não haverá nenhuma revogação de quaisquer de suas leis, da mesma forma não haverá revogação de quaisquer de suas sentenças. Seus julgamentos são seguramente justos, pois eles são conduzidos:

Em primeiro lugar, pela sabedoria do Pai: “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma”, nada sem o Pai, mas “como ouço, assim julgo”. É como Ele havia dito antes (v. 19): “O Filho não pode fazer coisa alguma, se não o vir fazer o Pai”. Da mesma forma aqui: coisa alguma, a não ser o que Ele ouve o Pai dizer. “Como ouço”: 1. A partir das deliberações eternas e particulares do Pai, “assim eu julgo”. Saberíamos nós do que poderíamos depender em nosso relacionamento com Deus? Ouçamos a palavra de

Cristo. Não precisamos nos aprofundar nas deliberações divinas, aquelas coisas misteriosas que não nos competem, mas devemos prestar atenção aos preceitos revelados da autoridade e do julgamento de Cristo, que nos proverão com um guia infalível, pois o que Cristo determinou é uma cópia exata ou uma duplicata daquilo que o Pai decretou. 2. A partir dos relatos propagados do Antigo Testamento. Cristo, em toda a execução da sua missão, tinha em vista as Escrituras, e fez com que sua missão estivesse de acordo com elas e as cumprisse: “Como estava escrito no rolo do livro”. Dessa maneira, Ele nos ensinou a não fazermos nada por nós mesmos, mas julgar as coisas e agir de acordo com a Palavra de Deus que ouvimos.

Em segundo lugar, pela vontade do Pai: “Meu juízo é justo”, e não pode ser diferente, “porque não busco a minha vontade”, mas a daquele “que me enviou”. Não como se a vontade de Cristo fosse contrária à vontade do Pai, assim como, em nós, a carne é contrária ao espírito, mas: 1. Cristo possuía, como homem, as emoções naturais e inocentes da natureza humana, os sentimentos de dor e prazer, uma inclinação para a vida, uma aversão à morte. Ainda assim, Ele satisfazia não a si mesmo, não deliberava com estes, nem os consultava, quando estava para dar continuidade à sua missão, mas se submetia à vontade de seu Pai. 2. O que Ele fazia como Mediador não era o resultado de qualquer propósito peculiar ou particular e desígnio dele mesmo. O que Ele realmente procurava fazer não levava em consideração sua própria vontade, mas o Senhor era, nesse sentido, guiado pela vontade de seu Pai, e pelo propósito que Ele havia designado para si mesmo. A isto, nosso Salvador, em todas as oportunidades, fez alusão e se submeteu.

Portanto, nosso Senhor Jesus expôs sua autoridade (quer para a convicção de seus inimigos quer não) para sua própria honra, e conforto perene de todos os seus amigos que, aqui, vêem-no *capaz de salvar até o fim.*

Cristo Prova sua Missão Divina. A Infidelidade dos Judeus É Reprovada

vv. 31-47

Nestes versículos, nosso Senhor Jesus testifica e confirma a autoridade que Ele mostrara, e comprova que fora enviado por Deus, o Pai, para ser o

Messias.

I Ele desconsidera seu próprio testemunho de si mesmo (v. 31): "'Se eu der testifico de mim mesmo', embora ele seja com certeza verdadeiro (cap. 8.14), apesar disso, de acordo com a regra geral de julgamento entre homens, ele não será aceito como uma prova legal, nem é permitido que ele seja considerado como uma evidência". Sendo assim: 1. Isto espelha a repreensão sobre os filhos dos homens, bem como sua veracidade e integridade. Com certeza, nós podemos dizer, refletidamente, o que Davi disse precipitadamente: "Todo homem é mentira", do contrário não existiria jamais uma máxima aceita de que o testemunho de alguém a respeito de si mesmo é suspeito, e não se deve confiar nele. Isto é um sinal de que o amor-próprio é mais forte do que o amor à verdade. E, além disso: 2. Isto reflete a honra do Filho de Deus, e revela sua maravilhosa condescendência. Pois, embora Ele seja a fiel testemunha, a própria verdade, que pode reivindicar ser aceita com base em sua honra e em seu próprio testemunho isolado, mesmo assim Ele se compraz em dispensar seu privilégio e, para a confirmação de nossa fé, reporta-se a seus testemunhos, para que possamos ficar completamente satisfeitos.

II Ele apresenta outros testemunhos que prestam depoimento de que Ele era o enviado de Deus, o Pai.

1. O próprio Pai testificou a respeito dele (v. 32): "Há outro que testifica de mim". Eu interpreto isto como se referindo a Deus, o Pai, pois Cristo menciona o testemunho do Pai junto com seu próprio testemunho (cap. 8.18): "Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica o Pai". Observe:

(1) O selo que o Pai colocou em sua autoridade: "Aquele que testifica de mim, não apenas fez isso através de uma voz do céu, mas ainda o faz através dos sinais de sua presença comigo". Veja quem são aqueles a quem Deus testificará. [1] Aqueles que Ele envia e emprega. Quando o Senhor delega autoridade, Ele fornece credenciais. [2] Aqueles que testificam dele. Assim fez Cristo. Deus confessará e honrará aqueles que o confessarem e honrarem. [3] Aqueles que se negarem a testificarem sobre si mesmos. Assim fez Cristo. Deus cuidará para que aqueles que se humilham, e não procuram sua própria glória, não sofram perdas por isso.

(2) A satisfação que Cristo tinha em seu testemunho: "'Sei que o testemunho que Ele dá de mim é verdadeiro'. Estou muito seguro de que tenho uma missão divina, e não hesitarei o mínimo no que se refere a isto". Deste modo, Ele tinha o testemunho em si mesmo. O Diabo o tentou a questionar se Ele era o Filho de Deus, mas Ele jamais cedeu.

2. João Batista deu testemunho de Cristo, v. 33ss. João veio para que testificasse da luz (cap. 1.7). Seu objetivo era preparar o caminho para o Senhor, e encaminhar as pessoas a Ele: "Eis o Cordeiro de Deus".

(1) Nessas circunstâncias, o testemunho de João foi: [1] Um testemunho público e solene: "Enviastes uma missão de sacerdotes e levitas a João, o que lhe deu uma oportunidade de proclamar o que tinha a dizer. Isto não foi um testemunho comum, mas judicial". [2] Foi um testemunho verdadeiro: ele dá testemunho da verdade, como deve fazer uma testemunha, toda a verdade, e nada além da verdade. Cristo não diz: "Ele deu testemunho de mim" (embora todos soubessem que João o fez), mas João agiu como um homem honesto: "Ele deu testemunho da verdade". João era reconhecidamente um homem santo, um homem bom, tão humilhado para o mundo e tão versado nas coisas divinas, que não se poderia imaginá-lo como sendo culpado de tamanha falsificação e impostura, como dizer o que disse a respeito de Cristo, se assim não fosse, e se ele não estivesse certo disso.

(2) Duas coisas são acrescentadas no que se refere ao testemunho de João:

[1] Que era um testemunho *ex abundanti – mais do que ele precisava testemunhar* (v. 34): "Eu... não recebo testemunho de homem". Embora Cristo considerasse adequado, citar o testemunho de João, Ele o fez com uma declaração para que isso não seja considerado ou interpretado como prejudicial à prerrogativa de sua auto-suficiência. Cristo não necessita de cartas ou recomendações, nem testemunhos ou certificados, apenas daquilo que seu próprio valor e excelência trazem consigo. Por quê, então, Cristo ressaltou aqui o testemunho de João? "Ora, estas coisas eu digo para que vos salveis". Este era o objetivo dele durante todo esse sermão: não para salvar sua própria vida, mas as almas de outros. O Senhor apresentou o testemunho de João porque, sendo um deles próprios, era de se esperar que eles o ouvissem atentamente. Note que, em primeiro lugar, Cristo deseja e planeja a salvação até mesmo de seus inimigos e perseguidores. Em segundo lugar, a palavra de Cristo é o meio de salvação. Em terceiro lugar,

Cristo, em sua palavra, leva em consideração nossas fraquezas e é condescendente com nossas limitações, considerando não tanto o que convém a um príncipe tão notável dizer, mas o que podemos suportar, e o que mais provavelmente nos fará bem.

[2] Que era um testemunho *ad hominem – para o homem*, porque João Batista era alguém a quem eles respeitavam (v. 35): ele era uma luz entre eles.

Em primeiro lugar, a natureza de João Batista: "Ele era a candeia que ardia e iluminava". Cristo muitas vezes falou honrosamente de João. Ele estava agora em uma prisão, sob suspeita, ainda assim Cristo lhe presta o devido louvor, o que devemos estar prontos a fazer a todos aqueles que servem a Deus fielmente. 1. Ele era uma luz, não *phos – lux*, *luz* (pois Cristo era a luz), mas *lyknos – lucerna*, *uma luminária*, uma luz derivada e subordinada. Seu trabalho era iluminar um mundo em trevas com alertas da aproximação do Messias, que era como a estrela da manhã. 2. Ele era uma luz ardente, o que denota sinceridade. O fogo artificial pode ter brilho, mas aquele que arde é o fogo verdadeiro. Isto denota, também, sua diligência, zelo e fervor, ardendo em amor a Deus e às almas dos homens. O fogo está sempre trabalhando em si mesmo ou em alguma outra coisa. Dessa maneira, João pode ser considerado um bom pastor. 3. Ele era uma luz brilhante, o que indica, ou sua conversa exemplar, na qual nossa luz resplandecerá (Mt 5.16), ou uma influência eminente e ampla. Ele era renomado perante os outros. Embora tivesse a tendência de se manter anônimo e de se isolar, e vivesse nos desertos, mesmo assim sua doutrina, seu batismo e sua vida eram tais, que ele se tornou muito notável e atraía para si os olhos da nação.

Em segundo lugar, a afeição das pessoas por ele: "Quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz". 1. Eles estavam em êxtase pelo surgimento de João: "*Quisestes – ethelesate*, vós vos alegrastes com sua luz. Vós vos orgulhastes muito por terdes entre vós um homem assim, que era uma glória para vossa nação. Quisestes *agalliathenai – dançar* e fazer alarde a respeito desta luz, como garotos próximos a uma fogueira". 2. Isto era apenas temporário e logo acabou: "Gostastes muito dele, *pros horan – por uma hora*, por algum tempo, como crianças pequenas gostam de uma coisa nova, ficastes satisfeitos com João por algum tempo, porém logo vos cansastes dele e do seu ministério, e dissestes que ele tinha demônio, e agora o tendes preso". Note que muitos que parecem inicialmente ter

afinidade e estar satisfeitos com o Evangelho, mais tarde o desprezam e rejeitam. É comum que os adeptos entusiastas e ruidosos tornem-se indiferentes e se rebelem. Estes aqui se regozijavam na luz de João, mas nunca andaram nela, e por isso nela não se mantiveram. Eles eram como pedregais. Enquanto Herodes era amigo de João Batista, o povo o tratou com carinho, mas quando ele caiu em desgraça junto a Herodes, perdeu o tratamento preferencial deles: "Vós tolerastes João, *pros horan*, isto é, com finalidades mundanas" (assim alguns interpretam). "Vós vos contentastes com ele, com esperanças de fazer dele uma ferramenta, tirar proveito dele e sob a proteção de seu nome livrar-vos do jugo romano, recobrando a liberdade civil e a glória de vossa nação". Sendo assim: (1) Cristo menciona o apreço deles por João, para condená-los pela sua atual oposição a si próprio, pois João dera testemunho do Senhor. Se tivessem dado seguimento ao seu respeito por João, como deveriam ter feito, eles teriam aceitado Cristo. (2) O Senhor menciona o término do apreço deles, para justificar porque Deus os privou, como fazia agora, do ministério de João, e porque ocultou aquela luz.

3. As próprias obras de Cristo testificam a seu respeito (v. 36): "Eu tenho maior testemunho do que o de João", pois se acreditamos no testemunho de homens enviados por Deus, como era João, o testemunho direto de Deus, não através do ministério de homens, é maior, 1 João 5.9. Observe que, embora o testemunho de João fosse um testemunho menos convincente e menos importante, mesmo assim, nosso Senhor estava satisfeito por fazer uso dele. Devemos estar satisfeitos por todos os apoios que se apresentarem para a confirmação de nossa fé, ainda que eles não possam equivaler a uma prova conclusiva. E não devemos desqualificar qualquer um deles, sob o pretexto de que existem outras provas mais conclusivas. Nós precisamos de todos eles. E este testemunho maior era o das obras que seu Pai lhe havia confiado, e que deveriam ser consumadas. Isto é: (1) Em geral, o curso inteiro de sua vida e de seu ministério. Sua revelação de Deus e de seu propósito para conosco, estabelecendo seu reino entre os homens, reformando o mundo, destruindo o reino de Satanás, devolvendo aos homens caídos sua antiga pureza e felicidade, e derramando amplamente nos corações dos homens o amor de Deus e amor mútuo de uns pelos outros. Ao morrer, o Senhor Jesus Cristo, referindo-se à sua obra completa, disse: "Está consumado", tudo está consumado, do princípio ao fim, *opus*

Deo dignum – uma obra digna de Deus. Tudo o que Ele disse e fez era sagrado e celestial, e uma pureza divina, poder e graça resplandeciam nela, provando plenamente que Ele fora enviado por Deus. (2) Em particular. Os milagres que o Senhor Jesus realizou como prova de sua missão divina testificavam a respeito dele. Sendo assim, é dito aqui: [1] Que essas obras lhe foram confiadas pelo Pai, isto é, Ele fora tanto nomeado quanto autorizado para realizá-las, pois, como Mediador, Ele recebia de seu Pai tanto a autorização quanto o poder. [2] Elas foram entregues ao Senhor Jesus para que Ele as consumasse. Ele deveria fazer todas essas maravilhas que o conselho e a presciência de Deus haviam antecipadamente determinado que fossem realizadas. E o fato de Ele as concluir evidencia o poder divino, pois, para Deus, sua obra é perfeita. [3] Essas obras testificavam a respeito do Senhor, provavam que Ele fora enviado por Deus, o Pai, e que aquilo que Ele dizia no tocante a si mesmo era verdadeiro. Veja Hebreus 2.4; Atos 2.22. Que o Pai o havia enviado como um "Pai", não como um senhor envia seu criado em uma missão, mas como um pai envia seu filho para tomar posse de algo, para si mesmo. Se Deus não o tivesse enviado, Ele não o teria apoiado, não o teria amparado, como fez através das obras que lhe confiou para fazer, porque o Criador do mundo jamais será seu enganador.

4. O Senhor Jesus apresenta, mais completamente do que antes, o testemunho de seu Pai referente a Ele (v. 37): "O Pai, que me enviou... testificou de mim". O príncipe não costuma seguir seu próprio embaixador, para confirmar sua autorização *viva voce – através de palavras*, mas Deus estava satisfeito por testificar a respeito de seu próprio Filho através de uma voz vinda do céu em seu batismo (Mt. 3.17): Este é meu embaixador, "este é o meu Filho amado". Os judeus reconhecem *Bath-kol – a filha de uma voz*, uma voz vinda do céu, um dos meios através dos quais Deus torna seu pensamento conhecido. E, daquele modo, Ele havia reconhecido o Cristo de forma pública e solene, e o repetiu, Mateus 17.5. Note que: (1) Daqueles a quem Deus envia, Ele testifica. Quando Ele conceder uma autorização, não deixará de apoiá-la. Aquele que nunca deixou a si mesmo sem testemunho (At 14.17) nunca deixará assim quaisquer de seus servos que estejam a seu serviço. (2) Onde Deus exige fé, Ele não deixará de conceder evidências suficientes, como fez em relação a Cristo. Aquilo que era para ser testemunhado no que concerne a Cristo era principalmente isto: que o Deus

que havíamos ofendido desejava aceitá-lo como Mediador. Sendo assim, no tocante a isso, Ele próprio nos deu uma plena satisfação (e Ele era o mais adequado para fazer isso), declarando-se bem satisfeito nele. Se nós formos assim, a obra será feita. Nessas circunstâncias, poderia ser sugerido que, se assim o próprio Deus testificou a respeito de Cristo, por que Ele não foi amplamente aceito, sem exceção, pela nação judaica e seus governantes? A isto, Cristo aqui responde. Esta situação não deveria ser considerada estranha, nem a infidelidade deles poderia enfraquecer sua credibilidade, devido a duas razões: [1] Porque eles não estavam familiarizados com aquelas extraordinárias revelações de Deus e de sua vontade: “Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer”, ou sua forma. Eles demonstraram que eram muito ignorantes a respeito de Deus, embora professassem uma proximidade com Ele, como fazemos a respeito de alguém que nunca sequer vimos ou ouvimos. “Mas por que vos falo do testemunho de Deus a meu respeito? Ele é alguém de quem nada sabeis, nem tendes com Ele qualquer comunhão ou relação”. Note que o desconhecimento de Deus é a verdadeira razão de os homens rejeitarem o testemunho que Ele deu a respeito de seu Filho. O correto entendimento de uma religião natural nos revelaria tantas congruências admiráveis na religião cristã, que, em grande medida, inclinariam nosso pensamento a aceitá-la. Alguns dão o seguinte sentido à Palavra do Senhor: “O Pai de mim testificou através de uma voz, e da descida de uma pomba, que é uma coisa tão extraordinária, que vós nunca vistes ou ouvistes nada semelhante. E ainda em meu beneficio havia uma voz e um parecer. Sim, e poderíeis ter ouvido aquela voz, poderíeis ter visto aquela aparição, como fizeram outros, se tivésseis considerado atentamente o ministério de João. Mas, ao desprezá-lo, perdestes aquele testemunho”. [2] Porque eles não foram influenciados pelos meios habituais através dos quais Deus havia se revelado a eles: “E sua palavra não permanece em vós”. v. 38. Eles tinham as Escrituras do Antigo Testamento. Será que elas não os deixavam dispostos a aceitar Cristo? Sim, se eles tivessem tido a devida influência delas sobre si. Mas, em primeiro lugar, a Palavra de Deus não estava neles. Estava entre eles, em sua nação, em suas mãos, mas não dentro deles, em seus corações. Não estava guiando suas almas, mas apenas brilhando em seus olhos e soando em seus ouvidos. O que lhes adiantou terem as palavras de Deus confiadas a si mesmos (Rm 3.2), quando eles não eram governados

por elas? Se tivessem, eles teriam aceitado a Cristo prontamente. Em segundo lugar, a Palavra de Deus não permaneceu neles. Muitos têm a Palavra de Deus entrando em si mesmos, e causando alguns efeitos durante algum tempo, mas elas não permanecem neles. Não estão constantemente dentro deles, como um homem dentro de casa, mas apenas de vez em quando, como um viajante. Se a palavra permanecer em nós, se conversarmos com ela através de uma meditação constante, se a consultamos em todas as ocasiões, e se a obedecermos em nossas relações, deveremos então receber rapidamente o testemunho do Pai a respeito de Cristo. Veja cap. 7.17. Mas, como se tornou evidente que eles não tinham a Palavra de Deus de forma permanente em si mesmos? Isso se tornou aparente através de um fato: “Naquele que Ele enviou não credes vós”. Muita coisa fora dita a respeito de Cristo, no Antigo Testamento, para orientar as pessoas sobre quando e onde procurá-lo, e assim facilitar sua revelação, de forma que, se eles tivessem considerado essas coisas devidamente, não poderiam ter rejeitado a certeza de que Cristo fora enviado por Deus. Deste modo, sua descrença em Cristo era certamente um indício de que a Palavra de Deus não permanecera neles. Note que a permanência da Palavra, e do Espírito, e da graça de Deus em nós é mais bem avaliada através de seus efeitos, particularmente na nossa aceitação daqueles que o Senhor enviou: as ordens, os mensageiros, as providências que ele envia, e especialmente o Cristo a quem Ele enviou.

5. O último testemunho a que o Senhor recorre é o Antigo Testamento, que testifica dele, e a este Ele apela (v. 39ss.): Examinai as escrituras, *ereunate*.

(1) Isto também pode ser interpretado, ou: [1] “Examinai as Escrituras, e vós fazeis bem em proceder assim. Vós as ledes diariamente em vossas sinagogas, vós tendes os rabinos, e os doutores, e os escribas, que fizeram do estudo delas seu trabalho, e julgam com base nelas”. Os judeus se gabavam da proliferação do aprendizado das Escrituras nos dias de Hillel, que morreu cerca de 12 anos após o nascimento de Cristo, e consideraram alguns daqueles que eram então membros do Sinédrio como as maravilhas de sua sabedoria e as glórias de sua lei. E Cristo reconhece que eles realmente examinaram as Escrituras, mas que o fizeram em busca da sua própria glória: “‘Examinais as Escrituras’. Então, se vós não estivésseis deliberadamente cegos, creríeis em mim”. Note que é possível os homens

serem grandes estudiosos das palavras das Escrituras, e ainda assim desconhecerem o poder e a influência delas. Ou: [2] Como o interpretamos: “Examinai as Escrituras”, e assim, em primeiro lugar, isso lhes foi dito em caráter de apelo: “Vós professais aceitar e crer nas Escrituras. Nisto Eu concordo convosco, deixemos que elas sejam o juiz, desde que vós não vos apegueis às palavras (*haerere in cortice*), mas procureis nelas”. Note que, quando se recorre às Escrituras, elas devem ser examinadas. Examine ao longo dos livros inteiros das Escrituras, compare um parágrafo com outro, e explique um com base no outro. Nós devemos igualmente examinar parágrafos específicos até o fim, e entender não o que eles parecem dizer *prima facie – à primeira vista*, mas o que eles realmente significam. Em segundo lugar, nos é dito em caráter de conselho, ou de uma ordem para todos os cristãos, que examinemos as Escrituras. Note que todos aqueles que desejam encontrar Cristo devem examinar as Escrituras. Não apenas lê-las, e ouvi-las, mas examiná-las, o que denota: 1. Empenho na busca, trabalho, estudo, e uma cuidadosa dedicação do pensamento. 2. Desejo e intenção de encontrar. Nós devemos tencionar algum beneficio espiritual e algum proveito ao ler e estudar as Escrituras, freqüentemente perguntando: “O que busco agora?” Nós devemos ler as Escrituras como aqueles que procuram tesouros escondidos (Pv 2.4), como aqueles que procuram ouro ou prata, ou que mergulham em busca de pérolas, Jó 28.1-11. Isto enobrecia os crentes de Beréia, Atos 17.11.

(2) E agora existem duas coisas que aqui somos orientados a ter em vista em nosso exame das Escrituras: o céu, que é nosso objetivo, e Cristo, que é nosso caminho. [1] Nós devemos examinar as Escrituras tendo o céu como nosso objetivo: “Porque vós cuidais ter nelas a vida eterna”. As Escrituras nos asseguram de uma condição eterna estabelecida diante de nós, e nos oferecem uma vida eterna que está fundamentada naquela condição. Elas contêm o mapa que a descreve, o estatuto que conduz a ela, a direção do caminho que leva a ela, e a base sobre a qual a esperança dela se apóia. E vale a pena procurar por ela onde estamos certos de encontrá-la. Mas para os judeus, Cristo disse apenas: “Vós pensais que tendes a vida eterna nas Escrituras”, porque, embora eles conservassem a crença e a esperança da vida eterna, e fundamentassem suas expectativas sobre ela nas Escrituras, ainda assim, aqui, eles a deixaram escapar, pois a procuravam na mera leitura e estudo das Escrituras. Este era um dito comum, porém deturpado,

entre eles: “Aquele que tem as palavras da lei tem a vida eterna”. Eles pensavam que estariam seguros a respeito do céu se conseguissem dizer de cor, ou por hábito, o maior número possível de passagens das Escrituras, à medida que eram dirigidos pela tradição dos antigos. Como pensavam que todos os incultos eram amaldiçoados porque não conheciam a lei dessa forma (cap. 7.49), eles concluíam que todos os instruídos eram indubitavelmente abençoados. [2] Nós devemos examinar as Escrituras em nossa busca a Cristo, como o novo e vivo caminho que conduz a Ele. Essas são aquelas, as grandes e principais testemunhas que testificam de mim. Note que, em primeiro lugar, as Escrituras, mesmo aquelas do Antigo Testamento, testificam a respeito de Cristo, e através delas Deus, o Pai, testifica a respeito dele. O Espírito de Cristo nos profetas testificou dele anteriormente (1 Pe 1.11), dos propósitos e promessas de Deus, o Pai, em relação a Ele, dos avisos que o antecediam. Os judeus sabiam, muito bem, que o Antigo Testamento testificava do Messias, e eram críticos em suas observações sobre os parágrafos referentes a isso, e ainda assim foram descuidados e miseravelmente negligentes na aplicação destes. Em segundo lugar, por isso devemos examinar as Escrituras, e podemos esperar encontrar a vida eterna nessa busca, porque elas testificam a respeito de Cristo. Para isso, temos a vida eterna, para conhecê-lo. Veja 1 João 5.11. Cristo é o tesouro oculto no campo das Escrituras, a água naquelas fontes, o leite naqueles peitos.

(3) A este testemunho, o Senhor acrescenta uma reprovação da infidelidade e da maldade deles em quatro exemplos. Particularmente:

[1] Seu desprezo por Ele e por sua doutrina: “‘E não quereis vir a mim para terdes vida’, v. 40. Vós examinais Escrituras, credes nos profetas que encontrais sempre testificando de mim, e ainda assim não vireis a mim, a quem eles vos guiam”. Sua alienação em relação a Cristo era culpa não tanto de sua compreensão, mas de sua força de vontade. Isto é expresso como uma queixa. Cristo ofereceu vida, e esta não foi aceita. Note que, em primeiro lugar, existe uma vida a ser recebida de Jesus Cristo, e está reservada às pobres almas. Nós podemos ter vida, a vida de perdão, graça, conforto e glória. A vida é o aperfeiçoamento de nossa existência, e abrange toda a felicidade. E Cristo é nossa vida. Em segundo lugar, aqueles que desejam ter essa vida devem ir a Jesus Cristo para recebê-la. Nós podemos recebê-la através de nossa busca. Isso presume uma aceitação pelo

entendimento da doutrina de Cristo e do testemunho a respeito dele. Isso reside na submissão da vontade à sua autoridade e graça, e produz uma obediência responsável nos sentimentos e nos atos. Em terceiro lugar, a única razão por que os pecadores morrem é devido ao fato de que eles não virão a Cristo em busca de vida e felicidade. E não é porque eles não possam, mas porque não querem. Eles não aceitarão a vida oferecida, por ser espiritual e divina, nem concordarão com os termos sob os quais ela é oferecida. Tampouco se dedicarão ao uso dos meios determinados: eles não serão curados, porque não observarão os métodos da cura. Em quarto lugar, a determinação e a obstinação dos pecadores em rejeitar as ofertas de graça são uma grande tristeza para o Senhor Jesus, e Ele se queixa disto. Aquelas palavras (v. 41): "Eu não recebo glória dos homens", vêm entre parênteses em algumas versões, para evitar uma objeção contra o Senhor, como se Ele buscasse sua própria glória, e se fizesse líder de um grupo, obrigando todos a virem a Ele, e a aclamarem-no. Note que: 1. Ele não desejava nem solicitava a aclamação dos homens, nem de longe se influenciou por aquela pompa e esplendor mundanos com os quais os judeus esperavam que seu Messias aparecesse. Ele encarregou aqueles a quem curou de não torná-lo conhecido, e afastou-se daqueles que o teriam feito rei. 2. O Senhor não teve a aclamação dos homens. Ao invés de receber reverência dos homens, Ele recebeu muita desonra e descrédito, pois aniquilou-se a si mesmo. 3. Ele não precisava da aclamação dos homens. Isso nada acrescentava à glória daquele a quem todos os anjos de Deus adoram. E Ele também não se satisfaria com o contrário, na medida que isto não estivesse de acordo com a vontade de seu Pai, e não contribuísse para a felicidade daqueles que, ao glorificá-lo, receberam dele uma glória ainda maior.

[2] Sua carência do amor de Deus (v. 42): "'Bem vos conheço, que não tendes em vós o amor de Deus'. Por que deveria me admirar por não virdes a mim, quando vos falta até mesmo o primeiro princípio da religião natural, que é o amor de Deus?" Note que a razão por que as pessoas não dão importância a Cristo se deve ao fato de não amarem a Deus, pois, se verdadeiramente amássemos a Deus, deveríamos amar aquele que é sua imagem expressa, e correr para Ele, o único através de quem podemos ser restituídos à benevolência de Deus. Ele os acusara (v. 37) de ignorância a respeito de Deus, e aqui os acusa da falta de amor a Ele. Conseqüentemente, os homens não têm o amor de Deus porque não

desejam o conhecimento dele. Observe, em primeiro lugar, o pecado que lhes foi imputado: “Não tendes em vós o amor de Deus”. Eles fingiam que tinham um grande amor a Deus, e pensavam que o demonstravam através de seu zelo pela lei, pelo Templo, e pelo sábado, e mesmo assim estavam sem o amor a Deus. Note que existem muitos que fazem uma grande manifestação da religião, e ainda assim demonstram que carecem do amor de Deus através do menosprezo por Cristo e do desprezo por seus mandamentos. Eles odeiam sua santidade, e subestimam sua generosidade. Observe que o que Deus aceitará é o amor a Ele, aquele amor entranhado no coração, um princípio vivo e ativo ali, o amor derramado ali, Romanos 5.5. Em segundo lugar, a prova dessa acusação é demonstrada pelo conhecimento pessoal de Cristo, que sonda o coração (Ap 2.23) e sabe o que está dentro do homem: “Eu vos conheço”. Cristo vê através de nossos disfarces, e pode dizer a cada um de nós: “Eu te conheço”. 1. Cristo conhece os homens melhor do que seus vizinhos os conhecem. As pessoas pensavam que os escribas e fariseus fossem homens muito devotados e bons, mas Cristo sabia que eles não tinham o amor de Deus dentro de si. 2. Cristo conhece os homens melhor do que eles próprios se conhecem. Esses judeus tinham uma opinião muito boa sobre si mesmos, mas Cristo sabia como o interior deles era corrompido, não obstante sua enganosa aparência exterior. Podemos enganar a nós mesmos, mas ninguém pode enganar a Ele. 3. Cristo conhece os homens que não o conhecem e não o conhecerão. Ele olha para aqueles que persistentemente desviam o olhar para longe dele, e chama por seus próprios nomes, seus nomes verdadeiros, aqueles que não o conheceram.

[3] Outro pecado imputado a eles é sua disposição para acolher falsos Cristos e falsos profetas, enquanto obstinadamente não aceitavam aquele que era o verdadeiro Messias (v. 43): “Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais. se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis”. “Espantai-vos disto, ó céus” (Jr 2.12,13). “Porque o meu povo fez duas maldades”, realmente, grandes maldades. Em primeiro lugar, eles deixaram o manancial de águas vivas, pois não iriam aceitar a Cristo, que veio em nome de seu Pai, recebera sua autoridade de seu Pai, e fez tudo por sua glória. Em segundo lugar, eles cavaram cisternas rotas. Eles ouvem atentamente a qualquer um que se levante em seu próprio nome. Eles abandonaram sua própria misericórdia e compaixão, o que é ruim o

suficiente, e o fizeram por causa de vaidades mentirosas, o que é pior. Observe, neste ponto: 1. Esses são falsos profetas que vêm em seu próprio nome, que correm sem ser enviados, e que só se interessam por si próprios. 2. É justo que Deus permita que esses, que não recebem o amor da verdade, sejam enganados por falsos profetas, 2 Tessalonicenses 2.10,11. Os enganos do anticristo são um castigo justo para aqueles que não obedecem a doutrina de Cristo. Aqueles que fecharam seus olhos quando tiveram a oportunidade de estar em contato com a verdadeira luz, estão, pelo julgamento de Deus, fadados a vagar eternamente seguindo falsas luzes, e a serem desviados do caminho por cada vento de doutrina. 3. A completa estupidez de muitos fica patente. Enquanto repudiam antigas verdades, estão apaixonados por erros arrogantes. Eles odeiam o maná, e, ao mesmo tempo, alimentam-se de cinzas. Depois que os judeus haviam rejeitado a Cristo e seu maravilhoso Evangelho, eles foram freqüentemente assombrados por espectros, por falsos Cristos e falsos profetas (Mt 24.24), e sua predisposição a segui-los ocasionou os transtornos e revoltas que apressaram a ruína que sofreram.

[4] Eles são aqui acusados de orgulho, altivez, e descrença, e de estarem sofrendo os efeitos de tudo isto, v. 44. Tendo reprovado severamente a descrença deles, como um sábio médico, o Senhor busca a causa, e coloca o machado à raiz. Eles, portanto, desprezaram e subestimaram a Cristo, porque admiraram e supervalorizaram a si próprios. Eis aqui:

Em primeiro lugar, a ambição que tinham pela glória terrena. Cristo a desprezava, v. 41. Eles concentraram seus corações nela: “Vós recebeis honra uns dos outros”. Isto é: “Procurais um messias em esplendor externo, para que assegureis, a vós mesmos, uma honra terrena através dele”. “Vós recebeis honra”: 1. “Desejais recebê-la, e a buscais em tudo o que fazeis.” 2. “Vós concedeis honra a outros, e os aclamais, apenas para que eles possam devolvê-la, e possam vos aclamar”. *Petimus dabimusque vicissim – Nós pedimos e nós concedemos*. O artifício do homem orgulhoso é prestar honra aos outros apenas para que ela possa repercutir sobre si mesmo. 3. “Sois muito diligentes em guardar todas as honras para vós mesmos, e restringi-las a vosso próprio grupo, como se tivésseis o monopólio daquilo que é honroso”. 4. “O respeito que vos é mostrado, acolheis como vosso, e não o transmitis a Deus, como Herodes”. Idolatrar os homens e seus sentimentos, e fingir ser idolatrado por eles e suas aclamações, são obras de

idolatria tão diretamente contrárias à cristandade como qualquer outra.

Em segundo lugar, sua negligência da honra espiritual, chamada aqui de honra que vem apenas de Deus. Essa eles não buscavam, não se importavam. Note que: 1. A honra verdadeira é apenas aquela que vem de Deus, que é uma honra real e duradoura. São verdadeiramente honoráveis aqueles a quem o Senhor recebe em uma aliança e comunhão consigo. 2. Todos os santos têm essa honra. Todos os que crêem em Cristo, através dele recebem a honra que vem de Deus. Ele não é parcial, mas concederá glória onde quer que conceda graça. 3. Essa honra que vem de Deus, nós devemos procurar, devemos tê-la em vista, e agir nesse sentido, não nos envolvendo com nada, exceto com ela (Rm 2.29). Nós devemos considerá-la como sendo nossa recompensa, assim como os fariseus consideravam o louvor dos homens. 4. Aqueles que não querem vir a Cristo, e aqueles que ambicionam as glórias terrenas, fazem parecer que não buscam a honra que vem de Deus, e isso é sua estupidez e ruína.

Em terceiro lugar, a influência que isso tinha sobre sua infidelidade. “Como podeis vós crer” naqueles que são influenciados desta maneira? Observe, neste ponto, que: 1. A dificuldade para acreditar surge de nós mesmos e de nossa própria perversão. Nós tornamos nosso trabalho difícil para nós mesmos, e então nos queixamos de que ele é impraticável. 2. A ambição e a artificialidade da glória mundana são um grande obstáculo para a fé em Cristo. Como podem crer aqueles que fazem do elogio e do aplauso dos homens seus ídolos? Quando a confissão e a prática da religiosidade séria estão em desuso, são criticadas em toda parte. Quando Cristo e seus seguidores são homens que causam espanto, e ser um cristão é como ser como uma ave de várias cores (e esta é uma circunstância comum), como poderão crer aqueles cujo ponto mais alto da ambição é mostrar uma boa aparência na carne?

6. A última testemunha aqui convocada é Moisés, v. 45ss. Os judeus nutriam uma grande veneração por Moisés, valorizavam se por serem os discípulos de Moisés, e fingiam seguir a Moisés, mesmo na sua oposição a Cristo. Mas Cristo, neste ponto, lhes mostra:

(1) Que Moisés era uma testemunha contra os judeus descrentes, e os denunciava ao Pai: “Há um que vos acusa, Moisés”. Isto pode ser entendido, ou: [1] Como mostrando a diferença entre a lei e o Evangelho. Moisés, isto é, a lei, vos acusa, porque pela lei vem o conhecimento do

pecado. Ela vos condena, ela é, para aqueles que nela confiam, um ministério de morte e condenação. Mas nos acusar não é o propósito do Evangelho de Cristo: “Não cuideis que eu vos hei de acusar”. Cristo não veio ao mundo como alguém que tem a intenção de descobrir erros e promover discussões com todo mundo, ou como um espião das ações dos homens, ou um promotor em busca de crimes. Não, Ele veio para ser um advogado, não um acusador; para reconciliar Deus e o homem, e não para provocar mais divergências entre eles. Que tolos foram, então, aqueles que se apoiaram em Moisés contra Cristo, e queriam estar sob a lei! Gálatas 4.21. Ou: [2] Como mostrando a manifesta irracionalidade de sua infidelidade: “Não cuideis que eu vos hei de acusar perante Deus e desafiar-vos a responder pelo que fazeis contra mim, como a inocência ferida normalmente o faz. Não, Eu não preciso disto. Vós já sois acusados, e julgados, no tribunal do céu. O próprio Moisés diz o suficiente para acusar-vos de incredulidade, e condenar-vos por ela”. Que eles não se enganem a respeito de Cristo. Embora Ele fosse um profeta, não se aproveitava de seu poder no céu contra aqueles que o perseguiam. Ele não intercedeu, como Elias, contra Israel (Rm 6.2), nem como Jeremias, que desejava ver a vingança de Deus. O Senhor também não deixou que se enganassem no tocante a Moisés, como se o patriarca fosse ficar ao lado deles na rejeição a Cristo. “Não, há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais”. Note que, em primeiro lugar, os privilégios e vantagens materiais são, geralmente, a vã segurança daqueles que rejeitam Cristo e sua graça. Os judeus confiavam em Moisés, e acreditavam que a aceitação de suas leis e rituais os salvaria. Em segundo lugar, aqueles que confiam em seus privilégios, e não se aperfeiçoam, descobrirão não só que sua confiança será frustrada, mas que esses mesmos privilégios testemunharão contra si mesmos.

(2) Que Moisés era uma testemunha de Cristo e de sua doutrina (vv. 46,47): “De mim escreveu ele”. Moisés expressou detalhadas profecias a respeito de Cristo, como a Semente da mulher, a Semente de Abraão, o Siló, o grande Profeta. As cerimônias da lei de Moisés eram símbolos daquele que estava para vir. Os judeus fizeram de Moisés o patrono de sua oposição a Cristo, mas Cristo aqui lhes mostra o erro grosseiro que estavam cometendo, pois Moisés estava muito longe de escrever contra Cristo. De fato, Moisés escreveu a respeito do Senhor Jesus Cristo, e a favor dele.

Mas: [1] Cristo, neste ponto, acusa os judeus de não acreditarem em Moisés. Ele tinha dito (v. 45) que eles confiavam em Moisés, e, ainda assim, aqui Ele se encarrega de comprovar que eles não acreditavam em Moisés. Eles confiavam em seu nome, mas não aceitavam sua doutrina em seu verdadeiro sentido e significado; eles não entendiam corretamente, nem davam crédito ao que estava registrado nas Escrituras de Moisés relativas ao Messias. [2] O Senhor prova essa acusação através da incredulidade deles em relação a Moisés: “Se crêsseis em Moisés, creríeis em mim”. Note que, em primeiro lugar, o julgamento mais seguro da fé é feito através dos efeitos que ela produz. Diz-se que muitos acreditam naqueles cujas ações desmentem suas palavras, pois, se tivessem crido nas Escrituras, teriam feito o contrário do que fizeram. Em segundo lugar, aqueles que crêem corretamente em uma parte das Escrituras aceitarão todas as partes dela. As profecias do Antigo Testamento foram tão completamente cumpridas em Cristo, que aqueles que o rejeitaram negaram, efetivamente, suas profecias, e deixaram-nas de lado. [3] A partir da descrença deles em relação a Moisés, o Senhor conclui que não era estranho que eles o rejeitassem: “Se não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?” Como se pode pensar que deveríeis? Em primeiro lugar: “Se não credes nas sagradas Escrituras, naquelas profecias que estão escritas de forma clara, que são o meio mais preciso de comunicação, como crereis nas minhas palavras, palavras que estão sendo menos consideradas?” Em segundo lugar: “Se não credes em Moisés, por quem tendes tão profunda veneração, como é possível que creiais em mim, a quem olhais com tanto desprezo?” Veja Êxodo 6.12. Em terceiro lugar: “Se não credes no que Moisés disse e escreveu a meu respeito, que é um testemunho forte e convincente a meu favor, como crereis em mim e em minha missão?” Se não admitirmos as premissas, como admitiremos a conclusão? A verdade sobre a religião cristã, sendo ela uma questão genuinamente de revelação divina, depende da autoridade divina das Escrituras. Se, portanto, não crermos na divina inspiração destes escritos, como poderemos aceitar a doutrina de Cristo?

Então, chega ao fim o argumento de Cristo quanto a si mesmo, em resposta ao testemunho exibido contra Ele. Que efeito ele produziu não sabemos; a impressão é que *emudeceram* por um momento, e não poderiam prosseguir pela vergonha de terem perdido a causa. Ainda assim, seus *corações* continuaram *endurecidos*.

CAPÍTULO 6

Neste capítulo, temos: I. O milagre dos pães, vv. 1-14. II. Cristo andando sobre as águas, vv. 15-21. III. A multidão indo atrás dele até Cafarnaum, vv. 22-25. IV. Sua conversa com eles, ocasionada pelo milagre dos pães, na qual Ele os reprova por procurarem alimento carnal, e os orienta em direção ao alimento espiritual (vv. 26,27), mostrando-lhes como deviam trabalhar pelo alimento espiritual (vv. 28,29), e o que é este alimento espiritual, vv. 30-59. V. O descontentamento do povo com o que Ele dizia, e a repreensão que Ele lhes deu por causa disto, vv. 60-65. VI. A apostasia de muitos, abandonando-o, e suas palavras aos discípulos que permaneceram com Ele naquela ocasião, vv. 66-71.

Os Cinco Mil São Alimentados

vv. 1-14

Aqui temos uma narrativa da ocasião em que Cristo alimentou a cinco mil homens com cinco pães e dois peixes, milagre que é, neste respeito, extraordinário, e que é a única passagem das atividades da vida de Cristo que é registrada por todos os quatro evangelistas. João, que normalmente não relata aquilo que já tinha sido registrado por aqueles que tinham escrito antes dele, relata este episódio, por causa da referência com o sermão que o segue. Observe:

I O lugar e a época em que este milagre se realizou, que são registrados para a maior evidência da veracidade da história. Não está escrito que ele foi realizado em uma ocasião indeterminada, ninguém sabe onde, mas as circunstâncias que podem ser indagadas a respeito do fato estão especificadas.

1. A região e hora em que Cristo estava (v. 1): Ele “partiu para o outro lado do mar da Galiléia”, lugar chamado, em outras passagens, de “lago de Genesaré”, e aqui de mar “de Tiberíades”, por causa de uma cidade vizinha, que Herodes tinha ampliado e embelezado recentemente, e a tinha assim chamado em honra ao imperador Tibério, e provavelmente tinha feito aí sua metrópole. Cristo não cruzou diretamente este mar interior, mas fez uma viagem costeira a outro lugar, na mesma margem. Não é tentar a Deus, quando se decide ir pela água, quando existe a conveniência para se fazer

isto, mesmo àqueles lugares aos quais poderíamos ir por terra, pois Cristo nunca tentou o Senhor, seu Deus, Mateus 4.7.

2. O grupo que o acompanhou: “Grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos”, v. 2. Observe que: (1) Nosso Senhor Jesus, enquanto viajava fazendo o bem, vivia continuamente em meio a uma multidão, o que lhe causava mais problemas do que honra. Os homens bons e úteis não devem reclamar de uma confusão no trabalho, quando estão servindo a Deus e à sua geração. Haverá tempo suficiente para nos deleitarmos quando formos para aquele mundo onde desfrutaremos de Deus. (2) Os milagres de Cristo atraíam a muitos que não eram, na realidade, atraídos por Ele. Eles tinham sua curiosidade satisfeita pela estranheza dos milagres, não tendo suas consciências convencidas pelo poder deles.

3. Cristo colocou-se em uma posição vantajosa para acolhê-los (v. 3): “Jesus subiu ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos”, para que Ele fosse visto e ouvido de maneira mais conveniente pela multidão que se aglomerava ao segui-lo. Este era um púlpito natural, e não, como o de Esdras, feito propositadamente. Cristo agora era levado a ser um pregador campal, mas sua palavra nunca foi menos importante, ou menos aceitável, por causa disto, àqueles que sabiam como valorizá-la, que ainda o seguiam, não somente quando Ele se dirigia a um lugar deserto, mas quando Ele subia um monte, embora a subida desanime. Ele se assentou ali, como os professores fazem *in cathedra – na cadeira da instrução*. Ele não se assentou descansando, nem em pompa, mas assentou-se como alguém que tem autoridade, assentou-se pronto para receber os que se dirigissem a Ele. Qualquer pessoa que assim o desejasse poderia vir, e o encontraria ali. Ele assentou-se com seus discípulos. Ele condescendeu em levá-los para assentar-se com Ele, para dar-lhes uma reputação perante o povo, e dar-lhes um sinal da glória que, em breve, desfrutariam com Ele. Está escrito que nós nos assentamos com Ele, Efésios 2.6.

4. A época em que isto aconteceu. As primeiras palavras, “depois disso”, não significam que isto aconteceu imediatamente depois daquilo que foi relatado no capítulo anterior, pois aconteceu bastante tempo depois, e estas palavras não significam nada mais que o decorrer do tempo. Mas nós lemos (v. 4) que foi quando a Páscoa estava próxima, o que é aqui registrado: (1) Porque, talvez, isto tivesse trazido todos os apóstolos das respectivas

expedições às quais tinham sido enviados como pregadores itinerantes, para que pudessem acompanhar seu Mestre a Jerusalém, para observar a festa. (2) Porque observar a aproximação da Páscoa, trinta dias antes, com algum tipo de solenidade, era um costume observado religiosamente entre os judeus, de modo que muito tempo antes que ela estivesse próxima, eles consertavam as estradas e pontes, se houvesse oportunidade, e discursavam a respeito da Páscoa e sua instituição. (3) Porque, talvez, a aproximação da Páscoa, quando todos sabiam que Cristo iria subir a Jerusalém, e ficaria ausente por algum tempo, tenha levado a multidão a procurá-lo mais, e a acompanhá-lo mais diligentemente. Observe que a perspectiva de perder nossas oportunidades deve nos motivar a aproveitá-las com o dobro da diligência, e, quando as ordenanças solenes se aproximarem, é bom que nos preparemos para elas, conversando sobre a Palavra de Cristo.

II O milagre propriamente dito. Observe aqui:

1. Como Cristo percebeu a multidão que o acompanhava (v. 5): Ele levantou os olhos e viu que uma grande multidão vinha ter com Ele, pessoas pobres, humildes, comuns, sem dúvida, pois delas são feitas as multidões, especialmente neste tipo de região remota do país. Ainda assim, Cristo mostrou-se satisfeito com sua presença, e preocupado com seu bem-estar, ensinando-nos a ser condescendentes com aqueles de posição inferior, e a não colocarmos com os cães do nosso rebanho aqueles a quem Deus colocou com os cordeiros do seu. Para Cristo, as almas dos pobres são tão preciosas quanto as dos ricos, e assim devem ser para nós.

2. A pergunta que Ele fez a respeito da maneira de prover por eles. Ele dirigiu-se a Filipe, que tinha sido seu discípulo desde o início, e tinha visto todos os seus milagres, e particularmente aquele da transformação da água em vinho, e, portanto, seria de esperar que ele tivesse dito: “Senhor, se tu quiseres, será fácil para ti alimentar a todos”. Àqueles que, como Israel, foram testemunhas das obras de Cristo, e compartilharam do benefício delas, é imperdoável dizer: Poderá, porventura, preparar-nos uma mesa no deserto? Filipe era de Betsaida, em cuja vizinhança Cristo estava agora, e, portanto, ele tinha mais probabilidade de ajudá-los com a provisão a um custo menor. E provavelmente grande parte do grupo era de conhecidos seus, e ele estaria preocupado com eles. Agora Cristo perguntava: “Onde compraremos pão, para estes comerem?” (1) Jesus dá como certo o fato de

que todos devem comer com Ele. Alguém poderia pensar que depois de tê-los ensinado e curado, Ele já teria feito sua parte, e agora eles deveriam estar planejando como alimentá-lo, e aos seus discípulos, pois algumas das pessoas provavelmente eram ricas, e temos certeza de que Cristo e seus discípulos eram pobres. Mas, ainda assim, Ele se preocupa em recebê-los bem. Aqueles que desejam aceitar os dons espirituais de Cristo, em vez de pagar por eles, serão pagos por aceitá-los. Tendo alimentado suas almas com o pão da vida, Cristo alimenta seus corpos, também, com alimento conveniente, para mostrar que é o Senhor do corpo, para nos incentivar a orar pelo nosso pão de cada dia, e para nos dar um exemplo de compaixão pelos pobres, Tiago 2.15,16. (2) Sua pergunta é: "Onde compraremos pão?" Poderíamos pensar, considerando sua pobreza, que Ele deveria ter perguntado: Onde conseguiremos dinheiro para comprar pão para eles? Mas Ele prefere dar tudo o que tem a ver que lhes falta comida. Ele irá comprar para dar, e nós devemos trabalhar, para podermos dar, Efésios 4.28.

3. O objetivo desta pergunta era experimentar a fé de Filipe, "porque ele bem sabia o que havia de fazer", v. 6. Observe que: (1) Nosso Senhor Jesus nunca se confunde nos seus conselhos, mas, por mais difícil que seja o caso, Ele sabe o que deve fazer, e que curso irá tomar, Atos 15.18. Ele sabe os pensamentos que pensa do seu povo (Jr 29.11), e nunca tem incertezas. Quando nós não sabemos, Ele mesmo sabe o que irá fazer. (2) Quando Cristo se contenta em confundir seu povo, é somente com o objetivo de testá-los. A pergunta confundiu a Filipe, mas ainda assim Cristo a fez, para ver se ele iria dizer: "Senhor, se exerceres teu poder por eles, não precisaremos comprar pão".

4. A resposta de Filipe a esta pergunta de Jesus: "'Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão', v. 7. Mestre, é inútil falar em comprar pão para eles, pois nem a região terá tanto pão, nem nós poderemos dispor de tanto dinheiro. Pergunte a Judas, que é quem está com a bolsa". Duzentos dinheiros, na moeda deles, são aproximadamente seis libras do nosso, e, se eles dessem todo este dinheiro de uma vez, isto acabaria com seus fundos, e os levaria à falência, e então eles mesmos passariam fome. Grotius avalia que duzentos dinheiros de pão não seriam suficientes para duas mil pessoas, mas Filipe desejava fazer o máximo que pudesse, desejava que cada um pudesse receber um pouco, e a natureza, dizemos, se contenta com pouco. Veja a fraqueza da fé de Filipe, que, nesta situação difícil, como se o Mestre

da família fosse uma pessoa comum, procurou por suprimentos somente da maneira normal. Cristo poderia agora ter-lhe dito, como fez posteriormente: “Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe?” Ou, como Deus disse a Moisés, em uma situação semelhante: “Ter-se-ia encurtado a mão do Senhor?” Nós somos capazes de perder a confiança no poder de Deus quando os meios normais e visíveis fracassam, isto é, só confiamos nele se pudermos vê-lo.

5. A informação que Cristo recebeu de outro dos seus discípulos a respeito da provisão que tinham. Foi “André”, aqui descrito como sendo “irmão de Simão Pedro”. Embora ele fosse mais antigo que Pedro no discipulado, e tivesse sido útil para trazer Pedro a Cristo, ainda assim Pedro, posteriormente, o superou tanto, que ele agora é descrito pelo seu parentesco com Pedro. Ele deu a conhecer a Cristo o que tinham disponível, e nisto podemos ver:

(1) A força do seu amor por aqueles com os quais ela via seu Mestre preocupado, pois estavam dispostos a dar tudo o que tinham, embora soubessem que eles mesmos poderiam ter necessidades, e que alguém poderia ter dito: A caridade começa em casa. Ele não procurou esconder, com o pretexto de ser um melhor administrador da sua provisão do que era seu Mestre, mas honestamente informa tudo o que tinham. Aqui está um rapaz, *paidarion – um rapazinho*, provavelmente alguém que costumava acompanhar este grupo, como os colonos fazem no campo, com provisões para vender, e os discípulos tinham reservado o que ele tinha para si mesmos, e eram “cinco pães de cevada e dois peixinhos”. Aqui: [1] A provisão era rústica e comum. Eram pães de cevada. Canaã era uma terra de trigo (Dt 8.8). Seus habitantes normalmente se sustentavam com o trigo mais fino (Sl 81.16), a gordura da flor do trigo (Dt 32.14), mas Cristo e seus discípulos se satisfaziam com pão de cevada. A conclusão aqui não deve ser a de que nós devamos nos prender a uma refeição tão rústica, estabelecendo-a como um padrão religioso (quando Deus traz aquilo que é mais fino às nossas mãos, devemos receber e ser gratos), mas que não devemos cobiçar manjares gostosos (Pv 23.3), nem murmurar se nossa alimentação estiver reduzida a refeições comuns, porém devemos ficar satisfeitos e agradecidos, sentindo-nos em paz. Pão de cevada é o que Cristo tinha, e é mais do que merecemos. Não devemos desprezar a provisão humilde dos pobres, nem considerá-la com desprezo, lembrando-nos da

provisão que Cristo tinha. [2] Era pequena e insuficiente. Havia apenas cinco pães, e eles eram tão pequenos, que um rapazinho os carregava. E sabemos (2 Rs 4.42,43) que vinte pães de cevada, com outra provisão para ajudar, não alimentaram cem homens, sem um milagre. Havia apenas dois peixes, e pequenos (*dyo opsaria*), tão pequenos, que um deles era somente um pedacinho, *pisciculi assati*. Eu imagino que os peixes estivessem prontos para consumo, pois eles não fizeram fogo para condimentá-lo. A provisão de pão era pequena, e a de peixe era ainda menor, de modo que alguns entendem que eles deviam comer muitos pedaços de pão seco antes de fazerem uma refeição com esta provisão. Mas, na realidade, o Senhor multiplicou os pães e os peixes e todos comeram o quanto quiseram. O pão é alimento para a saciar nossa fome, mas sobre aqueles que murmuravam por carne está escrito: Pediram carne para satisfazerem seu apetite, Salmos 78.18. Com acerto, André desejava que o povo comesse o suficiente. Observe que um medo desconfiado de que nos falte não deve impedir que sejamos caridosos para com os outros.

(2) Veja aqui a fraqueza da fé de André, nas seguintes palavras: "'Mas que é isso para tantos?' Oferecer isto a uma multidão como esta é somente zombar dela". Filipe e André não tiveram aquela verdadeira consideração sobre o poder de Cristo (do qual já tinham tido uma experiência tão grande) que poderiam ter tido. Quem alimentou o povo de Israel no deserto? Aquele que podia fazer um só homem perseguir a mil, podia fazer um pão alimentar a mil.

6. As instruções que Cristo deu aos discípulos, para que os homens se assentassem (v. 10): "'Mandai assentar os homens', embora não tenhais nada para colocar diante deles, confiai em mim". Isto era como enviar a providência ao mercado, e ir às compras sem dinheiro. Assim, Cristo desejava colocar à prova a obediência dos discípulos. Observe: (1) A mobília da sala de refeições: "Havia muita relva naquele lugar", embora fosse um deserto. Veja como a natureza é generosa, ela faz produzir erva sobre os montes, Salmos 147.8. Esta relva não tinha sido comida pelos animais do campo, e serviu para as pessoas se sentarem. Cristo não somente dá o suficiente, porém mais do que o suficiente. Havia abundância de relva onde Cristo estava pregando. O Evangelho traz outras bênçãos consigo: "Então, a terra dará o seu fruto", Salmos 67.6. Esta abundância de relva tornou o lugar mais confortável para aqueles que deviam se sentar no chão,

e lhes serviu de almofadas, ou leitos (como eles chamavam o lugar onde se assentavam para comer, Ester 1.6). E considerando o que Cristo diz sobre a erva no campo (Mt 6.29,30), estes leitos eram superiores aos de Assuero. A pompa da natureza é a mais gloriosa. (2) O número de convidados: quase cinco mil, uma grande recepção, representando a do Evangelho, que é uma festa para todas as nações (Is 25.6), uma festa para todos aqueles que se aproximam dele.

7. A distribuição da provisão, v. 11. Observe:

(1) Foi feita com um agradecimento: Ele deu graças. Observe: [1] Nós devemos dar graças a Deus pelo nosso alimento, pois o fato de tê-lo é uma graça, e nós o temos pela mão de Deus, e devemos recebê-lo "com ações de graças", 1 Timóteo 4.4,5. E esta é a doçura dos nossos consolos de criaturas, que eles nos fornecerão motivo, e nos darão oportunidade, para este excelente dever de dar graças. [2] Embora nossa provisão seja simples e insuficiente, e não tenhamos abundância nem manjares refinados, ainda assim devemos dar graças a Deus pelo que temos.

(2) Ela foi distribuída a partir da mão de Cristo, passando pelas mãos dos seus discípulos, v. 11. Observe que: [1] Todos os nossos consolos nos vêm, originalmente, da mão de Cristo. A despeito de quem quer que os traga, é Ele quem os envia. Ele os distribui àqueles que os distribuem a nós. [2] Ao distribuir o pão da vida àqueles que o seguem, Ele se alegra em fazer uso do ministério dos seus discípulos. Eles servem à mesa de Cristo, ou melhor, administram sua casa, para dar a cada um "o sustento a seu tempo".

(3) Foi feita para satisfação de todos. Eles não comeram apenas um pouquinho cada um, mas todos comeram "quanto queriam", não uma porção pequena, mas uma refeição completa. E considerando o tempo que tinham jejuado, e o apetite com que se assentaram, como deve ter sido agradável esta refeição milagrosa, mais do que aquela que seria proporcionada por um alimento comum. Não lhes foi servido pouco alimento, uma vez que comeram o quanto quiseram, e sem custos. Cristo não economiza com aqueles a quem alimenta com o pão da vida, Salmos 81.10. Havia apenas dois peixinhos, e ainda assim eles comeram tanto quanto quiseram. Ele não reservou os peixinhos para os melhores convidados, nem dispensou os pobres com pão seco, mas os tratou a todos da mesma maneira, pois todos eram igualmente bem-vindos. Aqueles que dizem que alimentar-se de peixe é o mesmo que jejuar, desaprovam a

recepção que Cristo fez aqui. Mas este foi, de fato, um banquete completo.

8. O cuidado que se tomou com o alimento que sobrou. (1) As ordens que Cristo deu a este respeito (v. 12): “Quando estavam saciados”, e cada homem tinha em si mesmo uma testemunha da verdade do milagre, Cristo “disse aos seus discípulos”, os servos que Ele tinha empregado: “Recolhei os pedaços que sobejaram”. Observe que nós devemos sempre tomar cuidado para não desperdiçar nenhuma das boas dádivas de Deus, pois a concessão que temos delas, embora grande e abundante, tem uma condição: jamais desperdiçar algo por negligência, ou de forma deliberada. É justo que Deus nos faça faltar aquilo que nós desperdiçamos. Os judeus eram muito cuidadosos para não perder nenhum pão, nem deixá-lo cair ao chão, para ser pisoteado. *Qui panem contemnit in gravem incidit paupertatem – Aquele que despreza o pão, cai nas profundezas da pobreza*, era um ditado dos judeus. Embora Cristo pudesse ordenar provisões quando desejasse, ainda assim desejou que os pedaços que sobraram fossem reunidos. Quando estamos satisfeitos, nós devemos nos lembrar de que outros têm necessidades, e nós mesmos poderemos tê-las. Aqueles que desejam ter com que ser caridosos, devem ser econômicos. Se este alimento tivesse sido deixado sobre a relva, os animais e as aves os teriam apanhado. Mas aquilo que é adequado para ser alimento dos homens, é desperdiçado e perdido, se for atirado às criaturas brutas. Cristo não ordenou que o alimento fosse recolhido antes que todos estivessem saciados. Não devemos começar a ajuntar e acumular até que todo o alimento devido tenha sido distribuído, pois isto é reter, mais do que satisfazer. O Sr. Baxter observa aqui: “Quanto menos devemos perder a Palavra de Deus, ou seu auxílio, ou nosso tempo, ou outras misericórdias tão grandes como estas!” (2) A obediência a esta ordem (v. 13): “Recolheram-nos, pois, e encheram doze cestos de pedaços”, o que era uma evidência, não somente da verdade do milagre (de que eles estavam alimentados, não com alimento imaginário, mas com comida verdadeira), mas da grandeza do milagre. Eles não somente ficaram saciados, mas houve alimento para isto, e ainda mais. Veja como é grande a generosidade divina. Não somente enche o cálice, mas o faz transbordar. Há pão suficiente, e de sobra, na casa do nosso Pai. As sobras encheram doze cestos, um para cada discípulo. Assim, eles eram recompensados, com juros, pela sua disposição em compartilhar o que tinham para o bem público. Veja 2 Crônicas 31.10. Os judeus tinham como uma lei, entre si,

quando tivessem feito uma refeição, certificar-se de deixar sobre a mesa um pedaço de pão, no qual permanecesse uma bênção posterior à refeição, pois uma das maldições que recaem sobre o homem ímpio (Jó 20.21) é que "nada lhe sobejará para comer".

III Aqui está a influência que este milagre teve sobre as pessoas que tiveram seu benefício (v. 14): "Diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta". Observe: 1. Até mesmo os judeus comuns, com grande segurança, esperavam que o Messias viesse ao mundo, e fosse um grande profeta. Eles falam aqui da sua vinda com grande segurança. Os fariseus os desprezavam como não sendo conhecedores da lei. Mas, aparentemente, eles conheciam mais sobre Ele, que é o fim da lei, do que os fariseus. 2. Os milagres que Cristo realizou claramente demonstravam que Ele era o Messias prometido, um Mestre vindo de Deus, o grande profeta, e não poderiam deixar de convencer os espectadores maravilhados de que este era aquele que devia vir. Havia muitos que, mesmo estando convencidos de que Ele era aquele profeta que devia vir ao mundo, não recebiam cordialmente sua doutrina, pois não permaneceram nela. Existem uma incoerência e inconsistência tão infelizes entre as faculdades da alma corrupta e insatisfeita, que é possível que os homens reconheçam que Cristo é aquele profeta, e ainda assim se façam de surdos a Ele.

Cristo Anda sobre as Águas

vv. 15-21

Aqui temos:

I Cristo afastando-se da multidão.

1. Observe o que fez com que Ele se retirasse. Ele se retirou porque percebeu que aqueles que reconheciam que Ele era aquele profeta que devia vir ao mundo, "haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei", v. 15. Aqui temos um exemplo:

(1) De zelo irregular de alguns dos seguidores de Cristo. Eles não desejavam outra coisa, senão fazê-lo rei. Agora: [1] Este era um ato de zelo, pela honra de Cristo, e contra o desprezo que a parte governante da igreja

judaica lhe devotava. Eles estavam inconformados por verem um benfeitor tão grande para o mundo sendo tão pouco estimado nele. Portanto, uma vez que os títulos reais representam os mais ilustres, eles desejavam fazê-lo rei, sabendo que o Messias deveria ser um rei. E, sendo o Messias um profeta, como Moisés, então Ele deveria ser um príncipe soberano e legislador. Assim, se não puderem colocá-lo sobre o "santo monte Sião", um monte na Galiléia servirá. Aqueles a quem Cristo presenteou com os manjares reais do céu devem, em recompensa pelo seu favor, fazê-lo seu rei, e colocá-lo no trono das suas almas. Que aquele que nos alimentou, nos governe. Mas: [2] Foi um zelo irregular, pois, em primeiro lugar, ele se baseava em um engano a respeito da natureza do reino de Cristo, como se ele devesse ser deste mundo, e Cristo devesse aparecer com pompa exterior, uma coroa na cabeça, e um exército aos seus pés. Eles desejavam fazer dele um rei como este, mas isto era um menosprezo tão grande à sua glória como seria laquear ouro, ou pintar um rubi. As noções corretas do reino de Cristo deveriam nos manter nos métodos corretos para progredir. Em segundo lugar, este zelo era motivado pelo amor à carne. Eles fariam seu rei àquele que tinha podido alimentá-los com tanta abundância sem seu trabalho, e os tinha salvado da maldição de comer seu pão com o suor do seu rosto. Em terceiro lugar, este zelo pretendia cumprir um desígnio secular. Eles esperavam que esta pudesse ser uma excelente oportunidade para livrar-se do jugo romano, do qual já estavam cansados. Se eles tivessem alguém para liderá-los, que pudesse suprir um exército, com menos custos do que alguém poderia prover para uma família, eles teriam, certamente, os fundos para a guerra, e não poderiam deixar de ser bem-sucedidos, e de recuperar sua antiga liberdade. Assim, a religião é freqüentemente prostituída por um interesse secular, e alguns só servem a Cristo para que Ele sirva a uma mudança, Romanos 16.18. *Vix quaeritur Jesus propter Jesum, sed propter aliud – Jesus é normalmente procurado por algum outro motivo, não por si mesmo*. – Agostinho. Em quarto lugar, era um esforço turbulento, e sedicioso, e uma perturbação da ordem pública. Isto levaria o país a um estado de guerra, e o exporia ao rancor do poder romano. Em quinto lugar, era contrário à vontade do próprio Senhor Jesus, pois eles o levariam à força, quer Ele o desejasse ou não. Observe que aqueles que forçam sobre Cristo honras que Ele não pediu, desagradam-no, e lhe fazem uma grande desonra. Aqueles que dizem: Eu sou de Cristo, em oposição àqueles que são

de Apolo e Cefas (fazendo de Cristo o líder de um grupo), arrebatam-no pela força, para fazerem-no rei, contrariamente à sua própria vontade.

(2) Temos aqui um exemplo da humildade e da abnegação do Senhor Jesus: quando desejaram fazer dele um rei, Ele partiu. Tão longe Ele estava de aceitar este desígnio, que, na verdade, Ele o reprimiu. Com isto, Ele deixou um testemunho: [1] Contra a ambição e a ostentação da honra terrena, para a qual Ele estava completamente mortificado, e nos ensinou a agir da mesma maneira. Se eles tivessem vindo para levá-lo à força e fazê-lo prisioneiro, Ele não poderia ter sido mais engenhoso para esconder-se do que foi quando desejaram fazê-lo rei. Não desejemos ser os ídolos da multidão, nem sejamos desejosos de vanglória. [2] Contra a facção e a sedição, traição e rebelião, e qualquer coisa que tenda a perturbar a paz de reis e províncias. Com isto, parece que Ele não era inimigo de César, nem desejava que seus seguidores o fossem, mas era um quieto na terra. Ele desejava que seus ministros recusassem qualquer coisa que parecesse sedição, ou que se destinasse a isto, e que seus interesses só estivessem voltados ao bem do seu trabalho.

2. Observe para onde Ele se retirou: "Tornou a retirar-se… para o monte", *eis to oros – para o monte*, o monte onde tinha pregado (v. 3), de onde desceu à planície, para alimentar o povo. Ele retornou para lá, só, para ter privacidade. Embora Cristo seja muito útil nos lugares onde há público, Ele decidia, às vezes, ficar sozinho, para nos ensinar a nos retirarmos do mundo, de vez em quando, para convivermos mais livremente com Deus e com nossas próprias almas. Os cristãos sérios devem dedicar tempo para estarem a sós. O serviço público não deve prejudicar as devoções particulares.

II Aqui está a aflição dos discípulos, no mar. "Os que descem ao mar em navios… esses vêem as obras do Senhor... Pois ele manda, e se levanta o vento tempestuoso", Salmos 107.23-25. Aplique isto a estes discípulos.

1. Aqui está seu relato da saída dos discípulos ao mar, em um barco (vv. 16,17): "Quando veio a tarde", e já tinham concluído o trabalho do dia, era hora de ir para casa, e por isto "entrando no barco, passaram o mar em direção a Cafarnaum". Isto eles fizeram por instrução especial do seu Mestre, cujo objetivo era, aparentemente, tirá-los do caminho da tentação, evitando o contato com aqueles que desejaram fazê-lo rei.

2. Aqui está o vento tempestuoso surgindo e cumprindo a Palavra de Deus. Eles eram os discípulos de Cristo, e agora estavam a caminho do seu dever, e Cristo estava no monte, orando por eles. E ainda assim, estavam nesta aflição. Os perigos e aflições da época atual podem ser consistentes com nosso interesse por Cristo, e pela sua intercessão. Eles tinham recentemente tido um banquete à mesa de Cristo, mas depois do sol do consolo, espera-se uma tormenta. (1) "Era já escuro". Isto tornou a tempestade ainda mais perigosa e desconfortável. Algumas vezes, o povo de Deus se depara com dificuldades e não consegue ver a saída. No escuro, quanto à causa da sua dificuldade, quanto ao que ela pretende, e qual será o resultado. (2) "Ainda Jesus não tinha chegado perto deles". Quando eles estavam naquela tempestade (Mt 8.23ss.), Jesus estava com eles, mas agora seu amado tinha se retirado, e tinha partido. A ausência de Cristo é o que agrava enormemente os problemas dos cristãos. (3) "O mar se levantou, porque um grande vento assoprava". Havia bom tempo quando eles saíram ao mar (eles não teriam a presunção de zarpar em uma tempestade), mas o mar se levantou quando já estavam no mar. Em tempos de tranqüilidade, devemos nos preparar para os problemas que podem surgir quando menos esperarmos. Consolemos as pessoas boas, quando estiverem nas tempestades no mar, com o fato de que os discípulos de Cristo também lá estiveram. E que as promessas de um Deus de graça compensem as ameaças de um mar enfurecido. Embora em meio a uma tempestade, e no escuro, elas não estarão em pior situação do que os discípulos de Cristo já estiveram. As nuvens e a escuridão, às vezes, cercam os filhos da luz e do dia.

3. Aqui está a oportuna vinda de Cristo para junto deles, quando estão em meio a este perigo, v. 19. Eles tinham remado (tendo sido forçados, pelos ventos contrários, a tomar seus remos) por cerca de vinte e cinco ou trinta estádios. O Espírito Santo, que permitiu esta tempestade, poderia ter expressado o número de estádios com exatidão. Mas por se tratar de uma informação circunstancial, foi deixada para ser registrada de acordo com as conjeturas do escritor. E, quando eles já haviam adentrado uma boa distância no mar, "viram Jesus andando sobre o mar". Veja aqui: (1) O poder que Cristo tem sobre as leis e os fatores da natureza, para controlá-los e utilizá-los conforme desejar. É natural que os corpos pesados afundem na água, mas Cristo andou sobre a água como se estivesse andando sobre terra

firme, o que foi mais do que Moisés dividir as águas e caminhar entre elas. (2) A preocupação que Cristo tem com seus discípulos em aflição: Ele aproximou-se do barco. Portanto, Ele andou sobre as águas, assim como "cavalga sobre os céus", para a ajuda do seu povo, Deuteronômio 33.26. Ele não os deixará sem conforto, quando eles parecerem estar sacudidos com tempestades e sem conforto. Quando eles estiverem exilados (como João) em lugares remotos, ou encerrados (como Paulo e Silas) em lugares fechados, Ele terá acesso a eles, e estará junto com eles. (3) O alívio que Cristo dá aos seus discípulos, em meio aos seus temores. Eles sentiram medo, mais medo de uma aparição (pois isto foi o que eles supuseram que Ele era) do que dos ventos e das ondas. É mais terrível lutar "contra os príncipes das trevas deste século" do que com um mar tempestuoso. Quando eles pensaram que um demônio os assombrava, e talvez tivesse sido usado para levantar a tempestade, ficaram ainda mais assustados do que tinham ficado quando não viram nada nela, exceto o que era natural. Observe que: [1] Nossas verdadeiras aflições são, freqüentemente, muito ampliadas pelas criaturas imaginárias da nossa própria imaginação. [2] Até mesmo a aproximação de consolo e resgate freqüentemente é tão mal interpretada, que se torna motivo de medo e perplexidade. Com freqüência, não somente ficamos mais assustados do que feridos, mas ficamos mais assustados quando estamos prestes a ser ajudados. Mas, quando os discípulos estavam sentindo este temor, com que afeto Cristo silenciou seus temores, dirigindo-lhes estas palavras piedosas (v. 20): "Sou eu; não temais". Nada é mais poderoso para convencer os pecadores do que estas palavras: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues". Nada é mais poderoso para consolar os santos do que estas: "Eu sou Jesus, a quem tu amas. Sou Eu, que te amo, e procuro teu bem. Não tenha medo de mim, nem da tempestade". Quando o perigo está próximo, Cristo está próximo.

4. Aqui está sua chegada bem-sucedida ao porto ao qual se dirigiam, v. 21. (1) Eles receberam a Cristo no barco. Eles o receberam de boa mente. Observe que a ausência de Cristo por algum tempo é apenas para valorizar-se, na sua volta, aos seus discípulos, que valorizam a presença dele mais do que qualquer coisa. Veja Cantares 3.4. (2) Cristo os trouxe em segurança à terra firme: "Logo o barco chegou à terra para onde iam". Observe que: [1] O barco da igreja, no qual os discípulos de Cristo embarcaram, junto com tudo o que tinham, pode estar muito abalado e desamparado, mas ele

finalmente chegará, em segurança, ao porto. Jogados ao mar, mas não perdidos; abatidos, mas não destruídos; a sarça ardendo, mas não se consumindo. [2] O poder e a presença do Rei da igreja irá apressar e facilitar seu resgate, vencendo as dificuldades que encobriram os talentos e o engenho de todos aqueles que lutaram a seu favor. Os discípulos tinham remado duramente, mas não conseguiram nada até que Cristo entrou no barco, e então o trabalho se fez repentinamente. Se recebemos a Cristo Jesus, o Senhor, se o recebemos de boa mente, mesmo que a noite seja escura e o vento forte, ainda assim podemos nos consolar com o fato de que, em breve, estaremos em terra firme, e estamos mais próximos disto do que pensamos estar. Muitas almas em dúvida são atraídas para o céu por uma surpresa agradável, ou sem se dar conta.

O Discurso de Cristo à Multidão

vv. 22-27

Nestes versículos, temos:

I A busca cuidadosa das pessoas para encontrar Cristo, vv. 23,24. Eles viram os discípulos saindo para o mar. Viram Cristo, retirando-se para o monte, provavelmente com uma indicação de que Ele desejava um pouco de privacidade por algum tempo. Mas, como seus corações estavam decididos a fazê-lo rei, eles ficaram espreitando seu retorno, e no dia seguinte, o ardoroso ataque de zelo ainda continuava.

1. Eles estavam muito confusos por causa dele. Cristo havia partido, e eles não sabiam o que teria acontecido com Ele. Eles viram que não havia barcos ali, exceto aquele no qual os discípulos haviam zarpado, pois a Providência assim o ordenou, para a confirmação do milagre que contemplaram: Cristo andando sobre o mar. Não havia nenhum barco que Ele pudesse utilizar. Eles observaram, também, que Jesus não acompanhou seus discípulos, mas que eles saíram sozinhos, e o deixaram entre eles, neste lado da água. Note que aqueles que desejam encontrar Cristo devem observar diligentemente todos os seus movimentos, e aprender a compreender os sinais da sua presença e ausência, para que possam mover-se de maneira correspondente.

2. Eles foram muito empenhados ao procurá-lo. Eles procuraram nos lugares próximos, e quando viram que Jesus não estava ali, nem seus discípulos (nem Ele nem ninguém que pudesse dar notícias dele), decidiram procurá-lo em outros lugares. Observe que aqueles que desejam encontrar Cristo devem realizar uma busca diligente, devem procurar até encontrar, devem ir de mar a mar, procurar a Palavra de Deus, ao invés de viver sem ela. E aqueles a quem Cristo alimentou com o pão da vida devem ter suas almas repletas de fervorosos desejos em relação a Ele. Muito mais terão, em comunhão com Cristo. Agora: (1) Eles decidiram ir a Cafarnaum, à procura de Jesus. Ali era o quartel-general de Cristo, onde Ele normalmente residia. Para lá, seus discípulos tinham ido, e eles sabiam que Ele não ficaria muito tempo separado deles. Aqueles que desejam encontrar a Cristo devem seguir os passos do rebanho. (2) A Providência lhes concedeu uma oportunidade de ir para lá por mar, que era o modo mais rápido, pois outros barquinhos tinham chegado de Tiberíades (que ficava um pouco afastada, na mesma costa, perto, embora não muito, do lugar onde comeram o pão), nos quais eles poderiam logo fazer uma viagem a Cafarnaum, e provavelmente os barcos rumariam àquele porto. Observe que aqueles que procuram sinceramente Cristo, e procuram oportunidade para estar com Ele, normalmente são reconhecidos e auxiliados pela Providência, nas suas buscas. O evangelista, tendo oportunidade de mencionar que eles comeram do pão multiplicado, acrescenta: “havendo o Senhor dado graças”, v. 11. Os discípulos ficaram tão influenciados pelo fato de seu Mestre dar graças, que nunca poderiam esquecer a impressão que isto lhes causou, tendo um prazer em lembrar das graciosas palavras que então saíram da sua boca. Esta tinha sido a graça e a beleza daquela refeição, e que a tornaram notável. Seus corações ardiam dentro deles.

3. Eles aproveitaram a oportunidade que se oferecia, e “entraram… também nos barcos e foram a Cafarnaum, em busca de Jesus”. Eles não tardaram, esperando vê-lo outra vez neste lado da água, mas, como suas convicções eram fortes, e seus desejos, fervorosos, eles o seguiram imediatamente. Os bons impulsos são freqüentemente esmagados, e reduzidos a nada, por não serem obedecidos a tempo. Eles foram a Cafarnaum, e, pelo que parece, estes seguidores hipócritas e imperfeitos de Cristo tiveram uma travessia calma e agradável, ao passo que seus discípulos sinceros tiveram uma travessia difícil e tempestuosa. Não é

estranho que neste mundo aconteça o pior com os melhores homens. Eles vieram, procurando a Jesus. Observe que aqueles que desejam encontrar Cristo, e encontrar consolo nele, devem estar dispostos a se esforçar, e, como aqui, a percorrer terra e mar para procurar e servir àquele que veio do céu à terra para nos procurar e servir.

II O sucesso desta busca: eles o acharam “no outro lado do mar”, v. 25. Observe que Cristo será encontrado por aqueles que o procuram, quer sejam os primeiros ou os últimos. E vale a pena cruzar um mar, ou melhor, ir “de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra”, para procurar a Cristo, se pudermos encontrá-lo, por fim. Estas pessoas pareceram, posteriormente, imperfeitas e não motivadas por nenhum bom princípio, e ainda assim foram tão zelosas. Observe que até os hipócritas podem se mostrar muito motivados a atender as ordenanças de Deus. Se os homens não tiverem mais nada a apresentar pelo seu amor por Cristo do que sua procura por sermões e orações, e sua angústia em reação à boa pregação, eles têm motivos para suspeitar de que não são melhores do que esta ansiosa multidão. Mas, embora estas pessoas não tivessem melhores princípios, e Cristo soubesse disto, ainda assim Ele estava disposto a ser encontrado por eles, e os aceitou na comunhão consigo. Mesmo que pudéssemos conhecer os corações dos hipócritas, que procuram apresentar uma profissão de fé plausível, não poderíamos excluí-los da nossa comunhão. Quanto menos poderíamos fazê-lo sem conhecer seus corações.

III A pergunta que eles fizeram a Jesus quando o encontraram: “Rabi, quando chegaste aqui?” Parece, pelo texto do versículo 59, que o encontraram na sinagoga. Eles sabiam que este era o lugar mais provável onde procurar Cristo, pois era seu costume comparecer às assembléias públicas para a adoração religiosa, Lucas 4.16. Observe que Cristo deve ser procurado, e será encontrado, nas congregações do seu povo, e na administração das suas ordenanças. Cristo se compraz em reconhecer e agraciar a adoração pública com sua presença e com suas manifestações. Eles o encontraram ali, e tudo o que tiveram para dizer a Ele foi: “Rabi, quando chegaste aqui?” Eles viram que Ele não desejava ser feito rei, e, portanto, não mais falaram sobre isto, mas o chamaram de Rabi, seu mestre. Sua pergunta se refere não somente à hora, mas à maneira como Ele foi

para lá; não somente: “Quando”, mas: “Como vieste até aqui?” Pois não havia barco onde Ele pudesse entrar. Eles eram curiosos para perguntar a respeito dos movimentos de Cristo, mas não solícitos para observar os seus próprios.

IV A resposta que Cristo lhes deu, não direta à sua pergunta (Quando e como Ele tinha ido para lá?), mas uma resposta conforme exigia sua situação.

1. Ele revela o princípio corrupto que os havia levado a procurá-lo (v. 26): “‘Na verdade, na verdade vos digo’, Eu, que sondo o coração, e que sei o que há no homem, Eu, o Amém, a Testemunha Fiel, Apocalipse 3.14,15. Vós ‘me buscais’, o que é bom, mas isto não é proveniente de um bom princípio”. Cristo sabe não somente o que nós fazemos, mas por que o fazemos. Estes seguiam a Cristo: (1) Não por causa da sua doutrina: “Não pelos sinais que vistes”. Os milagres eram a grande confirmação da sua doutrina. Nicodemos o procurou por causa dos milagres (cap. 3.2), e investigou desde o poder das suas obras até a veracidade da sua palavra. Mas estes eram tão tolos e descuidados, que jamais consideraram os fatos como deveriam ser considerados. (2) Por causa dos seus estômagos: “Porque comestes do pão e vos saciastes”. Eles não o seguiram porque Ele os ensinou, mas porque Ele os alimentou. Ele lhes tinha dado: [1] Uma refeição completa: eles comeram, e ficaram saciados. E alguns deles talvez fossem tão pobres, que não soubessem, há muito tempo, o que significava ter o suficiente, comer o quanto quiser e ainda sobrar. [2] Uma refeição extremamente saborosa. É provável que, da mesma maneira como o vinho produzido pelo milagre foi o melhor vinho, também o alimento produzido pelo milagre tenha sido mais agradável do que seria usualmente. [3] Uma refeição gratuita, que não lhes custou nada. Nenhuma conta foi apresentada. Observe que muitos seguem a Cristo por causa de pão, e não por amor. Assim agem aqueles que visam um benefício secular através da sua profissão de religiosidade, e o seguem porque, com este artifício, conseguem o que desejam. *Quantis profuit nobis haec fabula de Christo – Esta fábula a respeito de Cristo, que interesse ganancioso nós fizemos dela!*, disse um dos papas. Estas pessoas chamaram Cristo de Rabi, e lhe demonstraram grande respeito, mas Ele lhes falou fielmente da hipocrisia que estavam demonstrando. Seus ministros devem, então, aprender a não

adular aqueles que os adulam, nem ser comprados por palavras bonitas, de forma que declarem a paz a todos aqueles que lhes chamem de Rabi. Os ministros fiéis devem repreender aqueles que precisarem ser repreendidos, no momento certo, e com as palavras certas.

2. Ele os orienta a melhores princípios (v. 27): “Trabalhai… pela comida que permanece para a vida eterna”. Com a mulher de Samaria, Ele tinha falado de coisas espirituais, fazendo comparação com a água. Aqui, Ele lhes fala fazendo comparação com a comida, aproveitando a oportunidade dos pães que eles tinham comido. Seu objetivo era:

(1) Moderar todas as nossas buscas terrenas: “Trabalhai não pela comida que perece”. Isto não proíbe o trabalho honesto pelo alimento conveniente, 2 Tessalonicenses 3.12. Mas não devemos fazer das coisas deste mundo nosso principal interesse. Observe: [1] As coisas do mundo aqui consistem na comida que perece. A riqueza, a honra e o prazer mundanos são comida. Eles alimentam a imaginação (e muitas vezes, isto é tudo) e enchem o estômago. Estas são coisas de que as pessoas sentem fome como de comida, e se empanturram com elas. E, com um coração carnal, desejam viver para as coisas do mundo enquanto estas durarem. Mas elas perecem, elas têm uma natureza perecível, esgotam se , e estão expostas a milhares de acidentes. Aqueles que têm grandes porções delas não têm a certeza de que as terão enquanto viverem, mas podem ter a certeza de que um dia as deixarão. Eles as perderão quando morrerem. [2] Portanto, é tolice trabalharmos desordenadamente por tais coisas. Em primeiro lugar, não devemos trabalhar na seara de Deus, nem realizar sua obra, pela comida que perece, tendo-a como propósito. Não devemos tornar nossa religião subserviente a um interesse mundano, nem desejar obter benefícios seculares através dos nossos procedimentos sagrados. Em segundo lugar, não devemos, de maneira nenhuma, trabalhar por esta comida, isto é, não devemos fazer destas coisas que perecem nosso bem principal, nem fazer da nossa preocupação e dos nossos esforços por elas nossa ocupação principal. Não procure estas coisas acima de todas as demais, Provérbios 23.4,5.

(2) Despertar e incentivar nossas buscas pela graça: “Esforcem-se para alcançar objetivos melhores, e trabalhem por aquela comida que pertence à alma”. Com referência a esta, o Senhor mostra:

[1] Que ela é indescritivelmente desejável. É uma “comida que permanece para a vida eterna”. É uma felicidade que irá durar tanto tempo quanto nós,

que não somente dura eternamente por si só, mas que nos irá nutrir até a vida eterna. As bênçãos do novo concerto são nossos preparativos para a vida eterna, nosso conservante para ela, e a garantia e o depósito dela.

[2] Que é indubitavelmente alcançável. Deverão todos os tesouros do mundo ser saqueados, e todos os frutos da terra reunidos, para nos proporcionar provisões que irão durar por toda a eternidade? Não, diz o mar, não está em mim, nem mesmo entre todos os tesouros escondidos na areia. "Não se dará por ela ouro fino". Mas ela é aquilo que "o Filho do Homem vos dará", *hen dosei*, qualquer que seja a comida, ou a vida, o Filho do Homem vos dará. Observe aqui, em primeiro lugar, quem dá esta comida: o "Filho do homem", o grande chefe de família e administrador dos celeiros, a quem é confiada a administração do reino de Deus entre os homens, e a dispensação dos dons, graças e consolos de tal reino, e que tem o poder de dar a vida eterna, bem como todos os seus meios e preparativos para ela. Nós lemos que devemos trabalhar por ela, como se ela devesse ser obtida pelo nosso próprio esforço, e vendida com valiosa consideração, como diziam os pagãos: *Dii laboribus omnia vendunt – Os deuses vendem todos os benefícios aos que se esforçam*. Mas mesmo que trabalhemos muito por ela, nós não a merecemos como nosso salário, mas o Filho do homem a dá. E o que pode ser mais gratuito do que um presente? O fato de que aquele que a dá é o Filho do homem é um incentivo para nós, pois assim podemos esperar que os filhos dos homens que a procuram, e se esforçam para obtê-la, não deixarão de obtê-la. Em segundo lugar, que autoridade Ele tem para dá-la: "Porque a este o Pai, Deus, o selou", *touton gar ho Pater esphragisen, ho Theos – por Ele, o Pai selou* (provou e evidenciou) *que é Deus,* alguns assim interpretam. Ele declarou que era o Filho de Deus com poder. O Pai o selou, isto é, deu-lhe plena autoridade para lidar entre Deus e o homem, como embaixador de Deus junto ao homen e intercessor do homem junto a Deus, e provou sua comissão por meio de milagres. Ao dar-lhe autoridade, Ele nos deu a certeza disto. Tendo-lhe concedido poderes ilimitados, Ele nos satisfez com indubitáveis provas de tais poderes. De modo que o Senhor pôde prosseguir com confiança na sua missão por nós, e também nós, em nossa resignação a Ele. Deus, o Pai, o selou com o Espírito que havia nele, por meio da voz do céu, pelo testemunho que Ele lhe deu através de sinais e prodígios. A revelação divina é aperfeiçoada nele. Nele, a visão e a profecia estão seladas (Dn

9.24), todos os crentes confirmam que Ele é verdadeiro (cap. 3.33), e nele todos são selados, 2 Coríntios 1.22.

Cristo, o Verdadeiro Pão do Céu. Cristo Dá as Boas-vindas a todos os que Vêem a Ele. A Necessidade de Alimentar-se de Cristo

vv. 28-59

Se esta conversa se realizou com os habitantes de Cafarnaum, em cuja sinagoga Cristo estava agora, ou se com aqueles que tinham vindo do outro lado do mar, não é certo, nem importante. No entanto, é um exemplo da condescendência de Cristo, o fato de que Ele lhes deu permissão para fazer-lhe perguntas, e não considerou a interrupção como uma afronta, não, não destes seus ouvintes comuns, embora não fossem seus seguidores próximos. Aqueles que desejam estar aptos a ensinar devem ser rápidos para ouvir, e esforçar-se para responder. É a sabedoria dos professores, quando lhes fazem perguntas, até mesmo impertinentes e improdutivas, aproveitar a oportunidade para respondê-las com o que é produtivo, ou seja, a pergunta pode ser rejeitada, mas não o pedido. Agora:

I Como Cristo tinha dito a eles que deviam trabalhar pela comida de que Ele falava, deviam labutar por ela, eles perguntam que trabalho devem fazer, e Ele lhes responde, vv. 28,29. 1. Sua pergunta era suficientemente pertinente (v. 28): “Que faremos para executarmos as obras de Deus?” Alguns a interpretam como uma pergunta arrogante: “Quais obras de Deus nós podemos fazer, mais e melhor do que aquelas que fazemos em obediência à lei de Moisés?” Mas eu prefiro interpretá-la como uma pergunta séria e humilde, mostrando que eles estavam, pelo menos nesta ocasião, com boa mente, e desejosos de conhecer e realizar seu dever. E eu imagino que as pessoas que fizeram esta pergunta, “que” e “quais” (v. 30, RA), e fizeram o pedido (v. 34), não eram as mesmas que murmuravam (vv. 41,42) e disputavam (v. 52), pois aquelas são chamadas expressamente de judeus, que vinham da Judéia (pois estes eram estritamente chamados de judeus) para criticar, ao passo que estas eram da Galiléia, e vinham para ser ensinadas. Esta pergunta indica que eles estavam convencidos de que

aqueles que desejam obter esta comida eterna: (1) Devem almejar fazer algo grandioso. Aqueles que olham para o alto nas suas expectativas, e esperam desfrutar da glória de Deus, devem almejar grandes coisas em tais empreendimentos, e empenhar-se em fazer as obras de Deus, obras que Ele exige e que irá aceitar, obras de Deus, distintas das obras dos homens mundanos, em suas buscas mundanas. Não é suficiente falar as palavras de Deus, devemos fazer as obras de Deus. (2) Devem estar dispostos a fazer qualquer coisa: "Que faremos?" Senhor, eu estou pronto para fazer qualquer coisa que indicares, ainda que seja desagradável à carne e ao sangue, Atos 9.6. 2. A resposta de Cristo foi suficientemente clara (v. 29): "A obra de Deus é esta: que creiais". Observe que: (1) A obra de fé é a obra de Deus. Eles perguntam sobre as obras de Deus (no plural), tomando cuidado sobre muitas coisas, mas Cristo os orienta a uma única obra, que inclui a todas, a única coisa necessária: "que creais", o que substitui todas as obras da lei cerimonial. Esta é a obra que é necessária para a aceitação de todas as demais obras, e que as gera, pois sem fé é impossível agradar a Deus. É a obra de Deus, pois é sua obra em nós que submete a alma à obra que o Senhor tem em nossa vida, e desperta a alma para trabalhar para Ele. (2) Esta fé é a obra de Deus, que é concluída em Cristo, e que depende dele. É crer nele como aquele a quem Deus enviou, como o representante de Deus na grande questão da paz entre Deus e o homem, para que descansemos nele e nos resignemos a Ele. Veja cap. 14.1.

II Como Cristo tinha dito a eles que o Filho do homem lhes daria esta comida, eles perguntam sobre Ele, e Ele lhes responde.

1. Sua pergunta é sobre um sinal (v. 30): "Que sinal, pois, fazes tu?" Até aqui, eles tinham certeza de que, uma vez que Ele exigia que lhe dessem crédito, Ele apresentaria suas credenciais, e lhes mostraria, por meio de milagres, que Ele era enviado de Deus. Tendo Moisés confirmado sua missão por meio de sinais, era necessário que Cristo, que veio para deixar de lado a lei cerimonial, da mesma maneira confirmasse a sua: "'Que operas tu?' Que queres dizer? Que características duradouras de um poder divino pretendes dar à tua doutrina?" Mas aqui, eles se enganaram:

(1) Pois ignoraram os muitos milagres que tinham visto realizados por Ele, e que representavam uma prova abundante da sua missão divina. Será que era hora de perguntar: "Que sinal fazes tu?" Especialmente em

Cafarnaum, o centro dos milagres, onde Ele tinha realizado tantas obras poderosas, sinais tão significativos do seu trabalho e da sua missão? Não foram, estas mesmas pessoas, outro dia, milagrosamente alimentadas por Ele? Ninguém é tão cego como aquele que não deseja ver. Uma pessoa pode ser tão cega a ponto de questionar se é dia ou não, quando o sol brilha no seu rosto.

(2) Pois preferiam a milagrosa alimentação de Israel no deserto a todos os milagres que Cristo realizava (v. 31): “Nossos pais comeram o maná no deserto”. Para fortalecer a objeção, eles citam uma passagem das Escrituras: “Deu-lhes a comer o pão do céu” (extraída de Salmos 78.24), “deu-lhes do trigo do céu”. Que bom uso poderia ser feito desta história à qual eles se referem aqui! Este era um memorável exemplo do poder e da bondade de Deus, freqüentemente mencionado para a glória de Deus (Ne 19.20,21), mas, ainda assim, veja como estas pessoas o perverteram, e fizeram um mau uso dele. [1] Cristo os reprovou pela admiração que sentiam pelo pão milagroso, e lhes recomendou que não trabalhassem pela comida que perece. “Por que”, eles dizem, “o alimento para o estômago foi a grande coisa boa que Deus fez pelos nossos pais no deserto? E por que não devemos nós, então, trabalhar por esta comida? Se Deus fez tanto por eles, por que também não deveríamos ser favoráveis a Ele, sabendo que também fará muito por nós?” [2] Cristo tinha alimentado cinco mil homens com cinco pães, e lhes tinha feito isto como um sinal que provava que Ele era enviado de Deus. Mas, sob o pretexto de enaltecer o milagre de Moisés, eles tacitamente subvalorizaram este milagre de Cristo, e se esquivaram da sua evidência. “Cristo alimentou seus milhares, porém Moisés, suas centenas de milhares. Cristo os alimentou somente uma vez, e então repreendeu aqueles que o seguiam, com a esperança de ainda serem alimentados, e os dispensou com um sermão sobre a comida espiritual, mas Moisés alimentou seus seguidores durante quarenta anos, e os milagres não eram raridades, mas seu pão diário. Cristo os alimentou com pão da terra, pão de cevada, e peixes do mar, mas Moisés alimentou Israel com pão do céu, alimento de anjos”. Desta maneira elogiosa, estes judeus falam do maná que seus pais comeram, mas seus pais o tinham chamado de pão vil (Nm 21.5), desprezando-o tanto quanto agora eles desprezavam os pães de cevada. Assim, somos capazes de desprezar e ignorar as manifestações do poder e da graça de Deus no nosso próprio tempo, enquanto pretendemos

admirar as maravilhas que nossos pais nos contaram. Suponhamos que este milagre de Cristo fosse superado por aquele de Moisés. No entanto, houve outras situações nas quais os milagres de Cristo superaram o dele. E, além disto, todos os verdadeiros milagres provam uma doutrina divina, embora não igualmente ilustrativa em termos de circunstâncias, que eram sempre diversificadas, conforme a ocasião exige. Por mais que o maná fosse superior aos pães de cevada, muito mais a doutrina de Cristo superava a lei de Moisés, e suas instituições divinas superavam as ordenanças carnais daquela dispensação.

2. Aqui está a resposta de Cristo a esta pergunta, onde:

(1) Ele retifica seu engano a respeito do maná típico. Era verdade que seus pais haviam comido maná no deserto. Mas: [1] Não foi Moisés que o deu a eles, nem eles ficaram gratos a ele por isto. Ele foi somente o instrumento, e, portanto, eles devem olhar além dele, para Deus. Nós não lemos que Moisés tenha feito muito mais que orar a Deus, pedindo o maná. E ele falou inadvertidamente quando disse: Porventura, "tiraremos água desta rocha?" Moisés não lhes deu nem aquele pão nem aquela água. [2] O maná não lhes foi dado, como eles imaginavam, do céu, dos altos céus, mas somente das nuvens. Portanto, não era tão superior àquele que tinha vindo da terra, como pensavam. Porque as Escrituras dizem: Deu-lhes a comer o pão do céu, isto não significa que fosse um pão celestial, ou que fosse o alimento das almas. Interpretar mal a linguagem das Escrituras ocasiona muitos enganos quanto às coisas de Deus.

(2) Jesus lhes instrui a respeito do verdadeiro maná, do qual aquele era um tipo: "'Meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu'. Aquilo que é verdadeiramente e apropriadamente o pão do céu, do qual o maná era somente uma sombra e um exemplo, é dado agora, não aos vossos pais, que estão mortos, mas a vós, nesta época atual, a quem estão reservadas melhores coisas. Ele está agora dando-vos este pão do céu, que é verdadeiramente assim chamado". Tanto quanto o trono da glória de Deus está acima das nuvens, o pão espiritual do Evangelho eterno está acima do maná. Ao chamar Deus de seu Pai, Jesus se proclama maior que Moisés. Pois Moisés era fiel, mas somente como servo, porém Cristo, como um Filho, Hebreus 3.5,6.

Tendo respondido às suas perguntas, Cristo aproveita a oportunidade da objeção que fizeram a respeito do maná para falar de si mesmo, por meio da comparação com o pão, e da fé, por meio da comparação com o comer e o beber. O Senhor uniu isto com comer sua carne e beber seu sangue, e com as observações feitas a este respeito pelos ouvintes. Assim pode ser entendido o restante desta conversa.

III

1. Tendo falado de si mesmo como o grande dom de Deus, e o pão verdadeiro (v. 32), Jesus explica e confirma o assunto detalhadamente, para que possamos conhecê-lo corretamente.

(1) Aqui o Senhor Jesus mostra que Ele é o pão verdadeiro. Isto Ele repete diversas vezes, vv. 33,35,48-51. Observe: [1] Que Cristo é pão, Ele é para a alma o que o pão é para o corpo. Ele nutre e sustenta a vida espiritual (é o que a sustem), assim como o pão nutre e sustenta a vida corpórea. Ele é o sustento da vida. As doutrinas do Evangelho a respeito de Cristo – que Ele é o mediador entre Deus e o homem, que Ele é nossa paz, nossa justiça, nosso Redentor. Por estas coisas vivem os homens. Nossos corpos poderiam viver por algum tempo sem alimentos, porém nossa alma não pode viver um segundo sem Cristo. O trigo é esmiuçado (Is 28.28), e assim também foi Cristo. Ele nasceu em Belém, a casa de pão, e foi tipificado pelo pão da proposição. [2] Que Ele é o pão de Deus (v. 33), o pão divino. Ele é aquele que é “de Deus” (v. 46), é pão que “meu Pai” dá (v. 32), o pão que Ele criou para ser o alimento das nossas almas, o pão da família de Deus, o pão dos seus filhos. Os sacrifícios dos levitas eram chamados o pão de Deus (Lv 21.21,22), e Cristo é o grande sacrifício. Cristo, na sua palavra e nas suas ordenanças, é o banquete do sacrifício. [3] Que Ele é o pão da vida (v. 35, e outra vez, v. 48), aquele pão da vida, uma alusão à árvore da vida no meio do jardim do Éden, que foi para Adão o selo daquela parte do concerto: “Faze isso e viverás”, da qual ele podia comer e viver. Cristo é o pão da vida, pois Ele é o fruto da árvore da vida. Em primeiro lugar, Ele é “o pão vivo” (assim é que Ele se explica, v. 51): “Eu sou o pão vivo”. O pão é, em si mesmo, uma coisa morta, e não alimenta, exceto pela ajuda das faculdades de um organismo vivo, mas Cristo é, Ele mesmo, o pão vivo, e alimenta pelo seu próprio poder. O maná era uma coisa morta. Se guardado apenas uma noite, ele apodrecia e criava bichos. Mas Cristo é o pão sempre vivo, eterno, que nunca embolora nem envelhece. A doutrina de Cristo crucificado agora é tão fortalecedora e consoladora a um crente como

sempre foi, e sua mediação ainda tem tanto valor e eficiência quanto sempre teve. Em segundo lugar, Ele dá “vida ao mundo” (v. 33), vida espiritual e eterna. A vida da alma em união e comunhão com Deus aqui, e na visão dele e na comunhão com Ele no futuro. Uma vida que inclui em si toda a felicidade. O maná somente sustentava a vida, não a preservava e perpetuava, muito menos a restaurava, mas Cristo dá a vida àqueles que estão mortos no pecado. O maná era ordenado somente para a vida dos israelitas, mas Cristo é dado para a vida do mundo. Ninguém está excluído do benefício deste pão, exceto os que se excluem voluntariamente. Cristo veio para dar vida às mentes dos homens, como também os princípios produtivos para que tenham desempenhos aceitáveis. [4] Que Ele é o pão que desceu do céu. Isto é repetido muitas vezes aqui, vv. 33,50,51,58. Isto indica, em primeiro lugar, a divindade da pessoa de Cristo. Sendo Deus, Ele tinha uma existência no céu, de onde Ele veio para assumir nossa natureza: “Eu desci do céu”, com o que podemos deduzir sua antiguidade, Ele estava no início com Deus; sua capacidade, pois o céu é o “firmamento do… poder”; e sua autoridade, Ele veio com uma comissão divina. Em segundo lugar, a origem divina de todo o bem que flui para nós, por meio dele. Ele desce, não somente *katabas – que desceu* (v. 51), mas *katabainoi – que desce*. Ele está descendo, o que indica uma constante comunicação de luz, vida e amor, de Deus aos crentes, por intermédio de Cristo, assim como o maná vinha todos os dias. Veja Efésios 1.3. *Omnia desuper – Todas as coisas do céu*. [5] Que Ele é aquele pão do qual o maná era um tipo e um exemplo (v. 58), este pão, o pão verdadeiro, v. 32. Assim como a pedra da qual eles beberam era Cristo, o maná que eles comeram também era um manjar espiritual, 1 Coríntios 10.3,4. Assim como o maná foi dado a Israel, Cristo é dado ao Israel espiritual. Havia maná suficiente para todos. Desse modo, em Cristo, há uma plenitude de graça a todos os crentes. Aquele que colher uma grande porção deste maná não terá sobras quando vier a usá-lo, e aquele que colher pouco descobrirá que não lhe falta, quando sua graça vier a ser aperfeiçoada em glória. O maná devia ser colhido pela manhã, e aqueles que desejam encontrar Cristo devem procurá-lo cedo. O maná era doce e, como nos diz o autor do livro apócrifo Sabedoria de Salomão (Sabedoria 16.20), “satisfazia o gosto de todos”. Isto enfatiza como Cristo é precioso. Israel viveu de maná até que chegasse a Canaã. E Cristo é nossa vida. Havia uma lembrança do maná preservada na arca. A lembrança de

Cristo está na Ceia do Senhor, como alimento da nossa alma.

(2) Aqui Cristo mostra qual era sua missão, e qual era sua tarefa no mundo. Deixando de lado as metáforas, Ele fala claramente, e não fala em parábolas, dando-nos uma explicação das suas atividades entre os homens, vv. 38-40.

[1] Ele nos assegura, de modo geral, que veio do céu para cuidar dos negócios do seu Pai (v. 38), não para fazer sua própria vontade, mas a vontade daquele que o enviou. Ele desceu do céu, o que evidencia que Ele é um ser inteligente e ativo, que voluntariamente desceu a este mundo inferior, uma longa viagem, e um grande passo descendente, considerando as glórias do mundo do qual Ele vinha e as calamidades do mundo ao qual Ele vinha. Nós podemos perguntar, com admiração: "O que o levou a fazer tal expedição?" Aqui Ele nos conta que veio não para fazer sua própria vontade, mas a vontade do seu Pai. Não que Ele tivesse qualquer vontade que estivesse em competição com a vontade do seu Pai, mas aqueles com quem Ele estava falando suspeitavam que Ele pudesse ter. "Não", diz Ele, "minha própria vontade não é o que me impulsiona, nem o que Eu obedeço, mas Eu venho para fazer a vontade daquele que me enviou". Isto é, em primeiro lugar, Cristo não veio ao mundo como uma pessoa que age somente por si mesmo, mas sob uma característica pública, para agir pelos outros, como um embaixador, ou plenipotenciário, autorizado por uma comissão pública. Ele veio ao mundo como o grande representante de Deus, e o grande médico do mundo. Não era nenhum interesse privado o que o trazia até aqui, mas Ele veio para acertar as questões entre duas partes consideráveis: o grande Criador e toda a criação. Em segundo lugar, Cristo, quando esteve no mundo, não realizou nenhum desígnio particular, nem teve nenhum interesse separado, distinto dos interesses daqueles pelos quais Ele agia. O escopo de toda a sua vida foi o de glorificar a Deus e fazer o bem aos homens. Portanto, Ele nunca procurou sua própria comodidade, segurança ou tranqüilidade, mas, quando estava para entregar sua vida, embora tivesse uma natureza humana que se atemorizava com isto, Ele deixou de lado estas considerações e compatibilizou sua vontade como homem à vontade de Deus, o Pai: "Não seja como eu quero, mas como tu queres".

[2] Ele nos dá a conhecer, em particular, a vontade do Pai que Ele veio realizar. Aqui Ele declara o decreto, as instruções que Ele devia seguir.

Em primeiro lugar, as instruções particulares dadas a Cristo, de que Ele deveria certificar-se de salvar todos os escolhidos restantes, e este é o concerto da redenção, entre o Pai e o Filho (v. 39): “Esta é ‘a vontade do Pai, que me enviou’. Esta é a incumbência que me foi confiada, e consiste em que Eu não perca nenhum de todos aqueles que Ele me deu”. Observe: 1. Existe um determinado número de filhos dos homens dados pelo Pai a Jesus Cristo, para estarem sob seus cuidados, e pertencerem a Ele, por um nome e um louvor, dados a Ele como herança, para posse. O Pai fará por eles tudo o que as situações exigirem. Ele os ensinará, curará, pagará suas dívidas, defenderá suas causas, os preparará e preservará para a vida eterna, e então permitirá que Cristo faça o melhor por eles. O Pai pode dispor deles como desejar: como criaturas, suas vidas e existências derivavam dele; como pecadores, suas vidas e existências estavam afastadas dele e perdidas. Ele poderia tê-los vendido para a satisfação da sua justiça, e tê-los entregado aos torturadores, mas Ele os indicou para serem os monumentos da sua misericórdia, e os entregou ao Salvador. Aqueles a quem Deus escolheu para serem objetos do seu amor especial, Ele colocou, em confiança, nas mãos de Cristo. 2. Jesus Cristo comprometeu-se a não perder nenhum daqueles que foram, assim, dados a Ele pelo Pai. Os muitos filhos que Ele devia levar à glória estarão todos disponíveis, e nenhum deles se perderá, Mateus 18.14. Nenhum deles se perderá, por falta de graça suficiente para santificá-los. “Se eu não to trouxer e não o puser perante a tua face, serei réu de crime para contigo para sempre”, Gênesis 43.9. 3. O comprometimento de Cristo com aqueles que lhe são dados se estende à ressurreição dos seus corpos. “Eu o ressuscitarei no último Dia”, o que pressupõe que tudo o que veio antes deve coroar e completar a missão. O corpo é parte do homem, e, portanto, uma parte da compra e da incumbência de Cristo. Ele pertence às promessas, e, por essa razão, não deverá ser perdido. A missão não é somente não perder ninguém, nenhuma pessoa, mas também não perder nada, nenhuma parte da pessoa, e, portanto, nem o corpo. A missão de Cristo nunca será completa até a ressurreição, quando as almas e os corpos dos santos serão reunidos e congregados a Cristo, para que Ele possa apresentá-los ao Pai: “Eis-me aqui a mim e aos filhos que Deus me deu”, Hebreus 2.13; 2 Timóteo 1.12. 4. A fonte e a origem de tudo isto é a vontade soberana de Deus, os conselhos da sua vontade, segundo a qual Ele opera tudo isto. Este foi o mandamento que Ele

deu ao seu Filho, quando o enviou ao mundo, e que o Filho sempre teve em mente.

Em segundo lugar, as instruções públicas que deviam ser dadas aos filhos dos homens, de que maneira e em quais termos eles poderiam obter a salvação por Cristo, e este é o concerto da graça, entre Deus e o homem. Quem eram as pessoas, em particular, que eram dadas a Cristo, é segredo: "O Senhor conhece aqueles que são seus", nós não, e nem é adequado que conheçamos. Mas, embora seus nomes estejam ocultos, suas características são divulgadas. É feita uma oferta de vida e felicidade nos termos do Evangelho, para que, por ela, aqueles que foram dados a Cristo possam ser trazidos a Ele, e outros, deixados inescusáveis (v. 40): "Esta é 'a vontade', a vontade revelada, 'daquele que me enviou', o método definido, pelo qual tratar com os filhos dos homens, 'que todo aquele', judeu ou gentio, 'que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia'". Isto é verdadeiramente Evangelho, boas novas. Não é revigorador ouvir isto? 1. Que a vida eterna pode ser obtida, se não houver falta nossa. Que, embora pelo pecado do primeiro Adão, o caminho da árvore da vida tenha sido bloqueado, pela graça do segundo Adão, ele está aberto outra vez. A coroa da glória está apresentada diante de nós como o prêmio da nossa soberana vocação, à qual podemos nos candidatar e obter. 2. Todos podem tê-la. Este Evangelho deve ser pregado, esta oferta deve ser feita a todos, e ninguém poderá dizer: "Ela não pertence a mim", Apocalipse 22.17. 3. Esta vida eterna é certa a todos aqueles que crêem em Cristo, e somente a eles. Aquele que vê o Filho, e crê nele, será salvo. Alguns entendem este "ver" como uma limitação desta condição de salvação somente àqueles que recebem a revelação de Cristo e da sua graça. Todo aquele que tem a oportunidade de conhecer Cristo, e aproveitar esta oportunidade tão bem a ponto de crer nele, terá a vida eterna, de modo que ninguém será condenado por descrença (por mais que possa estar condenado por outros pecados), exceto aqueles que tiveram o Evangelho pregado a eles, que, como estes judeus (v. 36), viram, e ainda assim não creram, conheceram a Cristo, e não creram nele. Mas eu prefiro interpretar "ver" como significando a mesma coisa que "crer", pois é *theoron*, o que não significa tanto a visão do olho (como no v. 36, *heorakate me – vós me vistes*) quanto a contemplação da mente. Todo aquele que vê o Filho, isto é, aquele que crê nele, aquele que o vê com os olhos da fé, pelos quais chegamos a ser devidamente

familiarizados e influenciados pela doutrina do Evangelho a respeito dele. É olhar para Ele como os israelitas feridos olharam para a serpente de metal. A fé que Cristo exige não é uma fé cega, como se estivéssemos dispostos a arrancar nossos olhos e então segui-lo. Nós devemos vê-lo, enxergando em que terrenos andamos na nossa fé. Tudo então estará certo, quando não for aceito com base em rumores (devemos crer como a igreja crê), mas quando for o resultado de uma devida consideração dos motivos da credibilidade: "Agora te vêem os meus olhos". "Nós mesmos o temos ouvido". 4. Aqueles que crêem em Jesus Cristo, para que tenham a vida eterna, serão ressuscitados pelo seu poder, no último dia. Ele recebeu esta incumbência como vontade do seu Pai (v. 39), e aqui Ele solenemente faz disto sua própria missão: "Eu o ressuscitarei", o que significa não somente o retorno do corpo à vida, mas a colocação de todo o homem na posse plena da vida eterna que está prometida.

2. Ao falar desta maneira a respeito de si mesmo, como o pão da vida que desce do céu, Cristo nos deixa ver as observações que seus ouvintes fizeram.

(1) Quando ouviram falar de algo como o pão de Deus, que dá a vida, eles fervorosamente pediram (v. 34): "Senhor, dá-nos sempre desse pão". Eu não consigo pensar que isto tenha sido dito de maneira zombeteira, como a maioria dos intérpretes entende: "Dê-nos um pão como este, se puderes. Que sejamos alimentados com ele, não em uma refeição, como a dos cinco pães, mas para sempre". Como se esta fosse uma oração diferente daquela do salteador impenitente: "Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós". Mas eu entendo que, embora de forma ignorante, este pedido foi feito honestamente e teve boa intenção, pois eles o chamam de Senhor, e desejam uma parte daquilo que Ele dá, não importando o que Ele quer dizer com isto. Noções gerais e confusas das coisas divinas produzem, em corações carnais, algum tipo de vontade em relação a elas, e desejo delas, como o desejo de Balaão, de morrer a morte dos justos. Aqueles que têm um conhecimento indistinto das coisas de Deus, que vêem os homens como árvores que andam, fazem, como eu as chamo, orações desconexas pedindo bênçãos espirituais. Eles julgam que o favor de Deus é uma coisa boa, e que o céu é um bom lugar, e não podem deixar de desejá-los para si mesmos, embora não valorizem nem desejem, de maneira nenhuma, esta santidade, o que é necessário tanto para uma coisa quanto para a outra. Que este seja o

desejo das nossas almas. Já provamos que o Senhor é bondoso? Já fomos alimentados com a Palavra de Deus, e por Cristo, que está na Palavra? Devemos dizer: “Senhor, dá-nos sempre desse pão”. Que o pão da vida seja nosso pão diário, o maná celestial, nosso constante banquete, e que nunca sintamos a falta dele”.

(2) Mas, quando compreenderam que, por este pão da vida, Jesus se referia a si mesmo, eles o desprezaram. Não sabemos se estas eram as mesmas pessoas que tinham pedido deste pão (v. 34), ou outras pessoas no grupo, pois não está escrito. Aparentemente, eram outras, pois são chamadas de judeus. Agora está escrito (v. 41): “Murmuravam… dele”. Isto está escrito imediatamente depois da solene declaração que Cristo tinha feito sobre a vontade de Deus e sua própria missão a respeito da salvação do homem (vv. 39,40), que certamente foram algumas das palavras mais poderosas e graciosas que saíram da boca do nosso Senhor Jesus, as mais fiéis e mais dignas de toda aceitação. Poderíamos pensar que, como Israel no Egito, quando ouviram que Deus os tinha visitado, teriam curvado suas cabeças e o adorado. Mas, ao contrário, em vez de aceitar a oferta que lhes era feita, eles murmuraram, discutiram com o que Cristo tinha dito e, embora não se opusessem abertamente, contradizendo-o, ainda assim, privadamente, sussurraram entre eles, desprezando a oferta, e instilando, nas mentes uns dos outros, preconceitos contra ela. Muitos que não se atreverão a contradizer abertamente a doutrina de Cristo (suas críticas são tão fracas e infundadas, que se envergonham de reconhecê-las, ou temem vê-las silenciadas), dizem, em seus corações, que não gostam dela. Agora: [1] O que os ofendeu foi a declaração de Cristo, de que sua origem era do céu, vv. 41,42. “Como, pois, diz ele: Desci do céu?” Eles tinham ouvido sobre anjos vindos do céu, mas nunca sobre um homem vindo do céu. Eles ignoraram as provas que Ele lhes tinha dado, de que era mais do que um homem. [2] O que eles pensavam que os justificava era o fato de que conheciam a origem de Cristo na terra: “Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos?” Eles julgaram impróprio que Ele dissesse que vinha do céu, sendo um deles. Eles falam com desprezo do seu bendito nome, Jesus: “Não é este Jesus”. Eles tinham por certo que José era realmente seu pai, embora ele somente tivesse a reputação de sê-lo. Observe que equívocos a respeito da pessoa de Cristo, como se Ele fosse um mero homem, concebido e nascido por geração comum, são ocasionados pelas

ofensas e provocações à sua doutrina e às suas obras. Não é de admirar que aqueles que o colocam no mesmo nível que os demais filhos dos homens, cujo pai e mãe conhecemos, menosprezem a honra da sua expiação e os mistérios da sua missão, e, como os judeus aqui, murmurem contra sua promessa de nos ressuscitar no último dia.

3. Tendo falado da fé como a grande obra de Deus (v. 29), Cristo discursa longamente a respeito desta obra, instruindo-nos e incentivando-nos nela.

(1) Ele mostra o que é crer em Cristo. [1] Crer em Cristo é vir a Cristo. A expressão "aquele que vem a mim" é a mesma coisa que "aquele que crê em mim" (v. 35), e também é mencionada outra vez através da frase (v. 37): "O que vem a mim". Também vv. 44,45. O arrependimento em relação a Deus é vir a Ele (Jr 3.22), como nosso bem supremo e nosso objetivo mais elevado, e a fé em relação ao nosso Senhor Jesus Cristo consiste em vir a Ele, como nosso príncipe e Salvador, e nosso caminho para o Pai. Isto denota nossa afeição por Ele, pois estes são os impulsos da alma, e as ações correspondentes. Isto consiste em deixar todas aquelas coisas que estão em oposição a Ele, ou em competição com Ele, e vir àqueles termos nos quais a vida e a salvação nos são oferecidas, por seu intermédio. Quando Cristo estava na terra, isto significava mais do que simplesmente vir até onde Ele estava. Agora também é mais do que vir à sua Palavra e às suas ordenanças. [2] É alimentar-se de Cristo (v. 51): "Se alguém comer desse pão". A expressão anterior denota aplicar-se a Cristo. Esta denota aplicar Cristo a nós mesmos, com apetite e deleite, para que possamos receber dele a vida, a força e o consolo. Alimentar-se dele, como os israelitas se alimentaram do maná, tendo deixado a vida que tinham no Egito, e não dependendo do trabalho das suas mãos (para comer), mas vivendo puramente do pão que lhes era dado do céu.

(2) O Senhor mostra o que é conseguido quando se crê nele. O que Ele nos dará, se viermos a Ele? Em que seremos melhores, se nos alimentarmos dele? A necessidade e a morte são nossos principais temores. Se tivermos a certeza dos consolos da nossa existência, e da continuidade dela em meio a estes consolos, teremos o suficiente. Estas duas coisas são, aqui, asseguradas aos verdadeiros crentes.

[1] Eles nunca terão necessidades, nunca terão fome, nunca terão sede, v. 35. Desejos, eles terão, desejos ardentes, mas são tão adequadamente, tão oportunamente e tão abundantemente satisfeitos, que não podem ser

chamados de fome e sede, que são desconfortáveis e dolorosas. Aqueles que comiam o maná, e bebiam da rocha, sentiam fome e sede depois. O maná os satisfazia por algum tempo, e a água da rocha os refrigerava. Mas em Cristo existe uma plenitude tão abundante, que nunca poderá ser esgotada. Ele transmite constantemente sua graça e seu poder, e estas bênçãos nunca podem ser interrompidas.

[2] Eles nunca morrerão, não morrerão eternamente, pois, em primeiro lugar, aquele que crê em Cristo "tem a vida eterna" (v. 47). Ele tem a certeza disto, a garantia disto, o depósito dela. Ele a tem na promessa e nas primícias. A união com Cristo e a comunhão com Deus são o início da vida eterna. Em segundo lugar, embora aqueles que comiam o maná morressem, Cristo é um pão que um homem pode comer e nunca morrer, vv. 49,50. Observe aqui: 1. A insuficiência do maná típico: "Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram". Pode-se fazer muito bom uso da morte dos nossos pais. Seus túmulos nos dizem, e seus monumentos nos lembram, particularmente, que a maior plenitude do alimento mais delicioso jamais prolongará o fio da vida, nem desviará o golpe da morte. Aqueles que comiam o maná, o manjar dos anjos, morriam, como os outros homens. Não havia nada errado na sua dieta que encurtasse seus dias, nem suas mortes poderiam ser apressadas pelos esforços e fadigas da vida (pois eles não semeavam nem colhiam), e ainda assim, morriam. (1) Muitos deles morreram pelos golpes imediatos da vingança de Deus, pela sua descrença e pelas suas murmurações, pois, embora eles comessem aquela comida espiritual, Deus não estava satisfeito com muitos deles, mas eles foram prostrados no deserto, 1 Coríntios 10.3-5. O fato de que comessem o maná não os protegia da ira de Deus, como crer em Cristo protege a nós. (2) O restante deles morreu pelo curso da natureza, e suas carcaças caíram, por uma sentença divina, naquele mesmo deserto onde tinham comido o maná. Naquela mesma época em que os milagres eram o pão diário, a vida do homem foi aparentemente reduzida ao limite que agora tem, Salmos 90.10. Assim, os judeus não deveriam e não poderiam se vangloriar tanto do maná. 2. A suficiência do verdadeiro maná, do qual o outro era somente um tipo: "Este é o pão que desce do céu", este alimento verdadeiramente divino e celestial, "para que o que dele comer não morra", isto é, não caia sob a ira de Deus, que é morte para a alma, não morra a segunda morte. Não, nem a primeira morte, pois esta será uma situação final e irrecuperável. Não

morra, isto é, não pereça, não deixe de alcançar a Canaã celestial, como os israelitas deixaram de alcançar a terrena, por falta de fé, embora tivessem o maná. Isto é ainda mais explicado pela promessa contida nas palavras seguintes: “Se alguém comer desse pão, viverá para sempre”, v. 51. Este é o significado deste “nunca morrer”. Embora o crente desça à morte, ele passará por ela e entrará naquele mundo em que não haverá mais morte. Viver para sempre não significa existir para sempre (os condenados no inferno existirão para sempre, pois a alma do homem foi feita para um estado eterno), mas ser feliz para sempre. E como o corpo precisa morrer, e ser como água derramada no chão, aqui Cristo se compromete a cuidar da situação (como antes, v. 44: “Eu o ressuscitarei no último Dia”). E assim viveremos para sempre.

(3) O Senhor Jesus mostra os incentivos que nós temos para crer nele. Cristo aqui fala de alguns que o tinham visto, e ainda assim, não criam, v. 36. Eles viram sua pessoa e seus milagres, mas não foram levados a crer nele. A fé nem sempre é o resultado da visão; os soldados foram testemunhas oculares da ressurreição de Cristo, e ainda assim, em vez de crerem nele, mentiram a seu respeito. Assim, vemos que é difícil levar as pessoas a crer em Cristo. Mas, pela operação do Espírito da graça, muitos daqueles que não viram, creram. Duas coisas nos são asseguradas aqui, para encorajar nossa fé:

[1] Que o Filho dará boas-vindas a todos aqueles que vierem a Ele (v. 37): “O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. Quão bem-vindas são às nossas almas estas palavras de boas-vindas da parte de Cristo! “O que vem” está no singular, denotando favor, não somente ao corpo de crentes em geral, mas a toda alma, em particular, que se apresente a Cristo. Aqui, em primeiro lugar, o dever exigido é um puro dever expresso pelo Evangelho: vir a Cristo, para que possamos vir a Deus por seu intermédio. Sua beleza e seu amor, estes grandes atrativos, devem nos atrair a Ele. O sentimento de necessidade e o medo do perigo devem nos levar a Ele. Qualquer coisa que nos levar a Cristo será vantajosa para nós. Em segundo lugar, a promessa é uma pura promessa do Evangelho: *de maneira nenhuma o lançarei fora – ou me ekbalo exo*. Há duas negativas: Não o farei, não o farei. 1. Grandes favores estão expressos aqui. Nós temos razões para temer que Ele nos lance fora. Considerando nossa mesquinhez, nossa vilania, nossa indignidade ao vir, nossa fraqueza em vir, nós podemos, com razão,

esperar que Ele nos repreenda e feche suas portas para nós. Mas Ele apaga estes temores com esta certeza: Ele não fará isto. Embora sejamos mesquinhos, não desdenhará de nós, embora sejamos pecadores, não nos rejeitará. Os pobres alunos vêm até Ele para serem ensinados? Embora sejam tolos e lentos, Ele não os lançará fora. Os pobres pacientes vêm até Ele para serem curados, os pobres clientes vêm até Ele para serem aconselhados? Embora sua situação seja difícil, e embora venham de mãos vazias, Ele não os lançará fora, de maneira nenhuma. Mas: 2. Há mais favores implícitos do que expressos. Quando está escrito que Ele não os lançará fora, o significado é: Ele os receberá, e lhes dará as boas-vindas, e lhes dará aquilo por que vieram até Ele. Assim como Ele não os rejeita por ocasião da primeira vez em que vieram a Ele, também depois, a cada desprazer, não os lançará fora. “Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”.

[2] Que o Pai irá, sem dúvida, trazer a Cristo, no devido tempo, todos os que foram dados a Ele. Nas transações entre o Pai e o Filho, com relação à redenção do homem, assim como o Filho empreende a justificação, a santificação e a salvação de todos os que vêm a Ele (“Que sejam postos nas minhas mãos, e eu cuidarei deles”), também o Pai, a fonte e a origem da existência, da vida e da graça, tem prazer em colocar nas mãos de Jesus todos aqueles que lhe foram dados, trazendo-os a Ele.

Em primeiro lugar, aqui Ele nos assegura que isto será feito: “Tudo o que o Pai me dá virá a mim”, v. 37. Cristo tinha se queixado (v. 36) daqueles que, embora o tivessem visto, ainda assim não criam nele. E então Ele acrescenta isto:

a. Para a convicção e motivação deles, dando a entender claramente que se insistissem em não vir a Ele e não cressem nele, isto seria um sinal certo de que não pertenciam à escolha da graça. Como podemos pensar que Deus nos entregou a Cristo, se nos entregamos ao mundo e à carne? 2 Pedro 1.10.

b. Para seu próprio consolo e encorajamento: “Israel não se deixou ajuntar; contudo… serei glorificado”. A eleição foi feita e alcançará seus objetivos, ainda que as multidões estejam endurecidas, Romanos 11.7. Embora o Senhor perca muitas das suas criaturas, por não desejarem se entregar a Ele, ainda assim, não perderá nenhuma daquelas que estiverem sob seus cuidados: tudo o que o Pai lhe dá, virá a Ele. Aqui temos: (*a*) A descrição da escolha: “Tudo o que o Pai me dá”, *pan ho didosi – todas as*

coisas que o Pai *me dá*. Os eleitos, e tudo o que pertence a eles. Todos os seus serviços, todos os seus interesses. Assim como tudo o que Ele tem é deles, também tudo o que eles têm é dele, e Ele fala deles como seus. Eles lhe foram dados, como recompensa total da sua missão. Não somente todas as pessoas, mas todas as coisas, são congregadas em Cristo (Ef 1.10), e reconciliadas com Ele, Colossenses 1.20. A entrega do remanescente escolhido a Cristo é mencionada (v. 39) como algo já concluído. Ele os deu. Esta entrega é aqui mencionada como algo em andamento. Ele os dá, porque, quando o Primogênito foi trazido ao mundo, aparentemente houve uma renovação da garantia. Veja Hebreus 10.5ss. Agora Deus estava prestes a dar a Cristo os pagãos, por sua herança (Sl 2.8), a dar-lhe a posse das herdades assoladas (Is 49.8), e dar-lhe a parte de muitos, Isaías 53.12. E embora os judeus, que o viram, não cressem nele, estes (diz Ele) "virão a mim". As outras ovelhas, que não pertencem a este aprisco, serão agregadas, cap. 10.15,16. Veja Atos 13.45-48. (*b*) O resultado assegurado: eles "virão a mim". Isto não faz parte da natureza de uma promessa, mas é uma predição de que tantos quantos foram, no conselho de Deus, ordenados para a vida, serão trazidos à vida, sendo trazidos a Cristo. Eles estão dispersos, misturados entre as nações, mas ainda assim nenhum deles será esquecido. Nem um grão do trigo de Deus será perdido, como foi prometido, Amós 9.9. Eles estão, por natureza, alienados de Cristo, e são contrários a Ele, e ainda assim, virão. Assim como a onisciência de Deus está envolvida para encontrar todos os que estão de fora, sua onipotência também está envolvida para trazê-los, a todos, para dentro. Não: Eles serão forçados a vir a mim, mas: Eles virão livremente, voluntariamente.

Em segundo lugar, aqui Ele nos informa como isto será feito. Como serão trazidos a Ele aqueles que lhe são dados? Duas coisas devem ser feitas para que isto aconteça:

a. Seus entendimentos serão esclarecidos. Isto está prometido, vv. 45,46. Está escrito nos profetas, que falaram destas coisas anteriormente: "E serão todos ensinados por Deus". Isto nós encontramos em Isaías 54.13 e Jeremias 31.34. "Todos me conhecerão". Observe que:

(*a*) Para crermos em Jesus Cristo, é necessário que sejamos ensinados por Deus, isto é: [*a*] Que nos seja feita uma revelação divina, relevando-nos aquilo em que devemos crer, a respeito de Cristo, e por que devemos crer nisto. Há algumas coisas que até mesmo a natureza ensina, mas para nos

levar a Cristo há a necessidade de uma luz mais elevada. [*b*] Que exista uma obra divina que opere em nós, capacitando-nos a compreender e aceitar estas verdades reveladas e suas evidências. Deus, ao nos dar a razão, nos ensina mais do que aos animais da terra, mas ao nos dar a fé, nos ensina mais do que ao homem natural. Assim, todos os filhos da igreja, todos os que são genuínos, são discípulos de Deus. Ele empreendeu a educação deles.

(*b*) Como conseqüência, como dedução disto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu virá a Cristo, v. 45. [*a*] Aqui está implícito que ninguém virá a Cristo, exceto aqueles que ouviram e aprenderam do Pai. Nunca seremos levados a Cristo, exceto por uma condução divina. A menos que Deus, pela sua graça, esclareça nossos entendimentos, informe nossos julgamentos e retifique nossos erros, e não somente nos diga o que podemos ouvir, mas nos ensine, para que possamos aprender a verdade como ela existe em Jesus, nunca seremos levados a crer em Cristo. [*b*] Que este ensinamento divino produz tão necessariamente a fé dos eleitos de Deus, que nós podemos concluir que aqueles que não vierem a Cristo nunca terão ouvido nem aprendido do Pai, pois, se tivessem, sem dúvida teriam vindo a Cristo. Em vão, os homens fingem ser ensinados por Deus, se não crêem em Cristo, pois Ele não ensina outra lição, Gálatas 1.8,9. Veja como Deus lida com os homens, como sendo criaturas razoáveis, os atrai com cordas humanas, abre primeiro os entendimentos, e então, por ele, de modo regular, influencia as faculdades interiores. Assim, Ele entra pela porta, mas Satanás, como um salteador, sobe por outra parte. Mas para que ninguém sonhe com uma manifestação visível de Deus, o Pai, a estes filhos dos homens (para ensiná-los estas coisas), e alimente noções grosseiras sobre ouvir e aprender do Pai, Ele acrescenta (v. 46): “Não que alguém visse ao Pai”. Aqui está implícito: não que alguém possa vê-lo, com olhos físicos, ou possa esperar aprender dele, como Moisés, a quem Ele falou face a face, mas Deus, ao esclarecer os olhos dos homens, e ao ensiná-los, trabalha de uma maneira espiritual. O Pai dos espíritos tem acesso ao espírito dos homens desapercebidos, e os influencia. Aqueles que não viram seu rosto, sentiram seu poder. Mas existe alguém que conhece intimamente o Pai, aquele que é de Deus, o próprio Cristo, Ele viu o Pai, cap. 1.18. Observe, em primeiro lugar, que Jesus Cristo é de Deus, de uma maneira peculiar, Deus de Deus, luz da luz, não somente enviado por Deus, mas gerado de

Deus, antes de todos os mundos. Em segundo lugar, que é prerrogativa de Cristo ter visto o Pai, perfeitamente, e conhecê-lo e seus conselhos. Em terceiro lugar, que até mesmo este esclarecimento, que é uma preparação para a fé, nos é transmitido por meio de Cristo. Aqueles que aprendem do Pai, considerando que não podem vê-lo pessoalmente, devem aprender de Cristo, o único que o viu. Assim como todas as revelações divinas são feitas por meio de Cristo, também por meio dele são exercidos todos os poderes divinos.

b. Suas vontades se curvarão. Se a alma do homem agora tivesse sua retidão original, não haveria mais necessidade de influenciar a vontade, não mais do que o esclarecimento do entendimento. Mas na alma depravada do homem pecador existe uma rebelião da vontade contra os ditados justos do entendimento, uma mente carnal, que é a própria inimizade à luz e à lei divinas. Portanto, é necessário que exista uma obra de graça operando sobre a vontade, que aqui é chamada de "trazer" (v. 44): "Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer". Os judeus murmuravam contra a doutrina de Cristo. Eles não somente não a aceitavam, mas se irritavam porque outros a aceitavam. Cristo ouviu seus murmúrios em segredo, e disse (v. 43): "'Não murmureis entre vós'. Não coloqueis a culpa do vosso descontentamento com minha doutrina sobre os outros, como se fosse porque vós a considerais desagradável, de maneira geral. Não, ele se deve a vós mesmos, e às vossas próprias disposições corruptas, que equivalem a uma impotência moral. Vossas antipatias às verdades de Deus e vossos preconceitos contra elas são tão fortes, que nada menos do que o poder divino pode derrotá-los". E este é o caso de toda a humanidade: "'Ninguém pode vir a mim', ninguém pode persuadir-se a aproximar-se aos termos do Evangelho, 'se o Pai, que me enviou, o não trouxer'", v. 44. Observe: (*a*) A natureza da obra: é trazer, o que não indica uma força colocada sobre a vontade, por meio da qual de indispostos passamos a dispostos, e uma nova inclinação é dada à alma, pela qual ela se inclina a Deus. Parece ser mais do que uma persuasão moral, pois nisto está o poder de atração, mas não deve ser chamado de um impulso físico, pois está fora do caminho da natureza. Porém, aquele que formou no homem seu espírito pelo seu poder criador, e modela os corações dos homens pela sua influência providencial, sabe como remodelar a alma, e alterar sua tendência e temperamento, e fazê-la conformável a si mesmo e à sua

vontade, sem causar nenhum dano à sua liberdade natural. É uma atração tal, que opera não somente a obediência, mas uma obediência alegre, uma complacência: “Leva-nos tu, correremos após ti”. (*b*) A necessidade desta obra: ninguém, nesta condição fraca e desamparada, pode vir a Cristo sem ela. Assim como não podemos realizar nenhuma ação natural sem a ajuda da providência comum, também não podemos realizar nenhuma ação moralmente boa sem a influência da graça especial, na qual vive e se move o novo homem, na qual ele tem sua existência, tanto quanto o mero homem a tem na divina providência. (*c*) O autor desta obra: o “Pai que me enviou”. O Pai, tendo enviado a Cristo, irá segui-lo, pois não o enviaria em uma missão infrutífera. Tendo Cristo se comprometido a trazer as almas à glória, Deus lhe prometeu, para isto, trazê-las a Ele, e, desta maneira, dar-lhe a posse daquelas às quais Ele lhe tinha dado o direito. Tendo Deus, pela promessa, dado o reino de Israel a Davi, após algum tempo levou os corações das pessoas a ele. De modo que, tendo enviado Cristo para salvar as almas, Ele lhe envia as almas, para que sejam salvas por Ele. (*d*) A coroa e perfeição desta obra: “E eu o ressuscitarei no último Dia”. Isto é mencionado quatro vezes neste discurso, e sem dúvida inclui todas as obras intermediárias e preparatórias da divina graça. Quando os ressuscitar, no último dia, Ele dará o retoque final no seu empreendimento, colocará a pedra final. Se Ele realiza isto, certamente pode realizar qualquer coisa, e fará tudo o que for necessário para isto. Que nossas expectativas sejam levadas em direção à felicidade reservada para o último dia, quando todos os anos do tempo estiverem completos e concluídos.

4. Tendo se referido a si mesmo como o pão da vida, e tendo se referido à fé como uma obra de Deus, o Pai, Cristo mostra mais particularmente e especificamente o que é este pão: sua carne. O Senhor também está ensinando que crer é comer dela, vv. 51-58. O Senhor ainda está utilizando a metáfora da comida. Observe, aqui, a preparação desta comida: “O pão que eu der é a minha carne” (v. 51), a carne do Filho do homem e seu sangue, v. 53. Sua carne verdadeiramente é comida, e seu sangue verdadeiramente é bebida, v. 55. Observe, além disto, a participação desta comida: nós devemos comer a carne do Filho do Homem e beber seu sangue (v. 53). E outra vez (v. 54): “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue”. E as mesmas palavras (vv. 56,57): “Quem de mim se alimenta”. Esta é certamente uma parábola, ou um discurso figurativo, em

que as atividades da alma em coisas espirituais e divinas são representadas por ações físicas em coisas perceptíveis, o que torna as verdades de Cristo mais inteligíveis a alguns, e menos a outros, Marcos 4.11,12. Agora:

(1) Vejamos como estas palavras de Cristo estavam propensas a enganos e a más interpretações, de modo que os homens pudessem ver, e não perceber. [1] Elas foram mal interpretadas pelos judeus carnais, aos quais elas foram ditas em primeiro lugar (v. 52): "Disputavam, pois, os judeus entre si". Eles murmuravam aos ouvidos, uns do outros, sua insatisfação: "Como nos pode dar este a sua carne a comer?" Cristo falou (v. 51) de dar sua carne por nós, de sofrer e morrer. Mas eles, sem a devida consideração, interpretaram a expressão "dar-se por nós" como "ser comido". Isto deu oportunidade para que Cristo lhes dissesse que, embora o que Ele tinha dito tivesse intenções diferentes, ainda assim, mesmo isto, comer sua carne, não era uma coisa tão absurda (se corretamente interpretada) como *prima facie – à primeira vista* eles a entenderam. [2] Elas foram indignamente mal interpretadas pela igreja de Roma, para sustentar sua monstruosa doutrina de transubstanciação, o que traz uma mentira aos nossos sentidos, contradiz a natureza de um sacramento, e destrói todas as evidências convincentes. Estes, como os judeus aqui, entendem que se trata de comer fisicamente e carnalmente o corpo de Cristo, como Nicodemos, cap. 3.4. A Ceia do Senhor ainda não tinha sido instituída, e, portanto, não poderia haver referência a ela. É um comer e beber espiritual que se menciona aqui, algo que não é sacramental. [3] As palavras são mal interpretadas por muitas pessoas carnais e ignorantes, que deduzem que, se participarem do sacramento, quando morrerem, certamente irão para o céu. Isto, da mesma maneira, traz um desconforto desnecessário a muitos que são fracos. Eles podem pensar que, se não participarem deste sacramento, estarão desqualificados. Este conceito equivocado também faz com que muitos que são ímpios se sintam desnecessariamente confortáveis, pensando que, se participarem deste sacramento, serão salvos, mesmo sem o arrependimento, a conversão e o perdão dos pecados. Portanto:

(2) Vejamos como estas palavras de Cristo devem ser interpretadas.

[1] O que significam a carne e o sangue de Cristo. Isto é chamado (v. 53) "a carne do Filho do Homem e... o seu sangue", seu, como Messias e Mediador, a carne e o sangue que Ele assumiu na sua encarnação (Hb 2.14), e que Ele entregou na sua morte e nos seus sofrimentos: Minha carne, que

Eu darei, para que seja crucificada e morta. Está escrito que ela é dada “pela vida do mundo”, isto é, em primeiro lugar, em lugar da vida do mundo, que tinha sido perdida pelo pecado, Cristo dá sua própria carne como um resgate. Cristo foi nosso fiador, comprometendo corpo por corpo (como dizemos), e, portanto, sua vida deve tomar o lugar da nossa, para que a nossa possa ser poupada. “Aqui estou Eu, deixai ir estes”. Em segundo lugar, o Senhor Jesus Cristo deu sua vida para que todas as pessoas do mundo pudessem ter a vida, para oferecer a vida eterna a todo o mundo, sem exceções, e as garantias especiais dela a todos os crentes. De modo que a carne e o sangue do Filho do homem denotam o Redentor encarnado, morto e ressuscitado. Cristo, e este crucificado, e a redenção realizada por Ele, com todos os preciosos benefícios da redenção, a saber, o perdão dos pecados, a aceitação de Deus, a adoção como filhos, o acesso ao trono da graça, as promessas do concerto e a vida eterna. Tudo isto é chamado de carne e sangue de Cristo: 1. Por ser tudo isto comprado pela sua carne e pelo seu sangue, por seu corpo moído, e pelo seu precioso sangue derramado. Os privilégios comprados podem, muito bem, ser chamados conforme o preço que foi pago por eles, pois isto mostra seu valor. Escreva sobre eles *pretium sanguinis – preço de sangue*. 2. Por ser tudo isto a comida e a bebida para nossas almas. A carne com sangue era proibida (Gn 9.4), mas os privilégios do Evangelho são como carne e sangue para nós, preparados para a nutrição das nossas almas. Anteriormente, Cristo tinha se comparado ao pão, que é um alimento necessário. Aqui, o Senhor se compara com a carne, que é saborosa. É uma festa com animais gordos, Isaías 25.6. A alma se fartará de Cristo, como de tutano e de gordura, Salmos 63.5. É comida, verdadeiramente, e bebida, verdadeiramente, verdadeiramente e espiritualmente, segundo o Dr. Whitby. Assim como Cristo é chamado de vinho verdadeiro, ou de comida, verdadeiramente, em oposição às demonstrações e sombras com que o mundo engana aqueles que dele se alimentam. Em Cristo, e no seu Evangelho, existe uma provisão verdadeira e uma satisfação sólida. É verdadeiramente comida, e verdadeiramente bebida, que sacia e satisfaz, Jeremias 31.25,26.

[2] O que significa comer esta carne e beber este sangue, que é tão necessário e benéfico. É certo que isto significa nada mais que crer em Cristo. Da mesma maneira como nós compartilhamos a comida e a bebida, comendo e bebendo, também compartilhamos Cristo e seus benefícios pela

fé, e crer em Cristo inclui quatro coisas, que estão relacionadas a comer e beber. Em primeiro lugar, implica em um apetite de Cristo. Este comer e beber espiritual tem início na sede e na fome (Mt 5.6), desejos fervorosos e inoportunos em relação a Cristo, que não podem ser satisfeitos com algo que não seja o próprio Senhor: “Dá-me Cristo, senão morro”. Em segundo lugar, implica em uma aplicação de Cristo a nós mesmos. A comida somente olhada não nos alimentará, mas sim a comida consumida, e tornada nossa, e como se fosse uma coisa só, conosco. Nós devemos aceitar Cristo de modo a apropriá-lo a nós mesmos: “Senhor meu, e Deus meu”, cap. 20.28. Em terceiro lugar, implica em um deleite em Cristo e na sua salvação. A doutrina de Cristo crucificado deve ser comida e bebida para nós, agradável e prazerosa. Nós devemos nos banquetear com os manjares do Novo Testamento que nos são concedidos através do sangue de Cristo, tendo uma complacência tão grande nos métodos que a Sabedoria Infinita adotou para nos redimir e salvar quanto sempre tivemos com as provisões mais necessárias ou com as delícias mais prazerosas da natureza. Em quarto lugar, implica na obtenção da nutrição dele e em uma dependência dele, para o sustento e o consolo da nossa vida espiritual, e a força, o crescimento e o vigor do novo homem. Alimentar-se de Cristo é fazer tudo no seu nome, em união com Ele, e pela virtude extraída dele. É viver dele, como vivemos do nosso alimento diário. Não sabemos descrever como nossos corpos são nutridos pelo alimento que comemos, mas sabemos que o são. Também é assim com esta nutrição espiritual. Nosso Salvador estava tão satisfeito com esta metáfora (por ser muito significativa e expressiva), que, quando Ele instituísse posteriormente alguns sinais perceptíveis externos, com os quais representaria a transmissão dos benefícios da sua morte para os cristãos, Ele escolheria o comer e o beber, e faria deles atos sacramentais.

(3) Tendo, desta maneira, explicado o significado geral desta parte do discurso de Cristo, os detalhes se reduzem a dois tópicos:

[1] A necessidade de que comamos de Cristo (v. 53): “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos”. Isto é, em primeiro lugar: “Se vocês não tiverem desejo em relação a Cristo, nem deleite nele, isto é um sinal garantido de que não têm uma vida espiritual”. Se a alma não tiver fome nem sede, certamente não viverá. Se estivermos mortos para uma comida e uma bebida como estas, isto é um sinal de que estamos verdadeiramente mortos. Quando se deseja

distinguir abelhas artificiais, que, por correntes curiosas, são levadas a se mover de um lado a outro, das naturais (dizem), basta colocar mel entre elas, pois somente as abelhas naturais se interessarão por este alimento. As artificiais não se importam, pois não têm vida em si mesmas. Em segundo lugar: “É certo que vocês não poderão ter vida espiritual, a menos que a obtenham de Cristo, pela fé. Separados dele, vocês não conseguem nada”. A fé em Cristo é o *primum vivens – o primeiro princípio vivo* de graça. Sem ele, não temos a verdade da vida espiritual, nem nenhum direito à vida eterna. Nossos corpos podem viver sem comida tanto quanto nossas almas, sem Cristo.

[2] Os benefícios e as vantagens de nos alimentarmos de Cristo, em dois aspectos:

Em primeiro lugar, nós seremos um com Cristo, como nossos corpos são um com nossa comida, quando ela é digerida (v. 56): “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue”, que vive pela fé no Cristo crucificado (isto é dito como sendo uma ação contínua), “permanece em mim, e eu, nele”. Pela fé, nós temos uma união íntima com Cristo. Ele está em nós, e nós nele, cap. 17.21-23; 1 João 3.24. Os crentes residem em Cristo, como sua fortaleza ou cidade de refúgio. Cristo reside neles, como o senhor da casa, para administrá-la e prover para ela. Tal é a união entre Cristo e os crentes, que Ele compartilha das suas tristezas, e eles compartilham das suas graças e alegrias. Ele come com eles suas ervas amargas, e eles comem com Ele seus ricos manjares. É uma união inseparável, como aquela entre o corpo e o alimento digerido, Romanos 8.35; 1 João 4.13.

Em segundo lugar, nós viveremos, viveremos eternamente, por Ele, assim como nossos corpos vivem pela nossa comida.

a. Nós viveremos por Ele (v. 57): “Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim quem de mim se alimenta também viverá por mim”. Aqui temos a seqüência e a ordem da vida divina. (*a*) Deus é o Pai que vive, tem vida em si e emana vida de si. “Eu sou o que sou” é seu nome para sempre. (*b*) Jesus Cristo, sendo Mediador, vive junto ao Pai. Ele tem vida em si mesmo (cap. 5.26), mas a recebe do Pai. Aquele que o enviou, não somente o capacitou com esta vida que era necessária para um empreendimento tão grandioso, mas também fez dele o tesouro da vida divina em nós. Ele soprou no segundo Adão o sopro da vida espiritual, assim como soprou no primeiro Adão o sopro da vida natural. (*c*) Os

crentes fiéis recebem esta vida divina em virtude da sua união com Cristo, o que é deduzido da união entre o Pai e o Filho, pois é comparada a ela, cap. 17.21. Portanto, “quem de mim se alimenta também viverá por mim”. Aqueles que vivem em Cristo, viverão por meio dele. A vida dos crentes é obtida de Cristo (cap. 1.16). Ela está escondida com Cristo (Cl 3.3-4). Nós vivemos por Ele assim como os membros vivem através da cabeça do corpo, e também como os ramos vivem através da raiz. Pelo fato de Ele viver, nós também viveremos.

b. Nós viveremos eternamente por Ele (v. 54): “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue”, como bênçãos preparadas no Evangelho para serem o alimento das almas, “tem a vida eterna”, e a tem agora, como lemos no versículo 40. Aquele que se alimenta de Cristo tem a vida eterna iniciada em si mesmo, tem um sinal e uma antecipação dela, como também a esperança dela. Este viverá para sempre, v. 58. Sua felicidade correrá em paralelo com a linha mais longa da própria eternidade.

Finalmente, o historiador conclui com uma consideração a respeito de *onde* Cristo teve este debate com os judeus (v. 59): *Na Sinagoga como ele ensinou*, sugere que Ele ensinou-lhes muitas outras coisas antes destas. Mas, neste discurso, isto é que era novo. Ele acrescenta que disse estas coisas *na Sinagoga* para mostrar: 1) A fidedignidade da Doutrina de Cristo. Suas verdades não publicadas pelos cantos, mas pregadas publicamente em assembléias mistas, foram submetidas aos mais imparciais e severos testes. Cristo declarou sobre sua doutrina (cap. 18.20): *Eu sempre ensinei na sinagoga*. 2. A credibilidade desta narrativa. Assegura a você que o pronunciamento foi plenamente exposto, Ele referiu-se à sinagoga em Cafarnaum, onde isto poderia ser examinado.

O Sermão de Cristo aos seus Discípulos. O Efeito do Sermão de Cristo. O Caráter de Judas

vv. 60-71

Aqui temos uma narrativa sobre os efeitos do sermão de Cristo. Alguns se sentiram ofendidos, e outros, edificados, por ele. Alguns se afastaram dele, e outros se sentiram atraídos a Ele.

Para alguns, era um cheiro de morte para morte. Não somente para os judeus, que eram inimigos declarados, seus e da sua doutrina, mas até mesmo para muitos dos seus discípulos, como os que eram discípulos em geral, que eram seus ouvintes freqüentes e que o seguiam em público. Uma multidão mesclada, como aquelas, entre Israel, que iniciavam todos os descontentamentos. Aqui, temos:

1. Suas murmurações, diante da doutrina que ouviam (v. 60): "Duro é este discurso; quem o pode ouvir?" (1) Eles não gostam do sermão: "Que é isto? [oma a carne, e beba o sangue eo Filho do homem! Se isto deve ser interpretado de modo figurado, não é compreensível. Se deve ser interpretado literalmente, não é praticável. O que! Devemos nos transformar em canibais? Não podemos ser religiosos, mas devemos ser bárbaros?" *Si Christiani adorant quod comedunt* (segundo Averroes), *sit anima mea cum philosophis – Se os cristãos adoram o que comem, meu pensamento continuará com os filósofos.* Mas, quando consideraram duro este discurso, se tivessem humildemente implorado que Cristo lhes explicasse esta parábola, Ele a teria esclarecido, e teria aberto também seus entendimentos, pois aos mansos ensinará seu caminho. Mas eles não desejavam a explicação das palavras de Cristo, porque não desejavam perder este pretexto para rejeitá-lo, que Ele proferia discursos severos demais. (2) Eles julgam impossível que qualquer pessoa o aprecie: "'Quem o pode ouvir? Certamente ninguém". Desta maneira, aqueles que zombam da religião estão prontos a garantir que toda a porção inteligente da humanidade esteja de acordo com eles. Eles concluem, com grande segurança, que nenhum homem de bom senso irá aceitar a doutrina de Cristo, nem qualquer homem que aja segundo o espírito irá se sujeitar às suas leis. Por não suportarem ser instruídos desta maneira, eles pensam que ninguém mais poderá fazê-lo: Quem o pode ouvir? Graças a Deus, milhares de milhares ouviram as palavras de Cristo, e as julgaram não somente confortáveis e confortadoras, mas agradáveis, o alimento necessário a todas as pessoas.

2. As repreensões de Cristo às suas queixas.

(1) Ele conhecia bem suas murmurações, v. 61. Suas críticas eram secretas, nos seus próprios seios, ou eram sussurradas, entre eles, nos cantos. Mas: [1] Cristo as conhecia. Ele as via, Ele as ouvia. Observe que Cristo percebe não somente os desafios ousados e abertos que são feitos ao seu nome e à sua glória, pelos ousados pecadores, mas também a

indiferença secreta que é dedicada à sua doutrina pelos que professam a fé, porém sendo carnais. Ele sabe aquilo que o tolo diz no seu coração, e não se atreve, por vergonha, a dizer abertamente. Ele observa como sua doutrina provoca ressentimento naqueles a quem é pregada; quem se alegra com ela, e quem reclama dela; quem está em conformidade com ela, e se curva diante dela, e quem discute com ela, e se rebela contra ela, ainda que o faça secretamente. [2] Ele sabia, em si mesmo, não por alguma informação que lhe fosse dada, nem por alguma indicação exterior, mas pela sua própria onisciência divina. Ele sabia, não como os profetas, por uma revelação divina (pois aquilo que os profetas desejavam saber estava, muitas vezes, oculto deles, como em 2 Reis 4.27), mas por um conhecimento divino residente em si mesmo. Ele é aquela Palavra essencial, que discerne os pensamentos do coração, Hebreus 4.12,13. Para Cristo, os pensamentos são palavras. Nós devemos, portanto, tomar cuidado, não somente com o que dizemos e fazemos, mas com o que pensamos.

(2) Ele sabia perfeitamente bem como responder a eles: "'Isto vos escandaliza? 'Isto é uma pedra de tropeço para vós?" Veja como as pessoas, pelos seus próprios enganos deliberados, criam ofensas a si mesmas. Elas se ofendem quando nenhuma ofensa lhes foi feita, e até mesmo tomam a ofensiva quando não é necessário. Observe que nós podemos, com razão, nos admirar de que a doutrina de Cristo causasse tanta ofensa, com tão pouca causa. Cristo fala sobre isto com admiração: "Isto vos escandaliza?" Em resposta àqueles que condenavam sua doutrina como sendo intrincada e obscura (*Si non vis intelligi, debes negligi – Se você não deseja ser compreendido, deve ser negligenciado*):

[1] Ele lhes faz uma alusão à sua ascensão ao céu, como aquilo que lhes daria uma evidência incontestável da verdade da sua doutrina (v. 62): "Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do Homem para onde primeiro estava?" Que aconteceria, então? Em primeiro lugar: "Se Eu lhes dissesse isto, certamente se ofenderiam muito, julgando que minhas pretensões seriam realmente altas demais. Se este é um discurso tão duro, e vocês não conseguem ouvi-lo, como digerirão minhas palavras quando Eu lhes falar sobre meu retorno ao céu, de onde vim?" Veja cap. 3.12. Aqueles que tropeçam nas menores dificuldades devem considerar como conseguirão passar pelas maiores. Em segundo lugar: "Quando vocês virem o Filho do homem ascender, isto lhes ofenderá muito mais, pois então meu corpo terá

menos capacidade de ser comido por vocês naquele sentido mais bruto com que vocês agora interpretam minhas palavras", segundo o Dr. Whitby. Ou, em terceiro lugar: "Quando vocês virem, ou ouvirem daqueles que o verão, certamente, então, ficarão satisfeitos. Vocês pensam que Eu sou pretensioso quando digo que desci do céu, pois este foi um motivo de discussão entre vocês (v. 42). Mas será que vocês pensarão a mesma coisa quando me virem retornando ao céu?" Se Ele subiu, certamente desceu, Efésios 4.9,10. Cristo freqüentemente se refere, desta maneira, a provas subseqüentes, como em João 1.50,51; 2.14; Mateus 12.40; 26.64. Esperemos um pouco, até que o mistério de Deus seja concluído, e então veremos que não havia nenhuma razão para nos escandalizarmos por causa de alguma palavra de Cristo.

[2] Ele lhes dá uma explicação para este e para todos os discursos semelhantes, em forma de parábolas, ensinando-lhes que eles devem ser interpretados espiritualmente, e não de uma maneira corpórea ou carnal: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita", v. 63. Assim como no corpo natural o espírito o vivifica e anima, e sem ele o alimento mais nutritivo não se aproveitaria (que tornaria o corpo melhor para o alimento, se não estivesse vivificado e animado pelo espírito?), o mesmo também ocorre com a alma. Em primeiro lugar, a simples participação nas ordenanças, a menos que o Espírito de Deus trabalhe com elas, e vivifique a alma por meio delas, não traz nenhum benefício. A palavra e as ordenanças, se o Espírito trabalha com elas, são como o alimento para um homem vivo. Caso contrário, são como alimento para um homem morto. Nem mesmo a carne de Cristo, o sacrifício pelo pecado, nos servirá para algo, a menos que o bendito Espírito vivifique, com ela, nossas almas, e intensifique as poderosas influências da sua morte sobre nós, até que nós, pela sua graça, sejamos semeados à sua semelhança. Em segundo lugar, a doutrina de comer a carne de Cristo, e beber seu sangue, se interpretada literalmente, não traz nenhum benefício, mas nos conduz a enganos e preconceitos. Porém, o sentido ou significado espiritual da doutrina vivifica a alma, torna-a viva e vívida. E isto ocorre de acordo com o que está escrito a seguir: "As palavras que eu vos disse são espírito e vida". Comer a carne de Cristo! Este é um discurso duro, mas crer que Cristo morreu por mim, obter desta doutrina a força e o consolo quando eu me dirigir a Deus, minha oposição ao pecado e meus preparativos para um estado futuro, este é o espírito e a

vida deste discurso. E, se o interpretarmos assim, constataremos que se trata de um discurso excelente. A razão pela qual os homens não gostam das palavras de Cristo é por que eles as interpretam mal. O sentido literal de uma parábola não nos traz benefícios, nós não nos tornamos mais sábios através dele, mas o significado espiritual é instrutivo. Em terceiro lugar, a carne para nada aproveita – aqueles que estão na carne (assim alguns interpretam), que estão sob o poder de uma mente carnal, não se beneficiam dos discursos de Cristo. Mas o Espírito vivifica – aqueles que têm o Espírito, que são espirituais, são despertados e vivificados por eles, pois eles são recebidos *ad modum recipientes – de um modo correspondente ao estado da mente de quem os recebe*. Eles encontram defeitos nas palavras de Cristo, quando, na verdade, o defeito estava neles mesmos. É somente para as mentes carnais que as coisas espirituais não têm sentido nem vida. Porém, as mentes espirituais as saboreiam. Veja 1 Coríntios 2.14,15.

[3] Ele lhes dá uma indicação do seu conhecimento sobre eles, e que Ele não esperava nada melhor deles, embora se dissessem seus discípulos, vv. 64,65. Agora se cumpriam as palavras do profeta, ao falar a respeito de Cristo e da sua doutrina (Is 53.1): “Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do Senhor?” Cristo aqui toma conhecimento de ambas as coisas.

Em primeiro lugar, eles não criam na sua pregação: “Há alguns de vocês que disseram que deixariam tudo para seguir-me, mas que ainda assim, não crêem”, e esta foi a razão pela qual a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé, Hebreus 4.2. Eles não creram que Ele era o Messias, caso contrário teriam se submetido à doutrina que Ele pregava, e não teriam contendido com ela, embora houvesse algumas coisas nela difíceis de serem compreendidas. *Oportet discentum credere – os jovens* principiantes no aprendizado devem crer na palavra do seu professor. Observe: 1. Entre aqueles que são cristãos nominais somente, existem muitos que são verdadeiros infiéis. 2. A incredulidade dos hipócritas, antes de se revelar ao mundo, está nua e aberta diante dos olhos de Cristo. Ele sabia, desde o início, quem eram aqueles da multidão que o seguiam, que criam, e qual dos doze iria traí-lo. Ele sabia, desde que começaram a se relacionar com Ele, e a acompanhá-lo, quando estavam demonstrando o zelo mais acalorado, conhecia aqueles que eram sinceros, como Natanael (cap. 1.47), e quais não o eram. Antes que eles se

distinguissem por um ato aberto, Ele podia, infalivelmente, distinguir aqueles que criam e os que não criam, aqueles cujo amor era dissimulado e aqueles cujo amor era cordial. Com base nisto, podemos concluir: (1) Que a apostasia daqueles que fizeram uma profissão plausível de religião há muito tempo é uma prova certa da sua hipocrisia constante, e de que desde o início não criam, mas não é uma prova da possibilidade da apostasia total e final de qualquer crente fiel. Tais revoltas não devem ser consideradas como a queda dos verdadeiros santos, mas como a revelação dos falsos. Veja 1 João 2.19. *Stella cadens non stella fuit – a estrela que cai, nunca foi uma estrela*. (2) Que é prerrogativa de Cristo conhecer o coração. Ele conhece aqueles que não crêem, mas fingem na sua profissão de fé, e ainda assim os mantém na sua igreja, no desempenho das suas ordenanças, e na credibilidade do seu nome, e não os revela a este mundo, a menos que eles, pela sua própria iniqüidade, se revelem, porque tal é a constituição da sua igreja visível, e o dia da revelação que ainda está por vir. Mas, se nós pretendermos julgar os corações dos homens, estaremos subindo ao trono de Cristo, como se pudéssemos antecipar seu julgamento. Nós somos freqüentemente enganados em relação aos homens, e vemos motivos para modificar nossos sentimentos por eles, mas disto podemos ter a certeza, que Cristo conhece todos os homens, e que seu juízo é de acordo com a verdade.

Em segundo lugar, a razão pela qual eles não creram na sua pregação era porque o braço do Senhor não tinha se manifestado a eles (v. 65): “Por isso, Eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não for concedido”, v. 44. Cristo, portanto, não podia deixar de saber quem cria e quem não cria, porque a fé é um dom e uma obra de Deus, e todos os dons e obras do seu Pai não poderiam deixar de ser conhecidos por Ele, pois todos passaram pelas suas mãos. Ali, Ele tinha dito que ninguém poderia vir a Ele, a menos que o Pai o trouxesse. Aqui Ele diz: “Se por meu Pai lhe não for concedido”, o que mostra que o Senhor Deus traz as almas, dando-lhes graça e forças, e uma coragem de vir, sem as quais, tamanha é a impotência moral do homem, no seu estado caído, ele não poderia vir.

3. Aqui temos sua apostasia final em relação a Cristo: “Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com Ele”, v. 66. Quando nós admitimos, nas nossas mentes, maus pensamentos sobre a palavra e as obras de Cristo, e alimentamos um desagrado secreto, e estamos dispostos a ouvir insinuações que tendam a reprová-las, então

estamos entrando em tentação. É como o gotejar da água, que, mais tarde, se tornará uma torrente. É como olhar para trás. Se a infinita misericórdia não evitar que esta situação danosa se intensifique, o resultado será o retrocesso. Portanto, *Obsta principiis – cuidado com o início da apostasia*. (1) Veja aqui as apostasias destes discípulos. Muitos deles voltaram para suas casas, e famílias, e vocações, que tinham deixado, por algum tempo, para segui-lo. Voltaram, um para sua casa, e outro para seu trabalho. Voltaram, como voltou Orfa, ao seu povo e aos seus deuses, Rute 1.15. Eles tinham entrado na escola de Cristo, mas voltaram, não somente fugiram da aula uma vez, mas abandonaram o Senhor e sua doutrina para sempre. Observe que a apostasia dos discípulos de Cristo, ao abandoná-lo, embora seja realmente algo estranho, ainda assim é algo relativamente comum, com que não devemos nos surpreender, de maneira alguma. Aqui houve muitos que se retiraram. Isto acontece freqüentemente. Quando alguns retrocedem, vários retrocedem com eles. Esta é uma doença infecciosa. (2) A ocasião em que esta apostasia aconteceu: "desde então", desde a ocasião em que Cristo pregou esta confortável doutrina, que Ele é o pão da vida, e que aqueles que pela fé se alimentarem dele viverão por Ele (que, poderíamos pensar, deveria ter motivado os discípulos a se apegarem mais fortemente a Ele) – desde então, se retiraram. Observe que o coração corrupto e perverso dos homens freqüentemente transforma em motivo para ofensa aquilo que, na verdade, é motivo para o maior consolo. Cristo previu que eles se ofenderiam com o que Ele dizia, mas ainda assim o disse. Porque aquilo que é a palavra indubitável e a verdade de Cristo deve ser fielmente transmitida, não importando a quem ela ofenda. A disposição dos homens deve ser cativada pela Palavra de Deus, e não a Palavra de Deus se acomodar à disposição dos homens. (3) O grau da sua apostasia: eles "já não andavam com Ele", não mais voltaram a Ele, e não acompanharam mais seu ministério. Há fortes empecilhos para que aqueles que foram esclarecidos uma vez, e provaram a boa Palavra de Deus, se renovem para o arrependimento depois de terem caído, Hebreus 6.4-6.

II Suas palavras foram, para outros, cheiro de vida para vida. Muitos voltaram atrás, mas, graças a Deus, não todos. Mesmo nesta ocasião, os doze permaneceram com Ele. Embora a fé de alguns possa ser abalada, ainda assim a fundação de Deus permanece segura. Observe aqui:

1. A pergunta carinhosa que Cristo faz aos doze (v. 67): “Quereis vós também retirar-vos?” Ele não disse nada àqueles que se retiraram. Se os incrédulos se retiram, que se retirem. Não era grande a perda daqueles que Ele nunca teve. Vêm fácil, vão fácil. Mas o Senhor aproveita esta oportunidade para falar com os doze, para confirmá-los e, testando sua constância, deixá-los mais estáveis: “Quereis vós também retirar-vos?” (1) “Vocês decidem, se vão ou não. Se desejam me abandonar, a hora é agora, quando tantos o fazem. É uma hora de tentação. Se vocês desejam tornar atrás, vão agora”. Observe que Cristo não deterá ninguém consigo, contra a vontade. Seus soldados são voluntários, e não homens pressionados. Os doze agora tinham tido tempo suficiente para julgar o que pensavam a respeito de Cristo e da sua doutrina, e, para que nenhum deles pudesse, posteriormente, dizer que tinham caído na armadilha do discipulado, e que, se pudessem fazê-lo novamente, não o fariam, aqui Ele lhes dá um poder de revogação, e deixa que eles decidam. Como em Josué 24.15; Rute 1.15. (2) “Será por sua própria conta, se forem embora”. Se havia alguma inclinação secreta, no coração de qualquer um deles, de separar-se dele, Ele a interrompe com esta pergunta para despertá-los: “‘Quereis vós também retirar-vos?’ Não penseis que tendes tão poucos objetivos como eles, e podeis ir embora tão facilmente como eles puderam. Eles não eram tão íntimos a mim comotendes sido, nem receberam de mim tantos favores. Eles se foram, mas vós também ireis? Lembrai-vos do seu caráter, e dizei: Não importa o que os outros façam, nós nunca partiremos. ‘Um homem, como eu, fugiria?‘” Neemias 6.11. Observe que, quanto mais próximos estivermos de Cristo, e quanto mais tempo tivermos estado com Ele, mais vínculos teremos com Ele, e maior será nosso pecado, se o abandonarmos. (3) “Tenho motivos para pensar que vocês não irão. Quereis retirar-vos? Não, Eu tenho uma influência mais forte sobre vocês do que sobre eles. Eu espero coisas melhores de vós (Hb 6.9), pois vós sois os que tendes permanecido comigo”, Lucas 22.28. Enquanto a apostasia de alguns é uma tristeza para o Senhor Jesus, a constância de outros é sua honra em uma medida muito maior, e Ele se compraz nela de uma forma bastante adequada. Cristo e o crente conhecem muito bem um ao outro, para que se separem a cada dissabor desta vida.

2. A resposta de fé que Pedro, em nome dos demais, deu a esta pergunta, vv. 68,69. Cristo lhes fez a pergunta, assim como Josué, que deixou Israel

escolher a quem desejava servir, com o desejo de extrair deles uma promessa de união a Ele, e teve o resultado desejado. “Não, nós desejamos servir ao Senhor”. Pedro era, em todas as ocasiões, a boca dos demais, não tanto porque o Mestre o ouvisse mais do que a eles, mas porque ele tinha mais disposição para falar, e o que ele dizia era, às vezes, aprovado, e em outras ocasiões, repreendido (Mt 16.17,23) – o destino comum daqueles que são rápidos para falar. Isto foi bem dito, admiravelmente bem dito, e provavelmente Pedro o disse mediante a orientação e o consentimento expresso dos seus co-discípulos. Pelo menos, ele sabia o que eles pensavam, e falava o que eles sentiam. E, se não fosse por Judas, poderíamos esperar o melhor de todo aquele grupo.

(1) Aqui está uma boa decisão de unir-se a Cristo, e é expressa de modo a indicar que eles não alimentariam o menor pensamento de deixá-lo: “‘Senhor, para quem iremos nós?” Seria tolice fugir de ti, a menos que soubéssemos onde haveria alguém melhor. Não, Senhor, nós conhecemos nossa escolha bem demais para mudar”. Observe que aqueles que deixam a Cristo deveriam considerar a quem irão, e se poderão esperar encontrar descanso e paz em algum lugar, exceto nele. Veja Salmos 73.27,28; Oséias 2.9. Para onde iremos? Cortejaremos o mundo? Ele certamente nos enganará. Retornaremos ao pecado? Ele certamente nos destruirá. Deixaremos a fonte de águas vivas à procura de cisternas quebradas? Os discípulos decidem continuar na sua busca de vida e felicidade, e desejam um guia para isto, e ficarão unidos a Cristo como seu guia, pois jamais poderão ter alguém melhor. “Iremos aos filósofos pagãos, e nos tornaremos seus discípulos? Eles se tornam inúteis nas suas imaginações, e, professando ser sábios em outras coisas, tornam se tolos em religião. Iremos aos escribas e fariseus, e nos sentaremos aos pés deles? Que bem podem nos trazer aqueles que anularam os mandamentos de Deus, substituindo-os pelas suas tradições? Iremos a Moisés? Ele nos mandará de volta a ti. Portanto, se encontrarmos o caminho para a felicidade, será seguindo a ti”. Observe que a santa religião de Cristo se mostra em grande vantagem, quando comparada a outras instituições, pois é patente e claro como ela é superior a todas as outras. Que aqueles que encontram defeitos nesta religião encontrem uma melhor antes de abandoná-la. Precisamos do Mestre divino. Poderíamos encontrar alguém melhor do que Cristo? Não podemos ficar sem a revelação divina. Se as Escrituras não fossem esta

revelação, onde poderíamos procurá-la?

(2) Aqui está uma boa razão para esta decisão. Não foi a decisão irrefletida de um afeto cego, mas o resultado de uma deliberação madura. Os discípulos decidiram que jamais se afastariam de Cristo:

[1] Por causa dos benefícios que lhes foram prometidos pelo próprio Senhor Jesus: “Tu tens as palavras da vida eterna”. Eles ainda não compreendiam plenamente as palavras de Cristo, pois a doutrina da cruz ainda era um enigma para eles. Mas, de maneira geral, eles se contentavam com o fato de que Ele tinha as palavras da vida eterna, isto é, em primeiro lugar, que a palavra da sua doutrina mostra o caminho para a vida eterna. Ele é colocado diante de nós, e nos indica o que fazer, para que possamos herdá-la. Em segundo lugar, que a palavra da sua determinação deve conceder a vida eterna. O fato de que Ele tem as palavras da vida eterna é a mesma coisa que Ele ter o poder de dar a vida eterna a todos os que lhe forem dados, cap. 17.2. No discurso anterior, o Senhor Jesus tinha garantido a vida eterna aos seus seguidores. Estes discípulos se apegaram a estas palavras claras, e por isto decidiram continuar com Ele, enquanto os demais ignoraram isto, e somente ouviram as palavras mais severas, decidindo abandoná-lo. Embora não possamos explicar todos os mistérios e todas as coisas obscuras, na doutrina de Cristo, ainda assim sabemos, de maneira geral, que ela é a Palavra de vida eterna, e por isto devemos viver e morrer de acordo com ela, pois, se abandonarmos a Cristo, nós estaremos abandonando nossas próprias misericórdias.

[2] Por causa da certeza que eles tinham a respeito dele (v. 69): “Nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo”. Se Ele é o Messias prometido, então Ele deve trazer a justiça eterna (Dn 9.24), e por isto tem as palavras de vida eterna, pois a justiça reina para a vida eterna, Romanos 5.21. Observe, em primeiro lugar, a doutrina em que eles criam: que este Jesus era o Messias prometido aos pais e esperado por eles, e que não era um mero homem, mas o Filho do Deus vivo, o mesmo a quem Deus tinha dito: “Tu és meu Filho”, Salmos 2.7. Em tempos de tentação à apostasia, é bom recorrermos aos nossos primeiros princípios, e permanecermos firmes neles, e, se agirmos fielmente de acordo com aquilo que é indiscutível, seremos mais capazes tanto de encontrar quanto de conservar a verdade nos assuntos que causam debates duvidosos. Em segundo lugar, o grau da sua fé: ela nascia de uma certeza completa: “Nós temos... conhecido”. Nós

sabemos por experiência. Este é o melhor conhecimento. Nós devemos aproveitar a oportunidade da hesitação de outros para ficarmos ainda mais firmes, especialmente na verdade que está diante de nós. Quando tivermos uma fé tão forte no Evangelho de Cristo, tão ousada a ponto de arriscarmos nossas almas nele, sabendo em quem cremos, então, e não antes disto, estaremos dispostos a arriscar tudo o que tivermos por amor ao Senhor e ao seu Evangelho.

3. A melancólica observação que nosso Senhor Jesus fez à resposta de Pedro (vv. 70,71): "Não vos escolhi a vós os doze? E um de vós é um diabo". E o evangelista nos diz a quem Ele se referia: "Dizia ele de Judas Iscariotes". Pedro tinha se pronunciado em nome de todos, garantindo que todos os apóstolos seriam fiéis ao seu Mestre. Agora Cristo não condena a caridade demonstrada por Pedro (é sempre bom esperar o melhor), mas, tacitamente, corrige sua confiança. Jamais devemos pensar que podemos ter absoluta certeza a respeito de alguém. Deus conhece aqueles que são seus, porém nós não. Observe aqui: (1) Os hipócritas e aqueles que traem a Cristo não são melhores do que os demônios. Judas não somente tinha um demônio, mas era um demônio. "Um de vocês é um caluniador", pois *diabolos*, às vezes, tem este significado (2 Tm 3.3), e é provável que Judas, quando vendeu seu Mestre aos principais dos sacerdotes, o tivesse descrito como um homem mau, para justificar a atitude que estava tomando. Mas eu prefiro interpretar o texto como se lê: Ele é um diabo, um diabo encarnado, um apóstolo caído, assim como o Diabo é um anjo caído. Ele é Satanás, um adversário, um inimigo de Cristo. Ele é Abadom, e Apoliom, um filho da perdição. Judas era do seu pai, o demônio, realizava seus desejos, cuidava dos seus interesses, como Caim, 1 João 3.12. Aqueles cujos corpos estão possuídos pelo demônio nunca são chamados de demônios (são chamados de endemoninhados, mas não de demônios), mas Judas, em cujo coração Satanás entrou, enchendo-o, é chamado de diabo. (2) Muitos daqueles que aparentemente são santos, são, na realidade, demônios. Judas tinha a mesma aparência que muitos dos apóstolos. Seu veneno era, como o da serpente, coberto com uma pele fina. Ele expulsava demônios, e parecia ser um inimigo do reino do Diabo, mas era um diabo durante todo o tempo. Não somente seria um, em breve, mas era um, já naquele momento. Isto é estranho e assombroso, e Cristo fala disto com assombro: Não escolhi? É triste e lamentável que até mesmo o cristianismo possa ser, em algumas

ocasiões, um disfarce para o Diabo. (3) Os disfarces dos hipócritas, por mais que possam enganar os homens e trapacear contra eles, não podem enganar a Cristo, pois seus olhos penetrantes enxergam através deles. Ele pode distinguir aqueles demônios que se dizem cristãos, como na saudação do profeta à esposa de Jeroboão, quando ela se apresentou disfarçada diante dele (1 Rs 14.6): “Entra, mulher de Jeroboão”. A visão divina de Cristo, muito mais precisa do que qualquer visão excelente, é capaz de enxergar o espírito de cada pessoa. (4) Existem aqueles que são escolhidos por Cristo para serviços especiais, e que, apesar disto, se mostram falsos para com Ele: Escolhi vocês para o apostolado, pois está escrito expressamente que Judas não foi escolhido para a vida eterna (cap. 13.18), e ainda assim, um de vocês é um diabo. Observe que a promoção a posições de honra e confiança na igreja não é uma evidência garantida da graça salvadora. “Nós profetizamos em teu nome”. (5) Nas mais seletas sociedades deste lado do céu, não é novidade encontrar-se com aqueles que são corruptos. Dos doze que foram escolhidos para uma conversa íntima com uma Divindade encarnada, uma honra e um privilégio maiores do que quaisquer outros para os quais os homens pudessem ser escolhidos, um deles era um diabo encarnado. O historiador enfatiza este fato, de que Judas era um dos doze, que foram tão honrados e distinguidos. Não devemos rejeitar ou execrar os doze pelo fato de um deles ter sido um diabo, nem dizer que todos foram trapaceiros e hipócritas porque um deles o foi. Que aquele que o é leve a culpa, e não aqueles que, enquanto ele não é descoberto, se associam a ele. Existe um grupo do lado de dentro do véu, ao qual nada impuro terá acesso, uma igreja dos primogênitos, na qual não há falsos irmãos.

CAPÍTULO 7

Neste capítulo, temos: I. A recusa de Cristo, de aparecer publicamente na Judéia durante algum tempo, v. 1. II. Seu desejo de subir a Jerusalém à Festa dos Tabernáculos, e seu sermão aos seus parentes na Galiléia a respeito da sua ida a esta festa, vv. 2-13. III. Sua pregação pública no Templo por ocasião desta festa. 1. No meio da festa, vv. 14,15. Nós temos seu sermão aos judeus: (1) A respeito da sua doutrina, vv. 16-18. (2) A respeito do crime de infringir o sábado, de que Ele é acusado, vv. 19-24. (3) A respeito de si mesmo, de onde Ele vinha e para onde ia, vv.

25-36. 2. No último dia da festa. (1) Seu gracioso convite para que as pobres almas viessem até Ele, vv. 37-39. (2) A acolhida que tal convite encontrou. [1] Muitas pessoas discutiram a respeito deste convite, vv. 40-44. [2] Os principais dos sacerdotes quiseram prendê-lo por isto, mas foram, primeiro, desapontados por seus servidores (vv. 45-49) e, em seguida, silenciados por um de seus membros, vv. 50-53.

O Sermão de Cristo aos seus Irmãos. Os Rumores a respeito de Cristo

vv. 1-13

Aqui temos:

I A razão pela qual Cristo passava mais tempo na Galiléia do que na Judéia (v. 1): porque “os judeus”, o povo da Judéia e de Jerusalém, “procurava matá-lo”, por ter curado o paralítico no sábado, cap. 5.16. Eles pensavam em matá-lo, fosse por um tumulto do povo, ou por um processo legal, e por isto Ele ficava à distância, em outra parte da nação, fora das linhas de comunicação de Jerusalém. Não está escrito: Ele não andaria pela Judéia, mas: Ele “não queria andar pela Judéia”. Não foi por medo ou covardia que Ele se recusou, mas por prudência, porque sua hora ainda não era chegada. Observe que: 1. A luz do Evangelho é, com justiça, afastada daqueles que se esforçam para apagá-la. Cristo irá se afastar daqueles que o afastam de si, irá ocultar seu rosto daqueles que cospem nele, e, com razão, irá fechar suas profundezas àqueles que as desprezam. 2. Em tempos de perigo iminente, não é somente permitido, mas aconselhável, afastar-se e fugir, para nossa própria segurança e preservação, e escolher servir nos lugares que sejam menos perigosos, Mateus 10.23. Só seremos chamados para expor e entregar nossa vida quando não pudermos salvá-la sem pecar, e não em alguma situação diferente desta. 3. Se a providência de Deus leva as pessoas de mérito a lugares de obscuridade e pouca importância, isto não deve ser considerado estranho. Era a sorte do nosso próprio Mestre. Aquele que era digno de sentar-se na mais alta das cadeiras de Moisés voluntariamente andava na Galiléia entre as pessoas comuns. Observe que Ele não ficou parado na Galiléia, nem se enterrou vivo ali, mas andava. Ele andava por ali fazendo o bem. Quando não pudermos fazer o que queremos, e onde queremos, nós devemos fazer o que pudermos, e onde pudermos.

II A proximidade da Festa dos Tabernáculos (v. 2), uma das três solenidades que exigiam o comparecimento de todos os varões a Jerusalém. Veja a instituição desta festa, Levítico 23.34ss., e como ela foi

revivida depois de muito tempo em desuso, Neemias 8.14. Ela pretendia ser tanto uma recordação da condição de Tabernáculo de Israel no deserto como uma imagem da condição do Tabernáculo do Israel espiritual de Deus neste mundo. Esta festa, que tinha sido instituída há muitas centenas de anos antes, ainda era religiosamente observada. Observe que as instituições divinas nunca ficam antiquadas, nem fora de moda, devido à passagem do tempo, nem devem ser esquecidas às graças do deserto. Mas ela é chamada de festa dos judeus, porque dentro de pouco tempo seria abolida, como uma característica meramente judaica, e deixada àqueles que serviam no Tabernáculo.

III O sermão de Cristo aos seus irmãos, alguns dos seus parentes, não se sabendo ao certo se sua mãe ou seu suposto pai estavam presentes. Mas estes eram os que fingiam ter interesse por Ele, e por isto interferiram para aconselhá-lo quanto à sua conduta. Observe:

1. Sua ambição e sua altivez ao insistir que Ele fizesse mais aparições públicas do que fazia: “Sai daqui e vai para a Judéia”, disseram eles, (v. 3), pois ali ficarás mais em evidência do que aqui.

(1) Eles dão duas justificativas para este conselho: [1] Que isto seria um incentivo para que aqueles que habitavam em Jerusalém, e nas proximidades, tivessem respeito por Ele. Pois, à espera do seu reino temporal, o trono real que eles concluíam que devia estar em Jerusalém, eles queriam que os discípulos dali fossem particularmente incentivados, e consideravam que o tempo que Ele passava entre seus discípulos da Galiléia era um tempo desperdiçado, e seus milagres não teriam mérito, a menos que as pessoas de Jerusalém os vissem. Ou: “Para que seus ‘discípulos’, todos eles, em geral, que estivessem reunidos em Jerusalém para observar a festa, pudessem ver suas obras, e não uns poucos em uma ou outra ocasião, como aqui”. [2] Que isto promoveria seu nome e sua honra: “Não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto”. Eles supunham que Cristo procurava fazer-se conhecido, e por isto julgavam que era um absurdo que Ele ocultasse seus milagres: “‘Se fazes essas coisas’, se és tão capaz de obter o aplauso do povo e a aprovação dos líderes pelos milagres, aventure-se ao estrangeiro, e ‘manifesta-te ao mundo’. Apoiado por estas credenciais, você não deixará de ser aceito, e por isto é o momento certo para definir um interesse, e pensar em ser grande”.

(2) Ninguém pensaria que houvesse algum mal neste conselho, mas ainda assim o evangelista o considerou como uma evidência da infidelidade deles: “Porque nem mesmo seus irmãos criam nele” (v. 5), pois se cressem, não teriam dito isto. Observe: [1] Era uma honra ser parente de Cristo, mas não uma honra que levasse alguém automaticamente à salvação. Aqueles que ouvem suas palavras, e as guardam, são os parentes que Ele valoriza. Certamente, a graça não corre em nenhum sangue no mundo, exceto no sangue da família de Cristo. [2] Era um sinal de que Cristo não almejava nenhum interesse secular, pois, se assim fosse, seus irmãos teriam se adequado a este, e Ele os teria beneficiado primeiro. [3] Havia aqueles que eram parentes de Cristo segundo a carne, que realmente criam nele (três dos doze eram seus irmãos), ao passo que outros, tão relacionados a Ele quanto aqueles, não criam nele. Muitos dos que têm os mesmos privilégios e vantagens externos não fazem o mesmo uso deles. Mas:

(3) O que havia de errado com o conselho que eles lhe deram? Eu respondo: [1] Era muita presunção por parte deles dar ordens a Cristo, e ensinar a Ele quais medidas tomar. Era um sinal de que eles não acreditavam que Ele fosse capaz de guiá-los, se não o julgavam suficiente para guiar a si mesmo. [2] Eles revelaram uma grande despreocupação com a segurança dele, quando desejavam que Ele fosse à Judéia, onde sabiam que os judeus procuravam matá-lo. Aqueles que criam nele, e o amavam, dissuadiam-no de ir à Judéia, cap. 11.8. [3] Alguns pensam que eles acreditavam que, se seus milagres fossem realizados em Jerusalém, os fariseus e líderes os experimentariam, e descobririam alguma trapaça ou algum truque neles, o que justificaria sua falta de fé, segundo o Dr. Whitby. [4] Talvez eles estivessem cansados da sua presença na Galiléia (Pois não são galileus todos estes que falam?) e talvez isto fosse, na verdade, um desejo de que Ele saísse da sua região. [5] Infundadamente, eles insinuam que Ele negligenciava seus discípulos, e lhes negava uma visão das suas obras, que seria necessária para dar suporte à sua fé. [6] Tacitamente, eles o censuram como se Ele tivesse um espírito inferior, pois Ele não deseja fazer parte das listas dos grandes homens, nem colocar-se no palco da ação pública, coisa que, se tivesse alguma coragem e grandeza na alma, Ele faria, e não se esquivaria desta maneira, escondendo-se em um canto. Desta maneira, a humildade de Cristo, e sua humilhação, e a pouca presença que sua religião normalmente tem tido no mundo, sempre se convertiam em

uma censura a Ele e a ela. [7] Eles parecem questionar a verdade dos milagres que Ele realizava, dizendo: “Se você pode fazer estas coisas, se elas suportam o teste de um escrutínio público das cortes, realize-os lá”. [8] Eles julgam que Cristo é alguém completamente igual a eles mesmos, tão sujeito à política do mundo e tão desejoso quanto eles de realizar uma boa exibição na carne, ao passo que Ele não procurava a honra dos homens. [9] O egoísmo estava no fundo de tudo. Eles esperavam que, se Ele se apresentasse tão grandioso quanto podia, eles, sendo seus parentes, compartilhariam da sua honra, e seriam respeitados por causa dele. Observe que, em primeiro lugar, muitas pessoas carnais comparecem aos cultos públicos para adorar na festa, ou seja, somente para se exibirem, e toda sua preocupação é fazer uma boa apresentação pública, apresentarem-se de maneira agradável ao mundo. Em segundo lugar, muitos dos que parecem procurar a honra de Cristo, na realidade, estão procurando a sua própria, e procuram torná-la útil para si mesmos.

2. A prudência e a humildade do nosso Senhor Jesus, que fica evidente na sua resposta ao conselho que seus irmãos lhe deram, vv. 6-8. Embora houvesse tantas insinuações perversas no conselho, Ele responde mansamente. Observe que mesmo aquilo que é dito sem razão deve ser respondido sem paixão. Nós devemos aprender com nosso Mestre a responder com mansidão mesmo àquilo que é mais impertinente e imperioso, e onde for fácil encontrar muita incorreção, parecer não vê-la, e fechar os olhos à afronta. Eles esperavam a companhia de Cristo na festa, talvez esperando que Ele tolerasse o que eles diziam. Mas aqui:

(1) Ele mostra a diferença entre Ele e eles, em dois aspectos: [1] Sua hora era fixada, e não a deles: “Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto”. Entendemos o tempo como sendo sua ida à festa. Era indiferente a eles a ocasião quando fossem, pois não tinham nada a fazer onde estavam, que os detivesse ali, nem onde iam, que os apressasse para lá. Mas cada minuto do tempo de Cristo era precioso, e tinha sua própria atividade designada a ele. Ele ainda tinha algum trabalho para realizar na Galiléia antes de deixar a região. Na concordância dos Evangelhos, entre esta sugestão feita pelos seus irmãos e sua ida à festa, está a história do envio dos setenta discípulos (Lc 10.1ss.), o que foi um evento de grandes conseqüências. Seu tempo ainda não era chegado, pois isto deveria ser feito antes. Aqueles que vivem vidas inúteis têm seu tempo

sempre pronto. Eles podem ir e vir quando quiserem. Mas aqueles cujo tempo está repleto de obrigações freqüentemente se encontrarão presos, e não terão tempo para aquilo que os outros podem fazer a qualquer momento. Aqueles que são servos de Deus, como todos os homens deveriam ser, e que se fazem servos de todos, como são todos os homens úteis, não devem esperar controlar seu próprio tempo. A prisão do trabalho é melhor do que a liberdade da ociosidade. Ou isto pode significar o tempo da sua aparição pública em Jerusalém. Cristo, que conhece todos os homens e todas as coisas, sabia qual era o momento melhor e mais adequado, pois seria aproximadamente no meio da festa. Nós, que somos ignorantes e de pouca visão, somos capazes de tentar dar ordens a Ele e de pensar que Ele deveria libertar seu povo e manifestar-se agora. O tempo presente é nosso tempo, mas o Senhor é mais capacitado para julgar, e pode ser que seu tempo ainda não seja chegado. Seu povo ainda não está preparado para a libertação, nem seus inimigos, prontos para a destruição. Portanto, esperemos com paciência pelo seu tempo, pois tudo o que Ele faz será mais glorioso na ocasião apropriada. [2] Sua vida era procurada, e não a deles, v. 7. Ao se mostrarem ao mundo, eles não corriam riscos: "'O mundo não vos pode odiar', porque sois do mundo, sois seus filhos, seus servos, e estais no mundo com seus interesses, e sem dúvida o mundo irá amar os seus". Veja cap. 15.19. Às almas ímpias, a quem o santo Deus não pode amar, o mundo que está na iniqüidade não pode odiar. Mas Cristo, ao se apresentar ao mundo, expunha-se aos maiores perigos, pois "ele [o mundo] me odeia a mim". Cristo não somente era desprezado, como insignificante no mundo (o mundo não o conhecia), mas odiado, como se tivesse sido prejudicial ao mundo. Assim, Ele era mal recompensado pelo seu amor ao mundo: o pecado reinante consiste em uma antipatia e uma inimizade enraizadas por Cristo. Mas por que o mundo odiava a Cristo? Que mal Ele lhe tinha feito? Teria Ele, como Alexandre, sob o pretexto de conquistar, assolado o mundo? "Não, mas porque", diz Ele, "dele testifico que as suas obras são más". Observe que, em primeiro lugar, as obras de um mundo mau são obras más. Os frutos são como é a árvore: é um mundo escuro, e apóstata, e suas obras são obras de trevas e rebelião. Em segundo lugar, nosso Senhor Jesus, tanto por si mesmo quanto por meio dos seus ministros, revelou e testemunhou contra as más obras deste mundo pecaminoso, e continuará a fazê-lo. Em terceiro lugar, é um grande constrangimento e uma provocação

ao mundo ser condenado pela maldade das suas obras. É para a honra da virtude e da piedade que aqueles que são ímpios e maldosos não se preocupam em ouvir, pois suas próprias consciências os envergonham da maldade que existe no pecado, e os fazem temer o castigo que segue o pecado. Em quarto lugar, não importa qual seja o pretexto, a real causa da inimizade do mundo ao Evangelho é o testemunho que ele dá contra o pecado e os pecadores. As testemunhas de Cristo, pela sua doutrina e pelas suas palavras, atormentam aqueles que habitam na terra, e por isso elas são tratadas de maneira tão bárbara, Apocalipse 11.10. Mas é melhor sofrer o ódio do mundo, testificando contra sua maldade, do que obter sua boa vontade, acompanhando sua corrente.

(2) Ele os envia, com o desejo de permanecer por algum tempo na Galiléia (v. 8): “Subi vós a esta festa; eu não subo ainda a esta festa”. [1] Ele permite que eles subam à festa, embora fossem carnais e hipócritas. Note que mesmo aqueles que não comparecem às ordenanças sagradas por motivos justos e intenções sinceras não devem ser impedidos nem desencorajados de participar. Quem sabe se eles não serão transformados ali? [2] Ele lhes nega sua companhia quando vão à festa, porque eles eram carnais e hipócritas. Aqueles que comparecem às ordenanças por ostentação, ou servem a algum propósito secular, vão sem Cristo, e o resultado será correspondente. Como é triste a condição daquele homem, embora se considere parente de Cristo, a quem Ele diz: “Suba a tal ordenança, vá orar, vá ouvir a palavra, vá receber o sacramento, mas Eu não irei com você. Vá e apresente-se diante de Deus, mas eu não me apresentarei com você”, como em Êxodo 33.1-3. Mas, se a presença de Cristo não for conosco, com que objetivo devemos ir? “Subi vós... eu não subo”. Quando nós estamos indo, ou voltando de ordenanças solenes, é conveniente que sejamos cautelosos quanto à companhia que temos e escolhemos, e evitemos aquela que for vaidosa e carnal, para que a brasa das boas intenções não seja apagada por uma comunicação corrompida. “Eu não subo ainda a esta festa”. Ele não diz: Eu não subo, de maneira nenhuma, mas diz: Não ainda. Pode haver razões para adiar uma obrigação particular, que, no entanto, não deve ser completamente omitida ou negligenciada. Veja Números 9.6-11. A razão que Ele dá é: “Ainda o meu tempo não está cumprido”. Observe que nosso Senhor Jesus é muito exato e pontual no conhecimento e acompanhamento do seu tempo, e assim como

havia o tempo fixado, também havia o melhor tempo.

3. A permanência de Cristo na Galiléia até que seu tempo tivesse chegado, v. 9. Ele, havendo-lhes dito isso (*tauta de eipon*), "ficou na Galiléia". Por causa deste sermão, Ele permaneceu ali, pois: (1) Ele não seria influenciado por aqueles que o aconselhavam a procurar a honra dos homens, nem acompanharia aqueles que se aproveitariam dele para se exibirem. Ele não toleraria a tentação. (2) Ele não deseja abandonar seu próprio objetivo. Ele tinha dito, com uma visão clara e deliberação amadurecida, que Ele não subiria ainda a esta festa, e, portanto, Ele permaneceu na Galiléia. É conveniente que os seguidores de Cristo sejam também firmes, e não usem de leviandade.

4. Sua ida à festa, quando seu tempo chegou. Observe: (1) Quando Ele foi: "Quando seus irmãos já tinham subido". Ele não desejava subir com eles, para que eles não provocassem um alvoroço e distúrbio, com o pretexto de mostrá-lo ao mundo, considerando que, de acordo tanto com a predição como com seu espírito, "não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça", Isaías 42.2. Mas Ele subiu depois deles. Nós podemos, legitimamente, estar presentes à mesma adoração religiosa daqueles com quem não desejamos ter um conhecimento íntimo, e um relacionamento de amizade que inclua freqüentes conversas, pois a bênção das ordenanças depende da graça de Deus, e não da graça dos companheiros de adoração. Seus irmãos carnais subiram antes, e depois Ele subiu. Observe, que no desempenho externo da religião, é possível que os hipócritas oficiais possam obter as vantagens daqueles que são sinceros. Muitos podem ir ao templo antes, os que são levados pela arrogância, e sem justificativa, como o fariseu de Lucas 18.11. A questão não é: Quem vem primeiro? Mas: Quem vem mais preparado? Se nossos corações estiverem completamente voltados ao Senhor, não importará quem chegue antes de nós. (2) Como Ele foi, *hos en krypto – como se estivesse se escondendo*: "não manifestamente, mas como em oculto", mais por medo de ofender do que de ser ofendido. Ele subiu à festa, porque esta seria uma oportunidade de honrar a Deus e fazer o bem, mas Ele subiu como em oculto, porque não desejava provocar o governo. Observe que a obra de Deus é realizada com eficácia, e é mais bem realizada, quando realizada com menos alvoroço. O reino de Deus não precisa vir com aparência exterior, Lucas 17.20. Nós podemos realizar a obra de Deus privativamente, e mesmo assim não

realizá-la de modo enganoso.

5. A grande expectativa que havia sobre Ele entre os judeus de Jerusalém, vv. 11-14. Tendo vindo anteriormente às festas, e se identificado pelos milagres que realizava, Ele tinha se tornado o assunto de muita discussão e observação.

(1) Eles não podiam deixar de pensar nele (v. 11): "Os judeus procuravam-no na festa e diziam: Onde está ele?" [1] As pessoas comuns desejavam vê-lo ali, para que pudessem ter sua curiosidade satisfeita com a visão da sua pessoa e dos seus milagres. Elas não julgavam que valesse a pena ir procurá-lo na Galiléia, embora, se o tivessem feito, o esforço não teria sido perdido, mas esperavam que a festa o trouxesse a Jerusalém, quando então poderiam vê-lo. Se uma oportunidade de conhecer a Cristo lhes vem à porta, eles devem apreciá-la. "Procuravam-no na festa". Quando nós nos apresentamos diante de Deus nas suas santas ordenanças, devemos procurar Cristo nelas, procurá-lo nas festas do Evangelho. Aqueles que desejam ver a Cristo em uma festa devem procurá-lo ali. Ou: [2] Talvez fossem seus inimigos, que esperavam uma oportunidade de prendê-lo, e, se possível, interromper definitivamente seu progresso. Eles diziam: "Onde está ele?" *Pou estin ekeinos – onde está este sujeito?* Eles falavam dele de maneira desprezível e zombeteira. Quando deviam ter aproveitado a festa como uma oportunidade de servir a Deus, eles estavam satisfeitos por usá-la como uma oportunidade de perseguir a Cristo. Assim, Saul esperou assassinar Davi na lua nova, 1 Samuel 20.27. Aqueles que procuram uma oportunidade de pecar nas assembléias solenes de adoração religiosa estão profanando as ordenanças de Deus ao máximo, desafiando-o em seu próprio terreno. É como bater com o bordão da corte.

(2) As pessoas tinham sentimentos muito diferentes a respeito dele (v. 12): "Havia grande murmuração entre a multidão a respeito dele". A inimizade dos governantes contra Cristo, e suas buscas, faziam-no ainda mais comentado e observado entre o povo. O Evangelho de Cristo conquistou este terreno devido à oposição feita a ele, que foi mais inquirido, e, sendo mal reputado em todo lugar, em todo lugar veio a ser reputado, e por meio deste expediente, foi propagado ainda mais, e os méritos de sua causa foram mais investigados. Estes murmúrios não eram contra Cristo, mas a respeito dele. Alguns murmuravam contra os líderes, porque não o toleravam e incentivavam. Outros murmuravam contra eles porque não o silenciavam e

refreavam. Alguns murmuravam que Ele tinha muito interesse na Galiléia. Outros, que Ele tinha pouco interesse em Jerusalém. Observe que Cristo e seu Evangelho têm sido, e serão, assunto de muita controvérsia e muito debate, Lucas 12.51,52. Se todos estivessem de acordo em receber a Cristo como deveriam, haveria uma paz perfeita. Mas como alguns recebem a luz e outros deliberam contra ela, haverá murmúrios. Os ossos no vale, embora estejam mortos e secos, estavam quietos. Mas quando lhes foi dito: Vivam, houve um ruído e uma agitação, Ezequiel 37.7. Mas o ruído e o reencontro da liberdade e do trabalho são preferíveis, certamente, ao silêncio e à conformidade de uma prisão. Quais eram os sentimentos do povo a respeito de Jesus? [1] “Diziam alguns: Ele é bom”. Isto era uma verdade, mas estava longe de ser toda a verdade. Ele não somente era um bom homem, mas era mais do que um homem, Ele era o Filho de Deus. Muitos que não pensam mal de Cristo, ainda assim têm pensamentos inferiores a respeito dele, e mal o honram, mesmo quando falam bem dele, porque não dizem o suficiente. Mas o fato de que mesmo aqueles que não acreditavam que Ele fosse o Messias não podiam deixar de reconhecer que Ele era um bom homem era verdadeiramente uma honra para Cristo, e uma reprovação para aqueles que o perseguiam. [2] “Outros diziam: Não; antes, engana o povo”. Se isto fosse verdade, Ele teria sido um homem muito mau. A doutrina que Ele pregava era sólida, e não podia ser contestada; seus milagres eram reais, e não podiam deixar de ser provados; suas palavras eram manifestamente santas e boas. E, ainda assim, supunha-se , apesar disto, que houvesse alguma trapaça não revelada no fundo, porque era interesse dos principais dos sacerdotes opor-se a Ele e destruí-lo. Murmúrios como estes que havia entre os judeus, a respeito de Cristo, ainda existem entre nós. Os socinianos dizem: Ele é um bom homem, e não dizem nada mais; os deístas não reconhecem isto, mas dizem: Ele engana o povo. Desta maneira, alguns o depreciam, outros o maltratam, mas grande é a verdade. [3] Eles tinham medo de falar muito sobre Ele, devido aos seus superiores (v. 13): “Ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus”. Ou, em primeiro lugar, eles não ousavam falar bem dele abertamente. Embora todos tivessem liberdade de criticá-lo e reprová-lo, ninguém o defendia. Ou, em segundo lugar, eles não ousavam falar abertamente nada sobre Ele. Como nada poderia ser dito contra Ele com justiça, eles não toleravam que nada fosse dito sobre Ele. Era um crime dizer seu nome. Assim, muitos desejaram

suprimir a verdade, sob o pretexto de silenciar as controvérsias sobre ela, e desejavam silenciar todas as conversas sobre religião, esperando, desta maneira, enterrar a própria religião no esquecimento.

Cristo na Festa dos Tabernáculos

vv. 14-36

Aqui temos:

I A pregação pública de Cristo no Templo (v. 14): Ele "subiu… ao templo e ensinava", de acordo com seu costume, quando estava em Jerusalém. Seu trabalho era pregar o Evangelho do reino, e Ele o fazia em todos os lugares onde houvesse gente. Seu sermão não está registrado, provavelmente porque tinha o mesmo propósito dos sermões que Ele tinha pregado na Galiléia, que foram registrados pelos outros evangelistas. Pois o Evangelho é o mesmo, para os simples e para os cultos. Mas o que é notável aqui é que isto aconteceu "no meio da festa", o quarto ou quinto dos oito dias da festa. Não se sabe se Ele não subiu a Jerusalém até o meio da festa, ou se Ele subiu no início, mas se manteve oculto até agora. Mas, podemos perguntar, por que Ele não foi ao Templo para pregar antes? Resposta: 1. Porque o povo teria mais tempo livre para ouvi-lo, e, poderia esperar-se, estaria mais disposto a ouvi-lo depois que tivesse passado alguns dias em suas tendas, como faziam na Festa dos Tabernáculos. 2. Porque Ele desejou manifestar-se quando tanto seus amigos quanto seus inimigos tivessem deixado de procurar por Ele, e assim deu uma amostra do método que usa nas suas manifestações, que é o de chegar à meia-noite, Mateus 25.6. Mas por que Ele apareceu publicamente agora? Certamente para envergonhar seus perseguidores, os principais dos sacerdotes e os anciãos. (1) Mostrando que, embora eles estivessem muito irados contra Ele, ainda assim Ele não os temia, nem ao seu poder. Veja Isaías 50.7,8. (2) Tirando o trabalho deles das suas mãos. O trabalho deles era ensinar o povo no Templo, e, particularmente, na Festa dos Tabernáculos. Neemias 8.17,18. Mas, ou eles não ensinavam nada, ou ensinavam, como doutrinas, mandamentos de homens, e por isto Ele sobe ao Templo e ensina o povo. Quando os pastores de Israel fizeram do rebanho uma presa, esta se tornou a ocasião para a

manifestação do Sumo Pastor, como havia sido prometido, Ezequiel 34.22,23; Malaquias 3.1.

II Seu sermão aos judeus ali, e tudo o que Ele disse, se reduz a três títulos:

1. A respeito da sua doutrina. Veja aqui:

(1) Como os judeus a admiraram (v. 15): eles “maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras, não as tendo aprendido?” Observe aqui: [1] Que nosso Senhor Jesus não tinha sido educado nas escolas dos profetas, nem aos pés dos rabinos. Ele não somente não viajava para aprender, como faziam os filósofos, mas não fez nenhum uso de escolas e academias no seu próprio país. Moisés foi ensinado sobre os conhecimentos dos egípcios, mas Cristo não foi ensinado sobre os conhecimentos dos judeus. Tendo recebido o Espírito sem medida, Ele não precisava receber nenhum conhecimento dos homens, nem pelos homens. Na ocasião da manifestação de Cristo, o estudo florescia, tanto no império romano quanto na igreja judaica, mais do que em qualquer outra época antes ou depois, e nesta época de indagações, Cristo decidiu estabelecer seu Evangelho, não em uma época de ignorância, para que não parecesse como um desígnio imposto ao mundo. Contudo, Ele mesmo não tinha o aprendizado que estava em voga. [2] Que Cristo sabia letras, embora nunca as tivesse aprendido. Era poderoso nas Escrituras, embora nunca tivesse tido nenhum doutor da lei como tutor. É necessário que os ministros de Cristo tenham conhecimento, como Ele tinha, e uma vez que eles não podem esperar tê-lo como Ele o teve, por inspiração, eles devem empenhar-se para obtê-lo da maneira usual. [3] Que o fato de que Cristo tinha conhecimento, embora não tivesse sido ensinado, fazia-o verdadeiramente grandioso e maravilhoso. Os judeus falavam disto maravilhados. Em primeiro lugar, alguns, provavelmente, observavam isto para sua honra: Aquele que não tinha conhecimento obtido pelos homens, e ainda assim superava tanto a todos os que tinham, certamente deve estar dotado de um conhecimento divino. Em segundo lugar, outros, provavelmente, mencionavam isto para desprezá-lo: Por mais que Ele pareça ter, Ele não pode ter realmente nenhum conhecimento verdadeiro, pois Ele nunca esteve na universidade, nem se formou. Em terceiro lugar, alguns, talvez, sugerissem que Ele tinha adquirido seu conhecimento por mágica, ou algum outro meio ilícito. Uma vez que eles não sabem como Ele podia ter conhecimento, eles o julgam como se fosse um ilusionista.

(2) O que Ele afirmou a este respeito. Três coisas:

[1] Que sua doutrina é divina (v. 16): “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou”. Eles se ofenderam porque Ele começou a ensinar, embora nunca tivesse aprendido, e em resposta, Ele lhes diz que sua doutrina era do tipo que não se aprende, pois não era o produto do pensamento humano e das forças naturais elevadas pela leitura e conversação, mas era uma revelação divina. Sendo Deus, igual ao Pai, Ele podia verdadeiramente ter dito: “A minha doutrina é minha, e daquele que me enviou”. Mas estando agora no seu estado de humilhação, e sendo, como Mediador, servo de Deus, era mais coerente dizer: “‘A minha doutrina não é minha’, não é somente minha, nem originalmente minha, como homem e mediador, mas ‘daquele que me enviou’. Ela não se centra em mim, nem conduz, em última instância, a mim, mas àquele que me enviou”. Deus tinha prometido, a respeito do grande profeta, que Ele poria suas palavras na sua boca (Dt 18.18), ao que Cristo parece aqui fazer referência. Observe que o consolo daqueles que aceitam a doutrina de Cristo, e a condenação daqueles que a rejeitam, é que ela é uma doutrina divina: ela é de Deus, e não do homem.

[2] Que os mais competentes juízes da verdade e da autoridade divina da doutrina de Cristo são aqueles que têm um sincero e justo desejo e se empenham para realizar a vontade de Deus (v. 17): “Se alguém quiser fazer a vontade dele”, fundir sua vontade com a vontade de Deus, “pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo”. Observe aqui, em primeiro lugar, que a questão, a respeito da doutrina de Cristo, é se ela é de Deus ou não. Se o Evangelho é uma revelação divina ou uma falsa doutrina. O próprio Cristo estava disposto a ter sua doutrina questionada quanto a se ela era ou não de Deus, e muito mais deveriam seus ministros. E devemos nos preocupar em examinar em que fundamentos nos baseamos, pois, se estivermos enganados, estaremos miseravelmente enganados. Em segundo lugar, quem provavelmente será bem-sucedido nesta investigação: aqueles que fazem a vontade de Deus, ou que, pelo menos, têm desejo de fazê-la. Veja: 1. Quem são aqueles que fazem a vontade de Deus. Eles são imparciais nas suas investigações a respeito da vontade de Deus, e não se influenciam por nenhum desejo ou interesse, e estão decididos, pela graça de Deus, quando descobrem qual é a vontade de Deus, a agir em conformidade a ela. Eles têm um princípio honesto de

consideração a Deus, e são verdadeiramente desejosos de glorificar e agradar a Ele. 2. Como esta pessoa conhecerá a verdade da doutrina de Cristo. (1) Cristo prometeu lhe dar conhecimento. Ele disse: Ele "conhecerá", e poderá ter um entendimento. Aqueles que aproveitam a luz que têm, e cautelosamente estão à sua altura, estão assegurados, pela graça divina, contra enganos destrutivos. (2) Eles estão dispostos e preparados para receber tal conhecimento. Aquele que se dispõe a submeter-se às regras da lei divina se dispõe a aceitar os raios da luz divina. A qualquer que tiver, será dado. Terão bom entendimento aqueles que obedecerem seus mandamentos, Salmos 111.10. Aqueles que se assemelham a Deus têm uma probabilidade maior de compreendê-lo.

[3] Que, com isto, parecia que Cristo, como um mestre, não falava de si mesmo, porque Ele não buscava a si mesmo, v. 18. Em primeiro lugar, veja aqui o caráter de um enganador: ele "busca a sua própria glória", o que é um sinal de que ele fala de si mesmo, como faziam os falsos cristos e os falsos profetas. Aqui está a descrição da trapaça: eles falam de si mesmos e não receberam a autoridade nem as instruções de Deus, nenhuma autoridade, exceto sua própria, nenhuma inspiração, exceto sua própria imaginação, sua própria política e seus próprios estratagemas. Os embaixadores não falam de si mesmos. Os ministros que falam de si mesmos renunciam ao caráter de embaixadores. Mas veja a revelação da trapaça. Suas pretensões são contestadas, eles procuram somente sua própria glória. Quem fala de si mesmo busca sua própria glória. Aqueles que falam da parte de Deus irão falar a respeito dos interesses de Deus, e para sua glória. Aqueles que almejam sua própria promoção e seus próprios interesses deixarão patente que não foram comissionados por Deus. Em segundo lugar, veja o caráter oposto que Cristo dá de si mesmo e da sua doutrina: "O que busca a glória daquele que o enviou", como Eu, "esse é verdadeiro". 1. Ele era enviado por Deus. Os mestres que são enviados por Deus, e somente eles, devem ser recebidos e aceitos por nós. Aqueles que trazem uma mensagem divina devem provar uma missão divina, seja por revelação especial ou por instituição regular. 2. Ele buscava a glória de Deus. Glorificar a Deus era, ao mesmo tempo, a tendência da sua doutrina e o teor de toda sua conduta. 3. Isto era uma prova de que Ele era verdadeiro e de que não havia injustiça nele. Os falsos mestres são extremamente injustos. Eles são injustos com Deus, cujo nome usam inadequadamente, e

injustos com as almas dos homens, das quais se aproveitam. Não pode haver injustiça maior do que esta. Mas Cristo mostrou que Ele era verdadeiro, que realmente era o que dizia ser, que nele não havia injustiça, nem falsidade na sua doutrina, nem falácia nem fraude nos seus procedimentos conosco.

2. Eles falam sobre o crime que lhe fora imputado, de curar o paralítico, e de ordenar que ele carregasse sua cama em um sábado, do qual já o tinham acusado, e que ainda era o pretexto da sua inimizade por Ele.

(1) Ele argumenta com eles de modo recriminador, condenando-os de práticas muito piores, v. 19. Como podiam eles censurá-lo por infringir a lei de Moisés, quando eles mesmos eram tão notórios infratores dela? "Não vos deu Moisés a lei?" E era privilégio deles o fato de que tinham a lei, pois nenhuma outra nação tinha a lei. Mas sua maldade era tal, que nenhum deles observava a lei, que eles se rebelavam contra ela, e viviam contrariamente a ela. Muitos dos que têm a lei que lhes foi dada, quando a têm, não a obedecem. Era total a negligência que tinham pela lei: "E nenhum de vós observa a lei", nem aqueles que estavam em posições de honra, que deviam ter mais conhecimento, nem aqueles que estavam em posições de submissão, que deviam ter sido mais obedientes. Eles se vangloriavam da lei, e fingiam ter zelo por ela, e estavam enfurecidos por Cristo parecer transgredi-la, e ainda assim nenhum deles a obedecia, como aqueles que dizem que são a favor da igreja, mas nunca vão à igreja. Sua maldade se agravava, ao perseguir a Cristo por transgredir a lei, porque eles mesmos não a observavam: "'Nenhum de vós observa a lei'. Por que procurais matar-me por não observá-la?". Observe que normalmente aqueles que têm mais falhas são os que mais criticam os outros. Desta maneira, os hipócritas, que estão dispostos a tirar o argueiro do olho do seu irmão, não percebem uma trave no seu próprio olho. "Por que procurais matar-me?" Alguns interpretam isto como a evidência de que não observavam a lei: "Vocês não observam a lei. Se observassem, compreenderiam melhor a si mesmos, e não procurariam matar-me por fazer algo bom". Aqueles que apóiam a si mesmos, e aos seus interesses, por meio da perseguição e da violência, não importa o que pretendam (embora eles possam se intitular *custodes utriusque tabulae – os guardiões das duas tábuas*), não observam a lei de Deus. Chemnitius interpreta isto como uma razão pela qual era o momento de substituir a lei de Moisés pelo

Evangelho, porque a lei era considerada insuficiente para restringir o pecado: “Moisés deu a vocês a lei, mas vocês não a observam, nem são protegidos por ela das maiores maldades. Portanto, existe a necessidade de que sejam introduzidas uma luz mais clara e uma lei melhor. Por que vocês procuram me matar por introduzi-las?”

Aqui o povo rudemente interrompeu as palavras de Jesus, e contradisse o que Ele dizia (v. 20): “Tens demônio; quem procura matar-te?” Isto evidencia: [1] A boa opinião que o povo tinha dos seus líderes, que, na opinião deles, nunca tentariam algo tão atroz como matá-lo. Tal era a veneração que tinham pelos seus anciãos e principais dos sacerdotes, que poderiam jurar que eles não fariam mal a um homem inocente. Provavelmente, os líderes tinham, no meio da multidão, seus emissários, que lhes sugeriram isto. Muitos negam a maldade ao mesmo tempo em que a planejam. [2] A má opinião que tinham do nosso Senhor Jesus: “‘Tens demônio’. Tu estás possuído por um espírito mentiroso, e és um homem mau por dizeres isto”, segundo alguns intérpretes. Ou, mais exatamente: “Você é melancólico, e um homem fraco. Você se amedronta com temores infundados, como fazem as pessoas hipocondríacas”. Não apenas as loucuras declaradas, mas também as melancolias silenciosas eram comumente atribuídas ao poder de Satanás. “Você está louco, está com a mente perturbada”. Não devemos julgar estranho se aos melhores homens forem atribuídas as piores características. A esta calúnia vil, nosso Salvador não responde diretamente, mas aparenta não ter tomado conhecimento dela. Observe que aqueles que desejam ser como Cristo devem tolerar pacientemente as afrontas, e ignorar as indignidades e ofensas que lhes forem feitas, não devem levá-las em consideração, e muito menos se ressentir por elas, e ainda menos se vingar delas. “Eu, como surdo, não ouvia”. Quando Cristo era injuriado, não injuriava.

(2) Ele argumenta sob a forma de apelação e defesa.

[1] Ele recorre aos seus próprios sentimentos sobre este milagre: “Fiz uma obra, e todos vos maravilhais”, v. 21. “Vocês não podem deixar de se maravilhar, porque esta obra é verdadeiramente grandiosa, e completamente sobrenatural. Todos vocês devem reconhecer que ela é maravilhosa”. Ou: “Embora Eu tenha realizado apenas uma obra na qual vocês têm algum pretexto para encontrar algum defeito, vocês se ofendem e desagradam como se Eu fosse culpado de algum crime terrível ou hediondo”.

[2] Ele apela para suas próprias práticas em outros exemplos: “Eu ‘fiz uma obra’ no sábado, e ela foi realizada facilmente, com o pronunciar de uma palavra, e vocês todos se assombram, vocês acham estranho que um homem religioso tenha ousado realizar tal coisa, ao passo que vocês mesmos, muitas vezes, fazem no sábado o que é um trabalho muito mais servil, no caso da circuncisão. Se é lícito para vocês, e se é seu dever, circuncidar uma criança no sábado, quando acontece do sábado ser o oitavo dia, sem ter nenhuma dúvida, muito mais lícito e bom era que Eu curasse um homem enfermo no mesmo dia”. Observe:

Em primeiro lugar, o rito e a origem da circuncisão: “Moisés vos deu a circuncisão”, ele lhes deu a lei a este respeito. Aqui: 1. Está escrito que a circuncisão foi dada, e (v. 23) está escrito que eles a receberam. Ela não lhes foi imposta como um jugo, mas lhes foi conferida como uma graça. Observe que as ordenanças de Deus, e particularmente aquelas que são selos do concerto, são dons dados aos homens, e assim devem ser recebidas. 2. Está escrito que Moisés a deu, porque ela era parte daquela lei que lhe fora dada. No entanto, como Cristo falou a respeito do maná (cap. 6.32), Moisés não o deu, mas foi Deus. Ou melhor, não era de Moisés, a princípio, mas dos pais, v. 22. Embora estivesse incorporada à instituição mosaica, ela tinha sido ordenada muito antes, pois era um selo da justiça da fé, e, portanto, tinha tido início com a promessa, quatrocentos e trinta anos antes, Gálatas 3.17. A irmandade de crentes da igreja, e sua semente, não era de Moisés ou de sua lei, e, portanto, não caiu com ela. Ela era dos pais, pertencia à igreja patriarcal, e era parte daquela bênção de Abraão que devia chegar aos gentios, Gálatas 3.14.

Em segundo lugar, o respeito devotado à lei da circuncisão, acima do devotado ao sábado, na prática constante da igreja judaica. Os judeus casuístas freqüentemente observam: *Circumcisio et ejus sanatio pellit sabbbatum – A circuncisão e sua cura afastam o sábado,* de modo que se uma criança nascesse em um sábado, sem dúvida seria circuncidada no sábado seguinte. Então, se quando o descanso do sábado era algo em que se insistia com tanta rigidez, ainda assim estas obras eram permitidas, porque eram *in ordine ad spiritualia – para preservar a religião*, muito mais eram elas permitidas agora, sob o Evangelho, quando a ênfase é colocada mais sobre o trabalho aos sábados.

Em terceiro lugar, a conclusão que Cristo tira disso para justificativa de si mesmo, e daquilo que Ele tinha feito (v. 23): “Um filho varão recebe a circuncisão no sábado, para que a lei da circuncisão não seja quebrantada”. Os mandamentos divinos devem ser interpretados como tendo coerência uns com os outros. “Se isto é permitido por vocês, como vocês são pouco razoáveis, pois estão irados comigo porque curei um homem no sábado!” *Emoi cholate*. A palavra é usada somente aqui, originada de *chole – fel, rancor*. Eles estavam enfurecidos com Ele, com a máxima indignação. Era uma ira rancorosa, uma ira com rancor em si. Observe que é extremamente absurdo e irracional que condenemos nos outros aquilo que defendemos em nós. Observe a comparação que Cristo faz entre a circuncisão que eles faziam de uma criança e a cura que Ele fez de um homem no sábado. 1. A circuncisão era apenas uma instituição cerimonial. Era realmente dos pais, mas não desde o início. Porém, o que Cristo fazia era uma boa obra, pela lei da natureza, uma lei mais excelente do que aquela que fazia da circuncisão uma boa obra. 2. A circuncisão era uma ordenança sangrenta, e trazia dor, mas o que Cristo fazia era cura, e trazia plenitude. As obras da lei causam aflição, e se estas obras podem ser realizadas aos sábados, muito mais as obras do Evangelho, que produzem paz. 3. Considerando especialmente que, quando se circuncidava uma criança, a preocupação era somente curar aquela parte que tinha sido circuncidada, o que podia ser feito, e ainda assim a criança poderia sofrer de outras enfermidades. Porém, Cristo curou este homem de uma forma completa, *holon anthropon hygie – fiz com que o homem se tornasse saudável em todo o seu organismo*. O corpo todo foi curado, pois a doença afetava o corpo todo, e foi uma cura perfeita, de modo que não houve seqüelas da doença. Na verdade, Cristo não somente curou seu corpo, mas também sua alma, com a advertência: “Não peques mais”, e desta maneira, Ele verdadeiramente curou o homem todo, pois a alma é o homem. O propósito da circuncisão, na verdade, era o bem da alma, e atingir o homem todo, como deveria ser. Mas eles a tinham corrompido, e a tinham transformado em uma mera ordenança carnal. Porém, as curas exteriores que Cristo realizava eram acompanhadas com a graça interior, e, desta maneira, tornavam se sacramentais, e curavam o homem todo.

Ele finaliza esta argumentação com a regra (v. 24): “Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça”. Isto pode ser aplicado, ou,

em primeiro lugar, particularmente a esta obra, que eles argumentavam que era uma violação da lei. Não sejam parciais no seu julgamento. Não julguem, *kat' opsin – com respeito às pessoas,* de acordo com a aparência das pessoas, que é a expressão em hebraico, Deuteronômio 1.17. É contrário à lei da justiça, assim como da caridade, censurar aqueles que têm opiniões diferentes das nossas, como se fossem transgressores, assumindo aquela liberdade que só permitimos àqueles que fazem parte do nosso próprio círculo, e caminho, e opinião. Também é errado elogiar alguns que demonstram uma rigidez e severidade desnecessária, algo que, em outros, nós condenamos como imposição e perseguição. Ou, em segundo lugar, de maneira geral, à pessoa e à pregação de Cristo, com que eles se ofendiam e das quais tinham preconceitos. As coisas que são falsas, e que são designadas a impor-se sobre os homens, normalmente têm melhor aparência quando julgadas segundo a aparência externa, elas parecem mais plausíveis *prima facie – à primeira vista*. Foi isto que conquistou aos fariseus tanto interesse e reputação, que por fora realmente pareciam formosos (Mt 23.27,28), e os homens os julgavam de acordo com esta aparência, e eram tristemente enganados por eles. "Mas", diz Cristo, "não confiem excessivamente que todos os que parecem santos realmente o são". Com referência a si mesmo, sua aparência externa estava muito longe da sua verdadeira dignidade e excelência, pois Ele assumiu a forma de servo (Fp 2.7), era em semelhança da carne do pecado (Rm 8.3), não tinha parecer nem formosura, Isaías 53.2. De modo que aqueles que se dedicavam a julgar se Ele era ou não o Filho de Deus pela sua aparência exterior certamente não faziam um julgamento justo. Os judeus esperavam que a aparência exterior do Messias fosse pomposa e magnífica, e de acordo com todas as cerimônias de grandiosidade secular. E julgando Cristo segundo esta regra, seu julgamento foi, do princípio ao fim, um contínuo engano, pois o reino de Cristo não seria deste mundo, não viria com aparência exterior. Se um poder divino o acompanhava, e Deus lhe dava testemunho, e as Escrituras se cumpriam nele, ainda que sua aparência fosse humilde, eles deviam recebê-lo, e julgar pela fé, e não segundo a vista dos seus olhos. Veja Isaías 11.3 e 1 Samuel 16.7. Cristo e sua doutrina e suas obras não desejam nada além de um julgamento justo. Se a verdade e a justiça pudessem apenas dar a sentença, Cristo e sua causa seriam vitoriosos. Não devemos julgar a ninguém segundo sua aparência exterior, nem segundo

seus títulos, segundo o papel que desempenha no mundo, ou pela sua manifestação agitadora, mas pelo seu valor intrínseco, e pelos dons e graças do Espírito de Deus em sua vida.

3. As palavras de Cristo a respeito de si mesmo, de onde Ele vinha e para onde Ele ia, vv. 25-36.

(1) De onde Ele vinha, vv. 25-31. Quanto a isto, observe:

[1] A objeção feita por alguns dos habitantes de Jerusalém, que pareciam ter mais preconceitos contra Ele do que os demais, v. 25. Poderíamos pensar que aqueles que viviam junto à origem do conhecimento e da religião fossem os mais dispostos a receber o Messias. Mas, na verdade, era exatamente o contrário. Aqueles que têm abundância dos meios do conhecimento e da graça, se não são aperfeiçoados por eles, normalmente são piorados, e nosso Senhor Jesus freqüentemente encontrava a pior acolhida por parte daqueles de quem se esperaria a melhor. Não foi sem justa razão que isto se transformou em provérbio: Quanto mais próximo da igreja, mais distante de Deus. Estas pessoas de Jerusalém mostravam sua má vontade para com Cristo:

Em primeiro lugar, por sua reflexão sobre os líderes, porque eles o abandonavam: “Não é este o que procuram matar?” A multidão de pessoas que vinha de fora para a festa não suspeitava que houvesse algum desígnio em andamento contra Jesus, e por isto perguntaram: “Quem procura matar-te?” v. 20. Mas os que habitavam em Jerusalém conheciam a trama, e incentivavam seus líderes a colocá-la em execução: “‘Não é este o que procuram matar?’ Por que não o fazem então? Quem os impede? Eles dizem que desejam tirá-lo do caminho, e ainda assim, veja! Ele está falando abertamente, e nada lhe dizem. ‘Porventura, sabem, verdadeiramente, os príncipes, que este é o Cristo?’” v. 26. Aqui, eles insinuam astutamente e maliciosamente duas coisas, para exasperar os príncipes contra Cristo, quando eles realmente precisavam de incentivo. 1. Ao conspirarem contra sua pregação, eles traziam o desprezo sobre sua autoridade. “Um homem que é condenado pelo Sinédrio como sendo enganador pode receber a permissão para falar abertamente, sem nenhuma censura ou contradição? Isto faz com que a sentença seja apenas *brutem fulmen – uma ameaça inútil.* Se nossos líderes toleram ser pisoteados desta maneira, eles podem agradecer a si mesmos, se ninguém se maravilhar com eles ou com suas leis”. Observe que a pior das perseguições freqüentemente é realizada sob o

pretexto do apoio necessário à autoridade e ao governo. 2. Com isto, eles traziam suspeitas sobre seu julgamento. “Eles sabem que este é o Cristo?” Isto é dito ironicamente: “Como mudaram de idéia? Que nova descoberta fizeram? Eles deram oportunidade para que as pessoas pensassem que Ele era o Cristo, e lhes convém agir com vigor contra Ele, para se livrarem das suspeitas”. Desta maneira, os príncipes, que tinham tornado o povo inimigo de Cristo, faziam-no sete vezes mais filho do inferno do que ele mesmo, Mateus 23.15. Quando a religião e a profissão do nome de Cristo estão fora de moda, e, conseqüentemente, sem reputação, muitos são fortemente tentados a persegui-las e a combatê-las, somente para que não sejam vistos como favoráveis a elas. E por esta razão, os apóstatas, e a descendência degenerada de bons pais, algumas vezes, são piores do que outros, como se estivessem tentando limpar a mancha da sua profissão de fé. Era estranho que os príncipes, irritados desta maneira, não prendessem a Cristo, mas sua hora ainda não era chegada. Deus pode atar as mãos dos homens a ponto de causar admiração, mesmo optando por não converter seus corações.

Em segundo lugar, pela objeção ao fato de que Ele fosse o Cristo, o que parecia mais uma questão de malícia do que de conteúdo, v. 27. “Se os príncipes pensam que Ele é o Cristo, nós não podemos nem desejamos crer que Ele o seja, pois temos um argumento contrário, que nós ‘bem sabemos de onde este é; mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde ele é’”. Aqui está uma falácia na argumentação, pois as proposições não são *ad idem – adaptadas à mesma visão da questão*. 1. Se eles falavam da sua natureza divina, poderiam considerar verdade que, quando Cristo veio, ninguém soube de onde Ele era, pois Ele é um sacerdote da ordem de Melquisedeque, que não teve ascendentes, “cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”, Miquéias 5.2. Mas então não é verdade que eles sabiam de onde este homem era, pois não conheciam sua natureza divina, nem como “o Verbo se fez carne”. 2. Se eles falavam da sua natureza humana, é verdade que eles sabiam de onde Ele era, quem era sua mãe, e onde Ele havia sido criado. Mas então é falso aquilo que se dizia sobre o Messias, que ninguém saberia de onde Ele era, pois já se sabia de antemão “onde havia de nascer o Cristo”, Mateus 2.4,5. Observe: (1) Como eles o desprezavam, porque sabiam de onde Ele era. A familiaridade gera o desprezo, e nós somos capazes de desdenhar a serventia daqueles cuja origem conhecemos. Aqueles que conviviam com Cristo não o recebiam,

porque Ele vinha do seu meio, razão pela qual eles deviam amá-lo, e ser agradecidos pelo fato de que sua nação e sua geração fossem honradas com sua manifestação. (2) Como eles se empenhavam injustamente para fundamentar seus preconceitos nas Escrituras, como se elas os estimulasse, quando nelas não havia tal coisa. Desta maneira, as pessoas se enganam a respeito de Cristo, porque não conhecem as Escrituras.

[2] A resposta de Cristo a esta objeção, vv. 28,29.

Em primeiro lugar, Ele falava livremente e ousadamente. Ele "clamava… no templo, ensinando". Ele disse isto em tom mais alto do que o restante do seu sermão: 1. Para expressar sua veemência, entristecido pela dureza dos seus corações. Pode haver veemência na disputa pela verdade onde não existe calor nem paixão desenfreados. Nós podemos instruir os opositores com ardor, e ainda assim com mansidão. 2. Os sacerdotes e outros que tinham preconceitos contra Ele não se aproximavam o suficiente para ouvir sua pregação, e por isto Ele precisou falar mais alto do que lhe era usual sobre o que Ele queria que eles ouvissem. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

Em segundo lugar, sua resposta à crítica deles foi: 1. Sob a forma de concessão, admitindo que eles podiam conhecer sua origem, no que dizia respeito à carne: "'Vós me conheceis e sabeis de onde sou'. Vós sabeis que eu sou da sua nação, e sou um de vós". Não representa um menosprezo à doutrina de Cristo o fato de que nela há o que se equilibra com as capacidades das verdades mais simples e claras, reveladas pela luz da natureza, das quais podemos dizer: Nós sabemos de onde elas são. "Vocês me conhecem, vocês pensam que me conhecem, mas estão enganados. Vocês pensam que Eu sou o filho do carpinteiro, e que nasci em Nazaré, mas isto não é verdade". 2. Sob a forma de negação, negando que o que eles viam nele, e conheciam sobre Ele, fosse tudo o que havia para ser conhecido, e, portanto, se não procurassem saber mais, eles julgariam somente pelas aparências externas. Eles sabiam, talvez, de onde Ele vinha, e onde Ele tinha nascido, mas Ele lhes dirá o que eles não sabem, de quem Ele veio. (1) Ele não veio de si mesmo: "Eu não vim de mim mesmo". Ele não veio sem ser enviado, nem veio como uma pessoa privada, mas com um caráter público. (2) Ele era enviado do seu Pai. Isto é mencionado duas vezes: "Aquele que me enviou". E novamente: "'Ele me enviou', Ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de fazer". Disto,

Ele mesmo tinha certeza, e por isto sabia que seu Pai o confirmaria. E é bom que também tenhamos certeza disto, para que possamos, com santa confiança, ir a Deus, por intermédio de Cristo. (3) Ele era do seu Pai, *par' autou eimi – dele sou*, não somente enviado por Ele, como um servo é enviado pelo seu senhor, mas dele, por geração eterna, como um filho de seu pai, por emanação essencial, como os raios do sol. (4) O Pai que o enviou "é verdadeiro". Ele tinha prometido enviar o Messias, e embora os judeus tivessem perdido o direito à promessa, ainda assim aquele que fez a promessa é verdadeiro, e a cumpriu. Ele tinha prometido que o Messias veria sua semente e seria bem-sucedido na sua missão, e embora a maioria dos judeus rejeitasse Jesus e seu Evangelho, ainda assim Ele é verdadeiro, e irá cumprir a promessa quando chamar os gentios. (5) Estes judeus descrentes não conheciam o Pai: "Aquele que me enviou é verdadeiro, o qual vós não conheceis". Existe muita ignorância sobre Deus mesmo entre muitos que têm a forma da ciência, e a verdadeira razão pela qual as pessoas rejeitam a Cristo é porque elas não conhecem a Deus, pois existe tal harmonia dos atributos divinos na obra da redenção, e tal concordância admirável entre a religião natural e a revelada, que o conhecimento correto da anterior não somente admite, mas apresenta a segunda. (6) Nosso Senhor Jesus estava infinitamente familiarizado com o Pai, que o enviou: "Mas eu conheço-o". Ele o conhecia tão bem, que não estava em dúvida, sob qualquer condição, a respeito da sua missão da parte dele, mas perfeitamente seguro dela. Não estava às escuras, sob qualquer condição, a respeito da obra que tinha a fazer, mas perfeitamente informado dela, Mateus 11.27.

[3] A provocação que isto causou nos seus inimigos, que o odiavam porque Ele lhes dizia a verdade, v. 30. "Procuravam, pois, prendê-lo", lançar mãos violentas sobre Ele, não apenas para fazer-lhe mal, mas, de uma maneira ou de outra, provocar-lhe a morte. Porém, pela restrição de um poder invisível, isto não ocorreu. Ninguém lançou mão dele, "porque ainda não era chegada a sua hora". Não foi por alguma razão deles, que não o fizeram, mas por uma razão de Deus, que os impediu de fazê-lo. Observe que, em primeiro lugar, os fiéis pregadores das verdades de Deus, embora se comportem com muita prudência e mansidão, devem esperar ser odiados e perseguidos por aqueles que se julgam atormentados pelo seu testemunho, Apocalipse 11.10. Em segundo lugar, Deus tem os homens maus presos a

uma corrente, e qualquer que seja o mal que eles desejem causar, não podem fazer nada além do que Deus permita que eles façam. A maldade dos perseguidores é impotente mesmo quando é muito impetuosa, e mesmo que Satanás encha seus corações, ainda assim Deus ata suas mãos. Em terceiro lugar, os servos de Deus, às vezes, são maravilhosamente protegidos por meios imperceptíveis e inexplicáveis. Seus inimigos não fazem o mal que pretendiam, e nem eles mesmos, nem ninguém, podem explicar por que não o fazem. Em quarto lugar, que Cristo tinha definida sua hora, que iria trazer o final do seu tempo e da sua obra na terra. Todo o seu povo e todos os seus ministros também têm, e até que chegue esta hora, os esforços de seus inimigos contra eles serão ineficazes, e seu tempo se prolongará enquanto seu Mestre tiver algum trabalho para que realizem. Nem podem todos os poderes do inferno e da terra derrotá-los, até que tenham acabado seu testemunho.

[4] O bom efeito que este sermão de Cristo, apesar disto, causou em alguns dos seus ouvintes (v. 31): “E muitos da multidão creram nele”. Assim como Ele propiciava a queda de alguns, também a ressurreição de outros. Até mesmo onde o Evangelho encontra oposição, pode ser realizada uma grande quantidade de bem, 1 Tessalonicenses 2.2. Observe aqui, em primeiro lugar, quem eram as pessoas que creram. Não poucas, mas muitas, mais do que se poderia esperar, quando a corrente contrária era tão forte. Mas estes “muitos da multidão”, *ek tou ochlou – a multidão*, eram a classe inferior, a ralé, a plebe, como alguns os teriam chamado. Nós não devemos avaliar a prosperidade do Evangelho pelo seu sucesso entre os grandes, nem devem os ministros dizer que se esforçam em vão, ainda que ninguém, exceto os pobres, e considerados insignificantes, recebam o Evangelho, 1 Coríntios 1.26. Em segundo lugar, o que os levou a crer: os milagres que Ele realizava, que eram não somente o cumprimento das profecias do Antigo Testamento (Is 35.5,6), mas uma justificativa de um poder divino. Aquele que tinha a capacidade de fazer o que ninguém, exceto Deus, pode fazer, controlar e dominar as forças da natureza, sem dúvida tinha autoridade para promulgar o que ninguém, exceto Deus, pode promulgar, uma lei que compromete a consciência, e um concerto que dá a vida. Em terceiro lugar, como era fraca sua fé: eles não afirmam positivamente, como os samaritanos: “Este é verdadeiramente o Cristo”, mas somente perguntam: “Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este

tem feito?” Eles supõem que Cristo virá e, quando vier, fará mais milagres. “Então, este não é Ele? Nele, nós vemos, embora não toda a pompa terrena que imaginávamos, todo o poder divino com que cremos que o Messias se manifestaria, e, portanto, por que Este não pode ser Ele?” Eles crêem, mas não têm coragem de admiti-lo. Observe que até mesmo a fé fraca pode ser uma fé verdadeira, e assim ser considerada, assim ser aceita, pelo Senhor Jesus, que não despreza o dia das coisas pequenas.

(2) Para onde Ele ia, vv. 32-36. Observe aqui:

[1] O desígnio dos fariseus e principais dos sacerdotes contra Ele, v. 32. Em primeiro lugar, a provocação de que foram alvo foi a informação trazida a eles pelos seus espiões, que se insinuaram na conversa do povo, e reuniram histórias para levar aos seus mestres invejosos, de que a multidão murmurava coisas a respeito de Jesus, de que havia muitos que o respeitavam e valorizavam, apesar de tudo o que eles tinham feito para apresentá-lo como odioso. Embora o povo apenas murmurasse estas coisas, e não tivesse coragem para dizê-las em voz alta, ainda assim os fariseus se enfureciam com isto. Com razão, é motivo de suspeita a justiça de um governo que duvida tanto de si mesmo a ponto de prestar atenção ou de ser influenciado por murmúrios secretos, variados e incertos das pessoas comuns. Os fariseus valorizavam muito o respeito do povo, e muito sensatamente temiam que se Cristo crescesse na opinião do povo, eles deveriam decrescer. Em segundo lugar, o projeto que eles tinham era o de prender Jesus e levá-lo à prisão: eles “mandaram servidores para o prenderem”, não para prender aqueles que murmuravam a respeito dele, nem para assustá-los. Não, a maneira mais eficiente de dispersar o rebanho é ferir o pastor. Os fariseus parecem ter sido os líderes desta perseguição, mas eles, como tal, não tinham poder, e por isto deificavam os principais dos sacerdotes, os juízes do tribunal eclesiástico, para que se unissem a eles, pois podiam fazê-lo. Os fariseus eram os que tinham grandes pretensões de aprendizado, e os principais dos sacerdotes, de santificação. Assim como o mundo, pela sabedoria, não conhecia a Deus, mas os maiores filósofos eram culpados dos erros mais grosseiros na religião natural, também a igreja judaica, pela sua sabedoria, não conhecia a Cristo, mas seus maiores rabinos eram os que tinham opinião mais tola a seu respeito, ou melhor, eram seus mais inveterados inimigos. Estes governantes perversos tinham seus servos, servos do seu tribunal, servos da igreja, que foram empregados

para prender a Cristo, e que estavam dispostos a cumprir esta tarefa, embora fosse uma tarefa má. Se os criados de Saul não desejam virar-se e matar os sacerdotes do Senhor, ele tem um pastor de gado que o fará, 1 Samuel 22.17,18. Veja 1 Samuel 21.7.

[2] As palavras do nosso Senhor Jesus, em conseqüência disto (vv. 33,34): "Ainda um pouco de tempo estou convosco e, depois, vou para aquele que me enviou. Vós me buscareis e não me achareis; e aonde eu estou vós não podeis vir". Estas palavras, como a coluna de nuvem e fogo, tem um lado brilhante e um lado escuro.

Em primeiro lugar, elas têm um lado brilhante com respeito ao nosso Senhor Jesus mesmo, e trazem abundante consolo a Ele e a todos os seus fiéis seguidores que estão expostos a dificuldades e a perigos por causa dele. Aqui, Cristo é consolado com três coisas: 1. Que Ele tinha somente um pouco de tempo para continuar aqui neste mundo problemático. Ele vê que é provável que Ele nunca tenha um dia tranqüilo entre eles, mas o melhor é que esta guerra em breve terá sido concluída, e então Ele já não estará mais no mundo, cap. 17.11. Seja quem for que estiver conosco neste mundo, amigos ou adversários, será por pouco tempo que estaremos com eles, e é um consolo para aqueles que estão no mundo, mas não são do mundo, e por isto são odiados por ele e estão cansados dele, que não estarão nele para sempre, não estarão nele por muito tempo. Devemos permanecer por algum tempo com aqueles que são espinhosos, mas, graças a Deus, será apenas por pouco tempo, e nós estaremos fora do seu alcance. Sendo maus nossos dias, é bom que sejam poucos. 2. Que, quando Ele deixasse este mundo problemático, Ele iria para aquele que o tinha enviado. "Vou". Não: "Sou forçado a ir", mas: "Vou voluntariamente. Tendo concluído minha missão diplomática, Eu vou para aquele cuja missão eu vim cumprir. Quando Eu tiver terminado meu trabalho com vocês, então, e não antes disto, vou para aquele que me enviou, e Ele me receberá, me promoverá, como os embaixadores são promovidos quando voltam". A ira que sentiam de Jesus não somente o afastava deles, mas o apressava à glória e gozo que estavam diante dele. Que aqueles que sofrem por Cristo se consolem com o fato de que têm um Deus ao qual ir, e que estão indo para Ele, indo rapidamente, para estar com Ele para sempre. 3. Que, embora eles o perseguissem aqui, onde quer que Ele fosse, nenhuma das suas perseguições o seguiria ao céu: "Vós me buscareis e não me achareis".

Parece, pela inimizade dos seus seguidores, que depois da sua ida, se pudessem tê-lo achado, eles o teriam perseguido: “Mas vocês não poderão entrar naquele templo, como fazem neste”. “Aonde eu estou”, isto é, onde Eu estarei então. Ele se expressou dessa maneira porque, mesmo quando estava na terra, pela sua natureza divina e pelos interesses divinos, Ele estava no céu, cap. 3.13. Ou isto denota que Ele estaria ali dentro de tão pouco tempo, que era como se já estivesse ali. Observe que o fato de que os santos glorificados estão fora do alcance do Diabo e de todos os seus perversos instrumentos aumenta a felicidade deles.

Em segundo lugar, estas palavras têm um lado escuro e tenebroso com respeito àqueles perversos judeus que odiavam e perseguiam a Cristo. Agora eles desejavam ver-se livres dele: “Que Ele seja tirado da terra”. Mas eles devem saber: 1. Que segundo sua escolha, também será sua condenação. Eles se esforçavam para afastá-lo do seu meio, e seu pecado será sua punição. Ele não os incomodará por muito tempo, mas por pouco, e se afastará deles. É justo que Deus abandone aqueles que pensam que sua presença é um peso. Aqueles que estão cansados de Cristo não precisam de nada mais para serem infelizes, além de conseguir o que desejam. 2. Que certamente eles se arrependeriam da sua escolha, quando fosse tarde demais. (1) Eles procurariam, em vão, a presença do Messias: “‘Vós me buscareis e não me achareis’. Vós espareis que o Cristo venha, mas vossos olhos fracassarão ao procurar por Ele, e nunca o encontrarão”. Aqueles que rejeitaram o verdadeiro Messias quando Ele veio foram, com razão, abandonados a uma expectativa miserável e interminável daquele que nunca virá. Ou isto pode referir-se à rejeição final dos pecadores, dos favores e da graça de Cristo no grande dia: aqueles que procuram a Cristo agora irão encontrá-lo, mas se aproxima o dia quando aqueles que agora o rejeitam irão procurá-lo, e não o encontrarão. Veja Provérbios 1.28. Em vão, gritarão: “Senhor, senhor, abre-nos”. Ou, talvez, estas palavras sejam cumpridas no desespero de alguns dos judeus, que possivelmente poderiam ser convencidos e não convertidos, que desejariam, em vão, ver a Cristo e ouvir outra vez sua pregação, mas o dia da graça estará terminado (Lc 17.22). Porém, isto não é tudo. (2) Eles esperariam, em vão, um lugar no céu: “Aonde eu estou”, e onde todos os crentes estão comigo, “não podeis vir”. Não apenas porque estão excluídos, pela sentença justa e irreversível do Juiz, e a espada do anjo em cada porta da nova Jerusalém, para proteger

o caminho da árvore da vida daqueles que não têm direito de entrar, mas porque eles estão desqualificados, pela sua própria iniqüidade e infidelidade: “Não podeis vir”, porque não quereis. Aqueles que odeiam estar onde Cristo está, ouvindo sua palavra e prestando-lhe cultos na terra, estão muito desqualificados para estar onde Ele está, na sua glória no céu, pois o céu não seria um céu para eles. Na verdade, tais são as antipatias de uma alma não santificada em relação à felicidade desta condição.

[3] Seu comentário sobre este discurso (vv.35,36): eles disseram entre si mesmos: “Para onde irá este?” Veja aqui, em primeiro lugar, sua ignorância obstinada e cegueira. Ele dissera expressamente para onde iria – para aquele que o enviou, para seu Pai no céu, e eles ainda perguntam: “Para onde irá este?” E: Que modo de falar é este? Ninguém é tão cego como aqueles que não querem ver. As declarações de Cristo são evidentes para aquele que entende, e difíceis apenas para aqueles que estão dispostos a discutir. Em segundo lugar, seu menosprezo atrevido aos prenúncios de Cristo. Em vez de tremer com aquela terrível palavra: “Vós me buscareis e não me achareis”, a qual denota o extremo grau de miséria, eles brincam e zombam disto, como aqueles pecadores que escarnecem do terror, e não estão assustados (Is 5.19); Amós 5.18. “Apresse-se”. Porém, “não mais escarneçais, para que vossas ligaduras se não façam mais fortes”. Em terceiro lugar, sua malícia inveterada e ira contra Cristo. O que todos eles temiam com seu afastamento era que Ele sairia do alcance do controle deles: “‘Para onde irá este, que o não acharemos?’ Se Ele estiver sobre a terra, nós o teremos sob controle. Não deixaremos lugar algum encoberto”, como Acabe à procura de Elias, 1 Reis 18.10. Em quaro lugar, seu desprezo orgulhoso dos gentios, a quem eles aqui chamam “os dispersos entre os gregos”, significando, ou os judeus que estavam espalhados no exterior, entre os gregos (Tg 1.1; 1 Pd 1.1). “Ele irá e despertará um interesse entre aquele povo tolo?” Ou os gentios dispersos por todo o mundo, em distinção aos judeus, que eram incorporados em uma igreja e nação. “Ele dirigirá sua corte para eles?” Em quinto lugar, sua inveja da mínima sugestão de favor aos gentios: “Ele irá e instruirá os gentios? Ele levará sua doutrina a eles?” Talvez eles tenham ouvido algumas notícias do respeito que Ele mostrou aos gentios, como no seu sermão em Nazaré, e no caso do centurião e da mulher cananéia, e não havia nada que eles temessem mais do que a inclusão dos gentios. Desta maneira, isto é comum àqueles que têm

desperdiçado o poder do Evangelho por serem bastante zelosos pelo monopólio do nome. Eles, então, zombaram de sua partida para instruir os gentios. Mas não muito depois, Ele fez isto, de fato, através de seus apóstolos e ministros, e reuniu aquele povo disperso, muito para a tristeza dos judeus, Romanos 10.19. Assim, é verdade o que diz Salomão: “O temor do ímpio virá sobre ele”.

O Convite do Evangelho

vv. 37-44

Nestes versículos, temos:

I O sermão de Cristo, com sua explicação, vv. 37-39. É provável que estas sejam somente pequenas indicações daquilo sobre o que Ele discorria, mas nelas estão a essência de todo o Evangelho. Aqui está um convite do Evangelho para ir até Cristo, e uma promessa do Evangelho, de consolo e felicidade nele. Observe:

1. Quando Jesus fez este convite: “No último dia” da Festa dos Tabernáculos, “o grande dia da festa”. O oitavo dia, que concluía a solenidade, deveria ser uma “santa convocação”, Levítico 23.36. Cristo divulgou este chamado do Evangelho neste dia, porque: (1) Havia muitas pessoas reunidas, e, se o convite fosse feito a muitos, poderia se esperar que alguns o aceitassem, Provérbios 1.20. Assembléias numerosas dão oportunidade para fazer um bem maior. (2) As pessoas agora estavam voltando para suas casas, e Ele lhes daria estas palavras para que as levassem consigo como suas palavras de despedida. Quando uma grande congregação está prestes a ser despedida, e prestes a dispersar-se, como aqui, é comovente pensar que, com toda probabilidade, eles nunca voltarão a se reunir, todos, outra vez neste mundo. Portanto, se pudermos dizer ou fazer alguma coisa para ajudá-los a ir ao céu, esta deve ser a hora. É bom estar atento no encerramento de um culto ao Senhor. Cristo fez esta oferta no “último dia da festa”. [1] Àqueles que tinham se feito de surdos à sua pregação nos dias anteriores desta semana santa. Ele irá testá-los uma vez mais, e se eles ouvirem sua voz, viverão. [2] Àqueles que talvez nunca viessem a ter outra oferta, e, portanto, teriam interesse em aceitar esta.

Haveria meio ano antes que houvesse outra festa, e neste período, muitos deles poderiam já estar em seus túmulos. “Eis aqui agora o tempo aceitável”.

2. Como Ele fez este convite: “Jesus pôs-se em pé e clamou”, o que indica: (1) Sua grande veemência e persistência. Seu coração se empenhava em trazer as pobres almas para si. O fato de Ele levantar-se e de elevar seu tom de voz eram indicações da intensidade da sua intenção. O amor às almas dá vida aos pregadores. (2) Seu desejo de que todos pudessem prestar atenção e receber este convite. “Jesus pôs-se em pé e clamou”, para que pudessem ouvi-lo melhor, pois isto é o que qualquer que tenha ouvidos deve se preocupar em ouvir. A verdade do Evangelho não procura cantos, porque ela não teme testes. Os oráculos pagãos eram transmitidos privadamente por aqueles que espiavam e murmuravam, mas os oráculos do Evangelho eram proclamados por alguém que se punha em pé, e clamava. Como é triste a situação do homem, que deve ser importunado para ser feliz, e como é maravilhosa a graça de Cristo, pois Ele irá importunar o homem! “Ó vós todos”, Isaías 55.1.

3. O convite propriamente dito é bastante geral: “Se alguém tem sede”, quem quer que seja, está convidado a vir a Cristo, seja ele nobre ou humilde, rico ou pobre, jovem ou velho, escravo ou livre, judeu ou gentio. Ele também é cheio de graça: “‘Se alguém tem sede, que venha a mim e beba’. Se algum homem deseja ser verdadeiramente e eternamente feliz, que se dirija a mim, e que seja governado por mim, e Eu me encarregarei de fazê-lo assim”.

(1) As pessoas convidadas estão como sedentas, o que pode ser interpretado, ou: [1] Como a miséria da sua situação, seja com relação à sua condição exterior (se algum homem estiver destituído do conforto desta vida, ou fatigado com suas cruzes, que sua pobreza e suas aflições o levem a Cristo, obtenha obter aquela paz que o mundo não pode dar nem remover), ou com relação à sua condição interior: “Se algum homem deseja bênçãos espirituais, Ele pode obtê-las de mim”. Ou: [2] Como a tendência das suas almas e dos seus desejos, de uma felicidade espiritual. Se algum homem tiver sede e fome de justiça, isto é, desejar verdadeiramente a boa vontade de Deus para com ele, e a boa obra de Deus nele.

(2) O convite propriamente dito: “Que venha a mim”. Que não procure a lei cerimonial, que não poderá tranqüilizar a consciência, nem purificá-la, e,

portanto, não pode aperfeiçoar os que a ela se chegam, Hebreus 10.1. Nem procure a filosofia pagã, que apenas engana os homens, os leva a um bosque e os abandona ali. Mas que procure a Cristo, aceite sua doutrina, seja seu discípulo, creia nele. Venha até Ele como "o manancial de águas vivas", aquele que dá todo o consolo.

(3) A satisfação prometida: "Que venha 'e beba '. Ele terá aquilo que veio buscar, e abundantemente. Terá o que não somente refresca, mas abastece, uma alma que deseja ser feliz".

4. Uma promessa de graça anexa a este convite de graça (v. 38): "Quem crê em mim... correrão do seu ventre". (1) Veja aqui o que significa vir a Cristo: significa crer nele, como as Escrituras dizem. É recebê-lo e aceitá-lo como Ele nos é oferecido no Evangelho. Não devemos construir um Cristo de acordo com nossa fantasia, mas crer em um Cristo de acordo com as Escrituras. (2) Veja como as almas sedentas, que vêm a Cristo, podem beber. Israel, que creu em Moisés, bebeu da pedra que os seguia, e saíram muitas águas, mas os crentes bebem de uma rocha que há dentro deles, Cristo, que está neles. Neles, Ele é uma fonte de água viva, cap. 4.14. A provisão é feita não somente para sua satisfação atual, mas para seu conforto contínuo e eterno. Aqui temos: [1] "Água viva", água que jorra, que a língua hebraica chama de viva, porque está em movimento. As graças e os consolos do Espírito são comparados à água viva (com o significado de "em movimento"), porque são os princípios vivificadores ativos da vida espiritual, e o penhor e o princípio da vida eterna. Veja Jeremias 2.13. [2] "Rios" de água viva, que indicam abundância e constância. O consolo flui tão abundantemente e constantemente quanto um rio, forte como uma correnteza, para suportar as oposições das dúvidas e dos temores. Em Cristo, existe abundância de graça sobre graça. [3] Estes rios correm do seu ventre, isto é, do seu coração ou da sua alma, que é o objeto da obra do Espírito e o centro do seu governo. Estes princípios de graça são plantados, e do coração, onde habita o Espírito, procedem "as saídas da vida", Provérbios 4.23. Estes consolos divinos estão arraigados em nosso ser, e trazem uma alegria na qual nenhum estranho é capaz de interferir. "Quem crê no Filho de Deus em si mesmo tem o testemunho", 1 João 5.10. *Sat lucis intus – A luz interior é abundante*. Observe, além disto, onde estão as fontes de graça e consolo na alma, de que fluem águas: "Rios de água viva correrão do seu ventre". Em primeiro lugar, a graça e o consolo irão

produzir boas ações, e um coração santo será visto em uma vida santa. A árvore é conhecida pelos seus frutos, e a fonte, pelas suas águas. Em segundo lugar, elas serão transmitidas para o benefício de outros. Um bom homem é um bem comum. “A boca do justo é manancial de vida”, Provérbios 10.11. Não é suficiente que bebamos as águas da nossa própria cisterna, que recebamos, nós mesmos, o consolo da graça que nos é dada, mas devemos permitir que nossas fontes fluam para o beneficio de outros, Provérbios 5.15,16.

Estas palavras: “como diz a Escritura”, parecem referir-se a alguma promessa no Antigo Testamento com este propósito, e houve muitas delas. Como a de que Deus derramaria seu Espírito, que é uma metáfora emprestada das águas (Pv 1.23; Jl 2.28; Is 44.3; Zc 12.10); a de que a terra seca se transformaria em mananciais (Is 41.18); de que haveria rios no ermo (Is 43.19); de que as almas graciosas serão como um manancial (Is 58.11); e de que a igreja é um poço de águas vivas, Cantares 4.15. E aqui pode ser uma alusão às águas saindo do templo de Ezequiel, Ezequiel 47.1. Compare com Apocalipse 22.1, e veja Zacarias 14.8. O Dr. Lightfoot e outros nos dizem que havia um costume, entre os judeus, que eles recebiam por tradição, de que no último dia da Festa dos Tabernáculos houvesse uma solenidade, que eles chamavam de *Libatio aquae – O derramar da água*. Eles tomavam um vaso dourado de água do tanque de Siloé, traziam-no ao Templo com tocar de trombetas e outras cerimônias, e, na subida ao altar, derramavam-na diante do Senhor, com todas as exclamações de alegria possíveis. Alguns dos seus autores entendem que a água significa a lei, e fazem referência a Isaías 12.3; 55.1. Outros, o Espírito Santo. E se acredita que nosso Salvador aqui possa estar fazendo alusão a este costume. Os crentes terão o consolo, não de um vaso de água apanhada de um tanque, mas de um rio, correndo de si mesmos. A alegria da lei, e o derramamento da água, que isto significava, não devem ser comparados com a alegria do Evangelho nos poços da salvação.

5. Aqui está a explicação do evangelista a esta promessa (v. 39): “Isso disse ele do Espírito”. Não de nenhuma vantagem exterior que se acumule sobre os crentes (como alguns poderiam ter interpretado, de maneira equivocada), mas dos dons, das graças e dos consolos do Espírito. Veja como as Escrituras são os melhores intérpretes das Escrituras. Observe:

(1) A todos os que crêem em Cristo, é prometido que receberão o Espírito Santo. Alguns recebiam seus dons milagrosos (Mc 16.17,18). Todos recebem suas graças santificadoras. O dom do Espírito Santo é uma das grandes bênçãos prometidas no novo concerto (At 2.39), e, se prometidas, sem dúvida realizadas a todos os que se interessam por aquele concerto.

(2) O Espírito habitando e operando no crente é como uma fonte de águas vivas, da qual fluem abundantes correntezas, refrescantes e purificadoras como a água, calmantes e umedecedoras como a água, tornando-o frutífero, e aos outros, alegres. Veja cap. 3.5. Quando os apóstolos falaram tão fluentemente das coisas de Deus, quando o Espírito lhes deu o discurso (At 2.4), e posteriormente pregaram e escreveram o Evangelho de Cristo com tal fluência de eloqüência divina, então isto se cumpriu: “Rios de água viva correrão do seu ventre”.

(3) Este abundante derramamento do Espírito era ainda tema de uma promessa, pois “o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado”. Veja aqui: [1] Que Jesus ainda não havia sido glorificado. Era certo que Ele seria glorificado, e Ele era realmente merecedor de toda a honra, mas Ele ainda estava em um estado de humilhação e desprezo. Ele nunca tinha perdido o direito à glória que tinha antes de todos os mundos. Na verdade, Ele merecia uma glória adicional, e, além das suas honras, o Senhor podia reivindicar a conquista de uma coroa mediadora. Ainda assim, tudo isto está em reversão. Jesus agora é sustentado (Is 42.1), agora está satisfeito (Is 53.11), agora é justificado (1 Tm 3.16), mas ainda não está glorificado. E, se Cristo deve esperar pela sua glória, não julguemos que é demais termos que esperar pela nossa. [2] Que “o Espírito Santo ainda não fora dado”, *oupo gar en pneuma – pois o Espírito Santo ainda não havia sido derramado*. O Espírito de Deus estava presente na eternidade, pois, no princípio, Ele se movia sobre a face das águas. Ele estava nos profetas e santos do Antigo Testamento, e Zacarias e Isabel foram, ambos, cheios do Espírito Santo. Portanto, isto deve ser interpretado como o derramamento eminente, abundante e geral do Espírito, que tinha sido prometido, Joel 2.28, e realizado, Atos 2.1ss. O Espírito Santo ainda não tinha sido dado daquela maneira visível que era pretendida. Se compararmos o conhecimento claro e a forte graça dos próprios discípulos de Cristo, depois do Pentecostes, com suas fraquezas e sua ignorância anteriores, nós compreenderemos em que sentido o Espírito

Santo ainda não tinha sido dado. Os penhores e as primícias do Espírito tinham sido dadas, mas a colheita abundante ainda não era chegada. Aquilo que é mais adequadamente chamado de dispensação do Espírito ainda não tinha se iniciado. O Espírito Santo ainda não havia sido dado na forma de rios de águas vivas, como aqueles que regam toda a terra, até mesmo o mundo gentílico, não na dádiva de línguas, a que, talvez, esta promessa principalmente se refere. [3] Que a razão pela qual o Espírito Santo ainda não tinha sido dado era "por ainda Jesus não ter sido glorificado". Em primeiro lugar, a morte de Cristo algumas vezes é chamada de sua glorificação (cap. 13.31), pois, na sua cruz, Ele derrotou e triunfou. Agora o dom do Espírito Santo era comprado pelo sangue de Cristo. Esta era a consideração valiosa em que se baseava sua concessão, e, portanto, até que este preço fosse pago (embora muitos outros dons fossem concedidos mediante a garantia de que seriam pagos), o Espírito Santo não seria dado. Em segundo lugar, não havia tanta necessidade do Espírito enquanto o próprio Cristo estivesse aqui na terra, como depois que Ele tivesse partido, para suprir sua falta. Em terceiro lugar, a concessão do Espírito Santo devia ser tanto uma resposta à intercessão de Cristo (cap. 14.16) como um ato do seu domínio, e, portanto, o Espírito Santo não seria concedido até que Ele fosse glorificado, e iniciasse as duas coisas. Em quarto lugar, a conversão dos gentios era a glorificação de Jesus. Quando alguns gregos começaram a procurar por Cristo, Ele disse: "É chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado", cap. 12.23. Agora, o tempo em que o Evangelho seria propagado entre as nações ainda não era chegado, e, portanto, ainda não havia a oportunidade para o dom de línguas, este rio de águas vivas. Mas observe que, embora o Espírito Santo ainda não fosse concedido, Ele era prometido. Esta era agora a grande promessa do Pai, Atos 1.4. Embora os dons da graça de Cristo possam demorar muito, ainda assim estão todos garantidos. E enquanto estamos esperando pela boa promessa, nós temos a promessa pela qual viver, a promessa que "falará e não mentirá".

II As conseqüências destas palavras, a recepção que elas encontraram. De maneira geral, elas provocaram divergências: "Entre o povo havia dissensão por causa dele", v. 43. Houve um cisma, que é o que significa a palavra. Houve diversas opiniões, e houve aqueles que foram movidos pelo

calor e pela disputa, sentimentos variados, e que os deixavam em desacordo. Pensamos que Cristo veio trazer paz, que todos iriam unanimemente aceitar seu Evangelho? Não, o resultado da pregação do seu Evangelho seria a divisão, pois, enquanto alguns se unissem a favor dele, outros se uniriam contra ele, e isto iria agitar as coisas, como aqui. Mas isto não é culpa do Evangelho. É como um remédio benéfico que agita os fluidos que são prejudiciais ao corpo, para livrar-se deles. Observe o que foi este debate:

1. Alguns se encantaram com Ele, e ficaram bem impressionados a respeito dele: “Muitos da multidão, ouvindo essa palavra”, ouviram-no com tanta compaixão e gentileza convidando os pobres pecadores para que fossem até Ele, e com tal autoridade convidando-os a serem felizes, que não podiam deixar de pensar muito bem dele. (1) Alguns diziam: “Verdadeiramente, este é o Profeta”, aquele profeta de que Moisés falou aos patriarcas, que seria como ele. Ou: Este é o profeta que, de acordo com as noções recebidas da igreja judaica, deverá ser o arauto e o precursor do Messias. Ou: Este é verdadeiramente um profeta, alguém inspirado e enviado por Deus. (2) Outros iam mais além, e diziam: “Este é o Cristo” (v. 41), não o profeta do Messias, mas o próprio Messias. Os judeus tinham, nesta época, uma expectativa extraordinária do Messias, o que os tornava prontos a dizer a cada momento: Eis aqui o Cristo, ou: Ei-lo ali, e isto parece ser apenas o resultado de algumas noções confusas e instáveis que os dominavam em um primeiro instante, pois nós não lemos que estas pessoas tenham se tornado discípulos e seguidores de Cristo. Uma boa opinião a respeito de Cristo está muito aquém de uma fé vívida em Cristo. Muitos dão a Cristo uma palavra boa e nada mais. Estes diziam: “Este é o profeta”, e “este é o Cristo”, mas não conseguiam se persuadir a abandonar tudo e segui-lo. Assim, seu testemunho em relação a Cristo era apenas um testemunho contrário a si mesmos.

2. Outros eram preconceituosos em relação a Ele. Tão logo esta grande verdade de que Jesus era o Cristo foi apresentada, imediatamente foi contradita e combatida. E o fato de que sua origem era (como eles supunham) da Galiléia, era considerado suficiente para responder a todos os argumentos de que Ele era o Cristo. “Vem, pois, o Cristo da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi”. Veja aqui: (1) Um louvável conhecimento das Escrituras. Eles estavam completamente

convencidos de que o Messias seria um rebento do tronco de Jessé (Is 11.1), e de que de Belém sairia o Senhor de Israel, Miquéias 5.2. Isto até mesmo as pessoas comuns sabiam, pelas explicações tradicionais que os escribas lhes davam. Talvez as pessoas que tivessem estas passagens das Escrituras tão prontas para objetar contra Cristo não conhecessem, da mesma maneira, outras passagens dos textos sagrados, mas estas palavras lhes tinham sido postas na boca pelos seus líderes, para fortalecer seu preconceito contra Cristo. Muitos que podem adotar certas noções corruptas, e desperdiçar seu zelo defendendo-as, parecem ser muito conhecedores das Escrituras, quando, na verdade, sabem pouco além daquelas passagens das Escrituras que lhes foram ensinadas para sua perversão. (2) Uma ignorância condenável sobre nosso Senhor Jesus. Eles falam como se fosse uma discussão certa e passada que Jesus era da Galiléia, embora investigando sobre Ele, ou sua mãe, ou seus discípulos, ou consultando a genealogia da família de Davi, ou os registros de Belém, pudessem ter sabido que Ele era o Filho de Davi, e um nativo de Belém. Mas disto eles são voluntariamente ignorantes. Desta maneira, falsidades flagrantes sobre fatos a respeito de pessoas e coisas são freqüentemente aceitas por homens parciais e preconceituosos, e grandes decisões se baseiam sobre elas, no mesmo lugar e na mesma época em que vivem as pessoas e ocorrem as coisas, embora a verdade possa ser facilmente descoberta.

3. Outros estavam enfurecidos contra Ele, e o queriam prender, v. 44. Embora o que Ele dizia fosse doce e cheio de graça, eles se exasperavam contra Ele por isto. Assim, nosso Mestre sofreu por dizer e fazer o bem. “Alguns deles queriam prendê-lo”. Eles esperavam que um ou outro o prendesse, e se tivessem pensado que ninguém o faria, eles mesmos teriam feito isto. Eles “queriam prendê-lo”, mas ninguém lançou mão dele, restritos como estavam por um poder invisível, porque sua hora ainda não era chegada. Assim como a maldade dos inimigos de Cristo é sempre irracional, também algumas vezes sua restrição é inexplicável.

O Testemunho dos Servidores a respeito de Cristo

vv. 45-53

Os principais dos sacerdotes e os fariseus estão aqui tramando juntos, planejando como eliminar a Cristo. Embora este fosse “o grande dia da festa”, eles não compareceram aos serviços religiosos do dia, mas os deixaram à multidão, para quem era comum que estes grandes eclesiásticos transferissem e delegassem as atividades de devoção, se julgassem que estariam mais bem empregados nos assuntos da política da igreja. Eles ficaram na sala do conselho, esperando que Cristo fosse trazido prisioneiro, pois tinham enviado servidores para o prenderem, v. 32. Aqui lemos:

I O que aconteceu entre eles e seus próprios servidores, que retornaram sem Ele, *re infecta – sem ter feito* nada. Observe:

1. A repreensão que eles fazem aos servidores, por não terem executado a ordem de prisão de que lhes tinham incumbido: “Por que o não trouxestes?” Ele aparecia publicamente, muitas pessoas da multidão estavam desgostosas e os teriam ajudado a prendê-lo, este era o último dia da festa, e eles não teriam outra oportunidade como esta. “Por que vocês negligenciaram seu dever?” Eles se irritaram com o fato de que aqueles que eram seus subordinados, que dependiam deles, e em quem eles confiavam, em cujas mentes eles tinham instilado preconceitos contra Cristo, os desapontassem assim. Observe que os homens perversos se irritam por não poderem realizar o mal que desejam, Salmos 112.10; Neemias 6.16.

2. A razão que os servidores apresentam para a não execução da ordem de prisão: “Nunca homem algum falou assim como este homem”, v. 46. Veja: (1) Isto era uma grande verdade, pois nenhum homem falava com tanta sabedoria, e poder, e graça, e a clareza convincente, e a doçura encantadora, com que Cristo falava, nenhum dos profetas, não, nem o próprio Moisés. (2) Os mesmos servidores que tinham sido enviados para prendê-lo tinham sido cativados por Ele, e admitiam isto. Embora fossem provavelmente homens sem nenhum sentido de razão ou eloqüência, e certamente sem nenhuma tendência para pensar bem de Jesus, ainda assim havia tanta evidência no que Cristo dizia, que eles não podiam deixar de preferi-lo a todos os que se sentavam na cadeira de Moisés. Desta maneira, Cristo foi preservado pelo poder que Deus tem sobre as consciências, até mesmo dos homens perversos. (3) Eles disseram isto aos seus senhores e mestres, que não podiam suportar ouvir qualquer coisa com a tendência de honrar a Cristo e, no entanto, não puderam evitar ouvir isto. A Providência ordenou

que isto lhes fosse dito, para que pudesse ser um agravo do pecado deles, e para que fossem envergonhados. Seus próprios seguidores, de quem não se podia suspeitar que estivessem influenciados a favor de Cristo, são testemunhas contra eles. Este testemunho dos servidores deveria tê-los levado a refletir, com este pensamento: “Saberemos nós o que estamos fazendo, quando odiamos e perseguimos a alguém que fala tão admiravelmente bem?”

3. Os fariseus se empenharam em assegurar o apoio dos servidores aos seus interesses, e a produzir neles preconceitos contra Cristo, pois viram que eles começavam a se influenciar por Ele. Eles sugeriram duas coisas:

(1) Que se eles aceitassem o Evangelho de Cristo, eles seriam enganados (v. 47): “Também vós fostes enganados?” O cristianismo foi, desde seu surgimento, representado ao mundo como uma grande trapaça, e os que o aceitavam eram vistos como homens enganados, justamente quando começavam a deixar de ser enganados. Aqueles que procuravam um Messias com pompa exterior julgavam que os enganados eram os que acreditavam em um Messias que aparecia em pobreza e desgraça. Mas o evento declara que ninguém era mais vergonhosamente enganado, nem era alvo de maior trapaça, do que aqueles que se prometiam riquezas terrenas e dominação secular com o Messias. Veja o “elogio” que os fariseus fazem a estes servidores: “‘Também vós fostes enganados?’ Que! Homens com sua inteligência, e conhecimento, e posição. Homens que não seriam estúpidos a ponto de serem enganados por cada impostor e professor recém-surgido?” Eles se empenhavam em torná-los preconceituosos contra Cristo, persuadindo-os a pensar bem sobre si mesmos.

(2) Que eles seriam desacreditados. A maioria dos homens, mesmo na sua religião, está disposta a ser governada pelo exemplo dos elementos de classe mais alta. Estes servidores, portanto, cuja promoção lhes dava um sentido de honra, deveriam considerar:

[1] Que, se porventura se tornassem discípulos de Cristo, seriam contrários àqueles que eram pessoas de qualidade e reputação: “‘Creu nele, porventura, algum dos principais ou dos fariseus?’ Vocês sabem que eles não creram, e vocês deveriam ser influenciados pelo julgamento deles, e crer e agir, na religião, de acordo com a vontade dos seus superiores. Ou vocês pretendem ser mais sábios do que eles?” Alguns dos principais tinham aceitado Cristo (Mt 9.18; Jo 4.53), e mais deles criam nele, mas lhes

faltava a coragem para confessá-lo (cap. 12.42). Porém, quando o interesse por Cristo diminui no mundo, é comum que seus adversários o representem como menor do que realmente é. Mas também era verdade que poucos, muito poucos deles, o aceitaram. Observe que, em primeiro lugar, a causa de Cristo raramente tinha os principais dos sacerdotes e os fariseus do seu lado. Ela não precisa de apoios seculares, nem propõe vantagens seculares, e, portanto, nem corteja nem é cortejada pelos grandes homens deste mundo. A renúncia a si mesmo e a cruz são duras lições para os principais dos sacerdotes e os fariseus. Em segundo lugar, o fato de que os principais dos sacerdotes e os fariseus não o viam com bons olhos confirmava a muitos seus preconceitos contra Cristo e seu Evangelho. Pretenderão os homens seculares se preocupar mais com as coisas espirituais do que os próprios homens espirituais, ou ver mais na religião do que aqueles que têm por profissão o estudo da religião? Se os principais e os fariseus não crêem em Cristo, aqueles que crêem nele serão as pessoas mais singulares, antiquadas e mal-educadas do mundo, e sem preferências. Desta maneira, as pessoas são tolamente influenciadas por motivações externas em questões de gravidade eterna, dispõem-se a serem condenadas em nome da moda, e a irem para o inferno como um gesto de cortesia aos governantes e fariseus.

[2] Que eles irão se unir a um tipo vulgar e desprezível de pessoas (v. 43): “Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita”, referindo-se especialmente àqueles que eram influenciados pela doutrina de Cristo. Observe, em primeiro lugar, com que zombaria e desdém eles se referem a estas pessoas: “Esta multidão”. Não *laos*, estes *leigos*, para distingui-los dos que eram o clero, mas *ochlos houtos*, esta *gentalha*, estas pessoas patéticas, escandalosas e ordinárias, a quem eles desdenhavam a ponto de colocá-las com os cães do seu rebanho, embora Deus as tivesse colocado com os cordeiros do seu. Se eles queriam referir-se às pessoas comuns da nação judaica, estas eram a semente de Abraão, e tinham um concerto com Deus, e não deviam ser mencionadas com tanto desprezo. Os interesses comuns da igreja são traídos quando uma parte dela trama para tornar a outra inferior e desprezível. Se eles queriam referir-se aos seguidores de Cristo, embora fossem, em geral, pessoas de pouca fama, ainda assim, reconhecendo a Cristo, eles revelavam inteligência, integridade e interesse pelos favores do Céu, o que os tornava verdadeiramente grandes e dignos de consideração. Observe que, assim como a sabedoria de Deus

freqüentemente escolhia elementos humildes, e que eram desprezados, também a tolice dos homens comumente humilhou e desprezou aqueles a quem Deus escolheu. Em segundo lugar, com que injustiça eles os repreendem, como sendo ignorantes da palavra de Deus: “Esta multidão... não sabe a lei”, como se ninguém conhecesse a lei, exceto os que a conheciam por intermédio deles, e nenhum conhecimento sobre as Escrituras existisse, exceto o que saía das suas mentes, e como se ninguém conhecesse a lei, exceto aqueles que observavam seus cânones e suas tradições. Talvez muitos daqueles que eram assim desprezados conhecessem a lei, e também os profetas, melhor do que eles. Muitos discípulos de Cristo, simples, honestos e sem instrução, pela meditação, experiência, orações, e principalmente pela obediência, obtêm um conhecimento mais claro, sólido e útil da palavra de Deus do que muitos grandes estudiosos, com toda a sua inteligência e todo o seu estudo. Assim, Davi veio a ter mais conhecimento do que os velhos e todos os seus mestres, Salmos 119.99,100. Se as pessoas comuns não conheciam a lei, ainda assim os principais dos sacerdotes e os fariseus, entre todos os homens, não deviam tê-las censurado por isto, pois de quem podia ser a culpa, exceto deles mesmos, que podiam tê-las ensinado melhor, mas, em vez disto, removiam a chave da ciência? Lucas 11.52. Em terceiro lugar, a maneira magistral como proferem uma sentença sobre a multidão: ela “é maldita”, odiosa a Deus e a todos os homens sábios, *epikataratoi* – um povo *execrável*. É interessante que o fato de que a pronunciassem maldita não a tornava maldita, pois a maldição sem causa não virá (Pv 26.2). É uma usurpação da prerrogativa de Deus, além de uma grande falta de caridade, dizer a quaisquer pessoas em particular, muito menos a qualquer grupo de pessoas, que elas são reprováveis. Nós somos incapazes de julgar, e, portanto, inadequados para condenar, e nossa regra é: “Abençoar e não amaldiçoar”. Alguns pensam que eles não queriam dizer nada além de que as pessoas podiam ser enganadas e ludibriadas, mas eles usam estas palavras odiosas: “Esta multidão é maldita”, para expressar sua própria indignação, e para amedrontar os servidores, por terem algo a favor da multidão. Assim, a linguagem do inferno, na nossa época profana, chama de maldita, condenável e desgraçada qualquer coisa que lhe seja desagradável. Pelo que parece, estes servidores tiveram suas convicções confundidas e asfixiadas por estas sugestões, e nunca mais procuraram a Cristo. Uma

palavra de um principal ou fariseu influenciará mais a muitas pessoas do que a verdadeira razão das coisas e os maiores interesses das suas almas.

II O que aconteceu entre eles e Nicodemos, um membro do seu grupo, v. 50ss. Observe:

1. A objeção justa e racional que Nicodemos levantou contra sua conduta. Até mesmo no seu Sinédrio corrupto e perverso, Deus não ficou completamente sem testemunho contra a inimizade deles, nem foi o voto contra Cristo *nemine contradicente – unânime*. Observe:

(1) Quem se manifestou contra eles. Foi Nicodemos, "o que de noite fora ter com Jesus", e era um deles, v. 50. Observe, a respeito dele: [1] Que, embora ele tivesse estado com Jesus e o tivesse aceito como seu mestre, ainda assim ele conservava seu lugar no conselho, e seu voto, entre eles. Alguns atribuem isto a fraqueza e covardia, e pensam que ele era culpado por não deixar sua posição, mas Cristo nunca lhe tinha dito: "Segue-me", caso contrário ele teria feito como os outros que deixavam tudo para segui-lo. Portanto, parece mais ter sido prudente da sua parte não ter imediatamente abandonado este lugar, porque ele podia ter oportunidade de servir a Cristo e aos seus interesses, e controlar a fúria dos judeus, o que talvez ele tenha feito mais do que temos conhecimento. Ele podia ser como Husai entre os conselheiros de Absalão, um instrumento usado para converter seus conselhos em tolices. Embora não devamos, em nenhuma hipótese, negar nosso Mestre, ainda assim devemos esperar por uma oportunidade de confessá-lo quando for mais vantajoso. Deus tem os seus entre todos os tipos de pessoas, e muitas vezes encontra, ou coloca, ou realiza algum bem nos piores lugares e sociedades. Houve Daniel, na corte de Nabucodonosor, e Neemias, na de Artaxerxes. [2] Que, embora no início ele tivesse ido ter com Jesus à noite, por medo de ser reconhecido, e tivesse permanecido no seu posto, ainda assim, quando houve oportunidade, ousadamente manifestou-se em defesa de Cristo, e opôs-se a todo o conselho que estava contra Ele. Assim, muitos crentes que, a princípio, eram medrosos e prontos para fugir ao agitar de uma folha, gradativamente, pela divina graça, tornaram-se corajosos e capazes de rir ao agitar de uma lança. Que ninguém seja justificado por encobrir e ocultar sua fé com o exemplo de Nicodemos, a menos que, como ele, esteja pronto, na primeira ocasião, a aparecer publicamente pela causa de Cristo, ainda que esteja

sozinho nisto, pois foi isto o que Nicodemos fez aqui, e em João 19.39.

(2) O que Nicodemos alegou contra a conduta deles (v. 51): "Porventura, condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir" (*akouse par' autou – ouvir o que ele diz*) "e ter conhecimento do que faz?" De maneira nenhuma, nem a lei de nenhuma nação civilizada o permite. Observe que: [1] Ele fala prudentemente dos princípios da sua própria lei, e de uma regra de justiça incontestável, de que nenhum homem deve ser condenado sem ser ouvido. Se ele tivesse elogiado a excelência da doutrina de Cristo ou a evidência dos seus milagres, ou repetido para eles as palavras divinas de Cristo a ele (cap. 3), isto teria sido apenas como atirar pérolas aos porcos, que as pisotearíam, e voltariam e o destruiriam. Por essa razão, ele desiste disto. [2] Embora eles tivessem reprovado o povo, especialmente os seguidores de Cristo, como ignorantes da lei, aqui ele tacitamente devolve a acusação a eles mesmos, e mostra como eles eram ignorantes de alguns dos primeiros princípios da lei, de tal modo que eram inadequados para dar a lei aos outros. [3] Aqui se diz que a lei julga, e ouve, e tem conhecimento, quando os magistrados que governam e são governados por ela julgam, e ouvem, e têm conhecimento, pois eles são a voz da lei, e quem eles prenderem ou soltarem de acordo com a lei será, com justiça, considerado preso e solto pela lei. [4] É altamente adequado que ninguém receba a sentença da lei, até que tenha tido um julgamento justo sob o escrutínio da lei. Os juízes, quando recebem as queixas do acusador, devem sempre reservar em suas mentes lugar para a defesa do acusado, pois eles têm dois ouvidos, para que se lembrem de ouvir os dois lados. Está escrito que esta era a maneira dos romanos, Atos 25.16-18. O método da nossa lei é *Oyer* e *Terminer*, primeiro ouvir e depois deliberar. [5] As pessoas devem ser julgadas não segundo o que se diz delas, mas segundo o que fazem. Nossa lei não irá perguntar qual é a opinião dos homens sobre elas, nem quais são suas queixas contra elas, mas o que elas fizeram. De que atos declarados elas podem ser condenadas? A sentença deve ser dada *secundum allegata et probata – segundo o que é alegado e provado*. Fatos, e não rostos, devem ser conhecidos em um julgamento, e a escala da justiça deve ser usada antes da espada da justiça.

Podemos supor que a moção que Nicodemos fez a este respeito foi que Jesus podia ter desejado vir pessoalmente e dar-lhes um relato de si mesmo e da sua doutrina, e que eles deveriam favorecê-lo ouvindo-o de maneira imparcial e sem preconceitos. Mas, embora nenhum deles pudesse

contradizer sua máxima, nenhum deles apoiou sua moção.

2. O que foi dito em resposta a esta objeção. Não há uma resposta direta a ela, mas, quando não puderam resistir à força dos argumentos de Nicodemos, eles se lançaram sobre ele, e o que devia ser buscado na razão, eles construíram com insultos e censuras. Observe que é um sinal de que a causa é ruim quando os homens não podem suportar ouvir a razão, e se ofendem ao serem lembrados de suas máximas. Quem estiver contra a razão provocará suspeitas de que a razão está contra si. Veja como eles ridicularizam a Nicodemos: "És tu também da Galiléia?" v. 52. Alguns pensam que ele foi bem recompensado permanecendo no meio daqueles que ele sabia que eram inimigos de Cristo, e por falar em defesa de Cristo não mais do que poderia ter dito em defesa do pior criminoso, que Ele não deveria ser condenado sem ser ouvido. Se ele tivesse dito: "Quanto a este Jesus, eu mesmo o ouvi, e sei que Ele é um mestre vindo de Deus, e vocês, ao combatê-lo, estão lutando contra Deus", como deveria ter dito, ele não poderia ter sido mais maltratado do que foi por este débil esforço de ternura por Cristo. Quanto ao que eles disseram a Nicodemos, podemos observar:

(1) Como eram falsas as bases da sua argumentação, pois: [1] Eles supõem que Cristo era da Galiléia, e isto não era verdade, e se eles tivessem se esforçado para fazer uma investigação imparcial, teriam descoberto isto. [2] Eles supõem que, pelo fato dos discípulos serem galileus, todos eles o seriam, embora Ele tivesse abundância de discípulos na Judéia. [3] Eles supõem que nenhum profeta surgiu da Galiléia, e para isto apelam ao exame de Nicodemos. Mas isto também era falso: Jonas era de Gate-Hefer, e Naum era um elcosita, ambos da Galiléia. Desta forma, eles fazem das mentiras seu refúgio.

(2) Como eram absurdos seus argumentos sobre tais bases, de tal modo que eram uma vergonha aos principais e aos fariseus. [1] Algum homem de valor e virtude será pior para a obscuridade e a pobreza da sua região? Os galileus eram a semente de Abraão, os bárbaros e os citas são a semente de Adão, e não temos todos um único Pai? [2] Supondo que nenhum profeta tenha surgido da Galiléia, ainda assim não é impossível que nenhum surgisse dali. Se Elias foi o primeiro profeta de Gileade (como talvez tenha sido), e se os gileaditas eram considerados fugitivos, deverá ser questionado se ele era ou não um profeta?

3. O rápido adiamento da seção daquele tribunal. Eles interromperam a assembléia em meio a uma confusão, e precipitadamente, “e cada um foi para sua casa”. Eles tinham se reunido para planejar contra o Senhor e seu Ungido, mas tinha sido um pensamento inútil, e não somente aquele que está no céu se riu deles, mas nós podemos estar na terra e rir deles também, ao ver toda a política da trama despedaçada por uma única palavra honesta. Eles não desejavam ouvir Nicodemos, porque não podiam lhe responder de forma séria e coerente. Tão logo perceberam que tinham alguém como ele no seu meio, eles viram que não adiantaria prosseguir com seu desígnio, e por isto adiaram o debate para uma ocasião mais conveniente, quando Nicodemos estivesse ausente. Assim, o conselho do Senhor permanece, apesar das artimanhas dos corações dos homens.

CAPÍTULO 8

Neste capítulo, temos: I. Cristo evitando a armadilha que os judeus lhe prepararam, trazendo-lhe uma mulher apanhada em adultério, vv. 1-11. II. Diversos diálogos de Cristo com os judeus que o criticavam, e procuravam uma oportunidade contra Ele, e faziam de tudo o que Ele dizia uma questão controversa. 1. Sobre Ele ser a luz do mundo, vv. 12-20. 2. Sobre a destruição dos judeus incrédulos, vv. 21-30. 3. Sobre liberdade e escravidão, vv. 31-37. 4. A respeito do seu Pai e o pai deles, vv. 38-47. 5. Aqui está seu sermão em resposta às críticas blasfemas deles, vv. 48-50. 6. A respeito da imortalidade dos crentes, vv. 51-59. E em todos estes diálogos, Ele suportou a contradição dos pecadores contra si mesmo.

A Mulher Flagrada em Adultério

vv. 1-11

Embora Cristo tivesse sido desprezivelmente maltratado no capítulo anterior, tanto pelos principais como pelo povo, contudo nós o vemos ainda em Jerusalém, ainda no Templo. Com que freqüência Ele os reunia! Observe:

I Seu afastamento à noite, saindo da cidade (v. 1): “Jesus foi para o monte das Oliveiras”. Não se sabe ao certo se para a casa de algum amigo, ou para alguma tenda ali armada, na Festa dos Tabernáculos, nem se Ele descansou ali, ou, como julgam alguns, continuou a noite toda em oração a Deus. Mas Ele saiu de Jerusalém, talvez porque não tivesse ali nenhum amigo que tivesse bondade ou coragem suficiente para hospedá-lo por uma noite. Enquanto seus perseguidores tinham suas casas para onde ir (cap. 7.53), Ele não podia sequer ter um lugar emprestado onde pudesse descansar a cabeça, exceto aquele em que Ele deveria se afastar da cidade cerca de um a três quilômetros. Ele retirou-se (como pensam alguns) porque não queria arriscar-se ao perigo de um tumulto popular à noite. Sempre que pudermos, é prudente sair do caminho do perigo sem sair do caminho do dever. Durante o dia, quando tinha trabalho a fazer no Templo, Ele voluntariamente se expunha, sob proteção especial, Isaías 49.2. Mas à noite, quando não tinha trabalho a fazer, Ele se retirava para o campo e ali se abrigava.

II Seu retorno pela manhã, ao Templo e ao seu trabalho, v. 2. Observe:

1. Que pregador diligente era Cristo: “Pela manhã cedo, voltou para o templo... e os ensinava”. Embora tivesse ensinado no dia anterior, Ele ensinava hoje novamente. Cristo era um pregador constante, “a tempo e fora de tempo”. Três coisas são observadas aqui, a respeito da pregação de Cristo. (1) A hora: “Pela manhã cedo”. Embora Ele se hospedasse fora da cidade, e talvez tivesse passado grande parte da noite em oração particular, ainda assim Ele veio cedo. Quando o trabalho de um dia deve ser feito para Deus, e para as almas, é bom começar logo, e ter o dia diante de nós. (2) O lugar: o “templo”. Não tanto porque fosse um lugar consagrado (pois Ele o tinha escolhido em outras ocasiões), mas porque agora era um lugar de grande afluxo de público. E assim Ele podia estimular assembléias solenes para adoração religiosa, e incentivar as pessoas a virem ao Templo, pois Ele não o tinha deixado desolado. (3) Sua postura: “Assentando-se, os ensinava”, como alguém que tinha autoridade e como alguém que tencionava permanecer ali por algum tempo.

2. Com que diligência as pessoas compareciam à sua pregação: “Todo o povo vinha ter com Ele”, e talvez muitos deles fossem gente do campo, que, neste dia, terminada a festa, voltariam para casa, e estavam desejosos de

ouvir mais um sermão da boca de Cristo, antes de voltarem. Eles vinham ter com Ele, embora Ele chegasse cedo. “Os que de madrugada me buscam me acharão” (Pv 8.17). Embora os principais estivessem descontentes com aqueles que vinham para ouvir Jesus, ainda assim eles vinham. E Ele os ensinava, embora os principais estivessem irados com Ele também. Embora houvesse poucos ou nenhum entre eles que eram pessoas de alguma importância, ainda assim Cristo lhes dava as boas-vindas e os ensinava.

III A maneira como Ele lidou com aqueles que lhe trouxeram a mulher apanhada em adultério, para tentá-lo. Os escribas e fariseus não somente não queriam ouvir pessoalmente a Cristo, mas também o perturbavam quando o povo comparecia para ouvi-lo. Observe aqui:

1. O caso que os escribas e fariseus lhe propuseram, que contribuiria para iniciar uma discussão com Ele, e atraí-lo a uma cilada, vv. 3-6.

(1) Eles levam a prisioneira ao tribunal (v. 3): “Trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério”, talvez apanhada recentemente, durante o período da Festa dos Tabernáculos, quando, possivelmente, o fato de que habitassem em tendas e em meio à festa e alegria pudesse, pelas mentes pervertidas, que corrompem as melhores coisas, promover oportunidades de pecado. Aqueles que eram apanhados em adultério deviam, segundo a lei judaica, ser levados à morte, e sua execução era permitida pelas autoridades romanas, e, portanto, ela foi trazida diante da corte eclesiástica. Observe que ela foi apanhada em adultério. Embora o adultério seja uma obra das trevas, que os culpados comumente tomam todo o cuidado possível para ocultar, ainda assim, algumas vezes, ele vem estranhamente à luz. Aqueles que se comprometem secretamente com o pecado se enganam. Os escribas e fariseus a trazem até Cristo, e a colocam no meio da assembléia, como se pretendessem deixá-la completamente ao julgamento de Cristo, estando Ele assentado como um juiz no tribunal.

(2) Eles apresentam a acusação contra ela: “Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando”, v. 4. Aqui eles chamam de Mestre àquele que apenas um dia antes eles tinham chamado de enganador, esperando, com suas adulações, atraí-lo a uma cilada, como aqueles mencionados em Lucas 20.20. Mas, embora os homens possam ser influenciados por tais elogios, aquele que sonda os corações não pode.

[1] O crime de que a prisioneira é acusada é nada menos do que adultério, que, mesmo na era patriarcal, antes da lei de Moisés, era considerado como uma iniqüidade a ser punida pelos juízes, Jó 31.9-11; Gênesis 38.24. Os fariseus, com sua acusação vigorosa a esta criminosa, pareciam ter grande zelo contra o pecado, quando, mais adiante, será demonstrado que eles mesmos não estavam livres dele. Na verdade, interiormente estavam cheios de toda imundícia, Mateus 23.27,28. Observe que é comum que aqueles que são indulgentes com seus próprios pecados sejam severos com os pecados de outras pessoas.

[2] A prova do crime vinha da evidência notória do fato, uma prova incontestável. Ela tinha sido apanhada no ato, de modo que não havia lugar para alegar inocência. Se ela não tivesse sido apanhada neste ato, poderia ter cometido outro, até que seu coração estivesse completamente endurecido, mas, às vezes, é uma graça de misericórdia para os pecadores quando seu pecado vem à luz, para que possam não continuar cometendo-o arrogantemente. É melhor que nosso pecado nos envergonhe do que nos destrua, e seja apresentado diante de nós para nossa acusação do que para nossa condenação.

(3) Eles apresentam os estatutos deste caso, sobre os quais ela era acusada, v. 5: “Na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas”. Moisés ordenava que elas fossem levadas à morte (Lv 20.10; Dt 22.22), mas não que fossem apedrejadas, a menos que a adúltera fosse desposada, não casada, ou uma filha de sacerdote, Deuteronômio 22.21. Observe que o adultério é um pecado extremamente pecaminoso, pois é a rebelião de uma luxúria vil, não somente contra o mandamento, mas também contra o concerto do nosso Deus. É a violação de uma instituição divina em inocência, pela indulgência de um dos mais vis desejos do homem na sua degeneração.

(4) Eles pedem que Jesus julgue este caso: “‘Tu, pois, que dizes?’ Tu, que reivindicas ser um mestre vindo de Deus para substituir as leis antigas e promulgando novas? O que tens a dizer neste caso?” Se eles tivessem feito esta pergunta com sinceridade, com um humilde desejo de conhecer sua mente, isto teria sido altamente elogiável. Aqueles a quem é confiada a administração da justiça devem olhar para Cristo pedindo orientação, mas “isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar”, v. 6. [1] Se Ele confirmasse a sentença da lei, e deixasse que seguisse seu curso, eles

o censurariam como incoerente consigo mesmo (por ter recebido publicanos e prostitutas) e com o caráter do Messias, que deveria ser manso, e trazer salvação, e proclamar o ano da remissão, e talvez o acusassem diante do governador romano por estimular os judeus no exercício de um poder judiciário. Mas: [2] Se Ele a absolvesse, e desse a opinião de que a sentença não deveria ser cumprida (como eles esperavam que Ele fizesse), eles o apresentariam, em primeiro lugar, como um inimigo da lei de Moisés, e como alguém que usurpava uma autoridade para corrigi-la e controlá-la, e iriam confirmar o preconceito contra Ele que tão engenhosamente propagavam seus inimigos, de que Ele tinha vindo destruir a lei e os profetas. Em segundo lugar, como amigo de pecadores e, conseqüentemente, como alguém favorável ao pecado. Se Ele parecesse tolerar tais pecados, permitindo que não recebessem uma punição, eles o apresentariam como alguém que estaria estimulando as ofensas, e sendo um patrono destas, como se fosse um protetor dos criminosos. E nenhuma reflexão poderia ser mais injusta e odiosa sobre alguém que professava a rigidez e a pureza de um profeta no desempenho de suas atividades.

2. O método que Ele usou para resolver esta situação, evitando a armadilha.

(1) Ele pareceu menosprezar o caso, e fazer-se de surdo: “Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra”. É impossível dizer, e, portanto, desnecessário perguntar, o que Ele escrevia, mas esta é a única menção feita nos Evangelhos de Cristo escrevendo. Eusébio, na verdade, menciona que o Senhor Jesus escreveu a Abgar, rei de Edessa. Alguns pensam que têm alguma liberdade para conjeturar quanto ao que Ele escrevia aqui. Grotius diz: “Eram algumas palavras graves e sérias, e era usual que os homens sábios, quando muito concentrados a respeito de alguma coisa, fizessem isto”. Jerônimo e Ambrósio supõem que Ele tenha escrito: “Que os nomes destes homens maus estejam escritos na terra”. Outros sugerem que foi: “A terra acusa a terra, mas o julgamento é meu”. Com isto, Cristo nos ensina a sermos lentos ao falar quando nos forem propostos casos difíceis, e não disparar nossa resposta com rapidez. E quando formos provocados ou desafiados, devemos fazer uma pausa para fazermos considerações antes de responder, a pensar duas vezes antes de falar uma. O coração dos sábios pensa para responder. Nossa tradução de algumas cópias em grego, que acrescentam *me prospoioumenos* (embora

algumas cópias não incluam isto), dá esta explicação da razão pela qual Ele escreveu no chão, como se Ele não os tivesse ouvido. Ele fez como se estivesse olhando para outro lado, para mostrar que não estava disposto a prestar atenção nas palavras deles, dizendo, na verdade: “Quem me pôs a mim por juiz ou repartidor?” É seguro, em muitos casos, ser surdo àquilo a que não é seguro responder, Salmos 38.13. Cristo não deseja que seus ministros se envolvam em questões seculares. Ele deseja que eles sejam mais bem empregados em qualquer estudo lícito, e preencham seu tempo escrevendo no chão (ao que ninguém vai prestar atenção), e não se ocupem daquilo que não lhes pertence. Mas, embora parecesse que Cristo não estivesse ouvindo aqueles homens, Ele deu a entender que não somente tinha ouvido suas palavras, mas que também conhecia seus pensamentos.

(2) Quando, de modo inoportuno, ou melhor, impertinente, o pressionaram em busca de uma resposta, Ele voltou a condenação da prisioneira sobre os acusadores, v. 7.

[1] Eles continuaram perguntando a Ele, e o fato de que Ele parecesse não prestar atenção os fez mais veementes, pois agora eles tinham certeza de que o tinham deixado sem saída, e que Ele não poderia evitar a imputação de contradizer a lei de Moisés, se absolvesse a prisioneira, ou sua própria doutrina de misericórdia e perdão, se a condenasse, e por isto eles apelavam a Ele vigorosamente, embora pudessem ter interpretado sua desatenção para com eles como uma reprovação aos seus desígnios, e uma sugestão para que desistissem, enquanto provavam sua própria reputação.

[2] Por fim, Ele os envergonha e silencia com uma palavra: Ele se endireitou, como se estivesse despertando de um sono (Sl 78.65), e lhes disse: “Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”.

Em primeiro lugar, aqui Cristo evita a armadilha que eles lhe tinham preparado, e efetivamente salva sua própria reputação. Ele não refletiu sobre a lei nem desculpou a culpa da prisioneira, nem, por outro lado, incentivou a acusação ou estimulou seu calor. Veja o bom resultado da reflexão. Quando não pudermos expressar diretamente o que desejamos, é bom que falemos utilizando certos artifícios de linguagem.

Em segundo lugar, “na rede que ocultaram ficou preso o seu pé”. Eles podem ter vindo com desejos de acusá-lo, mas foram forçados a acusar a si mesmos. Cristo reconheceu que era adequado que a prisioneira fosse

acusada, mas apelou às suas consciências se eles eram adequados para serem os acusadores.

a. Aqui Ele se refere à regra que a lei de Moisés prescreveu na execução de criminosos, de que a mão das testemunhas seria primeiro contra eles (Dt 17.7), como no apedrejamento de Estêvão, Atos 7.58. Os escribas e fariseus eram as testemunhas contra esta mulher. Agora Cristo lhes pergunta se, de acordo com sua própria lei, ousariam ser os executores. Ousariam eles tirar, com suas mãos, aquela vida que estavam agora tirando com suas línguas? Suas consciências não se lhes oporiam, caso o fizessem?

b. Ele constrói uma máxima incontestável de moralidade, pela qual é completamente absurdo que os homens sejam zelosos em punir as ofensas de outros, enquanto eles mesmos são completamente culpados, e não sejam melhores do que auto-condenados que julgam os outros. Porém, existem aqueles que ainda assim fazem a mesma coisa: "Se houver algum entre vocês que esteja sem pecado, sem pecado desta natureza, que não tenha nunca, em nenhuma ocasião, sido culpado de fornicação ou adultério, que atire a primeira pedra sobre ela". Os magistrados, que estavam conscientes da culpa em si mesmos, não poderiam, portanto, ser coniventes com a culpa de outros. Por isto: (*a*) Quando encontrarmos faltas em outros, devemos refletir sobre nós mesmos, e ser mais severos contra o pecado em nós do que nos outros. (*b*) Nós devemos ser favoráveis, embora não aos pecados, mas às pessoas, daqueles que ofendem, e restabelecê-las com um espírito de mansidão, considerando a nós mesmos e à nossa própria natureza corrupta. *Aut sumus, aut fuimus, vel possumus esse quod hic est – Nós somos, ou já fomos, ou podemos ser o que ele é*. Devemos nos conter, e não atirar pedras em nossos irmãos. Não devemos divulgar suas faltas. Que aquele que esteja sem pecado comece um discurso como este, e então aqueles que estão verdadeiramente humilhados pelos seus próprios pecados enrubescerão e ficarão felizes em esquecer o assunto. (*c*) Aqueles que, de alguma maneira, são obrigados a observar as faltas dos outros devem se preocupar em olhar bem para si mesmos, e conservarem-se puros (Mt 7.5), *Qui alterum incusat probri, ipsum se intueri oportet*. Os apagadores do Tabernáculo eram de ouro puro.

c. Talvez Ele se refira ao julgamento da mulher de quem o marido ciumento suspeita, movido pelo ciúme. O homem devia trazê-la perante o sacerdote (Nm 5.15), assim como os escribas e fariseus tinham trazido esta

mulher perante Cristo. Era uma opinião admitida pelos judeus, e confirmada pela experiência, que, se o marido que trazia sua esposa para este julgamento tivesse sido, em alguma ocasião, culpado de adultério, *Aquae non explorant ejus uxorem – A água amarga não terá efeito sobre a esposa*. "Então", diz Cristo, "Eu julgarei vocês de acordo com sua própria tradição. Se vocês estão sem pecado, levantem-se para a acusação, e que a adúltera seja executada. Mas, se ela for culpada, enquanto vocês, que a apresentam, também forem igualmente culpados, ela ficará livre de acordo com a regra que vocês mesmos estabeleceram".

d. Com isto, Ele cumpria a grande missão para a qual Ele veio ao mundo, que era trazer os pecadores ao arrependimento. Não para destruir, mas para salvar. Ele desejava trazer, não apenas a prisioneira ao arrependimento, mostrando-lhe sua misericórdia, mas também seus acusadores, mostrando-lhes seus pecados. Eles procuravam apanhá-lo em uma armadilha, Ele procurava convencê-los e convertê-los. Assim, "os homens sanguinários aborrecem aquele que é sincero, mas os retos procuram o seu bem".

[3] Tendo lhes dito estas palavras assombrosas, Ele os deixou considerando-as, e "tornando a inclinar-se, escrevia na terra", v. 8. Como quando eles se dirigiram a Ele, Ele pareceu dar pouca importância à sua pergunta, também agora que lhes tinha dado uma resposta, Ele dava pouca importância ao ressentimento deles, não se importando com o que eles diriam. Na verdade, eles não precisavam responder nada. A questão se alojava em seus próprios corações, que eles aproveitem o melhor dela. Ou, Ele não pareceu esperar por uma resposta, para que eles não se justificassem repentinamente, e então se julgassem presos pela honra a persistir no julgamento, mas lhes deu tempo para pensarem e se comunicarem com seus próprios corações. Deus diz: "Eu escutei e ouvi", Jeremias 8.6. Algumas cópias em grego trazem aqui as seguintes palavras: "Ele escrevia na terra, *enos hekastou auton tas hamartias – os pecados de cada um deles*". Isto Ele podia fazer, pois nossas iniqüidades estão diante dele, e isto Ele fará, pois Ele as apresentará diante de nós também. Ele sela nossas transgressões, Jó 14.17. Mas Ele não escreve os pecados dos homens na areia. Não, eles são escritos com um ponteiro de ferro, com ponta de diamante (Jr 17.1), para nunca serem esquecidos, até que sejam perdoados.

[4] Os escribas e fariseus ficaram tão estranhamente aturdidos com as palavras de Cristo, que abandonaram sua perseguição a Cristo, a quem não

mais tentaram, e a perseguição à mulher, a quem não mais acusaram (v. 9): “Saíram um a um”.

Em primeiro lugar, talvez o fato de que Ele estivesse escrevendo na terra os assustasse, como os dedos que escreviam na parede assustaram a Belsazar (Dn 5.5). Eles concluíram que Ele estava escrevendo coisas amargas contra eles, escrevendo sua condenação. Felizes são aqueles que não têm motivos para temer o que Cristo escreve!

Em segundo lugar, o que Ele disse os assustou, porque os remeteu às suas próprias consciências. Ele lhes tinha mostrado a si mesmos, e eles tiveram medo de ficar até que Ele se erguesse novamente, pois acreditavam que sua próxima palavra seria mostrá-los ao mundo, e envergonhá-los diante dos homens, e por isto julgaram melhor retirar-se. Eles saíram um a um, para que pudessem sair delicadamente, e não perturbar a Cristo com uma fuga ruidosa. Eles saíram furtivamente, como as pessoas envergonhadas fazem quando fogem da peleja, 2 Samuel 19.3. A ordem da sua partida é observada, começando pelos mais velhos (ou porque fossem os mais culpados, ou porque estivessem mais conscientes do perigo que corriam de se envergonharem). E, se os mais velhos deixam o campo, e se retiram sem glória, não admira que os mais jovens os sigam. Veja aqui: 1. A força da palavra de Cristo para a condenação dos pecadores: aqueles que a ouviam eram acusados pelas suas próprias consciências. A consciência é a representante de Deus na alma, e uma única palavra dele se põe em ação, Hebreus 4.12. Aqueles que eram veteranos em adultérios, e, há muito, haviam fixado uma orgulhosa opinião de si mesmos, estavam aqui, até mesmo os mais velhos deles, atemorizados pela palavra de Cristo. Até mesmo os escribas e fariseus, que tinham mais orgulho de si mesmos, são, pelo poder da palavra de Cristo, levados a retirar-se envergonhados. 2. A tolice dos pecadores sob estas acusações, como mostram estes escribas e fariseus. (1) É tolice que aqueles que são acusados assumam como sua principal preocupação evitar a vergonha, como Judá (Gn 38.23): “Para que porventura não venhamos a cair em desprezo”. Nossa preocupação deve ser mais salvar nossas almas do que salvar nossa credibilidade. Saul evidenciou sua hipocrisia quando disse: “‘Pequei; honra-me’, te rogo”. Não há maneira de obter a honra e o consolo dos penitentes, exceto removendo sua vergonha. (2) É tolice que aqueles que são acusados tramem como transferir suas condenações e livrar-se delas. Os escribas e fariseus tiveram a ferida

aberta, e agora deviam estar desejosos de examiná-la, e então ela poderia ser curada, mas isto era o que eles temiam e recusaram fazer. (3) É tolice que aqueles que são acusados se afastem de Jesus Cristo, como estes fizeram, pois Ele é o único que pode curar as feridas da consciência, e nos trazer a paz. Aqueles que são acusados pelas suas consciências serão condenados pelo seu Juiz, se não forem justificados pelo seu Redentor. E estes se afastam dele? Para onde irão?

[5] Quando os acusadores arrogantes deixaram o campo, e fugiram pela vergonha, a prisioneira que se auto-condenava permaneceu, com a determinação de esperar o julgamento do nosso Senhor Jesus. O grupo de escribas e fariseus deixou Jesus em paz, livre das suas perturbações, e também deixou a mulher, em pé no meio da assembléia que assistia à pregação de Cristo, onde a tinham colocado, v. 3. Ela não procurou fugir, embora tivesse a oportunidade de fazê-lo, mas seus acusadores tinham apelado a Jesus, e a Ele ela iria. Nele, ela iria esperar sua condenação. Observe que aqueles cuja causa é trazida diante do nosso Senhor Jesus nunca terão oportunidade de levá-la a nenhum outro tribunal, pois Ele é o refúgio dos penitentes. A lei que nos acusa, e convoca o julgamento contra nós, é, pelo Evangelho de Cristo, levada a retirar-se. Suas exigências são atendidas, e seus clamores, silenciados, pelo sangue de Jesus. Nossa causa está perante o tribunal do Evangelho. Nós somos deixados a sós com Jesus. É somente com Ele que devemos tratar agora, pois a Ele foi entregue todo o julgamento. Portanto, asseguremos nosso interesse nele, e estaremos salvos para sempre. Que o Evangelho nos governe, e ele infalivelmente nos salvará.

[6] Aqui está a conclusão do julgamento, e seu resultado: “Endireitando-se Jesus e não vendo ninguém...”, vv. 10,11. Embora possa parecer que Cristo não preste atenção ao que é dito e feito, e que os filhos dos homens lutem uns contra os outros em meio às suas contendas, quando chegar a hora de pronunciar seu julgamento, Ele não manterá silêncio. Quando Davi tinha apelado a Deus, ele orou: “Levanta-te, Senhor”, Salmos 7.6; 94.2 (versão NTLH). A mulher, provavelmente, ficou tremendo no tribunal, como alguém em dúvidas quanto ao resultado. Cristo era sem pecado, e podia atirar a primeira pedra, mas, embora não exista ninguém mais severo contra os pecados do que Ele, pois Ele é infinitamente justo e santo, não existe ninguém mais compassivo do que Ele para com os pecadores, pois Ele é infinitamente cheio de graça e misericordioso, e esta pobre malfeitora descobre isto, agora que espera pela libertação. Aqui está o método que as cortes de magistratura observavam.

Em primeiro lugar, os acusadores são chamados: “Onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?” Ninguém, exceto Cristo, sabia onde eles estavam. Mas Ele perguntou, para poder envergonhar aqueles que recusaram seu julgamento, e para incentivar aquela que decidiu esperar por

ele. O desafio do apóstolo Paulo é como este: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?” Onde estão seus acusadores? O acusador dos irmãos será, com razão, afastado, e todas as acusações serão legalmente e regularmente canceladas.

Em segundo lugar, eles não aparecem quando a pergunta é feita: “Ninguém te condenou?” Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Ela fala com Cristo respeitosamente, chamando-o de Senhor, mas não diz nada a respeito dos seus acusadores, não diz nada em resposta à pergunta a respeito deles: “Onde estão aqueles teus acusadores?” Ela não triunfa com a retirada deles, nem os insulta como testemunhas contra si mesmos, nem contra ela. Se nós esperamos ser perdoados pelo nosso Juiz, nós devemos perdoar nossos acusadores. E se as acusações deles, por mais dolorosas que sejam, forem a feliz oportunidade para despertar nossas consciências, nós podemos facilmente perdoar-lhes este erro. Mas ela respondeu à pergunta que dizia respeito a ela: “Ninguém te condenou?” Os verdadeiros penitentes julgam que é suficiente prestar contas de si mesmos a Deus, e não se empenham em prestar contas de outras pessoas.

Em terceiro lugar, a prisioneira é, desta maneira, absolvida: “Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais”. Considere isto:

a. Como sua absolvição da punição temporal. “Se eles não a condenam a ser apedrejada até à morte, tampouco Eu o farei”. Não que Cristo tenha vindo desarmar o magistrado, tirando-lhe sua espada de justiça, nem que sua vontade seja que as penas de morte não sejam aplicadas aos malfeitores nos países em que ela é parte da justiça. Longe disto, a administração de justiça pública é estabelecida pelo Evangelho, e deve se tornar subserviente ao reino de Cristo: “Por mim, reinam os reis”. Mas Cristo não condenaria esta mulher: (*a*) Porque esta não era sua função. Ele não era juiz nem divisor, e por isto não se intrometeria em questões seculares. Seu reino não era deste mundo. *Tractent fabrilia fabri – Que cada um atue na sua própria esfera de ação*. (*b*) Porque ela era acusada por aqueles que eram mais culpados do que ela, e não puderam, por vergonha, insistir na sua exigência de justiça contra ela. A lei indicava as mãos das testemunhas para serem as primeiras sobre o criminoso, e, depois, as mãos de todo o povo, de modo que, se os acusadores dessa mulher fugiram, e não a condenaram, a acusação foi anulada. A justiça de Deus, ao infligir julgamentos temporais, às vezes observa um julgamento comparativo, e poupa aqueles que, de outra

maneira, seriam odiosos, quando a punição destes só iria satisfazer àqueles que são piores do que eles, Deuteronômio 32.26,27. Mas quando Cristo a absolveu, foi com esta advertência: “Vai-te e não peques mais”. A impunidade incentiva os malfeitores. Portanto, aqueles que são culpados e encontram um meio de escapar à força da lei, precisam redobrar sua vigilância, para que Satanás não obtenha alguma vantagem. Quanto mais justa for a absolvição, mais justa será a advertência para ir e não pecar mais. Aqueles que desejam ajudar a salvar a vida de um criminoso devem, como Cristo fez aqui, ajudar a salvar sua alma através desta advertência.

b. Como sua absolvição da punição eterna. Pois Cristo dizer: “Eu não te condeno”, na verdade, significa: “Eu te perdôo”. E “o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados”, e pode, com bom fundamento, dar esta absolvição, pois assim como Ele conhecia a dureza e os corações impenitentes dos acusadores, e por isto disse aquilo que os confundiu, também Ele conhecia a ternura e o sincero arrependimento da prisioneira, e por isto disse o que a confortaria: “Nem Eu também te condeno”, assim como fez com aquela mulher que era uma pecadora como esta, que, da mesma maneira, foi desprezada por um fariseu (Lc 7.48,50): “Os teus pecados te são perdoados... vai-te em paz”. Observe: (*a*) São verdadeiramente felizes aqueles a quem Cristo absolve, pois sua absolvição é uma resposta suficiente a todas as outras acusações. Elas são todas *coram non judice – diante de um juiz não autorizado*. (*b*) Cristo não irá condenar aqueles que, embora tenham pecado, irão e não mais pecarão, Salmos 85.8; Isaías 55.7. Ele não usará a vantagem que tem contra nós, das nossas rebeliões anteriores, se apenas abaixarmos as armas e retornarmos à nossa fidelidade. (*c*) A graça de Cristo para nós, na remissão dos pecados passados, deve ser um argumento predominante para que não pequemos mais, Romanos 6.1,2. Cristo não vai lhe condenar? Então vá, e não peque mais.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 12-20

O restante do capítulo está repleto de debates entre Cristo e os pecadores que o contradiziam, que criticavam até as palavras mais cheias de graça que

saíam dos seus lábios santos. Não se sabe ao certo se estas discussões ocorreram no mesmo dia em que a mulher adúltera foi absolvida. É provável que sim, pois o evangelista não menciona outro dia, e observa (v. 2) como Cristo tinha começado cedo este dia de trabalho. Embora aqueles fariseus que acusavam a mulher tivessem fugido, ainda havia outros fariseus (v. 23) para confrontar a Cristo, com suficiente bronze em suas testas para se conservarem estimulados, embora alguns do seu grupo tivessem sido levados a uma retirada vergonhosa. Ou melhor, talvez isto os tornasse mais empenhados em discutir com Ele, para recuperar, se possível, a reputação do grupo frustrado. Nestes versículos, temos:

I A apresentação de uma grande doutrina, e sua aplicação.

1. A doutrina é que Cristo é a luz do mundo (v. 12): “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez”. Embora Ele já tivesse lhes falado muitas coisas, aparentemente alcançando poucos resultados, e o que Ele dizia fosse contrariado, ainda assim Ele lhes falou outra vez, pois Ele “fala uma e duas vezes”. Eles se fizeram de surdos ao que Ele dizia, e Ele novamente falou a eles, dizendo: “Eu sou a luz do mundo”. Observe que Jesus Cristo é a luz do mundo. Um dos rabinos diz que “Luz” é o nome do Messias, como está escrito, Daniel 2.22: “E com Ele mora a luz”. Deus é luz, e Cristo é a “imagem do Deus invisível”, Deus dos deuses, Luz das luzes. Esperava-se que Ele fosse uma luz para alumiar as nações (Lc 2.32), e assim a luz do mundo, e não somente da igreja judaica. A luz visível do mundo é o sol, e Cristo é o Sol da Justiça. Um sol ilumina o mundo inteiro, e assim um Cristo, e não há necessidade de mais. Ao dizer que é a luz, Cristo expressa: (1) O que Ele é em si mesmo – totalmente excelente e glorioso. (2) O que Ele é para o mundo – a fonte de luz que ilumina cada homem. Que masmorra seria o mundo sem o sol! Também o seria sem Cristo, por cujo intermédio “a luz veio ao mundo”, cap. 3.19.

2. A conclusão desta doutrina é: “Quem me segue”, como um viajante segue a luz em uma noite escura, “não andará em trevas, mas terá a luz da vida”. Se Cristo é a luz, então: (1) É nosso dever segui-lo, submeter-nos à sua orientação, e, em tudo, aceitar suas instruções no caminho que leva à felicidade. Muitos seguem *falsas luzes – ignes fatui*, que os levam à destruição, mas Cristo é a verdadeira luz. Não é suficiente olharmos para esta luz, e contemplá-la, devemos segui-la, crer nela e andar nela, pois é

uma luz para nossos pés, e não somente para nossos olhos. (2) É a felicidade daqueles que seguem a Cristo o fato de que não andam em trevas. Eles não serão deixados destituídos, no caminho da verdade, daquelas instruções que são necessárias para protegê-los do erro destruidor, e no caminho do dever, daquelas instruções que são necessárias para protegê-los do pecado condenador. Eles terão a luz da vida, o conhecimento e a satisfação de Deus que serão para eles a luz da vida espiritual neste mundo e na vida eterna do outro mundo, onde não haverá morte nem trevas. Sigamos a Cristo, e seremos indubitavelmente felizes em ambos os mundos. Sigamos a Cristo, e o seguiremos até o céu.

II A objeção extremamente insignificante e frívola que os fariseus fazem contra esta doutrina: “Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro”, v. 13. Nesta objeção, eles seguiram a suspeita que nós comumente temos da auto-condenação dos homens, que podemos concluir que é a linguagem nativa do amor, próprio que somos tão dispostos a condenar em outros, mas que poucos estão dispostos a reconhecer em si mesmos. Porém, neste caso, a objeção era muito injusta, pois: 1. Eles fizeram disto seu crime, e a diminuição da credibilidade da sua doutrina, que, no caso de alguém que apresentava uma revelação divina, era necessária e inevitável. Moisés e todos os profetas não deram testemunho de si mesmos, quando afirmavam que eram mensageiros de Deus? Os fariseus não perguntaram a João Batista: “Que dizes de ti mesmo?” 2. Eles negligenciaram o testemunho de todas as outras testemunhas, que corroboravam o testemunho que Jesus dava de si mesmo. Se somente Ele tivesse dado testemunho de si mesmo, seu testemunho teria, realmente, sido suspeito, e a fé nele poderia ter sido interrompida, mas sua doutrina era confirmada por mais do que duas ou três testemunhas confiáveis, suficientes para confirmar cada palavra dela.

III A resposta de Cristo a esta objeção, v. 14. Ele não devolve a acusação a eles, como poderia ter feito (“Vocês professam ser homens bons e devotos, mas seu testemunho não é verdadeiro”), mas simplesmente se defende. E, embora Ele tivesse evitado seu próprio testemunho (cap. 5.31), ainda assim aqui Ele se atém a ele, para que não diminuísse a credibilidade das suas outras evidências, mas era necessário mostrar-lhes a força delas.

Ele é a luz do mundo, e é propriedade da luz ter evidência própria. Os primeiros princípios se provam. Ele insiste em três coisas que provam que seu testemunho, ainda que sendo de si mesmo, era verdadeiro e convincente.

1. Que Ele era consciente de sua própria autoridade, e que estava plenamente satisfeito a respeito dela. Ele não fala como alguém inseguro, nem propõe uma noção discutível, sobre a qual Ele mesmo hesitasse, mas promulga um decreto e dá uma explicação a respeito de si mesmo, e se atém a ela: “Sei de onde vim e para onde vou”. Ele estava completamente familiarizado com sua missão, desde o início até o final. Sabia de quem era a missão que Ele realizava, e qual seria seu sucesso. Ele sabia o que Ele era antes da sua manifestação ao mundo, e o que Ele seria depois dela, que Ele vinha do Pai e ia para Ele (cap. 16.28), vinha da glória e ia para a glória (cap. 17.5). A satisfação de todos os bons cristãos consiste no fato de que, embora o mundo não os conheça, como não conhecia a Jesus, ainda assim eles sabem de onde vem sua vida espiritual e para onde vai, e caminham sobre terreno seguro.

2. Que eles são muito incompetentes para julgá-lo, e à sua doutrina, e não devem ser levados em consideração. (1) Porque eram ignorantes, voluntariamente e decididamente ignorantes: “Vós não sabeis de onde vim, nem para onde vou”. Que objetivo há em falar com aqueles que não sabem nada sobre o assunto, nem desejam saber? Ele lhes tinha contado da sua vinda do céu, e que iria voltar para o céu, mas isto era uma tolice para eles, eles não aceitavam. “O homem brutal nada sabe”, Salmos 92.6. Eles se incumbiam de julgar o que não compreendiam, aquilo que estava fora do seu conhecimento. Aqueles que desprezam os domínios e dignidades de Cristo, falam mal daquilo que não conhecem, Judas 8,10. (2) Porque eram parciais (v. 15): “Vós julgais segundo a carne”. Quando a sabedoria da carne dita a regra do julgamento, e somente a aparência externa é dada como evidência, e o caso é decidido de acordo com estas, então os homens julgam segundo a carne. E quando a consideração de um interesse secular move a balança no julgamento de questões espirituais, quando nós julgamos a favor daquilo que agrada à mente carnal, e nos recomenda a um mundo carnal, então nós julgamos segundo a carne. E o julgamento não pode estar certo, se a regra estiver errada. Os judeus julgavam a Cristo e ao seu Evangelho segundo as aparências externas. E, por Ele parecer tão humilde,

julgavam impossível que Ele fosse a luz do mundo. Como se o sol, encoberto por uma nuvem, não fosse mais o sol. (3) Porque eram injustos com relação a Ele, o que é sugerido nisto: "'Eu a ninguém julgo'. Eu não me intrometo nas suas questões políticas, nem minha doutrina se entrincheira contra seus direitos civis ou poderes seculares, nem interfere neles". Ele não julgava a ninguém. Se Ele não militava segundo a carne, era muito pouco razoável que eles o julgassem segundo a carne, e o tratassem como alguém que ofendia o governo civil. Ou: "Eu a ninguém julgo", isto é, "não agora, na minha primeira vinda, mas isto está adiado até que eu venha novamente", cap. 3.17. *Prima dispensatio Christi medicinalis est, non judicialis – A primeira vinda de Cristo teve o propósito de administrar, não a justiça, mas o remédio.*

3. Que seu testemunho de si mesmo era suficientemente apoiado e corroborado pelo testemunho do seu Pai, com Ele e por Ele (v. 16): "E, se, na verdade, julgo, o meu juízo é verdadeiro". Na sua doutrina, Ele julga (cap. 9.39), embora seu julgamento não seja político. Considere-o, então:

(1) Como um juiz, e seu próprio julgamento era válido: "Se eu julgo, Eu, que tenho autoridade de executar julgamentos, Eu, a quem todas as coisas são entregues, Eu, que sou o Filho de Deus, e que tenho o Espírito de Deus, se Eu julgo, meu juízo é verdadeiro, de incontestável retidão e autoridade incontrolável, Romanos 2.2. Se eu julgo, meu juízo deve ser verdadeiro, e então vocês serão condenados. Mas o dia do juízo ainda não é chegado, vocês ainda não serão condenados, mas poupados, e por isto agora Eu não julgo a ninguém", segundo Crisóstomo. O que torna seu julgamento irrepreensível é: [1] A conformidade do seu Pai com Ele: "Não sou eu só, mas eu e o Pai". Ele tem os conselhos de concordância do Pai para orientação. Assim como Ele estava com o Pai antes do mundo, formando os conselhos, também o Pai estava com Ele no mundo, acionando e executando estes conselhos, e nunca o deixou *inops consilii – sem conselhos*, Isaías 11.2. Havia todos os conselhos de paz (e também de guerra) "entre ambos", Zacarias 6.13. O Senhor Jesus também tinha o poder de concordância do Pai para autorizar e confirmar aquilo que Ele fazia. Veja Salmos 89.21ss.; Isaías 42.1. Ele não agia separadamente, mas no seu próprio nome e no do seu Pai, e pela autoridade anteriormente mencionada, cap. 5.17; 14.9,10. [2] A comissão do seu Pai a Ele: "O Pai que me enviou". Observe que Deus acompanhará aqueles a quem Ele envia. Veja Êxodo

3.10,12: “Vem, e enviar-te-ei” e “Eu serei contigo”. Veja que, se Cristo tinha uma comissão do Pai, e a presença do Pai consigo em todas as suas administrações, sem dúvida seu julgamento era verdadeiro e válido. Não há exceção a este, nem qualquer apelação em relação a ele.

(2) Considere-o como um testemunho, e agora Ele não aparecia de outra maneira (não tendo ainda assumido o trono do julgamento), e como tal seu testemunho era verdadeiro e irrepreensível. Isto Ele mostra, vv. 17,18, onde:

[1] Ele cita uma máxima da lei dos judeus, v. 17. Que “o testemunho de dois homens é verdadeiro”. Não como se fosse sempre verdadeiro em si mesmo, pois muitas vezes mãos se uniam para dar um falso testemunho, 1 Reis 21.10. Mas isto era admitido como evidência suficiente sobre a qual basear um veredicto (*verum dictum*), e se não houvesse nada em contrário, era aceito como verdadeiro. Aqui se faz referência àquela lei (Dt 17.6): “Por boca de duas ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer”. E veja Deuteronômio 9.15; Números 35.30. Era exigida a presença de duas testemunhas a favor da vida em casos de pena de morte, como no nosso meio, em casos de traição. Veja Hebreus 6.18.

[2] Ele aplica isto ao caso em questão (v. 18): “Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou”. Eis as duas testemunhas! Nos tribunais humanos, onde duas testemunhas são exigidas, o criminoso ou acusado não tem a permissão de dar testemunho de si mesmo. Mas em uma questão puramente divina, que só possa ser provada por um testemunho divino, e o próprio Deus deva ser a testemunha, se a formalidade de duas ou três testemunhas for mantida, elas não poderão ser outras senão o eterno Pai, o eterno Filho do Pai e o eterno Espírito. Agora, se o testemunho de duas pessoas diferentes, que são homens, e, portanto, podem ser enganados, ou enganar, é conclusivo, muito mais deve ser o testemunho do Filho de Deus, a respeito de si mesmo, respaldado pelo testemunho do Pai a seu respeito, para obrigar a aceitação. Veja 1 João 5.7,9-11. Isto prova não apenas que o Pai e o Filho são duas pessoas diferentes (pois seus respectivos testemunhos são aqui mencionados como sendo testemunhos de duas pessoas diferentes), mas que eles são um só, não somente um só no seu testemunho, mas iguais em poder e glória, e, portanto, em substância. Austin aqui aproveita a oportunidade para alertar seus ouvintes contra o sabelianismo, por um lado, que confundia as pessoas da Divindade, e o arianismo, por outro lado, que negava a divindade do

Filho e do Espírito. *Alius est filius, et alius pater, non tamed aliud, sed hoc ipsum est et pater, et filius, scilicet unus Deus est – O Filho é uma Pessoa, e o Pai é outra. No entanto, Eles não constituem dois Seres, mas o Pai é o mesmo Ser que o Filho, isto é, o único Deus verdadeiro*. Tract. 36, *in Joann*. Aqui Cristo fala de si mesmo e do Pai como testemunhas ao mundo, dando evidência à razão e à consciência dos filhos dos homens, com quem Ele lida como homens. E estas testemunhas ao mundo agora, no grande dia, serão testemunhas contra aqueles que persistirem na incredulidade, e sua palavra irá julgar os homens.

Este é o resumo da primeira conversa entre Cristo e estes judeus carnais, em cuja conclusão nós lemos como suas línguas se soltaram, e suas mãos foram atadas.

Em primeiro lugar, como suas línguas se soltaram (tal era a maldade do inferno) para criticar as palavras de Jesus, v. 19. Embora naquilo que Ele dizia não aparecesse nada de política ou artifícios humanos, mas uma segurança divina, ainda assim eles se dispõem a interrogá-lo. Ninguém é tão irremediavelmente cego como aqueles que decidem não ver. Observe:

a. Como eles se esquivaram da convicção com uma crítica: "Disseram-lhe, pois: Onde está teu Pai?" Eles podiam ter compreendido facilmente, pelo teor desta e de outras conversas, que, quando Ele falava do seu Pai, Ele não se referia a ninguém senão ao próprio Deus. Ainda assim, eles fingiram compreender que Ele falava de uma pessoa comum e, como Ele apelava para seu testemunho, eles lhe pedem que chame sua testemunha, e o desafiam, se Ele puder, que o apresente: "Onde está teu Pai?" Assim, como Cristo tinha dito sobre eles (v. 15), eles julgam segundo a carne. Talvez eles pretendessem uma reflexão sobre a humildade e a obscuridade da sua família: "'Onde está teu Pai', que deveria ser capaz de dar evidências em um caso como este?" Dessa forma, eles o rejeitavam com um gracejo, quando não podiam resistir à sabedoria e ao espírito com que Ele falava.

b. Como Ele evitou a crítica com uma convicção adicional: Ele não disse a eles onde estava seu Pai, mas os acusou de ignorância voluntária: "'Não me conheceis a mim, nem a meu Pai'. É inútil conversar convosco sobre coisas divinas, pois falais delas como os cegos conversam sobre cores. Pobres criaturas! Vós não sabeis nada sobre o assunto". (*a*) O Senhor Jesus os acusa de ignorância a respeito de Deus: "Não conheceis a meu Pai". Deus era conhecido em Judá (Sl 76.1). Eles tinham algum conhecimento

sobre Ele, como aquele Deus que criou o mundo, mas seus olhos estavam obscurecidos e eles não podiam ver a luz da sua glória brilhando no rosto de Jesus Cristo. Os filhinhos da igreja cristã conhecem o Pai, conhecem-no como o Pai (1 Jo 2.13), mas estes governantes dos judeus não, porque não queriam conhecê-lo. (*b*) Ele lhes mostra a verdadeira causa da sua ignorância sobre Deus: "Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai". A razão pela qual os homens são ignorantes sobre Deus é o fato de que não conhecem a Jesus Cristo. Se conhecêssemos a Cristo: [*a*] Ao conhecê-lo, conheceríamos o Pai, de cuja pessoa Ele é a imagem expressa, cap. 14.9. Crisóstomo prova, então, a divindade de Cristo e sua igualdade com seu Pai. Nós não podemos dizer: "Aquele que conhece um homem conhece um anjo", nem: "Aquele que conhece uma criatura conhece o Criador", mas aquele que conhece a Cristo conhece o Pai. [*b*] Por Ele, deveríamos ser instruídos no conhecimento de Deus, o Pai, e no conhecimento dele mesmo. Se conhecêssemos melhor a Cristo, conheceríamos melhor ao Pai. Mas, onde a religião cristã é desprezada e combatida, a religião natural em breve será perdida e negligenciada. O deísmo abre o caminho para o ateísmo. Aqueles que não aprendem a respeito de Cristo tornam inúteis suas imaginações a respeito de Deus.

Em segundo lugar, veja como suas mãos estavam atadas, embora suas línguas estivessem soltas. Tal era o poder do céu para restringir a maldade do inferno. "Essas palavras", estas palavras corajosas, estas palavras de condenação e reprovação, Jesus pronunciou "no lugar do tesouro", um cômodo do Templo, onde, com certeza, os principais dos sacerdotes, que lucravam com sua santidade, ficavam a maior parte do tempo, cuidando dos assuntos da sua renda. Cristo ensinava no Templo, algumas vezes em um lugar, outras, em outro, conforme Ele via oportunidade. Agora os sacerdotes, que tinham tanto zelo pelo Templo, e que cuidavam dele como sua propriedade, podiam facilmente, com a ajuda dos servidores que esperavam seu sinal, ter prendido Jesus e o exposto à fúria da multidão, e àquela punição que eles chamavam de espancamento dos rebeldes. Ou, pelo menos, tê-lo silenciado, e calado sua boca ali, como Amós, embora tolerado na terra de Judá, foi proibido de profetizar no santuário do rei, Amós 7.12,13. Mas, mesmo no Templo, onde eles o tinham ao seu alcance, ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada sua hora. Veja aqui: 1. A restrição imposta aos seus perseguidores por um poder invisível. Nenhum

deles ousou intrometer-se com Ele. Deus pode estabelecer limites para a ira do homem, como Ele faz com as ondas do mar. Portanto, não temamos o perigo no caminho do dever, pois Deus tem Satanás e todos os seus instrumentos acorrentados. 2. A razão desta restrição: “Ainda não era chegada a sua hora”. A freqüente menção disto indica quanto a hora da nossa partida deste mundo depende do conselho e decreto de Deus. Ela virá, ela se aproxima. Ainda não chegou, mas chegará. Nossos inimigos não podem apressá-la, nem nossos amigos retardá-la, além do tempo indicado pelo Pai, o que é muito consolador para todo homem bom, que pode olhar para o alto e dizer, com prazer: “Os meus tempos estão nas tuas mãos”, Salmos 31.15, e é melhor que estejam nas mãos do Senhor do que em nossas próprias mãos. Sua hora ainda não era chegada, porque seu trabalho ainda não estava terminado, nem seu testemunho, concluído. Há um tempo certo para todos os propósitos de Deus.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 21-30

Aqui Cristo faz uma justa advertência aos judeus incrédulos e descuidados, para que considerassem qual seria a conseqüência da sua infidelidade, para que pudessem evitá-la antes que fosse tarde demais, pois Ele falava palavras de terror além de palavras de graça. Observe aqui:

I A ira ameaçada (v. 21): Jesus lhes disse “outra vez” aquilo que provavelmente deveria ser para o bem deles. Ele continuava a ensinar, com benignidade, àqueles poucos que recebiam sua doutrina, embora houvesse muitos que resistiam a ela, o que é um exemplo para os ministros continuarem no seu trabalho, a despeito da oposição, porque alguns se salvarão. Aqui Cristo muda seu tom. Era como se Ele tivesse “tocado” para eles, nas ofertas da sua graça, e eles não tivessem “dançado”. Agora Ele lamenta por eles, nas condenações da sua ira, para ver se eles se lamentariam. Ele disse: “Eu retiro-me, e buscar-me-eis e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou não podeis vós ir”. Cada palavra é terrível, e traduz julgamentos espirituais, que são os piores julgamentos, piores do que a guerra, a peste e o cativeiro, que os profetas do Antigo Testamento

denunciavam. Aqui os judeus são ameaçados em relação a quatro coisas:

1. A partida de Cristo do seu meio: “Eu retiro-me”, isto é: “Não tardará muito tempo até que Eu parta. Vocês não precisam se esforçar tanto para me expulsar do seu meio, Eu irei por mim mesmo”. Eles disseram ao Senhor Jesus: “Retira-te de nós; porque não desejamos ter conhecimento dos teus caminhos”, e Ele aceitou o que eles diziam. Mas ai daqueles de quem Cristo se afasta. Icabô, a glória se vai, nossa proteção se acaba, quando Cristo se vai. Cristo freqüentemente os advertia da sua partida, antes de deixá-los. Ele se despediu deles, como alguém que estava relutando partir, e desejando ser convidado, e desejando tê-los despertado para que se apegassem a Ele.

2. Sua inimizade com o verdadeiro Messias, e suas infrutíferas buscas de outro Messias quando este já tivesse ido, que era tanto seu pecado quanto sua punição: “Buscar-me-eis”, o que evidencia, ou: (1) Sua inimizade com o verdadeiro Cristo: “Vocês procurarão destruir meus interesses, perseguindo minha doutrina e meus seguidores com um infrutífero desígnio de extirpá-los”. Isto era uma contínua irritação e um tormento para eles, tornava sua natureza irremediavelmente má, e trazia a ira sobre eles (a de Deus e a deles mesmos) até o máximo. Ou: (2) Suas buscas de falsos Cristos: “Vocês irão continuar com suas expectativas do Messias, e desconcertadamente procurarão um Cristo futuro, quando Ele já terá vindo”. Como os sodomitas, que, feridos de cegueira, se cansaram para achar a porta. Veja Romanos 9.31,32.

3. Sua impenitência final: “Morrereis nos vossos pecados” (versão inglesa KJV). Aqui há um erro em todas as nossas Bíblias inglesas, até mesmo na antiga tradução dos bispos, e na de Genebra (com uma única exceção, a de Rheims), pois todas as cópias em grego trazem o singular, *en te hamartia hymon – no vosso pecado*, como também todas as versões em latim. E Calvino observou a diferença entre este versículo e o versículo 24, onde é plural, *tais hamartiais*, de modo que aqui a referência é especialmente ao pecado da incredulidade, *in hoc peccato vestro – no vosso pecado*. Observe que aqueles que vivem na incredulidade estarão destruídos para sempre, se morrerem na incredulidade. Ou isto pode ser interpretado de maneira geral: “Morrerão na sua iniqüidade”, como em Ezequiel 3.19; 33.9. Muitos que viveram muito tempo em pecado são, por meio da graça, salvos de morrer em pecado através de um arrependimento bastante oportuno, mas para aqueles que passam deste mundo de provação para aquele de retribuição

sob a culpa do pecado sem perdão, e sem romper o poder do pecado, não há mais alívio, nem mesmo a própria salvação será capaz de salvá-los, Jó 20.11; Ezequiel 32.27.

4. Sua separação eterna de Cristo e de toda a felicidade nele: “Para onde eu vou não podeis vós ir”. Quando Cristo deixou o mundo, Ele foi para um estado de felicidade perfeita. Ele foi para o paraíso. Para lá, Ele levou consigo o salteador penitente, que não morreu nos seus pecados. Mas não é que os impenitentes não irão até Ele por não quererem ir, eles não poderão ir. Isto é moralmente impossível, pois o céu não seria agradável para aqueles que morressem sem ser santificados e sem ser adequados para ele. O céu não seria um céu para estes. “Vocês não poderão vir, porque não terão o direito de entrar naquela Jerusalém”, Apocalipse 22.14. “Para onde eu vou, vocês não podem vir, para me buscar ali”. O Dr. Whitby está de acordo com este comentário, e este é o consolo de todos os bons cristãos, que, quando chegarem ao céu, eles estarão fora do alcance da maldade e da malícia dos seus inimigos.

II A maneira como eles zombaram desta ameaça. Em vez de tremerem com estas palavras, eles as desafiaram e as ridicularizaram (v. 22): “Porventura, quererá matar-se a si mesmo”. Veja aqui: 1. Que menosprezo eles demonstraram pelas ameaças de Cristo. Eles podiam se divertir, como aqueles que zombavam dos mensageiros do Senhor, e transformavam o “peso da palavra do Senhor” em um provérbio, e “mandamento sobre mandamento, regra sobre regra”, em uma alegre canção, Isaías 28.13. Mas “não mais escarneçais, para que vossas ligaduras se não façam mais fortes” (Is 28.22). 2. Que maus pensamentos eles tinham sobre o que Cristo queria dizer, como se Ele tivesse um desígnio desumano para sua própria vida, para evitar as indignidades feitas a Ele, como Saul. “Isto é realmente”, dizem eles, “ir para onde não podemos segui-lo, pois nós nunca iremos nos matar”. Assim, eles o julgam não somente como alguém semelhante a eles mesmos, mas pior. Porém, nas calamidades trazidas pelos romanos sobre os judeus, muitos deles, descontentes e desesperados, vieram a se matar. Eles tinham atribuído um significado muito mais favorável a estas suas palavras (cap. 7.34,35): “Irá, porventura, para os dispersos entre os gregos?” Mas veja como a maldade tolerada cresce, cada vez mais perversa.

III A confirmação do que Ele havia dito.

1. Ele tinha dito: “Para onde eu vou não podeis vós ir”, e aqui Ele dá a razão disto (v. 23): “Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo”. Vocês são *ek ton kato – das coisas de baixo*, observando, não tanto a subida deles desta condição inferior, quanto o afeto deles por estas coisas inferiores. “Vocês estão com estas coisas, como aqueles que pertencem a elas. Como vocês podem vir para onde eu vou, quando o espírito e a disposição de vocês são tão diretamente contrários aos meus?” Veja aqui: (1) O que era o espírito do Senhor Jesus – não deste mundo, mas de cima. Ele estava completamente morto para a riqueza do mundo, o conforto do corpo e o elogio dos homens, e completamente tomado pelas coisas divinas e celestiais. E ninguém estará com Ele, exceto aqueles que nasceram de cima e têm sua comunhão com o céu. (2) Como o espírito deles era contrário a isto: “Vós sois de baixo… vós sois deste mundo”. Os fariseus tinham um espírito mundano e carnal. E que comunhão Cristo poderia ter com eles?

2. Ele tinha dito: “morrereis em vossos pecados”, e aqui Ele confirma isto: “Por isso, vos disse que morrereis em vossos pecados, porque sois de baixo”. E Ele lhes dá uma razão adicional para isto: “Se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados”, v. 24. Veja aqui: (1) O que é exigido que creiamos: “Que eu sou” Ele, *hoti ego eimi* – que Eu sou, que é um dos nomes de Deus, Êxodo 3.14. Era o Filho de Deus que ali dizia: *Ehejeh asher Ehejeh – Eu sou o que sou*, pois a libertação de Israel era apenas um exemplo das boas coisas futuras, mas agora Ele diz: “Eu sou Ele, aquele que viria, aquele que vocês esperam que o Messias seja, que vocês desejam que Eu seja para vocês. Eu sou mais do que o simples nome do Messias. Eu não somente me chamo assim, mas eu sou Ele”. A fé verdadeira não diverte a alma com um som vazio de palavras, mas a influencia com a doutrina da mediação de Cristo, como uma coisa real que tem efeitos reais. (2) Como é necessário que nós creiamos nisto. Se não tivermos esta fé, morreremos nos nossos pecados, pois a questão está tão definida, que, sem esta fé: [1] Nós não poderemos ser salvos do poder do pecado enquanto vivermos, e, portanto, certamente continuaremos a lutar contra ele até o final. Nada, exceto a doutrina da graça de Cristo, será um argumento suficientemente poderoso, e ninguém, exceto o Espírito da graça de Cristo, será um agente suficientemente poderoso, para nos levar do pecado para Deus. E este

Espírito é dado, e esta doutrina é dada, para terem efeito somente sobre aqueles que crêem em Cristo, de modo que, se Satanás não estiver destituído pela fé, ele terá a autoridade sobre a alma, durante sua vida. Se Cristo não nos curar, nossa situação será desesperadora, e nós morreremos nos nossos pecados. [2] Sem a fé, nós não poderemos ser salvos da punição do pecado quando morrermos, pois a ira de Deus permanece sobre aqueles que não crêem, Marcos 16.16. A incredulidade é o pecado que condena, é um pecado contra a cura. Isto implica na grande promessa do Evangelho. Se nós crermos que Cristo é Ele, e o recebermos de modo adequado, nós não morreremos nos nossos pecados. A lei diz absolutamente a todos, como Cristo disse (v. 21): "Morrereis no vosso pecado", pois todos nós somos culpados diante de Deus, mas o Evangelho é uma rescisão da obrigação mediante a condição da fé. A maldição da lei é cancelada e anulada a todos os que se submetem à graça do Evangelho. Os crentes morrem em Cristo, no seu amor, nos seus braços, e, desta maneira, são salvos de morrer nos seus pecados.

IV Aqui estão algumas palavras adicionais a seu respeito, ocasionadas pelo fato de que Ele exije a fé nele como a condição para a salvação, vv. 25-29. Observe:

1. A pergunta que os judeus lhe fazem (v. 25): "Quem és tu?" Eles perguntaram isto de modo zombeteiro, e não com desejo de serem instruídos. Ele tinha dito: "Vocês devem crer que Eu sou". Ao não dizer expressamente quem Ele era, Ele claramente indicou que, na sua pessoa, Ele era alguém que podia ser descrito por qualquer pessoa, e no seu ofício, alguém que era esperado por todos os que esperavam a redenção de Israel. Ainda assim, eles convertem esta terrível maneira de falar, que tinha tanto significado, em uma reprovação a Ele, como se Ele não soubesse o que dizer de si mesmo: "'Quem és tu', para que nós tenhamos, com uma fé implícita, que crer em ti? Teremos que crer que tu és algum poderoso ELE, que nós não sabemos quem ou o que é, nem somos dignos de saber?"

2. Sua resposta a esta pergunta, indicando-lhes três caminhos de informação:

(1) Ele os lembra daquilo que Ele tinha dito todo o tempo: "Vós perguntais quem Eu sou? 'Isso mesmo que já desde o princípio vos disse'". O original aqui é um pouco intrincado, *ten archen ho ti kai lalo hymin*, que

alguns interpretam da seguinte maneira: “Eu sou o princípio, o que também já disse a vocês” Assim Austin interpreta. Cristo é chamado *Arche – o princípio* (Cl 1.18; Ap 1.8; 21.6; 3.14), e isto está de acordo com o versículo 24: “Eu sou”. Compare Isaías 41.4: “Eu, o Senhor, o primeiro”. Aqueles que objetam que esta é uma declinação acusativa, e por isto não responde adequadamente a *tis ei*, devem tentar interpretar pelas regras gramaticais a expressão paralela, Apocalipse 1.8, *ho en*. Mas a maioria dos intérpretes concorda com nossa versão: “Vocês perguntam quem Eu sou?” [1] “Eu sou isso mesmo que disse a vocês já desde o princípio do tempo nas Escrituras do Antigo Testamento, o mesmo de quem desde o princípio se disse que era a Semente da mulher, que feriria a cabeça da serpente, o mesmo que em todas as épocas da igreja foi o Mediador do concerto, e a fé dos patriarcas”. [2] “‘Desde o princípio’ do meu ministério público”. O Senhor resolveu ater-se ao relato que já tinha dado a respeito de si mesmo. Ele tinha declarado ser o Filho de Deus (cap. 5.17), o Cristo (cap. 4.26), e o Pão da Vida, e tinha se apresentado como o objeto daquela fé que é necessária para a salvação. E Ele os lembra disto como uma resposta à pergunta deles. Cristo é plenamente coerente. O que Ele tinha dito desde o princípio, Ele ainda diz. Seu Evangelho é eterno.

(2) Ele os lembra do julgamento do seu Pai, e das instruções que havia recebido dele (v. 26): “‘Muito tenho que dizer’, mais do que podeis imaginar, tanto para vos dizer como para vos julgar. Mas por que eu ainda deveria me preocupar convosco? Eu sei muito bem que aquele que me enviou é verdadeiro, e estará do meu lado, e me apoiará, pois Eu ‘falo ao mundo’ (ao qual Eu sou enviado como um embaixador) estas coisas, todas estas e somente estas, ‘que dele tenho ouvido’” Aqui:

[1] Ele suprime sua acusação contra eles. Ele tinha muitas coisas de que acusá-los, e muitas evidências para apresentar contra eles, mas, no momento, Ele já tinha dito o suficiente. Observe que, quaisquer que sejam as revelações de pecado feitas a nós, aquele que sonda o coração ainda tem muito mais a julgar de nós, 1 João 3.20. Por mais que Deus ajuste as contas com os pecadores neste mundo, ainda haverá outro ajuste de contas, Deuteronômio 32.34. Aprendamos, então, a não nos apressarmos a dizer tudo o que podemos dizer, mesmo contra os piores dos homens. Podemos ter muitas coisas a dizer, sob a forma de censura, que ainda será melhor que não sejam ditas, pois o que isto terá a ver conosco?

[2] Ele apresenta sua apelação contra eles ao seu Pai: “Aquele que me enviou”. Aqui, duas coisas o consolam. Em primeiro lugar, que Ele tinha sido fiel ao seu Pai, e à confiança nele depositada: “Falo ao mundo” (pois seu Evangelho devia ser pregado a todos) “o que dele tenho ouvido”. Sendo dado como testemunha ao povo (Is 55.4), Ele era “o Amém, a testemunha fiel e verdadeira”, Apocalipse 3.14. Ele não ocultou sua doutrina, mas a falou ao mundo (sendo de interesse comum, seria de percepção comum). Nem a modificou ou alterou, nem se desviou das instruções que tinha recebido daquele que o enviou. Em segundo lugar, que seu Pai seria fiel a Ele. Fiel à promessa de que faria sua boca como uma espada aguda (Is 49.2). Fiel ao seu propósito a respeito dele, que era um decreto (Sl 2.7). Fiel às ameaças da sua ira contra aqueles que o rejeitassem. Embora Ele não os acusasse perante seu Pai, ainda assim o Pai, que o tinha enviado, sem dúvida ajustaria contas com eles, e seria fiel ao que tinha dito (Dt 18.19), que qualquer que não ouvisse as palavras daquele profeta que Deus apresentasse, teria que prestar contas. Cristo não os acusaria, “pois”, diz Ele, “aquele que me enviou é verdadeiro, e irá julgá-los, mesmo que Eu não exija o julgamento deles”. Desta forma, quando Ele abandona a acusação atual, Ele os prende ao dia do juízo, quando será tarde demais para discutir aquilo em que agora eles não podem ser persuadidos a crer. “Eu, como surdo, não ouvia... porque tu me ouvirás”, Salmos 38.13,15. Sobre esta parte das palavras do nosso Salvador, o evangelista tem uma observação melancólica (v. 27): eles “não entenderam que ele lhes falava do Pai”. Veja aqui: 1. O poder que Satanás tem de cegar as mentes daqueles que não crêem. Embora Cristo falasse tão claramente de Deus como seu Pai celestial, ainda assim eles não entenderam a quem Ele se referia, mas pensaram que Ele estivesse falando do pai que tinha na Galiléia. Assim, as coisas mais simples são enigmas e parábolas para aqueles que estão decididos a se apegar aos seus preconceitos. A noite e o dia são iguais para o cego. 2. A razão por que as ameaças da Palavra causam tão pouca impressão sobre as mentes dos pecadores. Porque eles não compreendem de quem é a ira que é revelada nelas. Quando Cristo lhes falou da verdade daquele que o tinha enviado, como um aviso para que se preparassem para seu julgamento, que é de acordo com a verdade, eles desprezaram o aviso, porque não entendiam de quem era o julgamento perante o qual eles se faziam tão odiosos.

(3) Ele fala das suas próprias convicções futuras, vv. 28,29. Ele enxerga que eles não o compreendem, e por isto adia o julgamento até que mais evidências tenham sido apresentadas. Aqueles que não vêem, verão, Isaías 26.11. Observe aqui:

[1] De que eles deveriam ter sido convencidos há muito tempo: "Vocês sabem que Eu sou, que Jesus é o verdadeiro Messias. Reconheçam ou não isto diante dos homens, vocês saberão disto nas suas próprias consciências, cujas convicções, embora vocês possam asfixiar, não podem frustrar: que Eu sou, não aquele que vocês dizem que Eu sou, mas aquele que Eu prego que sou, aquele que viria!" Eles deveriam se convencer de duas coisas. Em primeiro lugar, que Ele não fazia nada por si mesmo, não por si mesmo como homem, mas por si mesmo sozinho, por si mesmo sem o Pai, com quem Ele é um. Portanto, Ele não subestima seu próprio poder inerente, mas somente nega a acusação que lhe fazem, de falso profeta, pois dos falsos profetas está dito que eles profetizavam de seus próprios corações, e seguiam seus próprios espíritos. Em segundo lugar, que assim como seu Pai lhe ensinou, também Ele falava estas coisas, que Ele não era *autodidaktos – autodidata*, mas *Theodidaktos – ensinado por Deus*. A doutrina que Ele pregava era formada pelos próprios conselhos de Deus, com os quais Ele estava intimamente familiarizado. *Kathos edidaxe, tauta lalo* – Eu falo estas coisas, não somente o que Ele me ensinou, mas como Ele me ensinou, com o mesmo poder e autoridade divinos.

[2] Quando eles seriam convencidos disto: "Quando levantardes o Filho do Homem", quando o levantassem na cruz, como a serpente de metal sobre a haste (cap. 3.14), como os sacrifícios sob a lei (pois Cristo é o grande sacrifício), que, quando eram oferecidos, dizia-se que eram levantados. Por isto, as ofertas de holocaustos, as mais antigas e honrosas de todas, eram chamadas de elevações (*gnoloth*, de *gnolah, asendit – ele subiu*), e em muitas outras ofertas eles usavam a cerimônia significativa de levantar o sacrifício e apresentá-lo diante do Senhor. Assim, Cristo foi levantado. Esta expressão também pode indicar que sua morte foi sua exaltação. Aqueles que o levaram à morte pensaram que, com isto, tivessem destruído para sempre tanto a Ele como seus interesses, mas sua morte foi, na realidade, a promoção de ambos, cap. 12.24. Quando o Filho do Homem foi crucificado, o Filho do Homem foi glorificado. Cristo tinha chamado sua morte de sua partida. Aqui Ele a chama de sua elevação. Assim, a morte dos

santos, da mesma forma que é sua partida deste mundo, também é sua promoção para um mundo melhor. Observe que Ele se refere àqueles com quem está falando agora como instrumentos da sua morte: “Quando levantardes o Filho do Homem”. Não que eles fossem os sacerdotes que o ofereceriam (não, isto foi seu próprio ato, Ele se ofereceu), mas eles seriam seus traidores e assassinos. Veja Atos 2.23. Eles o levantaram na cruz, mas então Ele se elevou ao seu Pai. Observe com que ternura e suavidade Cristo aqui fala àqueles que Ele certamente sabia que o levariam à morte, para nos ensinar a não odiar a ninguém, nem procurar ferir a ninguém, ainda que possamos ter razão para pensar que eles nos odeiam e procuram nos ferir. Cristo aqui fala da sua morte como aquilo que seria uma convicção poderosa da infidelidade dos judeus. “Quando levantardes o Filho do Homem, então, conhecereis” isto. E por que então? Em primeiro lugar, porque as pessoas descuidadas e desatentas freqüentemente aprendem o valor das misericórdias pela necessidade delas, Lucas 17.22. Em segundo lugar, a culpa do pecado daqueles homens, ao levarem Cristo à morte, despertaria suas consciências de tal modo, que eles seriam levados a procurar seriamente um Salvador, e então saberiam que Jesus era aquele único que poderia salvá-los. E isto foi provado, quando, ouvindo que com mãos perversas eles tinham crucificado e assassinado o Filho de Deus, eles gritaram: “Que faremos?” E lhes foi dado a conhecer indubitavelmente que este Jesus era o Senhor e Cristo, Atos 2.36. Em terceiro lugar, haveria tais sinais e maravilhas na ocasião da sua morte, e o fato de o Senhor se levantar da morte na sua ressurreição daria uma prova mais forte de que Ele era o Messias do que qualquer que já tinha sido dada. E muitos, com isto, foram levados a crer que Jesus era o Cristo, muitos que anteriormente o haviam contradito e combatido. Em quarto lugar, pela morte de Cristo, foi comprado o derramamento do Espírito, que convenceria o mundo de que Jesus é o Senhor e o Salvador, cap. 16.7,8. Em quinto lugar, os julgamentos que os judeus trouxeram sobre si mesmos, ao levarem Cristo à morte, e que enchiam a medida da iniqüidade daqueles homens, eram uma convicção perceptível aos mais insensíveis entre eles de que Jesus era o Senhor e o Salvador. Cristo sempre tinha predito a desolação como a punição justa à incredulidade invencível que demonstravam, e quando isto viesse a acontecer (eis, chegou), eles não poderiam deixar de saber que o grande profeta tinha estado entre eles, Ezequiel 33.33.

[3] O que sustentava nosso Senhor Jesus neste ínterim (v. 29): "'Aquele que me enviou está comigo', na minha missão, pois o Pai (a fonte e o manancial desta questão, de quem, como sua grande Causa e seu grande Autor, ela deriva), não tem me deixado só, para lidar com isto sozinho, não desertou a missão ou a mim na sua execução, pois faço sempre o que lhe agrada". Aqui temos:

Em primeiro lugar, a certeza que Cristo tinha da presença do seu Pai consigo, o que inclui tanto um poder divino que o acompanhava, para capacitá-lo para seu trabalho, quanto uma graça divina que lhe foi manifestada, para incentivá-lo na sua missão. Aquele que me enviou está comigo, Isaías 42.1; Salmos 89.21. Isto incentiva enormemente nossa fé em Cristo e nossa confiança na sua palavra, de que Ele tinha, e sabia que tinha, seu Pai consigo, para confirmar a Palavra do seu Servo, Isaías 44.26. O Rei dos reis acompanhava seu próprio embaixador, para confirmar sua missão e auxiliar sua administração, e nunca o deixou sozinho, sentindo-se solitário ou fraco. Isto também agravava a iniqüidade daqueles que o combatiam, e era uma indicação da traição em que eles incorriam por resistirem a Ele, pois seriam considerados como estando combatendo contra o próprio Deus. Com que facilidade eles podiam pensar em esmagá-lo e destruí-lo, mesmo sabendo que Ele era apoiado por aquele que ninguém jamais seria capaz de combater. Tentar combater o Deus Criador é a maior loucura possível.

Em segundo lugar, a base da garantia que o Senhor Jesus possuía: "Porque eu faço sempre o que lhe agrada". Isto é: 1. Aquela grande missão na qual nosso Senhor Jesus estava continuamente engajado era uma missão que agradava muitíssimo ao Pai que o enviou. Sua missão como um todo é chamada de bom prazer do Senhor (Is 53.10), por causa dos pensamentos e conselhos da mente eterna a respeito dela, e por causa da auto-realização da mente eterna em relação a ela. 2. Sua condução desta missão não desagradava ao Pai em nada. Na execução da sua comissão, Ele observava pontualmente todas as suas instruções, e não se desviava de nenhuma delas. Nenhum mero homem, desde a queda, podia dizer algo como isto (pois, em muitas coisas, nós ofendemos a muitos), mas nosso Senhor Jesus nunca ofendeu ao seu Pai em nada, porém, como lhe convinha, cumpriu toda a justiça. Isto era necessário para a validação e o valor do sacrifício que Ele deveria oferecer, pois, se Ele tivesse, em alguma coisa, desagradado ao próprio Pai, e tivesse, desta forma, algum pecado próprio pelo qual

responder, o Pai não poderia estar satisfeito com Ele como a propiciação pelos nossos pecados. Mas tal sacerdote e tal sacrifício nos convêm porque eram perfeitamente puros e imaculados. Da mesma maneira, nós podemos aprender que os servos de Deus podem, então, esperar a presença de Deus consigo quando decidem fazer, e realmente fazem, as coisas que o agradam, Isaías 66.4,5.

V Aqui está o bom resultado que estas palavras de Cristo tiveram sobre alguns dos seus ouvintes (v. 30): “Dizendo Ele essas coisas, muitos creram nele” Observe: 1. Embora multidões pereçam na incredulidade, ainda há alguns, segundo a eleição da graça, que crêem na salvação da alma. Mesmo que Israel, como um conjunto de pessoas, não se deixe ajuntar, ainda há aqueles entre elas em quem Cristo será glorioso, Isaías 49.5. Nisto, o apóstolo insiste, para reconciliar a rejeição dos judeus com as promessas feitas aos seus pais. Ele fala de um remanescente, Romanos 11.5. 2. As palavras de Cristo, e particularmente suas palavras ameaçadoras, têm efeito, pela graça de Deus, para levar as pobres almas a crer nele. Quando Cristo lhes disse que se não cressem morreriam nos seus pecados, e nunca chegariam ao céu, eles pensaram que era o momento de olhar à sua volta, Romanos 1.16,18. 3. Às vezes, existe uma porta grande aberta, uma porta eficaz, mesmo onde existem muitos adversários. Cristo irá prosseguir com seu trabalho, apesar da fúria dos pagãos. Muitas vezes o Evangelho obtém grandes vitórias mesmo onde encontra grande oposição. Que isto incentive os ministros de Deus a pregarem o Evangelho, mesmo que com muitas lutas e dificuldades, pois eles não trabalharão em vão. Muitos podem ser secretamente levados a Cristo por aqueles esforços que são abertamente contraditados e criticados pelos homens de mentes corrompidas. Austin tem uma exclamação afetuosa na sua interpretação destas palavras: *Utinam et, me loquenti, multi credant; non in me, sed mecum in eo – Eu desejo que, quando eu falar, muitos possam crer; não em mim, mas que creiam nele, juntamente comigo.*

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 31-37

Nestes versículos, temos:

I Uma confortável doutrina a respeito da liberdade espiritual dos discípulos de Cristo, apresentada com o propósito de incentivar aqueles "judeus que criam nele". Sabendo que sua doutrina começava a operar em alguns dos seus ouvintes, e percebendo que virtude tinha sido emanada dele, Cristo desviou seu discurso dos orgulhosos fariseus, e dirigiu-se àqueles fracos crentes. Quando Ele tinha denunciado a ira contra aqueles que estavam insensíveis na incredulidade, Ele dirigiu palavras de consolo àqueles poucos e débeis "judeus que criam nele". Veja aqui:

1. Com que graça o Senhor Jesus olha para aqueles que "tremem diante da sua palavra", e estão dispostos a recebê-la. Ele tem algo a dizer àqueles que têm ouvidos para ouvir, e não passará por aqueles que se colocam em seu caminho, sem falar com eles.

2. Com que cuidado Ele aprecia os princípios da graça, e encontra aqueles que estão vindo em sua direção. Estes judeus que criam eram, ainda, muito fracos, mas Cristo não os afasta por isto, pois "entre os braços, recolherá os cordeirinhos". Quando a fé está no seu início, Ele tem condições para guiá-la, seios para que ela se alimente, para que não venha a morrer em um estágio inicial. Nas palavras que Ele lhes disse, nós encontramos duas coisas, que Ele disse a todos os que, em alguma ocasião, cressem:

(1) O caráter de um verdadeiro discípulo de Cristo: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos". Aqueles que criam nele, como sendo o grande profeta, entregavam-se para serem seus discípulos. Agora, ao serem admitidos em sua escola, Ele estabelece uma regra: Ele não reconheceria como seu discípulo a ninguém, exceto aqueles que permanecessem na sua palavra. [1] Isto indica que há muitos que se professam discípulos de Cristo que não são verdadeiramente seus discípulos, mas somente em aparência e nome. [2] Isto tem uma grande aplicação no caso daqueles que não são fortes na fé, para que procurem ser sãos na fé. Embora não sejam discípulos na forma mais forte possível, eles ainda são verdadeiros discípulos. [3] Aqueles que parecem desejosos de ser discípulos de Cristo devem saber que podem, igualmente, nunca vir até Ele, a menos que venham decididos, pela sua graça, a obedecê-lo. Que aqueles que estão dispostos a estabelecer uma aliança com Cristo não pensem em ter reservado algum poder para revogá-la. As

crianças são enviadas à escola, e se tornam aprendizes, somente por alguns poucos anos, mas só serão de Cristo aqueles que estiverem dispostos a permanecer unidos a Ele durante a vida toda. [4] Somente aqueles que permanecem na palavra de Cristo serão aceitos como seus verdadeiros discípulos, aqueles que aderem à sua palavra em cada situação, sem parcialidade, e que obedecem a ela até o fim, sem apostasia. O termo utilizado é *menein – permanecer* na palavra de Cristo, como um homem permanece em sua casa, que é seu centro, e seu repouso, e seu refúgio. Nosso relacionamento com a palavra e nossa conformidade a ela devem ser constantes. Se permanecermos como discípulos fiéis até o fim, então, e somente então, seremos aprovados como verdadeiros discípulos.

(2) O privilégio de um verdadeiro discípulo de Cristo. Aqui estão duas preciosas promessas feitas àqueles que, desta maneira, são aprovados como verdadeiros discípulos, v. 32.

[1] "'Conhecereis a verdade', conhecereis toda aquela verdade que é necessário e benéfico que conheçam, sereis mais confirmados na fé dela, e conhecereis sua certeza". Observe que, em primeiro lugar, mesmo aqueles que são verdadeiros crentes, e verdadeiros discípulos, ainda podem estar, e estão, no escuro a respeito de muitas coisas que deveriam conhecer. Os filhos de Deus são apenas filhos, e compreendem e falam como filhos. Se não precisássemos ser ensinados, nós não precisaríamos ser discípulos. Em segundo lugar, é um grande privilégio conhecer a verdade, conhecer as verdades em particular nas quais devemos crer, nas suas mútuas dependências e conexões, e as bases e razões da nossa fé – para saber o que é verdade e o que prova ser verdade. Em terceiro lugar, é uma promessa graciosa de Cristo, a todos os que permanecem na sua palavra, de que conhecerão a verdade à medida que for necessária e benéfica para eles. Os alunos de Cristo têm certeza de que são bem ensinados.

[2] "A verdade vos libertará". Isto é, em primeiro lugar, a verdade que Cristo ensina tende a libertar os homens, Isaías 61.1. A justificação nos liberta da culpa do pecado, pela qual nós estávamos sujeitos ao julgamento de Deus, e sujeitos a temores assombrosos. A santificação nos liberta da escravidão da corrupção, pela qual nós estávamos proibidos daquele serviço que é uma liberdade perfeita, e forçados àquele que é uma escravidão perfeita. A verdade do Evangelho nos liberta do jugo da lei cerimonial, e das cargas mais dolorosas das tradições dos anciãos. Ela nos liberta dos

nossos inimigos espirituais, e assim nos tornamos livres no serviço a Deus, livres para os privilégios de filhos, e livres para a Jerusalém que é de cima, que é livre. Em segundo lugar, o conhecimento, a aceitação e a fé nesta verdade realmente nos libertam, nos deixam livres dos preconceitos, enganos e falsos conceitos, e nada mais escraviza e confunde a alma, que estará livre do domínio dos desejos e das paixões. Estas virtudes restauram a alma ao controle de si mesma, reduzindo-a à obediência ao seu Criador. A mente, ao admitir a verdade de Cristo na luz e no poder, é muito engrandecida, e recebe uma abrangência mais ampla. Ela passa a ser altamente elevada sobre as coisas relacionadas aos sentidos, e nunca atua com uma liberdade tão verdadeira como quando atua sob um mandamento divino, 2 Coríntios 3.17. Os inimigos do cristianismo fingem ter liberdade de pensamento, ao passo que os raciocínios mais livres, na verdade, são aqueles guiados pela fé, e são homens de livre pensamento aqueles cujos pensamentos são cativados e trazidos à obediência a Cristo.

II A ofensa que os judeus carnais sentiram com esta doutrina, e suas objeções contra ela. Embora ela fosse uma doutrina que trazia boas novas de libertação aos cativos, ainda assim eles a criticaram, v. 33. Os fariseus se irritaram com estas palavras de consolo àqueles que criam, os espectadores, que não tinham parte nem sorte nesta questão. Eles se julgaram censurados e afrontados pela carta graciosa de liberdade concedida aos que criam, e por isto, com uma grande dose de orgulho e inveja, eles lhe responderam: "'Somos descendência de Abraão', e, portanto, nascemos livres, e não perdemos nosso direito de liberdade desde o nascimento. Nós 'nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?'" Veja aqui:

1. Por que eles reclamaram: havia uma insinuação nestas palavras: "Sereis livres", como se a igreja e a nação judaicas estivessem em algum tipo de escravidão, o que se refletia sobre os judeus, em geral, e como se todos aqueles que não cressem em Cristo continuassem naquela escravidão, o que se refletia sobre os fariseus, em particular. Observe que os privilégios dos crentes causam a inveja e a irritação dos incrédulos, Salmos 112.10.

2. O que eles alegaram contra a doutrina: embora Cristo desse a entender que eles precisavam ser libertados, eles insistiram: (1) "Nós somos a semente de Abraão, e Abraão foi um príncipe e um grande homem. Embora vivamos em Canaã, nós não descendemos de Canaã, nem nascemos sob sua

maldição, ‘servo dos servos seja’. Nós temos *frank-almoign – almas livres*, e não *villenage – um contrato de servidão*”. É comum que uma família decadente se vanglorie da glória e dignidade de seus ancestrais, e empreste honras daquele nome ao qual devolvem desgraças. Isto faziam estes judeus. Mas isto não era tudo. Abraão estava em concerto com Deus, e também seus filhos, por seu direito, Romanos 11.28. Este concerto, sem dúvida, era uma carta de liberdade, e os investia em privilégios inconsistentes com uma condição de escravidão, Romanos 9.4. Portanto, eles não eram capazes de atribuir à liberdade em Cristo o verdadeiro valor que ela possui, pois pensavam que eram nascidos livres. Observe que é uma falta e uma tolice comum daqueles que têm educação e linhagem piedosa confiar nos seus privilégios e se vangloriarem deles, como se isto pudesse compensar a falta de uma verdadeira santidade. Eles eram a semente de Abraão, mas de que isto lhes serviria, já que é possível encontrar no inferno alguém que poderia chamar Abraão de pai? Os benefícios da salvação não são, como os privilégios comuns, transmitidos por herança, e o acesso ao céu não pode ser conseguido através da hereditariedade. Também não podemos reivindicar ser herdeiros pela lei, fingindo ter um pedigree. Nosso título é obtido exclusivamente pela compra, não nossa, mas do nosso Redentor, por nós, sob certas condições e limitações, que, se não observarmos, não nos ajudarão a ser a semente de Abraão. Desta maneira, muitos, quando pressionados pela necessidade de regeneração, tentam afastá-la através deste argumento frágil: “Nós somos os filhos da igreja”. Mas nem todos em Israel são verdadeiramente israelitas. (2) “Nunca servimos a ninguém”. Observe: [1] Como era falsa esta alegação. Eu me pergunto como eles podiam ter a segurança de dizer, diante de uma congregação, uma coisa que era tão notoriamente falsa. A semente de Abraão não tinha estado escravizada no Egito? Eles não tinham estado freqüentemente escravizados às nações vizinhas, nos tempos dos juízes? Eles não tinham sido cativos durante setenta anos na Babilônia? Na verdade, eles não eram, nesta época, pagadores de impostos aos romanos, e, embora não sob uma escravidão pessoal, sob uma escravidão nacional a eles, e gemendo pela liberdade? Mas, para confrontar a Cristo, eles têm o descaramento de dizer: “Nunca servimos a ninguém”. Desta maneira, eles tentavam expor Cristo à má vontade, tanto dos judeus, que eram muito zelosos da honra da sua liberdade, quanto dos romanos, que não desejavam ser considerados como

escravizadores das nações que conquistavam. [2] Como era tola esta alegação. Cristo tinha falado de uma liberdade que era trazida pela verdade, o que devia ser entendido como uma liberdade espiritual, pois a verdade, assim como enriquece, também liberta a mente, e a engrandece além do cativeiro do erro e do preconceito. Mas eles alegavam, contra a oferta da liberdade espiritual, que nunca tinham estado em um cativeiro corporal, como se, por nunca terem servido a ninguém, nunca tivessem sido servos de qualquer desejo ou cobiça. Observe que os corações carnais não são sensíveis a nenhum sofrimento, exceto àqueles que perturbam o corpo e prejudicam suas questões seculares. Fale com eles sobre invasões à sua liberdade e propriedade civil, conte-lhes sobre a devastação cometida sobre suas terras, ou os danos feitos às suas casas, e eles irão compreender muito bem, e poderão dar-lhe uma resposta sensata. Isto os toca e os afeta. Mas fale com eles sobre a escravidão do pecado, o cativeiro a Satanás, e a liberdade por Cristo, conte-lhes do mal feito às suas preciosas almas, e o perigo do seu bem-estar eterno, e certamente trará coisas estranhas aos seus ouvidos. E dirão (como fizeram aqueles, Ezequiel 20.49): “Não é este um dizedor de parábolas?” Isto era muito parecido com o erro grosseiro que Nicodemos cometeu sobre o conceito do novo nascimento.

III A defesa que nosso Salvador faz da sua doutrina, contra estas objeções, e a explicação, vv. 34-37, onde Ele faz quatro coisas:

1. Ele mostra que, apesar das suas liberdades civis, e da sua filiação visível à igreja, ainda era possível que eles estivessem em um estado de escravidão (v. 34): “Todo aquele que comete pecado”, ainda que seja da semente de Abraão, e nunca tenha servido a ninguém, “é servo do pecado”. Observe que Cristo não os repreende pela falsidade da sua alegação, nem lhes mostra sua escravidão atual, mas explica melhor o que Ele tinha dito, para sua edificação. Assim devem os ministros, com mansidão, instruir aqueles que os combatem, para que possam recuperar-se, e não, com paixão, levá-los a confundir-se ainda mais. Aqui:

(1) O prefácio é muito solene: “Em verdade, em verdade vos digo”. Esta é uma afirmação tremenda, que nosso Salvador freqüentemente usava, para exigir uma atenção reverente e uma pronta aceitação. O estilo dos profetas era: “Assim diz o Senhor”, pois eles eram fiéis, como servos. Mas Cristo, sendo o Filho, fala no seu próprio nome: “Eu vos digo, Eu, o Amém, a

testemunha fiel". Ele empenha nisto sua sinceridade. "Eu digo a vocês, que se vangloriam da sua descendência de Abraão, como se isto pudesse salvá-los".

(2) A verdade é de interesse universal, embora aqui transmitida em uma ocasião particular: "Todo aquele que comete pecado é servo do pecado", e, tristemente, precisa ser libertado. Um estado de pecado é um estado de escravidão. [1] Veja em quem é impressa esta marca – naquele que comete pecado, *pas ho poion hamartian – todo aquele que comete pecado*. Não há um homem justo sobre a terra, que viva e não peque, mas nem todo aquele que peca é um servo do pecado, pois então Deus não teria servos. Servo do pecado é aquele que comete pecado, que escolhe o pecado, prefere o caminho da maldade ao caminho da santidade (Jr 44.16,17), que que faz um concerto com o pecado, entra em aliança com ele, e se casa com ele, que faz artimanhas de pecado, faz provisões para a carne, e imagina iniqüidades, e que tem o costume de pecar, que anda segundo a carne, e faz do pecado um negócio. [2] Veja qual é a marca que Cristo estampa naqueles que cometem pecado. Ele os estigmatiza, confere lhes uma marca de servidão. Eles são servos do pecado, estão aprisionados sob a culpa do pecado, presos, dominados por ele, decididos sob o pecado, e estão sujeitos ao poder do pecado. Eles são servos do pecado, isto é, eles se fazem assim, e assim são considerados. Eles se venderam para realizar maldades. Seus desejos os dominam, eles estão à sua disposição e não são seus próprios senhores. Eles fazem a obra do pecado, dão suporte aos seus interesses, e aceitam seu salário, Romanos 6.16.

2. Ele lhes mostra que, estando em um estado de escravidão, o fato de que tenham um lugar na casa de Deus não lhes dá o direito à herança de filhos, pois (v. 35) "o servo", embora esteja na casa durante algum tempo, sendo apenas um servo, "não fica para sempre em casa". Os servos (dizemos nós) não são heranças, são apenas temporários, e não terão uma perpetuação, "mas o Filho fica para sempre". Veja: (1) Isto indica basicamente a rejeição da igreja e da nação judaicas. Israel tinha sido filho de Deus, seu primogênito, mas eles maldosamente degeneraram em uma disposição servil, escravizaram se ao mundo e à carne, e por isto, embora por virtude do seu direito de nascimento eles se julgassem seguros da sua filiação à igreja, Cristo lhes diz que tendo-se tornado escravos desta maneira, eles não ficariam na casa para sempre. Jerusalém, ao se opor ao Evangelho de

Cristo, que proclamava liberdade, e ao aderir ao concerto do Sinai, que gerava servidão, expirado o prazo, entrou em escravidão com seus filhos (Gl 4.24,25), e por isto foi excomungada e privada de direitos. Sua carta foi apreendida e removida, e ela foi expulsa, como o filho da escrava, Gênesis 21.14. Crisóstomo dá a seguinte interpretação a esta passagem: “Não pensem em se tornar livres do pecado pelos ritos e cerimônias da lei de Moisés, pois Moisés era apenas um servo, e não tinha a autoridade perpétua na igreja, que o Filho tem. Mas, se o Filho lhes libertar, tudo estará bem”, v. 36. Mas: (2) Isto vai mais além, culminando com a rejeição de todos os que são servos do pecado, e não recebem a adoção de filhos de Deus. Embora estes servos inúteis possam estar na casa de Deus por algum tempo, como empregados da sua família, ainda assim chegará um dia quando os filhos da serva e os da mulher livre serão diferenciados. Somente os verdadeiros crentes, que são os filhos da promessa e do concerto, são considerados livres, e ficarão para sempre na casa, como Isaque. Eles terão estabilidade no seu santo lugar na terra (Ed 9.8), e mansões, no santo lugar no céu, cap. 14.2.

3. Ele lhes mostra o caminho da libertação do estado de servidão “para a liberdade da glória dos filhos de Deus”, Romanos 8.21. O caso daqueles que são servos do pecado é triste, mas, graças a Deus, não é impossível, não é desesperador. Assim como é privilégio de todos os filhos da família, e sua dignidade acima da dos servos, o fato de que eles ficam em casa para sempre. Também aquele que é o Filho, o primogênito entre muitos irmãos, e o herdeiro de todas as coisas, tem poder tanto de libertação quanto de adoção (v. 36): “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres”. Observe:

(1) No Evangelho, Jesus Cristo nos oferece nossa liberdade. Ele tem autoridade e poder para libertar. [1] Libertar prisioneiros. Isto Ele faz na justificação, dando a satisfação necessária pela nossa culpa (onde se baseia a oferta do Evangelho, que é, para todos, um decreto de anistia, e para todos os verdadeiros crentes, com sua fé, uma carta absoluta de perdão) e pelas nossas dívidas, pelo que estávamos, pela lei, presos e sujeitos à execução. Cristo, como nossa garantia, ou melhor, como nosso fiador (pois Ele não estava originalmente preso conosco, mas, pela nossa insolvência, prendeu se por nós), compõe-se com o credor, responde às demandas da justiça ofendida com algo que ultrapassa em muito a equivalência, toma a

obrigação e o julgamento nas suas próprias mãos e os cancela para todos aqueles que, pela fé e pelo arrependimento, lhe derem como retribuição (se é que posso dizer assim) uma segurança que deixe sua honra intocada e isenta de danos, e desta maneira, são libertados. E quanto à dívida e toda parte dela, eles estão, para sempre, isentos, exonerados e absolvidos. Além disto, uma libertação geral de todas as ações e reivindicações é selada. Mas, por outro lado, quanto àqueles que se recusam a aceitar estes termos, as garantias ainda se encontram nas mãos do Redentor, em plena força, e eles ainda precisam delas, caso contrário perecerão eternamente. [2] Ele tem o poder de resgatar escravos, e isto Ele faz na santificação. Pelos poderosos argumentos do seu Evangelho, e as poderosas operações do seu Espírito, Ele rompe o poder da corrupção na alma, reúne as forças dispersas de razão e virtude, e fortalece o interesse de Deus contra o pecado e contra Satanás, e assim a alma é libertada. [3] Ele tem o poder de naturalizar estrangeiros e forasteiros, e isto Ele faz na adoção. Este é um ato adicional da graça. Nós não somente somos perdoados e curados, mas preferidos. Existe uma carta de privilégios, assim como de perdão. E assim o Filho nos torna habitantes livres do reino de sacerdotes, a nação santa, a nova Jerusalém.

(2) Aqueles a quem Cristo liberta são realmente livres. Não é *alethos*, a palavra usada (v. 31) para os discípulos verdadeiros, mas *ontos* – *verdadeiramente*. Isto indica: [1] A verdade e a certeza da promessa. A liberdade de que os judeus se vangloriavam era uma liberdade imaginária. Eles se vangloriavam de uma dádiva falsa, mas a liberdade que Cristo dá é uma coisa certa, é real, e tem efeitos reais. Os escravos do pecado prometem liberdade a si mesmos, e se imaginam livres, quando rompem a ligação com a religião, mas eles se enganam. Ninguém é verdadeiramente livre, exceto aqueles a quem Cristo liberta. [2] Isto indica a excelência singular da liberdade prometida. É uma liberdade que merece o nome, e em comparação com ela, todas as outras liberdades não são melhores do que a escravidão, pois ela se volta para a honra e o benefício daqueles que são libertados por ela. É uma liberdade gloriosa. É algo que é (*ontos* significa isto). É substância (Pv 8.21), ao passo que as coisas do mundo são sombras, coisas que não são.

4. Ele aplica isto a estes judeus descrentes e críticos, em resposta à sua ostentação do parentesco com Abraão (v. 37): "'Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me', perdendo, desta

maneira, a honra do parentesco com Abraão, ‘porque a minha palavra não entra em vós’”. Observe aqui:

(1) A dignidade da sua origem é admitida: “‘Eu sei que sois descendência de Abraão’, todo mundo sabe disto, e isto é vossa honra”. Ele lhes assegura o que era verdade, e naquilo que eles diziam que era falso (que nunca tinham servido a ninguém), Ele não os contradiz, pois Ele desejava beneficiá-los, e não provocá-los, e por isto disse o que iria agradá-los: “Bem sei que sois descendência de Abraão”. Eles se orgulhavam da descendência de Abraão, como algo que enaltecia seus nomes e os tornava sumamente honoráveis, ao passo que isto, na verdade, somente agravava seus crimes, e os tornava excessivamente pecadores. Ele julgará os hipócritas presunçosos a partir das palavras das suas próprias bocas. Estes se vangloriam do seu parentesco e educação: “Vocês são semente de Abraão? Por que, então, vocês não seguiram os passos da sua fé e obediência?”

(2) A inconsistência da sua prática com esta dignidade: “Contudo, procurais matar-me”. Eles tinham tentado matá-lo diversas vezes, e agora desejavam fazê-lo, o que fica rapidamente evidente (v. 59) quando “pegam em pedras para lhe atirarem”. Cristo conhece toda a maldade, não somente a que os homens fazem, mas a que eles procuram, e desejam, e se esforçam para fazer. Procurar matar um homem inocente é um crime suficientemente hediondo, mas planejar e imaginar a morte daquele que era o Rei dos reis era um crime cuja atrocidade nos faltam palavras para expressar.

(3) A razão desta incoerência. Por que aqueles que eram a semente de Abraão eram tão inveterados contra a semente prometida de Abraão, em quem eles e todas as famílias da terra seriam benditos? Aqui nosso Salvador lhes diz: “Porque a minha palavra não entra em vós”, *ou chorei en hymin*, *Non capit in vobis*, segundo a Vulgata. “Minha palavra não encanta vocês, vocês não têm inclinação para ela, não têm prazer nela, outras coisas lhes são mais atraentes, mais agradáveis”. Ou: “Ela não domina vocês, ela não tem poder sobre vocês, ela não os impressiona”. Alguns dos críticos entendem: “Minha palavra não penetra em vós”. Ela desceu como a chuva, mas sobre eles foi como a chuva sobre a rocha, que escorreu e não penetrou nos seus corações, como a chuva penetra no solo arado. A versão siríaca apresenta: “‘Porque vós não aquiesceis à minha palavra’. Não sois persuadidos pela verdade dela, nem agradados pela sua bondade”. Nossa

tradução é muito significativa: ela “não entra em vós”. Eles procuravam matá-lo, e efetivamente silenciá-lo, não porque Ele lhes tivesse feito algum mal, mas porque eles não podiam suportar o poder convincente e autoritário da sua palavra. Observe: [1] A palavra de Cristo deve ter um lugar em nós, o lugar mais interior e o mais alto, um lugar de permanência, como um homem em casa, e não como um estrangeiro ou viajante, um lugar de trabalho. Ela deve ter lugar para operar, para eliminar o pecado de nós, e operar a graça em nós. Ela deve ter um lugar dominante, ela deve estar entronizada em nossos corações, e deve habitar em nós ricamente. [2] Há muitos que fazem uma profissão de religião, mas neles a palavra de Cristo não tem lugar. Eles não lhe dão um lugar, pois não gostam dela. Satanás faz tudo o que pode para removê-la, e outras coisas tomam o lugar que ela deveria ter em nós. [3] Onde a palavra de Deus não tem lugar, não se pode esperar nenhum bem, pois há lugar para toda a maldade. Se o espírito imundo encontra o coração vazio da palavra de Cristo, ele entra e habita ali.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 38-47

Aqui, Cristo e os judeus ainda estão discutindo. Ele se dispõe a convencê-los e convertê-los, enquanto eles ainda se dispõem a contradizê-lo e combatê-lo.

I Aqui, ele identifica que a diferença entre seus sentimentos e os deles se deve a uma origem diferente (v. 38): “Eu falo do que vi junto de meu Pai, e vós fazeis o que também vistes junto de vosso pai”. Aqui se fala de dois pais, de acordo com as duas famílias em que estão divididos os filhos dos homens – Deus e o Diabo, e, sem controvérsia, eles são opostos um ao outro.

1. A doutrina de Cristo era do céu, era copiada dos conselhos da sabedoria infinita, e das bondosas intenções do amor eterno. (1) “Eu falo do que vi”. As revelações que Cristo nos fez, de Deus e do outro mundo, não se baseiam em adivinhações ou rumores, mas em inspeção ocular, de modo que Ele estava completamente familiarizado com a natureza, e seguro da verdade, de tudo o que dizia. Aquele que é dado como uma testemunha para

o povo é uma testemunha ocular, e, por isto, é irrepreensível. (2) “Vi junto de meu Pai”. A doutrina de Cristo não é uma hipótese plausível, sustentada por argumentos prováveis, mas é uma reprodução exata das verdades incontestáveis que estão permanentemente alojadas na mente eterna. Não era apenas o que Ele tinha ouvido do seu Pai, mas o que Ele tinha visto junto dele, quando o conselho de paz se fez entre ambos. Moisés dizia o que ouvia de Deus, mas não podia ver o rosto de Deus. Paulo tinha estado no terceiro céu, mas o que tinha visto ali, ele não podia, não devia, dizer, pois era a prerrogativa de Cristo a de ter visto aquilo de que falava, e de falar do que tinha visto.

2. As obras deles vinham do inferno: “‘Vós, porém, fazeis o que vistes em vosso pai’. Vós, pelas vossas próprias obras, sois próprios de vosso pai, pois é evidente com quem tendes semelhança, e por isto é fácil descobrir vossa origem”. Assim como um filho que é treinado com seu pai aprende as palavras e os costumes do seu pai, e cresce como ele, sempre imitando-o em tudo, como por uma imagem natural, também estes judeus, pela sua maldosa oposição a Cristo e ao Evangelho, se faziam como o Diabo, como se o tivessem colocado diligentemente diante de si mesmos, para que este fosse seu padrão.

II Ele imita e responde às suas orgulhosas ostentações de parentesco com Abraão e com Deus, como seus pais, e lhes mostra a inutilidade e a falsidade das suas pretensões.

1. Eles alegavam parentesco com Abraão, e Cristo responde a isto. Eles disseram: “Nosso pai é Abraão”, v. 39. Com isto, eles pretendiam: (1) Honrar a si mesmos, e aparentar que eram grandiosos. Eles tinham se esquecido da mortificação prescrita, que lhes trazia aquele reconhecimento (Dt 26.5): “Siro miserável foi meu pai”, e da acusação apresentada contra seus ancestrais degenerados (sobre cujas pegadas eles andavam, e não sobre as do primeiro fundador da família): “Teu pai era amorreu, e a tua mãe, hetéia”, Ezequiel 16.3. Como é comum que aquelas famílias que estão afundando e entrando em decadência se vangloriem da sua origem, também é comum que aquelas igrejas que são corruptas e depravadas se valorizem com base na sua antiguidade e na eminência dos seus fundadores. *Fuimus Troes, fuit Ilium – Nós fomos troianos, e Tróia já existiu*. (2) Eles desejavam lançar seu ódio sobre Cristo pelo que Ele refletia sobre o patriarca Abraão,

ao falar do seu pai como alguém de quem eles tinham aprendido o mal. Veja como eles procuravam uma oportunidade para discutir com Ele. Agora Cristo destrói seu argumento, e revela sua inutilidade com um argumento simples e convincente: “Os filhos de Abraão farão as obras de Abraão, mas vocês não fazem as obras de Abraão, e, portanto, não são filhos de Abraão”.

[1] A proposta é clara: “‘Se sois filhos de Abraão’, filhos de Abraão que poderiam reivindicar um interesse no concerto feito com ele e com sua descendência, o que realmente lhes honraria muito, então deveríeis realizar ‘as obras de Abraão’, pois somente aos da casa de Abraão que guardassem o caminho do Senhor, como fez Abraão, Deus cumpriria aquilo que prometeu”. Gênesis 18.19. Somente são reconhecidos como a semente de Abraão, aos quais pertence a promessa, aqueles que andam nas suas pegadas de fé e de obediência, Romanos 4.12. Embora os judeus tivessem suas genealogias, e as mantivessem exatas, ainda assim eles não podiam, por meio delas, comprovar seu parentesco com Abraão, para ter o benefício do antigo vínculo (*performam doni – de acordo com a forma do dom*), a menos que andassem no mesmo espírito. O parentesco das boas mulheres com Sara é provado unicamente por isto – “da qual vós sois filhas, fazendo o bem e não temendo nenhum espanto”, 1 Pedro 3.6. Observe que aqueles que desejam ser reconhecidos como semente de Abraão não devem somente ter a fé de Abraão, mas realizar as obras de Abraão (Tiago 2.21,22), devem responder ao chamado de Deus, como ele, devem entregar ao Senhor os confortos que mais apreciam, devem ser estrangeiros e peregrinos neste mundo, devem manter a adoração a Deus nas suas famílias, e sempre andar diante de Deus na sua justiça, pois estas eram as obras de Abraão.

[2] A suposição, da mesma maneira, é evidente: “Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão”, v. 40.

Em primeiro lugar, Ele lhes mostra qual era a obra deles, a obra que procuravam realizar agora. Eles procuravam matá-lo. E três coisas são indicadas como um agravamento da sua intenção: 1. Eles eram tão antinaturais a ponto de procurar tirar a vida de um homem, um homem como eles mesmos, osso de seu osso, e carne da sua carne, alguém que não lhes tinha feito nenhum mal, nenhuma provocação. “Até quando maquinareis o mal contra um homem?” (Sl 62.3). 2. Eles eram tão ingratos a ponto de procurar tirar a vida daquele que lhes tinha dito a verdade, que

não somente não lhes tinha feito nenhum mal, mas lhes tinha feito a maior gentileza possível; não somente não os tinha coagido com uma mentira, mas os tinha instruído nas verdades mais necessárias e importantes. Seria Ele seu inimigo? 3. Eles eram tão ímpios a ponto de procurar tirar a vida daquele que lhes dizia a verdade que tinha ouvido de Deus, que era um mensageiro enviado de Deus até eles, de modo que seus esforços contra Ele eram *quasi deicidium – um ato de maldade contra Deus*. Esta era a obra deles, e eles perseveravam nela.

Em segundo lugar, Ele lhes mostra que isto não convinha aos filhos de Abraão, pois "Abraão não fez isso". 1. "Ele não fez nada semelhante a isto. Ele era famoso pela sua humanidade, vejam o resgate dos cativos realizado por ele. E quanto à sua piedade, vejam sua obediência à visão celestial em muitos exemplos, exemplos muito sensíveis". Abraão cria em Deus, eles eram obstinados na incredulidade. Abraão seguia a Deus, eles lutavam contra Ele. De modo que ele os ignoraria, e não os reconheceria, pois eram extremamente diferentes dele, Isaías 63.16. Veja Jeremias 22.15-17. 2. "Ele não teria feito isto, se vivesse agora, ou se Eu tivesse vivido neste mundo em seus dias". *Hoc Abraham non fecisset – Ele não teria feito isto*, assim alguns interpretam. Assim devemos fugir de qualquer tipo de maldade. Será que Abraão, e Isaque, e Jacó teriam feito isto? Jamais podemos esperar estar com eles, se não formos como eles.

[3] Naturalmente, vem a conclusão (v. 41): "Quaisquer que sejam suas ostentações e pretensões, vocês não são filhos de Abraão, mas têm um pai em outra família (v. 41). Existe um pai cujas obras vocês fazem, e dele vocês têm o mesmo espírito, e com ele vocês se parecem". Jesus ainda não diz claramente que se refere ao Diabo, até que eles, pelas suas críticas contínuas, o forçam a explicar-se, o que nos ensina a tratar até mesmo os homens maus com civilidade e respeito, e não nos apressarmos em dizer deles, ou a eles, o que, embora verdadeiro, soe de maneira áspera. O Senhor os colocou à prova, verificando se eles permitiriam que suas próprias consciências deduzissem, a partir das suas palavras, que eles eram filhos do Diabo. E é melhor ouvirem isto das suas consciências, agora que são chamados ao arrependimento, isto é, a trocarem de pai e trocarem de família, ao modificarem seu espírito e procedimento, do que ouvirem isto de Cristo no grande dia.

2. Tão longe eles estavam de reconhecer que eram indignos do parentesco com Abraão, que alegaram parentesco com o próprio Deus, como seu Pai: "'Nós não somos nascidos de prostituição', não somos bastardos, mas filhos legítimos.'Temos um Pai, que é Deus'".

(1) Alguns interpretam isto literalmente. Eles não eram filhos da escrava, como eram os descendentes de Ismael, nem gerados em incesto, como eram os moabitas e amonitas (Dt 23.3), nem eram uma descendência espúria na família de Abraão, mas eram hebreus, nascidos de hebreus, e, tendo nascido de casamentos legítimos, eles podiam chamar a Deus de Pai, que instituiu este estado honroso em inocência, pois uma semente legítima, sem manchas de divórcios, nem de pluralidade de esposas, é chamada de semente de Deus, Malaquias 2.15.

(2) Outros interpretam isto de maneira figurada. Agora eles começam a perceber que Cristo falava de um pai espiritual, e não carnal, falava do pai da sua religião. E assim:

[1] Eles se recusam a ser uma geração de idólatras: "Nós não somos nascidos de prostituição, não somos filhos de pais idólatras, nem fomos criados em adorações idólatras". A idolatria é sempre mencionada como a prostituição espiritual, e os idólatras, como filhos da prostituição, Oséias 2.4; Isaías 57.3. Mas, se eles queriam dizer que não eram descendentes de idólatras, a alegação era falsa, pois nenhuma nação estava mais habituada à idolatria do que a dos judeus, antes do cativeiro. Se eles não queriam dizer nada, além do fato de que eles mesmos não eram idólatras, então o que queriam dizer? Um homem pode estar livre da idolatria, e ainda assim perecer em outra iniqüidade, e ser expulso do concerto de Abraão. Se vocês não cometem nenhuma idolatria (aplique-se isto a esta prostituição espiritual), ainda assim, se vocês matam, vocês se tornam transgressores do concerto. Um filho pródigo rebelde será deserdado, ainda que não seja nascido de prostituição.

[2] Eles se orgulham de serem fiéis adoradores do Deus verdadeiro. "Nós não temos muitos pais, como têm os pagãos, muitos deuses e muitos senhores", e ainda assim estavam sem Deus, como *filius populi – um filho do povo* tem muitos pais, e nenhum garantido. Não, o Senhor nosso Deus é um único Senhor e um único Pai, e, portanto, isto nos é conveniente. Observe que somente se adulam, e colocam uma trapaça condenadora sobre suas próprias almas, aqueles que imaginam que o fato de professarem a

verdadeira religião e adorarem ao Deus verdadeiro irá salvá-los, embora eles não adorem a Deus em espírito e em verdade, nem sejam fiéis à sua profissão de fé. Nosso Salvador lhes dá uma resposta completa a esta alegação fraudulenta (vv. 42,43), e prova, com dois argumentos, que eles não tinham nenhum direito de chamar a Deus de Pai.

Em primeiro lugar, eles não amavam a Cristo: “Se Deus fosse o vosso Pai, certamente, me amaríeis”. Ele tinha contestado seu parentesco com Abraão pelo fato de que procuravam matá-lo (v. 40), mas aqui Ele contesta seu parentesco com Deus pelo fato de que não o amavam nem reconheciam. Um homem pode se passar por filho de Abraão, se não aparentar ser um inimigo de Cristo, por algum pecado ofensivo, mas ele não pode ser aceito como filho de Deus, a menos que seja um amigo fiel e um seguidor de Cristo. Observe que todos os que têm a Deus como seu Pai, têm um verdadeiro amor por Jesus Cristo e uma grande admiração pela sua pessoa, um sentimento de gratidão pelo seu amor, um sincero afeto à sua causa e ao seu reino, uma concordância com a salvação realizada por Ele, bem como com seus métodos e condições, e o cuidado de observar seus mandamentos, que é a evidência mais certa do nosso amor por Ele. Nós estamos aqui em um estado de experiência, e a maneira como nós nos comportamos em relação ao nosso Criador será julgada, e, de acordo com o resultado deste julgamento, desfrutaremos o estado de retribuição. Deus adotou vários métodos para nos testar, e este era um deles. Ele enviou seu Filho ao mundo, com provas suficientes da sua filiação e missão, concluindo que todos os que o chamassem de Pai iriam beijar seu Filho, e dar as boas-vindas àquele que era o primogênito entre muitos irmãos. Veja 1 João 5.1. Nossa adoção será provada ou contestada pelo seguinte: Nós amamos a Cristo, ou não? Se alguém não o ama, está muito longe de ser um filho de Deus, e é, na verdade, um anátema, alguém amaldiçoado, 1 Coríntios 16.22. Mas nosso Salvador provou que aqueles que o amam são filhos de Deus, pois, diz Ele: “Eu saí e vim de Deus”. Eles devem amá-lo, porque: 1. Ele era o Filho de Deus: “Eu saí de Deus”. Segundo o Dr. Whitby, *exelthon* significa sua divina *exeleusis*, ou origem, do Pai, pela comunicação da essência divina, e também a união do *logos* divino à sua natureza humana. Isto não podia deixar de recomendá-lo aos afetos de todos os que nasceram de Deus. Cristo é chamado o Amado porque, sendo o Amado do Pai, certamente é o Amado de todos os santos, Efésios 1.6. 2. Ele era o enviado

de Deus, vinha dele como um embaixador ao mundo da humanidade. Ele não veio de si mesmo, como os falsos profetas, dos quais nem a missão nem a mensagem eram de Deus, Jeremias 23.21. Observe a ênfase que Ele dá a isto: “Vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou”. Suas credenciais e suas instruções vinham de Deus. Ele veio para reunir em um corpo os filhos de Deus (cap. 11.52), para trazer muitos filhos à glória, Hebreus 2.10. E não deveriam todos os filhos de Deus abraçar, com os dois braços, um mensageiro enviado do seu Pai com tal missão? Mas estes judeus aparentam não ser parentes de Deus, pela sua falta de afeição a Jesus Cristo.

Em segundo lugar, eles não o entendiam. O fato de que não compreendiam a língua e o dialeto da família era um sinal de que eles não pertenciam à família de Deus: “Não entendeis a minha linguagem” (v. 43), *ten lalian ten emen*. As palavras de Cristo eram divinas e celestiais, mas suficientemente compreensíveis para aqueles que estavam familiarizados com a voz de Cristo no Antigo Testamento. Aqueles que estavam familiarizados com a palavra do Criador não precisavam de nenhum outro código para o dialeto do Redentor. E ainda assim, estes judeus estranham a doutrina de Cristo, e encontram complicações nela, e não sei quais obstáculos. Podia um galileu ser conhecido pela sua maneira de falar? Um efraimita, pelo seu sibolete? E alguém teria a confiança de chamar a Deus de Pai, se para ele o Filho de Deus era como um bárbaro, mesmo expressando a vontade de Deus através das palavras do Espírito de Deus? Observe que aqueles que não estão familiarizados com as palavras divinas têm motivos para temer serem estranhos à natureza divina. Cristo falava as palavras de Deus (cap. 3.34) no dialeto do reino de Deus. No entanto, eles, que pretendiam pertencer ao reino, não compreendiam suas expressões e características, mas, como estranhos, e, além disto, rudes, as ridicularizavam. E o motivo pelo qual eles não compreendiam as palavras de Cristo piorava a situação: “Por não poderdes ouvir a minha palavra”, isto é: “Vocês não conseguem se persuadir a ouvi-la atentamente, imparcialmente e sem preconceitos, como ela deve ser ouvida”. O significado deste “não” é um “não desejam” obstinado, da mesma maneira como os judeus não quiseram ouvir a Estêvão (At 7.57), nem a Paulo, Atos 23.22. Observe que a antipatia enraizada dos corações corrompidos dos homens para com a doutrina de Cristo é a verdadeira razão pela qual eles

não a conhecem, e é a causa dos seus erros e enganos a respeito dela. Eles não gostam dela, nem a amam, e por isto não a compreendem, como Pedro, que fingiu não entender o que a criada dizia (Mt 26.70), quando, na verdade, ele não sabia o que responder. “Vocês não podem ouvir minhas palavras, pois têm tampados seus ouvidos (Sl 58.4,5), e Deus, a caminho de um julgamento justo, fez seus ouvidos duros”. Isaías 6.10.

III Tendo, desta maneira, contestado seu parentesco, tanto com Abraão quanto com Deus, a seguir Ele lhes diz claramente de quem eles são filhos: “Vós tendes por pai ao diabo”, v. 44. Se eles não eram filhos de Deus, deviam ser do Diabo, pois Deus e Satanás dividem o mundo da humanidade. Por isto, diz-se que o Diabo opera nos filhos da desobediência, Efésios 2.2. Todas as pessoas pecadoras são filhas do Diabo, filhos de Belial (2 Co 6.15), são a semente da serpente (Gn 3.15), filhos do Maligno, Mateus 13.38. Eles compartilham da sua natureza, ostentam sua imagem, obedecem aos seus mandamentos, e seguem seu exemplo. Os idólatras “dizem ao pedaço de madeira: Tu és meu pai”, Jeremias 2.27.

O fato de que alguns dos filhos dos homens, especialmente dos filhos da igreja, sejam chamados de filhos do Diabo é uma acusação muito forte, e soa muito rude e terrível, e nosso Salvador prova isto de maneira completa.

1. Com um argumento geral: “Quereis satisfazer os desejos de vosso pai”, *thelete poiein*. (1) “Vocês satisfazem os desejos do Diabo, os desejos que ele deseja que vocês satisfaçam. Vocês o agradam e satisfazem, e cedem à sua tentação, e são feitos cativos da sua vontade. Na verdade, vocês realizam aqueles desejos que o próprio Diabo satisfaz”. O Diabo tenta os homens aos desejos carnais e mundanos, mas, sendo um espírito, ele não consegue satisfazê-los por si só. Os desejos peculiares do Diabo são iniqüidades espirituais; os desejos das forças intelectuais, e sua lógica corrupta; orgulho e inveja, e ira e maldade; a inimizade ao que é bom, e a atração de outros àquilo que é mau. Estes são desejos que o Diabo satisfaz, e aqueles que estão sob o domínio de tais desejos se assemelham ao Diabo, da mesma maneira como um filho é parecido com seu pai. Quanto mais contemplação, e artifício, e complacência secreta existir no pecado, mais ele se parecerá com os desejos do Diabo. (2) Vocês querem satisfazer os desejos do Diabo. Quanto mais disposição existir nestes desejos, mais diabólicos serão. Quando o pecado é cometido por escolha, e não por

surpresa, com prazer, e não com relutância, quando se persiste nele com uma ousada presunção e uma determinação desesperada, como a daqueles que diziam: “Amo os estranhos e após eles andarei”, então o pecador realizará os desejos do Diabo. “Vocês se deleitam em realizar os desejos do seu pai”, segundo o Dr. Hammond. Eles estão escondidos sob a língua como algo doce.

2. Por dois exemplos em particular, nos quais eles declaradamente se pareciam com o Diabo – matando e mentindo. O Diabo é um inimigo da vida (porque Deus é o Deus da vida, e a vida é a felicidade do homem), e um inimigo da verdade (porque Deus é o Deus da verdade, e a verdade é a obrigação da sociedade humana).

(1) “Ele foi homicida desde o princípio”, não do seu próprio princípio, pois ele foi criado como um anjo de luz, e tinha tido um estado inicial que era puro e bom, mas desde o início da sua apostasia, que aconteceu pouco depois da criação do homem. Ele era *anthropoktonos – homicida, um assassino*. [1] Ele odiava os homens, e com esta disposição, era um assassino de homens. A origem do seu nome, Satanás, é *sitnah – ódio*. Ele denegriu a imagem de Deus no homem, invejou sua felicidade, e desejou ardentemente sua ruína. Ele é um inimigo declarado de toda a raça humana. [2] Foi ele quem tentou o homem àquele pecado que trouxe a morte ao mundo, sendo assim o assassino de toda a humanidade, da qual Adão era apenas um líder. Ele foi um assassino de almas, enganou-as, levando-as ao pecado, e com isto as matou (Rm 7.11), envenenou o homem com a desobediência, e, para piorar as coisas, fez dele seu próprio assassino. Assim ele era, não somente no princípio, mas desde o princípio, o que sugere que assim ele tinha sido desde então. Tal como ele começou, assim continua sendo, o assassino dos homens, com suas tentações. O grande tentador é o grande destruidor. Os judeus chamavam o Diabo de anjo da morte. [3] Ele foi o primeiro impulso no primeiro assassinato, cometido por Caim, que era do maligno e matou a seu irmão, 1 João 3.12. Se o Diabo não tivesse agido tão fortemente na vida de Caim, este não poderia ter cometido um ato tão antinatural, como matar seu próprio irmão. Tendo Caim assassinado seu irmão, por instigação do Diabo, o Diabo é chamado de assassino, o que não diminui a culpa pessoal de Caim, mas aumenta a do Diabo, cujos tormentos, nós temos razão para pensar, serão maiores, quando chegar a hora, por toda a maldade a que ele atrai os homens. Veja como

temos razões para aumentar nossa guarda “contra as astutas ciladas do diabo”, e nunca dar ouvidos a ele (pois ele é um assassino, e certamente deseja nos fazer mal, mesmo quando nos fala com gentilezas), e nos assombrarmos com o fato de que aquele que é o assassino dos filhos dos homens ainda esteja, pelo seu próprio consentimento, dominando-os desta maneira. Estes judeus o seguiam, e eram assassinos, como ele; assassinos de almas, às quais conduziam, de olhos vendados, ao fosso, e as faziam filhas do inferno; inimigos declarados de Cristo, agora dispostos a ser seus traidores e assassinos, pela mesma razão pela qual Caim matou a Abel. Estes judeus eram aquela semente da serpente que iria ferir o calcanhar da Semente da mulher: “Agora, procurais matar-me a mim”.

(2) Ele foi um mentiroso. Uma mentira se opõe à verdade (1 Jo 2.21), e assim, de uma maneira muito própria, o Diabo aqui é descrito como sendo:

[1] Inimigo da verdade, e, portanto, de Cristo. Em primeiro lugar, ele desertou da verdade. Ele “não se firmou na verdade”, não continuou na pureza e retidão da sua natureza, na qual ele tinha sido criado, mas abandonou este seu primeiro estado. Quando ele degenerou da bondade, ele se afastou da verdade, pois sua apostasia se baseava em uma mentira. Os anjos eram o exército do Senhor. Aqueles que caíram não foram fiéis ao seu comandante e soberano, eles não eram dignos de confiança, sendo acusados de loucura e deserção, Jó 4.18. Por verdade, aqui, podemos interpretar a vontade revelada de Deus a respeito da salvação do homem por Jesus Cristo, a verdade que Cristo agora pregava, e à qual os judeus se opunham. Assim, eles agiram como seu pai, o Diabo, que, vendo a honra colocada sobre a natureza humana, no primeiro Adão, e prevendo uma honra muito maior destinada ao segundo Adão, não desejou estar de acordo com aquele conselho de Deus, nem permanecer na verdade a respeito dele, mas, com um espírito de orgulho e inveja, dispôs-se a resistir a este, e a tentar frustrar seus desígnios. E a mesma coisa fizeram estes judeus, seus filhos e agentes. Em segundo lugar, ele está destituído da verdade: “Não há verdade nele”. Seu interesse no mundo é sustentado por mentiras e falsidades, e nele não existe verdade, nada em que se possa confiar, nem nele nem em nada que ele diga ou fale. As noções que ele propaga a respeito do bem e do mal são falsas e errôneas, suas provas são milagres falsos, suas tentações são todas trapaças. Ele tem grande conhecimento da verdade, mas, não tendo afeto por ela, ao contrário, sendo um inimigo contumaz dela, diz-se que “não há

verdade nele”.

[2] Ele é amigo e patrono da mentira: “Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio”. Três coisas são aqui ditas a respeito do Diabo com referência ao pecado da mentira. Em primeiro lugar, que ele é um mentiroso. Seus oráculos são mentirosos, seus profetas são mentirosos, e as imagens nas quais ele é adorado são professoras de mentiras. Ele tentou nossos primeiros pais com uma mentira direta. Todas as suas tentações são realizadas por mentiras, chamando o mal de bem, e o bem de mal, e prometendo impunidade no pecado. Ele sabe que são mentiras, e as sugere com a intenção de enganar, e, desta maneira, destruir. Quando, agora, ele contradizia o Evangelho, pelos escribas e fariseus, era por meio de mentiras, e quando, posteriormente, ele o corrompeu, no “homem do pecado”, foi por meio de fortes enganos e uma mentira muito complicada. Em segundo lugar, que, quando ele “profere mentira, fala do que lhe é próprio”, *ek ton idion*. É a própria expressão da sua língua, da sua, não de Deus. Seu Criador nunca a pôs nele. Quando os homens dizem uma mentira, eles a emprestam do Diabo, Satanás enche seus corações, para que mintam (At 5.3). Mas quando o Diabo diz uma mentira, seu modelo é criação sua, os motivos são seus, o que indica a profundidade desesperadora de iniqüidade na qual estes espíritos apóstatas estão afundados. Assim como na sua primeira apostasia eles não tiveram tentador, também sua iniqüidade se deve unicamente a eles mesmos. Em terceiro lugar, que ele é o “pai da mentira”, *autou*. 1. Ele é o pai de todas as mentiras, não apenas das mentiras que ele mesmo sugere, mas daquelas que são ditas pelos outros. Ele é o autor e criador de todas as mentiras. Quando os homens dizem mentiras, eles falam por ele, e como da sua boca. Originalmente, elas vêm dele, e têm sua imagem. 2. Ele é o pai de todos os mentirosos, assim podemos entender. Deus criou os homens com uma disposição à verdade. É coerente com a razão e a luz natural, com a ordem das nossas faculdades e as leis da sociedade, que digamos a verdade. Mas o Diabo, o criador do pecado, o espírito que opera nos filhos da desobediência, corrompeu tanto a natureza do homem, que se diz que “alienam-se os ímpios desde a madre… proferindo mentiras” (Sl 58.3). Ele os ensinou a tratar enganosamente com suas línguas, Romanos 3.13. Ele é o pai dos mentirosos, que os gerou, que os instruiu no caminho da mentira, a quem eles se assemelham e obedecem, e com quem todos os mentirosos terão sua sorte para sempre.

IV Cristo, tendo, desta maneira, provado que todos os assassinos e todos os mentirosos são filhos do Diabo, espera que as consciências dos seus ouvintes digam: “Tu és este homem”. Mas Jesus vem, nos versículos seguintes, ajudá-los na aplicação desta verdade a si mesmos. Ele não os chama de mentirosos, mas lhes mostra que eles não eram amigos da verdade, e com isto se assemelhavam àquele que não se firmava na verdade, porque não há verdade nele. Ele os acusa de duas coisas:

1. De não crerem na palavra da verdade (v. 45), *hoti ten aletheian lego, ou pisteuete moi*.

(1) Isto pode ser interpretado de duas maneiras. [1] “Embora Eu lhes diga a verdade, ainda assim vocês não crêem em mim (*hoti*), que eu faça isto”. Embora Ele desse provas abundantes de que foi designado por Deus, o Pai, e do seu afeto pelos filhos dos homens, ainda assim eles não queriam crer que Ele lhes dizia a verdade. “A verdade anda tropeçando pelas ruas”, Isaías 59.14,15. As maiores verdades, em alguns, não tinham a menor credibilidade, pois eles “se opõem à luz”, Jó 24.13. Ou: [2] “Por Eu vos dizer a verdade”, assim podemos entender, “por isso ‘não me credes’”. Eles não queriam aceitá-lo, nem recebê-lo como um profeta, porque Ele lhes dizia algumas verdades desagradáveis que eles não queriam ouvir. Ele lhes dizia a verdade a respeito de si mesmos e da sua própria situação, mostrando-lhes seus rostos em um espelho que não os lisonjeava. Por isto, eles não queriam crer em nenhuma palavra que Ele dissesse. Miserável é a situação daqueles a quem a luz da verdade divina se torna um tormento.

(2) Agora, para lhes mostrar como a infidelidade que estavam demonstrando era irracional, Ele se permite explicar a questão, v. 46. Sendo eles contrários a Ele, alguém estava errado. Ou o Senhor estava errado, ou eles estavam errados. Portanto, é necessário fazer uma escolha. E é óbvio que o Senhor estava certo.

[1] Se Ele estava errado, por que não o convenciam? A falsidade dos falsos profetas era descoberta, fosse pela má inclinação das suas doutrinas (Dt 13.2), fosse pelo mau teor da sua conversa: “Por seus frutos os conhecereis”. “Mas”, diz Cristo, “quem dentre vós, vós do Sinédrio, que vos dedicais a julgar os profetas, ‘quem dentre vós me convence de pecado?’” Eles o acusavam de alguns dos piores crimes – gula, embriaguez, blasfêmia, violação do sábado, aliança com Satanás, e outros. Mas suas acusações eram calúnias maliciosas e infundadas, e eram tais, que todos os

que o conheciam sabiam que eram completamente falsas. Quando eles tinham feito o máximo de truques e artifícios, subornos e perjúrio, para provar que Ele havia cometido algum crime, o mesmo juiz que o condenou reconheceu que não achava nele crime algum. Ele os desafia a condená-lo por um pecado que é, em primeiro lugar, uma doutrina incoerente. Eles tinham ouvido seu testemunho. Poderiam eles mostrar nele alguma coisa absurda ou que não merecesse credibilidade, qualquer contradição, fosse dele mesmo ou das Escrituras, ou alguma deturpação das verdades ou dos costumes, insinuada pela sua doutrina?, cap. 18.20. Ou, em segundo lugar, um comportamento incoerente: "Qual de vocês pode, com razão, acusar-me de alguma coisa, em palavras ou atos, inconveniente a um profeta?" Veja a maravilhosa condescendência do nosso Senhor Jesus, que não exigiu nenhuma credibilidade além daquela que sustentasse suas exigências. Veja Jeremias 2.5,31; Miquéias 6.3. Com isto, os ministros podem aprender: 1. A andar de maneira extremamente circunspeta, para que seus mais rígidos observadores não tenham o poder de condená-los de pecado, para que o "ministério não seja censurado". A única maneira de não ser acusado de pecado é não pecar. 2. A estar dispostos a aceitar um escrutínio. Embora estejamos confiantes, em muitas ocasiões, de que estamos certos, ainda assim devemos estar dispostos a avaliar se não estamos no erro. Veja Jó 6.24.

[2] Se eles estavam errados, por que não eram convencidos por Ele? "'Se vos digo a verdade, por que não credes?' Se não podeis me convencer de nenhum erro, deveis reconhecer que Eu digo a verdade. E por que não me dais crédito? Por que não lidais comigo com confiança?" Observe que se os homens apenas examinassem a razão da sua infidelidade, e examinassem o motivo pelo qual não crêem naquilo que não conseguem contradizer, eles se encontrariam reduzidos a tais absurdos dos quais somente poderiam se envergonhar, pois ficaria patente que a razão pela qual não crêem em Jesus Cristo é que não estão dispostos a se separar dos seus pecados, e renunciar a si mesmos, e servir a Deus fielmente, porque não são da religião cristã, não querem, na verdade, pertencer a nenhuma religião, e sua descrença no nosso Redentor se resume a uma rebelião declarada contra nosso Criador.

2. Outra acusação a eles é o fato de que não desejam ouvir as palavras de Deus (v. 47), o que mostra ainda mais o quanto era infundada sua reivindicação de parentesco com Deus. Aqui temos:

(1) A apresentação de uma doutrina: “Quem é de Deus escuta as palavras de Deus”. Isto é: [1] Ele está disposto e pronto para ouvi-las, é sinceramente desejoso de conhecer qual é o pensamento de Deus, e alegremente aceita o que sabe que é tal pensamento. As palavras de Deus têm tal autoridade sobre todos os que são nascidos de Deus, e são tão agradáveis a eles, que eles anelam por elas, como o menino Samuel: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve”. Que venha a palavra do Senhor. [2] Ele as apreende e discerne, ele as ouve para perceber a voz de Deus nelas, coisa que o homem natural não consegue fazer, 1 Coríntios 2.14. Aquele que é de Deus logo tem consciência das descobertas que faz a respeito dele, da proximidade do seu nome (Sl 75.1), como os familiares conhecem os passos do seu senhor, para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe (Lc 12.36), como a ovelha distingue a voz do seu pastor da de um estranho, cap. 10.4,5; Cantares 2.8.

(2) A aplicação desta doutrina, para a condenação destes judeus incrédulos: “Por isso, vós não as escutais”. Isto é: “Vocês não prestam atenção às palavras de Deus, vocês não as entendem, não crêem nelas, nem se preocupam em ouvi-las, porque não são de Deus. O fato de que vocês estejam surdos e mortos para a Palavra de Deus é uma evidência clara de que não são de Deus”. É na sua palavra que Deus se manifesta e está presente entre nós. Portanto, nós somos considerados bem ou mal-influenciados pela sua palavra. Veja 2 Coríntios 4.4; 1 João 4.6. Ou, o fato de que não eram de Deus era o motivo pelo qual eles não ouviam de maneira benéfica as palavras de Deus, proferidas por Cristo. Eles não o compreendiam, e não criam nele, não porque as coisas em si mesmas fossem obscuras, ou porque lhes faltasse evidência, mas porque os ouvintes não eram de Deus, não tinham nascido de novo. Se a palavra do reino não produz frutos, a culpa deve ser atribuída ao solo, e não à semente, como fica claro na parábola do semeador, Mateus 13.3.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 48-50

Aqui temos:

A maldade do inferno transparecendo na linguagem vil com que os judeus incrédulos se dirigiram ao nosso Senhor Jesus. Até aqui, eles tinham criticado sua doutrina e tinham feito observações invejosas sobre ela. Mas, tendo se mostrado pouco à vontade quando Ele os censura (vv. 43,47) por não o ouvirem, agora, finalmente, eles passam para as ofensas diretas, v. 48. Eles não eram pessoas comuns, mas, aparentemente, os escribas e fariseus, homens importantes, que, quando se viram acusados de uma infidelidade obstinada, zombeteiramente afastaram a acusação dizendo: “Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio?” Veja aqui, veja e espante-se, veja e trema:

1. Qual era o caráter blasfemo comumente atribuído ao nosso Senhor Jesus pelos judeus maldosos, ao qual eles se referem. (1) Que Ele era um samaritano, isto é, um inimigo da igreja e da nação deles, alguém a quem eles odiavam, alguém que eles não podiam tolerar. Desta maneira, eles o expunham à má vontade do povo, para quem não se podia dizer de um homem nada pior do que chamá-lo de samaritano. Se Ele fosse um samaritano, estaria sujeito a uma punição, como o espancamento dos rebeldes (assim eles chamavam este procedimento), por entrar no Templo. Eles o chamavam freqüentemente de *galileu – um homem inferior,* mas, como se isto não bastasse, embora uma coisa contradissesse a outra, eles o chamam de *samaritano – um homem mau.* Os judeus, até hoje, chamam os cristãos, de maneira acusadora, de *cuthaei – samaritanos*. Observe que grandes esforços têm sido feitos, em todas as épocas, para tornar odiosas as pessoas boas, atribuindo-lhes características negativas. E é fácil destruir aquele que já tem uma má fama usando uma multidão e um clamor. Talvez porque Cristo, com razão, atacasse o orgulho e a tirania dos sacerdotes e dos anciãos, aqui eles sugerem que Ele desejava a destruição da sua igreja, visando sua reforma, e que estivesse se voltando para os samaritanos. (2) Que Ele tinha demônio. Ou: [1] Que Ele tinha ligação com o demônio. Tendo reprovado sua doutrina, como tendendo ao samaritanismo, aqui eles refletem sobre seus milagres, como tendo sido realizados em aliança com Belzebu. Ou, mais exatamente: [2] Que Ele estava possuído por um demônio, que Ele era um homem melancólico, cujo cérebro estava perturbado, ou um homem louco, cujo cérebro estaria irritado, e que o que Ele dizia não merecia mais credibilidade do que as divagações extravagantes de um homem perturbado, ou de alguém delirante. Desta

maneira, a revelação divina daquelas coisas que estão acima da descoberta da razão foram sempre marcadas pela acusação de entusiasmo, e o profeta era chamado de louco, 2 Reis 9.11; Oséias 9.7. A inspiração dos oráculos e profetas pagãos era, na verdade, um frenesi, e aqueles que a tinham ficavam fora de si, mas aquilo que era verdadeiramente divino não era assim. “A sabedoria é justificada por seus filhos”, como sendo verdadeiramente sabedoria.

2. Como eles se empenharam em justificar estas características e aplicá-las à ocasião atual: “Nós não dizemos que você é isso?” Poderíamos pensar que os excelentes discursos de Jesus deveriam ter alterado a opinião que eles tinham a respeito dele, e os tivesse desmentido, mas, em vez disto, seus corações estavam mais insensíveis, e os preconceitos, confirmados. Eles se valorizavam mutuamente através da sua inimizade a Cristo, como se nunca tivessem falado melhor do que quando falaram o pior que podiam a respeito de Jesus Cristo. Chegaram ao máximo de maldade aqueles que confessam sua falta de piedade, repetem o que deviam desmentir, e se justificam naquilo pelo que deveriam se condenar. É ruim dizer e fazer o mal, mas é pior perseverar nisto. “É justo que me enfade”. Quando Cristo falava com tanta ousadia contra os pecados dos grandes homens, desta maneira incitando-os contra Ele, aqueles que não eram sensíveis a nenhum interesse, exceto ao que é secular e sensual, concluíam que Ele estava fora de si, pois pensavam que ninguém, exceto alguém louco, poderia perder sua posição, e colocar em risco sua vida, pela sua religião e consciência.

II A mansidão e a misericórdia do Céu brilhando na resposta de Cristo a esta calúnia vil, vv. 49,50.

1. Ele nega a acusação deles: “Eu não tenho demônio”. Como Paulo (At 26.25): “Não deliro”. A acusação é injusta. “Eu não sou influenciado por um demônio, nem estou aliado a um”. E isto Ele evidenciava pelo que fazia contra o reino do demônio. Ele não dá atenção ao fato de que o chamassem de samaritano, porque isto por si só provava ser uma calúnia, era uma reflexão pessoal, e não merecia que lhe fosse dada atenção. Mas dizer que Ele tinha um demônio refletia na sua comissão, e por isto Ele respondeu a esta acusação. Agostinho interpreta que Ele não disse nada em resposta a ter sido chamado de samaritano pelo fato de que Ele era, realmente, aquele bom samaritano de que fala a parábola, Lucas 10.33.

2. Ele afirma a sinceridade das suas próprias intenções: “Antes, honro a meu Pai”. Eles sugeriam que Ele recebia honras que não lhe eram devidas, e depreciava a honra devida somente a Deus, acusações que Ele nega aqui, dizendo que trabalhava para honrar ao seu Pai, e somente a Ele. Isto também prova que Ele não tinha demônio, pois, se tivesse, Ele não honraria a Deus. Observe que aqueles que podem verdadeiramente dizer que tem uma preocupação constante de honrar a Deus estão suficientemente armados contra as censuras e reprovações dos homens.

3. Ele se queixa do mal que lhe fizeram com suas calúnias: “Vós me desonrais”. Com isto, parece que, como homem, Ele tinha noção da desgraça e da indignidade que lhe eram feitas. A reprovação era uma espada nos seus ossos, e ainda assim Ele a suportou para nossa salvação. É a vontade de Deus que todos os homens honrem ao Filho, mas há muitos que o desonram. Tal é a contradição que existe na mente carnal à vontade de Deus. Cristo honrava seu Pai como nenhum homem fez, e foi, Ele mesmo, desonrado como nenhum homem foi, pois, embora Deus tenha prometido que honrará aqueles que o honrem, Ele nunca prometeu que os homens honrariam aqueles que o honrassem.

4. Ele se isenta da acusação de vanglória, ao dizer importantes palavras a respeito de si mesmo, v. 50. Veja aqui: (1) Seu desprezo pela honra do mundo: “Eu não busco a minha glória”. Ele não visava sua honra naquilo que tinha dito de si mesmo, ou contra seus perseguidores. Ele não cortejava o aplauso dos homens, nem cobiçava primazia no mundo, mas habilmente recusava ambos. Ele não procurava sua glória, separadamente da do seu Pai, nem tinha nenhum interesse pessoal, separadamente dos dele. Pois, para os homens, “a investigação da própria glória não é glória” (Pv 25.27), mas, na verdade, sua vergonha, por estar tão fora dos seus objetivos. Isto surge aqui como uma razão pela qual Cristo se importou tão pouco com as censuras: “Vocês me desonram, mas não conseguem me perturbar, não irão me inquietar, pois Eu não busco minha própria glória”. Observe que aqueles que estão mortos para o louvor dos homens podem, com segurança, suportar seu desprezo. (2) Seu consolo sob a desonra do mundo: “Há quem a busque e julgue”. Cristo demonstra, em duas coisas, que não procurava sua própria glória, e aqui Ele nos diz o que o satisfazia, quanto às duas coisas. [1] Ele não desejava o respeito dos homens, mas era indiferente a ele, e, com referência a isto, Ele diz: “Há quem busque, que irá proteger e

promover, meus interesses na estima e na afeição do povo, embora Eu não me preocupe com isto". Observe que Deus irá honrar àqueles que não buscam sua própria honra, pois "diante da honra, vai a humildade". [2] Ele não se vingou das afrontas dos homens, antes não se importou com elas, e, com referência a isto, Ele diz: "Há quem julgue, que irá vingar minha honra, e ajustar contas severamente com aqueles que a espezinharem". Aqui o Senhor provavelmente se refere aos julgamentos que viriam sobre a nação dos judeus, devido às indignidades que faziam ao Senhor Jesus. Veja Salmos 37.13-15. "Eu não ouvi, pois vocês não quiseram ouvir". Se nós nos dedicarmos a julgar por nós mesmos, qualquer que seja o prejuízo, nossa recompensa estará em nossas próprias mãos, mas se apelarmos humildemente a Deus e esperarmos pacientemente, como devemos fazer, descobriremos, para nosso consolo, que existe alguém que julga.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 51-59

Nestes versículos:

I A doutrina da imortalidade dos crentes é estabelecida, v. 51. Ela é apresentada com o prefácio solene usual: “Em verdade, em verdade vos digo”, o que exige atenção e também aceitação, e isto é o que Ele diz: “Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte”. Aqui temos: 1. O caráter de um crente: ele é alguém que observa as palavras do Senhor Jesus, *ton logon ton emon – minha palavra*. “Esta minha palavra que Eu transmiti a vocês”. Isto nós não somente devemos receber, mas guardar; não somente ter, mas reter. Nós devemos guardá-la na mente e na memória, guardá-la em amor e afeição, guardá-la de modo a não violá-la ou ir contra ela, guardá-la “sem mácula” (1 Tm 6.14), guardá-la como algo confiado a nós, guardá-la como nosso caminho, como nossa lei. 2. O privilégio de um crente: ele não verá a morte para sempre, de maneira alguma. Isto é o que está escrito no original. Não como se os corpos dos crentes estivessem protegidos do golpe da morte. Não, até mesmo os filhos do Altíssimo devem morrer como homens, e os seguidores de Cristo estiveram, mais do que outros homens, freqüentemente à morte, e eram mortos todo o tempo. Como, então, esta promessa de que eles não veriam a morte poderia ser cumprida? Resposta: (1) A propriedade da morte é tão alterada para aqueles que guardam as palavras de Jesus, que eles não a vêem como morte, não vêem o terror da morte, ele é removido. Sua visão não termina na morte, como a daqueles que vivem segundo os sentidos. Não. Eles vêem com tanta clareza, com tanto conforto, através da morte, e além dela, e são levados de tal maneira ao outro lado da morte, que não percebem a morte, e não a vêem. (2) O poder da morte está tão rompido, que, embora não exista remédio, a não ser ver a morte, ainda assim eles não verão a morte para sempre, não estarão para sempre encerrados na sua prisão, virá o dia em que “cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória”. (3) Eles são libertados perfeitamente da morte eterna, não receberão “o dano da segunda morte”. Esta é a morte à qual se faz referência aqui, esta morte que é para sempre, que é o oposto da vida eterna. Isto eles nunca verão, pois nunca serão condenados. Eles terão sua sorte eterna onde não haverá mais morte, onde já não podem mais morrer, Lucas 20.36. Embora agora eles não possam evitar ver a morte, e senti-la, ainda assim em breve eles estarão onde nunca mais a verão para sempre, Êxodo 14.13.

II Os judeus criticam esta doutrina. Em vez de se apegarem a esta preciosa promessa de imortalidade, que a natureza do homem ambiciona (Quem não ama a vida, e teme a visão da morte?), eles aproveitam esta oportunidade para reprovar aquele que lhes faz uma oferta tão gentil: “Agora, conhecemos que tens demônio. Morreu Abraão”. Observe aqui:

1. Sua ofensa: “Agora, conhecemos que tens demônio, que estás louco. Estás delirando, e não sabes o que estás dizendo”. Veja como estes porcos pisoteiam as preciosas pérolas das promessas do Evangelho. Se eles tivessem evidências para provar que Ele estava louco, por que disseram (v. 48), antes que tivessem esta prova: “Tens demônio”? Mas este é o método da maldade, primeiramente lançar uma acusação dolorosa, e depois procurar a evidência dela: “Agora, conhecemos que tens demônio”. Se Ele não tivesse provado, com evidências abundantes, ser um mestre vindo de Deus, suas promessas de imortalidade aos seus seguidores crédulos podiam, com razão, ser ridicularizadas, e a própria caridade teria lhes sido imputada como uma fantasia desvairada. Mas sua doutrina era, evidentemente, divina, seus milagres confirmavam isto, e a religião dos judeus os tinha ensinado a esperar um profeta como este, e a crer nele. Portanto, rejeitá-lo significava abandonar aquela promessa que suas doze tribos esperavam alcançar, Atos 26.7.

2. O raciocínio deles, e a desculpa que tinham para persegui-lo desta maneira. Em resumo, eles o consideravam culpado de uma arrogância insuportável, ao fazer-se maior que “Abraão e os profetas”: “Morreu Abraão e os profetas”, eles também morreram. Realmente, era verdade, da mesma maneira como estes judeus eram a descendência genuína daqueles que os tinham assassinado. Veja: (1) É verdade que Abraão e os profetas eram grandes homens, grandes na graça de Deus, e grandes na estima de todos os homens bons. (2) É verdade que eles guardavam as palavras de Deus, e eram obedientes a elas. E ainda assim: (3) É verdade que eles morreram. Eles nunca pretenderam ter, e muito menos dar, a imortalidade, mas cada um deles, na sua própria ordem, foi “congregado ao seu povo”. O fato de terem “morrido na fé” foi uma honra para eles, mas eles deviam morrer. Por que um homem bom deveria ter medo de morrer, quando Abraão está morto, e os profetas estão mortos? Eles percorreram o caminho pelo vale escuro, o que deveria nos reconciliar com a morte e ajudar a remover o terror dela. Agora eles pensam que Cristo fala como louco,

quando diz: “Se alguém guardar a minha palavra, nunca provará a morte”. Provar a morte significa a mesma coisa que ver a morte, e a morte pode muito bem ser representada como dolorosa para nossos diversos sentidos, pois ela é a destruição de todos eles. Mas a argumentação dos judeus se baseava em dois enganos: [1] Eles entendiam que Cristo tinha a imortalidade neste mundo, e isto era um engano. No sentido em que Cristo falava, não era verdade que Abraão e os profetas estivessem mortos, pois Deus ainda é o Deus de Abraão e o Deus dos santos profetas (Ap 22.6). “Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mt 22.32). Portanto, Abraão e os profetas ainda estão vivos, e, como Cristo queria dizer, não tinham visto nem provado a morte. [2] Eles pensavam que ninguém poderia ser maior do que Abraão e os profetas, ao passo que não podiam deixar de saber que o Messias seria maior do que Abraão ou qualquer um dos profetas. Eles agiram virtuosamente, mas Ele os excedeu a todos. Na verdade, eles emprestaram dele sua grandeza. Era uma honra para Abraão que o Messias fosse seu descendente segundo a carne, e uma honra para os profetas o fato de que testemunhassem de antemão a respeito dele, de modo que Ele certamente herdasse “mais excelente nome do que eles”. Portanto, em vez de deduzir, quando Cristo afirmou ser maior do que Abraão, que Ele tivesse um demônio, eles deviam ter deduzido, quando Ele provou que o era (realizando as obras que nem Abraão nem os profetas jamais tinham realizado), que Ele era o Cristo, mas seus olhos estavam cegos. Eles perguntaram, com escárnio: “Quem te fazes tu ser?” Como se Ele tivesse sido culpado de orgulho e vanglória. Mas Ele estava tão longe de se fazer maior, que agora lançou um véu sobre sua própria glória, esvaziou-se e se tornou menor do que era, e este foi o maior exemplo de humildade que já houve.

III A resposta de Cristo a estas críticas. Ele ainda condescende em argumentar com eles, “para que toda boca esteja fechada”. Sem dúvida, Ele podia tê-los tornado surdos ou mortos ali mesmo, mas este era o dia da sua paciência.

1. Na sua resposta, Ele não insiste no seu próprio testemunho a seu respeito, mas desiste dele, como sendo insuficiente ou não conclusivo (v. 54): “Se eu me glorifico a mim mesmo”, *ean ego doxazo*, “a minha glória não é nada”. Observe que a honra própria não é honra, e a simulação de

glória é tanto sua perda quanto sua rescisão. Isto “não é glória” (Pv 25.27), mas uma censura tão grande, que não existe pecado que os homens se esforcem mais para esconder do que este. Nem mesmo aquele que mais simula estar louvando ao Senhor deseja ser imaginado fazendo-o. A honra que nós mesmos criamos é uma mera quimera, não contém nada, e por isto é chamada de vanglória. Os que admiram a si mesmos, enganam a si mesmos. Nosso Senhor Jesus não era alguém que honrasse a si mesmo, como eles o apresentavam. Ele era coroado por aquele que é a fonte de honra, e não se glorificou a si mesmo, para se fazer Sumo Sacerdote, Hebreus 5.4,5.

2. Ele faz referência ao seu Pai, Deus, e ao pai deles, Abraão.

(1) Ao seu Pai, Deus: “Quem me glorifica é meu Pai”. Com isto, Ele quer dizer: [1] Que Ele obtinha do seu Pai toda a honra que agora reivindicava. Ele tinha ordenado que eles cressem nele, que o seguissem e que guardassem sua palavra, tudo o que lhe conferia honra, mas era o Pai que o ajudava, que armazenava em si toda a plenitude, que o santificava, e o confirmava, e o enviava ao mundo para receber todas as honras devidas ao Messias, e isto o justificava em todas estas questões de respeito. [2] Que Ele dependia do seu Pai para ter toda a honra que, mais adiante, esperava. Ele não desejava os aplausos da época, mas os desprezava, pois seus olhos e seu coração estavam sobre a glória que o Pai lhe tinha prometido, e que Ele tinha com o Pai “antes que o mundo existisse”. Ele desejava a honra com a qual o Pai iria exaltá-lo, e um nome que o Pai lhe daria, Filipenses 2.8,9. Observe que Cristo e todos os que são seus dependem de Deus para serem honrados, e aquele que tem a certeza de que será honrado onde é plenamente conhecido não se importará em ser desprezado no local onde está disfarçado. Apelando assim ao seu Pai, e ao testemunho que seu Pai daria a respeito dele, um testemunho que os judeus ainda não aceitavam nem davam crédito:

Em primeiro lugar, aqui Ele aproveita para mostrar-lhes a razão da sua incredulidade, apesar deste testemunho – e era sua pouca familiaridade com Deus. Como se Ele tivesse dito: “Mas por que Eu deveria falar com vocês que meu Pai me honra, quando Ele é alguém que vocês não conhecem? Vocês dizem que Ele é seu Deus, mas vocês não o conhecem”. Observe aqui:

a. A confissão que eles faziam em relação a Deus: “Vocês dizem que Ele é seu Deus, o Deus que vocês escolheram, e com quem vocês tem um concerto. Vocês dizem que são o Israel de Deus, mas ‘nem todos os que são de Israel são israelitas’”, Romanos 9.6. Observe que muitos fingem ter um interesse por Deus, e dizem que Ele é deles, mas não têm nenhuma razão justa para dizerem isto. Aqueles que se diziam ser o templo do Senhor, tendo profanado a excelência de Jacó, somente confiavam em palavras falsas. De que nos servirá dizer: “Ele é nosso Deus”, se não formos, sinceramente, seu povo, nem formos tais que Ele reconheça? Cristo aqui menciona a confissão que eles faziam com relação a Deus como um agravamento à sua incredulidade. Todas as pessoas honrarão aqueles a quem seu Deus honra, mas estes judeus, que diziam que o Senhor era seu Deus, tramavam como poderiam trazer a desgraça maior sobre aquele a quem Deus honrava. Observe que a confissão que fazemos de uma relação de concerto com Deus, e do nosso interesse por Ele, se não for aproveitada por nós, será aproveitada contra nós.

b. A ignorância deles a respeito dele, e sua separação dele, com a seguinte afirmação: “Vós não o conheceis”. (*a*) “Vocês realmente não o conhecem”. Estes fariseus estavam tão absorvidos no estudo das suas tradições a respeito de coisas diferentes e insignificantes, que não se preocuparam com o conhecimento mais necessário e útil. Como os falsos profetas de antigamente, que, pelos seus sonhos, faziam com que as pessoas esquecessem o nome de Deus, Jeremias 23.27. Ou: (*b*) “Vocês não o conhecem corretamente”, mas se enganam a respeito dele, e isto é tão ruim quanto não conhecê-lo completamente, ou ainda pior. Os homens podem discutir astutamente a respeito de Deus, e ainda assim julgá-lo como se Ele fosse alguém como eles, e não conhecê-lo. “Vocês dizem que Ele é seu, e é natural que desejemos conhecer os que são nossos, mas vocês não o conhecem”. Observe que há muitos que se dizem parentes de Deus que, no entanto, não têm conhecimento dele. Eles somente aprenderam a falar do nome de Deus, e a temê-lo, mas da natureza de Deus, dos seus atributos e suas perfeições, e do seu relacionamento com suas criaturas, eles não conhecem nada. Eles dizem isto para sua vergonha, 1 Coríntios 15.34. As multidões se satisfazem, mas se enganam, com uma relação nominal com um Deus desconhecido. Aqui, o Senhor Jesus Cristo acusa os judeus de estarem vivendo esta situação: [*a*] Para mostrar como eram vãs e

infundadas suas pretensões de se relacionarem com Deus. “Vocês dizem que Ele é de vocês, mas vocês se enganam, pois está claro que não o conhecem”. E nós reconheceremos que os trapaceiros serão efetivamente culpados se descobrirmos que eles são ignorantes sobre as pessoas com as quais fingem ter uma aliança. [*b*] Para mostrar a verdadeira razão pela qual eles não se transformavam pela doutrina e pelos milagres de Cristo. Eles não conheciam a Deus, e por isto não percebiam a imagem de Deus, nem a voz de Deus, em Cristo. Observe que a razão pela qual os homens não recebem o Evangelho de Cristo se deve ao fato de que eles não conhecem a Deus. Os homens não se submetem à justiça de Cristo porque não conhecem a justiça de Deus, Romanos 10.3. Aqueles que não conhecem a Deus, e não obedecem ao Evangelho de Cristo, estão juntos, 2 Tessalonicenses 1.8.

Em segundo lugar, Ele lhes dá a razão da sua certeza de que seu Pai o honraria e reconheceria: “Mas eu conheço-o”, e outra vez: “conheço-o”, o que indica, não somente sua familiaridade com Ele, tendo estado no seu seio, mas sua confiança nele, de estar ao seu lado e sustentá-lo na sua missão. Como foi profetizado a seu respeito (Is 50.7,8): “Sei que não serei confundido. Perto está o que me justifica”. E como Paulo: “‘eu sei em quem tenho crido’ (2 Tm 1.12), Eu sei que Ele é fiel, e poderoso, e sinceramente envolvido na causa que Eu sei que é dele”. Observe: 1. Como Ele professa o conhecimento que tem do seu Pai, com a maior certeza, como alguém que não sentia medo ou vergonha de admiti-lo: “Se disser que não o conheço, serei mentiroso como vós”. Ele não negaria sua relação com Deus, o Pai, para satisfazer aos judeus e para evitar suas reprovações, evitando assim problemas maiores, nem retiraria o que tinha dito, ou confessaria ter sido enganado ou enganador. Se o fizesse, Ele estaria dando um falso testemunho contra Deus, o Pai, e contra si mesmo. Observe que aqueles que negam sua religião e sua relação com Deus, como Pedro, são mentirosos, tanto quanto o são os hipócritas, que fingem conhecê-lo, quando não o conhecem. Veja 1 Timóteo 6.13,14. O Sr. Clark bem observa, com isto, que é um grande pecado negar a graça de Deus em nós. 2. Como Ele prova o conhecimento que tem do seu Pai: “Conheço-o e guardo a sua palavra”. Cristo, como homem, obedecia à lei moral, e como Redentor, à lei de mediação, e em ambas as condições, Ele guardava a palavra do seu Pai, e sua própria palavra com o Pai. Cristo exige de nós (v. 51) que guardemos

suas palavras, e Ele foi, para nós, um exemplo de obediência, um exemplo sem máculas. Ele guardava a palavra do seu Pai. Aquele que “aprendeu a obediência” bem podia ensiná-la. Veja Hebreus 5.8,9. Cristo, com isto, evidenciava que conhecia o Pai. Observe que a melhor prova de que conhecemos a Deus é nossa obediência a Ele. Somente aqueles que conhecem corretamente a Deus guardam sua palavra. Isto é uma regra, 1 João 2.3. “Nisto sabemos que o conhecemos:”, e não somente imaginamos que o conhecemos, “se guardarmos os seus mandamentos”.

(2) Cristo fala daquele que eles consideravam como pai, e de cuja descendência se vangloriavam tanto, Abraão, e isto encerra seu sermão.

[1] Cristo confirma a esperança que Abraão tinha dele, e o respeito que sentia por Ele: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se”, v. 56. E com isto, Ele prova que não estava errado quando se fez maior do que Abraão. Duas coisas Ele diz aqui, como exemplos do respeito daquele patriarca ao Messias prometido:

Em primeiro lugar, a ambição que ele tinha de ver seu dia: ele exultou, *egalliasato – ele pulou de alegria*. A palavra, embora normalmente signifique exultar, aqui deve significar um desejo arrebatador, e não apenas uma alegria, pois, de outra maneira, a segunda parte do versículo seria uma tautologia. Ele “viu-o”, e “alegrou-se”. “Ele se moveu, ou se esforçou, para que pudesse ver meu dia”. Como Zaqueu, que correu adiante, e subiu na figueira para “ver quem era Jesus”. As notícias que Zaqueu tinha recebido a respeito do Messias que viria tinham despertado nele uma expectativa de algo grande, do que ele fervorosamente desejava conhecer mais. A insinuação obscura daquilo que é considerável faz os homens investigarem, e perguntarem ansiosamente: Quem? O que? Onde? Quando? Como? E assim os profetas do Antigo Testamento, tendo uma idéia geral de uma graça que viria, inquiriram diligentemente (1 Pe 1.10), e Abraão se mostrou, aqui, tão empenhado quanto qualquer um deles. Deus lhe falou de uma terra que daria à sua posteridade, e lhe falou da riqueza e da honra que lhes designava (Gn 15.14), mas ele nunca saltou desta maneira, para ver este dia, como saltou para ver o dia do Filho do homem. Ele não podia olhar com tanta indiferença para a semente prometida, como poderia olhar para a terra prometida. Para esta, ele era um estranho, mas para a outra, ele não poderia ser. Observe que aqueles que conhecem corretamente alguma coisa a respeito de Cristo não podem deixar de desejar ardentemente conhecer mais

sobre Ele. Aqueles que discernem o amanhecer da luz do Sol da Justiça não podem deixar de desejar ver seu nascer. O mistério da redenção é aquele que os anjos desejam conhecer cada vez mais, e muito mais deveríamos nós, que temos um interesse mais imediato nele. Abraão desejou ver o dia de Cristo, embora ele estivesse a uma grande distância, mas esta sua semente degenerada não discernia seu dia, nem lhe deu as boas-vindas, quando esse dia chegou. A aparição de Cristo, que as almas graciosas amam e desejam, os corações carnais temem e odeiam.

Em segundo lugar, a satisfação que ele sentiu com o que viu: “Viu-o, e alegrou-se”. Observe aqui:

a. Como Deus satisfez o desejo piedoso de Abraão. Ele desejava ver o dia de Cristo, e o viu. Embora ele não visse tão claramente, e plenamente, e distintamente, como nós agora o vemos sob o Evangelho, ainda assim ele viu alguma coisa dele, mais, posteriormente, do que tinha visto a princípio. Observe que ao que tem, e ao que pedir, ser-lhe-á dado. Àquele que usar e aproveitar o que tem, e que desejar e orar, pedindo mais conhecimento de Cristo, Deus dará mais. Mas como Abraão viu o dia de Cristo? (*a*) Alguns entendem que se trate da visão que Abraão teve, no outro mundo. A alma separada de Abraão, quando o véu da carne se rasgou, viu os mistérios do reino de Deus no céu. Calvino menciona esta possibilidade, e não a descarta. Observe que o desejo das almas graciosas por Jesus Cristo será plenamente satisfeito quando forem para o céu, e não antes disto. Mas (*b*) Isto se entende mais comumente como alguma visão que ele tenha tido do dia de Cristo neste mundo. Aqueles que não receberam as promessas, ainda assim as viram de longe, Hebreus 11.13. Balaão viu a Cristo, mas não em seus dias, não de perto. Há espaço para conjeturar que Abraão teve alguma visão de Cristo e do seu dia, para sua própria satisfação pessoal, o que não está, nem deve estar, registrado na sua história, como a de Daniel, que deveria ser fechada e selada até o fim do tempo, Daniel 12.4. Cristo sabia, melhor do que Moisés, o que Abraão viu. Mas há diversas coisas registradas, nas quais Abraão viu mais daquilo que desejava ver do que viu quando a promessa lhe foi feita. Ele viu em Melquisedeque alguém “semelhante ao Filho de Deus”, e um sacerdote eterno. Ele viu uma aparição de Jeová, assistido por dois anjos, nos carvalhais de Manre. Na superioridade da sua intercessão por Sodoma, ele viu um modelo da intercessão de Cristo. Na expulsão de Ismael, e no estabelecimento do

concerto com Isaque, ele viu um modelo do dia do Evangelho, que é o dia de Cristo, pois estas coisas eram uma alegoria. Ao oferecer Isaque, e o cordeiro no lugar de Isaque, ele viu um duplo tipo do grande sacrifício, e o fato de que chamasse o lugar de *Jehovah-jireh – será visto* indica que ele viu mais nele do que outros, coisas que o tempo iria trazer. E ao pedir que seu servo pusesse a mão debaixo da sua coxa, ao jurar, ele teve uma consideração para com o Messias.

b. Como Abraão recebeu estas revelações do dia de Cristo, e lhes deu as boas vindas: "Viu-o, e alegrou-se". Ele se alegrou com o que ele viu da graça de Deus para si mesmo, e com o que ele previu da misericórdia que Deus tinha reservada para o mundo. Talvez isto nos lembre do riso de Abraão, quando Deus lhe prometeu um filho gerado por Sara (Gn 17.16,17), pois aquele não era um riso de falta de confiança, como o de Sara, mas de alegria. Naquela promessa, ele viu o dia de Cristo, e isto o encheu de uma alegria indescritível. Assim, ele aceitou as promessas. Observe que uma visão de Cristo e do seu dia, com fé, irá colocar alegria no coração. Não há alegria como a alegria da fé. Ninguém jamais sentirá o verdadeiro prazer, até que conheça a Cristo.

[2] Os judeus criticaram isto, e tentaram reprovar Jesus por isto (v. 57): "Ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão?" Aqui, em primeiro lugar, eles supõem que se Abraão o viu, e ao seu dia, Ele também tinha visto a Abraão, o que não era uma indicação indireta, mas esta mudança nas suas palavras serviria para expô-lo. Porém, era verdade que Cristo tinha visto a Abraão, e tinha conversado com Ele, como um homem conversa com seu amigo. Em segundo lugar, eles supõem que era uma coisa absurda que Ele pretendesse ter visto a Abraão, que estava morto há tantos séculos antes que Ele nascesse. O estado dos mortos é um estado invisível, mas aqui eles caem no antigo engano, compreendendo corporeamente o que Cristo falava espiritualmente. Isto lhes deu oportunidade para desprezar a juventude de Cristo, e para recriminá-lo por isto, como se Ele fosse jovem demais, e não soubesse nada: "Ainda não tens cinqüenta anos". Eles podiam igualmente ter dito: "Ainda não tens quarenta anos", pois agora Ele teria apenas trinta e dois ou trinta e três anos de idade. Quanto a este tema, Irineu, um dos primeiros patriarcas da igreja, usando esta passagem, apóia a tradição que ele diz que obteve através de algumas pessoas que tinham convivido com o apóstolo João, de que nosso Salvador viveu até os cinqüenta anos de idade.

Ele discute esta hipótese em sua obra, *Advers. Haeres.*, liv. 2, caps. 39 e 40. Veja como se deve dar pouco crédito à tradição. E, quanto a isto, os judeus falaram aqui de maneira aleatória. Eles iriam mencionar alguma idade, e por isto tomaram uma da qual julgaram que Ele estivesse bastante distante. O Senhor Jesus não parecia ter quarenta anos, mas eles tinham a certeza de que Ele não poderia ter cinqüenta, e muito menos ser contemporâneo de Abraão. Considerava-se que a velhice começava aos cinqüenta anos (Nm 4.47), de modo que eles queriam dizer nada mais que o seguinte: "Você não deve ser considerado um homem velho. Muitos de nós somos muito mais velhos que você, e não pretendemos ter visto a Abraão". Alguns pensam que a fisionomia de Jesus estava tão alterada, com a tristeza e a vigília, que, juntamente com a seriedade do seu aspecto, o fazia parecer um homem de cinqüenta anos: "A sua aparência estava tão desfigurada", Isaías 52.14.

[3] Nosso Salvador dá uma resposta impressionante a esta crítica, com uma afirmação solene da sua idade maior até mesmo do que a de Abraão (v. 58): "'Em verdade, em verdade vos digo'. Eu não somente digo isto privadamente aos meus discípulos, que se certificarão de dizer o que Eu digo, mas a vós, meus inimigos e perseguidores. Eu digo isto diante de vós, entendei como quiserdes: 'Antes que Abraão existisse, Eu sou'". *Prin Abraam genesthai, ego eimi – antes que Abraão fosse criado ou nascido, Eu sou.* A mudança na expressão é notável, e indica que Abraão era uma criatura, e Ele mesmo, o Criador. Portanto, Ele podia se fazer maior do que Abraão. Antes que Abraão existisse, Ele era, em primeiro lugar, como Deus. "Eu sou" é o nome de Deus (Êx 3.14). Isto indica sua existência própria. Ele não diz: "Eu era", mas: "Eu sou", pois Ele é o primeiro e o último, imutavelmente o mesmo (Ap 1.8). Assim, Ele era, não somente antes de Abraão, mas antes de todos os mundos, cap. 1.1; Provérbios 8.23. Em segundo lugar, como Mediador. Ele era o Messias indicado, muito tempo antes de Abraão, o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8), o canal de transmissão de luz, vida e amor de Deus ao homem. O fato de o Senhor Jesus ser o mesmo desde a eternidade pressupõe sua natureza divina (Hb 13.8), e que Ele é o mesmo para os homens, desde a queda do homem. Ele foi feito sabedoria, justiça, santificação e redenção da parte de Deus para Adão, Abel, Enoque, Noé, Sem, e para todos os patriarcas que viveram e morreram na fé nele, antes que Abraão nascesse. Abraão era a raiz da nação judaica, a rocha da qual

eles haviam sido cortados. Se Cristo era antes de Abraão, sua doutrina e religião não eram novidade, mas eram, na sua essência, anteriores ao judaísmo, e deveriam tomar seu lugar.

[4] Esta grande frase encerrou abruptamente a discussão, dando-lhe um fim. Eles não podiam tolerar ouvir mais nada dele, e Ele não precisava dizer mais nada a eles, tendo testemunhado esta boa confissão, que era suficiente para suportar todas as suas reivindicações. Alguém poderia pensar que as palavras de Cristo, em que brilhavam tanta graça e glória, teriam cativado a todos, mas o preconceito inveterado deles contra a santa doutrina espiritual e a lei de Cristo, que eram tão contrárias ao seu orgulho e materialismo, frustravam todos os métodos de convicção. Agora se cumpria a profecia (Ml 3.1,2) de que, quando o mensageiro do concerto viesse ao seu Templo, eles não subsistiriam ao dia da sua vinda, porque Ele seria como o fogo do ourives. Observe aqui:

Em primeiro lugar, como eles se enfureceram com Cristo, pelo que Ele dizia: “Pegaram em pedras para lhe atirarem”, v. 59. Talvez eles o considerassem um blasfemo, e os blasfemos deviam, realmente, ser apedrejados (Lv 24.16), mas depois de serem legalmente julgados e condenados. Diga adeus à justiça e à ordem, se todo homem pretender executar a lei como desejar. Além disto, eles tinham dito, há pouco tempo, que Ele era um homem louco e perturbado, e se fosse assim, era contrário a toda razão e eqüidade puni-lo como a um malfeitor pelo que Ele tinha dito. Eles “pegaram em pedras”. O Dr. Lightfoot explica como eles podiam ter pedras tão prontas no Templo. Nesta época, eles tinham trabalhadores reparando o Templo, ou fazendo alguma reforma, e as pedras que eles cortavam serviriam para este propósito. Veja aqui o poder desesperado do pecado e de Satanás, nos filhos da desobediência, e sobre eles. Quem iria pensar que haveria uma maldade como esta nos homens, tal rebelião aberta e corajosa contra aquele que inegavelmente provava ser o Filho de Deus? Desta forma, cada um tinha uma pedra para atirar contra sua santa religião, Atos 28.22.

Em segundo lugar, como Ele escapou das suas mãos. 1. Ele se escondeu. Jesus “ocultou-se”, *ekrybe – Ele foi ocultado*, ou pela multidão daqueles que lhe queriam bem, para protegê-lo (aquele que devia estar sobre um trono alto e elevado se satisfaz em se misturar com uma multidão). Ou talvez Ele tivesse se escondido atrás de algumas das paredes ou colunas do

Templo (“No oculto do seu tabernáculo me esconderá”, Salmos 27.5). Ou por um poder divino, lançando uma névoa diante dos seus olhos, Ele se fez invisível a eles. “Quando os ímpios sobem, os homens escondem-se”, neste caso um homem sábio e bom, Provérbios 28.12,28. Não que Cristo tivesse medo ou vergonha de sustentar o que tinha dito, mas sua hora ainda não era chegada, e Ele desejava estimular a fuga dos seus ministros e do seu povo em tempos de perseguição, quando isto fosse necessário. O Senhor escondeu Jeremias e Baruque, Jeremias 36.26. 2. Ele se retirou, “saiu do templo, passando pelo meio deles”, sem ser descoberto, mas ignorado. Esta não era uma fuga vergonhosa e covarde, nem que demonstrasse culpa ou temor. A respeito dele, estava predito que Ele não faltaria, nem seria quebrantado, Isaías 42.4. Mas: (1) Isto era um exemplo do poder que o Senhor tem sobre seus inimigos, e de que eles não poderiam fazer contra Ele mais do que Ele lhes permitia. Com isto, parece que quando, posteriormente, Ele foi às profundezas, Ele “se ofereceu a si mesmo”, cap. 10.18. Agora eles pensavam que o haviam detido, e, apesar disto, Ele passou pelo meio deles, porque seus olhos estavam cegos, ou porque suas mãos estavam atadas, e assim Ele os deixou furiosos, como um leão desapontado em relação à sua presa. (2) Isto era um exemplo da sua prudente provisão para sua própria segurança, uma vez que Ele sabia que sua obra ainda não estava terminada, nem seu testemunho, concluído. Dessa forma, Ele deu um exemplo da sua própria regra: “Quando, pois, vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra” (Mt 10.23), na verdade, se houver oportunidade, para um deserto, como fez Elias (1 Rs 19.3,4), e a mulher, a igreja, Apocalipse 12.6. Quando eles pegaram as pedras soltas para atirar em Cristo, Ele podia ter ordenado que as pedras fixas, que clamavam do muro atrás deles, vingassem sua causa, ou que a terra se abrisse e os tragasse, mas Ele preferiu aceitar a condição em que estava, para que seu exemplo pudesse ser imitado pela prudência dos seus seguidores, sem que fosse necessário um milagre. (3) Isto era uma deserção justa daqueles que (piores que os gadarenos, que pediram que Ele partisse) o expulsavam com pedras. Cristo não ficará por muito tempo com aqueles que lhe pedem que Ele se vá. Cristo visitou novamente o Templo depois disto. Como alguém que detesta partir, Ele estava freqüentemente se despedindo, mas, por fim, Ele o abandonou para sempre, e o deixou vazio. Agora Cristo tinha passado no meio dos judeus, e nenhum deles lhe pediu

que ficasse, nem teve vontade de apegar-se a Ele, mas todos ficaram satisfeitos por deixá-lo ir. Observe que Deus nunca abandona ninguém, até que lhe façam partir e não desejem nada dele. Calvino observa que estes principais dos sacerdotes, quando expulsaram a Cristo do Templo, orgulharam-se da posse que tinham mantido: “Mas”, diz ele, “enganam-se aqueles que se orgulham de uma igreja ou de um templo que Cristo abandonou”. *Longe falluntur, cum templum se habere putant Deo vacuum.* Quando Cristo os deixou, Ele aparentemente passou silenciosamente e despercebido, *paregen houtos*, para que não o percebessem. Observe que a partida de Cristo de uma igreja, ou de uma alma em particular, freqüentemente ocorre em segredo, e não é percebida imediatamente. Como o reino de Deus não chega com alvoroço, ele também não parte com alvoroço. Veja Juízes 16.20. Sansão “não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele”. O mesmo aconteceu com estes judeus abandonados. Deus os deixou, e eles nunca sentiram sua falta.

CAPÍTULO 9

Depois que Cristo deixou o Templo, no final do capítulo anterior, e antes que acontecesse o que está registrado neste capítulo, Ele tinha estado no campo, durante algum tempo, aproximadamente dois ou três meses. Neste intervalo de tempo, o Dr. Lightfoot, e outros que concordam com ele, incluem todas as passagens que ocorreram entre Lucas 10.17 e 13.17. O que está registrado nos capítulos 7 e 8 foi o que aconteceu na Festa dos Tabernáculos, em setembro. O que está registrado neste capítulo, e no seguinte, aconteceu na Festa da Dedicação, em dezembro, cap. 10.22. O Sr. Clark e outros incluem este evento imediatamente depois do capítulo anterior. Neste capítulo, temos: I. A cura milagrosa de um homem que era cego de nascença, vv. 1-7. II. As conversas que foram motivadas por ela. 1. A conversa dos vizinhos, entre si, e com o homem, vv. 8-12. 2. Entre os fariseus e o homem, vv. 13-34. 3. Entre Cristo e o pobre homem, vv. 35-38. 4. Entre Cristo e os fariseus, v. 39 até o final do capítulo.

A Visão É Concedida a um Cego de Nascença

vv. 1-7

Aqui temos a visão concedida a um pobre mendigo que era cego de nascença. Observe:

I Como nosso Senhor Jesus notou o caso digno de piedade deste pobre cego (v. 1): “Passando Jesus, viu um homem cego de nascença”. As primeiras palavras parecem referir-se ao final do capítulo anterior, e estimulam a opinião daqueles que, na harmonização, colocam esta história imediatamente depois daquela. Ali estava escrito *paregen – Ele passou por eles*, e aqui, mesmo sem repetir seu nome (embora nossos tradutores o incluam) *kai parago – e enquanto Ele passava por eles*. 1. Embora os judeus o tivessem maltratado de maneira tão vil, tanto em palavras como em obras lhe tivessem feito as maiores provocações imagináveis, Ele não perdia nenhuma oportunidade de fazer o bem entre eles, nem tomou a decisão, como, com razão, poderia ter feito, de nunca favorecê-los com qualquer obra boa. A cura deste cego foi uma bondade para o público, capacitando a trabalhar para ganhar a vida alguém que antes era uma carga e um peso para a vizinhança. É nobre, e generoso, e cristão ter vontade de servir ao público, mesmo quando somos desprezados e incomodados por eles, ou assim julgamos. Embora Jesus estivesse fugindo de um perigo ameaçador, e fugindo para salvar sua vida, de boa vontade Ele parou e permaneceu durante algum tempo para mostrar misericórdia a este pobre homem. Nós acabamos sendo mais precipitados do que bem-sucedidos quando não percebemos as oportunidades de fazer o bem. 2. Quando os fariseus expulsaram Cristo do seu meio, Ele foi até este pobre mendigo cego. Alguns dos antigos fazem disto um modelo da transmissão do Evangelho aos gentios, que estavam nas trevas, quando os judeus o tinham rejeitado e o tinham afastado deles. 3. Cristo tomou este pobre cego que estava no seu caminho e o curou *in transitu – ao passar por ali*. Nós também devemos aproveitar as oportunidades de fazer o bem, mesmo ao passarmos, onde quer que estejamos.

Veja: (1) A condição deste pobre homem era muito triste. Ele era cego, e o tinha sido desde seu nascimento. Se a luz é doce, como deve ser melancólico para um homem, todos os seus dias, comer na escuridão! Aquele que é cego não sente prazer na luz, mas aquele que é cego de

nascença não tem idéia do que é a luz. Eu penso que alguém cego daria uma grande fortuna para ter sua curiosidade satisfeita com apenas um dia de visão de luz e cores, formas e figuras, ainda que nunca mais as pudesse ver novamente. “Por que se dá luz [da vida] ao miserável”, que está privado da luz do sol, “cujo caminho é oculto, e a quem Deus o encobriu?” Jó 3.20-23. Bendigamos a Deus por não ser este nosso caso. O olho é uma das partes mais curiosas do corpo, sua estrutura é extremamente fina e preciosa. Na formação de animais, diz-se que é a primeira parte que aparece discernível. Que misericórdia é o fato de que não houve nenhum malogro quando nossos olhos foram feitos! Cristo curou a muitos que eram cegos por motivo de doença ou acidente, mas aqui Ele curou a uma pessoa que era cega de nascença. [1] Para que pudesse dar um exemplo do seu poder para auxiliar nos casos mais desesperadores, e aliviar, quando ninguém mais pode fazê-lo. [2] Para que pudesse dar uma amostra da obra da sua graça nas almas dos pecadores, a graça que dá a visão aos que são cegos por natureza.

(2) A compaixão do nosso Senhor Jesus pelo homem foi muito terna. Ele o viu, isto é, Ele tomou conhecimento do seu caso, e olhou para ele com interesse. Quando Deus está prestes a realizar uma libertação, diz-se que Ele vê a aflição. Assim, Cristo viu este pobre homem. Outros o viam, mas não como Ele. Este pobre homem não podia ver a Cristo, mas Cristo o viu, e antecipou tanto suas orações quanto suas expectativas com uma cura surpreendente. Cristo é freqüentemente encontrado por aqueles que não o buscam, nem o vêem, Isaías 65.1. E, se nós conhecemos ou apreendemos alguma coisa sobre Cristo, é porque antes fomos conhecidos dele (Gl 4.9) e presos por Ele, Filipenses 3.12.

II A conversa entre Cristo e seus discípulos a respeito deste homem.

Quando Ele deixou o Templo, eles o acompanharam, pois estes eram os que permaneceram com Ele nas suas tentações, e o seguiam onde quer que Ele fosse, e não perdiam nada com seu apego a Ele, mas ganhavam abundante experiência. Observe:

1. A pergunta que os discípulos propõem ao seu Mestre sobre o caso deste cego, v. 2. Quando Cristo olhou para o pobre homem, eles também o observaram. A compaixão de Cristo deveria despertar a nossa. É provável que Cristo lhes tivesse dito que este pobre homem era cego de nascença, ou

eles sabiam disto porque era de conhecimento público, mas eles não comoveram a Cristo para curá-lo. Em vez disto, eles fizeram uma pergunta muito estranha a respeito do homem: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” Esta pergunta era:

(1) Reprovadora e sem caridade. Eles pressupõem que esta calamidade extraordinária era a punição de alguma maldade incomum, e que este homem fosse um pecador, mais do que todos os homens que habitavam em Jerusalém, Lucas 13.4. Que os bárbaros concluíssem: “Certamente este homem é homicida”, não seria tão estranho, mas é imperdoável que os discípulos, que conheciam as Escrituras, que tinham lido que todas as coisas sucedem a todos da mesma maneira, e que conheciam aquilo que foi observado no caso de Jó, pensem que os maiores sofredores devam, por isto, ser considerados os maiores pecadores. A graça do arrependimento chama nossas próprias aflições de punições, mas a graça da caridade chama as aflições dos outros de provações, a menos que o contrário seja muito evidente.

(2) Apresentava uma curiosidade desnecessária. Concluindo que esta calamidade era causada por algum crime muito hediondo, eles perguntam: “Quem cometeu o crime, este homem ou seus pais?” E o que eles tinham a ver com isto? Ou que bem lhes traria saber isto? Nós podemos ser mais curiosos a respeito dos pecados de outras pessoas do que a respeito dos nossos próprios pecados, embora devamos nos preocupar mais em saber por que Deus luta conosco do que saber por que Ele luta com os outros, pois julgar os outros costuma ser nosso pecado. Eles querem saber: [1] Se este homem estava sendo punido desta maneira por algum pecado seu, cometido ou previsto antes do seu nascimento. Alguns pensam que os discípulos estavam influenciados pela noção pitagórica da pré-existência das almas, e sua transmigração de um corpo a outro. A alma deste homem estaria condenada à masmorra deste corpo cego, para puni-la por algum grande pecado, cometido em outro corpo que ela teria animado anteriormente? Os fariseus parecem ter tido a mesma opinião sobre o caso do homem, quando disseram: “Tu és nascido todo em pecados” (v. 34), como se todos aqueles a quem a natureza tinha estigmatizado, e somente aqueles, fossem nascidos em pecado. Ou: [2] Se ele tinha sido punido pelos pecados dos seus pais, que alguns pensam que Deus, às vezes, faz recair sobre os filhos. Aqueles que crêem deste modo consideram que esta seja uma boa razão pela qual os

pais devam prestar atenção ao pecado, para que os filhos não sofram por ele, depois que os pais tiverem morrido. Não sejamos cruéis com nossos parentes, como o avestruz no deserto. Talvez os discípulos perguntassem isto, não como crendo que esta fosse a punição de algum pecado real, dele mesmo ou dos seus pais, mas por Cristo ter dado a entender, a outro paciente, que seu pecado era a causa da sua paralisia (cap. 5.14). “Mestre”, dizem eles, “de quem é o pecado que é a causa desta deficiência?” Sem saber como interpretar esta providência, eles desejam ser informados. A justiça das dispensações de Deus é sempre certa, pois sua justiça “é como as grandes montanhas”, mas nem sempre se explica, pois os “seus juízos são um grande abismo” (Sl 36.6).

2. A resposta de Cristo a esta pergunta. Ele sempre está predisposto a ensinar, e a corrigir os enganos dos seus discípulos.

(1) Ele explica a razão da cegueira deste pobre homem: “‘Nem ele pecou, nem seus pais’, mas ele nasceu cego, e permaneceu assim até hoje, ‘para que se manifestem nele as obras de Deus’”, v. 3. Aqui Cristo, que conhecia perfeitamente as origens secretas dos conselhos divinos, lhes diz duas coisas a respeito de tais calamidades incomuns: [1] Que elas nem sempre são infligidas como punições aos pecados. A iniqüidade de toda a raça humana realmente justifica a Deus em todas as desgraças da vida humana, para que aqueles que têm a menor parcela delas digam que Deus é bom, e aqueles que têm a maior parcela não digam que Ele é injusto. Mas muitos são feitos muito mais miseráveis do que outros nesta vida, e não são, de nenhuma maneira, mais pecadores do que os outros. Certamente, este homem era um pecador, e seus pais também eram pecadores, mas Deus não tinha em mente uma culpa incomum ao permitir que ele sofresse aquela cegueira. Observe que nós devemos prestar atenção ao julgar quaisquer pessoas que possam ser grandes pecadores simplesmente porque são grandes sofredores, para que não nos encontremos, não somente perseguindo aquele a quem Deus feriu (Sl 69.26), mas também acusando aqueles a quem Ele justificou, e condenando aqueles pelos quais Cristo morreu, o que é ousado e perigoso, Romanos 8.33,34. [2] Que, às vezes, elas visam puramente a glória de Deus, e a manifestação das suas obras. Deus tem a soberania sobre todas as suas criaturas, e o direito exclusivo sobre elas, e pode torná-las úteis, para sua glória, da maneira que julgar adequada, em realizações ou sofrimentos. E se Deus for glorificado, seja

por nós ou em nós, nós não teremos sido criados em vão. Este homem nasceu cego, e era adequado que ele assim fosse, e continuasse nas trevas por muito tempo, para que as obras de Deus pudessem se manifestar nele. Isto é, em primeiro lugar, para que os atributos de Deus pudessem se manifestar nele: sua justiça, ao fazer o homem pecador sujeito a tais calamidades dolorosas; seu poder e sua bondade extraordinários, ao assistir a um pobre homem sob tão dolorosa e odiosa aflição, especialmente para que seu poder e sua bondade extraordinários pudessem se manifestar na cura do homem. Observe que as dificuldades da providência, que seriam inexplicáveis de outra maneira, podem ser interpretadas como segue. Deus pretende, nelas, mostrar-se, declarar sua glória, fazer-se notar. Aqueles que não consideram a Deus no curso normal das coisas, às vezes, são alarmados por coisas extraordinárias. Com que satisfação, então, um homem bom pode perder seus confortos, quando tem a certeza de que desta forma Deus receberá, de uma maneira ou de outra, ainda mais glória! Em segundo lugar, para que os conselhos de Deus, a respeito do Redentor, pudessem ser manifestados nele. Ele nasceu cego para que nosso Senhor Jesus pudesse ter a honra de curá-lo, e pudesse, desta maneira, provar que tinha sido enviado por Deus para ser a verdadeira luz ao mundo. Assim, a queda do homem tinha sido permitida, e a cegueira que a seguiu, para que as obras de Deus pudessem se manifestar ao abrir os olhos dos cegos. Fazia muito tempo que este homem tinha nascido cego, e nunca se tinha sabido, até agora, por que ele era assim. Observe que as intenções da Providência normalmente não se apresentam, até muito tempo depois do evento, talvez muitos anos depois. As sentenças no livro da providência às vezes são longas, e é necessário ler muito antes de conseguir compreender seu sentido.

(2) Jesus apresenta a razão da sua própria iniciativa e prontidão para ajudar e curar o cego, vv. 4,5. Não era por ostentação, mas para prosseguir com sua missão: “Convém que eu faça as obras daquele que me enviou”, e esta é uma destas obras, “enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar”. Isto não é apenas uma das razões pelas quais Cristo estava constantemente fazendo o bem aos corpos e almas dos homens, mas por que Ele realizou esta em particular, embora fosse sábado, quando as obras de necessidade podiam ser feitas, e Ele provou que esta era uma obra de necessidade.

[1] Era a vontade do seu Pai: “Convém que eu faça as obras daquele que me enviou”. Observe que, em primeiro lugar, o Pai, quando enviou seu Filho ao mundo, lhe deu trabalho para fazer. Ele não veio ao mundo para assumir uma posição de autoridade, mas para trabalhar. Aquele a quem Deus envia, Ele usa, pois Ele não envia ninguém para estar ocioso. Em segundo lugar, as obras que Cristo tinha que realizar eram as obras daquele que o tinha enviado, não somente indicadas por Ele, mas realizadas por Ele. Ele era um trabalhador, juntamente com Deus. Em terceiro lugar, Ele se alegrava de colocar-se sob as mais fortes obrigações para realizar a tarefa que tinha sido enviado para fazer: “Convém que eu faça”. Ele tinha se empenhado, no concerto da redenção, para aproximar-se de nós, e de Deus, como Mediador, Jeremias 30.21. Estaremos nós desejosos de ser soltos, quando Cristo estava desejoso de ser preso? Em quarto lugar, Cristo, tendo se colocado sob a obrigação de realizar sua obra, dedicou-se com o máximo vigor e empenho na sua obra. Ele realizava as obras que tinha que realizar, *ergazesthai ta erga – realmente se dedicou àquilo que era seu trabalho*. Não é suficiente olhar para nosso trabalho, e falar sobre ele, mas devemos realizá-lo.

[2] Esta era sua oportunidade: “Convém que eu faça as obras... enquanto é dia”, enquanto ainda há o tempo indicado para trabalhar, e enquanto há a luz que é dada para o trabalho. O próprio Cristo tinha seu dia. Em primeiro lugar, todo o trabalho do reino de mediação devia ser realizado dentro dos limites do tempo, e neste mundo, pois, no fim do mundo, quando não houver mais tempo, o reino será entregue a Deus, ao Pai, e o mistério de Deus será concluído. Em segundo lugar, toda a obra que Ele devia fazer na sua própria pessoa aqui na terra devia ser feita antes da sua morte. O período da sua vida neste mundo é o dia de que se fala aqui. Observe que a duração da nossa vida é nosso dia, no qual nos compete realizar o trabalho do dia. O dia é o período adequado para o trabalho (Sl 104.22,23). Durante o dia da vida, nós devemos estar ocupados, não perder as horas do dia, nem brincar à luz do dia. Haverá tempo suficiente para descansar quando nosso dia tiver acabado, pois é apenas um dia.

[3] O período da sua oportunidade era chegado, e por isto Ele devia se ocupar: “A noite vem, quando ninguém pode trabalhar”. Observe que a consideração da proximidade da nossa morte deveria nos motivar a aproveitar todas as oportunidades da vida, tanto para fazer o bem como para

obtê-lo. “A noite vem”, ela virá com certeza, ela pode vir de repente, ela se aproxima cada vez mais. Nós não podemos avaliar o quanto nosso sol está próximo, ele pode ser pôr ao meio-dia. Não podemos nos prometer um crepúsculo entre o dia da vida e a noite da morte. Quando a noite vem, não podemos trabalhar, porque a luz que nos permitia trabalhar se extinguiu. O sepulcro é um lugar de trevas, e nossa obra não pode se realizar no escuro. Além disto, o tempo que temos disponível para nosso trabalho terá expirado. Quando nosso Mestre nos prendeu ao trabalho, nos prendeu também ao tempo. Quando a noite vem, ela “chama os trabalhadores”. Nós devemos, então, apresentar nosso trabalho, e receber de acordo com o que fizemos. No mundo de retribuição, nós já não seremos mais aprendizes ou pessoas que estão sofrendo provações. Será tarde demais para fazer alguma proposta quando a candeia estiver apagada. Cristo usou este fato como o motivo pelo qual Ele mesmo deveria ser diligente, embora não tivesse nenhuma oposição interior contra a qual lutar. Nós temos muito mais necessidade de trabalhar, nos nossos corações, com estas e outras considerações semelhantes que nos motivem.

[4] Sua obra no mundo era iluminá-lo (v. 5): “Enquanto estou no mundo”, e não será por muito tempo, “sou a luz do mundo”. Ele tinha dito isto antes, cap. 8.12. Ele é o Sol da Justiça, que não somente tem luz nas suas asas para aqueles que podem ver, mas cura nas suas asas, ou raios, para aqueles que são cegos e não podem ver, excedendo, desta maneira, em virtude aquela grande luz que reina durante o dia. Cristo desejou curar este homem cego, o representante de um mundo cego, porque Ele veio para ser a luz do mundo, não somente para dar luz, mas para dar a visão. Isto nos dá, em primeiro lugar, um grande incentivo para vir até Ele, como uma luz que guia, estimula e revigora. A quem deveríamos procurar, senão a Ele? Para que lado deveríamos voltar nossos olhos, senão à luz? Nós compartilhamos da luz do sol, e também podemos compartilhar da graça de Cristo, sem dinheiro e sem preço. Em segundo lugar, um bom exemplo de utilidade no mundo. O que Cristo diz de si mesmo, Ele diz dos seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo”, e, neste caso, “resplandeça a vossa luz”. Para que foram criadas as candeias, senão para queimar?

III A forma da cura do cego, vv. 6,7. As circunstâncias do milagre são singulares, e sem dúvida, significativas. Depois de ter falado para

instruir seus discípulos, e para abrir seu entendimento, Ele passou a abrir os olhos do cego. Ele não esperou até que pudesse fazê-lo mais privadamente, para sua maior segurança, ou mais publicamente, para sua maior honra, ou até que o sábado tivesse terminado, quando menos ofensa seria causada por esta cura. Devemos fazer depressa qualquer bem que tivermos oportunidade de fazer. Aquele que nunca irá realizar uma boa obra, até que não exista nada que possa ser objetado contra ela, deixará muitas boas obras por fazer, para sempre, Eclesiastes 11.4. Na cura, observe:

1. A preparação do colírio para os olhos. Cristo "cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo". Ele poderia tê-lo curado com uma palavra, como tinha feito com outras pessoas, mas decidiu fazer desta maneira, para mostrar que Ele não se prende a nenhum método. Ele fez lodo da sua própria saliva, porque não havia água nas proximidades. E Ele desejava nos ensinar a não sermos agradáveis ou curiosos, mas, sempre que tivermos oportunidade, estarmos dispostos a aproveitar o que estiver à mão, se servir ao objetivo. Por que devemos nos preocupar com aquilo que pode muito bem ser feito de uma maneira mais fácil? Cristo, usando sua própria saliva, evidencia que existe uma virtude curativa em tudo o que pertence a Cristo. O lodo feito da saliva de Cristo era muito mais precioso do que o bálsamo de Gileade.

2. A aplicação dele no local: Ele "untou com o lodo os olhos do cego". Ou, como diz a anotação na margem do texto no idioma original, Ele espalhou (*epechrise*), Ele emplastou o lodo sobre os olhos do cego, como um médico gentil. Ele mesmo fez isto, com sua própria mão, embora o paciente fosse um mendigo. Veja que Cristo fez isto: (1) Para enaltecer seu poder, ao fazer um cego ver por um método que alguém poderia pensar que mais provavelmente faria cego um homem que tivesse visão. Emplastar lodo sobre os olhos os fecharia, mas nunca os abriria. Observe que o poder de Deus freqüentemente age de maneira contrária ao esperado, e Ele faz os homens sentirem sua própria cegueira, antes de lhes dar a visão. (2) Para evidenciar que era sua mão poderosa, a mesma que criou o homem do pó, pois, por Ele, Deus criou os mundos, tanto o grande mundo como o homem, que pode ser considerado como um pequeno mundo. O homem foi feito do lodo, e modelado como o barro, e aqui Cristo usou os mesmos materiais para dar visão ao corpo, os quais, no início, Ele usou para dar-lhe a existência. (3) Para representar e exemplificar a cura e a abertura dos olhos da mente por meio da graça de Jesus Cristo. O desígnio do Evangelho é

abrir os olhos dos homens, Atos 26.18. O remédio que realiza o milagre é preparado por Cristo. É feito, não como este colírio, da sua saliva, mas do seu sangue, o sangue e a água que saíram do seu lado perfurado. Nós devemos ir a Cristo para obter o colírio, Apocalipse 3.18. Somente Ele é capaz de salvar, e somente Ele é indicado para fazê-lo, Lucas 4.18. Os meios usados nesta obra são muito fracos e improváveis, e se fazem efetivos somente pelo poder de Cristo. Quando um mundo escuro devia ser iluminado, e as nações de almas cegas deviam ter seus olhos abertos, Deus escolheu as coisas loucas, e fracas, e desprezadas para fazer isto. E o método que Cristo adota é, em primeiro lugar, fazer os homens se sentirem cegos, como aconteceu com este pobre homem, cujos olhos foram cobertos com o lodo, e então dar-lhes a visão. Na sua conversão, Paulo sofreu de cegueira por três dias, e depois as escamas caíram dos seus olhos. O método prescrito para obter sabedoria espiritual é fazer-se "louco para ser sábio", 1 Coríntios 3.18. Devemos nos sentir desconfortáveis devido à nossa cegueira, como este homem, e depois disto seremos curados.

3. As orientações que Ele deu ao paciente, v. 7. Seu médico disse a ele: "Vai, lava-te no tanque de Siloé". Não que lavar os olhos fosse necessário para efetivar a cura, mas: (1) Com isto, Cristo testaria a obediência do homem, e veria se, com uma fé implícita, ele obedeceria às ordens de alguém que lhe era um estranho. (2) Da mesma maneira, Ele testou como ele seria influenciado pelas tradições dos anciãos, que ensinavam, e talvez lhe tivessem ensinado (pois há muitos que são cegos e que têm muito conhecimento), que não era lícito lavar os olhos, nem de forma medicinal, com saliva, no sábado, muito menos ir a um tanque de água para lavá-los. (3) Com isto, Ele desejava apresentar o método da cura espiritual, no qual, embora o efeito seja devido puramente ao seu poder e à sua graça, existe uma obrigação que deve ser feita por nós. Vá, leia as Escrituras, compareça aos cultos, converse com os sábios. Isto equivale a lavar-se no tanque de Siloé. As graças prometidas devem ser esperadas no caminho das ordenanças instituídas. As águas do batismo eram, para aqueles que tinham sido instruídos nas trevas, como o tanque de Siloé, onde eles podiam não somente se lavar e se purificar, mas se lavar e ter seus olhos abertos. Conseqüentemente, aqueles que eram batizados eram chamados *photisthentes – esclarecidos*, e os antigos chamavam o batismo de *photismos – iluminação*. A respeito do tanque de Siloé, observe: [1] Que ele

era abastecido com água do monte Sião, de modo que estas eram as águas do santuário (Sl 46.4), águas vivas, que curavam, Ezequiel 47.9. [2] Que as águas de Siloé tinham, antigamente, significado o trono e o reino da casa de Davi, apontando para o Messias (Is 8.6), e os judeus que recusavam as águas de Siloé, a doutrina e a lei de Cristo, e adotavam a tradição dos anciãos. Cristo iria testar este homem, se ele iria aderir às águas de Siloé ou não. [3] O evangelista observa o significado do nome, que significa "o enviado". Cristo é freqüentemente chamado de Enviado de Deus, o anjo do concerto (Ml 3.1), de modo que quando Cristo o enviou ao tanque de Siloé, na verdade, Ele o enviou a si mesmo, pois Cristo é tudo para a cura das almas. Cristo, como um profeta, nos dirige a si mesmo, como um sacerdote. Vá, lave-se na fonte aberta, uma fonte de vida, não um tanque.

4. A obediência do paciente a esta ordem: ele "foi", portanto, provavelmente levado por um ou outro amigo. Ou talvez ele conhecesse Jerusalém tão bem, que podia encontrar sozinho o caminho. A natureza freqüentemente supre a falta de visão com uma sagacidade incomum, e ele lavou seus olhos. Provavelmente, os discípulos, ou algum espectador, informou-o de que aquele que lhe dizia para fazer isto era aquele Jesus de quem ele tinha ouvido falar tanto, caso contrário ele não teria ido, obedecendo à sua ordem, naquilo que parecia muito como uma tarefa de louco. Confiando no poder de Cristo, assim como em obediência à sua ordem, ele foi, e lavou-se.

5. A cura realizada: ele "voltou vendo". Há mais glória nesta narrativa concisa: Ele "foi... e lavou-se, e voltou vendo", do que na frase de César: *Veni, vidi, vici – Vim, vi, venci*. Quando o lodo foi lavado dos seus olhos, todas as outras limitações foram removidas com ele, de modo que as dores e os sofrimentos do novo nascimento se acabaram, e as dores e terrores passaram, as ligações com o pecado se foram com ele, e uma luz e uma liberdade gloriosas aconteceram. Veja aqui um exemplo: (1) Do poder de Cristo. O que não poderá fazer aquele que, não somente podia fazer isto, mas podia fazer isto desta maneira? Com um torrão de terra colocado sobre cada olho, e lavado novamente, Ele removeu imediatamente aquelas cataratas que o mais habilidoso oculista, com os melhores instrumentos e a mão mais precisa, não poderia remover. Sem dúvida, este é aquele que havia de vir, pois, por meio dele, os cegos recebem sua visão. (2) É um exemplo da virtude da fé e da obediência. Este homem deixou Cristo fazer

o que quisesse, e fez o que Ele lhe mandou fazer, e assim foi curado. Aqueles que desejam ser curados por Cristo devem ser governados por Ele. Ele voltou do tanque para junto dos seus vizinhos e conhecidos, maravilhando aos outros e maravilhado. Ele “voltou vendo”. Isto representa o benefício que as almas graciosas encontram ao participar das ordenanças instituídas, de acordo com a indicação de Cristo. Eles foram ao tanque de Siloé enfraquecidos, e retornaram fortalecidos; foram duvidosos, e voltaram satisfeitos; foram chorando, e voltaram jubilosos; foram tremendo, e voltaram triunfando; foram cegos, e voltaram vendo e cantando, Isaías 52.8.

A Visão É Concedida a um Cego de Nascença

vv. 8-12

Um evento tão maravilhoso como a concessão da visão a um cego de nascença não poderia deixar de ser o assunto da cidade, e muitos não lhe davam maior atenção do que a outros assuntos cotidianos, ou seja, um período que estimamos em aproximadamente nove dias de admiração e espanto. Mas aqui nós lemos o que os vizinhos disseram, para a confirmação do fato. Aquilo que, a princípio, não tinha crédito sem escrutínio pode, posteriormente, ser aceito sem quaisquer dúvidas. Duas coisas são discutidas nesta conversa sobre o fato:

I Se este era o mesmo homem que antes era cego, v. 8.

1. Os vizinhos que moravam próximos ao lugar onde o que dantes era cego tinha nascido e crescido, e sabiam que ele era cego, não puderam deixar de se maravilhar quando viram que ele tinha visão, repentina e perfeita, e perguntaram: “Não é este aquele que estava assentado e mendigava?” Aparentemente, este cego era um mendigo comum, incapacitado para trabalhar para ganhar seu sustento, e, desta maneira, isento da obrigação da lei, que dizia que alguém que não trabalhasse também não comeria. Como não podia ganhar o próprio sustento, ele se sentava para mendigar. Se não pudermos trabalhar para Deus, devemos nos assentar, nos aquietar, e esperar pelas providências dele. Como não podia trabalhar, e não sendo seus pais capazes de sustentá-lo, ele mendigava. Observe que aqueles que não conseguem subsistir de outra maneira não

devem, como o mordomo injusto, se envergonhar de mendigar (Lc 16.3). Que ninguém se envergonhe de nada, exceto do pecado. Existem alguns mendigos comuns que são objetos de caridade, que devem ser diferenciados, e nós não devemos deixar que as abelhas passem fome por causa dos zangões ou das vespas que estão entre elas. Quanto a este homem: (1) Estava bem ordenado pela Providência que aquele em quem este milagre se realizou fosse um mendigo comum, e muito conhecido e notável, pois, desta maneira, a verdade do milagre se confirmou melhor, e houve mais pessoas para testemunhar contra estes judeus infiéis, que não desejavam crer que ele tinha sido cego, do que teria havido se ele tivesse sido mantido na casa do seu pai. (2) Foi o grande exemplo da condescendência de Cristo o fato de que Ele parecesse (como eu diria) empenhar-se mais na cura de um mendigo comum do que de outras pessoas. Embora fosse vantajoso que seus milagres se realizassem naqueles que eram conhecidos, Ele escolhia aqueles que o eram devido à sua pobreza e miséria, não pela sua dignidade.

2. Em resposta a esta pergunta: (1) Uns diziam: “É este”, o mesmo homem, e estes eram testemunhas da verdade deste milagre, pois sabiam que ele era cego havia muito tempo. (2) Outros, que não julgavam ser possível que um homem cego de nascença recebesse, de modo repentino, sua visão, por esta razão, e nenhuma outra, diziam: “Não é ele, mas ‘parece-se com ele’”, e assim, pela sua confissão, se fosse ele, seria um grande milagre que teria sido operado nele. Aqui nós podemos aproveitar a oportunidade para pensar: [1] Sobre a sabedoria e o poder da Providência em ordenar uma variedade universal nos rostos dos homens e das mulheres. Deste modo, não há dois rostos tão parecidos a ponto de não poderem ser distinguidos, o que é necessário para a sociedade, o comércio e a administração da justiça. E: [2] Sobre a maravilhosa mudança que a graça conversora de Deus opera sobre alguns que antes eram muito perversos e vis, mas que agora são tão universalmente e visivelmente alterados, que ninguém pensaria que são as mesmas pessoas.

3. Esta controvérsia logo foi solucionada pelo próprio homem que dantes era cego: “Ele dizia: Sou eu”, o mesmo homem que até tão pouco tempo se sentava e mendigava. “Eu sou aquele que era cego, e era objeto da caridade dos homens, mas agora eu vejo, e sou um monumento da misericórdia e da graça de Deus”. Não creio que os vizinhos tivessem lhe perguntado sobre o

assunto, mas acredito que ele, tendo ouvido a discussão, interferiu e deu-lhe um fim. Há um ato de justiça que devemos àqueles que estão à nossa volta, corrigir seus erros, e apresentar os fatos diante deles, até onde formos capazes, sob uma luz verdadeira. Aplicando isto espiritualmente, somos ensinados que aqueles que são, de maneira redentora, esclarecidos pela graça de Deus, devem estar prontos para reconhecer o que eram antes de serem transformados pela bendita mudança ocorrida em si mesmos, 1 Timóteo 1.13,14.

II Como ele veio a ter seus olhos abertos, vv. 10-12. Eles agora se viram, e vêm esta grande visão, e fazem mais perguntas a respeito. O Senhor não tocava uma trombeta diante de si quando realizava tais atos de caridade, nem realizava suas curas sobre um palco, e, ainda assim, como uma cidade edificada sobre um monte, suas curas não podiam ser escondidas (Mt 5.14). Duas coisas estas pessoas que conheciam o cego queriam saber:

1. Como a cura foi realizada: “Como se te abriram os olhos?” Sendo grandes as obras do Senhor, elas são procuradas, Salmos 111.2. É bom observar o caminho e o método das obras de Deus, e elas parecerão ainda mais maravilhosas. Nós podemos aplicar isto espiritualmente. É estranho que os olhos cegos se abram, mas é ainda mais estranho quando consideramos a maneira como eles foram abertos. Como são fracos os meios utilizados, e como é forte a oposição que é derrotada. Em resposta a esta pergunta, o pobre homem lhes dá um relato completo e claro sobre o ocorrido: “O homem chamado Jesus fez lodo... e vi”, v. 11. Observe que aqueles que experimentaram exemplos especiais do poder e da bondade de Deus, em coisas temporais ou espirituais, devem estar preparados, em todas as ocasiões, para divulgar suas experiências, para a glória de Deus e para a instrução e o incentivo de outros. Veja o conjunto das experiências de Davi, as suas próprias e as de outros, Salmos 34.4-6. Temos uma dívida para com nosso Benfeitor, e para com nossos irmãos. Os favores de Deus que são derramados sobre nós podem beneficiar a vida de outras pessoas. Quando isto não acontece, eles se perdem em nós, e não alcançam as pessoas que poderiam alcançar através de nossos testemunhos e obras.

2. O autor da cura (v. 12): “Onde está Ele?” Alguns, talvez, fizessem esta pergunta movidos pela curiosidade. “Onde está Ele, para que possamos vê-lo?” Um homem que realizava curas como esta podia perfeitamente ser um

espetáculo tal, que alguém poderia percorrer uma grande distância somente para vê-lo. Outros, talvez, perguntassem com más intenções: “Onde está Ele, para que possamos prendê-lo?” Havia uma ordem para que Ele fosse localizado e preso (cap. 11.57), e a multidão irracional, apesar de toda a razão e justiça, terá maus pensamentos sobre aqueles a quem foi imputada uma má fama. Acreditamos que alguns faziam esta pergunta com boas intenções: “Onde está Ele, para que possamos conhecê-lo? Onde está Ele, para que possamos ir até Ele, e compartilhar dos favores que Ele concede tão livremente?” Em resposta a isto, o homem não pôde dizer nada: “Não sei”. Tão logo Cristo o enviou ao tanque de Siloé, aparentemente, Ele se retirou imediatamente (como fez em João 5.13), e não esperou que o homem retornasse, como duvidando do resultado ou esperando pelos agradecimentos do homem. As almas humildes sentem mais satisfação em fazer o bem do que em ouvir sobre o evento outra vez. Haverá tempo suficiente para ouvir falar sobre isto, na “ressurreição dos justos”. O homem nunca tinha visto a Jesus, pois, quando ganhou a visão, perdeu seu médico, e, provavelmente, ele teria perguntado: “Onde está Ele?” Nenhuma de todas as novas e surpreendentes visões que se apresentavam diante dele poderiam ser tão agradáveis a ele como uma visão de Cristo, mas ele não soube mais nada sobre Ele, exceto que se chamava, e com razão se chamava, *Jesus – Salvador. Assim, na obra de graça realizada sobre nossa alma, nós podemos ver a transformação, mas não a mão que a realiza, pois o caminho do Espírito é como o do vento, ouvimos sua voz, mas não sabemos donde vem.*

A Reprovação dos Fariseus. Esta Reprovação É Refutada

vv. 13-34

Poderíamos esperar que um milagre como este, que Cristo realizou no homem cego, teria estabelecido sua reputação, e silenciado e envergonhado toda a oposição, mas o resultado foi o oposto. Em vez de ser aceito como um profeta, Ele é perseguido como um criminoso.

I Aqui está a informação que foi dada aos fariseus a respeito deste assunto: “Levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego”, v. 13. Eles o

levaram ao grande Sinédrio, que consistia principalmente de fariseus. Os fariseus no Sinédrio eram os mais ativos contra Cristo. 1. Alguns pensam que aqueles que levaram este homem diante dos fariseus o fizeram com uma boa intenção, para mostrar a eles que este Jesus, a quem eles perseguiam, não era o que diziam dele, mas era realmente um grande homem, e alguém que dava provas consideráveis de uma missão divina. Aquilo que nos convencer da verdade e da excelência da religião, e remover nossos preconceitos contra ela, nós devemos ter a disposição, quando houver oportunidade, de oferecer aos outros, para sua convicção. 2. Na verdade, parece que eles fizeram isto com más intenções, para exasperar ainda mais os fariseus contra Cristo, e não havia necessidade disto, pois eles já eram suficientemente amargos por si mesmos. Eles o levaram com uma mentalidade semelhante à descrita em João 11.47,48: “Se o deixamos assim, todos crerão nele”. Observe que os governantes que têm um espírito perseguidor nunca desejarão ter, ao seu redor, instrumentos que irão soprar as brasas e torná-las piores.

II O que se pretendia com esta informação, e o contexto em que foi expressa. Que nunca se fala mal daquilo que é bom, nem das pessoas boas, exceto quando alguém tenta lhes imputar algo mal. E o crime contra o qual se objeta aqui (v. 14) consistia no fato de que era sábado quando Jesus preparou o lodo, e abriu os olhos do homem. A profanação do dia do repouso certamente é pecaminosa, e dá ao homem um caráter muito mau, mas as tradições dos judeus tinham estabelecido como violações à lei do sábado coisas que estavam longe de sê-lo. Muitas vezes, a questão foi discutida entre Cristo e os judeus, para que fosse estabelecida de uma vez por todas, em benefício da igreja em todas as épocas. Mas alguém poderia perguntar: “Por que Cristo não abriu mão de realizar milagres no sábado, mas os realizou de maneira que Ele sabia que seria ofensiva aos judeus? Quando Ele curou o paralítico, por que Ele lhe pediu que carregasse sua cama? Ele não podia ter curado este cego sem fabricar lodo?” Eu respondo: 1. Ele não desejava dar a impressão de que cedia ao poder usurpado dos escribas e fariseus. O governo deles era ilegal, suas imposições eram arbitrárias, e o zelo que tinham pelos rituais consumiam aquilo que era substancial na religião. Por isto, Cristo não podia ceder-lhes com sujeição, nem por uma hora. Cristo estava constantemente sob a lei de Deus, mas não

esteve um segundo sequer sob a lei deles. 2. Ele o fez para poder, tanto por palavras quando por atos, expor a lei do quarto mandamento, e defendê-la das observações corruptas daqueles homens. Desta maneira, o Senhor ensinou que as pessoas precisam ter um repouso semanal. Este seria um dia em sete (Pois que necessidade haveria aqui de explicar a lei, se ela seria imediatamente abolida?), e isto não deve ser observado com tanta cerimônia por nós como era pelos judeus. As obras realizadas por necessidade e misericórdia são permitidas, e o descanso físico precisa ser proporcionado, não tanto pelo descanso em si, mas para permitir que sirvamos ao Senhor neste dia. 3. Cristo decidiu realizar curas no sábado para dignificar e santificar este dia, e para indicar que as curas espirituais devem ser realizadas principalmente no dia de repouso cristão. Quantos olhos cegos foram abertos pela pregação do Evangelho, este abençoado colírio, no dia do Senhor! Quantas almas paralíticas foram curadas neste dia!

III O julgamento e o exame desta questão pelos fariseus, v. 15. Tanta paixão, tanto preconceito e tanto mau humor, e tão pouca razão aparecem aqui, que o discurso é apenas um interrogatório. Poderíamos pensar que quando um homem nestas circunstâncias fosse trazido diante deles, eles fossem tomados por tamanha admiração pelo milagre, e parabenizassem o pobre homem por sua felicidade, a ponto de não poderem se irritar com ele. Mas sua inimizade com Cristo os tinha privado de qualquer humanidade, e também do senso de divindade. Vejamos como eles atormentaram este homem.

1. Eles o questionaram sobre a cura propriamente dita.

(1) Eles duvidaram que ele realmente tivesse nascido cego, e exigiram provas daquilo que até mesmo os acusadores tinham reconhecido (v. 18): eles “não creram”, isto é, não quiseram crer, “que ele tivesse sido cego”. Os homens que procuram uma oportunidade para discutir a respeito das verdades mais claras podem encontrá-las, se quiserem, e aqueles que decidem se agarrar ao engano nunca desejarão uma ajuda para deixá-lo. Isto não era um cuidado prudente, mas uma infidelidade preconceituosa. No entanto, este foi o caminho que eles tomaram para esclarecer os fatos: eles “chamaram os pais do que agora via”. Isto eles fizeram esperando contestar o milagre. Esses pais eram pobres e temerosos, e se tivessem dito que não podiam ter certeza de que este era seu filho, ou que ele havia nascido

apenas com alguma fraqueza ou algum obscurecimento na sua vista, que, se eles tivessem tido meios de conseguir ajuda, ele poderia ter sido curado há muito tempo, ou tivessem prevaricado de outra maneira, por temor à corte, os fariseus teriam ganho a discussão, teriam roubado de Cristo a honra deste milagre, acarretando assim a diminuição da reputação de todos os outros. Mas Deus organizou e dominou este conselho deles, de modo que ele se tornou a prova mais efetiva do milagre, e os deixou sob a necessidade de serem convencidos ou confundidos. Nesta parte da investigação, temos:

[1] As perguntas que foram propostas aos pais (v. 19): Eles lhes perguntaram, de uma maneira imperiosa e autoritária: "'É este o vosso filho?' Ousais jurar isto? Dizeis que ele nasceu cego? Tendes certeza disto? Ou será que ele apenas fingia ser cego, para ter uma desculpa para mendigar? 'Como, pois, vê agora?' Isto é impossível, e por isto é melhor que desmintais o fato". Aqueles que não conseguem suportar a luz da verdade fazem tudo o que podem para eclipsá-la e ocultar sua revelação. Desta maneira, os que administram as evidências, ou melhor, que as administram mal, conduzem as testemunhas no caminho errado, e as ensinam como ocultar ou disfarçar a verdade, envolvendo-se, desta maneira, em uma culpa dupla, como aquela de Jeroboão, que pecou, e levou Israel a pecar.

[2] As respostas dos pais a este interrogatório, no qual:

Em primeiro lugar, eles atestam completamente o que podiam dizer com segurança quanto a este tema. Com segurança, isto é, com base no seu próprio conhecimento, e com segurança, isto é, sem se arriscarem a ser considerados traidores (v. 20): "Sabemos que este é nosso filho" (pois conviviam com ele diariamente, e tinham um afeto natural por ele, como a mãe verdadeira de 1 Reis 3.26, o que os fazia saber que era seu filho) "e sabemos que ele nasceu cego". Eles tinham motivos para saber disto, uma vez que isto lhes tinha provocado muita tristeza e muitas horas de preocupação. Com muita freqüência, eles tinham pensado no seu filho com tristeza, e lamentado a cegueira dele mais do que todas as cargas e inconveniências da sua pobreza, e desejado que ele nunca tivesse nascido, em vez de ter nascido para uma vida tão incômoda! Aqueles que sentem vergonha dos seus filhos, ou de qualquer parente, por causa das suas deficiências físicas, podem receber uma reprovação destes pais, que livremente reconheciam: "Este é 'nosso filho', embora tenha nascido cego e

viva de esmolas”.

Em segundo lugar, eles cuidadosamente evitam dar qualquer evidência a respeito da sua cura. Parcialmente porque eles mesmos não tinham sido testemunhas dela e não podiam afirmar nada de seu próprio conhecimento, e parcialmente porque achavam que era um assunto delicado, que não devia ser discutido. E, portanto, tendo reconhecido que ele era seu filho, e que era cego de nascença, já não dizem mais nada.

a. Observe a maneira cuidadosa com que se expressam (v. 21): “‘Mas como agora vê não sabemos; ou quem lhe tenha aberto os olhos não sabemos’. Nós não podemos explicar de que maneira isto foi feito, nem por intermédio de quem”. Veja como a prudência deste mundo ensina os homens a resumir o assunto em situações críticas. Cristo foi acusado de infringir o sábado e de ser um impostor. Os pais do cego, embora não tivessem sido testemunhas oculares da cura, ainda assim tinham uma certeza completa dela, e se sentiam obrigados, pela gratidão, a dar testemunho para a honra do Senhor Jesus, que tinha concedido ao seu filho uma bondade tão grande. Mas eles não tiveram a coragem de fazê-lo, e talvez tenham pensado que o fato de não dizerem nada para prejudicar a Cristo poderia compensar o fato de não dizerem nada a favor dele. Contudo, no dia do julgamento, aquele que não for declaradamente a favor de Cristo será, com razão, considerado como sendo contra Ele, Lucas 11.23; Marcos 8.38. Para que não sejam mais questionados a este respeito, eles sugerem que se pergunte ao filho: “Tem idade; perguntai-lho a ele mesmo, e ele falará por si mesmo”. Isto dá a entender que enquanto os filhos não tiverem idade (enquanto sejam crianças, como as que ainda não falam), é dever dos pais falar por eles, falar com Deus por eles, em oração, falar com a igreja por eles, no batismo. Mas quando já tiverem idade, é adequado que sejam questionados se desejam confirmar aquilo que seus pais fizeram por eles, e então possam falar por si mesmos. Este homem, embora fosse cego de nascença, parece ter tido conhecimento superior a muitos, o que o capacitou a falar por si mesmo melhor do que seus amigos podiam falar por ele. Desta forma, Deus, freqüentemente por meio de uma gentil providência, compensa na mente o que falta no corpo, 1 Coríntios 12.23,24. O fato de que seus pais recomendassem que os judeus falassem com seu filho somente tencionava livrá-los do problema e expô-lo, ao passo que aqueles que tinham um interesse tão grande pela graça que ele tinha recebido

tinham motivos para assumir com ele os riscos pela honra daquele Jesus que tinha feito tanto por eles.

b. Veja a razão pela qual eles foram tão cautelosos (vv. 22,23): “Porque temiam os judeus”. Não foi porque eles desejassem honrar seu filho, fazendo dele seu próprio advogado, ou porque desejavam ter o assunto esclarecido pela pessoa mais indicada, mas porque queriam evitar problemas, como a maioria das pessoas tende a fazer, sem se preocupar sobre quem os joga. Meu amigo está próximo, e meu filho está próximo, e talvez minha religião esteja próxima, porém *mais próximo estou eu mesmo – Proximus egomet mihi*. Mas o cristianismo ensina outra lição, 1 Coríntios 10.24; Ester 8.6. Aqui temos:

(*a*) A última lei que o Sinédrio tinha criado. Pela sua autoridade, tinha se decidido e decretado “que, se alguém confessasse ser ele o Cristo, fosse expulso da sinagoga”. Observe:

[*a*] O crime a ser punido, e evitado, por este estatuto, que era a aceitação de Jesus de Nazaré como sendo o Messias prometido, e a manifestação disto por qualquer ato declarado, o que equivaleria a confessá-lo. Eles mesmos esperavam um Messias, mas não podiam, de maneira nenhuma, suportar o pensamento de que este Jesus pudesse ser este adorável Messias, nem admitiam que se perguntasse se Ele era ou não o Messias, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque seus preceitos eram completamente contrários às suas leis tradicionais. A adoração espiritual que Ele prescrevia abolia suas formalidades. Nada destruía, de maneira mais eficaz, sua singularidade e sua estreiteza de espírito do que aquela caridade universal que Jesus ensinava. A humildade e a mortificação, o arrependimento e a renúncia de si mesmo, eram lições novas para eles, e pareciam duras e estranhas aos seus ouvidos. Em segundo lugar, porque suas promessas e manifestações eram muito contrárias às esperanças deles. Eles esperavam um Messias em pompa e esplendor externos, que não somente libertasse a nação do jugo romano, mas promovesse a grandeza do Sinédrio e tornasse todos os seus membros príncipes e nobres. E agora, ouvir de um Messias cujas circunstâncias externas eram todas humildes e pobres, cuja primeira aparição e residência principal eram na Galiléia, uma província desdenhada; que nunca os tentava adular, nem procurava seus favores, cujos seguidores não eram, em sua maioria, espadachins nem acadêmicos, nem homens de honra, mas pescadores desprezíveis; que não propunha nem prometia

nenhuma redenção, exceto a do pecado, nenhum consolo para Israel, exceto o espiritual e divino, e, ao mesmo tempo, aconselhava seus seguidores a esperarem a cruz, e terem certeza da perseguição. Isto era uma reprovação tão grande a todas as idéias com que eles tinham formado e enchido a mente do seu povo, um golpe tão grande contra seu poder e seus interesses, e um desapontamento tão grande de todas as suas esperanças, que eles nunca poderiam aceitar, nem ouvir com paciência, mas, certo ou errado, isto deveria ser esmagado.

[*b*] A punição a ser infligida por este crime. Se alguém mostrasse ser um discípulo de Jesus, ele deveria ser considerado como um apóstata da fé da igreja judaica, e um rebelde e traidor contra seu governo, e, portanto, deveria ser expulso da sinagoga como alguém que tinha se mostrado indigno das honras e despreparado para os privilégios da sua igreja. Ele deveria ser excluído, expulso da comunidade de Israel. Isto não era meramente uma censura eclesiástica, que um homem sem consciência da autoridade da igreja judaica poderia menosprezar, mas, na verdade, era uma ilegalidade que excluía um homem do comércio civil e o privava da sua liberdade e das suas propriedades. Observe que, em primeiro lugar, a santa religião de Cristo, desde seu nascimento, tinha enfrentado oposição por leis penais criadas contra os que a professavam. Era como se as consciências dos homens as aceitassem naturalmente, porém esta força antinatural os vitimasse. Em segundo lugar, quando o comando da igreja cai em mãos erradas, a artilharia dela freqüentemente se volta contra si mesma, e as censuras eclesiásticas passam a servir a um interesse carnal e secular. Não é novidade ver expulsas da sinagoga aquelas pessoas que eram suas maiores bênçãos, e ouvir os que as expulsaram dizendo: “O Senhor seja glorificado”, Isaías 66.5. Sobre este decreto, sabe-se : 1. Que os judeus o tinham determinado, ou planejado. Seu conselho e sua comunhão eram uma conspiração perfeita contra a coroa e a dignidade do Redentor, contra o Senhor e seu Ungido. 2. Que eles já haviam tomado uma decisão. Embora Jesus tivesse estado apenas alguns poucos meses manifestando-se publicamente entre eles, e, alguém poderia pensar, em tão pouco tempo não poderia ter-lhes provocado inveja, ainda assim, dentro de pouco tempo, eles se deram conta do interesse crescente que Ele despertava, e imediatamente concordaram em fazer o máximo que pudessem para refreá-lo. Recentemente, Ele tinha escapado do Templo e, quando se viram frustrados

nos seus esforços de prendê-lo, imediatamente tomaram este caminho, o de tornar ilegal que qualquer pessoa o reconhecesse. Os inimigos da igreja e seus conselhos são unânimes e diligentes a este ponto, mas aquele que está no céu se ri deles, e zomba deles, e nós podemos fazer o mesmo.

(*b*) A influência que esta lei teve sobre os pais do cego. Eles se negaram a dizer qualquer coisa sobre Cristo, e indicaram que falassem com seu filho, porque temiam os judeus. Cristo tinha provocado o governo ao fazer uma bondade ao seu filho, mas eles não desejavam provocá-lo, dedicando nenhuma honra a Jesus. Observe que "o receio do homem armará laços" (Pv 29.25), e freqüentemente fará com que as pessoas neguem e reneguem a Cristo, e às suas verdades, e aos seus caminhos, e ajam contra suas consciências. Bem, os pais assim se desembaraçaram, e foram dispensados de qualquer outro interrogatório. Agora vejamos o interrogatório do próprio cego. A dúvida dos fariseus, quanto ao homem ser ou não cego de nascença, já tinha sido eliminada por seus pais, e, portanto:

(2) Eles lhe perguntaram a respeito do método da cura, e fizeram suas observações sobre isto, vv. 15,16.

[1] A mesma pergunta que seus conhecidos lhe tinham feito, agora, novamente, os fariseus lhe faziam: como ele tinha recebido a visão. Eles não perguntavam isto com qualquer desejo sincero de descobrir a verdade, comparando a informação com a notícia original, mas com o desejo de encontrar uma oportunidade contra Cristo. Pois, se o homem curado relatasse detalhadamente o assunto, eles provariam que Cristo tinha infringido o sábado. Se ele não relatasse de acordo com sua história original, eles teriam algum pretexto para suspeitar que tudo fosse um conluio.

[2] A mesma resposta, na verdade, que ele tinha dado antes aos seus conhecidos, aqui ele repete aos fariseus: "Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo". Aqui ele não fala sobre a fabricação do lodo, pois, na verdade, é provável que ele não a tenha visto. Este detalhe não era essencial, e poderia dar aos fariseus uma oportunidade contra ele, e por isto ele o omite. No relato anterior, ele havia dito: "Lavei-me e vi", mas para que eles não pensassem que tinha sido somente um relance momentâneo, que uma imaginação fértil podia se permitir pensar, agora ele diz: "Vejo". Trata-se de uma cura completa e duradoura.

[3] As observações feitas sobre esta história eram muito diferentes, e provocaram um debate na corte, v. 16.

Em primeiro lugar, alguns aproveitam esta ocasião para censurar e condenar a Cristo pelo que Ele tinha feito. Alguns dos fariseus diziam: “Este homem não é de Deus”, como finge ser, “pois não guarda o sábado”. 1. A doutrina sobre a qual esta censura se baseia é muito verdadeira – a de que não são de Deus aqueles que pretendem profetizar sem serem enviados por Deus, aqueles que pretendem ser santos sem nascerem de Deus, porque não guardam o sábado. Aqueles que são de Deus observam os mandamentos de Deus, e este é seu mandamento, que santifiquemos o dia de repouso. Aqueles que são de Deus mantêm sua comunhão com Deus, e se alegram por ouvi-lo, e por falarem com Ele, e, portanto, irão observar o dia de repouso, que é um dia indicado para o relacionamento com o céu. O sábado é chamado de sinal, pois sua santificação é um sinal de um coração santificado, e sua profanação, um sinal de um coração profano. Mas: 2. Aplicar isto ao nosso Salvador é algo muito injusto, pois Ele observava religiosamente o sábado, e nunca, em nenhuma ocasião, o violou, nunca fez nada no sábado, exceto o bem. Ele não observava o sábado de acordo com a tradição dos anciãos e as práticas supersticiosas dos fariseus, mas o observava de acordo com o mandamento de Deus, e por isto, sem dúvida, Ele era de Deus, e seus milagres provavam que Ele também era Senhor do sábado. Observe que muito julgamento injusto e pouco caridoso é ocasionado pelo fato de que os homens fazem as regras da religião mais rígidas do que Deus as fez, e acrescentam seus próprios caprichos às indicações de Deus, como estes judeus, no caso da santificação do sábado. Nós mesmos podemos evitar algumas coisas no dia de repouso, aquilo que podemos achar que nos distrai, e fazemos muito bem, mas não devemos, por isto, obrigar os outros à mesma rigidez. Tudo o que considerarmos uma regra de costume não deve ser, imediatamente, convertido em uma regra de julgamento.

Em segundo lugar, outros falavam a seu favor, e, de maneira muito pertinente, insistiam: “Como pode um homem pecador fazer tais sinais?” Parece que até mesmo neste conselho de ímpios havia alguns que tinham um pensamento independente, e eram testemunhas de Cristo, até mesmo em meio aos seus inimigos. O fato era claro, este era um verdadeiro milagre, quanto mais era investigado, mais era esclarecido. E isto trouxe à lembrança

as palavras anteriores de Jesus, e deu oportunidade para falar delas de maneira magnificente, *toiauta semeia – tais sinais*, tantos, tão evidentes. E a conclusão é muito natural: coisas como estas nunca poderiam ter sido feitas por um homem pecador, isto é, não por nenhum mero homem, em seu próprio nome, e pelo seu próprio poder; ou melhor, não por alguém que fosse um trapaceiro ou um impostor, e, neste sentido, um pecador. Esta pessoa realmente poderia mostrar alguns sinais e maravilhas falsas, mas não mostraria sinais e maravilhas verdadeiras, como os que Cristo realizava. Como um homem poderia apresentar credenciais tão divinas, se não tivesse uma comissão divina? Assim, houve "dissensão entre eles", um cisma, pois é este o significado da palavra. Eles tiveram um desacordo nas suas opiniões, nasceu um debate acalorado e a casa se dividiu a este respeito. Assim, Deus derrota os conselhos dos seus inimigos, dividindo-os. E com tais testemunhos como estes, dados contra a maldade dos acusadores, e as dificuldades que eles encontravam, seus desígnios contra a igreja, algumas vezes, resultam ineficazes, e sempre imperdoáveis.

2. Depois das suas perguntas a respeito da cura, nós devemos observar sua investigação a respeito do seu autor. E aqui, observe:

(1) O que o homem disse a respeito de Jesus, em resposta à investigação dos fariseus. Eles lhe perguntam (v. 17): "'Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?' O que tu achas do fato de que Ele fez isto? E que idéia tu fazes daquele que fez isto?" Se ele pudesse falar de Cristo de maneira desdenhosa, como poderia ter sido tentado a fazer, para agradá-los, agora que estava nas suas mãos, como tinha acontecido com seus pais – se ele dissesse: "Eu não sei o que pensar dele. Ele pode ser um ilusionista, até onde eu sei, ou algum médico charlatão" –, eles teriam triunfado. Nada confirma tanto os inimigos de Cristo na sua inimizade a Ele quanto o desprezo que lhe destinam aqueles que passam por seus amigos. Mas, se ele falasse honradamente de Cristo, eles o acusariam, com base na sua lei, que não admitia exceções, não, nem ao seu próprio paciente. Eles fariam dele um exemplo, e assim impediriam que outros procurassem a Cristo pedindo curas, pois, embora fossem fáceis para Cristo, elas custariam caro para eles. Ou, talvez, os amigos de Cristo tivessem sugerido ouvir os sentimentos do homem a respeito do seu médico, e estivessem desejosos de saber, uma vez que ele parecia ser um homem sensato, o que ele pensava a respeito de Cristo. Observe que aqueles cujos olhos Cristo abriu sabem melhor o que

dizer dele, e têm grandes motivos, em qualquer ocasião, para falar bem dele. O que pensamos de Cristo? A esta pergunta, o pobre homem dá uma resposta curta, simples e direta: “Ele ‘é profeta’, alguém inspirado por Deus, e enviado por Ele, para pregar, e realizar milagres, e transmitir ao mundo uma mensagem divina”. Durante quatrocentos, anos não houve profetas entre os judeus, mas eles não concluíram que não haveria mais, pois sabiam que ainda estava por vir aquele que iria selar a visão e a profecia, Daniel 9.24. Aparentemente, este homem não pensava que Cristo era o Messias, o grande profeta, mas alguém do mesmo nível que os demais profetas. A mulher de Samaria concluiu que Ele era um profeta, antes que tivesse qualquer noção de que Ele fosse o Messias (cap. 4.19). Assim também, este cego pensou bem de Cristo, de acordo com o conhecimento que tinha, embora não tivesse pensado suficientemente bem dele. Mas, sendo fiel ao que ele já tinha conquistado, Deus lhe revelou também isto. Este pobre mendigo cego tinha um julgamento claro das coisas que pertenciam ao reino de Deus, e viu mais nas evidências de uma missão divina do que os mestres de Israel, que supunham ter autoridade para julgar os profetas.

(2) O que eles disseram a respeito de Jesus, em resposta ao testemunho do homem. Tendo inutilmente tentado invalidar a evidência do fato, e descobrindo que, realmente, um milagre notável tinha sido realizado, e eles não podiam negar isto, eles renovam seus esforços para zombar dele, e destruí-lo, e fazem tudo o que podem para abalar a boa opinião que o homem tinha sobre aquele que tinha lhe aberto os olhos, e para convencê-lo de que Cristo era um homem mau (v. 24): “Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador”. Isto pode ser interpretado de duas maneiras: [1] Como um conselho, para que ele tomasse cuidado para não atribuir a glória da sua cura a um pecador, mas que a desse toda a Deus, a quem ela era devida. Assim, sob o pretexto de zelar pela honra de Deus, eles destituem Cristo da sua honra, como aqueles que não desejam adorar a Cristo como Deus, sob a pretensão de zelar pela grande verdade de que havia um único Deus a ser adorado. Mas a vontade declarada de Deus é que todos os homens honrem o Filho como honram o Pai, e ao confessarmos que Cristo é Senhor, nós estamos dando glória a Deus, o Pai. Quando Deus utiliza homens pecadores como instrumentos para fazer o bem a nós, nós devemos dar a Deus a glória, pois toda criatura é, para nós, aquilo que Ele

as cria para ser. E devemos ser gratos àqueles que permitem que o Senhor os use como seus instrumentos. Era uma boa expressão: “Dá glória a Deus”, mas aqui é usada de maneira inadequada, e parece haver mais algumas intenções iníquas quando a utilizaram: “Este homem é um pecador, um homem mau, e por isto dê glória a Deus, que conseguiu trabalhar por meio de tal instrumento”. [2] Como uma súplica. Assim alguns interpretam esta frase. “Nós sabemos (embora você não sabia, pois apenas recentemente entrou em um novo mundo) que esse homem é pecador, um grande impostor, e engana o país. Disto, nós temos certeza, por isso dê glória a Deus (como Josué disse a Acã), fazendo uma confissão ingênua da fraude e da conspiração que nós temos certeza que existem neste assunto. Em nome de Deus, homem, diga a verdade”. Dessa maneira, o nome de Deus é tratado de modo inadequado nas inquisições papais, quando, por juramentos, *ex officio*, eles extorquem dos inocentes acusações a si mesmos, e dos ignorantes, acusações aos outros. Veja de que maneira vil eles falam do Senhor Jesus: “Nós sabemos que esse homem é pecador”. E aqui podemos observar, em primeiro lugar, a insolência e o orgulho deles. Eles não teriam imaginado, quando perguntaram ao homem o que ele pensava de Jesus, que precisavam de informações. Não, eles sabiam muito bem que Ele era um pecador, e ninguém poderá convencê-los do contrário. Ele os tinha desafiado abertamente (cap. 8.46) a condená-lo de algum pecado, e eles não tinham tido nada a dizer. Mas agora, às costas, eles falam dele como de um malfeitor, condenado pela notória evidência do fato. Assim, os falsos acusadores compensam em confiança o que falta em evidências. Em segundo lugar, a injúria e a indignidade que é feita ao Senhor Jesus. Quando Ele se tornou homem, Ele assumiu a forma, não somente de um servo, mas de um pecador (Rm 8.3), e passou por pecador, como o resto da humanidade. Na verdade, Ele foi considerado um pecador de primeira grandeza, um pecador acima de todos os homens, e, tendo sido feito pecado por nós, Ele desprezou até mesmo esta afronta.

3. A discussão que surgiu entre os fariseus e este pobre homem a respeito de Cristo. Eles dizem: “Ele é pecador”. Ele diz: “Ele é profeta”. Como é um incentivo para que aqueles que se interessam pela causa de Cristo tenham esperança de que ela nunca se perca por falta de testemunhas, quando encontram um pobre mendigo cego à beira do caminho, tornado uma testemunha de Cristo, diante dos seus mais insolentes inimigos, também é

um incentivo para que aqueles que são chamados para testemunhar por Cristo encontrem a prudência e a coragem com que este homem tratou da sua defesa, de acordo com a promessa: “O que vos for dado naquela hora, isso falai”. Embora nunca tivesse visto a Jesus, ele tinha sentido sua graça. Na discussão entre os fariseus e este pobre homem, nós podemos observar três etapas:

(1) Ele permanece firme ao fato cuja evidência eles se empenham em destruir. Aquilo que é duvidoso é mais bem resolvido utilizando-se aquilo que é claro. Portanto: [1] Ele se prende àquilo que, para ele, pelo menos, e para sua própria satisfação, não havia dúvidas (v. 25): “‘Se é pecador, não sei’, eu não quero discutir, nem preciso, uma coisa sei, e ainda que eu pudesse me conter, minha paz falaria por si mesma”. Ou, como pode ser mais bem traduzido: “‘Se é pecador, não sei’, eu não vejo razão para dizer isto, mas sim o contrário, pois eu só sei uma coisa, e posso ter mais certeza dela do que vocês podem ter daquilo em que têm tanta confiança, ‘e é que, havendo eu sido cego, agora vejo’, e, portanto, não somente devo dizer que Ele foi um bom amigo para mim, mas também que Ele é um profeta. Eu tanto sou capaz de falar bem dele como me sinto na obrigação de fazê-lo”. Aqui, em primeiro lugar, tacitamente, ele reprova a grande segurança que estes fariseus tinham do mau caráter que atribuíam ao bendito Jesus: “Vocês dizem que sabem que Ele é um pecador. Eu, que o conheço tão bem como vocês, não posso lhe atribuir tal caráter”. Em segundo lugar, ousadamente, ele confia na sua própria experiência do poder e da bondade do santo Jesus, e decide agir de acordo com ela. Não há como discutir contra a experiência, nem como argumentar com um homem sobre seus sentimentos. Aqui está alguém que é, apropriadamente, uma testemunha do poder e da graça de Cristo, ainda que nunca o tivesse visto. Observe que, assim como as graças de Cristo são muito valorizadas por aqueles que sentiram a necessidade delas, que foram cegos e agora vêem, também as mais poderosas e duráveis afeições por Cristo são aquelas que nascem de um conhecimento experimental dele, 1 João 1.1; Atos 4.20. O pobre homem não dá aqui um relato agradável do método da cura, nem pretende descrevê-lo filosoficamente, mas em resumo: “Sei que, havendo eu sido cego, agora vejo”. Assim, no trabalho da graça na alma, embora nós não possamos dizer quando ou como, por meio de quais instrumentos e em quais etapas e movimentos, a bendita transformação foi feita, ainda assim podemos

receber seu conforto se pudermos dizer, por meio da graça: “Havendo eu sido cego, agora vejo. Eu realmente vivia uma vida carnal, mundana, sensual, mas, graças a Deus, agora as coisas são diferentes comigo”, Efésios 5.8. [2] Eles se esforçam para sufocar e frustrar as evidências, por meio de uma desnecessária repetição das suas perguntas (v. 26): “Que te fez ele? Como te abriu os olhos?” Eles faziam estas perguntas, em primeiro lugar, porque não tinham o que dizer, e preferiam falar de modo impertinente a parecerem silenciados ou derrotados. Assim, aqueles que discutem fervorosamente, que decidem que terão a última palavra, por meio de repetições inúteis, para evitar a vergonha de serem silenciados, se fazem responsáveis por muitas palavras frívolas. Em segundo lugar, porque tinham a esperança, ao fazerem este homem repetir suas evidências desta maneira, que ele se enganasse, ou hesitasse, e assim pensavam que poderiam ganhar um ponto a seu favor.

(2) O homem os repreende pela sua infidelidade obstinada e pelos seus preconceitos invencíveis, e eles o insultam, chamando-o de discípulo de Jesus, vv. 27-29. Neste episódio, o homem é mais corajoso e ousado do que antes nas palavras que dirigiu àqueles rebeldes, e eles são mais rudes com ele.

[1] O homem corajosamente os repreende pela sua oposição determinada e irracional à evidência deste milagre, v. 27. Ele não desejava satisfazê-los com uma repetição da história, mas corajosamente respondeu: “Já vo-lo disse e não ouvistes; para que o quereis tornar a ouvir? Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?” Alguns opinam que ele falou seriamente, e realmente esperando que eles seriam convencidos. “Ele tem muitos discípulos, eu serei um deles, vocês também desejam acompanhá-los?” Alguns cristãos novos convertidos e zelosos vêem tantas razões para abraçar a religião, que estão prontos a pensar que todo o mundo terá, imediatamente, a mesma opinião. Mas, na verdade, isto parece ter sido dito ironicamente: “‘Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?’ Não, eu sei que vós não quereis nem pensar nisto. Por que, então, desejais ouvir aquilo que, ou fará de vós seus discípulos, ou vos deixará imperdoáveis, caso isto não aconteça?” Aqueles que voluntariamente fecham seus olhos para a luz, como fizeram estes fariseus, em primeiro lugar, tornam-se desprezíveis e vis, como aconteceu com estes, que foram, com razão, denunciados por este pobre homem por renegar a

conclusão, quando não tinham nada a objetar contra nenhuma das premissas. Em segundo lugar, eles perderam todo o direito ao benefício de novas instruções e meios de conhecimento e convicção. Aqueles a quem foi dito uma vez, e não quiseram ouvir, por que lhes seria dito outra vez? Jeremias 51.9. Veja Mateus 10.14. Em terceiro lugar, eles recebem a graça de Deus inutilmente. Isto resultava em expressões como: "'Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?' Não, vós decidistes que não quereis. Por que, então, teríeis que ouvir isto novamente, para que possais ser seus acusadores e perseguidores?" Poderíamos pensar que aqueles que não vêem motivos para aceitar a Cristo, e se unirem aos seus seguidores, deveriam enxergar motivos suficientes para não odiar e perseguir, nem a Ele nem a eles.

[2] Por isto, eles zombam do homem e o ofendem, v. 28. Quando não puderam resistir à sabedoria e à energia com as quais o homem curado falou, eles se inflamaram e zombaram dele, começaram a ofendê-lo e dizer-lhe palavras vis. Veja o que as testemunhas fiéis de Cristo devem esperar dos adversários à sua verdade e causa, podem ter certeza de que dirão todo o mal contra eles, Mateus 5.11. O método comumente usado pelos homens irracionais é o de compensar com ofensas o que falta em verdade e razão.

Em primeiro lugar, eles ridicularizaram este homem pelo seu afeto por Cristo. Eles lhe disseram: "Discípulo dele sejas tu", como se isto fosse uma repreensão suficiente, e eles não pudessem dizer nada pior dele. "Nós nos recusamos a ser seus discípulos, e deixaremos esta honra para você, e para outros tolos como você". Eles fazem o que podem para dar má fama à religião de Cristo, e para apresentar sua profissão como uma coisa escandalosa e desprezível. Eles o injuriaram. A Vulgata apresenta *maledixerunt eum – eles o amaldiçoaram.* E qual seria sua maldição? Era esta: "Discípulo dele sejas tu". "Que tal maldição", diz Agostinho aqui, "possa estar sempre sobre nós e nossos filhos!" Se nós medirmos nossa credibilidade e desgraça a partir do sentimento, ou melhor, dos clamores de um mundo enganado e cego, nós nos glorificaremos na nossa vergonha, e nos envergonharemos na nossa glória. Eles não tinham motivos para chamar este homem de discípulo de Cristo, ele nunca o tinha visto, nem o tinha ouvido pregar. Ele só tinha falado favoravelmente sobre um ato de bondade e misericórdia que Cristo lhe tinha feito, e isto eles não conseguiam suportar.

Em segundo lugar, eles se gloriavam pela sua relação com Moisés como seu mestre: "'Nós, porém, somos discípulos de Moisés', e não precisamos de outro mestre, nem desejamos outro". Observe: 1. Os professores carnais de religião são muito capazes de confiar e de se orgulhar das dignidades e dos privilégios da sua profissão de fé, embora sejam estranhos aos princípios e poderes da sua religião. Estes fariseus tinham, antes, se vangloriado da sua boa ascendência: "Somos descendência de Abraão". Aqui eles se vangloriam da sua boa educação: "Nós… somos discípulos de Moisés", como se isto os salvasse. 2. É triste ver o quanto uma parte da religião sofre oposição sob o pretexto do zelo da outra parte. Havia uma harmonia perfeita entre Cristo e Moisés. Moisés ajudou a preparar o caminho para Cristo, e Cristo aperfeiçoou Moisés, de modo que eles poderiam ser discípulos de Moisés e ser também discípulos de Cristo. Mas aqui eles os combatem, pois não poderiam ter perseguido a Cristo, exceto sob o refúgio do nome mal-empregado de Moisés. Assim, aqueles que contradizem a doutrina da graça gratuita procuram valorizar a si mesmos como promotores do dever do homem: "Nós… somos discípulos de Moisés". Enquanto isto, por outro lado, aqueles que cancelam a obrigação da lei se valorizam como os defensores e os proclamadores da graça gratuita, como se ninguém mais fosse discípulo de Jesus, exceto eles. Mas se compreendermos corretamente o assunto, veremos a graça de Deus e o dever do homem se encontrando, e ajudando um ao outro.

Em terceiro lugar, eles oferecem algum tipo de razão para se unirem a Moisés contra Cristo (v. 29): "Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é". Mas não sabiam eles que entre outras coisas que Deus falou a Moisés estava esta, de que eles deviam esperar outro profeta, e novas revelações da mente de Deus? Mas, quando nosso Senhor Jesus, de acordo com o que Deus tinha dito a Moisés, manifestou-se, e deu provas suficientes de ser aquele profeta, os judeus, sob o pretexto de se apegarem à antiga religião e à sinagoga estabelecida, não somente perderam o direito às suas próprias graças, mas também abriram mão delas. Neste argumento dos judeus, observe: 1. Como, de maneira impertinente, eles alegam, em defesa da sua inimizade contra Cristo, aquilo que nenhum dos seus seguidores jamais negou: "Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés", e, graças a Deus, nós sabemos também, Ele falou mais claramente a Moisés do que a qualquer outro dos profetas. Mas, e daí? Deus falou a

Moisés, e com base nisto pode-se concluir que Jesus é um impostor? Moisés era um profeta também? Moisés falou honrosamente de Jesus (cap. 5.46), e Jesus falava honrosamente de Moisés (Lc 16.29). Ambos eram fiéis à mesma casa de Deus, Moisés como servo, e Cristo como Filho. Por isto, a defesa à autoridade divina de Moisés, em oposição à de Cristo, era um artifício, para fazer as pessoas sem discernimento crerem que era tão certo que Jesus fosse um falso profeta quanto era certo que Moisés era um profeta verdadeiro, embora ambos fossem verdadeiros. 2. Como, de maneira absurda, eles apresentam o fato de não conhecerem a Cristo como uma razão para justificar seu desprezo por Ele: “Mas este”. Desta maneira desprezível, eles falam do bendito Jesus, como se não julgassem que valeria a pena carregar suas lembranças com um nome tão insignificante. Eles se expressam com tanto desdém pelo Pastor de Israel, como se Ele não fosse digno de ser colocado junto aos cães do seu rebanho: “Mas este”, este pobre sujeito, “não sabemos de onde é”. Eles imaginavam ter a chave do conhecimento, de modo que ninguém pudesse pregar sem antes obter uma permissão sua, sob o selo do seu tribunal. Eles esperavam que todos aqueles que se propunham a ser professores os procurassem e lhes dessem satisfação, coisa que Jesus nunca tinha feito, nunca tinha reconhecido seu poder, a ponto de pedir-lhes permissão, e por isto eles o consideravam um intruso, e alguém que não entrava pela porta. Eles não sabiam de onde Ele vinha, nem o que Ele era, e por isto concluíram que Ele era um pecador, embora aqueles sobre os quais nós sabemos poucas coisas devam ser julgados de maneira caridosa. Mas as almas orgulhosas e limitadas não pensarão bem de ninguém, exceto de si mesmas e daqueles nos quais têm interesse. Não fazia muito tempo que os judeus tinham feito uma objeção contra Cristo, contrária a esta (cap. 7.27): “Bem sabemos de onde este é; mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde ele é”. Desta maneira, eles podiam, com a maior segurança, afirmar ou negar a mesma coisa, conforme vissem que ela podia lhes servir. Eles não sabiam de onde Ele era, e de quem era a culpa? (1) É certo que eles deveriam ter investigado. O Messias deveria aparecer nesta época, e lhes cabia investigar e examinar toda indicação. Mas estes sacerdotes, como os de Jeremias 2.6, não disseram: “Onde está o Senhor?” (2) É certo que eles deviam ter sabido de onde Ele era, poderiam não apenas ter sabido, investigando os registros, que Ele tinha nascido em Belém, mas investigando sua doutrina, seus milagres e

seu comportamento. Poderiam ter sabido que Ele era o enviado de Deus, e tinha ordens, comissão e instruções muito melhores do que quaisquer que eles lhe pudessem sugerir. Veja como é absurda a infidelidade. Os homens não desejam conhecer a doutrina de Cristo, porque estão decididos a não crer nela, e então decidem não crer nela porque não a conhecem. Tal ignorância e descrença, uma sustentando a outra, agravam uma à outra.

(3) Ele raciocina com eles a respeito deste assunto, e eles o excomungam.

[1] O pobre homem, achando que a razão estava do seu lado, à qual eles não poderiam contestar, fica mais ousado e, continuando com seus argumentos, se aproxima deles.

Em primeiro lugar, ele se admira da sua infidelidade obstinada (v. 30). De maneira nenhuma amedrontado pelas censuras deles, nem abalado pela confiança deles, corajosamente respondeu: "'Ora, aqui está uma coisa maravilhosa', o caso mais estranho de ignorância voluntária e deliberada de que jamais se ouviu entre homens que dizem ter bom senso, o fato de que vocês não sabem de onde Ele vem, e ainda assim Ele me abriu os olhos". Ele se maravilha de duas coisas: 1. Do fato de que eles pudessem não conhecer alguém tão famoso. Aquele que podia abrir os olhos dos cegos certamente deveria ser um homem importante, e digno de que se prestasse atenção a Ele. Os fariseus eram homens curiosos, correspondiam se e conheciam muita gente, julgavam ser os olhos da igreja e seus vigias, e ainda assim falavam como se julgassem abaixo deles conhecer um homem como este, e conversar com Ele. Isto realmente é muito estranho. Há muitos que passam por homens instruídos e inteligentes, que entendem de negócios e que podem falar sensatamente sobre outras coisas, mas que são espantosamente ignorantes da doutrina de Cristo, que não se preocupam, nem como curiosidade, em se familiarizar com aquilo que "os anjos desejam bem atentar". 2. Do fato de que eles questionassem a missão divina de alguém que, indubitavelmente, tinha realizado um milagre divino. Quando disseram: "Este não sabemos de onde é", eles quiseram dizer: "Nós não conhecemos nenhuma prova de que sua doutrina e seu ministério sejam do céu". "É estranho", disse o pobre homem, "que o milagre realizado em mim não tenha convencido vocês, e não tenha deixado a questão fora de dúvidas – que vocês, cuja educação e estudos lhes dão vantagens acima dos outros, de discernimento das coisas de Deus, fechem os olhos, desta maneira, para a luz". É uma obra maravilhosa e um assombro, "porque a

sabedoria dos seus sábios perecerá” (Is 29.14), que neguem a verdade cujas evidências não possam negar. Observe que: (1) A descrença daqueles que têm os meios de conhecimento e convicção é verdadeiramente uma coisa maravilhosa, Marcos 6.6. (2) Aqueles que sentiram pessoalmente o poder e a graça do Senhor Jesus maravilham-se especialmente com a determinação daqueles que o rejeitam, e, tendo tão bons pensamentos sobre Ele, surpreendem-se de que outros não tenham. Se Cristo tivesse aberto os olhos dos fariseus, eles não teriam duvidado de que Ele fosse um profeta.

Em segundo lugar, ele argumenta vigorosamente contra eles, vv. 31-33. Eles tinham determinado, a respeito de Jesus, que Ele não era de Deus (v. 16), mas um pecador (v. 24), e em resposta a isto, aqui o homem prova não somente que Ele não era um pecador (v. 31), mas que era de Deus, v. 33.

a. Aqui ele argumenta: (*a*) Com grande conhecimento. Embora não soubesse ler o livro, ele estava bastante familiarizado com as Escrituras e as coisas de Deus. Ele não tinha o sentido da visão, mas tinha aprimorado o da audição, pelo qual vem a fé. Porém, isto não lhe teria sido útil, se não tivesse uma presença extraordinária de Deus com ele, e auxílios especiais do seu Espírito, nesta ocasião. (*b*) Com grande zelo pela honra de Cristo, que ele não conseguiria suportar ouvir sendo destruída e difamada. (*c*) Com grande ousadia, e coragem, e destemor, sem se aterrorizar pelo orgulho dos seus adversários. Aqueles que ambicionam os favores de Deus não devem temer as censuras dos homens. “Veja aqui”, diz o Dr. Whitby, “um homem cego e sem instrução julgando com mais exatidão as coisas divinas do que todo o erudito conselho dos fariseus, ensinando nos, com isto, que não devemos sempre ser conduzidos pela autoridade dos conselhos, papas ou bispos, e que não é absurdo que os homens leigos algumas vezes tenham opiniões diferentes das deles, pois estes bispos, às vezes, são culpados de grandes negligências”.

b. Seus argumentos podem ser reduzidos a uma forma semelhante à do de Davi, Salmos 66.18-20. A proposta no argumento de Davi é: “Se eu atender à iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá”. Aqui o propósito é o mesmo: “Deus não ouve a pecadores”. A suposição há: “Mas, na verdade, Deus me ouviu”. Aqui temos um resultado positivo, pois, na verdade, Deus ouviu ao Senhor Jesus, Ele foi honrado com a realização do que nunca tinha sido feito antes. A conclusão ali é a da honra: “Bendito seja Deus”. Aqui é a da honra do Senhor Jesus: Ele é “de Deus”.

(*a*) Ele apresenta, como uma verdade incontestável, o fato de que ninguém, exceto os homens bons, são os favoritos do céu (v. 31): “Nós sabemos”, vocês sabem, tão bem quanto eu, “que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve”. Aqui:

[*a*] As afirmações, entendidas corretamente, são verdadeiras. Em primeiro lugar, seja dito para o terror dos ímpios: “Deus não ouve a pecadores”, isto é, a pecadores como aqueles a quem os fariseus se referiam quando falavam de Cristo: “Esse homem é pecador”, alguém que, sob a proteção do nome de Deus, cuidava dos interesses do Diabo. Isto não transmite nenhum incentivo para os pecadores arrependidos, mas somente para aqueles que continuam nas suas transgressões, que fazem suas orações não somente consistentes, mas também subservientes, aos seus pecados, como fazem os hipócritas. Deus não os ouvirá, Ele não os reconhecerá, nem dará uma resposta de paz às suas orações. Em segundo lugar, seja dito para o consolo dos justos: “Se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve”. Aqui temos: 1. O caráter completo de um homem bom: ele é aquele que é temente a Deus e faz sua vontade. Ele é constante nas suas devoções, em horários determinados, e regular no seu comportamento em todas as ocasiões. Ele é aquele que se dedica a glorificar seu Criador com a solene adoração ao seu nome, e uma obediência sincera à sua vontade e à sua lei. As duas coisas devem acontecer em conjunto. 2. O consolo indescritível de um homem assim: “A esse [Deus] ouve”. Ouve suas queixas e as alivia; ouve seus apelos, e o justifica; ouve seu louvor, e o aceita; ouve suas orações, e as atende, Salmos 34.15.

[*b*] A aplicação destas verdades é muito pertinente para provar que aquele, com cuja palavra foi exercido tal divino poder para curar um cego de nascença, não podia ser um homem mau, mas, tendo manifestadamente tal interesse no santo Deus, que sempre o ouvia (cap. 9.31,32), certamente era santo.

(*b*) Ele engrandece os milagres que Cristo tinha realizado, para fortalecer ainda mais o argumento (v. 32): “Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença”. Isto mostra, ou: [*a*] Que era um milagre verdadeiro, e acima das forças da natureza. Nunca se tinha ouvido que qualquer homem, com uso de meios naturais, tivesse curado a alguém que era cego de nascença. Sem dúvida, este homem e seus

pais tinham investigado muitos casos desta natureza, procurando saber se alguém já tinha sido ajudado, e não tinham ouvido falar de nenhum, o que permitia que ele dissesse isto com mais segurança. Ou: [*b*] Que era um milagre extraordinário, e além dos precedentes dos milagres anteriores. Nem Moisés, nem nenhum dos profetas, embora fizessem grandes coisas, jamais fizeram coisas como esta, em que o poder e a bondade divinos parecem disputar qual brilharia mais. Moisés trouxe pragas de uma forma miraculosa, mas Cristo realizou curas miraculosas. Observe que, em primeiro lugar, as maravilhosas obras do Senhor Jesus eram tais como jamais haviam sido feitas antes. Em segundo lugar, convém que aqueles que receberam a misericórdia de Deus engrandeçam as graças que receberam, e falem honrosamente delas. O objetivo não é que, com isto, a glória possa redundar sobre os crentes, e assim pareça que são favoritos extraordinários do Céu, mas tudo isto é para que Deus possa ser glorificado cada vez mais.

(*c*) Ele, portanto, conclui: "Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer", isto é, nada extraordinário, nada como isto, e, portanto, sem dúvida, Ele é de Deus, embora não esteja em conformidade com suas tradições quanto ao sábado. Observe que aquilo que Cristo fazia na terra demonstrava, suficientemente, que Ele era do céu, pois, se não tivesse sido enviado de Deus, não poderia ter realizado tais milagres. É verdade que o homem do pecado vem com falsas maravilhas, mas não com verdadeiros milagres. Da mesma maneira, supõe-se que um falso profeta poderia, com permissão divina, transmitir um sinal ou um prodígio (Dt 13.1,2), mas o caso é apresentado de modo que trouxesse consigo sua própria contradição, pois ele deve reforçar a tentação de servir a outros deuses, o que significava colocar a Deus contra si mesmo. Da mesma maneira, é verdade que muitas pessoas ímpias têm, em nome de Cristo, realizado muitas obras maravilhosas, que não provavam que quem as realizava fosse de Deus, mas daquele em cujo nome elas eram realizadas. Cada um de nós pode saber, com isto, se é ou não de Deus: O que somos nós? O que nós fazemos por Deus, e pelas nossas almas, ao aceitarmos nossa salvação? O que nós fazemos mais do que os outros?

[2] Os fariseus, achando-se incapazes de responder ao seu raciocínio ou de suportá-lo, se lançaram sobre o homem que fora curado, e com muito orgulho e paixão interromperam suas palavras, v. 34. Aqui lemos:

Em primeiro lugar, o que eles disseram. Não tendo nada para responder a este argumento, eles lançaram-se contra o que dantes fora cego: “Tu és nascido todo em pecados e nos ensinas a nós?” Eles interpretam de maneira errada o que teriam razão para aceitar bem, e seu coração se parte em fúria por aquilo que deveria ter penetrado seu coração, levando-o à penitência. Observe: 1. Como eles o desprezaram, e a censura severa que lhe fizeram: “Você não somente nasceu em pecado, como todos os homens, mas, além disto, é completamente corrupto, e traz no seu corpo, assim como na sua alma, as marcas desta corrupção. Você é alguém que a natureza estigmatizou”. Se ele tivesse permanecido cego, teria sido uma barbaridade censurá-lo assim, e concluir que ele estava mais profundamente contaminado pelo pecado que as outras pessoas. Mas era profundamente injusto observar isto, agora que a cura não somente tinha eliminado a ofensa da sua cegueira, mas também o tinha indicado como um favorito do céu. Alguns assim interpretam: “Você era um mendigo comum, e pessoas deste tipo são freqüentemente pecadores comuns, e você, sem dúvida, foi tão mau quanto qualquer um deles”, embora, com suas palavras, ele tivesse provado o contrário, e tivesse evidenciado uma profunda dose de piedade. Mas quando os fariseus arrogantes decidiam subestimar um homem, qualquer coisa servia como pretexto para suas calúnias e fingimentos. 2. Como eles desdenham a possibilidade de aprender com ele, ou de receber instrução dele: “Tu... nos ensinas a nós?” Uma grande ênfase deve ser colocada aqui, sobre “tu” e “nós”. “Como você, um pobre tolo, ignorante e analfabeto, que não viu a luz do sol um dia inteiro, um mendigo de beira de estrada, da parte mais indesejável da cidade, pretende nos ensinar, a nós, que somos os entendidos da lei e os nobres da igreja, que nos sentamos na cadeira de Moisés e que somos mestres em Israel?” Observe que os homens orgulhosos desdenham a possibilidade de serem ensinados, especialmente pelos seus inferiores, mas nós nunca devemos nos considerar velhos demais, nem sábios demais, nem bons demais, para aprender. Aqueles que têm muita riqueza desejam ter ainda mais. E por que isto não acontece com aqueles que têm muito conhecimento? Aqueles por cujo intermédio nós podemos nos aprimorar pelo aprendizado devem ser valorizados. Que pobre desculpa era esta, para a infidelidade dos fariseus, a de que seria uma depreciação para eles serem instruídos, e informados, e convencidos por um rapaz leigo como este!

Em segundo lugar, o que eles fizeram: eles “expulsaram-no”. Alguns entendem isto somente como uma despedida grosseira e desdenhosa dele, de seu conselho deliberativo. Eles o mandaram embora da sala, empurrando-o pela cabeça e pelos ombros, e, talvez, ordenando seus servos a darem pontapés nele. Eles julgaram que era hora de mandá-lo para longe o bastante, pois ele chegava, deste modo, perto de suas consciências. Mas isto parece ser, mais exatamente, um ato judicial. Eles o excomungaram, provavelmente com o maior grau de excomunhão. Eles o desligaram de ser um membro da igreja de Israel. “Este pobre homem”, diz o Dr. Lightfoot, “foi o primeiro confessor, como João Batista foi o primeiro mártir, da Igreja Cristã”. Havia uma lei estabelecida de que, se alguém confessasse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga, v. 22. Mas este homem tinha dito somente, de Jesus, que Ele era um profeta, que Ele era de Deus. E ainda assim eles alargam a lei para colocá-lo sob o domínio dela, como se ele tivesse confessado que Ele era o Cristo. Ser excomungado justamente e expulso de uma igreja pura, *clave non errante – quando a chave não vira para o lado errado*, é uma coisa muito pavorosa, pois o que é, deste modo, ligado sobre a terra, é ligado no céu. Mas ser expulso de uma igreja corrupta (da qual é nosso dever sair), e injustamente, embora com um “anátema”, e com todo o fantasma das cerimônias de sino, livro e vela, é o que não temos razão, sob qualquer condição, para temermos, ou nos afligirmos. “A maldição sem causa não virá”. Se eles expulsam os seguidores de Cristo das suas sinagogas, como Ele prediz (cap. 16.2), não há dano feito, quando elas se tornam as “sinagogas de Satanás”.

As Palavras de Cristo ao Homem Cego

vv. 35-38

Nestes versículos, podemos observar:

I O tratamento cuidadoso que nosso Senhor Jesus dispensou a este pobre homem (v. 35): “Jesus ouviu que o tinham expulsado” (porque é provável que este fato tivesse ecoado por toda a cidade e todos estivessem revoltados com os fariseus por isso), então o encontrou, o que significa que estava procurando-o e cuidando dele, para poder consolá-lo e incentivá-lo: 1.

Porque o homem dantes cego tinha, com o melhor do seu conhecimento, falado muito bem, corajosamente e de modo audacioso em defesa do Senhor Jesus. Observe que Jesus Cristo certamente estará ao lado da sua testemunha, e daqueles que o reconhecem, e à sua verdade e aos seus caminhos. Príncipes terrenos não tomam conhecimento, e nem podem fazê-lo, de tudo o que os justifica e aos seus governos e administração. Somente nosso Senhor Jesus conhece e observa todos os testemunhos leais que damos dele em qualquer momento, e um livro de lembranças está sendo escrito, e beneficiará não somente nossa credibilidade futura, mas também nosso conforto imediato. 2. Porque os fariseus o tinham expulsado e maltratado. Além da consideração comum que o justo Juiz do mundo tem para com aqueles que sofrem injustamente (Sl 103.6), há uma atenção especial concedida àqueles que sofrem pela causa de Cristo e pelo testemunho de uma boa consciência. Aqui estava um pobre homem sofrendo por Cristo, e Ele tomou cuidado para que, quanto mais abundantes fossem suas aflições, mais abundantes fossem seus consolos. Observe: (1) Embora os perseguidores possam excluir os homens bons da sua comunhão, ainda assim não podem excluí-los da comunhão com Cristo, nem colocá-los longe do caminho das suas visitas. Felizes são aqueles que têm um amigo do qual os homens não podem separá-los. (2) Jesus Cristo graciosamente encontrará e receberá aqueles que, por sua causa, são injustamente rejeitados e expulsos pelos homens. Ele será o abrigo seguro para seus rejeitados, e aparecerá, para a alegria daqueles cujos irmãos odiaram e expulsaram.

II A conversa confortadora que Cristo teve com ele, em que o Senhor o familiariza com a consolação de Israel. Aquele homem tinha aprimorado bem o conhecimento que tinha, e agora Cristo lhe dá mais instruções, porque àquele que é fiel no pouco, mais lhe será confiado, Mateus 13.12.

1. Nosso Senhor Jesus examina sua fé: "'Crês tu no Filho de Deus?' Crês nas promessas do Messias? Crês na sua vinda e estás preparado para recebê-lo e aceitá-lo quando Ele se manifestar a ti?" Esta era a fé no Filho de Deus, pela qual os santos viviam antes da sua manifestação. Observe: (1) O Messias aqui é chamado de Filho de Deus, e dessa maneira os judeus aprenderam a chamá-lo desde que receberam as profecias, Salmos 2.7; 89:7. Veja cap. 1.49: "Tu és o Filho de Deus", isto é, o verdadeiro Messias.

Aqueles que esperavam um reino secular do Messias se deleitaram mais em chamá-lo de Filho de Davi, o que oferecia mais estímulo do que expectativa, Mateus 22.42. Mas Cristo, que desejava nos dar a idéia do seu reino como puramente espiritual e divino, chama a si mesmo de Filho de Deus, e preferivelmente Filho do homem, de modo geral, do que Filho de Davi, em particular. (2) Os desejos e as expectativas do Messias que tinham os santos do Antigo Testamento, conduzidos pelas promessas e baseados nelas, eram graciosamente interpretados e aceitos conforme a crença que tinham no Filho de Deus. Esta fé, Cristo investiga aqui: “Crês?” Observe que o grande feito que nos é exigido (1 Jo 3.23), e sobre o qual nós seremos interrogados dentro de pouco tempo, é nossa crença no Filho de Deus, e nela devemos permanecer ou deixá-la para sempre.

2. O pobre homem, de modo solícito, pergunta a respeito do Messias em quem ele devia crer, professando sua disposição em aceitá-lo e aproximar-se dele (v. 36): “Quem é ele, Senhor, para que nele creia?” (1) Alguns acreditam que ele sabia que Jesus, que o tinha curado, era o Filho de Deus, mas não sabia quem era Jesus, e, conseqüentemente, supunha que esta pessoa que falava com ele fosse um seguidor de Jesus, que desejava fazer-lhe o favor de dirigi-lo ao seu Mestre, não para que ele pudesse satisfazer sua curiosidade com a visão dele, mas para que pudesse crer mais firmemente nele e professar sua fé, e saber em quem tinha crido. Veja Cantares 5.6,7; 3.2,3. Somente Cristo pode nos dirigir a si mesmo. (2) Outros pensam que ele sabia que esta pessoa que falava com ele era Jesus, o mesmo que o tinha curado, e que ele acreditava ser um grande e bom homem, e um profeta, mas ainda não sabia que era o Filho de Deus e o verdadeiro Messias. “Senhor, creio que há um Cristo que virá. Tu, que me deste uma visão física, diga-me, oh! diga-me, quem é e onde está este Filho de Deus”. A pergunta de Cristo insinuava que o Messias havia chegado e que estava agora entre eles, e o homem aproveita a indicação imediatamente, e pergunta: Onde está Ele, Senhor? Uma vez que ele não podia crer em alguém de quem nada tinha ouvido, a pergunta era racional e justa: “Quem é ele, Senhor, para que nele creia?” O trabalho dos ministros é nos dizer quem é o Filho de Deus, para que possamos crer nele, cap. 20.31.

3. Nosso Senhor Jesus Cristo graciosamente se revela a ele como o Filho de Deus em quem ele devia crer: “Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo”, v. 37. Você não precisa ir tão longe para encontrar o Filho de

Deus. Eis que “a palavra está junto de ti”. Não acredito que Cristo dizia isso explicitamente, e com tantas palavras, revelando a si para os outros, como para este homem aqui e para a mulher de Samaria: “Eu o sou, eu que falo contigo”. Ele deixava que os outros descobrissem pelos argumentos quem Ele era. Ele escolheu manifestar-se aos fracos e aos mais simples do mundo, mas não aos sábios e entendidos. Aqui Cristo se descreve para este homem por meio de dois fatos que expressam sua grande generosidade para com ele: (1) “Tu já o tens visto”, e ele estava muito grato por Jesus lhe abrir seus olhos, para que ele pudesse vê-lo. Neste momento ele ficou ciente, mais do que nunca, de que uma misericórdia inexprimível o tinha curado da sua cegueira, para que pudesse ver o Filho de Deus, uma visão que alegrava seu coração mais do que a luz deste mundo. Observe que o maior consolo para a visão do corpo é sua utilidade para nossa fé e os interesses das nossas almas. Com que alegria este homem teria voltado à sua cegueira anterior, como o velho Simeão: “Os meus olhos viram a tua salvação”! Se nós aplicarmos isto à abertura dos olhos da mente, isto sugere que a visão espiritual é dada principalmente para esta finalidade, para que possamos ver a Cristo, 2 Coríntios 4.6. Podemos dizer que vimos a Cristo pela fé, que o vimos na sua beleza e glória, na sua capacidade e disposição de salvar, que o vimos de modo a ficarmos satisfeitos a respeito dele, e satisfeitos nele? Louvemos àquele que nos abriu os olhos. (2) “É aquele que fala contigo”, e ele estava agradecido a Cristo por condescender em fazer isto. Ele não apenas foi favorecido com uma visão de Cristo, mas foi aceito na comunhão e companhia dele. Os grandes príncipes desejam ser vistos por aqueles com quem eles não condescendem em conversar. Mas Cristo, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, fala com aqueles cujos desejos se dirigem a Ele, e ao falar com eles, Ele se manifesta a eles, assim como fez com os dois discípulos, quando lhes fazia arder os corações, Lucas 24.32. Observe que este pobre homem estava perguntando solicitamente pelo Salvador, quando, ao mesmo tempo, o via, e estava falando com Ele. Observe que Jesus Cristo sempre está mais próximo das almas que o procuram do que elas se dão conta. Os cristãos duvidosos às vezes dizem: Onde está o Senhor? E temem que estejam fora da sua visão, quando, ao mesmo tempo, é Ele quem fala com eles, e lhes dá forças.

4. O pobre homem prontamente recebe esta surpreendente revelação e, em um arrebatamento de alegria e assombro, diz: “Creio, Senhor. E o adorou”.

(1) Ele professou sua fé em Cristo: “Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus”. Ele não iria discutir nada que dissesse aquele que tinha exibido tanta misericórdia para com ele, e realizado tal milagre em sua vida, nem duvidar da verdade de uma doutrina que era confirmada por tais prodígios. Crendo com o coração, desta maneira ele confessa com a boca, e agora a cana quebrada tinha se tornado um cedro. (2) Ele lhe prestou homenagem: ele “o adorou”, não somente dedicando-lhe o respeito civil que era devido a um grande homem, e o reconhecimento devido a um gentil benfeitor, mas aqui lhe dedicou honra divina, e adorou-o como o Filho de Deus manifestado na carne. Ninguém, exceto Deus, deve ser adorado, de modo que ao adorar a Jesus, ele reconheceu que Ele era Deus. Observe que a verdadeira fé irá se exibir em uma humilde adoração do Senhor Jesus. Aqueles que crêem nele verão todas as razões do mundo para adorá-lo. Nós nunca lemos nada mais a respeito deste homem, mas é muito provável que a partir desta ocasião ele tenha se tornado um seguidor constante de Cristo.

As Palavras de Cristo aos Fariseus

vv. 39-41

Tendo dito palavras de conforto ao pobre homem que era perseguido, Cristo aqui diz palavras de condenação para seus perseguidores, uma amostra da distribuição de tribulação e descanso do grande dia, 2 Tessalonicenses 1.6,7. Provavelmente, isto não aconteceu imediatamente depois da sua conversa com o homem, mas Ele aproveitou a primeira oportunidade que se apresentou para falar com os fariseus. Aqui temos:

I O relato que Cristo dá do seu desígnio ao vir ao mundo (v. 39): “Eu vim a este mundo para juízo”, para ordenar e administrar os grandes assuntos do reino de Deus entre os homens, e estou investido com um poder judicial para fazê-lo, para exercê-lo em conformidade com os sábios conselhos de Deus, e dando prosseguimento a eles. O que Cristo dizia, Ele não dizia como um pregador no púlpito, mas como um rei no trono, e um juiz no tribunal.

1. Sua missão no mundo era grande. Ele veio para realizar o juízo e cumprir objetivos específicos. Ele veio para juízo, isto é: (1) Para pregar

uma doutrina e uma lei que pusessem os homens à prova, e que efetivamente os revelassem e distinguissem, e que seriam completamente adequadas, em todos os aspectos, para serem a regra do governo agora e do julgamento próximo. (2) Para estabelecer uma diferença entre os homens, revelando os pensamentos de muitos corações, e expondo o verdadeiro caráter dos homens, com este único teste: se eles se sentiriam bem ou mal por causa do Senhor e do seu glorioso Evangelho. (3) Para mudar a face do governo na sua igreja, abolir as regras judaicas, remover aquela estrutura que, embora erigida pela mão do próprio Deus, ainda assim, pelo passar do tempo, tornou-se antiquada, e pelas incuráveis corrupções dos seus administradores, apodreceu e tornou-se perigosa. Ele também erigiria uma nova estrutura, segundo um novo modelo, para instituir novas ordenanças e funções, para abolir o judaísmo e decretar o cristianismo. Para este juízo, Ele veio ao mundo, e esta foi uma grande revolução.

2. Ele explica esta grande verdade por meio de uma metáfora emprestada do milagre que Ele tinha realizado recentemente: “A fim de que os que não vêem vejam e os que vêem sejam cegos”. Esta diferença na vinda de Cristo é sempre mencionada. Para alguns, seu Evangelho é um “cheiro de vida para vida”, para outros, “de morte para morte”. (1) Isto se aplica às nações e aos povos, para que os gentios, que tinham sido destituídos por tanto tempo da luz da revelação divina, pudessem vê-la, e para que os judeus, que a tinham tido durante tanto tempo, pudessem ter as coisas da sua paz ocultas de seus olhos, Oséias 1.10; 2.23. Os gentios viram uma grande luz, enquanto a cegueira se abate sobre Israel, e seus olhos se escurecem. (2) Aos filhos em particular. Cristo veio ao mundo: [1] Intencionalmente e propositadamente para dar visão àqueles que eram espiritualmente cegos. Pela sua Palavra, revelar as necessidades, e pelo seu Espírito, curar os órgãos, para que muitas almas preciosas pudessem se converter das trevas à luz. Ele veio para juízo, isto é, libertar da prisão escura aqueles que desejavam ser libertos, Isaías 61.1. [2] Finalmente, para que aqueles que “vêem sejam cegos”, para que aqueles que têm um grande convencimento da sua própria sabedoria, e a usam para contradizer a revelação divina, possam ser selados na ignorância e na infidelidade. A pregação da cruz era uma tolice, e uma obsessão, para aqueles que, por meio da sabedoria, não conheciam a Deus. Cristo veio ao mundo para este juízo, para cuidar das questões de um reino espiritual, assentado nas mentes dos homens.

Enquanto na igreja judaica as bênçãos e os juízos do governo de Deus eram, na sua maioria, temporais, agora o método de administração deveria ser modificado. E assim como os bons súditos do seu reino seriam abençoados com bênçãos espirituais nas coisas celestiais, como as que se originam de um esclarecimento da mente, também os rebeldes seriam punidos com pragas espirituais, que não seriam a guerra, a fome ou a pestilência, como antigamente. Estas surgiriam de uma obsessão judicial, de uma insensibilidade de coração, de um terror de consciência, de fortes enganos, e de afetos vis. Desta maneira, Cristo iria julgar entre "gado miúdo e gado miúdo", Ezequiel 34.17,22.

II As críticas dos fariseus a isto. Eles estavam com Ele, porém sem desejo de aprender qualquer coisa boa com Ele, mas para fazer o mal contra Ele. E "disseram-lhe: Também nós somos cegos?" Quando Cristo disse que, através da sua vinda, aqueles que viam ficariam cegos, eles entenderam que Ele se referia a eles, que eram os videntes do povo e se orgulhavam de suas percepções e previsões. "Nós", dizem eles, "sabemos que as pessoas comuns são cegas, mas também nós somos cegos? Nós, quem? Os rabinos, os doutores, os versados em leis, os graduados nas escolas, também nós somos cegos?" Isto é *scandalum magnatum – uma difamação dos grandes*. Observe que freqüentemente aqueles que mais precisam de reprovação, e que mais a merecem, embora tenham inteligência suficiente para discernir uma pessoa tácita, não têm graça suficiente para tolerar uma pessoa justa. Estes fariseus interpretaram esta reprovação como uma repreensão, como aqueles doutores da lei (Lc 11.45): "Também nós somos cegos? Você ousa dizer que nós somos cegos, nós, cujo juízo todos veneram, valorizam e aceitam?" Observe que nada fortalece mais os corações corruptos dos homens contra as condenações do mundo, nem as repele com mais eficiência, do que a boa opinião, especialmente se for uma opinião favorável, que os outros tenham deles, como se todos os que são aplaudidos pelos homens devessem, necessariamente, obter a aceitação de Deus. Nada é mais falso e enganador do que este conceito, pois Deus não vê como o homem vê.

III A resposta de Cristo a esta crítica, que, se não os convenceu, pelo menos os calou: "Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora

dizeis: Vemos, por isso, o vosso pecado permanece". Eles se orgulhavam de não ser cegos, como as pessoas comuns, não ser tão crédulos e manipuláveis como eles, mas de poder ver com seus próprios olhos, ter capacidade, segundo pensavam, suficiente para sua própria orientação, de modo que não precisavam de ninguém que os guiasse. Esta mesma coisa de que se orgulhavam, aqui Cristo lhes diz que era sua vergonha e ruína. Pois:

1. "Se fôsseis cegos, não teríeis pecado". (1) "Se fossem verdadeiramente ignorantes, seu pecado não teria sido tão profundamente agravado, nem vocês teriam tantos pecados para explicar como têm agora. Se fossem cegos, como são os pobres gentios, e muitos dos seus próprios pobres súditos, de quem vocês roubaram a chave da ciência, vocês não teriam, comparativamente, nenhum pecado". Deus tolera as épocas de ignorância, ignorância involuntária, embora não justifique o pecado, nem o ignore, nem lhe diminua a culpa. Haverá mais tolerância para aqueles que estão perecendo por falta de visão do que para aqueles que se rebelam contra a luz. (2) Se tivessem percebido sua própria cegueira, se, quando não desejaram enxergar mais nada, pudessem ter enxergado a necessidade de ter alguém que lhes orientasse, logo teriam aceitado Cristo como seu guia, e então não teriam pecado. Eles teriam se sujeitado à justiça do Evangelho, e teriam sido colocados em um estado justificado. Observe que aqueles que são convencidos da sua enfermidade estão no caminho da cura, pois não existe maior obstáculo para a salvação das almas do que a auto-suficiência.

2. "'Mas como agora dizeis: Vemos'. Uma vez que tendes conhecimento, e sois instruídos pela lei, vosso pecado se agrava muito. E uma vez que tendes o convencimento daquele conhecimento, e pensais que vedes vosso caminho melhor do que qualquer pessoa possa vos mostrar, vosso pecado permanece, vosso caso é desesperador, e vossa doença, incurável". E como os piores cegos são aqueles que não querem ver, também é mais perigosa a cegueira daqueles que imaginam que vêem. Nenhum paciente é mais difícil de controlar do que aqueles que estão em um frenesi, que dizem que estão bem, e que nada os aflige. O pecado daqueles que são arrogantes e auto-confiantes permanece, pois eles rejeitam o Evangelho da graça. Portanto, a culpa dos seus pecados permanece sem perdão, e eles perdem o direito ao Espírito da graça, e, conseqüentemente, o poder do seu pecado permanece indestrutível. "Tens visto um homem que é sábio a seus próprios olhos?" Você pode ouvir os fariseus dizendo: "Vemos"? "Maior esperança há no

tolo”, em um publicano e em uma prostituta do que em alguém como eles.

CAPÍTULO 10

Neste capítulo, temos: I. O discurso de Cristo, na forma de parábola, a respeito de si mesmo como a porta do curral de ovelhas e o pastor das ovelhas, vv. 1-18. II. Os variados sentimentos das pessoas em relação a estas palavras, vv. 19-21. III. A discussão que Cristo teve com os judeus no Templo, na Festa da Dedicação, vv. 22-39. IV. Sua partida para o campo, em seguida, vv. 40-42.

O Bom Pastor

vv. 1-18

Não se sabe ao certo se este discurso foi proferido na Festa da Dedicação, no inverno (mencionada no v. 22), que pode ser interpretada como a data, não somente do que vem a seguir, mas daquilo que veio antes (e isto apóia o fato de que Cristo, nas suas palavras ali, prossegue com a metáfora das ovelhas, vv. 26,27, onde parece que aquele discurso e este ocorreram na mesma ocasião). Ou este era uma continuação da sua discussão com os fariseus, no encerramento do capítulo anterior. Os fariseus, em sua oposição a Cristo, baseavam-se no princípio de que eles eram os pastores da igreja, e que Jesus, não tendo comissão outorgada por eles, era um intruso e impostor, e, portanto, as pessoas se viam forçadas, pelo dever, a ficar do lado deles, e contra Ele. Em oposição a isto, Cristo aqui descreve quem eram os falsos pastores, e quem é o verdadeiro, deixando que eles concluíssem o que quisessem.

I Aqui está a parábola, ou similitude, proposta (vv. 1-5). Ela foi emprestada do costume daquela nação, no cuidado com suas ovelhas. As similitudes, usadas para exemplificar as verdades divinas, devem ser tomadas daquelas coisas que são mais familiares e comuns, para que as coisas de Deus não sejam obscurecidas por aquilo que deveria esclarecê-las. O prefácio a este discurso é solene: “Na verdade, na verdade vos digo” – Amém, amém. Esta veemente declaração evidencia a certeza e a importância do que Ele dizia. Nós encontramos “amém” em dobro nos

louvores e nas orações da igreja, Salmos 41.13; 72.19; 89.52. Se desejarmos ter nossos améns aceitos no céu, os améns de Cristo devem prevalecer na terra. Seus améns repetidos.

1. Nesta parábola, temos: (1) A evidência de um ladrão e salteador, que vem para fazer danos ao rebanho e prejudicar o dono, v. 1. Ele não entra pela porta, por não ter causa legítima para entrar, mas sobe por outra parte, como uma janela ou alguma brecha no muro. Como as pessoas ímpias são engenhosas para fazer o mal! Que planos elas fazem, que esforços elas empreendem, que riscos elas correm, nas suas intenções ímpias! Isto deveria nos envergonhar pela nossa preguiça e covardia no serviço a Deus. (2) O caráter que distingue o proprietário legítimo, que tem a propriedade das ovelhas, e que cuida delas: ele "entra pela porta", como alguém que tem autoridade (v. 2), e vem para lhes fazer algo de bom, para ligar a que está quebrada, e fortalecer a que está enferma, Ezequiel 34.16. As ovelhas precisam dos cuidados do homem, e, em troca, são úteis a ele (1 Co 9.7). Elas vestem e alimentam aqueles que as abrigam e alimentam. (3) A entrada preparada que o pastor encontra: "A este o porteiro abre", v. 3. Antigamente, os currais de ovelhas ficavam situados dentro das portas externas das suas casas, para maior segurança de seus rebanhos, de modo que ninguém poderia chegar até elas diretamente, mas aqueles a quem o porteiro abrisse, ou o dono da casa desse as chaves. (4) O cuidado que ele toma com suas ovelhas, e a provisão que faz para elas. "As ovelhas ouvem a sua voz", quando ele fala de maneira que lhes é familiar, quando elas vêm ao curral, como os homens fazem agora com seus cães e cavalos. E, além disto, ele "chama pelo nome às suas ovelhas", tão exata que é a atenção que ele tem com elas, o registro que ele mantém delas. E ele as traz para fora do curral, para os pastos verdejantes. E (vv. 4,5), quando tira para fora suas ovelhas, ele não as conduz, mas (como era o costume naquele tempo) vai adiante delas, para evitar qualquer dano ou perigo que possam encontrar, e as ovelhas, acostumadas com isto, o seguem, e estão em segurança. (5) A estranha obediência das ovelhas ao pastor: elas "conhecem a sua voz", de modo a discernir sua vontade, segundo sua voz, e a distingui-la da de um estranho (pois o boi conhece seu possuidor, Isaías 1.3). Elas não seguirão o estranho, mas, como se suspeitando de algum mau desígnio, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos, exceto que não é a voz do seu próprio pastor. Esta é a parábola. Nós temos a chave para entendê-la,

Ezequiel 34.31: “Vós, pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto; homens sois, mas eu sou o vosso Deus”.

2. Observemos, a partir desta parábola, que: (1) Os bons homens são adequadamente comparados a ovelhas. Os homens, sendo criaturas dependentes do seu Criador, são chamados de ovelhas do seu pasto. Os bons homens, sendo criaturas inexperientes, têm as boas qualidades das ovelhas, são inofensivos e inocentes como as ovelhas; são dóceis e tranqüilos, sem fazer ruídos; são pacientes como as ovelhas, sob a mão do tosquiador ou do açougueiro. Elas são úteis e proveitosas, domáveis e obedientes ao pastor, sociáveis entre si, além de serem muito usadas nos sacrifícios. (2) A igreja de Deus no mundo é um curral de ovelhas, no qual são reunidos os filhos de Deus que estavam dispersos por todas as partes (cap. 11.52), e no qual elas são unidas e incorporadas. É uma boa malhada, Ezequiel 34.14. Veja Miquéias 2.12. Este curral é bem fortificado, pois o próprio Deus é como um muro de fogo ao seu redor, Zacarias 2.5. (3) Este curral está muito exposto a ladrões e salteadores; sedutores ardilosos que pervertem e enganam, e cruéis perseguidores que destroem e devoram; lobos cruéis (At 20.29); ladrões que roubariam o rebanho de Cristo, para sacrificá-lo aos demônios, ou roubariam o alimento das ovelhas, para que morressem pela falta de alimento; “lobos vestidos como ovelhas”, Mateus 7.15. (4) O grande Pastor do rebanho cuida maravilhosamente do rebanho, e de tudo o que pertence às ovelhas. Deus é o grande Pastor, Salmos 23.1. Ele conhece os que são seus, e os chama pelo nome, marca-os para si, e os leva para pastagens bem regadas. O Senhor faz com que descansem e se alimentem ali, fala com eles de uma forma consoladora, protege-os pela sua providência, guia-os pelo seu Espírito e pela sua Palavra, e vai adiante deles, para colocá-los no caminho dos seus passos. (5) Os pastores auxiliares, que são encarregados de alimentar o rebanho de Deus, devem ser cuidadosos e fiéis no desempenho desta tarefa. Os magistrados devem defendê-los, além de proteger e promover todos os seus interesses seculares. Os ministros devem servi-los nos seus interesses espirituais, devem alimentar suas almas com a Palavra de Deus fielmente aberta e aplicada, e com ordenanças do Evangelho devidamente administradas, supervisionando-os. Eles devem entrar pela porta de uma ordenação regular, e a estes o porteiro abrirá. O Espírito de Cristo irá colocar diante deles uma porta aberta, lhes dará autoridade na igreja e confiança no seu seio. Eles

devem conhecer os membros dos seus rebanhos pelo nome, e cuidar deles. Devem levá-los aos pastos das ordenanças públicas, presidi-los, ser sua boca diante de Deus, e a boca de Deus para eles. E nos seus costumes, devem ser exemplos para os crentes. (6) Aqueles que são verdadeiramente as ovelhas de Cristo serão muito obedientes ao seu Pastor, e muito prudentes e tímidos com estranhos. [1] Eles seguem seu Pastor, pois conhecem sua voz, tendo um ouvido que discerne, e um coração obediente. [2] Eles fogem de um estranho, e temem segui-lo, porque não conhecem sua voz. É perigoso seguir àqueles em quem não discernimos a voz de Cristo, e que nos afastariam da fé nele, levando-nos a fantasias a respeito dele. E aqueles que sentiram o poder e a eficácia das verdades divinas sobre suas almas, que têm o sabor e o prazer delas, têm uma sagacidade maravilhosa para descobrir os vilões de Satanás, e também para discernir entre o bem e o mal.

II A ignorância dos judeus quanto ao objetivo e ao significado deste discurso (v. 6): “Jesus disse-lhes esta parábola”, estas palavras figuradas, mas sábias, elegantes e instrutivas, “mas eles não entenderam o que era que lhes dizia”, não perceberam a quem Ele se referia quando falou dos ladrões e salteadores, e do Bom Pastor. O fato de muitos ouvirem as palavras de Cristo e não as compreenderem, porque não desejam compreender, e porque as interpretam mal, consiste no pecado e na vergonha deles. Eles não conhecem, nem provam, as coisas, e por isto não compreendem as parábolas e comparações com as quais elas são exemplificadas. Os fariseus tinham um grande orgulho do seu próprio conhecimento, e não podiam suportar que ele fosse questionado, mas não tinham percepção suficiente para compreender as coisas de que Jesus falava. Elas estavam acima da sua capacidade. Aqueles que pretendem ter mais conhecimento são, freqüentemente, os mais ignorantes nas coisas de Deus.

III A explicação que Cristo dá desta parábola, abrindo completamente seus detalhes. Nós veremos o Senhor Jesus, pessoalmente, pronto para explicar quaisquer dificuldades que possamos ver em suas palavras. Basta estarmos desejosos de compreendê-las. Nós descobriremos que uma passagem das Escrituras explica a outra, e o bendito Espírito é o intérprete do bendito Jesus. Nesta parábola, Cristo tinha diferenciado o pastor do

ladrão pelo fato de que Ele entra pela porta. Agora, explicando a parábola, Ele se faz tanto a porta pela qual o pastor entra quanto o Pastor que entra pela porta. Embora possa ser um solecismo em retórica, fazer a mesma pessoa ser a porta e o pastor, não há solecismo na Divindade ao fazer Cristo obter sua autoridade de si mesmo, assim como Ele tem vida em si mesmo, e Ele mesmo entra, pelo seu próprio sangue, como a porta, no santuário.

1. Cristo é a porta. Isto Ele diz àqueles que fingiam procurar a justiça, mas, como os sodomitas, se cansavam de procurar a porta onde ela jamais seria encontrada. Ele disse aos judeus, que deveriam ser o único rebanho de Deus, e aos fariseus, que deveriam ser seus únicos pastores: “Eu sou a porta das ovelhas”, a porta da igreja.

(1) De maneira geral: [1] Ele é como uma porta fechada, para manter afastados os ladrões e os salteadores, e outras pessoas que não devem ser admitidas. O fechar da porta é a segurança da casa. E que maior segurança tem a igreja de Deus do que a interposição do Senhor Jesus, e da sua sabedoria, do seu poder e da sua bondade, entre ela e todos os seus inimigos? [2] Ele é como uma porta aberta, para passagem e comunicação. Em primeiro lugar, por Cristo, como a porta, nós temos nossa primeira admissão no rebanho de Deus, cap. 14.6. Em segundo lugar, nós entramos e saímos, em uma relação de fé, ajudados por Ele, aceitos nele, andando no seu nome, Zacarias 10.12. Em terceiro lugar, através dele, Deus, o Pai, vem à sua igreja, visita-a, e se comunica com ela. Em quarto lugar, através dele, como a porta, as ovelhas são, por fim, admitidas no reino celestial, Mateus 25.34.

(2) Mais particularmente:

[1] Cristo é a porta dos pastores, de modo que ninguém que não entre por Ele será considerado pastor, mas (de acordo com a regra estabelecida, v. 1) ladrões e salteadores (embora finjam ser pastores), porém as ovelhas não os ouvem. Isto se refere a todos os que tinham o caráter de pastores em Israel, fossem magistrados ou ministros, que exerciam seu ofício sem nenhuma consideração pelo Messias, ou quaisquer outras expectativas dele além das que eram sugeridas pelos seus próprios interesses carnais. Observe, em primeiro lugar, o caráter que lhes foi atribuído: “São ladrões e salteadores” (v. 8). De todos os que vieram antes dele, não em termos de existência, muitos deles eram pastores fiéis, mas todos os que se anteciparam à sua comissão, e correram antes que Ele os enviasse (Jr 23.21), que assumiram

para si mesmos uma precedência e uma superioridade em relação a Ele, agiram como o anticristo, que exalta a si mesmo, 2 Tessalonicenses 2.4. “Os escribas e fariseus, os principais dos sacerdotes, todos os que vieram antes de mim, que se empenharam em monopolizar meus interesses, e a evitar que eu conquistasse qualquer espaço na mente do povo, influenciando-o com preconceitos contra mim, estes são ladrões e salteadores, e roubam aqueles corações sobre os quais não têm direitos, defraudando o dono legítimo da propriedade”. Eles condenaram nosso Salvador como ladrão e salteador, porque Ele não passou por aqueles que se consideravam a porta, nem obteve alguma permissão da parte deles, mas Ele mostra que eles deveriam ter recebido dele sua comissão, que deveriam ter sido admitidos por Ele, e terem vindo depois dele, e por não terem agido desta maneira, mas terem se antecipado a Ele, eles eram ladrões e salteadores. Eles não vieram como seus discípulos, e, por esta razão, foram condenados como usurpadores, e suas falsas comissões foram canceladas e substituídas. Observe que os rivais de Cristo são salteadores da sua igreja, ainda que finjam ser pastores, ou até mesmo pastores de pastores. Em segundo lugar, o cuidado tomado para proteger as ovelhas em relação a eles: “Mas as ovelhas não os ouviram”. Aqueles que tinham uma verdadeira característica de piedade, que eram espirituais e celestiais, e sinceramente devotados a Deus e à religiosidade, não podiam, de maneira nenhuma, aprovar as tradições dos anciãos, nem apreciar suas formalidades. Os discípulos de Cristo não possuíam nenhuma instrução especial de seu Mestre que os impedisse de comer sem efetuar antecipadamente uma lavagem cerimonial das mãos, nem colher espigas no sábado, pois nada é mais contrário ao verdadeiro cristianismo do que o farisaísmo, e não existe nada mais repugnante a uma alma verdadeiramente devota do que as devoções hipócritas daqueles fariseus.

[2] Cristo é a porta das ovelhas (v. 9): “Se alguém entrar por mim” (*di emou – através de mim* como a porta) no curral, como alguém pertencente ao rebanho, “salvar-se-á”, não somente estará a salvo dos ladrões e salteadores, mas será feliz, “e entrará, e sairá”. Aqui temos, em primeiro lugar, instruções claras sobre como entrar no curral: nós devemos entrar por Jesus Cristo, que é a porta. Por meio da fé nele, como o grande Mediador entre Deus e o homem, nós entramos em aliança e comunhão com Deus. Não é possível entrar na igreja de Deus, a não ser entrando na igreja de

Cristo. Ninguém é considerado como membro do reino de Deus entre os homens, a não ser aqueles que estão dispostos a submeter-se à graça e à soberania do Redentor. Agora devemos entrar pela porta da fé (At 14.27), uma vez que a porta da inocência está fechada para nós, e aquela passagem ficou intransponível, Gênesis 3.24. Em segundo lugar, promessas preciosas àqueles que observarem estas orientações. 1. Eles serão salvos no futuro. Este é o privilégio da sua casa. Estas ovelhas serão salvas de serem seqüestradas e confinadas pela justiça divina, devido às transgressões. A satisfação pelos danos foi feita pelo seu grande Pastor. Elas são salvas de serem uma presa do leão que ruge. Elas serão felizes para sempre. 2. Enquanto isto, elas entrarão e sairão, e acharão pastagens. Este é o privilégio do seu caminho. Elas terão suas relações com o mundo pela graça de Cristo, estarão no seu rebanho como um homem na sua própria casa, onde ele entra, sai e regressa livremente. Os verdadeiros crentes estão em casa em Cristo. Quando saem, eles não ficam do lado de fora como estranhos, mas têm liberdade para entrar outra vez. Quando entram, eles não são trancados como invasores, mas têm liberdade de sair. Eles saem para o campo pela manhã e voltam para o curral à noite, e nos dois percursos o Pastor os guia e protege, e nos dois percursos eles encontram pastagens: grama no campo, forragem no curral. Em público, ou em particular, eles têm a palavra de Deus com a qual dialogar, pela qual sua vida espiritual é sustentada e alimentada, e da qual seus desejos graciosos são satisfeitos. Eles se reabastecem com a bondade da casa de Deus.

2. Cristo é o pastor, v. 11ss. A vinda dele havia sido profetizada no Antigo Testamento. Ele seria um pastor, Isaías 40.11; Ezequiel 34.23; 37.24; Zacarias 13.7. No Novo Testamento, Ele é mencionado como o Grande Pastor (Hb 13.20), o Sumo Pastor (1 Pe 5.4), o Pastor e Bispo das nossas almas (1 Pe 2.25). Deus, nosso grande dono, de cuja pastagem nós somos as ovelhas, desde a criação constituiu seu Filho Jesus para ser nosso Pastor, e Ele reconhece esta relação por repetidas vezes. Ele tem, pela sua igreja, e por todos os crentes, todo o cuidado que um bom pastor tem pelo seu rebanho. E Ele espera a presença e a obediência de toda a igreja, e de cada crente em particular, assim como ocorria com os pastores e seus rebanhos naquelas regiões.

(1) Cristo é um pastor, e não é como o ladrão, não é como aqueles que não vêm pela porta. Observe:

[1] A intenção prejudicial do ladrão (v. 10): o ladrão não vem com nenhuma boa intenção, senão roubar, matar e destruir. Em primeiro lugar, aqueles de quem estes ladrões roubam, cujos corações e afetos eles roubam de Cristo e das suas pastagens, matam e destroem espiritualmente, pois as heresias que eles produzem secretamente são odiosas. Aqueles que enganam as almas são assassinos de almas. Aqueles que roubam as Escrituras, conservando-as em um idioma desconhecido, que roubam os sacramentos, mutilando-os e alterando suas propriedades, que roubam as ordenanças de Cristo, colocando suas próprias invenções no lugar delas, matam e destroem. A ignorância e a idolatria são coisas destrutivas. Em segundo lugar, aqueles que eles não conseguem roubar, nem conduzir, levar ou carregar do rebanho de Cristo, por meio de perseguições e massacres, eles procuram matar e destruir fisicamente. Aquele que não se permitir roubar corre o risco de ser morto.

[2] O desígnio gracioso do pastor. Ele veio:

Em primeiro lugar, para dar vida às ovelhas. Em oposição à intenção do ladrão, que é matar e destruir (e que era a intenção dos escribas e fariseus), Cristo diz: “Eu vim” entre os homens: 1. “Para que tenham vida”. Ele veio para dar vida ao rebanho, à igreja em geral, que parecia mais um vale cheio de ossos secos do que uma pastagem coberta de rebanhos. Cristo veio para defender as verdades divinas, para purificar as ordenanças divinas, para corrigir injustiças, e para restaurar o zelo que estava prestes a morrer. Ele veio procurar as ovelhas do seu rebanho que estavam perdidas, ligar aquilo que estava quebrado (Ez 34.16), e isto, para sua igreja, é como a vida dentre os mortos (Rm 11.15). Ele veio para dar vida aos crentes, individualmente. A vida abrange todo o bem, e está em oposição à morte ameaçadora (Gn 2.17). Ele veio para que pudéssemos obter vida, como um criminoso obtém vida quando é perdoado, como um doente obtém vida quando é curado, e um morto obtém vida quando é ressuscitado, para que pudéssemos ser justificados, santificados, e, por fim, glorificados. 2. Para que tenham vida “em abundância”, *kai perisson echosin*. Como nós interpretamos, esta é uma comparação: para que possamos ter uma vida mais abundante do que aquela que foi perdida devido ao pecado, mais abundante do que aquela que foi prometida pela lei de Moisés. Sua duração é superior aos dias em Canaã, mais abundante do que poderia ser esperado ou do que poderíamos pedir ou pensar. Mas isto pode ser interpretado sem a conotação de comparação:

para que eles pudessem ter abundância, ou pudessem ter a vida abundantemente. Cristo veio para dar vida e *perisson ti – algo a mais*, algo melhor, a vida com benefícios, para que em Cristo nós pudéssemos, não somente viver, mas viver confortavelmente, viver plenamente, viver e alegrar-nos. A vida em abundância é a vida eterna, a vida sem a morte ou o temor da morte, a vida e muito mais.

Em segundo lugar, para dar sua vida pelas ovelhas, e isto para que pudesse dar a vida a elas (v. 11): "O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas". 1. É uma característica e uma qualidade de todo bom pastor arriscar e expor sua vida pelas ovelhas. Jacó fez isto, uma vez que se fatigava tanto para cuidar delas, Gênesis 31.40. Também Davi, quando matou o leão e o urso. Tal pastor de almas foi o apóstolo Paulo, que alegremente se cansava para servir a elas, e considerava que sua vida não era importante, em comparação com a salvação delas. Mas: 2. Era prerrogativa do grande Pastor dar sua vida para resgatar seu rebanho (At 20.28), para compensar suas transgressões, e para derramar seu sangue para lavá-los e purificá-los.

(2) Cristo é um bom pastor, e não é como um mercenário. Havia muitos que não eram ladrões, desejando matar e destruir as ovelhas, mas faziam-se passar por pastores, porém eram muito pouco cuidadosos no desempenho da sua função, e, devido à sua negligência, o rebanho foi enormemente prejudicado. Pastores insensatos, pastores inúteis, Zacarias 11.15,17. Em oposição a estes:

[1] Cristo aqui diz ser "o bom Pastor" (v. 11), e novamente (v. 14), *ho poimen ho kalos – aquele pastor, aquele bom Pastor*, que Deus tinha prometido. Observe que Jesus Cristo é o melhor dos pastores, o melhor no mundo para supervisionar e cuidar das almas. Ninguém é tão talentoso, tão fiel, tão terno, como Ele. Não há ninguém que alimente e lidere como Ele, nem que proteja e cure as almas como Ele.

[2] Ele prova ser o bom Pastor, em oposição a todos os mercenários, vv. 12-14. Aqui observamos:

Em primeiro lugar, a descrição da desatenção do pastor desleal (vv. 12,13). Aquele que é um mercenário, que é empregado como um servo e que é pago pelos seus esforços, a quem as ovelhas não pertencem, que não lucra nem perde com elas, vê o lobo aproximando-se, ou qualquer outro perigo ameaçador, e deixa as ovelhas à mercê do lobo, pois, na verdade, ele

não se preocupa com elas. Aqui há uma referência clara ao pastor inútil, Zacarias 11.17. Os maus pastores, os maus magistrados e os maus ministros são aqui descritos, tanto pelos seus maus princípios quanto pelos seus maus costumes.

a. Seus maus princípios, a raiz dos seus maus costumes. O que faz com que aqueles que têm que cuidar das almas, em épocas de provação, traiam a confiança que lhes é depositada, e em épocas de tranqüilidade, não se preocupem com elas? O que os torna falsos, zombeteiros e interesseiros? É o fato de que são mercenários, e não se preocupam com as ovelhas. Isto é: (*a*) A riqueza do mundo é o principal dos seus bens, porque eles são mercenários. Eles assumem o trabalho de pastor, como um negócio com o qual viver e se enriquecer, e não como uma oportunidade de servir a Cristo e fazer o bem. É o amor ao dinheiro, e aos seus próprios estômagos, que os faz prosseguir nele. Isto não significa que sejam mercenários aqueles que, enquanto servem ao altar, vivem, e vivem confortavelmente, do altar. O trabalhador é digno do seu alimento, e uma manutenção escandalosa formará, em pouco tempo, um ministério escandaloso. Mas estes são mercenários que amam o salário mais do que o trabalho, e se preocupam mais com o salário, como está escrito que são os mercenários, Deuteronômio 24.15. Veja 1 Samuel 2.29; Isaías 56.11; Miquéias 3.5,11. (*b*) O trabalho é a menor das suas preocupações. Eles não se importam com as ovelhas, não se preocupam com as almas dos outros. Sua preocupação é ser senhores de seus irmãos, e não seus guardiões ou protetores. Eles cuidam somente das suas próprias coisas, e não se preocupam naturalmente pela condição das almas, como fazia Timóteo. O que mais se pode esperar, além de que eles fujam quando o lobo vier. Eles não se preocupam com as ovelhas, pois elas não pertencem a eles. De certa forma, nós podemos dizer que o melhor a respeito dos sub-pastores é que as ovelhas não lhes pertencem, eles não têm domínio sobre elas, nem a propriedade delas (“Apascenta minhas ovelhas e meus cordeiros”, diz Cristo), mas em se tratando de afeição e carinho, elas deviam ser como suas. Paulo considerava como seus aqueles a quem ele chamava de amados, e de quem sentia saudades. Aqueles que não aderem cordialmente aos interesses da igreja, tornando-os seus, não serão fiéis a eles por muito tempo.

b. Seus maus costumes, o resultado destes maus princípios, v. 12. Veja aqui: (*a*) De que maneira vil o mercenário abandona seu posto. Quando ele

vê vir o lobo, embora seja quando há mais necessidade da sua presença, ele deixa as ovelhas e foge. Observe que aqueles que se importam mais com sua própria segurança do que com seu dever são uma presa fácil para as tentações de Satanás. (*b*) Como são fatais as conseqüências! O mercenário imagina que o rebanho saberá se cuidar, mas isto não é o que acontece: "O lobo as arrebata e dispersa", e lamentavelmente o rebanho é destruído, do que toda a culpa será do pastor traidor. O sangue das almas que perecem é requerido das mãos dos vigias descuidados.

Em segundo lugar, veja aqui a graça e a ternura do bom Pastor, que se colocará contra os anteriores, como estava predito (Ez 34.21,22ss.): "Eu sou o bom Pastor". É um consolo para a igreja, e para todos os seus amigos, o fato de que, por mais que ela possa ser prejudicada e colocada em perigo pela traição e pela má administração dos seus sub-oficiais, o Senhor Jesus é, e será, como sempre foi, o bom Pastor. Aqui estão dois grandes exemplos da bondade do pastor.

a. O fato de que Ele está familiarizado com seu rebanho, com todas as ovelhas que pertencem ao seu rebanho, ou que, de alguma maneira, estão relacionadas com ele, e que são de dois tipos, ambos conhecidos dele:

(*a*) Ele conhece todas as ovelhas que agora pertencem ao seu rebanho (vv. 14,15), sendo o bom Pastor (vv. 3,4): "Conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido". Observe que existe um conhecimento mútuo entre Cristo e os verdadeiros crentes. Eles se conhecem muito bem, e o conhecimento indica afeição.

[*a*] Cristo conhece seu rebanho. Ele conhece, com olhos que distinguem, quais são suas ovelhas e quais não são. Ele conhece as ovelhas sob suas muitas fraquezas, e os bodes, sob seus disfarces mais plausíveis. Ele conhece, com olhos favoráveis, aqueles que, na verdade, são suas próprias ovelhas. Ele toma conhecimento da sua condição, se preocupa com elas, tem uma consideração terna e afetuosa por elas, e está continuamente atento a elas na intercessão que Ele mesmo vive para fazer do lado de dentro do véu. O Senhor as visita graciosamente pelo seu Espírito, e tem comunhão com elas. Ele as conhece, isto é, Ele as aprova e aceita, como em Salmos 1.6; 37.18; Êxodo 33.17.

[*b*] Ele é conhecido das suas ovelhas. Ele as observa com um olhar de graça, e elas o observam com um olhar de fé. O fato de que Cristo conhece suas ovelhas é anterior ao fato de que elas o conheçam, pois Ele nos

conheceu e amou primeiro (1 Jo 4.19), e nossa felicidade não é tanto o fato de que o conhecemos, mas o fato de sermos conhecidos por Ele, Gálatas 4.9. Mas é a personalidade das ovelhas de Cristo que as faz conhecê-lo; conhecê-lo entre todos os fingidores e intrusos. Elas conhecem sua vontade, conhecem sua voz, conhecem, por experiência, o poder da sua morte. Cristo fala aqui como se Ele se gloriasse em ser conhecido pelas suas ovelhas, e julgasse o respeito delas uma honra para si. Nesta ocasião, Cristo menciona (v. 15) o conhecimento mútuo entre seu Pai e Ele mesmo: “Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai”. Isto pode ser considerado, ou, em primeiro lugar, como a base daquele conhecimento e relacionamento íntimo que existe entre Cristo e os crentes. O concerto da graça, que é o elo desta relação, está fundamentado no concerto da redenção entre o Pai e o Filho, que, podemos ter certeza, permanece firme, pois o Pai e o Filho se compreendiam perfeitamente bem sobre este assunto, e não poderia haver nenhum engano, o que poderia atribuir alguma incerteza à questão, ou colocá-la sob algum risco. O Senhor Jesus conhece a todos os que Ele escolheu, e está seguro a respeito deles (cap. 13.18), e eles também conhecem aquele em quem confiaram, e estão seguros a respeito dele (2 Tm 1.12), e a base para ambos é o perfeito conhecimento que o Pai e o Filho tinham, cada um, da vontade do outro, quando houve o conselho da paz entre ambos. Ou, em segundo lugar, como uma semelhança apropriada, exemplificando a intimidade que existe entre Cristo e os crentes. Isto pode relacionar-se às palavras anteriores desta maneira: “Conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai”. Compare com João 17.21. 1. Assim como o Pai conhecia o Filho, e o amava, e o reconhecia nos seus sofrimentos, quando Ele foi levado, como uma ovelha, para o matadouro, também Cristo conhece suas ovelhas, e mantém um olhar vigilante sobre elas, e estará com elas quando elas forem abandonadas, como seu Pai esteve com Ele. 2. Assim como o Filho conhecia o Pai, e o amava e o obedecia, e sempre fazia as coisas que lhe agradavam, confiando nele como seu Deus, mesmo quando Ele parecia tê-lo abandonado, também os crentes conhecem a Cristo com uma consideração obediente e confiante.

(*b*) Ele conhece aqueles que, no futuro, serão do seu rebanho (v. 16): “Ainda tenho outras ovelhas”, tenho direito a elas e interesse nelas, “que não são deste aprisco”, da igreja judaica; “também me convém agregar

estas”. Observe:

[*a*] A consideração que Cristo tinha pelos pobres gentios. Algumas vezes Ele tinha evidenciado seu interesse especial pelas ovelhas perdidas da casa de Israel. A elas, realmente, limitava-se seu ministério pessoal. “Mas”, diz Ele, “tenho outras ovelhas”. Aqueles entre os gentios que, no decorrer do tempo, desejassem crer em Cristo, e fossem levados a obedecer a Ele, são aqui chamados de ovelhas, e está escrito que Ele as tem, embora elas ainda não sejam chamadas, e muitas delas ainda não tenham nascido. Isto porque são escolhidas de Deus, e são entregues a Cristo nos conselhos do amor divino, desde a eternidade. Cristo tem o direito, em virtude da doação do Pai e do seu próprio resgate, das muitas almas das quais Ele ainda não tem a posse. Assim, Ele tinha muita gente em Corinto, quando esta cidade ainda vivia em iniqüidade, Atos 18.10. “Estas outras ovelhas que Eu tenho”, diz Cristo, “Eu as tenho no meu coração, nos meus olhos, e estou tão certo de tê-las como se já as tivesse”. Agora Cristo fala daquelas outras ovelhas, em primeiro lugar, para remover o desprezo que lhe era atribuído, pelo fato de ter apenas poucas ovelhas. Alguns pensavam que, mesmo sendo um bom Pastor, Ele ainda assim fosse um pobre pastor. “Mas”, diz Ele, “Eu tenho mais ovelhas do que vocês podem ver”. Em segundo lugar, para remover o orgulho e a vanglória dos judeus, que pensavam que o Messias deveria reunir todo o seu rebanho do seu meio. “Não”, diz Cristo, “Eu tenho outras que irei colocar junto às ovelhas do meu rebanho, embora vocês desdenhem colocá-las junto aos cães do seu rebanho”.

[*b*] Os propósitos e as determinações da sua graça a respeito delas: “‘Também me convém agregar estas’, trazê-las para casa, para Deus, trazê-las para a igreja, e, para isto, despi-las dos seus costumes inúteis, trazê-las de volta das suas perambulações, como aquela ovelha perdida”, Lucas 15.5. Mas por que Ele deve trazê-las? Qual era a necessidade? Em primeiro lugar, a necessidade da sua condição o exigia: “Eu devo trazê-las, ou elas serão deixadas vagando interminavelmente, pois, como ovelhas, elas nunca voltarão por si mesmas, e nenhum outro poderá, ou quererá, trazê-las”. Em segundo lugar, a necessidade dos seus próprios compromissos o exigia. Ele deve trazê-las, ou não será fiel ao que lhe foi confiado, e fiel à sua missão. “Elas são minhas, compradas e pagas, e, portanto, eu não devo negligenciá-las nem deixar que pereçam”. Ele deve, honrosamente, trazer aquelas que lhe foram confiadas.

[*c*] O feliz resultado e a conseqüência disto, em dois aspectos. Em primeiro lugar: “Elas ouvirão a minha voz. Minha voz não somente será ouvida entre elas (embora elas ainda não a tenham ouvido, e por isto não possam crer, agora que o som do Evangelho irá até os confins da terra), mas será ouvida por elas. Eu falarei e elas ouvirão”. A fé vem pelo ouvir, e nossa observação diligente da voz de Cristo é, ao mesmo tempo, um meio e uma evidência de que somos trazidos a Cristo, e a Deus, por seu intermédio. Em segundo lugar: “Haverá um rebanho e um Pastor”. Assim como há um pastor, haverá um rebanho. Tanto os judeus quanto os gentios, voltando-se à fé em Cristo, serão incorporados em uma única igreja, serão participantes comuns e iguais nos seus privilégios, sem distinção. Estando unidos a Cristo, eles estarão unidos nele. Duas varas se tornarão uma, na mão do Senhor. Observe que um pastor faz um rebanho, um Cristo faz uma igreja. Assim como a igreja é única na sua constituição, submissa a uma cabeça, animada por um Espírito, e guiada por uma regra, também seus membros deverão ser um só, em amor e afeto, Efésios 4.3-6.

b. A oferta que Cristo faz de si mesmo, pelas suas ovelhas, é outra prova de que Ele é um bom pastor, e nisto Ele recomenda ainda mais seu amor, vv. 15,17,18.

(*a*) Ele declara seu propósito de morrer pelo seu rebanho (v. 15): “Dou a minha vida pelas ovelhas”. Ele não somente arrisca sua vida por elas (neste caso, a esperança de salvá-la pode ser equivalente ao temor de perdê-la), mas, na verdade, a deposita, e a sujeita a uma necessidade de morrer pela nossa redenção, *tithemi – Eu a ofereço* como uma garantia ou penhor, como um dinheiro depositado adiantado. As ovelhas destinadas ao matadouro, prontas para o sacrifício, foram resgatadas pelo sangue do Pastor. Ele ofereceu sua vida, *hyper ton probaton*, não somente para o bem das ovelhas, mas no lugar delas. Milhares de ovelhas eram oferecidas em sacrifício pelos seus pastores, como ofertas pelo pecado, mas aqui, em uma inversão surpreendente, o pastor é sacrificado pelas ovelhas. Quando Davi, o pastor de Israel, foi culpado pessoalmente, e o anjo destruidor sacou sua espada contra o rebanho, por causa dele, com boas razões ele implorou: “Estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim”, 2 Samuel 24.17. Mas o Filho de Davi era sem pecado e imaculado. E suas ovelhas, qual foi o mal que não fizeram? Ainda assim, Ele disse: “Seja, pois, a tua mão contra mim”. Aqui Cristo parece referir-se à profecia de Zacarias (Zc

13.7): “Ó espada, ergue-te contra o meu Pastor”. E, embora ferir o pastor significasse a dispersão imediata do rebanho, seu objetivo é reunir o rebanho.

(*b*) Ele remove o escândalo da cruz, que para muitos é uma pedra de tropeço, com quatro considerações:

[*a*] Que a oferta da sua vida pelas ovelhas era a condição cujo cumprimento lhe dava o direito às honras e aos poderes do seu estado exaltado (v. 17): “‘Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida’. Nestes termos, Eu, como Mediador, devo esperar a aceitação e a aprovação do meu Pai, e a glória designada a mim, de me tornar um sacrifício pelo remanescente escolhido”. Não somente que, como Filho de Deus, Ele fosse amado pelo seu Pai, desde a eternidade, mas como Deus-homem, como Emanuel, Ele era, por essa razão, amado pelo Pai, porque se comprometeu a morrer pelas ovelhas. Por isso, a alma de Deus se alegrava nele, como seu Eleito, porque nisto Ele era seu servo fiel (Is 42.1), e por isto Ele disse: “Este é o meu Filho amado”. Que lindo exemplo do amor de Deus pelos homens é este, que Ele amou ainda mais ao seu Filho, por amar a nós! Veja que importância Cristo dá ao amor do seu Pai, pois, para merecê-lo, Ele daria sua vida pelas ovelhas. Ele julgava que o amor de Deus era recompensa suficiente por todos os seus serviços e sofrimentos, e julgaremos nós que é pouco pelos nossos, e procuraremos os sorrisos do mundo para compensar? “Por isso, o Pai me ama”, isto é, a mim, e a todos os que, pela fé, se tornam um só comigo. A mim, e ao corpo místico, porque Eu dou minha vida.

[*b*] Que a oferta da sua vida tinha o objetivo de retomá-la: “Dou a minha vida para tornar a tomá-la”. Em primeiro lugar, o resultado do amor do seu Pai, e o primeiro passo da sua exaltação, eram fruto daquele amor. Por ser o Santo de Deus, Ele não deveria ver a corrupção, Salmos 16.10. Deus o amava demais para deixá-lo na sepultura. Em segundo lugar, seu objetivo, ao ofertar sua vida, era poder ter uma oportunidade de declarar ser o Filho de Deus em poder pela sua ressurreição, Romanos 1.4. Por um estratagema divino (como aquele diante de Ai, Josué 8.15), Ele se entregou à morte, como se fosse ferido diante dela, para que pudesse vencer a morte de modo mais glorioso, e triunfar sobre a sepultura. Ele entregou um corpo desonrado, para poder assumir um corpo glorificado, apropriado para ascender ao mundo dos espíritos. Entregou uma vida adaptada a este

mundo, mas assumiu uma adaptada ao outro, como um grão de trigo, cap. 12.24.

[*c*] Que Ele era completamente voluntário nos seus sofrimentos e na sua morte (v. 18): “Ninguém tira, ou pode tirar, minha vida contra minha vontade, mas Eu, voluntariamente, ‘de mim mesmo a dou’, Eu a entrego como meu próprio documento legal, pois ‘tenho’ (o que nenhum homem tem) ‘poder para a dar e poder para tornar a tomá-la’”.

Em primeiro lugar, veja aqui o poder de Cristo, como o Senhor da vida, particularmente da sua própria vida, que Ele tinha em si mesmo. 1. Ele tinha poder de proteger sua vida de todo o mundo, de modo que ela não fosse arrancada dele sem seu próprio consentimento. Embora a vida de Cristo parecesse ser tomada por um ataque repentino, na realidade ela foi entregue. Caso contrário, ela teria sido inabalável, e nunca seria tomada. O Senhor Jesus não caiu nas mãos dos seus perseguidores porque não pudesse evitar isto, mas, na verdade, Ele se entregou às mãos deles, porque era chegada sua hora. “Ninguém ma tira de mim”. Este era um desafio como nunca tinha sido feito, nem pelo herói mais ousado. 2. Ele tinha poder para ofertar sua vida. (1) Ele tinha a capacidade de fazer isto. Ele podia, quando desejasse, desfazer o nó da união entre a alma e o corpo e, sem nenhum ato de violência cometido contra si mesmo, podia desligar um do outro. Tendo assumido um corpo voluntariamente, Ele podia, voluntariamente, abandoná-lo, o que ficou evidente quando Ele clamou com grande voz, e entregou seu espírito. (2) Ele tinha autoridade para fazer isto, *exousian*. Embora possamos encontrar instrumentos de crueldade, que são capazes de acabar com nossa própria vida, ainda assim *Id possumus quod jure possumus – nós só podemos fazer aquilo, e somente aquilo, que pudermos fazer legitimamente*. Nós não temos permissão de fazê-lo. Mas Cristo tinha uma autoridade soberana para dispor da sua própria vida como desejasse. Ele não era devedor (como somos nós) nem da vida nem da morte, mas completamente *sui juris*. 3. Ele tinha “poder para tornar a tomá-la”. Nós não temos. Nossa vida, uma vez ofertada, é como água derramada sobre o chão. Mas Cristo, quando oferta sua vida, ainda a tem ao seu alcance, e pode tornar a tomá-la. Separando-se dela por uma transferência voluntária, Ele podia limitar como desejasse a entrega, e Ele o fez com um poder de revogação, que era necessário para preservar as intenções da entrega.

Em segundo lugar, veja aqui a graça de Cristo. Uma vez que ninguém podia exigir sua vida pela lei, ou extorqui-la pela força, Ele mesmo a entregou, pela nossa redenção. Ele se ofereceu para ser o Salvador. “Eis que venho”. E então, como a necessidade da nossa situação o exigia, Ele se ofereceu para ser um sacrifício: Eis-me aqui, deixem estes em paz. Portanto, é pela vontade dele que nós somos santificados, Hebreus 10.10. Ele era, ao mesmo tempo, o ofertante e a oferta, de modo que, ao oferecer sua vida, Ele estava oferecendo a si mesmo.

[*d*] Que Ele fez tudo isto pela expressa ordem e designação de seu Pai, no que Ele explicou, enfim, toda a questão: “Esse mandamento recebi de meu Pai”. Não tanto um mandamento como um feito, que Ele fez necessário, antes de sua própria incumbência voluntária. Mas esta era a lei da mediação, que Ele estava disposto a ter escrita em seu coração, assim como deleitar-se em fazer a vontade de Deus, de acordo com ela, Salmos 40.8.

Sentimentos e Opiniões a respeito de Cristo

vv. 19-21

Aqui temos um relato dos diferentes sentimentos das pessoas a respeito de Cristo, por ocasião do discurso anterior. Houve uma divisão, um cisma, entre eles. Eles divergiram em suas opiniões, o que os separou em grupos. Eles já tinham estado antes em uma agitação semelhante a esta (cap. 7.43; 9.16), e ali já tinha havido uma divisão. Os rasgos são feitos mais facilmente do que são compensados ou remendados. Esta divisão foi ocasionada pelas palavras de Cristo, que, poderíamos pensar, deveriam, em vez disto, tê-los unido a todos nele, como seu centro, mas eles as entendiam de variadas maneiras, como Cristo tinha predito, Lucas 12.51. Porém, é melhor que os homens estejam divididos a respeito da doutrina de Cristo do que unidos a serviço do pecado, Lucas 11.21. Veja o que foi este debate, em particular.

I Alguns, nesta oportunidade, falaram mal de Cristo e das suas palavras, ou abertamente, diante da assembléia, pois seus inimigos eram muito insolentes, ou privadamente, entre eles mesmos. Eles diziam: “Tem demônio e está fora de si; por que o ouvis?” 1. Eles o reprovam, como se

estivesse endemoninhado. A pior das características é atribuída ao melhor dos homens. “Ele é um homem perturbado, Ele tresvaria e está delirante, e não deve ser ouvido mais do que as divagações de um homem em um hospício”. Desta maneira, se um homem prega seriamente e insistentemente sobre outro mundo, ele é considerado como alguém que fala como um entusiasta, e seu comportamento será atribuído a um cérebro fantasioso e a uma imaginação enlouquecida. 2. Eles ridicularizam seus ouvintes: “‘Por que o ouvis?’ Por que o encorajais, prestando atenção ao que Ele diz?” Observe que Satanás destrói a muitos, colocando-os contra a Palavra de Deus e suas ordenanças, tentando lhes transmitir a idéia de que a obediência a ambas é um procedimento frágil e tolo. Os homens não querem ser ridicularizados pelo alimento que lhes é necessário, mas toleram ser ridicularizados pelo que lhes é mais necessário. Aqueles que ouvem a Cristo, e mesclam a fé com aquilo que ouvem, logo serão capazes de explicar por que ouvem ao Senhor.

II Outros se colocavam em sua defesa, e em defesa do seu discurso, e, ainda que a correnteza fosse forte, ousavam nadar contra ela. E, embora talvez não cressem que Ele era o Messias, eles não podiam suportar vê-lo assim maltratado. Ainda que não pudessem falar mais nada dele, eles sustentariam que Ele era um homem cuja inteligência estava muito acima dos melhores que eles conheciam, que Ele não tinha demônio, que Ele não era tolo nem lhe faltava a graça divina. As censuras mais absurdas e menos razoáveis, que algumas vezes foram feitas a Cristo e ao seu Evangelho, estimulavam a que aparecessem em defesa de ambos aqueles que, não fosse por isto, não teriam grande afeição por nenhum deles. Duas coisas eles alegam: 1. A excelência da sua doutrina: “‘Estas palavras não são de endemoninhado’. Estas não são palavras inúteis. Os homens perturbados não estão acostumados a falar desta maneira. Estas não são as palavras de alguém que está violentamente possuído por um demônio, ou voluntariamente aliado ao Diabo. O cristianismo, se não fosse a verdadeira religião, certamente seria a maior trapaça que já se pregou ao mundo. E, se assim fosse, deveria ser do Diabo, que é o pai de todas as mentiras. Mas é certo que a doutrina de Cristo não é uma doutrina de demônios, pois ela combate diretamente o reino do Diabo, e Satanás é sutil demais para se dividir contra si mesmo. Existe tanta santidade nas palavras de Cristo, que nós podemos concluir que

elas não são as palavras de alguém que tenha um demônio. Portanto, são as palavras de alguém que foi enviado por Deus. Não são do inferno, e, portanto, têm de ser do céu. 2. O poder dos seus milagres: “Pode, porventura, um demônio”, isto é, um homem que tem um demônio, “abrir os olhos aos cegos?” Nem os homens loucos nem os maus podem realizar milagres. Os demônios não são tão senhores do poder da natureza a ponto de serem capazes de realizar tais milagres, nem são tão amigos da humanidade a ponto de desejar realizá-los, se fossem capazes. Os demônios prefeririam remover os olhos dos homens a abri-los. Portanto, Jesus não tinha demônio.

As Palavras de Cristo aos Judeus

vv. 22-38

Temos aqui outra discussão no Templo, entre Cristo e os judeus, em que é difícil dizer o que é mais estranho, as palavras de graça que saíam da sua boca, ou as palavras rancorosas que saíam das deles.

I Temos aqui a ocasião em que esta conversa aconteceu: foi na “Festa da Dedicação, e era inverno”. Esta festa era observada anualmente por todo o povo de Israel, para recordar a dedicação de um novo altar e a purificação do Templo, por Judas Macabeu, depois que o Templo tinha sido profanado, e o altar, contaminado. Temos o relato com detalhes na história dos Macabeus (liv. 1, cap. 4), e temos a profecia deste acontecimento, Daniel 8.13,14. Veja mais sobre a festa, 2 Macabeus 1.18. O retorno da sua liberdade era, para eles, como a vida dentre os mortos, e, em comemoração a isto, eles observavam uma festa anual, no vigésimo quinto dia do mês de Quisleu, aproximadamente no início de dezembro, e nos sete dias seguintes. Esta celebração não se limitava a Jerusalém, como as das festas divinas, mas cada um a observava na sua própria cidade ou região, não como um período sagrado (somente uma instituição divina pode santificar um dia), mas como uma época feliz, como os dias de Purim, Ester 9.19. Cristo esperava estar agora em Jerusalém, não em honra à festa, que não exigia sua presença ali, mas para que pudesse aproveitar estes oito dias de folga para bons propósitos.

II O lugar em que isto aconteceu (v. 23): “Jesus passeava no templo, no alpendre de Salomão”, assim chamado (At 3.11), não porque tivesse sido construído por Salomão, mas porque tinha sido construído no mesmo lugar que aquele que trazia seu nome, no primeiro Templo, e o nome foi conservado para sua maior reputação. Aqui Cristo passeava, para observar os atos do grande Sinédrio, que tinha sede ali (Sl 82.1). Ele passeava, pronto para atender qualquer pessoa que se dirigisse a Ele. O Senhor estava pronto para abençoar a todos. Ele passeava, aparentemente, sozinho, por algum tempo, como alguém negligenciado. Passeava pensativo, prevendo a destruição do Templo. Aqueles que têm alguma coisa a dizer a Cristo, poderão encontrá-lo no Templo e andar com Ele por ali.

III A conversa propriamente dita, na qual observe:

1. Uma pergunta importante que os judeus lhe propuseram, v. 24. Eles “rodearam-no”, para provocá-lo. Ele estava esperando uma oportunidade para conceder-lhes um ato de bondade, e eles aproveitaram a oportunidade para fazer-lhe mal. Não é raro nem incomum que más intenções retribuam boas intenções. Ele não podia ficar em paz, não, não no Templo, na casa do seu Pai, sem que o perturbassem. Eles o rodearam, como para prendê-lo. Cercaram-no, como abelhas. Eles o rodearam como se tivessem um desejo conjunto e unânime a ser satisfeito. Vieram como um único homem, fingindo fazer uma procura imparcial e inoportuna da verdade, mas pretendendo um ataque generalizado contra nosso Senhor Jesus, e pareceram expressar a opinião da sua nação, como se fossem a boca de todos os judeus: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente”.

(1) Eles discutem com Jesus, como se Ele os tivesse injustamente mantido em suspense até aqui. *Ten psychen hemon aireis – Por quanto tempo você pretende roubar nossos corações?* Ou, *roubar nossas almas.* Alguns assim interpretam. Indicando, de maneira vil, que qualquer que fosse o amor e o respeito do povo que Ele obtivesse, não o teria obtido de modo adequado, mas por métodos indiretos, da mesma maneira que Absalão furtava o coração dos homens de Israel, e da mesma maneira como os sedutores enganam os corações dos símplices, para atraírem discípulos após si, Romanos 16.18; Atos 20.30. Mas a maioria dos intérpretes entende como nós: “Quanto tempo nos manterá em suspense? Quanto tempo devemos

ficar discutindo quanto a se você é ou não o Cristo, sem conseguir definir a questão?" Veja: [1] O fato de que, mesmo depois de nosso Senhor Jesus ter provado completamente ser o Cristo, eles ainda tivessem dúvidas a este respeito, era resultado da infidelidade e dos fortes preconceitos deles. Eles voluntariamente hesitavam a respeito disto, quando podiam ter sido facilmente satisfeitos. A luta era entre suas convicções, que lhes diziam que Ele era o Cristo, e sua corrupção, que dizia que Ele não o era, porque Ele não era um Cristo do tipo como eles esperavam. Aqueles que desejam ser céticos podem, se quiserem, controlar o equilíbrio, de modo que nem os argumentos mais convincentes possam superar as mais insignificantes objeções, mas a balança ainda pareça equilibrada. [2] O fato de que eles atribuíam ao próprio Cristo a culpa pelo fato de que eles ainda duvidassem, como se Ele os fizesse duvidar por alguma incoerência de sua parte, ao passo que, na verdade, eles mesmos eram culpados por duvidar, pois toleravam os preconceitos que já tinham. Assim, este era um exemplo da insolência e presunção deles. Se as palavras da Sabedoria parecem duvidosas, a culpa não está no objeto, mas nos olhos. Elas são completamente claras para aquele que as compreende. Cristo deseja nos fazer crer. Nós é que trazemos a dúvida sobre nossa vida.

(2) Eles o desafiam a dar-lhes uma resposta direta e categórica, quanto a ser ou não o Messias: "Se tu és o Cristo", como muitos crêem, "dize-no-lo abertamente", e não por parábolas, como: Eu sou a luz do mundo, e o bom Pastor, e outras semelhantes, mas *totidem verbis – em palavras claras*, dizendo que tu és o Cristo, ou, como João Batista, que não é, cap. 1.20. Esta investigação insistente dos judeus era, aparentemente, boa. Eles pareciam estar desejosos de conhecer a verdade, como se estivessem prontos a aceitá-la. Mas, na realidade, era ruim, e proposta com más intenções, pois, se Ele lhes dissesse claramente que era o Cristo, não seria necessário nada mais para considerá-lo odioso perante a inveja e a severidade do governo romano. Todos sabiam que o Messias deveria ser um rei, e, portanto, quem pretendesse ser o Messias seria acusado de traição, e isto era exatamente o que eles desejavam, pois, se Ele lhes dissesse claramente que era o Cristo, eles responderiam imediatamente: "Tu testificas de ti mesmo", como já tinham dito, cap. 8.13.

2. A resposta de Cristo a esta pergunta, em que:

(1) Ele se justifica, dizendo não ser, de nenhuma maneira, um auxiliar à infidelidade e ao ceticismo deles, lembrando-os: [1] Daquilo que Ele tinha dito: “Já vo-lo tenho dito”. Ele lhes tinha dito que era o Filho de Deus, o Filho do homem, que tinha a vida em si, que tinha autoridade para realizar julgamentos etc. E não será este o Cristo, então? Ele lhes tinha dito estas coisas, e eles não creram. Por que, então, Ele deveria dizer-lhes isto outra vez, simplesmente para satisfazer sua curiosidade? “Não o credes”. Eles fingiam que apenas duvidavam, mas Cristo lhes diz que eles não criam. O ceticismo na religião não é melhor do que a infidelidade direta. Não nos cabe ensinar a Deus a maneira como Ele deve nos ensinar, nem determinar com que clareza Ele deve nos contar sua vontade, mas devemos ser gratos pela revelação divina, da maneira como a recebemos. Se não cremos assim, tampouco seríamos persuadidos, se ela estivesse adaptada ao nosso gosto. [2] Ele os lembra das suas obras, do exemplo da sua vida, que não somente era perfeitamente pura, mas altamente beneficente e em conformidade com sua doutrina, e, em especial, dos seus milagres, que Ele realizava para a confirmação da sua doutrina. Era certo que ninguém poderia realizar estes milagres, a menos que Deus estivesse com ele, e Deus não estaria com Ele para confirmar algo falso.

(2) Ele os condena pela descrença obstinada, apesar dos mais claros e poderosos argumentos usados para convencê-los: “Não o credes”, e outra vez: “Não credes”. “Vocês ainda são o que sempre foram, obstinados na sua descrença”. Mas a razão que Ele oferece é muito surpreendente: “‘Vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas’. Vós não credes em mim, porque não pertenceis a mim”. [1] “Vocês não estão dispostos a ser meus seguidores, não têm uma personalidade propensa a ser ensinada, não têm inclinação para receber a doutrina e a lei do Messias. Vocês não desejam se agregar às minhas ovelhas, não desejam vir e ver, vir e ouvir minha voz”. As antipatias enraizadas ao Evangelho de Cristo são os laços da iniqüidade e da infidelidade. [2] “Vocês não estão destinados a ser meus seguidores; vocês não estão entre aqueles que me foram dados pelo meu Pai, para serem trazidos à graça e à glória. Vocês não são do número dos eleitos, e sua descrença, se vocês persistirem nela, será uma evidência garantida de que vocês realmente não o são”. Observe que aqueles a quem o Senhor Deus nunca dá a graça da fé, nunca foram destinados ao céu e à felicidade. Aquilo que Salomão disse a respeito da imoralidade é também verdadeiro a

respeito da infidelidade: “Cova profunda é”, e aquele contra quem o Senhor se irar cairá nela, Provérbios 22.14. *Non esse electum, non est causa incredulitatis propriae dicta, sed causa per accidens. Fides autem est donum Dei et effectus praedestinationis – O fato de não estar incluído entre os eleitos não é a causa propriamente dita da infidelidade, mas meramente a causa acidental. Porém, a fé é o dom de Deus, e o resultado da predestinação*. Assim Jansênio faz a distinção aqui, de modo adequado.

(3) Ele aproveita esta oportunidade para descrever tanto a disposição graciosa quanto a feliz condição daqueles que são suas ovelhas, pois elas existem, embora não sejam eles.

[1] Para convencê-los de que eles não eram suas ovelhas, Ele lhes conta quais eram as características das suas ovelhas. Em primeiro lugar, elas ouvem sua voz (v. 27), pois sabem que é a dele (v. 4), e Ele se responsabilizou de que elas ouvissem sua voz, v. 16. Elas a distinguem: “Esta é a voz do meu amado”, Cantares 2.8. Elas se alegram com ela, e ficam completamente à vontade quando se sentam aos seus pés para ouvir sua palavra. Elas agem de acordo com ela, e fazem da sua vontade sua lei. Cristo não considerará suas ovelhas aqueles que são surdos ao seu chamado, surdos ao seu encanto, Salmos 58.5. Em segundo lugar, elas o seguem. Elas se submetem à sua orientação, com uma obediência voluntária a todas as suas ordens, e uma conformidade satisfeita com seu Espírito e padrão. A ordem sempre tinha sido: “Vinde após mim”. Nós devemos ver Jesus como nosso líder e capitão, e seguir seus passos, e andar como Ele andava, seguir as prescrições da sua palavra, as indicações da sua providência e as orientações do seu Espírito, seguir o Cordeiro (o *dux gregis – o líder do rebanho*), onde quer que Ele vá. Nós estaremos ouvindo sua voz em vão, se não o seguirmos.

[2] Para convencê-los de que o fato de não pertencerem ao rebanho de Cristo era a maior infelicidade e desgraça deles, Ele aqui descreve a condição abençoada daqueles que pertencem ao seu rebanho, o que poderia servir tanto para o sustento e consolo dos seus pobres seguidores desprezados quanto para impedi-los de invejar o poder e a grandeza daqueles que não eram suas ovelhas.

Em primeiro lugar, nosso Senhor Jesus conhece suas ovelhas: elas “ouvem a minha voz, e eu conheço-as”. Ele as distingue de outras (2 Tm 2.19), tem uma consideração especial com cada uma, individualmente (Sl

34.6). Ele conhece suas necessidades e seus desejos, conhece suas almas na adversidade, sabe onde encontrá-las e o que fazer por elas. Ele conhece as outras à distância, mas estas, Ele conhece intimamente.

Em segundo lugar, Ele proveu uma felicidade para elas, adequada a elas: "E dou-lhes a vida eterna", v. 28. 1. O bem que elas recebem é precioso e valioso. É a vida, a vida eterna. O homem tem uma alma viva. Portanto, a felicidade que lhe é fornecida é a vida, adequada à sua natureza. O homem tem uma alma imortal. Portanto, a felicidade que lhe é fornecida é a vida eterna, uma vida que durará para todo o sempre. A vida eterna é a felicidade e o principal bem de uma alma imortal. 2. A entrega é gratuita: "Dou-lhes". A vida eterna não é objeto de barganha, nem vendida com uma compensação valiosa, mas dada, pela livre graça de Jesus Cristo. O doador tem a autoridade para dá-la. Aquele que é a fonte da vida, e o Pai da eternidade, autorizou Cristo a dar a vida eterna, cap. 17.2. Não é: "Eu desejo dá-la", mas: "Eu a dou". É um dom concedido no presente. Ele dá a certeza dela, sua promessa e seu penhor, as primícias e antecipações daquela vida espiritual que é a vida eterna, que entendemos que iniciamos aqui, o céu na forma de semente, no botão, no estado embrionário.

Em terceiro lugar, Ele se responsabilizou pela segurança das ovelhas e pela preservação desta felicidade.

a. Elas serão salvas da perdição eterna. "Nunca hão de perecer", são as palavras. Assim como existe uma vida eterna, também existe uma destruição eterna. A alma, não aniquilada, mas destruída. Sua existência continua, mas seu consolo e sua felicidade estão irremediavelmente perdidos. Todos os crentes são salvos disto. A despeito das tribulações pelas quais venham a passar nesta terra, eles não entrarão em condenação. Um homem nunca está destruído até que esteja no inferno, e as ovelhas não chegariam a isto. Os pastores que têm grandes rebanhos freqüentemente perdem algumas das ovelhas e elas acabam perecendo, mas Cristo se responsabilizou de que nenhuma das suas ovelhas pereça, nem uma sequer.

b. Elas não podem ser afastadas da sua felicidade eterna. Ela está reservada, mas aquele que a dá a elas irá preservá-las para tal felicidade. (*a*) Seu próprio poder se responsabiliza por elas: "Ninguém as arrebatará das minhas mãos". Aqui se imagina uma forte disputa a respeito destas ovelhas. O Pastor é tão cuidadoso com o bem-estar delas, que Ele as conserva, não somente no seu rebanho, e sob seus olhos, mas nas suas mãos, interessadas

no seu amor especial e colocadas sob sua proteção especial (“Todos os teus santos estão na tua mão”, Deuteronômio 33.3). Mas seus inimigos são tão ousados, que tentam arrancar das suas mãos aquelas que lhe pertencem, aquelas com quem Ele se preocupa. Porém, eles não conseguem fazer isto, e não o farão. Observe que os que estão nas mãos do Senhor Jesus estão seguros. Os santos são preservados em Cristo Jesus, e sua salvação não está sob seus próprios cuidados, mas sob os cuidados de um Mediador. Os fariseus e os príncipes faziam tudo o que podiam para fazer os discípulos de Cristo temerosos de segui-lo, censurando-os e ameaçando-os, mas Cristo diz que eles não vencerão. (*b*) O poder do seu Pai está, da mesma maneira, engajado na preservação das ovelhas, v. 29. Cristo agora aparecia em fraqueza, e, para que sua segurança não pudesse ser considerada insuficiente, Ele apresenta seu Pai, como uma segurança adicional. Observe: [*a*] O poder do Pai: “Meu Pai... é maior do que todos”, maior do que todos os outros amigos da igreja, todos os outros pastores, magistrados ou ministros, e capaz de fazer pelas ovelhas aquilo que eles não podem. Estes pastores descansam e dormem, e será fácil arrebatar as ovelhas das suas mãos, mas Ele guarda seu rebanho dia e noite. Ele é maior do que todos os inimigos da igreja, toda a oposição feita aos interesses dela, e capaz de proteger os seus contra todos os insultos dos inimigos. Ele é maior do que todas as forças combinadas, do inferno e da terra. Ele é maior, em sabedoria, do que a antiga serpente, embora notável pela sutileza; maior, em poder, do que o grande dragão vermelho, embora seu nome seja Legião, e seu título, principados e potestades. O Diabo e seus anjos fizeram várias investidas e tentativas de assumir uma soberania, mas nunca prevaleceram, Apocalipse 12.7,8. “O Senhor nas alturas é mais poderoso” (Sl 93.4). [*b*] O interesse do Pai nas ovelhas, motivo pelo qual este poder está engajado por elas: “Foi meu Pai ‘que mas deu’, e Ele se interessa na honra de sustentar seu presente”. Elas foram dadas ao Filho em confiança, para que Ele cuidasse delas, e, portanto, Deus ainda irá cuidar delas. Todo o poder divino está engajado no cumprimento de todos os conselhos divinos. [*c*] A segurança dos santos infere-se destes dois. Se isto é assim, então ninguém (seja homem ou demônio) é capaz de arrancá-las da mão do Pai, nem capaz de privá-las da graça que possuem, nem bloquear a glória que está destinada a elas, nem é capaz de tirá-las da proteção de Deus, nem de colocá-las sob seu próprio poder. Cristo tinha sentido pessoalmente o poder do seu Pai,

sustentando-o e fortalecendo-o, e por isto coloca também todos os seus seguidores na mão do seu Pai. Aquele que assegurou a glória do Redentor irá assegurar a glória dos redimidos. Para garantir ainda mais a segurança, para que as ovelhas de Cristo possam ter um consolo ainda mais forte, Ele declara sua união com Deus, o Pai: "'Eu e o Pai somos um', e nos encarregamos, juntamente e separadamente, da proteção dos santos e da sua perfeição". Isto indica que havia mais do que harmonia, consentimento e bom entendimento entre o Pai e o Filho na obra da redenção do homem. Todo homem bom é tão unido a Deus, a ponto de estar de acordo com Ele. Portanto, o fato de serem um só em essência, e iguais em poder e glória, deve ser o significado da unicidade da natureza do Pai e do Filho. Os patriarcas da igreja enfatizaram isto, tanto contra os sabelianos, para provar a distinção e a pluralidade das pessoas, que o Pai e o Filho são duas pessoas, como contra os arianos, para provar a unidade da natureza, que o Pai e o Filho são um só. Se nós nos calássemos a respeito do profundo significado destas palavras, até mesmo as pedras que os judeus pegaram para o apedrejar iriam falar abertamente, pois os judeus consideravam que Ele se fazia Deus (v. 33), e Ele não negou isto. Ele prova que ninguém poderia arrancá-las das suas mãos, porque não poderia arrancá-las da mão do Pai, o que não teria sido um argumento conclusivo, se o Filho não tivesse o mesmo poder todo-poderoso com o Pai, e, conseqüentemente, não fosse um só com Ele, em essência e operação.

IV A ira, a fúria, dos judeus contra Ele, devido a estas palavras: "Os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para o apedrejarem", v. 31. Estas não são as palavras que foram usadas anteriormente (cap. 8.59), mas *ebastasan lithous – eles pegaram pedras*, grandes pedras, pedras que eram pesadas, como as que usavam no apedrejamento de malfeitores. Eles as tinham trazido de algum lugar distante, como se estivessem preparando as coisas para a execução de Jesus, sem qualquer processo judicial; como se Ele fosse condenado de blasfêmia com a notória evidência do fato, sem a necessidade de um julgamento. O absurdo deste insulto que os judeus fizeram a Cristo ficará evidente, se considerarmos: 1. Que eles, imperiosamente, para não dizer insolentemente, o tinham desafiado para que lhes dissesse claramente se era o Cristo ou não, e mesmo agora, que Ele não somente dizia que era o Cristo, mas provava ser, eles o condenavam

como a um malfeitor. Se os pregadores da verdade a propõem modestamente, são tachados como covardes; se a propõem ousadamente, como insolentes. Mas “a sabedoria é justificada por seus filhos”. 2. Que, quando eles tinham, anteriormente, feito uma tentativa similar, tinha sido inútil. Ele “ocultou-se… passando pelo meio deles” (cap. 8.59). Mas, ainda assim, eles repetiram sua tentativa frustrada. Os pecadores atrevidos atirarão pedras ao céu, ainda que elas retornem sobre suas próprias cabeças. Estes iníquos procurarão se fortalecer contra o Todo-Poderoso, embora nenhum daqueles que tentaram se fortalecer contra Ele tenha prosperado.

VA terna censura que Cristo lhes faz, por ocasião da demonstração desta fúria (v. 32): Jesus respondeu ao que eles fizeram, pois não vemos que eles tivessem dito nada, a menos, talvez, que tivessem incitado a multidão que havia se reunido ao redor dele, para que se unissem a eles, gritando: “Apedreja-o, apedreja-o”, da mesma maneira como fizeram posteriormente: “Crucifica-o, crucifica-o”. Quando Ele poderia ter respondido a eles com o fogo do céu, mansamente replicou: “Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual dessas obras me apedrejais?” Palavras tão ternas, que se poderia pensar que teriam derretido um coração de pedra. Ao lidar com seus inimigos, Ele ainda argumentava com base nas suas obras (os homens mostram o que são com o que fazem), suas *boas obras – kala erga*, obras excelentes e eminentes. *Opera eximia vel praeclara.* A expressão quer dizer grandes obras, como também boas obras.

1. O poder divino das suas obras os condenava da infidelidade mais absoluta. Estas eram obras do seu Pai, tão acima do alcance e do curso da natureza, a ponto de provar que quem as fazia era enviado de Deus, e que agia comissionado por Ele. Ele lhes mostrou estas obras. Ele fez isto abertamente, diante do povo, e não às escondidas, em um canto. Suas obras suportariam o teste, e se submeteriam ao testemunho dos espectadores mais investigativos e imparciais. Ele não mostrou suas obras à luz de velas, como aqueles que se preocupam somente com as aparências, mas as mostrou à luz do meio-dia, diante do mundo, cap. 18.20. Veja Salmos 111.6. Suas obras demonstravam, de maneira inegável, que eram uma demonstração incontestável da validade da sua comissão.

2. A graça divina das suas obras os condenava da mais vil ingratidão. As obras que Ele realizava entre eles não eram apenas milagres, mas

misericórdias. Não somente prodígios, para maravilhá-los, mas obras de amor e gentileza, para fazer o bem a eles, e, desta maneira, torná-los bons, e tornar-se querido por eles. Ele curava os enfermos, purificava os leprosos, expulsava demônios, coisas que eram favores, não somente para as pessoas envolvidas, mas para o público. Estas obras, Ele tinha repetido e multiplicado: "'Por qual dessas obras me apedrejais?' Vós não podeis dizer que Eu vos tenha feito nenhum mal, nem vos feito qualquer provocação justa. Se, portanto, iniciais uma discussão comigo, deve ser por causa de alguma boa obra, alguma boa obra feita a vós. Dizei-me qual é". Observe que: (1) A horrível ingratidão que existe nos nossos pecados contra Deus e Jesus Cristo é um grande agravamento dos nossos próprios pecados, e os exibe terrivelmente pecaminosos. Veja como Deus argumenta a este respeito, Deuteronômio 32.6; Jeremias 2.5; Miquéias 6.3. (2) Não devemos julgar estranho se nos encontramos com aqueles que não somente nos odeiam sem causa, mas que são nossos adversários pelo nosso amor, Salmos 35.12; 41.9. Quando Ele pergunta: "Por qual dessas obras me apedrejais?", assim como evidencia a abundante satisfação que Ele tem na sua própria inocência, que dá coragem a um homem em um dia de sofrimento, também faz com que seus perseguidores considerem qual era a verdadeira razão da sua inimizade, e se perguntem, como deveriam fazer todos aqueles que criam problemas para seus vizinhos: "Por que o perseguimos?" Como Jó aconselha que seus amigos façam, Jó 19.28.

VI A defesa que tentaram fazer de si mesmos, quando acusaram o Senhor Jesus Cristo, e a causa sobre a qual fundamentam sua acusação, v. 33. Que pecadores optarão por folhas de figueira para se cobrir, quando até mesmo os sanguinários perseguidores do Filho de Deus podiam encontrar algum argumento para se defender?

1. Eles não seriam considerados tão terríveis inimigos da sua nação por perseguirem a Jesus devido a uma boa obra: "Não te apedrejamos por alguma obra boa". Pois, na verdade, eles dificilmente admitiram que alguma das suas obras fosse boa. A cura do homem paralítico (cap. 5) e do cego (cap. 9) estavam tão longe de serem reconhecidas como bons serviços à cidade, e beneméritos, que se somavam à quantidade dos seus crimes, porque tinham sido realizadas no sábado. Mas, se Ele tinha feito alguma obra boa, eles não reconheceriam que o apedrejavam por causa dela,

embora estas fossem realmente as coisas que mais os exasperavam, cap. 11.47. Assim, por mais absurdo que parecesse, eles não podiam ser levados a reconhecer seus próprios absurdos.

2. Eles seriam considerados amigos de Deus e da sua glória ao acusar Jesus de blasfêmia: “Porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo”. Aqui temos:

(1) Um falso zelo pela lei. Eles pareciam extremamente preocupados com a honra da majestade divina, e dominados por um horror religioso com aquilo que eles imaginavam ser uma censura a ela. “Aquele que blasfemar… certamente morrerá”, Levítico 24.16. Esta lei, pensavam eles, não somente justificava, mas santificava o que eles tentavam fazer, como em Atos 26.9. Observe que os costumes mais vis são freqüentemente encobertos por pretextos plausíveis. Assim como nada é mais corajoso do que uma consciência bem informada, também nada é mais ultrajante do que uma equivocada. Veja Isaías 66.5; cap. 16.2.

(2) Uma verdadeira inimizade pelo Evangelho, ao qual eles não podiam fazer afronta maior do que representar a Cristo como um blasfemo. Não é novidade que as piores características sejam atribuídas aos melhores homens, por aqueles que decidem dar a eles o pior tratamento. [1] O crime do qual Ele é acusado é blasfêmia, ou seja, falar de maneira reprovável e maldosa sobre Deus. O próprio Deus está fora do alcance do pecador, e não é suscetível de receber nenhuma ofensa real, e, portanto, a inimizade com Deus lança seu veneno sobre seu nome, e assim mostra sua má intenção. [2] A prova do crime: “Sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo”. Assim como é glória de Deus o fato de que Ele é Deus, e nós a roubamos dele quando o fazemos como um de nós, também é sua glória o fato de que, além dele, não existe outro, e nós a roubamos dele quando nos equiparamos, ou a qualquer criatura, a Ele. Agora, em primeiro lugar, até aqui, eles tinham razão, pois o que Cristo tinha dito a seu respeito era isto, que Ele era Deus, pois Ele tinha dito que era um só com o Pai, e que daria a vida eterna. E Cristo não nega isto, o que poderia ter feito se tivesse havido uma conclusão indevida das suas palavras. Mas, em segundo lugar, eles estavam muito enganados quando o consideravam como um mero homem, e julgavam que a divindade que Ele reivindicava era uma usurpação, e da sua própria invenção. Eles julgavam absurdo e ímpio que alguém como Ele, que surgia com a aparência de um homem pobre, humilde e desprezível,

ousasse professar ser o Messias, e afirmasse ter o direito às honras confessadamente devidas ao Filho de Deus. Observe que: 1. Aqueles que dizem que Jesus é um mero homem, e somente um Deus fabricado, como dizem os socinianos, na verdade o acusam de blasfêmia, mas provam que os blasfemos são eles mesmos. 2. Aquele que, sendo um homem, um homem pecador, se faz um deus, como o Papa, que afirma ter poderes e prerrogativas divinas, é inquestionavelmente um blasfemo e anticristo.

VII A resposta de Cristo à acusação feita a Ele (pois a defesa dos judeus era uma acusação a Cristo), e a confirmação daquelas reivindicações que eles diziam que eram blasfemas (v. 34ss.), onde Ele prova não ser blasfemo, com dois argumentos:

1. Com um argumento extraído da Palavra de Deus. Ele recorre ao que estava escrito na lei dos judeus, isto é, no Antigo Testamento. Quem quer que se oponha a Cristo, saiba que seguramente Ele terá as Escrituras do seu lado. Está escrito (Sl 82.6): "Eu disse: sois deuses". É um argumento *a minore ad majus – do menor para o maior*. "Se eles eram deuses, quanto mais Eu o sou". Observe:

(1) Como Ele explica o texto (v. 35): Ele "chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada)". A palavra da comissão de Deus tinha vindo sobre eles, indicando-os para serem seus oficiais, como juízes, e, por essa razão, são chamados de deuses, Êxodo 22.28. A alguns, a palavra de Deus foi dirigida imediatamente, como a Moisés; a outros, sob a forma de uma ordenança instituída. A magistratura é uma instituição divina, e os magistrados são representantes de Deus, e, portanto, as Escrituras os chamam de deuses, e nós temos certeza de que as Escrituras não podem ser anuladas, nem se pode introduzir nada a elas, nem se pode encontrar falhas nelas. Toda palavra de Deus está correta. O estilo e a linguagem das Escrituras são irrepreensíveis, e não devem ser corrigidos, Mateus 5.18.

(2) Como Ele o aplica. De modo geral, é fácil concluir que aqueles que condenavam a Cristo como blasfemo, somente por dizer que era o Filho de Deus, eram muito imprudentes e irracionais, quando eles mesmos chamavam assim seus príncipes, e isto as Escrituras lhes permitiam. Mas o argumento vai mais além (v. 36): Se os magistrados eram chamados deuses, porque eram comissionados para administrar justiça à nação, "àquele a

quem o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas”? Aqui temos duas questões a respeito do Senhor Jesus: [1] A honra que seu Pai lhe concedeu, na qual, com razão, Ele se glorifica: o Pai o santificou e enviou ao mundo. Os magistrados eram chamados de filhos de Deus, embora a palavra de Deus fosse apenas dirigida a eles, e o espírito de governo tenha vindo a eles por medida, como sobre Saul. Mas nosso Senhor Jesus era, Ele mesmo, a Palavra, e tinha o Espírito sem medida. Eles eram constituídos para uma região, cidade ou nação em particular, mas Ele era enviado ao mundo, revestido de uma autoridade universal, como Senhor de tudo. Eles eram mandados, como pessoas distantes. Ele era enviado, como tendo estado com Deus desde a eternidade. O Pai o santificou, isto é, o designou e consagrou para o ofício de Mediador, e o qualificou e capacitou para este ofício. Santificá-lo significa a mesma coisa que selá-lo, cap. 6.27. Observe que o Pai santifica a quem envia. Aquele que Ele designa para propósitos santos, Ele prepara com santos princípios e disposições. O Deus santo só irá empregar e recompensar aqueles que Ele julgar santos, ou aqueles que Ele santificar. O ato de o Pai santificar e enviar o Senhor Jesus Cristo é aqui certificado como a permissão suficiente para que Ele se declarasse Filho de Deus, pois, por Ele ser santo, foi chamado de Filho de Deus, Lucas 1.35. Veja Romanos 1.4. [2] A desonra que os judeus lhe fizeram, da qual Ele reclama com razão – que eles tinham dito de maneira ímpia sobre Ele, a quem o Pai tinha dignificado desta forma, que Ele era um blasfemo, porque tinha dito ser Filho de Deus: “Vocês dizem isto dele? Vocês ousam dizer isto? Vocês ousam direcionar suas bocas contra os céus? Vocês têm coragem suficiente para dizer ao Deus da verdade que Ele está mentindo, ou condenar aquele que é justo e poderoso? Olhem-me nos olhos, e digam se podem fazer isto. O que! Vocês dizem, do Filho de Deus, que Ele é um blasfemo?” Se os demônios, que Ele veio para condenar, tivessem dito isto a seu respeito, não teria sido tão estranho. Mas o fato de estes homens, aos quais Ele tinha vindo ensinar e salvar, dizerem isto dele, era algo pelo que os céus poderiam pasmar. Veja qual é a linguagem de uma incredulidade obstinada. Na verdade, ela chama o santo Jesus de blasfemo. É difícil dizer com que devemos nos espantar mais, com o fato de que homens que respiram o ar de Deus ousassem dizer estas coisas, ou com o fato de que homens que dissessem tais coisas ainda tivessem permissão para respirar o ar de Deus. A maldade do homem e a paciência de Deus disputam entre si

qual será a mais surpreendente.

2. Com um argumento que Ele extrai das suas próprias obras, vv. 37,38. Anteriormente, Ele apenas respondeu à acusação de blasfêmia com um argumento *ad hominem – voltando o argumento de um homem contra si mesmo.* Mas aqui Ele apresenta suas próprias reivindicações, e prova que Ele e o Pai são um só (vv. 37,38): “Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis”. Embora o Senhor pudesse, com razão, ter abandonado estes blasfemos infelizes, como casos incuráveis, Ele ainda concorda em argumentar com eles. Observe:

(1) A partir de que Ele argumenta – de suas obras, que Ele sempre apresentava como suas credenciais, e provas da sua missão. Assim como Ele provava ser enviado de Deus pela divindade das suas obras, também nós devemos nos provar aliados de Cristo pelo cristianismo das nossas. [1] O argumento é muito convincente, pois as obras que Ele realizava eram as obras do seu Pai, que somente o Pai poderia fazer, e que não poderiam ser feitas no curso ordinário da natureza, mas somente pelo poder soberano e predominante do Deus da natureza. *Opera Deo propria – Obras peculiares de Deus*, e *Opera Deo Digna – Obras dignas de Deus*, as obras de um poder divino. Aquele que pode prescindir das leis da natureza, repeli-las, alterá-las e anulá-las da maneira como desejar, pelo seu próprio poder, certamente é o príncipe soberano que primeiro instituiu e promulgou tais leis. Os milagres que os apóstolos realizassem em seu nome, pelo seu poder, e para a confirmação da sua doutrina, corroborariam este argumento, e continuariam sendo sua evidência, quando Ele tivesse partido. [2] Este argumento é proposto de modo tão correto quanto se poderia desejar, e utilizado em prol de um resultado breve. Em primeiro lugar: “Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis”. Ele não exige uma fé cega e implícita, nem uma concordância com sua missão divina além das provas que Ele oferece. Ele não desejou ganhar o afeto do povo, nem os adulou com insinuações dissimuladas, nem se aproveitou da sua credulidade com afirmações ousadas, mas, com a mais imaginável correção, eliminou todas as exigências da sua fé, além de oferecer justificativas para estas exigências. Cristo não é um mestre difícil, que espera colher concordâncias onde não plantou argumentos. Ninguém perecerá por não crer naquilo que não lhe foi proposto com motivos suficientes para credibilidade, e a própria Sabedoria Infinita será o juiz. Em segundo lugar: “Mas se faço ‘as obras de meu Pai’,

se realizo milagres inegáveis para a confirmação de uma doutrina sagrada, e vocês não crêem em mim, embora sejam tão escrupulosos a ponto de não aceitar minha palavra, creiam nas obras. Creiam nos seus próprios olhos, na sua própria razão. As coisas falam por si mesmas, de maneira suficientemente clara". Assim como as coisas invisíveis do Criador são claramente vistas pelas suas obras de criação e providência comum (Rm 1.20), também as coisas invisíveis do Redentor eram vistas pelos seus milagres, e por todas as suas obras, tanto de poder quanto de misericórdia, de modo que todos aqueles que não se convenceram por estas obras não tinham justificativa.

(2) Para que Ele argumenta – "que conheçais e acrediteis", inteligentemente, e com total satisfação, "que o Pai está em mim, e eu, nele", que é o mesmo que Ele tinha dito (v. 30): "Eu e o Pai somos um". O Pai estava tanto no Filho, que nele residia toda a plenitude da Divindade, e era por um poder divino que Ele realizava seus milagres. O Filho estava tanto no Pai, que estava perfeitamente familiarizado com a plenitude da sua vontade, não por comunicação, mas por consciência, tendo estado no seu seio. Isto nós devemos saber, não saber e explicar (pois não podemos, investigando, descobrir com perfeição), mas conhecer e crer, reconhecer e adorar a profundidade, quando não pudermos encontrar o fundo.

Cristo se Retira para além do Jordão

vv. 39-42

Aqui temos o resultado da conversa com os judeus. Poderíamos pensar que ela os tivesse convencido e derretido, mas seus corações estavam insensíveis e endurecidos. Aqui lemos:

I Como eles o atacaram pela força. "Procuravam, pois, prendê-lo outra vez", v. 39. Portanto: 1. Por ter Ele respondido completamente à sua acusação de blasfêmia, e ter eliminado esta imputação, de modo que eles não podiam, por vergonha, prosseguir nas suas tentativas de apedrejá-lo, eles procuraram prendê-lo e processá-lo como um ofensor contra o estado. Quando foram obrigados a abandonar seu intento por um tumulto popular, ainda tentaram fazer o que puderam, sob o pretexto de um processo legal.

Veja Apocalipse 12.13. Ou: 2. Por ter Ele perseverado no mesmo testemunho a seu próprio respeito, eles persistiram na sua maldade contra Ele. O Senhor Jesus disse outra vez aquilo que tinha dito anteriormente, pois a testemunha fiel nunca se afasta daquilo que disse antes. Portanto, sentindo a mesma provocação, eles expressam o mesmo ressentimento, e justificam sua tentativa de apedrejá-lo com outra tentativa de prendê-lo. Tal é o temperamento de um espírito perseguidor, e tal é sua política, *malae facta malae factis tegere ne perpluant – encobrir um conjunto de más obras com outro, para que o primeiro não fracasse, mas tenha seu prosseguimento*.

II Como Ele os evitou, fugindo. Não com uma retirada inglória, na qual houvesse alguma fraqueza humana, mas uma retirada gloriosa, na qual havia muito poder divino. “Ele escapou de suas mãos”, não pela intercessão de algum amigo que o ajudasse, mas pela sua própria sabedoria, Ele se livrou deles. Ele jogou um véu sobre si mesmo, ou lançou uma névoa diante dos olhos deles, ou atou as mãos daqueles cujos corações Ele não converteu. Observe que nenhuma arma prosperará contra nosso Senhor Jesus, Salmos 2.4. Ele escapou, não porque tivesse medo de sofrer, mas porque sua hora ainda não era chegada. E aquele que sabia como livrar a si mesmo, sem dúvida sabe como livrar os santos da tentação, e produzir um caminho para que eles escapem.

III O que Ele fez, nesta retirada: “Retirou-se outra vez para além do Jordão”, v. 40. O bispo da nossa alma veio, não para fixar-se em uma sede, mas para ir de lugar a lugar, fazendo o bem. Este grande benfeitor nunca saía do seu caminho, pois, onde quer que Ele fosse, havia trabalho a ser feito. Embora Jerusalém fosse a cidade real, Ele fez muitas visitas generosas ao campo, não somente à sua própria região, a Galiléia, mas também a outras partes, até mesmo aquelas mais distantes além do Jordão. Observe:

1. Que acolhida Ele encontrou ali. Ele foi a uma parte isolada da nação, e ali ficou. Ali encontrou algum descanso e tranqüilidade, que em Jerusalém não tinha podido encontrar. Observe que, embora os perseguidores possam expulsar a Cristo e ao seu Evangelho da sua própria cidade ou nação, não podem expulsá-los do mundo. Embora Jerusalém não tivesse se agregado,

nem viesse a se agregar, ainda assim Cristo era glorioso, e sempre o será. A retirada de Jesus para além do Jordão era um símbolo da retirada do reino de Deus dos judeus, um reino que foi levado aos gentios. Cristo e seu Evangelho sempre encontraram melhor acolhida entre as pessoas simples do interior do que entre os sábios, os poderosos e os nobres, 1 Coríntios 1.26,27.

2. O sucesso que Ele teve ali. Ele não foi para lá simplesmente para sua própria segurança, mas para ali fazer o bem. E Ele decidiu ir para lá, onde João tinha primeiramente batizado (cap. 1.28), porque haveria ali algumas impressões do ministério e do batismo de João, as quais disporiam o povo a receber a Cristo e à sua doutrina, pois ainda não havia completado três anos desde que João batizava ali, e o próprio Cristo tinha sido batizado ali, em Betábara. Cristo foi para lá agora para ver quais frutos haveria de todos os esforços que João Batista tinha feito entre eles, e o que eles guardavam das coisas que tinham ouvido e recebido então. O evento, até certo ponto, correspondeu às expectativas, pois lemos:

(1) Que eles corriam até Ele em grandes grupos (v. 41): “Muitos iam ter com ele”. O retorno dos meios da graça a um lugar, depois de terem sido, durante algum tempo, interrompidos, comumente provoca uma grande agitação de sentimentos. Alguns pensam que Cristo decidiu permanecer em Betábara, sua casa de passagem, onde ficavam as balsas pelas quais eles cruzavam o rio Jordão, para que a confluência de pessoas ali pudesse lhe dar a oportunidade de ensinar a muitos que viessem para ouvi-lo. Muitas destas pessoas dificilmente sairiam do seu percurso para ter uma oportunidade de ouvir a Palavra do Senhor. Assim, este ponto geográfico era bastante estratégico.

(2) Que eles faziam considerações que eram favoráveis ao Senhor, e procuravam argumentos para induzir outros a se aproximarem dele, tanto quanto Jerusalém procurava objeções contra Ele. Eles diziam, muito criteriosamente: “Na verdade, João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade”. Eles consideravam duas coisas, junto com as lembranças do que tinham visto e ouvido de João, e as comparavam com o ministério de Cristo. [1] Que Cristo excedia, em muito, o poder de João Batista, pois João não tinha feito nenhum milagre, mas Jesus fazia muitos, do que era fácil deduzir que Jesus era maior que João. E, se João era um tão grande profeta, que grandeza teria, então, este Jesus! Cristo é mais bem

conhecido e reconhecido por uma comparação com outros, que o coloca superlativamente acima deles. Embora João tivesse vindo no espírito e no poder de Elias, ainda assim não realizou milagres, como Elias tinha feito, para que as mentes das pessoas não fossem levadas a hesitar entre ele e Jesus. Por isto, a honra de realizar milagres estava reservada para Jesus como uma flor na sua coroa, para que pudesse haver uma demonstração visível e inegável de que, embora tivesse vindo depois de João, ainda assim tinha a preeminência sobre ele. [2] Que Cristo correspondeu com exatidão ao testemunho de João Batista. João Batista não somente não realizou nenhum milagre, para não desviar as pessoas de Cristo, como disse muita coisa para dirigi-las a Cristo, e para entregá-las a Ele como seus aprendizes, e isto vinha agora às suas mentes: “Tudo quanto João disse deste era verdade”, que Ele seria o Cordeiro de Deus, que batizaria com o Espírito Santo e com fogo. João tinha dito grandes coisas sobre Jesus, o que tinha aumentado as expectativas do povo, de modo que eles não tinham tido zelo suficiente que os levasse até sua região, para procurá-lo, mas, quando Ele veio até a deles, e trouxe o Evangelho até suas portas, eles reconheceram que Ele era tão grandioso como João tinha dito que seria. Quando formos instruídos a respeito de Cristo, e viermos a conhecê-lo pela experiência, nós descobriremos que todas as coisas que as Escrituras dizem sobre Ele são verdadeiras, e, mais ainda, que a realidade excede o relato, 1 Reis 10.6,7. João Batista agora estava morto, mas ainda assim seus ouvintes se beneficiavam do que tinham ouvido anteriormente, e, comparando o que tinham ouvido então com o que viam agora, tiveram uma dupla vantagem. Pois, em primeiro lugar, eles foram confirmados na sua crença de que João era um profeta, que tinha predito tais coisas, e falado da eminência com que este Jesus iria chegar, embora seu início fosse tão humilde. Em segundo lugar, eles estavam preparados para crer que Jesus era o Cristo, em quem eles viam cumpridas todas aquelas coisas que João tinha predito. Com isto, vemos que o sucesso e a eficácia da palavra pregada não estão confinados à vida do pregador, nem expiram com o fim do seu fôlego de vida na terra, mas que aquilo que parecia ser uma água derramada ao chão pode, posteriormente, ser recolhido novamente. Veja Zacarias 1.5,6.

(3) Que muitos ali creram nele. Crendo que aquele que realizava tais milagres, e em quem se cumpriam todas as predições de João, era o que declarava ser, o Filho de Deus, eles se entregaram a Ele como seus

discípulos, v. 42. Aqui, deve-se colocar ênfase: [1] Sobre as pessoas que creram nele. Eram muitas. Enquanto aqueles que receberam e aceitaram sua doutrina em Jerusalém eram apenas as sobras da colheita, aqueles que creram nele na região além do Jordão foram uma colheita plena para Ele. [2] Sobre o lugar onde isto aconteceu. Foi no lugar onde João tinha primeiramente pregado e batizado, e tinha tido grande sucesso. Ali muitos creram no Senhor Jesus. A pregação da doutrina de reconciliação e da graça do Evangelho tem grande possibilidade de ser próspera onde a pregação da doutrina do arrependimento teve o sucesso desejado. Jesus não deixaria de ser aceitável onde João tinha sido aceitável. A trombeta de júbilo soará mais docemente aos ouvidos daqueles que, no dia da expiação, tiverem afligido suas almas por causa do pecado.

CAPÍTULO 11

Neste capítulo, temos a história daquele famoso milagre que Cristo realizou pouco antes da sua morte, a ressurreição de Lázaro, que é registrada somente por este evangelista, pois os outros três se limitam ao que Cristo fez na Galiléia, onde residia na maior parte do tempo, e raramente levaram sua história até Jerusalém, até a semana da paixão, ao passo que os registros de João estão relacionados principalmente com o que acontecia em Jerusalém. Esta passagem, portanto, estava reservada para sua pena. Alguns sugerem que, quando os demais evangelistas escreveram, Lázaro estava vivo, e não estaria de acordo com sua segurança ou com sua humildade ter a história registrada até agora, quando, supostamente, ele estava morto. Ele está registrado com mais detalhes do que qualquer outro dos milagres de Cristo, não somente porque há muitas circunstâncias deste milagre que são muito instrutivas, e o milagre é uma prova grandiosa da missão de Cristo, mas porque era uma antecipação daquilo que seria a maior prova de todas, a própria ressurreição de Cristo. Aqui temos: I. As notícias enviadas ao nosso Senhor Jesus a respeito da enfermidade de Lázaro, e sua recepção destas notícias, vv. 1-16. II. A visita que o Senhor fez aos parentes de Lázaro, quando soube da sua morte, e a acolhida que sua visita teve por parte deles, vv. 17-32. III. O milagre realizado na ressurreição de Lázaro, vv. 33-44. IV. O resultado deste milagre nas outras pessoas, vv. 45-57.

A Morte de Lázaro

vv. 1-16

Nestes versículos, temos:

I Uma apresentação detalhada das principais pessoas envolvidas nesta história, vv. 1,2. 1. Viviam em Betânia, uma aldeia não muito distante de Jerusalém, onde Cristo normalmente se hospedava quando vinha para as festas. Aqui, ela é chamada de “aldeia de Maria e de sua irmã Marta”, isto é, a aldeia onde elas moravam, da mesma maneira como Betsaida é chamada de “cidade de André e de Pedro”, cap. 1.44. Eu não vejo motivo para pensar, como pensam alguns, que Marta e Maria fossem donas da aldeia, e os demais habitantes fossem seus arrendatários. 2. Aqui havia um irmão chamado Lázaro. Seu nome em hebraico provavelmente seria Eleazar, que, contraído e recebendo uma terminação grega, tornou-se Lázaro. Talvez antecipando esta história, nosso Salvador tivesse feito uso do nome de Lázaro naquela parábola em que desejava apresentar a bem-aventurança do justo no seio de Abraão, imediatamente depois da sua morte, Lucas 16.22. 3. Aqui havia duas irmãs, Marta e Maria, que parecem ser as donas da casa, e que cuidam dos assuntos da família, ao passo que, talvez, Lázaro vivesse uma vida retirada e se dedicasse ao estudo e à contemplação. Era uma família respeitável, feliz e bem organizada, e uma família com a qual Cristo tinha muita comunhão. Parece que nem Lázaro nem suas irmãs eram casados, e que a casa era mantida pelos três, que ali residiam unidos. 4. Uma das irmãs é descrita de maneira particular como sendo aquela Maria que ungiu o Senhor com ungüento, v. 2. Alguns pensam que ela era aquela mulher sobre a qual lemos em Lucas 7.37,38, que tinha sido pecadora, uma mulher que tinha problemas em sua vida moral. Eu prefiro pensar que isto se refere àquela unção de Cristo que este evangelista narra (cap. 12.3), pois os evangelistas nunca se referem uns aos outros, mas João freqüentemente faz referência a uma ou outra passagem do seu Evangelho. Atos extraordinários de piedade e devoção, que nascem de um princípio honesto de amor por Cristo, não somente encontrarão aceitação por parte dele, como também conquistarão uma elevada reputação na igreja, Mateus 26.13. Esta Maria era aquela cujo irmão Lázaro estava doente, e as

enfermidades daqueles a quem amamos são motivos de aflição para nós. Quanto mais amigos tivermos, mais freqüentemente nos afligiremos devido à amizade de que desfrutamos, e quanto mais queridos forem, mais dolorosa será nossa aflição. A multiplicação dos nossos consolos é apenas a multiplicação das nossas cruzes e preocupações.

II As notícias que foram enviadas ao nosso Senhor Jesus sobre a doença de Lázaro, v. 3. Suas irmãs sabiam onde Jesus estava, muito além do rio Jordão, e enviaram um mensageiro especial até Ele, para dar-lhe a conhecer a aflição da sua família, em que manifestam: 1. A aflição e a preocupação que tinham por seu irmão. Embora, provavelmente, a propriedade dele passasse para elas depois da sua morte, ainda assim elas desejavam ardentemente sua vida, como deviam fazer. Elas mostravam seu amor por ele, agora que estava doente, pois é em meio às adversidades que nascem os irmãos e irmãs. Nós devemos chorar com nossos amigos, quando eles choram, e também devemos nos alegrar com eles, quando se alegram. 2. A consideração que tinham pelo Senhor Jesus, a quem desejavam colocar a par de todas as suas preocupações, e, como Jefté, expressar diante dele todas as suas palavras. Embora Deus conheça todas as nossas necessidades, tristezas e preocupações, Ele deseja conhecê-las a partir de nós, e sente-se honrado quando as depositamos diante dele. A mensagem que elas enviaram foi muito curta, não requerendo, muito menos aconselhando ou pressionando, mas simplesmente relatando o caso com a gentil insinuação de uma súplica poderosa: “Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas”. Elas não dizem: Aquele que nós amamos, mas: “Aquele que tu amas”. Nossos maiores incentivos na oração são produzidos pelo próprio Deus e pela sua graça. Elas não dizem: Senhor, eis que está enfermo aquele que te ama, mas: “Aquele que tu amas”, pois o amor está, não no fato de que nós amamos a Deus, mas no fato de que Ele nos amou. Nosso amor por Ele não é digno sequer de ser descrito, mas o dele por nós nunca será suficientemente mencionado. Observe: (1) Há alguns dos amigos e seguidores do Senhor Jesus pelos quais Ele tem um carinho maior. Entre os doze, havia um a quem Jesus amava. (2) Não é novidade que aqueles a quem Cristo ama fiquem doentes: tudo sucede igualmente a todos. As perturbações físicas corrigem a corrupção, e põem à prova as graças, do povo de Deus. (3) É um grande consolo, quando estamos doentes, ter junto

a nós aqueles que estão dispostos a orar por nós. (4) Teremos grande estímulo nas nossas orações por aqueles que estão enfermos se tivermos razão para ter esperança de que eles sejam como aqueles a quem Cristo ama, e temos razão para amar e orar por aqueles dos quais temos razão para pensar que Cristo ama e cuida.

III Um relato de como Cristo recebeu as notícias trazidas a Ele sobre a enfermidade do seu amigo.

1. Ele prognosticou o acontecimento e o resultado da enfermidade, e provavelmente enviou como uma mensagem às irmãs de Lázaro, pelo mensageiro, para apoiá-las, enquanto tardava em ir vê-las. O Senhor prognostica duas coisas:

(1) "Esta enfermidade não é para morte". Era mortal, certamente fatal, e sem dúvida Lázaro esteve verdadeiramente morto durante quatro dias. Mas: [1] Esta não era a missão para a qual esta enfermidade tinha sido enviada. Ela não veio como um caso comum, como um chamado para a sepultura, mas havia nela uma intenção adicional. Se ela tivesse sido enviada com esta missão, o fato de Lázaro ressuscitar teria impedido seu cumprimento. [2] Este não era o resultado final desta enfermidade. Ele morreu, mas poderíamos dizer que ele não morreu, pois *factum non dicitur quod non perseverat – não se pode considerar algo como um feito, se este não for algo que possa ser perpetuado*. A morte é uma despedida permanente deste mundo, é o caminho do qual nós não retornamos, e, neste sentido, não era para morte. O sepulcro era sua morada por muito tempo, sua casa na eternidade. Assim, Cristo disse a respeito da jovem cuja vida Ele se propôs a restaurar: "Não está morta". A doença das pessoas boas, por mais ameaçadora que seja, não é para morte, pois não é para a morte eterna. A morte do corpo para este mundo é o nascimento da alma para o outro mundo. Quando nós, ou nossos amigos, estamos doentes, nosso principal apoio é que exista uma esperança de recuperação, mas nisto nós podemos ficar desapontados. Por isto, é prudente que nos apoiemos naquilo com que jamais nos desapontaremos. Se pertencerem a Cristo, mesmo que venha o pior, eles não poderão sofrer a segunda morte, e nem sofrer algum dano na primeira.

(2) "Mas é para glória de Deus", para que possa haver uma oportunidade para a manifestação do glorioso poder de Deus. Os sofrimentos dos santos

são designados para a glória de Deus, para que Ele possa ter oportunidade de mostrar-lhes favor, pois as graças mais doces, e as mais eficientes, são aquelas provocadas pelas tribulações. Isto deve nos reconciliar com as mais obscuras dispensações da Providência. Elas são todas para a glória de Deus, seja esta enfermidade, esta perda, ou este desapontamento, e se Deus for glorificado, nós deveremos nos sentir satisfeitos, Levítico 10.3. Era para a glória de Deus, pois era para que o Filho de Deus fosse glorificado através da oportunidade de realizar este milagre glorioso, a ressurreição de Lázaro. Assim como, anteriormente, o homem tinha nascido cego para que Cristo pudesse ter a honra de curá-lo (cap. 9.3), também Lázaro deveria ficar doente e morrer para que Cristo pudesse ser glorificado como o Senhor da vida. Isto deve confortar aqueles a quem Cristo ama em todos os seus sofrimentos, o fato de que o desígnio de todos eles é que o Filho de Deus possa ser glorificado. E sua sabedoria, seu poder e sua bondade é que sustentam e aliviam seus servos. Veja 2 Coríntios 12.9,10.

2. Jesus adiou a visita ao seu paciente, vv. 5,6. Marta e Maria tinham suplicado: “Senhor, está enfermo aquele que tu amas”, e a súplica é permitida (v. 5): Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Desta maneira, as declarações de fé são ratificadas no tribunal do céu. Poderíamos pensar que a seguir viria algo como: Quando Ele soube que Lázaro estava enfermo, Ele foi até ele o mais rapidamente que pôde. Se Ele os amava, agora era o momento de mostrar isto, correndo para junto deles, pois Ele sabia que estariam esperando-o impacientemente. Mas Ele tomou o caminho contrário para mostrar seu amor. Não está escrito: Ele os amava, mas ainda assim tardou em ir, mas: Ele os amava, e por isto tardou em ir. Quando soube que seu amigo estava doente, em vez de correr para junto dele, Jesus ficou ainda dois dias no lugar onde estava. (1) Ele as amava, isto é, tinha grande consideração por Marta e Maria, pela sua sabedoria e graça, pela sua fé e paciência, acima de outros discípulos seus, e por isto Ele adiou sua ida para junto delas, para que pudesse testá-las, para que sua provação pudesse, no final, revelar-se em louvor e honra. (2) Ele as amava, isto é, Ele desejava fazer alguma coisa grandiosa e extraordinária por elas, realizar, para seu alívio, um milagre tal como nunca tinha realizado para nenhum dos seus amigos. Ele tardou em ir até elas, para que Lázaro pudesse estar morto e sepultado antes da sua chegada. Se Cristo tivesse ido imediatamente, e curado a enfermidade de Lázaro, Ele não teria feito nada além do que fez

por muitos. Se Ele o tivesse ressuscitado, pouco tempo depois de morto, não teria feito nada além do que fez por alguns. Mas, atrasando tanto seu alívio, Ele teve uma oportunidade de fazer por ele mais do que por qualquer outra pessoa. Observe que Deus tem intenções graciosas, mesmo em aparentes demoras, Isaías 54.7,8; 49.14ss. Os amigos de Cristo em Betânia não estavam fora dos pensamentos dele, no entanto, quando ouviu sobre suas dificuldades, Ele não se apressou em ir até eles. Quando a obra de libertação, temporal ou espiritual, pública ou pessoal, está em espera, ela apenas espera a hora certa, e tudo é bonito na hora certa.

IV A conversa que Ele teve com seus discípulos quando estava prestes a ir visitar seus amigos em Betânia, vv. 7-16. A conversa é tão descontraída e familiar, que nos permite compreender o que Cristo disse: "Tenho-vos chamado amigos". Ele fala sobre duas coisas: sobre os perigos que Ele corria e sobre a morte de Lázaro.

1. Os perigos que Ele corria ao ir para a Judéia, vv. 7-10.

(1) Aqui está o aviso que Cristo deu aos seus discípulos sobre seu propósito de ir à Judéia, em direção a Jerusalém. Seus discípulos eram os homens do seu conselho, e a eles Ele disse (v. 7): "'Vamos outra vez para a Judéia', embora os habitantes da Judéia não mereçam um favor como este". Assim, Cristo repete as ofertas da sua misericórdia àqueles que sempre as rejeitavam. Isto pode ser considerado: [1] Como um objetivo da sua bondade aos seus amigos em Betânia, cujo sofrimento, e todas as circunstâncias que o agravavam, Ele conhecia muito bem, embora não lhe tivesse vindo nenhuma outra mensagem, pois Ele estava presente no espírito, embora ausente no corpo. Quando Ele soube que os sofrimentos tinham chegado ao extremo, quando o irmão e as irmãs tinham dado e recebido o último adeus, "agora", disse Ele, "vamos outra vez para a Judéia". Cristo se manifestará para favorecer seu povo quando for chegada a hora, sim, a hora indicada, para favorecê-lo. E a hora mais difícil é normalmente a hora indicada, quando nossa esperança está perdida e nós estamos despedaçados. "Sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas", Ezequiel 37.11,13. Nas profundezas da aflição, deixemos que estas preciosas palavras nos mantenham afastados das profundezas do desespero. O ponto extremo do homem é a oportunidade de Deus, *Jehovah-jireh*. Ou: [2] Como uma prova para a coragem dos

discípulos, se eles se aventurariam a segui-lo até lá. Eles haviam sido, recentemente, atemorizados por um atentado contra a vida do seu Mestre, o que eles consideraram como um atentado também contra suas próprias vidas. Ir para a Judéia, que recentemente tinha sido tão perigosa para eles, era uma expressão que os colocava à prova. Mas Cristo não disse: "Vão vocês para a Judéia, e Eu vou ficar e me abrigar aqui". Não, Ele disse: "Vamos". Observe que Cristo nunca conduz seu povo a nenhum perigo, mas o acompanha nele, e está com ele quando ele caminha pelo vale da sombra da morte.

(2) A objeção dos discípulos contra esta viagem (v. 8): "Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?" Aqui: [1] Eles o lembram do perigo que tinha passado ali há pouco tempo. Os discípulos de Cristo conseguem fazer dos sofrimentos um problema muito maior do que é para seu Mestre, e se lembrar das ofensas por mais tempo. Ele tinha suportado a ofensa, para Ele ela estava acabada e esquecida, mas seus discípulos não tinham podido esquecê-la. Ultimamente, *nyn – agora*, como se tivesse acontecido neste mesmo dia, "os judeus procuravam apedrejar-te". Embora já tivessem se passado pelo menos dois meses, a lembrança do medo estava bastante vívida em suas mentes. [2] Eles se admiram que Ele vá para lá de novo. "Você vai favorecer, com sua presença, aqueles que o expulsaram da sua região?" Os métodos de Cristo para ignorar ofensas estão acima dos nossos. "Você irá se expor em meio a um povo que está tão desesperadamente enfurecido contra você? Irá de novo para lá, quando ali foi tão maltratado?" Aqui eles mostravam grande preocupação com a segurança do seu Mestre, do mesmo modo que Pedro, quando disse: "Senhor, tem compaixão de ti". Se Cristo estivesse disposto a evitar sofrimentos, Ele não precisaria de amigos que o persuadissem a fazê-lo, mas teria aberto sua boca para o Senhor, e Ele não desejou, Ele não poderia, retroceder. Mas enquanto os discípulos mostram uma preocupação pela segurança de Jesus, eles revelam, ao mesmo tempo, em primeiro lugar, uma falta de confiança no seu poder, como se Ele não pudesse proteger a si mesmo e a eles agora na Judéia tão bem como já tinha feito anteriormente. Teria seu poder diminuído? Quando nós cuidamos dos interesses da igreja e do reino de Cristo no mundo, nós devemos ficar satisfeitos com a sabedoria e o poder do Senhor Jesus, que sabe como proteger um rebanho de ovelhas em meio a um bando de lobos. Em segundo lugar, um temor secreto de que

eles mesmos sofressem, pois eles podem contar com isto, se Ele sofrer. Nas ocasiões em que nossos interesses particulares coincidem com os públicos, nós somos capazes de julgar que zelamos pelo Senhor dos exércitos, quando, na verdade, estamos zelando somente pela nossa própria riqueza, credibilidade, comodidade e segurança, e buscando nossas próprias coisas, sob o pretexto de buscar as coisas de Cristo. Portanto, nós precisamos fazer uma distinção entre nossos princípios.

(3) A resposta de Cristo a esta objeção (vv. 9,10): "Não há doze horas no dia?" Os judeus dividiam o dia em doze horas, e, segundo alguns comentaristas, faziam suas horas mais longas ou mais curtas conforme eram os dias, de modo que uma hora, para eles, era equivalente a um doze avos do tempo entre sol e sol. Ou, estando muito mais ao sul do que nós, seus dias eram aproximadamente doze horas mais longos que os nossos. A Providência divina nos deu a luz do dia para trabalhar, e a estende durante um período adequado, e, ao longo do ano inteiro, cada país tem o mesmo período de luz de dia quanto de noite, e ainda mais, se computarmos os crepúsculos. A vida de um homem é um dia. Este dia é dividido em diversas idades, condições e oportunidades, como em horas mais curtas ou mais longas, como Deus indicou. Esta consideração nos deve fazer não somente muito ocupados quanto ao trabalho da vida (se houvesse doze horas no dia, cada uma delas deveria estar tomada por trabalho, e nenhuma delas, desperdiçada), mas também muito à vontade quanto aos perigos da vida. Nosso dia deve ser prolongado até que nosso trabalho esteja feito, e nosso testemunho, concluído. Isto Cristo aplica ao seu caso, e mostra por que Ele deve ir à Judéia, porque Ele tinha uma ordem clara de ir. Para explicar isto: [1] Ele mostra o consolo e a satisfação que um homem tem, na sua própria mente, enquanto se mantém no caminho do seu dever, como é prescrito, de maneira geral, pela Palavra de Deus, e particularmente determinado pela providência de Deus: "Se alguém andar de dia, não tropeça", isto é, se um homem se mantiver ao lado do seu dever, e se preocupar com ele, e colocar a vontade de Deus antes da sua, como regra, com um respeito imparcial a todos os mandamentos de Deus, ele não hesitará na sua própria mente, mas, andando corretamente, anda com segurança e com uma santa confiança. Como aquele que anda de dia não tropeça, mas prossegue firmemente e alegremente no seu caminho, porque vê a luz deste mundo, e, por ela, vê seu caminho à sua frente, assim um

bom homem, sem nenhum outro tipo de segurança, nem objetivos sinistros, confia na Palavra de Deus como sua regra, e tem, como seu objetivo, que o Senhor Deus seja glorificado. Isto ocorre porque ele vê estas duas grandes luzes, e conserva seus olhos fixos nelas. Desta maneira, ele tem um guia fiel em todas as suas dúvidas, e um cuidado poderoso em todos os seus perigos, Gálatas 6.4; Salmos 119.6. Onde quer que Cristo fosse, Ele andava de dia, e também nós deveremos fazê-lo, se seguirmos seus passos. [2] Ele mostra a dor e o perigo em que está um homem que não anda de acordo com esta regra (v. 10): "Se andar de noite, tropeça", isto é, se um homem andar segundo seu coração e seguindo a visão dos seus olhos, e de acordo com o curso deste mundo, se consultar seus motivos carnais mais do que a vontade e a glória de Deus, cai em tentações e armadilhas, está sujeito a grandes desconfortos e temerosas apreensões, o sonido de uma folha movida o perseguirá, e ele fugirá sem ninguém o perseguir, enquanto um homem correto ri-se do brandir da lança, e não teme a invasão de dez mil. Veja Isaías 33.14-16. Ele tropeça, porque nele não há luz, pois a luz em nós é para nossas ações morais aquilo que a luz à nossa volta é para nossas ações naturais. Ele não tem um bom princípio. Ele não é sincero. Seu objetivo é mau. Assim, Cristo não somente justifica seu propósito de ir para a Judéia, como também incentiva seus discípulos a irem com Ele e não temerem nenhum mal.

2. A morte de Lázaro aqui é comentada entre Cristo e seus discípulos, vv. 11-16, onde temos:

(1) A notícia que Cristo dá aos seus discípulos da morte de Lázaro, e uma indicação de que seu trabalho na Judéia seria cuidar dele, v. 11. Depois de ter preparado seus discípulos para esta perigosa marcha adentro de uma região inimiga, Ele lhes dá:

[1] Pleno conhecimento da morte de Lázaro, embora Ele não tivesse recebido tal notícia: "Lázaro, o nosso amigo, dorme". Veja aqui como Cristo se refere a um crente e à morte de um crente:

Em primeiro lugar, Ele se refere ao crente como seu amigo: "Lázaro, o nosso amigo". Observe: 1. Existe um concerto de amizade entre Cristo e os crentes, uma afeição amistosa e uma comunhão que nosso Senhor Jesus irá reconhecer. Ele não se envergonhará deste lindo relacionamento. "Com os sinceros está o seu segredo". 2. Aqueles a quem Cristo se alegra por reconhecer como seus amigos devem ser considerados como amigos por

todos os discípulos. Cristo fala de Lázaro como um amigo comum a todos: “Nosso amigo”. 3. A morte, em si, não rompe o laço de amizade entre Cristo e um crente. Lázaro está morto, mas continua sendo “nosso amigo”.

Em segundo lugar, Ele se refere à morte de um crente como um sono: ele “dorme”. É bom chamar a morte com tais nomes e títulos, de modo a ajudar-nos a torná-la mais familiar e menos formidável para nós. A morte de Lázaro era, em um sentido peculiar, um sono, como aquele da filha de Jairo, porque ele seria ressuscitado rapidamente. E uma vez que nós temos a certeza de que vamos ressuscitar, no final, por que isto deveria fazer uma grande diferença? E por que a esperança desta ressurreição à vida eterna não deveria nos fazer deixar o corpo e morrer tão facilmente como quando despimos nossas roupas e vamos dormir? Um bom cristão, quando morre, apenas dorme: ele descansa dos trabalhos do dia terminado, e se revigora para a manhã seguinte. Na verdade, aqui a morte tem a vantagem do sono. O sono é apenas o parêntesis, mas a morte é o final das nossas preocupações e do nosso trabalho. A alma não dorme, mas fica mais ativa. Porém o corpo dorme, sem nenhuma agitação, sem nenhum temor, sem perturbação ou distúrbios. O sepulcro do ímpio é uma prisão, e os lençóis do seu sepulcro são como as algemas de um criminoso destinado à execução, mas para o crente fiel é uma cama, e todas as suas faixas são como os suaves e felpudos laços de um sono tranqüilo. Embora o corpo esteja corrompido, ele ressuscitará na manhã seguinte, como se nunca tivesse visto corrupção. Ele apenas despe nossas roupas para que sejam consertadas e adornadas para o dia das bodas, o dia da coroação, no qual devemos ressuscitar. Veja Isaías 57.2; 1 Tessalonicenses 4.14. Os gregos chamavam seus sepulcros de *dormitórios – koimeteria*.

[2] Evidências particulares das favoráveis intenções dele a respeito de Lázaro: “Vou despertá-lo do sono”. Ele podia ter feito isto, tendo permanecido onde estava. Aquele que tinha curado, à distância, alguém que estava morrendo (cap. 4.50), poderia ter ressuscitado, à distância, alguém que estava morto. Mas Ele desejava colocar esta honra sobre o milagre, realizando-o ao lado do sepulcro: “Vou despertá-lo”. Assim como o sono é semelhante à morte, também o despertar do sono de um homem, quando é chamado, especialmente quando é chamado pelo seu próprio nome, é um símbolo da ressurreição (Jó 14.15): “Chamar-me-ias”. Cristo acabava de dizer: “Nosso amigo dorme”, mas imediatamente acrescenta: “Vou

despertá-lo". Quando Cristo diz ao seu povo, em qualquer ocasião, o quanto é difícil a situação, Ele os deixa saber, no mesmo instante, com que facilidade, e rapidez, Ele pode consertar a situação. Cristo, dizendo aos seus discípulos que este era seu trabalho na Judéia, podia ajudar a remover o temor de irem para lá com Ele. O Senhor não iria ao Templo em uma missão pública, mas em uma visita privada, o que não o exporia tanto, nem a eles. E além disto, o objetivo seria fazer um ato de bondade a uma família à qual todos os discípulos eram devedores.

(2) O engano dos discípulos quanto ao significado desta notícia, e o grave erro que cometem (vv. 12,13): Eles dizem: "Senhor, se dorme, estará salvo". Isto evidencia: [1] Alguma preocupação que sentiam pelo seu amigo Lázaro. Eles esperavam que ele se recuperasse, *sothesetai – ele será salvo de morrer nesta oportunidade*. Provavelmente, eles tinham entendido, pelo mensageiro que tinha trazido a notícia da sua enfermidade, que um dos mais ameaçadores sintomas que ele apresentava era o fato de que estava inquieto e não conseguia dormir. E agora, ouvindo que ele dormia, concluíram que a febre estava cedendo, e que o pior havia passado. O sono é freqüentemente o médico da natureza, e revigora suas forças, trazendo o fortalecimento aos fracos e o vigor aos cansados. Isto é verdade quando se fala do sono da morte. Se um bom cristão dormir assim, ele estará melhor do que esteve aqui nesta terra. [2] Uma grande preocupação por si mesmos, pois aqui eles dão a entender que não era mais necessário que Cristo fosse até ele, expondo-se, e a eles. "Se ele dorme, logo estará bem, e nós podemos ficar onde estamos". Desta maneira, nós estamos dispostos a esperar que a boa obra que somos convocados a realizar se realizará por si só, ou será realizada por alguma outra mão, se houver algum perigo envolvido na sua realização.

(3) Seu engano é corrigido (v. 13): "Mas Jesus dizia isso da sua morte". Veja aqui: [1] Como os discípulos de Cristo ainda eram lentos de entendimento. Não condenemos, portanto, como hereges, todos aqueles que confundem o significado de algumas das palavras de Cristo. Não é conveniente agravar os enganos dos nossos irmãos. Mas este era um engano grave, pois teria sido facilmente evitado se eles tivessem se lembrado com que freqüência a morte é chamada de sono no Antigo Testamento. Eles deveriam ter compreendido a Cristo quando Ele falou usando a linguagem das Escrituras. Além disto, pareceria estranho que seu Mestre empreendesse

uma viagem de dois ou três dias somente para despertar a um amigo de um sono natural, coisa que qualquer pessoa poderia fazer. O que Cristo se compromete a fazer, podemos ter certeza, é algo grandioso e incomum, e uma obra digna dele. [2] Como o evangelista corrige cuidadosamente este engano: “Mas Jesus dizia isso da sua morte”. Aqueles que falam em uma língua desconhecida, ou usam de comparações, devem aprender aqui a explicar o que dizem, e orar para que possam ser compreendidos, para evitar enganos.

(4) A declaração clara e expressa que Jesus lhes fez da morte de Lázaro, e sua decisão de ir a Betânia, vv. 14,15. [1] Ele lhes dá a notícia da morte de Lázaro. Aquilo que Ele tinha dito antes, de maneira obscura, agora Ele diz claramente e sem símbolos: “Lázaro está morto”, v. 14. Cristo toma conhecimento da morte dos seus santos, pois ela é preciosa à sua vista (Sl 116.15), e Ele não fica satisfeito se nós não a levarmos em consideração e não a lamentarmos profundamente. Veja que professor misericordioso é Cristo, e como Ele é condescendente com aqueles que estão errados, e com suas palavras e ações seguintes explica as dificuldades ao que foi apresentado anteriormente. [2] Ele lhes dá a razão pela qual Ele tinha adiado tanto a ida para ver a Lázaro: “Folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse”. Se o Senhor tivesse estado ali, com tempo suficiente, Ele teria curado a doença de Lázaro, e evitado sua morte, o que teria trazido muito consolo para os amigos de Lázaro, mas então seus discípulos não teriam visto nenhuma nova evidência do seu poder, além das que já viam freqüentemente, e, conseqüentemente, a fé deles não teria sido aprimorada. Mas agora, Ele iria e o ressuscitaria dos mortos. Assim como muitos que não criam anteriormente passaram a crer no Senhor (v. 45), também muito se fez para suprir e aperfeiçoar o que faltava na fé daqueles que criam, e este era o objetivo de Cristo: “Para que acrediteis”. [3] Ele decide agora ir a Betânia, e levar seus discípulos consigo: “Mas vamos ter com ele”. Ele não diz: “Vamos ter com suas irmãs, para consolá-las” (que é o máximo que nós podemos fazer), mas: “Vamos ter com ele”, pois Cristo pode mostrar maravilhas aos mortos. A morte, que nos separa de todos os nossos outros amigos, e interrompe nosso relacionamento com eles, não pode nos separar do amor de Cristo, nem nos colocar fora do alcance dos seus chamados. Como o Senhor conserva seu concerto com o pó, Ele também pode visitar o pó. “Lázaro está morto”, mas “vamos ter com ele”, embora, talvez, aqueles

que tinham dito: Se ele dorme, não é necessário irmos, estivessem prontos para dizer: Se ele está morto, não adianta irmos.

(5) Tomé estimula seus condiscípulos a acompanhar, animadamente, os movimentos do seu Mestre (v. 16): “Tomé, chamado Dídimo”. Tomé, em hebraico, e Dídimo, em grego, significam “gêmeo”. Está escrito, a respeito de Rebeca (Gn 25.24), que havia gêmeos em seu ventre. A palavra é *Thomim*. Provavelmente, Tomé tinha um irmão gêmeo. Ele disse aos seus condiscípulos (que provavelmente se entreolharam com temor e preocupação, quando Cristo disse, tão categoricamente: “Vamos ter com ele”), muito corajosamente: “Vamos nós também, para morrermos com ele”. “Com ele”, isto é:

[1] Com Lázaro, que agora estava morto. Assim alguns interpretam esta frase. Lázaro era um amigo querido e amado, tanto de Cristo quanto dos seus discípulos, e talvez Tomé tivesse um relacionamento particular com ele. Se ele está morto, diz ele, vamos também, para morrermos com ele. Pois, em primeiro lugar: “Se sobrevivermos, não saberemos viver sem ele”. Provavelmente, Lázaro tinha lhes feito muitas coisas boas, abrigando-os e alimentando-os, e tinha sido como olhos para eles. E agora que ele estava morto, eles não tinham ninguém com o mesmo espírito, e, “Portanto”, diz ele, “nós devíamos morrer com ele”. Desta maneira, nós estamos, às vezes, prontos a considerar nossas vidas ligadas às vidas de alguns que nos foram queridos, mas Deus nos ensina a viver, e a viver confortavelmente, com Ele, quando aqueles sem os quais nós pensávamos não poder viver tiverem partido. Mas isto não é tudo. Em segundo lugar: “Se nós morrermos, esperamos ser felizes com ele”. Tão firme era a fé que ele tinha da felicidade no outro lado da morte, e tal a esperança pela graça no interesse deles mesmos e de Lázaro nessa felicidade, que deseja que todos vão e morram com ele. É melhor morrer, e acompanhar nossos amigos cristãos àquele mundo que é enriquecido pela chegada deles, do que ficar para trás em um mundo que está empobrecido pela sua partida. Quanto mais amigos nossos são levados para lá, menos cordões nós temos que nos prendam a esta terra, e mais que levem nossos corações em direção ao céu. De que maneira agradável o homem bom fala da morte, como se fosse apenas despir-se e ir para a cama!

[2] “Vamos morrer com nosso Mestre, que agora está se expondo à morte, arriscando-se a ir à Judéia”. E eu penso que este é o significado. “Se Ele se

dirige ao perigo, vamos também, para termos a mesma sorte, de acordo com o mandamento que recebemos: ‘Segue-me’”. Tomé conhecia tão bem a maldade dos judeus contra Cristo, e os conselhos de Deus a respeito dele, dos quais Ele sempre lhes falava, que não era uma suposição estranha a de que Ele agora iria morrer. E agora, Tomé manifesta, em primeiro lugar, uma graciosa disposição para morrer com o próprio Cristo, que flui do seu forte afeto por Ele, embora sua fé fosse fraca, como ficará demonstrado posteriormente, cap. 14.5; 20.25. “Onde quer que morreres, morrerei eu”, Rute 1.17. Em segundo lugar, um desejo ardente de ajudar seus condiscípulos a pensar da mesma maneira: “Vamos, cada um e todos, morrer com Ele. Se o apedrejarem, que nos apedrejem. Quem pode desejar sobreviver sem o Mestre?” Desta maneira, em tempos difíceis, os cristãos devem animar uns aos outros. Cada um de nós pode dizer: Vamos morrer com Ele. Observe que a consideração da morte do Senhor Jesus deve nos tornar dispostos a morrer, quando Deus nos chamar.

Cristo em Betânia

vv. 17-32

Tendo sido decidida a questão, de que Cristo iria à Judéia, e seus discípulos com Ele, eles começam sua jornada. Nela, aconteceram algumas circunstâncias que são registradas pelos outros evangelistas, como a cura do cego em Jericó e a conversão de Zaqueu. Nós não devemos imaginar que estamos fora do nosso curso, enquanto estivermos no caminho de fazer o bem, nem pretender um bom trabalho a ponto de negligenciar outro.

Por fim, Ele se aproximou de Betânia, que, segundo está escrito, “distava de Jerusalém quase quinze estádios”, aproximadamente três quilômetros, v. 18. É chamada atenção para o fato de que este milagre foi, na verdade, realizado em Jerusalém, e, desta maneira, foi a ela computado. Os milagres de Cristo na Galiléia foram mais numerosos, mas aqueles em Jerusalém, ou perto de lá, foram mais ilustres. Ali Ele curou uma pessoa que tinha estado doente por trinta e oito anos, outra que era cega de nascença, e ressuscitou uma outra que estava morta já há quatro dias. Cristo foi a Betânia, e observe:

I De que maneira Ele encontrou seus amigos. Quando Ele tinha estado com eles pela última vez, é provável que os tivesse deixado bem, com saúde e alegres. Mas quando nos separamos dos nossos amigos, nós não sabemos (embora Cristo soubesse) quais mudanças podem nos afetar, ou a eles, antes que voltemos a nos encontraram.

1. Ele encontrou seu amigo Lázaro na sepultura, v. 17. Quando se aproximava da cidade, provavelmente próximo do cemitério, que pertencia à cidade, Ele soube, pelos vizinhos ou algumas pessoas que encontrou, que Lázaro já estava enterrado havia quatro dias. Alguns pensam que Lázaro morreu no mesmo dia em que o mensageiro trouxe a Jesus as notícias da sua enfermidade, computando, desta maneira, dois dias para a permanência de Jesus no mesmo lugar, e dois dias para sua viagem. Eu prefiro pensar que Lázaro morreu no mesmo instante em que Jesus disse: "'Nosso amigo dorme', ele acaba de adormecer", e que o período de tempo entre sua morte e seu sepultamento (que, entre os judeus, era curto), mais os quatro dias da sua permanência na sepultura, tenha sido o tempo desta viagem. Pois Cristo viajou abertamente, como evidencia sua passagem por Jericó, e sua permanência na casa de Zaqueu, que consumiram algum tempo. As salvações prometidas, embora sempre venham com toda a certeza, muitas vezes vêm lentamente.

2. Ele encontrou entristecidas as amigas que haviam sobrevivido. Marta e Maria estavam praticamente consumidas pela tristeza pela morte do seu irmão, o que fica evidente, quando lemos que muitos dos judeus tinham ido consolar a Marta e a Maria. Observe: (1) Normalmente, onde há morte, há pranteadores, especialmente quando são levados aqueles que eram agradáveis e afáveis nos seus relacionamentos, e úteis à sua geração. A casa onde há morte é chamada de casa de luto, Eclesiastes 7.2. Quando o homem se vai à sua eterna casa, os pranteadores andarão rodeando pela praça (Ec 12.5), ou talvez preferirão ficar sozinhos em silêncio. Aqui era a casa de Marta, uma casa onde se temia a Deus, e onde havia sua bênção, mas, ainda assim, era uma casa de luto. A graça manterá a tristeza afastada do coração (cap. 14.1), mas não da casa. (2) Onde há pranteadores, deve haver consoladores. Temos um dever para com aqueles que pranteiam, o de prantear com eles e consolá-los, e o fato de que pranteamos com eles lhes trará algum consolo. Quando estamos sujeitos às impressões imediatas de tristeza, estamos sujeitos a esquecer-nos daquelas coisas que deveriam nos

ministrar consolo, e por isto temos necessidade de quem nos lembre delas. É uma graça ter quem nos recorde, quando estamos submersos em tristezas, e é nosso dever recordar àqueles que estão tristes. Os doutores judeus colocavam grande ênfase nisto, obrigando seus discípulos a terem consciência de consolar os enlutados depois do sepultamento do morto. Aqui os pranteadores consolavam Marta e Maria acerca do seu irmão, isto é, falando com elas sobre ele, não somente sobre o bom nome que ele havia deixado, mas sobre a feliz condição para a qual ele tinha passado. Quando nossos parentes e amigos crentes são tirados do nosso convívio, entristecemos nos e afligimos nos por nós mesmos, pensando que fomos deixados para trás, e sentimos a falta deles. Porém, nestas situações, temos motivos para nos consolar por aqueles que partiram, antes de nós, a um local de eterna felicidade, onde não precisam de nós. Esta visita que os judeus fizeram a Marta e Maria é uma evidência de que elas eram pessoas distintas e de boa reputação, e também de que elas se comportavam de maneira gentil com todos, de modo que, embora fossem seguidoras de Cristo, mesmo aqueles que não dedicavam respeito a Ele eram gentis com elas. Havia também uma providência no fato de que tantos judeus, homens e mulheres, provavelmente, estivessem reunidos, justamente nesta ocasião, para consolar as enlutadas, para que todos pudessem ser testemunhas irrepreensíveis do milagre, e ver como seus consolos eram miseráveis, em comparação com os de Cristo. Cristo não pedia, normalmente, testemunhas para seus milagres, e nenhum deles as teve, exceto em se tratando da presença ocasional de parentes e amigos. Mas este seria uma exceção. Desta maneira, o conselho de Deus ordenou as coisas para que estas pessoas se reunissem acidentalmente, para darem testemunho deste milagre, para que a infidelidade fosse silenciada.

II O que aconteceu entre Jesus e as amigas sobreviventes neste encontro. Quando Cristo adia suas visitas por algum tempo, elas são, conseqüentemente, mais aceitáveis, e ainda mais bem-vindas. E este foi o caso aqui. As partidas de Jesus fazem bem-vindos seus regressos, e sua ausência nos ensina a valorizar sua presença. Aqui temos:

1. A conversa entre Cristo e Marta.

(1) Nós lemos que ela “saiu-lhe ao encontro”, v. 20. [1] Aparentemente, Marta estava esperando ansiosamente a chegada de Cristo, e procurando

saber dela. Talvez ela tivesse enviado mensageiros que lhe trouxessem notícias de quando Ele se aproximasse, ou talvez ela perguntasse freqüentemente: “Vistes aquele a quem ama a minha alma?” De modo que a primeira pessoa que o visse corresse para ela com as boas notícias. Seja como for, ela soube da sua vinda antes que Ele chegasse. Ela tinha esperado por muito tempo, e perguntado freqüentemente: Ele já veio? E não tinha notícias dele. Mas aquele que tinha sido tão esperado chegou, por fim. “A visão... até ao fim falará, e não mentirá”. [2] Quando chegaram até Marta as boas novas de que Jesus estava chegando, ela deixou tudo de lado e saiu-lhe ao encontro, como sinal de uma acolhida muito afetuosa. Ela deixou de lado toda a cerimônia e cortesia para com os judeus que tinham vindo visitá-la, e apressou-se a ir encontrar Jesus. Observe que quando Deus, pela sua graça ou providência, vem a nós em misericórdia e consolo, devemos sair, com fé, esperança e oração, para encontrá-lo. Alguns sugerem que Marta saiu da aldeia para encontrar Jesus, para avisá-lo de que havia diversos judeus na casa, que não eram seus amigos, para que, se desejasse, Ele pudesse evitar encontrá-los. [3] Quando Marta saiu ao encontro de Jesus, Maria ficou assentada em casa. Alguns pensam que ela não teria ouvido as notícias, estando na sala, recebendo visitas de condolências, ao passo que Marta, que estava ocupada com as tarefas da casa, tinha sido avisada logo. Talvez Marta não desejasse dizer à sua irmã que Cristo estava chegando, ambicionando a honra de recebê-lo antes dela. *Sancta est prudentia clam fratribus clam parentibus ad Christum esse conferre – A santa prudência nos conduz a Cristo, enquanto os irmãos e pais não sabem o que nós estamos fazendo*. Maldonat, *in locum*. Outros pensam que ela soube que Cristo estava chegando, mas estava tão dominada pela tristeza, que não se preocupou em animar-se, preferindo satisfazer sua tristeza e ficar sentada em aflição, dizendo: Eu faço bem em chorar. Comparando esta história com a de Lucas 10.38ss., podemos observar os diferentes temperamentos destas duas irmãs, bem como as limitações e qualidades de cada uma delas. O temperamento natural de Marta era ativo e agitado. Ela amava estar aqui e ali, e fazendo coisas. E isto tinha sido uma cilada para ela, quando, por este motivo, ela estava não apenas preocupada e sobrecarregada com muitas coisas, mas impedida dos exercícios de devoção. Mas agora, em um dia de aflição, este temperamento ativo foi bom para ela, afastou a tristeza do seu coração e a fez sair ao encontro de Cristo, e assim ela recebeu seu consolo

mais prontamente. Por outro lado, o temperamento natural de Maria era contemplativo e reservado. Anteriormente, isto tinha sido benéfico para ela, quando a colocou aos pés de Cristo, para ouvir sua palavra, e permitiu que ela o ouvisse sem aquelas distrações que sobrecarregavam a Marta. Mas agora, em um dia de aflição, este mesmo temperamento provou ser uma cilada para ela, fazendo-a menos capaz de combater sua tristeza e predispondo-a à melancolia: “Maria, porém, ficou assentada em casa”. Veja aqui como é prudente e sábio vigiarmos contra as tentações e aproveitarmos as vantagens do nosso temperamento natural.

(2) Aqui está integralmente narrada a conversa entre Cristo e Marta.

[1] As palavras de Marta a Cristo, vv. 21,22.

Em primeiro lugar, ela reclama da longa ausência de Cristo e da sua demora. Ela disse isto, não somente com tristeza pela morte de seu irmão, mas com algum ressentimento pela aparente falta de amabilidade do Mestre: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. Aqui temos: 1. Alguma evidência de fé. Ela tinha fé no poder de Cristo, de que, embora a enfermidade do seu irmão fosse muito grave, ainda assim Ele poderia tê-la curado, evitando assim sua morte. Ela tinha fé na sua piedade, acreditava que se Ele tivesse apenas visto a Lázaro na sua terrível enfermidade, e todos os seus parentes em lágrimas à sua volta, Ele teria sentido compaixão, e teria evitado uma ruptura tão triste, pois sua compaixão não falha. Mas: 2. Aqui estão tristes exemplos de descrença. Sua fé era verdadeira, mas fraca como uma cana quebrada, pois ela limitava o poder de Cristo ao dizer: “Se tu estivesses aqui”, embora ela devesse saber que Cristo podia curar à distância, e que suas graciosas intervenções não se limitavam à sua presença física. Ela reflete, da mesma maneira, sobre a sabedoria e bondade de Cristo, pelo fato de que Ele não correu até eles quando o chamaram, como se não tivesse planejado bem suas atividades, e agora podia, igualmente, ter ficado longe e não ter vindo, pois agora era tarde demais, e ela mal podia pensar em alguma ajuda da parte dele.

Em segundo lugar, ela se corrige e se consola ao pensar sobre o interesse predominante que Cristo tem em relação ao céu. Pelo menos, ela se repreende por culpar seu Mestre e por insinuar que Ele tinha vindo tarde demais: “Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá”. Observe: 1. Como era determinada sua esperança. Embora ela não tivesse tido coragem de pedir a Jesus que ressuscitasse seu irmão, pois

não havia precedente de ninguém ressuscitado, tendo estado morto por tanto tempo, ainda assim, como uma modesta suplicante, ela humildemente entrega o caso à sábia e misericordiosa consideração do Senhor Jesus. Quando não sabemos o que pedir ou esperar, em particular, devemos nos dirigir a Deus de maneira geral, deixar que Ele faça o que lhe parecer melhor. *Judicii tui est, non praesumptionis meae – Eu deixo isto para seu julgamento, e não para minha presunção*. – Aug., in locum. Quando não sabemos pelo que orar, é consolador saber que o grande Intercessor sabe o que pedir por nós, e sempre é ouvido. 2. Como era fraca sua fé. Ela poderia ter dito: "Senhor, tu podes fazer tudo o que desejares", mas ela diz somente: "Tu podes obter tudo o que pedires em oração". Ela tinha se esquecido de que o Filho tem a vida em si mesmo, que Ele realiza milagres com seu próprio poder. Mas ambas estas considerações devem ser feitas para o incentivo da nossa fé e esperança, e nunca devem ser excluídas: o domínio que Cristo tem sobre a terra e seus interesses e sua intercessão no céu. Ele tem, em uma das mãos, o cetro de ouro, e na outra, o incensário de ouro. Seu poder é sempre predominante, sua intercessão é sempre preponderante.

[2] As palavras consoladoras de Cristo a Marta, em resposta às suas palavras patéticas (v. 23): "Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar". Marta, na sua reclamação, olhou para trás, refletindo com tristeza o fato de que Cristo não estivesse ali, pois, então, pensa ela, "meu irmão estaria vivo agora". Em tais casos, nós somos capazes de piorar nossa própria perturbação, imaginando o que poderia ter acontecido. "Se tal método tivesse sido empregado, se tal médico tivesse sido chamado, meu irmão não teria morrido". Não sabemos com certeza se as situações seriam realmente como imaginamos. Mas que bem nos faz isto? Quando a vontade de Deus se cumpre, nós devemos nos sujeitar a Ele. Cristo pede que Marta, e nós, olhemos para frente, e pensemos no que acontecerá, pois isto traz uma certeza e um consolo garantido: "Teu irmão há de ressuscitar". Em primeiro lugar, isto era verdade, sobre Lázaro, em um sentido peculiar a ele: ele seria imediatamente ressuscitado. Mas Cristo fala sobre este assunto de maneira geral, como algo a ser feito, não como algo que Ele mesmo fazer, de modo que realizar nosso Senhor Jesus falava com muita humildade a respeito das suas próprias obras. Ele também expressa isto de maneira ambígua, deixando-a insegura, a princípio, sobre se Ele o ressuscitaria imediatamente, ou não até o último dia, para que Ele pudesse provar a fé e a

paciência dela. Em segundo lugar, isto se aplica a todos os santos, e à sua ressurreição no último dia. Observe que é um consolo para nós, quando sepultamos nossos amigos e parentes crentes, pensar que eles ressuscitarão. Assim como a alma não é perdida na morte, mas parte para a eternidade, também o corpo não é perdido, mas guardado. Pense que você está ouvindo Cristo dizer: “Seus pais, seus filhos, seus amigos, ressuscitarão. Estes ossos secos viverão”.

[3] A fé que Marta mesclou com estas palavras, e sua descrença mesclada com esta fé, v. 24.

Em primeiro lugar, ela considera que a mensagem de que seu irmão ressuscitará no último dia é uma mensagem fiel. Embora a doutrina da ressurreição devesse ser plenamente comprovada pela ressurreição de Cristo, ainda assim Marta cria nela firmemente, da maneira que ela já tinha sido revelada, Atos 24.15. 1. Que haverá um último dia, com o qual todos os dias do tempo serão numerados e concluídos. 2. Que haverá uma ressurreição geral neste dia, quando a terra e o mar entregarão seus mortos. 3. Que haverá uma ressurreição particular de cada um: “Eu sei que ressuscitarei, e também estes e aqueles parentes e amigos que eram queridos para mim”. Assim como cada osso retornará ao seu osso neste dia, também cada amigo a seu amigo.

Em segundo lugar, ela parece pensar que estas palavras não são tão merecedoras de toda a aceitação, como, na verdade, eram: “‘Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia’. Mas em que isto melhora nossa situação agora?” Ela diz isso como se os consolos da ressurreição para a vida eterna não merecessem ser mencionados, nem resultassem em satisfação suficiente para equilibrar sua aflição. Veja como somos fracos e agimos com loucura, porque permitimos que coisas palpáveis e visíveis nos causem uma impressão mais profunda, tanto de tristeza quanto de alegria, do que aquelas coisas que são objetos da fé. “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia”. E isto não é suficiente? Ela parece pensar que não. Desta maneira, com nosso descontentamento sob as aflições atuais, nós subestimamos enormemente nossas esperanças futuras, e as menosprezamos, como se não fossem merecedoras de consideração.

[4] A instrução e o incentivo adicionais que Jesus Cristo lhe deu. Pois Ele “não esmagará a cana quebrada e não apagará o morrão que fumega”. Ele lhe disse: “Eu sou a ressurreição e a vida”, vv. 25,26. Com relação a esta

aflição atual, Cristo edifica sobre dois pilares a fé que ela possui, e é a eles que nossa fé deve se apegar em casos semelhantes.

Em primeiro lugar, o poder de Cristo, seu poder soberano: “Eu sou a ressurreição e a vida”, a fonte da vida, e a cabeça e o autor da ressurreição. Marta acreditava que, com sua oração, Deus lhe daria qualquer coisa, mas Ele deseja que ela saiba que, com sua palavra, Ele pode fazer qualquer coisa. Marta acreditava em uma ressurreição no último dia. Cristo diz a ela que Ele tinha aquele poder, armazenado na sua própria mão, e os mortos ouviriam sua voz (cap. 5.25), e com base nisto é fácil concluir que aquele que pode ressuscitar um mundo de homens que estarão mortos há muitos séculos, sem dúvida poderia ressuscitar um homem que estava morto há apenas quatro dias. Observe que é um consolo indescritível a todos os bons cristãos, que Jesus Cristo é a ressurreição e a vida, e assim será para eles. A ressurreição é um retorno à vida. Cristo é o autor deste retorno, e desta vida à qual a ressurreição é o retorno. Nós buscamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo futuro, e Cristo é as duas coisas, o autor e o princípio de ambos, e a base da nossa fé em ambos.

Em segundo lugar, as promessas do novo concerto, que nos dão mais base para a esperança de que viveremos. Observe:

a. A quem são feitas as promessas: àqueles que crêem em Jesus Cristo, àqueles que aceitam e crêem em Jesus Cristo como o único Mediador de reconciliação e comunhão entre Deus e o homem, que recebem os registros que Deus deu na sua Palavra a respeito do seu Filho, que sinceramente se sujeitam a eles, e atendem a todos os seus grandes objetivos. A condição da última promessa é assim expressa: “Todo aquele que vive e crê em mim”, o que pode ser interpretado, ou: (*a*) Como vida natural: Todo aquele que vive neste mundo, seja judeu ou gentio, onde quer que viva, se crer em Cristo, viverá por Ele. Mas há um limite de tempo: Todo aquele que, durante sua vida, enquanto estiver aqui neste estado de provação, crer em mim, será feliz em mim, mas depois da morte, será tarde demais. “Todo aquele que vive e crê”, isto é, vive pela fé (Gl 2.20), tem uma fé que influencia seu comportamento. Ou: (*b*) Como vida espiritual: Aquele que “vive e crê” é aquele que, pela fé, nasce de novo, para uma vida celestial e divina, para quem “o viver é Cristo” – que faz de Cristo a vida da sua alma.

b. Quais são as promessas (v. 25): “Ainda que esteja morto, viverá”, ou melhor, “nunca morrerá”, v. 26. O homem consiste de corpo e alma, e é

feita provisão para a felicidade de ambos.

(*a*) Para o corpo. Aqui está a promessa de uma ressurreição abençoada. Embora o corpo esteja morto, por causa do pecado (não há como evitar, ele irá morrer), ainda assim viverá novamente. Todas as dificuldades que acompanham a condição do morto são, aqui, ignoradas, e consideradas insignificantes. Embora a sentença de morte seja justa, embora os resultados da morte sejam tristes, embora os grilhões da morte sejam fortes, embora ele esteja morto e sepultado, morto e putrefato, embora a poeira dispersa possa se misturar com o pó comum, de modo que nenhuma habilidade humana possa distingui-los, muito menos separá-los, por mais forte que seja a situação daquele lado, ainda assim nós temos a certeza de que ele viverá outra vez: o corpo será ressuscitado como um corpo glorioso.

(*b*) Para a alma. Aqui está a promessa de uma imortalidade abençoada. "Aquele que vive e crê", que, estando unido a Cristo pela fé, vive espiritualmente por virtude daquela união, nunca morrerá. Esta vida espiritual nunca se extinguirá, mas se aperfeiçoará na vida eterna. Como a alma, sendo espiritual por natureza, é, portanto, imortal, assim, se pela fé ela vive uma vida espiritual, coerente com sua natureza, sua felicidade também será imortal. Ela nunca morrerá, nunca deixará de estar tranqüila e feliz, e nunca haverá nenhum intervalo ou interrupção da sua vida, como existe para a vida do corpo. A mortalidade do corpo estará, no final, envolvida em vida, mas a vida da alma, a alma crente, estará, imediatamente depois da morte, envolvida em imortalidade. Ele não morrerá, *eis ton aiona*, *para sempre – Non morietur in aeternum*, assim Cipriano cita. O corpo não estará morto para sempre na sepultura. Ele morre (como as duas testemunhas), mas apenas por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. E quando não mais houver tempos, e todas as suas divisões forem numeradas e concluídas, um espírito de vida, vindo de Deus, entrará nele. Mas isto não é tudo. A alma não morrerá aquela morte que é para sempre, não morrerá eternamente: "Bem-aventurado e santo", isto é, bem-aventurado e feliz, é "aquele que tem parte na primeira ressurreição", aquele que tem parte em Cristo, que é esta ressurreição, pois a segunda morte, que é uma morte para sempre, não terá poder sobre tal pessoa. Veja cap. 6.40. Cristo pergunta a Marta: "'Crês tu isso?' Concordas com isto, com fé? Podes aceitar minha palavra quanto a isto?" Observe que, quando lemos ou ouvimos as palavras de Cristo a respeito das grandes coisas do

outro mundo, nós devemos, seriamente, perguntar a nós mesmos: “Nós cremos nisto, nesta verdade em particular, cremos nisto que é aceito com tantas dificuldades, nisto que é adequado ao meu caso? Minha crença me permite perceber isto, e dá à minha alma uma certeza disto, de modo que eu posso dizer não somente que creio nisto, mas que creio nisto desta maneira?” Marta estava cegamente concentrada na ressurreição do seu irmão neste mundo. Antes que Cristo lhe desse esperanças disto, Ele direcionou os pensamentos dela a outra vida, a outro mundo: “Não se preocupe com aquilo, mas você acredita nisto que Eu lhe digo a respeito do estado futuro?” As cruzes e os consolos deste tempo atual não causariam tamanho impacto sobre nós se apenas crêssemos nas coisas da eternidade como deveríamos.

[5] A aceitação sincera de Marta ao que Cristo disse, v. 27. Aqui temos o credo de Marta, a boa confissão da qual ela deu testemunho, a mesma pela qual Pedro foi elogiado (Mt 16.16,17), e a conclusão de todo o assunto.

Em primeiro lugar, aqui está o guia da sua fé, que é a palavra de Cristo. Sem nenhuma alteração, exceção ou condição, ela a aceita completamente como Cristo a tinha dito: “Sim Senhor”, e com isto ela aceita a verdade de todas as partes daquilo que Cristo tinha prometido, no seu próprio sentido: mesmo assim. A fé é um eco da revelação divina. Ela traz as mesmas palavras e se determina a agir e a permanecer de acordo com elas: Sim, Senhor, como a Palavra foi apresentada, assim eu aceito e creio nela, disse a rainha Elizabeth.

Em segundo lugar, a base da sua fé, que é a autoridade de Cristo. Ela crê nisto porque crê que aquele que disse isto é Cristo. Ela recorre à fundação para o apoio da superestrutura. “Eu creio”, *pepisteuka*, “Eu creio que tu és o Cristo, e por isto verdadeiramente creio nisto”. Observe aqui:

a. O que ela creu e confessou a respeito de Jesus. Três coisas, todas com o mesmo objetivo: (*a*) Que Ele era o Cristo, ou o Messias, prometido e esperado sob este nome e noção, o Ungido. (*b*) Que Ele era o Filho de Deus. Assim era chamado o Messias (Sl 2.7), não somente pelo seu trabalho, mas pela sua natureza. (*c*) Que era Ele que havia de vir ao mundo, o *ho erchomenos*. Aquela bênção das bênçãos que a igreja, por tantos anos, esperou como sendo futura, ela aceitou como sendo presente.

b. O que ela inferiu disso, e o que ela alegou por isto. Se ela aceita que Jesus é o Cristo, não há problema em crer que Ele é a ressurreição e a vida,

pois, se Ele é o Cristo, então: (*a*) Ele é a fonte de luz e de verdade, e nós podemos aceitar todas as suas palavras como fiéis e divinas verdadeiramente. Se Ele é o Cristo, Ele é aquele profeta de quem nós devemos ouvir todas as coisas. (*b*) Ele é a fonte da vida e da bem-aventurança, e, portanto, nós podemos confiar na sua capacidade tanto quanto na sua veracidade. Como os corpos, transformados em pó, poderão viver outra vez? Como poderão as almas, obstruídas e perturbadas como são as nossas, viver para sempre? Nós não podemos crer nisto, a menos que creiamos naquele que é o Filho de Deus, que tem a vida em si mesmo, e que a tem por nós.

2. A conversa entre Cristo e Maria, a outra irmã. E aqui observe:

(1) A notícia que Marta deu a Maria da vinda de Cristo (v. 28): "Dito isso", como alguém que não precisava dizer mais nada, ela "partiu", em paz consigo mesma, e "chamou a Maria, sua irmã". [1] Marta, tendo recebido instruções e consolo do próprio Cristo, chamou sua irmã para que compartilhasse com ela. Houve uma época em que Marta teria afastado Maria de Cristo, para que viesse e a ajudasse em muitos serviços (Lc 10.40), mas, para compensá-la por isto, aqui ela se empenha em levá-la a Cristo. [2] Ela a chamou "em segredo", e deve ter sussurrado no seu ouvido, porque havia visitas, judeus, que não eram amigos de Cristo. Os santos são chamados à comunhão com Jesus Cristo por um convite que é secreto e distinto, dado a eles, e não a outros. Eles têm alimentos que o mundo não conhece, e uma alegria de que o estranho não participa. [3] Ela a chamou por ordem de Cristo. Ele lhe disse que fosse chamar sua irmã. Este chamado que é eficaz, não importa quem o faça, é enviado por Cristo. "O Mestre está aqui e chama-te". Em primeiro lugar, Ela chama Cristo de Mestre, *didaskalos*, um mestre que ensina. Ele era normalmente chamado e conhecido entre eles por este título. O Sr. George Herbert se alegrava em chamar Cristo de "meu Mestre". Em segundo lugar, ela se alegra com sua chegada: "O Mestre está aqui". Aquele que nós tanto esperamos, está aqui, está aqui. Este era o melhor alívio na atual aflição. "Lázaro morreu, e nosso consolo nele também se foi, mas o Mestre está aqui, e Ele é melhor que o mais querido amigo, e tem em si aquilo que irá compensar abundantemente todas as nossas perdas. Está aqui aquele que é nosso professor, que irá nos ensinar a ficar bem em meio às nossas tristezas (Sl 94.12), que irá nos ensinar, e, desta maneira, consolar". Em terceiro lugar, ela convida sua irmã

para ir e encontrá-lo: “Ele lhe chama, pergunta o que aconteceu com você, e quer que você vá vê-lo”. Observe que, quando Cristo, nosso Mestre, chega, Ele nos chama. Ele vem a nós através da sua Palavra e das suas ordenanças, nos chama para elas, nos chama por elas, nos chama para junto de si. Ele te chama em particular, te chama pelo teu nome (Sl 27.8). E se Ele te chama, Ele irá te curar e consolar.

(2) A pressa com que Maria foi até Cristo, depois de receber este aviso (v. 29): “Ela, ouvindo” estas boas notícias, de que o Mestre estava ali, “levantou-se logo e foi ter com ele”. Ela não sabia o quanto Ele estava próximo dela, pois Ele está sempre mais próximo daqueles que choram em Sião do que eles se dão conta. Mas quando soube o quanto Ele estava próximo, ela se levantou bruscamente, e, em um arrebatamento de alegria, correu para encontrá-lo. A menor indicação da aproximação graciosa de Cristo é suficiente para uma fé vívida, que já se dispõe a entender a indicação e a responder ao primeiro chamado. Quando Cristo chegou: [1] Ela não levou em consideração o decoro do seu luto, mas, esquecendo a cerimônia, e os costumes comuns em tais casos, correu pela cidade para encontrá-lo. Não devemos permitir que os detalhes da decência e da honra nos privem de qualquer ocasião e oportunidade de conviver com Cristo, de termos nossa comunhão com Ele. [2] Ela não levou em consideração seus vizinhos, os judeus, que estavam com ela, consolando-a. Ela os deixou a todos, para ir até Ele, e não somente não pediu o conselho deles, mas também não lhes pediu permissão, nem implorou seu perdão pela sua grosseria.

(3) Nós lemos onde ela encontrou o Mestre (v. 30): “Ainda Jesus não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara”. Veja aqui: [1] O amor de Cristo pela sua obra. Ele ficou próximo do lugar onde estava o sepulcro, para estar pronto para ir até ele. Ele não desejou ir à cidade, para descansar depois da fadiga da sua viagem, até que tivesse feito o que tinha vindo fazer. Nem desejou ir à cidade, para que não parecesse que tivesse algum desejo de ostentação e um plano para reunir uma multidão para que fosse espectadora do milagre. [2] O amor de Maria por Cristo. Ela o amava muito. Embora Cristo tivesse parecido descortês com sua demora, ela não podia considerar que Ele fizesse nada inadequado. “Saiamos, pois, a ele fora do arraial”, Hebreus 13.13.

(4) A maneira equivocada com que os judeus interpretaram a saída tão apressada de Maria (v. 31): eles disseram: “Vai ao sepulcro para chorar ali”. Marta suportava melhor esta aflição do que Maria, que era uma mulher de espírito gentil e sofredor. Tal era seu temperamento natural. Aqueles que são assim têm necessidade de evitar a melancolia, e devem ser alvo da nossa misericórdia e da nossa ajuda. Estes judeus consoladores descobriram que suas formalidades não a estavam ajudando, mas que ela estava se enrijecendo em tristeza. Assim concluíram, quando ela saiu e tomou aquele rumo, que iria ao sepulcro, para chorar ali. Veja: [1] Qual é, freqüentemente, a loucura e falha dos pranteadores. Eles inventam maneiras de agravar sua própria tristeza, e piorar o que já está ruim. Nós somos capazes, em tais casos, de ter um prazer estranho na nossa própria dor, e dizer: Nós estamos tão aprofundados em nossa dor, como se estivéssemos enfrentando uma tristeza mortal. Nós somos capazes de nos apegar àquelas coisas que pioram a aflição, e que bem isto nos traz, sabendo que nosso dever é nos posicionarmos de acordo com a vontade de Deus? Por que os enlutados deveriam ir ao sepulcro para chorar ali, uma vez que não sofrem como aqueles que não têm esperança? O sofrimento em si é doloroso. Por que nós o tornaríamos pior? [2] Qual é a sabedoria e o dever dos consoladores. É evitar e desviar, tanto quanto puder ser evitado, naqueles que sofrem desordenadamente, o renascimento da tristeza. Estes judeus que seguiram Maria foram, portanto, levados a Cristo, e se tornaram testemunhas de um dos seus mais gloriosos milagres. É bom estarmos junto aos amigos de Cristo quando sofrem, pois assim podemos vir a conhecê-lo melhor.

(5) As palavras de Maria ao nosso Senhor Jesus (v. 32): Ela veio, acompanhada pelo seu séqüito de consoladores, e “lançou-se aos seus pés”, como alguém esmagado por uma tristeza terrível, e disse, em meio a muitas lágrimas (como parece, v. 33): “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”, a mesma coisa que Marta tinha dito antes, pois elas tinham dito isto uma à outra muitas vezes. Aqui: [1] Sua atitude é muito humilde e submissa: ela “lançou-se aos seus pés”, o que foi mais do que Marta tinha feito, tendo maior domínio sobre seus sentimentos. Ela caiu, não como alguém que afundava de tristeza, mas “lançou-se aos seus pés” como alguém que faz uma súplica humilde. Esta Maria tinha se sentado aos pés de Cristo para ouvir sua palavra (Lc 10.39), e aqui nós a encontramos

em outra atividade. Observe que aqueles que, em tempos de paz, se colocam aos pés de Cristo para receber instruções dele, podem, com consolo e confiança, em tempos de tribulação, se lançar aos seus pés, esperando encontrar nele a graça de que precisam. Ela se lançou “aos seus pés” como alguém que se submete à sua vontade naquilo que tinha sido feito, e procurando suas boas intenções naquilo que estava prestes a ser feito. Quando estamos em aflição, nós podemos nos lançar aos pés de Cristo em uma tristeza penitente, em uma auto-humilhação pelo pecado, e em uma paciente resignação à disposição divina. O fato de que Maria se lançasse aos pés de Cristo foi um símbolo do profundo respeito e da veneração que ela sentia por Ele. Assim os súditos deviam dar honra aos seus reis e príncipes. Mas como nosso Senhor Jesus não se apresentava revestido de uma glória secular, como um príncipe terreno, aqueles que, com esta atitude de adoração o honravam, certamente o consideravam mais do que um mero homem, e pretendiam, desta maneira, dedicar-lhe uma honra divina. Desta maneira, Maria professou a fé cristã tão genuinamente como Marta, e, na verdade, foi como se dissesse: “Creio que tu és o Cristo”. Dobrar o joelho diante de Cristo, e confessá-lo com a língua, são equivalentes, Romanos 14.11; Filipenses 2.10,11. Isto ela fez na presença dos judeus que a acompanhavam, que, embora fossem seus amigos e da sua família, ainda eram amargos inimigos de Cristo. Diante dos olhos deles, ela caiu aos pés de Cristo como alguém que não sentia vergonha de reconhecer a veneração que sentia por Ele, nem medo de incomodar seus amigos e vizinhos por isto. Que eles se ofendessem, se quisessem, mas ela “lançou-se aos seus pés”, e se isto é ser desprezível, ela será ainda mais desprezível. Veja Cantares 8.1. Nós servimos ao Senhor do qual não temos motivos para nos envergonhar, e cuja aceitação dos nossos serviços é suficiente para contrabalançar a reprovação dos homens e todas as ofensas deles. [2] Suas palavras são muito patéticas: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. A demora de Cristo tinha as melhores intenções, e isto acabou sendo provado. Ainda assim, as duas irmãs, de modo muito inadequado, disseram-lhe a mesma coisa, e, na verdade, acusaram-no da morte do seu irmão. Ele poderia, com razão, ter se ressentido deste desafio repetido, poderia ter dito a elas que tinha algo melhor para fazer do que estar à sua disposição. Ele deveria vir quando seu trabalho lhe permitisse que viesse. Mas Ele não disse nada disto. Ele considerou as circunstâncias

da sua aflição, e que as pessoas, depois de uma perda, pensam que têm permissão para falar, e por isto ignorou a rudeza desta recepção que as irmãs lhe fizeram, e nos ensinou um exemplo de mansidão e moderação em tais casos. Maria não disse mais nada, como Marta tinha dito, mas parece, pelo que vem a seguir, que ela compensou com lágrimas aquilo que não conseguiu transmitir com palavras. Ela disse menos que Marta, mas chorou mais, e as lágrimas de afeição devota têm uma voz, uma voz alta e dominante, nos ouvidos do Cristo maravilhoso. Não há retórica como esta.

Cristo na Sepultura de Lázaro. A Ressurreição de Lázaro

vv. 33-44

Aqui temos:

I A gentil compaixão de Cristo pelos seus amigos aflitos, e a participação que Ele assumia nos seus sofrimentos, o que era evidenciado de três maneiras:

1. Pela perturbação e pelos gemidos internos do seu Espírito (v. 33): Jesus viu Maria chorando pela perda de um irmão amado, e também chorando os judeus que com ela vinham, pela perda de um bom vizinho e amigo. Quando Ele viu que este era um lugar de enlutados em lágrimas, um *bochim*, "moveu-se muito em espírito e perturbou-se". Veja aqui:

(1) As tristezas dos filhos dos homens, representadas nas lágrimas de Maria e seus amigos. Que símbolo havia aqui deste mundo, este vale de lágrimas! A própria natureza nos ensina a chorar pelos nossos parentes e amigos queridos, quando são removidos pela morte. A Providência, conseqüentemente, convoca às lágrimas e ao pranto. É provável que as propriedades de Lázaro fossem transferidas para suas irmãs, e seriam, assim, um acréscimo considerável às suas fortunas. E em um caso como este, as pessoas dizem, atualmente, que, embora não possam desejar a morte de seus parentes (isto é, não dizem que desejam), ainda assim, se estiverem mortos, não desejam que vivam novamente. Mas estas irmãs, não importando o que recebessem com a morte do seu irmão, sinceramente desejavam vê-lo vivo novamente. O Evangelho nos ensina, da mesma maneira, a chorar com aqueles que choram, como estes judeus choravam com Maria, considerando que nós estamos no mesmo corpo. Aqueles que amam verdadeiramente seus amigos irão compartilhar com eles suas alegrias e tristezas, pois o que é a amizade, senão uma comunicação de afetos? Jó 16.5.

(2) A graça do Filho de Deus e sua compaixão por aqueles que estão em sofrimento. "Em toda a angústia deles foi ele angustiado", Isaías 63.9; Juízes 10.16. Quando Cristo viu a todos eles em lágrimas:

[1] Ele "moveu-se muito em espírito". Ele permitiu ser tentado (como nós somos, quando perturbados por alguma grande aflição), mas sem pecado. Isto foi uma expressão, ou, em primeiro lugar, do seu desprazer com a tristeza desenfreada das pessoas que estavam ao seu redor, como em Marcos 5.39: "'Por que vos alvoroçais e chorais?' Que confusão há por aqui! Será isto conveniente àqueles que crêem em Deus, no céu e no outro mundo?" Ou, em segundo lugar, da sua percepção da condição calamitosa

em que se encontram os seres humanos, e do poder da morte, ao qual o homem caído está sujeito. Tendo agora que fazer um vigoroso ataque à morte e à sepultura, Ele se agitou para o encontro, "tomou vestes de vingança por vestidura", e seu furor o susteve. E para poder, mais resolutamente, empreender a tarefa de reparar nossos erros, e curar nossas tristezas, Ele ficou feliz por se sensibilizar diante da importância da obra, e sob seu peso Ele agora "moveu-se muito em espírito". Ou, em terceiro lugar, foi uma expressão da sua bondosa compaixão pelos seus amigos que sofriam. Aqui havia o ressoar das entranhas e das misericórdias que a igreja aflita tão fervorosamente solicita, Isaías 63.15. Cristo não somente parecia preocupado, mas "moveu-se em espírito". Ele estava internamente e sinceramente afetado pelo caso. Os falsos amigos de Davi fingiram compaixão, para disfarçar sua inimizade (Sl 41.6), mas nós devemos aprender com Cristo a ter amor e compaixão sem fingimentos. A comoção de Cristo era profunda e sincera.

[2] Ele "perturbou-se". Ele se perturbou. É isto que a expressão quer dizer, de maneira muito significativa. Ele tinha todas as paixões e afeições da natureza humana, pois "convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos", mas Ele tinha um perfeito domínio sobre elas, de modo que elas nunca afloravam, exceto quando e como solicitadas. O Senhor nunca ficava nervoso ou perturbado, exceto quando Ele se perturbava, quando havia motivo para tal. Ele sempre se controlava em meio aos problemas, nunca se descompunha ou se descontrolava por eles. Ele era voluntário, tanto na sua paixão quanto na sua compaixão. Ele tinha poder para expressar sua tristeza, e poder para refreá-la.

2. A preocupação de Jesus por eles foi demonstrada pela sua gentil pergunta sobre os pobres restos do seu amigo falecido (v. 34): "Onde o pusestes?" Ele sabia onde o amigo estava, e ainda assim perguntou, porque: (1) Desta maneira, Ele se expressava como um homem, mesmo quando estava prestes a exercer seu poder, na qualidade de Deus. Estando na forma de homem, Ele se acomodava aos costumes dos filhos dos homens: *Non nescit, sed quasi nescit – Ele não é ignorante, mas age como os filhos dos homens*, diz Austin aqui. (2) Ele perguntou onde estava a sepultura, pois, se tivesse ido até lá, com seu próprio conhecimento, os judeus descrentes teriam oportunidade para suspeitar de uma aliança entre Ele e Lázaro, e um truque na situação. Muitos intérpretes observam isto, com base em

Crisóstomo. (3) Desta maneira, Ele desejava desviar a tristeza dos seus amigos entristecidos, despertando suas expectativas de algo grandioso, como se Ele tivesse dito: “Eu não vim para cá para trazer condolências, para mesclar algumas lágrimas insignificantes e infrutíferas com as suas. Não. Eu tenho outro trabalho para fazer. Vamos, vamos até a sepultura fazer o que tenho que fazer ali”. Observe que uma dedicação séria ao nosso trabalho é o melhor remédio contra a tristeza desenfreada. (4) Desta maneira, Ele nos evidencia o cuidado especial que tem com os corpos dos santos, enquanto estão nas sepulturas. Ele tem conhecimento de onde eles estão, e cuida deles. Não há somente um concerto com o pó, mas ele é guardado.

3. Isto ficou evidenciado pelas suas lágrimas. Aqueles que estavam junto dele não lhe disseram onde o corpo havia sido sepultado, mas desejaram que Ele viesse e visse, e o conduziram diretamente à sepultura, para que seus olhos pudessem afetar ainda mais seu coração com a calamidade.

(1) Enquanto ia para a sepultura, como se estivesse seguindo o cadáver até ali, “Jesus chorou”, v. 35. Um versículo muito curto, mas que contém muitas instruções úteis. [1] Que Jesus Cristo era realmente e verdadeiramente homem, e compartilhava com os filhos, não somente a carne e o sangue, mas a alma humana, sendo suscetível às impressões de alegria, e tristeza, e outros sentimentos. Cristo deu esta prova da sua humanidade, nos dois sentidos da palavra. Como homem, Ele podia chorar, e como um homem misericordioso, choraria, antes que desse esta prova da sua divindade. [2] Que Ele era um homem de dores, e familiarizado com as tristezas, como tinha sido predito, Isaías 53.3. Nunca lemos que Ele tivesse rido, porém mais de uma vez nós o vemos em lágrimas. Desta maneira, Ele mostra não somente que um estado desolado é coerente com o amor de Deus, mas que aqueles que semeiam no Espírito devem semear em lágrimas. [3] Lágrimas de compaixão são bastante apropriadas aos cristãos, e os tornam mais parecidos com Cristo. É um alívio para aqueles que estão sofrendo, ter a compaixão dos seus amigos, especialmente a de um amigo como seu Senhor Jesus.

(2) Diferentes interpretações são atribuídas às lagrimas de Cristo. [1] Alguns interpretam de uma maneira gentil e justa, e muito natural, (v. 36): “Disseram, pois, os judeus: Vede como o amava”. Eles parecem admirar-se que Ele tivesse uma afeição tão forte por alguém que não era seu parente, e

com quem não tinha tido uma longa convivência, pois Cristo passava a maior parte do tempo na Galiléia, muito distante de Betânia. É apropriado que nós, seguindo este exemplo de Cristo, mostremos nosso amor pelos nossos amigos, tanto vivos quanto mortos. Nós devemos lamentar pelos nossos irmãos que dormem em Jesus como aqueles que estão cheios de amor, embora não estejamos sem esperança, como os varões piedosos que sepultaram Estêvão, Atos 8.2. Embora nossas lágrimas não tragam nenhum benefício para os mortos, elas conservam a lembrança deles. Estas lágrimas de Jesus eram sinais do seu amor particular por Lázaro, mas Ele deu provas de uma evidência nada menor do seu amor por todos os santos ao morrer por eles. Quando Ele derramou apenas algumas lágrimas por Lázaro, eles disseram: “Vede como o amava”. Muito mais razão temos nós para dizer isto daquele que deu sua vida por nós: Veja como Ele nos amou! Ninguém tem maior amor do que este. [2] Outros fazem uma reflexão irritante e injusta sobre isto, como se estas lágrimas evidenciassem sua incapacidade de ajudar seu amigo (v. 37): “Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?” Aqui há uma insinuação maliciosa, em primeiro lugar, de que uma vez que a morte de Lázaro era (como evidenciavam as lágrimas de Jesus) uma grande tristeza para Ele, se pudesse tê-la evitado, Ele o teria feito, e, portanto, como Ele não o fez, eles se inclinam a pensar que Ele não podia fazê-lo, da mesma maneira como, quando Ele estava morrendo, concluíram que Ele não podia se salvar, porque não o fez e não desceu da cruz. Eles não levaram em consideração que o poder divino é sempre orientado, nas suas operações, pela sabedoria divina, não meramente de acordo com sua vontade, mas de acordo com o conselho da sua vontade. A esta, convém nos sempre aquiescer. Se os amigos de Cristo, a quem Ele ama, morrem, se sua igreja, a quem Ele ama, é perseguida e afligida, nós não devemos atribuir isto a nenhuma falha no seu poder ou amor, mas concluir que isto se deve ao fato de Ele considerar que é o melhor. Em segundo lugar, que, portanto, poderia ser questionado, com razão, se Ele realmente tinha aberto os olhos do cego, isto é, se isto não tinha sido uma simulação. Eles julgaram que o fato de que Ele não realizasse este milagre era suficiente para invalidar o anterior. Pelo menos, dava a entender que Ele tinha um poder limitado, e, portanto, não divino. Ressuscitando Lázaro, o que era o maior milagre, Cristo logo convenceu estes murmuradores de que Ele poderia ter evitado sua morte, mas não o fez

porque desejava ser ainda mais glorificado.

II A aproximação de Cristo à sepultura, e a preparação que foi feita para a realização do milagre.

1. Cristo repete seus gemidos ao aproximar-se da sepultura (v. 38): “Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, foi ao sepulcro”: Ele se moveu: (1) Em desagrado pela descrença daqueles que falavam duvidando do seu poder, e o culpavam por não ter impedido a morte de Lázaro. Ele estava entristecido pela dureza dos seus corações. Ele nunca gemeu tanto pelas suas próprias dores e seus próprios sofrimentos como pelos pecados e pelas loucuras dos homens, particularmente os de Jerusalém, Mateus 23.37. (2) Tocado pelos novos lamentos, que provavelmente as irmãs, em pranto, expressaram quando se aproximaram do sepulcro, mais apaixonadamente e de modo mais comovente do que antes, seu espírito gentil ficou sensivelmente comovido pelas suas lágrimas. (3) Alguns pensam que Ele se moveu em espírito porque, para satisfazer o desejo dos seus amigos, Ele devia trazer Lázaro outra vez, daquele descanso no qual ele tinha acabado de entrar, para este mundo problemático e pecador. Seria um ato de benignidade para Marta e Maria, mas para Ele seria como atirar a um mar tempestuoso alguém que tinha acabado de chegar a um porto seguro e tranqüilo. Se Lázaro tivesse sido deixado em paz, morto, Cristo rapidamente o teria encontrado no outro mundo. Mas ressuscitando-o, Cristo rapidamente o deixou para trás neste mundo. (4) Cristo se moveu em espírito como alguém que sentia a situação calamitosa da natureza humana, sujeita à morte, da qual Ele estava prestes a resgatar Lázaro. Desta maneira, Ele se apegou fortemente a Deus, o Pai, na oração que iria fazer, oferecendo-a “com grande clamor e lágrimas”, Hebreus 5.7. Os ministros, quando são enviados a ressuscitar os mortos através da pregação do Evangelho, devem se sentir fortemente tocados pela condição deplorável daqueles a quem pregam e por quem oram, gemendo em espírito ao pensarem na situação destas pessoas.

2. O sepulcro onde estava Lázaro é aqui descrito: “era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela”. Os sepulcros das pessoas comuns, provavelmente, eram escavados como são os nossos. Mas as pessoas de distinção eram, como acontece conosco, sepultadas em câmaras, como foi Lázaro, e assim era o sepulcro no qual Cristo foi sepultado. Provavelmente,

este costume era mantido entre os judeus, imitando o costume dos patriarcas, que sepultavam seus mortos na caverna de Macpela, Gênesis 23.19. Este cuidado com os corpos dos seus amigos evidencia a expectativa que tinham em relação à sua ressurreição. Eles consideravam que a solenidade do funeral terminava quando a pedra era rolada à sepultura, ou, como aqui, sobre ela, como aquela sobre a boca da cova onde Daniel foi lançado (Dn 6.17), para que o propósito não pudesse ser alterado. Isto indica que os mortos estão separados dos vivos, e tomaram o caminho do qual não retornarão. Esta pedra provavelmente era uma lápide, que tinha sobre si uma inscrição que os gregos chamavam de *mnemeion – um lembrete*, porque é, ao mesmo tempo, uma recordação do morto e uma lembrança para os vivos, fazendo com que se lembrem daquilo de que todos nós devemos nos lembrar. É chamada pelos latinos de *Monumentum, et monendo,* porque traz uma advertência.

3. São dadas ordens para a remoção da pedra (v. 39): “Tirai a pedra”. Ele queria a pedra removida para que todos os expectadores pudessem ver o corpo colocado morto no sepulcro, e para que o caminho para sua saída fosse aberto, e para que ele pudesse se mostrar como um corpo verdadeiro, e não como um fantasma ou espectro. Ele queria que alguns dos servos a removessem, para que pudessem ser testemunhas, pelo cheiro da putrefação do corpo, que, portanto, estava verdadeiramente morto. É um bom passo em direção à ressurreição de uma alma à vida espiritual quando a pedra é removida, quando os preconceitos são removidos e ultrapassados, e quando se abre caminho para que a palavra chegue ao coração, para que possa realizar suas obras ali, e dizer o que tem que ser dito.

4. Uma objeção é feita, por Marta, contra a abertura do sepulcro: “Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias”, *tetartaios gar esti, quatriduanus est*. Ele já está há quatro dias no outro mundo. É um cidadão e habitante do sepulcro há quatro dias. Provavelmente, Marta percebeu que o corpo cheirava mal quando estavam removendo a pedra, e por isto clamou desta maneira.

(1) É fácil observar aqui a natureza dos corpos humanos: quatro dias representam apenas um curto período de tempo, mas uma grande mudança ocorrerá no corpo do homem, se ele ficar sem se alimentar durante este período. Quanto mais se ficar tanto tempo sem vida! Os cadáveres (diz o Dr. Hammond), depois de estacionados os fluidos, o que se conclui em 72

horas, naturalmente tendem à putrefação. E os judeus dizem que no quarto dia depois da morte o corpo já está tão alterado, que não se pode ter a certeza de que seja esta ou aquela pessoa, segundo Maimonides, na obra de Lightfoot. Cristo ressuscitou ao terceiro dia, porque não deveria ver a corrupção.

(2) Não é fácil deduzir qual era o objetivo de Marta ao dizer isto. [1] Alguns pensam que ela disse isto com carinho, e como ensina a decência para com o corpo. Agora que ele tinha começado a putrefazer-se, ela não desejava que fosse exibido publicamente. [2] Outros opinam que ela disse isto com uma preocupação por Cristo, para que o cheiro do corpo não fosse ofensivo a Ele. Aquilo que é muito asqueroso ou nocivo é comparado a um sepulcro aberto, Salmos 5.9. Ela não desejaria que seu Mestre estivesse perto de alguma coisa asquerosa ou nociva. Mas Ele não era destas pessoas ternas e delicadas que não podem suportar o mau cheiro. Se fosse, não poderia ter visitado o mundo da humanidade, que o pecado tinha transformado em um lugar imundo, completamente asqueroso, Salmos 14.3. [3] Aparentemente, pela resposta de Cristo, esta era a linguagem da sua descrença e falta de confiança: “Senhor, é tarde demais para tentar fazer qualquer ato de bondade a ele. Seu corpo já começou a apodrecer, e é impossível que esta carcaça podre viva”. Ela acha que o caso do seu irmão é tão sem esperança quanto inútil, pois não tinha havido nenhum exemplo, nem recentemente nem antigamente, de qualquer pessoa que fosse ressuscitada depois de ter começado a ver corrupção. Quando nossos ossos se secam, nós estamos prontos para dizer: Nossa esperança está perdida. Mas estas palavras de incredulidade de Marta serviram para tornar o milagre mais evidente e, ao mesmo tempo, mais ilustre. Com tais palavras, fica claro que ele estava verdadeiramente morto, e não em transe, pois, embora a postura do cadáver pudesse ser fingida, o cheiro não poderia. A sugestão de Marta, de que nada mais poderia ser feito, honra ainda mais o precioso Senhor que realizou o milagre.

5. A gentil censura que Cristo fez a Marta, pela fraqueza da sua fé (v. 40): “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?” Estas palavras que Cristo menciona ter-lhe dito não tinham sido registradas antes. É provável que Ele tivesse dito estas palavras quando ela disse (v. 27): “Creio, Senhor”, e é suficiente que isto esteja registrado aqui, mostrando que o Senhor estava repetindo seu ensino a ela. Observe: (1) Nosso Senhor Jesus nos deu todas

as garantias imagináveis de que uma fé sincera será, no final, coroada com uma visão abençoada: “Se você crer, verá as aparições gloriosas de Deus a você neste mundo, e também no outro”. Se aceitarmos a palavra de Cristo, e confiarmos no seu poder e na sua fidelidade, nós veremos a glória de Deus, e seremos felizes com a visão. (2) Nós temos a necessidade de ser lembrados destas graças garantidas com que nosso Senhor Jesus nos encorajou. Cristo não dá uma resposta direta ao que Marta tinha dito, nem faz qualquer promessa especial quanto ao que Ele iria fazer, mas ordena que ela conserve as garantias gerais que Ele já tinha dado: “Crê somente”. Nós somos capazes de esquecer o que Cristo disse, e precisamos que Ele nos lembre pelo seu Espírito: “‘Não te hei dito’ isto e aquilo? E tu achas que Ele retirará o que disse?”

6. A abertura do sepulcro, em obediência às ordens de Cristo, apesar da objeção de Marta (v. 41): “Tiraram, pois, a pedra”. Quando Marta ficou satisfeita, e tinha desistido da sua objeção, eles prosseguiram. Se desejamos ver a glória de Deus, devemos permitir que Cristo tome seu próprio caminho, e não prescrever a Ele, mas sujeitarmo-nos a Ele. Eles tiraram a pedra, e isto era tudo o que podiam fazer. Somente Cristo podia dar a vida. O que o homem pode f azer é apenas preparar o caminho do Senhor, para encher os vales e abaixar os montes e outeiros, e, como aqui, remover a pedra.

III A realização do milagre propriamente dito. Os espectadores, estimulados pelo rolar da pedra, reuniram se ao redor do sepulcro, não para entregar o pó de volta ao pó, e aquilo que fora formado da terra de volta à terra, mas para receber de novo do pó aquilo que era pó, e da terra aquilo que fora formado da terra. E sendo despertadas suas expectativas, nosso Senhor Jesus inicia seu trabalho.

1. Ele se dirige ao seu Pai que vive no céu, pois assim Ele o tinha chamado (cap. 6.27,37), e assim o olha aqui.

(1) O gesto que Ele fez foi muito significativo: Ele levantou os olhos para o céu, uma expressão exterior da elevação da sua mente, para mostrar aos espectadores de onde Ele obtinha seu poder, e também para nos dar um exemplo. Este sinal exterior é, portanto, recomendado nas nossas práticas. Veja cap. 17.1. Veja como irão reagir aqueles que, de forma profana, o ridicularizam. Mas o que nos é especificamente recomendado é que

elevemos nossos corações a Deus nas alturas. O que é a oração, senão a ascensão da alma a Deus, e a orientação dos seus afetos e impulsos para o céu? Ele levantou seus olhos, como quem olha para o alto, olhando além da sepultura onde estava Lázaro, e ignorando todas as dificuldades que surgiam dali, para que pudesse ter seus olhos fixos na onipotência divina, para nos ensinar a fazer como Abraão, que não "atentou para o seu próprio corpo já amortecido… nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara", nunca ocupou seus pensamentos com isto, e assim conseguiu um nível de fé a ponto de não vacilar quanto à promessa, Romanos 4.20.

(2) Sua maneira de dirigir-se a Deus demonstrava uma grande certeza, e uma confiança que era adequada a Ele: "Pai, graças te dou, por me haveres ouvido".

[1] Aqui Ele nos ensina, com seu próprio exemplo, em primeiro lugar, a chamar Deus de Pai, na oração, e a nos aproximarmos dele como os filhos se aproximam do pai, com uma reverência humilde, e, apesar disto, uma ousadia santa. Em segundo lugar, a louvá-lo nas nossas orações, e, quando viermos para implorar por mais misericórdia, com gratidão reconheceremos as bênçãos anteriores. Os agradecimentos, que evidenciam a glória de Deus (não a nossa, como os fariseus evidenciavam quando agradeciam a Deus), são formas adequadas através das quais devemos apresentar nossas súplicas.

[2] O agradecimento do nosso Salvador aqui pretendia expressar a inabalável certeza que Ele tinha da realização deste milagre, que Ele tinha poder para realizar, juntamente com seu Pai: "Pai, Eu te agradeço porque minha vontade e a tua são, neste caso, como sempre são, iguais". Elias e Eliseu ressuscitavam os mortos como servos, por súplicas, mas Cristo, sendo Filho, por autoridade, tendo a vida em si mesmo, e poder para despertar quem Ele desejasse. E Ele fala sobre isto como sendo seu próprio ato (v. 11): "Vou despertá-lo", mas também fala disto como aquilo que tinha obtido por oração, porque seu Pai o tinha ouvido. Provavelmente, Ele tenha orado quando se moveu em espírito duas vezes (vv. 33,38), em uma oração mental, com gemidos que não poderiam ser exprimidos.

Em primeiro lugar, Cristo fala deste milagre como sendo uma resposta à oração: 1. Porque assim Ele desejava se humilhar. Embora Ele fosse o Filho de Deus, ainda assim tinha aprendido a obedecer, na atitude de pedir e receber. Sua coroa de Mediador lhe era concedida por solicitação, embora

lhe pertencesse por direito, Salmos 2.8; cap. 17.5. Ele ora pela glória que tinha antes que o mundo existisse, embora, nunca tendo perdido o direito a ela, podia tê-la exigido. 2. Porque Ele se alegrava, assim, em honrar a oração, tornando-a a chave com a qual Ele liberava os tesouros do poder e da graça divinos. Desta maneira, Ele nos ensinaria, em oração, pelo exercício vivo da fé, a entrar no santuário.

Em segundo lugar, Cristo, tendo certeza de que sua oração seria atendida, professa:

a. Sua agradecida aceitação desta resposta: "Graças te dou, por me haveres ouvido". Embora o milagre ainda não tivesse se realizado, ainda assim a oração foi atendida, e Ele triunfa antes da vitória. Ninguém pode pretender ter uma certeza como a que Cristo tinha, mas nós podemos, pela fé, ter uma perspectiva da graça antes que ela seja completamente concedida, e podemos nos alegrar com esta perspectiva, e dar graças a Deus por ela. Nas devoções de Davi, o mesmo salmo que começa com uma oração pedindo uma graça, é concluído dando graças por ela. Observe: (*a*) As misericórdias em resposta à oração devem ser, de uma maneira especial, reconhecidas com gratidão. Além da concessão da graça propriamente dita, nós devemos considerar como um grande favor o fato de termos nossas pobres almas observadas. (*b*) Devemos receber a primeira manifestação da resposta à oração dando graças prematuramente. Como Deus nos atende com misericórdia, mesmo antes de lhe pedirmos algo, e nos ouve quando ainda estamos falando, assim nós devemos responder a Ele com louvor antes que Ele conceda, e dar-lhe graças enquanto Ele ainda está proferindo palavras boas e consoladoras.

b. Sua certeza jovial de uma resposta pronta a qualquer momento (v. 42): "Eu bem sei que sempre me ouves". Que ninguém pense que isto foi algum favor incomum concedido a Ele agora, um favor como Ele nunca tinha tido antes, nem jamais voltaria a ter. Não, Ele tinha o mesmo poder divino acompanhando-o por toda a sua missão, e não realizou nada, exceto o que Ele sabia que estaria de acordo com o conselho da vontade de Deus. "Graças te dou", diz Ele, "por ser ouvido neste caso, porque tenho certeza de que sou ouvido em todas as coisas". Veja aqui: (*a*) O interesse que nosso Senhor Jesus recebia do céu. O Pai sempre o ouvia, Ele tinha acesso ao Pai em todas as ocasiões, e sucesso com Ele em todas as tarefas. E podemos ter certeza de que seu interesse não será menor pela sua ida ao céu, o que pode

nos encorajar a confiar na sua intercessão, e a colocar todas as nossas solicitações nas suas mãos, pois temos a certeza de que a Ele o Pai sempre ouve. (*b*) A confiança que Ele tinha de tal interesse: “Eu bem sei”. Ele não tinha tido a menor hesitação ou dúvida a este respeito, mas tinha na sua própria mente uma satisfação completa da complacência do Pai, e da sua cooperação em tudo. Nós não somos capazes de ter uma certeza tão particular como a que Ele tinha, mas sabemos que qualquer coisa que pedirmos, segundo sua vontade, Ele nos ouve, 1 João 5.14,15.

Em terceiro lugar, por que Cristo daria esta indicação pública de ter obtido este milagre através da oração? Ele acrescenta: “Por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste”, pois a resposta à oração pode trazer uma mensagem ao coração do povo, como se fosse uma pregação. 1. Isto pretendia eliminar as objeções dos seus inimigos, e suas reflexões. Os fariseus e suas crias tinham sugerido, de maneira blasfema, que Ele realizava seus milagres através de algum tipo de pacto com o Diabo. Agora, para evidenciar o contrário, Ele se dirige abertamente a Deus, usando orações, e não encantos, não olhando furtivamente e murmurando, como faziam aqueles que usavam espíritos familiares (Is 8.19), mas com os olhos elevados e uma voz que professava sua comunicação com o Céu, e sua confiança no Céu. 2. Isto pretendia corroborar a fé daqueles que se influenciavam por Ele: “Para que creiam que tu me enviaste”, não para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las. Moisés, para mostrar que Deus o tinha enviado, fez a terra se abrir e engolir homens (Nm 16.31). Elias, para mostrar que Deus o tinha enviado, fez descer fogo do céu e devorar homens, pois a lei era uma dispensação de terror e morte. Mas Cristo prova qual é sua missão, ressuscitando alguém que estava morto. Alguns preferem esta interpretação: se Cristo tivesse declarado que o faria livremente, pelo seu próprio poder, alguns dos seus fracos discípulos, que ainda não tinham compreendido sua natureza divina, poderiam ter pensado que Ele se encarregava de coisas em excesso, e poderiam ter se atrapalhado com esta idéia. Estes “bebês” não podiam suportar este alimento tão forte, por isto Ele decide falar do seu poder como algo recebido e obtido, Ele fala renunciando a si mesmo, para que pudesse falar mais claramente a nós. *Non ita respexit ad swam dignitatem atque ad nostram salutem – Naquilo que o Senhor dizia, Ele não procurava tanto sua dignidade, mas sim nossa salvação*. Jansênio.

2. Agora Ele se dirige ao seu amigo morto na terra. Ele “clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora”.

(1) Ele poderia ter ressuscitado Lázaro por uma aplicação silenciosa do seu poder e da sua vontade, e pelas operações imperceptíveis do Espírito da vida. Mas Ele o fez com um clamor, um clamor com grande voz:

[1] Para indicar o poder que foi utilizado na ressurreição de Lázaro, a maneira que Ele criou para fazer esta obra nova e maravilhosa. Ele falou, e o milagre aconteceu. Ele clamou, para evidenciar a grandiosidade da obra, e do poder empregado nela, e para estimular-se, como se com isto atacasse os portões da morte, como os soldados se põem em ação com um grito. Falando com Lázaro, era adequado clamar com grande voz, pois, em primeiro lugar, a alma de Lázaro, que devia ser chamada de volta, estava longe, não estava pairando sobre o sepulcro, como imaginavam os judeus, mas tinha sido removida para o Hades, o mundo dos espíritos. É natural que falemos alto quando chamamos quem está à distância. Em segundo lugar, o corpo de Lázaro, que devia ser chamado, estava adormecido, e é usual que falemos alto quando desejamos despertar alguém. Porém, mais do que todos estes argumentos, o Senhor Jesus clamou com grande voz para que se cumprissem as Escrituras (Is 45.19): “Não falei em segredo, nem em lugar algum escuro da terra”.

[2] Para se tornar uma característica de outros prodígios, e, particularmente, de outras ressurreições, que o poder de Cristo viria a realizar. Este clamor com grande voz era um modelo, em primeiro lugar, do chamado do Evangelho, pelo qual as almas mortas deveriam ser trazidas do sepulcro do pecado, de cuja ressurreição Cristo já tinha falado anteriormente (cap. 5.25), e da sua palavra como o meio para que isto se cumprisse (cap. 6.63), e agora Ele apresenta uma amostra. Com sua palavra, o Senhor disse às almas: “Vive; sim... vive”, Ezequiel 16.6. “Levanta-te dentre os mortos”, Efésios 5.14. O espírito de vida de Deus entrou naqueles que tinham sido ossos secos e mortos, quando Ezequiel profetizou a eles, Ezequiel 37.10. Aqueles que inferem, a partir dos mandamentos da palavra de retornar e viver, que o homem tem um poder próprio para converter e regenerar a si mesmo, podem, igualmente, inferir deste chamado a Lázaro que ele tinha o poder de ressuscitar a si mesmo. Em segundo lugar, do som da trombeta do arcanjo no último dia, com o qual aqueles que dormem no pó serão despertados e convocados diante do grande tribunal, quando Cristo

descerá com um clamor, um chamado, ou um comando, como este: “Vem para fora”, Salmos 50.4. Ele chamará dos céus suas almas, e da terra, seus corpos, para que possa julgar seu povo.

(2) Este clamor em grande voz foi curto, porém poderoso, por meio de Deus, para demolir as fortalezas do sepulcro. [1] Ele o chama pelo nome, Lázaro, assim como nós chamamos pelos seus nomes àqueles a quem desejamos despertar de um sono profundo. Deus disse a Moisés, como sinal do seu favor: “Conheço-te por teu nome”. O fato de que o chame pelo nome indica que o mesmo indivíduo que morreu ressuscitará novamente no último dia. Aquele que chama as estrelas pelos seus nomes pode distinguir, pelo nome, suas estrelas que estão no pó da terra, e não perderá uma sequer. [2] Ele o chama para que saia da sepultura, falando com ele como se já estivesse vivo, e não tivesse nada para fazer, exceto sair da sepultura. Ele não diz a Lázaro: Vive, pois Ele mesmo deve dar a vida, mas Ele lhe diz: Vem, pois quando, pela graça de Cristo, nós vivemos espiritualmente, devemos nos mover. O sepulcro do pecado e deste mundo não é lugar para aqueles a quem Cristo despertou, e por isto eles devem vir para fora. [3] O evento se realizou de acordo com a intenção: aquele que estava morto saiu para fora, v. 44. O poder acompanhou a palavra de Cristo, para reunir a alma e o corpo de Lázaro, e então ele saiu. O milagre é descrito, não pelas suas correntes invisíveis, para satisfazer nossa curiosidade, mas pelos seus resultados visíveis, para adequar nossa fé. Alguém pergunta onde estava a alma de Lázaro durante os quatro dias de separação do corpo? Não nos é dito, mas temos motivos para pensar que estava no paraíso, em alegria e felicidade. Mas você dirá: “Não terá sido, na verdade, uma crueldade fazê-la retornar à prisão no corpo?” Sendo assim, para a honra de Cristo e para servir aos interesses do seu reino, esta não foi uma ofensa a Lázaro, assim como não foi uma ofensa ao apóstolo Paulo continuar na carne, mesmo sabendo que partir para junto de Cristo era muito melhor. Se alguém perguntar se Lázaro, depois de ser ressuscitado, poderia dar uma explicação ou descrição da remoção da sua alma do corpo, ou do seu retorno até ele, ou sobre o que ele tinha visto no outro mundo, eu suponho que estas mudanças foram tão indescritíveis para ele, que ele diria, como Paulo: “Se no corpo, se fora do corpo, não sei”, e quanto ao que ele viu e ouviu, que não seria lícito nem possível falar sobre estas coisas. No mundo dos sentidos, em que vivemos, não podemos construir para nós, e muito menos transmitir a

outros, quaisquer idéias adequadas sobre o mundo dos espíritos, e sobre as questões daquele mundo. Não devemos cobiçar ter uma sabedoria superior àquilo que está escrito, e tudo o que está escrito a respeito da ressurreição de Lázaro é que “o defunto saiu”. Alguns observaram que, embora possamos ler sobre muitos que foram ressuscitados, que, sem dúvida, conversavam familiarmente com os homens depois disto, as Escrituras não registraram sequer uma palavra proferida por qualquer um deles, exceto pelo nosso Senhor Jesus.

(3) Este milagre se realizou: [1] Rapidamente. Nada se interpõe entre o comando, “vem para fora”, e o resultado, ele “saiu”, *dictum factum – fez-se tão rapidamente quanto foi dito*. Haja vida, e houve vida. Assim, a transformação na ressurreição ocorrerá “num momento, num abrir e fechar de olhos”, 1 Coríntios 15.52. O poder onipotente, que pode fazer tudo, pode fazer tudo em um instante: “Ele me invocará, e eu lhe responderei”. Atenderei ao chamado, como no caso de Lázaro: Aqui estou. [2] Perfeitamente. Ele voltou completamente à vida, e saiu do sepulcro tão forte como sempre se levantou da sua cama. Lázaro retornou, não somente para a vida, mas para uma vida saudável. Ele não ressuscitou apenas por alguns momentos, mas para viver como os outros homens. [3] Com um milagre adicional, como alguns consideram o fato de ele ter saído do sepulcro, embora estivesse vestido com suas faixas do túmulo, com as quais lhe foram atadas as mãos e os pés, e tendo seu rosto envolto por um lenço (pois esta era a maneira de sepultar dos judeus). E ele saiu com as mesmas vestes com as quais tinha sido sepultado, para que pudesse parecer que era ele mesmo, e não outro, e que ele não apenas estava vivo, mas forte, e capaz de caminhar, mesmo com as faixas. O fato de o seu rosto estar envolto por um lenço provava que ele tinha estado realmente morto, pois, se não fosse assim, em um período de tempo menor do que os quatro dias, o lenço o teria asfixiado. E os espectadores, ao desatá-lo, o tocariam, o veriam, observariam que era ele mesmo e, desta maneira, seriam testemunhas deste milagre. Veja aqui, em primeiro lugar, como nós levamos pouco conosco quando deixamos este mundo – somente um lençol que nos envolve, e um caixão. Não há troca de roupas no sepulcro, nada, exceto um único conjunto de faixas. Em segundo lugar, em que condições estaremos no sepulcro. Que sabedoria ou astúcia pode haver onde os olhos estão vendados, ou que trabalho pode haver onde as mãos e os pés estão atados? E assim será no

sepulcro, para onde iremos. Tendo Lázaro saído, atrapalhado e embaraçado com suas faixas, podemos muito bem imaginar que aqueles ao redor do sepulcro estariam tremendamente surpresos e assustados com isto. Nós também estaríamos, se víssemos um morto ressuscitar. Mas Cristo, para tornar a situação mais familiar, lhes diz que trabalhem: "'Desligai-o', afrouxai suas faixas, para que possam servir como roupas até que ele chegue à sua casa. E ele irá sozinho, vestido assim, sem ninguém para guiá-lo ou sustentá-lo, até à sua própria casa". Como, no Antigo Testamento, os traslados de Enoque e Elias foram demonstrações perceptíveis de um estado invisível e superior (um deles, na metade da era patriarcal, o outro, na legislação mosaica), assim a ressurreição de Lázaro, no Novo Testamento, teve a finalidade de confirmar a doutrina da ressurreição.

O Conselho dos Fariseus. A Profecia de Caifás. Uma Conspiração contra Cristo

vv. 45-57

Temos aqui um relato das conseqüências deste glorioso milagre, que estavam dentro daquilo que era usual. Para alguns, ele teve sabor de vida para a vida, enquanto para outros, de morte para a morte.

I Alguns foram convidados pelo milagre, e persuadidos a crer. Muitos dos judeus, quando viram as coisas que Jesus fazia, criam nele, e bem podiam fazê-lo, pois estas eram provas incontestáveis da sua missão divina. Eles freqüentemente ouviam sobre seus milagres, e ainda assim evitavam ser convencidos, questionando os fatos. Mas agora que eles tinham visto pessoalmente esta obra, sua incredulidade foi vencida, e eles cederam, por fim. Porém, bem-aventurados são aqueles que não viram, e, apesar disto, creram. Quanto mais nós vemos de Cristo, mais causas veremos para amá-lo e para confiarmos nele. Havia alguns daqueles judeus que tinham vindo para consolar Maria. Quando vamos fazer boas coisas a outros, nós nos colocamos a caminho de receber favores de Deus, e temos a oportunidade de receber o bem quando estamos fazendo o bem.

Outros se irritaram com o milagre, e persistiram na sua incredulidade.

II 1. Assim eram os informantes (v. 46): “alguns deles”, que tinham sido testemunhas oculares do milagre, estavam tão longe de ser convencidos, que foram até os fariseus, sabendo que eram seus mais implacáveis inimigos, e lhes contaram as coisas que Jesus tinha feito, não meramente por se tratar de uma notícia merecedora do conhecimento deles, e muito menos como um incentivo para que eles pensassem de maneira mais favorável a respeito de Cristo, mas com um iníquo desejo de incitar mais vigorosamente aqueles que não precisavam deste tipo de estímulo para acusá-lo. Aqui está um estranho exemplo: (1) De uma infidelidade obstinada, recusando-se a ceder aos mais poderosos meios de convicção. E é difícil imaginar como eles poderiam fugir à força desta evidência, a menos que o deus deste mundo tivesse cegado suas mentes. (2) De uma inimizade inveterada. Se eles não desejavam se convencer de que Ele era digno de que cressem que Ele era o Cristo, mesmo assim poderíamos pensar que eles deveriam ter sido abrandados e persuadidos a não persegui-lo. Mas, se a água não for suficiente para extinguir o fogo, irá aumentá-lo. Eles disseram o que Jesus tinha feito, e não disseram nada além da verdade. Mas sua iniqüidade deu um tom diabólico à sua informação, deixando o conteúdo semelhante a uma mentira. Perverter o que é verdadeiro é tão ruim quanto forjar o que é falso. A Doegue, é atribuída uma língua falsa, mentirosa e enganadora (Sl 52.2-4; 120.2,3), mesmo que o que ele dissesse fosse verdade.

2. Os juízes e líderes, que eram os líderes cegos do povo, não ficaram menos exasperados pelo relato que lhes foi trazido, e aqui nós lemos o que eles fizeram.

(1) Um conselho especial é convocado e reunido (v. 47): “Depois, os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho”, como tinha sido predito, Salmos 2.2: “Os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor”. O objetivo dos conselhos do Sinédrio era o bem público, mas aqui, sob este pretexto, a maior injúria e o maior dano são feitos ao povo. As coisas que pertencem à paz das nações estavam ocultas dos olhos daqueles a quem são confiados seus conselhos. Este conselho foi convocado, não somente para uma decisão conjunta, mas por irritação mútua. Como o ferro afia o ferro, e como o carvão faz queimar carvão e madeira, assim eles podiam se exasperar e se inflamar uns aos outros com inimizade e fúria contra Cristo e contra sua doutrina.

(2) O caso é proposto, e apresentado como sendo importante e de grandes conseqüências.

[1] A questão a ser debatida era que curso de ação eles tomariam em relação ao Senhor Jesus, para interromper o crescimento do interesse que Ele despertava. Diziam: “Que faremos? Porquanto este homem faz muitos sinais”. A informação a respeito da ressurreição de Lázaro foi transmitida, e os homens, irmãos, e pais foram convocados para ajudar, tão solicitamente quanto se um inimigo formidável estivesse com um exército no coração do seu país. Em primeiro lugar, eles reconhecem a veracidade dos milagres de Cristo, e que Ele tinha realizado muitos milagres. Portanto, eles são testemunhas contra si mesmos, pois reconhecem suas credenciais e, ainda assim, negam sua comissão. Em segundo lugar, eles consideram o que deve ser feito, e se censuram por não terem feito alguma coisa mais cedo para esmagá-lo. Eles não levam em consideração, de maneira nenhuma, o fato de não desejarem recebê-lo e reconhecê-lo como o Messias, embora professem esperá-lo, e Jesus desse provas contundentes de ser o Messias, mas têm certeza de que Ele é um inimigo, e, como tal, deve ser destruído. “Que faremos? Será que nós não nos preocupamos em apoiar nossa sinagoga? Será que não significa nada para nós que uma doutrina tão destrutiva aos nossos interesses se espalhe desta maneira? Nós vamos entregar docilmente o terreno que temos nos afetos das pessoas? Nós vamos ver nossa autoridade sendo desprezada, e o trabalho pelo qual nós ganhamos a vida ser arruinado, e não vamos fazer nada? O que nós estivemos fazendo todo este tempo? O que estamos pensando agora? Nós vamos ficar sempre conversando, sem fazer nada?”

[2] Que o que fazia esta questão ser importante era o perigo em que eles percebiam que sua sinagoga e sua nação se colocavam junto aos romanos (v. 48): “Se não o silenciarmos e o exonerarmos, ‘todos crerão nele’. E se este for o estabelecimento de um novo rei, os romanos se ofenderão com isto, e virão com um exército, e ‘tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação’, e por isto não é hora de brincar”. Veja a opinião que eles têm:

Em primeiro lugar, do seu próprio poder. Eles falam como se pensassem que o progresso e o sucesso de Cristo no seu trabalho dependessem da sua conivência; como se Ele não pudesse continuar realizando milagres, e fazendo discípulos, a menos que o deixassem em paz; como se eles tivessem o poder de derrotar aquele que tinha derrotado a morte, ou como

se pudessem lutar contra Deus, e vencer. Mas aquele que está assentado no céu se ri do conceito carinhoso que a maldade impotente tem em relação à sua própria impotência.

Em segundo lugar, da sua própria política. Eles se consideram como homens de visão e previsão poderosas, e também de grande sagacidade nos seus prognósticos morais.

a. Eles se responsabilizam por profetizar que, dentro de pouco tempo, se Ele tiver a liberdade de continuar, todos os homens crerão nele, reconhecendo algo que serviria aos seus propósitos, que sua doutrina e seus milagres tinham um poder muito convincente para eles, um poder ao qual não se poderia resistir, e assim todos os homens se tornariam seus prosélitos e devotos. Desta maneira, eles agora apresentam o interesse nele como algo formidável, embora, para servir a outro objetivo, estes mesmos homens procurassem torná-lo desprezível, cap. 7.48: “Creu nele, porventura, algum dos principais ou dos fariseus?” Isto era o que eles temiam, que os homens cressem nele, e então todas as suas medidas estariam canceladas. Observe que o sucesso do Evangelho é o terror dos seus adversários. Se as almas se salvarem, eles estarão destruídos.

b. Eles predizem que, se a maioria da nação for atraída a Ele, a fúria dos romanos cairá sobre eles. Eles “virão e tirar-nos-ão o nosso lugar”. A nação em geral, especialmente Jerusalém, ou o Templo, o lugar sagrado, e o lugar deles, o seu predileto, seu ídolo. Ou suas primazias no Templo, seus lugares de poder e confiança. Era verdade que os romanos os vigiavam com muito ciúme, e sabiam que eles não desejavam nada, exceto o poder e uma oportunidade para se livrarem do seu jugo. Era igualmente verdade que, se os romanos quisessem atacá-los com um exército, seria muito difícil que eles esboçassem qualquer resistência. Mas aqui parece uma covardia que ninguém tenha descoberto que os sacerdotes do Senhor haviam perdido, pela própria iniqüidade de seus corações, o interesse por Deus e por todos os homens bons. Se eles tivessem conservado sua integridade, não precisariam temer os romanos, mas eles falam como um povo desalentado, como os homens de Judá, quando disseram, de forma desprezível, a Sansão: “Não sabias tu que os filisteus dominam sobre nós?” Juízes 15.11. Quando os homens perdem sua piedade, perdem sua coragem. Mas: (*a*) É falso que houvesse qualquer perigo de que os romanos se irritassem com sua nação pelo progresso do Evangelho de Cristo, pois ele não era, de maneira

nenhuma, prejudicial aos reis ou às províncias, mas altamente benéfico. Os romanos não tinham nenhuma inveja do interesse crescente que Ele despertava, pois Ele ensinava os homens a dar tributo a César, e a não resistir ao mal, mas a tomar cada um sua cruz. O governador romano, no seu julgamento, não encontrou culpa nenhuma no Senhor Jesus. Havia mais perigo de que os romanos se enfurecessem contra a nação judaica devido aos sacerdotes judeus do que devido a Cristo. Observe que os medos imaginários são, freqüentemente, os pretextos para os desígnios iníquos. (*b*) Se realmente tivesse havido algum perigo de desagradar os romanos, por tolerarem a pregação de Cristo, ainda assim isto não justificaria o fato de que eles odiassem e perseguissem um homem bom. Observe: [*a*] Os inimigos de Cristo e do seu Evangelho freqüentemente disfarçavam sua inimizade com uma aparente preocupação pelo bem público e pela segurança geral, e, com esta finalidade, tinham estigmatizado seus profetas e seus ministros como perturbadores de Israel, homens que viravam o mundo de cabeça para baixo. [*b*] A política carnal normalmente estabelece razões de estado, em oposição às regras de justiça. Quando os homens se preocupam com sua própria riqueza e segurança, mais do que com a verdade e o dever, esta é a sabedoria vinda de baixo, que é terrena, sensual e demoníaca. Mas veja qual era a questão. Eles fingiam temer que o fato de que tolerassem o Evangelho de Cristo pudesse trazer a desolação sobre eles, pelas mãos dos romanos, e, desta maneira, certos ou errados, decidiram ser contrários a ele. Mas foi provado que sua perseguição ao Evangelho trouxe sobre eles o que eles temiam, encheu a medida da sua iniqüidade, e os romanos vieram e tomaram seu lugar e sua nação, e assim perderam, de fato, seu lugar. Observe que, quando tentamos escapar de alguma calamidade através do pecado, nós acabamos tomando o caminho mais efetivo para trazê-la sobre nossas cabeças. E aqueles que pensam que, quando se opõem ao reino de Cristo, estão protegendo ou fazendo progredir seus próprios interesses seculares, descobrirão que Jerusalém é uma pedra mais pesada do que eles pensam que ela é, Zacarias 12.3. O temor dos ímpios virá sobre eles, Provérbios 10.24.

(3) Caifás faz um discurso malicioso, porém místico, no conselho, nesta ocasião.

[1] Sua maldade fica evidente à primeira vista, vv. 49,50. Sendo o sumo sacerdote, e, desta maneira, o presidente do conselho, ele resolve decidir a

questão antes que ela fosse debatida: “Vocês não sabem nada, sua hesitação evidencia sua ignorância, pois isto não é algo que suporte uma discussão, isto deve ser decidido logo, se vocês levarem em consideração aquela máxima: Convém que um homem morra pelo povo”. Aqui:

Em primeiro lugar, o conselheiro era Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano. O sumo sacerdócio era, por indicação divina, atribuído ao herdeiro varão da casa de Arão, durante sua vida natural, e depois ao seu herdeiro varão. Mas, naqueles tempos degenerados, isto tinha se tornado, embora não um cargo anual, como uma função de cônsul, um cargo cujo ocupante mudava freqüentemente, de acordo com os interesses dos poderes romanos. Aconteceu que, neste ano, Caifás usava a mitra.

Em segundo lugar, o objetivo do conselho era, em resumo, este: uma maneira ou outra deve ser encontrada para levar Jesus à morte. Nós temos motivos para pensar que eles suspeitassem fortemente que Ele realmente era o Messias, mas sua doutrina era tão contrária às suas queridas tradições e aos seus interesses seculares, e seu desígnio distorcia de tal maneira suas noções do reino do Messias, que eles decidem que, seja Ele quem for, deve ser condenado à morte. Caifás não diz: Que Ele seja silenciado, aprisionado, banido, embora isto fosse amplamente suficiente para restringir a alguém a quem eles considerassem perigoso, mas: Ele deve morrer. Observe que aqueles que se colocam contra o cristianismo comumente se despojam de toda humanidade, e são infames e cruéis.

Em terceiro lugar, isto é insinuado de maneira plausível, com toda a sutileza, assim como a maldade da velha serpente. 1. Ele sugere sua própria sagacidade, pela qual nós devemos supor que ele, como sumo sacerdote, se distinga, embora o Urim e Tumim estivessem perdidos há tempos. Com que escárnio ele diz: “Vocês não sabem nada, são apenas sacerdotes comuns, mas precisam admitir que eu enxergo mais do que todos!” Assim, é comum que aqueles que têm autoridade imponham suas regras corruptas, em virtude desta posição de comando, e por quererem ser os melhores e mais sábios, é comum que esperem que todos acreditem que o são. 2. Ele assume que o caso é claro e indiscutível, e que aqueles que não o vêem assim são muito ignorantes. Observe que a razão e a justiça são, freqüentemente, destruídos por uma mão poderosa. A verdade anda tropeçando pelas ruas, e quando ela cair, acabem com ela. E a eqüidade não pode entrar. Quando ela estiver fora, mantenham-na ali, Isaías 59.14. 3. Ele insiste em uma máxima

da política, a de que o bem-estar das comunidades deve ter preferência sobre o das pessoas em particular. “Convém a nós, como sacerdotes cujas mentiras estão em risco, que um homem morra pelo povo”. Até aqui, isto é verdade, que é conveniente, e mais do que isto, é verdadeiramente honorável, que um homem arrisque sua vida a serviço do seu país (Fp 2.17; 1 Jo 3.16). Mas levar à morte um inocente, sob o pretexto de levar em conta a segurança pública, é uma política do Diabo. Caifás ardilosamente insinua que o homem melhor e mais grandioso, embora *major singulis – mais grandioso do que qualquer indivíduo*, é *minor universis – menos que a massa coletiva*, e deve pensar que sua vida é bem gasta, ou melhor, bem perdida, ao salvar seu país da destruição. Mas o que tem isto a ver com o assassinato de alguém que era, evidentemente, uma grande benção, sob o pretexto de evitar um mal imaginário ao país? A questão deveria ter sido colocada desta maneira: Seria conveniente que eles trouxessem sobre si mesmos, e sobre sua nação, a culpa do sangue, do sangue de um profeta, para proteger seus interesses civis de um perigo que eles não tinham motivos para temer? Era conveniente que eles afastassem de si mesmos a Deus e a sua glória, em vez de se arriscarem ao descontentamento dos romanos, que não poderiam fazer-lhes nenhum mal, se eles tivessem a Deus do seu lado? Observe que a política carnal, que é movida somente por considerações seculares, enquanto julga salvar tudo através do pecado, destrói tudo no final.

[2] O mistério que havia neste conselho de Caifás não se manifesta à primeira vista, mas o evangelista nos apresenta-o (vv. 51,52): “Ele não disse isso de si mesmo”, isto não era somente a linguagem da sua própria inimizade e política, mas, nestas palavras, ele profetizou que Jesus devia morrer pela nação, embora ele próprio não tivesse consciência disto. Aqui está um precioso comentário sobre um texto pernicioso. O conselho do maldito Caifás interpretado como estando de acordo com os conselhos do bendito Deus. A caridade nos ensina a dar a interpretação mais favorável às temíveis palavras e ações dos homens, mas a piedade nos ensina como aproveitá-las, de maneira até mesmo contrária ao seu propósito original. Se os homens ímpios, naquilo que fazem contra nós, são as mãos de Deus, para nos humilhar e transformar, por que não podem eles, naquilo que dizem contra nós, ser a boca de Deus, para nos instruir e convencer? Porém, nestas palavras de Caifás, havia uma orientação extraordinária do Céu, levando-o

a dizer aquilo que tinha um sentido muito sublime. Da mesma forma que os corações de todos os homens estão nas mãos de Deus, o mesmo ocorre com suas línguas. Estão enganados aqueles que dizem: “Nossas línguas são nossas, de modo que podemos dizer o que quisermos, e não estarmos sujeitos ao julgamento de Deus, ou podemos dizer o que quisermos, e não sermos restringidos pela sua providência e pelo seu poder”. Balaão não pôde dizer o que queria quando veio amaldiçoar Israel, nem Labão, quando perseguiu Jacó.

(4) O evangelista explica e expande as palavras de Caifás.

[1] Ele explica o que Caifás disse, e mostra não somente como isto estava, mas pretendia estar, adaptado a um propósito excelente. Caifás “não disse isso de si mesmo”. Se fosse apenas um artifício para motivar o conselho contra Cristo, ele estaria falando de si mesmo, ou, mais exatamente, da parte do Diabo, mas como era um oráculo, declarando que o propósito e desígnio de Deus, pela morte de Cristo, era salvar o Israel espiritual de Deus do pecado e da ira, ele não dizia de si mesmo, pois não sabia nada sobre este assunto. Ele não queria dizer isto, nem seu coração pensava isto, pois nada havia no seu coração, exceto a intenção de destruir e desarraigar, Isaías 10.7.

Em primeiro lugar, ele profetizou, e aqueles que profetizam não falam de si mesmos em suas profecias. Mas está também Caifás entre os profetas? Ele está, *pro hac vice – esta única vez*, embora fosse um homem mau, e um inimigo implacável de Cristo e do seu Evangelho. Observe: 1. Deus pode fazer, e freqüentemente faz, dos homens maus instrumentos para servir aos seus próprios objetivos, até mesmo contrários às suas próprias intenções, pois Ele não somente os tem acorrentados, para impedi-los de fazer o mal que desejam, mas com rédeas, para levá-los a fazer um serviço que não desejam. 2. Palavras proféticas na boca não são nenhuma evidência infalível de um princípio de graça no coração. Será rejeitada como frívola a alegação: “Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome?”

Em segundo lugar, ele profetizou, sendo “sumo sacerdote naquele ano”. Não que o fato de que fosse sumo sacerdote o dispusesse ou qualificasse para ser um profeta. Nós não podemos supor que a mitra sacerdotal tenha inspirado com profecias a cabeça mais vil que já a usou. Mas: 1. Sendo ele sumo sacerdote, e, portanto, de importância e eminência no conclave, Deus se alegra de colocar esta mensagem importante na sua boca, em vez de

colocá-la na boca de qualquer outra pessoa, para que pudesse ser mais observada, ou para que sua não-observância fosse mais agravada. As máximas dos grandes homens sempre foram julgadas merecedoras de consideração especial: “O rei fala com autoridade divina”. Portanto, esta sentença divina foi colocada nos lábios do sumo sacerdote para que, ao sair da sua boca, esta mensagem pudesse ser estabelecida, que Cristo morreu pelo bem da nação, e não por qualquer iniqüidade que tenha cometido. Coincidiu que Caifás fosse sumo sacerdote naquele ano que estava fixado para ser o ano dos redimidos, quando o Messias, o príncipe, seria tirado, mas não por si mesmo (Dn 9.26). E ele, como sumo sacerdote, deveria reconhecer isto. 2. Sendo sumo sacerdote naquele ano, naquele ano famoso, no qual deveria haver tal abundante efusão do Espírito, mais do que jamais tinha havido, de acordo com a profecia (Joel 2.28,29, comparado com Atos 2.17), algumas gotas da chuva abençoada caíram sobre Caifás, como as migalhas (diz o Dr. Lightfoot) do pão dos filhos, que caem da mesa em meio aos cães. Este ano era o ano do término do sacerdócio levítico, e da boca daquele que era, naquele ano, sumo sacerdote, foi arrancada uma renúncia implícita em favor daquele que não ofereceria (como eles tinham feito por muito tempo) animais por aquela nação, mas que iria oferecer a si mesmo, colocando, desta forma, um fim às ofertas pelo pecado. O sumo sacerdote propôs esta renúncia de forma inconsciente, da mesma forma que Isaque deu a bênção a Jacó.

Em terceiro lugar, o teor da sua profecia dizia que Jesus deveria morrer por aquela nação, o mesmo tema de que deram testemunho todos os profetas, que testemunharam, de antemão, os sofrimentos de Cristo (1 Pe 1.11). Eles previram que a morte de Cristo deveria ser a vida e a salvação de Israel. Por nação, ele se referia àqueles, pertencentes à nação, que obstinadamente aderiam ao judaísmo, mas Deus se referia àqueles que desejassem receber a doutrina de Cristo, e se tornassem seus seguidores, todos os crentes, a semente espiritual de Abraão. A morte de Cristo, que Caifás agora planejava, se tornou a destruição dos interesses que os judeus tinham pela nação. Aquele sumo sacerdote pretendia que a nação estivesse segura e fosse estabelecida. Porém, o assassinato de Cristo trouxe o máximo de ira sobre eles. Eles desejavam arruinar a Cristo, porém ocorreu exatamente o contrário, pois Cristo, sendo elevado da terra, atraiu todos os homens a si. Uma grande doutrina foi profetizada aqui: que Jesus deveria

morrer, morrer pelos outros, não somente para o bem das pessoas, mas no lugar delas. Ele deveria morrer por aquela nação, pois a eles seria feita, em primeira mão, a oferta da salvação que o Senhor Jesus Cristo adquiriu através da sua morte. Se toda a nação dos judeus tivesse, unanimemente, crido em Cristo, e recebido seu Evangelho, eles não somente teriam sido salvos eternamente, mas salvos como uma nação, dos seus sofrimentos. A fonte foi aberta, primeiro, à casa de Davi, Zacarias 13.1. Ele assim morreu por aquela nação de modo que a nação inteira não perecesse, mas para que um remanescente pudesse ser salvo, Romanos 11.5.

[2] O evangelista expande estas palavras de Caifás (v. 52), não somente para aquela nação, embora, de alguma maneira, ela pudesse se considerar privilegiada pelo Céu, mas também para mostrar que o Senhor desejava "reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos". Observe aqui:

Em primeiro lugar, por quem Cristo morreu: não somente pela nação dos judeus (pois este objetivo seria, comparativamente, muito pequeno. O Filho de Deus não se empenharia em uma tarefa tão vasta somente para restaurar os preservados de Jacó e os párias de Israel). Não, Ele devia ser a salvação até às extremidades da terra, Isaías 49.6. Ele devia morrer pelos "filhos de Deus que andavam dispersos". 1. Alguns entendem que a referência está sendo feita aos filhos de Deus que existiam naquela época, e que estavam espalhados pelo mundo gentílico, "varões religiosos de todas as nações" (At 2.5), tementes a Deus (At 10.2), e que o adoravam (At 17.4), prosélitos do portão, que serviam ao Deus de Abraão, mas não se submetiam à lei cerimonial de Moisés, pessoas que tinham uma religiosidade natural, mas estavam dispersas entre as nações, e não realizavam assembléias solenes, nem tinham nenhum tipo de profissão de fé peculiar que os unisse ou distinguisse. Agora, Cristo morria para incorporar estes povos em uma grande sociedade, para que fossem chamados por Ele e governados por Ele. E isto estabeleceria um padrão, ao qual poderiam recorrer todos os que tivessem uma consideração por Deus e uma preocupação pelas suas almas, e ao qual poderiam aderir. 2. Outros entendem que se trata de todos os que pertencem à eleição da graça, os que são chamados de filhos de Deus, embora ainda não sejam nascidos, porque estão predestinados à adoção dos filhos, Efésios 1.5. Agora estes estão espalhados em outras nações, em diversos lugares da terra, sendo oriundos de todas as tribos e línguas (Ap

7.9), e que viveriam em diversas épocas do mundo, até o final dos tempos. Em todas as gerações, existem aqueles que temem ao Senhor, e a todos estes Ele tinha em vista na expiação que fez através do seu próprio sangue. O Senhor morreu em favor de todos aqueles que nele cressem, conforme as palavras que Ele usou em sua oração sacerdotal.

Em segundo lugar, o objetivo e a intenção da morte de Jesus a respeito destas pessoas. Ele morreu para acolher aqueles que vagavam, e para reunir em um corpo os que andavam dispersos; para trazer a si aqueles que estavam distantes, e para unir, em si mesmo, aqueles que estavam distantes entre si. A morte de Cristo é: 1. O grande atrativo aos nossos corações, pois para esta finalidade Ele foi levantado, para atrair os homens a si. A conversão das almas é a reunião deles a Cristo, como seu governante e refúgio, como pombas às suas janelas, e Ele morreu para realizar esta grande obra. Com sua morte, Ele os comprou para si mesmo, e comprou o dom do Espírito Santo para eles. Seu amor, ao morrer por nós, é o grande ímã que atrai nosso amor. 2. O grande centro da nossa unidade. Ele congrega todos em um corpo, Efésios 1.10. Eles são um com Ele, um corpo, um espírito, e um com todos os demais, nele. Todos os santos, de todos os lugares e épocas, agregam se em Cristo, assim como todos os membros na cabeça, e todos os ramos na raiz. Cristo, pelo mérito da sua morte, recomendou que todos os santos se unissem como se fossem uma só pessoa, para que assim pudessem receber a graça e o favor de Deus (Hb 2.11-13), e por motivo da sua morte, recomenda a todos eles o amor e o afeto de uns para com os outros, cap. 13.34.

(5) O resultado deste debate é uma determinação do conselho, de condenar Jesus à morte (v. 53): “Desde aquele dia, pois, consultavam-se para o matarem”. Agora eles compreendiam os desejos uns dos outros, e, desta forma, cada um estava concentrado no seu próprio desejo de que Jesus devia morrer. E, aparentemente, foi nomeado um comitê que devia reunir-se, *de die in diem – diariamente*, para considerar e assessorar-se sobre este intento, e para receber propostas para poder levá-lo a cabo. Observe que a perversidade dos ímpios amadurece gradualmente, Tiago 1.15; Ezequiel 7.10. Dois avanços consideráveis agora eram feitos, no amaldiçoado desígnio daqueles homens iníquos contra Cristo. [1] Sobre aquilo que eles tinham pensado antes individualmente, agora eles estavam todos de acordo, fortalecendo, assim, as mãos uns dos outros na sua perversidade, e

prosseguiram com maior segurança. Os homens maus confirmam e incentivam a si mesmos, e uns aos outros, nas práticas perversas, comparando observações. Os homens de mentes corruptas ficam satisfeitos quando encontram outros que têm a mesma mente. Então, a maldade que antes parecia impraticável, parece não somente possível, mas fácil de ser realizada, *vis unita fortior energies – quando unidos, tornam-se mais eficientes*. [2] Agora eles estão munidos de uma desculpa plausível para se justificarem neste ato, que antes desejavam que fosse praticado, mas lhes faltava um pretexto, e que servirá, se não para remover sua culpa (que é a menor das suas preocupações), pelo menos para remover o ódio, e satisfazer sutilmente, desta maneira, se não a consciência pessoal, a política. Muitos prosseguirão, com muita segurança, fazendo uma coisa má, enquanto tiverem apenas algo a dizer como desculpa. Esta decisão que eles tomaram, de levar Jesus à morte, estando certos ou errados, prova que toda a formalidade de um julgamento, ao qual Ele se submeteu posteriormente, foi apenas espetáculo e pretexto. Eles já estavam determinados anteriormente quanto ao que fazer.

(6) Conseqüentemente, Cristo se ocultou, sabendo muito bem qual era a decisão da trama, v. 54.

[1] Ele suspendeu suas aparições públicas: "Já não andava manifestamente entre os judeus", entre os habitantes da Judéia, que eram, adequadamente, chamados de judeus, especialmente os de Jerusalém; *ou periepatei – Ele não andava* mais entre eles, não ia de um lugar a outro, pregando e realizando milagres, com a liberdade e a abertura que tinha antes, mas enquanto permaneceu na Judéia, ali esteve incógnito. Desta maneira, os principais dos sacerdotes colocaram a luz de Israel debaixo de um alqueire.

[2] Ele retirou-se para uma parte obscura do país, tão obscura que o nome da cidade à qual Ele foi praticamente não é encontrado em nenhuma outra passagem. Ele retirou-se dali para a terra junto do deserto, como se tivesse sido expulso do meio dos homens, ou talvez desejando, como Jeremias, poder ter, no deserto, uma "estalagem de caminhantes", Jeremias 9.2. Ele entrou em uma cidade chamada Efraim. Alguns pensam que era Efrata, isto é, Belém, onde Ele tinha nascido, e que era vizinha ao deserto de Judá. Outros pensam que era Efrom, ou Efraim, mencionada em 2 Crônicas 13.19. Os discípulos foram com Ele até lá. Eles não desejavam deixá-lo

sozinho, nem iriam deixá-lo em perigo. Ali Ele permaneceu, *dietribe*, ali Ele viveu. Ele sabia como aproveitar este tempo de isolamento vivendo de maneira privada, quando não tinha uma oportunidade de pregar publicamente. Ele convivia com seus discípulos, que eram sua família, quando foi expulso do Templo, e suas *diatribai*, ou discursos, ali eram, sem dúvida, muito edificantes. Nós devemos fazer o bem que pudermos, quando não pudermos fazer o bem que desejamos. Mas por que Cristo se escondeu agora? Não foi porque temesse o poder dos seus inimigos, ou porque não tivesse confiança no seu próprio poder. Ele tinha muitas maneiras de se salvar, e não era avesso ao sofrimento, nem estava despreparado para ele. Mas Ele se retirou, em primeiro lugar, para colocar um sinal do seu desgosto sobre Jerusalém e o povo dos judeus. Eles o rejeitaram, e ao seu Evangelho. Com razão, portanto, Ele se retirava, e ao seu Evangelho, do meio deles. O príncipe dos mestres estava agora removido a um canto (Is 30.20), não era possível vê-lo abertamente, e este era um triste presságio daquela espessa escuridão que cairia, dentro de pouco tempo, sobre Jerusalém, porque ela não conhecia o dia da sua visitação. Em segundo lugar, para tornar a crueldade dos seus inimigos contra si ainda mais injustificada. Se aquilo que os perturbava, e que eles julgavam perigoso para o público, era a aparição pública de Jesus, Ele adotaria um breve isolamento para que ficasse manifesto se a ira deles poderia ser afastada. Quando Davi tinha fugido para Gate, Saul estava satisfeito, e não cuidou mais em o buscar, 1 Samuel 27.4. Mas era a vida, a vida preciosa, que aqueles homens ímpios estavam caçando. Em terceiro lugar, sua hora ainda não era chegada, e por isto Ele evitava o perigo, e o fazia de uma maneira comum aos homens, tanto para justificar e incentivar a fuga dos seus servos em tempos de perseguição como para consolar aqueles que são forçados a deixar sua utilidade e são sepultados vivos no isolamento e na obscuridade. O discípulo não é melhor que seu Mestre. Em quarto lugar, seu isolamento, por algum tempo, tinha a intenção de fazer seu retorno a Jerusalém, quando fosse chegada sua hora, mais notável e ilustre. Isto aumentou as aclamações de alegria com as quais os que o queriam bem o receberam na sua aparição pública seguinte, quando Ele entrou triunfantemente na cidade.

(7) A investigação explícita para descobrir onde Ele estava durante seu isolamento, vv. 55-57.

[1] A oportunidade para isto foi a aproximação da Páscoa, na qual eles esperavam a presença dele, de acordo com o costume (v. 55): “Estava próxima a Páscoa dos judeus”. Uma festa que resplandecia no seu calendário, e sobre a qual havia grande expectativa desde algum tempo antes. Esta era a quarta e última Páscoa de Cristo, desde que tinha iniciado seu ministério público, e poderia, verdadeiramente, ser dito (como 2 Cr 35.18): “Nunca se celebrou tal Páscoa em Israel”, pois, nela, “Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós”. Agora, como a Páscoa estava próxima, muitos vinham de todas as partes da nação até Jerusalém, para se purificarem. Isto era, ou, em primeiro lugar, uma purificação necessária daqueles que tivessem sofrido alguma contaminação cerimonial. Eles vinham para serem esparzidos com a água da purificação, e para realizar os demais ritos de purificação, de acordo com a lei, pois não podiam comer a refeição de Páscoa em um estado de impureza, Números 9.6. Desta maneira, antes da nossa Páscoa do Evangelho, nós devemos renovar nosso arrependimento, e, pela fé, lavar-nos no sangue de Cristo, colocando-nos, desta maneira, ao redor do altar de Deus. Ou, em segundo lugar, uma purificação voluntária, ou uma auto-segregação, com jejum e oração, e outros exercícios religiosos, que muitos que eram mais devotos que seus vizinhos praticavam algum tempo antes da Páscoa, e decidiam fazê-lo em Jerusalém, por causa da vantagem do serviço do Templo. Desta maneira, nós devemos, através de uma preparação solene, separar e cercar o monte no qual esperamos nos encontrar com Deus.

[2] A investigação era muito ansiosa: “Diziam uns aos outros, estando no templo: Que vos parece? Não virá à festa?” v. 56.

Em primeiro lugar, alguns pensam que isto foi dito por aqueles que o queriam bem, e esperavam sua vinda, para que pudessem ouvir sua doutrina e ver seus milagres. Aqueles que tinham vindo mais cedo de outras partes da nação, para que pudessem se purificar, estavam muito desejosos de encontrar a Cristo, e talvez tivessem vindo mais cedo com esta expectativa. Portanto, estando no Templo, o lugar da sua purificação, perguntavam: Há alguma notícia de Cristo? Alguém poderia dar-lhes esperança de vê-lo? Se estas pessoas que mostravam este respeito a Cristo eram pessoas do tipo mais devoto e mais inclinado à religião, isto era uma acusação contra a inimizade dos principais dos sacerdotes, e um testemunho contra eles.

Em segundo lugar, parece mais provável que seus inimigos é que fizeram esta investigação a seu respeito, desejando uma oportunidade de lançar mão dele. Vendo que a cidade começava a se encher de gente devota do interior, eles imaginavam que poderiam encontrar Jesus no meio deles. Quando deveriam estar ajudando as pessoas que vinham para se purificar, de acordo com o dever que tinham, eles estavam tramando contra Cristo. Como era desgraçadamente degenerada a igreja judaica, quando os sacerdotes do Senhor tinham se tornado como os sacerdotes dos bezerros, como "um laço para Mispa e rede estendida sobre o Tabor. Os transviados têm descido até ao profundo, na matança" (Os 5.1,2). Em vez de guardarem a festa com pães asmos, eles mesmos se encontravam levedados pelo fermento da pior iniqüidade! "Que vos parece? Não virá à festa?" Suas perguntas indicam: 1. Uma idéia preconceituosa e injusta contra Cristo, como se Ele desejasse omitir seu comparecimento a esta festa do Senhor, por temer expor-se. Se os demais, devido à falta de religiosidade, se ausentassem, não seriam criticados. Mas se Cristo estivesse ausente, em benefício de sua própria preservação (pois Deus quer misericórdia, e não sacrifício), isto seria transformado em uma censura a Ele. Davi incorreria na mesma crítica, se seu lugar estivesse vazio na festa, embora Saul desejasse sua presença somente para ter uma oportunidade de cravá-lo à parede com sua lança, 1 Samuel 20.25-27ss. É triste ver que os homens são capazes de degenerar as santas ordenanças a fim de atenderem a propósitos iníquos. 2. Uma temerosa apreensão de que tivessem perdido o jogo: "'Não virá à festa?' Se não vier, nossas medidas terão sido inúteis, e nós estaremos todos perdidos, pois não há como enviar um servo ao campo, para buscá-lo à força".

[3] As ordens promulgadas pelo governo judeu para a prisão de Jesus eram muito rígidas, v. 57. O grande Sinédrio promulgou uma proclamação, encarregando e exigindo rigorosamente que, se qualquer pessoa, em alguma cidade ou no interior, soubesse onde o Senhor estava (fingindo que Ele era um criminoso, e que tinha fugido da justiça), esta pessoa deveria apresentá-lo. Ele então seria levado, e provavelmente fizeram a promessa de uma recompensa a quem o descobrisse, impondo uma punição sobre aqueles que o abrigassem. Deste modo, o Senhor era descrito ao povo como um homem perigoso e detestável, um fora-da-lei, de quem qualquer pessoa poderia sofrer um ataque. Saul fez uma proclamação semelhante quando desejou prender Davi, e Acabe fez o mesmo acerca de Elias. Veja, em primeiro

lugar, como eles estavam determinados nesta perseguição, e como trabalharam infatigavelmente nela agora, em uma ocasião em que, se tivessem tido algum senso de religião e do dever da sua função, teriam encontrado algo diferente para fazer. Em segundo lugar, como eles estavam dispostos a envolver outras pessoas na sua culpa. Se algum homem fosse capaz de trair a Cristo, eles fariam com que ele se considerasse obrigado a fazê-lo. Este era o interesse que aqueles líderes judeus tinham pelas pessoas, abusavam delas, empregando-as para os piores propósitos. Observe que é um agravo dos pecados dos governantes ímpios o fato de que eles normalmente fazem dos que lhes são subordinados instrumentos das suas injustiças. Mas, apesar desta proclamação, embora, sem dúvida, muitos soubessem onde Ele estava, ainda assim, tal era o interesse por Ele nos afetos do povo, e Deus, o Pai, tinha tal controle sobre as consciências dos homens, que Ele não foi encontrado, pois Deus o ocultou deles.

CAPÍTULO 12

Foi uma narrativa melancólica, a que nós tivemos no final do capítulo anterior, da desonra feita ao nosso Senhor Jesus, quando os escribas e fariseus o declararam traidor da sua igreja, colocando sobre Ele todas as marcas de ignomínia que puderam. Mas a história deste capítulo contrabalança aquele relato, dando-nos a narrativa da honra feita ao Redentor, apesar de toda aquela desonra que tinha sido lançada sobre Ele. Desta maneira, um equilibra o outro. Vejamos que honras foram colocadas sobre nosso Senhor Jesus, mesmo nas profundezas da sua humilhação. I. Maria o honrou, ungindo seus pés, no jantar em Betânia, vv. 1-11. II. As pessoas comuns o honraram, com suas aclamações de alegria, em sua entrada triunfal em Jerusalém, vv. 12-19. III. Os gregos o honraram, perguntando sobre Ele com um grande desejo de vê-lo, vv. 20-26. IV. Deus, o Pai, o honrou, com uma voz vinda do céu, dando testemunho dele, vv. 27-36. V. Ele foi honrado pelos profetas do Antigo Testamento, que tinham predito a infidelidade daqueles que ouvissem notícias dele, vv. 37-41. VI. Ele foi honrado por alguns dos líderes, cujas consciências testificaram dele, embora não tivessem coragem de admiti-lo, vv. 42,43. VII. Ele reivindicou honra a si mesmo, pela declaração sua missão divina, e pelo relato que Ele deu da sua incumbência no mundo,

vv. 44-50.

Maria Unge os Pés de Cristo. A Hipocrisia de Judas. A Indignação dos Principais dos Sacerdotes

vv. 1-11

Nestes versículos, temos:

I A gentil visita que nosso Senhor Jesus fez aos seus amigos em Betânia, v. 1. Ele veio do interior, seis dias antes da Páscoa, e foi até Betânia, uma cidade que, conforme as redondezas das nossas metrópoles, está tão próxima de Jerusalém, que é incluída na sua taxa de mortalidade. Ele se hospedou ali com seu amigo Lázaro, a quem recentemente tinha ressuscitado. Sua vinda a Betânia nesta ocasião pode ser considerada:

1. Como um prefácio à Páscoa que Ele pretendia celebrar, à qual se faz referência, indicando a data da sua vinda: “Seis dias antes da Páscoa”. Os varões devotos dedicavam algum tempo antes da Páscoa para se prepararem para esta solenidade, e, desta maneira, era adequado que nosso Senhor Jesus cumprisse toda a justiça. Desta maneira, Ele nos deu um exemplo de auto-isolamento solene, antes das solenidades da Páscoa do Evangelho. Ouçamos a voz que clama: “Preparai o caminho do Senhor”.

2. Como uma exposição voluntária à fúria dos seus inimigos. Agora que sua hora era chegada, Ele vinha ao alcance deles, e se oferecia livremente a eles, embora já lhes tivesse mostrado com que facilidade Ele podia escapar de todas as suas armadilhas. Observe: (1) Nosso Senhor Jesus foi voluntário nos seus sofrimentos. Sua vida não foi retirada dele à força, mas foi entregue resignadamente: “Eis que venho”. Assim como a força dos seus perseguidores não podia subjugá-lo, também sua sutileza não podia surpreendê-lo, mas Ele morreu porque desejou fazê-lo. (2) Como existe uma hora quando nós temos permissão de fugir para nossa própria preservação, assim existe uma hora em que somos chamados para arriscar nossas vidas na causa de Deus, como o apóstolo Paulo, quando foi, ligado pelo Espírito, a Jerusalém.

3. Como um exemplo da sua bondade para com seus amigos em Betânia, a quem Ele amava, e de quem Ele seria afastado em pouco tempo. Esta é

uma visita de despedida. Ele veio para despedir-se deles, e para deixar-lhes palavras de consolo para o dia da provação que se aproximava. Observe que embora Cristo se afaste do seu povo por algum tempo, Ele lhes dá indicações de que parte com amor, e não com ira. Betânia aqui é descrita como sendo a cidade onde estava Lázaro, a quem Jesus “ressuscitara dos mortos”. O milagre realizado aqui coloca uma nova honra sobre o lugar, tornando-o notável. Cristo veio para cá para observar que aproveitamento foi feito deste milagre, pois, onde Cristo realiza prodígios, e mostra sinais e favores, Ele acompanha estes lugares, para ver se a intenção dos milagres foi correspondida. Ele observa os locais onde plantou com abundância, para ver se haverá uma boa colheita.

II A gentil acolhida que seus amigos lhe proporcionaram: “Fizeram-lhe... uma ceia” (v. 2), uma grande ceia, um banquete. Há uma sugestão de que esta seria a mesma que está registrada em Mateus 24.6ss., na casa de Simão. A maioria dos comentaristas pensa que sim, pois a essência da história e muitas das circunstâncias coincidem. Mas aquela ceia está colocada depois do que foi dito dois dias antes da Páscoa, ao passo que esta se realizou seis dias antes. Além disto, não é provável que Marta servisse em qualquer casa que não fosse a sua. E por isto eu concordo com o Dr. Lightfoot em pensar que são dois eventos diferentes: aquela, no Evangelho de Mateus, aconteceu no terceiro dia da semana da Páscoa, mas esta, no sétimo dia da semana anterior, sendo o sábado dos judeus, a noite anterior à sua entrada triunfal em Jerusalém; aquela aconteceu na casa de Simão, esta, na de Lázaro. Sendo ambas as mais públicas e solenes recepções oferecidas a Ele em Betânia, provavelmente Maria compareceu a ambas com este sinal do seu respeito, e o que ela guardou do seu ungüento nesta primeira ocasião, quando utilizou apenas uma libra dele (v. 3), ela usou naquela segunda ocasião, quando o derramou todo, Marcos 14.3. Vejamos o relato desta recepção. 1. “Fizeram-lhe... uma ceia”, pois, entre eles, normalmente, a ceia era a melhor refeição. Eles lhe fizeram esta ceia como sinal do seu respeito e gratidão, pois um banquete é feito pela amizade, e para que pudessem ter uma oportunidade de uma conversa livre e agradável com Ele, pois um banquete é feito para comunhão. Talvez seja como uma alusão a esta e a outras recepções semelhantes feitas a Cristo, nos dias da sua carne, que Ele promete, àqueles que abrem a porta de seus corações a Ele, que ceará com

eles, Apocalipse 3.20. 2. “Marta servia”. Ela mesma servia à mesa, como símbolo do seu grande respeito pelo Mestre. Embora fosse uma pessoa de um certo nível, ela não julgou que servir fosse uma atitude inferior, quando Cristo se sentou para a refeição. Nem nós julgamos que seja uma desonra ou uma depreciação para nós nos curvarmos a qualquer serviço com o qual Cristo possa ser honrado. Anteriormente, Cristo tinha censurado a Marta, por estar “ansiosa e afadigada com muitas coisas”. Mas ela não deixou de servir por isto, como alguns que, quando são reprovados por algum extremo, irritados, vão ao outro extremo. Não, ela ainda servia, não como naquela ocasião, à distância, mas agora ela ouvia as palavras graciosas de Cristo, que faziam bem-aventurados aqueles que, como disse a rainha de Sabá a respeito dos servos de Salomão, estavam sempre diante dele, que ouviam sua sabedoria (1 Rs 10.8). É melhor ser um garçom à mesa de Cristo do que um convidado à mesa de um príncipe. 3. “Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele”. O fato de que houve aqueles que realmente comeram e beberam com Jesus provou a verdade da ressurreição de Lázaro, assim como a do próprio Senhor Jesus, Atos 10.41. Lázaro não se retirou para um deserto depois da sua ressurreição, como se, depois de ter feito uma visita ao outro mundo, devesse ser para sempre um eremita neste. Não, ele convivia familiarmente com as pessoas, como todos. Ele se sentou à refeição, como um monumento do milagre que Cristo tinha realizado. Aqueles a quem Cristo ressuscitou a uma vida espiritual são levados a se sentarem junto com Ele. Veja Efésios 2.5,6.

III O respeito especial que Maria mostrou por Jesus, acima dos demais, ao ungir seus pés com um pouco de ungüento, v. 3. Ela tinha “uma libra de ungüento de nardo puro, de muito preço”. Alguns entendem que este ungüento provavelmente se destinava ao seu próprio uso, mas, com a morte e a ressurreição de seu irmão, ela não costumava mais usar tais coisas. Com este ungüento, ela ungiu os pés de Jesus, e, como um sinal adicional da sua reverência por Ele, e negligência por si mesma, ela os enxugou com seus cabelos, e isto foi observado por todos os que estavam presentes, pois “encheu-se a casa do cheiro do ungüento”. Veja Provérbios 27.16.

1. Sem dúvida, ela pretendia que isto fosse um símbolo do seu amor por Cristo, que tinha dado sinais muito verdadeiros do seu amor por ela e pela sua família, e, desta maneira, ela estuda o que vai fazer. Com isto, seu amor

por Cristo parece ter sido: (1) Um amor generoso. Longe de economizar nos gastos necessários no serviço a Ele, ela é tão engenhosa a ponto de criar uma oportunidade para gastar uma grande soma em sua adoração, enquanto muitos procuram evitar isto. Se ela tivesse alguma coisa mais valiosa do que aquele ungüento, esta seria trazida para a honra de Cristo. Observe que aqueles que amam a Cristo, amam-no verdadeiramente muito mais e melhor do que a este mundo, a ponto de estarem dispostos a entregar o que tiverem de melhor por amor a Ele. (2) Um amor condescendente. Ela não somente ofereceu a Cristo seu ungüento, mas com suas próprias mãos o derramou sobre Ele, embora pudesse ter ordenado a algum de seus servos que o fizesse. Ela não ungiu sua cabeça, como era usual, mas seus pés. O verdadeiro amor, assim como não economiza gastos, também não economiza esforços, para honrar a Cristo. Considerando o que Cristo fez e sofreu por nós, nós somos muito ingratos se julgamos que algum serviço é excessivamente difícil de realizar, ou é muito humilde para que nos curvemos e o realizemos, se Ele puder realmente ser glorificado. (3) Um amor com fé. Havia fé operando este amor, a fé em Jesus como o Messias, o Cristo, o Ungido, que, sendo tanto sacerdote quanto rei, foi ungido, como foram Arão e Davi. Observe que o Ungido de Deus será nosso Ungido. Deus derramou sobre Ele o óleo de alegria, mais do que sobre seus companheiros? Derramemos sobre Ele o azeite dos nossos melhores afetos, acima de tudo e de todos aqueles que disputam nossa atenção e afeto. Ao aceitarmos Cristo como nosso rei, nós devemos seguir os desígnios de Deus, indicando como nosso cabeça aquele a quem Deus, o Pai, indicou, Oséias 1.11.

2. O fato de que a casa se encheu com o cheiro do ungüento pode nos indicar: (1) Que aqueles que recebem a Cristo em seus corações e em suas casas trazem um aroma doce a si mesmos. A presença de Cristo traz consigo um ungüento e um perfume que alegram o coração. (2) As honras feitas a Cristo são consolos a todos os seus amigos e seguidores. Elas são, para Deus e para os homens bons, uma oferta que tem um cheiro suave.

IV O descontentamento de Judas com a homenagem de Maria, ou com o símbolo do seu respeito por Cristo, vv. 4,5, onde observe-se:

1. A pessoa que reclamou foi Judas, um dos discípulos. Judas não tinha a mesma natureza dos demais discípulos, mas era somente um deles, um dos

que faziam parte do grupo deles. É possível que os piores homens se escondam sob o disfarce da melhor profissão de fé, e há muitos que fingem que se relacionam com Cristo, quando, na realidade, não lhe dedicam uma amizade sincera. Judas era um apóstolo, um pregador do Evangelho, e ainda assim desencorajou e censurou este exemplo piedoso de afeto e devoção. Observe que é triste ver a vida cristã e o zelo sagrado serem censurados e desaprovados por pessoas que teriam a obrigação, pelo seu trabalho, de ajudá-los e incentivá-los. Mas este era aquele que iria trair a Cristo. Observe que a indiferença no amor a Cristo, e um desprezo secreto da piedade séria, quando aparecem nos que professam a religião, são tristes presságios de uma apostasia final. Os hipócritas, através de exemplos menores de materialismo, revelam se dispostos a aceitar tentações maiores.

2. A desculpa com a qual Judas encobriu seu descontentamento (v. 5): "'Por que não se vendeu este ungüento', uma vez que se destinava a um uso piedoso, por trezentos dinheiros, 'e não se deu aos pobres?" (1) Aqui uma vil iniqüidade é embelezada com uma desculpa plausível e aparentemente aceitável, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. (2) Aqui a sabedoria mundana repreende um zelo piedoso, como sendo culpado de imprudência e incompetência de administração. Aqueles que se valorizam com base na sua política secular, e subestimam os outros pela sua séria piedade, têm mais do espírito de Judas em si do que se imaginaria que tivessem. (3) Aqui a caridade aos pobres é usada como pretexto para a oposição à piedade a Cristo, e é, secretamente, um disfarce para a cobiça. Muitos se justificam por não gastarem com a caridade sob o pretexto de acumularem recursos para a caridade. Mas, se as nuvens estiverem cheias de chuva, irão se esvaziar. Judas perguntou: "Por que não se deu aos pobres?" A isto, é fácil responder: Porque era melhor concedê-lo ao Senhor Jesus. Observe que não devemos concluir que não fazem um serviço aceitável aqueles que não o fazem da nossa maneira, e exatamente como nós o teríamos feito, como se todas as coisas devessem ser consideradas imprudentes e inadequadas se não se baseiam em nós e nos nossos sentimentos. Os homens orgulhosos julgarão imprudentes aqueles que não se aconselharem com eles.

3. A descoberta e a revelação da hipocrisia de Judas, v. 6. Aqui está a observação que o evangelista faz a este respeito, sob a orientação daquele que sonda o coração: "Ele disse isso não pelo cuidado que tivesse dos

pobres, mas porque era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava".

(1) Não se originava de um princípio de caridade: "não pelo cuidado que tivesse dos pobres". Ele não sentia compaixão por eles, nem se preocupava com eles. O que os pobres eram para Judas, além do fato de que eles podiam servir aos seus próprios fins, sendo um administrador de recursos destinados aos pobres? Desta maneira, alguns disputam acaloradamente o poder da igreja, e outros, sua pureza, quando, talvez, pudesse ser dito: Não pelo cuidado da igreja. Para eles, é a mesma coisa, se o verdadeiro interesse é nadar ou naufragar, mas, com este pretexto, eles progridem. Simão e Levi fingiram zelar pela circuncisão, não porque se preocupassem pelo selo do concerto, não mais do que Jeú se preocupou com o Senhor dos exércitos, quando disse: "Vai comigo e verás o meu zelo".

(2) Isto se originava de um princípio de cobiça. A verdade da questão consistia em que uma vez que este ungüento era designado para seu Mestre, Judas preferiria tê-lo em dinheiro, para ser colocado no fundo comum que lhe era confiado, e então ele saberia o que fazer com ele. Observe:

[1] Judas era o tesoureiro da casa de Cristo, e por isto alguns pensam que ele era chamado Iscariotes, aquele que leva a bolsa. Em primeiro lugar, veja as condições que Jesus e seus discípulos tinham para viver. Eles tinham muito pouco. Eles não tinham campos nem negócios, nem celeiros nem armazéns, somente uma bolsa, ou, como alguns supõem que seja o significado da palavra, uma caixa, ou cofre, onde guardavam apenas o suficiente para sua subsistência, dando o excedente, se houvesse, aos pobres. Isto eles levavam consigo, onde quer que fossem. *Omnia mea mecum porto – Eu levo comigo tudo o que tenho*. Esta bolsa se originava das contribuições das pessoas boas, e era totalmente compartilhada entre o Mestre e seus discípulos. Isto deve diminuir nossa estima pela riqueza do mundo, e nos insensibilizar para a cobiça e para os detalhes cerimoniais, e nos reconciliar com um modo de vida humilde e desprezível, se este for nosso destino, o qual foi o modo de vida do nosso Mestre. Por nós, Ele se fez pobre. Em segundo lugar, veja quem administrava o pouco que eles tinham. Era Judas, ele cuidava da bolsa. Era seu trabalho receber e pagar, e nós não lemos que ele tenha feito qualquer prestação de contas desta atividade. Judas foi indicado para esta função, ou: 1. Porque era o menor e o mais inferior de todos os discípulos. Nem Pedro nem João foram nomeados administradores (embora esta fosse uma função de confiança e lucro), mas

Judas, o menor deles. Observe que os trabalhos seculares, assim como são uma digressão, também são uma degradação para um ministro do Evangelho. Veja 1 Coríntios 6.4. Os primeiros ministros de estado do reino de Cristo se recusavam a se preocupar com a parte financeira, Atos 6.2. Ou: 2. Porque ele desejava esta função. Ele adorava manusear o dinheiro, e por isto a bolsa lhe foi confiada, ou: (1) Como uma gentileza, para agradá-lo, e, desta maneira, obrigá-lo a ser fiel ao seu Mestre. Às vezes, os súditos ficam insatisfeitos com o governo porque suas preferências são desapontadas, mas Judas não tinha motivos para reclamar disto. Ele tinha pedido a bolsa, e a tinha conseguido. Ou: (2) Como um julgamento sobre ele, para puni-lo pela sua iniqüidade secreta. Isto era como colocar nas suas mãos algo que seria para ele uma cilada e uma armadilha. Observe que as fortes inclinações para o pecado interior são freqüentemente, e com razão, punidas com fortes tentações para o pecado exterior. Nós temos poucas razões para nos apegarmos à bolsa, ou nos orgulharmos dela, pois, na melhor hipótese, nós seremos apenas seus administradores. E assim era Judas, um homem de mau caráter, nascido para ser enforcado (perdoem-me pela força da expressão), que administrava a bolsa. “A prosperidade dos loucos os destruirá”.

[2] Tendo a bolsa a ele confiada, ele era um ladrão, isto é, tinha uma predisposição para o roubo. O amor reinante ao dinheiro rouba o coração, tanto quanto a ira e a vingança matam o coração. Talvez ele tivesse sido realmente culpado de apropriar-se indevidamente da provisão do Mestre, e convertesse, para seu uso próprio, o que era doado para os bens públicos. E alguns conjeturam que agora, tendo ouvido seu Mestre falar tanto sobre problemas que se aproximavam, os quais ele não poderia de nenhuma maneira suportar, ele planejava encher os bolsos, e então fugir e deixar seu Mestre. Observe que aqueles aos quais é confiada a administração e o destino do dinheiro público têm a necessidade de serem governados por firmes princípios de justiça e honestidade, para que nenhuma mancha se fixe às suas mãos, pois, embora alguns brinquem, e nem sequer levem a sério, quando se trata de enganar o governo, ou a igreja, ou o país, se esta traição for roubo, haverá um sério problema. Sendo as comunidades mais consideráveis do que as pessoas em particular, roubá-las é um grande pecado. Assim, a culpa pelo roubo e o destino dos ladrões não será considerado motivo para brincadeiras. Judas, que tinha traído a confiança

que tinha recebido, pouco tempo depois traiu o seu Mestre.

VA justificação que o Senhor Jesus Cristo expressou sobre o ato de Maria (vv. 7,8): “Deixai-a”. Com isto, Ele evidenciava que aceitava a gentileza dela (embora o Senhor fosse perfeitamente mortificado em relação a todos os prazeres dos sentidos, ainda assim, como este era um sinal de boa vontade da parte dela, Ele se mostrou satisfeito por este gesto), e que estava preocupado que ela não fosse perturbada por este motivo. Alguns podem interpretar a atitude do Senhor como um gesto de perdão: “Perdoem-na desta vez. Ainda que seja um erro, é um erro que está sendo cometido por amor”. Observe que Cristo não censurará nem desencorajará aqueles que desejam sinceramente agradá-lo, embora, nos seus empenhos honestos, talvez não esteja presente toda a prudência possível, Romanos 14.3. Embora você não fizesse as coisas da forma que a outra pessoa decidiu fazer, deixe-a em paz. Para a justificação de Maria:

1. Cristo interpreta o que ela fez de uma maneira favorável, da qual aqueles que a condenavam não tinham consciência: “Para o dia da minha sepultura guardou isto”. Ou: “Ela reservou isto para o dia em que Eu for embalsamado”, segundo o Dr. Hammond. “Vocês não lamentam o ungüento usado para embalsamar seus amigos mortos, nem dizem que ele deveria ser vendido ou dado aos pobres. Este ungüento tinha este propósito, ou, pelo menos, isto pode ser assim interpretado, pois o dia do meu sepultamento está próximo, e ela ungiu um corpo que já está praticamente morto”. Observe que: (1) Nosso Senhor Jesus pensava muito e freqüentemente sobre sua própria morte e sobre seu sepultamento. Seria bom que nós também fizéssemos isto. (2) A Providência freqüentemente abre assim uma porta de oportunidades aos bons cristãos, e o Espírito da graça abre assim seus corações, para que as expressões do seu zelo piedoso provem ser mais oportunas, e mais belas, do que qualquer previsão que se pudesse fazer delas. (3) A graça de Cristo coloca gentis comentários sobre as palavras e ações piedosas das pessoas boas, e não somente aproveita ao máximo o que está incorreto, mas tira o maior proveito do que é bom.

2. Ele dá uma resposta adequada à objeção de Judas, v. 8. (1) Está ordenado, no reino da Providência, que sempre tenhamos conosco os pobres, e que um ou outro sejam objetos de caridade (Dt 15.11). Estes existirão, enquanto aqui houver, neste estado desvirtuado da humanidade,

tanta loucura e tanto sofrimento. (2) Está ordenado, no reino da graça, que a igreja não teria sempre a presença física de Jesus Cristo. “A mim não me haveis de ter sempre, mas somente por um pouco” Observe que precisamos de sabedoria, quando duas tarefas competem entre si, para saber a qual delas dar a preferência, o que deve ser determinado pelas circunstâncias. As oportunidades devem ser aproveitadas, e primeiro e mais vigorosamente aquelas que provavelmente terão a duração mais curta, e que podemos ver mais rapidamente concluídas. O bom dever que pode ser feito a qualquer momento deve ceder o lugar para aquele que não poderá ser feito, a menos que seja agora.

VI O conhecimento público da presença do nosso Senhor Jesus aqui, nesta ceia, em Betânia (v. 9): “Muita gente dos judeus soube que ele estava ali”, porque Ele era o assunto da aldeia, “e foram” até lá. Mais ainda, porque Ele tinha estado afastado até recentemente, e agora surgia como o sol, por trás de uma nuvem escura. 1. Eles foram para ver Jesus, cuja fama estava muito aumentada, consideravelmente pelo último milagre que Ele tinha realizado, ao ressuscitar a Lázaro. Eles foram, não para ouvi-lo, mas para satisfazer sua curiosidade com uma visão dele ali em Betânia, temendo que Ele não aparecesse publicamente, como costumava fazer, nesta Páscoa. Foram, não para prendê-lo, ou denunciá-lo, embora o governo o acusasse de ser um fora-da-lei, mas para vê-lo e prestar-lhe respeito. Observe que há alguns em cujos afetos Cristo desperta algum interesse, apesar de todos os esforços dos seus inimigos para apresentá-lo de forma deturpada. Quando se sabia onde Cristo estava, multidões iam até Ele. Observe que, onde está o rei, ali está a corte; onde estiver Cristo, ali se ajuntarão as pessoas, Lucas 17.37. 2. Eles foram para ver a Lázaro e a Cristo juntos, o que era uma visão muito convidativa. Alguns vieram para a confirmação da sua fé em Cristo, para ouvir a história contada, talvez, pela boca do próprio Lázaro. Outros vieram somente para satisfazer sua curiosidade, para que pudessem dizer que tinham visto um homem que tinha morrido e sido enterrado, e ainda assim viveu novamente. De modo que Lázaro servia como um espetáculo, naqueles dias santos, para aqueles que, como os atenienses, passavam o tempo contando e ouvindo novidades. Talvez alguns viessem para fazer perguntas curiosas a Lázaro sobre a condição de morto, para perguntar quais eram as novidades do outro mundo. Nós mesmos, algumas

vezes, podemos ter dito: Nós teríamos feito qualquer coisa para ter uma hora de conversa com Lázaro. Mas, se alguém viesse com este objetivo, é provável que Lázaro ficasse em silêncio e não lhes contasse nada sobre sua jornada. Pelo menos, as Escrituras mantêm silêncio a este respeito, e não nos narram nada sobre isto, e nós não devemos ambicionar saber além do que está escrito. Mas nosso Senhor Jesus estava presente, e era uma pessoa muito mais adequada para ouvir perguntas do que Lázaro, pois, se não ouvirmos a Moisés nem aos profetas, ou a Cristo e aos apóstolos, se não prestarmos atenção ao que eles nos contam a respeito do outro mundo, tampouco seremos persuadidos, embora Lázaro tivesse ressuscitado dos mortos. Nós temos uma palavra profética muito mais garantida.

VII A indignação dos principais dos sacerdotes com o crescente interesse pelo nosso Senhor Jesus, e seu plano para esmagar este interesse (vv. 10,11): eles "tomaram deliberação", ou decretaram, "para matar também a Lázaro, porque muitos dos judeus, por causa dele", do que tinha sido feito a ele, não por qualquer coisa que ele tivesse dito ou feito, "iam e criam em Jesus". Observe aqui:

1. Como tinham sido inúteis e infrutíferos, até agora, seus esforços contra Cristo. Eles tinham feito tudo o que podiam para afastar dele as pessoas, e exasperá-las contra Ele, e ainda assim muitos dos judeus, seus vizinhos, suas criaturas, seus admiradores, estavam tão dominados pela evidência convincente dos milagres de Cristo, que deixaram de lado seu interesse e partidarismo com os sacerdotes, deixaram a obediência à sua tirania, e creram em Jesus. E isto por causa de Lázaro. Sua ressurreição deu vida à fé deles, e os convenceu de que este Jesus era, sem dúvida, o Messias, e tinha vida em si mesmo, e o poder de dar vida. Este milagre os confirmou na fé dos outros milagres de Jesus, os quais eles tinham ouvido que Ele realizara na Galiléia. O que seria impossível, para aquele que podia ressuscitar os mortos?

2. Como era absurda e irracional esta decisão, de que Lázaro devia ser levado à morte. Este é um exemplo da fúria mais ignorante que pode haver. Eles eram como um touro selvagem preso em uma rede, tomado pela fúria, e arremetendo ao seu redor, sem qualquer consideração. Era um sinal de que eles nem temiam a Deus, nem tinham consideração pelo homem. Pois: (1) Se temessem a Deus, eles não teriam cometido tal ato de desafio a Ele.

Deus desejou que Lázaro vivesse, pelo seu milagre, e eles desejam que ele morra, pela sua maldade. Eles gritam: “Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva”, quando Deus tão recentemente o tinha enviado de volta à terra, declarando que era altamente adequado que ele vivesse. O que era isto, exceto ser contrário ao Senhor? Eles desejavam levar Lázaro à morte, e desafiar o poder todo-poderoso a ressuscitá-lo outra vez, como se pudessem lutar contra Deus e disputar títulos com o Rei dos reis. Quem tem as chaves da morte e da sepultura, Ele ou eles? *O caeca malitia! Christus qui suscitare potuit mortuum, non possit occisum – Maldade cega, esta de supor que Cristo, que podia ressuscitar alguém que tinha morrido por morte natural, não conseguiria ressuscitar alguém que tivesse sido assassinado!* – Agostinho, *in loc*. Lázaro é destacado para ser o objeto do ódio especial daqueles homens, porque Deus o distinguiu com os sinais do seu amor peculiar, como se eles tivessem feito uma aliança ofensiva e defensiva com a morte e o inferno, e tivessem decidido ser severos com todos os desertores. Poderíamos pensar que eles deveriam ter determinado como poderiam ter se unido em amizade com Lázaro e sua família, e, por seu intermédio, ter se reconciliado com este Jesus a quem tinham perseguido. Mas o deus deste mundo tinha cegado suas mentes. (2) Se tivessem consideração pelo homem, eles não teriam feito um ato de tal injustiça contra Lázaro, um homem inocente, a quem não pretendiam acusar de nenhum crime. Que faixas são suficientemente fortes para prender aqueles que podem, tão facilmente, romper os mais sagrados laços da justiça comum, e violar as máximas que a própria natureza nos ensina? Mas o apoio à sua própria tirania e superstição era considerado suficiente, como na igreja de Roma, não somente para justificar, mas para consagrar as maiores vilanias, e torná-las dignas de méritos.

A Entrada de Cristo em Jerusalém

vv. 12-19

Esta história da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém está registrada por todos os evangelistas, por ser merecedora de atenção especial. E nela, podemos observar:

I O respeito que as pessoas comuns prestavam ao nosso Senhor Jesus, vv. 12,13, onde lemos:

1. Quem eram as pessoas que lhe prestavam tal respeito: muitas pessoas, *ochlos polys – uma grande multidão* daqueles que vieram à festa, não os habitantes de Jerusalém, mas as pessoas do interior, que vinham das partes mais distantes para a adoração na festa. Quanto mais próximos estavam do Templo do Senhor, mais distantes ficavam do Senhor do Templo. Eram as pessoas que tinham vindo para a festa. (1) Talvez tivessem ouvido a Cristo no campo, e tivessem sido seus grandes admiradores ali. Por isto, entusiasmaram-se a testemunhar o respeito que tinham por Ele, e o fizeram em Jerusalém, onde sabiam que Ele tinha muitos inimigos. Observe que aqueles que verdadeiramente valorizam e veneram a Cristo não sentirão vergonha nem medo de reconhecê-lo diante dos homens, em qualquer circunstância em que o possam honrar. (2) Talvez eles fossem aqueles judeus mais devotos que tinham vindo para a festa algum tempo antes, para purificar-se, aqueles que tinham mais interesse na religião do que seus vizinhos, e estes eram os que se entusiasmavam tanto em honrar a Cristo. Observe que, quanto mais consideração os homens têm por Cristo e pelo Evangelho em geral, mais predispostos eles estarão para receber a Cristo e ao seu Evangelho, que não destrói, mas aperfeiçoa todas as revelações e instituições anteriores. Estas pessoas que saíam para encontrar a Cristo não eram os líderes, nem os nobres, mas as pessoas comuns. Alguns os teriam chamado de gentalha, de plebe, mas Cristo escolheu as coisas loucas e fracas (1 Co 1.27), e se sente mais honrado pela quantidade do que pela magnificência dos seus seguidores, pois Ele valoriza os homens pelas suas almas, não pelos seus nomes nem seus títulos de honra.

2. O que fizeram nesta ocasião: ouviram que Jesus vinha a Jerusalém. Eles tinham perguntado por Ele (cap. 11.55,56): “Não virá à festa?” E agora ouvem que Ele está vindo, pois ninguém que procura a Cristo, o procura em vão. Agora, depois de ouvir que Ele vinha, eles se apressam para propiciar-lhe uma acolhida agradável. Observe que as notícias da chegada de Cristo e do seu reino devem nos estimular a considerar qual é o trabalho do dia, aquele que pode ser feito neste dia. Israel deve preparar-se para se encontrar com seu Deus (Am 4.12), e as virgens, para encontrar o esposo.

3. De que maneira eles expressaram seu respeito: eles não tinham as chaves da cidade, para entregar a Ele, nem a espada ou o cetro, para levar

diante dele, ninguém para saudá-lo com música, mas o que eles tinham, lhe deram. E mesmo esta multidão desprezível tinha uma débil semelhança com aquela que João viu diante do trono, e diante do Cordeiro, Apocalipse 7.9,10. Embora estes não estivessem diante do trono, estavam diante do Cordeiro, o Cordeiro pascal, que agora, de acordo com a cerimônia usual, quatro dias antes da festa, devia ser separado para ser sacrificado por nós. Sobre este coro celestial, está escrito:

(1) Que tinham nas mãos ramos de palmeiras. O ramo de palmeira sempre tinha sido um emblema de vitória e triunfo. Cícero chamava alguém que tinha ganho muitos prêmios de *plurimarum palmarum homo – um homem com muitos ramos de palmeira*. Agora Cristo, pela sua morte, iria conquistar principados e potestades, e, portanto, era adequado que Ele tivesse os ramos de palmeira dos vitoriosos agitados diante de si. Embora Ele estivesse apenas se cingindo, Ele podia gabar-se como se se descingisse. Mas isto não era tudo. O carregar de ramos de palmeira fazia parte da cerimônia da Festa dos Tabernáculos (Lv 23.40; Ne 8.15), e o fato de que as pessoas usem esta expressão de alegria na acolhida que dão ao nosso Senhor Jesus evidencia que todas as festas apontavam para seu Evangelho, cumpriam-se nele, e particularmente a Festa dos Tabernáculos, Zacarias 14.16.

(2) Que eles “clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus” (Ap 7.10). Isto fizeram estes, clamaram diante dele, como é usual em recepções populares: “Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!”. Hosana significa salvação. Esta é uma citação de Salmos 118.25,26. Veja como estas pessoas comuns estavam bastante familiarizadas com as Escrituras, e de que maneira pertinente elas as aplicaram ao Messias. Os pensamentos elevados a respeito de Cristo serão mais bem expressos através das palavras das Escrituras. Nas suas aclamações: [1] Eles reconhecem que nosso Senhor Jesus é o rei de Israel, aquele que vem em nome do Senhor. Embora Ele entrasse agora em pobreza e desgraça, e contrariamente às noções que os escribas lhes tinham dado sobre o Messias, ainda assim eles o reconhecem como sendo um rei, o que evidencia tanto sua dignidade e sua honra, que nós devemos adorar, quanto sua soberania e seu poder, aos quais nós devemos nos submeter. Eles reconhecem que Ele é, em primeiro lugar, um rei legítimo, que vem em nome do Senhor (Sl 2.6), enviado por Deus, não somente como um profeta,

mas como um rei. Em segundo lugar, o rei prometido e esperado por tanto tempo, o Messias, o príncipe, pois Ele é o rei de Israel. De acordo com o conhecimento que tinham, eles o proclamaram rei de Israel nas ruas de Jerusalém, e, sendo eles mesmos israelitas, desta maneira, sancionavam-o como seu rei. [2] Eles sinceramente desejam o bem deste seu reino, pois este é o significado de Hosana. Que prospere o rei de Israel, assim como quando Salomão foi coroado eles clamaram: “Viva o rei Salomão”, 1 Reis 1.39. Clamando Hosana, eles oravam pedindo três coisas. Em primeiro lugar, que seu reino pudesse vir na sua luz e conhecimento, e no seu poder e eficácia. Que Deus favoreça o arado do Evangelho. Em segundo lugar, que ele possa conquistar, e ser vitorioso sobre toda oposição, Apocalipse 6.2. Em terceiro lugar, que ele possa durar. Hosana significa: Que o rei viva para sempre. Embora seu reino possa ser perturbado, que ele nunca seja destruído, Salmos 72.17. [3] Eles lhe dão as boas-vindas a Jerusalém: “Bem-vindo o que vem. Nós estamos sinceramente felizes por vê-lo. Entre, bendito do Senhor, e possamos nós receber, bendizendo, aquele que vem ao nosso encontro com suas ricas bênçãos”. Esta acolhida é como a de Salmos 24.7-9: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças”. Da mesma maneira, cada um de nós deve acolher a Cristo em nossos corações, isto é, devemos louvá-lo e nos alegrarmos com sua presença. Assim como nós devemos ficar altamente satisfeitos com a existência e os atributos de Deus, e seu relacionamento conosco, também devemos nos alegrar com a pessoa e as funções do Senhor Jesus, e sua mediação entre nós e Deus. A fé diz: “Bendito o que vem”.

II A postura que Cristo adota para receber os respeitos que lhe são prestados (v. 14): depois de ter encontrado, ou procurado, um jumentinho, Jesus se assentou sobre ele. Era apenas uma pobre imagem a que Ele transmitia, sozinho, sentado sobre um jumentinho, com uma multidão de pessoas ao seu redor, gritando “Hosana”. 1. Isto era muito mais pompa do que Ele estava acostumado a ter. Ele costumava viajar a pé, mas agora estava montado. Embora seus seguidores devam estar dispostos a se satisfazer com coisas humildes, e não desejar nada que pareça grandioso, ainda assim têm a permissão de usar os serviços das criaturas inferiores. Podemos usar todas as coisas que o Senhor Deus nos provê, de acordo com o modo que Ele determinou. Pelo seu concerto com Noé e seus filhos, o

Senhor dá ao homem a posse particular destas coisas, juntamente com o domínio geral delas. 2. Mas era uma pompa muito menor do que os grandes do mundo normalmente têm. Se Ele quisesse ter feito uma entrada pública, de acordo com a condição de um homem de alto nível, Ele deveria ter entrado em um palanquim como o de Salomão (Ct 3.9,10), com colunas de prata, o estrado de ouro, com um assento e cobertura de púrpura. Mas, se julgarmos de acordo com a moda deste mundo, ser apresentado desta maneira era mais um menosprezo do que qualquer honra ao rei de Israel, pois daria a impressão de que Ele queria parecer grandioso e não sabia como. Seu reino não era deste mundo, e por isto não veio com pompa exterior. Agora Ele se humilhava, mas, no seu estado exaltado, João o vê em uma visão sobre um cavalo branco, com um arco e uma coroa (Ap 6.2).

III O cumprimento das Escrituras neste evento: "Como está escrito: Não temas, ó filha de Sião!", vv. 14,15. Isto é uma citação de Zacarias 9.9. Todos os profetas deram testemunho a respeito dele, e particularmente este.

1. Tinha sido predito que o rei de Sião viria, viria desta maneira, sentado sobre um jumentinho. Até mesmo o detalhe desta circunstância tinha sido predito, e Cristo tomou cuidado para que ele fosse minuciosamente cumprido. Observe: (1) Cristo é o rei de Sião. O santo monte Sião estava destinado, há muito tempo, a ser a metrópole, ou a cidade real do Messias. (2) O rei de Sião cuida e cuidará dela, e virá a ela. Embora Ele se ausente por um curto período de tempo, no tempo devido retornará. (3) Embora Ele venha lentamente (um jumentinho caminha devagar), ainda assim Ele vem com certeza, e com tais expressões de humildade e condescendência, de modo a incentivar enormemente a procura e a expectativa dos seus súditos leais. Os suplicantes humildes podem conseguir falar com Ele. Se o fato de que seu rei não venha em maior poder ou pompa é um desencorajamento para Sião, é bom que ela saiba que, embora Ele venha a ela montado sobre um jumentinho, ainda assim Ele investe contra seus inimigos cavalgando sobre os céus para ajudá-la, Deuteronômio 33.26.

2. A filha de Sião, portanto, é convocada a contemplar seu rei, para observá-lo, e sua aproximação. Saí e contemplai, pois Ele vem para ser observado, embora não com pompa exterior, Cantares 3.11. "Não temas". Na profecia, está escrito que Sião deve alegrar-se muito, e exultar, mas aqui está traduzido: "Não temas". Os temores da descrença são inimigos das

alegrias espirituais. Se eles foram curados, se forem dominados, a alegria virá naturalmente. Cristo vem ao seu povo para silenciar seus temores. Se a situação for tal, a ponto de não conseguirmos exultar de alegria, ainda assim devemos nos esforçar para sair da opressão do medo. “Alegra-te muito”, ou, pelo menos, “não temas”.

IV A observação feita pelo evangelista a respeito dos discípulos (v. 16): “Os seus discípulos, porém, não entenderam isso no princípio”, por que Cristo fez isto, e como as Escrituras se cumpriram, “mas, quando Jesus foi glorificado”, e, em seguida, o Espírito foi derramado, “então, se lembraram de que isso estava escrito dele” no Antigo Testamento, e que eles e outros, em conseqüência disso, tinham-lhe feito estas coisas.

1. Veja aqui a imperfeição dos discípulos, no seu estado infantil. Nem mesmo eles entenderam estas coisas no princípio. Eles não consideraram, quando apanharam o jumentinho e assentaram Jesus sobre ele, que estavam realizando a cerimônia de posse oficial do rei de Sião. Observe: (1) As Escrituras freqüentemente se cumprem por meio daqueles que não a têm por propósito no que fazem, Isaías 45.4. (2) Há muitas coisas excelentes, tanto na Palavra quanto na providência de Deus, que os próprios discípulos não compreendiam no princípio, nem no seu primeiro encontro com as coisas de Deus, enquanto vêem os homens como árvores que andam, nem as situações na primeira vez que lhes foram propostas, para que as vissem e considerassem. Aquilo que posteriormente ficou claro, era, no princípio, obscuro e duvidoso. (3) Convém aos discípulos de Cristo, quando estão amadurecidos em conhecimento, refletir freqüentemente sobre as tolices e fraquezas do seu início, para que a graça possa ter a glória da sua proficiência, e para que possam ter compaixão dos ignorantes. “Quando eu era menino, falava como menino”.

2. Veja aqui o aperfeiçoamento dos discípulos, no seu estado adulto. Embora tivessem sido crianças, não foram sempre assim, mas prosseguiram para se aperfeiçoarem. Observe:

(1) Quando eles entenderam: “Quando Jesus foi glorificado”, pois: [1] Até então, eles não tinham compreendido corretamente a natureza do seu reino, mas esperavam que ele surgisse com pompa e poder externos, e, portanto, não souberam aplicar as Escrituras que o descreviam com aparência tão humilde. Observe que o entendimento correto da natureza espiritual do

reino de Cristo, dos seus poderes, glórias e vitórias, nos impedirá de interpretar e aplicar mal as Escrituras que falam dele. [2] Até então, o Espírito, que devia conduzi-los em toda a verdade, não fora derramado. Observe que os discípulos de Cristo são capacitados para compreender as Escrituras pelo mesmo Espírito que as escreveu. O espírito de revelação é, para todos os santos, espírito de sabedoria, Efésios 1.17,18.

(2) Como eles entenderam. Eles compararam a profecia com o evento, e puseram-nos lado a lado, para que um pudesse ser esclarecido pelo outro, e assim conseguiram compreender as duas coisas: “Então, se lembraram de que isso estava escrito dele” pelos profetas, consoante ao que lhe fizeram. Observe que existe uma harmonia tão admirável entre a Palavra e as obras de Deus, que a lembrança daquilo que está escrito irá nos capacitar a compreender o que é feito, e a observação do que é feito irá nos auxiliar a compreender o que está escrito. Assim como ouvimos, também vimos. As Escrituras se cumprem todos os dias.

VA razão que levou as pessoas a prestarem este respeito ao nosso Senhor Jesus na sua vinda a Jerusalém, embora o governo fosse tão contrário a Ele. Foi por causa do ilustre milagre que Ele tinha realizado recentemente, ao ressuscitar a Lázaro.

1. Veja aqui a importância que eles atribuíam a este milagre, e a certeza que tinham dele. Sem dúvida, a cidade toda falava sobre isto, a notícia estava na boca de todos. Mas aqueles que o consideravam como uma prova da missão de Cristo, e uma base para a fé nele, para que pudessem ficar satisfeitos com os fatos, verificaram o relato com aqueles que tinham sido testemunhas oculares do milagre, para que pudessem conhecer a certeza dele com a maior evidência possível: “A multidão, pois, que estava com ele quando Lázaro foi chamado da sepultura”, sendo encontrada e examinada, “testificava”, v. 17. Unanimemente declararam que era verdade, sem discussão ou contradição, e estavam prontos, se necessário fosse, a depor sob juramento, pois isto é o que implica a palavra *emartyrei*. Observe que a verdade dos milagres de Cristo era evidenciada por provas incontestáveis. É provável que aqueles que tinham visto este milagre não somente o afirmassem para aqueles que lhes perguntavam, mas declaravam sem ser perguntados, para que isto pudesse somar-se aos triunfos deste dia solene, e a vinda de Cristo agora de Betânia, onde o milagre tinha se realizado, os

lembraria a todos dele. Observe que aqueles que desejam o bem do reino de Cristo devem estar dispostos a proclamar o que sabem, para que isto possa redundar em sua honra.

2. Que uso fizeram deste fato, e que influência ele teve sobre eles (v. 18): "Pelo que", tanto quanto quaisquer outros, "a multidão lhe saiu ao encontro". (1) Alguns, por curiosidade, estavam desejosos de ver aquele que tinha realizado uma obra tão maravilhosa. Ele tinha pregado muitos bons sermões em Jerusalém que não tinham atraído tal multidão como este único milagre. Mas: (2) Outros, com consciência, procuravam honrá-lo, como alguém enviado por Deus. Este milagre estava reservado para ser um dos últimos, para poder confirmar aqueles que aconteceram antes, e poder obter esta honra para Ele, justamente antes dos seus sofrimentos. As obras de Cristo não somente eram todas bem feitas (Mc 7.7), mas também bem programadas.

VI A indignação dos fariseus com tudo isto. Alguns deles, provavelmente, viram, e logo todos ouviram falar da entrada pública de Cristo. Quando Jesus se retirou para o isolamento, o comitê indicado para encontrar expedientes para esmagá-lo pensou que tinha conseguido seu intento, e pensou que Ele logo seria esquecido em Jerusalém, mas agora eles se enfureciam e irritavam quando viam que tinham imaginado algo inútil. 1. Eles reconheceram que não tinham conquistado terreno contra Ele. Era claramente perceptível que eles não tinham controlado nada. Eles não tinham podido, com todas as suas insinuações, afastar o afeto das pessoas por Jesus, nem com suas ameaças, impedi-los de mostrar seu afeto por Ele. Observe que aqueles que se opõem a Cristo, e combatem seu reino, serão levados a perceber que não predominam sobre nada. Deus irá alcançar seus objetivos, apesar deles e dos pequenos esforços da sua maldade impotente. "Vós não prevaleceis sobre nada", *ouk opheleite – nada aproveitais*. Observe que não se consegue nada através de uma oposição a Cristo. 2. Eles reconhecem que Ele tinha conquistado terreno: "Todos vão após ele". Há uma vasta multidão que o acompanha, um mundo de gente, uma hipérbole comum na maioria dos idiomas. Mas aqui, como Caifás, antes que se dessem conta disto, eles profetizaram que o mundo iria após Ele, pessoas de todos os tipos, e de todas as partes, as nações serão discipuladas. Mas com qual objetivo isto foi dito? (1) Desta maneira, eles expressavam

sua própria irritação com o crescimento do interesse que Ele despertava. A inveja que sentiam os irritava. Se a força do justo se exaltar em glória, o ímpio verá isto e se enraivecerá (Sl 112.9,10). Considerando como eram grandiosos estes fariseus, e a abundância de respeito que lhes era prestada, poderíamos pensar que eles não precisariam invejar a Cristo por uma honra tão insignificante como esta que Ele recebia agora. Mas os homens orgulhosos desejam monopolizar a honra, e não querem que ninguém a compartilhe, como Hamã. (2) Desta maneira, eles se estimulavam uns aos outros para um prosseguimento ainda mais vigoroso na guerra contra Cristo. Era como se dissessem: “Perder tempo assim e retardar, é algo que nunca dará certo. Nós devemos tomar outro rumo, mais efetivo, para dar um fim a esta infecção. É hora de usar nossos maiores talentos e forças, antes que nosso desgosto seja irremediável”. Desta maneira, os inimigos do Evangelho se tornam mais resolutos e ativos quando se sentem frustrados. E será que os amigos do Evangelho deveriam se deixar desencorajar devido a cada desapontamento, mesmo sabendo que sua causa é justa e que, no final, será vitoriosa?

Certos Gregos Desejam Ver Jesus. A Recompensa dos Servos de Cristo

vv. 20-26

Aqui alguns gregos que tinham perguntado por Ele, com respeito, o honram. Não lemos que dia era este, na última semana de Cristo. Provavelmente, não era o mesmo dia em que Ele entrou em Jerusalém (pois aquele dia foi dedicado ao trabalho público), mas um dia ou dois depois daquele.

I Nós lemos quem eram as pessoas que prestaram esta honra ao nosso Senhor Jesus: “Alguns gregos entre os que tinham subido a adorar no dia da festa”, v. 20. Alguns pensam que eram judeus da dispersão, alguns das doze tribos que estavam dispersos entre os gentios, e eram chamados de gregos, judeus helênicos. Mas outros opinam que eram gentios, os que eram chamados prosélitos do portão, tais como o eunuco e Cornélio. A religião natural pura encontrava a melhor recepção entre os judeus, e, portanto,

aqueles entre os gentios que eram mais piedosos os acompanhavam em seus encontros solenes, à medida que isto lhes era permitido. Havia adoradores devotos do Deus verdadeiro até mesmo entre aqueles que eram estranhos à comunidade de Israel. Foi nos últimos tempos da igreja judaica que houve este afluxo de gentios ao Templo de Jerusalém – um feliz presságio da derrubada do muro de separação entre judeus e gentios. A proibição dos sacerdotes, de aceitar qualquer oblação ou sacrifício de um gentio (o que foi feito por Eleazar, filho de Ananias, o sumo sacerdote), diz Josefo, foi uma das coisas que motivou os ataques dos romanos, *War*, liv. 2, cap. 30. Embora estes gregos, se incircuncisos, não tivessem permissão para participar da refeição de Páscoa, ainda assim vinham para adorar na festa. Nós devemos, com gratidão, usar os privilégios que temos, embora possa haver outros que nos sejam proibidos.

II Qual foi esta honra que lhe prestaram: eles queriam “ver a Jesus”, v. 21. Tendo vindo para adorar na festa, desejavam fazer o melhor uso possível do seu tempo, e, portanto, dirigiram-se a Filipe, desejando que ele os pusesse no caminho de conseguir uma conversa pessoal com o Senhor Jesus. 1. Tendo um desejo de ver a Cristo, eles foram diligentes no uso dos meios adequados. Eles não concluíram que era impossível conseguir falar com Ele, uma vez que Ele era tão procurado pela multidão, nem ficaram simplesmente desejando, mas decidiram tentar e ver o que poderia ser feito. Observe que aqueles que desejam ter conhecimento de Cristo, devem procurá-lo. 2. Eles procuraram a Filipe, um dos discípulos. Alguns pensam que eles o tinham conhecido anteriormente, e viviam perto de Betsaida, na Galiléia dos gentios. E isto nos ensina que nós devemos aproveitar o conhecimento que temos das pessoas boas, para que nosso conhecimento a respeito de Cristo cresça. É bom conhecer aqueles que conhecem o Senhor. Mas, se estes gregos tinham estado perto da Galiléia, é provável que tivessem conhecido Cristo ali, onde Ele residia na maior parte do tempo. Por isto, eu penso que eles se dirigiram a Filipe somente porque viram que ele era um seguidor próximo de Cristo, e foi o primeiro com quem conseguiram falar. Embora parecesse humilde, o fato de que procurassem um dos discípulos de Jesus para conseguir uma oportunidade de conversar com Ele foi um exemplo da veneração que eles tinham por Cristo, um sinal de que eles o consideravam como alguém grandioso. Aqueles que desejam

ver a Jesus pela fé, agora que Ele está no céu, devem dirigir-se aos seus ministros, a quem Ele nomeou para este propósito, para guiar as pobres almas na sua busca por Ele. Paulo deveria procurar a Ananias, e Cornélio, a Pedro. A condução destes gregos ao conhecimento de Cristo, por intermédio de Filipe, significou a interferência dos apóstolos, e a utilidade do seu ministério na conversão dos gentios à fé, e no discipulado das nações. 3. As palavras que dirigiram a Filipe foram, em resumo, estas: “Senhor, queríamos ver a Jesus”. Eles lhe dão um título de respeito, como alguém digno de honra, porque se relacionava com Cristo. Seu interesse é que queriam ver a Jesus, não somente ver seu rosto, para que pudessem dizer, quando voltassem para casa, que tinham visto alguém de quem se falava tanto (é provável que o tivessem visto quando apareceu publicamente), mas queriam ter algum tipo de conversa com Ele, e queriam que Ele os ensinasse, pois não era fácil encontrá-lo em seu tempo livre, suas mãos estavam muito cheias de trabalho público. Agora que tinham vindo para adorar na festa, queriam ver Jesus. Observe que, em nosso comparecimento às ordenanças sagradas, os cultos ao Senhor, e particularmente à Páscoa do Evangelho, o grande desejo das nossas almas deve consistir em ver Jesus. Ter nossa familiaridade com Ele aumentada, nossa confiança nele fortalecida, nossa conformidade a Ele mantida. Vê-lo como nosso, conservar a comunhão com Ele, e obter comunicações da graça vindas dele. Não alcançaremos o objetivo da nossa vinda se não virmos Jesus. 4. Aqui está o relato que Filipe fez deste fato ao seu Mestre, v. 22. Ele conta a André, que também era de Betsaida, e um veterano no grupo dos apóstolos, contemporâneo de Pedro, e lhe pergunta o que deviam fazer, se ele julgava que o pedido seria aceito ou não, porque Cristo tinha dito algumas vezes que Ele havia sido enviado somente à casa de Israel. Eles estão de acordo que o pedido devia ser feito, mas então Filipe deseja que André o acompanhe, provavelmente lembrando da aceitação favorável que Cristo lhes tinha prometido, caso dois deles concordassem na terra acerca de qualquer coisa que pedissem, Mateus 18.19. Observe que os ministros de Cristo devem ajudar-se mutuamente e contribuir para ajudar a levar as almas a Cristo: “Melhor é serem dois do que um”. Parece que André e Filipe levaram esta mensagem a Cristo quando Ele estava ensinando em público, pois lemos (v. 29) a respeito da multidão que ali estava. Raramente Ele estava sozinho.

III A aceitação de Cristo desta honra que lhe era dedicada, representada pelo que Ele disse às pessoas que ali estavam, v. 23ss., em que o Senhor prediz tanto a honra que Ele mesmo teria por ser seguido (vv. 23,24) quanto a honra que teriam aqueles que o seguissem, vv. 25,26. Isto tinha o propósito de orientar e incentivar estes gregos, e todos os demais que desejassem conhecê-lo.

1. Ele prevê uma abundante colheita, na conversão dos gentios, da qual esta era uma espécie de primícias, v. 23. Cristo disse aos dois discípulos que vieram trazer o pedido dos gregos, mas duvidavam se seriam bem-sucedidos ou não: "É chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado", pela ascensão dos gentios à igreja e para isto, Ele devia ser rejeitado pelos judeus. Observe:

(1) O objetivo designado, que é a glorificação do Redentor: "É verdade? Os gentios começam a me procurar? A estrela da manhã começa a aparecer para eles? Já estão sentindo o alvorecer do novo dia? A bendita salvação tem sua hora e lugar, e está começando a alcançar os confins da terra? Então é chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado". Isto não era surpresa para Cristo, mas um paradoxo para os que estavam ao seu redor. Observe: [1] O chamado, o efetivo chamado, dos gentios à igreja de Deus contribuiu enormemente para a glória do Filho do homem. A multiplicação dos redimidos era a exaltação do Redentor. [2] Havia uma hora, uma hora indicada, uma hora certa, para a glorificação do Filho do homem, que, por fim, chegou, quando os dias da sua humilhação estavam contados e terminados, e Ele fala da chegada desta hora com exultação e triunfo: "É chegada a hora".

(2) A estranha maneira como este fim seria alcançado, que seria pela morte de Cristo, evidenciada naquela semelhança (v. 24): "Na verdade, na verdade vos digo", a quem falei da minha morte e dos meus sofrimentos, "que, se o grão de trigo, caindo", não somente na, mas dentro da, "terra, não morrer", e ser enterrado e extraviado, "fica ele só", e nunca mais será visto; "mas, se morrer", de acordo com o curso da natureza (caso contrário, seria um milagre), "dá muito fruto", Deus dá a cada semente seu próprio corpo. Cristo é o grão de trigo, o grão mais valioso e útil. Aqui temos:

[1] A necessidade da humilhação de Cristo é evidenciada. Ele nunca teria sido a viva e vivificante cabeça e raiz da igreja se não tivesse descido do céu a esta terra amaldiçoada, e se não tivesse sido erguido desta no madeiro

maldito, obtendo, desta maneira, nossa redenção. Ele deve derramar sua alma na morte, caso contrário não poderá ter parte com os poderosos, Isaías 53.12. Ele terá uma semente, que lhe será dada, mas Ele deve derramar seu sangue para comprá-la e purificá-la, deve ganhá-la e usá-la. Da mesma maneira, isto era necessário como uma qualificação para aquela glória que Ele teria, quando as multidões se unissem à sua igreja. Pois, se o Senhor Jesus não tivesse, pelos seus sofrimentos, expiado o pecado, apresentando, desta maneira, uma justiça duradoura, Ele não seria suficientemente qualificado para receber aqueles que viessem a Ele, e, portanto, deveria permanecer sozinho.

[2] A vantagem da humilhação de Cristo é exemplificada. Ele se humilhou ao máximo na sua encarnação, parecendo que estava sendo enterrado vivo nesta terra, tal a maneira como sua glória foi ocultada. Mas isto não era tudo: Ele morreu. O Deus imortal se submeteu à lei da mortalidade, e esteve no sepulcro como uma semente sob a terra. Mas, assim como a semente aflora novamente, verde e fresca, e floresce, e cresce, o Cristo morto trouxe a si milhares de cristãos vivos, e se tornou sua raiz. A salvação das almas até aqui, e daqui até o final dos tempos, deve-se à morte deste grão de trigo. Deste modo, o Pai e o Filho são glorificados, a igreja é abastecida, o corpo místico é mantido, e será, no final, completado. E quando o tempo já não existir mais, o Capitão da nossa salvação, trazendo muitos filhos à glória, pela virtude da sua morte e ressurreição, e tendo sido aperfeiçoado pelos sofrimentos, será celebrado para sempre, pelos louvores alegres dos santos e dos anjos, Hebreus 2.10,13.

2. Ele prevê e promete uma abundante recompensa àqueles que o aceitarem cordialmente, e ao seu Evangelho, e aos seus interesses, e evidenciarem que o fazem pela sua fidelidade, sofrendo por Ele ou servindo-o.

(1) Sofrendo por Ele (v. 25): “Quem ama a sua vida”, mais do que a Cristo, “perdê-la-á”, mas “quem, neste mundo, aborrece a sua vida”, e prefere a graça de Deus e o interesse em Cristo a ela, “guardá-la-á para a vida eterna”. Cristo insistia muito nesta doutrina, pois o grande desígnio do seu Evangelho é nos desacostumar deste mundo, colocando-nos diante de outro.

[1] Veja aqui as conseqüências fatais de um desordenado amor à vida. Muitos homens se abraçam à morte, e perdem sua vida, amando-a demais.

Aquele que amar tanto sua vida física neste mundo, sua vida animal, a ponto de ser indulgente com seus desejos, e fizer provisões para a carne, satisfazer sua luxúria, estará encurtando seus dias, perderá esta vida que tanto aprecia, além de outra, infinitamente melhor. Aquele que ama tanto a vida do corpo, e seus prazeres e delícias, a ponto de, temendo arriscá-los, renegar a Cristo, os perderá, isto é, perderá a verdadeira felicidade no outro mundo, enquanto pensa estar garantindo uma felicidade imaginária neste. "Pele por pele" um homem pode dar pela sua vida, e será capaz de fazer um negócio aparentemente bom, mas aquele que dá sua alma, seu Deus, seu céu, pela sua vida, paga por ela um preço muito alto, e é culpado de cometer a mesma tolice daquele que vendeu sua primogenitura por um guisado.

[2] Veja também a abençoada recompensa de um sagrado desprezo pela vida. Aquele que aborrece tanto a vida do corpo, a ponto de arriscá-la para preservar a vida da sua alma, achará a ambas, com vantagens indescritíveis, na vida eterna. Observe que, em primeiro lugar, é necessário que os discípulos de Cristo aborreçam sua vida neste mundo. Uma vida neste mundo pressupõe uma vida no mundo porvir, e esta é aborrecida quando é menos amada do que aquela. Nossa vida neste mundo inclui todas as alegrias deste nosso estado atual, riquezas, honras, prazeres, e uma longa vida. Mesmo possuindo tudo isto, nós devemos aborrecer, isto é, desprezar estas coisas, por serem inúteis e insuficientes para nos fazer felizes, odiar as tentações que há nelas, e separar-nos delas alegremente, quando competirem com o serviço a Cristo, Atos 20.24; 21.13; Apocalipse 12.11. Veja aqui o poder da santidade, que conquista os mais fortes afetos naturais, e o mistério da santidade, que é a maior sabedoria, e ainda assim faz com que os homens detestem suas próprias vidas. Em segundo lugar, aqueles que, por amor a Cristo, aborrecem sua vida neste mundo, serão abundantemente recompensados na ressurreição dos justos. Aquele que "aborrece a sua vida, guardá-la-á". Cada crente deve colocar sua vida nas mãos daquele que a guardará para a vida eterna, e a devolverá com uma melhoria tão grande quanto a que a vida celestial pode fazer da vida terrena.

(2) Servindo a Ele (v. 26): "Se alguém me serve, siga-me", como um servo segue ao seu mestre; "e, onde eu estiver", *ekei kai ho diakonos ho emos estai – ali esteja meu servo.* Assim alguns interpretam, indicando parte do dever do servo, que precisa estar perto do Senhor para servi-lo.

Nós entendemos como parte da promessa: Ali ele estará em felicidade comigo. E para que isto não pareça pouco, Ele acrescenta: “Se alguém me servir, meu Pai o honrará”. E isto é suficiente, mais que suficiente. Os gregos desejavam ver a Jesus (v. 21), mas Cristo os faz saber que não era suficiente vê-lo, eles devem servi-lo. Ele não veio a este mundo para ser um espetáculo para nossa vista, mas para ser um rei, para nos governar. E Ele diz isto para o incentivo daqueles que o procuravam, para se tornarem seus servos. Ao empregar servos, é comum determinar tanto o trabalho quanto o salário. Cristo faz as duas coisas aqui.

[1] Aqui está o trabalho que Cristo espera dos seus servos. É muito fácil, e razoável, e do tipo que lhes é conveniente.

Em primeiro lugar, que acompanhem os movimentos do seu Mestre: “Se alguém me serve, siga-me”. Os cristãos devem seguir a Cristo, seguir seus métodos e suas prescrições, fazer o que Ele diz, seguir seu exemplo e modelo, andar como Ele andou, seguir sua conduta, pela sua providência e pelo seu Espírito. Nós devemos ir aonde Ele nos levar, e pelo caminho pelo qual Ele nos levar. Devemos seguir o Cordeiro a qualquer lugar que Ele nos conduzir. “Se alguém me serve, se ele se coloca neste relacionamento comigo, que se dedique ao meu serviço, e sempre esteja ao meu dispor” Ou: “Se alguém realmente me serve, que faça uma profissão pública e aberta do seu relacionamento comigo, seguindo-me, assim como um servo reconhece seu mestre seguindo-o pelas ruas”.

Em segundo lugar, que acompanhem o repouso do seu Mestre: “Onde eu estiver, ali estará também o meu servo”, para me servir. Cristo está onde estiver sua igreja, nas assembléias dos seus santos, onde são administradas suas ordenanças, e ali deverão estar seus servos, para se apresentarem diante dele, e receberem dele suas instruções. Ou: “Quando Eu estiver no céu, para onde vou agora, ali deverão estar os pensamentos e os afetos dos meus servos, ali deverá estar seu interesse, onde Cristo estiver assentado”. Colossenses 3.1,2.

[2] Aqui estão as recompensas que Cristo promete aos seus servos, e são muito ricas e nobres.

Em primeiro lugar, eles serão felizes com Ele: “Onde eu estiver, ali estará também o meu servo”. Estar com Ele, quando Ele estava aqui, em meio à pobreza e às dificuldades, não seria viver sua primazia. Portanto, sem dúvida, o Senhor se refere à bênção de estar com Ele no paraíso, assentado

com Ele à sua mesa, nas alturas, no seu trono ali. Estar com Cristo é a felicidade de todos aqueles que vivem no céu, cap. 17.24. Cristo fala da felicidade do céu como se já estivesse ali: “Onde eu estiver”, porque Ele tinha certeza disto, e estava próximo disto, e isto era seguro aos seus olhos e ao seu coração. E a mesma alegria e glória que Ele julgava recompensa suficiente para todos os seus serviços e sofrimentos são propostas aos seus servos, como recompensa pelos seus. Aqueles que o seguirem ao longo do caminho estarão com Ele no final.

Em segundo lugar, eles serão honrados pelo Pai. Ele os compensará por todos os seus sofrimentos e perdas, conferindo-lhes uma honra, como é conveniente que um grande Deus o faça, mas muito além daquilo que os vermes insignificantes da terra poderiam esperar receber. Aquele que dá a recompensa é o próprio Deus, que considera os serviços prestados ao Senhor Jesus como sendo prestados a si mesmo. A recompensa é a honra, a verdadeira e eterna honra, a mais elevada honra. É a honra que vem de Deus. Está escrito (Pv 27.18): “O que vela pelo seu senhor”, humildemente e diligentemente “será honrado”. Deus honrará aqueles que servirem a Cristo. Eles serão recompensados no dia determinado por Deus, que agora está oculto de todos, como se estivesse sob um véu. Aqueles que servem a Cristo devem se humilhar, e serão normalmente desprestigiados neste mundo, e, como recompensa por estas duas cosias, eles serão exaltados no momento adequado.

Até aqui, as palavras de Cristo fazem referência àqueles gregos que desejavam vê-lo, incentivando-os a servi-lo. Não sabemos o que aconteceu com aqueles gregos, mas esperamos que todos aqueles que perguntarem qual é o caminho para o céu, com seus rostos voltados para lá, o encontrem, e caminhem nele.

A Confirmação Divina de Cristo. O Sermão de Cristo ao Povo

vv. 27-36

Aqui Cristo é honrado pelo seu Pai, por uma voz vinda do céu, ocasionada pelas suas palavras seguintes, e que propiciou uma conversa adicional com o povo. Nestes versículos, temos:

I. As palavras de Cristo ao seu Pai, por ocasião da dificuldade que perturbou seu espírito neste momento: “Agora, a minha alma está perturbada”, v. 27. Palavras estranhas saindo dos lábios de Cristo, e, desta vez, surpreendentes, pois elas surgem em meio a diversas perspectivas agradáveis, com as quais, poderíamos pensar, Ele devia ter dito: Agora minha alma está satisfeita. Observe que a perturbação da alma, às vezes, surge depois de grandes vitórias espirituais. Neste mundo de misturas e transformação, nós devemos esperar desalentos à nossa alegria, e que o mais alto grau de consolo seja o passo seguinte à perturbação. Depois de ter estado no terceiro céu, Paulo tinha um espinho na carne. Observe:

1. O terror que Cristo sentia pelos seus sofrimentos iminentes: “Agora, a minha alma está perturbada”. Agora tinha início a cena escura e funesta, estes eram os primeiros espasmos do sofrimento da sua alma, agora tinha início sua agonia, sua alma começava a sentir-se excessivamente entristecida. Observe que: (1) O pecado da nossa alma foi a perturbação da alma de Cristo, quando Ele se encarregou de nos redimir e salvar, e de fazer da sua alma uma oferta pelo nosso pecado. (2) A perturbação da alma de Cristo se destinava a diminuir a perturbação das nossas almas, pois, depois disto, Ele disse aos seus discípulos (cap. 14.1): “‘Não se turbe o vosso coração’. Por que deveriam perturbar-se vossos corações, e o meu também?” Nosso Senhor Jesus prosseguiu alegremente no seu trabalho, com a perspectiva da alegria diante de si, e ainda assim sujeito a uma perturbação da alma. A tristeza santa é coerente com a alegria espiritual, e é o caminho para a alegria eterna. Cristo agora estava perturbado, entristecido, temeroso, e assim ficaria durante algum tempo. Mas não seria assim para sempre, e não duraria tanto tempo. O consolo dos cristãos em suas perturbações é o mesmo. Elas duram somente um momento, e serão transformadas em alegria.

2. A dificuldade na qual Ele parece estar, evidenciada pelas palavras: “E que direi eu?” Isto não significa que Ele estivesse consultando a qualquer outra pessoa, como se precisasse de conselho, mas que estava considerando, consigo mesmo, o que era apropriado que Ele dissesse agora. Quando nossas almas estão perturbadas, nós devemos prestar atenção para não falar de forma imprudente ou irrefletida, mas debater internamente o que devemos dizer. Cristo fala como alguém que está decidindo o que fazer. Havia uma luta entre a obra de que Ele tinha se encarregado, que exigia

sofrimentos, e a natureza que Ele tinha assumido, que temia tais sofrimentos. Entre estas duas, aqui Ele faz uma pausa: “E que direi eu?” Ele procurou, e não havia ninguém para ajudá-lo, o que fez com que o Senhor fizesse uma pausa. Calvino observa que o fato de que Ele falasse desta maneira, como alguém que está prestes a tomar uma decisão, é um grande exemplo da humilhação de Cristo. *Quo se magis exinanivit gloriae Dominus, eo luculentius habemus erga nos amoris specimen – Quanto mais completamente o Senhor da glória se esvazia, mais brilhante é a evidência do amor que Ele sente por nós*. Desta maneira, Ele estava sendo, em todos os aspectos, tentado, como nós o somos, e isto para nos encorajar, quando não soubermos o que fazer, a erguer os olhos a Ele.

3. Sua oração a Deus, em meio a esta situação difícil: “Pai, salva-me desta hora”, *ek tes horas tautes – livra-me desta hora*, orando, não tanto para que esta hora não chegasse, mas para que Ele pudesse passar por ela. “Salva-me desta hora”. Estas eram palavras de uma natureza inocente, e expressa sentimentos que estavam sendo derramados em oração. Observe que é o dever e o interesse das almas perturbadas recorrer a Deus em fiel e fervorosa oração, e em oração olhá-lo como um Pai. Cristo era voluntário nos seus sofrimentos, e ainda assim orou para ser salvo deles. Observe que a oração para evitar um problema pode muito bem ser coerente com a paciência para suportá-lo, e a submissão à vontade de Deus em meio à situação. Observe que o Senhor chama seus sofrimentos de “esta hora”, referindo-se aos eventos esperados, que estavam próximos. Aqui Ele indica que o momento do seu sofrimento era: (1) Uma hora determinada, fixada, e Ele a conhecia. Tinha sido dito duas vezes, anteriormente, que sua hora ainda não era chegada, mas agora ela estava tão próxima, que Ele podia dizer que já era chegada. (2) Um curto período de tempo. Uma hora dura pouco, e também durariam pouco os sofrimentos de Cristo. Ele podia ver, através deles, a alegria diante de si.

4. Sua aquiescência com a vontade do seu Pai, apesar de tudo. O Senhor Jesus faz uma pausa e recorda o que tinha dito antes: “Mas para isso vim a esta hora”. A natureza inocente teve a primeira palavra, mas a sabedoria e o amor divinos, a última. Observe que aqueles que desejam prosseguir regularmente devem fazê-lo com base em reflexões adicionais. O queixoso fala em primeiro lugar, mas, se desejarmos julgar com justiça, deveremos ouvir a outra parte. Com a reflexão adicional, Ele censurou a si mesmo:

“Mas para isso vim a esta hora”. Ele não se cala em relação aos seus sofrimentos, por não poder evitá-los, não havia solução, mas se satisfaz com o fato de não poder evitá-los, pois estava de acordo com seu compromisso voluntário, e seria o ápice de toda a sua missão. Se Ele fugisse agora, isto frustraria tudo o que tinha sido feito até aqui. Aqui há uma referência aos conselhos divinos a respeito dos seus sofrimentos, em virtude dos quais lhe convinha submeter-se e sofrer. Observe que o fato de que fomos, o tempo todo, designados para as horas mais funestas da nossa vida deve nos reconciliar com elas. Veja 1 Tessalonicenses 3.3.

5. A consideração do Senhor Jesus pela honra de Deus, o Pai, nesta circunstância. Tendo retirado sua primeira petição, Ele apresenta outra, de acordo com a qual Ele irá agir: “Pai, glorifica o teu nome”, com o mesmo significado de: Pai, seja feita a tua vontade, pois a vontade de Deus é para sua própria glória. Isto expressa significativamente uma submissão à vontade de Deus. É uma consagração dos seus sofrimentos à glória de Deus. Era uma palavra de mediação, e dita por aquele que, como nosso fiador, tinha se encarregado de satisfazer a justiça divina pelo nosso pecado. O mal que, pelo pecado, nós fizemos a Deus, está na sua glória, na sua glória declarativa, pois, de nenhuma outra maneira, nós somos capazes de fazer-lhe mal. Nós nunca poderemos compensá-lo por este mal que lhe fizemos, nem qualquer criatura, por nós. Portanto, nada restava, exceto que Deus se honrasse a si mesmo sobre nós, em nossa completa ruína. Aqui, portanto, nosso Senhor Jesus intercedeu, encarregou-se de satisfazer a honra ofendida de Deus, e Ele o fez com sua humilhação. Ele negou a si mesmo as honras devidas ao Filho de Deus encarnado, despojou-se delas, e se submeteu às maiores ofensas. Aqui Ele faz uma proposta desta satisfação com algo equivalente: “‘Pai, glorifica o teu nome’. Que tua justiça seja honrada pelo sacrifício, e não pelo pecador. Que a dívida seja cobrada de mim, Eu sou capaz de pagá-la completamente”. Desta maneira, o Senhor restaura aqueles que o buscam.

II A resposta do seu Pai a estas palavras, pois Ele sempre o ouvia, e ainda o ouve. Observe: 1. Como esta resposta foi dada. Por meio de uma voz vinda do céu. Os judeus falam muito de *Bath-kôl – a filha de uma voz*, como uma entre diversas maneiras pelas quais Deus, no passado, falava com os profetas. Mas nós não encontramos nenhum exemplo de que Ele

falasse assim a ninguém, exceto ao nosso Senhor Jesus. Esta era uma honra reservada para Ele (Mt 3.17; 17.5), e aqui, provavelmente, esta voz audível foi apresentada por alguma aparição visível, ou de luz ou de trevas, pois ambas eram usadas como veículos da glória divina. 2. Qual foi a resposta. Foi uma resposta rápida àquele pedido: “Pai, glorifica o teu nome”: “Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei”. Quando oramos como fomos ensinados, “Pai nosso, santificado seja o teu nome”, há um consolo para nós, que esta é uma oração atendida. Ela foi respondida a Cristo aqui. E nele, a resposta é estendida a todos os verdadeiros crentes. (1) O nome de Deus tinha sido glorificado na vida de Cristo, na sua doutrina e nos seus milagres, e em todos os exemplos que Ele dava de santidade e bondade. (2) Ele seria ainda mais glorificado na morte e nos sofrimentos de Cristo. Sua sabedoria e poder, sua justiça e santidade, sua verdade e bondade, seriam enormemente glorificados. As exigências de uma lei infringida seriam plenamente atendidas. A afronta feita à soberania de Deus, satisfeita. E Deus aceitou a compensação, e declarou-se satisfeito. O que Deus fez, para a glorificação do seu próprio nome, foi um incentivo para que nós esperemos o que Ele ainda irá fazer. Aquele que garantiu os interesses da sua própria glória, ainda os irá garantir.

III A opinião dos espectadores a respeito desta voz, v. 29. Podemos esperar que houvesse entre eles alguns cujas mentes estivessem tão bem preparadas para receber uma revelação divina, que compreenderiam o que foi dito, e o registrariam. Mas aqui se observa a perversa sugestão da multidão: alguns disseram “que havia sido um trovão”; outros, que perceberam que havia uma voz claramente nítida e compreensível, diziam que certamente “um anjo lhe falou”. Isto mostra: 1. Que isto foi algo real, mesmo no julgamento daqueles que não eram, de maneira nenhuma, bem influenciados por Jesus. 2. Que eles detestavam admitir uma evidência tão clara da missão divina de Cristo. Eles preferiam dizer que era isto, ou aquilo, ou qualquer coisa, a dizer que Deus tinha falado com Jesus, em resposta à sua oração. E, se o trovão tivesse sons tão nítidos (como Ap 10.3,4), não seria a voz de Deus? Ou, se os anjos falassem com Ele, não são eles os mensageiros de Deus? Mas assim Deus fala uma vez, na verdade duas, e o homem não se dá conta.

IV A explicação que nosso próprio Salvador dá sobre esta voz.

1. Por que ela foi enviada (v. 30): "'Não veio esta voz por amor de mim', meramente para meu incentivo e para minha satisfação" (pois poderia ter sido sussurrada ao seu ouvido, em particular), "mas por amor de vós". (1) "Para que todos vocês que a ouviram possam crer que o Pai me enviou". O que é dito do céu a respeito do nosso Senhor Jesus, e da glorificação do Pai nele, é dito por nós, para que possamos ser levados a submeter-nos a Ele, e a descansar nele. (2) "Para que vocês, meus discípulos, que deverão me seguir nos sofrimentos, possam, com isto, ser consolados com os mesmos consolos que me fazem prosseguir". Que isto incentive aqueles que, por amor a Jesus, se separam da própria vida, se forem chamados a fazê-lo, pois isto irá acrescentar honra a Deus. Observe que as promessas e o apoio concedidos ao nosso Senhor Jesus, nos seus sofrimentos, eram por nós. Por nós, Ele se santificou, e se consolou.

2. Qual é o significado desta afirmação. Aquele que está no seio do Pai conhece sua voz, e o que isto significa. E Deus quis dizer duas coisas, quando disse que iria glorificar seu próprio nome:

(1) Que, pela morte de Cristo, Satanás seria derrotado (v. 31): "Agora, é o juízo". Ele fala com exultação e triunfo divinos. "Agora, é chegado o ano dos meus redimidos, e a hora prefixada para ferir a cabeça da serpente, e destruir completamente os poderes das trevas. Agora, para alcançar este objetivo glorioso: agora, agora, esta grande obra deve ser realizada, esta obra sobre a qual tanto se considerou nos conselhos divinos, tanto se falou na palavra escrita, que foi a esperança dos santos e o terror dos demônios". O motivo do triunfo é: [1] Que "agora, é o juízo deste mundo", *krisis*, interpretado como um termo médico: "Agora é a crise deste mundo". O mundo enfermo é chegado agora ao momento decisivo. Este é o dia crítico, no qual a escala oscilante irá pender para a vida ou para a morte, para toda a humanidade. Todos os que não se recuperarem com isto, ficarão impotentes e desesperançados. Ou, mais exatamente, é um termo legal, como o entendemos: "Agora, o julgamento se iniciou, para que seja executado contra o príncipe deste mundo". Observe que a morte de Cristo era "o juízo deste mundo". Em primeiro lugar, é um juízo de revelação e distinção – *judicium discretionis,* segundo Austin. Agora é o juízo deste mundo, pois os homens terão um caráter que estará de conformidade com aquilo que a cruz de Cristo representar para eles. Para alguns, é loucura e uma pedra de

tropeço, para outros, é a sabedoria e o poder de Deus, e disto havia um modelo nos dois ladrões que foram crucificados com Ele. Os homens são julgados pelo que pensam a respeito da morte de Cristo. Em segundo lugar, é um juízo de favor e absolvição dos eleitos que estão no mundo. Cristo, sobre a cruz, fez uma intercessão entre um Deus justo e um mundo culpado, como um sacrifício pelo pecado, e um fiador pelos pecadores. Assim, quando Ele fosse julgado, e a iniqüidade fosse imputada a Ele, e Ele fosse ferido pelas nossas transgressões, seria como o juízo deste mundo, pois uma justiça duradoura estava sendo introduzida desta maneira, não somente para os judeus, mas para o mundo inteiro, 1 João 2.1,2; Daniel 9.24. Em terceiro lugar, é um juízo de condenação imposto contra os poderes das trevas. Veja cap. 16.11. O juízo existe para defesa e libertação, a confirmação de um direito transgredido. Na morte de Cristo, houve um famoso juízo entre Cristo e Satanás, a semente prometida contra a serpente. O julgamento foi pelo mundo, e pela soberania sobre este. O Diabo tinha tido grande influência sobre os filhos dos homens durante muito tempo, um tempo incalculável. Agora se requer a prescrição, e esta reivindicação está fundamentada em uma alegação de perda de direitos, devido ao pecado. Nós vemos o Diabo desejoso de chegar a um acordo (Lc 4.6,7). Ele teria dado os reinos deste mundo a Cristo, desde que o Senhor os administrasse por seu intermédio, estando-lhe sujeito. Mas Cristo jamais aceitaria uma proposta ridícula como esta. O Senhor trabalharia de uma maneira perfeita. Ao morrer na cruz, o Senhor Jesus retirou o pecado e o substituiu pela justiça divina, e disputou o título de dívida de uma forma lícita, e o recuperou no tribunal do céu. O domínio de Satanás é declarado como uma usurpação, e por esta razão o mundo é entregue ao Senhor Jesus, sendo seu por direito, Salmos 2.6,8. O juízo deste mundo consiste no fato de que ele pertence a Cristo, e não a Satanás. Assim, pertencemos a Cristo, somos dele. [2] Que “agora, será expulso o príncipe deste mundo”. Em primeiro lugar, é o Diabo que é aqui chamado de príncipe deste mundo, porque ele governa sobre os homens do mundo, através das coisas do mundo. Ele é o príncipe das trevas deste mundo, isto é, deste mundo às escuras, daqueles que andam às escuras nele, 2 Coríntios 4.4; Efésios 4.12. Em segundo lugar, está escrito que ele é expulso, que agora será expulso, pois o que quer que tivesse sido feito até aqui, para o enfraquecimento do reino do Diabo, tinha sido feito em virtude de um Cristo que viria, e por isto se considera agora

como concluído. Cristo, reconciliando o mundo com Deus pelo mérito da sua morte, rompeu o poder da morte, e expulsou Satanás como um destruidor. Cristo, devolvendo o mundo a Deus, pela doutrina da sua cruz, rompeu o poder do pecado, e expulsou Satanás como um enganador. O Senhor foi ferido em seu calcanhar, mas a cabeça da serpente foi esmagada, Gênesis 3.15. Quando os oráculos da serpente foram silenciados, seus templos, abandonados, seus ídolos, deixados famintos, e os reinos do mundo se tornaram reinos de Cristo, então o príncipe do mundo foi expulso. Isto fica evidente através da comparação desta situação com a visão de João (Ap 12.8-11), onde está escrito que isto foi feito pelo sangue do Cordeiro. A freqüente expulsão que Cristo fazia dos demônios dos corpos das pessoas era uma indicação do grande desígnio da sua missão global. Observe com que segurança Cristo aqui fala da vitória sobre Satanás. É como se esta vitória já tivesse sido alcançada. E mesmo quando o Senhor se entrega à morte, Ele triunfa sobre ela.

(2) Que, pela morte de Cristo, as almas seriam convertidas, e isto seria a expulsão de Satanás (v. 32): “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim”. Aqui, observe duas coisas:

[1] O grande desígnio do nosso Senhor Jesus, que era atrair todos os homens a si mesmo, não somente os judeus, que tinham estado por muito tempo em uma profissão de fé, um povo próximo a Deus, mas também os gentios, que tinham estado afastados. Ele era o “desejado de todas as nações” (Ag 2.7), e a Ele todas as pessoas deveriam se congregar. Era isto o que os inimigos de Cristo temiam, que o mundo viesse após Ele, e Ele os atrairia a si, apesar da oposição dos seus inimigos. Observe aqui como o próprio Cristo é tudo na conversão de uma alma. Em primeiro lugar, é Cristo quem atrai: “Atrairei”. Esta é, às vezes, uma função do Pai (cap. 6.44), mas aqui é do Filho, que é o braço do Senhor. Ele não nos conduz à força, mas nos atrai, com cordas humanas (Os 11.4; Jr 31.3). O Senhor nos atrai como um imã. A alma passa a desejar a doce presença do Senhor, e isto ocorre através do seu poder. Em segundo lugar, é a Cristo que somos atraídos: “Eu os atrairei a mim, como o centro da sua unidade”. A alma que estava distante de Deus é trazida a uma intimidade com Ele. Aquele que estava tímido e desconfiado dele, é levado a amá-lo e a confiar nele, atraído aos seus termos, aos seus braços. Agora Cristo iria para o céu, e iria atrair os corações dos homens a si.

[2] O estranho método que Cristo usou para realizar seu objetivo, sendo levantado da terra. Nós lemos o que Ele queria dizer com isto, para evitar enganos (v. 33): “E dizia isso significando de que morte havia de morrer”, a morte de cruz, embora eles tivessem planejado e tentado apedrejá-lo até a morte. Aquele que foi crucificado, foi primeiramente pregado à cruz, e então levantado sobre ela. Ele foi levantado como um espetáculo ao mundo, levantado entre o céu e a terra, como alguém indigno de ambos. Mas a palavra aqui usada significa um progresso honroso, *ean hupsotho – se eu for exaltado*. O Senhor considerava que seus sofrimentos eram sua honra. Qualquer que seja a morte que tenhamos, se morrermos em Cristo, seremos levantados desta masmorra, deste covil de leões, até as regiões de luz e amor. Nós devemos aprender com nosso Mestre a falar sobre a morte com um prazer santo, e dizer: “Seremos então levantados”. Agora, Cristo atraiu todos os homens a si, depois de ser levantado da terra. Em primeiro lugar, foi posterior no tempo. O grande crescimento da igreja se deu depois da morte de Cristo. Enquanto Cristo vivia, nós lemos sobre milhares de pessoas, em um sermão, milagrosamente alimentadas, mas depois da sua morte, nós lemos sobre milhares de pessoas, em um sermão, que se agregaram à igreja. Israel começou a multiplicar-se no Egito depois da morte de José. Em segundo lugar, foi posterior como uma conseqüência abençoada. Observe que existe, na morte de Cristo, uma virtude poderosa e uma eficácia que levam as almas a Ele. A cruz de Cristo, embora, para alguns, seja uma pedra de tropeço, é, para outros, um imã. Alguns interpretam isto como uma alusão ao atrair peixes a uma rede. O levantar de Cristo era como o lançar de uma rede (Mt 13.47,48); ou a definição de um estandarte, que agrega os soldados; ou, na verdade, isto se refere ao levantar da serpente de metal no deserto, que atraiu a ela todos aqueles que estavam feridos pelas serpentes ardentes, tão logo souberam que ela tinha sido levantada e que ela possuía poder de cura. Oh! Que afluxo houve até ela! E que afluxo também houve até Cristo, quando a salvação, por meio dele, foi pregada a todas as nações. Veja cap. 3.14,15. Talvez isto tivesse alguma referência à postura na qual Cristo foi crucificado, com seus braços abertos e estendidos, para convidar todos a virem até Ele, e para aceitar todos os que viessem. Aqueles que levaram Cristo a esta morte ignominiosa pensaram que estavam, desta maneira, afastando todos os homens dele. Mas o Diabo foi vencido com suas próprias armas. “Do comedor saiu comida”.

V A objeção levantada pelo povo quanto ao que Ele tinha dito, e sua crítica, v. 34. Embora eles tivessem ouvido a voz do céu, e as graciosas palavras que saíram da boca de Jesus, ainda assim objetam e desejam discutir com Ele. Cristo tinha dito ser o Filho do homem (v. 23), que eles sabiam que era um dos títulos do Messias, Daniel 7.13. Ele também tinha dito que o Filho do homem devia ser levantado, o que eles compreenderam como sua morte, e provavelmente Ele assim se explicou, e alguns pensaram que Ele estava repetindo o que tinha dito a Nicodemos (cap. 3.14): “Assim importa que o Filho do Homem seja levantado”. Contra isto:

1. Eles recorrem àquelas Escrituras do Antigo Testamento que falam da perpetuidade do Messias, que Ele estava distante de ser arrancado no meio dos seus dias, pois seria um sacerdote eterno (Sl 110.4), e um rei eterno (Sl 89.29ss.), que a duração dos seus dias seria “para sempre e eternamente”, e dos seus anos, “como muitas gerações” (Sl 21.4; 61.6), e com base nisto, eles concluíam que o Messias não morreria. Desta maneira, um grande conhecimento do que está escrito nas Escrituras, se o coração não é santificado, é capaz de ser mal empregado para servir à causa da infidelidade, e lutar contra o cristianismo com suas próprias armas. A perversão deles, ao opor-se desta maneira ao que Jesus tinha dito, será evidenciada, se considerarmos: (1) Que, quando deram testemunho das Escrituras para provar que o Messias permaneceria para sempre, eles não perceberam os textos que falam da morte e dos sofrimentos do Messias. Eles tinham ouvido da lei que o Cristo permaneceria para sempre. E nunca tinham ouvido da lei que o Messias seria tirado (Dn 9.26), e que deveria derramar sua alma na morte (Is 53.12), e, particularmente, que suas mãos e seus pés seriam traspassados? Por que, então, estranham tanto o levantar do Filho do homem? Observe que freqüentemente nós nos arriscamos a cometer grandes erros, e então os defendemos com argumentos das Escrituras, separando coisas que Deus, na sua palavra, colocou juntas, e opondo-nos a uma verdade com a desculpa de apoiar a outra. Nós ouvimos do Evangelho sobre aquilo que exalta a graça livre, e também ouvimos sobre aquilo que impõe o dever, e devemos cordialmente aceitar ambas as coisas, e não separá-las, nem colocá-las em desacordo. (2) Que, quando se opuseram ao que Cristo dizia a respeito dos sofrimentos do Filho do homem, não se deram conta do que Ele tinha dito a respeito da sua glória e

exaltação. Eles tinham ouvido da lei que o Cristo permaneceria para sempre. E não tinham ouvido nosso Senhor Jesus dizer que Ele devia ser glorificado, que Ele devia produzir muitos frutos, e atrair todos os homens para si? Ele não tinha acabado de prometer honras imortais aos seus seguidores, o que pressupunha que Ele permaneceria para sempre? Mas isto, eles ignoraram. Desta maneira, os que discutiam injustamente se opunham a alguns aspectos da opinião de um adversário, da qual, se pudessem apenas entendê-la na totalidade, não fariam outra coisa, senão concordar com ela. E na doutrina de Cristo existem paradoxos, que, para os homens de mentes corrompidas, são pedras de tropeço, como, por exemplo, Cristo crucificado, e ainda assim glorificado, levantado da terra, e ainda assim atraindo todos a si.

2. Eles perguntaram, portanto: “Quem é esse Filho do Homem?” Eles perguntaram isto, não com um desejo de aprender, mas de forma zombeteira e insultante, como se agora tivessem frustrado seus objetivos e o tivessem destruído. “Você diz: Convém que o Filho do homem morra. Nós provamos que o Messias não deve morrer, e onde está, então, sua qualidade de Messias? Este Filho do homem, que você diz ser, não pode ser o Messias, portanto você precisa pensar em outra coisa para fingir ser”. O que lhes criava preconceitos contra Cristo eram a humildade e pobreza dele. Eles preferiam não ter nenhum Cristo a ter um sofredor.

VI O que Cristo disse quanto a esta objeção, ou, mais exatamente, como Ele respondeu a ela. A objeção era uma crítica perfeita. Eles podiam, se assim o desejassem, responder eles mesmos a ela: o homem morre, e ainda assim é imortal, e permanece para sempre, e assim também o Filho do homem. Portanto, em vez de responder a estes loucos, de acordo com sua loucura, Ele lhes dá uma séria advertência, para que tomem cuidado para não perderem o dia da sua oportunidade devido a críticas inúteis e infrutíferas como esta (vv. 35,36): “‘A luz ainda está convosco por um pouco de tempo’, e apenas um pouco. Portanto, convém ter prudência, e ‘andai enquanto tendes luz’”.

1. De maneira geral, podemos observar aqui: (1) A preocupação que Cristo tem pelas almas dos homens, e seu desejo pelo bem-estar delas. Com que ternura Ele os adverte aqui, para que tomem cuidado. O Senhor estava advertindo aqueles que estavam planejando o mal contra Ele! Mesmo

quando suportava a contradição dos pecadores, Ele procurava sua conversão. Veja Provérbios 29.10. (2) O método que Ele adota com estes homens que objetam, instruindo com mansidão os que resistem, 2 Timóteo 2.25. Se as consciências dos homens apenas despertassem, com a devida preocupação, sobre seu estado eterno, e se eles considerassem o pouco tempo que têm a perder, e nenhum tempo sobrando, eles não desperdiçariam pensamentos e tempo preciosos fazendo críticas.

2. De maneira particular, temos aqui:

(1) A vantagem que tinham em ter a Cristo e seu Evangelho entre eles, com a pouca duração e a incerteza de que desfrutariam de ambos: “A luz ainda está convosco por um pouco de tempo”. Cristo é esta luz, e alguns dos antigos sugerem que, ao dizer que é a luz, Ele dá uma resposta tácita à objeção deles. Sua morte na cruz era tão coerente com sua permanência para sempre quanto o pôr-do-sol, todas as noites, é coerente com sua perpetuidade. A duração do reino de Cristo é comparada com a do sol e da luz, Salmos 72.17; 89.36,37. As ordenanças do céu são fixadas imutavelmente, e ainda assim o sol e a luz se põem e são eclipsados. Assim, Cristo, o Sol da Justiça, permanece para sempre, e ainda assim foi eclipsado pelos seus sofrimentos, e esteve somente por um pouco de tempo no nosso horizonte. Veja: [1] Os judeus, nesta época, tinham a luz com eles. Eles tinham a presença física de Cristo, ouviam sua pregação e viam seus milagres. As Escrituras são para nós uma luz que alumia em lugar escuro. [2] Esta luz estaria somente um pouco de tempo com eles. Cristo iria deixá-los em breve, sua igreja visível em breve seria dissolvida e o reino de Deus seria tirado deles, e a cegueira e a insensibilidade cairiam sobre Israel. Observe que é bom que todos nós consideremos por quão pouco tempo nós temos a luz conosco. O tempo é curto, e talvez a oportunidade não seja tão longa. A luz deve ser removida. Pelo menos, nós seremos removidos em breve. Ainda por um pouco de tempo está conosco a luz da vida. Ainda por um pouco de tempo está conosco a luz do Evangelho, o dia da graça, os meios da graça, o Espírito da graça, ainda por um pouco de tempo.

(2) O aviso que Jesus lhes dá, de aproveitarem ao máximo este privilégio, enquanto podem, por causa do perigo que correm de perdê-lo: “Andai enquanto tendes luz”, como viajantes que aproveitam ao máximo para seguir adiante, para não serem surpreendidos pela noite na sua jornada, porque viajar à noite é desconfortável e perigoso. “Venham”, dizem eles,

“vamos corrigir nosso passo e seguir em frente, enquanto temos a luz do dia”. Devemos ter esta prudência pelas nossas almas, que estão viajando rumo à eternidade. Observe: [1] É nosso interesse caminhar, seguir adiante rumo ao céu, e chegar mais perto dele, tornando-nos adequados para ele. Nossa vida é apenas um dia, e nós temos uma viagem de um dia para fazer. [2] A melhor hora para caminhar é enquanto temos a luz. O dia é o período adequado para o trabalho, assim como a noite o é para o descanso. A hora adequada para obtermos a graça é quando temos a Palavra da graça pregada para nós, e o Espírito da graça lutando por nós. Esta é a hora de trabalhar. [3] Nós devemos nos preocupar, portanto, em aproveitar nossas oportunidades, para que nosso dia não termine antes que tenhamos terminado o trabalho do dia, e a viagem do dia: “‘Para que as trevas vos não apanhem’, para que não percais vossas oportunidades, e não possais recuperá-las nem concluir o trabalho que tendes a fazer”. Então vêm as trevas, isto é, uma incapacidade tão completa de alcançar a grande salvação, que torna o estado do pecador descuidado praticamente deplorável. Deste modo, se seu trabalho não estiver concluído, provavelmente ficará sem ser concluído para sempre.

(3) A triste condição daqueles que pecaram e afastaram o Evangelho, e chegaram agora ao fim do seu dia da graça. Eles andam nas trevas, e não sabem para onde vão, nem por onde vão, não conhecem o caminho em que andam, nem para que finalidade estão andando. Aquele que está destituído da luz do Evangelho, e não está familiarizado com suas revelações e orientações, vaga incessantemente em erros e enganos, e em milhares de caminhos tortuosos, e não se dá conta disto. Se deixarmos de lado as instruções da doutrina cristã, não conheceremos a diferença entre o bem e o mal. Aquele que assim age caminha para a destruição, e não conhece o perigo, pois está dormindo ou dançando à beira do abismo.

(4) O grande dever e interesse de cada um de nós, deduzido a partir de tudo isto (v. 36): “Enquanto tendes luz, crede na luz”. Os judeus tinham agora a presença de Deus consigo, e deveriam aproveitá-la ao máximo. Afinal de contas, eles teriam as primeiras ofertas do Evangelho, feitas pelos apóstolos, onde quer que estivessem. Esta era uma advertência para que eles não resistissem, mas aceitassem a oferta quando ela lhes fosse feita. Cristo disse a mesma coisa a todos aqueles que desfrutavam do Evangelho. Observe que: [1] É o dever de cada um de nós crer na luz do Evangelho,

recebê-la como uma luz divina, aceitar a verdade que ela revela, pois ela é uma luz para nossos olhos, e seguir sua orientação, pois é uma luz para nossos pés. Cristo é a luz, e nós devemos crer nele, assim como Ele nos é revelado, como uma luz fiel que não nos enganará, uma luz segura que não nos desencaminhará. [2] Nós devemos nos preocupar em apegar-nos a Cristo enquanto tivermos a luz, enquanto tivermos o Evangelho para nos mostrar o caminho até Ele e nos orientar neste caminho. [3] Aqueles que crêem na luz serão filhos da luz. Serão reconhecidos como cristãos, chamados filhos da luz (Lc 16.8; Ef 5.8) e do dia, 1 Tessalonicenses 5.5. Aqueles que têm a Deus por seu Pai são filhos da luz, pois Deus é luz. Eles nascem de cima, e são herdeiros do céu, e filhos da luz, pois o céu é luz.

VII Cristo se retirou do meio deles: “Essas coisas disse Jesus”, e não disse mais nada nesta ocasião, mas deixou isto para que considerassem, “e, retirando-se, escondeu-se deles”. E isto Ele fez: 1. Para sua convicção e despertar. Se eles não considerarem o que Ele disse, Ele não terá nada mais a dizer-lhes. Eles estão presos à sua infidelidade, como Efraim aos ídolos. Que fiquem assim. Observe que Cristo, com razão, remove os meios da graça daqueles que discutem com Ele, e esconde seu rosto de uma geração de perversidade, Deuteronômio 32.20. 2. Para sua própria preservação. Ele se escondeu da fúria e ira deles, retirando-se, provavelmente, para Betânia, onde estava hospedado. Com isto, fica evidente que o que Ele tinha dito os tinha irritado e exasperado, e eles se tornaram piores com aquilo que deveria tê-los tornado melhores.

A Incredulidade do Povo

vv. 37-41

Aqui temos a honra que foi prestada ao nosso Senhor Jesus pelos profetas do Antigo Testamento, que tinham predito e lamentado a infidelidade dos muitos que não criam nele. Era realmente uma desonra e um pesar para Cristo que sua doutrina encontrasse tão pouca aceitação e tão grande oposição. Mas o fato de que as Escrituras assim eram cumpridas remove o assombro e a censura, faz cessar a ofensa, e não traz desapontamento a Cristo. Duas coisas são ditas aqui a respeito deste povo intratável, e ambas

tinham sido preditas pelo profeta evangélico Isaías, o fato de que não criam, e o fato de que não podiam crer.

I Eles não criam (v. 37): “Ainda que tivesse feito tantos sinais diante deles”, o que, poderíamos pensar, deveria tê-los convencido, “não criam nele”, mas se opunham a Ele. Observe:

1. A abundância dos meios de convicção que Cristo lhes forneceu: Ele fez sinais, tantos sinais, *tosauta semeia*, significando tantos e tão grandiosos. Isto se refere a todos os milagres que Ele tinha realizado anteriormente. Na verdade, agora foram ter com Ele ao Templo cegos e coxos, e curou-os, Mateus 21.14. Seus milagres eram a maior prova da sua missão, e Ele confiava na evidência deles. Aqui Ele insiste em dois pontos, sobre seus milagres: (1) A quantidade deles. Eram muitos, diversos e de diferentes tipos; numerosos e freqüentemente repetidos. E cada novo milagre confirmava a realidade de todos os que tinham sido realizado antes. A quantidade dos seus milagres não somente era uma prova do seu poder inesgotável, mas dava uma oportunidade maior para examiná-los, e se tivesse havido alguma trapaça neles, era moralmente impossível que em um ou outro isto não fosse descoberto. E sendo todos milagres de misericórdia, quanto mais milagres eram feitos, mais bênçãos eram concedidas. O Senhor Jesus estava fazendo o bem constantemente. (2) A notoriedade deles. Ele realizava estes milagres diante deles, não à distância, não em um canto, mas diante de muitas testemunhas, diante dos seus próprios olhos.

2. A ineficácia destes meios: “Ainda... não criam nele”. Eles não podiam contradizer as premissas, e ainda assim não podiam conceder a conclusão. Observe que os mais abundantes e poderosos meios de convicção não irão, por si só, operar a fé nos corações preconceituosos e depravados dos homens. Eles viam, e, mesmo assim, não criam.

3. O cumprimento das Escrituras nesta situação (v. 38): “Para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías”. Não que estes judeus infiéis desejassem o cumprimento das Escrituras (eles prefeririam que as Escrituras que falam dos melhores filhos da igreja se cumprissem neles mesmos), mas o evento correspondeu com exatidão à predição, de modo que (*ut for ita ut*) estas palavras de Isaías se cumprissem. Quanto mais improvável é qualquer evento, mais aparece, na verdade, uma presciência divina na sua predição. Não se poderia ter imaginado que o reino do

Messias, sustentado com provas tão convincentes, devesse ter encontrado tanta oposição entre os judeus, e por isto sua incredulidade é chamada de "uma obra maravilhosa e um assombro", Isaías 29.14. O próprio Cristo se maravilhou com isto, mas isto era o que Isaías tinha predito (Is 53.1), e que se cumpria agora. Observe: (1) O Evangelho é aqui chamado de "nossa pregação": Quem creu, *te akon hemon – naquilo que ouvimos* de Deus, e que vocês ouviram de nós. Nossa pregação é o relato que nós trazemos, como a narrativa de um fato, ou de uma resolução solene no senado. (2) Está predito que somente alguns, em comparação com aqueles a quem esta pregação é feita, serão persuadidos a dar crédito a ela. Muitos a ouvem, mas poucos prestam atenção a ela, e a aceitam: "Quem creu" nela? Um aqui, e outro ali, mas ninguém creu tanto, a ponto de falar dela. Os sábios e os nobres não creram como deveriam ter crido. Para eles, a pregação não passa de um relato que precisa de confirmação. (3) O fato de que tão poucos creiam no relato do Evangelho é mencionado como algo a ser enormemente lamentado. O termo "Senhor" aqui é assinalado desde a Septuaginta, mas não consta no texto hebraico, e evidencia um relato pesaroso, trazido pelos mensageiros a Deus, sobre a fria recepção que eles e seu relato tiveram. "Voltando aquele servo, anunciou essas coisas ao seu senhor", Lucas 14.21. (4) A razão pela qual os homens não crêem no relato do Evangelho é porque o braço do Senhor não foi revelado a eles, isto é, porque não conhecem a graça de Deus, e não se submetem a ela. Eles não conhecem, por experiência própria, a virtude e a comunhão da morte e da ressurreição de Cristo, em que é revelado o braço do Senhor. Eles viam os milagres de Cristo, mas não viam o braço do Senhor revelado neles.

II Eles não podiam crer, e não podiam entender, porque Isaías disse: "Cegou-lhes os olhos". Estas são palavras duras, quem pode explicá-las? Nós temos certeza de que Deus é infinitamente justo e misericordioso, e por isto não podemos pensar que exista em alguém tal impotência para o bem, resultando dos conselhos de Deus, que o deixe sob uma necessidade fatal de ser mau. Deus não prejudica a ninguém meramente pela sua soberania, mas está escrito: Eles "não podiam crer". Para comentar estas palavras, Austin se expressa com um santo temor ao iniciar uma investigação deste mistério. *Justa sunt judicia ejus, sed occulta – Seus julgamentos são justos, mas ocultos.*

1. Eles não podiam crer, isto é, não desejavam crer. Eles estavam obstinadamente determinados na sua infidelidade. Crisóstomo e Austin estão inclinados a interpretar assim, e o primeiro fornece diversos exemplos nas Escrituras da atribuição de uma impotência ou incapacidade para representar a invencível recusa da vontade, como em Gênesis 37.4: “Não podiam falar com ele pacificamente”. E João 7.7. Esta é uma impotência moral, como a daquele que está acostumado a fazer o mal, Jeremias 13.23. Mas:

2. Eles não podiam crer, porque Isaías tinha dito: “Cegou-lhes os olhos”. Aqui aumenta a dificuldade. É certo que Deus não é o autor do pecado, e ainda assim:

(1) Existe uma mão justa de Deus, que, algumas vezes deve ser reconhecida na cegueira e na obstinação daqueles que persistem na impenitência e na incredulidade, pela qual eles são, adequadamente, punidos pela sua resistência anterior à luz divina, e pela sua rebelião contra a lei divina. Se Deus retiver a graça mal utilizada, e entregar os homens a desejos tolerados, se Ele permitir que o espírito mau faça seu trabalho naqueles que resistem ao Espírito bom, e se, na sua providência, Ele colocar obstáculos no caminho dos pecadores, que confirmam seus preconceitos, então Ele cega seus olhos, e endurece seus corações, e estes são juízos espirituais, como a entrega de gentios idólatras a afeições vis, e de cristãos degenerados, a grandes ilusões. Observe o método de conversão aqui usado, e os passos dados: [1] Os pecadores são levados a ver com seus olhos, a discernir a realidade das coisas divinas, e a ter algum conhecimento delas. [2] A compreender com seus corações, a aplicar estas coisas a si mesmos, não somente para assentir e aprovar, mas para consentir e aceitar. [3] A se converterem, e efetivamente voltarem do pecado para Cristo, do mundo e da carne para Deus, como sua felicidade e destino. [4] Então Deus irá curá-los, justificá-los e santificá-los. Irá perdoar seus pecados, que são como feridas abertas, e mortificar suas corrupções, que são como enfermidades à espreita. Agora, quando Deus nega sua graça, nada disto acontece. A alienação e sua aversão a Deus, e à vida divina, crescem e se tornam uma antipatia enraizada e invencível, e, desta forma, o caso se torna desesperador.

(2) A cegueira e a insensibilidade judicial no mundo de Deus ameaçam aqueles que voluntariamente persistem na maldade, e foram previstas

particularmente a respeito da igreja e da nação judaica. Conhecidas de Deus são todas as suas obras, e todas as nossas também. Cristo sabia de antemão quem iria traí-lo, e falou sobre isto, cap. 6.70. Isto é uma confirmação da verdade das profecias das Escrituras, e, desta maneira, até mesmo a incredulidade dos judeus pode ajudar a fortalecer nossa fé. Isto também pretende ser uma advertência a determinadas pessoas, para que tomem cuidado para que não caia sobre elas aquilo que os profetas disseram, Atos 13.40.

(3) O que Deus predisse certamente virá a acontecer, e sendo assim, por uma conseqüência necessária, na ordem da argumentação, poderia ser dito que, portanto, eles não podiam crer, porque Deus, por intermédio dos profetas, tinha predito que eles não creriam, pois o conhecimento de Deus é tal, que Ele não pode estar enganado naquilo que prevê, e sua verdade é tal, que Ele não pode se enganar naquilo que prediz, de modo que as Escrituras não podem deixar de se cumprir. Porém, podemos observar que a profecia não citou nenhuma pessoa em particular, para que não se pudesse dizer: “Por isto, este e aquele não podiam crer, porque Isaías tinha dito isto ou aquilo”, mas isto apontava para o corpo da nação judaica, que persistiria na sua infidelidade até que se assolassem as cidades, e ficassem sem habitantes, como conseqüência (Is 6.11,12), reservando, ainda assim, uns restantes (v. 13, a décima parte dela ficará), que é uma reserva suficiente para manter uma porta de esperança aberta a determinadas pessoas, pois cada um poderá dizer: “Por que eu não posso fazer parte deste remanescente?”

Finalmente, o evangelista, tendo citado a profecia, mostra (v. 41) que ela pretendia olhar além dos dias do profeta, e que sua principal referência era aos dias do Messias: “Isaías disse isso quando viu a sua glória e falou dele”. 1. Nós lemos na profecia que isto foi dito a Isaías, Isaías 6.8,9. Mas aqui lemos que foi dito por ele, com este propósito. Pois nada foi dito por ele, como profeta, que não tivesse sido antes dito a ele, e nada era dito a ele, que depois não fosse dito por ele àqueles aos quais ele tinha sido enviado. Veja Isaías 21.10. 2. A visão que o profeta tinha tido da glória de Deus aqui é dita como sendo sua visão da glória de Jesus Cristo: ele “viu a sua glória”. Jesus Cristo, portanto, é igual, em poder e glória, ao Pai, e seus louvores são celebrados igualmente. Cristo tinha uma glória antes da fundação do mundo, e Isaías a viu. 3. Está escrito que o profeta ali falava dele. Isto

parece ter sido dito sobre o próprio profeta (pois a ele foram dadas a comissão e as instruções), mas aqui está escrito que foi dito sobre Cristo, pois, assim como todos os profetas testificavam dele, também todos o representavam. Eles falavam que para muitos a vinda de Jesus seria não somente infrutífera, mas fatal, um cheiro de morte para morte. Uma objeção contra sua doutrina era possível: Se ela era do céu, por que os judeus não creram nela? Mas aqui está uma resposta para isto. Não foi por falta de evidências, mas porque seus corações estavam inchados, e seus ouvidos, pesados. Foi dito, a respeito de Cristo, que Ele seria glorificado em meio à ruína de uma multidão incrédula, como também na salvação de um remanescente diferenciado.

A Covardia dos Governantes

vv. 42,43

Os governantes dedicaram alguma honra a Cristo, pois eles “creram nele”, ficaram convencidos de que Ele era enviado de Deus, e receberam sua doutrina como sendo divina. Mas eles não o honraram o suficiente, pois não tiveram coragem de reconhecer sua fé nele. Muitos professavam uma bondade em relação a Cristo, que era maior do que a bondade que realmente tinham por Ele, enquanto outros tinham, por Ele, uma bondade maior do que estavam dispostos a professar. Veja aqui que luta havia na vida destes governantes, entre suas convicções e suas corrupções.

I Veja o poder da palavra nas convicções sob as quais muitos deles se encontravam. Eram homens que não fechavam seus olhos obstinadamente à luz. Eles creram nele, como Nicodemos, e o receberam como um mestre vindo de Deus. Observe que a verdade do Evangelho desperta, talvez, um interesse maior nas consciências dos homens do que percebemos. Muitos não podem deixar de aprovar em seus corações aquilo que se intimidam de fazer publicamente. Talvez estes governantes fossem verdadeiros crentes, embora muito fracos, e sua fé fosse como um pavio que fumega. Observe que pode ser que existam mais pessoas boas do que nós imaginamos. Elias pensou que tinha sido abandonado, quando Deus tinha sete mil fiéis adoradores em Israel. Alguns são realmente melhores do

que parecem ser. Seus defeitos são conhecidos, mas seu arrependimento não é. A bondade de um homem pode estar oculta por uma fraqueza, culpada, mas perdoável, da qual ele sinceramente se arrepende. O reino de Deus não é observado por todos da mesma maneira, nem todos os que são bons têm a mesma capacidade de parecerem sê-lo.

II Veja o poder que o mundo tem para sufocar estas convicções. Eles creram em Cristo, mas, por causa dos fariseus, que tinham o poder de prejudicá-los, eles não ousam confessá-lo, por medo de serem excluídos. Observe aqui: 1. Onde eles falharam e fracassaram. Eles não confessavam a Cristo. Observe que há motivos para questionar a sinceridade daquela fé que é temerosa ou que se envergonha de mostrar-se, pois aqueles que crêem com o coração devem confessá-lo com a boca, Romanos 10.9. 2. O que eles temiam: ser expulsos da sinagoga, o que julgavam que seria uma desgraça e um prejuízo para eles. Como se lhes fizesse algum mal ser expulsos de uma sinagoga que tinha se tornado uma sinagoga de Satanás, e da qual Deus estava se afastando. 3. O que havia no fundo deste medo: eles adoravam o louvor dos homens, achavam que isto era o bem mais precioso, e o procuravam como um objetivo mais desejável do que o louvor de Deus, o que era uma idolatria implícita, como aquela (Rm 1.25) de adorar e servir à criatura mais do que ao Criador. Eles colocam os dois na balança e, depois de pesá-los, procedem da maneira que lhes é adequada. (1) Eles colocam o louvor dos homens em um dos pratos da balança, e consideram como é bom dar louvor aos homens, e ter uma deferência pela opinião dos fariseus, e receber o louvor dos homens, ser elogiados pelos principais dos sacerdotes e aplaudidos pelo povo como bons filhos da igreja, da igreja judaica. Eles não desejam confessar a Cristo, para que não sejam, por esta razão, menosprezados, perdendo a reputação que tinham junto aos fariseus. Isto faria com que não fossem promovidos. Além disto, os seguidores de Cristo tinham todos uma má fama perante os líderes judeus, e eram considerados com desprezo, algo que aqueles que tinham sido acostumados à honra não podiam suportar. Talvez, se eles tivessem conhecido as mentes uns dos outros, tivessem tido mais coragem, mas cada um pensava que, caso se declarasse a favor de Cristo, ficaria sozinho, e não teria ninguém para lhe respaldar, ao passo que, se alguém tivesse tido a determinação necessária para quebrar o gelo, poderia ter mais companheiros do que imaginava. (2)

Eles colocam o louvor de Deus no outro prato da balança. Eles percebiam que confessando a Cristo, dariam louvor a Deus e teriam louvor de Deus, que Ele se satisfaria com eles, e diria: Muito bem. Mas: (3) Eles deram a preferência ao louvor dos homens, e isto resolveu a questão. A razão prevaleceu à fé, e deu a entender que era mais desejável permanecer correto na opinião dos fariseus do que ser aceito por Deus. Observe que o amor ao louvor dos homens é um preconceito muito grande contra o poder e a prática do Evangelho e da santidade. Muitos não alcançam a glória de Deus por ter uma consideração pelo aplauso dos homens e por valorizá-lo. O amor pelo louvor dos homens, como uma vantagem secundária daquilo que é bom, fará do homem um hipócrita quando a religião estiver na moda, e se obtiver pontos por meio dela. E o amor pelo louvor dos homens, como um princípio vil e mau, fará do homem um apóstata quando a religiosidade estiver em baixa, e se perder pontos por causa dela, como aqui. Veja Romanos 2.29.

O Último Sermão de Cristo aos Judeus

vv. 44-50

Temos aqui a honra que Cristo não assumiu, mas afirmou, para si mesmo, no relato que fez da sua missão e da sua estada no mundo. Provavelmente, este sermão não ocorreu na mesma ocasião que aquele anterior (pois Ele retirou-se deles, v. 36), mas algum tempo depois, quando fez outra aparição pública. E segundo os registros deste evangelista, foi o sermão de despedida de Cristo aos judeus, e seu último sermão público. Tudo o que vier a seguir será privativo, com seus discípulos. Observe como nosso Senhor Jesus transmitiu estas palavras de despedida: Ele “clamou e disse”. “Não clama, porventura, a Sabedoria” (Pv 8.1), clama “de fora?” Provérbios 1.20. A elevação da sua voz e seu clamor indicam: 1. Sua coragem ao falar. Embora eles não tivessem coragem de professar abertamente a fé na doutrina de Jesus, Ele tinha coragem de divulgá-la publicamente. Se nós nos envergonhamos dela, Ele não se envergonhava, mas pôs o rosto como um seixo, Isaías 50.7. 2. Sua veemência ao falar. Ele clamou como alguém que era sério e impertinente, e com fervor no que dizia, e desejoso de transmitir a eles, não somente o Evangelho de Deus, mas até mesmo sua própria alma.

3. Indica seu desejo de que todos prestassem atenção. Sendo esta a última oportunidade da divulgação do seu Evangelho, por Ele mesmo, em pessoa, Ele proclama: “Quem desejar me ouvir, que venha agora”. Qual é a conclusão de toda a questão, este sumário de encerramento de todos os sermões de Cristo? É muito parecida com a de Moisés (Dt 30.15): “Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal”. Assim, Cristo aqui deixa o Templo, com uma solene declaração de três coisas:

I Os privilégios e as dignidades daqueles que crêem. Isto nos dá um grande encorajamento para crermos em Cristo e professarmos esta fé. É algo de tal natureza, que não precisamos nos envergonhar de fazê-lo ou de reconhecê-lo, pois:

1. Ao crer em Cristo, nós somos trazidos a um honrável conhecimento de Deus (vv. 44,45): “Quem crê em mim”, e “me vê, crê naquele que me enviou”, e o “vê”. Quem crê em Cristo: (1) Não crê em um mero homem, alguém como Ele parecia ser, e geralmente se considerava que Ele fosse, mas crê naquele que é o Filho de Deus e igual, em poder e glória, com o Pai. Ou, mais exatamente: (2) Sua fé não termina em Cristo, mas, por meio dele, é levada ao Pai, que o enviou. Nosso objetivo maior é chegar à presença de Deus, o Pai, por meio de Cristo, que é o caminho. A doutrina de Cristo é crida e recebida como sendo a verdade de Deus. O descanso de uma alma que crê está em Deus, por meio de Cristo, como Mediador, pois sua resignação a Cristo está de acordo com sua apresentação a Deus. O cristianismo é feito, não de filosofia ou políticas, mas de pura divindade. Isto é exemplificado, v. 45. “Quem me vê a mim” (que é a mesma coisa que crer nele, pois a fé é os olhos da alma) “vê aquele que me enviou”. Conhecendo a Cristo, nós chegamos ao conhecimento de Deus. Pois: [1] Deus se faz conhecer na face de Cristo (2 Co 4.6), que é a expressa imagem da sua pessoa, Hebreus 1.3. [2] Todos aqueles que enxergam a Cristo com fé são conduzidos, por Ele, ao conhecimento de Deus, o Pai, a quem Cristo nos revelou pela sua Palavra e pelo seu Espírito. Cristo, sendo Deus, era a imagem da pessoa do seu Pai, mas Cristo, sendo Mediador, era o representante do seu Pai no seu relacionamento com o homem. A luz divina, a lei divina, e o amor divino nos são comunicados nele e por meio dele, de modo que, ao vê-lo (isto é, contemplando-o como nosso Salvador, Príncipe e Senhor, no direito da redenção), vemos e contemplamos o Pai

como nosso Senhor, governante e benfeitor, no direito da criação, pois Deus se alegra em lidar com os homens caídos através da obra salvadora e redentora de seu próprio Filho, Jesus Cristo.

2. Com isto, nós somos levados a uma satisfação pessoal bastante confortável (v. 46): “Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim”, judeu ou gentio, “não permaneça nas trevas”. Observe: (1) O caráter de Cristo: “Eu sou a luz que vim ao mundo”, para iluminá-lo. Isto significa que Ele tinha uma existência, e uma existência como luz, antes de vir ao mundo, assim como o sol existe antes de nascer. Os profetas e apóstolos se tornaram luzes para o mundo, mas somente Cristo veio como uma luz a este mundo, tendo sido anteriormente uma luz gloriosa no mundo superior, cap. 3.19. (2) O consolo dos cristãos: eles não permanecem nas trevas. [1] Eles não continuam naquela condição de escuridão na qual estavam, por natureza. Eles são iluminados no Senhor. Eles estão sem nenhum verdadeiro consolo, nem alegria, nem esperança, mas não continuam naquela condição. A luz é semeada para eles. [2] Qualquer que sejam as trevas de aflição, inquietude ou temor, nas quais eles possam se encontrar posteriormente, há uma provisão feita para que não permaneçam nelas por muito tempo. [3] Eles são libertados daquelas trevas que são perpétuas, e que permanecem para sempre, aquela escuridão completa onde não há o menor cintilar de luz nem esperança dela.

II O perigo e o risco daqueles que não crêem, o que lhes traz uma advertência para que não persistam na incredulidade (vv. 47,48): “‘Se alguém ouvir as minhas palavras e não crer, eu não o julgo’. Não o julgarei sozinho, nem o julgarei agora, para que não seja considerado um juiz injusto, por ser o juiz da minha própria causa. Ainda assim, não pense o infiel que continuará impune. Embora Eu não o julgue, existe alguém que o julgará”. Assim, temos aqui a condenação da incredulidade. Observe:

1. Quem são estes cuja incredulidade é aqui condenada: aqueles que ouvem as palavras de Cristo e ainda assim não crêem nelas. Não serão condenados por infidelidade aqueles que nunca tiveram, nem puderam ter, o Evangelho. Todo homem será julgado de acordo com a dispensação da luz que recebeu. Aqueles que pecaram sem lei, serão julgados sem lei. Mas aqueles que ouviram, ou poderiam ter ouvido, e não ouviram, estão sujeitos a esta maldição.

2. Qual é o resultado da malignidade da incredulidade das pessoas: não receber a palavra de Cristo. Esta atitude é considerada (v. 48) uma rejeição a Cristo, *ho atheton eme*. Ela evidencia uma rejeição com escárnio e desprezo. Onde a bandeira do Evangelho é desfraldada, não se admite neutralidade. Todo homem é um súdito ou um inimigo.

3. A maravilhosa paciência e tolerância do nosso Senhor Jesus, exercida em relação àqueles que o desprezaram quando Ele estava aqui sobre a terra: "Eu não o julgo", não agora. Observe que Cristo não era rápido nem precipitado em tirar vantagem contra aqueles que recusavam as primeiras ofertas da sua graça, mas continuava esperando poder ser gracioso. Ele não atingia com a mudez ou com a morte aqueles que o contradiziam, nunca fez uma intercessão contra Israel, como fez Elias. Embora Ele tivesse autoridade para julgar, Ele suspendeu a realização deste juízo, porque tinha um trabalho de outra natureza para realizar antes, que era o de salvar o mundo. (1) Salvar efetivamente aqueles que lhe foram dados antes que Ele viesse para julgar o corpo degenerado da humanidade. (2) Oferecer a salvação a todo o mundo, e ir tão longe para salvá-los, a tal ponto, que, se alguns não forem salvos, a culpa será deles mesmos. O Senhor devia eliminar o pecado através de seu próprio sacrifício. O desempenho das atribuições e do poder de um juiz não era coerente com esta missão, Atos 8.33. Na sua humilhação, seu juízo foi removido, foi suspenso por algum tempo.

4. O juízo certo e inevitável dos incrédulos no grande dia, o dia da revelação do justo juízo de Deus: a incredulidade certamente será um pecado que levará muitos à perdição. Alguns pensam que quando Cristo disse: "Eu não o julgo", Ele queria dizer que os homens já estavam condenados. Não é necessário nenhum processo, eles se auto-julgam, nem execução, eles se auto-destroem. O juízo vai contra eles naturalmente, Hebreus 2.3. Cristo não precisa aparecer contra eles como seu acusador, pois estarão desgraçados se Ele não aparecer a favor deles como seu advogado de defesa. No entanto, Ele lhes diz claramente onde e quando prestarão contas. (1) "Já tem quem o julgue". Nada é mais terrível do que a paciência maltratada, e a graça menosprezada. Embora por enquanto a misericórdia se regozije contra o juízo, ainda haverá juízo sem misericórdia. (2) Seu juízo final é reservado para o último dia. A este dia de juízo, Cristo intima todos os incrédulos, para que respondam, então, por todo o desprezo

que lhe lançaram. A justiça divina indicou um dia, e adiou a sentença até este dia, como em Mateus 26.64. (3) A palavra de Cristo os irá julgar então: “As palavras que Eu disse, que vocês consideraram com tanto desprezo, elas mesmas irão julgar os incrédulos no último dia”, da mesma maneira como se diz que os apóstolos, os que pregam a palavra de Cristo, julgarão, Lucas 22.30. As palavras de Cristo irão julgar os incrédulos de duas maneiras: [1] Como a evidência do seu crime, elas irão condená-los. Cada palavra que Cristo proferiu, cada sermão, cada argumento, cada oferta generosa, será apresentada como um testemunho contra aqueles que desprezaram tudo o que Ele disse. [2] Como a regra da sua maldição, elas irão condená-los. Eles serão julgados de acordo com o teor daquele concerto que Cristo procurou e promulgou. Estas palavras de Cristo: “Aquele que crer não será condenado”, julgarão todos os incrédulos e levá-los-ão à destruição eterna. E há muitas palavras semelhantes.

III Uma declaração solene da autoridade que Cristo tem de exigir nossa fé, e exigir que recebamos sua doutrina, sob o risco da condenação, vv. 49,50, onde observe-se:

1. A comissão que nosso Senhor Jesus recebeu do Pai para transmitir sua doutrina ao mundo (v. 49): “Eu não tenho falado de mim mesmo”, como mero homem, muito menos como um homem comum, “mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer”. É a mesma coisa que Ele tinha tido, cap. 7.16. “A minha doutrina”: (1) “Não é minha”, pois “eu não tenho falado de mim mesmo”. Cristo, como Filho do homem, não falava aquilo que era de invenção humana. Como Filho de Deus, Ele não agia separadamente, nem por si mesmo, mas o que Ele dizia era o resultado dos conselhos de paz. Como Mediador, sua vinda ao mundo era voluntária, e com seu pleno consentimento, mas não arbitrária, e da sua própria cabeça. Mas (2) Era daquele que o enviou. Deus, o Pai, lhe deu: [1] Sua comissão. Deus, o Pai, enviou o Senhor Jesus Cristo como seu representante e plenipotenciário, para consertar a situação entre Ele e o homem, para conseguir colocar em vigor um tratado de paz, e para estabelecer seus artigos. [2] Suas instruções, aqui chamadas de mandamento, pois eram como aquelas que são entregues a um embaixador, instruindo não somente o que Ele podia dizer, mas o que Ele devia dizer. Ao mensageiro do concerto, foi confiada uma missão que Ele precisava realizar. Observe que

nosso Senhor Jesus aprendeu pessoalmente a obediência, antes de nos ensinar, embora Ele fosse Filho. O Senhor Deus ordenou ao primeiro Adão, e ele, com sua desobediência, nos destruiu. Ele ordenou ao segundo Adão, e Ele, com sua obediência, nos salvou. Deus ordenou-lhe o que Ele devia dizer e o que devia falar, duas palavras que significam a mesma coisa, para indicar que todas as palavras eram divinas. Os profetas do Antigo Testamento, às vezes, falavam de si mesmos, mas Cristo falava pelo Espírito em todas as ocasiões. Alguns indicam esta diferença: Ele foi orientado quanto ao que devia dizer nos seus sermões públicos, e o que devia falar, nas suas reuniões familiares. Outros, esta: Ele era orientado quanto ao que devia dizer na sua pregação agora, e o que devia falar, no seu juízo no último dia, pois Ele tinha comissão e instrução para ambos.

2. O escopo, desígnio e a tendência desta comissão: “E sei que o seu mandamento é a vida eterna”, v. 50. A comissão dada a Cristo tinha uma referência ao estado eterno dos filhos dos homens, e estava de acordo com sua vida e felicidade eternas naquele estado. As instruções dadas a Cristo, como um profeta, eram as de revelar a vida eterna (1 Jo 5.11), o poder dado a Cristo, como um rei, era o de dar a vida eterna, cap. 17.2. Desta maneira, o mandamento dado a Ele era a vida eterna. Isto Cristo diz que sabia: “Eu sei”, o que indica com que alegria e segurança Cristo prosseguia na sua missão, sabendo muito bem que Ele prosseguia com uma missão boa, que traria frutos para a vida eterna. Indica, da mesma maneira, como é justo que pereçam aqueles que rejeitam a Cristo e à sua palavra. Aqueles que desobedecem a Cristo desprezam a vida eterna, e renunciam a ela, de modo que não apenas as palavras de Cristo irão julgá-los, mas, inclusive, suas próprias palavras. Esta será sua destruição, eles mesmos decidiram, e quem pode isentá-los dela?

3. A observância exata de Cristo, da comissão e das instruções dadas a Ele, e sua atuação firme para realizá-las: “O que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito”. Cristo estava intimamente familiarizado com os conselhos de Deus, e era fiel em revelar aos filhos dos homens o quanto tinha sido determinado que seria revelado e não ocultar nada que fosse aproveitável. Assim como a testemunha fiel liberta almas, também Ele o fazia, e dizia a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade. Observe: (1) Isto é um grande incentivo para a fé. As palavras de Cristo, corretamente interpretadas, são aquilo em que podemos arriscar nossas almas. (2) É um

grande exemplo de obediência. Cristo disse aquilo que o Pai lhe mandou dizer, e nós devemos fazer a mesma coisa. Ele transmitia aquilo que o Pai lhe tinha dito, e nós devemos fazer o mesmo. Veja Atos 4.20. Em meio a todo o respeito que lhe era prestado, a honra que o Senhor Jesus mais valorizava era a de proclamar aquilo que o Pai lhe tinha dito que proclamasse, fazendo a obra da maneira que o Pai desejava que ela fosse feita. E sua glória era que, sendo Filho, Ele era fiel àquele que o nomeou. E nós, através de uma fé infalível em cada palavra de Cristo, e uma completa submissão da alma a ela, devemos dar a Ele a glória devida ao seu nome.

CAPÍTULO 13

Tendo nosso Salvador encerrado seus sermões em público, nos quais sofreu as "contradições dos pecadores", Ele agora se dedica a uma conversa em particular com seus amigos, na qual delineia o consolo dos santos. Daqui por diante, nós temos um relato do que ocorreu entre Ele e seus discípulos, que estavam incumbidos de cuidar dos afazeres de sua casa enquanto Ele ia para um local distante. Ele fornece a eles as instruções e a assistência necessárias. Estando próxima sua hora, o Senhor se dedica a colocar sua casa em ordem. Neste capítulo: I. Ele lava os pés dos seus discípulos, vv. 1-17. II. Ele profetiza quem o trairia, vv. 18-30. III. Ele os instrui na grande doutrina de sua própria morte, e do grande dever do amor fraternal, vv. 31-35. IV. Ele profetiza que Pedro o negaria, vv. 36-38.

Cristo Lavando os Pés dos Discípulos. A Necessidade de Obediência

vv. 1-17

É geralmente dado como certo pelos comentaristas que a lavagem dos pés dos discípulos por parte de Cristo, e o sermão que se seguiu, aconteceram na mesma noite em que Ele foi traído, e na mesma reunião em que Ele comeu a Páscoa e instituiu a Ceia do Senhor. Mas eles não estão de acordo quanto a se a lavagem dos pés ocorreu antes da solenidade haver começado, ou depois de ter terminado, ou ainda entre a ceia da Páscoa e a instituição

da Ceia do Senhor. Este evangelista reúne aquelas passagens que os outros haviam omitido, habilmente omite aquelas que os outros haviam relatado, ocasionando alguma dificuldade em juntá-las. Se assim foi, nós supomos que Judas saiu (v. 30) para preparar os homens que iriam prender o Senhor Jesus no jardim. Mas o Dr. Lightfoot é claramente da opinião de que isso foi feito e dito, tudo o que está relatado até o final do capítulo 14, não na ceia da Páscoa, pois aqui foi dito que (v. 1) “antes da festa da Páscoa”, na ceia em Betânia, dois dias antes da Páscoa (sobre a qual lemos em Mateus 26.2-6), Maria, pela segunda vez, ungiu a cabeça de Cristo com seu vaso de ungüento. Ou poderia ser em qualquer outra ceia em qualquer noite antes da Páscoa, não como a que houve na casa de Simão, o leproso, mas nos próprios alojamentos dele, onde Ele não tinha ninguém, senão seus discípulos, à sua volta, e podia estar mais à vontade com eles.

Nestes versículos, nós temos o relato de Cristo lavando os pés de seus discípulos. Era um ato de natureza singular. Não se tratava de nenhum milagre, a menos que chamemos isso de um milagre de humildade. Maria havia há pouco ungido a cabeça de Jesus. Agora, para que sua aceitação desse fato não se parecesse com um apego à ostentação, Ele logo em seguida equilibra isso com este gesto de humilhação. Mas por que Cristo faria isso? Se os pés dos discípulos precisavam ser lavados, eles próprios poderiam lavá-los. Um homem sábio não fará uma coisa que pareça estranha e incomum, senão por razões muito boas e por consideração. Nós estamos certos de que isso não foi por brincadeira ou diversão. Não, o procedimento foi muito solene, e continuou com grande seriedade, e quatro razões são aqui sugeridas de por que Cristo fez isso: 1. Para que pudesse afirmar seu amor por seus discípulos, vv. 1,2. 2. Para que pudesse dar um exemplo de sua própria humildade e condescendência voluntárias, vv. 3-5. 3. Para que pudesse lhes passar a idéia de uma lavagem espiritual, a qual é referida em sua conversa com Pedro, vv. 6-11. 4. Para que pudesse dar a eles um exemplo, vv. 12-17. E o esclarecimento dessas quatro razões levará à exposição de toda a história.

I Cristo lavou os pés de seus discípulos para que pudesse dar uma prova do grande amor com o qual Ele os amou, amou-os até o fim, v. 1,2.

1. O fato de nosso Senhor Jesus ter “amado os seus que estavam no mundo”, amando-os “até ao fim”, é estabelecido aqui como uma verdade

indubitável, v. 1.

(1) Isto é verdadeiro para os discípulos que eram seus seguidores imediatos, em especial os doze. Eles eram os seus no mundo, sua família, sua escola, seus amigos íntimos. Ele não teve filhos para chamar de seus, mas adotou os discípulos, e os recebeu como se fossem seus. Ele tinha aqueles que eram seus no outro mundo, mas os deixou, durante certo tempo, para cuidar dos seus neste mundo. Esses Ele amou, chamou-os para fazer parte de sua comunhão, conversava amigavelmente com eles, sempre cuidava deles, e de seu conforto e honra. Ele permitia-lhes ficar muito à vontade com Ele, e era paciente com suas fraquezas. Ele os amou até o fim, e seu amor por eles permaneceu enquanto viveu, e após sua ressurreição. Ele nunca retirou sua bondade. Embora houvesse algumas pessoas de qualidade que aderiram à sua causa, Ele nunca abandonou seus velhos amigos para abrir espaço para novos, mas continuou apegado a seus pobres pescadores. Eles eram fracos e falhos em conhecimento e graça, tolos e esquecidos, e, embora os censurasse com freqüência, Ele nunca deixou de amar e de cuidar deles.

(2) Isso é verdadeiro para todos os crentes, porque esses doze patriarcas eram os representantes de todas as tribos do Israel espiritual de Deus. Observe que: [1] Nosso Senhor Jesus tem no mundo um povo que é seu. Seu, porque lhe foi dado pelo Pai, Ele o comprou e pagou um preço elevado por ele, e o separou para si. Seu, porque eles se devotaram a Ele como um povo eleito. “Seus”. Onde se disse “seus” dos que “não o receberam”, a expressão é *tous idious – suas próprias pessoas,* como a esposa e os filhos de um homem são seus, as pessoas com quem ele mantém um relacionamento permanente. [2] Cristo tem um amor cordial pelos seus que estão no mundo. Ele os amou com um amor repleto de boa vontade quando se deu pela redenção deles. Ele os ama com um amor de complacência quando os aceita em comunhão consigo. Embora eles estejam neste mundo, um mundo de trevas e distância, de pecado e corrupção, Ele os ama. Ele estava agora indo ter com os seus no céu, os espíritos dos homens justos ali aperfeiçoados, mas Ele parece mais voltado para os seus na terra, porque a maioria deles precisava de seus cuidados. O filho enfermo é aquele que geralmente requer mais cuidados. [3] Aqueles a quem Cristo ama, Ele ama até o fim. Ele é constante em seu amor para com seu povo. Ele descansará no amor de seu povo. Ele ama com um amor eterno (Jr 31.3), eterno desde

suas deliberações até suas conseqüências. Nada pode separar um crente “do amor de Cristo”. Ele ama os seus, *eis telos – até a perfeição*, pois Ele aperfeiçoará aquilo que lhes diz respeito, os levará àquele mundo onde o amor é prefeito.

2. Cristo manifestou seu amor pelos seus ao lavar os pés de seus discípulos, como aquela boa mulher (Lc 7.38) demonstrou seu amor por Ele ao lavar e enxugar seus pés. Desse modo, Ele desejava mostrar que, assim como seu amor por eles era constante, também era condescendente – que, dando prosseguimento aos desígnios deste amor, Ele estava disposto a se humilhar –, e que as glórias de sua condição elevada, nas quais Ele estava agora adentrando, não deveriam ser obstáculo, de maneira alguma, para a generosidade que Ele tinha para com seus escolhidos. E desse modo, Ele confirmaria a promessa que tinha feito a todos os santos de que “os fará assentar à mesa, e, chegando-se, os servirá” (Lc 12.37). Ele os exaltará de forma tão incrível e surpreendente como um senhor que serve aos seus servos. Os discípulos haviam acabado de revelar a fraqueza de seu amor por Ele, ao se indignarem pelo ungüento que fora derramado sobre sua cabeça (Mt 26.8), no entanto Ele logo em seguida dá essa prova de seu amor por eles. Nossas fraquezas contrastam com as bondades de Cristo, e as realçam.

3. Ele escolheu esse momento para fazer isso, um pouco antes de sua última Páscoa, por duas razões:

(1) Porque Ele sabia “que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai”. A hora que Ele havia esperado por um longo tempo. Observe aqui: [1] A mudança que nosso Senhor Jesus estava prestes a empreender. Ele devia partir. Ela começou com sua morte, e foi completada em sua ascensão. Como o próprio Cristo, assim todos os crentes, em virtude de sua união com Ele, quando deixam o mundo, deixando seus corpos vão para o Pai, e passam a estar presentes com o Senhor. É a partida do mundo, este mundo cruel, insultuoso, descrente e traiçoeiro, este mundo de trabalho, trabalho árduo e tentações, este vale de lágrimas. É caminhar para o Pai, para a visão do “Pai dos espíritos”, e a bênção de desfrutar dele como nosso Deus e Pai. [2] O momento desta mudança: “Era chegada a sua hora”. Ela é, às vezes, chamada a hora de seus inimigos (Lc 22.53), a hora do triunfo deles; às vezes, sua hora, a hora de seu triunfo, a hora que Ele tivera em vista desde o princípio. O período de seus sofrimentos estava fixado em uma hora, e a duração deles, apenas por uma hora. [3] Sua antevisão dela:

Ele sabia que sua hora era chegada. Ele sabia desde o início que ela chegaria, e quando chegaria, mas agora Ele sabia que ela havia chegado. Nós não sabemos quando nossa hora chegará, e então o que devemos fazer em uma preparação de rotina para ela nunca deve ser negligenciado, mas, quando sabemos pelos sinais que é chegada nossa hora, devemos nos dedicar vigorosamente a uma preparação efetiva, como nosso mestre o fez, 2 Pedro 3.14. Agora fazia parte da visão imediata de sua partida que Ele lavasse os pés de seus discípulos, de modo que, assim como sua própria cabeça acabara de ser ungida na expectativa do dia de seu sepultamento, os pés deles deveriam ser lavados em preparação para o dia de sua consagração através da descida do Espírito Santo, cinqüenta dias depois, assim como os sacerdotes eram lavados, Levítico 8.6. Quando virmos nosso dia se aproximando, deveremos fazer todo o bem que pudermos para aqueles que deixaremos para trás.

(2) Porque agora o Diabo já havia "posto no coração de Judas… que o traísse", v. 2. Estas palavras, em um parêntese, podem ser consideradas: [1] Como rastreando a traição de Judas até sua origem. Era um pecado de tal natureza, que evidentemente carregava a imagem e a assinatura do Diabo. Não sabemos que meios de acesso o Diabo tem ao coração dos homens, e através de quais métodos ele lança suas sugestões, e as mistura de forma indiscernível com aqueles pensamentos que são os naturais do coração. Mas existem alguns crimes tão excessivamente pecaminosos em sua própria natureza, e para os quais existe tão pouca tentação do mundo e da carne, que é óbvio que Satanás coloca os ovos deles em um coração disposto a ser o ninho para incubá-los. O fato de Judas trair um mestre tão bom, traí-lo por tão pouco, e sob nenhuma provocação, era uma inimizade tão clara contra Deus, que não podia ser forjada senão pelo próprio Satanás, que, com isso, pensou que arruinaria o reino do Redentor, mas, de fato, arruinou o seu próprio. [2] Como indicando uma razão pela qual Cristo agora lavava os pés dos seus discípulos. Em primeiro lugar, estando Judas agora resolvido a traí-lo, o momento de sua partida não podia estar longe. Estando essa questão definida, é fácil concordar com o apóstolo Paulo: "Eu já estou sendo oferecido". Note que, quanto mais mal-intencionados percebermos que nossos inimigos estão contra nós, mais habilmente devemos nos preparar para o pior. Em segundo lugar, estando Judas agora caindo na armadilha, e o Diabo apontando para Pedro e para os demais (Lc 22.31),

Cristo iria fortalecer os seus contra ele. Se o lobo agarrou um do rebanho, é tempo de o pastor olhar bem para o resto. Os antídotos devem ser aplicados quando a infecção começa. O Dr. Lightfoot observa que os discípulos tinham aprendido com Judas a murmurar, por ocasião da unção que foi oferecida a Cristo. Compare João 12.4ss. com Mateus 26.8. E para que aqueles que aprendiam com Judas não aprendessem o pior, Ele os fortalece através de uma lição de humildade contra os ataques mais perigosos. Em terceiro lugar, Judas, que estava agora conspirando para traí-lo, era "um dos doze". Agora Cristo mostraria, através da lavagem de seus pés, que Ele não planejava abandonar a todos eles pelos erros de um. Embora um membro do seu conselho fosse um diabo e um traidor, eles jamais deveriam se sentir mal por causa disso. Cristo ama sua igreja, embora existam hipócritas nela, e ainda tinha carinho para com seus discípulos, mesmo havendo um Judas entre eles e Ele soubesse disso.

II Cristo lavou os pés de seus discípulos para nos dar um exemplo de sua própria e maravilhosa humildade, e mostrar como Ele era modesto e condescendente, e para que o mundo inteiro soubesse o quanto Ele podia humilhar-se por amor aos seus. Isto está indicado nos versículos 3-5. Jesus, sabendo, e agora considerando de fato, e talvez discursando sobre suas virtudes como Mediador, e dizendo a seus amigos que "o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas… levantou-se da ceia", e, para grande surpresa dos companheiros, que desejavam saber o que Ele iria fazer, "começou a lavar os pés aos discípulos".

1. Aqui está a justa glorificação do Senhor Jesus. Coisas gloriosas são ditas aqui a respeito de Cristo como Mediador.

(1) O Pai havia "depositado nas suas mãos todas as coisas", havia dado a Ele dignidade em tudo, e poder sobre tudo, como possuidor do céu e da terra, de acordo com os grandes desígnios de sua missão. Veja Mateus 11.27. O acerto e a conciliação de todas as questões em divergência entre Deus e os homens foram depositadas em suas mãos como o grande árbitro e juiz, e a administração do reino de Deus entre os homens, em todos os seus aspectos, fora confiada a Ele, de forma que todas as ações, tanto de autoridade quanto de julgamento, passavam por suas mãos. Ele é "herdeiro de tudo".

(2) Ele veio de Deus. Isso implica em que Ele estava no princípio com Deus, e tinha existência e glória, não apenas antes que nascesse neste mundo, mas antes que o próprio mundo fosse criado, e que, quando Ele veio ao mundo, veio como embaixador de Deus, comissionado por Ele. Ele veio de Deus como o Filho de Deus, e o enviado de Deus. Os profetas do Antigo Testamento foram levantados e usados por Deus, mas Cristo veio diretamente dele.

(3) Ele "ia para Deus", para ser glorificado com Ele, com a mesma glória que Ele tinha com Deus desde a eternidade. Aquele que vem de Deus deverá ir para Deus. Aqueles que nascem do céu são destinados ao céu. Assim como Cristo veio de Deus, para ser o representante dele na terra, da mesma forma Ele foi para Deus, para ser nosso representante no céu, e é um alivio para nós pensarmos no quanto Ele é bem-vindo lá. Ele foi trazido para perto do "ancião de dias", Daniel 7.13. Foi-lhe dito: "Assenta-te à minha mão direita", Salmos 110.1.

(4) Ele sabia de tudo isso. Não era como um príncipe no berço, que não sabe nada sobre a glória para a qual nasceu, ou como Moisés, que não sabia que sua face brilhava. Não, Ele tinha uma visão completa de todas as honras de sua condição elevada, e mesmo assim se humilhou a tal ponto. Mas como isso se encaixa aqui? [1] Como um estímulo para que Ele agora deixasse rapidamente quaisquer que fossem as lições e legados que tivesse que deixar para seus discípulos, porque era agora chegada sua hora, quando Ele deveria despedir-se deles e ser elevado acima daquela convivência familiar que nesse momento Ele tinha com eles, v. 1. [2] Pode se encaixar como aquilo que o apoiou em seus sofrimentos, e manteve seu ânimo ao longo de sua batalha tão feroz. Judas agora o estava traindo, e Ele sabia disso, e sabia quais seriam a conseqüências. Porém, sabendo também "que havia saído de Deus, e que ia para Deus", Ele não recuou, mas foi em frente com ânimo. [3] Isso parece se inserir como um realce para sua condescendência, para torná-la ainda mais admirável. As razões da graça divina são, algumas vezes, descritas nas Escrituras como estranhas e surpreendentes (como Is 57.17,18; Os 2.13,14). Assim, aqui isto é concedido como um incentivo a Cristo para humilhar-se, o que, ao contrário, poderia ter sido um motivo para Ele mostrar pompa, pois os pensamentos de Deus não são como os nossos. Compare esta passagem com aquelas que prefaciam os exemplos mais notáveis da graça, com as

demonstrações da glória divina, como, por exemplo, Salmos 68.4,5; Isaías 57.15; 66.1,2.

2. Apesar disso, eis aqui a humilhação voluntária de nosso Senhor Jesus. Conhecendo Jesus sua própria glória como Deus, e sua própria autoridade e poder como Mediador, seria de se pensar que deveria seguir-se um ritual como este: Ele se levantaria da mesa, tiraria suas vestes habituais, requisitaria togas, ordenaria que mantivessem distância, e o homenageassem. Mas não, aconteceu algo totalmente contrário. Ele passou a dar o maior de todos os exemplos de humildade. Observe que uma bem fundamentada certeza do céu e da felicidade, em vez de fazer um homem inchar de orgulho, o tornará e o manterá muito humilde. Aqueles que desejarem ser considerados semelhantes a Cristo, compartilhando seu espírito, devem procurar conservar seus pensamentos humildes em meio aos maiores progressos. Cristo se humilhou, lavando os pés de seus discípulos.

(1) O ato em si era degradante e servil, e para o qual servos do mais baixo posto eram utilizados. “Eis aqui a tua serva”, disse Abigail, “servirá de criada para lavar os pés dos criados de meu senhor”. Deixe-me com o trabalho mais humilde, 1 Samuel 25.41. Se ele tivesse lavado as mãos ou os rostos deles, isso teria sido uma grande condescendência (Eliseu “deitava água sobre as mãos de Elias”, 2 Reis 3.11), mas o fato de Cristo ter se humilhado a fazer um trabalho como este, bem poderia despertar nossa admiração. Assim, Ele nos ensinou que nada está abaixo de nós quando se trata de podermos ser úteis para a glória de Deus e para o bem de nossos irmãos.

(2) A condescendência era ainda maior porque Ele fez isso para seus próprios discípulos, que, por si só, eram de uma condição humana baixa e desprezível em relação aos nobres deste mundo. Seus pés, é provável, eram raramente lavados, e, portanto, muito sujos. Em relação a Ele, eles eram seus pupilos, seus servos, e, como tal, deveriam ter lavado os pés dele. Eles dependiam dele e esperavam todas as coisas de suas mãos. Muitas das grandes mentes, por outro lado, farão coisas baixas para bajular seus superiores. Elas progridem através da humilhação, e galgam postos pela bajulação. Mas o fato de Cristo fazer isso por seus discípulos não poderia ser um gesto de astúcia nem um desejo de agradar. Esta foi, de fato, uma atitude de pura humildade.

(3) Ele levantou-se da mesa para fazer isso. Embora interpretemos como tendo acontecido no fim da ceia (v. 2), isto é mais bem interpretado como estando a ceia em andamento, ou estando Ele ceando, pois se assentou outra vez à mesa (v. 12), e o encontramos molhando o bocado (v. 26), de modo que Ele fez isso no meio de sua refeição, e, com isso, nos ensinou: [1] A não considerarmos uma perturbação, nem motivo justo para qualquer intranqüilidade, sermos chamados durante nossa refeição para prestarmos a Deus ou aos nossos irmãos qualquer serviço concreto, valorizando mais o cumprimento do nosso dever do que nossa necessidade de alimento, Jó 4.34. Cristo não interromperia suas pregações para fazer um favor aos seus parentes mais próximos (Mc 3.33), mas abandonaria sua ceia para mostrar seu amor pelos seus discípulos. [2] A não sermos muito requintados com relação ao nosso alimento. Lavar pés sujos na hora da ceia teria feito revirar muitos estômagos sensíveis, mas Cristo fez isso, não para que pudéssemos aprender a ser rudes e sujos (a higiene e a devoção andam juntas), mas para ensinar-nos a não sermos cuidadosos, a não fazermos nossa vontade, mas a dominarmos a sensibilidade do apetite, dando às boas maneiras seu devido lugar, e nada mais.

(4) Ele se colocou nos trajes de um servo para realizar essa tarefa: Ele "tirou as vestes" da parte superior, para que pudesse dedicar-se a esse serviço mais livremente. Nós devemos nos direcionar para o dever como aqueles que estão decididos a não se agarrar à ostentação, mas a se esforçar. Devemos nos despojar de tudo aquilo que alimentaria nosso orgulho ou nos atrasaria em nosso caminho e nos impediria de fazer o que temos de fazer, devemos cingir os lombos do nosso entendimento, como aqueles que com fervor se prendem ao trabalho.

(5) Ele fez isso com toda a humildade que poderia existir, passou decididamente por todas as etapas do serviço, e não ignorou nenhuma delas. Ele o fez como se tivesse sido acostumado a servir dessa maneira. Ele mesmo o fez sozinho, e não teve ninguém para ajudá-lo nisso. Ele cingiu-se com a toalha, assim como os servos cobrem seu braço com um lenço, ou colocam um avental diante do seu corpo. Ele despejou água na bacia, das talhas que estavam ao lado (cap. 2.6), e então lhes lavou os pés, e, para completar o serviço, enxugou-os. Alguns acham que Ele não lavou os pés de todos eles, mas de apenas quatro ou cinco, sendo isso considerado suficiente para atingir a finalidade. Mas eu não vejo nada que sustente essa

hipótese, pois, em outras ocasiões em que Ele fez alguma distinção ou exceção, isso é mencionado, e a lavagem dos pés de todos eles, sem exceção, nos mostra uma caridade universal, que é extensiva a todos os discípulos de Cristo, até mesmo ao menor deles.

(6) Nada parece indicar que Ele não tenha lavado os pés de Judas entre os demais, pois ele estava presente, v. 26. De fato, um dos atributos de uma viúva é que ela tenha lavado os pés dos santos (1 Tm 5.10), e havia algum conforto nisso, mas o bendito Jesus aqui lavou os pés de um pecador, o pior dos pecadores, o pior para Ele, que, naquele momento, estava planejando traí-lo.

Muitos intérpretes consideram a lavagem dos pés dos discípulos por parte de Cristo como um simbolismo de toda a sua missão. Ele sabia que era igual a Deus, e que todas as coisas eram suas, e Ele levantou-se de sua mesa em glória, despojou-se de seu manto de luz, cingiu-se com nossa natureza, tomou para si a forma de servo, não veio para ser servido, mas para servir, derramou seu sangue, derramou sua alma até à morte, e, através disso, preparou uma bacia para nos lavar dos nossos pecados, Apocalipse 1.5.

III Cristo lavou os pés de seus discípulos para que este ato pudesse representar para eles uma lavagem espiritual, e a purificação da alma das contaminações do pecado. Isso é claramente declarado em sua conversa com Pedro sobre este assunto, vv. 6-11, na qual podemos observar:

1. A surpresa de Pedro ao ver seu Mestre cuidando desse serviço degradante (v. 6): Ele se aproximou de Simão Pedro, com sua toalha e uma bacia, e ordenou-lhe que expusesse seus pés para serem lavados. Crisóstomo presume que primeiro Ele lavou os pés de Judas, que prontamente aceitou a honra, e ficou feliz em ver seu Mestre se rebaixar desse modo. Porém, é mais provável que, ao realizar esse serviço (que é expresso pela frase "começou a lavar", v. 5), o Senhor tenha começado por Pedro, para que os demais não se recusassem, por não terem ouvido a explicação contida no diálogo anterior entre o Senhor e Pedro. Quer Cristo tenha se dirigido primeiro a Pedro ou não, quando se dirigiu a ele, Pedro ficou surpreso com a proposta: "Senhor", diz ele, "tu lavas-me os pés a mim?" Aqui há uma ênfase que deve ser colocada sobre os termos "tu" e "mim", e a colocação das palavras é notável, *sy mou – O que! Tu a mim? Tu mihi lavas pedes? Quid est tu? Quid est mihi? Cogitanda sunt potius quam*

dicenda – Tu lavas-me os pés a mim? O que é esse tu? E quanto a mim? Essas coisas devem ser contempladas mais do que expressadas. Aug., *in loc*. “Por que tu, nosso Senhor e Mestre, a quem nós conhecemos e acreditamos ser o Filho de Deus, o Salvador e Soberano do mundo, fazes isso por mim, um inútil verme da terra, um homem pecador, Senhor? Devem lavar meus pés essas mãos que com um toque têm purificado os leprosos, dado a visão aos cegos e ressuscitado aos mortos?” Assim disse Theophylact, e, apoiando-se nele, o Dr. Taylor. De muito bom grado, Pedro teria pego a bacia e a toalha, e lavado os pés de seu Mestre, e ficado orgulhoso dessa honra, Lucas 17.7,8. “Isso teria sido natural e normal. Mas o fato de o meu Mestre lavar meus pés é de uma impropriedade como nunca houve. Permitir isto seria uma falta de delicadeza para com Ele, um paradoxo tão grande, que eu não posso entender. É esse ‘o costume dos homens?’” Observe que as condescendências de Cristo, especialmente suas condescendências para conosco, das quais tomamos conhecimento através da sua graça, são, de forma justa, motivo de nossa admiração, cap. 14.22. Quem sou eu, Senhor Deus? E qual é a casa de meu pai?

2. A imediata resposta que Cristo deu a essa pergunta que indicava surpresa. Isto, ao menos, era suficiente para calar suas objeções (v. 7): “O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois”. Aqui estão duas razões pelas quais Pedro deveria se submeter ao que Cristo estava fazendo:

(1) Porque, no momento, ele estava desinformado no tocante a isso, e não devia opor-se àquilo que ele não entendia, mas concordar com a vontade e a sabedoria de alguém que podia dar uma boa razão para tudo aquilo que dizia e fazia. Cristo ensinaria Pedro a ter uma obediência completa: “‘O que eu faço, não o sabes tu, agora’, e, conseqüentemente, não és um juiz adequado para isso, mas deves acreditar que isso é o melhor a ser feito, porque eu o estou fazendo”. Observe que nossa consciência de que trabalhamos sob a ignorância, e nossa incapacidade de avaliar o que Deus faz, deveria nos tornar indulgentes e modestos em nossas censuras aos seus procedimentos. Veja Hebreus 11.8.

(2) Porque, nesse ato, havia alguma coisa importante, cujo significado Pedro saberia mais tarde: “‘Tu o saberás depois’, por que necessitas ser lavado, quando fores culpado do abominável pecado de me negar”, segundo alguns. “Tu o saberás, quando, no desempenho da função de um apóstolo,

fores usado na purificação daqueles que carregam seu fardo de pecados e contaminações, daqueles que estão apegados à iniqüidade", segundo o Dr. Hammond. Observe que: [1] Nosso Senhor Jesus faz muitas coisas cujo significado nem mesmo seus próprios discípulos conhecem por hora, mas o saberão depois. O que Ele fez quando se tornou homem por nós e o que Ele fez quando se tornou um verme, e não um homem, por nós, o que Ele fez quando viveu nossa vida e o que Ele fez quando renunciou a ela, não podia ser compreendido, senão mais tarde, e parecia, então, que isso convinha a Ele, Hebreus 2.17. Providências subseqüentes explicam as anteriores, e nós percebemos posteriormente qual era o objetivo benevolente de eventos que pareciam totalmente opostos, e situações em que o modo como pensávamos estava a ponto de se mostrar correto. [2] A lavagem dos pés dos discípulos por Cristo tinha um significado que eles próprios só entenderam mais tarde, quando Cristo explicou que ela era uma espécie de lavagem da regeneração, e quando o Espírito foi derramado do céu sobre eles. Devemos deixar que Cristo use seus próprios métodos, tanto em suas leis quanto em suas providências, e assim descobriremos, através dos resultados, que Ele faz tudo da melhor maneira possível.

3. A recusa peremptória de Pedro em permitir que Cristo lavasse seus pés (v. 8): "Nunca me lavarás os pés". "Não, nunca". Assim está no original. É a linguagem de uma resolução firme. Sendo assim: (1) Aqui havia uma demonstração de humildade e modéstia por parte do Senhor. Em vista disto, Pedro parecia ter, e sem dúvida realmente tinha, um grande respeito por seu Mestre, como ele o admitira, Lucas 5.8. Dessa maneira, muitos são enganados pensando que serão recompensados por uma humildade voluntária que está de acordo com seu próprio pensamento, e não de acordo com a vontade do Senhor (Cl 2.18,23). Nossa renúncia deve estar de acordo com aquilo que Cristo ordena ou aceita, pois: (2) Sob essa aparência de humildade, havia uma verdadeira contradição à vontade do Senhor Jesus: "Eu lavarei teus pés", diz Cristo. "Nunca me lavarás", diz Pedro. "Isso não é uma coisa apropriada", querendo se fazer, desse modo, mais sábio do que Cristo. Não é humildade, mas deslealdade, colocar de lado as dádivas do Evangelho, como se fossem preciosas demais para serem concedidas a nós ou boas demais para serem verdadeiras.

4. A persistência de Cristo em sua oferta, e a boa razão pela qual Pedro deveria aceitá-la: "Se eu te não lavar, não tens parte comigo". Isto pode ser

entendido: (1) Como uma severa advertência contra a desobediência: “Se eu te não lavar, se tu continuares insubmisso, e não acatares a vontade de seu Mestre em algo tão pequeno, não serás reconhecido como um dos meus discípulos, mas serás merecidamente rejeitado e expulso por não cumprir ordens”. Vários dos antigos entendem isso desse modo. Se Pedro se julgar mais sábio do que seu Mestre, e discutir as ordens que deveria obedecer, ele, na verdade, estará renunciando sua fidelidade, e dizendo aquilo que outros disseram: “‘Que parte temos nós com Davi’, no Filho de Davi?” E assim virá sua perdição, e ele não terá parte com o Senhor. Que ele não tenha mais condutas que lhe serão prejudiciais, pois “o obedecer é melhor do que o sacrificar”, 1 Samuel 15.22. Ou: (2) Como uma declaração da necessidade da lavagem espiritual, e assim eu penso que deva ser entendido: “Se eu não lavar tua alma da contaminação do pecado, não terás parte comigo, nenhum interesse em mim, nenhuma comunhão comigo, nenhum beneficio através de mim”. Observe que todos aqueles, e somente aqueles, que são espiritualmente lavados por Cristo, é que têm parte em Cristo. [1] Toda a felicidade de um cristão está associada a ter parte em Cristo, ou com Cristo, a ser participante de Cristo (Hb 3.14), a compartilhar esses privilégios inestimáveis que resultam da união e do relacionamento com Ele. Esta é aquela boa parte cuja posse é a única coisa indispensável. [2] Para que tenhamos parte em Cristo, é necessário que Ele nos lave. Todos aqueles a quem Cristo reconhece e salva, Ele justifica e santifica, e estas bênçãos estão incluídas no ato de lavá-los. Não podemos participar de sua glória se não participamos de seu mérito e justiça, como também de seu Espírito e graça.

5. Mais do que a submissão de Pedro, seu fervoroso pedido para ser lavado por Cristo, v. 9. Observe o significado de suas palavras: “Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça”. Como o pensamento de Pedro mudou rapidamente! Quando o erro de sua compreensão foi reparado, a determinação deturpada de sua vontade foi logo modificada. Não devemos ser tão radicais em qualquer decisão (exceto em nossa decisão de seguir a Cristo), porque podemos logo enxergar razões para voltar atrás. Devemos ser cuidadosos ao assumirmos um compromisso que exija persistência. Observe:

(1) Como Pedro está preparado para retroceder naquilo que tinha dito: “Senhor, que tolo fui eu ao proferir algo tão precipitado!” Agora que a

lavagem dele parecia ser um ato da autoridade e da graça de Cristo, ele a aceita. Mas Pedro não gostou quando esta lhe parecia apenas um ato de humilhação. Observe que: [1] Homens bons, quando percebem seus erros, não se recusarão a se retratar. [2] Cedo ou tarde, Cristo fará com que todos pensem como Ele.

(2) Como ele é inoportuno para a graça purificadora do Senhor Jesus, e o poder universal desta graça maravilhosa precisa estar até mesmo sobre suas mãos e sua cabeça. Observe que a separação de Cristo, e a exclusão de ter participação nele, é o mal mais temível aos olhos de todos os que são esclarecidos, pelo temor do qual eles serão persuadidos a fazer qualquer coisa. E por medo disso, devemos ser sinceros em nossas orações a Deus, para que Ele nos lave, justifique e santifique. “Senhor, que eu não seja removido da tua presença. Torne-me merecedor de ti, pela lavagem da regeneração. Senhor, lave não apenas meus pés, de todas as contaminações que se prendem a eles, mas também minhas mãos e minha cabeça, das manchas que contraíram, e da sujeira imperceptível que se origina na transpiração do meu próprio corpo”. Observe que aqueles que verdadeiramente desejam ser santificados, desejam sê-lo por completo, e ter o corpo inteiro, com todas as suas partes e forças, purificado, 1 Tessalonicenses 5.23.

6. A explicação de Cristo deste símbolo, na medida que ele representa uma lavagem espiritual.

(1) Com referência aos seus discípulos que lhes eram fiéis (v. 10): “Aquele que está lavado”, que é completamente lavado no banho (como era habitualmente praticado nessas regiões), tendo lavadas sua cabeça e suas mãos, e tendo apenas sujado seus pés ao caminhar para casa quando retorna para sua casa, “não necessita de lavar senão os pés”. Pedro havia ido de um extremo ao outro. No principio, ele não queria deixar Cristo lavar seus pés, e agora ele desconsidera o que Cristo havia feito por ele em seu batismo (o que era expresso através disso), e clama para que suas mãos e sua cabeça sejam lavadas. Agora Cristo o instrui quanto ao significado. Ele precisa lavar seus pés, mas não suas mãos e sua cabeça. [1] Veja aqui qual é o conforto e o privilégio daqueles que estão em uma condição justificada; Eles são lavados por Cristo, e cada partícula é purificada, isto é, eles são bondosamente aceitos por Deus, como se fossem justos. E, embora pequemos, não precisamos ser justificados exatamente como no início, pois

os pecados que cometemos não são voluntários. Por esta razão, não precisamos ser freqüentemente batizados quando nos arrependemos de nossas falhas cotidianas. A evidência de uma condição justificada pode estar oculta, e seu conforto, suspenso, apesar de o privilégio ainda não ter sido cancelado ou retirado. Embora tenhamos oportunidade de nos arrependermos diariamente, “os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”. O coração pode ser varrido e enfeitado, e ainda assim continuar sendo o palácio do Diabo. Mas, se ele for lavado, pertencerá a Cristo, e o Senhor não o desperdiçará, nem o lançará fora. [2] Veja qual deveria ser a preocupação diária daqueles que, através da graça, estão em uma condição justificada, e isto é lavar os pés. Purificarem-se da culpa que contraem diariamente através das fraquezas e das negligências, pelo renovado exercício do arrependimento, com uma perseverança confiante na virtude do sangue de Cristo. Nós também devemos lavar nossos pés através da vigilância constante contra tudo o que contamina, pois devemos purificar nosso caminho, e lavar nossos pés levando isso em conta, Salmos 119.9. Os sacerdotes, quando eram consagrados, eram purificados com água, e, embora depois não precisassem ser lavados completamente, ainda assim, sempre que iam ministrar, eles deviam lavar seus pés e suas mãos, sob pena de morte, Êxodo 30.19,20. A provisão feita para nossa purificação não deveria nos tornar presunçosos, mas sim ainda mais cautelosos. “Já lavei os meus pés. Como os tornarei a sujar?” Do perdão de ontem, nós deveríamos extrair um argumento contra a tentação de hoje.

(2) A acusação a Judas: “Vós estais limpos, mas não todos”, v. 10,11. Ele declara seus discípulos limpos, limpos através da palavra que Ele lhes havia falado, cap. 15.3. Ele próprio os lavou e depois disse: “Vós estais limpos”. Mas Ele exclui Judas: “Mas não todos”. Eles eram todos batizados, mesmo Judas, mas não todos limpos. Muitos possuem o símbolo, mas não aquilo que ele representa. Observe que: [1] Mesmo entre aqueles que são chamados discípulos de Cristo, e manifestam relação com Ele, existem alguns que não estão limpos, Provérbios 30.12. [2] “O Senhor conhece os que são seus”, e aqueles que não são, 2 Timóteo 2.19. A visão de Cristo pode distinguir entre o precioso e o vil, o puro e o impuro. [3] Quando aqueles que chamam a si mesmos de discípulos mais tarde mostram ser traidores, no final, sua apostasia é, até certo ponto, uma evidência de sua hipocrisia desde o princípio. [4] Cristo percebe que é necessário deixar seus

discípulos saberem que não estão completamente limpos, para que possamos todos desconfiar a respeito de nós mesmos (Sou eu, Senhor? Sou eu que estou entre os limpos, mas ainda assim não estou limpo?), e para que, quando os hipócritas forem descobertos, isso não possa ser surpresa nem obstáculo para nós.

IV Cristo lavou os pés de seus discípulos para estabelecer diante de nós um exemplo. E esta foi a explicação que Ele lhes deu a respeito daquilo que tinha feito, vv. 12-17. Observe:

1. Com que solenidade Ele nos deu explicações sobre o significado do que tinha feito (v. 12): “Depois que lhes lavou os pés”, Ele disse: “Entendeis o que vos tenho feito?”

(1) Ele adiou a explicação até que tivesse terminado aquela atividade: [1] Para testar a submissão e a obediência absoluta deles. O que Ele fez, eles só saberiam mais tarde, para que pudessem aprender a sujeitar-se à sua vontade quando não conseguissem encontrar um motivo para ela. [2] Porque era apropriado encerrar o enigma e desvendá-lo. O Senhor também agiria da mesma forma em todo o seu empreendimento, quando seus sofrimentos terminassem, quando Ele tivesse retomado as vestes de sua condição exaltada e estivesse pronto para se sentar novamente. Então Ele abriria o entendimento de seus discípulos, e derramaria sobre eles seu Espírito, Lucas 24.45,46.

(2) Antes que explicasse seu ato, Ele lhes perguntou se podiam interpretá-lo: “Entendeis o que vos tenho feito?” Ele colocou essa questão para eles, não apenas para conscientizá-los da ignorância em que estavam, e da necessidade que tinham de ser instruídos (como Zc 4.5,13: “Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, Senhor meu”.), mas para aumentar seus desejos e expectativas por instrução: “Quero que saibais, e, se prestardes atenção, Eu vos direi”. Observe que é vontade de Cristo que os símbolos sagrados sejam explicados, e que seu povo esteja familiarizado com o significado deles. Por outro lado, embora extremamente importantes, eles são sem importância para aqueles que não conhecem o significado das coisas. Portanto, eles são levados a perguntar: “Que culto é este vosso?” Êxodo 12.26.

2. No que Ele fundamenta aquilo que tinha para dizer (v. 13): “‘Vós me chamais Mestre e Senhor’, me dais esses títulos, ao falardes de mim, ao

falardes comigo, ‘e dizeis bem, porque eu o sou’. Vós sois estudantes para mim, e eu desempenho o papel de um mestre para vós”. Observe que: (1) Jesus Cristo é nosso Mestre e Senhor. Ele, que é nosso Redentor e Salvador, é, em função disso, nosso Senhor e Mestre. Ele é nosso Mestre, *didaskalos* – nosso professor e instrutor em todas as verdades e preceitos necessários, como um profeta nos revelando a vontade de Deus. Ele é nosso Senhor, *kyrios* – nosso soberano e dono, que tem autoridade e domínio sobre nós. (2) É apropriado aos discípulos de Cristo chamá-lo de Mestre e Senhor, não como um elogio, mas como um fato, não através de coerção, e sim com prazer. O devoto Sr. Herbert, quando mencionava o nome de Cristo, costumava acrescentar: meu Mestre, e desse modo se expressa, no tocante a isso, em um de seus poemas:

Que doce som ouço ao dizer: meu Mestre, dirigindo-me ao meu Mestre!
Como o âmbar-gris deixa um doce aroma em quem o prova,
Assim, estas palavras deixam um doce contentamento,
Uma fragrância oriental: meu Mestre.

(3) Chamar Cristo de Mestre e Senhor é uma obrigação nossa ao recebermos e observarmos as instruções que Ele nos dá. Cristo, dessa forma, estabeleceria um compromisso da obediência deles a uma ordem que era desagradável para a carne e para o sangue. Se Cristo for nosso Mestre e Senhor, e o chamarmos freqüentemente assim, por nosso próprio consentimento, nós estamos comprometidos pela honra e honestidade a ser obedientes a Ele.

3. A lição que Jesus nos ensinou por meio desse ato de lavar os pés dos discípulos: “Vós deveis também lavar os pés uns aos outros”, v. 14.

(1) Alguns têm interpretado isso literalmente, e pensam que essas palavras correspondem ao estabelecimento de uma prática permanente na igreja, que os cristãos deveriam, de uma maneira religiosa e solene, lavar os pés uns dos outros, como prova do amor condescendente de uns pelos outros. Ambrósio interpretou desse modo, e exercitava isso na igreja de Milão. Agostinho disse que esperava que aqueles cristãos que ainda não o tivessem feito com suas mãos, o fizessem com seus corações em humildade. Mas ele enfatizava: É muito melhor fazê-lo com as mãos também, quando houver oportunidade, como em 1 Timóteo 5.10. Aquilo que Cristo fez, os cristãos

não devem desdenhar, mas sim fazer. Calvino disse que o papa, na observância anual dessa cerimônia na quinta-feira da semana da paixão, é mais exatamente um imitador de Cristo do que seu seguidor, pois a obrigação imposta, de acordo com Cristo, era mútua: “Lavai os pés uns aos outros”. E Jansênio disse: Está feito, *Frigidè et dissimiliter – Friamente, e ao contrário do modelo original.*

(2) Mas indubitavelmente isso deve ser entendido figurativamente. É uma indicação esclarecedora, mas não sacramental, como a Ceia do Senhor. Esta era uma parábola para os olhos, e nosso Mestre tencionava nos ensinar três coisas por meio dela: [1] Uma humilde condescendência. Nós devemos aprender com nosso Mestre a ser humildes de coração (Mt 11.29), e caminhar com toda humildade. Devemos pensar humildemente a nosso próprio respeito e respeitosamente com relação aos nossos irmãos, e não considerar nada como inferior a nós, senão o pecado. Devemos considerar aquilo que pareça simples, mas que tenda a favorecer a glória de Deus e o bem de nossos irmãos, como fez Davi (2 Sm 6.22): “Ainda mais do que isto me envilecerei”. Cristo ensinava freqüentemente a humildade aos seus discípulos, e eles haviam esquecido a lição, mas agora Ele os ensina de uma maneira que, seguramente, jamais poderiam esquecer. [2] Uma condescendência para ser útil. Lavar os pés uns aos outros é rebaixar-se aos trabalhos mais baixos por amor, pelo verdadeiro bem e benefício uns dos outros, como o bendito Paulo, que, embora independente de todos, se fez servo de todos, e o bendito Jesus, que não veio para ser servido, mas para servir. Não devemos nos ressentir de cuidar e nos esforçarmos, e gastarmos tempo, e nos rebaixarmos pelo bem daqueles com os quais não temos nenhuma obrigação em particular, até mesmo de nossos subordinados, que, como tais, não estão em condições de nos fazer qualquer retribuição. Lavar os pés depois de viajar contribui tanto para a decência quanto para o conforto da pessoa, de modo que lavar os pés uns aos outros é levar em conta tanto o apreço quanto o bem-estar uns dos outros, fazendo o que pudermos tanto no sentido de elevar o respeito por nossos irmãos quanto para deixá-los à vontade. Veja 1 Coríntios 10.24; Hebreus 6.10. O dever é mútuo. Nós devemos aceitar a ajuda de nossos irmãos e igualmente fornecê-la a eles. [3] Uma atitude de servir voltada à santificação uns dos outros: “Vós deveis também lavar os pés uns aos outros”, das contaminações do pecado. Agostinho entende isso nesse sentido, assim

como muitos outros. Nós não podemos responder pelos pecados uns dos outros, isso compete apenas a Cristo, mas podemos ajudar uns aos outros a nos purificarmos do pecado. Nós devemos, em primeiro lugar, lavar a nós mesmos. Essa caridade deve começar em casa (Mt 7.5), mas não deve terminar lá. Nós devemos nos entristecer pelos defeitos e desatinos de nossos irmãos, mas muito mais por suas grandes contaminações (1 Co 5.2), devemos lavar com lágrimas os pés sujos de nossos irmãos. Nós devemos reprová-los lealmente, e fazer o que pudermos para trazê-los ao arrependimento (Gl 6.1), e devemos admoestá-los, para impedir sua queda na lama. Isso é lavar-lhes os pés.

4. Aqui está a confirmação e o reforço dessa ordem a partir do exemplo do que Cristo acabara de fazer: “Se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros”. Ele mostra a força deste argumento em duas coisas:

(1) “Eu sou vosso Mestre, e vós sois meus discípulos, e por isto deveríeis aprender comigo (v. 15), pois, nessas, como em outras coisas, ‘eu vos dei o exemplo’ do que deveis fazer pelos outros, como Eu vos fiz”. Observe: [1] Que bom professor é Cristo. Ele ensina através do exemplo, bem como da doutrina, e por isto Ele veio a este mundo, e habitou entre nós, para que pudesse estabelecer para nós um modelo de todas essas graças e deveres que sua santa religião ensina, e este é um modelo sem qualquer traço falso. Por meio dele, Ele tornou suas próprias leis mais compreensíveis e confiáveis. Cristo é um comandante como Gideão, que disse para seus soldados: “Olhai para mim e fazei como eu fizer” (Jz 7.17); como Abimeleque, que disse: “O que me vistes fazer, apressai-vos a fazê-lo assim como eu” (Jz 9.48); e como César, que chamava seus soldados, não de *milites – soldados*, mas de *commilitones – companheiros de armas*, e cuja palavra habitual não era *Ite illue*, mas *Venite huc*, não *ir*, mas *vir*. [2] Que bons alunos devemos ser. Uma vez que Jesus nos deu um modelo para que pudéssemos seguir, devemos fazer como Ele fez, para que possamos ser como Ele foi neste mundo (1 Jo 4.17), e andar como Ele andou, 1 João 2.6. O exemplo de Cristo contido aqui deve ser seguido em especial por sacerdotes, em quem especialmente as graças da humildade e do amor sagrado devem mostrar-se, e através do exercício destas, eles efetivamente devem servir aos interesses de seu Mestre e aos propósitos de seu ministério. Quando Cristo enviou seus apóstolos como seus representantes,

era com este encargo, para que eles não se apresentassem com pompa, nem fizessem as coisas com pulso forte, mas se fizessem “tudo para todos”, 1 Coríntios 9.22. “Aquilo que eu fiz por vossos pés sujos, vocês devem fazer pelas almas corrompidas dos pecadores: lavai-as”. Alguns que supõem que este ato tenha sido realizado durante a celebração da Páscoa, pensam que ele implica em uma regra para admitir aqueles que desejam participar da Ceia do Senhor, com a finalidade de assegurar que eles tenham sido primeiramente lavados e purificados pelo novo nascimento, sendo inculpáveis nos assuntos que conversam, e em seu modo de falar, e então estes podem ser levados para dentro dos limites do altar de Deus. Mas todos os cristãos são aqui igualmente ensinados a condescender no amor uns com os outros, e a fazê-lo como Cristo o fez, voluntariamente e gratuitamente. Não devemos ser mercenários a serviço do amor, nem fazê-lo com relutância.

(2) “Eu sou vosso Mestre, e vós sois meus discípulos, e por essa razão não podeis considerar que esteja abaixo de vossa capacidade fazer aquilo que me vistes fazer, não importa como isso possa parecer baixo, pois (v. 16) ‘não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou’, mesmo que seja enviado com toda a pompa e poder de um embaixador”. Cristo havia argumentado isso (Mt 10.24,25) como uma razão pela qual eles não deveriam achar estranho se sofressem como Ele sofreu. Aqui Jesus sugere isso como uma razão para que não pensassem que era demais para eles se humilharem como Ele o fez. Eles não devem considerar uma degradação para si mesmos, aquilo que Ele não considerou uma degradação para si. Talvez os discípulos estivessem intimamente desgostosos por causa desse preceito de lavarem os pés uns dos outros, considerado incompatível com a respeitabilidade à qual eles esperavam ser elevados em breve. Para evitar tais pensamentos, Cristo faz com que se lembrem de seu posto como seus servos. Eles não eram melhores que seu Mestre, e o que era condizente com a dignidade dele, era ainda mais condizente com a deles. Se Ele era humilde e condescendente, seria impróprio para eles serem orgulhosos e presunçosos. Observe que: [1] Cada um de nós deve tomar muito cuidado consigo mesmo, para que a graciosa condescendência de Cristo para conosco e nossos progressos não sofram as deturpações da natureza, o que faria com que tivéssemos um conceito elevado a nosso próprio respeito, desvalorizando a Ele. Devemos ter em

mente que não somos maiores do que nosso Senhor. [2] Não importa o quanto nosso Mestre fique feliz em condescender em nosso favor, muito mais nós devemos condescender para estar de acordo com Ele. Cristo, ao se humilhar, dignificou a humildade, e a honrou, e obrigou seus seguidores a não se considerarem superiores a ninguém, exceto ao pecado. Nós geralmente dizemos àqueles que menosprezam alguma atitude ou atividade: Ela será tão boa quanto você a considerou, e nunca será tão ruim quanto você pensou. E com certeza assim será, principalmente se nosso Mestre a fez. Quando vemos nosso Mestre servindo, não podemos deixar de perceber como seremos indignos se formos arrogantes.

5. Nosso Salvador encerra esta parte de seu discurso com uma intimação da necessidade da obediência deles a estas instruções: “Se sabeis essas coisas”, ou, visto que vós as conheceis, “bem-aventurados sois se as fizerdes”. A maior parte do povo pensava: Bem-aventurados são aqueles que se levantam e dominam. Lavando os pés de outros, ninguém jamais alcançará posições e primazias. Mas Cristo diz, apesar disto: Bem-aventurados são aqueles que se inclinam e obedecem, “se sabeis essas coisas”. Isto pode ser entendido, ou como a insinuação de uma dúvida sobre se eles as conheciam ou não. Tão forte era a idéia deles de um reino temporal, que isto era uma questão sobre se eles podiam acolher a noção de um dever tão contrário àquela idéia. Ou como a aceitação de que eles conheciam estas coisas. Visto que eles tinham tantos preceitos excelentes dados a eles, recomendados por um tão excelente padrão, isto será necessário para a complementação de sua alegria, que eles procedam adequadamente. (1) Isto é aplicável à ordem de Cristo em geral. Note que, embora seja uma grande vantagem conhecer nosso dever, ainda assim não completaremos nossa alegria, se não cumprirmos nosso dever. O conhecimento tem como fim a prática. Aquele conhecimento, portanto, é vão e infrutífero, o que não é reduzido à prática. Na verdade, ele agravará o pecado e a ruína, Lucas 12.47,48; Tiago 4.17. É conhecendo e praticando que nos manifestaremos como do reino de Cristo, e sábios construtores. Veja Salmos 103.17,18. (2) Isto é para ser aplicado particularmente a esta ordem à humildade e utilidade. Nada é mais bem conhecido, nem mais prontamente reconhecido, do que isto, que nós devemos ser humildes. E, portanto, embora muitos reconheçam a si mesmos como impetuosos e imoderados, poucos reconhecerão a si mesmos como orgulhosos, pois isto é

um pecado tão inescusável, e tão odioso, como qualquer outro. E, ainda assim, como deve ser visto pouco da humildade verdadeira, daquela sujeição e condescendência mútuas, a respeito das quais a lei de Cristo tanto insiste! A maioria conhece estas coisas tão bem quanto espera que outros devam, em conformidade com as quais, fazer a eles, submetendo-se a eles, e servindo-os, mas não tão bem quanto fazem então eles mesmos.

A Traição de Judas É Profetizada. A Ansiedade dos Discípulos

vv. 18-30

Aqui temos a descoberta do plano de Judas para trair seu Mestre. Cristo o sabia desde o princípio, entretanto revelou isso primeiro para seus discípulos, que não esperavam que Ele fosse traído, muito menos suspeitavam que um deles o fizesse, embora Ele tivesse freqüentemente lhes dito isso. Sendo assim, aqui:

I Cristo lhes dá uma vaga indicação sobre isso (v. 18): “Não falo de todos vós”, Eu não posso esperar que todos vós fareis essas coisas, pois “eu bem sei os que tenho escolhido”, e quem deixei de lado, mas para que se cumpra a Escritura (Sl 41.9): “O que come o pão comigo levantou contra mim o seu calcanhar”. Ele ainda não fala abertamente sobre o crime ou sobre o criminoso, mas aumenta a expectativa dos discípulos sobre uma revelação posterior.

1. Ele lhes indica que nem todos eram justos. Ele tinha dito (v. 10): “Vós estais limpos, mas não todos”. Portanto, neste ponto, “não falo de todos vós”. Observe que o que é dito das virtudes dos discípulos de Cristo não pode ser dito de todos os que assim são chamados. A palavra de Cristo é uma palavra distinta que diferencia “entre gado miúdo e gado miúdo”, e direcionará ao inferno milhares que se alimentaram com esperanças de que estavam indo para o céu. “Eu não falo de todos vós. Vós, meus discípulos e seguidores”. Observe que existe uma mistura do mau com o bom nas melhores sociedades, um Judas entre os apóstolos. Será assim até que cheguemos àquela sociedade abençoada, onde não entrará nada impuro ou dissimulado.

2. Porque Ele sabia quem era justo e quem não era: “Eu bem sei os que tenho escolhido”, quem são os poucos que são escolhidos entre os muitos que são chamados. Observe que: (1) Aqueles que são escolhidos, o próprio Cristo os escolheu. Ele chamou pelo nome aqueles que tomou para si. (2) Aqueles que são escolhidos são conhecidos de Cristo, pois Ele nunca esquece alguém a quem uma vez teve em seus pensamentos de amor, 2 Timóteo 2.19.

3. A Escritura se cumpriu na traição daquele que se mostrou falso para com Ele, o que remove deste fato uma grande parte da surpresa e da transgressão. Cristo introduziu em sua família alguém a quem Ele previu que seria um traidor, e não evitou, através da graça efetiva, que ele o fosse, para que a Escritura se cumprisse. Que isso, portanto, não seja um obstáculo para ninguém, pois, embora isso, de maneira alguma, diminua o delito de Judas, pode minimizar os nossos. As Escrituras usadas como referência são as da queixa de Davi sobre a traição de alguns dos seus inimigos. Os intérpretes judeus, e os nossos, geralmente entendem isso como se referindo a Aitofel. Grotius acha que isso sugere que a morte de Judas seria como a de Aitofel. Mas como aquele salmo fala da enfermidade de Davi, da qual nada é dito no momento em que Aitofel o está abandonando, isso pode ser mais bem entendido como se referindo a algum outro de seus amigos que se tenha mostrado desleal a ele. Nosso Salvador aplica estas palavras a Judas. (1) Judas, como um apóstolo, foi admitido ao mais alto privilégio: ele comeu pão com Cristo. Ele era alguém próximo ao Senhor Jesus, e estimado por Ele. Era alguém de sua família, um daqueles a quem Ele era intimamente ligado. Davi diz de seu amigo traiçoeiro: Ele “comia do meu pão”. Mas Cristo, sendo pobre, não tinha um pão a que pudesse chamar propriamente de seu. Ele disse: “O que come o pão comigo”, como se o tivesse obtido pela bondade de seus amigos, que o ajudavam, tendo seus discípulos sua parte, e Judas estava entre eles. Onde quer que Cristo fosse, Judas era bem-vindo com Ele, não jantava entre os servos, mas sentava-se à mesa com seu Mestre, comia do mesmo prato, bebia do mesmo copo, e em todos os sentidos comia o que Ele comia. Ele comeu o pão milagroso com Ele, quando os pães foram multiplicados, comeu a ceia da Páscoa com Ele. Observe que nem todos os que comem pão com Cristo são seus discípulos. Veja 1 Coríntios 10. 3-5. (2) Judas, como um apóstata, era culpado da mais baixa traição: ele levantou seu calcanhar contra Cristo. [1] Ele o abandonou,

deu suas costas a Ele, retirou-se da comunhão de seus discípulos, v. 30. [2] Ele o menosprezou, sacudiu o pó de seus pés contra Ele, em desprezo a Ele e ao seu Evangelho. Além disso: [3] Ele tornou-se inimigo de Cristo, mostrou desprezo por Ele, como fazem os lutadores com seus adversários, a quem desejam derrotar. Observe que não é novidade que alguns que pareciam ser amigos de Cristo mais tarde demonstrassem ser, na verdade, seus inimigos. Aqueles que fingem louvá-lo, engrandecem-se contra Ele, e com isso mostram-se culpados, não apenas da mais desprezível ingratidão, mas da mais baixa traição e deslealdade.

II Ele lhes dá um motivo pelo qual lhes contou de antemão sobre a traição de Judas (v. 19): "'Vo-lo digo, antes que aconteça', antes que Judas tenha posto em execução seu perverso complô, para que, quando acontecer, possais, em vez de vos chocardes com isso, serdes confirmados em vossa fé de que Eu sou aquele que deveria vir". 1. Por sua clara e exata previsão das coisas que viriam, da qual nesta, como em outras ocasiões, Ele dá prova incontestável, Ele demonstra ser o verdadeiro Deus, diante do qual todas as coisas estão nuas e patentes. Cristo previu que Judas o trairia quando não existia base que suportasse tal coisa, e provou assim que Ele é a Palavra eterna, que discerne os pensamentos e intenções do coração. As profecias do Novo Testamento relativas à apostasia do final dos tempos (o que temos em 2 Tessalonicenses 2, 1 Timóteo 4, e no Apocalipse), sendo evidentemente consumadas, são uma prova de que esses textos eram de inspiração divina, e confirma nossa fé em todo o conjunto de livros das Escrituras. 2. Por esta alusão dos sinais e profecias do Antigo Testamento a si mesmo, Jesus demonstrou ser Ele o verdadeiro Messias, de quem todos os profetas deram testemunho. "Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse", e Ele padeceu exatamente como estava escrito, Lucas 24.25,26; cap. 8.28.

III Ele dá uma palavra de encorajamento a seus apóstolos, e a todos os seus ministros a quem Ele emprega em seu serviço (v. 20): "Se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim". O significado dessas palavras é o mesmo que temos em outras passagens das Escrituras, porém não é fácil perceber sua coerência aqui. Cristo havia dito aos seus discípulos que eles deveriam se humilhar e se rebaixar. "E", diz Ele, "embora possam existir

aqueles que vos desprezarão por vossa condescendência, ainda assim haverá aqueles que vos louvarão, e assim sereis honrados por isso". Aqueles que se reconhecem dignificados pela incumbência dada por Cristo podem se contentar em ser vilipendiados pela opinião do mundo. Ou Ele pretendia silenciar os escrúpulos daqueles que, por haver um traidor entre os apóstolos, se recusariam a aceitar a qualquer um deles, pois, se um deles trairia seu Mestre, a quem qualquer deles seria fiel? *Ex uno disce omnes – Eles são todos iguais*. Não, assim como Cristo nunca pensará o pior sobre eles, por conta do crime de Judas, da mesma forma Ele permanecerá ao lado deles, e os confessará, e da mesma forma os ressuscitará e os aceitará. Aqueles que haviam aceitado Judas quando ele era um pregador, e talvez tivessem se convertido e sido edificados por sua pregação, não estavam em situação pior, nem deveriam se lamentar, de qualquer forma, por isso, embora ele posteriormente se mostrasse um traidor, pois ele era um a quem Cristo tinha enviado. Não sabemos como os homens são, muito menos o que se tornarão, mas aqueles que parecem ter sido enviados por Cristo, nós devemos aceitar até que o contrário se torne aparente. Embora alguns, ao acolherem estranhos, tenham, por descuido, acolhido ladrões, mesmo assim devemos ser hospitaleiros, pois, através disso, muitos "hospedaram anjos". Os abusos cometidos contra nossa caridade, embora sempre determinados com muita discrição, nunca justificarão nossa falta de generosidade, nem nos impedirão de receber as recompensas que teremos por causa de nossa caridade. 1. Somos aqui incentivados a aceitar os ministros como enviados por Cristo: "Se alguém receber o que eu enviar". Devemos receber aqueles que parecem ser frágeis e pobres, e sujeitos às mesmas paixões que os outros (pois, assim como a lei, também o Evangelho "constitui sumos sacerdotes a homens fracos"). "Se aquele que for chamado entregar minha mensagem, e for chamado e designado com regularidade para fazê-lo, e como um sacerdote se dedicar à Palavra e à oração, aquele que o acolher será reconhecido como meu amigo". Cristo estava agora deixando o mundo, porém deixaria uma ordem de homens para serem seus agentes, para comunicarem sua Palavra, e aqueles que a recebem, na sua luz e amor por ela, recebem a Ele. Crer na doutrina de Cristo, obedecer à sua lei, e aceitar a salvação oferecida nos termos propostos, é o mesmo que receber aqueles que Cristo envia, e é receber o próprio Senhor Jesus Cristo. 2. Somos aqui encorajados a receber a Cristo como enviado de Deus: "Quem me recebe a

mim", quem recebe a Cristo em seus ministros, recebe também ao Pai, pois eles, da mesma forma, levam sua Palavra, batizando em nome do Pai, assim como do Filho. Ou, de maneira geral: "Quem me recebe a mim", como seu príncipe e Salvador, "recebe aquele que me enviou", como sua porção e felicidade. Cristo foi enviado por Deus, o Pai, e ao aceitarmos seu Evangelho, nós aceitamos a única religião verdadeira.

IV Cristo, mais especificamente, os avisa do complô que um deles estava tramando contra Ele (v. 21): "Tendo Jesus dito isso", de forma geral, para prepará-los para uma revelação mais extraordinária, Ele "turbou-se em espírito", e mostrou isso através de algum gesto ou sinal, e afirmou, declarou solenemente (*cum animo testandi – com a solenidade de uma testemunha sob juramento*): "'Um de vós me há de trair'. Um de vós, meus apóstolos e seguidores permanentes". De ninguém, de fato, poderia ser dito que o trairia, senão daqueles em quem Ele depositava confiança, e que eram testemunhas de seus retiros. Isto não definia Judas como o pecador por qualquer obrigatoriedade inevitável, pois, embora o acontecimento seguisse, de fato, a profecia, não decorria da profecia. Cristo não é o autor do pecado, e muito menos deste crime hediondo de Judas: 1. Cristo o anteviu, pois mesmo aquilo que está oculto e que virá, e escondido dos olhos de todos os viventes, está nu e patente aos olhos de Cristo. Ele sabe o que está nos homens melhor do que eles próprios (2 Rs 8.12), e por isso vê o que será feito por eles. "Eu sabia que procederias muito perfidamente", Isaías 48.8. 2. Ele o predisse, não apenas em consideração aos demais discípulos, mas em consideração ao próprio Judas, para que ele pudesse ficar alerta e se salvasse do laço do Diabo. Traidores não dão prosseguimento aos seus planos quando percebem que foram descobertos. Com certeza, Judas, ao perceber que seu Mestre sabe de seu desígnio, recuará a tempo, caso contrário agravará sua condenação. 3. Ele falou disto com uma manifesta preocupação. Ele "turbou-se em espírito" quando o mencionou. Ele havia, muitas vezes, falado de seus próprios sofrimentos e morte sem tal turbamento de espírito, como manifestou aqui, quando falou da ingratidão e traição de Judas. Isto o feria profundamente. Observe que os pecados e falhas dos discípulos de Cristo são uma grande inquietação de espírito para seu Mestre. Os pecados dos cristãos são a tristeza de Cristo. "O que! Um de vocês me trair? Vocês, que receberam de mim uma

generosidade tão especial. Vocês, de quem Eu tinha motivos para acreditar que seriam confiáveis, que professaram tanto respeito por mim. Que iniqüidade vocês encontraram em mim para que um de vocês me traísse?" Isto atingiu seu coração, como a desobediência dos filhos entristece aqueles que os criaram e alimentaram, Isaías 1.2. Veja Salmos 95.10; Isaías 53.10.

V Os discípulos rapidamente se alarmaram. Eles sabiam que seu Mestre não os enganaria nem brincaria com eles, e por isso "olhavam uns para os outros", com uma manifesta preocupação, "sem saberem de quem Ele falava". 1. Olhando uns para os outros, eles demonstravam a inquietação em que ficaram ao receberem este aviso. Isto fez cair sobre eles tal horror, que eles mal sabiam para onde olhar, nem o que dizer. Eles viram seu Mestre inquieto, e, por esta razão, ficaram perturbados. Isto ocorreu em uma festividade, onde eles animadamente se divertiam. Porém, a partir daqui, devemos aprender a nos regozijarmos com tremor, e como se não nos regozijássemos. Quando Davi chorou pela rebelião de seu filho, todos os seus seguidores choraram com ele (2 Sm 15.30). Assim fizeram aqui os discípulos de Cristo. Observe que o que entristece Cristo é, e deveria ser, uma tristeza para todos os seus, especialmente as falhas escandalosas daqueles que são chamados por seu nome: "Quem se escandaliza, que eu não me abrase?" 2. Por meio disto, eles se empenharam em descobrir o traidor. Eles olharam ansiosamente para os rostos uns dos outros, para ver quem se ruborizava, ou, por alguma perturbação no semblante, manifestasse a culpa no coração. Mas, enquanto aqueles que eram fiéis tinham suas consciências tão limpas que conseguiam levantar seus rostos sem qualquer mácula, aquele que era falso tinha sua consciência tão endurecida que não se desconcertou, nem ficou ruborizado, e, desta forma, nada foi descoberto. Cristo, dessa maneira, causou, por algum tempo, perplexidade em seus discípulos, e os deixou confusos, para que, ao deixá-los abatidos, e submetê-los à prova, pudesse provocar neles uma desconfiança de si próprios e uma indignação contra a infâmia de Judas. É bom para nós, às vezes, sermos levados à contemplação e colocados para pensar.

VI Os discípulos ficaram ansiosos para que seu Mestre se explicasse, e lhes dissesse a quem, em particular, Ele se referia, porque somente isso podia tirá-los da sua dor atual, pois cada um deles acreditava que tinha

motivo para suspeitar tanto de si mesmo como de qualquer um de seus irmãos. Neste momento:

1. De todos os discípulos, João era o mais apto a perguntar, pois ele era o favorito e sentava-se junto a seu Mestre (v. 23): “Um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus”. Parece que este discípulo era João, ao comparar-se com João 21.20,24. Observe: (1) O carinho especial que Jesus tinha por ele. Ele era conhecido por esta paráfrase, que ele era o discípulo “a quem Jesus amava”. Jesus amava a todos (v. 1), mas João lhe era particularmente querido. Seu nome tem o sentido de “gracioso”. Daniel, que fora exaltado com as revelações do Antigo Testamento, assim como João, do Novo, era um homem muito amado, Daniel 9.23. Observe que, entre os discípulos de Cristo, alguns lhe eram mais caros do que outros. (2) Seu lugar e postura neste momento: ele “estava reclinado no seio de Jesus”. Alguns dizem que era costume, naquelas nações, sentar-se à mesa em posição reclinada, de modo que o segundo repousava no seio do primeiro, e assim por diante, o que não me parece provável, pois, em tal posição, eles não poderiam comer nem beber de forma conveniente. Porém, quer fosse este ou não o caso, João agora se reclinava no seio de Cristo, e isto parece ser uma expressão extraordinária de carinho usada naquele momento. Observe que havia alguns discípulos de Cristo que se reclinavam ao seu seio, que possuíam uma comunhão mais próxima e acessível com Ele do que outros. O Pai amava ao Filho, e este estava em seu seio (cap. 1.18), e os crentes são, da mesma maneira, um com Cristo, cap. 17.21. Esta glória todos os santos terão, em breve, no seio de Abraão. Cristo trará ao seu seio aqueles que se lançarem aos seus pés. (3) Que o escritor não declara o nome do discípulo que estava reclinado no seio de Jesus, pois ele era o próprio escritor da história. Em vez de seu nome, ele se designou dessa maneira para mostrar que estava contente com isto. Ser o discípulo “a quem Jesus amava” era seu título honorífico, da mesma forma como na corte de Davi e de Salomão havia alguém que era o amigo do rei. Por esta razão, ele não registrou seu nome, para não se exaltar por ter recebido tão grande bênção, para que não parecesse que se gloriava disso. Paulo, em uma situação similar diz: “Conheço um homem em Cristo”

2. De todos os discípulos, Pedro era o mais ansioso para saber, v. 24. Pedro, sentado a certa distância, acenou para João, através de algum sinal ou de alguma outra maneira, para que perguntasse. Pedro era geralmente o

líder, o mais propenso a se colocar na frente, e aqueles cujo temperamento natural os leva a ser assim ousados em responder e perguntar, se refreados pelas leis da humildade e sabedoria, tornam-se muito úteis. Deus concede seus dons de forma variada, mas para que os homens impetuosos na igreja não se julguem melhores, nem os modestos se desanimem, deve ser observado que o discípulo amado não era Pedro, mas João. Pedro estava desejoso de saber, não apenas para que pudesse ter a certeza de que não era ele, mas para que, sabendo quem era, pudessem fugir dele, protegerem-se dele e, se possível, frustrar seu objetivo. Seria desejável, poderíamos pensar, saber quem na igreja nos desapontará, porém deixemos que isto baste – Cristo sabe, embora nós não saibamos. O motivo pelo qual o próprio Pedro não perguntou foi que João tinha uma oportunidade muito melhor, devido à vantagem da sua posição à mesa, de cochichar a pergunta aos ouvidos de Cristo, e receber uma resposta quase pessoal. É bom nos aproximarmos daqueles que estão mais próximos a Cristo, e conseguir que nos incluam em suas orações. Conhecemos alguém que temos razões para pensar que se reclina ao seio de Cristo? Peçamos que esta pessoa nos ajude em oração.

3. A pergunta foi feita de maneira adequada (v. 25): Então, aquele discípulo, “inclinando-se… sobre o peito de Jesus”, e tendo assim a conveniência de sussurrar para Ele, lhe disse: “Senhor, quem é?” Neste momento, João demonstra: (1) Consideração por seu condiscípulo, e pelo gesto que ele fez. Embora Pedro não tivesse a honra que João tinha nesse momento, o apóstolo amado não desdenha a sugestão e a insinuação que Pedro lhe fez. Observe que aqueles que descansam no seio de Cristo podem, não raramente, aprender alguma coisa que lhes será proveitosa com aqueles que estão aos pés do Senhor. Eles também podem ser lembrados a respeito daquilo que por si mesmos não considerariam. João, tendo aqui uma oportunidade tão auspiciosa, desejava cooperar com Pedro. Cada um de nós recebeu ao menos um dom, e deve ministrá-lo para o bem comum, Romanos 12.6. (2) Reverência por seu Mestre. Embora ele sussurrasse isto no ouvido de Cristo, ainda assim ele o chamou de Senhor. A intimidade de que ele desfrutava não diminuiu, de forma alguma, seu respeito por seu Mestre. Convém a nós, expressarmo-nos com reverência e observar o decoro até mesmo em nossas devoções privadas, que não são testemunhadas por ninguém, bem como em reuniões públicas. Quanto mais íntima for a ligação que as almas bondosas tiverem com Cristo, mais

conscientes elas serão da excelência dele e de sua própria indignidade, como em Gênesis 18.27.

4. Cristo deu uma rápida resposta a esta pergunta, todavia a sussurrou ao ouvido de João, pois parece (v. 29) que o resto não estava a par do assunto. “É aquele a quem eu der o bocado molhado”, *psomion – um pedaço, uma casquinha,* quando o imergir no molho. “E, molhando o bocado”, enquanto João observava com atenção seu gesto, “o deu a Judas”, e Judas aceitou-o prontamente, sem suspeitar do seu intento, mas sentindo-se contente com o saboroso bocado que levaria à boca. (1) Cristo identificou o traidor através de um sinal. Ele podia ter dito a João, pelo nome, quem ele era (”O adversário e inimigo é aquele perverso Judas, ele é o traidor, só ele e mais ninguém”). Mas, desta maneira, o Senhor exercitaria a capacidade de observação de João, e insinuaria a necessidade que seus ministros têm do espírito de discernimento, pois os falsos irmãos contra os quais devemos nos guardar não nos são dados a conhecer por palavras, mas por sinais. Eles nos serão dados a conhecer por seus frutos, por seu espírito. A consolidação de um julgamento correto a respeito deles exige grande diligência e prudência. (2) Esse sinal consistiu no bocado que Cristo lhe deu, um sinal muito apropriado, pois, como cumprimento das Escrituras (v. 18), o traidor deveria ser alguém que comesse o pão com Ele, alguém que, nesse momento, fosse um indivíduo do povo, como Ele. Havia também um significado nisso, e nos ensina: [1] Que Cristo, às vezes, dá bocados aos traidores. Riquezas terrenas, honras e prazeres são bocados (se pudermos falar assim) que a Providência, às vezes, coloca nas mãos dos perversos. Judas talvez se considerasse um favorito, pois ele havia recebido o bocado, embora fosse, em si mesmo, alguém sem valor, como Benjamim à mesa de José. Dessa maneira, a prosperidade dos tolos, como um espantoso bocado, contribui para destruí-los. [2] Que não devemos ser cruéis com aqueles que sabemos que são muito mal-intencionados contra nós. Cristo serviu a Judas com a mesma gentileza com que serviu aos outros à mesa, embora soubesse que ele estava, então, conspirando para sua morte. “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer”. Isto é fazer como Cristo faz.

VII. O próprio Judas, em vez de ficar convencido, através disso, de sua maldade, foi ainda mais confirmado nela, e o alerta que foi dado, foi para ele “cheiro de morte para morte”, pois segue-se que:

1. O Diabo logo após tomou posse dele (v. 27): “Após o bocado, entrou nele Satanás”, não para lhe causar tristeza, nem para perturbá-lo, que é o efeito que o inimigo causa ao possuir alguns; não para precipitá-lo no fogo, nem na água. Feliz teria sido ele se isso fosse a pior das coisas, ou se, como os porcos, tivesse sido atirado ao mar. Mas Satanás entrou nele para possuí-lo com um predominante preconceito contra Cristo e sua doutrina, e um desprezo por Ele, como alguém cuja vida era de pouco valor, para provocar nele um desejo ávido pelo prêmio da injustiça e uma determinação de não deixar que nada o impedisse de obtê-lo. Porém:

(1) Satanás já não estava antes nele? Como, então, é dito que agora Satanás entrou nele? Judas era desde o começo “um diabo” (cap. 6.70), o “filho da perdição”, mas agora Satanás obteve uma posse maior dele, entrou nele mais completamente. Seu propósito de trair seu Mestre havia agora amadurecido, tornando-se uma decisão imutável. Agora ele retornara com sete outros espíritos piores do que ele próprio, Lucas 11.26. Observe que: [1] Embora o Diabo esteja em todo homem perverso que realiza suas obras (Ef 2.2), ainda assim, às vezes, ele entra mais manifestamente e mais fortemente do que em outras vezes, quando os coloca sob uma enorme perversidade, que atemoriza a humanidade e a consciência natural. [2] Traidores de Cristo têm, em si, muito do Diabo. Cristo fala do pecado de Judas como sendo maior do que o de qualquer de seus perseguidores.

(2) Como Satanás pôde entrar nele “após o bocado”? Talvez ele estivesse sabendo naquele momento que fora descoberto, tornando suas decisões desesperadas. Muitos se tornam piores pelas dádivas da generosidade de Cristo, e são confirmados em sua obstinação pelo erro, por aquilo que deveria levá-los a se arrepender. As brasas sobre suas cabeças, em vez de enternecê-los, os endurecem.

2. Cristo logo depois o dispensa, e o abandona aos desejos de seu próprio coração: “Disse, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa”. Isto não deve ser entendido como alertando-o para sua maldade ou justificando-o nela, mas, ou: (1) Como o abandono de Judas ao comando e poder de Satanás. Cristo sabia que Satanás havia entrado nele e tinha posse pacífica, e agora Ele o dá por perdido. Os vários métodos que Cristo havia utilizado para seu convencimento foram ineficazes, por isso Ele diz: “O que fazes, faze-o depressa. Se estiveres decidido a te desgraçar, vá em frente, e aceite o que vier”. Observe que quando o espírito maligno é aceito de boa vontade, o

bom Espírito, de maneira adequada, se retira. Ou (2) Como o desafiando a fazer seu pior: “Você está planejando contra mim, coloque seu complô em andamento e fique à vontade, quanto antes, melhor, não tenho medo de você, estou pronto para você”. Observe que nosso Senhor Jesus estava muito entusiasmado para sofrer e morrer por nós, e estava impaciente com a demora na conclusão de sua tarefa. Cristo fala da traição de Judas como alguma coisa que Judas estivesse fazendo naquele momento, embora ele apenas a estivesse tramando. Aqueles que estão tramando e planejando o mal já estão, na visão de Deus, fazendo o mal.

3. Aqueles que estavam à mesa não entenderam o que Jesus quis dizer, pois eles não ouviram o que Ele sussurrara a João (vv. 28,29): “Nenhum dos que estavam assentados à mesa”, nem os discípulos, nem quaisquer outros dos convidados, exceto João, sabia com que intenção Ele dissera isto. (1) Eles não suspeitaram de que Cristo o dissera a Judas, como traidor, porque não havia entrado em suas cabeças que Judas fosse um traidor, nem que se tornasse um. Observe que é uma estupidez perdoável nos discípulos de Cristo não serem perspicazes em suas críticas. A maioria está pronta a dizer, quando ouve coisas ásperas ditas de forma genérica: Uma hora quer dizer uma coisa, e mais tarde, outra. Mas os discípulos de Cristo eram tão bem ensinados a amar uns aos outros que não podiam aprender a suspeitar facilmente uns dos outros. A caridade não pensa mal. (2) Eles, portanto, aceitaram como verdade que Jesus dissera isso a Judas como ao depositário ou tesoureiro da casa, dando-lhe ordem para gastar algum dinheiro. A conjectura deles, neste caso, nos expõe os usos e propósitos para os quais nosso Senhor Jesus comumente direcionava os gastos, do pouco que possuía em reserva, e assim nos ensina como honrar ao Senhor com nossos recursos. Eles concluíram que algo deveria ser desembolsado, ou [1] Em obras de piedade: “Compra o que nos é necessário para a festa”. Não obstante Ele tivesse alugado um salão no qual poderiam comer a ceia da Páscoa, Ele também comprara provisões para ela. Os valores que forem desembolsados para a aquisição daquilo que for necessário para a manutenção da obra de Deus entre nós deve ser considerado bem aplicado, e agora temos menos razões para invejar os gastos do passado, pois o Evangelho está longe de ser tão custoso como era a adoração na dispensação da lei de Moisés. [2] Ou em obras de caridade: “Ou que desse alguma coisa aos pobres”. Por causa disso, parece, em primeiro lugar, que

embora nosso Senhor Jesus vivesse, Ele próprio, de esmolas (Lc 8.3), Ele dava esmolas aos pobres, um pouco do pouco. Embora pudesse muito bem ser isentado, não apenas porque Ele próprio era pobre, mas porque fez tanto bem de outras maneiras, curando tantos gratuitamente, mesmo assim, para estabelecer um exemplo para nós, Jesus dava, para alívio dos pobres, daquilo que Ele tinha para subsistência de sua família. Veja Efésios 4.28. Em segundo lugar, que a ocasião de uma festa religiosa era considerada um momento adequado para obras de caridade. Quando celebrava a Páscoa, o Senhor Jesus sempre dava alguma coisa para os pobres. Ao sentirmos a bondade de Deus para conosco, devemos ser bondosos para com os pobres.

4. Judas, em conseqüência disto, se fixa vigorosamente em perseguir seu intento contra Cristo: ele “saiu”. São observadas:

(1) Sua rapidez na partida: ele saiu imediatamente, e abandonou a casa: [1] Por medo de ser mais inteiramente exposto ao grupo, pois, se o fosse, ele podia esperar que todos eles caíssem sobre ele, e isto significaria sua morte, ou pelo menos a frustração de seu projeto. [2] Ele saiu como alguém que está farto da companhia de Cristo, e do seu grupo de apóstolos. Cristo não precisou expulsá-lo, o próprio Judas se excluiu. Observe que retirar-se da comunhão dos fiéis é geralmente o primeiro ato visível de um apóstata, e o início de uma apostasia. [3] Ele saiu para perseguir seu objetivo, para procurar por aqueles com quem ele iria fazer sua barganha, e para fazer seu acordo com eles. Agora que Satanás havia entrado em Judas, ele o impelia com precipitação, para que Judas não enxergasse seu erro, e se arrependesse.

(2) A hora de sua partida: “Era já noite”. [1] Embora fosse noite, um horário inoportuno para negócios, tendo Satanás entrado nele, o frio e a escuridão da noite não foram dificuldades para ele. O fato dos servos do Diabo serem tão determinados e arrojados a serviço dele deveria nos envergonhar de nossa preguiça e covardia em nosso serviço a Cristo. [2] Como era noite, isto lhe dava a vantagem do segredo e do encobrimento. Ele não queria ser visto tratando com os principais dos sacerdotes, e, portanto, escolheu a noite escura como o horário mais apropriado para tais obras das trevas. Aqueles cujas obras são más, amam as trevas e odeiam a luz. Veja Jó 24.13ss.

A Partida de Cristo É Prevista

vv. 31-35

Este texto, bem como o que vem a seguir, até o final do capítulo 14, registra a conversa que o Senhor Jesus Cristo teve, à mesa, com seus discípulos. Quando a ceia terminou, Judas saiu. Mas o que fizeram o Mestre e seus discípulos, a quem ele deixara sentados à mesa? Eles se dedicaram a uma discussão proveitosa, para nos ensinar como podemos tornar útil, à fé e à religião, a troca de idéias à mesa com nossos amigos. Cristo inicia esta discussão. Quanto mais humildemente entusiasmados estivermos para promover essa comunicação, que é boa, e para a prática da instrução, mais parecidos somos a Jesus Cristo. Aqueles que, especialmente, por sua posição, reputação e dons, comandam os companheiros, a quem os homens dão ouvidos, devem usar a vantagem que possuem em outros aspectos como uma oportunidade de lhes fazer o bem. Agora, nosso Senhor Jesus conversa com eles (e, provavelmente, conversa muito mais amplamente do que é relatado aqui):

I Em relação ao grande mistério de sua própria morte e sofrimentos, sobre os quais eles ainda estavam tão desinformados que não conseguiam se convencer a antever o fato em si, e muito menos entender seu significado, e por isso Cristo lhes dá instruções relativas a ela, para que eles não buscassem nenhuma vingança por causa da sua crucificação e morte. Cristo não iniciou esta conversa até que Judas tivesse saído, pois ele era um falso irmão. A presença de pessoas ruins é, muitas vezes, um obstáculo para uma boa conversa. Quando Judas se foi, Cristo disse: “Agora, é glorificado o Filho do Homem”. Agora que Judas foi revelado e excluído, aquele que era uma mancha em seu banquete de confraternização e um escândalo para a família deles, “agora, é glorificado o Filho do homem”. Observe que Cristo é glorificado pela purificação das sociedades cristãs. As deturpações em sua igreja são um opróbrio para Ele. A purga dessas deturpações retiram este opróbrio. Ou, mais exatamente, agora que Judas havia partido para colocar as coisas em andamento, a fim de que Jesus fosse morto, e sua prisão e morte provavelmente se consumariam em breve: “Agora, é glorificado o Filho do Homem”, o que significa: Agora Ele é crucificado.

1. Eis aqui algo em que Cristo os instrui, relativamente aos seus sofrimentos, e que era muito reconfortante.

(1) Que Ele deveria ser glorificado em seus sofrimentos. Agora, o Filho do homem deve ser exposto à mais alta ignomínia e humilhação, que serão utilizadas no mais alto grau, e desonrado tanto pela covardia de seus amigos como pela insolência de seus inimigos. Ainda assim, neste momento Ele é glorificado, pois: [1] Agora Ele obterá uma vitória gloriosa sobre Satanás, sobre todos os poderes das trevas. Ele os destruirá e triunfará sobre eles. Ele está agora cingindo as amarras para entrar na batalha contra esses adversários de Deus e do homem, com tamanha segurança, como se Ele as estivesse tirando. [2] Agora Ele elaborará uma entrega gloriosa por seu povo, através de sua morte, para reconciliá-lo com Deus, e adquirir para eles uma justiça e uma alegria eternas. Irá derramar o sangue, que será uma fonte inesgotável de alegrias e bênçãos para todos os crentes. [3] Agora Ele dará um exemplo glorioso de abnegação e paciência sob a cruz, coragem e desprezo pelo mundo, zelo pela glória de Deus, e amor pelas almas dos homens, tal que o fará ser, para sempre, admirado e reverenciado. Cristo havia sido glorificado em muitos milagres que realizara, e ainda assim Ele fala agora em ser glorificado em seus sofrimentos, como se isto fosse mais do que todas as outras glórias alcançadas em sua humilde condição.

(2) Que Deus, o Pai, seria glorificado em seus sofrimentos. Os sofrimentos de Cristo eram: [1] A satisfação da justiça de Deus, e assim Deus era glorificado neles. A reparação foi feita, por meio disso, com grande vantagem, pelo mal feito à sua honra, pelo pecado do homem. Os objetivos da lei foram atendidos abundantemente, e a glória de sua autoridade eficazmente declarada e preservada. [2] A manifestação de sua santidade e misericórdia. Os atributos de Deus resplandecem vividamente na criação e na providência, mas muito mais na obra da redenção. Veja 1 Coríntios 1.24; 2 Coríntios 4.6. Deus é amor, e nisto, Ele glorificava seu amor.

(3) Que Ele próprio deveria ser grandemente glorificado por causa de seus sofrimentos, considerando que, por ser Deus, deveria ser significativamente glorificado por eles, v. 32. Observe como o Senhor expande este conceito. [1] Ele está certo de que Deus, o Pai, o glorificará, e aqueles a quem Deus glorifica são realmente glorificados. O inferno e a terra se prepararam para vilipendiar Cristo, mas Deus decidiu glorificá-lo, e o fez. Ele o glorificou

em seus sofrimentos através dos impressionantes sinais e maravilhas, no céu e na terra, que os acompanharam, e arrancaram até mesmo daqueles que o crucificaram um reconhecimento de que Ele era realmente o Filho de Deus. Entretanto, Ele o glorificou após seus sofrimentos, quando o pôs à sua direita, e "lhe deu um nome que é sobre todo o nome". [2] Que o Pai o glorificará em si mesmo – *en heauto.* Ou, em primeiro lugar, no próprio Cristo. O Pai o glorificará em sua própria pessoa, e não apenas em seu reino entre os homens. Isto supõe sua rápida ressurreição. Uma pessoa comum pode ser honrada após sua morte, em sua memória ou posteridade, mas Cristo foi honrado em si mesmo. Ou, em segundo lugar, no próprio Deus. Deus, o Pai, o glorificará consigo mesmo, como é explicado em João 17.5. Ele se sentará com o Pai no seu trono, Apocalipse 3.21. Esta é a verdadeira glória. [3] Que o Pai o glorificará de imediato. Ele contempla a alegria e a glória colocada diante de si, não apenas como notáveis, mas como próximas, e suas tristezas e sofrimentos como breves e terminados em pouco tempo. Bons serviços prestados a príncipes terrenos muitas vezes permanecem por muito tempo sem recompensa, mas Cristo teve sua promoção de imediato. Foram apenas quarenta horas (ou nem tanto) desde sua morte até sua ressurreição, e quarenta dias desde aquele tempo até sua ascensão, de maneira que pode muito bem dizer-se que Ele foi glorificado imediatamente (v. 32, versão RA). Veja Salmos 16.10. [4] Tudo isto deve ser considerado diante do fato de Deus ser glorificado em seus sofrimentos, e por eles. Vendo Deus que "é glorificado nele", e recebe honra de seus sofrimentos, Ele, da mesma maneira, o glorificará em si mesmo, e o honrará. Observe que, em primeiro lugar, na exaltação de Cristo havia um reconhecimento à sua humilhação, e uma recompensa por ela. Porque Ele "humilhou-se a si mesmo… Deus o exaltou soberanamente". Se o Pai ganha tanto em sua glória pela morte de Cristo, podemos estar certos de que o Filho não será um perdedor em toda esta situação. Veja a aliança entre eles, Isaías 53.12. Em segundo lugar, aqueles que têm o cuidado de glorificar a Deus, sem dúvida terão a alegria de serem glorificados com Ele.

2. Aqui está algo em que Ele os instrui em relação aos seus sofrimentos, algo que era de tirar o sono, pois eles ainda eram tardios de coração para compreender isso (v. 33): "Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco" etc. Cristo sugere duas coisas aqui, com a finalidade de despertar seus discípulos a aproveitarem as oportunidades atuais. Duas palavras sérias:

(1) Que eles considerariam sua permanência neste mundo, o período em que esteve aqui com eles, muito curta. “Filhinhos”. Esta saudação não revela tanto a fraqueza dos discípulos quanto a brandura e a compaixão de Jesus para com eles, e o amor de um pai, agora que Ele está prestes a deixá-los, e lhes deixará muitas bênçãos. Saibam isto, então, que “ainda por um pouco estou convosco”. Entender isto como se referindo à sua morte ou à sua ascensão depende muito de cada um. Ele tinha apenas pouco tempo para gastar com eles, e por isso: [1] Eles deveriam aproveitar o benefício que tinham nesse momento. Se eles tivessem alguma pergunta legítima para fazer, se quisessem qualquer conselho, instrução ou assistência, deveriam dizer logo, pois “ainda por um pouco estou convosco”. Devemos fazer o melhor por nossas almas, com os amparos de que dispomos, enquanto dispomos deles, porque não os teremos por muito tempo, eles serão tirados de nós, ou nós deles. [2] Eles não deveriam ficar mal acostumados com a presença corpórea de Jesus, como se a felicidade e o consolo estivessem associados a isso. Não, eles devem pensar em viver sem ela. Não deverão ser sempre criancinhas, mas devem caminhar sozinhos, sem suas amas-secas. Diferentes meios nos são designados, mas por pouco tempo, e não devemos descansar neles, mas prosseguir até nosso descanso, ao qual eles estão relacionados.

(2) Que eles achariam muito difícil segui-lo para o outro mundo, estar com Ele ali. O que Ele havia dito aos judeus (cap. 7.34), Ele diz aos seus discípulos, pois eles têm a necessidade de ser despertados pelas mesmas considerações que são apresentadas para convencer e despertar os pecadores. Cristo lhes diz aqui: [1] Que quando Ele partisse, eles sentiriam sua falta. “Vós me buscareis”, isto é, “vós desejareis ter-me novamente consigo”. Muitas vezes o valor das misericórdias nos é ensinado através de sua escassez. Embora a presença do Consolador lhes fornecesse um verdadeiro e efetivo alívio nos apuros e dificuldades, ainda assim não seria uma recompensa tão perceptível quanto teria sido a presença física de Jesus para aqueles que estavam acostumados a ela. Mas observe o que Cristo disse aos judeus: “Vós me buscareis e não me achareis”, mas aos discípulos Ele diz apenas: “Vós me buscareis”, indicando que embora eles não encontrassem sua presença física como ocorreria com os judeus, ainda assim eles deveriam encontrar aquilo que seria equivalente, e não o buscariam em vão. Quando eles procuraram seu corpo no sepulcro, embora

não o encontrassem, ainda assim o procuraram com um bom propósito. [2] Que para onde Ele ia, eles não poderiam ir, levando-os a ter em alta consideração aquele que iria para um mundo invisível e inacessível, para morar “na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver”, e também a terem pouca consideração por si mesmos, e considerarem seriamente sua condição futura. Cristo lhes diz que eles não o podiam seguir (como Josué, que disse ao povo que eles não podiam servir ao Senhor) apenas para despertar neles ainda mais empenho e cuidado. Eles não podiam segui-lo até à cruz, pois eles não possuíam coragem e determinação, e isto ficou patente quando todos eles o abandonaram e fugiram. Nem podiam eles segui-lo até sua coroação, pois eles próprios não tinham a qualidade requerida, nem seu trabalho e luta estavam ainda concluídos.

II Ele fala com eles quanto à grande obrigação relacionada ao amor fraternal (vv. 34,35): “Vos ameis uns aos outros”. Judas já havia saído, e havia se mostrado um falso irmão, mas eles não deviam, por isso, abrigar tal inveja e suspeitas uns dos outros, pois isso seria a ruína do amor. Embora tivessem um Judas entre eles, ainda assim eles não eram todos traidores. Agora que a inimizade dos judeus contra Cristo e seus seguidores estava crescendo até às alturas, e eles deveriam esperar um tratamento como o que teve seu Mestre, interessava a eles se fortalecerem uns aos outros através do amor fraternal. Três argumentos em favor do amor mútuo são aqui ressaltados:

1. A ordem de seu Mestre (v. 34): “Um novo mandamento vos dou”. Ele não apenas o recomenda como agradável e gratificante, não apenas o aconselha como extraordinário e produtivo, mas o ordena, e o torna uma das leis fundamentais de seu reino. O amor caminha lado a lado com o mandamento de crer em Cristo, 1 João 3.23; 1 Pedro 1.22. Esta é a ordem do nosso rei, que tem o direito de emanar leis para nós. É a ordem do nosso Redentor, que nos dá esta lei a fim de curar nossas enfermidades espirituais e de nos preparar para nossa bem-aventurança eterna. É um novo mandamento, isto é: (1) É um mandamento renovado. Era um mandamento desde o princípio (1 Jo 2.7), tão antigo quanto a lei da natureza, era o segundo grande mandamento da lei de Moisés. Ainda assim, porque é também um dos grandes mandamentos do Novo Testamento, de Cristo, o

novo Legislador, é chamado de novo mandamento. É como um livro antigo em uma nova edição, corrigida e ampliada. Este mandamento foi tão corrompido pelas tradições da igreja judaica, que quando Cristo o restaurou, e o colocou sob a verdadeira luz, ele pôde muito bem ser chamado de um novo mandamento. Leis de vingança e retaliação estavam tanto em uso, e o amor próprio era tão predominante, que a lei do amor fraternal havia sido negligenciada como obsoleta e desatualizada. Desta forma, tendo vindo como um mandamento de Cristo, este era um mandamento novo para muitas pessoas. (2) É um mandamento excelente, assim como uma nova canção é uma excelente canção, que agrada de forma incomum. (3) É um mandamento eterno, tão singular que permanecerá para sempre. Assim como o novo concerto, que nunca se deteriorará (Hb 8.13), ele se manterá novo por toda a eternidade, quando a fé e a esperança se tornarão obsoletas. (4) Da forma que Cristo o propõe, ele é novo. Antes era: “Amarás o teu próximo”, agora é: “Amai-vos uns aos outros”. Ele é ordenado de uma forma mais convincente quando é exigido dessa forma, como uma obrigação mútua entre as pessoas.

2. O exemplo do Salvador é mais um argumento a favor do amor fraternal: “Como eu vos amei”. É isto que o torna um “novo mandamento”, que esta causa e motivo do amor (“como eu vos amei”) são completamente novos, e, como tal, ele esteve oculto de eras e gerações. Entende-se isto: (1) A partir de todos os exemplos do amor de Cristo por seus discípulos, o que eles já haviam sentido durante o período em que Ele entrava e saía dentre eles. Ele falava gentilmente com eles, muito preocupado com eles, e com seu bem-estar. Ele os instruía, aconselhava e consolava, orava com eles e por eles, justificava-os quando eram acusados, apoiava-os quando eram menosprezados, e os reconhecia publicamente como sendo os mais queridos a Ele, sim, mais do que sua mãe, irmãs ou irmãos. Ele os censurava pelo que estava errado e ainda assim, era compassivamente paciente com suas fraquezas, perdoava-os, conseguia o melhor deles e não dava importância à omissão de muitos. Assim Ele os havia amado e acabara de lavar seus pés, e dessa forma, eles deviam amar uns aos outros, e amar até o fim. Ou (2) Pode ser entendido a partir do exemplo especial de amor que o Senhor demonstrou por todos os seus discípulos, o exemplo que Ele estava prestes a dar, ao entregar sua vida por eles. “Ninguém tem maior amor do que este”, cap. 15.13. Se Ele amou a todos nós dessa maneira, de maneira justa,

Ele pode esperar que nos amemos uns aos outros. Não que sejamos capazes de fazer algo da mesma natureza uns pelos outros (Sl 49.7), mas devemos amar uns aos outros em alguns aspectos da mesma maneira. Devemos colocar isto diante de nós como nosso modelo, e obter orientação dele. O amor que temos uns pelos outros deve ser voluntário e pronto, ativo e precioso, constante e perseverante. Devemos amar a alma de cada um dos nossos irmãos. Também devemos nos amar uns aos outros pelo seguinte motivo, e com base na seguinte reflexão: porque Cristo nos amou. Veja Romanos 15.1,3; Efésios 5.2,25; Filipenses 2.1-5.

3. A reputação de sua profissão de fé (v. 35): “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. Observe que devemos ter amor, não apenas mostrar amor, mas mantê-lo como fundamento e hábito, e mantê-lo quando não houver qualquer ocasião imediata de demonstrá-lo, mantê-lo disponível. “Por meio disso se tornará patente que vós sois realmente meus seguidores, por me seguirdes nisto”. Observe que o amor fraternal é o distintivo dos discípulos de Cristo. Através disto, Ele os conhece; através disto, eles podem conhecer a si mesmos (1 Jo 2.14); e através disto, outros podem conhecê-los. Este é o uniforme de sua família, a característica distinta de seus discípulos. Por isto, Ele os faria conhecidos, como aquilo em que eles superavam a todos os outros, o amor de uns pelos outros. O amor era uma qualidade pela qual seu Mestre era famoso. Todos aqueles que já tinham ouvido falar a respeito dele, tinham ouvido sobre seu amor, seu grande amor. Portanto, se vissem quaisquer pessoas sendo mais carinhosas umas com as outras do que aquilo que seria considerado comum, diriam: “Certamente esses são os seguidores de Cristo, eles estiveram com Jesus”. Nestas circunstâncias, parece: (1) Que o coração de Cristo estava muito interessado em que seus discípulos se amassem uns aos outros. Nisto eles devem ser especiais. Enquanto o estilo do mundo é ser cada um por si, eles deviam ser cordiais uns com os outros. Ele não diz: Nisto conhecerão que sois meus discípulos – se realizardes milagres, pois um realizador de milagres, sem amor, nada é (1 Co 13.1,2), mas: se vos amardes uns aos outros, com base em um princípio de renúncia e gratidão a Cristo. O Senhor Jesus Cristo teria que ser o exemplo vivo de sua religião, o símbolo mais importante da verdadeira igreja. (2) Que a verdadeira honra dos discípulos de Cristo é se sobressaírem no amor fraternal. Nada será mais efetivo do que isto para recomendá-los à estima e ao respeito dos outros. Veja que

poderoso atrativo é o amor, Atos 2.46,47. Tertuliano fala disso como a glória da igreja primitiva, que os cristãos fossem conhecidos por seu amor de uns pelos outros. Seus adversários prestaram atenção nisso e disseram: Vejam como esses cristãos amam uns aos outros, *Apologia*, cap. 39. (3) Que, se os seguidores de Cristo não se amarem uns aos outros, eles não apenas trarão uma injusta vergonha sobre sua fé, mas darão um motivo justo para suspeitarem de sua própria sinceridade. Ó Jesus! São esses teus cristãos, essas pessoas agitadas, maliciosas, vingativas e de má índole? Ó Deus! Seria esta a capa de teu Filho? Quando nossos irmãos precisarem da nossa ajuda, e nós tivermos uma chance de ser úteis a eles, quando eles tiverem opiniões e hábitos diferentes dos nossos, ou forem, de alguma maneira, nossos rivais ou nos irritarem, teremos a oportunidade de condescender e perdoar. Em casos como estes, será conhecido se possuímos este sinal dos discípulos de Cristo.

A Autoconfiança de Pedro

vv. 36-38

Nestes versículos, temos:

I A curiosidade de Pedro, e o basta que foi dado a ela.

1. A pergunta de Pedro era ousada e rude (v. 36): “Senhor, para onde vais?” Referindo-se ao que Cristo dissera (v. 33): “Para onde eu vou não podeis vós ir”. As instruções práticas que Cristo havia fornecido relativas ao amor fraternal, Ele ignora e nada pergunta sobre elas, mas se concentra naquilo sobre o que Ele, propositalmente, os havia mantido desinformados. Observe que é um defeito comum entre nós, sermos mais inquisitivos a respeito de coisas secretas, que pertencem apenas a Deus, do que a respeito daquelas que se referem às coisas reveladas, que pertencem a nós e aos nossos filhos. Somos mais desejosos de ter nossa curiosidade satisfeita do que nossas consciências instruídas, de saber o que é feito no céu do que o que podemos fazer para ir para lá. É fácil observar isso na convivência dos cristãos, com que rapidez uma conversa sobre aquilo que é verdadeiro e edificante é abandonada, e nada mais é dito, o assunto é esgotado, o que, em um debate incerto, se transforma em uma interminável disputa de

palavras.

2. A resposta de Cristo foi esclarecedora. Ele não o agradou com qualquer versão específica do mundo para o onde Ele estava indo, nem jamais profetizou suas glórias e alegrias tão claramente como o fizera com seus sofrimentos, mas disse o que dissera antes (v. 36): Que isto baste: “Não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás”. (1) Podemos entender isto como se referindo a Pedro seguindo-o até a cruz: “Você ainda não tem intensidade de fé e determinação suficientes para beber do meu cálice”. E Pedro se mostrou assim pela sua covardia quando Cristo estava sofrendo. Por este motivo, quando Cristo foi capturado, ele providenciou a segurança de seus discípulos. “Deixai ir estes”, pois eles não o podiam seguir agora. Cristo leva em consideração a estrutura de seus discípulos e não planejará para eles trabalho e sofrimentos para os quais eles ainda não estão preparados. O dia deve estar de acordo com a força deles. Pedro, embora destinado ao martírio, não pode seguir a Cristo agora, não tendo ainda atingido sua plenitude, mas o seguirá depois. Ele será crucificado por último, como seu Mestre. Que não pense ele que porque escapa do sofrimento agora, nunca sofrerá. Ao escaparmos da cruz uma vez, não devemos concluir que nunca a conheceremos. Devemos estar preparados para julgamentos maiores do que aqueles pelos quais já passamos. (2) Podemos entender isto como se referindo a Pedro seguindo-o até a recompensa. Jesus estava agora a caminho da sua glória, e Pedro desejava muito ir com Ele: “Não”, diz Cristo, “não podes agora seguir-me, ainda não estás pronto para o céu, nem terminaste teu trabalho na terra. O percussor deve entrar primeiro para preparar um lugar para ti, mas depois tu me seguirás, após teres combatido o bom combate, e na hora fixada”. Observe que os crentes não devem esperar ser glorificados tão logo sejam efetivamente chamados, pois há uma distância imensa entre o Mar Vermelho e Canaã.

II A confiança de Pedro, e o basta que foi dado a ela.

1. Pedro faz uma ousada afirmação sobre sua fidelidade. Ele não está satisfeito por ter sido deixado para trás, todavia pergunta: “‘Por que não posso seguir-te agora?’ Questionas minha sinceridade e determinação? Eu te asseguro que, se houver ocasião, ‘por ti darei a minha vida’”. Alguns acreditam que Pedro tinha uma presunção, como os judeus tiveram em um

caso semelhante (cap. 7.35), imaginando que Cristo estivesse planejando uma jornada ou viagem a alguma região remota, e que ele afirmava sua determinação de ir junto com Ele aonde quer que Ele fosse. Mas tendo ouvido seu Mestre falar tão freqüentemente de seus próprios sofrimentos, com certeza, ele não conseguia entendê-lo de outra maneira que não se referindo à sua partida através da morte, e ele decide, assim como fizera Tomé, que irá e morrerá com ele. É melhor morrer com Ele do que viver sem Ele. Veja aqui: (1) Que amor afetuoso Pedro tinha por nosso Senhor Jesus: "'Por ti darei a minha vida', e não posso fazer nada superior a isto". Acredito que Pedro falou conforme acreditava, e embora ele fosse imprudente, não fora insincero em sua decisão. Observe que Cristo nos deve ser mais caro do que nossa própria vida, a qual, quando nos for exigida, devemos estar prontos a sacrificar por amor a Ele, Atos 20.24. (2) Como Pedro se ofendeu por ter sido questionado, o que é indicado neste protesto: "'Por que não posso seguir-te agora?' Suspeitas da minha fidelidade para contigo?" 1 Samuel 29.8. Observe que é com pesar que o verdadeiro amor ouve sua própria sinceridade posta em dúvida, como em João 21.17. Cristo havia dito, com certeza, que um deles era um diabo, mas ele fora descoberto e partira, e por isso Pedro pensa que pode falar com ainda mais segurança de sua própria sinceridade. "Senhor, estou decidido e nunca te deixarei, e, portanto, por que não posso seguir-te?" Temos a tendência de pensar que podemos fazer qualquer coisa, e levamos a mal se nos for dito que não podemos fazer isto e aquilo, ao passo que sem Cristo, nada podemos fazer.

2. Cristo lhe dá uma surpreendente predição de sua infidelidade, v. 38. Jesus Cristo nos conhece melhor do que nós mesmos, e tem muitas maneiras de se revelar àqueles a quem Ele ama e de quem afastará a vaidade. (1) Ele repreende a Pedro pela sua confiança: "Tu darás a tua vida por mim?" Parece-me que Ele teria dito isto com um sorriso: "Pedro, as promessas que fazes são muito amplas, pródigas demais para serem confiáveis. Tu não levas em conta a relutância e luta com que uma vida é sacrificada, e que dura carga é morrer. É mais fácil falar do que fazer". Cristo, por meio disto, faz Pedro pensar melhor, não para que ele pudesse revogar sua decisão, ou retroceder, mas para que pudesse inserir nela aquela cláusula necessária: "Senhor, com tua graça me capacitando, darei minha vida por ti". "Asseguras que morrerás por mim? O que! Tu que tremeste ao

caminhar sobre as águas até mim? O que! Tu que, quando falei de sofrimentos, gritaste: Senhor, tem compaixão de ti? Foi uma coisa fácil deixar teus barcos e redes para seguir-me, mas renunciar à tua vida não será tão fácil". Seu próprio Mestre se debateu quando sua hora chegou, e não é o servo maior do que seu senhor. Observe que é bom para nós que nos humilhemos por conta da arrogante confiança que temos em nós mesmos. Pode uma cana moída servir como coluna, ou um menino enfermo se tornar um campeão? Que tolo sou quando falo com tamanha arrogância. (2) Ele claramente antecipa a covardia de Pedro na hora crucial. Para que sua boca parasse de se gabar, para que Pedro não dissesse novamente: Sim Mestre, eu o farei, Cristo solenemente insiste, dizendo: "Na verdade, na verdade te digo que não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes". Ele não diz, como depois: "Esta noite", pois parece que isto ocorreu duas noites antes da páscoa, mas: "Em breve me terás negado por três vezes dentro do espaço de uma noite. Na verdade, dentro de um espaço tão curto como entre o primeiro e o último canto do galo: 'Não cantará o galo', ele não terá cantado seu canto até que tu tenhas por duas vezes me negado, e isso por medo de sofrer". O canto do galo é mencionado: [1] Para revelar que o julgamento no qual ele fracassaria dessa maneira deveria ser à noite, o que era uma circunstância improvável, mas a profecia de Cristo era um exemplo de sua infalível presciência. [2] Porque o canto do galo seria a oportunidade para seu arrependimento, o que não teria acontecido se Cristo não tivesse dito isto em sua predição. Cristo não somente previu que Judas o trairia, embora ele o planejasse apenas em seu coração, mas também previu que Pedro o negaria, embora ele nem sequer o planejasse, senão o contrário. Ele conhece não apenas a maldade dos pecadores, mas a fraqueza dos santos. Cristo disse a Pedro, em primeiro lugar, que ele o negaria, o repudiaria e o abjuraria: "Tu não só não me seguirás, mas ainda terás vergonha de reconhecer-me, dizendo que jamais me seguiste". Em segundo lugar, que ele faria isto não apenas uma vez, por um ato falho e precipitado, mas, depois de um intervalo, o repetiria uma segunda e uma terceira vez, e isto se mostrou comprovadamente verdadeiro. Costumamos apresentar argumentos como estes como alguns dos motivos pelos quais as profecias das Escrituras são expressas de forma obscura e figurativa, pois se elas descrevessem claramente o acontecimento, a consumação seria, por meio disso, frustrada ou requereria uma fatalidade inconsistente com a liberdade

humana. E apesar dessa clara e objetiva profecia da negação de Cristo por Pedro, isto não tornava Cristo, de forma alguma, conivente com o pecado de Pedro. Mas nós bem podemos imaginar a humilhação que esta declaração foi para a confiança que Pedro tinha em sua própria coragem. Ele teve que ouvir isto, sem sequer se atrever a contradizer o Senhor. Caso contrário, ele teria dito como Hazael: “Pois que é teu servo, que não é mais do que um cão?” Isto só poderia deixá-lo confuso. Observe que os mais seguros são geralmente os que menos estão a salvo, e aqueles que presumem que são os mais fortes, demonstram suas próprias fraquezas, 1 Coríntios 10.12.

CAPÍTULO 14

Este capítulo é uma continuação do sermão de Cristo aos seus discípulos, depois da ceia. Depois de declarar a culpa de Judas, e de tê-lo descartado, Ele se dedicou a consolar os demais, que estavam profundamente entristecidos pelo que Ele tinha dito a respeito de deixá-los, e aqui Ele lhes diz muitas palavras boas e consoladoras. As palavras interlocutórias. Assim como Pedro, no capítulo anterior, também Tomé, e Filipe, e Judas, neste, expuseram seus pensamentos relativos ao que Ele tinha dito, segundo a liberdade que Ele se alegrava em permitir a eles. As conversas livres são tão instrutivas quanto os sermões solenes, ou ainda mais. O escopo geral deste capítulo está no primeiro versículo, ele se destina a afastar a perturbação dos seus corações. Para isto, eles devem crer, e devem considerar: I. O céu como seu descanso eterno, vv. 2,3. II. O próprio Cristo como seu caminho, vv. 4-11. III. O grande poder de que eles serão revestidos com o predomínio das suas orações, vv. 12-14. IV. A vinda de outro consolador, vv. 15-17. V. A amizade e a comunhão que haveria entre Ele e eles, depois da sua partida, vv. 18-24. VI. As instruções que o Espírito Santo lhes daria, vv. 25,26. VII. A paz que Cristo lhes deixava, v. 27. VIII. A própria alegria de Cristo na sua partida, vv. 28-31. Isto que Ele lhes disse se destina ao consolo de todos os seus fiéis seguidores.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 1-3

Nestes versículos, temos:

I Uma advertência geral que Cristo faz aos seus discípulos, contra a perturbação no coração (v. 1): “Não se turbe o vosso coração”. Agora eles começavam a se perturbar, eles estavam no início desta tentação. Aqui vemos:

1. Como Cristo percebeu isto. Talvez isto estivesse aparente na fisionomia dos discípulos. Está escrito que (cap. 13.22) “os discípulos olhavam uns para os outros”, com ansiedade e preocupação, e Cristo olhou para todos eles, e percebeu que eles começavam a se perturbar. Pelo menos, foi perceptível para o Senhor Jesus, que conhece todas as nossas tristezas secretas e não-reveladas, a ferida que sangra internamente. Ele não somente sabe como somos afligidos, mas como ficamos influenciados sob nossas aflições, e como elas estão próximas dos nossos corações. Ele conhece todas as dificuldades a que seu povo, em qualquer ocasião, corre o risco de estar sujeito. Ele conhece nossas almas na adversidade. Muitas coisas contribuíam para perturbar os discípulos agora.

(1) Cristo tinha acabado de contar-lhes sobre a crueldade que Ele iria sofrer de alguns deles, e isto os perturbou a todos. Pedro, sem dúvida, parecia muito pesaroso com o que Cristo lhe tinha dito, e todos os demais estavam tristes, por Ele e por si mesmos também, sem saber quem seria o próximo de quem se diria que iria fazer alguma coisa ruim. Quanto a isto, Cristo os consola. Embora um zelo saudável sobre nós mesmos seja muito útil para nos conservar humildes e vigilantes, ainda assim não deve predominar a ponto de inquietar nosso espírito e desalentar nossa santa alegria.

(2) Ele tinha acabado de lhes contar sobre sua separação deles, que não somente Ele iria embora, mas iria embora em uma nuvem de sofrimentos. Logo eles o veriam sobrecarregado de acusações, e estas seriam como uma espada nos seus ossos. Eles o veriam barbaramente maltratado e levado à morte, e isto também seria uma espada perfurando suas próprias almas, pois eles o tinham amado, e aceitado, e tinham deixado tudo para segui-lo. Quando olhamos o Cristo perfurado, não podemos deixar de lamentar e sentir amargura, embora vejamos o resultado e os frutos gloriosos deste seu

sofrimento. Muito mais pesarosa deve ter sido esta visão para eles, que não podiam, então, ver nada à frente. Se Cristo os deixasse: [1] Eles se sentiriam vergonhosamente desapontados, pois eles pensavam que este seria aquele que deveria libertar Israel, e deveria ter estabelecido seu reino, em poder e glória seculares, e, na expectativa disto, tinham deixado tudo para segui-lo. Agora, se o Senhor deixasse o mundo nas mesmas circunstâncias de miséria e pobreza em que o mundo estava quando Ele tinha vivido, e piores, eles se sentiriam derrotados. [2] Eles se considerariam tristemente abandonados e desamparados. Eles sabiam, por experiência, a pouca presença de espírito que tinham em situações difíceis, e sabiam que não podiam ter certeza de nada, exceto de serem destruídos, caso se separassem do seu Mestre. Agora, com referência a tudo isto: "Não se turbe o vosso coração". Aqui estão três palavras, e a ênfase pode ser colocada sobre qualquer uma delas de maneira significativa. Em primeiro lugar, sobre a expressão "se turbe", *me tarassestho.* Não se perturbem a ponto de ficarem confusos e agitados, como o mar agitado quando não pode repousar. Ele não diz: "Que seus corações não sejam sensíveis às tristezas, ou não se entristeçam por causa delas", mas: "Não se confundam nem se descomponham, não se abatam nem se perturbem", Salmos 42.5. Em segundo lugar, sobre a palavra "coração": "Embora a nação e a cidade se perturbem, embora sua pequena família e seu pequeno rebanho se perturbem, ainda assim não se turbe vosso coração. Mantenham o controle das suas próprias almas, mesmo quando não puderem manter o controle de mais nada". O coração é a fortaleza principal. Façam o que fizerem, protejam-no dos problemas, protejam-no com toda diligência. O espírito deve suportar a debilidade, portanto cuidem para que ele não seja ferido. Em terceiro lugar, sobre a palavra "vosso". "Vocês que são meus discípulos e seguidores, meus redimidos, eleitos, santificados, ainda que os outros estejam angustiados com as dificuldades desta época, não fiquem assim vocês também, pois vocês não são tolos. Que os pecadores de Sião tremam, mas 'regozijem-se os filhos de Sião no seu Rei'". Com isto, os discípulos de Cristo devem fazer mais que os outros, devem conservar tranqüilas suas mentes, quando todo o resto estiver inquieto.

2. O remédio que Jesus prescreve contra esta perturbação de espírito, que Ele via que estava prestes a dominá-los. De maneira geral, *crer – pisteuete*. (1) Alguns entendem as duas sentenças de forma imperativa: "Crede em

Deus, e nas suas perfeições e providência, e crede também em mim, e na minha mediação. Edifiquem com confiança sobre os grandes princípios reconhecidos da religião natural, que existe um Deus, que Ele é santíssimo, sábio, poderoso e bom, que Ele é o governador do mundo, e tem a disposição soberana sobre todos os eventos. E consolem-se, da mesma maneira, com as doutrinas peculiares daquela santa religião que Eu lhes ensinei". Mas (2) Nós entendemos a primeira parte como um reconhecimento de que eles realmente criam em Deus, pelo que Ele os elogia: "Mas, se vocês desejarem realmente prover para um dia de chuva, creiam também em mim". Por intermédio de Cristo, nós somos levados a um concerto com Deus, e nos tornamos interessados na sua graça e promessa, nas quais, de outra maneira, sendo pecadores, nós perderíamos a esperança, e a lembrança de Deus teria sido uma perturbação para nós. Mas, crendo em Cristo, como o Mediador entre Deus e o homem, nossa fé em Deus se torna confortável. E esta é a vontade de Deus, que todos os homens honrem ao Filho assim como honram ao Pai, crendo no Filho assim como crêem no Pai. Aqueles que crêem apropriadamente em Deus, crerão em Jesus Cristo, a quem o Pai tornou conhecido a eles. E crer em Deus, por intermédio de Jesus Cristo, é um meio excelente de manter os problemas longe do coração. A alegria da fé é o melhor remédio contra as tristezas dos sentidos. É um remédio que tem uma promessa anexa a si. "O justo viverá da fé". Um remédio com um *probatum est* anexo a si. "Pereceria sem dúvida, se não cresse".

II Aqui está uma instrução especial para crer na promessa da vida eterna, vv. 2,3. Jesus os tinha orientado a confiar em Deus, e a confiar nele. Mas para que deveriam eles confiar em Deus e em Cristo? Confiar neles para uma felicidade futura, quando este corpo e este mundo não mais existirem, e para uma felicidade que durará tanto quanto a alma imortal e o mundo eterno durarão. Isto é proposto como um estímulo àqueles que estão sob todas as dificuldades desta época atual, às quais a felicidade do céu é, de maneira admirável, adaptada e adequada. Nas suas mais difíceis situações, os santos se encorajaram com o fato de que o céu compensará a todos. Vejamos como isto é sugerido aqui.

1. Crer e considerar que realmente existe uma felicidade como esta: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito",

v. 2.

(1) Veja sob que conceito a felicidade do céu é aqui representada: como moradas, muitas moradas na casa do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. [1] O céu é uma morada, não é uma tenda nem um tabernáculo. É uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus (2 Co 5.1). [2] É a casa de um Pai: a "casa de meu Pai". E seu Pai é nosso Pai, ao qual agora Ele iria ascender, de modo que através do direito de seu irmão mais velho, todos os verdadeiros crentes serão bem-vindos a esta felicidade, como à sua casa. É a casa daquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, que reside na luz e habita na eternidade. [3] Ali há moradas, isto é, em primeiro lugar, moradas distintas, uma morada para cada pessoa. Talvez aqui haja uma alusão aos aposentos dos sacerdotes que havia no Templo. No céu, há acomodações para santos particulares. Embora todos sejamos unidos a Deus, ainda assim nossa individualidade não se perderá ali. Cada israelita tinha sua parte em Canaã, e cada ancião, um trono, Apocalipse 4.4. Em segundo lugar, moradas duradouras. *Monai*, de *mneio*, *maneo*, *moradas permanentes*. A própria morada é duradoura. Nossa propriedade nela não é por um período limitado, por um período de alguns anos, mas por toda a eternidade. Aqui nós vivemos como se estivéssemos em uma hospedaria. No céu, nós seremos estabelecidos. Os discípulos tinham abandonado suas casas para acompanhar a Cristo, que não tinha onde reclinar a cabeça, mas as moradas no céu irão lhes compensar isto. [4] Há muitas moradas, pois há muitos filhos para serem levados à glória, e Cristo conhece com exatidão seu número, e eles não serão confinados pela chegada de um grupo maior do que Ele espera. Ele tinha dito a Pedro que ele o seguiria (cap. 13.36), mas que os demais não se sintam desencorajados, no céu há moradas para todos. "Reobote", Gênesis 26.22.

(2) Veja a segurança que temos da realidade da felicidade propriamente dita, e a sinceridade da sua oferta a nós: "'Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito'. Se vos tivésseis enganado quando deixastes suas profissões e arriscastes suas vidas por mim, com a perspectiva de uma felicidade futura e invisível, eu logo lhes teria apontado o engano". A segurança é construída: [1] Sobre a veracidade da sua palavra. Está implícito: "Se não houvesse tal felicidade, valiosa e atingível, eu não lhes teria dito que havia". [2] Sobre a sinceridade do seu afeto por eles. Assim como Ele é verdadeiro, e não desejava se aproveitar deles, também é bondoso, e não toleraria que

eles fossem enganados. Se não existissem estas moradas, ou ninguém que tivesse abandonado tudo para segui-lo estivesse designado para elas, Ele lhes teria dado um aviso oportuno do engano, para que pudessem fazer uma retirada honrosa de volta para o mundo, e conseguir nele o melhor que pudessem. Observe que a boa vontade de Cristo para conosco é um grande incentivo para nossa esperança nele. Ele nos ama demais, e quer muito nosso bem, para desapontar as expectativas que Ele mesmo desperta, ou permitir que aqueles que mais tinham sido obedientes a Ele fossem os mais infelizes.

2. Crer e considerar que o desígnio da partida de Cristo era o de preparar um lugar no céu para seus discípulos. “Vocês estão tristes por pensar que Eu estou indo embora, mas Eu vou em uma missão por vocês, como precursor. Eu devo iniciá-la, por vocês”. Ele foi para preparar um lugar para nós, isto é: (1) Para tomar posse por nós, como nosso advogado ou procurador, e assegurar, desta maneira, nosso título como irrevogável. Cristo tem o senhorio, e este beneficia todos aqueles que nele crerem. (2) Para fazer provisões para nós, como nosso amigo e pai. A felicidade do céu, embora preparada antes da fundação do mundo, ainda deve ser tornada mais adequada para o homem no seu estado caído. Consistindo muito da presença de Cristo ali, era, portanto, necessário que Ele fosse antes, para entrar naquela glória que seus discípulos deveriam compartilhar. O céu seria um lugar despreparado para um cristão, se Cristo não estivesse ali. Ele foi para preparar-lhes uma mesa, para preparar tronos para eles, Lucas 22.30. Desta maneira, Cristo declara a adequação da felicidade do céu para os santos, para quem ela está preparada.

3. Crer e considerar que, portanto, Ele certamente viria outra vez, na ocasião devida, para levá-los àquele bendito lugar do qual Ele agora estava indo tomar posse, para si mesmo, e preparar para eles (v. 3): “‘Se eu for e vos preparar lugar’, se esta for a missão da minha jornada, podeis ter certeza, quando tudo estiver pronto, ‘virei outra vez e vos levarei para mim mesmo’, de modo que deveis seguir-me daqui por diante, ‘para que, onde eu estiver, estejais vós também’”. Estas são palavras verdadeiramente consoladoras. (1) Que Jesus Cristo virá outra vez, *erchomai – Eu venho*, sugerindo a certeza de que Ele virá, e de que Ele está vindo diariamente. Nós dizemos que “estamos indo”, quando estamos ocupados, preparando-nos para nos mover. O mesmo pode ser dito pelo Senhor. Tudo o que Ele faz tem uma referência à sua segunda vinda, e aponta para esta. Observe que a crença na segunda vinda de Cristo, da qual Ele nos dá plena certeza, é uma excelente proteção contra as perturbações do coração, Filipenses 4.5; Tiago 5.8. (2) Que Ele virá outra vez, para levar todos os seus fiéis seguidores para si mesmo. Ele os chama individualmente na morte, e os reúne, um por um. Mas eles devem fazer sua entrada pública no estado solene, todos juntos, no último dia, e então o próprio Cristo virá para recebê-los, para conduzi-los à abundância da sua graça, e para acolhê-los na abundância do seu amor. Com isto, Ele irá testemunhar o máximo respeito e

carinho que se possa imaginar. A vinda de Cristo tem a finalidade de nos unir a Ele, para todo o sempre, 2 Tessalonicenses 2.1. (3) Que onde Ele estiver, eles também estarão. Isto evidencia aquilo que muitas outras passagens das Escrituras declaram, que a quintessência da felicidade do céu é estar ali com Cristo, cap. 17.24; Filipenses 1.23; 1 Tessalonicenses 4.17. Cristo fala da sua estada ali como presente agora: "'Onde eu estiver'. Onde Eu estarei dentro de pouco tempo, onde Eu estarei eternamente, ali vocês estarão dentro de pouco tempo, ali vocês estarão eternamente". Não somente ali, no mesmo lugar, mas aqui, na mesma condição. Não somente espectadores da sua glória, como os três discípulos no monte, mas compartilhando dela. (4) Que isto pode ser deduzido do fato de que Ele está indo para preparar um lugar para nós, pois seus preparativos não serão em vão. Ele não irá construir e fornecer moradas, e deixá-las vazias. Ele irá concluir aquilo de que Ele é o autor. Se Ele preparou o lugar para nós, Ele irá nos preparar para este lugar, e, no devido tempo, nos dará a posse dele. Assim como a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição, também sua ascensão, vitória e glória são a garantia da nossa.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 4-11

Tendo disposto a felicidade do céu diante deles, como o fim, Cristo aqui mostra a si mesmo como sendo o caminho para se chegar a ela, e lhes diz que eles estavam mais familiarizados, tanto com o fim que deveriam ter em mente, como com o caminho que deviam percorrer, do que pensavam estar: "Vós sabeis", isto é: 1. "Vocês podem saber. Não é uma daquelas coisas secretas que não pertencem a vocês, mas uma das coisas reveladas. Vocês não precisam subir ao céu, nem descer às profundezas, pois a palavra está junto de vocês (Rm 10.6-8), no mesmo nível que vocês". 2. "Vocês realmente sabem. Vocês sabem qual é a casa e qual é o caminho, embora talvez não os conheçam como a casa e o caminho. Eu lhes ensinei, e vocês não podem deixar de saber. Basta que vocês estejam dispostos a se lembrar e a considerar isto". Observe que Jesus Cristo está desejoso de aproveitar ao máximo o conhecimento do seu povo, embora ele seja fraco e defeituoso. Ele conhece o bem que há neles, melhor do que eles mesmos, e tem certeza

de que eles têm aquele conhecimento, e fé, e amor, dos quais eles mesmos não se dão conta, nem têm certeza.

Esta mensagem de Cristo deu oportunidade para que dois dos seus discípulos se dirigissem a Ele, e Ele responde aos dois.

I Tomé perguntou sobre o caminho (v. 5), sem nenhum pedido de desculpas por contradizer ao seu Mestre.

1. Ele disse: "'Senhor, nós não sabemos para onde vais', para que lugar ou condição, 'e como podemos saber o caminho', em que devemos te seguir? Nós não podemos nem imaginar onde é, nem perguntar, mas ainda estaremos perdidos". O testemunho de Cristo a respeito do conhecimento deles os deixou mais conscientes da sua ignorância e mais inquisitivos em busca de esclarecimento adicional. Tomé aqui mostra uma modéstia maior do que a de Pedro, que pensava que poderia seguir a Cristo agora. Pedro era o mais preocupado em saber para onde Cristo ia. Aqui Tomé, embora se queixe de não saber isto, parece mais preocupado em saber o caminho. Veja: (1) A confissão da sua ignorância foi suficientemente recomendável. Se os homens bons estão às escuras, e conhecem somente parte das coisas, ainda assim estão dispostos a reconhecer seus defeitos. Mas (2) A causa da sua ignorância era passível de culpa. Eles não sabiam para onde Cristo ia, porque sonhavam com um reino temporal, em pompa e poder externos, e se iludiam com isto, apesar do fato de que Ele contradizia isto repetidas vezes. Conseqüentemente, quando Cristo falou de ir embora e dos discípulos seguindo-o, eles imaginaram que Ele iria a alguma cidade extraordinária, Belém, Nazaré, Cafarnaum, ou algumas das cidades dos gentios, como Davi foi a Hebrom, para ser ungido rei e para restaurar o reino de Israel. E qual era o caminho para este lugar, onde deveriam ser construídos castelos no ar, se era para o leste, oeste, norte, ou sul, eles não sabiam, e, portanto, não sabiam o caminho. Desta maneira, nós consideramos que ainda estamos mais às escuras do que precisamos estar, a respeito do estado futuro da igreja, porque esperamos sua prosperidade terrena, ao passo que é para seu progresso espiritual que a promessa aponta. Se Tomé tivesse compreendido, como poderia ter sido capaz de compreender, que Cristo estava indo para o mundo invisível, o mundo dos espíritos, ao qual as coisas espirituais estão relacionadas, ele não teria dito: "Senhor, nós não sabemos… o caminho".

II. A esta queixa da sua ignorância, que incluía um desejo de ser ensinado, Cristo dá uma resposta completa, vv. 6,7. Tomé tinha perguntado tanto para onde Ele ia como também qual era o caminho, e Cristo responde estas duas perguntas, e explica o que tinha dito, que eles não teriam necessidade de nenhuma resposta, se tivessem compreendido corretamente, pois eles o conheciam, e Ele era o caminho. Eles conheciam o Pai, e chegar à presença dele era o maior objetivo. "Portanto, 'vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho'. Crede em Deus como o destino da caminhada, e em mim, como o caminho (v. 1), e fazei tudo o que deveis fazer".

1. Ele fala de si mesmo como sendo o caminho, v. 6. "Vocês não sabem o caminho? 'Eu sou o caminho', e Eu somente, pois 'ninguém vem ao Pai senão por mim'". Grandes coisas Cristo diz aqui a seu respeito, mostrando-nos:

(1) A natureza da sua mediação: Ele é "o caminho, e a verdade, e a vida".

Em primeiro lugar, consideremos estas coisas distintamente. 1. Cristo é o "caminho", o caminho predito, Isaías 35.8. Cristo foi seu próprio caminho, pois pelo seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário (Hb 9.12), e Ele é nosso caminho, pois nós entramos por seu intermédio. Com sua doutrina e seu exemplo, Ele nos ensina nosso dever, com seu mérito e sua intercessão, Ele busca nossa felicidade, e, desta maneira, Ele é o caminho. Nele, Deus e homem se encontram e se reúnem. Nós não conseguimos chegar à árvore da vida pelo caminho da inocência, mas Cristo é outro caminho para se chegar até ela. Por intermédio de Cristo, sendo o caminho, um relacionamento se estabelece e se mantém entre o céu e a terra. Os anjos de Deus sobem e descem. Nossas orações vão até Deus, e suas bênçãos vêm até nós, por intermédio de Cristo. Este é o caminho que leva ao descanso, o bom e antigo caminho. Os discípulos o seguiam, e Cristo lhes diz que eles seguiam o caminho e, enquanto continuassem seguindo-o, nunca sairiam do caminho. 2. Ele é "a verdade". (1) Assim como a verdade se opõe a figuras e sombras. Cristo é a essência de todos os tipos do Antigo Testamento, que, portanto, são considerados figuras do verdadeiro, Hebreus 9.24. Cristo é o verdadeiro maná (cap. 6.32), o verdadeiro Tabernáculo, Hebreus 8.2. (2) Assim como a verdade se opõe à falsidade e ao erro. A doutrina de Cristo é uma doutrina verdadeira. Quando procuramos a verdade, nós não precisamos aprender nada além da verdade que existe em Jesus. (3) Assim como a verdade se opõe à falácia e à fraude. Ele é verdadeiro a todos os que

confiam nele, tão verdadeiro como a verdade propriamente dita, 2 Coríntios 1.20. 3. Ele é “a vida”, pois nós estamos vivos para Deus, e em Cristo Jesus, Romanos 6.11. O Cristo formado em nós é, para nossas almas, aquilo que nossas almas são para nossos corpos. Cristo é “a ressurreição e a vida”.

Em segundo lugar, consideremos estas coisas conjuntamente, e referindo-se umas às outras. Cristo é “o caminho, e a verdade, e a vida”, isto é: 1. Ele é o princípio, o meio e o fim. Nele nós devemos iniciar, prosseguir e terminar. Como a verdade, Ele é o guia do nosso caminho. Como a vida, Ele é o fim dele. 2. Ele é o caminho vivo e verdadeiro (Hb 10.20). Existe verdade e existe vida no caminho, assim como no seu final. 3. Ele é o verdadeiro caminho para a vida, o único caminho verdadeiro. Outros caminhos podem parecer corretos, mas o fim deles é o caminho da morte.

(2) A necessidade da sua mediação: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”. O homem caído deve ir até Deus como a um Juiz, mas não pode ir até Ele como a um Pai, senão por intermédio de Cristo, como Mediador. Nós não podemos cumprir o dever de ir até Deus, pelo arrependimento e pelos atos de adoração, sem o Espírito e a graça de Cristo, nem obter a felicidade de ir até Deus, como nosso Pai, sem seu mérito e sua justiça. Ele é “sumo sacerdote da nossa confissão”, nosso advogado.

2. Ele fala de seu Pai como o fim (v. 7): “‘Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai’, e, daqui por diante, pela glória que vistes em mim, e pela doutrina que ouvistes de mim, ‘já desde agora o conheceis e o tendes visto’”. Aqui temos: (1) Uma tácita repreensão aos discípulos, pela tolice e pela desatenção que estavam demonstrando, não se familiarizando com Jesus Cristo, embora tivessem sido seus constantes seguidores e colaboradores: “Se vós me conhecêsseis a mim”. Eles o conheciam, e ainda assim não o conheciam tão bem como poderiam e como deveriam tê-lo conhecido. Eles sabiam que Ele era o Cristo, mas não prosseguiram para conhecer a Deus através dele. Cristo tinha dito aos judeus (cap. 8.19): “Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai”. E aqui a mesma coisa Ele diz aos seus discípulos. Pois é difícil dizer o que é mais estranho, se a deliberada ignorância daqueles que são inimigos da luz, ou se os defeitos e enganos dos filhos da luz, que tiveram tais oportunidades de conhecimento. Se eles tivessem conhecido adequadamente a Cristo, teriam sabido que seu reino é espiritual, e não é deste mundo, que Ele desceu do céu, e, portanto, deveria retornar ao céu. E então eles teriam também

conhecido ao seu Pai, teriam sabido para onde Ele deveria ir, quando disse: "Vou para o Pai", para uma glória no outro mundo, e não neste. Se conhecêssemos melhor o cristianismo, nós conheceríamos melhor a religião natural. (2) Uma indicação favorável de que Ele estava muito satisfeito a respeito da sinceridade deles, apesar da fraqueza do seu entendimento: "'E já desde agora', depois que lhes dei esta pista, que lhes servirá como chave para todas as instruções que Eu lhes dei até aqui, deixem-me dizer a vocês, 'o conheceis e o tendes visto', tanto quanto me conhecem e me têm visto". Pois no rosto de Cristo nós vemos a glória de Deus, assim como vemos um pai no seu filho, pelo fato do filho se parecer com seu pai. Cristo diz aos seus discípulos que eles não eram tão ignorantes quanto pareciam ser, pois, embora fossem criancinhas, ainda assim conheciam o Pai, 1 João 2.13. Observe que muitos dos discípulos de Cristo têm mais conhecimento e mais graça do que pensam ter, e Cristo percebe isto, e fica satisfeito com este bem que eles possuem e que não se dão conta de possuí-lo, pois aqueles que conhecem a Deus não sabem, imediatamente, que o conhecem, 1 João 2.3.

III Filipe perguntou sobre o Pai (v. 8), e Cristo lhe respondeu, vv. 9-11. Observe:

1. O pedido de Filipe por alguma revelação extraordinária do Pai. Ele não era tão disposto a falar como outros, entre eles, eram, e ainda assim, com um fervoroso desejo de mais luz, ele clama: "Mostra-nos o Pai". Filipe ouviu tudo o que Cristo disse a Tomé, e se deteve nas últimas palavras: "O tendes visto". "Não", diz Filipe, "isto é o que nós queremos, é o que desejamos: 'Mostra-nos o Pai, o que nos basta'". (1) Isto pressupõe um fervoroso desejo de conhecer a Deus como Pai. O pedido é: "'Mostra-nos o Pai'. Deixe-nos conhecê-lo neste relacionamento". E isto ele implora, não somente para si mesmo, mas para o resto dos discípulos. A alegação é: "Nos basta". Ele não somente professa isto por si mesmo, mas fala também pelos seus co-discípulos. Conceda-nos somente uma visão do Pai, e teremos o suficiente. Jansênio diz: "Embora Filipe não quisesse dizer isto, ainda assim o Espírito Santo, pela sua boca, desejava aqui nos ensinar que a satisfação e a felicidade de uma alma consiste em ver a Deus, e desfrutar sua gloriosa presença", Salmos 16.11; 17.15. No conhecimento de Deus, baseia-se todo o entendimento, e ele está no topo do nosso anelo. No conhecimento de Deus, como nosso Pai, a alma se satisfaz. Uma visão do

Pai é um céu sobre a terra, e nos enche de uma alegria indescritível. (2) A maneira como Filipe fala aqui indica que ele não estava satisfeito com esta revelação do Pai que Cristo julgava adequado fazer-lhes. Ele deseja argumentar com o Senhor, e pressioná-lo, pedindo algo além, e nada menos que alguma aparição visível da glória de Deus, como aquela que fora dada a Moisés (Êx 33.22), e aos anciãos de Israel, Êxodo 24.9-11. “Deixa-nos ver o Pai com nossos olhos físicos, como vemos a ti, e isto nos basta. Nós não te perturbaremos com mais perguntas do tipo: Para onde vais?” Isto manifesta não somente a debilidade da sua fé, mas sua ignorância sobre a maneira como o Evangelho manifesta o Pai, que é espiritual e imperceptível. Uma visão de Deus como esta, pensa Filipe, lhes bastaria, e ainda assim, àqueles que o viram desta maneira não bastou, mas eles logo se corromperam e fizeram uma imagem de escultura. As instituições de Cristo proveram melhor para a confirmação da nossa fé do que nossas próprias invenções poderiam fazê-lo.

2. A resposta de Cristo, lembrando-o das revelações já feitas sobre o Pai, vv. 9-11.

(1) O Senhor o lembra do que ele tinha visto, v. 9. Ele o censura pela sua ignorância e desatenção: “‘Estou há tanto tempo convosco’, mais de três anos relacionando-me intimamente convosco, ‘e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?’ Tu desejas pedir aquilo que já tens?” Aqui:

[1] O Senhor o censura por dois motivos. Em primeiro lugar, por não aprimorar seu conhecimento de Cristo, como poderia ter feito, a um conhecimento claro e distinto dele: “Você não me conhece, Filipe, a mim, a quem você seguiu por tanto tempo, e com quem conviveu tanto?” Filipe, no primeiro dia em que veio a Cristo, declarou que sabia que Ele era o Messias (cap. 1.45), e até esta ocasião não sabia que o Pai estava nele. Muitos que têm bom conhecimento das Escrituras e das coisas divinas não conseguem realizar o que se espera deles, por não combinar as idéias que têm e prosseguir rumo à perfeição. Muitos conhecem a Cristo, e ainda assim não sabem dele o que poderiam saber, nem vêem nele o que deveriam ver. O que agravava a tolice de Filipe era o fato de que ele tinha tido uma oportunidade de aprimoramento durante muito tempo: “Estou há tanto tempo convosco”. Observe que quanto maior o tempo em que desfrutarmos dos meios do conhecimento e da graça, mais imperdoáveis seremos, se

estivermos imperfeitos em termos de graça e conhecimento. Cristo espera que nossa proficiência seja, de alguma maneira, correspondente à nossa condição, para que não sejamos sempre crianças. Vamos refletir sobre isto: “Eu tenho sido um ouvinte de sermões, um estudioso das Escrituras, um aluno da escola de Cristo, por tanto tempo, e ainda assim estou tão fraco no conhecimento de Cristo, e tão inexperiente na palavra da justiça?” Em segundo lugar, Ele o censura pela sua fraqueza no pedido que faz: “Mostra-nos o Pai”. Observe que aqui fica evidente uma grande fraqueza dos discípulos de Cristo, que eles não sabiam o que deviam pedir nas orações, como lhes convinha (Rm 8.26), e freqüentemente pediam mal (Tg 4.3), aquilo que não era prometido ou que já tinha sido concedido no sentido de promessa, como aqui.

[2] O Senhor o instrui, e lhe dá uma máxima, que não somente enaltece ao próprio Senhor Jesus Cristo, de maneira geral, e nos conduz ao conhecimento de Deus nele, mas justifica aquilo que o Senhor já tinha dito (v. 7): Vós “o conheceis e o tendes visto”, e responde ao que Filipe tinha lhe pedido: “Mostra-nos o Pai”. “Ora”, diz Cristo, “o problema logo estará resolvido, pois quem me vê a mim vê o Pai”. Em primeiro lugar, todos os que viam a Cristo na carne podiam ter visto o Pai nele, se Satanás não tivesse cegado seus entendimentos, e não os tivesse mantido afastados de uma visão de Cristo como imagem de Deus, 2 Coríntios 4.4. Em segundo lugar, todos os que viam a Cristo, pela fé, viam nele o Pai, embora não percebessem imediatamente que isto acontecia. À luz da doutrina de Cristo, eles viam a Deus como o “Pai das luzes”. Nos milagres, eles viam a Deus como o Deus de poder, o dedo de Deus. A santidade de Deus resplandecia na imaculada pureza da vida de Cristo, e sua graça, em todos os atos de graça que Ele realizou.

(2) O Senhor o lembra daquilo em que ele tinha motivos para crer (vv. 10,11): “‘Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim”, e que, portanto, ao ver-me a mim, tu vês o Pai? Tu não crês nisto? Se não crês, aceita minha palavra e creia agora”.

[1] Veja aqui em que devemos crer: “Que eu estou no Pai e que o Pai está em mim”, isto é, como Ele tinha dito (cap. 10.30), “Eu e o Pai somos um”. Ele fala do Pai e de si mesmo como duas pessoas, e ainda assim são “um só”, como jamais quaisquer duas outras pessoas poderão ser. Ao conhecer a Cristo como Deus de Deus, luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus,

gerado, não feito, e sendo de uma substância com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas, nós conhecemos o Pai. E ao vê-lo desta maneira, nós vemos o Pai. Em Cristo, nós contemplamos mais da glória de Deus do que Moisés contemplou no monte Horebe.

[2] Veja aqui que motivos nós temos para crer nisto, e são dois. Nós devemos crer nisto, em primeiro lugar, pela sua palavra: “As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo”. Veja cap. 7.16: “A minha doutrina não é minha”. O que Ele dizia lhes parecia negligente como a palavra do homem, como se falasse seu próprio pensamento, de acordo com sua vontade. Mas, na realidade, era a sabedoria de Deus que compunha tais palavras, e a vontade de Deus que as impunha. Ele não falava somente de si mesmo, mas da mente de Deus, de acordo com os conselhos eternos. Em segundo lugar, pelas suas obras: “O Pai, que está em mim, é quem faz as obras”, e, portanto, creiam em mim por causa delas. Observe: 1. Está escrito que o Pai está nele, *ho en emoi menon – Ele habita em mim*, pela união inseparável da natureza divina e humana. Deus nunca teve um templo como este para habitar na terra, como o corpo do Senhor Jesus, cap. 2.21. Aqui estava a verdadeira *Shekinah*, da qual aquela que estava no Tabernáculo era apenas um tipo. “Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”, Colossenses 2.9. O Pai habita tanto em Cristo, que nele pode ser encontrado, como um homem pode ser encontrado onde mora. Buscai ao Senhor, buscai-o em Cristo, e o encontrarão, pois nele Ele habita. 2. Ele “é quem faz as obras”. O Senhor Jesus Cristo proferiu muitas palavras poderosas, e realizou muitas obras de misericórdia, e o Pai as realizou através dele. E a obra de redenção, de maneira geral, é a própria obra de Deus. 3. Nós devemos crer nisto “por causa das mesmas obras”. Assim como nós devemos crer na existência e nas perfeições de Deus, por causa das obras da criação, que declaram sua glória, também devemos crer na revelação de Deus ao homem em Jesus Cristo, por causa das obras do Redentor, aquelas poderosas obras que, exibidas (Mt 14.2), o exibem, e nele, a Deus. Observe que os milagres de Cristo são provas da sua missão divina, não somente para a condenação dos infiéis, mas para a confirmação da fé dos seus próprios discípulos, cap. 2.11; 5.36; 10.37.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 12-14

Os discípulos, da mesma maneira como estavam cheios de tristeza por terem que separar-se do seu Mestre, também estavam cheios de preocupação com o que aconteceria com eles quando Ele tivesse partido. Enquanto Ele estava com eles, Ele lhes dava suporte, mantinha-os encorajados, mantinha-os estimulados. Mas, se Ele os deixasse, eles seriam como "como ovelhas que não têm pastor", uma presa fácil para aqueles que procuram capturá-las. Agora, para silenciar estes temores, aqui Cristo lhes assegura que eles serão revestidos com poderes suficientes para suportá-los. Assim como Cristo tem todo o poder, eles, em seu nome, terão grande poder, tanto no céu quanto na terra.

I Grande poder na terra (v. 12): "Aquele que crê em mim", como Eu sei que vocês crêem, "também fará as obras que eu faço". Isto não enfraquece o argumento que Cristo tinha extraído das suas palavras, para provar que era um só com o Pai (o fato de que outras pessoas poderiam realizar obras tão grandes quanto estas), mas, ao contrário, o fortalece, pois os milagres que os apóstolos realizaram foram realizados no seu nome, e pela fé nele. E o fato de que Ele não somente realizava milagres pessoalmente, mas dava poderes a outras pessoas para que realizassem também, enaltece seu poder acima de qualquer outra coisa.

1. Ele lhes assegura duas coisas:

(1) Que eles seriam capacitados para fazer obras como as que Ele tinha feito, e que eles teriam um poder mais amplo para realizá-las do que tinham tido quando Ele os enviou pela primeira vez, Mateus 10.8. Cristo curou os doentes, purificou os leprosos, ressuscitou os mortos? Eles também fariam isto. Ele convenceu e converteu pecadores, e atraiu multidões para junto de si? Eles também fariam isto. Embora Ele fosse partir, a obra não seria interrompida, nem seria destruída, mas teria continuidade, de forma tão vigorosa e bem-sucedida como sempre. E ainda é assim.

(2) Que eles fariam obras "maiores do que estas". [1] No reino da natureza, eles realizariam milagres maiores. Nenhum milagre é pequeno, mas algumas das nossas apreensões parecem maiores do que outras. Cristo tinha curado com a orla da sua veste, mas Pedro curaria com sua sombra (At 5.15), e Paulo, com os lenços que o tinham tocado, Atos 19.12. Cristo

realizou milagres durante dois ou três anos, em uma região, mas seus seguidores iriam realizar milagres, no seu nome, por muitos séculos, em diversos países. “Vocês realizarão obras maiores, se houver oportunidade, para a glória de Deus”. A oração de fé, se em alguma vez fosse necessária, teria movido montanhas. [2] No reino da graça. Eles obteriam vitórias maiores pelo Evangelho do que as que tinham sido obtidas enquanto Cristo estava na terra. A verdade é que a atração de uma parte tão grande do mundo a Cristo, sob tais desvantagens externas, era o maior milagre de todos. Eu penso que isto se refere especialmente ao dom de línguas. Este foi o resultado imediato do derramamento do Espírito, que foi um milagre constante sobre a mente e o espírito, em que as palavras são formadas, e que foi feito para servir a uma intenção tão gloriosa como a de transmitir o Evangelho a todas as nações, nas suas próprias línguas. Este foi um sinal maior para aqueles que não criam (1 Co 14.22), e mais poderoso, para sua convicção, do que qualquer outro milagre.

2. A razão que Cristo apresenta para isto é: “Porque eu vou para meu Pai”. (1) “Porque eu vou, será necessário que vocês tenham um poder como este, para que a obra não fique prejudicada devido à minha ausência”. (2) “Porque eu vou para meu Pai, eu terei a capacidade de dotá-los com este poder, pois eu vou para o Pai, para enviar o Consolador, de quem vocês irão receber o poder”, Atos 1.8. As obras maravilhosas que eles realizaram no nome de Cristo eram parte das glórias do seu estado exaltado, quando Ele subiu ao alto, Efésios 4.8.

II Grande poder no céu: “Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei” (vv. 13,14), como Israel, que era um príncipe com Deus. “Vocês poderão realizar obras tão poderosas, porque vocês têm este interesse em mim, e Eu, no meu Pai”. Observe:

1. De que maneira eles deveriam manter a comunhão com Ele, e obter o poder dele, depois que Ele tivesse ido para o Pai – por meio da oração. Quando amigos queridos estão prestes a se afastar uns dos outros, eles cuidam do estabelecimento de uma correspondência. Desta maneira, quando Cristo estava indo para seu Pai, Ele diz aos seus discípulos como eles poderiam escrever para Ele em qualquer ocasião, e enviar suas epístolas por um modo de transmissão seguro e imediato, sem risco de extraviar-se ou perder-se pelo caminho: “Mandem-me notícias suas pela

oração, a oração da fé, e vocês terão notícias minhas pelo Espírito". Esta era a maneira antiga de relacionamento com o Céu, desde que o homem "começou a invocar o nome do Senhor", mas Cristo, pela sua morte, a abriu mais, e ela ainda está aberta para nós. Aqui temos: (1) A humildade recomendada: "Pedirdes". Embora eles tivessem abandonado tudo por amor a Cristo, eles não podiam exigir nada dele, como dívida, mas deveriam ser humildes suplicantes, como aqueles que imploram para não passar fome, ou como aqueles que imploram para não perecer. (2) A liberdade concedida: "'Pedirdes alguma coisa', alguma coisa que é boa e adequada para vós. Alguma coisa, desde que saibais o que pedir, podeis pedir. Podeis pedir ajuda para vosso trabalho, uma boca e sabedoria, proteção das mãos dos vossos inimigos, poder de realizar milagres, quando houver oportunidade, o sucesso do ministério na conversão das almas, pedir para serdes informados, orientados, justificados". As ocasiões variam, mas os pedidos serão bem-vindos ao trono da graça em qualquer ocasião.

2. Em nome de quem eles deviam apresentar seus pedidos: "Em meu nome". Pedir em nome de Cristo é: (1) Suplicar seu mérito e sua intercessão, e confiar nesta súplica. Os santos do Antigo Testamento tinham isto em mente quando oravam "por amor do Senhor" (Dn 9.17), e pelo Ungido (Sl 84.9), mas a mediação de Cristo veio sob uma luz mais clara pelo Evangelho, e, desta maneira, nós somos habilitados a pedir, mais expressamente, no seu nome. Quando Cristo proferiu a oração do Senhor, este tema não foi inserido, porque eles não compreendiam este assunto, naquela época, tão completamente como compreenderam posteriormente, quando o Espírito foi derramado. Se pedirmos no nosso próprio nome, nós não podemos esperar ser bem-sucedidos, pois, sendo estranhos, não temos nome no céu. Sendo pecadores, temos uma má reputação ali. Mas o nome de Cristo é um bom nome, ele é um nome honrado, conhecido no céu e muito precioso. (2) Desejar sua glória, e procurar alcançá-la como nosso objetivo mais elevado em todas as nossas orações.

3. O sucesso que eles teriam nas suas orações: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei", v. 13. E outra vez (v. 14): "'Eu o farei'. Podem ter certeza de que o farei. Não somente será feito, Eu cuidarei para que seja feito, ou darei ordens para que seja feito, mas Eu o farei". Pois Ele não somente tem o interesse de um intercessor, mas o poder de um príncipe soberano, que está à direita de Deus, do lado da ação, e faz tudo no reino de

Deus. Pela fé no seu nome, nós podemos ter o que quisermos, pedindo.

4. Por qual motivo suas orações seriam tão bem-sucedidas: “Para que o Pai seja glorificado no Filho”. Isto é: (1) Isto é o que eles deviam desejar, e ter em mente, ao pedir. Nisto, todos os nossos desejos e orações devem se encontrar, como seu centro. A isto, todos devem dirigir-se, para que Deus, em Cristo, possa ser honrado pelos nossos serviços, e na nossa salvação. “Santificado seja o teu nome” é uma oração já atendida, e esta expressão é colocada em primeiro lugar, porque, se o coração for sincero nisto, ela consagra, de certa forma, todas as outras petições. (2) Este é o objetivo de Cristo ao conceder suas bênçãos, e por isto Ele fará o que eles pedirem, para que, desta maneira, a glória do Pai no Filho possa se manifestar. A sabedoria, o poder e a bondade de Deus eram enaltecidos no Redentor quando, por um poder derivado dele, e exercido no seu nome e pelo seu serviço, seus apóstolos e ministros foram capacitados a fazer coisas tão grandes, tanto nas provas da sua doutrina quanto nos sucessos dela.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 15-17

Cristo não apenas lhes propõe estas coisas como sendo a questão do seu consolo, mas aqui Ele lhes promete enviar o Espírito, cuja função seria a de ser seu Consolador, para gravar neles estas coisas.

I Ele estabelece como premissa a isto a lembrança de um dever (v. 15): “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos”. Guardar os mandamentos de Cristo é aqui colocado como a prática da bondade em geral, e como o desempenho fiel e diligente do seu trabalho como apóstolos, em particular. Observe: 1. Quando Cristo os está consolando, Ele lhes pede que guardem seus mandamentos, pois não devemos esperar consolo, exceto no caminho do dever. A mesma palavra (*parakaleo*) significa tanto exortar quanto consolar. 2. No momento em que eles estavam preocupados quanto ao que deveriam fazer e o que aconteceria com eles, agora que seu Mestre os estava deixando, Ele lhes pede que guardem seus mandamentos, e então nada de errado acontecerá com eles. Em tempos difíceis, nossa preocupação com os eventos do dia deve ser

sobrepujada pela preocupação com os deveres do dia. 3. No momento em que eles estavam mostrando seu amor por Ele, pela tristeza que sentiam ao pensar na sua partida, e pela tristeza que encheu seus corações devido a esta perspectiva, Ele lhes diz que, se desejavam mostrar seu amor por Ele, fizessem isto, não pelas paixões fracas e humanas, mas pela sua preocupação consciente em realizar o que lhes havia sido confiado, e por uma obediência universal aos seus mandamentos. Isto é melhor do que o sacrifício, é melhor do que as lágrimas. “Amas-me? Apascenta as minhas ovelhas”. 4. Depois de ter-lhes dado as preciosas promessas da resposta às suas orações e da vinda do Consolador, Ele estipula, como uma limitação às promessas, isto: “Desde que vocês guardem meus mandamentos, por um princípio de amor por mim”. Cristo não será advogado de ninguém, a não ser daqueles que desejarem ser governados e orientados por Ele como seu Conselheiro. Sigam a conduta do Espírito, e terão o consolo do Espírito.

II Ele lhes promete esta grande e indescritível bênção, vv. 16,17.

1. Está prometido que eles terão outro consolador. Esta é a grande promessa do Novo Testamento (At 1.4), assim como a promessa do Messias foi a grande promessa do Antigo Testamento. Uma promessa adaptada à atual angústia dos discípulos, que estavam tristes e precisavam de um consolador. Observe aqui:

(1) A bênção prometida: *allon parakleton*. Esta expressão é usada somente aqui nestes sermões de Cristo, e em 1 João 2.1, onde é traduzida como Advogado. A versão de Rheims e o Dr. Hammond são favoráveis à preservação da palavra grega *Paracleto*. Nós lemos, em Atos 9.31, sobre a *paraklesis tou hagiou pneumatos*, a *consolação do Espírito Santo*, incluindo todas as suas funções como um advogado. [1] Vocês terão outro advogado. A função do Espírito era a de ser um advogado da parte de Cristo para eles e para outros, defendendo sua causa e cuidando dos seus interesses na terra, ser *vicarius Christi – o Vigário de Cristo*, como um dos antigos o chama, e ser o advogado deles frente aos seus opositores. Quando Cristo estava com eles, Ele falava por eles quando havia oportunidade. Mas agora que Ele os está deixando, eles não serão enfraquecidos, pois o Espírito do Pai falará neles, Mateus 10.19,20. E a causa não pode malograr aquilo que é defendido por um advogado como Ele. [2] Vocês terão outro mestre ou professor, outro exortador. Enquanto Cristo estava com eles, Ele os

instigava e exortava para seu dever. Mas agora que Ele está partindo, Ele deixa com eles alguém que irá fazer isto com a mesma eficiência, embora silenciosamente. Jansênio opina que a palavra mais adequada para a tradução é um "patrono", alguém que irá, ao mesmo tempo, instruir e proteger. [3] "Outro consolador". Cristo era esperado como a consolação de Israel. Um dos nomes do Messias, entre os judeus, era *Menahem – o Consolador*. Os Targuns chamam os dias do Messias de anos de consolação. Cristo consolava seus discípulos quando estava com eles, e agora que Ele os estava deixando em sua maior necessidade, Ele lhes promete outro Consolador.

(2) Quem dá esta bênção: o Pai dará o Consolador, "meu Pai" e "vosso Pai". Assim, o Senhor Jesus inclui, nesta expressão, tanto a si mesmo como a seus seguidores. O mesmo que deu o Filho para ser nosso Salvador dará seu Espírito para ser nosso consolador, prosseguindo com o mesmo desígnio. Está escrito que o Filho enviará o Consolador (cap. 15.26), mas o Pai é o agente principal.

(3) Como esta bênção é obtida – pela intercessão do Senhor Jesus: "Eu rogarei ao Pai". Ele disse (v. 14): "Eu o farei". Aqui Ele diz: "Eu rogarei", para mostrar não somente que Ele é, ao mesmo tempo, Deus e homem, mas que Ele é, ao mesmo tempo, rei e sacerdote. Como sacerdote, Ele é ordenado para fazer intercessão pelos homens. Como rei, Ele está autorizado, pelo Pai, para realizar julgamento. Quando Cristo diz: "Eu rogarei ao Pai", isto não pressupõe que o Pai não esteja disposto, ou deva ser importunado para fazer isto, mas somente que o dom do Espírito é um fruto da mediação de Cristo, comprado pelos seus méritos e obtido pela sua intercessão.

(4) A continuidade desta bênção: "Para que fique convosco para sempre". Isto é: [1] "Para que fique com vocês, enquanto vocês viverem. Vocês nunca sentirão a falta de um consolador, nem lamentarão sua partida, como estão agora lamentando a minha". Observe que o fato de que há consolações duradouras providenciadas para nós deve nos sustentar na perda daquelas consolações que estavam designadas para nós, durante algum tempo. Não era recomendado que Cristo estivesse com eles para sempre, pois aqueles que são designados para o serviço público não devem viver apenas uma vida de aprendizado, mas precisam trabalhar para o Senhor. Eles devem se dispersar, e por isto um consolador que estaria com

todos eles, em todos os lugares, igualmente, por mais dispersos que fossem e por mais aflitos que estivessem, era o único adequado para estar com eles para sempre. [2] “Com seus sucessores, quando vocês tiverem partido, até o final dos tempos. Seus sucessores no cristianismo, no ministério”. [3] Se entendermos “para sempre” na sua duração máxima, a promessa será cumprida naquelas consolações de Deus que serão a alegria eterna de todos os santos, nos prazeres eternos.

2. Este consolador é o “Espírito da verdade”, que vós conheceis, vv. 16,17. Eles poderiam pensar que era impossível ter um consolador equivalente àquele que é o Filho de Deus. “Sim”, diz Cristo, “vocês terão o Espírito de Deus, que é igual, em poder e glória, ao Filho”.

(1) O consolador prometido é o Espírito, alguém que faria seu trabalho de uma maneira espiritual, internamente e de modo invisível, trabalhando no espírito dos homens.

(2) Ele é “o Espírito da verdade”. Ele será fiel a vocês, e à sua missão por vocês, que Ele desempenhará completamente. Ele lhes ensinará a verdade, esclarecerá suas mentes com o conhecimento dela, fortalecerá e confirmará sua fé nela, e irá aumentar seu amor por ela. Os gentios, pelas suas idolatrias, e os judeus, pelas suas tradições, foram levados a graves erros e enganos. Porém, o Espírito da verdade não somente os conduzirá a toda a verdade, mas também conduzirá a outros, pelo seu ministério. Cristo é a verdade, e Ele é o Espírito de Cristo, o Espírito com o qual Ele foi ungido.

(3) Ele é aquele que “o mundo não pode receber”, mas “vós o conheceis, porque habita convosco”. [1] Os discípulos de Cristo são aqui distinguidos do mundo, pois eles são escolhidos e separados do mundo que está na iniqüidade. Eles são os filhos e herdeiros do outro mundo, não deste. [2] A desgraça daqueles que são inquestionavelmente devotados ao mundo consiste no fato de que não podem receber o Espírito da verdade. O espírito do mundo e o de Deus são descritos como diretamente contrários um ao outro (1 Co 2.12), pois onde o espírito do mundo tem influência, o Espírito de Deus é excluído. Mesmo os príncipes deste mundo, embora, sendo príncipes, tivessem as vantagens do conhecimento, ainda assim, sendo príncipes deste mundo, se empenhavam sob preconceitos indestrutíveis, de modo que não conheciam “as coisas do Espírito de Deus”, 1 Coríntios 2.8,14. [3] Os homens não podem receber o Espírito da verdade porque não o vêem, nem o conhecem. Os consolos do Espírito lhes parecem loucura,

assim como a cruz de Cristo, e as grandes coisas do Evangelho, como aquelas sobre a lei, são consideradas coisas estranhas. Estes são julgamentos muito além da sua compreensão. Fale aos filhos deste mundo sobre as operações do Espírito, e vocês serão como um bárbaro para eles. [4] O melhor conhecimento do Espírito da verdade é aquele que é obtido pela experiência: “Vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós”. Cristo tinha habitado com eles, e, pelo relacionamento que tinham com Ele, não podiam deixar de conhecer o Espírito da verdade. Eles mesmos tinham sido dotados de uma certa porção do Espírito. O que os capacitou a deixar tudo para seguir a Cristo, e a continuar com Ele nas suas tentações? O que os capacitou a pregar o Evangelho, e a realizar milagres, senão o Espírito que habitava neles? As experiências dos santos são as explicações das promessas. O que, para outros, é paradoxo, para eles é axioma. [5] Aqueles que têm um conhecimento experimental do Espírito têm uma garantia confortável da sua continuidade: Ele “habita convosco, e estará em vós”, pois o bendito Espírito não costuma mudar de residência. Aqueles que o conhecem, sabem como valorizá-lo, convidá-lo e acolhê-lo, e, portanto, Ele estará com eles, como a luz no ar, como a seiva na árvore, como a alma no corpo. Sua comunhão com Ele será íntima, e sua união com Ele será inseparável. [6] O dom do Espírito Santo é um dom peculiar, concedido aos discípulos de Cristo de uma maneira distinta – a eles, e não ao mundo. Para eles, é o maná escondido e a pedra branca (Ap 2.17). Nenhum consolo é comparável àquele que não se exibe, que não faz ruído. Este é o favor que Deus concede aos seus escolhidos. É a herança daqueles que temem seu nome.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 18-24

Quando amigos se separam, é comum fazerem um pedido um ao outro: “Mande notícias sempre que puder”. Cristo prometeu aos seus discípulos que, estando fora da sua vista, eles não estariam fora do seu pensamento.

I Ele promete que continuaria a cuidar deles (v. 18): “‘Não vos deixarei órfãos’, pois, embora Eu os deixe, Eu lhes deixo este consolo: ‘Voltarei

para vós’”. Sua separação deles era o que os entristecia muito. Mas não era tão ruim como eles pensavam, pois não era nem total nem final. 1. Não era total. “Embora Eu os deixe sem minha presença corpórea, Eu não os deixo sem consolo”. Embora filhos, e deixados ainda pequenos, eles tinham recebido a adoção de filhos, e seu Pai seria o Pai deles, com quem aqueles que, em outras circunstâncias seriam órfãos, encontram misericórdia. Observe que o caso dos crentes fiéis, embora, às vezes, possa ser pesaroso, nunca é sem consolação, porque eles nunca estão órfãos, pois Deus é seu Pai, e Ele é um Pai eterno. 2. Não era final: “Voltarei para vós”, *erchomai – Eu voltarei*, isto é: (1) “Eu virei rapidamente para vocês na minha ressurreição, Eu não ficarei longe por muito tempo, mas estarei com vocês novamente dentro de pouco tempo”. Ele freqüentemente dizia: “Depois de três dias, ressuscitarei”. (2) “Eu estarei diariamente com vocês por meio do meu Espírito”. Ele ainda vem a cada um de nós através dos sinais do seu amor, e das visitas da sua graça. (3) “Eu virei, certamente, no fim dos tempos. Com certeza, Eu virei rapidamente, para apresentá-los ao gozo do seu Senhor”. Observe que a consideração da vinda de Cristo a nós nos salva de estarmos sem consolação pelo seu afastamento de nós, pois, se Ele parte por algum tempo, é para que possamos recebê-lo para sempre. Que esta certeza modere nossa tristeza: “Perto está o Senhor”, Filipenses 4.5.

II Ele promete que eles continuarão a ter um relacionamento com Ele, e que estarão nele (vv. 19,20): “Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais”, isto é: Agora não mais estarei no mundo. Depois da sua morte, o mundo não o viu mais, pois, embora Ele ressuscitasse, Ele nunca se apresentou a todo o povo, Atos 10.41. O mundo maligno pensou que já tinham visto dele o suficiente, e gritavam: Fora com Ele. Crucifica-o. E esta será sua maldição. Eles não mais o verão. Somente aqueles que vêem a Cristo com os olhos da fé, é que o verão para sempre. O mundo não o verá mais até sua segunda vinda, mas seus discípulos têm comunhão com Ele, na sua ausência.

1. “Mas vós me vereis”, e continuareis a me ver, quando o mundo não mais me vir. Eles o viram com seus olhos corpóreos depois da sua ressurreição, pois Ele se manifestou a eles com muitas evidências infalíveis, Atos 1.8. E os discípulos ficaram felizes quando viram o Senhor. Eles o contemplaram com fé depois da sua ascensão, sentado à direita de Deus,

como Senhor de tudo e de todos. Viram nele o que o mundo não viu.

2. “Porque eu vivo, e vós vivereis”. Aquilo que os entristecia era o fato de que seu Mestre estava prestes a morrer, e eles não esperavam nada além de morrer com Ele. Não, diz Cristo: (1) “Eu vivo”. Nisto o grande Deus se glorifica, Eu vivo, diz o Senhor, e Cristo diz a mesma coisa. Não somente: Eu viverei, como Ele dizia a respeito deles, mas: Eu vivo, pois Ele tem vida em si mesmo, e vive para sempre. Nós não estamos sem consolo, pois sabemos que nosso Redentor vive. (2) Por essa razão, “vós vivereis”. Observe que a vida dos cristãos está ligada à vida de Cristo. Tão certo como Ele vive, e pelo tempo que Ele viver, aqueles que, pela fé, estão unidos a Ele, viverão também. Eles viverão espiritualmente, uma vida divina em comunhão com Deus. Esta vida está escondida em Cristo. Se a cabeça e a raiz vivem, os membros e os galhos também vivem. Eles viverão eternamente. Seus corpos irão ressuscitar em virtude da ressurreição de Cristo. Estará tudo bem com eles no mundo porvir. E esta também será a bênção de todos aqueles que são seus, Isaías 26.19.

3. Vocês terão a certeza disto (v. 20): “Naquele dia”, quando Eu for glorificado, quando o Espírito for derramado, “conhecereis”, com mais clareza e certeza do que agora, “que estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós”. (1) Estes gloriosos mistérios serão plenamente conhecidos no céu. “Naquele dia”, em que Eu os levarei para mim mesmo, vocês conhecerão perfeitamente o que agora vêem “por espelho em enigma”. Agora, “ainda não é manifesto o que havemos de ser”, mas naquele dia tudo será manifestado. (2) Eles foram mais plenamente conhecidos depois do derramamento do Espírito sobre os apóstolos. Naquele dia, a luz divina brilharia, e seus olhos veriam com mais clareza, seu conhecimento se aprofundaria e cresceria, ficaria mais abrangente e mais distinto. Seria como o homem cego, no segundo toque da mão de Cristo. No primeiro, ele viu somente homens como árvores que andavam, mas, no segundo, viu completamente. (3) Eles são conhecidos por todos os que recebem o Espírito da verdade, para sua abundante satisfação, pois no conhecimento disto se baseia sua comunhão com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Eles sabem: [1] Que Cristo está no Pai, é um só com o Pai, pela experiência daquilo que Ele operou por eles e neles. Eles descobrem a admirável harmonia e o notável consentimento que existem entre o cristianismo e a religiosidade natural. Eles serão enxertados na Videira Verdadeira, e assim

saberão que Cristo está no Pai. [2] Que Cristo está neles. Os cristãos experientes sabem, pelo Espírito, que Cristo habita neles, 1 João 3.24. [3] Que eles estão em Cristo, pois a relação é mútua, e igualmente próxima em ambos os lados, Cristo neles, e eles em Cristo, o que traduz uma união íntima e inseparável. Em virtude dela, é que, porque Ele vive, eles também viverão. Observe que, em primeiro lugar, a união com Cristo é a vida dos crentes, e sua relação com Ele, e com Deus, por meio dele, é sua felicidade. Em segundo lugar, o conhecimento desta união é sua alegria e satisfação indescritíveis. Agora eles estão em Cristo, e Ele, neles. Mas Ele diz que o fato de saberem disto, e terem este consolo, é um ato adicional da graça. Estar em Cristo e ter a consciência de estar em Cristo são, às vezes, duas coisas distintas.

III Ele promete que irá amá-los, e que se manifestará a eles, vv. 21-24. Observe aqui:

1. Quem são estes de quem Cristo irá cuidar, e aos quais irá aceitar, como seus amigos: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda”. Com isto, Cristo mostra que as coisas gentis que Ele disse aqui aos seus discípulos não se destinavam somente àqueles que eram, então, seus seguidores, mas a todos os que cressem nele por meio da sua palavra. Aqui temos: (1) O dever daqueles que reivindicam a dignidade de serem discípulos. Tendo os mandamentos de Cristo, nós devemos guardá-los. Como cristãos, em nome e profissão de fé, nós temos os mandamentos de Cristo, nós os temos soando em nossos ouvidos, escritos diante dos nossos olhos, nós temos conhecimento deles. Mas isto não é suficiente. Se realmente desejamos ser cristãos aprovados, nós devemos guardá-los. Tendo-os em nossas mentes, nós devemos guardá-los nos nossos corações e vidas. (2) A dignidade daqueles que realizam o dever de discípulos. Eles são considerados por Cristo como aqueles que o amam. Não aqueles que têm a maior inteligência e sabem como falar por Ele, mas aqueles que guardam seus mandamentos. Observe que a evidência mais certa do nosso amor por Cristo é a obediência às leis de Cristo. Tal é o amor de um súdito pelo seu soberano, um amor dócil, respeitoso, obediente, uma conformidade com sua vontade e uma satisfação com sua sabedoria.

2. A retribuição que Ele lhes fará, pelo seu amor. Ricas retribuições. O amor que é dedicado a Cristo jamais é perdido. (1) Eles terão o amor do

Pai: “Aquele que me ama será amado de meu Pai”. Nós não poderíamos amar a Deus, se antes Ele não tivesse, pela sua boa vontade para conosco, nos dado sua graça para amá-lo. Mas existe um amor complacente, prometido àqueles que realmente amam a Deus, Provérbios 8.17. Ele os ama, e os deixa saber que os ama, sorri para eles e os abraça. Deus ama tanto o Filho a ponto de amar a todos aqueles que o amam. (2) Eles terão o amor de Cristo: “E eu o amarei”, como Deus-homem, como Mediador. Deus irá amá-lo como um Pai, e Eu o amarei como um irmão, um irmão mais velho. O Criador irá amá-lo, e será a felicidade da sua existência. O Redentor irá amá-lo, e será o protetor do seu bem-estar. Na natureza de Deus, nada resplandece mais brilhantemente do que o fato de que Deus é amor. E no entendimento de Cristo, nada parece mais glorioso do que o fato de que Ele nos amou. Estes dois amores são a coroa e o consolo, a graça e a glória, que haverá para “todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade”. Cristo estava agora deixando seus discípulos, mas promete continuar com seu amor por eles, pois Ele não somente conserva uma bondade pelos crentes, embora ausente, mas está lhes fazendo o bem enquanto ausente, pois Ele os tem no seu coração, e sempre vive intercedendo por eles. (3) Eles terão o consolo deste amor: Eu “me manifestarei a ele”. Alguns entendem que isto se refira à manifestação de Cristo vivo aos seus discípulos depois da sua ressurreição. Mas, sendo prometido a todos os que o amam e guardam seus mandamentos, isto deve ser interpretado como se estendendo a eles também. Existe uma manifestação espiritual de Cristo e do seu amor feita a todos os crentes. Quando Ele esclarece seus entendimentos para que conheçam seu amor e suas dimensões (Ef 3.18,19), vivifica suas graças e os leva à prática, e, desta maneira, amplia suas consolações em si mesmo, quando Ele esclarece as evidências do fato deles estarem nele, e lhes dá sinais do seu amor, experiências da sua ternura, e anseios pelo seu reino e pela sua glória, então Ele se manifesta a eles. E Cristo só se manifesta àqueles a quem Ele decide se manifestar.

3. O que ocorreu depois de Cristo ter feito esta promessa:

(1) Um dos discípulos expressa seu espanto e sua surpresa, v. 22. Observe: [1] Quem disse isto – “Judas (não o Iscariotes)”. Judas, ou Judá, era um nome famoso. A mais famosa tribo de Israel foi a de Judá. Dois dos discípulos de Cristo tinham este nome: um deles era o traidor, e o outro era

o irmão de Tiago (Lc 6.16), um dos irmãos de Cristo, Mateus 13.55. Ele é chamado de Lebeu e Tadeu, foi o autor da última das epístolas, que na nossa tradução, por causa da distinção, nós chamamos de Epístola de Judas. Foi ele que falou aqui. Observe que, em primeiro lugar, havia um homem muito bom e um homem muito mau, ambos com o mesmo nome, pois os nomes não nos recomendam a Deus, nem fazem os homens piores. Judas, o apóstolo, nunca foi o pior, nem Judas, o apóstata, sempre o melhor, pelo fato de terem o mesmo nome. Mas, em segundo lugar, o evangelista faz cuidadosamente a distinção entre eles. Quando fala deste Judas piedoso, ele acrescenta: "não o Iscariotes". Não se enganem. Não confundamos o precioso com o vil. [2] O que ele disse – "Senhor, de onde vem...?", o que evidencia, ou, em primeiro lugar, a debilidade do seu entendimento. Assim alguns interpretam esta frase. Ele esperava o reino temporal do Messias, esperava que ele aparecesse em pompa e poder externos, de modo que todo o mundo se assombrasse. "Como, então", pensa ele, "pode ser isto limitado a nós?" *Ti gegonen* – "*Qual é o problema,* que faz com que o Senhor não queira se manifestar abertamente como se espera, para que os gentios possam vir à sua luz, e os reis para o resplandecer da sua manifestação?" Observe que nós criamos dificuldades para nós mesmos, confundindo a natureza do reino de Cristo, como se ele fosse deste mundo. Ou, em segundo lugar, como expressando a força do seu afeto, e o sentimento humilde e agradecido que ele tinha com os favores diferenciados de Cristo a eles: Senhor, como é isto? Ele está maravilhado com a condescendência da graça divina, como Davi, 2 Samuel 7.18. O que há em nós para merecermos tão grande favor? Observe que: 1. A manifestação de Cristo aos seus discípulos é feita de uma maneira diferenciada, para eles, e não para o mundo que está nas trevas; para os humildes, e não para os poderosos e nobres; para as criancinhas, e não para os sábios e prudentes. Os favores diferenciados são muito gentis. Consideram quem é deixado de lado, e quem é escolhido. 2. É simplesmente maravilhoso aos nossos olhos, pois é inexplicável, e deve ser atribuído à graça livre e soberana. "Sim, ó Pai, porque assim te aprouve".

(2) Cristo, respondendo a isto, explica e confirma o que tinha dito, vv. 23,24. Ele ignora qualquer debilidade que houvesse naquilo que Judas tinha dito, e prossegue com suas consolações.

[1] Ele explica ainda mais a condição da promessa, que era amá-lo e guardar seus mandamentos. E, quanto a isto, Ele mostra a inseparável conexão que existe entre amor e obediência. O amor é a raiz, a obediência é o fruto. Em primeiro lugar, onde houver um amor sincero a Cristo no coração, haverá obediência: “Se alguém me ama, este amor será um princípio tão imperioso para ele, que, sem dúvida, ele guardará minhas palavras”. Onde houver um verdadeiro amor por Cristo, haverá uma valorização do seu favor, uma veneração da sua autoridade e uma submissão completa de todo o homem à sua orientação e soberania. Onde houver amor, o dever seguirá naturalmente, será fácil e natural, e fluirá partindo de um princípio de gratidão. Em segundo lugar, por outro lado, onde não houver um verdadeiro amor por Cristo, não haverá preocupação em obedecer a Ele: “Quem não me ama não guarda as minhas palavras”, v. 24. Isto é inserido aqui como uma revelação daqueles que não amam a Cristo. Não importa o que finjam, certamente não o amam aqueles que não crêem nas suas verdades, e não obedecem às suas leis, para os quais as palavras de Cristo são apenas histórias sem propósito, às quais eles não prestam atenção, ou palavras duras, das quais eles não gostam. Também há uma razão pela qual Cristo não se manifestará ao mundo que não o ama, porque eles lhe fazem esta afronta de não guardar suas palavras. Por que Cristo deveria ser familiar àqueles que desejam ser estranhos a Ele?

[2] Ele explica melhor a promessa (v. 23): “Se alguém me ama, Eu me manifestarei a ele”. Em primeiro lugar: “Meu Pai o amará”. Ele já tinha dito isto antes (v. 21), e aqui repete, para a confirmação da nossa fé. Porque é difícil imaginar que o grande Deus tornasse objetos do seu amor àqueles que tinham se tornado vasos da sua ira. Judas perguntava se Cristo se manifestaria a eles, mas isto responde à sua dúvida: “Se meu Pai lhe ama, por que Eu não lhe amaria?” Em segundo lugar: “Viremos para ele e faremos nele morada”. Isto explica o significado da manifestação de Cristo a ele, e enaltece o favor. 1. Não somente: Eu virei, mas: Nós viremos, Eu e o Pai, pois somos um. Veja o versículo 9. A luz e o amor de Deus são transmitidos ao homem na luz e no amor do Redentor, de modo que onde quer que Cristo se forme, a imagem de Deus se estampará. 2. Não somente: “Eu me manifestarei a ele, à distância”, mas tais são as poderosas influências das graças e das consolações divinas sobre as almas daqueles que amam a Cristo com sinceridade, que: “Nós viremos para ele, para estar

perto dele, para estar com ele". 3. Não somente: "Eu lhe darei uma visão transitória de mim, ou lhe farei uma curta e rápida visita", mas: "Faremos nele morada", o que indica complacência com ele, e constância com ele. Deus não irá somente amar os crentes obedientes, mas irá se alegrar em amá-los, calar-se-á por seu amor por eles, Sofonias 3.17. Ele estará com eles, como na sua casa.

[3] Ele dá uma boa razão, tanto para nos levar a observar a condição quanto para nos incentivar a confiar na promessa. "A palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou", v. 24. Ele tinha falado freqüentemente sobre isto (cap. 7.16; 8.28; 12.44), e aqui isto surge de modo muito pertinente. Em primeiro lugar, a ênfase do dever é colocada sobre o preceito de Cristo como nossa regra, e com razão, pois a palavra de Cristo que nós devemos guardar é a palavra do Pai, e sua vontade é a vontade do Pai. Em segundo lugar, a ênfase da nossa consolação é colocada na promessa de Cristo. Tendo em vista que, confiando naquela promessa, nós devemos renunciar a nós mesmos, e tomar nossa cruz, e abandonar tudo, nos interessa investigar se a segurança será suficiente para que nisto arrisquemos tudo o que temos. E nos satisfaz o fato de que a promessa é uma Palavra de Cristo e do Pai que o enviou. E sempre podemos confiar na Palavra do Senhor.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 25-27

Aqui Cristo consola seus discípulos através de dois fatos:

I Que eles estariam sob a orientação do seu Espírito, vv. 25,26, onde podemos observar:

1. A reflexão que Cristo desejava que eles fizessem sobre as instruções que Ele lhes tinha dado: "Tenho-vos dito isso" (referindo-se a todas as boas lições que Ele lhes tinha ensinado, desde que eles tinham iniciado na sua escola), "estando convosco". Isto evidencia: (1) Que o que Ele tinha dito, agora Ele não retirava nem cancelava, mas ratificava, ou seja, Ele permanecia firme nisto. O que Ele tinha dito, estava dito, e Ele iria cumprir. (2) Que Ele tinha aproveitado, ao máximo, a oportunidade da sua presença

física com eles: “Enquanto Eu estive presente com estas palavras, vocês sabem que Eu não perdi tempo”. Observe que quando nossos professores estão prestes a se afastarem de nós, devemos nos lembrar do que eles nos disseram, quando ainda estavam conosco.

2. O incentivo dado aos discípulos para que esperassem outro mestre, e de que Cristo iria encontrar uma maneira de falar com eles depois que se afastasse deles, v. 26. Ele lhes tinha dito anteriormente que o Pai lhes daria este outro Consolador (v. 16), e aqui Ele volta a falar disto novamente. Pois assim como a promessa do Messias tinha sido a consolação de Israel, agora a promessa do Espírito também seria um grande consolo. Duas coisas o Senhor ainda lhes diz a respeito do envio do Espírito Santo:

(1) Em nome de quem Ele seria enviado: “O Pai enviará em ‘meu nome’, isto é, por minha causa, por meu pedido e minha solicitação especiais, ou, como meu agente e representante”. Ele veio no nome do seu Pai, como seu embaixador. o Espírito vem no seu nome, como residente na sua ausência física, para prosseguir com sua missão, e para preparar as coisas para sua segunda vinda. Aqui Ele é chamado de Espírito de Cristo, pois Ele defende sua causa e realiza sua obra.

(2) Com que missão Ele seria enviado: Ele fará duas coisas: [1] Ele “vos ensinará todas as coisas”. Como um Espírito de sabedoria e revelação, Cristo era um professor para seus discípulos. Se Ele os deixar, agora que eles têm tão pouca proficiência, o que acontecerá com eles? Ora, o Espírito os ensinará, será seu professor permanente. Ele lhes ensinará todas as coisas necessárias, para que eles mesmos aprendam, e para que ensinem a outros. Pois aqueles que desejam ensinar as coisas de Deus devem, antes, ser ensinados sobre Deus. Esta é a obra do Espírito. Veja Isaías 59.21. [2] Ele “vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. Cristo lhes tinha ensinado muitas lições boas, de que eles tinham se esquecido, e que seriam procuradas quando precisassem delas. Eles não guardavam a lembrança de muitas coisas porque não compreendiam corretamente seu significado. O Espírito não iria ensinar-lhes um novo Evangelho, mas fazê-los lembrar-se daquilo que já lhes tinha sido ensinado, levando-os ao entendimento destas coisas. Todos os apóstolos deviam pregar, e alguns deles, escrever, as coisas que Jesus fazia e ensinava, para transmiti-las a nações distantes e a gerações futuras. Se eles tivessem sido deixados à sua própria sorte a partir de então, algumas coisas necessárias poderiam ter sido esquecidas, outras, mal

interpretadas, por causa da traição da sua lembrança. Por isto o Espírito é prometido, para capacitá-los verdadeiramente a encontrar a ligação e registrar o que Cristo lhes tinha dito. E o Espírito da graça é dado a todos os santos, para lhes lembrar todas as coisas, e nós, pela fé e pela oração, devemos nos comprometer com Ele a guardar aquilo que ouvimos e conhecemos.

II Que eles estariam sob a influência da sua paz (v. 27): “Deixo-vos a paz”.

Quando Cristo estava prestes a deixar o mundo, Ele fez seu testamento. Sua alma, Ele entregava ao seu Pai; seu corpo, Ele deixou a José de Arimatéia, para que fosse sepultado decentemente; suas roupas ficaram para os soldados; sua mãe, Ele deixou aos cuidados de João. Mas o que Ele deixaria aos seus pobres discípulos, que tinham deixado tudo por Ele? Ele não tinha ouro nem prata, mas lhes deixou algo que era infinitamente melhor, sua paz. “Eu os deixo, mas deixo minha paz com vocês. Eu não somente lhes dou o direito a ela, mas lhes dou a posse dela”. Ele não partiu com ira, mas com amor, pois esta foi sua despedida: “Deixo-vos a paz”, como um pai amortecido deixa porções da herança aos seus filhos, e esta é uma parte valiosa. Observe:

1. O legado que aqui é deixado como herança: “a paz, a minha paz”. A paz representa todo o bem, e Cristo nos deixou todo o bem necessário, tudo o que é realmente e verdadeiramente bom, como todo o bem comprado e prometido. A paz representa a reconciliação e o amor. A paz deixada como herança é a paz com Deus, a paz entre uns e outros. Nossa paz interior parece ser o objetivo especial, uma tranqüilidade de espírito originada de um sentimento da nossa justificação perante Deus. É a contrapartida dos nossos perdões, e a tranqüilidade dos nossos espíritos. É isto que Cristo chama de sua paz, pois Ele mesmo é nossa paz, Efésios 2.14. É a paz que Ele comprou para nós e pregou a nós, e com a qual os anjos saudaram os homens no seu nascimento, Lucas 2.14.

2. A quem é deixada esta herança: “A vocês, meus discípulos e seguidores, que serão expostos a tribulações e terão necessidade de paz. A vocês, que são os filhos da paz e estão qualificados para recebê-la”. Este legado era deixado a eles, como representantes da igreja, a eles e aos seus sucessores, a eles e a todos os cristãos fiéis, em todas as épocas.

3. De que maneira ela é deixada: “Não vo-la dou como o mundo a dá”. Isto é: (1) “Eu não estou saudando vocês, dizendo: Paz seja convosco. Não, isto não é uma mera formalidade, mas uma bênção verdadeira”. (2) “A paz que Eu dou é de tal natureza, que os sorrisos do mundo não podem dá-la, nem as censuras do mundo, removê-la”. Ou: (3) “Os presentes que Eu lhes dou não são como os que o mundo dá aos seus filhos e adeptos, aos quais o mundo finge ser gentil”. Os presentes do mundo se referem somente ao corpo e ao tempo. Os presentes de Deus enriquecem a alma para a eternidade. O mundo nos dá vaidades mentirosas e aquilo que irá nos enganar. Cristo nos dá bênçãos substanciais, que nunca falharão conosco. O mundo dá e toma. Cristo dá uma boa parte que nunca será tomada. (4) A paz que Cristo dá é infinitamente mais valiosa do que aquela que o mundo dá. A paz do mundo começa na ignorância, consiste de pecado e termina em incontáveis problemas. A paz de Cristo começa na graça, consiste de nenhum pecado, e termina, por fim, na paz duradoura. A diferença entre a paz de Cristo e a do mundo é como a diferença entre uma letargia mortal e um sono revigorante e reanimador.

4. O uso que eles deviam fazer dessa paz: “Não se turbe o vosso coração”, por qualquer mal, passado ou presente, “nem se atemorize”, por qualquer mal futuro. Observe que aqueles que se interessam no concerto da graça, e têm direito à paz que Cristo dá, não devem render-se a tristezas e temores esmagadores. Isto é apresentado aqui como a conclusão de todo o assunto. O Senhor tinha dito (v. 1): “Não se turbe o vosso coração”, e aqui Ele repete estas palavras, como algo para o que Ele tinha agora dado razões suficientes.

O Sermão Consolador de Cristo

vv. 28-31

Aqui Cristo dá aos seus discípulos outro motivo pelo qual seus corações não deviam se perturbar com sua partida, porque seu coração não estava perturbado. E aqui Ele lhes diz o que o capacitava a suportar a cruz e desprezar a afronta, para que eles pudessem olhar para Ele e ter paciência. Ele se consolava:

I Com o fato de que, embora estivesse partindo, Ele viria outra vez: "'Ouvistes o que eu vos disse', e agora digo outra vez, 'vou e venho para vós'". Observe que o que nós ouvimos da doutrina de Cristo, especialmente a respeito da sua segunda vinda, nós temos necessidade de ouvir repetidas vezes. Quando estamos sob o poder de algum arrebatamento de paixão, tristeza ou temor, ou preocupação, nós nos esquecemos de que Cristo virá outra vez. Veja Filipenses 4.5. Nos seus sofrimentos e na sua morte, Cristo se consolava com o fato de que Ele viria outra vez, e a mesma coisa nos deve consolar, quando partirmos, na morte. Nós vamos, mas viveremos. A despedida que fazemos aos nossos amigos, nesta ocasião, é somente uma despedida de "boa noite" ou "até breve", e não um adeus definitivo. Veja 1 Tessalonicenses 4.13,14.

II Com o fato de que Ele ia para seu Pai: "'Se me amásseis', como, pela vossa tristeza, dizeis que amais, vós vos alegraríeis em vez de lamentar, porque, embora Eu vos deixe, Eu disse: 'Vou para o Pai', que não é somente meu, mas também é vosso Pai, o que será um benefício para mim e um progresso para vós, pois 'o Pai é maior do que eu'". Observe aqui: 1. O fato de que Ele vai para o Pai, para tomar posse pelos órfãos, e para interceder pelos transgressores, é um motivo de alegria para os discípulos de Cristo. Sua partida tem um lado positivo, além de um negativo. Por isto Ele enviou esta mensagem consoladora depois da sua ressurreição (cap. 20.17): "Eu subo para meu Pai e vosso Pai". 2. O motivo para isto é: "Porque o Pai é maior do que eu", o que, se for uma prova apropriada daquilo que ela justifica (como sem dúvida o é), deve ser compreendida como indicando que seu estado com seu Pai seria muito mais excelente e glorioso do que seu estado atual. Seu retorno ao seu Pai (segundo o Dr. Hammond) seria, para Ele, estar em uma condição muito mais elevada do que aquela em que Ele se encontrava agora. Ou sua ida ao Pai, pessoalmente, e levando todos os seus seguidores para si mesmo ali, era o fim definitivo da sua missão, e, portanto, maior do que os meios. Assim, Cristo eleva os pensamentos e as expectativas dos seus discípulos a algo maior do que aquilo de que eles julgavam que toda sua felicidade dependia. O reino do Pai, onde Ele estará no final, será maior do que o reino da mediação. 3. Os discípulos de Cristo devem mostrar que o amam, alegrando-se com as glórias da sua exaltação, em vez de lamentar a tristeza da sua humilhação, e alegrando-se com o fato

de que Ele foi para seu Pai, onde desejava estar, e onde nós estaremos com Ele, em breve. Muitos que amam a Cristo deixam que seu amor percorra um caminho errado. Eles pensam que, se o amam, devem estar continuamente em sofrimento por causa dele. Ao passo que aqueles que o amam devem permanecer tranqüilamente nele, alegrando-se em Cristo Jesus.

III Com o fato de que sua ida, em comparação com as profecias que houve em relação a este assunto, seria um meio de confirmar a fé dos seus discípulos (v. 29): “Eu vo-lo disse, agora, antes que aconteça”, que Eu devo morrer e ressuscitar, e subir para o Pai, e enviar o Consolador, “para que, quando acontecer, vós acrediteis”. Veja esta razão, cap. 13.19; 16.4. Cristo contou aos seus discípulos sobre sua morte, embora Ele soubesse que isto iria confundi-los e entristecê-los, porque isto, posteriormente, resultaria na confirmação da sua fé, em dois aspectos: 1. Que aquele que tinha predito estas coisas tinha uma presciência divina, e sabia, de antemão, qual o dia em que isto iria acontecer. Quando o apóstolo Paulo estava indo para Jerusalém, ele não sabia o que o esperava ali, mas Cristo sabia. 2. Que as coisas preditas estavam de acordo com o propósito e o desígnio divinos. Não eram determinações repentinas, mas as contrapartidas de um conselho eterno. Portanto, eles não deveriam se perturbar com aquilo que aconteceria para a confirmação da sua fé, resultando, assim, em seu real benefício. Pois a prova da nossa fé é muito preciosa, embora nos cause uma tristeza atual, por várias tentações, 1 Pedro 1.6.

IV Com o fato de que Ele estava certo de uma vitória sobre Satanás, com quem Ele sabia que devia ter uma batalha na sua partida (v. 30): “Já não falarei muito convosco, não tendo muito a dizer, exceto o que pode ser adiado até o derramamento do Espírito”. Ele teve muitas conversas boas com eles depois disto (caps. 15 e 16), mas, em comparação com o que Ele já tinha dito, estas palavras eram resumidas. Seu tempo era curto, e, por essa razão, Ele falava demoradamente com eles agora, porque a oportunidade, em breve, estaria terminada. Observe que nós sempre devemos nos esforçar para ser objetivos ao falar, porque talvez não tenhamos tempo de falar muito. Nós não sabemos quando nosso fôlego irá terminar, e por isto devemos sempre respirar aquilo que é bom. Quando ficarmos doentes e morrermos, talvez nós não sejamos capazes de falar

muito com quem estiver à nossa volta, e, portanto, qualquer que seja o bom conselho que tivermos para dar, é melhor darmos enquanto temos saúde. Uma razão pela qual Ele não desejava falar muito com eles era por que Ele tinha outro trabalho ao qual dedicar-se agora: “Se aproxima o príncipe deste mundo”. Ele chamava o Diabo de príncipe deste mundo, cap. 12.31. Os discípulos sonhavam com seu Mestre sendo o príncipe deste mundo, e que eles seriam príncipes terrenos, subordinados a Ele. Mas Cristo lhes diz que o príncipe deste mundo era seu inimigo, e assim eram os príncipes deste mundo que atuavam e eram regidos pelo Diabo, 1 Coríntios 2.8. Mas ele “nada tem em mim”. Observe aqui: 1. A perspectiva que Cristo tinha de um conflito próximo, não somente com os homens, mas com os poderes das trevas. O Diabo o tinha atacado com suas tentações (Mt 4), tinha lhe oferecido os reinos do mundo, se Ele os considerasse subordinados a ele, e por isto Cristo o chama, com desdém, de príncipe deste mundo. Então, o Diabo “ausentou-se dele por algum tempo”. “Mas agora”, diz Cristo, “Eu o vejo atacando novamente, preparando-se para um ataque furioso, e desejando obter com terrores o que ele não conseguiu obter com seduções”. Assustá-lo e afastá-lo da sua missão, quando Ele não podia ser afastado dela. Observe que a previsão de uma tentação nos dá grande vantagem na nossa resistência a ela, pois, estando avisados antecipadamente, nós podemos estar armados antecipadamente. Enquanto estamos aqui, podemos ver Satanás continuamente vindo nos atacar, e por isto devemos sempre estar em guarda. 2. A certeza que Ele tinha do bom resultado do conflito: Ele “nada tem em mim”, *ouk echei ouden – ele não tem absolutamente nada*. (1) Não havia culpa em Cristo, para dar autoridade ao príncipe deste mundo, em seus terrores. Está escrito que o Diabo tem o império da morte (Hb 2.14). Os judeus o chamavam de anjo da morte, como um executor. Agora, como Cristo não tinha feito nenhum mal, Satanás não tinha nenhum poder legal contra Ele, e, portanto, embora conseguisse crucificá-lo, não conseguiria aterrorizá-lo. Embora ele o apressasse à morte, não o apressaria ao desespero. Quando Satanás vem para nos inquietar, ele tem alguma coisa em nós com que nos confundir, porque todos nós pecamos. Mas, quando ele desejou perturbar a Cristo, não encontrou oportunidade para fazê-lo. (2) Não havia corrupção em Cristo, para dar alguma vantagem ao príncipe deste mundo, nas suas tentações. Ele não podia esmagar sua missão, atraindo-o ao pecado, porque não havia nada pecaminoso nele, nada

irregular em que suas tentações se apegassem, nenhuma substância inflamável onde ele pudesse atear fogo. A imaculada pureza da natureza de Cristo era tal, que Ele estava acima da possibilidade de pecar. Quanto mais o interesse de Satanás em nós é esmagado e deteriorado, mais confortavelmente nós podemos esperar os sofrimentos e a morte.

V Que sua separação deles estava de acordo com os planos de Deus, o Pai, e era um ato de obediência a Ele. Satanás não poderia tirar sua vida, mas ainda assim Ele iria morrer: “É para que o mundo saiba que eu amo o Pai”, v. 31. Nós podemos interpretar isto:

1. Como confirmando o que Ele tinha dito sempre, que sua missão, como Mediador, era uma demonstração ao mundo: (1) Da sua submissão ao seu Pai. Com isto, ficava evidente que o Senhor Jesus amava o Pai. Assim como era uma evidência do seu amor pelos homens, o fato de que Ele morresse pela salvação deles, também era uma evidência do seu amor por Deus, o Pai, o fato de que Ele morresse pela sua glória e para cumprir seus propósitos. Que o mundo saiba que, entre o Pai e o Filho, não há nenhuma perda, pois eles são regidos pelo amor. Assim como o Pai amou ao Filho, e tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, também o Filho amou ao Pai, e entregou seu Espírito nas suas mãos. (2) Da sua obediência ao seu Pai: “Eu fiz ‘como o Pai me mandou’ – fiz o que me foi ordenado, na maneira como me foi ordenado”. Observe que a melhor evidência do nosso amor pelo Pai está em fazermos aquilo que Ele nos ordenou. Assim como Cristo amou ao Pai, e obedeceu a Ele, inclusive até a morte, também nós devemos amar a Cristo e obedecer a Ele. A obediência de Cristo ao mandamento do Pai, obrigando-o a sofrer e a morrer, o sustentou com alegria, e o levou a superar as relutâncias da natureza. O fato de que o que Ele fez foi por ordem do seu Pai removeu o escândalo da cruz. O comando de Deus é suficiente para nos sustentar naquilo que é mais discutido por outros, e, portanto, deve ser suficiente para nos sustentar naquilo que é mais difícil para nós: “Esta é a vontade daquele que me criou, que me enviou”.

2. Como concluindo o que Ele tinha dito agora. Tendo chegado até este ponto, aqui Ele conclui: “Para que o mundo saiba que eu amo o Pai”. Vós vereis com que alegria Eu posso encontrar a cruz que me é indicada: “‘Levantai-vos, vamo-nos daqui’ para o jardim”. Assim interpretam alguns. Ou para “Jerusalém”. Quando falamos dos problemas, à distância, é fácil

dizer: “Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores”. Mas quando chega o aperto, quando uma cruz inevitável está no caminho do dever, então, dizer: “Levantai-vos, vamos encontrá-la”, em vez de desviar nosso caminho para não encontrá-la, mostra ao mundo que nós amamos o Pai. Se este sermão aconteceu no final da ceia de Páscoa, poderia parecer que, com estas palavras, Ele tenha se levantado da mesa e se retirado para a sala de visitas, onde poderia, com mais liberdade, continuar o sermão com seus discípulos nos capítulos seguintes, e orar com eles. O Dr. Goodwin observa que Cristo mencionou o grande motivo dos seus sofrimentos, o mandamento de seu Pai, com toda a pressa, para que pudesse ir adiante, sofrer e morrer, sem perder o momento do encontro com Judas. “Levantai-vos”, diz Ele, “vamo-nos daqui”, mas podemos imaginar que Ele olha pela janela, vê que ainda não é o momento, e por isto se senta outra vez, e faz outro sermão. Veja: (1) Nestas palavras, Ele dá aos seus discípulos um incentivo para segui-lo. Ele não diz: Eu devo ir, mas: Vamos. Ele não os chama para nenhuma dificuldade, exceto a que Ele mesmo vai enfrentar, diante deles, como seu líder. Eles tinham prometido que não iriam abandoná-lo. “Vamos”, diz Ele, “vamo-nos então. Vejamos como vocês vão cumprir suas palavras”. (2) Ele lhes dá um exemplo, ensinando-os em todas as ocasiões, especialmente em ocasiões de sofrimento, a serem indiferentes a todas as coisas daqui, e a pensar e falar freqüentemente em deixá-las. Embora estejamos confortáveis em meio aos prazeres de uma vida agradável, não devemos pensar em estar sempre aqui. “Levantai-vos, vamo-nos daqui”. Se tudo isto aconteceu no encerramento da ceia pascal, que passou a ser a Ceia do Senhor, então a lição a aprender é que as solenidades da nossa comunhão com Deus não serão sempre constantes neste mundo. Nós nos sentamos à sombra de Cristo, com prazer, e dizemos: “É bom estarmos aqui”. Mas ainda assim devemos pensar em nos levantar e partir dali. Em algum momento será necessário descer do monte.

CAPÍTULO 15

A opinião geral é que o sermão de Cristo, registrado neste capítulo e no seguinte, teve lugar no final da última ceia, na noite em que Ele foi traído, e que é um sermão contínuo, sem interrupção, como foi aquele do capítulo anterior, e o que Ele decide abordar é muito pertinente à triste

ocasião de um sermão de despedida. Agora que Ele estava prestes a deixá-los: I. Eles se sentiriam tentados a deixá-lo e retornar a Moisés, e por isto Ele lhes diz como era necessário que, pela fé, eles aderissem a Ele e permanecessem nele. II. Eles se sentiriam tentados a afastar-se uns dos outros, e por isto Ele insiste que eles se amem uns aos outros, e conservem, quando Ele tivesse ido, aquela comunhão que tinha, até então, sido sua consolação. III. Eles se sentiriam tentados a abandonar seu apostolado quando encontrassem dificuldades, e por isto Ele os preparou para suportar o choque da má vontade do mundo. Há quatro palavras através das quais podemos resumir seu sermão neste capítulo: 1. Frutos, vv. 1-8. 2. Amor, vv. 9-17. 3. Ódio, vv. 18-25. 4. O Consolador, vv. 26,27.

Cristo, a Videira Verdadeira

vv. 1-8

Aqui Cristo fala a respeito dos frutos, dos frutos do Espírito, que seus discípulos deveriam produzir, de forma semelhante a uma videira. Observe aqui:

I A doutrina desta comparação. Que noção que devemos ter dela.

1. Que Jesus Cristo é a videira, a videira verdadeira. O fato de Cristo se alegrar de falar de si mesmo com tais comparações inferiores e humildes é um exemplo da sua humildade. Ele, que é o Sol da Justiça, e a resplandecente Estrela de manhã, se compara com uma videira. A igreja, que é o corpo místico de Cristo, é uma videira (Sl 80.8), e Cristo, que é a semente da igreja, também é uma videira. Cristo e a igreja são apresentados desta maneira. (1) Ele é a videira, plantada na vinha, e não um produto espontâneo; plantada na terra, pois Ele é o Verbo feito carne. A videira não tem uma aparência externa tão bela e promissora, e Cristo não tem parecer nem formosura, Isaías 53.2. A videira é uma planta que se propaga, e Cristo será conhecido como a salvação até os confins da terra. O fruto da videira honra a Deus e alegra os homens (Jz 9.13), e também o fruto da mediação de Cristo. É melhor do que o ouro, Provérbios 8.19. (2) Ele é a videira verdadeira, assim como a verdade se opõe ao fingimento e à falsidade. Ele é

realmente uma planta frutífera, uma planta de excelente reputação. Ele não é como aquela parra brava, que enganava àqueles que colhiam dela (2 Rs 4.39), mas uma videira verdadeira. Diz-se que as árvores infrutíferas mentem (Hc 3.17, marg.), mas Cristo é uma videira que não irá enganar. Qualquer que seja a excelência que exista em qualquer criatura útil ao homem, isto é apenas uma sombra daquela graça que há em Cristo, pelo bem do seu povo. Ele é aquela videira verdadeira, tipificada pela videira de Judá, que o lavou com o sangue das uvas (Gn 49.11), pela videira de José, cujos ramos correm sobre o muro (Gn 49.22), e pela videira de Israel, sob a qual ele habitava seguro, 1 Reis 4.25.

2. Que os crentes são os ramos desta videira, o que indica que Cristo é a raiz da videira. A raiz não pode ser vista, e nossa vida está escondida com Cristo. A raiz sustenta a árvore (Rm 9.18), distribui seiva a ela, e contribui integralmente para seu florescer e frutificar, e em Cristo estão todos os sustentos e nutrientes. Os ramos da videira são muitos, alguns de um lado da casa ou muro, outros do outro lado, mas, como se encontram na raiz, formam todos uma única videira. Assim, todos os bons cristãos, embora distantes uns dos outros, em lugares e opiniões, ainda assim se encontram em Cristo, o centro da sua unidade. Os crentes, como os ramos da videira, são fracos, e não conseguem se sustentar, mas como os ramos, são sustentados. Veja Ezequiel 15.2.

3. Que o Pai é o lavrador, *georgos – o agricultor*. Embora a terra seja do Senhor, ela não lhe produz frutos, a menos que Ele trabalhe nela. Deus tem não somente a propriedade da videira e de todos os ramos, mas também o cuidado deles. Ele plantou, e regou, e fez crescer, pois nós somos cooperadores de Deus, 1 Coríntios 3.9. Veja Isaías 5.1,2; 27.2,3. Ele cuidou de Cristo, a raiz, e o sustentou, e o fez florescer em uma terra seca. Ele cuida de todos os ramos, e os poda, e os vigia, para que nada os danifique. Nunca houve um lavrador tão prudente, tão vigilante, com sua videira, como Deus é com sua igreja, que, desta maneira, deve necessariamente prosperar.

II O dever que nos é ensinado com esta comparação, que é produzir frutos, e, para isto, permanecer em Cristo.

1. Nós devemos produzir frutos. De uma videira, nós esperamos uvas (Is 5.2), e de um cristão, nós esperamos cristianismo. Este é o fruto, um

temperamento e uma disposição cristãos, uma vida e costumes cristãos, devoções cristãs e desígnios cristãos. Nós devemos honrar a Deus, e fazer o bem, e exemplificar a pureza e o poder da religião que professamos. E isto é produzir frutos. Os discípulos aqui devem ser frutíferos, como cristãos, em todos os frutos da justiça, e como apóstolos, difundindo o cheiro do conhecimento de Cristo. Para persuadi-los a isto, Ele explica:

(1) O destino dos infrutíferos (v. 2): são tirados. [1] Aqui está indicado que há muitos que se passam por ramos em Cristo que não dão frutos. Se realmente estivessem unidos a Cristo, pela fé, dariam frutos. Mas, estando ligados a Ele somente por uma profissão externa, embora pareçam ser ramos, logo se verá que são ramos secos. Os adeptos infrutíferos são adeptos infiéis. São somente adeptos, e nada mais. Podemos interpretar da seguinte maneira: Toda vara que não dá fruto em mim, e que dá fruto para si mesma. Pois aquelas que não dão frutos em Cristo, e no seu Espírito e na sua graça, são como se não dessem frutos, Oséias 10.1. [2] Aqui está a ameaça de que eles serão tirados, como justiça para eles e como bondade para o restante dos ramos. Pois daquele que não tem uma união real com Cristo, e frutos produzidos por meio disso, até o que parece ter lhe será tirado, Lucas 8.18. Alguns pensam que isto se refere, originalmente, a Judas.

(2) A promessa feita aos frutíferos: Ele os limpa, para que dêem mais frutos. Observe que: [1] Uma maior produtividade é a recompensa abençoada da produtividade entusiasmada. A primeira bênção foi: Frutificai. E ainda é uma grande bênção. [2] Até mesmo os ramos frutíferos, para continuar sendo frutíferos, têm necessidade de serem limpos ou podados, *kathairei – Ele remove aquilo que é supérfluo* e exuberante, que atrapalha seu crescimento e sua produtividade. Até mesmo os melhores podem ter em si aquilo que é prejudicial, *aliquid amputandum – algo que deve ser removido,* algumas noções, paixões ou sentimentos que precisam ser eliminados, o que Cristo prometeu fazer pela sua palavra, pelo seu Espírito e pela sua providência. E estes problemas serão removidos gradualmente, nas ocasiões apropriadas. [3] A poda dos ramos frutíferos, para sua maior produtividade, é a preocupação e o trabalho do grande lavrador, para sua própria glória.

(3) Os benefícios que os crentes têm com a doutrina de Cristo, cujo poder eles devem se empenhar para exemplificar em uma vida frutífera: “Vós já

estais limpos”, v. 3. [1] O grupo deles estava limpo, agora que Judas tinha sido expulso por aquela frase de Cristo: “O que fazes, faze-o depressa”. Pois, até que tivessem se livrado dele, eles não estariam completamente limpos. A palavra de Cristo é uma palavra diferenciadora, e separa o precioso do vil. Ela irá purificar a igreja dos primogênitos no grande dia da separação. [2] Cada um deles estava limpo, isto é, santificado, pela verdade de Cristo (cap. 17.17). A fé pela qual eles receberam a palavra de Cristo purificou seus corações, Atos 15.9. O Espírito da graça, pela palavra, os purificou da sujeira do mundo e da carne, e eliminou deles o fermento dos escribas e fariseus, do qual, quando viram a ira e inimizade deles contra seu Mestre, agora estavam completamente limpos. Aplique isto a todos os crentes. A palavra de Cristo é transmitida a eles. Existe uma virtude purificadora na sua palavra, enquanto ela opera graça e elimina a corrupção. Ela purifica, como o fogo purifica o ouro dos seus dejetos, e como um médico purifica o corpo da sua enfermidade. Nós, então, evidenciamos que estamos purificados pela palavra quando produzimos frutos em santidade. Talvez aqui haja uma alusão à lei a respeito das videiras em Canaã. Seu fruto era impuro, e incircunciso, nos primeiros três anos depois que ela tivesse sido plantada, e no quarto ano ele se destinava à santidade, para dar louvores ao Senhor. E então ele seria puro, Levítico 19.23,24. Os discípulos tinham já estado durante três anos sob as instruções de Cristo, e agora estavam limpos: “Vós já estais limpos”.

(4) A glória que resultará a Deus pela nossa produtividade, com o consolo e a honra que nos sobrevirão, v. 8. Se nós produzirmos muitos frutos: [1] Nisto nosso Pai será glorificado. A produtividade dos apóstolos, no cumprimento diligente do seu trabalho, seria para a glória de Deus na conversão das almas, e na oferta delas a Ele, Romanos 15.9,16. A produtividade de todos os cristãos, em uma esfera inferior ou pequena, é para a glória de Deus. Com as obras eminentemente boas dos cristãos, muitos são levados a glorificar o nosso Pai que está no céu. [2] Assim, nós realmente seremos discípulos de Cristo, aceitos como tal e demonstrando que somos realmente aquilo que dizemos ser. Assim, evidenciaremos nosso discipulado e o embelezaremos, para sermos do nosso Mestre “por nome, e por louvor, e por glória”, isto é, verdadeiros discípulos, Jeremias 13.11. Assim, nós seremos reconhecidos pelo nosso Mestre no grande dia, e teremos a recompensa dos discípulos, uma participação no gozo do nosso

Senhor. E, quanto mais frutos produzirmos, mais abundantes formos naquilo que é bom, mais Ele será glorificado.

2. Para nossa produtividade, nós devemos permanecer em Cristo, devemos conservar nossa união com Ele, pela fé, e fazer tudo o que pudermos pelo Evangelho, em virtude desta união. Aqui temos:

(1) O dever imposto (v. 4): "Estai em mim, e eu, em vós". Observe que o grande e constante interesse de todos os discípulos de Cristo consiste em conservar uma dependência de Cristo e a comunhão com Ele, unir-se a Ele habitualmente, e efetivamente obter nutrientes dele. Aqueles que vêm a Cristo devem permanecer nele: "Estejam em mim, pela fé, e Eu, em vocês, pelo meu Espírito. Permaneçam em mim, e não temam, pois Eu estarei em vocês". A comunhão entre Cristo e os crentes nunca falha, por parte dele. Nós devemos permanecer na palavra de Cristo por uma consideração por ela, e ela, em nós, como uma luz para nossos pés. Nós devemos permanecer nos méritos de Cristo como nossa justiça e defesa, e Ele, em nós, como nosso sustento e consolo. O galho está ligado na videira, e a seiva da videira está no galho, e, desta maneira, existe uma comunicação constante entre eles.

(2) A necessidade da nossa permanência em Cristo, para sermos produtivos (vv. 4,5): "Vós não podeis dar frutos, a menos que estejais em mim. Mas, se estiverdes em mim, dareis muitos frutos, pois, em resumo, 'sem mim', ou separados de mim, 'nada podereis fazer'". Tão necessário é, para nosso consolo e para nossa felicidade, que produzamos frutos, que o melhor argumento para nos convencer a permanecer em Cristo é o fato de que, se não for assim, não poderemos dar frutos. [1] É necessário estarmos em Cristo para que possamos fazer o bem, em grande quantidade. Aquele que é constante no exercício de fé em Cristo e no amor por Ele, que vive segundo suas promessas e é conduzido pelo seu Espírito, produz muito fruto, é muito útil para a glória de Deus, e para sua própria prestação de contas no grande dia. Observe que a união com Cristo é um princípio nobre, produtivo de todo o bem. Uma vida de fé no Filho de Deus é incomparavelmente a vida mais excelente que alguém pode viver neste mundo. É uma vida regular e uniforme, pura e celestial. É útil e confortável, e tudo o que corresponde ao fim da vida. [2] É necessário estarmos em Cristo para que possamos fazer qualquer bem. Não é somente um meio de cultivar e aumentar o bem que já existe em nós, mas é a raiz e a fonte de

todo o bem: “‘Sem mim nada podereis fazer ’. Não somente não poderão fazer nada grandioso, curar os enfermos ou ressuscitar os mortos, mas realmente nada”. Observe que nós temos uma dependência necessária e constante da graça do Mediador, para todas as ações da vida espiritual e divina, assim como temos da providência do Criador, para todas as ações da vida natural, pois, quanto a ambas, é o poder divino que faz com que possamos viver, e nos mover, e existir. Fora dos méritos de Cristo, não poderemos fazer nada para nossa justificação, e sem o Espírito de Cristo, nada poderemos fazer para nossa santificação. Sem Cristo, não poderemos fazer nada corretamente, nada que seja um fruto agradável a Deus ou proveitoso para nós mesmos, 2 Coríntios 3.5. Nós dependemos de Cristo, não somente como uma videira depende do muro, para ter seu suporte, mas como o ramo depende da raiz, para ter a seiva que lhe dá alimento e vida.

(3) As conseqüências fatais de abandonar a Cristo (v. 6): “Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará”. Esta é uma descrição do terrível estado dos hipócritas, que não estão em Cristo, e dos apóstatas, que não permanecem em Cristo. [1] Eles são lançados fora, como ramos secos e murchos, que são arrancados porque sobrecarregam a árvore. É justo que não se beneficiem de Cristo aqueles que pensam que não precisam dele, e que aqueles que o rejeitam sejam rejeitados por Ele. Aqueles que não estão em Cristo serão abandonados por Ele. Eles são deixados à sua própria sorte, para caírem em pecados escandalosos, e então são, com razão, arrancados da comunhão dos crentes fiéis. [2] Eles secarão, como um ramo arrancado da árvore. Aqueles que não permanecem em Cristo, embora possam florescer durante algum tempo, em uma profissão plausível, ou, pelo menos, aceitável, ainda assim, dentro de pouco tempo, murcham e se reduzem a nada. Suas porções e seus dons murcham. Seu zelo e sua devoção murcham. Sua credibilidade e reputação murcham. Suas esperanças e consolações murcham, Jó 8.11-13. Observe que aqueles que não produzem frutos, dentro de pouco tempo já não terão folhas. Como secou imediatamente a figueira que Cristo amaldiçoou! [3] Os homens “os colhem”. Os agentes e emissários de Satanás os colhem e fazem deles sua presa fácil. Aqueles que se afastam de Cristo, logo se aproximam dos pecadores, e o Diabo está pronto para capturar para si mesmo a ovelha que se afasta do rebanho de Cristo. Quando o Espírito do Senhor se afastou de Saul, um espírito imundo se apossou dele. [4] Eles os “lançam ao fogo”,

isto é, eles são lançados ao fogo. E aqueles que os seduzem e os atraem são os que, na verdade, os lançam ali, pois eles os tornam filhos do inferno. O fogo é o lugar mais adequado para os ramos murchos, pois eles não servem para nada além disto, Ezequiel 15.2-4. [5] Eles "ardem". Esta é a conseqüência natural, mas aqui está acrescentada de modo muito enfático, e torna a ameaça terrível. Eles não serão consumidos em um momento, como espinhos debaixo de uma panela (Ec 7.6), mas *kaietai*, eles arderão para sempre em um fogo, que não somente não poderá ser apagado, mas que nunca se extinguirá. Este é o resultado de abandonar a Cristo, este é o fim das árvores estéreis. Os apóstatas são duas vezes mortos (Jd. 12), e quando se diz: "São lançados ao fogo e ardem", isto significa que são condenados duas vezes. Alguns interpretam a imagem dos homens colhendo estes ramos (v. 6) como sendo o ministério dos anjos no grande dia, quando coletarão do reino de Cristo todas as coisas que o ofendem, e colherão o joio e o lançarão no fogo.

(4) O bendito privilégio daqueles que permanecem em Cristo (v. 7): Se "as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes" ao meu Pai, em meu nome, "e vos será feito". Veja aqui: [1] Como nossa união com Cristo é mantida – pela Palavra: "Se vós estiverdes em mim". Ele tinha dito antes: "E eu, em vós". Aqui Ele se explica: "E as minhas palavras estiverem em vós". Pois é na palavra que Cristo se apresenta diante de nós, e é oferecido a nós, Romanos 10.6-8. É através da palavra que nós o recebemos e aceitamos, e, onde a palavra de Cristo reside abundantemente, ali reside Cristo. Se a palavra for nosso guia e monitor constante, se ela estiver em nós como se estivesse em casa, então nós estaremos em Cristo, e Ele, em nós. [2] Como nossa comunhão com Cristo é mantida – pela oração: "Pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito". E o que podemos querer mais, do que ter o que pedimos? Observe que aqueles que estão em Cristo, que o têm como o deleite dos seus corações, terão, por intermédio de Cristo, aquilo que seus corações desejam. Se nós tivermos Cristo, não nos faltará nada que seja bom para nós. Duas coisas estão implícitas nesta promessa. Em primeiro lugar, que, se estivermos em Cristo, e sua palavra, em nós, não pediremos nada além do que seja apropriado para ser feito por nós. As promessas que estão habitando em nós estão prontas para se transformar em orações, e as orações que estão de acordo com esta situação, são, sem dúvida, respondidas. Em segundo lugar, que, se estivermos em

Cristo e na sua palavra, nós teremos tal interesse no favor de Deus e na mediação de Cristo, que teremos uma resposta de paz para todas as nossas orações.

O Amor de Cristo pelos seus Discípulos

vv. 9-17

Cristo, que é o amor em pessoa, aqui está falando a respeito do amor, um amor quadruplicado.

I A respeito do amor do Pai por Ele. E a esse respeito, aqui Ele nos diz: 1. Que o Pai realmente o amou (v. 9): "Como o Pai me amou". Ele o amou como um Mediador: "Este é o meu Filho amado". Ele era o Filho do seu amor. Ele o amou, e todas as coisas entregou nas suas mãos, e ainda assim Ele amou tanto o mundo, a ponto de entregar seu Filho por todos nós. Quando Cristo estava iniciando seus sofrimentos, Ele se consolava com o pensamento de que seu Pai o amou. Aqueles a quem Deus ama como um Pai podem desprezar o ódio de todo o mundo. 2. Que Ele permanecia no amor do seu Pai, v. 10. Ele amava continuamente ao seu Pai, e era amado por Ele. Mesmo quando Ele se fez pecado e uma maldição por nós, e ao Senhor agradou feri-lo, ainda assim Ele permaneceu no amor do seu Pai. Veja Salmos 89.33. Por continuar a amar seu Pai, Ele prosseguiu alegremente pelos seus sofrimentos, e por isto seu Pai continuou a amá-lo. 3. Que Ele permanecia no amor do seu Pai porque obedecia à lei do seu Pai: "Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai", como Mediador, "e permaneço no seu amor". Com isto, Ele mostrava que continuava a amar seu Pai, que Ele prosseguia com sua missão, e a realizava, e por isto o Pai continuava a amá-lo. A alma do Pai se comprazia nele, porque Ele não faltará, nem será quebrantado, Isaías 42.1-4. Tendo infringido a lei da criação, nós nos excluímos do amor de Deus. Cristo fez a compensação por nós, obedecendo à lei da redenção, e, desta maneira, Ele permaneceu no amor do Pai, e nos restaurou a ele.

II A respeito do seu próprio amor pelos seus discípulos. Embora Ele os deixe, Ele os ama. Observe aqui:

1. O padrão deste amor: “Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós”. Uma estranha expressão da graça condescendente de Cristo! Assim como o Pai amou a Ele, que era o mais digno, Ele amou a eles, que eram os mais indignos. O Pai o amou como seu Filho, e Ele os ama como seus filhos. O Pai entregou todas as coisas nas mãos do Senhor Jesus Cristo, e assim Ele nos dá livremente todas as coisas. O Pai o amou como Mediador, como cabeça da igreja, e como o grande consignatário da graça e do favor divino, que Ele tinha não somente para si, mas para o benefício daqueles por quem Ele foi comissionado. E diz Ele: “Eu tenho sido um consignatário fiel. Assim como o Pai me confiou seu amor, também eu o transmito a vocês”. Por isto, o Pai se comprazia nele, para que Ele pudesse se comprazer em nós, através do próprio Senhor Jesus. E por isto o amou, para que, nele, como amado, Ele pudesse nos fazer agradáveis, Efésios 1.6.

2. As provas e produtos deste amor, que são quatro:

(1) Cristo amou seus discípulos, pois deu sua vida por eles (v. 13): “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”. E este é o amor com o qual Cristo nos amou, Ele é nosso *antipsychos – fiador*, corpo por corpo, vida por vida, embora Ele conhecesse nossa insolvência, e previsse o quanto este compromisso lhe custaria. Observe aqui: [1] A extensão do amor dos filhos dos homens, uns pelos outros. A maior prova de amor é dar a vida por um amigo, para salvar a vida dele, e talvez houvesse alguns feitos de amor heróicos como este, que poderiam ser considerados como mais do que arrancar os próprios olhos, Gálatas 4.15. Considerando que um homem estará disposto a dar tudo o que tiver pela sua vida, aquele que der tudo o que tiver por seu amigo estará literalmente dando tudo, e não poderá dar mais do que possui. Este, às vezes, pode ser nosso dever, 1 João 3.16. Paulo desejava ter uma honra como esta (Fp 2.17), e por um homem justo, alguns ousarão morrer, Romanos 5.7. Este é o amor no nível mais elevado, um amor que é tão forte quanto a morte. [2] A excelência do amor de Cristo, acima de todos os outros amores. Ele não somente igualou, mas superou, os mais ilustres amigos. Outros deram suas vidas, satisfeitos com o fato de que elas lhes fossem tiradas. Porém, Cristo entregou a sua, não foi simplesmente passivo, mas fez disto seu próprio documento legal. A vida que os outros haviam dado tinha somente um valor igual à vida pela qual era dada, e talvez fosse até menos valiosa. Mas Cristo tem um valor infinitamente maior do que dez

mil de nós. Outros deram suas vidas por seus amigos, mas Cristo entregou a sua por nós, quando éramos inimigos, Romanos 5.8,10. *Plusquam ferrea aut lapidea corda esse oportet, quae non emolliet tam incomparabilis divini amoris suavitas – Devem ser mais duros que o ferro ou a pedra aqueles corações que não se abrandam pela incomparável doçura do amor divino.* – Calvino.

(2) Cristo amou seus discípulos, pois Ele os levou a uma aliança de amizade consigo mesmo, vv. 14,15. "Se vocês, pela obediência, provarem ser verdadeiramente meus discípulos, vocês serão meus amigos, e serão tratados como amigos". Observe que os seguidores de Cristo são os amigos de Cristo, e Ele se compraz graciosamente em chamá-los e considerá-los assim. Aqueles que cumprem o dever de seus servos são aceitos e promovidos à dignidade de seus amigos. Davi tinha um servo na sua corte, e Salomão tinha um na sua, que eram, de uma maneira particular, amigos do rei (2 Sm 15.37; 1 Rs 4.5). Mas esta honra têm todos os servos de Cristo. Nós podemos, em alguma ocasião particular, ter amizade com um estranho, mas nós adotamos para nós todos os interesses de um amigo, e nos preocupamos com todas as suas preocupações. Assim, Cristo leva os crentes a serem seus amigos. Ele os visita e convive com eles, como seus amigos, é paciente com eles e aproveita deles o máximo que pode, aflige-se com suas aflições, e alegra-se com sua prosperidade. Ele intercede por eles no céu, e cuida de todos os seus interesses ali. Tendo amigos, será que todos se tornam somente uma alma? Aquele "que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito", 1 Coríntios 6.17. Embora eles freqüentemente se mostrem de uma maneira inamistosa, aquele que é amigo ama em todas as ocasiões. Observe a maneira carinhosa como isto é expresso aqui. [1] Ele não os chamará de servos, embora eles o chamem de Mestre e Senhor. Aqueles que desejam ser como Cristo, em humildade, não devem se orgulhar de insistir, em todas as ocasiões, na sua autoridade e superioridade, mas se lembrar de que seus servos são seus companheiros servos. Mas: [2] Ele os chamará de seus amigos. Ele não somente os amará, mas fará com que saibam disto, pois a lei da beneficência está na sua língua. Depois da sua ressurreição, Ele parece falar com uma ternura mais afetuosa dos seus discípulos, e com eles, do que antes: "Vai para meus irmãos", cap. 20.17. "Filhos, tendes alguma coisa de comer?", cap. 21.5. Mas observe que, embora Cristo os chame de seus amigos, eles se chamam de seus servos: "Pedro, apóstolo [ou servo] de

Jesus Cristo” (1 Pe 1.1), e também Tiago, Tiago 1.1. Quanto mais honra Cristo nos confere, mais honra nós devemos nos empenhar para prestar a Ele. Quanto mais elevados aos seus olhos, mais humildes ao nossos.

(3) Cristo amou seus discípulos, pois Ele era muito livre na comunicação da sua vontade e do seu pensamento a eles (v. 15): “De agora em diante, não sereis mantidos às escuras, como tendes estado, como servos que somente conhecem seu trabalho atual. Mas, quando o Espírito for derramado, conhecereis os desígnios do vosso Mestre, como amigos. ‘Tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer’”. Quanto à vontade secreta de Deus, há muitas coisas que nós devemos ficar satisfeitos em não saber, mas, quanto à vontade revelada de Deus, Jesus Cristo fielmente nos transmitiu o que Ele recebeu do Pai, cap. 1.18; Mateus 11.27. Cristo declarou aos seus discípulos as grandes coisas relativas à redenção do homem, para que eles pudessem declará-las a outros. Eles eram os homens do seu conselho, Mateus 13.11.

(4) Cristo amou seus discípulos, pois Ele os escolheu e ordenou para que fossem os mais importantes instrumentos da sua glória e honra no mundo (v. 16): “Eu vos escolhi a vós, e vos nomeei”. Seu amor por eles ficou aparente:

[1] Na sua escolha, a escolha para seu apostolado (cap. 6.70): “Escolhi a vós os doze”. A atitude inicial não se deu do lado deles: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós”. Por que eles eram admitidos a tal intimidade com Ele, empregados em tal missão por Ele, e dotados de tal poder do alto? Não era devido à sua sabedoria e benevolência, ao escolhê-lo para seu Mestre, mas sim ao seu favor e à sua graça, ao escolhê-los para seus discípulos. É apropriado que Cristo tivesse a escolha dos seus próprios ministros. Ele ainda a faz, pela sua providência e pelo seu Espírito. Embora os ministros façam deste santo chamado sua própria escolha, a escolha de Cristo é anterior à deles, e a orienta e determina. De todos os que são escolhidos para a graça e a glória, pode ser dito que eles não escolheram a Cristo, mas que Ele os escolheu, Deuteronômio 7.7,8.

[2] Na sua ordenação: “Vos nomeei”, *hetheka hymas* – “*Eu vos coloquei* no ministério (1 Tm 1.12), Eu vos comissionei”. Com isto, parece que Ele os tomou como seus amigos quando coroou seus corações com tal honra, e encheu suas mãos com tal confiança. Foi uma confiança poderosa que Ele

depositou nos discípulos, ao fazer deles seus embaixadores, para negociar as questões do seu reino neste mundo inferior, e os primeiros ministros de estado, na administração dele. O tesouro do Evangelho foi confiado a eles, em primeiro lugar, para que pudesse ser propagado: Para que vades, *hina hymeis hypagete* – "*para que vades como sob um jugo* ou uma carga, pois o ministério é um trabalho, e vós, que vos ocupais dele, deveis estar determinados a sofrer muito. Para que vades de lugar a lugar por todo o mundo, e deis fruto". Eles foram ordenados, não para ficarem quietos, mas para se ocuparem, para serem diligentes no seu trabalho e para se dedicarem incansavelmente a fazer o bem. Eles foram ordenados, não para não fazerem nada, mas para serem úteis à mão de Deus, para trazerem as nações à obediência a Cristo, Romanos 1.13. Observe que aqueles a quem Cristo ordena devem produzir frutos, e o farão, devem trabalhar, e não trabalharão em vão. Em segundo lugar, para que pudesse ser perpetuado. Para que o fruto possa permanecer, para que o bom resultado dos seus esforços possa continuar no mundo, de geração em geração, até o fim dos tempos. A igreja de Cristo não devia ter vida curta, como muitas das seitas dos filósofos, que eram algo maravilhoso, porém passageiro. Ela não surgiu em uma noite, nem deveria perecer em uma noite, mas ser como os dias do céu. Os sermões e escritos dos apóstolos nos são transmitidos, e nós, até hoje, somos edificados sobre aquela fundação, desde que a igreja cristã foi fundada pelo ministério dos apóstolos e dos setenta discípulos. Assim como uma geração de ministros e cristãos morreu, outra veio. Em virtude daquela magna carta (Mt 28.19), Cristo tem uma igreja no mundo que, como se referem nossos advogados a algo corporativo, não morre, mas vive em uma sucessão. E assim, seu fruto permanece até hoje, e assim será, enquanto a terra permanecer.

[3] Seu amor por eles se evidenciava no interesse que o trono da graça tinha neles: "A fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vos conceda". Provavelmente, isto se refere, primeiro, ao poder de realizar milagres com o qual os apóstolos foram revestidos, que devia ser obtido pela oração. "Quaisquer dons que lhes sejam necessários para o desempenho dos seus trabalhos, qualquer que seja a ajuda do céu que vocês puderem utilizar, em qualquer ocasião, basta pedir e terão". Três coisas aqui nos são sugeridas para nosso incentivo na oração, e são muito encorajadoras. Em primeiro lugar, que nós temos um Deus ao qual recorrer

que é um Pai. Cristo aqui o chama de Pai, tanto seu como nosso, e o Espírito, na palavra e no coração, nos ensina a clamar: “Aba, Pai”. Em segundo lugar, que nós nos apresentamos a Deus, o Pai, em um bom nome. Qualquer que seja a missão que nos leve ao trono da graça, de acordo com a vontade de Deus, nós podemos, com uma humilde ousadia, mencionar o nome de Cristo nela, e alegar que temos um relacionamento com Ele, e que Ele se preocupa conosco. Em terceiro lugar, que uma resposta de paz nos é prometida. O que vocês vierem pedir, lhes será dado. Esta grande promessa feita àquela grande missão preserva uma confortável e vantajosa relação entre o céu e a terra.

III A respeito do amor dos discípulos por Cristo, ordenado em consideração ao grande amor com que Ele os tinha amado. Ele os exorta a três coisas:

1. A permanecerem no seu amor, v. 9. “Permaneçam no seu amor por mim, e no meu por vocês”. Ambos podem ser entendidos aqui. Nós devemos colocar nossa felicidade na continuidade do amor de Cristo por nós, e ocupar-nos de dar contínuas provas do nosso amor por Cristo, de modo que nada possa nos tentar a afastar-nos dele, ou provocá-lo a afastar-se de nós. Observe que todos os que amam a Cristo devem permanecer no seu amor por Ele, isto é, estar sempre amando-o, e aproveitando todas as oportunidades para demonstrar isto, e amá-lo até o fim. Os discípulos deviam sair em uma missão por Cristo, na qual eles se depariariam com muitos problemas. Mas diz Cristo: “Permaneçam no meu amor. Conservem seu amor por mim, e então todos os problemas com que se depararem serão fáceis. O amor tornou fáceis os sete anos de trabalho árduo para Jacó. Que as dificuldades que vocês encontrarem por causa de Cristo não apaguem seu amor por Ele, mas que o despertem”.

2. A fazerem com que sua alegria permaneça neles, e os encha, v. 11. Isto, Ele planejou naqueles preceitos e promessas que foram dados a eles.

(1) Que sua alegria possa permanecer neles. As palavras estão colocadas de tal maneira, no original, que podem ser interpretadas, ou: [1] Que minha alegria em vós possa permanecer. Se eles produzirem muitos frutos, e permanecerem no seu amor, Ele continuará a comprazer-se neles, como tinha feito antes. Observe que os discípulos fiéis e produtivos são a alegria do nosso Senhor Jesus. Ele se deleita no seu amor por eles, Sofonias 3.17.

Assim como há um arrebatamento de alegria no céu, na conversão dos pecadores, também há uma alegria remanescente na perseverança dos santos. Ou: [2] Que minha alegria, isto é, vossa alegria em mim, possa permanecer. É a vontade de Cristo que seus discípulos possam constantemente e continuamente alegrar-se nele, Filipenses 4.4. A alegria do hipócrita dura somente um momento, mas a alegria daqueles que permanecem no amor de Cristo é uma festa constante. A palavra do Senhor dura para sempre, e as alegrias que fluem dela, e que se fundamentam nela, também duram.

(2) Que "vossa alegria seja completa". Não somente que possais estar cheios de alegria, mas que vossa alegria em mim e no meu amor possa subir cada vez mais alto, até alcançar a perfeição, quando entrareis no gozo do vosso Senhor. Observe que: [1] Aqueles, e somente aqueles, que têm a alegria de Cristo permanentemente em si, têm sua alegria completa. As alegrias terrenas são vazias. Elas logo saciam, mas nunca satisfazem. É somente a alegria da sabedoria que completa a alma, Salmos 36.8. [2] O desígnio de Cristo no seu mundo é o de completar a alegria do seu povo. Veja 1 João 1.4. As duas coisas Ele disse, para que nossa alegria possa ser cada vez mais completa, e, por fim, perfeita.

3. A evidenciarem o amor que tinham por Ele, pela observância dos seus mandamentos: "'Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor', v. 10. Esta será uma evidência da fidelidade e constância do vosso amor por mim, e então podereis ter certeza da continuidade do meu amor por vós". Observe aqui: (1) A promessa: "'Permanecereis no meu amor', como em uma morada, no lar com o amor de Cristo; como em um lugar de descanso, em tranqüilidade no amor de Cristo; como em uma fortaleza, seguros no amor de Cristo. Permanecereis no meu amor, tereis graça e força para perseverar no amor por mim". Se a mesma mão que derramou pela primeira vez o amor de Cristo nos nossos corações não nos conservasse naquele amor, nós não permaneceríamos nele, mas, por meio do amor do mundo, deixaríamos o amor do próprio Cristo. (2) A condição da promessa: "Se guardardes os meus mandamentos". Os discípulos deviam observar os mandamentos de Cristo, não somente para estar, eles mesmos, em constante conformidade com os mandamentos, mas para que pudessem fazer uma fiel apresentação dos mandamentos a outros. Eles deveriam guardá-los como fiduciários, em cujas mãos foi colocado este grande

depósito, pois eles deviam ensinar todas as coisas que Cristo tinha mandado, Mateus 28.20. Este mandamento, eles devem guardar sem mácula (1 Tm 6.14), e, desta maneira, devem mostrar que permanecem no amor de Cristo.

Para convencê-los a guardar seus mandamentos, Jesus apresenta: [1] Seu próprio exemplo: “Do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor”. Cristo submeteu-se à lei da mediação, e, desta maneira, preservou a honra e o consolo desta lei, para nos ensinar a nos submetermos às leis do Mediador, pois, de outra maneira, não conseguiremos preservar a honra e o consolo do nosso relacionamento com Ele. [2] A necessidade disto no relacionamento deles com Ele (v. 14): “‘Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando’, e não de outra maneira”. Observe, em primeiro lugar, que somente serão considerados amigos fiéis de Cristo aqueles que provarem ser seus servos obedientes, pois aqueles que não permitirem que Ele reine sobre eles serão tratados como seus inimigos. *Idem velle et idem nolle ea demum vera est amicitia – A amizade envolve uma comunhão de aversões e de simpatias*. Salústio. Em segundo lugar, que a obediência universal a Cristo é a única obediência aceitável. Obedecer a Ele em tudo o que Ele nos ordenar, sem excetuar nenhum mandamento, e muito menos sem isentar-se de nenhum deles.

IV A respeito do amor dos discípulos uns pelos outros, ordenado como uma evidência do seu amor por Cristo, e uma grata retribuição ao seu amor por eles. Nós devemos guardar seus mandamentos, e este é seu mandamento, que nos amemos uns aos outros, v. 12, e novamente, v. 17. Nenhuma obrigação da religião é mais freqüentemente enfatizada, nem mais pateticamente recomendada, a nós, pelo nosso Senhor Jesus, do que esta do amor mútuo, e por uma boa razão. 1. É recomendada pelo padrão de Cristo (v. 12): “Assim como eu vos amei”. O amor de Cristo por nós deve orientar e motivar nosso amor uns pelos outros. Desta maneira, e por este motivo, nós devemos nos amar uns aos outros, e porque Cristo nos amou. Aqui Ele especifica algumas das expressões do seu amor por eles. Ele os chamou de amigos, transmitiu seus pensamentos a eles, estava pronto para dar a eles o que lhe pedissem. “Vão e façam da mesma maneira”. 2. É exigida pelo seu preceito. Ele interpõe sua autoridade, e faz dela uma das

leis estatutárias do seu reino. Observe com que diferença isto se expressa nestes dois versículos, e de forma muito enfática em ambos. (1) “O meu mandamento é este” (v. 12), como se este fosse o mais necessário de todos os mandamentos. Assim como, sob a lei, a proibição da idolatria era o mandamento mais enfatizado, acima do que qualquer outro, prevendo como as pessoas estavam viciadas a este pecado, também Cristo, prevendo o vício da igreja cristã à falta de caridade, colocou a maior ênfase neste preceito. (2) “Isto vos mando”, v. 17. Ele fala como se estivesse prestes a dar-lhes várias incumbências, mas cita somente esta: “Que vos ameis uns aos outros”, não somente porque esta inclua muitas obrigações, mas porque ela terá uma boa influência sobre todas as demais.

A Previsão de Ódio e Perseguição

vv. 18-25

Aqui Cristo fala sobre o ódio, que é o caráter e o talento do reino do Diabo, assim como o amor é a característica marcante do reino de Cristo. Observe aqui:

I Quem são aqueles em que se encontra este ódio – o mundo, os filhos deste mundo, diferentes dos filhos de Deus. Aqueles que são os interesses do deus deste mundo, cuja imagem eles estampam e a cujo poder estão sujeitos. Todos aqueles, sejam judeus ou gentios, que não desejam vir à igreja de Cristo, que Ele convocou audivelmente, e que se separa visivelmente deste mundo mau. Chamar a estas pessoas de mundo indica: 1. Seu número. Havia um mundo de pessoas que se opunham a Cristo e ao cristianismo. Senhor, como cresce o número dos que perseguem o Filho de Davi! Eu receio que, se fizéssemos uma eleição entre Cristo e Satanás, Satanás iria nos superar em muito. 2. Sua união e combinação. Estes numerosos exércitos se conluiaram, e são como um só, Salmos 83.5. Os judeus e os gentios, que não concordavam em nada, uniram-se para perseguir o ministério de Cristo. 3. Seu espírito e disposição. Eles são homens do mundo (Sl 16.13,14), completamente devotados a este mundo e às coisas deste mundo, e nunca pensam no outro mundo. O povo de Deus, embora tenha sido ensinado a odiar os pecados dos pecadores, foi ensinado

a não odiar as pessoas, mas amar e fazer o bem a todos os homens. Um espírito malicioso, rancoroso e invejoso não é o espírito de Cristo, mas do mundo.

II Quem são aqueles contra os quais este ódio é dirigido – os discípulos de Cristo, o próprio Cristo e o Pai.

1. O mundo odeia os discípulos de Cristo: “O mundo vos aborrece” (v. 19), e Ele fala sobre isto como algo que eles deveriam esperar e levar em conta, v. 18, como em 1 João 3.13.

(1) Observe como isto é apresentado aqui. [1] Cristo tinha expressado a grande bondade que tinha por eles, como amigos. Mas, para que eles não se inchem de orgulho com isto, foi-lhes dado, como foi dado a Paulo, um espinho na carne, isto é, injúrias e perseguições por causa de Cristo, como está explicado em 2 Coríntios 12.7,10. [2] Ele lhes tinha indicado seu trabalho, mas lhes diz com quais dificuldades eles iriam se deparar, para que isto não fosse uma surpresa para eles, e para que pudessem se preparar de maneira adequada. [3] Ele lhes tinha dito que amassem uns aos outros, e eles tinham necessidade suficiente de amar-se uns aos outros, pois o mundo os odiaria; que fossem bons uns com os outros, pois sofreriam muita crueldade e má vontade por parte daqueles que não pertenciam ao seu meio. “Mantenham a paz entre vocês, e isto os fortalecerá nas batalhas que o mundo fará contra vocês”. Aqueles que estão em meio aos inimigos se preocupam em ficar unidos.

(2) Observe o que está incluído aqui.

[1] A inimizade do mundo contra os seguidores de Cristo: ele os “aborrece”. Observe que aqueles a quem Cristo abençoa, o mundo amaldiçoa. Os favoritos e herdeiros do céu nunca foram os preferidos deste mundo, uma vez que foi instalada a velha inimizade entre a semente da mulher e a da serpente. Por que Caim odiou a Abel, senão porque suas obras eram justas? Esaú odiou a Jacó por causa da bênção. Os irmãos de José o odiaram porque seu pai o amava. Saul odiou a Davi porque o Senhor estava com ele. Acabe odiou a Micaías por causa das suas profecias. Assim são as causas infundadas do ódio do mundo.

[2] Os frutos desta inimizade, dos quais aqui temos dois, v. 20. Em primeiro lugar, eles os perseguirão, porque os odeiam, pois o ódio é uma paixão incansável. É o destino comum daqueles que desejam viver

devotamente em Cristo Jesus, sofrer perseguições, 2 Timóteo 3.12. Cristo previu o tratamento cruel que seus embaixadores iriam encontrar no mundo, e, ainda assim, por causa daqueles poucos que, pelo seu ministério, deveriam ser eliminados do mundo, Ele os enviou, “como ovelhas ao meio de lobos”. Em segundo lugar, outro fruto da sua inimizade está indicado, o qual consiste no fato de que eles iriam rejeitar sua doutrina. Quando Cristo diz: “Se guardarem a minha palavra, também guardarão a vossa”, Ele quer dizer: Eles não guardarão a vossa, e não a considerarão, não mais do que consideraram e guardaram a minha. Observe que os pregadores do Evangelho não podem deixar de considerar o desprezo à sua mensagem como a maior injúria que pode ser feita a eles mesmos. Como foi uma grande afronta a Jeremias, quando disseram: “Não escutemos nenhuma das suas palavras”, Jeremias 18.18.

[3] Os motivos desta inimizade. O mundo os odiará:

Em primeiro lugar, porque eles não pertencem a ele (v. 19): “Se vós fôsseis do mundo”, do seu espírito e dos seus interesses, se vós fôsseis carnais e mundanos, ‘o mundo amaria o que era seu’. Mas, porque sois chamados para fora do mundo, o mundo vos aborrece, e sempre irá fazê-lo”. Observe que: 1. Nós não devemos nos espantar se aqueles que são devotados ao mundo são apreciados por ele, como seus amigos. A maioria dos homens bendiz ao avarento, Salmos 10.3; 49.18. 2. Tampouco devemos nos espantar se aqueles que são libertados do mundo são difamados por ele, como seus inimigos. Quando Israel é libertado do Egito, os egípcios os perseguem. Observe que a razão pela qual os discípulos de Cristo não são do mundo não é porque tenham, pela sua própria sabedoria e virtude, se separado do mundo, mas porque Cristo os escolheu do mundo, para consagrá-los para si mesmo, e esta é a razão pela qual o mundo os odeia, pois: (1) A glória à qual, por virtude desta escolha, eles são designados, os coloca acima do mundo, e, desta forma, os faz objetos da inveja do mundo. Os santos julgarão o mundo, e os justos terão o domínio, e por isto são odiados. (2) A graça de que, por virtude desta escolha, eles são dotados, os coloca contra o mundo. Eles nadam contra a corrente do mundo, e não se conformam a ele. Eles dão testemunhos contra ele, e não se conformam a ele. O fato de que eram odiados os sustentaria sob todas as calamidades que o ódio do mundo traria sobre eles, porque eram a escolha e os escolhidos do Senhor Jesus, e não eram do mundo. Veja: [1] Esta não era uma causa justa

para que o mundo os odiasse. Se fizermos qualquer coisa para nos tornarmos odiosos, nós temos razão para lamentar. Porém, se os homens nos odiarem pelos motivos pelos quais deveriam nos amar e valorizar, nós temos razão para sentir pena deles, mas não para nos sentirmos perplexos. Na verdade: [2] Esta era uma causa justa para sua própria alegria. Aquele que é odiado por ser rico e próspero não se preocupa com quem se irrita com isto, desde que ele esteja satisfeito.

Populus me sibilat, at mihi plaudo
Ipse domi.
Que vaiem e assobiem, clama ele,
Enquanto minha própria opinião é plenamente abençoada. – Timon, em Hor.

Muito mais podem se abraçar aqueles a quem o mundo odeia, exceto a quem Cristo ama.

Em segundo lugar: “Uma outra causa pela qual o mundo vos odeia é porque vocês pertencem a Cristo (v. 21): ‘Por causa do meu nome’”. Aqui está o âmago da controvérsia. Não importa o que se finja, esta é a base da disputa, eles odeiam os discípulos de Cristo porque eles levam seu nome, e conservam seu nome no mundo. Observe: 1. Faz parte do caráter dos discípulos de Cristo o fato de defenderem seu nome. O nome no qual eles foram batizados é aquele pelo qual eles irão viver e morrer. 2. A sorte daqueles que se posicionam a favor do nome de Cristo tem sido, normalmente, o sofrimento por fazerem isto. Estes sofrem muito, sofrem duramente, todo tipo de adversidades. É uma questão de consolo para os maiores sofredores se eles sofrerem pelo nome de Cristo. “Se, pelo nome de Cristo, sois vituperados, bem-aventurados sois” (1 Pe 4.14), realmente bem-aventurados, não considerando somente a honra que se estampa sobre aqueles sofrimentos (At 5.41), mas o consolo que lhes é infundido, e especialmente a coroa da glória à qual estes sofrimentos conduzem. Se sofrermos com Cristo, e por Cristo, com Ele reinaremos.

Em terceiro lugar, afinal, a ignorância do mundo é a verdadeira causa da sua inimizade com os discípulos de Cristo (v. 21): “Porque não conhecem aquele que me enviou”. 1. Eles não conhecem a Deus. Se os homens tivessem somente o conhecimento devido dos primeiros princípios da

religião natural, e somente conhecessem a Deus, ainda que não aderissem ao cristianismo, não o teriam odiado e perseguido. Não têm conhecimento aqueles que comem o povo de Deus, Salmos 14.4. 2. Eles não reconhecem a Deus como aquele que enviou nosso Senhor Jesus, e o autorizou a ser o grande Mediador da paz. Nós não conheceremos a Deus corretamente, se não o conhecermos em Cristo, e aqueles que perseguem àqueles que Ele envia, demonstram que não reconhecem que Ele foi enviado de Deus. Veja 1 Coríntios 2.8.

2. O mundo odeia o próprio Cristo. E isto é dito aqui, com duas finalidades:

(1) Para mitigar a perturbação dos seus seguidores, despertada pelo ódio do mundo, e torná-la menos estranha e menos lamentável (v. 18): “Sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim”, *proton hymon*. Nós lemos isto como indicando uma anterioridade temporal. Jesus começou com o cálice amargo do sofrimento, e depois nos deixou como seus fiadores. Mas isto pode ser interpretado como expressando sua superioridade sobre eles: “Vocês sabem que ele me odiou, a mim, seu primeiro, seu principal e capitão, seu líder e comandante”. [1] Se Cristo, que era excelente em bondade, e perfeitamente inocente e universalmente beneficente, era odiado, poderemos nós esperar que qualquer virtude ou mérito nosso nos proteja da maldade? [2] Se nosso Mestre, o fundador da nossa fé, encontrou tanta oposição para plantá-la, seus servos e seguidores não podem esperar outra coisa, por propagá-la e professá-la. Por isto, Ele os lembra (v. 20) das suas próprias palavras, em sua admissão ao discipulado: “Lembrai-vos da palavra que vos disse”. Uma grande ajuda para compreender as últimas palavras de Cristo está em compará-las com as suas primeiras. Nada contribui mais para nos facilitar a compreensão do que a lembrança das palavras de Cristo, que irão esclarecer suas providências. Nesta palavra, temos, em primeiro lugar, uma verdade clara: “Não é o servo maior do que o seu senhor”. Isto Ele lhes tinha dito, Mateus 10.24. Cristo é nosso Senhor, e por isto nós devemos, diligentemente, acompanhar todos os seus movimentos, e pacientemente aquiescer em todas as suas disposições, pois o servo é inferior ao seu Senhor. As verdades mais claras, às vezes, são os argumentos mais fortes a favor das mais difíceis tarefas. Eliú responde a inúmeras queixas de Jó com uma única verdade óbvia: “Maior é Deus do que o homem”, Jó 33.12. Aqui temos, em segundo lugar, uma dedução

apropriada que se obtém de tudo isto: "'Se a mim me perseguiram', como foi visto, e provavelmente ainda será, 'também vos perseguirão a vós'. Vós podeis esperar e contar com isto, pois:" 1. "Vocês farão a mesma coisa que Eu fiz, para provocá-los. Vocês os censurarão pelos seus pecados, e os chamarão ao arrependimento, e lhes darão regras rígidas para viver de maneira santa que eles não poderão suportar". 2. "Vocês não podem fazer nada além do que Eu fiz, para agradá-los. Depois de um exemplo tão grande, que ninguém se espante se eles permitirem o mal a quem faz o bem". Ele acrescenta: "Se guardarem a minha palavra, também guardarão a vossa". Assim como houve alguns, e somente alguns, que foram transformados pela minha pregação, também haverá, transformados por vocês, alguns, e somente alguns". Alguns dão outro sentido a isto, substituindo *eteresan* por *pareteresan*. "Se eles ficavam à espreita, esperando minhas palavras, com o desígnio de me atrair a uma armadilha, de igual maneira ficarão esperando para confundir vocês nas suas palavras".

(2) Para agravar a maldade deste mundo descrente, e para revelar sua natureza excessivamente pecaminosa. Odiar e perseguir os apóstolos já era suficientemente ruim, mas odiar e perseguir ao próprio Cristo era muito pior. O mundo, em geral, tem uma má fama nas Escrituras, e nada pode dar-lhe uma fama pior do que esta, que ele odiava a Jesus Cristo. Existe um mundo de pessoas que odeiam a Cristo. Ele insiste em duas coisas, para agravar a maldade daqueles que o odiavam:

[1] Que havia a maior razão imaginável para que eles o amassem. As boas palavras e as boas obras dos homens normalmente os recomendam, e, quanto a Cristo:

Em primeiro lugar, suas palavras eram tais que mereciam o amor deles (v. 22): "'Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado', sua oposição não teria resultado em um ódio por mim, seu pecado teria sido, comparativamente, como nenhum pecado. Mas agora que Eu lhes disse tantas coisas, para recomendar-me aos seus melhores afetos, não têm desculpa do seu pecado". Observe aqui: 1. A vantagem que têm aqueles que apreciam o Evangelho. Cristo, nele, vem e fala a eles. Ele falou, pessoalmente, aos homens daquela geração, e ainda fala a nós, por meio da sua Palavra, a Bíblia, e dos nossos ministros, e como alguém que tem a mais inquestionável autoridade sobre nós, e afeto por nós. Cada uma de suas palavras é pura, e traz consigo uma majestade dominante, e ainda

assim uma ternura condescendente, capaz, poderíamos pensar, de encantar até mesmo a víbora mais surda. 2. A desculpa que têm aqueles que não apreciam o Evangelho: "'Se eu não... lhes houvera falado', se nunca tivessem ouvido falar de Cristo e da salvação por seu intermédio, "não teriam pecado'". (1) Não este tipo de pecado. Eles não teriam sido passíveis de condenação por desprezar a Cristo se Ele não tivesse vindo e feito uma oferta da sua graça a eles. Assim como o pecado não é imputado onde não há lei, também a descrença não é imputada onde não existe Evangelho. E, onde ele for imputado, será, até então, o único pecado condenador, pois, sendo um pecado contra o remédio, outro pecado não condenaria, se a culpa deles não estivesse ligada a este. (2) Não um pecado de tal magnitude. Se não tivessem tido o Evangelho entre eles, seus outros pecados não teriam sido tão graves, pois Deus não leva em conta os tempos da ignorância, Lucas 12.47,48; Atos 17.30. 3. A culpa agravada que têm aqueles a quem Cristo veio e falou em vão, a quem Ele chamou e convidou em vão, com quem Ele argumentou e implorou em vão. "Não têm desculpa do seu pecado". Eles são completamente imperdoáveis, e no dia do juízo estarão sem palavras, e não terão uma palavra sequer para dizer em sua defesa. Observe que, quanto mais claras e completas são as revelações da graça e da verdade de Jesus Cristo que nos são feitas, mais nos é dito que é convincente e terno, e maior é nosso pecado se não o amarmos e se não crermos nele. A palavra de Cristo despe o pecado do seu manto, para que possa parecer pecado.

Em segundo lugar, suas obras eram tais, que mereciam o amor deles, tanto quanto suas palavras (v. 24): "'Se eu, entre eles, não fizesse tais obras', na terra deles, e diante de seus olhos, obras tais como nenhum outro homem jamais fez, não teriam pecado. Sua descrença e inimizade teriam sido desculpáveis, e eles poderiam ter tido alguma justificativa para dizer que minha palavra não merecia crédito, se não fosse confirmada de outra maneira". Mas Ele produzia provas satisfatórias da sua missão divina, obras que nenhum outro homem fazia. Observe que: 1. Assim como o Criador demonstra seu poder e sua divindade pelas suas obras (Rm 1.20), também faz o Redentor. Seus milagres, suas misericórdias, obras maravilhosas e obras de graça, provaram que Ele era o enviado de Deus, aquele que foi enviado em uma missão de bondade. 2. As obras de Cristo eram do tipo que nenhum homem jamais havia feito. Nenhuma pessoa comum, que não

tivesse comissão do céu, e Deus consigo, podia realizar milagres, cap. 3.2. E nenhum profeta jamais realizou tais milagres, tantos e tão famosos. Moisés e Elias realizavam milagres como servos, por um poder derivado, mas Cristo, como um Filho, pelo seu próprio poder. O que maravilhava o povo era o fato de que, com autoridade, Ele ordenasse as enfermidades e os demônios (Mc 1.27). Eles reconheciam que nunca tinham visto ninguém semelhante, Marcos 2.12. Eram todas obras boas, obras de misericórdia, e este parece ser o principal objetivo aqui, pois Ele os está censurando através destas palavras, porque o odiavam. Alguém que fosse tão universalmente benéfico, mais do que qualquer homem jamais foi, poderíamos pensar, deveria ter sido universalmente amado, e ainda assim Ele é odiado. 3. As obras de Cristo intensificam a culpa da infidelidade e da inimizade dos pecadores por Ele, até o último estágio de maldade e de absurdo. Se eles tivessem somente ouvido suas palavras, e não tivessem visto suas obras – se tivéssemos somente seus sermões registrados, e não seus milagres, a descrença poderia ser justificada pela falta de provas. Mas agora não havia desculpa. Não, a rejeição a Cristo, tanto por eles quanto por nós, tem em si o pecado, não somente da descrença obstinada, mas da vil ingratidão. Eles viram Cristo sendo extremamente afável e esforçando-se para fazer-lhes algum ato de bondade. Ainda assim, odiaram-no, e procuraram fazer-lhe danos. E nós vemos na sua palavra aquele grande amor com o qual Ele nos amou, e ainda assim não somos transformados por ele.

[2] Que não havia nenhuma razão pela qual devessem odiá-lo. Alguns que, em certa ocasião, dizem e fazem aquilo que é recomendável, em outra dizem e fazem aquilo que é provocador e descortês. Mas nosso Senhor Jesus não somente fez muito para merecer a estima e a boa vontade dos homens, como nunca fez nada especificamente para incorrer no seu desprazer. Isto Ele alega, citando uma passagem das Escrituras (v. 25): “Isto acontece, este ódio irracional a mim, e aos meus discípulos, por minha causa, ‘para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei’ (isto é, no Antigo Testamento, que é uma lei, e que era aceita por eles como uma lei): ‘Aborreceram-me sem causa’”. Davi fala isso a seu respeito como um tipo de Cristo, Salmos 35.19; 69.4. Observe, em primeiro lugar, que aqueles que odeiam a Cristo, o odeiam sem nenhuma justa causa. A inimizade a Cristo é uma inimizade irracional. Nós pensamos que merecem ser odiados aqueles que são arrogantes e insubordinados, mas Cristo é manso e humilde,

compassivo e terno. Também aqueles que, sob o pretexto da complacência, são maldosos, invejosos e vingativos, mas Cristo se dedicou a servir aqueles que o usavam, ou melhor, aqueles que abusavam dele. Ele trabalhou para a comodidade dos outros, e se empobreceu para nos enriquecer. Nós julgamos odiosos aqueles que são rebeldes e danosos aos reis e às províncias, e perturbam a paz pública, mas Cristo, ao contrário, era a maior bênção imaginável à sua nação, e ainda assim era odiado. Ele testemunhava, na verdade, que as obras do povo eram más, e testemunhava com um desígnio de fazer-lhes bem, mas odiá-lo por isto era odiá-lo sem causa. Em segundo lugar, com isto se cumpriram as Escrituras, e o antítipo correspondeu ao tipo. Saul e seus cortesãos odiaram a Davi sem causa, pois ele lhe tinha sido útil com sua harpa e com sua espada. Absalão e seu grupo o odiaram, embora, para ele, Davi tivesse sido um pai indulgente, e para o grupo, um grande benfeitor. Assim também foi odiado o Filho de Davi, e perseguido da forma mais injusta. Aqueles que odiavam a Cristo não tinham o desígnio de cumprir as Escrituras, mas Deus, ao permitir isto, tinha este objetivo. E o fato de que até mesmo isto tinha sido predito a respeito de Cristo, e que, como tinha sido predito cumpriu-se nele, confirma a fé que temos nele como o Messias. E não devemos julgar estranho ou árduo se houve um cumprimento adicional em nós. Nós somos capazes de justificar nossas queixas das injúrias feitas a nós dizendo que são sem causa, ao passo que, quanto mais sem causa são, mais semelhantes são aos sofrimentos de Cristo, e podem ser mais facilmente suportadas.

3. Em Cristo, o mundo odeia ao próprio Deus. Isto é dito aqui duas vezes (v. 23): “Aquele que me aborrece”, embora pense que seu ódio não vai mais além, de fato “aborrece também a meu Pai”. E novamente no versículo 24: “Aborreceram a mim e a meu Pai”. Observe que: (1) Existem aqueles que odeiam a Deus, apesar da beleza da sua natureza e da generosidade da sua providência. Eles se enfurecem com sua justiça, como os demônios, que crêem e estremecem, se irritam com seu domínio, e alegremente romperiam seus elos. Aqueles que não conseguem negar que existe um Deus, e ainda assim desejam que não houvesse nenhum, estes o vêem e o odeiam. (2) O ódio a Cristo será interpretado e considerado como ódio a Deus, pois Ele é, na sua pessoa, a imagem expressa de seu Pai, e na sua função, seu grande agente e embaixador. Deus deseja que todos os homens honrem ao Filho como honram ao Pai, e, portanto, qualquer recepção que tenha o Filho, o

Pai também a tem. Com isto, é fácil concluir que aqueles que são inimigos da religião cristã, por mais que aleguem ter a religião natural, são, na verdade, inimigos de todas as religiões. Os deístas, na verdade, são ateus, e aqueles que ridicularizam a luz do Evangelho desejariam, se pudessem, extinguir toda a luz natural, e se libertar de todas as obrigações de consciência e do temor a Deus. Que o mundo descrente e maligno saiba que sua inimizade ao Evangelho de Cristo será considerada, no grande dia, como uma inimizade ao próprio Deus bendito. E que todos os que sofrem por causa da justiça, de acordo com a vontade de Deus, se consolem com isto. Se o próprio Deus for odiado neles, e atingido, por intermédio deles, eles não devem nem se envergonhar da sua causa, nem temer o resultado.

O Anúncio do Consolador

vv. 26,27

Tendo falado sobre a grande oposição que seu Evangelho provavelmente iria encontrar no mundo, e as dificuldades que seriam impostas aos que o pregassem, para que ninguém temesse que eles e o Evangelho fossem destruídos por esta violenta torrente, aqui Ele sugere a todos aqueles que desejavam o bem da sua causa e dos seus interesses a provisão efetiva que foi feita para apoiá-los, tanto pelo testemunho principal do Espírito (v. 26) quanto pelo testemunho secundário dos apóstolos (v. 27), e os testemunhos são os apoios adequados da verdade.

I Aqui está a promessa de que o bendito Espírito irá manter a causa de Cristo no mundo, apesar de toda a oposição que ela encontrar. Cristo, quando foi ofendido, entregou sua causa ofendida ao seu Pai, e não perdeu pelo seu silêncio, pois o Consolador veio, defendeu-a vigorosamente e prosseguiu com ela triunfantemente. "'Quando vier o Consolador', ou Advogado, 'que procede do Pai', e 'que eu da parte do Pai vos hei de enviar', para suprir a falta da minha presença física, Ele 'testificará de mim' contra aqueles que me odeiam sem causa". Neste versículo, nós temos mais informações a respeito do Espírito Santo do que em qualquer outro versículo na Bíblia. E, sendo batizados no seu nome, nós devemos nos interessar em conhecê-lo, tanto quanto Ele é revelado.

1. Aqui está uma explicação do Espírito na sua essência, ou mais exatamente, na sua subsistência. Ele é o “Espírito da verdade, que procede do Pai”. Aqui: (1) Ele é mencionado como uma pessoa distinta, não uma qualidade ou propriedade, mas uma pessoa, sob o nome próprio de “Espírito”, e sob o título adequado de “Espírito da verdade”, um título apropriado para Ele, uma vez que Ele testifica. (2) Como uma pessoa divina, “que procede do Pai”, que se manifestou desde a antiguidade, desde a eternidade. O espírito ou fôlego do homem, chamado de sopro da vida, procede do homem, e, interagindo com ele, expressa seu pensamento. Por ele estimulado, às vezes o homem exerce sua força para apagar o que ele deseje extinguir, e lutar por aquilo que ele deseje incentivar. Desta maneira, o bendito Espírito é a emanação da luz divina, e a energia do poder divino. Os raios do sol, pelos quais ele transmite e difunde sua luz, seu calor e sua influência, procedem do sol e são um só com ele. O Credo Niceno diz: O Espírito procede do Pai e do Filho, pois é chamado de Espírito do Filho, Gálatas 4.6. E aqui está escrito que o Filho o envia. A igreja grega preferiu dizer: do Pai, por intermédio do Filho.

2. Na sua missão. (1) Ele virá em um profuso derramamento de seus dons, graças e poderes, mais abundante do que jamais houvera. Cristo tinha sido, por muito tempo, o *ho erchomenos – aquele que viria.* Agora o bendito Espírito o é. (2) “Eu da parte do Pai vos hei de enviar”. Ele tinha dito (cap. 14.16): “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador”, o que indica que o Espírito é o fruto da intercessão que Cristo faz, no interior do véu. Aqui Ele diz: “Vos hei de enviar”, o que indica que Ele é o fruto do seu domínio, no interior do véu. O Espírito foi enviado: [1] Por Cristo, como Mediador, agora elevado às alturas, para dar dons aos homens, e todo o poder seria dado a Ele. [2] Pelo Pai: “Não somente do céu, da casa de meu Pai” (o Espírito foi dado em meio a um som vindo do céu, Atos 2.2), “mas de acordo com a vontade e a indicação de meu Pai, e, em conformidade com elas, com seu poder e autoridade”. [3] Aos apóstolos, para instruí-los na sua pregação, capacitá-los para o trabalho, e sustentá-los nos seus sofrimentos. Ele foi dado a eles e aos seus sucessores, tanto no cristianismo quanto no ministério. A eles, à sua posteridade, e à posteridade da sua posteridade, de acordo com a promessa, Isaías 59.21.

3. Na sua função e na sua operação, que são duas: (1) Uma estava implícita no título dado a Ele. Ele é “o Consolador”, ou Advogado. Um advogado por Cristo, para manter sua causa contra a infidelidade do mundo, um consolador para os santos, contra o ódio do mundo. (2) Outra, expressa: “Ele testificará de mim”. Ele não é somente um advogado, mas também uma testemunha a favor de Jesus Cristo. Ele é um dos três que testificam no céu, e o primeiro dos três que testificam na terra, 1 João 5.7,8. Ele instruiu os apóstolos, e os capacitou para que realizassem milagres. Ele inspirou todo o processo de escrita das Escrituras, que são as testemunhas permanentes que testificam a respeito de Cristo, cap. 5.39. O poder do ministério deriva do Espírito, pois Ele qualifica ministros, e o poder do cristianismo, também, pois Ele santifica os cristãos, e nas duas atividades, Ele testifica de Cristo.

II Aqui está a promessa de que os apóstolos também, com a ajuda do Espírito, teriam a honra de ser testemunhas de Cristo (v. 27): “E vós também testificareis” de mim, sendo testemunhas competentes, “pois estivestes comigo desde o princípio” do meu ministério. Observe aqui:

1. Que os apóstolos foram nomeados para serem testemunhas de Cristo no mundo. Quando Ele disse: O Espírito testificará, depois acrescentou: E vós também testificareis. Observe que a obra do Espírito não deve substituir, mas despertar e incentivar a nossa. Embora o Espírito testifique, os ministros também devem dar seu testemunho, e as pessoas devem aceitá-lo, pois o Espírito da graça testemunha e opera através dos meios da graça. Os apóstolos foram as primeiras testemunhas que foram chamadas no famoso julgamento entre Cristo e o príncipe deste mundo, que resultou na expulsão do invasor. Isto evidencia: (1) A obra destinada a eles. Eles deviam atestar a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade a respeito de Cristo, para a recuperação do seu justo direito e a manutenção da sua coroa e dignidade. Embora os discípulos de Cristo tivessem fugido quando deviam ter testificado dele, no seu julgamento perante o sumo sacerdote e Pilatos, depois que o Espírito foi derramado sobre eles, eles apareceram corajosos, defendendo a causa de Cristo contra as acusações que lhe eram feitas. A verdade da religião cristã devia ser provada, em grande medida, pela evidência dos fatos, especialmente a ressurreição de Cristo, da qual os apóstolos foram, de uma maneira especial, testemunhas escolhidas (At

10.41), e deram seu testemunho de modo adequado, Atos 3.15; 5.32. Os ministros de Cristo são suas testemunhas. (2) A honra que lhes foi conferida com isto – que eles seriam cooperadores de Deus. “O Espírito testificará de mim, e também vocês, sob a administração do Espírito, e de acordo com o Espírito (que irá impedir que vocês se enganem no que irão relatar, com base no seu próprio conhecimento, e lhes irá informar o que vocês não poderiam saber, exceto por revelações), testificarão. E o fato de que Cristo os tinha honrado e os reconheceria poderia encorajá-los contra o ódio e o desprezo do mundo.

2. Que eles eram qualificados para testificar: “Estivestes comigo desde o princípio”. Eles não somente ouviram seus sermões públicos, mas também tinham um diálogo privado e constante com Ele. Ele andava fazendo o bem, e, enquanto os outros viam somente as maravilhosas e misericordiosas obras que Ele realizava nas suas próprias cidades e regiões, aqueles que viajavam com Ele eram testemunhas de todas elas. Da mesma maneira, eles tinham oportunidade de observar a pureza sem mácula da sua conduta, e podiam testemunhar que nunca viram nele, nem ouviram dele, nada que tivesse a menor semelhança a uma fraqueza humana. Observe que: (1) Nós temos grandes motivos para receber o registro que os apóstolos deram de Cristo, pois eles não falavam baseados em rumores, mas falavam daquilo sobre o que tinham a maior certeza imaginável, 2 Pedro 1.16; 1 João 1.1,3. (2) Os mais capacitados para dar testemunho de Cristo são aqueles que estiveram com Ele, pela fé, esperança e amor, e vivendo uma vida de comunhão com Deus nele. Os ministros devem, primeiro, aprender a respeito de Cristo, e depois, pregá-lo. Falam melhor sobre as coisas de Deus aqueles que falam com base em experiências. É particularmente uma grande vantagem o fato de conhecer a Cristo desde o início, e poder compreender todas as coisas de forma detalhada (Lc 1.3). Ter estado com Ele desde o início dos nossos dias. Conhecer o Senhor o mais cedo possível na vida e viver constantemente no Evangelho de Cristo farão de um homem um bom despenseiro.

CAPÍTULO 16

Dentre outras coisas gloriosas que Deus falou sobre si mesmo, temos esta: “Eu firo e eu saro”, Deuteronômio 32.39. O sermão de Cristo neste

capítulo, que dá continuidade e conclui seu sermão de despedida aos seus discípulos, faz a mesma coisa. I. Há mensagens que ferem, como o aviso que Ele lhes dá, sobre os problemas que os esperavam, vv. 1-6. II. Há mensagens que curam, como o consolo que Ele lhes fornece, para sustentá-los sob tais dificuldades, as quais são cinco: 1. Que Ele lhes enviaria o Consolador, vv. 7-15. 2. Que Ele os visitaria novamente, na sua ressurreição, vv. 16-22. 3. Que Ele lhes garantiria uma resposta de paz a todas as suas orações, vv. 23-27. 4. Que agora Ele estava apenas retornando ao seu Pai, vv. 28-32. 5. Que, quaisquer que fossem os problemas que eles encontrassem neste mundo, por virtude da sua vitória sobre este mundo, eles poderiam ter a certeza de que teriam paz nele, v. 33.

A Perseguição É Predita. A Conveniência da Partida de Cristo

vv. 1-6

Cristo lida fielmente com seus discípulos quando os envia nas suas missões, pois lhes contou o pior, para que pudessem se sentar e considerar o custo. Ele lhes tinha dito, no capítulo anterior, que esperassem o ódio do mundo. Agora aqui, nestes versículos:

I Ele lhes dá um motivo pelo qual os alarmou, desta forma, com a expectativa de problemas: “Tenho-vos dito essas coisas para que vos não escandalizeis”, v. 1. 1. Os discípulos de Cristo podem se escandalizar com a cruz, e o escândalo da cruz é uma tentação perigosa, até mesmo para os bons homens, que os tenta a voltar as costas para os caminhos de Deus, ou para se afastar deles, ou para prosseguir pesadamente neles; para deixar, ou sua integridade, ou seu conforto. Não é por acaso que uma ocasião de sofrimento é chamada de “hora da tentação”. 2. Nosso Senhor Jesus, ao nos avisar sobre os problemas, pretendia remover o terror, para que eles não fossem uma surpresa para nós. De todos os adversários da nossa paz, neste mundo de dificuldades, nenhum nos insulta mais violentamente, nem nos deixa mais em desordem, do que os desapontamentos. Mas nós podemos receber facilmente um visitante que esperamos, e *estando precavidos, estaremos armados com antecedência – Praemoniti, praemuniti*.

II Ele prediz particularmente o que eles iriam sofrer (v. 2): “Os que detêm o poder, ‘expulsar-vos-ão das sinagogas’. E isto não é o pior, eles os matarão”. *Ecce duo-gladii – Eis que há duas espadas* sacadas contra os seguidores do Senhor Jesus.

1. A espada da reprovação eclesiástica. Ela é sacada, contra eles, pelos judeus, pois eles eram os únicos pretendentes ao poder da igreja. Eles “expulsar-vos-ão das sinagogas”, *aposynagogous poiesousin hymas – eles irão excomungá-los*. (1) “Eles irão expulsá-los das sinagogas das quais vocês são membros”. A princípio, eles os açoitaram nas suas sinagogas, por serem pessoas que desprezavam a lei (Mt 10.17), e no final, os expulsaram, por serem incorrigíveis. (2) “Eles irão expulsá-los da congregação de Israel em geral, a igreja nacional dos judeus. Irão negar-lhes os privilégios desta igreja, e os colocarão na condição de criminosos”, *qui caput gerit lupinum – golpeados na cabeça, como outro lobo.* Eles os considerarão como samaritanos, como homens pagãos e publicanos. *Interdico tibi aqua et igne – Eu proíbo a você o uso de água e fogo*. E, se não fosse pelas punições, confiscos e anulações, que ocorreram conseqüentemente, não seria nenhuma ofensa ser expulso, desta maneira, de uma casa infectada e decadente. Observe que sempre foi o destino dos discípulos de Cristo serem injustamente excomungados. Muitas boas verdades foram consideradas anátemas, e muitos filhos de Deus foram entregues a Satanás.

2. A espada do poder civil: “A ocasião é chegada, a hora é chegada. Agora, provavelmente, as coisas serão piores para vocês do que têm sido até agora. Quando vocês forem expulsos como hereges, eles os matarão, e pensarão estar fazendo um serviço a Deus, e muitos outros pensarão a mesma coisa”. (1) Vocês perceberão que eles são realmente cruéis: eles os matarão. As ovelhas de Cristo eram consideradas como ovelhas para o matadouro. Os doze apóstolos (nós sabemos) foram todos mortos, exceto João. Cristo tinha dito (cap. 15.27): “Vós... testificareis”, *martyreite – vós sereis mártires*, selareis a verdade com vosso sangue, o sangue do vosso coração. (2) Vocês perceberão que eles são, aparentemente, conscienciosos. Eles julgarão fazer um serviço a Deus. Eles parecerão *latreian prospherein – oferecer um bom sacrifício* a Deus. Assim como aqueles que expulsavam os servos de Deus antigamente, e diziam: “O Senhor seja glorificado”, Isaías 66.5. Observe: [1] É possível que aqueles que são verdadeiros inimigos do serviço a Deus finjam ter um zelo vigoroso por ele. A obra do

Diabo, muitas vezes, foi feita usando o uniforme de Deus, e um dos mais perversos inimigos que o cristianismo jamais teve esteve no templo de Deus. Na verdade: [2] É comum tratar com condescendência a um inimigo do Evangelho, sob o pretexto de um dever para com Deus, e um serviço à sua igreja. O povo de Deus sofreu as maiores aflições por parte de perseguidores conscienciosos. Paulo realmente pensava que tinha que fazer o que fez, contra o nome de Jesus. Isto não diminui, em nada, o pecado dos perseguidores, pois as vilanias nunca serão consagradas, ainda que lhes seja atribuído o nome de Deus. Mas acentua os sofrimentos dos perseguidos o fato de que morram considerados inimigos de Deus. Porém, no grande dia, haverá uma ressurreição pessoal e individual, que incluirá nomes e corpos.

III Ele lhes dá a verdadeira razão da inimizade e da ira do mundo contra eles (v. 3): "'Isso vos farão', não porque vós lhes tendes feito qualquer mal, mas 'porque não conheceram ao Pai nem a mim'. Que o fato de que ninguém será inimigo de vocês, exceto os piores homens, possa consolar vocês". Observe: 1. Muitos que fingem conhecer a Deus são desgraçadamente ignorantes sobre Ele. Aqueles que fingem servir a Deus pensam que o conhecem, mas, na verdade, têm uma noção errada a respeito dele. Israel traspassou o concerto, e ainda clamou: "Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos", Oséias 8.1,2. 2. Aqueles que são ignorantes a respeito de Cristo não podem ter nenhum conhecimento correto a respeito de Deus. Em vão, os homens fingem conhecer a Deus e ao Evangelho, enquanto desprezam a Cristo e ao cristianismo. 3. São realmente muito ignorantes a respeito de Deus e de Cristo aqueles que julgam que a perseguição das pessoas boas seja um serviço aceitável à Divindade. Aqueles que conhecem a Cristo sabem que Ele "não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las"; que Ele governa pelo poder da verdade e do amor, e não do fogo e da espada. Não há igreja tão perseguidora como aquela que faz da ignorância a mãe da devoção.

IV Ele lhes diz por que lhes deu este aviso agora, e por que não o fez antes.

1. Ele lhes diz isto agora (v. 4), não para desencorajá-los, ou aumentar seu sofrimento atual. Também não lhes falou do perigo que corriam para que pudessem planejar como evitá-lo, mas para que, quando chegasse "aquela hora" (e podem ter a certeza de que ela chegaria), eles se

lembrassem de que o Senhor já lhes tinha falado sobre ela. Observe que, quando chega a hora do sofrimento, é útil que nos lembremos daquilo que Cristo nos disse sobre este. (1) Ele lhes diz isto agora para que nossa fé na previsão e na fidelidade de Cristo possa ser confirmada. E: (2) Para que as dificuldades possam ser menos dolorosas, pois já nos foi falado sobre elas anteriormente, e para que nos dediquemos à nossa profissão de fé na expectativa delas, de modo que elas não sejam uma surpresa, nem sejam interpretadas como um mal que nos é feito. Assim como Cristo, nos seus sofrimentos, também seus seguidores, nos seus sofrimentos, objetivam o cumprimento das Escrituras.

2. Por que Ele não lhes contou isto antes: “Eu não vos disse isso desde o princípio”, quando nos conhecemos, “porque estava convosco”. (1) Enquanto estava com eles, Ele suportava o choque da maldade do mundo, e permanecia na linha de frente da batalha. Contra Ele, os poderes das trevas apontaram toda a sua força, não contra pequenos ou grandes, mas somente contra o rei de Israel. Ele não tinha necessidade de falar tanto aos discípulos sobre os sofrimentos, porque eles não tinham grande participação neles. Mas descobrimos que, desde o princípio, Ele lhes pedia que se preparassem para os sofrimentos. E, portanto: (2) Isto parece indicar a promessa de “outro consolador”. Ele tinha lhes falado pouco sobre isto no início, porque Ele mesmo estava com eles, para instruí-los, orientá-los e consolá-los, e então não precisavam da promessa da presença extraordinária do Espírito. Os filhos da câmara nupcial não têm tanta necessidade de um consolador, até que o esposo seja retirado.

V Jesus expressa uma preocupação muito afetuosa com a atual tristeza dos seus discípulos, por causa do que Ele lhes tinha dito (vv. 5,6): “Agora Eu não devo mais ficar convosco, mas devo seguir meu caminho em direção ‘àquele que me enviou’, para repousar ali, depois desta fadiga. ‘E nenhum de vós me pergunta’, com alguma coragem: ‘Para onde vais?’ Mas, em vez de procurar o que poderia consolar-vos, vós vos aprofundais no que parece melancólico, e o ‘vosso coração se encheu de tristeza’”.

1. Ele lhes tinha dito que estava prestes a deixá-los: “Agora, vou”. Ele não era afastado pela força, mas partia voluntariamente. Sua vida não era extraída dele, mas entregue por Ele. Ele foi para aquele que o enviou, para prestar contas da sua obra. Assim, quando nós partirmos deste mundo, nós

iremos para aquele que nos enviou a ele, e isto deveria nos fazer, a todos, interessados em viver com bons objetivos, lembrando que temos uma tarefa que nos foi confiada, que deve ser desempenhada até um dia determinado.

2. Ele lhes tinha advertido sobre as dificuldades que sofreriam quando Ele tivesse partido, e que não deveriam esperar uma vida tão tranqüila como a que tinham tido. Conseqüentemente, se este era o legado que Ele tinha para deixar a eles, que tinham deixado tudo por Ele, eles seriam tentados a pensar que tinham feito um mau negócio, e estavam, nesta ocasião, em consternação, em razão do que seu Mestre se solidariza com eles, mas ainda assim os repreende: (1) Porque eles não se preocuparam com o consolo, e não se mobilizaram para procurá-lo: "Nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?" Pedro tinha feito esta pergunta (cap. 13.36), e Tomé a tinha repetido (cap. 14.5), mas eles não perseveraram, eles não prestaram atenção à resposta. Eles estavam no escuro, no que dizia respeito a ela, e não investigaram nem procuraram um esclarecimento mais completo. Eles não continuaram a procurar, não continuaram batendo. Veja que Mestre misericordioso é Cristo, e como Ele é condescendente com os fracos e ignorantes. Muitos professores não toleram que o aprendiz faça a mesma pergunta duas vezes. Se ele não consegue entender algo rapidamente, que continue sem entendê-lo. Mas nosso Senhor Jesus sabe como lidar com as crianças, que devem ser ensinadas "mandamento sobre mandamento". Se os discípulos aqui tivessem percebido que a partida de Jesus visava o progresso do seu Evangelho (Pois, por que seriam eles contra este progresso?) e o próprio progresso deles, seu afastamento deles e os sofrimentos deles por Ele não deveriam perturbá-los de uma maneira incomum. Pois uma visão de Jesus à direita de Deus seria um incentivo eficaz para eles, assim como o foi para Estêvão. Observe que uma investigação, com fé e humildade, dos desígnios e das tendências das mais obscuras dispensações da Providência nos ajudaria a nos reconciliarmos com elas, e nos faria sofrer menos, e temer menos, por sua causa. Isto nos faria deixar de perguntar: De onde eles vêm? E nos satisfaria abundantemente perguntar: Para onde eles vão? Pois sabemos que estas coisas contribuem para o bem, Romanos 8.28. (2) Porque eles estavam excessivamente concentrados nos motivos da sua tristeza: "O vosso coração se encheu de tristeza". Cristo tinha dito o suficiente para enchê-los de alegria (cap. 15.11). Mas, olhando somente para aquilo que lhes era

contrário, e não para aquilo que era feito por eles, eles ficaram tão cheios de tristeza, que não havia espaço para a alegria. Observe que a falha e a tolice comum de cristãos melancólicos consiste em permanecerem no lado escuro da nuvem, para meditar somente no terror, e fazer-se de surdos para a voz de gozo e de alegria. Aquilo que enchia os corações dos discípulos de tristeza, e impedia a operação dos estímulos que Cristo administrava, era um afeto excessivamente grande por esta vida atual. Eles estavam cheios de esperanças com o reino e a glória externos do Mestre, além da esperança de que brilhariam e reinariam com Ele, e, conseqüentemente, ao invés disto, ouvir nada além de obrigações e aflições os enchia de tristeza. Nada atrapalha mais nossa alegria em Deus do que o amor pelo mundo, e a "tristeza do mundo" é a conseqüência.

A Conveniência da Partida de Cristo. A Promessa do Espírito

vv. 7-15

Assim como era usual que os profetas do Antigo Testamento consolassem a igreja, nas suas calamidades, com a promessa do Messias (Is 9.6; Mq 5.6; Zc 3.8), também, tendo vindo o Messias, a promessa do Espírito era o maior estímulo, e ainda o é.

Aqui temos três coisas a respeito da vinda do Consolador:

I Que a partida de Cristo era absolutamente necessária para a vinda do Consolador, v. 7. Os discípulos se recusavam tão firmemente a crer nisto, que Cristo viu motivos para afirmá-lo com uma solenidade mais do que usual: "Digo-vos a verdade". Nós podemos confiar na verdade de tudo o que Cristo nos disse. Ele não tem desejos de se aproveitar de nós. Agora, para deixá-los mais tranqüilos, aqui Ele lhes diz que:

1. De maneira geral, era conveniente para eles que Ele partisse. Esta era uma doutrina estranha, mas, se era verdadeira, era suficientemente confortável, e lhes mostrava o quanto a tristeza que sentiam era absurda. "Convém", não somente para mim, mas também para vocês, "que eu vá". Embora eles não vissem isto, e se recusassem a crer nisto, era verdade. Observe que: (1) Aquelas coisas que são realmente convenientes para nós sempre nos parecem dolorosas. Particularmente, nossa partida, quando

terminarmos nossa jornada nesta terra. (2) Nosso Senhor Jesus é sempre favorável àquilo que é mais conveniente para nós, quer pensemos assim ou não. Ele não lida conosco de acordo com a loucura de nossa própria escolha, mas graciosamente a rejeita e nos dá o remédio que não estamos dispostos a tomar, porque Ele sabe que ele é bom para nós.

2. Era conveniente porque tinha o objetivo do envio do Espírito. Observe:

(1) Que a partida de Cristo tinha o objetivo da vinda do Consolador.

[1] Isto está expresso de maneira negativa: "Se eu não for, o Consolador não virá". E por que não? Em primeiro lugar, assim estava decidido nos conselhos divinos a respeito deste assunto, e a medida não devia ser alterada. A terra será abandonada por causa deles? Aquele que dá livremente pode recolher um dom antes que conceda outro, embora desejássemos retê-los a todos, carinhosamente. Em segundo lugar, é suficientemente coerente que o embaixador extraordinário fosse chamado de volta, antes da vinda do enviado, que deveria residir permanentemente. Em terceiro lugar, o envio do Espírito deveria ser o fruto da compra de Cristo, e esta compra seria feita pela sua morte, que envolveria sua partida. Em quarto lugar, seria uma resposta à sua intercessão dentro do véu. Veja cap. 14.16. Desta maneira, este presente deve ser pago pelo Senhor Jesus, e também pedido a Ele, para que possamos aprender a dar-lhe o devido valor. Em quinto lugar, o grande argumento que o Espírito iria utilizar para convencer o mundo seria a ascensão de Cristo ao céu, e sua acolhida aqui. Veja o versículo 10, e também cap. 7.39. Finalmente, os discípulos devem se desacostumar da sua presença física, a qual eles são muito capazes de amar, antes de estarem plenamente preparados para receber os auxílios e os consolos espirituais de uma nova dispensação.

[2] Está expresso de maneira positiva: "Se eu for, enviar-vo-lo-ei", como se ele tivesse dito: "Confiem que eu proverei de maneira efetiva, de modo que vocês não percam com minha partida". O Redentor glorificado não deixa de se preocupar com sua igreja na terra, nem irá deixá-la sem os auxílios necessários. Embora Ele parta, Ele envia o Consolador, ou melhor, Ele parte com o propósito de enviá-lo. Desta maneira, embora uma geração de ministros e cristãos parta, outra se ergue em seu lugar, pois Cristo irá sustentar sua própria causa.

(2) Que a presença do Espírito de Cristo na sua igreja é muito melhor, e mais desejável, que sua presença física. Realmente, era conveniente para

nós que Ele partisse, para nos enviar o Consolador. Sua presença física poderia estar em um lugar por vez, mas seu Espírito está em toda parte, em todos os lugares, em todos os momentos, sempre que dois ou três estiverem reunidos no seu nome. A presença física de Cristo atrai os olhos dos homens, mas seu Espírito atrai seus corações. A letra mata, mas o Espírito do Senhor vivifica.

II Que a vinda do Espírito era absolutamente necessária para a realização dos interesses de Cristo na terra (v. 8): "E quando ele vier", *elthon ekeinos*. Aquele que é enviado deseja vir, e na sua primeira vinda, Ele fará isto, Ele "reprovará", ou, como na interpretação da margem (versão inglesa KJV), "convencerá o mundo", pelo seu ministério, no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao juízo.

1. Veja aqui qual é a função do Espírito, e com que missão Ele é enviado. (1) Para reprovar. O Espírito, pela palavra e pela consciência, é um reprovador. Os ministros são reprovadores por ofício, e por intermédio deles, o Espírito reprova. (2) Para convencer. Este é um termo legal que muitas vezes representa a função do juiz, ao resumir as evidências e definir uma questão que tinha sido debatida durante muito tempo, sob uma luz clara e verdadeira. Ele "convencerá", isto é, Ele calará os adversários de Cristo e da sua causa, revelando e demonstrando a falsidade e a falácia daquilo que eles sustentam, e a verdade e a certeza daquilo a que eles se opõem. Observe que o trabalho de convencer é o trabalho do Espírito. Ele pode realizá-lo com eficácia, e ninguém pode fazê-lo, exceto Ele. O homem pode abrir a causa, mas somente o Espírito pode abrir o coração. O Espírito é chamado de Consolador (v. 7), e aqui está escrito: Ele "convencerá". Poderia pensar-se que este era um consolo frio e distante, mas é o método que o Espírito adota, a saber, primeiro convence, e depois consola, primeiro abre a ferida, e depois aplica os remédios curativos. Ou, interpretando a convicção de modo mais genérico, como uma demonstração daquilo que é certo, isto indica que os consolos do Espírito são sólidos e se baseiam na verdade.

2. Veja quem são aqueles a quem Ele deverá condenar e convencer: o mundo, tanto os judeus quanto os gentios. (1) Ele dará ao mundo os meios mais poderosos de convicção, pois os apóstolos deverão ir a todo o mundo, respaldados pelo Espírito, para pregar o Evangelho, que é completamente

comprovado. (2) Ele irá prover de modo suficiente para o silêncio e a remoção das objeções e preconceitos do mundo contra o Evangelho. Muitos infiéis são convencidos por todos, e julgados por todos, 1 Coríntios 14.24. (3) Ele irá convencer a muitos no mundo, de maneira efetiva e salvadora, muitos de todas as épocas, em todos os lugares, para sua conversão à fé de Cristo. Era um incentivo para os discípulos, em referência às dificuldades que eles provavelmente iriam encontrar: [1] Que eles veriam o bem sendo feito, a queda do reino de Satanás como um relâmpago, o que seria sua alegria, assim como era a dele. Mesmo neste mundo maligno, o Espírito irá operar. E a convicção dos pecadores é o consolo dos ministros fiéis. [2] Que isto seria o fruto dos seus serviços e sofrimentos, que iriam contribuir muito para esta boa obra.

3. Veja do que o Espírito irá convencer o mundo.

(1) "Do pecado, porque não crêem em mim" (v. 9). [1] O Espírito é enviado para convencer os pecadores do pecado, e não simplesmente falar-lhes sobre ele. Na convicção, há mais do que isto. É provar-lhes, e forçá-los a reconhecer, assim como aqueles (cap. 8.9) que foram convencidos pelas suas próprias consciências. Fazê-los conhecer suas abominações. O Espírito convence da realidade do pecado, de que fizemos isto e aquilo; da falha no pecado, de que fizemos mal em fazer isto e aquilo; da tolice do pecado, de que agimos contra a razão e contra nossos verdadeiros interesses; da sujeira do pecado, de que por ele nos tornamos odiosos a Deus; da fonte do pecado, a natureza corrupta; e, por fim, do fruto do pecado, cujo fim é a morte. O Espírito demonstra a depravação e a degeneração de todo o mundo, pelas quais todo o mundo é culpado diante de Deus. [2] Ao convencer, o Espírito se prende especialmente ao pecado da incredulidade, que consiste no fato de não se crer em Cristo. Em primeiro lugar, por este ser um grande pecado dominante. Havia, e há, muitas pessoas que não crêem em Jesus Cristo, e elas não se dão conta de que este é seu pecado. A consciência natural lhes diz que matar e roubar são pecados. Mas é a obra sobrenatural do Espírito convencê-las de que há um pecado em não crer no Evangelho, e rejeitar a salvação que ele oferece. A religião natural, depois que nos fornece suas melhores revelações e orientações, estabelece e nos deixa sob esta obrigação adicional, que, a qualquer revelação divina que nos seja feita, a qualquer tempo, com evidências suficientes que provem sua origem divina, nós devemos aceitar e sujeitar-nos. Transgridem esta lei aqueles que,

quando Deus nos fala por intermédio do seu Filho, rejeitam aquele que fala, e, por isto, é pecado. Em segundo lugar, por este ser um grande pecado destruidor. Todo pecado é destruidor em sua própria natureza. Porém, nenhum pecado pode destruir aqueles que crêem em Cristo e se mantêm em santificação. De modo que é a incredulidade que destrói os pecadores. É por esta causa que eles não podem entrar no repouso, que não podem escapar à ira de Deus. Este pecado combate contra o remédio. Em terceiro lugar, por este ser um pecado que está no fundo de todo pecado. Assim Calvino interpreta. O Espírito irá convencer o mundo de que a verdadeira razão pela qual o pecado reina entre eles consiste no fato de que eles não estão unidos a Cristo pela fé. *Ne putimus vel guttam unam rectitudinis sine Christo nobis inesse – Não devemos supor que, separados de Cristo, tenhamos sequer uma gota de retidão*. Calvino.

(2) “Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais”, v. 10. Nós podemos interpretar isto: [1] Como a justiça pessoal de Cristo. Ele convencerá o mundo de que Jesus de Nazaré era Cristo, o Justo (1 Jo 2.1), assim como o centurião reconheceu (Lc 23.47): “Na verdade, este homem era justo”. Os inimigos de Jesus lhe atribuíam as piores características, e as multidões não se convenciam, ou não queriam se convencer, de que Ele não era um homem mau, o que fortalecia seus preconceitos contra sua doutrina. Mas Ele é justificado pelo Espírito (1 Tm 3.16), Ele prova ser um homem justo, e não um enganador. E então o ponto é realmente ganho, pois Ele é o grande Redentor ou a grande trapaça. Mas uma trapaça, nós temos certeza de que Ele não é. Agora, por qual meio ou argumento o Espírito irá convencer os homens da sinceridade do Senhor Jesus? Em primeiro lugar, o fato de que eles não mais o verão irá contribuir, de certa maneira, para a remoção dos seus preconceitos. Eles não mais o verão na semelhança da carne pecadora, na forma de um servo, que fez com que eles o desprezassem. Moisés foi mais respeitado depois de ser removido do que antes. Mas, em segundo lugar, sua ida ao Pai traria uma convicção completa disto. A vinda do Espírito, segundo a promessa, era uma prova da exaltação de Cristo à direita de Deus (At 2.33), e uma demonstração da sua justiça, pois o santo Deus nunca colocaria um enganador à sua direita. [2] Como a justiça de Cristo transmitida a nós, para nossa justificação e salvação, que é a justiça eterna que o Messias devia trazer, Daniel 9.24. Veja que, em primeiro lugar, o Espírito irá convencer os homens desta justiça. Tendo,

pela convicção do pecado, lhes mostrado a necessidade que tinham de justiça, para que isto não os levasse ao desespero, Ele irá lhes mostrar onde ela pode ser encontrada, e como eles podem, se crerem, ser absolvidos da culpa e ser aceitos como justificados, diante de Deus. Era difícil convencer desta justiça àqueles que tentavam estabelecer a sua própria (Rm 10.3), mas o Espírito o fará. Em segundo lugar, a ascensão de Cristo é o grande argumento apropriado para convencer os homens desta justiça: Eu "vou para meu Pai", e, como evidência de que serei bem recebido junto a Ele, "não me vereis mais". Se Cristo tivesse deixado alguma parte da sua missão inacabada, Ele teria sido enviado de volta. Mas agora que temos a certeza de que Ele está à direita de Deus, temos a certeza de que somos justificados por meio dele.

(3) "Do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado", v. 11. Observe aqui: [1] O Diabo, o príncipe deste mundo, foi julgado, foi considerado como um grande enganador e destruidor, e, como tal, recebeu julgamento e a execução foi realizada, em parte. Ele foi expulso do mundo gentílico quando seus oráculos foram silenciados, e seus altares, abandonados. Foi expulso do corpo de muitos, em nome de Cristo, cujo poder milagroso continua na igreja. Ele foi expulso das almas das pessoas, pela graça de Deus, através da operação do Evangelho de Cristo. Ele caiu como um relâmpago do céu. [2] Este é um bom argumento, com o qual o Espírito convence o mundo do juízo, isto é, em primeiro lugar, da santidade e santificação inerentes, Mateus 12.18. Pelo juízo do príncipe deste mundo, fica evidente que Cristo é mais forte que Satanás, e pode desarmá-lo e destituí-lo, e estabelecer seu trono sobre a ruína do dele. Em segundo lugar, de uma nova e melhor dispensação das coisas. Ele irá mostrar que a missão de Cristo no mundo foi a de estabelecer as coisas para endireitá-lo, e dar início aos tempos de transformação e regeneração. E Ele prova isto com o fato de que o príncipe deste mundo, o grande mestre do desgoverno, é julgado e expulso. Tudo estará bem quando for quebrado o poder daquele que fazia tantas maldades. Em terceiro lugar, do poder e do domínio do Senhor Jesus. Ele convencerá o mundo de que todo o juízo é dado ao Senhor Jesus, e que Ele é o Senhor de tudo e de todos. A evidência disto é que Ele julgou o príncipe deste mundo, feriu a cabeça da serpente, destruiu aquele que tinha o poder da morte, e despojou os principados. Se Satanás foi dominado desta maneira por Cristo, nós podemos ter a certeza de que

nenhum outro poder pode se erguer diante dele. Em quarto lugar, do dia do juízo final: todos os inimigos obstinados do Evangelho e do reino de Cristo certamente receberão, por fim, seu tratamento, pois o Diabo, seu cabeça, será julgado.

III Que a vinda do Espírito seria de um benefício indescritível para os próprios discípulos. O Espírito tem trabalho para realizar, não somente sobre os inimigos de Cristo, para convencê-los e humilhá-los, mas também sobre seus servos e agentes, para instruí-los e consolá-los. E por isto era conveniente para eles que Ele partisse.

1. O Senhor lhes indica a terna percepção que tinha da sua debilidade em sua condição humana (v. 12): “Ainda tenho muito que vos dizer” (não que tais palavras devessem ter sido ditas, mas que Ele poderia e desejaria tê-las dito), “mas vós não o podeis suportar agora”. Veja que professor maravilhoso é Cristo. (1) Não há ninguém como Ele, em termos de abundância de informações. Quando já tinha dito muito, Ele ainda tinha muitas outras coisas para dizer. Os tesouros da sabedoria e do conhecimento ficam escondidos nele, se nós não os buscarmos. (2) Não há ninguém como Ele, inclusive em termos de compaixão. Ele lhes teria dito mais sobre as coisas pertencentes ao reino de Deus, particularmente sobre a rejeição dos judeus e o chamado dos gentios, mas eles não podiam suportá-lo, isto os teria confundido e embaraçado, e não lhes traria qualquer satisfação. Quando, depois da sua ressurreição, eles lhe falaram sobre a restauração do reino de Israel, o Senhor lembrou-lhes da vinda do Espírito Santo, pelo qual eles receberiam poder para suportar estas revelações, que eram tão contrárias às noções que eles tinham recebido, e que não poderiam suportar agora.

2. Ele lhes assegura auxílios suficientes, através do derramamento do Espírito. Eles estavam agora conscientes da sua grande ignorância, e dos seus muitos enganos. E o que será deles, agora que seu Mestre os está deixando? “Mas quando Ele, o Espírito de Verdade, vier, vocês ficarão tranqüilos, e tudo ficará bem”. Realmente bem. Pois Ele se encarregará de guiar os apóstolos e de glorificar a Cristo.

(1) Guiar os apóstolos. Ele irá cuidar:

[1] Para que eles não percam seu caminho: Ele vos guiará, como o acampamento de Israel foi guiado, pelo deserto, pela coluna de nuvem e

fogo. O Espírito guiaria suas línguas ao falar, e suas penas, ao escrever, para evitar que cometessem enganos. O Espírito nos é dado para ser nosso guia (Rm 8.14), não somente para nos mostrar o caminho, mas para seguir conosco, pelos seus auxílios e influências constantes.

[2] Para que eles não deixem de alcançar seu objetivo: Ele os guiará em toda a verdade, como o piloto hábil guia o navio ao porto ao qual se destina. Ser guiado na verdade é mais do que simplesmente conhecê-la. É estar intimamente e experimentalmente familiarizado com ela. É estar piedosamente e vigorosamente afetado por ela. Não somente ter sua noção em nossas mentes, mas também seu sentimento nos nossos corações. Isto indica um descobrimento gradual da verdade, que brilha cada vez mais: "Ele os guiará por aquelas verdades que são claras e fáceis, em direção àquelas que são mais difíceis". Mas, como em toda a verdade? O significado é:

Em primeiro lugar, em toda a verdade relativa à sua missão. Eles seriam plenamente instruídos sobre qualquer coisa que fosse necessário, ou útil, que eles soubessem, para desempenharem devidamente seu trabalho. O Espírito lhes ensinaria as verdades que eles deveriam ensinar aos outros, lhes daria o entendimento de tais verdades, e os capacitaria para explicá-las e defendê-las.

Em segundo lugar, em nada, exceto a verdade. Tudo aquilo em que Ele os guiar será a verdade (1 Jo 2.27). A unção é verdadeira. Nas palavras seguintes, Ele prova estas duas coisas: 1. "O Espírito não lhes ensinará nada, exceto a verdade, pois Ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e que souber que é a vontade do Pai, e Ele só falará isto". Isto sugere: (1) Que o testemunho do Espírito, na palavra e pelos apóstolos, é aquilo em que podemos confiar. O Espírito conhece e sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus, e os apóstolos receberam este Espírito (1 Co 2.10,11), de modo que podemos aventurar nossas almas na palavra do Espírito. (2) Que o testemunho do Espírito sempre está de acordo com a palavra de Cristo, pois Ele não fala de si mesmo, não tem interesses ou intenções próprias, mas, tanto na essência quanto nos antecedentes, Ele é um só com o Pai e o Filho, 1 João 5.7. A palavra e o espírito dos homens freqüentemente estão em desacordo, mas com a Palavra Eterna e o Espírito Eterno, isto nunca acontece. 2. "Ele lhes ensinará toda a verdade, e não reterá nada que seja proveitoso a vocês, pois

Ele lhes anunciará o que há de vir". O Espírito era, nos apóstolos, um Espírito de profecia. Tinha sido predito que Ele o seria (Jl 2.28), e Ele realmente o era. O Espírito lhes mostraria as coisas futuras, conforme Atos 11.28; 20.23; 21.11. O Espírito falou da apostasia dos últimos tempos, 1 Timóteo 4.1. João, quando estava no Espírito, recebeu coisas que lhe foram mostradas em visões. Isto era uma grande satisfação para suas próprias mentes, e muito útil para eles na sua conduta, e também era uma grande confirmação da sua missão. Jansênio faz uma observação piedosa sobre isto: "Nós não devemos reclamar pelo fato de o Espírito não nos mostrar tantas coisas futuras neste mundo, como fez com os apóstolos. Deve ser suficiente para nós o fato de que o Espírito nos mostrou as coisas que virão no outro mundo, que são nosso principal interesse".

(2) O Espírito se encarregou de glorificar a Cristo, vv. 14,15. [1] Até mesmo o envio do Espírito era uma glorificação a Cristo. Deus, o Pai, o glorificou no céu, e o Espírito o glorificou na terra. Era a honra do Redentor o fato de que o Espírito fosse enviado em seu nome e também na sua missão, para dar prosseguimento à sua tarefa, e aperfeiçoá-la. Todos os dons e graças do Espírito, toda a pregação e todos os textos escritos pelos apóstolos, sob a influência do Espírito, as línguas e milagres, são maravilhas que glorificam a Cristo. [2] O Espírito glorificou a Cristo conduzindo seus seguidores na verdade, como ela está em Jesus, Efésios 4.21. Ele lhes garante, em primeiro lugar, que o Espírito lhes transmitiria as coisas de Cristo: Ele "há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar". Assim como, em essência, o Espírito procedia do Filho, Ele também derivava dele em influência e operação. Ele terá *ek tou emou – daquilo que é meu*. Tudo o que o Espírito nos mostra, isto é, nos dá para nossa instrução e consolo, tudo o que Ele nos dá para nosso fortalecimento e vivificação, e tudo o que Ele nos garante e sela, tudo pertence a Cristo, e foi recebido dele. Tudo é dele, pois Ele o comprou, e pagou caro por isto, e, portanto, Ele tinha motivos para chamar de seu. Seu, pois Ele o recebeu primeiro. Foi dado a Ele, como o cabeça da igreja, para ser transmitido por Ele a todos os seus membros. O Espírito não veio para edificar um novo reino, mas para promover e estabelecer o mesmo reino que Cristo tinha edificado, para manter o mesmo interesse e procurar o mesmo desígnio. Portanto, aqueles que aspiram ao Espírito e difamam a Cristo, se contradizem e desmentem, pois Ele veio para glorificar a Cristo. Em segundo lugar, que assim as coisas

de Deus deveriam nos ser transmitidas. Para que ninguém se esquecesse de que o recebimento de tão grande bênção lhe tornaria muito mais rico, o Senhor acrescenta: “Tudo quanto o Pai tem é meu”. Como Deus, Ele tem toda aquela luz auto-existente e toda aquela felicidade auto-suficiente que o Pai tem. Como Mediador, todas as coisas lhe são entregues pelo Pai (Mt 11.27). Toda aquela graça e verdade que Deus, o Pai, desejava nos mostrar, Ele colocou nas mãos do Senhor Jesus, Colossenses 1.19. As bênçãos espirituais nas coisas celestiais são dadas pelo Pai ao Filho, para nós, e o Filho encarrega o Espírito de transmiti-las a nós. Alguns relacionam isto ao que foi dito há pouco: Ele “vos anunciará o que há de vir”, e assim está explicado por Apocalipse 1.1. Deus, o Pai, deu tudo a Cristo, e Ele o anunciou a João, que, por sua vez, escreveu o que o Espírito disse, Apocalipse 1.1.

A Partida e o Retorno de Cristo. A Tristeza e a Alegria São Preditas

vv. 16-22

Nosso Senhor Jesus, para o consolo dos seus discípulos entristecidos, aqui promete que os visitaria outra vez.

I Observe a insinuação que Ele lhes fez, do consolo que lhes designava, v. 16. Aqui Ele lhes diz:

1. Que, dentro de pouco tempo, eles deixariam de vê-lo: “Um pouco”, e vós, que me vistes durante tanto tempo, e ainda desejais me ver, “não me vereis”, e, portanto, se tivessem alguma pergunta a fazer ao Senhor Jesus, deviam fazê-la rapidamente, pois agora Ele estava se despedindo deles. Observe que é bom considerarmos o quanto nossos períodos de graça estão próximos do seu final, para que possamos nos motivar a aproveitá-los enquanto permanecerem. Agora nossos olhos vêem nossos professores, vêem os dias do Filho do homem. Mas, talvez, dentro de pouco tempo, não os vejamos mais. Eles perderam Cristo de vista: (1) Na sua morte, quando Ele se retirou deste mundo, e nunca mais se apresentou nele abertamente. O máximo que a morte faz aos nossos amigos cristãos é tirá-los da nossa vista, não da existência, nem da bem-aventurança, mas de qualquer

relacionamento conosco. Eles estarão somente fora da nossa vista, mas não fora da nossa mente. (2) Na sua ascensão, quando Ele se retirou deles (daqueles que, depois da sua ressurreição, tiveram algum tempo de convivência com Ele), e passou a estar fora do alcance da vista deles. Uma nuvem o recebeu, e, embora eles tivessem os olhos fixos nele, não o viram mais, Atos 1.9,10; 2 Reis 2.12. Veja 2 Coríntios 5.16.

2. Que, ainda assim, em breve, eles recobrariam a visão que tinham dele. "Outra vez um pouco, e ver-me-eis", e, portanto, não deveis entristecer-vos como aqueles que não têm esperança. Sua despedida não era uma despedida final. Eles o veriam outra vez: (1) Na sua ressurreição, pouco tempo depois da sua morte, quando Ele se apresentou vivo, por muitas provas infalíveis, e isto dentro de muito pouco tempo, nem sequer quarenta horas. Veja Oséias 6.2. (2) Pelo derramamento do Espírito, pouco tempo depois da sua ascensão, que dissipou a névoa da ignorância e dos enganos em que eles estavam quase perdidos, e lhes deu uma percepção muito mais clara dos mistérios do Evangelho de Cristo do que eles já tinham tido. A vinda do Espírito era a visita de Cristo aos seus discípulos, não uma visita transitória, mas uma permanência, e uma visita que recobrou abundantemente a visão que tinham dele. (3) Na sua segunda vinda. Eles viram o Senhor Jesus outra vez quando foram levados, um por um, até Ele, através da morte. E o verão juntos, no fim dos tempos, quando Ele vier nas nuvens, a ocasião em que todo olho o verá. Pode-se dizer verdadeiramente que era somente um pouco, e eles o veriam. Pois, o que são os dias do tempo, comparados aos dias da eternidade? 2 Pedro 3.8,9.

3. Ele dá a razão: "'Porquanto vou para o Pai', e, portanto": (1) "Eu devo lhes deixar por algum tempo, porque meu trabalho me chama para o mundo superior, e vocês devem se contentar em me poupar, pois, na verdade, meu trabalho beneficia cada um de vocês". (2) "Portanto, vocês me verão novamente, dentro de pouco tempo, pois o Pai não irá me reter, o que seria prejuízo para vocês. Se Eu prosseguir com sua missão, vocês me verão novamente tão logo meu trabalho esteja concluído, tão logo seja conveniente".

Ao que parece, tudo isto se refere mais à sua partida na morte, e ao seu retorno na ressurreição, do que à sua partida na ascensão, e ao seu retorno no final dos tempos. Pois era sua morte que os entristecia, e não sua ascensão (Lc 24.52). E entre sua morte e sua ressurreição, realmente se

passou pouco tempo. E a expressão bíblica pode ser interpretada não como "um pouco" (não é *eti mikron*, como em João 12.35), mas *mikron* – "*por um pouco*, e não me vereis", a saber, os três dias em que o Senhor Jesus esteve no sepulcro. E outra vez, "por um pouco, e ver-me-eis", a saber, os quarenta dias entre sua ressurreição e sua ascensão. Assim, podemos dizer dos nossos ministros e amigos cristãos: Um pouco, e não os veremos, seja porque eles devem nos deixar ou porque nós devemos deixá-los. Mas, assim como é certo que devemos nos separar em breve, também não podemos nos esquecer de que, mais tarde, estaremos juntos para sempre. É como dizermos boa noite àqueles que nós esperamos ver, com alegria, na manhã seguinte.

II A perplexidade dos discípulos com a insinuação que lhes foi dada. Eles ficaram confusos quanto a como interpretá-la (vv. 17,18). Alguns deles, fossem alguns dos mais fracos, que eram menos capacitados, ou alguns dos mais inquisidores, que eram mais desejosos de compreendê-lo, disseram, mansamente, entre si: Que é isto que nos diz? Embora Cristo freqüentemente tivesse falado com este objetivo antes, eles ainda estavam às escuras. Embora estivessem recebendo vários preceitos, um depois do outro, eles não seriam úteis, se Deus, o Pai, não lhes desse o entendimento. Veja aqui: 1. A fraqueza dos discípulos, expressa no fato de que não conseguiam compreender uma mensagem tão clara, da qual Cristo já tinha lhes dado uma explicação, tendo dito a eles, com tanta freqüência, e em termos tão claros, que Ele seria morto, e no terceiro dia ressuscitaria. Contudo, dizem eles: "Não sabemos o que diz". Pois: (1) A tristeza tinha enchido seus corações, e os deixava incapazes de receber as palavras de consolo. As trevas da ignorância e as trevas da melancolia comumente aumentam e complicam umas às outras. Os enganos provocam as tristezas, e as tristezas confirmam os enganos. (2) A noção do reino secular de Cristo estava tão profundamente enraizada neles, que eles não conseguiam compreender o significado de todas estas mensagens do Senhor. Eles não sabiam como conciliar estas mensagens com aquela noção. Quando nós pensamos que as Escrituras devam estar de acordo com as falsas idéias de que estamos impregnados, não é de admirar que reclamemos de dificuldades. Mas, quando nossas reflexões são atraídas para a revelação, o assunto se torna uma questão de fácil compreensão. (3) Aparentemente, o

que os confundiu foi a expressão “um pouco”. Se o Senhor Jesus deveria ir, de qualquer modo, eles não conseguiam entender como Ele os deixaria tão rapidamente, quando sua permanência, até agora, tinha sido tão curta, e por um espaço de tempo tão curto, comparativamente. Desta maneira, é difícil descrevermos, para nós mesmos, essa mudança como próxima, ainda que sabemos que certamente virá, e que pode vir repentinamente. Quando nós dizemos: “Um pouco”, e devemos ir daqui, “um pouco”, e devemos abrir mão da nossa explicação, nós não sabemos como compreender isto, pois sempre entendemos que a visão é para muitos dias, Ezequiel 12.27. 2. A vontade que tinham de ser instruídos. Quando estavam perplexos sobre o significado das palavras de Cristo, eles conversaram sobre isto, e pediram ajuda uns aos outros. Por meio da conversa sobre as coisas divinas, nós emprestamos o esclarecimento de outros, e, ao mesmo tempo, aperfeiçoamos o nosso. Observe com que exatidão eles repetem as palavras de Cristo. Embora nós não possamos resolver plenamente todas as dificuldades com que nos deparamos nas Escrituras, ainda assim não devemos, por causa disto, deixá-las de lado. Devemos determinar o que não podemos explicar, e esperar até que Deus nos revele estas coisas.

III A explicação adicional daquilo que Cristo tinha dito.

1. Veja aqui por que Cristo explicou (v. 19): porque Ele sabia que eles desejavam lhe perguntar, e planejou isto. Observe que devemos levar os nós que não podemos desatar ao único que pode nos dar algum entendimento. Cristo sabia que eles desejavam perguntar a Ele, mas estavam acanhados e envergonhados para fazê-lo. Observe que Cristo toma conhecimento dos desejos piedosos, embora ainda não tenham sido oferecidos. Ele conhece as queixas que não podem ser proferidas, e até mesmo as antecipa, com as bênçãos da sua bondade. Cristo instruía àqueles que Ele sabia que estavam desejosos de pergunta-lhe, ainda que não perguntassem. Antes que eles peçam, Ele responde. Outro motivo pelo qual Cristo explicou foi porque Ele observou que eles estavam discutindo o assunto entre si: “‘Indagais entre vós acerca disto?’ Bem, Eu vou esclarecer para vós”. Isto nos sugere quem são aqueles a quem Cristo deseja ensinar: (1) Os humildes, que confessam sua ignorância, pois é isto o que suas perguntas evidenciam. (2) Os diligentes, que usam os meios que possuem: “‘Indagais?’ Sereis ensinados. A qualquer que tiver será dado”.

2. Veja aqui como Ele explicou: não por meio de uma discussão agradável e crítica sobre as palavras, mas aproximando a questão deles. Ele lhes tinha dito que não mais o veriam, e depois o veriam, e eles não compreenderam o significado, e por isto Ele explica, falando da sua tristeza e alegria, porque normalmente nós avaliamos as coisas conforme elas nos afetam (v. 20): “Vocês irão chorar e lamentar minha partida, mas o mundo se alegrará nisto. E vocês ficarão entristecidos, enquanto Eu estiver ausente, mas, quando Eu retornar, sua tristeza se converterá em alegria”. Porém, Ele não diz nada sobre a expressão “um pouco”, porque viu que isto os confundiu mais do que qualquer outra coisa, e não é importante para nós conhecermos as horas e as ocasiões. Observe que os crentes sentem alegria ou tristeza conforme tenham ou não uma visão de Cristo, e os sinais da sua presença com eles.

(1) O que Cristo diz aqui, e nos versículos 21 e 22, sobre sua tristeza e alegria, deve, basicamente, ser interpretado como sendo o estado e as circunstâncias atuais dos discípulos, e, desta maneira, temos:

[1] A predição da sua tristeza: “Vós chorastes e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes”. Os sofrimentos de Cristo não podiam deixar de ser a tristeza dos seus discípulos. Eles choraram por Ele porque o amavam. A dor de um amigo nosso é uma dor para nós. Quando eles dormiram, foi por tristeza, Lucas 22.45. Eles choraram por si mesmos, e pela sua perda, e pelas tristes noções que tinham do que iria acontecer com eles, depois que Jesus tivesse partido. Não podia deixar de provocar tristeza perder aquele por quem eles tinham deixado tudo, e em quem tinham tido tantas expectativas. Cristo avisou aos seus discípulos, de antemão, a que esperassem tristezas, para que pudessem valorizar os consolos da maneira adequada.

[2] A alegria do mundo, ao mesmo tempo: “E o mundo se alegrará”. Aquilo que é a tristeza dos santos é a alegria dos pecadores. Em primeiro lugar, aqueles que são estranhos a Cristo irão permanecer na sua alegria carnal, e não se interessarão pelas suas tristezas. Ela não representa nada àqueles que passam pelo caminho, Lamentações 1.12. Em segundo lugar, aqueles que são inimigos de Cristo se alegrarão, porque esperarão tê-lo derrotado, e destruído seus interesses. Quando os principais dos sacerdotes pregaram Cristo na cruz, podemos supor que se alegraram com isto, como aqueles que habitam na terra, sobre as testemunhas mortas, Apocalipse 11.10. Que não seja surpresa para nós, se virmos outros triunfando, quando

estivermos tremendo pela arca.

[3] O retorno da alegria a eles, no devido tempo: “Mas a vossa tristeza se converterá em alegria”. Assim como a alegria dos hipócritas, também a tristeza do verdadeiro cristão dura somente um pouco. Os discípulos ficariam felizes quando vissem o Senhor. Sua ressurreição era, para eles, como receber a vida estando mortos. E sua tristeza pelos sofrimentos de Cristo se converteria em uma alegria de tal natureza, que não poderia ser amortecida nem amargurada por nenhum sofrimento deles mesmos. Eles ficaram contristados, mas estavam sempre alegres (2 Co 6.10). Tiveram vidas tristes, mas corações alegres.

(2) Os tópicos a seguir se aplicam a todos os fiéis seguidores do Cordeiro, e descrevem a situação comum dos cristãos.

[1] Sua condição e disposição era desolada. As tristezas eram seu destino, e a seriedade, seu estado de espírito. Aqueles que conhecem a Cristo devem, como Ele, conhecer a tristeza. Eles choraram e se lamentaram por aquilo a que os outros não davam importância, a saber, seus próprios pecados e os pecados dos que estavam à sua volta. Eles lamentam com os sofredores que lamentam, e lamentam pelos pecadores que não lamentam por si mesmos.

[2] O mundo, ao mesmo tempo, prossegue com toda a alegria. Eles riem agora, e passam seus dias tão jovialmente, que alguém poderia pensar que eles nem conheciam o sofrimento nem temiam. A alegria carnal e os prazeres certamente não são as melhores coisas, pois os piores homens não terão uma cota tão grande deles, e os favoritos do céu serão estranhos a eles.

[3] A tristeza espiritual em breve se converterá em alegria eterna. A alegria é semeada nos justos de coração, que semeiam lágrimas, e, sem dúvida, em breve segarão com alegria. Sua tristeza não somente se seguirá de alegria, mas se converterá em alegria, pois os mais preciosos consolos surgem das tristezas piedosas. Desta maneira, o Senhor faz uma ilustração, através de uma comparação com uma mulher prestes a dar à luz, a cujas tristezas Ele compara as dos seus discípulos, para incentivá-los, pois a vontade de Cristo é que seu povo seja um povo consolado.

Em primeiro lugar, aqui está a comparação, ou parábola, propriamente dita (v. 21): “A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza”, sente uma dor cortante, “porque é chegada a sua hora”, a hora que a natureza e a

providência fixaram, que ela esperou e da qual não pode escapar; “mas, depois de ter dado à luz a criança”, desde que tenha nascido saudável, e seja um Jabez (1 Cr 4.9), e não um Benoni (Gn 35.18), “já se não lembra da aflição”, seus gemidos e queixumes se acabam, e as dores pós-parto são mais fáceis de suportar, “pelo prazer de haver nascido um homem no mundo”, *anthropos*, da raça humana, um filho, seja homem ou mulher, pois a palavra significa as duas coisas. Observe:

a. O fruto da maldição, na tristeza e dor de uma mulher prestes a dar à luz, de acordo com a sentença de Gênesis (Gn 3.16): “Com dor terás filhos”. Estas dores são extremas, as maiores dores e tristezas são comparadas a elas (Sl 48.6; Is 13.3; Jr 4.31; 6.24), e são inevitáveis, 1 Tessalonicenses 5.3. Veja o que é este mundo. Todas as suas rosas estão rodeadas de espinhos, todos os filhos dos homens são, de acordo com esta explicação, crianças tolas, que são um peso para aquela que os carregou desde o início. Isto vem do pecado.

b. O fruto da bênção, na alegria que existe por um filho trazido ao mundo. Se, depois da queda, Deus não tivesse mantido em vigor a bênção: “Frutificai, e multiplicai-vos”, os pais nunca poderiam ter considerado seus filhos com algum consolo. Mas o que é fruto de uma bênção é motivo de alegria. O nascimento de um filho é: (*a*) Uma alegria para os pais. Isto os alegra grandemente, Jeremias 20.15. Embora os filhos sejam preocupações garantidas, e consolos incertos, e muitas vezes provem ser as maiores cruzes, ainda assim é natural que nos alegremos com o nascimento deles. Se pudéssemos ter certeza de que nossos filhos, como João, seriam cheios do Espírito Santo, poderíamos realmente, como seus pais, ter prazer e alegria no seu nascimento, Lucas 1.14,15. Mas quando consideramos, não somente que eles nascem em um mundo de pecados, mas, como está escrito, que eles nascem em um mundo de armadilhas e em um vale de lágrimas, nós vemos razões para nos alegrarmos com temor, para que não se prove que seria melhor para eles que nunca tivessem nascido. (*b*) É uma alegria que faz com que a angústia não seja lembrada, ou lembrada como águas que já passaram, Jó 11.16. *Haec olim meminisse juvabit.* Gênesis 41.51. Isto é apropriado para apresentar: [*a*] As tristezas dos discípulos de Cristo neste mundo. Elas são como as dores do parto, certeiras e agudas, mas não duram muito tempo, e seu resultado é alegre. Eles nascem em meio às dores do parto, esta é a forma como a igreja é descrita (Ap 12.2), como também toda

a criação, Romanos 8.22. E: [*b*] Suas alegrias depois destas tristezas. Elas irão enxugar todas as lágrimas, pois já as primeiras coisas serão passadas, Apocalipse 21.4. Quando eles nascerem naquele mundo abençoado, e colherem o fruto de todos os seus serviços e tristezas, o trabalho árduo e as angústias deste mundo não mais serão lembrados, assim como os de Cristo: "O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito", Isaías 53.11.

Em segundo lugar, a aplicação da comparação (v. 22): "'Vós, agora… tendes tristeza', e provavelmente tereis mais; 'mas outra vez vos verei', e vós me vereis, e então tudo ficará bem".

a. Aqui o Senhor lhes fala novamente da tristeza que sentiam: "'Vós, agora, na verdade, tendes tristeza', porque Eu vos deixo", algo que fica evidente na antítese: "Outra vez vos verei". Observe que as partidas de Cristo são causas justas de tristeza para seus discípulos. Se Ele ocultar seu rosto, eles não devem se perturbar. Quando o sol se põe, o girassol se curva. E Cristo percebe estas tristezas, tem um recipiente para colher as lágrimas, e um livro para registrar os suspiros de todos aqueles que anelam pela graça.

b. Mais abundantemente do que antes, Ele lhes garante o retorno da alegria, Salmos 30.5,11. Ele mesmo passou pelas suas próprias tristezas, e suportou as nossas, pela alegria que se apresentava diante dele. E Ele deseja que nos incentivemos, com a mesma perspectiva. Três coisas recomendam a alegria: (*a*) Sua causa: "'Outra vez vos verei'. Eu vos farei uma visita gentil e amistosa, para saber notícias de vós, e para vos ministrar consolo". Observe que: [*a*] Cristo irá graciosamente retornar para aqueles que esperam por Ele, embora, por um breve momento, pareça ter se esquecido deles, Isaías 54.7. Os homens, depois de terem sido exaltados, dificilmente olham para seus inferiores. Mas o Jesus exaltado visitará seus discípulos. Não somente eles o verão na sua glória, mas Ele os verá na sua humildade. [*b*] Os retornos de Cristo são retornos de alegria para todos os seus discípulos. Quando as evidências dúbias são esclarecidas, e a comunhão interrompida é revivida, a boca se enche de riso. (*b*) Sua cordialidade: "O vosso coração se alegrará". A consolação divina coloca alegria no coração. A alegria no coração é sólida, e não é extravagante; é secreta, e é algo com que um estranho não se intromete; é doce, e dá satisfação a um bom homem; é garantida, e não é facilmente rompida. Os discípulos de Cristo devem se alegrar fervorosamente em seus retornos, sinceramente e

enormemente. (*c*) Sua continuidade: “A vossa alegria, ninguém vo-la tirará”. Os homens se empenharão em tirar a alegria deles. Eles o fariam, se pudessem. Mas não conseguirão. Alguns entendem isto como uma referência à alegria eterna daqueles que são glorificados. Aqueles que entram no gozo do Senhor não mais sairão. Podem nos roubar nossas alegrias na terra, por mil acidentes, mas as alegrias celestiais são eternas. Eu prefiro interpretar que se trata das alegrias espirituais daqueles que são santificados, particularmente a alegria dos apóstolos no seu apostolado. “Graças a Deus”, diz Paulo, em nome dos demais, “que sempre nos faz triunfar”, 2 Coríntios 2.14. Um mundo maldoso a tiraria deles, eles a teriam perdido. Mas, podendo tirar todo o resto deles, não poderiam tirar-lhes a alegria: “Como contristados, mas sempre alegres”. Eles não podiam roubar-lhes sua alegria, porque não podiam separá-los do amor de Cristo, não podiam roubar-lhes seu Deus, nem seu tesouro no céu.

O Incentivo à Oração

vv. 23-27

Aqui é prometida uma resposta às suas perguntas, para seu maior consolo. Há duas maneiras de perguntar: perguntar com o objetivo de investigar, que é o modo de perguntar daqueles que não possuem conhecimento, e perguntar com o objetivo de pedir, que é o modo de perguntar daqueles que estão necessitados. Aqui Cristo se refere às duas maneiras.

I Com o objetivo de investigar, eles não teriam necessidade de perguntar (v. 23): “Naquele dia, nada me perguntareis”, *ouk erotesete ouden – não fareis perguntas.* “Vocês terão tal conhecimento dos mistérios do Evangelho, pela abertura do seu entendimento, que não precisarão investigar” (como em Hebreus 8.11, não ensinarão). “Vocês terão mais conhecimento, de repente, do que tiveram até então, por acompanhamento diligente”. Eles tinham feito algumas perguntas ignorantes (como Jo 9.2), algumas ambiciosas (como Mt 18.1), algumas desconfiadas (como Mt 19.27), algumas impertinentes (como cap. 21.21), e algumas curiosas (como At 1.6). Mas depois do derramamento do Espírito, não mais as fariam. Na história dos Atos dos apóstolos, raramente os vemos fazendo perguntas,

como Davi: Devo fazer isto? Ou: Devo ir para lá? Pois estavam constantemente sob a orientação divina. Naquele caso difícil da pregação do Evangelho aos gentios, Pedro foi sem duvidar, Atos 10.20. Fazer perguntas pressupõe que estamos confusos, ou, pelo menos, à espera, e o melhor de nós sente a necessidade de fazer perguntas. Mas nós devemos desejar total segurança de entendimento para que possamos não hesitar, porém ser constantemente levados em um caminho fácil, tanto de verdade quanto de dever.

O Senhor lhes dá uma razão (v. 25), que claramente lembra esta promessa, do porque eles não precisariam fazer perguntas: "'Disse-vos isso por parábolas', de uma maneira que não julgastes tão clara e compreensível como desejaríeis, mas é chegada a hora em que vos falarei abertamente, tão abertamente quanto podeis desejar, sobre o Pai, de modo que não precisareis fazer perguntas".

1. A bênção grandiosa à qual Cristo os conduziria era o conhecimento de Deus: "Eu lhes mostrarei o Pai, e os farei conhecê-lo". Isto é o que Cristo deseja dar, e o que todos os verdadeiros cristãos devem desejar ter. Quando Cristo deseja falar do maior favor destinado aos seus discípulos, Ele lhes diz que lhes mostraria claramente o Pai. Pois qual é a felicidade do céu, senão ver a Deus, imediatamente e eternamente? Conhecer a Deus como o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo é o maior mistério com cuja contemplação o entendimento pode se satisfazer, e conhecê-lo como nosso Pai é a maior felicidade com cuja escolha e cujo prazer a vontade e os sentimentos podem se satisfazer.

2. Até aqui, Ele lhes tinha falado sobre isto na forma de parábolas, que são mensagens sábias e instrutivas, mas figuradas e generalizadas. Cristo lhes tinha dito muitas coisas, com muita clareza, e explicado suas parábolas em particular aos discípulos, mas: (1) Considerando a tolice e a incapacidade que eles tinham de entender o que Ele lhes dizia, podiam dizer que Ele falava por parábolas. O que Ele lhes dizia era como um livro selado, Isaías 29.11. (2) Comparando as revelações que Ele lhes tinha dado, em que Ele tinha falado aos seus ouvidos, com aquilo que Ele lhes faria, quando colocasse seu Espírito nos corações deles, tudo, até este momento, tinha sido parábolas. Seria uma surpresa agradável para eles, e eles julgariam estar em um novo mundo, quando refletissem sobre todas as suas primeiras noções, e as vissem confusas e enigmáticas, em comparação com

seu conhecimento atual, claro e distinto, sobre as coisas divinas. O ministério da letra não era nada, em comparação com o do Espírito, 2 Coríntios 3.8-11. (3) Limitando-o ao que Ele tinha dito sobre o Pai, e os conselhos do Pai, o que Ele tinha dito era muito obscuro, em comparação com o que seria revelado em breve, Colossenses 2.2.

3. Ele lhes falaria com clareza, *parresia – com liberdade*, sobre o Pai. Quando o Espírito foi derramado, os apóstolos alcançaram um conhecimento muito maior das coisas divinas do que tinham antes, como fica claro pela habilidade de falar que o Espírito lhes deu, Atos 2.4. Eles foram conduzidos ao mistério daquelas coisas das quais eles tinham, anteriormente, uma noção muito confusa. E o que o Espírito lhes mostrou, aqui está escrito que Cristo lhes mostrou, pois, assim como o Pai fala por meio do Filho, também o Filho fala por meio do Espírito. Mas esta promessa se cumprirá plenamente no céu, quando virmos o Pai como Ele é, face a face, não como o vemos agora, por espelho em enigma (1 Co 13.12). Este é um motivo de consolo para nós, sob a nuvem da atual escuridão, e a razão pela qual não podemos ordenar nossas palavras, mas freqüentemente as deixamos fora de ordem. Enquanto estamos aqui, temos muitas perguntas para formular a respeito do Deus invisível e do mundo invisível. Mas, naquele dia, nós veremos claramente todas as coisas, e não faremos mais perguntas.

II Ele promete que, com o objetivo de investigar, eles nunca perguntariam nada em vão. Aceita-se como verdadeiro que todos os discípulos de Cristo se dedicam à oração. Ele os ensinou, pelo seu preceito e padrão, a estarem sempre em oração. Isto devia ser seu sustento e consolo quando Ele os tivesse deixado. Sua instrução, orientação, força e sucesso devem ser alcançados pela oração. Agora:

1. Aqui está a promessa expressa de uma concessão, v. 23. A introdução a esta promessa é tal, que a torna inviolavelmente segura, e não deixa espaço para questioná-la: "'Na verdade, na verdade vos digo', Eu garanto a veracidade disto". A promessa propriamente dita é incomparavelmente rica e doce. O cetro de ouro aqui é estendido ao mundo, com as palavras: "Qual é a tua petição? E se te dará". Pois Ele diz: "Tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar". Nós já lemos isto antes, cap. 14.13. O que mais podemos desejar? A promessa é tão expressa como podemos

desejar. (1) Aqui nós somos ensinados a pedir. Devemos pedir ao Pai em nome de Cristo. Devemos considerar Deus como nosso Pai, e nos dirigirmos a Ele como filhos, e a Cristo, como Mediador, e nos dirigirmos a Ele como seus dependentes. Pedir ao Pai inclui um senso de bênçãos espirituais, com uma convicção de que elas somente poderão ser obtidas de Deus. Também inclui a humildade ao nos dirigirmos a Ele, com uma forte confiança nele, como o Pai capaz e disposto a nos ajudar. Pedir em nome de Cristo inclui um reconhecimento da nossa própria falta de merecimento de receber qualquer favor de Deus, uma atitude que está de acordo com o método que Deus adotou para manter uma correspondência com seu Filho, e uma completa dependência de Cristo como "o Senhor, Justiça Nossa". (2) Aqui lemos como seremos bem-sucedidos: "Ele vo-lo há de dar". O que mais podemos desejar, exceto ter aquilo que nos falta, ou melhor, aquilo que desejamos, em conformidade com a vontade de Deus, após pedir? Aquele de quem procede "toda boa dádiva e todo dom perfeito", lhes dará o necessário. Aquilo que Cristo comprou, pelo mérito da sua morte, Ele não necessitava para si mesmo, mas o destinava e transferia aos seus fiéis seguidores. E, tendo demonstrado uma valiosa consideração por isto, que foi plenamente aceita, por esta promessa Ele saca uma nota, como se fosse sobre o tesouro no céu, que nós devemos apresentar por meio da oração, e em seu nome pedir aquilo que está comprado e prometido, de acordo com o verdadeiro intento do novo concerto. Cristo tinha prometido aos discípulos grande esclarecimento pelo Espírito, mas eles deviam orar pedindo-o, e o fizeram, Atos 1.14. Deve-se investigar a vontade de Deus para isto. Ele tinha prometido a eles a perfeição no futuro, mas o que eles fariam neste ínterim? Eles deviam continuar orando. O usufruto perfeito está reservado para a terra do nosso repouso. Pedir e receber são o consolo da terra da nossa peregrinação.

2. Aqui está um convite para que eles façam a petição. Julga-se suficiente que os grandes homens permitam que nos dirijamos a eles, mas Cristo nos convida à petição, v. 24.

(1) Ele examina o procedimento deles até então: "Até agora, nada pedistes em meu nome". Isto pode referir-se, ou: [1] Ao assunto das suas orações: "Vocês nada pediram, comparativamente, nada daquilo que podiam ter pedido, e pedirão quando o Espírito for derramado". Veja que generoso benfeitor é nosso Senhor Jesus, acima de todos os benfeitores. Ele dá

liberalmente, e está tão longe de nos censurar pela freqüência e quantidade dos seus dons, que Ele prefere nos censurar pela pouca freqüência e pela escassez dos nossos pedidos: “Vocês nada pediram, em comparação com o que lhes falta, e o que Eu tenho para dar, e prometi dar”. Nós recebemos a instrução de abrir completamente nossa boca. Ou: [2] Ao nome no qual eles oravam. Eles faziam muitas orações, mas nunca tão expressamente no nome de Cristo como agora Ele lhes instruía a fazer. Pois Ele ainda não tinha oferecido aquele grande sacrifício, em virtude do qual nossas orações seriam aceitas, nem tinha iniciado sua intercessão por nós, cujo incenso devia perfumar todas as nossas devoções, capacitando-nos, assim, a orar em seu nome. Até aqui, eles tinham expulsado demônios e curado doenças no nome de Cristo, como um rei e um profeta, mas não podiam distintamente orar em seu nome, como um sacerdote.

(2) Ele examina o procedimento deles no futuro: “Pedi e recebereis, para que a vossa alegria se cumpra”. Aqui: [1] Ele os instrui a pedir por tudo o que eles necessitavam, e que Ele tinha prometido. [2] Ele lhes garante que irão receber. Aquilo que nós pedirmos, a partir de um princípio de graça, Deus irá dar graciosamente: “Recebereis”. Nisto, existe algo a mais do que a promessa de que Ele o dará. O Pai não somente o dará, mas dará para que vocês recebam, dará a vocês o consolo e o benefício, um coração para daí comer, Eclesiastes 6.2. [3] Ele lhes garante que, com isto, a alegria deles seria completa. Isto indica, em primeiro lugar, o abençoado resultado da oração da fé. Ele ajuda a completar a alegria da fé. Se desejarmos ter nossa alegria completa, tão completa como ela pode ser neste mundo, nós devemos estar sempre em oração. Quando recebemos a instrução de nos regozijarmos sempre, a conseqüência imediata é: “Orai sem cessar”. Veja quanto devemos visar em oração – não somente a paz, mas a alegria, “abundância de alegria”. Ou, em segundo lugar, os abençoados efeitos da resposta de paz: “Peçam, e receberão aquilo que irá completar sua alegria”. Os dons de Deus, por intermédio de Cristo, enchem os tesouros da alma, e trazem alegria, Provérbios 8.21. “Peçam pelo dom do Espírito Santo e o receberão, e, embora outro conhecimento aumente a tristeza (Ec 1.18), o conhecimento que Ele dá irá aumentar, irá completar, a alegria de vocês”.

3. Aqui estão as razões pelas quais eles podem esperar ser bem-sucedidos (vv. 26,27), que são resumidas pelo apóstolo (1 Jo 2.1): “Temos um Advogado para com o Pai”.

(1) Nós temos um advogado. Quanto a isto, Cristo viu nesta oportunidade motivos para não insistir neste aspecto, somente para fazer com que o incentivo a seguir resplandecesse mais: "'Não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai'. Suponde que Eu não vos diga que irei interceder por vós, que não me encarregarei de rogar por cada causa em particular que possais ter pendente, mas, ainda assim, o fato de que Eu estabeleci uma correspondência entre vós e Deus, erigi um trono de graça, e vos consagrei para um novo e vivo caminho para o santuário, pode ser um motivo de consolo geral". Ele fala como se eles não necessitassem de nenhum favor, uma vez que Ele tinha ordenado que o dom do Espírito Santo intercedesse dentro deles, como o Espírito de adoção, clamando Aba, Pai. Como se eles não tivessem necessidade de que Ele rogasse por eles agora. Mas nós descobriremos que Ele faz mais por nós do que diz que fará. O desempenho dos homens freqüentemente fica aquém das suas promessas, mas o de Cristo vai além das suas.

(2) Nós nos relacionamos com um Pai, o que é um incentivo tão grande, que, de certa maneira, excede a outra razão: "'Pois o mesmo Pai vos ama', *philei hymas*, Ele é amigo de vós, e vós não podeis ter amigo melhor". Observe que os discípulos de Cristo são os amigos do próprio Deus. Cristo não somente afastou a ira de Deus de nós, e nos trouxe a um concerto de paz e reconciliação, como também comprou seu favor para nós, e nos trouxe a um concerto de amizade e comunhão. Observe a ênfase que é colocada sobre isto: "O mesmo Pai vos ama, aquele que é perfeitamente feliz consigo mesmo, cujo amor-próprio é sua infinita retidão e também sua infinita bem-aventurança. E ainda assim Ele se alegra por amar a vós". O mesmo Pai, a cujo favor vocês perderam o direito, e cuja ira vocês despertaram, e junto a quem vocês precisam de um advogado, Ele mesmo ama vocês. Observe: [1] Por que o Pai amava os discípulos de Cristo: Porque "vós me amastes e crestes que saí de Deus", isto é, porque vós sois verdadeiramente meus discípulos. Não como se o amor começasse por parte do ser humano, mas, pela sua graça, Ele operou em nós o sentimento de amor pela sua pessoa. O Senhor se alegra com a obra das suas próprias mãos. Veja aqui, em primeiro lugar, qual é o caráter dos discípulos de Cristo. Eles o amam, porque crêem que Ele veio de Deus, é o Unigênito do Pai e seu alto comissário para o mundo. Observe que a fé em Cristo opera pelo amor a Ele, Gálatas 5.6. Se nós cremos que Ele é o Filho de Deus, não

podemos deixar de amá-lo como infinitamente adorável. E se cremos que Ele é nosso Salvador, não podemos deixar de amá-lo como o mais gentil para conosco. Observe com que respeito Cristo se alegra de falar do amor dos seus discípulos por Ele, e com que delicadeza Ele o encara. Ele fala disto como aquilo que os recomenda ao favor do seu Pai: “Vocês me amaram, e creram em mim, quando o mundo me odiou e rejeitou. E vocês se diferenciarão por isto”. Em segundo lugar, veja a vantagem que têm os discípulos fiéis de Cristo: o Pai os ama, e isto porque eles amam a Cristo. Tão satisfeito Deus está em Cristo, que Ele se alegra com todos os amigos dele. [2] Os incentivos que isto lhes dá na oração. Eles não devem temer se dirigir excessivamente depressa àquele que os ama, e que lhes quer bem. Em primeiro lugar, isto nos adverte contra os maus pensamentos sobre Deus. Quando somos ensinados, na oração, a pedir o mérito e a intercessão de Cristo, não é como se toda a bondade estivesse somente em Cristo, e em Deus não houvesse nada além de ira e fúria. Não, a questão não é esta. O amor e a boa vontade do Pai indicaram Cristo para ser o Mediador, de modo que nós devemos o mérito de Cristo à misericórdia de Deus, que nos deu o Salvador. Em segundo lugar, tenhamos e confirmemos em nós bons pensamentos sobre Deus. Os crentes que amam a Cristo devem saber que Deus os ama, e por isto devem ir corajosamente até Ele, como filhos se dirigem a um Pai amoroso.

As Revelações de Cristo sobre si mesmo

vv. 28-33

Aqui Cristo consola seus discípulos com duas coisas:

I Com a certeza de que, embora Ele estivesse deixando o mundo, Ele estaria retornando ao seu Pai, de quem Ele tinha vindo, vv. 28-32, onde temos:

1. Uma declaração clara sobre a missão de Cristo, enviado pelo Pai, e seu retorno até Ele (v. 28): “Saí do Pai e vim”, como podem ver, “ao mundo; outra vez, deixo o mundo”, como verão em breve, “e vou para o Pai”. Esta é a conclusão de todo o assunto. Não havia nada que Ele tivesse inculcado mais neles do que estas duas coisas – de onde Ele vinha e para onde ia, o

alfa e o ômega do mistério da piedade (1 Tm 3.16). O Redentor, na sua vinda, era Deus manifestado em carne, e na sua partida, seria “recebido acima, na glória”.

(1) Estas duas grandes verdades aqui estão: [1] Resumidas, e expressas em poucas palavras. Os sumários breves da doutrina cristã são de grande utilidade para os novos convertidos. Os princípios dos oráculos de Deus trazidos a um pequeno âmbito nos credos e catecismos, como os raios do sol convergentes em uma lente, transmitem a luz e o calor divinos com um poder maravilhoso. Temos este assunto em várias passagens, como, por exemplo, Jó 28.28; Eclesiastes 12.13; 1 Timóteo 1.15; Tito 2.11,12; 1 João 5.11. [2] Comparadas, e colocadas uma contra a outra. Existe uma harmonia admirável nas verdades divinas. Elas corroboram e ilustram umas às outras. A vinda e a partida de Cristo fazem isto. Cristo tinha elogiado seus discípulos por crerem que Ele vinha de Deus (v. 27), e conseqüentemente deduz a necessidade e justiça do seu retorno, outra vez, a Deus, que, portanto, não deveria parecer a eles nem estranho nem triste. Observe que o devido aprimoramento daquilo que conhecemos e reconhecemos nos ajuda a compreender aquilo que parece difícil e duvidoso.

(2) Se perguntarmos sobre o Redentor, de onde Ele vinha e para onde ia, saberemos: [1] Que Ele vinha do Pai, que o santificou e selou. Ele veio a este mundo, a este mundo inferior, a este mundo da humanidade, em cujo meio, pela sua encarnação, Ele se alegrou por se incorporar. Aqui estão seus afazeres, e Ele veio aqui para realizá-los. Ele trocou sua casa por este país estranho, trocou seu palácio por esta cabana. Que maravilhosa condescendência! [2] Que, quando Ele concluiu sua obra na terra, Ele deixou o mundo e voltou para seu Pai, por ocasião da sua ascensão. Ele não foi forçado a ir, mas decidiu-se, por sua livre vontade, a deixar o mundo, a não mais retornar a ele até que viesse para acabar com ele. Mas, ainda assim, Ele está presente espiritualmente com sua igreja, e assim estará até o fim.

2. A satisfação dos discípulos com esta declaração (vv. 29,30): “Eis que, agora, falas abertamente”. Aparentemente, esta única mensagem de Cristo lhes fez mais bem do que todas as outras, embora Ele tivesse dito muitas outras coisas igualmente suficientes para influenciá-los. O Espírito, como o vento, assopra onde quer, e com esta mensagem o Senhor os satisfaz. Talvez uma mensagem que foi transmitida uma vez, ou duas, e não foi

compreendida, se for suficientemente repetida, por fim será aceita. Com esta mensagem, eles são aprimorados em duas coisas:

(1) No conhecimento: “Eis que, agora, falas abertamente”. Quando eles estavam às escuras, sem entender o que Jesus dizia, eles não disseram: Eis que, agora, falas obscuramente, como culpando-o. Mas agora que compreendem o que Ele quer dizer, eles lhe dão glória por ser condescendente com a capacidade deles: “Eis que, agora, falas abertamente”. As verdades divinas têm mais probabilidade de fazer o bem quando são ditas claramente, 1 Coríntios 2.4. Observe como eles triunfaram, como o matemático triunfou com seu *heureka, heureka*, quando chegou a uma comprovação que tinha procurado por muito tempo: Descobri, descobri. Observe que, quando Cristo se alegra em falar claramente às nossas almas, e, com o rosto descoberto, nos levar a contemplar sua glória, nós temos motivos para nos alegrarmos com isto.

(2) Na fé: “Agora, conhecemos”. Observe:

[1] Em que criam: “Cremos que saíste de Deus”. Ele tinha dito (v. 27) que eles deviam crer nisto. “Senhor”, dizem eles, “nós cremos, e temos motivos para crer, e sabemos que cremos, e temos o consolo disto”.

[2] Qual era o motivo da fé deles – a onisciência de Jesus. Isto provava que Ele era um mestre vindo de Deus, e mais do que um profeta, que Ele conhecia todas as coisas, do que eles se convenceram, porque Ele solucionava as dúvidas que estavam ocultas nos seus corações, e reagia aos escrúpulos que eles não tinham confessado. Observe que conhecem bem a Cristo aqueles que o conhecem por experiência, que podem dizer, a respeito do seu poder: Ele opera em mim, e a respeito do seu amor: Ele me amou. E isto prova que Cristo não somente tem uma missão divina, mas que é uma pessoa divina, uma vez que Ele discerne os pensamentos e as intenções do coração, e por isto é a Palavra essencial e eterna, Hebreus 4.12,13. Ele faz com que todas as igrejas saibam que Ele sonda as mentes e os corações, Apocalipse 2.23. Isto confirmou a fé dos discípulos aqui, como fez a primeira impressão sobre a mulher samaritana, a quem Cristo disse todas as coisas que ela tinha feito (cap. 4.29), e sobre Natanael, a quem Cristo viu debaixo da figueira, cap. 1.48,49.

As palavras: “E não precisas de que alguém te interrogue”, podem também significar, ou, em primeiro lugar, a aptidão que Cristo tinha para ensinar. Ele nos adverte com suas instruções, e transmite os tesouros de

sabedoria e conhecimento que estão escondidos nele, e não precisa ser importunado. Ou, em segundo lugar, sua capacidade de ensinar: “Tu não precisas, como outros professores, ouvir as dúvidas dos alunos, pois tu sabes em que eles tropeçam, sem que alguém te conte”. O melhor dos professores somente pode responder ao que é perguntado, mas Cristo pode responder ao que é pensado, ao que temos medo de perguntar, como os discípulos aqui, Marcos 9.32. Desta maneira, Ele pode se compadecer, Hebreus 5.2.

3. A gentil repreensão que Cristo fez aos seus discípulos, pela confiança que tinham de que agora o entendiam, vv. 31,32. Observando como eles triunfavam nas suas conquistas, Ele perguntou: “‘Credes, agora?’ Agora vos considerais discípulos avançados e confirmados? Agora pensais que não cometereis mais erros tolos? Ai! Vós não conheceis a própria fraqueza. Em breve, ‘sereis dispersos, cada um para sua casa’” etc. Aqui temos:

(1) Uma pergunta que pretendia fazê-los refletir: “Credes, agora?” [1] “Se crêem agora, por que não creram antes? Vocês não ouviram as mesmas coisas, muitas vezes, antes?” Aqueles que, depois de muitas instruções e muitos convites, são, por fim, persuadidos a crer, têm motivos para se sentirem envergonhados porque não o fizeram durante tanto tempo. [2] “Se agora, por que não sempre? Quando chegar uma hora de tentação, onde estará sua fé?” Enquanto houver inconstância na nossa fé, há motivos para questionarmos a sinceridade desta fé, e perguntar: “Nós realmente cremos?”

(2) Uma predição do fracasso deles, de que, por mais confiantes que estivessem agora da sua própria estabilidade, dentro de pouco tempo todos o abandonariam, o que se cumpriu naquela mesma noite, quando, depois de Cristo ter sido aprisionado por um grupo de guardas, “todos os discípulos, deixando-o, fugiram”, Mateus 26.56. Eles se dispersaram: [1] Uns dos outros. Cada um deles procurou sua própria segurança, sem nenhum cuidado ou preocupação pelos outros. Os tempos de tribulação são tempos de dispersão para as sociedades cristãs. No dia de nuvens e de escuridão, o rebanho de Cristo se dispersa, Ezequiel 34.12. Cristo, como uma sociedade, não é visível. [2] Dispersaram-se por causa dele: “Me deixareis só”. Eles deviam ter sido testemunhas a favor dele, no seu julgamento, deveriam ter ministrado a Ele, nos seus sofrimentos. Se eles não podiam ter-lhe dado nenhum consolo, deviam ter-lhe dado algum crédito. Mas eles se envergonharam quando Ele foi preso, e temeram compartilhar com Ele seus

sofrimentos, e o deixaram sozinho. Observe que muitas boas causas, quando são atormentadas por seus inimigos, são abandonadas por seus amigos. Os discípulos tinham permanecido com Cristo nas suas outras tentações, mas voltaram-lhe as costas agora. Aqueles que são postos à prova, nem sempre se provam confiáveis. Se, em alguma ocasião, julgarmos nossos amigos pouco corteses conosco, recordemos que os amigos de Cristo também o foram com Ele. Quando o deixaram sozinho, dispersaram-se , cada homem para sua casa. Não às suas próprias propriedades e residências, pois estas eram na Galiléia, mas aos seus próprios amigos e conhecidos, em Jerusalém. Cada um seguiu seu próprio caminho, onde acreditava que estaria mais seguro. Cada homem protegeu o que era seu, a si mesmo, e à sua própria vida. Observe que aqueles que procuram suas próprias coisas mais do que as coisas de Cristo, e que consideram as coisas deste mundo como *ta idia – sua própria propriedade*, em que está sua felicidade, não ousarão sofrer pelo Evangelho. Observe aqui que, em primeiro lugar, Cristo sabia de antemão que seus discípulos o abandonariam no momento crítico, e ainda assim era carinhoso com eles, sem ser, de nenhuma maneira, descortês. Nós estamos prontos a dizer, a respeito de algumas pessoas: “Se pudéssemos ter predito sua ingratidão, não teríamos sido tão gentis nos nossos favores a elas”. Cristo predisse a ingratidão dos discípulos, e ainda assim foi gentil com eles. Em segundo lugar, Ele lhes falou disto como uma censura à exultação deles pelas suas conquistas atuais: “‘Credes, agora?’ Não se tenham em alto conceito, mas temam, pois, em pouco tempo, descobrirão sua fé tão dolorosamente abalada, a ponto de tornar questionável se ela é sincera ou não”. Observe que, mesmo quando estamos recebendo o consolo das nossas graças, é bom que nos lembremos dos perigos que corremos por causa das nossas corrupções. Quando nossa fé é forte, nosso amor, flamejante, e nossas evidências, claras, ainda assim não podemos concluir, a partir disto, que o amanhã será como este dia. Mesmo quando temos mais motivos para pensar que permaneceremos em pé, ainda teremos razões suficientes para tomar cuidado para não cair. Em terceiro lugar, Ele falou sobre isto como sendo algo muito próximo. De certa maneira, era chegada a hora em que eles se sentiriam tão precavidos contra Ele quanto sempre tinham sentido carinho por Ele. Observe que um período curto de tempo produz grandes mudanças, tanto a nosso respeito quanto em nós.

(3) Não obstante, uma garantia da sua própria consolação: “Mas não estou só”. Ele não desejava que interpretassem que Ele estivesse se queixando porque eles o deixavam, como se nisto houvesse algum prejuízo real para Ele, pois, na ausência deles, Ele teria a certeza da presença do seu Pai, que era *instar omnium – tudo*: “O Pai está comigo”. Podemos considerar isto: [1] Como um privilégio peculiar ao Senhor Jesus: o Pai esteve com Ele nos seus sofrimentos como nunca Ele esteve com ninguém, pois Ele ainda estava no seio do Pai. A natureza divina não abandonou a natureza humana, mas a suportou, e concedeu uma consolação invencível e um valor inestimável aos seus sofrimentos. O Pai tinha se comprometido a estar com Ele durante toda a sua missão (Sl 89.21ss.), e a preservá-lo (Is 49.8). Isto lhe dava coragem, Isaías 50.7. Mesmo quando Ele reclamou que seu Pai o abandonou, ainda o chamou de “meu Deus”, e imediatamente depois teve tanta certeza da sua presença favorável, que entregou seu espírito em suas mãos. O Senhor Jesus tinha se consolado, todo o tempo, com isto (cap. 8.29): “Aquele que me enviou está comigo; o Pai não me tem deixado só”, e especialmente agora, no final. Isto auxilia nossa fé na aceitação da expiação de Cristo. Sem dúvida, o Pai se comprazia nele, pois acompanhou-o em sua missão, desde o início até o final. [2] Como um privilégio comum a todos os crentes, em virtude da sua união com Cristo. Quando estiverem sozinhos, não estarão sós, mas o Pai estará com cada um deles. Em primeiro lugar, quando a solidão for uma escolha de cada um deles, quando estiverem sós, como Isaque no campo, Natanael debaixo da figueira, e Pedro no terraço, meditando e orando, o Pai estará com eles. Aqueles que estão com Deus, em meio à solidão, nunca estão realmente a sós. O Deus bom e um bom coração são boas companhias em qualquer ocasião. Em segundo lugar, quando a solidão é sua aflição, seus inimigos os deixam sós, e seus amigos também, seu círculo de relacionamentos, como o de Jó, se esvazia. Ainda assim, não estão tão sós quanto pensam estar, pois o Pai está com eles, assim como esteve com José na sua prisão, e com João no seu exílio. Nas suas maiores dificuldades, eles são como aquele de quem seu pai se apieda, como aquele a quem sua mãe consola. E, enquanto tivermos a presença favorável de Deus conosco, seremos felizes, e deveremos ficar tranqüilos, ainda que o mundo todo nos abandone. *Non deo tribuimus justum honorem nisi solus ipse nobis sufficiat – Nós não estaremos conferindo a honra devida a Deus, a menos que o consideremos o único*

todo-suficiente. Calvino.

II Ele os consola com uma promessa de paz em si mesmo, em virtude da sua vitória sobre o mundo, sejam quais forem as dificuldades com que eles se depararem (v. 33): "'Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz'. E, se não a tiverdes comigo, não a tereis nunca, de maneira nenhuma, pois no mundo tereis tribulações. Vós não deveis esperar por mais ninguém, mas deveis alegrar-vos, pois Eu venci o mundo". Observe:

1. O objetivo que o Senhor Jesus Cristo tinha ao pregar este sermão de despedida aos seus discípulos: que nele, eles pudessem ter paz. Com isto, Ele não pretendia dar-lhes uma visão completa daquela doutrina da qual, em pouco tempo, eles se tornariam mestres, pelo derramamento do Espírito, mas somente fazê-los perceber, neste momento, que seu afastamento deles tinha, realmente, as melhores intenções. Ou podemos interpretar de maneira mais genérica: Cristo tinha dito tudo isto a eles, para que, quando se alegrassem nele, pudessem sentir a melhor alegria em si mesmos. Observe: (1) É a vontade de Cristo que todos os seus discípulos tenham paz interior, quaisquer que sejam os problemas externos. (2) A paz em Cristo é a única paz verdadeira, e somente nele os crentes a têm, pois Ele mesmo é nossa paz, Mateus 5.5. Por intermédio dele, nós temos paz com Deus, e, da mesma forma, nele, nós temos paz no nosso espírito. (3) Este é o objetivo da Palavra de Cristo, que nele possamos ter paz. A paz é o fruto dos lábios, e especialmente dos lábios santos do Senhor Jesus, Isaías 57.19.

2. A acolhida que eles provavelmente encontrariam no mundo: "Vocês não terão uma paz exterior, nunca esperem tê-la". Embora fossem enviados para proclamar a paz na terra, e a boa vontade para com os homens, eles deveriam esperar problemas na terra, e má vontade por parte dos homens. Observe que a sorte dos discípulos de Cristo era ter tribulações neste mundo, maiores ou menores. Os homens os perseguem por serem tão bons, e Deus os corrige por não serem melhores. Os homens desejam eliminá-los da terra, e Deus deseja, pelos sofrimentos, torná-los adequados para o céu. E desta maneira, entre ambos, eles terão tribulações.

3. O incentivo que Cristo lhes dá com referência a isto: "Mas tende bom ânimo", *tharseite*. "Não somente se sintam consolados, mas tenham coragem. Tenham bom ânimo, e tudo ficará bem". Observe que, em meio às tribulações deste mundo, é o dever e o interesse dos discípulos de Cristo ter

bom ânimo, para que possam conservar seu deleite em Deus, independentemente daquilo que os estiver pressionando. E sua esperança em Deus também deverá ser mantida, independentemente daquilo que os estiver ameaçando. Eles, sem dúvida, estarão contristados, de acordo com o estado de espírito da ocasião, e ainda assim estarão sempre alegres, sempre de bom ânimo (2 Co 6.10), mesmo em meio às tribulações, Romanos 5.3.

4. A base para tal incentivo: “Eu venci o mundo”. A vitória de Cristo é um triunfo cristão. Cristo venceu o príncipe deste mundo, desarmou-o, e expulsou-o. E ainda esmaga Satanás debaixo dos nossos pés (Rm 16.20). Ele venceu os filhos deste mundo, pela conversão de muitos à fé e à obediência do seu Evangelho, tornando-os filhos do seu reino. Quando Ele envia seus discípulos para pregar o Evangelho a todo o mundo, “Tende bom ânimo”, diz Ele, “‘Eu venci o mundo’, e assim como Eu venci, vós também vencereis. Embora tenhais tribulações no mundo, ainda assim ganhareis seu espaço e cativareis o mundo”, Apocalipse 6.2. Ele venceu os maldosos do mundo, pois muitas vezes o Senhor silenciou seus inimigos, pela vergonha. “E tenham bom ânimo, pois o Espírito os capacitará para que possam fazer a mesma coisa”. Ele venceu as coisas malignas do mundo, sujeitando-se a elas. Ele suportou a cruz, desprezando-a, e se sujeitou a uma grande vergonha. O Senhor também venceu as coisas boas deste mundo, estando completamente morto para elas. Seus olhos não viram beleza nas suas honras, nem encantos nos seus prazeres. Nunca houve no mundo um vencedor como Cristo, e nós devemos nos sentir encorajados por isto: (1) Pelo fato de Cristo ter vencido o mundo antes de nós, podemos considerar o mundo como um inimigo derrotado, que muitas vezes foi frustrado. Na verdade: (2) O Senhor o venceu por nós, sendo o capitão da nossa salvação. Nós temos interesse na sua vitória. Pela sua cruz, o mundo foi crucificado para nós, o que indica que o mundo foi completamente derrotado e transferido para nossa possessão. Tudo pertence ao Senhor, até o mundo. Tendo Cristo vencido o mundo, os crentes nada têm a fazer, senão buscar sua vitória e dividir os despojos. E isto nós fazemos pela fé, 1 João 5.4. Nós somos mais do que vencedores por meio daquele que nos amou.

CAPÍTULO 17

Este capítulo é uma oração, é a oração do Senhor, a oração do Senhor Jesus Cristo. Houve uma oração do Senhor que Ele nos ensinou a fazer, e Ele mesmo não a fez, pois não precisava orar pedindo o perdão dos pecados, mas esta era propriamente e peculiarmente sua, e lhe era adequada como Mediador, e é uma amostra da sua intercessão, e ainda nos é útil, tanto para nossa instrução como para nosso incentivo na oração. Observe: I. As circunstâncias da oração, v. 1. II. A oração propriamente dita. 1. Ele ora por si mesmo, vv. 1-5. 2. Ele ora por aqueles que são seus. E nisto veja: (1) As alegações gerais com as quais Ele apresenta suas petições pelos discípulos, vv. 6-10. (2) As petições particulares que Ele apresenta por eles: [1] Que possam ser preservados, vv. 11-16. [2] Que possam ser santificados, vv. 17-19. [3] Que possam ser unidos, vv. 11,20-23. [4] Que possam ser glorificados, vv. 24-26.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 1-5

Aqui temos:

I As circunstâncias desta oração, v. 1. Cristo fez muitas orações solenes nos dias da sua carne (às vezes, Ele passava a noite inteira em oração), mas nenhuma das suas orações está registrada de maneira tão completa como esta. Observe:

1. O momento em que Ele fez esta oração. Depois de ter dado o adeus anterior aos seus discípulos, Ele fez esta oração, para que a ouvissem. De modo que: (1) Foi uma oração feita depois de um sermão. Depois de ter falado de Deus a eles, Ele passou a falar com Deus, por eles. Observe que nós devemos pregar para aqueles por quem oramos. Aquele que deveria profetizar sobre os ossos secos também deveria orar: “Vem… ó espírito, e assopra sobre estes…”. E a palavra pregada seria objeto de oração, pois Deus dá o crescimento. (2) Foi uma oração feita depois de um sacramento. Depois que Cristo e seus discípulos tinham comido juntos a refeição de Páscoa e a Ceia do Senhor, e Ele lhes tinha dado uma exortação adequada, Ele encerrou a solenidade com esta oração, para que Deus preservasse neles as boas impressões da ordenança. (3) Foi uma oração familiar. Os

discípulos de Cristo eram sua família, e, para dar um bom exemplo aos chefes de famílias, Ele, como filho de Abraão, não somente ensinou sua casa (Gn 18.19), mas, como filho de Davi, abençoou sua casa (2 Sm 6.20), orou por eles e com eles. (4) Foi uma oração de separação. Quando nós e nossos amigos nos separamos, é bom que seja com oração, Atos 20.36. Cristo estava partindo pela morte, e esta partida deveria ser santificada e suavizada pela oração. Jacó, à morte, abençoou os doze patriarcas. Moisés, à morte, abençoou as doze tribos. Da mesma maneira, aqui Jesus, à morte, abençoou os doze apóstolos. (5) Foi uma oração que era uma introdução ao seu sacrifício, que Ele estava prestes a oferecer na terra, especificando os favores e as bênçãos que deveriam ser comprados pelo mérito da sua morte em benefício daqueles que eram seus, como uma escritura que regulamenta a aplicação de uma multa, dirigindo-a aos propósitos e às intenções pelos quais ela será cobrada. Cristo orou, então, como um sacerdote, oferecendo sacrifício, em virtude do qual todas as orações devem ser feitas. (6) Foi uma oração que era uma amostra da sua intercessão, a qual Ele vive eternamente fazendo por nós, dentro do véu. Não que no seu estado exaltado Ele se dirija ao seu Pai fazendo uma humilde petição, como quando estava na terra. Não, sua intercessão no céu é uma apresentação do seu mérito ao seu Pai, obtendo o benefício a todos os seus escolhidos.

2. A expressão exterior de fervoroso desejo que Ele usou nesta oração: Ele levantou os olhos ao céu, como tinha feito antes (cap. 11.41). Não que Cristo precisasse disto para empenhar sua atenção, mas porque Ele se satisfazia, desta maneira, em santificar este gesto àqueles que o usam, e justificá-lo contra aqueles que o ridicularizam. Este gesto significa o levantar da alma a Deus, na oração, Salmos 25.1. *Sursum corda* era antigamente usado como uma convocação à oração: Levantem os corações, levantem-nos para o céu. Para lá, nós devemos dirigir nossos desejos na oração, e de lá, devemos esperar receber as boas coisas pelas quais oramos.

II A primeira parte da oração propriamente dita, na qual Cristo ora por si mesmo. Observe aqui:

1. Ele ora a Deus como um Pai: “Levantando os olhos ao céu, disse: Pai”. Observe que, assim como a oração deve ser feita somente a Deus, também é nosso dever, na oração, considerá-lo como um Pai, e chamá-lo de nosso Pai. Todos os que têm o Espírito de adoção são ensinados a clamar “Aba, Pai”,

v. 25. Pois nos será muito útil na oração, tanto para a orientação quanto para o encorajamento, chamar a Deus como esperamos encontrá-lo.

2. Ele orou, primeiro, por si mesmo. Embora Cristo, como Deus, recebesse orações, Cristo, como homem, orava. Desta maneira, convinha-lhe cumprir toda a justiça. Foi dito a Ele, assim como é dito a nós: "Pede-me, e eu te darei", Salmos 2.8. O Senhor precisou pedir a ajuda do Pai em relação àquilo que Ele comprou. E será que nós esperamos conseguir de outra maneira aquilo que nunca merecemos, aquilo a que sem dúvida perdemos o direito, sem sequer orarmos? O fato de que o mensageiro divino, Cristo, orou várias vezes enquanto cumpria sua missão, correspondendo-se com o Céu, confere honra à oração. Da mesma maneira, isto dá grande incentivo às pessoas que oram, e nos faz esperar que nem mesmo a oração dos desamparados será desprezada. Houve um tempo quando aquele que advoga por nós teve uma causa própria para solicitar, uma grande causa, de cujo sucesso dependia toda a sua honra como Mediador, e isto Ele devia solicitar usando o mesmo método que nos é prescrito, por meio de "orações e súplicas" (Hb 5.7), de modo que Ele conhece o coração de quem suplica (Êx 23.9), Ele conhece o caminho. Observe que Cristo começou orando por si mesmo, e depois orou pelos seus discípulos. Esta caridade deve começar em casa, embora não deva terminar ali. Nós devemos amar e orar pelos nossos vizinhos, como por nós mesmos, e por isso devemos, de uma maneira adequada, amar e orar por nós mesmos primeiro. Cristo orou muito menos por si mesmo do que orou pelos seus discípulos. Nossas orações pela igreja não devem ser relegadas para um canto das nossas orações. Ao suplicar por todos os nossos irmãos, os santos, nós temos espaço suficiente para nos expandirmos, e não nos limitarmos. Aqui há duas petições que Cristo apresenta por si mesmo, e as duas são, de fato, a mesma petição – que Ele pudesse ser glorificado. Mas esta única petição, "glorifica-me", é apresentada duas vezes, porque tem uma dupla referência. Ao prosseguimento da sua missão: Glorifica-me, para que Eu possa glorificar-te, fazendo o que foi combinado que seria feito, vv. 1-3. E ao cumprimento da sua missão até aqui: Glorifica-me, pois Eu te glorifiquei. Eu fiz minha parte, e agora, Senhor, faz a tua, vv. 4,5.

(1) Aqui Cristo pede para ser glorificado, para glorificar a Deus (v. 1): "Glorifica a teu Filho", de acordo com tua promessa, "para que também o teu Filho te glorifique a ti", de acordo com seu entendimento. Observe aqui:

[1] O que Ele pede na oração – que Ele possa ser glorificado neste mundo: "'É chegada a hora' em que todos os poderes das trevas contribuirão para difamar teu Filho. Agora, Pai, glorifique-o". O Pai glorificou o Filho na terra, em primeiro lugar, até mesmo nos seus sofrimentos, pelos sinais e prodígios que os acompanhavam. Quando aqueles que vieram para levá-lo foram atingidos por uma palavra, quando Judas confessou que Jesus era inocente, e selou esta confissão com seu próprio sangue culpado, quando a esposa adormecida do juiz, e o próprio juiz desperto, o pronunciaram justo, quando o sol se escureceu e o véu do Templo rasgou-se em dois, então o Pai não somente justificou, mas glorificou o Filho. Na verdade, em segundo lugar, até mesmo pelos seus sofrimentos. Quando Ele foi crucificado, Ele foi magnificado, foi glorificado, cap. 13.31. Foi na cruz que Ele derrotou Satanás e a morte. Seus espinhos formaram uma coroa, e Pilatos, na inscrição acima da sua cabeça, escreveu mais do que pensava. Mas, em terceiro lugar, muito mais depois dos seus sofrimentos. O Pai glorificou o Filho quando o ressuscitou dos mortos, apresentou-o abertamente a testemunhas escolhidas, e derramou o Espírito para apoiar e defender sua causa, e para estabelecer seu reino entre os homens. É isto o que Ele pede na oração, e insiste.

[2] O que Ele alega para reforçar seu pedido.

Em primeiro lugar, Ele alega o parentesco: "Glorifica a teu Filho", teu Filho como Deus, como Mediador. É em consideração a isto que os gentios lhe são dados por herança, pois "tu és meu Filho", Salmos 2.7,8. O Diabo o tinha tentado a renunciar à sua filiação, com uma oferta dos reinos deste mundo, mas Ele rejeitou a oferta com desdém, e confiou no seu Pai para sua promoção, e aqui se dirige a Ele, para pedir isto. Observe que aqueles que receberam a adoção de filhos podem, com fé, orar pela herança de filhos. Se santificados, então glorificados: "Pai, glorifica a teu Filho".

Em segundo lugar, Ele alega o tempo: "É chegada a hora". A ocasião pré-fixada e uma hora designada. A hora da paixão de Cristo foi determinada no conselho de Deus. Ele sempre tinha dito que sua hora ainda não era chegada, mas agora ela era chegada, e Ele sabia disto. "O homem não conhece o seu tempo" (Ec 9.12), mas o Filho do homem conhecia o seu. Ele se refere à sua hora como "esta hora" (cap. 12.27), e aqui, "a hora". Compare com Marcos 14.35; João 16.21. Pois a hora da morte do Redentor, como também a hora do nascimento do Redentor, são as horas mais

notáveis, e, sem dúvida, as mais críticas, que jamais houve desde que o relógio do tempo foi colocado em movimento. Nunca houve uma hora como a hora da morte do Salvador, nem qualquer hora jamais provocou reflexões e expectativas tão grandes, e nenhum outro fato, depois dela, será capaz de despertar tamanho interesse. 1. “A hora é chegada, a hora na qual Eu preciso ser reconhecido”. Agora é a hora em que esta grande questão chega a uma crise. Depois de muitos conflitos, agora tem lugar a batalha decisiva entre o céu e o inferno, e a grande causa na qual se iniciam juntas a honra de Deus e a felicidade do homem agora deve ser vencida ou perdida para sempre. Os dois campeões, Davi e Golias, Miguel e o dragão, agora começam a batalha. Soa a trombeta para uma luta que resultará irremediavelmente fatal, para um ou para o outro. “Agora glorifica a teu Filho, agora da-lhe a vitória sobre os principados e as potestades, agora permite que a ferida no seu calcanhar provoque a ferida na cabeça da serpente, agora permite que teu Filho seja apoiado de modo a não falhar nem ser desencorajado”. Quando Josué saiu conquistando, e para conquistar, está escrito: “O Senhor engrandeceu a Josué”. Da mesma maneira, Ele glorificou ao seu Filho, quando fez da sua cruz sua carruagem triunfal. 2. “É chegada a hora em cujo término Eu espero ser coroado. É chegada a hora em que Eu devo ser glorificado, sentando-me à sua direita”. Entre Ele e esta glória, haveria uma cena sangrenta de sofrimento. Mas, como seria curta, Ele fala como se não se importasse com ela: É chegada a hora em que Eu devo ser glorificado, e Ele não esperava que isto acontecesse antes desta hora. Os cristãos fiéis, em uma hora de provação, particularmente na hora da morte, assim podem pedir: “Agora que é chegada a hora, ajude-me, manifeste-se a mim. Agora que o tabernáculo terrestre será desfeito, é chegada a hora em que Eu devo ser glorificado”, 2 Coríntios 5.1.

Em terceiro lugar, Ele apela ao interesse do Pai: “Para que também o teu Filho te glorifique a ti”, pois Ele tinha consagrado toda a sua missão à honra do seu Pai. Ele desejava ser conduzido triunfalmente em meio aos seus sofrimentos à sua glória, para que pudesse glorificar ao Pai de duas maneiras: 1. Pela morte na cruz, que, em breve, Ele iria experimentar. A expressão: “Pai, glorifica o teu nome”, expressava a grande intenção dos seus sofrimentos, que era a de recuperar a honra ferida do seu Pai, entre os homens, e, por meio da sua satisfação, alcançar a glória de Deus, que o

homem, pelo seu pecado, não alcançou: “Pai, reconheça-me nos meus sofrimentos, para que Eu possa lhe honrar através deles”. 2. Pela doutrina da cruz, que agora, em pouco tempo, seria divulgada ao mundo, pela qual o reino de Deus seria restabelecido entre os homens. Ele ora para que seu Pai honre seus sofrimentos, e os coroe, de modo a não somente remover o escândalo da cruz, mas torná-lo, àqueles que são salvos, a sabedoria de Deus e o poder de Deus. Se Deus não tivesse glorificado a Cristo crucificado, ressuscitando-o dos mortos, toda a sua missão teria sido esmagada. Por isto, “glorifica-me, para que eu também te glorifique”. Com isto, Jesus nos ensinou: (1) O que almejar nas nossas orações, em todos os nossos desejos – a honra de Deus. Se nosso objetivo principal for glorificar a Deus, outras coisas devem ser procuradas e obtidas através da subordinação e subserviência ao Senhor. “Faça isto e aquilo pelo seu servo, para que seu servo possa lhe glorificar. Dê-me saúde, para que eu possa lhe glorificar com meu corpo, sucesso, para que eu possa lhe glorificar com minha situação social” etc. “Santificado seja o teu nome” deve ser nossa primeira petição, que deve determinar nosso objetivo em todas as outras petições, 1 Pedro 4.11. (2) Ele nos ensinou o que esperar. Se nós, sinceramente, nos dispusermos a glorificar ao nosso Pai, Ele não deixará de fazer por nós o que é necessário para nos capacitar a glorificá-lo, para nos dar a graça que Ele julgar suficiente, e a oportunidade que Ele julgar conveniente. Mas, se nós, secretamente, honrarmos a nós mesmos mais do que a Ele, é justo que Ele nos abandone aos nossos próprios conselhos, e então, em lugar de honrar a nós mesmos, nos envergonharemos.

Em quarto lugar, Ele apela à sua comissão (vv. 2,3). Ele deseja glorificar ao seu Pai, em conformidade com a comissão que lhe foi dada, e no desempenho dela: “Glorifica a teu Filho, assim como lhe deste poder, glorifica-o na execução dos poderes que lhe deste”, esta é a conexão com a petição. Ou: para que o Filho possa glorificar-te, de acordo com o poder que lhe foi dado, esta é a conexão com o apelo. Agora, veja aqui o poder do Mediador.

a. A origem do seu poder: “Tu lhe deste poder”. Ele tem o poder vindo de Deus, a quem pertence todo o poder. O homem, na sua condição caída, deve, para recuperar-se, estar sujeito a um novo modelo de governo, que não pode ser erigido senão por uma comissão especial sob o selo do céu, dirigida ao empreendedor deste glorioso trabalho, e que o constitui como

único árbitro da grande diferença que havia, e o único fiador da grande aliança que haveria, entre Deus e o homem. Para este ofício, Ele recebeu seu poder, que deveria ser exercido de uma maneira distinta do seu poder e governo como Criador. Observe que o rei da igreja não é usurpador, como é o príncipe deste mundo. O direito de governar que Cristo possui é incontestável.

b. A extensão do seu poder: Ele tem "poder sobre toda a carne". (*a*) Sobre toda a humanidade. Ele tem poder no mundo dos espíritos, e sobre ele. As forças do mundo superior e invisível se sujeitam a Ele (1 Pe 3.22). Mas, sendo agora o Mediador entre Deus e o homem, aqui Ele mostra o poder que tem sobre toda a carne. Eles eram homens que Ele deveria alcançar e salvar. Além deles, Ele tinha um remanescente que lhe tinha sido dado, e, portanto, toda aquela classe de seres foi colocada debaixo de seus pés. (*b*) Sobre a humanidade considerada corrupta e decadente, pois ela é chamada "carne", Gênesis 6.3. Se ela não tivesse, neste sentido, sido carne, não teria necessitado de um Redentor. Sobre esta raça pecadora, o Senhor Jesus tem todo o poder, e todo juízo, a respeito dela, é entregue a Ele, o poder de ligar ou desligar, absolver ou condenar, o poder, na terra, de perdoar ou não os pecados. Cristo, como Mediador, tem em suas mãos o governo sobre todo o mundo. Ele é o glorioso rei das nações, e tem todo o poder até mesmo sobre aqueles que não o conhecem, nem obedecem ao seu Evangelho. Aquele a quem Ele não governa, Ele domina, Salmos 22.28; 72.8; Mateus 28.18; cap. 3.35.

c. A grande intenção e o grande desígnio deste poder: "Para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Aqui está exposto o mistério da nossa salvação.

(*a*) Aqui o Pai está transferindo os eleitos para o Redentor, e entregando-os a Ele, como sua incumbência e sob sua responsabilidade, como a coroa e recompensa pela sua missão. Ele tem um poder soberano sobre toda a raça decadente, mas um interesse peculiar nos escolhidos restantes, que formam um remanescente. Todas as coisas foram colocadas debaixo dos seus pés, mas estes foram entregues na sua mão.

(*b*) Aqui o Filho está se empenhando em assegurar a felicidade daqueles que lhe foram dados, para poder dar-lhes a vida eterna. Veja como é grande a autoridade do Redentor. Ele tem vidas e coroas para dar, vidas eternas que nunca morrem, coroas imortais que nunca perdem o brilho. Considere agora

como é grande o Senhor Jesus, que tem tal honra no seu dom, e como Ele é gracioso em dar a vida eterna àqueles que Ele se empenha para salvar. [*a*] Ele os santifica neste mundo, dá-lhes a vida espiritual, que é a vida eterna em broto ou embrião, cap. 4.14. A graça na alma é o céu na alma. [*b*] Ele os glorificará no mundo porvir. A felicidade deles será completa na visão e no usufruto de Deus. Isto só é mencionado porque pressupõe todas as outras partes da sua missão, ensinando-os, fazendo a expiação por eles, santificando-os, e preparando-os para a vida eterna, e, na verdade, tudo mais estava de acordo com isto. Nós somos chamados ao seu reino e à sua glória, e gerados para a herança. Aquilo que vem por último, na execução, foi realizado primeiro, na intenção, e é a vida eterna.

(*c*) Aqui está a subserviência ao domínio universal do Redentor: Ele tem poder sobre toda a carne, com o objetivo de poder dar a vida eterna aos escolhidos. Observe que o domínio de Cristo sobre os filhos dos homens está de acordo com a salvação dos filhos de Deus. Todas as coisas são por amor deles, 2 Coríntios 4.15. Todas as leis, ordenanças e promessas de Cristo, que são dadas a todos, destinam-se efetivamente a transmitir a vida espiritual, e assegurar a vida eterna, a todos os que foram dados a Cristo. Ele foi constituído como cabeça da igreja sobre todas as coisas. A administração dos reinos da providência e da graça está colocada na mesma mão, para que todas as coisas possam contribuir para o bem dos escolhidos.

d. Aqui está mais uma explicação deste grande desígnio (v. 3): "'A vida eterna é esta', que Eu tenho poder para dar e me comprometi a dar, esta é sua natureza, e este é o caminho que conduz a ela, conhecer 'a ti só por único Deus verdadeiro', e a todas as revelações e princípios da religião natural, 'e a Jesus Cristo, a quem enviaste', como Mediador, e as doutrinas e leis daquela santa religião que Ele instituiu, para a recuperação do homem do seu estado decadente". Aqui temos:

(*a*) O grande objetivo que a religião cristã nos apresenta, que é a vida eterna, a felicidade de uma alma imortal na visão e no convívio com o Deus eterno. Isto Ele devia revelar a todos, e assegurar a todos os que lhe eram dados. Por meio do Evangelho, a vida e a imortalidade são trazidas à luz, tornam-se possíveis, uma vida que transcende a esta tanto em excelência quanto em duração.

(*b*) O caminho seguro para alcançar este abençoado objetivo, que é pelo correto conhecimento de Deus e de Jesus Cristo: "A vida eterna é esta: que

conheçam a ti", o que pode ser interpretado de duas maneiras: [*a*] A vida eterna está no conhecimento de Deus e de Jesus Cristo. O princípio presente desta vida é o conhecimento de Deus e de Cristo, com fé. A perfeição futura daquela vida será o conhecimento completo de Deus e de Cristo. Aqueles que são trazidos à união com Cristo, e que têm uma vida de comunhão com Deus em Cristo, sabem, até certo ponto, por experiência, o que é a vida eterna, e dirão: "Se isto é o céu, o céu é doce". Veja Salmos 17.15. [*b*] O conhecimento de Deus e de Cristo leva à vida eterna. Esta é a maneira como Cristo dá a vida eterna, pelo conhecimento daquele que nos chamou (2 Pe 1.3), e esta é a maneira pela qual nós podemos recebê-la. A religião cristã nos mostra o caminho para o céu, em primeiro lugar, dirigindo-nos a Deus, como o autor e a felicidade da nossa existência, pois Cristo morreu para nos levar a Deus. Conhecê-lo como nosso Criador, amá-lo, obedecer a Ele, sujeitar-se a Ele, e confiar nele, como nosso governador, proprietário e benfeitor – devotar-se a Ele como nosso Senhor soberano, depender dele como nosso principal bem, e dirigir tudo ao seu louvor como nosso objetivo mais elevado –, isto é a vida eterna. Aqui Deus é chamado de único Deus verdadeiro, para distingui-lo dos falsos deuses dos pagãos, que eram falsificações e fingidores, não da pessoa do Filho, de quem se diz expressamente que é o Deus verdadeiro e a vida eterna (1 Jo 5.20), e que, neste texto, é proposto como o objeto da mesma consideração religiosa que o Pai. É certo que existe somente um Deus vivo e verdadeiro, que é o Deus que nós adoramos. Ele é o Deus verdadeiro, e não um mero nome ou noção. Ele é único Deus verdadeiro, e todos os que se apresentam como seus rivais são vaidades e mentiras. O serviço a Ele é a única religião verdadeira. Em segundo lugar, dirigindo-nos a Jesus Cristo, como o Mediador entre Deus e o homem: "Jesus Cristo, a quem enviaste". Se o homem tivesse continuado inocente, o conhecimento do único Deus verdadeiro teria sido a vida eterna para ele. Mas agora que ele é decaído, é necessário algo mais. Agora que somos culpados, conhecer a Deus é conhecê-lo como um Juiz justo, sob cuja maldição nos encontramos, e nada é mais mortal do que conhecer isto. Portanto, nós estamos preocupados em conhecer a Deus como nosso Redentor, pois somente por seu intermédio podemos ter acesso a Deus. Crer em Cristo é a vida eterna, e isto Ele se empenhou a dar a todos os que lhe foram dados. Veja cap. 6.39,40. Aqueles que conhecem a Deus e a Cristo já estão direcionados à vida eterna.

(2) Aqui Cristo ora para ser glorificado, em consideração a ter, até aqui, glorificado o Pai, vv. 4,5. O significado da petição anterior era: Glorifica-me neste mundo. O significado da última é: Glorifica-me no outro mundo. “Eu glorifiquei-te na terra, e agora, glorifica-me tu, ó Pai”. Observe aqui:

[1] Com que consolação Cristo reflete sobre a vida que viveu na terra: “Eu glorifiquei-te... tendo consumado a obra que me deste a fazer”. Ela está consumada. Ele não reclama da pobreza e da desgraça nas quais tinha vivido, na vida cansativa que tinha tido na terra, como qualquer homem de tristezas. Ele ignora isto, e se satisfaz em rever o serviço que tinha prestado ao seu Pai e o progresso que tinha tido na sua missão. Isto está registrado aqui, em primeiro lugar, para a honra de Cristo, porque sua vida na terra, em todos os aspectos, correspondeu completamente aos objetivos da sua vinda a este mundo. Observe que: 1. Nosso Senhor Jesus tinha recebido uma obra para fazer, por aquele que o enviou. Ele não veio ao mundo para ficar sem fazer nada, mas para andar fazendo o bem, e para cumprir toda a justiça. Seu Pai lhe deu sua obra, seu trabalho na vinha, o indicou para a obra e também o ajudou a realizá-la. 2. A obra que lhe foi dada para fazer, Ele terminou. Embora não tivesse, ainda, passado pela última parte da sua missão, ainda assim estava tão perto de torná-la perfeita, por meio dos seus sofrimentos, que podia dizer: Eu a consumei, ela foi concluída. Ele estava dando seu toque final, *eteleiosa – Eu a consumei*. A palavra significa que Ele realizou todas as partes da sua missão da maneira mais completa e perfeita. 3. Com isto, Ele glorificou ao seu Pai. Ele o louvou, Ele o agradou. É uma glória para Deus o fato de a sua obra ser perfeita, e esta também é a glória do Redentor. Ele conclui aquilo de que é o autor. Era uma maneira estranha, para o Filho, glorificar ao Pai humilhando-se (isto parece mais um menosprezo), mas ainda assim foi planejado para que Ele pudesse glorificá-lo: “‘Eu glorifiquei-te na terra’, de tal maneira que os homens da terra puderam ver a manifestação da tua glória”. Em segundo lugar, está registrado para ser um exemplo a todos, para que possamos seguir seu exemplo. 1. Nós devemos nos dedicar a fazer a obra que Deus nos designou, de acordo com nossa capacidade e com a esfera da nossa atividade. Cada um de nós deve fazer todo o bem que puder neste mundo. 2. Nós devemos ter como objetivo a glória de Deus em tudo. Nós devemos glorificá-lo na terra, a qual Ele deu aos filhos dos homens, e só exigiu este tipo de aluguel. Na terra onde estamos, vivemos em um estado de provação

e preparação para a eternidade. 3. Nós devemos perseverar em fazer nosso trabalho até o fim dos nossos dias. Não devemos nos sentar até que o tenhamos concluído e cumprido, como um assalariado dos nossos dias. Em terceiro lugar, está registrado para o incentivo de todos aqueles que descansam nele. Se Ele concluiu a obra que lhe foi dada a fazer, então Ele é um Salvador completo, e não realizou sua obra pela metade. E aquele que terminou sua obra por nós, irá terminá-la em nós, até o dia de Cristo.

[2] Veja com que confiança Cristo espera a alegria que está diante dele (v. 5): "Agora, glorifica-me tu, ó Pai". É nisto que Ele confia, e não pode ser-lhe negado.

Em primeiro lugar, veja aqui o que Ele pedia na oração: "Glorifica-me", como antes, v. 1. Nenhuma das repetições nas orações devem ser consideradas como repetições inúteis. Cristo orava dizendo as mesmas palavras (Mt 26.44), e mesmo assim orava fervorosamente. Ele devia pedir mesmo por aquilo que seu Pai lhe tinha prometido, e assegurado, orando. As promessas não se destinam a substituir as orações, mas a guiar nossos desejos e fundamentar nossas esperanças. A glorificação de Cristo inclui todas as honras, os poderes e as alegrias do seu estado exaltado. Veja como esta glorificação está descrita. 1. É uma glória com Deus. Não somente: "Glorifica meu nome na terra", mas: "Glorifica-me junto de ti mesmo". Estar com seu Pai era o paraíso, era o céu, como em Provérbios 8.30; Daniel 7.13; Hebreus 8.1. Observe que as mais brilhantes glórias do Redentor exaltado seriam exibidas dentro do véu, onde o Pai manifesta sua glória. Os louvores do mundo superior são oferecidos àquele que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro, em conjunto (Ap 5.13), e as orações do mundo inferior atraem a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus Cristo, em conjunto. E desta maneira, o Pai o glorificou junto de si mesmo. 2. É a glória que Ele tinha com Deus antes que o mundo existisse. Com isto, fica evidente: (1) Que Jesus Cristo, como Deus, tinha sua existência antes que o mundo existisse, uma existência eterna com o Pai. O Evangelho nos familiariza com aquele que existia antes de todas as coisas, e por quem todas as coisas existem. (2) Que sua glória com o Pai é desde a eternidade, assim como sua existência com o Pai, pois Ele era, desde a eternidade, o resplendor da glória de seu Pai, Hebreus 1.3. Como Deus, ao criar o mundo, somente declarou sua glória, mas não acrescentou nada a ela, assim Cristo empreendeu a obra da redenção, não porque

precisasse de glória, pois tinha uma glória com o Pai antes que o mundo existisse, mas porque nós precisávamos de glória. (3) Que Jesus Cristo, no seu estado de humilhação, se despiu de sua glória, e a escondeu com um véu. Embora ainda fosse Deus, Ele era Deus manifestado na carne, não na sua glória. Ele abandonou esta glória por algum tempo, como uma obrigação que Ele iria cumprir através da sua missão, de acordo com a indicação do seu Pai. (4) Que, no seu estado exaltado, Ele retomou esta glória, e se revestiu outra vez com suas vestes anteriores de luz. Tendo cumprido sua missão, Ele *reposcere pignus – retoma sua garantia* com este pedido: "Glorifica-me tu". Ele ora para que sua natureza humana possa progredir até a mais elevada honra possível, tendo seu corpo transformado em um corpo glorioso, e para que a glória da divindade pudesse agora se manifestar na pessoa do Mediador, do Emanuel, do Deus-homem. Ele não ora para ser glorificado com os príncipes e nobres da terra. Não, Ele, que conhecia os dois mundos, e que podia escolher em qual desejaria ter sua promoção, escolheu a glória do outro mundo, por exceder, e muito, toda a glória deste. Ele tinha desprezado os reinos deste mundo e sua glória, quando Satanás os ofereceu, e por isto podia, mais corajosamente, reivindicar as glórias do outro mundo. Que o mesmo espírito esteja em nós. "Senhor, dê as glórias deste mundo a quem desejar dá-las, mas permita-me ter minha quota de glória no mundo que há de vir. Não importa que eu seja difamado com os homens, mas Pai, glorifique-me junto de si mesmo".

Em segundo lugar, veja aqui o que Ele alegou: Eu "glorifiquei-te", e agora, em consideração a isto, "glorifica-me tu". Pois: 1. Havia uma justiça e uma admirável conveniência no fato de que, se Deus era glorificado nele, devia glorificá-lo em si mesmo, como Ele tinha observado, cap. 13.32. Havia um valor tão infinito no que Cristo fez para glorificar ao seu Pai, que Ele, com justiça, merecia todas as glórias do seu estado exaltado. Se o Pai tinha um acréscimo na sua glória, através da humilhação do Filho, era adequado que o Filho não sofresse, como conseqüência, alguma perda na sua glória. 2. Estava de acordo com o concerto que havia entre eles, que, se o Filho fizesse da sua alma uma oferta pelo pecado, Ele deveria dividir os despojos com os poderosos (Is 53.10,12), e o reino seria seu. E isto Ele visava, e nisto confiava, em meio aos seus sofrimentos. Foi pelo gozo que lhe estava proposto que Ele suportou a cruz, e agora, no seu estado exaltado, o Senhor Jesus ainda espera a finalização da sua exaltação, porque

Ele aperfeiçoou sua missão, Hebreus 10.13. 3. Esta era a evidência mais adequada da aceitação e da aprovação do Pai à obra que Ele tinha concluído. Pela glorificação de Cristo, nós nos satisfazemos porque Deus está satisfeito, e com isto foi dada uma verdadeira demonstração de que o Pai se comprazia nele, como seu Filho amado. 4. Assim devemos aprender que aqueles, e somente aqueles, que glorificam a Deus na terra, e perseveram na obra que Deus lhes deu para fazer, serão glorificados com o Pai quando não mais estiverem neste mundo. Não que possamos merecer a glória, como Cristo mereceu, mas o fato de glorificarmos a Deus é necessário como uma evidência do nosso interesse em Cristo, por meio de quem a vida eterna é o dom gratuito de Deus.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 6-10

Tendo orado por si mesmo, agora Cristo passa a orar por aqueles que são seus, e Ele os conhecia pelo nome, embora aqui não os cite pelo nome. Observe aqui:

I Por quem Ele não orava (v. 9): “Não rogo pelo mundo”. Observe que existe um mundo de pessoas pelas quais Jesus Cristo não orou. Isto não quer dizer o mundo da humanidade em geral (Ele ora por ele aqui, v. 21: “Para que o mundo creia que tu me enviaste”), nem se refere aos gentios, separadamente dos judeus, mas o mundo aqui está oposto aos eleitos, que são dados a Cristo, do mundo. Devemos interpretar o mundo como um montão de trigo peneirado na eira. Deus o ama, e Cristo ora por ele, e morre por ele, pois nele há uma bênção. Mas, conhecendo perfeitamente aqueles que são seus, o Senhor visa particularmente aqueles que lhe foram dados no mundo, e os toma para si. E então devemos interpretar o mundo como a pilha remanescente da palha rejeitada e sem valor. Cristo não está orando por estas pessoas, e elas não aproveitam os benefícios que poderiam desfrutar através da sua morte. O Senhor as abandona, e o vento as leva. Estes são chamados de mundo, porque são governados pelo espírito deste mundo, e têm sua participação nele. Por este, Cristo não ora. Apesar disto, há algumas coisas pelas quais Ele intercede junto a Deus, o Pai, por eles,

como o podador que pede o adiamento da morte da árvore estéril. Mas, nesta oração, Ele não ora por aqueles que não têm uma participação nas bênçãos aqui pedidas. Ele não diz: Eu rogo contra o mundo, como Elias fazia quando intercedia contra Israel, mas: “Não rogo pelo mundo”, Eu passo por eles, e os abandono à sua própria sorte. Eles não estão escritos no livro da vida do Cordeiro, e, portanto, nem no peitoral do grande sumo sacerdote. Como é infeliz a condição deles, como foi a daqueles por quem o profeta foi proibido de orar, e mais ainda, Jeremias 7.16. Nós, que não sabemos quem são os escolhidos, e quem são os deixados, devemos orar por todos os homens, 1 Timóteo 2.1,4. Enquanto há vida, há esperança, e espaço para a oração. Veja 1 Samuel 12.23.

II Por quem Ele orou. Não pelos anjos, mas pelos filhos dos homens. 1. Ele roga por aqueles que lhe foram dados, referindo-se originalmente aos discípulos que o tinham auxiliado nesta regeneração. Mas, sem dúvida, isto deve ser estendido a todos os que vêm com a mesma característica, que recebem as palavras de Cristo e crêem nelas, vv. 6,8. 2. Ele roga por todos os que haveriam de crer nele (v. 20), e não somente as petições apresentadas a seguir, mas também aquelas que vieram antes, devem ser interpretadas como estendendo-se a todos os crentes, em todos os lugares e em todas as épocas, pois Ele se interessa por todos eles, e “chama as coisas que não são como se já fossem”.

III Que incentivo Ele tinha para orar por eles, e quais são as alegações gerais com que Ele apresenta suas petições por eles, e os recomenda ao favor de seu Pai. São cinco:

1. A incumbência que Ele tinha recebido a respeito deles: “Eram teus, e tu mos deste” (v. 6), e novamente (v. 9), “aqueles que me deste”. “Pai, aqueles por quem Eu oro agora são aqueles que tu me confiaste, e o que Eu tenho a dizer por eles acompanha a incumbência que Eu recebi a respeito deles”.

(1) Isto, originalmente, se refere aos discípulos que havia então, que foram dados a Cristo como seus alunos, para serem educados por Ele enquanto Ele estava na terra, e seus agentes, para serem usados por Ele quando fosse para o céu. Eles lhe foram dados para serem os aprendizes da sua doutrina, as testemunhas da sua vida e dos seus milagres, e os monumentos da sua graça e do seu favor, para serem os divulgadores do seu

Evangelho, e os semeadores da sua igreja. Quando eles deixaram tudo para segui-lo, o resultado secreto daquela estranha resolução foi este: eles foram dados a Ele. Se não fosse assim, não teriam sido dados a Ele. Observe que o apostolado e o ministério, que são o presente de Cristo à igreja, foram, primeiramente, o presente do Pai a Jesus Cristo. Como, sob a lei, os levitas eram dados a Arão (Nm 3.9), a Ele (o grande sumo sacerdote da nossa profissão), o Pai deu os apóstolos, primeiramente, e os ministros de todas as épocas, para preservar sua missão e a missão de toda a congregação, e fazer o serviço do Tabernáculo. Veja Efésios 4.6,11; Salmos 68.18. Cristo recebeu este presente pelos homens, para que pudesse dá-lo aos homens. Assim como isto confere uma grande honra ao ministério do Evangelho, e enaltece esta obra, que é tão difamada, também ordena uma forte obrigação aos ministros do Evangelho, de dedicar-se inteiramente ao serviço de Cristo, como sendo dado a Ele.

(2) Mas este fato se estende a todos os eleitos, pois, em outras passagens, está escrito que eles são dados a Cristo (cap. 6.37,39), e Ele freqüentemente enfatiza o fato de que aqueles a quem Ele devia salvar lhe foram dados, e estavam sob seu poder. Aos seus cuidados, foram entregues, estavam em suas santas mãos, e Ele recebeu recomendações de Deus, o Pai, a respeito deles. Aqui o Senhor mostra:

[1] Que o Pai tinha autoridade para dá-los: “Eram teus”. Ele não deu aqueles que não eram seus, mas comprometeu aqueles sobre os quais tinha direito. Os eleitos que o Pai deu a Cristo eram seus de três maneiras. Em primeiro lugar, eles eram criaturas, e suas vidas e existências derivavam dele. Quando foram dados a Cristo para serem vasos de honra, eles estavam na sua mão, “como o barro na mão do oleiro”, para serem usados conforme a sabedoria de Deus determinasse, para a glória de Deus. Em segundo lugar, eles eram criminosos, e suas vidas e existências foram confiscadas, como castigo, por Ele. Um remanescente da humanidade decadente foi dado a Cristo, para ser redimido por Ele, para que pudessem ser feitos sacrifícios de justiça, e assim foram escolhidos para ser monumentos de misericórdia. Estes podiam, com justiça, ter sido entregues aos atormentadores, quando foram entregues ao Salvador. Em terceiro lugar, eles eram escolhidos, e suas vidas e existências foram projetadas para Ele. Eles foram consagrados para Deus, e foram consignados a Cristo, como seu agente. Nisto, Ele insiste outra vez (v. 7): “Tudo quanto me deste provém de ti”, o que,

embora possa ser interpretado como tudo o que pertencia ao seu trabalho de Mediador, parece especialmente referir-se àqueles que lhe foram dados. “Eles são teus, sua existência é tua, como Deus da natureza, seu bem-estar é teu, como Deus de graça. Eles são teus, e, portanto, Pai, Eu os trago todos a ti, para que possam estar todos a teu favor”.

[2] Que o Pai, em conformidade com isto, os deu ao Filho. “Tu mos deste”, como ovelhas ao pastor, para serem cuidadas; como pacientes ao médico, para serem curadas; como crianças a um tutor, para serem educadas. Assim o Senhor descreve sua incumbência (Hb 2.13): “Os filhos que Deus me deu”. Eles foram entregues a Cristo, em primeiro lugar, para que a eleição da graça não fosse frustrada, para que nenhum, nenhum dos pequeninos, pudesse perecer. Esta grande preocupação deve residir em uma boa mão, capaz de dar suficiente segurança, “para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme”. Em segundo lugar, para que o empreendimento de Cristo não seja infrutífero. Eles lhe foram dados como sua semente, em quem Ele deveria ver o trabalho da sua alma, e ficar satisfeito (Is 53.10,11), e não gastar suas forças, e derramar seu sangue “inútil e vãmente”, Isaías 49.4. Nós podemos clamar, como Cristo: “Senhor, conserva minhas graças, conserva meus consolos, pois estes eram teus, e tu mos deste”.

2. A preocupação que Ele teve por eles, ao ensiná-los (v. 6): “Manifestei o teu nome aos homens... lhes dei as palavras que me deste”, v. 8. Observe aqui:

(1) O grande desígnio da doutrina de Cristo, que consistia em manifestar o nome de Deus, dá-lo a conhecer (cap. 1.18), instruir os ignorantes e corrigir os enganos de um mundo obscuro e tolo a respeito de Deus, para que Ele pudesse ser mais amado e adorado.

(2) Seu fiel desempenho nesta missão: “Eu” fiz isto. Sua fidelidade é exibida: [1] Na verdade da doutrina. Ela concordava perfeitamente com as instruções que tinha recebido do seu Pai. Ele não deu somente as coisas, mas as mesmas palavras, que lhe foram dadas. Os ministros, ao proferirem sua mensagem, devem prestar atenção às palavras que o Espírito Santo ensina. [2] Na tendência da sua doutrina, que era a de manifestar o nome de Deus. Ele não procurou a si mesmo, mas, em tudo o que dizia e fazia, procurava enaltecer ao seu Pai. Observe que, em primeiro lugar, é prerrogativa de Cristo manifestar o nome de Deus às almas dos filhos dos

homens. “Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”, Mateus 11.27. Somente Ele conhece o Pai, e por isto é capaz de revelar a verdade. E somente Ele tem acesso ao espírito dos homens, e por isto é capaz de abrir o entendimento. Os ministros podem dar a conhecer o nome do Senhor (como Moisés, Deuteronômio 32.3), mas somente Cristo pode manifestar este nome. Pela Palavra de Cristo, Deus é revelado a nós; pelo Espírito de Cristo, Deus é revelado em nós. Os ministros podem nos dizer as palavras de Deus, mas Cristo pode nos dar suas palavras, pode colocá-las em nós, como um alimento, como um tesouro. Em segundo lugar, que, mais cedo ou mais tarde, Cristo irá manifestar o nome de Deus a todos os que lhe foram dados, e lhes dará sua palavra, para ser a semente do novo nascimento, o sustento da vida espiritual, e a garantia do ânimo eterno deles.

3. O bom resultado do cuidado que Ele tinha tido com eles, e os esforços que Ele tinha, com sofrimento, empreendido por eles (v. 6): eles “guardaram a tua palavra” (v. 7), eles “têm conhecido que tudo provém de ti” (v. 8). Eles receberam tuas palavras, e as abraçaram, concordaram e consentiram com elas, “e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti, e creram que me enviaste”. Observe aqui:

(1) O sucesso que a doutrina de Cristo teve entre aqueles que lhe foram dados, em diversos aspectos:

[1] “Eles receberam as palavras que Eu lhes dei, como o solo recebe a semente e a terra absorve a chuva”. Eles prestaram atenção às palavras de Cristo, compreenderam, até certo ponto, seu significado, e foram influenciados por elas. Eles foram impressionados por elas. A palavra, para eles, era uma palavra enxertada.

[2] “Eles ‘guardaram a tua palavra’, permaneceram nela. Eles estiveram em conformidade com ela”. O mandamento de Cristo, então, somente é guardado quando é obedecido. Aqueles que têm que ensinar a outros os mandamentos de Cristo devem, eles mesmos, observá-los. Era necessário que eles guardassem o que lhes era dito, pois isto devia ser transmitido, por eles, a todos os lugares, em todas as épocas.

[3] “Eles compreenderam a palavra, e continuaram, onde quer que estivessem, recebendo-a e guardando-a. Eles perceberam que tu és o autor original do Evangelho que Eu vim instituir, ‘têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti’”. Todas as funções e todos os poderes de Cristo,

todos os dons do Espírito, todas as suas graças e consolações, que Deus deu, sem limites, a Ele, tudo era de Deus, planejado pela sua sabedoria, indicado pela sua vontade, e designado pela sua graça, para sua própria glória na salvação do homem. Observe que é uma grande satisfação para nós, na nossa confiança em Cristo, que Ele, e tudo o que Ele é e tem, tudo o que Ele disse e fez, tudo o que Ele faz e fará, são de Deus, 1 Coríntios 1.30. Portanto, podemos confiar nossas almas à mediação de Cristo, pois ela está bem fundamentada. Se a justiça for aquela que vem da nomeação feita por Deus, nós seremos justificados. Se a graça vier da sua dispensação, nós seremos santificados.

[4] Eles confirmaram esta verdade: Eles "têm verdadeiramente conhecido que saí de ti", v. 8. Veja aqui, em primeiro lugar, o que significa crer. É conhecer com segurança, é saber que é uma verdade. Os discípulos eram muito fracos e falhos em conhecimento. Ainda assim, Cristo, que os conhecia melhor do que eles mesmos se conheciam, lhes deu sua Palavra, para que cressem. Observe que nós podemos saber, com segurança, aquilo que não conhecemos plenamente, nem podemos conhecer. Podemos conhecer a certeza das coisas que não podem ser vistas, embora não possamos, particularmente, descrever a natureza delas. Nós andamos por fé, que conhece com certeza, e não por vista, que conhece com clareza. Em segundo lugar, em que devemos crer: que Jesus Cristo saiu de Deus, pois é o Filho de Deus, e traz na sua pessoa "a imagem do Deus invisível", e que Deus o enviou; que, na sua missão, Ele é o embaixador do rei eterno, de modo que a religião cristã tem os mesmos fundamentos, e a mesma autoridade, que a religião natural, e, portanto, todas as doutrinas de Cristo devem ser recebidas como verdades divinas, todos os seus mandamentos devem ser obedecidos como leis divinas, e todas as suas promessas devem ser dignas de confiança, como garantias divinas.

(2) Como Jesus Cristo aqui fala sobre isto: Ele se estende sobre isto: [1] Como satisfeito consigo mesmo. Embora os muitos exemplos das tolices e debilidades dos seus discípulos o tivessem entristecido, ainda assim sua constante união a Ele, seus aprimoramentos graduais e suas grandes realizações, por fim, eram sua alegria. Cristo é um Mestre que se alegra com a proficiência dos seus alunos. Ele aceita a sinceridade da sua fé, e graciosamente ignora a debilidade desta fé. Veja o quanto Ele está disposto a obter o máximo de nós, e a dizer o melhor de nós, incentivando, desta

forma, nossa fé nele, e ensinando-nos a caridade de uns para com os outros. [2] Como suplicando junto ao Pai. Ele está orando por aqueles que lhe foram dados, e Ele mostra que eles lhe tinham sido dados. Observe que o devido aproveitamento da graça recebida é uma boa alegação, de acordo com o teor do novo concerto, para pedir mais graça, pois assim diz a promessa: “A qualquer que tiver será dado”. Que Cristo, e somente Cristo, elogie àqueles que guardam a palavra de Cristo, e crêem nele, e, além disto, os elogie ao seu Pai.

4. Ele suplica com base no interesse que o próprio Pai tinha por eles (v. 9): “Eu rogo... por aqueles que me deste, porque são teus”. Isto em virtude de um interesse mútuo e comum, que Ele e o Pai têm sobre aquilo que pertence ao outro: “Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas”. Entre o Pai e o Filho, não pode haver disputa (como existe entre os filhos dos homens) sobre *meum* e *tuum – meu e teu*, pois a questão estava definida deste a eternidade. “Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas”. Aqui temos:

(1) A súplica apresentada, em particular, pelos seus discípulos: “São teus”. A consignação dos eleitos a Cristo estava tão longe de torná-los menos do Pai, que se destinava a torná-los mais do Pai. Observe que: [1] Todos os que recebem a palavra de Cristo, e crêem nele, são levados, por um relacionamento de concerto, ao Pai, e são considerados como seus. Cristo os apresenta a Ele, e eles, por meio de Cristo, se apresentam a Ele. Cristo nos comprou, não para si mesmo somente, mas para Deus, pelo seu sangue, Apocalipse 5.9,10. Eles são primícias para Deus, Apocalipse 14.4. [2] Esta é uma boa súplica na oração. Cristo aqui suplica: “São teus”. Nós podemos suplicar por nós mesmos: Eu sou teu, salva-me, e por outros (como Moisés, Êxodo 32.11). “Eles são teu povo. São teus. Tu não vais prover pelos teus? Não vai protegê-los, para que não sejam destruídos pelo Diabo e pelo mundo? Tu não vais proteger o interesse que tendes por eles, para que não se afastem de ti? Eles são teus, reconheçe-os como teus”.

(2) O fundamento em que se baseia esta súplica: “Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas”. Isto evidencia que o Pai e o Filho são: [1] Um em essência. Toda criatura deve dizer a Deus: “Todas as minhas coisas são tuas”, mas ninguém pode dizer a Ele: “Todas as tuas coisas são minhas”, exceto aquele que tem a mesma essência que Ele, e que é igual a Ele em poder e glória. [2] Um em interesse. Não há interesses divididos ou separados entre eles. Em primeiro lugar, aquilo que o Pai tem, como Criador, é entregue ao Filho, para ser usado e disposto em subserviência à sua grande missão. Todas as coisas foram entregues a Ele (Mt 11.27). A concessão é tão geral, que nada e ninguém é excetuado, a não ser aquele que colocou todas as coisas debaixo dele. Em segundo lugar, aquilo que o Filho tem, como Redentor, é designado para o Pai, e seu reino, em pouco tempo, será entregue a Ele. Todos os benefícios da redenção, comprados pelo Filho, destinam-se ao louvor do Pai, e na sua glória estão os limites do centro da sua missão: “Todas as minhas coisas são tuas”. O Filho não possui para si nada que não esteja devotado ao serviço do Pai, e nada poderá ser aceito como um serviço à religião cristã, caso se choque com os ditados e as leis da religião natural. Em um sentido limitado, cada verdadeiro crente pode dizer: “Todas as tuas coisas são minhas”. Se Deus é nosso no concerto, tudo o que Ele é e tem é tão nosso, que será acionado para nosso bem, e, em um sentido ilimitado, cada verdadeiro crente realmente diz: Senhor, todas as minhas coisas são tuas. Está tudo depositado aos teus pés, para ser útil a ti. E aquilo que nós podemos ter, pode ser confortavelmente comprometido aos cuidados e à bênção de Deus, quando é alegremente submetido ao seu governo e à sua disposição: “Senhor, cuide do que eu tenho, pois é tudo teu”.

5. Jesus alega seu próprio interesse neles: “Neles, eu sou glorificado” (versão RA) – *dedoxasmai*. (1) “Eu sou glorificado neles”. Qualquer pequena honra que Cristo teve neste mundo, foi entre seus discípulos. Ele tinha sido glorificado pela assistência e obediência que prestavam a Ele, pela pregação e realização de milagres que faziam no seu nome, e por isto Ele diz: “Eu rogo por eles”. Observe que Cristo se interessará em interceder por aqueles em quem, e por quem, Ele é glorificado. (2) “Eu devo ser glorificado neles, quando tiver ido para o céu. Eles devem sustentar meu nome”. Os apóstolos pregavam e realizavam milagres no nome de Cristo. O Espírito que neles habitava glorificava a Cristo (cap. 14.14). “Neles, eu sou

glorificado, e por isto": [1] "Eu me interesso por eles". Todo interesse que Cristo tem neste mundo degenerado está na sua igreja, e, portanto, sua igreja e todas as suas questões estão próximas ao seu coração, dentro do véu. [2] "Por isto, Eu os entrego ao Pai, que se dedicou a glorificar ao Filho, e, para isto, considerará com graça aqueles em quem Ele é glorificado". Aquele em quem Deus e Cristo são glorificados pode, com humilde confiança, ser entregue ao cuidado especial de Deus.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 11-16

Depois das alegações gerais com as quais Cristo recomendou seus discípulos aos cuidados de seu Pai, seguem-se as petições particulares que Ele apresenta por eles, e: 1. Todas elas se relacionam com as bênçãos espirituais, nas coisas celestiais. Ele não pede que eles possam ser ricos e grandiosos neste mundo, que possam construir propriedades e conseguir promoções, mas que possam ser mantidos afastados do pecado, e capacitados para sua missão, e levados com segurança ao céu. Observe que a prosperidade da alma é a melhor prosperidade, pois Cristo veio comprar e conceder aquilo que está relacionado com a alma, e nos ensina, desta maneira, a buscar estas bênçãos em primeiro lugar, tanto para os outros quanto para nós mesmos. 2. São bênçãos adequadas à nossa situação atual, bem como às várias exigências e ocasiões que eles estavam enfrentando. Observe que a intercessão de Cristo é sempre pertinente. Nosso advogado junto ao Pai está familiarizado com todos os detalhes das nossas necessidades e cargas, nossos perigos e dificuldades, e sabe como adequar sua intercessão com cada um de nós, como na ocasião do perigo que rondava a Pedro, do qual ele mesmo não estava ciente (Lc 22.32): "Eu roguei por ti". 3. Ele é abrangente e pleno nas petições, expõe-nas em boa ordem diante do seu Pai, e enche sua boca de argumentos, para nos ensinar o fervor e a perseverança na oração, para nos ensinar a constância na oração, e a levar nossas necessidades ao trono da graça, lutando, como Jacó: "Não te deixarei ir, se me não abençoares".

A primeira petição que Cristo faz pelos seus discípulos, nestes versículos, é pela sua preservação, e para isto Ele os entrega, a todos, à custódia do seu

Pai. Preservar pressupõe perigo, e o perigo que eles corriam vinha do mundo, do mundo onde eles estavam, e deste mal Ele implora que eles possam ser preservados. Observe:

I O pedido propriamente dito: Guarde-os do mundo. Havia duas maneiras de serem guardados do mundo:

1. Sendo tirados dele. Mas Ele não pede que eles sejam guardados assim: “Não peço que os tires do mundo”. Isto é:

(1) “Não peço que eles possam ser rapidamente removidos pela morte”. Se o mundo os atormentar, a maneira mais imediata de protegê-los seria tirá-los rapidamente dele, levando-os a um mundo melhor, que os trataria melhor. Envie carros e cavalos de fogo por eles, para levá-los ao céu. Jó, Elias, Jonas, Moisés, quando aconteceu algo que os afligiu, pediram para serem tirados do mundo, mas Cristo não desejava pedir isto para seus discípulos, por dois motivos: [1] Porque Ele veio para vencer, e não para tolerar aquelas paixões descontroladas, que tornam os homens impacientes na vida e importunos para a morte. A vontade de Deus é que nós tomemos nossa cruz, e não a deixemos para trás. [2] Porque Ele tinha um trabalho para que eles realizassem no mundo. O mundo, embora cansado deles (At 22.22), e, portanto, indigno deles (Hb 11.38), podia poupá-los, ainda que em más condições. Portanto, por piedade por este mundo obscuro, Cristo não desejava que estas luzes fossem removidas dele, mas permanecessem nele, especialmente para o bem daqueles, no mundo, que viriam a crer nele por meio da sua palavra. Que eles não sejam tirados do mundo em que seu Mestre está. Eles deverão, cada um da sua maneira, morrer como um mártir, mas não até que tenham concluído seu testemunho. Observe que, em primeiro lugar, a remoção das pessoas boas deste mundo é uma coisa que não se deve desejar, de maneira nenhuma, mas deve ser temida e considerada no coração, Isaías 57.1. Em segundo lugar, embora Cristo ame aos seus discípulos, Ele não os envia imediatamente ao céu, assim que são efetivamente chamados, mas os deixa por algum tempo neste mundo, para que possam fazer o bem e glorifiquem a Deus sobre a terra, amadurecendo para o céu. Muitas pessoas boas são poupadas para viver, porque dificilmente pode-se permitir que morram.

(2) “Eu não rogo que eles possam ser totalmente liberados e isentos dos problemas deste mundo, e removidos do trabalho árduo e do terror que nele

há, indo a algum lugar tranqüilo e seguro, para ali viverem sem ser perturbados. Não é esta a preservação que Eu desejo para eles". *Non ut omni molestia liberati otium et delicias colant, sed ut inter media pericula salvi tamen maneant Dei auxilio – Não que, estando livres de todos os problemas, eles possam se deleitar em uma esplêndida tranqüilidade, mas que, com a ajuda de Deus, possam ser preservados em um cenário de perigo,* segundo Calvino. Não que possam ser preservados de todos os conflitos com o mundo, mas para que não sejam subjugados por ele. Não que, como desejava Jeremias, pudessem deixar seu povo, e apartar-se deles (Jr 9.2), mas que, como Ezequiel, seus rostos pudessem ser duros contra os rostos dos homens ímpios, Ezequiel 3.8. Representa maior honra para um soldado cristão, pela fé, subjugar o mundo do que, por um voto monástico, afastar-se dele, e representa mais para a honra de Cristo servi-lo em uma cidade do que servi-lo em uma cela de prisão.

2. Outra maneira é protegendo-os da corrupção que existe no mundo, e Ele roga que assim eles possam ser guardados, vv. 11,15. Aqui estão três seções desta petição:

(1) "Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste".

[1] Cristo agora os estava deixando, mas eles não deviam pensar que sua proteção também se afastava deles. Não, aqui, e de modo que eles pudessem ouvir, Ele os entrega à custódia do seu Pai e Pai deles. Observe que é um consolo indescritível de todos os crentes o fato de que o próprio Cristo os entregue aos cuidados de Deus. Não podem deixar de estar seguros aqueles a quem o Deus Todo-poderoso guarda, e Ele não pode deixar de guardar àqueles a quem o Filho do seu amor lhe entrega, e em virtude disto nós podemos, com fé, entregar a guarda das nossas almas a Deus, 1 Pedro 4.19; 2 Timóteo 1.12. Em primeiro lugar, aqui Ele os coloca sob a proteção divina, para que não sejam destruídos pela maldade dos seus inimigos, para que eles, e todos os seus interesses, possam ter o cuidado particular da providência divina: "Guarda suas vidas até que tenham realizado seu trabalho. Guarda seus consolos, e não permita que eles sejam destruídos pelas dificuldades com que se depararem. Guarda seus interesses no mundo, e não permita que eles se extingam". A esta oração, deve-se a maravilhosa preservação do ministério do Evangelho e da igreja do Evangelho, no mundo, até hoje. Se Deus não tivesse graciosamente guardado a ambos, e prosseguido com ambos, eles teriam sido extintos e

perdidos há muito tempo. Em segundo lugar, Ele os coloca sob a instrução divina, para que não se afastem do seu dever, nem sejam desviados pela traição dos seus próprios corações: “Conserva-os na sua integridade, conserva-os discípulos, conserva-os concentrados no seu dever”. Nós precisamos do poder de Deus, não somente para nos colocar em um estado de graça, mas para nos conservar nele. Veja cap. 10.28,29; 1 Pedro 1.5.

[2] Ele ora ao Pai, usando os títulos que Ele lhe atribui, e ora por eles, reforçando assim a petição. Em primeiro lugar, Ele se dirige a Deus como um “Pai santo”. Quando nos entregamos, e a outros, aos cuidados divinos, podemos receber incentivo: 1. Do atributo da sua santidade, pois ela está envolvida na preservação dos seus santos. Ele jurou pela sua santidade, Salmos 89.35. Se Ele é um Deus santo e odeia o pecado, Ele tornará santos os que são seus, e os protegerá do pecado, que eles também odeiam e temem como o maior mal. 2. Desta relação com o Pai, em que Ele nos mantém, por meio de Cristo. Se Ele é um Pai, Ele irá cuidar dos seus próprios filhos, irá ensiná-los e protegê-los. Quem mais faria isto? Em segundo lugar, Jesus fala deles como aqueles que o Pai lhe tinha dado. Aquilo que nós recebemos, como presentes do nosso Pai, nós podemos, confortavelmente, entregar aos cuidados do nosso Pai. “Pai, guarda as graças e os consolos que me deste, os filhos que me deste, o ministério que recebi de ti”.

(2) Guarda-os “em teu nome”. Isto é: [1] Guarda-os por amor ao teu nome, segundo alguns. “Teu nome e tua honra se relacionam com a preservação deles, assim como a minha, pois ambos irão sofrer, caso se revoltem ou naufraguem”. Os santos do Antigo Testamento freqüentemente rogavam pelo seu nome, e podem, com mais consolo, rogar desta maneira, aqueles que estão realmente mais preocupados com a honra do nome de Deus do que com qualquer interesse próprio. [2] Guarda-os em teu nome, segundo outros. Assim está o original, *en to onomati*. “Guarda-os no conhecimento e no temor do teu nome. Guarda-os na profissão e no serviço ao teu nome, custe-lhes o que custar. Guarda-os no interesse do teu nome, e permite que eles sejam sempre fiéis a ti. Guarda-os nas tuas verdades, nas tuas ordenanças, no caminho dos teus mandamentos”. [3] Guarda-os pelo teu nome, ou por meio do teu nome, segundo outros. “Guarda-os pelo teu próprio poder, na tua própria mão. Guarda-os, tu mesmo, empenha-te por eles. Que eles sejam tua preocupação imediata. Guarda-os por aqueles

meios de preservação que tu mesmo indicaste, e pelos quais te fizeste conhecido. Guarda-os pela tua palavra e pelas tuas ordenanças. Que teu nome seja a torre da fortaleza deles, que teu tabernáculo seja o pavilhão deles".

(3) Livra-os "do mal". Ele os tinha ensinado a orar diariamente: "Livra-nos do mal", e isto deveria incentivá-los a orar. [1] "Livra-os do maligno, do Diabo e de todos os seus instrumentos, do maligno e de todos os seus filhos. Livra-os de Satanás como um tentador, de modo que ele não tenha permissão de tentá-los, ou de modo que sua fé não fraqueje. Livra-os dele como um destruidor, de modo que ele não os leve ao desespero". [2] "Guarda-os da coisa ruim, que é o pecado, de tudo o que se parece com ele, ou que conduza a ele. Guarda-os, de modo que não façam o mal", 2 Coríntios 13.7. O pecado é aquele mal que, acima de todos os outros, nós devemos temer e reprovar. [3] "Livra-os do mal do mundo, e da sua tribulação nele, de modo que não tenham parte nele, assim como nenhuma malignidade". Não que eles pudessem ser poupados da aflição, mas que pudessem suportá-la, para que a característica das suas aflições pudesse ser alterada de modo que não houvesse mal nelas, nada que lhes fizesse algum mal.

II As razões com que Ele reforça estes pedidos pela sua preservação, que são cinco:

1. O Senhor mostra que, até então, Ele os tinha guardado (v. 12): "'Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome', na verdadeira fé do Evangelho e no serviço de Deus. 'Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu'. Nenhum deles se revoltou ou foi destruído, 'senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse'". Observe:

(1) O desempenho fiel de Cristo na sua missão, no que diz respeito aos seus discípulos: enquanto Ele estava com eles, Ele os guardava, e seu cuidado por eles não foi em vão. Ele os guardou em nome de Deus, evitou que eles caíssem em erros graves ou pecados, impediu que eles colidissem com os fariseus, que teriam percorrido o mar e a terra para fazer deles prosélitos. Ele evitou que eles o abandonassem, e retornassem ao pouco que tinham deixado por Ele. Ele os conservou sob sua vigilância e proteção quando os enviou para pregar. Seu coração não foi com eles? Muitos que o

seguiam se ofendiam com uma ou outra coisa, e o deixavam, mas Ele conservou os doze, de modo que eles não partissem. Ele impediu que eles caíssem nas mãos dos inimigos perseguidores que buscavam suas vidas. Ele os guardou quando se entregou, cap. 18.9. Enquanto Ele estava com eles, Ele os guardou de uma maneira visível, com instruções que ainda soavam nos seus ouvidos, milagres que ainda se realizavam diante dos seus olhos. Quando Ele tivesse se afastado deles, eles precisariam ser guardados de uma maneira espiritual. Os consolos e apoios perceptíveis, às vezes, são dados e, às vezes, são retidos, mas quando retirados, ainda assim os discípulos não ficam sem consolo. O que Cristo diz aqui sobre seus seguidores mais próximos é verdade com relação a todos os santos, enquanto estão aqui neste mundo. Cristo os guarda em nome de Deus. Isto indica: [1] Que eles são fracos, e não podem se proteger. Suas próprias mãos não são suficientes para eles. [2] Que eles são, na opinião de Deus, valiosos e merecedores de proteção, preciosos aos seus olhos e honoráveis, seu tesouro, suas jóias. [3] Que sua salvação está planejada, pois é para ela que eles são guardados, 1 Pedro 1.5. Assim como os maus estão reservados para o dia do mal, também os justos estão preservados para o dia da felicidade, o dia do gozo que jamais terá fim. [4] Que eles são a incumbência do Senhor Jesus, pois, como sua incumbência, Ele os guarda, e se apresenta como o bom pastor, para a preservação das ovelhas.

(2) O relato consolador que Ele apresenta da sua incumbência: “Nenhum deles se perdeu”. Observe que Jesus Cristo certamente irá guardar todos os que lhe são dados, de modo que nenhum deles se perca, totalmente e finalmente. Eles podem se julgar perdidos, e podem estar quase perdidos (em perigo iminente), mas é a vontade do Pai que Ele não perca nenhum, e Ele não irá perder nenhum (cap. 6.39), de modo que isto ficará evidente quando eles aparecerem todos juntos, e nenhum deles estiver faltando.

(3) Um rótulo colocado sobre Judas, não colocado sobre nenhum daqueles que Ele tinha se incumbido de guardar. Judas estava entre aqueles que foram dados a Cristo, mas não pertencia a eles. Jesus se refere a Judas como já perdido, pois ele tinha abandonado a sociedade do seu Mestre e dos seus condiscípulos, e tinha se entregado à orientação do Diabo, e em pouco tempo iria para o lugar que fez por merecer. Ele já estava praticamente perdido. Mas a apostasia e a destruição de Judas não representavam nenhuma censura ao seu Mestre, ou à sua família, pois: [1] Ele era o “filho

da perdição", e por isto não era um daqueles que foram dados a Cristo, para serem guardados. Ele merecia a perdição, e Deus o deixou precipitar-se nela. Ele era filho do destruidor, como Caim, que era filho do maligno. Este grande inimigo, que o Senhor irá destruir, é chamado de "filho da perdição", porque é um "homem do pecado", 2 Tessalonicenses 2.3. É terrível considerar que um dos apóstolos provou ser um filho da perdição. Nenhum lugar ou nome na igreja, nenhum privilégio ou oportunidade de obter graça, nenhuma profissão ou desempenho exterior, irá protegê-lo da ruína, se seu coração não estiver correto com Deus. E ninguém pode provar ser mais filho da perdição, no final, com mais probabilidade, depois de um curso plausível de sua profissão de fé, do que aqueles que, como Judas, amam o dinheiro. Mas o fato de Cristo distinguir Judas daqueles que lhe foram dados (pois *ei me* é adversativa, e não exceptiva) indica que a verdade e a verdadeira religião não devem se prejudicar por causa da traição daqueles que são falsos para com elas, 1 João 2.19. [2] A Escritura se cumpriu. O pecado de Judas tinha sido previsto pelo conselho de Deus, e predito na sua Palavra, e o evento certamente seguiria a predição como uma conseqüência, embora não se possa dizer, necessariamente, que a seguiu como um resultado. Veja Salmos 41.9; 69.25; 109.8. Nós poderíamos ficar surpresos com a traição dos apóstatas, se não tivéssemos sido avisados a respeito dela anteriormente.

2. Cristo mostra que agora tinha a necessidade de deixá-los, e não podia mais vigiá-los da maneira que tinha feito até então (v. 11): "Guarda-os agora, para que Eu não perca o trabalho que tive com eles enquanto estive com eles. Guarda-os, para que eles possam ser uns com os outros, assim como nós somos um com o outro". Nós teremos a oportunidade de falar sobre isto, v. 21. Mas veja aqui:

(1) Com que prazer Ele fala da sua própria partida. Ele se expressa a respeito dela com um ar de triunfo e exultação, com referência tanto ao mundo que Ele deixava quanto ao mundo ao qual se dirigia. [1] "'Eu já não estou mais no mundo'. Agora, adeus a este mundo provocador e problemático. Eu já tive o suficiente dele, e agora é chegada e bem-vinda a hora em que não mais estarei nele. Agora que Eu terminei a obra que tinha a fazer nele, Eu já estou cansado dele. Nada resta, exceto apressar-me para sair dele, tão depressa quanto puder". Observe que deve ser um prazer para aqueles que têm sua casa no outro mundo pensar em não mais estar neste,

pois, quando nós tivermos feito o que tínhamos para fazer neste mundo, e para o que nos tornamos adequados, o que há aqui que poderá nos tentar a permanecer? Quando recebermos uma sentença de morte interior, com que santo triunfo deveremos dizer: “Agora já não estou mais no mundo, este mundo escuro e enganador, este pobre mundo vazio, este mundo tentador e profano. Não mais sou atormentado com seus espinhos, não mais em perigo, pelas suas redes e armadilhas. Agora eu não caminharei mais por este terrível deserto, não mais sofrerei a agitação deste mar tempestuoso. Agora eu já não estou mais no mundo, mas posso alegremente deixá-lo e dar-lhe um adeus final”. [2] “E eu vou para ti”. Sair do mundo é somente a metade do consolo do Cristo que estava prestes a morrer, como também de cada cristão quando está prestes a morrer. A metade melhor, infinitamente melhor, é pensar em ir para o Pai, participar do seu deleite imediato, ininterrupto e eterno. Observe que aqueles que amam a Deus não podem evitar alegrar-se em pensar em ir para Ele, mesmo que isto seja através do vale da sombra da morte. Quando nos formos, ausentando-nos do corpo, será para estar presentes com o Senhor, como os filhos levados da escola para a casa do seu pai. “Agora eu vou para ti, a quem eu escolhi e servi, e de quem minha alma tem sede. A ti, a fonte de luz e vida, a coroa e o centro de vida e alegria. Agora meus anseios serão satisfeitos, minhas esperanças, realizadas, minha felicidade, completa, pois agora eu vou para ti”.

(2) Com que preocupação terna Ele fala sobre aqueles a quem Ele deixa para trás: “‘Mas eles estão no mundo’. Eu descobri que mundo mau é este, o que será destes pequenos amados, que precisam permanecer nele? Pai santo, guarda-os. Eles sentirão falta da minha presença, mas permita que tenham a tua. Eles terão agora uma necessidade maior do que nunca de serem guardados, pois Eu os estou enviando ao mundo, a um território mais longínquo do que eles jamais se aventuraram a entrar. Eles precisam se aprofundar e trabalhar nestas águas profundas, e estarão perdidos se tu não os guardares”. Observe aqui: [1] Que, quando nosso Senhor Jesus estava indo para o Pai, Ele levou consigo uma preocupação terna pelos seus que estão no mundo, e continuou a ter misericórdia deles. Ele traz seus nomes no seu peitoral, na verdade sobre seu coração, e os gravou com os pregos da sua cruz nas palmas das suas mãos, e mesmo quando Ele já não está ao alcance da vista deles, eles não estão fora do alcance da sua, e muito menos da sua mente. Nós devemos sentir uma piedade semelhante por aqueles que

estão se lançando no mundo, quando nós já estamos quase saindo dele, e por aqueles que são deixamos para trás, quando nós o estamos deixando. [2] Que, quando Cristo desejava expressar a extrema necessidade que seus discípulos tinham da preservação divina, Ele diz somente: “Eles estão no mundo”. Isto evidencia perigo suficiente àqueles que se dirigem ao céu, a quem um mundo adulador iria desviar e seduzir, e um mundo maligno iria odiar e perseguir.

3. Ele alega a satisfação que eles teriam, sabendo que estavam salvos, e a satisfação que Ele teria, sabendo que estavam tranqüilos: “Digo isto no mundo, para que tenham a minha alegria completa em si mesmos”, v. 13. Observe que:

(1) Cristo desejava fervorosamente que a alegria dos seus discípulos fosse completa, pois é sua vontade que eles se alegrem sempre. Ele os deixava em lágrimas, e em meio a problemas, e ainda tomou cuidados efetivos para completar sua alegria. Quando eles julgavam que sua alegria nele havia chegado ao fim, ela se aproximou de uma perfeição, mais do que jamais tinha alcançado, e eles ficaram cheios dela. Aqui aprendemos: [1] A encontrar nossa alegria em Cristo: “É minha alegria, a alegria que Eu dou, ou melhor, a alegria da qual Eu sou o motivo”. Cristo é a alegria de todo cristão, sua principal alegria. A alegria do mundo murcha com ele, a alegria em Cristo é eterna, como Ele. [2] A construir nossa alegria com diligência, pois ela é o dever, assim como o privilégio, de todos os verdadeiros crentes. Nenhum aspecto da vida cristã nos é recomendado com mais insistência, Filipenses 3.1; 4.4. [3] A desejar a perfeição da alegria, para que possamos tê-la completa em nós, pois Cristo tem prazer em concedê-la.

(2) Para isto, Ele solenemente os entrega aos cuidados do seu Pai, e à sua guarda, e os tomou como testemunhas de que tinha feito isto: “Digo isto no mundo”, enquanto ainda estou com eles no mundo. Sua intercessão no céu, pela preservação deles, teria sido igualmente efetiva por si só, mas dizer isto no mundo representaria uma maior satisfação e um maior incentivo a eles, e os capacitaria a se alegrarem na tribulação. Observe: [1] Cristo não somente armazenou consolações para seu povo, ao prover para seu futuro bem-estar, mas também lhes distribuiu consolações, e disse aquilo que serviria para sua satisfação atual. Aqui Ele condescendeu, na presença dos seus discípulos, em divulgar sua última vontade, seu testamento, e (muitos que fazem testamento evitam fazer isto) permite que eles saibam quais

legados Ele lhes deixava, e o quanto eles estavam protegidos, para que pudessem ter uma forte consolação. [2] A intercessão de Cristo, por nós, é suficiente para completar nossa alegria nele. Nada é mais eficaz para calar todos os nossos temores e desconfianças, e para nos fornecer maior consolação, do que o fato de que o Senhor Jesus sempre intercede, na presença de Deus, por nós. Por isto, o apóstolo coloca um "ou antes", referindo-se particularmente a este assunto, Romanos 8.34. E veja Hebreus 7.25.

4. Ele alega o mau tratamento que provavelmente eles iriam encontrar no mundo, por causa dele (v. 14): "'Dei-lhes a tua palavra', para que fosse divulgada ao mundo, e eles a receberam, creram nela, e aceitaram a incumbência de transmiti-la ao mundo, 'e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo'". Aqui temos:

(1) A inimizade do mundo aos seguidores de Cristo. Se, enquanto Cristo estava com seus seguidores, embora eles tivessem feito pouca oposição ao mundo, ainda assim o mundo os odiava, muito mais ele os odiaria quando, pela sua pregação mais extensa do Evangelho, eles transtornariam o mundo. "Pai, continua amigo deles", diz Cristo, "pois eles terão muitos inimigos. Que tenham teu amor, pois o ódio do mundo está posto contra eles. Em meio a estes dardos inflamados, que eles sejam circundados da tua benevolência como de um escudo". Deus considera uma honra o fato de se posicionar do lado mais fraco, e ajudar os desamparados. "Senhor, tem misericórdia deles, pois os homens procurarão devorá-los".

(2) As razões desta inimizade, que fortalecem o pedido. [1] É evidente que uma das razões se deve ao fato de que eles tinham recebido a palavra de Deus como lhes tinha sido enviada, pela mão de Cristo, quando a maior parte do mundo a rejeitava, e se colocava contra aqueles que eram seus pregadores e ensinadores. Observe que aqueles que recebem a boa vontade e a boa opinião de Cristo devem esperar a má vontade e a má opinião do mundo. Os ministros do Evangelho têm sido odiados pelo mundo, de uma maneira particular, porque eles chamam homens do mundo e os separam dele, e os ensinam a não se conformarem com ele, e, desta maneira, condenam o mundo. "Pai, guarda-os, pois é por tua causa que eles correm perigo. Eles sofrem por ti". Esta é a alegação do salmista: "Por amor de ti tenho suportado afronta", Salmos 69.7. Observe que aqueles que guardam a palavra da paciência de Cristo têm a promessa de uma proteção especial na

hora da tentação, Apocalipse 3.10. Esta causa, que produz um mártir, pode muito bem produzir um sofredor alegre. [2] Uma outra razão é ainda mais clara. O mundo os odiou, porque não eram do mundo. Aqueles a quem a palavra de Cristo dirige não são do mundo, pois ela tem um forte efeito sobre todos os que a recebem. O amor por ela os desacostuma das riquezas do mundo e os volta contra a maldade do mundo, e, por esta razão, o mundo guarda rancor deles.

5. Ele declara a conformidade deles consigo mesmo, e a evidência deste fato é uma santa não-conformidade com o mundo (v. 16): “Pai, guarda-os, pois eles têm meu espírito e minha mente, eles ‘não são do mundo, como eu do mundo não sou’”. Podem, com fé, entregar-se à custódia de Deus aqueles que: (1) São como Cristo era neste mundo, e seguem seus passos. Deus irá amar àqueles que são como Cristo. (2) Não se envolvem nos interesses do mundo, nem se dedicam aos seus serviços. Observe: [1] Que Jesus Cristo não era deste mundo. Ele nunca tinha sido deste mundo, e muito menos agora, que estava prestes a deixá-lo. Isto sugere, em primeiro lugar, sua situação. Ele não era nenhum dos favoritos ou dos queridos do mundo, nenhum dos seus príncipes ou nobres. Ele não tinha nenhuma possessão terrena, nem mesmo onde reclinar sua cabeça, nem poder terreno, Ele não era nenhum juiz ou repartidor. Em segundo lugar, seu espírito. Ele estava perfeitamente morto para o mundo, o príncipe deste mundo não tinha nada nele, as coisas deste mundo não representavam nada para Ele. O Senhor não tinha nenhuma honra da parte do mundo, pois Ele se fez sem fama ou reputação para o mundo. O Senhor não desejou as riquezas humanas, pois, pelo nosso bem, Ele se fez pobre. Ele não desfrutou os prazeres deste mundo, pois estava familiarizado com a tristeza. Veja cap. 8.23. [2] Que, portanto, os verdadeiros cristãos não são deste mundo. O Espírito de Cristo neles se opõe ao espírito do mundo. Em primeiro lugar, é seu destino serem desprezados pelo mundo. Eles não são mais favorecidos pelo mundo do que foi seu Mestre, antes deles. Em segundo lugar, é seu privilégio serem libertados do mundo, como Abraão, da terra do seu nascimento. Em terceiro lugar, é seu dever e sua característica estarem mortos para o mundo. Sua convivência mais agradável é, e deve ser, com outro mundo, e sua preocupação principal deve ser com os assuntos daquele mundo, e não deste. Os discípulos de Cristo eram fracos e tinham muitas debilidades. Ainda assim, Ele podia dizer a favor deles: Não são do mundo,

não são da terra, e por isto Ele os entrega aos cuidados do Céu.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 17-19

A próxima coisa que o Senhor Jesus Cristo pediu a favor deles é que pudessem ser santificados. Não somente protegidos do mal, mas que se tornassem bons cristãos.

I Aqui está o pedido (v. 17): “Santifica-os na verdade”, por meio da tua verdade, por meio da tua palavra, pois “a tua palavra é a verdade”. É a verdade – é a verdade propriamente dita. Ele deseja que eles possam ser santificados:

1. Como cristãos. Pai, santifica-os, e isto será sua preservação, 1 Tessalonicenses 5.23. Observe aqui:

(1) A graça desejada – a santificação. Os discípulos eram santificados, pois não eram deste mundo. Ainda assim, Ele pede: Pai, santifica-os, isto é: [1] “Confirma a obra da santificação neles, fortalece sua fé, inflama seus bons sentimentos, fixa suas boas resoluções”. [2] “Prossegue este bom trabalho neles e continua-o. Que a luz brilhe cada vez mais”. [3] “Completa-os, coroa-os com a perfeição da santidade. Santifica-os completamente e até o fim”. Observe que, em primeiro lugar, a oração de Cristo, por todos os que são seus, é que eles possam ser santificados. Porque Ele não pode, infelizmente, reconhecê-los como seus, seja aqui ou no futuro, nem empregá-los na sua obra, nem apresentá-los ao seu Pai, se não estiverem santificados. Em segundo lugar, aqueles que, pela graça, são santificados, precisam ser repetidamente santificados. Até mesmo os discípulos devem orar pela graça que santifica, pois, se o autor da boa obra não a concluir, nós estaremos perdidos. Não ir adiante é o mesmo que retroceder. Aquele que é santo deve se manter santo, santificando-se mais ainda, prosseguindo adiante, alçando vôo para cima, como se não tivesse alcançado um nível satisfatório de santificação. Em terceiro lugar, é Deus quem santifica, assim como é Deus quem justifica, 2 Coríntios 5.5. Em quarto lugar, é um encorajamento para nós, nas nossas orações pela graça que santifica, que é Cristo quem intercede por nós.

(2) Os meios de concessão desta graça – por meio da verdade, “a tua palavra é a verdade”. Não que o Santo de Israel esteja limitado em termos de meios, mas, no conselho de paz, entre outras coisas, foi determinado e concordado: [1] Que toda a verdade necessária seria englobada e resumida na Palavra de Deus. A revelação divina, como agora está apresentada na palavra escrita, e não somente a verdade pura, sem misturas, mas a verdade inteira, sem insuficiências. [2] Que esta palavra da verdade deve ser o meio exterior e normal da nossa santificação. Não de si mesma, pois então ela sempre santificaria, mas como o instrumento que o Espírito usa comumente para iniciar e prosseguir com este bom trabalho. É a semente do novo nascimento (1 Pe 1.23), e o alimento da nova vida, 1 Pedro 2.1,2.

2. Como ministros. “Santifica-os, separa-os para ti mesmo, para teu serviço. Que seu chamado para o apostolado seja ratificado no céu”. Dizia-se que os profetas eram santificados, Jeremias 1.5. Os sacerdotes e levitas eram santificados. “Santifica-os”, isto é: (1) “Qualifica-os para o trabalho, com graças cristãs e dons ministeriais, para torná-los ministros do Novo Testamento”. (2) “Separa-os para o ofício, Romanos 1.1. Eu os chamei, eles concordaram. Pai, diz amém a isto”. (3) “Reconheçe-os na função ou no ofício. Que tua mão os acompanhe. Santifica-os pela tua verdade, ou na tua verdade, a verdade que se opõe às figuras e sombras. Santifica-os realmente, não por rituais ou cerimônias, como eram santificados os sacerdotes levitas, pela unção e pelo sacrifício. Santifica-os à tua verdade, a palavra da tua verdade, para que preguem tua verdade ao mundo. Assim como os sacerdotes eram santificados para servir junto ao altar, da mesma maneira permite que eles preguem o Evangelho”, 1 Coríntios 9.13,14. Observe que: [1] Jesus Cristo intercede pelos seus ministros com uma preocupação particular, e recomenda à graça de seu Pai aquelas estrelas que Ele leva na sua mão direita. [2] A grande bênção que os ministros do Evangelho devem pedir a Deus é que eles possam ser santificados, efetivamente separados do mundo, completamente devotados a Deus, e familiarizados experimentalmente com a influência, nos seus próprios corações, da palavra que pregam a outros. Que eles tenham Urim e Tumim, a luz e a integridade.

II Temos aqui duas alegações, ou argumentos, para reforçar a petição pela santificação dos discípulos:

1. A missão que tinham recebido dele (v. 18): "'Assim como tu me enviaste ao mundo', para ser teu embaixador aos filhos dos homens, assim agora que Eu sou chamado de volta, 'eu os enviei ao mundo', como meus delegados". Aqui:

(1) Cristo fala com grande certeza da sua própria missão: "Tu me enviaste ao mundo". O grande autor do Evangelho recebeu sua comissão e suas instruções daquele que é a origem e o objeto da fé. Ele foi enviado por Deus para dizer o que disse, e fazer o que fez, e ser o que é, àqueles que crêem nele, o que foi sua consolação na sua missão, e também pode ser a nossa. Ela se torna abundante em nossa vida à medida que confiamos mais e mais nele. Tudo o que o Senhor fazia e dizia estava registrado nos mais altos céus, pois sua missão veio de lá.

(2) Ele fala com grande satisfação sobre a comissão que tinha dado aos seus discípulos: "Da mesma maneira, Eu os enviei, com a mesma tarefa, e para prosseguir com o mesmo desígnio", para pregar a mesma doutrina que Ele pregava, e para confirmá-la com as mesmas provas, e, da mesma maneira, com a incumbência de transmitir a outros homens fiéis aquilo que lhes tinha sido transmitido. Ele lhes deu sua comissão (cap. 20.21) com uma referência à sua própria, e engrandece o trabalho deles que ele venha de Cristo, e que exista alguma afinidade entre a comissão dada aos ministros da reconciliação e aquela dada ao Mediador. Ele é chamado de apóstolo (Hb 3.1), de ministro (Rm 15.8), e de anjo, Malaquias 3.1. Somente eles são enviados como servos, mas o Senhor Jesus foi enviado como Filho. Isto é apresentado aqui como uma razão: [1] Por que Cristo estava tão preocupado com eles, e trazia o caso deles tão próximo do seu coração. Porque Ele mesmo os tinha colocado em um trabalho difícil, que exigia grandes habilidades para sua devida realização. Observe que aqueles a quem Cristo enviar, Ele irá acompanhar, e se interessará por aqueles que são empregados por Ele. Ele irá nos capacitar e nos sustentar para aquilo que nos chamar para fazer. [2] Por que Ele os entregou ao seu Pai. Porque Ele estava preocupado com a causa deles, sendo a missão deles uma continuação da sua, e, de certa forma, uma missão derivada da sua. Cristo recebeu dons para os homens (Sl 68.18), e os deu aos homens (Ef 4.8), e por isto roga, pedindo o auxílio do seu Pai, para garantir e confirmar estes dons e sua concessão deles. O Pai o santificou quando o enviou ao mundo, cap. 10.36. Agora, sendo eles enviados, como Ele tinha sido, devem também ser

santificados.

2. Os méritos que o Senhor Jesus Cristo conquistou a favor dos seus discípulos são destacados aqui (v. 19): “Por eles me santifico a mim mesmo”. Aqui temos: (1) A designação que Cristo faz de si mesmo, ao trabalho e à função de Mediador: Eu “me santifico a mim mesmo”. Ele se devotou inteiramente a esta missão, e a todas as suas partes, especialmente agora que estava partindo – a oferta de si mesmo, sem mácula, a Deus, pelo Espírito eterno. Ele, sendo o sacerdote e o altar, santificou-se como o sacrifício. Quando Ele disse: Pai, “glorifica o teu nome”; Pai, “seja feita a tua vontade”; Pai, “nas tuas mãos entrego o meu espírito”, Ele pagou a indenização que tinha se empenhado a pagar, e, desta maneira, santificou-se a si mesmo. Isto, Ele alega na presença de seu Pai, pois sua intercessão é feita em virtude da indenização que ofereceu. “Por seu próprio sangue, [Ele]… entrou no santuário” (Hb 9.12), como o sumo sacerdote, no dia da expiação, espargiu o sangue do sacrifício ao mesmo tempo em que queimou incenso no interior do véu, Levítico 16.12,14. (2) O propósito de bondade de Cristo aos seus discípulos nesta atitude. É pelo bem deles, para que eles possam ser santificados, isto é, para que possam ser mártires, segundo alguns. “Eu me ofereço em sacrifício, para que possam ser sacrificados à glória de Deus e para o bem da igreja”. Paulo fala de ter sido oferecido, Filipenses 2.17; 2 Timóteo 4.6. Seja o que for que existe na morte dos santos, que é precioso aos olhos do Senhor, deve-se à morte do Senhor Jesus. Mas eu prefiro interpretar isto de maneira mais genérica, para que eles possam ser santos e ministros, devidamente qualificados e aceitos por Deus. [1] O trabalho ministerial é a compra que o Senhor Jesus Cristo fez através do seu precioso sangue. Este também é um dos benditos frutos da sua expiação, que deve sua virtude e seu valor aos méritos de Cristo. Os sacerdotes que estavam sob a lei eram consagrados com o sangue de bodes e bezerros, mas os ministros do Evangelho são consagrados com o precioso sangue de Jesus Cristo. [2] A verdadeira santidade de todos os bons cristãos é um fruto da morte de Cristo, pela qual foi comprado o dom do Espírito Santo. Ele se entregou pela sua igreja, para santificá-la, Efésios 5.25,26. E aquele que planejou o fim, também planejou os meios, para que possam ser santificados pela verdade, a verdade da qual Cristo veio ao mundo para testemunhar, e para a confirmação da qual morreu. A palavra da verdade recebe sua virtude e seu poder santificadores da morte de Cristo. Alguns

assim interpretam: para que possam ser santificados na verdade, isto é, verdadeiramente. Pois, uma vez que Deus deve ser servido, nós devemos ser santificados em espírito e em verdade para que possamos servi-lo. E é por isto que Cristo roga a favor de todos aqueles que são seus, pois esta é sua vontade, a santificação de todos aqueles que são seus, e isto os incentiva a orar por esta bênção.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 20-23

Depois de orar pela pureza dos discípulos, Ele ora pela sua união, pois a sabedoria que vem do alto é, "primeiramente, pura, depois, pacífica", e a amizade é realmente amistosa quando é como o azeite da unção sobre a cabeça de Arão, e como o orvalho no santo monte Sião. Observe:

I Quem está incluído nesta oração (v. 20): "Não somente estes, não somente estes que agora são meus discípulos (os onze, os setenta, com outros homens e mulheres que o seguiram enquanto Ele estava aqui na terra), mas também aqueles que virão a crer em mim por meio da palavra deles, seja pregada por eles, no seu tempo, seja escrita por eles, para as gerações futuras. Eu oro por todos, para que todos possam ser um, unidos por esta oração, e que todos possam se beneficiar dela". Observe aqui: 1. Têm interesse na mediação de Cristo aqueles, e somente aqueles, que crêem, ou que crerão, nele. É desta maneira que eles são descritos, e isto abrange todo o caráter e o dever de um cristão. Aqueles que viviam naquela época, viram e creram, mas outros, em épocas futuras, não viram, e ainda assim creram. 2. É por meio da palavra que as almas são levadas à fé em Cristo, e é com esta finalidade que Cristo designou as Escrituras que deveriam ser redigidas, e um ministério permanente que deveria continuar na igreja enquanto a igreja permanecer, isto é, enquanto o mundo existir, para que a semente possa germinar. 3. Cristo conhece, com certeza e infalivelmente, aqueles que crerão nele. Ele não ora aqui de maneira ingênua, sobre uma contingência que depende da vontade traiçoeira do homem, que deseja ser livre, mas que, devido ao pecado, é escravo, juntamente com seus filhos. Não, Cristo conhecia muito bem aqueles por

quem Ele orava, e a questão se limitava a uma certeza, pela presciência e pelo propósito divino. Ele conhecia aqueles que lhe tinham sido dados, que, tendo sido ordenados à vida eterna, foram registrados no livro do Cordeiro, e que sem dúvida iriam crer, Atos 13.48. 4. Jesus Cristo intercede não somente pelos grandes e eminentes crentes, mas também pelos mais humildes e fracos, não somente por aqueles que deverão ser empregados no mais elevado posto de confiança e honra no seu reino, mas por todos, até mesmo aqueles que, aos olhos do mundo, não são dignos de consideração. Assim como a providência divina se estende até mesmo à criatura mais humilde, também a graça divina se estende até ao cristão mais humilde. O bom Pastor considera até mesmo os pobres do rebanho. 5. Jesus Cristo, na sua mediação, tinha uma verdadeira consideração por aqueles escolhidos que ainda não eram nascidos, as pessoas que seriam criadas (Sl 22.31), as demais ovelhas que Ele ainda devia agregar. Antes que eles sejam formados no útero, Ele os conhece (Jr 1.5), e orações por eles são armazenadas de antemão no céu, por aquele que declara o fim desde o princípio, e que "chama as coisas que não são como se já fossem".

II Qual é a intenção desta oração (v. 21): "Para que todos sejam um". A mesma coisa foi dita antes (v. 11): "Para que sejam um, assim como nós", e outra vez, v. 22. Cristo se preocupava muito com isto. Alguns pensam que a união pedida no versículo 11 tem uma referência especial aos discípulos como ministros e apóstolos, para que pudessem ser um no seu testemunho a Cristo, e que a harmonia dos evangelistas, e a cooperação dos primeiros pregadores do Evangelho, se devem a esta oração. Que eles não tenham somente um coração, mas uma só boca, falando as mesmas coisas. A unidade dos ministros do Evangelho é a beleza e a força dos interesses do Evangelho. Mas é certo que a união pedida no versículo 21 diz respeito a todos os crentes. É a oração de Cristo por todos os que são seus, e podemos ter certeza de que é uma oração atendida – que eles sejam um, um em nós (v. 21), um como nós somos um (v. 22), perfeitos em unidade, v. 23. Isto inclui três coisas:

1. Que todos eles possam ser incorporados em um corpo. "Pai, considera-os a todos como um, e ratifica o grande título pelo qual eles são incorporados como uma igreja. Embora vivam em lugares distantes, desde uma extremidade do céu até à outra, e em diversas épocas, desde o princípio

até o fim dos tempos, e, conseqüentemente, não possam ter nenhum conhecimento ou correspondência pessoal uns com os outros, ainda assim permite que eles sejam unidos em mim, que sou a cabeça de todos". Ao morrer, Cristo orou para congregá-los todos em um, cap. 11.52; Efésios 1.10.

2. Que todos eles possam ser animados pelo mesmo Espírito. Isto está claramente implícito na expressão utilizada pelo Senhor – que eles sejam um em nós. A união com o Pai e com o Filho só é obtida e conservada através do Espírito Santo. "O que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito", 1 Coríntios 6.17. Que todos eles tenham a mesma imagem e inscrição, e sejam influenciados pelo mesmo poder.

3. Que todos eles possam ser unidos pelo laço do amor e da caridade, tendo todos um mesmo coração. Para que todos sejam um: (1) Em julgamento e sentimento. Não em todos os pequenos detalhes, isto não é possível, nem necessário, mas nas grandes coisas de Deus, e nelas, em virtude desta oração, todos eles estejam de acordo que a graça de Deus é melhor do que a vida, que o pecado é o pior dos males, e Cristo, o melhor dos amigos, que existe outra vida depois desta, além de outras verdades como estas. (2) Em disposição e inclinação. Todos os que são santificados têm a mesma natureza e imagem divinas. Todos eles têm um novo coração, e é um único coração. (3) Todos eles são um nos seus desígnios e objetivos. Todo cristão verdadeiro, enquanto o for, considera a glória de Deus como seu mais elevado objetivo, e a glória do céu como seu bem principal. (4) Todos eles são um nos seus desejos e nas suas orações. Embora possam diferir em palavras e no modo de expressar-se, ainda assim, tendo recebido o mesmo espírito de adoção, e observando a mesma regra, eles, na verdade, oram pelas mesmas coisas. (5) Todos são um em amor e sentimentos. Todo cristão verdadeiro tem em si aquilo que o inclina a amar todos os verdadeiros cristãos como tais. O que Cristo pede aqui é esta comunhão dos santos em que nós professamos crer, a comunhão que todos os crentes têm com Deus, e sua união íntima com todos os santos no céu e na terra, 1 João 1.3. Mas esta oração de Cristo não será completamente atendida até que todos os santos cheguem ao céu, pois somente então eles serão perfeitos em unidade, v. 23; Efésios 4.13.

O que é sugerido, sob a forma de alegação ou argumento, para reforçar esta III petição. Três coisas:

1. A unidade que existe entre o Pai e o Filho, que é mencionada mais de uma vez, vv. 11,21-23. (1) Assume-se que o Pai e o Filho são um, um em natureza e em essência, iguais em poder e glória, um em afetos mútuos. O Pai ama o Filho, e o Filho sempre agrada ao Pai. Eles são um em desígnio, e um em operação. A intimidade desta unidade está expressa nestas palavras: tu em mim, e eu em ti. Ele sempre menciona isto para seu consolo sob seus sofrimentos atuais, quando seus inimigos estavam prontos a atacá-lo, e seus amigos, prontos a abandoná-lo. Ainda assim, Ele estava no Pai, e o Pai, nele. (2) Sobre isto, há uma insistência na oração de Cristo pela unidade dos seus discípulos: [1] Como o padrão desta unidade, mostrando como Ele desejava que eles pudessem ser um. Os crentes são, de certa maneira, como Deus e Cristo são um. Pois, em primeiro lugar, a união dos crentes é uma união rígida e íntima. Eles são unidos por uma natureza divina, pelo poder da graça divina, de acordo com os conselhos divinos. Em segundo lugar, é uma união santa, no Espírito Santo, com fins sagrados, não um corpo político, com algum propósito secular. Em terceiro lugar, é, e será finalmente, uma união completa. Pai e Filho têm os mesmos atributos, propriedades e perfeições. Também os têm os crentes agora, na medida que são santificados, e quando a graça for perfeita na glória, eles estarão em exata conformidade uns com os outros, todos transformados à mesma imagem. [2] Como o centro desta unidade. Que também eles sejam “um em nós”, todos reunidos aqui. Existe um Deus e um Mediador, e com isto, todos os crentes são um, para que todos concordem em confiar no favor deste único Deus como sua felicidade, e no mérito deste único Mediador como sua justiça. De modo que é uma conspiração, não uma união, o que não se centra em Deus como o fim, e em Cristo como o caminho. Todos os que estão verdadeiramente unidos a Deus e a Cristo, que são um, em breve estarão unidos uns aos outros. [3] Como uma declaração desta unidade. O Criador e o Redentor são um em interesses e desígnios. Mas, com que objetivo eles seriam assim, se todos os crentes não forem um corpo com Cristo, e não receberem, unidos, a graça que vem dele, assim como Ele a recebeu por amor a eles? O desígnio de Cristo era devolver a humanidade revoltada a Deus. “Pai”, Ele diz, “que todos os que crêem sejam um, para que em um corpo possam se reconciliar” (Ef 2.15,16). Isto se refere à união

dos judeus e dos gentios na igreja, este grande mistério de que os gentios seriam co-herdeiros, e do mesmo corpo (Ef 3.6), ao qual esta oração de Cristo se refere, sendo um dos grandes objetivos que Ele visava na sua morte. E eu imagino que nenhum dos expositores que conheci faria esta aplicação. “Pai, que os gentios que crêem sejam incorporados com os judeus crentes, e faz dos dois um novo homem”. As palavras “Eu neles, e tu em mim” mostram qual é esta união tão necessária, não somente para a beleza, mas para a própria existência da igreja. Em primeiro lugar, a união com Cristo: “Eu neles”. Cristo residindo nos corações dos crentes é a vida e a alma do novo homem. Em segundo lugar, a união com Deus, por seu intermédio: “Tu em mim”, de modo a estar neles, por meu intermédio. Em terceiro lugar, a união de uns com os outros, que resulta destas uniões: “Para que eles”, por isto, “sejam perfeitos em unidade”. Nós somos completos nele.

2. O desígnio de Cristo em todas as suas propagações de luz e graça a eles (v. 22): “A glória que a mim me deste, como depositário ou canal de transmissão, Eu lhes dei, com o objetivo de que sejam um, como nós somos um. De modo que estes dons serão em vão, se eles não forem um”. Estes dons podem ser, ou: (1) Aqueles que foram conferidos aos apóstolos e aos primeiros fundadores da igreja. A glória de ser embaixadores de Deus no mundo, a glória de realizar milagres, a glória de congregar uma igreja do mundo, e erigir o trono do reino de Deus entre os homens, esta glória foi dada a Cristo, e uma parcela da honra Ele confere a eles, quando os envia a fazer discípulos de todas as nações. Ou: (2) Aqueles que são dados em comum a todos os crentes. A glória de estar em concerto com o Pai, e de ser aceito por Ele, de estar no seu seio, e destinado a um lugar à sua direita, era a glória que o Pai deu ao Redentor, e Ele a confirmou aos redimidos. [1] Ele diz ter dado esta honra a eles, porque a destinou, a concedeu, e a assegurou a eles, com a crença deles de que as promessas de Cristo eram verdadeiros dons. [2] Esta honra foi dada a Ele para dar a eles. Foi entregue a Ele, como depositário, por eles, e Ele foi fiel àquele que o indicou. [3] Ele a deu a eles, para que fossem um. Em primeiro lugar, para dar-lhes o direito ao privilégio da unidade, para que, em virtude do seu relacionamento comum com Deus, o Pai, e com o Senhor Jesus Cristo, eles pudessem ser verdadeiramente denominados um. O dom do Espírito, esta grande glória que o Pai deu ao Filho, para ser dada, por Ele, a todos os crentes, os torna um, pois Ele

trabalha em todos, 1 Coríntios 12.4ss. Em segundo lugar, para motivá-los ao dever da unidade. Para que, em consideração à sua concordância e comunhão em um credo e um concerto, um Espírito e uma Bíblia, em consideração ao que eles têm em um Deus e um Cristo, e ao que eles esperam em um céu, eles possam ter uma mente e uma boca. A glória terrena coloca os homens em desarmonia, pois, para que alguns progridam, outros são eclipsados, e por isto, enquanto os discípulos sonhavam com um reino temporal, às vezes discutiam, mas, sendo as honras espirituais concedidas, da mesma maneira, sobre todos os súditos de Cristo, sendo todos feitos reis e sacerdotes para nosso Deus, não há motivo para competição ou emulação. Quanto mais os cristãos aceitam a glória que Cristo lhes deu, menos desejosos serão da vanglória, e, conseqüentemente, menos dispostos a discutir.

3. Ele alega a feliz influência que sua união terá sobre os outros, e a continuidade que dará ao bem público. Isto é dito duas vezes (v. 21): “Para que o mundo creia que tu me enviaste”. E outra vez (v. 23): “Para que o mundo conheça”, pois sem conhecimento não pode haver fé verdadeira. Os crentes devem conhecer aquilo em que crêem, e por que, e para que crêem nisto. Aqueles que crêem ingenuamente se arriscam demais. Aqui Cristo mostra:

(1) Sua boa vontade para com o mundo da humanidade em geral. Aqui Ele pensa como seu Pai, como temos a certeza de que sempre faz, desejando que todos os homens sejam salvos, e venham ao conhecimento da verdade, 1 Timóteo 2.4; 2 Pedro 3.9. Por isto, sua vontade é que todos os meios possíveis sejam usados, e que todos os seus servos sejam avivados, para a convicção e a conversão do mundo. Nós não sabemos quem são os escolhidos, mas devemos, nos nossos lugares, fazer o máximo para promover a salvação dos homens, prestando atenção para não fazermos qualquer coisa que a impeça.

(2) O bom fruto da unidade da igreja. Esta será uma evidência da verdade do cristianismo, e um meio de trazer muitos para aceitarem-na.

[1] Em geral, este fruto irá recomendar o cristianismo ao mundo, e à boa opinião daqueles que são de fora. Em primeiro lugar, a incorporação de cristãos em uma sociedade, pelo título do Evangelho, irá promover enormemente o cristianismo. Quando o mundo vir tantos daqueles que eram seus filhos convocados da sua família, separados dos outros e

transformados em relação àquilo que eles mesmos foram, quando eles virem esta sociedade que surge através da loucura da pregação, e que é mantida pelos milagres da providência e da graça divina, e como maravilhosamente ela é modelada e constituída, eles estarão prontos a dizer: “Iremos convosco, porque temos visto que Deus está convosco”. Em segundo lugar, a unidade dos cristãos em amor e caridade é a beleza da sua profissão, e convida outros a se unirem a eles, como o amor que havia entre estes cristãos primitivos, Atos 2.42,43; 4.32,33. Quando o cristianismo, em vez de provocar discussões a seu respeito, fizer cessar todas as outras batalhas, quando ele acalmar aqueles que se mostrarem mais irriquietos, suavizar os ásperos, e dispuser os homens a serem gentis e amorosos, corteses e caridosos, a todos os seus semelhantes, esforçando-se para preservar e promover a paz em todas as relações e sociedades, isto o recomendará a todos os que tiverem em si um mínimo de religiosidade natural ou de afeto natural.

[2] Em particular, o Evangelho gerará bons pensamentos nos homens, em primeiro lugar, a respeito de Cristo: Eles conhecerão e crerão que “tu me enviaste”. Com isto, ficará evidente que Cristo foi enviado por Deus, e que sua doutrina é divina, e que sua religião impera para unir tantas diferentes capacidades, temperamentos e interesses em outras coisas, em um único corpo, pela fé, com um só coração, pelo amor. Certamente, Ele foi enviado pelo Deus de poder, que molda os corações dos homens da mesma maneira, e pelo Deus de amor e paz. Quando os adoradores de Deus são um, eles são um com Ele, e seu nome passa a ser único. Em segundo lugar, a respeito dos cristãos: Eles saberão que “tens amado a eles como me tens amado a mim”. Aqui está: 1. O privilégio dos crentes: o próprio Pai os ama com um amor parecido com seu amor pelo seu Filho, pois eles são amados nele com um amor eterno. 2. A evidência do seu interesse neste privilégio, que é ser um. Com isto, ficará evidente que Deus nos ama, se nós nos amarmos com um coração puro, pois, onde quer que o amor de Deus se derrame no coração, ele irá transformá-lo na mesma imagem. Veja quanto bem faria ao mundo conhecer melhor o quanto são queridos por Deus todos os bons cristãos. Os judeus tinham um ditado: “Se o mundo somente conhecesse o valor dos homens bons, eles o cercariam de pérolas”. Aqueles que têm tanto do amor de Deus deveriam ter mais do nosso.

A Oração Intercessória de Cristo

vv. 24-26

Aqui temos:

I Uma petição pela glorificação de todos os que foram dados a Cristo (v. 24), não somente estes apóstolos, mas todos os crentes: Pai, quero que eles estejam comigo. Observe:

1. A conexão deste pedido com aqueles anteriores. Ele tinha pedido que Deus os preservasse, santificasse e unisse, e agora Ele deseja poder coroar todos os seus dons com sua glorificação. Neste método, devemos orar primeiramente pedindo a graça, e depois a glória (Sl 84.11), pois, seguindo este método, Deus as dá. Longe do único Deus sábio sujeitar-se à censura, como aquele construtor tolo, que, sem ter uma fundação, construiu sobre a areia, como faria se glorificasse a alguém sem santificá-lo primeiro. Ou como aquele construtor tolo, que começou a construir e não conseguiu terminar, como seria se santificasse alguém e não o glorificasse.

2. A forma do pedido: "Pai, quero". Aqui, como anteriormente, Ele se dirige a Deus como a um Pai, e nós devemos fazer a mesma coisa. Porém, quando Ele diz: *thelo – Eu quero*, Ele usa uma linguagem peculiar a si, e que não convém aos solicitantes comuns, mas convinha muito àquele que pagou pelo que orava. (1) Isto sugere a autoridade da sua intercessão, de maneira geral. Sua palavra tinha poder no céu, além da terra. Entrando com seu próprio sangue no santuário, sua intercessão ali tem uma eficácia incomensurável. Ele intercede como um rei, pois Ele é um sacerdote sobre seu trono (como Melquisedeque), um rei-sacerdote. (2) Isto sugere sua autoridade particular neste assunto. Ele tinha o poder de dar a vida eterna (v. 2), e, de acordo com este poder, Ele diz: "Pai, quero". Embora agora Ele assumisse a forma de servo, ainda assim este poder virá a ser mais claramente exercido quando Ele vier pela segunda vez, na glória de um juiz, para dizer: "Vinde, benditos", e com isto em mente, Ele podia perfeitamente dizer: "Pai, quero".

3. O pedido propriamente dito – que todos os eleitos possam estar com Ele no céu, por fim, para verem sua glória e para compartilharem dela. Observe aqui:

(1) Sob qual noção nós devemos esperar pelo céu? De que consiste esta felicidade? O céu consiste de três coisas: [1] É estar onde Cristo está: "Onde eu estiver". No paraíso, para onde a alma de Cristo foi, com sua morte. No terceiro céu, para onde seu corpo e sua alma foram, na sua ascensão. Onde eu estiver, onde eu deverei estar em breve, onde deverei estar eternamente. Neste mundo, nós estamos apenas *in transitu – de passagem*. Ali, onde nós estaremos para sempre, nós realmente estaremos. Assim avaliava Cristo, e assim devemos fazer nós também. [2] É estar com Ele onde Ele estiver. Isto não é tautologia, mas sugere que não somente estaremos no mesmo lugar feliz onde Cristo está, mas que a felicidade do lugar consistirá na sua presença. Esta é a plenitude desta alegria. O máximo no céu é estar com Cristo, ali, na sua companhia, e em comunhão com Ele, Filipenses 1.23. [3] É contemplar sua glória, que o Pai lhe deu. Observe que, em primeiro lugar, a glória do Redentor é o resplendor do céu. Aquela glória, diante da qual os anjos cobrem seus rostos, era sua glória, cap. 12.41. O Cordeiro é a luz da nova Jerusalém, Apocalipse 21.23. Cristo virá na glória do seu Pai, pois Ele é o resplendor da sua glória. Deus mostra sua glória ali, assim como mostra sua graça aqui, por meio de Cristo. "O Pai me deu esta glória", embora Ele ainda estivesse neste seu estado inferior, mas era muito verdadeira, e muito próxima. Em segundo lugar, a felicidade dos redimidos consiste, em grande parte, na contemplação desta glória. Eles terão a visão imediata da gloriosa pessoa de Cristo. "Em minha carne verei a Deus", Jó 19.26,27. Eles terão uma percepção clara da sua gloriosa missão, de como ela será, quando realizada. Eles verão aquelas nascentes de amor das quais fluem todas as correntes de graça. Eles terão uma visão apropriada da glória de Cristo (*Uxor fulget radiis mariti – A mulher brilha com o resplendor do seu esposo*), e uma visão semelhante: eles serão "transformados de glória em glória, na mesma imagem".

(2) Sobre o que devemos nos basear para ter esperanças no céu. Em nada além da mediação e intercessão de Cristo, porque Ele disse: "Pai, quero". Nossa santificação é nossa evidência, pois "qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo". Mas a vontade de Cristo é que é nosso direito, pelo qual nós somos santificados, Hebreus 10.10. Cristo fala aqui como se Ele não considerasse completa sua própria felicidade, a menos que tivesse seus eleitos, para compartilharem dela consigo, pois é a condução de muitos filhos à glória que torna perfeito o Capitão da nossa salvação,

Hebreus 2.10.

4. O argumento que dá suporte a este pedido: “Porque tu me hás amado antes da criação do mundo”. Esta é uma razão: (1) Por que Ele mesmo esperava esta glória. Sei que tu queres me conceder, porque tu me amas. A honra e o poder que foram dados ao Filho, como Mediador, originaram-se do amor que o Pai sente pelo Filho (cap. 5.20). O Pai ama o Filho, e sente um prazer incomensurável em sua disposição de cumprir a missão salvadora, e, por esta razão, entregou todas as coisas às suas mãos. E uma vez que a questão foi decidida no conselho da vontade divina na eternidade, pode-se dizer que Deus, o Pai, amou o Filho como Mediador antes da fundação do mundo. Ou: (2) Por que o Senhor Jesus Cristo espera que aqueles que lhe foram dados compartilhem sua glória infinita: “Tu me amaste, e eles estão em mim, e certamente não me negarás nada que Eu te pedir a favor deles”.

II A conclusão da oração, que tem a função de garantir que sejam concedidas as petições que são feitas a favor dos discípulos, especialmente a última, para que sejam glorificados. Ele ressalta duas coisas, e pleiteia-as:

1. O respeito que Ele tinha para com Deus, o Pai, v. 25. Observe:

(1) O título que o Senhor Jesus dá a Deus, o Pai: “Pai justo”. Quando orou para que seus seguidores fossem santificados, o Senhor Jesus se referiu a Deus, o Pai, como “Pai santo”. Mas quando pediu para que fossem glorificados, Ele disse: “Pai justo”, pois esta é uma coroa de justiça que será concedida pelo justo Juiz. A justiça de Deus está empenhada para conceder todo o bem que o Pai prometeu, e que o Filho comprou.

(2) O caráter que o Senhor atribui ao mundo que vive em pecados: “O mundo não te conheceu”. Observe que a ignorância a respeito de Deus está espalhada em meio à humanidade. Estas são as trevas em que a humanidade está assentada. Agora, aqui está sendo reforçado: [1] Para mostrar que estes discípulos precisavam de um auxílio da graça especial de Deus, tanto por causa da necessidade do seu trabalho – eles tinham a missão de trazer ao conhecimento de Deus um mundo que não o conhecia, como também por causa da dificuldade do seu trabalho – eles tinham que trazer a luz àqueles que haviam se rebelado contra a luz. Portanto, era necessário que o Senhor os guardasse. [2] Para mostrar que estes discípulos estavam qualificados

para receber outros favores peculiares, por terem um conhecimento de Deus que o mundo não possuía.

(3) O pedido é reforçado por uma particularidade: “Mas eu te conheci”. O Senhor Jesus Cristo conheceu a Deus, o Pai, como ninguém jamais o conheceu. Ele conhecia a forma de trabalho do Pai, conhecia a forma de pensar do Pai em cada assunto. Sendo assim, o Senhor Jesus podia se aproximar do Pai, em sua oração, com toda a confiança, como faríamos com alguém a quem conhecemos muito bem. Cristo está aqui concedendo suas bênçãos para aqueles que são seus. Ao enfatizar esta petição, quando Ele disse: “O mundo não te conheceu”, alguém poderia pensar que deveria continuar: “mas eles te conheceram”. Não, seu conhecimento não era para se jactarem: “mas eu te conheci”, o que sugere que não há nada em nós que possa nos recomendar ao favor de Deus, mas todo o nosso interesse nele, e nosso relacionamento com Ele, resultam e dependem do interesse e do relacionamento de Cristo com Deus, o Pai. Nós somos indignos, porém o Senhor Jesus Cristo é digno.

(4) A súplica que Ele reforça pelos seus discípulos: “E estes conheceram que tu me enviaste a mim”, e: [1] Assim, eles se diferenciam do mundo incrédulo. Enquanto as multidões às quais Cristo foi enviado, e sua graça foi oferecida, não desejaram crer que Deus o tinha enviado, eles sabiam, e criam, e não se envergonhavam de reconhecer isto. Observe que conhecer e crer em Jesus Cristo, em meio a um mundo que persiste na ignorância e na infidelidade, é altamente agradável a Deus, e certamente será coroado com uma glória distinta. A fé singular qualifica para favores singulares. [2] Assim, eles se interessam pela mediação de Cristo, e participam do benefício do seu conhecimento do Pai: “‘Eu te conheci’, imediata e perfeitamente, e estes, embora não te conheçam tão bem, nem sejam capazes de conhecer-te tão bem, ainda assim ‘conheceram que tu me enviaste a mim’, conheceram aquilo que era necessário que eles soubessem, conheceram o Criador no Redentor”. Conhecendo a Cristo como enviado de Deus, nele, conheceram ao Pai, e iniciaram um relacionamento com Ele. Portanto, Ele pede: “Pai, guarda-os por mim”.

2. O respeito que Ele tinha pelos seus discípulos (v. 26): “Eu os conduzi ao teu conhecimento, e os conduzirei cada vez mais, com esta grande e gentil intenção: ‘para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja’”.Observe aqui:

(1) O que Cristo tinha feito por eles: “Eu lhes fiz conhecer o teu nome”. [1] Isto, Ele tinha feito por aqueles que eram seus seguidores mais próximos. Durante todo o tempo que esteve entre eles, Ele se dedicou a declarar o nome do seu Pai a eles, e a produzir neles uma veneração por este nome. A intenção de todos os seus sermões e milagres era honrar a Deus, o Pai, e transmitir o conhecimento dele, cap. 1.18. [2] Isto, Ele tinha feito por todos os que crêem nele, pois eles não teriam sido levados a crer se Cristo não lhes tivesse feito conhecer o nome de seu Pai. Observe que, em primeiro lugar, nós temos uma dívida com Cristo, por todo o conhecimento que temos do nome do Pai. Ele o declara, e abre o entendimento para receber esta revelação. Em segundo lugar, aqueles a quem Cristo recomenda ao favor de Deus, Ele primeiramente conduz ao conhecimento de Deus.

(2) O que Ele ainda pretendia fazer por eles: Eu “lho farei conhecer mais”. Depois da sua ressurreição, Ele desejava dar aos discípulos instruções adicionais (At 1.3), e trazê-los a um conhecimento muito mais íntimo das coisas divinas pelo derramamento do Espírito, depois da sua ascensão. E a todos os crentes, em cujos corações Ele resplandeceu, Ele resplandece cada vez mais. Onde Cristo declarou o nome do seu Pai, Ele o tornará conhecido, pois àquele que tem, mais será dado. E aqueles que conhecem a Deus precisam e desejam conhecê-lo mais. Isto é apropriadamente suplicado por eles: “Pai, reconheçe-os e favoreçe-os, pois eles te reconhecerão e te honrarão”.

(3) O que Ele desejava com tudo isto. Não encher suas cabeças com especulações de curiosidade, e dar-lhes algo sobre o que falar entre os estudiosos, mas assegurar e promover sua verdadeira felicidade, em dois aspectos:

[1] A comunhão com Deus: “Portanto, Eu lhes dei o conhecimento do teu nome, através de todas as formas pelas quais teu nome se fez conhecido, ‘para que o amor com que me tens amado esteja neles’, e não seja somente dirigido a eles”. Isto é, em primeiro lugar: “Que eles tenham os frutos deste amor, para sua santificação. Que o Espírito de amor, com o qual tu me encheste, esteja neles”. Cristo declara o nome do seu Pai aos crentes, para que, com esta divina luz lançada nas suas mentes, o amor divino possa ser derramado nos seus corações, para ser neles um princípio controlador e obrigatório de santidade, para que possam tomar parte na natureza divina.

Quando o amor de Deus por nós vem, para estar em nós, é como a virtude que o magneto confere à agulha, fazendo com que ela se mova na direção do pólo. Ele atrai a alma em direção a Deus, em sentimentos piedosos e devotos, que são como estímulos da vida divina na alma. Em segundo lugar: “Que eles tenham o sabor deste amor para sua consolação. Que eles não somente sejam interessados no amor de Deus, tendo o nome de Deus declarado a si mesmos, mas, por meio de uma declaração adicional, que eles tenham o consolo deste interesse, para que possam não somente conhecer a Deus, mas saber que o conhecem”, 1 João 2.3. É o amor de Deus, derramado desta maneira no coração, que o enche de alegria, Romanos 5.3,5. Deus providenciou que nós possamos não somente ficar satisfeitos com sua bondade amorosa, mas que possamos obter alguma satisfação a partir desta bênção tão grandiosa, e assim possamos ter uma vida cuja realização esteja em Deus e na comunhão com Ele. Devemos pedir este amor em oração, e devemos procurá-lo. Se o tivermos, devemos agradecer a Cristo por ele, se ele nos faltar, poderemos agradecer a nós mesmos.

[2] A união com Cristo, de acordo com esta petição: “E eu neles”. Não há como entrar no amor de Deus, exceto por intermédio de Cristo, nem podemos nos conservar neste amor, exceto estando em Cristo, isto é, tendo-o residente em nós, nem podemos ter o senso e a compreensão deste amor, exceto pela nossa experiência com a permanência de Cristo, isto é, tendo constantemente o Espírito de Cristo nos nossos corações. Cristo em nós é a única esperança de glória que não nos envergonhará, Colossenses 1.27. Toda a nossa comunhão com Deus, a recepção do seu amor por nós, com nossa retribuição ao amá-lo, passa pelas mãos do Senhor Jesus, e este consolo se deve exclusivamente a Ele. Cristo tinha dito, pouco tempo antes: “Eu neles” (v. 23), e aqui isto é repetido (embora o sentido estivesse completo sem esta repetição), e a oração se encerra com isto, para mostrar o quanto o coração de Cristo se empenhou nisto. Todas as suas petições se centram nisto, e com isto as orações do Senhor Jesus, o Filho de Davi, são concluídas: “‘Eu neles’. Que Eu tenha isto, e não desejarei nada mais”. Residir no redimido é a glória do Redentor, é uma parte importante do seu descanso eterno, e Ele desejou isto. Portanto, devemos assegurar nossa união com Cristo, e então receber o consolo da sua intercessão. Esta oração teve um fim, mas Ele vive eternamente para cumpri-la.

CAPÍTULO 18

Até aqui, este evangelista fez poucos registros da história de Cristo, somente o que era necessário para apresentar seus sermões. Mas agora que se aproximava a ocasião em que Cristo deveria morrer, ele é muito minucioso, relatando as circunstâncias dos seus sofrimentos, e algumas que os demais evangelistas tinham omitido, em especial suas palavras. Tão longe estavam os seguidores de Cristo de se envergonharem da sua cruz, ou de se esforçarem para escondê-la, que isto foi o que, tanto por palavras quanto por escritos, eles mais se empenharam em divulgar, gloriando-se nisto. Este capítulo relata: I. Como Cristo foi preso no jardim e se entregou como prisioneiro, vv. 1-12. II. Como Ele foi maltratado na corte do sumo sacerdote, e como Pedro, neste ínterim, o negou, vv. 13-27. III. Como Ele foi julgado perante Pilatos, e interrogado por Ele, e teve que disputar com Barrabás o favor do povo, e perdeu, vv. 28-40.

Cristo no Jardim. A Traição de Judas. A Orelha de Malco É Cortada. Cristo se Entrega como Prisioneiro

vv. 1-12

Agora era chegada a hora em que o Príncipe da nossa salvação, que se consagraria pelas aflições, iria envolver-se com o inimigo. Aqui temos sua entrada no confronto. O dia da recompensa está no seu coração, e o ano dos seus redimidos é chegado, e seu próprio braço traz a salvação, pois Ele não tem auxiliar. Viremo-nos para lá, e vejamos esta grande visão.

I Nosso Senhor Jesus, como um herói corajoso, entra na batalha primeiro (vv. 1,2). Depois de ter proferido estas palavras, pregado o sermão, feito sua oração, concluindo, desta maneira, seu testemunho, Ele não desejou perder tempo, mas saiu imediatamente da casa, saiu da cidade, à luz do luar, pois a Páscoa era celebrada na lua cheia, “com seus discípulos” (os onze, pois Judas estava ocupado com outros assuntos), e dirigiu-se “para além do ribeiro de Cedrom”, que corre entre Jerusalém e o monte das Oliveiras, “onde havia um horto”, não de sua propriedade, mas de algum amigo, que

lhe dava a liberdade de usá-lo. Observe:

1. Que nosso Senhor Jesus, “tendo dito isso”, iniciou seus sofrimentos, como em Mateus 26.1: “Quando Jesus concluiu todos esses discursos”. Aqui se sugere: (1) Que nosso Senhor Jesus aceitava o trabalho que se apresentava diante dele. A função do sacerdote era a de ensinar, e orar, e oferecer sacrifício. Cristo, depois de ensinar e orar, dá sua alma como oferta pelo pecado. Cristo tinha dito tudo o que tinha a dizer como profeta, e agora Ele se dedica à realização do seu trabalho como sacerdote, para fazer da sua alma uma oferta pelo pecado. E quando tivesse concluído isto, Ele iniciaria sua função de rei. (2) Que, tendo preparado, com seu sermão, os discípulos para esta hora de provação, e tendo preparado, com sua oração, a si mesmo para ela, Ele dirigiu-se corajosamente para encontrá-la. Depois de vestido com sua armadura, Ele entrou na arena, e não antes disto. Que aqueles que sofrem, em conformidade com a vontade de Deus, por uma boa causa, com uma boa consciência, e tendo uma boa vocação para isto, se consolem com o fato de que Cristo não envolverá nenhum dos seus em nenhum conflito, mas Ele irá primeiro fazer por eles aquilo que for necessário para prepará-los para isto. E se recebermos as instruções e os consolos de Cristo, e nos interessarmos pela sua intercessão, nós poderemos, com uma resolução inabalável, nos arriscar em meio às maiores dificuldades no caminho do dever.

2. Que Ele “saiu com os seus discípulos”. Judas sabia qual era a casa em que Ele estava na cidade, e Ele podia ter permanecido e ali encontrado seus sofrimentos, mas: (1) Ele desejava agir como estava acostumado, e não desejava alterar seus métodos, fosse para encontrar a cruz, fosse para evitá-la, quando fosse chegada sua hora. Quando Ele estava em Jerusalém, era seu costume, depois de passar o dia no serviço público, retirar-se para o monte das Oliveiras. Ali era sua base, na periferia da cidade, pois eles não lhe davam lugar nos palácios, no coração da cidade. Sendo este seu costume, Ele não poderia ser arrancado dos seus métodos, pela previsão dos seus sofrimentos, mas, como Daniel, fez exatamente “como também antes costumava fazer”, Daniel 6.10. (2) Ele não estava disposto a favorecer o surgimento de um “alvoroço entre o povo”, como estavam seus inimigos, pois sua maneira de agir não consistia em contender ou clamar. Se Ele tivesse sido preso na cidade, e um tumulto tivesse nascido por causa disto, teria havido prejuízos e uma grande quantidade de sangue teria sido

derramada, e por isto Ele se retirou. Observe que, quando nos encontramos envolvidos em problemas, nós devemos recear envolver outras pessoas conosco. Não é nenhuma desgraça para os seguidores de Cristo cair docilmente. Aqueles que desejam a honra dos homens, se valorizam e estão sempre determinados a vender suas vidas o mais caro que puderem. Mas aqueles que sabem que seu sangue é precioso para Cristo, e nenhuma gota dele deverá ser derramado, exceto com uma valiosa consideração, não precisam agir em tais termos. (3) Ele desejava nos dar um exemplo no início da sua paixão, como fez no final dela, de afastamento do mundo. “Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério”, Hebreus 13.13. Devemos deixar de lado, e deixar para trás, as multidões, e as preocupações, e os consolos das cidades, até mesmo das cidades santas, se desejarmos alegremente tomar nossa cruz, mantendo assim nossa comunhão com Deus.

3. Que Ele foi “para além do ribeiro de Cedrom”. Ele precisava cruzá-lo, para chegar ao monte das Oliveiras, mas o fato de que o evangelista chama a atenção para isto sugere que havia nele algo importante, e aponta para: (1) A profecia de Davi a respeito do Messias (Sl 110.7): “Pelo caminho, dessedentar-se-á no ribeiro”, o ribeiro do sofrimento no caminho para sua glória e nossa salvação, representado pelo ribeiro de Cedrom, o ribeiro escuro, assim chamado pela escuridão do vale pelo qual ele corria, ou pela cor da água, maculada pela sujeira da cidade. De tal ribeiro, Cristo bebeu, quando estava no caminho da nossa redenção, e por isto Ele “prosseguirá de cabeça erguida”, e nós poderemos fazer o mesmo. (2) O padrão de Davi, como um tipo de Messias. Na sua fuga de Absalão, chama-se a atenção particularmente para o fato de que ele passou pelo ribeiro de Cedrom, e subiu “pela subida das Oliveiras”, chorando, e todo o povo que ia com ele chorando sem cessar, 2 Samuel 15.23,30. O Filho de Davi, sendo expulso pelos judeus rebeldes, que não desejavam que Ele reinasse sobre eles (e Judas, como Aitofel, participando do complô contra Ele), passou pelo rio em miséria e humilhação, acompanhado por um grupo de fiéis pranteadores. Os reis de Judá que temiam ao Senhor tinham queimado e destruído os ídolos que encontraram no ribeiro de Cedrom; Asa, 2 Crônicas 15.16; Ezequias, 2 Crônicas 30.14; Josias, 2 Reis 23.4,6. Neste ribeiro, foram lançadas as coisas abomináveis, a imundícia (2 Cr 29.16). Cristo, tendo-se feito agora pecado por nós, para que pudesse aboli-lo e removê-lo,

iniciava sua paixão no mesmo ribeiro. O monte das Oliveiras, onde Cristo iniciou seus sofrimentos, fica a leste de Jerusalém. O monte Calvário, onde Ele os concluiu, a oeste. Com isto, Ele visava àqueles que viriam “do Oriente e do Ocidente”.

4. Que Ele entrou em um jardim. O fato de que os sofrimentos de Cristo tiveram início em um jardim é observado somente por este evangelista. No jardim do Éden, o pecado teve início. Ali foi proferida a maldição, ali foi prometido o Redentor, e por isto em um jardim aquela semente prometida entrou na arena com a antiga serpente. Cristo foi sepultado também em um jardim. (1) Quando caminhamos nos nossos jardins, devemos aproveitar para meditar sobre os sofrimentos de Cristo em um jardim, aos quais nós devemos todo o prazer que temos nos nossos jardins, pois, por estes sofrimentos, a maldição sobre o solo, por causa do homem, foi removida. (2) Quando estamos em meio às nossas posses e aos nossos deleites, devemos manter uma expectativa de problemas, pois nossos jardins de prazeres estão em um vale de lágrimas.

5. Que Ele tinha consigo seus discípulos: (1) Porque Ele estava acostumado a levá-los consigo quando se retirava em oração. (2) Eles deviam ser testemunhas dos seus sofrimentos, e da sua paciência ao suportá-los, para que pudessem, com mais segurança e afeto, pregá-los ao mundo (Lc 24.48), e se preparassem, eles mesmos, para sofrer. (3) Ele os levaria ao perigo, para mostrar-lhes sua fraqueza, apesar das promessas de fidelidade que eles tinham feito. Às vezes, Cristo traz seu povo a dificuldades, para que Ele possa se enaltecer com sua libertação.

6. Que Judas, o traidor, conhecia o lugar, sabia que era o lugar do retiro usual de Jesus, e, provavelmente, por alguma palavra que Cristo tivesse deixado escapar, sabia que Ele pretendia estar ali naquela noite, por falta de um lugar melhor. Um jardim solitário é um lugar adequado para meditação e oração, e a ocasião depois da Páscoa é uma ocasião apropriada para retirar-se para uma devoção particular, para que possamos orar sobre as impressões criadas e os votos renovados, e nos agarrarmos a eles. Aqui se menciona que Judas conhecia o lugar: (1) Para agravar o pecado de Judas, pois ele trairia seu Mestre, apesar do íntimo relacionamento que tinha com Ele. Ou melhor, pois ele faria uso da sua familiaridade com Cristo, como dando-lhe uma oportunidade de traí-lo. Uma mente generosa teria repudiado fazer uma coisa tão vil. Desta maneira, a santa religião de Cristo

tem sido ferida na casa de seus amigos como não tem sido ferida em nenhuma outra parte. Muitos apóstatas poderiam não ter sido tão profanos, se não tivessem sido professores. Poderiam não ter ridicularizado as Escrituras e as ordenanças, se não as tivessem conhecido. (2) Para enaltecer o amor de Cristo, pois, embora Ele soubesse onde o traidor iria procurá-lo, para lá Ele foi, para ser encontrado por ele, agora que Ele sabia que sua hora já era chegada. Desta maneira, Ele se mostrou disposto a sofrer e a morrer por nós. O que Ele fez, não foi por coerção, mas por consentimento. Embora, como homem, Ele dissesse: "Passa de mim este cálice", como Mediador, Ele disse: "Eis que venho", venho com boa vontade. Era tarde da noite (podemos supor que fossem oito ou nove horas), quando Cristo saiu para ir ao jardim, pois realizar a vontade daquele que o tinha enviado não era somente sua comida e sua bebida, mas também seu descanso e seu sono. Quando os outros estavam indo para a cama, Ele estava indo à oração, e ao sofrimento.

II Tendo o Capitão da nossa salvação entrado na arena, o inimigo imediatamente chega ao local e o ataca (v. 3): Judas vai para lá, com seus homens, comissionado pelos principais dos sacerdotes, especialmente aqueles entre eles que eram fariseus, que eram os mais amargos inimigos de Cristo. Este evangelista omite a agonia de Cristo, porque os outros três já a tinham relatado plenamente, e imediatamente introduz Judas e seu grupo, que vinham para prendê-lo. Observe:

1. As pessoas empregadas nesta ação: uma coorte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, com Judas. (1) Aqui uma multidão é empregada contra Cristo – uma coorte, *speira – um regimento,* um grupamento romano, que alguns julgam constituir-se de quinhentos homens, e outros, de mil. Os amigos de Cristo eram poucos, seus inimigos, muitos. Portanto, não devemos seguir a uma multidão para fazer o mal, nem temer uma multidão que deseja nosso mal, se Deus estiver conosco. (2) Aqui está uma multidão mista. A coorte era constituída de gentios, soldados romanos, um destacamento dos guardas que se posicionavam na torre de Antônia, para controlar a cidade. "Os oficiais dos principais sacerdotes", *hyperetas*. Fossem seus servos domésticos, ou os oficiais das suas cortes, eram judeus. Estes eram inimigos entre si, mas se uniram contra Cristo, que veio para "reconciliar ambos com Deus em um corpo". (3) Esta é uma multidão

comissionada, não um tumulto popular. Não, eles receberam ordens dos principais dos sacerdotes, que sugeriram ao governador que este Jesus era um homem perigoso, e provavelmente tiveram uma autorização do governador para prender Jesus, pois eles temiam o povo. Veja que inimigos Cristo e seu Evangelho tinham, e provavelmente têm, numerosos e potentes, e, portanto, formidáveis: os poderes eclesiásticos e civis combinados contra eles, Salmos 2.1,2. Cristo disse que isto seria assim (Mt 10.18), e sua palavra foi comprovada. (4) Todos estavam sob a orientação de Judas. Ele tinha recebido esta coorte. É provável que ele os tivesse solicitado, alegando que era necessário enviar um bom destacamento, ambicionando tanto a honra de comandar esta expedição quanto cobiçando o pagamento por esta injustiça. Ele se considerou maravilhosamente promovido, saindo da retaguarda dos doze desprezíveis para ser colocado à frente destas formidáveis centenas. Ele nunca tinha tido um papel tão importante antes, e talvez tivesse prometido a ele mesmo que esta não seria a última vez, mas que ele seria recompensado com uma patente de capitão, ou algo melhor, se fosse bem-sucedido nesta operação.

2. A preparação que tinham feito para um ataque: eles vieram “com lanternas, e archotes, e armas”. (1) Se Cristo desejasse se esconder, ainda que tivessem a luz do luar, teriam a oportunidade de usar suas lanternas e archotes, mas eles poderiam ter deixado de trazê-los. O segundo Adão não foi levado, como o primeiro, a esconder-se, fosse por medo ou vergonha, entre as árvores do jardim. Era tolice acender uma lanterna para procurar o Sol. (2) Se Ele resistisse, eles teriam oportunidade de usar suas armas. As armas do seu combate eram espirituais, e com estas armas Ele sempre os tinha derrotado, e os tinha feito silenciar, e por isto agora eles recorriam a outras armas, espadas e porretes.

III Nosso Senhor Jesus gloriosamente repeliu o primeiro ataque do inimigo, vv. 4-6, onde observe-se:

1. Como Ele os recebeu: com toda a mansidão imaginável, dirigida a eles, e toda a calma imaginável em si.

(1) Ele os encontrou fazendo-lhes uma pergunta muito dócil e mansa (v. 4): “Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir”, e, portanto, de nenhuma maneira surpreso com este ataque, com uma maravilhosa coragem e presença de espírito, imperturbável e destemido,

“adiantou-se” para encontrá-los, e, como se estivesse despreocupado, suavemente perguntou: “‘A quem buscais?’ Qual é o problema? O que significa este tumulto, a esta hora da noite?” Veja aqui: [1] A previsão de Cristo sobre seus sofrimentos. Ele sabia “as coisas que sobre ele haviam de vir”, pois Ele tinha se comprometido a sofrê-las. A menos que tenhamos forças, como Cristo teve, de suportar a descoberta, não devemos cobiçar saber o que virá sobre nós. Isto somente anteciparia nossa dor. “Basta a cada dia o seu mal”. Mas nos convém esperar sofrimentos, de maneira geral, de modo que, quando eles vierem, possamos dizer: “É apenas aquilo que nós esperávamos, aquele custo que já computamos”. [2] A prontidão de Cristo aos seus sofrimentos. Ele não fugiu deles, mas adiantou-se para encontrá-los, e estendeu sua mão para pegar o amargo cálice. Quando as pessoas desejavam empurrar-lhe uma coroa, e se ofereceram para fazer dele um rei na Galiléia, Ele se retirou e se escondeu (cap. 6.15). Mas, quando eles vieram para empurrar-lhe uma cruz, Ele se ofereceu, pois Ele veio a este mundo para sofrer e foi para o outro mundo para reinar. Isto não nos autoriza a nos expormos aos perigos e aos problemas desnecessariamente, pois não sabemos quando chegará nossa hora. Mas somos chamados ao sofrimento quando não tivermos maneira de evitá-lo, senão através de algum pecado. E, quando isto nos acontecer, que nenhuma destas coisas nos comova, pois elas não podem nos ferir.

(2) Ele os encontrou com uma resposta muito calma e suave, quando lhe disseram a quem estavam procurando, v. 5. “Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno”. E Ele lhes disse: “Sou eu”. [1] Parecia que seus olhos estavam contidos, de modo que não puderam conhecê-lo. É altamente provável que muitos do destacamento romano, pelo menos os oficiais do Templo, o tivessem visto freqüentemente, ainda que somente para satisfazer sua curiosidade. Judas, no entanto, certamente o conhecia suficientemente bem, e ainda assim nenhum deles pôde pretender dizer: Tu és o homem a quem buscamos. Desta maneira, Ele lhes mostrou a tolice de trazer lanternas para procurá-lo, pois Ele podia fazer com que não o conhecessem quando o vissem. E com isto, Ele nos mostrou com que facilidade Ele pode cegar os conselhos dos seus inimigos, e fazer com que se percam, quando estão procurando fazer o mal. [2] Quando o procuravam, eles o chamaram de “Jesus, o Nazareno”, que era o único título pelo qual o conheciam, e provavelmente o chamavam assim por sentirem que tinham uma permissão

para fazê-lo. Este era um nome reprovador que lhe era dado, para ofuscar a evidência de que Ele era o Messias. Com isto, parece que eles não o conheciam, nem sabiam de onde Ele era, pois, se o tivessem conhecido, certamente não o teriam perseguido. [3] Ele lhes responde de modo claro: "Sou Eu". Ele não se aproveitou da vantagem que tinha sobre eles, pela sua cegueira, como fez Eliseu contra os sírios, dizendo-lhes: "Não é este o caminho, nem é esta a cidade", mas aproveita esta oportunidade para lhes mostrar sua disposição em sofrer. Embora eles o chamassem de "Jesus, o Nazareno", Ele atendeu ao nome, pois desprezou a afronta. Ele poderia ter dito: Não sou Eu, pois Ele era Jesus, de Belém, mas Ele não permitiria nenhum tipo de equívoco. Com isto, Ele nos ensinou a reconhecê-lo, qualquer que seja o preço, a não nos envergonharmos dele, nem das suas palavras, mas, até mesmo em tempos difíceis, confessar a Cristo crucificado, e corajosamente lutar sob sua bandeira. "Sou Eu", *ego eimi – Eu sou*, é o nome glorioso do bendito Deus (Êx 3.14), e a honra deste nome é, com razão, desafiada pelo bendito Jesus. [4] Observa-se que Judas estava com eles. Ele, que costumava estar com aqueles que seguiam a Cristo, agora estava com aqueles que lutavam contra Ele. Esta é a descrição de um apóstata. Ele é aquele que muda de lado. Ele se junta àqueles com quem seu coração esteve sempre, e cujo destino ele compartilhará, no dia do julgamento. Isto é mencionado, em primeiro lugar, para mostrar o atrevimento de Judas. Poderíamos imaginar onde ele teria conseguido a confiança com que agora se apresentava diante do seu Mestre, e nem se envergonhava, nem sabia o que era envergonhar-se. Satanás, no seu coração, lhe deu uma testa de prostituta. Em segundo lugar, para mostrar que o poder para frustrar os agressores, que acompanhava esta frase: "Sou Eu", dirigia-se, particularmente, a Judas. Era como uma flecha arremessada à consciência do traidor, e atingiu-o até o âmago, pois a vinda de Cristo, e sua voz, serão mais terríveis aos apóstatas e outros traidores do que aos pecadores de qualquer outro tipo.

2. Veja como Ele os aterrorizou, e os forçou a recuar (v. 6): "Recuaram" e, como homens atingidos por um raio, "caíram por terra". Aparentemente, eles não caíram para frente, como se humilhando diante dele, e cedendo a Ele, mas para trás, como se estivessem completamente incapacitados para resistir. Desta maneira, Cristo declarou ser mais do que um homem, mesmo quando era pisoteado como um verme, e não como homem. Estas palavras:

“Sou Eu”, tinham dado novo ânimo aos seus discípulos (Mt 14.27), mas as mesmas palavras derrubam seus inimigos com um golpe. Com isto, o Senhor demonstrou claramente:

(1) O que Ele poderia ter feito com eles. Quando os derrubou, Ele poderia tê-los fulminado com a morte. Quando, com estas palavras, Ele os levou ao chão, poderia tê-los levado ao inferno, e tê-los enviado, como a congregação de Corá, para lá. Mas Ele não desejava fazer isto: [1] Porque a hora do seu sofrimento era chegada, e Ele não desejava afastá-la. Ele desejava apenas mostrar que sua vida não lhe seria tirada pela força, mas Ele a entregava, como tinha dito. [2] Porque Ele desejava dar um exemplo da sua paciência e tolerância com os piores homens, e do seu misericordioso amor até mesmo pelos seus inimigos. Ao derrubá-los, sem fazer nada além disto, Ele lhes deu, simultaneamente, uma ordem para o arrependimento e uma oportunidade de arrepender-se, mas seus corações estavam endurecidos, e tudo foi inútil.

(2) O que Ele irá fazer, por fim, com todos os seus inimigos implacáveis, que não desejam arrepender-se para dar-lhe glória. Eles fugirão, eles cairão, diante dele. Agora se cumpriam as Escrituras (Sl 21.12): “Tu lhes farás voltar as costas”, e Salmos 20.8. E isto se cumprirá cada vez mais. Pelo sopro da sua boca, o Senhor desfará ao iníquo, 2 Tessalonicenses 2.8; Apocalipse 19.21. *Quid judicaturus faciet, qui judicandus hoc facit? – O que faremos, quando Ele vier para julgar, vendo que Ele fez isto quando veio para ser julgado?* – Agostinho.

IV Tendo repelido seus inimigos, Ele dá uma proteção aos seus amigos, e o faz também por meio da sua palavra, vv. 7-9, onde podemos observar:

1. Como Ele continuou a se expor à fúria deles, v. 7. Eles não permaneceram caídos, mas, por permissão divina, levantaram-se novamente. Somente no outro mundo o juízo de Deus é eterno. Quando eles caíram, poderíamos pensar que Cristo teria escapado. Quando se levantaram outra vez, poderíamos pensar que teriam desistido do seu intento. Mas ainda vemos: (1) Eles estavam tão ávidos, como sempre, por prendê-lo. É com alguma confusão e desordem que eles se recuperam. Eles não conseguem imaginar o que os afligiu, a ponto de não poderem ficar em pé, mas atribuem o fato a qualquer coisa, exceto ao poder de Deus. Observe que existem corações tão endurecidos no pecado, que nada conseguirá amolecê-

los e recuperá-los. (2) Ele está tão disposto, como sempre, a ser preso. Quando eles caíram diante dele, Jesus não os insultou, mas, vendo-os confusos, fez-lhes a mesma pergunta: “A quem buscais?” E eles lhe deram a mesma resposta: “A Jesus, o Nazareno”. Na sua repetição da pergunta, Ele parece aproximar-se mais da consciência deles: “Vocês não conhecem a pessoa que estão procurando? Vocês não percebem que estão errados, e desejam se meter com seu rival? Vocês não tiveram o suficiente, e ainda querem tentar outra batalha? Alguma vez, alguém endureceu seu coração contra Deus e prosperou?” Ao repetir a mesma resposta, eles demonstravam uma obstinação no seu comportamento iníquo. Eles ainda o chamam de “Jesus, o Nazareno”, com tanto desdém quanto antes, e Judas está tão inflexível quanto qualquer outro. Devemos temer que, com alguns poucos passos ousados, a princípio, em um caminho pecaminoso, nossos corações venham a se endurecer.

2. Como Ele planejou proteger seus discípulos da fúria dos seus inimigos. Ele aproveitou esta vantagem sobre eles, para a proteção dos seus seguidores. Quando Ele mostra sua coragem, em referência a si mesmo: “Já vos disse que sou eu”, Ele mostra sua preocupação com seus discípulos: “Deixai ir estes”. Ele diz isto como uma ordem a eles, e não como um acordo com eles, pois eles estão à sua mercê, e não Ele, à mercê deles. Ele lhes ordena, portanto, como alguém que tem autoridade: “Deixem que estes sigam seu caminho. Vocês estarão se arriscando, caso se metam com eles”. O pecado dos discípulos, quando abandonaram Jesus, e particularmente o de Pedro, quando o negou, agravou-se ainda mais pelo fato de que Cristo lhes tinha dado esta autorização, ou garantia de proteção, e ainda assim eles não tiveram fé e coragem suficientes para confiar nisto, mas se entregaram a tais movimentos vis e lamentáveis para sua segurança. Quando Cristo disse: “Deixai ir estes”, Ele pretendia:

(1) Manifestar sua afetuosa preocupação pelos seus discípulos. Quando se revelou, Ele os isentou, porque eles ainda não estavam preparados para sofrer. A fé que possuíam era fraca, e o espírito deles não estava pronto. Não seria possível permitir que sofressem neste momento. O vinho novo não deve ser colocado em odres velhos. Além disto, eles tinham outro trabalho a realizar. Eles deviam seguir seu caminho, pois deviam ir a todo o mundo, para pregar o Evangelho. “Não os destruam, pois há bênção neles”. Com isto: [1] Cristo nos dá um grande incentivo para segui-lo, pois, embora

Ele nos tenha designado sofrimentos, ainda assim Ele considera nossa estrutura, irá sabiamente determinar a ocasião da cruz, e proporcioná-la à nossa força, e libertará os devotos na tentação, seja dela, seja por meio dela. [2] Ele nos dá um bom exemplo de amor pelos nossos irmãos, e de preocupação pelo seu bem-estar. Não devemos levar em conta somente nossa tranqüilidade e segurança, mas a de outros, tanto quanto a nossa, e, em alguns casos, até mesmo mais do que a nossa. Existe um amor generoso e heróico, que irá nos capacitar a dar nossa vida pelos irmãos, 1 João 3.16.

(2) Ele pretendia dar uma amostra da sua missão como Mediador. Quando se ofereceu para sofrer e morrer, foi para que pudéssemos escapar. Ele foi nosso *antipsychos – alguém que sofreu no nosso lugar*. Quando Ele disse: "Eis que venho", Ele também disse: "Deixai ir estes", como o cordeiro oferecido no lugar de Isaque.

3. Aqui Ele confirmava as palavras que tinha dito pouco tempo antes (cap. 17.12): "Aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu". Ao cumprir estas palavras neste particular, Cristo deu uma garantia de que isto seria completamente cumprido, não somente para aqueles que estavam agora com Ele, mas para todos aqueles que cressem nele, por meio da palavra dos discípulos. Embora o fato de que Cristo os guardasse significava especialmente a preservação das suas almas contra o pecado e a apostasia, aqui é aplicado à preservação das suas vidas naturais, e de modo muito adequado, pois até mesmo o corpo fazia parte da missão e do cuidado de Cristo. Ele deverá ressuscitá-lo no último dia, e por isto deverá preservá-lo, tanto quanto ao espírito e à alma, 1 Tessalonicenses 5.23; 2 Timóteo 4.17,18. Cristo irá preservar a vida natural para o serviço ao qual ela está designada. Ela é dada a Ele, para ser usada por Ele, e Ele não perderá seu serviço, mas será enaltecido com ele, seja pela vida ou pela morte. O corpo será mantido com vida, enquanto algum uso for feito dele. As testemunhas de Cristo não morrerão até que tenham apresentado suas evidências. Mas isto não é tudo. Esta preservação dos discípulos foi, na sua essência, uma preservação espiritual. Agora eles eram tão fracos na fé e na determinação, que, com toda probabilidade, se tivessem sido chamados para sofrer nesta ocasião, eles teriam se envergonhado, e ao seu Mestre, e alguns deles, pelo menos os mais fracos, teriam se perdido. E por isto, para que Ele pudesse não perder nenhum, Ele não desejava expô-los. A segurança e a preservação dos santos se devem, não somente à graça divina, ao proporcionar a

resistência à tentação, mas também à providência divina, ao tornar a tentação proporcional à resistência.

VTendo conseguido a segurança dos seus discípulos, Ele repreende a precipitação de um deles, e reprime a violência dos seus seguidores, assim como tinha reprimido a violência dos seus perseguidores, vv. 10,11, onde temos:

1. A impulsividade de Pedro. Ele tinha uma espada. Não é provável que ele portasse uma constantemente, como um cavalheiro, mas eles tinham duas espadas, entre todos (Lc 22.38), e Pedro, estando de posse de uma delas, a sacou, pois pensou que, se havia alguma oportunidade para usá-la, seria agora. Ele feriu um dos servos do sumo sacerdote, que provavelmente era um dos que estavam à frente. Desejando provavelmente cortar-lhe a cabeça, errou o golpe e somente cortou sua orelha direita. O nome do servo, para maior exatidão da narrativa, está registrado. Era Malco, ou Maluque, Neemias 10.4.

(1) Aqui devemos reconhecer a boa vontade de Pedro. Ele tinha um zelo sincero pelo seu Mestre, embora agora malconduzido. Recentemente, ele tinha prometido dar sua vida por Ele, e agora cumpria suas palavras. Provavelmente, Pedro ficou exasperado por ver Judas como o chefe daquela gangue. A baixeza de Judas incentivou a ousadia de Pedro, e eu imagino se quando sacou a espada, ele não estaria mirando a cabeça do traidor.

(2) Mas devemos reconhecer o mau comportamento de Pedro, pois, embora sua boa intenção o desculpasse, ainda assim não o poderia justificar. [1] Ele não tinha permissão do seu Mestre para fazer o que fez. Os soldados de Cristo devem esperar a palavra de comando, e não se posicionar à frente dela. Antes que se exponham aos sofrimentos, eles devem verificar, não somente que sua causa seja boa, mas também que seu chamado seja claro. [2] Ele transgrediu o dever e saiu do seu lugar. Ele resistiu às forças contrárias, algo que Cristo nunca havia permitido, mas proibido (Mt 5.39): “Não resistais ao mal”. [3] Ele se opôs aos sofrimentos do seu Mestre, e, apesar da repreensão que tinha recebido por isto, uma vez, estava pronto a repetir o mesmo tipo de erro: Senhor, tem compaixão de ti. De modo nenhum te acontecerá isso. Pedro pronunciou esta frase, embora Cristo lhe tivesse dito que Ele deveria e iria sofrer, e que sua hora já era chegada. Desta maneira, embora parecesse lutar por Cristo, Pedro estava lutando

contra Ele. [4] Ele quebrou a rendição que seu Mestre tinha acabado de oferecer ao inimigo. Quando Cristo disse: “Deixar ir estes”, Ele não somente conseguiu sua segurança, mas, na verdade, deu sua palavra pelo bom comportamento deles, de modo que eles iriam embora pacificamente. Pedro ouviu isto, mas ainda assim não pôde obedecer. Assim como podemos ser culpados de uma covardia pecaminosa, quando somos chamados a nos manifestar, também podemos ser culpados de uma prontidão pecaminosa, quando somos chamados a nos afastar. [5] Ele expôs a si mesmo e aos seus condiscípulos, de forma tola, à ira desta multidão enfurecida. Se ele tivesse cortado a cabeça de Malco, quando cortou sua orelha, podemos supor que os soldados teriam se lançado sobre os discípulos, e os teriam reduzido a pedacinhos, e teriam considerado que Cristo não era, em nada, diferente de Barrabás. Desta maneira, muitos foram culpados da sua própria destruição, em seu zelo pela auto-preservação. [6] Pedro agiu como covarde pouco tempo depois disto (negando seu Mestre), o que nos leva a pensar que ele não teria feito isto, exceto por ter visto que seu Mestre os tinha feito cair no chão, e então ele poderia lidar com eles. No entanto, quando Pedro viu o Senhor se entregar, sua coragem o abandonou, ao passo que o verdadeiro herói cristão surgirá em meio à causa de Cristo, não somente quando ela é vitoriosa, mas quando parece estar decadente. Ele estará do lado certo, mesmo que não seja o lado ascendente.

(3) Nós devemos reconhecer a providência dominante de Deus, ao direcionar o golpe (de modo que não fosse uma execução, mas somente o corte de uma orelha, o que era mais uma marca do que uma mutilação), como também dar a Cristo uma oportunidade de manifestar seu poder e sua bondade, ao curar a ferida, Lucas 22.51. Desta maneira, aquilo que poderia se converter em uma reprovação a Cristo, tornou-se uma oportunidade para algo que redundou em sua honra, até mesmo entre seus adversários.

2. A repreensão que o Mestre dirigiu a Pedro (v. 11): “Mete a tua espada na bainha”. É uma repreensão gentil, porque foi seu zelo que o levou além dos limites da prudência. Cristo não piorou a situação, somente pediu a Pedro que não fizesse mais isto. Muitos pensam que o fato de estarem entristecidos e sofrendo irá lhes servir de desculpa se forem acalorados e ásperos com os que estão à sua volta, mas Cristo aqui nos deu um exemplo de submissão em meio aos sofrimentos. Pedro devia deixar de lado sua

espada, pois era a espada do Espírito que lhe seria confiada – as armas de guerra não-carnais, mas poderosas. Quando Cristo, com uma palavra, fez cair os agressores, Ele mostrou a Pedro como ele deveria se armar com uma palavra, rápida e poderosa, e mais aguda que espada alguma de dois gumes. E com a palavra, não muito tempo depois disto, Pedro deixou Ananias e Safira mortos, aos seus pés.

3. O motivo para esta repreensão: "Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?" Mateus relata outro motivo que Cristo apresentou para esta repreensão, mas João preserva este, que Mateus tinha omitido. Nele, Cristo nos dá: (1) Uma prova completa da sua própria submissão à vontade do seu Pai. De tudo o que havia de errado com o que Pedro fez, parece que nada lhe trouxe tanto ressentimento quanto o fato de que isto teria impedido seus sofrimentos, agora que sua hora era chegada: "Ora, Pedro, tu vais se colocar entre o cálice e meus lábios? 'Vai-te, Satanás'". Se Cristo estava determinado a sofrer e morrer, é presunçoso que Pedro, em palavras ou atos, se oponha a esta decisão: "Não beberei?" A maneira de falar evidencia uma resolução tomada, e o fato de que Ele não toleraria pensar de modo contrário. Ele desejava beber deste cálice, ainda que fosse um cálice amargo, uma infusão de amargura e tristeza, o cálice da vacilação, um cálice sangrento, as fezes do cálice do furor do Senhor, Isaías 51.22. Ele estava disposto a bebê-lo, para poder colocar em nossas mãos o cálice da salvação, o cálice da consolação, o cálice da bênção. Portanto, Ele está disposto a bebê-lo, porque seu Pai o colocou na sua mão. Se seu Pai deseja que seja assim, isto será o melhor, e que seja assim. (2) Um modelo, para nós, de submissão à vontade de Deus, em todas as coisas que nos dizem respeito. Devemos nos comprometer com Cristo através do cálice do qual Ele bebeu (Mt 20.23), e devemos nos conscientizar, submetendo-nos à vontade do Senhor. [1] É apenas um cálice. Uma questão pequena, comparativamente, seja o que for. Não é um mar, um mar vermelho, um mar morto, pois não é o inferno. É leve, e dura somente um momento. [2] É um cálice que nos é dado. Os sofrimentos são dádivas. [3] Ele nos é dado pelo Pai, que tem a autoridade de um pai, e não nos causa mal. Ele tem o afeto de um pai, que não nos deseja o mal.

VI Tendo se reconciliado completamente com a dispensação, Cristo se entregou calmamente, e se entregou como um prisioneiro, não porque

não pudesse ter fugido, mas porque não desejou fazê-lo. Alguém poderia imaginar que a cura da orelha de Malco teria feito com que os inimigos demonstrassem misericórdia, mas nada os dissuadiria. *Maledictus furor, quem nec majestast miraculi nec pietas beneficii confringere potuit – Maldita fúria, à qual a grandeza do milagre não consegue apaziguar, nem a ternura da graça, conciliar*. Anselmo. Observe aqui:

1. Como eles o prenderam: eles "prenderam a Jesus". Somente alguns deles puderam lançar mãos dele, mas isto é dito a respeito de todos, pois todos eles eram ajudantes e cúmplices. Na traição, não há ajudantes. Todos são principais. Agora se cumpriam as Escrituras: "Touros me cercaram" (Sl 22.12). "Cercaram-me como abelhas", Salmos 118.12. "O respiro das nossas narinas… foi preso nas suas covas", Lamentações 4.20. Eles tinham tão freqüentemente se frustrado nas suas tentativas de prendê-lo, que agora, tendo-o em suas mãos, podemos imaginar que se lançaram sobre Ele com muito mais violência.

2. Como o ataram: eles "o manietaram". Este detalhe dos seus sofrimentos é observado somente por este evangelista, o fato de que, imediatamente depois de preso, Ele foi atado, amarrado, algemado. Diz a tradição: "Eles o amarraram com tanta crueldade, que o sangue começou a sair das pontas dos seus dedos. E, tendo amarrado suas mãos às suas costas, eles colocaram rapidamente uma corrente de ferro ao redor do seu pescoço, e com isto o arrastaram". Veja *Gerhard. Harm*, cap 5.

(1) Isto mostra a maldade dos seus perseguidores. Eles o manietaram: [1] Para que pudessem atormentá-lo, e causar-lhe sofrimentos, da mesma maneira como amarraram a Sansão, para atormentá-lo. [2] Para que pudessem desonrá-lo, e envergonhá-lo. Os escravos eram amarrados, e também o foi Cristo, embora nascido livre. [3] Para que pudessem evitar a fuga dele, tendo-lhes dito Judas que o amarrassem bem apertado. Vejam a tolice, pois pensavam que poderiam limitar aquele que tinha acabado de provar que é onipotente. [4] Eles o prenderam como a alguém já condenado, pois estavam decididos a processá-lo até à morte, e Ele deveria morrer como morre um louco, isto é, como um vilão, com suas mãos atadas, 2 Samuel 3.33,34. Cristo tinha atado a consciência dos seus perseguidores através do poder da sua palavra, o que os atormentou, e, para se vingarem dele, eles o ataram com estas amarras.

(2) A prisão na vida de Cristo era algo muito significativo. Nisto, como em outras coisas, havia um mistério. [1] Antes de eles o prenderem, Ele tinha prendido a si mesmo, pela sua própria incumbência, à obra e ofício de um Mediador. Ele já estava preso aos chifres do altar com as cordas de seu próprio amor pelo homem, e de seu dever para com seu Pai, senão as cordas deles não o teriam segurado. [2] Nós estávamos presos com as cordas das nossas iniqüidades (Pv. 5.22), com o jugo das nossas transgressões, Lamentações 1.14. A culpa é uma prisão sobre a alma, pela qual nós estamos presos, do começo ao fim, ao juízo de Deus. A corrupção é uma prisão sobre a alma, pela qual nós estamos presos sob o poder de Satanás. Cristo, sendo feito pecado por nós, para nos libertar dessas prisões, apresentou-se, Ele mesmo, para ser preso por nós, senão nós teríamos sido amarrados de mãos e pés, e reservados nas cadeias da escuridão. À sua prisão, devemos nossa liberdade. Seu aprisionamento foi nossa dilatação. Desta maneira, o Filho nos fez livres. [3] Nisto, os tipos e profecias do Antigo Testamento foram cumpridos. Isaque foi preso, para que ele pudesse ser sacrificado. José foi preso, e os ferros penetraram em sua alma, a fim de que sua vida o levasse do cárcere ao reinado, Salmos 105.18 etc. Sansão foi preso, a fim de que matasse mais dos filisteus em sua morte do que tinha feito em sua vida. E o Messias foi predito como um prisioneiro, Isaías 53.8. [4] Cristo foi preso, para que Ele pudesse nos prender ao dever e à obediência. Suas prisões por nós são prisões sobre nós, pelas quais somos, para sempre, obrigados a amá-lo e servi-lo. A saudação de Paulo a seus amigos é a de Cristo a todos nós: "'Lembrai-vos das minhas prisões' (Cl 4.18), lembrai-os como presos com Ele por causa de todo pecado, e a todo dever". [5] As prisões de Cristo, por nós, foram designadas para fazer nossas prisões por Ele fáceis para nós, para santificá-las e abrandá-las, e colocar honra sobre elas, se, em qualquer tempo, formos, deste modo, chamados para sofrer por Ele. Elas habilitaram Paulo e Silas a cantarem no tronco, e Inácio, a chamar suas prisões por Cristo de pérolas espirituais. *Epist. ad Ephes.*

Cristo diante de Anás e Caifás. A Queda de Pedro. Cristo É Levado a Juízo. Pedro Nega a Cristo novamente

vv. 13-27

Aqui temos um relato do julgamento de Cristo, diante do sumo sacerdote, e algumas circunstâncias que ocorreram ali, que foram omitidas pelos outros evangelistas. E a negação de Pedro, história que os outros evangelistas apresentaram de forma isolada, é entrelaçada com outras passagens. Como o crime de que Ele era acusado tinha relação com a religião, os juízes da corte espiritual entenderam que Ele caía diretamente sob sua jurisdição. Tanto judeus quanto gentios o prenderam, e, da mesma maneira, tanto judeus quanto gentios o julgaram e condenaram, pois Ele morreu pelos pecados de ambos. Repassemos a história cronologicamente.

I Depois de prendê-lo, eles "conduziram-no primeiramente a Anás", antes de levá-lo ao tribunal que estava reunido, à sua espera, na casa de Caifás, v. 13. 1. Eles o conduziram em triunfo, como um troféu da sua vitória. Levaram-no "como um cordeiro… ao matadouro", e o levaram passando pela Porta do Gado, mencionada em Neemias 3.1. Passando por ela, eles foram do monte das Oliveiras a Jerusalém. Eles o levaram com pressa e violência, como se Ele tivesse sido o pior e mais vil dos malfeitores. Nós tínhamos sido levados pelos nossos desejos impetuosos, e feitos cativos por Satanás, segundo sua vontade, e, para que pudéssemos ser resgatados, Cristo foi levado, preso por agentes e instrumentos de Satanás. 2. Eles o levaram aos seus senhores, que os tinham enviado. Era agora aproximadamente meia-noite, e poderíamos pensar que eles o tivessem colocado em custódia (Lv 24.12), o tivessem levado a alguma prisão, até que fosse a ocasião adequada para convocar um tribunal. Mas Ele é levado imediatamente, não aos juízes de paz, para ser preso, mas aos juízes, para ser condenado. Tal foi a extrema violência do processo, em parte porque eles temiam um movimento de resgate, ao qual eles não somente não desejavam dar tempo, mas do qual tinham pavor, em parte porque eles tinham uma sede extrema do sangue de Cristo, como "a águia que se lança sobre a presa". 3. Eles o conduziram primeiramente a Anás. Provavelmente, sua casa ficava no caminho, e era conveniente que eles parassem ali para descansar e, como pensam alguns, para receber o pagamento pelos seus serviços. Eu suponho que Anás estava velho e doente, e não poderia estar presente no conselho com os demais, àquela hora da noite, mas ainda assim desejava ardentemente ver a presa. Para contentá-lo, portanto, com a certeza do seu sucesso, para que o velho pudesse dormir melhor, e para receber sua

bênção pelo seu serviço, eles apresentaram o prisioneiro diante dele. É triste ver aqueles que são velhos e enfermos, quando não podem cometer pecados como antes, contentando-se com aqueles que podem. O Dr. Lightfoot opina que Anás não estava presente, porque teria que comparecer cedo na manhã seguinte ao Templo, para examinar os sacrifícios que deviam ser oferecidos naquele dia, se eram sem imperfeições. Se for assim, havia um significado no fato de que Cristo, o grande sacrifício, lhe foi apresentado, e enviado amarrado, como aprovado e pronto para o altar. 4. Este Anás era o sogro de Caifás, o sumo sacerdote. Este parentesco entre eles, pelo casamento, é apresentado como uma razão por que Caifás ordenou que este respeito fosse prestado a Anás, para favorecê-lo com a primeira visão do prisioneiro, ou por que Anás estava desejoso de satisfazer a Caifás em um assunto no qual seu coração tanto se concentrava. Observe que o conhecimento e as alianças com pessoas más são uma grande confirmação de muitos nos seus métodos maus.

II Anás não os deteve por muito tempo, estando desejoso, como qualquer um deles, de incitar o processo, e por isto o enviou, amarrado, a Caifás, para sua casa, que foi designada para a reunião do Sinédrio nesta ocasião, ou para o local usual, no Templo, onde o sumo sacerdote tinha seu tribunal. Isto é mencionado no versículo 24. Mas nossos tradutores (versão inglesa KJV) sugerem, em notas de margem, que isto deveria ser incluído aqui, e, em conformidade, lemos ali: “Anás mandou-o”. Observe aqui:

1. A indicação do poder de Caifás (v. 13). “Caifás… era o sumo sacerdote daquele ano”. A comissão do sumo sacerdote era vitalícia, mas havia agora mudanças tão freqüentes, pelos artifícios simoníacos de homens que desejavam o governo, que ele tinha se tornado quase um cargo anual, um presságio da aproximação do seu período final, enquanto eles procuravam se prejudicar uns aos outros. Deus estava derrubando a todos eles, para que pudesse vir aquele a quem isto pertencia, de direito. Caifás era sumo sacerdote no mesmo ano em quem o Messias deveria ser morto, o que sugere: (1) Que, quando algo de ruim devia ser feito por um sumo sacerdote, em conformidade com o conhecimento prévio de Deus, a Providência ordenava que um homem mau estivesse ocupando este lugar, para fazê-lo. (2) Que, quando Deus desejava exibir a corrupção que havia no coração de um homem mau, Ele o colocava em uma posição de poder,

onde tivesse a tentação e a oportunidade para exercê-la. O fato de que Caifás fosse o sumo sacerdote naquele ano, e, deste modo, tenha se tornado o chefe do grupo que levou Cristo à morte, foi sua destruição. O progresso de muitos homens os levou a perder sua reputação, e eles não seriam desonrados se não tivessem sido honrados.

2. A maldade de Caifás, que é sugerida (v. 14) pela repetição daquilo que ele tinha dito algum tempo antes, que, certo ou errado, culpado ou inocente, "convinha que um homem morresse pelo povo", o que lembra a história de João 11.50. Isto é mencionado aqui para mostrar: (1) O homem mau que ele era. Este era aquele Caifás que governava, a si mesmo e à igreja, com regras políticas, a despeito das regras de justiça. (2) O mau tratamento que Cristo iria provavelmente encontrar no tribunal de Caifás, quando seu caso foi julgado antes que fosse ouvido, e eles já tinham resolvido o que fazer com Ele. Ele deve morrer. Assim, o julgamento de Jesus não foi um julgamento sério. Desta forma, os inimigos do Evangelho de Cristo estão decididos, seja ele verdadeiro ou falso, a destruí-lo. (3) Um testemunho da inocência do nosso Senhor Jesus, da boca de um dos seus piores inimigos, que reconheceu que Ele seria um sacrifício ao bem comum, e que não era justo que Ele morresse, mas somente conveniente.

3. A cooperação de Anás na acusação de Cristo. Ele se fez participante na culpa: (1) Com o capitão e os oficiais, que, sem lei nem misericórdia, o tinham amarrado, pois ele deu sua aprovação a isto, deixando-o amarrado, quando devia tê-lo soltado, não tendo Ele sido condenado de nenhum crime, nem tendo tentado escapar. Se não fizermos o que pudermos para desfazer o mal que outros fizeram, nós somos cúmplices *ex post facto – depois do fato*. Era mais justificável que os soldados rudes o amarrassem do que Anás, que deveria ser mais instruído; este o deixaria amarrado. (2) Com o principal sacerdote e o conselho que o condenou, e o levou à morte. Anás não esteve presente com eles, mas, deste modo, lhes desejou boa sorte, e tornou-se um participante das suas más obras.

III Na casa de Caifás, Simão Pedro começou a negar seu Mestre, vv. 15-18.

1. Foi com muita emoção que Pedro entrou na praça onde o tribunal estava reunido, relato que temos nos versículos 15 e 16. Aqui podemos observar:

(1) A amizade de Pedro com Cristo, que (embora não se provasse amizade) foi demonstrada em dois aspectos: [1] Ele seguiu a Jesus, quando o levaram. Embora, no início, ele tivesse fugido com os demais, depois ele teve um pouco de coragem, e seguiu, a alguma distância, recordando as promessas que tinha feito de permanecer com Ele, não importando o que isto lhe custasse. Aqueles que tinham seguido a Cristo nas suas honras, e que compartilharam com Ele estas honras, quando o povo clamou Hosana a Ele, deveriam tê-lo seguido agora, em meio às suas injúrias, e tê-las compartilhado com Ele. Aqueles que verdadeiramente amam e valorizam a Cristo, o seguirão, em qualquer circunstância. [2] Quando ele não pôde entrar onde Jesus estava, em meio aos seus inimigos, Ele permaneceu à porta, do lado de fora, desejando estar tão próximo dele quanto possível, esperando por uma oportunidade de aproximar-se mais. Desta maneira, quando nos depararmos com oposição, ao seguir a Cristo, nós devemos mostrar nossa boa vontade. Mas esta amizade de Pedro não foi amizade, porque ele não teve coragem e resistência suficientes para perseverar nela, e assim, como foi provado, ele apenas se deixou apanhar em uma armadilha. E mesmo o fato de que seguisse a Cristo, considerando tudo, merecia repreensão, porque Cristo, que o conhecia melhor do que ele conhecia a si mesmo, tinha lhe dito expressamente (cap. 13.36): “Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me”, e lhe tinha dito mais de uma vez que ele o negaria, e recentemente ele tinha experimentado sua própria fraqueza, ao abandoná-lo. Observe que devemos evitar tentar a Deus, correndo riscos além da nossa capacidade, e arriscando-nos demais em um caminho de sofrimentos. Se nosso chamado for claro, de expormo-nos ao risco, podemos esperar que Deus irá nos capacitar para honrá-lo, mas, se não for, nós podemos temer que Deus irá nos deixar para que nos envergonhemos.

(2) A bondade do outro discípulo dirigida a Pedro, que, como foi provado, também não foi bondade. O apóstolo João, no seu Evangelho, referindo-se diversas vezes si mesmo como outro discípulo, levou muitos intérpretes a imaginar que este outro discípulo aqui era João, e eles têm muitas conjeturas sobre como ele seria conhecido do sumo sacerdote, *propter generis nobilitatem – por ter nascimento superior*, diz Jerônimo, *Epitaph. Marcel.*, como se ele tivesse nascido um homem melhor do que seu irmão Tiago, quando ambos eram filhos de Zebedeu, o pescador. Alguns dizem que ele tinha vendido suas propriedades ao sumo sacerdote, outros, que ele

fornecia peixe à família do sumo sacerdote, mas ambas as hipóteses são muito improváveis. Porém, eu não vejo motivo para pensar que este outro discípulo fosse João, ou um dos doze. Cristo tinha outras ovelhas, que não pertenciam ao rebanho, e este poderia ser, como diz a versão siríaca, *unus ex discipulis aliis – um daqueles outros discípulos* que criam em Cristo, mas residiam em Jerusalém, e ali tinham seus postos. Talvez José de Arimatéia, ou Nicodemos, conhecidos do sumo sacerdote, sem que ele soubesse que eram discípulos de Cristo. Observe que, assim como há muitos que parecem discípulos, e não o são, há muitos que são discípulos, e não parecem sê-lo. Há boas pessoas escondidas nas cortes, até mesmo na de Nero, e também escondidas nas multidões. Nós não devemos concluir que um homem não fosse amigo de Cristo simplesmente porque se relacionava e convivia com aqueles que eram seus conhecidos inimigos. Veja: [1] Este outro discípulo, fosse quem fosse, mostrou respeito por Pedro, ao deixá-lo entrar, não somente para satisfazer sua curiosidade e afeição, mas também para dar-lhe uma oportunidade de ser útil ao seu Mestre, neste julgamento, se houvesse ocasião. Aqueles que têm uma verdadeira amizade com Cristo e seus métodos, embora seu temperamento possa ser reservado, e suas circunstâncias possam levá-los a serem prudentes e retraídos, ainda assim, se sua fé for sincera, eles revelarão, quando forem chamados a fazê-lo, qual é sua inclinação, estando prontos a fazer um favor a um discípulo professo. Talvez Pedro tivesse apresentado este discípulo a Cristo, anteriormente, e agora ele retribuía esta gentileza, e não se envergonha de reconhecê-lo, embora, aparentemente, ele tivesse apenas uma aparência humilde. [2] Mas esta gentileza provou não ser uma gentileza, antes uma grande crueldade. Permitir que Pedro entrasse na casa do sumo sacerdote deixou-o cair em tentação, e a conseqüência foi terrível. Observe que a cortesia dos nossos amigos freqüentemente prova ser uma armadilha para nós, por intermédio de um afeto equivocado.

2. Depois de entrar, Pedro foi imediatamente atacado pela tentação, e frustrado por ela, v. 17. Observe aqui:

(1) Como foi leve o ataque. Foi apenas uma criada tola, de tão pouca importância que vigiava a porta, que o desafiou, e somente perguntou a ele, de modo descuidado: “Não és tu também dos discípulos deste homem?”, provavelmente suspeitando por causa da sua aparência medrosa, e pela sua entrada temerosa. Muitas vezes, nós manteremos melhor uma boa causa se

tivermos bom ânimo nela, e pudermos expressá-la de uma forma positiva. Pedro teria tido algum motivo para alarmar-se se Malco o tivesse visto e se tivesse dito: “Foi este que cortou minha orelha, e eu quero a cabeça dele por isto”. Mas, quando uma criada somente lhe perguntou: “Não és tu também dos discípulos deste homem?”, Ele poderia, sem perigo, ter respondido: “E daí, se for?” Supondo que os servos o tivessem ridicularizado, e insultado, por causa disto, aqueles que podem suportar somente pouco, por Cristo, não podem suportar isto. Isto é apenas correr com homens que vão a pé.

(2) Como foi rápida a capitulação. Sem ter tempo para recuperar-se, subitamente respondeu: “Não sou”. Se ele tivesse tido a coragem de um leão, teria dito: “É minha honra sê-lo”. Ou, se tivesse tido a prudência da serpente, ele teria mantido silêncio neste momento, pois era uma hora ruim. Mas, completamente preocupado com sua própria segurança, ele pensou que não conseguiria assegurá-la, exceto por uma negação incisiva: “Não sou”. Ele não somente nega, mas até mesmo desdenha, e zomba das palavras da criada.

(3) Mas ele ainda vai além, na tentação: “Estavam ali os servos e os criados… e com eles estava Pedro”, v. 18.

[1] Veja como os servos se davam importância. Como a noite estava fria, eles fizeram fogo no pátio, não para seus senhores (que estavam tão ansiosos na perseguição a Cristo, que se esqueceram do frio), mas para si mesmos, para se revigorarem. Eles não se preocupavam com o que aconteceria a Cristo. Toda a sua preocupação era sentar-se e aquecer-se, Amós 6.6.

[2] Veja como Pedro se juntou a eles, e se fez um deles. Ele sentou e aqueceu-se. Em primeiro lugar, era uma falta suficientemente grave o fato de que ele não auxiliasse seu Mestre, e não aparecesse para vê-lo na parte superior do pátio, onde Ele estava sendo interrogado. Ele poderia ter testemunhado por Ele, e ter confrontado as falsas testemunhas que juraram contra Ele, se seu Mestre o tivesse chamado. Pelo menos, ele poderia ter sido uma testemunha por Ele, poderia ter tido uma idéia exata do que estava acontecendo, para que pudesse relatar aos outros discípulos, uma vez que nenhum deles tinha podido entrar para ouvir o julgamento. Ele poderia ter aprendido, com o exemplo do seu Mestre, a como se comportar quando chegasse sua vez de sofrer desta maneira. No entanto, nem sua curiosidade nem sua consciência puderam levá-lo à corte, mas ele se sentou por ali,

como se, como Gálio, nada destas coisas o incomodasse. E, ao mesmo tempo, nós temos razão para pensar que seu coração estava tão cheio de tristeza e preocupação como poderia estar, mas ele não tinha coragem de admitir isto. “Senhor, não nos induzas à tentação”. Em segundo lugar, era muito pior que ele se unisse àqueles que eram inimigos do seu Mestre: “Com eles estava Pedro, aquentando-se também”. Esta era uma desculpa pobre para juntar-se a eles. Uma pequena coisa atrairá às más companhias aqueles que forem atraídos pelo amor a um bom fogo. Se o zelo de Pedro pelo seu Mestre não tivesse congelado, mas tivesse permanecido no calor em que parecia estar, apenas poucas horas antes, ele não teria tido oportunidade de aquecer-se agora. Pedro merecia ser repreendido: 1. Porque se associou a estes homens maus, e ficou na companhia deles. Sem dúvida, eles estavam se divertindo com a expectativa desta noite, zombando de Cristo, do que Ele tinha dito, do que Ele tinha feito, e triunfando na sua vitória sobre Ele. E que tipo de divertimento isto representaria para Pedro? Se ele dissesse o que eles diziam, ou, pelo seu silêncio, consentisse, ele se envolveria em pecado. Se não, ele se exporia ao perigo. Se Pedro não tinha coragem de aparecer publicamente pelo seu Mestre, ele deveria ter tido devoção suficiente para afastar-se para um canto, e chorar em segredo pelos sofrimentos do seu Mestre, e pelo seu próprio pecado em abandoná-lo. Se ele não podia ter feito o bem, ele devia ter evitado fazer o mal. É melhor esconder-se do que aparecer sem propósito, ou com maus propósitos. 2. Porque desejou ser considerado um deles, para que não suspeitassem que ele era um discípulo de Cristo. Este é Pedro? Que contradição é esta à oração de todo homem justo: “Não colhas a minha alma com a dos pecadores!” Saul, entre os profetas, não é tão absurdo como Davi, entre os filisteus. Aqueles que menosprezam a sorte dos escarnecedores no futuro, devem temer se assentar na roda dos escarnecedores agora, no presente. Não convém que nos aqueçamos com aqueles em cujo meio corremos o risco de nos queimarmos, Salmos 141.4.

IV Tendo Pedro, o amigo de Cristo, começado a negá-lo, o sumo sacerdote, inimigo de Cristo, começa a acusá-lo, ou, mais exatamente, insiste para que Ele se acuse, vv. 19-21. Aparentemente, a primeira tentativa foi provar que Ele era um enganador, e um professor de falsas doutrinas, que é o que este evangelista relata. E, quando não obtiveram a prova disto, então o

acusaram de blasfêmia, o que é relatado pelos outros evangelistas, e, por isto, omitido aqui. Observe:

1. Os assuntos sobre os quais Cristo foi interrogado (v. 19): “Acerca dos seus discípulos e da sua doutrina”. Observe:

(1) A irregularidade do processo. Era contra toda a lei e justiça. Eles o prenderam como um criminoso, e agora que Ele é seu prisioneiro, eles não têm nada de que acusá-lo, nenhum libelo, nenhum acusador. Mas o próprio juiz deve ser o acusador, e o próprio prisioneiro, a testemunha, e, contra toda razão e justiça, Ele é colocado para ser seu próprio acusador.

(2) A intenção. O sumo sacerdote, então (*oun – portanto,* o que parece se referir ao v. 14), por ter decidido que Cristo deveria ser sacrificado à sua maldade privativa, sob o pretexto do bem comum, o examinou nestes interrogatórios sobre sua vida. Ele o interrogou: [1] A respeito dos seus discípulos, para poder acusá-lo de sedição, apresentando-o como perigoso ao governo romano, assim como à igreja judaica. Ele lhe perguntou quem eram seus discípulos, quantos eram, de que região, quais eram seus nomes e personalidades, insinuando que estes alunos estavam sendo preparados para serem soldados, e, com o tempo, formariam uma força formidável. Alguns pensam que esta pergunta a respeito dos seus discípulos foi: “Agora, o que irá acontecer com todos eles? Quem são eles? Por que não aparecem?”, censurando-o pela covardia deles ao abandoná-lo, e, desta forma, piorando a angústia. Havia alguma coisa significativa no fato de Cristo ter chamado e reconhecido seus discípulos? Esta foi a primeira acusação contra o Senhor, pois foi pelo bem deles que Ele se santificou e sofreu. [2] A respeito da sua doutrina, para que pudessem acusá-lo de heresia, e puni-lo segundo a lei contra os falsos profetas, Deuteronômio 13.9,10. Esta era uma questão passível de julgamento neste tribunal (Dt 17.12). Portanto, um profeta não poderia perecer, exceto em Jerusalém, onde era a sede deste tribunal. Eles não conseguiram provar nenhuma falsa doutrina, mas esperavam extorquir de Jesus alguma coisa que pudessem distorcer para seu prejuízo, e fazê-lo culpado, por uma palavra ou por outra, Isaías 29.21. Eles não lhe disseram nada a respeito dos seus milagres, pelos quais Ele tinha feito tanto bem, provando que sua doutrina estava além de contradições, porque sabiam que não conseguiriam se apoderar deles. Desta maneira, os adversários de Cristo, enquanto estão se esforçando para discutir sua verdade, determinadamente fecham os olhos para as evidências dela, e não se dão

conta da clareza de tais evidências.

2. O apelo que Cristo fez, respondendo a estas perguntas. (1) Quanto aos seus discípulos, Ele não disse nada, porque tinha sido uma pergunta impertinente. Se sua doutrina era sadia e boa, o fato de que Ele tivesse discípulos a quem ensiná-la não era nada além do que era praticado e permitido pelos seus próprios doutores. Se Caifás, ao perguntar-lhe a respeito dos discípulos, pretendia armar-lhes uma cilada, e trazer-lhes problemas, foi por bondade a eles que Cristo nada falou sobre eles, pois Ele tinha dito: “Deixar ir estes”. Se ele pretendia censurá-lo pela covardia dos discípulos, não admira que Ele não tivesse dito nada, pois:

Rudet haec opprobria nobis,
Et dici potuisse, et non potuisse refelli.
A vergonha se apresenta quando se apresentam acusações que não podem ser refutadas.

Ele não desejava dizer nada para condená-los, e não poderia dizer nada para justificá-los. (2) Quanto à sua doutrina, Ele não disse nada em particular, mas, de maneira geral, referiu-se àqueles que o ouviam, não somente manifestando-se a Deus, o Pai, mas também às consciências das pessoas, vv. 20,21.

[1] Ele acusa tacitamente seus juízes de procedimentos ilegais. Na verdade, Ele não fala mal dos governantes do povo, nem diz agora a estes príncipes: Vocês são ímpios, mas apela às regras estabelecidas do seu próprio tribunal, indagando se elas lidavam com Ele com justiça. “Julgais retamente?” Salmos 58.1. Da mesma maneira, aqui: “Para que me perguntas a mim?” o, que indica dois absurdos de julgamento. Em primeiro lugar: “Por que me perguntam agora a respeito da minha doutrina, que já condenaram?” Eles tinham expedido uma ordem judicial para excomungar todos aqueles que a reconhecessem (cap. 9.22), tinham emitido uma proclamação para prender Jesus, e agora vinham perguntar o que é sua doutrina! Desta maneira, Ele foi condenado, como sua doutrina e sua causa normalmente o são, sem ser ouvido. Em segundo lugar: “Por que me perguntam? Eu devo acusar a mim mesmo, quando vocês não têm evidências contra mim?”

[2] Ele insiste em tê-los tratado abertamente e com justiça, na divulgação da sua doutrina, e se justifica com isto. O crime que o Sinédrio, pela lei, devia investigar era a propagação clandestina de doutrinas perigosas, que atraísse secretamente, Deuteronômio 13.6. Quanto a isto, portanto, Cristo se explica completamente. Em primeiro lugar, quanto à maneira da sua pregação. Ele falava abertamente, *parresia – com liberdade e clareza de expressão*. Ele não transmitia as coisas de maneira ambígua, como Apolo fazia, pelos seus oráculos. Aqueles que desejam minar a verdade, e espalhar noções corruptas, procuram alcançar seu objetivo por insinuações furtivas, fazendo perguntas, criando dificuldades, sem afirmar nada. Mas Cristo se explicava completamente, através da expressão: “Em verdade, em verdade vos digo”. Suas censuras eram livres e corajosas, e seus testemunhos, expressos contra as corrupções da época. Em segundo lugar, quanto às pessoas a quem Ele pregava: Ele falava ao mundo, a todos os que tinham ouvidos para ouvir, e estavam desejosos de ouvi-lo, nobre ou humilde, instruído ou não, judeu ou gentio, amigo ou inimigo. Sua doutrina não temia a censura de uma multidão mista, nem era Ele relutante ao transmitir este conhecimento a ninguém (como comumente o fazem os mestres de rara inteligência), mas o transmitia livremente, como o sol faz com seus raios. Em terceiro lugar, quanto aos lugares onde Ele pregava. Quando estava no interior, Ele pregava, normalmente, nas sinagogas – os lugares de reunião para adoração, e durante o sábado, à assembléia. Quando vinha a Jerusalém, Ele pregava a mesma doutrina no Templo, por ocasião das festas solenes, quando os judeus de todos os lugares ali se reuniam. E embora Ele pregasse com freqüência em casas particulares, e em montes, e à beira-mar, para mostrar que sua palavra e a adoração a Ele não deviam ficar confinadas a templos e sinagogas, ainda assim aquilo que Ele pregava privadamente era a mesma coisa que Ele transmitia publicamente. Observe que a doutrina de Cristo, pregada puramente e claramente, não deve se envergonhar de aparecer diante da assembléia mais numerosa, pois ela traz consigo sua própria força e sua própria beleza. Os fiéis ministros de Cristo desejam que todo o mundo possa ouvir aquilo que eles dizem. A sabedoria clama onde há muita gente, Provérbios 1.21; 8.3; 9.3. Em quarto lugar, quanto à doutrina propriamente dita. Ele não dizia, às escondidas, nada contrário ao que dizia em público, exceto para repetir e explicar: “Nada disse em oculto”, como se Ele tivesse sido suspeito pela verdade contida na sua

doutrina, ou consciente de algum mau intento nela. Ele não procurava cantos, pois não temia disfarces, nem dizia coisa alguma de que precisasse se envergonhar. Aquilo que Ele dizia, em particular, aos seus discípulos, Ele lhes ordenava que proclamassem sobre os telhados, Mateus 10.27. Deus disse sobre si mesmo (Is 45.19): “Não falei em segredo”. Seu mandamento “não é encoberto”, Deuteronômio 30.11. E a justiça da fé fala de maneira semelhante, Romanos 10.6. *Veritas nihil metuit nisi abscondi – A verdade não teme nada, exceto o encobrimento*. Tertuliano.

[3] Ele apela àqueles que o tinham ouvido, e deseja que se pergunte a eles qual doutrina Ele tinha pregado, e se ela tinha esta tendência perigosa que se julgava: “‘Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei’. Alguns deles podem estar no tribunal, ou podem ser ordenados a comparecer, saindo de suas camas”. Ele não se referia aos seus amigos e seguidores, que poderia presumir-se que falariam a seu favor, mas: Perguntem a qualquer ouvinte imparcial, perguntem aos seus próprios servidores. Alguns pensam que Ele os apontou, quando disse: “Eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito”, referindo-se ao relato que tinham feito da sua pregação (cap. 7.46): “Nunca homem algum falou assim como este homem”. Ou melhor: Vocês podem perguntar a alguém no tribunal, pois é provável que alguns deles o tivessem ouvido, e tivessem sido silenciados por Ele. Observe que a doutrina de Cristo pode, seguramente, apelar a todos aqueles que a conhecem, e tem tanta justiça e razão do seu lado, que quem desejar julgar imparcialmente não poderá deixar de testificar positivamente a seu respeito.

V Enquanto os juízes o interrogavam, os criados que ali estavam o maltratavam, vv. 22,23.

1. Foi uma ofensa vil, aquela que um dos servidores lhe fez. Embora Ele falasse com tanta calma e apresentasse evidências convincentes, este sujeito insolente o esbofeteou com a palma da sua mão, provavelmente na lateral da sua cabeça ou do seu rosto, dizendo: “Assim respondes ao sumo sacerdote?” Como se Ele tivesse se comportado de maneira rude no tribunal.

(1) Ele o golpeou, *edoke rhapisma – ele lhe deu uma bofetada*. Alguns pensam que isto significa um golpe com uma vara, de *rhabdos*, ou com o bastão que era o símbolo do seu cargo. Agora se cumpriam as Escrituras (Is 50.6): “Dou minha face”, *eis rhapismata* (segundo a Septuaginta), “aos

golpes”, esta foi a terminologia utilizada nos originais. E Miquéias 5.1: “Ferirão com a vara no queixo ao juiz de Israel”, e a resposta (Jó 16.10): “Com desprezo me feriram nos queixos”. Era injusto ferir a alguém que não tinha dito ou feito nada de errado. Era insolente que um mero servo golpeasse a alguém que era declaradamente uma pessoa de importância. Era covardia golpear a alguém que tinha suas mãos amarradas, e bárbaro, ferir um prisioneiro no tribunal. Aqui houve uma brecha na paz perante o tribunal, e ainda assim os juízes o permitiram. A confusão no rosto era nossa obrigação, mas aqui Cristo a toma para si: “Sobre mim venham a maldição e a vergonha”.

(2) Ele o repreendeu de uma maneira imperiosa e insolente: “Assim respondes ao sumo sacerdote?” Como se o bendito Jesus não fosse suficientemente bom para falar ao seu senhor, nem suficientemente prudente para saber como se dirigir a ele, mas, como um prisioneiro rude e ignorante, devesse ser controlado pelo carcereiro, e ensinado como devia se comportar. Alguns dos antigos sugerem que este servidor era Malco, que devia a Cristo a cura da sua orelha, e a salvação da sua cabeça, e ainda assim lhe faz esta terrível retribuição. Mas, seja como for, isto foi feito para agradar ao sumo sacerdote, e para bajulá-lo, pois o que ele dizia sugeria uma inveja pela dignidade do sumo sacerdote. Aos governantes ímpios, não faltarão servidores ímpios, que irão ajudar a aumentar a aflição daqueles a quem seus senhores perseguem. Houve um sucessor deste sumo sacerdote que ordenou que os presentes ferissem a Paulo, desta maneira, na boca, Atos 23.2. Alguns pensam que este servidor julgou-se ofendido pelo apelo de Cristo àqueles presentes a respeito da sua doutrina, como se Ele tivesse garantido que ele poderia ser uma testemunha. E talvez este fosse um daqueles servidores que tinham falado honradamente sobre Ele (cap. 7.46), e, para que não fosse agora julgado um amigo secreto de Cristo, assim parece ser um inimigo amargo.

2. Cristo suportou esta afronta com maravilhosa mansidão e paciência (v. 23): “‘Se falei mal’, no que disse agora, ‘dá testemunho do mal’. Mencione isto ao tribunal, e que eles, que são os juízes apropriados, o julguem. Mas, se bem, e como me convinha, ‘porque me feres?’” Cristo poderia ter-lhe respondido com um milagre de ira, poderia tê-lo feito ficar mudo ou morrer, ou ter secado a mão que se erguia contra Ele. Mas este era o dia da sua paciência e do seu sofrimento, e Ele lhes respondeu com a mansidão da

sabedoria, para nos ensinar a não nos vingarmos, a não devolvermos insulto por insulto, mas, com a simplicidade da pomba, suportar as ofensas, mesmo quando, com a prudência da serpente, como nosso Salvador, nós mostrarmos como são injustas, e apelamos ao magistrado a respeito delas. Cristo aqui não ofereceu a outra face, e por isto parece que esta regra, Mateus 5.39, não deve ser interpretada de maneira literal. Um homem pode, possivelmente, oferecer a outra face, e ainda ter seu coração cheio de maldade. Mas, comparando o preceito de Cristo com seu padrão, vemos: (1) Que, em tais casos, nós não devemos vingar a nós mesmos, nem julgar nossa própria causa. Nós devemos receber, e não desferir, o segundo golpe, que cria a disputa. Nós temos permissão de nos defendermos, mas não de nos vingarmos. O magistrado (se for necessário, para a preservação da paz pública, e para a contenção e intimidação dos malfeitores) deve ser o vingador, Romanos 13.4. (2) Nosso ressentimento pelas ofensas feitas a nós deve sempre ser racional, e nunca passional. Assim era o de Cristo, aqui. Quando Ele sofria, Ele argumentava, mas não ameaçava. Ele admoestou, com razão, àquele que lhe tinha ofendido, e a mesma coisa nós podemos fazer. (3) Quando somos chamados ao sofrimento, devemos nos acomodar às inconveniências de uma condição de sofrimento, com paciência, e por uma indignidade feita a nós, devemos estar preparados para receber outra, e assim fazer o melhor uso delas.

VI Enquanto os servidores o estavam maltratando desta maneira, Pedro continuava a negá-lo, vv. 25-27. É uma história triste, e não foi o menor dos sofrimentos de Cristo.

1. Ele repetiu o pecado pela segunda vez, v. 25. Enquanto ele estava se aquecendo com os servos, como se fosse um deles, eles lhe perguntaram: “Não és também tu um dos seus discípulos?” O que estás fazendo aqui, no nosso meio? Talvez, ouvindo que Cristo estava sendo interrogado sobre seus discípulos, e temendo que pudesse ser preso, ou, pelo menos, ferido, como seu Mestre, caso o reconhecessem, ele o negou categoricamente, e disse: “Não sou”.

(1) Foi sua grande tolice lançar-se à tentação, permanecendo com aqueles cuja companhia lhe era inadequada, e com quem ele não tinha nada que ver. Ele permaneceu, para se aquecer, mas aqueles que se aquecem com os malfeitores ficam frios com relação às boas pessoas, e às boas coisas, e

aqueles que gostam de estar perto do fogo do Diabo estão correndo o risco de sofrer as conseqüências deste fogo. Pedro poderia ter apoiado seu Mestre, no tribunal, e teria se aquecido melhor do que aqui, no fogo do amor do seu Mestre, que muitas águas não poderiam apagar, Cantares 8.6,7. Ele poderia ter se aquecido com o zelo pelo seu Mestre, e a indignação pelos seus perseguidores, mas preferiu aquecer-se com eles a aquecer-se contra eles. Porém, um só (discípulo), como se aquentará? Eclesiastes 4.11.

(2) Foi sua grande infelicidade ter sido novamente atacado pela tentação. E não se poderia esperar nada diferente, pois este era o lugar, e este era o momento, da tentação. Quando o juiz perguntou a Cristo sobre seus discípulos, provavelmente os servidores aproveitaram a oportunidade e desafiaram Pedro como sendo um deles: "Responda ao mencionarem seu nome". Veja aqui: [1] A sutileza do tentador, ao procurar derrubar aquele a quem viu caindo, e reunindo uma força ainda maior contra ele. Agora, não somente uma criada, mas todos os servidores. Observe que ceder a uma tentação convida outra, talvez mais forte. Satanás redobra seus ataques quando ganha terreno. [2] O perigo das más companhias. Comumente, nós nos empenhamos em ser aceitos por aqueles com quem decidimos nos associar. Nós nos valorizamos com seu bom conceito, e ambicionamos estar bem na opinião deles. Da mesma maneira como escolhemos nosso grupo, também escolhemos nosso louvor, e nos governamos de maneira correspondente. Portanto, devemos nos preocupar em fazer bem a primeira escolha, e não nos mesclarmos com aqueles a quem não poderemos agradar, sem desagradar a Deus.

(3) Foi sua grande fraqueza, ou melhor, foi sua grande perversidade ceder à tentação, e dizer: Eu não sou um dos seus discípulos, como alguém que se envergonhava daquilo que era sua honra, e temia sofrer por aquilo que teria sido algo ainda mais honroso. Veja como o temor de um homem lhe traz uma armadilha. Quando Cristo era admirado, e querido, e tratado com respeito, Pedro se contentava, e talvez se orgulhasse com o fato de que ele era um discípulo de Cristo, e, desta maneira, investiu em uma participação nas honras feitas ao seu Mestre. Da mesma maneira, muitos que parecem gostar da reputação da religião, quando ela está na moda, envergonham-se da censura que ela recebe. Mas nós devemos ser firmes, a despeito daquilo que venha a acontecer.

2. Ele repetiu o pecado, pela terceira vez, vv. 26,27. Aqui ele foi atacado por um dos servos, que era parente de Malco, que, ao ouvir que Pedro negava ser um discípulo de Cristo, refutou o que ele dizia, com maior certeza: "'Não te vi eu no horto com ele?' A orelha do meu parente é testemunha disto". Então, Pedro o negou outra vez, como se não soubesse nada de Cristo, nada do jardim, nada de todo este assunto.

(1) Este terceiro ataque da tentação foi mais cerrado do que o anterior. Antes havia somente suspeitas do seu relacionamento com Cristo, mas aqui ele é provado por alguém que o tinha visto com Jesus, e que o tinha visto sacar sua espada para defendê-lo. Observe que aqueles que, pelo pecado, pensam estar se livrando de problemas, somente se envolvem e se embaraçam ainda mais. Ouse ser corajoso, pois a verdade será revelada. Um passarinho talvez conte aquilo que procuramos esconder através de uma mentira. Aqui se menciona que este servidor era parente de Malco, porque esta circunstância causaria maior terror a Pedro. "Agora", talvez pense ele, "estou acabado, estou destruído, não é necessário ter outra testemunha, nem outro acusador". Nós não devemos fazer de nenhum homem, em particular, nosso inimigo, se pudermos evitar, porque chegará a ocasião em que ele, ou algum dos seus parentes, poderá nos ter à sua mercê. Aquele que pode precisar de um amigo, não deve fazer um inimigo. Mas observe que, embora aqui houvesse evidências suficientes contra Pedro, e provocações suficientes para acusá-lo, fornecidas pela sua negação, ainda assim ele escapa, nenhum mal lhe é feito, nem tentado. Observe que freqüentemente somos levados ao pecado por temores ilógicos e sem fundamentos, para os quais não há oportunidade, e que, com um pequeno grau de sabedoria e determinação, seriam destruídos.

(2) Sua capitulação a este ataque não foi menos vil do que a anterior: "Pedro negou outra vez". Veja aqui: [1] A natureza do pecado, em geral: o coração é endurecido pelo engano do pecado, Hebreus 3.13. De repente, Pedro tinha chegado a um estranho grau de insolência, podendo, com tal segurança, sustentar uma mentira contra uma refutação tão clara. Mas o começo do pecado é como o início de um vazamento de água, quando algum ponto em uma barreira se rompe. Assim, os homens vão facilmente de mal a pior. [2] O pecado de mentir, em particular. É um pecado frutífero, e, sob este aspecto, excessivamente pecaminoso. Uma mentira precisa de outra para sustentá-la, e aquela, precisa de outra. Esta é uma regra da

política do Diabo, *Male facta male factis tegere, ne perpluant – Cobrir pecado com pecado, para não ser detectado.*

A advertência feita a ele para o restabelecimento de sua consciência foi oportuna e feliz: *Imediatamente o galo cantou* é tudo o que foi dito sobre seu arrependimento, sendo registrado pelos outros evangelistas também. Isto fez com que ele caísse em si, trazendo-lhe à mente as palavras de Cristo. Observe: (1) O cuidado que Cristo tem para com os seus, não obstante sua insensatez. Apesar de *suas falhas, eles não são terminantemente humilhados*, nem rejeitados. (2) A vantagem de haver admoestadores fiéis perto de nós, os quais imaginam nada poder dizer que já não saibamos, contudo podem nos lembrar daquilo que sabemos, mas temos esquecido. O canto do galo para os outros foi um acontecimento casual, e não teve significado, entretanto, para Pedro, foi a voz de Deus, e teve uma propulsão abençoada para reavivar sua consciência, ao trazer-lhe à mente a breve conversa de Cristo.

Cristo na Audiência. Cristo É Acusado diante de Pilatos

vv. 28-40

Aqui temos o relato da acusação de Cristo diante de Pilatos, o governador romano, no *praetorium* (uma palavra latina que se tornou grega), a casa do pretor, ou a sala de audiência. Para ali, levaram-o apressadamente, para que fosse condenado por um tribunal romano, e executado pelo poder romano. Determinados quanto à sua morte, eles tomaram este caminho: 1. Para que Ele pudesse ser levado à morte de maneira mais legítima e regular, de acordo com a atual constituição do seu governo, uma vez que tinham se tornado uma província do império. Não apedrejado em um tumulto popular, como Estêvão, mas levado à morte com as formalidades da justiça. Desta maneira, Ele foi tratado como um malfeitor, e foi feito pecado por nós. 2. Para que Ele pudesse ser levado à morte com mais segurança. Se eles envolvessem nesta questão o governo romano, a quem o povo temia, haveria pouco risco de um tumulto. 3. Para que Ele pudesse ser levado à morte com maior desonra para ele mesmo. Eles desejavam que a morte na cruz, que era normalmente usada pelos romanos, sendo, de todas as mortes, a mais ignominiosa, pusesse sobre Ele uma indelével marca de infâmia, destruindo, desta maneira, sua reputação para sempre. Por isto, eles repetiam sempre a mesma palavra: “Crucifica-o”. 4. Para que Ele pudesse ser levado à morte com menor desonra para eles. Era uma coisa odiosa condenar à morte alguém que tinha feito tanto bem ao mundo, e por isto eles estavam desejosos de destinar o ódio ao governo romano, para fazê-lo menos aceitável ao povo, salvando-se da desonra. Da mesma maneira, muitos têm mais medo do escândalo de uma má ação do que do pecado que a motiva. Veja Atos 5.28. Duas coisas são mencionadas aqui a respeito do processo: (1) Sua política e seu empenho no processo: “Era pela manhã cedo”. Alguns pensam que eram duas ou três horas da manhã, outros, cerca de cinco ou seis, quando a maioria das pessoas estava em suas camas. Desta maneira, haveria menos perigo de oposição por parte das pessoas favoráveis a Cristo. Ao mesmo tempo, eles teriam por ali seus agentes, para fazerem com que aqueles aos quais pudessem influenciar clamassem contra Ele. Veja o quanto desejavam isto, e como foram violentos no processo. Agora

que eles o tinham em suas mãos, não perderiam tempo, até que o tivessem sobre a cruz, mas recusavam seu descanso natural, para prosseguir nesta questão. Veja Miquéias 2.1. (2) Sua superstição e vil hipocrisia: os principais dos sacerdotes e anciãos, embora acompanhassem o prisioneiro, para que seu intento efetivamente se realizasse, não entraram na audiência, porque era a casa de um gentio incircunciso, "para não se contaminarem", mas ficaram do lado de fora, para "poderem comer a Páscoa", não o cordeiro pascal (que tinha sido comido na noite anterior), mas o banquete da páscoa, com os sacrifícios que eram oferecidos no décimo quinto dia, o *Chagigah*, como eram chamados, os bois da páscoa mencionados em Deuteronômio 16.2; 2 Crônicas 30.24; 35.8,9. Eles deveriam participar do banquete, e por isto não desejavam entrar no tribunal, por temor de tocar um gentio, contraindo, desta maneira, uma contaminação, não legal, somente referente à tradição. Nisto, eles foram escrupulosos, mas não tiveram escrúpulos de romper todas as leis de justiça para perseguir a Cristo até à morte. Eles coavam um mosquito, e engoliam um camelo. Vejamos agora o que aconteceu na audiência. Aqui temos:

I A conversa de Pilatos com os acusadores. Eles foram chamados primeiro, e declararam o que tinham a dizer contra o prisioneiro, da maneira adequada, vv. 29-32.

1. O juiz chama para a acusação. Por não desejarem entrar na audiência, ele saiu para falar com eles no pátio diante da casa. Considerando Pilatos como um magistrado, para que possamos dar a cada um o que lhe é devido, aqui estão três coisas elogiáveis a seu respeito: (1) Sua dedicação diligente e atenta ao trabalho. Se isto tivesse acontecido em uma boa ocasião, estaria muito bem, pois ele estava disposto a ser chamado cedo para o tribunal. Os homens que ocupam cargos públicos não devem amar a comodidade. (2) Sua condescendência com o estado de espírito das pessoas, abrindo mão da honra da sua posição para satisfazer seus escrúpulos. Ele poderia ter dito: "Se eles são tão detalhistas, a ponto de não entrar comigo, que vão para casa, da mesma maneira como vieram". Pela mesma regra que nós poderíamos dizer: "Se o queixoso tiver escrúpulos em descobrir a cabeça diante do magistrado, que não seja ouvida sua queixa". Mas Pilatos não insiste nisto, ele os tolera, e sai ao encontro deles, pois, quando é para o bem, nós devemos nos fazer "tudo para todos". (3) Sua obediência aos

preceitos da justiça, pedindo a acusação, suspeitando que o processo fosse mal-intencionado: “Que acusação trazeis contra este homem?” Qual é o crime de que Ele é acusado, e que provas há disto?” Esta era uma lei da natureza, antes que Valério Publícola a transformasse em lei romana, *Ne quis indicta causa condemnetur – Nenhum homem deve ser condenado sem ser ouvido*. Veja Atos 25.16,17. É irracional prender um homem sem alegar algum motivo no mandato, e muito mais é prender um homem quando não há uma acusação formal contra ele.

2. Os acusadores exigem que Ele seja julgado sob a conjetura geral de que Ele fosse um criminoso, sem alegar, e muito menos provar, qualquer coisa em particular merecedora de morte ou de prisão (v. 30): “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos”. Isto indica que eles foram: (1) Muito rudes e grosseiros com Pilatos, um grupo de homens de má índole, que fingiam desprezar dominação. Quando Pilatos era tão complacente com eles, a ponto de sair para lidar com eles, eles estavam no pior estado de espírito em relação a ele. Ele lhes fez a pergunta mais razoável possível, mas, por mais absurda que fosse a pergunta, eles não poderiam tê-la respondido com mais desdém. (2) Muito malévolos e maldosos com relação ao nosso Senhor Jesus: certos ou errados, eles o consideravam um malfeitor, e o tratavam como tal. Nós devemos supor que um homem seja inocente, até que seja provado culpado, mas eles supunham que era culpado aquele que podia provar que era inocente. Eles não podem dizer: “Ele é um traidor, um assassino, um criminoso, uma pessoa que perturba a paz”, mas dizem: “Ele é um malfeitor”. Um malfeitor, Ele, que só se dedicava a fazer o bem! Que sejam chamados aqueles a quem Ele tinha curado, e alimentado, e ensinado, a quem Ele tinha libertado de demônios, e ressuscitado dos mortos, e que respondam se Ele é um malfeitor ou não. Observe que não é novidade que o melhor dos benfeitores seja considerado e perseguido como o pior dos malfeitores. (3) Muito orgulhosos e convencidos de si mesmos, e do seu próprio julgamento e da sua própria justiça, como se entregar um homem com a descrição geral de ser um malfeitor fosse suficiente para que um magistrado civil pudesse basear uma sentença judicial. Poderia isto ser mais presunçoso?

3. O juiz o devolve ao tribunal deles (v. 31): “‘Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei’, e não me perturbeis a respeito dele”. Agora: (1) Alguns opinam que Pilatos aqui os elogiou, reconhecendo os remanescentes

da sua autoridade, permitindo que eles a exercessem. Eles podiam infligir a punição corporal, como o açoitamento, nas suas sinagogas. Se era para crimes capitais ou não, não se sabe. “Mas”, diz Pilatos, “vão até onde sua lei lhes permitir, e, se forem mais além, isto lhes será tolerado”. Isto, ele disse, desejando agradar aos judeus, mas sem disposição de fazer-lhes o serviço que eles lhe pediam. (2) Outros julgam que ele os desafiou, e os reprovou pela sua atual condição de fraqueza e submissão. Eles desejavam ser os únicos juízes da culpa. “Ora”, diz Pilatos, “se vocês desejam isso, prossigam como começaram. Vocês o consideraram culpado pela sua própria lei, então condenem-no, se ousarem fazê-lo, pela sua própria lei, prosseguindo em sua disposição”. Nada é mais absurdo, nem merece mais ser exposto, do que o fato de que aqueles que pretendem mandar, e se orgulham da sua sabedoria, sejam fracos e estejam em posições subordinadas, e cujo destino é receber ordens. Alguns pensam que Pilatos aqui reflete sobre a lei de Moisés, como se ela lhes permitisse o que a lei romana, de nenhuma maneira, lhes permitiria – o julgamento de um homem sem ouvi-lo. “Pode ser que sua lei permita uma coisa como esta, mas a nossa não”. Assim, por meio das suas corrupções, a lei de Deus sofreu blasfêmia, e também seu Evangelho.

4. Eles não possuem nenhuma autoridade como juízes, e (como deve ser) se satisfazem em ser acusadores. Agora eles ficam menos insolentes e mais submissos, e admitem: “‘A nós não nos é lícito matar pessoa alguma’, independentemente de qualquer castigo menor que possamos infligir, e este é um malfeitor cujo sangue nós desejamos”.

(1) Alguns pensam que eles tinham perdido sua autoridade de julgar as questões de vida e morte somente pelo seu próprio descuido, e covardemente se renderam às iniqüidades da época, segundo o Dr. Lightfoot. *Ouk exesti – não temos* a autoridade de condenar ninguém à morte. Se o fizermos, teremos a revolta da multidão imediatamente.

(2) Outros supõem que sua autoridade lhes foi tirada pelos romanos, porque não a usavam bem, ou porque era uma responsabilidade grande demais para estar nas mãos de um povo conquistado, e ainda assim indomado. O fato de que reconhecessem isto pretendia ser um cumprimento a Pilatos, compensando sua rudeza (v. 30), mas acaba sendo uma evidência completa de que o cetro tinha se arredado de Judá, e por isto agora tinha vindo o Messias, Gênesis 49.10. Se os judeus não têm autoridade de

condenar ninguém à morte, onde está o cetro? Mas eles não perguntam: Onde está Siló?

(3) No entanto, havia uma providência divina nisto, para que eles não tivessem a autoridade de levar nenhum homem à morte, ou para que não recusassem o exercício desta autoridade nesta ocasião, “para que se cumprisse a palavra que Jesus tinha dito, significando de que morte havia de morrer”, v. 32. Observe: [1] Em geral, que isto ocorria para que até mesmo aqueles que desejavam a derrota das palavras de Cristo fossem, além da sua intenção, empregados para o cumprimento delas, pela mão dominadora de Deus. Nem uma só palavra de Cristo caiu por terra. Ele não pode enganar nem ser enganado. Mesmo os principais dos sacerdotes, embora o tivessem perseguido como um enganador, tencionavam, no seu espírito, ajudar a provar que Ele era verdadeiro, quando nós pensaríamos que, tomando outras medidas, eles poderiam ter contrariado suas predições. “Ainda que ele não cuide assim”, Isaías 10.7. [2] Em particular, estas palavras de Cristo se cumpriram quando Ele falou da sua própria morte. Duas coisas que Cristo disse a respeito da sua morte se cumpriram, quando os judeus se recusaram a julgá-lo de acordo com sua lei. Em primeiro lugar, Ele tinha dito que seria entregue aos gentios, e que eles o condenariam à morte (Mt 20.19; Mc 10.33; Lc 18.32,33), e com isto estas palavras se cumpriram. Em segundo lugar, Ele tinha dito que seria crucificado (Mt 20.19; 26.2), e levantado, cap. 3.14; 12.32. Se eles o tivessem julgado pela sua lei, Ele teria sido apedrejado. As mortes pelo fogo, pela asfixia e pela decapitação eram, em alguns casos, usadas entre os judeus, mas nunca a crucificação. Por isto, era necessário que Cristo fosse condenado à morte pelos romanos, para que, estando pendurado em um madeiro, pudesse fazer-se maldição por nós (Gl 3.13), e suas mãos e seus pés pudessem ser perfurados. Assim como o poder romano o tinha trazido para nascer em Belém, também agora o levava para morrer sobre uma cruz, e nos dois casos, segundo as Escrituras. Da mesma maneira, está determinado a nosso respeito, embora não nos seja revelado, que morte teremos, e isto deve nos libertar de todas as inquietantes preocupações sobre este assunto. “Senhor, o que, e quando, e como tiveres determinado”.

II Aqui estão as palavras de Pilatos com o prisioneiro, v. 33ss., em que temos:

1. O prisioneiro trazido ao tribunal. Depois de ter conversado com os principais dos sacerdotes à sua porta, Pilatos entrou na audiência e mandou trazerem a Jesus. Ele não o interrogaria diante da multidão, onde poderia ser perturbado pelo ruído, mas ordenou que Ele fosse trazido à audiência, pois Ele não tinha nenhum problema em estar entre os gentios. Pelo pecado, nós nos tornamos sujeitos ao juízo de Deus, e devemos ser trazidos ao seu tribunal. Portanto, Cristo, tendo sido feito pecado e uma maldição por nós, foi trazido como um criminoso. Pilatos entrou na audiência com Ele, para que Deus não entre em um julgamento conosco.

2. Seu interrogatório. Os outros evangelistas nos dizem que os acusadores de Cristo tinham dito que Ele vinha "pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César", e com relação a isto Ele é interrogado.

(1) Aqui lhe é proposta uma pergunta, com o desejo de apanhá-lo em uma armadilha e descobrir alguma coisa em que basear uma acusação: "'Tu és o rei dos judeus?' *Ho basileus – aquele rei dos judeus* de quem tanto se falou, e que é tão esperado, O Messias, o príncipe, és tu? Pretendes ser Ele? Tu te denominas assim, e pensas que o és?" Pilatos estava longe de imaginar que Ele realmente o seria, ou não faria esta pergunta. Alguns crêem que Pilatos perguntou isto com um ar de desprezo e zombaria: "O que! Você é um rei, com uma aparência tão humilde? Você é o rei dos judeus, aqueles pelos quais é odiado e perseguido desta maneira? Você é o rei *de jure – de direito*, ao passo que o imperador é apenas rei *de facto – de fato?*" Como não se podia provar que Ele tivesse dito isto, ele desejava obrigá-lo a dizer isto agora, para poder prosseguir de acordo com sua própria confissão.

(2) Cristo responde a esta pergunta com outra, não para fugir dela, mas sugerindo que Pilatos considerasse o que estava fazendo, e sobre que terreno estava pisando (v. 34): "'Tu dizes isso de ti mesmo', com base em uma suspeita nascida no teu próprio peito, 'ou disseram-te outros de mim?', e perguntas somente para satisfazer a eles?" [1] "Está claro que você não tem motivo para dizer isto de você mesmo". Pilatos era obrigado, pelo seu cargo, a cuidar dos interesses do governo romano, mas não podia dizer que ele estivesse correndo qualquer risco, nem sofrendo nenhum dano, por qualquer coisa que nosso Senhor Jesus tivesse dito ou feito. Ele nunca apareceu em pompa terrena, nunca se atribuiu nenhuma autoridade secular, nunca agiu como um juiz ou repartidor. Nunca nenhum princípio ou procedimento traidor foi reprovado nele, nem nada que pudesse causar a

menor sombra de suspeita. [2] “Se os outros dizem isto de mim, para incitá-lo contra mim, você deve considerar quem são eles, e em que princípios eles se baseiam, e se aqueles que me apresentam como inimigo de César não o são, eles mesmos, na realidade, e usam isto somente como um pretexto para encobrir sua maldade, pois, se for assim, a questão deve ser bem ponderada por um juiz que faça justiça”. Ou melhor, se Pilatos tivesse sido tão inquisitivo quanto deveria ter sido nesta questão, teria descoberto que a verdadeira razão pela qual os principais dos sacerdotes estavam irados contra Jesus era porque Ele não tinha estabelecido um reino temporal em oposição aos poderes romanos. Se Ele tivesse feito isto, e tivesse realizado milagres para libertar os judeus da escravidão aos romanos, como fez Moisés, para tirá-los do Egito, eles estariam tão longe de aliar-se aos romanos contra Ele, que o teriam feito seu rei, e teriam lutado, sob seu governo, contra os romanos. Mas, como Ele não correspondeu a esta expectativa dos judeus, eles o acusam daquilo de que eles mesmos eram mais notoriamente culpados, o desafeto ao atual governo, e os desejos contrários a ele. E era adequado que uma informação como esta fosse aceita?

(3) Pilatos se ressente da resposta de Cristo e a recebe mal, v. 35. Esta é uma resposta direta à pergunta de Cristo, v. 34. [1] Cristo lhe tinha perguntado se ele falava de si mesmo. “Não”, responde ele, “porventura sou eu judeu, para que suspeites que eu participo do complô contra ti? Eu nada sei sobre o Messias, nem desejo saber. Portanto, não me interesso pela disputa sobre quem é o Messias e quem não é. Para mim, isto é indiferente”. Observe com que desdém Pilatos pergunta: “Sou eu judeu?” Os judeus eram, sob muitos aspectos, um povo honorável, mas, tendo corrompido o concerto do seu Deus, Ele os fez desprezíveis e indignos diante de todo o povo (Ml 2.8,9), de modo que um homem de bom senso e honra julgaria um escândalo ser considerado um judeu. Assim, os bons nomes freqüentemente sofrem por causa dos maus homens que os usam. É triste quando alguém suspeito de desonestidade pergunta: “O que! Você me considera um cristão?” [2] Cristo lhe tinha perguntado se os outros lhe tinham dito. “Sim”, responde ele, “e aquele seu próprio povo, que pensaríamos que estivesse predisposto a seu favor, e os sacerdotes, cujo testemunho, *in verbum sacerdotis – a palavra de um sacerdote*, deveria ser levado em consideração. E por isto eu não tenho nada a fazer, exceto prosseguir com

base na informação que deles recebi". Assim, Cristo, na sua religião, ainda sofre por causa de outros que não pertencem à sua própria nação, até mesmo sacerdotes, que professam um relacionamento com Ele, mas que não vivem de acordo com os padrões da sua profissão de fé. [3] Cristo tinha se recusado a responder à pergunta: "Tu és o rei dos judeus?" E por isto Pilatos lhe faz outra pergunta, mais genérica: "'Que fizeste?' Que provocação fizeste à tua própria nação, e particularmente aos sacerdotes, para que sejam tão violentos contra ti? Certamente, eles não podem ter toda esta fumaça sem que haja fogo. O que aconteceu?"

(4) Na sua próxima réplica, Cristo dá uma resposta mais direta e completa à pergunta anterior de Pilatos: "Tu és rei?", explicando em que sentido Ele era rei. O Senhor Jesus não era um rei perigoso para o governo romano, não era um rei secular, pois seus interesses não eram sustentados por métodos seculares, v. 36. Observe:

[1] Uma explicação da natureza e da constituição do reino de Cristo: ele não é deste mundo. Isto é expresso de forma negativa para corrigir os atuais enganos a respeito do reino. Mas a afirmativa está implícita, é o reino do céu, e pertence a outro mundo. Cristo é um rei, e tem um reino, mas não deste mundo. Em primeiro lugar, ele não surge deste mundo. Os reinos dos homens surgem do mar e da terra (Dn 7.3; Ap 13.1,11), mas a cidade santa vem de Deus, do céu, Apocalipse 22.2. Seu reino não se dá por sucessão, eleição ou conquista, mas pela designação imediata e especial do conselho e da vontade divina. Em segundo lugar, sua natureza não é terrena. É um reino que está dentro dos homens (Lc 16.21), estabelecido nos seus corações e consciências (Rm 14.17), sua riqueza é espiritual, sua autoridade é espiritual, como também toda a sua glória interior. Os ministros de estado no reino de Cristo não têm o espírito do mundo, 1 Coríntios 2.12. Em terceiro lugar, seus guardas e sustentadores não são terrenos. Suas armas são espirituais. Não é necessária, nem usada, força secular para mantê-lo e promovê-lo, nem ele se estabelece de uma maneira prejudicial a reis ou províncias. Ele não interfere, em nada, nas prerrogativas dos príncipes, nem nas propriedades dos seus súditos. Ele não pretende alterar nenhuma instituição nacional sobre as coisas seculares, nem se opõe a nenhum reino, exceto o do pecado e Satanás. Em quarto lugar, sua tendência e seu objetivo não são terrenos. Cristo não desejava, nem permitiria, que seus discípulos desejassem a pompa e o poder dos grandes homens na terra. Em quinto

lugar, seus súditos, embora estejam no mundo, não são do mundo. Eles são chamados e separados do mundo, são nascidos de outro mundo, e se destinam a ele. Eles não são os pupilos nem os prediletos do mundo, nem são governados pela sabedoria do mundo, nem enriquecem com a riqueza do mundo.

[2] Uma evidência da natureza espiritual do reino de Cristo é aqui apresentada. Se Ele tivesse desejado uma oposição ao governo, Ele teria lutado contra eles, com suas próprias armas, e teria combatido força com força, da mesma natureza. Mas Ele não tomou este caminho: "Se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus", e para que meu reino não fosse destruído por eles. Mas, em primeiro lugar, seus seguidores não se ofereceram para lutar. Não houve tumulto, nem tentativa de resgatá-lo, embora a cidade agora estivesse cheia de galileus, seus amigos e compatriotas, e estes geralmente andavam armados. Mas o comportamento pacífico dos seus discípulos, nesta ocasião, era suficiente para "tapar a boca à ignorância dos homens loucos". Em segundo lugar, Ele não ordenou que eles lutassem. Na verdade, Ele os proibiu, o que era uma evidência não só de que Ele não dependia da ajuda do mundo (pois Ele poderia ter reunido legiões de anjos ao seu serviço, o que mostraria que seu reino era do alto), como também de que não temia a oposição do mundo, pois estava muito desejoso de ser entregue aos judeus, como se soubesse que aquilo que teria sido a destruição de qualquer reino terreno seria o progresso e o estabelecimento do seu. Com isto, Ele conclui: "Agora, o meu Reino não é daqui". Ele está no mundo, mas não é do mundo.

(5) Em resposta à pergunta seguinte de Pilatos, Ele responde de maneira ainda mais direta, v. 37, onde temos: [1] A pergunta clara de Pilatos: "'Logo tu és rei?' Tu falas de um reino que tens. Neste sentido, então, tu és um rei? E que fundamento tens para fazer tal reivindicação? Explica-te". [2] A boa confissão que nosso Senhor Jesus fez diante de Pôncio Pilatos, em resposta a esta pergunta (1 Tm 6.13): "Tu dizes que eu sou rei", isto é: É como tu dizes, Eu sou rei, pois "vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade". Em primeiro lugar, Ele admite ser um rei, embora não no sentido ao qual Pilatos se refere. O Messias era esperado sob a natureza de um rei, o Messias, o príncipe, e, portanto, tendo admitido diante de Caifás que Ele era o Cristo, não podia recusar-se a admitir diante de Pilatos que era rei, para

não parecer incoerente. Observe que, embora Cristo assumisse a forma de um servo, ainda assim Ele reivindicava, com razão, a honra e autoridade de um rei. Em segundo lugar, Ele se explica, e mostra como é rei, pois veio "a fim de dar testemunho da verdade". Ele governa a mente dos homens pelo poder da verdade. Se Ele tivesse desejado declarar-se um príncipe temporal, Ele teria dito: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo", a fim de governar nações, vencer reis e tomar posse de reinos. Não, Ele veio para ser uma testemunha, uma testemunha a favor do Deus que criou o mundo, e contra o pecado, que destrói o mundo. E por esta palavra do seu testemunho, Ele estabelece e promove seu reino. Estava predito que Ele seria uma testemunha aos povos, e, como tal, um príncipe e governador dos povos, Isaías 55.4. O reino de Cristo não era deste mundo, no qual "a verdade desfalece" (Is 59.15, *Qui nescit dissimulare, nescit regnare – Aquele que não pode dissimular, não sabe como reinar*), mas daquele mundo no qual a verdade reina eternamente. A missão de Cristo no mundo, e seu trabalho no mundo, deviam "dar testemunho da verdade". 1. Para revelá-la, para expor ao mundo aquilo que, de outra maneira, não poderia ter sido conhecido a respeito de Deus e da sua vontade e boa vontade para os homens, cap. 1.18; 17.26. 2. Para confirmá-la, Romanos 15.8. Pelos seus milagres, Ele deu testemunho da verdade do Evangelho, a verdade da revelação divina, e das perfeições e da providência de Deus, e a verdade da sua promessa e do seu concerto, "para que todos cressem por ele". Fazendo isto, Ele é um rei, e estabelece um reino. (1) A fundação e o poder, o espírito e a genialidade do reino de Cristo são a verdade, a divina verdade. Quando Ele disse: Eu sou a verdade, Ele disse, na verdade: Eu sou rei. Ele conquista pela evidência convincente da verdade. Ele governa pelo poder dominante da verdade: "Neste teu esplendor cavalga prosperamente pela causa da verdade", Salmos 45.4. É com sua verdade que Ele julgará o povo, Salmos 96.13. Ela é o cetro do seu reino. Ele "atrai com cordas humanas", com a verdade revelada a nós, e recebida por nós, no amor a Ele. E, desta maneira, Ele traz "cativo todo entendimento à obediência". Ele veio como uma luz ao mundo, e governa como o sol durante o dia. (2) Os súditos deste reino são aqueles que são da verdade. Todos aqueles que, pela graça de Deus, são libertados do poder do pai da mentira, e estão dispostos a receber a verdade e submeter-se ao seu poder e influência, ouvirão a voz de Cristo, se tornarão seus súditos e mostrarão fé e verdadeira lealdade por Ele. Todo

aquele que tem um senso verdadeiro da religião verdadeira irá receber a religião cristã, e pertencerá ao reino de Cristo. Ele os torna dispostos pelo poder da verdade, Salmos 90.3. Todo aquele que ama a verdade irá ouvir a voz de Cristo, pois, em nenhum lugar, podem ser encontradas verdades maiores, melhores, mais seguras, mais doces, do que as que são encontradas em Cristo, por cujo intermédio vieram a graça e a verdade. De modo que, ao ouvir a voz de Cristo, devemos saber que somos da verdade, 1 João 3.19.

(6) Em seguida, Pilatos lhe propõe uma pergunta, mas não espera uma resposta, v. 38. “Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade?” E imediatamente saiu novamente.

[1] É certo que esta era uma boa pergunta, e não havia ninguém melhor para respondê-la. A verdade é aquela pérola de alto preço que o entendimento humano deseja e procura, pois ele não pode descansar, exceto naquilo que é, ou pelo menos se entende ser, verdade. Quando estudamos as Escrituras, e ministramos ao mundo, devemos ter esta pergunta em mente: “Que é a verdade?” E também esta oração: “Guia-me na tua verdade, em toda a verdade”. Mas muitos fazem esta pergunta sem ter a paciência e a constância suficientes para perseverar na sua busca pela verdade, nem a humildade e a sinceridade suficientes para recebê-la quando a encontram, 2 Timóteo 3.7. Assim muitos lidam com suas próprias consciências. Eles lhes fazem estas perguntas necessárias: “Quem sou eu?” “O que eu fiz?”, mas não reservam tempo para uma resposta.

[2] Não se sabe ao certo qual era o desígnio de Pilatos ao fazer esta pergunta. Em primeiro lugar, talvez ele falasse como um aprendiz, como alguém que começava a pensar bem de Cristo, e a considerá-lo com algum respeito, e desejava ser informado das novas noções que Ele propunha e das melhorias que Ele tinha em mente para a religião e o aprendizado. Mas, embora ele desejasse ouvir alguma verdade nova de Cristo, como Herodes desejava ver algum milagre, o clamor e a fúria do grupo dos sacerdotes, à sua porta, o obrigaram a abandonar o discurso abruptamente. Em segundo lugar, alguns pensam que ele falava como um juiz, investigando ainda mais a causa agora trazida diante de si: “Explique-me este mistério, e diga-me qual é sua verdade, a verdadeira situação deste assunto”. Em terceiro lugar, outros pensam que ele falava de modo zombeteiro: “Você fala de verdade. Você não pode me dizer o que é a verdade, ou dar-me uma definição de verdade?” Desta maneira, ele faz uma brincadeira do Evangelho eterno,

aquela grande verdade que os principais dos sacerdotes odiavam e perseguiam, e pela qual Cristo agora dava testemunho e sofria, e como os homens sem religião, que se divertem em zombar de todas as religiões, ele ridiculariza os dois lados, e por isto Cristo não lhe deu resposta. Não respondam a um tolo segundo sua tolice. Não atirem pérolas aos porcos. Mas, embora Cristo não dissesse a Pilatos o que era a verdade, Ele tinha dito aos seus discípulos, e por meio deles, nos diz, cap. 14.6.

III O resultado das duas conversas, com os acusadores e com o prisioneiro (vv. 38-40), em dois aspectos:

1. O juiz pareceu ser seu amigo, e favorável a Ele, pois:

(1) Declarou publicamente que Ele era inocente, v. 38. “Não acho nele crime algum”. Ele supõe que exista alguma controvérsia sobre a religião, entre Jesus e seus acusadores, em que Ele provavelmente estaria tão certo quanto eles, mas nada criminoso se apresentava contra Ele. Esta solene declaração da inocência de Cristo foi: [1] Para a justificação e a honra do Senhor Jesus. Com isto, parece que, embora Ele fosse tratado como o pior dos malfeitores, Ele nunca mereceu tal tratamento. [2] Para explicar o desígnio e a intenção da sua morte, para que Ele não morresse por nenhum pecado seu, nem mesmo durante o julgamento do próprio juiz, e, portanto, morresse como um sacrifício pelos nossos pecados, e para que, conforme o julgamento dos próprios acusadores, um homem morresse pelo povo, cap. 11.50. Este é aquele que “nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca” (Is 53.9), que deveria ser tirado, mas não por si mesmo, Daniel 9.26. [3] Para agravar o pecado dos judeus, que o acusavam com tanta violência. Se um prisioneiro tivesse um julgamento justo, e fosse absolvido por aqueles que eram os juízes adequados do crime, especialmente se não houvesse causa para suspeitar que eles fossem parciais a seu favor, ele devia ser considerado inocente, e seus acusadores, forçados a concordar. Mas nosso Senhor Jesus, embora considerado inocente, ainda é perseguido como um malfeitor, e ainda há sede do seu sangue.

(2) Propôs uma solução para sua libertação (v. 39): “Vós tendes por costume que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa. Quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus?” Ele propôs isto, não aos principais dos sacerdotes (ele sabia que eles nunca iriam concordar com isto), mas à multidão. Aparentemente, foi um apelo ao povo, Mateus 27.15.

Provavelmente, ele tinha ouvido como este Jesus tinha sido recebido no outro dia, com as hosanas das pessoas comuns. Portanto, ele julgou que Ele fosse estimado pela multidão, e invejado somente pelos governantes, e por isto não teve dúvidas de que eles exigiriam a libertação de Jesus, e isto calaria a boca dos acusadores, e tudo estaria bem. [1] Ele permite este costume dos judeus, o qual, talvez, eles tivessem tido em vigor durante muito tempo, em honra à Páscoa, que era uma recordação da sua libertação. Mas isto significava acrescentar às palavras de Deus, como se Ele não tivesse feito instituições suficientes para a devida comemoração daquela libertação, e, embora fosse um ato de misericórdia, podia ser injusto para o público, Provérbios 17.5. [2] Ele se oferece para libertar-lhes Jesus, de acordo com este costume. Se Pilatos tivesse tido a honestidade e a coragem que convinham a um juiz, ele não teria designado uma pessoa inocente para competir com um notório criminoso por este favor. Se ele não encontrava nenhuma falta no Senhor Jesus, ele era obrigado, pela sua consciência, a libertá-lo. Mas ele desejava enfeitar a questão, e agradar a todos os lados, sendo governado mais pela sabedoria mundana do que pelas regras da eqüidade.

2. O povo pareceu ser seu inimigo, e implacável contra Ele (v. 40): “Todos voltaram a gritar, dizendo: Este não”, não queremos que este seja libertado, “mas Barrabás!” Observe: (1) Como eles eram cruéis e furiosos. Pilatos lhes fez uma proposta calmamente, como merecedora da sua consideração madura, mas eles a decidiram acaloradamente, e deram sua decisão com clamor e ruído, em meio à maior confusão. Observe que os inimigos da santa religião de Cristo a desprezam, e esperam destruí-la. Testemunhe o clamor em Éfeso, Atos 19.34. Mas aqueles que pensam o pior das coisas ou pessoas, meramente porque eles recebem este clamor contrário, têm uma parcela muito pequena de constância e consideração. Na verdade, há razões para suspeitar de uma deficiência de razão e justiça no lado que pede a ajuda do tumulto popular. (2) Como eles eram tolos e absurdos, como está evidenciado na curta descrição aqui dada do outro candidato: “Barrabás era um salteador”, e, portanto: [1] Um infrator da lei de Deus. E ainda assim ele será poupado, em lugar daquele que reprovava o orgulho, a avareza e a tirania dos sacerdotes e anciãos. Embora Barrabás fosse um salteador, ele não lhes deseja tirar a cadeira de Moisés, nem suas tradições. Então, não havia nenhum problema com ele. [2] Ele era um

inimigo da segurança pública e da propriedade privada. O clamor da cidade costumeiramente é contra os ladrões (Jó 30.5: “Gritava-se contra eles como contra um ladrão”), mas aqui é favorável a um ladrão. Assim agem aqueles que preferem seus pecados a Cristo. O pecado é um salteador, todo desejo vil é um salteador, e ainda assim eles são tolamente escolhidos em lugar de Cristo, que verdadeiramente nos enriquece.

CAPÍTULO 19

Embora até aqui este evangelista pareça ter habilmente se recusado a registrar as passagens que já tinham sido relatadas pelos outros evangelistas, quando chega aos sofrimentos e à morte de Cristo, em vez de omiti-los, como se estivesse envergonhado da prisão e da cruz do seu Mestre, considerando-os como as manchas da sua história, ele repete o que tinha sido relatado antes, com consideráveis acréscimos, como alguém que não desejava saber de nada, exceto a respeito de Cristo, e este crucificado, alguém que não se gloriava em nada, exceto na cruz de Cristo. Na história deste capítulo, temos: I. O final do julgamento de Cristo diante de Pilatos, que foi tumultuado e confuso, vv. 1-15. II. A sentença dada, e a execução que se seguiu, vv. 16-18. III. A inscrição acima da sua cabeça, vv. 19-22. IV. A repartição das suas roupas, vv. 23,24. V. A preocupação que Ele teve com sua mãe, vv. 25-27. VI. O vinagre que lhe deram para beber, vv. 28,29. VII. Suas palavras ao morrer, v. 30. VIII. A perfuração na lateral do seu corpo, vv. 31-37. IX. O sepultamento do seu corpo, vv. 38-42. Que, na meditação sobre estas coisas, possamos, experimentalmente, conhecer o poder da morte de Cristo, e a comunhão dos seus sofrimentos!

Cristo É Acusado diante de Pilatos

vv. 1-15

Aqui está um relato adicional do injusto julgamento que fizeram ao nosso Senhor Jesus. Os acusadores prosseguiram com o julgamento, com grande confusão entre o povo, e o juiz, com grande confusão no seu próprio seio. Entre ambos, a narrativa é tal, que não é facilmente entendida de maneira

lógica. Portanto, devemos entender as partes como se apresentam.

I O juiz maltrata o prisioneiro, embora o declare inocente, e espera, com isto, pacificar os acusadores. Sua intenção, se realmente fosse boa, de nenhuma maneira justificaria seus procedimentos, que eram evidentemente injustos.

1. Ele ordenou que Cristo fosse açoitado como um criminoso, v. 1. Pilatos, vendo o povo tão furioso, e desapontado no seu projeto de libertá-lo com a escolha do povo, "tomou, então, a Jesus e o açoitou", isto é, ordenou aos lictores que o auxiliavam que o fizessem. Bede opina que Pilatos açoitou pessoalmente a Jesus, com suas próprias mãos, porque está escrito: "Tomou, então, a Jesus e o açoitou", para que isto pudesse ser feito de maneira favorável. Mateus e Marcos mencionam seu açoitamento depois da sua condenação, mas aqui ele parece ter acontecido antes. Lucas fala de Pilatos propondo castigá-lo, e depois deixá-lo ir, o que deve ter acontecido antes da sentença. Este açoitamento se destinava somente a pacificar os judeus, e com ele Pilatos lhes fez um cumprimento, aceitando a palavra deles contra seus próprios sentimentos até então. Os açoitamentos romanos normalmente eram muito severos, não se limitando, como entre os judeus, a quarenta chibatadas, e a esta dor e vergonha Cristo se submeteu por nós. (1) "Para que se cumprisse a Escritura", que falava que Ele seria "aflito, ferido de Deus e oprimido", que "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele" (Is 53.5), que Ele daria as costas aos que o feriam (Is 50.6), dos lavradores arando sobre suas costas, Salmos 129.3. Ele mesmo, da mesma maneira, tinha predito isto, Mateus 20.19; Marcos 10.34; Lucas 18.33. (2) Para que, pelas suas pisaduras, fôssemos sarados, 1 Pedro 2.4. Nós, tendo conhecido qual era a vontade do nosso Senhor, e não a tendo cumprido, merecíamos ter sido castigados com açoites e escorpiões, e castigados com muitos açoites, mas Cristo submeteu-se aos açoites por nós, suportando a vara do furor do seu Pai, Lamentações 3.1. A intenção de Pilatos, ao açoitá-lo, era que Ele pudesse não ser condenado, o que não se realizou, mas indicou qual era o desejo de Deus, que seu açoitamento pudesse evitar nossa condenação, tendo nós comunhão nos seus sofrimentos, e isto sim, se realizou. O médico foi açoitado, e assim o paciente se curou. (3) Para que o açoitamento, por causa dele, pudesse ser santificado e facilitado para seus seguidores, e para que eles pudessem, como Ele, alegrar-se naquela afronta

(At 5.41; 16.22,25), como Paulo, que foi açoitado sem medida (2 Co 11.23, versão RA). Os açoites em Jesus removem a dor dos açoites nos seus seguidores, e alteram sua propriedade. “Somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo”, 1 Coríntios 11.32.

2. Ele entregou Jesus aos seus soldados, para ser ridicularizado, escarnecido, e motivo de brincadeiras, como um tolo (vv. 2,3): “Os soldados”, que eram a guarda que protegia o governador, “tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça”. Uma coroa como esta, eles julgavam adequada para um rei como este. “E lhe vestiram uma veste de púrpura”, algum casaco velho daquela cor, que eles julgaram suficientemente bom para ser o sinal da sua realeza. E o saudaram com: “Salve, rei dos judeus!” (tal povo, tal rei), e então “davam-lhe bofetadas”.

(1) Veja aqui a baixeza e a injustiça de Pilatos, que tolerava que alguém que ele acreditava ser inocente, e, neste caso, uma excelente pessoa, fosse assim maltratado e menosprezado pelos seus próprios servos. Aqueles que estão sob a detenção da lei, devem estar sob a proteção da lei, e o fato de que estejam protegidos deve ser sua segurança. Mas Pilatos fez isto: [1] Para condescender com o bom humor dos seus soldados, e talvez o seu próprio, apesar da seriedade que poderíamos esperar ver em um juiz. Herodes, assim como seus soldados, pouco antes tinha feito a mesma coisa, Lucas 23.11. Foi praticamente uma encenação para eles, agora que era época de festa, assim como os filisteus se divertiram com Sansão. [2] Para condescender com as más intenções dos judeus, e contentá-los, pois eles desejavam que toda desgraça possível pudesse ser feita a Cristo, e as maiores indignidades fossem colocadas sobre Ele.

(2) Veja aqui a rudeza e a insolência dos soldados, como eles se perderam completamente em relação a toda justiça e humanidade, podendo, desta maneira, triunfar sobre um homem em desgraça, e que tinha tido reputação de sabedoria e honra, e nunca fez nada para perdê-la. Mas, desta maneira, o santo Evangelho de Cristo tem sido, de modo desprezível, adulterado, enfeitado por homens perversos ao seu bel prazer, e exposto ao desprezo e ao ridículo, como Cristo o foi aqui. [1] Eles o vestem com uma simulação de manto, como se fosse um fingimento e uma brincadeira, e nada além do produto de uma fantasia acalorada e de uma imaginação enlouquecida. E, assim como Cristo aqui é representado como um rei, somente de brincadeira, também seu Evangelho é um interesse, somente de brincadeira,

e Deus e a alma, o pecado e o dever, o céu e o inferno, são, para muitos, somente quimeras. [2] Eles o coroam com espinhos, como se o Evangelho de Cristo fosse um suplício perfeito, e a maior dificuldade e o maior sofrimento do mundo, como se submeter-se ao controle de Deus e da consciência fosse empurrar a cabeça em um arbusto de espinhos. Mas esta é uma avaliação injusta. “Espinhos e laços há no caminho do perverso”, mas rosas e louros, no caminho do Evangelho.

(3) Veja aqui a maravilhosa condescendência do nosso Senhor Jesus, nos seus sofrimentos por nós. As mentes grandiosas e generosas podem suportar qualquer coisa além da ignomínia, qualquer trabalho árduo, qualquer dor, qualquer perda, em lugar da reprovação. Mas a isto, o grande e santo Jesus se submeteu por nós. Veja e admire: [1] A invencível paciência de um sofredor, deixando-nos um exemplo de satisfação e coragem, serenidade, e paz de espírito, sob as maiores dificuldades que podemos encontrar no caminho do dever. [2] O invencível amor e bondade de um Salvador, que não somente passou por tudo isto alegremente e decididamente, mas voluntariamente o suportou por nós, e pela nossa salvação. Ele enaltece seu amor no fato de que não somente iria morrer por nós, mas morrer como morre um tolo. Em primeiro lugar, Ele suportou a dor. Não somente as dores da morte, embora na morte na cruz elas fossem as mais agudas, mas, como se isto fosse pouco, Ele se submeteu a estas dores anteriores. Nós reclamamos de um espinho na carne, e nos deixamos esbofetear pela aflição, porque precisamos que isto nos oculte o orgulho, quando Cristo se humilhou para suportar estes espinhos na cabeça, e estas bofetadas, para nos salvar e ensinar? 2 Coríntios 12.7. Em segundo lugar, Ele desprezou a afronta, a vergonha de um manto de tolo, e o respeito fingido que lhe foi prestado com: “Salve, rei dos judeus!” Se nós, em qualquer ocasião, formos ridicularizados por fazer o bem, não devemos nos envergonhar, mas glorificar a Deus, pois somos participantes dos sofrimentos de Cristo. Aquele que suportou estas honras fingidas foi recompensado com honras verdadeiras, e também nós o seremos, se suportarmos pacientemente a afronta, por amor a Ele.

II Tendo maltratado o prisioneiro, Pilatos o apresenta diante dos acusadores, esperando que agora estivessem satisfeitos, e desistissem do processo, vv. 4,5. Aqui ele propõe duas coisas para a consideração deles:

1. Ele não tinha encontrado nada em Jesus que o fizesse odioso ao governo romano (v. 4): “Nenhum crime acho nele”, *oudemian aitian heurisko – eu não acho nele a menor culpa,* ou *causa para acusação*. Depois de um interrogatório adicional, ele repete a declaração que tinha feito, cap. 18.38. Com isto, ele se condena. Se não encontrava culpa nele, por que o açoitou, por que permitiu que Ele fosse maltratado? Ninguém deve receber o mal, exceto aqueles que fazem o mal. Mas muitos provocam e ofendem o Evangelho, pessoas que, se fossem sérias, não poderiam deixar de reconhecer que não encontram culpa nele. Se ele não encontrava crime em Cristo, por que o entregou aos seus acusadores, e não o libertou imediatamente, como deveria ter feito? Se Pilatos tivesse apenas consultado sua própria consciência, nunca teria açoitado, nem crucificado, a Cristo. Mas, pensando melhorar a questão, tentando agradar ao povo açoitando a Cristo, e salvar sua própria consciência não crucificando-o, ele faz ambas as coisas. Ao passo que, se tivesse decidido, no início, crucificá-lo, não teria tido necessidade de açoitá-lo. É comum que aqueles que pensam estar se protegendo de maiores pecados, cometendo pecados menores, cometam os dois.

2. Ele tinha feito a Cristo o que o tornaria menos perigoso a eles e ao seu governo, v. 5. Ele o levou para fora, usando a coroa de espinhos, com sua cabeça e rosto totalmente ensangüentados, e disse: “Eis o homem de quem vocês sentem tanta inveja”, sugerindo que, embora o fato de que Ele tivesse sido tão popular pudesse ter-lhes dado algum motivo para temer que o interesse que Ele despertava na nação diminuiria o interesse que eles despertavam, ainda assim ele tinha tomado uma medida efetiva para evitar isto, tratando-o como um escravo, e expondo-o ao desprezo. Depois disto, ele supunha que as pessoas não o considerariam com nenhum respeito, nem Ele conseguiria recuperar sua reputação. Mal podia Pilatos imaginar a veneração com que até mesmo estes sofrimentos de Cristo, depois de vários séculos, seriam recordados, pelos melhores e maiores homens, que se gloriariam naquela cruz e naqueles açoites, os quais ele pensava que teriam sido, para Ele e para seus seguidores, uma desonra perpétua e indelével. (1) Observe aqui como nosso Senhor Jesus aparece vestido com todas as marcas da ignomínia. Ele saiu disposto a ser um espetáculo, e disposto a receber vaias, como sem dúvida Ele estava quando saiu vestido desta maneira, sabendo que Ele devia ser um “sinal que é contraditado”, Lucas

2.34. Ele saiu desta maneira, suportando nossa desonra? “Saiamos, pois, a ele… levando o seu vitupério”, Hebreus 13.13.(2) Como Pilatos o apresenta: “E disse-lhes Pilatos: Eis aqui o homem”. O texto original não traz o nome de Pilatos, mencionando apenas: “E disse-lhes”. Mas, sendo Jesus o antecedente imediato, eu não vejo inconveniente em supor que estas fossem as palavras do próprio Cristo. Ele disse: “Eis aqui o homem por cuja causa vocês estão tão exasperados”. Mas algumas das cópias em grego, e a maioria dos tradutores, apresentam o texto da mesma maneira que nós: “Disse-lhes Pilatos”, com um desejo de agradá-los, “Eis aqui o homem”. Não tanto para despertar a piedade deles: Eis aqui um homem merecedor da sua compaixão, como para silenciar a inveja deles: Eis aqui um homem que não merece suas suspeitas, um homem por parte do qual vocês, daqui por diante, não precisam temer nenhum perigo. Sua coroa é profanada e lançada ao chão, e agora toda a humanidade zombará dele. As palavras, no entanto, são muito comoventes: “Eis aqui o homem”. É bom que cada um de nós, em benefício da fé, contemple o homem Jesus Cristo, nos seus sofrimentos. Eis aqui este rei, “com a coroa com que o coroou sua mãe”, a coroa de espinhos, Cantares 3.11. “Contemplem-no, e sejam apropriadamente afetados pela visão. Contemplem-no, e lamentem por sua causa. Contemplem-no, e amem-no. Permaneçam contemplando a Jesus”.

III Os acusadores, em vez de ficarem mais tranqüilos, ficaram ainda mais exasperados, vv. 6,7.

1. Observe aqui seu clamor e sua fúria. Os “principais dos sacerdotes”, que lideravam a multidão, clamavam com fúria e indignação, e seus servidores, ou servos, que deviam dizer o que eles lhes dissessem, os acompanhavam gritando: “Crucifica-o, crucifica-o”. As pessoas comuns talvez tivessem concordado com a declaração da sua inocência proferida por Pilatos, mas seus líderes, os sacerdotes, as levaram ao erro. Com isto, parece que sua maldade contra Cristo era: (1) Irracional e completamente absurda, no sentido de que eles não se ofereciam para comprovar suas acusações contra Ele, nem para objetar contra o julgamento que Pilatos tinha feito dele. Mas, embora seja inocente, Ele deve ser crucificado. (2) Insaciável e muito cruel. Nem a situação extrema do seu açoitamento, nem sua paciência ao submeter-se a ele, nem as ternas admoestações do juiz, conseguiam acalmá-los. Não, nem a brincadeira em que Pilatos tentou

transformar a causa conseguiu deixá-los com um humor mais agradável. (3) Violenta e excessivamente decidida. A vontade deles deveria prevalecer, colocando em risco as boas graças do governador, a paz da cidade e sua própria segurança, em vez de diminuir suas exigências. Eles se mostravam tão violentos na perseguição ao nosso Senhor Jesus, gritando: Crucifica-o, crucifica-o? E nós não seremos vigorosos e zelosos na promoção do seu nome, gritando: Coroai-o, coroai-o? Seu ódio por Ele tinha aguçado seus esforços contra Ele? E nosso amor por Ele não vivificará nossos esforços por Ele, e pelo seu reino?

2. A verificação que Pilatos faz da fúria deles, ainda insistindo na inocência do prisioneiro: “Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu nenhum crime acho nele”. Isto é dito ironicamente. Ele sabia que eles não podiam, e não iriam, crucificá-lo. Mas é como se ele dissesse: “Vocês não vão fazer de mim um instrumento da sua maldade. Eu não posso, em sã consciência, crucificá-lo”. Uma boa resolução, se pelo menos ele tivesse permanecido fiel a ela. Ele não encontrava crime nele, e por isto não deveria ter continuado a negociar com os acusadores. Aqueles que desejam estar protegidos do pecado devem ser surdos à tentação. Na verdade, ele deveria ter protegido o prisioneiro das ofensas do povo. Para que estava ele revestido de poder, se não para proteger os ofendidos? Os guardas dos governadores deveriam ser os guardiões da justiça. Mas Pilatos não teve coragem suficiente para agir de acordo com sua consciência, e sua covardia o levou a uma armadilha.

3. A desculpa adicional que os acusadores deram à sua exigência (v. 7): “Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei”, se tivéssemos a autoridade para exercê-la, “deve morrer, porque se fez Filho de Deus”. Aqui, observe: (1) Eles se vangloriavam da lei, mesmo quando, ao transgredir a lei, desonravam a Deus, e disto os judeus são acusados, Romanos 2.23. Na realidade, eles tinham uma lei excelente, muito superior aos estatutos e julgamentos de outras nações. Mas eles se vangloriavam dessa sua lei inutilmente, quando a usavam tão mal, e com objetivos tão maldosos. (2) Eles revelam uma impaciente e inveterada maldade contra nosso Senhor Jesus. Quando não puderam inflamar a Pilatos contra Ele, alegando que Ele dizia ser rei, eles disseram que Ele dizia ser um Deus. Desta maneira, eles reviram cada pedra, na tentativa de eliminá-lo. (3) Eles pervertem a lei, e fazem dela o instrumento da sua maldade. Alguns pensam que eles se

referem a uma lei feita especificamente contra Cristo, como se, por ser uma lei, devesse ser posta em vigor, certa ou errada. Mas “ai dos que decretam leis injustas e dos... que escrevem perversidades”, Isaías 10.1. Veja Miquéias 6.16. Porém, parece que eles se referem à lei de Moisés, e, neste caso: [1] Era verdade que os blasfemos, os idólatras e os falsos profetas deveriam ser condenados à morte, segundo aquela lei. Aquele que fingisse, falsamente, ser o Filho de Deus, seria culpado de blasfêmia, Levítico 24.16. Mas: [2] Era mentira que Cristo fingisse ser o Filho de Deus, pois Ele realmente o era, e eles deviam ter examinado as provas que Ele apresentava, de que realmente o era. Se Ele dizia que era o Filho de Deus, e o escopo e a tendência da sua doutrina não eram afastar as pessoas de Deus, mas levá-las a Ele, e se Ele confirmava sua missão e doutrina através dos seus milagres, como sem dúvida Ele fazia, sem nenhuma contradição, a lei que possuíam indicava que aqueles homens deveriam ouvir suas palavras (Dt 18.18,19), e, caso não o fizessem, deveriam ser punidos com a pena capital. Aquilo que era a honra, e poderia ter sido a felicidade deles, se não tivessem insistido no seu ponto de vista, eles lhe atribuem como um crime, pelo qual Ele não deveria ser crucificado, pois esta não era uma morte à qual sua lei pudesse condenar.

IV O juiz traz novamente o prisioneiro ao seu julgamento, depois desta nova sugestão. Observe:

1. A preocupação que dominou Pilatos, quando ouviu o que alegavam (v. 8): “E Pilatos, quando ouviu essa palavra”, que este prisioneiro não somente reivindicava a realeza, mas a divindade, “mais atemorizado ficou”. Isto o embaraçou mais do que nunca, e tornou o caso mais difícil para ambos, pois: (1) Havia maior perigo de ofender as pessoas, se o absolvesse, pois ele sabia o quão zeloso este povo era pela unidade da Divindade, e conhecia a aversão que eles tinham a outros deuses. Portanto, embora pudesse ter a esperança de pacificar sua fúria contra um falso rei, ele nunca poderia reconciliá-los com um falso Deus. “Se isto for a base do tumulto”, pensa Pilatos, “isto não se extinguirá com alguma atitude jocosa”. (2) Havia maior perigo de ofender sua própria consciência, se ele o condenasse. “Este é aquele”, pensa Pilatos, “que diz ser o Filho de Deus? E se Ele provar que realmente o é? O que irá acontecer comigo?” Até mesmo a consciência natural faz os homens temerem ser descobertos lutando contra Deus. Os

pagãos tinham algumas lendas fabulosas de divindades encarnadas, que apareciam, às vezes, em circunstâncias inferiores, e eram maltratadas por alguns, que pagavam caro por agir desta maneira. Pilatos temia que pudesse ser acusado de traição.

2. Seu novo interrogatório do nosso Senhor Jesus, por causa disto, v. 9. Para que pudesse dar aos acusadores toda a justiça que eles pudessem desejar, ele encerrou a discussão: “Entrou outra vez na audiência e disse a Jesus: De onde és tu?” Observe:

(1) O lugar que ele escolheu para fazer esta pergunta: ele “entrou na audiência”, desejando privacidade, para que pudesse escapar dos ruídos e clamores da multidão, e pudesse examinar mais atentamente a questão. Aqueles que desejam descobrir a verdade, tal como ela é em Jesus, devem se afastar dos ruídos e do preconceito, e se afastar, como se entrassem na audiência, para conversar a sós com Cristo.

(2) A pergunta que ele faz a Cristo: “De onde és tu?” Tu vens dos homens ou dos céus? De baixo ou de cima? Antes, ele tinha perguntado diretamente: “Tu és rei?” Mas aqui ele não pergunta diretamente: Tu és o Filho de Deus? Para que não parecesse estar se intrometendo com excessiva ousadia nas coisas divinas. Mas, de maneira geral: “‘De onde és tu?’ Onde estavas, e em que mundo tinhas uma existência, antes da tua vinda a este mundo?”

(3) O silêncio do nosso Senhor Jesus, quando foi questionado sobre este assunto: “Mas Jesus não lhe deu resposta”. Não foi um silêncio sombrio, menosprezando a corte, nem foi porque Ele não soubesse o que dizer, mas: [1] Foi um silêncio paciente, para que se cumprissem as Escrituras: “Como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”, Isaías 53.7. Este silêncio evidenciava claramente sua submissão à vontade do seu Pai, nos seus atuais sofrimentos, aos quais Ele se acomodava, disposto a suportá-los. Ele ficou silencioso, porque não desejava dizer nada que atrapalhasse seus sofrimentos. Se Cristo tivesse se declarado um Deus, tão claramente como se declarava um rei, é provável que Pilatos não o tivesse condenado (pois ele se amedrontou com a mera menção disto, pelos acusadores), e os romanos, embora triunfassem sobre os reis das nações que conquistavam, ainda tinham um temor respeitoso pelos seus deuses. Veja 1 Coríntios 2.8. Se eles tivessem sabido que Ele era o Senhor da glória, não o teriam crucificado. E como, então, poderíamos nós ter sido salvos? [2] Foi

um silêncio prudente. Quando os principais dos sacerdotes lhe perguntaram: “És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?”, Ele respondeu: “Eu o sou”, pois Ele sabia que eles se baseavam nas Escrituras do Antigo Testamento que falavam do Messias. Mas quando Pilatos lhe fez a pergunta, Ele sabia que Pilatos não compreendia sua própria pergunta, não tendo noção do Messias, e do fato de que Ele era o Filho de Deus, e, portanto, que propósito teria responder a alguém cujo coração estava tomado pela teologia pagã, à qual ele teria voltado sua resposta?

(4) A arrogante repreensão que Pilatos lhe deu pelo seu silêncio (v. 10): “‘Não me falas a mim?’ Ousas me desafiar, permanecendo em silêncio? ‘Não sabes tu’ que, como governador da província, ‘tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?’” Observe aqui: [1] Como Pilatos se enaltecia, e se orgulhava da sua própria autoridade, como se não fosse inferior à de Nabucodonosor, de quem está escrito que “a quem queria matava e a quem queria dava a vida”, Daniel 5.19. Os homens no poder são capazes de se orgulhar do seu poder, e quanto mais absoluto e arbitrário ele for, mais gratificará e contentará seu orgulho. Mas ele enaltece seu poder a um nível exorbitante, quando se vangloria de que tem poder de crucificar a alguém a quem tinha declarado inocente, uma vez que nenhum principado ou potestade tem autoridade para fazer o mal. *Id possumus, quod jure possumus – Nós só poderemos fazer aquilo que pudermos fazer com justiça*. [2] Como ele subjuga nosso bendito Salvador: “Não me falas a mim?” Ele fala de Cristo, em primeiro lugar, como se Ele fosse desrespeitoso com as autoridades, não falando com elas quando lhe dirigiam a palavra. Em segundo lugar, como se Ele fosse ingrato com alguém que tinha tido algum tipo de bondade por Ele: “Não me falas a mim, que me empenhei para garantir tua libertação?” Em terceiro lugar, como se Ele fosse imprudente: “Você não vai falar a seu próprio favor, como alguém que deseja se justificar?” Se Cristo realmente estivesse procurando salvar sua vida, este seria o momento de ter dito alguma coisa, mas o que Ele tinha que fazer era entregar sua vida.

(5) A resposta pertinente de Cristo a esta repreensão, v. 11, onde:

[1] Ele censura corajosamente a arrogância de Pilatos, e corrige seu engano: “Por mais alto que tu fales, ‘nenhum poder terias contra mim’, nenhum poder para me açoitar, nenhum poder para me crucificar, ‘se de cima te não fosse dado’”. Embora Cristo não julgasse adequado responder a

Pilatos quando ele foi impertinente (neste caso, “não respondas ao tolo segundo a sua estultícia, para que também te não faças semelhante a ele”), julgou adequado responder a ele quando foi imperativo. Neste caso, “responde ao tolo segundo a sua estultícia, para que não seja sábio aos seus olhos”, Provérbios 26.4,5. Quando Pilatos usou sua autoridade, Cristo silenciosamente se submeteu a ela. Mas, quando ele se orgulhou disto, Ele fez com que ele conhecesse a si mesmo: “Todo o poder que você tem lhe é dado de cima”, o que pode ser interpretado de duas maneiras. Em primeiro lugar, como lembrando-o de que sua autoridade em geral, como magistrado, era um poder limitado, e ele não podia fazer mais do que Deus permitiria que fizesse. Deus é a fonte de todo poder, e os poderes que existem, como são ordenados por Ele, e derivados dele, são sujeitos a Ele. Eles não podem ir além do que sua lei lhes indica. Eles não podem ir além do que sua providência lhes permite. Eles são a mão de Deus, e sua espada, Salmos 17.13,14. Embora o machado possa gloriar-se contra o que corta com ele, ainda não passa de uma ferramenta, Isaías 10.5,15. Que os opressores orgulhosos saibam que existe alguém mais alto que eles, a quem deverão prestar contas, Eclesiastes 5.8. E que isto silencie os murmúrios dos oprimidos: “É do Senhor”. Deus tinha permitido que Simei amaldiçoasse a Davi. E que os console o fato de que seus perseguidores não podem fazer nada além do que Deus lhes permite fazer. Veja Isaías 51.12,13. Em segundo lugar, como informando-o de que seu poder contra Ele, em particular, e todos os esforços de tal poder, eram pelo determinado conselho e presciência de Deus, Atos 2.23. Pilatos nunca imaginou parecer tão grande como agora, quando se sentava para julgar um prisioneiro como este, que era considerado, por muitos, como o Filho de Deus e rei de Israel, e tinha o destino de um homem tão importante nas suas mãos. Mas Cristo o faz saber que ele aqui era somente um instrumento na mão de Deus, e não podia nada contra Ele, exceto pela determinação do Céu, Atos 4.27,28.

[2] Ele escusa e atenua docemente o pecado de Pilatos, em comparação com o pecado dos líderes do complô: “‘Mas aquele que me entregou a ti’ encontra-se sob maior culpa, pois tu, como magistrado, tens poder do alto, e estás no teu lugar, teu pecado é menor do que o daqueles que, por inveja e maldade, insistem em que abuses do teu poder”.

Em primeiro lugar, aqui se declara, claramente, que o que Pilatos fez era pecado, um grande pecado, e que a imposição dos judeus sobre ele, e sua

própria imposição sobre si mesmo, não o justificavam. Com isto, Cristo pretendia fazer uma insinuação, para despertar a consciência de Pilatos, e aumentar o temor em que ele se encontrava agora. A culpa de outros não irá nos absolver, nem adiantará, no grande dia, dizer que outros foram piores do que nós, pois nós não seremos julgados por comparação, mas deveremos suportar nossa própria carga.

Em segundo lugar, contudo, era maior o pecado daqueles que o tinham entregado a Pilatos. Com isto, fica claro que todos os pecados não são iguais, mas alguns são mais odiosos que outros. Alguns se comparam a mosquitos, outros, a camelos; alguns, a argueiros nos olhos, outros, a traves; alguns, a centavos, outros, a muitos dólares. Aquele que entregou Cristo a Pilatos era, ou: 1. O povo dos judeus, que gritava: “Crucifica-o, crucifica-o”. Eles tinham visto os milagres de Cristo, e Pilatos não os tinha visto. A eles, o Messias foi enviado primeiro. Eles eram os seus, e a eles, que agora estavam escravizados, um Redentor deveria ter sido muito bem-vindo, e por isto era muito pior que eles se manifestassem contra Ele do que Pilatos. 2. Ou, mais exatamente, Ele se referiu a Caifás, em particular, pois ele estava chefiando a conspiração contra Cristo, e foi quem primeiro tramou sua morte, cap. 11.49,50. O pecado de Caifás foi abundantemente maior do que o pecado de Pilatos. Caifás perseguiu a Cristo por pura inimizade a Ele e à sua doutrina, deliberadamente e com maldade premeditada. Pilatos o condenou puramente por temor ao povo, e foi uma resolução apressada, na qual ele não teve tempo de refletir. 3. Alguns pensam que Cristo se referiu a Judas, pois, embora ele não o tivesse entregado diretamente nas mãos de Pilatos, ele o traiu e entregou àqueles que o entregaram a Pilatos. O pecado de Judas foi, sob muitos aspectos, maior que o pecado de Pilatos. Pilatos era um estranho para Cristo. Judas era seu amigo e seguidor. Pilatos não encontrou crime nele, mas Judas conhecia muita coisa boa sobre Cristo. Pilatos, embora influenciado, não foi subornado, mas Judas “recebeu subornos contra o inocente”. O pecado de Judas foi um pecado principal, que deu ocasião a todos os pecados que se seguiram. Ele “foi o guia daqueles que prenderam a Jesus”. Tão grande foi o pecado de Judas, que a vingança não lhe permitiu viver. Mas, quando Cristo diz isto, ou pouco depois, alguns entendem que Judas já tinha ido ao seu devido lugar.

Pilatos luta com os judeus, para libertar Jesus das mãos deles, mas é inútil. V Nós não lemos mais nada, depois disto, que tenha acontecido entre Pilatos e o prisioneiro. O resto foi entre ele e os acusadores.

1. Pilatos parece mais desejoso do que antes de libertar Jesus (v. 12): "Desde então", e porque Cristo lhe tinha dado uma resposta (v. 11), que, embora contivesse uma repreensão, ainda assim foi aceita com mansidão. E, embora Cristo encontrasse crime nele, ele continuava a não encontrar crime em Cristo, mas procurava soltá-lo, desejando soltá-lo, empenhando-se para isto. Ele procurava soltá-lo. Ele tentava fazer isto habilmente e com segurança, de modo a não desagradar aos sacerdotes. O resultado nunca é bom, quando nossas resoluções de cumprir nosso dever são engolidas em projetos sobre como realizá-lo de maneira plausível e conveniente. Se a política de Pilatos não tivesse prevalecido acima da sua justiça, ele não teria perdido tanto tempo procurando soltá-lo, mas o teria feito. *Fiat justitia, ruat caelum – Que a justiça seja feita, ainda que o próprio céu venha abaixo.*

2. Os judeus estavam mais furiosos do que nunca, e mais violentos, para conseguir crucificar a Jesus. Eles ainda prosseguem no seu objetivo com ruído e clamor, como antes, de modo que gritavam. Eles queriam dar a entender que a maioria estava contra Ele, e por isto se empenhavam para conseguir que uma multidão gritasse contra Ele, e não é difícil reunir uma multidão. Ao passo que, se uma votação honesta tivesse sido realizada, eu não duvido que ela tivesse resultado em uma grande maioria a favor da sua libertação. Alguns poucos loucos podem superar, através de gritos, a muitos homens sábios, e pensar que estão expressando o bom senso (quando é apenas o disparate) de uma nação, ou de toda a humanidade, mas não é uma coisa tão fácil modificar a consciência do povo como o é deturpá-la, e alterar o que ele deseja. Agora que Cristo estava nas mãos dos seus inimigos, seus amigos estavam tímidos e silenciosos, e desaparecidos, e aqueles que estavam contra Ele se entusiasmavam em mostrar-se desta maneira. E isto deu aos principais dos sacerdotes uma oportunidade de representar estes gritos como o voto unânime de todos os judeus que Ele fosse crucificado. Neste grito, eles procuravam duas coisas: (1) Manchar o prisioneiro como um inimigo de César. Ele tinha recusado os reinos deste mundo e a glória deles, tinha declarado que seu reino não era deste mundo, e ainda assim eles dizem que Ele fala contra César, *antilegei – Ele se opõe a César*, invadindo sua dignidade e soberania. O artifício dos inimigos do

Evangelho sempre foi apresentá-lo como prejudicial a reis e a províncias, quando, na verdade, ele seria altamente benéfico a ambos. (2) Amedrontar o juiz, como sendo inimigo de César: “Se você permitir que este homem fique impune, e o soltar, você não será amigo de César, e por isto não estará sendo leal ao que lhe foi confiado e ao dever do seu cargo, será odioso e terá o desprazer do imperador, tornando-se passível de ser demitido”. Eles sugerem uma ameaça de que dariam informações contra ele e o deporiam, e aqui eles o tocam em uma parte muito sensível. Mas, dentre todas as pessoas, estes judeus não poderiam ter fingido uma preocupação com César, pois eles mesmos tinham pouquíssima afinidade com ele e com seu governo. Eles não deviam falar de amizade a César, se eles mesmos eram tais inimigos dele. Mas, assim, um falso zelo por aquilo que é bom freqüentemente serve para encobrir uma maldade real contra aquilo que é melhor.

3. Quando outros expedientes tinham sido tentados, em vão, Pilatos esforçou-se ligeiramente para acalmá-los com uma brincadeira, e, ao fazer isto, vendeu-se a eles, e abriu caminho para a torrente de acontecimentos, vv. 13-15. Depois de ter resistido por muito tempo, e aparentado, agora, como se tivesse feito uma vigorosa resistência a este ataque (v. 12), ele capitulou vergonhosamente. Observe aqui:

(1) O que chocou Pilatos (v. 13): “Ouvindo, pois, Pilatos esse dito”, que ele não poderia ser fiel à honra de César, nem ter as boas graças de César, se não condenasse Jesus à morte, ele pensou que já era hora de pensar em si mesmo. Tudo o que eles tinham dito para provar que Cristo era um malfeitor, e, portanto, seria o dever de Pilatos condená-lo, não o tinha convencido, ele ainda mantinha sua convicção da inocência de Cristo. Mas, quando sugeriram que era do seu interesse condená-lo, ele começou a render-se. Observe que aqueles que atrelam sua felicidade às boas graças e aos favores dos homens tornam-se presas fáceis das tentações de Satanás.

(2) A preparação que foi feita para uma sentença definitiva: Pilatos “levou Jesus para fora”, com grande cerimônia. Podemos supor que ele tenha pedido seu manto, para parecer grandioso, e então “assentou-se no tribunal”.

[1] Cristo foi condenado com toda a cerimônia possível. Em primeiro lugar, para nos livrar do tribunal de Deus, e para que todos os crentes, por intermédio de Cristo, sendo julgado aqui, pudessem ser absolvidos no

tribunal do céu. Em segundo lugar, para remover o terror dos julgamentos pomposos, aos quais seus seguidores seriam trazidos por sua causa. Paulo pôde suportar melhor o tribunal de César, depois que seu Mestre tinha estado ali, antes dele.

[2] Menciona-se aqui o lugar e a hora.

Em primeiro lugar, o lugar onde Cristo foi condenado: “no lugar chamado Litóstrotos, e em hebraico o nome é Gabatá”, provavelmente o lugar onde Pilatos costumava julgar causas ou criminosos. Alguns entendem que Gabatá significa um lugar fechado, protegido dos insultos do povo, que, portanto, humanamente falando, havia menor necessidade de temer. Outros julgam que se tratava de um lugar elevado, para que todos pudessem vê-lo.

Em segundo lugar, a hora, v. 14. “E era a preparação da Páscoa e quase à hora sexta”. Observe: 1. O dia: “Era a preparação da Páscoa”, isto é, do sábado de Páscoa, e das solenidades deste dia e dos demais dias da festa dos pães asmos. Isto fica claro, com base em Lucas 23.54: “E era o Dia da Preparação, e amanhecia o sábado”. De modo que esta preparação era para o sábado. Observe que antes da Páscoa era necessário que houvesse uma preparação. Isto é mencionado, agravando seu pecado, ao perseguirem a Cristo com tanta maldade e fúria, pois todo este episódio aconteceu quando eles deveriam estar lançando fora o fermento velho, para se prepararem para a Páscoa. Mas, no melhor dia, cometeram os piores atos. 2. A hora: era “quase a hora sexta”. Alguns manuscritos antigos, em grego e latim, dizem que era quase a hora terceira, o que está de acordo com Marcos 15.25. E, de acordo com Mateus 27.45, parece que Ele já estava na cruz antes da hora sexta. Mas isto parece ser mencionado aqui, não como uma determinação precisa do tempo, mas como um agravamento adicional do pecado dos seus acusadores, pelo fato de que estavam prosseguindo com a acusação, não somente em um dia solene, o dia da preparação, mas, da terceira à sexta hora (que era, como nós dizemos, hora de estar na igreja) daquele dia, estavam dedicados a esta maldade. De modo que, neste dia, embora fossem sacerdotes, eles abandonaram o serviço do Templo, pois não deixaram Cristo até a sexta hora, quando tiveram início as trevas, que os afugentaram. Alguns pensam que a hora sexta, deste evangelista, corresponde, de acordo com o sistema romano de horas, e o nosso, às seis horas da manhã, correspondendo à primeira hora do dia dos judeus. É muito provável que o julgamento de Cristo diante de Pilatos estivesse no seu auge

aproximadamente às seis horas da manhã, que era pouco depois do nascer do sol.

(3) A disputa que Pilatos teve com os judeus, tanto os sacerdotes quanto o povo, antes de dar a sentença, esforçando-se, em vão, para interromper a maré da fúria deles.

[1] Ele disse aos judeus: "Eis aqui o vosso rei". Isto é uma repreensão a eles, pelo absurdo e pela maldade da sua insinuação de que este Jesus se tivesse feito rei: "'Eis aqui o vosso rei', isto é, aquele a quem acusais de ser um pretendente à coroa. Este homem parece ser perigoso ao governo? Eu penso que não, e vós deveis pensar o mesmo e deixá-lo em paz". Alguns pensam que aqui ele os censura pelo seu desafeto secreto a César: "Se este homem tivesse liderado o povo em uma rebelião contra César, vocês desejariam que Ele fosse seu rei". Mas Pilatos, embora isto não lhe fosse intencional, parece ser a voz de Deus dirigida a eles. Cristo, agora coroado com espinhos, é, como um rei na sua coroação, oferecido ao povo: "Eis aqui o vosso rei, o rei a quem Deus ungiu sobre o seu santo monte Sião". Mas eles, em vez de aceitarem isto com aclamações de consentimento jubiloso, protestam contra Ele. Eles não desejam ter um rei escolhido por Deus.

[2] Eles bradaram com a maior indignação: "Tira! Tira!", o que traduz desprezo, além de maldade, *aron, aron* – "*Prenda-o,* Ele não é dos nossos. Nós não o reconhecemos como um parente nosso, e muito menos como nosso rei. Nós não somente não temos veneração por Ele, como nenhuma compaixão. Tire-o da nossa vista". Pois estava escrito sobre Ele: Ele é aquele "ao que as nações abominam" (Is 49.7), e "de quem os homens escondiam o rosto", Isaías 53.2,3. "Tira da terra um tal homem", Atos 22.22. Isto demonstra, em primeiro lugar, como nós merecíamos ser tratados no tribunal de Deus. Pelo pecado, nós nos tornamos odiosos à santidade de Deus, que clamou: Tire-os, tire-os, pois Deus tem olhos puros demais para contemplar iniqüidade. Nós também nos tornamos odiosos à justiça de Deus, que clama contra nós: "Crucifiquem-nos, crucifiquem-nos. Que seja executada a sentença da lei". Se Cristo não tivesse intercedido, sendo assim rejeitado pelos homens, nós teríamos sido rejeitados por Deus para sempre. Em segundo lugar, demonstra como nós deveríamos tratar nossos pecados. As Escrituras nos dizem freqüentemente que devemos crucificar o pecado, em conformidade com a morte de Cristo. Aqueles que

crucificaram a Cristo, o fizeram com ódio. Com uma indignação piedosa, nós devemos destruir o pecado em nós, da mesma maneira como eles, com uma indignação ímpia, destruíram àquele que se fez pecado por nós. O verdadeiro penitente lança fora suas transgressões. Lancem-nas fora daqui (Is 2.20; 30.22), crucifiquem-nas, crucifiquem-nas. Não é adequado que elas habitem na minha alma, Oséias 14.8.

[3] Pilatos, desejando libertar a Jesus, mas ainda assim desejando que isto fosse feito por eles, lhes pergunta: “Hei de crucificar o vosso rei?” Ao dizer isto, ele desejava, ou, em primeiro lugar, silenciá-los, mostrando-lhes como era absurdo que eles rejeitassem a alguém que se oferecia para ser seu rei, em uma época em que eles precisavam de um, mais do que nunca. Eles não têm um senso de escravidão? Não têm um desejo de liberdade? Não valorizam um libertador? Embora Pilatos não visse causa para temê-lo, eles podiam ver motivos para esperar alguma coisa dele, pois interesses esmagados e naufragados estão prontos a agarrar-se a qualquer coisa. Ou, em segundo lugar, silenciar sua própria consciência. “Se este Jesus for um rei”, pensa Pilatos, “Ele será somente rei dos judeus, e, portanto, eu não tenho nada a fazer, exceto uma boa oferta dele a eles. Se eles o recusarem, e desejarem ter seu rei crucificado, o que eu tenho a ver com isto?” Ele os provoca, pela sua tolice em esperar um Messias, e ainda assim perseguir alguém que afirmava, tão logicamente, ser Ele.

[4] Os principais dos sacerdotes desejavam definitivamente condenar Cristo e obrigar Pilatos a crucificá-lo. Entretanto, contrariados em seus propósitos, eles clamavam em alta voz: *Nós não temos rei senão o César.* Eles sabiam como agradar a Pilatos, e esperavam, então, impor-lhe sua vontade, embora, ao mesmo tempo, odiassem César e seu governo. Mas, observe bem: *Primeiro,* que esta é uma clara indicação para o tempo de o Messias aparecer. Justamente agora, o momento era chegado. Porque, se os judeus não têm rei, mas, César, então *o cetro é passado de Judá, e o legislador de entre seus pés,* o qual nunca deveria estar em Siló vindo a instituir um reino espiritual. E, *segundo,* que foi uma coisa correta Deus trazer sobre eles, através dos romanos, como resultado, aquela ruína que se seguiu pouco tempo depois. 1) Eles aderiram a César, a César irão então. Deus concedeu-lhes Césares suficientes, e, de acordo com a parábola de Jotão, uma vez que as árvores escolheram o espinheiro para seu rei, em lugar da videira e da oliveira, um espírito mau foi enviado ao meio deles

para que não pudessem andar em verdade e sinceridade (Jz 9.12,19). Desde então, eles foram rebeldes contra os Césares, e os Césares tiranos contra eles, e a deslealdade deles resultou na ruína de sua terra e nação. É realmente de Deus produzir certa aflição e incômodo em nós, de tal modo que escolhamos dar preferência a Cristo. 2) Eles não teriam outro rei além de César, como nunca mais tiveram nem um outro até os dias atuais, mas têm agora *permanecido sem um rei e sem uma princesa* (Os 3.4), sem ninguém de sua possessão, ao contrário, os reis das nações têm regido sobre eles. Visto que não terão rei, mas César, então sua sorte será decidida por eles próprios.

Cristo é Condenado. A Crucificação

vv. 16-18

Aqui temos a sentença de morte proferida contra nosso Senhor Jesus, e a execução, que teve lugar pouco tempo depois. Pilatos tinha tido uma poderosa disputa consigo mesmo, entre suas convicções e suas corrupções. Mas, no final, suas convicções capitularam, e suas corrupções prevaleceram, o medo dos homens teve mais poder sobre ele do que o temor a Deus.

I Pilatos proferiu a sentença contra Cristo, e assinou a autorização para sua execução, v. 16. Aqui podemos ver: 1. Como Pilatos assinou contra sua consciência: repetidas vezes ele tinha dito que Cristo era inocente, e ainda assim, no final, condenou-o como culpado. Desde que tinha chegado a ser governador, Pilatos, em muitas ocasiões, tinha desagradado e exasperado a nação judaica, pois era um homem de espírito arrogante e implacável, e extremamente dedicado ao que lhe agradava. Ele tinha se apropriado do Corbã, e o tinha gastado em uma fonte. Ele tinha trazido a Jerusalém escudos estampados com a imagem de César, o que era extremamente provocador aos judeus. Ele tinha sacrificado a vida de muitos pelas suas determinações. Temendo, portanto, que eles pudessem se queixar dele, por estas e outras insolências, ele estava desejoso de agradá-los. Isto torna o assunto muito pior. Se ele tivesse tido uma disposição tranqüila, dócil e flexível, sua capitulação a uma corrente tão forte teria sido mais justificável.

Mas para um homem que era tão voluntarioso, em outras coisas, e de uma determinação tão violenta, ser vencido em uma questão desta natureza mostra que ele era verdadeiramente um homem mau, que podia suportar melhor os erros da sua consciência do que a contradição aos seus desejos. 2. Como ele se empenhou para transferir a culpa aos judeus. Ele não o entregou aos seus próprios oficiais (como seria usual), mas aos acusadores, os principais dos sacerdotes e anciãos, justificando, assim, seu erro perante sua própria consciência com o fato de que se tratava somente de uma condenação permissiva, e que ele não condenou Cristo à morte, mas somente foi conivente com aqueles que o fizeram. 3. Como Cristo se fez pecado por nós. Nós merecíamos ter sido condenados, mas Cristo foi condenado em nosso lugar, para que não houvesse mais condenação alguma contra nós. Agora Deus estava entrando em um julgamento com seu Filho, para que não tivesse que entrar em julgamento com seus servos.

II Mal tinha sido concluído o julgamento, e os acusadores, com toda a prontidão possível, tendo conseguido o que queriam, decidiram não perder tempo, para que não houvesse tempo de que Pilatos pudesse mudar de idéia, e ordenar um adiamento (os inimigos das nossas almas, os piores inimigos, são aqueles que nos conduzem ao pecado, e então não nos deixam espaço para podermos desfazer o que fizemos de errado), e também para que não houvesse um tumulto entre o povo, e pudessem encontrar um número de pessoas contrárias a eles maior do que tinham, com muitos artifícios, conseguido a seu favor. Seria bom, se nós conseguíssemos ser diligentes desta maneira naquilo que é bom, e não esperar mais dificuldades.

1. Eles imediatamente levaram o prisioneiro. Os principais dos sacerdotes lançaram-se avidamente sobre a presa que tinham esperado durante tanto tempo. Agora ela estava presa na sua rede. Ou eles, isto é, os soldados que deviam auxiliar na execução, o tomaram e levaram, não ao lugar de onde Ele tinha vindo, e dali, ao lugar de execução, como é usual entre nós, mas diretamente ao lugar de execução. Tanto os sacerdotes quanto os soldados o levaram, juntos. Agora o Filho do Homem estava entregue nas mãos dos homens, homens maus e irracionais. Segundo a lei de Moisés (e nas apelações, na nossa lei), os acusadores deveriam ser os executores, Deuteronômio 17.7. E aqui os sacerdotes estavam orgulhosos desta função.

O fato de que Ele fosse levado não sugere que Ele tenha feito nenhuma oposição, mas as Escrituras deviam cumprir-se: “Foi levado como a ovelha para o matadouro”, Atos 8.32. Nós merecíamos ter sido levados com os que praticam a maldade, como criminosos à execução, Salmos 125.5. Mas Ele foi levado em nosso lugar, para que pudéssemos escapar.

2. Para aumentar a desgraça de Jesus, eles o obrigaram, enquanto Ele foi capaz, a carregar sua cruz (v. 17), conforme o costume entre os romanos. Aqui *Furcifer* era, entre eles, uma palavra de censura. Suas cruzes não ficavam erguidas permanentemente, como ficam nossas forcas nos locais de execução, porque o malfeitor era pregado à cruz enquanto ela estava estendida no chão, e então era erguida e presa à terra, e removida depois de terminada a execução, e normalmente sepultada com o corpo. De modo que qualquer pessoa que fosse crucificada tinha sua própria cruz. O fato de que Cristo carregasse sua cruz pode ser considerado: (1) Como parte dos seus sofrimentos. Ele literalmente suportou a cruz. Era necessário um pedaço de madeira longo e espesso para tal uso, e alguns pensam que ele nunca deve ter sido polido nem cortado. O bendito corpo do Senhor Jesus talvez não estivesse acostumado a tais cargas. Somente recentemente, Ele tinha sofrido tantos golpes, sentindo-se exaurido. Seus ombros doíam pelas chibatadas que lhe tinham desferido. Cada balanço da cruz iria renovar sua dor lancinante, e possivelmente enterraria na sua cabeça os espinhos com que o tinham coroado. Mas tudo isto Ele suportou pacientemente, e isto foi apenas o início dos sofrimentos. (2) Como resposta ao tipo que tinha vindo antes dele. Quando ia ser oferecido, Isaque carregou a madeira à qual ele deveria ser amarrado, e na qual deveria ser queimado. (3) Como muito representativo da sua missão, tendo o Pai feito “cair sobre ele a iniqüidade de nós todos” (Is 53.6), e “levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro”, 1 Pedro 2.24. Ele tinha dito, na verdade: Sobre mim seja tua maldição, pois Ele se fez pecado por nós, e, portanto, a cruz deveria estar sobre Ele. (4) Como muito instrutivo para nós. Nosso Mestre, com isto, ensinou todos os seus discípulos a tomarem sua cruz, e segui-lo. Seja qual for a cruz que Ele nos chama para levar, em qualquer ocasião, devemos nos lembrar de que Ele suportou a cruz antes de nós. E, suportando-a por nós, Ele a retira de nós, em grande medida, pois assim torna seu jugo suave, e seu fardo, leve. Ele suportou a extremidade da cruz que tinha a maldição sobre si, a extremidade pesada, e, desta maneira, todos

os que são seus podem considerar leves e momentâneas as aflições que suportam por amor a Ele.

3. Eles o levaram ao local da execução: Ele foi, não arrastado, contra sua vontade, mas voluntário nos seus sofrimentos. Ele saiu da cidade, pois foi crucificado fora da porta, Hebreus 13.12. E, para acrescentar maior infâmia aos seus sofrimentos, Ele foi levado ao lugar comum de execução, como um entre os muitos que foram contados como transgressores, um lugar chamado Gólgota, o lugar da Caveira, onde eles jogavam os esqueletos e caveiras dos mortos, ou onde eram deixadas as cabeças dos malfeitores decapitados – um lugar cerimonialmente impuro. Ali Cristo sofreu, porque se fez pecado por nós, para que pudesse purificar nossas consciências de obras mortas, e da sua contaminação. Se alguém deseja prestar atenção às tradições dos anciãos, há duas que são mencionadas, por muitos dos autores antigos, a respeito deste lugar: (1) Que Adão foi sepultado aqui, e que este era o local da sua caveira, e eles observam que onde a morte triunfou sobre o primeiro Adão, aqui o segundo Adão triunfou sobre ela. Gerhard cita, para esta tradição, Orígenes, Cipriano, Epifânio, Austin, Jerônimo, e outros. (2) Que este era o monte, na terra de Moriá, no qual Abraão ofereceu Isaque. O local onde Isaque foi resgatado pelo cordeiro.

4. Ali eles o crucificaram, e os outros malfeitores com Ele (v. 18): ali foi o lugar “onde o crucificaram”. Observe: (1) A morte que Cristo teve. A morte na cruz, uma morte sangrenta, dolorosa, vergonhosa, uma morte maldita. Ele foi pregado à cruz, como um sacrifício atado sobre o altar, como um Salvador que está com sua atenção completamente fixa na sua missão. Seus ouvidos estão atentos à voz de Deus, o Pai, para servi-lo para sempre. Ele foi levantado, como a serpente de metal, suspenso entre o céu e a terra, porque nós éramos indignos de ambos, e fomos abandonados por ambos. Suas mãos estavam estendidas para nos convidar e abraçar. Ele ficou suspenso cerca de três horas, morrendo gradativamente no uso pleno de razão e fala, para que pudesse, verdadeiramente, resignar-se a ser um sacrifício. (2) Com quem ele morreu: “E, com ele, outros dois”. Provavelmente, estes não teriam sido executados nesta ocasião, mas a pedido dos principais dos sacerdotes, para aumentar a desonra do nosso Senhor Jesus, o que pode ser a razão pela qual um deles o insultou, porque sua morte foi apressada por causa dele. Se eles tivessem tomado dois dos seus discípulos, e os tivessem crucificado com Ele, isto teria sido uma

honra para Ele. Mas, se estes tivessem participado do sofrimento com Ele, isto teria sido considerado como se eles tivessem participado da expiação com Ele. Portanto, foi ordenado que estes companheiros de sofrimento fossem os piores pecadores, para que Ele pudesse suportar nossa desonra, e para que o mérito pudesse ser só seu. Isto o expôs ao ódio e ao desprezo das pessoas, que são capazes de julgar as pessoas em conjunto, e não têm curiosidade para distinguir, e concluíram que não somente Ele era um malfeitor, porque compartilhou o jugo com malfeitores, mas que Ele era o pior dos três, porque foi colocado no meio. Porém, assim a Escritura se cumpriu: “Com os malfeitores foi contado”. Ele não morreu no altar, entre os sacrifícios, nem misturou seu sangue com o de bois e bodes, mas morreu entre os criminosos, e misturou seu sangue com o daqueles que eram sacrificados em nome da justiça pública.

E agora, façamos uma pausa, e com os olhos da fé, olhemos para Jesus. Houve alguma tristeza como a sua? Veja aquele que estava vestido de glória, despido de toda ela, e vestido de vergonha, aquele que era o louvor dos anjos, tornado o opróbrio dos homens, aquele que tinha estado com prazer e alegria eternos no seio do seu Pai, agora nos extremos de dor e agonia. Veja-o sangrando, veja-o sofrendo, veja-o morrendo, veja-o e ame-o, ame-o e viva para Ele, e investigue o serviço que devemos fazer.

A Inscrição sobre a Cruz. A Crucificação

vv. 19-30

Aqui estão algumas circunstâncias notáveis da morte de Cristo, relatadas com mais detalhes do que antes, às quais devem prestar atenção especial aqueles que desejam conhecer a Jesus Cristo, e este crucificado.

I A inscrição colocada acima da sua cabeça. Observe:

1. A inscrição propriamente dita, que Pilatos escreveu e ordenou que fosse fixada na parte superior da cruz, declarando a causa pela qual Ele foi crucificado, v. 19. Mateus se referiu a ela como *aitia – a acusação*. Marcos e Lucas a chamaram de *epigraphe – a inscrição*. João a chama pela palavra adequada em latim, *titlos – o* título, e este título era “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”. Pilatos pretendia que isto fosse sua desonra, que Ele, sendo

Jesus de Nazaré, pretendesse ser o rei dos judeus, e desejasse competir com César, a quem Pilatos desejava se recomendar. Pilatos queria ser muito zeloso pela honra e pelos interesses de César. Ele trataria qualquer um que quisesse ser rei apenas como alguém que tivesse um falso título de rei, um rei em metáfora, como o pior dos malfeitores. Mas Deus prevaleceu nesta questão: (1) Para que pudesse ser um testemunho adicional da inocência do nosso Senhor Jesus, pois aqui havia uma acusação que, da maneira como estava formulada, não continha crime. Se isto era tudo o que eles tinham para acusá-lo, certamente Ele não fez nada que merecesse a morte ou algemas. (2) Para que pudesse proclamar sua dignidade e honra. Este é Jesus, o Salvador, *Nazoraios*, o bendito Nazareno, santificado a Deus. Este é o rei dos judeus, o Messias, o príncipe, o cetro que subirá de Israel, como Balaão tinha predito, morrendo pelo bem do seu povo, como Caifás tinha predito. Desta maneira, todos estes três homens maus deram testemunho de Cristo, embora não tivessem intenção de fazê-lo.

2. Por quem foi vista esta inscrição (v. 20): “Muitos dos judeus leram este título”, não somente os de Jerusalém, mas também aqueles do interior, e de outras regiões, estrangeiros e prosélitos, que tinham subido para adorar na festa. Multidões o leram, e isto ocasionou uma grande variedade de reflexões e especulações, à medida que repercutia nos homens. O próprio Cristo estava ali como um sinal, um título. Há dois motivos pelos quais o título foi tão lido: (1) Porque o lugar em que Jesus foi crucificado, embora fora da porta, “era próximo à cidade”, o que sugere que, se estivesse localizado a uma grande distância da cidade, eles não teriam sido levados, nem pela sua curiosidade, a ir e vê-lo, e lê-lo. É uma vantagem ter os meios de conhecer a Cristo trazidos às nossas portas. (2) Porque estava escrito em hebraico, e grego, e latim, o que o fez inteligível a todos. Todos compreendiam uma ou outra destas línguas, e ninguém era mais cuidadoso em ensinar seus filhos a ler do que os judeus, em geral. Da mesma maneira, isto o tornava mais merecedor de consideração. Todos ficariam curiosos para descobrir o que estava tão habilmente escrito nas três línguas mais conhecidas. No idioma hebraico, estavam registrados os oráculos de Deus; em grego, o conhecimento dos filósofos; e em latim, as leis do império. Em cada uma destas línguas, Cristo é proclamado rei, em quem estão escondidos todos os tesouros da revelação, da sabedoria e do poder. Ordenando Deus que isto fosse escrito nas três línguas mais conhecidas

daquela época, ficava implícito que Jesus Cristo deveria ser o Salvador de todas as nações, e não somente dos judeus, e também que cada nação deveria ouvir, na sua própria língua, as maravilhosas obras do Redentor. O hebraico, o grego e o latim eram as línguas popularmente conhecidas naquele tempo, nesta parte do mundo. De modo que isto está muito longe de sugerir (como insinuam os papistas) que as Escrituras devam ainda ser guardadas nestas três línguas. Ao contrário, isto nos ensina que o conhecimento de Cristo deve ser difundido em cada nação, na sua própria língua, como o veículo adequado, para que as pessoas possam conviver tão livremente com as Escrituras como o fazem com seus vizinhos.

3. A ofensa que os acusadores receberam com esta inscrição, v. 21. Eles não desejavam ver escrito: “Rei dos judeus”, mas o que ele disse dele mesmo: “Sou Rei dos judeus”. Aqui eles se apresentam: (1) Muito rancorosos e maldosos contra Cristo. Não era suficiente tê-lo crucificado, eles queriam ter também seu nome crucificado. Para justificar-se por ter-lhe dispensado tão mau tratamento, eles se preocuparam em atribuir-lhe um mau caráter, e apresentá-lo como um usurpador das honras e dos poderes aos quais não tinha direito. (2) Imprudentemente invejosos da honra da sua nação. Embora fossem um povo conquistado e escravizado, ainda se preocupavam tão minuciosamente com sua reputação, que desdenhavam ver escrito que este era seu rei. (3) Muito impertinentes e problemáticos com Pilatos. Eles não podiam deixar de saber que o tinham forçado, contra sua vontade, a condenar a Cristo, e ainda assim, em uma questão trivial como era esta, continuam a provocá-lo. E isto era ainda pior, porque, embora tivessem acusado Jesus de pretender ser o rei dos judeus, ainda assim não o tinham provado, nem Ele jamais tinha dito isto.

4. A resolução do juiz de manter o que tinha escrito: “‘O que escrevi escrevi’. Não o alterarei para contentá-los”.

(1) Aqui uma ofensa é dirigida aos principais dos sacerdotes, que ainda desejavam estar no comando. Aparentemente, pela maneira como Pilatos fala, ele estava descontente por ter se rendido a eles, e irritado com eles, por tê-lo forçado a isto. Portanto, decidiu ficar zangado com eles. E com esta inscrição, ele insinua: [1] Que, apesar do seu fingimento, eles não eram sinceros nos seus sentimentos por César e pelo seu governo. Eles estavam suficientemente motivados a ter um rei dos judeus, se pudessem ter um da sua própria escolha. [2] Que um rei como este, tão humilde e desprezível,

era suficientemente bom para ser rei dos judeus. E este seria o destino de todos os que ousassem opor-se à autoridade romana. [3] Que eles tinham sido muito injustos e irracionais ao perseguir este Jesus, quando não havia sido encontrado nele crime algum.

(2) Com isto, se fez honra ao Senhor Jesus. Pilatos permaneceu decidido na questão de que Ele era o rei dos judeus. Aquilo que ele tinha escrito era o que Deus tinha escrito antes, e, portanto, ele não podia alterá-lo. Pois assim estava escrito: “Será tirado o Messias”, Daniel 9.26. Esta, portanto, é a verdadeira causa da sua morte. Ele morre porque o rei de Israel deve morrer, deve morrer assim. Quando os judeus rejeitam a Cristo, e não o aceitam como seu rei, Pilatos, um gentio, sustenta que Ele é um rei, o que era um sinal do que viria a acontecer pouco tempo depois, quando os gentios se submeteram ao reino do Messias, contra o qual os judeus descrentes tinham se rebelado.

II A divisão das suas vestes entre os executores, vv. 23,24. Na execução, trabalharam quatro soldados, que, depois de tê-lo crucificado, pregando-o na cruz, e de terem levantado a cruz com o Senhor pendurado nela, nada mais havendo a fazer, senão esperar que Ele expirasse devido às dores extremas, como, conosco, quando o prisioneiro é condenado à pena capital, passaram a dividir suas roupas, cada qual reclamando uma parte igual. Desta maneira, fizeram uma divisão em quatro partes, com aproximadamente o mesmo valor, conforme puderam, para cada soldado uma parte. Mas sua túnica, ou manto superior, fosse um manto ou uma túnica, como era uma peça bonita e curiosa, tecida toda de alto a baixo, e não tinha costura, eles concordaram em disputá-la lançando sortes. Observe aqui: 1. A vergonha a que submeteram nosso Senhor Jesus, despindo-o das suas roupas antes de crucificá-lo. A vergonha da nudez surgiu com o pecado. Portanto, aquele que se fez pecado por nós suportou esta vergonha, para remover nossa desonra. Ele foi despido, para que nós pudéssemos ser vestidos com vestes brancas (Ap 3.18), e para que, estando vestidos, não sejamos achados nus. 2. Como estes soldados se recompensaram por terem crucificado a Cristo. Eles estavam dispostos a crucificá-lo para terem as roupas que o Senhor usava. Nada deve ser feito com tanta maldade, mas é possível encontrar homens suficientemente maus para fazê-lo por uma bagatela. Provavelmente, eles esperavam conseguir algo além do benefício

comum das suas roupas, tendo ouvido falar de curas realizadas pelo toque da orla das suas veste, ou esperando que seus admiradores pagassem algum dinheiro para obtê-las. 3. O jogo que fizeram com sua túnica sem costura. Nós não lemos que Ele tivesse tido nada valioso ou notável, exceto esta túnica, e esta, não pela riqueza, mas somente pela sua variedade, pois era tecida toda de alto a baixo. Não havia curiosidade, portanto, na forma, mas uma simplicidade proposital. Diz a tradição, que sua mãe a tinha tecido para Ele, e ainda acrescenta que ela tinha sido feita para Ele quando era criança e, como as roupas dos israelitas no deserto, não envelheceu. Mas esta é uma fantasia infundada. Os soldados julgaram que seria uma pena rasgá-la, pois então ela se desfiaria, e um pedaço dela não serviria para nada. Por isso, eles decidiram lançar sortes por ela. Enquanto Cristo estava agonizando, eles estavam alegremente dividindo seu espólio. A preservação da túnica sem costura de Cristo é considerada como mostrando o cuidado que todos os cristãos devem ter para não rasgar a igreja de Cristo com disputas e divisões. Mas alguns observaram que a razão pela qual os soldados não desejaram rasgar sua túnica não se deveu a nenhum respeito por Cristo, mas porque cada um deles desejava tê-la toda para si. E assim, muitos clamam contra as divisões somente para poderem acumular todo o poder e a riqueza para si mesmos. Aqueles que se opuseram à separação de Lutero da igreja de Roma insistiam muito na *tunica inconsutilis – a túnica sem costura*, e alguns deles colocavam tanta ênfase nisto, que eram chamados de *Inconsutilistae – Os sem costura*. 4. O cumprimento das Escrituras neste fato. Davi, em espírito, previu esta mesma circunstância dos sofrimentos de Cristo, em Salmos 22.18. O evento, respondendo de maneira tão exata à predição, prova: (1) Que as Escrituras são a Palavra de Deus, que prediz eventos contingentes a respeito de Cristo, tanto tempo antes, e que vieram a acontecer de acordo com a predição. (2) Que Jesus é o verdadeiro Messias, pois nele todas as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias foram, e são, perfeitamente cumpridas. “Os soldados, pois, fizeram essas coisas”.

III O cuidado que Jesus teve com sua pobre mãe.

1. Sua mãe está com Ele, na sua morte (v. 25): “Junto à cruz de Jesus estava sua mãe”, e alguns de seus parentes e amigos com ela, tão perto quanto podiam estar. A princípio, eles ficaram perto da cruz, como está dito

aqui. Mas depois, é provável que os soldados os tivessem forçado a se afastarem, como está escrito nos textos de Mateus e Marcos, ou eles mesmos se afastaram. (1) Veja aqui o carinhoso afeto que estas mulheres piedosas tiveram com nosso Senhor Jesus, nos seus sofrimentos. Quando todos os seus discípulos, exceto João, o tinham abandonado, elas continuaram a acompanhá-lo. Assim, os fracos foram como Davi (Zc 12.8, versão RA): não se detiveram pela fúria do inimigo, nem pelo horror da visão. Elas não puderam libertá-lo, nem aliviá-lo, mas o acompanharam para mostrar sua boa vontade. Há uma interpretação ímpia e blasfema que alguns dos autores papistas fazem do fato de Maria estar ao lado da cruz. Dizem que, com isto, ela contribuía para a expiação que Ele fazia pelo pecado, tanto quanto Ele, tornando-se, desta maneira, uma mediadora e auxiliadora conjunta na nossa salvação. (2) Nós podemos facilmente supor que aflição foi para estas pobres mulheres ver Jesus maltratado desta maneira, especialmente para sua mãe. Agora se cumpriam as palavras de Simeão: “Uma espada traspassará também a tua própria alma”, Lucas 2.35. Os tormentos de Jesus eram uma tortura para Ela. Ela era torturada enquanto Ele estava na cruz, e seu coração sangrava com os ferimentos dele. E as injúrias com as quais injuriavam Jesus caíram sobre aqueles que o acompanhavam. (3) Nós podemos, com razão, admirar o poder da graça divina, sustentando estas mulheres, especialmente Maria, nesta provação difícil. Nós não encontramos sua mãe retorcendo as mãos, ou arrancando os cabelos, ou rasgando suas roupas, nem fazendo uma gritaria, mas, com uma maravilhosa compostura, em pé, ao lado da cruz, e suas amigas com ela. Certamente, ela e aquelas que a acompanhavam eram, por um poder divino, fortalecidas a este nível de paciência, e certamente Maria tinha uma expectativa mais completa da ressurreição de Jesus do que as outras mulheres que a acompanhavam. Nós não sabemos o que conseguimos suportar, até que sejamos postos à prova, e então conheceremos àquele que disse: “A minha graça te basta”.

2. Carinhosamente, Jesus cuida da sua mãe, na sua morte. É provável que José, o marido de Maria, estivesse morto há muito tempo, e seu filho Jesus a tivesse sustentado, e seu parentesco com Ele viesse sendo seu sustento. E agora que Ele estava morrendo, o que aconteceria com ela? Ele a viu ali, ao lado, e conheceu suas preocupações e tristezas. E viu João, em pé, não muito afastado, e desta maneira Ele estabeleceu um novo parentesco, entre

sua mãe amada e seu discípulo amado. Pois Ele disse a ela: “‘Mulher, eis aí o teu filho’, por quem, a partir de agora, deverás ter um carinho maternal”, e disse a João: “‘Eis aí tua mãe’, a quem agora deverás ter um dever filial. Assim, “desde aquela hora”, aquela hora que jamais seria esquecida, “o discípulo a recebeu em sua casa”. Veja aqui:

(1) O cuidado que Cristo teve com sua querida mãe. Ele não estava tão dominado pela dor dos seus sofrimentos a ponto de se esquecer dos seus amigos. O Senhor trazia, em seu coração, todas as preocupações deles. Sua mãe, talvez, estivesse tão dominada pelos seus sofrimentos, que não pensava o que iria acontecer consigo mesma, mas Ele admitiu este pensamento. Ele não tinha ouro nem prata para deixar, nem propriedades, reais ou pessoais. Suas roupas tinham sido apreendidas pelos soldados, e nós não ouvimos falar mais nada sobre a bolsa desde que Judas, que era o responsável por ela, tinha se enforcado. Portanto, nos parece que, humanamente falando, o Senhor Jesus não tinha outra maneira de cuidar de sua mãe, senão fazendo-o através da cooperação de um bom amigo, e foi isto que Ele decidiu fazer aqui. [1] Ele a chama de mulher, não de mãe, não por algum desrespeito por ela, mas porque “mãe” teria sido uma palavra dolorosa demais para aquela cujo coração já estava ferido pela tristeza. Era como Isaque dizendo a Abraão: “Meu pai”. Ele fala como alguém que não mais estava neste mundo, mas que já estava morto para aqueles deste mundo que lhe eram mais queridos. A maneira como o Senhor Jesus falou aqui, aparentemente desprezando sua mãe, como tinha feito antes, pretendia impedir e repreender as honras indevidas que Ele previa que seriam prestadas a ela pela igreja romana, como se ela, juntamente com Ele, merecesse as honras que só podem ser dadas ao Redentor. [2] Ele ordena que ela considere a João como seu filho: “‘Eis aí o teu filho’, que está aí ao teu lado, sê como uma mãe para ele”. Veja aqui, em primeiro lugar, um exemplo da bondade divina, a ser observado para nosso encorajamento. Algumas vezes, quando Deus nos remove algum consolo, Ele nos proporciona outro, talvez onde não o procuramos. Nós lemos sobre os filhos que a igreja ainda teria depois de ter perdido os outros, Isaías 49.21. Que ninguém, portanto, considere tudo perdido, se uma cisterna secar, pois, da mesma fonte, outra cisterna poderá se encher. Em segundo lugar, um exemplo de dever filial, a ser observado e imitado por nós. Aqui Cristo ensinou os filhos a proverem, o máximo que puderem, pelo conforto dos

seus pais já idosos. Quando Davi estava em aflição, ele cuidou dos seus pais e encontrou um abrigo para eles (1 Sm 22.3). Assim também o Filho de Davi, aqui. Os filhos, na sua morte, de acordo com sua capacidade, devem prover para seus pais, se ainda viverem e precisarem desta bondade.

(2) A confiança que Ele depositava no seu discípulo amado. É a ele que Ele diz: "Eis aí tua mãe", isto é: Eu a deixo aos teus cuidados, sê para ela como um filho que a guie (Is 51.18), e "não desprezes a tua mãe, quando vier a envelhecer", Provérbios 23.22. Agora: [1] Esta era uma honra conferida a João, e um testemunho tanto da sua prudência quanto da sua fidelidade. Se aquele que conhece todas as coisas não soubesse que João o amava, não o teria feito guardião da sua mãe. É uma grande honra ser empregado a serviço de Cristo, e ser encarregado de algum dos seus interesses no mundo. Mas: [2] Seria uma preocupação e uma carga para João. Porém, ele a aceitou alegremente, e a levou à sua própria casa, sem objetar pelo incômodo ou pela despesa, nem lembrar suas obrigações com sua própria família, nem a má vontade de que poderia ser alvo, com isto. Observe que aqueles que verdadeiramente amam a Cristo, e são queridos por Ele, ficarão satisfeitos com uma oportunidade de fazer qualquer serviço para Ele ou para os dele. Nicéforo, *Eccl. Hist*., liv. 2, cap. 3, diz que Maria viveu sob os cuidados do apóstolo João, em Jerusalém, durante onze anos, e morreu. Outros dizem que ela viveu mais tempo, chegando a acompanhá-lo até Éfeso.

IV O cumprimento das Escrituras, quando lhe deram vinagre para beber, vv. 28,29. Observe:

1. O respeito que Cristo mostrou pelas Escrituras (v. 28): "Sabendo Jesus que já todas as coisas", até aqui, "estavam terminadas, para que a Escritura", que falava dele bebendo, em seus sofrimentos, "se cumprisse, disse: Tenho sede", isto é, Ele pediu algo para beber.

(1) Não era estranho, de maneira nenhuma, que Ele tivesse sede. Nós o encontramos com sede em uma viagem (cap. 4.6,7), e agora, com sede, quando estava já no final da sua jornada. Certamente: Ele tinha sede, depois de todo o sofrimento que tinha passado, e muito mais agora estando em meio às agonias da morte, pronto a expirar. A perda de sangue e a dor extrema também contribuíam para que estivesse sedento. Os tormentos do inferno são representados por uma sede violenta na queixa do homem rico

que implorou por uma gota de água, para refrescar sua língua (Lc 16.24). A esta sede eterna, nós teríamos sido condenados, se Cristo não tivesse sofrido por nós.

(2) Mas a razão da sua queixa é, de certa forma, surpreendente. Estas são as únicas palavras que Ele proferiu, e pareciam uma queixa que se devia aos seus sofrimentos externos. Quando eles o açoitaram, e o coroaram com espinhos, Ele não clamou: Oh! Minha cabeça! Ou: Oh! Minhas costas! Mas disse: "Tenho sede". Pois: [1] Desta maneira, Ele expressava o trabalho da sua alma, Isaías 53.11. Ele teve sede depois da glorificação de Deus, e do cumprimento da obra da nossa redenção, e do feliz resultado do seu empreendimento. [2] Desta maneira, Ele tomou cuidado para ver cumpridas as Escrituras. Até aqui, tudo tinha sido cumprido, e Ele sabia disto, pois era o que Ele tinha cuidadosamente observado todo o tempo. E agora Ele cuidava de uma última coisa, que era a ocasião adequada para o cumprimento. Com isto, fica evidente que Ele era o Messias, não somente porque as Escrituras se cumpriam nele com exatidão, mas porque elas eram rigidamente observadas por Ele. Com isto, fica evidente que Deus estava com Ele verdadeiramente – que, em tudo o que Ele fez, Ele cumpriu exatamente a Palavra de Deus, tomando cuidado para não destruir, mas para cumprir a lei e os profetas. Agora, em primeiro lugar, as Escrituras tinham predito sua sede, e por isto Ele mesmo a relata, porque ela não poderia ter sido conhecida de outra maneira, dizendo: "Tenho sede". Estava predito que sua língua se pegaria ao seu paladar, Salmos 22.15. Sansão, um eminente tipo de Cristo, quando estava amontoando os filisteus, teve grande sede (Jz 15.18). Também Cristo, quando estava sobre a cruz, "despojando os principados e potestades". Em segundo lugar, as Escrituras tinham predito que, na sua sede, lhe dariam vinagre para beber, Salmos 69.21. Eles lhe tinham dado vinagre para beber, antes de crucificá-lo (Mt 27.34), mas a profecia não tinha se cumprido exatamente, porque não foi na sua sede. Por isto, agora Ele dizia: "Tenho sede", e pediu algo para beber outra vez. Antes, Ele não quis beber, mas agora Ele o bebeu. Cristo preferia receber uma afronta a ver qualquer profecia não ser cumprida. Isto deveria nos satisfazer em todas as nossas provações, que a vontade de Deus seja feita, e a palavra de Deus, realizada.

2. Veja o pouco respeito que seus perseguidores mostraram ter por Ele (v. 29): "Estava, pois, ali um vaso cheio de vinagre", provavelmente de acordo

com o costume, em todas as execuções desta natureza. Ou, segundo a opinião de outros, agora estava aí, propositalmente, para uma ofensa a Cristo, em lugar do cálice com vinho que eles costumavam oferecer àqueles que estavam prestes a perecer. Com este vinagre, eles encheram uma esponja, pois não lhe ofereceram um cálice, e a puseram em um hissopo, uma haste de hissopo, e assim levaram o vinagre à sua boca, *hyssopo perithentes – eles a colocaram ao redor de um hissopo,* assim pode ser interpretado. Ou, segundo outros, eles misturaram o vinagre com seiva de hissopo, e lhe deram para beber quando teve sede. Uma gota de água teria refrescado sua língua melhor do que um gole de vinagre. Mas, a isto, Ele se submeteu por nós. Nós comemos uvas verdes, e seus dentes se embotaram. Nós perdemos o direito a todos os consolos e refrigérios, e, portanto, eles foram negados a Ele. Quando o céu lhe negou um raio de luz, a terra lhe negou uma gota de água, e em seu lugar lhe ofereceu vinagre.

VA palavra final com que Ele entregou seu espírito (v. 30): "Quando Jesus tomou o vinagre", o tanto que Ele julgou adequado, "disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito". Observe:

1. O que Ele disse, e podemos supor que Ele o disse com triunfo e exultação: *Tetelestai – Está consumado,* uma palavra abrangente e consoladora. (1) "Está consumado", isto é, a maldade e a inimizade dos seus perseguidores agora tinham feito o pior. Quando recebeu esta última indignidade no vinagre que lhe ofereceram, Ele disse: "Esta é a última. Agora eu saio do seu alcance, e vou para onde os 'os maus cessam de perturbar'". (2) "Está consumado", isto é, o conselho e o mandamento do seu Pai, a respeito dos seus sofrimentos, agora estavam cumpridos. Foi um conselho determinado, e Ele tomou cuidado para que cada jota e til dele se cumprissem com exatidão, Atos 2.23. Ele tinha dito, quando iniciou seus sofrimentos: "Pai... faça-se a tua vontade". E agora Ele dizia, com prazer: "Está consumado". Sua comida e bebida eram concluir seu trabalho (cap. 4.34), e esta comida e bebida é que o mantiveram quando lhe deram fel e vinagre. (3) "Está consumado", isto é, todos os tipos e todas as profecias do Antigo Testamento, que apontavam para os sofrimentos do Messias, estavam cumpridos e respondidos. Ele fala como se, agora que lhe tinham dado o vinagre, Ele não pudesse se lembrar de nenhuma palavra no Antigo Testamento que devesse ser cumprida, entre Ele e sua morte, que não

tivesse sido cumprida. Tais como o fato de que Ele foi vendido por trinta moedas de prata, suas mãos e seus pés foram perfurados, suas roupas, repartidas etc., e agora isto está completo. “Está consumado”. (4) “Está consumado”, isto é, a lei cerimonial está abolida, e um ponto final foi colocado às suas obrigações. A essência agora é chegada, e todas as sombras se foram. Justamente agora, o véu se rasga, a parede de separação é derrubada, até mesmo a lei dos mandamentos que consistia em ordenanças, Efésios 2.14,15. A lei mosaica se dissolveu, para abrir caminho para “uma melhor esperança”. (5) “Está consumado”, isto é, o pecado está terminado, e a transgressão chegou ao fim, trazendo a justiça eterna. Isto parece ser uma referência a Daniel 9.24. O Cordeiro de Deus foi sacrificado para tirar o pecado do mundo, e isto foi feito, Hebreus 9.26. (6) “Está consumado”, isto é, seus sofrimentos agora estavam terminados, tanto os da sua alma quanto os do seu corpo. A tempestade já passou, o pior já passou. Todas as suas dores e agonias estão no fim, e Ele está indo para o paraíso, entrando na glória que se apresenta diante de si. Que todos os que sofrem por Cristo, e com Cristo, se consolem com o fato de que em pouco tempo também poderão dizer: “Está consumado”. (7) “Está consumado”, isto é, sua vida estava terminada, Ele estava pronto para dar seu último suspiro, e agora não mais está neste mundo, cap. 17.11. Foi como a frase do bendito apóstolo Paulo (2 Tm 4.7): “Acabei a carreira”, isto é, minha corrida terminou, esgotou-se meu tempo, *mene*, *mene – contado* e *concluído*. A isto, todos nós chegaremos em pouco tempo. (8) “Está consumado”, isto é, a obra da redenção e salvação do homem agora está concluída, pelo menos a parte mais difícil do empreendimento. Uma satisfação plena é feita à justiça de Deus, um golpe fatal desferido contra o poder de Satanás, uma fonte de graça aberta que jorrará para sempre, uma fundação de paz e felicidade que nunca falhará. Agora Cristo tinha passado por todo o seu sofrimento, e o tinha consumado, cap. 17.4. Pois, no que se refere a Deus, sua obra é perfeita. “Quando Eu começo uma obra”, diz Ele, “também a concluo”. E, no que se refere ao resgate, como na aplicação da redenção, aquele que começou a boa obra, há de completá-la. O mistério de Deus será consumado.

2. O que Ele fez: “Inclinando a cabeça, entregou o espírito”. Ele foi voluntário na morte, pois Ele não somente era o sacrifício, mas o sacerdote e o ofertante, e o *animus offerentis – o espírito do ofertante* estava

completamente no sacrifício. Cristo mostrou sua vontade através dos seus sofrimentos, pelos quais todos nós somos santificados. (1) Ele “entregou o espírito”. Sua vida não foi extraída dele à força, mas Ele a entregou livremente. Ele tinha dito: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”, expressando, desta maneira, a intenção deste ato. “Eu me entrego em resgate de muitos”, e, da mesma maneira, Ele entregou seu espírito, pagou o preço do perdão, e entregou a vida nas mãos do seu Pai. “Pai, glorifica o teu nome”. (2) Ele inclinou a cabeça. As pessoas crucificadas, ao morrer, erguiam a cabeça, procurando respirar, e não inclinavam a cabeça, até ter deixado de respirar. Mas Cristo, para mostrar-se ativo na morte, inclinou sua cabeça, aparentando estar, de certa maneira, adormecido. Deus tinha colocado sobre Ele a iniqüidade de todos nós, colocando-a sobre a cabeça deste grande sacrifício. E alguns pensam que, ao inclinar a cabeça, Ele deseja mostrar o sentimento deste peso sobre si. Veja Salmos 38.4; 40.12. O inclinar da sua cabeça mostra sua submissão à vontade do seu Pai, e sua obediência à morte. Ele se submeteu à sua obra na morte, como Jacó, que “encolheu os seus pés na cama, e expirou”.

A Crucificação

vv. 31-37

Esta passagem, a respeito da perfuração do lado do corpo de Cristo, depois da sua morte, é registrada somente por este evangelista.

I Observe a superstição dos judeus, que ocasionou a perfuração (v. 31): por ser a preparação para o sábado, e este sábado, por coincidir na semana da Páscoa, era um grande dia. Para que pudessem mostrar uma veneração pelo sábado, eles não desejavam que os cadáveres permanecessem na cruz durante aquele dia sagrado. Então pediram a Pilatos que suas pernas fossem quebradas, o que seria um desenlace seguro, embora cruel, para que eles pudessem ser sepultados e estivessem fora do alcance da visão. Observe aqui: 1. A consideração que eles desejavam ter por respeitarem a aproximação do sábado, porque era um dos dias dos pães asmos, e (avaliam alguns) o dia da oferta das primícias. Todo sábado era um dia sagrado, e um bom dia, mas este era um grande dia, *megale hemera – um grande dia*. Os

sábados de Páscoa são grandes dias, dias de sacramentos, dias de ceias, dias de comunhão. E por serem grandes dias, deve haver uma preparação além do comum para os dias de repouso e adoração, para que estes possam ser verdadeiramente grandes dias para nós, como “os dias do céu”. 2. A desonra que eles imaginavam que haveria sobre este dia, se os cadáveres fossem deixados suspensos nas cruzes. Os cadáveres não deviam ser deixados na cruz, em qualquer ocasião (Dt 21.23). Mas, neste caso, os judeus teriam permitido que se observasse o costume romano, não sendo um dia extraordinário, e, por estarem muitos estranhos, de todas as partes, ali em Jerusalém, isto teria sido uma ofensa para eles. Nem eles podiam suportar a visão do corpo crucificado de Cristo, pois, a menos que suas consciências estivessem insensibilizadas, quando o calor da sua ira estivesse um pouco amainado, elas os censurariam. 3. Sua petição a Pilatos, para que os corpos, agora praticamente mortos, pudessem ser liquidados. Não estrangulando-os nem decapitando-os, o que teria sido um abreviamento piedoso da sua infelicidade, como o *coup de grace* (como os franceses o chamam) àqueles que estão à morte, o golpe de misericórdia, mas quebrando suas pernas, o que os mataria em meio à dor mais aguda. Observe que: (1) “As misericórdias dos ímpios são cruéis”. (2) A santidade fingida dos hipócritas é abominável. Estes judeus desejavam ser considerados como tendo uma grande consideração pelo sábado, mas não tinham consideração pela justiça. Eles não se importavam em levar uma pessoa inocente e excelente à cruz, mas tinham escrúpulos em deixar um cadáver suspenso na cruz.

II A morte dos dois salteadores que foram crucificados com Ele, v. 32. Pilatos ainda estava contentando os judeus, e deu ordens para que se fizesse o que eles desejavam: “Foram, pois, os soldados”, insensíveis a todas as impressões de piedade, e “quebraram as pernas ao primeiro e ao outro”, o que, sem dúvida, arrancou deles gritos hediondos, e os fez morrer de acordo com a disposição sangrenta de Nero, pois sentiam que estavam morrendo. Um destes salteadores era penitente, e tinha recebido de Cristo a certeza de que logo estaria com Ele no paraíso, mas ainda assim morreu na mesma dor e sofrimento que a do outro salteador, pois “tudo sucede igualmente a todos”. Muitos vão para o céu em meio aos apertos da morte, e morrem “na amargura do seu coração”. As agonias extremas da morte não

impedem os consolos vivos que esperam pelas santas almas do outro lado da morte. Cristo morreu, e foi para o paraíso, mas indicou uma guarda que o conduzisse para lá em seguida. Esta é a ordem da ida ao céu – “Cristo, as primícias” e o precursor, e “depois, os que são de Cristo”.

III A prova feita para ver se Cristo estava vivo ou não, e a eliminação da dúvida.

1. Eles viram que Ele já estava morto, e por isto não quebraram suas pernas, v. 33. Observe aqui: (1) Que Jesus morreu em menos tempo do que as pessoas crucificadas normalmente levavam para morrer. A estrutura do seu corpo foi rompida pela dor em menos tempo, provavelmente devido a uma condição debilitada, de muita fraqueza. Ou, mais exatamente, isto devia mostrar que Ele entregou voluntariamente sua vida, e pôde morrer quando desejou fazê-lo, embora suas mãos estivessem pregadas. Embora tenha se rendido à morte, Ele não foi derrotado. (2) Que seus inimigos ficaram satisfeitos porque Ele estava realmente morto. Os judeus, que ainda estavam por ali, para ver a execução concluída, não teriam omitido esta crueldade, se não tivessem certeza de que Ele estava fora do alcance dela. (3) Independentemente dos propósitos que há no coração do homem, o conselho do Senhor permanecerá. O desejo era de quebrar suas pernas, mas, como o conselho de Deus era outro, isto foi evitado.

2. Por desejarem ter certeza de que Ele estava morto, eles fizeram esta prova, para tirar todas as dúvidas. “Um dos soldados lhe furou o lado com uma lança”, certamente desejando atingir seu coração, “e logo saiu sangue e água”, v. 34.

(1) O soldado aqui resolveu decidir a questão, quanto a se Ele estava morto ou não, com este honroso ferimento no seu lado, para substituir o método terrível de abreviamento da morte que eles tinham adotado com os outros dois. Diz a tradição que o nome deste soldado era Longino, e que, tendo um problema nos olhos, ele foi imediatamente curado por algumas gotas de sangue que, saindo do lado de Cristo, caíram nos seus olhos. Isto seria suficientemente significativo, se tivéssemos alguma boa fonte autorizada desta história.

(2) Mas Deus tinha outro desígnio aqui, que era:

[1] Dar uma evidência da verdade da morte de Cristo, como prova da sua ressurreição. Se Ele estivesse somente em transe, ou desmaiado, sua

ressurreição seria um fingimento. Mas, com esta prova, Ele estava certamente morto, pois esta lança rompeu a verdadeira fonte da vida, e, de acordo com toda a lei e todo o curso da natureza, era impossível que um corpo humano sobrevivesse a um ferimento como este, nos órgãos vitais, e a esta perda dos fluidos.

[2] Dar uma explicação dos desígnios da morte de Cristo. Havia muito mistério na morte do Senhor, e o fato de que ela fosse comprovada solenemente (v. 35) sugere que havia algo de milagroso nela. Outro ponto admirável e interessante é o fato de o sangue e a água saírem distintos e separados da mesma ferida. Ele era, no mínimo, muito significativo. Este mesmo apóstolo se refere a isto como algo digno de muita consideração, 1 João 5.6,8.

Em primeiro lugar, a perfuração do seu lado era significativa. Quando desejamos declarar nossa sinceridade, desejamos que existisse uma janela nos nossos corações, para que seus pensamentos e intenções pudessem ser visíveis a todos. Por esta janela, aberta no lado de Cristo, você pode olhar dentro do seu coração, e ver ali amor flamejante, amor tão forte quanto a morte. É possível ver nossos nomes escritos ali. Alguns entendem que isto é uma alusão à abertura do lado de Adão, na fase da inocência. Quando Cristo, o segundo Adão, caiu em um sono profundo sobre a cruz, então seu lado foi aberto, e dele foi tirada sua igreja, que Ele desposou. Veja Efésios 5.30,32. Nosso devoto poeta, George Herbert, no seu poema intitulado *The Bag* (*A Bolsa*), de maneira muito piedosa, apresenta nosso Salvador, quando teve seu lado perfurado, falando desta maneira aos seus discípulos:

Se vocês tiverem alguma coisa para enviar, ou escrever
(Eu não tenho bolsa, mas há lugar aqui),
Isto chegará em segurança às mãos do meu Pai, e diante dos seus olhos
(Creiam em mim).
Eu me importarei com o que vocês enviarem,
Vejam, coloquem o que desejarem enviar muito perto do meu coração.
Ou, se depois algum dos meus amigos
Desejar me usar desta maneira, a porta
Ainda estará aberta. O que ele enviar,
Eu irei apresentar, junto com alguma coisa mais,
Não para que seja ainda mais ferido. Os suspiros terão um significado para

mim.
Ouça, Desespero, vá embora.

Em segundo lugar, o sangue e a água que saíram do ferimento eram significativos. 1. Eles significavam os dois grandes benefícios de que todos os crentes participam, por meio da justificação e santificação de Cristo. O sangue, para a remissão, a água, para a regeneração. O sangue, para a expiação, a água, para a purificação. O sangue e a água eram muito usados sob a lei. A culpa contraída devia ser expiada pelo sangue. As manchas contraídas deviam ser eliminadas pela água da purificação. Estes dois elementos sempre devem andar juntos. “Haveis sido lavados… haveis sido santificados”, 1 Coríntios 6.11. Cristo os uniu, e nós não devemos pensar em separá-los. Ambos fluíram do lado perfurado do nosso Redentor. Ao Cristo crucificado, nós devemos tanto o mérito pela nossa justificação como o Espírito e a graça pela nossa santificação, e nós temos tanta necessidade destes últimos quanto do primeiro, 1 Coríntios 1.30. 2. Eles significavam as duas grandes ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor, pelos quais estes benefícios são representados, selados e aplicados aos crentes. Nós devemos sua instituição e sua eficácia a Cristo. Não é a água na fonte que será, para nós, a “lavagem da regeneração”, mas a água do lado de Cristo. Não é o sangue da uva que irá tranqüilizar a consciência e revigorar a alma, mas o sangue do lado de Cristo. Agora a pedra estava ferida (1 Co 10.4), agora a fonte estava aberta (Zc 13.1), agora estavam escavadas as fontes da salvação, Isaías 12.3. Aqui estava o “rio cujas correntes alegram a cidade de Deus”.

IV A confirmação da verdade deste fato, por uma testemunha ocular, (v. 35), o próprio evangelista. Observe:

1. Que testemunha competente dos fatos ele foi. (1) Aquilo de que deu testemunho, ele viu. Ele não sabia disto por ouvir rumores, nem por sua própria conjetura, mas porque tinha sido testemunha ocular deste acontecimento. “O que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado” (1 Jo 1.1; 2 Pe 1.16), e “já informado minuciosamente de tudo”, Lucas 1.3. (2) O que ele viu, ele registrou fielmente. Como uma testemunha fiel, ele não somente escreveu a verdade, mas toda a verdade, e não somente a confirmou oralmente, mas a deixou registrada por escrito, *in*

perpetuam rei memoriam – como um memorial perpétuo. (3) Seu registro é indubitavelmente verdadeiro, pois ele escreveu não somente a partir do seu conhecimento e da sua observação pessoal, mas dos ditados do Espírito da verdade, que conduz a toda a verdade. (4) Ele mesmo tinha uma certeza completa sobre o que escrevia, e não persuadia outros a crerem naquilo em que ele mesmo não cria: "Sabe que é verdade o que diz". (5) Portanto, ele testemunhou estas coisas, para que também possamos crer nelas. Ele não as registrou meramente para sua própria satisfação, nem para o uso particular dos seus amigos, mas as publicou para o mundo; não para agradar aos curiosos, nem para distrair os astutos, mas para atrair os homens a crer no Evangelho, para que tenham o bem-estar eterno.

2. Que preocupação ele mostrou neste exemplo particular. Para que pudéssemos ter certeza da verdade da morte de Cristo, ele viu sair o sangue do seu coração, o sangue da sua vida, e para que pudéssemos ter certeza dos benefícios que fluem para nós de sua morte, representados pela água e pelo sangue que fluíram do seu lado. Que isto silencie os temores dos cristãos fracos, e incentive suas esperanças, a iniqüidade não lhes servirá de tropeço, pois saíram sangue e água do lado perfurado de Cristo, para justificá-los e santificá-los. E se você perguntar: Como posso ter certeza disto? Você pode ter certeza, porque "aquele que o viu testificou".

V O cumprimento das Escrituras em tudo isto (v. 36): "Para que se cumprisse a Escritura", e assim a honra do Antigo Testamento fosse preservada, e a verdade do Novo Testamento fosse confirmada. Aqui estão dois exemplos:

1. A Escritura se cumpriu na preservação das suas pernas, evitando que fossem quebradas. Nisto se cumpriu aquela predição: "Nenhum dos seus ossos será quebrado". (1) Havia uma promessa deste feito, na verdade, a todos os justos, mas principalmente apontando para Jesus Cristo, o justo (Sl 34.20): "Ele lhe guarda todos os seus ossos; nem sequer um deles se quebra". E Davi, em espírito, diz: "Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem é como tu?" Salmos 35.10. (2) Havia um tipo disto no cordeiro pascal, o que parece ser a referência especial aqui (Êx 12.46): "Nem dela quebrareis osso", e isto se repete (Nm 9.12): " Dela não quebrarão osso algum". A vontade do legislador deve estar de acordo com a lei, mas o antítipo deve responder ao tipo. "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por

nós”, 1 Coríntios 5.7. Ele é “o Cordeiro de Deus” (cap. 1.29), e, como a verdadeira Páscoa, seus ossos não foram quebrados. Esta ordem foi dada a respeito dos seus ossos, quando morto, como a de José, Hebreus 11.22. (3) Havia um significado no fato de seus ossos não serem quebrados. A força do corpo está nos ossos. A palavra hebraica empregada para ossos quer dizer força, e, portanto, nem um osso de Cristo deve ser quebrado, para mostrar que, embora Ele seja crucificado em fraqueza, sua força para nos salvar não está, de nenhuma maneira, quebrada. O pecado quebra nossos ossos, como quebrou os de Davi (Sl 51.8), mas não quebrou os ossos de Cristo. Ele permaneceu firme sob a carga, poderoso para salvar.

2. A Escritura se cumpriu na perfuração do lado de Cristo (v. 37): “Verão aquele que traspassaram”, assim estava escrito, Zacarias 12.10. E naquela passagem, o mesmo que derrama o Espírito da graça, e não pode ser outro, exceto o Deus dos santos profetas, diz: “Olharão para mim”, o que aqui se aplica a Cristo: “Verão aquele”. (1) Aqui está implícito que o Messias será transpassado, e aqui isto teve um cumprimento maior do que no perfurar das suas mãos e dos seus pés. Ele foi perfurado pela casa de Davi, e pelos habitantes de Jerusalém, ferido na casa de seus amigos, como foi profetizado em Zacarias 13.6. (2) Está prometido que, quando o Espírito fosse derramado, eles olhariam para Ele e se lamentariam. Isto se cumpriu, em parte, quando muitos daqueles que eram seus traidores e assassinos compungiram-se em seu coração e vieram a crer nele. Isto se cumprirá ainda mais, em misericórdia, quando todo o Israel for salvo, e, em ira, quando todos aqueles que persistiram na sua infidelidade virem aquele a quem traspassaram, e se lamentarem sobre ele, Apocalipse 1.7. Mas isto se aplica a todos nós. Todos nós somos culpados de traspassar o Senhor Jesus, e precisamos contemplá-lo com os sentimentos adequados.

O Sepultamento de Cristo

vv. 38-42

Aqui temos um relado do sepultamento do bendito corpo do nosso Senhor Jesus. Os funerais solenes dos grandes homens normalmente são observados com curiosidade. Os funerais dolorosos dos amigos queridos são acompanhados com carinho. Venham e vejam um funeral

extraordinário. Nunca houve nenhum como este! Venham e vejam um sepultamento que venceu a sepultura, e a sepultou, um sepultamento que tornou belo o sepulcro, e o suavizou para todos os crentes. Viremo-nos para lá e vejamos esta grande visão. Aqui temos:

I A solicitação do corpo, v. 38. Isto foi feito por José de Ramá, ou de Arimatéia, a quem não se faz menção em toda a história do Novo Testamento, exceto na narrativa que cada um dos evangelistas nos faz do sepultamento de Cristo, onde ele esteve principalmente envolvido. Observe: 1. O caráter deste José. Ele era um discípulo de Cristo *incognito – em segredo*, um amigo de Cristo melhor do que ele desejava que soubessem que era. Era sua honra ser discípulo de Cristo. E há alguns como ele, que são grandes homens, inevitavelmente relacionados com homens maus. Mas foi fraqueza sua ter sido discípulo tão secretamente, quando deveria ter confessado a Cristo diante dos homens, sim, mesmo que tivesse perdido suas primazias devido a esta atitude. Os discípulos devem se mostrar abertamente, ainda que Cristo possa ter muitos que são seus discípulos sinceramente, embora em segredo. Ser um discípulo em segredo é melhor do que nada, especialmente se, como aconteceu com José aqui, ele ficar cada vez mais forte. Alguns que em provações menores foram tímidos, em provações maiores foram muito corajosos. Assim foi José aqui. Ele ocultou seu afeto por Cristo, por temor aos judeus, para que não o expulsassem da sinagoga, pelo menos do Sinédrio, que era tudo o que eles podiam fazer. Ele foi corajosamente até Pilatos, o governador, mas temia os judeus. A maldade impotente daqueles que podem apenas censurar, insultar e vociferar, algumas vezes é mais formidável do que poderíamos pensar, mesmo em se tratando de homens bons e sábios. 2. O papel que ele teve neste assunto. Tendo, graças à sua posição, acesso a Pilatos, ele desejava sua permissão para cuidar do corpo. A mãe e os amigos queridos de Jesus nem imaginaram nem se interessaram em tentar algo como isto. Os discípulos haviam partido. Se não aparecesse ninguém, os judeus ou os soldados o sepultariam com os salteadores. Por isto, Deus fez este homem se levantar para interceder no assunto, para que as Escrituras se cumprissem, e fosse conservado o decoro devido à sua ressurreição, que estava próxima. Observe que, quando Deus tem algum trabalho a ser feito, Ele é capaz de encontrar as pessoas adequadas para fazê-lo, e de encorajá-

las a fazê-lo. Observe, como um exemplo da humilhação de Cristo, que seu corpo ficou à mercê de um juiz pagão, e José precisou implorar por ele antes que pudesse ser sepultado, e também que José não pôde retirar o corpo antes de ter pedido e obtido a permissão do governador, pois, nas coisas que são do interesse do magistrado, nós devemos sempre prestar respeito à sua autoridade, e sujeitarmo-nos pacificamente a ela.

II A preparação das especiarias, v. 39. Isto foi feito por Nicodemos, outra pessoa de qualidade, e em função pública. Ele trouxe "um composto de mirra e aloés", que alguns pensam que eram ingredientes amargos, para preservar o corpo, e outros julgam que eram fragrantes, para perfumar o corpo. Aqui temos: 1. O caráter de Nicodemos, que é muito parecido com o de José. Ele era um amigo secreto de Cristo, embora não fosse seu seguidor constante. A princípio, ele fora ter com Jesus à noite, mas agora o reconhecia publicamente, como antes, cap. 7.50,51. Aquela graça que, a princípio, é como uma cana quebrada, pode, posteriormente, se tornar como um cedro resistente, e o carneiro trêmulo pode se tornar intrépido como o leão. Veja Romanos 14.4. É um mistério que José e Nicodemos, homens tão importantes, não aparecessem antes, solicitando a Pilatos que não condenasse a Cristo, especialmente vendo-o tão pouco disposto a fazê-lo. Implorar pela sua vida teria sido um serviço mais nobre do que implorar pelo seu corpo. Mas Cristo não desejaria que nenhum dos seus amigos se esforçasse para evitar sua morte, quando sua hora já era chegada. Enquanto seus perseguidores estavam permitindo o cumprimento das Escrituras, seus seguidores não deviam impedi-lo. 2. A generosidade de Nicodemos, que foi considerável, embora de natureza diferente. José serviu a Cristo com sua influência, Nicodemos, com sua bolsa. Eles provavelmente tinham combinado que, enquanto um deles estava obtendo a permissão, o outro devia preparar as especiarias, e isto para poupar tempo, porque o tempo era curto. Mas, por que eles se preocuparam tanto com o corpo de Cristo? (1) Alguns pensam que podemos ver nisto a fraqueza da sua fé. Uma crença forte na ressurreição de Cristo, no terceiro dia, teria-lhes poupado esta preocupação e este custo, e teria sido mais aceitável do que todas as especiarias. Realmente, aqueles corpos para os quais o sepulcro será uma morada por muito tempo, precisam ser protegidos de um modo conveniente. Mas, que necessidade tinha de tal acessório para o sepulcro alguém que,

como um viajante, apenas se hospedaria dentro dele, para passar somente uma ou duas noites? (2) No entanto, nós podemos ver nisto claramente a força do seu amor. Com isto, eles mostraram o valor que davam à pessoa e à doutrina de Cristo, e que não foi diminuído pela desonra da cruz. Aqueles que tinham sido tão aplicados em profanar sua coroa, e fazer cair ao chão sua honra, já podiam ver que tinham imaginado uma coisa inútil, pois, se Deus o tinha honrado nos seus sofrimentos, também os homens, até mesmo os grandes homens, o fariam. Eles mostraram não somente o respeito caridoso de entregar seu corpo à terra, mas o respeito honorável mostrado a grandes homens. Eles podiam agir deste modo, e ainda crer e esperar pela sua ressurreição. Na verdade, isto eles podiam fazer, na crença e expectativa da sua ressurreição. Como Deus designava honra para seu corpo, eles lhe confeririam honra. No entanto, nós devemos cumprir nossos deveres conforme o dia e as oportunidades, deixando que Deus cumpra suas promessas à sua própria maneira, e no seu próprio tempo.

III O corpo preparado, v. 40. Eles devem tê-lo levado a alguma casa próxima e, tendo-o lavado do sangue e da poeira, o envolveram em lençóis, de maneira muito decente, com as especiarias provavelmente fundidas em um ungüento, à maneira dos judeus sepultarem, ou embalsamarem (segundo o Dr. Hammond), assim como nós fazemos cremações. 1. Aqui se cuidou do corpo de Cristo: eles “o envolveram em lençóis”. Além das roupas que pertencem a nós, Cristo vestiu até mesmo a roupa do sepulcro, para tornar seu uso mais fácil para nós, e para nos capacitar a chamá-la de nossa roupa de bodas. Eles envolveram o corpo com as especiarias, pois todas as suas roupas, sem excetuar sua roupa de sepultamento, cheiravam a mirra e aloés (as especiarias aqui mencionadas) dos palácios de marfim (Sl 45.8), e a sepultura cavada em uma rocha foi um palácio de marfim para Cristo. Cadáveres e sepulturas são repugnantes e ofensivos. Por isto, o pecado é comparado a um corpo de morte, e a um sepulcro aberto. Mas o sacrifício de Cristo, sendo para Deus como um cheiro suave, tinha removido nossa contaminação. Nenhum ungüento ou perfume pode alegrar o coração como o faz o sepulcro do nosso Redentor, onde há fé para perceber seus odores perfumados. 2. De acordo com este exemplo, nós devemos ter consideração com os cadáveres dos cristãos, não consagrando e adorando seus restos, nem mesmo os dos santos e mártires

mais eminentes (pois nada parecido com isto foi feito ao cadáver do próprio Cristo), mas depositando-os cuidadosamente, o pó ao pó, como aqueles que crêem que os cadáveres dos santos ainda estão unidos a Cristo e destinados à glória e à imortalidade no último dia. A ressurreição dos santos se dará em virtude da ressurreição de Cristo, e, portanto, ao sepultá-los, nós devemos pensar no sepultamento de Cristo, pois a Palavra do Senhor nos diz: “Os teus mortos viverão”, Isaías 26.19. Ao sepultarmos nossos mortos, não é necessário, em todas as circunstâncias, imitarmos o sepultamento de Cristo, como se precisássemos ser envoltos em lençóis, sepultados em um jardim, e embalsamados como Ele foi. Mas o fato de que Ele foi sepultado à maneira dos judeus nos ensina que, nas questões desta natureza, nós devemos estar em conformidade com o uso do país onde vivemos, exceto nas superstições dos povos que não conhecem o Senhor.

IV A sepultura escolhida, em um jardim que pertencia a José de Arimatéia, muito perto do lugar onde Ele tinha sido crucificado. Ali havia um sepulcro, ou uma caverna, preparada para a primeira ocasião, mas que nunca tinha sido usada. Observe:

1. Que Cristo foi sepultado fora da cidade, pois o costume dos judeus era de sepultar, não nas suas cidades, e muito menos nas suas sinagogas, o que alguns consideram ser muito melhor do que nossos costumes de sepultamento. Porém, houve uma razão peculiar para isto, que não se aplica agora, porque, ao tocar um sepulcro, a pessoa contraía uma contaminação cerimonial. Mas agora que a ressurreição de Cristo alterou as propriedades do sepulcro, e removeu sua contaminação para todos os crentes, nós não precisamos nos manter afastados dele. O bom aperfeiçoamento não é prejudicado pelo fato de alguns terem a congregação dos mortos no terreno da igreja, rodeando a congregação dos vivos que estão na igreja, uma vez que eles também estão morrendo, e em meio à vida nós estamos em morte. Aqueles que não visitarem o santo sepulcro por alguma superstição, mas com fé, serão certamente beneficiados, pois sairão do meio dos ruídos deste mundo.

2. Que Cristo foi sepultado em um jardim. Observe: (1) Que José tinha seu sepulcro neste jardim. Assim ele o planejou, para que pudesse ser uma lembrança: [1] A si mesmo, enquanto vivesse. Quando ele estava desfrutando do seu jardim, e colhendo o que ele produzia, ele podia pensar

na morte e ser motivado a preparar-se para ela. O jardim é um lugar adequado para a meditação, e um sepulcro ali pode nos propiciar um assunto adequado para meditação, um assunto que nos recusamos a admitir em meio aos nossos prazeres. [2] Aos seus herdeiros e sucessores, quando ele tivesse morrido. É bom conhecermos o lugar do sepulcro dos nossos pais, sua situação, pois talvez possamos tornar o nosso menos formidável, se nos familiarizarmos mais com o deles. (2) Que o corpo de Cristo foi depositado em um sepulcro em um jardim. No jardim do Éden, a morte e o sepulcro receberam o poder pela primeira vez, e agora, em um jardim, eles são derrotados, desarmados e vencidos. Em um jardim, Cristo deu início à sua paixão, e de um jardim, Ele ressuscitaria, e daria início à sua exaltação. Cristo caiu no chão como um "grão de trigo" (cap. 12.24), e por isto foi semeado em um jardim, entre as sementes, pois seu orvalho será como o "orvalho das ervas", Isaías 26.19. Ele é "a fonte dos jardins", Cantares 4.15.

3. Que Ele foi sepultado em um sepulcro novo. Isto foi ordenado desta maneira: (1) Para a honra de Cristo. Ele não era uma pessoa comum, e, portanto, não devia se misturar com o pó comum. Aquele que tinha nascido de um útero virgem deveria ressuscitar de um sepulcro virgem. (2) Para a confirmação da verdade da sua ressurreição, para que não se sugerisse que não fosse Ele, mas que outro tivesse ressuscitado naquela ocasião, quando tantos corpos de santos foram ressuscitados. Ou que Ele tivesse ressuscitado pelo poder de outro, como o homem que reviveu tocando os ossos de Eliseu, e não pelo seu próprio poder. Aquele que fez novas todas as coisas, fez com que o sepulcro fosse novo para nós.

V O funeral solenizado (v. 42): "Ali... puseram a Jesus", isto é, o corpo de Jesus. Alguns pensam que mencionar Jesus aqui sugere a inseparável união entre as naturezas divina e humana. Mesmo este cadáver era Jesus, o Salvador, pois sua morte é nossa vida. Jesus ainda é o mesmo, Hebreus 13.8. Ali o puseram, porque era o dia da preparação.

1. Observe aqui a deferência que os judeus tinham pelo sábado, e pelo dia da preparação. Antes do sábado da Páscoa, eles tinham um dia solene de preparação. Este dia tinha sido mal observado pelos principais dos sacerdotes, que se denominavam de igreja, mas foi bem observado pelos discípulos de Cristo, que eram considerados perigosos à igreja, e freqüentemente é assim. (1) Eles não desejavam adiar o funeral até o

sábado, porque é necessário um dia de descanso e alegria para os santos, algo com que as atividades e a tristeza de um funeral não combinam. (2) Eles não desejavam realizá-lo muito tarde, no dia da preparação para o sábado. Aquilo que deve ser feito na tarde que antecede o dia de repouso, deve ser planejado para que não invada este dia, nem nos indisponha para suas atividades.

2. Observe a comodidade que tiveram com um sepulcro próximo. O sepulcro de que fizeram uso estava próximo. Talvez, se tivessem tido tempo, eles o tivessem lavado até Betânia, e o tivessem sepultado entre seus amigos ali. E eu tenho certeza de que Ele tinha mais direito de ter sido sepultado no sepulcro principal dos filhos de Davi do que qualquer dos reis de Judá. Mas foi assim ordenado que Ele fosse disposto em um sepulcro próximo: (1) Porque o Senhor Jesus deveria permanecer ali somente por pouco tempo, como em uma hospedaria, e, portanto, Ele aceitou a primeira que se lhe ofereceu. (2) Porque era um sepulcro novo. Aqueles que o prepararam nunca teriam imaginado quem iria inaugurá-lo, mas a sabedoria de Deus tem alcances infinitamente além dos nossos, e Ele faz o uso que desejar de nós e do que temos. (3) Com isto, somos ensinados a não ser excessivamente curiosos quanto ao lugar do nosso sepultamento. No lugar em que a árvore cair, por que não ficará? Pois Cristo foi sepultado no sepulcro que estava próximo. Foi a fé na promessa de Canaã que orientou os desejos do patriarca que queria que seus ossos fossem levados para lá, a despeito do local onde fosse sepultado. Mas agora, como esta promessa foi substituída por uma melhor, este cuidado não é mais necessário.

Assim, sem pompa ou solenidade, o corpo de Jesus é colocado no sepulcro frio e silencioso. Aqui, aquele que é nossa garantia fica aprisionado pelas nossas dívidas, de modo que, quando Ele for libertado, sua libertação será a nossa. Aqui, o Sol da justiça ficará por algum tempo, para erguer-se novamente em maior glória, e nunca mais se pôr. Aqui, temos alguém que está aparentemente cativo da morte, mas que, na verdade, é o verdadeiro vencedor da morte, pois aqui a morte propriamente dita morreu, e o sepulcro foi derrotado. Graças a Deus, que nos deu a vitória.

CAPÍTULO 20

Este evangelista, embora não tenha começado seu Evangelho como os demais, o conclui como os outros, com a história da ressurreição de Cristo. Não da ressurreição propriamente dita, pois nenhum deles descreve como Ele ressuscitou, mas das provas e evidências da sua ressurreição, que demonstraram que Ele havia ressuscitado. As provas da ressurreição de Cristo, que nós temos neste capítulo, são: I. As que ocorreram imediatamente, no sepulcro. 1. O sepulcro encontrado vazio, e os panos arrumados, vv. 1-10. 2. Dois anjos aparecendo a Maria Madalena no sepulcro, vv. 11-13. 3. O próprio Cristo manifestando-se a ela, vv. 14-18. II. As que ocorreram mais tarde, nas reuniões dos apóstolos. 1. Em uma, na tarde daquele mesmo dia em que Cristo ressuscitou, quando Tomé estava ausente, vv. 19-25. 2. Em outra, oito dias depois, quando Tomé estava com eles, vv. 26-31. O que é relatado aqui é principalmente aquilo que foi omitido pelos demais evangelistas.

A Ressurreição

vv. 1-10

Não havia nada de que os apóstolos se interessassem mais em produzir provas substanciais do que da ressurreição do seu Mestre: 1. Porque sua ressurreição era aquilo a que Ele mesmo apelava como sendo a última e mais convincente prova de que Ele era o Messias. Àqueles que não cressem nos outros sinais, se faria referência a este milagre do profeta Jonas. Portanto, os inimigos estavam muito interessados em reprimir as notícias deste sinal, porque isto seria incitar a questão e, se Ele ressuscitasse, eles não somente seriam assassinos, mas assassinos do Messias. 2. Porque era disto que dependia o cumprimento da sua missão pela nossa redenção e salvação. Se Ele der sua vida como um resgate, e não retomá-la, não parecerá que sua doação foi aceita como uma expiação. Se Ele ficar prisioneiro pela nossa dívida, e assim permanecer, nós estaremos perdidos, 1 Coríntios 15.17. 3. Porque Ele nunca se manifestou vivo, depois da sua ressurreição, a todo o povo, Atos 10.40,41. Nós deveríamos ter dito: “Que sua morte ignominiosa seja privativa, e sua gloriosa ressurreição seja pública”. Mas os pensamentos de Deus não são os nossos, e Ele ordenou que a morte de Cristo fosse pública, perante o sol, pelo mesmo sinal através

do qual o sol enrubesceu e ocultou sua face. Mas as demonstrações da sua ressurreição deveriam ser preservadas como um favor aos seus amigos em particular, e por meio deles ser divulgadas ao mundo, para que aqueles que não tinham visto, e ainda assim tinham crido, pudessem ser bem-aventurados. O método de prova é tal que dê satisfação abundante àqueles que estão piedosamente dispostos a receber a doutrina e a lei de Cristo, e ainda abre lugar para as objeções daqueles que são determinadamente ignorantes e obstinados na sua descrença. E este é um teste justo, adequado ao caso daqueles que estão em experiência.

Nestes versículos, temos o primeiro passo dado para a prova da ressurreição de Cristo, que é o sepulcro sendo encontrado vazio. “Ele não está aqui, e, sendo assim, eles devem nos dizer onde Ele está, ou concluiremos que Ele ressuscitou”.

I Maria Madalena, indo ao sepulcro, “viu a pedra tirada do sepulcro”. Este evangelista não menciona as outras mulheres que estavam com Maria Madalena, mas somente ela, porque ela foi a mais ativa e ousada nesta visita ao sepulcro, e nela ficou evidente o maior afeto. E foi um afeto despertado por uma boa causa, em consideração às grandes coisas que Cristo tinha feito por ela. Muito lhe tinha sido perdoado, por isto ela muito amava. Ela tinha mostrado seu afeto por Jesus enquanto Ele vivia, aprendendo sua doutrina, ministrando a Ele com o que tinha, Lucas 8.2,3. Não parece que ela tivesse qualquer interesse agora em Jerusalém, exceto servi-lo, pois as mulheres não eram obrigadas a subir à festa, e provavelmente ela e as outras o seguiam de perto, como Eliseu seguiu a Elias, agora que sabia que seu mestre seria tomado por de cima de sua cabeça, 2 Reis 2.1-6. Os constantes exemplos do respeito que ela tinha por Ele, na sua morte, e depois dela, provam a sinceridade do seu amor. Observe que o amor por Cristo, para ser sincero, deve ser constante. O amor de Maria Madalena por Cristo era forte como a morte, a morte de cruz, pois o amor foi o motivo pelo qual o Senhor morreu na cruz; cruel como o sepulcro, pois ela fez uma visita a ele, e não se acovardou pelos seus terrores.

1. Ela “foi ao sepulcro”, para lavar o corpo com suas lágrimas, pois foi até lá, para ali chorar e ungir Jesus com o bálsamo que tinha preparado. O sepulcro é um lugar ao qual as pessoas não desejam fazer visitas. Aqueles

que são postos entre os mortos estão separados dos vivos, e visitar um túmulo é uma demonstração de afeto pela pessoa falecida. Mas, geralmente, isto é especialmente amedrontador para as mulheres. Poderia ela, que não tinha força suficiente para afastar a pedra, pretender ter tal presença de espírito para entrar no sepulcro? A religião judaica proibia os judeus de se envolverem além do necessário com sepulcros e cadáveres. Ao visitar o sepulcro de Cristo, ela se expôs, e talvez aos discípulos, à suspeita de um desejo de furtar seu corpo. E que serviço real ela poderia fazer ao Senhor através de uma atitude como esta? Mas seu amor responde a esta, e a mil objeções similares. Observe: (1) Nós devemos nos empenhar em honrar a Cristo naquilo em que não pudermos ser produtivos para Ele. (2) O amor por Cristo remove o terror da morte e do sepulcro. Se não pudermos ir até Cristo, exceto por aquele vale escuro, mesmo ali, se o amarmos, não temeremos mal algum.

2. Ela veio tão cedo quanto pôde, pois veio: (1) “No primeiro dia da semana”, tão logo tinha terminado o sábado, desejando, não vender grãos e expor trigo (como Am 8.5), mas estar no sepulcro. Aqueles que amam a Cristo aproveitarão a primeira oportunidade de testemunhar seu respeito por Ele. Este era o primeiro dia de repouso cristão, e ela o começou da maneira correta, procurando por Cristo. Ela tinha passado o dia anterior comemorando o trabalho da criação, e, portanto, descansando. Mas agora ela estava buscando o trabalho da redenção, e por isto faz uma visita a Cristo, e este crucificado. (2) Ela “foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro”. Observe que aqueles que desejam procurar a Cristo, para encontrá-lo, devem procurá-lo cedo, isto é: [1] Procurá-lo ansiosamente, com uma preocupação tal que até mesmo interrompe o sono. Despertar-se cedo, por medo de perdê-lo. [2] Procurá-lo persistentemente. Nós devemos negar o repouso, a nós mesmos e aos nossos, para procurar a Cristo. [3] Procurá-lo logo, cedo, nos nossos dias, cedo todos os dias. “Pela manhã, ouvirás a minha voz”. Um dia que começa assim tem grandes possibilidades de terminar bem. Aqueles que procurarem a Cristo diligentemente, “sendo ainda escuro”, serão iluminados a respeito dele com uma luz que brilhará cada vez mais.

3. Ela “viu a pedra tirada do sepulcro”. Esta era aquela pedra que ela tinha visto rolar para fechar sua entrada. Isto foi: (1) Uma surpresa para ela, pois não esperava isto. Cristo crucificado é a fonte de vida. Seu sepulcro é uma

das fontes da salvação, se formos até ele com fé. Embora para um coração carnal isto seja uma fonte fechada, nós veremos que a pedra foi retirada (como Gn 29.10), e assim teremos livre acesso aos seus consolos. Os freqüentes incentivos daqueles que buscam ao Senhor bem cedo são consolos surpreendentes. (2) Era o começo de uma gloriosa descoberta. O Senhor tinha ressuscitado, embora, a princípio, ela não tenha compreendido isto. Observe que: [1] Aqueles que são mais constantes na sua adesão a Cristo, e mais diligentes nas suas buscas por Ele, normalmente têm as primeiras e mais doces notícias da graça divina. Maria Madalena, que seguiu a Cristo até o final da sua humilhação, encontrou-o no início da sua exaltação. [2] Deus normalmente se revela, e aos seus consolos, gradualmente para nós, para despertar nossas expectativas e motivar nossa busca.

II Encontrando a pedra tirada, ela corre de volta até Pedro e João, que provavelmente estavam hospedados juntos naquela parte da cidade, não muito distantes, e os coloca a par do acontecido: "'Levaram o Senhor do sepulcro', invejosos da sua honra de ter um sepulcro tão decente, 'e não sabemos onde o puseram', nem onde podemos encontrá-lo, para podermos prestar-lhe nossos últimos respeitos". Observe aqui: 1. Que Maria teve uma noção do que tinha acontecido. Ela encontrou a pedra tirada, olhou dentro do sepulcro e viu que estava vazio. Seria de se esperar que o primeiro pensamento que lhe viesse à mente fosse: Certamente o Senhor ressuscitou, pois sempre que lhes dizia que seria crucificado, o que ela tinha visto acontecer, Ele ainda acrescentava, imediatamente, que ressuscitaria ao terceiro dia. Ela tinha podido sentir o grande terremoto que aconteceu quando se dirigia ao sepulcro, ou se preparava para ir até lá, e agora via o sepulcro vazio, e ainda assim a idéia da ressurreição não entrava na sua mente? Nenhuma conjetura, nenhuma suspeita disto? É o que parece, pela estranha interpretação que ela dá à remoção da pedra, que foi muito ilógica. Observe que, quando refletimos sobre nossa própria conduta em um dia nublado e escuro, ficamos assombrados com nossa estupidez e falta de atenção, a ponto de não ter tais pensamentos que posteriormente parecem óbvios, e como eles podiam estar tão fora de alcance quando precisamos deles. Ela sugeriu: "Levaram o Senhor". Ou os principais dos sacerdotes o levaram, para colocá-lo em um lugar pior, ou José de Arimatéia e

Nicodemos o levaram, depois de pensar melhor, para evitar a má vontade dos judeus. Qualquer que fosse sua suspeita, parece que o fato de o corpo ter desaparecido tinha trazido uma grande irritação a ela, ao passo que, se ela tivesse interpretado corretamente, nada poderia ser mais feliz. Observe que os crentes fracos freqüentemente fazem objeto de suas queixas aquilo que, na verdade, é razão para esperança, e motivo de alegria. Nós nos queixamos de que este ou aquele consolo são retirados, e não sabemos como recuperá-los, quando, na verdade, a retirada dos consolos temporais que nós lamentamos se destina à ressurreição dos nossos consolos espirituais, nos quais devemos nos alegrar. 2. Que ela fez um relato a Pedro e a João. Ela não ficou se lamentando, mas colocou seus amigos a par da situação. Observe que a comunicação das nossas tristezas é uma parte importante da comunhão dos santos. Observe que Pedro, embora tivesse negado ao seu Mestre, não tinha abandonado os amigos do seu Mestre, e a sinceridade do seu arrependimento fica evidente no fato de que ele estava associado ao discípulo a quem Jesus amava. E o fato de que os discípulos mantinham sua intimidade com ele, como anteriormente, apesar da sua queda, nos ensina a restaurar aqueles que falharam, com um espírito de mansidão. Se Deus os recebeu, depois do seu arrependimento, por que não o faremos nós?

III Pedro e João correm apressadamente ao sepulcro, para verificar a verdade do que lhes tinha sido dito, e para ver se conseguiam fazer alguma outra descoberta, vv. 3,4. Alguns pensam que os outros discípulos estavam com Pedro e João quando as notícias chegaram, pois elas “anunciaram todas essas coisas aos onze”, Lucas 24.9. Outros pensam que Maria Madalena contou sua história somente a Pedro e a João, e as outras mulheres contaram sua história aos demais discípulos. Mas nenhum deles foi ao sepulcro, exceto Pedro e João, que eram dois dos três primeiros discípulos de Cristo, freqüentemente distinguidos dos demais por favores especiais. Observe que é bom quando aqueles que são mais honrados que outros, com os privilégios de discípulos, são mais ativos que outros, no dever de discípulos, mais desejosos de sofrer e arriscar-se em uma boa obra. 1. Veja aqui que uso devemos fazer da experiência e das observações de outros. Quando Maria lhes contou o que tinha visto, eles não se limitaram a aceitar a palavra dela, mas quiseram ir e ver com seus próprios olhos.

Outros nos falam do consolo e do benefício das ordenanças? Devemos nos engajar, portanto, para testá-los. Venham e vejam como é bom estar perto de Deus. 2. Veja como devemos estar prontos para compartilhar com nossos amigos suas preocupações e temores. Pedro e João correram ao sepulcro, para que pudessem dar a Maria uma resposta satisfatória pelos seus zelos. Não devemos nos ressentir de quaisquer esforços que fazemos para socorrer e consolar os fracos e medrosos seguidores de Cristo. 3. Veja que pressa devemos ter em um bom trabalho, e quando estamos realizando uma boa tarefa. Pedro e João não se importaram, nem com sua comodidade, nem com sua seriedade, mas correram ao sepulcro, para poderem mostrar a força do seu zelo e da sua afeição, e não perderam tempo. Se estivermos no caminho dos mandamentos de Deus, devemos nos manter firmemente neste caminho. 4. Veja que boa coisa é ter boa companhia em um bom trabalho. Talvez nenhum destes discípulos tivesse se arriscado a ir ao sepulcro sozinho, mas, estando juntos, não viram problema em fazê-lo. Veja Eclesiastes 4.9. 5. Veja que uma louvável competição existe entre os discípulos para ver quem será melhor, quem se superará naquilo que é bom. Não foi má educação para João, embora mais jovem, correr mais apressadamente que Pedro, e chegar primeiro ao sepulcro. Nós devemos fazer o melhor que pudermos, não invejando aqueles que conseguirem fazer melhor do que nós. Também não podemos desprezar aqueles que fizerem o que puderem, ainda que cheguem depois de nós. (1) Aquele que chegou primeiro nesta corrida foi o “discípulo a quem Jesus amava” de uma maneira especial, e que, portanto, de uma maneira especial amou a Jesus. Observe que o sentimento do amor de Cristo por nós, despertando em nós amor por Ele, irá nos fazer sobressair-nos em virtude. O amor de Cristo irá nos impulsionar, mais do que qualquer outra coisa, a sermos abundantes no dever. (2) Aquele deixado para trás era Pedro, que tinha negado seu Mestre, e estava entristecido e envergonhado por isto, e isto o atrapalhava, como um peso. O sentimento de culpa nos limita, e impede nossa expansão a serviço de Deus. Quando nossa consciência está ofendida, nós perdemos terreno.

IV Pedro e João, tendo chegado ao sepulcro, prosseguem com as buscas, mas não descobrem muita coisa.

1. João não foi mais além do que Maria Madalena. (1) Ele teve a curiosidade de olhar dentro do sepulcro, e viu que estava vazio. Ele se abaixou e olhou dentro. Aqueles que desejam encontrar o conhecimento de Cristo devem se abaixar, e olhar para dentro, devem, com o coração humilde, se submeter à autoridade da revelação divina, e devem olhar com atenção. (2) Mas ele não teve coragem de entrar no sepulcro. Os mais calorosos afetos nem sempre são acompanhados pela determinação mais ousada. Muitos são rápidos na corrida da religião, mas não se esforçam o suficiente para lutar suas batalhas com a coragem, a robustez e a perseverança necessárias.

2. Pedro, embora chegasse depois, entrou primeiro, e fez uma descoberta mais precisa do que aquela que João tinha feito, vv. 6,7. Embora João corresse mais depressa do que ele, Pedro não voltou para trás, nem permaneceu parado, mas correu atrás dele, tão rápido quanto podia. E, enquanto João olhava dentro, com muita atenção, Pedro chegou e, com grande coragem, “entrou no sepulcro”.

(1) Observe aqui a ousadia de Pedro, e como Deus reparte seus dons de maneira variada. João podia correr mais depressa do que Pedro, mas Pedro tinha mais coragem do que João. Raramente, é verdade para todas as pessoas o que Davi diz poeticamente a respeito de Saul e Jônatas, que eles eram “mais ligeiros do que as águias” e “mais fortes do que os leões”, 2 Samuel 1.23. Alguns discípulos são rápidos, e são úteis para despertar aqueles que são mais lentos. Outros são ousados, e são úteis para incentivar aqueles que são medrosos. Diversidade de dons, mas um só Espírito. Pedro aventurando-se no sepulcro pode nos ensinar: [1] Que aqueles que, com ardor, procuram a Cristo, não devem se assustar com temores irracionais e fantasias tolas: “Há um leão no caminho, um fantasma no sepulcro”. [2] Que os bons cristãos não devem ter medo do sepulcro, uma vez que Cristo já esteve nele. Pois para eles não há nada assustador no sepulcro. Não é o poço da destruição, nem são os vermes que nele há, vermes eternos. Portanto, não alimentemos, mas derrotemos, o medo que podemos sentir com a visão de um cadáver, ou por estarmos sozinhos entre os sepulcros. E, como em breve deveremos morrer e estar no sepulcro, devemos tornar a morte e o sepulcro familiares, como se fossem nossos parentes próximos, Jó 17.14. [3] Devemos desejar passar pelo

sepulcro para ir até Cristo. Este caminho, Ele percorreu para sua glória, e também nós devemos fazê-lo. Se não pudermos ver a face de Deus e viver, será melhor morrer, contemplando-a, do que nunca vê-la. Veja Jó 19.25ss.

(2) Observe a posição na qual Pedro encontrou as coisas no sepulcro. [1] Cristo tinha deixado seus lençóis ali. Com que roupas Ele se manifestou aos seus discípulos, não sabemos, mas Ele nunca apareceu nos seus lençóis, como se supõe que fazem os fantasmas. Não, Ele os deixou ali, "à parte", em primeiro lugar, porque, "havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele", Romanos 6.9. Lázaro saiu com seus lençóis, pois ele iria usá-los outra vez. Mas Cristo, ressuscitando para uma vida imortal, saiu livre destes estorvos. Em segundo lugar, porque Ele seria vestido com as vestes da glória, por isto deixa de lado estes trapos. No paraíso celestial, não haverá mais ocasião para roupas, como havia no terreno. O profeta que ascendeu deixou cair seu manto. Em terceiro lugar, quando ressuscitamos da morte do pecado para a vida da justiça, nós precisamos deixar para trás nossos lençóis, devemos nos despir de toda a nossa corrupção. Em quarto lugar, Cristo os deixou no sepulcro, de certo modo, para nosso proveito, mostrando que o sepulcro é uma cama temporária para os santos. Assim, o Senhor preparou esta cama, e a deixou pronta para eles. O lenço propriamente dito é para o uso dos sobreviventes pranteadores, para enxugarem suas lágrimas. [2] Os lençóis foram encontrados arrumados, o que serve como evidência de que seu corpo não tinha sido roubado enquanto os homens dormiam. Ladrões de sepulcros eram conhecidos por levar as roupas e deixar o corpo. Mas nenhum [anteriormente às práticas dos ressurrecionistas modernos] jamais levou o corpo e deixou as roupas, especialmente quando eram lençóis finos e novos, Marcos 15.46. Qualquer pessoa preferiria levar um corpo vestido nas suas roupas a levá-lo nu. Ou, se aqueles que supostamente o roubaram deixaram os lençóis, então não se pode supor que eles tenham tido o tempo suficiente para dobrar os lençóis, e o cuidado de fazê-lo.

(3) Veja como a coragem de Pedro incentivou João: agora ele se encorajou e entrou (v. 8), "e viu, e creu". Não creu simplesmente no que Maria tinha dito, que o corpo tinha sido levado (não se lhe deve elogio por ter crido naquilo que viu), mas começou a crer que Jesus tinha ressuscitado, embora sua fé ainda fosse fraca e hesitante.

[1] João seguiu a Pedro na aventura. Aparentemente, ele não teria entrado no sepulcro, se Pedro não tivesse entrado antes. Observe que é bom ser encorajado em um bom trabalho, pela coragem de outros. O temor da dificuldade e do perigo será removido observando a resolução e a coragem de outros. Talvez a rapidez de João tivesse feito Pedro correr mais rápido, e agora a coragem de Pedro fazia João aventurar-se mais do que um ou o outro, de outra maneira, teriam feito. Embora Pedro tivesse recentemente caído na desgraça de ser um desertor, e João tivesse sido promovido à honra de um confidente (tendo Cristo lhe confiado a tarefa de cuidar de sua mãe), ainda assim João não somente se associou a Pedro, mas não viu nenhum disparate em segui-lo.

[2] Mas, aparentemente, João antecipou a Pedro na fé. Pedro viu e admirou-se (Lc 24.12), mas João viu e creu. Uma mente disposta à contemplação pode, talvez, receber a evidência da verdade divina mais rapidamente do que uma mente disposta à ação. Mas qual foi o motivo pelo qual eles foram tão lentos de coração em crer? O evangelista nos diz (v. 9): “Porque ainda não sabiam a Escritura”, isto é, eles não levaram em consideração, nem aplicaram, nem aproveitaram devidamente, o que conheciam da Escritura, “que diz que era necessário que [Ele] ressuscitasse dos mortos”. O Antigo Testamento falava da ressurreição do Messias. Eles creram que Ele era o Messias. Ele mesmo lhes tinha dito freqüentemente que, de acordo com as Escrituras do Antigo Testamento, Ele ressuscitaria. Mas eles não tiveram a presença de espírito suficiente para explicar as aparências atuais com base nas Escrituras. Observe aqui, em primeiro lugar, como os discípulos foram inaptos, a princípio, a crer na ressurreição de Cristo, o que confirma o testemunho que posteriormente eles deram, com tanta segurança, a respeito dela. Pois, pela sua lentidão em crer, parece que eles não foram crédulos a respeito dela, nem foram daqueles que crêem em tudo o que ouvem. Se eles tivessem tido qualquer desejo de promover seus próprios interesses com isto, avidamente teriam capturado o primeiro lampejo da sua evidência, teriam incentivado e apoiado as expectativas um do outro, e teriam preparado as mentes daqueles que os seguiam para receber as notícias deste fato. Mas nós vemos, ao contrário, que suas esperanças se frustraram, isto lhes pareceu uma coisa estranha, e uma das coisas mais distantes dos seus pensamentos. Pedro e João estavam tão relutantes em crer nisto, a princípio, que nada menos do que a mais convincente prova que o evento pudesse

produzir poderia levá-los a testemunhá-lo, posteriormente, com tanta segurança. Parece que eles não somente eram homens honestos, que não desejavam enganar aos outros, mas homens cautelosos, que não desejavam ser coagidos. Em segundo lugar, qual foi a razão da sua lentidão em crer: "Ainda não sabiam a Escritura". Este parece ser o reconhecimento do evangelista, da sua própria culpa, entre os demais. Ele não diz: "Porque Jesus ainda não tinha se manifestado a eles, não tinha mostrado a eles suas mãos e seu lado", mas: "Porque Ele ainda não tinha aberto seu 'entendimento para compreenderem as Escrituras'" (Lc 24.44,45), pois esta é a mensagem profética mais segura.

3. Pedro e João não prosseguiram na sua busca, mas desistiram, oscilando entre a fé e a incredulidade (v. 10): "Tornaram, pois, os discípulos para casa". Eles voltaram *pros heautous – para seus amigos e companheiros*, os demais discípulos, nos seus próprios alojamentos, pois eles não tinham nenhuma casa em Jerusalém. Eles foram embora: (1) Por medo de serem considerados suspeitos de roubar o corpo, ou de serem acusados disto, agora que o corpo tinha desaparecido. Em vez de fortalecerem sua fé, sua preocupação é a de proteger a si mesmos, de fugir para sua própria segurança. Em tempos difíceis e perigosos, é difícil, até mesmo para os homens bons, prosseguir no seu trabalho com a determinação que lhes convém. (2) Porque estavam confusos, e não sabiam o que deveriam fazer a seguir, nem como entender o que tinham visto. Portanto, não tendo coragem de permanecer no sepulcro, eles decidem ir para casa, e esperar até que Deus lhes revele o que aconteceu, uma atitude que exemplifica a fraqueza que ainda tinham em si mesmos. (3) É provável que os demais discípulos estivessem reunidos. Eles retornam para junto deles, para contar o que tinham descoberto, e para consultar com eles o que devia ser feito, e, provavelmente, agora convocaram a reunião para o período da tarde, quando Cristo veio a eles. Deve-se observar que antes que Pedro e João fossem ao sepulcro, um anjo tinha aparecido ali, afastado a pedra, assustado os guardas e consolado as mulheres. Tão logo eles se afastaram do sepulcro, Maria Madalena vê dois anjos no sepulcro (v. 12), mas Pedro e João foram ao sepulcro, e entraram nele, e não viram nenhum anjo. Como devemos entender isto? Onde estavam os anjos quando Pedro e João estavam no sepulcro, tendo aparecido ali antes e depois dos apóstolos? [1] Os anjos aparecem e desaparecem quando querem, de acordo com as ordens e instruções que lhes são dadas. Eles podem estar, e estão, realmente,

onde não são visíveis. Na verdade, aparentemente, podem ser visíveis a uns e não a outros, ao mesmo tempo, Números 22.23; 2 Reis 6.17. É presunção desejarmos perguntar como eles se fazem visíveis, e depois invisíveis, e depois visíveis novamente. Mas o fato de que fazem isto fica evidente, com base nesta história. [2] Este favor foi mostrado àqueles que foram muito adiantados e constantes na sua procura por Cristo, e foi a recompensa daqueles que vieram primeiro e ficaram até o final, mas foi negado àqueles que fizeram uma visita rápida. [3] Os apóstolos não deviam receber suas instruções dos anjos, mas do Espírito da graça. Veja Hebreus 2.5.

A Ressurreição

vv. 11-18

Marcos nos diz que Cristo apareceu, em primeiro lugar, a Maria Madalena (Mc 16.9). Esta manifestação é aqui detalhadamente relatada, e nós podemos observar:

I A constância e o fervor do afeto de Maria Madalena pelo nosso Senhor Jesus, v. 11.

1. Ela permaneceu no sepulcro, depois que Pedro e João tinham ido embora, porque ali seu Mestre tinha estado, e porque ali era mais provável que ela tivesse notícias dele. Observe que: (1) Onde houver um verdadeiro amor por Cristo, haverá uma união constante a Ele, e uma determinação, com propósito sincero, de ser fiel a Ele. Esta boa mulher, embora o tivesse perdido, em lugar de parecer abandoná-lo, permanece junto ao sepulcro, por causa dele, e continua a amá-lo mesmo quando lhe falta o consolo do seu amor. (2) Onde houver um verdadeiro desejo de conhecer a Cristo, haverá uma busca constante dos meios de conhecimento. Veja Oséias 6.2,3: “Ao terceiro dia, nos ressuscitará”. E então conheceremos o significado desta ressurreição, se continuarmos desejando conhecer mais e mais ao Senhor, como Maria fez aqui.

2. Ela ficou ali, chorando, e suas lágrimas evidenciaram seu afeto pelo seu Mestre. Aqueles que perderam a Cristo têm motivos para chorar. Ela chorava com a lembrança dos seus amargos sofrimentos; chorava pela sua morte, e pela perda que ela e seus amigos, e toda a nação, tiveram, com esta morte;

chorava ao pensar em voltar para casa sem Ele; chorava porque não encontrava seu corpo. Aqueles que buscam a Cristo, devem buscá-lo com fervor, ansiosos (Lc 2.48), e devem chorar, não por Ele, mas por si mesmos.

3. “Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro”, e olhou dentro, para que seus olhos pudessem influenciar seu coração. Quando estamos procurando alguma coisa que perdemos, nós procuramos diversas vezes no lugar onde a deixamos pela última vez, e onde esperávamos encontrá-la. Ela olhará “sete vezes mais”, sem saber que, finalmente, poderá ver algum encorajamento. Observe: (1) O pranto não deve impedir a busca. Embora ela estivesse chorando, ela se abaixou e olhou dentro do sepulcro. (2) Aqueles que procuram com afeto, que procuram em lágrimas, têm probabilidade de procurar e encontrar.

II A visão que ela teve de dois anjos no sepulcro, v. 12. Observe aqui:

1. A descrição das pessoas que ela viu. Eram “dois anjos vestidos de branco, assentados” (provavelmente, em algum banco de pedra ou em nichos escavados na rocha), “um à cabeceira e outro aos pés”. Aqui temos:

(1) Sua natureza. Eram anjos, mensageiros do céu, enviados intencionalmente, nesta grande ocasião: [1] Para honrar o Filho, e para agraciar a solenidade da sua ressurreição. Agora que o Filho de Deus seria novamente introduzido no mundo, os anjos tinham a incumbência de adorá-lo, como tinham feito no seu nascimento, Hebreus 1.6. [2] Para consolar os santos. Para dizer boas palavras àqueles que estavam sofrendo, e, dando-lhes a notícia de que o Senhor tinha ressuscitado, prepará-los para a visão dele.

(2) Seu número: “dois”, não “uma multidão dos exércitos celestiais”, para cantar louvores, somente dois, para dar testemunho. Pois, pela boca de duas testemunhas, esta palavra seria confirmada.

(3) Sua forma de vestir: eles estavam “vestidos de branco”, indicando: [1] Sua pureza e santidade. Os melhores homens, diante dos anjos, e comparados com eles, estão vestidos de “vestes sujas” (Zc 3.3), mas os anjos são imaculados. E os santos glorificados, quando vierem a ser como os anjos, andarão com Cristo vestidos de branco. [2] Sua glória, e glorificação, nesta ocasião. O branco em que eles apareceram representava o esplendor daquele estado no qual Cristo agora estava.

(4) Sua posição e seu lugar: eles estavam assentados, como se repousando, no sepulcro de Cristo. Pois os anjos, embora não precisassem de uma

restauração, deveriam adorar e honrar a Cristo por terem sido estabelecidos por Ele. Estes anjos entraram no sepulcro, para nos ensinar a não temê-lo, nem pensar que o fato de permanecer ali durante algum tempo irá prejudicar de alguma maneira nossa imortalidade. Não irá. As questões estão organizadas de tal maneira que o sepulcro não é um desvio no nosso caminho para o céu. Isto evidencia, da mesma maneira, que os anjos devem estar empregados junto aos santos, não somente na sua morte, para levar suas almas ao seio de Abraão, mas no grande dia, para ajuntar seus corpos, Mateus 24.31. Estas guardas angelicais (e os anjos são chamados de vigias, Daniel 4.23), guardando a sepultura, depois de terem afastado os guardas que os inimigos tinham colocado ali, representam a vitória de Cristo sobre os poderes das trevas, derrotando-os e afugentando-os. Assim, Miguel e seus anjos são mais do que vencedores. Eles estão sentados, um em frente ao outro, um à cabeceira da sua cama, o outro aos pés, o que indica seu cuidado pelo corpo inteiro de Cristo, seu corpo místico, assim como pelo seu corpo natural, da cabeça aos pés. Isto também nos lembra dos dois querubins, colocados um em cada extremidade do propiciatório, um olhando para o outro, Êxodo 25.18. Cristo crucificado era o grande propiciatório, e na sua cabeça e aos seus pés estavam estes dois querubins, não com espadas flamejantes, para nos afastar do caminho da vida, mas como mensageiros de boas-vindas, para nos conduzir ao caminho da vida.

2. A misericordiosa pergunta dos anjos sobre a causa da tristeza de Maria Madalena (v. 13): “Mulher, por que choras?” Esta pergunta foi: (1) Uma repreensão ao seu pranto: “Por que você chora, quando tem motivos para alegrar-se?” Muitas correntes das nossas lágrimas se secariam diante de uma pergunta como esta, diante da busca da fonte das tristezas. Por que você está abatida? (2) Pretendia mostrar o quanto os anjos se preocupam com as tristezas dos santos, tendo a incumbência de ministrar-lhes para seu consolo. Os cristãos devem, desta maneira, ser solidários uns com os outros. (3) Propiciava uma oportunidade de informá-la daquilo que transformaria sua tristeza em gozo, removendo seu pano de saco, envolvendo-a em alegria.

3. A explicação melancólica que ela lhes dá sobre sua tristeza atual: “Porque levaram” o corpo bendito que eu vim embalsamar, e “não sei onde o puseram”. A mesma coisa que ela tinha dito anteriormente, v. 2. Nisto, podemos ver: (1) A fraqueza da sua fé. Se ela tivesse tido uma fé como um grão de mostarda, esta montanha teria sido removida. Mas freqüentemente

nós nos confundimos, desnecessariamente, com dificuldades imaginárias, que a fé nos revelaria como sendo vantagens reais. Muitas pessoas boas se queixam das nuvens e das trevas sob as quais se encontram, quando são necessários métodos de graça para humilhar suas almas, mortificar seus pecados, e despertar nelas o afeto por Cristo. (2) A força do seu amor. Aqueles que têm um afeto verdadeiro por Cristo não podem evitar grande aflição quando perdem os sinais consoladores do seu amor nas suas almas ou as oportunidades consoladoras de estar com Ele, e honrá-lo nas suas ordenanças. Maria Madalena não se desvia da sua busca pela surpresa da visão, nem se satisfaz com esta honra, mas ela ainda repete o mesmo refrão: “Levaram o meu Senhor”. Uma visão de anjos e dos seus sorrisos não será suficiente sem uma visão de Cristo e dos seus sorrisos. Não. A visão dos anjos é apenas uma oportunidade para prosseguir na sua procura por Cristo. Todas as criaturas, as mais excelentes, as mais queridas, devem ser usadas como meios, mas somente como meios, para nos levar ao conhecimento de Deus em Cristo. Os anjos lhe perguntaram: “Por que choras?” Eu tenho motivos suficientes para chorar, diz ela, pois “levaram o meu Senhor”, e, como Mica, “que mais me fica agora?” Vocês me perguntam por que choro? “Já o meu amado se retirou e se foi”. Observe que ninguém, exceto aqueles que já a sentiram, conhece a tristeza de uma alma abandonada, que tinha evidências consoladoras do amor de Deus em Cristo, e esperanças no céu, mas agora as perdeu, e caminha nas trevas. “Ao espírito abatido, quem o levantará?”

III A aparição de Cristo a Maria, enquanto ela falava com os anjos e lhes contava sua situação. Antes que eles lhe dêem qualquer resposta, o próprio Cristo se apresenta, para satisfazer sua busca, pois agora Deus nos fala por meio do seu Filho. Ninguém, exceto Ele mesmo, pode nos levar a si mesmo. Maria deseja ansiosamente saber onde estava seu Senhor, e eis que Ele está à sua direita. Observe: 1. Aqueles que não se satisfarão com nada menos do que uma visão de Cristo, não receberão nada menos. Ele nunca disse à alma que o procurava: Procura em vão. “É Cristo que você deseja ter? Cristo você terá”. 2. Ao manifestar-se àqueles que o procuram, Cristo freqüentemente supera suas expectativas. Maria espera ver o corpo de Cristo, e é sua perda que ela reclama, e eis que ela o vê, vivo. Desta maneira, Ele faz, pelo seu povo que ora, mais do que eles são capazes de pedir ou pensar.

Nesta aparição de Cristo a Maria, observe:

(1) Como, a princípio, Ele se ocultou dela.

[1] Ele apareceu como uma pessoa comum, e ela o viu desta maneira, v. 14. Ela estava esperando uma resposta dos anjos às suas queixas, e ao ver a sombra, ou ao ouvir os passos, de alguém atrás de si, ela "voltou-se para trás", deixando de falar com os anjos, e viu Jesus em pessoa, em pé, a mesma pessoa que ela estava procurando, e apesar disso, ela "não sabia que era Jesus". Observe que, em primeiro lugar, "perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado" (Sl 34.18), mais perto do que eles se dão conta. Aqueles que procuram a Cristo, embora não o vejam, podem ter certeza de que Ele não está longe deles. Em segundo lugar, aqueles que procuram o Senhor diligentemente se virarão para todos os lados, na sua busca. Maria virou-se para trás, esperando descobrir alguma coisa. Diversos dos antigos sugerem que Maria foi orientada a olhar para trás porque os anjos se levantaram, e fizeram reverência ao Senhor Jesus, a quem viram antes que Maria o visse, e que ela olhou para trás para ver a quem eles prestavam tão profunda reverência. Mas, se isto fosse verdade, não é provável que ela o confundisse com o hortelão. Portanto, foi seu profundo desejo de procurá-lo que a fez voltar-se em todas as direções. Em terceiro lugar, Cristo freqüentemente está perto do seu povo, e eles não percebem sua presença. Ela "não sabia que era Jesus". Não que Ele tivesse aparecido com outra aparência, mas talvez ela tivesse lhe dirigido um olhar rápido e desatento, e, com os olhos tão cheios de preocupação, ela não pôde distinguir bem, ou talvez seus olhos estivessem como que fechados, de modo que não o reconheceu. O mesmo aconteceu com os olhos daqueles dois discípulos, Lucas 24.16.

[2] Ele lhe fez uma pergunta comum, e ela lhe respondeu, em conformidade com ela, v. 15.

Em primeiro lugar, a pergunta que Ele lhe fez foi suficientemente natural, e que qualquer pessoa lhe poderia ter feito: "'Mulher, por que choras? Quem buscas?' O que tu vieste fazer aqui no jardim, tão cedo? E por que tanto ruído e confusão?" Talvez isto tivesse sido dito com alguma rudeza, como José falou com seus irmãos quando mostrou-se estranho para com eles, antes de se dar a conhecer a eles. Aparentemente, estas eram as primeiras palavras que Cristo falava, depois da sua ressurreição: "'Por que choras?' Eu ressuscitei". A ressurreição de Cristo tem em si o suficiente para enlaçar

todas as nossas tristezas, para estancar todas as correntes, e secar as fontes, das nossas lágrimas. Observe aqui que Cristo conhece: 1. As tristezas do seu povo, e pergunta: “Por que choras?” Ele armazena suas lágrimas, e as registra no seu livro. 2. As preocupações e as buscas do seu povo: Quem buscas, e o que desejas ter? Mesmo quando sabe que estão procurando por Ele, ainda assim Ele deseja ser informado disto por eles. Eles devem dizer-lhe a quem estão buscando.

Em segundo lugar, a resposta que ela lhe deu é suficientemente natural. Ela não lhe dá uma resposta direta, mas, como se dissesse: “Por que você me censura, e me repreende pelas minhas lágrimas? Você sabe por que choro, e a quem busco”. E, portanto, supondo que Ele fosse o jardineiro, a pessoa empregada por José de Arimatéia para embelezar e conservar seu jardim, que, pensou ela, tinha vindo cedo ao seu trabalho, ela disse: “Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei”. Veja aqui: 1. O engano da sua percepção. Ela supôs que nosso Senhor Jesus fosse o jardineiro, talvez por entender que Ele estivesse perguntando que autoridade ela tinha para estar ali. Observe que os espíritos perturbados, em um dia nublado e escuro, são capazes de apresentar Cristo de forma deturpada a si mesmos, e de interpretar erroneamente os métodos da sua providência e graça. 2. A veracidade do seu afeto. Veja como o coração de Maria Madalena estava concentrado em encontrar a Cristo. Ela faz a pergunta a todos que encontra, como a esposa preocupada: “Vistes aquele a quem ama a minha alma?” Ela fala respeitosamente com um jardineiro, e o chama de Senhor, esperando obter dele algum esclarecimento a respeito daquele a quem sua alma ama. Quando ela fala de Cristo, não menciona seu nome, mas diz: “Se tu o levaste”, assumindo que este jardineiro estava tão preocupado com Jesus quanto ela estava, e, portanto, não poderia deixar de saber a quem ela se referia. Outra evidência da força do seu afeto era que, onde quer que Ele estivesse, ela se encarregaria de buscá-lo. Um corpo como este, envolto com tal peso de especiarias, seria muito mais do que ela poderia pretender carregar, mas o verdadeiro amor pensa que pode fazer mais do que realmente pode, e menospreza as dificuldades. Ela supôs que este jardineiro tivesse se incomodado com o fato de que o corpo de alguém que tinha sido crucificado de maneira ignominiosa tivesse a honra de ser depositado no sepulcro novo do seu mestre, e por isto o tivesse removido para algum lugar miserável, que ele julgava mais adequado. Contudo, Maria não ameaça contar isto ao senhor

do jardineiro, fazendo-o perder seu trabalho por isto, mas procura descobrir outro sepulcro, ao qual Ele pudesse ser bem-vindo. Cristo não deve ficar onde é considerado um estorvo.

(2) Como Cristo, por fim, se fez conhecer a ela e, com uma agradável surpresa, deu-lhe garantias infalíveis da sua ressurreição. José, por fim, disse aos seus irmãos: Eu sou José. E o mesmo faz Cristo aqui, a Maria Madalena, agora que Ele entrou no seu estado exaltado. Observe:

[1] Como Cristo se revelou a esta boa mulher que o procurava chorando (v. 16): "Disse-lhe Jesus: Maria!" Isto foi dito com ênfase, e com o ar de bondade e liberdade com que Ele estava acostumado a falar com ela. Agora Ele mudou sua voz, e falou como Ele mesmo, e não como um jardineiro. A maneira de Cristo se fazer conhecer ao seu povo é por meio da sua palavra, sua palavra aplicada às suas almas, falando a eles, em particular. Quando aqueles a quem Deus conhece pelo nome, nos conselhos do seu amor (Êx 33.12), são chamados pelo nome, na eficácia da sua graça, então Ele revela seu Filho neles, como em Paulo (Gl 1.16), quando Cristo o chamou pelo nome: "Saulo, Saulo". E as ovelhas de Cristo conhecem sua voz, cap. 10.4. Esta única palavra, "Maria", foi como aquela dita aos discípulos no meio da tempestade, "sou Eu". Assim, a Palavra de Cristo nos faz bem quando colocamos nossos nomes nos preceitos e nas premissas. "Nisto, Cristo me chama, e fala comigo".

[2] Com que rapidez ela recebeu esta revelação. Quando Cristo disse: "Maria, você não me conhece? Você e eu nos tornamos estranhos?", ela imediatamente percebeu quem era, como a esposa (Ct 2.8): "Esta é a voz do meu amado". Ela caiu em si e respondeu: "Raboni", meu Mestre. Isto pode ser interpretado com uma interrogação: "Raboni? É meu Mestre? É realmente Ele?" Observe, em primeiro lugar, o título de respeito que ela lhe confere: meu Mestre, *didaskale – um mestre que ensina*. Os judeus chamavam seus doutores de Rabis, grandes homens. Seus críticos nos dizem que *Rabon* era, para eles, um título de maior honra que Rabi, e por isto Maria escolhe este título, e acrescenta uma nota de apropriação: meu grande Mestre. Observe que apesar da liberdade de comunhão consigo mesmo que Cristo se alegra em nos conceder, nós devemos nos lembrar de que Ele é nosso Mestre, e nos dirigirmos a Ele com um temor piedoso. Em segundo lugar, com que vivacidade de afeto ela atribui este título a Cristo. Ela voltou-se dos anjos, a quem estava olhando, para olhar para Jesus. Nós devemos

abandonar toda a nossa consideração por todas as criaturas, até mesmo as mais esplêndidas e as melhores, e fixá-la em Cristo, de quem nada deve nos desviar, e com quem nada deve interferir. Quando pensava que era o jardineiro, ela olhava para outro lado enquanto falava com ele. Mas agora que tinha conhecido a voz de Cristo, voltou-se. A alma que conhece a voz de Cristo, e que se volta para Ele, o chama, com alegria e triunfo: Meu Mestre. Veja com que prazer aqueles que amam a Cristo falam da sua autoridade sobre si. Meu Mestre, meu grande Mestre.

[3] As instruções adicionais que Cristo deu a ela (v. 17): "'Não me detenhas', mas vai e leva as novidades aos discípulos".

Em primeiro lugar, Ele a desvia da expectativa de associação e convivência familiar com Ele, nesta ocasião: "Não me detenhas, porque ainda não subi". Maria estava tão tomada pela visão do seu amado Mestre, que se esqueceu de si mesma, e do estado de glória em que Ele agora entrava, e estava prestes a expressar sua alegria abraçando-o afetuosamente, o que Cristo aqui proíbe, nesta ocasião. 1. "Não me detenhas" deste modo, sob qualquer condição, pois Eu subo para o céu. Ele pediu que os discípulos o tocassem, para a confirmação da sua fé. Ele permitiu que as mulheres abraçassem seus pés, e o adorassem (Mt 28.9). Mas Maria, supondo que Ele havia ressuscitado, como Lázaro, para viver entre eles constantemente, e conviver com eles tão livremente como tinha convivido antes, estava, com esta presunção, prestes a tomar sua mão, com a costumeira liberdade. Cristo retificou este engano. Ela devia crer nele, e adorá-lo, como exaltado, mas não devia esperar ter a mesma familiaridade com Ele, como antes. Veja 2 Coríntios 5.16. Ele a proíbe de amar sua presença física, de incitar seu coração com isto, ou de esperar aquela continuidade, e a conduz à convivência e comunhão espiritual que deveria ter com Ele, depois que Ele tivesse subido para seu Pai, pois a maior alegria da sua ressurreição era o fato de que era um passo em direção à sua ascensão. Maria pensou, agora que seu Mestre tinha ressuscitado, que Ele imediatamente estabeleceria um reino temporal, como eles tinham esperado durante tanto tempo. "Não", diz Cristo, "não me detenhas, com qualquer pensamento deste tipo. Não penses em me deter aqui. Pois, embora Eu ainda não tenha subido, 'vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo'". Assim como antes da sua morte, também agora, depois da sua ressurreição, o Senhor repete o mesmo ensino, que Ele ia partir, não mais estaria neste mundo, e, portanto, eles devem olhar além da sua presença física, e olhar

além do presente estado de coisas. 2. “Não me detenhas, não me toques, não fiques aqui para fazer mais perguntas, nem para demonstrar mais expressões de alegria, pois Eu ainda não subi, Eu não partirei imediatamente, esta demonstração de amor e carinho poderá ser feita em outra ocasião. O melhor que podes fazer agora é levar as boas novas aos discípulos. Não percas tempo, portanto, vai o mais rápido que puderes”. Observe que o serviço público deve ter preferência à satisfação privada. “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”. Jacó deve deixar o anjo partir, quando o dia amanhecer, e é hora de cuidar da sua família. Maria não deve ficar para conversar com seu Mestre, mas deve levar sua mensagem, pois é um dia de boas novas, cujo consolo ela não deve absorver, mas transmitir a outros. Veja esta história, 2 Reis 7.9.

Em segundo lugar, Ele diz a ela qual é a mensagem que deve levar aos discípulos: “Vai para meus irmãos e dize-lhes”, não somente que Eu ressuscitei (ela lhes poderia dizer isto de si mesma, pois ela o tinha visto), mas que “eu subo”. Observe:

a. A quem esta mensagem é enviada: “Vai para meus irmãos”, pois Ele não se envergonha de chamá-los assim. (*a*) Agora Ele entrava na sua glória, e era declarado como sendo o Filho de Deus com mais poder do que nunca, mas Ele ainda considera seus discípulos como seus irmãos, e se expressa com um afeto mais terno por eles do que antes. Ele os tinha chamado de amigos, mas nunca de irmãos, até agora. Embora Cristo seja elevado, Ele não é arrogante. Apesar da sua elevação, Ele não se recusa a reconhecer o relacionamento que tem com as pessoas mais simples. (*b*) Seus discípulos tinham, ultimamente, se comportado de maneira pouco sincera em relação a Ele. Ele nunca os tinha visto juntos, desde que todos o tinham abandonado e fugido, quando Ele foi preso. Com razão, Ele poderia ter-lhes enviado agora uma mensagem zangada: “Vá àqueles desertores traiçoeiros, e diga-lhes que Eu nunca mais confiarei neles, nem terei qualquer coisa a ver com eles”. Mas não. Ele perdoa, Ele esquece, e Ele não lança fora.

b. Por quem é enviada: por “Maria Madalena, da qual [Jesus] tinha expulsado sete demônios”. Porém, esta era agora uma mulher favorecida pela bênção de Deus. Esta era sua recompensa pela sua constância na união a Cristo, e na sua busca por Ele. Esta era também uma tácita repreensão aos apóstolos, que não tinham estado tão próximos quanto ela, ao acompanhar a Jesus à morte, nem tinham sido tão pioneiros quanto ela, ao encontrar o Jesus

ressuscitado. Ela se torna um apóstolo aos apóstolos.

c. Qual é a mensagem propriamente dita: “Eu subo para meu Pai”. Há duas grandes consolações nestas palavras:

(*a*) Nossa relação conjunta com Deus, resultante da nossa união com Cristo, é um consolo indescritível. Falando desta fonte inesgotável de luz, vida e bênção, Ele diz: Ele é o “meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Isto é muito expressivo da relação íntima que existe entre Cristo e os crentes: “O que santifica como os que são santificados, são todos de um”, pois eles concordam num, Hebreus 2.11. Aqui temos um avanço dos cristãos, e uma condescendência de Cristo para aproximá-los. O planejamento dos eventos e situações para que a união seja favorecida é admirável. [*a*] A grande dignidade dos crentes é que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é, em Cristo, seu Pai. Realmente, existe uma vasta diferença entre as respectivas fundações desta relação. Ele é o Pai de Cristo, por geração eterna, e nosso, por uma graciosa adoção. E até mesmo isto nos autoriza a chamá-lo, como fazia Cristo, “Aba, Pai”. Uma das razões pela qual Cristo os chamou de irmãos consistia no fato de que seu Pai era o Pai deles. Cristo agora estava subindo para comparecer como advogado junto ao Pai. Na presença de seu Pai, e por isto podemos esperar que Ele interceda em todos os assuntos. Na presença de nosso Pai, e por isto podemos esperar que Ele interceda por nós. [*b*] O fato de que Jesus se alegra em reconhecer o Deus do crente como seu Deus é uma grande condescendência de Cristo: “Meu Deus e vosso Deus”. Meu, para que possa ser seu. O Deus do Redentor, para sustentá-lo (Sl 89.26), para que Ele possa ser o Deus dos redimidos, para salvá-los. O resumo do novo concerto é que Deus será, para nós, o único Deus. Cristo é a garantia e o cabeça do concerto. É com Ele que se deve tratar primeiro. É somente por meio dele que os crentes, como sua semente espiritual, estão ligados a esta relação de concerto. Primeiro, Deus é o Deus do Senhor Jesus, e depois o nosso. Ao participarmos da natureza divina, o Pai de Cristo se torna nosso Pai. E, como Ele participa da natureza humana, nosso Deus é seu Deus.

(*b*) A ascensão de Cristo ao céu, na continuação da sua missão por nós, é, da mesma maneira, um consolo indescritível: “Dize-lhes que Eu devo subir em breve. Este é o próximo passo que Eu vou dar”. Isto pretendia ser: [*a*] Uma palavra de advertência aos discípulos, para que não esperassem a continuidade da presença física de Jesus aqui na terra, nem o estabelecimento

do seu reino temporal entre os homens, com, que eles sonhavam. “Não, diga a eles que Eu ressuscitei, não para ficar com eles, mas para prosseguir na missão por eles, ao céu”. Assim, aqueles que são ressuscitados a uma vida espiritual, em conformidade com a ressurreição de Cristo, devem admitir que ressuscitam para subir. Eles são vivificados juntamente com Cristo para que possam assentar-se com Ele nos lugares celestiais, Efésios 2.5,6. Não pensem que esta terra será sua casa e seu descanso. Não, sendo nascidos no céu, eles devem ir para o céu. Seus olhos e seu objetivo devem estar no outro mundo, e isto deve estar sempre nos seus corações: “Eu subo”, portanto devo procurar as “coisas que são de cima”. [*b*] Uma palavra de consolo a eles, e a todos os que crerão nele, por meio da palavra deles. Ele então subia, Ele agora subia ao seu Pai, e ao nosso Pai. Isto foi sua promoção. Ele subia para receber estas honras e poderes que seriam a recompensa pela sua humilhação. Ele diz isto com triunfo, para que todos os que o amam possam se alegrar. Isto é nosso benefício, pois Ele subiu como um vencedor, levando cativo o cativeiro, por nós (Sl 68.18). Ele subiu como nosso precursor, para preparar um lugar para nós e para estar pronto para nos receber. Esta mensagem é parecida com aquela que os irmãos de José levaram a Jacó a respeito dele (Gn 45.26): “José ainda vive”, e não somente isto, *vivit imo, et in senatum venit – ele vive, e vem para o senado também.* “Ele é governador sobre toda a terra do Egito”. Todo o poder é dele.

Alguns entendem que nestas palavras: “Eu subo para… meu Deus e vosso Deus”, está incluída a promessa da nossa ressurreição, em virtude da ressurreição de Cristo. Pois Cristo tinha provado a ressurreição dos mortos com as palavras: “Eu sou o Deus de Abraão”, Mateus 22.32. Assim, Cristo aqui está dizendo: “Como Ele é meu Deus, e me ressuscitou, também é vosso Deus, e irá, portanto, ressuscitar-vos, e será vosso Deus”, Apocalipse 21.3. “Porque eu vivo, e vós vivereis”. “Agora Eu subo, para honrar ao meu Deus, e vós subireis a Ele, como vosso Deus”.

IV Aqui está o relato fiel de Maria Madalena, aos discípulos, do que ela tinha visto e ouvido (v. 18): ela “foi e anunciou aos discípulos”, encontrando-os reunidos, “que vira o Senhor”. Pedro e João a tinham deixado procurando-o, em lágrimas, e não ficaram para procurá-lo com ela. E agora ela vem lhes dizer que o tinha encontrado. Maria Madalena corrige, então, o engano a que tinha sido levada, ao procurar um cadáver, pois agora ela

encontrou o Senhor em um corpo vivo e glorificado. Sim, ela, de fato, encontrou o que buscava, e, o que era infinitamente melhor, ela sentiu uma grande alegria ao contemplar o Mestre, e estava desejosa de transmitir sua alegria, pois sabia que seriam boas novas para todos os discípulos. Quando Deus nos consola, seu desígnio é que possamos consolar a outros. E assim como ela lhes disse o que tinha visto, também disse o que tinha ouvido. Ela tinha visto o Senhor vivo, do que isto era um sinal (e era um bom sinal), que Ele "lhe dissera isso" como uma mensagem a ser transmitida a eles, e ela a transmitiu fielmente. Aqueles que conhecem a Palavra de Cristo devem transmitir seu conhecimento para o bem dos outros, e não reclamar que os outros saibam tanto quanto eles sabem.

Cristo com seus Discípulos

vv. 19-25

A prova infalível da ressurreição de Cristo era o fato de que Ele "se apresentou vivo", Atos 1.3. Nestes versículos, nós temos a narrativa da sua primeira aparição ao grupo de discípulos, no dia em que ressuscitou. Jesus lhes tinha enviado as notícias da sua ressurreição por mensageiros confiáveis e dignos de crédito. Mas, para mostrar seu amor por eles, e para confirmar sua fé nele, Ele veio pessoalmente, e lhes deu todas as garantias que eles poderiam desejar da verdade da sua ressurreição, para que eles pudessem saber dela não somente por rumores, e de segunda mão, mas pudessem, eles mesmos, ser testemunhas oculares de que Ele estava vivo, porque deviam testificar isto ao mundo, e edificar a igreja sobre este testemunho. Observe aqui:

I Quando e onde houve esta aparição, v. 19. Foi no mesmo dia em que Ele ressuscitou, sendo o primeiro dia da semana, o dia depois do sábado judeu, em uma reunião privativa dos discípulos, dez deles, e alguns dos seus amigos com eles, Lucas 24.33.

Há três ordenanças secundárias (como eu as chamo) instituídas pelo nosso Senhor Jesus, que têm a função de colaborar com a continuidade da sua igreja, e com seu sustento, e também com a devida administração das ordenanças principais – a palavra, os sacramentos e a oração. Elas são o dia

do Senhor, as assembléias solenes e o ministério permanente. A vontade de Cristo a respeito de cada uma delas nos é claramente mostrada nestes versículos. As duas primeiras, aqui, nas circunstâncias desta sua manifestação, a outra, no versículo 21. O reino de Cristo deveria ser estabelecido entre os homens imediatamente depois da sua ressurreição. E, de acordo com este plano, podemos observar o dia em que o Senhor ressuscitou como um dia aparentemente pequeno aos olhos do mundo, porém o dia mais importante para a humanidade, um dia agraciado com estas solenidades que deveriam ajudar a dar prosseguimento à religião cristã e à igreja por todas as épocas.

1. Aqui está um dia de repouso cristão observado pelos discípulos, e reconhecido pelo nosso Senhor Jesus. A visita que Cristo fez aos seus discípulos aconteceu no primeiro dia da semana. E o primeiro dia da semana é (creio eu) o único dia da semana, ou mês, ou ano, que é mencionado pelo número, em todo o Novo Testamento. E este é diversas vezes mencionado como um dia observado religiosamente. Embora aqui esteja escrito expressamente (v. 1) que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana, e pudesse ter sido suficiente dizer isto aqui (v. 19), Ele apareceu aos discípulos na tarde daquele mesmo dia. Para honrar este dia, a informação é repetida: “sendo o primeiro dia da semana”. Não que os apóstolos desejassem honrar o dia (eles ainda tinham dúvidas a respeito da ocasião), mas Deus desejou honrá-lo, ordenando que eles estivessem reunidos para receber a primeira visita de Cristo naquele dia. Assim, na verdade, o Senhor abençoou e santificou aquele dia, porque nele o Redentor descansou.

2. Aqui está uma assembléia cristã, solenizada pelos discípulos, e também reconhecida pelo Senhor Jesus. Provavelmente, os discípulos estavam reunidos aqui para alguma atividade religiosa, para orarem juntos. Ou, talvez, eles estivessem reunidos para comparar observações, e considerar se tinham evidências suficientes da ressurreição do seu Mestre, e para deliberar o que devia ser feito agora, se deviam permanecer juntos ou dispersar-se. Eles se reuniram para conhecer o que os demais pensavam, para fortalecer as mãos uns dos outros, e deliberar as medidas adequadas a serem tomadas na presente situação. Esta reunião era privada, porque eles não apareciam publicamente, especialmente juntos. Eles se reuniram em uma casa, mas conservaram as portas cerradas, para que não pudessem ser vistos juntos, e para que ninguém viesse a estar entre eles, exceto aqueles a quem

conheciam. Pois eles temiam os judeus, que desejavam processar os discípulos como criminosos, de tal modo que pareciam crer na mentira com que desejavam enganar o mundo, de que os discípulos de Cristo vieram durante a noite e furtaram seu corpo. Observe que: (1) Os discípulos de Cristo, até mesmo em tempos difíceis, não devem deixar sua congregação, Hebreus 10.25. Estas ovelhas do rebanho estavam dispersas na tempestade, mas as ovelhas são sociáveis, e se reunirão outra vez. Não é novidade que as assembléias dos discípulos de Cristo sejam forçadas a esconder-se nos cantos, e forçadas a ir ao deserto, Apocalipse 12.14; Provérbios 28.12. (2) O povo de Deus freqüentemente foi obrigado a entrar em suas câmaras e fechar as portas, como aqui, por "medo dos judeus". A perseguição é designada a eles, e a fuga da perseguição lhes é permitida. E então, onde procuraremos por eles, exceto nas "covas e cavernas da terra"? É uma verdadeira tristeza, mas não uma desonra verdadeira, que os discípulos de Cristo se escondam desta maneira.

II O que foi dito e feito nesta visita que Cristo fez aos seus discípulos, e sua conversa com eles. Quando estavam reunidos, Jesus chegou entre deles, com sua própria aparência, mas com um véu encobrindo o esplendor do seu corpo, agora começando a glorificar-se, caso contrário Ele teria ofuscado seus olhos, como na sua transfiguração. Cristo pôs-se no meio deles, para dar-lhes uma amostra do cumprimento da sua promessa, de que, onde dois ou três estiverem reunidos no seu nome, aí estará Ele no meio deles. Ele chegou, embora as portas estivessem cerradas. Isto não enfraquece, de maneira nenhuma, a evidência de que Ele tinha um corpo humano real depois da sua ressurreição. Embora as portas estivessem cerradas, Ele sabia como abri-las, sem fazer nenhum ruído, e entrar de modo que eles não pudessem ouvi-lo, da mesma maneira como anteriormente Ele tinha caminhado sobre as águas, e ainda tinha um corpo verdadeiro. É um consolo para os discípulos de Cristo, quando suas assembléias solenes são reduzidas à privacidade, que nenhuma porta possa impedir a presença de Cristo junto deles. Temos cinco aspectos nesta aparição de Cristo:

(1) Sua saudação gentil e familiar aos seus discípulos: Ele lhes disse: "Paz seja convosco!" Estas não eram palavras vazias, embora normalmente sejam assim usadas nos encontros de amigos, mas uma bênção solene e incomum, conferindo a todos eles os frutos e os efeitos abençoados da sua morte e

ressurreição. A frase era comum, mas o sentido era peculiar. “Paz seja convosco” é equivalente a: Todo o bem esteja com vocês, toda a paz e todo o bem estejam sempre com vocês, sem dúvida. Cristo lhes tinha deixado sua paz como seu legado, cap. 14.27. Pela morte do testador, o testamento passa a vigorar, e agora Ele ressuscitava dos mortos, para provar o testamento e para ser, Ele mesmo, seu executor. Com esta finalidade, aqui Ele faz imediato pagamento do legado: “Paz seja convosco”. Quando Ele deseja a paz, Ele faz a paz, cria “os frutos dos lábios, paz, paz”, paz com Deus, paz nas nossas próprias consciências, paz uns com os outros. Toda esta paz esteja com vocês, não a paz com o mundo, mas a paz em Cristo. Sua repentina aparição no meio deles, quando estavam cheios de dúvidas a seu respeito, cheios de temores a seu próprio respeito, não podia deixar de colocá-los em um estado de desordem e consternação, cujos reflexos Ele acalma com estas palavras: “Paz seja convosco”.

(2) Sua manifestação clara e inegável a eles, v. 20. Observe aqui:

[1] O método que Ele usou para convencê-los da verdade da sua ressurreição: Agora eles contemplaram, vivo, aquele a quem, dois ou três dias antes, multidões tinham visto morto. Agora a única dúvida era se este que eles contemplavam vivo era o mesmo corpo que tinha sido visto morto, e ninguém poderia desejar uma prova melhor do que as cicatrizes ou marcas dos ferimentos no corpo. Agora, em primeiro lugar, as marcas dos ferimentos, marcas muito profundas (embora sem nenhuma dor ou nenhum desconforto), permaneceram no corpo do Senhor Jesus, mesmo depois da sua ressurreição, para que pudessem ser demonstrações da verdade da ressurreição. Os vencedores se gloriam nas marcas dos seus ferimentos. Os ferimentos de Cristo devem testificar na terra que se trata dele mesmo, e, portanto, Ele ressuscitou com eles. Eles também falam, no céu, na intercessão que Ele vive para fazer. Portanto, Ele subiu com estes ferimentos, e assim apareceu “no meio do trono... um Cordeiro, como havendo sido morto”, ensangüentado, Apocalipse 5.6. Aparentemente, Ele virá outra vez com suas cicatrizes, para que possam ver “aquele que traspassaram”. Em segundo lugar, Ele mostrou estas marcas aos seus discípulos para convencê-los. Eles não somente tiveram a satisfação de vê-lo apresentando a mesma aparência, e ouvi-lo falar com a mesma voz com que tinham se acostumado durante tanto tempo, *Sic oculos, sic ille manus, sic ora, ferebat – Estes eram seus gestos, estes eram seus olhos e suas mãos!*, mas tiveram a evidência

adicional destas marcas peculiares: Ele lhes mostrou suas mãos, para que pudessem ver as marcas dos ferimentos nelas. Ele lhes mostrou seu peito, como a ama faz com a criança, para mostrar-lhes a ferida em seu lado. Observe que o Redentor exaltado sempre irá se apresentar com as mãos abertas, e o coração aberto, a todos os seus fiéis amigos e seguidores. Quando Cristo manifesta seu amor pelos crentes, pelos consolos do seu Espírito, isto lhes garante que, porque Ele vive, eles também viverão. Então Ele lhes mostra suas mãos e seu lado.

[2] A impressão causada neles, e o bem que isto lhes fez. Em primeiro lugar, eles ficaram convencidos de que viam o Senhor, de modo que sua fé foi confirmada. A princípio, eles pensaram estar vendo somente uma aparição, um fantasma. Mas agora eles sabiam que era o Senhor em pessoa. Assim, muitos crentes fiéis, que, enquanto eram fracos, temiam que seus consolos fossem apenas imaginários, depois os descobrem, por meio da graça, reais e substanciais. Eles não perguntam: É o Senhor? Mas têm certeza, é Ele. Em segundo lugar, “os discípulos se alegraram”. Aquilo que fortaleceu sua fé despertou sua alegria. Crendo, eles se alegraram. O evangelista parece escrever com uma dose de arrebatamento e triunfo. “De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor”. Se o espírito de Jacó reviveu ao ouvir que José ainda estava vivo, como reviveria o coração destes discípulos, ao ouvir que Jesus está vivo outra vez? Isto, para eles, é como receber novamente a vida que havia sido levada pela morte. Agora se cumpriam estas palavras de Cristo (cap. 16.22): “Outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará”. Isto enxugou todas as lágrimas dos seus olhos. Observe que uma visão de Cristo irá alegrar o coração de um discípulo, em qualquer ocasião. Quanto mais virmos a Cristo, mais nos alegraremos nele, e nossa alegria nunca será perfeita, até que cheguemos onde o veremos como Ele é.

(3) A honrosa e ampla comissão que Ele lhes deu, de serem seus agentes na fundação da sua igreja, v. 21. Aqui temos:

[1] A introdução à sua comissão, que foi a repetição solene da saudação anterior: “Paz seja convosco”. Isto pretendia, ou, em primeiro lugar, chamar a atenção deles à comissão que Ele lhes iria dar. A saudação anterior pretendia acalmar o tumulto do seu temor, para que eles pudessem acompanhar calmamente as provas da sua ressurreição. Esta tinha a função de reduzir o impacto causado pela alegria, para que eles pudessem,

tranqüilamente, ouvir o que o Senhor ainda tinha a lhes dizer. Ou, em segundo lugar, incentivá-los a aceitar a comissão que Ele lhes estava dando. Embora isto os fosse envolver em uma grande quantidade de problemas, o Senhor ainda desejava a honra e o consolo deles naquele comissionamento. E, nesta questão, a paz estaria com eles. Gideão recebeu sua comissão com estas palavras: “Paz seja contigo”, Juízes 6.22,23. Cristo é nossa Paz. Se Ele está conosco, a paz é conosco. Cristo agora estava enviando os discípulos para que divulgassem a paz ao mundo (Is 52.7), e aqui Ele não somente a confere a eles, para sua própria satisfação, mas a confia a eles, para ser transmitida por eles a todos os filhos da paz, Lucas 10.5,6.

[2] A comissão propriamente dita, que soa muito grandiosa: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós”.

Em primeiro lugar, é fácil entender como Cristo os enviou. Ele indicou que eles dessem prosseguimento ao seu trabalho sobre a terra, e se dedicassem à divulgação do seu Evangelho e ao estabelecimento do seu reino entre os homens. Ele os enviou, autorizados com uma permissão divina, armados com um poder divino, enviou-os como embaixadores para tratar de paz, e como arautos para proclamá-la, enviou-os como servos para convidar para as bodas. Aqui eles são chamados *apóstolos – homens enviados.*

Em segundo lugar, porém, como Cristo os enviaria, assim como o Pai o enviou, não é tão fácil de compreender. Certamente, as responsabilidades e os poderes atribuídos aos discípulos eram infinitamente inferiores aos do Senhor Jesus, mas: 1. Seu trabalho era do mesmo tipo que o dele, e eles deveriam prosseguir, começando onde Ele tinha parado. Eles não eram enviados para serem sacerdotes e reis, como Ele, mas somente profetas. Assim como Ele tinha sido enviado para dar testemunho da verdade, também eles. Não para serem mediadores da reconciliação, mas somente seus pregadores e divulgadores. Ele tinha sido enviado, não para que o servissem, mas para servir? Não para fazer sua própria vontade, mas a vontade daquele que o enviou? Não para destruir a lei e os profetas, mas para cumpri-los? Os discípulos também. Assim como o Pai o enviou às ovelhas perdidas da casa de Israel, também Ele os enviou a todo o mundo. 2. Ele tinha um poder para enviá-los igual ao poder que o Pai tinha para enviá-lo. Aqui parece estar a força da comparação. Pela mesma autoridade com que o Pai me enviou, Eu envio vocês. Isto prova a divindade de Cristo. As comissões que Ele fez tinham a mesma autoridade que aquelas que o Pai fez, e eram tão válidas e

efetivas, em relação a todos os intentos e objetivos, como aquelas que Ele fez aos profetas do Antigo Testamento, em visões. As comissões de Pedro e João, designadas pela palavra clara de Cristo, são tão boas e válidas quanto aquelas de Isaías e Ezequiel, que foram designadas pelo Senhor que estava assentado no seu trono. Na verdade, são iguais àquela que foi feita ao próprio Mediador, em relação ao seu trabalho. O Senhor Jesus tinha uma autoridade incontestável, e uma capacidade irresistível para seu trabalho? Também eles as tinham, para desempenharem o seu. A expressão: “Assim como o Pai me enviou” é, de certa maneira, o relato do seu poder. Em virtude da autoridade que o Senhor Jesus recebeu como Mediador, Ele lhes deu autoridade, como seus ministros, para agirem por Ele, e em seu nome, em relação aos filhos dos homens, de modo que aqueles que os recebessem, ou rejeitassem, receberiam ou rejeitariam ao próprio Senhor Jesus, como também àquele que o enviou, cap. 13.20.

(4) A qualificação dos apóstolos para cumprir a incumbência que lhes foi dada, através da sua comissão (v. 22): “Assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”. Observe:

[1] O sinal que Jesus usou para assegurar-lhes do dom que estava agora prestes a conceder-lhes, e para influenciá-los com este dom: “Assoprou sobre eles”, não somente para lhes mostrar, por este sopro de vida, que Ele mesmo estava realmente vivo, mas para lhes indicar a vida espiritual e o poder que eles iriam receber dele, para todos os serviços que estivessem à sua frente. Provavelmente, Ele assoprou sobre todos eles juntos, não sobre cada um, individualmente, e, embora Tomé não estivesse com eles, ainda assim o Espírito do Senhor sabia onde encontrá-lo, como encontrou Eldade e Medade, Números 11.26. Aqui Cristo parece referir-se primeiro à criação do homem, por ocasião do sopro do fôlego da vida nele (Gn 2.7), e indicar que Ele mesmo era o autor desta obra, e que a vida espiritual e a força dos ministros e cristãos derivam dele, e dependem dele, tanto quanto a vida natural de Adão e da sua semente. Assim como “o sopro do Todo-Poderoso” deu vida ao homem e deu início ao mundo antigo, também o sopro do poderoso Salvador deu vida aos seus ministros e deu início a um mundo novo, Jó 33.4 (versão RA). Isto nos evidencia, em primeiro lugar, que o Espírito é o sopro de Cristo, procedente do Filho. O Espírito, no Antigo Testamento, é comparado a um sopro (Ez 37.9): “Vem… ó espírito”. Mas o Novo Testamento nos diz que é o sopro de Cristo. O sopro de Deus indica o

poder da sua ira (Is 11.4; 30.33), mas o sopro de Cristo significa o poder da sua graça. O sopro da ameaça é transformado nos sopros de amor, graças à mediação de Cristo. Nossas palavras são pronunciadas pelo nosso sopro, também a palavra de Cristo é “espírito e vida”. A palavra vem do Espírito, e o Espírito acompanha a palavra. Em segundo lugar, que o Espírito é o dom de Cristo. Os apóstolos transmitiam o Espírito Santo com a imposição de mãos, sendo estas mãos primeiro erguidas em oração, pois eles somente podiam suplicar esta bênção, e transmiti-la como mensageiros. Mas Cristo concedia o Espírito Santo pelo sopro, pois Ele é o autor do dom, e dele este dom se origina. Moisés não podia dar do Espírito que estava nele, mas Deus o fez (Nm 11.17). Porém, Cristo o fez pessoalmente.

[2] A concessão solene que Jesus fez, representada por este sinal: “Recebei o Espírito Santo”, agora parcialmente, como um sinal daquilo que recebereis mais adiante, “ não muito depois destes dias”. Agora eles recebiam mais do Espírito Santo do que já tinham recebido. Desta maneira, as bênçãos espirituais são dadas gradualmente, porque ao que tem, ser-lhe-á dado. Agora que Jesus começava a ser glorificado, mais do Espírito começava a ser dado. Veja cap. 7.39. Vejamos o que está contido nesta concessão. Em primeiro lugar, com ela, Cristo lhes dá a certeza da ajuda do Espírito no seu trabalho futuro, na execução da comissão que agora lhes era dada: “‘Eu vos envio’, e vós tereis o Espírito, que irá acompanhar-vos”. Agora o Espírito do Senhor estava sobre eles, para qualificá-los para todos os serviços que estavam à sua frente. Aqueles a quem Cristo emprega, Ele revestirá com seu Espírito, e lhes fornecerá todos os poderes necessários. Em segundo lugar, com ela, Ele lhes dá a experiência das influências do Espírito na sua situação atual. Jesus lhes tinha mostrado suas mãos e seu lado, para convencê-los da verdade da sua ressurreição, mas as evidências mais claras não operam, por si só, a fé. Um testemunho desta realidade é a infidelidade dos soldados, que foram as únicas testemunhas oculares da ressurreição. “Portanto, recebam o Espírito Santo, para operar a fé em vocês, e para abrir seu entendimento”. Agora eles estavam em perigo, por parte dos judeus: “Portanto, recebam o Espírito Santo, para operar a coragem em vocês”. Aquilo que Cristo diz a eles, Ele diz a todos os verdadeiros crentes: “Recebei o Espírito Santo”, Efésios 1.13. O que Cristo dá, nós devemos receber. Devemos nos submeter, e nossas almas, integralmente, às influências vivificadoras, santificadoras, do bendito Espírito, receber seus estímulos, e obedecê-los, receber seus poderes, e fazer

uso deles. E aqueles que obedecem a esta palavra, como a um preceito, terão seus benefícios, como uma promessa. Eles receberão o Espírito Santo como o guia do seu caminho, e a primeira parte da sua herança.

(5) Uma ramificação especial do poder dado a eles pela sua comissão é particularizado (v. 23): "'Àqueles a quem perdoardes os pecados', exercendo devidamente os poderes que lhes vos confiados, estes 'lhes são perdoados', e eles poderão receber este consolo. E 'àqueles a quem os retiverdes', isto é, declararde imperdoáveis, e sua culpa, obrigatória, os pecados 'lhes são retidos', e o pecador pode ter certeza disto, para sua tristeza". Isto se segue ao seu recebimento do Espírito Santo, pois, se eles não tivessem um extraordinário espírito de discernimento, não teriam sido considerados adequados para serem depositários de tal autoridade, pois, no sentido estrito, esta é uma comissão especial aos próprios apóstolos e aos primeiros pregadores do Evangelho, que podiam distinguir quem estava "em fel de amargura e em laço de iniqüidade", e quem não estava. Através deste poder, Pedro fulminou, com a morte, Ananias e Safira, e Paulo cegou Elimas. Mas isto deve ser interpretado como uma carta geral de privilégios à igreja e aos seus ministros, não assegurando uma infalibilidade de julgamento a nenhum homem ou grupo de homens no mundo, mas encorajando os fiéis representantes dos mistérios de Deus a se manterem fiéis ao Evangelho que foram enviados a pregar, pois o próprio Deus se mantém fiel a ele. Os apóstolos, ao pregar a remissão, deviam começar em Jerusalém, embora esta cidade tivesse recentemente trazido sobre si a culpa pelo sangue de Cristo. "Vocês podem declarar perdoados seus pecados, nos termos do Evangelho". E Pedro o fez, Atos 2.38; 3.19. Cristo, tendo ressuscitado para nossa justificação, envia os arautos do seu Evangelho para declarar iniciado o jubileu, já tendo feito a expiação, e por esta lei os homens serão julgados, cap. 12.38; Romanos 2.16; Tiago 2.12. Deus nunca irá alterar esta lei de julgamento, nem desviar-se dela. Aqueles a quem o Evangelho perdoar, serão perdoados, e aqueles a quem o Evangelho condenar, serão condenados, o que concede imensa honra ao ministério, e deve dar uma imensa coragem aos ministros. Os apóstolos e ministros de Cristo perdoam e retêm os pecados de duas maneiras, e ambas com autoridade: [1] Pela doutrina legítima. Eles são comissionados a dizer ao mundo que a salvação deve ser obtida nos termos do Evangelho, e não em outros, e que encontrarão a Deus aqueles que disserem "amém" a isto. Sua condenação também se dará da mesma maneira.

[2] Por uma disciplina rígida, aplicando a regra geral do Evangelho a pessoas em particular. “Aqueles a quem vocês admitirem na sua comunhão, de acordo com as regras do Evangelho, Deus irá admitir em uma comunhão consigo mesmo, e aqueles a quem vocês expulsarem da comunhão, por serem impenitentes e persistentes em pecados escandalosos e obstinados, estarão sujeitos ao julgamento justo de Deus”.

III A incredulidade de Tomé, quando lhe foi feito o relato de tudo isto, motivando a segunda manifestação de Cristo.

1. Aqui está relatada a ausência de Tomé nesta reunião, v. 24. Aqui está escrito que ele era um dos doze, um participante do círculo dos apóstolos, que, embora agora fossem somente onze, já tinham sido doze, e em breve seriam doze outra vez. Eram somente onze, e um deles estava ausente. Os discípulos de Cristo nunca estarão todos reunidos, até a assembléia geral, no grande dia. Talvez a ausência de Tomé se devesse a alguma infelicidade, ou ele não estava bem, ou não tinha sido chamado, ou talvez tivesse cometido algum pecado ou tolice, ou foi distraído por negócios, ou por alguma visita, que ele preferiu a esta oportunidade, ou não veio por temer os judeus, e talvez tenha chamado de prudência e precaução aquilo que foi sua covardia. No entanto, com sua ausência, ele perdeu a satisfação de ver seu Mestre ressuscitado, e de compartilhar com os discípulos a alegria desta ocasião. Observe que sabem o que estão perdendo aqueles que se ausentam, descuidadamente, das assembléias solenes dos cristãos.

2. O relato que os outros discípulos lhe fazem, da visita que seu Mestre lhes tinha feito, v. 25. Na próxima vez que o viram, disseram-lhe, com suficiente alegria: “Vimos o Senhor”, e sem dúvida lhe contaram tudo o que tinha acontecido, particularmente a satisfação que Ele lhes tinha dado, mostrando-lhes suas mãos e seu lado. Aparentemente, embora Tomé não estivesse com eles naquela ocasião, ele não ficou longe deles por muito tempo. Aqueles que ficam ausentes por algum tempo não devem ser condenados como apóstatas para sempre. Tomé não é Judas. Observe com que alegria e triunfo eles contam: “‘Vimos o Senhor’, a visão mais consoladora que já tivemos”. Isto, eles disseram a Tomé: (1) Para repreendê-lo pela sua ausência: “‘Vimos o Senhor’, mas você não o viu”. Ou, mais exatamente: (2) Para informá-lo: “‘Vimos o Senhor’, e desejávamos que você estivesse aqui, para vê-lo também, pois você teria visto o suficiente para ficar satisfeito”. Observe que

os discípulos de Cristo devem se esforçar para edificar uns aos outros em sua fé mais sagrada, tanto repetindo o que ouviram àqueles que estavam ausentes, para que possam ouvi-lo de segunda mão, como também transmitindo o que sentiram e vivenciaram. Aqueles que, pela fé, viram o Senhor, e sentiram que Ele é gracioso, devem contar a outros o que Deus fez às suas almas, excluindo somente a ostentação.

3. As objeções que Tomé levantou contra as evidências, para justificar sua pouca disposição de aceitá-las. “Não me digam que vocês viram o Senhor vivo. Vocês são crédulos demais. Alguém fez vocês de tolos. Quanto a mim, ‘se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei’”. Comparando isto com o que ele tinha dito (cap. 11.16; 14.5), alguns supõem que ele era um homem de temperamento impertinente e rude, capaz de falar com irritação, pois nem todas as pessoas boas têm um bom temperamento. No entanto, houve muitos equívocos no seu comportamento nesta ocasião. (1) Ele não tinha prestado atenção, ou não tinha dado a devida consideração, ao que Cristo tinha dito tão freqüentemente, e também ao Antigo Testamento, que dizia que Ele ressuscitaria no terceiro dia. De modo que ele deveria ter dito: “Ele ressuscitou”, embora ainda não o tivesse visto, nem tivesse falado com alguma das pessoas que o tinham visto. (2) Ele não teve uma consideração justa com o testemunho dos seus co-discípulos, que eram homens de sabedoria e integridade, e deviam ser dignos de crédito. Ele sabia que eles eram homens honestos. Todos os dez contribuíram para o testemunho com grande confiança, e ainda assim Tomé não conseguia se persuadir a dizer que o relato deles era verdadeiro. Cristo os tinha escolhido para que fossem suas testemunhas, deste mesmo fato, a todas as nações, e ainda assim Tomé, que pertencia à sua própria fraternidade, não permitia que eles fossem testemunhas competentes, nem confiava em nada além do que pudesse ver neles. No entanto, não era sua veracidade que ele questionava, mas sua prudência. Ele temia que eles fossem excessivamente crédulos. (3) Ele tentou a Cristo, e limitou o Santo de Israel, quando desejou ser convencido pelos seus próprios métodos, caso contrário não se convenceria. Tomé não podia ter a certeza de que as marcas dos pregos que os apóstolos lhe disseram ter visto poderiam ser tocadas por seus dedos, ou que a ferida no seu lado suportasse a colocação da sua mão, nem era adequado lidar de maneira tão rude com um corpo vivo. Ainda assim, Tomé condiciona sua fé a

esta evidência. Ou isto lhe seria permitido, e ele teria sua condição fantasiosa satisfeita, ou não creria. Veja Mateus 16.11; 27.42. (4) A declaração aberta disto, na presença dos discípulos, era uma ofensa e um desencorajamento para eles. Não era somente um pecado, mas um escândalo. Assim como um covarde produz muitos covardes, um cristão cético também leva o coração de seus irmãos a se derreter como seu coração, Deuteronômio 20.8. Se ele tivesse pensado somente este mal, e tivesse coberto a boca com sua mão, para suprimi-lo, seu erro teria permanecido consigo. Mas sua proclamação da sua infidelidade, e de maneira tão peremptória, podia ter péssimas conseqüências para os demais, que eram apenas fracos e hesitantes.

A Incredulidade de Tomé

vv. 26-31

Aqui temos um relato de outra aparição de Cristo aos seus discípulos, depois da sua ressurreição, quando Tomé estava então com eles. E a este respeito, podemos observar:

I Quando Cristo repetiu sua visita aos seus discípulos: “oito dias depois”, que era o dia após a sétima noite desde que Ele ressuscitou, e que, portanto, devia ser o primeiro dia da semana.

1. Ele adiou por algum tempo sua próxima aparição, para mostrar aos seus discípulos que Ele não tinha ressuscitado para uma vida como a que tinha tido anteriormente, para conviver constantemente com eles, mas como alguém que pertencia a outro mundo, e visitava este somente como o fazem os anjos, de vez em quando, quando houvesse oportunidade. É tolice investigar, e presunção determinar, onde Cristo esteve durante estes oito dias, e o resto do tempo da sua permanência na terra. Onde quer que Ele estivesse, sem dúvida “os anjos o serviam”. No início do seu ministério, Ele tinha estado por quarenta dias sem ser visto, tentado pelo Diabo, Mateus 4.1,2. E agora, no início da sua glória, Ele foi, durante quarenta dias, na maior parte do tempo sem ser visto, servido por seres celestiais bons.

2. Ele adiou sua visita por sete dias. Por quê? (1) Para que Ele pudesse repreender Tomé pela sua incredulidade. Ele tinha negligenciado a reunião anterior dos discípulos, e, para ensiná-lo a valorizar mais estas sessões de

graça no futuro, ele não teria outra oportunidade por diversos dias. Aquele que perde uma maré deve esperar um pouco por outra. Temos razão para pensar que Tomé teve uma semana muito melancólica, desanimado e em suspense, ao passo que os outros discípulos estavam cheios de alegria, e isto foi devido a si mesmo e à sua própria tolice. (2) Para que Ele pudesse por à prova a fé e a paciência dos demais discípulos. Eles tinham obtido algo muito importante quando ficaram satisfeitos por terem visto o Senhor. “Os discípulos se alegraram”. Mas Ele iria testar se eles conseguiriam conservar o que tinham conseguido, quando não o vissem por alguns dias. Desta maneira, Ele gradualmente os desacostuma da sua presença física, que eles tinham amado e da qual dependiam em excesso. (3) Para que Ele pudesse honrar o primeiro dia da semana, e dar uma clara indicação da sua vontade, de que este dia fosse observado, na sua igreja, como o dia de repouso cristão, o dia da semana para o descanso sagrado e para as santas convocações. O fato de que um único dia, em sete, devesse ser religiosamente observado era uma indicação que fora expressa desde o princípio, sendo tão antiga como a inocência. E o fato de que, no reino do Messias, o primeiro dia da semana devesse ser este dia solene era uma indicação suficiente de que Cristo, neste dia, repetidamente encontraria seus discípulos em uma assembléia religiosa. É altamente provável que, na sua aparição anterior a eles, Ele lhes recomendasse que depois de oito dias se reunissem novamente, prometendo encontrá-los, e também que Ele aparecesse a eles a cada primeiro dia da semana, além de outras oportunidades, durante os quarenta dias. A observância religiosa deste dia tem sido, desde então, transmitida até nós, passando por todas as épocas da igreja. Por isto, “este é o dia que fez o Senhor”.

II Onde, e como, Cristo lhe fez esta visita. Foi em Jerusalém, e as portas estavam fechadas, como antes, por temor aos judeus. Ali eles ficaram, para observar a festa dos pães asmos, durante sete dias, que expirou no dia anterior a este. No entanto, eles não podiam iniciar sua viagem à Galiléia no primeiro dia da semana, porque era o dia de repouso cristão, mas ficaram até o dia seguinte. Observe: 1. Que Tomé estava com eles. Embora tivesse estado ausente uma vez, ele estava presente na segunda vez. Quando perdemos uma oportunidade, nós devemos prestar atenção para não perdermos a próxima, para que possamos recuperar nossas perdas. É um bom sinal, se uma perda

como esta estimula nossos desejos, e um mau sinal, se os esfria. Os discípulos o admitiram no seu meio, e não insistiram em que cresse na ressurreição de Cristo, como eles, porque ela ainda tinha sido revelada de maneira obscura. Eles não o receberam para discussões duvidosas, mas lhe deram as boas-vindas, para que viesse e visse. Mas observe que Cristo não apareceu para Tomé, para sua satisfação, até que o encontrou em meio aos demais discípulos, porque Ele desejava estimular as reuniões de cristãos e ministros, pois ali Ele estaria, no meio deles. E, além disto, Ele desejava que todos os discípulos testemunhassem a repreensão que Ele fez a Tomé, e também o terno carinho que tinha por ele. 2. Que Cristo apresentou-se no meio deles, e ali ficou, e todos o conheceram, pois Ele se mostrou agora da mesma maneira como tinha se mostrado antes (v. 19). Ele era o mesmo, e não estava desafiando seus amados. Veja a condescendência do nosso Senhor Jesus. As portas do céu estavam prontas a se abrir para Ele, e ali Ele poderia ter estado, em meio à adoração de uma multidão de anjos. Mas, para o benefício da sua igreja, Ele permaneceu na terra, e visitou as pequenas reuniões privadas dos seus pobres discípulos, e esteve "no meio deles". 3. Ele os cumprimentou a todos de uma maneira amistosa, como tinha feito antes. Ele lhes disse: "Paz seja convosco!" Esta não era uma simples repetição, mas significava a paz abundante e assegurada que Cristo dá, e a continuidade das suas bênçãos ao seu povo, pois elas não se esgotam, mas "novas são cada manhã", toda nova reunião.

III O que aconteceu entre Cristo e Tomé, nesta reunião. E somente isto está registrado, embora possamos supor que Ele tenha dito muitas coisas aos demais apóstolos. Aqui temos:

1. A graciosa condescendência de Cristo para com Tomé, v. 27. Ele o separou do resto, e dedicou-se particularmente a ele: "'Põe aqui o teu dedo', e, já que tu queres isto, 'vê as minhas mãos', e satisfaz ao máximo tua curiosidade sobre as marcas dos pregos; 'chega a tua mão', e, se nada menos do que isto te convencer, 'põe-na no meu lado'". Aqui temos: (1) Uma repreensão implícita à incredulidade de Tomé, na clara referência que há aqui àquilo que Tomé tinha dito, respondendo palavra por palavra, pois Jesus as tinha ouvido, embora não pudesse ser visto. E poderíamos pensar que o fato de Cristo lhe dizer isto deve tê-lo envergonhado e feito ruborizar-se. Observe que não existe uma palavra de incredulidade em nossos lábios, nem um

pensamento de incredulidade nas nossas mentes, em qualquer ocasião, que não seja de conhecimento do nosso Senhor Jesus, Salmos 78.21. (2) Uma condescendência expressa à fraqueza humana, que fica evidente em duas coisas: [1] Que Ele suporta que sua sabedoria receba algum tipo de exigência. Os grandes não receberão ordens dos seus inferiores, especialmente nos seus atos de graça, mas Cristo aqui se presta a atender até mesmo à exigência descabida de Tomé, em algo desnecessário, em lugar de romper com ele, deixando-o com sua incredulidade. Ele "não esmagará a cana quebrada", mas, como um bom pastor, tornará a trazer a ovelha desgarrada, Ezequiel 34.16. Assim, nós devemos suportar as fraquezas dos fracos, Romanos 15.1,2. [2] Ele suporta que seus ferimentos sejam investigados, permite que Tomé inclusive coloque a mão no seu lado, para que assim, por fim, ele creia. Assim, para a confirmação da nossa fé, Ele instituiu uma ordenança com o propósito de manter sua morte na lembrança, embora fosse uma morte ignominiosa, vergonhosa, e alguém pudesse pensar que ela deveria ser esquecida, e não mais mencionada. Mas, porque sua morte era uma evidência do seu amor, assim como seria um incentivo à nossa fé, Ele recomenda que se celebre a lembrança dela. E nesta ordenança, em que testemunhamos a morte do Senhor, nós somos chamados, por assim dizer, a colocar nosso dedo nas marcas dos pregos. Estenda sua mão até Ele, que estende sua ajuda, convidando, dando-lhe sua mão.

As palavras que Cristo usa para encerrar o que tinha a dizer a Tomé são impressionantes: "Não sejas incrédulo, mas crente", *me ginou apistos – não se torne um incrédulo,* como se Tomé corresse o risco de ser selado na incredulidade naquele momento, caso não cedesse imediatamente. Este aviso é dado a todos nós: "Não sejas incrédulo". Pois, se formos incrédulos, não teremos Cristo nem a graça, não teremos esperança nem alegria. Portanto, devemos dizer: "Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade".

2. A aceitação crédula de Tomé a Jesus Cristo. Agora ele está envergonhado da sua incredulidade, e clama: "Senhor meu, e Deus meu!", v. 28. Não sabemos se ele colocou seu dedo nas marcas dos pregos. Aparentemente, ele não o fez, pois Cristo diz (v. 29): "Porque me viste, Tomé, creste". Ver foi o suficiente. E agora a fé surge vencedora, depois da batalha contra a incredulidade.

(1) Agora Tomé está plenamente convencido da verdade da ressurreição de Cristo – que o mesmo Jesus que foi crucificado agora está vivo, e que este é

Ele. Sua lentidão e relutância em crer podem ajudar a fortalecer nossa fé, pois aqui parece que as testemunhas da ressurreição de Cristo, que a confirmaram ao mundo, e que empenharam suas vidas nisto, não eram homens que criam facilmente, mas eram suficientemente cautelosos, e deixavam em suspenso sua fé até que tivessem tido a última evidência que podiam desejar. Desta maneira, “do comedor saiu comida”.

(2) Por essa razão, ele creu que Ele era o Senhor e Deus, e nós devemos crer nisto também. [1] Nós devemos crer na sua divindade – que Ele é Deus. Não um homem feito Deus, mas Deus feito homem, como este evangelista estabeleceu na sua tese desde o início, cap. 1.1. O autor e cabeça da nossa santa religião tem a sabedoria, o poder, a soberania e a imutabilidade de Deus, o que era necessário, porque Ele deveria ser não somente o fundador dela, mas a fundação, para seu suporte constante, e a fonte de vida, para seu suprimento. [2] Sua mediação – que Ele é Senhor, o único Senhor, 1 Coríntios 8.6; 1 Timóteo 2.5. Ele está suficientemente autorizado, como plenipotenciário, a estabelecer os grandes interesses que há entre Deus e o homem, e a absorver a controvérsia que inevitavelmente tem sido nossa ruína, e a estabelecer a correspondência que era necessária para nossa felicidade. Veja Atos 2.36; Romanos 14.9.

(3) Ele o aceitou como seu Senhor e seu Deus. Na fé, deve haver a aceitação da vontade do Senhor nos termos do Evangelho, assim como a adequação do entendimento às verdades do Evangelho. Nós devemos aceitar que Cristo seja para nós aquilo que Deus o indicou para ser. “Senhor meu” se refere a *Adonai* – minha fundação e meu sustentador. “Deus meu”, a *Elohim* – meu príncipe e juiz. Como Deus o constituiu como o árbitro e juiz, nós devemos aprovar a escolha e nos submetermos inteiramente a Ele. Este é o ato vital de fé, Ele é meu, Cantares 2.16.

(4) Tomé faz uma profissão aberta de sua fé diante daqueles que tinham sido as testemunhas das suas dúvidas incrédulas. Ele diz isto a Cristo, e, para completar o sentido, nós devemos interpretar assim: Tu és meu Senhor e meu Deus. Ou, falando aos seus irmãos: Este é meu Senhor e meu Deus. Nós aceitamos Cristo como nosso Senhor Deus? Devemos ir até Ele, e dizer isto a Ele, como Davi (Sl 16.2), oferecer-lhe nossa rendição espontânea, dizer isto aos outros, como aqueles que triunfam com nosso relacionamento com Cristo: Este é meu amado. Tomé fala com um afeto ardente, como alguém que se apossou de Cristo com toda a sua força: “Senhor meu, e Deus meu”.

3. O julgamento de Cristo sobre tudo o que aconteceu (v. 29): "'Porque me viste, Tomé, creste', e é bom que tenhas, finalmente, sido trazido aos meus termos. Mas 'bem-aventurados os que não viram e creram!'" Aqui:

(1) Cristo reconhece que Tomé é um crente. Os crentes sinceros e legítimos, embora possam ser lentos e fracos, serão graciosamente aceitos pelo nosso Senhor Jesus. Aqueles que permaneceram descrentes por muito tempo, se, por fim, se renderem, o encontrarão pronto a perdoar. Tão logo Tomé aceita Cristo, Cristo lhe dá este consolo, e o faz saber que ele crê.

(2) O Senhor repreende Tomé pela sua incredulidade anterior. Tomé poderia ficar envergonhado ao pensar: [1] Que ele tinha sido tão relutante para crer, e que tinha vindo tão lentamente aos seus próprios consolos. Aqueles que, com sinceridade, aceitaram Cristo, vêem uma grande razão para se lamentar por não terem feito isto antes. [2] Que não foi sem muita dificuldade que ele foi levado a crer, por fim: "Se você não me tivesse visto vivo, não teria crido". Mas, se nenhuma evidência for necessária, exceto a dos nossos sentidos, e nós não crermos em nada, exceto naquilo de que formos testemunhas oculares, poderemos dizer adeus a todo o relacionamento e a toda a convivência com o Senhor. Se este for o único método de prova, como o mundo deverá ser convertido à fé em Cristo? Portanto, Tomé é repreendido com justiça, por colocar tanta ênfase em ver.

(3) O Senhor Jesus elogia a fé daqueles que crêem com mais facilidade. Tomé, como crente, era verdadeiramente bem-aventurado. No entanto, mais "bem-aventurados os que não viram". Isto não se refere a não ver os objetos de fé (pois estes são invisíveis, Hb 11.1; 2 Co 4.18), mas os motivos de fé – os milagres de Cristo, e especialmente sua ressurreição. Bem-aventurados os que não viram estes milagres, e ainda assim crêem em Cristo. Isto pode se referir, retrocedendo, aos santos do Antigo Testamento, que não tinham visto as coisas que os apóstolos viram, e ainda assim creram na promessa feita pelo Pai, e viveram de acordo com esta fé. Ou pode se referir ao futuro, àqueles que creriam depois disto, os gentios, que nunca tinham visto Cristo encarnado, como os judeus tinham visto. Esta fé é mais louvável e digna de elogios do que a daqueles que viram e creram, pois: [1] Ela evidencia um estado de espírito melhor naqueles que realmente crêem. Não ver, e ainda assim crer, mostra um maior esforço em procurar a verdade, e um maior empenho de mente para aceitá-la. Aquele que crê com esta visão tem sua resistência derrotada por um tipo de violência, mas aquele que crê sem esta

visão, como os bereanos, é mais nobre. [2] Ela é um grande exemplo do poder da graça divina. Quanto menos perceptível for a evidência, a obra da fé parecerá, ainda mais, ser uma obra do Senhor. Pedro é bem-aventurado na sua fé, porque não foi carne e sangue quem lhe revelou, Mateus 16.17. A carne e o sangue contribuem mais para a fé daqueles que vêem e crêem do que para a fé daqueles que não vêem e, mesmo assim, crêem. O Dr. Lightfoot cita uma frase de um dos rabinos: "Um único prosélito é mais aceitável a Deus do que todos os milhares de Israel que estiveram diante do monte Sinai. Pois eles viram e receberam a lei, mas um prosélito não viu, e mesmo assim ainda a recebe".

IV A observação que o evangelista faz sobre sua narrativa, como um historiador que se aproxima de uma conclusão, vv. 30,31. Aqui:

1. Ele nos assegura que muitas outras coisas ocorreram, todas dignas de serem registradas, "muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro". Alguns entendem que se trata de todos os sinais que Jesus fez durante toda a sua vida na terra, todas as maravilhosas coisas que Ele disse, e todas as maravilhosas obras que Ele realizou. Mas parece mais estar limitado aos sinais que Ele fez depois da sua ressurreição, pois estes tiveram lugar somente na presença dos discípulos, que aqui são mencionados, Atos 10.41. Diversas das suas aparições não estão registradas, conforme 1 Coríntios 15.5-7. Veja Atos 1.3. Agora: (1) Aqui podemos aproveitar esta atestação geral, de que houve outros sinais, muitos outros, para a confirmação da nossa fé. E, sendo a atestação acrescentada às narrativas em particular, eles fortalecem muito as evidências. Aqueles que registraram a ressurreição de Cristo não foram procurar evidências, para tomar provas tão pequenas e escassas como poderiam encontrar, e conjeturar sobre o resto. Não, eles tiveram evidências suficientes, e de sobra, e mais testemunhas para apresentar do que oportunidades para apresentá-las. Os discípulos, em cuja presença se realizaram estes outros sinais, deviam ser pregadores da ressurreição de Cristo a outros, e por isto era necessário que eles tivessem provas disto *ex abundanti – em abundância*, para que aqueles que arriscassem a vida e tudo o que possuíssem por amor ao Senhor e à sua mensagem pudessem ter um consolo forte. (2) Não precisamos perguntar por que os sinais não estão todos escritos, ou por que não mais que estes, ou outros, diferentes destes, pois é suficiente para nós que este texto tenha parecido bom ao Espírito Santo, por

cuja inspiração foi escrito. Se esta história tivesse sido uma mera composição humana, teria crescido com uma imensidão de depoimentos e testemunhos, para provar a verdade contestada da ressurreição de Cristo, e teria havido uma longa argumentação para sua demonstração. Mas, sendo uma história divina, seus autores escrevem com uma segurança nobre, relatando o que resultou ser uma prova competente, suficiente para convencer àqueles que estavam dispostos a ser ensinados e para condenar aqueles que eram obstinados na sua incredulidade, e, se isto não satisfizer, nada mais o fará. Os homens apresentam tudo o que têm a dizer, para poderem ter credibilidade, mas Deus não o faz, pois Ele pode dar fé. Se esta história tivesse sido escrita para a diversão dos curiosos, ela teria sido mais extensa, ou cada circunstância teria embelezado a história. Mas ela foi escrita para levar os homens à fé, e o que está escrito é suficiente para atender este propósito, quer os homens a ouçam, quer a evitem.

2. Ele nos instrui no objetivo de registrar o que encontramos aqui (v. 31): “Estes relatos foram escritos, neste capítulo e no seguinte, para que creiam nestas evidências, para que possam crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, declarado com autoridade para sê-lo pela sua ressurreição”.

(1) Aqui está o objetivo daqueles que escreveram o Evangelho. Alguns escreveram livros para sua diversão, e os publicaram para seu proveito ou aplauso, outros, para satisfazer o humor ateniense, outros, para instruir o mundo em artes e ciências para seu benefício secular. Porém, os evangelistas escreveram sem nenhum objetivo de benefício temporal para si mesmos ou para outros, mas para levar os homens a Cristo e ao céu, e, para isto, persuadir os homens a crer. E por isto eles usaram os métodos mais adequados. Eles trouxeram ao mundo uma revelação divina, apoiada com as devidas evidências.

(2) O dever daqueles que lêem e ouvem o Evangelho. É seu dever crer e aceitar a doutrina de Cristo, e este relato apresentado a respeito dele, 1 João 5.11. [1] Aqui lemos que a grande verdade do Evangelho é que devemos crer – “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”. Em primeiro lugar, que Ele é o Cristo, a pessoa que, sob o título de Messias, foi prometido aos santos do Antigo Testamento, e esperado por eles, e que, de acordo com o significado do seu nome, é o “Ungido de Deus”, para ser o Príncipe e o Salvador. Em segundo lugar, que Ele é o Filho de Deus, não somente como Mediador (pois então Ele não teria sido maior que Moisés, que foi um profeta, intercessor e

legislador), mas anterior ao fato de que Ele era o Mediador. Pois, se Ele não fosse uma pessoa divina, dotada do poder de Deus, e com direito à glória de Deus, não teria sido qualificado para a tarefa – não teria sido adequado, nem para fazer o trabalho do Redentor, nem para usar a coroa do Redentor. [2] Que a grande bem-aventurança do Evangelho é que devemos ter esperança – "para que, crendo, tenhais vida em seu nome". Isto é, em primeiro lugar, para direcionar nossa fé. Devemos ter como objetivo a vida, a coroa da vida, a árvore da vida apresentada diante de nós. A vida por meio do nome de Cristo, a vida proposta no concerto que é feito conosco em Cristo, é aquilo que devemos propor a nós mesmos como sendo a plenitude da nossa alegria e a recompensa abundante de todos os nossos serviços e sofrimentos. Em segundo lugar, para incentivar nossa fé e nos convidar a crer. Com o prospecto de algum grande benefício, os homens se arriscam muito. E maior benefício não pode haver além daquele que é oferecido pelas "palavras desta vida", como é chamado o Evangelho, Atos 5.20. Isto inclui tanto a vida espiritual, em conformidade com Deus e em comunhão com Ele, como a vida eterna, na visão e no gozo dele. Estas bênçãos são recebidas através do nome de Cristo, pelos seus méritos e poder, e são infalivelmente garantidas a todos os verdadeiros crentes.

CAPÍTULO 21

O evangelista pareceu ter concluído sua história no capítulo anterior, mas (como o apóstolo Paulo, algumas vezes nas suas epístolas), com a ocorrência de novos fatos, ele começa novamente. Ele tinha dito que havia muitos outros sinais que Jesus deu, como prova da sua ressurreição. E neste capítulo ele menciona um destes muitos sinais, que foi a aparição de Cristo a alguns dos seus discípulos, no mar de Tiberíades, onde lemos: I. Como Ele se revelou a eles, quando estavam pescando, encheu sua rede, e, então, de modo muito familiar, veio e comeu com eles o que eles tinham pescado, vv. 1-14. II. As coisas que Ele disse a Pedro, depois da refeição: 1. A respeito de Pedro, vv. 15-19. 2. A respeito de João, vv. 20-23. III. A solene conclusão deste Evangelho, vv. 24,25. É estranho que alguém possa pensar que este capítulo tenha sido acrescentado por algum outro autor, quando está expressamente escrito (v. 24) que o discípulo a quem Jesus amava é aquele que testificou estas coisas.

Cristo com seus Discípulos

vv. 1-14

Aqui temos um relato da manifestação de Cristo aos seus discípulos, junto ao mar de Tiberíades. Agora: 1. Comparemos esta aparição com as que ocorreram antes, nas quais Cristo se apresentou aos seus discípulos quando estavam reunidos em uma assembléia solene (aparentemente, para adoração religiosa), em um dia do Senhor, e quando estavam todos juntos, talvez esperando sua aparição. Mas nesta ocasião Ele se apresentou a eles de maneira casual, em um dia de trabalho, quando eles estavam pescando, e não pensavam na sua aparição. Cristo tem muitas maneiras de dar-se a conhecer ao seu povo, normalmente nas suas ordenanças, mas, às vezes, pelo seu Espírito, Ele os visita, quando estão ocupados em suas tarefas comuns, como os pastores que guardavam seu rebanho à noite (Lc 2.8), e também como em Gênesis 16.13. 2. Comparemos esta aparição com aquela no monte da Galiléia, onde Cristo lhes tinha indicado que o encontrassem, Mateus 28.16. Para lá, eles foram depois de terminados os dias dos pães asmos, e se dedicaram, conforme julgaram adequado, até a ocasião determinada para este encontro geral. Esta aparição ocorreu enquanto estavam esperando por aquela, para que não se cansassem de esperar. A presença de Cristo é melhor até mesmo do que sua palavra, e nunca deixa a desejar. Ele freqüentemente antecipa e supera as expectativas de fé do seu povo, mas nunca os desaponta. Quanto aos detalhes da história, podemos observar:

I Quem eram aqueles a quem Cristo agora se manifestou (v. 2): não a todos os doze, mas somente a sete deles. Natanael é mencionado como sendo um deles, a quem não encontrávamos desde o capítulo 1. Mas alguns pensam que ele era o mesmo que Bartolomeu, um dos doze. Supõe-se que os dois discípulos cujos nomes não são citados fossem Filipe de Betsaida e André de Cafarnaum. Observe aqui: 1. É bom que os discípulos de Cristo estejam sempre juntos, não somente em assembléias religiosas solenes, mas na convivência comum, e em atividades comuns. Os bons cristãos devem, com isto, tanto testificar como intensificar seu afeto uns pelos outros, e ter prazer uns nos outros, e edificar uns aos outros, tanto pelas palavras como pelo exemplo. 2. Cristo decidiu se manifestar a eles quando estavam juntos, não somente para estimular a comunhão cristã, mas para que pudessem ser

testemunhas comuns dos mesmos fatos, corroborando para o testemunho uns dos outros. Aqui estavam sete deles juntos, para confirmar o fato, pois alguns observam que a lei romana exigia sete testemunhas para um testamento. 3. Tomé era um deles, e é mencionado logo depois de Pedro, como se agora estivesse mais atento do que nunca às reuniões dos apóstolos. É bom que as perdas ocorridas devido à nossa negligência nos tornem mais atentos, para não mais deixarmos passar as oportunidades.

II O que eles estavam fazendo, v. 3. Observe:

1. Seu acordo em irem pescar. Eles não sabiam muito bem o que fazer. “De minha parte”, diz Pedro, “vou pescar”. “Também nós vamos contigo”, disseram eles, “pois ficaremos juntos”. Embora, normalmente, duas pessoas no mesmo negócio nem sempre concordem, ainda assim eles se puseram de acordo. Alguns pensam que eles agiram mal ao retornar aos seus barcos e às suas redes, que tinham deixado para trás. Mas, se fosse assim, Cristo não os teria abençoado com uma visita. Na verdade, isto lhes foi altamente elogioso, pois eles fizeram isto: (1) Para recuperarem o tempo, e para não ficarem ociosos. Eles ainda não tinham recebido a incumbência de pregar a ressurreição de Cristo. Sua comissão estava esboçada, mas ainda não completa. A hora para entrar em ação ainda haveria de vir. É provável que seu Mestre lhes tivesse dito que não dissessem nada sobre sua ressurreição, até depois da sua ascensão, ou melhor, não até depois do derramamento do Espírito, quando todos eles deveriam começar em Jerusalém. Enquanto isto, melhor do que ficar sem fazer nada, eles foram pescar. Não para recreação, mas para se ocuparem. Este é um exemplo da sua humildade. Embora eles já tivessem progredido para serem enviados de Cristo, assim como Ele era o de Deus, o Pai, eles não se consideraram nobres, mas lembraram-se da rocha da qual tinham sido lavrados. Da mesma maneira, é um exemplo da sua dedicação, e mostra que eles eram homens bons e trabalhadores em sua época. Enquanto esperavam, não desejavam estar ociosos. Aqueles que desejam prestar contas do seu tempo com alegria, devem procurar preencher seus vazios, juntando seus fragmentos. (2) Para que pudessem se sustentar, e não viessem a ser um peso para ninguém. Enquanto seu Mestre estava com eles, aqueles que o serviam eram gentis para com eles. Mas agora que o esposo havia sido tirado deles, eles precisam jejuar naqueles dias, e, portanto, suas próprias mãos, como as de Paulo, deviam atender às suas necessidades,

e por esta razão Cristo lhes perguntou: “Tendes alguma coisa de comer?” Isto nos ensina a estarmos tranqüilos para trabalhar e comer nosso próprio alimento.

2. Seu desapontamento na pescaria. Naquela noite, eles não apanharam nada, embora provavelmente tivessem trabalhado a noite inteira, como em Lucas 5.5. Veja a inutilidade deste mundo. As mãos dos diligentes freqüentemente retornam vazias. Até mesmo os bons homens podem deixar de ter o sucesso desejado nas suas empreitadas honestas. Nós podemos estar no curso do nosso dever, e ainda assim deixar de prosperar. A Providência ordenou que, durante toda aquela noite, eles não pescassem nada, para que a milagrosa pesca dos peixes da manhã seguinte pudesse ser ainda mais maravilhosa e mais aceitável. Nos desapontamentos que nos são muito dolorosos, freqüentemente Deus tem desígnios que são cheios de graça. O homem tem, realmente, um domínio sobre os peixes do mar, mas eles não estão sempre à sua disposição. Somente Deus conhece os caminhos do mar, e comanda aqueles que por eles passam.

III De que maneira Cristo se deu a conhecer a eles. Está escrito (v. 1): Ele “manifestou-se”. Seu corpo, embora um corpo verdadeiro e real, foi ressuscitado, como o nosso também será, um corpo espiritual, e, portanto, era visível somente quando Ele mesmo desejava deixá-lo visível. Ou, mais exatamente, Ele vinha e partia tão rapidamente, que estava aqui ou ali em um instante, “num momento, num abrir e fechar de olhos”. Quatro coisas podemos observar na manifestação de Cristo a eles:

1. Ele se manifestou a eles no momento adequado (v. 4): “Sendo já manhã”, depois de uma noite de trabalhos infrutíferos, “Jesus se apresentou na praia”. A hora de Cristo fazer-se conhecer ao seu povo é quando eles estão mais confusos. Quando eles pensam que se perderam, Ele os faz saber que não o perderam. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem”, se Cristo vier, “pela manhã”. Cristo manifestou-se a eles, não caminhando sobre as águas, porque, tendo ressuscitado, Ele não devia estar com eles, como tinha estado antes, mas em pé, na praia, porque agora eles deviam ir até Ele. Alguns dos antigos atribuem a isto o significado de que Cristo, tendo concluído sua obra, passou por um mar tempestuoso, um mar de sangue, até chegar a uma praia segura e tranqüila, onde permaneceu em triunfo. Mas os discípulos, tendo seu trabalho à sua frente, ainda estavam no mar, trabalhando e correndo perigo. É

um consolo para nós, quando nossa trajetória é áspera e tempestuosa, que nosso Mestre esteja na praia, e que nos apressemos em nossa ida até Ele.

2. Ele se manifestou a eles gradualmente. Os discípulos, embora o tivessem conhecido intimamente, não conheceram que era Jesus, não imediatamente. Não esperando vê-lo ali, e não olhando com atenção para Ele, eles o confundiram com alguma pessoa comum esperando a chegada do seu barco, para comprar seus peixes. Observe que Cristo freqüentemente está mais perto de nós do que pensamos, e descobrimos isto posteriormente, para nosso consolo.

3. Ele se manifestou a eles por um exemplo da sua piedade, v. 5. Ele os chamou: "Filhos", *paidia* – "Amigos, vocês têm algo para comer? Pegaram algum peixe?" Aqui: (1) A maneira como Ele os trata é muito familiar. Ele fala com eles como se falasse com seus filhos, com o carinho e a ternura de um pai: "Filhos". Embora agora Ele estivesse no seu estado exaltado, Ele falou com seus discípulos com a mesma gentileza e afeição de sempre. Eles não eram filhos biológicos, mas eram seus filhos, os filhos que Deus lhe tinha dado. (2) A pergunta é muito bondosa: "Tendes alguma coisa de comer?" Ele pergunta, como um pai bondoso preocupado com seus filhos, se eles têm tudo aquilo que devem ter, para que, se não tiverem, Ele possa cuidar do seu sustento. Observe que o Senhor "é para o corpo", 1 Coríntios 6.13. Cristo toma conhecimento das necessidades temporais do seu povo, e lhes prometeu não somente graça suficiente, mas alimento conveniente. Em verdade, eles serão alimentados, Salmos 37.3. Cristo olha o interior das casas dos pobres e pergunta: "Filhos, tendes alguma coisa de comer?", convidando-os, desta maneira, a expor seu caso diante dele, e, pela oração da fé, dar a conhecer a Ele seus pedidos. E então não precisarão se preocupar com nada, pois Cristo toma conta deles, sim, de cada um deles. Desta maneira, Cristo nos deu um exemplo de cuidado misericordioso pelos nossos irmãos. Há muitos pobres pais de família incapacitados para o trabalho, ou desapontados com ele, que passam por situações difíceis, aos quais os ricos deveriam perguntar desta maneira: "Tendes alguma coisa de comer?", pois os mais necessitados normalmente são os que menos clamam. A esta pergunta, os discípulos deram uma resposta curta e, pensam alguns, com um ar de descontentamento e irritação. "Responderam-lhe: Não", não lhe dando nenhum título amistoso e respeitoso como Ele lhes tinha dado. Tão insuficiente é a retribuição do amor ao nosso Senhor Jesus, até mesmo dos

melhores. Cristo lhes faz a pergunta, não porque não conhecesse suas necessidades, mas porque desejava conhecê-las por eles. Aqueles que desejam receber o sustento de Cristo devem reconhecer que não têm nada e que estão necessitados.

4. Ele se manifestou a eles por um exemplo do seu poder, e isto tornou perfeita a revelação (v. 6): Ele lhes ordenou que lançassem a rede à direita do barco, o lado contrário ao que eles a tinham estado lançando. E então eles, que estavam indo para casa de mãos vazias, se enriqueceram com uma grande quantidade de peixes. Aqui temos: (1) As ordens que Cristo lhes deu, e a promessa anexa a estas ordens: “Lançai a rede” em determinado lugar, e “achareis”. Aquele de quem nada se esconde, nem os moradores debaixo das águas (Jó 26.5), sabia de que lado do barco estava o cardume de peixes, e para aquele lado Ele os orientou. Observe que a providência divina se estende às coisas mais ínfimas e casuais, e felizes são os que sabem como aproveitar as sugestões dela na condução dos seus negócios, e reconhecê-la em tudo o que fazem. (2) A obediência dos discípulos a estas ordens, e o sucesso desta atitude. Eles ainda não sabiam que era Jesus. No entanto, estavam dispostos a receber conselho de qualquer pessoa, e não disseram a este estranho que cuidasse da sua vida e não se metesse com a deles, mas aceitaram seu conselho. Acatando, desta maneira, os estranhos, eles eram obedientes ao seu Mestre, sem sabê-lo. E tudo correu maravilhosamente bem. Agora eles pescaram uma quantidade que lhes compensou todos os seus esforços anteriores. Observe que aqueles que são humildes, diligentes e pacientes (embora seus esforços possam ser equivocados) serão coroados. Às vezes, eles vivem para ver seus assuntos terem uma feliz reviravolta, depois de muitas lutas e esforços infrutíferos. Não se perde nada em observar as ordens de Cristo. Aqueles que seguem a palavra, as orientações do Espírito e as sugestões da Providência têm grande probabilidade de serem bem-sucedidos, pois isto é lançar a rede à direita do barco. A quantidade de peixes apanhada pode ser considerada: [1] Como um milagre, por si só, e como tal, designava-se a provar que Jesus Cristo havia ressuscitado em poder, embora semeado em fraqueza, e todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés, sem excetuar os peixes do mar. Cristo se manifesta ao seu povo, fazendo por eles aquilo que ninguém mais pode fazer, e coisas que eles não procuram. [2] Como um ato de misericórdia por eles, para a abundante e oportuna satisfação das suas necessidades. Quando sua engenhosidade e seu trabalho

falharam, o poder de Cristo surgiu, oportunamente, para seu alívio, pois Ele cuidará para que àqueles que abandonaram tudo por Ele não falte nada bom. Quando estamos mais perdidos, *Jehovah-jireh*. [3] Como uma lembrança de uma graça anterior, com a qual Cristo tinha recompensado a Pedro pelo empréstimo do seu barco (Lc 5.4ss.). Este milagre foi semelhante àquele, e Pedro não pôde deixar de se lembrar daquele, o que o ajudou a aproveitar este, pois tanto aquele quanto este o afetaram muito, por encontrá-lo na sua própria atividade, no seu próprio trabalho. As graças posteriores pretendem trazer à lembrança as graças anteriores, para que o pão consumido não seja esquecido. [4] Como um mistério, e muito significativo, daquela obra para a qual Cristo agora os enviava, com uma comissão ampliada. Os profetas tinham estado pescando almas, e não apanhavam nada, ou muito pouco. Mas os apóstolos, que lançaram a rede da Palavra de Cristo, tiveram um sucesso maravilhoso. Muitos são os filhos da solitária, Gálatas 4.27. Eles mesmos, ao procurarem desempenhar sua missão anterior, quando foram feitos pescadores de homens, tinham tido pouco sucesso, em comparação com o que teriam agora. Quando, pouco depois disto, três mil se converteram em um único dia, então a rede foi lançada do lado correto do barco. Isto é um incentivo para que os ministros de Cristo continuem com a diligência no seu trabalho. Uma boa pesca, no final, pode ser suficiente para compensar muitos anos de trabalho lançando a rede do Evangelho.

IV Como os discípulos receberam esta revelação que Cristo fez de si mesmo, vv. 7,8, onde descobrimos que:

1. João era o discípulo mais inteligente, e aquele que tinha uma percepção mais aguçada. Aquele a quem Jesus amava foi o primeiro a dizer: “É o Senhor”, pois, àqueles a quem Cristo ama, Ele irá se manifestar de uma maneira especial. Seu segredo está com seus favoritos. João tinha estado mais próximo do seu Mestre, nos seus sofrimentos, do que qualquer outro deles, e, portanto, como recompensa pela sua constância, ele tem uma visão mais clara, e um julgamento mais perspicaz que qualquer um deles. Quando o próprio João percebeu que era o Senhor, ele transmitiu este conhecimento àqueles que estavam com ele, pois esta dispensação do Espírito é dada a todos para que se beneficiem da mesma maneira. Aqueles que conhecem a Cristo devem se esforçar para fazer com que outros o conheçam. Nós não precisamos desejar que Ele seja o Deus exclusivamente nosso, pois nele

existe o suficiente para todos. João diz a Pedro, em particular, seu pensamento de que era o Senhor, sabendo que ele ficaria feliz por vê-lo, mais do que qualquer outro discípulo. Embora Pedro tivesse negado ao seu Mestre, ainda assim, tendo se arrependido, e tendo sido levado de volta à comunhão dos discípulos, eles tinham tanta liberdade e familiaridade com ele como sempre tinham tido.

2. Pedro era o discípulo mais zeloso e mais caloroso, pois, tão logo ouviu que era o Senhor (pois aceitou a palavra de João), o barco não pôde contê-lo, nem ele pôde esperar até que o barco chegasse à praia, mas se lançou imediatamente ao mar, para que pudesse chegar primeiro ao Senhor. (1) Ele mostrou seu respeito a Cristo, cingindo-se com sua túnica de pescador, para que pudesse comparecer diante do seu Mestre nas melhores roupas que tinha. Ele também não desejava se precipitar de forma rude à sua presença, despido como estava de seu colete e de seus calções, porque o trabalho que realizava era cansativo, e ele tinha decidido empenhar-se ao máximo nele. Talvez a túnica fosse de couro, ou encerada, e fosse impermeável, e ele cingiu-se com ela para poder atravessar mais rapidamente a água em direção a Cristo, como costumava fazer com suas redes, quando estava atento à sua pescaria. (2) Ele mostrou a força do seu afeto por Cristo, e seu sincero desejo de estar com Ele, lançando-se ao mar e arrastando-se na água, ou nadando até a praia, para ir até Ele. Quando ele andou sobre as águas para ir ter com Jesus (Mt 14.28,29), foi dito que ele desceu do barco deliberadamente. Mas aqui está escrito: “Lançou-se ao mar”, com precipitação. Afundando ou nadando, ele desejava mostrar sua boa vontade e desejava estar com Jesus. “Se Cristo permitir”, pensou ele, “procurarei estar com Ele, nem que afunde e não chegue até Ele. Isto seria apenas o que mereço, por negá-lo”. A Pedro, muita coisa tinha sido perdoada, e aparentemente Jesus amava sua disposição de correr riscos e enfrentar dificuldades para ir até Ele. Aqueles que já estiveram com Jesus estarão dispostos a nadar em um mar tempestuoso, um mar de sangue, para ir até Ele. E é uma disputa louvável, entre os discípulos de Cristo, disputar quem será o primeiro a estar com Ele.

3. Os demais discípulos tinham um coração cauteloso e honesto. Embora eles não tivessem tal arrebatamento de zelo, a ponto de se atirarem no mar, como Pedro, eles apressaram o barco em direção à praia, e foram o mais rápido que puderam (v. 8): “Os outros discípulos”, e com eles João, que primeiro tinha descoberto que era Cristo, foram lentamente, mas foram até

Cristo. Aqui podemos observar: (1) A maneira variada com que Deus dispensa seus dons. Alguns se sobressaem, como Pedro e João. Estes são muito eminentes em dons e graças, e, conseqüentemente, se distinguem dos seus irmãos. Outros são apenas discípulos normais, que se preocupam com seu dever e são fiéis a Ele, mas nada fazem que os distinga. Porém, tanto um como outro, o eminente e o obscuro, se sentarão juntos, com Cristo, em glória. Na verdade, talvez os últimos sejam os primeiros. Entre aqueles que realmente se sobressaem, alguns, como João, são principalmente contemplativos, têm grandes dons de conhecimento e servem à igreja com eles. Outros, como Pedro, são eminentemente ativos e corajosos, são fortes e são exploradores, sendo, desta forma, muito úteis à sua geração. Alguns são úteis, como os olhos da igreja, outros, como as mãos da igreja, e assim todos contribuem para o bem do corpo. (2) Que pode haver grande diferença entre algumas pessoas boas e outras, na maneira como honram a Cristo, e ainda assim ambas serem aceitas por Ele. Alguns servem a Cristo mais em atos de devoção, e expressões extraordinárias de zelo religioso, e agem bem, por fazerem isto ao Senhor. Pedro não deve ser censurado por lançar-se ao mar, mas elogiado pelo seu zelo e pela força do seu afeto. E também devem ser elogiados aqueles que, no amor por Cristo, abandonam o mundo, como Maria, para sentar-se aos seus pés. Mas outros servem a Cristo mais nas questões terrenas. Eles permanecem no barco, arrastam a rede e trazem os peixes à praia, como os demais discípulos aqui. E eles não devem ser censurados, como sendo mundanos, pois, no seu lugar, estão servindo a Cristo tão verdadeiramente e fielmente como os outros, até mesmo ao servir mesas. Se todos os discípulos tivessem feito o que Pedro fez, o que teria acontecido com seus peixes e suas redes? E se Pedro tivesse agido como eles, nós não teríamos este exemplo de santo zelo. Cristo se satisfez com ambos, e também nós devemos nos satisfazer. (3) Que existem diversas maneiras de trazer os discípulos de Cristo à praia, junto dele, saindo do mar deste mundo. Alguns são trazidos a Ele por uma morte violenta, como os mártires, que se atiram ao mar, no seu zelo por Cristo. Outros são trazidos a Ele por uma morte natural, arrastando a rede, o que é menos terrível. Mas todos se encontram, no final, na praia segura e tranqüila, com Cristo.

V A recepção que o Senhor Jesus lhes ofereceu quando chegaram à praia.

1. Ele tinha provisões prontas para eles. Quando chegaram à terra, molhados e com frio, cansados e famintos, encontraram ali fogo para aquecê-los e secá-los, e peixe e pão, uma provisão adequada para uma boa refeição. (1) Não devemos sentir curiosidade e investigar de onde vieram estas brasas, e este peixe, e este pão, não mais do que o alimento que os corvos traziam a Elias. Aquele que pode multiplicar os pães e peixes que havia, poderia criar outros, novos, se o desejasse, ou transformar pedras em pão, ou enviar seus anjos para buscar o alimento, onde Ele soubesse que deveria haver. Não se sabe se esta provisão foi feita ao ar livre, ou em alguma cabana de pescador, na praia. Mas aqui não havia nada suntuoso nem luxuoso. Nós devemos nos satisfazer com as coisas humildes, como Cristo. (2) Nós podemos nos sentir consolados por este exemplo do cuidado de Cristo pelos seus discípulos. Ele tem com que suprir todas as nossas necessidades, e conhece todas as coisas de que precisamos. Bondosamente, Ele fez a provisão para estes pescadores, quando chegaram cansados do seu trabalho, pois, em verdade, serão alimentados aqueles que confiam no Senhor e fazem o bem. É encorajador para os ministros de Cristo, a quem Ele fez pescadores de homens, o fato de que podem confiar que aquele que os emprega irá prover por eles. E se eles perderem o incentivo neste mundo, se forem reduzidos, como Paulo, à fome e à sede e aos jejuns freqüentes, que se alegrem com o que têm aqui. Eles têm coisa melhor reservada para eles, e irão comer e beber à mesa de Cristo, no seu reino, Lucas 22.30. Há algum tempo, os discípulos tinham recebido Cristo com um peixe assado (Lc 24.42), e agora, como um amigo, Ele lhes retribui a gentileza, e os recebe com outro. Na verdade, com a pesca, Ele lhes retribuiu mais do que cem vezes o que eles lhe tinham feito.

2. Ele pediu alguns dos peixes que os discípulos tinham apanhado, e eles lhe trouxeram, vv. 10,11. Observe aqui:

(1) A ordem que Cristo lhes deu, de trazer sua pesca à praia: “Trazei dos peixes que agora apanhastes”. Não como se Ele precisasse deles e não pudesse providenciar uma refeição para eles sem estes peixes. Mas: [1] Ele desejava que eles comessem do trabalho das suas mãos, Salmos 128.2. Aquilo que conseguimos, com a bênção de Deus, no nosso próprio trabalho honesto, torna-se ainda mais agradável se tivermos do Senhor a autorização para disto comer, e desfrutar do bem do nosso trabalho. Isto tem uma doçura peculiar. Diz-se que o preguiçoso não assará sua caça. Ele não consegue temperar aquilo que se esforçou para obter, Provérbios 12.27. Mas Cristo

aqui desejava nos ensinar a usar o que temos. [2] Ele desejava que os discípulos provassem as dádivas da sua milagrosa generosidade, para que pudessem ser testemunhas, tanto do seu poder quanto da sua bondade. Os benefícios que Cristo nos concede não devem ser enterrados nem acumulados, mas devem ser usados e expostos. [3] Ele desejava dar uma amostra da recepção espiritual que Ele tem para todos os crentes, que, neste aspecto, é mais livre e familiar – que Ele come com eles, e eles com Ele. Suas graças são agradáveis a Ele, e assim o são seus consolos a eles. O Senhor aceita, da parte dos seus amados, o fruto da obra que Ele opera neles e através deles. [4] Os ministros, que são pescadores de homens, devem trazer tudo o que pescam ao seu Mestre, pois dele depende seu sucesso.

(2) A obediência deles a esta ordem, v. 11. Está escrito (v. 6): "Já não a podiam tirar [a rede], pela multidão dos peixes", isto é, eles tiveram dificuldade, era mais do que podiam fazer. Mas aquele que lhes disse que trouxessem a rede à praia, lhes facilitou as coisas. Assim, os pescadores de homens, quando têm almas apanhadas na rede do Evangelho, não conseguem trazê-las à praia, não conseguem concluir o bom trabalho iniciado, sem a contínua influência da graça divina. Se aquele que nos ajuda a apanhá-las, quando sem sua ajuda nós não teríamos apanhado nada, não nos ajudar a mantê-las, e levá-las à terra firme, edificando-as na fé santíssima, nós as perderemos, no final, 1 Coríntios 3.7. Observe: [1] Que o mais ativo ao trazer os peixes à praia foi Pedro, que, assim como tinha, na situação anterior (v. 7), mostrado uma afeição mais zelosa pela pessoa do seu Mestre do que qualquer outro discípulo, nesta mostrou uma obediência mais imediata à ordem dele. Mas nem todos os que são fiéis são entusiasmados da mesma maneira. [2] A quantidade de peixes que foi pescada. Eles tiveram a curiosidade de contá-los, talvez com o objetivo de estabelecer um dividendo. Havia, no total, cento e cinqüenta e três peixes, todos grandes. Era mais do que eles necessitavam para sua provisão imediata, mas eles poderiam vendê-los, e o dinheiro serviria para custear suas despesas de volta a Jerusalém, para onde deveriam retornar em breve. [3] Outro exemplo do cuidado de Cristo por eles, para engrandecer tanto o milagre quanto a graça: "E, sendo tantos", e sendo grandes peixes também, "não se rompeu a rede", de modo que eles não perderam nenhum peixe, nem danificaram sua rede. Está escrito (Lc 5.6): "Rompia-se-lhes a rede". Talvez esta fosse uma rede emprestada, pois eles tinham abandonado a sua há muito tempo, e, se fosse este o caso, Cristo

desejava nos ensinar a cuidar daquilo que tomamos emprestado, como se fosse de nossa propriedade. Foi bom que sua rede não se rompesse, pois agora eles não tinham o tempo que anteriormente tinham para remendar suas redes. A rede do Evangelho apanhou multidões, três mil em um único dia, e ainda assim não se rompeu. Ela ainda é tão resistente como sempre foi, para trazer as almas a Deus.

3. Jesus os convidou a jantar. Observando que eles mantinham distância, e vendo que eles tinham receio de perguntar-lhe: "Quem és Tu?", porque sabiam que era seu Senhor, Ele os chamou, de uma maneira muito familiar: "Vinde, jantai".

(1) Veja aqui a liberdade que Cristo tinha com seus discípulos. Ele os tratava como amigos. Ele não disse: Vinde e esperai, vinde e servi-me, mas: Vinde, e jantai. Não disse: Jantai sozinhos, como os servos devem fazer, mas: Vinde, e jantai comigo. Este gentil convite pode ser interpretado como ilustrando: [1] O convite que Cristo faz aos seus discípulos, à comunhão com Ele, na graça. Está tudo pronto. Vinde, e jantai. Cristo é um banquete. Venham se alimentar dele. Sua carne verdadeiramente é comida, e seu sangue verdadeiramente é bebida. Cristo é um amigo. Venham, ceiem com Ele. Ele mesmo lhes dará as boas-vindas, Cantares 5.1. [2] O convite que Ele fará, para que todos desfrutem a presença dele, na glória futura: Vinde, benditos de meu Pai. Vinde, e sentai com Abraão, e Isaque, e Jacó. Cristo tem os recursos necessários para jantar com todos os seus amigos e seguidores. Há lugar e provisão suficiente para todos.

(2) Veja como os discípulos eram reverentes diante de Cristo. Eles estavam, de alguma maneira, envergonhados de fazer uso da liberdade a que Ele lhes convidava, e, quando Ele os convidou para a refeição, parece que ficaram parados. Estando prestes a comer com um governante, e tal governante, eles consideram diligentemente o que está diante deles. Nenhum deles lhe perguntou: "Quem és Tu?" Ou: [1] Porque não desejavam ser tão ousados com Ele. Embora, talvez, Ele se manifestasse de uma maneira disfarçada no início, como aos dois discípulos, quando seus olhos estavam como que fechados para que não o conhecessem, ainda assim eles tinham bons motivos para pensar que fosse Ele, e não poderia ser outra pessoa. Ou: [2] Porque não desejavam evidenciar sua própria tolice. Depois que Ele lhes tinha dado este exemplo do seu poder e da sua bondade, eles seriam realmente estúpidos se questionassem se era Ele ou não. Quando Deus, na sua providência, nos dá

provas palpáveis do seu cuidado pelos nossos corpos, e nos dá, na sua graça, provas manifestas da sua boa vontade para com nossas almas, e sua boa obra nelas, nós devemos nos envergonhar da nossa desconfiança, e não devemos ousar questionar, pois Ele não nos deixou espaço para dúvidas. As dúvidas infundadas devem ser reprimidas, e não incentivadas.

4. Ele parte o alimento para eles, como o senhor do banquete, v. 13. Observando como ainda estavam tímidos e temerosos, "chegou, pois, Jesus, e tomou o pão, e deu-lho, e, semelhantemente, o peixe". Sem dúvida, Ele pediu a Deus, o Pai, uma bênção e deu graças (como em Lc 24.30), mas, sendo este seu procedimento conhecido e constante, não necessita ser mencionado. (1) A recepção aqui era apenas comum. Era somente uma refeição de peixe, servida de modo informal. Aqui não havia nada pomposo, nada curioso. Realmente abundante, mas simples e caseiro. A fome é o melhor tempero. Cristo, embora no seu estado exaltado, mostrou-se vivo, comendo, mas não se mostrou como um príncipe, em um banquete. Aqueles que não conseguiam se contentar com pão e peixe, a menos que tivessem molho e vinho, dificilmente seriam encontrados jantando com Cristo aqui. (2) O próprio Cristo começou a comer. Embora, talvez, tendo um corpo glorificado, não necessitasse comer, ainda assim desejava mostrar que tinha um corpo real, que podia comer. Os apóstolos apresentaram, como sendo uma prova da ressurreição de Jesus, o fato de que tinham comido e bebido com Ele, Atos 10.41. (3) Ele distribuiu o alimento a todos os seus convidados. Ele não somente fez a provisão para eles, e os convidou ao jantar, mas Ele mesmo dividiu o alimento entre eles, e o colocou nas suas mãos. Desta maneira, a Ele nós devemos a aplicação, além da compra dos benefícios da redenção. Ele nos dá a capacidade de nos alimentar destes benefícios.

O evangelista os deixa no jantar, e faz esta observação (v. 14): "E já era a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos", ou à maior parte deles. Este era o terceiro dia, segundo alguns comentaristas. No dia em que Ele ressuscitou, Ele se manifestou cinco vezes. A segunda ocasião ocorreu oito dias depois. E esta era a terceira. Ou esta era sua terceira manifestação a um número considerável dos seus discípulos, juntos. Embora Ele tivesse se manifestado a Maria, às mulheres, aos dois discípulos e a Cefas, ainda assim Ele tinha se manifestado somente duas vezes, antes desta, a um grupo deles que estava reunido. Isto é observado aqui: [1] Para a confirmação da verdade

da sua ressurreição. A visão foi dobrada, foi triplicada, pois era verdadeira. Aqueles que não creram no primeiro sinal seriam levados a crer na voz dos sinais posteriores. [2] Como um exemplo da contínua bondade de Cristo aos seus discípulos. Uma vez, e outra vez, e uma terceira vez, Ele os visitou. É bom manter um registro das graciosas visitas de Cristo, pois Ele mantém um registro delas, e elas nos serão lembradas, contra nós, se não permanecermos dignos delas, como o foram contra Salomão, quando foi lembrado de que o Senhor Deus de Israel tinha aparecido duas vezes a ele. Agora é a terceira vez. Será que nós aproveitamos devidamente a primeira e a segunda? Veja 2 Coríntios 12.14. Esta é a terceira vez, e talvez seja a última.

A Conversa de Cristo com Pedro

vv. 15-19

Aqui temos a conversa de Cristo com Pedro, depois do jantar. Grande parte desta está relacionada a ele mesmo, em que:

I O Senhor examina o amor que Pedro tem por Ele, e lhe dá uma incumbência a respeito do seu rebanho, vv. 15-17. Observe:

1. Quando Cristo iniciou esta conversa com Pedro: “Depois de terem jantado”. Todos eles tinham comido e estavam satisfeitos, e, provavelmente, estavam entretidos com o discurso edificante que nosso Senhor Jesus costumava fazer à mesa. Cristo previu que aquilo que Ele tinha a dizer a Pedro poderia causar-lhe algum desconforto, e, portanto, não quis dizer-lhe até que todos tivessem jantado, porque não desejou estragar o jantar de Pedro. Pedro estava consciente de que tinha causado desprazer ao seu Mestre, e não poderia esperar outra coisa além de ser censurado pela sua traição e ingratidão. “É esta sua gratidão para com seu amigo? Eu não lhe disse que covarde você provaria que é?” Não, ele poderia, com razão, esperar ser removido do grupo dos discípulos, e ser expulso daquela comunhão sagrada. Duas vezes, se não três, ele tinha visto seu Mestre desde sua ressurreição, e Ele não havia lhe dito nem uma palavra sobre isto. Podemos imaginar Pedro cheio de dúvidas quanto à sua situação perante seu Mestre. Talvez até pudesse estar esperando o melhor, porque tinha recebido graças dele, juntamente com os demais, mas não sem alguns temores de que a

reprovação viesse, por fim, pois era o que ele realmente merecia. Porém agora, por fim, seu Mestre o tirava da sua agonia, dizendo-lhe o que tinha que dizer-lhe, e confirmando-o no seu lugar, como um apóstolo. Ele não mencionou seu erro precipitadamente, mas adiou por algum tempo. Não lhe falou sobre o erro de maneira irracional, para perturbar o grupo durante o jantar, mas depois que tinham jantado juntos, como sinal de reconciliação, então conversou com ele sobre o erro, não como se falasse com um criminoso, mas com um amigo. Pedro tinha se repreendido por isto, e, por essa razão, Cristo não o repreendeu, nem lhe falou sobre isto diretamente, mas somente por uma sugestão tácita. E, estando satisfeito com sua sinceridade, a ofensa não somente foi perdoada, mas também esquecida. E Cristo lhe deu a entender que Ele o queria tanto quanto antes. Com isto, o Senhor nos deu um exemplo do encorajamento e da ternura com que trata os penitentes, e nos ensinou, da mesma maneira, a restaurar aqueles que estão caídos, com espírito de mansidão.

2. Como foi a conversa propriamente dita. Aqui a mesma pergunta foi feita três vezes, e a mesma resposta foi dada três vezes, e a mesma contestação foi feita três vezes, com muito pouca variação, e ainda assim sem vã repetição. A mesma coisa foi repetida pelo nosso Salvador, ao dizê-la, mais para afetar a Pedro e os outros discípulos que estavam presentes, e é repetida pelo evangelista, ao escrevê-la, mais para afetar a nós e a todos os que a lerem.

(1) Três vezes Cristo pergunta a Pedro se ele o ama. Na primeira vez, a pergunta é: “Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?” Observe:

[1] Como Ele o chama: “Simão, filho de Jonas”. Ele o chama pelo nome, para afetá-lo mais, como em Lucas 22.31: “Simão, Simão”. Ele não o chama de Cefas, nem de Pedro, o nome que Ele lhe tinha dado (pois ele tinha perdido a credibilidade da força e da estabilidade que estes nomes significavam), mas pelo seu nome original, Simão. Porém, Ele não lhe dirige palavras duras, não grita seu nome, embora Pedro o merecesse. Ele o chama como o chamou em Mateus 16.17: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas”. Ele o chama de filho de Jonas para lembrá-lo da sua origem, do quanto ela era humilde, e indigno da honra à qual ele fora promovido.

[2] Como Ele o interroga: “Amas-me mais do que estes?”

Em primeiro lugar: “Amas-me?” Se formos investigar se somos realmente discípulos de Cristo, a pergunta deve ser: “Nós o amamos?” Mas há uma razão especial pela qual Cristo agora faz esta pergunta a Pedro. 1. Sua queda

tinha aberto uma oportunidade para que as dúvidas sobre seu amor fossem esclarecidas: “Pedro, Eu tenho motivos para suspeitar do seu amor, pois, se você me amasse, não teria se envergonhado nem teria se amedrontado de reconhecer-me, nos meus sofrimentos. Como você pode dizer que me ama, quando seu coração não estava comigo?” Observe que não devemos considerar como uma afronta ter nossa sinceridade questionada, quando nós mesmos fizemos algo que a tornou questionável. Depois de uma queda, devemos tomar cuidado para não pensar que a situação já está completamente solucionada, para não nos firmarmos sobre um pensamento equivocado. A pergunta é comovente. Ele não pergunta: “Você me teme? Você me honra? Você me admira?” Mas: “Você me ama? Dê-me provas disto, e a afronta será ignorada e não mais se falará sobre isto”. Pedro tinha professado ser um penitente, e isto foi testemunhado pelas suas lágrimas e pelo seu retorno ao grupo dos discípulos. Agora ele estava passando pelo seu período de experiência como penitente. Mas a pergunta não é: “Simão, quanto você chorou? Com que freqüência você jejuou, e atormentou sua alma?” Mas: Você me ama? É isto que tornará aceitáveis as demais expressões de arrependimento. O fator principal que Cristo procura nos penitentes é que o busquem em meio ao seu arrependimento. Muitos pecados foram perdoados à mulher, não porque chorou muito, mas porque muito amou. 2. Seu papel daria ocasião para o exercício do seu amor. Antes que Cristo confiasse suas ovelhas aos cuidados de Pedro, Ele lhe perguntou: “Amas-me?” Cristo tem uma consideração tão carinhosa pelo seu rebanho, que não o confiará a ninguém, exceto àqueles que o amam, e, portanto, irão amar a todos os que são seus, por sua causa. Aqueles que não amam verdadeiramente a Cristo, nunca irão verdadeiramente amar as almas dos homens, nem se preocuparão naturalmente com sua condição, como deveriam. Nem irá amar seu trabalho aquele ministro que não ama seu Mestre. Nada, exceto o amor de Cristo, irá constranger os ministros a prosseguirem alegremente em meio às dificuldades e aos desencorajamentos que certamente encontrarão no seu trabalho, 2 Coríntios 5.13,14. Mas este amor tornará fácil seu trabalho, e eles se dedicarão seriamente a ele.

Em segundo lugar, “Amas-me mais do que estes?” *Pleion touton*. 1. “Você me ama mais do que ama a estes, mais do que ama a estas pessoas?” Você me ama mais do que ama a Tiago ou a João, seus amigos íntimos, ou a André, seu próprio irmão e companheiro. Não amam a Cristo da maneira adequada

aqueles que não o amam mais do que ao melhor amigo que têm no mundo, e que deixam isto claro, sempre que este assunto surge através de uma comparação ou competição. Ou: “Você me ama mais do que ama estas coisas, estes barcos e estas redes, mais do que todo o prazer de pescar, que para alguns é recreação, mais do que o ganho da pesca, que para alguns se torna uma vocação?” Somente amam a Cristo verdadeiramente aqueles que o amam mais do que a todos os prazeres dos sentidos e a todos os ganhos deste mundo. “Você me ama mais do que ama esta ocupação à qual está se dedicando agora? Se sua resposta for sim, deixe-a para se dedicar inteiramente a apascentar meu rebanho”, segundo o Dr. Whitby. 2. “Você me ama mais do que estes me amam, mais do que qualquer outro dos discípulos me ama?” E então a pergunta tem a finalidade de repreendê-lo pela sua vanglória inútil: Ainda que todos os homens se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei. “Você ainda pensa da mesma maneira?” Ou dar-lhe a entender que agora ele tinha mais razões para amá-lo do que qualquer outro dos discípulos tinha, pois muito mais lhe tinha sido perdoado do que a qualquer outro deles, de modo que seu pecado, ao negar a Cristo, foi maior do que o deles, ao abandoná-lo. “Dize, pois: qual deles o amará mais?” Lucas 7.42. Observe que todos nós devemos nos esforçar para nos sobressair no nosso amor por Cristo. A atitude de disputar quem amará mais a Cristo não prejudicará a paz, e antecipar-se aos outros neste amor também não prejudica as boas maneiras.

Em terceiro lugar, na segunda e na terceira vez em que Cristo fez esta pergunta: 1. Ele deixou de lado a comparação, “mais do que estes”, porque Pedro, na sua resposta, modestamente a deixou de lado, não desejando comparar-se aos seus irmãos, e muito menos privilegiar-se diante deles. Embora não possamos dizer: Nós amamos a Cristo mais do que outros o amam, ainda assim seremos aceitos se pudermos dizer: Nós verdadeiramente o amamos. 2. Na última pergunta, Cristo alterou a palavra, conforme o texto original. Nas duas primeiras perguntas, a palavra no original é: *Agapas me – Você mantém seu carinho por mim*? Como resposta, Pedro usa outra palavra, mais enfática: *Philo se – Eu te amo profundamente*. Ao fazer a pergunta pela última vez, Cristo usa esta mesma palavra: Você realmente me ama profundamente?

(2) Três vezes Pedro dá a mesma resposta a Cristo: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo”. Observe que: [1] Pedro não pretende amar a Cristo mais do que

o amavam os demais discípulos. Agora ele está envergonhado das suas palavras precipitadas: “Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei”. E ele tinha motivos para envergonhar-se. Observe que, embora devamos desejar ser melhores do que outros, nós devemos, com humildade de espírito, avaliar que os outros são melhores do que nós, pois nós conhecemos mais o mal que há em nós mesmos do que o que há em qualquer dos nossos irmãos. [2] Mas ele professa repetidamente que ama a Cristo: “Sim, Senhor, certamente eu o amo. Eu não seria digno de viver, se não o amasse”. Ele tinha uma grande estima e valorizava muito a Cristo, tinha um sentimento de gratidão pela sua bondade, e estava inteiramente devotado à sua honra e aos seus interesses. Sua vontade se dirigia a Ele, como sendo alguém sem o qual ele estaria destruído. O deleite de Pedro estava no Senhor, em quem ele seria indescritivelmente feliz. Isto equivale a uma profissão de arrependimento pelo seu pecado, pois nos entristecemos quando ofendemos alguém a quem amamos, e a uma promessa de união a Ele, como o futuro Senhor. Eu o amo, e nunca o deixarei. Cristo rogou para que sua fé não desfalecesse (Lc 22.32), e, como sua fé não desfaleceu, seu amor também não desfaleceu, pois a fé opera pelo amor. Pedro tinha perdido a certeza do seu relacionamento com Cristo. Agora ele seria readmitido, através do arrependimento. Cristo condiciona seu julgamento a esta pergunta: “Amas-me?” E Pedro confirma: “Senhor... eu te amo”. Observe que aqueles que podem verdadeiramente dizer, por meio da graça, que amam a Jesus Cristo, podem receber o consolo do interesse que têm por Ele, apesar das suas fraquezas cotidianas. [3] Ele apela ao próprio Cristo para a prova do que diz: “Tu sabes que eu te amo”. E na terceira vez, ainda mais enfaticamente: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo”. Ele não convoca seus co-discípulos para que testemunhem a seu favor – eles podem estar enganados sobre ele; nem pensa que sua própria palavra possa ser aceita – a credibilidade dela já tinha sido destruída. Mas ele pede que o próprio Cristo testemunhe. Em primeiro lugar, Pedro tinha certeza de que Cristo sabia tudo, e, particularmente, que Ele conhecia o coração, e podia discernir seus pensamentos e suas intenções, cap. 16.30. Em segundo lugar, Pedro estava satisfeito com o fato de que Cristo, que sabia tudo, conhecia a sinceridade do seu amor por Ele, e estaria disposto a confirmá-la a seu favor. É um terror, para um hipócrita, pensar que Cristo sabe tudo, pois a onisciência divina será uma testemunha contra ele. Mas é um consolo para um cristão sincero o fato

de que ele tem a quem apelar: “Está a minha testemunha no céu, e o meu fiador, nas alturas”. Cristo nos conhece melhor do que nós mesmos nos conhecemos. Embora não conheçamos nossa própria sinceridade, Ele a conhece. [4] Ele se entristeceu quando Cristo perguntou-lhe pela terceira vez: “Amas-me?”, v. 17. Em primeiro lugar, porque isto o lembrou da sua tripla negação de Cristo, e destinava-se claramente a fazer isto. E lembrando-se disto, chorou. Cada lembrança de pecados passados, até mesmo de pecados perdoados, renova a tristeza de um verdadeiro penitente. “Tu te envergonharás quando me reconciliar contigo”. Em segundo lugar, porque isto o fez temer que seu Mestre previsse algum outro erro seu, o que seria uma contradição tão grande à sua profissão de amor por Ele quanto tinha sido à profissão anterior. “Certamente”, pensa Pedro, “meu Mestre não desejaria torturar-me assim, se não visse algum motivo para isto. O que acontecerá comigo se eu for tentado outra vez?” A tristeza piedosa produz zelo e temor, 2 Coríntios 7.11.

(3) Três vezes Cristo confia o cuidado do seu rebanho a Pedro: “Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas... Apascenta as minhas ovelhas”. [1] Aqueles que Cristo confia aos cuidados de Pedro são seus cordeiros e suas ovelhas. A igreja de Cristo é seu rebanho, que Ele resgatou com seu próprio sangue (At 20.28), e Ele é o principal pastor deste rebanho. Neste rebanho, alguns são cordeiros jovens, sensíveis e frágeis, enquanto outros são ovelhas crescidas, que já possuem alguma força e maturidade. Aqui o Pastor cuida de ambos, e primeiro dos cordeiros, pois, em todas as ocasiões, Ele mostrou um carinho particular por eles. Ele recolhe os cordeirinhos nos braços, e os leva no seu regaço, Isaías 40.11. [2] A incumbência que Ele dá a Pedro é de apascentá-los. A palavra usada nos versículos 15 e 17 é *boske*, que significa, literalmente, dar-lhes alimento. Mas a palavra usada no versículo 16 é *poimaine*, que tem um significado mais amplo, o de fazer por eles todas as atribuições de um pastor: “Apascente os cordeiros com aquilo que é adequado para eles, e as ovelhas, da mesma maneira, com o alimento conveniente. Procure e alimente as ovelhas perdidas da casa de Israel, e faça o mesmo às outras ovelhas que não são deste rebanho”. Observe que é dever de todos os ministros de Cristo apascentar seus cordeiros e suas ovelhas. Apascente-os, isto é, ensine-os, pois a doutrina do Evangelho é alimento espiritual. Apascente-os, isto é: “Conduza-os aos pastos verdejantes, presidindo suas assembléias religiosas e ministrando-lhes

todas as ordenanças. Apascente-os com aplicação pessoal às suas condições e situações respectivas. Não somente coloque o alimento diante deles, mas alimente aqueles que são voluntariosos e não desejam alimentar-se, ou os que estão fracos e não podem alimentar-se". Quando Cristo ascendeu ao céu, Ele deu pastores, deixou seu rebanho aos cuidados daqueles que o amavam, e que cuidariam do rebanho por amor a Ele. [3] Mas, por que Ele deu esta incumbência particularmente a Pedro? Se perguntarmos aos defensores da supremacia papal, eles dirão que, com isto, Cristo pretendia dar a Pedro, e, portanto, aos seus sucessores, e, conseqüentemente, aos bispos de Roma, um domínio absoluto e uma liderança sobre toda a igreja cristã, como se a tarefa de servir às ovelhas lhes conferisse um poder de dominar todos os pastores. Ao passo que, como está claro, o próprio Pedro nunca reivindicou tal poder, nem os outros discípulos jamais o reconheceram nele. Esta incumbência dada a Pedro, de pregar o Evangelho, acabou, por um estranho artifício, sustentando a usurpação dos seus pretensos sucessores, que tosquiam as ovelhas e, em lugar de apascentá-las, se alimentam delas. Mas a aplicação particular a Pedro aqui se designava, em primeiro lugar, a restaurá-lo ao seu apostolado, agora que ele se arrependia de ter renunciado a ele, e a renovar sua comissão, tanto para sua própria satisfação quanto para a satisfação dos seus irmãos. Supõe-se que uma missão, dada a alguém condenado por um crime, equivale a um perdão. Sem dúvida, esta comissão dada a Pedro era uma evidência de que Cristo havia se reconciliado com ele, caso contrário Ele nunca teria depositado tal confiança nele. A respeito de alguns que nos enganaram, podemos dizer: "Ainda que os perdoemos, nunca confiaremos neles". Mas Cristo, depois de perdoar a Pedro, confiou-lhe o mais valioso tesouro que Ele tinha na terra. Em segundo lugar, ela se destinava a motivá-lo a cumprir diligentemente sua função como apóstolo. Pedro era um homem de espírito ousado e zeloso, sempre pronto a falar e agir, e, para que não fosse tentado a assumir a direção dos pastores, ele é encarregado de apascentar o rebanho, assim como ele mesmo incumbe todos os presbíteros de fazê-lo, e não de ter domínio sobre a herança de Deus, 1 Pedro 5.2,3. Se ele deseja estar ativo, que faça isto, e não tenha pretensões que vão além disto. Em terceiro lugar, o que Cristo disse a Pedro, Ele disse a todos os seus discípulos. Ele os designou a todos, não somente para que fossem pescadores de homens (embora isto fosse dito a Pedro, Lucas 5.10), trabalhando pela conversão dos pecadores, mas que apascentassem o rebanho, trabalhando

pela edificação dos santos.

II Tendo indicado a Pedro o trabalho a realizar, Cristo lhe indica, a seguir, o sofrimento a enfrentar. Tendo-lhe confirmado a honra de ser um apóstolo, agora Cristo lhe fala de outra primazia que lhe fora designada – a honra de ser um mártir. Observe:

1. Como seu martírio é predito (v. 18): “Estenderás as mãos”, sendo obrigado a isto, “e outro te cingirá” (como um prisioneiro que é manietado) “e te levará para onde”, obviamente, “tu não queiras”.

(1) Ele introduz o aviso que dá a Pedro, sobre seus sofrimentos, com uma declaração muito solene: “Na verdade, na verdade te digo”. Isto não é dito como algo provável, que talvez possa acontecer, mas como algo certo: “Te digo”. “Outros, talvez, lhe dirão, como você me disse: ‘De modo nenhum te acontecerá isso’. Mas Eu digo que acontecerá”. Da mesma maneira como Cristo tinha previsto todos os seus próprios sofrimentos, também previu os sofrimentos de todos os seus seguidores, e lhes predisse, embora não em particular, como a Pedro, mas em geral, que cada um deles deveria tomar sua cruz. Tendo-o encarregado de apascentar seu rebanho, o Senhor lhe recomenda que não espere tranqüilidade e honra nesta tarefa, mas dificuldades e perseguições, e que suporte o mal que receberá na terra por fazer o bem.

(2) Ele prediz particularmente que Pedro sofreria uma morte violenta, pelas mãos de um executor. O estender das suas mãos, opinam alguns, sugere a forma da sua morte, por crucificação. E a tradição dos antigos, se confiarmos nela, nos informa que Pedro foi crucificado em Roma, durante o governo de Nero, em 68 d.C., ou, como dizem outros, em 79 d.C. Outros pensam que isto se refere aos grilhões e ao aprisionamento que atrapalham aqueles que são condenados à morte. A pompa e a solenidade de uma execução aumentam muito o terror da morte, e para qualquer olho sensível, a fazem parecer duplamente pavorosa. A morte, nestas formas horríveis, freqüentemente tem sido o destino dos fiéis a Cristo, que ainda assim a derrotaram pelo sangue do Cordeiro. Esta predição, embora aponte principalmente para sua morte, deveria cumprir-se nos sofrimentos pelos quais passaria antes de sua morte. Ela começou a cumprir-se imediatamente, quando ele foi aprisionado, Atos 6.3; 5.18; 12.4. Nada mais é indicado aqui, quanto a ser levado para onde não quisesse, exceto que ele seria levado a

uma morte violenta, uma morte na qual nem mesmo as criaturas inocentes poderiam pensar sem temor, e da qual não poderiam se aproximar sem relutância. Aquele que se reveste da natureza cristã, não se despe de sua natureza humana. O próprio Cristo orou contra o cálice amargo. Uma aversão natural à dor e à morte pode ser compatível com uma submissão santa à vontade de Deus em ambas. O abençoado apóstolo Paulo, embora desejasse ser libertado da carga, reconhece que não poderia desejar ser despido, 2 Coríntios 5.4.

(3) Ele compara isto com a liberdade anterior de Pedro: “Quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias”. Quando chegam os problemas, nós somos capazes de agravá-los pensando em como já foi diferente. E podemos ficar ainda mais irritados com o descontentamento que trazem as restrições, a doença e a pobreza, por conhecermos as doçuras da liberdade, da saúde e da abundância, Jó 29.2; Salmos 42.4. Mas nós podemos ver de outra maneira, e pensar interiormente: “Quantos anos de prosperidade eu tive, além do que mereci e aproveitei? E, tendo recebido o bem, não receberei também o mal?” Veja aqui: [1] Que mudança pode haver em nossas vidas, quanto à nossa condição neste mundo! Aqueles que se cingiam, com força e honra, e que se permitiam as maiores liberdades, talvez leviandades, podem ficar reduzidos a circunstâncias que sejam o oposto de tudo isto. Veja 1 Samuel 2.5. [2] Que mudança acontece imediatamente com aqueles que deixam tudo para seguir a Cristo! Eles já não mais se cingem, mas Ele deve cingi-los! E não mais caminharão para onde quiserem, mas para onde Ele quiser. [3] Que mudança certamente ocorrerá em nossas vidas, se vivermos até a velhice! Aqueles que, quando eram jovens, tinham força física e vigor de espírito, e podiam facilmente enfrentar trabalhos e dificuldades, e desfrutar dos prazeres que desejassem, quando ficarem velhos, descobrirão que sua força se foi, como Sansão, quando lhe cortaram o cabelo e ele não pôde livrar-se como das outras vezes.

(4) Cristo diz a Pedro que ele iria sofrer assim na sua velhice. [1] Embora ele estivesse velho, e, no curso da natureza, não tivesse probabilidade de viver muito tempo mais, ainda assim seus inimigos o expulsariam do mundo violentamente quando ele estivesse prestes a retirar-se tranqüilamente, e apagariam sua chama quando ela tivesse ardido quase integralmente. Veja 2 Crônicas 36.17. [2] Deus o protegeria da fúria dos seus inimigos até que ele ficasse velho, para que pudesse estar mais preparado para os sofrimentos, e a

igreja pudesse desfrutar de seus serviços por mais tempo.

2. A explicação desta predição (v. 19). Ele “disse isso” a Pedro, “significando com que morte havia ele de glorificar a Deus”, quando ele tivesse concluído seu curso. Observe: (1) Que não somente está indicado que todos morrerão, mas está indicado, a cada um, que tipo de morte terá, se natural ou violenta, lenta ou repentina, tranqüila ou dolorosa. Quando Paulo fala de uma morte tão tremenda, ele sugere que há graus de morte. Existe uma maneira de vir ao mundo, mas muitas maneiras para sair dele, e Deus determinou de que maneira nós sairemos. (2) Que a grande preocupação de todo homem bom, independentemente da morte que tenha, é glorificar a Deus nela, pois, qual é nosso objetivo principal, senão este: morrer para o Senhor, quando Ele assim ordene? Quando nós morremos pacientemente, submetendo-nos à vontade de Deus, morremos alegremente, regozijando-nos na esperança da glória de Deus, e morremos de forma proveitosa, dando testemunho da veracidade e da bondade da religião, e incentivando a outros. Assim, nós glorificamos a Deus na morte, e isto é o que sinceramente esperam todos os bons cristãos, como Paulo, que esperava que Cristo pudesse ser engrandecido nele, quer vivesse, quer morresse, Filipenses 1.20. (3) Que a morte dos mártires foi, de uma maneira especial, para a glória de Deus. As verdades de Deus, em cuja defesa eles morreram, com isto são confirmadas. A graça de Deus, que os conduziu com tanta constância em meio aos seus sofrimentos, com isto é enaltecida. E as consolações de Deus, que abundaram para eles nos seus sofrimentos e nas suas promessas, a fonte das suas consolações, são recomendadas à fé e à alegria de todos os santos. O sangue dos mártires tem sido a semente da igreja, e gerado a conversão e o estabelecimento de milhões e milhões de pessoas ao longo dos séculos. Preciosa, portanto, é à vista do Senhor a morte dos seus santos, como algo que o honra. E àqueles que o honrarem, Ele honrará.

3. A palavra de ordem que o Senhor lhe dá: depois de ter dito isto, observando Pedro, que talvez parecesse pálido com estas notícias, Ele lhe disse: “Segue-me”. Provavelmente, o Senhor tenha se levantado do lugar onde tinha se sentado durante o jantar, tenha caminhado um pouco, e pedido que Pedro o acompanhasse. Estas palavras: “Segue-me”, eram: (1) Uma confirmação adicional da sua restauração à graça do seu Mestre, e ao seu apostolado, pois “segue-me” foi o primeiro chamado. (2) Uma explicação da predição dos seus sofrimentos, que talvez Pedro não compreendesse

integralmente a princípio, até que Cristo lhe deu esta explicação: "'Segue-me'. Espera ser tratado como Eu fui, e trilhar o mesmo caminho sangrento que Eu trilhei antes de ti, pois não é o discípulo maior do que seu senhor". (3) Para motivá-lo, e incentivá-lo na fidelidade e na diligência no seu trabalho como apóstolo. O Senhor lhe tinha dito que apascentasse seu rebanho, e que tivesse o exemplo de seu Mestre diante de si, como um exemplo de cuidado pastoral: "Faça como Eu fiz". Que os pastores auxiliares se empenhem em imitar o Pastor Principal. Eles tinham seguido Cristo enquanto Ele ainda estava aqui na terra, e agora que os estava deixando Ele ainda lhes pregava o mesmo dever, mesmo que devesse ser cumprido de outra maneira: "Segue-me". Eles ainda teriam que seguir as regras que Ele lhes tinha dado, e o exemplo que Ele lhes tinha mostrado. E que incentivo maior do que este eles poderiam ter, tanto no serviço quanto nos sofrimentos? [1] Que assim eles estariam seguindo ao Senhor, e esta seria sua honra imediata. Quem se envergonharia de seguir um líder como o Senhor Jesus Cristo? [2] Que eles estavam sendo informados de que no futuro o seguiriam, e que esta seria sua felicidade futura. Assim, esta é uma repetição da promessa que Cristo tinha feito a Pedro (cap. 13.36): "Depois, me seguirás". Aqueles que seguem a Cristo fielmente na graça, certamente o seguirão rumo à glória.

A Conversa de Cristo com Pedro. A Conclusão do Evangelho de João

vv. 20-25

Nestes versículos, temos:

I A conversa que Cristo teve com Pedro, com relação a João, o discípulo amado, onde temos:

1. O olhar que Pedro lançou sobre ele (v. 20): Pedro, em obediência às ordens do seu Mestre, seguiu-o, e voltando-se, agradecido pela honra que seu Mestre lhe dava agora, viu o discípulo que Jesus amava seguindo-o também. Observe aqui: (1) Como João é descrito. Ele não cita seu nome, como se achasse que seu nome não era merecedor de ser preservado nestes registros, mas fornece tal descrição de si mesmo que é suficiente para nos informar a

quem ele se referia, e também nos fornece a razão pela qual seguia a Cristo tão de perto. Ele era o discípulo a quem Jesus amava, ao qual o Senhor demonstrou uma bondade especial, acima dos outros, e, portanto, não se pode culpá-lo por desejar estar, tanto quanto possível, entre aqueles que ouviam as palavras benévolas de Cristo durante aqueles minutos preciosos que Ele lhes concedeu. É provável que a menção feita aqui, de João inclinando-se sobre o peito de Jesus e perguntando a respeito do traidor, o que ele fez sob a instigação de Pedro (cap. 13.24), seja uma razão pela qual Pedro fez a pergunta seguinte a respeito dele, para recompensá-lo pela generosidade anterior. Então, João estava no lugar do favorito, recostado no peito de Cristo, e aproveitou a oportunidade para condescender com Pedro. E agora que Pedro estava em uma posição privilegiada, chamado a caminhar com Cristo, achou-se obrigado, por gratidão, a fazer a pergunta sobre João, por achar que o agradaria, pois todos nós desejamos saber o que está por vir. Observe que, assim como temos interesse no trono da graça, devemos aprimorá-lo para o benefício uns dos outros. Aqueles que nos ajudam com suas orações, em certa ocasião, devem ser ajudados por nós, com nossas orações, em outras ocasiões. Esta é a comunhão dos santos. (2) O que ele fez: ele também seguiu a Jesus, o que mostra o quanto ele amava sua companhia. Onde Ele estivesse, também seu servo desejava estar. Quando Cristo chamou Pedro para segui-lo, parece que Ele desejava conversar em particular com ele. Mas tal era a afeição que João tinha por seu Mestre, que preferiu fazer algo que parecesse rude a perder o benefício das palavras de Cristo. Aquilo que Cristo disse a Pedro, João tomou como se fosse dito a si mesmo, pois a palavra de ordem: “Segue-me”, havia sido dada a todos os discípulos. Pelo menos, ele desejava ter a companhia daqueles que tinham a companhia de Cristo, e acompanhar aqueles que o acompanhavam. O fato de que alguém siga a Cristo deve atrair a outros. “Leva-me tu, correremos após ti”, Cantares 1.4. (3) A observação que Pedro fez disto: ele, “voltando-se, viu” Isto pode ser considerado, ou: [1] Como uma distração censurável, enquanto seguia ao seu Mestre. Ele deveria estar totalmente concentrado em seguir a Cristo, e ter esperado para ouvir o que Ele ainda tinha a dizer-lhe, e, no entanto, ele estava olhando à sua volta para ver quem o seguia. Observe que os melhores homens acham difícil acompanhar ao Senhor sem distração, difícil manter suas mentes concentradas, como deveriam estar, ao seguirem a Cristo. E uma consideração inoportuna e desnecessária pelo nosso irmão freqüentemente

nos desvia de nossa comunhão com Deus. Ou [2] Como uma consideração louvável por seus co-discípulos. Ele não estava tão exaltado com a honra que o Mestre lhe deu, ao isolá-lo dos outros, a ponto de negar um olhar bondoso àquele que o seguia. Os atos de amor pelos nossos irmãos devem acompanhar os atos de fé em Cristo.

2. A pergunta que Pedro fez a respeito dele (v. 21): "'Senhor, e deste que será?' O Senhor me disse que meu trabalho é apascentar o rebanho, e meu destino, ser levado para onde eu não queira. Qual será o trabalho dele, e seu destino?" Isto pode ser interpretado como a linguagem: (1) Da preocupação por João, e da bondade demonstrada a ele: "Senhor, tu demonstraste por mim muita generosidade. Aqui vem teu discípulo amado, que nunca perdeu o direito à tua generosidade, como eu fiz. Ele espera ser notado. Tu não tens nada a dizer-lhe? Não lhe dirás a que deve se dedicar, e como deve te honrar?" (2) Ou da inquietude frente ao que Cristo lhe havia dito com relação aos seus sofrimentos: "Senhor, somente eu deverei ser levado para onde não desejar? Serei assinalado para ser destruído, e este homem não deve compartilhar da cruz?" É difícil nos resignarmos a sofrimentos distintos e a problemas nos quais pensamos estar sozinhos. (3) Ou da curiosidade, e de um desejo terno de conhecer as coisas futuras a respeito dos outros, bem como a seu próprio respeito. Aparentemente, pela resposta de Cristo, havia algo inoportuno na pergunta. Depois que Cristo lhe tinha confiado tal tesouro, e lhe tinha avisado sobre tal provação, teria sido conveniente que ele tivesse dito: "Senhor, e o que eu farei, então, para provar ser fiel a tal confiança, em meio a tal provação? Senhor, aumente minha fé. Que minha força seja como meu dia". Mas, em vez disto: [1] Ele parece mais preocupado com outra pessoa do que consigo mesmo. Nós somos capazes de nos preocupar com os problemas dos outros, mas negligenciar os interesses das nossas próprias almas. Temos visão muito acurada para os outros, mas somos míopes em casa, julgando os outros e prognosticando o que eles irão fazer, quando temos o suficiente para fazer, para provar nosso próprio trabalho e entender nosso próprio caminho. [2] Ele parece mais preocupado com os acontecimentos do que com o dever. João era mais jovem que Pedro, e, no curso da natureza, provavelmente viveria mais que ele. "Senhor", diz Pedro, "o que está reservado a ele?" Uma vez que Deus, pela sua graça, nos capacita para perseverar até o fim, e concluir bem, e chegar ao céu em segurança, nós não devemos perguntar: "Qual será o destino daqueles que

vierem atrás de nós?” Não haverá, em meus dias, paz e verdade? As predições das Escrituras devem ser interpretadas como orientando nossas consciências, e não satisfazendo nossa curiosidade.

3. A resposta de Cristo a sua pergunta (v. 22): “‘Se eu quero que ele fique até que eu venha’, e não sofra como tu deves, ‘que te importa a ti?’ Preocupa-te com teu próprio dever, teu dever atual, ‘segue-me tu’”.

(1) Aqui parece haver uma indicação do objetivo de Cristo a respeito de João, em dois aspectos: [1] Que ele não sofreria uma morte violenta, como Pedro, mas permaneceria até que o próprio Cristo viesse, por meio de uma morte natural, buscá-lo para si mesmo. Os historiadores antigos mais dignos de crédito nos dizem que João foi o único, de todos os doze, que não morreu, na verdade, como um mártir. Ele estava sempre em perigo, aprisionado ou no exílio, mas, no final, morreu na sua cama, com uma idade avançada. Observe que, em primeiro lugar, por ocasião da morte, Cristo vem para nos chamar para a prestação de contas, e nos interessa estar prontos para sua vinda. Em segundo lugar, embora Cristo separe alguns dos seus discípulos para resistir até ao sangue, Ele não o faz com todos. Embora a coroa do martírio seja brilhante e gloriosa, ainda assim o discípulo amado não a alcança. [2] Que ele não morreria até a vinda de Cristo, para destruir Jerusalém. Assim alguns interpretam sua permanência até que Cristo venha. Todos os demais apóstolos morreram antes da destruição, mas João viveu muitos anos depois dela. Deus sabiamente ordenou que um dos apóstolos vivesse tanto tempo, para concluir o cânon do Novo Testamento, o que João fez solenemente (Ap 22.18), e para eliminar o desígnio do inimigo, que plantou joio antes mesmo que os servos adormecessem. João viveu para enfrentar Ebion, Cerinto e outros hereges, que surgiram em pouco tempo, dizendo coisas perversas.

(2) Outros pensam que isto é somente uma repreensão à curiosidade de Pedro, e que a permanência de João até a segunda vinda de Cristo é somente a suposição de algo absurdo: “Para que você deseja saber aquilo que é alheio a você e secreto? Suponha que Eu deseje que João nunca morra, o que você tem a ver com isto? Não lhe diz respeito, nem quando, nem onde, nem como, João deverá morrer. Eu lhe disse como você deverá morrer, e isto é o que lhe diz respeito. Para você, é suficiente saber disto. Quanto ao mais, apenas siga-me”. Observe que é a vontade de Cristo que seus discípulos se preocupem com seu dever atual, e não sejam curiosos nas suas perguntas sobre os eventos futuros, sejam eles relativos a eles mesmos ou a outros. [1] Há

muitas coisas que nós somos capazes de perguntar que não nos interessam. O caráter das outras pessoas não nos interessa. Não nos cabe julgá-las, Romanos 14.4. “Sejam eles quais forem”, diz Paulo, “não faz diferença para mim”. Os assuntos das outras pessoas não nos dizem respeito, e não devemos nos intrometer neles. Nós devemos trabalhar tranqüilamente, e cuidar da nossa própria vida. Muitas perguntas minuciosas e curiosas são propostas aos escribas e aos debatedores deste mundo a respeito dos conselhos de Deus, e da situação do mundo invisível, a respeito do que podemos dizer: O que temos nós com isto? O que você acha que irá acontecer com este ou aquele? É uma pergunta comum, que pode facilmente ser respondida por outra: O que eu tenho com isto? Para seu próprio senhor, ele está em pé ou cai. Que direito temos de saber os tempos e as estações? As coisas secretas não nos pertencem. [2] O grande ponto que diz respeito a todos nós é o dever, e não o evento, pois o dever é nosso, e os eventos são deveres de Deus. Devemos estar preocupados com nosso próprio dever, e não com o dos outros, pois cada um deverá levar sua própria carga. Devemos pensar no nosso dever atual, e não no dever que deveremos cumprir em tempos futuros, pois os afazeres do dia serão o suficiente para cada dia: “Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor” (Sl 37.23). O homem bom é guiado passo a passo. Todo o nosso dever se resume neste único dever: seguir a Cristo. Nós devemos acompanhar seus movimentos, e nos adequarmos a eles, segui-lo para honrá-lo, como o servo ao seu mestre. Nós devemos seguir pelo caminho em que Ele seguiu, e desejar estar onde Ele estiver. E, se desejarmos realizar atentamente o dever de seguir a Cristo, nós não encontraremos nem ânimo nem tempo para nos intrometermos com aquilo que não nos pertence.

4. O engano que estas palavras de Cristo suscitaram, de que este discípulo não morreria, mas permaneceria com a igreja até o final dos tempos, juntamente com a supressão desta proposta, por uma repetição das palavras de Jesus, v. 23. Observe aqui:

(1) O fácil surgimento de um engano na igreja, pela má interpretação das palavras de Cristo, transformando uma suposição em uma posição. Por João não dever sofrer a morte de um mártir, eles concluíram que ele não morreria de nenhuma maneira.

[1] Eles se inclinaram a esperar isto, porque não podiam deixar de desejar isto. *Quod volumus facile crediumus – Nós acreditamos facilmente naquilo que desejamos que seja verdade*. A permanência de João na carne, depois

que todos os demais tivessem partido, e sua permanência no mundo até a segunda vinda de Cristo, pensam eles, será uma grande bênção para a igreja, que, em todas as épocas, poderá recorrer a ele, como um oráculo. Quando eles estavam prestes a perder a presença física de Cristo, esperavam poder ter a do seu discípulo amado, como se a presença de João suprisse a falta de Cristo, esquecendo-se que o bendito Espírito, o Consolador, é quem deveria fazer isto. Observe que somos capazes de apreciar excessivamente os homens e os meios, os instrumentos e os auxílios externos, pensando que seremos felizes se pudermos apenas tê-los sempre conosco. Ao passo que Deus irá mudar seus obreiros, e ainda assim dará prosseguimento à sua obra, para que a excelência do poder possa ser de Deus, e não dos homens. Não existe a necessidade de ministros imortais para serem os líderes da igreja, pois ela está sob a direção do Espírito eterno.

[2] Talvez eles tivessem suas expectativas confirmadas quando descobrissem que João viveu mais que todos os demais apóstolos. Por ter vivido muito tempo, eles estavam prontos a pensar que ele viveria para sempre. Ao passo que “o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar”, Hebreus 8.13.

[3] No entanto, isto surgiu da má interpretação das palavras do Senhor Jesus Cristo, e se divulgou na igreja. Com isto, aprendemos, em primeiro lugar, a incerteza da tradição humana, e a tolice de edificar nossa fé sobre ela. Aqui houve uma tradição, uma tradição apostólica, dizeres que se difundiram entre os irmãos. Era antiga, era comum, era pública, e ainda assim era falsa. Então, como merecem pouca confiança aquelas tradições não escritas, que o Concílio de Trento decretou que deveriam ser aceitas com uma veneração e um afeto piedoso equivalentes àqueles que são devidos às Escrituras Sagradas. Aqui houve uma exposição tradicional das Escrituras. Não consistiu de nenhum dizer novo de Cristo, mas somente de uma interpretação atribuída pelos irmãos àquilo que Ele realmente disse, e ainda assim foi uma interpretação equivocada. Que as Escrituras sejam seu próprio intérprete, e expliquem a si mesmas, pois elas já são, em grande medida, sua própria evidência, e provam a si mesmas, porque são a luz. Em segundo lugar, que os homens têm uma grande capacidade de interpretar mal as palavras de Cristo. Os erros mais grosseiros, às vezes, ocultam-se sob a sombra de verdades incontestáveis, e as próprias Escrituras são disputadas pelos indoutos e instáveis. Não devemos julgar estranho, se ouvirmos as palavras de Cristo

mal interpretadas, citadas para patrocinar os erros do anticristo, e a impudente doutrina da transubstanciação, em relação à qual um exemplo é a pretensão de edificá-la sobre aquelas benditas palavras de Cristo: “Isto é o meu corpo”.

(2) A fácil retificação de tais enganos, seguindo a Palavra de Cristo, e obedecendo a ela. Assim, o evangelista aqui corrige e controla estes dizeres, entre os irmãos, repetindo as mesmas palavras de Cristo. Jesus não disse que aquele discípulo não morreria. Portanto, não digamos isto. Mas Ele disse: “Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti?” Ele disse isto, e nada além disto. Não acrescentem nada às suas palavras. Que as palavras de Cristo falem por si mesmas, e que nenhum sentido seja atribuído a elas, exceto o genuíno e natural. E nisto, estejamos todos de acordo. Observe que a melhor finalidade das controvérsias dos homens deveria ser conservar as palavras expressas das Escrituras e falar, assim como pensar, de acordo com elas, Isaías 8.20. A linguagem das Escrituras é o veículo mais seguro e apropriado para a verdade das Escrituras: as palavras que o Espírito Santo ensina, 1 Coríntios 2.13. Como as próprias Escrituras, devidamente atendidas, são a melhor arma com a qual podemos combater todos os erros perigosos (e, por esta razão, os deístas, os socinianos, os papistas e os entusiastas fazem tudo o que podem para abolir a autoridade das Escrituras), também as próprias Escrituras, quando nos submetemos devidamente a elas, são o melhor bálsamo para curar as feridas que são feitas por diferentes modos de expressão, relacionados com as mesmas verdades. Até mesmo aqueles que não são capazes de concordar na mesma lógica e metafísica, e com a propriedade dos mesmos termos da atmosfera, e sua aplicação, podem concordar nos mesmos termos das Escrituras, e então podem concordar em amar uns aos outros.

II Aqui temos a conclusão deste Evangelho, e com ele, a conclusão da história evangélica, vv. 24,25. Este evangelista não conclui seu Evangelho tão abruptamente como os outros três, mas com um tipo de cadência.

1. Este Evangelho é concluído com uma explicação do seu autor ou escritor, conectada, por meio de uma transição adequada, ao que veio anteriormente (v. 24): “Este é o discípulo que testifica dessas coisas” para a época atual, e as escreveu para o benefício da posteridade, o mesmo discípulo sobre o qual Pedro e seu Mestre tiveram aquela conversa nos

versículos anteriores – João, o apóstolo. Observe aqui que: (1) Aqueles que escreveram a história de Cristo não se envergonharam de assiná-la com seus nomes. Aqui João, na verdade, assina seu nome. Assim como nós temos certeza de quem foi o autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, que foram o alicerce daquela revelação, também temos certeza de quem foram os escritores dos quatro Evangelhos e do Livro de Atos, o Pentateuco do Novo Testamento. O registro da vida e morte de Cristo não é o relato de "não sabemos quem", mas foi redigido por homens de conhecida integridade, que estavam dispostos não somente a testemunhar sob juramento, mas, além disto, a selá-lo com seu sangue. (2) Aqueles que escreveram a história de Cristo, escreveram sobre seu próprio conhecimento, não com base em rumores, mas aquilo de que eles mesmos foram testemunhas oculares e auditivas. O escritor desta história era um discípulo, um discípulo amado, alguém que tinha se inclinado sobre o peito de Cristo, que tinha ouvido pessoalmente seus sermões e suas conversas, tinha visto seus milagres e as provas da sua ressurreição. Este é aquele que testificou a respeito de fatos de que estava completamente seguro. (3) Aqueles que escreveram a história de Cristo, assim como testificaram o que tinham visto, também escreveram sobre o que antes tinham testificado. A história foi divulgada oralmente, com a maior certeza, antes que fosse escrita. Eles a testificaram no púlpito, nos tribunais, solenemente a declarando, a firmemente confessando, não como os viajantes dão um relato das suas viagens, para divertir os ouvintes, mas como as testemunhas sob juramento que apresentam uma narrativa do que sabem sobre um assunto, sabendo que suas palavras terão sérias conseqüências, com a máxima precaução e exatidão, para fundamentar um veredicto. Aquilo que eles escreveram, o escreveram como um depoimento, ao qual obedeceriam. Seus escritos são testemunhos permanentes da verdade da doutrina de Cristo para o mundo, e serão testemunhos a nosso favor ou contra nós, conforme nossa atitude, se os aceitarmos ou não. (4) Foi graciosamente indicado, para suporte e benefício da igreja, que a história de Cristo devesse ser escrita, para que ela pudesse, com maior plenitude e certeza, ser transmitida a todos os lugares, e permanecer para sempre, por todas as épocas.

2. Este Evangelho é concluído com uma declaração da verdade daquilo que aqui foi relatado: "Sabemos que o seu testemunho é verdadeiro". Isto pode ser interpretado, ou: (1) Como uma expressão do senso comum da humanidade em questões desta natureza, qual seja, que o testemunho ocular

de alguém que tenha uma reputação imaculada, que depõe solenemente sobre aquilo que ele viu, e que é escrito para maior certeza, é uma evidência inquestionável. Nós sabemos, isto é, todo o mundo sabe, que o testemunho de tal pessoa é válido, e a fé comum da humanidade nos obriga a dar crédito a ela, a menos que possamos refutar seu testemunho. E, caso ninguém venha a contradizer estes testemunhos, são dados veredictos e julgamentos com base neles. A verdade do Evangelho vem confirmada por todas as evidências que podemos racionalmente desejar ou esperar, em algo desta natureza. A verdade de que Jesus realmente pregou tais doutrinas, e realizou tais milagres, e ressuscitou dos mortos, está provada, sem contradição, pelas evidências, como sempre se admite em outros casos, e, portanto, serve para a satisfação de todos os que são imparciais. E também é certo que a doutrina recomende a si mesma, e que os milagres provem que ela é de Deus. Ou (2) Como uma expressão da satisfação das igrejas daquela época a respeito da veracidade daquilo que aqui é relatado. Alguns entendem que isto se refere ao endosso da igreja de Éfeso. Outros entendem que a referência seja ao endosso dos anjos ou ministros das igrejas da Ásia a esta narrativa. Não que um texto inspirado necessitasse de qualquer atestado dos homens, ou pudesse, com isto, receber qualquer acréscimo à sua credibilidade. Mas, desta forma, eles o recomendavam ao conhecimento das igrejas, como um texto inspirado, e declaravam a satisfação que receberam dele. Ou (3) Como uma expressão da própria certeza do evangelista, da verdade daquilo que ele tinha escrito (cap. 19.35), pois ele “sabe que é verdade”. Ele fala de si mesmo no plural, “sabemos”, não para expressar uma forma majestosa, mas por modéstia, como em 1 João 1.1: “O que vimos”, e em 2 Pedro 1.16. Observe que os próprios evangelistas estavam integralmente satisfeitos com a verdade do que testemunharam e transmitiram a nós. Eles não exigem que creiamos naquilo em que eles mesmos não creram. Não, eles sabiam que seu testemunho era verdadeiro, pois eles arriscaram tanto esta vida quanto a próxima nisto. Eles abandonaram esta vida e passaram a depender completamente da vida porvir, crendo e confiando naquilo que diziam e escreviam.

3. Este Evangelho é concluído com um *et cetera*, com uma referência a muitas outras coisas, muito memoráveis, ditas e feitas pelo nosso Senhor Jesus, que eram todas bastante conhecidas por muitos que viviam então, mas seu registro para a posteridade não foi julgado adequado, v. 25. Houve muitas

coisas bastante notáveis e benéficas, que, se fossem escritas de forma ampla, com suas diversas circunstâncias, mesmo o mundo propriamente dito, isto é, todas as bibliotecas existentes, não poderia conter os livros que se escrevessem. Desta maneira, ele conclui como um orador, como Paulo (Hb 11.32): “E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo”. Se alguém perguntasse por que os Evangelhos não são maiores, por que a história do Novo Testamento não foi tão copiosa e tão longa quanto a do Antigo Testamento, a resposta poderia ser:

(1) Não foi porque eles tivessem esgotado seu assunto, e não tivessem nada mais para escrever que fosse digno de ser escrito. Não, houve muitas das palavras e obras de Cristo, não registradas por nenhum dos evangelistas, que seriam merecedoras de ser escritas com letras douradas. Pois: [1] Tudo o que Cristo disse e fez era digno do nosso conhecimento e aproveitável. Ele nunca pronunciou uma palavra vã, nem fez algo inútil. Não, Ele nunca disse nem fez nada inferior, ou pequeno, ou insignificante, o que é mais do que pode ser dito sobre o mais sábio ou o melhor dos homens. [2] Seus milagres foram muitos, inúmeros, de diversos tipos, e os mesmos, freqüentemente repetidos, conforme houvesse oportunidade. Embora um verdadeiro milagre talvez pudesse ser suficiente para provar uma comissão divina, ainda assim a repetição dos milagres, na vida de uma grande variedade de pessoas, em uma grande variedade de casos, e diante de uma grande variedade de testemunhas, ajudou muito a provar que eram verdadeiros milagres. Cada novo milagre tornava mais digno de crédito o relato do milagre anterior, e a grande quantidade deles torna incontestável o relato na sua íntegra. [3] Os evangelistas, em diversas ocasiões, fizeram relatos gerais da pregação e dos milagres de Cristo, inclusive de muitos pormenores, como em Mateus 4.23,24; 9.35; 11.1; 14.14,36; 15.30; 19.2, e muitas outras passagens. Quando falamos a respeito de Cristo, temos diante de nós um assunto copioso. A realidade excede o relato, e, afinal, nem a metade nos foi dita. O apóstolo Paulo cita um dos dizeres de Cristo que não está registrado por nenhum dos evangelistas (At 20.35), e sem dúvida houve muitos mais. Todos os seus dizeres foram extremamente importantes.

(2) Mas isto se deu por três motivos: [1] Porque não era necessário escrever mais. Isto está implícito aqui. Houve muitas outras coisas que não foram escritas porque não houve oportunidade para escrevê-las. O que está escrito é uma revelação suficiente da doutrina de Cristo, e da sua comprovação. E o

restante apenas teria o mesmo propósito. Aqueles que, com base nisto, argumentam contra a suficiência das Escrituras como a regra da nossa fé e prática, e a favor da necessidade de tradições não-escritas, deveriam mostrar o que há, nas tradições, que eles pretendem que venha a aperfeiçoar a Palavra escrita. Nós estamos certos de que, em tais tradições, existe o que é contrário à Palavra escrita, e por isto o rejeitamos. Por estas pessoas, portanto, sejamos admoestados, pois "não há limite para fazer livros", Eclesiastes 12.12. Se não crermos e nos beneficiarmos com o que está escrito, não o faríamos se houvesse muito mais. [2] Não era possível escrever tudo. Era possível, para o Espírito, compor tudo. Mas era humanamente impossível, para os escritores, escrever tudo. O mundo não poderia conter os livros. Entendemos que esta seja uma hipérbole suficientemente comum e justificável, que tem a finalidade de dizer que este material, se redigido, encheria uma vasta e inacreditável quantidade de volumes. Seria uma história grande e excessivamente longa, como nunca houve igual, de modo a acotovelar todos os outros textos, e não deixaria espaço para eles. Quantos volumes seriam preenchidos com as orações de Cristo, se nós tivéssemos o registro de todas as orações que o Senhor fez quando passou noites inteiras orando a Deus, o Pai, sem nenhuma vã repetição? Muitos mais, se todos os seus sermões e suas conversas fossem detalhadamente relatados, bem como seus milagres, suas curas, todo o seu trabalho e todos os seus sofrimentos. Esta obra teria sido interminável. [3] Não era aconselhável escrever muito, pois o mundo, em um sentido moral, não poderia conter os livros que se escrevessem. Cristo não disse o que Ele poderia ter dito aos seus discípulos, porque eles não eram capazes de suportá-lo. E, pela mesma razão, os evangelistas não escreveram tudo o que poderiam ter escrito. O mundo não poderia conter, *choresai*. É a palavra usada em João 8.37: "A minha palavra não entra em vós". Elas teriam sido tantas, que não teriam encontrado espaço. Todo o tempo das pessoas teria sido passado na leitura, e outros deveres, portanto, teriam sido abandonados. Muito é ignorado do que está escrito, muito é esquecido, e muito é tornado questão de discussão duvidosa. Este teria sido o caso, muito mais, se tivesse havido tal mundo de livros, de igual autoridade e necessidade, dos quais toda a história teria se inchado, especialmente uma vez que era necessário que o que estava escrito fosse meditado e explicado, coisa para a qual Deus sabiamente julgou adequado deixar espaço. Os pais e ministros, ao educar, devem considerar a capacidade daqueles a quem

ensinam e, como Jacó, devem tomar cuidado para não dirigir as situações excessivamente. Sejamos gratos pelos livros que estão escritos, e não os valorizemos menos pela sua simplicidade e brevidade, mas aproveitemos diligentemente aquilo que Deus julgou adequado revelar, e tenhamos um anseio, que nosso entendimento esteja no nível mais elevado possível, onde nossas capacidades sejam ampliadas e elevadas sem que haja o perigo de serem sobrecarregadas.

O evangelista, concluindo com “amém”, coloca seu selo sobre estas palavras, e que coloquemos, então, nosso selo sobre elas através de um “amém” de fé, endossando o Evangelho, expressando que ele é verdadeiro, e completamente verdadeiro em todos os seus detalhes, em todas as suas partes. E expressemos um “amém” de satisfação por aquilo que está escrito, pois é assim que podemos nos tornar sábios para a salvação. Amém. Assim seja.